ma de viver = não fala sobre a melhor forma de viver.

Atenção: Considere o texto abaixo para responder às questões.

De gramática e de linguagem

E havia uma gramática que dizia assim:

"Substantivo (concreto) é tudo quanto indica

Pessoa, animal ou cousa: João, sabiá, caneta."

Eu gosto é das cousas. As cousas, sim!...

As pessoas atrapalham. Estão em toda parte. Multiplicam-se em excesso.

As cousas são quietas. Bastam-se. Não se metem com ninguém.

Uma pedra. Um armário. Um ovo. (Ovo, nem sempre,

Ovo pode estar choco: é inquietante...)

As cousas vivem metidas com as suas cousas.

E não exigem nada.

Apenas que não as tirem do lugar onde estão.

E João pode neste mesmo instante vir bater à nossa porta.

Para quê? não importa: João vem!

E há de estar triste ou alegre, reticente ou falastrão,

Amigo ou adverso ... João só será definitivo

Quando esticar a canela. Morre, João...

Mas o bom, mesmo, são os adjetivos,

Os puros adjetivos isentos de qualquer objeto.

Verde. Macio. Áspero. Rente. Escuro. Luminoso.

Sonoro. Lento. Eu sonho

Com uma linguagem composta unicamente de adjetivos

Como decerto é a linguagem das plantas e dos animais.

Ainda mais:

Eu sonho com um poema

Cujas palavras sumarentas escorram

Como a polpa de um fruto maduro em tua boca,

Um poema que te mate de amor

Antes mesmo que tu lhe saibas o misterioso sentido:

Basta provares o seu gosto...

(QUINTANA, M. ***Prosa e verso****. Porto Alegre: Globo, 1978, p. 94)*

---

03. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 4/2015) Atente para os versos abaixo:

E João pode neste mesmo instante vir bater à nossa porta.

Para quê? não importa: João vem!

E há de estar triste ou alegre, reticente ou falastrão,

Amigo ou adverso ...

Considerando-se o poema e, especialmente, os versos acima, é correto afirmar que o poeta

(A) demonstra expectativa com a chegada de alguém, que lhe bata à porta a qualquer momento, embora não esteja disponível para bem acolher o visitante, pois está preso a divagações despertadas por antigas lições de gramática, e de ânimo bem pouco sociável.

(B) se mostra descrente de que as interações sociais possam transcorrer normalmente, pois estão sujeitas a situações que causam desconforto, como a interferência inesperada de alguém, a interromper divagações em torno de antigas lembranças.

(C) induz o leitor à conclusão de que os seres humanos, sujeitos a inúmeras variações de humor de acordo com as circunstâncias da vida, nem sempre se encontram disponíveis para os relacionamentos sociais, ainda que tenham aprendido as lições de bom comportamento.

(D) aborda as imposições sociais que se encontram usualmente na sociedade, determinando que as pessoas se comportem segundo certas normas de educação estabelecidas por todo o grupo, sendo inaceitável transgredi-las como, por exemplo, invadindo o espaço alheio.

(E) tece considerações, a partir de uma lição de gramática, a respeito de possíveis relacionamentos humanos e da instabilidade que caracteriza estados de espírito a que estão habitualmente submetidas as pessoas, nos mais diferentes momentos da vida.

COMENTÁRIOS

Resposta: "e"

1. A partir de uma lição de gramática = além de o título do texto esclarecer a ideia, no corpo temos: "Substantivo (concreto) é tudo quanto indica / Pessoa, animal ou cousa: João, sabiá, caneta."

2. Distinção entre pessoas e cousas (importante para entender o todo do poema) = As pessoas atrapalham. Estão em toda parte. Multiplicam-se em excesso. / As cousas são quietas. Bastam-se. Não se metem com ninguém.

3. Instabilidade que caracteriza estados de espíritos (...) = Para quê? não importa: **João vem!** / E há de estar **triste ou alegre, reticente ou falastrão, / Amigo ou adverso** ...

Erros

(A) expectativa com a chegada de alguém = quanta extrapolação da ideia contida no texto! E onde há expectativa?

(B) descrente de que as interações sociais possam transcorrer normalmente = apenas cita que as pessoas atrapalham, não se pode associar à descrença.

(C) à conclusão de que os seres humanos, sujeitos a inúmeras variações de humor de acordo com as circunstâncias da vida, nem sempre se encontram disponíveis para os relacionamentos sociais = não induz.

(D) imposições sociais ... sendo inaceitável transgredi-las como, por exemplo, invadindo o espaço alheio = Inaceitável transgredir? Haja imaginação.

---

04. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 4/2015) *As pessoas atrapalham. Estão em toda parte. Multiplicam-se em excesso.*

As cousas são quietas. Bastam-se. Não se metem com ninguém.

Os versos acima devem ser entendidos, considerando-se o teor do poema, como

(A) explicações a respeito de que há um *misterioso sentido* nas palavras.

(B) verdades poéticas que costumam contrariar o sentido comum, registrado em *uma gramática.*

(C) questionamento da constatação de que *o bom, mesmo, são os adjetivos.*

(D) tentativa de aproximação da *linguagem das plantas e dos animais.*

(E) propósito de justificar a preferência expressa pelo poeta em relação às *cousas.*

COMENTÁRIOS

Resposta: "e"

O autor evidencia que as pessoas não são quietas; elas não se bastam; metem-se com todos e, por fim, multiplicam-se em excesso. As características humanas não são positivas e por isso o autor prefere as cousas.

Erros

(A) Não existe *misterioso sentido* nas palavras.

(B) A poesia não precisa ter verdades e muito menos contrariar o sentido comum.

(C) Não questiona, nem constata que os adjetivos sejam bons. Boas são as cousas.

(D) Descartada facilmente: não há aproximação, mas sim oposição entre pessoas e cousas.

---

05. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 4/2015) *(Ovo, nem sempre,*

Ovo pode estar choco: é inquietante...)

O segmento isolado por parênteses introduz, no poema,

(A) hipótese que contradiz o conhecimento tradicional popular.

(B) objeção decorrente de uma pressuposição sobrevinda.

(C) verdade inconteste, diante da repetição de um fato comum.

(D) exagero ao constatar a ocorrência de um fato habitual.

(E) dúvida que se sobrepõe ao que é aceito pelo senso comum.

COMENTÁRIOS

Resposta: "b"

Objeção é oposição. Se o ovo pode estar choco, é inquietante e esse adjetivo faz referência às pessoas e não às cousas (ovo).

(A) Não se trata de hipótese, muito menos de contradição do conhecimento popular.

(C) Verdade inconteste? Que exagero!

(D) Não exagera.

(E) Não é dúvida.

Atenção: Considere o texto abaixo para responder às questões.

Escrever sobre as mulheres do Sul não significa traçar um perfil único que as identifique e as diferencie das outras mulheres do restante do país. No Sul encontramos diferentes perfis femininos nos diversos períodos históricos: mulheres oriundas de etnias e classes sociais várias.

[...]

A idealização das mulheres em seus papéis familiares é muito semelhante àquelas idealizações divulgadas no final do século XVIII e início do século XX nos grandes centros europeus. Nas cidades do Sul, imagens idealizadas foram frequentes a partir da segunda metade do século XIX, durante a formação das elites nos centros urbanos.

O crescimento das áreas urbanas, em meados do século XIX, foi impulsionado com a inclusão da região no comércio agrário-exportador brasileiro como subsidiária, ou seja, como fornecedora de alimentos para o mercado interno. Os altos preços do café no mercado externo e a destinação da mão de obra escrava para a produção cafeeira provocaram o aumento da procura por alimentos e a consequente elevação de preços. Esse fato propiciou o surgimento

> *de um novo grupo de pessoas mais abastadas nos centros urbanos da região Sul.*
>
> *Em cada capital do Sul, esses grupos assumiram configurações diferentes. [...]*
>
> *Num futuro próximo, esses grupos iriam promover os jornais responsáveis pela divulgação de modelos de comportamento, especialmente para as mulheres. Os jornais pareciam veicular um projeto civilizador com pretensão de construir novos homens e mulheres, divulgando imagens idealizadas para ambos os sexos. [...]*
>
> *Embora os jornais sulistas reproduzissem estereótipos existentes há séculos, faziam-no em um contexto específico, respondendo a uma conjuntura determinada, na qual a demonstração de distinção e a exposição de um certo verniz social implicavam em moldar as mulheres de uma determinada classe. Nas imagens dos jornais das cidades do Sul, e provavelmente em outras cidades do restante do país, as mães seriam responsáveis pelo progresso e a civilização, pois eram consideradas criadoras e educadoras das novas gerações.*
>
> *(Adaptado de: PEDRO, J. M. Mulheres do Sul. In: DEL PRIORE, M. (org.). História das mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 2012, p. 278-282)*

---

06. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 4/2015) No texto, a autora

(A) alude a dificuldades de manutenção da sociedade conjugal, já durante o século XIX, devido à constante ausência da figura masculina, fato que resultava em maior liberdade para as mulheres.

(B) insiste no papel predominante da figura masculina como mantenedora de atividades produtivas no Sul do país, apesar de inúmeros conflitos, enquanto a mulher seria responsável pela harmonia familiar.

(C) salienta a importância da imprensa em certa época, no Sul do país, como incentivadora e divulgadora de modelos ideais de comportamento e, principalmente, de uma nova imagem da mulher.

(D) atesta a responsabilidade dos produtores de café, na época, em relação ao aumento da desigualdade social, como consequência do encarecimento desse produto no mercado externo.

(E) condena os estereótipos que os jornais sulistas há séculos reproduziam, ao defenderem que as mulheres só podiam alcançar realização pessoal se tivessem muitos filhos.

COMENTÁRIOS

Resposta: "c"

Trechos em todo o texto que evidenciam a resposta:

- **Segundo parágrafo**: *A idealização das mulheres em seus papéis familiares é muito semelhante àquelas idealizações divulgadas no final do século XVIII e início do século XX nos grandes centros europeus. Nas cidades do Sul, imagens idealizadas foram frequentes a partir da segunda metade do século XIX, durante a formação das elites nos centros urbanos.*

- **Quarto parágrafo**: *Num futuro próximo, esses grupos iriam promover os jornais responsáveis pela divulgação de modelos de comportamento, especialmente para as mulheres. Os jornais pareciam veicular um projeto civilizador com pretensão de construir novos homens e mulheres, divulgando imagens idealizadas para ambos os sexos.*

- **Último parágrafo**: *Nas imagens dos jornais das cidades do Sul, e provavelmente em outras cidades do restante do país, as mães seriam responsáveis pelo progresso e a civilização, pois eram consideradas criadoras e educadoras das novas gerações.*

---

07. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 4/2015) Identifica-se, no texto, distinção entre

(A) as normas de comportamento adotadas por uma sociedade já instalada em áreas urbanas desenvolvidas e os costumes tradicionais, próprios das áreas rurais.

(B) as mulheres dedicadas à vida familiar, como se propunha costumeiramente nessa época, e outras, liberadas, cuidando de seus próprios afazeres.

(C) o conteúdo publicado em jornais do Sul em relação a modelos de comportamento e o que se encontrava nas demais publicações existentes no restante do país.

(D) os grupos sociais mais abastados, principalmente de imigrantes, e a população de origem escrava, empregada no cultivo do café.

(E) a economia baseada na exportação, que caracterizou algumas regiões brasileiras, e a da região Sul do país, voltada para o mercado interno.

COMENTÁRIOS

Resposta: "e"

No texto, há oposição explícita neste trecho: *O crescimento das áreas urbanas, em meados do século XIX, foi impulsionado com a inclusão da região (Sul) no* ***comércio agrário-exportador brasileiro*** *como subsidiária, ou seja, como fornecedora de alimentos para o* ***mercado interno****. Os altos preços do café no mercado externo e a destinação da mão de obra escrava para a produção cafeeira provocaram o aumento da procura por alimentos e a consequente elevação de preços.*

Observação: importante ressaltar que a oposição mencionada no texto está ligada à região Sul do país. Isso está claro em todos os parágrafos. Assim sendo, eliminam-se as alternativas A, B e D.

Na C, menciona o conteúdo publicado em jornais do Sul, mas não há distinção, no texto, com modelos de comportamento e o que se encontrava nas demais publicações existentes no restante do país. Pelo contrário, no último parágrafo temos: ***Nas imagens dos jornais das cidades do Sul, e provavelmente em outras cidades do restante do país****, as mães seriam responsáveis pelo progresso e a civilização.*

Texto para as questões.

O FIM DOS ÁLBUNS DE FOTOGRAFIAS

Quando me pergunto o que deverá desaparecer nos próximos anos, por conta dos avanços tecnológicos que mudam ou suprimem hábitos e valores tradicionais, incluo os álbuns de fotografias. Na verdade, são as fotografias mesmas, aquelas reveladas em papel, que estão desaparecendo para dar lugar às imagens arquivadas num celular ou num computador. Não é mais o tempo que as torna apagadas ou amareladas; é o nosso súbito desinteresse que as remove de vez ao toque de um "delete". Nem pensar em armazená-las naqueles álbuns de capa dura e folhas de papelão, alguns encadernados em pano, álbuns de família, que se acumulavam em baús ou velhos armários. São monumentos remotos, de um tempo em que a memória ia longe, chegava aos avós e aos bisavós.

Pergunto-me se não é a qualidade mesma da nossa memória, do nosso interesse pelas recordações, se não é o valor mesmo da memória que está mudando de forma radical. Parece estar havendo um crescente desprestígio de tudo o que se refere ao passado, ainda quando esse passado seja recente. Com isso, o tempo se reduz ao instante que está passando e ao aguardado amanhã, do qual se exigem novas revelações, novos milagres. Um álbum de fotografias, nessa velocidade, é um objeto de museu, testemunha de tempos mais ingênuos e de imagens paralisadas.

Enquanto não morrem de vez, ainda me detenho em alguns desses álbuns. Quase sempre são de gosto duvidoso, com capas pretensiosas, ilustradas com flores coloridas, gatinhos meigos, paisagens poéticas e outros mimos. Dentro deles surpreendo a vida que já foi, os olhares que nos apanham em nossa vez de ser modernos. Aí me ocorre que nossas imagens não irão parar em álbuns caprichosos, talvez nem mesmo em arquivos digitais: não estarão em lugar nenhum. É o preço que se paga pelo desapego à memória.

(Vitório Damásio, *inédito*)

---

08. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 3/2015) Atente para as seguintes afirmações:

I. No 1º parágrafo, estabelece-se uma clara oposição entre as expressões *imagens arquivadas num celular ou num computador* e as imagens nos álbuns que *se acumulavam em baús ou velhos armários*, evidenciando-se assim uma significativa mudança de hábitos.

II. No 2º parágrafo, ao se valer da expressão *um objeto de museu*, o autor mostra que é aceitável e justa a depreciação crescente dos álbuns de fotografias, uma vez que se trata de registros familiares, sem interesse público.

III. No 3º parágrafo, a expressão *em nossa vez de ser modernos* acusa, com alguma ironia, o fato de que também o nosso momento é passageiro, que não podemos alimentar a pretensão de estarmos sempre no mesmo passo em que ocorrem as novidades.

Em relação ao texto está correto o que se afirma APENAS em

(A) III.

(B) I e III.

(C) I.

(D) I e II.

(E) II.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b"

I. Certo. Oposição: **os álbuns de fotografias** deverão desaparecer nos próximos anos, são as fotografias mesmas, aquelas reveladas em papel, que estão desaparecendo para dar lugar às imagens arquivadas num celular ou num computador; **imagens arquivadas num celular ou num computador**: nosso súbito desinteresse que as remove de vez ao toque de um "delete". Nem pensar em armazená-las naqueles álbuns de capa dura e folhas de papelão, alguns encadernados em pano, álbuns de família, que se acumulavam em baús ou velhos armários.

Indicam **mudanças de hábito.** Eliminadas A e E.

II. Errado. Em nenhum momento, há depreciação dos álbuns de fotografia, pelo contrário: ocorre apreciação. No último parágrafo: Aí me ocorre que nossas imagens não irão parar em álbuns caprichosos, talvez nem mesmo em arquivos digitais: não estarão em lugar nenhum. É o preço que se paga pelo desapego à memória. Eliminadas D e C.

III. Certo. Trechos que evidenciam: Dentro deles surpreendo **a vida que já foi; nossas imagens**

não irão parar em álbuns caprichosos, **talvez nem mesmo em arquivos digitais: não estarão em lugar nenhum.** É o preço que se paga pelo desapego à memória. Quanto às novidades: novas revelações e **novos milagres são exigidos.**

---

09. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 3/2015) Na frase *É o preço que se paga pelo desapego à memória,* que finaliza o texto, a expressão sublinhada está se referindo ao fato de que

(A) costumam ser enganosas as imagens guardadas em álbuns.

(B) os registros em arquivos de papel estão longe de ser confiáveis.

(C) é custoso desviar nossa atenção das velhas fotografias e dos velhos álbuns.

(D) as imagens de nós mesmos talvez não sejam preservadas de forma alguma.

(E) os velhos álbuns são testemunhos do mau gosto de uma época.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d"

○ **Nota da autora:** Questão de interpretação e coesão textual.

Qual a ideia citada anteriormente? Aí me ocorre que nossas imagens não irão parar em álbuns caprichosos, talvez nem mesmo em arquivos digitais: não estarão em lugar nenhum.

(A) Refere-se à memória.

(B) São confiáveis.

(C) Não é o preço que se paga.

(E) Mau gosto? Extrapola demais a ideia contida no texto.

Texto para as questões.

LIÇÕES DOS MUSEUS

Os museus, ao contrário do que se imagina, são uma invenção moderna: nasceram durante a Revolução Francesa, no final do século XVIII. Os parisienses revoltados arrebentaram as casas dos nobres e se serviram de bens, mobiliário e objetos de arte. O quebra-quebra era um jeito de decretar que acabara o tempo dos privilégios. A Assembleia Nacional debateu durante meses para chegar à conclusão de que os restos do luxo dos aristocratas deviam ser considerados patrimônio danação. Seriam, portanto, reunidos e instalados em museus que todos visitariam, preservando agradavelmente a lembrança de tempos anteriores.

A questão em debate era a seguinte: será que fazia sentido preservar o passado, uma vez que estava começando uma nova era em que os indivíduos não mais seriam julgados por sua origem, mas por sua capacidade e potencialidades pessoais? Não seria lógico destruir os vestígios de épocas injustas para começar tudo do zero? Prevaleceu o partido segundo o qual era bom conservar os restos do passado iníquo e transformá-los em memórias coletivas.

Dessa escolha nasceram os museus e, logo depois, a decisão de preservar os monumentos históricos. Na mesma época, na Europa inteira, ganhou força o interesse pela História. A justificativa seria: lembrar para não repetir. Não deu muito certo, ao que tudo indica, pois nunca paramos de repetir o pior. No fundo, não queremos que o passado decida nosso destino: o que nos importa, em princípio, é sempre o futuro.

(Adaptado de: CALLIGARIS, Contardo. Terra de ninguém. São Paulo: Publifolha, 2004, p. 330-331)

---

10. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 3/2015) Os museus nasceram durante a Revolução Francesa e foram criados depois de debates da Assembleia Nacional, findos os quais se concluiu que

(A) os bens dos antigos aristocratas deveriam ser mantidos como um patrimônio coletivo, prestando-se à conservação da memória histórica.

(B) a destruição de todos os vestígios da antiga nobreza era necessária para a preservação das liberdades conquistadas pelos revolucionários.

(C) o futuro, embora se anunciasse melhor do que o passado, deveria ser alimentado pela memória dos privilégios de que os nobres eram merecedores.

(D) o passado, apesar das amplas lições que pode inspirar em tempos futuros, só deve ser preservado quando documenta os feitos dos cidadãos comuns.

(E) a guarda dos bens da aristocracia deveria caber provisoriamente ao Estado, que decidiria o futuro do que pertencia aos antigos aristocratas.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – No texto menciona que os restos do luxo dos aristocratas seriam reunidos e instalados em museus que todos visitariam, preservando agradavelmente a lembrança de tempos anteriores. Prevaleceu o partido segundo o qual era bom conservar os restos do passado iníquo e transformá-los em memórias coletivas. Dessa escolha nasceram os museus e, logo depois, a decisão de **preservar os monumentos históricos.**

(B) Debateu-se se *fazia sentido preservar o passado, uma vez que estava começando uma nova era em que os indivíduos não mais seriam julgados por sua origem, mas por sua capacidade e potencialidades pessoais*, mas *prevaleceu o partido segundo o qual era bom conservar os restos do passado iníquo e transformá-los em memórias coletivas.*

(C) *A justificativa seria: lembrar para não repetir. Não deu muito certo, ao que tudo indica, pois nunca paramos de repetir o pior. No fundo, não queremos que o passado decida nosso destino: o que nos importa, em princípio, é sempre o futuro.*

(D) Não. *A justificativa seria: lembrar para não repetir.*

(E) Não cita no texto se deveria caber ao Estado, muito menos quem decidiria o futuro. Apenas cita que *na Europa inteira, ganhou força o interesse pela História.*

---

11. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 3/2015) Atente para as seguintes afirmações:

I. Da leitura do 1° parágrafo, depreende-se que, a princípio, os bens dos nobres passaram às mãos de revolucionários, configurando-se então uma apropriação de caráter particular, ainda não público.

II. No 2° parágrafo, informa-se que a posição vencida nos debates da Assembleia Nacional foi a de quem advogava em favor da preservação dos bens apreendidos, para que não se perdesse a memória dos méritos da aristocracia.

III. No 3o parágrafo, manifestando uma opinião pessoal, o autor do texto julga imprescindível a existência de museus, uma vez que eles acabam exercendo uma função educativa, cuja importância há muito vem se demonstrando.

Em relação ao texto, está correto o que se afirma APENAS em

(A) I e II.

(B) II e III.

(C) I.

(D) II.

(E) III.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c"

I. Certo: *Os parisienses revoltados arrebentaram as casas dos nobres e se serviram de bens, mobiliário e objetos de arte.*

II. Errado: *Prevaleceu o partido segundo o qual era bom conservar os restos do passado iníquo e transformá-los em memórias coletivas.* Erro: memória dos méritos da aristocracia.

III. Errado. Há subjetividade apenas nos últimos períodos do texto: *Não deu muito certo, ao que tudo indica, pois nunca paramos de repetir o pior. No fundo, não queremos que o passado decida nosso destino: o que nos importa, em princípio, é sempre o futuro.*

Texto para as questões.

Introduzido no Brasil nos primeiros anos de vida republicana, o velho e bretão football foi apropriado por toda a sociedade e, sendo rebatizado no Brasil como "futebol", virou uma paixão nacional e um acontecimento festejado e amado pelo povo.

Embora tivesse a chancela colonial de tudo o que vinha de fora, o futebol sofreu muitos ataques em nome de um nacionalismo que se pensava frágil como porcelana. E, no entanto, canibalizamos e digerimos o "football", roubando-o dos ingleses. Hoje, há um estilo brasileiro de jogar e produzir esse esporte. De elemento capaz de desvirtuar, ao lado da música e do cinema americanos, o estilo de vida e a língua pátria, o futebol acabou servindo como um instrumento básico de reflexão sobre o Brasil. O sucesso futebolístico foi o nosso primeiro instrumento de autoestima diante dos países "adiantados" e inatingíveis.

Como prova do imprevisível destino das coisas sociais, o futebol não veio confirmar a dominação colonial. Pelo contrário, ele nos fez colonizadores.

A relação entre povo e futebol tem sido tão profunda e produtiva por aqui, que muitos brasileiros se esquecem de que o futebol foi inventado na Inglaterra e pensam que ele é, como o samba e a feijoada, um produto brasileiro. Provavelmente, conforme muitos têm acentuado, porque é uma atividade que indubitavelmente promove sentimentos básicos de identidade individual e coletiva entre nós.

Talvez o futebol possa ser tudo isso porque ele é um esporte dotado de uma vocação complexa que permite entendê-lo e vivê-lo simultaneamente de muitos pontos de vista. Assim, embora o futebol seja uma atividade moderna, um espetáculo pago, produzido e realizado por profissionais da indústria cultural, ele, não obstante, também orquestra componentes cívicos básicos, identidades sociais importantes, valores culturais profundos e gostos individuais singulares. O seu maior papel foi o de ensinar democracia. Foi o de revelar com todas as letras que não se ganha sempre e que o mundo é instável como uma bola. Perder e vencer, ensina o futebol, fazem parte de uma mesma moeda.

(*Adaptado* **de DAMATTA, Roberto. Trechos dos ensaios "O futebol como filosofia" e "Antropologia do óbvio". Disponíveis em estadao.com.br e usp.br/revistausp. Acesso em 10/05/2014)**

12. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 16/2014) Depreende-se do contexto que o segmento

(A) ele é um esporte dotado de uma vocação complexa (5º parágrafo) ratifica o fato de que o futebol é um esporte em que a criatividade supera a técnica.

(B) canibalizamos e digerimos o "football" (2º parágrafo) condensa a opinião, expressa pelo autor, de que o brasileiro se apropriou do esporte importado da Inglaterra.

(C) o mundo é instável como uma bola (5º parágrafo) retoma e reforça o argumento de que o futebol foi peça fundamental na construção da autoestima do brasileiro.

(D) um espetáculo pago, produzido e realizado por profissionais da indústria cultural (5º parágrafo) alude ao caráter comercial do futebol, que, na modernidade, teria perdido seu significado simbólico.

(E) o velho e bretão football (1º parágrafo) é uma crítica sutil ao insípido futebol inglês, superado pelo estilo inconfundível que os brasileiros imprimiram ao esporte.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" – O autor tomou o adjetivo *canibal* ou o substantivo *canibalismo* e verbalizou: canibalizamos; tomou o verbo *digerir* (aqui no sentido de fazer a digestão). Uma vez que canibalizamos, devoramos. Explica que roubamos o *football* dos ingleses.

Alternativa "a" – O segmento mostra que o futebol é um esporte complexo que envolve valores diversos de indivíduos de várias classes sociais e, quase que democraticamente, todos compartilham de um mesmo esporte, sob pontos de vista e aspectos diferentes. A complexidade nos gostos e preferências chega mesmo a unir indivíduos também de diferentes opiniões, mas com um mesmo sentimento pelo mesmo esporte.

Alternativa "c" – A imagem, no sentido figurado, do girar da bola muito bem colocada, expressa a ideia de que é saudável saber ganhar e saber perder. A instabilidade do mundo está justamente nos altos e baixos, portanto saber equilibrar-se entre ganhos e perdas é o ideal.

Alternativa "d" – O segmento exprime exatamente o contrário da afirmativa. O futebol reúne elementos significativos que conservam uma democracia entre os seus admiradores.

Alternativa "e" – A expressão *o velho e bretão football* conota uma réstia de carinho pelo país (Inglaterra) que inventou o então hoje futebol.

Obs.: Bretão: da antiga Britânia (nome dado à Inglaterra pelos romanos) ou relacionado a ela.

O futebol é um esporte bretão que eleva a autoestima de seus praticantes. Por Antônio Maycon (DF) em 24/05/2010 – Dicionário Informal – R7 (esportes) – Google.

13. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 16/2014) O segmento em que se apresenta uma das razões pelas quais o futebol já foi alvo de ataques por parte da sociedade é:

(A) ... instrumento de autoestima diante dos países "adiantados" e inatingíveis. (2º parágrafo)

(B) ... ele nos fez colonizadores. (3º parágrafo)

(C) ... um espetáculo pago... (5º parágrafo)

(D) Embora tivesse a chancela colonial de tudo o que vinha de fora... (2º parágrafo)

(E) ... um nacionalismo que se pensava frágil como porcelana. (2º parágrafo)

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" – No primeiro parágrafo, é mencionado que o football foi apropriado por toda a sociedade e virou uma paixão nacional e um acontecimento festejado e amado pelo povo; no segundo, há referências dos ataques da sociedade e apresenta uma das razões: Embora tivesse a chancela colonial de tudo o que vinha de fora, o futebol sofreu muitos ataques em nome de um nacionalismo que se pensava frágil como porcelana. E, no entanto, canibalizamos e digerimos o "football", roubando-o dos ingleses.

Alternativa "a" – Refere-se ao sucesso e não às razões de ataques.

Alternativa "b" – A ideia está ligada ao imprevisível destino das coisas sociais.

Alternativa "c" – Embora seja uma atividade moderna, é pago: não há relação com a causa de ataques.

Alternativa "d" – Demonstra ideia oposta quanto aos ataques sofridos do futebol; não a razão. A dica está na conjunção concessiva *embora*.

Texto

A sociedade de consumo se construiu sobre o "visível", com o desenvolvimento das lojas de departamentos e, depois, dos supermercados, baseando-se neste princípio: mostrar, sugerir, instigar e seduzir. Nas lojas tradicionais, os produtos se encontravam nos fundos da loja e, a pedido do cliente, o vendedor *os trazia. As lojas de departamentos foram as primeiras a "mostrar", conforme Zola, no século XIX, descreveu de forma extraordinária em seus romances.*

Em seguida, os supermercados estenderam esse princípio; as mercadorias são não apenas visíveis, mas também apreensíveis, o consumidor já não precisa do vendedor para se servir. A visibilidade do produto se torna então um fator-chave: para ser vendido, o produto deve ser visto, e, quanto mais é visto, mais é vendido, as vendas das prateleiras que estão no nível dos olhos do comprador são superiores àquelas dos outros níveis.

Conforme John Berger, no livro Modos de Ver: "em nenhuma outra forma de sociedade na história houve tal concentração de imagens, tal densidade de mensagens visuais". A exibição dos produtos foi acompanhada de um fluxo de imagens destinado a facilitar seu escoamento: a publicidade invadiu as revistas, as ruas, a televisão e agora a tela do computador.

(Adaptado **de TISSIER-DESBORDES, Elisabeth. Consumir para ser visto: criação de si ou alienação?, São Paulo, Fap-Unifesp, p. 227-228)**

---

14. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 16/2014) De acordo com o texto, conclui-se corretamente:

(A) O mercado tem dado visibilidade cada vez maior às necessidades dos consumidores, por meio do incremento da propaganda.

(B) A visibilidade das mercadorias tem se tornado um fator de redução de vendedores e, consequentemente, de preços, o que faz aumentar o consumo.

(C) Se, a princípio, a visibilidade dos produtos não estava atrelada a seu consumo, hoje é associada direta e proporcionalmente às vendas.

(D) Os meios de comunicação têm oferecido mais e mais espaço para a publicidade, de modo a relegar a segundo plano as necessidades básicas dos consumidores.

(E) Com o desenvolvimento do mercado, a visibilidade dos produtos ganhou autonomia em relação aos meios de comunicação utilizados habitualmente.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" – O apelo ao consumismo hoje é tão invasivo que justifica o texto: consumir para ser visto. A publicidade alcançou tal força de atração, que chega ao consumidor através de chamamento, na forma imperativa e, como coloca a afirmativa, o poder da sedução eleva o consumo quanto mais for atrativo o produto e o apelo induz a obedecer (quase inconscientemente) à ordem: ter para ser.

Alternativa "a" – A visibilidade oferecida pelo mercado não é dirigida ao consumidor para atender às necessidades deste, mas atende aos interesses do vender mais com a força do poder da propaganda dirigida ao convencimento. Os produtos essenciais não estão à vista porque, para estes, não há necessidade de convencimento. O lema é seduzir para vender mais e mais (o, muitas vezes, supérfluo).

Alternativa "b" – Apesar da redução dos vendedores, o aumento do consumo, devido à visibilidade, não traz a redução de preço, mas ocorre o aumento do consumo decorrente da sedução e pelo fator status: consumir é poder, convencimento este embutido na propaganda convincente.

Alternativa "d" – A publicidade dirigida ao consumo é que invadiu os espaços dos meios de comunicação (invasão esta muito bem paga). As necessidades básicas não exigem visibilidade, uma vez tendo sua própria característica: necessidade básica não é necessário convencer.

Alternativa "e" – O crescimento e desenvolvimento do mercado ganharam autonomia com a sua invasão da visibilidade dos produtos nos meios de comunicação.

Texto.

Cantiga para não morrer

Ferreira Gullar

Quando você for se embora,

moça branca como a neve,

me leve.

Se acaso você não possa

me carregar pela mão,

menina branca de neve,

me leve no coração.

Se no coração não possa

por acaso me levar,

moça de sonho e de neve,

me leve no seu lembrar.

E se aí também não possa

por tanta coisa que leve

já viva em seu pensamento,

menina branca de neve,

me leve no esquecimento.

15. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 16/2014) Com respeito ao poema, é correto afirmar:

(A) Para não morrer, o poeta pede à menina que, paradoxalmente, permaneça vivo no esquecimento.

(B) A presença física e a lembrança opõem-se diametralmente ao coração e ao esquecimento.

(C) O acaso, exposto na 2a estrofe, desencadeia a decisão do poeta em, ao final, deixar-se morrer no esquecimento.

(D) A caracterização de sonho e de neve põe em xeque o que se afirma ao fim do poema, mostrando que se trata apenas de uma ilusão.

(E) Para que permaneçam juntos, ainda que apenas na memória, é antes necessário o esquecimento.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – O poeta pede para ser levado, senão pela mão, no coração (amor); não podendo no coração, no lembrar (lembrança); se no pensamento já não couber o lembrar, "me leve no esquecimento" = quero então estar vivo no seu esquecimento. O poema é tão lírico que não dá para expressar aqui em palavras a intensidade com que o eu lírico extravasa sua sensibilidade.

Alternativa "b" – O poeta tenta transformar a impossibilidade da presença física e o coração no abstrato da lembrança no esquecimento.

Alternativa "c" – Pelo contrário: não o matar no esquecimento. Viver a lembrança do que se esqueceu.

Alternativa "d" – A neve caracteriza a instabilidade do sonho da menina que também era branca como a neve, mas não uma ilusão, pois "quando você for embora" sugere a existência de alguém que poderá partir um dia, e ainda levar tanta coisa viva no pensamento. Daí o pedido para ser, então, levado no esquecimento.

Alternativa "e" – O esquecimento é a última opção para que não caia no esquecimento. Realmente paradoxal... e lindo!

---

16. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 16/2014) De acordo com o poema, o verso que exprime causa de um acontecimento está em:

(A) Quando você for se embora

(B) por tanta coisa que leve

(C) por acaso me levar

(D) Se acaso você não possa

(E) me leve no esquecimento

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" – O verso exprime a causa do fato de a menina não poder levar mais nada.

Alternativa "a" – O verso exprime tempo futuro: quando (for) = advérbio temporal.

Alternativa "c" – O verso exprime condição para uma situação incerta.

Alternativa "d" – O verso exprime condição de impedimento ou não de ocorrer algo.

Alternativa "e" – O verso não exprime causa, mas um pedido com uma finalidade: não ser esquecido.

Texto.

Reduzido a um clique

RIO DE JANEIRO – A notícia é alarmante: "Amazon se prepara para vender livros físicos no Brasil". O alarme não se limita à iminente entrada da Amazon no mercado brasileiro de livros – algo que lembrará o passeio de um brontossauro pela Colombo.

A ameaça começa pela expressão "livros físicos". É o que, a partir de agora, o diferenciará dos livros digitais.

Pelos últimos mil anos, dos manuscritos aos incunábulos e aos impressos a laser, os livros têm sido chamados de livros. Nunca precisaram de adjetivos para distingui-los dos astrolábios, das guilhotinas ou das cenouras. Quando se dizia "livro", todos entendiam um objeto de peso e volume, composto de folhas encadernadas, protegidas por papelão ou couro, nas quais se gravavam a tinta palavras ou imagens.

Há 200 anos, os livros deixaram de ser privilégio das bibliotecas públicas ou particulares e passaram a ser vendidos em lojas especializadas, chamadas livrarias. Desde sempre, as livrarias se caracterizaram por estantes altas, vendedores atenciosos, uma atmosfera de paz e a ocasional presença de um gato. Foi nelas que leitores e escritores aprenderam a se encontrar e trocar ideias, gerando uma emulação com a qual a cultura teve muito a ganhar.

A Amazon dispensa tudo isso. Ela vende livros "físicos", mas a partir de um endereço imaterial – nada físico –, acessível apenas pela internet. Dispensa as livrarias. Se você se interessar por um livro (certamente recomendado por uma lista de best-sellers), basta o número do seu cartão de crédito e um clique. Em dois dias, ele estará em suas mãos – e a um preço mais em conta, porque a Amazon não tem gastos com aluguel, escritório, luz, funcionários humanos e nem mesmo a ração do gato.

Com sorte, os livros continuarão "físicos". Mas os leitores correm o risco de ser reduzidos a um número de cartão de crédito e um clique.

(CASTRO, Ruy, Folha de S.Paulo, opinião, 7 de ag. De 2013. p. A2)

Observações:

1) brontossauro / espécie de dinossauro;
2) Colombo / tradicional confeitaria do Rio de Janeiro, com sua refinada arquitetura e mobiliário, seus requintados cristais e jogos de porcelana, hoje patrimônio cultural e artístico da cidade;
3) incunábulo / livro impresso que data dos primeiros tempos da imprensa (até o ano de 1500).

---

17. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 2/2014)

O modo como o autor desenvolve seu texto sobre a notícia citada

(A) justifica que se considerem como marcados pelo tom da ironia os segmentos (certamente recomendado por uma lista de best-sellers) e *Com sorte, os livros continuarão "físicos".*

(B) revela sua indiferença pelas bibliotecas públicas ou particulares e a consideração que tem pelas livrarias, como se observa no segmento *Há 200 anos, os livros deixaram de ser privilégio das bibliotecas públicas ou particulares e passaram a ser vendidos em lojas especializadas, chamadas livrarias.*

(C) explica o tom alarmante nele impresso, reconhecível, por exemplo, nos segmentos *A notícia é alarmante: "Amazon se prepara para vender livros físicos no Brasil* e *A Amazon dispensa tudo isso.*

(D) atesta o tom didático do texto, centrado em divulgar a história do livro e seduzir leitores, como se nota em *Pelos últimos mil anos, dos manuscritos [...] aos impressos a laser, os livros têm sido chamados de livros* e *Se você se interessar por um livro [...], basta o número do seu cartão de crédito e um clique.*

(E) legitima a hipótese de que defende a busca de lucro pelos empresários ligados à indústria dos livros físicos, como o atesta o segmento a Amazon não tem gastos com aluguel, escritório, luz, funcionários humanos e nem mesmo a ração do gato.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – Há marcação de ironia nos segmentos citados. Best-seller: o mais vendido. O autor ironiza a forma e a indicação do livro: pode ser o mais indicado, o mais vendido, nem por isso o melhor. Mas é *chic* no momento. O leitor, muitas vezes, o adquire pela figuração da indicação, modismo ou status. Atrás do Best-seller sempre há um belo marketing para vender. Ainda há ironia: com sorte = talvez, provavelmente, os livros continuarão físicos (palpáveis), mas o leitor... apenas um número e um clique (Online) e não mais um leitor pessoa.

Alternativa "b" – O leitor vai descrevendo a trajetória do livro desde os manuscritos e enaltece sua característica principal: sempre livro. O destaque, com certo desdém, não sem razão, é o fisiologismo usado nos dias atuais: um clique e a disputa da superação pela forma da venda de cultura.

Alternativa "c" – Alarmante não é o tom no desenvolvimento do texto, mas a notícia que motivou o texto. O autor deixa transparecer seu apreço, conhecimento e reconhecimento pela trajetória histórica e cultural do livro e teme pela sua sobrevivência.

Alternativa "d" – O tom no segmento não é didático, mas crítico no sentido de tentar preservar a importância que sempre, historicamente, caracterizou o livro.

Alternativa "e" – Não há defesa da busca de lucros, nem a forma utilizada pelos empresários da indústria dos livros; há, sim, uma irônica alusão ao risco que o marketing eletrônico representa, distante das facilidades de consumo, perda do prazer da busca pelo livro que, através de um clique, pode transformar-se em mais um mero produto de consumo descartável e perder toda a magia contida na palavra livro.

---

18. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 2/2014) Considerado os primeiro e segundo parágrafos, é correto afirmar:

(A) Em *É o que, a partir de agora,* ***o*** *diferenciará dos livros digitais*, o uso do pronome destacado está correto, pois retoma a expressão *o mercado brasileiro de livros.*

(B) As aspas em *"Amazon se prepara para vender livros físicos no Brasil"* constituem recurso linguístico para evidenciar que a frase não é da autoria de Ruy Castro.

(C) Em *A notícia é alarmante: "Amazon se prepara para vender livros físicos no Brasil"*, os dois-pontos equivalem a "pois".

(D) A palavra destacada em *a partir de agora* indica que o autor toma como ponto de referência o exato instante em que a Amazon passará a vender livros físicos no Brasil.

(E) Em *É o que, a partir de agora, o diferenciará dos livros digitais*, a retirada da primeira vírgula é opção que não contraria as normas gramaticais.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b"

✪ Nota da autora: Questão de interpretação, coesão textual e pontuação.

As aspas estão destacando o título de uma notícia e torna evidente que não se trata da autoria de Ruy Castro.

Alternativa "a" – O pronome demonstrativo o retoma "livros físicos": É o que, a partir de agora, diferenciará os livros físicos dos livros digitais.

Alternativa "c" – Os dois pontos estão anunciando a citação anterior (qual é a notícia alarmante).

Alternativa "d" – O advérbio temporal *agora* está indicando um tempo atual: de agora em diante; daqui para frente.

Alternativa "e" – As duas vírgula iniciais intercalam o adjunto adverbial de tempo e nenhuma pode ser retirada por acarretar erro gramatical.

Texto.

Para ver uma cidade não basta ficar de olhos abertos. É preciso primeiramente descartar tudo aquilo que impede vê-la, todas as ideias recebidas, as imagens pré-constituídas que continuam a estorvar o campo visual e a capacidade de compreensão. Depois é preciso saber simplificar, reduzir ao essencial o enorme número de elementos que a cada segundo a cidade põe diante dos olhos de quem a observa, e ligar os fragmentos espalhados num desenho analítico e ao mesmo tempo unitário, como o diagrama de uma máquina, com o qual se possa compreender como ela funciona.

A comparação da cidade com uma máquina é, ao mesmo tempo, pertinente e desviante. Pertinente porque uma cidade vive na medida em que funciona, isto é, serve para se viver nela e para fazer viver. Desviante porque, diferentemente das máquinas, que são criadas com vistas a uma determinada função, as cidades são todas ou quase todas o resultado de adaptações sucessivas a funções diferentes, não previstas por sua fundação anterior (penso nas cidades italianas, com sua história de séculos ou de milênios).

Mais do que com a máquina, é a comparação com o organismo vivo na evolução da espécie que pode nos dizer alguma coisa importante sobre a cidade: como, ao passar de uma era para outra, as espécies vivas adaptam seus órgãos para novas funções ou desaparecem, assim também as cidades. E não podemos esquecer que na história da evolução toda espécie carrega consigo características que parecem de outras eras, na medida em que já não correspondem a necessidades vitais, mas que talvez um dia, em condições ambientais transformadas, serão as que salvarão a espécie da extinção. Assim a força da continuidade de uma cidade pode consistir em características e elementos que hoje parecem prescindíveis, porque esquecidos ou contraditos por seu funcionamento atual.

(CALVINO, Italo. Os deuses da cidade. Assunto encerrado: discurso sobre literatura e sociedade. Trad. Roberta Barni. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 333-334)

---

19. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 2/2014) Afirma-se com correção que, no primeiro parágrafo, o autor

(A) propõe que aquele que deseja ver e compreender uma cidade deve guiar-se por desenhos explicativos de como ela se dispõe, esquema concebido por quem conhece como realmente é ou funciona.

(B) rejeita a acepção dicionarizada de que "ver" é "perceber pela visão", pois propõe que a compreensão de uma cidade independe da capacidade de perceber o mundo exterior pelos olhos.

(C) reitera que, para apropriar-se de uma cidade, há a necessidade de descartar tudo aquilo que impede vê-la, entendida essa expressão como conjunto de coisas que atrapalham, de modo específico, o campo visual propriamente dito.

(D) comenta que o processo de compreensão de uma cidade implica a recusa das informações redundantes que são oferecidas, segundo a segundo, aos que a observam com o desejo de conhecê-la.

(E) expõe a ideia de que é necessário, de modo aparentemente contraditório, representar numa totalidade as frações correspondentes aos componentes básicos e simples de uma cidade, para conseguir compreendê-la.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" – Na perspectiva do autor, para ver uma cidade, é necessário fragmentá-la, pois é a partir da análise dos seus componentes essenciais para suprir as necessidades vitais que se conhecem os princípios básicos, simples que a compõe no âmbito social, cultural e político, que são as peças que movimentam e, só então, compreender o seu organismo vivencial.

Alternativa "a" – Não é o desenho físico que o autor propõe que se conheça, mas o ideológico e seu funcionamento.

Alternativa "b" – O autor não se refere nem rejeita a acepção dicionarizada proposta aqui, mas alude a uma acepção de visão de mundo, mundo se refere à cidade.

Alternativa "c" – Não há essa visão de apropriação, mas de alargamento da visão por trás do que apresenta uma cidade, para assim conhecer o seu funcionamento diante do que a atualidade exige. Uma visão perscrutadora da máquina citadina.

Alternativa "d" – Não há essa recusa sobre as informações sobre a cidade, mas sim um convite para um olhar perscrutador que busca as bases sobre as quais se fundamentam as visões das informações oferecidas de acordo com as suas perspectivas de compreensão.

20. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 2/2014) A comparação entre a cidade e a máquina

(A) é um cotejo pertinente e instrutivo, na medida em que a expressão serve para se viver nela e para fazer viver, evidência do traço comum a uma e outra, traduz a funcionalidade de ambas.

(B) tem sua funcionalidade comprometida, quanto a facilitar a compreensão do primeiro termo, quando se considera que a analogia tem um caráter desviante.

(C) ocorre pela aproximação de fatores de natureza complementar, que, ao formarem uma unidade, evidenciam a identidade dos elementos comparados.

(D) representa uma aproximação de elementos cuja diferença permite caracterizar, com ressalvas, o primeiro termo, segundo certa perspectiva apresentada pelo autor.

(E) relaciona um elemento abstrato e um concreto, motivo pelo qual a semelhança entre eles não pode ser total, o que não impede que a aproximação facilite a análise dos dois.

COMENTÁRIOS

(C(FCC – Técnico JAlternativa correta: letra "d" – A comparação é feita no sentido de entender o funcionamento; a ressalva é de que a máquina tem uma função específica enquanto a cidade deve permitir funções outras que permitam a vida em suas diversas necessidades e oferecer condições para as transformações dos tempos.

Alternativa "a" – Uma (a máquina) tem característica específica e única; a outra (a cidade) tem várias matizes como organismo vivo que permite a vida e como viver.

Alternativa "b" – A analogia usada pelo autor não é desviante, pois ele explica a caracterização única de uma e a caracterização mutável e viva da outra. A comparação é apenas quanto à necessidade de as frações estarem em condições próprias para o bom funcionamento do todo.

Alternativa "c" – O autor faz a comparação para entendimento do funcionamento, mas caracteriza cada elemento em sua natureza para o fim a que se destina.

Alternativa "e" – Ambos os elementos usados na comparação são concretos e o autor coloca muito bem a finalidade da analogia que os aproxima e os mecanismos que o difere, ou seja, a máquina com seu fim específico e o organismo vivo, espécies com suas funções que envolvem a cidade e sua continuidade.

21. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 2/2014) Infere-se corretamente do terceiro parágrafo:

(A) aspectos de uma cidade são prescindíveis se contêm organismos que, depois de várias atualizações, não conseguem readquirir sua funcionalidade original.

(B) a aproximação da cidade com a máquina é um artifício de raciocínio que nada informa de relevante sobre a primeira.

(C) o juízo acerca da importância de uma característica ou elemento de uma cidade para sua continuidade é sempre relativo, pois envolve contingências.

(D) a história da evolução determina que espécies em extinção serão salvas por componentes obsoletos sempre presentes em indivíduos dessas espécies.

(E) traços de uma espécie que se assemelham aos de outras épocas é mera ilusão de óptica, pois as espécies estão em constante evolução.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" – Daí a colocação do autor para o termo fragmentos que são as contingências que envolvem a cidade. O funcionamento do todo depende das eventualidades contidas nos grupos. Os contingentes têm que funcionar em sintonia e com abrangência, sofrendo adaptações a diferentes funções com o objetivo de continuidade da espécie.

Alternativa "a" – Ao contrário da afirmativa, os aspectos e as características originais dos organismos devem ser preservados (embora pareçam inadequados atualmente), para que haja perfeita conjunção da adaptação do novo exigido pelas circunstâncias do atual.

Alternativa "b" – A questão se refere ao terceiro parágrafo e o autor mesmo responde a esta alternativa no segundo parágrafo do texto.

Alternativa "d" – A expressão: *talvez um dia* carrega a probabilidade e não uma determinação.

Alternativa "e" – O fato de as espécies estarem em constante evolução não impede que elas carreguem traços de outras épocas, pois a semelhanças e o próprio DNA da espécie.

Texto para a questão.

O americano Herbie Hancock, provavelmente o maior pianista de jazz em atividade, apresentou-se no Brasil em agosto de 2013. Ele relembra que estava em lua de mel no Rio, em 1968, quando Eumir Deodato, compositor e arranjador que havia conhecido em Nova York, quis lhe apresentar um então novo cantor, Milton Nascimento. "Quando Milton sentou e começou a tocar 'Travessia', fiquei louco", diz Herbie. "Peguei meu gravador. Que belas harmonias e melodias! Agora me pergunta se eu sei onde está essa fita?". Recentemente, o pianista reviveu aquele encontro casual no Rio de 1968, no dia internacional do jazz, 30 de abril: em Istambul, apresentou-se com Milton e outros músicos tocando justamente "Travessia".

A experiência de Hancock no Brasil, em 68, veio também num momento de travessia em sua carreira. Tinha acabado de deixar o quarteto de jazz liderado por Miles Davis (1926-1991), com o qual havia gravado e feito inúmeros shows, de 1963 a 1968. Ainda que já tivesse uma carreira solo de sucesso – basta pensar nas tão celebradas "Watermelon Man" (1962) e "Cantaloupe Island" (1964) –, sentiu que era a hora de formar seu próprio grupo.

(Adaptado **de: BENEVIDES, Daniel. serafina, Folha de S.Paulo, 2013. p.28)**

---

22. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 2/2014) Considere as linhas iniciais do trecho e as afirmações que seguem.

I. No segmento provavelmente o maior pianista de jazz em atividade, a palavra destacada indica que o autor faz uma ressalva quanto à avaliação do mérito do artista, considerando-a hipótese pouco provável.

II. No segmento provavelmente o maior pianista de jazz em atividade, a expressão destacada marca os limites da avaliação do mérito do artista.

III. em *Ele relembra que estava em lua de mel [...] quando Eumir Deodato, compositor e arranjador que havia conhecido em Nova York, quis lhe apresentar um então novo cantor*, as formas verbais assinaladas indicam que as ações se deram no mesmo momento do passado.

Está correto o que se afirma APENAS em

(A) I e III.

(B) II e III.

(C) I e II.

(D) II.

(E) III.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d"

○ Nota da autora: Questão de interpretação de texto, advérbio e verbo.

I. Errado. O advérbio *provavelmente*, no trecho, aponta para o mérito do pianista como o que pode ser o maior, entre outros, ressaltando a avaliação sobre o artista como ele (o autor) o vê: positivamente; não mostra que tenha dúvida, mas que ele acredita que o seja.

II. Certo. A expressão, *em atividade* se refere a Herbie Hancock como o maior pianista de jazz entre os que estão atuando, não eximindo a excelência de outros pianistas de jazz que já o foram e que, porventura, não atuem mais.

III. Errado. As formas verbais estão no passado, porém as ações ocorreram em momentos diferentes: havia conhecido (particípio + haver) ocorreu num passado anterior (em Nova York) ao momento do passado quis (pretérito perfeito): ele relembra no momento em que estava em lua de mel.

Texto para as questões.

Com alguma surpresa de quem me escuta, desde há algum tempo venho a dizer que cada vez me interessa menos falar de literatura. Pode parecer isto uma provocação, a atitude do escritor que, para se tornar mais interessante, lança declarações inesperadas e gratuitas. E não é assim. A verdade é que duvido mesmo que se possa falar de literatura como duvido, com mais razões, que se possa falar de pintura ou que se possa falar de música. É claro que se pode falar de tudo, como se fala dos sentimentos e emoções, seria absurdo pretender reduzir ao silêncio aqueles que escrevem, ou aqueles que leem, ou aqueles que sentem, ou aqueles que compõem música ou que pintam ou que esculpem, como se a obra em si mesma já contivesse tudo quanto é possível dizer e que tudo o que vem depois não fosse mais do que interminável glosa. Não é isso. Acontece, no entanto, que por vezes experimento o desejo de limitar-me a uma muda contemplação diante de uma obra acabada, pela consciência que tenho de que, de certa maneira, nos domínios da arte e da literatura estamos lidando com aquilo a que damos o nome de inefável. [...]

Quero dizer, não obstante, que antes de começar a escrever sustentava como uma evidência pal-

mária (por outro lado nada original) que somos herdeiros de um tempo, de uma cultura e que, para usar um símile que algumas vezes empreguei, vejo a humanidade como se fosse o mar. Imaginemos por um momento que estamos numa praia: o mar está ali, e continuamente aproxima-se em ondas sucessivas que chegam à costa. Pois bem, essas ondas, que avançam e não poderiam mover-se sem o mar que está por detrás delas, trazem uma pequena franja de espuma que avança em direção à praia onde vão acabar. Penso, continuando a usar esta metáfora marítima, que somos nós a espuma que é transportada nessa onda, essa onda é impelida pelo mar que é o tempo, todo o tempo que ficou atrás, todo o tempo vivido que nos leva e nos empurra. Convertidos numa apoteose de luz e de cor entre o espaço e o mar, somos, os seres humanos, essa espuma branca brilhante, cintilante, que tem uma breve vida, que despede um breve fulgor, gerações e gerações que se vão sucedendo umas às outras transportadas pelo mar que é o tempo. E a história, onde fica? Sem dúvida a história preocupa-me, embora seja mais certo dizer que o que realmente me preocupa é o Passado, e sobretudo o destino da onda que se quebra na praia, a humanidade empurrada pelo tempo e que ao tempo sempre regressa, levando consigo, no refluxo, uma partitura, um quadro, um livro ou uma revolução. Por isso prefiro falar mais de vida do que de literatura, sem esquecer que a literatura está na vida e que sempre teremos perante nós a ambição de fazer da literatura vida.

(SARAMAGO, José. Da estátua à pedra. Belém: ed. ufpa; Lisboa: Fundação José Saramago, 2013. p. 25-27)

---

23. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 15/2013) O texto se apresenta como

(A) depoimento do escritor, de que se depreende que o ser humano constitui sua prioridade absoluta, como objeto da criação artístico-literária.

(B) relato em que o autor expõe as bases da criação artística em todas as suas manifestações, defendendo a importância da literatura como registro da história da humanidade.

(C) desabafo em que se dilui certo desencanto com as artes, em geral, por se mostrarem incapazes de reproduzir a totalidade da vida humana.

(D) exposição teórica de algumas formas de expressão artística, inclusive da criação literária, principalmente as que transmitem uma beleza incontestável.

(E) defesa do necessário respeito à natureza, por ser ela a imagem perfeita dos sentimentos e dos valores em toda a história da humanidade.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – A criação artístico-literária é representativa do ser humano, sua época e sua história carregada de influências anteriores que geram novas situações que se refletirão na história futura da humanidade, sempre em movimento, recebendo e passando influências de época para épocas na vida e da vida do ser humano. A criação artístico-literária acompanha e reflete o ser humano, dentro da história, sendo, portanto, a recriação da vida.

Alternativa "b" – O autor vê a literatura no tempo como a herança histórica que a humanidade recebe do tempo passado e para onde e, em que tempos, a humanidade avança.

Ele preocupa-se com a vida e em colocar a vida na literatura e a literatura na vida – o ser humano navega do tempo (passado), no tempo (presente), para um tempo (futuro).

Alternativa "c" – O seu depoimento demonstra desencanto pelas artes, mas sua preferência, em se tratando da literatura, é falar da vida e, com isso, falar da história-vida a pretexto da literatura e vice-versa.

Alternativa "d" – Não é uma exposição teórica de formas, mas uma tomada de posição quanto ao conteúdo artístico no sentido de que a beleza contenha reflexões referentes à vida, que a arte literária e as outras artes sejam participativas, que uma contenha a outra= vida-arte / arte-vida.

Alternativa "e" – O autor não especifica esse tema, mas uma vez se referindo à vida-literatura e literatura-vida, todos os perfis que implicam vida são contemplados pela arte.

---

24. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 15/2013) É correto afirmar, considerando-se o teor do texto, que

(A) a verdadeira arte, por exemplo, de uma pintura, deve despertar no observador sentimentos contraditórios, que vão da admiração à incompreensão.

(B) a vida humana, com suas variadas manifestações a todo tempo e em todos os lugares, constitui matéria fundamental para a criação literária.

(C) a literatura, que reproduz sentimentos humanos, não deve se sujeitar a eventuais definições, pois estas tendem a reduzir a originalidade que a valoriza.

(D) as diversas formas de manifestação artística, exceto a literatura, levam a situações que escapam a uma avaliação crítica mais objetiva.

(E) a obra de arte, para ser assim considerada, deve esgotar em si mesma todas as infinitas possibilidades de criação que constituem a natureza humana, ao longo da história.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" - Confirma-se a alternativa lendo no final do último parágrafo o que diz Saramago: "...prefiro falar mais de vida do que de literatura, sem esquecer que a literatura está na vida e que sempre teremos perante nós a ambição de fazer da literatura vida".

Alternativa "a" - Afirmativa não presente no texto.

Alternativa "b - Saramago não disse isso. No primeiro parágrafo do texto, ele diz que, às vezes, sente vontade de apenas contemplar uma obra acabada por ter consciência da sua grandeza, beleza, mas que seria absurdo silenciar diante de uma obra, seja ela música, pintura, escultura ou literatura.

Alternativa "d" - No final do primeiro parágrafo, nota-se que, para Saramago, a arte, inclusive a literatura, contém o inefável: belo, grandioso, encantador; conclusão da sua fala anterior: "É claro que se pode falar de tudo, (...), seria absurdo pretender reduzir ao silêncio aqueles que escrevem, (...), ou que compõem música ou que esculpem (...)".

Alternativa "e" - Deduz-se ao longo da leitura que a obra de arte acompanha a caminhada da humanidade que é "empurrada pelo tempo e que ao tempo sempre regressa, levando consigo, no refluxo, uma partitura, um quadro, um livro ou uma revolução". Conclui-se que a obra de arte não esgota a possibilidade de criação, mas caminha junto com a história e dela participa, produzindo, reproduzindo e traduzindo a natureza humana em todos os seus aspectos com "inefável" riqueza e perspicácia, através dos tempos.

---

25. (FCC - Técnico Judiciário - Área Administrativa - TRT 15/2013) A verdade é que duvido mesmo que se possa falar de literatura como duvido, com mais razões, que se possa falar de pintura ou que se possa falar de música.

É claro que se pode falar de tudo, como se fala dos sentimentos e emoções...

A insistência no emprego do verbo falar, nas afirmativas acima, demonstra

(A) atribuição de diferentes sentidos a um único verbo, pois a linguagem de uma obra de arte deve sempre valer-se de imagens originais, que lhe dão valor.

(B) alguma inconsistência nos argumentos de que se vale o autor, que se contradiz na referência às formas de expressão de emoções.

(C) intencionalidade em acentuar as diferentes formas de expressão artística e de sentimentos humanos, nem sempre sujeitas a uma interpretação objetiva.

(D) desconsideração a certas criações artísticas que tratam com superficialidade, por vezes, toda a amplitude das emoções na vida humana.

(E) complementaridade entre uma atitude crítica e um posicionamento contemplativo perante uma obra de arte.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" - Tem-se, aí, um recurso literário para enfatizar e dar destaque ao que se quer deixar bem claro e evidente.

Alternativa "a" - O verbo *falar* está empregado, no trecho, com o mesmo sentido e sua repetição tem o propósito de realçar as ideias expostas pelo autor.

Alternativa "b" - Não há inconsistência nos argumentos nem contradições do autor.

Alternativa "d" - O autor não desconsidera qualquer criação artística.

Alternativa "e" - Não há essa relação com o posicionamento contemplativo do autor perante uma obra.

---

26. (FCC - Técnico Judiciário - Área Administrativa - TRT 15/2013) ... a humanidade empurrada pelo tempo e que ao tempo sempre regressa, levando consigo, no refluxo, uma partitura, um quadro, um livro ou uma revolução.

A imagem criada pela afirmativa acima traduz, em síntese,

(A) a incapacidade humana de superar os limites impostos pelo tempo, que dificulta a criação de obras de arte que possam ser valorizadas pelas gerações seguintes.

(B) a visão de que o homem, que ocupa um breve instante na história, será sempre um criador, sujeito às influências de sua época.

(C) toda a história da humanidade representada no vaivém das ondas marítimas que, apesar de sua beleza, trazem também destruição e dor.

(D) a impotência do ser humano, pequeno diante da força da natureza, em reproduzir com profundidade todas as características de seu tempo.

(E) a noção de que o tempo deverá assinalar sempre o eterno retorno do ser humano ao início de sua história e de suas primeiras manifestações artísticas.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" - A história da humanidade está sempre refletida na obra de arte que o tempo carrega e empurra numa constante.

Alternativa "a" - Não há essa incapacidade e, para a criação da obra de arte não existe limite, pois a arte sofre o refluxo dos tempos, retrata e reflete nas gerações futuras o que registrou em cada época.

Alternativa "c" - A imagem criada pelo autor revela o movimento das artes no vaivém do tempo e não traduz destruição nem dor.

Alternativa "d" - Afirmativa equivocada. A obra de arte, seja a pintura, a música, a arquitetura, consegue traduzir com beleza, sentimento e poesia a sua época e ainda transmitir tudo isso para épocas vindouras.

Alternativa "e" - A imagem em questão não traduz essa noção. O tempo é que regressa a características de tempo anterior, modificando e implementando novas manifestações, de acordo com o momento, empurrando para os tempos vindouros uma bagagem que será retomada e também transformada.

---

27. (FCC - Técnico Judiciário - Área Administrativa - TRT 15/2013) ... sustentava como uma evidência palmária (por outro lado nada original) que somos herdeiros de um tempo... O comentário isolado pelos parênteses deve ser entendido como

(A) constatação de que a evidência sustentada era de conhecimento geral e amplamente aceita.

(B) citação de interlocutor alheio ao contexto, para facilitar o entendimento da ideia exposta.

(C) reconhecimento do escritor de que sua obra, ao reproduzir a vida, nada tem de particular e diferente.

(D) observação crítica a respeito da presença do senso comum em algumas obras de arte atuais.

(E) especificação de elementos que devem constituir a base da elaboração de uma obra de arte.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" - Era sabida de outros a sua posição e aceita, embora causasse estranhamento por inusitada e não parecer normal.

Alternativa "b" - O comentário entre parênteses é do próprio autor para explicar o inusitado que está sendo dito por ele mesmo.

Alternativa "c" - Não é reconhecimento sobre sua obra, pois a convicção afirmada vem antes dele começar a escrever. O comentário isolado é uma observação sobre este mesmo seu comentário.

Alternativa "d" - O comentário isolado não se refere a essa observação.

Alternativa "e" - Não ocorre essa especificação no comentário isolado pelos parênteses.

---

28. (FCC - Técnico Judiciário - Área Administrativa - TRT 15/2013) Dentre as possíveis acepções da palavra MAR, encontradas em dicionários, a que corresponde fielmente à metáfora marítima criada por Saramago é:

(A) conjunto que ondula, se agita, apresenta flutuações.

(B) local próximo à praia, em que é pequena a profundidade das águas.

(C) grande extensão, a perder de vista, ou grande quantidade de qualquer coisa.

(D) o que absorve, especialmente pelo mistério, pela imensidade.

(E) extensão de água salgada, de dimensões relativamente limitadas.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" - No texto, a metáfora MAR está no sentido comparativo de que a humanidade cria, atua sob influência de épocas anteriores e, "flutuam", de acordo com o momento, pois situações inusitadas apontam para a modificação de determinada obra que seguia seu curso, ou acrescentam-se fatores novos que vigoram em um tempo e podem mudar em qualquer momento e a obra tende a sofrer interferências determinantes; esses fatores novos podem ocorrer na história, no social, na existência da humanidade.

Alternativa "b" - Trata-se, aqui, do sentido denotativo (e errado).

Alternativa "c" - Sentido denotativo: grande extensão e "grande quantidade de qualquer coisa" é totalmente descabido.

Alternativa "d" - Não absorve.

Alternativa "e" - Sentido denotativo.

homogeneizar crenças e influenciar atitudes.

Nessas populações, as redes operavam por meio de conversas face a face, em volta de uma fogueira. Mais tarde, nas cidades, havia discussões em praça pública, conversas nos mercados e discursos de políticos. Foram essas redes sociais que moldaram o pensamento e as ações das civilizações antigas e das nações modernas.

Mas na última década surgiu a comunicação digital e parte das interações sociais adquiriu um caráter virtual, a partir de sistemas como o Facebook, o Twitter e outros, que nada mais são do que as velhas redes sociais, agora na forma digital. Muitos cientistas se perguntam qual o seu poder real. Exemplos recentes, como a Primavera Árabe, sugerem que as novas redes sociais influenciam comportamentos *e crenças, mas é difícil definir e medir separadamente a contribuição das redes tradicionais e a das redes digitais para esse processo. Como teria sido a Primavera Árabe sem e-mail, Twitter e Facebook? (Adaptado de Fernando Reinach. Disponível em http://www.estadao.com.br/noticias/impresso,facebook-e-inducao-ao-voto-,939893,0.htm)*

---

29. (FCC – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 9/2013) Leia com atenção as afirmações abaixo.

I. O autor usa a expressão *redes sociais* para designar tanto as novas tecnologias de comunicação virtual como as formas ancestrais de socialização e troca de informações entre os seres humanos.

II. O ponto de interrogação empregado no último parágrafo é desnecessário e poderia ser dispensado, pois se trata de uma pergunta retórica, já que se infere do texto que o movimento social conhecido como *Primavera Árabe* apenas se disseminou pelos países árabes porque houve ali acesso maciço às tecnologias de comunicação virtual.

III. Infere-se do texto que o comportamento de uma pessoa é influenciado em alguma medida pelo comportamento daqueles com quem ela se comunica de alguma forma.

IV. O autor defende a tese de que, desde a época primitiva, as crenças e os valores dos membros de uma determinada comunidade são moldados pelas ideias dos que ostentam posição hierárquica superior.

Está correto o que se afirma APENAS em

(A) I e III.

(B) I, II e IV.

(C) III e IV.

(D) I e II.

(E) II e III.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta.

Item "I". Certo: *as redes operavam por meio de conversas face a face, em volta de uma fogueira. Mais tarde, nas cidades, havia discussões em praça pública, conversas nos mercados e discursos de políticos. Foram essas redes sociais que moldaram o pensamento e as ações das civilizações antigas e das nações modernas.*

Item "II". Errado: A interrogação é necessária, pois o autor questiona como seria mensurada a contribuição da influência comportamental hoje se o processo das redes sociais fosse o tradicional e não o digital.

Item "III". Certo: O texto deixa claro a interação comportamental das pessoas através da comunicação.

Item "IV". Errado: *Desde que nossos ancestrais andavam em bandos pelas estepes africanas, as redes sociais serviam para trocar ideias, homogeneizar crenças e influenciar atitudes. Nessas populações, as redes operavam por meio de conversas face a face.*

Texto para responder a próxima questão.

Visão monumental

Nada superará a beleza, nem todos os ângulos retos da razão. Assim pensava o maior arquiteto e mais invocado sonhador do Brasil. Morto em 5 de dezembro de insuficiência respiratória, a dez dias de completar com uma festa, no Rio de Janeiro onde morava, 105 anos de idade, Oscar Niemeyer propusera sua própria revolução arquitetônica baseado em uma interpretação do corpo da mulher.

Filho de fazendeiros, fora o único ateu e comunista da família, tendo ingressado no partido por inspiração de Luiz Carlos Prestes, em 1945. Como a agremiação partidária não correspondera a seu sonho, descolara-se dela, na companhia de seu líder, em 1990. "O comunismo resolve o problema da vida", acreditou até o fim. "Ele faz com que a vida seja mais justa. E isso é fundamental. Mas o ser humano, este continua desprotegido, entregue à sorte que o destino lhe impõe."

E desprotegido talvez pudesse se sentir um observador diante da monumentalidade que ele próprio idealizara para Brasília a partir do plano-piloto de Lucio Costa. Quem sabe seus museus, prédios governamentais e catedrais não tivessem mesmo sido construídos para ilustrar essa perplexidade? Ele acreditava incutir o ardor em quem experimentava suas construções.

Bem disse Le Corbusier que Niemeyer tinha "as montanhas do Rio dentro dos olhos", aquelas que um observador pode vislumbrar a partir do Museu de Arte Contemporânea de Niterói, um entre cerca de 500 projetos seus. Brasília, em que pese o sonho necessário, resultara em alguma decepção. Niemeyer vira a possibilidade de construir ali a imagem moderna do País. E como dizer que a cidade, ao fim, deixara de corresponder à modernidade empenhada? Houve um sonho monumental, e ele foi devidamente traduzido por Niemeyer. No Planalto Central, construíra a identidade escultural do Brasil. (Adaptado de Rosane Pavam. CartaCapital, 07/12/2012, www.cartacapital.com.br/sociedade/a-visao-monumental-2/)

---

30. (FCC – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 1/2013) O texto sugere que,

(A) mesmo que não se possa estender esse sentimento para o conjunto da obra de Niemeyer, Brasília provocaria certo mal-estar no observador, o que teria origem no projeto monumental de Lucio Costa.

(B) na biografia de Niemeyer, ressaltaria uma contradição insolúvel entre sua origem e suas convicções políticas, o que acabaria se resolvendo em suas obras monumentais, que misturam sonho e realidade.

(C) embora Brasília seja considerada a principal criação de Oscar Niemeyer, o próprio arquiteto não teria ficado satisfeito com a cidade, pois não corresponderia ao que havia sonhado.

(D) ainda que a construção de Brasília, projetada por Niemeyer, possa não ter concretizado a modernidade sonhada pelo arquiteto, a cidade teria se tornado genuína representação desse sonho grandioso.

(E) considerados os seus mais importantes projetos, a revolução empreendida por Oscar Niemeyer na arquitetura estaria evidentemente ligada a sua filiação ao partido comunista.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Niemeyer vira a possibilidade de construir ali a imagem moderna do País. E como dizer que a cidade, ao fim, deixara de corresponder à modernidade empenhada? Houve um sonho monumental, e ele foi devidamente traduzido por Niemeyer. No Planalto Central, construíra a identidade escultural do Brasil.

Alternativa "a" – Errada. Brasília provocaria certo mal-estar no observador.

Alternativa "b" – Errada. Na biografia de Niemeyer, ressaltaria uma contradição insolúvel entre sua origem e suas convicções políticas.

Alternativa "c" – Errada. Não teria ficado satisfeito com a cidade.

Alternativa "e" – Errada. Arquitetura estaria evidentemente ligada a sua filiação ao partido comunista.

---

31. (FCC – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 1/2013) *Quem sabe seus museus, prédios governamentais e catedrais não tivessem mesmo sido construídos para ilustrar essa perplexidade?* (3º parágrafo) De acordo com o contexto, o sentido do elemento grifado acima pode ser adequadamente reproduzido por:

(A) estupefação.

(B) animosidade.

(C) descompasso.

(D) problemática.

(E) melancolia.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Perplexidade: *estado ou condição de perplexo, de quem ficou pasmo, sem reação; hesitação; perplexidez.**

– **Estupefação:** *no sentido figurado significa estado de quem está aturdido, assombrado; perplexidade.**

**Fonte: Dicionário Digital Aulete.*

Texto para responder a próxima questão.

O tempo não para

O processo é conhecido. Os custos crescem, os competidores avançam, e os acionistas querem resultados. Saída: renovar os quadros. Leia-se: livrar-se dos funcionários mais velhos e caros, contratar jovens efebos, com muita vontade e pequeno salário. Dito e feito. Então, o trabalho emperra, os clientes reclamam, mas a planilha de custos fala mais alto. Assim tem sido: a cada crise, interna ou externa, as empresas rejuvenescem seus quadros. Alguns observadores batizaram o processo de "juniorização".

Uma empresa "juniorizada" salta aos olhos. Antes, o escritório, silencioso e solene, era dominado por calvícies e cabelos brancos. Seis meses depois, o nível de ruído aumentou, e uma horda juvenil se estabeleceu. Foram-se as regras e procedimentos, substituídos por um frenesi frequentemente confundido com agilidade e produtividade. O mais importante é, porém, que a folha de pagamento foi reduzida. Inferno na Terra, paz no Olimpo corporativo.

Renovar sistematicamente os quadros é um princípio de gestão importante para as empresas. Profissionais mais jovens trazem novas ideias, colocam em xeque processos anacrônicos e ajudam a evitar que a empresa envelheça e perca o contato com as mudanças em seu ambiente de negócios. A renovação, realizada na medida certa, traz efeitos positivos.

A juniorização, por ser realizada com o propósito de reduzir custos, compromete a qualidade da gestão e põe em risco o futuro das companhias. Vista como panaceia, evita que a empresa trate de questões mais substantivas, relacionadas ao seu modelo de negócios e às suas práticas de gestão.

Além disso, a juniorização segue na contramão da demografia. O Brasil está envelhecendo. Nas próximas décadas, as empresas terão de lidar com quadros profissionais cada vez mais maduros. Uma pesquisa recente, realizada pela consultoriaPwC e a

FGV-Eaesp, instituição à qual este escriba está ligado, procurou avaliar como o mundo corporativo se prepara para o fenômeno. Foram ouvidas mais de cem empresas, de diversos segmentos da economia. Algumas conclusões são preocupantes.

Em primeiro lugar, menos de 40% das organizações pesquisadas reconhecem que quadros mais maduros podem constituir alternativa à escassez de talentos. Consequentemente, a maioria das empresas não possui mecanismos para atrair e manter tais quadros. Em segundo lugar, as companhias reconhecem: profissionais mais maduros possuem competências valiosas, relacionadas à capacidade de realizar diagnósticos e resolver problemas, além de apresentar maior equilíbrio emocional. Paradoxalmente, elas não contam com modelos de gestão de carreira que facilitem os processos pelos quais tais características poderiam ser mais bem exploradas. Em terceiro lugar, há poucas iniciativas para garantir maior qualidade de vida e para ter quadros mais saudáveis no futuro. Há também poucas ações para acomodar o perfil e as necessidades dos profissionais próximos da aposentadoria. (Adaptado de: Thomaz Wood Jr., CartaCapital, 21/04/2013, www.cartacapital.com.br/sociedade/o-tempo-nao-para)

---

32. (FCC – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 18/2013) A definição do processo de "juniorização" que pode ser corretamente depreendida do texto é:

(A) a substituição, feita por empresas em tempos de crise, de funcionários antigos por empregados mais jovens, com consequente diminuição da folha de pagamento e piora na qualidade da execução do trabalho.

(B) a saudável revitalização do ambiente de trabalho, trazida às empresas por funcionários mais jovens e dinâmicos, que não se atêm às regras em favor da produtividade e da rapidez na realização de suas tarefas.

(C) a contratação de funcionários mais jovens e mais ativos em substituição aos funcionários antigos e acomodados, com o ganho adicional para as empresas advindo da diminuição de seus custos.

(D) o inevitável rejuvenescimento do corpo funcional das empresas que, durante as crises, precisam ao mesmo tempo diminuir a folha de pagamento e aumentar a criatividade de seus funcionários.

(E) a diminuição da idade média do quadro de pessoal das empresas, feita por meio da contratação de funcionários mais jovens, que gradualmente vão se mesclando aos funcionários mais antigos e experientes.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – No primeiro parágrafo: *Os custos crescem, os competidores avançam, e os acionistas querem resultados. Saída: renovar os quadros. Leia-se: livrar-se dos funcionários mais velhos e caros, contratar jovens efebos, com muita vontade e pequeno salário. Dito e feito. Então, o trabalho emperra, os clientes reclamam, mas a planilha de custos fala mais alto. Assim tem sido: a cada crise, interna ou externa, as empresas rejuvenescem seus quadros. Alguns observadores batizaram o processo de "juniorização".*

Alternativa "b" – Errada. Deveria haver um equilíbrio entre a *"juniorização"* e a estabilidade dos funcionários antigos. Seria saudável renovar sem eliminar, e assim não comprometer a qualidade da gestão.

Alternativa "c" – Errada. Não há definição correta do processo de *"juniorização"*.

Alternativa "d" – Errada. Ideia não mencionada no texto.

Alternativa "e" – Errada. Não há essa definição no texto.

---

33. (FCC – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 18/2013) Os resultados da pesquisa comentada pelo autor do texto mostram que

I. as empresas brasileiras pesquisadas não estão, em geral, preparadas para o envelhecimento da população ora em curso no Brasil, o que demandaria estratégias para se beneficiarem das qualidades dos funcionários mais velhos, efetivos ou potenciais.

II. menos da metade das empresas brasileiras pesquisadas considera que a insuficiência do mercado de trabalho para suprir funcionários excepcionais pode ser compensada com a contratação de profissionais mais velhos e experientes.

III. a maior parte das empresas brasileiras pesquisadas recusa-se a admitir que os profissionais mais velhos levam vantagem sobre os mais jovens em aspectos como a identificação e a resolução de problemas, e a estabilidade emocional.

Atende ao enunciado o que consta em

(A) I e II, apenas.

(B) III, apenas.

(C) I e III, apenas.

(D) I, II e III.

(E) II, apenas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta.

Item "I" – Correto: A pesquisa mostra que há despreparo das empresas para, ante o envelhecimento da população, manterem o equilíbrio entre a qualidade e a vitalidade de seu quadro de funcionários.

Item "I" – Correto: Informação citada no último parágrafo.

Item "I" – Incorreto: Não há informação a essa recusa por parte das empresas; elas reconhecem o que se afirma, mas faltam-lhes mecanismos e iniciativas entre manterem os funcionários mais velhos e a aquisição de jovens para gradualmente haver integração entre experiências, ideias novas e agilidade, porém o custo da folha de pagamento fala mais alto.

Texto para a próxima questão.

A cidade de Goiás, antiga Villa-Boa de Goyaz, que até o ano de 1933 ostentou a condição de capital do Estado, surgiu das povoações fundadas em 1926, pelo explorador paulista Bartolomeu Bueno, o filho.

Nascida em decorrência do ciclo do ouro, a cidade atingiu o auge durante o século XVIII.

A partir desse período, o seu núcleo central foi assumindo aparência arquitetônica própria, que ainda hoje conserva, num estilo colonial condizente com as condições da reg8 por assumir um ar romântico imposto por contingências históricas e por força de sua situação geográfica.

Privilegiada no sentido de colocar as pessoas em contato permanente com os elementos da natureza, esse aspecto foi acentuado por seus riachos cristalinos e sua vegetação peculiar, suas ruas sinuosas e irregulares, suas ladeiras pedregosas, seus tortuosos e misteriosos becos, seus muros de pedra. Esses mesmos muros de pedra que alimentaram as lendas sobre os escravos que os construíram e sobre a existência de tesouros em pepita e ouro em pó, escondidos em suas fendas. Lendas que provocavam a imaginação das crianças, juntamente com os outros casos que os mais velhos contavam ao cair da noite, revivendo as tradições tribais, tanto da África quanto de nossos aborígenes.

Esse costume de os mais velhos contarem casos às crianças, ao entardecer, é um fato psicológico que deve ser realçado como elemento provocador, por excelência, da imaginação criadora dos vilaboenses.

O "contar casos" se constituiu numa tradição familiar de nossos ancestrais que Cora Coralina faz reviver em sua obra com toda pujança de seu poder criador.

Em seus poemas encontramos o estilo oral desses "casos", sem invencionices literárias, gravados com a aparente simplicidade que caracteriza a sua obra poética. (Adaptado da apresentação de: Cora Coralina. Vintém de cobre: meias confissões de Aninha. 8. ed. S.Paulo: Global,2001. p. 6 e 7)

---

34. (FCC – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 18/2013) O texto estabelece uma estreita relação entre

(A) o nascimento da cidade em pleno ciclo do ouro e a riqueza que possibilitou a preservação da arquitetura colonial da cidade de Goiás.

(B) a força da natureza que envolve a cidade de Goiás e o fato de suas construções terem resistido durante tanto tempo às transformações impostas pela modernidade.

(C) o fato de Goiás ter deixado de ser a capital do estado em 1933 e a impossibilidade de a cidade expandir-se fisicamente.

(D) as características naturais e arquitetônicas da cidade de Goiás e as histórias misteriosas e as lendas que têm circulado pela cidade.

(E) os poemas simples e românticos de Cora Coralina e a simplicidade dos escravos e índios que construíram e povoaram a cidade de Goiás.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Privilegiada no sentido de colocar as pessoas em contato permanente com os elementos da natureza, esse aspecto foi acentuado por seus riachos cristalinos e sua vegetação peculiar, suas ruas sinuosas e irregulares, suas ladeiras pedregosas, seus tortuosos e misteriosos becos, seus muros de pedra. Esses mesmos muros de pedra que alimentaram as lendas sobre os escravos que os construíram e sobre a existência de tesouros em pepita e ouro em pó, escondidos em suas fendas. Lendas que provocavam a imaginação das crianças, juntamente com os outros casos que os mais velhos contavam ao cair da noite, revivendo as tradições tribais, tanto da África quanto de nossos aborígenes.

Alternativa "a" – Errada. São as circunstâncias temporais em que se deu o nascimento da cidade e não características naturais e arquitetônicas.

Alternativa "b" – Errada. Afirmativa incompleta, não há estreita relação.

Alternativa "c" – Errada. Os fatos não mantêm relação entre si.

Alternativa "e" – Errada. Os três elementos fazem parte da cidade, mas não guardam entre si a estreita relação sugerida pela questão.

Texto para as próximas questões:

A Amazônia, dona de uma bacia hidrográfica com cerca de 60% do potencial hidrelétrico do país, tem a chance de emergir como uma região próspera, capaz de conciliar desenvolvimento, conservação e diversidade sociocultural. O progresso está diretamente ligado ao papel que a região exercerá em duas áreas estratégicas para o planeta: clima e energia. Não se trata de explorar a floresta e deixar para trás terra arrasada, mas de aproveitar o valor de seus ativos sem qualquer agressão ao meio ambiente. Para isso, basta que o Brasil seja capaz de colocar em prática uma ampla e bem-sucedida política socioambiental, a exemplo do que faz a indústria cosmética nacional, que seduziu o mundo com a biodiversidade brasileira. É marketing e é conservacionismo também.

Segundo o pesquisador Beto Veríssimo, fundador do Instituto do Homem e Meio Ambiente da Amazônia (Imazon), a floresta é fundamental para a redução global das emissões de gases de efeito estufa. "O Brasil depende da região para produzir mais energia e não sou contra a expansão da rede de usinas aqui, mas é preciso cautela, para não repetir erros do passado, quando as hidrelétricas catalisaram ocupação desordenada, conflitos sociais e desmatamentos. Enfrentar o desmatamento da Amazônia é crucial para o Brasil." (Trecho de Diálogos capitais. CartaCapital, 7 de setembro de 2011, p. 46)

---

35. (FCC – TRT – 11ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2012) No último parágrafo, o pesquisador

(A) lamenta o fato de ser necessário desmatar a floresta para criar condições mais favoráveis para a Amazônia, especialmente quanto ao fornecimento de energia elétrica.

(B) aponta para as dificuldades que surgirão com os novos projetos de construção de usinas hidrelétricas na região amazônica.

(C) defende a construção de novas usinas, por trazerem benefícios para toda a região, ainda que seja necessário desmatar grandes áreas de floresta.

(D) alerta para a necessidade de um planejamento de ações, para evitar, como já têm acontecido, fatos comprometedores do desenvolvimento sustentável da Amazônia.

(E) constata que, apesar da abundância de recursos hídricos na região amazônica, é inaceitável seu aproveitamento com a construção de novas usinas hidrelétricas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Síntese da ideia central do texto: produzir energia e desenvolvimento na Amazônia, porém de forma cautelosa e sustentável, sem agredir o meio ambiente.

Eliminemos algumas alternativas pelos verbos iniciais:

Alternativa "a" – Errada. lamenta.

Alternativa "b" – Errada. surgirão dificuldades: o autor afirma que é preciso ter cautela para que não se repitam os erros do passado.

Alternativa "c" – Errada. ainda que seja necessário desmatar grandes áreas de floresta.

Alternativa "e" – Errada. é inaceitável seu aproveitamento com a construção de novas usinas hidrelétricas.

---

36. (FCC – TRT – 11ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2012) *"É marketing e é conservacionismo também"* (final do 1º parágrafo). O exemplo referente à indústria de cosméticos retoma em linhas gerais a ideia contida em:

(A) O progresso está diretamente ligado ao papel que a região exercerá em duas áreas estratégicas para o planeta: clima e energia.

(B) ... mas de aproveitar o valor de seus ativos sem qualquer agressão ao meio ambiente.

(C) O Brasil depende da região para produzir mais energia...

(D) ... quando as hidrelétricas catalisaram ocupação desordenada, conflitos sociais e desmatamentos.

(E) Enfrentar o desmatamento da Amazônia é crucial para o Brasil.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Retoma a ideia dos períodos antepostos: **aproveitar o valor de seus ativos sem qualquer agressão ao meio ambiente**. Para isso, basta que o Brasil seja capaz de colocar em prática uma ampla e bem-sucedida política socioambiental, a exemplo do que faz a indústria cosmética nacional, que seduziu o mundo com a biodiversidade brasileira.

Alternativa "a" – Errada. Não se refere a marketing e a conservacionismo.

Alternativa "c" – Errada. Esta informação está no parágrafo posterior.

Alternativa "d" – Errada. Esta informação está no parágrafo posterior.

Alternativa "e" - Errada. Esta informação está no parágrafo posterior.

Texto para as próximas questões:

Na reunião em que foi eleito diretor-geral da Organização para a Alimentação e a Agricultura (FAO) da ONU, o ex-ministro brasileiro José Graziano da Silva assegurou – com sua experiência de gestor do programa de combate à fome entre nós – que esta será sua prioridade: enfrentar esse problema no mundo, para que até 2015 o número de carentes de alimentos no planeta, hoje em torno de 1 bilhão, se reduza à metade. "É o desafio do nosso tempo", disse na ocasião o ex-secretário da ONU, Kofi Anan, lembrando que um dos complicadores dessa questão, "o protecionismo dos ricos" à sua produção de alimentos, só tem aumentado. E isso quando a própria FAO alerta que os preços desses produtos continuarão a subir nos próximos dez anos. E que a produção precisará crescer 70% até 2050, para alimentar os 9,2 bilhões de pessoas que estarão no mundo nessa época. Ele alertou também para os crescentes compra e arrendamento de terras em outros países, por especuladores de fundos de alto risco de países industrializados.

Tudo acontece num cenário paradoxal. Um relatório da própria FAO assegura que um terço dos alimentos produzidos no mundo, cerca de 1,3 bilhão de toneladas anuais, se perde ou é desperdiçado. Os consumidores ricos desperdiçam 222 milhões de toneladas de frutas e hortaliças – tanto quanto a produção de alimentos na África.

E assim vamos no mundo dos paradoxos. A produção de alimentos cresce, sobem os preços, "commodities" transformam-se em garantia para investimentos, juntamente com a compra de terras em países mais pobres. Mas não se consegue sair de perto do número terrível de 1 bilhão de famintos no planeta, 40% da humanidade, vivendo abaixo da linha de pobreza. Trecho com adaptações do artigo de Washington Novaes. O Estado de S. Paulo, A2, Espaço Aberto, 1 de julho de 2011)

---

37. (FCC – TRT – 11ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2012) A ideia central do texto está explicitada em:

(A) O aumento do número de famintos nas regiões pobres do planeta exige atitudes de autoridades em relação ao comércio mundial de alimentos.

(B) A especulação econômica em torno de terras nos países em desenvolvimento põe em risco a produção de alimentos.

(C) A ação prioritária da FAO, órgão da ONU, estará voltada para a redução do número de pessoas que passam fome em todo o mundo.

(D) O aumento dos preços de alimentos decorrente da busca de lucros pelos países mais ricos agrava a fome em todo o planeta.

(E) O desperdício de alimentos, principalmente nos países ricos, é a razão primeira do aumento de preços em países mais pobres.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – A ideia central, normalmente, está no primeiro parágrafo (introdução) ou no último (conclusão) e, mais uma vez, foi o que a banca pediu: "será sua prioridade: enfrentar esse problema no mundo, para que até 2015 o número de carentes de alimentos no planeta, hoje em torno de 1 bilhão, se reduza à metade."

Nas outras alternativas, não há ideia principal, ou seja, para que o autor escreveu o texto? Qual a mensagem que pretendeu nos passar? Assim fica mais fácil entender.

Alternativa "a" - Errada. exige atitudes de autoridades em relação ao comércio mundial de alimentos.

Alternativa "b" - Errada. A especulação econômica em torno de terras nos países em desenvolvimento

Alternativa "d" - Errada. O aumento dos preços de alimentos decorrente da busca de lucros

Alternativa "e" - Errada. é a razão primeira do aumento de preços em países mais pobres.

---

38. (FCC – TRT – 11ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2012) O *cenário paradoxal* a que o autor alude no 2º parágrafo se estabelece entre

(A) o desperdício de alimentos nos países mais ricos e o incremento do comércio mundial, para atender a toda a população no planeta.

(B) a proteção dos países ricos aos seus estoques de alimentos e o aumento da produção em todo o mundo, alavancada por altos investimentos no setor agrícola dos países mais pobres.

(C) a especulação em torno da posse de terras para a agricultura nos países mais pobres e o protecionismo dos ricos à produção de alimentos, para controlar a alta dos preços no mercado internacional.

(D) a produção de alimentos nos países mais ricos que só cresce, em razão dos enormes investimentos no setor, e a luta dos países mais pobres para superar a falta de tecnologia na agricultura.

(E) o crescimento econômico e até mesmo o da produção de alimentos e os efeitos da fome que atinge grande parte da população mundial, que vive em extrema pobreza.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Paradoxo é contradição. Embora essa questão tenha gerado polêmica, a resposta é mesmo a alternativa e, pois **"A produção de alimentos cresce**, sobem os preços, "commodities" transformam-se em garantia para investimentos, juntamente com a compra de terras em países mais pobres. **Mas não se consegue sair de perto do número terrível de 1 bilhão de famintos no planeta**, 40% da humanidade, vivendo abaixo da linha de pobreza."

Alternativa "a" – Errada. O texto não fala nada sobre incremento do comércio mundial.

Alternativa "b" – Errada. Há ideias que não foram citadas no texto.

Alternativa "c" – Errada. *Não faz a relação entre o protecionismo e alta de preços.*

Alternativa "d" – Errada. O texto não fala sobre a falta de tecnologia nos países pobres nem do crescimento de produção nos países ricos no tempo presente.

Texto para as próximas questões:

Ainda que existam estudos modernos levantando a hipótese de que a tragédia grega teria tido sua origem em rituais fúnebres, danças mímicas de atores mascarados em homenagem a heróis mortos, a tese geralmente aceita é a de que nasceu dos cultos a Dionísios, deus do vinho e da fertilidade, das fontes da vida e do sexo.

Duas figuras merecem atenção na fase primitiva do teatro grego: um tirano, Pisístrato, e um ator, Téspis. O primeiro oficializou o culto a Dionísios, mandou organizar as festas dionisíacas urbanas e chamou Téspis para promovê-las anualmente. De forma competitiva, passaram a ser realizadas durante seis dias na primavera. Para muitos, Téspis foi o primeiro ator. E também o responsável por transformações decisivas na libertação da dramaturgia das amarras da poesia.

Aristóteles deixou-nos o primeiro documento básico de teoria teatral: Poética, dissecando a estrutura da tragédia e da comédia, caracterizando os gêneros e suas diferenças, explicando suas origens e analisando seus elementos. Estudando a poesia dramática em relação à lírica e à épica, acentua seu significado estético, cívico e moral. Para Aristóteles a arte é imitação da natureza; o drama é a imitação de ações, tendo por objetivo provocar compaixão e terror. A identificação do público com os personagens coloca o primeiro em estado de êxtase e assim poderá atingir a purgação dessas emoções. (Fragmento adaptado de Fernando Peixoto. O que é teatro, 4.ed., S.Paulo: Brasiliense, 1981, p.67 e 68)

---

39. (FCC – TRT – 11ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2012) Segundo o autor, o surgimento da tragédia grega,

(A) que se pensava estar ligado a Dionísios, passou a ser creditado a Aristóteles, autor da **Poética,** em que expõe a sua teoria teatral.

(B) não obstante a recuperação de nomes como os de Pisístrato e Téspis, permanece ainda uma verdadeira incógnita.

(C) em consenso finalmente obtido entre os estudiosos, relaciona-se aos cultos ao deus do vinho e das fontes da vida, Dionísios.

(D) em que pese a importância de Dionísios, tem sido com maior frequência vinculado aos rituais e encenações fúnebres em honra dos heróis.

(E) a despeito de divergência mais ou menos recente, costuma ser associado aos cultos a Dionísios, o deus do vinho e das fontes da vida.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – "a tese geralmente aceita é a de que nasceu dos cultos a Dionísios, deus do vinho e da fertilidade, das fontes da vida e do sexo."

Como já foi citado o trecho que cita o surgimento, eliminam-se as alternativas a, b, c e d.

---

40. (FCC – TRT – 11ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2012) O segmento cujo sentido está corretamente expresso em outras palavras é:

(A) *dissecando a estrutura* = aglutinando os elementos estruturais

(B) *libertação da dramaturgia* = extroversão dramática

(C) *purgação dessas emoções* = emancipação desses sentimentos

(D) *compaixão e terror* = piedade e pavor

(E) *levantando a hipótese* = auferindo a convicção

COMENTÁRIOS

Alternativa "d" – Correta.

⊙ Nota da autora: Questão de interpretação e semântica (significado das palavras).

Alternativa d: *compaixão* = piedade; *terror* = pavor.

Alternativa "a" – Errada. Dissecar = cortar em pedaços; aglutinar = reunir

Alternativa "b" – Errada. Libertação = liberdade; extroversão = qualidade de ser extrovertido

Alternativa "c" – Errada. Purgação = limpar, purificar; emancipação = ato de se libertar

Alternativa "e" – Errada. Hipótese = suposição; convicção = certeza

Texto para as próximas questões:

A ideia de uma dimensão humana da arte repousa numa concepção de humanidade que sofreu modificações ao longo do tempo. Não há muito, apenas o heroico, o mítico e o religioso eram admitidos na grande arte. A dignidade de um trabalho se media em parte pela importância de seu tema.

Com o tempo tornou-se claro que uma cena da vida cotidiana, uma paisagem ou natureza morta poderiam constituir uma grande pintura tanto quanto uma imagem da história ou do mito. Descobriu-se também que havia alguns valores profundos na representação de um motivo que não enfocasse o ser humano. Não me refiro apenas à beleza criada pelo domínio de forma e cor de que dispunha o pintor. A paisagem e a natureza morta também incorporavam a percepção emotiva do artista para com a natureza e as coisas, ou seja, a sua visão no sentido mais amplo. A dimensão humana da arte não está, portanto, confinada à imagem do ser humano. O homem também se mostra na relação com aquilo que o rodeia, nos seus artefatos e no caráter expressivo de todos os signos e marcas que produz. Esses podem ser nobres ou ignóbeis, alegres ou trágicos, passionais ou serenos. Podem ainda suscitar estados de espírito inomináveis, e mesmo assim, portadores de uma enorme força. (Fragmento de Meyer Schapiro, a dimensão humana da pintura abstrata. Trad. Betina Bischot, S.Paulo: Cosac & Naify, 2001, p. 7 e 8)

---

41. (FCC – TRT – 11ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2012) Segundo o autor, ao longo do tempo a pintura passou a incorporar temas que

(A) não se relacionam de modo algum com o homem e com a figura humana, como se dá com as naturezas mortas e as paisagens.

(B) envolvem a história, a religião e o mito, mesmo que não estejam diretamente relacionados com o homem e com a figura humana.

(C) não tratam diretamente do homem ou de suas grandes questões, muito embora acabem sempre por revelar algo do que é propriamente humano.

(D) trazem para o quadro cenas da vida cotidiana e paisagens naturais, a despeito de não propiciarem a realização de grandes obras de arte.

(E) sugerem a presença da figura humana no quadro tão somente pelo domínio que o pintor demonstra ao trabalhar com a forma e com a cor.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – "A dimensão humana da arte não está, portanto, confinada à imagem do ser humano. O homem também se mostra na relação com aquilo que o rodeia, nos seus artefatos e no caráter expressivo de todos os signos e marcas que produz."

Alternativa "a" – Errada. ***A paisagem e a natureza morta também incorporavam a percepção emotiva do artista*** *para com a natureza e as coisas.*

Alternativa "b" – Errada. "Peguinha": no enunciado, pede-se a incorporação de temas na pintura **ao longo do tempo** e não nos primórdios: "não há muito, apenas o mítico, o heroico e o religioso eram admitidos".

Alternativa "d" – Errada. "uma paisagem ou natureza morta poderiam constituir uma grande pintura, tanto quanto uma imagem da história ou do mito."

Alternativa "e" – Errada. Falta acrescentar a **percepção.**

Texto para a próxima questão:

Um dos mitos narrados por Ovídio nas Metamorfoses conta a história de Aglauros. A jovem é irmã de Hersé, cuja beleza extraordinária desperta o desejo do deus Hermes. Apaixonado, o deus pede a Aglauros que interceda junto a Hersé e favoreça os seus amores por ela; Aglauros concorda, mas exige em troca um punhado de moedas de ouro. Isso irritou Palas Atena, que já detestava a jovem porque esta a espionara em outra ocasião. Não admitia que a mortal fosse recompensada por outro deus; decide vingar-se, e a vingança é terrível: Palas Atena vai à morada da Inveja e ordena-lhe que vá infectar a jovem Aglauros.

A descrição da Inveja feita por Ovídio merece ser relembrada, pois serviu de modelo a todos os que falaram desse sentimento: "A Inveja habita o fundo de um vale onde jamais se vê o sol. Nenhum vento o atravessa; ali reinam a tristeza e o frio, jamais se acende o fogo, há sempre trevas espessas. A palidez cobre o seu rosto e o olhar não se fixa em parte alguma. Ela ignora o sorriso, salvo aquele que é excitado pela visão da dor alheia. Assiste com despeito aos sucessos dos homens, e este espetáculo a corrói; ao dilacerar os outros, ela se dilacera a si mesma, e este é seu suplício". (Adaptado de Renato Mezan. "A inveja". Os sentidos da paixão. São Paulo: Funarte e Cia. das Letras, 1987. p.124-25)

42. (FCC – TRT 6 – Técnico Judiciário – Área Administrativa/2012) Atente para as afirmações abaixo.

I. O autor sugere que se rememore a descrição da Inveja feita por Ovídio com base no fato de que antes dele nenhum autor de tamanha magnitude havia descrito esse sentimento de maneira inteligível.

II. A importância do mito de Aglauros deriva do fato de que, a partir dele, se explica de maneira coerente e lógica a origem de um dos males da personalidade humana.

III. Ao personificar a Inveja, Ovídio a descreve como alguém acometido por ressentimentos e condenado à infelicidade, na medida em que não tolera a alegria de outrem.

Está correto o que se afirma APENAS em

(A) I.

(B) I e II.

(C) I e III.

(D) II e III.

(E) III.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e" - Correta.

Item "I" - Errado: Autores já haviam falado sobre o tema.

Item "II" - Errado: Não é explicada, no texto, a origem da inveja.

Item "III" - Certo: Ideia citada no último parágrafo.

Atenção! A questão refere-se ao texto abaixo.

Em vida, Gustav Mahler (1860-1911), tanto por sua personalidade artística como por sua obra, foi alvo de intensas polêmicas – e de desprezo por boa parte da crítica. A incompreensão estética e o preconceito antissemita também o acompanhariam postumamente e foram raros os maestros que, nas décadas que se seguiram à sua morte, se empenharam na apresentação de suas obras. Durante os anos 60, porém, uma virada totalmente inesperada levou a obra de Mahler ao início de uma era de sucessos sem precedentes, que perdura até hoje. Intérpretes conhecidos e pesquisadores descobriram o compositor, enquanto gravações discográficas divulgavam uma obra até então desconhecida do grande público.

Há uma série de fatores envolvidos na transformação de Mahler em figura central da história da música do século XX. A visão de mundo de uma geração mais jovem certamente teve influência central aqui: o dilaceramento interior de Mahler, seu interesse pelos problemas fundamentais da existência humana, seu pacifismo, seu engajamento contra a opressão social e seu posicionamento em favor do respeito à integridade da natureza – tudo isso se tornou, subitamente, muito atual para a geração que nasceu no pós-guerra.

O amor incondicional de Mahler pela natureza sempre esteve presente em sua obra. O compositor dedicava inteiramente à criação musical os meses de verão, recolhendo - se em pequenas cabanas na paz dos Alpes austríacos. Em Steinbach, Mahler empreendia longas caminhadas que lhe proporcionaram inspiração para sinfonias.

Comparar a simplicidade espartana dessas casinhas com a enorme complexidade das obras ali criadas diz muito sobre a genialidade do compositor – e, sobretudo, sobre a real origem de sua musicalidade. Totalmente abandonadas e esquecidas na Áustria no pós-guerra, essas casinhas de Mahler hoje se transformaram em memoriais, graças à ação da Sociedade Internacional Gustav Mahler. O mundo onírico dos Alpes do início do século XX certamente voltará à memória de quem, tendo uma imagem desses despojados retiros musicais de Mahler, voltar a ouvir sua música grandiosa. (Adaptado: Klaus Billand. Gustav Mahler: a criação de um ícone. Revista 18. Ano IV, n. 15, março/abril/ maio de 2006, p. 52-53. <http.// www.cebrap.org.br/v1/upload/bibliotecavirtual/ GIANNOTTI_Tolerancia%20maxima.pdf> Acesso em: 22 dez. 2011)

43. (FCC – Técnico do Seguro Social – INSS/ 2012) Segundo o autor, o reconhecimento da grandeza artística de Mahler ao longo dos anos 60 deve-se, em larga medida,

(A) à beleza única de suas obras, para a qual contribuíram largamente o amor incondicional do compositor pelos sons e pela musicalidade da natureza.

(B) à harmonia do conjunto de sua obra, que, por sua simplicidade intrínseca, pôde ser amplamente compreendida pelas gerações seguintes.

(C) ao advento de uma geração cujos valores, apesar da distância temporal, correspondiam aos defendidos pelo compositor.

(D) ao reconhecimento, ainda que tardio, de sua originalidade por maestros e grandes intérpretes da música clássica com quem o compositor convivera.

(E) à ação de organizações culturais que se dispuseram a divulgar a obra do compositor, mesmo correndo o risco de sofrer represálias por parte do público.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Informação citada no segundo parágrafo e resumida na frase: *tudo isso se tornou, subitamente, muito atual para a geração que nasceu no pós-guerra.*

Alternativa "a" –Não cita sons e musicalidade da natureza.

Alternativa "b" –Não cita simplicidade, ao contrário: *incompreensão estética.*

Alternativa "d" –Nada garante que o compositor tenha convivido com grandes intérpretes.

Alternativa "e" –Não há menção alguma no texto sobre tais informações.

Texto para a próxima questão:

Isolados por opção

Imagens inéditas de índios supostamente isolados em meio à floresta amazônica recentemente chamaram a atenção de todo o mundo. O flagrante dos indígenas vivendo de forma primitiva na região fronteiriça entre o Brasil e o Peru foi divulgado como o novo registro visual de uma população que estaria até hoje sem contato direto com o homem branco. Porém, uma observação mais atenta das fotos deixou evidente a presença de utensílios modernos, como facões e panelas, entre as ferramentas usadas pelos índios. Logo, a polêmica estava criada.

Segundo Elias Bigio, responsável pela coordenação de Índios isolados da Fundação Nacional do Índio (FUNAI), a tribo em questão não pode ser descrita como intocada. "Não sabemos exatamente se eles adquiriram aqueles objetos por meio de coleta ou escambo com outros indígenas, mas certamente são índios com um passado traumático de confrontos com o homem branco", diz Bigio. "O que nós podemos afirmar é que eles estão isolados por opção e provavelmente fugiram do território peruano para se proteger do crescente avanço dos madeireiros". A exploração da madeira no país vizinho carece de fiscalização e é apontada por organizações não governamentais internacionais como uma das maiores ameaças ao bem-estar dos povos indígenas da região. (Adaptado de artigo de Paula Rocha. ISTOÉ, 9 de fevereiro de 2011, p. 67)

---

44. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 14/ 2011) De acordo com o texto,

(A) a tribo indígena recentemente encontrada está correndo grande risco ao ter os seus hábitos expostos e divulgados pelos meios de comunicação.

(B) o conflito com madeireiros peruanos é a provável causa de uma tribo indígena, flagrada em posse de utensílios modernos, estar isolada na floresta amazônica.

(C) o desmatamento excessivo da floresta amazônica fez com que certas tribos migrassem para regiões com mais disponibilidade de alimentos.

(D) a preocupação constante de organizações não governamentais tem evitado a extinção de algumas culturas indígenas que habitam a Amazônia.

(E) a floresta cerrada que separa os territórios brasileiro e peruano dificulta o acesso de algumas tribos à ajuda humanitária oferecida por organizações não governamentais.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Informações citadas nos trechos: uma observação mais atenta das fotos deixou evidente a presença de utensílios modernos, como facões e panelas, entre as ferramentas usadas pelos índios. "O que nós podemos afirmar é que eles estão isolados por opção e provavelmente fugiram do território peruano para se proteger do crescente avanço dos madeireiros".

Alternativa "a" – Errada. está correndo grande risco.

Alternativa "c" – Errada. tribos migrassem para regiões com mais disponibilidade de alimentos.

Alternativa "d" – Errada. tem evitado a extinção de algumas culturas indígenas que habitam a Amazônia.

Alternativa "e" – Errada. dificulta o acesso de algumas tribos à ajuda humanitária oferecida por organizações não governamentais.

Texto para as próximas questões:

O cenário é o luxuoso resort Four Seasons. Sua decoração sofisticada, com colunas de mármore, lustres monumentais de cristal e detalhes das escadarias em ouro, atiça os olhos do turista. Câmera em punho, o ímpeto de registrar o ambiente logo é interrompido por um dos funcionários. "É proibido fotografar os homens vestindo roupas brancas e as mulheres em trajes pretos", exclamou. Restrições desse tipo dentro de um hotel internacional são, no mínimo, estranhas aos olhos ocidentais. No entanto, quando o resort em questão está localizado em Doha, capital do Catar, ter cuidado com as fotos é apenas uma das milhares de regras e imposições a serem respeitadas na cidade.

Nas ruas, nos museus ou nos shoppings de Doha, sempre existe alguém para impedir os retratos.

E se você conseguir tirar uma foto escondido vai perceber as pessoas cuidadosamente tampando o rosto. Isso porque o Catar, país que acaba de ser eleito sede da Copa do Mundo de 2022, vive sob os preceitos da religião muçulmana. Lá, as mulheres não podem exibir seus rostos fora de suas residências e adotam as burcas como traje. As menos tradicionais se escondem apenas com lenços e véus. (Natália Mestre, "A cidade dos contrastes". ISTOÉ PLATINUM, n. 22, Dezembro/Janeiro 2011, p. 72)

---

45. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 4/ 2011) Compreende-se corretamente do texto:

(A) turistas do mundo ocidental estranham, mas os limites à atuação dos turistas nos hotéis internacionais de Doha são ínfimos, considerados os padrões dos países orientais.

(B) Doha é a única cidade do Catar onde há milhares de regras e imposições a serem respeitadas, entre elas as que definem o ato de fotografar.

(C) à exceção do que ocorre no interior de luxuosos hotéis, em Doha o turista pode tirar fotos, desde que furtivamente e dando aos fotografados tempo de tamparem o rosto.

(D) a exposição que o Catar recebeu na mídia depois de ter sido eleito sede da Copa do Mundo de 2022 fez que as normas da religião muçulmana se tornassem mais rigorosas.

(E) tanto as mulheres catarianas mais aferradas à herança cultural, quanto as menos, costumam observar o decoro preconizado pela religião que impera em seu estado.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Isso porque o Catar vive sob os preceitos da religião muçulmana. Lá, as mulheres não podem exibir seus rostos fora de suas residências e adotam as burcas como traje. As menos tradicionais se escondem apenas com lenços e véus.

Alternativa "a" – Errada. turistas do mundo ocidental estranham.

Alternativa "b" – Errada. Doha é a **única** cidade do Catar onde há milhares de regras e imposições a serem respeitadas.

Alternativa "c" – Errada. em Doha o turista pode tirar fotos.

Alternativa "d" – Errada. fez que as normas da religião muçulmana se tornassem mais rigorosas.

---

46. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 4/ 2011) No primeiro parágrafo,

(A) a particularização das colunas, dos lustres e das escadarias retifica a caracterização do resort feita anteriormente.

(B) emprega-se a expressão os olhos do turista tanto pelo estímulo provocado pela decoração, como pelo vínculo desta expressão com o tipo de registro mencionado.

(C) transpondo a frase o ímpeto de registrar o ambiente logo é interrompido por um dos funcionários para a voz ativa, obtém-se a forma verbal "interrompeu".

(D) o termo destacado em o ímpeto de registrar o ambiente logo é interrompido por um dos funcionários tem o mesmo sentido do sublinhado em "Logo em quem ele confiou!".

(E) a substituição da forma destacada em É proibido fotografar os homens vestindo roupas brancas por "que estão vestindo" não tornaria a frase mais clara.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b" – Correta.

○ Nota da autora: Questão de interpretação de texto, vozes verbais, período composto e semântica.

Alternativa "b" – correta: O cenário é luxuoso. O registro equivale à foto, por isso a comparação.

Alternativa "a" – Errada. Ratifica e não retifica.

Alternativa "c" – Errada. Um dos funcionários logo **interrompe** o ímpeto de registrar o ambiente.

Alternativa "d" – Errada. No primeiro caso, indica tempo; no segundo, é o sentido de *ainda mais quem.*

Sinônimos de **logo***: adv (lat loco)* **1** *Imediatamente, sem demora.* **2** *Após, depois, em seguida, no lugar imediato a outro na série.* **3** *Daqui a pouco, dentro em pouco, em breve. conj Por conseguinte, por consequência, por isso, portanto: Penso, logo existo. Logo cedo, pop: imediatamente. Logo, logo: a toda a pressa; com grande urgência. Logo mais: daqui a pouco, em breve. Logo que: assim que, quando. (Fonte: http://michaelis.uol.com.br).*

Alternativa "e" – Errada. A substituição é da oração subordinada adjetiva restritiva reduzida de gerúndio por uma oração desenvolvida, pois explicita o pronome relativo.

Texto para as próximas questões:

Nas décadas de 1930 e 40, enquanto eu crescia, o desenhista de quadrinhos ocupava um lugar na hierarquia cultural não muito inferior àquele ocupado pelo ator de cinema e pelo inventor. Walt Disney, Al Capp, Peter Arno – quem, agora, poderia con-

quistar tanta fama apenas com uma caneta de pena e um tinteiro? (John Updike. "A mágica dos quadrinhos". serrote: uma revista de ensaios, ideias e literatura. n. 2, jul 2009. São Paulo: Instituto Moreira Salles, p. 17) (Obs.: Al Capp e Peter Arno – cartunistas americanos contemporâneos de Walt Disney.

---

47. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 4/ 2011) No excerto acima, o autor

(A) favorece as lembranças de sua infância em prejuízo de considerações sobre os quadrinhos.

(B) recorre ao ator de cinema e ao inventor para demonstrar como desenhistas de quadrinhos foram sempre desconsiderados na cultura americana.

(C) manifesta que, embora com poucos recursos, os desenhistas de quadrinhos de sua infância fascinavam o público.

(D) vale-se de uma pergunta retórica para expressar sua crença: atualmente, quem não domina a alta tecnologia não consegue distrair a plateia.

(E) critica o lugar de destaque que, no século passado, era concedido aleatoriamente a atores de cinema e inventores.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – quem, agora, poderia conquistar tanta fama apenas com uma caneta de pena e um tinteiro?

Há a ideia de que, mesmo com poucos recursos, os desenhistas conquistavam respeito, chegando serem comparados com os astros de cinema daquela época.

Alternativa "a" – Errada. Não há prejuízo.

Alternativa "b" – Errada. desenhistas de quadrinhos foram sempre desconsiderados na cultura americana.

Alternativa "d" – Errada. quem não domina a alta tecnologia não consegue distrair a plateia.

Alternativa "e" – Errada. Não há crítica.

---

48. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 4/ 2011) Sobre o que se tem no excerto, é correto afirmar:

(A) Nas décadas de 1930 e 40 equivale a "Nas décadas precedentes".

(B) enquanto eu crescia marca o início da ação de "ocupar".

(C) Walt Disney, Al Capp, Peter Arno é sequência que descreve a hierarquia cultural citada, do posto mais elevado para o menos elevado.

(D) tanta caracteriza a reputação dos desenhistas citados, tal como percebida pelo autor.

(E) apenas denota que o autor deprecia a produção de muitos desenhistas de quadrinhos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Tamanha fama ou tão grande fama equivalem à boa reputação.

Alternativa "a" – Errada. Não antecede, apenas indica o tempo em que o autor crescia.

Alternativa "b" – Errada. Os dois verbos encontram-se no pretérito imperfeito do indicativo, logo são ações simultâneas.

Alternativa "c" – Errada. Não indica a sequência do posto mais elevado para o menos elevado.

Alternativa "e" – Errada. Não ocorre depreciação.

Texto para a próxima questão:

▸ *(ed, dc) 1. Lista de retificação de erros que saíram impressos em uma publicação. A errata é geralmente impressa em página separada (colada no início ou no fim do exemplar, ou simplesmente encartada solta) e em papel diferente do que foi usado na publicação. Traz a indicação de erros, o número das páginas onde se encontram e as formas corrigidas. Alguns profissionais distinguem errata de corrigenda: este último termo, no caso, é aplicado para erros redacionais ou de conteúdo, ao passo que errata diz respeito principalmente a erros de composição ou de montagem, que escaparam aos revisores e saíram impressos na publicação. 2. Cada um dos erros relacionados nessa lista. (Carlos Alberto Rabaça e Gustavo Guimarães Barbosa. Dicionário de comunicação. 2. ed. rev. e atualizada. Rio de Janeiro: Elsevier, 2001, p. 276)*

II. O dicionário de onde foi extraído o verbete acima contém uma página com o título CONVENÇÕES UTILIZADAS NESTA OBRA, e nela se lê:

1) ***Áreas e acepções.*** *Este dicionário inclui definições em 23 áreas, indicadas da seguinte forma:*

- *(av) recursos audiovisuais*
- *(cn) cinema*
- *(co) teoria da comunicação*
- *(dc) documentação*
- *(ed) editoração, artes gráficas etc.*

---

49. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 4/ 2011) Considerado o que se tem em I e II, a ÚNICA afirmação INCORRETA é:

(A) Retificações de textos publicados podem estar relacionadas tanto a questões de redação e de conteúdo, quanto a erros tipográficos que passam despercebidos aos revisores do material a ser impresso.

(B) Há como entender a palavra "errata" em sentido mais amplo, e em sentido mais restrito; no primeiro caso, refere-se a qualquer tipo de erro numa publicação, e no segundo, somente aos erros de composição ou de montagem.

(C) É legítima a inferência de que a palavra corrigenda pode ser usada fora do específico campo da editoração.

(D) Embora se admitam variações na composição da errata, é obrigatório que seja impressa em papel diferente do usado na obra a que se refere e circule separado dela.

(E) É legítima a inferência de que consulta a dicionário com vistas ao adequado entendimento de uma palavra num texto envolve a consulta, inclusive, ao modo como esse dicionário foi organizado.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – O erro está no adjetivo **obrigatório**, já que no texto se afirma que **geralmente** a errata é impressa em página separada.

Alternativa "a" – Errada. Traz a indicação de erros, o número das páginas onde se encontram e as formas corrigidas; erros de composição ou de montagem, que escaparam aos revisores e saíram impressos na publicação.

Alternativa "b" – Errada. Através da seguinte informação, chega-se à conclusão de que a informação está correta: Alguns profissionais distinguem errata de corrigenda: *este último termo, no caso, é aplicado para erros redacionais ou de conteúdo, ao passo que errata diz respeito principalmente a erros de composição ou de montagem, que escaparam aos revisores e saíram impressos na publicação.*

Alternativa "c" – Errada. corrigenda: é aplicado para erros redacionais ou de conteúdo.

Alternativa "e" – Errada. Sim, por isso o exemplo de **1. Áreas e acepções.**

Texto para as próximas questões:

Após a década de 1950, as palavras que dominavam as sociedades de consumo ocidentais não eram mais as de escritores seculares, mas as marcas comerciais de produtos ou do que se podia comprar. As imagens que se tornaram ícones de tais sociedades eram as das diversões e consumo de massa: astros e latas. Não surpreende que na década de 1950, no coração da democracia de consumo, a principal escola de pintores abdicasse diante de fabricantes de imagens tão mais poderosas que a arte anacrônica. A arte pop passava o tempo reproduzindo, com tanta exatidão e insensibilidade quanto possível, os badulaques do comercialismo americano: latas de sopa, bandeiras, Marilyn Monroe.

Insignificante como arte (no sentido que o século XIX deu à palavra), essa corrente, apesar disso, reconhecia que o triunfo do mercado de massa se baseava, de modo bastante profundo, na satisfação das necessidades tanto espirituais quanto materiais dos consumidores, fato do qual as agências de publicidade há muito tinham consciência quando destinavam suas campanhas a vender não o sabonete, mas o sonho de beleza, não as latas de sopa, mas a felicidade familiar. O que se tornou cada vez mais claro foi que isso tinha o que se podia chamar de uma dimensão estética, uma criatividade de base, ocasionalmente ativa mas sobretudo passiva, que os produtores tinham de competir para oferecer. Como dizia o populismo partilhado pelo mercado, o importante não era distinguir entre bom e ruim, elaborado e simples, mas no máximo entre o que atraía mais ou menos pessoas. Isso não deixava muito espaço para o clássico conceito das artes. (Adaptado de Eric Hobsbawm. Era dos Extremos. Trad. Marcos Santarrita. São Paulo, Cia. das Letras, 2006, p. 496)

---

50. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 23/ 2011) No texto, o autor

(A) opõe técnicas de convencimento especializadas do meio publicitário à falta de respostas adequadas por parte dos consumidores.

(B) enaltece a criatividade que surge com o desenvolvimento da sociedade de consumo, criticando a sociedade estagnada do século XIX.

(C) elogia a nova força de comunicação das imagens produzidas pela arte pop, capazes de vender sonhos e produtos a um só tempo.

(D) analisa a produção de campanhas políticas na sociedade capitalista da segunda metade do século XX.

(E) demonstra que a consolidação da sociedade de consumo no século XX foi acompanhada de mudanças significativas no campo da arte.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Não surpreende que na década de 1950, no coração da democracia de consumo, a principal escola de pintores abdicasse diante de fabricantes de imagens tão mais poderosas que a arte anacrônica.

Alternativa "a" – Errada. opõe técnicas de convencimento especializadas do meio publicitário.

Alternativa "b" - Errada. criticando a sociedade estagnada do século XIX.

Alternativa "c" - Errada. elogia a nova força de comunicação das imagens produzidas pela arte pop

Alternativa "d" - Errada. analisa a produção de campanhas políticas na sociedade capitalista.

---

51. (FCC - Técnico Judiciário - TRT 23/ 2011) Leia atentamente as afirmações abaixo.

I. Os segmentos sonho de beleza e felicidade familiar ilustram e exemplificam as necessidades espirituais dos consumidores (2° parágrafo) apontadas pelo autor.

II. Segundo o autor, as imagens de astros, como Marilyn Monroe, e as de latas de sopa se transformaram em símbolos das sociedades ocidentais voltadas para o entretenimento e o consumo de massa.

III. No segmento colocado entre parênteses no início do segundo parágrafo, o autor omite a palavra arte, que no entanto está subentendida.

Está correto o que se afirma em

(A) I, II e III.

(B) II, apenas.

(C) I e III, apenas.

(D) I, apenas.

(E) II e III, apenas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a" - Correta.

Item "I" - Certo: o mercado de massa se baseava na satisfação das necessidades tanto espirituais, quanto materiais dos consumidores (a compra do sabonete e das latas de sopa, já as de ordem espiritual, seriam o sonho de beleza e a felicidade familiar).

Item "II" - Certo: O que dominavam as sociedades de consumo ocidentais após a década de 50 eram as marcas comerciais de produtos ou o que se podia comprar. As imagens que se tornaram ícones eram a das diversões e o consumo de massa, no caso, Marilyn Monroe era um símbolo ligado ao entretenimento e as latas de sopa, ao consumo de massa.

Item "III" - Certo: Consideravam a arte **pop** insignificante, mas reconheceram o seu triunfo.

Texto para as próximas questões:

Pergunta: Por que o senhor acha que Cem anos de solidão fez tanto sucesso?

Garcia Marquez: Não tenho a menor ideia, sou um péssimo crítico de meus próprios trabalhos.

Pergunta: Por que acha que a fama é destrutiva para um escritor?

García Marquez: Primeiro, porque ela invade sua vida particular. Acaba com o tempo que você passa com amigos e com o tempo em que você pode trabalhar. Tende a isolar você do mundo real.

Pergunta: O senhor já pensou em fazer filme? García Marquez: Houve uma ocasião em que desejava ser diretor de cinema. Sentia que o cinema era um meio de comunicação que não tinha limites, no qual tudo era possível. Mas há uma grande limitação no cinema pelo fato de que ele é uma arte industrial. É muito difícil expressar no cinema o que você realmente quer dizer. Entre ter uma companhia cinematográfica e um jornal, eu escolheria um jornal.

[...]

Pergunta: Ouvi falar de uma famosa entrevista com um marinheiro que havia sofrido um naufrágio.

García Marquez: Não foi com perguntas e respostas. O marinheiro apenas contou suas aventuras e eu as reescrevi, tentando usar as palavras dele, na primeira pessoa, como se fosse ele quem estivesse escrevendo. Quando o trabalho foi publicado, na forma de uma série de reportagens em um jornal, uma parte por dia, durante duas semanas, foi assinado pelo marinheiro e não por mim. Só vinte anos depois a reportagem foi publicada em livro e as pessoas descobriram que havia sido escrita por mim. Nenhum editor de texto percebeu que ela era boa, até eu escrever Cem anos de solidão. (Adaptado de Peter M. Stone. Os escritores, 2: as históricas entrevistas da Paris Review. Trad. Cecília C. Bartalotti. São Paulo: Cia. das Letras, 1989, p. 326 e pp.340-341)

---

52. (FCC - Técnico Judiciário - TRT 23/ 2011) Nenhum editor de texto percebeu que ela era boa, até eu escrever Cem anos de solidão.

Com a afirmação acima, García Marquez

(A) lamenta o fato de que as editoras em geral não tenham interesse em publicar as obras da juventude de um autor.

(B) critica, de maneira geral, a tendência de editores de valorizar uma obra de acordo com a notoriedade do autor.

(C) deixa claro o desconforto com as opiniões da crítica a respeito de suas obras, ainda que por vezes sejam favoráveis.

(D) demonstra constrangimento em relação à publicação de uma entrevista escrita em sua juventude.

(E) ironiza o fato de que romances sejam tidos pelo mercado editorial como superiores a bons textos jornalísticos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – O marinheiro apenas contou suas aventuras e eu as reescrevi, tentando usar as palavras dele, na primeira pessoa, como se fosse ele quem estivesse escrevendo. Quando o trabalho foi publicado, na forma de uma série de reportagens em um jornal, uma parte por dia, durante duas semanas, foi assinado pelo marinheiro e não por mim. Só vinte anos depois a reportagem foi publicada em livro e as pessoas descobriram que havia sido escrita por mim. Nenhum editor de texto percebeu que ela era boa, até eu escrever Cem anos de solidão.

Alternativa "a" – Errada. Não há lamentação.

Alternativa "c" – Errada. O autor apenas afirma que é péssimo para criticar seus próprios trabalhos.

Alternativa "d" – Errada. No texto não é citada a **juventude**.

Alternativa "e" – Errada. Não há comparação entre romances e textos jornalísticos.

---

53. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 23/ 2011) *"Só vinte anos depois a reportagem foi publicada em livro e as pessoas descobriram que havia sido escrita por mim".* Considerando-se o contexto, a frase acima está corretamente reescrita, preservando-se em linhas gerais o sentido original, em:

(A) Foi vinte anos após a reportagem ser publicada em livro, quando se descobriu que eu lhe havia escrito.

(B) Passados vinte anos de quando publicaram a reportagem em livro é que descobriram que eu a escrevi.

(C) Há vinte anos, depois de se publicarem a reportagem em livro, foi descoberto pelas pessoas que eu é que escrevera.

(D) Vinte anos mais tarde, publicaram a reportagem em livro e descobriu-se que eu é que a escrevera.

(E) Apenas vinte anos depois publicaram-se a reportagem em livro, descobrindo que eu é que a escrevi.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Dividindo as informações: Só vinte anos depois = Apenas vinte anos depois; a reportagem foi publicada em livro = publicaram a reportagem em livro; as pessoas descobriram que havia sido escrita por mim = descobriu-se que eu é que a escrevera.

Alternativa "a" – Errada. Além de não haver clareza, há erro: eu **o** havia escrito.

Alternativa "b" – Errada. Sem clareza.

Alternativa "c" – Errada. Mudou a informação temporal.

Alternativa "e" – Errada. Sem clareza e faltou vírgula após a locução adverbial de tempo apenas vinte anos depois.

Texto para as próximas questões:

O cangaço está nas telas de nossos maiores artistas, rendeu filmes premiados, personagens de livros clássicos, e se mantém como fonte de estudo e paixão. A riqueza do fenômeno parece sem fim. O historiador Frederico Pernambucano de Mello prova isso ao esquadrinhar um aspecto original do fenômeno. Em seu livro Estrelas de Couro – A estética do cangaço, apresenta uma abordagem do visual do cangaceiro, adornado e caracterizado com detalhes capazes de ombreá-lo a um cavaleiro medieval europeu ou a um guerreiro samurai. Oferece ideias bem estruturadas sobre a razão das moedas de prata e ouro pregadas no chapéu, do desenho costurado na roupa e de outras minúcias.

As roupas, acessórios, calçados e armas dos cangaceiros não tinham função única. Sob a análise do historiador, esse personagem surge supersticioso. Presas a seu corpo, ele levava diferentes orações com a função de protegê-lo. Objetivo semelhante tinham os símbolos com os quais enfeitava o chapéu, como o signo de Salomão, que reunia a ideia de poder, de proteção, de devolver as ofensas.

A roupa cheia de metais, espelhos e multicores não era um traje de camuflagem, muito ao contrário. Essa característica do cangaceiro, analisa o autor, mostra o caráter arcaico do homem ligado ao sobrenatural, às coisas da vida e da morte. É um traço presente em outras manifestações de arte popular ligadas à divindade. "Os ex-votos, por exemplo, são peças que servem de pagamento à graça alcançada. A carranca do rio São Francisco, vendida em sacos de estopa para que o dono da embarcação não a visse, serve como um abre-caminhos, um protetor contra os malefícios que poderiam estar a cada dobra do rio", explica o historiador. (Celso Calheiros, CartaCapital, 29 de outubro de 2010, p. 7071, com adaptações).

---

54. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 23/ 2011) A ideia principal do texto é:

(A) A arte popular assim como os movimentos de bandos armados têm suas origens atreladas a um poder divino e miraculoso, sob a forma de ex-votos.

(B) Para o estudioso do cangaço, a ingenuidade que marca as atitudes religiosas dos cangaceiros levava-os a imaginar perigos em toda parte.

(C) Historiador atribui, entre outros, papel de proteção aos adereços utilizados pelos cangaceiros, em razão de um misticismo primitivo ligado às forças mágicas do sobrenatural.

(D) Os cangaceiros se valiam rotineiramente do costume popular de oferecer ex-votos à divindade, como pagamento pela proteção recebida.

(E) Bem-sucedido movimento de luta dos marginalizados pela igualdade social, o cangaço permanece vivo no imaginário popular brasileiro.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Essa característica do cangaceiro, analisa o autor, mostra o caráter arcaico do homem ligado ao sobrenatural, às coisas da vida e da morte. É um traço.presente em outras manifestações de arte popular ligadas à divindade.

Alternativa "a" – Errada. têm suas origens atreladas a um poder divino e miraculoso, sob a forma de ex-votos.

Alternativa "b" – Errada. levava-os a imaginar perigos em toda parte.

Alternativa "d" – Errada. Os cangaceiros se valiam **rotineiramente** do costume popular de oferecer ex-votos à divindade.

Alternativa "e" – Errada. Bem-sucedido movimento de luta dos marginalizados pela igualdade social.

---

55. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 23/ 2011) O historiador Frederico Pernambucano de Mello prova isso ao esquadrinhar um aspecto original do fenômeno. (1º parágrafo)

Com o emprego do pronome grifado acima faz-se referência ao fato de que é possível

(A) mostrar, a partir da análise de adereços usados pelos cangaceiros, tais como as moedas de ouro e prata que enfeitavam sua vestimenta, a riqueza de que desfrutavam.

(B) considerar que, apesar dos reais perigos enfrentados pelos cangaceiros, eles se consideravam protegidos com o uso de símbolos místico-religiosos.

(C) utilizar aspectos que motivaram o surgimento do cangaço como criação artística bastante diversificada, porém devidamente reconhecida e premiada.

(D) comprovar que os cangaceiros, apesar de sua rudeza, se comportavam como cavaleiros extremamente educados e de ética irrepreensível.

(E) descobrir novas formas de analisar o cangaço e os cangaceiros, por tratar-se de um assunto que fornece dados sempre capazes de surpreender.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – A dica está no pronome demonstrativo anafórico **isso** (retoma ideia do período anterior): A riqueza do fenômeno parece sem fim.

Alternativa "a" – Errada. mostrar a riqueza de que desfrutavam.

Alternativa "b" – Errada. apesar dos reais perigos enfrentados pelos cangaceiros.

Alternativa "c" – Errada. utilizar aspectos que motivaram o surgimento do cangaço.

Alternativa "d" – Errada. os cangaceiros se comportavam como cavaleiros extremamente educados e de ética irrepreensível.

---

56. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 23/ 2011) Os ex-votos e a carranca do rio São Francisco, no último parágrafo, apontam para

(A) a prática de pessoas que, em sua simplicidade, tentam obter favores de forças divinas para se tornarem poderosas.

(B) o comportamento supersticioso daqueles que veem o poder divino como fonte de proteção em todos os momentos de sua vida.

(C) as péssimas condições de vida de uma região brasileira, em determinada época, que levavam as pessoas a se valerem de dons sobrenaturais para sobreviver.

(D) o fato de que a arte popular brasileira pode manifestar-se sob aspectos múltiplos e variados, independentes de crenças religiosas.

(E) uma atitude contrária à lei e à moral, associada popularmente aos bandos de cangaceiros por todos aqueles que estavam expostos a seus ataques.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Trecho do texto que se confirma a afirmação: *mostra o caráter arcaico do homem ligado ao sobrenatural, às coisas da vida e da morte. É um traço presente em outras manifestações de arte popular ligadas à divindade.*

Alternativa "a" – Errada. a prática de pessoas (fala-se do cangaceiro).

Alternativa "c" - Errada. que levavam as pessoas a se valerem de dons sobrenaturais para sobreviver.

Alternativa "d" - Errada. independentes de crenças religiosas.

Alternativa "e" - Errada. uma atitude contrária à lei e à moral.

---

57. (FCC - Técnico Judiciário - TRT 23/2011) ... apresenta uma abordagem do visual do cangaceiro, adornado e caracterizado com detalhes capazes de **ombreá-lo a** um cavaleiro medieval europeu ou a um guerreiro samurai. (1° parágrafo)

O segmento grifado na frase acima pode ser substituído, mantendo-se o sentido e a correção, por:

(A) visualizar o cangaceiro como.

(B) mostrar elementos semelhantes em.

(C) fazer sombra à aparência de.

(D) equiparar o visual do cangaceiro ao de.

(E) preparar o cangaceiro nas mesmas condições de.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta - Ombrear é equiparar, igualar. Equiparar algo ao de algo.

Os vocábulos mencionados nas alternativas a, b, c e e não possuem relação ao campo semântico de **ombrear.**

Segundo o dicionário Michaelis:

1. Pôr ao ombro: Ombrear o fuzil. vti e vpr 2. Pôr-se ombro a ombro com: Somente em vésperas de eleição ombreiam (ou: ombreiam-se) os políticos com o povo. vti e vpr. 3. Equiparar-se, igualar-se; pôr-se em paralelo com: Já ombreava (ou: se ombreava) o discípulo com o mestre.

---

58. (FCC - Técnico Judiciário - TRT 23/2011) O compositor Paulo César Pinheiro não consegue nem faz questão de explicar direito, em prosa, de onde vem sua capacidade de criação, e diz:

A música me ama, ela me deixa fazê-la. A música é uma estrela, deitada na minha cama. Ela me chega sem jeito, quase sem eu perceber. Quando me dou conta e vou ver, ela já entrou no meu peito. No que ela entra, a alma sai, fica meu corpo sem vida. Volta depois comovida, e eu nunca soube onde vai. Meu olho dana a brilhar. Meu dedo corre o papel, e a voz repete o cordel que se derrama do olhar. Fico algum tempo perdido até me recuperar, quase sem acreditar se tudo teve sentido. A música parte e eu desperto pro mundo cruel que aí está. Com medo de ela não mais voltar. Mas ela está sempre por perto. Nada que existe é mais forte, e eu quero aprender-lhe a medida de como compõe minha vida, que é para eu compor minha morte. (Do disco Parceria, gravado em 1994, com João Nogueira. Paulo Donizetti de Souza. Entrevista com Paulo César Pinheiro in Revista do Brasil, outubro de 2010, p. 33)

É correto deduzir do texto que, para o compositor,

(A) o ato de criação é inexplicável, pois em um mundo cheio de problemas, como o da crueldade humana, não é possível imaginar a harmonia sonora de uma canção.

(B) a inspiração musical, por tratar-se de algo que vem do nada e de forma totalmente inesperada, acaba se traduzindo na total perda da identidade de seu criador.

(C) a percepção de uma sensibilidade voltada para a criação musical está sempre associada ao estranhamento que envolve a previsibilidade da morte.

(D) as músicas surgem em uma espécie de transe e brotam naturalmente, sem que ele possa exercer um maior controle sobre aquilo que cria.

(E) a criação de músicas corresponde a uma ilusão praticamente sem sentido lógico, mesclada com o sofrimento físico que vem interromper seu sono.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta - Trechos: Ela me chega sem jeito, quase sem eu perceber. Quando me dou conta e vou ver, ela já entrou no meu peito. No que ela entra, a alma sai, fica meu corpo sem vida. Meu dedo corre o papel, e a voz repete o cordel que se derrama do olhar. Fico algum tempo perdido até me recuperar, quase sem acreditar se tudo teve sentido. Nada que existe é mais forte.

Alternativa "a" - Errada. em um mundo cheio de problemas, como o da crueldade humana.

Alternativa "b" - Errada. a inspiração musical acaba se traduzindo na **total perda** da identidade de seu criador.

Alternativa "c" - Errada. está sempre associada ao estranhamento que envolve a previsibilidade da morte.

Alternativa "e" - Errada. mesclada com o sofrimento físico que vem interromper seu sono.

Texto para a próxima questão:

O vento

Queria transformar o vento.

Dar ao vento uma forma concreta e apta a foto.

Eu precisava pelo menos de enxergar uma parte física do vento: uma costela, o olho...

Mas a forma do vento me fugia que nem as formas de uma voz.

Quando se disse que o vento empurrava a canoa do índio para o barranco.

Imaginei um vento pintado de urucum a empurrar a canoa do índio para o barranco.

Mas essa imagem me pareceu imprecisa ainda.

Estava quase a desistir quando me lembrei do menino montado no cavalo do vento – que lera em Shakespeare.

Imaginei as crinas soltas do vento a disparar pelos prados com o menino.

Fotografei aquele vento de crinas soltas.

(Manoel de Barros. Ensaios fotográficos, in Poesia completa. São Paulo: Leya, 2010, p. 384-385)

---

59. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 23/ 2011) Considere as afirmativas seguintes:

I. Torna-se tarefa impossível obter imagens precisas de elementos da natureza, porque se manifestam de forma abstrata.

II. A impressão estética resultante da cena do menino e do cavalo, marcada pela velocidade, permite concretizar a imagem de algo imponderável, como o vento.

III. Somente um autor consagrado, como Shakespeare, é capaz de criar uma imagem concreta a partir de sensações de origem abstrata.

Está correto o que consta APENAS em

(A) I.

(B) II.

(C) III.

(D) I e II.

(E) II e III.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b" – Correta.

Item "I" – Errado: Não são todos os elementos da natureza que se manifestam de forma abstrata.

Item "II" – Certo: O exemplo são as crinas: Imaginei as crinas soltas do vento a disparar pelos prados com o menino.

Item "III" – Errado: Não **somente** Shakespeare.

Texto para as próximas questões:

A internet produziu transformações espetaculares na sociedade na última década, mas a mais profunda só agora começa a ser estudada pela ciência. A facilidade e a rapidez com que se encontram informações na rede, sobre qualquer assunto e a qualquer hora, podem provocar alterações nos processos de cognição do cérebro.

Até a popularização da web, as principais fontes de conhecimento com que todos contavam eram os livros e, evidentemente, a própria memória do que se aprende ao longo da vida. A internet mudou esse panorama: a leitura em profundidade foi substituída pela massa de informações, em sua maioria superficiais, oferecidas pelos sites de buscas, blogs e redes de relacionamento. A memória, por sua vez, perdeu relevância – para que puxar pela cabeça para se lembrar de um fato ou do nome de uma pessoa se essas informações estão disponíveis no Google, a dois toques do mouse? Quanto mais dependemos dos sites de busca para adquirir ou relembrar acontecimentos, mais nosso cérebro se parece com um computador obsoleto que necessita de uma memória mais potente.

Na frase genial do cientista brasileiro Miguel Nicolelis, "o cérebro é uma orquestra sinfônica em que os instrumentos vão se modificando à medida que são tocados". Dificilmente alguém conseguirá explicar essa plasticidade com uma imagem mais exata e intrigante. Imagine-se um violino cerebral que, tocado de forma medíocre por anos a fio, vai se transformando aos poucos em um berimbau. Ou um piano martelado por um músico de uma nota só que, ao fim e ao cabo, vira um bumbo.

Pode, com o passar do tempo, a facilidade de estocagem e recuperação de virtualmente qualquer tipo de informação atrofiar os instrumentos da orquestra cerebral humana especializados na busca e seleção de informações? É uma nova linha de investigação científica, que tem um grande futuro pela frente. (Alexandre Salvador e Filipe Vilicic. Veja, 20 de julho, 2011, pp. 87-88, com adaptações).

---

60. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 20/ 2011) De acordo com o texto,

(A) o cérebro humano, atualmente submetido a uma multiplicidade de estímulos virtuais, tem se mostrado capaz, pelo próprio processo evolutivo, de assimilar sempre novas informações.

(B) a quantidade de informações oferecidas pela internet deverá ampliar a capacidade de armazenamento inerente ao cérebro humano, bem além do conteúdo oferecido pelos livros.

(C) os cientistas estão se voltando para pesquisas sobre o impacto que a internet, com as facilidades trazidas pela divulgação de informações, pode provocar no funcionamento do cérebro humano.

(D) a relação entre a memória e as informações recebidas pela internet tem sido desvendada por estudiosos interessados no funcionamento do cérebro humano.

(E) os pesquisadores partem, em seus estudos, da possível ampliação da capacidade cerebral em razão do acúmulo de informações constantes e acessíveis, sempre à disposição na internet.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – É uma nova linha de investigação científica, que tem um grande futuro pela frente.

Alternativa "a" – Errada. o cérebro humano tem se mostrado capaz, **pelo próprio processo evolutivo**, de assimilar sempre novas informações.

Alternativa "b" – Errada. deverá ampliar a capacidade de armazenamento inerente ao cérebro humano.

Alternativa "d" – Errada. tem sido desvendada por estudiosos interessados no funcionamento do cérebro humano.

Alternativa "e" – Errada. partem da possível ampliação da capacidade cerebral em razão do acúmulo de informações constantes e acessíveis.

---

61. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 20/2011) Conclui-se corretamente do texto que

(A) a impossibilidade de controlar o afluxo de informações oferecidas pela internet dificulta o prosseguimento de estudos sobre o funcionamento do cérebro humano.

(B) o cérebro é uma estrutura que deve ser submetida a desafios, ou seja, a novos estímulos, para ampliar sua prontidão e eficiência no domínio do conhecimento.

(C) a facilidade com que se obtêm informações variadas e em maior quantidade na internet beneficia o funcionamento do cérebro, por estender o interesse a diferentes áreas do conhecimento.

(D) o intricado funcionamento cerebral impede a exata e correta avaliação de como se processam o aprofundamento e a assimilação das diversas informações recebidas.

(E) a ciência atual vem descobrindo métodos que permitem avaliar adequadamente a forma como o cérebro humano assimila as novas informações obtidas pela internet.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – "o cérebro é uma orquestra sinfônica em que os instrumentos vão se modificando à medida que são tocados". Pode, com o passar do tempo, a facilidade de estocagem e recuperação de virtualmente qualquer tipo de informação atrofiar os instrumentos da orquestra cerebral humana especializados na busca e seleção de informações?

Alternativa "a" – Errada. dificulta o prosseguimento de estudos sobre o funcionamento do cérebro humano.

Alternativa "c" – Errada. beneficia o funcionamento do cérebro.

Alternativa "d" – Errada. o intricado funcionamento cerebral impede a exata e correta avaliação.

Alternativa "e" – Errada. a ciência atual vem descobrindo métodos que permitem avaliar.

---

62. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 20/ 2011) Em relação ao último parágrafo, é correto afirmar que:

(A) Constitui a síntese de todo o texto, ao colocar uma questão, ainda sem resposta, como início da pesquisa a que se propõem os cientistas voltados para o estudo das funções cerebrais submetidas à influência da internet.

(B) Contém, em linhas gerais, a resposta provável a partir das dúvidas colocadas nos parágrafos anteriores, sujeita, portanto, à verificação científica, por meio da facilidade e da rapidez oferecidas pela internet.

(C) Somente nele é que fica evidente para o leitor o assunto abordado desde o início no texto, sem que, entretanto, seja possível obter-se uma resposta satisfatória e conclusiva para a questão ali colocada.

(D) Conclui corretamente que a conceituação das funções cerebrais será sempre imprecisa, em comparação com uma orquestra cuja perfeição dificilmente será atingida se não houver músicos capacitados, devidamente treinados.

(E) Torna-se repetitiva e, portanto, desnecessária a questão que ali se coloca, pois a resposta está devidamente exposta no próprio desenvolvimento dos parágrafos anteriores, que tratam da capacidade cerebral em processar informações.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – O autor, na conclusão, sintetiza o que foi escrito e deixa um questionamento.

Alternativa "b" – Errada. Contém a resposta provável.

Alternativa "c" – Errada. sem que, entretanto, seja possível obter-se uma resposta satisfatória e conclusiva para a questão ali colocada.

Alternativa "d" - Errada. Conclui corretamente que a conceituação das funções cerebrais será **sempre** imprecisa

Alternativa "e" - Errada. Torna-se repetitiva e, portanto, **desnecessária** a questão que ali se coloca.

---

63. (FCC - Técnico Judiciário - TRT 20/ 2011) O segmento em que se identifica uma opinião pessoal e não apenas uma informação, é:

(A) A facilidade e a rapidez com que se encontram informações na rede, sobre qualquer assunto e a qualquer hora, podem provocar alterações nos processos de cognição do cérebro.

(B) Até a popularização da web, as principais fontes de conhecimento com que todos contavam eram os livros...

(C) A internet mudou esse panorama...

(D) Ou um piano martelado por um músico de uma nota só que, ao fim e ao cabo, vira um bumbo.

(E) Dificilmente alguém conseguirá explicar essa plasticidade com uma imagem mais exata e intrigante.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta - O uso de adjetivos demonstra o tom de subjetividade ao texto (exata, intrigante).

Nas alternativas a, b, c e d não há marcas subjetivas, mas sim objetivas.

Texto para as próximas questões:

De acordo com a Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) a oferta mundial de alimentos precisa crescer cerca de 20%. A expectativa é de que o Brasil tenha de arcar com 40% desse aumento. Para isso, terá dois caminhos: incorporar novas áreas ou ampliar a produtividade.

Embora domine as técnicas mais modernas, na média, a produtividade da agropecuária brasileira ainda está distante de alcançar seu pleno potencial. Em alguns casos, sobretudo na pecuária, ostenta índices medíocres. Grosso modo, as pastagens brasileiras possuem uma unidade animal por hectare. "Sem qualquer esforço sobrenatural, adotando-se uma tecnologia média e bastante acessível, o país poderia dobrar esse número" afirma José Vicente Ferraz, diretor-técnico da Informa Economics FNP, uma das mais respeitadas consultorias do setor. "Com a metade do rebanho brasileiro, os Estados Unidos produzem 50% mais carne", compara o especialista.

Para Ferraz, a ampla disponibilidade de terras, somada à baixa formação técnica e à escassez de capital, desestimulam o pecuarista a investir. "O investimento visa a poupar um fator de produção, neste caso, a terra. Se sobram terras baratas, esse investimento muitas vezes não se justifica do ponto de vista estritamente econômico."

O ex-ministro da Agricultura, Roberto Rodrigues, afirma que os ganhos da produtividade na pecuária poderiam liberar terras suficientes para dobrar a área plantada com alimentos, "sem derrubar uma única árvore". "Além disso, o Brasil ainda pode aumentar muito a produtividade de grãos, como o milho, o trigo e o feijão", afirma. Rodrigues sustenta, porém, que faltam políticas públicas capazes de assegurar a incorporação de tecnologia no campo, especialmente entre os pequenos. "As margens da agricultura são mínimas, então o produtor só consegue competir se tiver escala e tecnologia de ponta. Como faltam mecanismos para financiar a modernização, ele opta pela expansão da área, que é muito mais barata", explica. (Gerson de Freitas Jr. CartaCapital, 11 de maio de 2011, p. 24, com adaptações)

---

64. (FCC - Técnico Judiciário - TRT 20/2011) Os dois especialistas citados no texto

(A) divergem em relação aos problemas constatados quanto à baixa produtividade da pecuária brasileira, que não dispõe dos recursos necessários para uma infraestrutura adequada ao setor.

(B) refletem as dúvidas que cercam a maioria dos interessados em investir no desenvolvimento do setor agropecuário brasileiro, devido à sua constatada mínima produtividade.

(C) buscam justificar a baixa produtividade do setor agropecuário brasileiro em razão das dificuldades em torno da obtenção de terras disponíveis tanto para o cultivo de grãos quanto para o manejo do rebanho.

(D) constatam o desinteresse dos pecuaristas brasileiros em investir na produtividade do rebanho a partir da avaliação que se faz, no momento, da pequena margem de lucros que poderiam obter na comercialização da carne.

(E) dividem a mesma opinião em relação ao baixo custo das terras, como justificativa para a falta de interesse dos pecuaristas do setor em investir na tecnologia que, em princípio, exigiria mais recursos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta - Para Ferraz, a ampla disponibilidade de terras, somada à baixa formação técnica e à escassez de capital, desestimulam o pecuarista a investir. "O investimento visa a poupar um fator de produção, neste caso, a terra. Se sobram terras baratas, esse investimento muitas vezes não se justifica do ponto de vista estritamente econômico."

O ex-ministro da Agricultura, Roberto Rodrigues, afirma que os ganhos da produtividade na pecuária poderiam liberar terras suficientes para dobrar a área plantada com alimentos, "sem derrubar uma única árvore". "As margens da agricultura são mínimas, então o produtor só consegue competir se tiver escala e tecnologia de ponta. Como faltam mecanismos para financiar a modernização, ele opta pela expansão da área, que é muito mais barata".

Alternativa "a" - Errada. divergem em relação aos problemas constatados.

Alternativa "b" - Errada. refletem as dúvidas devido à sua constatada mínima produtividade.

Alternativa "c" - Errada. buscam justificar a baixa produtividade do setor agropecuário brasileiro.

Alternativa "d" - Errada. a partir da avaliação que se faz, no momento, da pequena margem de lucros que poderiam obter na comercialização da carne.

---

65. (FCC - Técnico Judiciário - TRT 20/ 2011) A solução ideal para o setor agropecuário brasileiro, de acordo com o texto, é:

(A) aumento do rebanho nacional, para aproveitamento integral da área destinada à pecuária.

(B) respeito às leis que impedem o desmatamento para ampliação das áreas de cultivo.

(C) aumento da produtividade do setor agropecuário, com investimentos em tecnologia.

(D) abrangência das políticas públicas para ampliar a margem de lucros dos pecuaristas.

(E) incorporação de novas áreas de cultivo, mais produtivas, para aumentar a safra de grãos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta - adotando-se uma tecnologia média e bastante acessível, o país poderia dobrar esse número. O produtor só consegue competir se tiver escala e tecnologia de ponta.

Alternativa "a" - Errada. aumento do rebanho nacional.

Alternativa "b" - Errada. respeito às leis que impedem o desmatamento.

Alternativa "d" - Errada. abrangência das políticas públicas.

Alternativa "e" - Errada. incorporação de novas áreas de cultivo.

---

66. (FCC - Técnico Judiciário - TRT 20/ 2011) "Com a metade do rebanho brasileiro, os Estados Unidos produzem 50% mais carne", compara o especialista. (final do 2° parágrafo)

A afirmativa reproduzida acima

(A) baseia-se nas explicações para a falta de investimentos no setor da pecuária.

(B) traz um dado estatístico, utilizado pelo especialista na defesa de sua opinião.

(C) constitui o modelo ideal para a reorganização do setor, proposta pelo especialista.

(D) tenta contestar as informações estatísticas atuais a respeito da pecuária no Brasil.

(E) traduz uma informação sem maior importância no desenvolvimento do texto.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta - Dados estatísticos: 50% mais carne.

Alternativa "a" - Errada. baseia-se nas explicações.

Alternativa "c" - Errada. constitui o modelo ideal para a reorganização do setor.

Alternativa "d" - Errada. tenta contestar as informações estatísticas.

Alternativa "e" - Errada. traduz uma informação.

Texto para as próximas questões:

Existe uma longa tradição analítica que divide a economia em três setores: primário (atividades agropecuárias), secundário (indústrias extrativas, de transformação, construção civil e utilidades públicas) e terciário (que inclui todos os tipos de serviços públicos e privados). Até aí tudo bem. Entretanto, há também uma tradição em associar as atividades primárias a baixa produtividade, pouca tecnologia e reduzida interconexão com o resto da economia, além de reduzida eficiência organizacional. Ao mesmo tempo, associam-se à indústria qualidades opostas, ou seja, elevada produtividade, maior nível tecnológico e sofisticada organização.

Historicamente isso certamente é correto, pelo menos até há pouco tempo, o que resultou em uma proposição ainda hoje extraordinariamente difundida e aceita de que mais indústria é bom e mais agricultura é ruim do ponto de vista do crescimento. Um corolário imediato é também derivado na área de comércio exterior: mais exportações agrícolas (e minerais) pouco contribuem para o crescimento de longo prazo, pois provocam valorização cambial e *pouca expansão do emprego, prejudicando a indústria, a chave do crescimento.*

Essa dicotomia apresenta hoje muitos problemas para ser usada sem cautela, por algumas razões. Uma parte crescente das novidades tecnológicas não está na indústria, mas sim nos serviços, onde se destacam a Tecnologia da Informação (TI), as comunicações, os serviços criativos, etc. Esse fenômeno é tão poderoso que se reconhece que vivemos uma revolução de software, onde se gera a maior parte do valor, que coloca o hardware (máquinas e equipamentos), como caudatários do processo. Por outro lado, a TI permitiu uma ampla modificação no sistema de produção, em que se busca cada vez mais foco e especialização para a cadeia de produção. Como consequência, as atividades produtivas se organizam de maneiras diferentes, formando cadeias muito mais complexas do que no passado e tornando, a meu juízo, envelhecidas as contraposições do tipo agricultura versus indústria. (Adaptado do artigo de José Roberto Mendonça de Barros. O Estado de S. Paulo, B6/Economia, 7 de março de 2010)

---

67. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 15/2013)

Hora de ter saudade

Houve aquele tempo...

(E agora, que a chuva chora,

Ouve aquele tempo!)

(ALMEIDA, Guilherme de. Poesia vária. Cultrix: São Paulo, 3 ed., p.45)

A afirmativa correta, considerando-se o poema acima, é:

(A) A oposição entre aquele tempo e agora atesta a manutenção de um sentimento que supera todas as intempéries, sobrevivendo ao tempo que passa.

(B) O título do poema traduz certa estranheza, como estímulo à leitura, ao sugerir a vivência contida em todo aquele tempo que passou naturalmente.

(C) A repetição da expressão aquele tempo cria intencionalmente uma ambiguidade de sentidos dentro do poema, relacionando-a com a hora a que se faz referência no título.

(D) A alternância no emprego dos verbos haver, no pretérito perfeito do indicativo, e ouvir, na forma de imperativo, confere sentido ao título do poema.

(E) A saudade expressa na chuva que chora remete a um tempo passado, embora traga no seu bojo a esperança de retomada no presente, como a planta que reverdece.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d" – A homofonia causada pelo emprego das duas formas verbais citadas conotam a nostalgia sugerida pelo título. No último verso há um convite ou um pedido (imperativo), para que se recorde, no momento presente (agora), com o choro da chuva, as saudades daquele tempo que se foi...

Observação: lindo poema de apenas versos construídos inteiramente no sentido figurado numa deliciosa poética...

Alternativa "a" – A oposição daquele tempo / agora e as reticências após aquele tempo, sugerem que algo muito importante foi deixado para trás e, o agora isolado nos parênteses, sugere que hoje então, voltou à lembrança, ao som do choro da chuva, mas sem a possibilidade do retorno, já não mais existe; ouve, sugerindo reviver na saudade o que foi e já não pode mais ser: fecha parênteses: só restou a saudade, enquanto a chuva chora.

Alternativa "b" – O título do poema sugere que o tempo que passou está agora batendo, reclamando, em forma de lembrança, algo que já se teve e hoje virou saudade.

Alternativa "c" – Não é ambiguidade; percebe-se bem que a segunda colocação da expressão aquele tempo remete ao passado e que é ouvido hoje provocando a hora de ter saudade.

Alternativa "e" – A chuva que chora, chora porque sente que não há retomada daquilo que foi naquele tempo. O presente (agora...) é que chora com saudade do que foi aquele tempo...

1.2. CESPE

Texto para o item.

A moeda, como hoje é conhecida, é o resultado de uma longa evolução. No início, não havia moeda, praticava-se o escambo. Algumas mercadorias, pela sua utilidade, passaram a ser mais procuradas do que outras. Aceitas por todos, assumiram a função de moeda, circulando como elemento trocado por outros produtos e servindo para avaliar-lhes o valor. Eram as moedas-mercadorias. O gado, principalmente o bovino, foi dos mais utilizados. O sal foi outra moeda-mercadoria; de difícil obtenção, era muito utilizado na conservação de alimentos. Ambas deixaram marca de sua função como instrumento de troca no vocabulário português, em palavras como pecúnia e pecúlio, capital e salário.

Com o passar do tempo, as mercadorias se tornaram inconvenientes às transações comerciais, devido à oscilação de seu valor, pelo fato de não *serem fracionáveis e por serem 16 facilmente perecíveis, o que não permitia o acúmulo de riquezas. Surgiram, então, no século VII a.C., as primeiras moedas com características semelhantes às das atuais: pequenas peças de metal com peso e valor definidos e com a impressão do cunho oficial, isto é, a marca de quem as emitiu e garante o seu valor.*

Os primeiros metais utilizados na cunhagem de moedas foram o ouro e a prata. O emprego desses metais se impôs, não só por sua raridade, beleza, imunidade à corrosão e por seu valor econômico, mas também por antigos costumes religiosos. Durante muitos séculos, os países cunharam em ouro suas moedas de maior valor, reservando a prata e o cobre para os valores menores. Esses sistemas se mantiveram até o final do século XIX, quando o cuproníquel e, posteriormente, outras ligas metálicas passaram a ser empregados e a moeda passou a circular pelo seu valor extrínseco, isto é, pelo valor gravado em sua face, que independe do metal nela contido.

Na Idade Média, surgiu o costume de guardar os valores com um ourives, pessoa que negociava objetos de ouro e prata e que, como garantia, entregava um recibo. Esse tipo de recibo passou a ser utilizado para efetuar pagamentos, circulando de mão em mão, e deu origem à moeda de papel. Com o tempo, da forma como ocorreu com as moedas, os governos passaram a conduzir a emissão de cédulas, controlando as falsificações e garantindo o poder de pagamento. Atualmente, quase todos os países possuem bancos centrais, encarregados das emissões de cédulas e moedas.

Internet: <www.bcb.gov.br>(com adaptações).

---

68. (CESPE – Técnico Bancário – CEF/2014) Infere-se do texto que, até que se começasse a empregar ligas metálicas na cunhagem de moedas, seu valor estava associado ao valor econômico do próprio metal com que elas eram fabricadas.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Trecho: Os primeiros metais utilizados na cunhagem de moedas foram o ouro e a prata. O emprego desses metais se impôs, não só por sua raridade, beleza, imunidade à corrosão e por seu valor econômico, mas também por antigos costumes religiosos. Durante muitos séculos, os países cunharam em ouro suas moedas de maior valor, reservando a prata e o cobre para os valores menores. **Esses sistemas se mantiveram até o final do século XIX, quando o cuproníquel e, posteriormente, outras ligas metálicas passaram a ser empregados e a moeda passou a circular pelo seu valor extrínseco, isto é, pelo valor gravado em sua face, que independe do metal nela contido.**

Texto para os itens.

Empresas reclamam da falta de profissionais qualificados na área de tecnologia da informação

Enquanto aumenta o ritmo de inovação tecnológica no país e cresce a aplicação da informática nos mais diversos setores da sociedade, formam-se cerca de 30 mil profissionais por ano em áreas ligadas à tecnologia da informação e comunicação (TIC). Ainda assim, as empresas reclamam da falta de profissionais. "Temos uma janela de oportunidades em TIC no país. O que falta é gente qualificada", alerta Pier Carlo Sola, diretor-presidente de um parque tecnológico pernambucano que abriga 68 empresas da área.

Apesar de não haver estatísticas que revelem a expansão do setor, especialistas estimam o crescimento em torno de 10% ao ano. Com isso, a não regulamentação das profissões ligadas à computação torna ainda mais acirrada a disputa por vagas e delega ao mercado a seleção do bom profissional.

"Independentemente da formação, o profissional de TIC tem de estar comprometido com o aprendizado contínuo e interessado em trabalhar com gestão de projetos, saber se comunicar e trabalhar em diversas equipes", diz o gerente de carreiras Marcos Vono.

Essa é uma carreira multifacetada, que encontra espaço em consultorias, cooperativas, grandes empresas, locais que terceirizam mão de obra ou no empreendedorismo. "O profissional tem de ter visão do negócio e conhecer a realidade da empresa que atende, senão ficará sem emprego", alerta Ivair Rodrigues, agente de pesquisa em tecnologia da informação (TI).

Segundo o cadastro das instituições de educação superior do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, há 1.021 cursos superiores ligados a computação, informática, TI e análise de sistemas. "Mas só metade dos alunos tem formação adequada, ou seja, de 12 mil a 16 mil novos profissionais precisam passar por uma requalificação logo que saem da universidade para poder entrar no mercado de trabalho", diz Pier Carlo Sola.

Internet: <www1.folha.uol.com.br>(com adaptações).

---

69. (CESPE – Técnico Bancário – CEF/2014) Os dados e as opiniões apresentados no texto indicam que a obtenção de um diploma de curso superior não garante ao profissional da área de TI um emprego nessa área.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – No último parágrafo: Segundo o cadastro das instituições de educação superior do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, há 1.021 cursos superiores ligados a computação, informática, TI e análise de sistemas. "Mas só metade dos alunos tem formação adequada, ou seja, de 12 mil a 16 mil novos profissionais precisam passar por uma requalificação logo que saem da universidade para poder entrar no mercado de trabalho", diz Pier Carlo Sola.

---

70. (CESPE – Técnico Bancário – CEF/2014) As opiniões dos profissionais apresentadas no texto para embasar a ideia defendida pelo autor são divergentes.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Divergente: em que há divergência, discordância; DISCORDANTE; DISCREPANTE. As opiniões são convergentes: que têm orientação, conduta ou ideias e objetivos similares aos de outrem.

---

71. (CESPE – Técnico Bancário – CEF/2014) De acordo com o texto, são competências complementares de um profissional de TI a disposição para aprender continuamente e a correta percepção do ambiente profissional onde ele vai atuar.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Trechos que evidenciam a ideia: "o profissional de TIC tem de estar comprometido com o aprendizado contínuo e interessado em trabalhar com gestão de projetos, saber se comunicar e trabalhar em diversas equipes" (...) "O profissional tem de ter visão do negócio e conhecer a realidade da empresa que atende, senão ficará sem emprego".

---

72. (CESPE – Técnico Bancário – CEF/2014) No trecho 'o profissional de TIC tem de estar comprometido com o aprendizado contínuo e interessado em trabalhar com gestão de projetos', o termo 'interessado' qualifica 'o aprendizado'.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado

O profissional de TIC tem de estar comprometido com o aprendizado contínuo;

O profissional de TIC tem de estar interessado em trabalhar com gestão de projetos.

Paralelismo. Visualizando melhor:

O profissional de TIC tem de estar:

- comprometido com o aprendizado contínuo
- **interessado** em trabalhar com gestão de projetos

Interessado qualifica **o profissional de TIC.**

2. NÍVEL SUPERIOR

2.1. FCC

Observação: foram destacadas as ideias principais de alguns textos das provas de TRT 4 pelo fato de muitos leitores e alunos terem achado muito difícil interpretar. O objetivo é facilitar o entendimento. Sugiro que sempre sublinhe o que mais interessa.

Atenção: Considere o texto abaixo para responder às questões.

Ópera é um tipo de teatro *no qual* **a maioria ou todos os personagens cantam durante a maior parte do tempo ou o tempo todo.** *Nesse sentido, é muito óbvio que ela* **não seja realística,** *e com frequência, no decorrer de seus mais de quatrocentos anos de história, tem sido considerada* **exótica e estranha.** *Além disso, é quase sempre bastante* **cara** *de se encenar e de se assistir.* **Em nenhum momento da história a sociedade,** *como um todo,* **conseguiu sustentar facilmente os custos exorbitantes da ópera.** *Por que, então, tanta gente gosta dela de maneira tão profunda? Por que dedicam suas vidas a apresentá-la, escrever sobre ela, assistir a ela? Por que alguns fãs de ópera atravessam o mundo para ver uma nova produção ou ouvir um cantor favorito, pagando imensas quantias por esse fugaz privilégio? E por que a ópera é a única forma de música erudita que ainda desenvolve de modo significativo novas audiências, apesar de que, no último século ou por volta disso, o fluxo de novas obras, que uma vez foi seu sangue vital, secou até se reduzir a um débil gotejar?*

Essas perguntas são *mais sobre a ópera tal como ela é hoje em dia:* **sobre aquilo em que a ópera se tornou no início do século XXI.** *No que se segue teremos muito a dizer sobre a história de nosso tema, sobre as maneiras em que a ópera se desenvolveu durante sua jornada de quatrocentos anos até nós; mas* **nossa ênfase será sempre no presente, no efeito que a ópera continua a ter sobre as audiências no mundo inteiro.** *Nosso objetivo é lidar com uma forma de arte cujas obras mais populares e duradouras foram quase sempre escritas num distante passado europeu, [...] mas cuja* **influência** *em muitos de nós – e cuja* **significância** *em nossa vida hoje em dia –* **é ainda palpável. A ópera pode**

nos transformar: física, emocional e intelectualmente. Queremos investigar por quê.

(Carolyn Abbate e Roger Parker. Uma história da ópera: os últimos quatrocentos anos. Trad. Paulo Geiger. 1.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015, p. 21-22)

---

73. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 4/2015) Os autores do texto

(A) anunciam que têm muito a dizer e deixam entrever que suas reflexões desnudarão alguns mitos sobre a ópera, como a visão idealizada de que a profusão de obras já constituiu o sangue vital desse tipo de teatro.

(B) apontam que a ópera é sempre bastante dispendiosa porque esse tipo de teatro renuncia a personagens que não se fazem presentes em cena por meio do canto.

(C) acusam a incongruência que existe entre a sociedade sustentar produções caríssimas e as pessoas, diferentemente deles mesmos, não investigarem o que justificaria manter esses projetos.

(D) indicam como usual que se tome a ópera como um gênero dramático excêntrico, pelo fato de representar situações estranhas ao que se considera "vida real".

(E) expressam as intenções que têm ao escrever a história da ópera, demonstrando acreditar que a melhor maneira de fazê-lo é fixar-se na atualidade, auge dessa manifestação erudita.

COMENTÁRIOS

Resposta: "d"

A ópera é considerada exótica e estranha = gênero dramático excêntrico; é muito óbvio que não seja realística = representa situações estranhas ao que se considera "vida real".

Eliminando alternativas descabidas:

(A) desnudarão alguns mitos sobre a ópera = No final do texto: **nossa ênfase será sempre no presente, no efeito que a ópera continua a ter sobre as audiências no mundo inteiro.** Nosso objetivo é lidar com uma forma de arte cujas obras mais populares e duradouras foram quase sempre escritas num distante passado europeu, [...] mas cuja **influência** em muitos de nós – e cuja **significância** em nossa vida hoje em dia – **é ainda palpável. A ópera pode nos transformar: física, emocional e intelectualmente. Queremos investigar por quê.**

(B) **porque** esse tipo de teatro renuncia a personagens que não se fazem presentes em cena por meio do canto = Não é a explicação sobre a ópera ser dispendiosa (conjunção "porque").

Observação:

Dispendiosa significa *que demanda muito dinheiro; que ocasiona muitas despesas; cara.*

(C) 1. Não há tal acusação; 2. Não menciona a investigação de pessoas em relação a manter esses projetos.

Observação:

Incongruência significa *falta de congruência e de adequação; desprovido de concordância; sem harmonia nem identidade etc.*

(E) 1. No final do texto: **A ópera pode nos transformar: física, emocional e intelectualmente. Queremos investigar por quê**; 2. A atualidade não é o auge dessa manifestação erudita, ela existe há quatrocentos anos. Os autores apenas querem entender o porquê de **a ópera poder nos transformar: física, emocional e intelectualmente.**

Em quatro alternativas, houve extrapolação das ideias citadas no texto.

---

74. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 4/2015) Tem sustentação no texto a ideia de que

(A) as questões fundamentais sobre a ópera são passíveis de ser postas e respondidas somente no contexto do século XXI, depois de uma jornada de quatrocentos anos até a contemporaneidade.

(B) a efemeridade é um traço característico de todo objeto, fato, ou acontecimento cultural, que merece reprovação.

(C) obras eruditas têm, como sempre tiveram, público cativo, mas, em vista das atuais tendências musicais, ele está prestes a se esgotar.

(D) as formas de arte que mais se eternizam são as que têm raízes na tradição popular, sustentáculo das legítimas expressões culturais.

(E) obras de arte concebidas em certa cultura podem ter seu valor depreciado quando o eventual fruidor fizer parte de outro contexto cultural.

COMENTÁRIOS

Resposta: "e"

✪ **Nota da autora:** se tem sustentação, significa que foi discutido.

Exatamente! No final do texto: **nossa ênfase será** sempre no presente, **no efeito que a ópera continua a ter sobre as audiências no mundo inteiro**. Nosso objetivo é lidar com uma forma de arte cujas obras mais populares e duradouras foram quase sempre escritas num distante passado europeu, [...] **mas cuja influência em muitos de nós – e cuja significância em nossa vida hoje em dia – é ainda palpável.**

Sendo assim, chegamos à ideia de que *obras de arte concebidas em certa cultura podem ter seu valor depreciado quando o eventual fruidor fizer parte de outro contexto cultural.*

Alternativas descabidas:

(A) **somente** no contexto do século XXI = As questões *são mais sobre a ópera tal como ela é hoje em dia: sobre aquilo em que a ópera se tornou no início do século XXI. No que se segue teremos muito a dizer sobre a história de nosso tema, sobre as maneiras em que a ópera se desenvolveu durante sua jornada de quatrocentos anos até nós; mas nossa ênfase será sempre no presente, no efeito que a ópera continua a ter sobre as audiências no mundo inteiro.*

(B) todo objeto = *Efêmero* significa *transitório; que tem pouca duração; breve.* Não se pode afirmar que seja um traço característico de **todo** objeto...

(C) ele está prestes a se esgotar = = Está prestes a se esgotar seria exagerar a ideia contida no texto. Ao autores citam: *no último século ou por volta disso, o fluxo de novas obras, que uma vez foi seu sangue vital, secou até se reduzir a um débil gotejar.*

(D) raízes na tradição popular = As obras mais populares e duradouras foram quase sempre escritas num distante passado europeu, [...] mas cuja influência em muitos de nós – e cuja significância em nossa vida hoje em dia – é ainda palpável.

Atenção: Considere o texto abaixo para responder às questões.

O conceito de vergonha recobre um campo de significados bastante amplo e rico. Para o Dicionário Aurélio, por exemplo, vergonha significa: a) desonra humilhante; opróbrio, ignomínia; b) sentimento penoso de desonra, humilhação ou rebaixamento diante de outrem; c) sentimento de insegurança provocada pelo medo do ridículo, por escrúpulos etc.; timidez, acanhamento; d) sentimento da própria dignidade, brio, honra. O Dicionário Larousse traz aproximadamente as mesmas definições, mas acrescenta novas associações como: medo da desonra e embaraço. O Dicionário Lexis apresenta ainda algumas definições com nuanças diferentes: indignidade, sentimento penoso de baixeza, de confusão, sentimento de desconforto provocado pela modéstia, sentimento de remorso. **O que chama a atenção nas definições de vergonha é não somente a diversidade dos significados atribuídos a este sentimento, mas também, e sobretudo, o fato de alguns destes significados serem opostos:** *desonra/honra, indignidade/dignidade, humilhação/brio.* **Tal oposição, observada por Harkot-de-La-Taille, faz esta autora perguntar-se que palavra é esta que recobre o não e o sim, a ausência e a presença, o temível e o desejável.**

Uma forma comum de pensar este sentimento é afirmar que **ele é simplesmente desencadeado pela opinião de outrem.** *É o que, por exemplo, sugere a definição de Spinoza segundo a qual* **a vergonha é a tristeza que acompanha a ideia de alguma ação que imaginamos censurada pelos outros.** *E é o que, explicitamente, a antropóloga Benedict afirma em seu estudo sobre a sociedade japonesa. Para ela,* **as culturas da vergonha enfatizam as sanções externas, opondo-se às verdadeiras culturas da culpa, que interiorizam a convicção do pecado.** *Quanto ao sentimento de vergonha, escreve que* **alguém poderá envergonhar-se quando é ridicularizado abertamente, ou quando criar a fantasia para si mesmo de que o tenha sido.** *Todavia, não acreditamos que tudo esteja dito assim;* **a vergonha pressupõe um controle interno: quem sente vergonha julga a si próprio.** *Lembremos o fato notável de que* **a vergonha pode ser despertada pela simples exposição, mesmo que não acompanhada de juízo negativo por parte dos observadores.** *Com efeito,* **certas pessoas sentem vergonha pelo simples fato de estarem sendo observadas. O rubor pode subir às faces de alguém que está sendo objeto da atenção de uma plateia, mesmo que esta atenção seja motivada pelo elogio,** *pelo recebimento de um prêmio, portanto acompanhada de um juízo positivo.* **Este tipo de vergonha não deixa de ser psicologicamente misterioso: por que será que as pessoas sentem desconforto ao serem "apenas" observadas, mesmo que esta observação não contenha ameaças precisas, mesmo que ela seja lisonjeira?**

(Adaptado de: LA TAILLE, Y. O sentimento de vergonha e suas relações com a moralidade. Psicologia: Reflexão e Crítica, São Paulo: Scielo, 2002, 15(1), p. 13-25)

75. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 4/2015) O primeiro parágrafo do texto autoriza afirmar:

(A) A oposição comentada revela o quanto há de descuido e precipitação quando se trata de examinar conceitos relacionados à natureza da alma humana.

(B) A diversidade de significados atribuídos à vergonha comprova o entendimento superficial do sentimento, descrito com ambiguidade e incoerência nos mais diversos dicionários.

(C) O uso de *mas também* e *e sobretudo* (primeiro parágrafo) em um mesmo período instaura falta de clareza na redação, já que não é possível compreender se o elemento agregado é de mesmo nível ou mais importante que o primeiro mencionado.

(D) O autor recorre a dicionários de prestígio, tomando-os como repositórios inequívocos do conhecimento e da cultura ocidentais.

(E) O autor parte de definições que, como espécies de comprovações prévias, conduzem à concordância com a reflexão de Harkot-de-La-Taille, reportada ao final.

COMENTÁRIOS

Resposta: "e" – O autor inicia o texto citando as definições de vários dicionários – Aurélio, Larousse e Lexis – e, em seguida, menciona: **O que chama a atenção nas definições de vergonha é não somente a diversidade dos significados atribuídos a este sentimento, mas também, e sobretudo, o fato de alguns destes significados serem opostos**: desonra/honra, indignidade/dignidade, humilhação/brio. **Tal oposição, observada por Harkot-de-La-Taille, faz esta autora perguntar-se que palavra é esta que recobre o não e o sim, a ausência e a presença, o temível e o desejável.**

Erros:

(A) Não há descuido e precipitação, muito menos conceitos relacionados à natureza da alma humana.

(B) Não se trata de entendimento superficial do sentimento, nem gera ambiguidade e incoerência, apenas oposições.

(C) *Mas também* adiciona ideias e *sobretudo* enfatiza, isto é, prioriza = pertence a um nível mais importante.

(D) Não os toma como repositórios inequívocos do conhecimento e da cultura ocidentais, pois menciona as oposições logo em seguida.

---

76. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 4/2015) O segundo parágrafo valida o seguinte comentário:

(A) A pergunta ao final faz retroceder a reflexão desenvolvida pelo texto, na medida em que tal indagação reafirma a impossibilidade de se compreender a vergonha.

(B) O julgamento de outrem não tem relevância para o sentimento de vergonha, sendo atitude simplória imaginar que o envergonhado reaja a avalições externas.

(C) O autor não descarta as ideias de Benedict, mas manifesta a necessidade de relativizá-las, como o comprova o trecho não acreditamos que tudo esteja dito assim (segundo parágrafo).

(D) As *culturas da culpa* revelam maior amadurecimento psicológico dos indivíduos do que as *culturas da vergonha*, uma vez que estas têm como única referência os valores sociais.

(E) O autor prioriza o confronto de suas ideias com as de Spinoza e Benedict, dispensando-se de referir fatos ou situações objetivas em sua argumentação.

COMENTÁRIOS

Resposta: "c"

○ **Nota da autora:** Daria para tecer vários comentários por ser um texto interessante, vamos nos atentar apenas às ideias mais importantes.

Quanto à alternativa C: não descarta as ideias de Benedict (alguém poderá envergonhar-se quando é ridicularizado abertamente, ou quando criar a fantasia para si mesmo de que o tenha sido) pelo fato de acreditar que haja, também, outras causas (a vergonha pode ser despertada pela simples exposição, mesmo que não acompanhada de juízo negativo por parte dos observadores).

(A) *Na medida em que* indica causa e já encontramos um erro: não é causa; não é impossível compreender a vergonha, afirma que é um sentimento misterioso. Não podemos extrapolar a ideia contida no texto.

(B) Houve erro, provavelmente, de digitação no vocábulo "avaliações", mas de qualquer forma a ideia não é válida: o julgamento de outrem **tem** relevância para o sentimento de vergonha.

(D) Não possuem uma única referência e a ideia que inicia o período também não pode ser confirmada.

(E) Não prioriza o confronto de tais ideias e nem dispensa a referência de fatos e situações, pelo contrário. Isso está claro no segundo parágrafo.

Texto para as questões.

Atenção: As questões referem-se ao texto que segue, adaptado de Luciano Martins Costa; o original foi publicado na edição 838 do Observatório da Imprensa, no dia 19/02/2015.

A GRAÇA DA NÃO-NOTÍCIA

A leitura crítica dos jornais brasileiros pode produzir momentos interessantes, não propriamente pelo que dizem, mas principalmente pelo que tentam esconder. O hábito de analisar criticamente o conteúdo da mídia tradicional produz calos no cérebro, e eventualmente o observador passa a enxergar não mais a notícia, mas a não-notícia, ou seja, aquilo que o noticiário dissimula ou omite.

Trata-se de um exercício divertido, como se o leitor estivesse desfazendo um jogo de palavras cruzadas já preenchido. É mais ou menos como adivinhar, a partir das palavras que se interconectam num texto, o sentido que o autor pretendeu dar à *sua construção, uma espécie de jogo de "interpretação reversa".*

Transparece o aspecto ambíguo da imprensa quando, por exemplo, para defender o pluralismo de sua linha editorial, jornais propõem artigos sobre tema da atualidade a serem tratados por dois distintos analistas – "o leitor pode apreciar duas opiniões diferentes". Ocorre que as propostas, normalmente sob a forma de pergunta, são formuladas de modo a garantir a perspectiva de que um ponto de vista se oponha frontalmente ao outro – um analista representa um "sim", o outro um "não" ao que está sendo perguntado pelos editores. Como se vê, a tal "pluralidade" já nasce condicionada, porque a imprensa brasileira quer convencer o leitor de que existem apenas duas interpretações possíveis para questões complexas como as que são postas aos analistas. São complexas, ou, no mínimo, controversas, porque é isso que define uma notícia.

Uma árvore caiu. Por que a árvore caiu? – mesmo num evento corriqueiro e aparentemente banal, há muitas respostas possíveis.

Por que a imprensa brasileira tenta pintar tudo em preto e branco, sem considerar as muitas tonalidades entre os dois extremos? Ora, porque a imprensa faz parte do sistema de poder na sociedade moderna, e exerce esse poder fazendo pender as opiniões para um lado ou para outro, usa o mito da objetividade para valorizar seus produtos e cobra de seus financiadores um custo por esse trabalho.

Mas pode-se elaborar melhor essa análise. O observador arriscaria afirmar que a narrativa jornalística, tal como foi construída ao longo do tempo, já não dá conta de acompanhar a percepção da realidade, amplificada pelo domínio da imagem transmitida globalmente em tempo real. Como notou o filósofo Vilém Flusser, a superfície ínfima da tela substitui o mundo real. O que a imprensa faz é comentar essa superficialidade, não a realidade.

Mas a resposta é ainda mais simples: para ser levado a sério, um jornal precisa dar a impressão de concretude em seu conteúdo, mas, ao se tornar refém do mundo das imagens, produz uma concretude – ou, como diz Flusser, uma "concreticidade" superficial.

Essa superficialidade procura esconder o propósito do conteúdo jornalístico, que não é informar, como pensam os leitores correligionários: é induzir uma opinião específica.

Se tudo é opinião, tudo é não-notícia.

Obs.: Vilém Flusser (1920 – 1991) – filósofo tcheco, naturalizado brasileiro; professor, jornalista, conferencista e escritor.

---

77. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 3/2015) Compreende-se corretamente do texto: O autor

(A) defende a ideia de que jornais instigantes são os que contam com um leitor crítico e atualizado, disposto a preencher as involuntárias lacunas das matérias veiculadas.

(B) atribui interpretações grosseiras de notícias e o desejo de enxergar a não-notícia à prática constante de analisá-las sob perspectiva cética, resultado de juízo crítico muito aguçado e resistente à distensão.

(C) considera a leitura de jornais um exercício divertido sempre que a matéria se dispõe a adivinhações, desvendamentos relacionados tanto à construção do texto, quanto aos fatos reais que a teriam inspirado.

(D) mostra que matérias jornalísticas informam não só pelo que explicitamente comunicam, mas também pelo que evitam comunicar; esse modo de noticiar, em sua concretude, permite o desvendamento de propósitos de autores e editores.

(E) expõe a ambiguidade que a imprensa pode manifestar quando é imprecisa no trato do assunto, falta de precisão originada por "palavras cruzadas", isto é, intrincadas conexões na estrutura verbal.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "D" – Em primeiro lugar, veja o título (A graça da não-notícia); na introdução, o autor esclarece: **A leitura crítica dos jornais brasileiros pode produzir momentos interessantes**, não propriamente pelo que dizem, mas principalmente **pelo que tentam esconder**. O hábito de **analisar criticamente o conteúdo da mídia tradicional produz calos no cérebro**, e eventualmente **o observador passa a enxergar** não mais a notícia, mas **a não-notícia**, ou seja, **aquilo que o noticiário dissimula ou omite**. Defende a ideia de que jornais instigantes são os que contam com um leitor crítico e atualizado, disposto a preencher as involuntárias lacunas das matérias veiculadas.

Erros:

(B) Não a: interpretações grosseiras, desejo de enxergar a não-notícia, perspectiva cética, resultado crítico aguçado.

(C) Sempre (já elimina) que a matéria se dispõe a adivinhações, inspirações.

(E) A ambiguidade de que trata o texto é o fato de haver um ponto de vista que se oponha frontalmente ao outro.

78. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 3/2015) É legítimo o seguinte comentário:

(A) (terceiro parágrafo) O aspecto *ambíguo da imprensa* é apreendido em decorrência de uma leitura reversa, aquela que vai do que está na superfície da página ao ponto de partida do texto.

(B) (quarto parágrafo) Em *Por que a árvore caiu?*, tem-se exemplo de pergunta retórica, aquela que se formula sem objetivo de receber uma resposta, pois a questão proposta é insolúvel.

(C) (quinto parágrafo) Se o segmento *sem considerar as muitas tonalidades entre os dois extremos* fosse redigido de outra forma – "sem que as muitas tonalidades entre os dois extremos possam ser consideradas" –, seu sentido original estaria preservado.

(D) (sexto parágrafo) Em *já não dá conta de acompanhar a percepção da realidade*, a substituição de já por "de imediato" preserva o sentido original da frase.

(E) (sexto parágrafo) O segmento *amplificada pelo domínio da imagem transmitida globalmente em tempo real* representa, segundo o autor, uma qualidade distintiva da realidade que pode ou não se fazer presente.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "A"

✪ **Nota da autora**: Questão de interpretação de texto, coesão e coerência.

Questão difícil? Um pouco, mas perceba que as alternativas complicadas não são a resposta. A dica é voltar à ideia do parágrafo anterior: *É mais ou menos como adivinhar, a partir das palavras que se interconectam num texto, o sentido que o autor pretendeu dar à sua construção, uma espécie de jogo de "interpretação reversa".*

Aprofundando: *reversa* significa conjunto de circunstâncias de caráter contrário ao que se espera, ou se analisa. Esse é o tema do texto.

(B) Uma pergunta retórica é, pois estimula a reflexão. O erro está em afirmar que a questão é insolúvel (sem solução), já que possui muitas respostas possíveis.

(C) Ao utilizar o verbo *poder* no presente do subjuntivo (possam), a ideia passa a representar uma dúvida, uma possibilidade e altera o sentido do trecho original (certeza).

(D) A relação de tempo é alterada. Ao usar "já", fica clara a ideia entre presente e passado. Exemplo para assimilar melhor: Já estuda de forma correta (deduz-se que antes não estudava de forma correta); substituindo por "de imediato", a ideia passa para o presente apenas, o agora.

(E) Ideia oposta clara no texto: *a narrativa jornalística já não dá conta de acompanhar a percepção da realidade, amplificada pelo domínio da imagem transmitida globalmente em tempo real... a superfície ínfima da tela substitui o mundo real. O que a imprensa faz é comentar essa superficialidade, não a realidade.*

79. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 3/2015) O contexto evidencia que *leitores correligionários*, citados no final do texto, são:

(A) os leitores que compartilham das ideias de Martins Costa.

(B) os leitores que seguem as ideias de um partido político.

(C) os leitores que, como se dá com jornais, se tornaram reféns do mundo das imagens.

(D) os leitores que praticam leitura crítica.

(E) os leitores que questionam o ofereci mento da realidade em preto e branco.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "C" – No dicionário, correligionário significa *aquele que pertence e compartilha a mesma religião, partido político, preceitos filosóficos, princípios de qualquer ou de semelhante natureza com outrem*. A dica está na ideia do parágrafo anterior: *para ser levado a sério, um jornal precisa dar a impressão de concretude em seu conteúdo, mas, ao se tornar refém do mundo das imagens, produz uma concretude* (uma "concreticidade" superficial).

Alternativa "A" – No contexto, não são os leitores que concordam com o autor; aliás quem compartilha das ideias de Martins Costa não é correligionário.

Alternativa "B" – No dicionário, sim, mas no enunciado está claro que é para considerar o contexto e não há relação com partido político.

Alternativa "D" – Se eles se tornam reféns, não praticam leitura crítica.

Alternativa "E" – Não questionam, eles aceitam.

80. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 3/2015) Se o jornal comentar um assunto *com superficialidade*, o estará tratando

(A) judiciosamente.

(B) perfunctoriamente.

(C) laconicamente.

(D) contingentemente.

(E) sibilinamente.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "B"

Nota da autora: Questão de interpretação e semântica. Sem dicionário, foi mesmo de assustar, concordo com meus leitores que tanto maldisseram a prova.

- Perfunctório é *superficial, efêmero; pouco duradouro*, sendo assim o jornal comenta um assunto perfunctoriamente (advérbio de modo).

Alternativa "A" – Seria antônimo e não sinônimo: de modo judicioso; em que há sensatez e prudência; sensatamente.

Alternativa "C" – Não há relação com resumidamente, embora muitos candidatos tenham optado por esta alternativa: em resumo, em síntese. Ora, podemos sintetizar algo e não sermos superficiais. Resumir é *condensar em poucas palavras; fazer sinopse de; sintetizar, reduzir, concentrar, consubstanciar*.

Alternativa "D" – Não há relação com casualidade, de maneira contingente, que ocorre ao acaso.

Alternativa "E" – Significa *de maneira enigmática, mística, misteriosa*.

A matéria abaixo, que recebeu adaptações, é do jornalista Alberto Dines, e foi veiculada em 9/05/2015, um dia após as comemorações pelos 70 anos do fim da Segunda Guerra Mundial.

QUANDO A GUERRA ACABAR...

Abre parêntese: há momentos – felizmente raros – em que a história pessoal se impõe às percepções conjunturais e o relato na primeira pessoa, embora singular, parcial, às vezes suspeito, sobrepõe-se à narrativa impessoal, ampla, genérica. Fecha parêntese.

O descaso e os indícios de esquecimento que, na sexta-feira (8/5), rodearam os setenta anos do fim da fase europeia da Segunda Guerra Mundial sobressaltaram. O ano de 1945 pegou-me com 13 anos e a data de 8 de maio incorporou-se ao meu calendário íntimo e o cimentou definitivamente às efemérides históricas que éramos obrigados a decorar no ginásio.

Seis anos antes (1939), a invasão da Polônia pela Alemanha hitlerista – e logo depois pela Rússia soviética – empurrou a guerra para dentro da minha casa através dos jornais e do rádio: as vidas da minha avó paterna, tios, tias, primos e primas dos dois lados corriam perigo. Em 1941, quando a Alemanha rompeu o pacto com a URSS e a invadiu com fulminantes ataques, inclusive à Ucrânia, instalou-se a certeza: foram todos exterminados.

A capitulação da Alemanha tornara-se inevitável, não foi surpresa, sabíamos que seria esmagada pelos Aliados. Nova era a sensação de paz, a certeza que começava uma nova página da história e perceptível mesmo para crianças e adolescentes. A prometida quimera embutida na frase "quando a guerra acabar" tornara-se desnecessária, desatualizada.

A guerra acabara para sempre. Enquanto o retorno dos combatentes brasileiros vindos da Itália era saudado delirantemente, matutinos e vespertinos – mais calejados do que a mídia atual – nos alertavam que a guerra continuava feroz não apenas no Extremo Oriente, mas também na antiquíssima Grécia, onde guerrilheiros de direita e de esquerda, esquecidos do inimigo comum – o nazifascismo – se enfrentavam para ocupar o vácuo de poder deixado pela derrotada barbárie.

Sete décadas depois – porção ínfima da história da humanidade –, aquele que foi chamado Dia da Vitória e comemorado loucamente nas ruas do mundo metamorfoseou-se em Dia das Esperanças Perdidas: a guerra não acabou. Os Aliados desvincularam-se, tornaram-se adversários. A guerra continua, está aí, espalhada pelo mundo, camuflada por diferentes nomenclaturas, inconfundível, salvo em breves hiatos sem hostilidades, porém com intensos ressentimentos.

(Reproduzido da Gazeta do Povo (Curitiba, PR) e do Correio Popular (Campinas, SP), 9/5/2015; intertítulo do Observatório da Imprensa, edição 849)

(FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 3/2015) Nesse texto, o jornalista,

(A) ao confessar sobressalto pelo que tinha ocorrido no dia anterior, 8/5, explica-o tanto pela associação de fatos históricos a questões pessoais, quanto pela interpretação de que há um Dia das Esperanças Perdidas.

(B) ao citar a volta dos combatentes brasileiros, critica a euforia das saudações, pois evidenciava que o povo não tinha percebido que o conflito, na mesma configuração de 1939 a 1945, continuava.

(C) ao organizar minuciosa e cronologicamente os episódios da Segunda Guerra Mundial, ressalta os fatos que foram mal retratados nas comemorações dos 70 anos do fim do conflito.

(D) ao trazer sua visão pessoal sobre os principais acontecimentos da Segunda Guerra Mundial, defende que a imprensa privilegie o ângulo particular com que o profissional observa os fatos.

(E) ao apresentar informações e comentários sobre a Segunda Guerra Mundial, toma-a como legítima justificativa para a publicação de matéria que tem como objeto questões pessoais e íntimas.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a"

No último parágrafo: *Sete décadas depois – porção ínfima da história da humanidade –, aquele que foi chamado Dia da Vitória e comemorado loucamente nas ruas do mundo* ***metamorfoseou-se em Dia das Esperanças Perdidas:*** *a guerra não acabou.*

(B) A guerra não acabou (segundo parágrafo), mas não na mesma configuração de 1939 a 1945.

(C) Não ressalta fatos que foram mal retratados, mas sim o descaso e o esquecimento: ***O descaso e os indícios de esquecimento*** *que, na sexta-feira (8/5), rodearam os setenta anos do fim da fase europeia da Segunda Guerra Mundial sobressaltaram.*

(D) No primeiro parágrafo: ***há momentos*** *– felizmente raros – em que a história pessoal se impõe às percepções conjunturais e o relato na primeira pessoa, embora singular, parcial, às vezes suspeito, sobrepõe-se à narrativa impessoal, ampla, genérica.*

(E) O erro está em "tem como objeto questões pessoais e íntimas". O autor simplesmente utiliza a experiência pessoal para escrever o artigo.

---

81. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 3/2015) O excerto legitima a seguinte compreensão:

(A) Dines considera a Segunda Guerra Mundial conflito constituído por mais de um estágio.

(B) Em sua análise de ambientes de guerra, Dines trata a Grécia como exemplo de conflito interno, descolado do contexto da Guerra Mundial.

(C) Dines considera a imprensa de 1945 menos aperfeiçoada do que a imprensa contemporânea.

(D) O primeiro parágrafo é apresentado como "entre parênteses" porque é tomado como simples anexo, de conteúdo genérico, sobre a análise de conjunturas, sem conter menção ao que virá no texto.

(E) Dada a natureza do texto, expressões como *empurrou a guerra para dentro da minha casa* devem ser desaprovadas, pois, ferindo o rigor lógico, prejudicam a compreensão.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a"

✪ **Nota da autora:** Embora a questão tenha sido muito discutida, a reposta pode ser considerada clara. Em vários trechos do texto, há informação de que o conflito foi constituído por mais de um estágio:

1. *Seis anos antes (1939),* ***a invasão da Polônia pela Alemanha hitlerista empurrou a guerra para dentro da minha casa através dos jornais e do rádio*** (terceiro parágrafo);

2. *Em 1941, quando* ***a Alemanha rompeu o pacto com a URSS e a invadiu com fulminantes ataques, inclusive à Ucrânia,*** *instalou-se a certeza: foram todos exterminados* (terceiro parágrafo);

3. *O ano de 1945 pegou-me com 13 anos e* ***a data de 8 de maio incorporou-se ao meu calendário íntimo e o cimentou definitivamente às efemérides históricas*** (segundo parágrafo); 4. ***A capitulação da Alemanha tornara-se inevitável,*** *sabíamos que seria esmagada pelos Aliados* (quarto parágrafo);

5. No quinto parágrafo, deixa evidente a continuação da guerra e expõe os motivos: ***guerrilheiros de direita e de esquerda****, esquecidos do inimigo comum – o nazifascismo –* ***se enfrentavam para ocupar o vácuo de poder deixado pela derrotada barbárie;***

6. No último parágrafo, outro estágio: **Os Aliados desvincularam-se, tornaram-se adversários**. *A guerra continua, está aí, espalhada pelo mundo, camuflada por diferentes nomenclaturas.*

(B) Não foi descolado do contexto da Guerra Mundial: na antiquíssima Grécia, onde guerrilheiros de direita e de esquerda, esquecidos do inimigo comum – o nazifascismo – se enfrentavam para ocupar o vácuo de poder deixado pela derrotada barbárie.

(C) Ideia que extrapola a interpretação, pois não foi mencionada no texto.

(D) O erro está em "sem conter menção ao que virá no texto", já que há a menção e o conteúdo não é genérico (raros momentos).

(E) Não prejudica a compreensão, o trecho possui clareza e coerência.

Texto para as questões.

A guerra dos dez anos começou quando um fazendeiro cubano, Carlos Manuel de Céspedes, e duzentos homens mal armados tomaram a cidade de Santiago e proclamaram a independência do país em relação à metrópole espanhola. Mas a Espanha reagiu. Quatro anos depois, Céspedes foi deposto por um tribunal cubano e, em março de 1874, foi capturado e fuzilado por soldados espanhóis.

Entrementes, ansioso por derrubar medidas espanholas de restrição ao comércio, o governo americano apoiara abertamente os revolucionários e Nova York, Nova Orleans e Key West tinham aberto seus portos a milhares de cubanos em fuga. Em poucos anos Key West transformou-se de uma pequena vila de pescadores numa importante comunidade *produtora de charutos. Despontava a nova capital mundial do Havana.*

Os trabalhadores que imigraram para os Estados Unidos levaram com eles a instituição do "lector". Uma ilustração da revista Practical Magazine mostra um desses leitores sentado de pernas cruzadas, óculos e chapéu de abas largas, um livro nas mãos, enquanto uma fileira de trabalhadores enrolam charutos com o que parece ser uma atenção enlevada.

O material dessas leituras em voz alta, decidido de antemão pelos operários (que pagavam o "lector" do próprio salário), ia de histórias e tratados políticos a romances e coleções de poesia. Tinham seus prediletos: O conde de Monte Cristo, de Alexandre Dumas, por exemplo, tornou-se uma escolha tão popular que um grupo de trabalhadores escreveu ao autor pouco antes da morte dele, em 1870, pedindo-lhe que cedesse o nome de seu herói para um charuto; Dumas consentiu.

Segundo Mário Sanchez, um pintor de Key West, as leituras decorriam em silêncio concentrado e não eram permitidos comentários ou questões antes do final da sessão.

(Adaptado de: MANGUEL, Alberto. Uma história da leitura. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo, Cia das Letras, 1996, p. 134-136)

---

82. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 3/2014) Afirma-se corretamente:

(A) No 4º parágrafo, o autor emite um juízo de valor a respeito do hábito levado pelos trabalhadores cubanos aos Estados Unidos.

(B) O texto se inicia com a apresentação do contexto histórico que culminou na implantação de um costume levado pelos cubanos para fábricas de charuto americanas.

(C) O texto se desenvolve a partir de reminiscências do próprio autor a respeito de uma situação vivenciada por ele em determinado contexto histórico.

(D) No primeiro parágrafo, o autor introduz o assunto principal sobre o qual irá tratar no texto, qual seja, a imigração de operários cubanos para os Estados Unidos.

(E) O interesse da imprensa americana, estabelecido no 3º parágrafo, foi determinante para a disseminação, no país, de costumes introduzidos por operários cubanos em Key West.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" – Trechos que evidenciam a afirmação: "Em poucos anos Key West transformou-se de uma pequena vila de pescadores numa importante comunidade produtora de charutos." e "Os trabalhadores que imigraram para os Estados Unidos levaram com eles a instituição do "lector"."

Erros:

Alternativa "a" – Não há juízo de valor, já que não há juízo sobre a correção ou incorreção de algo, ou da utilidade de algo, baseado num ponto de vista pessoal.

Alternativa "c" – Não se pode afirmar que o autor vivenciou a situação.

Alternativa "d" – Qual o assunto principal do texto? Prática da leitura em voz alta.

Alternativa "e" – Não foi determinante (a causa, a razão).

---

83. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 3/2014) Depreende-se do texto que

(A) a atividade de ler em voz alta, conduzida pelo "lector", permitia que os operários produzissem mais, pois trabalhavam com maior concentração.

(B) o hábito de ler em voz alta, levado originalmente de Cuba para os Estados Unidos, relaciona-se ao valor atribuído à leitura, que é determinado culturalmente.

(C) os operários cubanos homenagearam Alexandre Dumas ao atribuírem a um charuto o nome de um dos personagens do escritor.

(D) ao contratar um leitor, os operários cubanos podiam superar, em parte, a condição de analfabetismo a que estavam submetidos.

(E) os charuteiros cubanos, organizados coletivamente, compartilhavam a ideia de que a fruição de um texto deveria ser comunitária, não individual.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" – No trecho: "Tinham seus prediletos: O conde de Monte Cristo, de Alexandre Dumas, por exemplo, tornou-se uma escolha tão popular que um grupo de trabalhadores escreveu ao autor pouco antes da morte dele, em 1870, pedindo-lhe que cedesse o nome de seu herói para um charuto; Dumas consentiu."

Alternativa "a" – Não há relação com a produção.

Alternativa "b" – O hábito foi levado dos Estados Unidos: Os trabalhadores que imigraram para os Estados Unidos levaram com eles a instituição do "lector".

Alternativa "d" – Não cita contratação de leitor e nem analfabetismo.

Alternativa "e" – Pelo contrário: "as leituras decorriam em silêncio concentrado e não eram permitidos comentários ou questões antes do final da sessão".

Texto para as questões.

Foi por me sentir genuinamente desidentificado com qualquer espécie de regionalismo que escrevi coisas como: "Não sou brasileiro, não sou estrangeiro / Não sou de nenhum lugar, sou de lugar nenhum"/ "Riquezas são diferenças".

Ao mesmo tempo, creio só terem sido possíveis tais formulações pessoais pelo fato de eu haver nascido e vivido em São Paulo. Por essa ser uma cidade que permite, ou mesmo propicia, esse desapego para com raízes geográficas, raciais, culturais. Por eu ver São Paulo como um gigante liquidificador onde as informações diversas se misturam, gerando novas interpretações, exceções.

Por sua multiplicidade de referências étnicas, linguísticas, culturais, religiosas, arquitetônicas, culinárias...

São Paulo não tem símbolos que deem conta de sua diversidade. Nada aqui é típico daqui. Não temos um corcovado, uma arara, um cartão postal. São Paulo são muitas cidades em uma.

Sempre me pareceram sem sentido as guerras, os fundamentalismos, a intolerância ante a diversidade.

Assim, fui me sentindo cada vez mais um cidadão do planeta. Acabei atribuindo parte desse sentimento à formação miscigenada do Brasil.

Acontece que a miscigenação brasileira parece ter se multiplicado em São Paulo, num ambiente urbano que foi crescendo para todos os lados, sem limites.

Até a instabilidade climática daqui parece haver contribuído para essa formação aberta ao acaso, à imprevisibilidade das misturas.

Ao mesmo tempo, temos preservados inúmeros nomes indígenas designando lugares, como Ibirapuera, Anhangabaú, Butantã etc. Primitivismo em contexto cosmopolita, como soube vislumbrar Oswald de Andrade.

Não é à toa que partiram daqui várias manifestações culturais.

São Paulo fragmentária, com sua paisagem recortada entre praças e prédios; com o ruído dos carros entrando pelas janelas dos apartamentos como se fosse o ruído longínquo do mar; com seus crepúsculos intensificados pela poluição; seus problemas de trânsito, miséria e violência convivendo com suas múltiplas ofertas de lazer e cultura; com seu crescimento indiscriminado, sem nenhum planejamento urbano; com suas belas alamedas arborizadas e avenidas de feiura infinita.

(Adaptado de: ANTUNES, Arnaldo. Alma paulista. Disponível em http://www.arnaldoantunes.com.br).

---

84. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 3/2014) No texto, o autor

(A) descreve São Paulo como uma cidade marcada por contrastes de diversas ordens.

(B) assinala a relevância da análise de Oswald de Andrade a respeito do provincianismo da antiga São Paulo.

(C) critica o fato de nomes indígenas, ininteligíveis, designarem, ainda hoje, lugares comuns da cidade de São Paulo.

(D) sugere que o trânsito, com seus ruídos longínquos, é o principal problema da cidade de São Paulo.

(E) utiliza-se da ironia ao elogiar a instabilidade climática e a paisagem recortada da cidade de São Paulo.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – Evidências em: praças e prédios; o ruído dos carros entrando pelas janelas dos apartamentos como se fosse o ruído longínquo do mar; com seus crepúsculos intensificados pela poluição; seus problemas de trânsito, miséria e violência convivendo com suas múltiplas ofertas de lazer e cultura; com seu crescimento indiscriminado, sem nenhum planejamento urbano; com suas belas alamedas arborizadas e avenidas de feiura infinita.

Alternativa "b" – Não menciona o provincianismo da antiga São Paulo e, quanto a Oswald, apenas foi mencionado (sabia deslumbrar).

Alternativa "c" – Não há crítica; há elogio.

Alternativa "d" – Não existe principal problema, existem vários problemas.

Alternativa "e" – Não há ironia.

---

85. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 3/2014) O autor

(A) opõe a oferta de atividades de lazer disponíveis em São Paulo ao seu desapego pessoal por raízes geográficas, raciais e culturais.

(B) atribui a tolerância à miscigenação brasileira à diversidade que se exprime com grande força em São Paulo.

(C) encontra razões plausíveis para a violência da cidade de São Paulo e o crescimento sem limites de sua área urbana.

(D) considera a falta de planejamento urbano da cidade de São Paulo a causa da feiura infinita de suas avenidas.

(E) estabelece uma associação entre a diversidade típica de São Paulo e a falta de um símbolo que sirva de cartão postal para a cidade.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" – No quarto parágrafo: São Paulo não tem símbolos que deem conta de sua diversidade. Nada aqui é típico daqui. Não temos um corcovado, uma arara, um cartão postal. São Paulo são muitas cidades em uma.

Alternativa "a" – Erro em "desapego pessoal".

Alternativa "b" – Apenas há menção de que a miscigenação brasileira parece ter se multiplicado em São Paulo.

Alternativa "c" – Não cita razões; cita características da violência.

Alternativa "d" – Contrasta a feiura das avenidas com suas belas alamedas arborizadas.

Texto para as questões.

VAIDADE DO HUMANISMO

A vaidade, desde sua etimologia latina vanitas, aponta para o vazio, para o sentimento que habita o vão. Mas é possível tratar dela com mais condescendência do que os moralistas rigorosos que costumam condená-la inapelavelmente. Pode-se compreendê-la como uma contingência humana que talvez seja preciso antes reconhecer com naturalidade do que descartar como um vício abominável. Como se sabe, a vaidade está em todos nós em graus e com naturezas diferentes, e há uma vaidade que devemos aceitar: aquela que corresponde não a um mérito abstrato da pessoa, a um dom da natureza que nos tornasse filhos prediletos do céu, mas a algum trabalho que efetivamente tenhamos realizado, a uma razão objetiva que enraíza a vaidade no mesmo chão que foi marcado pelo nosso melhor esforço, pelo nosso trabalho de humanistas.

Na condição de humanistas, temos interesse pelo estudo das formações sociais, dos direitos constituídos e do papel dos indivíduos, pela liberdade do pensamento filosófico que se pensa a si mesmo para pensar o mundo, pela arte literária que projeta e dá forma em linguagem simbólica aos desejos mais íntimos; por todas as formas, enfim, de conhecimento que ainda tomam o homem como medida das coisas. Talvez nosso principal desafio, neste tempo de vertiginoso avanço tecnológico, esteja em fazer da tecnologia uma aliada preciosa em nossa busca do conhecimento real, da beleza consistente e de um mundo mais justo – todas estas dimensões de maior peso do que qualquer virtualidade. O grande professor e intelectual palestino Edward Said, num livro cujo título já é inspiração para uma plataforma de trabalho – Humanismo e crítica democrática – afirma a certa altura: "como humanistas, é da linguagem que partimos"; "o ato de ler é o ato de colocar-se na posição do autor, para quem escrever é uma série de decisões e escolhas expressas em palavras". Nesse sentido, toda leitura é o compartilhamento do sujeito leitor com o sujeito escritor – compartilhamento justificado não necessariamente por adesão a um ponto de vista, mas pelo interesse no reconhecimento e na avaliação do ponto de vista do outro. Que seja este um nosso compromisso fundamental. Que seja esta a nossa vaidade de humanistas.

(Derval Mendes Sapucaia, inédito)

---

86. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 4/2014) O sentimento da vaidade, ao longo do primeiro parágrafo do texto, é considerado e qualificado com alguma condescendência

(A) pelo fato de ser um defeito natural, de que as pessoas não conseguem livrar-se e contra o qual é inútil lutar.

(B) quando sua razão de ser deriva de alguma efetiva conquista que alcançamos em virtude do nosso trabalho.

(C) pelo fato de que os moralistas, sendo inapelavelmente rigorosos, não conseguem divisar os méritos espirituais de quem os detém.

(D) quando sua razão de ser se deve à generosidade mesma com que a natureza recompensa os indivíduos por seus méritos pessoais.

(E) pelo fato de constituir um vício tolerável, já que a vaidade decorre de alguma razão objetiva pela qual o sujeito deve se orgulhar.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b"

○ **Nota da autora**: Importante ressaltar o que significa condescendência = qualidade de quem é condescendente; que possui tolerância, complacência e transigência.

– No primeiro parágrafo: Como se sabe, a vaidade está em todos nós em graus e com naturezas diferentes, e há uma vaidade que devemos aceitar: aquela que corresponde não a um mérito abstrato da pessoa, a um dom da natureza que nos tornasse filhos prediletos do céu, mas a algum trabalho que efetivamente tenhamos realizado, a uma razão objetiva que enraíza a vaidade no mesmo chão que foi marcado pelo nosso melhor esforço, pelo nosso trabalho de humanistas.

Alternativa "a" – Não. Afirma que *é possível tratar dela com mais condescendência do que os moralistas rigorosos que costumam condená-la inapelavelmente.*

Alternativa "c" – A ideia não é considerada como condescendência.

Alternativa "d" – Trata-se, apenas, de uma informação: *a vaidade está em todos nós em graus e com naturezas diferentes, e há uma vaidade que devemos aceitar: aquela que corresponde não a um mérito abstrato da pessoa, a um dom da natureza que nos tornasse filhos prediletos do céu.*

Alternativa "e" – Apenas cita que a vaidade corresponde *a uma razão objetiva que enraíza a vaidade no mesmo chão que foi marcado pelo nosso melhor esforço, pelo nosso trabalho de humanistas.*

---

87. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 4/2014) Atente para as seguintes afirmações:

I. A condição de humanistas define-se quando o homem mesmo é tomado como a medida essencial das coisas, razão pela qual um humanista deve desconsiderar parcerias com os avanços da tecnologia.

II. Para Edward Said, no ato de ler o leitor busca compreender o ponto de vista do autor, não para necessariamente concordar com ele, mas para reconhecer e ponderar a perspectiva própria do outro.

III. Acima das representações virtuais, oferecidas pela perspectiva tecnológica, está a busca de conhecimento efetivo, da beleza real das coisas e de uma melhor distribuição de justiça social.

Em relação ao texto, está correto o que consta em

(A) I, II e III.

(B) I e II, apenas.

(C) I e III, apenas.

(D) II e III, apenas.

(E) III, apenas.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d"

I. Errado, pois *nosso principal desafio, neste tempo de vertiginoso avanço tecnológico, esteja em fazer da tecnologia uma aliada preciosa em nossa busca do conhecimento real, da beleza consistente e de um mundo mais justo – todas estas dimensões de maior peso do que qualquer virtualidade.* Não é a razão.

II. Certo: *toda leitura é o compartilhamento do sujeito leitor com o sujeito escritor – compartilhamento justificado não necessariamente por adesão a um ponto de vista, mas pelo interesse no reconhecimento e na avaliação do ponto de vista do outro.*

III. Certo: o trecho mencionado no item I confirma a ideia.

---

88. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 4/2014) Ao se definir a condição de humanistas, no segundo parágrafo do texto, contempla-se a atividade específica de um ....quando se fala em ....

Preenchem, adequada e respectivamente, as lacunas da frase acima:

(A) tecnocrata – estudo das formações sociais

(B) antropólogo – arte literária que projeta e dá forma em linguagem simbólica aos desejos mais íntimos

(C) historiador – direitos constituídos

(D) jurista – papel dos indivíduos

(E) filósofo – pensamento que se pensa a si mesmo para pensar o mundo

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" – Não há dúvida de que a condição de humanista está ligada à filosofia: ***Humanismo** é a filosofia moral* que coloca os humanos como principais, numa escala de importância. É uma perspectiva comum a uma grande variedade de posturas éticas que atribuem a maior importância à dignidade, aspirações e capacidades humanas, particularmente a racionalidade. Embora a palavra possa ter diversos sentidos, o significado filosófico essencial destaca-se por contraposição ao apelo ao sobrenatural ou a uma autoridade superior. Desde o século XIX, o humanismo tem sido associado ao Anticlericalismo herdado dos filósofos iluministas do século XVIII. A segunda informação está no início do segundo parágrafo.

Alternativa "a" – *Tecnocrata* é pessoa que administra, governante de um Estado ou alto funcionário, que desenvolve resoluções técnicas e/ou lógicas para solucionar dificuldades, não tendo em consideração as particularidades humanas ou sociais.

Alternativa "b" – *Antropólogo* é quem estuda antropologia: ciência que dedica ao estudo do homem (espécie humana) em sua totalidade, tendo em conta sua origem, desenvolvimento (físico, social, cultural), comportamento, psicologia, particularidades raciais, hábitos, costumes, conhecimentos, crenças etc.

Alternativa "c" – Não há relação com historiador apenas, embora estude a história. O detalhe é inserir "direitos constituídos" e com referência ao segundo parágrafo.

Alternativa "d" – *Jurista* é indivíduo que possui muito conhecimento acerca do direito jurídico, geralmente, trabalha dando consultoria e emitindo pareceres jurídicos; jurisconsulto.

---

89. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 4/2014) Considerando-se o contexto do primeiro parágrafo, traduz-se adequadamente o sentido de um segmento em:

(A) condená-la implacavelmente = injuriá-la inapelavelmente

(B) contingência humana = essencialidade humanista

(C) antes reconhecer do que descartar = admitir em vez de rejeitar

(D) naturezas diferentes = ocasiões anômalas

(E) mérito abstrato da pessoa = vantagem inigualável do sujeito

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c"

Nota da autora: Questão de interpretação e semântica (significado das palavras).

- antes de reconhecer = admitir

- do que descartar = em vez de rejeitar.

▶ **DICA:** Tanto "em vez de" quanto "ao invés de" podem ser usados para expressar ideias opostas. *Em vez de:* pode ser aplicado quando o sentido é de substituição; *ao invés de:* carrega apenas o sentido de oposição (palavras opostas).

Alternativa "a" – **Condenar**: rejeitar, julgar incapaz do serviço a que é destinado; obrigar, forçar; reprovar, censurar, refutar. **Injuriar**: ofender com ações ou ditos; difamar, insultar. **Implacavelmente**: de maneira implacável, inflexível, intransigente. **Inapelavelmente**: sem apelação; que não se consegue apelar; que não pode ser alvo de recurso; irrecorrível; causar dano, estrago a.

Alternativa "b" – **Contingência:** possibilidade de que algo se realize ou não. **Essencialidade:** característica ou condição daquilo que é essencial.

Alternativa "d" – *Natureza* e *ocasião* já eliminam a alternativa sem precisar pensar demais. **Diferente:** sem qualquer ou alguma semelhança, não possuidor de características que denotam igualdade, que não é igual. **Anômala:** característica de algo irregular ou fora do comum. Qualidade daquilo que se opõe à ordem natural das coisas.

Alternativa "e" – **Mérito:** aquilo que faz com que uma pessoa seja digna de elogio, de recompensa; merecimento. **Vantagem:** primazia, excelência. **Abstrato:** que não é concreto (real ou verdadeiro); que é resultado do processo intelectual de abstração; que só pode existir no pensamento (ideia); que não está relacionado com a realidade percebida pela utilização dos sentidos. **Inigualável:** que não pode ser igualado.

Questão fácil, ou melhor, questão média.

Texto para a questão.

UM PROGRAMA A SER ADOTADO

O PET – Programa de Educação pelo Trabalho – está fazendo dez anos, que serão comemorados num evento promovido pelo TRF4, que contará com representantes da Fase – Fundação de Atendimento Socioeducativo do Rio Grande do Sul.

Há dez anos seria difícil imaginar um interno da Fase em cumprimento de medida socioeducativa saindo para trabalhar em um tribunal e, no final do dia, retornar à fundação. Muitos desacreditariam da iniciativa de colocar um adolescente infrator dentro de um gabinete de desembargador ou da Presidência de um tribunal. Outros poderiam discriminar esses jovens e desejá-los longe do ambiente de trabalho.

Todas essas barreiras foram vencidas. Em uma década, o PET do TRF4 se tornou realidade, quebrou preconceitos, mudou a cultura da própria instituição e a vida de 154 adolescentes que já passaram pelo projeto. São atendidos jovens entre 16 e 21 anos, com escolaridade mínima da 4ª série do ensino fundamental. O tribunal enfrenta o desafio de criar, desenvolver e, principalmente, manter um programa de reinserção social. Os resultados do trabalho do PET com os menores que cumprem medida socioeducativa na Fase são considerados muito positivos quando se fala de jovens em situação de vulnerabilidade social. Durante esses dez anos, 45% dos participantes foram inseridos no mercado de trabalho e muitos já concluíram o ensino médio; cerca de 70% reorganizaram suas vidas e conseguiram superar a condição de envolvimento em atividades ilícitas.

Na prática, os jovens trabalham durante 4 horas nos gabinetes de desembargadores e nas unidades administrativas do tribunal. Recebem atendimento multidisciplinar, com acompanhamento jurídico, de psicólogos e de assistentes sociais. Por meio de parcerias com entidades, já foram realizados cursos de mecânica, de padaria e de garçom. Destaque a considerar é o projeto "Virando a página": oficinas de leitura e produção textual, coordenadas por servidores do TRF4 e professores e formandos de faculdades de Letras.

(Adaptado de: wttp://www2.trf4.jus.br/trf4/controlador.php?acao=noticia_visualizar&id_noticia=10129)

90. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 4/2014) Atente para as seguintes afirmações:

I. O objetivo central do PET é o aproveitamento de menores infratores em funções administrativas, exercidas em vários tribunais, de modo que esses menores reponham com trabalho o que ficaram devendo à sociedade, por conta de atividades ilícitas.

II. A reinserção de jovens infratores no mercado de trabalho é um esforço que enfrenta preconceitos e barreiras sociais, pois há quem não admita a coexistência em um mesmo espaço de trabalho entre autoridades e menores envolvidos em práticas ilícitas.

III. O sucesso do PET não está apenas no espírito afirmativo do programa, mas se reflete nos resultados concretos que apontam, em termos percentuais, uma expressiva inserção de jovens infratores no mercado de trabalho.

Em relação ao texto, está correto o que consta em

(A) I, II e III.

(B) I e II, apenas.

(C) II e III, apenas.

(D) I e III, apenas.

(E) II, apenas.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c"

I. Errado: o objetivo do PET é a reinserção de jovens (internos) na sociedade, através de estudo e trabalho: *cerca de 70% reorganizaram suas vidas e conseguiram superar a condição de envolvimento em atividades ilícitas.*

II. Certo. No segundo parágrafo: *Há dez anos seria difícil imaginar um interno da Fase em cumprimento de medida socioeducativa saindo para trabalhar em um tribunal e, no final do dia, retornar à fundação. Muitos desacreditariam da iniciativa de colocar um adolescente infrator dentro de um gabinete de desembargador ou da Presidência de um tribunal. Outros poderiam discriminar esses jovens e desejá-los longe do ambiente de trabalho.*

III. Certo. Percentuais já mencionados no comentário do item I. Complementando: *Durante esses dez anos, 45% dos participantes foram inseridos no mercado de trabalho e muitos já concluíram o ensino médio.*

Texto.

Ainda aluna de medicina, Nise da Silveira se horrorizou ao ver o professor abrir com um bisturi o corpo de uma jia e deixar à mostra, pulsando, seu pequenino coração.

Esse fato define a mulher que iria revolucionar o tratamento da esquizofrenia e pôr em questão alguns dogmas estéticos em vigor mesmo entre artistas antiacadêmicos e críticos de arte.

A mesma sensibilidade à flor da pele que a fez deixar, horrorizada, a aula de anatomia, levou-a a se opor ao tratamento da esquizofrenia em voga na época em que se formou: o choque elétrico, o choque insulínico, o choque de colabiosol e, pior do que tudo, a lobotomia, que consistia em secionar uma parte do cérebro do paciente. Tomou-se de revolta contra tais procedimentos, negando-se a aplicá-los nos doentes a ela confiados. Foi então que o diretor do hospital, seu amigo, disse-lhe que não poderia mantê-la no emprego, a não ser em outra atividade que não envolvesse o tratamento médico. – Mas qual?, perguntou ela. – Na terapia ocupacional, respondeu-lhe o diretor.

A terapia ocupacional, naquela época, consistia em pôr os internados para lavar os banheiros, varrer os quartos e arrumar as camas. Nise aceitou a proposta e, em pouco tempo, em lugar de faxina, os pacientes trabalhavam em ateliês improvisados, pintando, desenhando, fazendo modelagem com argila e encadernando livros. Desses ateliês saíram alguns dos artistas mais criativos da arte brasileira, cujas obras passaram a constituir o hoje famosíssimo Museu de Imagens do Inconsciente do Centro Psiquiátrico Nacional, situado no Engenho de Dentro, no Rio.

É que sua visão da doença mental diferia da aceita por seus companheiros psiquiatras. Enquanto, para estes, a loucura era um processo progressivo de degenerescência cerebral, que só se poderia retardar com a intervenção direta no cérebro, ela via de outro modo, confiando que o trabalho criativo e a expressão artística contribuiriam para dar ordem e equilíbrio ao mundo subjetivo e afetivo tumultuado pela doença.

Por isso mesmo acredito que o elemento fundamental das realizações e das concepções de Nise da Silveira era o afeto, o afeto pelo outro. Foi por não suportar o sofrimento imposto aos pacientes pelos choques que ela buscou e inventou outro caminho, no qual, em vez de ser vítima da truculência médica, o doente se tornou sujeito criador, personalidade *livre capaz de criar um universo mágico em que os problemas insolúveis arrefeciam.*

(Adaptado de: GULLAR, Ferreira. A Cura pelo Afeto. Resmungos, São Paulo: Imprensa Oficial, 2007)

---

91. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 19/2014) De acordo com o texto, Nise da Silveira

(A) propôs a prática artística como coadjuvante no tratamento de doenças mentais, ao lado dos procedimentos em voga à sua época.

(B) introduziu mudanças na psiquiatria, deixando de ver a loucura como um processo de degeneração mental, além de pôr em xeque ditames da arte de seu tempo.

(C) passou a trabalhar tendo como parâmetro os afetos dos pacientes, a despeito da prática artística envolvida no tratamento da esquizofrenia.

(D) praticou o que havia de mais atual em termos de tratamento psiquiátrico, o que pressupunha o contato com artistas consagrados de então.

(E) encontrou, já nas primeiras aulas de psiquiatria, o fundamento de sua visão sobre terapia ocupacional, qual seja, a aceitação racional da doença por parte do paciente.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" – Sim. Ela, estando entre as primeiras mulheres no Brasil a se formar em Medicina, dedicou sua vida à psiquiatria e se manifestou radicalmente contrária às formas agressivas de tratamento de sua época, tais como o confinamento em hospitais psiquiátricos, eletrochoque, insulinoterapia e lobotomia. Foi uma pioneira na pesquisa das relações emocionais entre pacientes e animais.

Alternativa "a" – A prática artística foi decorrência de uma opção alternativa para o que chamavam, na época, de Terapia Ocupacional.

Alternativa "c" – O trabalho exercido por Nise não passou a ter como parâmetro o afeto dos pacientes. Segundo o autor "o elemento fundamental das realizações e das concepções de Nise da Silveira era o afeto, o afeto pelo outro." Note que "sempre foi" e não "passou a ser".

Alternativa "d" – Ela praticou tratamentos que acreditava eficazes, estimulando as atividades artísticas nos pacientes.

Alternativa "e" – As primeiras aulas serviram para traçar o perfil da mulher que se oporia a tratamentos invasivos praticados na época, fazendo com que ela se revoltasse com tais procedimentos, buscando alternativas nunca utilizadas antes, como estímulo artístico e relações emocionais entre pacientes e animais.

---

92. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 19/2014) O autor do texto considera que

(A) os avanços obtidos por Nise da Silveira, por dizerem respeito ao tratamento de esquizofrenia, devem ser vistos com cautela em termos artísticos.

(B) a dimensão afetiva fez com que os pacientes passassem a se adequar aos tratamentos psiquiátricos em voga, o que foi uma grande conquista em termos de terapia ocupacional.

(C) o afeto pelo outro foi o diferencial oferecido por Nise da Silveira, que fez com que seus pacientes se tornassem verdadeiros agentes em seus próprios tratamentos.

(D) a subjetividade tumultuada dos doentes adquiria ordem e equilíbrio quando eram submetidos a tratamentos clínicos, muito embora isso arrefecesse sua capacidade artística.

(E) a arte contribui para a criação de um universo imaginário que distrai os pacientes do cerne de sua condição, servindo de cura para suas enfermidades.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" – Encontramos essa premissa no trecho abaixo:

"Por isso mesmo acredito que o elemento fundamental das realizações e das concepções de Nise da Silveira era o afeto, o afeto pelo outro. Foi por não suportar o sofrimento imposto aos pacientes pelos choques que ela buscou e inventou outro caminho, no qual, em vez de ser vítima da truculência médica, o doente se tornou sujeito criador, personalidade livre capaz de criar um universo mágico em que os problemas insolúveis arrefeciam." (grifo nosso)

Alternativa "a" – O autor deixa bem claro que as atividades artísticas foram coadjuvantes nos tratamentos propostos por Nise, o que só colaborou para avanços na medicina psiquiátrica.

Alternativa "b" – Os pacientes não se adaptavam aos tratamentos em voga (eletrochoques, lobotomia, insulinoterapia). O que ocorreu foi que a sensibilidade de Nise vislumbrou alternativas como estímulos artísticos e relações afetivas com animais.

Alternativa "d" – Ao contrário: os tratamentos clínicos praticados na época apenas tumultuavam ainda mais a ordem e o equilíbrio dos pacientes.

Alternativa "e" – A arte não distrai o paciente, ela colabora para sua liberdade de expressão, aliviando os sintomas das doenças psiquiátricas e canalizando suas atitudes para a ordem e o equilíbrio.

No texto abaixo, Graciliano Ramos narra seu encontro com Nise da Silveira.

Chamaram-me da porta: uma das mulheres recolhidas à sala 4 desejava falar comigo. Estranhei. Quem seria? E onde ficava a sala 4? Um sujeito conduziu-me ao fim da plataforma, subiu o corrimão e daí, com agilidade forte, galgou uma janela. Esteve alguns minutos conversando, gesticulando, pulou no chão e convidou-me a substituí-lo. Que? Trepar-me àquelas alturas, com tamancos?

Examinei a distância, receoso, descalcei-me, resolvi tentar a difícil acrobacia. A desconhecida amiga exigia de mim um sacrifício; a perna, estragada na operação, movia-se lenta e perra; se me desequilibrasse, iria esborrachar-me no pavimento inferior. Não houve desastre. Numa passada larga, atingi o vão da janela; agarrei-me aos varões de ferro, olhei o exterior, zonzo, sem perceber direito por que me achava ali. Uma voz chegou-me, fraca, mas no primeiro instante não atinei com a pessoa que falava. Enxerguei o pátio, o vestíbulo, a escada já vista no dia anterior. No patamar, abaixo de meu observatório, uma cortina de lona ocultava a Praça Vermelha. Junto, à direita, além de uma grade larga, distingui afinal uma senhora pálida emagra, de olhos fixos, arregalados. O rosto moço revelava fadiga, aos cabelos negros misturavam-se alguns fios grisalhos. Referiu-se a Maceió, apresentou-se:

– Nise da Silveira.

Noutro lugar o encontro me daria prazer. O que senti foi surpresa, lamentei ver minha conterrânea fora do mundo, longe da profissão, do hospital, dos seus queridos loucos. Sabia-a culta e boa, Rachel de Queiroz me afirmara a grandeza moral daquela pessoinha tímida, sempre a esquivar-se, a reduzir-se, como a escusar-se de tomar espaço. Nunca me havia aparecido criatura mais simpática. O marido, também médico, era meu velho conhecido Mário Magalhães. Pedi notícias dele: estava em liberdade. E calei-me, num vivo constrangimento.

De pijama, sem sapatos, seguro à verga preta, achei-me ridículo e vazio; certamente causava impressão muito infeliz. Nise, acanhada, tinha um sorriso doce, fitava-me os bugalhos enormes, e isto me agravava a perturbação, magnetizava-me. Balbuciou imprecisões, guardou silêncio, provavelmente se arrependeu de me haver convidado para deixar-me assim confuso.

(RAMOS, Graciliano, Memórias do Cárcere, vol. 1. São Paulo,Record, 1996, p. 340 e 341)

93. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 19/2014) De acordo com o texto,

(A) Nise da Silveira apresenta-se a Graciliano Ramos, que se sente constrangido por não saber quem ela é, enquanto ela demonstra já conhecê-lo.

(B) Graciliano Ramos arrepende-se de conhecer pessoalmente Nise da Silveira, muito embora ela tenha demonstrado simpatia por sua situação.

(C) Nise da Silveira passa a guardar silêncio ao perceber que o escritor, descalço e de pijama, encontrava-se bastante infeliz.

(D) defronte à sua nova amiga, o escritor sente-se pouco à vontade, uma vez que não possuíam afinidades profissionais, tampouco suspeitavam a razão de estarem no mesmo lugar.

(E) o encontro entre Graciliano Ramos e Nise da Silveira ocorreu de maneira inusitada para o escritor, que se mostrou constrangido em virtude da situação em que se encontravam.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" – Podemos perceber claramente o constrangimento do escritor no trecho abaixo:

"A desconhecida amiga exigia de mim um sacrifício; a perna, estragada na operação, movia-se lenta e perra [...] Numa passada larga, atingi o vão da janela; agarrei-me aos varões de ferro, olhei o exterior, zonzo, sem perceber direito por que me achava ali.

[...]E calei-me, num vivo constrangimento.

De pijama, sem sapatos, seguro à verga preta, achei-me ridículo e vazio; certamente causava impressão muito infeliz." (grifo nosso)

Alternativa "a" – Ele sabe quem é ela, sua profissão, conhece seu marido. O constrangimento se deu pela situação em que se encontravam: prisão, pijamas, descalço, pendurado ao vergalhão da janela.

Alternativa "b" – Não houve arrependimento em conhecê-la, apenas o escritor manifesta que " Noutro lugar o encontro me daria prazer."

Alternativa "c" – O silêncio instalou-se, pois Nise arrependeu-se de ter colocado Graciliano naquela situação confusa e constrangedora. Analise:

"[...] Balbuciou imprecisões, guardou silêncio, provavelmente se arrependeu de me haver convidado para deixar-me assim confuso." (grifo nosso)

Alternativa "d" – Afinidades existiam. A razão de estarem ali era conhecida. O que o deixou pouco à vontade foi a situação confusa e constrangedora.

94. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 19/2014) Considere as afirmações abaixo.

I. No trecho Chamaram-me da porta: uma das mulheres recolhidas à sala 4 desejava falar comigo. Estranhei. Quem seria? E onde ficava a sala 4? (1° parágrafo), a pontuação contribui para o clima de perplexidade pretendido pelo narrador.

II. As perguntas Que? Trepar-me àquelas alturas, com tamancos? (1° parágrafo) são retóricas, de maneira que se podem suprimir os pontos de interrogação.

III. No segmento ...olhei o exterior, zonzo, sem perceber direito porque me achava ali (2° parágrafo), a vírgula imediatamente após "exterior" pode ser suprimida, sem prejuízo para o sentido original.

Está correto o que se afirma APENAS em

(A) I.

(B) II.

(C) II e III.

(D) I e II.

(E) I e III.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a"

✪ Nota da autora: Questão de interpretação e pontuação.

I – Certo. O clima de perplexidade é estimulado por orações curtas e interrogativas. O narrador está em busca de respostas. Respostas rápidas.

II – Errado. Se os pontos de interrogação forem suprimidos, deixarão de ser retóricas, aquelas perguntas que não exigem respostas, apenas reflexão e interação do leitor.

III – Errado. Se a primeira vírgula for retirada haverá prejuízo semântico, pois o adjetivo "zonzo", originalmente está ligado ao sujeito elíptico "eu". Com a alteração, o mesmo adjetivo passaria a qualificar o vocábulo "exterior". Analise, abaixo, as duas situações:

Sentido original (eu) olhei o exterior, zonzo, sem perceber

Sentido após alteração (eu) olhei o exteriorzonzo, sem perceber

Texto.

Errância

Só porque
erro
encontro
o que não se
procura
só porque
erro
invento
o labirinto
a busca
a coisa
a causa da
procura
só porque
erro
acerto: me
construo
Margem de
erro: margem
de liberdade.

(FONTELA, Orides, Poesia Reunida, São Paulo, CosacNaify, 2006, p. 202)

95. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 19/2014) De acordo com o poema,

(A) construir-se significa aprender com os erros, evitando-os de maneira a não comprometer sua liberdade.

(B) o erro, como eliminação de uma possibilidade falha, constitui um mecanismo de aferição na busca pelas coisas certas.

(C) o erro, ao desviar-se de uma finalidade predeterminada, abre a possibilidade do caminho inusitado, identificado aqui com a liberdade.

(D) acertar envolve dificuldades equiparáveis às de um labirinto, cuja única saída é aqui identificada com a liberdade.

(E) erro e acerto são noções imprecisas, comparáveis a um labirinto conceitual, e sua compreensão depende da finalidade de cada busca.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" – De acordo com o poema, o erro pode levar ao caminho da liberdade, desde que esse não seja o objetivo pré-determinado. O autor compara a margem de erro à margem de liberdade de alguém que se permite errar, pois: "só porque erro/acerto: me/construo".

Alternativa "a" – O poema não sugere que se deva evitar erros.

Alternativa "b" – O poema não coloca o erro como mecanismo de aferição.

Alternativa "d" – Não, o poema diz que "só porque/ erro/ invento/ o labirinto".

Alternativa "e" – Erro e acerto não são noções imprecisas.

---

96. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 19/2014) Considere as afirmações abaixo.

I. A terceira estrofe do poema (A busca / a coisa / a causa da / procura) pode ser entendida como uma explicação do que seja o labirinto.

II. Nas duas últimas estrofes, os dois-pontos introduzem não apenas uma explicação, mas também uma consequência do que é dito anteriormente.

III. Em prosa, mantendo-se a correção e o sentido, as duas primeiras estrofes podem ser reescritas do seguinte modo: "Só porque erro, encontro, o que não se procura só, porque erro invento, o labirinto".

Está correto o que se afirma APENAS em

(A) I e II.

(B) I e III.

(C) III.

(D) II.

(E) II e III.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a"

⊙ **Nota da autora:** Questão de interpretação e pontuação.

I – Correto: o autor usa uma sequência de expressões curtas que causam a impressão de gradação queé uma figura de linguagem, relacionada com a enumeração, onde são expostas determinadas ideias de forma crescente, em direção a um clímax, que seria o próprio labirinto.

II – Correto: os dois-pontos marcam uma situação catafórica, ou seja, a citação de algo que explicará o que foi dito anteriormente.

"só porque

erro

acerto: me

construo

Observe que o acerto é a construção!

Margem de

erro: margem

de liberdade."

E a margem de erro é a própria liberdade.

III – Errado. Ao transpor os versos para a prosa, o período ficou totalmente prejudicado pela pontuação. As vírgulas não podem separar o verbo de seu complemento. No caso, elas separam, equivocadamente, o VTD do Objeto Direto. Levando em consideração que se trata de oração subordinada deslocada à frente da oração principal, o período estaria corretamente pontuado se estivesse escrito assim: "Só porque erro, encontro o que não se procura; só porque erro, invento o labirinto".

Texto.

O MAQUINISTA empurra a manopla do acelerador. O trem cargueiro começa a avançar pelos vastos e desertos prados do Cazaquistão, deixando para trás a fronteira com a China.

O trem segue mais ou menos o mesmo percurso da lendária Rota da Seda, antigo caminho que ligava a China à Europa e era usado para o transporte de especiarias, pedras preciosas e, evidentemente, seda, até cair em desuso, seis séculos atrás.

Hoje, a rota está sendo retomada para transportar uma carga igualmente preciosa: laptops e acessórios de informática fabricados na China e enviados por trem expresso para Londres, Paris, Berlim e Roma.

A Rota da Seda nunca foi uma rota única, mas sim uma teia de caminhos trilhados por caravanas de camelos e cavalos a partir de 120 a.C., quando Xi'an – cidade do centro-oeste chinês, mais conhecida por seus guerreiros de terracota – era a capital da China.

As caravanas começavam cruzando os desertos do oeste da China, viajavam por cordilheiras que acompanham as fronteiras ocidentais chinesas e então percorriam as pouco povoadas estepes da Ásia Central até o mar Cáspio e além.

Esses caminhos floresceram durante os primórdios da Idade Média. Mas, à medida que a navegação marítima se expandiu e que o centro político da China se deslocou para Pequim, a atividade econômica do país migrou na direção da costa.

Hoje, a geografia econômica está mudando outra vez. Os custos trabalhistas nas cidades do leste da China dispararam na última década. Por isso as indústrias estão transferindo sua produção para o interior do país.

O envio de produtos por caminhão das fábricas do interior para os portos de Shenzhen ou Xangai – e de lá por navios que contornam a Índia e cruzam o canal de Suez – é algo que leva cinco semanas. O trem da Rota da Seda reduz esse tempo para três semanas. A rota marítima ainda é mais barata do que o trem, mas o custo do tempo agregado por mar é considerável.

Inicialmente, a experiência foi realizada nos meses de verão, mas agora algumas empresas planejam usar o frete ferroviário no próximo inverno boreal. Para isso adotam complexas providências para proteger a carga das temperaturas que podem atingir 40 °C negativos.

(Adaptado **de: www1.folhauol.com.br/FSP/newyorktimes/122473)**

---

97. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 19/2014) Depreende-se corretamente do texto:

(A) A lendária Rota da Seda foi abandonada porque as caravanas de camelos e cavalos tinham dificuldade de enfrentar o frio extremo da região.

(B) A expansão da navegação marítima colaborou para que, no passado, a atividade comercial da China migrasse na direção da costa.

(C) O frete ferroviário deve ser substituído pelo transporte marítimo no inverno, já que a carga a ser transportada pode ser danificada pelas baixas temperaturas.

(D) A partir da retomada da Rota da Seda, as fábricas chinesas voltaram a exportar quantidades significativas de especiarias.

(E) A navegação chinesa se expandiu e o transporte marítimo atingiu o seu auge durante a época em que Xi'an era a capital da China.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" – No sexto parágrafo do texto fica bastante claro que a navegação marítima colaborou para a migração da atividade comercial em direção da costa. Acompanhe no trecho abaixo:

"[...] Esses caminhos floresceram durante os primórdios da Idade Média. Mas, à medida que a navegação marítima se expandiu e que o centro político da China se deslocou para Pequim, a atividade econômica do país migrou na direção da costa.

Alternativa "a" – Não se conclui que o frio oferecia obstáculos a camelos e cavalos.

Alternativa "c" – O frete ferroviário não deve ser substituído pelo marítimo, uma vez que este é muito mais dispendioso considerando-se o tempo necessário para o transporte.

Alternativa "d" – A exportação atualmente é de produtos eletrônicos (laptops e acessórios de informática).

Alternativa "e" – Naquela época, os caminhos eram terrestres e trilhados por caravanas de camelos e cavalos.

Texto.

De que forma o conhecimento da cultura renascentista pode auxiliar no entendimento do presente?

A história da cultura renascentista ilustra com clareza o processo de construção cultural do homem moderno e da sociedade contemporânea. Nela se manifestam, já muito dinâmicos e predominantes, os germes do individualismo, do racionalismo e da ambição ilimitada, típicos de comportamentos mais imperativos e representativos do nosso tempo. Ela consagra a vitória da razão abstrata, que é a instância suprema de toda a cultura moderna, versada no rigor das matemáticas que passarão a reger os sistemas de controle do tempo e do espaço. Será essa mesma razão abstrata que estará presente na própria constituição da chamada identidade nacional. Ela é a nova versão do poder dominante e será consubstanciada no Estado Moderno, entidade controladora e disciplinadora por excelência, que impõe à sociedade um padrão único, monolítico e intransigente. Isso, contraditoriamente, fará brotar um anseio de liberdade e autonomia do espírito, certamente o mais belo legado do Renascimento à atualidade.

Como explicar a pujança do Renascimento, surgido em continuidade à miséria, à opressão e ao obscurantismo do período medieval?

O Renascimento assinala o florescimento de um longo processo de produção, circulação e acumulação de recursos econômicos, desencadeado desde a Baixa Idade Média. São os excedentes dessa atividade crescente em progressão maciça que serão utilizados para financiar, manter e estimular uma ativação econômica. Surge assim a sociedade dos mercadores, organizada por princípios como a liberdade de iniciativas, a cobiça e a potencialidade do homem, compreendido como senhor da natureza, destinado a dominá-la e a submetê-la à sua vontade. O Renascimento, portanto, é a emanação da riqueza e seus maiores compromissos serão para com ela.

(Adaptado **de: SEVCENKO, Nicolau. O renascimento. SãoPaulo: Atual; Campinas: Universidade Estadual de Campinas,1982. p. 2 e 3)**

98. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 19/2014) Depreende-se corretamente do texto:

(A) a escassez de recursos dos comerciantes medievais é consequência imediata do obscurantismo típico do período renascentista.

(B) a oposição entre o predomínio do obscurantismo e a supremacia da razão abstrata só se resolveu com a fundação do Estado Moderno.

(C) o comportamento insólito e ousado do homem renascentista foi determinante para que ele pudesse controlar os rumos tomados pela sociedade.

(D) as origens do comportamento individualista, do racionalismo e da ambição ilimitada, perceptíveis na sociedade contemporânea, remontam ao Renascimento.

(E) o domínio do homem sobre a natureza foi determinante para a aceleração do fluxo de capital que culminou no Renascimento.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d" – É isso que se depreende do texto, sobretudo no seu primeiro período onde se lê "A história da cultura renascentista ilustra com clareza o processo de construção cultural do homem moderno e da sociedade contemporânea. Nela se manifestam, já muito dinâmicos e predominantes, os germes do individualismo, do racionalismo e da ambição ilimitada, típicos de comportamentos mais imperativos e representativos do nosso tempo".

Alternativa "a" – Não se depreende ideia de obscurantismo, pois "O Renascimento assinala o florescimento de um longo processo de produção, circulação e acumulação de recursos econômicos..."

Alternativa "b" – Não se trata de resolver uma oposição, mas sim de considerar que a razão abstrata "... estará presente na própria constituição da chamada identidade nacional. Ela é a nova versão do poder dominante e será consubstanciada no Estado Moderno,..."

Alternativa "c" – Não foi o comportamento incomum e ousado, mas o "individualismo, do racionalismo e da ambição ilimitada, típicos de comportamentos mais imperativos e representativos do nosso tempo."

Alternativa "e" – Não se trata, no texto, do domínio do homem sobre a natureza.

---

99. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 19/2014) Assinala-se no texto

(A) a primazia do poder controlador do Estado Moderno sobre o pensamento abstrato na Baixa Idade Média, contra a qual o homem renascentista se mobilizou.

(B) a oposição entre o caráter disciplinador do Estado Moderno e o anseio de liberdade e autonomia do espírito.

(C) a legitimação do individualismo, elemento fundador da cultura moderna, cuja consequência foi a constituição de uma identidade nacional.

(D) um juízo de valor em relação à ambição ilimitada do homem renascentista, a qual dificultou o avanço das ciências exatas.

(E) o egocentrismo e a cobiça do homem renascentista, cujos resíduos negativos podem ser percebidos nos dias atuais.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" – Constatamos a dicotomia entre o perfil disciplinador e o anseio de liberdade e autonomia de espírito no trecho abaixo. Acompanhe:

> *"[...] Será essa mesma razão abstrata que estará presente na própria constituição da chamada identidade nacional. Ela é a nova versão do poder dominante e será consubstanciada no Estado Moderno, entidade controladora e disciplinadora por excelência, que impõe à sociedade um padrão único, monolítico e intransigente.Isso, contraditoriamente, fará brotar um anseio de liberdade e autonomia do espírito, certamente o mais belo legado do Renascimento à atualidade." (grifo nosso)*

Alternativa "a" – O homem renascentista não se mobilizou.

Alternativa "c" – Não foi o individualismo que deu origem à identidade nacional.

Alternativa "d" – Não há juízos de valor em relação à ambição renascentista.

Alternativa "e" – O texto não relaciona egocentrismo e cobiça ao renascentista.

Texto.

Falo somente do que falo:
do seco e de suas paisagens,
Nordestes, debaixo de um sol
ali do mais quente vinagre:
que reduz tudo ao espinhaço,
cresta o simplesmente folhagem,
folha prolixa, folharada,
onde possa esconder-se a fraude.
Falo somente por quem falo:
por quem existe nesses climas

condicionados pelo sol,
pelo gavião e outras rapinas:
e onde estão os solos inertes
de tantas condições caatinga
em que só cabe cultivar
o que é sinônimo da míngua
Falo somente para quem falo:
quem padece sono de morto
e precisa um despertador
acre, como o sol sobre o olho:
que é quando o sol é estridente,
a contrapelo, imperioso,
e bate nas pálpebras como
se bate numa porta a socos.

(Trecho de "Graciliano Ramos". João Cabral de Melo Neto. Melhores poemas de João Cabral de Melo Neto. SECCHIN, Antonio Carlos (Sel.), São Paulo: Global, 2013, formato ebook)

---

100. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 19/2014) Considere as afirmações abaixo.

I. Ao lançar mão da imagem de um despertador (terceira estrofe), o poeta visa a chamar para uma situação de miséria a atenção de um leitor indiferente.

II. É expressa no poema a intenção de dar voz a pessoas submetidas a um contexto de privação.

III. Depreende-se do poema que a miséria provocada pela seca se esconde nas folhas prolixas da paisagem.

Está correto o que se afirma APENAS em

(A) I e III.
(B) II e III.
(C) II.
(D) III.
(E) I e II.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e"

I – Correto: um leitor indiferente "padece sono de morto e precisa de um despertador".

II – Correto: a segunda estrofe do poema nos mostra a intenção do autor de dar voz àquelas pessoas que vivem "nesses climas /condicionados pelo sol,/pelo gavião e outras rapinas:..."

III – Errado. Depreende-se que não é a miséria que se esconde nas folhas prolixas da paisagem, mas sim a fraude. Observe:

"folha prolixa, folharada,
onde possa esconder-se a fraude."

---

101. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 19/2014) Afirma-se corretamente:

(A) No poema, considera-se o sol a causa da escassez da folhagem.

(B) O elemento grifado em como se bate numa porta a socos indica uma causa.

(C) Alguns dos adjetivos que caracterizam o sol no poema são inerte, estridente, imperioso.

(D) Critica-se no poema a inércia daqueles que não se esforçam para cultivar o solo.

(E) O segmento nesses climas condicionados pelo sol pode ser reescrito do seguinte modo: "nesses climas em que o sol os condiciona".

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – Marcando o estilo seco e a temática nordestina de Graciliano Ramos, João Cabral faz com que o sol esteja presente nas três estrofes do poema, enfatizando ser ele, o sol, o causador da escassez. Observe:

"debaixo de um ***sol***
ali do mais quente vinagre:
que reduz tudo ao espinhaço,
cresta o simplesmente folhagem, ..."(grifo nosso)

Alternativa "b" – "Como", neste contexto, é uma conjunção comparativa: o sol bate nas pálpebras como se fossem socos batendo numa porta. Analise:

"o sol é estridente,
[...]
e bate nas pálpebras como
se bate numa porta a socos."

Alternativa "c" – Os adjetivos "estridente e imperioso" estão, sim, qualificando o substantivo sol. No entanto, "inertes" está qualificando o substantivo solos.

Sol estridente e imperioso
Solos inertes

Alternativa "d" – Não, a crítica recai sobre as fraudes.

Alternativa "e" – A mudança proposta altera o significado.

Texto para as questões.

Diante do futuro

Que me importa o presente? No futuro é que está a existência dos verdadeiros homens. Guyau, a quem não me canso de citar, disse em uma de suas obras estas palavras:*

"Porventura sei eu se viverei amanhã, se viverei mais uma hora, se a minha mão poderá terminar esta linha que começo? A vida está por todos os lados cercada pelo Desconhecido. Todavia executo, trabalho, empreendo; e em todos os meus atos, em todos os meus pensamentos, eu pressuponho esse futuro com o qual nada me autoriza a contar. A minha atividade excede em cada minuto o instante presente, estende - se ao futuro. Eu consumo a minha energia sem recear que esse consumo seja uma perda estéril, imponho-me privações, contando que o futuro as resgatará – e sigo o meu caminho. Essa incerteza que me comprime de todos os lados equivale para mim a uma certeza e torna possível a minha liberdade – é o fundamento da moral especulativa com todos os riscos. O meu pensamento vai adiante dela, com a minha atividade; ele prepara o mundo, dispõe do futuro. Parece-me que sou senhor do infinito, porque o meu poder não é equivalente a nenhuma quantidade determinada; quanto mais trabalho, mais espero."

*** Jean-Marie Guyau (1854-1888), filósofo e poeta francês. (PRADO, AntonioArnoni (org.). Lima Barreto: uma autobiografia literária. São Paulo: Editora 34, 2012. p. 164)**

---

102. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 2/2014) Lima Barreto vale-se do texto de Guyau para defender a tese de que

(A) as ações do presente ganham sentido quando projetadas e executadas com vistas ao futuro.

(B) o futuro só é do nosso domínio quando nossas ações no tempo presente logram antevê-lo e iluminá-lo.

(C) as projeções do futuro só importam quando estiverem visceralmente ligadas às experiências do presente.

(D) o futuro ganha plena importância quando temos a convicção de que todas as nossas ações são duradouras.

(E) as ações do presente têm sua importância determinada pelo valor intrínseco de que se revestem.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – Sim, ainda que incerto, não se deve deixar de vislumbrar o futuro. Assim, ações presentes como: executar, trabalhar e empreender terão mais motivação e sentido.

Alternativa "b" – O futuro nunca é de nosso total domínio. Podemos planejá-lo, mas não dominá-lo.

Alternativa "c" – Ao contrário, o presente ganha mais importância quando o projetamos ao futuro.

Alternativa "d" – Não, nem todas as nossas ações são duradouras. Ainda assim, o futuro deve ser sempre vislumbrado.

Alternativa "e" – As ações presentes têm sua importância quando estendidas ao futuro. Observe o trecho a seguir:

"A minha atividade excede em cada minuto o instante presente, estende - se ao futuro."

---

103. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 2/2014) O fato de nossa vida estar cercada pelo Desconhecido não deve implicar uma restrição aos empreendimentos humanos, já que, para Guyau,

(A) o fundamento da moral especulativa está em planejar o futuro sem atentar para as circunstâncias presentes.

(B) o trabalho estéril executado no presente acumula energias que serão desfrutadas no futuro.

(C) a incerteza do futuro não elimina a possibilidade de tomá-lo como parâmetro dos nossos empreendimentos.

(D) os nossos atos tendem a se tornar estéreis quando pautados por uma visão otimista do futuro.

(E) a brevidade do tempo que temos para viver autoriza-nos a viver o presente com o máximo de intensidade.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" – O Desconhecido não deve implicar restrição de empreendimentos. Guyau pressupõe o futuro mesmo não tendo certeza de que ele existirá de fato. Veja o trecho abaixo:

"A vida está por todos os lados cercada pelo Desconhecido. Todavia executo, trabalho, empreendo; e em todos os meus atos, em todos os meus pensamentos, eu pressuponho esse futuro com o qual nada me autoriza a contar." (grifo nosso)

Alternativa "a" – O fundamento é explicado pelo filósofo com uma antítese: incerteza que leva à certeza, tornando possível sua liberdade. Observe abaixo:

"Essa incerteza que me comprime de todos os lados equivale para mim a uma certeza e torna possível a minha liberdade – é o fundamento da moral especulativa com todos os riscos."

Alternativa "b" – O trabalho estéril não acumula energias para o futuro. O que faz isso é o trabalho fértil e empreendedor.

Alternativa "d" – Não, ao contrário do que diz esta alternativa, uma visão otimista do futuro tona as ações mais férteis.

Alternativa "e" – Não é essa a visão refletida pelos pensamentos de Gyuau. Ao contrário disso, ele pensa que devemos "executar, trabalhar, empreender" pressupondo o futuro, embora ele seja incerto.

Texto para as próximas questões.

Desde A democracia na América (1835), de Alexis de Tocqueville, tornou-se corrente comparar os Estados Unidos com a América ibérica, constituindo este exercício uma fonte de inspiração da imaginação social no continente. Nessa obra, a América do Sul é descrita como lugar em que a pujança da natureza debilitaria o homem, enquanto, na América do Norte, a natureza se revestiria de outro aspecto, onde tudo "era grave, sério, solene; dissera-se que fora criada para se tornar província da inteligência, enquanto a outra era a morada dos sentidos".

O caso bem-sucedido da América do Norte apontaria para um processo em que o atraso ibérico, sob o impacto das diferentes influências exercidas pelo seu vizinho anglo-americano, modernizar-se-ia, rompendo com os fundamentos da sua própria história.

A reflexão social latino-americana no século XIX, já testemunha dos sucessos econômicos e políticos dos Estados Unidos, tomou-os como um paradigma em sua luta orientada contra o que seria o seu atraso constitutivo, resultante do caudilhismo e do patrimonialismo vigentes em seus espaços nacionais. Entre tantos outros, os argentinos Sarmiento e Alberdi desenvolveram uma publicística centrada na comparação entre as duas Américas e o que nos cumpriria fazer para, livrando-nos dos nossos males históricos, lograrmos sucesso no ingresso ao mundo moderno. [...]

No caso do Brasil, a comparação com os Estados Unidos também esteve presente ao longo de nossa história, influenciando diretamente os embates sobre o processo da modernização brasileira. Nossa herança ibérica, marcada por um Estado forte e pela valorização do público, seria compatível com os valores do mundo moderno então emergente? Ou, de forma alternativa, ela teria nos legado uma carga tão excessiva, cuja superação em direção à modernidade exigiria uma ruptura com esse passado? Desde já, é importante ressaltar que, ainda que os conceitos iberismo e americanismo tenham sido formulados a posteriori, não estando presentes no vocabulário dos autores consagrados como fundadores da tradição de interpretar o Brasil, eles fornecem uma chave interpretativa para o estudo do processo de nossa formação histórica.

(VIANNA, Luis Werneck; PERLATTO, Fernando. Iberismo e americanismo. In: BOTELHO, André; SCHWARCZ, Lilia Moritz (orgs.). Agenda brasileira: temas de uma sociedade em mudança. São Paulo: Companhia das Letras, 2011,p. 248-249) (grifo nosso)

---

104. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 2/2014) Considere o texto e as assertivas que seguem.

I. O cotejo entre o emprego de certas formas verbais, por exemplo, debilitaria e era evidencia a distinção entre o ponto de vista, respectivamente, de quem comenta uma hipótese lançada por outrem e o ponto de vista de quem propõe essa mesma hipótese.

II. Considerada a lógica e o contexto, merece reparo o que se tem no segmento "O caso bem-sucedido da América do Norte apontaria para um processo em que o atraso ibérico [...] modernizar-se-ia:" em lugar do que está destacado, seria adequado haver, por exemplo, "a América ibérica, atrasada,".

III. No parágrafo 4, a presença de duas indagações no excerto deve-se ao fato de cada uma delas enfatizar uma específica polêmica a respeito de nossa história, correspondendo, então, uma em relação à outra, a um caminho alternativo na definição da prioridade a ser enfrentada no processo de modernização do Brasil.

Está correto o que se afirma em

(A) III, apenas.

(B) I, apenas.

(C) I, II e III.

(D) II e III, apenas.

(E) I e II, apenas.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e"

I – Correto: o cotejo (a comparação) das formas verbais destacadas na alternativa leva o leitor a concluir que o primeiro termo expressa o ponto de vista do autor e o segundo está inserido, até pela demarcação do texto entre aspas, numa citação do livro A democracia na América (1835), de Alexis de Tocqueville.

II – Correto: a substituição do segmento "atraso ibérico" por "América ibérica, atrasada" tornaria o trecho mais claro e objetivo, restringindo o atraso à América ibérica, aquela que, segundo definição, recebeu forte influência de Portugal e Espanha, países pertencentes à Península Ibérica. A definição abaixo colabora com o entendimento:

> "...De matriz globalmente latina, os ibéricos tiveram uma profunda influência no planeta a partir do século XV, inaugurando a expansão ultramarina europeia e espalhando as suas culturas e as suas línguas por todos os continentes, mas especialmente pela América Latina.[...]"

III – Errado. As indagações não estão ligadas ao processo de modernização do Brasil, mas sim à "chave interpretativa para o estudo do processo de nossa formação histórica."

105. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 2/2014) Respeitando a constituição do texto, deve-se

(A) compreender que o homem deve tirar proveito de sua competência para agir sobre a natureza, moldando-a de modo a tornar menos vulneráveis os que nela habitam.

(B) entender que o pensamento social latino-americano do século XIX tomou os Estados Unidos como ponto de referência para o esforço de realização de objetivos da América ibérica.

(C) tomar a citada obra de Alexis de Tocqueville como fundadora de um modo de pensar que elimina a distância entre razão e emoção.

(D) reconhecer aquilo que é inerente a cada ser humano como expressão da força determinante da natureza, em qualquer de suas várias formas, sobre os que dela provêm num específico espaço geográfico.

(E) conceber a comparação entre Estados Unidos e América ibérica como o fundamento do imaginário dos povos naturais do continente.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" – É o que o texto nos mostra quando afirma que "[...] a América do Sul é descrita como lugar em que a pujança da natureza debilitaria o homem, enquanto, na América do Norte, a natureza se revestiria de outro aspecto, onde tudo 'era grave, sério, solene; dissera-se que fora criada para se tornar província da inteligência, enquanto a outra era a morada dos sentidos'".

Alternativa "a" – O texto não sugere que o homem deva tirar proveito da natureza.

Alternativa "c" – O texto sugere apenas que a obra possa ser uma "chave interpretativa para o estudo do processo de nossa formação histórica."

Alternativa "d" – Essa afirmação não está, definitivamente, contida no texto.

Alternativa "e" – O texto não pede ao leitor que conceba a comparação como imaginária, mas sim como uma chave interpretativa do processo histórico.

106. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 2/2014) Afirma-se com correção:

(A) Transpondo para a voz passiva o segmento os argentinos Sarmiento e Alberdi desenvolveram uma publicística, a forma correta obtida é "tinha sido desenvolvida".

(B) Em rompendo com os fundamentos da sua própria história, o pronome destacado indica que a história é a da América ibérica.

(C) Desenvolvendo a forma destacada em tornou-se corrente comparar os Estados Unidos com a América ibérica, estaria em concordância com as normas gramaticais a formulação "comparando".

(D) O emprego da expressão No caso do Brasil pode ser considerado redundância, pois o conteúdo anterior já está organizado sob essa perspectiva, como o comprova o uso de nos cumpriria [...], livrando-nos.

(E) Em dissera-se que fora criada, a substituição das formas verbais preserva o sentido original se forem trocadas, respectivamente, por "haviam dito" e "teria sido criada".

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b"

○ **Nota da autora:** Questão de interpretação, coesão e coerência.

O pronome demonstrativo "próprio" está enfatizando o vocábulo *história* – por isso flexionado no feminino – e se refere ao termo "atraso ibérico" que, por sua vez, remete à América ibérica.

"O caso bem-sucedido da América do Norte apontaria para um processo em que o atraso ibérico, sob o impacto das diferentes influências exercidas pelo seu vizinho anglo-americano, modernizar-se-ia, rompendo com os fundamentos da sua própria história."

Alternativa "a" – A transposição correta para a Voz Passiva necessita manter o tempo verbal: Pretérito Perfeito do Indicativo. Veja:

Na Voz Ativa: "...os argentinos Sarmiento e Alberdi (sujeito) desenvolveram (VTD) uma publicística (OD)..."

Na Voz Passiva: "...uma publicística (sujeito paciente) foi desenvolvida pelos argentinos Sarmiento e Alberdi (agente da passiva)..."

Alternativa "c" – A substituição do termo geraria uma incorreção gramatical tendo em vista que o verbo no gerúndio (comparando) não se aplica ao contexto. Analise:

"...tornou-se corrente comparar os Estados Unidos com a América ibérica,.."

Pergunta: O que se tornou corrente?

Resposta: Comparar os Estados Unidos com a América ibérica tornou-se corrente.

Alternativa "d" – Não se trata de redundância, visto que os termos "nos cumpriria" e "livrando-nos" se referem a todos os sul-americanos. Já a expressão "No caso do Brasil" restringe e limita geograficamente o que será dito posteriormente.

Alternativa "e" – A alteração proposta, em que os tempos verbais não são mantidos, muda o sentido original do trecho.

---

107. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 2/2014) As indagações presentes no parágrafo4 supõem o seguinte conteúdo implícito:

(A) A alternância de pontos de vista na reflexão sobre uma identidade cultural é necessária quando se deseja conhecer verdadeiramente uma nação.

(B) Rupturas com a tradição são condição necessária e suficiente para que países se modernizem e passem a fazer parte de comunidades internacionais.

(C) Países que apresentam setor estatal forte e valorização do público não se harmonizariam com traços culturais do mundo moderno.

(D) O Brasil, herdeiro do mundo ibérico, carrega aversões de natureza ideológica que justificam seu desejo de assumir entusiasmadamente valores contemporâneos.

(E) Os valores do mundo moderno ainda hoje não se encontram totalmente configurados.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" – As indagações seguem o perfil da retórica, não aguardando uma resposta, mas sim sugerindo dificuldades de harmonização, levando o leitor a refletir sobre o assunto. Veja abaixo:

"[...] Nossa herança ibérica, marcada por um Estado forte e pela valorização do público, seria compatível com os valores do mundo moderno então emergente? Ou, de forma alternativa, ela teria nos legado uma carga tão excessiva, cuja superação em direção à modernidade exigiria uma ruptura com esse passado?" (grifo nosso)

Alternativa "a" – O texto não sugere uma alternância de pontos de vista; traz o leitor a refletir sobre o assunto.

Alternativa "b" – O trecho não sugere que a ruptura com a tradição seja imprescindível, apenas sugere que possa ocorrer.

Alternativa "d" – O trecho não aborda aversão de natureza ideológica.

Alternativa "e" – Não há referência sobre a configuração de valores.

---

108. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 2/2014) Observada a organização do texto, e especialmente a última frase, cria-se uma expectativa de que as linhas seguintes ao fragmento trarão

(A) considerações sobre o processo de formação do Brasil, iluminadas por matrizes de pensamento que, a partir de certo momento, foram conceituadas como "americanismo" e "iberismo".

(B) retificações dos textos inaugurais da tradição de interpretar o Brasil, determinadas pelo fato de que os autores não contavam, em seu vocabulário, com as palavras "americanismo" e "iberismo".

(C) a categoria "iberismo" como fundamento do primeiro bloco de estudos sobre a formação histórica do Brasil, dando lugar, a seguir, à categoria "americanismo".

(D) os conceitos de "iberismo" e de "americanismo" sempre em oposição, visto que são resultado de momentos históricos antagônicos e bastante afastados no tempo.

(E) crítica a autores equivocadamente consagrados como fundadores da tradição de interpretar o Brasil, equívoco gerado pelo desconhecimento de que eles muito tardiamente se valeram da chave necessária à análise da cultura.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – Há a expectativa de que se possa estudar e entender melhor o processo de formação histórica. Observe:

"...iberismo e americanismo [...]fornecem uma chave interpretativa para o estudo do processo de nossa formação histórica."

Alternativa "b" – Não se trata de retificação, mas de novas conclusões sobre o processo de formação histórica.

Alternativa "c" – Não, os dois termos caminham juntos.

Alternativa "d" – Os termos são contemporâneos.

Alternativa "e" – Não se trata de crítica, pois os termos foram formulados "a posteriori", ou seja, depois dos estudos concluídos.

---

109. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 2/2014) Considere as informações prestadas pelo verbete abaixo transcrito.

publicística Datação: c1950

– substantivo feminino

1 a imprensa jornalística; periodismo

2 Rubrica: termo jurídico, política.literatura de direito civil, política e/ou temas sociais

3 Rubrica: termo jurídico.a ciência do direito público

4 Derivação: por metonímia.o conjunto de autores de textos sobre direito público, política ou assuntos sociais

Etimologia: emprt. it. [palavra emprestada do italiano] publicistica 'atividade desenvolvida por jornalistas na publicação de artigos pela imprensa, conjunto das publicações da atualidade'.

(Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa)

Sobre o uso dessa palavra "publicística" no texto, é correto afirmar:

(A) O excerto e a rubrica denotam a possibilidade, mais provável do que todas as outras, de ter sido empregada na acepção 3, levando em conta a natureza da obra de onde foi extraído o trecho.

(B) O contexto evidencia que está, de maneira a excluir outra possibilidade, empregada na acepção 4, como o comprova o uso da expressão Entre tantos outros, que remete a muitos autores.

(C) Levando em conta a datação, isto é, a época em que ela parece ter surgido na Língua Portuguesa, não poderia ter sido empregada em um texto que se refere a pensadores do século XIX.

(D) Aquilo que se informa acima sobre a origem da palavra e os dados oferecidos no texto comprovam a impossibilidade de ter sido empregada com acepção diferente da indicada em 1.

(E) O contexto e a rubrica sugerem que está empregada na acepção 2, mas a falta de indicações precisas sobre a natureza dos trabalhos dos autores citados impede uma conclusão decisiva sobre o seu sentido no texto.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" – O termo "publicística", no contexto de formação histórica, está mais adequadamente ligado à literatura de temas sociais, embora um tanto generalizado quando se diz "publicística centrada na comparação entre as duas Américas". Analise:

"[...] Sarmiento e Alberdi desenvolveram uma publicística centrada na comparação entre as duas Américas e o que nos cumpriria fazer para, livrando-nos dos nossos males históricos, lograrmos sucesso no ingresso ao mundo moderno. [...]

Alternativa "a" – O contexto não está inserido nos assuntos de direito público.

Alternativa "b" – A acepção 4 está ligada a autores de textos de direito público, o que não se enquadra no contexto.

Alternativa "c" – Embora o texto se refira a pensadores do século XIX, ele foi escrito em 2011.

Alternativa "d" – O termo não foi aplicado na acepção 1, pois ela está ligada à imprensa jornalística em geral, periódicos (jornais).

Texto.

A áspera controvérsia sobre a importância da liberdade política é bem capaz de ocultar o essencial nessa matéria, ou seja, a liberdade existe como um valor ético em si mesmo, independentemente dos benefícios concretos que a sua fruição pode trazer aos homens. [...]

A liberdade tem sido, em todos os tempos, a causa das maiores conquistas do ser humano. E, efetivamente, que valor teriam a descoberta da verdade, a criação da beleza, a invenção das utilidades ou a realização da justiça, se os homens não tivessem a possibilidade de escolher livremente o contrário de tudo isso?

Heródoto foi um dos primeiros a sublinhar que o estado de liberdade torna os povos fortes, na guerra e na paz. Ao relatar a estupenda vitória que os atenienses, sob o comando de Cleômenes, conquistaram contra os calcídeos e os beócios, ele comenta: "Aliás, verifica-se, sempre e em todo lugar, que a igualdade entre os cidadãos é uma vantagem preciosa: submetidos aos tiranos, os atenienses não tinham mais valor na guerra que seus vizinhos; livres, porém, da tirania, sua superioridade foi manifesta. Por aí se vê que na servidão eles se recusavam a manifestar seu valor, pois labutavam para um senhor; ao passo que, uma vez livres, cada um no seu próprio interesse colaborava, por todas as maneiras, para o triunfo do empreendimento coletivo".

O mesmo fenômeno de súbita libertação de energias e de multiplicação surpreendente de forças humanas voltou a repetir-se vinte e quatro séculos depois, com a Revolução Francesa. Pela primeira vez na história moderna, as forças armadas de um país não eram compostas de mercenários, nem combatiam por um príncipe, sob o comando de nobres, mas eram formadas de homens livres e iguais, comanda-

dos por generais plebeus, sendo todos movidos tão só pelo amor à pátria.

(COMPARATO, Fábio Konder. A liberdade como valor ético. Ética: direito, moral e religião no mundo moderno. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 546-547)

---

110. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 2/2014) O texto abona o seguinte comentário: o autor, na defesa de seu ponto de vista,

(A) cita Cleômenes e episódio histórico que deu a esse ateniense experiência para reconhecer não só o valor da liberdade, mas, em próprias palavras do conquistador, que a igualdade entre os cidadãos é uma vantagem.

(B) faz uso de uma indagação que é meramente retórica, pois a resposta a ela está implícita na própria pergunta: o valor de descobertas, invenções e demais realizações está em impor a todos os homens o mesmo direito de usufruir delas.

(C) contrapõe distintos momentos históricos para evidenciar que a discussão sobre a importância da liberdade política contém contradições.

(D) opta por fazer um relato de como a liberdade se manifestou em diferentes momentos históricos, o que lhe permitiu concluir, ao final do texto, que a liberdade é um valor ético em si mesmo.

(E) vale-se de um testemunho de prestígio, sem, entretanto, tomá-lo como suficiente, dado que acrescenta comentário que o ratifica.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" – O texto vale-se do testemunho e comentários do geógrafo e historiador Heródoto, autor da história da invasão persa da Grécia nos princípios do século V, quando cita o trecho abaixo:

> *"[...] Heródoto foi um dos primeiros a sublinhar que o estado de liberdade torna os povos fortes, na guerra e na paz. [...]ele comenta: "Aliás, verifica-se, sempre e em todo lugar, que a igualdade entre os cidadãos é uma vantagem preciosa:submetidos aos tiranos, os atenienses não tinham mais valor na guerra que seus vizinhos; livres, porém, da tirania, sua superioridade foi manifesta. [...]".*
>
> *Além dessa citação, o autor do texto confirma a ideia exposta fazendo seus próprios comentários, utilizando como parâmetro a Revolução Francesa.. Acompanhe abaixo:*
>
> *"O mesmo fenômeno de súbita libertação de energias e de multiplicação surpreendente de forças humanas voltou a repetir-se vinte e quatro séculos depois, com a Revolução Francesa."*

Alternativa "a" – A citação de Cleômenes está ligada simplesmente pelo fato de ele, Cleômenes, ter sido o comandante dos atenienses. Veja:

> *Heródoto [...] Ao relatar a estupenda vitória que os atenienses, sob o comando de Cleômenes,..."*

Alternativa "b" – Trata-se de uma retórica, no entanto a resposta implícita não é o fato de que se deva impor aos homens o mesmo direito de usufruir as descobertas e invenções, mas sim a liberdade de "escolher livremente o contrário de tudo isso".

Alternativa "c" – O autor contrapõe diferentes momentos históricos não para mostrar contradições, mas para ratificar, confirmar suas ideias sobre liberdade.

Alternativa "d" – Ele não faz um relato para chegar a alguma conclusão, pois ele já a possui. Faz a citação para corroborar suas ideias sobre liberdade.

Texto para as questões.

Questão de gosto

A expressão parece ter sido criada para encerrar uma discussão. Quando alguém apela para a tal da "questão de gosto", é como se dissesse: "chega de conversa, inútil discutir". A partir daí nenhuma polêmica parece necessária, ou mesmo possível. "Você gosta de Beethoven? Eu prefiro ouvir fanfarra de colégio." Questão de gosto.

Levada a sério, radicalizada, a "questão de gosto" dispensa razões e argumentos, estanca o discurso crítico, desiste da reflexão, afirmando despoticamente a instância definitiva da mais rasa subjetividade. Gosto disso, e pronto, estamos conversados. Ao interlocutor, para sempre desarmado, resta engolir em seco o gosto próprio, impedido de argumentar. Afinal, gosto não se discute.

Mas se tudo é questão de gosto, a vida vale a morte, o silêncio vale a palavra, a ausência vale a presença – tudo se relativiza ao infinito. Num mundo sem valores a definir, em que tudo dependa do gosto, não há lugar para uma razão ética, uma definição de princípios, uma preocupação moral, um empenho numa análise estética. O autoritarismo do gosto, tomado em sentido absoluto, apaga as diferenças reais e proclama a servidão ao capricho. Mas há quem goste das fórmulas ditatoriais, em vez de enfrentar o desafio de ponderar as nossas contradições.

(Emiliano Barreira, inédito)

18. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 2/2014) Definida como instância definitiva da mais rasa subjetividade, a questão de gosto opõe-se, terminantemente,

(A) ao subterfúgio de que nos valemos para evitar um princípio de discussão.

(B) ao princípio da recusa a qualquer fundamentação racional numa discussão.

(C) à atribuição de mérito à naturalidade de uma primeira impressão.

(D) ao primado do capricho pessoal, ao qual tantas vezes se apela.

(E) à dinâmica de argumentos criteriosos na condução de uma polêmica.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" – Sim, "questão de gosto " é uma oposição à possibilidade de argumentos e reflexão sobre o assunto em pauta. Com essa expressão encerra-se ditatorialmente o diálogo. Observe o trecho abaixo:

> *"Levada a sério, radicalizada, a "questão de gosto" dispensa razões e argumentos, estanca o discurso crítico, desiste da reflexão, afirmando despoticamente a instância definitiva da mais rasa subjetividade." (grifo nosso)*

Alternativa "a" – Esta alternativa cita um comportamento sinônimo, e não oposto, à expressão "questão de gosto"

Alternativa "b" – Não só recusa a fundamentação racional, mas também a argumentação emocional e reflexões.

Alternativa "c" – Não se trata de atribuir mérito ou impressão causada. Simplesmente a expressão encerra o assunto.

Alternativa "d" – Esta alternativa também pode ser considerada sinônima da expressão "questão de gosto", pois frequentemente se apela a ela para encerrar o assunto e fazer prevalecer a opinião de quem a profere.

---

111. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 2/2014) Atente para as seguintes afirmações:

I. No 1° parágrafo, a menção a Beethoven e a fanfarra de colégio ilustra bem a disposição do autor em colocar lado a lado manifestações artísticas de valor equivalente.

II. No 2° parágrafo, o termo despoticamente qualifica o modo pelo qual alguns interlocutores dispõem-se a desenvolver uma polêmica.

III. No 3° parágrafo, a expressão servidão ao capricho realça a acomodação de quem não se dispõe a enfrentar a argumentação crítica.

Em relação ao texto está correto o que se afirma APENAS em

(A) II e III.

(B) III.

(C) I.

(D) I e II.

(E) II.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b"

I – Errado. Ao contrário: as manifestações têm valores opostos:

- Beethoven =música clássica ou erudita;
- Fanfarra = banda musical que executa hinos e marchas cívicas.

II – Errado: o termo despoticamente refere-se a algo imposto, ditatorial, atitude de um déspota (chefe, líder com características ditatoriais).

III – Certo: alguém que não esteja disposto ou capacitado a discutir e refletir sobre a opinião de terceiros a respeito de um assunto que, tacitamente, torna-se encerrado pelo "capricho" que fazer prevalecer sua opinião.

Texto.

Sobre a publicação de livros

Muito se tem discutido, recentemente, sobre direitos e restrições na publicação de livros. Veja-se o que dizia o filósofo Voltaire, em 1777:

> *"Não vos parece, senhores, que em se tratando de livros, só se deve recorrer aos tribunais e soberanos do Estado quando o Estado estiver sendo comprometido nesses livros? Quem quiser falar com todos os seus compatriotas só poderá fazê-lo por meio de livros: que os imprima, então, mas que responda por sua obra. Se ela for ruim, será desprezada; se for provocadora, terá sua réplica; se for criminosa, o autor será punido; se for boa, será aproveitada, mais cedo ou mais tarde."*

(Voltaire, O preço da justiça. Trad. Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 56)

---

112. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 2/2014) A posição de Voltaire está corretamente resumida na seguinte frase:

(A) Afora alguma razão de Estado, não se deve incriminar um autor pela divulgação de suas ideias.

(B) O Estado só deve ser invocado para julgar um livro quando isso constituir manifesta exigência do público.

(C) A publicação de livros é uma questão de Estado e somente na instância do Estado deve ser administrada.

(D) Os autores de livros, soberanos para emitir suas opiniões, devem permanecer à margem das sanções dos tribunais.

(E) A única consequência admissível da publicação de um livro é a reação do público leitor, a quem cabe o juízo definitivo.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – Segundo Voltaire, o autor tem direito de divulgar suas ideias através de suas obras, ficando imune a punições, desde que as ideias não comprometam o Estado.

Alternativa "b" – O Estado só poderia se manifestar quando ele próprio fosse comprometido através de alguma obra.

Alternativa "c" – A publicação não é uma questão de Estado. Questão de Estado é levar o autor aos tribunais caso ele,o Estado, seja comprometido por ideias expressas em alguma publicação.

Alternativa "d" – Os autores são soberanos para emitir suas opiniões desde que elas não comprometam o Estado.

Alternativa "e" – Em obras que comprometam o Estado, além da opinião do público, o próprio Estado pode se manifestar quanto às sanções cabíveis.

---

113. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 2/2014) Por falha estrutural de redação, impõe-se reescrever a seguinte frase:

(A) A liberdade de pensamento constituiu uma preocupação central para os intelectuais do século XVIII, destacando-se, entre eles, o gênio de Voltaire.

(B) Mesmo que haja grande evolução no que diz respeito aos costumes, vê-se que no século XVIII era permanente a preocupação com os direitos civis.

(C) Muitos ensinamentos dos antigos escritores e filósofos mantêm-se atuais, por força do permanente interesse público pelos temas que abordaram.

(D) São inspiradores os intelectuais antigos que, como Voltaire, discutiram temas cuja relevância não sofreu qualquer declínio até nossos dias.

(E) A discussão atual sobre o direito de se publicar uma biografia não autorizada pode enriquecer-se, quando se recorre a princípios defendidos por Voltaire.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" – Reescrevendo:

"Ainda que haja, atualmente, grande evolução no que diz respeito aos costumes, vê-se que já lá no século XVIII era permanente a preocupação com os direitos e restrições na publicação de livros."

Alternativa "a", "c", "d" e "e" – Todas essas alternativas não necessitam de qualquer alteração em sua estrutura gramatical, tampouco no campo semântico, pois são claras, objetivas e estão em acordo com as normas vigentes.

Texto para as próximas questões.

Toda crítica envolve uma militância, alertou o teórico francês Christian Metz em A significação do cinema. Toda crítica esconde camadas de subjetividade por baixo do seu manto solene de objetividade. De quando em quando, todo crítico é acometido por algum tipo de cegueira analítica: ora são afetos e relações pessoais que podem flexibilizar o rigor dos textos, ora são idealizações materializadas em artistas que se tornam a mais fiel tradução da própria militância.

O fato é que amo a crítica. Trabalhei durante muitos anos no jornalismo cultural e, por quase uma década, chefiei uma equipe de críticos atuando nas mais diferentes manifestações artísticas. Acredito piamente que o processo da arte só se realiza em sua plenitude no olhar erudito do crítico, que vai contextualizar determinada obra na história da humanidade, deslindando preciosidades estéticas, temáticas e filosóficas que, em muitos casos, passam despercebidas até mesmo para os próprios criadores.

Acho sinceramente que a crítica é um espaço de resistência fundamental nessa massacrante indústria cultural que tanto nos sufoca. Por mais que admire e respeite quem a exerce, nunca me arrisquei por esse caminho, com exceção de um breve período em minha juventude. Há diferentes tipos de crítico, mas sempre me interessei por aqueles que enveredam pelo ensaísmo. Não gosto, porém, de textos que transbordam de tanto entusiasmo diante de uma "obra-prima" nem dos cruelmente destrutivos, sem um único aceno de generosidade. Vale a advertência de Robert Bresson: "Não há louvação ou crítica demolidora que não parta de um equívoco".

(Evaldo Mocarzel. Bravo!, 187, março de 2013, p. 35, excerto)

---

114. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 15/2013) O texto constitui

(A) opinião crítica a respeito do importante trabalho exercido por alguns jornalistas na área das manifestações artísticas, especialmente na área relativa ao cinema.

(B) exposição de ideias de cunho pessoal a respeito da função da crítica, amparadas em nomes reconhecidos, inclusive com emissão de juízos de valor, marcados pelo emprego da 1a pessoa.

(C) relato memorialista, marcado pela subjetividade da 1a pessoa, sobre uma das atividades mais sujeitas a críticas desfavoráveis, como a de produção de filmes.

(D) reprodução de parâmetros para a análise crítica a partir de opiniões de especialistas citados, com intenção pedagógica de defender a atuação de jornalistas nessa função específica.

(E) valorização do trabalho desenvolvido no jornalismo pelo crítico de arte, com apoio de citações que justificam as afirmativas indiscutíveis, defendidas em 1a pessoa.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" – O texto escrito em 1ª pessoa sinaliza que o autor estará imprimindo sua opinião quanto ao assunto abordado que, neste contexto, é a crítica.

Alternativa "a" – O texto não reduz o trabalho crítico especialmente ao cinema, mas sobre as mais diversas manifestações artísticas.

Alternativa "c" – Não se trata de um relato memorialista sobre a produção cinematográfica.

Alternativa "d" – Não são reproduzidos parâmetros com a finalidade pedagógica.

Alternativa "e" – A citação não justifica as afirmativas indiscutíveis, apenas as enriquece e adverte para o cuidado e a responsabilidade que o trabalho crítico tem de desenvolver.

---

115. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 15/2013) Vale a advertência de Robert Bresson: "Não há louvação ou crítica demolidora que não parta de um equívoco".

Com a transcrição da advertência acima, o autor

(A) retoma, apoiando-se em manifestação alheia, sua crença de que o processo da arte só se realiza em sua plenitude no olhar erudito do crítico, olhar esse que afasta as possibilidades de engano na avaliação da produção artística.

(B) se propõe a desvalorizar quaisquer observações críticas a respeito de obras no ramo das manifestações artísticas, porque a crítica esconde camadas de subjetividade por baixo do seu manto solene de objetividade.

(C) censura as observações críticas que se baseiam nas impressões subjetivas de quem as emite, a partir da constatação de que, evidentemente, toda crítica exprime a mais fiel tradução da própria militância.

(D) reafirma a importância de seu próprio trabalho de crítico em que sempre considerou seus afetos e relações pessoais, assinalando, no entanto, que a crítica deve procurar envolver-se no manto solene de objetividade.

(E) explora novamente, na conclusão do texto, o sentido da afirmativa de que ora são afetos e relações pessoais que podem flexibilizar o rigor dos textos, ora são idealizações materializadas em artistas que se tornam a mais fiel tradução da própria militância.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" – O autor vale-se da citação para advertir que a crítica não deve se colocar nos extremos da opinião de quem a emite, já que muitas vezes a imparcialidade é uma posição difícil, mas necessária à emissão de uma opinião justa e construtiva.

Alternativa "a" – Não retoma sua crença no olhar erudito do crítico.

Alternativa "b" – Não desvaloriza observação alguma.

Alternativa "c" – Não há censura na citação.

Alternativa "d" – O trabalho do autor não considerou sempre seus afetos e relações pessoais. Ele apenas diz que os críticos estão sujeitos a essas interferências.

---

116. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 15/2013) O autor acentua a importância do crítico ao

(A) reconhecer, com a afirmativa de que passam despercebidas até mesmo para os próprios criadores, que nem sempre as inovações características de certas obras podem ser adequadamente apontadas e analisadas sob um ponto de vista crítico.

(B) criar a imagem referente à qualidade dessa atuação – por baixo do seu manto solene de objetividade –, que expõe claramente a erudição indispensável a quem se dispõe a analisar a produção artística de diferentes autores, em qualquer época e lugar.

(C) declarar que chefiou uma equipe de críticos atuando nas mais diferentes manifestações artísticas, o que lhe assegura não só a primazia no exercício dessa função, mas também o equilíbrio resultante do conhecimento acumulado durante todo esse tempo.

(D) empregar o verbo deslindar – deslindando preciosidades estéticas, temáticas e filosóficas – que poderia ser corretamente substituído por outros verbos, como pesquisar, investigar ou esquadrinhar, sem prejuízo para o sentido original nem alteração da organização da frase.

(E) apresentar seu testemunho com a frase Por mais que admire e respeite quem a exerce, que permaneceria correta, sem qualquer alteração, se o segmento sublinhado fosse substituído por: que valorize e demonstre consideração.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d" – Deslindar significa averiguar, apurar, descobrir, sinônimos que se encaixam perfeitamente às atividades inerentes a um profissional da crítica jornalística.

Alternativa "a" – Ao contrário disso, as obras podem sempre ser apontadas e analisadas sob um ponto de vista crítico.

Alternativa "b" – O autor não mostra só as qualidades, mas também as possibilidades de que o crítico caia nas armadilhas da parcialidade.

Alternativa "c" – Declarar que chefiou uma equipe de críticos não acentua a importância desse profissional. Trata-se apenas de uma informação para o leitor.

Alternativa "e" – Ao emitir sua opinião dizendo que admira e respeita os críticos, a expressão não tem a finalidade de acentuar a importância deles, mas de introduzir a próxima informação que é: ele, o autor do texto, não exerceu tal função, com exceção de uma breve experiência na juventude.

Texto para as questões.

Figuras históricas perdem seus contornos quando se tornam valores absolutos e até sua própria existência chega a ser posta em dúvida. Caso exemplar é o de William Shakespeare, cuja importância cresceu tanto que, a partir do século XVIII, começou-se a questionar se ele era realmente o autor de seus dramas.

Algo semelhante aconteceu com o Renascimento. De início, o termo indicava a arte produzida na Itália entre os séculos XV e XVI, exemplar para todos os artistas que se seguiram. Em meados do XIX, quando começava a perder força como paradigma estético, assumiu um significado muito mais amplo e indeterminado. Historiadores, como Jules Michelet (1855) e o suíço Jacob Burckhardt (1860), defendem suas teorias, mas a periodização encontra dificuldades. Os limites de um período histórico costumam ser marcados por fatos concretos, de datação consensual. Em arte, as transições são muito mais fluidas. Com Renascimento e renascimentos na arte ocidental (1957) o historiador da arte alemão Erwin Panofsky tentou pôr ordem nessa proliferação de renascenças: o que distingue o Renascimento italiano das retomadas anteriores, segundo ele, é a consciência de que o antigo já não existe, da necessidade de recriá-lo.

Afinal, o que faz da arte italiana dos séculos XV e XVI algo tão especial? Leon Battista Alberti, o teórico mais importante da primeira fase do Renascimento, identifica por nome, no prólogo de seu tratado Da pintura (1436), um grupo bem pequeno de artistas, todos florentinos. Foram eles, segundo o teórico, que fizeram reviver uma arte que, como a antiga, se inspirava diretamente na natureza. Mas, enquanto os antigos tiveram muitos mestres para imitar, eles precisaram reinventar. "Nós", diz Alberti, incluindo-se no grupo, "descobrimos artes e ciências jamais ouvidas e vistas."

Outro teórico define esses inventores como "mestres de artes mistas e de engenho". Artes, na Florença da época, eram as corporações de artesãos e comerciantes que governavam a cidade desde o século XIV. Além delas, com maior prestígio (se não com maior poder) havia as artes liberais, que se aprendiam pelos livros e não pela experiência prática. Os "mestres de artes mistas" não eram uma coisa nem outra. Já não se identificavam com o saber artesanal de pai para filho; tampouco com o saber escolar dos acadêmicos. Buscavam conhecimentos empíricos, quando necessário (engenharia, fundição dos metais, fabricação de cores), embora não se restringissem a nenhuma das profissões tradicionais. Em sua maioria, não liam latim, mas dispunham de tratados de ótica e de geometria traduzidos e consultavam cientistas e matemáticos sempre que fosse preciso. Eram leitores vorazes da nova literatura em vulgar (Dante, Petrarca, Boccaccio) e estudavam história. A cultura deles se definia em função dos projetos em que estavam envolvidos – uma igreja, um monumento, um quadro. Enfim, não eram nem artesãos nem filósofos. Pela primeira vez na história, eram artistas.

(Adaptado **de: Lorenzo Mammi. Bravo!, 191, julho de 2013, p. 16-21)**

---

117. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 15/2013) Conclui-se corretamente do texto:

(A) Houve dificuldades, reconhecidas ainda hoje, em caracterizar com rigor as inovações perpetradas durante o Renascimento por um grupo de artistas italianos, que se diferenciavam dos demais em razão de seus conhecimentos empíricos.

(B) As divergências entre historiadores e críticos referentes à periodização adequada e às características do Renascimento italiano acentuam as dificuldades em reconhecer a genialidade e a importância de alguns artistas nele incluídos.

(C) A ausência de conhecimentos mais sólidos, com base no saber acadêmico contido nos livros em latim, cerceava a participação de grupos de artistas nas corporações de ofícios existentes na Itália durante a época renascentista.

(D) Torna-se mais importante o reconhecimento das características e da genialidade dos artistas do Renascimento italiano do que a preocupação em estabelecer limites precisos de tempo para explicar todo o florescimento artístico dessa época.

(E) As características inovadoras das obras de alguns artistas do Renascimento italiano que se mantinham independentes, quer da tradição artesanal quer do conhecimento acadêmico, isolam-nos inteiramente no contexto artístico desse período.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d" – Evidencia-se, facilmente, a não preocupação em estabelecer limites de tempo, ao mencionar, no segundo parágrafo, que a **periodização encontra dificuldades**. A importância de reconhecer as características e genialidade dos artistas começa a ser citada ao responder o questionamento no terceiro parágrafo e se estende até o final do texto. Síntese: os artistas florentinos eram "**mestres de artes mistas e de engenho**"; enquanto os antigos imitavam, eles reinventavam através da natureza, **buscavam conhecimentos empíricos** e **eram leitores vorazes da nova literatura em vulgar (Dante, Petrarca, Boccaccio) e estudavam história**.

Alternativa "a" – Não houve dificuldade em caracterizar as inovações, mas sim em determinar a periodização.

Alternativa "b" – Em primeiro lugar, não ocorreu divergências e, também, não houve dificuldades em reconhecer a genialidade, pois isso está claro ao nomearem os artistas como **"mestres de artes mistas e de engenho"**.

Alternativa "c" – Não cerceava (tornava menor) a participação, pelo contrário: distinguia-os dos demais.

Alternativa "e" – Nada no texto indica que foram isolados no contexto artístico e daria para eliminar essa alternativa pelo exagero ao inserir o advérbio *inteiramente*.

---

118. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 15/2013) Pela primeira vez na história, eram artistas.

A frase final do texto deve ser entendida como

(A) tese que se mostrou coerente ao se referir às ideias apresentadas no 2º parágrafo.

(B) retomada dos exemplos e das teorias apresentadas no desenvolvimento, o que garante a coesão textual.

(C) repetição enfática, que se apresenta como uma síntese das ideias discutidas no texto.

(D) conclusão que constitui um fecho coeso do que foi desenvolvido no último parágrafo.

(E) exposição de um fato inconteste, que vem confirmar a importância da arte renascentista.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d" – Definição de artista: pessoa que demonstra sensibilidade e gosto por arte. Ora, se há sensibilidade, há outro olhar, há inovação e se há gosto, há descobertas através de leitura e conhecimento (eram leitores da nova literatura e aprofundavam os estudos nos projetos em que estavam envolvidos). Tudo isso foi muito bem explicado no último parágrafo e tornou um fecho coeso.

Alternativa "a" – Não há relação com a tese do segundo parágrafo: **a consciência de que o antigo já não existe, da necessidade de recriá-lo.** Não é apenas recriar, mas inovar.

Alternativa "b" – Não é retomada, pois no desenvolvimento do texto ocorre comparação entre os artistas antigos e novos; apenas no final, as características do grupo foram realmente mencionadas e chega à conclusão de que eram artistas.

Alternativa "c" – Não repetiu, tanto que o autor menciona o adjetivo *artistas* no último período do texto.

Alternativa "e" – Não se pode afirmar que seja um fato inconteste, o autor expõe ideias de historiadores e teóricos.

---

119. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 15/2013) Quanto ao desenvolvimento textual, afirma-se corretamente:

(A) O autor do texto deixa implícita, no 1º parágrafo, sua concordância com a hipótese de que William Shakespeare não deve ter sido realmente o criador de tantos dramas que marcaram sua época.

(B) Apesar de evidente intenção esclarecedora das informações contidas no parágrafo final, à semelhança de verbete de dicionário a respeito da Florença do século XV, elas perdem importância diante da constatação de que os artistas não se consideravam ligados a nenhum ofício.

(C) No 2º parágrafo, defende-se a ideia central de que, em razão da ausência de limites temporais precisos para a produção artística, resulta impossível para os teóricos perceber diferenças temáticas entre os representantes de determinada época.

(D) Há semelhança nos pontos de vista emitidos tanto pelo historiador alemão citado no 2º parágrafo, que publicou sua obra no século XX, quanto pelo teórico florentino, cuja obra data do século XV.

(E) O confronto entre as teorias defendidas por historiadores nos séculos XIX e XX, a respeito de limites temporais para as manifestações artísticas renascentistas, estabelece parâmetros para a correta identificação da autoria dos dramas de William Shakespeare.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d" – Ponto de vista do historiador alemão: *o que distingue o Renascimento italiano das retomadas anteriores é a consciência de que o antigo já não existe, da necessidade de recriá-lo;* teórico florentino: *descobrimos artes e ciências jamais ouvidas e vistas.* Ideias afins: ao recriar, surgem novas formas de arte.

Alternativa "a" – Não se pode afirmar que ele concorda com tal hipótese.

Alternativa "b" – Não perdem importância, pelo contrário: ganham importância, pois surgiram os artistas.

Alternativa "c" – A ideia central é a distinção da arte antes e depois e quanto à periodização, apenas é citado que há dificuldade para definir.

Alternativa "e" – Não há relação com a identificação da autoria de Shakespeare.

Texto.

A sustentabilidade do meio ambiente deve ser a meta buscada por qualquer indivíduo ou grupo que necessite de recursos naturais para sobreviver. E isso é um fato que não admite contestação.

Incorporar a premissa de respeito à natureza e do uso sustentável dos recursos naturais deve ser um trabalho constante e doutrinário frente às populações que habitam ou que trabalham nos campos e áreas rurais. Trabalhar para manter a biodiversidade local e evitar a erosão que destrói as áreas cultiváveis, além de ser economicamente viável, representa manter, por muito mais tempo, a terra em condições de gerar riquezas e de prover o sustento das populações que dela dependem.

Reciclar os dejetos oriundos das criações animais e dos refugos das plantações deve ser encarado não como custo ou gasto "a mais", mas sim como uma excelente oportunidade de gerar toda ou parte da energia necessária para executar as atividades econômicas a que se propõem e também como fonte de fertilizantes baratos e totalmente gratuitos, o que, sem dúvida, representará um salto na lucratividade de qualquer propriedade rural.

Garantir a sustentabilidade do meio ambiente é garantir, antes de qualquer coisa, que a fome, a pobreza e a miséria estarão afastadas definitivamente e, com isso, terminará a dura realidade que força as pessoas a praticar a exploração predatória dos recursos disponíveis em determinadas áreas. Pois, só com uma situação de vida regular, os habitantes de uma determinada região poderão tornar-se permeáveis às "novas ideias".

Levantar a bandeira da sustentabilidade do meio ambiente e promover nas comunidades rurais o pensamento de que essa é a única forma viável de manter suas atividades econômicas em condições de gerar riquezas por muito mais tempo e de forma continuada são os desafios mais pungentes dos governos e das organizações ambientais dos tempos atuais.

(Adaptado **de: http://www.atitudessustentaveis.com.br/conscientizacao/desenvolvimento-sustentabilidade-meio-ambiente/)**

---

120. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 15/2013) Para o autor do texto, a questão sustentabilidade deve

(A) pautar-se pelo uso respeitoso dos recursos naturais, seja na preservação da biodiversidade, seja na reutilização de refugos e excrementos.

(B) restringir-se à promoção das comunidades rurais que poderão auferir seu sustento de uma exploração racional dos recursos naturais.

(C) evitar o desperdício, mantendo a erosão e aproveitando melhor as áreas cultiváveis, o que determinará o fim da exploração predatória.

(D) garantir as oportunidades de as pessoas executarem as atividades de sobrevivência independentemente das condições predatórias.

(E) reciclar a biodiversidade para que não sejam destruídas áreas cultiváveis nem as pessoas fiquem impossibilitadas de proverem seu sustento.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" - A alternativa sintetiza corretamente a ideia do texto e, em seus dois trechos abaixo, podemos confirmar:

"Trabalhar para manter a biodiversidade local e evitar a erosão que destrói as áreas cultiváveis, ...".

"Reciclar os dejetos oriundos das criações animais e dos refugos das plantações deve ser encarado não como custo ou gasto "a mais", mas sim como uma excelente oportunidade de gerar toda ou parte da energia necessária...".

Alternativa "b" - A sustentabilidade não pode se restringir às comunidades rurais. Ela deve se estender a todas as pessoas.

Alternativa "c" - Uma das propostas da sustentabilidade é evitar e não manter a erosão.

Alternativa "d" - Atividades de sobrevivência sempre evitando as condições predatórias.

Alternativa "e" - Manter e não reciclar a biodiversidade.

2.2. CESPE

Texto I

Os primeiros anos que se seguiram à Proclamação da República foram de grandes incertezas quanto aos trilhos que a nova forma de governo deveria seguir. Em uma rápida olhada, identificam-se dois grupos que defendiam diferentes formas de se exercer o poder da República: os civis e os militares. Os civis, representados pelas elites das principais províncias — São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Rio Grande do Sul —, queriam uma república federativa que desse muita autonomia às unidades regionais. Os militares, por outro lado, defendiam um Poder Executivo forte e se opunham à autonomia buscada pelos civis. Isso sem mencionar as acirradas disputas internas de cada grupo. Esse era um quadro que demonstrava a grande instabilidade sentida pelos cidadãos que viveram naqueles anos. Mas havia cidadãos?

Formalmente, a Constituição de 1891 definia como cidadãos os brasileiros natos e, em regra, os naturalizados. Podiam votar os cidadãos com mais de vinte e um anos de idade que tivessem se alistado conforme determinação legal. Mas o que, exatamente, significava isso? Em 1894, na primeira eleição para presidente da República, votaram 2,2% da população. Tudo indica que, apesar de a República ter abolido o critério censitário e adotado o voto direto, a participação popular continuou sendo muito baixa em virtude, principalmente, da proibição do voto dos analfabetos e das mulheres.

No que se refere à legislação eleitoral, alguns instrumentos legais vieram a público, mas nenhum deles alterou profundamente o processo eleitoral da época. As principais alterações promovidas na legislação contemplaram o fim do voto censitário e a manutenção do voto direto. Essas modificações, embora importantes, tiveram pouca repercussão prática, já que o voto ainda era restrito — analfabetos e mulheres não votavam — e o processo eleitoral continuava permeado por toda sorte de fraudes.

Ane Ferrari Ramos Cajado, Thiago Dornelles e Amanda Camylla Pereira.

Eleições no Brasil: uma história de 500 anos. Brasília: Tribunal Superior

Eleitoral, 2014, p. 27-8. Internet: <www.tse.jus.br> (com adaptações).

De acordo com as ideias veiculadas no texto I,

---

121. (Cespe - Analista Judiciário - Área Judiciária - TRE-GO/2015) os instrumentos legais acerca da legislação eleitoral que surgiram logo após a promulgação da Constituição de 1891 tinham os objetivos de ampliar a parcela votante da população e diminuir as fraudes ocorridas durante o processo eleitoral, mas fracassaram nesses aspectos.

COMENTÁRIOS

Errado - No último parágrafo: *As principais alterações promovidas na legislação contemplaram o fim do voto censitário e a manutenção do voto direto. Essas modificações, embora importantes, tiveram pouca repercussão prática, já que o voto ainda era restrito — analfabetos e mulheres não votavam — e o processo eleitoral continuava permeado por toda sorte de fraudes.*

---

122. (Cespe - Analista Judiciário - Área Judiciária - TRE-GO/2015) o fim do voto censitário e a manutenção do voto direto foram importantes porque denotaram a preocupação do governo com o povo e constituíram o início do processo democrático no Brasil.

COMENTÁRIOS

Errado - A porcentagem por si só indica que não se trata de democracia: Em 1894, na primeira eleição para presidente da República, **votaram 2,2% da popu-**

lação. Tudo indica que, apesar de a República ter abolido o critério censitário e adotado o voto direto, a participação popular continuou sendo muito baixa em virtude, principalmente, da proibição do voto dos analfabetos e das mulheres.

Democracia: é um regime político em que todos os cidadãos elegíveis participam igualmente — diretamente ou através de representantes eleitos — na proposta, no desenvolvimento e na criação de leis, exercendo o poder da governação através do sufrágio universal. Ela abrange as condições sociais, econômicas e culturais que permitem o exercício livre e igual da autodeterminação política. (http://pt.wikipedia.org/)

---

123. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE-GO/2015) Nos primeiros anos após a Proclamação da República, os civis e os militares discordavam quanto à autonomia que deveria ser dada pelo governo às unidades regionais.

COMENTÁRIOS

Certo – Os civis, representados pelas elites das principais províncias — São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Rio Grande do Sul —, queriam uma república federativa que desse muita autonomia às unidades regionais. Os militares, por outro lado, defendiam um Poder Executivo forte e se opunham à autonomia buscada pelos civis.

---

124. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE-GO/2015) a instabilidade observada nos anos que se seguiram à Proclamação da República deveu-se ao súbito ganho de poder dos civis, o que, de acordo com o texto, gerou acirradas disputas com os militares, tradicionais detentores do poder.

COMENTÁRIOS

Errado – Erros: 1. o conflito de interesses entre civis e militares, principal motivo da instabilidade: havia também conflitos internos em cada grupo; 2. o texto não demonstra que os militares eram tradicionais detentores do poder.

Texto II

Segundo a Constituição Federal, todo poder emana do povo e por ele será exercido, quer de maneira direta, quer por intermédio de representantes eleitos. Essa afirmação, dentro do espírito do texto constitucional, deve ser interpretada como verdadeiro dogma estabelecido pelo constituinte originário, mormente quando nos debruçamos sobre o cenário político dos anos anteriores à eleição dos membros que comporiam a Assembleia Constituinte que resultou na Carta de 1988.

Em expedita sinopse, é possível perceber que, após longo período de repressão à manifestação do pensamento, o povo brasileiro ansiava por exercer o direito de eleger os seus representantes com o objetivo de participar direta ou indiretamente da formação da vontade política da nação.

Dentro desse contexto, impende destacar que os movimentos populares que ocorreram a partir do ano de 1984, que deram margem ao início do processo de elaboração da nova Carta, deixaram transparecer de maneira cristalina aos então governantes que o coração da nação brasileira estava palpitante, quase que exageradamente acelerado, tendo em vista a possibilidade de se recuperar o exercício do poder, cujo titular, por longo lapso, deixou de ser escolhido pelo povo brasileiro.

Em meio a esse cenário, foi elaborado o texto constitucional, que, desde então, recebeu a denominação de Constituição Cidadã. O art. 14 desse texto confere ênfase à titularidade do poder para ressaltar que "A soberania popular é exercida pelo sufrágio universal e pelo voto direto e secreto, com valor igual a todos", deixando transparecer que a intenção da Lei Maior é fazer que o povo exerça efetivamente o seu direito de participar da formação da vontade política.

Fernando Marques Sá. Desaprovação das contas de campanha do candidato – avanço da legislação para as eleições de 2014. In: Estudos Eleitorais. Brasília: Tribunal Superior Eleitoral. Vol. 9, n.° 2, 2014, p. 52-3. Internet: <www.tse.jus.br>(com adaptações).

---

125. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE-GO/2015) a Constituição Federal de 1988 é denominada de Constituição Cidadã por conferir ênfase à titularidade do exercício do poder pelo povo, como se pode observar no texto do artigo 14 da Carta Magna.

COMENTÁRIOS

Certo – No último parágrafo: *Em meio a esse cenário, foi elaborado o texto constitucional, que, desde então, recebeu a denominação de Constituição Cidadã. O art. 14 desse texto confere ênfase à titularidade do poder para ressaltar que "A soberania popular é exercida pelo sufrágio universal e pelo voto direto e secreto, com valor igual a todos", deixando transparecer que a intenção da Lei Maior é fazer que o povo exerça efetivamente o seu direito de participar da formação da vontade política.*

---

126. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE-GO/2015) foi necessária a promulgação da Carta Magna de 1988 para que o exercício do poder pelo povo virasse realidade.

COMENTÁRIOS

Errado – Se *recupera*, significa que já houve: impende destacar que os movimentos populares que ocorreram a partir do ano de 1984, que deram margem ao início do processo de elaboração da nova Carta, deixaram transparecer de maneira cristalina aos então governantes que o coração da nação brasileira estava palpitante, quase que exageradamente acelerado, tendo em vista a possibilidade de se **recuperar** o exercício do poder, cujo titular, por longo lapso, deixou de ser escolhido pelo povo brasileiro.

Em relação ao texto, julgue os itens a seguir.

Migrar e trabalhar. Quando esses verbos se conjugam da pior forma possível, acontece o chamado tráfico de seres humanos. O tráfico de pessoas para exploração econômica e sexual está relacionado ao modelo de desenvolvimento que o mundo adota. Esse modelo é baseado em um entendimento de competitividade que pressiona por uma redução constante nos custos do trabalho.

No passado, os escravos eram capturados e vendidos como mercadoria. Hoje, a pobreza que torna populações vulneráveis garante oferta de mão de obra para o tráfico — ao passo que a demanda por essa força de trabalho sustenta o comércio de pessoas. Esse ciclo atrai intermediários, como os gatos (contratadores que aliciam pessoas para serem exploradas em fazendas e carvoarias), os coiotes (especializados em transportar pessoas pela fronteira entre o México e os Estados Unidos da América) e outros animais, que lucram sobre os que buscam uma vida mais digna. Muitas vezes, é a iniciativa privada uma das principais geradoras do tráfico de pessoas e do trabalho escravo, ao forçar o deslocamento de homens, mulheres e crianças para reduzir custos e lucrar. Na pecuária brasileira, na produção de cacau de Gana, nas tecelagens ou fábricas de tijolos do Paquistão.

O tráfico de pessoas e as formas contemporâneas de trabalho escravo não são uma doença, e sim uma febre que indica que o corpo está doente. Por isso, sua erradicação não virá apenas com a libertação de trabalhadores, equivalente a um antitérmico — necessário, mas paliativo. O fim do tráfico passa por uma mudança profunda, que altere o modelo de desenvolvimento predatório do meio ambiente e dos trabalhadores. A escravidão contemporânea não é um resquício de antigas práticas que vão desaparecer com o avanço do capital, mas um instrumento utilizado pelo capitalismo para se expandir.

Leonardo Sakamoto. O tráfico de seres humanos hoje. In: História viva. Internet: <www2.uol.com.br> (com adaptações).

127. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) Segundo o texto, a devastação do meio ambiente e a exploração de mão de obra escrava caracterizam o modelo de desenvolvimento atual.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – No trecho destacado abaixo, pode-se observar que a devastação do meio ambiente e a exploração de mão de obra escrava caracterizam o modelo de desenvolvimento atual. Analise:

"O fim do tráfico passa por uma mudança profunda, que altere o modelo de desenvolvimento predatório do meio ambiente e dos trabalhadores. A escravidão contemporânea não é um resquício de antigas práticas que vão desaparecer com o avanço do capital, mas um instrumento utilizado pelo capitalismo para se expandir."

128. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) Infere-se do texto a existência de dois segmentos que lucram com o tráfico de pessoas: as empresas, que reduzem os custos com mão de obra, e os intermediários, que se beneficiam da exploração de pessoas que desejam migrar.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – O segundo parágrafo permite a inferência de que as empresas e os intermediários lucram com o tráfico de pessoas. Veja:

"...Hoje, a pobreza que torna populações vulneráveis garante oferta de mão de obra para o tráfico — ao passo que a demanda por essa força de trabalho sustenta o comércio de pessoas. Esse ciclo atrai intermediários, como os gatos (contratadores que aliciam pessoas para serem exploradas em fazendas e carvoarias), os coiotes (especializados em transportar pessoas pela fronteira entre o México e os Estados Unidos da América) e outros animais, que lucram sobre os que buscam uma vida mais digna. Muitas vezes, é a iniciativa privada uma das principais geradoras do tráfico de pessoas e do trabalho escravo, ao forçar o deslocamento de homens, mulheres e crianças para reduzir custos e lucrar..."

Texto para os próximos itens.

Imigrantes ilegais, os homens e as mulheres vieram para Prato, na Itália, como parte de snakebodies liderados por snakeheads na Europa. Em outras palavras, fizeram a perigosa viagem da China por trem, caminhão, a pé e por mar como parte de um grupo pequeno, aterrorizado, que confiou seu des-

> *tino a gangues chinesas que administram as maiores redes de contrabando de gente no mundo. Nos locais em que suas viagens começaram, havia filhos, pais, esposas e outros que dependiam deles para que enviassem dinheiro. No destino, havia paredes cobertas com anúncios de mau gosto de empregos que representavam a esperança de uma vida melhor.*
>
> *Pedi a um dos homens ao lado da parede que me contasse como tinha sido sua viagem. Ele objetou. Membros do snakebody têm de jurar segredo aos snakeheads que organizam sua viagem. Tive de convencê-lo, concordando em usar um nome falso e camuflar outros aspectos de sua jornada. Depois de uma série de encontros e entrevistas, pelos quais paguei alguma coisa, a história de como Huang chegou a Prato emergiu lentamente.*
>
> *James Kynge. A China sacode o mundo. São Paulo: Globo, 2007 (com adaptações).*

---

129. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) Depreende-se do texto que chineses emigram para a Europa em busca da possibilidade de melhor sustento financeiro de suas famílias.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Os dois trechos abaixo corroboram a ideia de que os chineses emigram para a Europa buscando sustento para suas famílias.

"Em outras palavras, fizeram a perigosa viagem da China por trem, caminhão, a pé e por mar como parte de um grupo pequeno, aterrorizado, que confiou seu destino a gangues chinesas que administram as maiores redes de contrabando de gente no mundo."

"Nos locais em que suas viagens começaram, havia filhos, pais, esposas e outros que dependiam deles para que enviassem dinheiro."

---

130. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) O texto é narrativo e autobiográfico, o que se evidencia pelo uso da primeira pessoa do singular no segundo parágrafo, quando é contado um fato acontecido ao narrador.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – O texto é predominantemente narrativo, o que se pode julgar pelos relatos feitos pelo autor. É narrativo, sim, porém não é autobiográfico. Trata-se de um texto informativo e de caráter jornalístico. Observe a fala do narrador: "Tive de convencê-lo, concordando em usar um nome falso..." e "Depois de uma série de encontros e entrevistas...", ou seja, o narrador é um jornalista fazendo uma matéria acerca do tráfico de pessoas da China para a Europa. O texto não é autobiográfico, pois relata uma história que se passa com outra pessoa (Huang) e não com ele, o autor.

Texto para os itens.

> *Hoje, todos reconhecem, porque Marx impôs esta demonstração no Livro II d'O Capital, que não há produção possível sem que seja assegurada a reprodução das condições materiais da produção: a reprodução dos meios de produção.*
>
> *Qualquer economista, que neste ponto não se distingue de qualquer capitalista, sabe que, ano após ano, é preciso prever o que deve ser substituído, o que se gasta ou se usa na produção: matéria-prima, instalações fixas (edifícios), instrumentos de produção (máquinas) etc. Dizemos: qualquer economista é igual a qualquer capitalista, pois ambos exprimem o ponto de vista da empresa.*
>
> *Louis Althusser. Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado. 3ª ed. Lisboa: Presença, 1980 (com adaptações).*

---

131. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) Infere-se do texto que todo economista é capitalista, mas o inverso não é verdadeiro, pois nem todo capitalista é proprietário de empresa.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – O texto deixa claro que economista se identifica com capitalista no que diz respeito a não existência de "produção possível sem que seja assegurada a reprodução das condições materiais de produção: a reprodução dos meios de produção". A assertiva afirma que todo economista é capitalista, o que é genérico em relação à limitação indicada pelo texto. Além disso, não há, no texto, informação de que nem todo capitalista é proprietário de empresa.

Texto para os itens.

> *O tráfico internacional de drogas começou a desenvolver-se em meados da década de 70, tendo tido o seu boom na década de 80. Esse desenvolvimento está estreitamente ligado à crise econômica mundial. O narcotráfico determina as economias dos países produtores de coca e, ao mesmo tempo, favorece principalmente o sistema financeiro mundial. O dinheiro oriundo da droga corresponde à lógica do sistema financeiro, que é eminentemente especula-*

tivo. Este necessita, cada vez mais, de capital "livre" para girar, e o tráfico de drogas promove o "aparecimento mágico" desse capital que se acumula de modo rápido e se move velozmente.

A América Latina participa do narcotráfico na qualidade de maior produtora mundial de cocaína, e um de seus países, a Colômbia, detém o controle da maior parte do tráfico internacional. A cocaína gera "dependência" em grupos econômicos e até mesmo nas economias de alguns países, como nos bancos da Flórida, em algumas ilhas do Caribe ou nos principais países produtores — Peru, Bolívia e Colômbia, para citar apenas os casos de maior destaque. Na Bolívia, os lucros com o narcotráfico chegam a US$ 1,5 bilhão contra US$ 2,5 bilhões das exportações legais. Na Colômbia, o narcotráfico gera de US$ 2 a 4 bilhões, enquanto as exportações oficiais geram US$ 5,25 bilhões. Nesses países, a corrupção é generalizada. Os narcotraficantes controlam o governo, as forças armadas, o corpo diplomático e até as unidades encarregadas do combate ao tráfico. Não há setor da sociedade que não tenha ligação com os traficantes e até mesmo a Igreja recebe contribuições destes.

Osvaldo Coggiola. O comércio de drogas hoje. In: Olho da História, n.º 4. Internet: <www.oolhodahistoria.ufba.br> (com adaptações).

---

132. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) Depreende-se do texto uma discrepância na ligação do narcotráfico com a Igreja e com unidades de combate ao tráfico.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado

○ **Nota da autora:** gabarito alterado de CERTO para ERRADO.

Motivo de CESPE: Considerando-se não ser possível inferir do texto o que se afirma no item, opta-se pela alteração de seu gabarito.

---

133. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) Verifica-se no texto uma ampliação de sentido do termo "dependência": da dependência química causada em usuários de drogas à dependência de grupos e países cuja economia lucra com o narcotráfico.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – "A cocaína gera 'dependência' em grupos econômicos e até mesmo nas economias de alguns países..." (2º parágrafo) mostra que o emprego do termo "dependência" sofreu ampliação no contexto e, pelo destaque das aspas, pode ser associado à dependência química que causa nos usuários e, em especial como foi utilizado, em grupos ou países cuja economia lucra com o narcotráfico.

---

134. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) Infere-se do texto que o lucro com o narcotráfico equivale a duas vezes o lucro com as exportações legais tanto na Bolívia quanto na Colômbia.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – O trecho destacado abaixo nos mostra os números que, colocados numa tabela, nos permite visualizar claramente e assegurar que a assertiva está errada, pois a primeira coluna não representa duas vezes (dobro) da segunda. Analise ambos, trecho e tabela:

"Na Bolívia, os lucros com o narcotráfico chegam a US$ 1,5 bilhão contra US$ 2,5 bilhões das exportações legais. Na Colômbia, o narcotráfico gera de US$ 2 a 4 bilhões, enquanto as exportações oficiais geram US$ 5,25 bilhões.

	LUCRO - NARCOTRÁFICO	LUCRO - EXPORTAÇÕES LEGAIS
BOLÍVIA	1,5 BILHÃO	2,5 BILHÕES
COLÔMBIA	2 A 4 BILHÕES	5,25 BILHÕES

---

135. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) O texto, que se classifica como dissertativo, expõe a articulação entre o tráfico internacional de drogas e o sistema financeiro mundial.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo

○ **Nota da autora**: questão que aborda tipologia textual e interpretação de texto.

- O texto apresenta linguagem e estrutura dissertativa e expõe, em seu conteúdo, sobretudo no primeiro parágrafo, a articulação entre o tráfico internacional de drogas e o sistema financeiro mundial.

2.3. FUNDAÇÃO AROEIRA

Texto 1

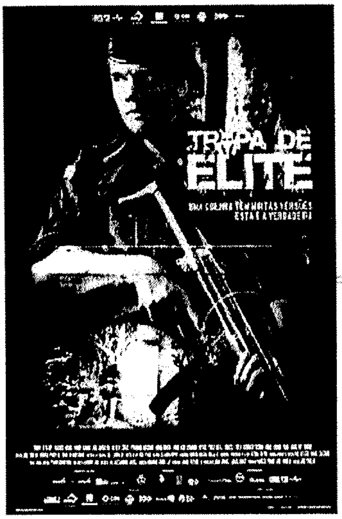

Texto 2

TROPA DE ELITE

Outras remetências de título

TROPA DE ELITE: MISSÃO DADA É MISSÃO CUMPRIDA

Categorias

Longa-metragem / Sonoro / Ficção

Material original

35mm, COR, 118min, 3.236m, 24q, Dolby SRD

Data e local de produção/Ano: 2007

País: BR

Cidade: Rio de Janeiro

Estado: RJ

Sinopse

Nascimento, capitão da Tropa de Elite do Rio de Janeiro, é designado para chefiar uma das equipes que tem como missão apaziguar o Morro do Turano. Ele tem que cumprir as ordens enquanto procura por um substituto porque sua mulher, grávida, constantemente lhe pede para sair da linha de frente do Batalhão. Em meio a um tiroteio, Nascimento e sua equipe tem que resgatar dois aspirantes a oficiais da PM: Neto e Matias. Ansiosos para entrar em ação e impressionados com a eficiência de seus salvadores, os dois se candidatam ao curso de formação da Tropa de Elite.

Gênero: Drama

Prêmios:

- Urso de Ouro de Melhor Filme no Festival de Berlim, 58, 2008.
- Melhor Ator para Moura, Wagner, Grande Prêmio Vivo do Cinema Brasileiro entregue pela ABC - Academia Brasileira de Cinema. Melhor Diretor para Padilha, José, Grande Prêmio Vivo do Cinema Brasileiro entregue pela ABC - Academia Brasileira de Cinema

Dados de produção

Companhia(s) produtora(s): Zazen Produções Audiovisuais Ltda.

Produção: Padilha, José; Prado, Marcos Coprodução: Soárez, Eliana; Arcy, James d'

Companhia(s) distribuidora(s): Universal Pictures do Brasil; The WeinsteinCompany

Roteirista: Pimentel, Rodrigo; Mantovani, Bráulio; Padilha, José

Direção: Padilha, José

Direção de fotografia: Carvalho, Lula

Efeitos especiais de fotografia: Zeebroeck, Bruno Van

Som direto: Lima, Leandro

Montagem: Rezende, Daniel

Direção de arte: Peake, Tulé

Figurinos: Kopke, Cláudia

Música: Bromfman, Pedro

Identidades/elenco:

- Moura, Wagner
- Junqueira, Caio
- Ramiro, André
- Cortaz, Milhem
- Freitas, Fernanda de
- Machado, Fernanda
- Fernandes, Thelmo
- Ribeiro, Maria
- etc.

Textos 1 e 2 disponíveis em: <http://www.cinemateca.gov.br/cgi-bin/wxis.e - xe/iah/>. Acesso em: 23 mar. 2014.

---

136. (Fundação Aroeira - Delegado de Polícia - TO/2014) Que aspecto da trama do filme apresentado na ficha técnica é priorizado na composição do cartaz?

(A) A atuação de agentes de inteligência como fonte primária para a solução da violência urbana.

(B) A fuga de alternativas tradicionais de combate ao crime em regiões com alta incidência de violência.

(C) O embate direto contra o crime pela perspectiva de quem tem o dever de combatê-la.

(D) O direito de os policiais terem informações precisas a respeito das áreas de combate.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" – O cartaz demonstra claramente a posição e a disposição do oficial pronto para o embate em todos os aspectos.

Alternativa "a" – Seria parte do roteiro do filme.

Alternativa "b" – Não consta em ficha técnica, seria parte da trama.

Alternativa "d" – Outro aspecto não correspondente à ficha técnica e sim à trama.

---

137. (Fundação Aroeira – Delegado de Polícia – TO/2014) Na ficha técnica do filme, que informação sugere sua qualidade como obra representativa de sua categoria?

(A) As especialidades técnicas recrutadas para a sua produção.

(B) A constituição do elenco com base em autores consagrados no meio televisivo.

(C) As características estético-discursivas do gênero drama de ficção.

(D) A lista de prêmios concedidos por entidades de relevância na área cinematográfica.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d" – Prêmios: Urso de Ouro de melhor filme no festival de Berlim, 58, 2008; melhor ator e melhor diretor: grande prêmio vivo do cinema brasileiro entregues pela ABC – Academia Brasileira de Cinema.

As informações contidas em A, B e C estão intrínsecas à qualidade que caracterizou o filme.

Alternativa "a" – Não está na ficha técnica.

Alternativa "b" – Mera informação.

Alternativa "c" – Tais características não sugerem qualidade como obra representativa da categoria. Mais: ficção? Quem dera!

---

138. (Fundação Aroeira – Delegado de Polícia – TO/2014) A sinopse tem por função apresentar aspectos cruciais do enredo do filme. Essa apresentação parte do protagonista e se desenvolve com base em

(A) elogio, motivações familiares para o combate, resultado positivo do combate.

(B) identificação, missão, conflito, desdobramentos do conflito.

(C) traços de personalidade, indefinições individuais, valores da corporação.

(D) localização dos fatos, patente, realidade, negação da realidade.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" – A sinopse (resumo) em questão, muito bem elaborada, dá uma visão exata do que se verá em Tropa de Elite.

Identificação= capitão da tropa: Nascimento, do Rio de Janeiro, chefe de equipe;

Missão= apaziguar o Morro do Turano;

Conflito= Nascimento – problemas em família (conflito), procura um substituto, resgate de Neto e Matias (aspirantes) – desdobramento do conflito – resultado: gratos, impressionados, os dois aspirantes a oficiais Neto e Matias se candidatam ao curso de formação da Tropa de Elite.

Os aspectos apresentados em A, C e D não constam da sinopse e o protagonista é apresentado, já no início, em constante conflito entre problemas pessoais que o impelem a deixar a linha de frente e a missão a cumprir.

Alternativa "a" – Não se baseia nos três elementos mencionados.

Alternativa "c" – Não se baseia nos três elementos mencionados.

Alternativa "d" – Localização do fato? Aqui já se elimina a alternativa.

Texto 3

A realidade, só a realidade

Para ser qualificada de grande, uma obra de arte precisa estabelecer conexões profundas com as pessoas. Ao analisar o papel das tragédias teatrais, por exemplo, o filósofo grego Aristóteles concluiu que elas acabavam por purificar os espectadores quando lhes causavam sentimentos de terror e compaixão. Isso porque, depois de experimentá-los, as pessoas sairiam aliviadas, purgadas dos próprios pesadelos. Aristóteles chamou a isso catarse. O tipo de conexão proporcionado por Tropa de Elite, do diretor José Padilha, é de outra ordem. Trata-se de um grande filme justamente pelo contrário: ele não concede válvulas de escape ao retratar como a criminalidade degradou o país de alto a baixo. O pesadelo real ganha ainda mais nitidez. A sociedade brasileira, pelo jeito, ansiava por esse tapa na cara dado pelo capitão Nascimento, o policial interpretado magistralmente por Wagner Moura. Lançado há apenas *duas semanas, Tropa de Elite já é o filme mais visto e comentado da história do cinema brasileiro. As salas de exibição lotam em todas as sessões e estima-se que mais de 11 milhões de pessoas tenham assistido ao filme em DVDs piratas que inundaram os camelôs de várias capitais do país (veja reportagem). Gírias policiais reproduzidas no filme e trechos de diálogos entre os personagens – como "pegou geral" e "01 pede pra sair" – tornaram-se bordões repetidos nas mais diversas situações.*

O assunto da obra do diretor José Padilha é a guerra diuturna que a polícia carioca move contra os traficantes de drogas encastelados nos morros favelizados da cidade. Mais especificamente o Batalhão de Operações Policiais Especiais (Bope), a tropa de elite do título. O tráfico de drogas, o nervo mais exposto de um país em desordem e refém do medo (veja o quadro), é tema comum na cinematografia nacional recente. A diferença é que esse filme o aborda pondo os pingos nos is. Bandidos são bandidos, e não "vítimas da questão social". Há policiais corruptos, mas também muitos que são honestos. Se existem traficantes de cocaína e maconha, é porque há milhares de consumidores que os bancam. Muitos desses consumidores, aliás, são aqueles mesmos que fazem "passeatas pela paz" e compactuam com a bandidagem para abrir ONGs em favelas. Por último, a brutalidade de alguns policiais pode ser explicada pelo grau de penúria e abandono que o estado lhes reserva. [...]

Ditas de maneira tão simples, essas verdades parecem de uma obviedade ululante. E são. Mas o Brasil, infelizmente, é um país de ideias fora do lugar por causa da afecção ideológica esquerdista que inverte papéis, transformando criminosos em mocinhos e mocinhos em criminosos. Aqui, a "questão social" é justificativa para roubos, assassinatos e toda sorte de crime e contravenção – mesmo quando praticados por quadrilhas especializadas, compostas por integrantes que nada têm de coitadinhos.

Na semana passada, a pedido de VEJA, o instituto Vox Populi realizou uma pesquisa para medir o impacto de Tropa de Elite nos espectadores. Os resultados indicam por que o filme é arrebatador. Na opinião de 72% dos entrevistados, os criminosos que aparecem no filme são tratados como merecem. Quase 80% deles concordam que a polícia é apresentada com fidelidade – ou seja, tem uma banda podre e uma banda boa. Tropa de Elite agrada também por abordar a responsabilidade dos usuários de drogas sem meias palavras. O capitão Nascimento diz que o "playboy" que fuma um cigarro de maconha é o responsável pela morte de um traficante abatido pelo Bope. A afirmação encontra eco na população. Para 85% dos espectadores, o raciocínio do capitão Nascimento está correto. O policial vivido por Wagner Moura ganhou enorme popularidade, mas isso não significa que todas as pessoas enxerguem num Rambo a solução para problema tão complexo como o da criminalidade. Na opinião de 53% dos entrevistados, o capitão é um herói, mas 43% rejeitam essa ideia, embora o vejam com relativa simpatia. As características do personagem ajudam a explicar tal divisão. Nascimento é um ser humano devastado. Sofre de síndrome do pânico, consome vorazmente remédios de tarja preta e suas explosões frequentemente resultam em ações que extrapolam o manual do Bope.

Disponível em: <http://veja.abril.com.br/171007/p_080.shtml>. Acesso em: 20 mar. 2014.

---

139. (Fundação Aroeira – Delegado de Polícia – TO/2014) Considerando o trabalho argumentativo promovido ao longo do texto, Tropa de Elite é uma grande obra porque

(A) promove no expectador uma espécie de purificação por meio da experimentação de sentimentos negativos e positivos.

(B) escancara as mazelas da guerra contra o tráfico de maneira realística, com requinte dramático.

(C) produz intertexto com a obra de Aristóteles com base na produção de um texto de ficção de forte apelo subjetivo.

(D) impacta o expectador com uma concepção de combate ao crime contrária às suas expectativas.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" – Segundo o texto, o filme Tropa de Elite é uma grande obra mostrando a "cara do crime" na missão do enfrentamento ao tráfico de drogas e a realidade desse tipo de enfrentamento.

Alternativa "a" – Essa espécie de purificação não se dá em Tropa de Elite. Sim, é citada no início do texto como análise feita pelo filósofo grego Aristóteles ao se referir às tragédias teatrais, e que ele chamou de cartase: purificação que aquelas tragédias, representação de textos dramáticos, provocavam nos expectadores da Grécia Antiga.

Tropa de Elite provoca o contrário no expectador: a visão da realidade choca e o pesadelo continua ante a nitidez dessa realidade.

Alternativa "c" – Não há intertexto com relação à análise sobre as tragédias de Aristóteles, o filósofo. Trata-se de um grande filme justamente ao contrário: não concede válvulas de escape... Se as tragédias gregas provocam purificação como válvula de escape, Tropa de Elite mostra uma realidade com um problema complexo que nenhum *Rambo* possa solucionar.

Alternativa "d" – Ao contrário, na última parte do texto tem-se a pesquisa do instituto Vox Populi em que fica bem clara a aceitação do público em uma grande percentagem, porém deixa uma margem para um público que analisou o filme de outra forma: com mais profundidade...

---

140. (Fundação Aroeira – Delegado de Polícia – TO/2014) No texto, as inserções "veja reportagem" e "veja o quadro" estão correlacionadas ao

(A) suporte em que é veiculado e à característica informativa do gênero reportagem.

(B) tema abordado pelo autor e ao público-alvo desse gênero textual.

(C) modo de obtenção das informações e à incompletude das ideias apresentadas.

(D) tipo de sequência textual e à falta de comprovação das informações.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – As inserções remetem à revista (veículo em que está publicada a reportagem que é de caráter informativo): quadro = demonstrações da informação.

Alternativa "b" – As inserções não estão correlacionadas ao tema abordado nem ao público alvo, mas às fontes em que se encontrar a reportagem.

Alternativa "c" – Não há incompletude das ideias, pelo contrário, as ideias estão apresentadas coerentemente.

Alternativa "d" – As inserções citadas não se referem às opções da alternativa como já comentado na alternativa A.

Texto 4

Disponível em:<http://rio.rj.gov.br>. Acesso em: 30 de mar. 2014.

---

141. (Fundação Aroeira – Delegado de Polícia – TO/2014) Considerando a contextualização social e discursiva do Texto 4, o termo "agora"

(A) marca uma relação de causa e consequência da violência.

(B) estabelece um marco histórico definido.

(C) faz uma referência temporal anafórica ao primeiro filme da série.

(D) instaura uma sequência explicativa.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c"

Nota das autoras: Vamos relembrar teoria?

Anafórico, genericamente, pode ser definido como uma palavra ou expressão que serve para retomar um termo já expresso no texto, ou também para antecipar termos que virão depois. São **anafóricos**: pronomes demonstrativos: este, esse, aquele; pronomes relativos: que, o qual, onde, cujo; advérbios e expressões adverbiais: então, dessa feita, acima, atrás.

Lu e Nata, apesar de serem gêmeas, são muito diferentes. Por exemplo, esta é calma, aquela é explosiva. O termo esta retoma o nome próprio "Lu", enquanto aquela faz a mesma coisa com a palavra "Nata". Esta e aquela são chamados de ***anafóricos.****

Catafórico é um termo utilizado em linguística para expressão que se refere a algo que será dito no texto posteriormente.

Quero encontrá-la, encontrar Acácia.

**Fonte: http://www.dicionarioinformal.com.br/*

- *Agora* é advérbio de tempo. Em relação ao contexto (Tropa de Elite 2), fica evidente que há ligação com o filme anterior (texto 1 – Tropa de Elite).

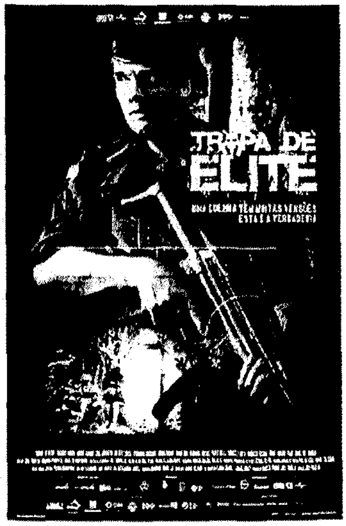

Alternativa "a" – Para haver causa e consequência, caberia a pergunta **por quê?** e não cabe.

Alternativa "b" – Não é marco histórico. (Ai, ai, ai...)

Alternativa "d" – Não há explicação.

Texto 5

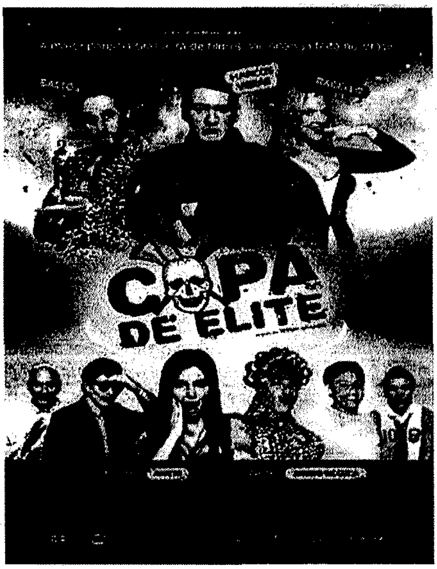

"Copa de Elite" é uma paródia de "Tropa de elite", mas brinca com filmes brasileiros, como "Bruna Surfistinha", "Nosso lar", "Minha mãe é uma peça" e "Se eu fosse você". A estreia é em 17 de abril. No cartaz, o longa é definido como "a maior paródia brasileira de filmes nacionais já feita no Brasil". "Copa de Elite" integra o gênero que nos Estados Unidos se chama de "spoofmovie", do qual fazem parte "Top Gang", "Todo mundo em pânico" e "Apertem os Cintos... O Piloto Sumiu".

Disponível em: <http://g1.globo.com/pop-arte/cinema/noticia/>. Acesso em: 10 abr. 2014.

142. (Fundação Aroeira – Delegado de Polícia – TO/2014) "Copa de Elite" é uma paródia de filmes brasileiros contemporâneos.

Que aspectos das linguagens verbal e não verbal do Texto 5 estabelecem uma paródia, remetendo ao filme "Tropa de Elite"?

(A) A transposição da simbologia que evoca a temática do filme para o domínio lúdico.

(B) A marcação explícita dos nomes de atores brasileiros de renome e a relação direta com filmes de humor como "Top Gang".

(C) A definição do filme como um longa metragem do gênero "spoofmovie".

(D) A reconfiguração dos traços identitários visível na composição das personagens femininas que interagem com o protagonista.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – Tropa de Elite versus Copa de Elite. Em destaque estão comediantes (abaixo, há outras personalidades que não são atores), assim sendo há domínio lúdico: que tem o divertimento acima de qualquer outro propósito.

Alternativa "b" – Não pelo simples fato de serem atores de renome.

Alternativa "c" – Não há relação com paródia: imitação burlesca, irônica.

Alternativa "d" – Não apenas pela composição das personagens femininas.

2.4. FUNRIO

Texto para as questões.

TECNOLOGIA EDUCACIONAL E DIGITAL NO CENÁRIO CONTEMPORÂNEO

Elaine Turk Faria

O objetivo deste artigo é apresentar um estudo sobre as possibilidades e necessidade de utilização da tecnologia digital nas instituições de ensino, bem como da introdução da cultura tecnológica entre alunos e professores, onde se inclui a educação à distância e as disciplinas semipresenciais no ambiente acadêmico.

Com frequência, lemos nos jornais, revistas e na literatura científica atual o quanto nossos jovens estão familiarizados com a tecnologia e têm facilidade no seu manuseio. Veem e Vrakking (2009) denominam os jovens desta época de "geração homo zappiens, que cresceu usando múltiplos recursos tecnológicos desde a infância". Para estes autores, a geração homo zappiens é digital, e a escola é analógica. Reforçando essa posição, Marc Prensky, educador americano, escreveu um artigo em 2001 sobre os imigrantes digitais e os nativos digitais, em que faz uma divisão entre os que veem o computador como uma novidade e os que não imaginam a vida antes dele, pois têm contato com a tecnologia logo após o nascimento.

Esta situação, vivenciada na sociedade contemporânea, tem implicações tanto nas escolas de educa-

ção básica quanto nas universidades, já que este é o novo perfil dos estudantes e dos acadêmicos. Consequentemente, os cursos de licenciatura, onde se inclui também o curso de Pedagogia, têm de preparar os futuros professores para atuarem neste contexto.

[Texto adaptado]

Fonte: Aprender e ensinar: diferentes olhares e práticas. Maria Beatriz Jacques Ramos & Elaine Turk Faria (orgs.).

Porto Alegre: PUCRS, 2011, p. 13.

---

143. (FUNRIO – Analista do Seguro Social – INSS/2014) Ao mencionar os "imigrantes digitais" e os "nativos digitais", o texto os identifica, respectivamente, como

(A) quem vê o computador como uma invenção recente e quem vê o computador como um recurso bastante conhecido.

(B) quem vê o computador como uma inovação e quem vê o computador como algo que sempre fez parte de sua vida.

(C) quem vê no computador um aliado assustador e quem vê no computador uma ferramenta de auxílio.

(D) quem vê no computador uma novidade intimidativa e quem vê no computador um companheiro inseparável.

(E) quem vê um computador pela primeira vez e quem vê um computador todos os dias.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" – Questão fácil. Ideias evidentes no trecho: Marc Prensky, educador americano, escreveu um artigo em 2001 sobre os **imigrantes digitais** e os **nativos digitais**, em que faz uma divisão entre os que veem o computador como uma novidade e os que não imaginam a vida antes dele, pois têm contato com a tecnologia logo após o nascimento.

Alternativa "a" – Recente: certo; o erro está em *recurso conhecido.*

Alternativa "c" – Aliado assustador? Não; Não apenas ferramenta de auxílio.

Alternativa "d" – Erro: forma intimidativa.

Alternativa "e" – Não é questão de quando vê, mas sim de uso. Eliminada facilmente esta alternativa.

---

144. (FUNRIO – Analista do Seguro Social – INSS/2014) Uma fonte citada no texto denomina os jovens de nossos tempos como "geração homo zappiens, que cresceu usando múltiplos recursos tecnológicos desde a infância". O neologismo "homo zappiens" combina as formas "homo sapiens" e "zap", com o intuito de

(A) fazer uma associação entre o hábito de se usar frequentemente o controle remoto e estar em contato com variados recursos eletrônicos.

(B) ironizar o excesso de utilização dos recursos tecnológicos por parte da juventude, que por isso mesmo pode deixar os estudos em segundo plano.

(C) mostrar que o homem, desde os tempos mais remotos, sempre avançou em busca de conhecimento, o que justifica a metáfora com a palavra inglesa.

(D) conectar criativamente a língua latina e a língua inglesa na formação de uma palavra que teria vida breve na língua portuguesa.

(E) expressar uma crítica velada aos jovens que passam mais tempo diante dos computadores do que envolvidos nas tarefas propostas pela escola.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – Homo sapiens (do latim): homem sábio; homo zappiens: homem que utiliza controle remoto e está em contato com aparelhos eletrônicos. Isso está muito claro no texto.

Alternativa "b" – Não ironiza.

Alternativa "c" – Erros: desde os tempos mais remotos; não é metáfora, mas sim expressão neológica (palavra nova).

Alternativa "d" – O intuito não é conectar línguas, mas mostrar o que está acontecendo no tempo atual.

Alternativa "e" – Não há crítica.

---

145. (FUNRIO – Analista do Seguro Social – INSS/2014) Os autores citados no texto dizem que a geração homo zappiens é digital e que a escola é analógica. Isso contrasta, respectivamente, as atitudes de

(A) sentir inquietação & sentir quietude.

(B) ter voluntarismo & ter sedentarismo.

(C) adquirir universalidade e produzir resistência.

(D) mostrar modernidade e estar superado.

(E) preferir acomodação e semear precariedade.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d" – Digital: moderno; analógico: antigo, superado. Trata-se de linguagem da informática.

Alternativa "a" – Não pertencem ao mesmo campo semântico.

Alternativa "b" – Em nada se refere com os termos.

Alternativa "c" – Sem relação alguma.

Alternativa "e" – Eliminada facilmente, pois não se refere a digital e analógico.

---

146. (FUNRIO – Analista do Seguro Social – INSS/2014) A autora do texto defende que todas as escolas dos dias de hoje precisam

I. fomentar a cultura tecnológica no corpo discente;

II. fomentar a cultura tecnológica no corpo docente;

III. incluir a educação à distância;

IV. oferecer disciplinas semipresenciais;

V. preparar professores para lidar com a tecnologia.

VI. utilizar tecnologia digital;

Quantas dessas indicações estão coerentes com o que o texto diz explicitamente?

(A) Todas as seis.

(B) Apenas as quatro primeiras.

(C) Apenas as quatro últimas.

(D) Cinco delas.

(E) Nenhuma delas.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d" – Vale relembrar que *fomentar* significa *estimular*.

I. Correto: possibilidades e necessidade de utilização da tecnologia digital nas instituições de ensino, bem como da introdução da cultura tecnológica entre **alunos** (discentes) e **professores** (docentes).

II. Correto: idem comentário anterior.

III. Correto: ...onde se inclui a **educação à distância** e as disciplinas **semipresenciais** no ambiente acadêmico.

IV. Correto: idem comentário anterior.

V. Correto: têm de preparar os futuros professores para atuarem neste contexto.

VI. Errado: não cita tecnologia **digital.**

Texto para as questões.

ALTAS HABILIDADES E SUPERDOTAÇÃO: DESAFIOS À DOCÊNCIA

Elis Regina Fogaça Silveira

Segundo a Organização Mundial de Saúde, os superdotados formam de 1% a 3% da população. Há quem diga, porém, que essa porcentagem se refere apenas aos talentos que se destacam nas áreas intelectuais ou acadêmicas. Porém, se avaliarmos as competências dessas crianças, referentes à liderança, criatividade, psicomotricidade e artes, as estatísticas aumentarão consideravelmente.

Esse grupo tem sido mal identificado no Brasil, demonstrando como existem tabus a serem rompidos, pelo desconhecimento do tema por parte não só da sociedade, mas também da escola e família. Já é fato que, se uma criança com Altas Habilidades não é estimulada intelectualmente, podem ocorrer alterações de comportamento como resposta à frustração vivenciada por ela. É comum que alunos se tornem entediados e retraídos diante da rotina escolar, e a falta de oportunidades do meio pode levar o sujeito à indiferença, à apatia e a reações agressivas, podendo chegar até mesmo a ocultar seus talentos.

De acordo com as diretrizes da Secretaria de Educação Especial, a identificação da criança com Altas Habilidades deve ocorrer o mais cedo possível, já na pré-escola, visando ao pleno desenvolvimento de suas capacidades e ao seu ajustamento social. Cada aluno deve ser atendido em sua totalidade. A proposta é utilizar fontes múltiplas na identificação, não enfatizando resultados em testes de QI, mas considerando importante conhecer a história de vida familiar e escolar do aluno, seus interesses, suas preferências e padrões de comportamento social em variadas oportunidades e situações. O processo de identificação deve caracterizar um trabalho interdisciplinar e transdisciplinar, ressaltando um compromisso socioeducacional mais amplo.

Sabe-se que a inteligência apresenta predisposição genética, mas o meio cultural é, sem dúvida, propulsor para o aperfeiçoamento das habilidades. Assim como os pássaros dependem das duas asas para levantar voo, as crianças portadoras de Altas Habilidades/Superdotação necessitam de um meio familiar e social acolhedores que possibilitem a sua integração.

[Texto adaptado]

Fonte: Aprender e ensinar: diferentes olhares e práticas. Maria Beatriz Jacques Ramos & Elaine Turk Faria (orgs.).

Porto Alegre: PUCRS, 2011, p. 101.

---

147. (FUNRIO – Analista do Seguro Social – INSS/2014) A Organização Mundial de Saúde diz que o número de superdotados em nosso planeta fica entre 1% e 3% da população. Pelas informações contidas no texto, sabe-se que a OMS considera superdotadas as crianças que se destacam nas seguintes áreas ou competências:

(A) criatividade e psicomotricidade.
(B) liderança e estatística.
(C) intelectual e acadêmica.
(D) sensibilidade artística e musical.
(E) talento e memória.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" – Informação inserida no primeiro parágrafo: Há quem diga, porém, que essa porcentagem se refere apenas aos talentos que se destacam nas áreas intelectuais ou acadêmicas.

Alternativa "a" – Acrescentam-se à avaliação e as estatísticas aumentarão: liderança, **criatividade, psicomotricidade** e artes.

Alternativa "b" – Acrescentam-se à avaliação e as estatísticas aumentarão: **liderança**, criatividade, psicomotricidade e artes.

Alternativa "d" – Não especifica sensibilidade musical, apenas artísticas (geral).

Alternativa "e" – Facilmente eliminada.

---

148. (FUNRIO – Analista do Seguro Social – INSS/2014) Que razão o texto apresenta para que alunos se tornem entediados e retraídos diante da rotina escolar?

(A) A falta de estímulo intelectual.
(B) A inexistência de equipamentos eletrônicos.
(C) A violência no ambiente familiar.
(D) O despreparo dos professores.
(E) A pouca atratividade dos assuntos.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – No segundo parágrafo: Já é fato que, se uma criança com Altas Habilidades não é **estimulada intelectualmente**, podem ocorrer alterações de comportamento como resposta à frustração vivenciada por ela. É comum que alunos se tornem entediados e retraídos diante da rotina escolar, e a falta de oportunidades do meio pode levar o sujeito à indiferença, à apatia e a reações agressivas, podendo chegar até mesmo a ocultar seus talentos.

Alternativa "b" – Isso não desestimula os alunos.

Alternativa "c" – Não que isso os deixe retraídos.

Alternativa "d" – Cuidado, pois você pode se enganar nessa alternativa. Veja que a alternativa A é bem mais completa.

Alternativa "e" – Não é o que os torna entediados.

---

149. (FUNRIO – Analista do Seguro Social – INSS/2014) Os procedimentos para identificar as crianças portadoras de altas habilidades incluem os seguintes pontos:

I. aplicação de testes de QI;
II. levantamento do histórico familiar;
III. avaliação do histórico escolar;
IV. confronto entre interesses e preferências;
V. prescrição do comportamento social.

Quantas dessas indicações estão coerentes com o que o texto diz explicitamente?

(A) Todas as cinco.
(B) Apenas as três primeiras.
(C) Apenas as três últimas.
(D) Quatro delas.
(E) Nenhuma delas.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b"

I. Certo: Embora não os enfatize – A proposta é utilizar fontes múltiplas na identificação, não enfatizando resultados em testes de QI.
II. Certo: considerando importante conhecer a história de vida familiar e escolar do aluno.
III. Certo: mencionado no comentário acima.
IV. Errado: não cita confrontos.
V. Errado por mencionar *prescrição.*

---

150. (FUNRIO – Analista do Seguro Social – INSS/2014) Diz o texto que "o processo de identificação deve caracterizar um trabalho interdisciplinar e transdisciplinar, ressaltando um compromisso socioeducacional mais amplo."

Entende-se um trabalho interdisciplinar e transdisciplinar como aquele que

(A) envolve mais de uma disciplina.
(B) ultrapassa o conteúdo da grade curricular.
(C) ajuda a controlar a disciplina na escola
(D) ressalta um compromisso socioeducacional amplo.
(E) é realizado antes dos conteúdos de cada disciplina.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" - Interdisciplinar: Que é comum a duas ou mais disciplinas ou que se realiza no âmbito dessa relação.

Alternativa "b" - Não há indicação de que ultrapasse o conteúdo.

Alternativa "c" - Não se refere a controle.

Alternativa "d" - Não há relação com compromisso socioeducacional.

Alternativa "e" - Não é realizado antes: sem a menor relação semântica.

---

151. (FUNRIO - Analista do Seguro Social - INSS/2014) O texto defende o seguinte ponto de vista:

(A) Os pássaros dependem das duas asas para levantar voo porque não mostram capacidade de integração.

(B) O meio cultural é fator decisivo para permitir a integração familiar como um ambiente social acolhedor.

(C) A inteligência apresenta predisposição propulsora para o aperfeiçoamento das habilidades.

(D) A predisposição genética não é o único fator que causa o desenvolvimento da inteligência.

(E) As crianças superdotadas são acolhedoras e aperfeiçoam suas habilidades em ambientes culturais.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d" - Ideia mencionada no último parágrafo: Sabe-se que a inteligência apresenta predisposição genética, mas o meio cultural é, sem dúvida, propulsor para o aperfeiçoamento das habilidades.

Alternativa "a" - Apenas compara os pássaros com as crianças porque necessitam de um meio familiar e social acolhedores que possibilitem a sua integração.

Alternativa "b" - Não é fator decisivo.

Alternativa "c" - A inteligência e o fator genético.

Alternativa "e" - Elas necessitam de um meio familiar e social acolhedores que possibilitem a sua integração, isso não significa que sejam acolhedoras.

2.5. UFMT

---

152. (UFMT - Promotor de Justiça - MT/2014) A coluna da esquerda apresenta perguntas feitas na seção Entrevista, revista Veja, 01/05/2013, a Wendy Kopp, fundadora do Teach for America, e a da direita, as respostas dadas. Numere a coluna da direita de acordo com a da esquerda, de forma que as respostas sejam adequadas às perguntas.

1 - Um bom professor nasce ou é criado?	( ) Cada país tem suas peculiaridades. Nos EUA quando começamos, em 1989, o primeiro passo foi colocar professores do Teach for América em escolas onde havia falta de professores tradicionais. Agora temos gente em todo lugar [...]. São professores assim como os demais.
2 - O que acontece com os professores depois de dois anos dando aulas?	( ) Vi tantas que deram certo e tantas que deram errado que hoje acredito no seguinte: é preciso oferecer meios para que professores e diretores assumam responsabilidade integral pelo sucesso acadêmico dos alunos.
3 - Os professores tradicionais ficam incomodados com a chegada de gente sem formação pedagógica para dar aula?	( ) Procuramos selecionar universitários com certas características, escolhemos aqueles que acreditam no potencial de todas as crianças, que são incansáveis na busca dos objetivos[...] Mas, além dessas qualidades, eles precisam aprender a trabalhar com crianças e adquirir habilidades e conhecimentos para virar professores mais eficazes[...]. E tudo isso é ensinado.
4 - Qual é a melhor estratégia pedagógica?	( ) A experiência de ensinar em comunidades de baixa renda não tem impacto apenas nas crianças, mas também nos professores. [...] entre 60% e 70% dos professores estabeleceram-se na área da educação como diretores de escola, formuladores de políticas de educação.

Assinale a sequência correta.

(A) 3, 1, 4, 2

(B) 4, 3, 2, 1

(C) 4, 2, 3, 1

(D) 1, 4, 2, 3

(E) 3, 4, 1, 2

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" - Parece difícil, mas não é. Sublinhe as ideias principais ou palavras-chave das perguntas e respostas.

3 - Os **professores tradicionais** ficam incomodados com a **chegada** de **gente sem formação pedagógica para dar aula**?

( ) Cada país tem suas peculiaridades. Nos EUA quando começamos, em 1989, o primeiro passo foi colocar **professores** do Teach for América em **escolas onde havia falta de professores tradicionais.** Agora temos gente em todo lugar [...]. São professores assim como os demais.

4 – Qual é a melhor **estratégia pedagógica**?

( ) Vi tantas (estratégias pedagógicas)que deram certo e tantas que deram errado que hoje acredito no seguinte: é preciso oferecer meios para que professores e diretores assumam responsabilidade integral pelo sucesso acadêmico dos alunos.

1 – Um **bom professor** nasce ou é criado?

( ) Procuramos selecionar universitários com certas características, escolhemos aqueles que acreditam no potencial de todas as crianças, que são incansáveis na busca dos objetivos[...] Mas, além dessas qualidades, eles precisam aprender a trabalhar com crianças e adquirir habilidades e conhecimentos **para virar professores mais eficazes**[...]. E tudo isso é ensinado.

2 – O que acontece com os professores **depois de dois anos dando aulas**?

( ) **A experiência de ensinar (ideia implícita de tempo)** em comunidades de baixa renda não tem impacto apenas nas crianças, mas também nos professores. [...] entre 60% e 70% dos professores estabeleceram-se na área da educação como diretores de escola, formuladores de políticas de educação.

---

153. (UFMT – Promotor de Justiça – MT/2014) Os textos que compõem as alternativas constituem trechos de cartas dos leitores enviadas à revista Veja, 03/07/2013, sobre as manifestações populares ocorridas em junho. Assinale a alternativa que apresenta argumento que se diferencia dos demais.

(A) Nosso povo, que há muito perdeu suas esperanças, agora acordou para lutar e recuperar sua esperança de ver um Brasil melhor.

(B) Confesso que já tinha perdido a fé na juventude. Agora dou a mão à palmatória e agradeço a todos os jovens por me trazerem de volta a esperança.

(C) Não cabe em meu peito o orgulho que sinto em ver as imagens de nosso povo nas ruas, reivindicando (em paz) nada além dos nossos direitos.

(D) Graças a Deus, nosso povo até que enfim percebeu que precisa protestar contra o que decididamente não vai bem.

(E) Que os sentimentos e motivações que nos levaram às ruas nos acompanhem às urnas nas próximas eleições.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" – 1. Nas outras alternativas, as cartas não incluem quem as escreveu nas manifestações; 2. Não foram citadas eleições nos outros trechos, por isso a afirmativa representa argumento diferenciado.

Alternativa "a" – Esperança de um Brasil melhor, conscientização.

Alternativa "b" – Esperança de um Brasil melhor, conscientização.

Alternativa "c" – Esperança de um Brasil melhor, conscientização.

Alternativa "d" – Esperança de um Brasil melhor, conscientização.

---

154. (UFMT – Promotor de Justiça – MT/2014) Considere a peça propagandística abaixo.

03 de Maio Dia Internacional da

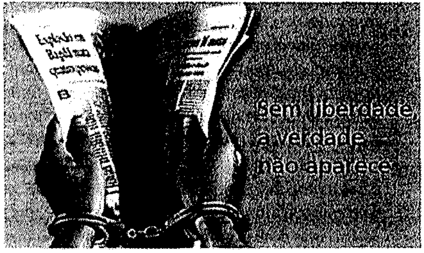

Liberdade de Imprensa

Sobre o texto, analise as afirmativas.

I. Existe perfeita coerência entre a linguagem verbal e a não verbal, pois ambas tratam de liberdade.

II. O texto permite a seguinte ideia subentendida: a imprensa escrita divulga a verdade.

III. Pode-se alterar a colocação dos termos na frase à direita, sem prejuízo de sentido: A verdade sem liberdade não aparece.

IV. A parte não verbal exemplifica a mensagem da peça, poderia ter sido usado outro tipo de falta de liberdade da imprensa.

Estão corretas as afirmativas

(A) II e IV, apenas.

(B) I, II e III, apenas.

(C) I, II e IV, apenas.

(D) III e IV, apenas.

(E) I, II, III e IV.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c"

I. Certa. As algemas referem-se à prisão, ou seja, não há liberdade.

II. Certa. A verdade aparece nos jornais.

III. Errada. "Sem liberdade" indica condição: se não houver liberdade, a verdade não aparece. Altera o sentido mudando a ordem.

IV. Certa, pois imprensa é o conjunto dos jornais, dos jornalistas e dos meios de divulgação de notícias ou comentários

Texto para a questão.

ZERO MAIS ZERO

Consta que Galeno, o maior médico da Roma amiga, chegou certa vez a uma cidade atingida pela peste, onde foi recebido com grandes esperanças pelos notáveis locais. Que sorte a nossa, pensaram todos — certo nesta hora, eis que nos aparece o grande Galeno, o homem que mais conhece o corpo humano em todo o império e consegue curar as doenças mais infames em circulação por aí. Galeno olhou um pouco a sua volta, pensou por um 5 minuto e deu sua receita para o tratamento da peste: "Vão embora daqui o mais rápido que puderem. Vão para o lugar mais longe possível. Voltem o mais tarde que conseguirem". Houve certo desapontamento: mas é só isso que o nosso grande doutor tem para dizer? Sim, era só isso, e Galeno foi o primeiro a aplicar a sua própria terapia: montou no cavalo, saiu a galope e nem olhou para trás. Não há informações mais precisas nessa história, mas uma coisa é certa: ninguém que optou por obedecer à sua prescrição morreu. E não era isso, exatamente, o que esperavam dele?

O episódio permanece, no anedotário da história, como uma prova de que é perfeitamente possível aproveitar a própria ignorância para obter um benefício importante — importantíssimo, na verdade, para os que salvaram a sua vida seguindo a recomendação recebida. Galeno não tinha a mais remota ideia de como curar a peste, algo que só seria descoberto uns 1600 anos depois, mais ou menos. Mas sabia certas coisas interessantes. Sabia, por exemplo, que a doença aparecia numas cidades e não em outras, que permaneciam totalmente imunes à epidemia. [...] Sabia, também, que um indivíduo ainda não contaminado permanecia plenamente saudável quando se mudava para algum lugar livre da praga. Não se importava nem um pouco, enfim, em admitir sua ignorância sobre o assunto: ao contrário dos seus colegas, que ficavam receitando remédios absurdos, rezas e mandingas para esconder o fato de que não sabiam nada sobre o tratamento da doença, preferia salvar pela observação lógica aqueles que ainda não estavam condenados.

Galeno, na escuridão do século II, não sabia muita coisa. [...] Achava, por exemplo, que o sangue se originava no fígado, e tinha dúvidas sobre a disposição dos músculos do corpo humano: hoje, provavelmente, não o deixariam clinicar num posto de saúde do interior do Ceará. Mas Galeno era um ás em servir-se da sua inteligência para vencer a sua ignorância. Ao recusar-se a ficar inventando falsas respostas para questões que desconhecia, e por limitar-se a aplicar ao paciente o que de fato sabia, forçava a si próprio a aprender mais, e a aprender com mais certeza. O resultado é que acabou se tornando um farol para a medicina por mais de 1000 anos após a sua morte.

Em muita coisa, no Brasil de hoje, vivemos um momento oposto ao do mundo mental de Galeno — a ignorância serve para derrotar a inteligência. Grandes vultos do nosso mundo cultural, político, social e outros abarrotam seus sites com cursos, mestrados, pós-graduações e outros feitos d'armas que atribuem a si próprios: infelizmente, não informam o que aprenderam. Sem isso, o que se tem é zero mais zero.[...]

(GUZZO, J.R. Veja, 29 de maio de 2013.)

---

155. (UFMT – Promotor de Justiça – MT/2014) Sobre o artigo, analise as afirmativas.

I. O texto usa uma história amplamente conhecida pelos brasileiros para externar sua posição sobre os erros e abusos da medicina no Brasil de hoje.

II. Ao dizer Consta que Galeno, o autor sugere que não há registro de que a história tenha sido exatamente como conta.

III. A ideia de servir-se da inteligência para vencer a ignorância não está colocada no texto como deboche, mas como maneira de obrigar-se a aprender.

IV. No último parágrafo, o articulista traz a situação para o Brasil, onde ocorrem coisas similares à contada sobre Galeno.

Está correto o que se afirma em

(A) I, II e IV, apenas.

(B) II e III, apenas.

(C) II, III e IV, apenas.

(D) I e III, apenas.

(E) I e IV, apenas.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b"

I. Errada. A história não é conhecida e foi contada para externar a posição política do autor em relação a nosso país, não sobre abusos de medicina.

II. Certa. *Consta* significa notícia que é assumida como sendo verídica (verdadeira); boato.

III. Certa. Trecho que evidencia a informação: Galeno era um ás em servir-se da sua inteligência para vencer a sua ignorância. Ao recusar-se a ficar inventando falsas respostas para questões que desconhecia, e por limitar-se a aplicar ao paciente o que de fato sabia, forçava a si próprio a aprender mais, e a aprender com mais certeza. O resultado é que acabou se tornando um farol para a medicina por mais de 1000 anos após a sua morte.

IV. Errada. No início do último parágrafo, afirma o contrário: Em muita coisa, no Brasil de hoje, vivemos um momento oposto ao do mundo mental de Galeno - a ignorância serve para derrotar a inteligência.

2.6. FGV

Texto 1

É JUSTO QUE AS MULHERES SE APOSENTEM MAIS CEDO?

A questão acerca da aposentadoria das mulheres em condições mais benéficas que aquelas concedidas aos homens suscita acalorados debates com posições não somente técnicas, mas também com muito juízo de valor de cada lado.

Um fato é certo: as mulheres intensificaram sua participação no mercado de trabalho desde a segunda metade do século 20.

Há várias razões para isso. Mudanças culturais e jurídicas eliminaram restrições sem sentido no mundo contemporâneo: um dos maiores e mais antigos bancos do Brasil contratou sua primeira escriturária em 1969 e teve sua primeira gerente em 1984.

Avanços no planejamento familiar e a disseminação de métodos contraceptivos permitiram a redução do número de filhos e liberaram tempo para a mulher se dedicar ao mercado de trabalho.

Filhos estudam por mais tempo e se mantêm fora do mercado de trabalho até o início da vida adulta. Com isso, o custo de manter a família cresce e cria a necessidade de a mulher ter fonte de renda para o sustento da casa.

A tecnologia também colaborou: máquinas de lavar roupa, fornos micro-ondas, casas menores e outras parafernálias da vida moderna reduziram a necessidade de algumas horas nos afazeres domésticos e liberaram tempo para o trabalho fora de casa.

A inserção feminina no mercado de trabalho ocorreu, mas com limitações. Em relação aos homens, mulheres têm menor taxa de participação no mercado de trabalho, recebem salários mais baixos e ainda há a dupla jornada de trabalho. Quando voltam para a casa, ainda têm que se dedicar à família e ao lar.

Essas dificuldades levam algumas pessoas a defender formas de compensação para as mulheres por meio de tratamento previdenciário diferenciado. Já que as mulheres enfrentam dificuldades de inserção no mercado de trabalho, há de compensá-las por meio de uma aposentadoria em idade mais jovem.

A legislação brasileira incorpora essa ideia. Homens precisam de 35 anos de contribuição para se aposentar no INSS; mulheres, de 30.

No serviço público, que exige idade mínima, as mulheres podem se aposentar com cinco anos a menos de idade e tempo de contribuição que os homens.

(Marcelo Abi-Ramia Caetano, Folha de São Paulo, 21/12/2014.)

---

156. (FGV – 2015) O tema contido na pergunta que serve de título ao texto

(A) é defendido por uma opinião pessoal do autor.

(B) é contestado legalmente no corpo do texto.

(C) é visto como uma injustiça em relação ao homem.

(D) é tido como legal, mas moralmente injusto.

(E) é observado de forma técnica e legal.

COMENTÁRIOS

GABARITO: E

No texto: *A legislação brasileira incorpora essa ideia. Homens precisam de 35 anos de contribuição para se aposentar no INSS; mulheres, de 30.*

---

157. (FGV 2015) "A questão acerca da aposentadoria das mulheres em condições mais benéficas que aquelas concedidas aos homens suscita acalorados debates com posições não somente técnicas, mas também com muito juízo de valor de cada lado."

Ao dizer que há "muito juízo de valor de cada lado", o autor do texto diz que na discussão aparecem

(A) questões que envolvem valores da Previdência.

(B) problemas que prejudicam economicamente os empregadores.

(C) posicionamentos apoiados na maior experiência de vida.

(D) opiniões de caráter pessoal.

(E) questionamentos injustos e pouco inteligentes.

COMENTÁRIOS

GABARITO: D

Juízo de valor é um juízo sobre a correção ou incorreção de algo, ou da utilidade de algo, **baseado num ponto de vista pessoal.** Como generalização, um juízo de valor pode referir-se a um julgamento baseado num conjunto particular de valores ou num sistema de valores determinado.

---

158. (FGV - 2015) Dizer que as mulheres intensificaram sua participação no mercado de trabalho desde a segunda metade do século XX equivale a dizer que

(A) o trabalho feminino não existia antes dessa época.

(B) a atividade de trabalho até essa época apelava para a força física.

(C) as mulheres entraram no mercado de trabalho há pouco tempo.

(D) os homens exploravam as mulheres até a época citada.

(E) as famílias passaram a ter menos filhos desde o século XX.

COMENTÁRIOS

GABARITO: C

Muitas dúvidas surgiram, mas trabalhar interpretação de texto em FGV nada mais é que eliminar as alternativas muito descabidas e escolher a que mais se encaixa, muitas vezes pode ser a menos errada.

Voltemos ao texto: *as mulheres intensificaram sua participação no mercado de trabalho desde a segunda metade do século 20.*

Erros explícitos:

(A) O trabalho feminino não existia antes dessa época = existia sim, como mencionado no comentário da alternativa "c".

(B) Apelava para a força física? Informação não citada no texto (além de absurda, convenhamos).

(D)Não se pode afirmar que as mulheres eram exploradas pelos homens no século XX. Não brinque!

(E) A partir da metade do século XX isso aconteceu.

---

159. (FGV - 2015) Assinale a opção que indica duas razões que mostram as limitações femininas no mercado de trabalho.

(A) Dupla jornada de trabalho / tecnologia de apoio doméstico.

(B) Tecnologia de apoio doméstico / necessidade de força física.

(C) Necessidade de força física / interrupções legais do período de trabalho.

(D) Interrupções legais do período de trabalho / salários mais baixos.

(E) Salários mais baixos / dupla jornada de trabalho

COMENTÁRIOS

GABARITO: E

No sétimo parágrafo: *...mulheres têm menor taxa de participação no mercado de trabalho, recebem* ***salários mais baixos*** *e ainda há a* ***dupla jornada de trabalho.*** *Quando voltam para a casa, ainda têm que se dedicar à família e ao lar.*

---

160. (FGV - 2015) Segundo o texto 1, o que levaria a um tratamento diferenciado para as mulheres seria

(A) uma compensação masculina pela exploração anterior.

(B) um reconhecimento de que o trabalho doméstico é pesado.

(C) uma recompensa por sua atuação como mulher e mãe.

(D) uma retribuição às maiores dificuldades de trabalho.

(E) um pagamento por sua vida menos longa.

COMENTÁRIOS

GABARITO: D

Qual é a causa?

No oitavo parágrafo: *Essas dificuldades levam algumas pessoas a defender formas de compensação para as mulheres por meio de tratamento previdenciário diferenciado.* ***Já que as mulheres enfrentam dificuldades de inserção no mercado de trabalho,*** *há de compensá-las por meio de uma aposentadoria em idade mais jovem.*

---

161. (FGV - 2015) Segundo o texto 1, a necessidade ou possibilidade de a mulher trabalhar se prende a diferentes motivos. As opções a seguir apresentam motivos presentes no texto 1, **à exceção de uma**. Assinale-a.

(A) Aumento do tempo livre, em função da redução do número de filhos.

(B) O desenvolvimento tecnológico, que auxilia nos trabalhos domésticos.

(C) A manutenção dos filhos por mais tempo.

(D) O desequilíbrio econômico da Previdência.

(E) Os métodos contraceptivos, que limitam o número de filhos.

COMENTÁRIOS

GABARITO: D

O desequilíbrio econômico da Previdência é uma conclusão e não um motivo, não gera uma necessidade ou possibilidade (o que acontece nas demais alternativas).

Texto 2

Se as mulheres enfrentam dupla jornada de trabalho, a forma eficiente de resolver o problema é por meio de mudanças culturais que tornem os homens mais ativos nos afazeres domésticos e por meio de boas creches e escolas que deixem as mães mais tranquilas com o cuidado dos filhos.

Não parece apropriada a ideia de que um problema de equidade do mercado de trabalho seja resolvido por uma saída antecipada deste mesmo mercado, mas, sim, por uma política efetiva de promoção de igualdade laboral entre homens e mulheres.

Alguém pode argumentar que mudanças culturais são difíceis de concretizar. São, mas não impossíveis. O leitor com mais de 40 anos deve se recordar que muitos consideravam os cintos de segurança como meros acessórios dos carros e que o cigarro reinava em propagandas, restaurantes, aviões e salas de aula das universidades.

162. (FGV – 2015) O texto 2, em relação à aposentadoria antecipada da mulher, se posiciona

(A) a favor, pelos motivos apresentados no texto 1.

(B) a favor, por novos motivos apresentados.

(C) a favor, por reconhecer o homem como privilegiado.

(D) contra, por ver uma contradição na argumentação favorável.

(E) contra, por não reconhecer qualquer sacrifício no trabalho feminino.

COMENTÁRIOS

GABARITO: D

Fácil! No segundo parágrafo: **Não** parece apropriada a ideia de que um problema de equidade do mercado de trabalho seja resolvido por uma saída antecipada deste mesmo mercado, **mas**, sim, por uma política efetiva de promoção de igualdade laboral entre homens e mulheres.

Texto para as questões.

Utopias e distopias

Todas as utopias imaginadas até hoje acabaram em distopias, ou tinham na sua origem um defeito que as condenava. A primeira, que deu nome às várias fantasias de um mundo perfeito que viriam depois, foi inventada por sir Thomas Morus em 1516. Dizem que ele se inspirou nas descobertas recentes do Novo Mundo, e mais especificamente do Brasil, para descrever sua sociedade ideal, que significaria um renascimento para a humanidade, livre dos vícios do mundo antigo. Na Utopia de Morus o direito à educação e à saúde seria universal, a diversidade religiosa seria tolerada e a propriedade privada, proibida. O governo seria exercido por um príncipe eleito, que poderia ser substituído se mostrasse alguma tendência para a tirania, e as leis seriam tão simples que dispensariam a existência de advogados. Mas para que tudo isso funcionasse Morus prescrevia dois escravos para cada família, recrutados entre criminosos e prisioneiros de guerra. Além disso, o príncipe deveria ser sempre homem e as mulheres tinham menos direitos que os homens. Morus tirou o nome da sua sociedade perfeita da palavra grega para "lugar nenhum", o que de saída já significava que ela só poderia existir mesmo na sua imaginação.

Platão imaginou uma república idílica em que os governantes seriam filósofos, ou os filósofos governantes. Nem ele nem os outros filósofos gregos da sua época se importavam muito com o fato de viverem numa sociedade escravocrata. Em "Candide", Voltaire colocou sua sociedade ideal, onde havia muitas escolas mas nenhuma prisão, em El Dorado, mas "Candide" é menos uma visão de um mundo perfeito do que uma sátira da ingenuidade humana. Marx e Engels e outros pensadores previram um futuro redentor em que a emancipação da classe trabalhadora traria igualdade e justiça para todos. O sonho acabou no totalitarismo soviético e na sua demolição. Até John Lennon, na canção "Imagine", propôs sua utopia, na qual não haveria, entre outros atrasos, violência e religião. Ele mesmo foi vítima da violência, enquanto no mundo todo e *cada vez mais as pessoas se entregam a religiões e se matam por elas.*

Quando surgiu e se popularizou o automóvel anunciou-se uma utopia possível. No futuro previsto os carros ofereceriam transporte rápido e lazer inédito em estradas magnetizadas para guiá-los mesmo sem motorista. Isso se os carros não voassem, ou se não houvesse um helicóptero em cada garagem. Nada disso aconteceu. Foi outra utopia que pifou. Hoje vivemos em meio à sua negação, em engarrafamentos intermináveis, em chacinas nas estradas e num caos que só aumenta, sem solução à vista. Mais uma vez, deu distopia.

(Veríssimo, Luiz Fernando. O Globo, 22/12/2013)

---

163. (FGV - 2014) O dicionário de Antonio Houaiss define *"distopia"* como *"qualquer representação ou descrição de uma organização social caracterizada por condições de vida insuportáveis".*

No texto são citados cinco exemplos de utopias:

I. a utopia de Tomas Morus;

II. a república idílica de Platão;

III. a sociedade ideal do "Candide";

IV. a redenção da classe trabalhadora de Marx e Engels;

V. a utopia possível do automóvel.

As utopias que podem ser consideradas distopias são:

(A) apenas as citadas em I e II.

(B) apenas as citadas em II e III.

(C) apenas as citadas em III e IV.

(D) apenas as citadas em IV e V.

(E) apenas as citadas em I e III.

COMENTÁRIOS

Interpretar é concluir, deduzir a partir dos dados coletados.

O tempo, na prova, é muito curto, por isso é necessário trabalhar com dicas para não precisar reler o texto. Lembre-se de que interpretar é objetivo, ou seja, a opinião do leitor nada importa. A resposta correta é direcionada ao que o autor escreveu e não àquilo que o leitor achou ou acha sobre o assunto.

Questão fácil, pois bastava voltar ao texto.

GABARITO: D

I. Não é distopia, pois o direito à educação e à saúde seria universal, a diversidade religiosa seria tolerada e a propriedade privada, proibida.

II. Não pode ser considerada como distopia: os governantes seriam filósofos, ou os filósofos governantes.

III. Não é distopia, já que havia muitas escolas mas nenhuma prisão, em El Dorado, mas *"Candide"* é menos uma visão de um mundo perfeito do que uma sátira da ingenuidade humana.

IV. A DISTOPIA é exemplificada com a morte de Lennon: Marx e Engels e outros pensadores previram um futuro redentor em que a emancipação da classe trabalhadora traria igualdade e justiça para todos. O sonho acabou no totalitarismo soviético e na sua demolição. Até John Lennon, na canção *"Imagine"*, propôs sua utopia, na qual não haveria, entre outros atrasos, violência e religião. Ele mesmo foi vítima da violência, enquanto no mundo todo e cada vez mais as pessoas se entregam a religiões e se matam por elas.

V. DISTOPIA, pois a utopia deu errado: Foi outra utopia que pifou. Hoje vivemos em meio à sua negação, em engarrafamentos intermináveis, em chacinas nas estradas e num caos que só aumenta, sem solução à vista. Mais uma vez, deu distopia.

---

164. (FGV - 2014)

Segundo o texto, as utopias

(A) só tinham sentido nas antigas sociedades.

(B) estão fadadas ao fracasso.

(C) faziam parte da mitologia e não da realidade.

(D) perturbam a visão da realidade.

(E) fazem os homens esquecer seus problemas.

COMENTÁRIOS

Questão fácil, pois bastava voltar ao início do texto.

GABARITO: B

- No texto: *Todas as utopias imaginadas até hoje acabaram em distopias, ou tinham na sua origem um defeito que as condenava.*

Alternativa "a" –Nem nas sociedades antigas tinham sentido.

Alternativa "c" –Não faziam parte apenas da mitologia.

Alternativa "d" –Não se pode afirmar, já que não foi citado no texto.

Alternativa "e" –Na verdade, acarretam mais problemas.

165. (FGV – 2014)

Um texto é uma estrutura cheia de compromissos. Assim, por exemplo, ao escrever *"A primeira* (utopia), *que deu nome às várias fantasias de um mundo perfeito..."*, o autor se compromete em

(A) mostrar que a primeira citada é a mais importante.

(B) citar, na progressão, outras utopias.

(C) indicar a razão de essa utopia ter dado nome às demais.

(D) definir o que seja uma "utopia".

(E) justificar a procura de um mundo perfeito.

COMENTÁRIOS

Questão muito tranquila. Nível fácil.

GABARITO: B

- Se inicia enumerando, é óbvio que irá citar, na progressão, as outras utopias. **Conferindo**: A primeira, que deu nome às várias fantasias de um mundo perfeito; Platão imaginou uma república idílica em que os governantes seriam filósofos, ou os filósofos governantes; em *"Candide"*, Voltaire colocou sua sociedade ideal; Marx e Engels e outros pensadores previram um futuro redentor em que a emancipação da classe trabalhadora; o automóvel anunciou-se uma utopia possível.

Alternativa "a" – Nada indica de importância.

Alternativa "c" –Não há relação com as demais utopias.

Alternativa "d" – Não define utopia através da enumeração, apenas exemplifica, cita.

Alternativa "e" –Não há justificativa.

---

166. (FGV – 2014)

"Nem ele nem os outros filósofos gregos da sua época se importavam muito com o fato de viverem numa sociedade escravocrata".

Esse segmento mostra que

(A) alguns conceitos de valor mudam com o tempo.

(B) os filósofos gregos eram socialmente irresponsáveis.

(C) a filosofia é uma área de conhecimento imperfeita.

(D) a escravidão sempre foi vista como um mal.

(E) a elite grega era egoísta e defensora de seus privilégios.

COMENTÁRIOS

Questão de nível médio.

GABARITO: A

- **Dica:** *Nem ele nem os outros filósofos gregos* ***da sua época*** + verbo no pretérito imperfeito (importavam).

b. Afirmação absurda.

c. Não, nunca, jamais. A filosofia é perfeita.

d. Nem ele (Platão) nem os outros filósofos gregos da sua época se importavam muito com o fato de viverem numa sociedade escravocrata. Isso não significa que a escravidão era vista como um mal.

e. Não se pode afirmar.

---

167. (FGV – 2014)

"Em 'Candide', Voltaire colocou sua sociedade ideal, onde havia muitas escolas mas nenhuma prisão, em El Dorado, mas 'Candide' é menos uma visão de um mundo perfeito do que uma sátira da ingenuidade humana".

O segmento sublinhado nos informa que, segundo o autor, a obra "Candide" é

(A) acima de tudo, uma visão do mundo perfeito.

(B) acima de ser uma sátira da ingenuidade humana, é a visão de um mundo ideal.

(C) á igualmente uma visão de um mundo ideal e uma sátira à ingenuidade humana.

(D) é mais uma sátira da ingenuidade humana e menos uma visão de um mundo ideal.

(E) além de ser uma visão de um mundo utópico, o livro traz, em segundo plano, uma sátira da ingenuidade humana.

COMENTÁRIOS

Questão de nível fácil.

GABARITO: D

- Basta inverter as informações e deduzir que se é **menos** uma visão de um mundo perfeito, só pode ser **mais uma sátira da ingenuidade humana.**

Alternativa "a" – Menos uma visão de um mundo perfeito.

Alternativa "b" –A importância está na ordem inversa.

Alternativa "c" –Não é igual.

Alternativa "e" –A sátira está em primeiro plano.

168. (FGV – 2014) A utopia de Marx e Engels é sobretudo pertinente aos espaços

(A) filosófico e religioso

(B) religioso e ético

(C) ético e econômico

(D) econômico e político

(E) político e filosófico

COMENTÁRIOS

Exige conhecimento de mundo, cultural e isso é obrigação de todo concurseiro, não acha?

Pelo contexto, daria para chegar à resposta.

TEORIA: Interpretação (página).

GABARITO: D

- As teorias de Marx e Engels eram em torno da sociedade, economia e política.

Marx: As teorias de Marx sobre **a sociedade, a economia e a política** – conhecidas coletivamente como marxismo – afirmam que as sociedades humanas progridem através da luta de classes: um conflito entre a classe burguesa que controla a produção e um proletariado que fornece a mão de obra para a produção. Ele chamou o capitalismo de "a ditadura da burguesia", acreditando que seja executada pelas classes ricas para seu próprio benefício, Marx previu que, assim como os sistemas socioeconômicos anteriores, o capitalismo produziria tensões internas que conduziriam à sua autodestruição e substituição por um novo sistema: o socialismo. Ele argumentou que uma sociedade socialista seria governada pela classe trabalhadora a qual ele chamou de "ditadura do proletariado", o "estado dos trabalhadores" ou "democracia dos trabalhadores".Marx acreditava que o socialismo viria a dar origem a uma apátrida, uma sociedade sem classes chamada de comunismo. Junto com a crença na inevitabilidade do socialismo e do comunismo, Marx lutou ativamente para a implementação do primeiro, argumentando que os teóricos sociais e pessoas economicamente carentes devem realizar uma ação revolucionária organizada para derrubar o capitalismo e trazer a mudança socioeconômica.

Engels: foi um teórico revolucionário alemão que junto com Karl Marx fundou o chamado socialismo científico ou marxismo. Ele foi coautor de diversas obras com Marx, sendo que a mais conhecida é o *Manifesto Comunista*. Também ajudou a publicar, após a morte de Marx, os dois últimos volumes de *O Capital*, principal obra de seu amigo e colaborador.

Alternativa "a" –Religioso seria piada; filosófico também não.

Alternativa "b" –Não religioso nem sobre ética.

Alternativa "c" –Não em relação à ética.

Alternativa "e" –Não filosófico.

169. (FGV – 2014)

"Até John Lennon, na canção 'Imagine', propôs sua utopia, na qual não haveria, entre outros atrasos, violência e religião".

Infere-se desse segmento do texto que

(A) John Lennon não deveria ter escrito a canção citada.

(B) a canção citada não seria, de fato, uma utopia.

(C) a religião seria um atraso.

(D) a violência deveria fazer parte de um mundo ideal.

(E) a canção aceitaria a violência como fato normal.

COMENTÁRIOS

Nível fácil.

GABARITO: C

- A informação deixa claro que a violência e a religião são atrasos. A evidência é pela intercalação da expressão **entre outros atrasos.**

Alternativa "a" –Afirma-se que até ele propôs uma utopia, mas não que não deveria ter composto.

Alternativa "b" –A canção é uma utopia.

Alternativa "d" – Pelo contrário, em um mundo ideal não pode haver violência.

Alternativa "e" – A violência é um atraso.

170. (FGV – 2014) *"Até John Lennon, na canção 'Imagine', propôs sua utopia, na qual não haveria, entre outros atrasos, violência e religião. Ele mesmo foi vítima da violência, enquanto no mundo todo e cada vez mais as pessoas se entregam a religiões e se matam por elas".*

A marca da religião destacada nesse segmento do texto é

(A) a violência.

(B) a coerência.

(C) a universalização.

(D) a contradição.

(E) a devoção.

COMENTÁRIOS

Nível fácil.

GABARITO: D

- Há três dados importantes mencionados no texto: 1. Lennon propôs uma utopia: não haver violência e religião; 2. A violência e a religião foram consideradas como atrasos; 3. Ele mesmo foi vítima de violência e as pessoas se matavam pelas religiões. Assim, chegamos à conclusão de que houve contradição: John Lennon pregava o fim da violência e da religião, mas foi morto em um ato cruel de violência pelas pessoas que **tinham religião e matavam por elas**.

Alternativa "a" –As pessoas que tinham **religião** se matavam por elas.

Alternativa "b" – Há incoerência e não coerência. Como quem acredita em Deus e é devoto pratica homicídio?

Alternativa "c" – Universalização é generalizar, tornar único e não é uma marca da religião.

Alternativa "d" – Devoção é observância de práticas religiosas; culto prestado a Deus e aos santos; dedicação íntima; afeto; objeto de especial veneração. Essa não foi a marca deixada no texto.

Analise a charge a seguir e responda às questões.

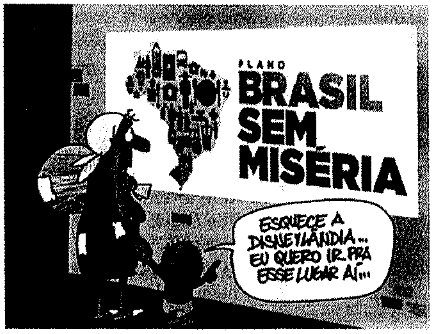
PLANO
BRASIL
SEM
MISÉRIA
ESQUECE A DISNEYLÂNDIA... EU QUERO IR PRA ESSE LUGAR AÍ!!!

---

171. (FGV – 2014) Assinale a alternativa que estabelece uma relação entre a charge e o texto de Veríssimo.

(A) A crítica ao atraso do país.

(B) A utopia vendida pelo governo no cartaz.

(C) A utopia infantil de um passeio à Disneylândia.

(D) A presença da violência social no cotidiano.

(E) A ausência de expectativa dos brasileiros.

COMENTÁRIOS

Nível fácil.

GABARITO: B

- Bem, o tema do texto de Veríssimo é a utopia e na charge, fica evidente que um plano sem miséria para o Brasil é algo impossível de acontecer. Como mencionado, a questão é fácil.

Alternativa "a" – A crítica ao atraso do país não possui relação com os dois textos.

Alternativa "c" – Um passeio à Disneylândia não é utopia.

Alternativa "d" – Não cita violência social na charge.

Alternativa "e" – A ausência de expectativa dos brasileiros não foi mencionada.

---

172. (FGV – 2014) Considerando-se o cartaz, é correto afirmar que a distopia está

(A) na expressão *"Brasil sem miséria"*.

(B) na hipocrisia das palavras do cartaz.

(C) nas figuras miseráveis dos personagens.

(D) na propaganda excessiva do governo.

(E) nas palavras do menino.

COMENTÁRIOS

Nível fácil.

GABARITO: C

- Se **distopia** é *qualquer representação ou descrição de uma organização social caracterizada por condições de vida insuportáveis*, óbvio que um exemplo é a figura das personagens.

Alternativa "a" – *"Brasil sem miséria"* é uma utopia.

Alternativa "b" –Não é distopia a hipocrisia do cartaz.

d. De onde tiraram a palavra 'excessiva'?

e. As palavras do menino indicam utopia.

2.7 VUNESP

Texto para as questões.

Que a Terra é a nossa casa cósmica, todo mundo sabe, mas poucos prestam atenção a isso. Nas tribulações do dia a dia, enquanto não há uma crise maior, é fácil esquecer a nossa dependência completa e absoluta do nosso planeta. Afinal, está sempre aqui, o chão sob nossos pés, a luz do Sol filtrada pela atmosfera, o azul do céu, o clima agradável e perfeito, para que possamos sobreviver.

Mas por trás disso tudo existe um planeta extremamente complexo que, sem ele, sem sua estabilidade orbital e climática, não estaríamos aqui. Eis algumas das razões para protegermos a Terra, um planeta sem igual, ao menos dentro de um raio de centenas de anos-luz daqui.

I. Nossa atmosfera, rica em oxigênio, permite que seres com um metabolismo mais complexo sobrevivam. É incrível que esse oxigênio todo tenha vindo de bactérias, os únicos habitantes que existiam aqui no planeta durante quase 3 bilhões de anos. Foram elas que "descobriram" a fotossíntese, transformando a composição da atmosfera terrestre. Agradeçam às cianobactérias pelo ar de cada dia.

II. Nossa atmosfera, rica em ozônio, filtra a radiação ultravioleta que vem do Sol, que é extremamente nociva à vida. Interessante que esse ozônio é produto da vida e, ao mesmo tempo, permite que ela persista aqui na superfície.

III. A água que temos aqui é uma preciosidade; sem ela, não haveria vida. Não sabemos de onde veio essa água toda, se bem que parte dela é oriunda de cometas que se chocaram com a Terra ainda em sua infância. Esse é o século em que a água se tornará um fator predominante de conflito global. Basta olhar para o planeta e ver a distribuição de água. O que o petróleo fez com a geopolítica do século 20, a água fará com a dos séculos 21 e 22.

IV. Nossa lua também é essencial. Por ser única e bastante maciça, ela regula e estabiliza o eixo de rotação da Terra, mantendo sua inclinação de 23,5° com a vertical. Pense na Terra como um pião inclinado, girando em torno de si mesmo. Sem a lua, esse eixo de rotação mudaria de ângulo aleatoriamente, e o clima não poderia ser estável. E, sem um clima estável, a vida complexa acaba se tornando inviável.

A lista continua, mas já dá para entender por que precisamos proteger esse planeta. Somos produtos dele, das suas condições. Se elas mudam, nossa sobrevivência fica ameaçada.

(Marcelo Gleiser. Folha de S.Paulo, 14.09.2014/ Adaptado)

---

173. (Vunesp – Procurador Município – Prefeitura São José do Rio Preto – SP/2014) Lendo-se os dois primeiros parágrafos, é correto concluir que

(A) as pessoas usufruem das benesses oferecidas pelo planeta, mas, presas às tarefas cotidianas, esquecem-se das condições estáveis e complexas que o caracterizam.

(B) a complexidade do planeta contribui para que seus habitantes interajam com ele e adotem inúmeras estratégias para mantê-lo em completo equilíbrio.

(C) a luz do Sol filtrada pela atmosfera, o azul do céu, o clima agradável e perfeito são preservados na Terra, graças ao empenho de seus habitantes.

(D) a Terra é um planeta inigualável e assim vem se mantendo, mas, em centenas de anos-luz, pode perder a estabilidade orbital e climática.

(E) quanto mais as pessoas se empenharem em preservar o planeta, maior a possibilidade de que se torne mais complexo e agradável aos habitantes.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – Trechos que evidencia a afirmação: *Que a Terra é a nossa casa cósmica, todo mundo sabe, mas poucos prestam atenção a isso. Nas tribulações do dia a dia, enquanto não há uma crise maior, é fácil esquecer a nossa dependência completa e absoluta do nosso planeta. (...) sem ele* (um planeta extremamente complexo), *sem sua estabilidade orbital e climática, não estaríamos aqui.*

Alternativa "b" – Não se pode afirmar contribuição nem interação, muito menos adoção de inúmeras estratégias.

Alternativa "c" – Nós não estaríamos aqui se não existisse em planeta complexo com sua estabilidade orbital e climática. Razões pelas quais devemos protegê-lo. Isso não significa que seja graças ao empenho de seus habitantes.

Alternativa "d" – Em primeiro lugar, tal informação está no penúltimo parágrafo; em segundo, a lua regula e estabiliza o eixo de rotação da Terra, mantendo sua inclinação de 23,5° com a vertical. Sem ela, esse eixo de rotação mudaria de ângulo aleatoriamente, e o clima não poderia ser estável. E, sem um clima estável, a vida complexa acaba se tornando inviável. Não se pode afirmar que em centenas de anos-luz, pode perder a estabilidade.

Alternativa "e" – Ideia mencionada no último parágrafo (não nos dois primeiros). Não precisamos agir par que se torne mais complexo, mas sim porque precisamos proteger esse planeta para não ficar ameaçada nossa sobrevivência. Esse é o tema do texto.

---

174. (Vunesp – Procurador Município – Prefeitura São José do Rio Preto – SP/2014) Interpretando-se o contido no item II, conclui-se que

(A) a camada de ozônio inviabiliza as condições de vida no planeta.

(B) a radiação ultravioleta do Sol filtra todo o ozônio produzido na atmosfera.

(C) os raios de cor ultravioleta garantem a sobrevida de todos os tipos de seres.

(D) a continuidade da vida na superfície do planeta se deve à camada de ozônio.

(E) o Sol emite raios que alteram a vida dos seres na atmosfera terrestre.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d"

Nota da autora: Perceba o quanto é importante fazer todas as questões de interpretação antes de passar as respostas para o gabarito: um questionamento leva à ideia de outra questão.

Trecho que confirma a ideia mencionada na alternativa "d": o *ozônio* (existente na atmosfera) *é produto da vida e, ao mesmo tempo, permite que ela persista aqui na superfície.*

Alternativa "a" – O ozônio não inviabiliza as condições de vida no planeta; cita que a radiação ultravioleta que vem do Sol, que é extremamente nociva à vida.

Alternativa "b" – A radiação ultravioleta é filtrada pela atmosfera. Ideia contrária. Além de usar a palavra exagerada "todo" ozônio.

Alternativa "c" – Nada indica que os raios ultravioleta garantam sobrevida, pelo contrário: a radiação deles é extremamente nociva à vida.

Alternativa "e" – Os raios do sol não alteram a vida dos seres, alternativa facilmente eliminada.

---

175. (Vunesp – Procurador Município – Prefeitura São José do Rio Preto – SP/2014) Assinale a alternativa com a afirmação correta sobre o texto.

(A) A questão da água, nos séculos 21 e 22, resolver-se-á com possível choque de cometas.

(B) O eixo de rotação da Terra altera-se porque ela se inclina verticalmente como um pião.

(C) A distribuição desigual da água e as oscilações da lua poderão desestabilizar a rotação do planeta.

(D) O clima se estabiliza quando se controla o consumo da água impedindo que ocorram conflitos globais.

(E) As circunstâncias favoráveis à vida no planeta devem-se à existência da água e à densidade da lua.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" – Exato: A **água** que temos aqui é uma preciosidade; sem ela, não haveria vida. Sem a **lua**, esse eixo de rotação mudaria de ângulo aleatoriamente, e o clima não poderia ser estável. E, sem um clima estável, a vida complexa acaba se tornando inviável.

Alternativa "a" – Não se resolverá, cita que parte da água é oriunda de cometas que se chocaram com a Terra ainda em sua infância.

Alternativa "b" – Ela não se inclina como um pião, nem poderia, você não acha? No texto: a lua regula e estabiliza o eixo de rotação da Terra, mantendo sua inclinação de 23,5° com a vertical e sem ela esse eixo de rotação mudaria de ângulo aleatoriamente.

Alternativa "c" – Sem a lua, esse eixo de rotação mudaria de ângulo aleatoriamente. Quanto à água, ela é essencial à vida, mas não há relação com a desestabilização rotação do planeta.

Alternativa "d" – A estabilização do clima se deve à lua e não ao controle de água.

◉ **Charge para a questão.**

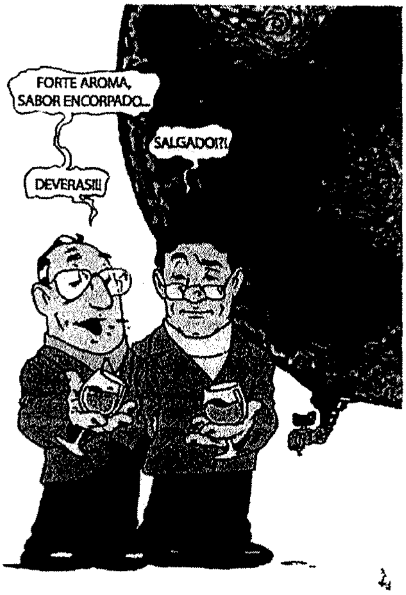
FORTE AROMA, SABOR ENCORPADO...
DEVERAS!!!
SALGADO?!

(www.sandromeira12.wordpress.com)

---

176. (Vunesp – Procurador Município – Prefeitura São José do Rio Preto – SP/2014) Sobre a charge, é correto afirmar:

(A) a maior parte da Terra é coberta de águas, o que significa que, se os mares e os rios forem preservados, não haverá problemas com a falta de água.

(B) os personagens da charge têm aparência de cientistas, razão pela qual fazem experimentos e tentam descobrir as propriedades da água.

(C) as letras H_2O desenhadas na superfície do globo terrestre e a torneira de onde saem pingos de água indicam que a água no planeta é elemento inexaurível.

(D) a porção de água nas taças e os comentários das personagens sinalizam cenário nada promissor do volume de água no planeta.

(E) os personagens da charge examinam pequenas porções de água, mas não conseguem distinguir a água doce da água salgada.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d" – A dica está no que foi escrito na figura (H_2O) e na fala do segundo personagem (salgado!?!). Lendo os comentários abaixo fica clara a resposta.

Alternativa "a" – Refere-se à água do mar apenas, que é salgada.

Alternativa "b" – Não podemos inferir que tenham aparência de cientistas, muito menos que fazem experimentos e tentam descobrir as propriedades da água.

Alternativa "c" – Se fosse inexaurível (inesgotável), não haveria motivo de ter a torneira.

Alternativa "e" – Eliminando a alternativa "a", consequentemente eliminamos esta alternativa: não há referência quanto à água doce.

QUESTÕES DIFÍCEIS

1. ESAF

Texto para a questão.

No Brasil, a criação e a paulatina expansão das ouvidorias são consequência da centralidade dos direitos fundamentais e do princípio da dignidade da pessoa humana na Constituição de 1988, relacionando-se à democratização do Estado e da sociedade brasileira.

Na administração pública, além de concretizar o direito constitucional de petição, fornecendo aos cidadãos um canal adequado para tratamento de reclamações, denúncias e sugestões, as ouvidorias ampliam a transparência de órgãos e entidades estatais, além de ensejar o contato do gestor público com problemas da população. De forma complementar, as ouvidorias públicas emergem como um importante instrumento de gestão participativa, aproximando o Estado da população, que pode sugerir correções de medidas governamentais e se informar do amplo portfólio de políticas públicas. Ademais, podem impedir a judicialização de pleitos ordinários, o que não é pouco, visto que os direitos podem ser efetivados com mais celeridade.

(*Adaptado* **de Paulo Otto von Sperling. Ouvidorias, eficiência e efetivação de direitos. Correio Braziliense, 18 mar. 2014.)**

---

01. (ESAF – Auditor-Fiscal – RFB/2014) Analise as seguintes afirmações em relação às ideias do texto.

I. Ouvidorias tornaram possível a inserção do princípio da dignidade da pessoa humana na Constituição de 1988.

II. A transparência de órgãos e entidades estatais é ampliada com o direito à petição e com a aproximação entre o gestor e os problemas da população.

III. A diminuição na judicialização de pleitos ordinários permite uma efetivação mais rápida dos direitos.

Encontra(m) respaldo na argumentação do texto

(A) apenas I.

(B) apenas II.

(C) apenas III.

(D) apenas I e III.

(E) apenas II e III.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e"

○ Nota da autora: Nesta prova de 2014, de vinte questões de língua portuguesa, houve apenas esta de interpretação de texto. Algo raro de acontecer. Foi uma questão bastante polêmica devido ao item II, mas bastaria voltar ao texto e reler os trechos mencionados abaixo.

I. **Errado**. No texto: "... a criação e a paulatina expansão das ouvidorias são consequência da centralidade dos direitos fundamentais e do princípio da dignidade da pessoa humana na Constituição de 1988..."

II. **Certo**. No texto: "... além de concretizar o direito constitucional de petição, ..., as ouvidorias ampliam a transparência de órgãos e entidades estatais, além de ensejar o contato do gestor público com problemas da população."

III. **Certo**. No texto: "Ademais, podem impedir a judicialização de pleitos ordinários, o que não é pouco, visto que os direitos podem ser efetivados com mais celeridade."

2. FCC

Texto para as questões.

A cognoscibilidade do planeta

O período histórico atual vai permitir o que nenhum outro período ofereceu ao homem, isto é, a possibilidade de conhecer o planeta extensiva e aprofundadamente. Isto nunca existiu antes, e deve-se, exatamente, aos progressos da ciência e da técnica (melhor ainda, aos progressos da técnica devidos aos progressos da ciência).

Esse período técnico-científico da história permite ao homem não apenas utilizar o que encontra na natureza: novos materiais são criados nos laboratórios como um produto da inteligência do homem, e precedem a produção dos objetos. Até a nossa geração, utilizávamos os materiais que estavam à nossa disposição. Mas a partir de agora podemos conceber os objetos que desejamos utilizar e então produzimos a matéria-prima indispensável à sua fabricação. Sem isso não teria sido possível fazer os satélites que fotografam o planeta a intervalos regulares, permitindo uma visão mais completa e detalhada da Terra. Por meio dos satélites, passamos a conhecer todos os lugares e a observar outros astros. O funcionamento do sistema solar torna-se mais perceptível, enquanto a Terra é vista em detalhe; pelo fato de que os satélites repetem suas órbitas, podemos captar momentos sucessivos, isto é, não mais apenas retratos momentâneos e fotografias isoladas do planeta. Isso não quer dizer que tenhamos, assim, os processos históricos que movem o mundo, mas ficamos mais perto de identificar momentos dessa evolução. Os objetos retratados nos dão geometrias, não propriamente geografias, porque nos chegam como objetos em si, sem a sociedade vivendo dentro deles. O sentido que têm as coisas, isto é, seu verdadeiro valor, é o fundamento da correta interpretação de tudo o que existe. Sem isso, corremos o risco de não ultrapassar uma interpretação coisicista de algo que é muito mais que uma simples coisa, como os objetos da história. Estes estão sempre mudando de significado, com o movimento das sociedades e por intermédio das ações humanas sempre renovadas.

(SANTOS, Milton. Por uma outra globalização: Do pensamento único à consciência universal. 6. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Record, 2001, p. 31)

---

02. (FCC – TCE/PI – Auditor Fiscal de Controle Externo/2014) O texto autoriza o seguinte comentário:

(A) O homem e seu contexto histórico são mais bem conhecidos atualmente, fato inédito na civilização, propiciado pelos avanços da técnica e da ciência.

(B) Houve uma mudança no papel da matéria-prima na cadeia de produção, porque hoje também ela pode ser resultante da inteligência e da ação humana.

(C) No contexto argumentativo, os satélites que fotografam o planeta de tempos em tempos podem ser tomados como objetos, cujas matérias-primas são a Terra e os outros astros.

(D) Os objetos captados por modernos satélites permitem a identificação dos processos históricos mundiais, bastando complementar as imagens com dados objetivos do cotidiano nos espaços físicos.

(E) Ancorada nas geometrias, a geografia dirige suas preocupações não apenas ao conhecimento dos espaços físicos (apreensíveis por meio de técnicas), mas também às suas formas de representação (mapas, fotografias e outras imagens).

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b"

Nota da autora: Antes de comentar as questões, vamos ao significado de **cognoscibilidade** (palavra mencionada no título) = característica ou particularidade do que é cognoscível. Qualidade do que pode se tornar conhecido.

Alternativa B – Trechos que validam a informação: "deve-se, exatamente, aos progressos da ciência e da técnica (melhor ainda, aos progressos da técnica devidos aos progressos da ciência)."; "novos materiais são criados nos laboratórios como um produto da inteligência do homem, e precedem a produção dos objetos.".

Alternativa "a" – Não cita se o homem é bem mais conhecido atualmente. No início do texto: "O período histórico atual vai permitir o que nenhum outro período ofereceu ao homem, isto é, a possibilidade de conhecer o planeta extensiva e aprofundadamente."

Alternativa "c" – As matérias-primas dos objetos não são a Terra e os outros astros: "Por meio dos satélites, passamos a conhecer todos os lugares e a observar outros astros. O funcionamento do sistema solar torna-se mais perceptível, enquanto a Terra é vista em detalhe; pelo fato de que os satélites repetem suas órbitas, podemos captar momentos sucessivos, isto é, não mais apenas retratos momentâneos e fotografias isoladas do planeta."

Alternativa "d" – Não permitem a identificação dos processos históricos mundiais.

Alternativa "e" – Errado. No texto: "Os objetos retratados nos dão geometrias, não propriamente geografias, porque nos chegam como objetos em si, sem a sociedade vivendo dentro deles. O sentido que têm as coisas, isto é, seu verdadeiro valor, é o fundamento da correta interpretação de tudo o que existe".

---

03. (FCC – TCE/PI – Auditor Fiscal de Controle Externo/2014) Contém afirmação sustentada pelo texto a seguinte alternativa:

(A) Sendo cognoscibilidade a qualidade do que é cognoscível, o título condensa o principal objetivo do texto: demonstrar a relevância dos novos satélites no empreendimento de conhecer mais sobre o planeta.

(B) Os parênteses do primeiro parágrafo acolhem ratificação da relação de equivalência estabelecida no segmento imediatamente anterior.

(C) A alternância entre a terceira pessoa e a primeira produz efeitos de sentido de objetividade (necessária aos textos científicos) e proximidade (ao incluir enunciador e enunciatário na categoria homem).

(D) Considerado o contexto, em *passamos a conhecer* todos os lugares *e a observar* outros astros, nota-se uma contradição, já que o primeiro elemento destacado inclui o segundo.

(E) A expressão *isto é* introduz perspectiva distinta da presente no segmento imediatamente anterior: *além do sentido*, propõe-se a consideração da utilidade ou valia das coisas.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" – Exato. **Objetividade**: Esse período técnico-científico da história permite ao homem não apenas utilizar o que encontra na natureza: novos materiais são criados nos laboratórios como um produto da inteligência do homem, e precedem a produção dos objetos; **subjetividade**: Até a nossa geração, utilizávamos os materiais que estavam à nossa disposição. Mas a partir de agora podemos conceber os objetos que desejamos utilizar e então produzimos a matéria-prima indispensável à sua fabricação.

Alternativa "a" – O principal objetivo do texto foi mencionado no último parágrafo: "O sentido que têm as coisas, isto é, seu verdadeiro valor, é o fundamento da correta interpretação de tudo o que existe. Sem isso, corremos o risco de não ultrapassar uma interpretação coisicista de algo que é muito mais que uma simples coisa, como os objetos da história".

Alternativa "b" – Acrescenta-se uma informação apenas, ou melhor, explica.

Alternativa "d" – Não há contradição, mesmo porque astro (corpo celeste luminoso por si mesmo ou que recebe claridade de outro corpo) não é lugar.

Alternativa "e" – Não há distinção. *Isto é* e *além disso* indicam reafirmação, confirmação, resumo.

QUESTÃO INÉDITA

Texto para a questão.

A CIDADE CONTINUA PARTIDA

O Rio de Janeiro tem duas geografias que separam categorias de ser humano distinguidas por classe e cor, um resquício da casa grande e senzala

"E a cidade, que tem braços abertos no cartão-postal, com os punhos fechados na vida real, se nega [a dar] oportunidades; mostra a face dura do mal" (Hebert Vianna, "Alagados", 1986)

A barbárie que está acontecendo nas praias da zona sul do Rio de Janeiro é o resultado de um modelo de cidade que ainda reproduz a divisão entre a casa grande e a senzala. Uma cidade que tem duas geografias que separam diferentes categorias de ser humano: a horizontal, que divide a cidade entre os bairros "nobres" do sul, da Barra e do Recreio, e as periferias esquecidas do norte suburbano e do faroeste, entregue às milícias, e a vertical, que separa o morro do asfalto.

Nessa cidade – nessas duas cidades que convivem numa só, as pessoas continuam sendo distinguidas em duas categorias por classe e cor. Todas as políticas públicas, inclusive (e fundamentalmente) a política de segurança, estão marcadas por essa distinção.

Semanas atrás, foi notícia algo que há muito tempo acontece: a Polícia Militar do estado identificava ônibus vindos de determinados bairros da periferia e bloqueava sua chegada às praias de Copacabana e Ipanema, praticando detenções de cidadãs e cidadãos que não estavam cometendo qualquer crime, pelo simples fato de serem jovens, pobres, negros e morarem em comunidades da zona norte, zona oeste e no subúrbio da cidade.

Por incrível que pareça, o óbvio foi polêmico: a justiça ordenou que as forças de segurança cumprissem o que a Constituição e a lei mandam e se abstivessem de prender cidadãos que não eram sequer suspeitos de terem cometido qualquer delito. Parece incrível, mas precisamos esclarecer: uma pessoa não pode ser presa por nada. Não existe na legislação brasileira a prisão "por via das dúvidas" *e não há prisões que denunciem crimes futuros. Ser preto, preta, pobre, não é delito.*

O Secretário de Segurança do governo Pezão, Mariano Beltrame, reagiu à óbvia decisão da justiça com argumentos absurdos: disse que a polícia ficava, assim, de mãos atadas para combater o crime e garantir a segurança – a segurança das pessoas brancas de classe média que moram na zona sul e dos turistas – e perguntou aos jornalistas: "Como um jovem vai à praia sem dinheiro para comer?".

A pergunta é escandalosa por vários motivos. O representante do Estado está culpando os jovens que vão à praia sem dinheiro para comer por não terem dinheiro para comer, e ao mesmo tempo está dizendo que, por esse motivo, são bandidos. Se não tem dinheiro para comer, então, com certeza, vão roubar – é o que ele disse, em outras palavras.

Ou seja, o que o Estado deve fazer com as pessoas que não têm dinheiro para comer é prendê-las ou, no mínimo, estabelecer um Apartheid policiado pela PM que os mantenha longe das áreas de lazer que ele considera exclusivas daquelas e daqueles que têm, sim, dinheiro para comer. Façamos, então, uma fronteira militarizada entre o norte e o sul. A Prefeitura, na mesma linha, estuda mudar o trajeto das linhas de ônibus, para que não seja mais possível chegar à zona sul da cidade desde determinados bairros da periferia sem pegar, no mínimo, duas conduções. (...)

(Jean Wyllys. CartaCapital, 23/09/2015. Com adaptações)

---

01. (Duda Nogueira) Depreende-se do texto:

(A) No Rio de Janeiro, a distinção entre casa grande e senzala teve início em 1986.

(B) A Polícia Militar age de forma correta ao bloquear a chegada de alguns ônibus à praia.

(C) A política de segurança é a que mais marca a distinção entre classe e cor.

(D) Todos os jovens, pobres, negros que moram em comunidades da zona norte, zona oeste e no subúrbio da cidade, praticam delitos.

(E) Quem não tem dinheiro para comer na praia vai, obrigatoriamente, praticar furtos.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c"

Depreender significa *chegar à compreensão ou à conclusão de; deduzir.*

Trecho em que fica evidente a ideia: Nessa cidade – nessas duas cidades que convivem numa só, **as pessoas continuam sendo distinguidas em duas categorias por classe e cor.** Todas as políticas públicas, **inclusive (e fundamentalmente) a política de segurança,** estão marcadas por essa distinção.

(A) Afirma-se que "A barbárie que está acontecendo nas praias da zona sul do Rio de Janeiro é o resultado de um modelo de cidade que **ainda** reproduz a divisão entre a casa grande e a senzala", ou seja, isso já acontece há tempos. O erro está em afirmar que iniciou em 1986 – data em que Herbert Vianna escreveu a música "Alagados".

(B) Impossível afirmar que a ação policial seja correta. Releia o trecho que prova o contrário disso: *a **Polícia Militar** do estado **identificava ônibus vindos** de determinados bairros **da periferia e bloqueava sua chegada às praias** de Copacabana e Ipanema, **praticando detenções de cidadãs e cidadãos que não estavam cometendo qualquer crime**, pelo simples fato de serem jovens, pobres, negros e morarem em comunidades da zona norte, zona oeste e no subúrbio da cidade.*

(D) O pronome indefinido **todos** generaliza e isso torna a alternativa incorreta. Imagine você quão absurdo seria afirmar que todas essas pessoas assaltam, isto é, praticam alguma forma de delito.

(E) O trecho absurdo é este: "Como um jovem vai à praia sem dinheiro para comer?". A pergunta é escandalosa por vários motivos. O representante do Estado está culpando os jovens que vão à praia sem dinheiro para comer por não terem dinheiro para comer, e ao mesmo tempo está dizendo que, por esse motivo, são bandidos. **No parágrafo posterior, fica claro que a ideia não possui coerência** (sentido).

(Fonte: Livro Simuladaço Língua Portuguesa, Editora JusPodivm)

DICAS

Siga as dicas abaixo para resolver as questões fáceis.

1) **Crie o hábito da leitura e o gosto por ela.** Desenvolver o hábito facilita a compreensão e melhora a percepção quanto ao mecanismo de funcionamento do processo de leitura. As palavras tornam-se familiares e nosso leque quanto ao significado e uso de vocábulos se amplia. Não se deixe levar pela falsa impressão de que ler não faz diferença. Não se intimide caso alguém diga que você lê besteiras, com o passar do tempo você perceberá que algumas leituras não foram proveitosas. Entretanto, deve lembrar que elas foram o ponto de partida e que o hábito começou por elas. Esse foi o grande estímulo para se chegar a uma leitura mais refinada.

2) **Seja curioso,** faça como um detetive investigue as palavras que circulam em seu meio familiar, social e entre amigos.

3) **Aumente seu conhecimento do vocabulário** e sua cultura por meio de um exercício básico que ajuda a ampliar o léxico: fazer palavras cruzadas.

4) **Procure conhecer os sinônimos e antônimos das palavras.**

5) **Leia algo sempre buscando a satisfação na leitura,** ou seja, seja sincero na leitura, não passe só os olhos.

6) **Leia quantas vezes for preciso o texto,** pois a primeira impressão pode maquiar ou lhe causar uma impressão errada. Tenha paciência, por vezes será preciso ler outras vezes. Quando tiver que trabalhar com questões que exigem respostas, retorne sempre ao texto para evitar ou corrigir as dúvidas.

7) **Atenção ao que se pede.** Às vezes a interpretação está voltada a uma linha do texto e por isso você deve voltar ao parágrafo para localizar o que se afirma. Outras vezes, a questão está voltada à ideia geral do texto.

8) **Fique atento às leituras de texto de todas as áreas do conhecimento,** porque algumas perguntas extrapolam ao que está escrito.

9) **Tome cuidado com as vírgulas.** Veja por exemplo a diferença de sentido nas frases a seguir.

Agora é A HORA de mudar:

▶ **Dica 2** – Questões médias e fáceis.

Para resolver as questões 31 a 80. Tenha certeza: você errará bem menos, ou irá gabaritar.

▶ **Em concursos.** Interpretar é concluir, deduzir a partir dos dados coletados.

O tempo, na prova, é muito curto, por isso é necessário trabalhar com dicas para não precisar reler o texto. Lembre-se de que interpretar é objetivo, ou seja, a opinião do leitor nada importa. A resposta correta é direcionada ao que o autor escreveu e não a que o leitor achou ou acha sobre o assunto.

▶ **Dicas rápidas para melhorar o desempenho:**

- Leia cada parágrafo e grife as palavras-chave;
- Terminada a leitura, anote o tema (assunto) do texto;
- Vá às questões e não se esqueça de voltar ao texto;
- Trabalhe com as ideias principais que você sublinhou e nunca se esqueça do tema.
- Observe os comandos da questão (de acordo com o texto, conforme o texto, segundo o autor). Se forem esses os comandos, limite-se à realidade do mesmo.
- Muitas vezes, as alternativas extrapolam as verdades do texto; ou ainda diminuem essas mesmas verdades; ou fazem afirmações que nem de longe estão no texto. Fácil notar através de palavras que generalizam ou restringem: todos, ninguém, sempre, nunca, jamais etc.

1. CARACTERÍSTICAS DE UM TEXTO INFORMATIVOS

Os textos informativos têm o objetivo de abordar algum tema e transmitir conhecimento a respeito desse tema, transmitir dados e conceitos.

Isso é o que acontece em reportagens de revistas e jornais, verbetes de dicionários e enciclopédias, artigos de divulgação científica e livros didáticos.

A maioria dos leitores, quando tem em mãos um texto informativo, tem a expectativa de aprender alguma coisa com a leitura.

Incluímos neste tipo de textos todos os compreendidos no jornalismo: jornais, revistas, folhetos, com suas diferentes variedades (notícias, reportagens, artigos diversos, anúncios etc.). Incluímos também a correspondência, embora possa haver cartas que se encaixariam melhor num modelo literário. No entanto, a maior parte de correspondência que recebemos e enviamos tem como finalidade informar algo concreto.

2. FUNÇÃO

Conhecer ou transmitir explicações e informações de caráter geral.

Seu objetivo é compreender ou comunicar as características principais do tema, sem maior aprofundamento.

3. MODELOS

- Jornais e revistas.
- Livros de divulgação, folhetos.
- Notícias.
- Artigos e reportagens.
- Anúncios e propaganda.
- Avisos, anúncios públicos.
- Correspondência pessoal ou comercial.
- Convites.

- Entrevistas.

4. CONTEÚDO

Muito diverso, em função do tema (notícias, anúncios, cartas etc.).

5. FORMATO

Texto em prosa, com características específicas de cada modelo

6. PROCEDIMENTOS DE LEITURA

- Uso de indicadores de aproximação ao conteúdo (títulos, fotos, imagens, tipografia, seções do jornal etc.).
- Identificação do tema da informação.
- Identificação da ideia principal.
- Identificação dos detalhes principais.

**Fonte: http://diaadia-doprofessor.blogspot.com.br/*

Referências

1. CONTEÚDO GRAMATICAL – DICAS

ALI, M. Said. Gramática secundária da língua portuguesa. 7.ª ed. São Paulo: Editora Melhoramentos, 1966.

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. Gramática metódica da língua portuguesa. 46.ª ed. revista. São Paulo: Saraiva, 2009.

BAGNO,Marcos.Anormaoculta:línguaepodernasociedadebrasileira.SãoPaulo:ParábolaEditorial,2003.

BECHARA, Evanildo. Moderna Gramática Portuguesa. 32ª edição, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1988.

BECHARA, Evanildo. Lições de Português pela Análise Sintática. Editora Lucema. Rio de

Janeiro, RJ. 2001.

CARVALHO, José Augusto. Gramática superior da língua portuguesa. 2.ª ed. Brasília: Centro Editorial / Thesaurus, 2011.

CEGALLA, Domingos Paschoal. Novíssima Gramática da Língua Portuguesa. 48.ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.

CIPRO NETO, Pasquale e INFANTE, Ulisses. Gramática da Língua Portuguesa. Editora

Scipione. São Paulo, SP. 2003.

CUNHA, Celso e CINTRA, Luiz F. Lingley. Nova Gramática do Português

Contemporâneo. Editora Nova Fronteira. Rio de Janeiro, RJ. 2001.

FARACO & MOURA. Gramática Nova. São Paulo: Ática, 1993.

GARCIA, Othon M. Comunicação em prosa moderna: aprenda a escrever, aprendendo a pensar. 13ª edição, Rio de Janeiro, Ed. da Fundação Getúlio Vargas, 1986.

HENRIQUES, Claudio Cezar. Morfologia: usos, normas e exercícios com respostas. 2.ª ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007 – 2.ª reimpressão.

HILDEBRANDO, André A de. Gramática ilustrada. 4. ed. São Paulo: Moderna, 1990.

INFANTE, Ulisses. Curso de gramática aplicadas aos textos. São Paulo: Ed. Scipione, 1997.

INFANTE, Ulisses; CIPRO Neto, Pasquale. Gramática da Língua Portuguesa. Scipione

JORDÃO, Rose e OLIVEIRA, Clenir Bellezi de. Linguagens, estrutura e arte. São Paulo: Moderna, 1999.

KOCH, Ingedore G.V.. A coesão textual. 2ª edição. São Paulo, Contexto, 1990.

KOCH, Ingedore G. V. e TRAVAGLIA, Luiz C.. Texto e coerência. São Paulo, Cortex, 1989.

KURY, Adriano da Gama. Novas lições de análise sintática. 9.ª ed. São Paulo: Editora Ática, 2000.

LIMA, Carlos Henrique da Rocha. Gramática normativa da língua portuguesa. 42ªed. Rio de Janeiro, José Olympio, 2002.

LUFT, Celso Pedro. Grande manual de ortografia globo. 5ª edição, São Paulo, Globo, 1997.

MOREIRA, A., ARAÚJO, D, 1977, Português e Literatura – Visão Atual, 2 ed., Record Cultural, Rio de Janeiro.

NOGUEIRA, Duda. Língua Portuguesa para concursos. 2. ed. Salvador, Editora Juspodivm, 2015.

PERINI, A. Mário. Sofrendo a gramática. São Paulo: Ática, 1997.

ROCHA LIMA, C. H., 1999, Gramática Normativa da Língua Portuguesa, 37 ed., José Olympio Editora, Rio de Janeiro, RJ

TERRA, Ernani. Gramática de Hoje /Ernani&Nicola. São Paulo: Scipione,1999.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática. 9.ª ed. revista. São Paulo: Cortez Editora, 2003.

TUFANO, Douglas. Estudos da Língua Portuguesa: Gramática – São Paulo: Moderna, 1995.

VASCONCELOS, Viveiros de. Verbos portugueses e rudimentos de análise léxica. 113ª ed. Rio de Janeiro: Editores e Distribuidores, 1994.

2. DICIONÁRIOS

HOLANDA, A. B., 1988, *Dicionário Aurélio Escolar da Língua Portuguesa*, 1 ed., Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, RJ

NASCENTES, Antenor. Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro, Francisco Alves, Acadêmicos, São José e Livros de Portugal, 1955.

SARAIVA, F. R. dos Santos. Novíssimo Dicionário Latino-Português. 10ª edição, Rio de Janeiro, Livraria Garnier, 1993.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo dicionário da língua portuguesa. 2ªed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

HOUAISS, Antônio. Dicionário Houaiss da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 200l – 1ª edição

3. QUESTÕES COMENTADAS DE CONCURSOS

Todas as questões foram retiradas dos livros da Coleção REVISAÇO. Autora: Duda Nogueira.

4. SITES

Acessos: de janeiro de 2011 a outubro de 2015

BRASIL ESCOLA Exercício. Disponível em <http://exercicios.brasilescola.com>

BRASIL ESCOLA. Disponível em <http://www.brasilescola.com>

DICIONÁRIO AULETE. Disponível em <http://aulete.uol.com.br>

EDUCAÇÃO UOL. Disponível em <http://educacao.uol.com.br>

FATIMA LP. Disponível em <http://fatimalp.blogspot.com.br>

INFO ESCOLA. Disponível em <http://www.infoescola.com>

MANUAL DE REDAÇÃO DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/manual/manual.htm>

NA LÍNGUA PORTUGUESA. Disponível em <http://nalinguaportuguesa.wordpress.com>

PORTAL 3. Disponível em <http://www.portal3.com.br>

PORTUGUÊS CONCURSO. Disponível em <http://www.portuguesconcurso.com>

PORTUGUÊS X CONCURSOS. Disponível em <http://portuguesxconcursos.blogspot.com.br>

PRIBERAM. Disponível em <http://www.priberam.pt>

RECANTO DAS LETRAS. Disponível em <http://www.recantodasletras.com.br>

SIMPLESMENTE PORTUGUÊS. Disponível em <http://www.simplesmenteportugues.com.br>

SÓ LINGUAGEM. Disponível em <http://solinguagem.blogspot.com.br>

SÓ PORTUGUÊS. Disponível em <http://www.soportugues.com.br>

TUDO DE CONCURSOS E VESTIBULARES. Disponível em <http://tudodeconcursosevestibulares.blogspot.com.br>

UM PORTUGUÊS. Disponível em <http://umportugues.com>

WIKIPEDIA. Disponível em <http://pt.wikipedia.org>

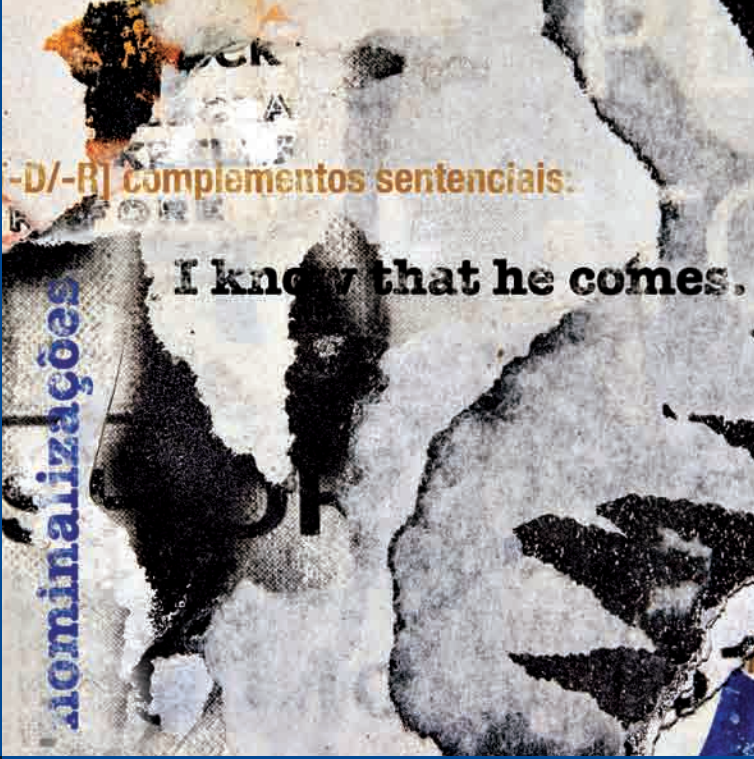
-D/-R] complementos sentenciais
I know that he comes.
nominalizações

editora
unesp

Roberto Gomes Camacho

Classes de palavras na perspectiva da Gramática Discursivo-Funcional

O papel da nominalização no *continuum* categorial

Classes de palavras na perspectiva da Gramática Discursivo-Funcional

FUNDAÇÃO EDITORA DA UNESP

Presidente do Conselho Curador
Herman Jacobus Cornelis Voorwald

Diretor-Presidente
José Castilho Marques Neto

Editor-Executivo
Jézio Hernani Bomfim Gutierre

Conselho Editorial Acadêmico
Alberto Tsuyoshi Ikeda
Áureo Busetto
Célia Aparecida Ferreira Tolentino
Eda Maria Góes
Elisabete Maniglia
Elisabeth Criscuolo Urbinati
Ildeberto Muniz de Almeida
Maria de Lourdes Ortiz Gandini Baldan
Nilson Ghirardello
Vicente Pleitez

Editores-Assistentes
Anderson Nobara
Henrique Zanardi
Jorge Pereira Filho

ROBERTO GOMES CAMACHO

CLASSES DE PALAVRAS NA PERSPECTIVA DA GRAMÁTICA DISCURSIVO-FUNCIONAL

O PAPEL DA NOMINALIZAÇÃO NO *CONTINUUM* CATEGORIAL

editora
unesp

© 2011 Editora UNESP

Direitos de publicação reservados à:
Fundação Editora da UNESP (FEU)

Praça da Sé, 108
01001-900 – São Paulo – SP
Tel.: (0xx11) 3242-7171
Fax: (0xx11) 3242-7172
www.editoraunesp.com.br
www.livraria.unesp.com.br
feu@editora.unesp.br

CIP – BRASIL. Catalogação na fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

C17c

Camacho, Roberto Gomes

Classes de palavras na perspectiva da Gramática Discursivo-Funcional: o papel da nominalização no continuum categorial / Roberto Gomes Camacho. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

Inclui bibliografia
ISBN 978-85-393-0189-8

1. Língua portuguesa – Gramática. 2. Funcionalismo (Linguística). I. Título.

11-7108 CDD: 469.5
CDU: 811.134.3'367.33

Este livro é publicado pelo projeto *Edição de Textos de Docentes e Pós-Graduados da UNESP* – Pró-Reitoria de Pós-Graduação da UNESP (PROPG) / Fundação Editora da UNESP (FEU)

Editora afiliada:

Asociación de Editoriales Universitarias
de América Latina y el Caribe

Associação Brasileira de
Editoras Universitárias

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço profundamente aos membros da banca examinadora da tese de livre-docência de que resulta este trabalho, professores Ataliba Teixeira de Castilho (Unicamp), Maria Helena Moura Neves (Unesp), Francisco da Silva Borba (Unesp), Maria Luiza Braga (UFRJ) e Maria Stella Bortoni-Ricardo (UNB), cujas críticas e sugestões permitiram-me aperfeiçoar tanto a forma quanto o conteúdo do texto final.

Agradeço também à Erô pelo apoio afetivo, e a ela e à colega Cristina Carneiro Rodrigues, pela leitura atenta que fizeram da versão final do texto, especialmente à Cristina, pelas inúmeras sugestões de normativização. Ocioso reconhecer que os problemas que persistem são de minha inteira responsabilidade.

Ao professor Kees Hengeveld, da Universidade de Amsterdã, supervisor de meu estágio de pós-doutorado, pela disponibilidade em discutir pontos específicos da versão preliminar deste trabalho.

À professora Evelien Keizer, editora dos *Webpapers in Functional Grammar,* da Universidade de Amsterdã, que, incansavelmente, debateu problemas do artigo de que resultou uma parte substancial deste texto.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo apoio financeiro concedido, na forma de bolsa de Produtividade em Pesquisa, ao projeto *A estrutura argumental dos nomes deverbais*.

À Fundação de Auxílio à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), pela bolsa de Pesquisa no Exterior, concedida em 2005, para o aperfeiçoamento do projeto *A estrutura argumental dos nomes deverbais*, que serviu de base para a consecução deste trabalho.

SUMÁRIO

Prefácio 9
Palavras iniciais 13

Parte I

As classes de palavras na perspectiva funcional 27

1 A natureza contínua das classes de palavras 29
2 Ajustando o foco: uma concepção discursivo-funcional de gramática 57
3 Um enfoque funcional da nominalização 121

Parte II

A preservação da estrutura argumental na nominalização: evidências empíricas 159

4 A estrutura argumental da nominalização 161

Parte III

Generalizações e implicações teóricas 193

5 Uma interpretação funcional das construções nominalizadas 195

6 O lugar da nominalização no *continuum* categorial 223

Considerações finais 257
Referências bibliográficas 265

PREFÁCIO

Roberto Gomes Camacho atinge com este trabalho sua plena maturidade intelectual, duramente conquistada ao longo de uma carreira exemplar.

Licenciado em Letras pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (Unesp) em 1973, ele obteve seu mestrado em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), em 1978, e seu doutorado em Linguística e Língua Portuguesa pela Unesp, em 1984.

Tendo assumido em 1978 o posto de professor em Linguística em sua universidade-mater, ele passou a liderar seus colegas na direção da Gramática Discursivo-Funcional, implantando no programa de pós-graduação linhas de pesquisa em Descrição funcional de língua oral e escrita e em Variação e mudança linguística. Em 2005, desenvolveu um programa de pós-doutorado na Universidade de Amsterdã, tendo obtido em 2009 o título de livre-docência com o texto que se vai ler.

Atualmente é professor-adjunto da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", onde atua na Graduação e na Pós-Graduação, desenvolvendo pesquisas nos seguintes temas: articulação de orações, classes de palavras, estrutura argumental e tipologia. É bolsista de Produtividade em pesquisa do Conselho

Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e coordenador da área de Linguística da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp).

Importante recordar os encontros científicos que, juntamente com seus colegas funcionalistas, passou a organizar em sua universidade, entre os quais se destacam, em 2003, o International Course on Role and Reference Grammar e, em 2006, o 3rd International Course on Functional Grammar, além do grupo de trabalho sobre Marcadores discursivos.

O assunto deste livro vem sendo investigado por Roberto Camacho no interior do Projeto de Gramática do Português Falado, de que resultou, em 2008, o capítulo "O substantivo", escrito em colaboração com Marize Hattnher e Sebastião Carlos Leite, publicado por Rodolfo Ilari e Maria Helena Moura Neves na versão consolidada, Gramática do português culto falado no Brasil (vol. 2, 2008, p.21-80).

Roberto Camacho enfrenta neste livro um problema clássico do Funcionalismo: a questão da categorização linguística, focalizada no modelo em sua natureza contínua, não opositiva, não negativa. Surgiu daqui a teoria dos protótipos, já bem conhecida no Brasil.

É precisamente o lado complexo, no sentido de "interligado", que o autor considera neste trabalho. Para isso, ele toma como parâmetro as diferenças entre o nome e o verbo, situando a meio caminho o importante processo da nominalização, "postulada como constituindo um termo complexo entre os dois outros opostos, tomados como membros prototípicos". Para comprovar essa postulação, o autor argumenta que as expressões nominalizadas partilham propriedades nominais e verbais, comprovadas, neste caso, pela manutenção da estrutura argumental encontrada no verbo.

O processo da nominalização é, a seguir, cuidadosamente examinado no interior da Teoria da Gramática Funcional de Dik e da Gramática Discursivo-Funcional (GDF) de Hengeveld, Mackenzie e outros. Vindo aos dados, ele observou a predominância de expressões nominalizadas que projetam dois argumentos, se comparadas àquelas que projetam um só argumento, expresso ou não nos enunciados. Conclui-se que as expressões nominalizadas preservam o número de argumentos do verbo de que derivam. Segue-se uma generalização sobre os achados, nos termos da teoria adotada.

Como bom cientista, Camacho reconhece que "A verdade é que a ciência não é uma magia e estar certo ou equivocado é uma questão relativa como, aliás, é verdadeiro também para a categorização linguística". Indo por aqui, não há dúvida de que seu texto estimula o debate entre as teorias linguísticas ora em curso no Brasil.

A Gramática Discursivo-Funcional surgiu justamente num momento em que estão sendo desafiadas antigas convicções dos linguistas, entre elas as que postulam as línguas naturais como um conjunto de sistemas para cuja descrição e interpretação devemos admitir um sistema central, tratando os demais como derivações, num andamento unilinear. Para sustentar isso, é preciso aceitar que o sistema central independe dos outros.

Metidas nessa camisa de força, as diferentes teorias oscilam entre candidatar a Gramática a esse posto de honra, por sua antiguidade no palco, em que outros instalam ora a Semântica, ora a Pragmática, ora o Léxico. A Gramática Discursivo-Funcional não difere de outras teorias neste particular. Ela também postula um "modelo hierárquico de gramática, constituído por um sistema multifuncional de níveis e camadas". Aparentemente, retornamos assim aos estruturalistas, que tinham introduzido a questão dos níveis na teoria linguística, pois postulavam a língua como um código. Depois, quando já se tinha substituído a língua-código pela língua-uso, houve uma explosão descontrolada na postulação de níveis, cuja aceitação leva à escolha de um nível central e à neutralização de um nível por outro. Com seu efeito que nada tem de secundário: a exclusão de um nível por outro, a negativa em reconhecer que tudo na língua funciona simultaneamente, não linearmente.

Entretanto, seria injusto considerar que a organização em camadas e níveis hierárquicos proposta pela GDF atribuiria um caráter demasiadamente estático aos procedimentos descritivos e interpretativos. E, com efeito, ao mencionar a natureza psicológica da implementação dinâmica da gramática no tocante à nominalização, o autor deixa suficientemente claro que, também para a GDF, tudo na língua funciona simultaneamente. Deixa claro também ser ilusório pensar que os níveis superiores de organização, que regem a Formulação – o Interpessoal, que abriga motivações pragmáticas, e o Representacional, que abriga motivações semânticas –, sempre modelariam a forma final dos níveis inferiores, o Morfossintático e o Fonológico, que regem a Codificação. A preocupação do modelo teórico com o princípio de adequação tipológica, já defendido por Dik, mostra que há processos morfossintáticos que se explicam exclusivamente com base em outros processos igualmente morfossintáticos. Além de mostrar a independência dos níveis, esse princípio mostra claramente que, se a teoria é estática, ela o é apenas como a câmara escura de uma máquina fotográfica, que, por assim dizer, "congela" a dinamicidade sempre presente na atividade humana. Assim o faz a GDF com o processo sempre dinâmico que caracteriza a linguagem, mas "congelar" numa fotografia descritiva as relações de alinhamento entre os níveis de organização não implica considerar um modo estático de ser para a linguagem humana.

Essa coincidência de pontos de vista mostra que uma mesma forma de produzir conhecimento científico cimenta os alicerces de teorias aparentemente tão diversas.

Ora, justamente o princípio da categoricidade elaborado por Roberto Camacho postula um *continuum* integrativo, conduzindo o raciocínio para outra direção, toda feita de inclusões, de simultaneidades. Um dos principais méritos deste livro será desencadear esse debate, para além de fazer-nos entender melhor o processo da nominalização.

Ataliba Teixeira de Castilho

PALAVRAS INICIAIS

Na tradição gramatical, a divisão do discurso em partes chamadas classes de palavras baseia-se em critérios nocionais de natureza discreta que acabam por fornecer uma abrangência supostamente universal, como se categorias próprias das línguas clássicas indo-europeias pudessem aplicar-se a todas as línguas naturais.

Todavia, a realidade é que a conhecida diversidade tipológica das línguas, com base na relação raramente biunívoca entre as categorias ontológicas e as categorias gramaticais disponíveis, não tem deixado livre de problemas nem mesmo a suposta distinção universal entre nome e verbo. Com efeito, a literatura funcionalista sobre tipologia está repleta de evidências que comprovam essa afirmação. Num trabalho bastante ilustrativo, Hengeveld (1992) postula que os sistemas de classes de palavras podem ser ordenados na escala contida em (0-1), conforme as línguas disponham ou não das quatro classes de palavras predicadoras.

(0-1) Verbo > Nome > Adjetivo > Advérbio

(Hengeveld, 1992, p.70)

Essa hierarquia pressupõe que uma categoria de predicados é mais provável de ocorrer como uma classe de palavras separada se ela estiver localizada mais à esquerda do *continuum*; pressupõe, além disso, que cada estágio do *continuum* pode servir de ponto de corte para os diferentes tipos de línguas.

O português, assim como a maioria das línguas ocidentais, dispõe de uma classe separada de palavra para cada ponto do *continuum* em (0-1). Há, todavia, línguas, como o mandarim, que dispõem apenas de nomes e verbos, e outras, como o tuscarora, língua ameríndia da América do Norte, que dispõem somente de verbos.

É por isso que os pesquisadores que reconhecem alguma universalidade na distinção categorial entre nomes e verbos apoiam-se não numa categorização em unidades discretas, nitidamente distintas, mas numa categorização prototípica, que prevê uma continuidade categorial. Em termos tipológicos, é possível predizer que certas percepções prototípicas de entidades próximas a coisas são codificadas numa forma gramatical identificável como nomes, ao passo que percepções prototípicas de ações ou eventos são gramaticalmente codificadas como verbos (cf. Hopper; Thompson, 1984).

As classes de nomes e de verbos dispõem, assim, de correlatos semânticos que correspondem aproximadamente a entidades cognitivamente percebidas no mundo real. Para os nomes, a entidade é qualquer coisa similar a objeto, ou a uma percepção do que Givón (1979) designa "estabilidade temporal" (*time-stability*). Ao contrário, os verbos são prototipicamente ações ou eventos: representam percepções sem estabilidade temporal.

Essa dualidade se deriva de uma tendência universal de associar entidades temporalmente estáveis com a classe gramatical dos nomes e entidades não temporalmente estáveis com a classe gramatical dos verbos. Como essa correlação tem validade universal, Hopper e Thompson aplicam à noção de categorialidade o princípio cognitivo da prototipicidade, desenvolvido por Rosch (1973), segundo o qual a categorização humana não é arbitrária, mas procede de exemplares mais centrais para exemplares mais periféricos de categorias, sendo prototípicos justamente os exemplares centrais que parecem mais salientes aos falantes.

Um aspecto teoricamente instigante, relacionado às classes de palavras, é a caracterização categorial das nominalizações, que, a rigor, não podem ser consideradas membros prototípicos nem da classe dos nomes nem da classe dos verbos. Consistem, na realidade, em categorias complexas, intermediárias num *continuum* funcional com os polos ocupados pelo nome e pelo verbo. Como nomes, deveriam referir-se a entidades perceptíveis do mundo, mas, como os verbos, podem ser providos de valência e representar não entidades de primeira ordem, que são percepções cognitivas de objetos físicos, palpáveis, mas entidades de segunda ordem, ou estados de coisas. Nesse aspecto, uma boa hipótese a defender é que quanto mais uma nominalização preservar a estrutura argumental herdada do verbo *input*, tanto mais próxima estará da referência a um estado de coisas.

De acordo com a definição de classes de palavras, proposta por Hengeveld (1992), o português pode ser classificado como uma língua diferenciada, já que dispõe de classes gramaticais distintas para o desempenho de diferentes funções. Por disporem de certa rigidez formal, línguas diferenciadas precisam contar com operações transcategoriais para derivar nomes de verbos, o que costuma ocorrer, por exemplo, no português, com processos produtivos de sufixação.[1]

Na visão mais tradicional, a nominalização envolve tanto a aquisição de propriedades nominais como a perda de propriedades verbais, numa relação de oposição discreta. Entretanto, segundo Malchukov (2004), a pesquisa tipológica mais recente tem reconhecido que a articulação entre os dois processos acarreta possibilidades mais graduais que discretas e, portanto, empiricamente mais adequadas. E, com efeito, as operações transcategoriais, quando aplicadas à nominalização, envolvem tanto descategorização quanto recategorização.

O termo *descategorização*, introduzido inicialmente por Hopper e Thompson (1984), indica que verbos e nomes perdem algumas das propriedades morfossintáticas associadas com suas funções primárias de relatar eventos e referir-se a termos, respectivamente. Assim, um verbo usado como expressão referencial adquire propriedades nominais, como caso, determinação, modificação etc., e é por isso que o termo *nominalização* reúne propriedades relacionadas tanto ao processo de deverbalização quanto ao de nominalização (cf. Malchukov, 2004).[2]

---

[1] Segundo Basílio (1989), os nomes abstratos, formados a partir de verbos, servem para atender a exigências sintático-semânticas do discurso, o que justifica a enorme produtividade dos processos de nominalização a partir de verbos.

Em seu funcionamento, os processos de recategorização (R) e descategorização (D) preservam uma independência relativa: como demonstram Hopper e Thompson (1984), do mesmo modo que descategorização não acarreta necessariamente recategorização, também recategorização não acarreta necessariamente descategorização. Usando exemplos do inglês, Malchukov menciona quatro possibilidades na tipologia das construções completivas encaixadas, contidas em (0-2):

(0-2) a [-D/-R] complementos sentenciais: *I know that he comes*.
b [+D/-R] infinitivos: *I want him to come early.*
c [-D/+R] nominalização oracional: *I disapprove of his driving the car so carelessly*
d [+D/+R] nominalizações: *I didn't see John's arrival.*

(Malchukov, 2004, p.57)

A construção (0-2a) se refere a um complemento sentencial: embora ocorra numa posição de objeto (SN), ela retém a estrutura de uma sentença e raramente adquire traços nominais.

No caso (0-2b), os infinitivos retêm a sintaxe interna de um SV em relação a alguns traços semânticos, como possibilidade de argumento, aspecto e voz, mas não podem assumir outras propriedades tipicamente verbais, como tempo e modo, e, no caso citado do inglês, concordância e combinação com um sujeito nominativo.

O caso (0-2c) combina, por seu lado, traços nominais e verbais: é capaz de receber objeto, enquanto o sujeito é expresso como um SP, isto é, na forma gramatical típica de possuidor.

---

[2] Dado que o termo "nominalização" designa um processo de transposição categorial de que resultam outros nomes como os deadjetivais, reserva-se aqui o uso da expressão "nome deverbal" para designar o resultado do processo de transposição a partir de um predicado verbal.

Finalmente, em (0-2d), o verbo é completamente assimilado a um nome: assume todas as flexões nominais e raramente preserva traços gramaticais de verbo. Enquanto complementos sentenciais e nominalizações, representando os polos opostos na escala, são codificados por classes lexicais mais ou menos universais, como verbo e nome respectivamente, o estatuto categorial das classes intermediárias difere muito de uma língua para outra.

Vale acrescentar que os exemplos do inglês servem apenas para ilustrar as construções encaixadas possíveis e, por isso, não podem ser tomados como universais, principalmente em função da diversidade tipológica das línguas; na realidade, o que constitui um traço universal, que os exemplos ilustram bem, é o caráter contínuo, não discreto das categorias. Assim, a gramática do português, por exemplo, não licencia a ocorrência da categoria intermediária (0-2c), e só permite construções não finitas com predicados volitivos (0-2b), se houver identidade de sujeito entre matriz e encaixada, como em (0-3).

(0-3) *Eu quero ir para casa cedo hoje.*

Nesse aspecto, difere da gramática do inglês, que, como se vê em (0-2b), licencia a forma não finita mesmo com identidade entre objeto da matriz e sujeito manifesto como anáfora zero na encaixada.

Segundo Dik (1997), uma nominalização é uma construção encaixada que tem propriedades em comum com um termo nominal primário, como *demissão* em (0-4).

(0-4) *Maria lamentou a demissão de Pedro.*

Com efeito, em (0-4), o constituinte na função de paciente da nominalização aparece sob forma de sintagma de possuidor,[3] que é especialmente adequada para expressar relações no interior de sintagmas nominais. O fato de *Pedro* aparecer em (0-4) sob a forma de sintagma de possuidor é interpretado por Dik como uma propriedade nominal, e o SN *a demissão de Pedro* é descrito como uma construção encaixada na posição de complemento da oração matriz que tem como núcleo o predicado *lamentou* (cf. Dik, 1997, p.57-8).

---

[3] Conforme será tratado mais adiante, forma de sintagma de possuidor nem sempre significa função semântica de possuidor. Nomes denotando membros prototípicos contêm, de fato, a noção semântica de posse, como em *o livro de Maria*. Nesse caso, nominalizar um predicado verbal é aproximá-lo da estrutura de um nome, ajustando os termos do predicado à estrutura de um

A principal implicação teórica dessa posição é que nominalizações dispõem de valência potencial como outras construções encaixadas. Como um tipo derivado de nome, os deverbais podem ser mono, bi e trivalentes, na mesma medida em que são os verbos que lhe dão origem, conforme entende Dik (1985; 1997). Entretanto, essa interpretação de valência por herança natural não é destituída de controvérsia justamente porque a organização sintática de um nome deverbal raramente expressa todos os constituintes de sua estrutura argumental, como se observa em (0-5a).

(0-5) a *se eu (fizer) este gato e deixasse durante doze mil anos... ele vai continuar sendo um gato sem valor... não tem:: nenhuma... um valor artístico esta representação* (EF-SP-405)

b $(e_i\ [(f_i\text{: representação}_N\ (f_i))\ (x_{i:}\text{: eu }(x_i))_A\ (x_j\text{: gato }(x_j))_U]\ (e_i))$

O nome grifado em (0-5a), cujo esquema de predicação (cf. Dik, 1989) pode ser representado em (0-5b),[4] constitui um predicado cujos argumentos potenciais são desprovidos de codificação fonológica.

Essa característica da nominalização subsidia a hipótese postulada por Mackenzie (1985; 1996) de que a predicação nominalizada

---

membro prototípico da classe. Esse ajuste implica que as relações argumentais sejam representadas por um SP introduzido por *de*. É esse o significado da expressão "sintagma de possuidor".

[4] A representação formal, conforme se verá adiante, segue regras recursivas próprias da notação tradicional da lógica dos predicados do tipo seguinte para predicados de um lugar: $(x_i\text{: f }(x_i))$, em que se lê 'um x_i tal que x_i é f', e de predicados de dois lugares uma expressão como $(x_i\text{: f }(x_i)\ (x_j))$, em que se lê 'um x_i tal que x_i tem uma relação f com x_j' (Dik, 1989, p.63); U subscrito representa Undergoer (paciente).

é, na realidade, avalente, posição sustentada também por Basílio (1989), que alega ser a estrutura argumental obrigatória nos verbos e opcional nos nomes.

Tem-se, assim, um impasse: que hipótese é capaz de explicar mais fielmente os dados empíricos, a hipótese de preservação de valência de Dik ou a hipótese de redução de valência de Mackenzie? Neste trabalho, sustento a hipótese de preservação de valência, com base no postulado de que as nominalizações se referem não a entidades de primeira ordem, mas a entidades superiores. Como nomes deverbais que são, representam estados de coisas, preservando, portanto, a estrutura argumental do predicado verbal correspondente, conforme sugestão de Dik (1985), aplicada também por Neves (1996) e Camacho e Santana (2004).

A defesa desse postulado, com base em evidências extraídas do português falado, já foi sustentada por Santana (2005); como se verá, entretanto, pretendo impor uma interpretação alternativa para a formalização que desaguará, por conseguinte, numa interpretação teórica diferente da desenvolvida por Santana (2005).

Há razões funcionais para considerar que, na ocorrência contida em (0-5a), os argumentos, expressos por anáfora zero na estrutura interna do SN nucleado por *representação*, retomam a referência dos termos *eu* e *gato*, para o primeiro e o segundo argumento, respectivamente, um fenômeno pragmático de identificação de referentes, amplamente conhecido por caracterizar também a estrutura valencial de predicados verbais. Conforme diz Keizer (2004b, p.17):

> É essa função de identificação de referente que explica por que podem ser omitidos os argumentos de predicados nominais básicos ou derivados, ao passo que, no nível da predicação, eles devem ser sempre virtualmente expressos.[5]

---

[5] Citações literais com tradução minha terão sempre o texto original em nota de rodapé. *"It is this function of referent identification which explains why it is that the arguments of basic or derived nominal predicates can be omitted, while at predication level they must virtually always be expressed."*

Concordo com a posição de que as expressões identificadoras no nível do termo são argumentos não expressos por razões pragmáticas, já que, de um ponto de vista lexical, mantêm o mesmo grau de obrigatoriedade do domínio verbal; mas, como veremos na análise dos dados, há também razões semânticas para não expressá-las.

Em face dessa aproximação potencialmente relevante entre classes de palavras e processos de (des-/re-)categorização, o objetivo deste trabalho é mostrar que as classes de palavras são pontos em um *continuum* categorial. Para tanto, este trabalho se limita ao estudo das duas classes de palavras, nome e verbo. Por atuarem como constituintes indispensáveis aos atos locutórios primordiais da produção da sentença, que são, respectivamente, referir e predicar, nomes e verbos são, em termos tipológicos, candidatos potenciais a universais linguísticos.

A continuidade categorial, como um universal linguístico, com diferentes pontos de corte para as diferentes línguas, pode aplicar-se também, no interior de uma mesma língua, a um termo complexo servindo de elo entre os extremos, em que se situam os membros mais prototípicos. Nas regiões intermediárias, situam-se os membros menos prototípicos e categorialmente complexos, estatuto que defendo como traço constitutivo das nominalizações extensíveis a formas não finitas do verbo, como infinitivos, gerúndios e particípios.

Como a nominalização tem uma continuidade funcional entre referir e predicar, essa continuidade depende crucialmente de assumir a hipótese secundária de que a estrutura argumental é parte constitutiva dela, quando se referindo a entidades de ordem superior. Consequentemente, quanto maior o grau de ajuste de um nome deverbal à expressão formal e semântica de um termo de primeira ordem, tanto mais próximo é seu significado de "entidade" e, portanto, mais próximo da "nominidade" prototípica. Também a recíproca é verdadeira: quanto mais ele preserva a estrutura argumental do verbo original, tanto mais próximo está da "verbidade" prototípica. Postulo que a preservação da valência formal na nominalização implica, correlativamente, manter o estatuto semântico derivado da grade de relações temáticas herdada do verbo *input*.

A dotação ou não de estrutura argumental é um aspecto crucial da argumentação em favor da hipótese que pretendo defender; por isso, a investigação da forma de expressão da estrutura valencial das nominalizações deverá permitir identificar também os princípios que motivam a escolha de um ou de outro termo e, portanto, de que modo se resolve a competição entre os argumentos para ocupar a posição de sintagma de possuidor prevista por Dik (1985).

As nominalizações são, portanto, construções potencialmente valenciais, na mesma medida em que o são outros tipos de construções encaixadas, como infinitivos e particípios. Embora essa posição seja compartilhada por Dik, ao tratar de construções encaixadas, ele não faz qualquer referência à natureza aberta ou fechada das nominalizações atuando como núcleo de predicações, que acaba sendo uma propriedade relevante para explicar a natureza valencial delas.

A nominalização constitui um dos mais estudados tipos de operação transcategorial, como se vê nos trabalhos de Comrie e Thompson (1985), Noonan (1985), Lehmann (1988), Dik (1985; 1997), Mackenzie (1985; 1996), Croft (1991), Koptjevskaja-Tamm (1993), Cristofaro (2003) e Malchukov (2004).

O interesse principal desses estudos é dar um tratamento funcional ao enfoque tipológico; nesse âmbito, principalmente os três últimos dialogam bastante entre si, embora o objeto de estudos de um não recubra necessariamente o do outro. Koptjevskaja-Tamm (1993) faz um estudo tipológico dos nominais de ação na função de complementação, enquanto Cristofaro (2003) enfoca, além da complementação, também a subordinação adverbial e a relativa. Malchukov (2004), por exemplo, argumenta que seu trabalho, além de fornecer uma explicação coerente e unificada para as nominalizações de ação como mecanismos de operação transcategorial, com base numa amostragem suficientemente ampla, consistiria, ao mesmo tempo, numa ponte entre as abordagens funcionalista e formalista.

Os trabalhos que tratam da estrutura argumental de nominalizações, principalmente no interior do arcabouço da Teoria da Gramática Funcional (doravante GF), desenvolvido por Dik (1989; 1997) ou de outros enfoques funcionalistas, preocupam-se mais com questões relacionadas ao componente semântico e ao gramatical do que com questões relacionadas ao componente pragmático. Este deveria, justamente, contar como o domínio mais abrangente de explicação, já que um enfoque funcional dá ênfase especial ao caráter não autônomo da morfossintaxe na explanação teórica dos fenômenos linguísticos.

Nesse caso, os níveis pragmático, semântico e morfossintático do componente gramatical acabam tendo relações de autonomia por contarem com categorias próprias, mas também relações de interdependência por conta de codificação morfossintática motivada por fenômenos derivados do nível pragmático e do semântico. Além disso, pouco trabalho se devota para a análise de dados reais de conversação, uma das razões de ser do enfoque funcionalista.

De um ponto de vista metodológico, este trabalho está seriamente comprometido com motivações derivadas do Nível Interpessoal e do Representacional para a codificação no Nível Morfossintático, de acordo com o modelo de Gramática Discursivo-Funcional (doravante GDF), que foi praticamente instaurado por Hengeveld (2004a) e consolidado por Hengeveld e Mackenzie (2008).

Esse compromisso o insere definitivamente no âmbito dos trabalhos funcionalistas, além disso, de um ponto de vista empírico, está seriamente comprometido com a interpretação de dados reais de conversação, o que também é, ou pelo menos deveria ser, outro compromisso com a metodologia funcionalista. Esse tratamento empírico envolve uma análise quantitativa e qualitativa dos dados de base especialmente voltada para sustentar a confirmação da hipótese acima formulada de continuidade categorial.

Este trabalho está formalmente distribuído em três grandes partes, que correspondem *grosso modo* a uma investigação teórica, a uma investigação empírica e às implicações teóricas resultantes.

A Parte I está separada em três capítulos de apresentação de um ponto de vista teórico sobre o assunto abordado. Como pretendo enfocar as classes de palavras lexicais, principalmente o nome e o verbo, defendo o princípio de que, de uma perspectiva funcionalista, as partes do discurso constituem categorias escalares, contínuas. Esse assunto está particularmente desenvolvido no Capítulo 1.

Esse capítulo se inicia com o questionamento da universalidade da divisão clássica das partes do discurso, que remonta a pelo menos cinco séculos a.C. Meu principal objetivo, nesse esboço evolutivo, é não apenas demonstrar que a universalidade das classes tradicionalmente postuladas é mais aparente que real, mas também postular que, de um ponto de vista tipológico, a distribuição das classes pelas línguas do mundo é também uma questão de gradiência. Isso significa que, embora algumas partes do discurso, como o verbo, sejam compartilhadas por praticamente todas as línguas, com direito a ser quase um universal, a distribuição transistêmica mostra que são dotadas antes de continuidade funcional que de diferença discreta.

A consequência mais evidente do postulado de gradiência categorial é que as classes são representadas por membros mais prototípicos e, com base nessa posição teórica, pretendo tratar o português tipologicamente como uma língua diferenciada, um tipo intermediário entre uma classe rígida de línguas e uma classe flexível.

As evidências empíricas para sustentar essa noção de gradiência categorial serão especialmente buscadas no âmbito de uma categoria complexa, a das nominalizações, mais especificamente a do nome deverbal, uma categoria que fica a meio caminho entre referência e predicação.

Como o principal suporte teórico é o da GF, e sua mais recente versão, a GDF, o Capítulo 2 está voltado para a explicitação desse modelo; essa tarefa consiste, basicamente, em fornecer um esboço da evolução recente dessa abordagem, tarefa que obriga necessariamente a detalhar a organização em níveis e camadas que o modelo formula para a gramática das línguas naturais.

Antes de chegar aos dados do português falado, que fornecem um mínimo de evidência empírica ao postulado acima mencionado, a continuidade do enfoque teórico se dará no Capítulo 3 pelo tratamento devotado à nominalização no arcabouço da Gramática

Discursivo-Funcional. Nesse âmbito, discuto detalhadamente as hipóteses alternativas sobre a preservação ou redução de valência no nome deverbal. O objetivo específico é distinguir as duas alternativas em função da posição teórica que assumo neste trabalho com base em evidências empíricas que comprovam a ideia de que a valência é parte integral da nominalização.

A Parte II se destina à apresentação de evidência empírica para a hipótese de preservação da estrutura argumental na nominalização. No Capítulo 4, invoco evidências empíricas, fortemente arraigadas nos dados, para defender a hipótese, crucial para esta tese, de que as nominalizações que se referem a entidades de nível superior são dotadas de estrutura argumental, que pode ou não ser especificada formalmente em função de determinações semânticas e pragmáticas. Forneço, ainda, os fatores que movem a competição entre os argumentos e o modo como os argumentos são expressos no uso.

A Parte III trata das generalizações e implicações teóricas. Fazendo um elo com a investigação empírica, no Capítulo 5, procuro fornecer uma interpretação das construções nominalizadas na Gramática Discursivo-Funcional (GDF), tentando atar com a interpretação funcional e formal alguns fios que possam ter ficado soltos à espera de amarração na Parte I. Forneço um esboço de formalização que mostra ser a nominalização um caso exemplar do princípio de adequação psicológica da GDF. Para tanto, baseio-me no princípio de implementação dinâmica e de organização em níveis e camadas, que acabam por fornecer uma explicação teórica altamente plausível para a ausência de especificação formal de valência da nominalização.

O Capítulo 6 fecha a Parte III com a apresentação das generalizações e implicações teóricas propriamente ditas, decorrentes dos resultados da análise e, ao mesmo tempo, da proposta de interpretação da nominalização no arcabouço da Gramática Discursivo-Funcional. Nesse capítulo, discuto especificamente o papel que a nominalização exerce para a continuidade categorial das classes de palavras em virtude de seu caráter complexo, a meio caminho entre a referência a entidades e a atribuição de propriedades.

No Capítulo 6, discuto também os principais traços definidores de quatro classes de palavras predicadoras, tendo por objetivo defender a ideia de que a organização da predicação em termos do predicado verbal nuclear e do modificador adverbial dispõe de uma estrutura subjacente muito similar à do SN, em termos do núcleo nominal e da modificação adjetival. Essa organização é uma forma de atender a duas principais funções dos dois atos locutórios primordiais de linguagem, o de referência e o de predicação, que são mais bem traduzidas pela codificação em volta de nome e adjetivo, por um lado, e verbo e advérbio, por outro.

Tenho a expectativa de que esse capítulo de fechamento conecte outras pontas soltas dos fios desenrolados na Parte I sobre o caráter contínuo das classes de palavras e, por isso, também prototípico de alguns de seus membros, atributo cuja principal evidência é a nominalização representando entidades de ordem superior.

Encerrada a descrição empírica com as consequentes implicações teóricas, nas Considerações Finais, faço um balanço das principais hipóteses em relação aos resultados, e alinhavo algumas consequências relevantes das posições assumidas ao longo do trabalho. Esse fechamento constitui, portanto, uma avaliação necessária cujo compromisso principal é um acerto de contas rigoroso com a proposta de trabalho lançada nesta Introdução.

PARTE I

AS CLASSES DE PALAVRAS NA PERSPECTIVA FUNCIONAL

1

A NATUREZA CONTÍNUA DAS CLASSES DE PALAVRAS

Introdução

Os estudos tipológicos exaustivamente desenvolvidos sob a égide da linguística funcional sobre categorias lexicais mostram que os universais se restringem a hierarquias implicacionais, que, por definição, produzem categorias escalares. Esse princípio reforça a ideia de que as classes de palavras constituem categorias gradientes, o que relativiza o postulado da tradição gramatical greco-latina de que as classes são entidades discretas e universais.

Afirma Neves (2005, p.13) que "o exame da gramática ocidental tradicional necessariamente remonta à gramática grega. E é analisando a marcha da instituição da gramática grega que vamos encontrar a razão para aquelas características, que então se legitimam e se explicam". Como é nela que se pode rastrear a universalidade das classes, especialmente na filosofia estoica, pelo menos dois séculos a.C., discutirei ligeiramente na Seção 1.1 a questão da universalidade dessa divisão que, como se verá, é mais aparente que real, e procurarei enquadrar o português numa classe tipológica de acordo com a divisão em classes de palavras. Encerrarei a discussão dessa suposta universalidade fazendo, na Seção 1.2, uma pequena retrospectiva histórica sobre o caráter nocional das classes de palavras. Em seguida, na Seção 1.3, procurarei mostrar como a questão das classes pode ser encarada de uma perspectiva funcional e tipológica, de que sobressai um tratamento contínuo para a categorização.

A enumeração das classes e os critérios para a determinação delas acompanham geralmente o paradigma que prevalece em cada período da história do pensamento linguístico. É difícil afirmar com certeza que ponto de vista teórico prevalece hoje em dia nos estudos linguísticos, principalmente no que tange à explicação da organização morfossintática da linguagem; mesmo que pareça tratar-se mais de convivência que de competição entre enfoques de natureza formal e de natureza funcional, é necessário promover-se logo a escolha de um ponto de vista. E a escolha que norteia a presente discussão sobre o lugar das nominalizações na organização lexical das classes de palavras é a de um enfoque funcionalista que, como tal, abriga princípios de natureza cognitiva, como o de prototipicidade.

Como se trata de discutir a questão da categorialidade, este capítulo não se restringe, todavia, apenas às nominalizações, mas às principais classes lexicais como nome, verbo, adjetivo e advérbio, que exercem funções de predicados na sentença; ficam, portanto, descartadas as partes do discurso que cumprem funções gramaticais, as chamadas classes fechadas como as categorias dêiticas dos pronomes e advérbios, e as categorias dos conectores em geral, e dos determinantes (artigos e pronomes demonstrativos). Apoio-me em três razões relacionadas e igualmente pertinentes para esse recorte:

(i) As classes de predicados são semanticamente plenas ou autossuficientes e, portanto, constituem formas livres.

(ii) Admite-se que haja no léxico, ao menos nas teorias da gramaticalização, em virtude do princípio de unidirecionalidade, um *continuum* que respeita a seguinte correlação: Categoria Maior [nome, verbo, pronome] > Categoria Média [Adjetivo, Advérbio] > Categoria Menor [Preposição, Conjunção] (cf. Hopper; Traugott, 1993).

(iii) Considerando-se que o princípio da unidirecionalidade esteja ao menos parcialmente correto,[1] é de se esperar que o processo de gramaticalização se aplique mais diretamente à recategorização de palavras plenas em palavras gramaticais, como atestam vários casos de advérbios ou de sintagmas adverbiais que passaram a atuar ou como conectivo, caso de *embora,* ou que ainda não deixaram de ser advérbios, como *no entanto*, *entretanto, então* etc., conforme o *continuum* mencionado em (ii).[2]

1.1 A (aparente) universalidade das classes de palavras

A classificação do léxico em categorias ou classes de palavras tem sido uma preocupação constante dos linguistas. No final do século V a.C., no plano filosófico, os gregos se interessavam pela linguagem para discutir o modo como as palavras representam as coisas, se o signo provém da natureza, *phýsei*, ou é imposto por uma convenção, *thései*, um tipo de preocupação que se dirigia mais à origem do léxico.

Segundo Neves (2005, p.48-49), é o *Crátilo,* diálogo que trata da questão da justeza dos nomes, a obra de Platão mais diretamente devotada aos problemas da linguagem. Nesse diálogo, Crátilo defende a ideia de que, como a língua é o espelho do mundo, os significados que ela representa provêm da natureza. Hermógenes defende posição contrária, sustentando que, sendo o resultado de uma convenção, a língua tem natureza arbitrária.

---

[1] Castilho (2003) é o principal crítico desse princípio na linguística brasileira; por razões que não cabe aqui discutir, prefere falar em multidirecionalidade.

[2] É necessário lembrar que a delimitação das classes de palavras nesse *continuum* tem muito que ver com o modo como as línguas indo-europeias organizam em categorias a percepção cultural de seus falantes. Além disso, é um pouco complicado inserir os pronomes na categoria maior, já que, embora constituam formas a meio caminho entre livres e dependentes, são decididamente categorias gramaticais e não lexicais, considerando-se pelo menos o critério clássico também questionável da natureza aberta ou fechada das classes.

Assumindo uma posição intermediária, Sócrates, a terceira personagem desse diálogo, ressalta tanto os pontos fortes quanto os pontos fracos dos argumentos levantados por Crátilo e Hermógenes, encaminhando a discussão a uma solução conciliatória.

Conduzindo a argumentação pelas palavras de Sócrates, pouco a pouco Platão leva o leitor a deduzir que há um elemento de verdade tanto na posição de Crátilo quanto na posição de Hermógenes. Há, de fato, muitas palavras que possuem uma correção intrínseca em consonância com a *phýsis*, mas há outras, entendidas por convenção *thései*, em que não se pode detectar nada de essencialmente natural, por terem sido malformadas na origem ou por terem sido corrompidas pela passagem do tempo (cf. Weedwood, 2002, p.26).

Como testemunham os trabalhos da linguística moderna (cf. Haiman, 1987), há um tanto de convencional e um tanto de icônico nas línguas, verdade a que o próprio Platão já conduz seu leitor: para ele, embora ainda haja vestígios de que, em sua origem, a linguagem tenha estado ligada diretamente à realidade, é de esperar que a passagem do tempo tenha como que "corrompido" a relação perfeita entre palavras e realidade, e boa parte da linguagem tenha passado, então, a ser entendida por relação convencional.

Mantida a controvérsia de o nome ser instrumento ou imagem, o *Crátilo* acentua a ideia de que, independentemente do modo como representa a realidade, o nome deve ser separado da coisa. Assim, conforme afirma Neves, "não mais cabe investigar a condição natural ou convencional dos nomes, porque não mais cabe fixar-se neles para atingir o conhecimento. A partir de Platão, quaisquer referências a naturalismo ou convencionalismo têm de ser examinadas em um contexto mais rico e mais complexo" (Neves, 2005, p.57), em que se divisa a separação entre o nome e a coisa, contexto que se encaminha para a consideração de uma função representativa da linguagem, que seria retomada pela linguística saussuriana.

Já está presente em Platão o princípio de que o enunciado completo é dividido entre duas "partes do discurso", *ónoma* e *rhema*, que vieram a assumir sentidos técnicos até hoje amplamente correspondentes a sujeito e a predicado. A base dessa divisão era originalmente funcional e semântica, não formal, como se sente ser hoje, limitada aos termos que correspondem às categorias de sujeito e predicado, mais ligadas à dimensão sintática da linguagem.

Aceita a separação entre o nome e a coisa, Aristóteles, já no século III a.C., explica o processo com o fato de que os signos falados, mediados pelos signos escritos, representam impressões da alma, que não passam de aparência das coisas reais. As impressões e as coisas são as mesmas para todos os homens, mas as palavras que representam a interpretação dessas impressões são necessariamente diferentes, uma visão que se aproxima muito da concepção moderna de "forma" e "substância" preconizada inicialmente por Saussure ([1916] 1977) e depois sistematizada por Hjelmslev (1973).

Os estoicos, nos séculos III-II a.C., sofisticaram um pouco mais as relações estabelecidas por Aristóteles, acrescentando uma etapa nesse processo entre a recepção passiva das impressões do mundo e a fala, denominando-a por *conceito*, isto é, uma noção apta a ser verbalizada. Os estoicos concordam com a posição sustentada por Aristóteles de que todos os homens podem receber as mesmas impressões das coisas que percebem, mas são exatamente os conceitos formados dessas impressões que diferem e são eles que são representados na fala.

Um conceito é representado num enunciado significativo dirigido pelo pensamento racional, *lógos*, e um enunciado articulado é um *léxis*. Diferentemente de um *lógos*, um *léxis* não precisa ser provido necessariamente de significado; assim, a palavra em estado de dicionário, com seu valor intensional, é *léxis*, ao passo que, ao entrar em combinação com outras palavras para formar um enunciado significativo, passa a ser *lógos*.

Essa distinção entre *logos*, visto como uma entidade significativa, e *léxis*, a palavra enquanto forma não sintagmaticamente atualizada, é ainda hoje fundamental para o pensamento linguístico e teve forte impacto na filosofia grega pós-estoica para o processo gradual de reconhecimento das "partes do discurso". O ponto de partida deveria sempre ser o *lógos*, o enunciado visto como significativo, e se um enunciado corresponde ou não à realidade, isto é, se é falso ou verdadeiro, seria necessário justamente verificar que parte dele prescinde dessa correspondência com a realidade.

Como se vê, foram os filósofos posteriores a Platão, como seu discípulo Aristóteles e os estoicos, que desenvolveram e refinaram o sistema de classes de palavras. Weedwood (2002) dá notícia de um fragmento de papiro do século I d.C. que preserva os parágrafos iniciais de uma gramática que define nove partes do discurso. Em todas as definições ali contidas, predominam procedimentos semânticos não formais, tanto nos critérios usados para distinguir as partes do discurso, quanto nas próprias categorias a que se chegou.

Segundo Weedwood (2002), nota-se uma preocupação especial com o aspecto semântico na *Sintaxe* de Apolônio Díscolo, que data de II d.C. A gramática grega foi definitivamente codificada pelo erudito alexandrino Dionísio da Trácia (século II a.C.), mas são os estudos de sintaxe de Apolônio Díscolo, que realmente sobreviveram no Ocidente, filtrados pelas *Institutiones grammaticae* de Prisciano, que aplicou a doutrina do grego ao latim.

Entende Câmara Jr. (1972, p.149) que as nossas gramáticas utilizam ainda hoje "um antíquissimo quadro, que nos foi legado pela tradição greco-alexandrina e que apareceu, pela primeira vez, sob forma didática no manual do Dionísio da Trácia, 120 anos antes de Cristo". De qualquer modo, embora tenha sido o livro didático do Oriente grego, essa gramática ficou desconhecida no Ocidente até sua primeira edição impressa, em 1727 (Weedwood, 2002, p.34).

Para Apolônio Díscolo e Dionísio da Trácia, a frase é definida como *autotelēs lógos,* significando "expressão que se basta", "que tem um fim em si mesmo". Essa noção, que tinha importância fundamental na filosofia grega para estabelecer a distinção entre completude e incompletude proposicional, foi empregada por Dionísio da Trácia com um valor específico, sugerindo que "a frase é uma palavra, ou conjunto de palavras, que, para a comunicação linguística, feita em dado momento, não depende de outras palavras anteriores ou seguintes.

No entanto, a tradição gramatical que se seguiu à orientação grega filtrada, por seu lado, pelo olhar romano associou a noção de autossustentação à ideia de frase, como uma unidade que basta a si própria, isto é, "uma reunião de vocábulos com sentido completo" (Câmara Jr., 1972, p.163-164).

Como bem ensina Câmara Jr., nem "reunião de vocábulos" nem "sentido completo" podem ser expressões definidoras de uma frase, já que *Fogo!*, por exemplo, enunciada na situação concreta em que se acha o locutor, não consiste nem mesmo numa reunião de vocábulos, quanto mais numa reunião de vocábulos com sentido completo. "Não se trata assim de um sentido completo, mas de um funcionamento autônomo no intercâmbio social" (Câmara Jr., 1972, p.164)

Confirma essa ideia a posição de Castilho, segundo a qual, com a noção de autossustentação, "os gregos estavam destacando a importância das sentenças numa situação comunicativa, num texto, em que cada uma delas tem de ter uma atuação autotélica, funcionando como um conjunto de elementos ligados solidariamente, para a constituição do sentido textual" (Castilho, 1998, p.86).

A distinção entre frase e palavra não deve ser buscada, portanto, nem na extensão formal nem na extensão do conteúdo, mas exclusivamente no plano discursivo em que opera como mecanismo de interação social. Assim, uma palavra única, como o nome próprio, *Pedro*, por exemplo, deve ser vista como uma frase no enunciado exclamativo "Pedro!" (cf. Câmara Jr., 1972, p.162).[3]

1.2 A definição nocional de classe de palavra

A classificação do léxico em classes de palavras é, como vimos, uma preocupação central da tradição gramatical do Ocidente. No geral, há muitos problemas relacionados aos critérios majoritariamente nocionais de classificação, cujos traços definidores, pretensamente universais e excessivamente heterogêneos, não são mais que o reflexo de traços específicos da estrutura gramatical do grego e do latim.

---

[3] Como se esclarecerá no próximo capítulo, a Gramática Discursivo-Funcional, principal base teórica deste trabalho, dá total reconhecimento teórico ao caráter autotélico dessas frases, que, como atos discursivos, são um exemplo cabal de que uma teoria linguística não pode tratar apenas de sentenças completas, a não ser que não estejam comprometidas com o discurso, como ocorre geralmente com as teorias formais.

Uma crítica óbvia à definição nocional simples de que um verbo denota ação é a de que basta comparar uma forma como *atacar* com um nome como *ataque*, por exemplo, que denota a mesma coisa. Outra crítica contumaz é a de que essas definições nocionais que povoam a gramática tradicional consistem num verdadeiro círculo vicioso, quando aplicadas a nomes abstratos, como *eletricidade, verdade, beleza*. A única razão, segundo Lyons (1979), para dizer que essas palavras denotam "coisas", ou entidades, é que as palavras que as exprimem são nomes.

A ambiguidade na definição das classes também é motivada pela aplicação de critérios pouco esclarecedores. Segundo Lyons (1982), rótulos denominadores de classes, como *nome, verbo* etc., são empregados com a mesma ambiguidade que o termo *palavra* na expressão *classe de palavras*.

Longe de ser um problema meramente terminológico, distinguir o item lexical "menino" de suas formas de manifestação *meninos, menina* etc. se torna um procedimento metodológico necessário, que impediria, por exemplo, o reconhecimento pela tradição gramatical de que uma mesma palavra poderia pertencer a duas diferentes classes. Esse problema é afeito principalmente a línguas de morfologia menos complexa, como o inglês, em que a forma *broken* pode ser classificada, conforme a distribuição sintática, como um adjetivo ou um verbo.[4]

O que definiria a classe, nesses casos, não é somente o núcleo semântico, que, preservado no morfema lexical da palavra, forneceria critérios para afirmação equivocada de que a mesma "palavra" pode ser categorizada em diferentes classes. Numa interpretação distribucional, é a posição sintática da forma *broken* que permitiria incluí-la ora numa classe de particípios verbais ora numa classe de adjetivos em inglês; assim, duas formas têm a mesma função sintática se, e somente se, possuem a mesma distribuição, isto é, se são intercambiáveis em todas as sentenças gramaticais de uma língua (cf. Lyons, 1982, p.111).

---

[4] Já em português, pelo menos o particípio em tempos compostos se distingue do adjetivo por diferenças flexionais.

O círculo vicioso se rompe quando se inclui na definição nocional do nome que essa categoria denota entidades em função dos critérios de distribuição formal. Palavras como *eletricidade*, *verdade* e *beleza* distribuem-se na mesma classe formal de *menino*, *pedra*, *árvore* e *cachorro*, ainda que estas pertençam, ao mesmo tempo, à categoria de palavras que denota entidades físicas. As duas subclasses não são semanticamente coextensivas, mas a classe de distribuição formal permite incluir tanto as palavras que denotam entidades físicas quanto as que não denotam (Lyons, 1979). Só a partir da noção de distribuição formal é que seria possível uma caracterização adequada e não circular.

As formas que pertencem à mesma classe de distribuição variam de acordo com a aplicação de diferentes tipos de morfemas flexionais, que acabam servindo como um critério morfológico reforçador da identificação das categorias. Assim, os nomes se flexionam em caso, número e gênero, no que são acompanhados pelos determinantes e modificadores, e o verbo é conjugado de acordo com pessoa, número, tempo e modo.

A dependência distribucional das classes, que se vê em várias partes da proposta de Lyons (1979), abre caminho para a adoção de perspectiva teórica mais recente, que veio a ser conhecida como Teoria dos Protótipos. A ausência de coextensividade entre classe nocional e classe formal, ligeiramente esboçada aqui, dá margem para pensar que nomes denotadores de entidades abstratas apenas não constituem membros prototípicos de sua classe, que seriam justamente os que denotam entidades físicas e discretas.

Nessa possibilidade alternativa, em si mesma dificilmente sujeita a controvérsias, a caracterização semântica é circunscrita a atributos criteriais que permitem a formulação de categorias prototípicas. Nas duas últimas décadas, a proposta de que objetos físicos são protótipos de nomes e a de que ações físicas são protótipos de verbos vem sendo discutida como enfoque alternativo à abordagem formal (Lyons, 1979; Givón, 1979, 1984; Hopper; Thompson, 1984; Langacker, 1987). Um traço geral desses trabalhos é a recusa em assumir a posição já tradicional na lógica formal de que o significado é redutível às condições de verdade da proposição.

Defendendo a possibilidade de definições nocionais de categorias gramaticais básicas, Langacker (1987) afirma que os argumentos contrários mais comuns são em geral superficiais e crucialmente dependentes de princípios dúbios. Sustenta a impossibilidade teórica de estabelecer uma definição semântica para categorias de nomes e verbos somente com base em critérios de inclusão categorial, determinados seja por condições suficientes e necessárias, seja por princípios lógicos baseados em condições objetivas de verdade.

Outro argumento comum contra definições nocionais é que tanto o nome quanto o verbo podem descrever o mesmo estado de coisas, como ocorre com o paralelismo entre *atacar* e *ataque*, acima mencionado. Assume-se tacitamente, numa concepção objetiva, que, como o significado da expressão é independente de concepção humana, é absolutamente determinado pela situação que ela descreve, ou seja, suas condições de verdade. Recusando essa visão, argumenta Langacker (1987) alternativamente que, como o nome e o verbo constroem o evento a partir de imagens contrastivas, representam não o mesmo estado de coisas, mas dois estados de coisas semanticamente distintos, principalmente porque o uso da nominalização implica uma espécie de "reificação" conceptual do estado de coisas.

1.3 Prototipicidade e classes de palavras no enfoque funcionalista

O apego da linguística ocidental à categorização das classes de palavras tem, como se viu, origem na tradição filosófica, ainda que prevalecesse a ideia de que as "partes do discurso" eram elementos componentes da proposição, que deslizaram, mais tarde na gramática alexandrina, para entidades formais, entendidas como classes de palavras.

A divisão de palavras em classes numa língua parece corresponder de fato a uma divisão categórica do universo linguístico, mas não de um modo que poderia constituir algum tipo de universal linguístico.

Por isso mesmo, para Sapir, a classificação tradicional dos vocábulos em partes do discurso não passa de "uma aproximação vaga e incerta do inventário cabal da experiência" (Sapir, 1971, p.119). Para ele, é apenas uma questão idiomática, própria das línguas indo-europeias, não ser possível dizer, em português, *ela vermelha*, exatamente como se diria *ela é vermelha*, isto é, usando o adjetivo como verbo.

Para representar o mesmo significado, seria necessário usar *ela se avermelha*, o que significaria empregar um verbo deadjetival apropriado para executar a tarefa da parte do discurso chamada "verbo" e reservar para a função predicativa de *ela é vermelha* a parte do discurso chamada "qualificativo" ou "adjetivo". Todavia, argumenta Sapir, centenas de outras línguas poderiam simplesmente usar como verbo a mesma palavra que funciona como qualificativo numa construção predicativa.

Poderia haver, por outro lado, ideias transmissíveis apenas por determinada classe de palavra. Como seria possível, por exemplo, indaga Sapir, dispensar o "para" da frase "ele veio para casa"? Uma estratégia simples consiste em dizer, por exemplo, "ele alcançou a proximidade da casa" e, para "ele olhou para o espelho", seria possível dizer "ele perscrutou o interior do espelho". Está claro que essas estratégias alternativas desagradam o falante do português, porque elas não se adaptam facilmente aos mecanismos formais disponíveis pelo sistema linguístico. Há, todavia, conforme argumenta Sapir (1971, p.121), muitas línguas que expressam as relações locais mediante o uso de nomes:

> A conclusão de um tal exame seria deixar-nos convencidos que a "parte do discurso" reflete não tanto a nossa análise intuitiva da realidade quanto a nossa habilidade em compor, partindo da rea-

> lidade, uma variedade de moldes formais. Uma parte do discurso, fora das limitações da forma sintática, não passa de um fogo fátuo.
>
> Eis por que nenhum esquema lógico das partes do discurso – seu número, natureza e limite precisos – é do menor interesse para o linguista. Cada língua tem um plano seu. Tudo depende das demarcações formais que ela admite.

Sapir parece admitir que os rótulos usados pela gramática tradicional para classificar as palavras nada têm de nocional, vistos de um ponto de vista universal, mas "denotam classes gramaticais distribucionalmente justificáveis, às quais se poderiam dar quaisquer rótulos arbitrários" (Lyons, 1979, p.154).

A necessidade de tratar as partes do discurso no âmbito de classes distribucionais não universais tem a ver com a incomensurabilidade das línguas quanto à representação da percepção do mundo pelas categorias gramaticais, princípio axiomático da linguística antropológica do começo do século XX. Esse princípio não deixa imune nem mesmo a distinção entre nome e verbo, como atesta Sapir com o exemplo do paiute, língua que usa um verbo com o sujeito incorporado para denotar "lago" (1911 apud Hopper; Thompson, 1984, p.705).

Sobre o mesmo assunto, Câmara Jr. (1972) menciona o caso do waiwai, uma língua do Alto Amazonas, que manifesta a divisão dos nomes em alienáveis e inalienáveis mediante presença ou ausência do morfema *-ni-*, uma distinção da qual o português absolutamente não cogita. Câmara Jr. conclui pela inexistência de "maior relação entre a organização categórica de uma língua e as categorias lógicas que a filosofia grega procurou depreender como essenciais para o raciocínio humano" (Câmara Jr., 1972, p.120).

Nesse aspecto, a linguística antropológica norte-americana concorda plenamente com um ponto crucial da linguística estruturalista europeia, principalmente com o arcabouço teórico criado por Saussure: o de que o significado de uma forma linguística é determinado pelo próprio sistema, que fica assim imune a determinações extralinguísticas, derivadas do modo como as pessoas interagem entre si e do modo como percebem e categorizam o mundo.

A língua assim pensada é um objeto autônomo, com estrutura e princípios constitutivos próprios. Nesse caso, a noção de que a frase é uma unidade que basta a si própria percorre todo o pensamento linguístico para contaminar, inclusive, o próprio conceito de linguagem.

Essa visão arbitrária da relação entre realidade e representação linguística também deve ser relativizada em favor de algum grau de universalidade. E, com efeito, para não parecer um mero "demolidor sistemático", Sapir salva duas categorias que ele considera mais ou menos universais, o nome e o verbo.

Mesmo assim, ao afirmar que nenhuma língua prescinde totalmente da distinção entre nome e verbo, ressalva que há casos particulares em que também a natureza dessa distinção é ilusória (Sapir, 1971, p.122).[5]

Menos demolidor ainda que ele, Câmara Jr. acha possível imaginar um quadro amplo, compreensivo e coerente para usar como ponto de partida para a análise linguística as categorias e as relações já consagradas pela tradição gramatical. Dentro desse quadro, diz ele, "haverá, conforme a língua, novas delimitações; nem fica excluída a possibilidade de que falte uma das classes básicas" (Câmara Jr., 1972, p.150).

Com o advento da teoria gerativa, o princípio da autonomia, presente no estruturalismo, adquiriu um novo sentido. Embora a língua enquanto sistema de conhecimento com sede no cérebro pareça mais dependente de seus usuários, adquirindo um caráter mais mentalista, a noção de autonomia se sustenta no princípio de modularidade da mente.

Um dos módulos da mente é a faculdade de linguagem, ou competência gramatical, entendida por Chomsky (1980) como um componente computacional capaz de gerar de modo inequívoco as sentenças gramaticais da língua. Como a faculdade de linguagem é entendida com base no sentido restrito de competência gramatical, que é, por sua vez, em princípio independente de outras faculdades mentais, a teoria gerativa acaba por preservar a autonomia da linguagem, consolidada no paradigma estruturalista pós-bloomfieldiano.

---

[5] De fato, o tuscarora, como se verá em discussão adiante, dispensa a diversidade das classes de palavras, atribuindo a uma predicação mesmo a referência a entidades (cf. Hengeveld, 1992).

Entende Taylor (1989) que o princípio de autonomia em Chomsky é preservado à custa de uma extrema idealização, que extrai da linguagem os elementos que ela incorpora de outras faculdades mentais. Esses elementos são justamente a competência pragmática, o conhecimento das condições de uso conforme diferentes propósitos, e o conhecimento do sistema conceptual, que possibilita ao falante fazer operações mentais de percepção, categorização e simbolização do mundo. De um modo um tanto simplificado, pode-se dizer que a relevância semântica das classes de palavras na perspectiva gerativa é extremamente minimizada.

E, com efeito, esse modelo pressupõe um número limitado de categorias formais supostamente universais, como nome, verbo, determinante. Além disso, os itens do léxico, associados aos traços sintáticos correspondentes aos nódulos formais [N], [V] etc., são concebidos como binários, primitivos, universais e supostamente inatos.

Além disso, o significado do item lexical que preenche as posições desse marcador sintagmático abstrato é absolutamente irrelevante, já que as regras sintáticas operam independentemente da natureza semântica dos itens lexicais que preenchem as posições da categoria abstrata (Taylor, 1989, p.186-7).

Como aqui se trata das classes de palavras como um dos modos de categorização linguística, impõe-se naturalmente a questão da possibilidade ou não de lidar com sistemas de categorização dentro de concepções autônomas de linguagem, como o estruturalismo e o gerativismo. O estruturalismo acredita na arbitrariedade extrema das categorias e o gerativismo, na universalidade extrema, sem, contudo, dar às classes uma relevância maior.[6]

---

[6] Podem-se enquadrar as teorias formalistas, como o estruturalismo e o gerativismo, no arcabouço teórico do que Du Bois (1985) chama de "estruturalismo autônomo"; com efeito, ambas as perspectivas restringem severamente a conexão da língua com os fatos positivos do mundo externo, ao considerarem que o

Entendo que a resposta mais pertinente a essa questão é assumir um ponto de vista teórico que, por definição, admita princípios cognitivos, como tem sido extensamente adotado nos trabalhos funcionalistas mais recentes que tratam de categorias gramaticais, incluindo a GDF.

Como a concepção de linguagem que adoto é a de um sistema não autônomo, é possível estabelecer uma relação de intimidade e de dialogicidade entre a própria linguagem, por um lado, e faculdades cognitivas mais gerais, por outro. A possibilidade dessa relação dialógica desloca a linguagem para o contexto da interação do homem com seus semelhantes e com as circunstâncias sociais mais abrangentes.

Nesse enfoque, não há lugar para uma divisão nítida entre faculdades linguísticas e não linguísticas, entre fatos linguísticos e fatos não linguísticos, entre competência e desempenho (cf. Taylor, 1989, p.18).

Além disso, se as categorias devem ser postuladas como detentoras de fronteiras nítidas, e se devem ser definidas em termos da conjunção de traços binários, categóricos, com base em critérios ao mesmo tempo suficientes e necessários, é melhor renunciar antes mesmo de prosseguir. O resultado sempre frustrante é que somente as entidades que exibirem todos os traços da categoria é que são presumivelmente membros dela, sendo excluídas as que não tiverem a mesma sorte.

Ao contrário disso, defendo aqui o princípio de que as categorias contêm membros contínuos sem limites claros entre si. Esse princípio deriva o postulado de que alguns membros de uma categoria compartilham traços comuns que os definem como prototípicos, e outros que não compartilham todos os traços comuns constituem membros marginais.

Isso significa rejeitar a ideia de que a linguagem seja gerada por regras lógicas e por traços semânticos "objetivos", o que implica au-

---

sistema linguístico é governado por forças inteiramente internas e autônomas. Uma discussão mais detalhada dessa visão será desenvolvida na Seção 2.1.

tomaticamente rejeitar o postulado de que haja um nível estrutural de significação distinto do nível em que o conhecimento do mundo está associado às formas linguísticas. Significa, por fim, rejeitar o princípio da arbitrariedade radical do signo e, por extensão, o postulado de que as categorias são discretas e homogêneas (cf. Silva, 1997).

Para retornar, com outro olhar, à definição nocional, semântica, de categorias gramaticais, a linguística funcional-cognitiva necessita de um tratamento mais sofisticado que o da tradição gramatical, e a alternativa para incluir o que é comum a todos os membros de uma classe gramatical é investir nas definições tradicionais e incorporá-las num tratamento de natureza prototípica.

De acordo com a tradição gramatical, dizer que um nome designa pessoas, lugares e coisas equivale a dizer que um nome designa uma entidade tridimensional concreta e discreta, ou, em termos de Langacker (1987), uma região demarcada no espaço tridimensional. Mediante a projeção do esquema de "coisa" para outros domínios, unidades linguísticas que recortam regiões de domínios não espaciais, como "cor", "tempo", ficam incluídas na categoria dos nomes. Mediante uma relação metafórica entre substâncias concretas e propriedades abstratas, é possível também explicar o caráter *sui generis* de nomes como *amor* e *inveja*. Uma visão prototípica implica afirmar que alguns nomes, certamente os concretos e contáveis, são os exemplos mais representativos da categoria, sendo reservados a outros um caráter marginal.[7]

O enfoque das classes de palavras formando uma escala com os polos ocupados por membros mais prototípicos foi adotado por Givón (1979) e por Hopper e Thompson (1984). Estes autores sustentam a posição de que é possível predizer, em termos universais, que certas percepções de entidades prototipicamente próximas de uma "coisa" sejam gramaticalmente codificadas como nome, enquanto percepções prototípicas de ações ou eventos sejam gramaticalmente codificadas como verbos.

---

[7] A importância do conceito de prototipicidade está correlacionada ao comportamento gramatical dos SNs, que podem ser hierarquicamente ordenados de acordo com a acessibilidade a várias regras sintáticas. Os SNs mais acessíveis são os que se referem a entidades animadas, conscientes, volicionalmente ativas, isto é, primariamente seres humanos (cf. Ross, 1973 apud Taylor, 1989, p.192).

Com efeito, Givón (1979) postula que o que distingue essencialmente nomes de verbos se sustenta na estabilidade temporal contínua de seus referentes.

Num polo do *continuum*, acham-se entidades com o grau mais elevado de estabilidade temporal e que, por isso, não alteram sua identidade com o tempo, como os membros prototípicos dos nomes.

Membros prototípicos da classe dos verbos, por outro lado, referem-se a entidades sem estabilidade temporal, ou seja, eventos e mudanças rápidas de estado. Na região média do *continuum,* que se vê em (1-1), situam-se as duas outras principais categorias predicadoras, o adjetivo e o advérbio, acompanhados, conforme for o caso, de nomes e de verbos respectivamente.

(1-1)

Mudança rápida	Estados temporários	Estados inerentes permanentes	Maior estabilidade temporal
Verbos	Verbos e Adjetivos	Adjetivos e alguns Nomes	Nome

(Adaptado de Givón, 1979, p.55)

O membro prototípico de uma categoria deve exibir todos os atributos que a representam e nenhum que represente outra categoria. Uma consequência desse postulado é que um membro prototípico da classe dos nomes deve ser maximamente distinto de um membro prototípico da classe dos verbos e o mesmo é válido para outras categorias.

No discurso, em que se introduzem participantes e se relatam eventos, nome e verbo exibem o mais alto grau de contraste morfossintático. Assim, à medida que executar sua função prototípica de introduzir participantes e de desenvolvê-los como suporte do texto, uma forma linguística será codificada como nome e manifestará o conjunto mais completo possível de constituintes convencionais de que dispõe na língua em questão.

Como um corolário desse enfoque não discreto das classes, para ficar apenas nos dois extremos do *continuum*, pode-se dizer que os nomes devem ser caracterizados com base em sua existência no espaço e, desse modo, o típico referente do nome é uma coisa durável, identificável. Referentes verbais, por outro lado, têm existência somente num certo ponto da continuidade temporal, consistindo num evento identificável.

De certo modo, essa visão de que alguns membros atuam como protótipos da classe toda está presente também no modo como, segundo Câmara Jr. (1972), a língua verbaliza o referente, já que, conforme as palavras do autor, "o nome e o verbo são deduzidos da mesma realidade objetiva ou do mundo real, conforme ela se apresenta ao nosso espírito sob um aspecto ESTÁTICO ou sob um aspecto DINÂMICO" (Câmara Jr., 1972, p.151), para chegar, mais adiante, à conclusão preliminar de que "há uma classificação natural dos semantemas em nominais e verbais; donde vocábulos que são NOMES e vocábulos que são VERBOS, segundo o valor ESTÁTICO ou DINÂMICO do respectivo semantema" (Câmara Jr., 1972, p.153).

Segundo Hopper e Thompson (1984, p.152), essa dualidade perceptual se reflete numa tendência universal que consiste em associar entidades temporalmente estáveis com a classe gramatical dos nomes e entidades não temporalmente estáveis com a classe gramatical dos verbos. Essa correlação não é, contudo, verdadeira na prática, visto que muitos verbos podem denotar situações altamente estáveis, como brilhar aplicável ao sol, por exemplo, enquanto nomes podem denotar situações temporárias, como fogo, ou entidades abstratas, como justiça, que não podem ser diretamente percebidas.

A distinção elaborada por Lyons (1977, p.442-47) entre entidades de diferentes ordens fornece uma solução plausível para essa inconsistência. Nomes comuns, que têm um referente concreto, representam entidades de primeira ordem, enquanto os que se referem a estados de coisas e proposições representam, respectivamente, entidades de segunda e de terceira ordem. Lyons aponta para a existência de uma hierarquia implicativa entre entidades de primeira, de segunda e de terceira ordem. A existência de entidades de terceira ordem implica a existência de entidades de segunda e a existência de unidades de segunda ordem implica necessariamente a existência de entidades de primeira.

Essa escala dá um tom de categorialidade prototípica à subclasse que denota entidades de primeira ordem e está plenamente de acordo com o papel fundamental dos nomes concretos para crianças em fase de aquisição da linguagem, que se vê na tendência para associar nomes com coisas físicas e verbos com ações concretas e visíveis (Brown, 1958, p.247-252).

Apesar de reconhecerem essas correlações, Hopper e Thompson (1984) consideram equivocada essa solução primariamente semântica que Lyons (1977) postula para a distinção entre categorias nominais com base nas três ordens de entidades. Esses autores preterem o critério semântico com base na referência em favor de um critério pragmático com base na função discursiva da linguagem como o fator principal para a motivação da categorialidade. Os traços semânticos parecem constituir condição necessária, mas não suficiente, para atribuir uma dada forma a uma classe lexical.

A prototipicidade de categorias linguísticas não depende somente de propriedades semânticas independentemente verificáveis, mas também e mais crucialmente da função linguística no discurso. Um nome referente a uma entidade prototípica de primeira ordem, como *gato*, não garante a preservação desse traço em todos os usos do radical correspondente.

Isso implica que uma divisão absoluta, não contextual do léxico em radicais nominais e radicais verbais tem uma validade severamente restrita. Um enunciado como (1-2), por exemplo, contém uma instância do radical [*gat*-], que falha em ativar uma entidade concreta, perceptível nesse uso. É em outra instância do mesmo radical, em um enunciado como (1-3), que se atinge o grau extremo de prototipicidade, justamente quando a entidade é referida como um participante no discurso (Hopper; Thompson, 1984, p.155-6).

(1-2) *Gatos bebem leite.*

(1-3) *Ao entrarmos na cozinha, vimos o gato preto da vizinha em cima da mesa bebendo calmamente o leite.*

Os autores defendem a ideia de que as propriedades da semântica lexical são secundárias em relação aos papéis que nomes e verbos exercem no discurso. Nesse caso, os traços semânticos que identificam membros prototípicos das classes dos nomes e dos verbos se derivam dos papéis discursivos que elas exercem. Os autores defendem a hipótese de que o grau de nominidade prototípica correlacionado aos traços morfossintáticos correspondentes mantém uma relação icônica com o grau em que a forma em questão serve para introduzir um participante discreto no discurso.

Quanto ao membro prototípico da classe dos verbos, os traços semânticos poderiam ser similarmente considerados visibilidade, cinese e efetividade, que são justamente os que identificam as percepções atribuídas pelas crianças em processo de aquisição e os que tendem universalmente a realizarem-se mais como verbos.

Similarmente ao que postulam para os nomes, Hopper e Thompson (1984) alegam que os traços semânticos são necessários, mas não suficientes, para identificar o verbo. Assim, para uma forma se qualificar como representante da classe lexical dos verbos, é necessário que represente também a ocorrência de um evento do discurso. Assim, uma forma como *pintando* em (1-4) está muito distante do protótipo, enquanto a forma *pintou* do mesmo item lexical em (1-5) identifica um exemplar prototípico de evento.

(1-4) *O homem pintando a paisagem é um artista famoso.*

(1-5) *Aquele artista famoso pintou o retrato do governador no ano passado.*

Na visão de Hopper e Thompson (1984), o papel discursivo é o principal fator que motiva a identificação de uma forma como membro central ou periférico de sua categoria. A principal consequência disso é a existência de uma relação icônica direta entre a estrutura morfossintática da categoria e o grau em que ela serve para identificar um participante no discurso, no caso dos nomes, e para relatar um evento discursivo discreto, no caso dos verbos.

Esses autores fornecem, portanto, uma nova perspectiva para enquadrar as categorias do léxico em classes de palavras com base na natureza diagramaticamente icônica delas, ao proporem o Princípio da Iconicidade das Categorias Lexicais, conforme segue abaixo:

> Quanto mais uma forma se referir a uma entidade discursiva discreta do discurso ou descrever um evento discursivo discreto, tanto mais distinta será sua forma linguística em relação a formas vizinhas, tanto de um ponto de vista paradigmático quanto de um ponto de vista sintagmático. (Hopper; Thompson, 1984, p.151)[8]

De uma perspectiva discursiva, nomes introduzem participantes no discurso, que são posteriormente desenvolvidos e manipulados ao longo da constituição do texto. O Princípio da Iconicidade das Categorias Lexicais prediz que, na medida em que uma forma linguística executar essa função, postulada como cardinal, ela será decodificada como nome e manifestará o conjunto possível de determinações nominais que está codificado numa dada língua.

Esse comprometimento com a função discursiva das formas linguísticas assegura que a codificação dos participantes no discurso não depende absolutamente da noção semântica de referencialidade como existência, presente nas semânticas formais de base lógica, como alegam também Du Bois (1980), Givón (1984) e Taylor (1989).

Pelo contrário, a codificação dos participantes depende mais diretamente da intenção comunicativa do falante ao enunciar seu discurso; mais especificamente ainda, ela depende do grau de importância para a continuidade discursiva de um argumento particular introduzido previamente, isto é, se é importante a identidade específica ou a identidade genérica da entidade em questão.

---

[8] Cf. o original: *"The Iconicity of Lexical Categories Principle: The more a form refers to a discrete discourse entity or reports a discrete discourse event, the more distinct will be its linguistic form from neighboring forms, both paradigmatically and syntagmatically"*.

É precisamente a especificidade ou a genericidade da identidade do argumento que institui a principal correlação com a alta ou a baixa categorialidade dos nomes, conforme afirma o Princípio de Iconicidade das Categorias Lexicais de Hopper e Thompson (1984).

Du Bois (1980) e Givón (1981) usam o termo *referencial* para entidades relevantes para a continuidade discursiva e o termo *não referencial* para entidades não relevantes. Os dados tipológicos discutidos por Hopper e Thompson (1984) sustentam os postulados de Du Bois (1980) e Givón (1981), mas eles preferem, ainda assim, empregar os termos *manipulável* e *não manipulável* para se referirem respectivamente às categorias que são discursivamente relevantes e às que não são, uma vez que a noção de referencialidade mantém fortes conotações lógico-semânticas herdadas da tradição linguística.

Quanto ao verbo, o Princípio da Iconicidade de Categorias Lexicais prediz que a prototipicidade dessa classe está diretamente correlacionada ao grau em que ela é empregada para relatar eventos. Essa restrição exclui já de início as formas que, em sua *Aktionsart*, exibem propriedades estativas como *saber*, *amar* etc.[9]

Os autores fornecem um conjunto alentado de evidências tipológicas que sustentam o princípio de iconicidade. Essas evidências demonstram que um verbo codifica todos os traços disponíveis na gramática se for plenamente capaz de descrever um evento discursivo real.

Afirmar que formas linguísticas têm uma existência *a priori* fora do discurso, o chamado significado categorial, em contraste com o significado relacional, implica que elas são acategoriais em virtude da irrelevância desse tipo de classificação. A atribuição de categorialidade só tem relevância se a realização, como nome ou como verbo, for imposta à forma pelas motivações discursivas.

---

[9] Um bom argumento para sustentar essa exclusão dos estativos do polo da prototipicidade encontra evidência no fato de que, em muitas línguas, itens lexicais com valor semântico estativo de nomeação de propriedades não são verbos, mas adjetivos (Hopper; Thompson, 1984, p.168).

Longe de ser aprioristicamente dadas como categorias prontas para a construção de sentenças, nome e verbo manifestam efetivamente seus traços categoriais ao serem requeridos pelo discurso. O que essa propriedade discursiva tem que ver com o princípio de iconicidade entre forma e função?

Quanto menos for requerido pelo discurso (seja para relatar um evento discursivo discreto, seja para introduzir uma entidade discreta para a manipulação potencial na sequência do fluxo discursivo), tanto menos saliente o grau de marcação morfossintática do elemento linguístico como membro da categoria que a linguagem designa universalmente para veicular essas funções. Esse princípio será retomado mais adiante no Capítulo 6.

1.4 As classes predicadoras de palavras

O enfoque escalar das categorias lexicais parece ser o que mais preserva a noção de relatividade preconizada já pelos estruturalistas e o que mais minimiza a aparente universalidade das classes, condição necessária para a adequação tipológica de qualquer enfoque funcionalista. Considerando as classes lexicais, Hengeveld (1992) define as categorias de predicados conforme segue em (1-6).

(1-6) Um predicado *Verbal* é um predicado que, sem a consideração de outros critérios, tem *somente* um uso predicativo na função de núcleo de SV.

Um predicado *Nominal* é um predicado que, sem a consideração de outros critérios, pode ser usado como o núcleo de um SN.

Um predicado *Adjetival* é um predicado que, sem a consideração de outros critérios, pode ser usado como um modificador de um núcleo nominal.

> Um predicado *Adverbial* é um predicado que, sem a consideração de outros critérios, pode ser usado como um modificador de um núcleo não nominal.
>
> (cf. Hengeveld, 1992, p.58)

Como se vê, essas definições são funcionais e, portanto, não nocionais. Elas excluem a possibilidade de um predicado verbal ser usado com uma função não predicadora, mas deixam aberta a possibilidade de predicados nominais, adjetivais e adverbiais serem usados predicativamente. Hengeveld usa a posição das quatro classes acima na estrutura subjacente da oração para fornecer definições funcionais para as categorias lexicais.

Essa posição teórica implica que o escopo dessas definições abriga apenas predicados lexicais básicos, como *homem*, e lexicalmente derivados, como *pintor*, mas, em função da condição restritiva "sem a consideração de outros critérios"[10] (Hengeveld, 1992, p.58), exclui predicados que não dispõem de uma representação lexical na categoria de classe predicadora, ou seja, constituintes sintaticamente derivados, como orações adjetivas, sintagmas preposicionais em função de adjunto adverbial etc.

Para dar um exemplo ilustrativo, em português, o item lexical *frívolo* pode ser usado como modificador mediante uma simples inserção na posição sintagmática adequada. Se, por outro lado, a mesma palavra for empregada na posição de predicativo, haveria a necessidade de uma estratégia morfossintática adaptativa, que exigiria, no caso do português, a inserção de cópula, conforme se observa em (1-7a-b):

(1-7) a *A moça frívola.*
b *A moça é frívola.*

O grau de funcionalidade dessas definições pode ser verificado no próprio comportamento sintático das classes, o que leva Hengeveld (1992) a definir *frívola* como um adjetivo. Um enfoque funcional de categorias lexicais com base numa distinção nítida entre unidades lexicais e unidades sintáticas tem vantagens sobre outras abordagens semântica ou morfossintaticamente orientadas (Hengeveld, 1992, p.49-52).

---

[10] Cf. o original: *"without further measures being taken"*.

As quatro classes de palavras predicadoras podem ser definidas com referência às categorias funcionais em que elas atuam, conforme definidas em (1-6); assim, verbos (V) são itens lexicais que podem atuar por si mesmos como núcleos de um SV ou uma predicação. Nomes (S) são itens lexicais que podem funcionar por si mesmos como núcleos de um SN. Adjetivos (A) são modificadores de núcleos nominais, enquanto Advérbios de Modo são modificadores de núcleos verbais.

Com base nessas definições funcionais, os advérbios ficam restritos aos de modo, também denominados por Ilari et al. (2002) predicativos qualitativos. O escopo imediato deles é o predicado verbal, principal razão para essa classe de predicados ter justamente recebido o rótulo que tem, ou seja, *advérbio,* embora, como predicadores, também possam tomar o adjetivo em seu escopo. Pode-se dizer que a noção prototípica de advérbio está na afirmação tradicional de que ele modifica tipicamente o sentido do verbo e do adjetivo.

Segundo Ilari et al. (2002, p.73), nessa afirmação está implícita a hipótese de que ele expressa uma espécie de predicação de grau superior: assim como o verbo ou o adjetivo atribuem uma ação ou uma propriedade ao sujeito, o advérbio predicaria uma propriedade da qualidade ou ação que se atribui ao sujeito. Assim, em (1-8) abaixo, o advérbio *calmamente* predicaria uma propriedade da ação de fazer que se atribui ao SN *a gente* como sendo calma.

(1-8) *se a gente for parar para fazer as coisas* *calmamente* *não dá* (D2-SP-360)

Já o adjetivo na conceituação acima também fica restrito à classe dos atributivos predicadores, assim rotulados por Müller et al. (2002), que os opõem aos argumentais; as autoras adotam, em grande medida, algumas propriedades sintáticas atribuídas por Casteleiro (1981) aos predicadores, como admitir paráfrase por oração relativa, admitir tanto *ser* quanto *estar*, poder ser usado como aposto, admitir variação de grau, aceitar tanto anteposição ao núcleo nominal quanto coordenação com outros adjetivos do mesmo tipo (Müller et al., 2002, p.323). Embora alguns desses adjetivos predicadores aceitem anteposição, considera-se aqui prototípico o adjetivo atributivo predicador posposto ao núcleo nominal como o adjetivo *lascada* em (1-9).

(1-9) *o paleolítico é o período... da pedra* *lascada**... como vocês todos sabem* (SP-EF-405)

Hengeveld (1992) evita fazer uso da noção de prototipicidade para enfatizar as funções distintivas das classes de predicados, que ele não vê como necessariamente prototípicas. Para dar uma justificativa, ele menciona um argumento de Thompson (1988 apud Hengeveld, 1992, p.49), que aponta para uma frequência maior de uso de adjetivos na função predicativa, não na função atributiva, que Hengeveld considera a função distintiva dos predicados adjetivos.

Considerar a função modificadora de um núcleo nominal como a função prototípica dos adjetivos pode causar certo constrangimento, já que um postulado desse tipo exclui o uso de adjetivos na função predicativa mediada por cópula. Embora seja uma função predicadora, não é, todavia, exclusiva dos adjetivos, já que nomes podem também ocupar a posição de predicativos numa função também não prototípica da classe dos nomes.

A literatura aponta para a diferença entre adjetivos na função de modificador e adjetivos na função de predicativo. Um mesmo item lexical, como o adjetivo *ciumento*, apresenta propriedades temporárias, menos duráveis na função de predicativo, em (1-10a), e propriedades menos temporárias e mais duráveis na função de modificador, em (1-10b), como se fosse uma propriedade inerente da entidade representada por *namorada* (cf. Bolinger, 1967 apud Hopper; Thompson, 1984).

(1-10) a *Sua namorada é ciumenta.*
b *A namorada ciumenta de meu amigo veio à festa vestida como uma perua.*

Isso explica por que, por exemplo, línguas como o mandarim não dispõem de distinção formal entre verbos e adjetivos em função predicativa. Para o adjetivo poder ser usado atributivamente, necessita, em situações de contraste, de uma espécie de sufixo nominalizador (Hopper; Thompson, 1984).

De um ponto de vista transistêmico, as propriedades que são mais provavelmente lexicalizadas como adjetivos são as mais duráveis, como tamanho, largura, comprimento, cor etc. Já as propriedades menos duráveis e, portanto, mais próximas do conceito de evento são mais provavelmente lexicalizadas como verbos (Dixon, 1977 apud Hopper; Thompson, 1984, p.727).

Embora o adjetivo não possa ser considerado um verbo, a posição de predicativo que ele toma é um traço que o aproxima daquela classe, mas a gramática do português requer o uso de cópula para a marcação número-pessoal e modo-temporal, que não é licenciada para a classe dos adjetivos. Na função modificadora, por outro lado, o adjetivo compartilha com o nome a extensão de propriedades referenciais.

Um critério usado para medir o grau de prototipicidade de um membro de uma classe é o de frequência. Taylor (1989) afirma que o critério de uso tem sido realmente aplicado para explicar por que certos exemplares de uma categoria adquirem o estatuto privilegiado de membros prototípicos num conjunto contínuo e gradiente. Entretanto, rejeita logo esse argumento com base em evidências empíricas cuidadosamente controladas por Rosch (1976 apud Taylor, 1989), que provam que o grau de prototipicidade independe da frequência de ocorrência.

A impressão de uso mais frequente pode ser mais um sintoma do que causa de prototipicidade (Taylor, 1989, p.52). Isso demonstra que mesmo a distribuição sintática, como predicados, das quatro classes de palavras, elaborada por Hengeveld, pode receber uma definição prototípica.

Tanto a linguística funcional da sentença em suas versões conhecidas, como a gramática sistêmica (Halliday, 1985), a Teoria da Gramática Funcional (Dik, 1989, 1997) e as várias tendências funcionalistas norte-americanas (Du Bois, 1985; Hopper; Thompson, 1984; Givón, 1979), quanto a linha funcional-cognitivista (Taylor, 1989; Langacker, 1987) rejeitam a ideia da autonomia da sintaxe em relação à semântica e à pragmática, o que significa argumentar fortemente a favor de uma base semântica e, sobretudo, pragmática para categorias, como nome, verbo, adjetivo e advérbio.

Esse tipo de abordagem será desenvolvido mais adiante, no Capítulo 6 da Parte II, com base na distinção entre nome e verbo e a natureza categorialmente complexa da subcategoria das nominalizações. A próxima etapa, porém, é manter o foco na teoria para caracterizar a perspectiva teórica adotada, com uma argumentação que mostre a evolução do modelo de GDF.

2

AJUSTANDO O FOCO: UMA CONCEPÇÃO DISCURSIVO-FUNCIONAL DE GRAMÁTICA

Introdução

O tema central e condutor deste trabalho – continuidade funcional das categorias linguísticas e, por conseguinte, o caráter prototípico dos membros mais centrais de cada classe – só é possível no interior de um aparato teórico que questione o princípio da homogeneidade do sistema linguístico e o postulado do caráter discreto das unidades linguísticas. Isso é possível mediante um enfoque que enxergue a linguagem enquanto discurso, e postule a heterogeneidade – incluindo a categorial – como princípio constitutivo do sistema linguístico. Pode-se afirmar que essa perspectiva teórica, que se comprova na formulação de conceitos como variação, sujeito, uso, interação, contexto social, condições históricas e ideológicas, confirma-se como uma das correntes mais fortes dos estudos linguísticos contemporâneos.

O papel deste capítulo é mostrar como um modelo teórico que pretende explicar o funcionamento da gramática de uma língua se encaixa na relação entre sistema e uso, explorando a linguagem a partir do caráter heteróclito de seus fenômenos, um modo de ver que substitui a natureza discreta, descontínua, pela natureza contínua e multifuncional das categorias de análise. Pretendo, por conseguinte, demonstrar que essa multifuncionalidade se ajusta perfeitamente a modelos teóricos que veem a gramática como um componente seriamente comprometido com a interação entre os níveis pragmático, semântico e morfossintático, como a Teoria da Gramática Funcional de Dik (1989; 1997) e a Gramática Discursivo-Funcional (Hengeveld 2004a; 2004b).

É cara aos modelos funcionalistas a necessidade teórica de tratar aspectos formais da linguagem, vistos não como constituintes de um sistema autônomo, que basta a si próprio, mas sim diretamente vinculado aos fatores mais característicos do discurso, da língua em uso no contexto social, justamente o aspecto da linguagem considerado, pelas teorias formais, como caótico, assistemático e desordenado.

Para demonstrar que o quadro teórico da Gramática Discursivo-Funcional abriga satisfatoriamente o princípio da multifuncionalidade detectável no discurso, prevê-se o desenvolvimento do seguinte roteiro para este capítulo: na Seção 2.1, inicio com uma breve reflexão sobre o recorte epistemológico que isolou o sistema linguístico de seu uso; em seguida, na Seção 2.2, argumento que a Teoria da Gramática Funcional (GF) representa uma das tentativas de superação desse idealismo fundador, mediante a construção de uma gramática funcional e formalizada do discurso, tratando, na Seção 2.3, especificamente do modelo de representação em camadas postulado por Hengeveld (1987) e incorporado por Dik (1989); na Seção 2.4, passo a enfatizar movimentos recentes na GF que reafirmam a necessidade de expansão do modelo em direção ao discurso e, finalmente, faço, na Seção 2.5, uma apresentação do arcabouço geral da Gramática Discursivo-Funcional (GDF), mostrando que sua abrangência ultrapassa o nível intraoracional em direção à dimensão discursivo-interativa.

2.1 O objeto da linguística: idealização e categoricidade

Um dos pontos menos controvertidos na história recente é de pronto a rejeição sistemática da atitude prescritiva da gramática tradicional pela linguística contemporânea, cuja natureza científica apela para princípios descritivos puros, em que imperam a imparcialidade e a objetividade que Martinet (1972, p.3) tão bem enfatiza. Observe a seguinte citação:

> Como o objeto dessa ciência constitui uma atividade humana, é grande a tentação de abandonar o domínio da observação imparcial para recomendar determinado comportamento, de deixar de notar o que realmente se diz para passar a recomendar o que deve dizer-se. A dificuldade de distinguir a linguística científica da gramática normativa lembra a de extrair da moral uma autêntica ciência dos costumes.

Outro ponto, talvez um pouco mais controvertido, é que, com o advento da linguística descritiva, reconhece-se amplamente o princípio de que a linguagem é um conjunto tão complexo de fenômenos que, "se a estudarmos sob vários aspectos ao mesmo tempo, o objeto da Linguística nos aparecerá como um aglomerado confuso de coisas heteróclitas, sem liame entre si" (Saussure, [1916] 1977, p.16). Foi por isso mesmo que Saussure cunhou a dicotomia fundamental *língua* e *fala*, buscando assim estabelecer um princípio mínimo de homogeneidade e organização que permitisse criar um objeto de estudos bem delimitado e absolutamente independente de outras esferas não linguísticas.

Na esteira de Saussure, é o próprio Martinet (1972) quem formula o princípio epistemológico de que uma teoria científica deve necessariamente efetuar uma seleção entre os elementos da realidade que pretende descrever, tendo por base o paradoxo entre a infinita complexidade dos fenômenos da realidade a ser descrita e a natureza necessariamente finita de qualquer descrição científica. Essa natureza paradoxal da relação entre ciência e realidade parece aumentar tanto em dimensão, quando se trata de descrever e explicar os fenômenos da linguagem, que acaba por pôr em dúvida a possibilidade de delimitar um objeto específico de estudos.

É suficientemente reconhecido que a dificuldade no enfrentamento dessa questão já era francamente admitida por Saussure, ao alegar que "outras ciências trabalham com objetos dados previamente e que se podem considerar, em seguida, de vários pontos de vista; em nosso campo nada de semelhante ocorre [...]. Bem longe de dizer que o objeto precede o ponto de vista [...] é o ponto de vista que cria o objeto" (Saussure, [1916] 1977, p.15).

Essa necessidade de descrever a linguagem sob um ponto de vista que inclua alguns aspectos do fenômeno e exclua outros aspectos é contraditória com o fragmento acima citado de Martinet (1972). Se o investigador opera uma seleção entre os fenômenos empíricos observáveis, segue-se obviamente que ele não é capaz de apreender "o que realmente se diz", mas o que é autorizado pelo recorte metodológico, isto é, uma parte da realidade.

Ao buscar um objeto de estudos bem delimitado e definido, Saussure idealiza a criatura no próprio ato de criação. A *língua* saussuriana é, em última análise, uma essência que representa exatamente a subordinação do objeto a uma determinada perspectiva metodológica. Ao distinguir a língua da fala, Saussure separa o que é geral e social do que é particular e exclusivamente individual. Esse gesto nítido de idealização, que se completa na noção de sistema de relações, cria um objeto científico apartado da rede de relações sociais que constitui o discurso. Separa, além disso, as propriedades que, por serem essenciais, são internas ao sistema linguístico das que, por serem acessórias e acidentais, são externas ao sistema. Ao fazer essa distinção, Saussure cria um objeto de estudos que considera estritamente linguístico.

A posição de Chomsky, que, em vários aspectos, revolucionou a teoria da linguagem na década de 1960, pouco difere da concepção saussuriana no que se refere exclusivamente à delimitação do objeto. A idealização operada por Saussure se completa com a noção de objeto de estudos desenvolvida por Chomsky (1975, p.83), centrada na competência em oposição ao desempenho, definida na citação seguinte:

> [...] um falante-ouvinte ideal, situado numa comunidade completamente homogênea, que conhece perfeitamente a sua língua

> e que, ao aplicar o seu conhecimento no uso efetivo, não é afetado por condições gramaticalmente irrelevantes, tais como limitações de memória, distrações, desvios de atenção e de interesse, e erros (casuais e característicos).

A atividade real e concreta de linguagem, e que de fato a constitui como fenômeno observável, foi mantida no exterior dos limites do objeto de estudos, sob o nome não mais de fala, mas de desempenho, e seu enfoque só seria possível a partir do esclarecimento das regras da competência. Nesse caso específico, o falante é identificado como o sujeito cartesiano, lógico e universal, e as relações sociais que estabelece com seu interlocutor no processo de interação verbal são desconsideradas.

O estruturalismo, um dos paradigmas mais bem-sucedidos no século XX, desenvolvido a partir das ideias de Saussure, adotou uma versão muito forte do axioma da categoricidade, segundo o qual os dados de base para a análise linguística deveriam ser regularizados de modo a eliminar a variabilidade de fato existente na linguagem (Chambers, 1996). Uma das premissas que dão suporte a esse axioma é que seria necessário abstrair a linguagem da variação do mundo real para torná-la coerente e controlável e o melhor caminho para isso é, segundo Joos (1950, apud Chambers, 1996), aproximar a linguística da matemática, para a qual a inconsistência é, por definição, impossível. Assim, para ele, a linguística se identificaria com um sentido extremo de uma mecânica quântica, que exclui toda a possibilidade de gradação infinitesimal em proveito de unidades unicamente discretas e descontínuas.

A posição de Chomsky, que, desde o início, revolucionou em vários aspectos a teoria da linguagem, mantém a concepção saussuriana no que se refere à redução dos fenômenos a um modelo formal, então denominado *competência*. Dada a variabilidade inerente da linguagem humana, a única possibilidade viável de estudar a competência seria isolá-la do desempenho para garantir distância segura entre o objeto de estudo e seu contexto social.

Ao considerar a linguagem como um conjunto de descrições estruturais de sentenças, o que Chomsky (1980) faz é reduzir o conceito de língua ao de gramática como objeto autônomo. Essa redução se produz principalmente porque o conceito de língua como atividade social é muito vago e em geral tão influenciado por considerações de ordem sociopolítica que acaba por não ter qualquer aplicabilidade para uma teoria rigorosa de linguagem (cf. Chomsky, 1980).

Segundo Givón (1979), o espectro dos fenômenos não categóricos da linguagem tem assombrado a linguística gerativa desde seus primórdios, conforme as marcas que a definem em essência, como os conceitos de gramática, gramaticalidade e competência. Givón (1979) sugere que é somente mediante operações extremas de abstração, simplificação e "higienização" extrema dos dados de base que esses construtos podem elevar-se a primitivos teóricos. O processo de "higienização", a que alude Givón (1979), envolve uma omissão deliberada dos fenômenos não categóricos ou o rebaixamento deles ao estatuto de variação no desempenho. No entanto, entende o autor que a simples consideração de uma pequena amostra de dados extraídos do discurso real torna óbvia a ideia de que os fenômenos não categóricos, que são descartados, têm relevância indiscutível para uma explicação adequada dos fenômenos categóricos da linguagem.

A posição de Givón (1979) representa um esforço concentrado pela busca de soluções teóricas alternativas, o que se deu a partir dos anos 1960, quando novas tendências da linguística contemporânea passaram a questionar a submissão da teoria ao princípio da categoricidade, como uma necessidade epistemológica de criar um objeto homogêneo de estudos. Esse questionamento desemboca na tentativa de resgatar justamente o que, na linguagem, era um obstáculo para Saussure e um critério de pouco rigor metodológico para Chomsky, ou seja, a heterogeneidade como princípio constitutivo da linguagem.

Esse novo valor que se alevanta procura aproximar o homem da linguagem, investindo num sujeito ao mesmo tempo social e étnico, pragmático e ideológico, retórico e argumentativo, isto é, um ser humano investido de múltiplos papéis sociointeracionais e ideológicos que se refletem necessariamente na organização dos sistemas linguísticos.

No âmbito em que atuam, as tendências não formalistas como o Funcionalismo, a Sociolinguística, a Análise do Discurso, a Análise da Conversação estão unidas no mesmo desejo de superar a parcialidade imposta ao objeto de estudo em razão de sua idealização. Um modo de fazê-lo é substituir a noção de sistema fechado de relações internas pelo tratamento do uso efetivo da língua em situações reais de comunicação.

Como se sabe, Saussure (1977) incluía a Linguística numa ciência mais geral dos signos, que denominou Semiologia, mas seus seguidores reconheceram logo a necessidade de dar à linguística um lugar autônomo em relação às outras disciplinas científicas, emergentes como ela no início do século XX. Apesar dessa tendência, a consequência mais evidente do recorte epistemológico que isolou o sistema do uso foi a abertura de espaços para a constante renovação do objeto de estudos em direção ao uso, como uma espécie de presença obstinada do excluído (Maingueneau, 1990); desse modo, a linguística moderna se defronta, ainda hoje, com os excessos da linguagem que teimosamente transbordam dos limites impostos pelo axioma da categoricidade.

O ponto de partida para os funcionalistas é a visão de que a linguagem é, em primeiro lugar, um instrumento de interação social entre seres humanos, usado com o objetivo principal de estabelecer relações comunicativas entre os usuários (Dik, 1989). Esse traço é central na busca de explicações do modo como são as línguas. Dik (1989) alega que o principal objetivo das línguas naturais é o estabelecimento de comunicação inter-humana, sendo os outros objetivos secundários ou derivados.

Esse postulado é, sabe-se, prontamente negado por Chomsky (1980, p.239), para quem a linguagem humana é um sistema para a expressão do pensamento, independente de estímulos externos e da satisfação de necessidades ou propósitos instrumentais. Para sustentar sua posição, contrária ao postulado funcionalista de que a comunicação é o objetivo central da linguagem, Chomsky menciona casos de uso não comunicativo, como o exercício de função fática com objetivo de apenas estabelecer contato, ou situações de fala dirigida a uma audiência passiva.

As críticas de Chomsky estão voltadas, como se vê, para uma interpretação muito estreita do conceito de comunicação, que fica limitado, assim, apenas à transmissão de conteúdo proposicional. No entanto, para um funcionalista, a noção de comunicação compreende o conjunto todo de eventos de fala, incluindo o estabelecimento e a manutenção de relações sociais, o que significa, na interpretação de Foley e Van Valin (1984), que a conversação informal engajada no estabelecimento de comunhão fática também deve ser considerada como comunicativa.

Givón (1979) entende que, se a linguagem é um instrumento de comunicação, é um tanto estranho tentar entender sua estrutura sem qualquer referência ao contexto comunicativo e à função comunicativa. Com efeito, sustenta Givón que todo o aparato formal não está presente na linguagem por estar pré-instalado no código genético do organismo, mas por codificar funções comunicativas específicas. Como a finalidade comunicativa das diferentes regras gramaticais não é a mesma, também não são as mesmas as consequências da decisão de segui-las ou quebrá-las. A importância comunicativa de uma regra é maior quando dispensar seu uso resulta numa perda maior de eficiência comunicativa.

Desse modo, o falante-ouvinte não é um usuário de uma gramática autônoma, conforme sugere Chomsky, mas é um indivíduo que faz escolhas comunicativas. Assim, se dispensa uma regra de alta relevância comunicativa, ele o faz para obter algum efeito de sentido de natureza poética, metafórica etc. Por fim, a gramática pode consistir em regras ou estratégias alternativas para o exercício da mesma função ou em funções relativamente similares e, assim, a escolha de uma delas teria consequências comunicativas de pequena importância (Givón, 1979). A interação de regras categóricas com regras variáveis não é absolutamente uma questão de tudo ou nada, mas de gradiência: estratégias comunicativas praticamente imprescindíveis para a eficiência comunicativa tendem a aparecer como regras categóricas, enquanto estratégias cuja violação altera em grau menor a eficiência comunicativa podem aparecer como regras variáveis com frequência tendendo para menos que 100%.

Como se vê, a posição de Givón, favorável ao enquadramento da linguagem como instrumento de interação social, faz parte de uma disputa transcendental em que a linguística contemporânea está engajada por restringir o enfoque da linguagem à competência gramatical ou por expandi-lo em direção da competência comunicativa. De um ponto de vista teórico, essa disputa equivale a encarar a linguagem respectivamente como um objeto formal ou como um objeto funcional.

Ao falar na diferença entre formalismo e funcionalismo, é necessário rejeitar de pronto a ideia de que as línguas não constituem sistemas estruturados com certa continuidade convencional operando na comunidade de fala, que poderia estar presente numa versão ingênua de funcionalismo, que Du Bois (1985) denomina funcionalismo transparente.

As teorias formalistas se enquadram, por seu lado, no arcabouço teórico do que Du Bois (1985) chama de estruturalismo autônomo, baseado no paradigma estruturalista clássico, ou saussuriano. Essa perspectiva restringe severamente a conexão do signo com os fatos positivos do mundo externo, ao considerá-lo governado por forças inteiramente internas e autônomas do sistema linguístico, onde reinam soberanas as oposições entre formas, relações e funções no interior do sistema linguístico.

O estruturalismo autônomo estabelece uma forte distinção entre a linguística interna ou linguística propriamente dita, que é o estudo da língua, e a linguística externa, que abarca um conjunto diversificado de aspectos mais ligados à esfera da fala.

Entende Du Bois (1985) que essa distinção é útil e necessária por apoiar-se nela para mostrar que certos fenômenos podem ser simultaneamente imotivados a partir do ponto de vista sincrônico e motivados a partir de um ponto de vista metagramatical.

Esse segundo ponto de vista trata as gramáticas como sistemas adaptativos, na medida em que são tanto parcialmente autônomos, e daí *sistemas*, e parcialmente suscetíveis a pressões externas ao sistema, e por isso *adaptativos*. Segundo o autor, essa distinção é frutífera apenas se reconhecermos a existência de motivações em competição e o subsequente desenvolvimento de arcabouço teórico para, inicialmente, descrever e analisar a interação das motivações com contextos específicos e, posteriormente, para prever a resolução da competição entre elas.

Em contraste com essa perspectiva, o funcionalismo transparente assume o princípio de que fatores sintáticos aparentemente autônomos constituem, na realidade, os resultados transparentes dos objetivos funcionais do falante, de modo que não é necessário postular nenhum mecanismo sintático arbitrário para a língua. Em outros termos: as únicas forças que governam a sintaxe são as forças positivas da linguística externa, exemplificadas por Du Bois (1985) como mecanismos de processamento de base biológica, intenções do falante etc.

Na medida em que sejam reconhecidos como teorias, o estruturalismo autônomo e o funcionalismo transparente devem ser entendidos como inerentemente opostos e aparentemente irreconciliáveis; entretanto, estudos recentes em gramaticalização (Heine; Claudi; Hünnemeyer, 1991; Traugott; Heine, 1991; Hopper; Traugott, 1993), que têm posto ênfase nas relações entre discurso e gramática, têm tentado integrar parcialmente esses dois enfoques.

A gramaticalização, pelo menos como foi inicialmente entendida, é um processo de mudança de construções relativamente livres no discurso, cuja forma idiossincrática é motivada somente pelos objetivos do falante em função do evento de fala imediato, para construções relativamente fixas na gramática (cf. Hopper; Traugott, 1993). Na visão de Du Bois (1985, p.347), um tratamento adequado do processo de gramaticalização numa teoria que preveja a relação entre discurso e gramática terá que forçosamente reconhecer que, embora a gramaticalização esteja envolvida com influências dos fenômenos do discurso externos ao sistema, a própria noção de gramaticalização implica que essas influências interagem com as da língua em si como um sistema gramatical.

Ainda segundo Du Bois (1985), o grau de preparação de que dispomos para aferir o significado da teoria linguística se dá a partir de uma perspectiva que vê as gramáticas como sistemas adaptativos e que, portanto, reconhece, em primeiro lugar, a interação entre forças internas e externas. Quando as forças que se originam de fenômenos externos penetram no domínio da língua, elas se encontram e interagem com as forças internas. Tais fenômenos, que são reconhecidos como intrinsecamente linguísticos, são vistos, na perspectiva de Du Bois, como forças dinâmicas em vez de estruturas fixas, categorias ou entidades de qualquer tipo.

Quando se diz que a linguagem é adaptativa, na medida em que responde a pressões do contexto externo, deve-se de pronto rejeitar a teoria do estruturalismo autônomo, que é limitada na tentativa de explicar a estruturação da linguagem, ao reconhecer apenas forças motivadoras internas ao sistema. Quando se diz, por outro lado, que a linguagem é um sistema, e que, como tal, tem certo grau de continuidade de existência, deve-se rejeitar o arcabouço teórico do funcionalismo transparente, que falha em explicar o fato de que categorias gramaticalizadas são preservadas, por assim dizer, numa forma reificada mais ou menos congelada. Mais importante ainda que isso talvez, ele falha em construir apropriadamente o aspecto interno mais fundamental da gramática, o processo de gramaticalização em si mesmo.

Como alternativa para as versões rigidamente ortodoxas do estruturalismo autônomo e do funcionalismo transparente, Du Bois (1985) propõe a busca de uma síntese entre os dois arcabouços, um novo marco teórico que seja capaz de lidar com a interação de forças externas e internas, assim como com a resolução sistemática da competição em que elas se envolvem. A tarefa metodológica inicial é construir um arcabouço para uma linguística real da fala, que seja capaz de incorporar as descobertas dos estudos modernos do discurso.

A GF, da escola funcionalista holandesa, que tem em Simon Dik (1989; 1997) seu principal mentor, faz parte do esforço por expansão, o que significa estabelecer uma interface sempre desejável entre a configuração formal, sintática, da linguagem e os subsistemas semântico e pragmático; para tanto, enfoca não só as regras que governam a constituição das expressões linguísticas, isto é, a linguagem de um ponto de vista representacional, mas também, e sobretudo, as que governam os padrões de interação verbal nos quais essas expressões são usadas, ou melhor, a linguagem de um ponto de vista interpessoal.

Desde seu início, a GF tem sido uma teoria pragmaticamente orientada e uma enorme quantidade de pesquisa sobre a gramática de diversos tipos de línguas naturais, desenvolvida dentro de seu arcabouço teórico, tem esse tipo de orientação.

A maior parte da pesquisa em GF foi produzida com base nas publicações de Simon Dik (1989; 1997). Foi com a publicação do segundo volume da Teoria da Gramática Funcional (Dik, 1997) que um texto relevante veio a conter um capítulo específico dedicado ao discurso, focalizando, portanto, unidades linguísticas maiores que a oração. Ocioso dizer que a fala em uso tem sido objeto de estudo sistemático fora do âmbito da GF, em áreas como Linguística do Texto, Análise da Conversação, Sociolinguística Interacional, que produziram um acervo muito significativo de trabalhos sobre o assunto. Alguns dos princípios estabelecidos nesses trabalhos estão incorporados no capítulo final de Dik (1997).

Recentemente, Hengeveld (2004a) projetou uma nova arquitetura para a GF, denominada por ele Gramática Discursivo-Funcional, refinada em Hengeveld e Mackenzie (2008). Essa nova arquitetura acomoda o discurso como uma parte integral e muito significativa do modelo. Apesar disso, é a gramática que interessa ao arquiteto desse novo esboço, uma gramática formalizada que incorpore fenômenos inerentes ao processamento do discurso entre os interlocutores, e não exatamente a elaboração de uma nova proposta de análise do discurso.

2. 2 A construção de uma gramática funcional e formalizada do discurso

Um dos traços mais marcantes da teoria linguística é uma refinada divisão social do trabalho em função da natureza extremamente complexa do objeto de estudo. Tem sido comum nos últimos anos que o estudo da gramática seja dividido entre dois enfoques alternativos, o funcional e formal. Uma questão central no debate entre funcionalistas e formalistas é saber se as gramáticas são autônomas em relação aos fatores externos a ela ou se, ao contrário, devem ser explicadas em termos desses fatores externos. Segundo Butler (2003), essa questão requer um tratamento mais rigoroso, porque em geral é grosseiramente simplificada diante da complexidade dos conceitos de autonomia e explanação funcional.

Entre as razões por que o uso dos termos *formal* e *funcional* não pode ser considerado esclarecedor, principalmente quando aplicado aos dois paradigmas alternativos, está a ambiguidade no uso do termo *formal.* Segundo Newmeyer (1998), ele pode referir-se tanto à forma ou estrutura gramatical em oposição ao significado ou uso, quanto à utilização de um sistema notacional para expressar de modo preciso e exato as observações e as generalizações linguísticas. Nuyts (1992) considera essa segunda acepção para afirmar que qualquer intenção de modelar um objeto requer formalização, traço metodológico que não pode ser, assim, restrito às teorias formalistas, já que também os funcionalistas empregam sistemas matemáticos de notação.

A controvérsia em torno dos termos *formal* e *funcional* acaba por ocultar o fato de que diferenças de formalização não passam de mera questão de grau. Com efeito, alguns modelos funcionalistas, como a Gramática Funcional (*Theory of Functional Grammar*) e a Gramática do Papel e da Referência (*Role and Reference Grammar*), consistem em teorias com um elevado grau de formalismo e explicitude notacional. A diferença real não está na utilização de sistemas notacionais, mas no grau de independência ou de autonomia das relações formais ou gramaticais em relação ao significado e ao uso que os falantes fazem delas no contexto comunicativo. É justamente neste sentido preciso do termo "formal" que a diferença entre as gramáticas formais e as funcionais deixa de ser uma questão relativa para ser uma questão absoluta.

Se, com efeito, a simples consideração de um dos modos como o conceito de autonomia se aplica à linguística – a autonomia da sintaxe –, permite postular que fenômenos sintáticos são essencialmente independentes das funções convencionais de natureza discursiva, pragmática e semântica que esses fenômenos exercem (Croft, 1995).[1]

Croft estabelece ainda uma distinção entre dois aspectos da autonomia que, ao cruzar-se com o sentido de autonomia sintática, abre caminho para adicionar ainda mais confusão ao debate: os conceitos de arbitrariedade e autossuficiência (*self-containedness*). No caso da autonomia da sintaxe, a arbitrariedade representa o fato de que as regras e os elementos sintáticos não poderiam derivar-se de propriedades semânticas ou discursivas, ainda que fossem capazes de predizer corretamente o comportamento sintático; já o conceito de autossuficiência representa o fato de que o subsistema sintático conteria elementos e regras que interagem intimamente entre si sem qualquer tipo de propriedade semântica ou discursiva.

Croft (1995) observa que a autossuficiência é o mais forte dos dois tipos de postulados, na medida em que ele acarreta o de arbitrariedade, e a recíproca não é verdadeira. Mesmo assim, várias combinações logicamente possíveis deriváveis desses dois parâmetros permitem estabelecer diferentes graus de autonomia: seria possível, por exemplo, afirmar que a sintaxe é tanto arbitrária quanto autossuficiente; arbitrária, mas não autossuficiente; ou nem arbitrária nem autossuficiente (Croft, 1995, p.491).

---

[1] Croft (1995) menciona ainda a autonomia da gramática e a autonomia da faculdade de linguagem; a primeira diz respeito ao postulado de que a gramática é essencialmente independente de fatores funcionais externos relativos ao uso da linguagem como um instrumento de comunicação em contextos sociais; a segunda, ao postulado de que a capacidade linguística constitui um módulo que é essencialmente independente de outras capacidades cognitivas.

É exatamente em função dessa ausência de fronteiras discretas entre as possibilidades que postular a não autonomia da sintaxe não implica necessariamente a ausência de formalização sistemática. Por esse motivo, Hengeveld (1999) defende a ideia de que os termos *formalismo* e *funcionalismo*, ainda que geralmente aceitos como designações de diferentes enfoques dentro da linguística, não são inteiramente adequados, já que incorporam dois diferentes tipos de oposição.

A primeira oposição consiste na perspectiva básica adotada pelas teorias linguísticas, mediante a qual a gramática pode ser considerada ou como um sistema estrutural autônomo ou como um instrumento de interação social. Teorias com cada uma dessas duas orientações podem ser chamadas autônomas e funcionais, respectivamente (cf. Hengeveld, 1998).

A segunda oposição é de uma natureza completamente diferente. Algumas teorias linguísticas manifestam o objetivo explícito de construir um sistema de representação formal, enquanto, para outros enfoques, esse objetivo não tem relevância; teorias desse tipo podem ser chamadas de formalizadas e não formalizadas, respectivamente. Como esses parâmetros metateóricos de autonomia e formalização caracterizam teorias linguísticas independentes entre si, eles podem ser perfeitamente combinados, como mostra a Figura 1:

	Formalizada	Não formalizada
Autônoma	A	B
Funcional	C	D

(Hengeveld, 1998)

Figura 1 – Funcionalismo e formalismo: autonomia e formalização

A Figura 1 contém quatro diferentes tipos de teorias linguísticas que podem ser distinguidos com base em duas oposições. O tipo A de teoria, formalizado e autônomo, caracteriza o modelo gerativo. O tipo oposto, D, funcional e não formalizado, pode ser exemplificado por enfoques como os defendidos por Halliday (1985) e

Givón (1990). O tipo B, não formalizado e autônomo, apesar de ser logicamente possível, não parece ter nenhum representante significativo; talvez nele se enquadre o estruturalismo saussuriano. O tipo C, formalizado e funcional, é o enfoque representado pela Teoria de Gramática Funcional (Dik 1989; 1997) e pela Gramática do Papel e da Referência (Foley; Van Valin, 1984).

Contrastando a G(D)F com os tipos vizinhos na Figura 1, as abordagens do tipo A e D, a G(D)F compartilha um traço com cada uma delas, mas também tem um traço de que as demais não dispõem. Com as teorias do tipo D, a G(D)F compartilha a orientação funcional, mas delas difere, na medida em que usa um sistema de representação formal que, por isso, força o linguista a desenvolver sistematicamente a teoria mediante a formulação consistente de hipóteses. Como as teorias do tipo A, a G(D)F usa um sistema formal de representação que a torna universalmente aplicável, mas também difere delas por manter uma orientação funcional.

A G(D)F é um exemplo de teoria do tipo C, isto é, é um modelo comprometido com a orientação funcional com o objetivo explícito de construir um sistema de representação formal. Esse sistema de representação formal, caracterizado pela introdução de variáveis, níveis e módulos de representação, está diretamente envolvido com a necessidade de caracterizar a função comunicativa da linguagem, integrando, portanto, aspectos comunicacionais na própria arquitetura do modelo formal (Hengeveld, 1998). O sistema subjacente à construção das expressões linguísticas é um sistema funcional. Por princípio, deve ser estudado no marco das regras, princípios e estratégias que regem seu uso comunicativo natural (Dik, 1997). Segundo Garcia Velasco (2003, p.62), um dos maiores êxitos do programa dikiano se abriga precisamente no fato de haver sido capaz de integrar considerações funcionais e comunicativas na própria arquitetura do modelo sem renunciar a um alto grau de formalização.

Como os formalistas, os funcionalistas também analisam a estrutura gramatical, mas assumem o compromisso de que ela é em grande medida condicionada por fatores derivados da função primordial da linguagem, a de instrumento de interação social. Nesses termos, pode haver uma correspondência não arbitrária entre forma e função, princípio que é prontamente recusado pelos formalistas que defendem expressamente a autonomia da gramática.

A verdade é que nem mesmo o funcionalista mais radical defenderia a tese de que todos os aspectos sintáticos derivam de aspectos não sintáticos, ou, em outros termos ainda mais radicais, defenderia a tese de que a sintaxe de modo algum teria existência independente do discurso. Nessa perspectiva, que Du Bois (1985) denomina de funcionalismo transparente, pode-se incluir a posição de Garcia (1979), segundo a qual, como a sintaxe não existe por si mesma, as línguas podem ser exaustivamente descritas apenas com referência a princípios comunicativos que subjazem à estrutura do discurso.

Na realidade, o que os funcionalistas defendem é um conceito relativo de não autonomia da sintaxe em relação aos componentes semântico e pragmático, já que reconhecem a existência de fenômenos gramaticais não diretamente deriváveis de aspectos semânticos, pragmáticos ou discursivos.

Givón (1979) defende essa posição moderada ao propor uma retirada estratégica dessa posição extremada, que ele parecia adotar em seu próprio texto, com base no princípio de que há realmente muitos fatos que sustentam a existência de um nível estrutural chamado sintaxe; no entanto, a explicação das propriedades desse nível estrutural requer a referência explanatória a fatores substantivos e não apenas a fatores formais da linguagem.

Por conseguinte, em vez de eliminar um nível independente, formal e autônomo da organização estrutural da linguagem, é preferível estabelecer que a sintaxe é uma entidade dependente, funcionalmente motivada, cujas propriedades formais refletem as propriedades dos parâmetros explanatórios que motivam seu surgimento.

A verdadeira diferença entre formalistas e funcionalistas em relação ao conceito de autonomia se centra, segundo Garcia Velasco (2003), não tanto na autonomia da sintaxe, mas na autonomia da gramática, entendida pelos formalistas como a faculdade de linguagem, existente na mente do falante/ouvinte. A sintaxe é assim autossuficiente no sentido de que abriga princípios independentes, próprios, cuja manifestação física mais evidente é a hipótese de uma faculdade inata de linguagem. Segundo Noonan (1998), isso indica que as categorias gramaticais e suas relações no interior do sistema têm existência independente e anterior à manifestação das expressões linguísticas no contexto de sua produção e justamente por isso podem ser descritas sem referência a esses fatores.

Croft (1995) menciona duas leituras para o conceito de autonomia, a autonomia da sintaxe em relação à semântica e à pragmática, e a autonomia do conhecimento gramatical em relação à orientação social e comunicativa do sistema; como se verá desses dois sentidos relacionados, é possível afirmar que o modelo de Gramática Funcional se encaminha para uma nova concepção da gramática, organizada em módulos, que dá interdependência e, ao mesmo tempo, autonomia aos componentes do Nível Interpessoal ou pragmático, do Nível Representacional ou semântico e do Nível Morfossintático e do Nível Fonológico.

2.3 Níveis e camadas de organização: a Teoria da Gramática Funcional

Como é possível entender um modelo de análise que é, simultaneamente, formal e funcional? Do ponto de vista formal, a GF aplica de modo recursivo a notação lógica tradicional de análise de predicados de um lugar do tipo $(x_i: f\,(x_i))$, em que se lê "um x_i tal que a x_i se aplica a propriedade f", e de predicados de dois lugares uma expressão como $(x_i: f\,(x_i)\,(x_j))$, em que se lê "um x_i tal que x_i tem uma relação f com x_j" (Dik 1989, p.63). Considere, por exemplo, a sentença contida em (2-1).

(2-1) *O garoto esperto estava lendo um livro interessante.*

A GF aplica a (2-1) os esquemas de termo contidos em (2-2), para formar os termos de (2-3), que são, por sua vez, aplicados à predicação; esta, finalmente, representa um estado de coisas, conforme (2-4) sem maiores detalhes formais, como a indicação de operadores de definitude, gênero e número para os nomes e modo-temporal e número-pessoal para os verbos.

(2-2) $\text{garoto}_N\ (x_i)_{\varnothing}$
$\text{livro}_N\ (x_j)_{\varnothing}$
$\text{esperto}_A\ (x_i)_{\varnothing}$
$\text{interessante}_A\ (x_j)_{\varnothing}$
$\text{ler}_V(x_1)_{Ag}\ (x_2)_{Pac}$

(2-3) $(x_i\text{: garoto}_N\ (x_i)_{\varnothing}\text{: esperto}_A\ (x_i)_{\varnothing})$
$(x_j)\ \text{livro}_N\ (x_j)_{\varnothing}\text{: interessante}_A\ (x_j)_{\varnothing})$

(2-4) $\text{ler}_V\ (x_i\text{: garoto}_N\ (x_i)_{\varnothing}\text{: esperto}_A\ (x_i)_{\varnothing})_{Ag})\ (x_j)\ \text{livro}_N\ (x_j)_{\varnothing}\text{: interessante}_A\ (x_j)_{\varnothing})_{Pac})$

Para fazer justiça às propriedades formais e semânticas de orações de um modo tipologicamente adequado, Dik (1989) assume que cada oração deve ser descrita em termos de uma representação subjacente (doravante RS). Essa representação se projeta sobre a forma real da expressão linguística correspondente mediante um sistema de regras de expressão que, por sua vez, determina a forma, a ordem e o padrão entonacional dos constituintes em função do estatuto deles na RS da oração:

REPRESENTAÇÃO SUBJACENTE DA ORAÇÃO
↓
REGRAS DE EXPRESSÃO
↓
EXPRESSÕES LINGUÍSTICAS

(Adaptado de Dik, 1989, p.46)

A RS da oração é uma estrutura abstrata complexa em que se devem distinguir diversos níveis ou camadas de organização formal e semântica, que podem ser representados em (2-5):

(2-5)	ORAÇÃO	→ "ato de fala"
	PROPOSIÇÃO	→ "fato possível"
	PREDICAÇÃO	→ "estado de coisas"
	PREDICADO	→ "propriedade/relação"
	aplicados a TERMOS	→ "entidade/entidades"

(cf. Dik 1989, p.46)

A construção da RS de uma oração requer, em primeiro lugar, um predicado que se aplique a um número apropriado de termos. Predicados designam propriedades ou relações, enquanto termos são usados para referir-se a entidades. Como um exemplo de predicado, considere-se o verbo *dar*. Esse predicado designa uma relação entre quatro entidades nos papéis de doador, de algo dado, de um recebedor e de um local, que são aplicados a quatro termos respectivamente, como por exemplo, *João, o livro, Maria* e *biblioteca*. Quando um predicado se aplica a um conjunto apropriado de termos, o resultado é uma predicação, que pode ser provisoriamente representada em (2-6).

(2-6) dar (João) (o livro) (a Maria) (na biblioteca)

(Adaptado de Dik, 1989, p.48)

A predicação designa um estado de coisas, ou seja, algo que ocorre no mundo real ou que pode ser criado no mundo mental de E (emissor) e de D (destinatário); localiza-se no tempo e no espaço; pode ter certa duração; pode ser visto, ouvido ou percebido de alguma forma. Assim (2-6) pode ser representado como (2-7).

(2-7) Pass [[dar(João)(o livro)(a Maria)] (na biblioteca)]]

(cf. Dik, 1989, p.47)

Um elemento como *Pass* representa um meio gramatical destinado a localizar o estado de coisas em um intervalo de tempo que precede o momento da fala (t_o). Esse elemento é chamado de operador de predicação. Um constituinte como *na biblioteca* representa, por seu lado, um meio lexical para localizar, no espaço, o estado de coisas designado pela predicação. Do ponto de vista da configuração interna, esse constituinte tem uma estrutura de termo. Os termos que são requeridos pela semântica do predicado, como (João), (livro) e (Maria), são denominados argumentos do predicado; os termos que fornecem outras informações, tais como (na livraria), são chamados satélites.

Considere agora a seguinte forma de expressão linguística em (2-8) e a RS correspondente em (2-9):

(2-8) *Pedro viu que João deu o livro a Maria na biblioteca.*

(2-9) Pass [ver(Pedro)(e_i)]
e_i = Pass [[dar(João)(o livro)(a Maria)] (na biblioteca)]

(cf. Dik, 1989,p.47)

A predicação toda representada em (2-8) agora aparece como especificação de um novo estado de coisas, ou seja, como segundo argumento de *ver,* que tem em (Pedro) o primeiro argumento. Predicações desse tipo, que podem ser encaixadas na posição de argumento de predicados hierarquicamente mais altos, são chamadas predicações encaixadas, e a predicação mais alta, predicação matriz.

Considere-se agora uma expressão linguística como (2-10):

(2-10) *Pedro acredita que João deu o livro a Maria na biblioteca.*

Embora a oração subordinada de (2-10) tenha a mesma forma que a de (2-9), seu estatuto semântico é diferente. As coisas em que se pode acreditar não constituem estados de coisas, mas proposições, conteúdos proposicionais ou fatos possíveis. Assim a predicação, que designa um estado de coisas, pode ser construída dentro de uma estrutura de ordem mais alta, a proposição, que designa um conteúdo proposicional, um fato possível. Assim, (2-10) terá a representação contida em (2-11), em que X_i designa uma proposição encaixada:

(2-11) Pass[acreditar(Pedro)(X_i)]
X_i = Pass[[dar(João)(o livro)(a Maria)](na biblioteca)]

(cf. Dik, 1989, p.48)

A análise contida em (2-11) mostra que há um estado de coisas que consiste numa relação de doação entre três entidades representadas por (*João*), (*livro*) e (*Maria*), e que o estado de coisas inteiro está localizado no tempo por um operador de predicação *Passado* e no espaço por um satélite Locativo (*na biblioteca*).

Essas informações são relevantes, mas ainda não dão conta da análise cabal de (2-10), que deve conter também o estatuto pragmático da sentença, determinado pelo ato de fala que ela manifesta, ou pela força ilocucionária de (2-10), que é uma sentença declarativa.

A força ilocucionária se aplica a proposições, não a predicações, já que o objeto de uma declaração, de uma pergunta ou de uma ordem é um conteúdo proposicional e não um estado de coisas, conforme se observa em (2-12), em que DECL indica a forma que deve assumir a força ilocucionária da proposição:

(2-12) DECL(X)
X_i = Pass[[dar(João)(o livro)(ao livreiro)](na livraria)]

(cf. Dik, 1989, p.49)

Uma predicação pode ser construída dentro de uma proposição e esta, por sua vez, pode ser construída dentro de um esquema ilocucionário; o resultado é a RS da oração plena, que designa um ato de fala (nesse caso, um ato de fala declarativo) com respeito à proposição; esta contém uma predicação que é por sua vez construída a partir de um predicado mais um conjunto apropriado de termos.

Até meados de 1980, a estrutura subjacente era monoestratificada, como sugerido em (2-5). Para mostrar recusa por transformações, a RS da oração era dotada de três componentes básicos: constituintes, categorias e funções. Por constituinte, entende-se um item lexical, como nome, por exemplo; por categoria, um sintagma nominal; e por função, relações sintáticas como sujeito, objeto etc. e relações semânticas como agente, paciente etc. Para explicar como seria possível selecionar as funções necessárias para descrever a linguagem, Dik fornece a seguinte estipulação, antecipando, segundo Anstey (2004), em muitos aspectos a filosofia central que percorre a teoria até aqui: "Existem no mínimo tantas funções em uma língua quanto são as diferenças gramaticais (não semânticas) entre cada expressão que não podem ser correlacionadas a diferenças de constituência e/ou categorização" (Dik, 1968, p.176 apud Anstey, 2004, p.28).[2]

Em 1987, inspirado principalmente por Foley e Van Valin (1984), Hengeveld apresenta pela primeira vez uma RS da oração organizada em três camadas. A oração, agora, não é apenas organizada em camadas na perspectiva horizontal, mas ela é também verticalmente organizada, representando, em dois níveis, dois diferentes aspectos da linguagem, o Interpessoal e o Representacional. A Figura 2 é uma ilustração da organização em camadas da estrutura subjacente da oração proposta por Hengeveld (1987), que foi absorvida por Dik (1989).

---

[2] Cf. o original: *"At least so many functions are set up for a language as there are grammatical (not semantic) differences between the linguistic expressions of that language which cannot be correlated to differences in constituency and/or in categorization".*

$(\pi_4 E_1: [(\pi_3 X_1: [(\pi_2 e_1 :[(\pi_1 f_1)\ (x_1)](e_1))]\ (X_1))]\ (E_1))$ oração[3]

$(\pi_3 X_1: [(\pi_2 e_1 : [(\pi_1 f_1)\ (x_1)](e_1))]\ (X_1))$ proposição

$(\pi_2 e_i : [(\pi_1 f_1)\ (x_1)](e_1))$ predicação

$(\pi_1 f_1)\ (x_1)$ predicado

Camada	Variável	Designação	Nível
Oração	(E_1)	Ato de fala	Interpessoal
Proposição	(X_1)	Conteúdo proposicional	
Predicação	(e_1)	Estado de coisas	Representacional
Predicado	(f_1)	Propriedade/relação	
Termo	(x_1)	Indivíduo	

(cf. Hengeveld, 1987)

Figura 2 – A representação dos enunciados na GF

Cada camada na Figura 2 representa diferentes entidades, que podem ser definidas em termos de uma versão estendida da classificação para os tipos de entidades, fornecida por Lyons (1977, p.442-7).

Assim, um predicado (f_1) representa uma entidade de zero ordem, que não tem existência independente, podendo ser avaliada em termos de sua aplicabilidade a outros tipos de entidade. Um termo (x_1) representa um indivíduo, uma entidade de primeira ordem, que pode ser localizada no espaço e pode ser avaliada em termos de sua existência. Uma predicação (e_1) representa um estado de coisas, uma entidade de segunda ordem, que pode ser localizada no tempo e no espaço e pode ser avaliada em termos de sua realidade. Uma proposição (X_1) representa um conteúdo proposicional, uma entidade de terceira ordem, que não pode ser localizada nem no tempo nem no espaço, mas pode ser avaliada em termos de sua verdade. Por fim, a oração (E_1) representa um ato de fala, uma entidade de quarta ordem, que se localiza no tempo e no espaço e pode ser avaliada em termos de suas condições de felicidade (Hengeveld, 1987).

---

[3] A letra grega π representa a inserção de operadores, e os números subscritos, a camada em que são inseridos: da mais externa (de nível 4) para a mais interna (de nível 1).

A estrutura básica da predicação nuclear é determinada pelas possibilidades combinatórias do predicado; uma boa ilustração dessas relações está contida em (2-13), que representa a RS de um predicado trivalente como o verbo *dar*:

(2-13) $\text{dar}_V(x_1\text{: <anim> }(x_1))_{\text{Agente}}\,(x_2)_{\text{Meta}}\,(x_3\text{:<anim>}(x_3))_{\text{Recipiente}}$

(Adaptado de Dik, 1989, p.68)

O esquema de predicado em (2-13) especifica (i) a forma do predicado codificada sob um tipo padrão de representação fonológica e, no caso de não ser necessário esse tipo de detalhamento, convencionou-se uma notação simplificada com o uso da forma escrita do infinitivo, quando se tratar, como é o caso de (2-13), de um predicado verbal. O esquema de predicado inclui a categoria sintática, que é V nesse caso. Além de verbais, a GF reconhece a existência de predicados nominais e adjetivais.[4] Algumas subcategorias, como a de predicado bitransitivo, são inferíveis com base nas propriedades estruturais do predicado em si mesmo como, por exemplo, o predicado *dar* admitir três argumentos.

Outras informações que o esquema de predicado representa dão conta da valência quantitativa e qualitativa. A valência quantitativa, que se refere ao número de argumentos do predicado com base na predicação nuclear, é configurada em (2-13) pelas variáveis x_1, x_2, x_3, que simbolizam as posições argumentais ocupadas por entidades individuais. Distinguem-se, portanto, predicados de zero lugar ou avalentes, predicados de um lugar, ou monovalentes, predicados de dois lugares, ou bivalentes, e predicados de três lugares, ou trivalentes.[5]

---

[4] Os desenvolvimentos mais recentes da GDF reconhecem a necessidade de incluir certos usos das preposições ora na classe dos operadores (preposições gramaticais) ora na classe dos itens lexicais (preposições lexicais); nessa última condição elas atuam como predicados (v. a esse propósito Keizer, 2004b).

[5] Outros autores como Borba (1996) consideram, contudo, que predicados de transferência devem ser categorizados como de quatro lugares ou tetravalentes. Na visão de Dik (1989), todavia, Origem e Direção não constituem necessariamente funções semânticas de constituintes argumentais nesse tipo

A valência qualitativa representa a grade temática do predicado, especificada em (2-13) pelas funções semânticas de Agente, Meta e Recipiente e por restrições selecionais, como a do traço semântico *animado*, que se impõe sobre as funções de Agente e Recipiente.

Os predicados podem ser básicos ou derivados. Predicados derivados são produzidos mediante regras de formação de predicados, que nada mais são senão regras de produtividade do léxico, não exatamente regras de transformação da gramática, como as previstas pela versão padrão da Gramática Gerativa, que são, por princípio, rejeitadas pela GF. Os predicados básicos e derivados constituem o que Dik denomina Fundo no esboço geral do modelo da GF, que aparece na Figura 3 a seguir.

Os vários níveis que constituem a RS consistem na formatação da estrutura da oração, que recebe, no final, uma forma de expressão determinada por regras específicas.

A outra parte do Fundo, que consiste em estruturas de termo, Dik (1989) reserva os seguintes postulados: (i) analisam-se como termos as expressões linguísticas usadas para se referir a entidades de algum mundo; (ii) por termo entende-se não apenas itens simples, como pronomes e nomes próprios, mas também sintagmas nominais complexos como *O livro que João comprou* em sentenças como *O livro que João comprou é uma obra-prima de Machado de Assis*.

Estruturas de predicado e estruturas de termo podem ser consideradas básicas e derivadas. São básicas as estruturas de termo, que representam itens simples, como pronomes e nomes próprios, que somente podem ser usados como termos; entretanto, alega Dik (1989) que a grande maioria das estruturas de termo é derivada por meio de regras produtivas de formação de acordo com o seguinte esquema geral:

(2-14) $('\Omega x_i\,(x_i{:}\ \Phi_1(x_i){:}\ \Phi_2\,(x_i){:}\ \dots :\ \Phi_n\,(x_i))$

(cf. Dik, 1989, p.55)

---

semântico de predicados, mas predicados de movimento, quando requerem um argumento com essas funções semânticas.

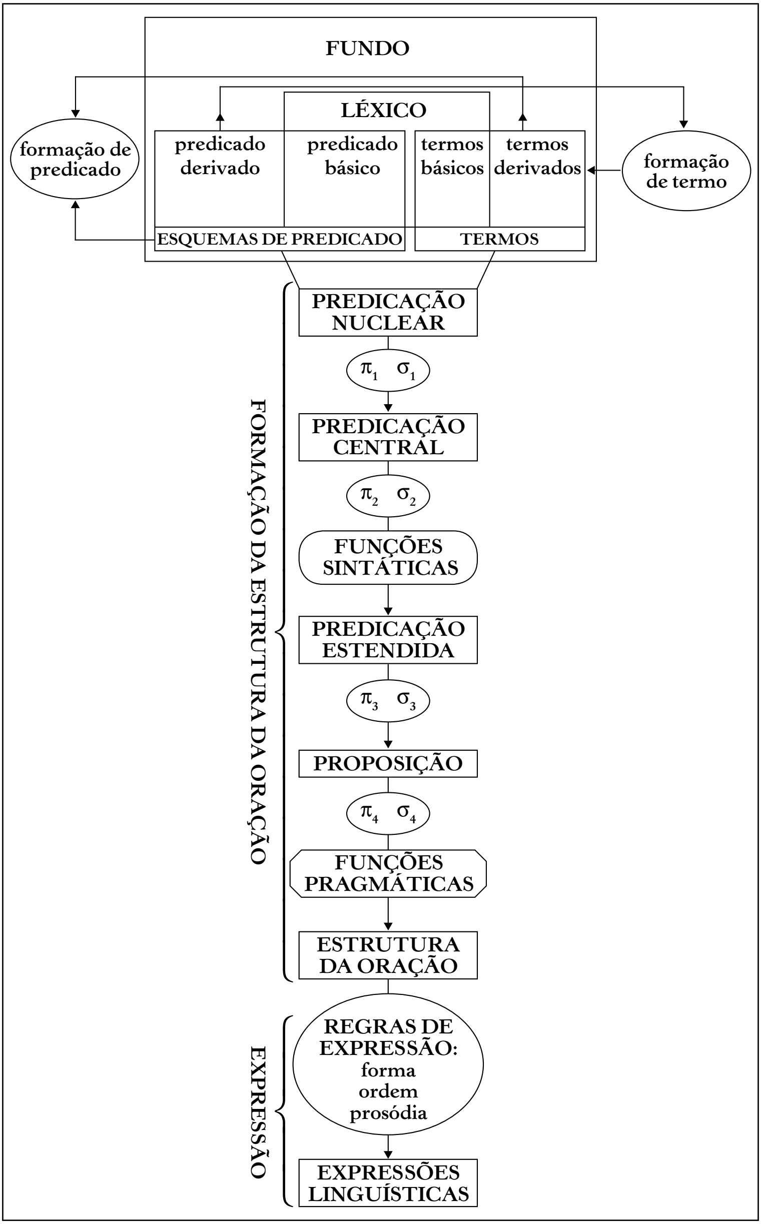
FUNDO
LÉXICO
formação de predicado
predicado derivado
predicado básico
termos básicos
termos derivados
formação de termo
ESQUEMAS DE PREDICADO
TERMOS
PREDICAÇÃO NUCLEAR
π1 σ1
PREDICAÇÃO CENTRAL
π2 σ2
FUNÇÕES SINTÁTICAS
PREDICAÇÃO ESTENDIDA
π3 σ3
PROPOSIÇÃO
π4 σ4
FUNÇÕES PRAGMÁTICAS
ESTRUTURA DA ORAÇÃO
FORMAÇÃO DA ESTRUTURA DA ORAÇÃO
REGRAS DE EXPRESSÃO: forma ordem prosódia
EXPRESSÕES LINGUÍSTICAS
EXPRESSÃO

(Dik, 1989, p.53)

Figura 3 – Esboço do modelo de representação linguística da GF

No esquema em (2-14), Ω representa um ou mais operadores de termos, x_i simboliza o referente pretendido e cada $\Phi_1(x_i)$ representa "uma predicação aberta em x_i", ou seja, um esquema de predicado em que todas as posições, com exceção daquela ocupada por x_i... x_n, tenha sido preenchida por estruturas de termo. Uma predicação aberta funciona como um "restritor" dos valores possíveis que x_i pode ter. Num SN complexo como *o elefante branco que o juiz construiu,* o primeiro restritor é o esquema de predicado para *elefante*; o segundo restritor é o esquema de predicado para *branco* e o terceiro é construído a partir do esquema de predicado de *construir* mediante a inserção das estruturas de termo para *juiz* na primeira posição argumental do predicado verbal e de um pronome relativo na segunda.

Predicados básicos, armazenados no léxico, representam as propriedades e relações mais fundamentais que são passíveis de receber expressão numa língua. Esses predicados, que, juntamente com suas propriedades combinatórias, são codificados nos esquemas de predicado, têm que ser separadamente aprendidos e memorizados para que o falante seja capaz de usá-los. Em razão de limites cognitivos óbvios quanto ao número de predicados básicos que uma língua pode conter, são as regras de formação de predicado que garantem a projeção dessas propriedades/relações básicas num conjunto muito maior de propriedades/relações (Dik, 1997, p.19).

Uma vez que a existência de predicados está condicionada à de estruturas de predicado, as regras de formação permitem derivar produtivamente novas estruturas de predicado a partir das que já existem. Como projetam estruturas de predicado em outras, as regras de formação tomam uma estrutura como *input* e produzem um esquema de predicado como *output*. O fato de qualquer propriedade do *input* ser passível de modificação mediante uma regra de formação de predicado significa que as várias propriedades codificadas no esquema de predicado fornecem uma base natural para distinguir diferentes tipos de processos de formação.

Assim, segundo Dik (1997, p.6), é possível encontrar processos que afetam cada uma das propriedades de um esquema de predicado, como forma, tipo e valência; além disso, uma regra complexa pode afetar diversos traços simultaneamente. Esses processos de formação fornecem uma explicação adequada para modificações na valência quantitativa, traduzíveis como extensão e redução de valência. A extensão de valência envolve, por um lado, os casos em que um predicado intransitivo se transforma num transitivo, como ocorre com a formação comum de predicado causativo. O processo de redução de valência envolve, por outro lado, os casos de incorporação de objeto, redução do primeiro argumento e redução do segundo argumento.

De acordo com Dik, esses processos produzem reflexos evidentes no âmbito da valência qualitativa, já que a alteração de valência quantitativa implica necessariamente alterações das funções semânticas e das restrições de seleção do predicado *input*. Assim, por exemplo, a formação causativa requer o acréscimo de um segundo argumento na função semântica de Causado. Num processo de redução de valência, como o que projeta predicados intransitivos a partir de transitivos, um argumento com função original de Meta (Paciente) pode passar a Processado, no caso de predicado dinâmico e não controlado, ou a Zero, no caso de predicado não dinâmico e não controlado.

Voltando à organização em camadas, vimos que a representação na Figura 1 acima não é mais monoestratificada, embora continue evitando transformações. Ela fornece uma representação separada de um ato de fala (E_1), dentro do qual se comunica um conteúdo proposicional (X_1). O nível mais alto da estrutura é chamado, de acordo com Halliday (1970, p.325), de Nível Interpessoal. Ele é estruturado com mais detalhes em (2-15):

(2-15) $(E_1\ [(ILL\ (S)\ (A)\ (X_1\text{: [-----]}\ (X_1))]\ (E_1))$

A RS é estruturada em (2-15) com base em um predicado ilocucionário abstrato (ILL), que indica o tipo de ato de fala enunciado e que tem o falante (S), o ouvinte (A) e o conteúdo comunicado (X_1) como seus argumentos.

O conteúdo proposicional, por sua vez, a última camada do Nível Interpessoal, contém a descrição de um estado de coisas (e_1) que envolve uma relação entre um predicado (f_1) entre um ou mais indivíduos ($x_1 \ldots x_n$). Essas camadas constituem o nível mais baixo, chamado de Representacional.

Cada uma das unidades relevantes da estrutura da oração pode ainda ser modificada por operadores, que consistem em elementos abstratos representando distinções semânticas e pragmáticas expressas por meios gramaticais e, conforme já mencionado, por satélites, que consistem em distinções semânticas expressas por meios lexicais opcionalmente selecionados. No esquema em (2-16a-b), os operadores são representados por π e os satélites por σ; o número subscrito indica a camada, aqui restrita apenas às do Nível Representacional.

(2-16) a $\pi_3 p_1 : [(\pi_2 e_1 : [(\pi_1 f_1)(x_1)](e_1))](p_1))$

b $(p_1 : [e_1 : [(f_1 : \ldots f_1) : \sigma_1 (f_1)))(x_1)](e_1) : \sigma_2(e_1))](p_1) : \sigma_3 (p_1))$

Os operadores, que fazem parte do sistema gramatical da língua, representam as seguintes distinções semânticas e pragmáticas:

(2-17)	π_4	operadores de ilocução	Estratégia comunicativa do falante (ex.: reforço)
	π_3	operadores de proposição	Validade do conteúdo proposicional (ex.: evidencialidade)
	π_2	operadores de predicação	Cenário do estado de coisas (ex: Tempo, Realidade)
	π_1	operadores de predicado	Mudança na estrutura interna do estado de coisas (ex: aspecto)

(Adaptado de Hengeveld, 1999, p.4)

Todos os tipos de operadores em (2-17) têm funções que são próprias do nível em que operam. Operadores de predicado representam expressões gramaticais que especificam propriedades adicionais do estado de coisas. Muitas expressões aspectuais são capturadas por esse tipo de operador. Operadores de predicação representam expressões gramaticais que especificam o cenário do estado de coisas, cuidando de representar, por exemplo, a expressão de tempo e de aspecto. Operadores de proposição representam expressões gramaticais que especificam a atitude proposicional do falante, como no caso da modalidade evidencial. Por fim, operadores de ilocução representam expressões gramaticais que modificam a força do ato de fala, cuidando, por exemplo, do uso de morfemas de ênfase.

Essa caracterização semântica encontra um reflexo formal no modo como expressões de Tempo/Aspecto/Modalidade (doravante TAM) são realizadas translinguisticamente, com base na generalização tipológica contida em (2-18):

(2-18) Na medida em que as línguas usam uma única e mesma estratégia morfológica para a expressão de operadores, esses são expressos na seguinte ordem em relação ao predicado: $\text{Pred}_V\ \pi_1 > \pi_2 > \pi_3 > \pi_4$ ou $\pi_4 > \pi_3 > \pi_2 > \pi_1\ \text{Pred}$

(Hengeveld, 1999, p.5)

A organização em camadas pode ser comprovada pelas relações de escopo dos operadores e dos satélites. Considere-se a ordem dos morfemas para a mesma sentença no hidatsa e no inglês em (2-19) e (2-20) respectivamente.

(2-19) *Hidatsa*

Pred_V	π_1		π_2	π_3	
Wíra	*i*	*appari*	*ki*	*stao*	*ski*
Árvore	ela	crescer	INGR	PASS	CERT

‘A árvore deve ter começado a crescer’[6]

---

[6] PASS (ado) representa a categoria de tempo; INGR(essivo), a de aspecto; CERT(eza), a de modalidade.

(2-20) *Inglês*

		π_3	π_2	π_1	Pred_V
The	tree	must	have	begun	to grow.
		CERT	PASS	INGR	crescer

'A árvore deve ter começado a crescer'

(Adaptado de Hengeveld, 1999, p.5)

De acordo com o Princípio de Orientação Centrípeta (Dik, 1989, p.401), a ordenação é determinada pela relativa distância que os constituintes mantêm com o núcleo, o que pode produzir uma organização que simula uma imagem ao espelho em torno do núcleo de acordo com o escopo dos constituintes.

Com base nesse princípio, Hengeveld (1989) já propunha que a ordem dos morfemas em torno do núcleo deve refletir as relações de escopo de modo que 1 representa a posição para aspecto e modalidade orientada para o participante, como a facultativa, a posição 2 representa relações de tempo, realis/irrealis e quantificação, enquanto a posição 3 representa evidencialidade. Os exemplos em (2-19) e (2-20) ilustram essas relações de escopo e, por conseguinte, o princípio de que a sentença deve ser organizada em camadas estruturais. A ordem dos satélites da sentença (2-21a) do inglês, um pouco mais rígida que a do português, consiste também num bom exemplo das relações de escopo (2-21b) e numa comprovação a mais da necessidade da organização formal em camadas postulada pela GF:

(2-21) a *She certainly* (σ_3) *danced beautifully* (σ_1) *recently* (σ_3)
b σ_3 predicado σ_1 σ_2

Esses exemplos representam um fenômeno linguístico universal, que foi primeiramente investigado extensivamente por Bybee (1985). A autora notou que, dentro do domínio de expressões de TAM, o Aspecto tende a ser expresso mais próximo do predicado, seguido primeiramente por Tempo e depois por Modalidade. O tratamento desse tipo de operador pela GF fornece uma base formalizada para descobertas como essa mediante a representação da oração por uma organização em camadas.

Importam as funções pragmáticas apenas na medida em que recebam algum tipo de manifestação formal no sistema gramatical da língua em questão, sendo, por isso, passíveis de formalização nos diferentes níveis de representação. Para mencionar um exemplo simples, o português mantém a expressão de um ato ilocucionário exortativo, como em (2-22a), uma sentença mais adequada ao estilo formal e (2-22b) mais adequada ao estilo informal.

(2-22) a *Caminhemos juntos para não nos perder.*
b *Vamos caminhar juntos para não nos perder.*

Essa função, todavia, é formalmente exercida pelo imperativo na 3ª pessoa do plural; nesse caso, teria sentido mencionar o ato de fala exortativo na gramática da língua portuguesa, como, por exemplo, se observa na gramática do tucano; o imperativo é caracterizado pelo acréscimo do sufixo **–ya** em (2-23a), distinguindo esse tipo de ato de fala do exortativo, pelo acréscimo do sufixo **–rû** em (2-23b), e do suplicativo, pelo acréscimo do sufixo **–ma** em (2-23c).

(2-23) a *apê-ya!*
play-IMP.2PL
'Play!'
b *apê-rû*
go-IMP.HORT.1PL
'Let's play!'
c *apê-ma*
play IMP.SUPPL.
'Leave me play!'

Tucano (Ramirez, 1997, p.144-5)

Não há, por outro lado, qualquer marca formal para o suplicativo em português, que, por referir-se apelativamente a uma 2ª pessoa, usa a forma do imperativo e com ele se confunde formalmente.

Não teria sentido, portanto, incluir um o ato de fala suplicativo na gramática do português.

O fato é que, apesar de defender veementemente uma metodologia funcional para o enfoque da linguagem, os adeptos da GF não são, como se vê, refratários a uma formalização dos fenômenos linguísticos. Por causa dessa posição nitidamente intermediária, a GF recebe críticas tanto de formalistas quando de funcionalistas. Os formalistas alegam, por um lado, que a GF não passa de uma variante notacional da Gramática Gerativa; por outro lado, funcionalistas de outras vertentes como Croft (1995) afirmam que a GF está a meio caminho entre o formalismo e o funcionalismo por não reduzir todos os aspectos sintáticos a princípios funcionais com base na preservação de certa autonomia dos níveis pragmático, semântico e sintático.

Há manifestações indubitavelmente programáticas como a que se lê em Dik (1989, p.8), segundo a qual a semântica é instrumental em relação à pragmática, e a sintaxe, em relação à semântica. Sob essa perspectiva, Dik (1989) parece contradizer a análise de Croft (1995), já que não haveria qualquer espaço para uma sintaxe absolutamente autônoma: pelo contrário, na medida em que é possível estabelecer uma divisão clara entre sintaxe e semântica, a sintaxe permite aos indivíduos construir expressões complexas para transmitir significados complexos que permitem aos indivíduos comunicar-se de modo diversificado em situações específicas de interação.

Para dar ainda maior suporte teórico a esses princípios, Dik (1989) adota o conceito de competência comunicativa de Hymes (1972), para marcar posição programaticamente contrária à separação entre competência e desempenho do modelo gerativista. O conhecimento linguístico dos indivíduos inclui não apenas a competência gramatical de gerar e interpretar regras gramaticais, como defendiam os gerativistas adeptos do modelo padrão, mas também a capacidade de utilizá-las de modo eficaz e apropriado em função das convenções da interação verbal. Para Dik (1989), a explicação da competência comunicativa deve basear-se, portanto, em dois sistemas de regras: (i) as que definem a construção das expressões linguísticas, ou componente gramatical; e (ii) as que se centram nas convenções que regem a comunicação ou interação verbal, ou componente pragmático. Como o primeiro é instrumental em relação ao segundo, devem-se explicar as expressões linguísticas com referência ao sistema de interação verbal.

O postulado de que a sintaxe é empregada para expressar aspectos semânticos e pragmáticos dos enunciados, e que, ao menos nesse caso, seu uso é determinado por esses aspectos, não implica necessariamente o postulado de que a sintaxe também não contenha princípios próprios de organização, que são estritamente independentes. Dik (1983, p.75) parece em princípio admitir isso explicitamente ao responder negativamente à questão se toda a propriedade estrutural deve encontrar uma explicação funcional:

> Como ocorre com todos os instrumentos humanos, as exigências funcionais imputadas a uma língua deixam um pouco de tolerância para especificações alternativas de propriedades não funcionais; desenvolvimentos históricos criam inevitavelmente propriedades rudimentares [...]; e conflitos entre diferentes exigências funcionais podem até criar disfuncionalidade em dadas áreas da organização linguística.[7]

De qualquer modo, o objetivo crucial de Dik foi encontrar um modo de deixar a RS desligada de uma sintaxe autônoma. Segundo Anstey (2004, p.35-6), essa abordagem foi bastante inventiva. Primeiramente, Dik omitiu todas as referências a uma estrutura de constituintes da RS, reduzindo-a aos itens lexicais arranjados numa combinação de relações funcionais, isto é, de relações sintáticas, semânticas e pragmáticas. Em segundo lugar, ele inseriu essa informação oculta em três locais separados, empregando três estratégias: (i) mediante a estratégia de individuação, contornou a necessidade de uma estrutura abstrata na RS, como a de um sintagma verbal, atribuindo aos esquemas de predicado estocados no léxico um número específico de posições argumentais, cada qual com uma função semântica; (ii) mediante a estratégia de semanticização, eliminou a necessidade de um SN criando um mecanismo mediante o qual as relações de dependência interna dos componentes do SN são isomorficamente instanciados na estrutura do termo como relações semânticas; (iii) mediante a estratégia de adiamento, a estrutura da oração foi reificada em *templates* (moldes) de ordem de palavras que não licenciam informação estrutural enquanto a RS não estiver completamente especificada com informação funcional.

---

[7] Cf. o original: *"As with all human instruments, the functional requirements put on a language leave quite a bit of leeway for alternative specifications of non-functional properties; historical developments unavoidably create rudimentary properties [...]; and conflicts between different functional requirements may even create dysfunctionality in given areas of linguistic organization"*.

Essas estratégias certamente visavam a criar uma oposição sistemática à teoria gerativa, num momento de forte competição, agora superado, entre os enfoques teóricos, pois, de fato, nem mesmo o funcionalismo mais radical afirmaria que a gramática de uma língua não dispõe de pelo menos alguns elementos arbitrários, que fazem parte de um sistema com certa dose de autossuficiência (Croft, 1995, p.494). Nesse caso, o subsistema sintático apresenta princípios próprios e regras independentes, já que estes não se derivam dos princípios e regras dos outros dois subsistemas nem fazem referência a eles. O que defendia a GF, todavia, é uma redução ao mínimo possível desse tipo de fenômeno linguístico. Nesse caso, com relação à autonomia da sintaxe, há uma diferença profunda entre teorias funcionais, como a GF, e teorias formais, como a gerativista.

Apesar da prioridade metodológica do componente pragmático nos estudos funcionalistas, o principal foco de atenção do modelo na GF é a estrutura da oração simples e da oração complexa. Na realidade, o grande esforço de Dik foi dirigido para a explicação da estrutura gramatical com referência à estrutura semântica e pragmática. Ainda que a abordagem dos fenômenos gramaticais recorresse frequentemente a explicações de natureza discursiva, com vistas ao entendimento de que a linguagem é um instrumento de interação social, parece que era a sintaxe em si o objeto principal, não o discurso, já que a unidade máxima estava confinada ao estudo de construções simples (Dik, 1989) e de construções complexas (Dik, 1997).

Nos casos em que a explicação reduz as regras aos mecanismos formais, a GF dá conta apenas da sintaxe, deixando de lado a prioridade das regras pragmáticas e semânticas, um dos postulados mais caros à GF. Com efeito, diz Dik (1989, p.5) que "o correlato psicológico de uma língua natural é a 'competência comunicativa' do ULN [Usuário de uma Língua Natural] no sentido de Hymes (1972): sua capacidade de estabelecer a interação social por meio da linguagem".[8] Apesar disso, Hymes (1979, p.306) lança a seguinte crítica a Dik: "Seria justo dizer que Dik entende ser preferível que a GF seja um modo de analisar a gramática como meio de comunicação, mas deixa a análise dos fins da comunicação e a ligação entre meios e fins para outros ou para um outro momento".[9]

2.4 O discurso na Gramática Funcional nos anos 1990

Desde o início dos anos 1990, uma parte significativa da pesquisa realizada dentro do arcabouço teórico da Gramática Funcional tem sido dirigida para a expansão da GF de uma gramática da sentença para uma gramática do discurso. Connoly (2004) faz um rápido sumário de como a noção de discurso se desenvolveu a partir de 1997 resultando no modelo de Gramática Discursivo-Funcional recentemente proposto.

A primeira abordagem do discurso descrita em Hengeveld (1997), que Connoly menciona, consiste em tratar o discurso mais como um nível adicional (ou conjunto de níveis) acima da oração. Esse enfoque é conhecido como organização em camadas ascendentes (*upward layering*). Nessa camada adicional, chamada de Retórica, atos de fala são agrupados em Movimentos (*Moves*), que são, por sua vez, organizados num tipo particular de discurso, como a conversação, por exemplo. Um Movimento (*Move*) é realizado por um parágrafo dentro de um monólogo ou por um turno dentro de um diálogo, uma visão de organização do discurso que é, em grande parte, uma retomada do enfoque discursivo de Sinclair e Coulthard (1975), em que atos são agrupados em Movimentos, Movimerntos em trocas, trocas em transações e transações em interações.

---

[8] Cf. o original: *"The psychological correlate of a natural language is the NLU's 'communicative competence' in the sense of Hymes (1972): his hability to carry on social interaction by means of language".*

[9] Cf. o original: *"It might be fair to say that Dik understands FG to be preferable as a way of analysing grammar as communicative means, but leaves the analysis of communicative ends, and the linkage between means and ends, to others, or for another time".*

A primeira reação a essa proposta de Hengeveld (1997) pode ser encontrada no próprio Dik (1997). Como, todavia, *discurso* pode representar tanto o processo quanto o produto da interação comunicativa, em Dik (1997), como produto, o discurso é concebido como um fragmento coerente de língua falada ou escrita, que contém normalmente mais de uma oração e que pode conter um ou mais constituintes extraoracionais.

Já como processo, o discurso é concebido como interação monodialógica ou dialógica com os participantes sendo rotulados como S para Falante (*Speaker*) e A para Ouvinte (*Addressee*).

Para Dik (1997), qualquer processo discursivo pode ser encaixado dentro de um Evento Discursivo, que é um tipo de fenômeno social, caracterizado por diversos aspectos relevantes, como a identidade dos interlocutores e o relacionamento entre eles; o tempo, o lugar e as circunstâncias do discurso; as convenções sociais predominantes que determinam o uso aceitável da língua. O processo discursivo envolve decisões que afetam a construção do texto em desenvolvimento, o que inclui a escolha do gênero e a seleção do estilo.

Conforme o desenvolvimento do discurso, os participantes criam um quadro mental que habilita a interpretação de cada enunciado novo em relação ao discurso precedente e também em relação ao contexto da informação pragmática dos interlocutores derivada da situação discursiva. Dik (1997) denomina esse grau de compartilhamento entre os interlocutores de Modelo do Discurso. Um Modelo de Discurso tem um caráter dinâmico, por estar em processo de mudança contínua em face das necessidades da interação, e um caráter parcial, por nunca ser capaz de incluir toda a informação pragmática relevante.

Dik (1997, p.300-4) afirma que cada oração individual tem uma força ilocucionária básica que deve ser vista como uma instrução codificada mediante a qual o falante tenta modificar a informação pragmática do ouvinte. As forças ilocucionárias – declarativa, interrogativa, imperativa e exclamativa – constituem tipos de atos de fala, cuja identificação depende, em grande medida, da diversidade formal com que podem ser codificados na gramática das línguas naturais. Há outros fenômenos, como tempo e tópico discursivo, que permanecem em sequências inteiras de orações ou mesmo na totalidade da superfície do discurso. Por isso, a manutenção da continuidade tópica implica a criação de cadeias de referência anafórica que se estendem para além das fronteiras da sentença.

Dik (1997) postula que, como um evento discursivo é estruturado em duas camadas, a Interpessoal e a Representacional, o discurso tem uma estrutura essencialmente hierárquica, que pode ser, todavia, rompida, por interrupções, encaixamentos e recorrências. A organização hierárquica disposta em camadas pode ser distinguida tanto dentro do Nível Interpessoal quanto dentro do Nível Representacional. No primeiro, a unidade mais baixa é o ato de fala, que veicula um valor ilocucionário determinado. Unidades desse tipo podem combinar-se para formar sequências mais longas de atos de fala. Num diálogo, por exemplo, sequências de um ou mais atos de fala são organizadas em turnos e a sequência completa de turnos pode constituir o discurso.

Do ponto de vista do Nível Representacional, por outro lado, o discurso se divide em episódios e subepisódios, como, por exemplo, capítulos, seções e parágrafos de um livro. Finalmente, essas unidades são compostas por proposições, que constituem o tipo de unidade discursiva de nível mais baixo dentro desse nível de representação. Dik (1997) admite também que relações retóricas como elaboração e contraste, propostas por Mann e Thompson (1987), deveriam ser acomodadas na abordagem discursiva da GF.

Essa proposta de abordagem discursiva não pareceu, no entanto, ainda suficiente para muitos pesquisadores da GF, que passaram a postular uma separação ainda mais nítida entre gramática e discurso do que a representada pelas propostas de Hengeveld (1997) e Dik (1997), sobretudo em defesa da ideia de que o discurso deveria ser tratado dentro de um módulo separado. Assim, o discurso é considerado por Vet (1998), Bolkestein (1992) e Liedtke (1998) como *módulo pragmático* em oposição ao módulo gramatical; por Kroon (1997) como *módulo do discurso* em oposição ao módulo da sentença, e por Steuten (1998) como *unidade comunicativa* em oposição ao conceito de unidade gramatical.

Kroon (1997) argumenta ainda que a unidade mais baixa na hierarquia do discurso, que ela chama de *ato de discurso*, não é necessariamente equivalente ao que Dik (1997) denomina oração (*Clause*), dado que mesmo os chamados constituintes extraoracionais podem atuar como um ato discursivo. Para Vet (1998) e Steuten (1998), a clara diferença de natureza entre as noções de processo e de produto do discurso, mal encoberta pelo conceito formal de oração, é motivo mais que evidente para um tratamento separado no arcabouço descritivo da GF.

Connoly (2004, p.93) afirma que esse desdobramento ocorreu sob o patrocínio da própria GF, já que a ideia de um arcabouço modular parecia, de qualquer modo, já estar prevista por Dik (1997, p.409). Com o falecimento prematuro desse autor, a incumbência de desenvolver uma organização modular ficou destinada a seu discípulo mais brilhante, Kees Hengeveld, que lançou as bases de uma nova arquitetura para a GF, assunto que será discutido a seguir.

2.5 Uma nova arquitetura: a Gramática Discursivo-Funcional

2.5.1 Uma organização modular descendente

Hengeveld (2004a) retorna ao cenário, procurando assimilar aspectos positivos das diferentes propostas. Segundo o autor, há diversas razões por que a GF deveria expandir-se da sentença para o discurso. Há, em primeiro lugar, muitos fenômenos linguísticos que podem ser explicados somente em termos de unidades maiores que a sentença individual: partículas discursivas, cadeias anafóricas, formas verbais narrativas e muitos outros aspectos da gramática requerem uma análise que leve em conta contextos linguísticos maiores. O exemplo (2-14) mostra um caso de narrativa em que a partícula *ine* no final de uma sentença é sempre retomada na sentença seguinte com a nítida função de dar continuidade ao discurso.

(2-14) *Tidore* (Van Standen, 2000, p.275 apud Hengeveld, 2004c)

turus	*jafa*	*cahi*	*saloi*	*ena=ge*
then	Jafa	carry.on.the.back	basket	3.NH=there

turus	*ena=ge*	*paka*	*ine*
then	3.NH=there	ascend	upwards

ine	*una*	*oka*	*koi*
upwards	3.SG.M.	pick	banana

'... then Jafa carried the saloi and went upwards. Went upwards he picked the banana'

Há, em segundo lugar, muitas expressões linguísticas menores que a sentença individual, que, todavia, funcionam como enunciados completos e independentes, como frases holofrásticas, exclamações e vocativos, mostrados respectivamente em (2-15a), (2-15b) e (2-15c). Esses fenômenos requerem uma concepção de enunciados como atos discursivos e não como sentenças (Mackenzie, 1998).

(2-15) a *(O que você comprou?) Uma camisa.*
b *Parabéns!*
c *Oh, Maria!*

Hannay e Bolkestein (1998) argumentam que as propostas até então dirigidas à expansão da GF para uma gramática do discurso representavam duas diferentes abordagens. Na primeira abordagem, o nível do discurso é coberto por camadas adicionais hierarquicamente superordenadas. Na segunda abordagem, o nível do discurso é manipulado por um componente separado, ligado ao gramatical mediante uma relação de interface.

Hengeveld (2004a) defende a ideia de que um modelo adequado de gramática do discurso requer a integração dessas duas abordagens, postulando a necessidade de não apenas reconhecer vários níveis de análise, mas também de aplicar uma organização em camadas que se estenda ao nível do discurso. Assim, o modelo de GDF, que o autor apresenta, é tanto modular quanto hierárquico e, além do mais, passa a operar de cima para baixo (*top-down*), significando que as decisões nos níveis e nas camadas superiores determinam e restringem as possibilidades nos níveis e camadas inferiores.

O autor postula ainda que um modelo de gramática é tanto mais efetivo quanto mais sua organização se assemelhar ao processamento linguístico no indivíduo; assim, como a produção começa com as intenções comunicativas procedendo em direção descendente até chegar à articulação da expressão linguística, o modelo de produção gramatical deve refletir esse modo de processamento. É por essa razão que a organização é descendente, partindo da unidade de nível superior, o discurso, até chegar às unidades de nível inferior, unidades de expressão, conforme exposto na Figura 3, que também mostra a organização geral da GDF.

Um parêntese necessário. A elaboração, com suas idas e vindas, da Teoria da Gramática Funcional remonta, como se viu, à década de 1970. É interessante verificar que, em seu estágio atual, os pressupostos teóricos dos seguidores da tradição iniciada por Dik convergem, em grande parte, com os mesmos que os pesquisadores do Projeto de Gramática do Português Falado (doravante PGPF) (cf. Castilho, 2006) constituíram às custas de um processo de convergência parecido com o de montar um carro enquanto ele está em marcha.

O principal ponto de convergência foi justamente a organização da gramática. Em sua primeira versão, a ordem de apresentação dos capítulos mostrava o perfil de abordagem tradicional, com um capítulo inovador. Esse plano, que me furto de mencionar em sua totalidade aqui, apresenta uma Introdução com alguns pressupostos teóricos e uma separação em 4 partes, 1. Fonologia; 2. Classes de palavras e morfologia derivacional; 3. Morfologia flexional; 4. Relações gramaticais; 5. Organização textual-interativa. É ocioso dizer que o capítulo inovador era o quinto.

Essa organização refletia um posicionamento teórico claramente tradicional, com os constituintes mais visíveis do sistema linguístico, as categorias textual-interativas, estrategicamente inseridas no final, e os constituintes menores, construtores, como sintagmas, morfemas e fonemas, inseridos no início da gramática.

O ápice do aludido processo de convergência foi finalmente atingido com uma discussão em torno dos pressupostos teórico-metodológicos, realizada no VII Seminário de 1993. Chegou-se ao consenso de que passariam a representar o trabalho do grupo como um todo os seguintes pressupostos comuns:

> 1. A concepção de linguagem como uma atividade, uma forma de ação, a verbal, que não pode ser estudada sem se considerar suas principais condições de efetivação.
> 2. A pressuposição de que, na contingência da efetivação da atividade linguística do falante/ouvinte (i. e., na produção e recepção de textos), temos a manifestação de uma competência comunicativa, caracterizável a partir de regularidades que evidenciam um sistema de desempenho linguístico constituído de vários subsistemas.
> 3. A pressuposição de que cada um desses subsistemas constituintes do sistema de desempenho linguístico (o discursivo, o semântico, o morfossintático, o fonológico...) é caracterizável em termos de "regularidades" definíveis em função de sua respectiva natureza.
> 4. A pressuposição de que um dos subsistemas constituintes desse sistema de desempenho linguístico é o subsistema computacional (entendido como uma noção mais ampla que a noção chomskiana

> de língua I), definível em termos de regras e/ou princípios envolvidos na organização morfossintática e fonológica dos enunciados que se articulam na elaboração de qualquer texto.
>
> 5. A pressuposição de que o texto é o lugar onde é possível identificar as pistas indicadoras das regularidades que caracterizam o referido sistema de desempenho linguístico. (Nascimento, 1993 apud Abaurre; Rodrigues, 2002, p.12-3)

É interessante destacar nesse conjunto a pressuposição de que é o texto o lugar de identificação possível de pistas indicadoras das regularidades que caracterizam a atividade linguística do falante. Essas regularidades não se limitam aos componentes estruturais, tradicionalmente estabelecidos, que compõem o que se denomina "núcleo duro" da linguística, como a fonologia, a morfologia e a sintaxe. Na verdade, o PGPF passou a endossar as descobertas do GT Organização Textual-Interativa, o que significou abandonar as dicotomias tradicionais, como língua-fala e competência-desempenho em nome da linguagem em uso no contexto social de sua produção. Desse novo posicionamento em relação à linguagem resultou um plano totalmente inovador para a Gramática, em que o primeiro volume, já publicado (Jubran; Koch, 2006), trata da Construção do Texto Falado; o segundo volume, também já publicado (Neves; Ilari, 2008), trata das Classes de Palavras e Processos de Construções. O terceiro volume vai tratar da Construção da Sentença; o quarto, da Construção Morfológica da Palavra e, finalmente, o quinto, da Construção fonológica da palavra

Comparando esta com a primeira organização, vemos uma diferença formal que representa um surpreendente salto teórico. Os pesquisadores do PGPF reconheceram na prática a necessidade de formular uma gramática cujo ponto de partida seja seu componente estrutural de maior escopo, o texto e suas relações com a situação discursiva, para chegar a constituintes progressivamente menores da organização linguística. Essa descoberta, já consolidada na prática, só a partir de 2004 recebeu pleno reconhecimento teórico da Teoria da Gramática Funcional, na nova arquitetura projetada por

Henvegeld (2004a), que passou a denominar Gramática Discursivo-Funcional, consolidada em Hengeveld e Mackenzie (2008).

Fechado o parêntese, podemos retomar a arquitetura geral da GDF, num formato nitidamente *top-down*. Hengeveld e Mackenzie (2008) reconhecem a necessidade de uma gramática organizada em quatro níveis, conforme se vê na Figura 4.

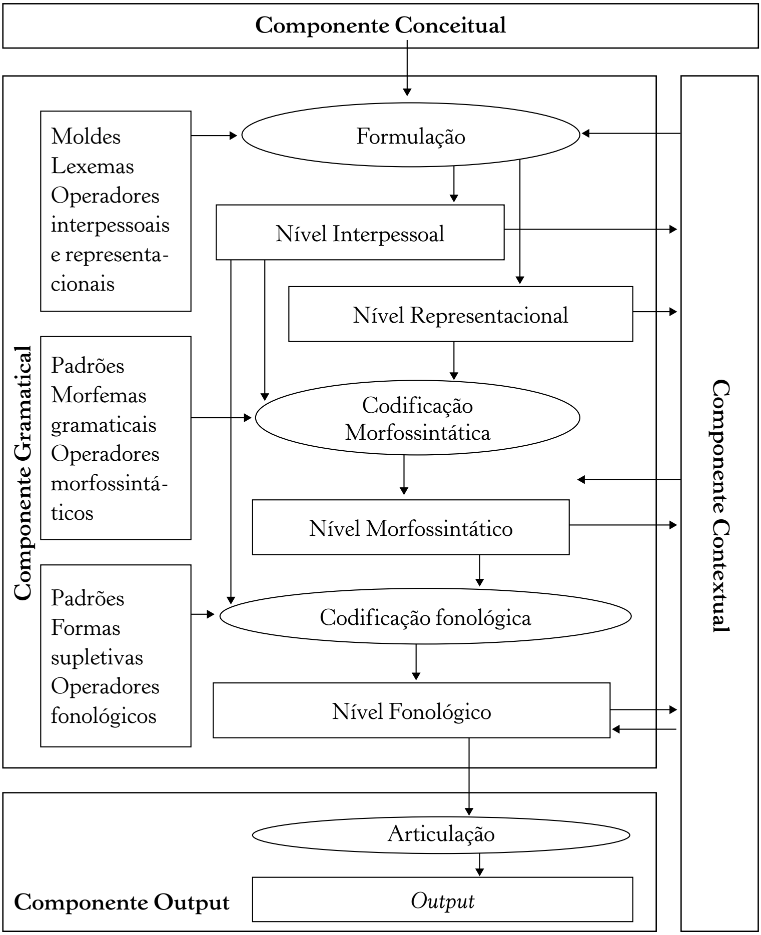
Componente Conceitual
Moldes
Lexemas
Operadores
interpessoais
e representa-
cionais
Formulação
Nível Interpessoal
Nível Representacional
Componente Gramatical
Padrões
Morfemas
gramaticais
Operadores
morfossintá-
ticos
Codificação
Morfossintática
Componente Contextual
Nível Morfossintático
Padrões
Formas
supletivas
Operadores
fonológicos
Codificação fonológica
Nível Fonológico
Articulação
Componente Output
Output

(cf. Hengeveld, 2008, p.13)

Figura 4 – Arcabouço geral da GDF

Cada nível – Interpessoal, Representacional, Morfossintático e Fonológico – é concebido como um módulo separado e internamente organizado em camadas. Agindo assim, Hengeveld (2004b) e Hengeveld e Mackenzie (2008) combinam os melhores aspectos das abordagens anteriores.

Outro avanço importante é o reconhecimento de um Componente Contextual e um Componente Conceitual, que contêm elementos essenciais do contexto com o qual os três módulos interagem. O Componente Gramatical é conectado ao Conceitual, ao Contextual e ao componente de expressão (*output*). Assim, representações morfossintáticas e fonológicas representam níveis separados dentro do componente gramatical em vez de constituírem apenas parte do *output* da gramática, como era previsto no modelo *standard* em Dik (1989). Agora, o componente *output* do sistema ficou circunscrito somente à articulação fonética.

Um argumento convincente para justificar a necessidade de um sistema modular com quatro níveis de representação é que é possível fazer referência anafórica, em dois diferentes turnos conversacionais, não apenas a entidades referenciais, como em (2-17), mas também a atos de fala, como em (2-16), à forma de sintagmas nominais, como (2-18), e à própria expressão fonológica, como (2-19).

(2-16) A. *Saia daqui já!*
B. *Não me fale assim!*
Nível Interpessoal (Pragmática)

(2-17) A. *Há muitos sinais de trânsito nesta cidade.*
B. *Eu não havia notado isso.*
Nível Representacional (Semântico)

(2-18) A. *Eu comi "lamb chop" ontem à noite.*
B. *É assim que você diz "costela de carneiro" em inglês?*
Nível Morfossintático (Estrutural)

(2-19) A. *Eu comi uma /pa'eλa / ontem à noite.*
B. *Isso não seria /pa'eya /?*
Nível Fonológico (Fonologia)

(Adaptado de Hengeveld, 2004c)

Todos os níveis têm uma natureza puramente linguística no sentido estrito de que descrevem a linguagem com base nas funções que ela permite exercer, mas somente na medida em que essas funções são codificadas na gramática das línguas particulares; nesses termos, a GDF é, portanto, o componente gramatical de uma teoria mais abrangente da interação verbal.

Como mostra a Figura 3, os fenômenos em que a estrutura linguística é determinada pela interação verbal são capturados como uma interação entre o Componente Gramatical e um Componente Conceitual, um Contextual e um componente terminal (*output*). Dentro do próprio Componente Gramatical, as elipses contêm operações, os quadrados contêm primitivos, isto é, os blocos construtores básicos usados nas operações, e os retângulos contêm os níveis de representação produzidos pelas operações.

O Componente Conceitual pré-linguístico dá igual relevância tanto a uma intenção comunicativa, como, por exemplo, fazer uma advertência, quanto à representação mental correspondente, como, por exemplo, a de um evento causador de perigo. A operação de formulação converte essas representações conceituais em representações pragmáticas (no Nível Interpessoal) e semânticas (no Nível Representacional) que, por sua vez, são traduzidas em representações morfossintáticas e fonológicas mediante a operação de codificação.

Tanto as regras usadas na formulação quanto as usadas na codificação são fenômenos inerentes a línguas particulares, não constituindo, portanto, fenômenos universais. A principal consequência desse princípio é que representações conceituais similares podem aparecer sob a forma de diferentes representações pragmáticas e semânticas em diferentes línguas.

Um exemplo claro dessa diversidade na codificação são os atos de advertência, que, em algumas línguas, recebem uma codificação gramatical própria, constituindo, portanto, um ato de fala distinto, enquanto em outras podem ter a mesma codificação de diretivos. Em português, formular um ato de advertência implica uma extensão da forma gramatical imperativa, usada tanto para diretivos quanto para proibitivos, conforme se vê em (2-20), enquanto o tucano dispõe de uma forma gramatical própria para o imperativo, usado em atos diretivos, e outra para o admoestativo, conforme se vê em (2-21).

(2-20) a *Chegando na casa de sua avó, comporte-se bem, senão...*

b *Faça sua lição já!*

Tucano (Ramirez, 1997, p.145)

(2-21) a *apê-**ya**!*

play-IMP.2PL

'Play!'

b

ape	*masa*	*tɨro*	*ehâ-gɨ*	*ãyuró*	*wee-**ápa**!*
Another	people	near	arrive-IMPL	well	do-IMP.ADM

'When you arrive (in the house of) another people, behave yourself' (take care of to do well)

O *output* do Componente Gramatical opera como *input* para a operação de articulação, que, no caso mais comum de expressão, a acústica, contém as regras fonológicas necessárias para um enunciado fonético adequado. Ademais, cada nível dentro do componente gramatical se alimenta do Componente Contextual, que habilita o processo de Referência subsequente a vários tipos de entidade relevantes em cada nível, tão logo sejam eles introduzidos no discurso, conforme demonstrado acima (ver exemplos 2-16 a 2-19). O processo de formulação se apoia nesse componente de modo tal que a disponibilidade de antecedentes e referentes visíveis pode influenciar a composição dos atos discursivos subsequentes.

A Figura 3 especifica também os vários conjuntos de primitivos que alimentam a operação de formulação e a codificação morfossintática e fonológica.

Em primeiro lugar, os esquemas (*frames*) definem as combinações possíveis de elementos nos Níveis Interpessoal e Representacional que são relevantes para a operação de formulação.

Em segundo lugar, o conjunto dos primitivos contém lexemas. Enquanto, na versão anterior, esquemas de predicado são concebidos como elementos diretamente associados ao lexema correspondente, na nova versão, os esquemas são selecionados antes da inserção de lexemas, refletindo as opções disponíveis ao falante para descrever a mesma entidade mediante uma variedade de lexemas com diferentes conotações e/ou denotações.

Em terceiro lugar, esse conjunto de primitivos contém operadores primários, que simbolizam as distinções pragmáticas e semânticas na língua em questão, como, por exemplo, identificabilidade e modalidade, respectivamente.

Todos os níveis da organização na GDF mantêm uma natureza hierárquica e uma organização em camadas, já postulada pela versão anterior da GF, embora a orientação descendente, agora implementada, procure representar mais adequadamente o processamento. Em sua forma máxima, a estrutura geral das camadas dentro dos níveis tem a configuração abstrata contida em (2-22).

(2-22) $(\pi\ v_1\ [\text{head}]\ (v_1)_\Phi]:\ [\sigma\ (v_1)_\Phi])_\Phi$

(Hengeveld; Mackenzie, 2008, p.14)

Em (2-22), v_1 representa a variável da camada relevante, que é restringida por um possível núcleo complexo e posteriormente especificada por um ou mais modificadores σ, e/ou é posteriormente especificada por um operador π e/ou uma função φ. Modificadores representam estratégias lexicais; já operadores e funções, estratégias gramaticais. A diferença entre estes dois é que somente as funções são categorias relacionais.

2.5.2 Níveis e camadas de organização

O Nível Interpessoal representa os aspectos formais que refletem o papel de uma unidade linguística na interação entre falante e ouvinte. O propósito da interação implica que cada falante emprega uma estratégia, de modo mais ou menos consciente, para atingir seus objetivos comunicativos. Na formulação, o Nível Interpessoal abriga o modo como essa estratégia é realizada em relação tanto aos propósitos do falante quanto ao estado mental corrente do ouvinte. O Nível Interpessoal contém unidades de discurso que são, por sua vez, hierarquicamente organizadas de acordo com a arquitetura global da GDF, como mostra (2-23).

A camada mais alta na hierarquia – o Movimento (*Move*) – constitui uma unidade autônoma de discurso com o efeito perlocucionário de provocar uma reação. Ele descreve um segmento inteiro com as várias camadas inferiores que, por seu lado, contêm componentes desse segmento, uma hierarquia que representa a sequência das ações linguísticas: um Movimento (M) pode consistir em diversos Atos Discursivos temporalmente ordenados. Um Ato Discursivo (A) pode conter diversos Conteúdos Comunicados (C) também cronologicamente ordenados, incluindo, por seu lado, múltiplos Subatos de Atribuição (*Ascription*) (T) e de Referência (*Reference*) (R).

(2-23)

$(\Pi\ M_1\text{: [}$	Movimento
$\quad(\Pi\ A_1\text{: [}$	Ato Discursivo
$\qquad(\Pi\ (F_1\text{: ILL }(F_1)\ \Sigma\ (F_1))$	Ilocução
$\qquad\quad(\Pi\ (P_1\text{: ... }(P_1)\text{: }\Sigma\ (P))_S$	Falante
$\qquad\quad(\Pi\ (P_1\text{: ... }(P_1)\text{: }\Sigma\ (P))_A$	Ouvinte
$\qquad\quad(\Pi\ (C_1\text{: [}$	Conteúdo Comunicado
$\qquad\qquad(\Pi\ T_1\text{:[...] }(T_1)\text{: }\Sigma\ (T_1))_{\varnothing}$	Subato Atributivo
$\qquad\qquad(\Pi\ T_1\text{:[...] }(R_1)\text{: }\Sigma\ (R_1))_{\varnothing}$	Subato Referencial
$\qquad\quad]\ (C_1)\text{: }\Sigma\ (C_1))_{\varnothing}$	Conteúdo Comunicado
$\qquad]\ (A_1)\text{: }\Sigma\ (A_1))_{\varnothing}$	Ato Discursivo
$\quad]\ (M_1)\text{: }\Sigma\ (M_1))$	Movimento

(Adaptado de Hengeveld; Mackenzie, 2008, p.49)

Para dar um exemplo simples, o posicionamento de um Ato Discursivo antes ou depois de outro estrategicamente mais central determina se ele deve ser entendido como uma Orientação ou como um Adendo nos exemplos (2-24a) e (2-24b), respectivamente (cf. Hengeveld; Mackenzie, 2006).

(2-24) a *antigamente os cinemas... o ambiente era outro* (DID-SP-234)
b *mas chego e já apronto o outro para ir para a escola... o menorzinho* (D2-SP-360)

Embora Hengeveld (2004a) preveja a existência de unidades discursivas superiores, o limite para a análise gramatical no Nível Interpessoal é o Movimento, caracterizado como a maior unidade de interação relevante. É possível defini-lo como uma contribuição autônoma para a interação em curso: ele tanto pode requerer uma reação quanto pode ser ele mesmo uma reação. A complexidade do Movimento pode variar muito, do silêncio significativo até um longo fragmento discursivo. Sempre que algum material linguístico estiver envolvido, o Movimento incluirá um ou mais Atos Discursivos; Mackenzie (2004b) sugere que a sentença (2-25) contém três atos discursivos dentro do mesmo Movimento.

(2-25) *Ai meu Deus, 'tá em chamas, meu cabelo!*

(Adaptado de Mackenzie, 2004b, p.183)

Esse enunciado reflete um Movimento em que se manifestam três contornos entonacionais prováveis, cada qual com uma sílaba tônica (*Deus*, *chamas* e *cabelo*, respectivamente). O Movimento pode ser visto como uma sequência de três atos discursivos que refletem naturalmente a sucessão de eventos cognitivos, como choque, percepção e identificação. O autor sugere a representação (2-26) em que a enumeração dos atos corresponde à sequência deles na cognição:

(2-26) $(M_1: [(A_1) (A_2) (A_3)])$

(Mackenzie, 2004b, p.184)

A representação de um Ato Discursivo exibe somente os componentes que foram atualizados pelo Falante, ou seja, minimamente, uma força ilocucionária (F_1) e os participantes do ato de fala $(P_1)_S$ e $(P_2)_A$. Assim, o mesmo enunciado contido em (2-27) pode receber diferentes estruturas subjacentes no Nível Interpessoal, conforme as leituras que sobressaem do contexto da interação, ou seja, ordem ou pedido.

(2-27) *Um café!*

Como, todavia, o Ato Discursivo representa apenas os aspectos que recebem codificação gramatical, cada valor ilocucionário é representado por um operador, e o ato discursivo recebe uma única codificação gramatical em português, que é o ato de fala imperativo, conforme se vê em (2-28).

(2-28) a $(M_1$: [(Ordem A_1: [IMP $(P_1)_S$ $(P_2)_A$ $(C_1$: [um café] $(C_1))]$ $(A_1))]$ $(M_1))$
b $(M_1$: [(Pedido A_1: [IMP $(P_1)_S$ $(P_2)_A$ $(C_1$: [um café] $(C_1))]$ $(A_1))]$ $(M_1))$

(Adaptado de Mackenzie, 1998, p.227)

A terceira camada do esquema ilocucionário é o Conteúdo Comunicado (C), que é constituído por Subatos Referenciais (R) e Subatos Atributivos (A). A introdução da variável C permite agora distinguir a informação comunicada em um ato discursivo (A) e o tipo de entidade a que se faz referência (R) na interação, já que formalizam a função comunicativa do falante. Essas duas entidades se realizam por níveis diferentes e independentes entre si – o Interpessoal e o Representacional. Qualquer tipo de entidade pode representar ora um referente ora um predicado, conforme se observa no exemplo (2-29).

(2-29) a *Ele viu a criança.* $(R_1: (x_1)\ (R_1))$
b *Ele viu a criança fazendo um desenho.* $(R_1: (e_1)\ (R_1))$

(Garcia Velasco; Hengeveld, 2002, p.110)

O sintagma nominal *a criança* em (2-29a) constitui um Subato Referencial (R) construído a partir da designação de um indivíduo (x), enquanto em (2-29b) é um estado de coisas (e) que contribui para a caracterização de uma entidade referencial (R).

Um exemplo final dá uma visão simplificada da operação do Nível Interpessoal; o Movimento contido em (2-30a) é representado como (2-30b), em que um ato ilocutivo segue um ato interpelativo.

(2-30) a *Ei, você perdeu a carteira!*
b $(M_I$: [
$(A_I$: $[(F_I$: ei $(F_I))$ $(P_I)_S$ $(P_J)_A]$ $(A_I))$
$(A_J$: $[(F_J$: DECL $(F_J))$ $(P_I)_S$ $(P_J)_A$ $(C_I$: $[(R_I)$ (T_I) $(R_J]$
$(C_I))]$ $(A_J))]$ $(M_I))$

(Adaptado de Hengeveld; Mackenzie, 2006)

O Nível Representacional representa os aspectos formais de uma unidade linguística que refletem o papel dela no estabelecimento de uma relação com o mundo real ou imaginado por ela descrito e, desse modo, refere-se mais a uma designação, do que a uma evocação, própria do Nível Interpessoal. O Nível Representacional abriga em categorias formais os aspectos semânticos das unidades linguísticas; em termos formais, as unidades semânticas mediante as quais esse nível atua são organizadas hierarquicamente, de acordo com a arquitetura geral da GDF; pode-se afirmar que as categorias desse nível, que recebem a notação formal contida em (2-31), permanecem praticamente intocáveis desde as versões anteriores da GF.

Deve-se notar, entretanto, que a variável (p), que representa o conteúdo proposicional, constituía a camada superior do Nível Representacional no modelo anterior de oração proposta por Hengeveld (1989), assumida também por Dik (1989), e a notação atribuída era a de um X maiúsculo, conforme mostrado na Figura 2. No entanto, a introdução da variável (C) para conteúdo comunicado no Nível Interpessoal permitiu o deslocamento da variável (p) para o Nível Representacional. Esse nível, construído a partir da inserção de predicados do léxico, representados pela variável (f), que se combinam com entidades referenciais, representadas por (x), permite a expressão de estados de coisas.

(2-31)

$(\pi\ p_1:$	Conteúdo Proposicional
$\quad(\pi\ ep_1:$	Episódio
$\quad\quad(\pi\ e_1:$	Estado de Coisas
$\quad\quad\quad[(\pi\ f_1:\ [$	Propriedade Configuracional
$\quad\quad\quad\quad(\pi\ (v_1: \blacklozenge\ (v_1): [\sigma\ (v_1)_{\Phi}])$	Qualquer categoria semântica
$\quad\quad\quad\quad...$	...
$\quad\quad\quad]\ (f_1: \sigma\ (f_1)_{\Phi}])$	Propriedade Configuracional
$\quad\quad(e_1)_{\Phi}] : (\sigma\ (e_1)_{\Phi}])$	Estado de Coisas
$\quad(ep_1) : [\sigma\ (ep_1)_{\Phi}])$	Episódio
$(p_1): [\sigma\ (p_1)_{\Phi}])$	Conteúdo Proposicional

(Adaptado de Hengeveld; Mackenzie, 2008, p.142)

Na versão mais atualizada da GDF, Mackenzie e Hengeveld (2008) acrescentam as variáveis (l) (t), (m), (r) e (q) para Lugar, Tempo, Modo, Razão e Quantidade, respectivamente, em adição às variáveis (f) e (x), para propriedade e indivíduo, que já existiam antes. As reticências no esquema contido em (2-31) indicam a posição para esses outros tipos de entidades. As diferenças entre as unidades podem ser feitas em termos da categoria ontológica que elas designam. Na medida em que categorias ontológicas têm um reflexo no sistema linguístico, elas adquirem o estatuto de categorias semânticas, cada qual com sua própria variável (Hengeveld; Mackenzie, 2008).

Conteúdos Proposicionais (p), as unidades mais altas do Nível Representacional, representam construtos mentais, como conhecimento, crenças e esperanças. Podem ser factuais, quando eles representam conhecimentos ou crenças racionais acerca do mundo real, ou não factuais, quando envolvem esperanças ou desejos em relação ao mundo imaginário. Em função de sua natureza, uma característica dos conteúdos proposicionais é que eles podem ser qualificados em termos de atitudes proposicionais (certeza, dúvida e descrença) e/ou em termos de suas fontes ou origens (conhecimento comum compartilhado, evidência sensorial e inferência).

Os Conteúdos Proposicionais contêm Episódios (ep) que constituem, por sua vez, conjuntos de Estados de Coisas; como tais, são tematicamente coerentes por revelarem unidade ou continuidade de Tempo, Locação e Indivíduos. Em diversas línguas a categoria semântica (ep) se manifesta no próprio sistema gramatical como, por exemplo, as que dispõem de ligação Tail-Head. No entanto, mesmo línguas como o português dispõem de uma série de formas verbais não finitas concatenadas como uma narrativa dentro de um discurso maior, que podem funcionar como um (ep).

Estados de Coisas (e), que incluem eventos e estados, se caracterizam por serem localizáveis no tempo e serem avaliáveis em termos de seu estatuto real. Um estado de coisas é caracterizado por uma Propriedade Configuracional (f), que é composicional por natureza e contém uma combinação de categorias semânticas sem relação hierárquica entre si. Essas categorias semânticas de tipos variados podem incluir indivíduos (x), consistindo em objetos concretos que podem ser localizados no espaço e no tempo, e Categorias Lexicais (f), que não têm uma existência independente e podem ser somente avaliadas em termos de sua aplicabilidade a outros tipos de entidades. Outras categorias semânticas, relevantes para a gramática das línguas individuais, que podem participar da constituição de uma Propriedade Configuracional, são Locação (l), Tempo (t), Modo (m), Razão (r) e Quantidade (q).

A descrição de uma entidade pode tomar a forma de um núcleo lexical, como em (2-32), ou a forma de um núcleo complexo, que consiste em uma combinação de outras categorias semânticas, como em (2-33).

(2-32) $(1\ x_i\!: (f_i\!: \text{menino}_N\ (f_i)_{\varphi})\ (x_i)_{\varphi})$
'um menino'

(2-33) $(\text{Pass } e_i: [(f_i: \text{ler}_V\ (f_i))\ (1\ x_i: \text{menino}_N\ (x_i))_{Ag}\ (1\ x_j: \text{livro}_N\ (x_j))_{Pac}]\ (e_i))$
‘O menino lê o livro.’

Em (2-32), um nome, em si mesmo designando uma propriedade (f_i), fornece uma descrição lexical simples de um indivíduo (x_i); já em (2-33), uma combinação de categorias semânticas, introduzida entre colchetes, fornece uma descrição composicional de um Estado de Coisas. Assim, as combinações de categorias semânticas, tanto em termos quantitativos quanto em termos qualitativos, são especificadas com base em esquemas representacionais, que formam parte do conjunto de primitivos que alimenta o processo de formulação.

O Nível Morfossintático dá conta dos aspectos estruturais de uma unidade linguística seja em relação à estrutura de sentenças, orações e sintagmas, seja em relação à estrutura interna das palavras. Juntamente com o Nível Fonológico, ele dá conta da codificação das distinções decorrentes da atuação dos Níveis Interpessoal e Representacional.

Em vista dessa operação codificadora, o Nível Morfossintático acaba sendo funcionalmente motivado: princípios de ordenação de constituintes são motivados por relações de iconidade, de integridade de domínio e por preservação de relações de escopo. Esses aspectos não impedem, todavia, que o Nível Morfossintático tenha, ao mesmo tempo, seus próprios princípios de organização, como ocorre, por exemplo, com a imposição arbitrária de um padrão de ordenação não funcionalmente motivado. Como a GDF não estabelece distinção entre sintaxe e morfologia, os princípios aplicados à formação de palavras são os mesmos que se aplicam à formação de sintagmas e orações.

O conjunto de primitivos usados na codificação morfossintática fornece os padrões estruturais (*templates*) apropriados com base nos quais se estrutura o Nível Morfossintático. Como os outros níveis, o Morfossintático é hierarquicamente organizado e, na notação formal, usam-se estruturas em colchetes e rótulos categoriais para capturar as propriedades formais relevantes das unidades linguísticas, conforme a configuração formal contida em (2-34).

(2-34)

(Le$_1$:	Expressão Linguística
(Cl$_1$:	Oração
(Xp$_1$:	Sintagma
(Xw$_1$:	Palavra
(Xs$_1$)	Raiz
(Aff$_1$)	Afixo
(Xw$_1$))	Palavra
(Xp$_1$))	Sintagma
(Cl$_1$))	Oração
(Le$_1$))	Expressão Linguística

(Adaptado de Hengeveld; Mackenzie, 2008, p.291)

Uma Expressão Linguística é qualquer conjunto de pelo menos uma unidade morfossintática. As unidades combinatórias no interior da Expressão Linguística podem ser orações, sintagmas ou palavras. Dada a orientação funcional da GDF, há uma clara expectativa de que propriedades de ordenação possam ser explicadas com base no uso e no significado das unidades linguísticas. Há, contudo, muitas outras propriedades de ordenação governadas por princípios independentes, aspecto que garante a validade de um nível morfossintático independente, em vez de ser apenas o *output* da gramática, como aparece na GF (Dik 1989). Outra motivação para a presença desse nível dentro da gramática é o fato de ser possível fazer referência anafórica a unidades morfossintáticas conforme já explicitado acima em relação ao exemplo (2-18).

O Nível Fonológico admite *input* do Nível Interpessoal até o Morfossintático e fornece *input* para os processos extragramaticais de articulação, mas a GDF se concentra apenas nos aspectos da fonologia que refletem o funcionamento da linguagem no processo de comunicação.

Como os outros níveis, as representações fonológicas têm também uma natureza hierárquica e também a esse nível se aplica o postulado da GDF de que nem todas as camadas estão ativas em todo Enunciado ou é de fato relevante para todos os sistemas linguísticos. A organização máxima em camadas que a GDF admite é a que se vê em (2-35).

(2-35)

$((\pi\ U_1: [$	Enunciado
$\quad(\pi\ IP_1: [$	Sintagma Intonacional
$\quad\quad(\pi\ PP_1: [$	Sintagma Fonológico
$\quad\quad\quad(\pi\ PW_1:[$	Palavra Fonológica
$\quad\quad\quad\quad(\pi\ F_1: [$	Pé
$\quad\quad\quad\quad\quad(\pi\ S_1))^N$	Sílaba
$\quad\quad\quad\quad]\ (F_1))$	Pé
$\quad\quad\quad]\ (PW_1))$	Palavra Fonológica
$\quad\quad]\ (PP_1))$	Sintagma Fonológico
$\quad]\ (IP_1))$	Sintagma Intonacional
$]\ (U_1))$	Enunciado

(Adaptado de Hengeveld; Mackenzie, 2008, p.428)

A introdução de quatro níveis independentes de análise permite simplificar certos aspectos da representação de conformidade com o postulado funcional do modelo de não admitir transformações. A tradição recente da GF ativou certo grau de polêmica em torno da representação de expressões linguísticas, que, apesar de não constituírem uma unidade sintática oracional, apresentam independência formal na interação verbal por desenvolverem um ato de fala. A tendência de Dik (1989) é introduzir na representação todos os estratos hierárquicos da oração, mesmo que o falante seja incapaz de reconstruir cada um deles a partir do contexto.

Entretanto, em consonância com a orientação descendente da GDF, Hengeveld (2004a) entende que é a própria intenção comunicativa o primeiro estágio na criação de uma expressão linguística; por conseguinte, a expressão de frustração numa dada situação comunicativa pode manifestar-se diretamente da seleção de um item lexical, como, por exemplo, a interjeição "droga!", que é, por si mesma, destituída de conteúdo semântico; por essa razão, não há motivo para que o Nível Representacional contenha algum tipo de informação na RS dessa expressão, como se vê em (2-36)

(2-36) *Droga!*

A_1: [EXPR $(P_1)_S$ $(P2)_A$	(C_1)	] (A_1))

	(Lex_1)	

(Adaptado de Hengeveld, 2004a, p.11)

Considere-se, agora, um caso em que o falante se apoia em categorias do Nível Representacional para transmitir sua intenção comunicativa. O conteúdo comunicado (C) é a descrição de uma entidade de terceira ordem (p) expressa numa oração (C_1):

(2-37) *O Ibirapuera é o melhor lugar para se fazer caminhadas.*

A_1: [DECL $(P_1)_S$ $(P2)_A$ (C_1: [	(C_1)	] A_1))
	(p_1)	
	(Cl_1)	

(Adaptado de Hengeveld, 2004a, p.11)

Por outro lado, o mesmo conteúdo proposicional (p) expresso numa oração (Cl_1) pode ocorrer como o veículo para o falante executar um ato referencial (R).

(2-38) *Quero saber se o Ibirapuera é o melhor lugar para se fazer caminhada.*

A_1: [DECL $(P_1)_{Sp}$ $(P2)_{Addr}$ (C_1: [	(R_1)	] (C_1))] A_1))
	(p_1)	
	(Cl_1)	

(Adaptado de Hengeveld, 2004a, p.11)

A verdade é que a orientação descendente do modelo privilegia o princípio de adequação psicológica, defendido desde o início pela GF; outro aspecto também relevante é o de que essa orientação, vinculada a certa simplicidade notacional, respeita também o princípio de economia, dado que as representações incluem apenas a informação necessária para a produção da expressão. Mesmo assim, a proposta original de Hengeveld (2004a) recebeu muitas críticas dos pesquisadores que trabalham com o mesmo arcabouço teórico.

Hengeveld (2004b) lembra que, desde a introdução da estrutura em camadas, questiona-se se ela não deveria ser interpretada como uma representação do próprio processo comunicativo (Bolkestein, 1992; Harder, 1996). Muitos pesquisadores levantaram o mesmo problema em relação às soluções propostas pela GDF. Hengeveld (2004b) rebate, assinalando que a GDF é um modelo que representa fatos linguísticos e, como tal, é apresentada como o componente gramatical de uma teoria mais abrangente da interação verbal; por isso, o componente conceitual e o contextual não fazem parte do componente gramatical em si, mesmo que muitos fenômenos gramaticais possam ser estudados mais adequadamente se se assumir a existência desses componentes (cf. Hengeveld, 2004b, p.366).

Outro aspecto que vale a pena ressaltar é que alguns autores, como Bakker e Siewierska (2004), Harder (2004) e Mackenzie (2004b), enfatizam a importância de uma implementação dinâmica do modelo, o que significaria ser a gramática o reflexo direto do processo de produção. Uma vez mais, rebate Hengeveld (2004b) que postular que a gramática é parte do processo de interação verbal não implica entendê-la como um modelo do falante, embora seja lícito assumir que a efetividade do modelo é diretamente proporcional ao grau de semelhança que tiver com o processo de produção. Entende Hengeveld que, para a implementação da GDF, esse postulado significa que os vários níveis operam simultaneamente, através de uma reduzida diferença temporal entre o nível mais alto e o imediatamente inferior.

Outro ponto que cabe assinalar é que, para Hengeveld (2004b), a implementação dinâmica se depararia com um importante aspecto envolvendo os princípios básicos da GF. Conforme postulam Bakker e Siewierska (2004), a ordem dos constituintes no Nível Morfossintático produzida dinamicamente acaba tendo que ser linear, em oposição ao princípio postulado por Dik (1989) de que as representações subjacentes devem ser não ordenadas. A consequência disso está no fato de que, no tipo de implementação dinâmica postulado por esses autores, somente restam duas alternativas: ou as representações semânticas têm que ser especificadas antes da expressão, ou também elas devem ser linearmente ordenadas. A opção de Bakker e Siewierska (2004) pela segunda alternativa não apenas difere drasticamente da tradição corrente na GF, mas parece sugerir que diferenças na organização estrutural refletem diferenças na organização semântica. Segundo Hengeveld (2004b), a existência de pronomes catafóricos e reflexivos que precedem seus referentes são fenômenos que contradizem esse tipo de implementação dinâmica.

Quanto às funções, a hierarquia funcional de determinação pragmática > semântica > sintaxe instancia-se na ordenação dos níveis Interpessoal, Representacional e Morfossintático, respectivamente, que fornecem as posições estruturais relevantes para funções pragmáticas, semânticas e sintáticas. A atribuição de funções sintáticas pode ser encarada, portanto, como o resultado de um processo que leva em conta tanto fatores pragmáticos, situados no Nível Interpessoal, quanto fatores semânticos, situados no Nível Representacional. Essa proposta tem consequências relevantes para a concepção de funções sintáticas na GF, considerando que elas devem ser vistas como noções puramente gramaticais e não semânticas. A noção de perspectivização prevista nas funções sintáticas de Sujeito e Objeto é, portanto, o produto de propriedades pragmáticas e semânticas mais básicas, que acionam o aparecimento dessas funções sintáticas, em vez de fazerem parte do significado, como se via antes na GF de Dik (1989).

Como conclusão aqui, é possível afirmar que a GDF sucede a GF na linha do trono (Dik 1989; 1997), mas não a substitui completamente. Por um lado, expande o escopo da GF por levar rigorosamente em conta os princípios de adequação pragmática e psicológica, ao propor que a instrumentalidade do sistema linguístico em criar e manter relações comunicativas (adequação pragmática) é real, mas obedece a restrições cognitivas gerais sobre a produção e a interpretação do discurso (adequação psicológica). Além disso, a nova arquitetura retém a força original da GF mediante a combinação de neutralidade tipológica e rigor formal. É supérfluo dizer que adotar, como ponto de partida, o princípio da intenção comunicativa do falante em influenciar o interlocutor por meio do discurso é um objetivo que impõe à teoria condições explanatórias de natureza extralinguística.

De acordo com Hengeveld e Mackenzie (2006), a tipologia linguística, entendida como o estudo dos princípios subjacentes à variação formal entre as línguas do mundo, é uma fonte essencial de inspiração para o novo modelo. Isso significa que a GDF mantém o objetivo da GF de desenvolver um arcabouço para a descrição sistemática de todas as línguas humanas possíveis, em atenção ao princípio de adequação tipológica proposto por Dik (1989).

Além disso, entendem os autores que a GDF representa um avanço para os estudos tipológicos. Ao postular distinções formais derivadas da atuação de diferentes níveis, a GDF força, de certa maneira, o tipologista a ultrapassar o nível estrutural da descrição tipológica, geralmente restrita a considerações de ordem sintática e morfológica, para avançar na direção do estudo sistemático de uma tipologia semântica e pragmática das línguas naturais.

O aparecimento de uma notação diferente não deve significar também que mudaram os compromissos cruciais da GF. Pelo contrário, a GDF, apesar de toda a sofisticação notacional que a sustenta, é ainda basicamente uma teoria não transformacional de gramática, mediante a qual expressões linguísticas são geradas por regras de expressão operando sobre representações subjacentes; estas, por sua vez, identificam relações funcionais entre itens lexicais embutidos em esquemas diversos, hierarquicamente organizados um dentro do outro.

Essa continuidade entre o modelo de Hengeveld (2004a) e as fases anteriores da GF não deve obscurecer as descontinuidades relevantes. Anstey (2004, p.45) entende que há duas características definidoras na nova versão do modelo: a mudança da centralidade no predicado para a centralidade na pragmática e a divisão da representação subjacente da GF tradicional nos Níveis Interpessoal, Representacional, Morfossintático e Fonológico.

Encerrada essa apresentação do suporte teórico, fica para o próximo capítulo discutir o modo como esse aparato ajuda a definir a nominalização. Como a GF não é unânime quanto a esse aspecto, ele requererá a definição de um posicionamento teórico.

3

UM ENFOQUE FUNCIONAL DA NOMINALIZAÇÃO

Introdução

Conforme especificado na Introdução, o principal objetivo deste trabalho é sustentar a hipótese de uma continuidade categorial entre classes de palavras, tomando como parâmetro a diferença entre o nome e o verbo, mediada pela nominalização, categoria aqui postulada como constituindo um termo complexo entre os dois outros opostos, tomados como membros prototípicos.

Nesse caso, a sustentação dessa hipótese passa necessariamente pela comprovação de que as nominalizações, cuja função categorial é referir-se a entidades de segunda ordem ou de ordem superior, dispõem de estrutura argumental, mesmo nos casos em que os argumentos não são superficialmente especificados.

É a descrição das nominalizações em uso nas situações reais de fala o aspecto crucial para dar sustentação a essa hipótese de continuidade funcional, tarefa que desenvolvo no Capítulo 4. Nesse caso, a finalidade do presente capítulo é a de fornecer um embasamento teórico para a nominalização no âmbito do modelo funcional adotado, cujos parâmetros epistemológicos já foram apresentados no capítulo anterior.

O conteúdo se organiza do seguinte modo: na Seção 3.1, discuto a concepção dikiana de construção encaixada e, por conseguinte, a inserção da nominalização na classe de predicados encaixados. A Seção 3.2 destina-se à apresentação das duas alternativas desenvolvidas na GF para o tratamento da estrutura argumental da nominalização: a hipótese de preservação de valência e a hipótese de redução de valência. Finalizo o capítulo com a Seção 3.3, que é dirigida ao desenvolvimento do modo como a nominalização passou a ser tratada no arcabouço da GDF.

3.1 A nominalização como construção encaixada

Nominalizações e outros tipos de predicados constituem construções encaixadas. Embora haja, de um ponto de vista tipológico, uma grande variedade de tipos, é possível discernir padrões recorrentes de construções encaixadas. Dik (1997) fornece uma taxionomia com validade transistêmica para as construções encaixadas, que podem ser vistas na Figura 5.

Embora o único traço que as construções infinitivas e participiais (gerúndios e particípios) têm em comum com as nominalizações seja a possibilidade de constituir o núcleo da construção encaixada, há outro traço relevante, compartilhado por todos os tipos de construções encaixadas não finitas, que é a possibilidade de realização como predicação fechada ou aberta, conforme a natureza especificada ou não especificada da estrutura argumental de que dispõem.

No entanto, Dik (1997) atribui esse traço somente a construções infinitivas e participiais, deixando de fora as nominalizações, embora as inclua entre as predicações encaixadas que têm propriedades nominais. Mais adiante, defendo a ideia de que a noção de predicação aberta é crucial para se entender a ausência de argumentos nas nominalizações; portanto, essa propriedade deve ser atribuída às nominalizações também. Na parte II, que trata da investigação empírica, fornecerei evidências favoráveis a essa posição, cuja consequência teórica mais relevante será uma nova proposta para a taxonomia das construções encaixadas contida na Figura 5.

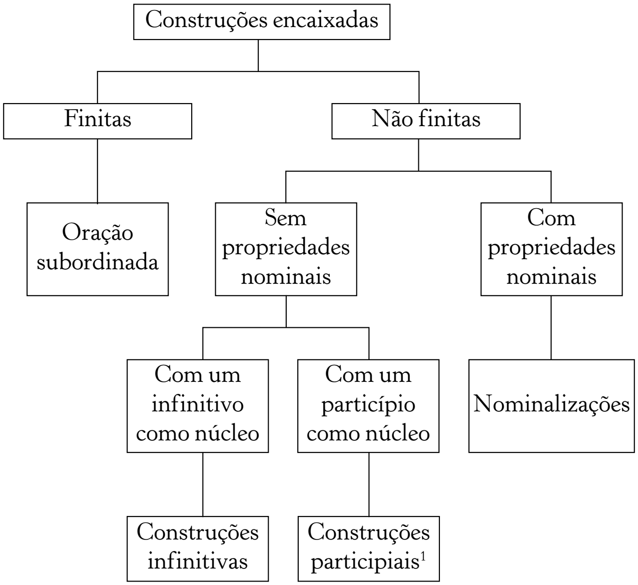
Construções encaixadas
Finitas
Não finitas
Oração subordinada
Sem propriedades nominais
Com propriedades nominais
Com um infinitivo como núcleo
Com um particípio como núcleo
Nominalizações
Construções infinitivas
Construções participiais[1]

(cf. Dik, 1997, p.142)

Figura 5 – Tipos de construções encaixadas

Por nominalização, Dik (1997, p.157-8) identifica um tipo de construção encaixada que tem uma ou mais propriedades em comum com um termo nominal primário. Como uma construção encaixada, a nominalização preenche a posição de algum termo em uma construção hierarquicamente superior, que atua como predicação matriz. Considere os exemplos em (3-13a) e (3-13b)

(3-13) a *Maria lamentou que João tenha demitido Pedro.*
b *Maria lamentou a demissão* ***de Pedro*** *por João.*

---

[1] Construções participiais incluem tanto os chamados particípios passados quanto os chamados particípios presentes, que, como é sabido, são praticamente ausentes do paradigma verbal do português, que emprega o gerúndio, para desempenhar funções correlatas. Nesse caso, esse tipo de construção encaixada deve ser visto como abarcando particípios e gerúndios, que têm uma função similar no português, no que tange ao caráter aberto ou fechado do predicado envolvido.

No caso de nominalizações, como (3-13b), é o próprio predicado que adquire certas propriedades nominais; com efeito, vê-se que o constituinte em função de Paciente de (3-13a) aparece, na nominalização de (3-13b), sob a forma de um sintagma de possuidor, que é especialmente adequada para expressar relações no interior de termos nominais. O fato de *Pedro* aparecer em (3-13b) como sintagma de possuidor é interpretado por Dik como uma propriedade nominal, e o SN *a demissão de Pedro* é descrito como uma nominalização (Dik, 1997, p.157-8).

Dik distingue também nominalizações nucleadas e não nucleadas. No tipo nucleado de nominalização, a construção encaixada é adicionada ao núcleo nominal, que tem um significado geral, como "fato" ,"coisa", ou "circunstância", como se observa em (3-14a). Já na nominalização não nucleada, é o predicado em si mesmo que assume certas propriedades nominais, inclusive posições argumentais numa estrutura complexa, como se observa em (3-14b).

(3-14) a *Maria considerou o fato de que poderia ser derrotada nas eleições.*
b *Maria considerou sua derrota nas eleições.*

Conforme já mencionado anteriormente, para a GF, podem-se preencher com termos as posições de argumentos e de satélites na RS da oração. Termos permitem construir a representação mental de uma entidade qualquer, ou identificar/retomar uma entidade já estabelecida em seu mundo mental (Dik, 1997). O tipo primário de termo é representado em geral por um nominal que se refere a alguma entidade de primeira ordem, e o modelo de expressão prototípico para esse termo inclui constituintes como determinante, quantificador, possuidor, adjetivo, nome. O exemplo contido em (3-15a) mostra um SN e respectiva formalização para determinante e modificador do núcleo nominal, contida em (3-15b).[2]

---

[2] Na RS contida em (3-15b), o determinante é um operador e, como tal, aparece designado por **d** (representando o traço semântico "definido"); as regras de expressão são responsáveis pela inserção do artigo no enunciado final, que constitui o *output* da gramática (cf. Dik, 1989).

(3-15) a *o deputado corrupto*
b $d1x_i$: deputado [N] $(x_i)_\varnothing$: corrupto [A] $(x_i)_\varnothing$

Em referência a entidades de ordem superior, os termos podem ser representados por nomes simples ou por termos complexos operando como restritores, que constituem construções contendo uma predicação ou uma proposição. Os exemplos contidos em (3-16a-b) ilustram termos complexos com o mesmo núcleo que fazem referência a entidades de duas diferentes ordens superiores:

(3-16) a *Chaves testemunhou a derrota de Bush.*
b *Chaves acreditou na derrota de Bush.*

É a natureza semântica do predicado que determina o nível a que cada termo se refere. Desse modo, em (3-16a), a predicação [Chaves testemunhou] – interpretada como designando um estado de coisas – faz referência a um evento, uma entidade de segunda ordem, e, portanto, atua no nível da predicação (ver Figura 2). Já (3-16b) tem um estatuto semântico diferente: as coisas em que pessoas acreditam não podem ser classificadas como um estado de coisas, mas como um conteúdo proposicional ou fato possível que constitui uma entidade de terceira ordem (Dik, 1989; 1997).

Comparando-se os nomes destacados de (3-16) com o de (3-15), observa-se uma diferença fundamental: apenas os de (3-16) são de ordem superior, no mínimo de segunda ordem, enquanto o de (3-15) constitui um tipo primário de termo, cuja função prototípica é referir-se a entidades de primeira ordem. Todos os exemplos de (3-16), que são casos de nominalizações, constituem um tipo secundário de termo, cujo papel primordial é atuar como construção encaixada.

Dik (1985) procura dar uma explicação plausível para os reflexos entre forma e conteúdo na formação de predicados derivados, postulando dois princípios, que ele denomina Princípio de Ajuste Formal (doravante PAF) e Princípio de Ajuste Semântico (doravante PAS). O poder explanatório desses dois princípios se assenta no fato de permitirem fazer predições corretas não apenas em relação a manifestações de construções causativas em diferentes línguas, mas também em relação a outros tipos de construção, tais como as nominalizações, processo diretamente vinculado aos objetivos deste trabalho.

Com base nos princípios acima expostos, Dik afirma que é o PAF que explica como predicações basicamente verbais adquirem propriedades nominais, isto é, descategorização e recategorização: uma predicação encaixada atua como um termo de uma predicação mais alta, e, por seu lado, termos se definem como expressões nominais. A Figura 6 representa os ajustes formais.

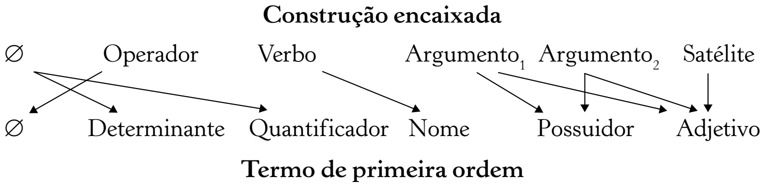

(Dik, 1997, p.158)

Figura 6 – Ajustes formais entre verbos e nomes

Segundo Dik (1985), o PAF e o PAS governam as expressões formais e as propriedades semânticas das construções derivadas. Por um lado, o PAF prediz que construções derivadas devem ajustar sua expressão formal ao Modelo de Expressão Prototípico (doravante MEP), fornecido por construções não derivadas. O PAS, por outro lado, tende a se ajustar também às propriedades semânticas do MEP à medida que uma construção derivada se submete à pressão do PAF. Esse modelo de ajuste se baseia nas definições contidas em (3-17):

(3-17) a predicados de zero-lugar não têm MEP.
b para predicados de um lugar, o MEP é o modelo de expressão para predicados de um lugar com um primeiro argumento específico: *João caminha/ a caminhada de João.*

c para predicados de dois lugares, o MEP é o modelo de expressão para predicados de dois lugares com um argumento Agente e um argumento Meta: *João comprou o livro/ a compra do livro por João.*

d para predicados de três lugares, o MEP é o modelo de expressão para predicados de três lugares com argumentos Agente, Meta e Recipiente: *João ofereceu o livro a Pedro/ a oferta do livro por João a Pedro.*

e predicados de quatro lugares: não têm MEP.[3]

f para termos, o MEP é o modelo de expressão para um termo com um nominal não derivado como núcleo, possivelmente modificado por adjetivos atributivos e sintagmas de possuidor, e determinado por um ou mais operadores de termo, conforme os exemplos: *a casa velha do meu amigo/a lenta destruição de Cartago.*

Com base nos princípios acima, Dik afirma que o PAF explica o modo como predicações basicamente verbais adquirem propriedades nominais: uma predicação encaixada atua como um termo de uma predicação mais alta e, por seu lado, termos se definem como expressões nominais. Conforme esquematizado na Figura 6, são os seguintes os ajustes mais comuns da predicação verbal encaixada à expressão do termo nominal:

(i) um operador de predicado, como o morfema de número, pessoa e modo-temporal, passa a zero e, inversamente, zero se torna operador de termo, conforme se observa em (3-18a-b): em (3-18a), o operador de predicado (tempo pretérito, por exemplo) passa a zero e (3-18b) recebe o acréscimo de um operador de termo, que é o determinante *a*:

---

[3] De maneira geral, a valência do nome derivado corresponde à do predicado *input*. Dik (1985) considera que não há MEP para predicados tetravalentes justamente porque não há SN (nominal não derivado) de quatro lugares que possa servir de modelo de expressão a esses predicados.

(3-18) a *O presidente demitiu o ministro tardiamente.*
b *A demissão tardia do ministro pelo (*do) presidente.*[4]

(ii) um predicado verbal torna-se núcleo nominal: o predicado verbal de (3-18a), com a RS *demitir*$_v$ *(presidente)*$_{Agente}$ *(ministro)*$_{Meta}$, , passa a predicado nominal, em (3-18b) com a RS *demissão*$_N$ *(presidente)*$_{Agente}$ *(ministro)*$_{Meta}$.;

(iii) o primeiro e o segundo argumentos podem tanto assumir a forma de um sintagma de possuidor quanto a de um adjetivo atributivo: em (3-19b) o argumento de (3-19a) é expresso sob a forma de sintagma de possuidor e, em (3-19c), sob a forma de um adjetivo;

(3-19) a *Elegeu-se o presidente.*
b *A eleição do presidente.*
c *A eleição presidencial.*

(iv) um satélite adverbial só pode assumir a forma de um adjetivo atributivo, o que aparece claramente demonstrado em (3-18b): o advérbio de tempo *tardiamente* de (3-18a) assume a forma de expressão de modificador típico.

O aspecto formal mais saliente, e, por isso mesmo, o que Dik discute mais detalhadamente, concerne ao ajuste de argumentos à expressão de sintagmas de possuidor. Para Dik, é a forma de expressão de possuidor (genitivos, sintagmas-de e pronomes possessivos) que constitui o modelo mais comum para a expressão de argumentos nas nominalizações.

---

[4] Em português, a expressão nominalizada não faz jus ao princípio de ajustes formais mencionado por Dik (1997), já que dificilmente a entidade agentiva recebe o mesmo tratamento formal de sintagma-de que a entidade afetada, ou Meta como em *a demissão do ministro pelo (*do) presidente.* Observe, no entanto, que línguas com genitivo como o inglês permitem agentes no papel de genitivo: *the president's dismissal of the War Ministry.*

Os argumentos ajustados são tipicamente o primeiro e o segundo argumento em uma predicação transitiva, que exercem função semântica de Agente e Meta, respectivamente, que competem entre si para ocupar a posição de possuidor. Enquanto, nos predicados monovalentes, o ajuste é automático, nos predicados bivalentes, os argumentos disputam a única posição disponível de possuidor.

Há uma tendência inequívoca, detectada por Du Bois (1987) no sacapulteco, Asby e Bentivoglio (1993), no francês e no espanhol, e por Dutra (1987), Bentivoglio e Braga (1988) e Pezatti (1992) no português, para que as orações contenham um único argumento lexical, geralmente na posição de Meta, fenômeno expresso por uma regra de estrutura preferida do tipo "evite mais de um argumento lexical na oração" (Du Bois, 1987).

Dik (1985) observa um comportamento semelhante das predicações nominais derivadas numa amostragem do holandês, em que ocorre um único exemplo de predicado transitivo com a expressão tanto de Agente quanto de Meta. Isso implica que, similarmente à regra de um argumento lexical na predicação básica, não derivada, a expressão da regra de estrutura preferida nas nominalizações pode resumir-se a "expresse preferencialmente o argumento como um sintagma de possuidor" (Dik, 1985, p.25). O termo "preferencialmente" foi usado em função do fato de o português necessitar inserir dois sintagmas-de para a expressão do possuidor em contraste com o inglês, por exemplo, que dispõe de argumento-de e genitivo para cada posição de possuidor.

As regras para a expressão de argumentos da nominalização em português recebem a seguinte formulação, adaptada de Dik (1985, p.24):

1. Se há um primeiro argumento compatível com as condições exigidas por possuidores pré-nominais, então: (a) se expressa o primeiro argumento como um possuidor pré-nominal (regra opcional).[5]

---

[5] No caso do português, isso ocorre por meio do emprego de pronome possessivo, possibilidade estendida para genitivos em outras línguas, como o inglês e o holandês, por exemplo.

2. Se há um termo na função de Meta, então, (b) se expressa o argumento Meta como um sintagma-de (regra obrigatória).
3. Se, havendo um primeiro argumento, não se aplicam nem (1) nem (2), então, (c) se expressa o primeiro argumento num sintagma-de (regra opcional, mas preferida).
4. Expressam-se termos não especificados em a-c acima de acordo com sua própria função semântica.[6]

As regras não se aplicam da mesma forma, já que a opção entre (a) e (c) equivale, na 3ª pessoa, a uma opção entre um possessivo e um sintagma-de. A condição anafórica do possessivo implica que haja uma menção anterior do termo correferente, diferentemente do sintagma-de, que implica, geralmente, menção pela primeira vez do termo referido.

Observe-se, entretanto, o efeito dessas regras, no português, em predicações encaixadas de um lugar, como em (3-20):

(3-20) $(x_i : [\text{falir (o sistema bancário)}_{\text{Processado}}] (x_i))$

Satisfaz-se a condição 1, já que se pode expressar *O sistema bancário* como um possuidor prenominal; selecionada a opção (a), o resultado é, em português, *sua falência* (com as condições textuais naturalmente impostas a um termo anafórico como *sua*). Não selecionada a opção (a) e satisfeita a condição 2, aplica-se, então, a opção (c). O resultado é, em português, *a falência do sistema bancário* (considerando ser *o sistema bancário* um termo mencionado pela primeira vez).

Considere-se agora um predicado de dois lugares, como em (3-21):

(3-21) $(x_i : [\text{corromper}_V \text{ (o deputado)}_{\text{Agente}} \text{(o funcionário)}_{\text{Paciente}}] (x_i))$

---

[6] É conveniente lembrar verbos como *conviver*, que regem preposições específicas. A nominalização correspondente herda a preposição introdutora do argumento oblíquo: *a convivência de José com Maria*. Nesse caso, obviamente os argumentos não competem entre si pela posição de possuidor, já que cada um recebe sua própria forma de expressão.

Novamente, satisfaz-se a condição 1. Aplicada a opção (a) e a regra obrigatória (b), o resultado é *sua corrupção do funcionário*. Caso não se apliquem as regras (a) e (c) à nominalização, o resultado seria *a corrupção do funcionário pelo deputado*.

Esse sistema apresenta, assim, as seguintes características:

1. Há uma forte preferência para que, pelo menos, um argumento central assuma a expressão de possuidor.
2. O argumento na função de Paciente, se houver, deve assumir a expressão de possuidor, em posição pós-nominal.
3. Embora esse conjunto de regras possa produzir uma construção com dois argumentos centrais na expressão de possuidor, um deles ocupa necessariamente a posição pós-nominal e o outro, obrigatoriamente o primeiro argumento, ocupa a posição pré-nominal (Dik, 1985, p.26).[7]

Para Dik (1997), é incomum a ocorrência de dois argumentos centrais da nominalização como expressões possessivas do mesmo tipo. Considerem-se os exemplos do inglês, contidos em (3-22a-c).

(3-22) a *The signing of the cheque of John.*
b *John's signing of the cheque.*
c *The signing of the cheque by John.*

A construção em (3-22a) não é licenciada pela gramática porque se usam duas expressões possessivas do mesmo tipo sintático. Para expressar o conteúdo na formulação de (3-22a), teriam de ser usados (3-22b) ou (3-22c).

---

[7] Cf. o original: *"1. there is a strong preference for at least one central argument to take possessor expression. 2. if there is a Goal, the Goal must take possessor expression; this can only be done in postnominal possessor position. 3. the constellation of rules may yield a construction with two central arguments in possessor expression, but this is only possible when one of them is a prenominal possessor and the other a postnominal possessor, and when the prenominal possessor represents the first argument".*

Em inglês, a expressão de dois argumentos por meio de uma expressão de possuidor é possível, já que, como se observou em (3-22b), a expressão dos argumentos pode ser feita por meio de genitivo e sintagma-de, respectivamente. Como visto em (3-22a), é vetada a expressão de argumentos por meio de expressões de possuidor do mesmo tipo (*of*, por exemplo). A gramática do português dificilmente licenciaria a expressão de duas ocorrências de sintagma-de para a expressão de dois argumentos em uma predicação nominalizada.

Como as nominalizações são construções encaixadas, elas podem atuar como termos em uma predicação de nível mais alto; em virtude dessa propriedade, são marcadas por uma interessante especificidade gramatical: não apenas as nominalizações podem manter praticamente intacta a estrutura argumental do predicado verbal *input*, preservando tanto a valência do predicado quanto as funções semânticas dos argumentos, mas podem atuar também como termos da predicação principal exercendo funções sintáticas, semânticas e pragmáticas que não seriam capazes de exercer caso fossem mantidos como verbos.

Do ponto de vista sintático, um falante pode selecionar um nome deverbal a fim de obter maior versatilidade de uso. Em português, por exemplo, uma oração subordinada finita é, sob a influência da LIPOC[8] (Dik, 1989), condicionada a adotar a posição final da predicação, ou, mais raramente, pode aparecer na posição P1. A predicação nominalizada, sob a forma de um SN, oferece menor complexidade categorial, podendo aparecer na posição de sujeito (3-23a), de objeto (3-23b), depois de preposições (3-23c) etc. (Mackenzie, 1996), o que não poderia ocorrer caso se mantivesse como um predicado verbal, por exemplo.

---

[8] "LIPOC" é a sigla para "*language-independent preferred order of constituents*". Segundo esse princípio universal de ordenação, a preferência de colocação dos constituintes segue uma ordem de complexidade crescente, em que "complexidade" é definida nos seguintes termos: clítico < pronome < SN < sintagma adposicional < oração subordinada (cf. Dik, 1989, p.351).

(3-23) a *A colheita da soja deve ser apressada para aproveitar a alta do dólar.*
b *Pedro apressou a colheita da soja por causa da alta do dólar.*
c *Pedro dedicou-se à colheita de soja.*

Além disso, as nominalizações podem anteceder uma oração relativa, como em (3-24a), e permitir anáfora zero, como em (3-24b).

(3-24) a *A compra dos aparelhos que João providenciou não resolveu o problema.*
b *A construção de minha casa durou dois anos. Acredito que Ø não foi muito demorada, já que eu não tinha dinheiro para fazer mais depressa.*

Afirmar que as nominalizações induzem à redução da complexidade sintática é suficiente para entender a razão de selecioná-las. Um SN com um núcleo nominalizado é codificado por regras gramaticais mais simples e, por isso, dispõe de uma distribuição potencial geralmente não aberta à oração infinitiva correspondente.

3.2 A nominalização na Teoria da Gramática Funcional: preservação ou redução de valência

Discuti na seção anterior o tratamento da nominalização no âmbito da GF, discussão que se limitou ao que é mais geral e destituído de controvérsia. Esta seção será, todavia, devotada à discussão de aspectos mais particulares do assunto e também, certamente por isso, mais sujeitos à polêmica, como as diferentes posições a respeito de valência nas nominalizações.

Dik (1985; 1997) afirma que os termos de uma nominalização, definidos como primeiro e segundo argumentos, competem entre si pela posição de um sintagma de possuidor, competição que é, afinal, geralmente vencida pelo segundo argumento de uma predicação transitiva. Reconhece, ainda, que a expressão de todos os argumentos sob a forma de possuidor é textualmente rara, visto que, dificilmente, nominalizações dispõem de mais de um argumento.

A posição de Dik (1985; 1997), indiretamente mantida em Keizer (2004a; 2004b), é que a representação subjacente da nominalização em geral preserva a valência quantitativa e qualitativa do verbo que lhe serve de *input*, conforme a regra de formação de predicados contida em (3-25) para nomes derivados por sufixação como *destruição*.

(3-25) Formação de nome deverbal em português (em *–ção*)
Input: pred [V] $(x_1)_{\text{Agente}}$ $(x_2)_{\text{Meta}}$
Output: pred-*ção* [N] $(x_1)_{\text{Agente}}$ $(x_2)_{\text{Meta}}$

(Adaptado de Dik, 1997, 165)

O esquema de predicado que serve de base para a nominalização está separadamente especificado no léxico, conforme representado em (3-26) e (3-27).

(3-26) Destruir $[_V]$ $(x_1)_{\text{Agente/Força}}$ $(x_2)_{\text{Meta}}$

(3-27) Destruição $[_N]$ $(x_1)_{\text{Agente/Força}}$ $(x_2)_{\text{Meta}}$

Mesmo tendo entrada lexical distinta do verbo, a nominalização mantém a correspondência sintático-semântica com o termo verbal por herança. Como na GF *standard* o esquema de predicado está fortemente associado com o item lexical correspondente, a diferença formal entre um predicado verbal e o predicado nominal derivado não está na estrutura argumental, que é a mesma, mas apenas no rótulo categorial que cada um recebe no léxico e nas diferenças mórficas de natureza flexional e derivacional.

Nessa perspectiva, é possível argumentar que, como a representação subjacente é de natureza abstrata, ela contém uma representação da estrutura argumental que pode diferir do uso na medida em que algum argumento não seja formalmente manifesto. Essa caracterização pode ser apenas inferida, já que Dik oferece apenas princípios formais de ajuste sem qualquer referência aos mecanismos funcionais, certamente presentes no uso, que poderiam bloquear o aparecimento de todos os argumentos. É sobre essa lacuna na formulação da Hipótese de Preservação de Valência que Mackenzie (1996, p.11) faz os seguintes comentários críticos:

> A desvantagem é que as regras de ajuste [...] são estipulativas e não fornecem nenhuma resposta à questão do motivo pelo qual as correspondências devem ser como aparecem. Além disso, não se dá nenhuma indicação das circunstâncias sob as quais um complemento se ajusta ou não: a funcionalidade específica das nominalizações [...] não se reflete no formalismo.[9]

O que seria possível acrescentar é que a redução das regras aos mecanismos formais de ajuste dá conta apenas da sintaxe, deixando de lado a prioridade das regras pragmáticas e semânticas, um dos postulados mais caros à GF. Mackenzie (1996) fornece como alternativa à proposta de Dik a Hipótese de Redução de Valência, para a qual predicados nominalizados são, assim como nomes lexicais plenos, avalentes. Reconhece, entretanto, que, na nominalização, a valência do predicado *input* perdura de algum modo. Para dar conta dessa propriedade, Mackenzie recorre, então, ao conceito de satélites implícitos, introduzido por Dik (1989).

A possibilidade de adicionar um satélite à predicação nuclear é determinada mais pelas propriedades combinatórias dos constituintes que a compõem do que pelo predicado em si. Dik argumenta que certos satélites de nível 1 já estão implícitos na predicação nuclear com base no fato de que predicações nucleares de natureza controlada e/ou dinâmica implicam necessariamente que se desenvolvam de um determinado modo. Essa relação poderia ser descrita pela seguinte regra em (3-28):

---

[9] Cf. o original: *"The drawback is that the adjustment rules [...] are stipulative, offering no answer to the question why the correspondences should be as they are presented. Furthermore, no indication is given of the circumstances under which a complement is adjusted or is not: the specific functionality of nominalizations [...] is not reflected in the formalism".*

(3-28) Dada uma predicação nuclear com os traços [+con] e/ou [+din], adicione uma posição estrutural $(x_i)_{Modo}$. Essa posição para Modo não será formalmente expressa a menos que ela seja suplementada com alguma informação mais específica (Dik, 1989, p.194).[10]

Mackenzie (1996) usa essa ideia em proveito da hipótese que defende em favor da redução argumental, o que envolve, por definição, o tratamento dos constituintes argumentais do verbo primitivo como satélites na nominalização, não sua preservação como argumentos.

Com base na noção de satélite implícito e o modo de notação proposto por Dik (1989) para esses dois tipos de termos (x para argumento e y para satélites), Mackenzie (1996, p.12) sugere uma alteração nessa distinção, explorando, pelo menos para entidades de primeira ordem, todas as letras finais do alfabeto: (x) para argumentos, (y) para satélites implícitos e (z) para satélites não implícitos. Satélites-y são tratados como quase argumentos, isto é, são considerados tão essenciais para as predicações dinâmicas e controladas quanto os argumentos. Satélites-z, por outro lado, não seriam automaticamente gerados, tendo, por isso, de ser adicionados como formas opcionais, do modo exatamente previsto pela teoria então vigente de satélites.

Considere-se a gradação entre construções completamente verbais e construções completamente nominais do inglês como em (3-29a-d).

---

[10] Cf. o original: *"Given a nuclear predication with the features [+con] and/or [+din], add a slot $(x_i)_{Manner}$; this Manner slot will not be expressed, unless it is further in with some more specific information".*

(3-29) a *That **my horse*** (A^1) *won **the race*** (A^2) *came as a great surprise.* (oracão finita)
b ***My horse*** (A^1) *winning **the race*** (A^2) *came as a great surprise.* (gerúndio)
c ***My horse's*** (satélite-y) *winning **the race*** (A^2) *came as a great surprise.* (gerúndio-genitivo)
d ***My horse's*** (satélite-z) *winning **of the race*** (satélite-y) *came as a great surprise.* (nominalização produtiva)

Com base nela, Mackenzie (1996) argumenta que, enquanto (3-29a) é uma predicação verbal completa, (3-29b) mostra deverbalização parcial, retendo a valência; já (3-29c) consiste num caso de redução de valência: enquanto se preserva o segundo argumento (*the race*), o primeiro pode ser omitido ou expresso sob a forma do que denomina "satélite de possuidor" (*my horse's*), conforme a regra em (3-30):

(3-30) Formação do gerúndio-genitivo (do inglês)
Input: $\text{Pred}_V\ \text{Arg}_1\ \text{Arg}_2$
Output: $\text{Pred}_{VN}\ \text{Arg}_2$

A nominalização produtiva contida em (3-29d) é segundo Mackenzie (1996) um caso de redução total de valência, já que os dois argumentos podem ser tanto omitidos quanto especificados por meio do satélite de Possuidor. Por isso, Mackenzie (1996) postula a regra contida em (3-31) no lugar da regra contida em (3-30).

(3-31) Nominalização produtiva (do inglês)
Input: $\text{Pred}_V\ \text{Arg}_1\ \text{Arg}_2$
Output: Pred_n

Para Mackenzie (1996), a especificação dos argumentos do predicado *input* é feita por meio da expressão de satélites, no caso *my horse's* e *the race*, em (3-29d). A proposta de Mackenzie para o gerúndio-genitivo de (3-29c) (*my horse's winning the race)* é considerar o Possuidor (*my horse's*) como um satélite-y, já que o papel de agente parece estar implícito: não se pode sensatamente falar sobre "*winning the race*" sem implicar que alguém ou alguma coisa venceu a corrida, ou a está vencendo ou ainda vai vencê-la.

Agora, no caso de nominalizações produtivas do inglês como (3-29d), que contêm dois termos sob a forma de possuidor, *my horse's* e *of the race*, Mackenzie (1996) propõe que o termo equivalente ao segundo argumento do verbo *input win* seja um satélite-y e que o equivalente ao primeiro argumento seja um satélite-z. Justifica essa classificação o fato de que equivalentes A^2 do predicado verbal *input* têm uma relação mais íntima com predicados nominalizados do que equivalentes de A^1 (cf. Mackenzie, 1996, p.14).

Satélites-z são adicionados somente quando há razão comunicativa para tanto, nos casos em que eles estão focalizados. Em nominalizações do inglês, equivalentes de A^2 podem aparecer ou como modificadores de posse pós-nucleares (sintagmas-de) ou como modificadores de posse pós-nucleares (genitivos). Se for focalizado um equivalente de A^2 na função de modificador de posse pré-nuclear, é gramaticalmente inaceitável adicionar um termo equivalente a A^1 na posição pós-nuclear como é ilustrado pelas diferenças entre (3-32) e (3-33).

(3-32) a *Caesar's (z) destruction of the city (y).*
b *CAESAR's destruction of the city.*

(3-33) a *The city's (y) destruction by Caesar (z).*
b **THE CITY'S destruction by Caesar.*

A proposta de Mackenzie prevê, então, que, se um termo equivalente a um argumento do verbo *input* corresponder a um satélite-y, ele pode ser omitido por estar implícito, mas é quase tão essencial à predicação quanto os argumentos. Agora, se um termo equivalente a um argumento corresponder a um satélite-z, ele é não implícito e, portanto, a inserção ou não do termo correspondente é apenas uma opção do falante. Uma razão teórica para representar participantes opcionalmente expressos como satélite nas construções derivadas é, segundo Keizer (2004b, p.11), que:

> não há necessidade de uma regra separada de formação de termo-predicado, introduzida por Mackenzie e Hannay (1982 apud Keizer, 2004b) para tornar possível que termos indicando, por exemplo, locação ou posse funcionem como restritores sem serem antes convertidos em predicados. Para que esses termos funcionem como restritores eles precisariam primeiramente ser convertidos em predicados. Se, por outro lado, eles funcionarem como satélites, tal conversão não se tornaria mais necessária.[11]

Esse problema não mais se aplica, já que no arcabouço teórico da GDF usam-se variáveis separadas para representar categorias semânticas como locação e tempo (cf. Hengeveld; Mackenzie, 2006).

Outra vantagem teórica dessa proposta é que ela prevê uma correlação formal entre a estrutura argumental e a progressiva deverbalização do predicado *input:* a estrutura argumental de construções completamente verbais, como (3-29a), é progressivamente reduzida, até a ausência total de valência nas construções completamente nominais, como (3-29d). O processo de redução de valência serve de parâmetro para comprovar o processo gradual de descategorização dos verbos e a consequente recategorização deles como nomes.

A superioridade desse tratamento, segundo Mackenzie (1996, p.15), está no fato de que as regras de formação de predicado deixam de ser apenas estipulativas, conforme se vê na hipótese de preservação de valência de Dik, com a vantagem de a funcionalidade da nominalização, caracterizada por sua compactividade, estar diretamente refletida na noção de redução de valência: desprovê-las de seus "acessórios" é uma vantagem da qual dispõe o falante e justamente por isso é que são frequentemente empregadas.

---

[11] Cf. o original: *"there is no need for a separate rule of term predicate formation rule (Mackenzie and Hannay 1982 apud Keizer 2004b). This rule was introduced to make it possible for terms indicating e.g. location or possession to function as restrictors. For these terms to function as restrictors they would first need to be converted into predicates. If, on the other hand, they function as satellites, such conversion is no longer needed".*

Embora pareça tipologicamente instigante, a hipótese de Mackenzie apresenta alguns problemas que são derivados, a meu ver, da tendência de lidar com evidências baseadas somente em dados intuitivos sem qualquer consideração de outros dados reais de uso. Isso obscurece, por exemplo, sua visão da atribuição de saliência pragmática a certos constituintes do discurso, isto é, das razões pelas quais um termo necessita ser expresso por consistir em informação nova sem a qual o ouvinte não identifica o referente pretendido. Parece, com efeito, descabido tratar esses constituintes como satélites-y.

Além disso, no caso de um predicado nominal bivalente em que os dois termos representam informação comunicativamente necessária, parece não ser correto deixar de tratar A^1 como um satélite-z, que é uma informação adicional, para passar a interpretá-lo como satélite-y. Não haveria, assim, espaço para a possibilidade de caracterizar os termos de forma diferente mediante diferentes necessidades comunicativas.

Mackenzie considera que a dupla ocorrência da mesma função semântica em uma predicação não é problemática, dado o *status* diferencial dos dois possuidores como satélites implícitos e não implícitos. Segundo Dik (1989, p.103), esquemas de predicado nucleares nunca contêm mais que uma instância de uma dada função semântica. A afirmação de Dik está de acordo com o critério de atribuição de papel semântico proposto pela Gramática Gerativa: segundo o critério-theta (atribuição de papel temático), um constituinte só comporta um único papel temático e um mesmo papel temático só pode ser atribuído a um único constituinte (cf. Raposo, 1992). Considerando, por exemplo, a função semântica de Agente da GF, é impossível atribuí-la a mais de um argumento numa predicação verbal.

Para evitar a atribuição da mesma função semântica de Possuidor para os dois argumentos da nominalização, Mackenzie postula os conceitos de satélite implícito e de satélite não implícito, mas a validade desses conceitos ficaria restrita ao âmbito específico de casos de nomes genéricos, porque em nomes não genéricos, como, por exemplo, o nome *destruction* em *Caesar's destruction of the city*, ambos os argumentos destacados aparecem explícitos.

Além disso, entende Mackenzie (1966) que os termos da nominalização são apenas metaforicamente possuidores, não podendo, assim, ser tratados como argumentos aos quais se atribuem funções semânticas de Agente e Meta (Paciente), por exemplo. Ao contrário, as funções semânticas de um predicado nominal de ação [+ dinâmico, + controlado] são Agente e Meta (Paciente), mas, para a conceitualização como objeto, é necessário transformá-las em algo formalmente relacionado a nomes e não a verbos.

Os nomes prototípicos contêm, de fato, possuidores, como *de Maria* em *o livro de Maria*. Nominalizar um predicado verbal é aproximá-lo da estrutura de um nome, ajustando os termos do predicado à estrutura prototípica do nome. Não se trata, assim, de uma verdadeira função semântica de Possuidor, mas de termos morfossintaticamente relacionados ao nome como se fossem sintagmas expressando função de Possuidor.

Num trabalho mais recente (Mackenzie, 2004a), a função semântica de Possuidor foi substituída por uma função Associativa, que daria conta genericamente das variadas funções semânticas que exercem os sintagmas preposicionais com *de* como modificador tanto de núcleos referindo-se a entidades de primeira quanto a de segunda ordem. Persiste assim mesmo o problema de tratar diferentes relações gramaticais num mesmo rótulo geral.

Apesar da generalização que ela contém, a hipótese de redução de valência não é destituída de problemas. É possível alistar pelo menos cinco pontos críticos:

1. Não está claro como tratar, por exemplo, a saliência pragmática de certos termos do discurso, isto é, como explicar que, em algumas construções, um termo representando informação nova deva ser expresso, mesmo se o destinatário não for capaz de identificar o referente dele. Esses termos deveriam

ser tratados como satélites-y? Além disso, num predicado nominal bivalente em que os dois argumentos contêm informação igualmente requerida por razões pragmáticas, o primeiro argumento deveria deixar de ser um satélite-z para tornar-se um satélite-y?[12]

2. A hipótese de redução de valência parece ser ainda mais problemática, se vista sob o prisma do processamento cognitivo, caso se assuma a correspondência intuitiva entre o predicado verbal *input* e o nominal derivado. Parece ser contraintuitivo reduzir a valência no processo de nominalização para, em seguida, adicionar satélites referindo-se aos argumentos potenciais. Em outros termos, por que reduzir os argumentos para voltar a recuperá-los como satélites?[13]
3. Mackenzie (1996) emprega a noção de satélite-z, como um atalho para qualquer satélite não implícito, para formular a hipótese de redução de valência. Entretanto, a categoria de satélite-z foi criada por Dik (1989) para contrastar com

---

[12] Como a distinção entre satélite-y e satélite-z pode ser considerada puramente semântica em natureza, um satélite de qualquer um desses tipos pode ser comunicativamente saliente. De fato, na perspectiva de Mackenzie (1996), satélites estão tipicamente ausentes e são introduzidos somente se forem comunicativamente salientes. No entanto, como em meu enfoque a valência nominal é uma propriedade já prevista pelo item selecionado do léxico, é o estatuto pragmático de informação dada, ou Tópico Dado, ou da informação nova, ou focal, que se aplica à estrutura argumental, posição que rejeita, de pronto, as noções de satélites-y e satélite-z.

[13] Como Mackenzie (1996) assume um esquema avalente para nomes derivados no Fundo, seu enfoque não incorpora a operação de redução de valência precedendo a anexação de satélites. A atribuição de contraintuitividade depende do modo como se vê o léxico; em minha abordagem, deve haver uma correspondência semântica entre o nome derivado e o verbo *input* e consequentemente um esquema correspondente entre as duas categorias lexicais. No entanto, numa abordagem como a de Mackenzie esse problema de processamento dependeria também do número de casos em que os argumentos são expressos comparados ao número de casos em que eles não são. É verdade que, se na maioria dos casos os argumentos não são expressos¸ o esforço cognitivo envolvido em adicioná-los como satélites seria muito menor que o esforço envolvido em processar que certas posições argumentais não são preenchíveis.

a de satélite-y, com o objetivo de cobrir a noção de satélite implícito, um satélite que está sempre previsto em estados de coisas dinâmicos e controlados. O problema é que a adição de uma nova categoria vai frontalmente de encontro ao princípio metodológico da economia, dado o fato de que seria possível fazer uma análise exaustiva dos fenômenos linguísticos envolvidos com as categorias já disponíveis de argumento e satélite. A mesma crítica pode ser estendida à hipótese de redução de valência.

4. Para justificar a hipótese de redução de valência, Mackenzie (1996, p.11) considera que predicados completamente nominalizados são, como nomes lexicais, avalentes. No entanto, é sobejamente conhecido que são monovalentes muitos nomes lexicais não derivados como *medo do escuro*, *vontade de doce*, *ciúme da namorada* etc. Nada mais teoricamente justo, portanto, que considerar os nomes deverbais como valenciais em virtude da evidente relação que mantêm com os predicados verbais correspondentes como, por exemplo, *destruir a cidade* > *destruição da cidade*.
5. A aplicação dos rótulos satélite-y e satélite-z varia conforme a relevância topical ou focal do termo na estrutura interna do nome deverbal.

Acredito que essas questões podem receber uma resposta apropriada com base na análise de exemplos genuínos de nominalizações extraídos de uma amostra de dados de conversação real submetida a um procedimento estatístico.

Uma tarefa importante, portanto, é proceder ao processamento e à análise dos dados e, em seguida, reformular a hipótese de preservação de valência de um modo tal que ela se torne não apenas mais funcionalmente eficiente, mas também mais alinhada aos princípios gerais da GDF.

Antes de proceder a esse trabalho empírico, reservado para a Parte II, pretendo desenvolver, na seção seguinte, a discussão do modo como a nominalização é tratada na GDF. Como, todavia, essa versão refaz alguns conceitos da GF, é necessário explicitar, inicialmente, alguns aspectos da nominalização na GF para, em seguida, ver como foram finalmente repropostos pela GDF.

3.3 A nominalização na Gramática Discursivo-Funcional

Considerem-se as construções contidas em (3-34a) e (3-34b).

(3-34) a *A Prefeitura construiu a ponte.*
b *A construção da ponte pela Prefeitura.*

Trata-se de duas construções formalmente diferentes, já que (3-34a) é nucleada em torno de um verbo, enquanto (3-34b) é nucleada em torno de um nome. Entretanto, essas diferenças não são capazes de obscurecer a interpretação de que as duas construções representam basicamente o mesmo estado de coisas; além disso, seus predicados têm restrições de seleção idênticas e podem ser usados em circunstâncias similares. Observadas essas características similares, o problema básico que se coloca para a teoria da linguagem é como fornecer uma descrição estrutural que seja capaz de preservá-las formalmente.

No âmbito da Teoria Gerativa, a solução transformacional na chamada Teoria *Standard* era uma derivação (Raposo, 1992). Supunha-se, na ocasião em que predominava esse modelo, que as nominalizações como a de (3-34b) seriam deriváveis da representação subjacente de sentenças completas como (3-34a) por meio de uma regra transformacional de nominalização. Esse tipo de descrição enfatizava as similaridades das duas construções em prejuízo de suas diferenças.

Essa solução transformacional, que era à época postulada pela versão padrão da Gramática Gerativa, nunca foi admitida pela GF, que, por princípio, evita transformações, com base na suposição de que, uma vez construída, a estrutura é mantida em toda representação adicional que se faz da expressão linguística. A derivação é, assim, uma questão de expansão gradual em vez de uma projeção transformacional de uma estrutura sobre outra.

Há, todavia, um componente do modelo da GF que, de fato, requer uma regra de derivação, o de formação de predicados no léxico. Regras de formação servem para derivar um esquema de predicado de outro, estendendo, assim, o conjunto de esquemas de predicado disponível no léxico para um conjunto de esquemas de predicado derivados, que podem, então, fornecer o *input* necessário para a construção de predicações.

Alguns tipos de regras de formação de predicados podem realizar mudanças no estatuto categorial do esquema *input*, reduzindo ou estendendo o número de argumentos, incorporando argumentos ao predicado, ou modificando as funções semânticas das posições de argumento do esquema de predicado.

Essas regras de derivação são, contudo, confinadas ao "fundo" da gramática no arcabouço da GF, o componente que contém o conjunto de predicados e o conjunto de termos a partir dos quais predicações podem ser construídas (Dik, 1989, p.19-21). Se essas regras de derivação podem ser consideradas um tipo de transformação, elas têm muito pouco a ver com as regras transformacionais típicas do modelo *standard* da Gramática Gerativa, que eram de natureza sintática e não lexical como são as regras de formação de predicado na GF.

A partir da segunda metade da década de 1960 e especialmente durante os anos 1970, os gerativistas procuram reduzir a capacidade descritiva da teoria com o subsequente aumento da capacidade explicativa e redução de seu poder expressivo mediante a simplificação do formato das regras. Uma das estratégias mais notórias consistiu em extrair da formulação de regras específicas e particulares os aspectos que podiam ser convertidos em princípios gerais da linguagem (cf. Raposo, 1992, p.52). O trabalho teórico operado nesse período aboliu a quantidade excessiva de regras, reduzindo-as a um pequeno conjunto de opções que atuam como princípios restritivos universais na caracterização de gramáticas possíveis.

A redução de regras categoriais de reescrita, operada por Chomsky (1970) mediante os princípios da Teoria X-barra (cf. Raposo, 1992), incluiu a abordagem derivacional da nominalização, que foi abandonada em favor de uma descrição lexical. Na redução da capacidade descritiva das regras transformacionais, a nominalização deixou de ser tratada transformacionalmente e passou a ser caracterizada através de uma interação do léxico com o sistema de regras de reescrita. Passou a predominar a ideia de que o verbo *construir* e o nome *construção* entram no léxico como representantes verbal e nominal de um item lexical comum. Uma implicação dessa posição é que a nominalização não é mais derivada da representação subjacente de uma sentença completa.

Por essa razão, surgiu a necessidade de um mecanismo para formular regularidades por meio de categorias sintáticas de modo a capturar as propriedades comuns de construções verbais e de construções nominais. A solução para esse problema, a já mencionada Teoria X-barra, permitiu que as regularidades sintáticas pudessem ser formuladas em termos da categoria variável X, que pode assumir valores como verbo (V), nome (S), adjetivo (A) ou preposição (P).

Problemas similares também surgiram no quadro da GF; dadas, porém, as posições teóricas básicas desse modelo, existem certas diferenças relevantes, que cabe enumerar.

Em primeiro lugar, um princípio da GF diz que todos os predicados dotados de conteúdo lexical que não podem ser derivados de outros predicados por regra produtiva devem ser alocados no léxico. Não existem regras produtivas no português como a do gerúndio em inglês, que deriva um nome de qualquer verbo, como *constructing* do verbo *construct*. Em português, por exemplo, diferentes verbos dispõem de diferentes processos de derivação, como se comprova com a formação de *construção* a partir do verbo *construir*, e *constrangimento* a partir do verbo *constranger*. Deduz-se disso que nomes desse tipo devem ter sua própria entrada no léxico. Assim, o critério geral de produtividade faz cumprir a solução lexical para o problema.

Em segundo lugar, o fato de terem os itens *construir* e *construção* entradas distintas no léxico não implica a necessidade de uma nova teoria para considerar as similaridades entre eles. Cada predicado é parte de um esquema de predicado, e não há nada que previna o fato de predicados nominais terem esquemas de predicado muito similares ou mesmo idênticos ao esquema de predicado de verbos relacionados. Nesse caso particular, postulam-se os esquemas de predicado para *construir* e *construção* contidos, respectivamente, em (3-35) e (3-36).

(3-35) construir [V] $(x_1)_{\text{Agente/Força}}$ $(x_2)_{\text{Meta}}$

(3-36) construção [N] $(x_1)_{\text{Agente/Força}}$ $(x_2)_{\text{Meta}}$

Também o fato de *construir* e *construção* terem argumentos com as mesmas funções semânticas está plenamente representado nesses esquemas de predicado. Além disso, a relação entre esses predicados pode ser expressa na definição de significado de *construção* contida em (3-37).

(3-37) construção [N] $(x_1)_{\text{Agente/Força}}$ $(x_2)_{\text{Meta}}$
$=_{\text{df}}$
ação/evento definido por
construir [V] $(x_1)_{\text{Agente/Força}}$ $(x_2)_{\text{Meta}}$

O esquema de predicado para *construção* pode ser usado em formação de termos de acordo com o modelo de uma construção encaixada, como se observa em (3-38).

(3-38) (d1e_i: [construção [N] $(\text{prefeitura})_{\text{Agente}}$ $(\text{ponte})_{\text{Meta}}$])[14]

Ao determinar a expressão formal dos argumentos dentro do contexto de uma nominalização, as regras de expressão produzem alternativas como as seguintes ocorrências: *a construção da ponte pela Prefeitura* e *a construção pela Prefeitura da ponte*.

---

[14] Nesse esquema de predicado, **d** representa "definido", **1** representa "singular", e **e,** "estado de coisas".

Uma propriedade distintiva da GF é que, ao lado da derivação sintática completa e da listagem lexical pura, há também o mecanismo das regras produtivas de formação de predicado. Assim, em uma língua como o inglês, em que nomes podem ser produtivamente derivados de verbos correspondentes, as relações relevantes podem ser expressas em uma regra de formação de predicado.

Garcia Velasco e Hengeveld (2002) discutem o papel dos esquemas de predicado dentro da GF e apresentam a possibilidade de substituí-los por esquemas de predicação mais gerais, no interior dos quais os lexemas, listados no léxico sem esquemas, são inseridos por meio de aplicação de regras de ligação. A ideia de introduzir esquemas de predicação na GF foi proposta originalmente por Hengeveld (1992 apud Garcia Velasco; Hengeveld, 2002) como uma alternativa para a Regra de Formação Termo-Predicado de Dik (1980 apud Garcia Velasco; Hengeveld, 2002).

Os autores argumentam que a noção de esquema de predicado deve ser substituída, por um lado, por uma combinação de esquemas de predicação e, por outro, por lexemas fornecidos com definições de significado abstrato; finalmente, deve haver um mecanismo de ligação que permita conectar esses dois elementos na gramática. Os autores defendem o princípio de que essa passagem não é somente desejável, mas também ajuda a teoria a atingir um grau mais elevado de adequação psicológica, tipológica e pragmática.

O modelo de adequação psicológica requer que a GF possa referir-se tão estreitamente quanto possível aos modelos de competência linguística e comportamento linguístico (Dik, 1997, p.13). Esquemas de predicado desempenham um papel central na organização da GF, dado que eles constituem o *input* para a geração oracional e contêm uma grande quantidade de informação sintática e semântica relevante ao processo interpretativo. Espera-se, então, que a evidência psicolinguística confirme seu estatuto privilegiado na produção e na compreensão de sentença. Um caso interessante para avaliar a adequação psicológica dos esquemas de predicado concerne ao comportamento de verbos que permitem estruturas de argumento alternativas, como, por exemplo, os que participam das chamadas alternâncias causativas, como ilustradas em (3-39):

(3-39) a *Pedro abriu a porta.*
b *A porta abriu.*

(Adaptado de Garcia Velasco; Hengeveld, 2002, p.97)

Conforme discutido na seção anterior, a GF trata essas alternâncias mediante a formulação de Regras de Formação de Predicado. De uma perspectiva psicolinguística, esse tratamento sugere que a interpretação e a produção de um esquema *output*, como o contido em (3-40), terão que se referir à regra de formação de predicado relevante para estabelecer a relação com o esquema *input* e chegar à interpretação semântica apropriada do predicado derivado:

(3-40) REGRA DE FORMAÇÃO INCOATIVA
INPUT: $\text{pred}_V\ (x_1)_{\text{Agente}}\ (x_2)_{\text{Meta}}$
OUPUT: $\text{pred}_V\ (x_2)_{\text{Processado}}$

(Adaptado de Garcia Velasco; Hengeveld, 2002, p.97)

Verbos que atuam em alternância causativa, como os de (3-39a-b), não apresentam diferentes sentidos, mas diferentes estruturas de argumento. Ao se deparar com um verbo desse tipo, o falante terá que "tomar uma decisão" para determinar a que esquema de predicado se vincula o verbo. A previsão, que se origina da organização do léxico na GF, é, primeiramente, que a sentença (3-39b) poderia ser mais complexa para processar que (3-39a), uma vez que ela requer a abertura da regra de formação de predicado relevante para chegar à interpretação correta do predicado.

Para iniciar a discussão da adequação pragmática, os autores mencionam o exame que Butler (1998 apud Garcia Velasco; Hengeveld, 2002) faz do conceito de esquema de predicado. Para Butler, o modelo de relação predicado-argumento, resumido no esquema de predicado, não é capaz de levar em conta o uso do predicado e de seus argumentos na situação discursiva (Butler, 2001, p.56 apud Garcia Velasco; Hengeveld, 2002). Examinando o uso do predicado verbal *give* (dar), Butler conclui que a estrutura apresentada em (2-7), repetida abaixo como (3-41) por conveniência, é simples demais para levar em conta o uso real do verbo.

(3-41) Pass [[dar (João) (o livro) (a Maria)] (na biblioteca)]]

(Dik, 1989, p.68)

Com efeito, em quase 20% dos exemplos, o agente não é animado como o esquema requer; o exemplo fornecido pelo autor está contido em (3-42).

(3-42) *Anos compondo versos gregos deram-lhe confiança.*

(Adaptado de Butler, 2001, p.58 apud Garcia Velasco; Hengeveld, 2002, p.101)

A alta incidência de agentes não animados sugere, para os autores, que esse exemplo de Butler constitui não apenas uma violação às restrições de seleção do primeiro argumento, mas tem também implicações mais sérias.

A GF define a função semântica de Agente como a entidade controladora de uma Ação, e, por isso, todos os testes usados por Dik para identificar o tipo semântico de um estado de coisas[15] mostram que o primeiro argumento do exemplo contido em (3-42) deve ser claramente identificado como não agente. Isso acarreta a possibilidade de atribuir a esses argumentos inanimados uma função semântica não agentiva, e o candidato mais provável é a função Força, que representa uma entidade não controladora, mas que é responsável pelo desencadeamento do estado de coisas.

---

[15] Os testes compreendem a predicação ser complemento de verbos como *ordenar, persuadir* e *requerer* e a predicação combinar com satélites na função de Beneficiário.

Essa alternância entre Forças e Agentes na posição de primeiro argumento não se restringe ao verbo *dar*. Tem sido reconhecido, já de longa data, que satélites com função de Instrumento podem assumir a posição de sujeito, um processo que, na GF, acarreta a conversão de Instrumento em Força, como em (3-43a-b). Dada a produtividade dessa alternância, os autores consideram a viabilidade de formular uma Regra de Formação de Predicado dentro do arcabouço da GF com o formato geral contido em (3-43c):

(3-43) a *João cortou a carne com uma faca.*
b *A faca cortou a carne.*
c REGRA DE FORMAÇÃO INSTRUMENTO-FORÇA
INPUT: $(f_1\text{: pred}_V\ (f_1)\text{: } \{(f_2\text{: } (x_3)_{\text{Instrumento}}\ (f_2))\}\ (f_1))\ (x_1)_{\text{Agente}}\ (x_2)_{\text{Meta}}$
OUTPUT: $(f_1\text{: pred}_V\ (f_1))\ (x_3)_{\text{Força}}\ (x_2)_{\text{Meta}}$
SIGNIFICADO: Entidade instrumental (x_3) provoca o processo denotado por pred_V

(Adaptado de Garcia Velasco; Hengeveld, 2002, p.102)

No entanto, segundo o entendimento dos autores, em termos de processamento cognitivo é excessivamente elevado o custo teórico de regras como a contida em (3-43c) pelas seguintes razões: em primeiro lugar, ela causa uma alteração radical no esquema de predicado derivado, que, de qualquer maneira, oculta a relação semântica óbvia entre as duas variantes; em segundo lugar, ela nos obriga a aceitar que regras de formação de predicado podem admitir satélites no *input*, o que constituiria um postulado um tanto controverso em virtude de a aplicação de regras de formação de predicado ser restrita ao Fundo, que é lexical por natureza.

Quanto ao princípio de adequação tipológica, Garcia Velasco e Hengeveld (2002) mencionam a tipologia de sistemas de classes de palavras ou partes do discurso de Hengeveld (1992), que usa definições funcionais, isto é, definições distribucionais para as classes de palavras. De acordo com essas definições, é possível distinguir classes de palavras com base nas posições sintáticas que ocupam, como núcleo ou modificador de um sintagma de termo ou de um sintagma de predicado.

O resultado da aplicação dessas definições a uma grande diversidade de línguas mostra que algumas delas dispõem de uma classe de lexemas somente em uma dessas posições sintáticas, enquanto outras permitem o uso de uma única classe de lexemas em várias posições sintáticas. Na terminologia de Hengeveld (1992), as línguas do primeiro tipo consistem num sistema *rígido* de classes de palavras, enquanto as do segundo tipo consistem num sistema *flexível*. Línguas com sistemas mais flexíveis de classes de palavras usam uma classe única de lexemas para as diferentes posições sintáticas.

Em línguas tipologicamente flexíveis, os esquemas de predicado não são uma propriedade intrínseca dos lexemas em si; ao contrário, os lexemas estão associados a um esquema de predicado que licencia a ocorrência deles conforme a necessidade da situação de comunicação. Segundo os autores, para fazer justiça a esse aspecto de línguas flexíveis, é necessário separar os contextos sintáticos dos lexemas. Se línguas flexíveis requerem uma abordagem como essa, o mesmo se aplica a todas as outras línguas como uma decorrência da necessidade de adequação tipológica da GF (Garcia Velasco; Hengeveld, 2002, p.107).

Um modo de resolver o problema que a noção de esquema de predicado apresenta com respeito aos padrões de adequação psicológica, pragmática e tipológica é dividir esquemas de predicado em predicados e esquemas, e ter um mecanismo de ligação que os associe na gramática. Assim, os autores dão preferência por substituir a expressão *esquema de predicado,* empregada por Dik (1989), por *esquema de predicação*, e o termo *predicado*, também empregado por Dik, por *lexema.* Desse modo, o termo *predicado* torna-se disponível para qualquer tipo de item lexical, ou "lexema", usado como predicados em contextos sintáticos particulares; fica reservada para a expressão *esquemas de predicação* a função de especificar as configurações subjacentes em que podem ocorrer os lexemas. Nesse caso, o conjunto de esquemas de predicação não é idêntico para todas as línguas, nem sintática nem semanticamente.

Ao definir os esquemas de predicação, Garcia Velasco e Hengeveld (2002) empregam o formalismo desenvolvido por Hengeveld (2004d),[16] mediante o qual é possível estabelecer uma distinção básica entre unidades no Nível Interpessoal e Representacional, respeitando a nova versão da GF, a GDF.

Conforme discutido na Seção 2.5, as unidades do Nível Interpessoal são definidas em termos de sua função na comunicação. As variáveis usadas para formalizá-las são letras maiúsculas. As funções relevantes aqui são Subatos de Referência (*reference*) (R) e de Atribuição (*ascription*) (T). Em muitas outras abordagens, esta última função seria chamada de predicação, mas esse termo é reservado, na GDF, para uma instanciação semântica, no Nível Representacional, de um Subato de Atribuição, definido, portanto, no Nível Interpessoal.

Unidades no Nível Representacional são definidas em termos do tipo de entidade que designam. As variáveis usadas para representá-las formalmente são letras minúsculas. Os tipos de entidade relevantes desse nível são propriedades/relações (f), indivíduos (x), lugar (l), tempo (t), estados de coisas (e), episódio (ep) e conteúdo proposicional (p). Assim, mediante o uso de unidades de diferentes níveis, separam-se rigorosamente funções comunicativas e categorias semânticas.

Os dois níveis de análise são em princípio independentes um do outro. Todos os tipos de entidade podem ser referidos, e todos os tipos de entidade podem ser predicados. Assim, um Subato de Referência (R) pode fazer uso da designação de um indivíduo (x), como em (3-44a), bem como da descrição de um estado de coisas (e), como em (3-44b).

---

[16] À época da publicação de Garcia Velasco e Hengeveld (2002), Hengeveld (2004) é mencionada como obra no prelo, o que explica a posterioridade cronológica da fonte citada.

(3-44) a *Ele viu o menino.* $(R_1: (x_1) (R_1)$

b *Ele viu o menino fazer um desenho.* $(R_1: (e_1) (R_1)$

(Adaptado de Garcia Velasco; Hengeveld, 2002, p.110)

Da mesma forma, o inverso também é verdadeiro: pode-se usar a descrição de uma entidade de primeira ordem num Subato de Referência, como em (3-45a), e igualmente também num Subato de Atribuição, como em (3-45b).

(3-45) a *Estou procurando um carpinteiro.* $(R_1: x_1 (R_1)$

b *Meu vizinho é carpinteiro.* $(T_1: x_1) (T_1)$

(Adaptado de Garcia Velasco; Hengeveld, 2002, p.110)

As variáveis assim distinguidas permitem formular esquemas de predicação como o de (3-46a) para um tipo intransitivo de predicação e o de (3-46b) para um tipo transitivo sem levar em conta as categorias semânticas envolvidas com o predicado, que já vêm definidas do léxico. Para dar conta da inserção lexical, o símbolo (◆) representa, no esquema de predicação, a posição estrutural para a realização dessa operação de ligação entre Léxico e Gramática.

(3-46) a Estado de coisas intransitivo: $(T_1: (f_1: \blacklozenge (f_1)) (T_1)) (R_1)$

b Estado de coisas transitivo: $(T_1: (f_1: \blacklozenge (f_1)) (T_1)) (R_1) (R_2)$

(Adaptado de Garcia Velasco; Hengeveld, 2002, p.110)

As formulações contidas em (3-47a-b) representam esquemas de predicação para a inserção de termo na função de núcleo de sintagma.

(3-47) a indivíduo: $(R_1: (x_1 \blacklozenge (x_1) (R_1) \ldots (R_N))$

b estado de coisas: $(R_1: (e_1 \blacklozenge (e_1)) (R_1) \ldots (R_N))$

(Adaptado de Garcia Velasco; Hengeveld, 2002, p.111)

O esquema de predicação de (3-47a) representa, então, um termo, como *paletó* em *o paletó novo dele*, enquanto o esquema de (3-47b), um estado de coisas, como *casamento* em *o terceiro casamento dele*. Assim, o esquema de predicação para uma nominalização representa a ideia de que um Subato de Referência, definido no Nível Interpessoal, tem a função de designar, no Nível Representacional, um estado de coisas, o que dá suporte ao caráter semanticamente complexo de nomes derivados. O formalismo, longe de ser estéril e vazio, é absolutamente relevante para uma representação adequada das nominalizações, como entidades que representam estados de coisas.

Como lexemas não se confundem com esquemas, um problema a resolver é como lexemas se ligam aos esquemas de predicação em que ocorrem. Na GF são os próprios esquemas de predicado que definem a valência quantitativa e qualitativa dos lexemas.

Ao contrário, quando se separam lexemas e esquemas de predicação, torna-se crucial desenvolver uma solução alternativa para o problema da ligação entre léxico e sintaxe, e a solução que Garcia Velasco e Hengeveld (2002) fornecem para a questão envolve o uso de primitivos, postulados para a definição de categorias ontológicas básicas de natureza conceitual, no mesmo espírito do que propõe Jackendoff (1990). São os componentes de significado abstrato que servem como gatilhos para a ligação entre o lexema envolvido e um esquema de predicação específico ou, dito em outras palavras, entre o Léxico e a Sintaxe. Se o mecanismo de ligação se baseasse em definições concretas de significado, cada elo teria que ser especificado separadamente.

Considerando os mecanismos abstratos de definição de significado, é possível considerar a definição, em (3-48b-c), para o lexema verbal *open*.

(3-48) a Open[V]
b [f_1: [CAUSE (x_1)[BECOME **open'** (x_2)]]]
c [f_1: [BECOME **open'** (x_1)]]

(Adaptado de Garcia Velasco; Hengeveld, 2002, p.116)

As definições de (3-48b-c) expressam que o lexema *open* designa uma relação representada pela variável **f** entre duas entidades, representadas pela variável **x**. Ao contrastar as duas definições de significado para o lexema *open*, fica evidente que a segunda definição consiste numa subparte da primeira. Essa relação significa que é tarefa teoricamente simples formular uma regra que derive um significado abstrato de outro lexema e, em seguida, ligar cada definição a um esquema de predicação.

A regra de formação de predicado passa a ser substituída pela regra de derivação de lexema, separando-se, assim, com maior nitidez, a sintaxe do léxico. Consequentemente, se um lexema tem mais de uma definição de significado, como o verbo *open*, ele pode ser vinculado a mais de um esquema de predicação. Essa solução será aplicada às nominalizações do português na Seção 5.3.

Uma forte motivação para essa separação entre lexemas e esquemas de predicado é o fenômeno da especificação ou não especificação de argumentos na função de objeto. Garcia Velasco e Portero Muñoz (2002) alegam que a não especificação de objetos em verbos como *comer* (*eu estava comendo*) é determinada por restrições de natureza lexical e de natureza discursiva. A diferença básica entre os dois processos é que a omissão lexical requer a ausência de um referente possível para o objeto subentendido. Fillmore (1986 apud Garcia Velasco; Hengeveld, 2002, p.103) observa que, no contraste entre *Ele estava comendo/Eu quero saber o que ele estava comendo* e entre *Eles descobriram/Eu quero saber o que eles descobriram*, não faz o menor sentido fazer a segunda pergunta, dado que o referente de *descobrir* deve ser suficientemente óbvio na situação discursiva.

Entendem Garcia Velasco e Portero Muñoz (2002) que é possível formalizar essa diferença, assumindo que os esquemas de predicado de Dik (1989), agora denominados esquemas de predicação, possam ser atribuídos *online* e os verbos que admitem omissão lexical assumem um esquema de predicado de um lugar em seu uso intransitivo, não permitindo, assim, um processo anafórico de recuperação do referente. Os autores postulam que esse processo pode ser pragmaticamente motivado, uma vez que ele licencia uma alteração no tipo semântico de estado de coisas de um modo eficiente e econômico.

Este capítulo encerra a Parte I deste tabalho, que define aspectos diversos do posicionamento teórico em relação às classes de palavras. Na Parte II, procedo à análise de uma amostra de nominalizações do português falado para fornecer evidência para a hipótese de preservação de valência. O enfoque escolhido é, como se viu nas seções 3.2 e 3.3, o da GDF e, mais especificamente, no âmbito da GF, a hipótese de preservação de valência postulada por Dik (1985; 1989).

A análise empírica se limitará à demonstração de que a não especificação dos argumentos da nominalização não implica ausência de valência, como defende Mackenzie (1996), e à explicitação das motivações funcionais de natureza semântica e pragmática para a não especificação da estrutura argumental. Os aspectos teóricos e empíricos serão retomados na Parte III, que trata das generalizações e implicações teóricas em que essas motivações são interpretadas, agora, à luz da GDF.

Vale lembrar que o objetivo final é demonstrar que os nomes que representam entidades de ordem superior e, portanto, são providos de valência constituem membros não prototípicos da classe; ao contrário, os nomes não derivados e que representam entidades de primeira ordem e, portanto, são, por definição, desprovidos de valência, constituem membros prototípicos.

PARTE II

A PRESERVAÇÃO DA ESTRUTURA ARGUMENTAL NA NOMINALIZAÇÃO: EVIDÊNCIAS EMPÍRICAS

4
A ESTRUTURA ARGUMENTAL NA NOMINALIZAÇÃO

Introdução

Este capítulo, que se destina ao exame da organização valencial na amostra selecionada, é o ponto de partida para a comprovação empírica da valência como propriedade constitutiva da nominalização, que constitui a tarefa principal da Parte II deste trabalho. O ponto-chave é a sustentação da hipótese de que há dois tipos de nominalizações: um deles se refere a entidades de primeira ordem e o outro se refere a entidades de ordem superior. A principal diferença entre eles é ausência e presença de valência respectivamente, que dá suporte à hipótese de continuidade categorial nas classes de palavras, tese que será desenvolvida na Seção 6.1, que trata dessa natureza complexa da nominalização.

O ponto de referência será a análise da estrutura argumental das nominalizações que representam entidades de segunda ordem em dados do português falado, porque comprovar que os nomes deverbais dessa natureza não são desprovidos de valência, ao contrário dos nomes de primeira ordem, é um ponto crucial deste trabalho.

A Seção 4.1 descreve alguns procedimentos metodológicos que presidem à seleção operada no universo de investigação e, ao mesmo tempo, faz a apresentação da amostra utilizada.

Antes de tratar especificamente da relação entre valência nominal e expressão argumental, vale a pena repetir que a ideia do *continuum* categorial que assumo neste trabalho está fortemente atrelada à sustentação da hipótese de preservação de valência das nominalizações, defendida por Dik (1985; 1997), conforme já mencionado na Seção 3.3. Segundo essa posição, nominalizações e verbos primitivos respectivos dispõem da mesma estrutura argumental, em virtude de haver uma correspondência estrita entre eles, baseada também na noção de herança argumental de Hoekstra (1986) entre predicados nominais derivados e os predicados verbais subjacentes, ainda que quase nunca os predicados nominais expressem abertamente a estrutura argumental de que dispõem por herança. Nesse caso, pretendo demonstrar, com dados reais de conversação em língua portuguesa, o modo como a valência nominal é preservada.

O critério de exposição escolhido é o seguinte: forneço, inicialmente, evidência supostamente favorável à hipótese de redução de valência apenas com base na interpretação de resultados mais gerais, para, em seguida, falseá-la com evidência francamente favorável à hipótese de preservação de valência mediante um tratamento mais detalhado e específico dos mesmos resultados em relação ao modo como o discurso se organiza nos Níveis Interpessoal e Representacional.

O percurso da análise é o seguinte: apresento, inicialmente, em 4.2 evidência em favor da ideia de competição argumental, mostrando que, no caso de predicados de dois lugares, a preferência é pela expressão por sintagma adposicional, introduzido pela preposição *de*, e o candidato derrotado na competição recebe expressão por anáfora zero.

Os poucos casos em que a expressão argumental se manifesta plenamente em predicados bivalentes são de nomes derivados de verbos com complemento oblíquo, que já dispõem de uma preposição, fenômeno que só reforça o princípio de competição. A especificação dos resultados torna-se ainda mais detalhada na Seção 4.3, em que trato da codificação morfossintática dos argumentos.

Na Seção 4.4, apresento evidência de que há casos de anáfora zero motivados por relações de predeterminação semântica entre a predicação encaixada e a predicação matriz, e casos de anáfora zero motivados por determinação pragmática em função do grau de acessibilidade dos referentes na memória de curto prazo dos participantes da interação. Demonstro também que há motivações semântico-pragmáticas para interpretar nominalizações em si mesmas como não referenciais, propriedade que determina, mesmo nos verbos, a ausência de expressão de valência, e para interpretar como indeterminada a referência de argumentos.

4.1 Apresentação da amostra e dos procedimentos de seleção

A amostra é constituída por 181 ocorrências extraídas de um *corpus* maior coletado por Santana (2005), incluindo 305 casos de nomes deverbais e deadjetivais, a partir de três inquéritos do Projeto NURC-SP, correspondentes a elocuções formais (EF-377: Castilho; Preti, 1986), diálogos entre informante e documentador (DID-237: Preti; Urbano, 1988) e diálogo entre dois informantes (D2-360: Castilho; Preti, 1987).

O primeiro consiste numa aula gravada, sendo, portanto, reduzido o grau de intercâmbio entre os polos da emissão e da recepção; o segundo e o terceiro são exemplos típicos de conversação, mas nos diálogos do tipo DID o intercâmbio é em geral controlado pelo documentador. Já o tipo D2, o mais informal dos três, consiste numa conversa livre entre dois informantes e, embora o documentador também esteja presente, ele tem participação extremamente reduzida na conversação. As pessoas entrevistadas têm escolaridade de nível superior; pode-se supor, por isso, que os três tipos de inquéritos são casos ilustrativos de fala padrão e relativamente formal.

O critério principal para levantamento da amostra consistiu na seleção de nominalizações mono e bivalentes de segunda ordem. O que esses predicados têm em comum com os predicados verbais correspondentes é que eles descrevem eventos e estados que se caracterizam por serem localizáveis no tempo e serem avaliáveis em termos de seu estatuto real, traços que constituem critérios para a definição de estados de coisas (cf. Hengeveld, 2004c).[1]

Um critério para o levantamento desse tipo de nominalização de segunda ordem é a tipologia semântica de estados de coisas postulada por Dik (1989) com base nos traços [+/- dinâmico], [+/- controlado] e [+/- télico]. Como a tipologia tem apenas o efeito de comprovar a natureza superior da entidade representada pela nominalização, para reiterar seu caráter de estado de coisas, bastam os dois primeiros traços, procedimento que conduziu a uma tipologia da seguinte natureza: Posição [-dinâmico, +controlado], Estado [-dinâmico, -controlado], ação [+dinâmico, +controlado] e Processo [+dinâmico, -controlado].

Outro critério relevante é a natureza argumental do predicado nominal. Foram selecionadas as nominalizações derivadas de verbos monovalentes, bivalentes com complemento direto e bivalentes com complemento oblíquo, classificados na tradição gramatical como intransitivos, transitivos diretos e transitivos indiretos respectivamente.

Na realidade, a análise dos bivalentes oblíquos serve como parâmetro ou ponto de referência para a dos bivalentes com complemento direto para a verificação da hipótese de competição entre os argumentos pela posição de sintagma-de, já que, potencialmente, somente os nomes derivados de transitivos diretos seriam capazes de acionar a competição entre os argumentos para o preenchimento de uma posição única de possuidor. O argumento nominal, correspondente ao complemento oblíquo de predicados verbais bivalentes, já dispõe de preposição, que é automaticamente herdada pela estrutura argumental da nominalização, fenômeno que, de saída, exclui a possibilidade de competição entre os argumentos sujeito e complemento.

---

[1] É digno de nota, todavia, que as nominalizações aparecem não como construções independentes, mas como construções dependentes. Nesse caso, a análise das condições temporais e do estatuto de verdade depende dessas relações. Assim, por exemplo, em *João lamentou a demissão de Maria*, está claro que a predicação nominal é temporalmente anterior à predicação verbal em que se encaixa como complemento. Já o estatuto epistêmico de uma construção dependente é o mesmo de pressuposições em geral (ver a esse propósito Cristofaro, 2003).

É ocioso dizer que nenhuma amostra é capaz de representar todas as possibilidades de ocorrência da língua, tipo de problema metodológico que afeta esta pesquisa. Assim, numa primeira fase, o levantamento incluía os casos de predicados trivalentes; como não havia nenhuma ocorrência de nome derivado de verbo bitransitivo, e os poucos casos de trivalentes são predicados com A^3 na forma de oblíquo, fiz um recorte nessa segunda fase excluindo predicados desse tipo de estrutura argumental. Como tem relevância observar a competição entre os argumentos para ocupar a posição de sintagma de possuidor na nominalização, incluí apenas entre os verbos de dois lugares os transitivos diretos e os transitivos oblíquos.

A vantagem de trabalhar com todas as ocorrências, incluindo repetições, num *corpus* de língua falada é poder contar com o princípio de que a não ocorrência possa corresponder à baixa frequência no uso em geral ou de baixa produtividade no sistema linguístico, ou o efeito dos dois fatores juntos. No entanto, a falta de ocorrência de nomes derivados de verbos bitransitivos deve ter mais a ver com baixa frequência de uso na amostra, já que, em português, é produtiva a derivação de nomes de verbos de três lugares, como *doação*, *envio*, *entrega* etc.

O principal critério empregado na análise da estrutura argumental das nominalizações é o da codificação dos participantes, um fator de análise que está, em geral, presente em estudos funcionalistas (Mackenzie, 1987; Koptjevskaja-Tamm, 1993; Cristofaro, 2003; Malchukov, 2004) que tratam das construções encaixadas, isto é, é relevante saber se os participantes do evento dependente são expressos como nas orações declarativas independentes; saber, por exemplo, se os participantes podem ou não ser claramente expressos, ou se são expressos como possuidores ou oblíquos. Como a nominalização, como estado de coisas que é, representa uma construção encaixada, a mesma metodologia será aplicada a ela.

Assim, nenhuma outra restrição foi operada no levantamento, a não ser a natureza valencial da nominalização em relação ao verbo subjacente correspondente, nem mesmo os processos formais de derivação.

Sabe-se que, do ponto de vista da morfologia derivacional, a formação de nomes a partir de verbos pode ser feita tanto por sufixação, como *construção*, quanto pelo processo de derivação regressiva, como *pesca*. Segundo Basílio (2004) as mais produtivas são as formações de estrutura $[\text{V-ção}]_N$, chegando a corresponder a cerca de 60% das formações regulares, seguidas por formações em –mento, que correspondem a cerca de 20% das formações regulares (Basílio, 2004, p.42). É provável que a amostra de nominalizações aqui analisada mantenha essa proporção, mas esse aspecto formal não é pertinente a este trabalho, que, como mencionado acima, é controlado pela natureza valencial da nominalização.

Os critérios para o levantamento da amostra não excluem a possibilidade de ocorrências repetidas do mesmo caso, dado que, mesmo estando muito próximas na superfície textual, duas repetições nem sempre exercem a mesma função discursiva. Compare, por exemplo, as ocorrências repetidas de *evolução* e *apresentação* nos fragmentos textuais contidos em (4-1) e (4-2) respectivamente.

(4-1) *no final das contas toda a evolução humana... não deixa de ser exatamente a evolução do domínio que o homem tem sobre a natureza...* (EF-SP-405)

(4-2) *Doc.:* *Dona I. além do filme em si a senhora acha que há alguma apresentação anterior que prende a atenção do público e até que ponto ela pode ser interessante ou não?*
Inf.: *apresentação anterior do filme?...* (DID-SP-234)

Em (4-1) a primeira menção é menos específica e, portanto, menos referencial que a segunda. Em (4-2), a primeira e a segunda menção de *apresentação* não têm a mesma referência, dado que o Documentador quer se referir a outro tipo de apresentação que anteceda a do filme, não a do filme propriamente dita, enquanto a Informante considera, em seu pedido de esclarecimento, a possibilidade de terem sido mencionadas duas apresentações do mesmo filme na pergunta do Documentador.

É possível inferir que a amostra representa bem a produtividade do processo de derivação nominal na gramática do português, como se observa na Tabela 1, que traz uma distribuição dos casos cruzando os tipos de valência com os tipos semânticos de predicados.

A Tabela 1 faz menção ao predicado *input* das nominalizações. Assim, *V1* representa predicados monovalentes; *V2*, predicados bivalentes com complemento direto e *V2-Ob*, predicados bivalentes com complemento oblíquo, que, na tradição gramatical, são classificados como transitivos indiretos.

Tabela 1 – Valência potencial e tipos semânticos de predicados[2]

	V1		V2		V2-Ob		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%
Processo	24	41,0	04	4,0	2	6,0	30	17,0
Posição	1	1,0	7	8,0	16	50,0	24	13,0
Ação	24	41,0	66	73,0	1	3,0	91	50,0
Estado	10	17,0	13	15,0	13	41,0	36	20,0
Total	59	33,0	90	50,0	32	18,0	181	

A Tabela 1 mostra que os nomes derivados de verbos bivalentes com complemento direto são majoritários, seguidos dos derivados de verbos monovalentes. Registra-se uma baixa frequência relativa na amostra da classe de nomes derivados de verbos bivalentes com complemento oblíquo.

Os nomes de ação predominam sobre os demais tipos semânticos de estados de coisas, e predominam também na classe dos nomes mono, bi e trivalentes. A exceção fica por conta dos predicados nominais derivados de verbos com complemento oblíquo. Registra-se apenas um caso de estado de coisas de ação, frequência que é absolutamente compatível com a produtividade semântica desse tipo de predicado, que costuma ser muito maior, embora não absoluta, na classe dos predicados de estado e de processos com sujeito experienciador.

---

[2] Nesta tabela e nas demais, N representa a frequência numérica bruta e %, a frequência percentual. *Valência potencial* representa aqui a estrutura argumental do verbo *input* em estado de dicionário.

Uma característica secundária que merece observação é a função sintática que os nomes derivados exercem na predicação hierarquicamente superior. Há 10,0% (19/181) de casos de verbo suporte, como se observa em (4-3a-c).

(4-3) a *três ou quatro citações que faziam referência exatamente* ***a isso*** *que estilo mudava* (EF-SP-405)
b *como eu falei para vocês ele faz seleção* ***de pessoal*** *né?* (D2-SP-360)
c *o paleolítico é o período... da pedra lascada...como vocês todos sabem... não é?... e... tem uma duração* ***de aproximadamente seiscentos mil*** *anos* (EF-SP-405)

Quando complemento de verbo-suporte,[3] a nominalização não pode ser considerada propriamente um tipo de construção encaixada por atuar como segundo componente de uma espécie de lexia composta. Nesses casos, a nominalização tem o apoio de um verbo semanticamente mais leve – em geral *fazer, ter* e *dar* – que recebe todos os sufixos verbais. Isso não impede que, em alguns casos, ela apareça relativamente independente com marcação própria de determinação. Dizer, portanto, que *referência, seleção* e *duração* ocupam a posição de A^2 nessas predicações é um equívoco interpretativo, já que "examinando-se os pares formados em português pelas construções com verbo-suporte, de um lado, e as construções com verbos plenos correspondentes, de outro, verifica-se que o contraste entre esses enunciados em relação parafrástica não implica diferenciação sintática no restante da oração" (Neves, 2002, p.211).

---

[3] Para Neves (2002), "uma definição corrente de verbo-suporte os apresenta como 'verbos semanticamente vazios que permitem construir um SN com V-n em relação de paráfrase com um SV [...]", é indicação que não deve ser tomada como definitória por haver construções desse tipo que não possuem correlatos semânticos com verbos simples (Neves, 2002, p.210).

Os três casos das lexias acima mencionadas do tipo verbo+nominalização poderiam ser substituídos, sem prejuízo semântico, por verbos correspondentes, como *referiam-se*, em (4-3a), *seleciona*, em (4-3b), e *dura*, em (4-3c); são, portanto, autênticos complementos de verbo-suporte. Entretanto, se, por um lado, todos os casos dispõem de valência (o constituinte em negrito), por outro, as nominalizações de (4-3a) e (4-3b) são completamente destituídas de determinação, o que é típico de complemento de verbo-suporte, enquanto a de (4-3c) aparece acompanhada de artigo indefinido. De qualquer modo, observe que, nas ocorrências (4-3b-c), os nomes deverbais expressam a estrutura valencial.

Extraídas essas 19 ocorrências de nominalizações com verbo-suporte, a maioria absoluta, equivalente a 52,0% (84/162) dos casos, exerce função argumental correspondente à de sujeito (4-4a), de objeto (4-4b), de oblíquo (4-4c) do verbo *input* respectivo, e de complemento nominal (4-4d) na predicação matriz:

(4-4) a *as:: manifestações artísticas*[4] *começaram a aparecer no paleolítico superior...* (EF-SP-405)
b *eles também precisavam acompanhar... o a migração da caça se não eles iam fica sem comer...* (EF-SP-405)
c *e o problema de horários de adaptar a carreira... com... a a:: [ ] com a casa com a administração da casa* (D2-SP-360)
d *uma última coisa que eu gostaria de dizer é o fato de que nessa época ainda não existe preocupação com composição...* (EF-SP-405)

---

[4] Outras referências anteriores justificam considerar que o adjetivo *artísticas* neste SN pode ser considerado como equivalente ao SP *de arte*, já que o principal tópico do texto é a arte do paleolítico.

Há também ocorrências de outras funções não majoritárias, tipicamente não argumentais, em que a nominalização atua como núcleo na função de satélite (4-5a), modificador de nome (4-5b), predicado não verbal (4-5c), e mesmo constituinte extraoracional (4-5d) (Dik, 1987), tratado na GDF como ato discursivo independente de Orientação.

(4-5) a *numa família grande há sempre um com tarefa de supervisor... por instinto não por obrigação...* (D2-SP-360)
b *houve uma série de irre/eh:: de irregularidades... nas lis/ na apresentação da lista de classificação* (D2-SP-360)
c *não e/ então não era divertimento aquilo...* (DID-SP-234)
d *quanto à coleta se eles dependiam... da colheita... de frutos... raízes... que eles NÃO plantavam...* (EF-SP-405)

Como todas as nominalizações são formas dependentes exercendo diferentes relações gramaticais na predicação matriz, os dados acima mostram a relevância dos deverbais como um mecanismo de subordinação. A causa dessa distribuição é que eles podem atuar não só como complemento nas funções argumentais e predicacionais da matriz, mas também como modificador nominal e adverbial dela e até mesmo de forma mais ou menos independente da matriz, na função de ato discursivo de Orientação, como em (4-5d).

Embora as outras ocorrências sejam minoritárias, o exercício de diferentes funções na predicação hierarquicamente superior, registrado nos dados acima, revela uma propriedade característica das nominalizações do português e de outras línguas, que é sua versatilidade funcional: como as construções nominais dispõem de outro tipo de complexidade categorial, elas oferecem menos resistência a restrições sintáticas (Mackenzie, 1985).

Observe-se particularmente o caso de (4-6) em que se registram encaixamentos recursivos em que *repressão* funciona como construção dependente, complementando o nome *campanha* na predicação matriz, que, por seu lado, é, ele próprio, matriz de *mendicância,* outro nome derivado.

(4-6) *fazendo parte da:: campanha de:: repressão à mendicância... do governo Carvalho Pinto* (D2-SP-360)

Além desse caso de recursividade, a versatilidade dos nomes derivados é ainda maior quando a predicação nominalizada pode exercer funções sintáticas na predicação matriz que não seriam licenciadas aos predicados primitivos correspondentes, como mostram os exemplos (4-7a-b) e (4-8a-b).

(4-7) a * *as artes se manifestarem [e isso começou a...] começaram a aparecer no paleolítico superior...*
b *as:: manifestações artísticas começaram a aparecer no paleolítico superior...* (EF-SP-405)

(4-8) a * *fazendo parte da:: campanha de:: que o governo Carvalho Pinto reprimiu a mendicância*
b *fazendo parte da:: campanha de:: repressão à mendicância... do governo Carvalho Pinto* (D2-SP-360)

Como se pode observar, a conversão das nominalizações *manifestação,* em (4-7b), e *repressão*, em (4-8b), na sua contraparte verbal, apresentada, respectivamente, em (4-7a) e (4-8a), resulta, nesses contextos específicos, em construções malformadas ou no mínimo estranhas. Esse fato está plenamente de acordo com a correlação entre tipos morfossintáticos de subordinação e grau de integração semântica entre predicação encaixada e predicação matriz.

A nominalização pode atuar como um exemplo de motivação funcional por iconicidade (Haiman, 1983; Givón, 1980), segundo o qual a integração semântica entre os eventos se reflete na integração morfossintática entre as orações, conforme a escala oração finita > oração não finita > nominalização (Lehmann, 1988). A nominalização consiste no grau máximo de integração formal no processo de gramaticalização por se aproximar em grau máximo de um SN atuando como complemento da oração matriz, conforme a gradação sugerida por Mackenzie (1996), contida em (3-29a-d), repetida aqui como (4-8).

(4-8) a *That **my horse*** (A^1) *won **the race*** (A^2) *came as a great surprise*. (oração finita)
b ***My horse*** (A^1) *winning **the race*** (A^2) *came as a great surprise*. (gerúndio)
c ***My horse's*** (satélite-y) *winning **the race*** (A^2) *came as a great surprise*. (gerúndio-genitivo)
d ***My horse's*** (satélite-z) *winning **of the race*** (satélite-y) *came as a great surprise*. (nominalização produtiva)

De (4-8a) a (4-8d) observa-se uma gradação progressiva em direção ao grau máximo de dessentencialização, um dos parâmetros postulados por Lehmann (1988) para propor uma tipologia de ligação de orações, conforme disposto na Figura 7:

sentencialidade ◄————————————————► nominalidade
oração construção não finita nome verbal

(Adaptado de Lehmann, 1988, p.189)

Figura 7 – Escala de dessentencialização

Baseando-se em Dik (1985) e, especialmente, Mackenzie (1985), Lehmann (1988) destaca que o processo de dessentencialização afeta a relação do predicado verbal com seus argumentos. Numa nominalização, os SNs correspondentes aos argumentos do verbo finito aparecem no genitivo ou em sintagmas adposicionais. Um verbo não completamente nominalizado pode ter um objeto direto e um advérbio; já um verbo mais nominalizado é modificado por um adjetivo, como um nome. Quanto mais a construção encaixada se aproxima do polo direito do *continuum*, mais o comportamento dela se aproxima ao de um membro prototípico da classe dos nomes. Nesse sentido, pode-se falar de um aumento progressivo no grau de nominalidade da oração subordinada, conforme sejam reduzidas pelo processo de dessentencialização.

4.2 Especificação e não especificação de valência

Considere-se, inicialmente, a Tabela 2 abaixo, que trata da relação entre valência potencial e expressão dos argumentos.

Tabela 2 – Relação entre valência potencial e expressão argumental

	V1		V2		V2-Ob		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%
A^1 expresso	21	84,0	4	16,0	/	/	25	14,0
A^2 expresso	/	/	33	92,0	3	8,0	36	20,0
A^1 e A^2 expressos	/	/	/	/	5	100,0	5	3,0
A^1 e A^2 não expressos	38	33,0	53	46,0	24	21,0	115	63,0
Total	59		90		32		181	

Observados os resultados gerais referentes ao total de nominalizações com a estrutura argumental apenas expressa em torno do núcleo do sintagma nominal (ver última coluna da direita), o tratamento quantitativo mostra que raramente se expressa a valência do verbo primitivo correspondente. Com efeito, os casos de expressão formal mostram que:

(i) apenas 14,0% (25/181) dos nomes têm apenas o primeiro argumento (A^1) expresso e apenas 20,0% (36/181) dos nomes têm somente o segundo argumento (A^2) formalmente expresso;[5]

(ii) há apenas 3,0% (5/181) de ocorrências com A^1 e A^2 expressos simultaneamente;

(iii) esses índices significam que há uma incidência de 63,0% (115/181) de nominalizações sem expressão de ambos os argumentos, o que constitui a esmagadora maioria dos casos.[6]

---

[5] Como seria estranho mencionar funções sintáticas de sujeito e de objeto para a nominalização, o uso de A^1 e de A^2 representa mais apropriadamente funções semânticas de agente e paciente que nomes deverbais compartilham com o verbo por herança derivacional.

[6] Ver também análises alternativas em Camacho e Santana (2004) e Santana (2005).

Apesar disso, argumentaremos, a seguir, com uma distribuição mais específica de dados, que o que ocorre com o português, e provavelmente com outras línguas, não é redução de valência, mas apenas expressão ou não do argumento subjacente por razões de natureza semântica e pragmática.

Considerando-se apenas a distribuição majoritária em relação ao total de argumentos expressos na última coluna da direita, observa-se que 84,0% (21/25) dos A^1 são expressos na estrutura argumental de nome derivado de verbo monovalente ou intransitivo. Considerando-se, por outro lado, o total de argumentos A^2 manifestos, observa-se que 92,0% deles (33/36) são expressos na estrutura argumental de nome derivado de verbo bivalente ou transitivo, e um conjunto pouco representativo de dados – todos os cinco casos de expressão simultânea de A^1 e A^2 – ocorre na estrutura argumental de um nome derivado de verbo transitivo oblíquo, o que seria de esperar, em virtude de A^2 herdar naturalmente a codificação gramatical de oblíquo do termo primitivo. Essa codificação é basicamente diferente da expressão com sintagma-de, codificação que incide somente sobre a nominalização para visibilizar os casos de sujeito e/ou de objeto do predicado verbal *input*.

Os dados sugerem que, no caso de estrutura bivalente, há uma forte competição em torno da expressão de um dos argumentos do nome, como prevê Dik (1985), e é o argumento paciente que vence. No caso de nomes derivados de intransitivos, em que não há competição, o argumento majoritariamente expresso é realmente o agente ou equivalente para A^1. Nos nomes derivados de verbos transitivos diretos, quando pelo menos A^2 é expresso, a competição se resolve principalmente pela oposição entre sintagma-de para a expressão de A^2 e anáfora zero para a expressão de A^1, como mostra o exemplo (4-9a), ou sintagma-de para A^2 e expressão indeterminada de A^1, como o exemplo (4-9b).

(4-9) a *eles precisam pegar pele para se esquentar... e ter comida... para comer e se defender dos outros animais... então as preocupações são MUITO... ahn::... **de todo (o) DIA**::* (EF-SP-405) b *de acordo com o edital a validade é de dois anos DA publicação... **dos resultados**... da lista de aprovados...* (D2-SP-360)

Importante notar que os cinco casos de nominalizações que receberam manifestação simultânea de dois argumentos são verbos bivalentes com complemento oblíquo, como (4-10a) e (4-11a) e a forma verbal correspondente em (4-10b) e (4-11b) respectivamente.

(4-10) a *toda e qualquer manifestação que a gente for procurar vai ter que estar necessariamente ligada... a esta preocupação vital **do homem pré-histórico de**... **se conservar vivo**...* (EF-SP-405)
b *O homem pré-histórico se preocupa vitalmente com/em conservar-se vivo*

(4-11) a *Doc.: Dona I. além da participação **do artista**... **no filme** quais os outros elementos importantes na sua opinião para que o filme seja bem-sucedido bem aceito pelo público?* (DID-SP-234)
b *O artista participa do (no) filme*

Em (4-10) os dois argumentos da nominalização estão expressos como sintagma-de, situação que é geralmente evitada em português. No entanto, o falante altera a regência esperada do verbo, inserindo *de* em lugar de *com*, e o resultado não parece estranho porque o segundo argumento de *preocupação* não é um sintagma nominal, mas uma oração com verbo não finito.

Em suma: há uma baixa incidência de casos de nominalizações bivalentes com os dois argumentos expressos, como exemplificado em (4-10a); esses casos correspondem a predicados verbais *input* cuja estrutura subjacente já contém uma preposição, conforme ilustrado em (4-10b). Tais aspectos indicam claramente que a ausência de expressão formal dos argumentos é uma característica muito marcada dos dados, principalmente porque é um fenômeno geral que se aplica também aos predicados monovalentes.

Nota-se também algumas ocorrências de A^2 sem sintagma-de, como por exemplo (4-12), em que o uso de *sobre* em lugar de *de* pode ter sido semanticamente motivado.

(4-12) *que no final das contas toda a evolução* ***humana****... não deixa de ser exatamente a evolução do domínio* ***que o homem tem sobre a natureza****...* (EF-SP-405)

Prevalece a noção de posição superior que *sobre* sustenta, mesmo quando a noção concreta não mais se aplica, como se observa em (4-12), em que a seleção do nome *domínio* pode ter ativado no falante o conceito similar e mais abstrato de domínio, que não passa de uma abstração da noção espacial mais concreta.

Além disso, o mesmo exemplo apresenta uma ocorrência de nome deverbal em que a expressão de A^1 aparece sob a forma de adjetivo. Essa expressão formal certamente tem pouco a ver com a competição entre A^1 e A^2 por ocupar a posição de possuidor, mas exerce uma função textual extremamente relevante, que é retomar como adjetivo o SN *o homem (do paleolítico superior)*. Há um número reduzido de ocorrências desse tipo, que se manifestam majoritariamente no contexto de verbo intransitivo subjacente, como (4-12), e, em menor escala, no contexto de verbo transitivo, como em (4-13) e (4-14).

(4-13) *porque isso a gente vem dizendo até agora certo? se ela foi criada... para um FIM... OUtro... que NÃO... a contemplação* ***estética****...* (EF-SP-405)

(4-14) *ah::: por parte do público... depois de uma representação* ***teatral****?* (DID-SP-234)

Para nomes como *contemplação* e *representação*, a arena típica para competição argumental não ocorre com dois argumentos expressos, como nos exemplos de (4-10), já que, por indeterminação referencial do argumento A^1 do predicado transitivo de (4-13) e do argumento A^2 do predicado transitivo de (4-14), não há relevância pragmática em especificá-los formalmente. Além disso, a inserção de adjetivo para a representação de valência torna o predicado nominal deverbal mais próximo de um membro prototípico da classe dos nomes.

Outro caso possível é A¹ receber forma de pronome em posição pré-nominal e A², expressão pronominal em posição pós-nominal, que é a regularmente indicada para esse tipo de modificador. Assim a referência a possuidor não se restringe a sintagmas adposicionais. Os dados apontam para um único caso de expressão pronominal de A¹ e, até um pouco aparentemente estranho, para um caso de expressão de A², como mostram respectivamente os exemplos (4-15) e (4-16).

(4-15) *agora neste momento eu vou trabalhar com barro vou fazer* ***minhas*** *criações ou eu vou pintar um quadro...* (EF-SP-405)

(4-16) *enquanto na/ não for resolvido esse projeto não o projeto que tem... sabe? para os procuradores uma lei... nossa uma regulamentação* ***nossa*** (D2-SP-360)

É necessário observar que a referência pronominal em (4-15), tanto do pronome pessoal *eu* quanto de sua recuperação anafórica no contexto da sintaxe interna da nominalização como o possessivo *minhas*, tem uma referência genérica, implicando qualquer ser humano. De qualquer modo, este, que seria um caso típico de bloqueio do argumento sujeito por compartilhamento semântico, acabou recebendo expressão argumental justamente em virtude da diferença de manifestação formal, o que torna um tanto enfático, focal, o uso do possessivo no nome deverbal.

O mesmo se aplica ao exemplo (4-16), em que o possessivo *nossa* é também empregado num sentido genérico, mas implicando uma classe de pessoas, a de procuradores, que também inclui o falante. O nome *regulamentação* também nesse contexto seria desprovido de expressão argumental, mas a expressão pronominal que recebe não é redundante, já que o possessivo acrescenta uma informação relevante por mostrar que o falante se inclui na categoria dos procuradores.

Uma explicação possível para a alta taxa de não especificação formal é que não há relevância discursiva para expressar valência, que é, em geral, suprida pela organização do discurso. Se já há informação contextual e cotextual suficiente sobre os argumentos, é descabido expressá-los na estrutura interna do predicado nominal. Nesse caso, a ausência de expressão formal não significa redução argumental no processo de derivação do verbo para o nome; ao contrário, significa competição entre expressão por anáfora zero e por sintagma adposicional.

4.3 A codificação morfossintática dos argumentos

Para iniciar a discussão, vamos observar a distribuição dos argumentos da nominalização por tipo de expressão formal, conforme exposto na Tabela 3.

Considerados os totais, a frequência de expressão de A^2 (34,0%) é mais que o dobro da expressão de A^1 (16,0%), o que é de fato uma distribuição esperada com base nas predições de Dik (1985, 1997).

Tabela 3 – Forma de expressão dos argumentos

Expressão argumental ➔	A^1 expresso		A^1 não expresso		A^2 expresso		A^2 não expresso	
Forma de expressão:	N	%	N	%	N	%	N	%
Sintagma-de	22	12,0			30	25,0		
Adjetivo	4	2,0			1	1,0		
Outra expressão	4	2,0			10	8,0		
Total	**30**	**16,0**			**41**	**34,0**		
SN equivalentes			44	24,0			6	5,0
Anáfora zero			47	26,0			32	26,0
Argumento no texto seguinte			4	2,0			4	3,0
Argumento indeterminado			26	15,0			17	14,0
Predicado não referencial			30	17,0			22	18,0
			151	**84,0**			**81**	**66,0**
Total			**181**				**122**	

Vale a pena lembrar que, se por um lado ambos os argumentos recebem a expressão preferencial de sintagma-de, essa forma atribuída a A^1 só é a preferencial para os casos monovalentes; havendo dois argumentos disponíveis na estrutura argumental, predomina a expressão de A^2 como sintagma-de, e A^1 recebe, nesse caso, outras formas de expressão, como adjetivo ou pronome possessivo. Esses resultados estão plenamente de acordo com as regras de expressão para as nominalizações postuladas por Dik (1985) e já discutidas na Seção 3.2.

Além disso, os dados confirmam a predição de que forma de expressão argumental preferida é a de sintagma adposicional para a posição de possuidor, já que, do total de A^1 expressos, 74,0% (22/30) e, do total de A^2 expressos, 73,0% (30/41) aparecem sob essa forma de manifestação numa relação quantitativa de surpreendente simetria. Os exemplos (4-17) e (4-18) mostram casos de A^1 e A^2 respectivamente expressos como sintagma-de como se fosse expressão de possuidor.

(4-17) L2 *e isso significa um aumento* ***de vencimentos****...* (D2-SP-360)

(4-18) L2: *tudo... de a responsabilidade na manutenção* ***da casa****...*
L1: *vem como complemento né?* (D2-SP-360)

Considerando-se agora a forma de manifestação de A^1 e A^2, nota-se que, na coluna "A^1 expresso" (significando manifestação em torno do próprio predicado nominal), há um total de trinta casos na Tabela 3. Na coluna "A^1 não expresso" (significando argumento não expresso em torno do predicado nominal), há 44 casos de expressão por anáfora zero de argumentos semanticamente compartilhados com o predicado da matriz, conforme demonstra o exemplo contido em (4-19a-b).

(4-19) a *ajudar um pessoal que que que tem me pedido para fazer:: programação da da de sucos do Lanjal e eu acho que a televisão é completamente:: diferente do que a gente assiste eh lá no no teatro não o teatro::...* (DID-SP-234) b ** ajudar um pessoal que que que tem me pedido para fazer:: programação de sucos do Lanjal (por mim)*

O argumento agentivo de *programação* é zero catafórico, já que sua referência remete para o complemento dativo do predicado encaixador; nesse caso, a inserção de um termo na posição argumental, como em (4-19b), torna a construção agramatical por razões de redundância.

Há também 47 casos de expressão por anáfora zero cujo argumento não é compartilhado com a predicação encaixadora, mas que retomam anaforicamente algum outro SN contido no contexto discursivo, conforme aparece em (4-20a-b).

(4-20) a *então numa vida desse tipo... a preocupação principal está centrada na sobrevivência...* (EF-SP-405)

b *então numa vida desse tipo... a preocupação principal do homem está centrada na sobrevivência...* (EF-SP-405)

Por fim, a amostra registra, além disso, mais quatro casos de argumentos não expressos na estrutura do SN nucleado pelo nome deverbal, mas que são recuperáveis no contexto seguinte, conforme especificado em (4-21a-b).

(4-21) a *é MUIto difícil a gente desenhar estritamente o que a gente vê a gente separar a percepção... da... do conceito que nós fazemos do objeto...* (EF-SP-405)

b ** separar a percepção do objeto* ***por nós*** *do conceito que* ***nós*** *fazemos do objeto*

O argumento experienciador de *percepção* é zero catafórico, já que sua referência remete para o sujeito de uma oração relativa, atuando como modificador do núcleo nominal de *conceito*, que aparece, por seu lado, sob a forma de sintagma-de na condição de segundo argumento do nome deverbal. Como (4-19a-b), a inserção de um termo na posição argumental torna a construção também inaceitável por razões de redundância.

Somados esses três tipos de manifestação argumental com os de expressão formal no interior do SN, há, na realidade, uma incidência de 68,0% (125/181) de manifestação de A^1 em oposição a 32,0% (56/181) de predicados sem expressão referencial (trinta casos) e de argumento sujeito semanticamente indeterminado (26 casos). O exemplo contido em (4-22) ilustra um caso de nominalização cujo argumento A^1 é semanticamente indeterminado.

(4-22) *e e:: além de que... da/dentro do aumento de vencimentos haveria... uma* *promoção* *de todo o pessoal que está agora...* (D2-SP-360)

A promoção a que o falante se refere em (4-22) deve ser realizada pelas autoridades do Ministério da Justiça que regem a carreira de Procurador do Estado, mas ele/ela não vê relevância discursiva na menção do agente, exatamente como ocorre em construções passivas do português (*o pessoal foi promovido /promoveu-se o pessoal*) ou outras construções com predicados verbais com sujeito indeterminado (*promoveram o pessoal*).

Os casos contidos em (4-23a-c) são todos exemplos de predicados não referenciais.

(4-23) a *Então (para a) mulher aquilo é um* *complemento* *quer dizer tudo que vem é ótimo* (D2-SP-360)
b *eu hav::ia lido um:: sobre um novo método de* *alfabetização**...* (D2-SP-360)
c *a senhora falou em divulgação que:: talvez o teatro é menos aceito pelo público por falta de* *divulgação* *certo?* (DID-SP-234)

As ocorrências de (4-23a-c) constituem casos de nomes prototipicamente não referenciais, como os que ocorrem como predicado não verbal em (4-23a), os que ocorrem como SPs em função de modificador como em (4-23b), ou como complemento de nome como em (4-23c).

Nesses casos, o nome, em si mesmo designando uma propriedade (f_1), fornece apenas a descrição lexical de um estado de coisas. O nome se aproxima do estatuto de uma categoria de nível zero, que devem ser consideradas as menos prototípicas das categorias referenciais: como o referente de uma expressão de nível zero, essas nominalizações não podem realmente ser consideradas uma entidade, mas apenas a propriedade denotada por elas (cf. Keizer, 2004b).

Em casos como esses de suspensão de referencialidade prototípica, nomes de ordem superior, como as nominalizações, seguem a mesma tendência do nome prototípico de primeira ordem na mesma situação discursiva, isto é, a não referencialidade se manifesta na ausência de determinantes, modificadores, quantificadores, configuração formal típica de nominais nus. Vale lembrar que, na escala de predicatividade proposta por Hengeveld (1992) – predicado nu > predicado referencial > predicado relacional –, o uso de nominais nus é a estratégia mais usada para representar predicado não verbal. Nesse caso, não se pode falar em redução de valência, já que fica suspensa a referência a uma propriedade ou relação, própria de entidades de ordem superior.

Aplicado o mesmo raciocínio sobre os argumentos A^2, os resultados são surpreendentemente comparáveis: somados os casos de A^2 expressos (n=41), os de argumentos não expressos por serem semanticamente compartilhados (n=6), os de argumentos pragmaticamente retomados por anáfora zero (n=26), e os que aparecem no contexto textual seguinte (n=4), obtém-se uma frequência de 68,0% (77/122) de manifestação argumental, em oposição a 18,0% (22/122) de argumentos A^2 indeterminados e 14,0% (n=17) de predicados não referenciais. Veja em (4-24a-b) uma ocorrência de argumento semanticamente compartilhado entre a predicação matriz e a predicação encaixada.

(4-24) a *e eles conseguem chegar... a é óbvio uma evolução certo?* (EF-SP-405)

b ** e eles conseguem chegar... a é óbvio uma evolução* ***deles*** *certo?* (EF-SP-405)

A não relevância da expressão da estrutura argumental do nome derivado tem a ver, portanto, com um dos princípios de cooperação postulados por Grice (1975), a Máxima da Quantidade, segundo o qual não se deve dizer mais do que o necessário e é possível aplicá-la com resultados satisfatórios às três modalidades de não especificação argumental. Esse princípio pragmático tem acolhida na GDF, que leva em consideração a responsabilidade dos participantes da interação pelo conteúdo comunicado.

4.4 Motivações semânticas e pragmáticas para a não especificação dos argumentos

Os dados discutidos na seção anterior mostraram que há casos diferentes de zero anafórico e de zero catafórico. Na literatura funcionalista essas motivações, vale destacar, estão ligadas ao princípio de economia, em contraposição ao de iconicidade (Givón, 1980, 1990; Haiman, 1983), duas motivações funcionais extremamente reconhecidas pela pesquisa tipológica.

A iconicidade é a tendência para a relação de conformidade entre a estrutura linguística e a estrutura da experiência conceitual, traduzida por Haiman (1985, p.11) como motivação icônica. A motivação icônica é uma correspondência entre a estrutura linguística e o significado tal que relações entre partes da estrutura linguística refletem diagramaticamente relações entre os conceitos que ela codifica.

Um dos domínios da motivação icônica é a chamada iconicidade de distância (Haiman 1985), ilustrada pela expressão de posse: a distância entre morfemas sinalizando posse inalienável nunca é maior que a distância entre morfemas sinalizando posse alienável. Outro domínio é fornecido pelo Princípio de Ligação (Binding Principle) de Givón (1980), segundo o qual o grau de integração semântica entre os eventos se reflete no grau de integração morfossintática entre a oração matriz e a encaixada (Givón, 1980; 1990).

Em contraste com a iconidade, que torna a estrutura linguística tão transparente quanto possível, a economia representa uma pressão para o mínimo esforço e para a simplificação máxima da expressão. Haiman (1985) faz uma distinção entre economia sintagmática e economia paradigmática. A economia paradigmática se traduz pela tendência para reduzir ao máximo o inventário de signos de um sistema linguístico, cuja consequência mais direta é o fenômeno da polissemia. A economia sintagmática, por outro lado, é a tendência para reduzir o comprimento ou a complexidade de qualquer enunciado, de modo que as expressões mais frequentes no uso tendem a reduzir-se fonologicamente e a informação que é redundante e/ou recuperável no contexto comunicativo tende a ser omitida (Haiman, 1985, p.158).

Segundo Cristofaro (2003, p.248-9), é a economia sintagmática que explica a correlação entre a predeterminação de traços semânticos entre dois estados de coisas conectados e os fenômenos morfossintáticos que levam à não especificação de informação correspondente, a que ela denomina Princípio de Recuperabilidade de Informação.

Em seus próprios exemplos, a economia sintagmática está fortemente correlacionada com a predeterminação de informação semântica em estados de coisas conectados e a não manifestação de informação pragmaticamente compartilhada pelos participantes da interação. Se, por exemplo, o tempo, o aspecto e o modo de uma predicação dependente são predeterminados pelos traços semânticos da predicação principal, eles prescidem de especificação no verbo da predicação dependente, conforme se pode ver em (4-25), que consiste num exemplo de construção complexa em Maricopa.

(4-25) Maricopa (Northern Amerindian, Hokan)

[nyaa	**m-mii-k**]	*´ii-m*
I	2-cry-SUB	say-REAL

‘I said you cried’

(Gordon,1986, p.247 apud Cristofaro, 2003, p.66)

É óbvio que esse tipo de não especificação se aplica a nominalizações. Similarmente se duas predicações compartilham os mesmos participantes, a referência a eles também pode ser omitida na predicação dependente, como ilustrado em (4-26), que tem como predicado matriz um verbo volitivo.

(4-26) Guugu Yimidhirr (Australian)

Ngayu	*wawu-dgirr*	*[mayi*	*buda-nhu]*
1SG.NOM	want-COM.ABS	food.ABS	eat-PURPV

‘I want to eat food’

(Haviland, 1979, p.135 apud Cristofaro, 2003, p.78)

Esse princípio, também mencionado por Koptjevskaja-Tamm (1993), explica casos de compartilhamento argumental em nominalizações como o contido em (4-27) cujo argumento A[1], *caça*, não pode ser especificado na estrutura valencial de *resistência* por motivo de redundância.

(4-27) *isto é de caça... que é o que oferece... uma resistência porque a:: fruta está lá então eles não precisavam se preocupar...* (EF-SP-450)

O resultado é, segundo Cristofaro (2003), tornar a estrutura linguística o mais opaca possível, em contraposição ao princípio da motivação icônica. Trata-se aqui, de acordo com Haiman (1983), do princípio de economia sintagmática ou discursiva que explica a tendência pela omissão de informação redundante ou recuperável no contexto.

Parece não destituído de razão considerar a ausência de representação argumental nos nomes não referenciais, expressos como nominais nus, e a ausência de argumentos sujeito e objeto genéricos também como casos funcionalmente motivados por economia (Haiman, 1983) e explicáveis pragmaticamente pela Máxima da Quantidade de Grice (1975).

Se a valência potencial pode ser expressa no exterior do núcleo nominal, é possível considerar como argumentos alguns tipos de termos não fonologicamente manifestos na posição de primeiro e de segundo argumento da nominalização, que são expressos por dois diferentes tipos de expressão por zero anafórico.

O primeiro caso de zero anafórico representa um participante, o primeiro argumento, que é semanticamente compartilhado com o predicado da oração matriz, como mostra (4-28a-b). Note-se, de passagem, que (4-28) traz especificação, como SN pleno, apenas do segundo argumento, que aparece como sintagma-de.

(4-28) a *se eles dependiam... da colheita... de frutos... raízes... que eles não plantavam* (EF-SP-405)
b *eles colhiam frutos, raízes*

Note que a mesma nominalização com o primeiro argumento especificado em (4-28c) não seria uma construção aceitável por razões de redundância, já que o agente já se acha mencionado no sujeito de *dependiam*, que funciona como núcleo da predicação matriz.

(4-28) c ** se **eles** dependiam... da colheita... **por eles** de frutos... raízes... que eles não plantavam*

Vale lembrar que essa condição se sustenta apenas se houver identidade de participantes entre dois diferentes estados de coisas. No caso de não identidade, como se vê em (4-28d), a gramática licencia o agente do nome deverbal.

(4-28) d *as mulheres dependiam... da colheita... pelos homens de frutos... raízes.... que elas não plantavam*

O segundo tipo de zero, que é também anafórico, representa termos que recuperam alguma entidade dada, já mencionada no contexto precedente, não necessariamente na predicação matriz, como se vê em (4-29a-b).

(4-29) a *nessa época ainda não existe preocupação com* *composição**...* (EF-SP-405)
b *Nessa época o homem pré-histórico não se preocupa com composição.*

Como o tópico do texto é a arte do paleolítico, há várias menções anteriores ao homem pré-histórico. É por isso que, em (4-29c), a mesma nominalização com o argumento especificado continuaria sendo uma construção aceitável. O outro argumento é *composição*, que aparece na forma de oblíquo do predicado verbal *input*.

(4-29) c *nessa época ainda não existe preocupação do* ***homem pré-histórico*** *com* *composição**...*

Isso significa que, nesse aspecto, (4-29a) é diferente de (4-28a): a manifestação ou não do primeiro argumento em (4-29a) é uma escolha real do falante, diferentemente de (4-28a), que bloqueia a manifestação do argumento na função semântica de agente.

Passemos, agora, ao exame de casos de zero anafórico na expressão do segundo argumento, conforme se vê no exemplo contido em (4-30a-b).

(4-30) a *ele percebeu que era capaz de CRIAR::... e criar uma imagem... [...] então:: ele vai tentar usar esta* *criação**... que ele é capaz de fazer... para garantir a caça...* (EF-SP-405:52-3)
b *O homem pré-histórico criou uma imagem.*

O zero anafórico de (4-30a) representa um participante semanticamente compartilhado com o predicado da oração matriz na posição de segundo argumento, o que equivaleria, na predicação verbal de (4-30b), ao objeto ou argumento interno de *criar*.

A mesma nominalização com o segundo argumento especificado em (4-30c) é uma construção discursivamente menos aceitável por razões de redundância, uma vez que o paciente já se acha mencionado no objeto de *criar*, que aparece negritado.

(4-30) c *ele percebeu que era capaz de CRIAR::... e criar uma* ***imagem****... [...] então:: ele vai tentar usar esta criação* ***da imagem****... para garantir a caça...*

Os argumentos de *criação,* em (4-30a-b), que recebem ambos expressão de zero anafórico na sintaxe interna do predicado nominal, são facilmente recuperáveis no cotexto: o primeiro argumento é *ele* (homem pré-histórico) e o segundo é *imagem*; no entanto, o princípio de economia bloqueia o licenciamento da expressão sintática dos argumentos na retomada seguinte. Observe-se, todavia, (4-31) abaixo:

(4-31) *porque na medida... em que acabava a caça do lugar [...] eles também precisavam acompanhar... o a migração* ***da caça*** (EF-SP-405:49)

O argumento *caça* no SN grifado, que é o sujeito na predicação *input* correspondente, não é informação acessória, que possa ser descartada, uma vez que estabelece uma distinção desambiguadora no paralelismo entre migração do homem e migração da caça, sendo, nesse caso, imprescindível para a continuidade temática, para a coerência textual. Além disso, constitui informação pragmaticamente nova ou focal, em oposição à informação anterior, dada ou tópica, contida no SN *a caça do lugar*; a expressão sintática desse argumento tem, portanto, motivação semântica e pragmática.

Há um segundo tipo de expressão por zero, que não é anafórico, mas catafórico. Num número reduzido de casos, o argumento não se manifesta na sintaxe interna da nominalização por aparecer inserido no contexto imediatamente seguinte. Observe o exemplo contido em (4-32a-b) para ilustrar um caso de primeiro argumento.

(4-32) a *é MUIto difícil a gente desenhar estritamente o que a gente vê a gente separar a percepção... da... do conceito que nós fazemos do objeto...* (EF-SP-405:56)

b *Nós percebemos o conceito do objeto.*

O argumento experienciador de *percepção* é zero catafórico, já que sua referência remete para o sujeito de uma oração relativa, atuando como modificador do núcleo nominal de *conceito*, que aparece, por seu lado, sob a forma de sintagma-de na condição de segundo argumento do nome deverbal. Como (4-28a-b), a inserção de um termo na posição argumental torna a construção inaceitável também por razões de redundância, como se vê em (4-32c).

(4-32) c *separar a percepção do objeto* ***[*por nós]*** *do conceito que* ***nós*** *fazemos do objeto.*

O mesmo é aplicável ao segundo argumento, que também não se manifesta no interior da predicação matriz porque aparece inserido numa construção relativa imediatamente seguinte, conforme se observa em (4-33a-b).

(4-33) a *é inCRÍvel o que aparece lá os cortes que eles dão nas cenas* (DID-DP-234)
b *Eles cortam as cenas.*

Em (4-33) a referência aos argumentos do nome *cortes* está na oração relativa seguinte, o que corresponderia à representação subjacente contida em (4-33c).

(4-33) c $(e_i\ [f_i\text{: cortes}_N\ (f_i)\ (x_i\text{: eles}\ (x_i)_{Ag}\ (x_j\text{: cenas}\ (x_j)_{Pac})]\ (e_i))$

O argumento paciente de *corte* é zero catafórico, já que sua referência remete para o objeto oblíquo da oração relativa, atuando como modificador do núcleo nominal de *cortes*. A inserção de um termo na posição argumental torna a construção inaceitável também por razões de redundância, como se vê em (4-33d).

(4-33) d ** é inCRÍvel o que aparece lá os cortes* ***das cenas*** *que eles dão* ***nas cenas*** *é::*

Quando os participantes são predeterminados, o falante pode excluir a referência a eles porque a informação correspondente está implicada na relação de subordinação, ou em outro tipo de combinação de orações. Cristofaro (2003) não menciona os casos de compartilhamento argumental, como os tratados em (4-32a), que devem ser obviamente considerados como semanticamente motivados, já que a manifestação argumental por zero é cognitivamente compensada, por remissão catafórica, com um SN pleno ou pronominal na oração presente na oração relativa seguinte.

Há, no entanto, casos de compartilhamento de participantes em que a não especificação do argumento não é semanticamente motivada. Quando os participantes não são semanticamente predeterminados, e não há referência aberta a eles, a recuperação da informação depende do conhecimento de curto prazo pragmaticamente compartilhado pelos interlocutores. Um bom exemplo desse tipo de expressão argumental é (4-34a-b).

(4-34) a *toda e qualquer manifestação que a gente for procurar vai ter que estar necessariamente ligada... a esta preocupação vital do homem pré-histórico de... se conservar vivo [...] então a preocupação central... vai ser em torno da caça...* (EF-SP-405:50-1)
b *O homem pré-histórico se preocupa com conservar-se vivo.*

O exemplo (4-34a) contém duas menções do nome deverbal *preocupação* enunciadas em momentos diferentes do texto. Na primeira menção, os dois argumentos do nome deverbal estão manifestos: o primeiro argumento, que corresponderia ao sujeito do verbo *input*, é *o homem pré-histórico*, enquanto o segundo argumento, que corresponderia a um complemente oblíquo, é oracional (*de se conservar vivo*).

Já na segunda menção, fica claramente explícito que a expressão do primeiro argumento é igualmente o SN *o homem pré-histórico*, que, embora seja morfossintaticamente licenciado, é expresso por zero anafórico por consistir em informação pragmaticamente compartilhada pelos participantes da interação. Nesse caso, a segunda menção da nominalização de (4-34a), aparentemente desprovida de manifestação valencial, não envolve perda, porque o ouvinte recupera uma informação de curto prazo, mencionada um momento antes na situação discursiva.

Segundo Cristofaro (2003, p.250-1), embora esse tipo de construção seja apenas outro exemplo do mesmo princípio de economia, ele reflete o fato de que essa situação de compartilhamento é mais comum no nível do discurso, e a organização estrutural é motivada por razões pragmáticas.

Em suma: os dados analisados mostram que há duas motivações para os diferentes tipos de zeros na expressão tanto do primeiro quanto do segundo argumento: (i) uma motivação semântica, que consiste nos casos de identidade de participantes mediante relação anafórica e catafórica; (ii) uma motivação pragmática, caso em que a identidade existe, mas a primeira menção está textualmente distante e pode ser recuperada mediante segunda menção.

PARTE III

GENERALIZAÇÕES E IMPLICAÇÕES TEÓRICAS

5

UMA INTERPRETAÇÃO FUNCIONAL DAS CONSTRUÇÕES NOMINALIZADAS

Introdução

Tendo comprovado que a estrutura valencial é propriedade constitutiva do predicado nominal derivado no léxico, volto, agora, a atenção, neste capítulo, para a tentativa de fornecer uma interpretação adequada do modo como o Nível Interpessoal e o Representacional estabelecem forte correlação com a forma de expressão da estrutura valencial no nível Morfossintático mediante o uso da nova arquitetura para a GF constituída pela GDF.

Vale a pena lembrar que tanto o predicado da matriz quanto o da oração encaixada numa relação de subordinação são marcados por diferentes graus de interconexão cujos efeitos são o compartilhamento de participantes e das marcas de tempo/aspecto/modo. Esse tipo de relação é conhecido na pesquisa tipológica como integração semântica (Givón, 1980, 1990; Noonan, 1985).

Neste capítulo, pretendo mostrar como encaixar esses fenômenos no âmbito da GDF mediante a interpretação do papel das nominalizações como construções encaixadas. Para tanto procedo conforme o seguinte roteiro.

Na Seção 5.1, que trata da implementação dinâmica, mostro que a posição assumida na análise é compatível com o Princípio de

Adequação Psicológica da GDF; na Seção 5.2, dando continuidade a esse princípio, proponho uma releitura para a tipologia dos predicados encaixados postulados por Dik (1997).

Na Seção 5.3, desenvolvo o princípio de que a separação entre predicados e esquemas de predicação, proposta no âmbito da GDF, é adequada para a interpretação de que zeros anafóricos são motivados por fatores semânticos e pragmáticos e, portanto, definidos nos níveis mais altos de organização gramatical.

Finalmente, na Seção 5.4, que fecha esse ciclo de análise com consequências teóricas, elaboro uma proposta de formalização para as nominalizações conforme o arcabouço da GDF.

5.1 A implementação dinâmica dos zeros anafóricos

Como visto na Seção 4.4, a economia sintagmática representa um princípio orientado pela tendência do falante para o mínimo esforço e a simplificação máxima da expressão, um princípio que explica a redução do comprimento ou da complexidade do enunciado com subsequente omissão de informação redundante ou recuperável no contexto comunicativo (cf. Haiman, 1985).

Segundo Cristofaro (2003) é a economia sintagmática que explica a correlação entre predeterminação de traços semânticos, como referência temporal, aspectual e modal na predicação matriz que conduz à não especificação da informação correspondente na predicação encaixada. Similarmente, se a predicação matriz e a encaixada compartilham participantes, também a referência a esses participantes pode ser omitida na forma dependente. Esse princípio, também mencionado antes por Koptjevskaja-Tamm (1993), explica casos de compartilhamento argumental como (4-26) aqui repetido como (5-1).

(5-1) *eu tenho impressão que* ***o teatro*** *PERde público por falta de* *divulgação* *[do teatro]...* (DID-SP-234:116)

Há, no entanto, casos de compartilhamento argumental em que o argumento não expresso não é semanticamente determinado pelo predicado da oração matriz. Quando os participantes são predeterminados, o falante pode excluir a referência a eles porque a informação correspondente está acarretada pela relação de subordinação. Todavia, quando os participantes não são predeterminados, e não há referência aberta a eles, poderia não haver modo algum de recuperar a informação perdida. O caso contido em (5-2b) é um bom exemplo desse tipo de não expressão argumental.

(5-2) a *toda e qualquer manifestação que a gente for procurar vai ter que estar necessariamente ligada... a esta preocupação vital do homem pré-histórico de... se conservar vivo...* (EF-SP-405:50)
b *então a preocupação central... vai ser em torno da caça...* (EF-SP-405:51)

Está claro em (5-2b) que a expressão de A^1 é o homem pré-histórico, enunciado alguns momentos antes no contexto, como aparece em (5-2a). O mesmo argumento na segunda menção está morfossintaticamente licenciado, mas não é expresso por ser informação pragmaticamente compartilhada entre os participantes da interação. Nesse caso, a construção de (5-2b) sem expressão fonológica de argumento não envolve perda real de informação, porque o ouvinte sabe que, se a construção de (5-2b) é assim usada pelo falante, é porque ela compartilha o participante experienciador não formalmente com o predicado matriz, mas pragmaticamente, na suposição de que a memória de curto prazo do ouvinte preserva a informação contida em (5-2a), que foi mencionada apenas um momento antes na situação discursiva.

Segundo Cristofaro (2003), embora esse tipo de construção seja apenas outro exemplo do mesmo Princípio de Recuperabilidade de Informação, ele reflete o fato de que essa situação de compartilhamento é mais comum no nível do discurso, e a organização estrutural está alinhada às condições do uso.

O Princípio de Recuperabilidade de Informação conforma-se adequadamente com o modo de organização da GDF. Os Níveis Interpessoal e Representacional alimentam-se igualmente de informações disponíveis no Componente Contextual, habilitando referência subsequente a várias entidades relevantes em cada nível, na medida em que elas são introduzidas no discurso. A operação de formulação apoia-se nesse componente de modo que a acessibilidade de antecedentes pode influenciar a composição dos atos discursivos em relação à visibilidade ou não de referentes no processo de codificação (Hengeveld; Mackenzie, 2006).

Há, portanto, uma forte interação entre os Níveis Representacional e Interpessoal nesse processo de codificação dos participantes na estrutura argumental do nome, justamente em razão de cada nível de representação dentro da gramática consultar o Componente Contextual, conforme mencionado acima. O falante recorre assim à memória de curto prazo do ouvinte, representada pelo componente contextual, para omitir a expressão fonológica do argumento de *preocupação* em (5-2b).

Nos casos de predicados não referenciais, como (5-3), e argumentos com referência indeterminada, como o argumento agente de (5-4), as condições semânticas, no caso do primeiro, e as pragmáticas, no caso do segundo, consistem em instruções para o ouvinte não esperar acessibilidade a nenhum referente específico, fenômeno que não é restrito às nominalizações.

(5-3) *ela quer saber as matérias que ela vai ter... o curso::... o segundo ciclo que ela pretende fazer... sabe? bom já está numa:: idade de definição quanto ao segundo ciclo porque elas já estão na oitava série as mais velhas não é?* (D2-SP-360)

(5-4) *aumenta um pouco mais a procura de engenheiro civil... depois cai...* (D2-SP-360)

Como ficou claramente demonstrado com base nos casos de anáfora zero, motivados por compartilhamento de participantes e nos casos de predicados não referenciais, o Nível Representacional pode exercer um importante papel na etapa da formulação sem qualquer correlação evidente com o Nível Interpessoal, que é o mais alto da escala no processo de formulação.

Por isso, entende Mackenzie (2004a) que a hipótese de redução de valência licencia distintos esquemas para as categorias intermediárias já no Nível Representacional. Um dos argumentos mais fortes de Mackenzie é que as escolhas não são dependentes do Nível Interpessoal, já que, como se sabe, restrições de seleção determinadas pelo predicado encaixador nem sempre licenciam todas as formas alternativas na posição de construção dependente. Confira os exemplos que fornece, aqui sob o número (5-5a-b):

(5-5) a *I knew/said my horse won the race.*
b **I knew/said my horse ('s) winning (of) the race.*

(Mackenzie, 2004a)

De fato, os estados de coisas principal e dependente numa relação de subordinação podem ter vários graus de interconexão, em termos de compartilhamento de marcação de tempo, aspecto modo e também de participantes, fenômeno conhecido por integração semântica (Givón, 1980, 1990; Noonan, 1985). Com base nesse parâmetro, Cristofaro (2003) propõe uma relação entre predicados encaixadores e integração semântica, que reproduzo na Figura 8.

Integração semântica: Hierarquia de Integração Semântica	Ausência de Integração Semântica
Fasais > Modais > Manipulativos > ('fazer') > Manipulativos ('ordenar'), Desiderativos, Perceptivos	Conhecimento, Atitude Proposicional, Enunciativos

'>' = envolve maior integração semântica que'

(Cristofaro, 2003, p.122)

Figura 8 – Predicados encaixadores e integração semântica

Hengeveld (1998) faz referência ao fato de que, no caso da complementação, a natureza da representação formal do complemento oracional está fortemente correlacionada com a natureza semântica do predicado encaixador. Assim, verbos que descrevem atos de fala, como *say*, tomam uma oração subordinada como complemento; verbos expressando atitude proposicional, como *believe*, uma proposição subordinada como complemento; e finalmente verbos como *bother*, que expressam o efeito de um estado de coisas sobre um experienciador, tomam uma predicação subordinada como complemento. Essa dependência permite fazer fortes predições em relação à possibilidade de exprimir operadores de TAM: quanto mais alta a camada mais externa de uma oração de complemento, mais provavelmente ela será expressa por uma forma verbal independente.

Essas evidências de integração semântica, abundantemente fornecidas na literatura, mas postuladas especialmente por Givón (1980), mostram que a expressão de TAM e de participantes age, na formulação, diretamente sobre o Nível Representacional, antes de qualquer operação significativa com o Nível Interpessoal; nesse caso é ainda no próprio Nível Representacional que se deve buscar explicação para os casos de anáfora zero que, se consistem numa escolha do falante, essa escolha é feita indiretamente mediante mecanismos de economia sintagmática: a enunciação de uma sentença complexa com compartilhamento de pelo menos um participante implica morfossintaticamente a necessidade de eliminar a manifestação do argumento na nominalização encaixada que já estava especificado na oração matriz (ver Seção 4.4).

Entretanto, que explicação dar aos casos de anáfora zero motivados por seleção do falante em função da acessibilidade presumida de referente na memória de curto prazo do ouvinte? A resposta mais plausível para essa questão, em defesa da hipótese de preservação de valência, reside na interação dinâmica entre os níveis.

Antes de dar uma interpretação a esses casos, vale a pena lembrar que a GDF consiste num modelo hierárquico de gramática, constituído por um sistema multifuncional de níveis e camadas, conforme demonstrado na Figura 3. O Nível Interpessoal e o Representacional operam na formulação, e o Nível Morfossintático e o Fonológico operam na codificação.

A Figura 9 representa a relação entre a organização modular da GDF e a produção, com os percursos possíveis que o usuário pode trilhar através da gramática.

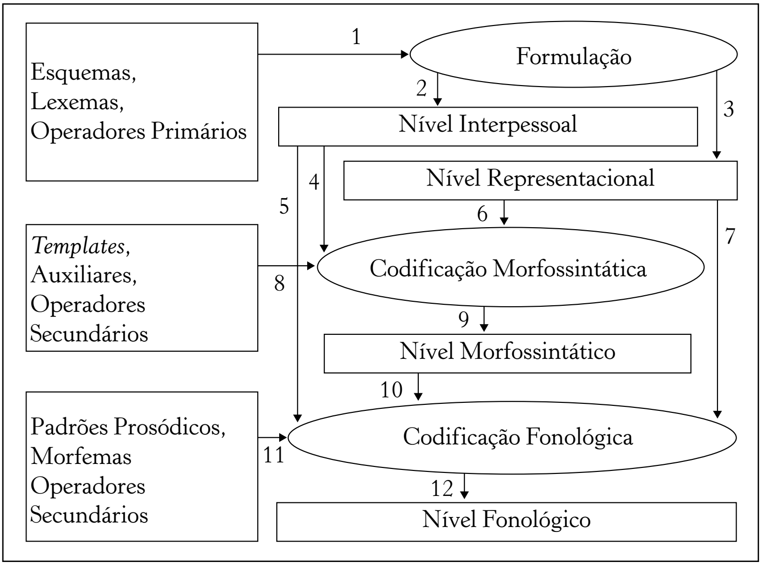
Esquemas,
Lexemas,
Operadores Primários
1
Formulação
2
3
Nível Interpessoal
Nível Representacional
4
5
6
7
Templates,
Auxiliares,
Operadores
Secundários
8
Codificação Morfossintática
9
Nível Morfossintático
10
Padrões Prosódicos,
Morfemas
Operadores
Secundários
11
Codificação Fonológica
12
Nível Fonológico

(Hengeveld, 2005, p.75)

Figura 9 – Percursos através da gramática

Segundo Hengeveld (2005), as flechas horizontais sinalizam o modo como as várias operações são alimentadas pelas categorias que constituem os respectivos conjuntos de primitivos, enquanto as linhas verticais sinalizam o modo como a gramática é dinamicamente implementada durante a produção.

A noção de implementação dinâmica, postulada por Hengeveld (2005) para representar a ideia de como a gramática pode acelerar a conexão entre os diferentes níveis que a constituem, requer dois princípios relacionados à produção: o princípio da primazia da profundidade (*depth first principle*) e o princípio da profundidade máxima (*maximal depth principle*). O princípio da primazia da profundidade, proposto originalmente por Bakker (1999; 2001) para explicar o componente da expressão, recebe uma interpretação diferente na GDF. Com efeito, o princípio da primazia da profundidade afirma que "a informação de certo nível é enviada para um nível mais baixo tão logo estiver completo o *input* informacional necessário para esse nível",[1] enquanto o princípio da profundidade máxima assegura que "somente os níveis de representação relevantes para a construção (de certo aspecto) do enunciado são usados na produção desse (aspecto do) enunciado"[2] (Hengeveld, 2005, p.73).

Um modelo de produção gramatical é tanto mais eficiente quanto mais se assemelhar à produção linguística de um indivíduo falante. De acordo com esse postulado, a informação de um nível da gramática é enviada a um nível mais baixo logo que já esteja completada no nível superior a informação *input* requerida por esse nível mais baixo.

A gramática teria um processamento consideravelmente lento, se as informações requeridas pelo Nível Interpessoal, que é o mais alto, tivessem que ser completamente especificadas em primeiro lugar e, em seguida, do mesmo modo, as do Nível Representacional, de forma que somente então a configuração morfossintática seria determinada e, em seguida, projetada sobre configuração fonológica. Hengeveld entende que não é desse modo que opera a produção linguística no indivíduo e, em consequência do postulado básico mencionado, esse modo não conduziria também a um modelo muito eficiente de gramática.

Para ilustrar esse princípio, considere-se o efeito da especificação de um valor ilocucionário no Nível Interpessoal. Nesse nível, a seleção de um esquema imperativo para o ato discursivo produz consequências potencialmente relevantes em todos os níveis subsequentes de representação:

---

[1] Cf. o original: *"information from a certain level is sent down to a lower level as soon as the necessary input information for that level is complete"*.

[2] Cf. o original: *"only those levels of representation that are relevant for the building-up of (a certain aspect of) and utterance are used in production of that (aspect of the) utterance"*.

(i) no Nível Representacional, deverá haver a designação de um evento [+controlado] para o esquema imperativo, e o primeiro argumento deverá incluir o destinatário;
(ii) no Nível Morfossintático, algumas línguas ativam o uso de uma ordem específica para os constituintes, de auxiliares especiais de imperativo ou de marcadores morfológicos;
(iii) no Nível Fonológico, pode haver o uso de padrões prosódicos específicos para a expressão do imperativo.

Isso tudo significa que a seleção de um esquema de imperativo no Nível Interpessoal pode disparar uma grande variedade de especificações nos níveis subsequentes, tanto em termos de formulação quanto de codificação, independentemente da especificação de outros elementos no Nível Interpessoal e nos níveis mais baixos. Significa também que não é preciso completar a especificação desses outros elementos para que o esquema imperativo dispare todas as especificações mencionadas nos níveis subsequentes.

Já o princípio da profundidade máxima assegura que somente são usados os níveis de representação relevantes para a construção de um dado aspecto de um enunciado na produção desse aspecto. Esse princípio acelera a implementação da gramática por evitar a especificação vazia de níveis de representação irrelevantes à produção do enunciado em questão.

Retomando a ilustração do imperativo, nos casos em que o esquema diretivo tem que ser projetado sobre um molde (*template*) específico de oração, a aplicação dessa regra significa que, numa dada língua, pode haver uma conexão direta entre os níveis Interpessoal e Morfossintático, sem passar pelo Representacional. Similarmente, pode haver uma conexão direta entre o Nível Interpessoal e o Fonológico, sem passar pelos níveis Representacional e Morfossintático, o que pode ocorrer quando o esquema de imperativo é projetado diretamente sobre um padrão prosódico específico.

Poupam-se, desse modo, etapas supérfluas na passagem de informação no percurso descendente. De uma perspectiva ascendente, a implementação dinâmica implica que a expressão de estruturas subjacentes baseia-se potencialmente na informação advinda de todos os níveis mais altos, não apenas do nível mais alto imediatamente anterior (cf. Hengeveld, 2005).

Em vista dos dois princípios discutidos, nos percursos possíveis através da gramática, representados na Figura 9, as flechas horizontais 1, 8 e 11 se referem à consulta dos conjuntos de primitivos usados nas várias operações. Já a implementação dinâmica do modelo é vista verticalmente. Hengeveld (2005) fornece alguns exemplos de possíveis percursos através da gramática:

- 1 → 2 → 5 → 11 → 12: usa-se esse percurso quando, por exemplo, se expressa o valor ilocucionário de um ato discursivo por mecanismos prosódicos. Nesse caso, o Nível Representacional e o Morfossintático não exercem papel algum no processo de geração.
- 1 → 2 → 4 → 8 → 9 → 10: similarmente, usa-se esse percurso para projetar o valor ilocucionário de um ato discursivo sobre o molde morfossintático específico da sentença; contorna-se, nesse caso, o Nível Representacional.
- 1 → 3 → 6 → 8 → 9 → 10: emprega-se esse percurso parcial quando, por exemplo, um esquema de predicação de dois lugares tem que ser projetado sobre um molde transitivo de oração, caso em que é irrelevante o Nível Interpessoal.
- 1 → 2 → 7 → 11 → 12: usa-se esse percurso nos casos em que uma distinção semântica é expressa por meio de um padrão prosódico distinto.

Assim, depois que o tipo semântico de complemento aciona a seleção de uma determinada construção dependente, o falante precisa reacessar o Componente Contextual para verificar a disponibilidade de referentes à disposição do ouvinte, para, então, codificar a expressão no Nível Morfossintático.

Conforme prediz o princípio de primazia da profundidade, os casos de anáfora zero que são semanticamente predeterminados, como os contidos em (5-6), são motivados pelo seguinte percurso através da gramática 1→ 3 → 6 → 8 → 9 → 10, caso em que se contorna o Nível Interpessoal.

(5-6) *e eles conseguem chegar... a é óbvio uma evolução [***deles**] certo?* (EF-SP-405:57)

Por outro lado, os casos de anáfora zero, que são pragmaticamente determinados, como os contidos em (5-7), são ativados pelo seguinte percurso: 1→ 2 → 4 → 8 → 9 → 10; portanto, agora é o Nível Representacional que é contornado.

(5-7) *quanto à coleta se eles dependem... da colheita... de... frutos... raízes... que eles NÃO plantavam... que estava à disposição deles na natuREza... eles também tinham que obedecer o ciclo::... vegatativo... então existe uma época para ter uma maçã outra época para ter laranja outra época para ter banana... existem CERtas regiões onde há determinados frutos Outras regiões... com Outros frutos... então eles tinham que acompanhar este movimento Ø [=**dos frutos, raízes**] também:: e por isso eram nômades e não se fixavam... a lugar nenhum...* (EF-SP-405)

Observe que o referente do argumento de *movimento* – frutos, raízes – ficou estocado na memória de curto prazo do interlocutor e, quando é recuperado, no encerramento do subtópico sobre o caráter nômade do homem pré-histórico, o falante apela para essa informação compartilhada para enunciar *movimento* com um zero anafórico.

Após impor a seleção do lexema apropriado com seu respectivo esquema de predicado a (5-6), o Nível Representacional determina a forma de zero anafórico para o primeiro argumento da construção encaixada. Contudo, quanto a (5-7), a forma de zero anafórico para o primeiro argumento não é semanticamente predeterminada, mas é motivada por razões de natureza pragmática, ou seja, pelo *status* informacional dos referentes no discurso.

Considere agora o exemplo contido em (4-26) aqui repetido como (5-8a).

(5-8) a _então a arte pré-histórica só vai poder refletir::... então a arte vai nascer:: em função dessa Necessidade... de se manter vivo... necessidade que vai se caracterizar de forma PRINcipal:: em termos de comida... isto é de caça... que é o que oferece... uma resistência_ _[*_**_da caça_**_] [a_**_o homem do paleolítico superior_**_] porque a:: fruta está lá então eles não precisavam se preocupar..._ (EF-SP-450)

b *BEM... então vamos reconstruir a maneira de vida desse POvo para depois poder entender como surgiu a arte... e... por que surgiu um determinado estilo de arte... a gente vai pensar no homem do paleolítico superiOR... como um homem que ainda não conseguiu se organizar socialmente nem politicamente...* (EF-SP-450)

Um dos argumentos de *resistência* aparece no mesmo contexto sintagmático e, como tal, não pode ser expresso por ser compartilhado com o sujeito do verbo *oferecer*, representado pelo relativo retomando o nome *caça*. Já o outro argumento – *o homem do paleolítico superior* –, que já havia sido apresentado bem antes no cenário discursivo, pode ser especificado formalmente, conforme mostra (5-8b).

Por isso, defendo o princípio de que, na formulação, são os dois níveis que atuam para produzir (5-8a). Entretanto, dado que os dois níveis atuando na formulação são independentes entre si, o percurso através da gramática é exatamente o mesmo que aqueles concernentes a (5-6) e (5-7), mas em relação a (5-8) primeiramente opera o Nível Interpessoal para depois operar o Representacional para produzir ambos os tipos de zero anafórico: um referente – *homem do paleolítico superior* – é pragmaticamente motivado e o outro – *caça* – é motivado por predeterminação semântica.

5.2 A natureza aberta da predicação nominalizada

Ao analisar uma amostra de nominalizações do português falado, apresentei, no Capítulo 4, evidência empírica em apoio ao postulado de que a ausência de valência manifesta não significa que elas sejam destituídas de estrutura argumental. A Seção 5.1 mostra como argumentos não especificados, motivados semântica e pragmaticamente na formulação, são implementados como zeros anafóricos na codificação morfossintática. Nesta seção, pretendo defender a ideia de que os termos não especificados permitem alinhar as nominalizações com outros tipos de construções encaixadas não finitas em termos da natureza aberta ou fechada dos predicados e, portanto, em termos de valência potencial.

Vimos, na Seção 3.2, que segundo Dik (1997) o único traço que as nominalizações têm em comum com as construções infinitivas e participiais é a possibilidade de constituírem o núcleo de uma construção encaixada. Há, todavia, um traço adicional, igualmente relevante, compartilhado por todos os tipos de construções encaixadas não finitas e até mesmo por construções encaixadas finitas, que é a possibilidade de se realizarem como predicações fechadas ou abertas, conforme a natureza especificada ou não especificada dos argumentos disponíveis na estrutura valencial deles, o que, como vimos, não significa ausência de valência.

Dik atribui esse outro traço definidor somente a construções infinitivas e participiais, mas eu defendo que ele seja estendido às nominalizações, que são predicados valenciais como os outros dois tipos de construções encaixadas, os infinitivos e os particípios. Ao tratar de construções encaixadas, Dik (1997) não faz qualquer referência à natureza aberta ou fechada das nominalizações atuando como núcleo de predicações, que acaba sendo uma propriedade relevante para explicar a natureza valencial delas.

Vale lembrar que, conforme discutido na Seção 3.1, predicações abertas são estruturas subjacentes à espera de serem preenchidas por algum termo, de acordo com o seguinte esquema geral, mencionado em (3-12) e aqui repetido como (5-9):

(5-9) $(\Omega x_i\,(x_i{:}\ \Phi_1(x_i){:}\ \Phi_2\,(x_i){:}\ \ldots : \Phi_n\,(x_i))$

(cf. Dik, 1989, p.55)

Nesse esquema, em que Ω representa um ou mais operadores de termos e x_i simboliza o referente pretendido, cada expressão $\Phi_1(x_i)$ representa uma predicação aberta em x_i, ou seja, um "restritor" para os valores possíveis de x_i. Adicionalmente, uma predicação aberta em x_i pode representar também um esquema de predicado em que todas as posições, com exceção da ocupada por x_i mesmo, tenham sido preenchidas por estruturas de termo.

Os exemplos contidos em (5-10) e (5-11) constituem boas ilustrações de predicações fechadas, isto é, predicações com todos os argumentos especificados, tendo como núcleo um infinitivo e um particípio, respectivamente.

(5-10) *Passei sem me ver**em.*** (cf. Dik, 1989, p.55)

(5-11) *Ele chegando a São Paulo, fomos para o hotel.*

Do mesmo modo, pode-se dizer que o exemplo contido em (5-12) constitui, agora, uma boa ilustração de uma predicação fechada: o nome deverbal que atua como núcleo da construção encaixada tem todas as posições argumentais devidamente preenchidas.

(5-12) *Maria lamentou a demissão* ***de Pedro por João.***

Quando uma construção infinitiva ou participial expressa uma proposição em que o sujeito da construção encaixada e o da oração matriz são idênticos e, portanto, aparecem não especificados na expressão, elas são chamadas predicações abertas, conforme se observa em (5-13a-b).

(5-13) a ***Ele**$_i$ quer **ø**$_i$ trabalhar na Universidade.*
b ***Ø**$_i$ chegando a São Paulo, fo**mos**$_i$ ao hotel.*

Nas predicações abertas de (5-13a) e (5-13b), não há um constituinte especificado na representação do sujeito encaixado, já que esse constituinte, um caso comum de anáfora zero, fica não especificado sob condição de correferência com o sujeito mais alto (Dik, 1997, p.148). Embora Dik (1997) não mencione nominalizações, é verdadeiro que o mesmo processo se aplica a elas. Considere o exemplo contido em (5-14) em que a especificação do argumento A[1] de *movimento* fica automaticamente bloqueada por razões de correferência com o SN *animais* da predicação matriz:

(5-14) *consegue mostrar os animais:: em pleno* *movimento*... (EF-SP-405:57)

Segundo Dik (1997), construções infinitivas abertas não se restringem às que contêm um termo anafórico. Ele menciona um uso de predicação aberta nucleada por infinitivo cujo sujeito tem uma leitura genérica e não anafórica, conforme o exemplo contido em (5-15).

(5-15) *É perigoso nadar naquele lago.*

Como não há nenhum antecedente com o qual o sujeito da oração encaixada possa estar ligado, o sujeito não especificado não tem um valor anafórico; em vez disso, ele expressa que o perigo de que se fala pode aplicar-se a qualquer pessoa e, por isso, o sujeito não especificado tem uma leitura genérica e não correferencial. Uma vez mais, o mesmo se aplica a nominalizações, como mostra o exemplo (5-16):

(5-16) *É comum a demissão de trabalhadores no final do ano.*

Em suma, o exame de casos dos três tipos de construções encaixadas postulados por Dik (1997) permite deduzir que a propriedade aberta ou fechada da predicação, aplicada a construções encaixadas com infinitivos e particípios como núcleo, é perfeitamente extensível a nominalizações.

Em geral, os casos de nominalização que configuram predicações abertas têm posição de sujeito não especificada, sob a condição de correferência com o sujeito da predicação matriz ou sob a condição de interpretação genérica. Essa situação é exatamente a mesma das construções nucleadas por formas infinitivas e participiais.

Pelas razões expostas com base na evidência acima, penso ser possível reorganizar, na Figura 10, o quadro proposto por Dik (ver Figura 5), para que seja possível inserir nele uma nova modalidade de construção encaixada, as construções nominalizadas.

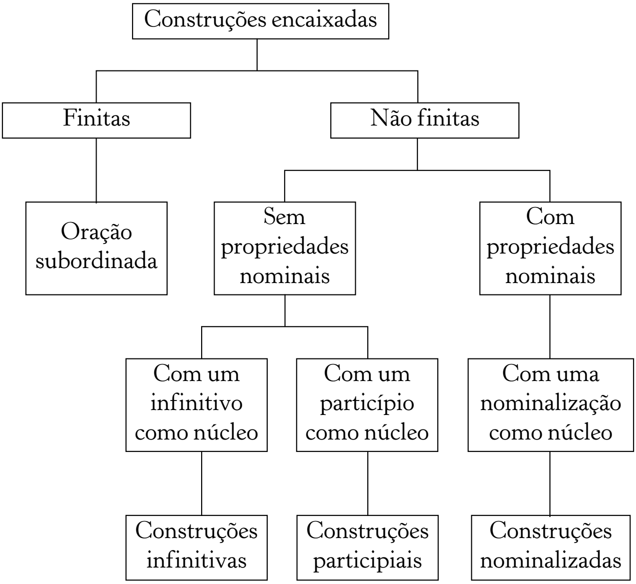
Construções encaixadas
Finitas
Não finitas
Oração subordinada
Sem propriedades nominais
Com propriedades nominais
Com um infinitivo como núcleo
Com um particípio como núcleo
Com uma nominalização como núcleo
Construções infinitivas
Construções participiais
Construções nominalizadas

Figura 10 – Tipos de construções encaixadas revisitados

Além disso, as motivações semânticas e pragmáticas para os argumentos não manifestos podem ser explicadas pelo processo de implementação dinâmica requerido pelo modelo da GDF. Como um ponto final, é conveniente acrescentar que há uma vantagem teórica importante para esse modo de enfocar as nominalizações e outras construções encaixadas: ele preserva a correspondência intuitiva, quase universal, entre nomes derivados e verbos de origem, o que assegura alto grau de adequação entre teoria e dados empíricos.

5.3 A articulação entre lexemas e esquemas de predicação na representação das nominalizações

Como os dados discutidos mostram a plausibilidade da hipótese de preservação de valência, é óbvio que nomes primários e derivados devem já vir selecionados do léxico com sua própria estrutura valencial. As motivações semânticas e pragmáticas acionam a forma de expressão no Nível Morfossintático. Sendo assim, é preciso considerar, em primeiro lugar, como as nominalizações entram na formulação a partir de sua organização lexical.

Quem primeiramente reconheceu que a nominalização é um tipo ambíguo de construção, a meio caminho entre duas categorias semânticas, no Nível Representacional, ou seja, entidade (x) ou predicado (f), no âmbito da GF foi Santana (2005). Ao considerar as duas hipóteses aqui discutidas, a hipótese de preservação de valência e a hipótese de redução de valência, essa autora postula que as duas posições teóricas, sustentadas respectivamente por Dik (1985, 1997) e por Mackenzie (1985, 1996), só são de fato alternativas se forem consideradas no âmbito da GF, com base na qual foram geradas. Entretanto, se forem consideradas no arcabouço da GDF, a questão se resolve de outra maneira.

Para tanto, Santana (2005) leva em conta a proposta, já discutida na Seção 3.5, avançada por Garcia Velasco e Hengeveld (2002). Vale lembrar que, ao discutirem o papel dos esquemas de predicado na GF, esses autores propõem a substituição desse conceito pelo de esquema de predicação, no interior do qual os lexemas listados no léxico, mas desprovidos de esquemas de predicado, são inseridos mediante a aplicação de regras de ligação. A ideia de introduzir esquemas de predicação na GF foi proposta originalmente por Hengeveld (1992 apud Garcia Velasco; Hengeveld, 2002) como uma alternativa para a Regra de Formação Termo-Predicado de Dik (1980 apud Garcia Velasco; Hengeveld, 2002).

Vale lembrar que o modo de resolver o problema que a noção de esquema de predicado levanta, com respeito aos padrões de adequação psicológica, pragmática e tipológica, é dividir esquemas de predicado em predicados e esquemas, e ter um mecanismo de ligação que os associe na gramática. Conforme já mencionado também, os autores dão preferência por usar o termo *esquema de predicação* para *esquema* e *lexema* para *predicado*, liberando o uso do termo *predicado* para se referir a lexemas usados como predicados em contextos sintáticos particulares.

Uma forte motivação para essa separação entre lexemas e esquemas de predicado é o fenômeno da especificação ou não especificação de argumentos na função de objeto, aspecto do Nível Morfossintático que tem vinculação com a nominalização. Vale lembrar também que Garcia Velasco e Portero Muñoz (2002) alegam que a não especificação de objetos é determinada por restrições de tipo semântico e de tipo discursivo.

Santana (2005) argumenta que a motivação pragmática é verdadeiramente aplicável aos casos de nominalização que permitem a recuperação anafórica dos referentes no contexto, sem, contudo, admitir mudança semântica no tipo de estado de coisas que representam. Na leitura genérica, as nominalizações acompanham o mesmo formato de verbos como *comer,* em cujo esquema não tem pertinência especificar argumentos (ver p.146). O mesmo se aplica aos casos de predicados nominais de dois lugares, em que o agente, por exemplo, é uma noção implícita que não necessita de expressão formal.

Com base nessa proposta, Santana (2005) postula que a ausência de especificação formal para os argumentos de nominalizações, como as fornecidas em (5-17a-b), pode receber o mesmo tratamento que Garcia Velasco e Hengeveld (2002) devotam à relação entre itens lexicais e esquemas de predicação:

(5-17) a *toda e qualquer manifestação que a gente for procurar vai ter que estar necessariamente ligada... a esta* ***preocupação*** *vital* *do homem pré-histórico de... se conservar vivo**...* (EF-SP-405:50)
b *então numa vida desse tipo... a* ***preocupação*** *principal está centrada na sobrevivência...* (EF-SP-405:50)

As duas casas valenciais de *preocupação* em (5-17a) estão formalmente especificadas, situação oposta do que ocorre com a mesma nominalização em (5-17b). Entende Santana (2005) que é possível aplicar à nominalização o esquema de predicação proposto por Garcia Velasco e Hengeveld (2002), situação que produziria a representação formal de (5-18a) para (5-17a) e de (5-18b) para (5-17b).

(5-18) a preocupação [N]
$[f_1$: [Zero (x_i) [Referência (x_j)]]]
b preocupação [N]
$[f_1$: $\text{Pred}_N]$

Santana alega que, caso seja informacionalmente relevante especificar formalmente os dois argumentos de *preocupação*, a representação respectiva corresponderia a um esquema de predicado bivalente; caso não seja relevante a especificação formal de valência, a representação respectiva corresponderia a um esquema de predicação avalente.

O mesmo se aplica a um caso de nominalização com leitura genérica em que os participantes não são formalmente especificados como se vê no exemplo grifado de (5-19)

(5-19) *nessa época ainda não existe preocupação com* *composição**...* (EF-SP-405)

Na perspectiva de Santana, esse caso é similar a verbos intransitivos como *comer,* em que o objeto só aparece quando especificado.

Assim, na visão de Santana (2005, p.151), tanto o tipo semanticamente motivado de zero do nome deverbal quanto o tipo pragmaticamente motivado receberiam um esquema de predicado de zero lugar, conforme as próprias palavras da autora:

> As evidências já discutidas anteriormente sugerem que a ligação entre lexemas e esquemas de predicação não pode ser desenvolvida numa base biunívoca; pelo contrário, os lexemas podem assumir diferentes esquemas, se eles tiverem mais de uma leitura, como é o caso de *open* ("abrir"), como predicado intransitivo e como predicado transitivo. Estendendo mais os fatos a fenômenos similares, neste trabalho, postula-se que essa abordagem seja aplicada, nos mesmos termos, aos predicados nominais derivados, com a evidente vantagem de dar caducidade à necessidade de escolha entre a *hipótese de preservação de valência* e a *hipótese de redução de valência.*

A solução proposta por Santana (2005) é similar, mas não idêntica à que postulo aqui, já que ela defende que os predicados genéricos e os não referenciais teriam um esquema de predicação avalente. Os predicados referenciais, cujos argumentos estivessem não especificados formalmente, receberiam um esquema de predicado de zero, um ou dois lugares, conforme aparecem na expressão. Minha interpretação diverge no sentido de que a genericidade e a referencialidade, de que resulta apenas não especificação formal de argumentos no Nível Morfossintático por razões de economia, são traços do Nível Interpessoal uma vez que a apresentação das entidades no discurso é responsabilidade dos participantes da interação; quanto aos predicados referenciais, a motivação pode ser tanto semântica quanto pragmática, conforme visto na Seção 4.4.

Embora não concorde com a interpretação de Santana, concordo com a ideia de que itens lexicais e esquemas de predicados devem ser entidades separadas. No máximo, *composição* em (5-19), aqui repetido como (5-20a), deve receber um esquema de predicado com duas posições abertas como aparece em (5-20b), já para o nome *preocupação* em (5-20a), o esquema de predicado deve ter uma posição estrutural fechada e uma aberta como em (5-20c).[3]

(5-20) a *nessa época ainda não existe preocupação com composição...* (EF-SP-405)
b $(e_i\text{: }[(f_i\text{: composição }(f_i\text{:})\ (x_i)_A\ (x_j)_U)]\quad (e_i))$
c $(e_i\text{: }[(f_i\text{: preocupação }(f_i\text{:})\ (x_i)_U\ (x_j\text{ : composição }(x_j)_A]\quad (e_i))$

Nesse caso, o esquema de predicado é de fato aplicado *online* conforme as necessidades da situação discursiva, mas a valência deve vir marcada na representação do item no próprio léxico. O Nível Morfossintático é responsável pela indicação do zero anafórico como forma de expressão para o argumento experienciador de (5-20), conforme a sugestão de interpretação fornecida em (5-21), em que $\emptyset_i$. mostra que o núcleo do SN é um zero coindexado a algum outro constituinte já mencionado no discurso.

(5-21) $[[[\text{preocupar}]_V\text{ção}]_N\ [\emptyset_{i]SN}[\text{com}_P\text{ composição}]_{SP}]_{SN}$

O problema com a solução fornecida por Santana (2005) é que ela é contraditória com as evidências empíricas, já mostradas na análise dos dados. Essas evidências mostram que a especificação formal de valência na estrutura do nome nuclear depende de um conjunto de fatores semânticos e pragmáticos, relacionados principalmente ao compartilhamento de informação de curto prazo pelos participantes do processo de interação verbal.

Mais grave ainda, essa alternativa acaba sendo contraditória com a própria defesa da hipótese de preservação de valência sustentada por Santana (2005). A configuração formal adotada pela autora não acompanha o princípio teórico de que a representação subjacente das nominalizações é dotada de uma estrutura argumental cuja especificação no dado superficial depende de regras derivadas do uso. Como visto, essas regras podem ser de natureza pragmática em função de determinações do Nível Interpessoal, ou podem ser de natureza semântica em função de determinações do Nível Representacional. Vale destacar que, na literatura funcionalista, essas motivações estão ligadas aos princípios de economia e de iconicidade (Givón, 1980, 1990; Haiman, 1983, retraduzidos por Cristofaro, 2003).

---

[3] Os elementos subscritos A e U representam nos exemplos a seguir as funções semânticas de Actor (Ator), Undergoer (Paciente), que se referem, respectivamente, a argumentos de um estado de coisas dinâmicos com uma participação mais ativa e mais passiva. Outro elemento subscrito é L para Locative (Locativo) que tem a função de indicar o lugar de ocorrência do estado de coisas, seja ele dinâmico, seja não dinâmico (cf. Hengeveld; Mackenzie, 2008, p.194-204).

Na análise apresentada neste trabalho, sustento portanto que, se a estrutura argumental permanece preservada, tanto o predicado verbal quanto o predicado nominal devem receber um esquema de predicado com a mesma estrutura argumental: a inserção do lexema respectivo – nome ou verbo – depende do léxico.

Concordo plenamente com Garcia Velasco e Hengeveld (2002) que esquemas de predicação devem ser investidos na gramática e, portanto, ser separados do léxico, conforme visto na Seção 3.4. Essa separação, que torna obsoletas as regras de derivação lexical previstas por Dik (1989), torna o léxico mais econômico. Já no que se refere à especificação de argumentos, o esquema de predicado pode representar, no máximo, uma predicação aberta com uma, duas ou três posições, mas deve conter tantas posições estruturais quantos forem os argumentos do item lexical selecionado.

Para fornecer uma representação formal simplificada dessa interpretação nos níveis Interpessoal e Representacional, considerem-se os exemplos de (5-22a) e (5-23a) e os esquemas de predicação respectivos de (5-22b) e (5-23b), já representando a interpretação de que as nominalizações são propriedades configuracionais (f) no Nível Representacional e Subatos de Atribuição (T) encaixados em Subatos de Referência (R) no Nível Interpessoal. A valência quantitativa é variável de acordo com a natureza do item que for escolhido no léxico, o que permite a expressão de (5-22a) e (5-23a) de modo similar à dos predicados verbais correspondente.

(5-22) a *A manifestação dos caras-pintadas* *foi uma das causas da renúncia de Collor.*

b $(R_i\ [T \quad R_j \quad]\ (R_i))$

$(e_i\text{: } [(f_i\text{: } \blacklozenge\ (f_i\text{:})\ \ (x_1)_U)] \quad (e_i))$

(5-23) a *A invasão de Cartago pelos romanos* *mudou o comércio do Mediterrâneo.*

b $(R_i\ [T \quad R_j \quad R_k\ ] \quad (R_i))$

$(e_i\text{: } [(f_i\text{: } \blacklozenge\ (f_i\text{:})\ \ (x_i)_A \quad x_j)_U)\ ] \quad (e_i))$

Esses esquemas expressam que os lexemas *manifestação* e *invasão* designam uma relação (aqui representada pela variável f) entre uma entidade no caso de (5-22a) e duas entidades no caso de (5-23a) (representadas pelas variáveis x). A presença dessas duas variáveis na representação do lexema do nome, segundo Velasco e Hengeveld (2002, p.114), guia o processo de ligação na direção de um esquema de predicação de um lugar para (5-22a), e de dois lugares, para (5-23a).

Observe ainda a natureza da correspondência entre o Nível Interpessoal e o Nível Representacional. Nos dois casos, trata-se, no Nível Interpessoal, de um Subato de Referência, que se faz mediante o uso de nominalizações, que tem sob seu escopo, todavia, um Subato de Atribuição, o que representa o caráter complexo da nominalização. Já no Nível Representacional, trata-se de um estado de coisas (e) que tem sob seu escopo uma propriedade (f) que, por sua vez, estabelece uma relação semântica entre uma ou duas entidades (x).

5.4 Uma proposta de representação formal para a nominalização

Outra questão que se coloca naturalmente é como considerar, no arcabouço da GDF, o caráter híbrido das nominalizações, a meio caminho entre a referência a uma entidade de primeira ordem, como os nomes comuns concretos, e a referência a um estado de coisas, como entidades de ordem superior. A título de exemplificação, considere-se o predicado de dois lugares *invasão* em (5-23a) acima.

Também para efeito de simplificação, considere-se a representação subjacente da nominalização, encaixada na posição de sujeito da predicação matriz. Para dar conta do caráter categorial híbrido da nominalização é necessário considerar que ela representa, no Nível Interpessoal, um Subato de Atribuição, próprio de uma predicação, dentro de um Subato de Referência, próprio de uma entidade, tal como se representa em (5-24b), e, no Nível Representacional, representa a atribuição de uma propriedade (f) a duas entidades referenciais (*Cartago* e *romanos*), que constitui a predicação encaixada numa proposição em (5-24c).

(5-24) a *A invasão de Cartago pelos romanos*
b $(R_i\ [T_i \quad (R_j) \quad (R_k)\ ] \quad (R_i))$
c $(e_i\ [(f_i\text{: invasão})_N\ (f_i)\ \ (x_i\text{: romanos}(x_i)_A\ (x_j\text{: Cartago}\ (x_j)_U]\ (e_i))$

Considerando o estatuto comunicativo das nominalizações na GDF, se consistem num Subato de Atribuição ou num Subato de Referência, Mackenzie (2004a) aponta para o fato de que operadores de identificabilidade e especificidade se tornam mais acessíveis conforme aumenta o estatuto nominal da predicação encaixada. Operadores de indefinitude são também passíveis de atuar sobre o Subato de Referência, conforme se vê em w*inning this battle is a winning of all battles* e *there won't be any winning of hearts and minds* (Mackenzie, 2004a).

Assim, para fazer justiça ao caráter ambíguo das nominalizações a melhor análise é considerar, como faz Mackenzie (2004a), que o lado mais nominal da predicação nominalizada obriga a representá-la como um Subato de Referência que abriga um Subato de Atribuição. Assim, nos casos em que a nominalização não admite operadores de definitude, a leitura é de uma predicação com sua própria estrutura argumental (5-25a) e, nos casos em que a nominalização admite esse tipo de operador, a leitura é de um Subato de

Referência dentro de um Subato de Atribuição sem estrutura argumental, de acordo com a hipótese de redução de valência (5-25b):

(5-25) a *I* *enjoyed* *my horse* *winning* *the race.*
R T R T R
$(e_1: [(f_1: \text{win } (f_1)\ (\text{my horse})_A\ (\text{race})_U]\ (e_1))$

b *Everyone* *witnessed* *my horse's* *winning* *of the race*
R T (d/iR: [R T R] (R)
$(e_1: [(f_1: \text{winning } (f_i))\ (\text{my horse})_{Ass}\ (\text{race})_{Ass}]\ (e_1))$

(cf. Mackenzie, 2004a)[4]

Uma diferença, contudo, persiste na análise aqui apresentada e na de Mackenzie. Como se vê em (5-25) acima, persiste em sua análise a necessidade de considerar que, quando as nominalizações passam a funcionar como um Subato Referencial no Nível Interpessoal, representado por um estado de coisas no Nível Representacional, elas perdem necessariamente a estrutura argumental que só se mantém nos casos, válidos para o inglês, em que se preserva o estatuto lexical de predicado verbal.

O modo como os argumentos dessa predicação encaixada são expressos vai depender, como se viu anteriormente, de processos de indeterminação semântica, motivados pelo grau de conexidade entre a oração da predicação encaixada e a oração da predicação matriz, ou por processos pragmáticos, motivados pelo grau de acessibilidade de informação no discurso corrente. Esses dois processos são responsáveis pelo acionamento de expressão dos argumentos por anáfora zero, mas são responsáveis também pela indeterminação de entidades argumentais ou pela ocorrência de nominalizações não referenciais. Todos esses processos de expressão argumental são repercussões diretas dessas motivações funcionais no Nível Morfossintático.

---

[4] A recusa de Mackenzie (1996), que permanece nesse trabalho de 2004a, em ver argumentos na nominalização produtiva em inglês o faz substituir as funções semânticas de Ator e de Paciente, que ele admite no predicado verbal, para a função semântica *Associativo* na nominalização.

Assim, para fazer justiça às motivações funcionais e ao caráter semântica e pragmaticamente híbrido das nominalizações, a expressão morfossintática deve respeitar as duas camadas de atuação nos Níveis Interpessoal e Representacional e receber também duas camadas de representação, que poderiam ser denominadas "sintaxe interna" e "sintaxe externa" em atenção à proposta de Haspelmath (1995) para lexemas derivados por flexão. O autor se refere a processos de derivação por flexão transposicional, muito produtivos num grande número de línguas, que são responsáveis pelo caráter morfossintaticamente híbrido das formas resultantes, conforme a representação que faz da forma *singende* do alemão, transcrita em (5-26).

(5-26)	der	im Wald	laut	sing$_{V}$-ende$_{Adj}$	Warderer
	the	in the forest	loud	sing-PTPC	hiker

'the hiker (who is) singing loud in the forest'

(Haspelmath, 1995, p.44)

É útil aplicar o mesmo padrão a outras formas híbridas como *singende,* mas produzidas por processos comuns de derivação por sufixação, do que resulta a representação morfossintática para a expressão nominal *a invasão de Cartago pelos romanos* contida em (5-27).

(5-27) [[det sing [invadir]$_{v}$ são]$_{N}$ [de Cartago]$_{SP}$] [por det pl romanos] $_{SP}$] $_{SN}$

O esquema representado em (5-28) abaixo representa o SN de acordo com os três níveis de organização previstos pela GDF:

(5-28) (R$_{i}$ [(T$_{i}$) (R$_{j}$) (R$_{k}$)] (R$_{i}$))
(e$_{i}$ [(f$_{1}$) (x$_{i}$)$_{U}$ (x$_{j}$)$_{A}$] (e$_{i}$))
[[det sg[invadir]$_{V}$ são]$_{N}$ [de Cartago]$_{SP}$] [por det pl prep romanos] $_{SP}$] $_{SN}$

Uma das razões para nominalizar é a possibilidade de as nominalizações retomarem, por substituição lexical, outras predicações já mencionadas no discurso precedente, como se observa, por exemplo, em (5-29) e (5-30).

(5-29) *os animais iam hibernar outros... i**migra**vam para lugares mais quentes eles também precisavam acompanhar.... o a **migra**ção da caça senão eles iam ficar sem comer...* (EF-SP-405)

(5-30) ***cria**r uma pessoa... ou **cria**r uma imagem é mais ou menos a mesma coisa... no sentido de que nós estamos **cria**ndo uma coisa nova... do nada... eu não tinha nada aqui passo a ter a imagem da minha mão... e esta ideia de **cria**ção é que ainda ( ) é representação...* (EF-SP-405)

A mesma relação em dois diferentes níveis morfossintáticos pode representar a forma dos argumentos na forma de adjetivo, como se pode ver em (5-31) e (5-32).

(5-31) *então nós vamos começar pela Pré-História... hoje exatamente pelo período... do paleolítico... a **arte**... no período paleolítico [...] as:: manifestações **artísticas** começaram a aparecer no paleolítico superior* (EF-SP-405)

(5-32) *no final das contas toda a evolução **humana**... não deixa de ser exatamente a evolução do domínio que o **homem** tem sobre a natureza...* (EF-SP-405)

A manifestação de A^1 sob a forma de adjetivo mostra que a representação morfossintática deve acompanhar a recuperação lexical de um nome mencionado no discurso precedente como em (5-31); todavia, o adjetivo pode ser retomado como nome no discurso subsequente, como (5-32). Outro caso interessante foi registrado por Keizer (2004b), que reproduzo aqui em (5-33):

(5-33) *In Paris Francine Stock examines the thinking behind the last minute French initiative what they hope do gain from it.* <ICE--GB:S2B-010 #7:1:1>

(Keizer, 2004b, p.12)

O adjetivo *French* atua como um verdadeiro argumento tanto semântica quanto pragmaticamente e, como tal, é interessante verificar que pode ser retomado por um pronome, que é, por definição, uma classe que substitui o nome.

Essas possibilidades de intercâmbio entre as categorias lexicais nas relações de substituição lexical consistem num forte argumento para considerar os adjetivos como expressão argumental similar a nomes, e não como meros modificadores, relação mais apropriada para nomes de primeira ordem, como *humano* em *utensílio humano*.

As evidências de natureza textual-discursiva sugerem que a ligação entre lexemas e esquemas de predicação deve ser desenvolvida tanto com base na sintaxe interna quanto com base na sintaxe externa; na sintaxe interna, um nome deverbal ocupa apenas provisoriamente a posição estrutural de um verbo, assim como um adjetivo, a de um nome, enquanto na sintaxe externa trata-se de nome, na função de núcleo de um sintagma nominal e de um adjetivo, na função de modificador. O ajuste a que se refere Dik (1985; 1997) dos nomes derivados de ordem superior ao nome prototípico de primeira ordem se aplica, portanto, somente à sintaxe externa.

6

O LUGAR DA NOMINALIZAÇÃO NO *CONTINUUM* CATEGORIAL

Introdução

Os dados analisados mostraram que as nominalizações no português preservam a estrutura argumental do verbo *input* correspondente e que a expressão formal na estrutura do nome nuclear depende de um conjunto de fatores semânticos e pragmáticos, relacionados principalmente ao compartilhamento de informação de curto prazo pelos participantes do processo de interação verbal. Como já mencionado, na literatura funcionalista essas motivações estão ligadas aos princípios de economia e de iconicidade (Givón, 1980, 1990; Haiman 1983).

O próximo passo no percurso aqui adotado para demonstrar a tese de que a continuidade categorial das classes de palavras se aplica aos nomes e aos verbos do português é postular motivações funcionais para a explicação da ausência de especificação de argumentos como evidência da natureza complexa da nominalização; em seguida, demonstrar a tese do caráter prototípico de nomes e verbos em relação à nominalização.

Essa discussão se organiza da seguinte maneira: na Seção 6.1, desenvolvo o princípio teórico, com base em evidência empírica, de que a nominalização constitui uma entidade complexa, meio híbrida, a meio caminho entre o nome e o verbo prototípicos; na Seção 6.2, faço uma análise de nomes e verbos do português com base na Teoria dos Protótipos; na Seção 6.3, mostro que há uma relação de simetria funcional entre a classe das palavras referenciadoras e a classe das palavras predicadoras; finalmente, na Seção 6.4, desenvolvo a ideia especulativa de que o português se enquadra tipologicamente na classe das línguas diferenciadas pelo modo como organiza a realidade percebida em classes de palavras.

6.1 A natureza complexa da nominalização

Conforme discutido no Capítulo 1, o critério semântico de estabilidade temporal, invocado por Givón (1979) para determinar a prototipicidade dos nomes, não é suficiente para atribuir uma classe lexical a uma dada forma: "A prototipicidade de categorias linguísticas depende não apenas de propriedades semânticas independentemente verificáveis, mas também – e talvez mais crucialmente – da função linguística no discurso" (Hopper; Thompson, 1984, p.708).[1] Nem sempre o uso de um nome é capaz de construir ou de identificar um referente (Dik, 1989, p.114), como ocorre, por exemplo, com o termo *definição* na sentença (6-1).

(6-1) *ela quer saber as matérias que ela vai ter... o curso::... o segundo ciclo que ela pretende fazer... sabe? bom já está numa:: idade de definição quanto ao segundo ciclo porque elas já estão na oitava série as mais velhas não é?* (D2-SP-360)

Segundo Hopper e Thompson (1984), o fato semântico de que um termo denota uma entidade concreta, visível (que já não é o caso de uma entidade de segunda ordem, como *definição*) não é crucial para determinar se esse termo é um membro prototípico da classe. Em vez disso, é mais importante e decisivo que o nome exerça algum papel no discurso em que ele figura, seja construindo seja identificando um referente na interação, como o caso de *definição* em (6-2), núcleo de um SN com um conjunto completo de possíveis constituintes.[2]

---

[1] Cf. o original: *"prototypicality in linguistic categories depends not only on independently verifiable semantic properties, but also – and perhaps more crucially – on linguistic function in the discourse".*

(6-2) *Você entendeu aquela segunda definição de sintagma que o professor deu na aula de ontem?*

Do mesmo modo, os traços semânticos do verbo (visibilidade, movimento e efetividade) não são suficientes para determinar sua prototipicidade. Para qualificar-se como membro prototípico da classe, uma forma verbal deve referir-se à ocorrência de um evento do discurso. Assim, uma forma não finita, como *acertar* em (6-3), não é um membro prototípico como o de (6-4), em que a forma finita representa o evento de acertar como efetivamente concluído no passado. Também para verbos, é o papel discursivo da forma empregada que consiste, para Hopper e Thompson (1984), no principal fator que determina se ele é um membro central ou periférico de sua categoria.

(6-3) *Acertar traves exige habilidade.*

(6-4) Neymar acertou a bola na trave para provar que é habilidoso.

Essas relações discursivas, que são representadas pelo Nível Interpessoal, é que determinam o grau de complexidade categorial e, portanto, o de versatilidade sintática das nominalizações, não necessariamente a redução de argumentos.

---

[2] Considerando que entidades são coisas que podem ser construções mentais, é possível distinguir duas funções principais para o uso de termos: ao empregar um termo numa referência construtora, o falante pretende ajudar o ouvinte a construir um referente, o que implica introduzir a entidade no modelo mental do ouvinte; já ao empregar um termo numa referência identificadora, o falante pretende ajudar o ouvinte a identificar um referente que já se acha disponível (cf. Dik, 1989, p. 114).

A nominalização tem como modelo prototípico o nome comum não derivado e, como tal, usa a expressão de possuidor, típica dos nomes comuns, para a expressão argumental. Entretanto, enquanto a nominalização fizer referência não a uma entidade de primeira ordem, mas a uma entidade de ordem superior, a correspondência entre os argumentos do nome e os do verbo *input* deve estar representada na representação subjacente de ambas as classes de palavras.

Um bom argumento para sustentar uma diferença entre nomes de primeira e nomes de segunda ordem são os casos de dupla manifestação de possuidor, principalmente na estrutura do tipo genitivo-possessivo. Embora a nominalização se ajuste ao modelo dos nomes prototípicos (6-5a), há uma diferença absoluta entre eles, já que a manifestação de dois possuidores só é licenciada para as nominalizações pelo uso do genitivo em inglês (6-5b) e por um pronome possessivo em português (6-5c).

(6-5) a ** o livro de José de Maria / * John's book of Mary*
b *John's decision of attacking.*
c *Minha decisão de ataque.*

Muito raramente nomes deverbais se referem a entidades de primeira ordem, especialmente quando representarem nominais de ação, como em (6-6a). A única situação em que é possível esse tipo de referência é aquela em que os deverbais indicam estados de coisas resultantes de ação, como em (6-6b).

(6-6) a *A construção da casa demorou dois anos.*
b *Aquela construção do alto da colina é muito sólida.*

O nome destacado em (6-6b) se deriva do verbo *construir*, mas não é dotado de estrutura argumental, por não se referir a um estado de coisas, mas ao resultado de um estado de coisas, que constitui uma entidade de primeira ordem; nesse caso, a função do SP *do alto da colina* é localizar a entidade referida. Já o mesmo nome deverbal em (6-6a) representa uma predicação encaixada na posição de sujeito e a função do SP *da casa* é indicar o argumento paciente de *construção*.

Em vista dessa diferença, é possível aplicar os rótulos categoriais de (6-7) para as duas expressões possíveis do nome em comparação ao verbo:

(6-7) construir > construção$_1$ > construção$_2$
[+ V – N] [+V + N] [-V + N]

Na escala de desverbalização (Malchukov, 2004), a nominalização só perde a condição de referência a um estado de coisas quando se transforma realmente num nome de primeira ordem. As categorias mais externas e respectivas camadas são mais prontamente afetadas pelas operações transcategoriais do que as mais internas. Desse modo, a valência é, na visão do autor, a camada semanticamente mais próxima do lexema verbal e, portanto, mais preservada do que as demais categorias. Considerando os processos complementares de desverbalização e de nominalização, Malchukov propõe o modelo em (6-8), que ele chama Modelo Escalar Generalizado:

(6-8) Modelo Escalar Generalizado[3]
[[[[[N] CL] NUM] POS] DET] CAS]
<------------------- [[[[[[V] VAL] ASP] TEM] MOD] CONC] FI]
nominalização <-------------------
desverbalização

O que ocorre com o nome construção$_2$ no esquema em (6-7) é que, além de descategorizar-se a partir de um lexema verbal, ele continua o processo, recategorizando-se como termo referente a uma entidade de primeira ordem. Nesse caso, perde valência e recebe todas as marcas possíveis de um membro prototípico da classe dos subtantivos. Já o que ocorre com construção$_1$ é que apenas sofre processo de descategorização, o que implica preservação da referência a uma entidade de ordem superior e, consequentemente, da estrutura argumental do predicado verbal correspondente.

---

[3] As abreviaturas têm o seguinte significado: no polo nominal, N representa nome; CL, classificador; NUM, número; POS, possuidor; DET, determinante e CAS, caso. Já no polo verbal, V representa verbo; VAL, valência; ASP, aspecto; TEM, tempo; MOD, modo; CONC, concordância; FI, força ilocucionária.

Malchukov não se refere a redução de valência nesse processo de descategorização, mas a efeitos de regras de bloqueio; por exemplo, no caso da forma gerundivo-genitiva do inglês, como em *John's driving the car*, o processo de derivação lexical atinge o argumento agente, ficando o paciente com a mesma marcação que mantém no verbo, isto é, como se não fosse afetado pelo efeito das regras de bloqueio.

Na realidade, as regras de bloqueio não reduzem o número de relações gramaticais da categoria verbal, mas o preservam no nome deverbal, alterando apenas o mecanismo formal de marcação dos argumentos. Nesse caso, o uso de preposições como *de* e *por* constitui um mecanismo formal das nominalizações para visibilizar as mesmas relações gramaticais de sujeito e de objeto, que, em português, pelo menos, são geralmente marcadas por outros mecanismos, tais como ordem de palavras, posição pré e pós-verbal respectivamente, e concordância verbal.

Essa interpretação encontra respaldo na proposta de classificação que Keizer (2004a) faz das preposições do inglês no arcabouço teórico da GDF. Defende a ideia de que elas podem atuar tanto como elementos gramaticais (operadores) quanto como elementos lexicais (predicados). Na condição de categoria lexical, as preposições atuam como predicados de um lugar (transitivas) e como avalentes (intransitivas). Já o uso gramatical está confinado às preposições *of* e *by* quando usadas para introduzir termos com função semântica de Agente, posicionador, Força, Processado, Zero ou Meta, isto é, as funções semânticas que podem ser atribuídas ao primeiro e ao segundo argumento de predicados deverbais ou deadjetivais.

A autora restringe a discussão ao uso dessas preposições introduzindo SNs cujos núcleos consistem em predicados nominais deverbais e deadjetivais. Indiretamente, Keizer (2004a) concorda com Dik (1989, 1997) que tanto a valência do predicado *input* quanto a função semântica dos argumentos são preservadas no processo de derivação lexical. Na medida em que, como elementos gramaticais, as preposições visibilizam funções semânticas, o enfoque deixa claramente implícita a ideia de que núcleos nominais deverbais/deadjetivais são dotados de estrutura argumental. Nas próprias palavras da autora:

> Em outros termos, o uso gramatical de preposições é restrito aos casos em que a preposição expressa uma função semântica que, na construção verbal ou adjetival correspondente, não é expressa por meio de uma preposição mas por algum (outro) meio gramatical como ordem de palavra, concordância ou caso. (Keizer, 2004a, p.27)[4]

Na esteira da posição de Keizer (2004a), considero que, em (6-6b) acima, a preposição *de* estabelece uma relação de modificador com o núcleo nominal, devendo ser analisada como preposição lexical e a relação que estabelece especifica a localização da construção, enquanto em (6-6a) estabelece uma relação argumental, consistindo, portanto, numa preposição gramatical. A mesma distribuição se sustenta nas relações estabelecidas pelas preposições *por* e *em*, nos exemplos de (6-9a-b) e (6-10a-b), em que se percebe a correspondência entre preposição gramatical para relações argumentais e preposição lexical para relações de modificação.

(6-9) a *a destruição (da cidade)* ***[por epidemia]***
b *a destruição (da cidade) (por tropas inimigas)* ***[no ano passado]***

(6-10) a *o livro* ***[com capa vermelha]***
b *a preocupação (de Maria) (com José)*

---

[4] Cf. o original: *"In other words, the grammatical use of prepositions is restricted to those cases where the preposition expresses a semantic function which in the corresponding verbal or adjectival construction is not expressed by means of a preposition but by some (other) grammatical means, such as word order, agreement or case".*

Constituem relações de modificação os SPs negritados e entre colchetes nos exemplos de (6-9) e de (6-10a). Ao incidirem sobre um predicado nominal, indicam respectivamente causa (6-9a), tempo (6-9b) e especificação de referência (6-10a). Já a mesma interpretação não se aplica aos SPs entre parênteses, que constituem de fato argumentos requeridos pela estrutura argumental do predicado.

Essa interpretação não afeta diretamente a interessante correlação entre desverbalização progressiva e redução de valência proposta por Mackenzie (1966). A correlação, nos termos aqui propostos, se estabelece nos moldes propostos por Dik (1989, 1997) para o ajuste formal dos nomes derivados, isto é, nos estágios mais avançados de nominalização, a marcação das relações gramaticais tipicamente argumentais (ordem de palavras, concordância de sujeito e de objeto e caso) passa a ser visibilizada por outros mecanismos, como uso de preposições, de genitivo, de pronomes possessivos e de adjetivos, que são as categorias formais que normalmente acompanham o nome prototípico, como em (3-23a-d), aqui reescrito como (6-11a-d).

(6-11) a *That **my horse** (A^1 sentencial) won **the race** (A^2 sentencial) came as a great surprise.* (oração finita)
b ***My horse** (A^1 sentencial) winning **the race** (A^2 sentencial) came as a great surprise.* (gerúndio)
c ***My horse's** (A^1 genitivo) winning **the race** (A^2 sentencial) came as a great surprise.* (gerúndio-genitivo)
d ***My horse's** (A^1 genitivo) winning **of the race** (A^2 sintagma de possuidor) came as a great surprise.* (nominalização produtiva)

Os tipos de nominalização contidos em (6-11a-d) se correlacionam às principais classes tipológicas de línguas propostas por Koptjevskaja-Tamm (1993). A tipologia sintática das nominalizações proposta por essa autora, e anteriormente por Comrie e Thompson (1985), distingue quatro tipos principais de categorias tipológicas de línguas de acordo com o modo como se manifestam as relações gramaticais. As relações gramaticais são representadas por S (sujeito de intransitivo), A (sujeito de transitivo) e O (objeto de transitivo), como originalmente proposto por Dixon (1976 apud Koptjevskaja-Tamm, 2003). Assim (6-11a) e (6-11b) representam o tipo sentencial (SENT), em que os argumentos S, A e O retêm a marcação sentencial própria. (6-11c) representa o tipo possessivo-acusativo (POS-ACC), em que A e S recebem marca de possessivo e O mantém a expressão sentencial.

Na classe das línguas ergativo-possessivas (ERG-POS), O e S recebem forma de genitivo e A recebe marcação diferente. O português, juntamente com o georgiano, o russo e o abkhaz, se enquadra num subtipo dessa classe tipológica de línguas, denominadas oblíquo-possessivas (OBL-POS), em que O e S se tornam genitivos, enquanto A recebe marca de oblíquo.[5] O quarto tipo principal é o tipo nominal (NOM), em que todos os argumentos são codificados como possuidores, que está representado acima pela sentença (6-11d) do inglês, como um subtipo de possessivo duplo (DUB-POS).

Koptjevskaja-Tamm (1993) faz menção a classes menores de língua com padrões de predicação em que parece haver redução de valência. Geralmente, o argumento aparentemente omitido é incorporado à nominalização complexa (tipo INC) ou é expresso dentro de uma oração relativa referindo-se ao nominal de ação (tipo REL).[6] É difícil falar em redução de valência em casos como esses, já que a incorporação e a oração relativa parecem constituir apenas estratégias para alocar um argumento, O e A respectivamente, na sintaxe externa da nominalização; a opção de alocar constituinte valencial na sintaxe externa é comum também ao português, como ocorre com (6-12):

(6-12) *é inCRÍvel o que aparece lá os cortes [que eles dão nas cenas]* (DID-DP-234)

---

[5] O exemplo equivalente em inglês do tipo ERG-POS é *The winning of the race by my horse was no surprise*, adaptado de Mackenzie (1996).

[6] INC representa o tipo incorporativo e REL, o tipo relativo.

Dentro dos tipos POSS-ACC e do ERG-POSS, é possível distinguir construções com nomes de ação que envolvem nominalizações com marcadores manifestos de voz. Nas construções derivadas, os nomes de ação estão correlacionados a verbos destransitivizados por meio de passivização e antipassivização. Assim, o único efeito da nominalização consiste em assimilar o "sujeito" de tais verbos intransitivos a nominais possessivos em SNs não derivados.

Com base nos casos que envolvem marcadores expressos de antipassiva e de passiva, Mackenzie (1985) sugere que a redução de valência, que recebe expressão morfológica regular, sempre subjaz ao processo de nominalização (Koptjevskaja-Tamm, 1993, p.62). Conforme se pode observar, todavia, como a relação de correspondência se dá entre a nominalização e um verbo intransitivo correspondente, não o verbo transitivo, é difícil falar em redução de valência nesses casos também. É justamente por isso que construções desse tipo estão fora da classificação geral da autora.

6.2 Aplicação da Teoria dos Protótipos a nomes e verbos do português

A seção anterior voltou-se para a discussão da nominalização em relação aos membros mais prototípicos das classes do nome e do verbo. Pouca atenção até aqui foi devotada a esses representantes mais centrais da categoria.

Parece que esse tópico toca de modo crucial a questão da definição das categorias linguísticas pelas gramáticas destinadas ao ensino, onde reina mais confusão que ordem, por conta do fato de que as gramáticas encaram as classes de uma perspectiva prototípica, mas sem a exata percepção do alcance dessa noção.

É comum as gramáticas fornecerem definições baseadas nos membros mais característicos da categoria para, em seguida, inserirem exemplos de nomes abstratos que designam entidades de segunda ordem. Esse procedimento é de pronto auxiliado por subcategorizações, principalmente as de abstratos e concretos, próprios e comuns, habitualmente aplicadas aos nomes. No entanto, parece muito mais viável tratar de membros mais prototípicos, como os que designam entidades de primeira ordem, e membros menos prototípicos, como os que designam entidades de ordem superior.

Esta seção destina-se particularmente a mostrar como seria possível detectar exemplares prototípicos e não prototípicos de nomes e verbos, as duas categorias que acabam definindo o caráter complexo da nominalização.

Conforme se viu no Capítulo 1, segundo Du Bois (1980) e Givón (1979) codificar participantes no discurso depende muito pouco ou nada da noção lógico-semântica de referencialidade, envolvendo "existência em algum mundo", o que serviria, em consequência, para estabelecer as condições de verdade de uma proposição. Entende Du Bois (1985) que um SN é referencial quando usado para falar de um objeto, com identidade contínua no tempo. Entende Givón (1979) que a codificação dos participantes depende muito mais significativamente da intenção comunicativa de quem enuncia o discurso e, especialmente, do fato de um argumento individual ter suficiente importância no discurso subsequente, isto é, tem importância se o falante deseja fornecer uma identidade específica ou uma identidade genérica ao referente.

Du Bois (1985) e Givón (1979) usam o termo "referencial" para argumentos que apresentam identidade contínua e são importantes ao discurso subsequente e "não referencial" para os que não apresentam. Hopper e Thompson (1984) concordam com os autores mencionados, mas preferem as categorias "manipulável/não manipulável", para evitar as conotações lógico-semânticas dessa oposição.

Assim, o tratamento das classes como detentores de membros mais ou menos prototípicos, principalmente o dirigido ao enfoque de nomes e verbos de Hopper e Thompson (1984), é, como se viu, mais que uma abordagem de ordem semântico-cognitiva; é uma abordagem de ordem pragmática. Hopper e Thompson (1984) invocam argumentos discursivos para assinalar que o estatuto de um item lexical em sua categoria gramatical respectiva não é, de modo algum, uma propriedade fixa da palavra em questão. As propriedades semânticas relevantes podem variar de acordo com o contexto de uso, variam na medida em que nomes se referem ou não a uma coisa identificável, estável, e verbos se referem ou não a um evento dinâmico específico.

Verifiquemos como essas propriedades se aplicam do mesmo modo ao português. Considerem-se os exemplos contidos em (6-13).

(6-13) a *então... o nazismo...* *matou**::* *um:: cacetada de:: judeus...* (NURC-SP-D2-343:53)
b *Matar judeu* *foi uma escolha consciente dos nazistas.*

Em (6-13a), tanto o nome *judeus* quanto o verbo *matou* são usados como membros prototípicos de suas respectivas classes. Em consonância com essa função referencial, tanto o verbo quanto o nome podem assumir o conjunto total de determinações e modificações que tipicamente recebem. O verbo, por exemplo, recebe marca de tempo, que é, nesse caso, o pretérito, aspecto simples, não o progressivo e modo indicativo e não o subjuntivo e voz ativa, não a passiva.

De modo similar, o nome pode assumir os vários atributos de sua classe, como aparecer no singular ou no plural, ser precedido por determinantes, ser modificado por adjetivos e orações relativas. Já no exemplo construído de (6-13b) nem o verbo *matar* nem o nome *judeu* exercem sua função referencial prototípica; em razão disso, o verbo *matar* aparece na forma de infinitivo e o nome, como um item lexical nu.

O processo de referenciação coloca o nome em distribuição complementar com o verbo. Um membro prototípico da classe dos nomes é o que denota um objeto visível, tangível, e um membro prototípico da classe dos verbos é o que denota uma ação efetiva, visível, cinética e concreta, envolvendo participantes e por eles executada. É o que, para Givón (1984), são formas de *realis*, isto é, predicados verbais que representam estados de coisas factuais, em geral representados por orações principais declarativas no presente ou no pretérito

Uma causa da descategorização de verbos é representada por formas de *irrealis*, ou não factuais (Givón, 1984; Hopper; Thompson, 1984). As formas de *irrealis* são especialmente encontradas em orações contrafactuais, e outras orações não factuais que expressam volição, desejo ou ordem como (6-14), em que o complemento do volitivo se traduz pelo subjuntivo e o principal de um modal deôntico, como *ter que*, fica na forma não prototípica de infinitivo, não por acidente denominado "forma nominal do verbo" pela gramática tradicional.

(6-14) *e a menina porque quer que seja a (mamãe) que faça né? então sou eu que:: tenho que ir fazer et cetera et cetera* (NURC-SP-D2-360)

No português, o subjuntivo e o imperativo são destituídos de marcas verdadeiras de tempo e aspecto: os tempos assim chamados imperfeito e futuro do subjuntivo servem apenas para assinalar diferentes graus de não factualidade, com um grau razoável de possibilidade de ocorrência do evento no futuro (6-15a), e um grau mínimo de possibilidade de realização, no imperfeito simples (6-15b) e um grau zero de realização no imperfeito composto (6-15c).

(6-15) a *quando o menor... já:: estiver assim... pela quarta série terceira quarta série... ele já estará mais... independente* (NURC-SP-D2-360)

b *se o menor... já:: estivesse assim... pela quarta série terceira quarta série... ele já estaria mais... independente.*

c *Se o menor... já:: tivesse estado assim... pela quarta série terceira quarta série... ele já teria estado mais... independente*

Quanto maior o grau de dependência de um verbo a outro, menor o grau de categorialidade e, portanto, quanto maior o grau de dependência, tanto menor o grau de prototipicidade (Givón, 1981); um caso extremo são os complementos de causativos como *fazer*, contido em (6-16a); numa escala abaixo, estão os complementos do tipo *que + subjuntivo* de verbos como *ordenar* e *insistir, esperar*; como em (6-16b). Já a forma finita do complemento de verbos como *achar*, em (6-16c), cujo grau de dependência em relação à matriz é menor, não se distingue de um membro prototípico da classe dos verbos.

(6-16) a *seria um um um bom... um bom jeito de de de se fazer chegar ao público as peças teatrais que estão... em cartaz* (NURC-SP-DID-234)
b *então... esperamos que não:: haja maiores problemas* (NURC-SP-D2-360)
c *aí eu achei que realmente a escola não preenchia tudo... que eu gostaria (que) preenchesse então eu tirei* (NURC-SP-D2-360)

Hopper e Thompson (1984) referem-se à natureza dependente da construção encaixada, para acrescentar um argumento discursivo: os falantes destacam eventos relatados, que são colocados estrategicamente como parte da figura no discurso em progresso, sendo, assim, devidamente distinguidos de material avaliativo e descritivo, que constitui o fundo da narrativa.

O falante pode também incluir, como pressupostos discursivos, eventos não abertos à discussão e que, por isso, são subsidiários dos eventos relatados, que são destacados como figura. Incluem-se nominalizações, orações encaixadas, principalmente a final, que exigem outra forma nominal, como infinitivo, (6-17a) orações relativas com formas nominais do verbo, como gerúndio (6-17b) e particípio (6-17c).

(6-17) a *estudei bem fiz um estudo certinho para ver qual era a melhor e foi determinado... foi visto que aquela era melhor* (NURC-SP-D2-360)
b *vão encontrar em muitos lugares... aqui no norte da Espanha... e depois... ( )... no sudoeste da França... e ainda aqui em toda essa região abrangendo o sudoeste da França* (NURC-SP-EF-405)

c *"Roda Viva" você assistiu?... palavrões escritos falados e distribuídos ((ri)) de todo jeito ((risos)) mas foi bom também viu?* (NURC-SP-DID-245)

É possível referir-se ao predicado verbal com seus modificadores como uma entidade do discurso, quando ele for estendido por operadores que representam o grau de factualidade (Givón, 1981). Somente quando um estado de coisas descrito numa predicação de fato ocorreu ou está ocorrendo, isto é, constitui um evento *realis*, é que ele pode ser temporalmente localizável e devidamente marcado com morfemas modo-temporais em português.

Eventos *irrealis* não podem ser temporalmente marcados porque (i) a predicação é expressa como uma ordem, isto é, sua realização é atribuível à ação do ouvinte no futuro; (ii) a ocorrência possível do evento denotado pela predicação é objeto de esperança, de temor ou de dúvida; (iii) ou o falante não tem evidência direta da realização do evento relatado.

Em uma oração dependente, ou construção encaixada, em que verbos atuam como nominalizações, o predicado passa a ser argumento de outro verbo. Segundo Hopper e Thompson (1984), essa é a situação suficientemente óbvia em que um estado de coisas é apresentado como pressuposto e, portanto, não submetido a condições de contra-argumentação.

Como visto anteriormente, o estudo transistêmico de Mackenzie (1987; 1996) mostra que uma construção encaixada pode estar ordenada em uma hierarquia entre "completamente verbal" e "completamente nominal". Em um extremo, o grau 0, a construção encaixada pode ser uma construção completamente finita, plenamente verbal. No outro extremo, grau 4, a construção encaixada, na forma de uma nominalização, adquire propriedades características de termos nominais, como operadores de termos, distinção de gênero e de número e modificadores adjetivais.

Essa hierarquia tem muito a ver com a discussão sobre nominidade prototípica. Com efeito, nominalizações não constituem membros centrais nem da categoria dos nomes nem da categoria dos verbos; geralmente representam uma entidade de segunda ordem, ou um estado de coisas localizável no tempo e no espaço, como os verbos, mas, ao mesmo tempo, recebem atributos morfossintáticos próprios do nome. As nominalizações que podem ser consideradas instâncias prototípicas são as de primeira ordem, conforme já mostrado com o uso do termo *construção* em (6-6b). Outro caso ilustrativo é o do nome *desenhos* em (6-18), que, além de se referir a uma entidade concreta, é também discursivamente manipulável, nos termos de Hopper e Thompson (1984).

(6-18) *em alguns dos desenhos das cavernas principalmente em Altamira... há uma fidelidade... linear à natureza* (EF-SP-405:57)

Segundo Neves (1993; ver também Camacho; Dall'Aglio-Hattnher; Gonçalves, 2008), como classe de palavras o nome tem um estatuto categorial e um estatuto relacional. O estatuto categorial é observável em suas funções de denominação e descrição do denominado; o relacional é observável em sua função de referenciação que constitui o suporte para o cumprimento do complexo de funções que essa parte do discurso exerce no texto. Numa visão já clássica, Lyons (1977) distingue nomes, como *carro*, que têm uma denotação, de nominais, ou SNs, como *aquele carro vermelho*, que têm uma referência e, como tal, podem introduzir ou manter uma entidade no discurso, nos termos de Hopper e Thompson (1984).

Em sua função denominadora o nome faz uma designação de entidades cognitivas e/ou culturais que apresentam certas propriedades categorizáveis no mundo extralinguístico. Nos termos de Hopper e Thompson (1984), é somente na função referenciadora que os nomes exercem sua função prototípica como classe de palavra. Na função denominadora, essa prototipicidade fica suspensa.

Em sua função referenciadora, o significado do nome depende das relações com os outros elementos do SN, já que só se torna referenciador ao ser atualizado num SN. Ocorrer num SN é, entretanto, condição necessária, mas não suficiente, para que um nome exerça função de referência, já que em função predicativa, qualificadora, o N já não referencia (Neves, 1993). Parece existir evidência de complementaridade e exclusão mútua entre as duas funções: uma basicamente substantiva/pronominal (a referenciadora), e outra, basicamente adjetiva (a qualificadora).

É relevante, a esse respeito, discutir o modo como a GDF enfoca a função denominadora e a referenciadora do nome, desenvolvendo unidades de análise em diferentes níveis de organização, especialmente os que distinguem funções pragmáticas de funções semânticas. Vale lembrar que o termo *semântica* se restringe aos significados de unidades lexicais e unidades complexas, independentemente do modo como sejam usadas na comunicação. O uso que se faz das unidades linguísticas é tratado no Nível Interpessoal, em termos de Atos e Subatos que especificam as funções das unidades linguísticas.

A relevância dessa distinção é particularmente aplicável à noção de referência. Numa sentença como *eu vi um leão,* há dois modos de se considerar a expressão *um leão* como uma expressão referencial: (i) é o falante que se refere a um animal da classe dos leões mediante o uso dessa expressão; (ii) é a expressão em si que se refere a um animal da classe dos leões. No caso de (i), toma-se a perspectiva interpessoal, acional e, no caso de (ii), a perspectiva representacional, semântica. Para distinguir esses dois usos da noção de referência, a GDF prefere o termo "referência" para a primeira interpretação e "denotação" para a segunda. É justamente na função de referência que o nome é mais prototipicamente categorial.

Feita essa distinção, é fácil verificar que uma expressão que denota um leão não é necessariamente empregada para se referir um leão, como no uso predicativo, quando se afirma que x é um leão; nesse caso, a expressão que denota um leão é usada atributivamente em vez de referencialmente: a denotação não muda, mas a função sim.

O termo-chave para descrever a natureza das unidades interpessoais é *evocação*, enquanto o termo introduzido para descrever a natureza de unidades representacionais é *denotação*. No Nível Representacional, uma expressão empregada para evocar uma entidade referencial é representada pela variável (x), enquanto uma expressão usada para atribuir uma propriedade é representada pela variável (f).

O principal sintoma da perda de categorialidade por ausência de referência é o fato de que nenhuma das duas palavras pode ser flexionada ou receber modificadores. Esse fenômeno geral é considerado por Hopper e Thompson (1984) como um universal linguístico. Os nomes podem referir-se potencialmente a uma entidade discreta no Nível Representacional, mas nem sempre exercem função referenciadora no contexto em que aparecem no Nível Interpessoal. Observe as sentenças contidas em (6-19) e (6-20).

(6-19) a *agora não é simples você usar computador...* (D2-SP-343)
b *Você usou o computador azul do laboratório?*
c *Computadores são meros instrumentos de trabalho.*

(6-20) a *tirou diploma com::... com menção honrosa* (D2-SP-360)
b *Tirou da gaveta o meu diploma de medicina para fazer uma cópia.*

Os SNs grifados das sentenças de (6-19a) e (6-20a) ilustram a parcial descategorização dos nomes nucleares, em função de um uso não referenciador e, portanto, não discursivamente manipulável, de *computador* em (6-19a) e de incorporação de *diploma* a um verbo-suporte em (6-20a).

Os nomes nesses casos não podem ser flexionados, ser modificados, nem determinados, exatamente o que ocorre com o uso dos mesmos itens lexicais em (6-19b) e (6-20b), que consistem em exemplos altamente representativos da classe de nomes. Também *computadores* de (6-19c) não se refere a uma entidade discreta e identificável, mas toma a entidade referida como uma classe genérica.

Essa variabilidade nas propriedades do nome ao longo do discurso sugere que qualquer divisão absoluta, não contextual do léxico, em raízes verbais e nominais, terá uma validade somente limitada. O fato semântico de que um radical denota uma entidade visível não é crucial para torná-lo um nome prototípico. Em vez disso, é preciso que ele exerça certo papel no discurso em que figura, de modo que a nominidade prototípica serve para introduzir um participante, o que implica uma identidade específica do referente, não uma entidade genérica, como em (6-19c).

O grau máximo de prototipicidade é de fato atingido quando alguma entidade individuada é introduzida como participante no discurso, como em (6-21a-b), com paralelismo perfeito entre Referência (Nível Interpessoal) e denotação (Nível Representacional).

(6-21) a *Olha eu estive:: o mês passado em Poços de Caldas estava passando um filme que eu achei lindo aqui em São Paulo A filha de (Ryan) é um filme... éh muito bom de após guerra é um filme de amor... umas cenas maravilhosas... lindo o filme... eu assisti faz tempo já* (NURC-DID-SP-234: 112)

b *eu tenho assistido umas PEças eu assisti u::ma com a:: aquela artista magrinha de televisao aquela moreninha que é bailarina também...* (NURC-DID-SP-234)

Observe-se em (6-21a) que o nome *filme* é núcleo de um SN que apresenta uma entidade referencial pela primeira vez no discurso corrente, e em (6-21b), que o falante se empenha em construir um referente já disponível, presumivelmente, na memória de longo prazo do ouvinte; nesse caso, o nome nuclear (*artista*) é regularmente acompanhado no SN por determinação (demonstrativo *aquela*), modificação (adjetivo *magrinha*) e localização (sintagma preposicional *de televisão*).

O traço de maior grau de relevância linguística é o da saliência discursiva. Formas, como *filme* em (6-21a) e *artista* em (6-21b), que exercem um papel no discurso – dado serem manipuláveis ou desenvolvíveis nele – são universalmente capazes de adotar o conjunto total de atributos gramaticais de nomes: determinantes, afixos de caso (quando for o caso), gênero e número, bem como classificadores, modificadores e, em certas línguas, morfemas assinalando nominidade. Esses nomes representam entidades autônomas, usualmente concretas e individuadas; podem atuar como participantes e suportes do discurso e podem ser referidos indiretamente mediante processos anafóricos. Esse processo de referenciação tem uma inter-relação extremamente interessante com outros processos linguísticos como a dêixis e a foricidade.

É possível distinguir estratégias que descategorizam nomes com o estatuto de informação dada. Uma classe dêitica que interage fortemente com a dos nomes em função referenciadora é a dos pronomes. No caso dos pronomes de 1ª e 2ª pessoas, que representam a correlação de pessoa (Benveniste, 1976), a ausência de nomes referenciais em proveito dessa categoria dêitica é simplesmente uma regra categórica.

Já quanto ao uso dos pronomes referentes à não pessoa, como os de 3ª, a situação é crucialmente distinta. Ao substituir o nome, o uso de pronomes, uma estratégia discursiva para referência à informação dada, representa perda de especificidade semântica e apenas retenção de categorias semânticas e discursivas mais gerais, como caso, gênero, número e dêixis.

O enunciado contido em (6-22) é um bom exemplo dessa interação entre processos de referência, dêixis e foricidade, mediante uma curiosa interação entre as diferentes classes de palavras.

(6-22) *depois eh:: terça e quinta... a menina faz fonoaudiologia porque ela está com três anos e pouco... e ainda não ∅ fala... ∅ fala muito pouco... então ela faz... reeduca/... reeducação não mas seria... exercícios... com a fonoaudióloga para ver se::... se ∅ começa a falar mais rapidamente...* (D2-SP-360)

O nome manipulável *menina* perde parte de sua especificidade semântica ao ser mencionado no discurso corrente pelo anafórico *ela*, que retém marcação do caso reto, de gênero e de número. Num estágio mais avançado, essa estratégia de referenciação ao constituinte discursivamente mais saliente e, portanto, mais recorrente no discurso em progresso faz com que o pronome anafórico seja simplesmente elidido. Esse procedimento significa retomar no texto um referente discursivamente saliente mediante o recurso à anáfora zero, que é capaz de recuperar, desse modo, as funções sintáticas do nome, como a de sujeito do verbo *input* no caso de (6-22).

Há nomes que se referem a uma informação já conhecida, como *cenas* em (6-23) e a primeira menção de *crianças* em (6-24). Esse tipo de nome ocupa uma posição intermediária entre formas prototípicas referindo-se a entidades apresentadas pela primeira vez no discurso, como (6-21a-b) acima, e formas não manipuláveis representando uma classe de entidade e não exatamente uma instância referencial específica e individualizada, como a segunda menção do lexema *criança* em (6-24).

(6-23) *outro filme que me chocou bastante também... dada as cenas brutas de de de m/ de mata e mata que matou um mundo de gente foi "Bonnie and Clide" eu acho que foi... não lembro faz tempo que assisti ∅ também mas aquele filme saí CANSAda do cinema cinema* (DID-SP-234)

(6-24) *eu trago muito processo para casa e faço em casa... que para eu voltar lá à tarde cria muito problema com as crianças* [...] *e as coisas de casa que a gente aten/ tem que atender normalmente com crianças BRIgas que a gente tem que repartir* (D2-SP-360)

Em termos da hipótese da categorialidade de Hopper e Thompson (1984), nomes que se referem a uma entidade informacionalmente dada e inferível podem identificar-se como os que se referem a entidades novas, como o SN *as cenas brutas* de (6-23), que é dotado de determinação e modificação.

Por outro lado, nomes que se referem a uma informação dada podem, alternativamente, assumir a morfologia de nomes genéricos, não específicos, como a segunda menção de *crianças* em (6-24): esse SN estabelece uma relação anafórica com a primeira menção, mas não num valor discursivo manipulável, já que, hiperonimicamente, trata-se agora simplesmente do conjunto que contém as instâncias reais da entidade anteriormente mencionada. Além disso, como em todas as línguas examinadas por Hopper e Thompson (1984), também em português é possível se perder o conteúdo semântico da retomada anafórica de um nome, retendo-se apenas o resíduo discursivo-gramatical.

Desse modo, esquematicamente, é possível aplicar ao português o mesmo *continuum* categorial contido em (6-25).

(6-25)

CATEGORIALIDADE ALTA:	formas "apresentacionais"
CATEGORIALIDADE INTERMEDIÁRIA:	formas anafóricas/contextualmente estabelecidas
CATEGORIALIDADE BAIXA:	proformas, formas genéricas/não referenciais, morfemas de concordância, anáfora zero

(Adaptado de Hopper; Thompson, 1984, p.723)

A falta de homogeneidade dos membros da terceira categoria sugere para Hopper e Thompson (1984) o estatuto de não marcação, posição que fornece apoio para o postulado de ser a anáfora zero o grau mais baixo de categorialidade.

6.3 Paralelismo formal entre a classe referenciadora e a classe predicadora

É inegável a contribuição das duas classes maiores – o nome e o verbo – e as duas intermediárias – o adjetivo e o advérbio – para a construção da sentença, seja na função de referenciação, seja na função de predicação. Na função referenciadora, sobressaem o nome e o adjetivo como principais entidades do SN, na medida em que constituem os dois principais restritores do SN (Dik, 1989). Na função predicadora, sobressaem o verbo e o advérbio. É verdade que adjetivos também são classes predicadoras, se for considerada apenas sua atuação no nível do SN, âmbito em que predica o nome.

Se considerarmos a organização em níveis e camadas para a representação da sentença, proposta por vários autores da GF e da GDF, mas mais sistematicamente por Dik (1989) e por Hengeveld

(1989; 2004a), torna-se inegável a existência de um paralelismo entre nomes e adjetivos, por um lado, e verbos e advérbios, por outro. É necessário, todavia, nos restringirmos aos membros prototípicos da classe dos advérbios, que são os advérbios de modo e velocidade, rotulados por Ilari et al. (2002) de advérbios "qualitativos" como *furiosamente* em *brigar furiosamente*; e também aos membros prototípicos da classe dos adjetivos, os que designam em geral uma propriedade mais ou menos inerente do nome.

Como também o nome é aqui considerado em relação a entidades (espaciais) de primeira ordem, tais propriedades podem envolver domínios como tamanho, cor, peso etc., o que produziria um SN simples como *gato preto*. Considere-se a sentença potencial em (6-26).

(6-26) *Aqueles dois gatos pretos no tapete da sala brigaram furiosamente duas vezes nesta manhã.*

Observa-se que às operações de qualificação do nome (*pretos*) e do verbo (*furiosamente*) sobrepõem-se duas operações, a de quantificação e a de localização. No nome, a quantificação é operada pelo uso do numeral *dois*, e a de localização pelo sintagma preposicional *no tapete*; no verbo, a quantificação é operada pelo adverbial *duas vezes* e a localização pelo adverbial de tempo *nesta manhã*.

No SN *os dois gatos pretos no tapete*, às entidades referidas por *os gatos* se aplica a propriedade "ser preto", do que se excluem a quantidade e o locativo. O modificador quantitativo *dois* especifica o número das entidades, não o número de localizações; tanto *aqueles* quanto *no tapete da sala* especificam a localização das entidades "gato" com as propriedades qualitativas ("ser preto") e quantitativas ("ser dois") fornecidas no SN.

Quanto ao verbo, as relações de escopo entre as propriedades qualificadora (*furiosamente*), quantificadora (*duas vezes*) e a localizadora (*nesta manhã*) são exatamente idênticas às relações de escopo das mesmas propriedades do nome. As operações de qualificação, quantificação e localização podem manifestar-se mediante o uso de morfemas gramaticais ou de morfemas lexicais, conforme se observa na Figura 11, que mostra o paralelismo entre a representação subjacente do nome e a do verbo.

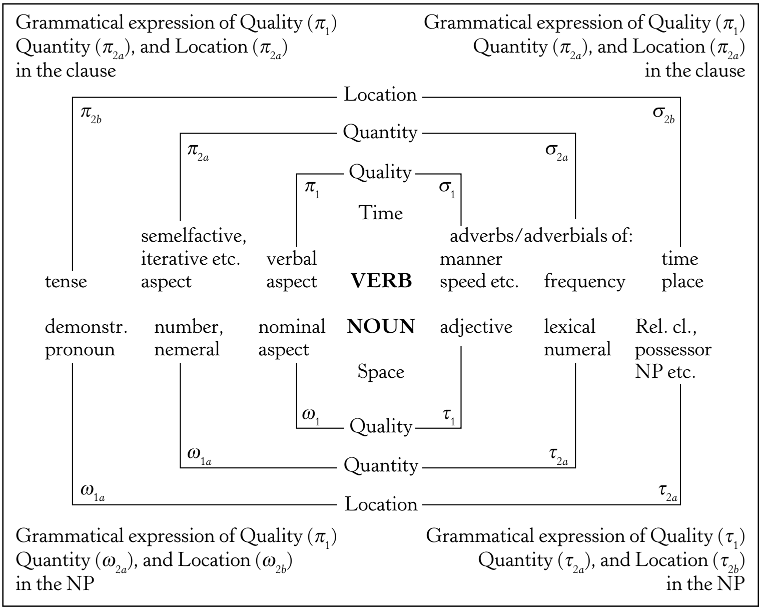
Grammatical expression of Quality (π_1) Quantity (π_{2a}), and Location (π_{2a}) in the clause
Grammatical expression of Quality (π_1) Quantity (π_{2a}), and Location (π_{2a}) in the clause
Location
π_{2b}
σ_{2b}
Quantity
π_{2a}
σ_{2a}
Quality
π_1
σ_1
Time
semelfactive, iterative etc. aspect
adverbs/adverbials of:
tense
verbal aspect
VERB
manner speed etc.
frequency
time place
demonstr. pronoun
number, nemeral
nominal aspect
NOUN
adjective
lexical numeral
Rel. cl., possessor NP etc.
Space
ω_1
Quality
τ_1
ω_{1a}
Quantity
τ_{2a}
ω_{1a}
Location
τ_{2a}
Grammatical expression of Quality (π_1) Quantity (ω_{2a}), and Location (ω_{2b}) in the NP
Grammatical expression of Quality (τ_1) Quantity (τ_{2a}), and Location (τ_{2b}) in the NP

(Rijkhoff, 2002, p.224)

Figura 11 – Simetria entre a representação subjacente da oração e a do SN

As indicações dêiticas, operadas no nome pelo artigo e no verbo pelas flexões modo-temporal e número-pessoal, são, como se vê, efetuadas por operadores gramaticais, enquanto as outras atribuições são feitas por recurso ao léxico, mediante o uso de advérbios e de adverbiais.

A explicação mais provável para essa simetria pode estar no fato de que, como entidades temporais, os verbos podem ser entendidos, na esteira de Givón (1979), como termos de entidades espaciais cognitivamente menos complexas que o nome; assim, o modo como o falante constrói a referência a estados de coisas é modelado de acordo com o modo como constrói a referência a SNs (Rijkhoff, 2002).

Para Dik (1989), são as regras de expressão que finalmente dispõem a representação subjacente do SN e da oração em uma forma ordenada para ser finalmente enunciada; para Hengeveld e Mackenzie (2008), a operação de codificação é que dá formato morfossintático e fonológico para as representações pragmáticas e semânticas dos níveis superiores de formulação.

Assim, é pertinente observar que as regras de expressão morfossintática do português dão preferência por alocar no lado esquerdo do núcleo do SN a expressão gramatical de propriedades pragmáticas, reservando para o lado direito do núcleo a expressão semântica (cf. Camacho; Dall'Aglio-Hattnher; Gonçalves, 2008). Assim, a determinação e a quantificação costumam ser acompanhadas por adjetivos menos prototípicos como *mero*, *pobre*, *simples* etc. Essa subclasse de adjetivos não atua como modificadores do nome, como os membros prototípicos da classe, mas refletem uma atitude do locutor no discurso corrente. Outros subtipos como *antigo* situam a permanência da referência numa situação cronologicamente anterior ao momento da fala, manifestando também propriedades nitidamente pragmáticas.

É verdade que esses modificadores discursivos aparecem apenas nos SNs que atuam como predicadores mediados por cópula, em que o nome não exerce sua função referenciadora prototípica, como (6-27a), e são estranhos em SN manipuláveis representando entidades de primeira ordem, como em (6-27c).

(6-27) a *a imagem é uma [simples, reles, pobre] composição de motivos* (NURC-SP-EF-405)
b *Aquela reles/pobre/simples composição de motivos não me dá a impressão de ser uma arte verdadeira.*
c (?) Aquele simples/reles/professor de linguística que mora na esquina aposentou-se o ano passado / José é um simples/reles/pobre professor de linguística.

Esses aspectos discursivos lembram a necessidade de estabelecer uma diferenciação entre a expressão linguística do SN, com seus *modificadores descritivos* de qualificação, quantificação e localização, e o SN como uma entidade referenciadora na instância discursiva em que é de fato empregado, ou seja, o SN em face de seus *modificadores discursivos*.[7] Os artigos constituem operadores discursivos já que permitem ao falante determinar se os referentes são identificáveis (definidos) e não identificáveis (indefinidos) para o ouvinte, isto é, se são manipuláveis no discurso, nos termos de Hopper e Thompson (1984).[8]

Assim, os SNs que funcionam como objetos espacialmente delimitados, os de primeira ordem, têm uma função dupla: são, por um lado, sintagmas descritivos que podem simplesmente exercer a função de descrição do denominado, mediante a especificação de propriedades qualitativa, quantitativa e locativa de que dispõe a entidade denotada; constituem, por outro, expressões referenciadoras, manipuláveis, que servem de suporte para o cumprimento do complexo de funções que os nomes exercem no texto, na medida em que apontam para alguma entidade discursivamente saliente.

Em vista da dualidade estrutural entre o SN e a oração, é possível estender, segundo Rijkhoff (2002), a simetria funcional entre SNs e orações, já que, como o SN, a oração pode tanto fornecer uma descrição de uma entidade quanto referir-se a essa entidade no discurso. Dito em outros termos, é possível traçar, no nível da oração, cujo predicado nuclear é o verbo, uma distinção entre a descrição que o falante faz de uma entidade, no caso a estrutura linguística da oração, e o referente da descrição do falante, ou seja, o próprio evento.[9]

---

[7] Vale recordar aqui a distinção fregeana de base formal entre sentido e referência, que permite operar uma interpretação não tautológica da sentença "A Estrela da Manhã é a Estrela da Tarde" (cf. Lyons, 1977).

[8] Outros mecanismos lexicais que estabelecem relações discursivas são satélites como *acima/antes mencionado,* que especificam quando e onde o referente foi introduzido no discurso prévio.

[9] Há razões de referenciação anafórica para essa distinção, tanto no nível do SN quanto no nível da oração. Sempre é possível fazer referência tanto ao conteúdo quanto à forma de expressão (ver exemplos (2-16) a (2-19) na Seção 2.4). É essa relação que está por trás da distinção proposta por Rijkhoff (2002).

Desse modo, os operadores factual e não factual da oração se correlacionam com os operadores definido e indefinido do SN, já que relacionam o evento como uma espécie de referente discursivo; os operadores de factualidade e definitude têm a função similar de sinalizar que os referentes dos respectivos itens lexicais, eventos e entidades já existem no mundo do discurso ou sua existência é no mínimo pressuposta; por outro lado, o que suas contrapartes negativas, não factualidade e indefinitude, têm em comum é que as entidades a que elas se referem não existem ou, pelos menos, ainda não têm existência no mundo do discurso como entidades identificáveis ou factuais (cf. Rijkhoff, 2002).

Pode-se acrescentar que, em outros termos, os operadores discursivos de factualidade e de definitude permitem localizar ocorrências de verbos e de nomes e seus respectivos modificadores como entidades prototípicas dos processos de predicação e de Referência.

6.4 Classes de palavras e categorização tipológica do português

Retomando as quatro classes de predicados discutidas na Seção 6.3, interessa-me agora vê-las sob uma perspectiva tipológica em relação aos sistemas de partes do discurso elaborada por Hengeveld (1992), conforme se vê na Figura 12.

Generalizando observações como essas, Hengeveld (1992) assinala que os sistemas de classes de palavras podem ser divididos em dois grupos principais de línguas *diferenciadas*, como o inglês e o português, que têm quatro diferentes classes de palavras exercendo quatro diferentes funções, e de línguas *não diferenciadas*, como o holandês, com menos de quatro das categorias de predicados presentes nas línguas diferenciadas.

Generalizando ainda mais essas observações, sistemas *não diferenciados* de classes de palavras podem ser subdivididos em dois outros grupos: o das línguas *flexíveis*, em que uma única parte do discurso pode ser usada com diferentes funções, como o holandês;

	1	V/N/A/Adv				tongan
Flexível	2	V	N/A/Adv			quechua
	3	V	N	A/Adv		holandês
Diferenciada	4	V	N	A	Adv	inglês
	5	V	N	A	---	wambon
Rígida	6	V	N	---	---	!xù[11]
	7	V	---	---	---	tuscarora

(Adaptado de Hengeveld, 1992, p.69)

Figura 12 – Sistemas de classes de palavras

e o das línguas *rígidas*, em que falta uma parte do discurso para o exercício de algumas funções.

Um caso de língua com grau máximo de flexibilidade é o tongan (língua polinésia falada nas ilhas de Tonga), para a qual uma única classe pode ser empregada, sem qualquer modificação formal, para traduzir todas as funções predicadoras exercidas por verbos, nomes, adjetivos e advérbios no português.

Um caso extremo de língua rígida é o tuscarora (língua da América do Norte da família do iroquês), que dispõe de apenas uma classe de palavras, o verbo; desse modo, para traduzir, por exemplo, o significado de nomes típicos do português é necessário usar uma predicação verbal.

O português é uma língua diferenciada, já que dispõe de uma classe de palavras para cada uma das quatro principais funções predicadoras, atributo que a situa na região média do *continuum* contido na Figura 12. Esse *continuum* começa com línguas extremamente flexíveis como o tongan, em que a mesma categoria lexical exerce, sem adaptação morfológica, qualquer função predicadora, e termina com línguas extremamente rígidas como o tuscarora, que tem que adaptar a uma predicação verbal todos os outros três tipos de predicação.

---

[10] !xù é uma língua da família Khoisan (Coisã) falada no sudoeste da África, principalmente Botsuana e Namíbia, pelos bosquímanos ou hotentotes.

Para dar um exemplo simples, o tuscarora necessita fazer uma predicação do tipo de "ele é jovem" para traduzir o que o português denota com o nome *menino*. Assim, para traduzir o que se diria em português com *o menino olhou para o bode*, seria necessário criar em tuscarora aproximadamente uma sequência de predicações do tipo "ele é jovem, ele olha para ele, ele fede".

Qual seria, então, o correlato gramatical mais evidente para as classes de palavras desse traço tipológico do português? Como língua diferenciada, nem flexível, nem rígida, a gramática do português necessita, em geral, de ajustes formais para converter um item lexical de uma classe de predicados num item lexical de outra. A morfologia derivacional do português é rica em afixos, conforme mostra o seguinte exemplo: *forma* [N] > *formar, deformar, reformar* [V] > *formoso, formal, deformado, reformável* [Adj] > *formosamente, formalmente* [Adv].

Há, por outro lado, casos de flutuação categorial entre formas fonologicamente idênticas, mas com distintos significados relacionados e distintas funções e/ou propriedades sintáticas, como a que ocorre também entre predicados lexicais adjetivais e adverbiais, conforme se observa em (6-28).

(6-28) *então eu expliquei direitinho que se realmente for bom vocação eu:: não impedirei de seguir* (D2-SP-360)

Basílio (2002) considera que a transposição de adjetivo para advérbio, como se vê em (6-28), implica o abandono de propriedades sintáticas anteriores, como a de modificador adjetival, e a preservação de propriedades semânticas no exercício de função de outra classe, no caso, a de advérbio. Esse fenômeno, tratado como um processo por conversão, é similar ao processo de derivação lexical que ocorre com a palavra *policial*, que tanto pode ser um adjetivo quanto um nome.[11] O fato é que a necessidade de conversão, com ou sem forma fonológica idêntica, é um traço distintivo de línguas diferenciadas, como o português.

---

[11] Esse fenômeno é diferente do de "extensão de propriedades", em que um item lexical ou classe de itens assume apenas uma ou outra das propriedades de uma outra classe como o adjetivo *aflito* e o nome *os aflitos* (Basílio, 2002, p. 75-76).

As nominalizações deverbais constituem exemplos flagrantes de predicados verbais que necessitam submeter-se a ajustes formais próprios de um modelo prototípico de termo, que é o nome denotando entidades de primeira ordem, ou seja, os chamados nomes concretos (Dik, 1985; Lyons, 1977).

Vale recordar aqui os ajustes mais comuns da predicação verbal encaixada à expressão do termo nominal, já mencionados na Seção 3.2: um predicado verbal transforma-se num núcleo nominal; um operador de predicado verbal, como o sufixo modo-temporal, vira zero no predicado nominal e, inversamente, um zero no predicado verbal, como a noção de definitude expressa pelo artigo, transforma-se num operador de termo no predicado nominal; o primeiro e o segundo argumento podem tanto assumir a forma de uma expressão de possuidor quanto a de um adjetivo; já um satélite adverbial só pode assumir a forma de um adjetivo (Dik, 1985; 1997). Os predicados verbais de (6-29a) e nominal de (6-29b) são casos ilustrativos desses ajustes.

(6-29) a *O Brasil comprou rapidamente os dólares do mercado.*
b *A rápida compra brasileira dos dólares do mercado.*

O mesmo é verdadeiro para os predicados nominais derivados de predicados adjetivais, os quais, na condição de monoargumentais, tendem simplesmente, como os nominais derivados de verbais de um lugar, a preservar o argumento central, como se observa em (6-30a-b).

(6-30) a *eles conseguem chegar a uma fidelidade linear... da natureza... à extrema exatidão do desenho* (EF-SP-405).
b *A natureza é linearmente fiel e o desenho é extremamente exato.*

Observem-se, além disso, outras mudanças categoriais, mediante o uso de processos derivacionais, como as que ocorrem entre *linear* e *linearmente* e *extrema* e *extremamente*. Esses ajustes permitem limitar os tipos de nominalização que podem variar entre quase completamente verbais para quase completamente nominais.

Uma boa pergunta a fazer aqui é a seguinte: dado que os predicados deadjetivais e deverbais não constituem membros prototípicos de suas respectivas classes, por que uma língua diferenciada necessita de processos de mudança categorial, como os que se dão com a derivação, cujo resultado contradiz justamente sua natureza diferenciada centrada nos membros mais prototípicos?

A resposta está justamente de novo na relação entre as categorias e o discurso. Por situarem-se no conjunto das predicações encaixadas e, portanto, atuarem como termos, os nomes derivados são dotados de uma especificidade gramatical própria: além de preservarem praticamente intacta a estrutura valencial do termo primitivo que lhes deu origem, podem funcionar como termo na predicação matriz, assumindo funções sintáticas, semânticas e pragmáticas que, de outro modo, não seria possível assumir, caso se mantivessem como verbos.

Em termos informacionais, a apresentação de uma predicação como núcleo de um SN é um convite ao interlocutor para atentar para alguma entidade referencial. No caso de uma nominalização, o referente não pode ser uma pessoa, animal ou outro objeto tangível, deve ser uma entidade de ordem superior, ou seja, de segunda ou de terceira ordem.[12] A entidade selecionada deve fornecer apenas a informação relevante; saber, por exemplo, que é suficiente nomear o predicado dispensa a especificação formal de todos os argumentos, como se vê no nome grifado de (6-31).

(6-31) *mas é possível a gente olhar para elas e ainda se espantar com a QUAlidade da representação então são dois fatos diferentes...* (EF-SP-405)

---

[12] Nomes referentes a entidades de segunda ordem representam um estado de coisas designado pela predicação encaixada, enquanto nomes referentes a entidades de terceira ordem representam uma proposição designada pela predicação encaixada ou seu correlato intensional (Lyons, 1977).

Em termos sintáticos, uma oração subordinada finita, que costuma aparecer no início da sentença, pode, por razões de complexidade estrutural, ser fortemente motivada a adotar a posição final. Como construção encaixada, uma expressão nominalizada dispõe, contudo, de menor complexidade categorial e, consequentemente, de maior versatilidade sintática, podendo, por isso, aparecer na posição de sujeito, de objeto, ser regida por preposições etc. A sentença (6-32a), por exemplo, licencia a aplicação de uma predicação avaliativa ao sujeito *influência indígena sobre a alimentação*; entretanto, se o estado de coisas fosse expresso por um predicado verbal, como em (6-32b), o resultado seria uma construção agramatical.

(6-32) a *A influência indígena sobre a alimentação é muito grande.*
b (?) *Os indígenas influírem sobre a alimentação é muito grande.*

De um ponto de vista textual, favorece a escolha de uma nominalização a introdução explícita de um novo referente discursivo. A nominalização permite nomear a entidade de ordem superior, um nome que desfruta de uma versatilidade de uso que complementa a versatilidade sintática e informacional acima mencionada (cf. Camacho; Santana, 2004). (6-33) contém nominalizações com diferentes estatutos informacionais, como nova não usada (6-33a), inferível (6-33b) e textualmente evocada (6-33c) (Prince, 1981).[13]

(6-33) a *eles viviam basicamente da coleta eram caçadores...* (EF-SP-405)
b *o paleolítico é período período... da pedra lascada... como vocês todos sabem... não é?... e... tem uma duração de aproximadamente seiscentos mil anos* (EF-SP-405).

---

[13] De acordo com a taxonomia proposta por Prince (1981), uma entidade *nova não usada* é aquela em que o ouvinte supõe ter uma entidade correspondente em seu modelo discursivo. Já o referente de uma entidade *inferível* pode ser identificado pelo ouvinte, via razões lógicas ou plausíveis, a partir de outra entidade discursiva evocada ou inferível. Por fim, uma entidade *textualmente evocada*, ou simplesmente *evocada*, é indicada por uma entidade que já ocorreu no modelo discursivo do ouvinte e pode ser evocada no campo textual.

c *então a arte vai nascer:: em função* *dessa NEcessidade**... de se manter vivo...* *necessidade* *que vai se caracterizar de forma PRINcipal:: em termos de comida...* (EF-SP-405)

Da contiguidade pragmática dos três tipos de entidades informacionais acima exemplificadas – novo não usado, inferível e evocado –, depreende-se que uma nominalização dificilmente constitui informação completamente nova. Uma nominalização constitui uma estratégia de pressuposição e, como tal, exerce uma função textual típica de representar uma entidade referencial discursivamente já conhecida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É tempo de balanço. Vimos que há uma possibilidade exploratória potencialmente relevante de aproximação entre classes de palavras e processos de descategorização e recategorização, o que me levou a fixar como objetivo comprovar a hipótese de que a nominalização tem uma natureza complexa em um *continuum* categorial. Ela figura entre duas classes potencialmente universais por atuar na constituição do ato locutório de formulação de uma sentença, a do nome, mediante um Subato de Referência, e a do verbo, mediante um Subato de Atribuição.

A continuidade categorial parece uma propriedade indiscutível da linguagem, pelo menos na tradição funcionalista, onde é tratada como um verdadeiro universal linguístico, evidenciada nos diferentes pontos de corte que caracterizam tipos regulares de línguas naturais. Além de buscar evidência sistemática para a comprovação desse axioma, este trabalho debruçou-se obsessivamente, digamos assim, sobre a estrutura argumental da nominalização, num esforço concentrado por demonstrar que esse mesmo princípio universal é metodologicamente útil e teoricamente válido para postular relações intralinguísticas de continuidade categorial mesmo entre classes aparentemente discretas como nome e verbo.

A trajetória percorrida para a sustentação da hipótese da continuidade categorial requereu, ainda, a demonstração da validade de outra hipótese secundária, mas relevante para os objetivos gerais. Com efeito, foi necessário passar pela comprovação da hipótese de preservação de valência, postulada por Dik (1985; 1997), segundo a qual a estrutura argumental é parte constitutiva da nominalização, o que exigiu esforço quantitativo adicional com as evidências empíricas disponíveis numa amostra extraída da variedade culta do português falado do Brasil.

Esse esforço quantitativo ligou as duas versões do modelo, a GF e a GDF, ao mostrar que a expressão da estrutura valencial das nominalizações é motivada por princípios semânticos e pragmáticos que determinam a especificação ou não dos argumentos no *output* da gramática, não por processos de apagamento imunes a princípios semânticos e pragmáticos disponíveis ao falante na formulação do enunciado.

Na realidade, a postulação do princípio de economia sintagmática (Haiman, 1985; Cristofaro, 2003), que se vincula fortemente à vocação funcionalista deste trabalho, permitiu comprovar que a não especificação da valência constitutiva, nos termos da GF de Dik (1985; 1997), é o resultado de motivações pragmáticas e semânticas, emanadas, respectivamente, do Nível Interpessoal e do Nível Representacional agindo sobre os mecanismos tipicamente formais do Nível Morfossintático, nos termos da nova arquitetura proposta por Hengeveld (2004a) e consolidada por Hengeveld; Mackenzie (2008).

Essa busca não teria êxito se a trajetória percorrida não utilizasse um atalho necessário, representado pelo princípio de prototipicidade. De fato, postular a existência de categorias intermediárias como a de nominalização – uma categoria complexa, ora representando um Subato de Atribuição, próprio do verbo, ora um subato de Referência, próprio do nome – implica necessariamente a existência de membros mais prototípicos de uma categoria.

A existência de estrutura argumental, que sinaliza um nome denotando entidades de ordem superior, permitiu aproximar a nominalização de membros não prototípicos da categoria dos verbos, em companhia de formas não finitas, enquanto a ausência de estrutura argumental, que sinaliza um nome de primeira ordem, permitiu aproximá-lo de membros prototípicos da categoria dos nomes.

As nominalizações ocupam justamente essa região amorfa, indistinta, a meio caminho entre membros prototípicos do nome e membros prototípicos do verbo. Na posição em que se situa na gramática, a nominalização não constitui um indivíduo solitário, dado que desfruta da companhia de outras categorias igualmente híbridas, como as formas não finitas, enquadramento que a tradição gramatical vem reconhecendo sistematicamente ao denominar infinitivos, gerúndios e particípios como formas nominais do verbo.

Um critério semântico que permitiu aproximar e agrupar essas formas categorialmente complexas na classe das construções encaixadas está na natureza aberta desses predicados. Com efeito, além da possibilidade de constituir o núcleo da construção encaixada, traço em comum com as formas nominais, que Dik (1985, 1997) reconhece, postulei que a nominalização se realiza como predicação fechada ou aberta, conforme a natureza especificada ou não especificada da estrutura argumental, traço adicional que essa categoria compartilha com infinitivos, particípios e gerúndios. Ainda que Dik (1997) atribua esse traço somente a construções infinitivas e participiais, sustentei, fincando bases nas evidências empíricas, que é conveniente incluir as nominalizações também na categoria dos predicados com posições abertas.

A evidência que dá suporte a essa categorização está justamente na falta de especificação formal da valência no Nível Morfossintático, representada por dois tipos de zeros anafóricos. Esses dois tipos de anáfora comprovam a existência de motivações em competição (Du Bois, 1985) para a formatação final da gramática, que são, em última instância, semânticas e pragmáticas.

Embora constituam motivações originadas em diferentes níveis de organização do Componente Gramatical, os dois casos de anáfora, representando não especificação de argumentos realmente constituivos da estrutura argumental da construção encaixada, são governados pelo mesmo princípio funcional de economia, que, como um dos principais universais que governam a língua enquanto instrumento de comunicação, representa uma pressão para a simplificação máxima da expressão.

O principal resultado desse princípio organizador, que explica a tendência pela omissão de informação redundante ou recuperável no contexto, é tornar a estrutura linguística menos transparente, em contraposição ao princípio da motivação icônica, o que no fim mostra por que a emergência discursiva da estrutura morfossintática não é sincronicamente visível. Essa invisibilidade da emergência discursiva das construções dá a impressão equivocada de que a gramática, além de autônoma, é também abolutamente arbitrária e desvinculada das motivações que governam a situação discursiva.

Na verdade, na situação discursiva emerge o sujeito falante, aparentemente invisível para a teoria linguística, que, socialmente identificado por suas relações com o interlocutor, constitui o agente responsável por escolhas significativas que processam contínuas mudanças no sistema linguístico. É verdade que as motivações semânticas da não especificação de argumentos parecem impor-se sob risco de agramaticalidade, mas não passam de um subproduto de um princípio mais geral de economia.

O modo como as duas motivações operam, por atuação mais ou menos direta dos participantes da interação, tem um correlato cognitivo evidente no processo de implementação dinâmica na GDF. Essa correlação permite aplicar às hipóteses aqui desenvolvidas o princípio de adequação psicológica, já avançado por Dik (1989). O modo como a nominalização se processa por derivação em Dik (1985), morfologicamente governada a partir de um verbo que lhe serve de *input* no léxico, é típico de línguas diferenciadas (Hengeveld, 1992), aspecto que fornece também uma justificativa bem fundamentada para o princípio de adequação tipológica, defendido pela GF e pela versão mais recente, a GDF.

Por fim, um ponto que merece destaque neste balanço final é a questão metateórica da consistência possível entre os fenômenos observados e a perspectiva teórica adotada. Um saldo positivo claramente derivado do investimento metodológico é o afastamento voluntário do que Du Bois (1985) denomina "funcionalismo transparente". Apesar de assumir o princípio de que os fatores sintáticos, considerados autônomos por concepções formalistas, constituem, na realidade, os resultados transparentes dos objetivos funcionais do falante, de modo algum postulei que a teoria da linguagem dispensa totalmente motivações arbitrárias para a codificação morfossintática (Du Bois, 1985).

Defendi, na realidade, um conceito relativo de autonomia do Nível Morfossintático. Reconheci, por um lado, a existência de fenômenos morfossintáticos não diretamente compatíveis com aspectos semânticos e pragmáticos em consonância com o que propõem os proponentes da GDF, além de outros funcionalistas como Givón (1979).

Admiti, por outro, a existência de uma relação de interdependência entre a formulação, restrita ao Nível Interpessoal e ao Representacional, e a codificação, restrita ao Nível Morfossintático, por postular tanto uma motivação pragmática quanto uma motivação semântica na representação como zero anafórico de referentes previstos na memória de curto prazo dos interlocutores.

A posição moderada que defendi pressupõe a existência de muitos fenômenos linguísticos que sustentam a existência até certo ponto autônoma do Nível Morfossintático, com categorias próprias, mas a explicação das propriedades formais desse nível deve necessariamente fazer referência a fatores explanatórios, alinhados aos níveis Interpessoal e Representacional. Esses dois níveis, juntamente com o Morfossintático e o Fonológico, constituem o componente gramatical na concepção da GDF.

Assim, em vez de eliminar um nível independente, formal e autônomo da organização estrutural da linguagem, considerei preferível admitir que o Morfossintático é um nível independente da gramática, assim como os outros, mas, em certos aspectos, funcionalmente motivado e cujas propriedades formais refletem os parâmetros explanatórios de natureza pragmática e semântica que motivam sua emergência discursiva, nos termos de Hopper (1987). Diferentemente desse autor, entretanto, tenho plena convicção de que nem tudo que é morfossintático emerge dos dois níveis mais altos.

Em função desse posicionamento, procurei fornecer representações formais adequadas que pudessem sinalizar, nos níveis Interpessoal, Representacional e Morfossintático da gramática, o caráter complexo da nominalização tal como preconizada pelo modelo da GDF. Com um paralelismo notável, a organização morfossintática adotada no formalismo foi capaz de dar uma representação dos papéis que a nominalização exerce, respectivamente, no Nível Interpessoal como estratégia do falante para formular um Subato de Referência ou um Subato de Atribuição, e no Nível Representacional, para designar entidades ou propriedades.

Vimos que Croft (1995) estabelece distinções para o conceito de autonomia, interpretando, por um lado, a autonomia da sintaxe em relação à semântica e à pragmática e, por outro, a autonomia do conhecimento gramatical em relação à orientação social e comunicativa do sistema linguístico. Ao chegar a este balanço, espero ter deixado claro que, embora postulado como um nível autônomo, com suas próprias categorias, o Morfossintático não é inteiramente independente do Interpessoal e do Representacional, justamente porque o conhecimento formal não pode, em minha concepção, ser tomado como independente da orientação social e comunicativa da linguagem.

Se, conforme afirma Du Bois (1985), o grau de preparação de que dispõe o linguista para aferir o significado da teoria se dá a partir de uma perspectiva que vê a gramática como sistema adaptativo, entendo que este trabalho atingiu um nível considerável de significação epistemológica, ou metagramatical. Com efeito, é justamente esse o conceito *lato sensu* de gramática aqui adotado: a relativa autonomia da gramática pressupõe a existência de um sistema e sua relativa suscetibilidade a pressões externas pressupõe postular o caráter adaptativo dos sistemas linguísticos.

Parece-me claro que o tratamento da nominalização permitiu rejeitar concepções autonomistas, cujas limitações na tentativa de explicar a estruturação da linguagem são determinadas apenas pelo reconhecimento de forças motivadoras internas ao sistema. No entanto, foi capaz também de rejeitar concepções funcionalistas radicais, que são limitadas na tentativa de explicar a preservação de categorias gramaticalizadas em formas mais ou menos congeladas.

Para finalizar, seria bom apelar para a magia da palavra literária, que o Bruxo de Cosme Velho encarna sempre de maneira magistral, como um prestidigitador tão rápido que nem sempre nosso nível de atenção cognitivo logra acompanhar o emaranhado de suas artimanhas.

Na concepção que elabora de Capitu, o Bruxo põe as palavras na boca de um narrador que é também personagem e como tal parte "interessadíssima" no modo como os fatos são narrados. O encantamento dos olhos de ressaca, em que mergulham de corpo e alma marinheiros desavisados como o jovem Bentinho, traz também a natureza oblíqua e dissimulada que o maduro Bentinho passa a enxergar. Se há dois Bentinhos num único – ego e superego ligados pelo id – é uma questão não resolvida, justamente em função do ponto de vista enunciativo que o Bruxo prestidigitador escolhe para nosso deleite.

Nem bruxo, nem prestidigitador, sou apenas aqui o agente responsável pelo fio condutor deste texto, que, à guisa de narrativa, se encerra com um balancete altamente otimista; mas, não custa acrescentar, otimista segundo o ponto de vista do narrador, que, ao fim e ao cabo, é também o autor.

Fica, portanto, para o escrutínio do leitor a tarefa sempre necessária e desejável de uma meticulosa auditoria, que, com base em outra perspectiva menos otimista, pode seguramente descobrir mais perdas do que ganhos. Então o espectro de devedor, no lugar do estatuto de credor como suponho, passa a assombrar este fechamento para balanço, como a desconfiança passou a desconstruir gradativamente o casamento de Bentinho.

A verdade é que a ciência não é uma magia e estar certo ou equivocado é uma questão relativa como, aliás, é verdadeiro também para a categorização linguística. Justamente por ser a verdade uma questão relativa é que "a controvérsia é o sopro da ciência e quando nós todos concordarmos será apenas porque nossa ciência estará morta" (Bach, 1973, p.27).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABAURRE, M. B. M.; RODRIGUES, A. C. S. Apresentação. In: ______. (Orgs.). *Gramática do português falado*. Campinas: Editora da Unicamp, 2002. p.9-28.

ANSTEY, M. Functional grammar from its inception. In: MACKENZIE, J. L.; GÓMEZ-GONZÁLEZ, M. Á. (Ed.). *A New Architecture for Functional Grammar*. Berlin: Mouton de Gruyter Amsterdam, 2004. p.23-72.

ASHBY, W. J.; BENTIVOGLIO, P. Information flow in spoken French and Spanish: a comparative study. *Paper* lido no *NWAV 20*, Georgetown University: Washington, 1993.

BACH, E. A linguística estrutural e a filosofia da ciência. In: CHOMSKY, N. et al. *Novas perspectivas linguísticas*. Petrópolis: Vozes, 1973. p.11-27.

BAKER, D. FG expression rules: from templates to constituent structure. *Working Papers in Functional Grammar 67*. Amsterdam: University of Amsterdam, 1999.

______. The FG expression rules: a dynamic model. *Revista Canária de Estudios Ingleses*. La Laguna, v.42, p.15-54, 2001 (Special Issue: Challenges and Developments in Functional Grammar).

BAKER, D.; SIEWIERSKA, A. Towards a speaker model of Functional Grammar. In: MACKENZIE, J. L.; GÓMEZ-GONZÁLEZ, M. Á. (Ed.). *A New Architecture for Functional Grammar*. Berlin: Mouton de Gruyter Amsterdam, 2004. p.325-64.

BASÍLIO, M. *Teoria lexical*. São Paulo: Editora Ática, 1989.

________. Flutuação categorial de base adjetiva no português falado. In: ILARI, R. (Org.). *Gramática do português falado*. Campinas: Editora da Unicamp, 2002. p.75-90 (v.II: Níveis de análise linguística).

________. *Formação e classes de palavras no português do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2004.

BENTIVOGLIO, P.; BRAGA, M. L. Espanhol, português e a ordem de palavras. *D.E.L.T.A*. São Paulo. v.4, n.2, p.163-82, 1988.

BENVENISTE, E. *Problemas de linguística geral*. São Paulo: Nacional/Edusp, 1976.

BOLKESTEIN, M. Limits to layering: locatability and other problems. In: FORTESCUE, M. et al. (Ed.). *Layered Structure and Reference in a Functional Perspective*. Amsterdam: John Benjamins, 1992. p.387-407.

________. What do we do with topic and focus? Evaluating pragmatic information. In: HANNAY, M.; BOLKESTEIN, M. (Ed.). *Functional Grammar and Verbal Interaction*. Amsterdam: John Benjamins, 1998. p.193-214.

BORBA, F. da S. *Uma gramática de valências para o português*. São Paulo: Ática, 1996.

BROWN, R. *Words and Things*. New York: Free Press, 1958.

BUTLER, C. *Structure and Function:* a guide to three major structural-functional theories. Amsterdam: John Benjamins, 2003 (Part I: Approaches to the simplex clause).

BYBEE, J. *Morphology*: a study of the relation between meaning and form. Amsterdam: John Benjamins, 1985.

CAMACHO, R. G.; DALL'AGLIO-HATTNHER, M. M.; GONÇALVES, S. C. L. O substantivo. In: ILARI, R.: NEVES, M. H. M. (Orgs.) *Gramática do português culto falado no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, 2008. p.21-84 (v.II: Classes de palavras e processos de construção).

CAMACHO, R. G; SANTANA, L. Argument structure of deverbal nouns in Brazilian Portuguese. *Journal of Language and Linguistics*. United Kingdom, v.3, n.2, p.229-42, 2004.

CÂMARA JR., Joaquim M. *Princípios de linguística geral*. 4.ed. ver. e aum. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1972.

CASTELEIRO, J. M. *Sintaxe transformacional do adjetivo*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1981.

CASTILHO, A. T.; PRETI, D. (Org.). *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo*: materiais para seu estudo. São Paulo: T. A. Queiroz, 1986. v.1.

______. (Org.). *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo*: materiais para seu estudo. São Paulo: T. A. Queiroz, 1987. v.2.

CASTILHO, A. T. *A língua falada no ensino do português*. São Paulo: Contexto, 1998.

______. *Proposta funcionalista de mudança linguística*. Os processos de lexicalização, semanticização, discursivização e gramaticalização na constituição das línguas. Campinas, 2003 (inédito).

______. Apresentação. In: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (Orgs.). *Gramática do português falado culto no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, 2006. (v.I: Construção do texto falado).

CHAMBERS, J. K. *Sociolinguistic Theory*: linguistic variation and its social significance. Oxford: Blackwell, 1996.

CHOMSKY, N. Remarks on nominalization. In: JACOBS, R. A., ROSENBAUM, P. (Ed.). *Readings in the Theory of Transformational Grammar*. Waltham: Ginn, 1970.

______. *Aspectos da teoria da sintaxe*. Trad. de J. A. Meireles e E. Raposo. Coimbra: Armênio-Amado Editor, 1975.

______. *Rules and Representation*. New York: Columbia University Press, 1980.

______. *Language Universals and Linguistic Typology*. Oxford: Blackwell, 1989.

COMRIE, B; THOMPSON, S. Lexical nominalizations. In: SHOPEN, T. (Ed.). *Language Typology and Syntactic Description*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985. p.349-98. v.3.

CONNOLY, J. The question of discourse representation in Functional Discourse Grammar. In: MACKENZIE, J. L.; GÓMEZ-GONZÁLEZ, M. Á. (Ed.). *A New Architecture for Functional Grammar*. Berlin: Mouton de Gruyter Amsterdam, 2004. p.89-116.

CRISTOFARO, S. *Subordination*. Oxford: Oxford University Press, 2003.

CROFT, W. *Syntactic Categories and Grammatical Relations:* the cognitive organization of information. Chicago: University of Chicago Press, 1991.

______. Autonomy and functionalist linguistics. *Language*, Baltimore. v.71, p.490-532, 1995.

DIK, S. C. Some basic principles of Functional Grammar. In: HATTORI, S. et al. (Ed.). *Proceedings of the XIIIth International Congress of Linguists*. Tokyo: Tokyo Press, 1983. p.74-88.

______. Formal and semantic adjustment of derived constructions. In: BOLKSTEIN et al. (Ed.). *Predicates and Terms in Functional Grammar*. Dordrecht: Foris, 1985. p.1-28.

______. *The Theory of Functional Grammar*. Dordrecht: Foris, 1989 (Part I: The structure of the clause).

______. *The Theory of Functional Grammar*. Edited by Kees Hengeveld. Berlin: Mouton de Gruyter, 1997 (Part II: Complex and Derived Constructions).

DIXON, R . L. W. Ergativity. *Language*, Baltimore, v.55, p.59-138, 1979.

DU BOIS, J. W. Beyond definitess: the trace of identity in discourse. In: CHAFE, W. (Ed.). *The Pear Stories*. Norwood, NJ: Ablex, 1980. p.203-74.

______. Competing motivations. In: HAIMAN, J. (Ed.). *Iconicity in Syntax*. Amsterdam: John Benjamins, 1985. p.343-65.

______. The discourse basis of ergativity. *Language,* Baltimore, v.63, p.805-55, 1987.

DUTRA, R. The hybrid S-category in Brazilian Portuguese: some implications for word order. *Studies in Language*. Philadelphia, v.11, n.1, p.163-80, 1987.

FOLEY, W. A.; VAN VALIN, R. D. *Functional Syntax and Universal Grammar*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

GARCIA, E. Discourse without syntax. In: GIVÓN, T. (Ed.). *Syntax and Semantics*. New York: Academic Press, 1979 (v.12: Discourse and syntax).

GARCIA VELASCO, D. *Funcionalismo y linguística:* la Gramática Funcional de S. C. Dik. Oviedo, Universidad de Oviedo, 2003.

______; HENGEVELD, K. Do we need predicate frames? In: MAIRAL USÓN, R.; QUINTERO, M. J. P. (Ed.). *New Perspectives on Argument Structure in Functional Grammar,* Berlin: Mouton de Gruyter, 2002. p.95-123.

______. PORTERO MUÑOZ, C. Understood objects in Functional Grammar. *Working Papers in Functional Grammar,* v.76. Amsterdam: University of Amsterdam, 2002.

GIVÓN, T. *On Understanding Grammar*. New York: Academic Press, 1979.

______. The binding hierarchy and the typology of complements. *Studies in Language,* v.4, n.3, p.333-77, 1980.

______. Logic vs. pragmatics with natural language as the referee. *Journal of pragmatics,* v.6, n.2, p.81-133, 1981.

______. *Syntax:* a functional-typological introduction. Amsterdam: John Benjamins, 1984. (v.1)

______. *Syntax:* a functional-typological introduction. Amsterdam: John Benjamins, 1990. (v.2)

GRICE, H. P. Logic and conversation. In: COLE, P., MORGAN, J. L. (Ed.). *Syntax and Semantics.* New York: Academic Press, 1975. p.41-58 (v.3: Speech Acts).

HAIMAN, J. Iconic and economic motivation. *Language*, Baltimore, v.59, p.781-819, 1983.

______. The iconicity of grammar. *Language*, Baltimore, v.56, p.515-40, 1987.

HALLIDAY, M.A.K. Language structure and language functions. In: LYONS, J. (Ed.). *New Horizons in Linguistics*. Harmondsworth: Penguin, 1970. p.140-65.

______. *An Introduction to Functional Grammar*. London, Edward Arnold, 1985.

HANNAY, M.; BOLKESTEIN, M. Introduction. In: HANNAY, M.; BOLKESTEIN, M. (Ed.). *Functional Grammar and Verbal Interaction*. Amsterdam: John Benjamins, 1997. p.vii-xii.

HARDER, P. Comment clauses, Functional Discourse Grammar and the grammar-discourse interface. In: MACKENZIE, J. L.; GÓMEZ-GONZÁLEZ, M. Á. (Ed.). *A New Architecture for Functional Grammar.* Berlin: Mouton de Gruyter Amsterdam, 2004, p.197-210.

______. *Functional Semantics.* a theory of meaning, structure and tense in English. Berlin: Mouton de Gruyter, 1996.

HASPELMATH, M. Word-class-changing inflection and morphological theory. *Yearboof of Morphology*. Kluwer Academic Publishers, 1995, p.43-66.

HEINE, B.; CLAUDI, U; HÜNNEMEYER, F. *Grammaticalization*: a conceptual framework. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.

HENGEVELD, K. Clause structure and modality in Functional Grammar. In: AUWERA, J. Van der; GOSSENS, L. (Ed.). *Ins and Outs of Predication*. Dordrecht: Foris, 1987. p.53-66.

______. Illocution, mood and modality in a functional grammar of Spanish. *Journal of Semantics*, v.6, p.227-69, 1988.

______. Layers and operators in Functional Grammar. *Journal of Linguistics*, v.25, p.125-57, 1989.

______. *Non-verbal predication*: theory, typology, diachrony. Berlin: Mouton de Gruyter, 1992.

______. Cohesion in Functional Grammar. In: CONNOLY et al. (Ed.). *Discourse and Pragmatics in Functional Grammar*. Berlin and New York: Mouton de Gruyter, 1997. p.1-16.

______. Formalizing functionally. In: DARNELL, M. et al. (Ed.). *Functionalism and Formalism in Linguistics*. Amsterdam: John Benjamins, 1998. p.93-105, v.2: (Studies in Language Companion Series 42).

______. The architecture of a Functional Discourse Grammar. In: MACKENZIE, J. L.; GÓMEZ-GONZÁLEZ, M. Á. (Ed.). *A New Architecture for Functional Grammar*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2004a. p.1-21 (Functional Grammar Series 24).

______. Epilogue. In: MACKENZIE, J. L.; GÓMEZ-GONZÁLEZ, M. Á. (Ed.). *A New Architecture for Functional Grammar*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2004b. p.365-78 (Functional Grammar Series 24).

______. Functional Discourse Grammar. In *Functional/Generative Grammar*. Curso de Pós-Graduação. Universidade de Amsterdã, 2004c.

______. State-of-Affairs concepts. In: BOOIJ, G.; LEHMANN, C.; MUGDAN, J. (Ed.). *Morphology:* a handbook on inflection and word formation. Berlin: Mouton de Gruyter, 2004d. v.2, p.1104-111.

______. Dynamic Expression in Functional Grammar. In: DE GROOT, Casper; HENGEVELD, Kees (Ed.). *Morphosyntactic Expression in Functional Grammar*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2005. p.53-86.

______; MACKENZIE, J. L. *Functional Discourse Grammar*: a typologically-based theory of language structure. Oxford: Oxford University Press, 2008.

______. Functional discourse grammar. In: BROWN, K. (Ed.). *Encyclopedia of Language and Linguistics*. Oxford: Elsevier, 2006. p.668-76.

HJELMLSLEV, L. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. São Paulo: Perspectiva, 1973.

HOEKSTRA, T. Deverbalization and inheritance. *Linguistics*, v.24, n.3, p.549-84, 1986.

HOPPER, P. J. The iconicity of the universal categories "noun"and "verb". In: HAIMAIN, J. (Ed.). *Iconicity in Syntax* (Proceedings of a Symposium on Iconicity in Syntax). Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1985.

______. Emergent grammar. *Berkeley Linguistics Society,* v.13, p.139-57, 1987.

HOPPER, P. J.; THOMPSON, S. A. The discourse basis for lexical categories in universal grammar. *Language*. Baltimore, v.60, p.703-52, 1984.

HOPPER, P. J.; TRAUGOTT, E. C. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

HYMES, D. On communicative competence. In PRIDE, J. B.; HOLMES, J. (Ed.). *Sociolinguistics*. Harmondsworth: Penguin, 1972. p.269-93.

HYMES, D. Short notice of Dik's Studies in Functional Grammar. *Language in Society*, v.12, 1979.

ILARI, R.; NEVES, M. H. M. (Orgs.). *Gramática do português culto falado no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, 2008. (v.II: Classes de palavras e processos de construção).

ILARI, R. et al. Considerações sobre a posição dos advérbios. In: CASTILHO, A. T. (Org.). *Gramática do português falado*. 4.ed. ver. Campinas: Editora da Unicamp/Fapesp, 2002. p.53-120. v.I: A ordem.

JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. *Gramática do português falado culto no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, 2006. (v.I: Construção do texto falado).

KEIZER, E. English Prepositions in FGD. Paper presented at *11th International Conference on Functional Grammar*. Gijón, Espanha, 2004a.

______. Term structure in FG: a modest proposal. *Working Papers in Functional Grammar.* V. 78. University of Amsterdam, 2004b.

KOPTJEVSKAJA-TAMM, M. *Nominalizations*. London: Routledge, 1993.

KROON, C. Discourse markers, discourse structure and Functional Grammar. In: CONNOLLY, J. et. al. (Ed.). *Discourse and Pragmatics in Functional Grammar*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1997. p.17-32.

JACKENDOFF, R. *Semantic Structures*. Cambridge: MIT Press, 1990.

LANGACKER, R. W. Nouns and verbs. *Language*. Baltimore, v.63, 1987.

LEHMANN, C. Towards a typology of clause linkage. In: HAIMAN, J.; THOMPSON, S. A. (Ed.). *Clause Combining in Grammar and Discourse*. Amsterdam: John Benjamins, 1988.

LIEDTKE, F. Illocution and grammar: a double level approach. In: HANNAY, M.; BOLKESTEIN, M. (Ed.). *Functional Grammar and Verbal Interaction*. Amsterdam: John Benjamins, 1998. p.107-27.

LYONS, J. *Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

______. *Introdução à linguística teórica*. São Paulo: Ed. Nacional, 1979.

______. *Lingua(gem) e linguística:* uma introdução. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

MACKENZIE, J. L. Nominalization and valency reduction. In: BOLKESTEIN, A. M. et al. (Ed.). *Predicates and Terms in Functional Grammar*. Dordrecht: Foris Publications, 1985. p.31-51.

______. Nominalizations and basic constituent ordering. In: VAN DER AUWERA, J.; GOOSSENS, L. (Ed.). *Ins and Outs of the Predication*. Dordrecht: Foris Publications, 1987. p.93-106.

______. English nominalizations in the layered model of the sentence. In: DEVRIEND, B.; GOOSSENS, L.; AUWERA, J. van der (Ed.). *Complex Structures:* a functionalist perspective. Berlin: Mouton de Gruyter, 1996. p.325-55.

______. The basis of syntax in the holophrase. In: HANNAY, M.; BOLKESTEIN, M. (Ed.). *Functional Grammar and Verbal Interaction*. Amsterdam: John Benjamins, 1998. p.267-96.

______. FGD perspectives on nominalization. Paper presented at the *11th International Conference on Functional Grammar*. Gijón, Espanha, 2004a.

______. Functional Discourse Grammar and language production. In: MACKENZIE, J. L.; GÓMEZ-GONZÁLEZ, M. Á. (Ed.). *A New Architecture for Functional Grammar*. Berlin: Mouton de Gruyter Amsterdam, 2004b. p.179-96 (Functional Grammar Series 24).

MAINGUENEAU, D. L'unité de la linguistique. *D.E.L.T.A.* São Paulo, v.6, n.2, p.127-38, 1990.

MALCHUKOV, A. L. *Nominalization/Verbalization:* constraining a typology of transcategorial operations. Lincom: Lincom Europa, 2004.

MANN, W. C.; THOMPSON, S. A. Rhetorical structure theory: a framework for the analysis of texts. *Papers in Pragmatics*, v.1, p.79-105, 1987.

MARTINET, A. *Elementos de linguística geral.* Lisboa: Sá da Costa, 1972.

MÜLLER, A. L. et al. Adjetivos no português do Brasil: predicados, argumentos ou quantificadores? In: ABAURRE, M. B .M; RODRIGUES, A. C. (Org.). *Gramática do português falado*. Campinas: Editora da Unicamp/Fapesp, 2002. p.317-44 (v.VIII: Novos estudos descritivos).

NEVES, M. H. M. O substantivo (ou nome) comum. In: VII SEMINÁRIO DO PROJETO GRAMÁTICA DO PORTUGUÊS FALADO, 1993, Campos do Jordão.

______. Estudo das construções com verbo-suporte em português. In: KOCH, I. G. V. (Org.). *Gramática do português falado*. Campinas: Editora da Unicamp, 2002. p.209-38. (v.VI: Desenvolvimentos)

______. Estudo da estrutura argumental dos nomes. In: KATO, M. (Org.). *Gramática do português falado*. Campinas: Editora da Unicamp/São Paulo: Fapesp, 1996. p.119-54 (v.5: Convergências).

NEWMEYER, E. F. Some remarks on the Functionalist-Formalist controversy in linguistics. In: DARNELL, M. et al. (Ed.). *Functionalism and Formalism in Linguistics.* Amsterdam: John Benjamins, 1998. p.469-86 (v.2: Studies in Language Companion Series 42).

NOONAN, M. Complementation. In: SHOPEN, T. (Ed.). *Language Typology and Syntactic Description*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985. p.42-141 (v.2: Complex constructions).

______. Non-structuralist syntax. In: DARNELL, M. et al. (Ed.). *Functionalism and Formalism in Linguistics.* Amsterdam: John Benjamins, 1998. p.11-31 (v.2: Studies in Language Companion Series 42).

NUYTS, J. *Aspects of a Cognitive-Pragmatic Theory of Language*. Amsterdam: John Benjamins, 1992.

PEZATTI, E. G. *A ordem de palavras em português: aspectos tipológicos e funcionais*. Araraquara, 1992. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista.

PRETI, D.; URBANO, H. (Org.). *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo*. São Paulo: T. A. Queiroz/Fapesp, 1988. (v.3: Materiais para seu estudo).

PRINCE, H. F. Toward a taxonomy of given-new information. In: COLE, P. (Ed.). *Radical Pragmatics.* New York: Academic Press, 1981. p.223-55.

RAMIREZ, H. *A fala tukano dos ye'pâ-masa:* gramática, dicionário, método de aprendizagem. Manaus: Inspetoria Salesiana da Amazônia, Cedem, 1997.

RAPOSO, E. P. *Teoria da gramática:* a faculdade da linguagem. Lisboa: Editora Caminho, 1992.

RIJKHOFF, J. *The Noun Phrase*. Oxford: Oxford Univesity Press, 2002.

ROSCH, E. H. Natural categories. *Cognitive Psychology.* v.4, n.3, p.328-50, May 1973.

SANTANA, L. *A expressão da estrutura argumental dos nomes derivados*. São José do Rio Preto, 2005. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista.

SAPIR. E. *A linguagem:* introdução ao estudo da fala. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1971.

SAUSSURE, F. de. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 1977.

SILVA, A. S. da. A linguística cognitiva: uma breve introdução a um novo paradigma em linguística. *Revista Portuguesa de Humanidades.* Braga, v.1, n.1-2, p.59-101, 1997.

SINCLAIR, J. A., COULTHARD, R. M., *Towards an Analysis of Discourse:* the English used by teachers and pupils. London: Oxford University Press, 1975.

STEUTEN, A. A. G. Structure and coherence in business conversations. In: HANNAY, M.; BOLKESTEIN, M. (Ed.). *Functional Grammar and Verbal Interaction*. Amsterdam: John Benjamins, 1998. p.59-75.

TAYLOR, J. R. *Linguistic Categorization*: prototypes in linguistic theory. Oxford: Oxford University Press, 1989.

TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (Org.). *Approaches to Grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins, 1991.

VET, C. The multilayered structure of the utterance: about illocution, modality and discourse moves. In: HANNAY, M.; BOLKESTEIN, M. (Ed.). *Functional Grammar and Verbal Interaction*. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins, 1998. p.1-23.

WEEDWOOD, B. *História concisa da linguística*. São Paulo: Parábola, 2003.

SOBRE O LIVRO

Formato: 14 x 21 cm
Mancha: 23,7 x 42,5 paicas
Tipologia: Horley Old Style 10,5/14
Papel: Off-set 75 g/m² (miolo)
Cartão Supremo 250 g/m² (capa)
1ª edição: 2011

EQUIPE DE REALIZAÇÃO

Coordenação Geral
Marcos Keith Takahashi

Neste livro, Roberto Gomes Camacho enfrenta um problema clássico do Funcionalismo: a questão da categorização linguística, focalizada no modelo em sua natureza contínua, não opositiva, não negativa. Surgiu daqui a teoria dos protótipos, já bem conhecida no Brasil. Considerando o lado complexo, no sentido de "interligado", o autor toma como parâmetro as diferenças entre o nome e o verbo, situando a meio caminho o importante processo da nominalização, "postulada como constituindo um termo complexo entre os dois outros opostos, tomados como membros prototípicos". Para comprovar essa postulação, o autor argumenta que as expressões nominalizadas partilham propriedades nominais e verbais, comprovadas, neste caso, pela manutenção da estrutura argumental encontrada no verbo.

Com este trabalho, Roberto Gomes Camacho atinge sua plena maturidade intelectual, duramente conquistada ao longo de uma carreira acadêmica exemplar.

editora
unesp

ISBN 978-85-393-0189-8
9 788539 301898

Introdução à semântica

Brincando com a gramática

Rodolfo Ilari

Introdução à semântica

BRINCANDO COM A GRAMÁTICA

EDITORA CONTEXTO

Copyright © 2001 Rodolfo Ilari

Preparação de originais
Camila Kintzel

Diagramação
Estúdio Graal

Revisão
Sandra Regina de Souza

Projeto de capa
Antonio Kehl

Ilari, Rodolfo.

Introdução à semântica – brincando com a gramática / Rodolfo Ilari. – São Paulo: Contexto, 2001.

Bibliografia.
ISBN 85-7244-164-6

1. Lingüística. 2. Português – Estudo e ensino. 3. Português – Gramática 4. Português – Semântica. I. Título.

01-0818 CDD-469.2

Índices para catálogo sistemático:
1. Semântica: Português: Lingüística 469.2

Proibida a reprodução total ou parcial.
Os infratores serão processados na forma da lei.

2001

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA CONTEXTO (Editora Pinsky Ltda.).
Diretor editorial Jaime Pinsky
Rua Acopiara, 199 – Alto da Lapa
05083-110 – São Paulo – SP
PABX/FAX: (11) 3832 5838
contexto@editoracontexto.com.br
www.editoracontexto.com.br

Este livro é dedicado ao Milton do Nascimento
e ao Marco Antônio de Oliveira, sem os quais,
talvez eu não me animasse nunca a terminá-lo.

Sumário

Sagacidade, argúcia e lupa 9
Explicação prévia 11
1. Ambigüidade de segmentação 13
2. Aspecto 19
3. Atos de fala 27
4. Comentários sobre um conteúdo 35
5. Conotação 41
6. Conteúdo descritivo demais e de menos 47
7. Dêixis e anáfora 55
8. Descrições definidas e indefinidas 63
9. Elementos conceituais e afetivos do sentido 68
10. Frases feitas 78
11. Implícitos (I) 85
12. Implícitos (II) 92
13. Linguagem e metalinguagem 101
14. Linguagem figurada: processos análogicos 108
15. O(s) mundo(s) de que falamos 114
16. A negação 122
17. Papéis temáticos 131
18. Mecanismos de paráfrase baseados no léxico 140
19. Paráfrase: mecanismos sintáticos 151
20. Perguntas e respostas 162
21. Quantificadores 169
22. Referência 176
23. Tipos de relações 186
24. Tempo 193
25. Vagueza 201

Sagacidade, argúcia e lupa

Como se fosse um retrato, este novo livro de Rodolfo Ilari desvela, para o leitor, tanto a linguagem em seu uso quanto o autor que a persegue armado de sagacidade, argúcia e lupa: não lhe escapam as filigranas dos sentidos sobre as quais passamos os olhos complacentes e cooperativos, construindo nossas compreensões e nossas respostas sem aperceber-nos dos recursos lingüísticos utilizados pelo locutor e daqueles por nós próprios manuseados na apreensão dos sentidos. Atentos aos objetivos da interlocução, e por eles iluminados, vamos em busca dos sentidos que julgamos pretendidos, mesmo quando estes parecem esconder-se por trás de outros sentidos que precisamos deslocar como se fossem véus que recobrem o sentido desejado. Às vezes, no entanto, os sentidos que construímos não correspondem aos sentidos pretendidos e somente então, quando uma "interincompreensão"se instaura, retornamos ao material lingüístico manuseado para refazermos os caminhos das significações.

Colecionando vasto material lingüístico – recortes de jornais, piadas, exemplos e exercícios com situações reais ou imaginadas – "fiel aos seus problemas favoritos", o autor vai permitindo ao leitor encontrar na materialidade da linguagem em uso "diversos pontos de paradas" em que o processamento dos sentidos pode deslizar para a incompreensão, ou, em outras palavras, fazendo perceber os sentidos outros a que não damos importância, mas que estão no dito ou no dizer como virtualidades, sempre capazes de se projetarem sobre a interlocução em curso, produzindo, no mínimo, sentidos disparatados.

É por isso que este é um livro que permite refletir sobre a linguagem, propondo práticas que se sustentam sobretudo nas capacidades intuitivas dos falantes que, orientados pela reflexão proposta, reconhecem na linguagem suas possibilidades de significar e, ao mesmo tempo, aprendem sobre a linguagem em função das rubricas sob as quais os fenômenos são agrupados. Nesse sentido, este não é um livro que ensina um conjunto de conceitos com os quais falar sobre a linguagem, mas um livro que ensina a refletir sobre os recursos lingüísticos em seu funcionamento para extrair da reflexão um conhecimento sobre a linguagem. Cada tema é tratado a partir de um objetivo explicitamente exposto, a questão sumariamente caracterizada, sem qualquer pedantismo acadêmico ou pretensão de especialista. Mas o que singulariza este livro é o conjunto de reflexões que o autor faz e leva a fazer sobre os recursos lingüísticos. É, portanto, um livro sobre "práticas de análises lingüísticas" organiza-

das e sistematizadas a partir de um ponto de vista particular, aquele de que se apreende sobre a língua à medida que sobre ela se reflete.

É nesse sentido que este livro é também um retrato de seu autor, ou, especificando melhor, um retrato das posições que o autor tem tomado na discussões a respeito do ensino da língua.

Já em 1973, em nota prévia à edição portuguesa de sua adaptação (somente a modéstia do autor registra como "tradução" o trabalho de adaptação que realizou) de *Linguistique et enseignement du français*, de Émile Genouvrier e Jean Peytard, para *Lingüística e Ensino do Português* (Livraria Almedina, Coimbra), Rodolfo Ilari registrava que há mais de trinta anos era duvidosa a legitimidade dos objetivos de acesso à expressão "correcta e castiça" através das técnicas de análise histórica e filológica de textos clássicos, em função da mudança dos sujeitos que passaram a freqüentar as salas de aula depois de uma generalização do acesso à alfabetização. Já então afirmava que "nossa geração assistiu à decadência progressiva da análise, à revalorização da leitura e exposição oral, de tentativas por correlacionar o aprendizado da língua falada e escrita com a prática de processos comunicativos não-verbais".

Muita água correu sob a ponte depois dos anos 1970. Como conteúdos escolares, as práticas de leitura e de produção de textos sobrepuseram-se às análises gramaticais da língua. A discussão ferrenha entre aqueles que defendiam o ensino de gramática tradicional e aqueles que lhe opunham reflexões fundamentadas nas pesquisas lingüísticas muitas vezes escondia, sob o manto do ensino ou não-ensino da gramática, a questão mais ampla do preconceito lingüístico, da insuportável aceitação de variedades lingüísticas que "fugiam da norma". Para este embate, Rodolfo Ilari contribuiu não só por seu magistério como professor e formador de lingüistas, mas também como autor constante de textos que circularam pelo Brasil – penso por exemplo em seu "Uma nota sobre a redação escolar", posteriormente incluído em sua coletânea *A lingüística e o ensino da língua portuguesa*. Sua presença nas discussões sobre o ensino importava tanto pelos temas e adequados tratamentos com que fecundava o debate, quanto por sua assinatura de pesquisador reconhecido mostrando que o tema do ensino não era uma questão menor ou apenas o espaço de diletantes ou políticos militantes.

Assentada a poeira dos anos 1980, reconhecidas as vantagens e desvantagens de um ensino de língua materna deslocado da ênfase na análise de textos clássicos ou na aprendizagem de conceitos com que falar sobre a língua, Rodolfo Ilari retorna com este livro exemplar, em que a reflexão sobre a linguagem em seu funcionamento mostra ao seu leitor os inúmeros caminhos do trabalho possível com os recursos lingüísticos disponíveis.

João Wanderley Geraldi

Explicação prévia

Uma das características que empobrecem o ensino médio da língua materna é a pouca atenção reservada ao estudo da significação. O tempo dedicado a esse tema é insignificante, comparado àquele que se gasta com “problemas” como a ortografia, a acentuação, a assimilação de regras gramaticais de concordância e regência, e tantos outros, que deveriam dar aos alunos um verniz de “usuário culto da língua”. Esse descompasso é problemático quando se pensa na importância que as questões da significação têm, desde sempre, para a vida de todos os dias, e no peso que lhe atribuem hoje, com razão, em alguns instrumentos de avaliação importantes, tais como o Exame Nacional do Ensino Médio, os vestibulares que exigem interpretação de textos e o Exame Nacional de Cursos.

Alguns leitores dirão que o sentido está sempre presente quando se lê e se redige, e que nosso ensino pratica a leitura, a interpretação e a produção de textos. Mesmo assim, fico preocupado. Em primeiro lugar, porque há diferentes maneiras de trabalhar com o texto, e algumas das que prevalecem na prática pouco têm a ver com interpretação (pense-se no tipo de correção de redações mais usado, que consiste em assinalar apenas os “erros” de ortografia, concordância e regência); em segundo lugar porque o trabalho sobre textos, tal como vem sendo praticado, dá mais atenção à interpretação a que se chega, do que ao enorme repertório de conhecimentos e à variedade dos processos que mobilizamos ao interpretar; e, finalmente porque o nosso ensino foi se reduzindo, de fato, a um conjunto muito limitado de atividades, em prejuízo de outras possíveis que não são sequer lembradas.

Ao contrário do que acontece com a “gramática”, simplesmente não existe em nosso ensino a tradição de tratar do sentido através de exercícios específicos, e isso leva o professor da escola média a acreditar que, nessa área, não há nada de interessante a fazer.

O propósito deste livro, que se destina aos alunos dos cursos de Letras e aos professores do ensino médio, é desfazer essa crença. Para isso, selecionei, aqui, 25 temas de semântica, propondo para cada um deles uma introdução teórica informal, e um certo número de atividades diferenciadas. O que chamo aqui de “temas de semântica” são operações que realizamos o tempo todo, sem nos preocuparmos em teorizar, quando usamos a língua no dia-a-dia.

A atividades podem ser “realizadas” com um mínimo de recursos (um caderno e uma caneta geralmente bastam), e com um pouquinho de curiosidade. Entre

elas há jogos, pesquisas, discussões e leituras em que o verdadeiro protagonista é a significação. Em todos esses casos, procura-se estimular um tipo de reflexão sobre a linguagem que as pessoas praticam espontaneamente e sem complicações de terminologia (é o que já foi chamado de *atividade epilingüística*). Considerando que a linguagem é ao mesmo tempo individual e coletiva, muitas atividades convidam o aluno a comparar ou "negociar" seus resultados com os dos colegas, o que é uma boa maneira de acostumar as pessoas com o fato de que as perguntas realmente interessantes costumam ter mais de uma resposta.

Propondo roteiros de atividades muito concretos, o livro encara seu principal desafio: mostrar que há muito a fazer quando se quer trabalhar sobre o sentido. Seu elemento mais importante são, portanto, os formatos dos exercícios, e não as exposições teóricas, que têm apenas o objetivo de situá-los.

Confio que as práticas aqui propostas podem levar os leitores deste livro a "descobrir" ou "reencontrar" aspectos da linguagem que nosso ensino esqueceu por muito tempo. A atenção a esses aspectos deveria sugerir aos professores de ensino médio outras possibilidades de explorar os processos de criação de sentidos, abrindo assim perspectivas para um ensino mais criativo e mais motivador (porque a atenção dada às formas deixa de ser um fim em si) e mais completo.

As atividades voltadas para a significação não são contra outras práticas pedagógicas (por exemplo, o estudo da norma culta); caberá portanto a cada um combiná-las com as práticas pedagógicas em que mais acredita.

Concluindo esta explicação prévia, registro uma dívida: o livro deve muito à minha convivência com professores de ensino médio, no contexto de dois cursos de especialização dos quais venho participando há vários anos: o da Fafi-Varginha, e, sobretudo, o Prepes da Puc de Belo Horizonte.

Trabalhando nesse contexto com professores de ensino médio de vários estados do país, pude avaliar seu grau de informação, e isso me ajudou a definir a linguagem e a forma de apresentação que uso neste livro.

Acima de tudo, essa convivência me fez conhecer inúmeras histórias de professores que, tendo assimilado um mínimo de teoria e algumas orientações de aplicação, alteraram substancialmente sua prática pedagógica, tornando-a mais criativa e mais gratificante.

O que espero deste livro é exatamente isso: que possa ajudar seus leitores na construção de uma prática pedagógica mais criativa e gratificante.

Rodolfo Ilari

Ambigüidades de segmentação

Objetivo

Chamar a atenção para casos em que a cadeia falada é passível de segmentações alternativas, orientando para a segmentação relevante em função do contexto.

Caracterização geral

Excetuadas algumas poucas situações (por exemplo, quando se dita um texto, ou quando se confere se foi esquecida alguma palavra numa cópia), as pessoas não costumam separar palavras, na fala. Separar palavras de um mesmo texto é um hábito que adquirimos com a escrita. Nesse caso, a escrita funciona como uma análise da fala, e facilita nossa leitura. Compare-se, por exemplo, a dificuldade com que lemos a mesma frase em (1), onde não foi feita a separação de palavras, e em (2) onde as palavras foram separadas, como é habitual: em (2) é imediato reconhecer a letra de uma das mais célebres (e mais bonitas) canções brasileiras.

(1) *Meucoraçãonãoseiporquêbatefelizquandotevêeosmeusolhosficamsorrindo...*

(2) *Meu coração, não sei por quê, bate feliz quando te vê e os meus olhos ficam sorrindo...*

Material lingüístico

Há falas que se prestam a duas segmentações diferentes, resultando em sentidos diferentes:

Deu uma surra na mulher que a deixou bastante machucada. Bateu com as mãos e com a pá nela

Deu uma surra na mulher que a deixou bastante machucada. Bateu com as mãos e com a panela

Há falas que, mal segmentadas, deixam sobrar “restos” impossíveis de analisar. As primeiras palavras do Hino Nacional “ouviram” e “do” são às vezes analisadas como “O Virundum”, uma palavra que pegou, como nome jocoso do Hino Nacional, mas que não faz o menor sentido.

Ouviram do Ipiranga as margens plácidas
De um povo heróico o brado retumbante

Atividades

- Jogo: é proibido, por exemplo, pronunciar a seqüência "mão". O jogo consiste em ver quem escapa mais vezes de pronunciar essa seqüência "mão" quando lhe são feitas perguntas como "Como se chama o fruto do mamoeiro?" ou "Maria é minha irmã, o que sou dela?" etc. Pode-se combinar que as pessoas têm o direito de "passar", ou que podem dar respostas diferentes, por exemplo, "papaia", ou "filho dos mesmos pais".
- Veja esta história de má segmentação: a criação da palavra busilis por Felipe Segundo da Espanha. Conta-se que, ao deparar-se com a expressão "in die busillis" (naqueles dias), no meio de uma tradução latina, o futuro rei separou "in die busillis". A partir dessa separação, ele conseguiu traduzir "in die" (no dia) mas ficou com o problema de traduzir "busillis" (que não significa nada). Até hoje, quando se quer apontar uma dificuldade, pode-se dizer, em espanhol: "aquí está el busílis", "aqui está o nó da questão".

Exercícios

1. Comece um levantamento de **jogos de palavras** baseados em segmentações alternativas. Eis alguns exemplos:

a) Há uma conhecida letra de forró que fala do gato Tico. Ou será que fala de outra coisa?
Tico mia na cama,
Tico mia no quarto

b) Há uma história sobre herança que é contada assim:
Eles morreram, e eu fiquei como herdeiro.
Por que será que esta não foi uma boa herança?

c) A dirige a B o cumprimento que segue. B se irrita. Por quê?
Meus respeitos ao senhô e a quem lhe fô da família.

2. Qual é o nome do filme?

a) O chefe da obra esbarra com o traseiro num dos serventes que estão caminhando no andaime, 60 metros acima do nível do chão. O servente cai e morre. Qual o nome do filme? (A acusada de morte/A cuzada de morte).

b) Uma chapa solta-se de um caminhão em alta velocidade e atinge um homem de cor, cortando-lhe as nádegas. Era uma vez o traseiro de um crioulo. Qual o nome do filme? (O escudo preto/O ex-cu do preto).

3. O que há de singular com estes concursos de miss?

Miss Java, Miss Japão
Miss Gana, Miss Garça,
Miss Malta, Miss Capa,
Miss Angra, Miss Obra,
Miss Pinho, Miss Pano,
Miss Barra, Miss Torno

4. Descubra mais algumas adivinhas como as que seguem:

"Quais são as gatas que andam debaixo dos pés?" – As alpargatas.
"Qual o pedaço da sacola que gruda? – A cola

5. Algumas marcas de pinga ainda trazem uma etiqueta em que se dá a idade da pessoa a partir de um jogo de palavras criado a partir de um nome e um sobrenome:

Primeiro dia — Inácio Pinto
Cinco anos — Jacinto Pinto
Cinqüenta anos — Décio Pinto
Sessenta anos — Caio Pinto
etc.
Você conhece mais alguma dessas "idades"?

6. Construa um **diálogo imaginário**, em que uma das personagens ouve mal, e portanto processa apenas parte das palavras que ouve.

7. A ambigüidade de segmentação é um dos recursos de construção da poesia contemporânea. Transcreva as passagens em que a ambigüidade de segmentação foi usada como um recurso, neste poema de José Paulo Paes:

Adivinha dos peixes

Quem tem cama no mar? O camarão.
Quem é sardenta? Adivinha. A sardinha.
Quem não paga o robalo? Quem roubá-lo.
Quem é barão no mar? Só tubarão.

Gosta a lagosta do lago? Ela gosta.
Quantos pés cada pescada tem, hem?
Quem pesca alegria? O pescador.
Quem pôs o polvo em polvorosa? A rosa.

8. Resolva este caça-palavra.

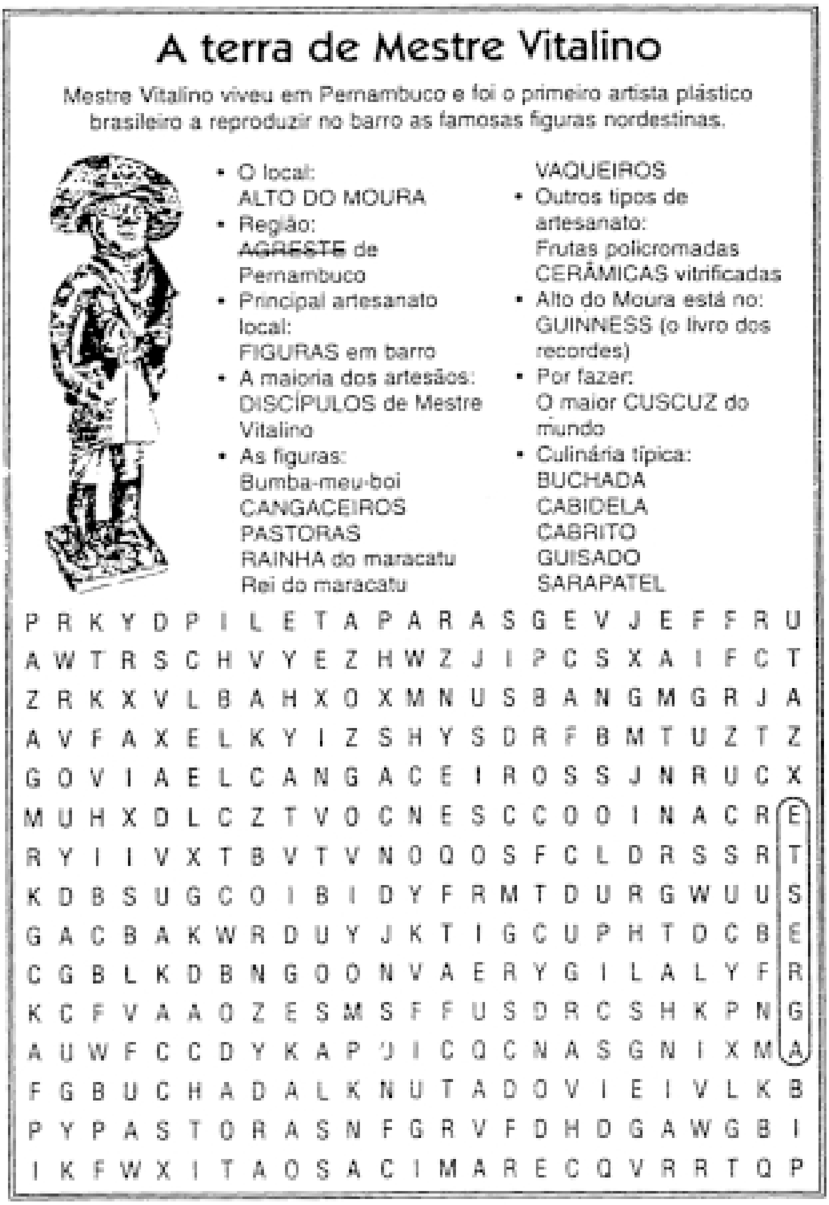

A terra de Mestre Vitalino

Mestre Vitalino viveu em Pernambuco e foi o primeiro artista plástico brasileiro a reproduzir no barro as famosas figuras nordestinas.

- O local:
  ALTO DO MOURA
- Região:
  ~~AGRESTE~~ de Pernambuco
- Principal artesanato local:
  FIGURAS em barro
- A maioria dos artesãos:
  DISCÍPULOS de Mestre Vitalino
- As figuras:
  Bumba-meu-boi
  CANGACEIROS
  PASTORAS
  RAINHA do maracatu
  Rei do maracatu
  VAQUEIROS
- Outros tipos de artesanato:
  Frutas policromadas
  CERÂMICAS vitrificadas
- Alto do Moura está no:
  GUINNESS (o livro dos recordes)
- Por fazer:
  O maior CUSCUZ do mundo
- Culinária típica:
  BUCHADA
  CABIDELA
  CABRITO
  GUISADO
  SARAPATEL

P	R	K	Y	D	P	I	L	E	T	A	P	A	R	A	S	G	E	V	J	E	F	F	R	U
A	W	T	R	S	C	H	V	Y	E	Z	H	W	Z	J	I	P	C	S	X	A	I	F	C	T
Z	R	K	X	V	L	B	A	H	X	O	X	M	N	U	S	B	A	N	G	M	G	R	J	A
A	V	F	A	X	E	L	K	Y	I	Z	S	H	Y	S	D	R	F	B	M	T	U	Z	T	Z
G	O	V	I	A	E	L	C	A	N	G	A	C	E	I	R	O	S	S	J	N	R	U	C	X
M	U	H	X	D	L	C	Z	T	V	O	C	N	E	S	C	C	O	O	I	N	A	C	R	E
R	Y	I	I	V	X	T	B	V	T	V	N	O	Q	O	S	F	C	L	D	R	S	S	R	T
K	D	B	S	U	G	C	O	I	B	I	D	Y	F	R	M	T	D	U	R	G	W	U	U	S
G	A	C	B	A	K	W	R	D	U	Y	J	K	T	I	G	C	U	P	H	T	O	C	B	E
C	G	B	L	K	D	B	N	G	O	O	N	V	A	E	R	Y	G	I	L	A	L	Y	F	R
K	C	F	V	A	A	O	Z	E	S	M	S	F	F	U	S	D	R	C	S	H	K	P	N	G
A	U	W	F	C	C	D	Y	K	A	P	J	I	C	Q	C	N	A	S	G	N	I	X	M	A
F	G	B	U	C	H	A	D	A	L	K	N	U	T	A	D	O	V	I	E	I	V	L	K	B
P	Y	P	A	S	T	O	R	A	S	N	F	G	R	V	F	D	H	D	G	A	W	G	B	I
I	K	F	W	X	I	T	A	O	S	A	C	I	M	A	R	E	C	Q	V	R	R	T	Q	P

Caça-palavras, nº 50. Ediouro.

9. Nem todas as definições desta lista são igualmente bem-sucedidas. Por quê?

Abreviatura – ato de abrir um carro da polícia
Açucareiro – revendedor de açúcar que vende acima da tabela
Alopatia – dar um telefonema para a tia
Amador – o mesmo que masoquista
Armarinho – vento proveniente do mar
Aspirado – carta de baralho completamente maluca
Assaltante – um "A" que salta
Barbicha – boteco para gays
Barganhar – receber um botequim como herança
Barracão – proíbe a entrada de caninos
Bimestre – mestre em duas artes marciais
Biscoito – fazer sexo duas vezes
Ministério – aparelho de som de dimensões muito reduzidas
Novamente – diz-se de indivíduos que renovam sua maneira de pensar
Obscuro – OB na cor preta
Pornográfico – o mesmo que colocar no desenho
Presidiário – aquele que é preso diariamente
Pressupor – colocar preço em alguma coisa
Ratificar – transformar em rato
Razão – lago muito extenso, porém pouco profundo
Sexólogo – sexo apressado
Simpatia – concordância com a irmã da mãe
Sossega – mulher que tem os outros sentidos, mas é desprovida de visão
Talento – anda devagar
Tipica – o que o mosquito nos faz
Trigal – cantora baiana elevada ao cubo
Tripulante – especialista em salto triplo
Unção – erro de concordância verbal. O certo seria "um é"
Vatapá – ordem dada por prefeito de cidade esburacada
Viaduto – local por onde circulam homossexuais
Vidente – dentista falando sobre seu trabalho
Violentamente – viu com lentidão
Volátil – sobrinho avisando ao tio aonde vai
Caçador – indivíduo que procura sentir dor
Cálice – ordem para ficar calado
Canguru – líder espiritual dos cachorros
Catálogo – ato de apanhar as coisas rapidamente
Cerveja – é o sonho de toda revista
Cleptomaníaco – mania por Eric Clapton
Compulsão – qualquer animal com pulso grande

Contribuir – ir para algum lugar com vários índios
Coordenada – que não tem cor nenhuma
Democracia – sistema de governo do inferno
Depressão – espécie de panela angustiante
Destilado – aquilo que está do lado de cá
Desviado – uma dezena de homossexuais
Detergente – ato de prender indivíduos suspeitos
Determina – prender uma moça
Determine – prender a namorada de Mickey Mouse
Diabetes – as dançarinas do diabo
Edifício – antônimo de “é fácil”
Eficiência – estudo das propriedades da letra “F”
Entreguei – estar cercado de homossexuais
Esfera – animal feroz que foi amansado
Estouro – bovino que sofreu operação de mudança de sexo
Evento – constatação de que realmente é vento, e não furacão.
Exótico – algo que deixou de ser ótico, passou a ser olfativo ou auditivo
Expedidor – mendigo que mudou de classe social
Fluxograma – direção em que cresce o capim
Fornecedor – empresário dedicado ao ramo de atender os masoquistas
Genitália – órgão reprodutor dos italianos
Halogênio – forma de cumprimentar as pessoas muito inteligentes
Homossexual – sabão utilizado para lavar as partes íntimas
Leilão – leila com mais de dois metros de altura.
Zoológico – reunião de animais racionais

(“Acabaram com o Prof. Pasquale” – mensagem recebida pela Internet)

10. Reflita sobre esta história: o que é que ela ensina sobre a importância da pontuação?

> Quando quiseram escolher o nome do filho, a mãe queria que se chamasse “Paulo”; o pai preferia “Barnabé”. Discutiram muito. No fim, o pai resolveu ceder. Só pediu que a esposa refletisse algumas horas e lhe mandasse um recado por escrito. Assim ele, ao sair da fábrica, passaria no cartório para registrar o filho.
>
> O bilhete chegou, alegrando muito o pai, pois trazia o seguinte:
>
> “Barnabé”, de maneira alguma será chamado “Paulo”.
>
> Qual não foi a decepção da esposa quando percebeu que havia errado a colocação da vírgula... Pensava ter escrito: “Barnabé” de maneira alguma, será chamado “Paulo”.

(Madre Olívia, *Prática de Português 3*. Pontuação: uso da vírgula. São Paulo, Ozón, s.d.)

Aspecto

Objetivo

Explorar, intuitivamente, os valores aspectuais dos chamados “tempos do verbo” e dos adjuntos.

Caracterização geral

As formas do verbo, em português, exprimem simultaneamente tempo, modo e **aspecto.** Aspecto é uma questão de fases. Dizemos que o verbo do português exprime aspecto porque ele nos dá a possibilidade de representar o mesmo fato, ora como um todo indivisível, ora como composto por diferentes “fases”, uma das quais é posta em foco. A necessidade de falar de “fases” aparece claramente quando analisamos segmentos narrativos como este:

Quando esteve preso no Rio de Janeiro, Graciliano Ramos estava escrevendo Angústia.

Temos, aí, o que os lingüistas chamam de “esquema de incidência”, por meio do qual são colocados em relação dois fatos: a prisão de Graciliano Ramos, representada como um todo indivisível e localizado, e a redação do romance, representada como uma ação que inicia antes do encarceramento do escritor, e se conclui depois de sua soltura. Uma boa representação para o esquema de incidência poderia ser esta:

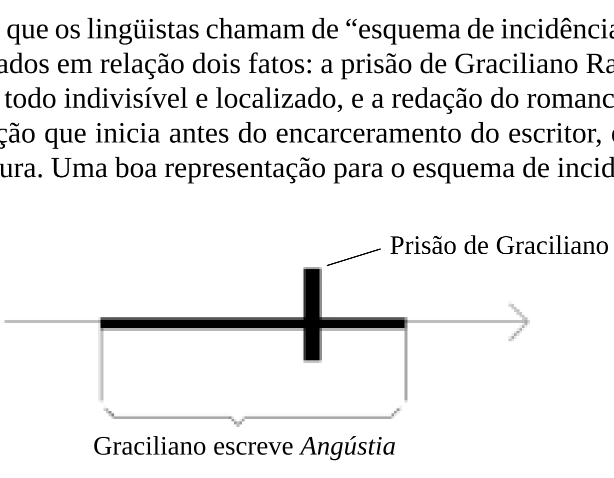

(Note que o modo de representar as duas ações resultaria invertido se a frase fosse “Quando Graciliano estava preso no Rio de Janeiro, escreveu *Angústia*).

Material Lingüístico

Segundo as principais autoridades no assunto, a série de escolhas aspectuais compreende em português um aspecto perfectivo (que não reconhece fases, e se subdivide em pontual e resultativo) e um aspecto imperfectivo (que reconhece fases, e se subdivide em inceptivo, cursivo e terminativo).

perfectivo	pontual	À noite, João arrumou a mala.
	resultativo	Às oito, a mala estava arrumada.
imperfectivo	inceptivo	A criança adormeceu às sete.
	cursivo	João estava arrumando a mala.
	terminativo	João terminava de arrumar a mala.

Todos esses “aspectos” podem eventualmente combinar-se com a idéia de repetição (ex. A criança dormia às sete, João vivia arrumando a mala).

Além disso, os especialistas alertam que a interpretação aspectual de qualquer frase sofre o efeito de outros fatores: a flexão, a presença de certos auxiliares, a quantificação do sujeito e dos complementos e a natureza da ação descrita (algumas ações têm um completamento natural, por exemplo, “correr os cem metros”; outras não, como “correr”).

Atividade

- Quando dizemos que alguém trocou um pneu furado, queremos normalmente dizer que esse alguém realizou uma série de operações, tais como retirar as calotas das rodas, tirar o estepe do porta-malas, erguer o carro com o macaco etc. Imagine que você tem um robô, e quer programá-lo para que ele troque os pneus de seu carro, obedecendo a um comando seu. A primeira coisa a fazer, nessa programação, é enumerar as diferentes operações em que consiste uma troca de pneus, ou seja, fazer uma lista completa das operações que o robô deverá realizar, sucessivamente. Faça essa lista e explique-a em seguida, utilizando a noção de “fase”.

Exercícios

1. Um dos problemas de analisar os “tempos do verbo” de um ponto de vista semântico é que eles exprimem tempo, modo e aspecto **simultaneamente**. Confi-

ra essa simultaneidade, respondendo às três perguntas da coluna da direita a propósito dos verbos assinalados (note que as três perguntas se referem às alternativas mais fundamentais do tempo, modo e aspecto, respectivamente).

	Presente ou passado?	Real ou hipotético?	Perfectivo ou imperfectivo?
Chorei,			
não procurei esconder,			
todos viram;			
fingiram,			
pena de mim não precisava.			
Ali onde eu chorei qualquer um chorava.			
Dar a volta por cima, que eu dei, quero ver quem dava			

(“Volta por cima” Paulo Vanzolini)

2. Você viu no início deste capítulo **(Caracterização geral)** o que vem a ser o “esquema de incidência, e viu que ele combina um verbo no perfeito do indicativo, um verbo no imperfeito do indicativo e uma conjunção temporal que indica simultaneidade. Leia este texto e decida quantas vezes o “esquema de incidência” foi aplicado.

> CIA pode ter aprovado morte do “Desaparecido”
> Diana JEAN Schemo
> The New York Times.
>
> Há 26 anos, enquanto as forças do general Augusto Pinochet derrubavam o governo socialista de Salvador Allende, dois americanos partidários do presidente chileno deposto foram mortos no Chile sob circunstâncias que levantaram suspeitas de envolvimento da CIA.
>
> As autoridades americanas negaram categoricamente qualquer participação na morte dos jovens, dramatizada em 1982 no filme *Desaparecido – um grande mistério*. Forçado pela Lei de Liberdade de Informação, o governo liberou em 1980 os resultados de investigações secretas internas, fortemente censuradas com tinta preta, que pareciam isentar as autoridades americanas e chilenas da responsabilidade.
>
> Mas agora, aquelas grossas linhas pretas foram apagadas. Incentivado pela prisão do general Pinochet em 1998, o presidente Bill Clinton

> ordenou a liberação de "todos os documentos que evidenciam violações dos direitos humanos, terrorismo e outros atos de violência política durante e antes da era Pinochet no Chile". Alguns desses papéis deixam bem claro, pela primeira vez, que o Departamento de Estado havia concluído desde o princípio que o Governo Pinochet tinha matado Charles Horman, de 31 anos, e Frank Teruggi, de 24. Além disso, os investigadores especularam que os chilenos não teriam feito isso sem o tácito consentimento dos serviços secretos dos EUA.
> "O serviço de inteligência dos EUA pode ter desempenhado um papel infeliz na morte de Horman", diz um dos documentos recentemente liberados a público.
>
> (*O Estado de S. Paulo*, 14.2.2000)

3. Todas as frases a seguir aludem a uma ação que tem necessariamente uma duração interna, mas algumas focalizam apenas o início dessa ação (uso "ingressivo" do pretérito perfeito). Explique, a propósito de cada frase, qual é a ação que tem necessariamente uma duração. Nas frases que focalizam apenas o início da ação, aponte a expressão que leva a considerar apenas esse início.

Exemplo:
João dormiu às quatro da manhã [dormiu = adormeceu]
ação que dura: dormir
expressão que nos leva a considerar apenas o começo da ação: *às quatro da manhã.*

a) Villa-Lobos viajou para a França no dia 13.8.1949, num navoi do Lloid Brasileiro.
b) O meia-armador Didi jogou no Real Madrid por dois anos, depois da Copa do Mundo de 1958.
c) O candidato soube que tinha ganho quando começaram a ser abertas as urnas da periferia.
d) Tom Jobim morou nos Estados Unidos por vários anos.

4. Ao lado das frases abaixo, foram escritos dois "adjuntos de tempo". Um deles não serve para a frase. Aponte-o e tente explicar o que o torna inadequado.

a) A polícia descobriu o esconderijo de Prestes (em seis meses/por seis meses).
b) A polícia conhece o paradeiro dos principais chefes do narcotráfico (por seis meses/ há seis meses).
c) O meteorito chocou-se com a superfície da Terra (às 4h 45min de uma quarta-feira/por cinco horas).
d) A polícia técnica desarmou a bomba (30 segundos antes da explosão/a cada 30 segundos).

5. Nesta quadrinha, citada pelo lingüista português Manuel de Paiva Boléo, ocorre duas vezes o passado composto. Segundo a análise daquele mesmo lingüista, uma indica repetição; a outra representa um uso em que o passado composto indica duração. Identifique essas duas ocorrências. Reescreva em seguida a quadra no pretérito perfeito, e procure avaliar as conseqüências dessa mudança.

À sombra do lindo céu
Jurei, tenho jurado
Não ter outros amores
Só a ti tenho amado

6. Que diferenças você consegue estabelecer entre estas frases?
a) Você é bobo./Você está sendo bobo.
b) Você fuma?/Você está fumando?
c) O motor do Escort faz barulho./O motor do Escort está fazendo barulho.
d) A mesinha de canto é aqui./A mesinha de canto está aqui.
e) A reunião dos condôminos é no salão de festas./... está sendo no salão de festas.
f) A baleia amamenta./A baleia está amamentando.
g) O Joãozinho é careca./O Joãozinho está careca.
h) Quem paga é meu irmão./Quem está pagando é meu irmão.

7. Imagine-se na seguinte situação: você é um escritor e escreve biografias com base em pesquisas históricas. Está estudando atualmente a personagem *P*, que viveu no início do século XX. Durante a investigação, você teve acesso a um diário pessoal, em que *P* escreveu a seguinte página:

Silveiras, 2 de agosto de 1920

... Tenho tirado o maior proveito deste descanso forçado, na Fazenda da Barra. Levanto cedo, e geralmente acompanho os peões em suas tarefas matinais com o gado. Não serei encontrado na fazenda à tardinha: pelo pôr-do-sol estou caçando lebres, pescando ou simplesmente andando a cavalo. Vou com freqüência à vila, onde troco dois dedos de prosa com os sitiantes que, como eu, recorrem ao comércio local em busca de gêneros e de assunto. Um dia desses, enquanto eu estava passando de charrete pela capela de Nossa Senhora da Bocaina, cruzei com os topógrafos do governo, que está abrindo uma estrada para São José. É a vida que há muito tempo eu pedia a Deus. Mas o melhor de tudo não é a paz e a falta de atropelo: é que estou me envolvendo cada vez mais com com a cunhada de um fazendeiro vizinho, à qual, por discrição, chama-

> rei somente de ***. Também tenho tempo para ler: deixei de lado o material que trouxe do Rio de Janeiro, e estou lendo as Memórias de Além Túmulo, numa versão em dois volumes que encontrei remexendo um baú . Quando não faço nada disso, vou ver o trabalho dos camaradas que estão construindo uma ponte, sobre o Rio Bananal.

Na pesquisa histórica que está fazendo, você vai querer tomar esse texto como um documento. Pergunta-se: a partir dele, pode-se garantir:
a) Que *P* passou alguma vez de charrete pela Capela de N. S. da Bocaina?
b) Que o governo abriu uma nova estrada para São José?
c) Que *P* teve um envolvimento com uma mulher, cunhada de um fazendeiro?
d) Que *P* leu (integralmente) as Memórias de Além Túmulo?
e) Que uma ponte chegou a ser construída sobre o Rio Bananal?
f) Que *X* pescou alguma vez na vida?
g) Que *X* caçou alguma lebre em toda sua vida?
h) Que *X* acordou cedo alguma vez na vida?

8. Tente explicar por que a primeira frase de cada par é estranha, enquanto a segunda é normal:

a) Tancredo Neves tem morrido de infecção hospitalar./Muitos políticos têm morrido de infecção hospitalar.
b) O navio Titanic tem afundado quando fazia sua viagem inaugural entre a Inglaterra e os Estados Unidos/O navio de linha "Federico C" tem transportado turistas que querem festejar o carnaval em pleno mar.
c) Antes de morrer, o primeiro diretor do Masp, Pietro Maria Bardi, tem comparecido a muitas festas./Antes de morrer, o primeiro diretor do Masp, Pietro Maria Bardi compareceu a muitas festas.
d) Uma senhora de idade tem sido atropelada com conseqüências fatais neste cruzamento./Neste cruzamento tem sido atropelada, em média, uma pessoa por dia.
e) A polícia tem estado nesta casa três vezes desde que mudaram os novos moradores./A polícia tem estado nesta casa três vezes por semana, desde que mudaram os novos moradores.

9. Uma seqüência de perfeitos do indicativo serve normalmente para relatar fatos sucessivos. Leia o texto a seguir e verifique se os pretéritos perfeitos nele assinalados representam os respectivos fatos como sucessivos.

Cavalo Morto

> Dia 18/1, apareceu na rua onde moro um cavalo morto. Liguei para o centro de Zoonose, onde mandaram ligar para a Limpurb, que me

recomendou ligar para a AR Campo Limpo. Na regional, onde fui muito bem atendida, o funcionário disse que, em respeito a uma ordem judicial, eu precisaria de um laudo veterinário atestando que o animal não havia morrido de doença infecto-contagiosa! Pensei que fosse piada, mas não era. Eu deveria realmente contratar um médico veterinário para obter tal atestado. Voltei a ligar para o Centro de Zoonose e fui atendida pela veterinária de plantão, que me ouviu com toda a atenção, e, depois de consultar colegas, disse que esse laudo não podia ser exigido. Mandei um e-mail para a Limpurb, que respondeu estar enviando o meu pedido à regional responsável. Depois de cinco dias, não suportando mais o mau cheiro exalado pelo cadáver do animal, tornei a ligar para a AR Campo Limpo, que insistiu no laudo. Já desesperados, outros moradores e eu tentamos pôr fogo no cavalo, mas não conseguimos. Hoje (23/1), o cavalo continua na rua, coberto de moscas e de vermes. Será que isso não importa? As doenças que serão transmitidas aos moradores da região não têm importância? Quando precisamos dos serviços da Prefeitura, recebemos essas respostas absurdas, apesar dos impostos que pagamos, além de cada órgão passar a responsabilidade para outro. E nós, como ficamos? Maria Elisa Albuquerque – Campo Limpo.

(*O Estado de S. Paulo*, 8.2.2000, Seção "São Paulo Reclama")

10. (Questão do vestibular Unicamp 1998)

A frase (1) admite duas interpretações, em que se assemelha, pelo tratamento dado ao tempo, ou à frase (2) ou à frase (3).

(1) Há dez anos a formiga *Solenopsis invicta*, conhecida como lava-pé, não era encontrada no norte do Estado da Geórgia, EUA.
(2) Há dez anos não se via em São Paulo uma inundação dessas proporções.
(3) Há dez anos não havia lanchonetes da cadeia Mac Donalds em São Paulo.

Reescreva a frase (1) de duas maneiras distintas, de modo a tornar obrigatória a primeira e a segunda interpretação respectivamente.
Diga qual das duas interpretações vale no texto abaixo, esclarecendo o papel que exerce no texto como um todo.

"Há dez anos, a formiga Solenopsis invicta, *conhecida como lava-pé não era encontrada no norte do Estado da Geórgia, EUA. Na realidade, há 70 anos a espécie nem vivia na América do Norte.*

A formiga (...) originária da Argentina, Paraguai e do sul do Brasil, é uma invasora que está se espalhando num ambiente livre de inimigos naturais.

> Segundo evidências históricas, o grupo fundador de lava-pés chegou aos EUA num navio sul-americano que aportou em Mobile, Alabama, nos anos 30. (...) Indícios sugerem que entre 5 e 15 rainhas desembarcaram nessa ocasião.
>
> Embora fossem poucas, as formigas estavam bem equipadas para se movimentar no novo território.
>
> (...) a espécie hoje habita mais de 100 milhões de hectares, das Carolinas ao Texas. Segundo previsões, irá infestar mais de 25% do território dos EUA."
>
> ("Uma formiga exótica. Espécie brasileira que invadiu os EUA
> na década de 30 ameaça a biodiversidade do país", *Folha de S. Paulo*, 26.11.1995)

Considerando que a expressão há dez anos nos faz sempre voltar no tempo, mas nem sempre indica um momento, o que mais ela pode indicar?

Atos de fala

Objetivo

Sensibilizar para o fato de que ao fazermos uso de um determinado enunciado estamos sempre realizando algum tipo de ação: informar, perguntar, mostrar perplexidade, prometer, autorizar etc.

Caracterização geral

Em toda enunciação real é sempre possível distinguir:

✓ um conteúdo proposicional;

✓ uma ação feita sobre esse conteúdo;

Assim, um cartaz com os dizeres "Propriedade particular" numa cerca de arame farpado à beira de uma estrada, combina com:

✓ um conteúdo "o terreno isolado por esta cerca é propriedade particular";

✓ uma ação de advertência.

Material lingüístico

É possível realizar várias ações diferentes a partir do mesmo conteúdo utilizando os modos do verbo e outros recursos lingüísticos; assim, o conteúdo "CACHORRO + ESTAR PRESO" pode ser objeto de

✓ uma informação: "o cachorro está preso";

✓ uma pergunta: "o cachorro está preso?";

✓ uma reação de surpresa: "Minha nossa! o cachorro está preso há três dias!";

✓ uma reação de dúvida ou perplexidade: "O cachorro está preso?! De onde você tirou essa idéia?";

✓ um desejo: "Tomara que o cachorro esteja preso [ou, a esta altura já terá atacado o carteiro]";

✓ uma ordem: "Prenda o cachorro [para que as visitas possam entrar]";

etc.

É possível realizar “a mesma ação” a propósito de diferentes conteúdos: assim, neste recado deixado por um diretor a sua secretária, antes de viajar, temos cinco ordens de conteúdos diferentes:

> “Dona Maria Cândida, durante minha ausência mande trocar as cortinas e providencie o conserto das tomadas; não deixe de abrir a correspondência e comunique aos clientes que estarei de volta no dia 27; fica por sua conta regar as plantas”.

Atividades

- O ator russo Stanislawski, autor de um dos mais célebres métodos de formação de atores, mandava que seus alunos pronunciassem de várias maneiras uma mesma expressão (por exemplo, “esta noite”), sugerindo diferentes tipos de expectativas. Pede-se que você escolha uma frase simples (como “são três horas”) e pense em maneiras diferentes de dizê-la, que deverão corresponder a ações diferentes visando o interlocutor (por exemplo: informar a hora a um desconhecido, dar a entender que o interlocutor está se atrasando para o serviço, dar a entender que é tempo de ambos saírem para tomar um café). Se necessário, insira essa fala numa pequena cena inventada. Organize-se com seus colegas para que algumas dessas cenas sejam representadas.

- As expressões “é liso que nem quiabo”, “fica em cima do muro”, “é do tipo que não se compromete”, “não é a favor nem contra, nem muito pelo contrário” caracterizam a atitude de certas pessoas que evitam as tomadas de posição claras. Lembre-se de algum episódio em que algum conhecido agiu dessa forma. Transforme esse episódio em um breve diálogo, que você representará em seguida com seus colegas.

Exercícios

1. Junte um fragmento da primeira coluna e um fragmento da segunda, de modo que o todo faça sentido.

Julinho, vá à padaria e...
Digam o que vocês querem e...
O peixe não coube na geladeira de isopor...
Dei dinheiro...
Quando me perco no trânsito...
Não perca a calma...
Todos temem que a roupa não caiba...
Talvez eu possa fazer algo por você

...saiam imediatamente daqui.
...mas os objetos não dei.
...abro o mapa para orientar-me.
...venha tomar um copo de água.
...trouxe-o no porta-malas.
...se você me disser qual é o problema.
...na mala e que ninguém saiba fechá-la.
...traga oito pãezinhos.

2. Grife, as orações que fazem afirmações positivas a respeito de fatos. (Atenção: uma afirmação positiva pode ser verdadeira ou falsa; uma afirmação positiva pode adotar uma forma afirmativa ou negativa).

Brasília é a capital do Haiti.
Se a capital da Nicarágua for Quito, quero ser um mico de circo.
Brasília não é a capital do Brasil, nem nunca foi.
Talvez a capital do Haiti seja Tegucigalpa.
Se eu ganhasse a mega-sena!
Na Lua há um *self-service* onde a comida custa três reais o quilo.
Na Lua há água.
Nos satélites de Júpiter é possível que haja água.

3. Reflita sobre as orações grifadas.

a) Se a população brasileira encarasse o álcool como uma droga , uma parte do problema da alta criminalidade estaria automaticamente resolvida .
b) Os moradores do Recife têm permitido a construção de edifícios e estacionamentos em áreas de mangue. Se isso continuar, os recifenses terão uma péssima qualidade de vida, no futuro.
c) Uma pesquisa desenvolvida na Universidade Federal da Amazônia visou verificar se a caramboleira tem ação na redução da glicose. Em experimentos realizados com ratos, o extrato da planta reduziu até 50% o teor da glicose no sangue.
d) Algumas aplicações da chamada “visão computacional” já fazem parte do dia-a-dia , como é o caso da tomografia computadorizada. Não é difícil imaginar outras: uma delas é o acesso a dados de conta corrente por parte de um usuário localizado diante de um computador conectado à rede de um banco.

Decida se elas exprimem 1-uma constatação, 2-uma hipótese, 3-uma previsão não-condicionada ou 4-uma previsão condicionada.

4. A escola nos acostumou a pensar o imperativo como uma forma verbal que exprime ordem, mas é bastante comum que os imperativos realizem atos de fala de outro tipo. Analise os exemplos a seguir: 1) em que casos o imperativo exprime ordem? 2) qual é o sentido do imperativo, nos demais casos?

a) “Dai-me um ponto de apoio, e eu levantarei o mundo.” (Arquimedes, físico grego, 3° século a.C., a propósito dos recursos que a física coloca à disposição da humanidade.)

b) “Santificado seja o vosso nome. Venha a nós o vosso reino. Seja feita a vossa vontade, assim na terra como no céu. O pão nosso de cada dia nos daí hoje.” (Oração do Pai Nosso, tal como consta no Evangelho de São Mateus.)
c) “Matem todos, Deus reconhecerá os dele.” (Jean de Monfort, comandante da cruzada católica que destruiu a cidade de Albi e aniquilou a chamada heresia albigense, em resposta a um oficial que ponderou que na cidade havia também católicos ortodoxos.)
d) “Cesse tudo que a musa antiga canta.” (Luiz de Camões, o poeta, no primeiro canto de Os Lusíadas.)
e) “Como é para o bem do povo, e a felicidade geral da nação, diga ao povo que fico” (Príncipe D. Pedro, no episódio que ficou conhecido como “Episódio do Fico”).
f) “Quem for brasileiro que me siga.” (Duque de Caxias, chamando a tropa para o combate, na Batalha de Humaitá.)
g) “Multiplicai a família e tereis a pátria.” (Rui Barbosa, na Oração aos Moços.)
h) “Não nos dispersemos!” (Senador Teotônio Villela, diante dos primeiros sintomas de divergência entre os grupos que tinham conseguido a realização de eleições diretas, depois de duas décadas de ditadura militar.)

5. Qualquer fala pode assumir sentidos muito específicos, conforme as circunstâncias. Explique de que modo isso se aplica ao texto abaixo, extraído da seção “Contraponto”, que o jornal *Folha de S. Paulo* dedica diariamente à crônica política:

Questão de tempo

Já quase no final do jantar de reconciliação que o PFL ofereceu anteontem a FHC, formou-se uma roda em torno do presidente. Ao comentar as rusgas do partido com o Planalto, Bernardo Cabral recorreu a uma piada.

Um casal tinha apenas um jegue para conduzi-lo até a cidade onde passaria sua lua-de-mel. Logo no início da viagem, o jegue mancou de uma pata. O marido advertiu o animal:

— Jegue, esta é a sua primeira mancada. Não faça isso de novo!

A viagem continuou e o jegue voltou a mancar. Levou uma surra. Na terceira vez, o marido pegou o revólver e o matou. A mulher protestou:

— Você é um bruto. Não deveria ter feito isso com o jegue.

O marido devolveu:

— Primeira mancada!

Em seguida, Cabral emendou:

— Resta saber de quem será a primeira mancada. Do PFL ou do governo?

6. Há ações que se realizam pelo simples fato de pronunciar certas palavras de uma certa maneira, em determinadas circunstâncias. Assim, por exemplo, a frase "Eu vos declaro marido e mulher", pronunciada por um juiz de paz, muda o estado civil dos noivos de solteiros para casados. Faça um levantamento das fórmulas que são habitualmente utilizadas:

✓ para fechar um negócio;
✓ para concluir uma ligação telefônica;
✓ para mostrar ao interlocutor que estamos de acordo com aquilo que ele disse;
✓ para convidar alguém para sair para jantar;
✓ para pedir alguém "em namoro";
✓ para nomear um funcionário para um determinado cargo;
✓ para espantar um animal: cachorro, gato, galinha...;
✓ para pedir um sanduíche e um refrigerante, na lanchonete;
✓ para pedir esmola.

7. Escolha uma destas frases:

"Eu te absolvo de teus pecados, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo."
"Condeno o réu a cinco anos de reclusão, nos termos da lei..."
"Defiro o pedido de inscrição na 3ª série do curso colegial do Sr. José da Silva."
"Edmundo, hoje você joga com a camisa 7, certo?"

A propósito da frase que você terá escolhido, explique em detalhes o que pretende quem pronuncia, e o que é necessário para que essa frase possa ser levada a sério, produzindo o efeito desejado.

8. Encarregado de escrever um breve texto, num cartão que deverá acompanhar um presente de casamento, você escreveu:

"Tomara que os noivos encontrem a felicidade."

Mas aí você relê o texto e se dá conta de que o texto não é muito bom. Para melhorar o cartão, você considera a possibilidade de usar outras fórmulas "optativas" em vez de: *tomara..., oxalá..., Deus queira que ..., que bom seria se ..., meus votos são de que..., os amigos .... fazem votos de que os noivos ..., desejamos aos noivos que ...* entre outras.

Comente por que você rejeitaria algumas e usaria outras.

9. Veja este texto:

> **Procuração**
>
> Pela presente procuração por mim feita e assinada, eu, abaixo-assinado, José de Tal, português com quarenta anos de idade, proprietário, morador na rua do Tal número tal, constituo meu procurador o senhor O. de B., a fim de receber os aluguéis das casas de minha propriedade, dar recibos, despejar inquilinos, proceder a consertos e por tudo responder como se fora eu próprio, podendo também subestabelecer, se convier.
> José de Tal

a) Procure explicar qual a função de uma procuração.
b) Explique, com suas próprias palavras, em que sentido uma procuração cria ou altera uma situação jurídica.
c) Copie a procuração acima, utilizando seu próprio nome e o nome de algum conhecido, em lugar de José de Tal e O. de B.
d) Procure, no texto da procuração, as palavras que indicam a ação que você realiza por meio dela.

10. Os trechos a seguir tratam dos *hackers* brasileiros e foram extraídos praticamente sem modificações de um longo artigo intitulado *“Internet:* A nova face da rebeldia*” (Época* 3.4.2000). Nesse artigo foi utilizado várias vezes um recurso que consiste em reproduzir textualmente as falas das personagens envolvidas, classificando-as logo em seguida através de um verbo (ver as passagens grifadas).

> Qual o pai ou mãe que não se sentem tranqüilos ao contemplar o filho num aposento qualquer da casa, “brincando” no teclado e na tela do computador, longe dos perigos das ruas? Pois esse tipo de cena pode ser o prólogo de complicações internacionais. Um balanço recente do site americano Attrition.org, especializado na divulgação de invasões pela Internet, demonstra que o Brasil lidera o setor, superando até os Estados Unidos. Sites como o da Nasa, da Otan e de subsidiárias da Microsoft, não oferecem resistência à primeira geração de *hackers* brasileiros.
>
> [Estes] são, numa descrição genérica, filhos das classes média e alta, cursam boas escolas e exibem traços de arrogância, típicos das camadas superiores da pirâmide econômica.

> São audaciosos. Em fevereiro, tiraram do ar o site da rede de televisão CNN, freqüentado diariamente por milhões de pessoas em todo o planeta. Fizeram o mesmo com o Yahoo, segundo portal mais visado da Web. “Eles se movem pelo desafio e pela busca de notoriedade”, sustenta o delegado Lima e Silva. “Para mim, é a versão contemporânea dos meninos que se sentiam felizes ao matar um passarinho com estilingue”. Os “meninos” de hoje apelam para outras analogias. “Quando arrombo um site, sinto a liberdade de quem salta de *bumgee-jump*”, compara H.R.B., do grupo Crime Boys.
>
> No quesito de notoriedade, o delegado acertou. “Ao selecionar as vítimas, damos preferência a empresas famosas”, reconhece Leitão, companheiro de H.R.B. [...] “Na mesma invasão eles mandam recados para namoradinhas e detonam o governo”, espanta-se Lima e Silva. [...]
>
> Há rivalidade entre os grupos. “Nós fazemos algo construtivo”, garante JZ, convencido de que tem um discurso político a defender. “O problema é que não consigo viver sem computador”, argumenta Sys Vinit. O rapaz, que jamais experimentou drogas, diz-se viciado em ataques. [...e] prefere as noites da sexta-feira. Por uma razão triunfalista. “Na segunda só vão falar nisso”, exulta. Nutre um sonho explosivo: imprimir sua marca no site da CIA. Não é à toa que investigações sigilosas do FBI e da Interpol aterrissam no país. Acostumados a agir fora do alcance das leis, *hackers* brasileiros se empertigam quando notam que há “tiras de fora” em seu encalço. Prometem ousadias maiores. E picham: “We are the world!”. O mundo é deles. Para quem não divisa fronteiras, não se orienta por fusos horários nem se constrange ao pilhar a privacidade alheia, o planeta até que ficou pequeno.

Considere cada um dos verbos que foram utilizados para caracterizar uma fala. Que informações ele traz sobre a fala a que se refere?

Comentários sobre um conteúdo (*Dictum* X *modus*)

Objetivo

Reconhecer e aplicar alguns dos recursos que a língua coloca à disposição dos falantes, para tomar posição em relação a algum conteúdo proposicional.

Caracterização geral

A linguagem corrente coloca à disposição do falante uma série de recursos destinados a precisar os limites dentro dos quais se compromete com uma determinada afirmação. O uso desses recursos representa sempre uma intervenção do falante a propósito do conteúdo de sua mensagem. Os lingüistas reúnem às vezes esses recursos de intervenção sob a denominação genérica de *modus*, e falam de "modalizações de uma afirmação".

Material lingüístico

As maneiras de modalizar uma afirmação são numerosas:

✓ uso de advérbios que indicam graus diferentes de certeza: *indubitavelmente*, *possivelmente*, *talvez*...;

✓ uso de verbos regentes como *parece*, *consta*, que transferem a responsabilidade pela afirmação à sabedoria geral, descarregando a responsabilidade do falante;

✓ uso de verbos regentes como *acho que...*, *acredito que...*, t*enho certeza de que...*, *estou convencido de que...* expressando uma opinião ou um conhecimento seguro, uma certeza;

✓ uso de advérbios e outras expressões que circunscrevem a validade da afirmação a um determinado domínio: *tecnicamente*, *do ponto da astronomia moderna*, *popularmente*...

✓ uso de fórmulas que advertem para a inexatidão da maneira como o conteúdo será formulado: *de certo modo, por assim dizer*, *grosso modo*.

✓ uso dos tempos e modos verbais que graduam o compromisso assumido pelo falante: quando um jornalista diz que determinada personalidade estaria envolvida com o crime organizado, ele fala como quem *ouviu falar* do envolvimento dessa personalidade, mas não tem provas seguras desse envolvimento etc.

✓ uso de advérbios que qualificam a fala (não o conteúdo da fala): *francamente, para falar a verdade, se você quer mesmo saber...*

✓ outros (aspas, ...)

Atividade

Um meio de dar credibilidade a uma afirmação consiste em apoiá-la num "argumento de autoridade", isto é, em apresentá-la como uma conclusão alcançada por indivíduos ou grupos de pessoas de reconhecida competência no assunto (cientistas, técnicos, usuários experimentados e exigentes etc.). Localize cinco propagandas que recorram a argumentos de autoridade. A partir dessas propagandas, procure determinar quem são as "autoridades" em que nossa sociedade confia.

Exercícios

1. Explique o que aconteceria com o sentido dessas sentenças, se retirássemos delas as palavras grifadas:

a) Dizem que solucionar o problemas das enchentes é fácil: é fácil em termos.
b) Profissionalmente, minha mudança para a capital foi muito vantajosa; do ponto de vista da saúde, foi um fracasso.
c) Perante a opinião pública, a capoeira é fundamentalmente uma luta.
d) As fazendas da Província de São Paulo eram essencialmente plantações de café.
e) Eu até gosto da Luana Piovani.
f) Ele fez uma coisa que foi, de certa forma, uma maldade.
g) No entendimento do povo, roubo e furto são a mesma coisa; para os advogados trata-se de dois crimes de gravidade diferente
h) O carioca é tipicamente um festeiro.
i) Moralmente falando, ele está coberto de razão, mas pensando em termos políticos, jamais poderia ter feito o que fez.

2. Diga qual das duas afirmações é verdadeira:

a) Cientificamente, a baleia é um mamífero; popularmente, é um peixe;
b) Popularmente a baleia é um mamífero; cientificamente é um peixe;

c) Juridicamente, uma gravação não autorizada não vale como prova; moralmente sim;
d) Moralmente, uma gravação não autorizada não vale como prova; juridicamente, vale;

e) Teologicamente, os diabos são anjos; na devoção popular, não;
f) Na devoção popular, os diabos são anjos; teologicamente, não são;

g) Lingüisticamente, a Romênia pertence ao mundo romano; etnicamente, não;
h) Etnicamente, a Romênia pertence ao mundo romano; lingüisticamente, a Romênia não pertence ao mundo romano;

i) Legalmente, a tortura foi banida pela última constituição; na prática, a tortura não desapareceu com a última constituição;
j) Na prática, a tortura desapareceu com a última constituição; legalmente, a tortura não foi banida pela última constituição.

l) Oficialmente, a capital da Holanda é Haia; culturalmente é Amsterdam.
m)Culturalmente, a capital da Holanda e Haia; oficialmente, é Amsterdam.

3. Suponha que alguém foi arrolado como testemunha do atropelamento de uma criança e está informando a polícia a respeito do ocorrido. Qual ou quais dessas afirmativas comprometem mais a personagem identificada como “este moço”? (Ou, se você prefere, quais constituem verdadeiramente uma acusação?)

a) Este moço estava dirigindo o carro que atropelou a criança.
b) Acho que este moço estava dirigindo o carro que atropelou a criança.
c) Pode ser que este moço estivesse dirigindo o carro que atropelou a criança.
d) E se esse moço, por acaso, estava dirigindo o carro que atropelou a criança?
e) Vamos que este moço estivesse dirigindo o carro que atropelou a criança...
f) Positivamente, este moço estava dirigindo o carro que atropelou a criança.
g) Ouvi dizer que este moço estava dirigindo o carro que atropelou a criança.
h) Parece que este moço estava dirigindo o carro que atropelou a criança.
i) Não tem erro: quem estava na direção do carro era este moço.

4. Há um velho ditado segundo o qual o diplomata que diz **talvez** quer dizer **não**, e a mulher diz **talvez** quando quer dizer **sim**. Tente construir dois diálogos em que seja possível exemplificar os dois usos diferentes de **talvez**.

5. As formas que as pessoas do povo usam para indicar que uma afirmação merece sua adesão são numerosas e às vezes bastante engraçadas:

a) É batata.
b) É isso (d)aí.
c) Falou e disse!
d) Matou (a charada)!
e) Pode escrever.
f) Estou contigo e não abro.
g) Assino embaixo.
h) Você tirou as palavras da minha boca.
i) Só contaram para você!
j) Não dá outra!

Provavelmente, você já ouviu uma dessas fórmulas, ao final de uma tentativa de descrever uma situação mais ou menos complicada. Conte o episódio que se encerrou com a fórmula em questão.

6. No caderno “Mais!” do jornal *Folha de S. Paulo* de 14 de maio de 2000, o cirurgião plástico Oswaldo Pigossi Jr. respondeu como segue à pergunta: “Quem dita hoje o padrão de beleza?”

> Infelizmente, hoje o padrão de beleza é estabelecido pelas artistas da televisão, mas sem nenhum bom-senso. Assim, apesar de o resultado estético da “Feiticeira”, pelos padrões médicos, não ser o ideal, é exatamente esse que a maioria das mulheres cita como exemplo e também busca como seu próprio padrão, sem lembrar que cada um tem sua própria característica de distribuição de tecidos e volumes pelo corpo. Desse modo, uma prótese mamária de cerca de 250 ml em uma pessoa com 1,50 m nem sempre pode dar um resultado bonito; mas a fulana da televisão, que foi ao programa do Gugu, tem, e então é essa que ela vai querer. Ainda por cima, temos uma crescente comercialização da atividade médica ligada à área de estética, que facilita muito a ocorrência desses problemas.

A resposta começa o advérbio “infelizmente”, e prossegue com uma série de comentários sobre o padrão de beleza vigente. Mostre que os comentários são coerentes com a avaliação dos fatos expressa pelo advérbio “infelizmente”.

7. A seção “São Paulo Reclama” do jornal *O Estado de S. Paulo* trazia, numa de suas edições de março de 2000, estas duas cartas:

Sabesp responde

A respeito de reclamação do sr. Roberto de Barros Brisolla (carta nº 11.374, *Nossa incrível Sabesp* de 7/2), sobre pedido de desobstrução da rede de esgotos localizada na Rua Dr. Jesuíno Maciel, 1677, esclarecemos que estivemos no local no dia 8/2 e fizemos a limpeza da rede coletora. O encarregado dos serviços conversou com o cliente, que considerou a questão resolvida. Esclarecemos que a má utilização da rede de esgotos é a principal causa de obstruções e danos à tubulação. Por isso, não devem ser jogados no vaso sanitário e na pia da cozinha absorventes higiênicos, fraldas, pontas de cigarro, pó de café, restos de comida, cascas de fruta, óleo ou outros detritos. É importante esclarecer que os ralos do lado de fora da casa não podem ser ligados à rede de esgoto. Se isso acontecer, corre-se o risco de que o esgoto volte, pelos ralos e pias, para dentro das casas. **Pedro Luís Ibrahin Hallack, superintendente da Unidade de Negócios do Sul**.

O leitor comenta

Continuo aguardando a visita de um enge-nheiro hidráulico da Sabesp para solução definitiva. Cinicamente, a Sabesp diz que o “encarregado conversou com o cliente, que considerou a questão resolvida”. Não é verdade, o encarregado disse (o que eu já sabia) que sempre que chover forte terei esse problema, pois a rede não comporta o esgoto da rua e não tem caída (e a culpa é minha?). Aliás, com as recentes chuvas, o esgoto jorrou da minha caixa de inspeção feito chafariz. Que a Sabesp saiba que os ralos de fora da minha casa não estão ligados à rede de esgoto, mas à rede de águas pluviais. A Sabesp ignorou minhas perguntas e, ao que parece, mandou resposta-padrão, alterando apenas nome, endereço e data. **Roberto Barros Brisolla – Campo Belo**.

Cada uma das expressões grifadas introduz um elemento de modalização a respeito de um certo conteúdo. Verifique, para cada caso, que conteúdo foi modalizado, e mostre que as modalizaçõs usadas pelo usuário foram utilizadas para dar a entender que a carta da Sabesp não foi ... **esclarecedora**.

8. Vários estudos têm mostrado que a primeira parte de um enunciado costuma ser dedicada a expressões que não formulam um conteúdo, mas tem um importante papel de orientação sobre o “modo de processar” o que segue. Entre as expressões que podemos encontrar no início de um enunciado estão as seguintes:

Mudando de pato para ganso,...
E por falar em...,

Cá entre nós,...
Francamente,...
Com perdão da palavra,...
Não querendo interromper...
Se me permite(m)...
Mudando de assunto...
Sem querer ofender...

Essas expressões desempenham nos textos uma de três funções:
✓ controlar a continuidade do assunto;
✓ antecipar reações indesejáveis por parte do interlocutor;
✓ dar à comunicação em curso um caráter mais ou menos reservado ou confidencial.

Classifique as expressões acima numa dessas três classes; se possível descubra outras expressões que desempenham as mesmas funções.

9. Não é raro encontrar nos jornais “artigos” que procuram dar conta de um determinado assunto alinhavando depoimentos de “personalidades” mais ou menos conhecidas. Em sua opinião, essa é uma boa forma de construir textos que defendem um ponto de vista? Responda depois de examinar a “artigos” que segue, que é desse tipo.

RECRUTAMENTO

Forma tradicional ainda tem espaço

DA REPORTAGEM LOCAL

O candidato “não informatizado”, que ainda bate perna todo dia em busca de emprego, sai em desvantagem, mas o grau das barreiras depende da vaga e do lugar.

Segundo José Pastore, professor de relações do trabalho da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da USP, nas cidades menores, as formas tradicionais de recrutamento, com tabuletas na porta e anúncios em jornais locais, devem permanecer.

“Outro expediente, também muito eficiente, é o boca-a-boca, utilizado sobretudo para recrutar prestadores de serviços como empregadas domésticas, professores particulares de idiomas, enfermeiros para atendimento particular a idosos, antenistas, eletricistas e encanadores”, diz Pastore.

Para o consultor Jorge Gounares, da Bright Link, a impossibilidade de usar a Internet não pode ser uma desmotivação. “O e-mail agiliza mas ainda não substitui o fax, o correio e a entrega pessoal".

Ir às empresas com o currículo embaixo do braço pode até ser um ponto positivo, segundo o consultor Marcos Possari, da Prime Perfil Profissional.

"A Internet virou uma importante fer-ramenta para a seleção, mas quem vai pessoalmente valoriza-se pela iniciativa, e as empresas sempre necessitam em todos os níveis de pessoal", avalia.

Na opinião do consultor, a realidade das empresas brasileiras no que se refere à Internet não está tão avançada assim, sobretudo entre as que mais contratam no Brasil, como as de pequeno e médio porte. "Se houver pressa em contratar, muitas ainda recorrem ao velho e bom arquivo".

(*Folha de S. Paulo*, 14/5/2000)

10. Discussão: Para qualificar uma fala como mentira, não basta que seu conteúdo seja infiel aos fatos. Se assim fosse, todos os grandes ficcionistas e todos os grandes teatrólogos seriam, antes de tudo, grandes mentirosos. O que é preciso, para mentir, além de contar coisas que não coincidem com os fatos?

Conotações

Objetivo

Mostrar que o uso de determinadas palavras e expressões, além de descrever as realidades de que se fala, cria uma representação do falante, do ouvinte e da interação verbal, que pode ser mais ou menos adequada ao momento.

Caracterização geral

A conotação é o efeito de sentido pelo qual a escolha de uma determinada palavra ou expressão dá informações sobre o falante, sobre a maneira como ele representa o ouvinte, o assunto e os propósitos da fala em que ambos estão engajados etc. A conotação opõe-se à denotação, que é o efeito de sentido pelo qual as palavras falam “neutramente” do mundo. A título de exemplo, imaginemos este diálogo, que poderia ser ouvido numa Br sobre um carro que ficou amassado depois de uma batida e que precisará ser consertado:

A A *lanternagem vai cust*ar no mínimo dois mil reais!
B É verdade, a funilaria vai sair cara!

Nesse diálogo, as palavras *funilaria* e *lanternagem* referem-se “objetivamente” ao mesmo conserto (que consiste em

✓ desamassar a chapa de metal que forma a carroceria com algum instrumento;
✓ corrigir com massa as pequenas irregularidades que restarem;
✓ lixar e pintar.

Mas além disso, o uso dessas duas palavras fornece pistas sobre a procedência dos falantes. **A** e **B** poderiam ser, respectivamente, um carioca e um paulista, mas não vice-versa.

Material lingüístico

Os dois efeitos de sentido da conotação e denotação estão presentes em diferentes medidas em qualquer ato de fala e não é sempre fácil dizer onde termina um e onde começa outro.

As conotações relativas ao falante dizem respeito, mais geralmente:

✓ à faixa etária;
✓ à profissão;
✓ às condições sociais;
✓ à procedência geográfica.

A maneira como representamos o interlocutor ou o assunto leva à escolha:

✓ de diferentes pronome e expressões de tratamento;

✓ de expressões que indicam proximidade (camaradagem, amizade etc.) ou distância (formalidade, frieza etc.);

✓ de diferentes gêneros de fala e escrita (ofício X bilhete);

✓ de diferentes níveis de língua (linguagem literária, linguagem padrão, linguagem familiar, jargão próprio de uma profissão ou atividade, gíria etc.).

Atividade

O sotaque é uma característica da fala que tem forte poder conotativo. Com um pouco de experiência, é possível reconhecer a partir de algumas poucas frases se a pessoa com quem estamos falando e da qual nada sabemos, é carioca, gaúcha, baiana, catarinense, ou do interior de São Paulo. Imagine um pequeno diálogo entre dois brasileiros originários de regiões diferentes. Esse diálogo precisará ser encenado, de modo que apareçam as diferenças de sotaque. Lembre-se de que nenhum sotaque é melhor do que outro, portanto tente evitar fazer desse diálogo um motivo para discriminação.

Exercícios

1. As palavras abaixo foram reunidas em pares. Provavelmente uma das duas formas de cada par tem uso corrente em sua região. Aponte essa palavra, que soa familiar a você e confira em seguida seus resultados com o resto da classe. Se você conhece as duas palavras, mas com sentidos diferentes, explique.

— abichornado/aborrecido
— aguada/lagoa rasa
— arribar/subir
— aratu/caranguejo
— bengala/cacetinho (tipos de pão)
— boi ralado/carne moída
— bolinho barrigudo/bolinho de chuva

— bombeiro/encanador
— borralho/cinza quente,
— bisnaga/cacete (tipo de pão)
— carne de máquina/carne moída
— coxilha/pastagem
— farpinha/palito
— guri, guria/menino, menina
— lapiseira/apontador
— mangue/terreno pantanoso
— micuim/terçol
— monturo/aterro de lixo
— munguzá/canjicada
— pebolim/totó
— pingado/café com leite
— pipa/papagaio
— pôr/botar
— quitanda/mercearia (pequeno comércio de frutas e verduras)
— roleta/catraca
— tareco/broa de amendoim
— tiborna/angu
— venda/negócio

2. Os nomes das variedades de frutas e verduras apresentam, pelo Brasil afora, uma grande variação regional. Às vezes a diferença de nomes não tem razão aparente; outras vezes ela corresponde a uma diferença de variedades das frutas e verduras. Considere estes nomes e responda: quais você conhece? quais correspondem a variedades diferentes, segundo os usos de sua região?

— batata-salsa/batata-baroa
— laranja da ilha/laranja-lima
— couve-chinesa/acelga
— limão-cravo/limão capeta
— banana, caturra/banana-nanica
— abóbora/jerimum[1]
— carranca/limão de fazer doce

3. Na década de 1960, liderado pelo cantor Roberto Carlos então jovem, o movimento musical Jovem Guarda, por meio da televisão, popularizou uma série de gírias que hoje, em sua grande maioria, estão em desuso. Fale com alguém da geração de Roberto Carlos. Procure saber o que significavam as gírias:

---

[1] Trabalho de Luciene Conde B. Silva, Teresa Cristina Dominguete Carvalho, Camila Isa A. Silva Barbosa. (Varginha, 1998).

É uma brasa, mora!
Morou?
Pode vir quente que eu estou fervendo...
Papo firme.
Bicho!

4. Muitas gírias que já tiveram grande circulação no Brasil são hoje pouco conhecidas entre as gerações mais novas, e, quando usadas, conotam velhice. Procure alguém que conhece uma ou mais destas gírias:

Xpto (bonito, legal)
Marca barbante, petebê (ruim, de má qualidade)
Fogo na roupa (levado)
Pão (rapaz bonito)
Xuxu (moça bonita, boazuda)
Babado (problema)
Bokomoco, Pedrobó (bobo)

5. Ter conotações não é uma propriedade apenas das palavras. A roupa que vestimos, as comidas que comemos, os adereços que usamos além de terem uma função “objetiva” (proteger do sol e do frio, alimentar etc.) podem dizer quem somos, ou como queremos ser vistos. Pense na seguinte situação: numa grande metrópole da região centro-sul (São Paulo, Rio de Janeiro) dois amigos que provêm do mesmo estado resolvem matar as saudades da terra natal. Que comida combinaria melhor com uma conversa sobre a terra natal, no caso de os dois amigos serem:

a) acreanos;
b) pernambucanos;
c) mineiros;
d) gaúchos;
e) goianos;
f) baianos.

6. Um campo rico em conotações é o do vestuário e da moda e dos adereços. Pense no que são e no que conotam estes modelos de roupa e adereços:

a) manga de camisa;
b) calça pescador;
c) vestido alegre;
d) sapato plataforma;
e) meia arrastão;

f) coração de prata;
g) relógio cebolão;
h) sandália havaiana.

7. São muitas, em nossa língua, as maneiras de chamar a atenção de um desconhecido e iniciar uma conversa. Do ponto de vista das conotações, essas maneiras não se equivalem. Procure dizer em que situações seriam adequadas estas fórmulas:

— Ó meu!
— Ó, cara!
— Meu senhor, senhor.
— Ei, você aí!
— Psiu!
— Oi, véi!
— Tchê!
— Ô tio!

8. Escrito há mais de cinqüenta anos, *O secretário moderno* de J. Queiroz (Edições do Povo, 1948) propunha, entre outros, o seguinte modelo de redação para uma carta de amor:

Rio de Janeiro, 28 de maio de 1948
Exma Sr.a Margarida e B.

Saúdo-vos afetuosa e respeitosamente.

Rogo-vos ao lerdes esta carta perdoar minha ousadia, pois fatigado de guardar comigo o segredo do meu coração traindo-me embora a cada momento, venho oferecer-vos o que de mais puro tenho na alma: o meu amor. Ambos moços, ambos pobres, eu muito mais pobre do que vós, pois suplico a esmola do vosso olhar e do vosso perdão e vós bem mais rica pela beleza e pelos dotes da alma, poderíamos, se assim o quisésseis, ser um dia felizes à face de Deus e da sociedade.

Ponho nas vossas delicadas mãos, que respeitosamente beijo, todo o meu futuro.

Rogando-vos que respondais, tenho a honra de ser

Admirador e apaixonado escravo
F. de B.

Que tipo de representação da destinatária constrói essa carta? Como soaria, se fosse mandada hoje?

9. A palavra “cantada” é definida pelo dicionário como “conversa cheia de lábia com que se tenta seduzir alguém, visando objetivos libidinosos ou ilícitos”, mas é provável que, para muitos jovens, “cantada” indique apenas a ação de puxar conversa com alguém do outro sexo. É possível “cantar” alguém com mais ou menos classe. Dê um exemplo de uma péssima cantada, e de uma cantada de classe. Compare sua resposta com as de seus colegas.

10. Faça um balanço dos pronomes e expressões de tratamento (tu, você, o senhor, a senhora) que se usam em seu ambiente familiar, aí incluídos os empregados, parentes e fornecedores. Discuta em seguida: **você** indica sempre familiaridade e informalidade? **O senhor** indica sempre respeito?

11. O texto “O FMI vem aí, viva o FMI”, do articulista Luís Nassif, publicado na revista *Ícaro*, está redigido no português culto caraterístico do jornalismo, e contém, inclusive, um bom número de expressões típicas da linguagem dos economistas, como “desequilíbrio conjuntural”, *“royalties”*, “produtos primários, “política cambial”. No entanto, contém também termos ou expressões informais, como na seguinte frase: “Há um ou outro caso de mudanças estruturais no mundo que deixa os países com a broxa na mão”.

Leia o trecho abaixo, que é parte do mesmo artigo, e responda às questões:

> Países já chegam ao FMI com todos esses impasses, denotando a incapacidade de suas elites de chegarem a fórmulas consensuais para enfrentar a crise – mesmo porque essas fórmulas implicam prejuízos aos interesses de alguns grupos poderosos. Aí a burocracia do FMI deita e rola. Há, em geral, economistas especializados em determinadas regiões do globo. Mas, na maioria das vezes, as fórmulas aplicadas aos países são homogêneas, burocráticas, de quem está por cima da carne-seca e não quer saber de limitações de ordem social ou política (...). Sem os recursos adicionais do fundo, a travessia de 1999 seria um inferno, com as reservas cambiais se esvaindo e o país sendo obrigado ou a fechar sua economia ou a entrar em parafuso. O desafio maior será produzir um acordo que obrigue, sim, o governo e o congresso a acelerarem as reformas essenciais.
>
> (*Ícaro*, 170, out. 1998)

a) Transcreva outras três expressões do trecho que tenham a mesma característica de informalidade.
b) Substitua as referidas expressões por outras, típicas da linguagem formal.

Conteúdo descritivo demais e de menos

Objetivo

Assinalar que podemos usar a linguagem para obter mensagens mais ou menos exatas, e que a exatidão é uma qualidade em determinadas circunstâncias, e um defeito em outras.

Caracterização geral

Quando alguém chega da rua e diz:

—"Hoje vi uma pessoa ser atropelada na esquina."

Não ficamos sabendo quase nada a respeito de quem era/como era a vítima: a frase nos diz, no máximo, que se tratava de um ser humano. Ao contrário, uma frase como:

— "Hoje vi um entregador de pizza, moço, magro e moreno ser atropelado na esquina."

Seria bem mais informativa a respeito da vítima do atropelamento porque nos forneceria indicações sobre sua profissão e algumas de suas características físicas.

Note que se está falando nos dois casos do mesmo atropelamento, as descrições é que são mais ou menos minuciosas. A linguagem tem a característica notável de poder falar dos mesmos fatos fornecendo mais ou menos informações, mais ou menos detalhes. Nesse sentido, o trabalho com a linguagem é comparável ao do fotógrafo que usa filmes de diferentes sensibilidades, ao do ilustrador que pode usar um número maior ou menor de cores etc.

Material lingüístico

Existem na língua expressões que são adequadas para uma formulação vaga dos fatos que se quer narrar ou descrever, mas que devem ser evitadas quando se pretende uma formulação mais exata: trata-se por exemplo de:

✓ nomes para pessoas: cara (careta, carinha), fulano, sujeito, nego, camarada, cabra...;

✓ coletivos para pessoas: a turma, a gente, a macacada, a moçada, o pessoal, o povo...;

✓ nomes de coisas: coisa, negócio, treco, troço, trem, breguete, breguesto...;

✓ nomes para circunstâncias: lugar, hora, jeito...;

✓ verbos: fazer, coisar, mexer, lidar...;

✓ a preocupação em insistir nos detalhes não é necessariamente uma virtude dos textos. O que conta é ser capaz de perceber quando os detalhes são relevantes, e saber fornecê-los na medida adequada.

✓ Nem sempre a escolha de construções mais curtas/menos complicadas prejudica a clareza; ao contrário, evitando a subordinação e aplicando certas operações de elipse que retiram materiais facilmente recuperáveis, tornamos mais fácil o processamento de nosso texto:

✓ Parece que o rapaz entende de computador → o rapaz parece entender de computador.

✓ Pedro assistiu ao filme e eu assisti à peça → Pedro assistiu ao filme e eu à peça.

✓ Os pescadores vendem os peixes maiores e usam os peixes menores como isca → Os pescadores vendem os peixes maiores e usam os menores como isca.

✓ José foi à missa e o irmão foi à missa → José e o irmão foram à missa.

Atividades

- Personagens como o “Doutor Explicadinho” da Praça da Alegria infelizmente existem. Com seus companheiros de equipe, redija um pequeno esquete em que contracenem um “doutor explicadinho” e uma personagem impaciente, ou que tem que resolver urgentemente algum problema. Faz parte da atividade:
  a) representar o esquete, comparar com os resultados obtidos pelas outras equipes;
  b) refletir sobre as razões que tornam antipático esse tipo de personagem.
- Uma máxima que vem ao caso lembrar sempre que cruzamos com algum “doutor explicadinho” é que “para bom entendedor, meia palavra basta”. Tente lembrar-se de algum caso em que alguém ouviu um conselho adequado no momento certo e fez bom proveito de “meia palavra”.

Exercícios

1. Leia a anedota a seguir e responda às perguntas:

> **Agradecendo a Deus.**
>
> Turista viaja para um safári na África.
> Durante a excursão na savana, se perde e acaba frente a frente com um leão feroz. Ao vê-lo avançando em sua direção, pede a Deus que um espírito cristão tome posse daquele leão.
> Nisto, ouve-se um trovão, seguido de um grande clarão no céu. O leão ajoelha-se diante do assustado turista e começa a rezar, dizendo:
> — Obrigado senhor, por mais essa refeição!
>
> (*Piadas e pára-choques nº 1 – As 200 melhores piadas de pára-choques e charges publicadas na RDE – Revista das Estradas*)

a) O que esperava o caçador, quando fez sua prece?
b) Ele foi atendido?
c) Por que se pode dizer que o caçador é o principal culpado por virar comida de leão selvagem?

2. Descubra dez maneiras como se pode estragar alguma coisa (por exemplo: pode-se estragar uma roupa rasgando-a ou manchando-a; pode-se estragar um vaso quebrando-o etc.). A propósito de um desses “estragos”, conte uma história que você viveu ou presenciou.

3. O *Manual de Redação* de *O Estado de S. Paulo* define “nariz-de-cera” como uma “introdução vaga e desnecessária, que toda notícia dispensa”. Um exemplo de nariz-de-cera seria, segundo o manual, a primeira parte desta notícia:

> São muitos os problemas do trânsito em São Paulo. Alguns deles arrastam-se por anos e anos, sem que ninguém tente resolvê-los. Um exemplo desse descaso das autoridades é o estacionamento sobre as calçadas. Mais uma vez, porém, a prefeitura promete tomar medidas para que os abusos não se repitam.
> A partir de hoje, quem estacionar o carro sobre a calçada pagará X mil cruzeiros de multa. E a prefeitura promete ser rigorosa na fiscalização.

Começar uma notícia com um nariz-de-cera é uma prática que o bom jornalismo evita, mas que não é de todo rara. Procure nos jornais ou periódicos a que você tem acesso um texto que começa com um nariz-de-cera. Discuta-o com seus colegas o que o levou a pensar que a primeira parte desse texto é “desnecessária e dispensável”.

4. Fazer a sinopse dos jornais do dia é um trabalho que algumas pessoas realizam profissionalmente, em vários tipos de empresas. Suponha que você é um

desses profissionais, e que lhe cabe reduzir a notícia que segue a um máximo de dez linhas, evitando perdas de informação. Ponha as mãos à obra, depois de ler atentamente o texto abaixo, verificando que certas informações foram repetidas várias vezes, e que certas falas apenas duplicam informações prestadas nas passagens narrativas.

Fiscais cometem infrações graves e põem vidas em risco

‘Estado’ acompanhou blitz com várias manobras proibidas pelo Código de Trânsito

UILSON PAIVA

Em nome da apreensão de perueiros clandestinos, fiscais da São Paulo Transporte (SPTrans) e da Guarda Civil Metropolitana (GCM) estão arriscando a vida de pedestres, motoristas, passageiros, e cometendo uma sucessão de delitos gravíssimos de trânsito, segundo o Código de Trânsito Brasileiro.

Apenas na blitz da manhã de ontem, acompanhada pelo Estado, os motoristas da Prefeitura cometeram sucessivamente infrações que ultrapassam em muito o teto de 20 pontos previstos para suspensão do direito de dirigir.

Entre outras infrações, os fiscais cruzaram repetidas vezes o sinal vermelho (7 pontos), trafegaram pela contramão em vias de sentido único (7 pontos), bloquearam a via com veículo (7 pontos), dirigiram ameaçando outros veículos (7 pontos) e pararam os veículos sobre canteiros centrais e divisores de pista (3 pontos).

Esse tipo de conduta, segundo o Comando de Policiamento de Trânsito (CPTran), só seria permitido a veículos de resgate, bombeiros e polícia – mesmo assim, em situações de emergência. “Nem em fiscalização de trânsito se pode fazer isso”, disse o tenente Jean Carlos Pereira, relações públicas do CPTran.

Nem a GCM nem a SPTrans são fiscais de trânsito. À GCM compete zelar pelo patrimônio público e até pela segurança dos fiscais da prefeitura, quando ameaçados. Já a SPTrans deve fiscalizar as condições de ônibus, lotações e peruas. Nenhuma tem poder de polícia. E uma fiscalização de perueiros não é uma situação de emergência.

“Os fiscais estão sujeitos às mesmas multas que um cidadão comum” observou o tenente. O CPTran não informou o número de autos de infração expedidos contra veículos da SPTrans e da GCM.

> Todas as infrações foram cometidas em manobras para perseguir e cercar perueiros clandestinos. Esse tipo de procedimento foi avaliado pelo Ministério Público como de alto risco para os passageiros das lotações.
> Anteontem, o promotor Carlos Cardoso, assessor de Direitos Humanos da Procuradoria Geral de Justiça, afirmou que estudava uma ação judicial para impedir as perseguições feitas perigosamente nas blitze da Prefeitura. "Informações sugerem que os acidentes com perueiros foram causados por ações atabalhoadas de fiscais da prefeitura", disse. Ontem, a possível ação judicial transformou-se em solicitação à Prefeitura para que mude o modo de ação [...].

(*O Estado de S. Paulo*, fevereiro de 2000.)

5. No tempo em que o principal meio de comunicação à distância era o telégrafo, as mensagens eram cobradas com base no número de letras que continham. Um dos méritos de quem redigia os telegramas consistia, então, em escrever textos breves e concisos, sem perda de informação. Veja esta carta (extraída de O *secretário moderno* de J. Queiroz):

> Pelotas, 05 de maio de 1948
> Ilmos. Srs. Chaves & C.
> Rio.
>
> Temos a honra de vos solicitar com urgência a remessa das sementes de hortaliças, cuja relação mandamos em data de 30 do passado e que deve estar em vosso poder.
>
> É favor mandar-nos catálogos de sementes e flores e preços correntes com os descontos que fazem em grandes compras, assim como as novidades que tiverem aparecido no gênero.
>
> Maciel Ribeiro & Cia.

Imagine que você está em 1948 e que você trabalha para a companhia do Sr. Maciel Ribeiro. Transforme a carta em um telegrama de, no máximo, vinte palavras. Lembre que, na redação de telegramas, certas palavras (como as preposições e as conjunções) podem ser dispensadas quando se imagina que o destinatário será capaz de adivinhá-las pelo contexto).

6. Provavelmente você já viu um destes filmes: *Love Story*, *Os Intocáveis* ou a continuação de *O parque dos dinossauros*. Esses filmes foram exibidos pela em-

presa de televisão a cabo Net durante o mês de novembro de 1999, e o Guia de Programação da empresa dava para esses filmes as seguintes sinópses:

> **Love Story,** uma história de amor (Love Story) US-1970 + Artur Hiller I Ryan O’Neill, Ali Mac Graw, Ray Mlland.
> Romance.101’. C. Adaptado da obra de Eric Segal, o filme conta a história de dois jovens que se encontram, se casam e descobrem que ela morrerá em breve. **TC3 – Qui 11-14:40 (L). Sex. 12 – 01:00 (L) Tema Adulto.**
>
> **Intocáveis, Os** (The Untouchables) US-1987 - Brian de Palma I Kevin Costner, Sean Connery, Robert de Niro, Andy Garcia. **Ação .119’**. C. O diretor Brian de Palma recriou a Chicago na época da Lei Seca e conta a ação de Elliot Ness (Costner) para capturar Al Capone (De Niro em papel perfeito). **TC2 – Sab. 13 – 19:10 (L). Dom. 14 – 06:00 (L) Violência.**
>
> **Mundo Perdido – Jurassic Park, O** (The Lost World, Jurassic Park) US-1997– Steven Spielberg I Jeff Goldblum, Julianne Moore, Peter Postlethwaite. **Aventura** .134’. C. Nesta continuação de O parque dos Dinossauros, o cientista Ian Malcolm e sua namorada paleontóloga participam de uma expedição a uma ilha na Costa Rica onde ainda há dinossauros, e tentam evitar que o dono de um zoológico leve uma das criaturas. **TC1 – Dom. 14 – 23:00 (L). Seg. 15 – 10:50 (L) Sem Restrição.**

a) Se você assistiu a algum dos filmes em questão, é possível que se lembre de fatos que estão no filme mas não estão na sinopse. Conte um desses fatos.
b) O autor das sinopses estragaria o prazer do telespectador se contasse como termina o filme. Mostre que os textos das sinopses falam de possíveis desfechos, sem contudo dizer se eles acontecem.
c) Você acha que essas sinopses cumprem a função de orientar o telespectador na decisão de assistir ao filme ou não? Por quê?

7. “Pleonasmo” é o nome que os gramáticos dão às construções em que uma informação é reiterada de maneira redundante e inútil. Veja o que diz dos pleonasmos o gramático Júlio Nogueira:

> Nas classes mais ignorantes, encontramos: subir para cima, descer para baixo, sonhar um sonho etc. O caipira não se contenta em dizer: saiu correndo ou a correr: dirá – correndo na carreira. No entanto ele ri do homem da cidade quando diz que o seu cavalo tem uma estrela na testa, porque, na linguagem sertaneja só se diz estrela, em relação a uma mancha branca no pelo, quando localizada na testa do animal.
>
> O desconhecimento ou esquecimento da estrutura dos vocábulos é muitas vezes causa de se cometerem certos pleonasmos que já não chamam a atenção dos mais exigentes censores. Tais sejam: bela caligrafia, boa ortografia, abismo sem fundo, jornal diário etc.

> Certo indivíduo dizia em uma ocasião que desprezava as cartas anônimas: só o que o irritava era o fato de não serem assinadas. Para este, carta anônima já equivalia a carta injuriosa.
>
> Outros supõem que autógrafo é apenas um pensamento, uma impressão escrita de alguém que seja eminente na política, nas armas, nas artes etc. Assim eles declaram, cheios de orgulho, que os autógrafos do seu álbum foram escritos de próprio punho de tais celebridades. Uns se queixam de cálculos hepáticos no fígado; outros de nefrite nos rins e até há quem seja sujeito a hemorragia de sangue...
>
> (*A linguagem usual e a composição*, p. 212)

De todos os casos classificados como pleonasmos por Júlio Nogueira, quais lhe parecem realmente condenáveis? Por quê?

8. Nos países mais adiantados, entende-se que o consumidor tem o direito de receber informações confiáveis e exatas sobre os produtos que consome. Recentemente, o equivalente norte-americano do nosso Ministério da Agricultura, o Food and Drugs Administration (FDA), decidiu estabelecer um controle mais rígido sobre as informações fornecidas nas embalagens dos suplementos alimentares (as vitaminas). Essa intervenção foi assim relatada no jornal *O Estado de S. Paulo*:

(...) sob novas diretrizes que entraram em efeito este mês, a FDA diz que um suplemento que promete restaurar a “potência” sugere o tratamento de uma doença (a impotência sexual) e, portanto, precisa passar por um rigoroso processo com a agência, o mesmo procedimento exigido para medicamentos com receita médica. No entanto, o outro rótulo não se propõe a curar um mal específico, e portanto não precisa passar pelo longo escrutínio da FDA.

As novas regras têm como objetivo diminuir a confusão no mercado de suplementos, que desde 1994 vem sendo cada vez mais agressivo na hora de fazer suas promessas. Naquele ano o Congresso deu aos fabricantes de vitaminas permissão para divulgar os benefícios de seus produtos, desde que não prometessem curar doenças. Desde então, a FDA vem tentando refinar sua distinção entre as promessas dos rótulos.

Diferenças sutis

A FDA tentou distinguir as promessas ligadas a estruturas e funções do organismo, que não precisam sofrer uma revisão formal da agência, de promessas relacionadas a doenças, que precisam. A linha divisória é tênue:

PROMESSAS ACEITÁVEIS SOBRE ESTRUTURAS E FUNÇÕES:	PROMESSAS INACEITÁVEIS RELACIONADAS A DOENÇAS:
Mantém saudáveis as funções pulmonares	Mantém saudáveis os pulmões dos fumantes
Desperta ou aumenta o desejo e melhora o desempenho sexual	Ajuda a restaurar vigor, potência e desempenho sexual
Ajuda a manter níveis de colesterol que já estão dentro do normal	Reduz o colesterol
Fortalece o sistema imunológico	Fortalece o aparelho antivírus do corpo
Alivia a ausência esporádica de sono	Ajuda a diminuir a dificuldade para dormir
Resolve a irritabilidade que acaba com o seu dia” ou a “irritabilidade nervosa	Alivia dor de cabeça causada por tensão nervosa
Ajuda a fortalecer as funções das juntas e cartilagens	Alivia dores nas juntas

a) Você vê diferenças entre as promessas aceitáveis e as inaceitáveis?
b) Você acha que também no Brasil deveria haver algum tipo de controle sobre a propaganda? Por quê?

9. Muita fala com pouca informação é uma das características da maioria dos programas televisivos, que são altamente previsíveis porque, na prática, não trazem nenhuma informação inesperada. Entre as mensagens televisivas campeãs da baixa informatividade estão certos tipos de entrevista, nos quais os entrevistados respondem, invariavelmente as mesmas coisas. Veja como o humorista José Simão (o Macaco Simão do jornal *Folha de S. Paulo*) descreve as entrevistas que a televisão põe no ar a partir dos bailes de carnaval:

> E os bailes? O piranhódromo do salão! Aquele barulho ensurdecedor e os caras insistem em fazer entrevista. O Baile dos Surdos. O BAILE DO HEIN?!!!!"De onde você vem?" "Hein?" "DE ONDE VOCÊ VEM?" "Cuiabá!" "O que você tá achando do baile?" "HEIN?" "O QUE VOCÊ ESTÁ ACHANDO DO BAILE?" "Mááá-ra-vi-lhoso!" "E o que você faz?" "HEEEEIN?" "O QUE VOCÊ FAZ?" "Sou modelo. Mo-de-lo." Isso o ano passado. Agora todas fazem publicidade e marketing! "O que você faz?" "Hein?" "O QUE VOCÊ FAZ?" "PUBLICIDADE E MARKETING" "ENTÃO DÁ UMA REBOLADINHA PRA GENTE VER." E o liquidificador começa a bater a vitamina de banana!
>
> ("Virei ombudsman de genitália", 5/3/2000.)

Imagine com seus colegas uma entrevista televisiva, dessas em que não se informa nada. Sugestões:
a) esportistas profissionais que explicam as razões da derrota ou da vitória de seu time ao repórter de campo;
b) políticos no exercício de algum cargo administrativo que prometem rigor na apuração de alguma irregularidade etc.

10. Nas expressões que seguem há redundância: explique por quê:
✓ Senado Federal,
✓ Câmara Municipal de São Paulo,
✓ Região Nordeste,
✓ Erário público,
✓ Monopólio exclusivo,
✓Sorriso nos lábios,
✓ Viúva do falecido X,
✓ General do exército,
✓ Almirante da marinha,
✓ Elo de ligação.

Dêixis e anáfora

Objetivo

Mostrar que a interpretação de qualquer mensagem depende de sua inserção no contexto, quer lingüístico, quer extra-lingüístico.

Caracterização geral

Chamamos de **dêiticas** as expressões que se interpretam por referência a elementos do contexto extra-lingüístico em que ocorre a fala. A palavra **dêitico** contém a idéia de apontar, e as expressões dêiticas mais típicas apontam para elementos fisicamente presentes na situação de fala. É o caso dos pronomes pessoais de primeira e segunda pessoa, *eu* e *você* que, na maioria de seus empregos, remetem para a pessoa que fala e para a pessoa com quem se fala.

Chamamos de **anafóricas** as expressões que se interpretam por referência a outras passagens do mesmo texto. As expressões anafóricas servem, tipicamente, para "retomar" outras passagens de um texto. Um exemplo típico é o demonstrativo *isso* em frases como "a gasolina subiu de novo, e isso vai gerar outros aumentos de preços"; nesse contexto, ficamos sabendo que a palavra isso faz referência ao aumento da gasolina, olhando para o texto que precede.

Material lingüístico

✓ A dêixis diz respeito principalmente às pessoas que participam da interação verbal, ou a lugares e tempos que são localizados a partir da situação de fala. Realiza-se sobretudo por meio dos pronomes, dos artigos, dos tempos dos verbos e de certos advérbios.

✓ A dêixis realiza uma espécie de "ancoragem" da fala na realidade. Para entender a importância dessa ancoragem, convém imaginar a dificuldade que teríamos para entender de quem partiu um pedido de socorro trazido pelo mar numa garrafa fechada, sem data, sem referências a lugares e assinado por um desconhecido.

✓ A anáfora diz respeito a pessoas e objetos, tempos, lugares, fatos etc. mencionadas em outros pontos do mesmo texto; também na função anafórica são úteis os pronomes, o artigo definido, os tempos verbais (particularmente aqueles que indicam tempo relativo), e os advérbios.

✓ Na opinião de muitos estudiosos, a anáfora não é apenas um fenômeno entre outros que acontecem nos textos: é o fenômeno que constitui os textos, garantindo sua coesão. Todo texto seria, nesse sentido, uma espécie de grande "tecido anafórico".

Atividades

- Escreva uma narrativa de que você será ao mesmo tempo narrador e personagem, com base nestes parâmetros:
  - a) Voltando da rua, você encontra gravada em sua secretária eletrônica a seguinte mensagem, falada por uma voz de adolescente que você não reconhece:
    — Não posso falar muito, eles devem voltar logo. Não sei que lugar é este. Eles são barra pesadíssima, já deu para ver. Estou bastante machucado. Estão falando o tempo todo de um jornal e de alguma coisa que deve acontecer amanhã. Diga a meus pais que comprem os jornais porque é possível que encontrem nos anúncios um pedido de resgate de seqüestro, disfarçado em anúncio.
  - b) Uma parte da narrativa deverá tratar de seu esforço para identificar a pessoa que telefonou e descobrir onde ela se encontrava no momento em que fez o telefonema.
- Nas três tiras que você vai ver a seguir, há um certo número de expressões que se interpretam deiticamente. Diga quais são essas expressões.

RECRUTA ZERO/*Mort Walker*

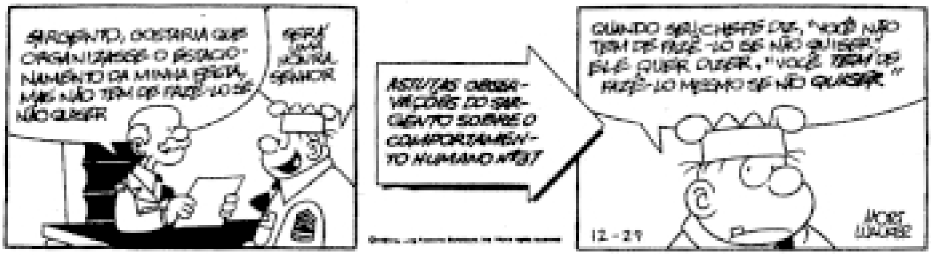
SARGENTO, GOSTARIA QUE ORGANIZASSE O ESTACIONAMENTO DA MINHA FESTA, MAS NÃO TEM DE FAZÊ-LO SE NÃO QUISER.
SERÁ UMA HONRA, SENHOR.
ASTUTAS OBSERVAÇÕES DO SARGENTO SOBRE O COMPORTAMENTO HUMANO Nº 37
QUANDO SEU CHEFE DIZ, "VOCÊ NÃO TEM DE FAZÊ-LO SE NÃO QUISER," ELE QUER DIZER, "VOCÊ TEM DE FAZÊ-LO MESMO SE NÃO QUISER."
12-29
MORT WALKER

GATÃO DE MEIA-IDADE/*Miguel Paiva*

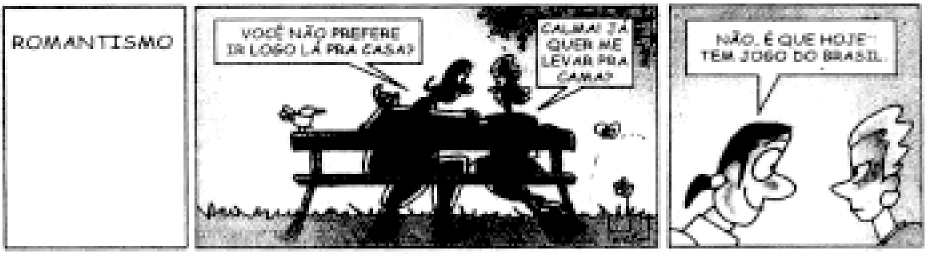
ROMANTISMO
VOCÊ NÃO PREFERE IR LOGO LÁ PRA CASA?
CALMA! JÁ QUER ME LEVAR PRA CAMA?
NÃO, É QUE HOJE TEM JOGO DO BRASIL.

TURMA DA MÔNICA/*Maurício de Sousa*

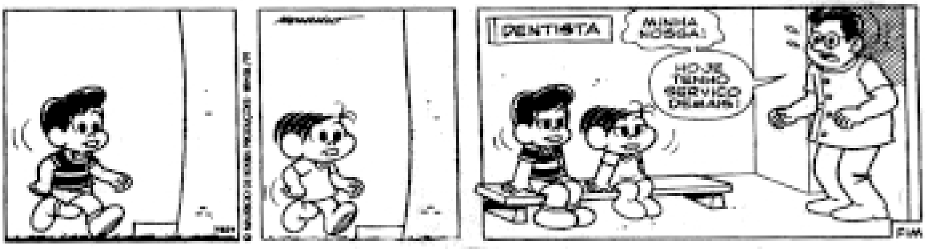
DENTISTA
MINHA NOSSA!
HOJE TENHO SERVIÇO DEMAIS!
FIM

Exercícios

1. Saber qual é o **assunto** é fundamental para uma comunicação bem-sucedida. Veja esta crônica de Fernando Sabino, em que se mostra que uma conversa prévia pode conter a chave de uma mensagem aparentemente cifrada:

Em Código

Fui chamado ao telefone. Era o chefe de escritório de meu irmão:

— Recebi de Belo Horizonte um recado dele para o senhor. É uma mensagem meio esquisita, com vários itens, convém tomar nota: o senhor tem um lápis aí?

— Tenho, pode começar.

— Então lá vai. Primeiro: minha mãe precisa de uma nora.

— Precisa de quê?

— De uma nora.

— Que história é essa?

— Eu estou dizendo ao senhor que é um recado meio esquisito. Posso continuar?

— Continue.

— Segundo: pobre vive de teimoso. Terceiro: não chora, morena, que eu volto.

— Isso é uma brincadeira.

— Não é não. Estou repetindo o que ele escreveu. Tem mais. Quarto: sou amarelo mas não opilado. Tomou nota?

— Mas não opilado — repeti, tomando nota. — Que diabo ele pretende com isso?

— Não sei não senhor. Mandou transmitir o recado, estou transmitindo.

— Mas você há de concordar comigo que é um recado meio esquisito.

— Foi o que eu preveni ao senhor. E tem mais. Quinto: não sou colgate, mas ando na boca de muita gente. Sexto: poeira é a minha penicilina. Sétimo: carona só de saia. Oitavo...

— Chega! — protestei, estupefacto. — Não vou ficar aqui tomando nota disso, feito idiota

— Deve ser carta em código, ou coisa parecida — e ele vacilou:

— Estou dizendo ao senhor que também não entendi, mas enfim... Posso continuar?

— Continua. Falta muito?

— Não, está acabando: são doze. Oitavo: vou mas volto. Nono: chega à janela, morena. Décimo: quem fala de mim tem mágoa. Décimo primeiro: não sou pipoca mas também dou meus pulinhos.

— Não tem dúvida, ficou maluco.

— Maluco não digo, mas como o senhor mesmo disse, a gente até fica com ar meio idiota... Estou acabando. só falta um. Décimo segundo: Deus, eu e o Rocha.

— Que Rocha?

— Não sei. É capaz de ser a assinatura.

— Meu irmão não se chama Rocha, essa é boa!

— É, mas foi ele que mandou. Isso foi.

Desliguei, atônito, fui até refrescar o rosto com água, para poder pensar melhor. Só então me lembrei: haviam-me encomendado uma crônica sobre essas frases que os motoristas costumam pintar, como lema, à frente dos caminhões. Meu irmão, que é engenheiro e viaja sempre pelo interior fiscalizando obras, prometera ajudar-me recolhendo em suas andanças farto e variado material. E ele viajou, o tempo passou, acabei esquecendo completamente o trato, na suposição de que o mesmo lhe acontecera.

Agora, o material ali estava, era só fazer a crônica. Deus, eu e o Rocha! Tudo explicado: Rocha era o motorista, Deus era Deus mesmo, e eu, o caminhão.

2. Às vezes a malícia e o humor nascem de um mal-entendido que tem a ver com o “assunto de que se fala”, tendo origem num “equívoco de dêixis”. Veja como isto acontece na história a seguir:

Bilhete complicado

O Gumercindo quando jovem era daqueles cavalheiros à moda antiga, que gostava de tudo certinho e no seu devido tempo. Namorava uma linda donzela, por quem estava realmente apaixonado.

Um dia, quando fazia uma viagem de negócios, Gumercindo entrou em uma loja e comprou um presente para a namorada: finíssimo par de luvas de "pelica". Só que na hora do embrulho, a balconista se enganou, e colocou na caixa uma calcinha de renda, e o pacote foi despachado pelo correio, com o seguinte bilhete:

"Estou mandando este presente para fazer-lhe uma surpresa. Sei que você não usa, pois nunca vi usar. Pena não estar aí para ajudá-la a vestir. Fiquei em dúvida com a cor, no entanto a balconista experimentou na minha frente e me mostrou que esta era a mais bonita. Achei meio larga na frente, mas ela me explicou que era para a mão entrar mais fácil e os dedos se mexerem bem. Você não deve lavar em casa por recomendação do fabricante. Depois de usar, passe talco e vire do avesso para não dar mau cheiro. Espero que goste, pois este presente vai cobrir aquilo que vou lhe pedir muito em breve. Receba um afetuoso abraço do seu Gumercindo".

(Marcos Vinícius Ribeiro Dias, *Humor na Marolândia*.
Paraguaçu, MG – Editora e Gráfica Papiro, 1996.)

3. A situação impõe às vezes condições muito específicas às frases que usamos. Isso faz com que certas coisas não façam sentido em certas situações. A seguir, você vai encontrar quatro diálogos bastante estranhos, que foram transcritos por Mary Louise Gilman de depoimentos feitos à justiça dos Estados Unidos. Aponte as falas que não fazem sentido na situação:

Primeiro diálogo:
P. Pois bem, senhor Johnson, como terminou seu primeiro casamento?
R. Com uma morte.
P. E foi com a morte de quem, que ele terminou?

Segundo diálogo:
P. Quantas vezes a senhora cometeu suicídio?
R. Quatro vezes.

Terceiro diálogo:
P. O que aconteceu, então?
R. Ele me disse "Tenho que matar você, porque você pode me identificar.
P. E ele matou você?

Quarto diálogo: P. (o juiz mostra uma fotografia de homem) Este é o senhor?
R. Sim, meritíssimo.
P. O senhor estava presente quando a foto foi tirada, certo?

4. Explique esta tira, mostrando que o desentendimento de Hagar e Eddie Sortudo resulta interpretações diferentes dadas à palavra *aqui*.

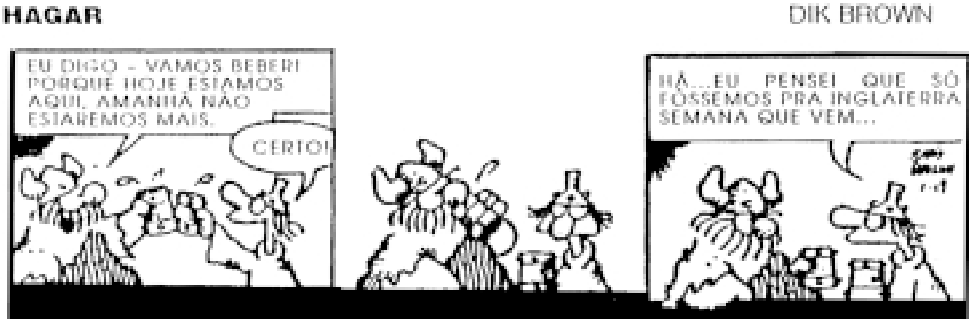
HAGAR
DIK BROWN
EU DIGO – VAMOS BEBER! PORQUE HOJE ESTAMOS AQUI, AMANHÃ NÃO ESTAREMOS MAIS.
CERTO!
HÃ...EU PENSEI QUE SÓ FÔSSEMOS PRA INGLATERRA SEMANA QUE VEM...

5. Entre os dêiticos mais usados estão os tempos verbais, que localizam os acontecimentos no tempo, caracterizando-os como anteriores, simultâneos ou posteriores ao momento em que ocorre a fala. A letra do samba “Quem te viu, quem te vê”, de Chico Buarque de Holanda contrasta realidades presentes (isto é, válidas no momento de fala) e verdades passadas (isto é, válidas em algum momento anterior ao da fala). Selecione os fatos passados e os fatos presentes, reescreva-os em duas colunas.

Você era a mais bonita
Das cabrochas dessa ala
Você era a favorita
Onde eu era mestre-sala
Hoje a gente nem se fala,
Mas a festa continua
Suas noites são de gala,
Nosso samba ainda é na rua...

6. Um dos problemas que os professores de primeiro grau encontram com mais freqüência nas redações de seus alunos consiste na presença de expressões anafóricas que não ficam esclarecidas pelo contexto lingüístico. Esse problema ocorre uma vez na redação transcrita a seguir. Localize a passagem em questão e tente explicar de quem podia estar falando a criança que escreveu a redação.

Redação: “O dia de azar”

Hoje é dia 13, sexesta feira.
Todo mundo diz que hoje é dia de azar”bom” hoje aconteceu uma coisa fora do comum vou começar “deis do começo”.
Eu estudo na escola VERA CRUZ! Faço rodízio com a Maria Pedro, Rafa e Rodrigo sem falar na Suzana.
A Sandra traz hoje ela é mãe do Pedro.
Estavamos num aperto e num papo quando derrepente furol o peneu de traz do lado esquerdo já era 5:30 todo mundo saiu do carro pegamos o estepe paramos um pura MONSA “ele trocou o peneu” e na outra esquina furol o outro peneu paramos com sorte em frente a borracharia todo mundo chorou Buá!! Buá!! trocado os peneu fomos para casa e pum!! Mamãe falou chegou o dia da bomba atomica, e ela foi ver i era eu caida em sima da cama.
Fim essa estória e verdade verdadeira!!!

(“O que significa ensinar língua materna?”
In José Luís Sanfelice, A Universidade e o Ensino de 1° e 2° Graus, Campinas, Papirus, 1988, pp.25-38)

7. Os lógicos chamam às vezes de “verdades eternas” àquelas sentenças que são verdadeiras, independentemente do tempo, lugar em que são afirmadas, e independentemente de quem são os interlocutores (por exemplo: “a água é um mineral”, ou “um quadrado é uma figura de quatro lados”). No texto a seguir assinale com um traço as afirmações que são apresentadas como verdades eternas (as outras informações são apresentadas pelo texto como verdadeiras, apenas circunstancialmente verdadeiras).

Teste simples detecta problemas de surdez em recém-nascidos

De cada 1.000 crianças, uma nasce com problemas de surdez. Dados mundiais indicam que 60% dos casos são causados pela herança genética do bebê. No Brasil, mesmo que a maioria dos casos tenha causas não genéticas, como rubéola, meningite ou falta de oxigênio no parto, com a melhoria da atenção da saúde materno-infantil, a proporção de casos de origem genética tende a aumentar progressivamente. Entretanto, dificilmente a surdez é constatada antes que a criança complete dois anos. Nessa altura, ela já pode ter sofrido prejuízos, causados pela falta de estímulos cerebrais relacionados com a fala, que vão prejudicá-la pelo resto da vida. É consenso entre os médicos que a melhor época para o tratamento ocorre por volta de um ano e meio.

Um teste simples e barato pode mudar essa situação e mostrar, logo na maternidade, se o bebê tem o problema. É o que indicam os primeiros resultados de um estudo que vem sendo realizado no Centro de Biologia Molecular

e Engenharia Genética da Universidade Estadual de Campinas. O teste, que custa apenas o equivalente a US$ 5, indica com certeza se o recém-nascido tem o problema genético mais comum relacionado com a surdez, a mutação 35delG no gene conexina 26.

8. Na narrativa que segue, foi assinalada a expressão que introduz, pela primeira vez, cada uma das personagens. Assinale as outras expressões que fazem referência às mesmas personagens e, em seguida, una com um traço todas as que falam da mesma personagem.

OUTRA DO PREGUIÇOSO

Esta é clássica. O sujeito era o mais preguiçoso que já havia aparecido na face da terra. Certo dia lá, disse que não trabalhava mais, e fim de conversa, preferia morrer de fome. A vizinhança, condoída, passou a levar comida para o preguiçoso. Mas, sabe como é, aquilo também já era demais. Resolveram fazer o enterro do preguiçoso. Ele num tinha dito que preferia morrer?
Na rua principal, um caboclo bão da cidade vizinha quer saber quem tinha morrido. Quando contam o causo, ele fica condoído:
— Mas não façam isso como o pobre diabo, sô! Olha aqui, eu ofereço uma saca de arroz para matar a fome dele, uai.
O preguiçoso abre uma fresta do caixão e grita lá de dentro:
— Cum casca ou sem casca?
— Cum casca, diz o prestimoso cidadão
E o preguiçoso, fechando o caixão:
— Intão segue o enterro.

9. Todas as frases que seguem foram copiadas de pára-choques de caminhões, portanto foram escritas para ser lidas pelos passageiros de outros veículos, na estrada. Tente dizer a quem fazem referência os pronomes grifados:
"Mulher feia e frete barato eu não carrego"
"Eu sou imortal, pois não tenho onde cair morto"
"Se você tem olho gordo, use colírio Diet"
"Muitos me seguem, mas um só me acompanha"
"Respeite o meu trabalho, respeitarei o seu passeio"
"Não me acompanhe que não sou novela"

(*Piadas e Pára-Choques, n° 1*, publicação vendida nos postos de serviço da conessionária AUTOBAN)

10. Transforme as três tirinhas da seção **Atividades** em três pequenas narrativas, de que você será o narrador. Faça em seguida um balanço das palavras e construções que tiveram que ser mudadas.

Descrições definidas e indefinidas

Objetivo

Caracterizar o papel dos sintagmas nominais como recurso para identificar os objetos de que tratam nossas frases.

Caracterização geral

As descrições são sintagmas nominais que têm por núcleo um substantivo comum (como “um estacionamento perto do shopping”, “a casa em que viveu Rui Barbosa” etc.). Juntamente com os nomes próprios e certos dêiticos, as descrições servem para constituir os objetos do mundo em referentes de nosso discurso. Usamos descrições o tempo todo, mesmo porque muitos objetos não têm nome próprio. Ainda quando os objetos têm nome, pode ser vantagem usar as descrições, porque elas apontam características relevantes dos próprios objetos.

Material lingüístico

✓ Um dos meios mais usados para fazer referência a algum objeto num texto, consiste em usar uma descrição indefinida na primeira referência e descrições definidas (ou pronomes anafóricos) nas referências seguintes.

Exemplo:

Era uma vez um rei que tinha uma filha superbonita. Certo dia, o rei chamou a filha e assim falou...

✓ Uma descrição se compõe, tipicamente, de um determinante (artigo, indefinido) e um substantivo comum, e inclui freqüentemente adjetivos e orações adjetivas:

Um menino.
Um menino que vinha passando.
O funcionário.
O funcionário uniformizado.

Alguns pacotes.

Alguns pacotes que tinham caído na água etc.

✓ São descrições definidas aquelas que começam com o artigo definido, e de descrições indefinidas aquelas que começam com o artigo indefinido, respectivamente.

Atividade

A charge que segue é uma caricatura do tempo da Segunda Guerra Mundial, saída da pena do desenhista brasileiro Belmonte. As personagens enfileiradas são os chefes de Estado dos principais países em guerra: o ditador chinês Chiang Kai-Shek, o presidente norte-americano Theodore Roosevelt, o ditador alemão Adolf Hitler, o primeiro-ministro inglês Winston Churchill, o ditador italiano Benito Mussolini e o imperador japonês Hiroíto. A ordem não é essa. Identifique as seis personagens, sabendo que:

1. O primeiro ministro-inglês e o presidente norte-americano usam roupas civis,
2. Churchill e Chiang Kai-shek são carecas;
3. Hitler e Hiroíto usam bigodinho;
4. Os dois ditadores da Itália e da Alemanha estão um ao lado do outro.

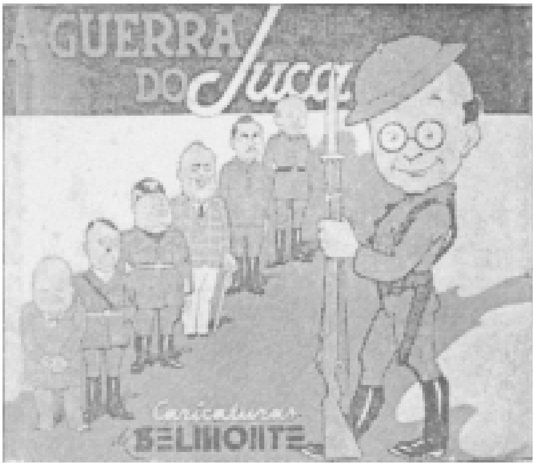

Exercícios

1. Uma mesma pessoa pode ser identificada por meio de duas ou mais descrições diferentes. Por exemplo, José Bonifácio de Andrada e Silva e o Patriarca da Independência identificam uma mesma pessoa. Nas sentenças a seguir, substitua os nomes grifados por uma descrição definida:

a) O navio de Pero Fernandes Sardinha naufragou e ele foi devorado pelos índios antropófagos que então habitavam a costa do Maranhão.
b) Oscar Niemeyer e Lúcio Costa projetaram Brasília a pedido do presidente Juscelino Kubitcheck de Oliveira.
c) Desembarcando na Baía de São Salvador, D. João VI abriu os portos brasileiros a todas as nações amigas;
d) O processo que levaria à condenação de Tiradentes arrastou-se por meses;
e) Lampião tinha por nome de batismo Virgulino Ferreira.
f) Roberto Carlos foi por muitos anos campeão absoluto da venda de discos, no Brasil.
g) O Banco do Brasil foi fundado por Dom João VI, logo que ele desembarcou no Brasil em 1808.
h) Machado de Assis começou sua carreira como tipógrafo da Imprensa Nacional.

2. Pesquise as siglas transcritas a seguir. Diga o que significam e qual é a função das entidades que elas nomeiam:

Funai: Fundação Nacional do Índio. Trata das questões referentes à questão indígena, no Brasil.
Inmetro: . . . .
Anatel: . . . .
Ambev: . . . .
Procon: . . . .
FGTS: . . . .
CIC: . . . .
Cep: . . . .
CPF: . . . .
BC: . . . .
ONU: . . . .
Unesco: . . . .

3. Explique o que vem a ser a razão social de uma firma e em que a “razão social” se distingue do nome de fantasia da mesma firma. Dê exemplos.

4. Pense num objeto bem velho, que exista em sua casa, e imagine que você quer vendê-lo. Redija um anúncio de jornal, em que você põe à venda esse objeto.

5. O “aposto” é geralmente uma descrição que se acrescenta a um nome próprio. Nas orações a seguir, foi dada a descrição (o aposto) mas não o nome. Pede-se que você descubra esse nome, fazendo, se for preciso, uma pequena pesquisa.

a) ...., o brasileiro que inventou o avião, suicidou-se ao saber que sua invenção estava sendo usada na guerra, para fins militares.
b) ....., o artista brasileiro que pintou o painel de entrada do prédio da ONU em Nova Iorque, também pintou imagens de santos e de pessoas do povo na catedral de Batatais
c) O físico que formulou a teoria da relatividade, ..., foi considerado um estudante fraco por seus professores de graduação.
d) A personagem feminina do romance Dom Casmurro, ..., é considerada uma das grandes criações da literatura universal.
e) O atual presidente da República, ...nasceu no século XX.
f) A mais poderosa emissora de televisão do país, a .... está interessada em dominar não só os programas de entretenimento, como também os programas educativos.
g) A apresentadora do quadro "É o tchan", ..., foi lançada por uma emissora de televisão de segunda categoria.
h) O apresentador de TV que faz sucesso com o programa "Baú da Felicidade", ..., chama-se, na realidade, Senor Abravanel.

6. Quem é quem? Monte um quadro das pessoas que desempenham alguma função, na sua escola (ou na firma em que você trabalha, etc.), como, por exemplo:
José Oliveira — Diretor-presidente
Pedro Pereira — Diretor de recursos humanos
Mário Teixeira — Diretor de produção
Cristiano Palmeira — Gerente de vendas...

7. Faça um pequeno mapa, com as cinco ou seis ruas e praças mais importantes de sua cidade/de seu bairro. Não se esqueça de anotar no mapa os nomes das ruas. Em seguida, pense em alguma característica de cada uma dessas ruas que bastaria para identificá-las, sem recorrer ao nome. (Ex. A rua João Dias é a rua da Delegacia de Polícia, a rua José Tavares é a rua em que fica a Ótica Modelo etc.)

8. Há cidades em que a numeração dos ônibus permite saber em que bairro ficam os terminais de cada linha (por exemplo 318 significa 3 – Fonte Luminosa/18 – Parque da Saudade). Consiga uma lista das linhas de ônibus de sua cidade, e verifique se a numeração identifica o percurso.

9. Para enfeitar sua linguagem, os locutores esportivos costumavam, no passado, dar às cidades algum nome capaz de evocar uma característica saliente de sua história, de seu clima ou de sua economia: Campinas era, então, a "Cidade das Andorinhas", Araraquara, a "Cidade Morada do Sol", Jundiaí, a "Capital da Terra da Uva" etc. Descubra, em sua família ou em seu círculo de amigos, alguém que

ainda se lembre dessas denominações: peça a ele um pequeno depoimento a respeito.

10. Pense em denominações de cidades que poderiam começar por “a capital de...”: a Capital do Bordado = Ibitinga, a Capital do Calçado = Franca etc. Quantos destes nomes você conhece?

11. Diferentes descrições podem ser igualmente eficazes para identificar um determinado indivíduo, uma determinada coisa. Mas a escolha entre essas descrições pode não ser indiferente do ponto de vista ideológico. Objetivamente, Getúlio Vargas, foi todas estas coisas:

- ✓ o estadista que criou a Companhia Siderúrgica Nacional;
- ✓ o presidente que criou o salário mínimo;
- ✓ o chefe do Executivo que promulgou a primeira legislação trabalhista, no Brasil;
- ✓ o ditador que aboliu as liberdades políticas dos brasileiros, durante o Estado Novo (1937-1945);
- ✓ o chefe de Estado que entregou a Hitler a esposa de Luís Carlos Prestes;
- ✓ o governante que instituiu a censura, através do Departamento de Imprensa e Propaganda;
- ✓ o chefe de Estado que criou o programa radiofônico “A voz do Brasil”.

Quais, dessas descrições teriam realmente chance de aparecer no discurso dos partidos políticos que, ainda hoje, se declaram herdeiros do ideário político de Getúlio Vargas?

Elementos conceituais e afetivos do sentido

Objetivo

Reconhecer que as palavras podem revelar diferentes atitudes e avaliações a respeito das realidades de que se fala, além de fornecer informações “objetivas”.

Caracterização geral

No sentido das palavras, combinam-se sempre elementos conceituais e elementos afetivos. Os primeiros referem-se a características “objetivas” das realidades de que falamos, e por isso mesmo contribuem para descrevê-las de maneira relativamente neutra; os outros apontam sobretudo para as associações e reações que nos provocam. Como essas associações são sempre próprias de grupos determinados, a presença de elementos afetivos no sentido de uma palavra obriga-nos a considerar as posições (políticas, religiosas etc.) de quem fala e a lidar com o preconceito.

Uma boa maneira de separar os elementos conceituais e afetivos no sentido de uma expressão consiste em relacioná-los a diferentes funções da linguagem: os elementos conceituais realizam normalmente a função referencial (centrada na realidade de que se fala); os afetivos realizam normalmente a função expressiva ou conativa (centradas no locutor ou receptor).

Material lingüístico

As palavras ou expressões da língua combinam os elementos conceituais e afetivos em proporções diferentes. Se um empregado revoltado usa as expressões

(1) “É engenheiro formado”;
(2) “É hipertenso”;
(3) “É esclerosado”;
(4) “É autoritário”;

para falar do chefe imediato, há chances de que a carga de informações objetivas seja maior em (1) e (2) do que em (3) e (4): no limite, (3) e (4) poderiam ser apenas

formas de xingamento, pelas quais o empregado em questão verbaliza a antipatia que tem pelo chefe.

Os elementos afetivos são particularmente importantes na significação de palavras que se referem a experiências sobre as quais pesam valores e preconceitos (por exemplo as diferenças raciais e étnicas, as opiniões políticas, a religião, a estratificação social, as opções sexuais) ou a hábitos e situações que a sociedade estigmatiza.

Um fenômeno relacionado aos elementos afetivos do sentido é o **eufemismo**. O eufemismo (em grego "boa fala") é o processo por meio do qual atuamos sobre os elementos afetivos, de modo a minimizar as associações/representações desagradáveis que associamos a uma determinada realidade.

Atividade

Muitas expressões que hoje são percebidas como neutras foram eufemismos no passado: um bom exemplo é *campo de concentração*, uma expressão que foi usada originalmente para afastar associações indesejáveis como a de perda da liberdade de ir e vir, a imposição de pesadas rotinas de trabalho, a violência etc. As associações nada agradáveis que fazemos hoje com a expressão *campo de concentração* mostram que, com o tempo, os eufemismos sofrem desgaste e perdem sua capacidade de "dourar a pílula".
Pense no uso que tem sido feito, nos últimos tempos, em nossa sociedade, de palavras como *terceirizar, redimensionar, racionalizar*, aplicadas ao emprego, ou de palavras como *remarcar, realinhar,* aplicadas aos preços, ou ainda *privatizar*, aplicado às vendas por preço aviltado de empresas estatais: não se trata de eufemismos modernos? Que outros "eufemismos modernos" você já ouviu?

Exercícios

1. Uma das mais antigas e mais bonitas reflexões sobre a liberdade está contida na fábula do cão e do lobo, que remonta no mínimo ao escritor romano Fedro, que nasceu escravo. Contada por um "narrador onisciente", a história é esta:

> Um lobo faminto e esfomeado encontra-se com um cão forte e valente. Animais da mesma família, os dois entabulam um diálogo em que o lobo elogia o vigor e a forma do cão, e o cão, por sua vez, tenta convencer o lobo trocar sua vida selvagem e errante por uma boa casa em que nada lhe faltará. O lobo fica tentado, e pergunta quais são as condições para ganhar comida de graça. "Quase nada", responde o cão, "é

> só espantar os mendigos e fazer festas para o dono". Quando o lobo já está caminhando para dentro da casa, ao lado de seu parente, observa no pescoço deste algumas cicatrizes. "Que é isso?" pergunta ele. "Nada, são as marcas da corrente com que me prendem". O lobo reflete que o conforto do cão não vale a liberdade e vai-se embora.

Tome o lobo e o cão como representantes de dois pontos de vista diferenciados. Reescreva duas vezes a história: a) contada a partir do ponto de vista do cão; b) contada a partir do ponto de vista do lobo.

2. Alguns dos mais odiosos episódios de violência e perseguição da história da humanidade ficaram definitivamente relacionados a títulos que haviam sido criados para mascarar seus verdadeiros propósitos. Procure saber o que foram estes episódios, e recupere seu outro nome:

- ✓ a "solução final" de Hitler;
- ✓ a investigação realizada pela "Comissão para atos antiamericanos" de Mac Carty;
- ✓ as várias formas de "limpeza étnica" praticadas na península balcânica, depois do desmembramento da antiga Iugoslávia;
- ✓ as "purgas" do estalinismo.

3. No trânsito de uma grande cidade, temos às vezes a oportunidade de ouvir xingamentos. Faça uma listinha de xingamentos que evocam tipicamente situações de trânsito e, depois, tente determinar se algum deles dá informações objetivas sobre a pessoa xingada, sobre a maneira como dirige, ou sobre a manobra de trânsito que o provocou.

4. As palavras "leproso, morfético e lazarento" indicavam, antigamente, as pessoas acometidas de lepra. Hoje, apenas a primeira das três palavras sobrevive com esse sentido, ao passo que as outras duas só se mantêm como termos de xingamento. Algo análogo aconteceu com o particípio passado "safado", que ninguém já conhece com o sentido de "gasto pelo uso". Conhecendo a distinção entre elementos conceituais e elementos afetivos do sentido, como você explicaria essa evolução?

5. No dia 1º de junho de 2000, as televisões do país transmitiram imagens captadas de um helicóptero, em que se mostrava o Governador de São Paulo, Mário Covas, forçando a abertura do portão da frente do prédio em que funciona hoje a Secretaria da Educação do Estado, bloqueada por professores em greve; na ocasião, o governador Covas foi atingido por objetos atirados contra ele, recebendo ferimentos na testa e na boca. Alguns dias antes, a televisão havia documentado um episódio em que um manifestante atingia o mesmo Covas com o mastro de uma bandeira, e outro em que o ministro da Saúde, José Serra, recebia um ovo na cabeça. Como era

de esperar, o episódio da Secretaria da Educação foi objeto, nos dias seguintes, de muitas avaliações e comentários. Todas essas **interpretações** emanavam, evidentemente, de posições políticas definidas e, na medida em que eram dadas a conhecer ao grande público, constituíram novos atos políticos, num momento de muitos protestos e paralisações. No pequeno dossiê que segue, foram reunidas algumas dessas interpretações. Leia-as e comente os expedientes lingüísticos e retóricos por meio dos quais os autores, independentemente da posição política que representam, passam dos fatos à interpretação. Alguns desses expedientes são:

a) dividir o episódio em diferentes momentos, comentando mais detidamente os que favorecem o ponto de vista defendido;
b) inserir o episódio numa série de episódios análogos, interpretando toda a série;
c) qualificar o episódio por meio de expressões que o avaliam globalmente (agressão/provocação);
d) apresentar possíveis vítimas dos comportamentos que se quer criticar etc.

AONDE QUER CHEGAR O GOVERNADOR DE SÃO PAULO?

Todo o Brasil viu as imagens dos fatos ocorridos na tarde de 1º de junho na Praça da República, centro de São Paulo.

Ao chegar à praça a intenção do governador Mário Covas não era dialogar com os professores acampados no local. Sua atitude foi de desafio, provocando as pessoas presentes. Seus seguranças iniciaram o conflito, destruindo barracas e objetos, num momento em que a maioria no local eram mulheres e crianças.

Com bravatas como essa, Covas põe em risco sua segurança e a dos manifestantes. Houve vários feridos na Praça da República.

O governador teria uma atitude mais corajosa reunindo-se com as entidades do magistério para negociar e atender nossas reivindicações.

O pretexto do governador para estar no local seria um suposto compromisso na Secretaria Estadual da Educação, mas não é usual sua presença ali. Naquela tarde não havia reunião agendada naquela Secretaria.

Registramos também nossa estranheza quando ao comportamento de algumas emissoras de televisão que, sem que nenhum fato novo justifique, decidiram gravar imagens do local pouco antes da chegada do governador. Também algumas emissoras de rádio que não tinham repórteres na Praça da República levaram ao ar boletins logo após o ocorrido, cujo teor "coincidia" com a versão que seria divulgada pelo governo logo em seguida.

Mário Covas poderia ter ingressado no prédio pela entrada que tem sido utilizada pela secretária Rose Neubauer e pelos funcionários da S.E.E., pois o acampamento bloqueia a porta principal há 20 dias. Não o fez deliberadamente, para provocar o conflito e obter um pretexto para não negociar, visto que sua intransigência tornou-se

insustentável diante da sociedade e de sua própria base de apoio parlamentar.

Agindo dessa forma, o governador desonra o cargo que ocupa e presta um desserviço à sociedade, desviando as atenções da mídia e da população do necessário debate em torno da situação da escola pública no Estado de São Paulo para os conflitos de rua que seu governo vem produzindo.

Em diversos momentos, sem a provocação do governo e de sua tropa de choque, organizamos assembléias e manifestações com milhares de pessoas sem incidentes.

Nós, professores, insistimos: queremos diálogo e negociação. Somos contra a reforma do ensino médio do governo, que compromete a qualidade do ensino. Queremos a organização do tempo escolar com seis aulas no diurno e cinco no noturno, classes com máximo de 35 alunos, mais segurança nas escolas, a volta das matérias importantes ao currículo escolar, o fim da aprovação automática, piso de cinco salários mínimos e outras melhorias nas escolas estaduais.

Estamos em luta em defesa da escola, dos serviços públicos, do emprego e do salário, e isso interessa a toda a sociedade.

DIRETORIA DA APEOESP (Associação dos Professores do Ensino Oficial do *Estado de S. Paulo*).

Covas afirma que agiu certo ao enfrentar grevistas na República

GABRIELA MATHIAS
DA REPORTAGEM LOCAL

O governador Mário Covas (PSDB) disse ontem ter feito o que era preciso, ao enfrentar, na última quinta-feira, cerca de cem professores acampados na frente da Secretaria da Educação, no centro de São Paulo. [...]

Pesquisa do Datafolha, feita na quinta-feira com 428 moradores da cidade que possuem telefone, mostrou que Covas agiu mal para 56%, causando um conflito que poderia ter sido evitado.

O governador acabou sendo apedrejado feriu a cabeça e o lábio. Três professores estão presos no 3º Distrito Policial.

“Havia 400 mulheres sitiadas dentro da secretaria, obrigadas a entrar e sair do prédio pela garagem”, disse Covas.

O governador disse que, com a liberação do portão principal, que ocorreu na sexta-feira por volta das 23h40, o comando de greve “finalmente poderá entrar no prédio para negociar”.

Covas disse que ainda não há contrapropostas às reivindicações dos grevistas.

O novo impasse entre acampados e governo é a prisão dos três professores acusados de agredir Covas na quinta-feira.

A decisão de liberar os portões veio acompanhada de uma ressalva: se os presos não fossem libertados, haveria outra plenária para decidir se a entrada principal seria novamente vedada pelas barracas.

O secretário de Estado da Segurança Pública, Marco Vinício Petrelluzzi, disse pouco antes da liberação do portão que acionaria a polícia para manter abertas as portas do prédio. Ontem à tarde, os professores planejavam fazer um ato na frente do 3° DP.

Sobre o ovo que foi jogado no ministro José Serra (Saúde), o assessor do governador, Paulo Rocha, perguntou se “o terno já foi mandado para a tinturaria”.

BORIS FAUSTO

Repulsa às agressões

A INTOLERÂNCIA grosseira revelada nas agressões sofridas por pessoas do governo não pode ser tida como episódio isolado, nem tomada como fato de menor importância.

Vou me concentrar no exemplo do governador Mário Covas, que tem sido o alvo mais ostensivo dessas agressões. A última – pelo menos enquanto escrevo estas linhas – ocorreu na quinta-feira passada, quando um grupo de professores, acampados no centro de São Paulo, atacou o governador com paus, pedras, laranjas, etc. atingindo-o na testa e na boca.

Se o emprego da violência contra qualquer autoridade é inadmissível, ele se torna ainda mais condenável quando tem por alvo uma figura política que teve papel destacado na luta contra o regime militar.

Desde logo, quando se constata que vários dos agressores são professores, é preocupante imaginar qual tipo de relação que essas pessoas têm com seus alunos quando a porta da sala de aula se fecha. Que papel educativo, que vínculo positivo, podem ter com os alunos personagens enraivecidos e descontrolados que abandonam o diálogo, trocando-o pela agressão física? Por outro lado é preciso ponderar que o comportamento do governador Covas merece reparos. É conhecido seu estilo de “pavio curto”, que até aqui lhe tem valido tanto elogios quanto críticas. Mas, na atual conjuntura, esse estilo não pode ser aceito como uma simples escolha pessoal.

Ao recusar uma segurança adequada, ao partir para o bate-boca com indivíduos que não têm o menor interesse em argumentar, o governador se expõe a uma violência que atinge não a ele pessoalmente – o que já é muito – mas ao mandato popular de que está investido. Caso as agressões continuem, elas acabarão se banalizando, como se fossem uma atitude normal, justificada pelo “direito à livre manifestação”, com paus, pedras e bordoadas.

[...] A crítica ferrenha – justa ou injusta, pouco importa – à política do governo é um elemento constitutivo do jogo democrático. Mas a agressão física é o oposto da liberdade de crítica. Quando a oposição a justifica, contribui para privilegiar a força, e não a palavra, como instrumento da luta política.

Quem é intransigente?

JOSÉ MARIA DE ALMEIDA e LINDBERG FARIAS

O governador de São Paulo, Mário Covas, fez na última quinta-feira uma agressão consciente e planejada contra os funcionários públicos em greve. Fez uma “visita” surpresa à Secretaria da Educação, forçando a entrada pela porta da frente, que estava bloqueada pelo acampamento dos professores grevistas. Para isso, ele, sua comitiva, seus seguranças e soldados da Polícia Militar agrediram manifestantes, colocaram as barracas no chão, e passaram.

Isso ocorreu tanto na entrada como na saída do governador. Covas não foi fazer visita coisa nenhuma, até porque nem mesmo a secretária da Educação nem os policiais ou qualquer funcionário da casa esta-

vam preparados para recebê-lo. Simplesmente, o governador armou uma provocação, para gerar conflito (o que de fato acabou ocorrendo), ser agredido e tentar jogar o conjunto da sociedade e os meios de comunicação contra os professores em greve.

Se Covas estivesse lá para fazer uma visita, poderia muito bem entrar pelas outras entradas da secretaria, como fazem os funcionários e a própria secretária desde o início do acampamento – que, diga-se de passagem, é uma justa forma de protesto de uma categoria massacrada pelo arrocho e pelas demissões impostos pelo governo tucano.

Foi também uma provocação porque Covas não fez nenhum gesto para abrir qualquer canal de negociação, seja com professores ou servidores da saúde.

E, para não deixar dúvidas de que deseja derrotar os movimentos que questionam sua política econômica (a mesma do FMI), no mesmo dia 1° de junho o governo do Estado de São Paulo fez outra provocação: recorreu no Tribunal Superior do Trabalho da sentença do TRT paulista no julgamento do dissídio dos metroviários.

O governo não quer pagar 6% como determinou o TRT. Isso mesmo, o governador Covas acabou também provocando a greve dos metroviários por causa de uma sentença de 6% de reajuste salarial (sendo 4% de reajuste e 2% a título de produtividade). Em São Paulo fazem greve os professores, os servidores da saúde, os docentes, funcionários e estudantes das universidades paulistas, os metroviários. Diante desse movimento, que reivindica reajustes salariais e manutenção de direitos, Covas responde com truculência, provocação e intransigência. E cada vez mais repressão e truculência.

Recentemente, para desocupar um terreno na zona leste da cidade de São Paulo a favor de um grileiro, terreno onde centenas de famílias residiam havia 1 ano, Covas jogou a tropa de choque sem dó nem piedade sobre mulheres, crianças e idosos, que foram desalojados de suas casas na pancada, no pior estilo da ditadura militar.

Os professores e servidores da saúde, quando terminam suas assembléias, costumam entoar uma palavra de ordem que diz: “A greve continua. Covas, a culpa é sua”. Nada mais correto, pois, ao contrário do que quer passar para a opinião pública, não são os grevistas os intransigentes. Por exemplo, os professores em greve até já manifestaram que aceitariam discutir a grade curricular à frente do índice salarial.

Mas a resposta é tropa de choque, provocações explícitas, nenhuma negociação. E, quando perde, o governo recorre a sentenças judiciais. Quem é então o intransigente, aqui? O intransigente, autoritário, neste momento – e que faz lembrar os piores momento do governo de Paulo Maluf sob a ditadura militar (1978-1982) – é o senhor Mário Covas.

Na verdade, senhor governador, seu governo é uma caricatura de democracia. A propósito, vive-se o pior dos mundos em São Paulo: oito anos de malufismo na capital e seis de covismo no Estado. O resultado é o caos social.

Enquanto isso, um servidor da saúde ganha em torno de R$ 200, um professor do ensino médio, R$ 650. Para eles não há nada, nem bom dia, apenas repressão e provocação[...].

6. As técnicas de que o falante dispõe para construir eufemismos são várias: uso de figuras de linguagem (“descansou” por “morreu”), uso de termos científicos por termos populares (“desidratação” por “diarréia” ou “caganeira”), siglas (“ele per-

deu o emprego porque mandou a coordenadora à PQP"), etc. Explique qual foi o procedimento usado para obter estes eufemismos:

✓ FDP.
✓ Tirar água do joelho.
✓ Passar um fax.
✓ Trocar o óleo/afogar o ganso.
✓ Descascar o palmito.
✓ Ter um troço.

7. A pinga sempre foi, no Brasil, uma bebida popular, e os excessos de seu consumo são fortemente estigmatizados pelo valor pejorativo que assumem palavras como "pinguço", "manguaceiro", "cachaceiro", "biriteiro", "pau d'água" etc. Mas nos últimos anos, vão se tornando comuns as marcas de pinga destinadas ao consumo da classe média e alta. Os rótulos dessas marcas apregoam um produto de qualidade superior (envelhecimento em tonéis de carvalho, fabricação por procedimentos tradicionais...) e evitam as palavras que evocariam uma representação negativa. Você vai ler a seguir algumas denominações que são (ou já foram) aplicadas à pinga. Quais você acha que teriam chances de aparecer no rótulo de uma marca destinada a classes de alto poder aquisitivo?

✓ água que passarinho não bebe;
✓ aguardente;
✓ aguardente de cana;
✓ aperitivo de cana;
✓ cachaça;
✓ caninha;
✓ cobertor-de-pobre;
✓ dindinha;
✓ malunga;
✓ mata-bicho;
✓ parati;
✓ pinga;
✓ quebra-goela;
✓ mel.

8. Um dos pontos altos da campanha para a presidência da República, em 1988, foi o debate entre os candidatos Collor e Lula, realizado às vésperas do segundo turno em uma emissora de TV de São Paulo, com a mediação do jornalista Bóris Casoy. Em sua primeira fala nesse debate, Collor caracterizou-se como paladino da **democracia**:

> 1. De um lado está a candidatura de centro-democrático por mim representada; do outro lado está uma candidatura que esposa teses estranhas ao nosso meio, teses marxistas, teses estatizantes, teses que não primam pelos princípios democráticos consagrados na nova Carta Constitucional [...]
> 2. O que nós estamos vendo no Leste Europeu é a demonstração [...] de que os princípios democráticos devem ser observados. [...] Lá no Leste Europeu não havia liberdade, não há liberdade de imprensa não há livre-iniciativa, há sim a presença do Estado, enorme, maciço, corrupto, interventor, lá não há

> liberdade de se comprar aquilo que se deseja, lá não há liberdade de salários, lá não há competição, lá não há eficiência, lá não há felicidade.
> 3. [...] É possível nós construirmos uma sociedade democrática. Mas uma sociedade democrática com absoluta liberdade, com meios perfeitamente compatíveis como quer a nossa constituição, sem utilizarmos da luta armada, da intolerância, da baderna, da bagunça, do caos, do desrespeito mais absoluto como querem aqueles que se contrapõem à nossa proposta".

Analise a retórica dessas passagens. Você acharia correto dizer que a argumentação de Collor explora os medos dos eleitores? E que, nesse contexto, a palavra **democracia** se torna sinônimo de valores como "manutenção da ordem", "consumismo" e "livre competição"?

9. Por que negritude é politicamente correto, e negrice não é?

10. Nos anos 1960 e 1970, o MEC, por meio de um órgão que fornecia material escolar, distribuiu centenas de milhares de cópias do *Dicionário Escolar da Língua Portuguesa*, que se destinava às classes do nível médio. Os verbetes *Judeu* e *Judiaria* desse dicionário irritaram muitos leitores, porque registravam usos "politicamente incorretos":

> **Judeu**, adj. e s.m. - Relativo à Judéia e ao povo desta região da Palestina antiga; natural ou proveniente da Judéia; aquele que segue a religião judaica; hebreu; (pop.) especulador, negocista.
> **Judiaria,** s.f. - Grande porção de judeus; bairro destinado aos judeus; (fig.) apoquentação; chacota; mofa, pirraça, maus-tratos; crueldade."

Como você concebe a função de um bom dicionário (particularmente um dicionário escolar)? Ele é um instrumento descritivo ou prescritivo? ele deve:

a) registrar quaisquer usos, inclusive os usos que ajudam reforçar preconceitos?
b) registrar apenas os usos politicamente corretos, sancionando dessa forma o seu uso?
c) adotar alguma solução de meio-termo? Qual?

11. Na mesma página em que noticiou que o líder do Movimento dos Sem Terra, José Rainha Júnior, havia sido absolvido em seu segundo julgamento, realizado em Vitória no dia 5 de abril de 2000, o jornal *A Folha de S. Paulo* publicou duas entrevistas: uma, do próprio José Rainha, e outra, da viúva do fazendeiro cujo assassinato lhe havia sido imputado. Nas duas entrevistas aparece uma mesma expressão, usada para falar dos dois desfechos possíveis do caso. Qual é essa expressão? Por que essa expressão pode referir-se a dois desfechos tão diferentes?

Condenação foi uma farsa, diz sem-terra

dos enviados especiais

O líder do MST, José Rainha Júnior, 39, se disse feliz com o resultado, e mais convicto da necessidade de mudar "essa estrutura podre". "Vou voltar à minha vida normal, que é trabalhar e organizar os pobres deste país" [...]. Leia abaixo os principais trechos da entrevista dada por ele minutos depois da absolvição.

Pergunta – Como o sr. se sente com a absolvição?

José Rainha – A verdade é como a Justiça divina tarda, mas não falha. É a vitória do Movimento Sem Terra, dos trabalhadores, da sociedade organizada. A minha atuação sempre foi buscar a reforma agrária para defender a vida. A vida desse povo humilde, pobre, miserável. [...]

Pergunta – Como o MST vai se comportar a partir de agora?

Rainha – Vai se comportar como sempre se comportou nesse país. Questionar o latifúndio improdutivo e lutar pela justiça para que Corumbiara e Eldorado do Carajás não continue impune.

Pergunta – Esse resultado após o primeiro julgamento é um alívio?

Rainha — É um alívio. O julgamento passado foi uma farsa. [..]

"Justiça de Deus não falha", afirma viúva

dos enviados especiais

A viúva do fazendeiro José Machado Neto, Aline Machado, 61, acompanhou os primeiros dois dias de julgamento ao lado das filhas e disse ter certeza da culpa de José Rainha na morte de seu marido. "Estou esperando justiça há 11 anos", afirmou. [...]

Nos primeiros dias de julgamento, ela falou várias vezes à *Folha* sobre o caso. Leia trechos a seguir:

Folha – A senhora acredita que José Rainha participou da morte de seu marido?

Aline Machado – Tenho certeza. À época, todos disseram que ele estava em Pedro Canário [...]

Folha – O que a senhora acha da manifestação dos militantes sem terra em solidariedade a Rainha?

Aline – Acho muito errado. Quando eu cheguei, passei pelo meio deles. Eles recebem Zé Rainha como herói, mas herói sou eu, que estou esperando há 11 anos.

Folha – Qual a sua expectativa daqui para a frente?

Aline – A justiça da terra é falha, mas a de Deus não falha. Quero justiça, estou esperando há 11 anos.

(*Folha de S. Paulo*, 6.4.2000)

Frases feitas

Objetivo

Explorar o funcionamento das expressões “idiomáticas”, contrastando-as com as expressões “composicionais”.

Caracterização geral

Chamamos de **idiomáticas** as expressões, compostas de diferentes palavras, cujo sentido vale para o todo, e não pode ser obtido pela montagem dos sentidos das palavras que as compõem, ex. “rodar à baiana” ou “armar o barraco” por brigar, “roer a corda” por fugir, ou “andar no mundo da lua”, por ser distraído etc.

O oposto das expressões idiomáticas são as expressões **composicionais**; nestas últimas, as palavras mantêm seu sentido corrente, e são analisadas uma a uma, de modo que é possível entender o sentido do todo como uma “composição” ou “montagem”, a partir do sentidos das partes.

Material lingüístico

✓ Uma característica própria das expressões idiomáticas é que elas apresentam um forte grau de fixidez, isto é, não podemos substituir as palavras que as compõem por outras, nem mudar sua ordem, nem intercalar outras palavras: podemos dizer que alguém fez um determinado trabalho *com um pé nas costas*, mas não seremos entendidos se dissermos que ele fez o trabalho “com um pé no dorso ou na cacunda”, nem que ele fez o trabalho “com um pé inchado nas costas” etc.

✓ As expressões idiomáticas podem fazer o papel de:

– substantivos: **um deus-nos-acuda** (= uma confusão);
– adjetivos: A diretora é uma **Maria-vai-com-as-outras** (= indecisa);
– verbos: O moço que tinha visto o atropelamento **fez boca de siri** (= calou-se, não falou nada);
– orações inteiras: **em rio de piranha, jacaré nada de costas** (= em determinadas circunstâncias, todo cuidado é pouco).

✓ Uso de certas expressões idiomáticas é até certo ponto próprio de certas faixas etárias, de certas regiões ou de certas culturas; por isso tem um forte valor conotativo (ver capítulo: *Conotação*). Por exemplo, somente pessoas de uma geração muito antiga usariam hoje as expressões "passar a manta" e "jogar a manta" com o sentido de "enganar", ou "fazer pé de alferes a uma moça" no sentido de "cortejar a moça".

✓ Entre as expressões idiomáticas que valem por orações inteiras, estão os provérbios, que geralmente encerram uma "moral".

Atividade

Adivinhar o provérbio. Uma parte da equipe sai da sala; outra parte da equipe sai e prepara em poucos minutos uma mímica que deverá servir de pista para que a outra parte da equipe possa "adivinhar" um provérbio conhecido. Quando o mistério é desvendado, ou ao cabo de um certo tempo, será a vez de outra equipe.
Provérbios sugeridos:

Em rio de piranha, jacaré nada de costas.
Melhor um pássaro na mão do que dois voando.
Quem dá aos pobres empresta a Deus.
Quem cala consente.

Exercícios

1. Colecione pelo menos cinco expressões idiomáticas que são usadas, tipicamente, pelas pessoas mais velhas. Junto com a expressão idiomática, deverá ser colecionada a sua significação, e a cidade ou região em que a expressão era usada.
Ex. "estar de bonde" = estar de braço com a namorada/interior de São Paulo (mesmo em cidades onde nunca houve bondes).

2. Algumas expressões idiomáticas fazem referência a personagens cuja identidade se perdeu no tempo. Mas não custa imaginar quem seriam e como seriam essas personagens. Como é que você imagina:
   a) O Onça, do *tempo do Onça.*
   b) O Lima de *mandar o Lima.*
   c) O Neves de *até aí morreu o Neves.*
   d) Os Afonsinhos *de no tempo dos Afonsinhos.*
   e) A Mãe Joana de *a casa da mãe Joana.*

f) O Hugo de *chamar o Hugo.*
g) A catedral de Braga de *mais velho que a sé de Braga.*

3. Escritores mais ou menos famosos já se inspiraram em expressões idiomáticas para criar histórias: eles contam então um “causo” que seria a origem do ditado. Veja estas histórias, inventadas pelo escritor Mário Prata, a partir de um ditado (*Mas será o Benedito*? 3ª. ed. São Paulo, Globo, 1996). Você seria capaz de inventar outra história?

Quebrar a cara
Significativo: dar-se mal.
Histórico: a expressão é deste século e americana. Surgiu quando começaram a colocar grandes portas de vidro nas lojas de Nova York. Nunca se sabia se estavam abertas ou fechadas, e os americanos, muitas vezes, “quebravam a cara” indo de encontro o vidro. Já deve ter acontecido com você também.

Rodar à baiana
Significativo: enfezar-se, dar um escândalo público.
Histórico: no início do século, no Rio de Janiero, os primeiros blocos de carnaval saíam às ruas e cruzavam a cidade cantando dançando com suas fantasias. Alguns dândis mais folgados se aproveitavam da euforia geral e lascavam beliscões nas nádegas das moças. Para pôr um fim nisso, no meio das baianas, iam uns capoeiristas vestidos como elas levando consigo navalhas escondidas. Ao primeiro sinal de desrespeito, esses soltavam uma meia-lua (golpe de capoeira) na orelha do espertinho. Quem assistia de fora não entendia muito bem, só via “rodar à baiana” e depois aquele Deus-nos-acuda.

Tudo como dantes no quartel de Abrantes
Significativo: nada mudou.
Histórico: Abrantes é uma pequena cidade do interior de Portugal. Uma vez estava fazendo uma viagem e entrei em Abrantes, que é muito mal sinalizada. Ficava a dar voltas pela cidade, e sempre caía diante do quartel de Abrantes, como dantes. Foi quando imaginei que a expressão deve ter vindo daí. Você vira, vira, vira, e fica “tudo como dantes no quartel de Abrantes”. Que aliás é muito bonito.

4. Conte você mesmo um “causo” inventado ou ouvido que explique a origem de uma destas expressões formulaicas:
Dar o golpe do baú
Isso são outros quinhentos
Comer da banda podre

5. Muitas piadas tiram sua graça de uma confusão feita entre interpretação formulaica e interpretação composicional para a mesma expressão. Leia as piadas abaixo e diga qual é a expressão cujo duplo sentido está na base de duas interpretações.

a)

Seu Manuel era um marido exemplar, carinhoso, incapaz de matar uma mosca. Um dia, Maria precisou ir ao mercado e pediu ao bom homem:

— Manuel, meu amor, não tire os olhos do Manuelzinho, enquanto vou ao mercado, certo.

— Oh, Maria, você sabe que eu não mato uma mosca. Acha que teria a coragem de tirar os olhos do meu próprio filho?

b)

Certa mulher aguardava com seu marido o diagnóstico da doença deste. O médico se aproxima dos dois com expressão austera e diz:

— Não estou gostando nada da cara dele.

— Eu também não, mas ele é muito bom para as crianças.

c)

Conversam o carcereiro e o assassino de alta periculosidade. Carcereiro:

— E agora, o que vai fazer?

— Matar o tempo!

d)

Aula de catecismo.

— Qual dos alunos sabe onde está Deus? perguntou o professor.

— No banheiro de casa! responde Joãozinho, levantando o dedo.

— No banheiro de sua casa, Joãozinho???

— É sim, professor! Todos os dias a mamãe bate na porta do banheiro e pergunta:

— Meu Deus, você ainda está aí?

6. Por meio de um desenho, caricatura ou charge, tente representar um dos seguintes ditados:

a) As paredes têm ouvidos.
b) Escreveu, não leu, o pau comeu.
c) Falar pelos cotovelos.

7. Leia os provérbios a seguir; reúna-os em pares e explique o que justificou a aproximação dos dois provérbios do mesmo par.

- ✓ *Quem usa cuida.*
- ✓ *A roda pior do carro é a que faz mais barulho.*
- ✓ *Mais vale um pássaro na mão que dois voando.*
- ✓ *O peixe morre pela boca.*
- ✓ *Águas passadas não movem moinhos.*
- ✓ *A palavra é de prata, o silêncio é de ouro.*
- ✓ *Quem não deve, não teme.*
- ✓ *Nem tudo que reluz é ouro.*
- ✓ *Quem o alheio veste, na praça o despe.*
- ✓ *A mentira tem pernas curtas.*

8. Veja como a revista *Superinteressante* (setembro de 1999) explica um ditado popular que pode ser empregado por pessoas que não conhecem sua história:

Finada do dito popular existiu de verdade?

De onde vem a expressão “agora Inês é morta”?

Inês foi uma dama da corte portuguesa que teve morte trágica. Seu nome completo era Inês de Castro (1323-1355) e ela foi amante do príncipe herdeiro que se tornaria rei com o nome de D. Pedro I – que não tem nada a ver com o Pedro imperador do Brasil. Em 1345, com a morte da esposa, dona Constança, o príncipe português passou a viver secretamente com Inês.

Inês de Castro foi executada em 1355 a mando do pai de seu amante, o príncipe de Portugal D. Pedro I

Chegou a ter filhos com ela. Dez anos depois, o rei, aproveitando que o filho estava fora do país, mandou executar a moça. Quando retornou, Pedro ficou furioso e ordenou a morte dos conselheiros que ajudaram seu pai na decisão. Fora a vingança, não havia mais o que fazer.

O caso trágico foi contado e recontado em várias obras portuguesas, como *Os Lusíadas*, de Luís de Camões. “A frase, que significa ‘Agora é tarde demais’, passou a ser usada como uma alusão à tragédia” conta o professor de Língua Portuguesa Reginaldo Pinto de Carvalho, da Universidade de São Paulo.

9. Vestibular Unicamp 95

Mala Pronta

O ex-prefeito de Sonora, J.C.C., apenas aguarda os primeiros pronunciamentos da Justiça e do Tribunal de Contas para decidir se responde ao processo por desvio de Cr$ 130 milhões em carne e osso ou desapa-

rece, seguindo exemplo de um colega de corrupção.
J.C.C. corre dois riscos: ter que devolver o dinheiro e ainda ir para a cadeia. São motivos suficiente para pensar em pegar a estrada.

(Bastidores, Diário da Serra, Campo Grande, 26.09.1993)

Segundo a nota acima, o ex-prefeito de Sonora deveria tomar uma decisão: apresentar-se à justiça ou fugir. Para formular a primeira alternativa, o autor do texto usa a expressão idiomática (frase feita) “em carne e osso”.

a) O que significa a expressão idiomática “em carne e osso”?
b) Se a seqüência “em carne e osso” não for lida como expressão idiomática, e as palavras “carne” e “osso” forem tomadas em sentido literal, é possível fazer uma outra interpretação da nota acima. Qual é essa interpretação?
c) Para obter cada uma das duas interpretações a seqüência “em carne e osso” deve ser relacionada a diferentes palavras do texto. Identifique essas palavras, vinculando-as a cada uma das interpretações.

10. Com alguma freqüência, a propaganda cria anúncios que retêm a atenção dos leitores, obrigando-os a reinterpretar “composicionalmente” o que à primeira vista soava como uma frase feita. É o que acontece com esta propaganda da vitamina Cebion. Procure folhear alguma revista de grande circulação, e traga para a sala de aula outro texto de propaganda que utilize o mesmo recurso.

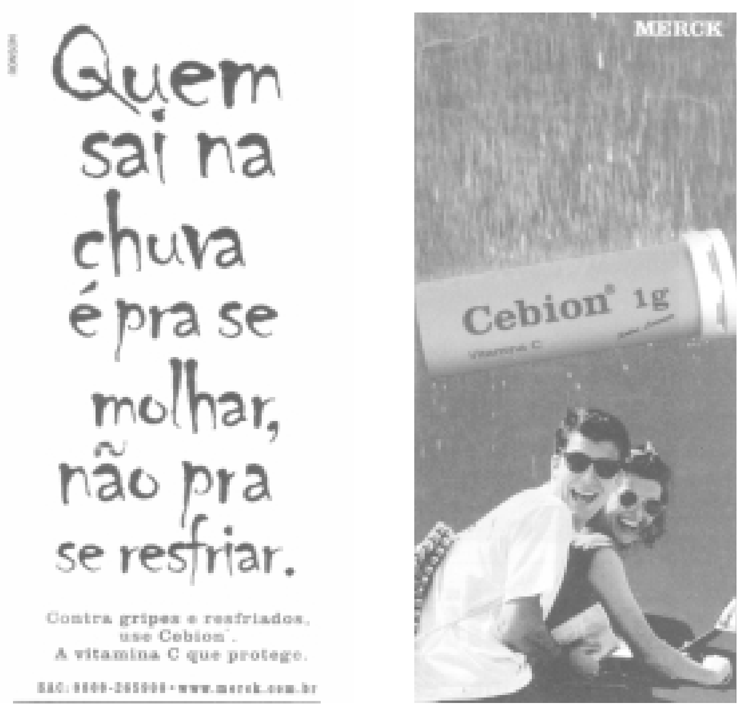

Quem sai na chuva é pra se molhar, não pra se resfriar.

Contra gripes e resfriados, use Cebion®.
A vitamina C que protege.

SAC: [illegible] • www.merck.com.br

11. O recorte que segue é a propaganda de uma marca de cadernos. Essa propaganda joga com duas interpretações possíveis da frase “Pode escrever”. Quais são essas duas interpretações? Que conjunções você poderia colocar na propaganda, no lugar de dois pontos?

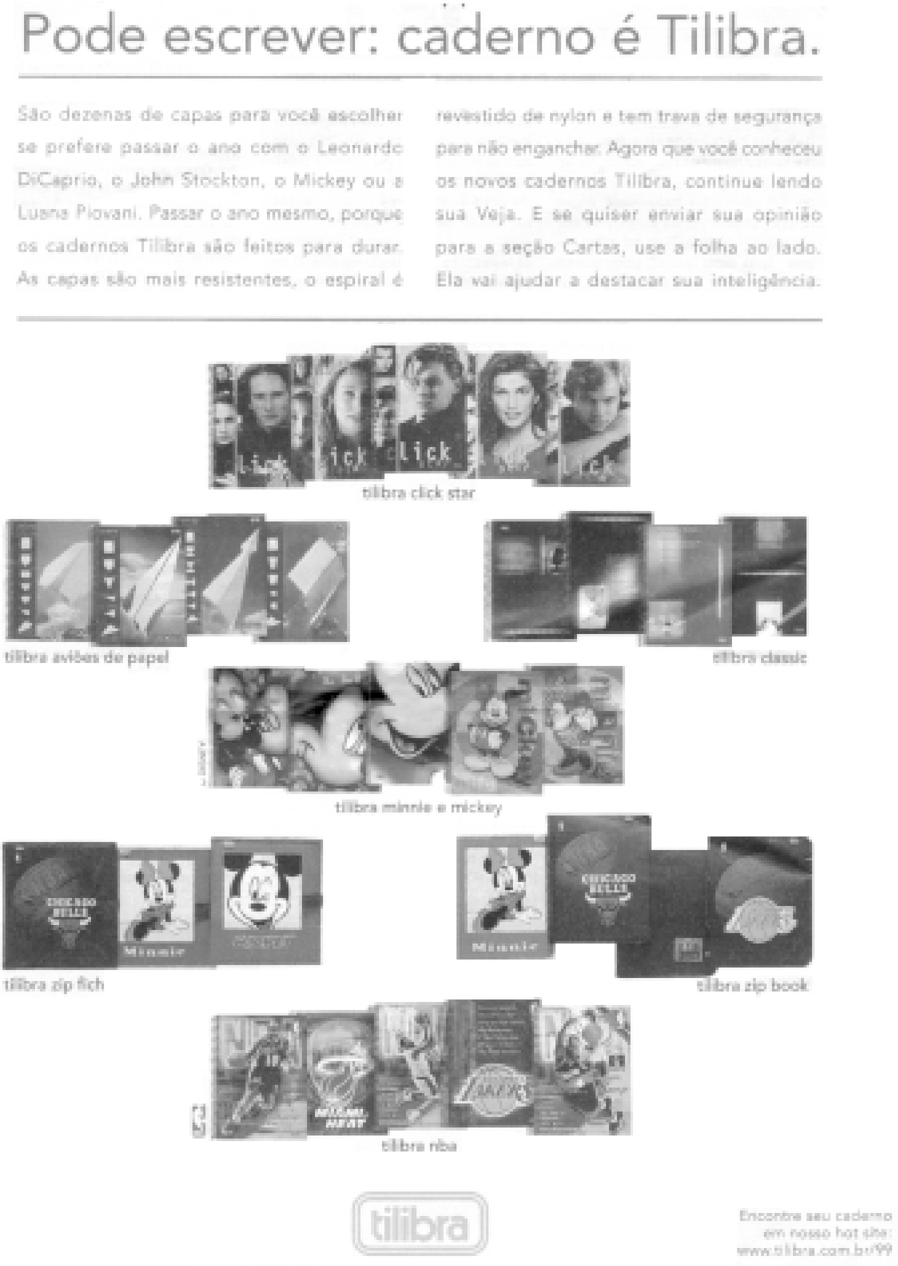

Pode escrever: caderno é Tilibra.

São dezenas de capas para você escolher se prefere passar o ano com o Leonardo DiCaprio, o John Stockton, o Mickey ou a Luana Piovani. Passar o ano mesmo, porque os cadernos Tilibra são feitos para durar. As capas são mais resistentes, o espiral é revestido de nylon e tem trava de segurança para não enganchar. Agora que você conheceu os novos cadernos Tilibra, continue lendo sua Veja. E se quiser enviar sua opinião para a seção Cartas, use a folha ao lado. Ela vai ajudar a destacar sua inteligência.

tilibra click star
tilibra aviões de papel
tilibra classic
tilibra minnie e mickey
tilibra zip fich
tilibra zip book
tilibra nba
tilibra

Encontre seu caderno em nosso hot site: www.tilibra.com.br/99

Implícitos (I)

Objetivo

Sensibilizar o leitor para o fato de que o sentido literal dos enunciados inclui freqüentemente informações implícitas, embora previsíveis.

Caracterização geral

As informações veiculadas pelas mensagens lingüísticas apresentam graus diferentes de explicitude. Podem ser consideradas implícitas todas as informações que uma sentença veicula, sem que o falante se comprometa explicitamente com sua verdade. Essas informações precisam então ser "inferidas" a partir da sentença por meio de algum raciocínio que parte da própria sentença. É o que ocorre nos casos da **pressuposição** e do **acarretamento**.

Material lingüístico

Pressuposição: Diz-se que uma informação é pressuposta quando ela se mantém mesmo que neguemos a sentença que a veicula. Se alguém nos disser que o carro parou de trepidar depois que foi ao mecânico, concluímos que o carro morria antes de ir ao mecânico; se esse mesmo alguém nos disser que o carro não parou de trepidar apesar de ter ido ao mecânico, também concluiremos que o carro trepidava antes. Sempre que um certo conteúdo está presente tanto na sentença como em sua negação, dizemos que a sentença pressupõe esse conteúdo.

Acarretamento: Temos acarretamento toda vez que a verdade de uma sentença implica a verdade de uma outra, simplesmente pela significação de suas palavras. Geralmente, os acarretamentos resultam do uso de palavras de sentido específico; assim, se dissermos que Tico é um pardal, poderemos concluir que ele é um pássaro, um vertebrado, um ser vivo etc. (Ou: basta ser um pardal para ser um pássaro, basta ser um pássaro para ser um ser vivo etc.); se dissermos que o *office-boy* conseguiu para pagar a conta, então podemos concluir que ele pagou a conta etc.

Atividade

Todos nós sabemos que o poeta Olavo Bilac é, na literatura brasileira, um dos principais representantes do movimento literário do Parnasianismo, que se apresentou, entre outros aspectos de seu ideário, como uma reação ao romantismo. Suponha que, num concurso público foi proposta a seguinte questão dissertativa:

Por que Olavo Bilac é romântico?

Em sua opinião, essa pergunta é capciosa? Imagine que você é um dos candidatos do concurso, e que você quer pedir a anulação da questão. Que argumentos (lingüísticos, pedagógicos etc.) você usaria para tentar a anulação dessa questão?

Exercícios

1. Coloque **todos** ou **nem todos**, nos espaços vazios, de modo que chegue a uma afirmação verdadeira.

.... os carros são veículos, mas .... os veículos são carros.

.... os paulistanos são paulistas, mas .... os paulistas são paulistanos.

.... os remédios são beta-bloqueadores, mas .... beta-bloqueadores são remédios.

Até 1950, ... os automóveis que circulavam no Brasil eram importados, mas .... os importados eram automóveis.

.... os escritores da Academia Brasileira de Letras são velhos, mas .... os velhos são escritores da Academia Brasileira de Letras.

.... os acidentes automobilísticos ocorridos nesta estrada se deveram a falhas mecânicas ou humanas, mas .... os acidentes automobilísticos devidos a falhas mecânicas ou humanas aconteceram nesta estrada.

2. Leia a nota abaixo e responda em seguida às perguntas:

Ex-paquita desmente

> A ex-paquita Roberta Cipriani desmente rumores do final de seu noivado com Diogo Boni, filho do atual consultor da Rede Globo de Televisão, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho. Ela me garantiu que está muito bem com o rapaz, e que passaram o Carnaval juntinhos em Angra dos Reis.

(*Jornal de Jundiaí*, 8.3.2000)

Situe-se no momento em que a nota foi escrita e considere estas afirmações:

a) Roberta Cipriani foi paquita, no passado.
b) Roberta Cipriani e Diogo Boni ficaram noivos há algum tempo.
c) O pai de Diogo Boni ainda vive.
d) O pai de Diogo Boni é José Bonifácio de Oliveira Sobrinho.
e) J. B. de Oliveira Sobrinho trabalha na Rede Globo como consultor.
f) Correram boatos de que Roberta e Diogo terminaram o noivado.
g) Roberta e Diogo terminaram o noivado.

Quais delas são verdadeiras, segundo a nota do jornal? O que mudaria se a nota fosse reduzida à sua primeira parte, e se, em vez do verbo *desmente* tivéssemos seu antônimo *confirma*?

3. Ao que tudo indica, a nota do exercício 2 foi escrita para leitores que acompanham passo a passo a vida afetiva dos artistas da televisão, sempre bem informados a respeito. Considerando a maneira como a nota foi escrita, quais das informações (a)-(g) acima foram apresentadas como novidade para esse tipo de leitor? Quais foram apresentadas como previamente conhecidas?

4. O objetivo desta tira da série “Os Pescoçudos” é, evidentemente, ridicularizar a “Classe-A”, representando-a como endinheirada e burra. A que personagem pertence a fala que demonstra burrice? Que informação implícita a personagem em questão deveria levar em conta, para não “dar um fora”?

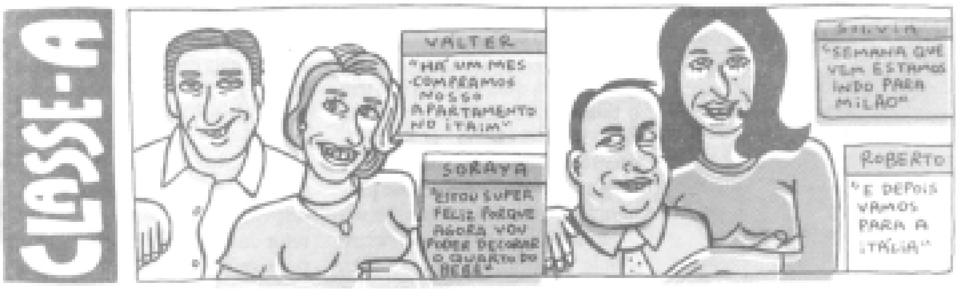
CLASSE-A
VALTER
"HÁ UM MES COMPRAMOS NOSSO APARTAMENTO NO ITAIM"
SORAYA
"ESTOU SUPER FELIZ PORQUE AGORA VOU PODER DECORAR O QUARTO DO BEBÊ"
SILVIA
"SEMANA QUE VEM ESTAMOS INDO PARA MILÃO"
ROBERTO
"E DEPOIS VAMOS PARA A ITÁLIA"

(*Os Pescoçudos* - 10.4.2000)

5. No caderno Informática do jornal *Folha de S. Paulo* de 08 de dezembro de 1999 aparecia a seguinte “matéria”:

Como escolher sua
câmera digital

Máquinas voltadas para amadores chegam com maior resolução de imagem, mas preços ainda são salgados

Págs. 5-6 e 5-7

O pequeno *lead* desta matéria (“Máquinas...salgados”) fala dos preços das câmeras digitais (câmeras que captam imagens por um processo digital, sem negativo) e registra a frustração do jornalista diante do fato de que esse equipamento não ficou mais barato ao longo dos últimos anos, à diferença do que aconteceu com os outros equipamentos computacionais. Suponha a situação contrária (finalmente as câmeras ficaram acessíveis a todos) e redija três ou quatro *leads* que a descreveriam.

6. A história a seguir foi extraída do livro *Humor na Marolândia*, de Marcos Vinícius Ribeiro Dias (Editora e Gráfica Papiro, Paraguaçu – MG). Leia e responda em seguida:

Notícias do além.

Aquele que morrer primeiro e for para o céu deverá voltar à terra para contar ao outro como é a vida lá no paraíso. Assim ficou combinado entre Francisco e Sebastião, amigos inseparáveis e apaixonados pelo futebol. Francisco teve morte súbita e, passado algum tempo, no meio da noite, sua alma apareceu ao colega:

— Nossa senhora, Chico! Você veio mesmo!

— Estou aqui, Tião, para cumprir a minha promessa, trazendo-lhe duas notícias:

— Então me fala.

— O Céu é uma maravilha, um colosso, uma beleza. Tem futebol todo dia.

— E a outra?

— A outra é que você já está escalado para jogar no meu time amanhã cedo.

a) Por que a segunda notícia que Francisco transmite a Sebastião é assustadora?
b) Em que você se baseou para responder à pergunta (a)?

7. Todos nós já deparamos com propagandas como esta:

Não se deixe explorar pela concorrência!
Compre na nossa loja.

Explique por que essa propaganda é potencialmente prejudicial ao comerciante que a utiliza.

8. Tire a conclusão cabível:

a) Na cidade, todos os prédios com mais de três andares ficam na praça da matriz. O Zé Carlos disse que morava no 6º andar. Logo, o Zé Carlos....
b) As marcas dos pneus ficaram a um metro e noventa de distância. Nenhum carro tem uma bitola tão larga. Portanto, as marcas de pneus ...
c) Nenhum político de expressão é demagogo. Nosso prefeito é um grande demagogo, o que leva a concluir que....
d) Todo universitário tem QI superior a 70. Mas alguns universitários são estúpidos. Logo, um QI superior a 70 não garante que ....
e) Nenhum bolo de aniversário comprado em confeitaria custa hoje menos de 30 reais. Se o João gastou menos de 30 reais com o bolo de aniversário do irmãozinho, então...
f) Na véspera do concerto, o banco mandou um convite para cada um dos clientes com mais de 5 mil reais na carteira de investimentos. Se o Zé Carlos não foi convidado, é que...
g) Só quem conheceu o Godofredo antes de ele ficar rico sabe que ele tinha apelido de “Almôndega”. O Zé Carlos vive chamando o Godofredo de Almôndega, logo...
h) Para ser diplomata, era preciso ter o curso do Itamaraty, ou ter se notabilizado por uma obra artística considerada de grande expressão. Não me consta que o poeta Vinicius de Moraes tivesse feito o curso do Itamaraty. Logo, sua obra...

9. Quando as pessoas encadeiam duas sentenças, A e B, por meio das palavras *logo* e *portanto*, dão a entender que a informação contida em B estava implicitamente presente em A. Mas os livros de lógica (e a vida) nos ensinam que o esquema A, logo B já foi muito usado para raciocinar de maneira errada. Explique, intuitivamente, o que há de errado com estes raciocínios.

(inspirados em Copi, *Introdução à Lógica*, São Paulo, Mestre Jou, 1974):

a) Todos os homens são mortais; portanto a raça humana está em extinção.
b) Nesta região é difícil achar ouro, portanto você precisa tomar cuidado para não perder sua aliança.
c) O governo recolheu e incinerou nos últimos meses mais de 500 mil notas antigas. Portanto, não é verdade que o dinheiro está mais abundante hoje do que um ano atrás.
d) Você acaba de me dizer que devo agir segundo meu próprio discernimento, e ele me diz que devo consultar minha mulher. Portanto vou consultar minha mulher.
e) O Congresso é notoriamente lento em suas ações, portanto não se pode esperar que o senador que preside a comissão de finanças trabalhe rápido.
f) Não é verdade, professor, que os alunos que tiram dez estudam muito? Portanto, o melhor que o senhor tem a fazer é dar-me dez neste semestre.
g) Quem pesca com isca viva nesta parte do rio não pega nada. Eu tirei todas iscas do anzol, portanto vou pegar uma grande quantidade de peixe.
h) Quem ganha altos salários vive estressado. Logo, a melhor maneira para evitar o estresse é ter um salário de fome.
i) Pusemos a chocar ovos cozidos, logo vão nascer frangos já assados.

10. No dia 14 de fevereiro de 2000, as Casas Bahia fizeram publicar nos principais jornais do país, na forma de matéria paga, o seguinte:

COMUNICADO

Em virtude de reportagem veiculada na noite do último domingo no Programa Fantástico, da Rede Globo de Televisão, as Casas Bahia se sentem no dever de tornar claras algumas posições que a empresa sustenta há décadas.

1. Se há um estabelecimento comercial onde não existe a prática de qualquer discriminação a quem entra para comprar um produto, este lugar é a rede das Casas Bahia.

2. A concessão de crédito a um consumidor ou mesmo a empresas segue critérios baseados na análise dos riscos dessa concessão. Infeliz-

mente, é muito comum em nosso país que os cidadãos da terceira idade acabem não tendo garantias mínimas para a obtenção de crédito, seja por rendimentos insuficientes, seja pela impossibilidade de comprovar qualquer rendimento. Mesmo assim, é importante que se diga que a nossa rotina de crédito determina que aquele que solicite o crédito e não possa demonstrar os meios para honrar a dívida seja encaminhado a uma entrevista com um de nossos analistas de crédito. Para deixar mais claro: idade não é um limitador automático de crédito nas Casas Bahia. Basta ver os 444 mil clientes que temos com mais de 65 anos e crédito aberto normalmente.

3. No sentido de evitar erros humanos como aquele verificado na reportagem – o comprador não foi encaminhado para melhor análise de crédito – enviamos ainda hoje aos nossos gerentes, nas 256 lojas da rede, uma nota determinando absoluta atenção aos procedimentos corretos de análise de crédito e explicitando a posição frontalmente contrária desta empresa a discriminação de qualquer espécie. Boa parte do respeito que conquistamos no mercado e da confiança junto ao consumidor vem do fato de que nossa política de crédito busca conceder sempre que possível ao invés de restringir sempre que surjam dúvidas. Analisamos pessoas e não fichas. Mais de 90% de nossas vendas são a crédito. Crédito a pagadores fiéis, que nos garantem os menores índices de inadimplência do mercado.

4. Esta empresa sabe o quanto o cidadão brasileiro da terceira idade merece respeito. Não só pelo que já fez, mas pelo potencial de ainda servir à sociedade, que a experiência lhe dá. Esta empresa, por sinal, e liderada por um homem de 76 anos, que embora se orgulhe do que construiu, mantém seus olhos no que ainda poderá construir.

Respeitosamente
Casas Bahia
São Caetano do Sul, 14 de fevereiro de 2000

O comunicado reconhece que houve um problema, mas o atribui a um erro humano, o que permite minimizar os prejuízos que ele poderia causar à imagem da empresa. Além disso, o comunicado fornece uma quantidade de dados objetivos, que podem ser tomados como indicadores do sucesso da empresa e de identificação com o público consumidor.

a) Na ótica da empresa (e na linguagem do comunicado) qual foi o problema?
b) Quais são os dados que funcionam como indicadores de sucesso da empresa?

Implícitos (II)

Objetivo

Observar o funcionamento dos implícitos que não podem ser previstos a partir apenas do sentido literal dos enunciados.

Caracterização geral

As mensagens lingüísticas comportam às vezes implícitos que não podem ser previstos com base apenas no sentido literal. Importantíssimos para a interpretação final da mensagem, esses implícitos só podem ser descobertos por um trabalho de conjectura feito a partir de uma avaliação global da situação comunicativa, em que o ouvinte procura recuperar as intenções do falante. Mensagens que comportam esse tipo de implícito são sempre interpretadas como "indiretas" e obrigam, tipicamente, o ouvinte a perguntar: "O que foi que ele quis me dizer com isso?", "Aonde ele quis chegar?" etc.

Material lingüístico

O caso mais típico de indireta são as chamadas "implicaturas conversacionais", cujo estudo começou pela análise de histórias como esta:

> *A* é um professor de filosofia recém-formado. Querendo obter emprego em uma determinada universidade, vai a um de seus antigos professores, *B*, e pede-lhe que mande uma carta recomendando-o para o emprego a *C*, o diretor da tal universidade. *B* escreve a carta nos seguintes termos: "A tem excelente caligrafia e até hoje não foi preso". *C* lê a carta e conclui que *A* não é aproveitável.

O problema proposto por essa história consiste em explicar por que *C* conclui que *A* é ruim, quando as informações dadas por *B*, por si só, são não são negativas.

A solução clássica, proposta pelo filósofo norte-americano Peter Grice, consiste em admitir que os interlocutores estão normalmente empenhados em construir juntos uma comunicação eficaz e que, para isso, aplicam as seguintes “máximas conversacionais”:

✓ Diga apenas aquilo que você julga ser verdadeiro.

✓ Diga as coisas que você quer dizer da melhor maneira possível (por exemplo: evite ser prolixo, confuso ou desnecessariamente rebuscado na escolha do vocabulário etc.).

✓ Diga o máximo que você pode dizer.

✓ Só diga coisas relevantes para o propósito da comunicação.

No caso, *C* chega à interpretação correta porque raciocina assim: “Preciso admitir que a carta quer informar sobre *A*. Ora, a carta diz que A tem boa caligrafia e nunca foi preso, mas isso não é nem um pouco relevante. Se *B* optou por dar precisamente essas informações numa carta de recomendação, deve ser porque são as únicas informações positivas que ele poderia oferecer; logo, o candidato não tem qualidade melhor que o recomende.

Segundo essa explicação, *C* percebe que *B* transgrediu uma máxima, para obedecer à outra, e com isso pode reconstruir toda a história de modo que a carta, à primeira vista irrelevante, faça sentido.

As implicaturas conversacionais são o caso mais evidente de mensagem que contém indiretas. Propõem ao interlocutor uma informação irrelevante, e o obrigam a “re-contar” toda uma história de modo que uma informação irrelevante ganhe um sentido.

Atividade

A expressão “caiu a ficha” é às vezes usada para indicar o momento em que alguém descobre, “saca” o sentido real de uma indireta. As expressões “a ficha não caiu”, “a ficha está demorando para cair (no orelhão de fulano)” descrevem situações em que essa descoberta não acontece. Conte um episódio de que você foi testemunha, em que a ficha caiu (ou demorou para cair, ou não caiu), e isso teve conseqüências.

Exercícios

1. A coluna “Contraponto”, do jornal *Folha de S. Paulo* traz diariamente aos leitores breves narrativas de episódios envolvendo personagens da política nacional. No dia 6 de novembro de 1999, a história era sobre Paulo Maluf.

CONTRAPONTO

Faminto por cimento

Durante a inauguração de uma avenida em SP, o então prefeito Paulo Maluf começou a andar de um lado para outro, fazendo cara de quem checava cada detalhe da obra.

De repente, Maluf, cercado por jornalistas, gritou para o secretário das Vias Públicas, Reynaldo de Barros:

— Reynaldo, quero um pontilhão bem aqui!

O secretário, que era contrário à obra, tentou argumentar:

— Prefeito, não dá. A engenharia de tráfego acha que não é nem um pouco viável.

Maluf olhou irritado:

— É viável, sim! Você acha que os carros vão fazer retorno aonde? — respondeu o prefeito.

O secretário ainda tentou insistir, mas foi interrompido:

— Não adianta reclamar. Quero o pontilhão amanhã — exagerou Maluf.

Bravo, Reynaldo gritou para um assessor, provocando gargalhadas:

— Tá bom, tá bom. Taliba, manda fazer logo um pontilhão com fritas para o prefeito.

a) Como você interpreta a última fala do secretário de Vias Públicas?
b) O que leva a essa interpretação?

2. Explique o que a Helga quis dizer, no terceiro quadrinho.

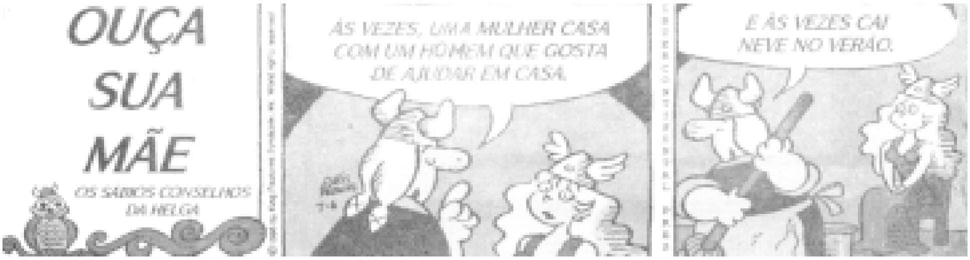
OUÇA SUA MÃE
OS SÁBIOS CONSELHOS DA HELGA
ÀS VEZES, UMA MULHER CASA COM UM HOMEM QUE GOSTA DE AJUDAR EM CASA.
E ÀS VEZES CAI NEVE NO VERÃO.

(*Folha de S. Paulo*, 14.8.1996)

3. Algumas perguntas marotas já se tornaram maneiras convencionais de “dar indiretas” que todos entendem. Diga em que situações e com que intenção poderiam ser usadas as perguntas (nem sempre polidas) que seguem:

a) O seu barbeiro (cabeleireiro) foi preso?
b) Na sua casa só tem cortinas?/Na sua casa não tem geladeira?
c) Isso dá sempre?
d) Que bicho te mordeu?

e) Você viu o passarinho verde?
f) Bebeu?
g) Qual é a tua?
h) Você está me estranhando?
i) Está pensando que nasci ontem?

4. O menino da tira não passa, evidentemente, de um mau aluno que não estudou para a chamada oral. Para isso, ele tenta alterar o sentido da pergunta feita pelo professor. Tente determinar

a) Qual foi a pergunta?
b) Em que sentido a resposta do menino muda o sentido dessa pergunta?

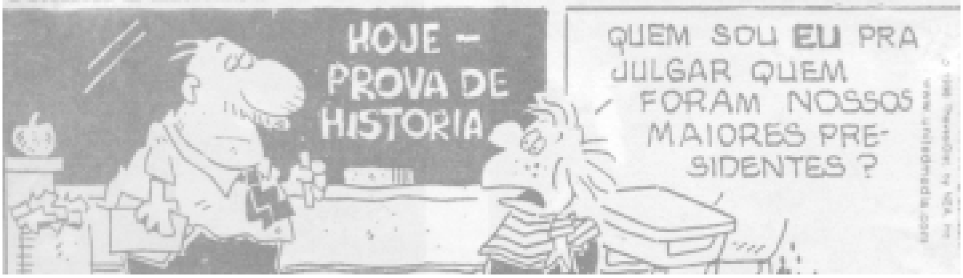
HOJE -
PROVA DE
HISTORIA
QUEM SOU EU PRA JULGAR QUEM FORAM NOSSOS MAIORES PRE-SIDENTES ?

(*Jornal do Brasil*, 16.12.1999.)

5. No dia 4 de fevereiro de 2000, o jornal *O Estado de S. Paulo*, na coluna reservada à correspondência dos leitores, publicou esta carta:

Seleção

> Após saber que a seleção canarinho vai jogar com a conhecidíssima seleção da Tailândia, gostaria de saber como faço para marcar um jogo da seleção contra a famosíssima e poderosa equipe do S. E. Palmeirinha, da minha cidade de Porto Ferreira. **Jairo Baccarin Filho**

Considerando que a carta foi escrita para ser lida não só pela redação do jornal, mas por todos os leitores, o que queria efetivamente dizer o Sr. Baccarin?

6. Algumas mensagens da propaganda, em vez de argumentarem diretamente a favor do produto que querem promover, nos obrigam a raciocinar para descobrir esse mesmo argumento. É o caso desta propaganda dos relógios Patek Philippe. Pense e responda: que característica do produto ela ressalta?

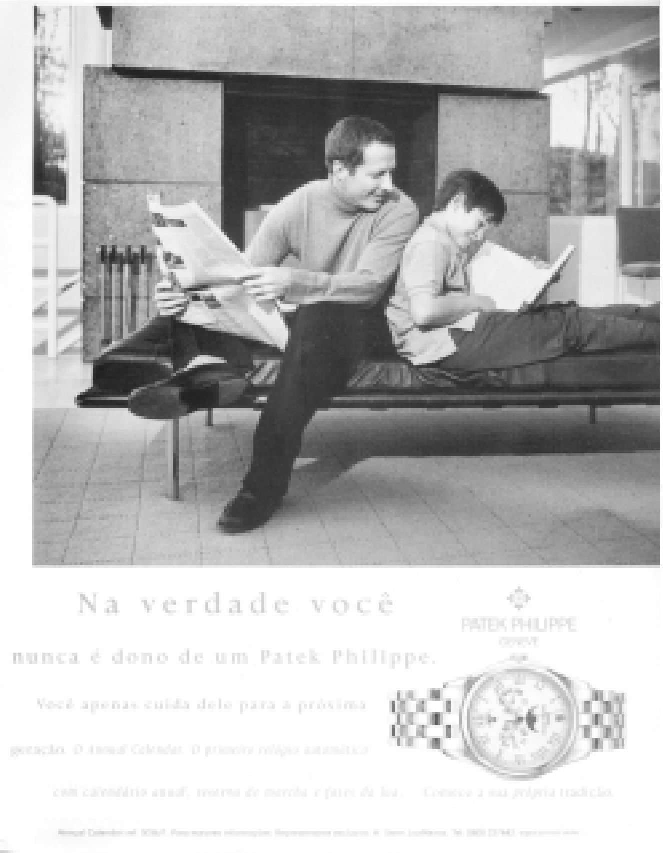

Na verdade você nunca é dono de um Patek Philippe.

Você apenas cuida dele para a próxima geração. O Annual Calendar. O primeiro relógio automático com calendário anual, reserva de marcha e fases da lua. Comece a sua própria tradição.

PATEK PHILIPPE
GENEVE

7. A história abaixo foi extraída do livro *Humor na Marolândia*, do humorista mineiro Marcos Vinícius Ribeiro Dias. Leia o trecho e responda em seguida:

Especialidade de político

Certo deputado, em viagem ao interior de seu Estado, de repente, percebeu que estava sem dinheiro, e resolveu trocar um cheque especial numa agência de seu banco, porém, naquele momento, descobriu que estava sem um só documento. Aí virou para o gerente e falou:

— Eu sou deputado, o senhor deve me conhecer dos jornais, da televisão, do programa de abertura...

O gerente respondeu que sua fisionomia não lhe era estranha, mas explicou-lhe também que a responsabilidade dele pela agência é grande, e quando acontecem fatos como este, ele faz um teste com o cliente, por exemplo:

— Outro dia, falou o gerente, esteve aqui na agência o Chico Buarque de Holanda, na mesma situação, então eu pedi a ele que fizesse um poema, e ele fez uma obra-prima em cinco minutos, nós pagamos o cheque. Na semana passada, foi a Noêmia Mourão, que pintou uma tela maravilhosa. Outro dia, foi o Roberto Dinamite, que marcou quatro gols no nosso caixa, e também o Marquinhos que, além de mostrar que tinha dois metros de altura, colocou cinqüenta bolinhas de papel no cesto do lixo. Então...

O político ficou meio sem graça e falou para o gerente:

— Mas eu não sei fazer nada!

E o gerente, sorrindo, falou para o deputado:

— Pode dirigir-se ao caixa que vamos pagar o seu cheque.

a) A história reforça uma opinião corrente sobre qual seria a especialidade dos políticos. Qual é essa opinião?
b) Para muitos brasileiros, Chico Buarque é antes de tudo um músico. Entretanto, nesta história, ele é dado como exemplo de outra atividade. Qual?
c) É provável que alguns leitores da história não conheçam uma ou outra das personagens (Roberto Dinamite, Noêmia Mourão e Marquinhos). Mas no contexto da história é clara a especialidade que eles representam. Qual a especialidade de cada um?

8. Como você interpretaria esta seqüência de perguntas (de um juiz) e respostas (de um acusado) registrada durante uma audiência no tribunal?

Pergunta: *A senhora passou alguma vez a noite com este homem em N. Iorque?*
Resposta: *Eu me recuso a responder a essa pergunta!*
Pergunta: *A senhora passou alguma vez a noite com este homem em Chicago?*
Resposta: *Eu me recuso a responder a essa pergunta!*
Pergunta: *A senhora passou alguma vez a noite com este homem em Miami?*
Resposta: *Não!*

(do livro de Mary Louise Gilman)

9. Acontece às vezes ouvir afirmações como estas:

— "É muito articulado, para um ex-torneiro mecânico."
— "É muito discreto para um descendente de italianos."
— "É muito inteligente para um preto."
— "É esperta para uma loira."

Explicite a implicatura veiculada por essas frases. Mostre que essas frases (e outras análogas) são politicamente incorretas, porque estigmatizam todo um grupo, em vez de falar de um determinado indivíduo.

10. A que prática (de que são vítimas às vezes os turistas) se faz alusão nesta outra propaganda?

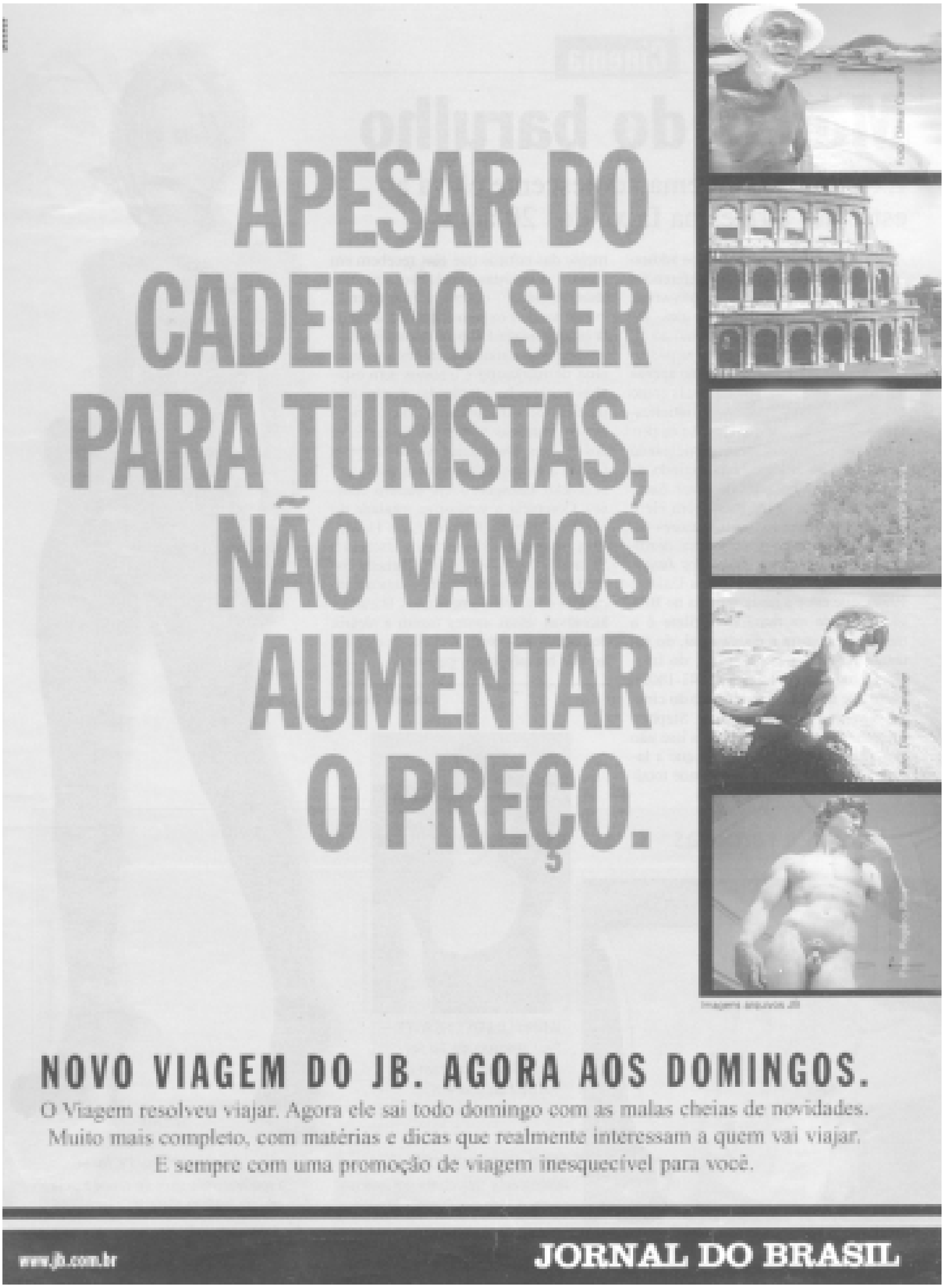

APESAR DO CADERNO SER PARA TURISTAS, NÃO VAMOS AUMENTAR O PREÇO.

Imagens arquivos JB

NOVO VIAGEM DO JB. AGORA AOS DOMINGOS.

O Viagem resolveu viajar. Agora ele sai todo domingo com as malas cheias de novidades.
Muito mais completo, com matérias e dicas que realmente interessam a quem vai viajar.
E sempre com uma promoção de viagem inesquecível para você.

www.jb.com.br

JORNAL DO BRASIL

11. Leia este recorte do jornal *Folha de S. Paulo* (setembro de 1999), e responda em seguida às perguntas:

CONFRONTO *Ministro do STF divulga nota*

Velloso diz que ACM não é homem de bem

SILVANA DE FREITAS
da Sucursal de Brasília

O presidente do STF (Supremo Tribunal Federal), ministro Carlos Velloso, sugeriu ontem que o presidente do Senado, Antônio Carlos Magalhães (PFL-BA), não é um "homem de bem" e afirmou que evitará novos bate-bocas com o parlamentar.

"Daqui para frente, eu vou deixar que esse senhor fale sozinho. Esse é o conselho, aliás, que tenho recebido de colegas e de inúmeras pessoas de bem. Afinal, eu tenho mais o que fazer."

A declaração foi dada por meio de nota à imprensa três dias após o último ataque do senador. Na quinta-feira, Velloso havia dito que fala porque tem "boca". No dia seguinte, ACM afirmara: "Se ele disse que fala porque tem boca, é lamentável que ele tenha."

Ontem, o ministro reafirmou que não aceita ser julgado pelo senador, sugerindo que ACM não seria um homem de bem.

"Esse senhor, eu já disse mais de uma vez, não tem condições para julgar os meus atos. Não me interessa o que ele pensa a meu respeito. Interessa-me, o que também já declarei, o julgamento dos homens de bem, nada mais."

Inativos

A polêmica entre os dois surgiu porque Velloso disse que a proposta de emenda constitucional que institui a contribuição previdenciária dos servidores inativos poderá ser rejeitada pelo STF. ACM considerou que o ministro estava falando demais e não deveria comentar questões que ainda não chegaram ao tribunal.

Velloso reagiu inicialmente com tranqüilidade ao ser informado na sexta-feira sobre o teor da última declaração do presidente do Senado.

Viagem

O Presidente do STF havia informado, por intermédio de sua assessoria de imprensa, que não pretendia responder. Anteontem, Velloso antecipou o retorno a Brasília de viagem pessoal a Vila Velha (ES).

Localize, no texto, a fala em que o presidente do STF declara não estar interessado nas opiniões do presidente do Senado. Mostre que o presidente do STF não **diz**, apenas **sugere** que ACM não é homem de bem. Explique como ele consegue transmitir essa opinião sem se comprometer explicitamente com ela. A partir dessa distinção entre dizer e sugerir, comente o título da notícia.

12. Em época próxima ao dia dos namorados de 1999, a montadora Renault estava promovendo o carro modelo Scénic por meio desta propaganda. Explique-a.

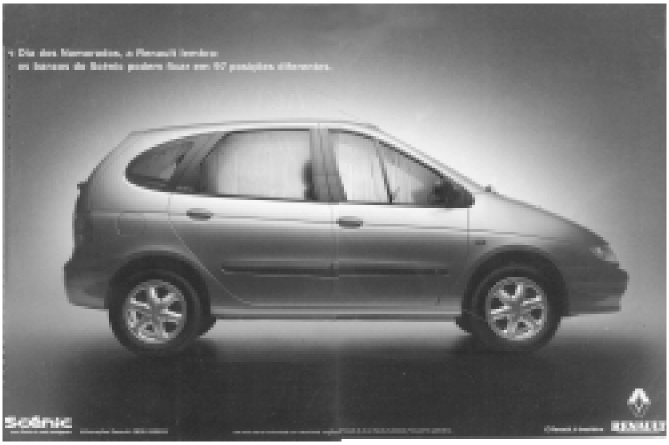
Dia dos Namorados, a Renault lembra:
os bancos do Scénic podem ficar em 97 posições diferentes.
Scénic
RENAULT

13. A companhia Crediminas divulgou, alguns anos atrás, por meio de jornais, um texto intitulado “Lições tiradas na vida”, contendo uma série de reflexões que se exprimem na primeira pessoa do singular, e que marcam as descobertas de cada idade. Algumas dessas reflexões foram transcritas a seguir:

> Aprendi que meu pai pode dizer um monte de palavras que eu não posso. 8 anos.
>
> .....
>
> Aprendi que não se deve descarregar suas frustrações no seu irmão menor, porque seu pai tem frustrações maiores e mão mais pesada. 15 anos.
>
> .....
>
> Aprendi que nunca devo elogiar a comida de minha mãe quando estou comendo alguma coisa que minha mulher preparou. 25 anos.
>
> .....
>
> Aprendi que quando minha mulher e eu temos, finalmente, uma noite sem as crianças, passamos a maior parte do tempo falando sobre elas. 29 anos.
>
> .....
>
> Aprendi que o homem tem quatro idades: (1) quando acredita em Papai Noel; (2) quando não acredita em Papai Noel; (3) quando é Papai Noel e (4) quando se parece com Papai Noel. 51 anos.
>
> .....
>
> Aprendi que envelhecer é importante se você é um queijo. 76 anos
>
> .....
>
> Aprendi que tenho muito a aprender. 92 anos.

Explique como você entende a reflexão que a personagem faz sobre envelhecer, aos 76 anos.

Linguagem e metalinguagem

Objetivo

Levar o leitor a reconhecer as situações em que a linguagem fala de si mesma.

Caracterização geral

São metalingüísticos todos os usos em que a linguagem, em vez de falar de pessoas, acontecimentos e outras realidades externas a ela, fala da própria linguagem.

Material lingüístico

O mais simples de todos os usos metalingüísticos é aquele em que **falamos de** uma palavra ou de uma frase, por exemplo quando dizemos que “sabiá” é uma palavra oxítona, ou quando dizemos que “alfabeto” tem oito letras, ou que “gato” é um substantivo. Um dos tantos usos que fazemos das aspas serve, precisamente, para indicar que queremos falar de uma determinada palavra, e não usá-la para falar do mundo.

Além disso, há, na língua, uma grande quantidade de palavras que são usadas para relatar a atividade de fala. Por exemplo:

✓ Os verbos “prometer”, “recomendar” e “ordenar” caracterizam diferentes atos de fala, tomando por base seu propósito.

✓ Os verbos “gritar”, “sussurrar”, “gaguejar”, “resmungar” dão uma idéia de como uma determinada fala foi pronunciada.

✓ Os verbos “confirmar”, “desmentir”, “reafirmar” qualificam como verdadeiro ou falso o conteúdo de uma fala anterior.

Há um tipo de correção, freqüente sobretudo na língua falada, que consiste em “retirar” uma palavra mal escolhida, e em substituí-la por outra, como quando dizemos “Ele é muito tenso ou, **melhor dizendo**, mal-humorado”. Essa correção

resulta de uma análise metalingüística que os usuários da língua fazem de sua própria fala.

Atividade

Localize, no livro *Primeiras Estórias*, de Guimarães Rosa, o conto "Famigerado", e leia-o, com a ajuda de seu professor. Note que nesse conto se narra um diálogo tenso, no qual uma das personagens mede os riscos de cada palavra. Na sua opinião, é correto dizer que o conto relata uma discussão sobre o sentido da palavra "famigerado"? O que mais é necessário dizer para explicar a tensão vivida pelas personagens?

Exercícios

1. Os jornalistas têm se preocupado muito mais do que os próprios gramáticos em regulamentar o uso das aspas. Por exemplo, o "Manual da Redação" da *Folha de S. Paulo* recomenda que esse recurso gráfico seja usado apenas

- "para delimitar uma citação";
- para assinalar "palavras e expressões estrangeiras que não tenham tradução, não tenham sido aportuguesadas, ou cuja utilização seja rara em texto jornalístico, ou
- para "destacar títulos de livros, obras artísticas (filmes, peças de teatro, música etc.), revistas, jornais". Segundo o mesmo "Manual", as aspas devem ser evitadas quando se quer enfatizar palavras ou imprimir-lhes um tom irônico. O texto que você vai ler a seguir, uma das melhores dissertações do Vestibular Unicamp 1999, recorre várias vezes às aspas. Pede-se que você comente cada ocorrência das aspas, esclarecendo:
  a) se ele se enquadra num dos casos previstos no *Manual da Folha*;
  b) se as aspas exercem alguma outra função, não prevista no *Manual*;
  c) se o uso das aspas seria condenado pelo *Manual*.

O caminho brasileiro

Nome: Rodrigo Mendes Leme
(escola particular)
CAMPINAS/SP
C.COMPUTAÇÃO (1ª opção)

Brasil, país dos famintos, dos massacres de cidadãos inocentes, da expoliação, da pobreza, do subdesenvolvimento econômico, do extermínio

da parcela indígena de sua população. À medida que se aproxima dos 500 anos, velhos problemas continuam sem solução, conforme bem alertou o historiador Sílvio Romero em sua História da Literatura Brasileira (e isso há mais de 100 anos!). Se até o presente momento não houve uma violenta insurreição armada popular, deve-se à ignorância e à índole pacífica do mesmo, que contribui para perpetuar o "status quo".

Visto por este ângulo, o leitor é tentado a considerar o Brasil um país que "jamais dará certo". A conjuntura atual é, de fato, negativa para a nação. Mas tal fato não deve anular tudo o que até agora conquistamos. Alguns brasileiros, em todos os campos de atividades, podem ser encontrados no panteão dos grandes da humanidade. Santos Dumont, César Lattes, Carlos Chagas, Machado de Assis, Oscar Niemayer etc. São compatriotas que demonstram o pontencial do "gigante adormecido". "Brasil, país do futuro - sempre futuro?" dirá ironicamente o leitor mais incauto. Um futuro mais próximo, porém pela primeira vez, o Estado, através de leis democráticas, começa a resguardar o citado potencial. Leis como as que regem o direito de greve, os crimes hediondos, os juizados de pequenas causas e outras podem parecer pouco mas para um país que até poucos anos era governado por uma ditadura, tais leis constituem um avanço fundamental.

O maior legado brasileiro, todavia, encontra-se num campo inesperado; tal classificação decorrre do fato deste assunto ser um tanto controverso. Trata-se da questão racial – e de como a intensa miscigenação produziu uma experiência antropológica única no mundo. Não se trata de retomar o ultrapassado mito da "democracia racial", que apenas serviu – e serve – para disfarçar o preconceito latente em parte da população. Mas quando se olha a multiplicação de conflitos étnico-raciais no globo, é inegável o nosso desenvolvimento. Eis o legado: enquanto outras nações ainda buscam a tolerância racial – inclusive os "poderosos" EUA –, nós já estamos num estágio mais avançado: no Brasil, busca-se a convivência racial, baseada em nossa singular miscigenação. Seria a glória do já falecido antropólogo Darcy Ribeiro, renomado pesquisador desse assunto: com apenas 500 anos de "idade", o Brasil conseguiu aquilo quenenhum outro país do mundo obteve – passar no estágio da tolerância para o da convivência racial. "Brasil, farol da humanidade": num planeta marcado por ódios ancestrais, esta mensagem mostra que é possível buscar a convivência - bastando seguir o caminho apontado pelo nosso país.

(Fonte: Dissertações do Vestibular Unicamp-99, Campinas, Edunicamp, 1999, p.51-54)

2. Coloque aspas nos lugares adequados, para tornar verdadeiras as frases abaixo:
   a) Palavrão é o aumentativo de palavra.
   b) Uma dúzia de letras tem 15 letras.
   c) Um dente é parecido com um pente.
   d) Não confunda detergente com deter gente.

e) Paroxítono é proparoxítono.
f) Quem usa quitanda no sentido de merenda é mineiro.
g) As placas de todos os automóveis de Campinas começam com a letra C.
h) Amor rima com espanador.

3. O primeiro verso concorre às vezes com o título como forma de identificação de alguns poemas célebres. Tente descobrir o título dos poemas cujos versos foram transcritos a seguir.

“Stamos em pleno mar. Doido no espaço brilha o luar ...”
“Ora, direis, ouvir estrelas...”
“As armas e os barões assinalados...”
“De tudo ao meu amor serei atento antes”
“Vai-se a primeira pomba despertada”
“Minha terra tem palmeiras”
etc.

4. Alguns trechos das letras de canções populares consagradas são mais conhecidos que outros trechos das mesmas canções. Procure lembrar os trechos que você conhece das seguintes canções:

Saudosa maloca (Adoniran Barbosa)
Trem das onze (Adoniran Barbosa)
A banda (Chico Buarque)
O peixe vivo (foclore mineiro)
Brasília amarela (Mamonas Assassinas)
Saudades da Amélia (Mário Lago)
Asa branca (Luís Gonzaga)

Confira, em seguida, os seus resultados que você terá obtido com os de seus colegas. Se for o caso, faça, com seus colegas, uma nova lista de canções mais conhecidas e mais ao gosto da turma.

5. Nas narrativas que seguem, há um elemento cômico que se origina num equívoco. Em que casos o equívoco tem a ver com uma confusão entre linguagem e metalinguagem?

Lema da tropa

Na guerra, o general estimula seus soldados antes da grande batalha:
— Não esqueçam, ao avistar o inimigo, pensem logo no lema de nossa tropa: Ou mato ou morro.
Dito e feito. Quando encontraram os inimigos, metade do batalhão correu para o mato, e o restante para o morro.

> **Para mim**
> “Muito bem, Geraldo”, explica o juiz à criança que foi arrolada como testemunha: a partir deste momento, suas respostas têm que ser para mim. Que idade você tem, Geraldo?
> — Para mim!
> — Como se chama sua professora?
> — Para mim!

6. “Enrolação”, “conversa fiada”, “conversa mole”, “conversa para boi dormir”, “papo furado”, “baboseira”, “abobrinha” são algumas das expressões que as pessoas usam para caracterizar uma fala pouco convincente e às vezes mal intencionada, mediante a qual alguém procura enganar alguém. “Sinto não poder concordar com o senhor”, “Tenho uma opinião diferente”, “Você está pensando que nasci ontem?”, “Você quer me passar diploma de burro?” são fórmulas mais ou menos polidas para reagir à conversa mole de uma outra pessoa. Lembre-se de um episódio que você presenciou ou ouviu contar, em que alguém qualificou a conversa de outra pessoa como enrolação.

7. Durante o mês de março de 2000, algumas edições do jornal *O Estado de S. Paulo* trouxeram um anúncio de página inteira com o seguintes dizeres:

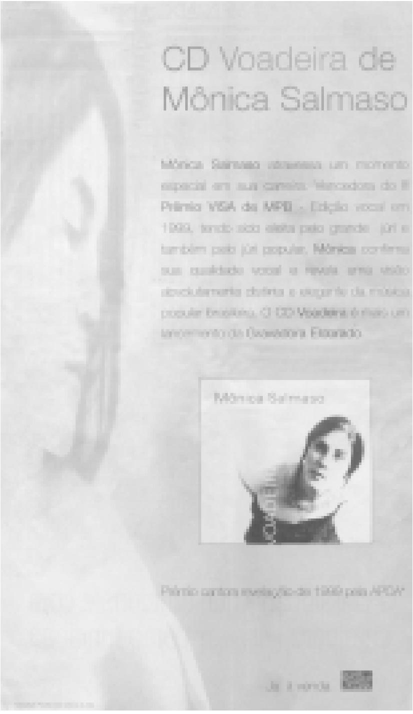
CD Voadeira de
Mônica Salmaso
Mônica Salmaso
Já à venda

A palavra “Voadeira” ocorre três vezes nessa propaganda:

a) no título;
b) no pequeno texto que segue o título; e
c) na ilustração, que é ao mesmo tempo a capa do CD, produzido pela Gravadora Eldorado como parte do prêmio dado à cantora. A primeira ocorrência de “Voadeira” está em destaque. Por que esse destaque era importante? Pode-se dizer o mesmo do uso que foi feito do negrito, em outras partes do anúncio?

8. Questão do Vestibular Unicamp, 1999

Num desses documentos que circulam pela Internet, cujo título é “Como escrever legal”, encontram-se, entre outras, as seguintes recomendações:

✓ Evite os lugares-comuns como o diabo foge da cruz.
✓ Nunca generalize. Generalizar é sempre um erro.
✓ A voz passiva deve ser evitada.

Todas essas recomendações produzem um óbvio efeito cômico, e em todas elas tal efeito decorre da exploração de um único princípio.

a) Qual é o princípio geral explorado nessas recomendações?
b) Explique como o princípio se realiza em cada uma das recomendações transcritas.

9. A palavra *assim* funciona muitas vezes como **anafórico**, isto é, retoma passagens anteriores de um texto (ver capítulo 20. *Anáfora e Dêixis*). Alguns dos usos anafóricos se explicam facilmente como retomadas de conteúdos; outros ficam mais bem explicados se considerarmos que valem, implicitamente, por uma citação. Diga em que casos, entre as frases a seguir, se dá esse efeito de citação:

a) O amigo de D. Pedro Primeiro, o Chalaça, era assim chamado porque era dado a fazer gracejos de mau gosto.
b) No final da vida, o Aleijadinho esculpia com a marreta e o escopro amarrados nas mãos. Ele trabalhava assim porque a doença o impedia de segurar as ferramentas.
c) O trajeto desde o centro até a universidade leva mais ou menos cinqüenta minutos. Ficou assim depois da interdição da ponte do Jaguaré.
d) Um dos mais célebres quadros de Velásquez retrata as infantas da Espanha. Esse quadro tem por título “Las meninas”. Parece que ele ficou conhecido assim, por causa do nome que as governantas portuguesas davam às princesinhas.
e) Como vai a vida? Assim assim.

10. Não é sempre fácil distinguir quando estamos falando de palavras e quando estamos falando das coisas que as palavras nomeiam. Considere este cartum, publicado na época das comemorações dos 500 anos do descobrimento do Brasil: ele faz alusão ao episódio da morte do primeiro bispo do Brasil, Dom Pero Fernandes Sardinha, que teria sido comido por índios antropófagos, depois de um naufrágio. Ele trata do bispo, ou do nome do bispo?

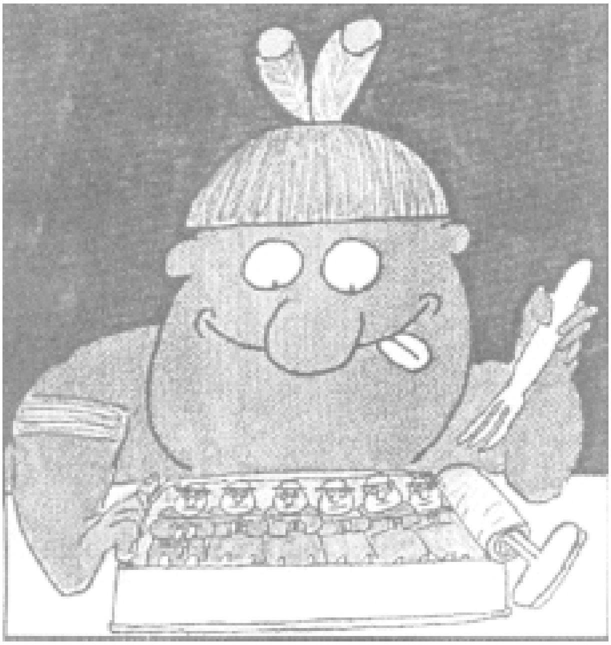

(*Palavra*, abril de 2000)

Linguagem figurada: processos analógicos

Objetivo

Sensibilizar para os efeitos (práticos, estéticos, cognitivos) que se obtêm com o uso figurado da linguagem.

Caracterização geral

Usamos a linguagem figuradamente toda vez que buscamos para ela uma interpretação não-literal, não convencional. Os processos analógicos são aqueles que nos levam a perceber semelhanças (analogias).

Material lingüístico

✓ Os dois processos mais importantes pelos quais a linguagem nos leva a perceber (e trabalhar) semelhanças são a comparação e a metáfora.

✓ Numa **comparação** "totalmente explícita", aparecem tipicamente: 1) uma expressão que identifica a entidade comparada; 2) uma outra expressão que identifica a entidade tomada como termo de comparação; 3) uma expressão que identifica a propriedade comum, atribuída às duas entidades; 4) um "conectivo", indicando comparação. Assim, no exemplo:

A terra é achatada nos pólos como uma laranja

"**A terra**" é "**uma laranja**" identificam os objetos que queremos comparar;

"**Achatada nos pólos**" identifica a propriedade (no caso, uma característica de forma) que eles têm em comum;

"**Como**" expressa a idéia de comparação.

✓ Nem todas as comparações são completamente explícitas: ainda temos comparações nestes outros exemplos, onde faltam alguns dos elementos enumerados acima.

A terra é como uma laranja

A terra é em certo sentido uma laranja

✓ Temos **metáfora** toda vez que, indo além da simples apresentação de propriedades comuns, pensamos uma realidade nos termos de uma outra. O exercício de pensar uma realidade em termos do que ela não é nos leva sempre a alguma descoberta, por isso mesmo, a metáfora é uma **poderosa fonte de novos conhecimentos** e novos comportamentos. Pensar uma realidade em termos de outras proporciona também um prazer **estético**.

✓ As descobertas proporcionadas pelo uso figurado da linguagem são mais ou menos previsíveis no caso de metáforas que se tornaram correntes e convencionais. Uma frase como

José é um palito

leva quase automaticamente a pensar em magreza (e não na possibilidade de usar José para palitar os dentes). As "descobertas" são mais "trabalhosas", e mais compensadoras, no caso das metáforas autenticamente criativas. Do que falava Manuel Bandeira com esta frase, aplicada a uma de suas antigas namoradas?

Maria, você é uma perna.

Feiúra? Banalidade? Utilidade?

Atividade

Imagine-se na seguinte situação: você é o responsável pela propaganda de uma empresa de pincéis e resolve lançar uma campanha publicitária, na qual os pincéis em questão serão apresentados não como escovas, mas como "bombas", no sentido de que eles soltam tinta de maneira regular, à medida que entram em contato com a superfície a ser pintada. Crie um slogan e um pequeno texto explicativo; descreva como devem ser as mensagens visuais que serão veiculadas pela campanha.
(Atenção: neste exercício, pincel e bomba são apenas uma sugestão, tirada aliás de uma história real; você poderá substituir pincel e bomba por qualquer outra coisa: uma excursão que é tratada como um remédio contra o estresse, uma cera para carros que é tratada como uma couraça, uma roupa que é tratada como um cartão de visita etc.)

Exercícios

1. Algumas propriedades são associadas convencionalmente a certos animais: a raposa costuma ser tomada como símbolo da astúcia, o touro como símbolo da força etc. O que se pretende,

Quando se diz de alguém...
...que é um cavalo.
...que é uma mula (empacada).
...que é um tatu.
...que é uma cobra.
...que é um urso.
...que é um gato.
...que é um galinha.
...que fez uma cachorrada.
...que fez uma ursada.
...que passou por uma experiência que foi uma tourada.

Quando se diz que alguém...
... come como um passarinho.
... tem olhos de lince.
... dorme com as galinhas.
... bebe feito uma esponja.

2. Colecione dez expressões como estas:
Mais perdido do que cego em tiroteio.
Mais sujo do que pau de galinheiro.
Mais desajeitado que macaco em loja de louça.

Em seguida, escolha uma das expressões que você terá encontrado e conte uma história que a tenha como título.

3. Algumas fórmulas do tipo “*mais... do que...*” saíram da moda há tempos. Uma dessas fórmulas é “mais por fora do que umbigo de vedetes”, que remonta ao tempo em que mostrar o umbigo era a chocante especialidade das dançarinas do teatro de rebolado. Recorra a alguém da geração mais velha, e peça ajuda para recuperar algumas dessas comparações hoje perdidas.

4. Um dos recursos mais usados pela propaganda consiste em associar o produto que se quer vender com alguma imagem desejável, transferindo propriedades desta última para o produto que se pretende promover. Comente como funciona esse mecanismo na propaganda apresentada a seguir:

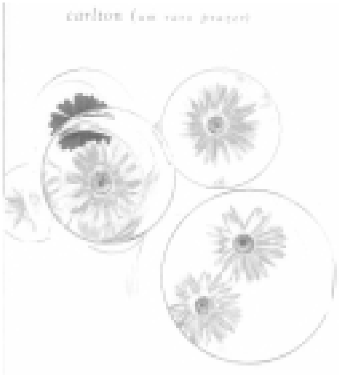

5. Num artigo publicado no jornal *O Estado de S. Paulo*, o jornalista Luiz Costa fez estes comentários a propósito da propaganda divulgada pela televisão:

> [...] A hora do intervalo tem ganho de longe do festival de formatos repetitivos que assola a telinha. Meio minuto de comercial chega a concentrar mais sacadas inteligentes, economia narrativa e aderência de roteiro do que provavelmente muitas novelas, [programas de] auditórios, infantis, jornalísticos e *talk shows* têm em meio ano.
>
> [...] Mas é preciso segurar o freio da empolgação. Houve tempo em que um comercial demonstrava a capacidade do produto para resolver uma situação. Um refrigerante mata a sede, um carro nos leva a algum lugar com conforto, um sapólio limpa mais. Em algum momento, inventou-se a pólvora. E o singelo refri vira senha para espantar os males da vida, um fumante radical vira atleta, a mordida num *Big Mac* traz o sonho americano.
>
> Com vida própria para além dos produtos que anuncia, o comercial de TV virou entretenimento escapista. E o escapismo tem sentido literal, bem lembra Neal Gabler no recém-lançado *Vida, o filme*: o de sair da murrinha cotidiana usando fórmulas, sentenças narrativas que resumem raciocínios e situações complexas, descansam a mente ao dar respostas já resolvidas.
>
> O mundo sob o prisma da publicidade é asséptico, sem crise, problema ou contaminação – o menor sinal é logo anulado pela exibição triunfal do produto. Quando Coca-Cola dá vida a tudo, Hollywood esbanja saúde fumando, ou Brahma cura impotência, um sinal é dado e absorvido. É sempre bom lembrar disso antes da nova idéia genial ocupar o intervalo.

Em sua opinião, o jornalista pretende negar a força do pensamento analógico?

6. Às vezes, falar de certas cores e formas é um modo de intensificar a propriedade expressa por um adjetivo. Pense nas várias maneiras como poderiam ser completadas as frases a seguir:

... verde de ... (“Fulano de tal estava verde de raiva.”)
... branco de ...
... quadrado de ....
... seco de ...
... azul de ...
... roxo de ...

7. O intelectual João Batista Vico, que viveu no século XVIII, disse certa vez que por trás de uma metáfora há sempre uma pequena fábula. Isso vale com certeza para as expressões idiomáticas, que descrevem uma ação por analogia. Imagine uma história, que poderia ter dado origem a esses modos de dizer:

Chutar o pau da barraca.
Agradar a gregos e troianos [alguns dizem: agradar a gregos e baianos].
Pôr a mão na cumbuca.
Do tempo em que se amarrava cachorro com lingüiça.
Receber alguém com quatro pedras na mão.
Descobrir (ensinar) com quantos paus se faz uma canoa.
Desse jeito, a vaca vai para o brejo.
Se correr o bicho pega, se parar o bicho come.
Preso por ter cão, preso por não ter cão.

8. No texto abaixo, o escritor francês Victor Hugo compara a vida ao percurso de um rio. Mostre como esta comparação, de caráter mais geral, se articula com uma série de outras comparações menores.

> Cheguei ao Mediterrâneo pelo Ródano. Vi o Ródano entrar no Mediterrâneo largo duas léguas, amarelo, turvo, lamacento, grande e sujo. Há seis dias eu o tinha visto sair do Leman, sob a velha ponte dos moinhos de Genebra, claro, transparente, límpido, azul como uma safira.
>
> No Leman, o Ródano é como um rapaz; no Mediterrâneo é como um velho. Lá, ele só viu montanhas, aqui ele atravessou cidades. Deus lhe dá neve, os homens lhe dão lama.
>
> Eis aí, minhas crianças, o que é viver e correr. Depois de viver, depois de espumar, rugir, engolir torrentes e rios, despedaçar rochedos, lavar pontes, arrastar cargas, alimentar cidades, espelhar o céu e as nuvens, o rio, que partiu estreito e violento do Leman chega, imenso e calmo, ao Mediterrâneo, onde se enterra. Aí ele reencontra, sob um sol ofuscante, com um horizonte sem limites, o azul profundo e esplêndido do lago de Genebra. O túmulo lembra o berço, só que é maior.
>
> Desci esta manhã de Arles às dez horas pelo paquete a vapor. A partir de Arles, as embarcações marinhas dão as caras no rio, as beiras recuam e se achatam, e logo a imensa planície deserta da Camargue toma conta da margem esquerda; aí o horizonte se torna imenso ao sul, o céu parece erguer-se como se sua abóboda ficasse maior. De repente aparece uma linha azul. É o Mediterrâneo.

9. Leia o texto deste anúncio (que foi objeto de uma questão do vestibular Unicamp 99). Identifique as metáforas que foram usadas e verifique se elas satisfazem suas exigências em matéria de bom gosto.

> ***Alguma casada*** *— Quando ele te conheceu ele fazia você sentir-se uma Empresa Multinacional como fêmea, e você recebia como o equivalente a um salário de Diretora Executiva no seu salário de sexo, amor e carinho! Hoje, p/ ele você é uma micro-empresa, como ele só visita quando ele vai pagar o seu salário mínimo sempre atrasado de sexo e amor! Faça como as grandes empresas, terceirize a mão-de-obra c/ gente qualificada que quer entregar satisfação completa sem nenhum tipo de cobrança. Eu casado sigiloso, cor clara, 28/38/48 anos. Procuro você s/ preconceito de peso ou altura de 18 a 45 anos. Posso viajar para sua cidade ou hospedá-la em local secreto e sigiloso em São Paulo/Capital quando por aqui você estiver por passagem fazendo compras ou querendo me visitar CP1572*

9. Reflita por um momento sobre esta propaganda, destinada a promover a Embraer, empresa brasileira construtora de aviões, junto ao público brasileiro. Em sua opinião, o pedido de que o anúncio seja lido **voando** deve ser interpretado em sentido literal ou metafórico? Por quê?

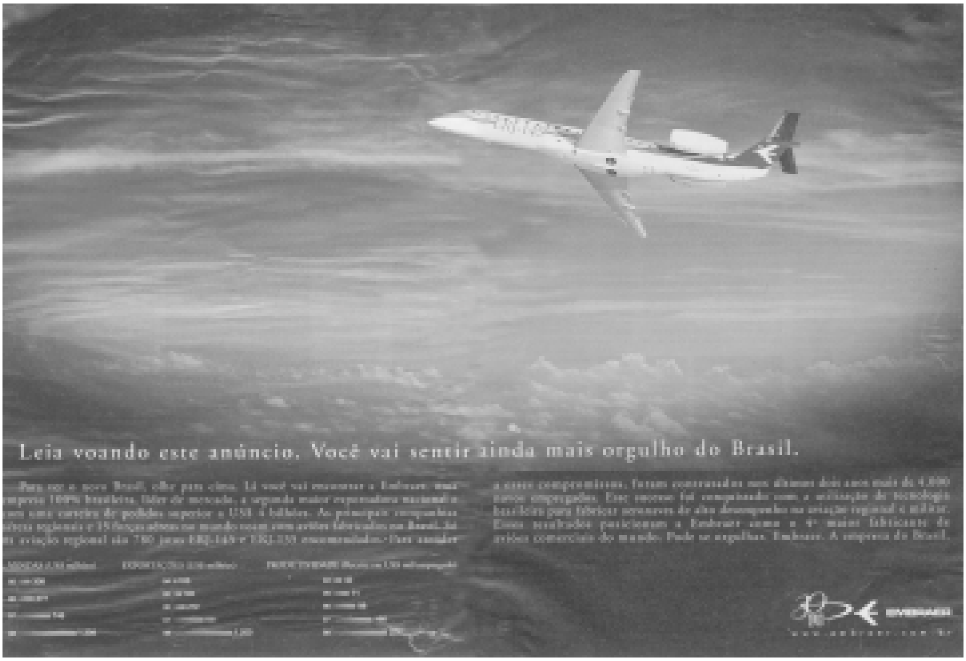
Leia voando este anúncio. Você vai sentir ainda mais orgulho do Brasil.

O(s) mundo(s) de que falamos

Objetivo

Mostrar que para interpretar certas estruturas lingüísticas é necessário considerar simultaneamente aquilo que acontece no mundo real, e em outros “mundos possíveis”.

Caracterização geral

A maioria de nossos enunciados descrevem ações e estados de coisas que atribuímos ao nosso mundo. Existem contudo alguns enunciados cuja interpretação depende de considerar, em paralelo, o “mundo real” com um ou mais “mundos possíveis” Para indicar que um determinado enunciado se refere simultaneamente a diferentes “mundos”, a língua lança mão de construções específicas, algumas das quais são tratadas neste capítulo, a título de exemplo.

Material lingüístico

Entre as expressões e construções que nos orientam no sentido de interpretar um enunciado considerando simultaneamente vários mundos estão:

✓ Os chamados **operadores modais**:
  – construções unipessoais como “*é possível*”, “*é necessário*”,
  – advérbios como “*necessariamente*”, “*possivelmente*”, “*eventualmente*”
  – auxiliares como “*pode*”, “*deve*” etc.

Pense-se por exemplo na frase “*Meu professor de Física do colegial deve estar aposentado*”: uma das maneiras de compreendê-la consiste em imaginar várias histórias de vida para esse professor de física, observando que, em muitas dessas histórias, vamos encontrá-lo aposentado no momento em que estou falando.

✓ Certos operadores como *oxalá, queira Deus que, tomara que,* cuja função é apontar para um universo em que se confirmam os conteúdos de nossos desejos:

Tomara que ele esteja gozando de boa saúde.

✓ As construções condicionais, que formam os chamados **períodos hipotéticos**:

O professor de física estaria aqui se algum de nós tivesse telefonado para ele.

Um período hipotético estabelece sempre uma dependência entre dois enunciados; um modo de entender essa dependência consiste em dizer que, em todos os mundos nos quais o primeiro enunciado for verdadeiro, o segundo também será verdadeiro; no caso do enunciado sobre o professor de física, sabemos além do mais que, no mundo real, ninguém telefonou para ele.

✓ O futuro, que pode sempre ser encarado como uma descrição daquilo que encontraremos num dos tantos mundos possíveis aos quais o nosso mundo real dá acesso.

✓ Vários "operadores" como "*Era uma vez...*", "*Vai que...*", "*Vamos supor que...*", que sempre dão ao enunciado uma função (por exemplo, de hipótese, de ficção etc.) diferente da de relatar sobre o mundo em que vivemos.

✓ Convém também ter presente que noções como realidade ou irrealidade podem ser relativas a um certo sistema de crenças e/ou conhecimentos. Por exemplo, que Bentinho escapa do seminário graças a uma sugestão do agregado José Dias é real no contexto do romance de Machado de Assis.

Atividade

O futuro se caracteriza, principalmente, por sua incerteza. Por isso, tanto no que diz respeito à vida pessoal, como nas várias formas de atuação coletiva de que participamos (política, trabalho, relações com vizinhos e amigos etc.) estamos sempre fazendo planos que prevêem possibilidades alternativas de desenvolvimento. Quem pensa dessa forma, considera às vezes diferentes "cenários". Reflita sobre algo que o preocupa, como pessoa ou como membro de um grupo. Pense no que acontecerá com você/com o seu grupo, dados diferentes cenários.

Exercícios

1. A letra da canção "João e Maria" de Chico Buarque de Hollanda faz uso do pretérito imperfeito do indicativo, um tempo que aprendemos a considerar como "passado". Esqueça as classificações gramaticais e procure determinar:

a) A relação cronológica entre a fala e "ser herói" é de simultaneidade, anterioridade ou posterioridade?
b) A criança que fala na música é herói no mundo real, ou num num mundo imaginário?
c) Qual o papel do pretérito imperfeito, nesse caso?

João e Maria

Agora eu era herói
E o meu cavalo só falava inglês
A noiva do *cowboy*
Era você.
Além das outras três
Eu enfrentava os batalhões
Os alemães e seus canhões
Guardava o meu bodoque
E ensaiava um rock
Para as matinês

Agora eu era o rei
Era o bedel e era também juiz
E pela minha lei
A gente era obrigada a ser feliz
E você era a princesa
Que eu fiz coroar
E era tão linda de se admirar
Que andava nua pelo meu país

Não, não fuja não
Finja que agora eu era o seu brinquedo
Eu era o seu pião
O seu bicho preferido
Sim, me dê a mão
A gente agora já não tinha medo
No tempo da maldade
Acho que a gente nem tinha nascido

Agora era fatal
Que o faz-de-conta terminasse assim
Pra lá deste quintal
Era uma noite que não tem mais fim
Pois você sumiu no mundo
Sem me avisar
E agora eu era um louco a perguntar
O que é que a vida vai fazer de mim

2. Você vai ler a seguir a letra da célebre canção “Saudades da Bahia”, de Dorival Caymmi. Pede-se que você localize nessa letra uma passagem em que se faz refe-

rência a algo que não teria acontecido, se uma determinada condição fosse realizada. Transcreva essa passagem e, em seguida, diga com suas próprias palavras:

a) Qual a condição que não foi realizada?
b) O que não teria acontecido se essa condição fosse realizada?

Ai, mas que saudades tenho da Bahia
Ai, se eu escutasse o que mamãe dizia,
Bem, não vá deixar a sua mãe aflita,
A gente faz o que o coração dita
Mas este mundo é feito de maldade e ilusão

Ai, se eu escutasse hoje não sofria
Ai, esta saudade dentro do meu peito
Ai, se ter saudade é ter algum defeito,
Eu pelo menos mereço o direito
De ter alguém com que eu possa me confessar

Ponha-se no meu lugar
E veja como sofre um homem infeliz
Que teve de desabafar
Dizendo a tudo mundo o que ninguém diz
Veja que situação
E veja como sofre um pobre coração
Pobre de quem acredita na glória e no dinheiro para se feliz

3. As duas narrativas transcritas a seguir foram utilizadas, em anos diferentes, como textos de referência no exame de língua portuguesa do Vestibular Unicamp. Além de outras características comuns eles se assemelham porque uma das personagens desperdiça a possibilidade de criar para si própria uma situação vantajosa, distinta de sua situação real. Identifique, nas duas histórias, as personagens que incorrem nesse tipo de fracasso; analise o modo como se cria, na história, a possibilidade de construir uma situação irreal.

> Dois carregadores estão conversando e um diz: “Se eu fosse presidente da República, eu só acordava lá pelo meio-dia, depois ia almoçar lá pelas três, quatro horas. Só então é que eu ia fazer o primeiro carreto”.
>
> Cansado de não vender nada na sua loja, João pegou o carro e saiu pelo interior para vender seus produtos. Depois de 15 dias sem tirar um só pedido, sentou-se embaixo de uma árvore para descansar. De repente, viu uma garrafa e chutou. A garrafa deu meia volta e chegou junto. João tornou a chutar e a garrafa deu outra meia volta e ficou bem ao

> seu lado. João pegou a garrafa, começou a acariciar e de repente surgiu uma voz que disse:
> — Você tem direito a três pedidos.
> João levantou correndo e disse:
> — Espere que vou buscar o talão!
>
> (Vestibular Unicamp 2000)

4. Uma forma de negação particularmente forte é aquela que, ao excluir a verdade de uma asserção, diz que ela é falsa não só em nosso mundo, mas também em todos os tempos e em todos os mundos, inclusive nos mundos em que acontecem até as coisas mais improváveis. Para realizar esse tipo de afirmação, a língua dispõe de fórmulas como:

Nem no dia de São Nunca.
Nem por todo o ouro do mundo.
Nem no tempo em que se amarrava cachorro com lingüiça.
Nem aqui nem na China.
Nem no céu com São Pedro ajudando.
Nem que a vaca tussa.

Procure levantar mais algumas dessas fórmulas.

5. Um operador muito usado para dar ao conteúdo da fala um caráter de suposição é “vamos supor que...” Que outros operadores você conhece, que desempenham uma função semelhante?

6. Os verbos *poder* e *dever* são usados às vezes com um sentido de autorização ou ordem, outras vezes, para formular previsões válidas para o futuro próximo. Examine as manchetes do jornalzinho a seguir e aponte os casos em que os verbos *poder* e *dever* exprimem previsão.

(um jornal de compromisso com a língua pátria)	**Jornalzinho** nota zero	(circula quando pode) *nº x*

Filho de Hebe pode ter programa na Rede TV

(*Jornal de Jundiaí*, 19.2.2000)

O único herdeiro da apresentadora Hebe Camargo pode ganhar um programa na madrugada da Rede TV! Marcelo Camargo, que há mais de dois anos resolveu seguir a carreira da mãe, está sendo sondado pela produtora GPM, de Gugu Liberato, para apresentar um programa de fim de noite na emissora.
A produtora já é responsável pelo programa “A Casa é Sua”, na Rede TV!, e “Escolinha do Barulho”, na Rede Record, além de “Miguelito”, que deve estrear na emissora do bispo Edir Macedo.

Relógios devem ser atrasados 1 hora à meia-noite

(*O Estado de S. Paulo*, 26.2.2000)

Fim do horário de verão altera hábitos dos habitantes das Regiões Sul, Sudeste, Nordeste e Centro-Oeste, além do Tocantins e Roraima; pesquisa da Fipe mostra que maioria apóia medida

GUSTAVO PAUL

BRASÍLIA – Com o fim do horário de verão, à meia-noite de hoje, todos os relógios das regiões Sul, Sudeste, Centro-Oeste e Nordeste, além do Tocantins e de Roraima, deverão ser atrasados em uma hora. (...)

São Paulo – Nos terminais rodoviários da cidade de São Paulo – Tietê, Barra Funda, Jabaquara e Bresser –, os ônibus com horário de partida até meia-noite de hoje saem normalmente. Quem tem passagens para depois da meia-noite deve orientar-se pelo novo horário dos relógios. Os passageiros com dúvidas sobre seus horários de viagem podem consultar a central de atendimento ao usuário.

Desempregado pode não pagar mais ingressos

(*Jornal de Jundiaí*, 19.2.000)

[...] De acordo com o autor do projeto, que recebeu parecer contrário da Comissão de Justiça e Redação (CJR), o objetivo é proporcionar o lazer ao desempregado, promovendo isenção de ingressos em eventos culturais e esportivos desde que patrocinados pela prefeitura.

[...]Outro projeto que afeta diretamente a vida do desempregado é de autoria do vereador E.G. (...) e cria o passe gratuito para quem comprovar estar sem serviço.

Gasolina e diesel devem subir 5% nos postos

Reajuste nas refinarias foi de 7%; aumento entra em vigor dia 1°

(O Estado de S. Paulo, 26.2.2000)

Romanos podem ter chegado primeiro à América

Cabeça de estátua encontrada no México indicaria nova data de descoberta do continente.

(O Estado de S. Paulo, 10.2.2000)

Du Pont volta às origens para crescer

Empresa corrige o rumo. Lucros devem vir da velha Lycra

(O Estado de S. Paulo – Economia, 11.1.2000)

Nível de emprego não deve melhorar de imediato

Economista diz que, com o desenvolvimento, veio a modernização e redução da mão-de-obra

(O Estado de S. Paulo – Economia, 13.2.2000)

GUSTAVO ALVES

RIO - O crescimento da economia brasileira não deve trazer de imediato melhoras no nível de emprego do país, na avaliação de economistas. A indústria e a agricultura, que devem impulsionar o aumento do produto interno bruto (PIB) reduziram sua mão-de-obra nos anos 90, para modernizar-se. Por isso, a abertura de novas vagas nos dois setores – que vão provocar novas contratações no comércio e nos serviços – será menos intensa do que era até a década anterior.

7. Nesta tira de *Os Pescoçudos*, fala-se de Brasil-potência. Quais são os indícios lingüísticos de que essa situação não é a que prevalece no mundo real?

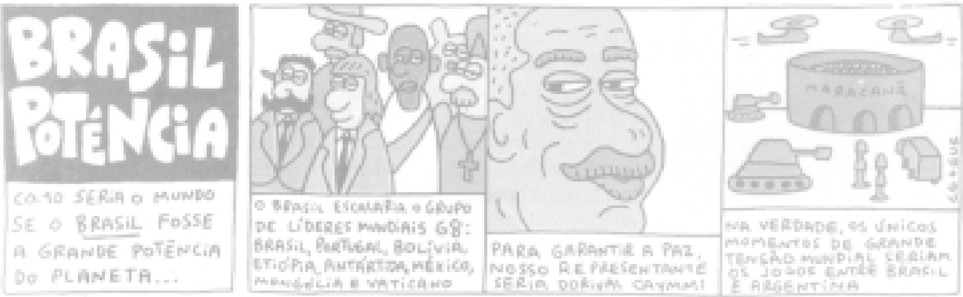
BRASIL POTÊNCIA
COMO SERIA O MUNDO SE O BRASIL FOSSE A GRANDE POTÊNCIA DO PLANETA...
O BRASIL ESCALARIA O GRUPO DE LÍDERES MUNDIAIS G8: BRASIL, PORTUGAL, BOLÍVIA, ETIÓPIA, ANTÁRTIDA, MÉXICO, MONGÓLIA E VATICANO
PARA GARANTIR A PAZ, NOSSO REPRESENTANTE SERIA DORIVAL CAYMMI
MARACANÃ
NA VERDADE, OS ÚNICOS MOMENTOS DE GRANDE TENSÃO MUNDIAL SERIAM OS JOGOS ENTRE BRASIL E ARGENTINA

(*Folha de S. Paulo*, 30.3.2000)

8. Uma das questões do Vestibular Unicamp 2000 versava sobre este texto, extraído de uma entrevista do escritor português José Cardoso Pires, na qual se perguntava ao entrevistado se seu nome seria uma boa indicação para o prêmio Nobel, junto com os nomes, sempre lembrados, de José Saramago e António Lobo Antunes:

> "A Imprensa tem lá as suas razões. Durante anos e anos passei a vida a assinar papéis a pedir um Nobel para um escritor português e isso não serviu de nada. De modo que o facto da Imprensa agora prever isto ou aquilo... uma coisa eu sei: o Prémio Nobel dado a um escritor português de qualidade beneficiava a todos os escritores portugueses. Que todos gostariam de ter o Prémio Nobel também é verdade, mas se um ganhar ganhamos todos. De qualquer modo o critério actual é o dos mais traduzidos e os mais traduzidos são o Saramago e o Lobo Antunes. Eu sou menos. Mas isso não me preocupa nada. Sinceramente."

Nesse texto há dois períodos hipotéticos bem caracterizados. Quais são? O uso da conjunção se é indispensável para formar um período hipotético? E o uso do futuro do pretérito?

9. Basta pensar alguns minutos, para levantar um bom número de canções que venceram o tempo e que começam com se.

Se você jurar... (Lamartine Babo)
Se você quer ser minha namorada...(Vinicius de Moraes)
Se acaso você chegasse...(Lupicínio Rodrigues)
Se todos fossem iguais a você (Vinicius de Moraes)

Escolha uma dessas canções e tente obter sua letra completa. Mostre que (boa) parte da letra fala de uma situação irreal.

10. *Era uma vez* é um dos tantos operadores que nos fazem passar de uma fala sobre o nosso mundo para uma fala sobre mundos irreais. Reúna em alguns textos que começam com *era uma vez*: tratam-se invariavelmente de fábulas? ou entre eles estão também piadas, contos, causos etc.? A língua dispõe também de fórmulas que realizam a operação do retorno, isto é, permitem passar da fábula (ficção etc.) para a realidade (por exemplo: “Acabou a história, morreu a Vitória”). Procure lembrar-se de algumas dessas fórmulas, que nos fazem voltar ao velho e bom mundo real.

A negação

Objetivo

Explorar diferentes maneiras de negar, mostrando como se combinam com outras operações relevantes para o sentido dos enunciados.

Caracterização geral

Negamos toda vez que excluímos uma possibilidade.

Material lingüístico

Contrariamente à crença corrente, há muitas outras maneiras de negar, além da que consiste em aplicar a um verbo o “advérbio” *não*: além desse “advérbio”, há muitas palavras e construções que expressam negação, e o verbo é apenas um dos segmentos de um enunciado sobre os quais a negação pode recair.

A negação pode ser expressa, entre outros meios:
✓ pelo “*não*” e por outros advérbios que combinam uma idéia de tempo, como *jamais* e *nunca*;
✓ pelos indefinidos negativos: *nenhum, nada, ninguém;*
✓ por operadores antepostos à sentença como “*é falso que...*”, “*não é verdade que...*”;
✓ por conjunções como *nem*, inclusive na construção correlativa “*nem... nem...*”;
✓ por prefixos como *não- ou sem-*: os *não-alinhados, os sem-terra;*
✓ por verbos auxiliares, como *deixar de* etc.

A negação pode recair, entre outros:
✓ sobre uma **palavra**: *não-alinhados, indesejáveis;*
✓ sobre uma **parte do enunciado** (geralmente, o “rema” ver capítulo “Perguntas e respostas”): *Na década de 70, a GM não fabricava o Monza (e sim o Opala);*

✓ sobre um **verbo**: João **deixou de pagar** a conta do mês de março, e a luz foi cortada;

✓ sobre um **quantificador**: *Nem todos os deputados da oposição vão votar contra o projeto. Nem sempre as coisas saem como gostaríamos;*

✓ sobre o **nexo expresso por certas conjunções**: *Eu não visitei meus pais porque precisava de dinheiro (mas porque estava com saudades).*

Diante de uma frase negativa, não é sempre fácil determinar de maneira exata o que se pretende negar. A negação interage com outras operações, determinando diferentes possibilidades de interpretação. Assim, alguém que descreve um incêndio e diz "Todos os hidrantes não tinham água", pode estar querendo dizer duas coisas bem diferentes: "Nem todos os hidrantes tinham água (somente alguns)" ou "Todos os hidrantes estavam sem água". Esta dupla possibilidade de interpretação (que podemos chamar de "negação de uma generalização/generalização de uma negação") é apenas um dos tantos casos em que uma frase negativa apresenta ambigüidade de escopo (ver o capítulo "Ambigüidade").

Nem todos os conteúdos de um enunciado resultam afetados, quando passamos o enunciado da forma afirmativa para a negativa, ou vice-versa. Assim, os dois enunciados

João parou de freqüentar a casa de Maria.
João não parou de freqüentar a casa de Maria.

têm em comum a informação de que João freqüentava a casa de Maria, no passado. É o fenômeno da pressuposição (ver o capítulo *Implícitos (I)*).

Há na língua algumas expressões (ditas "de polaridade negativa") que só se usam com um determinado sentido em frases negativas. Exemplos sempre citados desse fenômeno são "Maria não é flor que se cheire" e "Não tenho um tostão furado". Se passarmos para a forma afirmativa "Maria é flor que se cheire", e "Tenho um tostão furado", "flor que se cheire" e "tostão furado" mudam de sentido.

Atividade

Provavelmente, você já ouviu falar que há "exceções que confirmam a regra". Essas confirmações acontecem, em geral, quando as previsões da regra falham a propósito de um caso particular, mas, examinando melhor os fatos, verificamos que o caso não se enquadrava na regra desde o início. (Imaginemos, por exemplo, que, indo à escola todo dia, às sete da manhã, você se acostumou a cruzar com determinadas pessoas e a ver abertas determinadas lojas. Um dia você vai à

escola na hora de sempre, e nada disso acontece. Quando chega à escola, você descobre que acabou o horário de verão, e que você saiu de casa uma hora mais cedo.) Conte um episódio, que você ou algum conhecido seu tenha vivido, que seja uma boa ilustração do ditado de que “a exceção confirma a regra”.

Exercícios

1. Compare estes três verbetes de dicionário; apresente em seguida três exemplos de conduta que possam razoavelmente ser qualificados de moral, imoral e amoral.

Amoral. [De *a-*^{3} *+ moral.*] *Adj. 2 g.* **1.** Que não é nem contrário nem conforme a moral: *Segundo Oscar Wilde, a arte não é moral nem imoral, é amoral.* **2.** A que falta moral: *procedimento amoral.* **3.** Que não tem o senso da moral: *Muitos o consideram um escritor amoral.* **4.** *Ét.* Que é privado de qualificação moral, que se situa fora da categoria [q.v.] por não se referir a fato suscetível de julgamento normativo do ponto de vista do bem e do mal. **5.** *Ét.* Diz-se da conduta humana que, suscetível de qualificação moral, não se pauta pelas regras morais vigentes em um dado tempo e lugar, seja por ignorância do indivíduo ou do grupo considerado, seja pela indiferença, expressa e fundamentada, aos valores morais. [Cf. *moral* (1) e *imoral* (2, 3 e 4) • 2 g. 6. Pessoa que não tem o senso da moral: *Revela-se em tudo um amoral; É uma grande amoral.* [Cf. *imoral.*]

Imoral [De *i-*^{2} *+ moral.*] *Adj. 2 g.* **1.** Contrário à moral; desonesto, libertino; antimoral. **2.** *Ét.* Do ponto de vista de uma sociedade determinada diz-se de conduta ou doutrina que contraria a regra moral por ela prescrita. A que falta moral: *procedimento amoral.* **3.** *Ét.* Do ponto de vista do indivíduo, diz-se de conduta ou doutrina que contraria regra moral por ele adotada. **4.** *Filos.* Diz-se da conduta ou doutrina que contraria regra moral prescrita para um determinado tempo ou lugar • S 2 g. **5.** Pessoa que não tem o senso da moral: *Revela-se em tudo um amoral; É uma grande amoral.* [Cf. *amoral.*]

Moral [Do lat. *morale*, ‘relativo aos costumes’] *S.f.* **1.** Filos. Conjunto de regras de conduta consideradas como válidas, quer de modo absoluto para qualquer tempo e lugar, quer para grupo ou pessoa determinada [Cf. ética (1)]. **2.** Conclusão moral que se tira de uma obra, de um fato, etc. • *S.m.* **3.** O conjunto das nossas faculdades morais. **4.** O que há de moralidade em qualquer coisa. • *Adj 2 g.* **5**. Relativo à moral. 6. Que tem bons costumes. 7. Relativo ao domínio espiritual (em oposição a físico ou material). ~ V. *ciências morais, igualdade -, indiferença -, lei -, morte -, necessidade -, personalidade -* e *pessoa -*

2. Há línguas, como o latim, em que duas negações se anulam reciprocamente (não + ninguém = alguém). Em português, nem sempre isso acontece. Nas sentenças grifadas a seguir, há sempre duas palavras "negativas". Diga quais destas sentenças têm um sentido negativo e quais têm sentido afirmativo.

> *A confissão de um vício não é fácil para ninguém. Mais difícil ainda para os médicos, profissionais educados e treinados para zelar pela vida. A dependência química entre os homens de branco não representa uma ameaça apenas para eles próprios, mas aos pacientes sob seus cuidados. Por essa razão, a reportagem que VEJA publica nesta edição contando o drama dos médicos que sucumbiram e depois venceram o vício representa um extraordinário esforço jornalístico*
>
> ("O silêncio rompido", *Veja*, março de 2000)

> *Não se deixe abater por estar procurando emprego. Seja objetivo, transmita entusiasmo: desânimo e frustração não recontratam ninguém*
>
> ("Procurando emprego/como preparar-se para uma entrevista" *Inter Bairros*, março 2000)

> *Os estrangeiros que vinham tempos atrás para o Rio sempre achavam a cidade aprazível. Apreciavam as praias e a natureza. Agora eles continuam achando a cidade bonita, mas ficam impressionados com o problema social, com os contrastes, se assustam com os assaltos, as recomendações que recebem nos hotéis. Mas não há quem não se impressione com o Rio, suas praias e florestas. E quem chega de barco, ou mesmo de avião, vê logo como a circunstância geográfica é fantástica, que a cidade resiste*
>
> (Oscar Niemeyer em entrevista à *Folha de S. Paulo*, dezembro de 1995)

> Ele é um dos políticos mais importantes do país. O que ele fez pela Bahia não é nenhuma obra desprezível, ninguém tem gratuitamente a popularidade que ele desfruta em seu estado.
>
> (Tássio Gereissati, governador do Ceará, sobre Antônio Carlos Magalhães, *Época*, 3.4.2000)

3. Em artigo publicado na *Folha de S. Paulo* de 28.4.2000, o jornalista Clóvis Rossi comparava a situação de alguns políticos notoriamente corruptos, mas ainda assim populares, à agonia do ditador espanhol Francisco Franco, que se prolongou por vários dias, contrariando todas as previsões da medicina. Uma parte desse texto exemplifica um procedimento morfológico muito usado para produzir negações localizadas. De que procedimento se trata?

Os “imorríveis”

> Em novembro de 1975, agonizava o ditador espanhol Francisco Franco Bahamondes, “caudillo de España por la gracia de Diós”. Agonizava mas não morria nunca.
> A cada dia, o boletim médico anunciava que um novo órgão havia sido tomado por um mal irreversível. E Franco sobrevivia. Um dia, cansado da vigília cínica, perguntei a José Antonio Novaes, então correspondente do *Estadão* e do jornal francês *Le Monde* em Madri: “Novaes, esse cara é imortal?”
> “No es inmortal, pero es inmorible”, respondeu Novaes.
> A mais recente pesquisa do Datafolha sobre a sucessão paulistana prova que há, no Brasil ou ao menos em São Paulo, uma equipe de “imorríveis”, os populistas descuidados com o uso do dinheiro público, para usar uma expressão bem cavalheiresca.
> ...
> Em qualquer país do mundo, até nos menos sérios, um cidadão nessas circunstâncias já teria sido arremessado às profundezas do inferno da impopularidade. Em São Paulo, cresce.

4. Considerando os lembretes que vêm entre parênteses, determine sobre que palavras da sentença incide a negação:

a) Em 1500, Cabral não viajou só para o Brasil (Cabral descobriu o Brasil em 1500, quando comandava uma expedição composta por cinco embarcações que, depois de passar pela costa brasileira, seguiu viagem para as Índias);
b) O papa João XXIII não lançou a encíclica “Mater et Magistra” em 1970 (a encíclica “Mater et Magistra” é da autoria de João XXIII, mas foi escrita em 1959).
c) A atriz Elizabeth Taylor não se casou com o ator Richard Burton por interesse (até o momento em que este livro estava sendo escrito, a atriz Liz Taylor já tinha se casado 12 vezes, duas das quais com Richard Burton).
d) John Lennon não foi assassinado por um concorrente (ele foi assassinado por um psicopata).
e) Na copa do mundo de futebol de 1974, Tostão não foi escalado por ordem do presidente da república (consta que o presidente da época mandou escalar em seu lugar outro atacante, de quem gostava mais).
f) Al Capone não foi preso porque era um gângster de alta periculosidade, mas porque deixou atrasar o pagamento do imposto de renda (Al Capone foi um gângster de altíssima periculosidade, e passou na cadeia os últimos anos de sua vida. Para realizar a prisão, a justiça americana usou como pretexto o atraso no pagamento do imposto de renda).

g) Dos principais títulos desportivos referentes ao futebol, o Brasil não tem o de campeão olímpico (o Brasil já ganhou todos os demais títulos desportivos importantes, referentes ao futebol).

5. Reveja, no “Material lingüístico” e no capítulo “Ambigüidade” o que se diz a respeito de “negação da generalização” e “generalização da negação”. Tente determinar qual dessas interpretações vale nos trechos que seguem, transcritos de notícias de jornal:

a) *Se para você viajar nem sempre significa pegar a estrada, então sua pick-up chegou. É a Nova Saveiro Geração III. A pick-up que faz bonito dentro ou fora da estrada.*

(*Época*, 3.4.2000)

b) [Nossa resposta] *considerou apenas análises técnicas e objetivas. Em nenhum momento houve intenção de desqualificar a Caixa Econômica Fedeeral ou questionar sua competência na gestão de recursos.*

(*Folha de S.Paulo*, 1.5.2000)

c) Os órgãos responsáveis pela conservação do patrimônio histórico não cuidam de parte importante dos primeiros exemplares em solo brasileiro de construções em diversas áreas. [...] Segundo o Iphan, não há recursos para restaurar todas as construções históricas do país.

(*Folha de S. Paulo*, 16.4.2000)

d) Para conquistar o investidor, algumas instituições estão oferecendo descontos em tarifas. [...] Há ainda quem ofereça “mimos” como relógios ou televisores. Esses benefícios podem ser encontrados nos programas de fidelidade dos bancos. Mas fique atento, pois nenhuma regalia é de graça.

(*Folha de S. Paulo*, 31.5.2000)

6. Você já está familiarizado com o quadro a seguir, que resume as possíveis aplicações de uma negação, a partir de uma construção S^1 + conjunção + S^2 (onde S^1 e S^2 são sentenças completas, ver capítulo “Ambigüidades”):

7.

1	2	3
[S^1]$_{neg}$ + conjunção + S^2	**S^1 + [conjunção]$_{neg}$ + S^2**	**S^1 + conjunção + [S^2]**

4	5	6
[S^1]$_{neg}$ + [conjunção]$_{neg}$ + S^2	**[S^1]$_{neg}$ + conjunção + [S^2]$_{neg}$**	**S^1 + [conjunção]$_{neg}$ + [S^2]$_{neg}$**

7

[S^1]$_{neg}$ + [conjunção]$_{neg}$ + [S^2]$_{neg}$

Em qual dessas situações se enquadra a declaração *“Não saí por causa dela, etc.”* do ex-padre Francisco Assis de Oliveira, na reportagem a seguir?

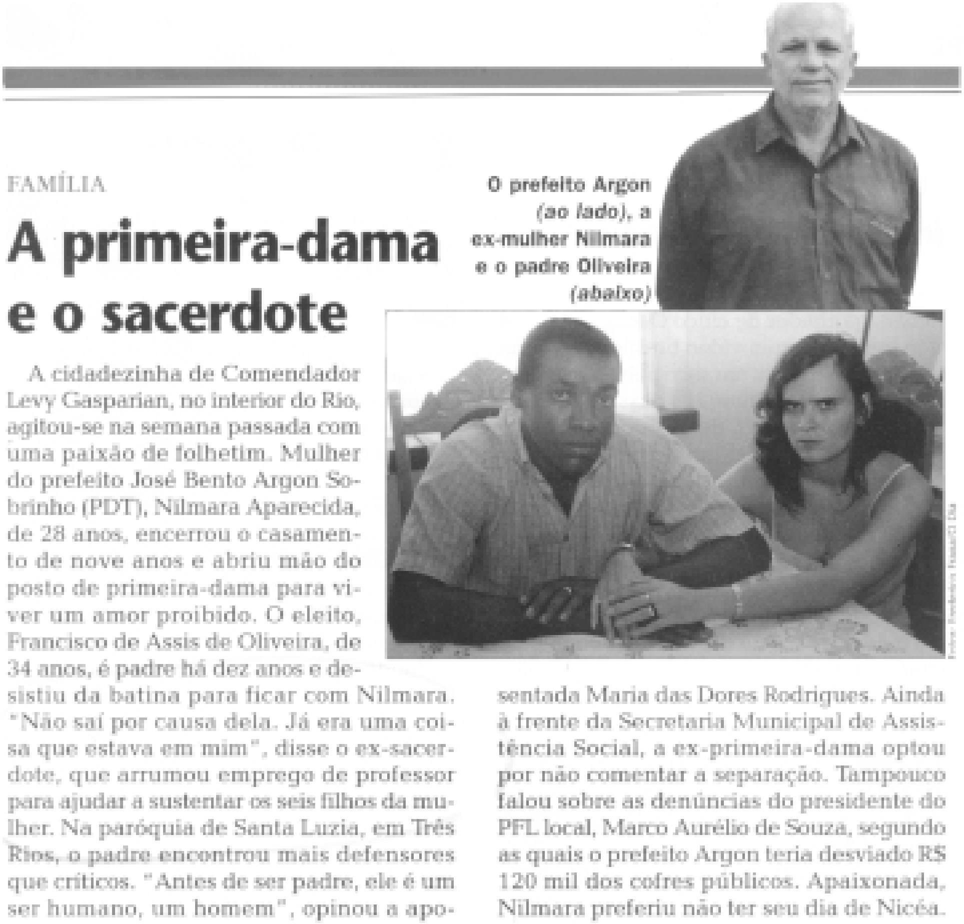

FAMÍLIA

A primeira-dama e o sacerdote

O prefeito Argon *(ao lado)*, a ex-mulher Nilmara e o padre Oliveira *(abaixo)*

A cidadezinha de Comendador Levy Gasparian, no interior do Rio, agitou-se na semana passada com uma paixão de folhetim. Mulher do prefeito José Bento Argon Sobrinho (PDT), Nilmara Aparecida, de 28 anos, encerrou o casamento de nove anos e abriu mão do posto de primeira-dama para viver um amor proibido. O eleito, Francisco de Assis de Oliveira, de 34 anos, é padre há dez anos e desistiu da batina para ficar com Nilmara. "Não saí por causa dela. Já era uma coisa que estava em mim", disse o ex-sacerdote, que arrumou emprego de professor para ajudar a sustentar os seis filhos da mulher. Na paróquia de Santa Luzia, em Três Rios, o padre encontrou mais defensores que críticos. "Antes de ser padre, ele é um ser humano, um homem", opinou a aposentada Maria das Dores Rodrigues. Ainda à frente da Secretaria Municipal de Assistência Social, a ex-primeira-dama optou por não comentar a separação. Tampouco falou sobre as denúncias do presidente do PFL local, Marco Aurélio de Souza, segundo as quais o prefeito Argon teria desviado R$ 120 mil dos cofres públicos. Apaixonada, Nilmara preferiu não ter seu dia de Nicéa.

Considere uma outra possibilidade de interpretação para essa mesma frase, e invente uma reportagem fictícia compatível com essa outra interpretação.

8. Todas as expressões listadas a seguir:
   Não deu um pio.
   Não sofreu um arranhão.
   Não disse uma palavra.
   Não abriu a boca.
   Não mexeu um dedo.
   Não tem um tostão furado.
   Não tocou na comida.

mudam de sentido conforme são usadas em sentenças afirmativas ou negativas. (Ele não tem um tostão furado = ele é muito pobre; ele tem um tostão furado = ele tem um tostão com um furo.) Escolha uma dessas expressões, e conte uma história em que ela qualifica bem a participação de algum conhecido num episódio que as pessoas contam.

9. As expressões listadas no exercício 7 se combinam facilmente com operadores como *sequer, chegar a, mesmo* (*ele não tem um tostão furado sequer, ele não tem nem mesmo um tostão furado, ele não chegou a abrir a boca*). Explique por quê.

10. Certos verbos, como *poder* e *dever* têm entre si uma relação tal que um pode ser definido pelo outro, com a ajuda da negação. Por exemplo, dizer a alguém que **deve** tomar um determinado remédio equivale a dizer que **não pode não** tomar esse mesmo remédio, e assim por diante. Explore essa possibilidade, redigindo de outro modo as passagens assinaladas do texto abaixo.

> “Dentre todas as medidas que o homem moderno precisa tomar para a conservação do seu corpo, a mais importante é o tratamento regular dos dentes [...] Para um tratamento dos dentes ser correcto, é mister que se destrua quotidianamente o que occasiona a carie e a fermentação, isto é, os germes corruptores dos dentes, que se formam diariamente na bocca. Reflectindo-se bem, chega-se à conclusão de que para este fim é necessário que se tome uma medida hygienica que elimine taes germes ou que detenha ao menos sua acção damninha. Para a eliminação mechanica das impurezas pegadas aos dentes serve, até um certo ponto a escova, mas só até um certo ponto. [...] Como a escova se presta só superficialmente para este fim, porquanto não pode attingir aos pontos onde se acham depositados os germes nocivos [...] carece que se use, alem da escova de dentes, o Odol, que penetra nas partes mais occultas da bocca...”
>
> (Propaganda do dentifrício líquido Odol, na revista *O Careta,* começo do século xx)

O homem moderno precisa = o homem moderno não pode não = o homem moderno não pode deixar de...
É mister que/é necessário que/carece que = não se pode admitir que não.

11. A idéia de negação é evocada por uma grande quantidade de palavras e construções, além do velho e bom advérbio *não*. No texto que segue, foram grifadas algumas expressões que contêm, de um modo ou de outro, a idéia de negação. Pede-se que você diga, para cada uma delas, qual é a idéia negada.

Fim de festa, silêncio

Ex-porta-voz da Arquidiocese de São Paulo deixa a batina e inicia nova vida sem falar do passado.

Quando ele se tornou padre, em 1984, foi uma festa [...]

Dezesseis anos e muitas decepções depois, discretamente, padre Fernando Altemeyer Jr. entrou no gabinete de dom Cláudio Hummes, em fevereiro, para pedir dispensa do ministério sacerdotal e do cargo de porta-voz da Cúria Metropolitana. Voltou a ser apenas Fernando, professor de Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Aos 43 anos, alegou "razões de ordem pessoal" para deixar a batina, raramente usada, e recomeçar a vida. Desde então calou-se. Até as paredes do casarão da cúria, na aristocrática Avenida Higienópolis, porém, sabiam da incompatibilidade entre o porta-voz e o chefe, o comandante da Arquidiocese de São Paulo, como se pertencessem a igrejas diferentes.

O novo arcebispo foi indicado pelo Vaticano à revelia de D. Paulo (Evaristo Arns). O cardeal defendia a nomeação do bispo-auxiliar dom Celso Queiroz, transferido pela Cúria Romana para uma diocese do interior do Estado na mesma semana em que Fernando deixou de ser padre. Fernando não era apenas mais um entre os 700 religiosos e as 2000 freiras das 270 paróquias da capital – os "funcionários de Deus" que recebem dois salários mínimos por mês além de casa, comida e roupa lavada. Era um dos mais ardorosos defensores e fiel discípulo do catecismo ditado durante 28 anos por Dom Paulo para a atividade social da Igreja. Com sua saída e a de dom Celso encerrou-se um ciclo.

(*Epoca*, 3.4.2000)

Papéis temáticos

Caracterização geral

Uma boa maneira de entender as sentenças da língua consiste em imaginar que elas representam "pequenas cenas" nas quais diferentes personagens desempenham papéis necessários ao enredo (como no teatro). Estes papéis são determinados pelo verbo, e são mais ou menos fixos, isto é, têm um funcionamento até certo ponto independente das relações de concordância, regência e colocação, tradicionalmente descritas nas gramáticas. Assim, em

1) Cabral descobriu o Brasil
2) O Brasil foi descoberto por Cabral

o que muda é o termo que funciona como sujeito [*Cabral* em (1) e *O Brasil* em (2)]; mas Cabral é sempre o agente da descoberta, e o Brasil é sempre seu alvo.

Material lingüístico

✓ Os papéis temáticos mais comuns são:

– **o agente** (o indivíduo que tem a iniciativa da ação, que tem controle sobre a realização da ação);
– **o alvo** (o indivíduo ou objeto diretamente afetado pela ação);
– **o instrumento** (o objeto de que o agente se serve para praticar a ação);
– **o beneficiário** (o indivíduo a quem a ação traz proveito ou prejuízo);
– **o experienciador** (o indivíduo que passa pelo estado psicológico descrito pelo verbo).

A distinção desses papéis não é arbitrária, ao contrário, é confirmada pela possibilidade de aplicar à sentença construções diferentes. Por exemplo, dependendo do papel temático que um sintagma nominal exerce na sentença, ele dá origem a diferentes "sentenças clivadas":

X bateu em Y
O que X fez foi bater em Y (X = agente)
O que aconteceu com Y foi que ele apanhou de (Y = alvo)

Os papéis temáticos são distintos das funções gramaticais de sujeito, objeto e adjunto, mas há uma hierarquia que dispõe sobre a possibilidade de os diferentes papéis temáticos coincidirem com o sujeito gramatical. Pense-se por exemplo na história em que o ladrão invade a casa da vítima, e para isso quebra a veneziana da janela dos fundos com um pé de cabra. Temos nesta história a ação de quebrar, associada a três papéis temáticos que correspondem ao ladrão, à veneziana e ao pé de cabra. Se quisermos contar essa história na voz ativa, poderemos dizer coisas como:

O ladrão quebrou a veneziana com o pé de cabra.
O ladrão quebrou a veneziana.
O pé de cabra quebrou a veneziana.
A veneziana quebrou.

Mas não

O ladrão quebrou com o pé de cabra.
A veneziana quebrou com o ladrão.
O ladrão quebrou.
O pé de cabra quebrou.

Isso nos ensina que o agente (o ladrão) tem mais chances de ser o sujeito do que o instrumento, que por sua vez tem mais chances de ser o sujeito do que o alvo.

Atividade

O livro *Com todas as letras*, do jornalista Eduardo Martins, reúne em cerca de 150 páginas uma série de textos escritos em linguagem fácil (muitos desses textos foram publicados inicialmente no suplemento infantil do jornal O Estado de S. Paulo) em que se mostra como evitar os principais erros do idioma, e se ensina a escrever de forma simples e elegante. Transcrevemos uma página desse livro, que contém uma interessante reflexão lingüística. Leia e responda em seguida às perguntas:

Não é o paciente quem opera

Qualquer intervenção cirúrgica que ocupe o noticiário dos jornais, revista e emissoras de rádio e televisão serve como importante alerta para o uso inadequado de certas palavras e expressões.

Você com certeza leu ou ouviu (mais de uma vez, até) frases como *Presidente opera o coração./Papa retira o apêndice./Artista faz operação plástica./Jogador opera joelho.*

Alguma delas lhe causa estranheza? Repare que todas elas apresentam um grave erro de estilo: não é o presidente quem opera, nem o papa

quem retira o apêndice. O artista também não faz operação plástica, nem o jogador opera o joelho. Todas essas são tarefas do cirurgião.

Claro, são formas populares de exprimir esse tipo de situação. Você pode até usá-las em conversa com os amigos. Mas, na linguagem formal, escrita, elas devem ser evitadas. Assim, diga, por exemplo, que *o papa foi operado de apendicite*, ou que *o presidente sofreu uma operação no coração*. Ou ainda que *o artista se submeteu a uma operação plástica*.

Para continuar no mesmo campo, veja o que acha destas orações: *doente está tão mal que a família já espera a sua morte./O governo espera que haja grande número de falências até o fim do ano./A empresa espera uma queda nas vendas por causa da situação econômica do País*.

Todas elas aparecem com muita freqüência nos meios de comunicação. Mas, em todas, o verbo **esperar** está muito mal empregado, porque indica desejo, esperança, expectativa favorável. Por isso, a família pode *prever*, mas não deve *esperar* a morte do doente. Da mesma forma o governo *prevê* ou *teme* grande número de falências, enquanto a empresa também *receia* ou *prevê* queda das vendas. Nem o governo nem a empresa, porém *desejam* esses fatos.

(Eduardo Martins, *Com todas as letras*. O Estado de S. Paulo, 1999, p. 123)

a) Nos primeiros quatro parágrafos, fica caracterizado um erro. Diga em que consiste esse erro, usando o que você aprendeu sobre papéis temáticos.
b) Os maus usos do verbo *esperar* que o autor caracteriza neste texto são semanticamente parecidos com os maus usos de *operar*? Por quê?

Exercícios

1. Um bom teste para reconhecer o instrumento consiste em reconstruir a sentença com o verbo *usar*; ex.: o lenhador cortou a árvore centenária com uma motosserra = o lenhador usou uma motosserra para cortar a árvore ("motosserra" é o instrumento). Aplique esse mesmo teste nas sentenças a seguir, para determinar se a preposição *com* indica instrumento:

A mulher do prefeito corta o cabelo com o Paulinho.
Elimine os piolhos com Kwell.
Manchas de ferrugem saem com suco de limão.
Viaje com a Stella Barros.
Cole com Tenaz (e descole se for capaz).
Não grite comigo.

O senhor não sabe com quem está falando.
Depois de passar cera Nugget, dê brilho aos sapatos com uma flanela seca.

2. Muitos verbos, além de descrever uma ação, dão indicações sobre o instrumento por meio do qual é realizada. A propósito destes, diga que ação descrevem e com que instrumento ela se realiza:

- Esfaquear (um desafeto).
- Desempenar (uma parede).
- Moer (café).
- Peneirar (areia).
- Tornear (uma peça de madeira).
- Esmerilhar (uma chapa de metal).
- Untar (uma assadeira).
- Polvilhar (um bolo).
- Fotografar (um grupo de amigos).

3. Na caracterização dos papéis temáticos, a noção de alvo aplica-se a duas realidades diferentes:

a) algo que resulta, isto é, passa a existir por efeito de uma ação;
b) algo que já existia anteriormente e é modificado por uma ação. Diga a que tipo pertencem os “alvos” assinalados nestes trechos, extraídos de um livro de História:

> Alemão, Langsdorff era cônsul da Rússia no Brasil, onde esteve pela primeira vez em 1803, apaixonando-se pela ilha de Santa Catarina. Voltou ao país em 1820 para fixar residência no Rio, onde adquiriu a Fazenda da Mandioca, que logo se tornou reduto de pesquisas agrícolas. Em pleno regime escravocrata, o barão contratou colonos alemães, e os pagava bem. Três anos depois de voltar da Europa, Langsdorff partiu em setembro de 1825 para sua grande expedição científica pelo interior do Brasil: a aventura custaria 350 mil rublos ao czar e estava fadada ao fracasso. Ao longo de dois anos e 16 mil quilômetros, os 34 homens de Langsdorff – entre eles os pintores Hercule Florence e Adrien Taunay – percorreram a rota das monções, coletando 100 mil amostras de plantas. A marcha foi marcada por doenças, febres, suicídios, paixões e lutas ardentes, delírios e descaminhos. Em abril de 1828, o barão enlouqueceu, e em outubro, 12 debilitados expedicionários retornavam ao Rio. Por anos a fio, o esplendoroso legado científico da missão ficaria jogado nos porões do museu de São Petersburgo, na Rússia...
>
> “Naturalista preparando-se para viagem através do Brasil procura um pintor. Às pessoas que preencham as condições necessárias, roga-se

> que se dirijam ao consulado da Rússia." Esse anúncio, publicado num jornal do Rio de Janeiro, em 1825, foi o passaporte para o aventureiro, naturalista e pintor Hercule Florence assegurar sua entrada na história da iconografia brasileira. Nascido em Nice, em 1804, chegou ao Rio em maio de 1824. O anúncio de Langsdorff mudaria sua vida.
>
> Florence não apenas produziu mais de 200 gravuras sobre a malfadada expedição como também publicou o seu diário, com o título de "Viagem Fluvial do Tietê ao Amazonas", e organizou a obra do finado Taunay [Adrien Taunay, morto durante a expedição]. Ao retornar da viagem em 1829, Antoine Hercule Romuald Florence se estabeleceu em Campinas, onde abriu uma loja de tecidos, casou-se e dedicou-se a pesquisas sobre a "poligrafia" e o "papel inimitável", que o tornaram precursor mundial da fotografia. Morreu em 1879.
>
> (*História do Brasil* da Folha de S. Paulo, ed. 1997, p.102/103)

4. No primeiro semestre do ano 2000, o Governo Federal impôs às agroindústrias um novo tributo, a Taxa de Fiscalização Ambiental (TFA), que foi bastante criticado na imprensa. Para contestar o novo tributo, o professor Luiz Augusto Germani, especialista em Direito Agrário da Fundação Getúlio Vargas, comenta cada uma de suas "condições jurídicas", numa análise que lembra a análise lingüística por papéis temáticos. Leia o texto e responda em seguida às perguntas.

> A TFA foi criada pela Lei 9960, de 28 de janeiro deste ano, fixando as seguintes condições para sua existência:
>
> A – Quem cobra: o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama), sujeito ativo da obrigação tributária;
>
> B – De quem se cobra: das pessoas jurídicas ou físicas que se dediquem a atividades potencialmente poluidoras e/ou à extração, produção, transporte e comercialização de produtos potencialmente perigosos ao meio ambiente, assim como produtos e subprodutos da fauna e da flora (sujeito passivo na relação tributária);
>
> C – Quando se cobra: anualmente;
>
> D – Situação de cobrança: atualização cadastral anual (fato gerador do tributo).
>
> De modo impressionante, é possível notar ilegalidades e inconstitucionalidades em todas as condições jurídicas de sua cobrança:
>
> A – Quanto ao sujeito passivo: é pessimamente determinado, tendo em vista que podem ser considerados contribuintes desde a Usina Nuclear de Angra dos Reis até o motorista de táxi que queima combustível...
>
> B – Quanto à época de cobrança: como pode ser cobrada anualmente uma taxa de fiscalização que pode até mesmo não ser exercida naquele ano?

> C – Quanto ao valor: R$ 3 mil é um valor confiscatório, tendo em vista que não há como justificar um registro cadastral ou um ato fiscal que justifique esse custo ...
>
> Percebe-se nitidamente que o desrespeito à lei e à Constituição está a servir única e exclusivamente ao caixa arrecadador do sujeito ativo desta relação tributária (Ibama).
>
> A solução? Recorrer ao Judiciário...
>
> (Suplemento Agrícola do jornal *O Estado de S. Paulo*, 29.3.2000)

a) Resuma a argumentação desse texto, usando as expressões "agente da cobrança", "alvos da cobrança", "valor", "época" e "propósitos";
b) Pense em alguma situação que você considera injusta. Caracterize essa situação analisando um a um os fatores (ou "papéis temáticos") que a caracterizam.

5. Encontre o termo apropriado para:
a) A casa onde mora o presidente da República (residência oficial do presidente da República).
b) O prédio ou conjunto de instalações onde funciona um clube (a .... do clube).
c) A pessoa a quem é entregue a mercadoria roubada (o .... da mercadoria).
d) A pessoa que escreve um livro ou faz uma proposta (o .... do livro ou da proposta).
e) A pessoa que sofre um assalto ou um atropelamento (a .... do assalto ou atropelamento).
f) A pessoa que manda, e a pessoa que recebe uma carta (o .... e o d......... da carta).
g) Pessoa a mando de quem é cometido um crime (o .... do crime).
h) A pessoa que os traficantes usam para transportar droga entre localidades distantes (a ....).

6. Para os estudiosos da linguagem, o verbo *ser* é um só, mas os matemáticos perceberam há tempo a necessidade de traduzi-lo por meio de três símbolos diferentes, que todos nós aprendemos como parte da teoria dos conjuntos: 'Î', 'Ì' e '='. O primeiro desses símbolos expressa uma relação de pertinência, entre um indivíduo e um conjunto; o segundo, uma relação de inclusão entre conjuntos, e o terceiro uma relação de igualdade entre indivíduos. Assim, um matemático traduzirá

Três é um número primo	*Os gatos são felinos*	*Pedro é o meu melhor amigo*
3 Î {números primos}	*{gatos} Ì {felinos}*	*Pedro = meu melhor amigo*

Faça de conta que você é um matemático, e traduza estas frases, considerando apenas as partes grifadas e desprezando, na tradução, os tempos do verbo:

a) Fernão de Magalhães, que deu a primeira volta ao mundo em 1519, era português.
b) Machado de Assis é o autor de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*.
c) As baleias são mamíferos.
d) Diadorim é uma personagem de *Grande Sertão - Verdedas*.
e) Riobaldo é a personagem principal de *Grande Sertão - Veredas*.
f) Recife é a capital de Pernambuco.
g) Recife é uma cidade de Pernambuco.
h) As moscas são insetos.

7. Infelizmente, a palavra “denúncia” tem freqüentado os noticiários nos últimos tempos. Ora, a ação de denunciar envolve necessariamente 1 – alguém que toma a iniciativa da denúncia, 2 – alguém que é denunciado e 3 – alguma ação, representada como criminosa, que o autor da denúncia imputa ao denunciado. Nas notícias abaixo, a palavra *denúncia* é seguida pela preposição *de*, que introduz um complemento nominal. Valendo-se do contexto, diga se esse complemento nominal identifica o autor da denúncia, o denunciado ou o crime.

Computadores e documentos apreendidos na Prefeitura podem conter provas de suborno

A força-tarefa do Ministério Público Estadual e da Polícia Civil inicia hoje a análise de documentos e computadores apreendidos na sexta-feira na Secretaria de Governo. Para o MPE, o conteúdo do material passa a ser o centro das investigações sobre o esquema de corrupção na administração municipal. O material apreendido, 15 CPUs e três caixas de documentos, pode conter dados que comprovem as denúncias da ex-primeira-dama Nicéia Pitta.

(*O Estado de S. Paulo*, 3.4.2000)

Vereadora ironiza denúncia de mesada

Em meio à acareação com o estelionatário Fabiano Leite de Sá Lima, Maria Helena (suspensa do PL) respondeu com ironia às acusações de que receberia mesada mensal da Prefeitura como propina.

“Daqui a pouco vão dizer que quem crucificou Jesus Cristo fui eu”.

(*O Estado de S. Paulo*, 4.4.2000)

VASP NÃO CUMPRE DECISÃO DA JUSTIÇA

A Vasp não está respeitando os direitos trabalhistas de seus funcionários, segundo denúncia do Ministério Público do Trabalho do Estado de São Paulo.

No dia 12 deste mês, a Justiça do Trabalho havia concedido liminar, em ação civil pública, determinando que a Vasp cumprisse uma série de obrigações trabalhistas de seus empregados – pagar salários, depositar o FGTS, entre outras...

(*Folha de S. Paulo,* 19.4.2000)

Denúncia envolvendo projeto de Garotinho gera crise na Uerj

As denúncias de irregularidades em um dos maiores programas sociais do governo Garotinho, o Vida Nova, desencadeou uma crise política na Universidade Estadual do Rio de Janeiro.

As denúncias foram feitas pelo diretor do Cepuerj (Centro de Produção da Uerj), Paulo Adler, responsável pela gestão do programa.

A reitora da Uerj, Nilcéia Freire, contesta a forma como as denúncias se tornaram públicas.

(*Folha de S. Paulo*, 20.5.2000)

---

8. Você sabe que as anedotas costumam ter algum fundamento lingüístico. Na que segue, esse fundamento consiste numa atribuição de um papel temático equivocado a uma certa personagem. Explique por quê.

Mulher — Trabalhar o tempo inteiro e tomar conta da casa está me levando à loucura! Depois do emprego, cheguei em casa e lavei a roupa e a louça. Amanhã tenho de lavar o chão da cozinha e as janelas da frente!

Outra mulher — Então? E teu marido?

Mulher — Ah, isso eu não faço de maneira nenhuma! Ele pode muito bem se lavar sozinho!

9. Uma compra é às vezes representada como uma dupla troca, em que o dinheiro passa das mãos do comprador para as do vendedor, e algum objeto (ou serviço) passa das mãos deste para as do comprador. No diagrama abaixo, os dois quadros representam dois momentos sucessivos. Sabendo que a letra **d** representa o dinheiro, o que representam as letras **A**, **B** e **X**?

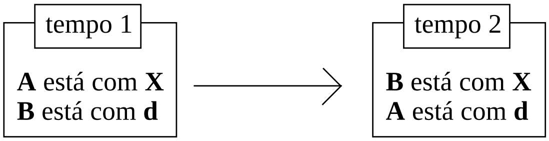

Qual seria o gráfico apropriado para os verbos “vender” e “pagar por”?

10. Na linguagem dos jornais, sobretudo nas manchetes, são cada vez mais comuns construções como estas:

a) Shoppings e internet disputam clientes.
b) Inflação estável mantém meta com o FMI.
c) Planos de saúde querem repassar taxas a clientes.
d) Explosão mata 15.
e) Demora em atendimento mata idoso.
f) Peça homenageia Dias Gomes.
g) Comício reúne 200 mil pessoas.
h) Muro de 2 metros isola condomínio.
i) Reforma retira poder dos delegados.
j) Documento mostra estratégia de viagens.
m) Leilões oferecem 150 imóveis.
n) Lançamentos testam viabilidade comercial do *loft*.
o) Inquérito comprova fraude eleitoral.

Em todas essas construções, um substantivo que indica coisas ou processos foi usado como sujeito gramatical de um predicado que, normalmente, expressaria ação intencional de um ser humano ou de uma instituição. Encontre, nos jornais e revistas a que você tem acesso, mais uma dúzia de frases desse tipo; reconstrua-as em seguida de modo que a posição de sujeito seja ocupada pelo nome da(s) pessoa(s) ou instituição(ões) a quem coube a iniciativa. (Ex.: "Comerciantes de shoppings disputam clientes com *sites* de vendas", ou "Quinze pessoas morrem em explosão".) Verifique em seguida se as expressões grifadas identificam o instrumento, o local ou o objetivo visado com a ação.

Mecanismos de paráfrase baseados no léxico

Objetivo

Explorar as possibilidades de paráfrase baseadas no conhecimento do léxico.

Caracterização geral

✓ Duas sentenças são paráfrases uma da outra quando descrevem de maneiras equivalentes um mesmo acontecimento ou um mesmo estado de coisas.

✓ Os recursos por meio dos quais construímos paráfrases de sentenças são de dois tipos:

1) os que consistem em aplicar transformações de caráter sintático (das quais a mais conhecida das quais é a formação da voz passiva);

2) os que lançam mão de conhecimentos do léxico, tirando proveito da equivalência de palavras e construções. Neste capítulo, só serão considerados os mecanismos de paráfrase baseados no léxico.

Material lingüístico

Constroem-se paráfrases:

✓ Recorrendo ao "predicado converso"

– Com **substantivos**: *José é filho de Pedro = Pedro é pai de José.*

– Com **adjetivos** (incluindo a comparação de superioridade e inferioridade): *Os produtos da Coca-Cola são superiores aos produtos da Antártica = Os produtos da Antártica são inferiores aos produtos da Coca-Cola.*

– Com **verbos** (incluindo a voz passiva: *José emprestou um livro a Pedro = Pedro tomou um livro emprestado de José.*

– Com **preposições**: *A padaria fica depois do açougue = O açougue fica antes da padaria.*

✓ Recorrendo a "predicados simétricos"

– Com ***substantivos**: José irmão de Pedro = Pedro é irmão de José.*

– Com ***adjetivos*** (incluindo comparação de igualdade): *Os produtos da Coca-Cola são tão bons quanto os produtos da Antártica = Os produtos da Antártica são tão bons quanto os produtos da Coca-Cola.*

– Com *verbos* (incluindo a voz passiva)*: Maria namora José = José namora Maria.*

– Com **preposições** e **locuções prepositivas***: A padaria fica perto do açougue = O açougue fica perto da padaria.*

✓ Trocando expressões baseadas em **diferentes verbos-suporte**

José tem barba = José é barbudo.

José tem muita idade = José é muito idoso, muito velho.

José tem paciência = José é paciente

(mas atenção: às vezes as equivalências falham: *José é narigudo* não é exatamente a mesma coisa que *José tem nariz*; e *José não é narigudo* definitivamente não equivale a *José não tem nariz*)

✓ Expressando as mesmas relações ora por meio de **palavras que pertencem a classes morfossintáticas diferentes** (preposições x verbos, conjunções x verbos, etc.):

Antes do jantar, o presidente fez um discurso = O jantar foi precedido pelo discurso do presidente.

Por causa da chuva, os convidados se atrasaram = A chuva provocou o atraso dos convidados.

✓ Recorrendo a termos **sinônimos** (ex.: *A aula foi tediosa, A aula foi maçante, A aula foi chata*. Ver capítulo *Sinonímia*).

Atividade

Os provérbios recorrem às vezes a sinônimos para caracterizar situações em que uma diferença esperada não acontece. Conte uma história que possa ter por título um destes ditados:

Trocar seis por meia dúzia.
O roto dá conselhos ao esfarrapado.
Chover no molhado.

Exercícios

1. Sabendo que Pedro é filho de José, podemos afirmar com toda a certeza que José é pai de Pedro, assim como podemos afirmar que o pai de Pedro é José.

O presidente Truman foi hóspede do presidente Dutra.	ou seja	Dutra foi .... do presidente Truman.
Jatene foi aluno de Zerbini.	ou seja	Zerbini foi .... de Jatene.
José de Alencar foi protegido de Dom Pedro II.	ou seja	Dom Pedro II foi .... de José de Alencar.
Aquarela do Brasil é uma composição musical de Ari Barroso.	ou seja	Ari Barroso é .... de Aquarela do Brasil.
O ator e escritor Mário Lago foi o criador da personagem "Amélia".	ou seja	A personagem "Amélia" é .... do ator e escritor Mário Lago.
Alexandre, o Grande, foi discípulo do filósofo Aristóteles.	ou seja	O filósofo Aristóteles foi .... de Alexandre, o Grande.
O ator americano James Dean foi o ídolo da geração de 50.	ou seja	A geração de 50 foi .... do ator americano James Dean.
O prêmio consiste em uma viagem ao Havaí e uma quantia em dinheiro.	ou seja	Uma viagem ao Havaí e uma quantia em dinheiro .... o prêmio.

2. Complete, conforme o exemplo:

médico – paciente
súdito – rei ou imperador
avô
advogado
patrão
algoz
inquilino
fornecedor
representado
subordinado

Dê um exemplo de cada uma dessas situações, e compare em seguida com os exemplos dados pelos seus colegas.

3. Os dois textos a seguir foram extraídos de dois jornais publicados na mesma data, e tratam do mesmo acontecimento – a vitória de Michael Schumacher no Grande Prêmio do Brasil 2000 de Fórmula 1, que para os brasileiros teve sabor de derrota, já que Rubem Barrichello precisou abandonar a corrida depois de estar na frente por um bom tempo. Lendo atentamente os dois textos, você poderá observar que há entre eles muitas pequenas diferenças. Enquadre essas diferenças num dos seguintes casos:

- diferenças nos fatos;
- diferenças ideológicas (os fatos narrados são os mesmos, mas são interpretados de maneiras diferentes, por efeito de diferentes interesses e pontos de vista de quem escreve);
- diferenças apenas no modo de dizer.

Ainda não foi desta vez

(*Folha de São Paulo*, 27.3.2000)

A Ferrari venceu, mas com Michael Schumacher. E o estigma de azarado rondou Rubens Barrichello mais uma vez, ontem, no autódromo de Interlagos.

Uma falha no sistema hidráulico de seu carro obrigou o piloto brasileiro a abandonar o GP Brasil de F-1 após 27 voltas.

Até então Barrichello fazia uma boa corrida, ocupando a quarta colocação, após uma parada nos boxes. Dentro da lógica da prova, marcada pelo duelo tático entre a escuderia italiana e a rival Mc Laren, o piloto tinha condições de lutar até pela segunda colocação.

A falha, porém, praticamente pôs fim ao GP Brasil mais concorrido dos últimos anos, marcado pelo entusiasmo da torcida, tingida de vermelho, nas arquibancadas de Interlagos, pela presença intensa de VIPs nos camarotes, e pela bagunça, que pode levar os organizadores da corrida a serem multados pela FIA.

Um anticlímax semelhante ao do ano passado, quando o piloto brasileiro surpreendeu, liderando parte da corrida em um frágil Stewart para finalmente quebrar.

Desta vez, porém, Barrichello tinha uma Ferrari. E, após um segundo lugar na Austrália, na abertura do Mundial, foi transformado em pop star, atendendo a inúmeros compromissos que lotaram sua agenda, fazendo com que o piloto até reclamasse de estresse às vésperas da corrida.

Rubinho e o drama de Interlagos

(*Diário do Comércio do Recife*, 27.3.2000)

São Paulo – A torcida deu um show, colorindo de vermelho o circuito de Interlagos.

O brasileiro Rubens Barrichello também fez a sua parte. Pilotou rápido, ultrapassou o escocês David Coulthard, da Mc Laren, e levou seu carro ao limite. Não adiantou. Considerado o carro mais confiável da Fórmula 1, a máquina da Ferrari quebrou na 27ª volta, adiando a realização do sonho de Rubinho, compartilhado este ano com mais de 60 mil pessoas que lotaram o autódromo.

Abatido, mas conformado, o piloto seguiu para os boxes, onde desabafou. “Foi um pecado. Fiz o que podia para deixar o meu público contente. Foi uma pena. ”As quebras têm sido um drama para o piloto em Interlagos. No ano passado, depois de liderar por várias voltas, sua Stewart parou. “Vamos discutir o que aconteceu esta semana, para não repetir os erros.”

Erros esses que levaram o carro de Rubinho a problemas hidráulicos e culminaram com a saída do piloto da prova. “O carro estava andando bem, até que comecei a sentir o volante muito duro. Depois, o hidráulico se estendeu ao acelerador e aí não teve mais jeito. A pressão ficou muito alta.” Ele ficou surpreso com o problema, pois diz ter um carro confiável nas mãos. “Nosso carro foi exaustivamente testado, e foi parar logo na prova do Brasil”.

5. Duas traduções de um mesmo texto escrito originalmente em língua estrangeira nunca são iguais. Os trechos que seguem foram extraídos de duas boas traduções de *As Aventuras de Tom Sawyer*, de Mark Twain: Luísa Derouet (Clube do Livro) e Carlos Heitor Cony (Coleção Elefante – livros de bolso da editora Ediouro). Trata-se, do episódio em que Tom transforma a penosa tarefa de pintar uma cerca de tábuas num motivo de lucro. Compare as traduções, e discuta:

a) como podem ser explicados os “cortes” feitos por Carlos Heitor Cony na narrativa e nos diálogos?

b) Ache, no texto de Carlos Heitor Cony, as expressões que correspondem às que foram grifadas no texto de Luísa Derouet. Comente livremente essas correspondências:

(Tradução de Luísa Derouet)

Tom olhava para as últimas pinceladas dadas, com um olhar de artista, depois pegou no pincel e deu outro retoque, tornando a olhar como antes. Ben pôs-se ao lado dele e Tom sentiu água na boca só de olhar para a maçã, mas não parou de trabalhar. Por fim, Ben perguntou:

— Tem então de trabalhar, hein? Tom voltou-se rapidamente.

— Ah! É você, Ben! Não tinha visto...

— Olhe, vou nadar. Não gostaria de ir também? Pelo que vejo, tem de fazer esse trabalho, não é?

É claro que tem.

Tom olhou-o por momentos, e por fim perguntou-lhe: o que é que você chama trabalho?

— Então isso não é trabalho? Tom continuou a caiar e respondeu despreocupadamente:

— Talvez seja, talvez não. O que eu sei é que é muito do agrado de Tom Soyer.

— Não vá me dizer que gosta disso.

O pincel continuava a se mover

— Gostar disto? Não vejo por que não hei de gostar. Não é todos os dias que um menino como nós tem ocasião de pintar uma cerca.

Isso punha as coisas noutro pé.

Ben parou de comer a maçã. Tom pintava cuidadosamente, movendo o pincel de um lado para outro, dava um passo atrás para ver o efeito, retocava aqui e ali, tornava a ver o efeito e, entretanto, Ben olhava para tudo aquilo cada vez mais entretido, até que, passados alguns momentos, disse:

— Deixe-me caiar um pouquinho, Tom? Tom pensou um instante, quase consentiu, mas mudou de idéia.

— Não, não! Não pode ser, Ben. Como você sabe, tia Polly é muito exigente com esta cerca. Bem aqui na rua... ainda se fosse do lado de

trás não me importava e ela também não. Mas ela tem umas esquisitices com esta cerca. O serviço tem de ser feito com muito cuidado. Em mil meninos, talvez até em dois mil , não haveria outro que o fizesse como deve ser.

— Não? É assim difícil? Deixe-me experimentar! Só um pouquinho! Eu, se estivesse no seu lugar e você fosse eu, deixava.

— Bem, eu também gostaria de deixar, palavra, mas tia Polly... Olhe, o Jim quis fazer isto e ela não deixou; Sid quis fazê-lo e ele não deixou.

Ela não deixou Sid! Por aí você vê como é a coisa. E se você caiasse isto e acontecesse alguma coisa?!

— Ora! Bobagem! Eu tomo tanto cuidado como você. Deixe-me experimentar! Olhe, eu lhe dou o miolo da minha maçã.

— Bem... Não, Ben, não pode ser. Tenho medo...

— Eu lhe dou a maçã inteira!

Tom abandonou o pincel, mostrando certa relutância e, com o coração cheio de alegria, e, enquanto aquele que antes personificava o Grande Missouri trabalhava e suava ao sol, o artista reformado sentou-se num barril à sombra, a abanar as pernas, a mastigar a maçã e a planejar o sacrifício de outros inocentes. Material não faltava, porque os meninos passavam constantemente por aí. Vinham para troçar, mas acabavam caiando.

(Tradução-adaptação de Carlos H. Cony)

Tom examinou a última pincelada com ar de artista, deu mais um retoque, observou de novo. Tinha a boca cheia d'água por causa da maçã. Porém continuou o trabalho.

Ben perguntou:

— Olá, velho, você tem de dar duro, não?

— Olá, Ben, eu não tinha visto você.

— Escuta, vou nadar. Você dava tudo para poder ir também, hein? Mas você prefere trabalhar, é claro!

— Que é que você chama de trabalho?

— Ora, então, isso aí não é trabalho?

Tom respondeu despreocupadamente:

— Depende de quem faz. Só sei que me agrada.

— Essa não! Quer me dizer que gosta disso?

A broxa subia e descia.

— E por que não? Não é todo dia que um garoto tem oportunidade de caiar uma cerca.

A explicação dava ao caso um novo aspecto. Ben parou de roer a maçã e interessou-se. Finalmente propôs:

> — Tom, me deixa caiar um pouco. Tom estava a ponto de consentir, mas mudou de idéia.
>
> — Não, você não sabe fazer isso; Tia Polly é muito exigente com esta cerca. Se fosse a cerca dos fundos, vá lá. Não há um rapaz em mil, talvez dois mil, que saiba pintar direito uma cerca destas.
>
> — Não diga! Vamos, me deixa experimentar um pouquinho.
>
> — Ben, palavra de honra, eu gostaria... mas Tia Polly... Ela não deixou Jim. Nem Sid. Compreende? Você poderá errar...
>
> — Ora bolas, tomo todo cuidado. Deixa.
>
> Olha, fica com um pedaço da minha maçã.
>
> — Bem, assim... Não, tenho medo. Já disse, não!
>
> — Toma a maçã toda!
>
> Tom cedeu, mostrando relutância no rosto, mas com o coração em festa. De vez em quando aparecia um rapaz para zombar e acabava ficando para trabalhar. Quando o “Big Missouri” pregou, Tom já havia negociado a vez com Billy Fischer em troca de uma pipa em bom estado. Pelo meio da tarde, Tom, o pobre rapaz da manhã, estava com os bolsos cheios.

6. Uma das principais características dos textos autenticamente falados é que seu planejamento é simultâneo à própria elocução. Com isso, o falante se vê obrigado a monitorar “em tempo real” sua própria elocução, reformulando o texto à medida que ele vai sendo produzido. Nesse processo, são particularmente comuns as paráfrases “retificadoras”. Veja como isso acontece neste trecho de uma aula de Organização e Métodos que analisa a história da cadeia de lanchonetes Bob’s, gravada para fins de estudo da linguagem falada culta da cidade do Rio de Janeiro:

> era uma empresa de pequeno porte... mas chegou um determinado momento... no ano passado EM QUE... a sua administração se defrontou com um problema muito grave... ou a empresa abandonava a sua estrutura de pequeno porte...ou...então...a empresa ia acabar desaparecendo... por que razão? Porque ela possuía uma administração muito pequena... [...] a empresa tinha três ou quatro pessoas na sua direção e... aproximadamente dezoito... filiais... onde.. gerentes... empregados chamados de gerentes... tinham uma determinada função... mas não tinham uma autonomia gerencial... era apenas... o chefe daquele setor... o gerente é muito mais que um simples chefe... ele tem uma autonomia... administrativa... ele tem uma...delegação de autoridade... e... portanto... ele tem uma parcela de poder... coisa que... em relação às lojas do Bob’s... não existia... porque o gerente ... apenas... era o encarregado do cumprimento das tarefas... ele não podia admitir ninguém... o critério de admissão... de seleção... de promoção de pessoal... não era

> dele... ele não tomava... nenhuma... deliberação importante... não tinha nenhuma iniciativa... ele... apenas... controlava... as tarefas... previamente fixadas... o que aconteceu com o Bob's? ele foi crescendo e, num determinado momento... ele paralisou... estacionou... por que ele estacionou? Porque para crescer mais do que isso... era preciso... criar uma nova estrutura... se o Bob/Bob's pretendesse ampliar sua área de atuação no estado do Rio... chegar a São Paulo... portanto ampliar sua participação no mercado... não eram três ou quatro pessoas que podiam continuar dirigindo... era preciso produzir aqui.... neste nível... uma... direção intermediária... uma administração de porte intermediário... de nível intermediário... portanto... uma administração... aqui... que seria o elemento de ligação entre já e a administração superior [...] e a administração de nível inferior... pra isso ... era preciso delegar autoridades e os seus dirigentes não quiseram... eles acharam que... preferiam manter aquela pequena estrutura... porque não queriam perder o controle da empresa... eles consideravam que... o processo de delegação de autoridades significaria a possibilidade de outras pessoas que não sócias-proprietárias... portanto a FAMÍLIA... dirigisse o negócio [...] era uma questão de opção... pretendiam permanecer nessa posição... acontece que aí... vem uma empresa maior vem uma empresa multinacional e chega... e conVIDA... aquela empresa de pequeno porte a uma negociação... e pergunta... "(vo)cê tem interesse em vender o negócio?" [...] começa ali uma fase de negociação... uma fase de barganha e.. depois... uma fase de pressão...

(Transcrito com modificações do inquérito 364 NURC-RJ, Dinah Callou, *A linguagem falada culta na cidade do Rio de Janeiro: materiais para o seu estudo*. Rio de Janeiro, UFJR/FUJB, 1991, p. 60-61; as passagens em letras maiúsculas foram pronunciadas em tom mais alto)

Todas as expressões grifadas sofrem reformulação na seqüência do texto. Transcreva as expressões que realizam essa reformulação, e diga se se trata de uma "correção" ou de uma "amplificação".

7. O texto que segue foi extraído da edição de setembro de 1996 de *Nova Escola*, revista de orientação e atualização destinada a professores de primeiro grau. Apesar de clara para o professor, a linguagem utilizada nesse texto ainda não é a que o próprio professor usaria para explicar o experimento a crianças de quarta e quinta séries. Que formulação você usaria para isso?

Laboratório

FERMENTO

Experiência à base de ingredientes de cozinha demonstra a alunos de quarta e quinta séries como um minúsculo fungo transforma açúcar em gás carbônico.

A QUÍMICA DOS SERES VIVOS

Quando se usa fermento de padaria para fazer pão, muitas vezes passa despercebido o fato de que minúsculos seres vivos estão ali na massa trabalhando, ou melhor, alimentando-se vorazmente.

São leveduras da espécie *Saccharomyces cerevisae*, um fungo unicelular presente no fermento biológico. Sem ele, o pão não cresce e fica duro.

Esta experiência para quarta e quinta séries mostra o resultado de uma reação química produzida por esse ser vivo. Num meio líquido previamente preparado, o fungo consome açúcar, do qual extrai energia para sua sobrevivência, e libera gás carbônico, responsável pelo crescimento e pela maciez do pão. O processo se chama fermentação, e ocorre no interior da célula.

No experimento sugerido pelo coordenador de Ciências da Escola da Vila, Vinícius Signorelli, os alunos verificam a expansão do gás carbônico de dois jeitos: pela formação de bolhas de gás no líquido e pelo inflar de um balão de borracha.

MATERIAL NECESSÁRIO

– Três garrafas transparentes com gargalos pequenos (podem ser de refrigerante de 300 ml.)
– Três balões (bexigas) de borracha, de tamanho pequeno
– Dois tabletes de fermento de padaria (biológico)
– Duas colheres (das de sopa) de açúcar
– Três copos de água
– Fita adesiva

PREPARE OS INGREDIENTES E OBSERVE O ESPETÁCULO

Faça três misturas separadas. A primeira com um copo de água e uma colher de açúcar, a segunda com um copo de água e um tablete de fermento, e a terceira com um copo de água, uma colher de açúcar e um tablete de fermento. Misture os ingredientes até dissolvê-los.

Coloque cada um dos preparados em uma garrafa. Fixe os balões nos gargalos com fita adesiva. As duas primeiras garrafas mostram que sem um dos componentes não há reação química. A fermentação só se desencadeia na terceira garrafa.

1 – O cenário montado
No primeiro momento, os três balões permanecem murchos.

2 – A levedura em ação
Formam-se bolhas de gás carbônico na terceira garrafa.

3 – O show do gás carbônico
O gás se expande pelo recipiente, inflando o balão.

8. Partindo do princípio de que toda repetição é deselegante e revela pobreza de recursos expressivos, os velhos manuais de redação recomendavam às vezes que se procurassem formas alternativas para dizer as mesmas coisas. Às vezes, as alternativas eram estapafúrdias. Assim, em vez de “o café”, seria possível dizer, conforme o contexto, “rubiácea escaldante”, “infusão nacional por excelência”, “ouro verde”, “carro-chefe das nossas exportações” etc. Descubra um editorial de jornal em que um mesmo indivíduo (ou um mesmo fato, problema etc.) seja designado de três modos diferentes.

9. A linguagem das bulas de remédios é às vezes de difícil compreensão para quem não é médico. Imagine que alguém a quem foi receitado o remédio Voltaren pediu que você lhe explicasse as advertências contidas na bula do remédio. Que “tradução” você faria?

> **Geigy**
> **Voltaren®**
>
> **Advertências**
> Sangramentos ou ulcerações/perfurações gastrintestinais podem ocorrer a qualquer momento durante o tratamento, com ou sem sintomas de advertência ou história prévia. Estes, em geral, apresentam conseqüências mais sérias em pacientes idosos. Nesses casos raros de sangramentos ou ulcerações/perfurações, o medicamento deve ser descontinuado. Assim como com outros agentes antiinflamatórios não esteróides, relações alérgicas, incluindo-se reações anafiláticas e/ou anafilactóides, poderão também ocorrer em raros casos sem a prévia exposição ao fármaco.
> Assim como outros AINEs, VOLTAREN pode mascarar os sinais e sintomas de infecção por causa de suas propriedades farmacodinâmicas.

10. Chama-se litotes a figura de estilo que consiste em negar o contrário do que se quer afirmar (dizendo, por exemplo, que fulano de tal não é indiferente ao charme de uma certa mulher, em vez de dizer que ele gosta da tal mulher). Essa figura aparece com alguma freqüência nas declarações dos políticos e dos acadêmicos. Diga o que os autores das frases abaixo quiseram dizer, sem usar litotes (se for possível).

> “Seria falsidade não admitir que nós passamos um momento delicado.”

(Ministro da Casa Civil Pedro Parente, sobre as relações entre o PSDB e o PFL, abril de 2000)

> “A influência dos vereadores não é prejudicial à população.”

(Prefeito Celso Pitta, a propósito das interferências dos vereadores nas administrações regionais da cidade de São Paulo, junho de 2000)

> “Não creio eu seja totalmente impossível que haja uma deterioração real de nossa situação social, que isso leve a mais repressão e que a democracia seja arranhada, não por culpa de quem está jogando ovo, mas por culpa do sistema, que não corrige essa situação.”
>
> (José Murilo de Carvalho, coordenador do programa de pós-graduação em história social da UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro), ao lembrar que medidas meramente repressivas, sem levar em conta a questão social, não resolverão o problema da violência, ontem, no jornal *Folha de S. Paulo*, 27.6.2000)

Paráfrase: mecanismos sintáticos

Objetivo

Explorar os mecanismos **sintáticos** que criam alternativas de expressão para um mesmo conteúdo.

Caracterização geral

Há operações sintáticas que "preservam o sentido". O uso dessas operações torna-se então um recurso para construir frases sinônimas.

Material lingüístico

A paráfrase tem em muitos casos um fundamento sintático: passamos de uma sentença à sua paráfrase usando as mesmas palavras (ou palavras da mesma família) e mudando apenas a construção. Os exemplos mais célebres de operação sintática que resulta em paráfrase são:

✓ a formação da voz passiva: *Cabral descobriu o Brasil ≈ O Brasil foi descoberto por Cabral;*

✓ a nominalização: *A justiça ordenou a entrega imediata da criança aos pais ≈ A justiça ordenou que a criança fosse entregue imediatamente aos pais;*

✓ a substituição de uma forma verbal finita por uma forma verbal infinita: *Aos 30 anos, ficaria mal eu pedir dinheiro a meu pai ≈ Aos 30 anos pegaria mal que eu pedisse/se eu pedisse dinheiro a meu pai. ≈ Aos 30 anos, pegaria mal eu pedir dinheiro a meus pais*;

✓ alçamento de certos verbos: *Para a maionese endurecer, é preciso que a vasilha esteja absolutamente seca ≈ Para que a maionese endureça, a vasilha precisa estar absolutamente seca;*

✓ a substituição de verbos por advérbios e vice-versa (aparentemente: parecer; possivelmente: poder; necessariamente: precisar; geralmente: costumar etc.): *Os ensaios da banda são feitos habitualmente na noite da quarta-feira ≈ Os ensaios da banda costumam ser feitos na noite de quarta-feira.*

Na realidade, a escolha entre construções gramaticais “que têm o mesmo sentido” nunca é totalmente indiferente:

✓ Porque as duas sentenças respondem a perguntas diferentes.

Quanto são dois mais dois? Dois mais dois são quatro (OK)

Quanto são dois mais dois? Quatro são dois mais dois. (??)

✓ Porque elas argumentam em sentidos diferentes.

Pedro é mais fraco que João. Ele não vai conseguir levantar a caixa. (OK)

João é mais forte que Pedro. Então Pedro não vai conseguir levantar a caixa. (??)

✓ Porque a diferença entre as duas formas pode ser usada como um meio para alcançar certos efeitos de sentido:

Não sou eu que trabalho na mesma sala que o Paulo, ele é que trabalha na mesma sala que eu.

Atividade

Há alguns anos, a Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo fez circular um livreto chamado “Mãos à horta”, no qual se davam instruções básicas a quem quisesse ter uma horta doméstica. Depois de falar da preparação do terreno, da construção dos canteiros e do plantio das hortaliças, o livreto dava orientações para a conservação da horta, que você poderá ler a seguir. Procure explicar com suas próprias palavras em que consiste cada uma das operações recomendadas.

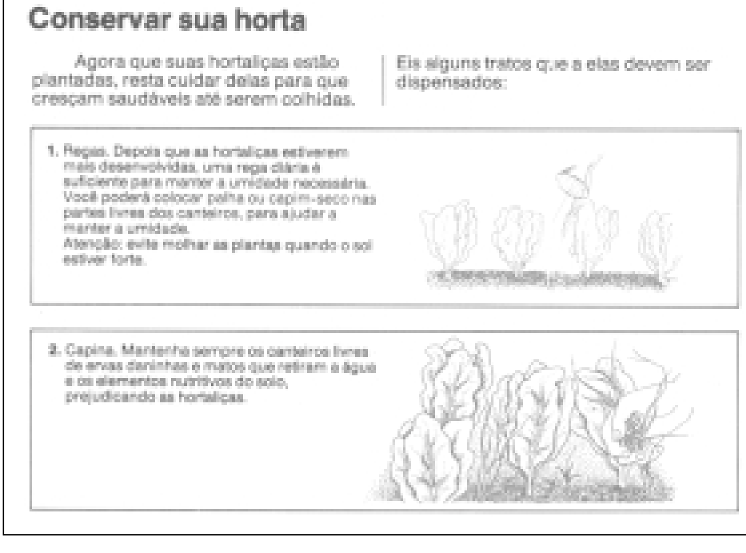

Conservar sua horta

Agora que suas hortaliças estão plantadas, resta cuidar delas para que cresçam saudáveis até serem colhidas.

Eis alguns tratos que a elas devem ser dispensados:

1. Regas. Depois que as hortaliças estiverem mais desenvolvidas, uma rega diária é suficiente para manter a umidade necessária. Você poderá colocar palha ou capim-seco nas partes livres dos canteiros, para ajudar a manter a umidade.
Atenção: evite molhar as plantas quando o sol estiver forte.

2. Capina. Mantenha sempre os canteiros livres de ervas daninhas e matos que retiram a água e os elementos nutritivos do solo, prejudicando as hortaliças.

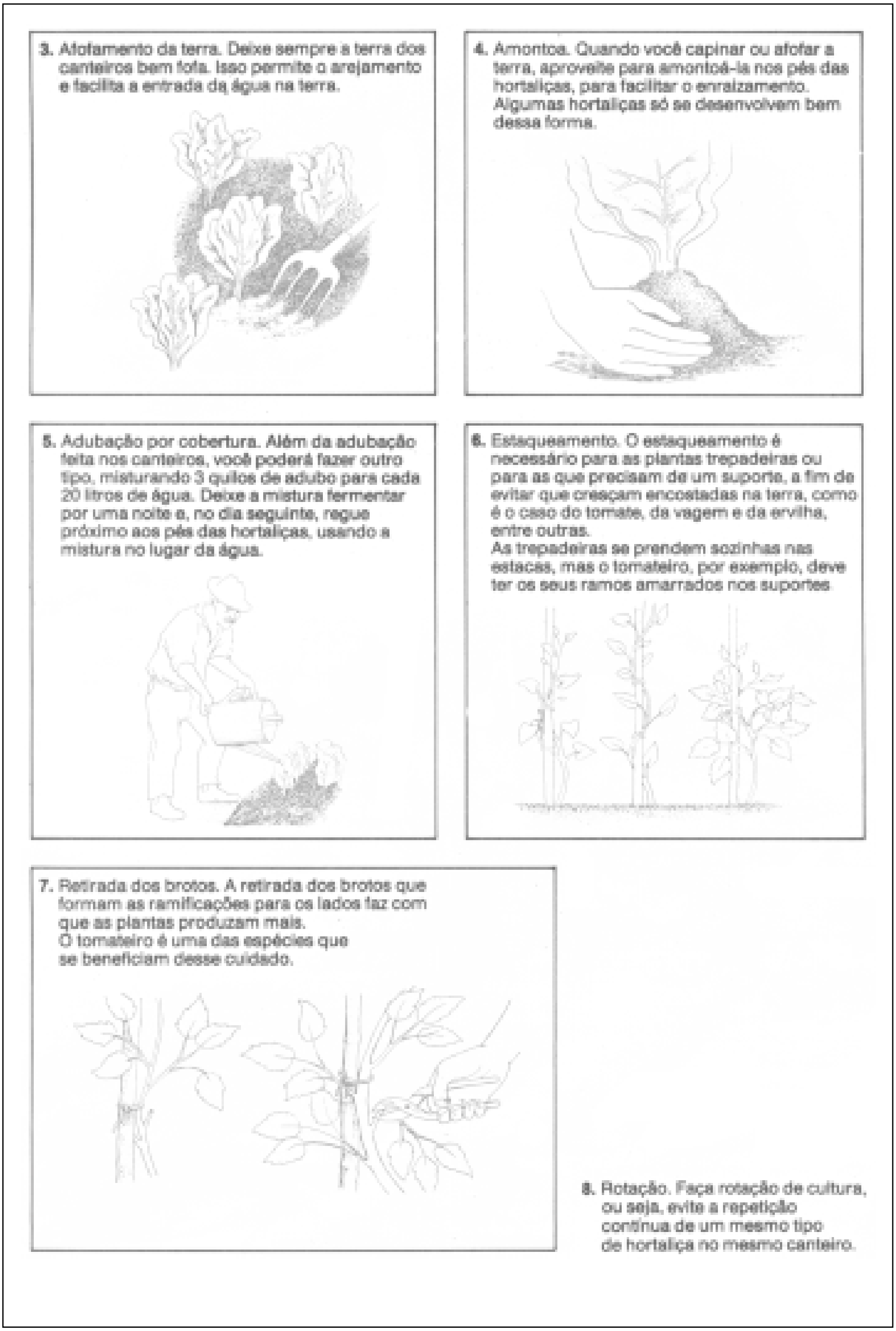

3. Afofamento da terra. Deixe sempre a terra dos canteiros bem fofa. Isso permite o arejamento e facilita a entrada da água na terra.

4. Amontoa. Quando você capinar ou afofar a terra, aproveite para amontoá-la nos pés das hortaliças, para facilitar o enraizamento. Algumas hortaliças só se desenvolvem bem dessa forma.

5. Adubação por cobertura. Além da adubação feita nos canteiros, você poderá fazer outro tipo, misturando 3 quilos de adubo para cada 20 litros de água. Deixe a mistura fermentar por uma noite e, no dia seguinte, regue próximo aos pés das hortaliças, usando a mistura no lugar da água.

6. Estaqueamento. O estaqueamento é necessário para as plantas trepadeiras ou para as que precisam de um suporte, a fim de evitar que cresçam encostadas na terra, como é o caso do tomate, da vagem e da ervilha, entre outras.
As trepadeiras se prendem sozinhas nas estacas, mas o tomateiro, por exemplo, deve ter os seus ramos amarrados nos suportes.

7. Retirada dos brotos. A retirada dos brotos que formam as ramificações para os lados faz com que as plantas produzam mais.
O tomateiro é uma das espécies que se beneficiam desse cuidado.

8. Rotação. Faça rotação de cultura, ou seja, evite a repetição contínua de um mesmo tipo de hortaliça no mesmo canteiro.

Exercícios

1. Modifique conforme o exemplo:

Foi assim que o José descobriu que estava doente =
Foi assim que o José descobriu sua doença.

a) Os testes desmentiram que boa parte do material estivesse contaminado.
b) O discurso mostra que o presidente não está despreparado para exercer o cargo.
c) Ninguém duvida hoje que as motivações com que circulou o boato tinham caráter político.
d) Certos fatos só se explicam pela hipótese de que a célebre espiã estava simultaneamente comprometida com as duas potências em conflito.
e) Surpreendeu os jornalistas que o velhinho estivesse lúcido, aos 103 anos.
f) Naquele momento, alguém lembrou que o presidente do sindicato não era hábil no trato de questões que exigiam sensibilidade política.
g) Desde o primeiro momento, nenhum dos técnicos do laboratório se dispôs a afiançar que a fita-cassete era autêntica.
h) Qualquer químico confirmará a você que as sementes de mamona, com que você brincava em criança, são altamente tóxicas.

2. As transformações exemplificadas pelas frases a seguir são possíveis para muitos falantes do português brasileiro (se não para todos). Para as transformações que você acha possíveis, invente frases novas.

Ex.: O carro parece estar com problemas = Parece que o carro está com problemas.
A Maria parece que tem 16 anos = Parece que a Maria tem 16 anos.

a) O João aparenta estar cansado = Aparenta que o João está cansado.
b) Resultou que o caixa estava vazio = O caixa resultou estar vazio.
c) Pela fatura, constava que alguém tinha feito um telefonema interurbano = Pela fatura, alguém constava ter feito um telefonema interurbano.
d) Perigava o carro fundir na estrada = O carro perigava fundir na estrada.
e) Calhou de um vizinho passar; foi ele quem avisou em casa que eu tinha sofrido o acidente = Um vizinho calhou de passar; foi ele quem avisou em casa que eu tinha sofrido o acidente.
f) Acontece que o pessoal do bairro não quer derrubar a árvore = O pessoal do bairro acontece que não quer derrubar a árvore.
g) Não tem por que assumirmos esse prejuízo = Não temos por que assumir esse prejuízo.

h) Demorou um bocado para o setor de recrutamento contratar um psicólogo = O setor de recrutamento demorou um bocado para contratar um psicólogo.
i) Não precisava de muito para você chamar os outros para a briga = Você não precisava de muito para chamar os outros para a briga.

3. As nominalizações são bastante freqüentes nos jornais, sobretudo nas notícias curtas. Um caderno regional da *Folha de S. Paulo* de 4 de maio de 2000 trazia, num canto de página, estas “Notas”:

PTB anuncia hoje candidato de Sumaré

O diretório municipal do PTB em Sumaré anuncia hoje o lançamento do nome da vereadora Cristina Carrara como candidata a prefeita da cidade. Caso a vereadora vença as próximas eleições, será a primeira vez que a cidade de Sumaré terá uma mulher como prefeita.

Prazo para concurso termina amanhã

O prazo para as inscrições no concurso público aberto pela Prefeitura de Campinas termina amanhã.

São 500 vagas para 101 cargos. A maioria das vagas é oferecida nas áreas de saúde e educação. Já foram feitas 6000 inscrições e retirados 25 mil formulários.

Estado entrega nova cadeia neste mês

O secretário estadual da Administração Penitenciária, Nagashi Furokawa, anunciou a entrega do centro de Detenção Provisória em 15 dias em Hortolândia. Com o centro, serão desativadas as cadeias do 4º DP e 5º DP em Campinas. O centro terá 768 vagas.

Redija novamente as três notas, usando uma oração completa no lugar das nominalizações grifadas.

4. Às vezes, a expressão formada por um substantivo mais um verbo “semanticamente fraco” pode ser substituída com vantagens por um único verbo com a mesma raiz que o nome:

Efetuar o cálculo do imposto = Calcular o imposto
Tomar a medicação sem consultar o médico = Medicar-se sem consultar o médico
Fazer a compra de um microscópio = Comprar um microscópio etc.

Às vezes, é vantagem utilizar a expressão composta (verbo + nome). Veja o texto abaixo, e avalie se há interesse em substituir as construções verbo+nome pelo verbo indicado ao lado.

COMUNICAÇÕES: *Estudo britânico e canadense usou vermes*

SALVADOR NOGUEIRA
Free-lance para a Folha

Cientistas da Universidade de Nottingham, Reino Unido, e da Univesidade da Colúmbia Britânica, Canadá, **realizaram um estudo** em vermes nematódeos e determinaram que ondas emitidas de telefones celulares podem **causar modificações** em células.

Apesar de os cientistas não afirmarem que o mesmo efeito necessariamente ocorre em células humanas, a descoberta instiga a polêmica sobre os riscos do uso de telefones celulares.

“Apesar de vermes nematódeos estarem muito distantes do homem, a resposta que monitoramos é muito similar em todos os organismos. É portanto essencial que **testes** similares **sejam feitos** usando células humanas”, disse à Folha David de Pomerai, líder da equipe que realizou a **pesquisa**.

Até hoje, o **consenso era** de que os celulares não prejudicam a saúde porque o nível de exposição às microondas é insuficiente para **causar o aquecimento** das células.

O estudo, a ser publicado na revista “Nature” do dia 25, mostra que os riscos das microondas podem não **estar restritos** apenas ao aquecimento.

As células da maior parte dos organismos, quando estão sob condições danosas a proteínas, como calor excessivo, produzem as chamadas proteínas de choque térmico (HSP, em inglês).

Ao **submeter** os vermes **à radiação** de microondas, a mesma produzida pelos celulares, em quantidade muito inferior à produzida por esses aparelhos, os cientistas observaram a produção de HSP, mesmo sem **haver aquecimento**.

Segundo a Anatel, há cerca de 16 milhões de celulares no Brasil.

estudaram

modificar

testar

pesquisou
consentia-se

aquecer

restringir-se

radiar

aquecer

5. O texto que segue foi escrito por uma Delegacia do Ministério da Agricultura para ser publicado pelo Suplemento Agrícola do jornal *O Estado de S. Paulo*. Suponha que o mesmo texto fosse aproveitado para a confecção de uma cartilha a ser distribuída nos supermercados e que, para isso, ele fosse apresentado como

uma série de respostas a perguntas. Leia o texto, e localize o ponto em que deveriam entrar as cinco perguntas formuladas ao lado:

> “A classificação vegetal – análise que determina o tipo do produto conforme a qualidade, e estabelece a diferenciação do preço – foi instituída pela lei federal 6.305, de 15 de dezembro de 1975, e é obrigatória para mais de 30 produtos, entre eles arroz, feijão, trigo, milho comum, pipoca e canjica, farinha de mandioca, amendoim e óleo de soja.
>
> A obrigação atinge, sucessivamente, todas as pessoas que trabalham na cadeia produtiva e de comércio, incluindo quem armazena, prepara, transporta, distribui, beneficia, ensaca, embala e vende, como explica o agrônomo Otávio Borghi Jr., da delegacia do ministério, em São Paulo. “Quem adquire o produto deve exigir do vendedor o Certificado de Classificação ou a Guia de Desdobramento, com a nota fiscal.”
>
> O objetivo da classificação não é apenas econômico, evitando que o consumidor seja lesado financeiramente. “É zelar também pela sua saúde.” Para fiscalizar, o ministério mantém um cadastro atualizado de pessoas físicas e jurídicas, que trabalham com produtos de origem vegetal. A atualização é feita com base no registro do produto no ministério, obrigatório para a venda. O trabalho de classificação, em quase todo o País, é feito em convênio com as Secretarias de Agricultura. Em São Paulo, o ministério repassou o serviço à iniciativa privada, representada pela Empresa Nacional de Classificação e Análise (Encal) sob a supervisão do ministério.
>
> O serviço é pago: para classificar o feijão, a Encal vinha cobrando, até o fim do ano passado, R$ 1,27 a tonelada. “É um preço quase simbólico”, diz o supervisor da empresa, Maurício Caliman. Da receita total, 15% são repassados ao ministério. No ano passado, no Estado, foram classificados 3,7 milhões de toneladas de produtos. O ministério exige que o classificador seja agrônomo ou técnico agrícola.

a) O que é a classificação vegetal?

b) Quem é obrigado a classificar os vegetais?

c) O que se pretende, ao classificar os vegetais?

d) Quem garante a qualidade das classificações?

e) Quem arca com os custos da classificação?

f) Há alguma exigência, para ser um classificador?

6. Diálogos como os que seguem soam estranhos, à primeira leitura, mas são perfeitamente possíveis, e são ouvidos às vezes. O que poderiam significar?

A — Bernardo e Bianca separaram-se.
B — Não foi bem isso. Bianca é que se separou de Bernardo

A — João e Maria não se falam mais.
B — Não, é o João que não fala mais com a Maria.

A — João e Maria foram ao cinema juntos.
B — Não. Foi Maria que foi ao cinema com João.

A — Soube que você está brigado com todo o departamento.
B — Não, é o departamento que está brigado comigo.

A — O novo gerente do Banco do Brasil se indispôs com a cidade inteira.
B — Não, foi a cidade inteira que se indispôs com o novo gerente do Banco do Brasil.

7. Relacione as sentenças com mesmo sentido. Diga em que coluna está a sentença que se expressa por meio de uma ou mais nominalizações.

Para soltar os reféns, o assaltante exigiu que todo o dinheiro fosse entregue.	Estou esperando que os Titãs confirmem que virão para mandar imprimir os convites de formatura.
Assim que viu sua bolsa na mão do meliante, a mulher começou a persegui-lo, gritando “pega ladrão”.	A visão da bolsa na mão do meliante fez com que a mulher se lançasse em sua perseguição, aos gritos de “pega ladrão”.
A chegada do circo, e o desfile dos bichos, atletas e palhaços agitavam a criançada do bairro.	O jogador prometeu abster-se de qualquer tentativa de provocação dirigida aos adversários.
O jogador prometeu ao técnico que não tentaria provocar os adversários.	Chegava o circo, desfilavam os bichos, os atletas e os palhaços, e isso agitava a criançada do bairro.
Estou esperando a confirmação da vinda dos Titãs para mandar imprimir	O assaltante exigiu a entrega de todo dinheiro, como condição para a soltura dos reféns.

8. Uma forma de gerúndio pode desempenhar várias funções correspondentes às de várias orações subordinadas. Confirme você mesmo, transformando os gerúndios das orações abaixo em subordinadas com verbo finito:

a) Chegando às 21h30min, você perdeu a melhor parte do show, que foi a abertura. Por que não chegou mais cedo?
b) Chegando às 21h30min, você perderá a melhor parte do show, que é abertura. Não há meio de você chegar mais cedo?
c) Chegando às 21h30min, cruzei com o guarda-noturno.
d) Mesmo chegando às 21h30min, consegui falar com o gerente do supermercado.
e) Na rua não havia ninguém exceto o vizinho, chegando, como sempre, às 21h30min.
f) Vazando óleo como estava, o caminhão não chegou a ir longe.
g) Não acredito nessa história de vazamento. Vazando óleo, o caminhão não teria ido muito longe.
h) Vazando óleo, e com os pneus carecas, o caminhão ainda era uma opção melhor do que a mula do seu Joaquim.
i) Vazando óleo, o caminhão estava cada vez mais próximo de fundir o motor.
j) Na estrada, havia passado algum caminhão vazando óleo, e os bombeiros haviam jogado areia e estavam orientando os motoristas para que reduzissem a velocidade.

9. Um recurso sempre disponível para tornar o texto "menos pesado" sem perder informações consiste em lançar mão do "se" apassivador. No texto que segue, reformule mediante o uso do "se" apassivador as orações assinaladas. Não esqueça que o verbo a que se aplica o "se" apassivador concorda com o sujeito posposto.

> **Técnica é a prioridade na defesa pessoal para mulheres**
>
> da reportagem local
>
> As técnicas de defesa pessoal partem do pressuposto de que não é com força que se consegue reverter uma situação de risco.
>
> Uma das estratégias recomendadas é a devolução da força empregada pelo agressor contra ele mesmo.
>
> "Usar a força é besteira. Além de certamente perder a disputa, a força que a mulher usasse

machucaria mais a si mesma que ao agressor”, afirmou C.C., professor de artes marciais da academia Bio Ritmo.

Assim, a técnica é mais indicada para as mulheres, independentemente da forma física e da familiaridade com artes marciais.

Os atuais índices de violência urbana – **foram registrados no Estado de São Paulo, no ano passado, 4.928 estupros, 117.673 furtos de veículos e 292.841 delitos com lesões corporais** – motivaram algumas academias de São Paulo a oferecerem essas aulas.

Dica: Comece com *“registraram-se...”*

O curso de defesa pessoal, portanto, não ensina apenas contragolpes, mas também a teoria e a análise das situações.

Na parte teórica, são propostos exercícios de raciocínio e ensinados quais são os tipos de agressão e as abordagens mais comuns. Não parar na faixa esquerda nos cruzamentos e não reagir em assaltos que envolvam somente furto de bens materiais são algumas das dicas que compõem a teoria do curso.

Dica: Comece com *“No curso de defesa pessoal...”*

A parte preventiva ensina a patologia do agressor, como controlar emoções e a análise sistemática da situação. [...]

“Reagir ou não depende da situação: armas, assédios, agressão física”, disse Cavallini.

Nas aulas práticas, são ensinados os golpes que permitem a saída de qualquer ataque ou a imobilização, golpeando o agressor em locais onde não existe músculo, ou em pontos sensíveis, como olhos, garganta, virilha.

(*Folha de S. Paulo*, 13.5.2000)

10. Os ajustes gramaticais necessários para “passar” uma oração da voz ativa para a voz passiva e vice-versa são bem conhecidos. Entretanto, no interior de um texto, a conversão pode ser dificultada por fatores de vários tipos. No texto abaixo, tente converter as orações passivas em ativas, sem prejudicar a legibilidade do texto. Quando não for possível, explique os problemas encontrados.

Soja primitiva faz samba na França

Bruno Blecher
Editor do Agrofolha

Em clima de carnaval, chegou ontem ao porto de Saint Nazaire, na França, parte das 180 mil t de soja não-transgênica brasileira, **adquirida pela rede de supermercados Carrefour** de produtores de Goiás. **O carregamento foi recebido com samba pelos ativistas do Greenpeace.**

Sugestão: use uma oração adjetiva

conversão normal

Os grãos serão transformados em ração, destinada a abastecer os criadores franceses que fornecem aves e suínos às lojas da rede na Europa.

?

A intenção do Carrefour é garantir aos seus clientes que as carnes vendidas em suas lojas não contenham nenhum ingrediente de organismos geneticamente modificados.

Diante da pressão cada vez maior de grupos ecológicos e dos próprios consumidores, grandes supermercados da França e do Reino Unido estão banindo de suas prateleiras toda a comida produzida a partir de **organismos geneticamente modificados**.

?

A rejeição dos europeus aos alimentos transgênicos favorece o Brasil, segundo maior produtor de soja do mundo e único grande exportador ainda livre das **variedades modificadas geneticamente.**

Por aqui, apesar de **aprovada desde 98 pela Comissão Técnica** Nacional de Biossegurança, **a soja transgênica ainda não foi liberada pela Justiça** para plantio comercial

Sugestão: use uma oração com "embora"

conversão normal

(*Folha de S. Paulo*, maio de 2000)

Perguntas e respostas

Objetivo

Ampliar o domínio sobre o mecanismo verbal da pergunta-resposta, explorando aspectos estruturais, pragmáticos e conversacionais desse mecanismo.

Caracterização geral

Formular corretamente uma pergunta e responder adequadamente a uma pergunta feita, são operações complexas, que envolvem:

- ✓ o domínio de aspectos específicos da estrutura da língua;
- ✓ um controle adequado da relevância das perguntas e respostas;
- ✓ o respeito a certas regras conversacionais que dizem respeito a possíveis maneiras de pedir a palavra e solicitar informação.

Material lingüístico

Existem em português dois tipos de perguntas: localizadas e polares.

✓ No caso das perguntas **localizadas**, fornecemos ao nosso interlocutor uma relato “incompleto” dos fatos, e solicitamos que ele o complete, fornecendo nomes que preencham as lacunas, dando origem a uma história verdadeira. Por exemplo, se perguntarmos ao nosso interlocutor:

Quem quebrou a vidraça?

estaremos dando a informação de que alguém quebrou a vidraça, e estaremos pedindo que ele identifique esse alguém.

Os principais instrumentos lingüísticos das perguntas polares são as chamadas “palavras interrogativas”, algumas das quais começam pelas letras *qu*: *quando, quem, qual... onde, por quê, como.*

✓ No caso das perguntas **polares**, fornecemos a nosso interlocutor um relato completo dos fatos, e solicitamos que ele o caracterize como verdadeiro ou falso. Assim, se perguntarmos:

O comércio abre este domingo?

estaremos propondo ao nosso interlocutor que escolha entre uma resposta sim, que caracteriza o conteúdo da pergunta como verdadeiro, e uma resposta não que o caracteriza como falso.

O principal instrumento lingüístico das perguntas polares é o tom interrogativo, que a escrita representa precariamente com o ponto de interrogação.

Perguntas diretas e indiretas: Além de formular nossas perguntas diretamente (isto é, usando os recursos acima descritos) formulamos às vezes nossas perguntas indiretamente, recorrendo a verbos que contêm a idéia de perguntar:

— Gostaria de saber quem quebrou a vidraça.
— Estou perguntando quem quebrou a vidraça.
— Vou procurar saber se o comércio abre este domingo.
— Estou perguntando se o comércio abre este domingo.

Às vezes, uma pergunta esconde outra. Outras vezes, uma pergunta é uma maneira polida de fazer um pedido:

— O senhor tem horas?
— Tenho.
— O senhor tem horas?
— São dez e quarenta.
— O senhor tem uma caneta?
— Tenho.
— O senhor tem uma caneta?
— Pois não, use esta.

Uma pergunta e sua resposta costumam ter um certo número de elementos em comum: assim, no diálogo abaixo:

— A que horas vai ser a festa de aniversário do Eric?
— A festa de aniversário do Eric vai ser às quatro.

tanto a pergunta como a resposta informam que está prevista uma festa de aniversário para o Eric, e que a festa tem hora certa para acontecer.

Fazer perguntas é uma arte, e às vezes é um problema de etiqueta. Muitas vezes, as perguntas chocam (irritam, indispõem) os interlocutores não pelo assunto de que tratam, mas pela maneira como são feitas. Imagine-se, por exemplo, que durante uma cerimônia de casamento, no momento em que os noivos vão pronunciar o “sim”, um dos convidados resolve perguntar ao padre “O senhor tem um alicate no seu carro?” A pergunta é lingüisticamente perfeita, mas socialmente é um vexame.

Atividade

No tempo em que os homens iam cortar a barba na barbearia, o fim do corte costumava ser anunciado por esta pergunta do barbeiro: “*Álcool ou talco?”* Se a cena se passasse em Tatuí ” ou Piracicaba, a pergunta era feita, evidentemente, com a pronúncia local: “*aRco ou taRco?* ” Dizem que numa dessas duas cidades, nos anos 60, alguém respondeu “VeRva!” (Acqua Velvaâ, a loção pós-barba recém-lançada pela firma Bozano). Além de ser uma boa história sobre o chamado “R caipira”, esta história é também um bom exemplo de como as pessoas, colocadas diante de uma aRternativa (ops, alternativa, que quer dizer dois) se saem dela descobrindo uma terceira possibilidade, não prevista pela pergunta. Conte uma história em que alguém, colocado “entre a cruz e a caldeirinha” achou uma terceira possibilidade, o que os antigos chamavam de *tertius* e às vezes nós chamamos de “sair pela tangente”.

Exercícios

1. Imagine uma única pergunta que poderia receber todas estas respostas:

Porque o trânsito estava muito congestionado, e eu fiquei preso(a) duas horas num engarrafamento.
É que o metrô não funcionou hoje de manhã.
Porque ontem fui a uma festa e dormi muito tarde.
Porque meu irmão precisou ser levado ao hospital durante a madrugada.
Porque ontem fiquei na firma até tarde, e o senhor me autorizou a compensar as horas hoje de manhã.
Porque fui convocado pela justiça para depor no caso dos precatórios.

2. Exclua, dentre as respostas, aquela que não é relevante para a pergunta:

Pergunta: Quando morreram os Mamonas Assassinas?
Respostas possíveis:
depois de um show;
quando voltavam para São Paulo;
logo depois do sucesso da música “Brasília Amarela”;
quando o avião deles bateu no Pico do Jaraguá;
porque a companhia de táxi aéreo não fazia manutenção de seus aviões.

3. Escolha uma notícia de jornal relatando um fato ocorrido recentemente. Transforme essa notícia numa entrevista, imaginando que você é o entrevistador, e o jornalista (ou uma das personagens da notícia) o entrevistado.

4. A idéia de pergunta está presente numa série de outras palavras, além, evidentemente, do próprio *perguntar*. Explique, informalmente, que relação você vê entre a idéia de pergunta e as idéias de:

- curiosidade;
- pesquisa;
- dúvida;
- inspeção;
- perícia;
- jogar o verde para colher o maduro;
- interrogatório.

5. O que há de engraçado nestes diálogos?

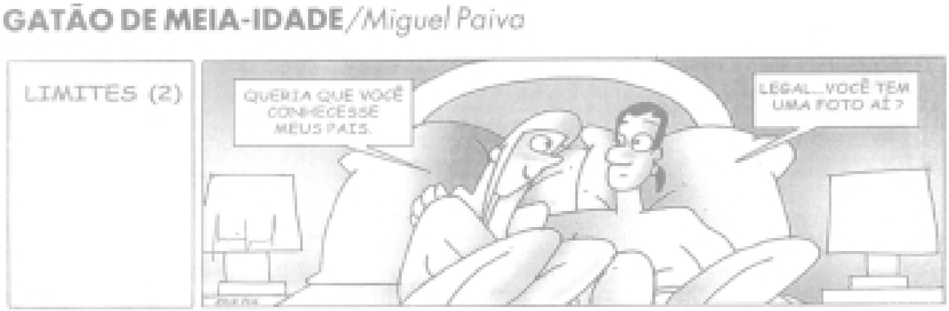
GATÃO DE MEIA-IDADE/Miguel Paiva
LIMITES (2)
QUERIA QUE VOCÊ CONHECESSE MEUS PAIS.
LEGAL... VOCÊ TEM UMA FOTO AÍ ?

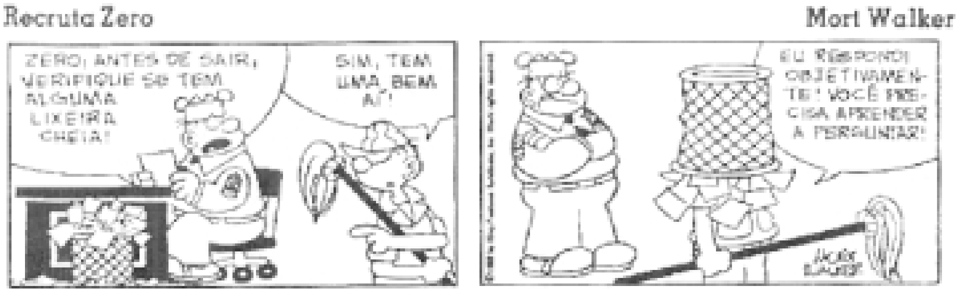
Recruta Zero
Mort Walker
ZERO, ANTES DE SAIR, VERIFIQUE SE TEM ALGUMA LIXEIRA CHEIA!
SIM, TEM UMA BEM AÍ!
EU RESPONDI OBJETIVAMENTE! VOCÊ PRECISA APRENDER A PERGUNTAR!

Transforme os diálogos abaixo, dando-lhes forma de tira.
A — O senhor podia me passar o sal?
B — *Podia*.

(ao telefone)
A — *Com quem estou falando?*
B — *Comigo.*

(ao telefone)
A — *O que é que você está fazendo neste momento?*
B — *Estou atendendo o telefone.*

A — *Olá, de casa. Tem alguém aí?*
B — *Não, não tem ninguém.*

6. As pessoas têm às vezes dificuldades em responder a perguntas cuja resposta é uma definição; é comum nesse caso que as pessoas respondam dando um exemplo, começando a resposta com um desastrado é quando. (O que é hemorragia? — É quando a pessoa perde sangue). Responda às perguntas que seguem, mediante uma definição.

a) O que é estelionato?
b) O que é glaucoma?
c) O que é liberdade condicional?
d) O que é terceirização?
e) O que é morte cerebral?
f) O que é perda do pátrio poder?
g) O que é caduquice?
h) O que é *habeas corpus*?

7. Fazer a pergunta certa na hora certa é, às vezes, mais difícil do que achar uma boa resposta. Essa é a dificuldade do cientista da história abaixo. Leia a história e tente resolver o problema:

> Um antropólogo desembarca numa ilha, com projetos de pesquisa. Na ilha, moram duas tribos: na primeira, a tribo A, as pessoas sempre mentem, são traiçoeiras, e tentam atrair os estrangeiros para matá-los. Na segunda, a tribo B, as pessoas são amigáveis e sempre dizem a verdade. Evidentemente, o antropólogo quer chegar com segurança à tribo B.
> Da praia, sai um caminho que, em determinado ponto bifurca. O antropólogo sabe que cada um dos caminhos da bifurcação leva a uma aldeia, mas não sabe qual. Na bifurcação, ele encontra um indígena, e resolve pedir informações, mas há dois problemas: 1) ele não sabe se o indígena encontrado na bifurcação pertence à tribo A ou B; 2) os índios daquela ilha só respondem a uma pergunta a cada dez anos, e não há ninguém mais por perto.
> O antropólogo faz uma única pergunta e chega com segurança à aldeia que procura. Qual é a pergunta?

8. Explique com suas palavras a diferença que há entre as frases (1) e (2); para melhor esclarecer o que significam, use-as como parte de duas breves histórias:

— A polícia prometeu informar se o carro foi encontrado.
— A polícia prometeu informar se o carro for encontrado.

9. O trecho que segue faz parte de uma entrevista do projeto de estudo da Norma Urbana Lingüística Culta (NURC). Nessa entrevista, um documentador pede a um informante já idoso que evoque aspectos de sua infância, vivida numa fazenda. A partir da quarta linha, foram apagadas as indicações sobre quem está falando. Procure restabelecer essas indicações.

> *Informante* é ... agora o arroz se plantava as baixadas... que tinha mais água... e o::.. feijão não me lembro de lugar especial para plantar
> *Documentador* lembra da colheita de um e de outro como é que se faz?
> eu não me lembro como se colhia::...feijão não me lembro de nada... agora o arroz... também não me lembro como era colhido... o que me lembro é que era preciso... depois de colhido... ah co/colocar o arroz e bater o arroz... para so/ soltar da casca... e també... é a:: fica uma... aquilo que chama palha de arroz
> uhn uhn.... e como é que se separa uma coisa da outra? costumava-se até bater mesmo no arroz com: PAU
> até... e e isso era feito manualmente?
> manualmente... tudo manual
> num lugar... eh especial?
> não podia ser não precisava ser um lugar grande também... porque empilhava-se e ia-se batendo e depois separando...
> uhn uhn...e:: e o arroz...
> depois de de de de colhido assim... coimo é que se guardava?
> também tudo em saco
> ele passava por algum processo de industrialização não?
> não não passava era vendido assim? era vendido assim mesmo
> e a casca dele... ahn... sei lá casquinha que fica ainda... ahn se vendia assim ou... ou já se entregava de uma numa outra condição
> não me lembro bem, viu? como era viu? ...porque ne/nessa época... quando...vamos dizer eu era criança não tinha muito interesse em:: negócio né?
> uhn uhn
> então não me lembro bem como era vendido o arroz..
> sei
> mesmo porque a maior parte do arroz era para consumo...
> ah sim eu até acho que... não se vendia arroz propriamente
> que tipo de arroz se plantava lá?...lembra ou não?
> também não lembro viu? que tipo de arroz o senhor consome?...
> ((riu)) também não sabe é solteiro né
> ((risos))
> não sei... é
> a a administração do lar não chegou ( )
> não

10. No trecho anterior, todos os pontos de interrogação indicam tom interrogativo, mas o tom interrogativo está às vezes associado a frases que não são propriamente perguntas. Procure esclarecer qual é, nesse diálogo, a função das partículas “né?”, “não?” e “viu?”

Quantificadores

Objetivo

Caracterizar, intuitivamente, o processo da quantificação, como um meio de entender uma das principais funções dos pronomes indefinidos, dos numerais, dos artigos e de certos tempos do verbo.

Caracterização geral

Em sentenças como:

(1) Todos os corintianos são fanáticos.

(2) Há um livro sobre a mesa.

as palavras grifadas exercem um papel de quantificação, isto é, traçam limites à aplicação das propriedades expressas pelas demais palavras.

Duas linhas de explicação foram propostas historicamente para os quantificadores: para a primeira dessas linhas, um quantificador informa sobre o tipo de interseção que existe entre o conjunto de indivíduos delimitado pelo sujeito e o conjunto de indivíduos delimitado pelo predicado. Assim, a palavra todos em (1) nos diz que, dados o conjunto dos corintianos e o conjunto das pessoas fanáticas, não encontraremos nenhum corintiano que não seja, ao mesmo tempo fanático (ou seja, na representação que segue, onde o círculo à esquerda representa os corintianos, e o círculo à direita representa os fanáticos, o espaço A resulta vazio).

Pela segunda linha de explicação, entende-se um quantificador como uma informação sobre a aplicação de um predicado: a mesma sentença seria interpretada como uma informação de que a propriedade "se é corinthiano é fanático" tem aplicação universal. Por sua vez, a sentença (2) seria interpretada como significando que há exatamente um objeto que realiza a propriedade (complexa) de ser livro e estar sobre a mesa.

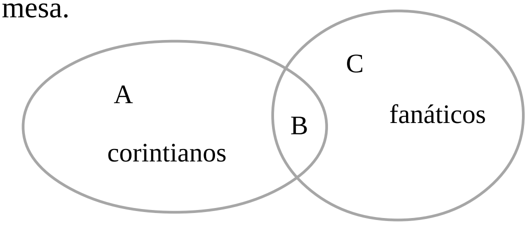

Material lingüístico

Entre as palavras que funcionam como quantificadores estão:
✓ os assim chamados “pronomes indefinidos”: todos, alguns, vários etc.;
✓ os numerais cardinais;
✓ os artigos, definidos e indefinidos;
✓ aguns tempos do verbo.

Alguns quantificadores são exatos, como é o caso de todos, pelo menos um, exatamente um ...; outros são vagos, como é o caso de poucos e muitos.

A interação dos quantificadores entre si, com a negação e com o plural, dá origem a ambigüidades de um tipo particular, conhecidas como “ambigüidades de escopo”.

Atividade

Uma das mais belas definições do humanismo é uma frase que aparece numa fala de uma comédia do escritor latino Terêncio:
“Sou humano, tudo que é humano me diz respeito.”
Como você entende essa frase? Você acha que ela perde em força, pelo fato de que, na comédia em questão, ela é pronunciada por um escravo?

Exercícios

1. Construa uma representação que se aplique às frases abaixo, utilizando como modelo a representação gráfica que foi dada para a frase “Todo corintiano é fanático”, na primeira parte deste capítulo.
Alguns maranhenses se chamam Ribamar.
Todo brasileiro maior de idade pode ser eleito para a Câmara.
Todo cidadão com formação universitária tem direito a prisão especial.
Um único candidato tirou a nota máxima.

2. A idéia de generalização está presente em vários pronomes indefinidos do português: todos, cada, qualquer, ninguém... Entretanto essas palavras não são exatamente sinônimas. Que diferenças você percebe entre as duas sentenças de cada par?
a) Ele deixou uma casa para a mulher e uma fazenda para todos os filhos/Ele deixou uma casa para a mulher, e uma fazenda para cada filho.
b) Todos os médicos vão confirmar que o caso é grave/qualquer médico vai confirmar que o caso é grave.

c) Todas as seções foram visitadas num dia/Cada seção foi visitada num dia.
d) Ele conversa com todo mundo/ele conversa com qualquer um.

3. Os quantificadores muitos e poucos são vagos, isto é, não trazem uma informação numérica exata. Pense numa classe de 40 alunos, de uma escola pública, de ensino médio e de periferia. O que significam, para você, em termos numéricos, as seguintes afirmações:

a) Muitos alunos desta classe estudam computação em alguma escola particular.
b) Muitos alunos desta classe já viajaram para a Disneylândia.
c) Muitos alunos desta classe trabalham pelo menos um período.
d) Há muitos alunos nesta classe cujos pais são analfabetos.
e) Muitos alunos desta classe já "navegam" há alguns anos pela Internet.
f) Muitos alunos nesta classe já consumiram drogas.

O que significariam, em termos numéricos, as mesmas afirmações, se fossem referidas a uma classe de uma escola particular de classe alta?

4. O jornal *Folha de S. Paulo* de 16 de abril de 2000 publicou na coluna de Elio Gaspari o texto "O branco tem a marca de Naná" (a Naná do título aludia a uma personagem negra de uma novela da Rede Globo):

> Cinco pesquisadores da UFMG qualificaram uma parte do processo de miscigenação da população brasileira. São Sérgio Pena, Denise Carvalho-Silva, Juliana Alves-Silva, Vânia Prado e Fabrício Santos.
>
> A partir do exame de DNA de uma amostra de 200 homens e mulheres brancos de regiões e origens sociais diversas demonstraram que, [...] de cada cem pessoas brancas, só 39 têm apenas linhagem exclusivamente européia. As demais têm a marca da miscigenação (33% de índios e 28% de africanos – a predominância da marca indígena deve-se ao fato de que por mais de um século a miscigenação deu-se sem a presença negra). Há mais gente com um pé na cozinha do que com os dois na sala.
>
> As revelações da pesquisa vão adiante:
>
> Só uma em cada dez pessoas brancas têm no seu código genético a marca de um ascendente homem negro ou índio.
>
> Seis em cada dez brasileiros têm a marca de uma ascendente mulher negra ou índia.
>
> Pode-se estimar que 45 milhões de brasileiros têm uma índia em sua ascendência. São 40 milhões os que têm uma negra.
>
> É a comprovação científica daquilo que Gilberto Freyre formulou em termos sociológicos. A miscigenação deu-se sobretudo pela relação de homens brancos com mulheres negras ou índias...

Esse texto, no qual não se fala de nenhuma personagem em particular, estabelece para quantos indivíduos do universo de discurso considerado (a população brasileira), valem alguns predicados que caracterizam as situações de miscigenação consideradas. Releia o texto, e complete a tabela

Predicado	Quantificação	
	percentual	absoluta
... tem linhagem exclusivamente européia		
... tem algum antepassado índio		
... têm algum antepassado africano		
... tem entre seus ascendentes um homem negro ou índio		
... têm entre seus ascendentes uma mulher índia		
... têm entre seus ascendentes uma mulher negra		

5. A palavra pouco encerra uma avaliação que também pode ser expressa, de outra maneira, pelo advérbio só: só cinco pessoas que eu conheço foram assaltadas = cinco pessoas que eu conheço foram assaltadas, e isso é pouco. O mesmo se pode dizer de muito, que às vezes equivale a nada menos que. Imagine que você lê ou ouve as frases a seguir:

- O IPTU só subiu 80% do ano passado para cá.
- Nada menos que 30% dos crimes cometidos contra a pessoa são solucionados neste estado.
- Só 45 pessoas morreram nas estradas, no último feriadão.
- Só 30% dos brasileiros são analfabetos funcionais, segundo o último censo.
- Só 400.000 novos carros foram emplacados na grande São Paulo, no último ano.
- Só dois esportistas brasileiros tiveram uma fama mais duradoura no exterior.
- Nada menos que dez pessoas morreram de dengue na cidade.
- Nada menos que vinte pessoas se inscreveram no concurso para fiscal da prefeitura.

Utilizando apenas seu senso do certo e do errado, quais dessas afirmações mereceriam uma resposta do tipo “E você acha pouco?” ou “E você acha muito?”. Compare suas opiniões com as de seus colegas de classe.

6. Diga por que não é a mesma coisa (se for preciso, traduza os quantificadores em números hipotéticos):

a) Um único candidato foi votado por muitos eleitores./Muitos eleitores votaram em um único candidato.

b) Poucas pessoas falam muitas línguas./Poucas línguas são faladas por muitas pessoas.

c) Todo aluno desta escola pratica um esporte./Um esporte é praticado por todos os alunos desta escola.
d) Uma garota já saiu com todos os rapazes do bairro./Todos os rapazes do bairro já saíram com uma garota.
e) Todos os restaurantes da cidade descumprem as normas de segurança./Nem todos os restaurantes da cidade cumprem as normas de segurança.
f) Mais de cem turistas que compraram o pacote especial não foram alojados em hotéis de primeira classe./Não mais de cem turistas que compraram o pacote especial foram alojados em hotéis de primeira classe.

7. Interpretados obrigatoriamente por referência a todo um universo de discurso, os quantificadores são usados com alguma freqüência para formular leis, máximas e princípios gerais. Os exemplos que seguem são frases que condensam um programa político ou o balanço de uma situação. Tente descobrir seus autores, e reconstitua a situação em que foram lançadas.
a) Tudo para os amigos; para os inimigos, a lei.
b) Tudo pelo social.
c) Morrer, se preciso for, matar, nunca.
d) Tortura, nunca mais.
e) Tudo em perfeita ordem, senhora marquesa.
f) Esqueçam tudo o que escrevi.
g) Alguém pode enganar todo mundo por algum tempo. Ninguém pode enganar todo mundo o tempo todo.

8. Alguns ditados expressam generalizações por meio de quantificadores. Verifique se, entre os provérbios que seguem há dois ou mais que expressam “a mesma mensagem”.
a) Nem tudo aquilo que reluz é ouro.
b) Não há bem que para sempre dure nem mal que nunca se acabe.
c) Cada louco com sua mania.
d) Cada cabeça uma opinião.
e) Um rei nunca perde a majestade.
f) Uma (só) andorinha não faz verão.
g) Cada macaco no seu galho.
h) Cada um sabe a dor e a delícia de ser ele mesmo.

9. Além de quantificar sobre objetos, a língua permite quantificar sobre acontecimentos. Diga, a propósito das frases abaixo, se o fato indicado pelo verbo acontece uma ou mais vezes (os textos foram extraídos de algumas músicas populares famosas):

E quando me via contrariado,
dizia “Meu filho, que se há de fazer”?
(“Amélia”, Mário Lago)

Quando o carteiro chegou,
e o meu nome gritou
com uma carta na mão
Ante surpresa tão rude,
nem sei como pude
chegar ao portão
(“Mensagem”)

Quando a lama virou pedra,
e o mandacaru secou
(“Paraíba Masculina” - Luiz Gonzaga)

Quando eu vim para este mundo,
eu não atinava em nada
Hoje eu sou Gabriela,
Gabriela eh, meu camarada
(“Gabriela”, Tom Jobim)

Quando você foi embora,
fez-se noite em meu viver
(“Travessia”, Milton Nascimento)

A vizinha quando passa
com seu vestido grená
Todo mundo diz que ela é boa,
mas como a vizinha não há,
ela mexe c’as cadeiras pra cá,
ela mexe c’as cadeiras pra lá
Ela mexe c’o juízo
do homem que vai trabalhá
(“A vizinha do lado”, Dorival Caymmi)

Quando você requebrar,
caia por cima de mim,
caia por cima de mim,
caia por cima de mim...
(“O que é que a baiana tem”, Dorival Caymmi)

Ai, se ela soubesse
que quando ela passa
O mundo inteirinho
se enche de graça
e fica mais lindo
por causa do amor
(“Garota de Ipanema”, Vinicius de Moraes e Tom Jobim)

Quando eu morrer,
não quero choro nem vela,
só quero uma fita amarela,
gravada com o nome dela
(“Fita amarela”, Noel Rosa)

10. Em sua edição de 22 de fevereiro de 2000, numa página intitulada “Férias sem problemas”, o *Jornal de Jundiaí* publicou uma série de recomendações destinadas a turistas em viagem ao exterior. Algumas dessas recomendações foram transcritas abaixo, com ligeiras modificações:

a) Antes de embarcar, leia tudo sobre os lugares que vai visitar, especialmente sobre costumes, saúde, leis e riscos.
b) Deixe em casa todos os detalhes possíveis sobre seu roteiro: no caso de você precisar ser encontrado com urgência, será muito mais fácil.
c) Tenha todos os documentos em ordem antes de partir, e leve sempre consigo um seguro médico com validade internacional.
d) Evite tomar sorvetes ou derivados de leite sem marca, assim como carne crua ou alimentos crus ou mal cozidos, especialmente em países quentes.
e) Troque seu dinheiro apenas nas agências do Banco do Brasil – a taxa é normalmente melhor.
f) Todos querem preservar as belezas naturais do mundo; sendo assim, evite deixar lixo atrás de você.
g) Use somente roupas que não ofendam os costumes locais.
h) Há alguns países em que tirar uma simples fotografia não é um gesto inocente: informe-se.
i) Evite comprar objetos feitos de material vindo de espécies em extinção (como o marfim). Você poderá ter sérios problemas com a alfândega.

Essas recomendações, mesmo quando se destinam a desestimular comportamentos que poderiam trazer dissabores ao turista, evitaram o uso da palavra não. Reescreva-as, começando com essa palavra:
Antes de embarcar, não deixe de...

Referência

Objetivo

Praticar alguns dos mecanismos lingüísticos permite realizar atos de referência.

Caracterização geral

Entende-se por referência a operação lingüística por meio da qual selecionamos, no mundo que nos cerca, um ou mais objetos (isto é, pessoas, coisas, acontecimentos) específicos, tomando-os como assunto de nossas falas.

Material lingüístico

Em muitas operações de referência bem-sucedida intervêm, tipicamente:

✓ uma multiplicação de classes, por meio da qual "cercamos" o objeto visado enumerando suas características;

✓ uma operação de dêixis, por meio da qual "localizamos" o objeto em questão em relação a um sistema de coordenadas que o interlocutor compartilha.

Tome-se como exemplo a frase:

> Este carro batido que todos param para olhar, com risco de novo acidente,
> está no meio da rua desde as quatro.

Usada em condições normais, permite identificar no campo visual próximo aos interlocutores um objeto para o qual valem simultaneamente as propriedades de ser um carro, ter sofrido uma batida e ser um perigo de novos acidentes. Nesse exemplo, os recursos lingüísticos utilizados para localizar o objeto num sistema de coordenadas são o demonstrativo este e o artigo definido a, que funcionam como dêiticos; as propriedades do objeto de que se quer falar são expressas pelo substantivo comum carro, pelo adjetivo/particípio passado batido e pela oração adjetiva restritiva que todos param para olhar, com risco de novo acidente.

✓ As palavras mais utilizadas para indicar propriedades que contribuem para uma operação de referência são os nomes comuns, os adjetivos e as orações adjetivas restritivas. As palavras mais utilizadas para localizar objetos num sistema de coordenadas são os artigos e os demonstrativos. Geralmente o sistema de coordenadas usado é a dêixis (ver capítulo "Deixis e Anáfora").

Os nomes próprios e os pronomes, em alguns de seus usos, também realizam operações de referência, embora não informem as propriedades dos objetos a que se aplicam:

Dom Pedro II usava barba.
Eu não entendo aonde você quer chegar.

Atividade

Publicado antes do Carnaval de 2000 em todas as revistas de grande circulação, este cartum visava a orientar a população no sentido de praticar sexo seguro, lembrando que, na multidão que brinca alegremente o carnaval, algumas pessoas podem estar contaminadas pelo HIV, embora não saibamos quais. Imagine, porém, que você está olhando essa página com um outro interesse: você a viu numa revista que assina, a achou engraçada e, ao olhar mais atentamente, achou que uma das personagens se parece com um amigo (uma amiga) que mora do outro lado da cidade, e que assina a mesma revista. Você telefona para seu amigo, manda que ele abra a revista na mesma página, e procura explicar a ele "onde foi que você o viu". Escreva o diálogo, que só pode terminar quando ambos tiverem certeza de estar falando da mesma personagem do desenho.

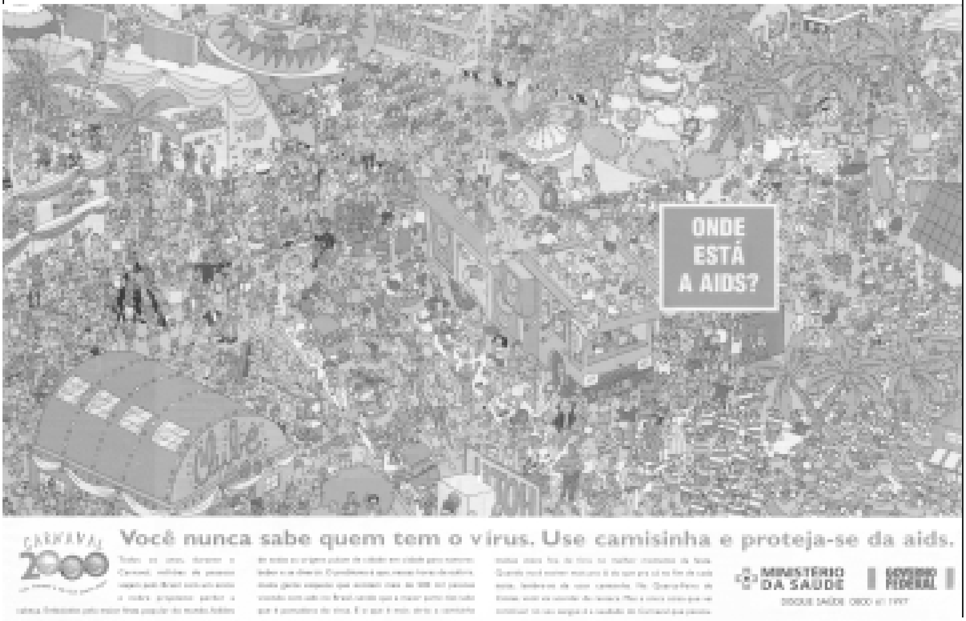
ONDE ESTÁ A AIDS?
CARNAVAL 2000
Você nunca sabe quem tem o vírus. Use camisinha e proteja-se da aids.
MINISTÉRIO DA SAÚDE
GOVERNO FEDERAL

Exercícios

1. Você é o responsável pelo almoxarifado de uma loja de materiais de construção que vende, entre outras coisas, telhas onduladas de cimento amianto. Pelo telefone, a loja atende potenciais clientes e informa sobre disponibilidade de estoque e preços. Você acaba de receber a seguinte consulta de um cliente:

— Vocês têm telhas onduladas de 6 mm, com comprimento de dois metros e quarenta e quatro? Eu precisaria de vinte telhas.

Você consulta o computador da firma e encontra o seguinte espelho:

Telhas Onduladas Eternit – *Qualidade lá em cima*

Ondulada 6 mm

Comprimento (m)	Peso nominal (kg)	Estoque (nº de peças)	Preço unitário (R$)
1.220	16.300	–	
1.530	20.400	17	10,80
1.830	24.400	–	
2.130	28.400	–	
2.440	32.500	16	14,61
3.050	40.700	–	
3.660	48.800	–	

Ondulada 8 mm

Comprimento (m)	Peso nominal (kg)	Estoque (nº de peças)	Preço unitário (R$)
1.220	21.700	–	
1.530	27.200	103	1490
1.830	32.500	–	
2.130	37.900	–	
2.440	43.400	11	19,99
3.050	54.000	08	26,00
3.660	65.500	14	32,00

Que problema você tem pela frente, se quiser atender corretamente o cliente?

2. Alguns manuais de redação e estilo (por exemplo, o do jornal *O Estado de S. Paulo*) recomendam que, para destacar uma determinada pessoa do sexo feminino como aquela que realiza de maneira mais perfeita uma certa propriedade, entre

outras pessoas com a mesma qualificação, se utilize a forma masculina:

Maria é o funcionário mais eficiente deste setor. Qual seria o inconveniente de dizer que *Maria é a funcionária mais eficiente deste setor?*

Suponha que os vereadores de sua cidade, na última eleição, tenham recebido estas votações:

Célia	2512
Hildo	1877
José Bolinha	721
Caraça	666
Maria Jovina	515
Conceição da Silva	513

Qual a diferença entre dizer que *Célia foi o vereador mais votado* e *Célia foi a vereadora mais votada?*

3. Chegou a época de pagar o IPVA de seu carro, e você procura informar-se sobre o valor do imposto consultando a tabela publicada num jornal de grande circulação. O seu carro é um Ford Fiesta L, a álcool, fabricado em 1997.

	Combustível	1999	1998	1997	1996
Escort demais modelos	Álcool/Gas./Eletricidade	353,85	320,46	286,59	260,52
Escort demais modelos	Utilitários	235,90	213,64	191,06	173,60
Fiesta 1.0	Gasolina/Outros	400,40	371,20	332,80	314,00
Fiesta 1.0	Álcool/Gas./Eletricidade	300,30	278,40	249,60	235,50
Fiesta CLX 16 V/CLX 16VD/GL Class	Gasolina/Outros	572,40	528,72	480,36	444,80
Fiesta CLX 16 V/CLX 16VD/GL Class	Álcool/Gas./Eletricidade	429,30	396,54	360,27	333,60
Fiesta CLX 16 V/CLX 16VD/GL Class	Utilitários	286,20	264,36	240,18	222,40
Fiesta GLX	Gasolina/Outros	660,40	601,12		
Fiesta GLX	Álcool/Gas./Eletricidade	495,30	450,84		
Fiesta GLX	Utilitários	330,20	300,56		
Fiesta demais modelos	Gasolina/Outros	484,16	451,12	405,44	379,92
Fiesta demais modelos	Álcool/Gas./Eletricidade	363,12	338,34	304,08	284,94
Fiesta demais modelos	Utilitários	242,08	225,56	202,72	189,96
Ka/KaGL	Gasolina/Outros	399,20	372,36	335,60	314,92
Ka/kaGL	Álcool/Gas./Eletricidade	229,40	279,27	251,70	236,19

Pergunta-se:

- Qual é o valor do imposto?
- Por que algumas casas estão em branco?

4. Observe esta notícia de jornal:

> **Produto troca de prateleira e vendas crescem**
>
> Em pesquisa realizada pela Universidade de São Paulo em três grandes supermercados da capital, ficou provado que expor o produto perto de outros gêneros com que combina é uma maneira de aumentar as vendas. Os exemplos mais impressionantes foram, nesse sentido, o carvão e o sal para churrasco: habitualmente, o carvão para churrasco é vendido junto aos detergentes, e o sal para churrasco junto aos demais temperos. Num dos supermercados que foram objeto de estudo, os pesquisadores da Universidade de São Paulo deslocaram cem pacotes de carvão e cem pacotes de sal para junto das gôndolas do açougue, e verificaram que esses pacotes foram vendidos num tempo 20% menor. Há uma explicação, diz João Paixão Neto, gerente da loja do Pão de Açúcar da Alameda Santos: o supermercado vende a mesma carne, o mesmo sal e o mesmo carvão; mas o cliente compra, em bloco, a idéia de um suculento churrasco, e com isso regateia menos.

Tente determinar quais, dentre os substantivos grifados, têm uma interpretação genérica e quais têm uma interpretação específica / referencial.

5. As vinhetas que seguem apresentam personagens célebres, que foram importantes na história da humanidade. Procure dizer quem foram essas personagens. Em seguida, explique como você chegou a identificá-las.

a)

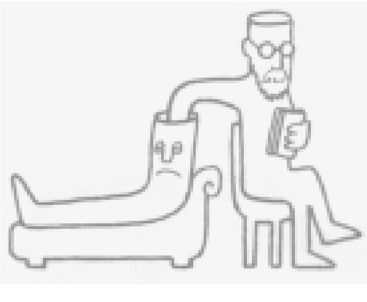

b)

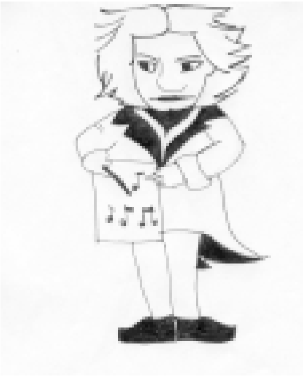

c)

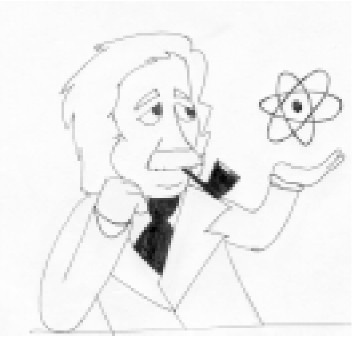

d)

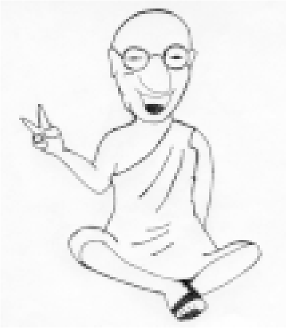

e)

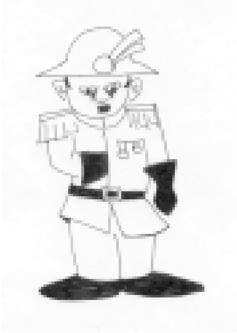

(Respostas: a. Freud; b. Beethoven; c. Einstein; d. Gandhi; e. Napoleão)

6. Ao completar 15 anos, a revista *O Mecânico* publicou uma série de depoimentos de pessoas e entidades da indústria automobilística, em que se ressaltava o papel educativo que ela vem exercendo. Em todos esses depoimentos, ocorre a expressão “o mecânico”:

> A revista é muito importante para a atualização do mecânico, que precisa se preparar para o novo mercado. (ARVEC-Curitiba)
>
> Poucos veículos se preocupam com o elo da cadeia de reparação automotiva, que é o mecânico. Durante 15 anos, a revista “O Mecânico” tem sido um dos mais importantes instrumentos para esse profissional [...] A publicação desperta o interesse e induz o mecânico a se atualizar. (Luk Brasil Embreagens)
>
> A revista “O Mecânico” entende a alma do mecânico. É o informativo que melhor expressa o sentimento e a necessidade do reparador, pela sua forma única de apresentar as informações, atendendo perfeitamente às expectativas do leitor. (SENAI-ES)

> Nos últimos anos, o mecânico vem-se interessando cada vez mais em especializar-se. A nova geração busca conhecimento justamente em publicações bem elaboradas, como é o caso da revista “O Mecânico”, que tem trazido informações atualizadas para a categoria. (SINREVAPS - São José do Rio Preto)

Alguma dessas ocorrências de “o mecânico” serve para singularizar um determinado indivíduo?

7. A tecnologia referente à identificação de pessoas, para fins de segurança, bancários e outros evoluiu muito nos últimos 100 anos: em pouco tempo, os aparelhos eletrodomésticos saberão reconhecer a voz do dono, e os caixas automáticos serão capazes de identificar os correntistas dos bancos pelo formato da íris. Um dos primeiros passos dessa história foi a descoberta de que as impressões digitais (além da letra e da assinatura) identificavam as pessoas. Veja como a imprensa reagiu à descoberta, na época; explique a qual dos dois processos que habitualmente intervêm na referência (multiplicação de classes/localização num sistema de coordenadas) se relaciona o uso de impressões digitais.

> **O systema Vucetich e o crime do Santissimo**
>
> Mais uma victoria acaba de obter o systema de identificação adoptado pela nossa policia, conseguindo pela comparação das fichas ao lado publicadas, identificar o cadaver do arabe Abrahão Calixto, morto no Santissimo em circumstancias ainda um tanto mysteriosas.
>
> A primeira ficha foi tomada quando o morto de agora, fôra preso, há tempos, por motivo de uma desordem.
>
> A segunda ficha foi tirada ao cadaver no Necroterio.
>
> De sua comparação com as mais classificadas no gabinete de identificação resultou o reconhecimento do cadaver, o que de certo não se daria com todas as bertillonagens anteriormente adoptadas em tal serviço.
>
> Isso vem mais uma vez por em destaque o valor do systema que nosso distincto colega de imprensa Felix Pacheco fez adoptar pela nossa policia, vencendo brilhantemente uma forte campanha contra sua adopção que cada vez se revela mais benemerita de applausos.
>
> Nesta epoca em que cada agente da policia é um verdadeiro Sherlock Holmes e entretanto continuam impunes todos os grandes crimes commettidos no Rio de Janeiro, não é de mais que aqui façamos réclame a este excellentemente organisado ramo do serviço policial.

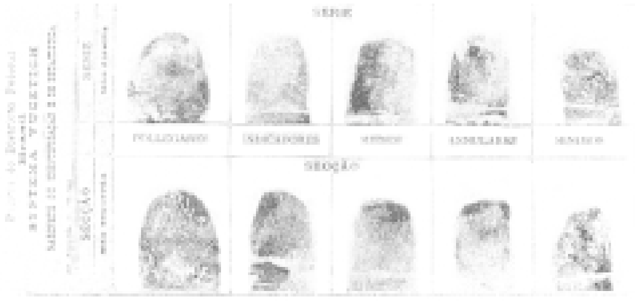

Individual dactyloscopica tomada no Cemiterio de Murundú, pela qual foi estabelecida a identidade da victima.

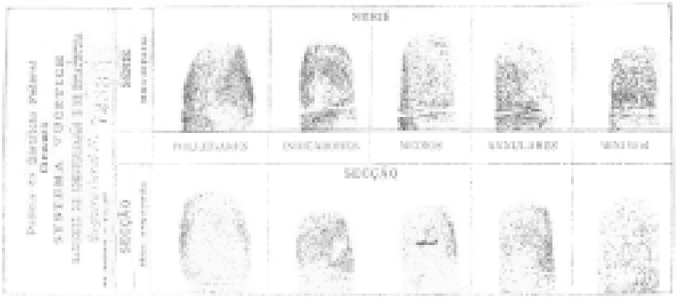

Individual dactyloscopica tomada no Gabinete em 1909.

(*O Careta*, 1911)

8. Você ouviu o noticiário falar, repetidamente, de problemas que estão ocorrendo em Botsuana e decide descobrir onde fica esse país. Consultando o atlas, você encontra esta misteriosa orientação: procurar na página 141, em 230s 240E.

O que significa essa orientação? O que tem a ver com os dois processos que normalmente intervêm numa operação de referência (multiplicação de classes e localização num sistema de coordenadas)?

9. (Vestibular Unicamp 96) O Jornal da Imprensa de Goiás, de 10 a 16.9.95, dedicou ao jornalismo daquele estado um longo “Especial”, do qual foi transcrita sem alterações a passagem a seguir:

> Hoje, apenas dois jornais diários existem em Goiás: O Popular e o Diário da Manhã. As redações são modernas, sendo que a informatização já chegou ao Diário da Manhã, e está anunciada para completa implantação em O Popular no máximo até dezembro. Os salários seguem pisos mínimos, contando-se nos dedos os jornalistas que contam com vencimentos, nas redações dos diários, à excessão [sic] dos editores, superiores a R$ 1000,00 por mês.

a) Nesse trecho, foi empregado duas vezes o verbo contar. Transcreva a única ocorrência em que contar dá idéia de número.
b) As duas ocorrências de contar diferem na construção e no sentido. Explique essas duas diferenças.
c) Considerando que, no diagrama a seguir:
– os círculos A, B, C e D identificam conjuntos de indivíduos que compartilham uma das seguintes propriedades: "**ser jornalista**", "**trabalhar numa redação de jornal**", "**ser editor**" e "**ganhar mais de mil reais";**
– a área preta identifica o tipo de profissional que, segundo o artigo do jornal

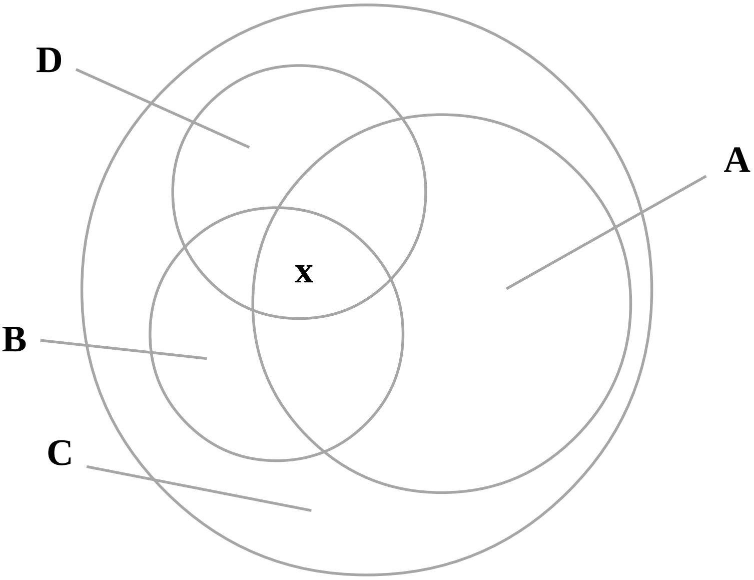

é raro em Goiás, diga a que correspondem as letras A, B, C e D.

10. Nestes dois cartuns, chamam logo a atenção algumas semelhanças superficiais: há funcionários que pregam cartazes, e há um certo número de cartazes iguais. Mas os dois cartuns são engraçados por motivos diferentes.
a) Como você interpreta o cartum de Rodrigo Rosa? Qual é, nesse cartum, a atitude do colador de cartazes? O que é que isso ensina sobre a maneira como o povo lida com a política?
b) Como você interpreta o cartum de Laerte? Por que a preocupação de pregar o

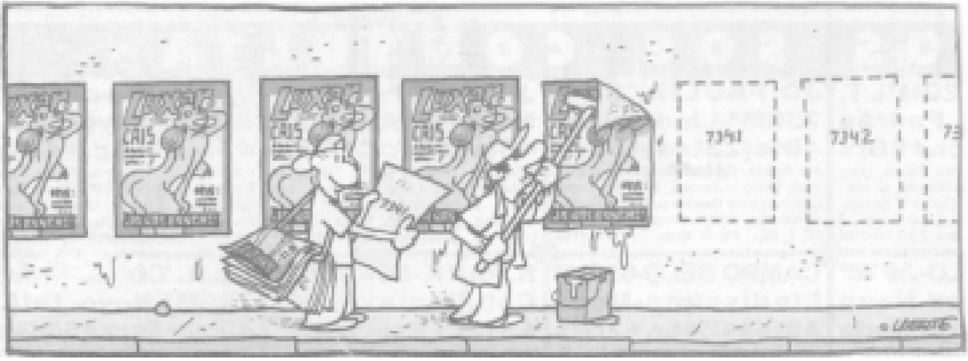
CAIS
CAIS
CAIS
7341
7342
73

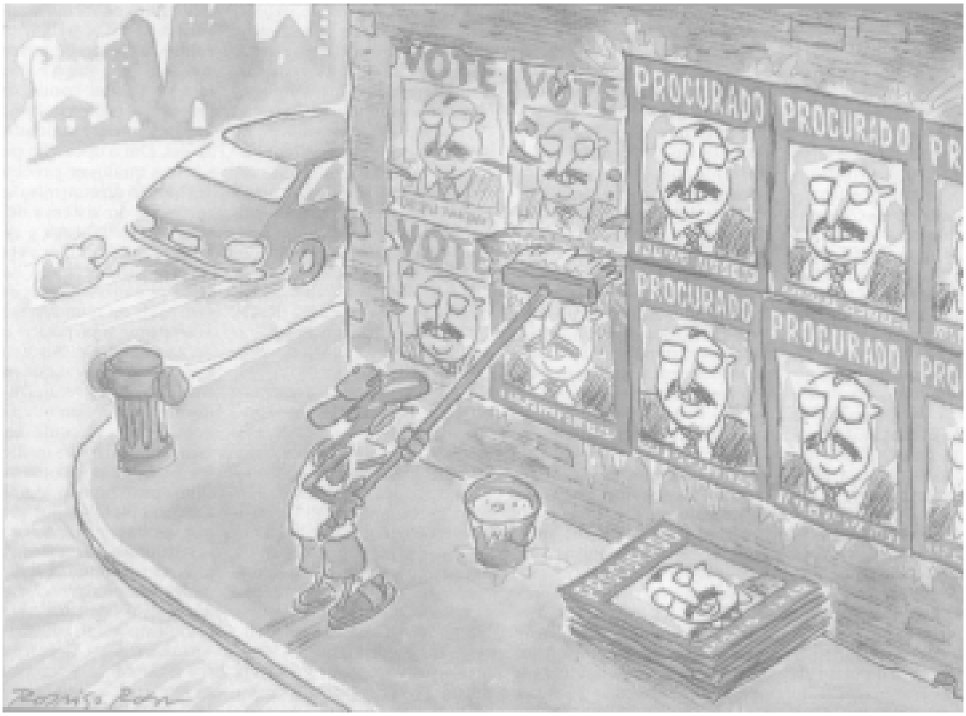
VOTE
VOTE
VOTE
PROCURADO
PROCURADO
PR
PROCURADO
PROCURADO
PRO
PROCURADO

cartaz certo no lugar certo é hilariante? O que isso tem a ver com referência?

Tipos de relações

Objetivo

Apontar alguns dos mecanismos gramaticais de que a língua se serve para expressar relação; apontar algumas das propriedades lógicas que caracterizam as relações, e que se associam a diferenças lingüísticas.

Caracterização geral

Há uma relação toda vez que colocamos em correspondência indivíduos de um conjunto de partida e de um conjunto de chegada, evocando os conhecidos diagramas da teoria dos conjuntos:

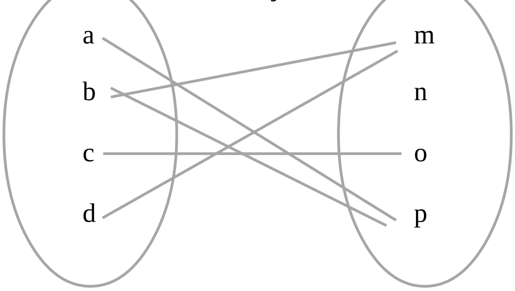

Material lingüístico

✓ As palavras que indicam relação são mais tipicamente os verbos transitivos, mas podem ser também verbos intransitivos seguidos de um complemento, preposições acompanhadas de determinados verbos, substantivos etc.

Pixinguinha compos "Carinhoso".
João ama Teresa.
João é pai de André.
A loja do avô ficava na praça principal da cidade.

✓ Um mecanismo de que a língua se serve para criar relações a partir de propriedades é a comparação:

Pedro é alto (alto exprime uma propriedade de Pedro).

João é mais alto que Pedro (mais alto exprime uma relação que vale para João e Pedro, nessa ordem).

João tem a mesma altura que Pedro.

✓ Notem-se os seguintes fatos:

Pedro é mais alto que André.	Pedro gosta de André.
André é mais alto que José.	André gosta de José.
Pedro é mais alto que José.	Pedro gosta de José.

No primeiro caso, mas não no segundo, a relação se transfere: “ser mais alto que” é uma relação transitiva; “gostar de” não é.

✓ Notem-se os seguintes fatos:

Pedro é irmão de André.	Pedro é o chefe de André.
André é irmão de Pedro.	André é o chefe de Pedro.

No primeiro caso, mas não no segundo, a relação se inverte: “ser irmão de” é uma relação simétrica; “ser o chefe de” não é.

✓ Notem-se os seguintes fatos:

Pedro é parecido com ele mesmo.	Pedro é mais velho que ele mesmo.

A primeira sentença é necessariamente verdadeira, a segunda é necessariamente falsa; “ser parecido com” aceita que os dois espaços da relação sejam ocupados pelo mesmo indivíduo; “ser mais velho que” não aceita. Por isso diz-se que “ser parecido com” é uma relação reflexiva; “ser diferente de” não é.

Atividade

Ponha um pouco de ordem na família de Telmo: quem é quem? ou melhor, o que são as várias personagens, em relação às outras personagens?

Eu me chamo Pedro.

Eu me chamo André.
Pedro é meu pai.

Eu me chamo César. André é meu pai.

Eu me chamo Telmo.
José é meu pai.

Eu me chamo José.
Pedro é meu irmão.

Complete:

(a) José é .... de Telmo
(b) Telmo é .... de José
(c) Pedro é .... de José e tio de ....
(d) Telmo é .... de Pedro

Exercícios

1. As duas personagens da anedota que seguem entendem de maneira diferente a relação "... casar-se com...". Explique em que consiste a diferença.

> Adolfo e Berenice foram amantes quase a vida inteira. Fazia mais de trinta anos que estavam amigados. Estão os dois de noite assistindo televisão quando em uma cena de novela aparece uma cerimônia de casamento: noiva, padrinhos, marcha nupcial, etc. Emocionada, ela olha para Adolfo e diz:
> — Olha, meu amor! Que coisa linda que é o casamento... Puxa vida, bem que a gente podia se casar, né?
> — Xiii... nestas alturas da vida, quem é que vai querer a gente?

2. Quem matou quem?
   Faça dez frases (verdadeiras) do tipo "Caim matou Abel", "Chapman matou John Lennon", mantendo o verbo matar, e mudando as personagens.
   Quem inventou o quê?
   Faça dez frases (verdadeiras) do tipo "Santos Dumont inventou o avião", "Fleming inventou a penicilina", mantendo o verbo inventar, e mudando as personagens e as invenções.

3. Explique com suas próprias palavras, e se possível dê um exemplo
   — O que significa *suicídio*?
   — O que significa *auto-retrato*?
   — E *auto-estima*?
   — O que se entende por transporte *interurbano*?
   — E por comércio *internacional*?
   — Quando se diz que uma pessoa é *egoísta*?
   — Em que condições se pode dizer que uma empresa pratica a *autogestão*?
   — Qual é o princípio básico da medicina *homeopática*?

4. Quando uma oração exprime ação recíproca, é normalmente possível construir

uma paráfrase com “... e vice-versa”.

Ex.: Antônio Carlos Magalhães e Waldir Pires foram adversários políticos.
= Antônio Carlos Magalhães foi adversário político de Waldir Pires, e vice-versa.

Escreva uma paráfrase desse tipo para as orações abaixo, sempre que possível:

- Batman forma com Robin uma das mais célebres duplas das histórias em quadrinhos.
- Nas histórias do Super Homem Lois Lane é a garota de Clark Kent .
- O presidente Floriano sucedeu ao presidente Deodoro, no tempo da República Velha.
- Sônia Braga fez par com Armando Bogus na primeira versão televisionada da novela *Gabriela*.
- No romance e na novela, Gabriela trabalha como cozinheira para Nacib, o proprietário do Bar Vesúvio.
- O Brasil disputou a final com a Suécia no campeonato mundial de futebol de 1958.
- O Brasil venceu a Suécia no campeonato mundial de futebol de 1958.
- O Boeing 330/200 utiliza o mesmo tipo de turbinas que o Boeing 330/300.

5. Certamente você conhece o célebre poema “Quadrilha”, de Carlos Drummond de Andrade. Utilizando as informações dadas pelo poema, e aproveitando as duas listas de nomes, construa um diagrama de Euler para o verbo *amar.* (Obs. basta acrescentar as setas, entendendo que o primeiro conjunto representa quem ama, e o segundo, quem é amado.)

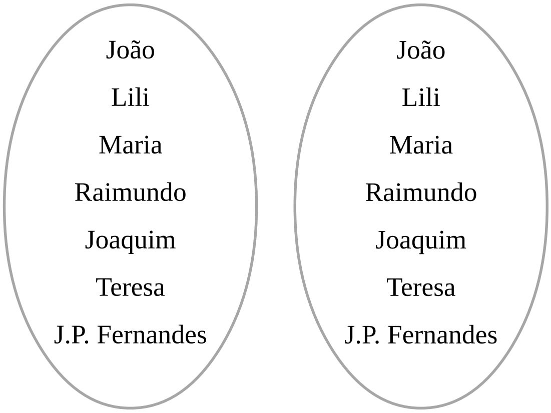

Quadrilha

João amava Teresa que amava Raimundo que amava Maria que amava Joaquim que amava Lili que não amava ninguém. João foi para os Estados Unidos, Teresa para o convento, Raimundo morreu de desastre, Maria ficou para tia, Joaquim suicidou-se e Lili casou com J. Pinto Fernandes que não tinha entrado na história.

6. A propósito, qual seria, de acordo com o poema “Quadrilha”, o diagrama de Euler para “casar”?

7. Tire as conclusões cabíveis:
   a) A venda fica antes da farmácia, logo, a farmácia fica ...
   b) Na contagem geral de medalhas, o Brasil foi além da Argentina, logo, a Argentina ...
   c) São Paulo foi fundada em 1554. A cidade do Rio de Janeiro foi fundada em 1564. Portanto, a cidade de São Paulo é .... que a cidade do Rio de Janeiro e a cidade do Rio de Janeiro é .... que a cidade de São Paulo
   d) Os produtos da marca Tigre são superiores aos produtos da marca Tubox. Portanto, os produtos da marca Tubox são .... aos produtos da marca Tigre.
   e) A proposta da firma VTLS foi considerada mais vantajosa, no geral, do que a proposta da firma Aleph, logo.........................
   f) Com seguros e tudo, comprar as turbinas no exterior ficava mais barato do que encomendá-las à indústria nacional. Em outras palavras, ...
   g) A música, no restaurante, era mais alta do que os discursos, ou, melhor dizendo, os discursos......... de modo que as pessoas não ouviram discurso nenhum.
   h) A cerimônia de formatura foi bem mais rápida do que a missa, de modo que ninguém se cansou, nem foi embora no meio. Em compensação, a missa..............................

8. Do fato de que *Pedro é maior que José* pode-se concluir que *José é menor que Pedro* e vice-versa. As expressões maior que e menor que permitem descrever um mesmo estado de coisas invertendo a ordem e sempre que isso acontece falamos em relações recíprocas. Na notícia de jornal que segue, foram assinaladas algumas sentenças. Reescreva essas sentenças, utilizando a relação *recíproca (perder/ganhar, comunicar/ficar sabendo, comprar/vender,* etc.). Verifique em seguida, relendo o texto todo, se ele melhorou ou piorou com as mudanças.

Na mesma moeda

Na final da Copa de 1998, quando o Brasil perdeu para a França, representantes da Stella Barros perceberam que cerca de 700 turistas que haviam comprado um pacote da agência ficariam sem ingresso.

Um de seus guias, então, acompanhado de um advogado da empresa, comunicou a cerca de trezentos hóspedes de um hotel na periferia de Paris que eles seriam uns dos “premiados” ficando sem entradas para a final.

Revoltados, os 300 turistas exigiram os ingressos. Por mais que

insistissem, o advogado da empresa dizia que nada poderia ser feito e que, quando voltassem ao Brasil, poderiam processar a agência, se não aceitassem sua proposta para um acordo.

Foi aí que um dos turistas se levantou e ameaçou o advogado:

— Pois bem, se os ingressos não aparecerem, nós cortamos suas orelhas e, se você não aceitar o que nós lhe oferecermos como indenização, pode muito bem nos processar.

Assustado, o advogado entrou em contato com a agência, que se viu obrigada a negociar com os cambistas, pagando até US$ 3 mil por um ingresso. No final, os 300 turistas daquele hotel conseguiram ver o jogo.

(*Folha de S. Paulo*, 4.5.2000)

9. Um recurso sempre disponível para criar predicados recíprocos é a voz passiva. Diga o que você pensa desta outra versão da mesma história, em que algumas sentenças foram colocadas na voz passiva:

Na mesma moeda 2

Na final da Copa de 1998, quando o Brasil perdeu para a França, foi descoberto por representantes da Stella Barros que cerca de 700 turistas que haviam comprado um pacote da agência ficariam sem ingresso.

Foi então comunicado por um dos guias da agência, que se fez acompanhar de um advogado, a cerca de trezentos hóspedes de um hotel na periferia de Paris que eles seriam uns dos “premiados” ficando sem entradas para a final.

Revoltados, os 300 turistas exigiram os ingressos. Por mais que insistissem, o advogado da empresa dizia que nada poderia ser feito e que, quando voltassem ao Brasil, a agência poderia ser processada, se sua proposta para um acordo não fosse aceita.

Foi aí que um dos turistas se levantou e o advogado foi ameaçado:

— Pois bem, se os ingressos não aparecerem, suas orelhas vão ser cortadas por nós e, se não for aceito por você o que lhe for oferecido como indenização, podemos muito bem ser processados.

Assustado, o advogado entrou em contato com a agência, que se viu obrigada a negociar com os cambistas, pagando até US$ 3 mil por um ingresso. No final, o jogo pôde ser visto pelos 300 turistas daquele hotel.

10. Quando a palavra *mulher* significa “pessoa do sexo feminino” ela indica uma propriedade que carcteriza alguns seres humanos: quando a palavra mulher significa “esposa, companheira” significa uma relação que vigora entre determinadas

mulheres (as mulheres casadas) e seu respectivo marido. Observe as sinopses de filmes abaixo, e diga qual dos dois usos da palavra *mulher* foi feito em cada uma delas.

> **JOVEM PARA SEMPRE** (The Magic Bubble) EUA, 1991, Direção: A. e D. Ringel.
> Aos 40 anos, mulher encontra poção mágica que lhe garante eterna juventude. Sua vida muda, ela reencontra a autoconfiança, mas algo nas outras pessoas também se transforma.
> **ATÉ QUE O CRIME NOS SEPARE** (Till Murder do us Part) EUA, 1991. Direção: D. Lowry.
> A mulher faz o homem, o que se pode comprovar pela força que dá a patroa para que seu marido se torne um bem-sucedido advogado. Quando, no entanto, ele resolve trocá-la pela secretária, ela também opta por trocar o ditado e demonstrar que a mulher também desfaz o homem.
> **A ÚLTIMA PROSTITUTA** (The Last Prostitute) EUA, 1991. Direção: Lou Antonio.
> Dois adolescentes viajam até a fazenda onde mora a prostituta (Braga) de cujos encantos um tio tanto falava. O objetivo é perder a virgindade nas mãos da imbatível mulher. Problema: ela largou a profissão, e agora se dedica a criar cavalos. Mas os rapazes não vão entregar os pontos fácil assim.
> **O MILAGRE DO AMOR** (Miracle Child) EUA,1992. Direção: Michael Pressman.
> Bebê abandonado é adotado por uma solteirona. Como as coisas começam a melhorar no lugarejo, a mulher passa a acreditar que isso é um milagre. A mãe da criança, porém, reaparecerá.
> **DAY-O – UM AMIGO DE INFÂNCIA (DAY-O)** EUA, 1992. Direção: Michael Schultz.
> Na infância, a pequena Grace sente-se rejeitada pelos pais e cria Day-O, um amigo imaginário. Já mulher crescida, grávida, ainda sentido-se desvalorizada pelo pai, aparece Day-O para lhe dar uma força (mas causará umas tantas e indesejáveis atribulações).
> **SALTO PARA A FELICIDADE (OVERBOARD)** EUA, 1987, Direção: Gary Marshall.
> Milionária chega de iate a um lugarejo do interior e contrata carpinteiro, a quem maltrata. Quando ela cai no mar e perde a memória, ele se vinga, dizendo que ela é sua mulher e a mãe de seus quatro filhos endiabrados. A dupla Hawn e Russell, casados na vida real, funciona com perfeição.
> **NAUFRÁGIO NO PACÍFICO (SURVIVE THE SAVAGE SEA)** EUA, 1991. Direção: Kevin James Dobson.
> No início dos anos 70, ex-fazendeiro parte com mulher e seus quatro filhos para uma sonhada viagem no Pacífico. Mas tudo vira pesadelo quando o barco é atacado por orcas.
> **BELEZA AMERICANA** (American Beauty) EUA, 1999. Direção: Sam Mendes. Um típico pesadelo urbano: um homem odiado pela mulher e desprezado pela filha está prestes a ser demitido. Ganhador de 5 Oscars.

(Fonte: Folha Ilustrada, *A Tarde* (Salvador) e guia de programação NET)

Tempo

Objetivo

Explorar, intuitivamente, os mecanismos lingüísticos com os quais localizamos os fatos no tempo.

Caracterização geral

Os adjuntos de tempo e as orações subordinadas temporais são utilizados com os tempos do verbo para localizar “no tempo” os fatos de que falamos. (Vale lembrar que os “tempos do verbo”, além de indicar tempo, atribuem simultaneamente à frase uma modalidade e um aspecto; ver os capítulos correspondentes).

Material lingüístico

✓ O tempo, quando é expresso pelo verbo, é eminentemente dêitico, ou seja, os “tempos do verbo” situam sempre os acontecimentos em um “tempo de evento” (TE) que é caracterizado como simultâneo, anterior ou posterior ao tempo da fala (TF). Essa localização pode ser direta ou indireta. É direta, por exemplo, no caso do perfeito do indicativo, que situa o acontecimento descrito pela frase em um momento anterior ao da fala. É indireta, por exemplo, no caso do futuro do pretérito, que localiza o evento num momento posterior a uma referência (TR) situada no passado. Veja a diferença comparando estes dois gráficos:

Frase: *“João veio”*

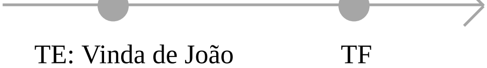

Frase: *“João confirmou* que viria”

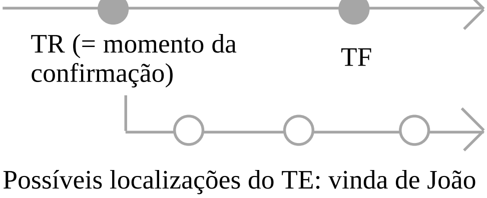
TR (= momento da confirmação)
TF
Possíveis localizações do TE: vinda de João

A localização indireta obriga a considerar, além do tempo de fala e do tempo de evento, um terceiro momento, que tem sido chamado o “momento de referência” (TR).

✓ Alguns valores típicos para os tempos do indicativo:

– presente: TF = TE	(o tempo de fala e tempo de evento são simultâneos).
– imperfeito/perfeito: TE = TR → TF	(o tempo de fala e o tempo de evento, simultêneos, são anteriores ao tempo de fala).
– futuro simples: TF → TR = TE	(o tempo de referência e o tempo de evento, simultêneos, são posteriores ao tempo de fala).
– futuro do pretérito: TR → TF e TR → TE	(há um tempo de referência anterior ao tempo de fala; o evento é posterior a essa referência).
– mais-que-perfeito: TR → TF e TE → TR	(há um tempo de referência anterior ao tempo de fala; o evento é anterior a essa referência).

✓ Para localizar acontecimentos no tempo, a língua utiliza, além da flexão do verbo, os auxiliares de tempo. Os mais importantes auxiliares de tempo são:

– *ter* + particípio passado, que localiza fatos no passado;

– *ir* + infinitivo, que localiza fatos no futuro.

✓ Os adjuntos também têm um papel determinante na localização dos acontecimentos: basta ver que o presente do indicativo, ao lado de determinados adjuntos, assume um valor de passado ou de futuro:

Viajo daqui a um mês. (Verbo no presente + adjunto futuro = a ação se localiza no futuro)

Em 1962 Juscelino inaugura Brasília... (Verbo no presente + adjunto passado = a ação se localiza no passado)

Atividade

Nas transmissões diretas de eventos esportivos (por exemplo, jogos de futebol, vôlei, basquete, corridas de Fórmula 1) os repórteres da televisão e do rádio costumam utilizar o tempo presente, dando a entender que a transmissão acontece simultaneamente aos fatos. Nas reportagens dos jornais, escritas para

serem lidas daí a algumas horas, o tempo do verbo é o passado simples. Ouça uma transmissão direta, e, se possível, grave alguns momentos notáveis da transmissão (ou recorra aos noticiários das várias cadeias de televisão, que costumam passar os principais momentos do evento esportivo, exibindo em videotape trechos da reportagem direta); compare o que diz o repórter nesses momentos com o que diz o jornal no dia seguinte.

Exercícios

1. Pense neste exercício como um quebra-cabeça. As sentenças que o compõem provêm de um texto [publicado em *Fapesp-Pesquisa* de maio de 2000], em que se evoca a figura do cientista brasileiro Roberto Landell Moura. As sentenças estão fora de ordem, cabendo a você colocá-las em seqüência para obter um texto coerente, que narre os fatos em ordem cronológica.

a) Afinal, o italiano Guglielmo Marconi, que ficou como o inventor do rádio, só realizaria sua transmissão radiotelegráfica mais de um ano depois.
b) Ali, obteve as patentes de três inventos: a telefonia sem fio, a telegrafia sem fio e o transmissor de ondas.
c) De novo, desinteresse geral.
d) E Landell de Moura foi para os Estados Unidos.
e) Em São Paulo, o padre gaúcho Roberto Landell de Moura (1861-1928), então um simples vigário em Campinas, faz uma demonstração de um invento seu, que permitia, segundo ele, a uma pessoa falar com outra a muitos quilômetros de distância, sem a necessidade de fios, mas utilizando-se de ondas de rádio.
f) Era a primeira vez no mundo que se fazia tal experimento.
g) Era o ano de 1893.
h) Foi notícia no New York Herald e industriais norte-americanos tentaram adquirir os direitos dos aparelhos.
i) Mas de fato, da avenida Paulista, ele realiza, com sucesso, a experiência, comunicando-se com Alto de Santana, a cerca de oito quilômetros.
j) Ninguém deu importância à façanha do padre, que ganharia fama de feiticeiro.
k) O padre recusou.
l) Os benefícios deveriam ser do Brasil.
m) Poucos acreditaram.
n) Seu laboratório em Campinas foi destruído por fanáticos e somente em 1900 ele conseguiu obter no Brasil a patente de seu invento.
o) Mas aqui, mais uma vez, ninguém o apoiou.

Reflita sobre as razões que levaram você a escolher “a ordem que faz sentido”.

2. As formas em *-ria* do verbo em português (como *eu cantaria*, *eles diriam*, etc.) foram objeto no passado de uma célebre polêmica entre vários gramáticos, que queriam propor para ele uma denominação “perfeita”. De um lado, estavam os que chamavam essas formas de “condicional”; de outro, os que preferiam a denominação “futuro do pretérito”. Se você considerar os exemplos que seguem, verá que as duas denominações são necessárias. Explique.

> Quando a Coluna Prestes entrou no Ceará, no início de 1926, o deputado Floro Bartolomeu Costa – após breve consulta ao padre Cícero – resolver enviar um mensageiro atrás do famigerado cangaceiro Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião. Em troca da patente de capitão e de um suprimento de rifles Mauser, o rei do cangaço enfrentaria os homens de Prestes. Se pudesse abandonar suas funções políticas, Floro certamente partiria para o sertão para enfrentar o inimigo. Afinal, uma década antes, ele mesmo fora capaz de vencer o próprio Exército nacional.
>
> Formado em Medicina, o dr. Floro Costa chegara ao vale do Cariri em 1908. Abriu um consultório e uma farmácia, e logo se tornou amigo de todos os homens influentes de Juazeiro e aliado do padre Cícero. Graças a seus dotes militares e espírito de liderança, tornou-se chefe de um bando de jagunços e se revelou capaz de vencer todos os combates nas guerras travadas entre os coronéis locais. Seu exército logo se tornaria o exército privado do “Padim Ciço”.
>
> Em 1912, quando a “política das salvações” do presidente Hermes da Fonseca chegou ao Ceará com o objetivo de derrubar o oligarca Nogueiro Accioly da presidência do Estado, Floro, o Padim Ciço e seus jagunços concluíram que chegara a hora de o Brasil ouvir falar deles.
>
> Em 1914, Floro tomou fortaleza, derrubou o presidente nomeado por Hermes e devolveu o poder à oligarquia Accioly. Não houve reação.
>
> (adaptado da História do Brasil da *Folha de S. Paulo*)

3. O texto do exercício 2 dispõe os fatos narrados numa ordem “não-linear”: Floro Bartolomeu Costa é apresentado, no primeiro parágrafo, como autor da iniciativa de mandar um emissário a Lampião, para envolvê-lo na guerra contra a Coluna Prestes (1926). Os demais fatos narrados são anteriores a essa iniciativa. Releia o texto, e situe na linha do tempo os demais episódios da vida de Floro Costa.

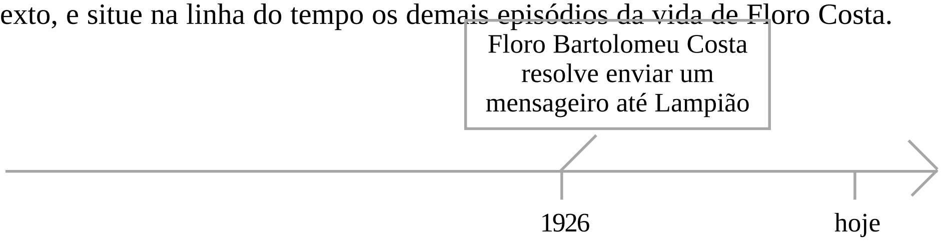
Floro Bartolomeu Costa resolve enviar um mensageiro até Lampião
1926
hoje

4. A partir dessa localização, procure mostrar que o ponto a partir do qual o autor do texto representa os fatos como contemporâneos, anteriores ou posteriores, se desloca constantemente no texto e que isso tem conseqüências para o uso do mais-que-perfeito ou do futuro do pretérito.

5. O pretérito perfeito do português indica fato passado em relação ao momento de fala, mas não informa que distância separa o momento de fala do fato descrito. Procure localizar no tempo os fatos enumerados a seguir. Reescreva as frases em seguida, em ordem cronológica. Passe um traço, separando as frases que indicam fatos "recentes" das que indicam fatos antigos.

- O homem deixou de andar de quatro e assumiu a posição ereta.
- Nos últimos dois anos, a balança comercial dos Estados Unidos foi deficitária; a do Brasil, também.
- O Infante Dom Henrique instalou sua escola de navegação no Promontório de Sagres.
- Santos Dumont deu a volta na torre Eiffel a bordo de um balão.
- Ayrton Senna morreu depois de chocar-se contra um muro, durante a corrida de San Marino.
- Um dos companheiros de Alexandre, o Grande, Xenofonte, descreveu no livro *Anábasis* o retorno do exército grego ao Mediterrâneo, depois da morte do líder.
- Oswaldo Cruz lançou uma campanha pelo saneamento do Rio que despertou a revolta popular, porque impunha a obrigação de usar sapatos.
- Fernando Collor de Mello confiscou a poupança da população, a pretexto de debelar a inflação e suspender a chamada "ciranda financeira".
- A TV Globo apresentou no último domingo mais uma edição do "Fantástico".

6. O perfeito do indicativo é normalmente usado para descrever fatos ou estados que foram verdadeiros no passado, isto é, em algum momento (ou período) anterior ao momento de fala. Mas há exceções. Pense por exemplo nestas frases. Como as entende?

- Bobeou, dançou.
- Escreveu, não leu, o pau comeu.
- Ajoelhou, tem que rezar.
- Falou, está falado.
- Quebrou, pagou.
- Chorou, apanhou.
- Reclamou, está despedido.

7. Em português, não é sempre clara a distinção entre os adjuntos de tempo que identificam um momento e os que identificam um período. Classifique os adjuntos grifados do texto a seguir numa destas três situações:

a) Indicam momento;
b) Indicam período;
c) Dúvida (neste caso, explique o que deixou você em dúvida).

Rio tomba murais do 'Profeta Gentileza'

Os 55 pilares do viaduto do Gasômetro (na zona portuária do Rio) que contêm os escritos deixados por José Dantrino, o "profeta Gentileza", serão tombados para preservação dos murais.

Gentileza foi um personagem do Rio. Andarilho, messiânico, passou 35 anos nas ruas pregando a gentileza e suas virtudes, e se autodenominou "profeta". Aos que o chamavam de louco respondia: "Sou maluco para te amar e louco para te salvar."

A vida de Gentileza mudou quando o Circo Americano pegou fogo em Niterói, em 1961, matando mais de 500 pessoas, a maioria delas crianças. Até então ele vivia com a mulher e cinco filhos na Pavuna (zona norte do Rio) e tinha uma pequena empresa de transporte de carga, com dois caminhões.

Seis dias depois do incêndio, antevéspera do Natal, ele acordou ouvindo "vozes astrais" que o mandavam abandonar o mundo material e se dedicar apenas ao espiritual. Ele pegou um de seus caminhões e foi para o local do incêndio. Plantou jardim e horta sobre as cinzas, e viveu ali quatro anos.

Maria Alice Dantrino, 55, sua filha mais velha, tinha 17 anos quando ele decidiu abandonar a casa. "A primeira coisa que fez foi soltar os passarinhos das gaiolas. Depois, saiu dizendo que tinha uma missão a cumprir", conta ela.

(*Folha de S. Paulo*, 8.5.2000)

8. O texto a seguir foi extraído da revista *Almanaque Brasil de Cultura Popular*, distribuída como brinde nos vôos da TAM. Leia-o, e faça em seguida as atividades recomendadas.

Quem matou Delmiro Gouveia?

O mistério permanece em Água Branca, Alagoas. Quem disparou três tiros na noite de 10 de outubro de 1917? Sabe-se apenas que as balas zuniram na escuridão e a terceira acertou o peito de Gouveia. Morria o pioneiro da industrialização do Nordeste.

> Cearense de origem humilde, aos 20 anos vai trabalhar em filial de curtume americano no Recife. Em 1895, compra as instalações e, três anos depois, é o “rei das peles”. Faz experimentos inéditos com cruzamento de gado e funda a primeira fiação da América Latina, a Estrela.
>
> Aproveita o potencial da cachoeira de Paulo Afonso e leva eletricidade até as casas dos trabalhadores, antes mesmo de ela chegar à capital pernambucana.
>
> Inaugura mercado-modelo, com instalações modernas e preços abaixo dos da concorrência. O empreendimento dura quatro meses: é incendiado pela polícia.
>
> A produção da Estrela cresce, e com isso, aumenta a pressão da companhia inglesa Machine Cottons, que quer comprar a fábrica a todo custo. Ele se recusa a discutir a oferta.
>
> É assassinado aos 54 anos.

Como você terá observado, embora trate de fatos ocorridos há mais de cem anos, boa parte dessa história foi contada no “presente histórico*”: vai trabalhar, compra, é o rei das peles, faz experimentos, funda, aproveita*... Reescreva-a usando apenas os tempos do passado. Releia em seguida o seu texto e procure explicar: que verbos foram para o imperfeito? Que verbos foram para o perfeito? Por quê?

9. No final do século XVIII, o gramático português Jerônimo Soares Barbosa descreveu assim um dos tempos verbais do indicativo:

> Este pretérito nota uma existência não só passada, como o pretérito imperfeito, e não só passada e acabada indeterminadamente, como o pretérito absoluto, e não só passada e acabada relativamente à época atual, como o presente perfeito; mas passada e acabada relativamente a outra época também passada, mas há mais tempo, e marcada por um tempo determinado, ou por um fato, quer expresso, quer subentendido, como quando digo: ontem ao meio dia, tinha eu acabado esta obra; onde meio-dia é a época a respeito da qual, e antes dela já era passada e acabada a obra. E quando digo: eu tinha saído quando ele entrou; a entrada é também uma época pretérita a respeito da presente em que estou falando. Mas minha saída não é só anterior e passada, mas ainda concluída e acabada, a respeito da dita entrada.
>
> (Grammatica Philosophica)

Nota: o pretérito absoluto é o que chamamos hoje “pretérito perfeito”; o presen-

te perfeito é exemplificado por formas como "tenho dito", pronunciada no final de um discurso.
Esclareça: de que tempo verbal fala Soares Barbosa nessa passagem? Mostre que para Soares Barbosa o tempo verbal em questão faz sempre uma localização **relativa** da "existência" (isto é, da ocorrência – fato ou estado de coisas) descrita pelo verbo.

10. Localizar situações no tempo não é característica exclusiva dos verbos: algumas construções que envolvem nomes podem, ocasionalmente, realizar a mesma função. As notícias que seguem têm em comum uma dessas construções. Aponte-a, explique o que significa, e aproveite para sugerir modificações na redação, se você achar que ela precisa ser melhorada.

> **Passagem do tempo**
>
> A reportagem "Queda de renda esvazia av. Celso Garcia" (Cotidiano, 28/2) é documento dramático de um tempo. A foto da primeira página, com um mendigo em primeiro plano na solidão da ex-importante via deserta, é digna de Salgado, de Bresson.
>
> A grande realização da era FHC é a maior rede de franquia do mundo: a rede "passo-o-ponto".
>
> Hugo Maia (São Paulo, SP)
>
> (*Folha de S. Paulo*, 29.2.2000, coluna Painel do Leitor)

> Ex-aluno do Colégio Arquidiocesano, com muito orgulho.
>
> (Adesivo lido num automóvel, a cidade não importa)

> Até os anos 50, a nação vizinha era a promessa de ser a maior econo-

mia da AL.

(Título de uma reportagem sobre a Argentina em *O Estado de S. Paulo*, abril de 2000)

Vagueza

Objetivo

Chamar a atenção para o fato de que a linguagem é intrinsecamente indeterminada, e para alguns recursos mediante os quais os falantes controlam essa indeterminação.

Caracterização geral

Diz-se que uma palavra é vaga quando não existe um critério único e seguro para decidir a que objetos a aplicaríamos. Um exemplo é o adjetivo *alto*: é muito difícil estabelecer o que signifique *alto* sem pensar em objetos de um tipo determinado (um prédio alto mede muito mais do que uma árvore alta etc.); mas mesmo que pensemos em objetos de um único tipo, por exemplo todos os seres humanos, distinguir entre eles os indivíduos altos só é possível mediante uma decisão até certo ponto arbitrária: seriam altas as pessoas com mais de 1,80 m? Com mais de 1,90 m? com mais de dois metros?...

Material lingüístico

✓ Há pelo menos dois tipos de vagueza: a que nos obriga a fixar limites ao longo de uma mesma escala de grandezas e a que nos leva a considerar escalas de grandeza diferentes. Para confirmar se uma certa pessoa é alta, sabemos que se trata de medir quantos centímetros mede dos pés à cabeça, embora possamos ter dúvidas em declará-la alta se essa medida não for muito superior à média. Quando dizemos de alguém que é inteligente, podemos estar pensando em coisas diferentes que já foram chamadas “inteligência”: a capacidade de encontrar soluções para problemas novos, a habilidade em descobrir leis gerais, a capacidade de expressão, etc.

✓ A vagueza afeta palavras de todos os tipos:

– Substantivos (toda montanha tem um cume, mas onde começa o *pé da montanha*?)
– Adjetivos (a quantos graus deve estar a água, para ser qualificada de quente?)
– Advérbios (o que significa *levantar cedo*? e *morar perto*?)

✓ Controlamos a vagueza de várias maneiras:
– Recorrendo a estipulações, convenções. Pensemos, por exemplo, no que seria uma epidemia de meningite: um primeiro caso é comprovado, depois um segundo, e assim por diante. A partir de que ponto temos uma epidemia? Os sanitaristas começam a falar de epidemia quando o número de casos observados ultrapassa uma determinada porcentagem da população, na região estudada;
– Comparando o indivíduo em questão com outros, dentro de um certo grupo: mesmo que não saibamos o que é alto em termos absolutos, podemos, por exemplo, determinar qual é o aluno mais alto da classe;
– Remetendo à média do grupo ao qual o indivíduo em questão pertence. Alto para um jogador de basquete não é a mesma coisa que alto para um piloto de Fórmula 1. Alto para um nórdico não é a mesma coisa que alto para um pigmeu.

Atividade

A noção do que seria *perto* ou *logo ali* é muito diferente para as pessoas da cidade grande e da cidade pequena, da cidade e da roça, como mostra uma história de que foram protagonistas um advogado e um caipira. O caipira foi chamado a atuar como testemunha de defesa num julgamento, confirmando que o acusado não poderia ter percorrido uma determinada distância entre o momento em que foi visto no centro do povoado, e o momento em que ocorreu o crime, numa fazenda da região. Durante o julgamento, o advogado pede que o caipira dê informações objetivas sobre a distância, e o caipira, usando de sua própria noção de distância, responde: “A fazenda é logo ali, só um tirinho”. O advogado perde a causa e aprende que a linguagem é mais complicada do que parece.
Converse com pessoas conhecidas e descubra se alguma dessas pessoas já viveu alguma situação em que uma diferença de entendimento sobre o que é “perto” ou “longe”, “cedo” ou “tarde”, “muito” ou “pouco” causou algum tipo de desentendimento.

Exercícios

1. No texto a seguir, extraído do *Jornal de Fato* (Campinas) de 10 de maio de 1992, localize a passagem em que se estipula o que vem a ser uma pessoa gorda, do ponto de vista dos médicos. (Se quiser, reescreva o texto, cuja redação apresenta vários problemas).

> **Saiba o que é gordo ou magro para a medicina**
> **e as doenças ligadas à magreza**
>
> Quem estiver em dúvida quanto ao seu nível de magreza basta usar uma fórmula e com duas simples contas tirá-las. Divida seu peso pela sua altura ao quadrado e saber o índice de sua massa corporal. Para a medicina, é considerado magro quem obter um índice abaixo de 20 pontos. Acima de 25, gordo e entre 20 e 25 você é normal.
>
> Segundo o endocrinologista, Walter José Minicucci, a margreza não é problema de saúde, mas o indivíduo magro possui uma resistência menor em doenças infecciosas como pneumonia, gripes.
>
> Doenças como diabete, hipertireoidismo, câncer, tuberculose e Aids estão muito ligadas à perda de peso.

De acordo com essa estipulação, você é gordo ou magro? Você se considera gordo (ou magro) por seus próprios critérios?

2. Tente estabelecer uma ordem “objetiva” entre os vários sentidos do (mesmo) adjetivo:

a) Velho, para um ser humano, para um cachorro, para uma borboleta;
b) Quente, para a água da torneira (de água fria), para a água do banho, para a água de uma panela de pressão;
c) Veloz, para um carro de passeio, para um avião a jato, para um corredor da São Silvestre;
d) Caro, para uma blusa, para uma rodada de cerveja na festa de formatura, para um metro quadrado de terra em Rondônia, para um metro quadrado de terra na Avenida Paulista, em São Paulo;
e) Grande, para uma fazenda em Goiás, para um sítio na periferia de São Paulo, para um município em São Paulo, para um estado da federação;
f) Forte, para um vinho, para um licor doce e para uma cachaça de alambique.

3. Tente trocar esses adjetivos por números:

- Hipertenso
- Anêmico
- Bêbado (pense no teste do bafômetro)
- Febril

- Maior de idade
- Murcho (para um pneu de carro de passeio)
- Peso pesado (para um pugilista)
- Cheio (para o pneu de um Gol, ou para um caminhão)

4. Que diferença há entre as duas frases do par? Qual dos dois é mais?
   - Barrichello é alto para um piloto de Fórmula 1./Oscar é alto até para um jogador de basquete.
   - Joaquim é ativo para um velho de 70 anos./Joaquim era excepcionalmente ativo quando tinha 20 anos.
   - O Ângelo é espalhafatoso./O Ângelo é espalhafatoso até para um italiano.
   - O Jurandir é pouco pontual até para um brasileiro./O Angus é pouco pontual para um britânico.
   - O Sean é pão-duro./O Sean é pão-duro até para um escocês.

5. Desconversar, dar respostas evasivas é uma arte, e em certos casos pode ser uma virtude. Normalmente, as respostas evasivas omitem informações e quase sempre utilizam expressões vagas. Procure lembrar-se de um diálogo em que um dos falantes fez uma pergunta embaraçosa e o outro respondeu evasivamente, mas sem mentir. Procure esclarecer qual foi a informação que o primeiro informante procurava obter, e que o segundo informante conseguiu omitir em sua resposta.

6. Tente responder:
   Quantas andorinhas são necessárias para fazer verão?
   Com quantas pessoas se faz uma multidão?
   Com quantas árvores se faz uma floresta?
   Quantos cabelos precisam cair para alguém ficar careca?
   Quantos socos são necessários para dar uma surra em alguém?
   Quantos carneiros são necessários para formar um rebanho?

7. Os psicólogos, os médicos, os educadores, os pais trabalham com conceitos de "adolescência" parcialmente diferentes. Procure lembrar alguns desses diferentes conceitos; pense qual deles ajuda a entender a idéia de "eternos adolescentes", que é central no texto abaixo:

> Nos anos mais efervescentes das décadas de 60 e 70, a palavra de ordem da juventude era pôr o pé na estrada. Isso significava romper com os valores estabelecidos da sociedade, entre eles a família, e ir em busca de seus sonhos, mesmo quando estes não eram muito claros. Visto hoje, parece compreensível. Além de um mundo que pedia reformas, havia um abismo entre esses jovens e a geração de seus pais. Sair de casa acabou virando sinônimo de liberdade. Mesmo que para isso

> tivessem que trocar o conforto familiar por uma república de estudantes ou compartilhar um apartamento com vários amigos. Os mais psicodélicos integravam-se em comunidades hippies ou adaptavam-se ao espaço de uma barraca de acampamento. Pelo sonho de ser livre, tudo era válido, para usar uma expressão da época. [...]
>
> O tempo passou e os filhos daquelas gerações rebeldes comportam-se hoje de forma diametralmente oposta. Ao contrário de seus pais, os jovens atuais não têm mais tanta pressa em sair de casa. A maioria, aliás, nem pensa no assunto. São os representantes da chamada "geração canguru" que resistem a abandonar a comodidade da casa paterna do mesmo modo que o filhote marsupial agarra-se à bolsa protetora da mãe. Alguns, mais folgados, não arredam da barra da saia nem mesmo depois que casam e têm filhos. Com isso, um novo fenômeno surgiu: o prolongamento da adolescência. Cada vez aumenta mais o número de jovens entre 20 e 30 anos acomodados à situação de eternos adolescentes. Muitos deles, contando sempre com a retaguarda dos pais, acabam não assumindo as responsabilidades inevitáveis da vida adulta. "Os pais de hoje são os jovens de ontem, que lutaram por ideais de liberdade política e igualdade social, derrubaram tabus sexuais, participaram do movimento estudantil, ou, ao menos, foram profundamente influenciados por tudo isso", lembra a educadora carioca Tânia Zagury, professora adjunta da Universidade Federal do Rio de Janeiro e autora de vários livros de orientação educacional, entre eles Encurtando a Adolescência. "Os jovens de agora herdaram tudo isso de bandeja. Não há mais um confronto de gerações tão acirrado. Os pais procuram dar a eles a liberdade que não tiveram em seu tempo. Os filhos fazem o que bem entendem, não dão satisfação de horários, têm seu próprio carro e muitos levam seus namorados para transarem em casa. Além disso, têm comida na hora, roupa lavada e passada. Que razão teriam para abrir mão de tudo isso?"
>
> (Cláudio Fragata Lopes, "A doce vida dos filhos cangurus" *Galileu*, jun.1999, p. 47)

8. As chamadas "doenças modernas" (dependência de drogas, estresse, vários tipos de fobias e pânico, hipertensão, má postura, obesidade de uns, carências alimentares de outros) não são consideradas verdadeiras doenças, por muitas pessoas. Se você fosse um médico do trabalho, em que casos dispensaria seus pacientes de comparecer ao serviço, por um desses motivos?

9. No dia 12 de junho de 2000, os cadernos de esporte dos principais jornais do Brasil dedicaram reportagens de página inteira ao tenista Gustavo Kuerten, o Guga, que, na véspera, havia vencido o torneio de Roland Garros, tornando-se com isso o primeiro tenista na chamada "corrida dos campeões". Como de hábito, essas reportagens eram anunciadas na primeira página por textos mais breves. Veja estas passagens transcritas do jornal *O Estado de S. Paulo*, e faça em seguida os comen-

tários pedidos.

[caderno de esportes interno]

GUGA NO TOPO DO MUNDO

Com o bicampeonato em Paris, o “roi de France” assume a liderança da corrida dos campeões

CHIQUINHO LEITE MOREIRA

Especial para o Estado

Paris – Com banho de champanhe em plena quadra central, Gustavo Kuerten foi coroado como “roi de France”, ao conquistar o bicampeonato de Roland Garros, o Aberto da França, com uma impressionante vitória sobre o sueco Magnus Norman por 3 sets a 1, parciais de 6/2, 6/3, 2/6 e 7/6 (8/6). Com a emocionante vitória, Guga subiu ao topo do ranking da corrida dos campeões da Associação dos Tenistas Profissionais (ATP) e, pela primeira vez na história, um brasileiro realiza a façanha de assumir a posição de número 1 do tênis mundial.

“Realizei novamente um grande sonho”, celebrou Guga. “Mais uma vez meu nome entra para a história, agora como bicampeão de Roland Garros.” A conquista valeu ao brasileiro 200 pontos para a lista da corrida dos campeões que, assim, destronou Magnus Norman da posição de número 1. O título também rende ao tenista a condição de um dos maiores ídolos do esporte brasileiro, numa modalidade que ele mesmo conseguiu popularizar, atraindo o interesse do grande público.

Majestade – “Não me sinto um grande ídolo”, comentou Guga. “Mas fico feliz por levar alegria a muita gente a cada torneio que conquisto.” Em Paris, Guga mostrou o seu lado carismático. Muitos brasileiros vieram especialmente para vê-lo em ação em Roland Garros. Em sua última edição, o boletim oficial da competição estampou “Kuerten, roi de France” revestindo de majestade a façanha do brasileiro na quadra...

[primeira página]

GUGA É BICAMPÃO NA FRANÇA

Com uma emocionante vitória sobre o sueco Magnus Norman por 3 sets a 1, parciais de 6/2, 6/3, 2/6 e 7/6 (8/6) Gustavo Kuerten, o Guga, conquistou ontem o bicampeonato de Roland Garros, o Aberto da França, tomou um banho de champanhe em plena quadra central e foi coroado como “roi de France”. Guga subiu ao topo do ranking da corri-

da dos campeões da ATP e, pela primeira vez na história, um brasileiro realiza a façanha de assumir a posição de número 1 do tênis mundial. “Não me sinto um grande ídolo”, disse. “Mas fico feliz por levar alegria a muita gente a cada torneio que conquisto.” Muitos brasileiros foram a Paris para ver Guga jogar. O Presidente FHC mandou telegrama ao atleta: “Caro Guga: Parabéns. Você continua nos enchendo de orgulho”. Agora Guga sonha com uma medalha nas Olimpíadas de Sidney, em setembro.

a) O texto do Caderno de Esportes trata do mesmo acontecimento, mas é bem mais longo. O que o torna mais longo?
b) Qual dos dois textos nos dá o melhor perfil do novo campeão?
c) Qual dos dois textos nos dá o melhor conjunto de informações objetivas sobre a vitória de Guga?
d) Compare os dois textos, e avalie, globalmente, qual dos dois é mais “informativo” (entenda “informativo” como uma relação custo/benefício: o texto informativo é aquele que nos permite saber mais coisas que antes não sabíamos, com um uso menor de espaço).

Introdução à semântica

Brincando com a gramática

Rodolfo Ilari

Introdução à semântica

BRINCANDO COM A GRAMÁTICA

EDITORA
CONTEXTO

Copyright © 2001 Rodolfo Ilari

Preparação de originais
Camila Kintzel

Diagramação
Estúdio Graal

Revisão
Sandra Regina de Souza

Projeto de capa
Antonio Kehl

Ilari, Rodolfo.
Introdução à semântica – brincando com a gramática / Rodolfo Ilari. – São Paulo: Contexto, 2001.

Bibliografia.
ISBN 85-7244-164-6

1. Lingüística. 2. Português – Estudo e ensino. 3. Português – Gramática 4. Português – Semântica. I. Título.

01-0818 CDD-469.2

Índices para catálogo sistemático:
1. Semântica: Português: Lingüística 469.2

Proibida a reprodução total ou parcial.
Os infratores serão processados na forma da lei.

2001

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA CONTEXTO (Editora Pinsky Ltda.).
Diretor editorial Jaime Pinsky
Rua Acopiara, 199 – Alto da Lapa
05083-110 – São Paulo – SP
PABX/FAX: (11) 3832 5838
contexto@editoracontexto.com.br
www.editoracontexto.com.br

Este livro é dedicado ao Milton do Nascimento
e ao Marco Antônio de Oliveira, sem os quais,
talvez eu não me animasse nunca a terminá-lo.

Sumário

Sagacidade, argúcia e lupa 9
Explicação prévia 11
1. Ambigüidade de segmentação 13
2. Aspecto 19
3. Atos de fala 27
4. Comentários sobre um conteúdo 35
5. Conotação 41
6. Conteúdo descritivo demais e de menos 47
7. Dêixis e anáfora 55
8. Descrições definidas e indefinidas 63
9. Elementos conceituais e afetivos do sentido 68
10. Frases feitas 78
11. Implícitos (I) 85
12. Implícitos (II) 92
13. Linguagem e metalinguagem 101
14. Linguagem figurada: processos análogicos 108
15. O(s) mundo(s) de que falamos 114
16. A negação 122
17. Papéis temáticos 131
18. Mecanismos de paráfrase baseados no léxico 140
19. Paráfrase: mecanismos sintáticos 151
20. Perguntas e respostas 162
21. Quantificadores 169
22. Referência 176
23. Tipos de relações 186
24. Tempo 193
25. Vagueza 201

Sagacidade, argúcia e lupa

Como se fosse um retrato, este novo livro de Rodolfo Ilari desvela, para o leitor, tanto a linguagem em seu uso quanto o autor que a persegue armado de sagacidade, argúcia e lupa: não lhe escapam as filigranas dos sentidos sobre as quais passamos os olhos complacentes e cooperativos, construindo nossas compreensões e nossas respostas sem aperceber-nos dos recursos lingüísticos utilizados pelo locutor e daqueles por nós próprios manuseados na apreensão dos sentidos. Atentos aos objetivos da interlocução, e por eles iluminados, vamos em busca dos sentidos que julgamos pretendidos, mesmo quando estes parecem esconder-se por trás de outros sentidos que precisamos deslocar como se fossem véus que recobrem o sentido desejado. Às vezes, no entanto, os sentidos que construímos não correspondem aos sentidos pretendidos e somente então, quando uma "interincompreensão"se instaura, retornamos ao material lingüístico manuseado para refazermos os caminhos das significações.

Colecionando vasto material lingüístico – recortes de jornais, piadas, exemplos e exercícios com situações reais ou imaginadas – "fiel aos seus problemas favoritos", o autor vai permitindo ao leitor encontrar na materialidade da linguagem em uso "diversos pontos de paradas" em que o processamento dos sentidos pode deslizar para a incompreensão, ou, em outras palavras, fazendo perceber os sentidos outros a que não damos importância, mas que estão no dito ou no dizer como virtualidades, sempre capazes de se projetarem sobre a interlocução em curso, produzindo, no mínimo, sentidos disparatados.

É por isso que este é um livro que permite refletir sobre a linguagem, propondo práticas que se sustentam sobretudo nas capacidades intuitivas dos falantes que, orientados pela reflexão proposta, reconhecem na linguagem suas possibilidades de significar e, ao mesmo tempo, aprendem sobre a linguagem em função das rubricas sob as quais os fenômenos são agrupados. Nesse sentido, este não é um livro que ensina um conjunto de conceitos com os quais falar sobre a linguagem, mas um livro que ensina a refletir sobre os recursos lingüísticos em seu funcionamento para extrair da reflexão um conhecimento sobre a linguagem. Cada tema é tratado a partir de um objetivo explicitamente exposto, a questão sumariamente caracterizada, sem qualquer pedantismo acadêmico ou pretensão de especialista. Mas o que singulariza este livro é o conjunto de reflexões que o autor faz e leva a fazer sobre os recursos lingüísticos. É, portanto, um livro sobre "práticas de análises lingüísticas" organiza-

das e sistematizadas a partir de um ponto de vista particular, aquele de que se apreende sobre a língua à medida que sobre ela se reflete.

É nesse sentido que este livro é também um retrato de seu autor, ou, especificando melhor, um retrato das posições que o autor tem tomado na discussões a respeito do ensino da língua.

Já em 1973, em nota prévia à edição portuguesa de sua adaptação (somente a modéstia do autor registra como "tradução" o trabalho de adaptação que realizou) de *Linguistique et enseignement du français*, de Émile Genouvrier e Jean Peytard, para *Lingüística e Ensino do Português* (Livraria Almedina, Coimbra), Rodolfo Ilari registrava que há mais de trinta anos era duvidosa a legitimidade dos objetivos de acesso à expressão "correcta e castiça" através das técnicas de análise histórica e filológica de textos clássicos, em função da mudança dos sujeitos que passaram a freqüentar as salas de aula depois de uma generalização do acesso à alfabetização. Já então afirmava que "nossa geração assistiu à decadência progressiva da análise, à revalorização da leitura e exposição oral, de tentativas por correlacionar o aprendizado da língua falada e escrita com a prática de processos comunicativos não-verbais".

Muita água correu sob a ponte depois dos anos 1970. Como conteúdos escolares, as práticas de leitura e de produção de textos sobrepuseram-se às análises gramaticais da língua. A discussão ferrenha entre aqueles que defendiam o ensino de gramática tradicional e aqueles que lhe opunham reflexões fundamentadas nas pesquisas lingüísticas muitas vezes escondia, sob o manto do ensino ou não-ensino da gramática, a questão mais ampla do preconceito lingüístico, da insuportável aceitação de variedades lingüísticas que "fugiam da norma". Para este embate, Rodolfo Ilari contribuiu não só por seu magistério como professor e formador de lingüistas, mas também como autor constante de textos que circularam pelo Brasil – penso por exemplo em seu "Uma nota sobre a redação escolar", posteriormente incluído em sua coletânea *A lingüística e o ensino da língua portuguesa*. Sua presença nas discussões sobre o ensino importava tanto pelos temas e adequados tratamentos com que fecundava o debate, quanto por sua assinatura de pesquisador reconhecido mostrando que o tema do ensino não era uma questão menor ou apenas o espaço de diletantes ou políticos militantes.

Assentada a poeira dos anos 1980, reconhecidas as vantagens e desvantagens de um ensino de língua materna deslocado da ênfase na análise de textos clássicos ou na aprendizagem de conceitos com que falar sobre a língua, Rodolfo Ilari retorna com este livro exemplar, em que a reflexão sobre a linguagem em seu funcionamento mostra ao seu leitor os inúmeros caminhos do trabalho possível com os recursos lingüísticos disponíveis.

João Wanderley Geraldi

Explicação prévia

Uma das características que empobrecem o ensino médio da língua materna é a pouca atenção reservada ao estudo da significação. O tempo dedicado a esse tema é insignificante, comparado àquele que se gasta com “problemas” como a ortografia, a acentuação, a assimilação de regras gramaticais de concordância e regência, e tantos outros, que deveriam dar aos alunos um verniz de “usuário culto da língua”. Esse descompasso é problemático quando se pensa na importância que as questões da significação têm, desde sempre, para a vida de todos os dias, e no peso que lhe atribuem hoje, com razão, em alguns instrumentos de avaliação importantes, tais como o Exame Nacional do Ensino Médio, os vestibulares que exigem interpretação de textos e o Exame Nacional de Cursos.

Alguns leitores dirão que o sentido está sempre presente quando se lê e se redige, e que nosso ensino pratica a leitura, a interpretação e a produção de textos. Mesmo assim, fico preocupado. Em primeiro lugar, porque há diferentes maneiras de trabalhar com o texto, e algumas das que prevalecem na prática pouco têm a ver com interpretação (pense-se no tipo de correção de redações mais usado, que consiste em assinalar apenas os “erros” de ortografia, concordância e regência); em segundo lugar porque o trabalho sobre textos, tal como vem sendo praticado, dá mais atenção à interpretação a que se chega, do que ao enorme repertório de conhecimentos e à variedade dos processos que mobilizamos ao interpretar; e, finalmente porque o nosso ensino foi se reduzindo, de fato, a um conjunto muito limitado de atividades, em prejuízo de outras possíveis que não são sequer lembradas.

Ao contrário do que acontece com a “gramática”, simplesmente não existe em nosso ensino a tradição de tratar do sentido através de exercícios específicos, e isso leva o professor da escola média a acreditar que, nessa área, não há nada de interessante a fazer.

O propósito deste livro, que se destina aos alunos dos cursos de Letras e aos professores do ensino médio, é desfazer essa crença. Para isso, selecionei, aqui, 25 temas de semântica, propondo para cada um deles uma introdução teórica informal, e um certo número de atividades diferenciadas. O que chamo aqui de “temas de semântica” são operações que realizamos o tempo todo, sem nos preocuparmos em teorizar, quando usamos a língua no dia-a-dia.

A atividades podem ser “realizadas” com um mínimo de recursos (um caderno e uma caneta geralmente bastam), e com um pouquinho de curiosidade. Entre

elas há jogos, pesquisas, discussões e leituras em que o verdadeiro protagonista é a significação. Em todos esses casos, procura-se estimular um tipo de reflexão sobre a linguagem que as pessoas praticam espontaneamente e sem complicações de terminologia (é o que já foi chamado de *atividade epilingüística*). Considerando que a linguagem é ao mesmo tempo individual e coletiva, muitas atividades convidam o aluno a comparar ou "negociar" seus resultados com os dos colegas, o que é uma boa maneira de acostumar as pessoas com o fato de que as perguntas realmente interessantes costumam ter mais de uma resposta.

Propondo roteiros de atividades muito concretos, o livro encara seu principal desafio: mostrar que há muito a fazer quando se quer trabalhar sobre o sentido. Seu elemento mais importante são, portanto, os formatos dos exercícios, e não as exposições teóricas, que têm apenas o objetivo de situá-los.

Confio que as práticas aqui propostas podem levar os leitores deste livro a "descobrir" ou "reencontrar" aspectos da linguagem que nosso ensino esqueceu por muito tempo. A atenção a esses aspectos deveria sugerir aos professores de ensino médio outras possibilidades de explorar os processos de criação de sentidos, abrindo assim perspectivas para um ensino mais criativo e mais motivador (porque a atenção dada às formas deixa de ser um fim em si) e mais completo.

As atividades voltadas para a significação não são contra outras práticas pedagógicas (por exemplo, o estudo da norma culta); caberá portanto a cada um combiná-las com as práticas pedagógicas em que mais acredita.

Concluindo esta explicação prévia, registro uma dívida: o livro deve muito à minha convivência com professores de ensino médio, no contexto de dois cursos de especialização dos quais venho participando há vários anos: o da Fafi-Varginha, e, sobretudo, o Prepes da Puc de Belo Horizonte.

Trabalhando nesse contexto com professores de ensino médio de vários estados do país, pude avaliar seu grau de informação, e isso me ajudou a definir a linguagem e a forma de apresentação que uso neste livro.

Acima de tudo, essa convivência me fez conhecer inúmeras histórias de professores que, tendo assimilado um mínimo de teoria e algumas orientações de aplicação, alteraram substancialmente sua prática pedagógica, tornando-a mais criativa e mais gratificante.

O que espero deste livro é exatamente isso: que possa ajudar seus leitores na construção de uma prática pedagógica mais criativa e gratificante.

Rodolfo Ilari

Ambigüidades de segmentação

Objetivo

Chamar a atenção para casos em que a cadeia falada é passível de segmentações alternativas, orientando para a segmentação relevante em função do contexto.

Caracterização geral

Excetuadas algumas poucas situações (por exemplo, quando se dita um texto, ou quando se confere se foi esquecida alguma palavra numa cópia), as pessoas não costumam separar palavras, na fala. Separar palavras de um mesmo texto é um hábito que adquirimos com a escrita. Nesse caso, a escrita funciona como uma análise da fala, e facilita nossa leitura. Compare-se, por exemplo, a dificuldade com que lemos a mesma frase em (1), onde não foi feita a separação de palavras, e em (2) onde as palavras foram separadas, como é habitual: em (2) é imediato reconhecer a letra de uma das mais célebres (e mais bonitas) canções brasileiras.

(1) *Meucoraçãonãoseiporquêbatefelizquandotevêeosmeusolhosficamsorrindo...*

(2) *Meu coração, não sei por quê, bate feliz quando te vê e os meus olhos ficam sorrindo...*

Material lingüístico

Há falas que se prestam a duas segmentações diferentes, resultando em sentidos diferentes:

Deu uma surra na mulher que a deixou bastante machucada. Bateu com as mãos e com a pá nela

Deu uma surra na mulher que a deixou bastante machucada. Bateu com as mãos e com a panela

Há falas que, mal segmentadas, deixam sobrar "restos" impossíveis de analisar. As primeiras palavras do Hino Nacional "ouviram" e "do" são às vezes analisadas como "O Virundum", uma palavra que pegou, como nome jocoso do Hino Nacional, mas que não faz o menor sentido.

Ouviram do Ipiranga as margens plácidas
De um povo heróico o brado retumbante

Atividades

- Jogo: é proibido, por exemplo, pronunciar a seqüência "mão". O jogo consiste em ver quem escapa mais vezes de pronunciar essa seqüência "mão" quando lhe são feitas perguntas como "Como se chama o fruto do mamoeiro?" ou "Maria é minha irmã, o que sou dela?" etc. Pode-se combinar que as pessoas têm o direito de "passar", ou que podem dar respostas diferentes, por exemplo, "papaia", ou "filho dos mesmos pais".
- Veja esta história de má segmentação: a criação da palavra busilis por Felipe Segundo da Espanha. Conta-se que, ao deparar-se com a expressão "in die busillis" (naqueles dias), no meio de uma tradução latina, o futuro rei separou "in die busillis". A partir dessa separação, ele conseguiu traduzir "in die" (no dia) mas ficou com o problema de traduzir "busillis" (que não significa nada). Até hoje, quando se quer apontar uma dificuldade, pode-se dizer, em espanhol: "aquí está el busílis", "aqui está o nó da questão".

Exercícios

1. Comece um levantamento de **jogos de palavras** baseados em segmentações alternativas. Eis alguns exemplos:

a) Há uma conhecida letra de forró que fala do gato Tico. Ou será que fala de outra coisa?
Tico mia na cama,
Tico mia no quarto

b) Há uma história sobre herança que é contada assim:
Eles morreram, e eu fiquei como herdeiro.
Por que será que esta não foi uma boa herança?

c) A dirige a B o cumprimento que segue. B se irrita. Por quê?
Meus respeitos ao senhô e a quem lhe fô da família.

2. Qual é o nome do filme?

a) O chefe da obra esbarra com o traseiro num dos serventes que estão caminhando no andaime, 60 metros acima do nível do chão. O servente cai e morre. Qual o nome do filme? (A acusada de morte/A cuzada de morte).

b) Uma chapa solta-se de um caminhão em alta velocidade e atinge um homem de cor, cortando-lhe as nádegas. Era uma vez o traseiro de um crioulo. Qual o nome do filme? (O escudo preto/O ex-cu do preto).

3. O que há de singular com estes concursos de miss?

Miss Java, Miss Japão
Miss Gana, Miss Garça,
Miss Malta, Miss Capa,
Miss Angra, Miss Obra,
Miss Pinho, Miss Pano,
Miss Barra, Miss Torno

4. Descubra mais algumas adivinhas como as que seguem:

“Quais são as gatas que andam debaixo dos pés?” – As alpargatas.
“Qual o pedaço da sacola que gruda? – A cola

5. Algumas marcas de pinga ainda trazem uma etiqueta em que se dá a idade da pessoa a partir de um jogo de palavras criado a partir de um nome e um sobrenome:

Primeiro dia — Inácio Pinto
Cinco anos — Jacinto Pinto
Cinqüenta anos — Décio Pinto
Sessenta anos — Caio Pinto
etc.
Você conhece mais alguma dessas “idades”?

6. Construa um **diálogo imaginário**, em que uma das personagens ouve mal, e portanto processa apenas parte das palavras que ouve.

7. A ambigüidade de segmentação é um dos recursos de construção da poesia contemporânea. Transcreva as passagens em que a ambigüidade de segmentação foi usada como um recurso, neste poema de José Paulo Paes:

Adivinha dos peixes

Quem tem cama no mar? O camarão.
Quem é sardenta? Adivinha. A sardinha.
Quem não paga o robalo? Quem roubá-lo.
Quem é barão no mar? Só tubarão.

Gosta a lagosta do lago? Ela gosta.
Quantos pés cada pescada tem, hem?
Quem pesca alegria? O pescador.
Quem pôs o polvo em polvorosa? A rosa.

8. Resolva este caça-palavra.

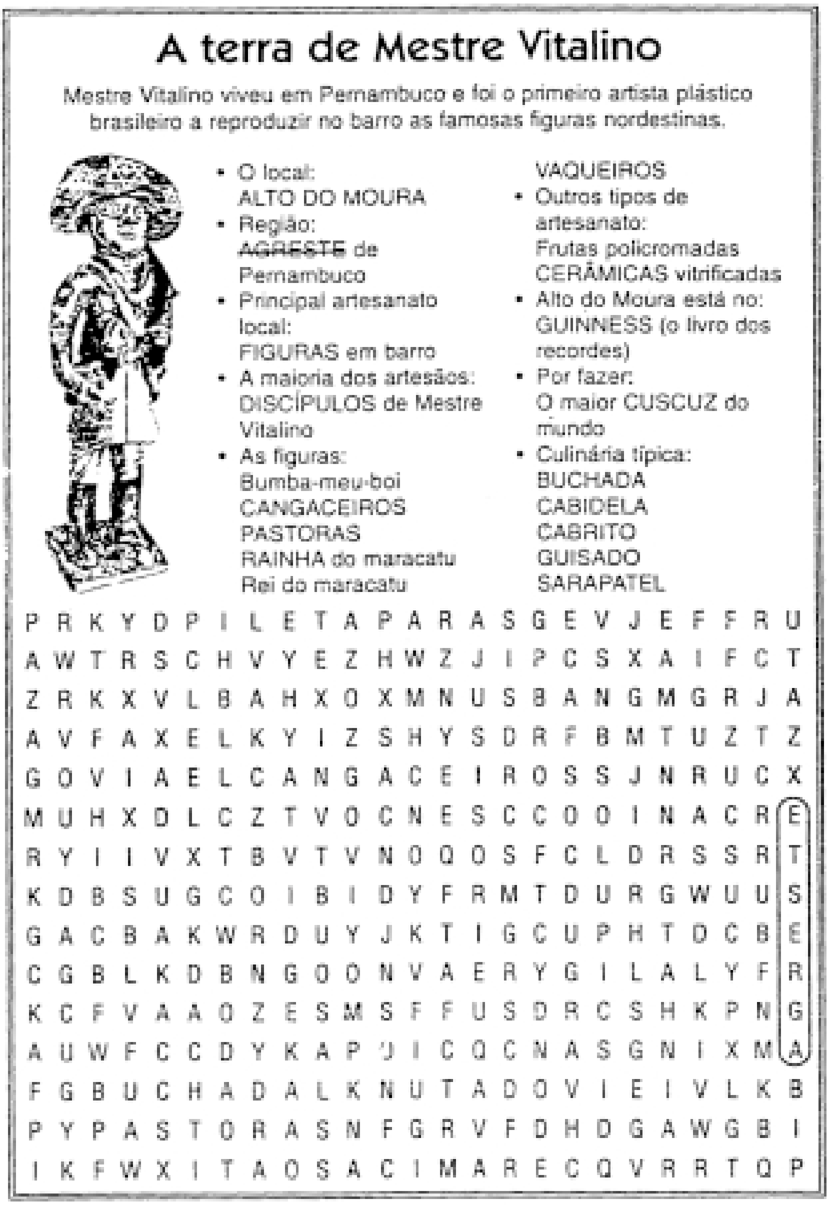

A terra de Mestre Vitalino

Mestre Vitalino viveu em Pernambuco e foi o primeiro artista plástico brasileiro a reproduzir no barro as famosas figuras nordestinas.

- O local:
  ALTO DO MOURA
- Região:
  ~~AGRESTE~~ de Pernambuco
- Principal artesanato local:
  FIGURAS em barro
- A maioria dos artesãos:
  DISCÍPULOS de Mestre Vitalino
- As figuras:
  Bumba-meu-boi
  CANGACEIROS
  PASTORAS
  RAINHA do maracatu
  Rei do maracatu
  VAQUEIROS
- Outros tipos de artesanato:
  Frutas policromadas
  CERÂMICAS vitrificadas
- Alto do Moura está no:
  GUINNESS (o livro dos recordes)
- Por fazer:
  O maior CUSCUZ do mundo
- Culinária típica:
  BUCHADA
  CABIDELA
  CABRITO
  GUISADO
  SARAPATEL

P	R	K	Y	D	P	I	L	E	T	A	P	A	R	A	S	G	E	V	J	E	F	F	R	U
A	W	T	R	S	C	H	V	Y	E	Z	H	W	Z	J	I	P	C	S	X	A	I	F	C	T
Z	R	K	X	V	L	B	A	H	X	O	X	M	N	U	S	B	A	N	G	M	G	R	J	A
A	V	F	A	X	E	L	K	Y	I	Z	S	H	Y	S	D	R	F	B	M	T	U	Z	T	Z
G	O	V	I	A	E	L	C	A	N	G	A	C	E	I	R	O	S	S	J	N	R	U	C	X
M	U	H	X	D	L	C	Z	T	V	O	C	N	E	S	C	C	O	O	I	N	A	C	R	E
R	Y	I	I	V	X	T	B	V	T	V	N	O	Q	O	S	F	C	L	D	R	S	S	R	T
K	D	B	S	U	G	C	O	I	B	I	D	Y	F	R	M	T	D	U	R	G	W	U	U	S
G	A	C	B	A	K	W	R	D	U	Y	J	K	T	I	G	C	U	P	H	T	O	C	B	E
C	G	B	L	K	D	B	N	G	O	O	N	V	A	E	R	Y	G	I	L	A	L	Y	F	R
K	C	F	V	A	A	O	Z	E	S	M	S	F	F	U	S	D	R	C	S	H	K	P	N	G
A	U	W	F	C	C	D	Y	K	A	P	J	I	C	Q	C	N	A	S	G	N	I	X	M	A
F	G	B	U	C	H	A	D	A	L	K	N	U	T	A	D	O	V	I	E	I	V	L	K	B
P	Y	P	A	S	T	O	R	A	S	N	F	G	R	V	F	D	H	D	G	A	W	G	B	I
I	K	F	W	X	I	T	A	O	S	A	C	I	M	A	R	E	C	Q	V	R	R	T	Q	P

Caça-palavras, nº 50. Ediouro.

9. Nem todas as definições desta lista são igualmente bem-sucedidas. Por quê?

Abreviatura – ato de abrir um carro da polícia
Açucareiro – revendedor de açúcar que vende acima da tabela
Alopatia – dar um telefonema para a tia
Amador – o mesmo que masoquista
Armarinho – vento proveniente do mar
Aspirado – carta de baralho completamente maluca
Assaltante – um "A" que salta
Barbicha – boteco para gays
Barganhar – receber um botequim como herança
Barracão – proíbe a entrada de caninos
Bimestre – mestre em duas artes marciais
Biscoito – fazer sexo duas vezes
Ministério – aparelho de som de dimensões muito reduzidas
Novamente – diz-se de indivíduos que renovam sua maneira de pensar
Obscuro – OB na cor preta
Pornográfico – o mesmo que colocar no desenho
Presidiário – aquele que é preso diariamente
Pressupor – colocar preço em alguma coisa
Ratificar – transformar em rato
Razão – lago muito extenso, porém pouco profundo
Sexólogo – sexo apressado
Simpatia – concordância com a irmã da mãe
Sossega – mulher que tem os outros sentidos, mas é desprovida de visão
Talento – anda devagar
Tipica – o que o mosquito nos faz
Trigal – cantora baiana elevada ao cubo
Tripulante – especialista em salto triplo
Unção – erro de concordância verbal. O certo seria "um é"
Vatapá – ordem dada por prefeito de cidade esburacada
Viaduto – local por onde circulam homossexuais
Vidente – dentista falando sobre seu trabalho
Violentamente – viu com lentidão
Volátil – sobrinho avisando ao tio aonde vai
Caçador – indivíduo que procura sentir dor
Cálice – ordem para ficar calado
Canguru – líder espiritual dos cachorros
Catálogo – ato de apanhar as coisas rapidamente
Cerveja – é o sonho de toda revista
Cleptomaníaco – mania por Eric Clapton
Compulsão – qualquer animal com pulso grande

Contribuir – ir para algum lugar com vários índios
Coordenada – que não tem cor nenhuma
Democracia – sistema de governo do inferno
Depressão – espécie de panela angustiante
Destilado – aquilo que está do lado de cá
Desviado – uma dezena de homossexuais
Detergente – ato de prender indivíduos suspeitos
Determina – prender uma moça
Determine – prender a namorada de Mickey Mouse
Diabetes – as dançarinas do diabo
Edifício – antônimo de “é fácil”
Eficiência – estudo das propriedades da letra “F”
Entreguei – estar cercado de homossexuais
Esfera – animal feroz que foi amansado
Estouro – bovino que sofreu operação de mudança de sexo
Evento – constatação de que realmente é vento, e não furacão.
Exótico – algo que deixou de ser ótico, passou a ser olfativo ou auditivo
Expedidor – mendigo que mudou de classe social
Fluxograma – direção em que cresce o capim
Fornecedor – empresário dedicado ao ramo de atender os masoquistas
Genitália – órgão reprodutor dos italianos
Halogênio – forma de cumprimentar as pessoas muito inteligentes
Homossexual – sabão utilizado para lavar as partes íntimas
Leilão – leila com mais de dois metros de altura.
Zoológico – reunião de animais racionais

(“Acabaram com o Prof. Pasquale” – mensagem recebida pela Internet)

10. Reflita sobre esta história: o que é que ela ensina sobre a importância da pontuação?

> Quando quiseram escolher o nome do filho, a mãe queria que se chamasse “Paulo”; o pai preferia “Barnabé”. Discutiram muito. No fim, o pai resolveu ceder. Só pediu que a esposa refletisse algumas horas e lhe mandasse um recado por escrito. Assim ele, ao sair da fábrica, passaria no cartório para registrar o filho.
> O bilhete chegou, alegrando muito o pai, pois trazia o seguinte:
> “Barnabé”, de maneira alguma será chamado “Paulo”.
> Qual não foi a decepção da esposa quando percebeu que havia errado a colocação da vírgula... Pensava ter escrito: “Barnabé” de maneira alguma, será chamado “Paulo”.

(Madre Olívia, *Prática de Português 3*. Pontuação: uso da vírgula. São Paulo, Ozón, s.d.)

Aspecto

Objetivo

Explorar, intuitivamente, os valores aspectuais dos chamados “tempos do verbo” e dos adjuntos.

Caracterização geral

As formas do verbo, em português, exprimem simultaneamente tempo, modo e **aspecto.** Aspecto é uma questão de fases. Dizemos que o verbo do português exprime aspecto porque ele nos dá a possibilidade de representar o mesmo fato, ora como um todo indivisível, ora como composto por diferentes “fases”, uma das quais é posta em foco. A necessidade de falar de “fases” aparece claramente quando analisamos segmentos narrativos como este:

Quando esteve preso no Rio de Janeiro, Graciliano Ramos estava escrevendo Angústia.

Temos, aí, o que os lingüistas chamam de “esquema de incidência”, por meio do qual são colocados em relação dois fatos: a prisão de Graciliano Ramos, representada como um todo indivisível e localizado, e a redação do romance, representada como uma ação que inicia antes do encarceramento do escritor, e se conclui depois de sua soltura. Uma boa representação para o esquema de incidência poderia ser esta:

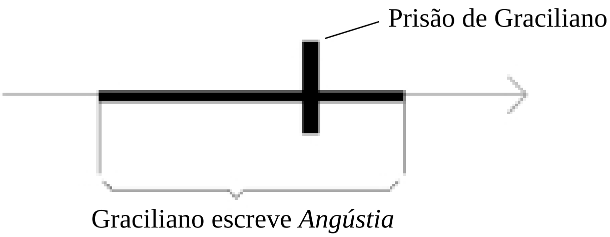

(Note que o modo de representar as duas ações resultaria invertido se a frase fosse “Quando Graciliano estava preso no Rio de Janeiro, escreveu *Angústia*).

Material Lingüístico

Segundo as principais autoridades no assunto, a série de escolhas aspectuais compreende em português um aspecto perfectivo (que não reconhece fases, e se subdivide em pontual e resultativo) e um aspecto imperfectivo (que reconhece fases, e se subdivide em inceptivo, cursivo e terminativo).

perfectivo	pontual	À noite, João arrumou a mala.
	resultativo	Às oito, a mala estava arrumada.
imperfectivo	inceptivo	A criança adormeceu às sete.
	cursivo	João estava arrumando a mala.
	terminativo	João terminava de arrumar a mala.

Todos esses "aspectos" podem eventualmente combinar-se com a idéia de repetição (ex. A criança dormia às sete, João vivia arrumando a mala).

Além disso, os especialistas alertam que a interpretação aspectual de qualquer frase sofre o efeito de outros fatores: a flexão, a presença de certos auxiliares, a quantificação do sujeito e dos complementos e a natureza da ação descrita (algumas ações têm um completamento natural, por exemplo, "correr os cem metros"; outras não, como "correr").

Atividade

- Quando dizemos que alguém trocou um pneu furado, queremos normalmente dizer que esse alguém realizou uma série de operações, tais como retirar as calotas das rodas, tirar o estepe do porta-malas, erguer o carro com o macaco etc. Imagine que você tem um robô, e quer programá-lo para que ele troque os pneus de seu carro, obedecendo a um comando seu. A primeira coisa a fazer, nessa programação, é enumerar as diferentes operações em que consiste uma troca de pneus, ou seja, fazer uma lista completa das operações que o robô deverá realizar, sucessivamente. Faça essa lista e explique-a em seguida, utilizando a noção de "fase".

Exercícios

1. Um dos problemas de analisar os "tempos do verbo" de um ponto de vista semântico é que eles exprimem tempo, modo e aspecto **simultaneamente**. Confi-

ra essa simultaneidade, respondendo às três perguntas da coluna da direita a propósito dos verbos assinalados (note que as três perguntas se referem às alternativas mais fundamentais do tempo, modo e aspecto, respectivamente).

	Presente ou passado?	Real ou hipotético?	Perfectivo ou imperfectivo?
Chorei,			
não procurei esconder,			
todos viram;			
fingiram,			
pena de mim não precisava.			
Ali onde eu chorei qualquer um chorava.			
Dar a volta por cima, que eu dei, quero ver quem dava			

(“Volta por cima” Paulo Vanzolini)

2. Você viu no início deste capítulo **(Caracterização geral)** o que vem a ser o “esquema de incidência, e viu que ele combina um verbo no perfeito do indicativo, um verbo no imperfeito do indicativo e uma conjunção temporal que indica simultaneidade. Leia este texto e decida quantas vezes o “esquema de incidência” foi aplicado.

> CIA pode ter aprovado morte do “Desaparecido”
> Diana JEAN Schemo
> The New York Times.
>
> Há 26 anos, enquanto as forças do general Augusto Pinochet derrubavam o governo socialista de Salvador Allende, dois americanos partidários do presidente chileno deposto foram mortos no Chile sob circunstâncias que levantaram suspeitas de envolvimento da CIA.
>
> As autoridades americanas negaram categoricamente qualquer participação na morte dos jovens, dramatizada em 1982 no filme *Desaparecido – um grande mistério*. Forçado pela Lei de Liberdade de Informação, o governo liberou em 1980 os resultados de investigações secretas internas, fortemente censuradas com tinta preta, que pareciam isentar as autoridades americanas e chilenas da responsabilidade.
>
> Mas agora, aquelas grossas linhas pretas foram apagadas. Incentivado pela prisão do general Pinochet em 1998, o presidente Bill Clinton

> ordenou a liberação de "todos os documentos que evidenciam violações dos direitos humanos, terrorismo e outros atos de violência política durante e antes da era Pinochet no Chile". Alguns desses papéis deixam bem claro, pela primeira vez, que o Departamento de Estado havia concluído desde o princípio que o Governo Pinochet tinha matado Charles Horman, de 31 anos, e Frank Teruggi, de 24. Além disso, os investigadores especularam que os chilenos não teriam feito isso sem o tácito consentimento dos serviços secretos dos EUA.
> "O serviço de inteligência dos EUA pode ter desempenhado um papel infeliz na morte de Horman", diz um dos documentos recentemente liberados a público.
>
> (*O Estado de S. Paulo*, 14.2.2000)

3. Todas as frases a seguir aludem a uma ação que tem necessariamente uma duração interna, mas algumas focalizam apenas o início dessa ação (uso "ingressivo" do pretérito perfeito). Explique, a propósito de cada frase, qual é a ação que tem necessariamente uma duração. Nas frases que focalizam apenas o início da ação, aponte a expressão que leva a considerar apenas esse início.

Exemplo:
João dormiu às quatro da manhã [dormiu = adormeceu]
ação que dura: dormir
expressão que nos leva a considerar apenas o começo da ação: *às quatro da manhã.*

a) Villa-Lobos viajou para a França no dia 13.8.1949, num navoi do Lloid Brasileiro.
b) O meia-armador Didi jogou no Real Madrid por dois anos, depois da Copa do Mundo de 1958.
c) O candidato soube que tinha ganho quando começaram a ser abertas as urnas da periferia.
d) Tom Jobim morou nos Estados Unidos por vários anos.

4. Ao lado das frases abaixo, foram escritos dois "adjuntos de tempo". Um deles não serve para a frase. Aponte-o e tente explicar o que o torna inadequado.

a) A polícia descobriu o esconderijo de Prestes (em seis meses/por seis meses).
b) A polícia conhece o paradeiro dos principais chefes do narcotráfico (por seis meses/ há seis meses).
c) O meteorito chocou-se com a superfície da Terra (às 4h 45min de uma quarta-feira/por cinco horas).
d) A polícia técnica desarmou a bomba (30 segundos antes da explosão/a cada 30 segundos).

5. Nesta quadrinha, citada pelo lingüista português Manuel de Paiva Boléo, ocorre duas vezes o passado composto. Segundo a análise daquele mesmo lingüista, uma indica repetição; a outra representa um uso em que o passado composto indica duração. Identifique essas duas ocorrências. Reescreva em seguida a quadra no pretérito perfeito, e procure avaliar as conseqüências dessa mudança.

À sombra do lindo céu
Jurei, tenho jurado
Não ter outros amores
Só a ti tenho amado

6. Que diferenças você consegue estabelecer entre estas frases?
a) Você é bobo./Você está sendo bobo.
b) Você fuma?/Você está fumando?
c) O motor do Escort faz barulho./O motor do Escort está fazendo barulho.
d) A mesinha de canto é aqui./A mesinha de canto está aqui.
e) A reunião dos condôminos é no salão de festas./... está sendo no salão de festas.
f) A baleia amamenta./A baleia está amamentando.
g) O Joãozinho é careca./O Joãozinho está careca.
h) Quem paga é meu irmão./Quem está pagando é meu irmão.

7. Imagine-se na seguinte situação: você é um escritor e escreve biografias com base em pesquisas históricas. Está estudando atualmente a personagem *P*, que viveu no início do século XX. Durante a investigação, você teve acesso a um diário pessoal, em que *P* escreveu a seguinte página:

> Silveiras, 2 de agosto de 1920
>
> ... Tenho tirado o maior proveito deste descanso forçado, na Fazenda da Barra. Levanto cedo, e geralmente acompanho os peões em suas tarefas matinais com o gado. Não serei encontrado na fazenda à tardinha: pelo pôr-do-sol estou caçando lebres, pescando ou simplesmente andando a cavalo. Vou com freqüência à vila, onde troco dois dedos de prosa com os sitiantes que, como eu, recorrem ao comércio local em busca de gêneros e de assunto. Um dia desses, enquanto eu estava passando de charrete pela capela de Nossa Senhora da Bocaina, cruzei com os topógrafos do governo, que está abrindo uma estrada para São José. É a vida que há muito tempo eu pedia a Deus. Mas o melhor de tudo não é a paz e a falta de atropelo: é que estou me envolvendo cada vez mais com com a cunhada de um fazendeiro vizinho, à qual, por discrição, chama-

> rei somente de ***. Também tenho tempo para ler: deixei de lado o material que trouxe do Rio de Janeiro, e estou lendo as Memórias de Além Túmulo, numa versão em dois volumes que encontrei remexendo um baú . Quando não faço nada disso, vou ver o trabalho dos camaradas que estão construindo uma ponte, sobre o Rio Bananal.

Na pesquisa histórica que está fazendo, você vai querer tomar esse texto como um documento. Pergunta-se: a partir dele, pode-se garantir:

a) Que *P* passou alguma vez de charrete pela Capela de N. S. da Bocaina?
b) Que o governo abriu uma nova estrada para São José?
c) Que *P* teve um envolvimento com uma mulher, cunhada de um fazendeiro?
d) Que *P* leu (integralmente) as Memórias de Além Túmulo?
e) Que uma ponte chegou a ser construída sobre o Rio Bananal?
f) Que *X* pescou alguma vez na vida?
g) Que *X* caçou alguma lebre em toda sua vida?
h) Que *X* acordou cedo alguma vez na vida?

8. Tente explicar por que a primeira frase de cada par é estranha, enquanto a segunda é normal:

a) Tancredo Neves tem morrido de infecção hospitalar./Muitos políticos têm morrido de infecção hospitalar.
b) O navio Titanic tem afundado quando fazia sua viagem inaugural entre a Inglaterra e os Estados Unidos/O navio de linha "Federico C" tem transportado turistas que querem festejar o carnaval em pleno mar.
c) Antes de morrer, o primeiro diretor do Masp, Pietro Maria Bardi, tem comparecido a muitas festas./Antes de morrer, o primeiro diretor do Masp, Pietro Maria Bardi compareceu a muitas festas.
d) Uma senhora de idade tem sido atropelada com conseqüências fatais neste cruzamento./Neste cruzamento tem sido atropelada, em média, uma pessoa por dia.
e) A polícia tem estado nesta casa três vezes desde que mudaram os novos moradores./A polícia tem estado nesta casa três vezes por semana, desde que mudaram os novos moradores.

9. Uma seqüência de perfeitos do indicativo serve normalmente para relatar fatos sucessivos. Leia o texto a seguir e verifique se os pretéritos perfeitos nele assinalados representam os respectivos fatos como sucessivos.

Cavalo Morto

> Dia 18/1, apareceu na rua onde moro um cavalo morto. Liguei para o centro de Zoonose, onde mandaram ligar para a Limpurb, que me

recomendou ligar para a AR Campo Limpo. Na regional, onde fui muito bem atendida, o funcionário disse que, em respeito a uma ordem judicial, eu precisaria de um laudo veterinário atestando que o animal não havia morrido de doença infecto-contagiosa! Pensei que fosse piada, mas não era. Eu deveria realmente contratar um médico veterinário para obter tal atestado. Voltei a ligar para o Centro de Zoonose e fui atendida pela veterinária de plantão, que me ouviu com toda a atenção, e, depois de consultar colegas, disse que esse laudo não podia ser exigido. Mandei um e-mail para a Limpurb, que respondeu estar enviando o meu pedido à regional responsável. Depois de cinco dias, não suportando mais o mau cheiro exalado pelo cadáver do animal, tornei a ligar para a AR Campo Limpo, que insistiu no laudo. Já desesperados, outros moradores e eu tentamos pôr fogo no cavalo, mas não conseguimos. Hoje (23/1), o cavalo continua na rua, coberto de moscas e de vermes. Será que isso não importa? As doenças que serão transmitidas aos moradores da região não têm importância? Quando precisamos dos serviços da Prefeitura, recebemos essas respostas absurdas, apesar dos impostos que pagamos, além de cada órgão passar a responsabilidade para outro. E nós, como ficamos? Maria Elisa Albuquerque – Campo Limpo.

(*O Estado de S. Paulo*, 8.2.2000, Seção “São Paulo Reclama”)

10. (Questão do vestibular Unicamp 1998)

A frase (1) admite duas interpretações, em que se assemelha, pelo tratamento dado ao tempo, ou à frase (2) ou à frase (3).

(1) Há dez anos a formiga *Solenopsis invicta*, conhecida como lava-pé, não era encontrada no norte do Estado da Geórgia, EUA.
(2) Há dez anos não se via em São Paulo uma inundação dessas proporções.
(3) Há dez anos não havia lanchonetes da cadeia Mac Donalds em São Paulo.

Reescreva a frase (1) de duas maneiras distintas, de modo a tornar obrigatória a primeira e a segunda interpretação respectivamente.

Diga qual das duas interpretações vale no texto abaixo, esclarecendo o papel que exerce no texto como um todo.

> *“Há dez anos, a formiga* Solenopsis invicta, *conhecida como lava-pé não era encontrada no norte do Estado da Geórgia, EUA. Na realidade, há 70 anos a espécie nem vivia na América do Norte.*
>
> A formiga (...) originária da Argentina, Paraguai e do sul do Brasil, é uma invasora que está se espalhando num ambiente livre de inimigos naturais.

> Segundo evidências históricas, o grupo fundador de lava-pés chegou aos EUA num navio sul-americano que aportou em Mobile, Alabama, nos anos 30. (...) Indícios sugerem que entre 5 e 15 rainhas desembarcaram nessa ocasião.
>
> Embora fossem poucas, as formigas estavam bem equipadas para se movimentar no novo território.
>
> (...) a espécie hoje habita mais de 100 milhões de hectares, das Carolinas ao Texas. Segundo previsões, irá infestar mais de 25% do território dos EUA."
>
> ("Uma formiga exótica. Espécie brasileira que invadiu os EUA na década de 30 ameaça a biodiversidade do país", *Folha de S. Paulo*, 26.11.1995)

Considerando que a expressão há dez anos nos faz sempre voltar no tempo, mas nem sempre indica um momento, o que mais ela pode indicar?

Atos de fala

Objetivo

Sensibilizar para o fato de que ao fazermos uso de um determinado enunciado estamos sempre realizando algum tipo de ação: informar, perguntar, mostrar perplexidade, prometer, autorizar etc.

Caracterização geral

Em toda enunciação real é sempre possível distinguir:

✓ um conteúdo proposicional;
✓ uma ação feita sobre esse conteúdo;

Assim, um cartaz com os dizeres "Propriedade particular" numa cerca de arame farpado à beira de uma estrada, combina com:

✓ um conteúdo "o terreno isolado por esta cerca é propriedade particular";
✓ uma ação de advertência.

Material lingüístico

É possível realizar várias ações diferentes a partir do mesmo conteúdo utilizando os modos do verbo e outros recursos lingüísticos; assim, o conteúdo "CACHORRO + ESTAR PRESO" pode ser objeto de

✓ uma informação: "o cachorro está preso";
✓ uma pergunta: "o cachorro está preso?";
✓ uma reação de surpresa: "Minha nossa! o cachorro está preso há três dias!";
✓ uma reação de dúvida ou perplexidade: "O cachorro está preso?! De onde você tirou essa idéia?";
✓ um desejo: "Tomara que o cachorro esteja preso [ou, a esta altura já terá atacado o carteiro]";
✓ uma ordem: "Prenda o cachorro [para que as visitas possam entrar]";
etc.

É possível realizar "a mesma ação" a propósito de diferentes conteúdos: assim, neste recado deixado por um diretor a sua secretária, antes de viajar, temos cinco ordens de conteúdos diferentes:

> "Dona Maria Cândida, durante minha ausência mande trocar as cortinas e providencie o conserto das tomadas; não deixe de abrir a correspondência e comunique aos clientes que estarei de volta no dia 27; fica por sua conta regar as plantas".

Atividades

- O ator russo Stanislawski, autor de um dos mais célebres métodos de formação de atores, mandava que seus alunos pronunciassem de várias maneiras uma mesma expressão (por exemplo, "esta noite"), sugerindo diferentes tipos de expectativas. Pede-se que você escolha uma frase simples (como "são três horas") e pense em maneiras diferentes de dizê-la, que deverão corresponder a ações diferentes visando o interlocutor (por exemplo: informar a hora a um desconhecido, dar a entender que o interlocutor está se atrasando para o serviço, dar a entender que é tempo de ambos saírem para tomar um café). Se necessário, insira essa fala numa pequena cena inventada. Organize-se com seus colegas para que algumas dessas cenas sejam representadas.

- As expressões "é liso que nem quiabo", "fica em cima do muro", "é do tipo que não se compromete", "não é a favor nem contra, nem muito pelo contrário" caracterizam a atitude de certas pessoas que evitam as tomadas de posição claras. Lembre-se de algum episódio em que algum conhecido agiu dessa forma. Transforme esse episódio em um breve diálogo, que você representará em seguida com seus colegas.

Exercícios

1. Junte um fragmento da primeira coluna e um fragmento da segunda, de modo que o todo faça sentido.

Julinho, vá à padaria e...
Digam o que vocês querem e...
O peixe não coube na geladeira de isopor...
Dei dinheiro...
Quando me perco no trânsito...
Não perca a calma...
Todos temem que a roupa não caiba...
Talvez eu possa fazer algo por você

...saiam imediatamente daqui.
...mas os objetos não dei.
...abro o mapa para orientar-me.
...venha tomar um copo de água.
...trouxe-o no porta-malas.
...se você me disser qual é o problema.
...na mala e que ninguém saiba fechá-la.
...traga oito pãezinhos.

2. Grife, as orações que fazem afirmações positivas a respeito de fatos. (Atenção: uma afirmação positiva pode ser verdadeira ou falsa; uma afirmação positiva pode adotar uma forma afirmativa ou negativa).

Brasília é a capital do Haiti.
Se a capital da Nicarágua for Quito, quero ser um mico de circo.
Brasília não é a capital do Brasil, nem nunca foi.
Talvez a capital do Haiti seja Tegucigalpa.
Se eu ganhasse a mega-sena!
Na Lua há um *self-service* onde a comida custa três reais o quilo.
Na Lua há água.
Nos satélites de Júpiter é possível que haja água.

3. Reflita sobre as orações grifadas.

a) Se a população brasileira encarasse o álcool como uma droga , uma parte do problema da alta criminalidade estaria automaticamente resolvida .
b) Os moradores do Recife têm permitido a construção de edifícios e estacionamentos em áreas de mangue. Se isso continuar, os recifenses terão uma péssima qualidade de vida, no futuro.
c) Uma pesquisa desenvolvida na Universidade Federal da Amazônia visou verificar se a caramboleira tem ação na redução da glicose. Em experimentos realizados com ratos, o extrato da planta reduziu até 50% o teor da glicose no sangue.
d) Algumas aplicações da chamada “visão computacional” já fazem parte do dia-a-dia , como é o caso da tomografia computadorizada. Não é difícil imaginar outras: uma delas é o acesso a dados de conta corrente por parte de um usuário localizado diante de um computador conectado à rede de um banco.

Decida se elas exprimem 1-uma constatação, 2-uma hipótese, 3-uma previsão não-condicionada ou 4-uma previsão condicionada.

4. A escola nos acostumou a pensar o imperativo como uma forma verbal que exprime ordem, mas é bastante comum que os imperativos realizem atos de fala de outro tipo. Analise os exemplos a seguir: 1) em que casos o imperativo exprime ordem? 2) qual é o sentido do imperativo, nos demais casos?

a) “Dai-me um ponto de apoio, e eu levantarei o mundo.” (Arquimedes, físico grego, 3° século a.C., a propósito dos recursos que a física coloca à disposição da humanidade.)

b) "Santificado seja o vosso nome. Venha a nós o vosso reino. Seja feita a vossa vontade, assim na terra como no céu. O pão nosso de cada dia nos daí hoje." (Oração do Pai Nosso, tal como consta no Evangelho de São Mateus.)
c) "Matem todos, Deus reconhecerá os dele." (Jean de Monfort, comandante da cruzada católica que destruiu a cidade de Albi e aniquilou a chamada heresia albigense, em resposta a um oficial que ponderou que na cidade havia também católicos ortodoxos.)
d) "Cesse tudo que a musa antiga canta." (Luiz de Camões, o poeta, no primeiro canto de Os Lusíadas.)
e) "Como é para o bem do povo, e a felicidade geral da nação, diga ao povo que fico" (Príncipe D. Pedro, no episódio que ficou conhecido como "Episódio do Fico").
f) "Quem for brasileiro que me siga." (Duque de Caxias, chamando a tropa para o combate, na Batalha de Humaitá.)
g) "Multiplicai a família e tereis a pátria." (Rui Barbosa, na Oração aos Moços.)
h) "Não nos dispersemos!" (Senador Teotônio Villela, diante dos primeiros sintomas de divergência entre os grupos que tinham conseguido a realização de eleições diretas, depois de duas décadas de ditadura militar.)

5. Qualquer fala pode assumir sentidos muito específicos, conforme as circunstâncias. Explique de que modo isso se aplica ao texto abaixo, extraído da seção "Contraponto", que o jornal *Folha de S. Paulo* dedica diariamente à crônica política:

Questão de tempo

Já quase no final do jantar de reconciliação que o PFL ofereceu anteontem a FHC, formou-se uma roda em torno do presidente. Ao comentar as rusgas do partido com o Planalto, Bernardo Cabral recorreu a uma piada.

Um casal tinha apenas um jegue para conduzi-lo até a cidade onde passaria sua lua-de-mel. Logo no início da viagem, o jegue mancou de uma pata. O marido advertiu o animal:

— Jegue, esta é a sua primeira mancada. Não faça isso de novo!

A viagem continuou e o jegue voltou a mancar. Levou uma surra. Na terceira vez, o marido pegou o revólver e o matou. A mulher protestou:

— Você é um bruto. Não deveria ter feito isso com o jegue.

O marido devolveu:

— Primeira mancada!

Em seguida, Cabral emendou:

— Resta saber de quem será a primeira mancada. Do PFL ou do governo?

6. Há ações que se realizam pelo simples fato de pronunciar certas palavras de uma certa maneira, em determinadas circunstâncias. Assim, por exemplo, a frase "Eu vos declaro marido e mulher", pronunciada por um juiz de paz, muda o estado civil dos noivos de solteiros para casados. Faça um levantamento das fórmulas que são habitualmente utilizadas:

✓ para fechar um negócio;
✓ para concluir uma ligação telefônica;
✓ para mostrar ao interlocutor que estamos de acordo com aquilo que ele disse;
✓ para convidar alguém para sair para jantar;
✓ para pedir alguém "em namoro";
✓ para nomear um funcionário para um determinado cargo;
✓ para espantar um animal: cachorro, gato, galinha...;
✓ para pedir um sanduíche e um refrigerante, na lanchonete;
✓ para pedir esmola.

7. Escolha uma destas frases:

"Eu te absolvo de teus pecados, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo."
"Condeno o réu a cinco anos de reclusão, nos termos da lei..."
"Defiro o pedido de inscrição na 3ª série do curso colegial do Sr. José da Silva."
"Edmundo, hoje você joga com a camisa 7, certo?"

A propósito da frase que você terá escolhido, explique em detalhes o que pretende quem pronuncia, e o que é necessário para que essa frase possa ser levada a sério, produzindo o efeito desejado.

8. Encarregado de escrever um breve texto, num cartão que deverá acompanhar um presente de casamento, você escreveu:

"Tomara que os noivos encontrem a felicidade."

Mas aí você relê o texto e se dá conta de que o texto não é muito bom. Para melhorar o cartão, você considera a possibilidade de usar outras fórmulas "optativas" em vez de: *tomara..., oxalá..., Deus queira que ..., que bom seria se ..., meus votos são de que..., os amigos .... fazem votos de que os noivos ..., desejamos aos noivos que ...* entre outras.

Comente por que você rejeitaria algumas e usaria outras.

9. Veja este texto:

> **Procuração**
>
> Pela presente procuração por mim feita e assinada, eu, abaixo-assinado, José de Tal, português com quarenta anos de idade, proprietário, morador na rua do Tal número tal, constituo meu procurador o senhor O. de B., a fim de receber os aluguéis das casas de minha propriedade, dar recibos, despejar inquilinos, proceder a consertos e por tudo responder como se fora eu próprio, podendo também subestabelecer, se convier.
> José de Tal

a) Procure explicar qual a função de uma procuração.
b) Explique, com suas próprias palavras, em que sentido uma procuração cria ou altera uma situação jurídica.
c) Copie a procuração acima, utilizando seu próprio nome e o nome de algum conhecido, em lugar de José de Tal e O. de B.
d) Procure, no texto da procuração, as palavras que indicam a ação que você realiza por meio dela.

10. Os trechos a seguir tratam dos *hackers* brasileiros e foram extraídos praticamente sem modificações de um longo artigo intitulado *"Internet:* A nova face da rebeldia*" (Época* 3.4.2000). Nesse artigo foi utilizado várias vezes um recurso que consiste em reproduzir textualmente as falas das personagens envolvidas, classificando-as logo em seguida através de um verbo (ver as passagens grifadas).

> Qual o pai ou mãe que não se sentem tranqüilos ao contemplar o filho num aposento qualquer da casa, "brincando" no teclado e na tela do computador, longe dos perigos das ruas? Pois esse tipo de cena pode ser o prólogo de complicações internacionais. Um balanço recente do site americano Attrition.org, especializado na divulgação de invasões pela Internet, demonstra que o Brasil lidera o setor, superando até os Estados Unidos. Sites como o da Nasa, da Otan e de subsidiárias da Microsoft, não oferecem resistência à primeira geração de *hackers* brasileiros.
>
> [Estes] são, numa descrição genérica, filhos das classes média e alta, cursam boas escolas e exibem traços de arrogância, típicos das camadas superiores da pirâmide econômica.

> São audaciosos. Em fevereiro, tiraram do ar o site da rede de televisão CNN, freqüentado diariamente por milhões de pessoas em todo o planeta. Fizeram o mesmo com o Yahoo, segundo portal mais visado da Web. “Eles se movem pelo desafio e pela busca de notoriedade”, sustenta o delegado Lima e Silva. “Para mim, é a versão contemporânea dos meninos que se sentiam felizes ao matar um passarinho com estilingue”. Os “meninos” de hoje apelam para outras analogias. “Quando arrombo um site, sinto a liberdade de quem salta de *bumgee-jump*”, compara H.R.B., do grupo Crime Boys.
>
> No quesito de notoriedade, o delegado acertou. “Ao selecionar as vítimas, damos preferência a empresas famosas”, reconhece Leitão, companheiro de H.R.B. [...] “Na mesma invasão eles mandam recados para namoradinhas e detonam o governo”, espanta-se Lima e Silva. [...]
>
> Há rivalidade entre os grupos. “Nós fazemos algo construtivo”, garante JZ, convencido de que tem um discurso político a defender. “O problema é que não consigo viver sem computador”, argumenta Sys Vinit. O rapaz, que jamais experimentou drogas, diz-se viciado em ataques. [...e] prefere as noites da sexta-feira. Por uma razão triunfalista. “Na segunda só vão falar nisso”, exulta. Nutre um sonho explosivo: imprimir sua marca no site da CIA. Não é à toa que investigações sigilosas do FBI e da Interpol aterrissam no país. Acostumados a agir fora do alcance das leis, *hackers* brasileiros se empertigam quando notam que há “tiras de fora” em seu encalço. Prometem ousadias maiores. E picham: “We are the world!”. O mundo é deles. Para quem não divisa fronteiras, não se orienta por fusos horários nem se constrange ao pilhar a privacidade alheia, o planeta até que ficou pequeno.

Considere cada um dos verbos que foram utilizados para caracterizar uma fala. Que informações ele traz sobre a fala a que se refere?

Comentários sobre um conteúdo (*Dictum* X *modus*)

Objetivo

Reconhecer e aplicar alguns dos recursos que a língua coloca à disposição dos falantes, para tomar posição em relação a algum conteúdo proposicional.

Caracterização geral

A linguagem corrente coloca à disposição do falante uma série de recursos destinados a precisar os limites dentro dos quais se compromete com uma determinada afirmação. O uso desses recursos representa sempre uma intervenção do falante a propósito do conteúdo de sua mensagem. Os lingüistas reúnem às vezes esses recursos de intervenção sob a denominação genérica de *modus*, e falam de “modalizações de uma afirmação”.

Material lingüístico

As maneiras de modalizar uma afirmação são numerosas:

✓ uso de advérbios que indicam graus diferentes de certeza: *indubitavelmente*, *possivelmente*, *talvez*...;

✓ uso de verbos regentes como *parece*, *consta*, que transferem a responsabilidade pela afirmação à sabedoria geral, descarregando a responsabilidade do falante;

✓ uso de verbos regentes como *acho que...*, *acredito que...*, t*enho certeza de que...*, *estou convencido de que...* expressando uma opinião ou um conhecimento seguro, uma certeza;

✓ uso de advérbios e outras expressões que circunscrevem a validade da afirmação a um determinado domínio: *tecnicamente*, *do ponto da astronomia moderna*, *popularmente*...

✓ uso de fórmulas que advertem para a inexatidão da maneira como o conteúdo será formulado: *de certo modo*, *por assim dizer*, *grosso modo*.

✓ uso dos tempos e modos verbais que graduam o compromisso assumido pelo falante: quando um jornalista diz que determinada personalidade estaria envolvida com o crime organizado, ele fala como quem *ouviu falar* do envolvimento dessa personalidade, mas não tem provas seguras desse envolvimento etc.

✓ uso de advérbios que qualificam a fala (não o conteúdo da fala): *francamente, para falar a verdade, se você quer mesmo saber...*

✓ outros (aspas, ...)

Atividade

Um meio de dar credibilidade a uma afirmação consiste em apoiá-la num "argumento de autoridade", isto é, em apresentá-la como uma conclusão alcançada por indivíduos ou grupos de pessoas de reconhecida competência no assunto (cientistas, técnicos, usuários experimentados e exigentes etc.). Localize cinco propagandas que recorram a argumentos de autoridade. A partir dessas propagandas, procure determinar quem são as "autoridades" em que nossa sociedade confia.

Exercícios

1. Explique o que aconteceria com o sentido dessas sentenças, se retirássemos delas as palavras grifadas:

a) Dizem que solucionar o problemas das enchentes é fácil: é fácil em termos.
b) Profissionalmente, minha mudança para a capital foi muito vantajosa; do ponto de vista da saúde, foi um fracasso.
c) Perante a opinião pública, a capoeira é fundamentalmente uma luta.
d) As fazendas da Província de São Paulo eram essencialmente plantações de café.
e) Eu até gosto da Luana Piovani.
f) Ele fez uma coisa que foi, de certa forma, uma maldade.
g) No entendimento do povo, roubo e furto são a mesma coisa; para os advogados trata-se de dois crimes de gravidade diferente
h) O carioca é tipicamente um festeiro.
i) Moralmente falando, ele está coberto de razão, mas pensando em termos políticos, jamais poderia ter feito o que fez.

2. Diga qual das duas afirmações é verdadeira:

a) Cientificamente, a baleia é um mamífero; popularmente, é um peixe;
b) Popularmente a baleia é um mamífero; cientificamente é um peixe;

c) Juridicamente, uma gravação não autorizada não vale como prova; moralmente sim;
d) Moralmente, uma gravação não autorizada não vale como prova; juridicamente, vale;

e) Teologicamente, os diabos são anjos; na devoção popular, não;
f) Na devoção popular, os diabos são anjos; teologicamente, não são;

g) Lingüisticamente, a Romênia pertence ao mundo romano; etnicamente, não;
h) Etnicamente, a Romênia pertence ao mundo romano; lingüisticamente, a Romênia não pertence ao mundo romano;

i) Legalmente, a tortura foi banida pela última constituição; na prática, a tortura não desapareceu com a última constituição;
j) Na prática, a tortura desapareceu com a última constituição; legalmente, a tortura não foi banida pela última constituição.

l) Oficialmente, a capital da Holanda é Haia; culturalmente é Amsterdam.
m)Culturalmente, a capital da Holanda e Haia; oficialmente, é Amsterdam.

3. Suponha que alguém foi arrolado como testemunha do atropelamento de uma criança e está informando a polícia a respeito do ocorrido. Qual ou quais dessas afirmativas comprometem mais a personagem identificada como “este moço”? (Ou, se você prefere, quais constituem verdadeiramente uma acusação?)

a) Este moço estava dirigindo o carro que atropelou a criança.
b) Acho que este moço estava dirigindo o carro que atropelou a criança.
c) Pode ser que este moço estivesse dirigindo o carro que atropelou a criança.
d) E se esse moço, por acaso, estava dirigindo o carro que atropelou a criança?
e) Vamos que este moço estivesse dirigindo o carro que atropelou a criança...
f) Positivamente, este moço estava dirigindo o carro que atropelou a criança.
g) Ouvi dizer que este moço estava dirigindo o carro que atropelou a criança.
h) Parece que este moço estava dirigindo o carro que atropelou a criança.
i) Não tem erro: quem estava na direção do carro era este moço.

4. Há um velho ditado segundo o qual o diplomata que diz **talvez** quer dizer **não**, e a mulher diz **talvez** quando quer dizer **sim**. Tente construir dois diálogos em que seja possível exemplificar os dois usos diferentes de **talvez**.

5. As formas que as pessoas do povo usam para indicar que uma afirmação merece sua adesão são numerosas e às vezes bastante engraçadas:

a) É batata.
b) É isso (d)aí.
c) Falou e disse!
d) Matou (a charada)!
e) Pode escrever.
f) Estou contigo e não abro.
g) Assino embaixo.
h) Você tirou as palavras da minha boca.
i) Só contaram para você!
j) Não dá outra!

Provavelmente, você já ouviu uma dessas fórmulas, ao final de uma tentativa de descrever uma situação mais ou menos complicada. Conte o episódio que se encerrou com a fórmula em questão.

6. No caderno “Mais!” do jornal *Folha de S. Paulo* de 14 de maio de 2000, o cirurgião plástico Oswaldo Pigossi Jr. respondeu como segue à pergunta: “Quem dita hoje o padrão de beleza?”

> Infelizmente, hoje o padrão de beleza é estabelecido pelas artistas da televisão, mas sem nenhum bom-senso. Assim, apesar de o resultado estético da “Feiticeira”, pelos padrões médicos, não ser o ideal, é exatamente esse que a maioria das mulheres cita como exemplo e também busca como seu próprio padrão, sem lembrar que cada um tem sua própria característica de distribuição de tecidos e volumes pelo corpo. Desse modo, uma prótese mamária de cerca de 250 ml em uma pessoa com 1,50 m nem sempre pode dar um resultado bonito; mas a fulana da televisão, que foi ao programa do Gugu, tem, e então é essa que ela vai querer. Ainda por cima, temos uma crescente comercialização da atividade médica ligada à área de estética, que facilita muito a ocorrência desses problemas.

A resposta começa o advérbio “infelizmente”, e prossegue com uma série de comentários sobre o padrão de beleza vigente. Mostre que os comentários são coerentes com a avaliação dos fatos expressa pelo advérbio “infelizmente”.

7. A seção “São Paulo Reclama” do jornal *O Estado de S. Paulo* trazia, numa de suas edições de março de 2000, estas duas cartas:

Sabesp responde

A respeito de reclamação do sr. Roberto de Barros Brisolla (carta nº 11.374, *Nossa incrível Sabesp* de 7/2), sobre pedido de desobstrução da rede de esgotos localizada na Rua Dr. Jesuíno Maciel, 1677, esclarecemos que estivemos no local no dia 8/2 e fizemos a limpeza da rede coletora. O encarregado dos serviços conversou com o cliente, que considerou a questão resolvida. Esclarecemos que a má utilização da rede de esgotos é a principal causa de obstruções e danos à tubulação. Por isso, não devem ser jogados no vaso sanitário e na pia da cozinha absorventes higiênicos, fraldas, pontas de cigarro, pó de café, restos de comida, cascas de fruta, óleo ou outros detritos. É importante esclarecer que os ralos do lado de fora da casa não podem ser ligados à rede de esgoto. Se isso acontecer, corre-se o risco de que o esgoto volte, pelos ralos e pias, para dentro das casas. **Pedro Luís Ibrahin Hallack, superintendente da Unidade de Negócios do Sul**.

O leitor comenta

Continuo aguardando a visita de um enge-nheiro hidráulico da Sabesp para solução definitiva. Cinicamente, a Sabesp diz que o “encarregado conversou com o cliente, que considerou a questão resolvida”. Não é verdade, o encarregado disse (o que eu já sabia) que sempre que chover forte terei esse problema, pois a rede não comporta o esgoto da rua e não tem caída (e a culpa é minha?). Aliás, com as recentes chuvas, o esgoto jorrou da minha caixa de inspeção feito chafariz. Que a Sabesp saiba que os ralos de fora da minha casa não estão ligados à rede de esgoto, mas à rede de águas pluviais. A Sabesp ignorou minhas perguntas e, ao que parece, mandou resposta-padrão, alterando apenas nome, endereço e data. **Roberto Barros Brisolla – Campo Belo**.

Cada uma das expressões grifadas introduz um elemento de modalização a respeito de um certo conteúdo. Verifique, para cada caso, que conteúdo foi modalizado, e mostre que as modalizaçõs usadas pelo usuário foram utilizadas para dar a entender que a carta da Sabesp não foi ... **esclarecedora**.

8. Vários estudos têm mostrado que a primeira parte de um enunciado costuma ser dedicada a expressões que não formulam um conteúdo, mas tem um importante papel de orientação sobre o “modo de processar” o que segue. Entre as expressões que podemos encontrar no início de um enunciado estão as seguintes:

Mudando de pato para ganso,...
E por falar em...,

Cá entre nós,...
Francamente,...
Com perdão da palavra,...
Não querendo interromper...
Se me permite(m)...
Mudando de assunto...
Sem querer ofender...

Essas expressões desempenham nos textos uma de três funções:
✓ controlar a continuidade do assunto;
✓ antecipar reações indesejáveis por parte do interlocutor;
✓ dar à comunicação em curso um caráter mais ou menos reservado ou confidencial.

Classifique as expressões acima numa dessas três classes; se possível descubra outras expressões que desempenham as mesmas funções.

9. Não é raro encontrar nos jornais "artigos" que procuram dar conta de um determinado assunto alinhavando depoimentos de "personalidades" mais ou menos conhecidas. Em sua opinião, essa é uma boa forma de construir textos que defendem um ponto de vista? Responda depois de examinar a "artigos" que segue, que é desse tipo.

RECRUTAMENTO

Forma tradicional ainda tem espaço

DA REPORTAGEM LOCAL

O candidato "não informatizado", que ainda bate perna todo dia em busca de emprego, sai em desvantagem, mas o grau das barreiras depende da vaga e do lugar.

Segundo José Pastore, professor de relações do trabalho da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da USP, nas cidades menores, as formas tradicionais de recrutamento, com tabuletas na porta e anúncios em jornais locais, devem permanecer.

"Outro expediente, também muito eficiente, é o boca-a-boca, utilizado sobretudo para recrutar prestadores de serviços como empregadas domésticas, professores particulares de idiomas, enfermeiros para atendimento particular a idosos, antenistas, eletricistas e encanadores", diz Pastore.

Para o consultor Jorge Gounares, da Bright Link, a impossibilidade de usar a Internet não pode ser uma desmotivação. "O e-mail agiliza mas ainda não substitui o fax, o correio e a entrega pessoal”.

Ir às empresas com o currículo embaixo do braço pode até ser um ponto positivo, segundo o consultor Marcos Possari, da Prime Perfil Profissional.

“A Internet virou uma importante fer-ramenta para a seleção, mas quem vai pessoalmente valoriza-se pela iniciativa, e as empresas sempre necessitam em todos os níveis de pessoal”, avalia.

Na opinião do consultor, a realidade das empresas brasileiras no que se refere à Internet não está tão avançada assim, sobretudo entre as que mais contratam no Brasil, como as de pequeno e médio porte. “Se houver pressa em contratar, muitas ainda recorrem ao velho e bom arquivo”.

(*Folha de S. Paulo*, 14/5/2000)

10. Discussão: Para qualificar uma fala como mentira, não basta que seu conteúdo seja infiel aos fatos. Se assim fosse, todos os grandes ficcionistas e todos os grandes teatrólogos seriam, antes de tudo, grandes mentirosos. O que é preciso, para mentir, além de contar coisas que não coincidem com os fatos?

Conotações

Objetivo

Mostrar que o uso de determinadas palavras e expressões, além de descrever as realidades de que se fala, cria uma representação do falante, do ouvinte e da interação verbal, que pode ser mais ou menos adequada ao momento.

Caracterização geral

A conotação é o efeito de sentido pelo qual a escolha de uma determinada palavra ou expressão dá informações sobre o falante, sobre a maneira como ele representa o ouvinte, o assunto e os propósitos da fala em que ambos estão engajados etc. A conotação opõe-se à denotação, que é o efeito de sentido pelo qual as palavras falam "neutramente" do mundo. A título de exemplo, imaginemos este diálogo, que poderia ser ouvido numa Br sobre um carro que ficou amassado depois de uma batida e que precisará ser consertado:

A A *lanternagem vai cust*ar no mínimo dois mil reais!
B É verdade, a funilaria vai sair cara!

Nesse diálogo, as palavras *funilaria* e *lanternagem* referem-se "objetivamente" ao mesmo conserto (que consiste em

✓ desamassar a chapa de metal que forma a carroceria com algum instrumento;
✓ corrigir com massa as pequenas irregularidades que restarem;
✓ lixar e pintar.

Mas além disso, o uso dessas duas palavras fornece pistas sobre a procedência dos falantes. **A** e **B** poderiam ser, respectivamente, um carioca e um paulista, mas não vice-versa.

Material lingüístico

Os dois efeitos de sentido da conotação e denotação estão presentes em diferentes medidas em qualquer ato de fala e não é sempre fácil dizer onde termina um e onde começa outro.

As conotações relativas ao falante dizem respeito, mais geralmente:
✓ à faixa etária;
✓ à profissão;
✓ às condições sociais;
✓ à procedência geográfica.

A maneira como representamos o interlocutor ou o assunto leva à escolha:
✓ de diferentes pronome e expressões de tratamento;
✓ de expressões que indicam proximidade (camaradagem, amizade etc.) ou distância (formalidade, frieza etc.);
✓ de diferentes gêneros de fala e escrita (ofício X bilhete);
✓ de diferentes níveis de língua (linguagem literária, linguagem padrão, linguagem familiar, jargão próprio de uma profissão ou atividade, gíria etc.).

Atividade

O sotaque é uma característica da fala que tem forte poder conotativo. Com um pouco de experiência, é possível reconhecer a partir de algumas poucas frases se a pessoa com quem estamos falando e da qual nada sabemos, é carioca, gaúcha, baiana, catarinense, ou do interior de São Paulo. Imagine um pequeno diálogo entre dois brasileiros originários de regiões diferentes. Esse diálogo precisará ser encenado, de modo que apareçam as diferenças de sotaque. Lembre-se de que nenhum sotaque é melhor do que outro, portanto tente evitar fazer desse diálogo um motivo para discriminação.

Exercícios

1. As palavras abaixo foram reunidas em pares. Provavelmente uma das duas formas de cada par tem uso corrente em sua região. Aponte essa palavra, que soa familiar a você e confira em seguida seus resultados com o resto da classe. Se você conhece as duas palavras, mas com sentidos diferentes, explique.

— abichornado/aborrecido
— aguada/lagoa rasa
— arribar/subir
— aratu/caranguejo
— bengala/cacetinho (tipos de pão)
— boi ralado/carne moída
— bolinho barrigudo/bolinho de chuva

— bombeiro/encanador
— borralho/cinza quente,
— bisnaga/cacete (tipo de pão)
— carne de máquina/carne moída
— coxilha/pastagem
— farpinha/palito
— guri, guria/menino, menina
— lapiseira/apontador
— mangue/terreno pantanoso
— micuim/terçol
— monturo/aterro de lixo
— munguzá/canjicada
— pebolim/totó
— pingado/café com leite
— pipa/papagaio
— pôr/botar
— quitanda/mercearia (pequeno comércio de frutas e verduras)
— roleta/catraca
— tareco/broa de amendoim
— tiborna/angu
— venda/negócio

2. Os nomes das variedades de frutas e verduras apresentam, pelo Brasil afora, uma grande variação regional. Às vezes a diferença de nomes não tem razão aparente; outras vezes ela corresponde a uma diferença de variedades das frutas e verduras. Considere estes nomes e responda: quais você conhece? quais correspondem a variedades diferentes, segundo os usos de sua região?

— batata-salsa/batata-baroa
— laranja da ilha/laranja-lima
— couve-chinesa/acelga
— limão-cravo/limão capeta
— banana, caturra/banana-nanica
— abóbora/jerimum[1]
— carranca/limão de fazer doce

3. Na década de 1960, liderado pelo cantor Roberto Carlos então jovem, o movimento musical Jovem Guarda, por meio da televisão, popularizou uma série de gírias que hoje, em sua grande maioria, estão em desuso. Fale com alguém da geração de Roberto Carlos. Procure saber o que significavam as gírias:

---

[1] Trabalho de Luciene Conde B. Silva, Teresa Cristina Dominguete Carvalho, Camila Isa A. Silva Barbosa. (Varginha, 1998).

É uma brasa, mora!
Morou?
Pode vir quente que eu estou fervendo...
Papo firme.
Bicho!

4. Muitas gírias que já tiveram grande circulação no Brasil são hoje pouco conhecidas entre as gerações mais novas, e, quando usadas, conotam velhice. Procure alguém que conhece uma ou mais destas gírias:

Xpto (bonito, legal)
Marca barbante, petebê (ruim, de má qualidade)
Fogo na roupa (levado)
Pão (rapaz bonito)
Xuxu (moça bonita, boazuda)
Babado (problema)
Bokomoco, Pedrobó (bobo)

5. Ter conotações não é uma propriedade apenas das palavras. A roupa que vestimos, as comidas que comemos, os adereços que usamos além de terem uma função “objetiva” (proteger do sol e do frio, alimentar etc.) podem dizer quem somos, ou como queremos ser vistos. Pense na seguinte situação: numa grande metrópole da região centro-sul (São Paulo, Rio de Janeiro) dois amigos que provêm do mesmo estado resolvem matar as saudades da terra natal. Que comida combinaria melhor com uma conversa sobre a terra natal, no caso de os dois amigos serem:

a) acreanos;
b) pernambucanos;
c) mineiros;
d) gaúchos;
e) goianos;
f) baianos.

6. Um campo rico em conotações é o do vestuário e da moda e dos adereços. Pense no que são e no que conotam estes modelos de roupa e adereços:

a) manga de camisa;
b) calça pescador;
c) vestido alegre;
d) sapato plataforma;
e) meia arrastão;

f) coração de prata;
g) relógio cebolão;
h) sandália havaiana.

7. São muitas, em nossa língua, as maneiras de chamar a atenção de um desconhecido e iniciar uma conversa. Do ponto de vista das conotações, essas maneiras não se equivalem. Procure dizer em que situações seriam adequadas estas fórmulas:

— Ó meu!
— Ó, cara!
— Meu senhor, senhor.
— Ei, você aí!
— Psiu!
— Oi, véi!
— Tchê!
— Ô tio!

8. Escrito há mais de cinqüenta anos, *O secretário moderno* de J. Queiroz (Edições do Povo, 1948) propunha, entre outros, o seguinte modelo de redação para uma carta de amor:

> Rio de Janeiro, 28 de maio de 1948
> Exma Sr.a Margarida e B.
>
> Saúdo-vos afetuosa e respeitosamente.
>
> Rogo-vos ao lerdes esta carta perdoar minha ousadia, pois fatigado de guardar comigo o segredo do meu coração traindo-me embora a cada momento, venho oferecer-vos o que de mais puro tenho na alma: o meu amor. Ambos moços, ambos pobres, eu muito mais pobre do que vós, pois suplico a esmola do vosso olhar e do vosso perdão e vós bem mais rica pela beleza e pelos dotes da alma, poderíamos, se assim o quisésseis, ser um dia felizes à face de Deus e da sociedade.
>
> Ponho nas vossas delicadas mãos, que respeitosamente beijo, todo o meu futuro.
>
> Rogando-vos que respondais, tenho a honra de ser
>
> Admirador e apaixonado escravo
> F. de B.

Que tipo de representação da destinatária constrói essa carta? Como soaria, se fosse mandada hoje?

9. A palavra "cantada" é definida pelo dicionário como "conversa cheia de lábia com que se tenta seduzir alguém, visando objetivos libidinosos ou ilícitos", mas é provável que, para muitos jovens, "cantada" indique apenas a ação de puxar conversa com alguém do outro sexo. É possível "cantar" alguém com mais ou menos classe. Dê um exemplo de uma péssima cantada, e de uma cantada de classe. Compare sua resposta com as de seus colegas.

10. Faça um balanço dos pronomes e expressões de tratamento (tu, você, o senhor, a senhora) que se usam em seu ambiente familiar, aí incluídos os empregados, parentes e fornecedores. Discuta em seguida: **você** indica sempre familiaridade e informalidade? **O senhor** indica sempre respeito?

11. O texto "O FMI vem aí, viva o FMI", do articulista Luís Nassif, publicado na revista *Ícaro*, está redigido no português culto caraterístico do jornalismo, e contém, inclusive, um bom número de expressões típicas da linguagem dos economistas, como "desequilíbrio conjuntural", *"royalties"*, "produtos primários, "política cambial". No entanto, contém também termos ou expressões informais, como na seguinte frase: "Há um ou outro caso de mudanças estruturais no mundo que deixa os países com a broxa na mão".

Leia o trecho abaixo, que é parte do mesmo artigo, e responda às questões:

> Países já chegam ao FMI com todos esses impasses, denotando a incapacidade de suas elites de chegarem a fórmulas consensuais para enfrentar a crise – mesmo porque essas fórmulas implicam prejuízos aos interesses de alguns grupos poderosos. Aí a burocracia do FMI deita e rola. Há, em geral, economistas especializados em determinadas regiões do globo. Mas, na maioria das vezes, as fórmulas aplicadas aos países são homogêneas, burocráticas, de quem está por cima da carne-seca e não quer saber de limitações de ordem social ou política (...). Sem os recursos adicionais do fundo, a travessia de 1999 seria um inferno, com as reservas cambiais se esvaindo e o país sendo obrigado ou a fechar sua economia ou a entrar em parafuso. O desafio maior será produzir um acordo que obrigue, sim, o governo e o congresso a acelerarem as reformas essenciais.
>
> (*Ícaro*, 170, out. 1998)

a) Transcreva outras três expressões do trecho que tenham a mesma característica de informalidade.
b) Substitua as referidas expressões por outras, típicas da linguagem formal.

Conteúdo descritivo demais e de menos

Objetivo

Assinalar que podemos usar a linguagem para obter mensagens mais ou menos exatas, e que a exatidão é uma qualidade em determinadas circunstâncias, e um defeito em outras.

Caracterização geral

Quando alguém chega da rua e diz:

—“Hoje vi uma pessoa ser atropelada na esquina.”

Não ficamos sabendo quase nada a respeito de quem era/como era a vítima: a frase nos diz, no máximo, que se tratava de um ser humano. Ao contrário, uma frase como:

— “Hoje vi um entregador de pizza, moço, magro e moreno ser atropelado na esquina.”

Seria bem mais informativa a respeito da vítima do atropelamento porque nos forneceria indicações sobre sua profissão e algumas de suas características físicas.

Note que se está falando nos dois casos do mesmo atropelamento, as descrições é que são mais ou menos minuciosas. A linguagem tem a característica notável de poder falar dos mesmos fatos fornecendo mais ou menos informações, mais ou menos detalhes. Nesse sentido, o trabalho com a linguagem é comparável ao do fotógrafo que usa filmes de diferentes sensibilidades, ao do ilustrador que pode usar um número maior ou menor de cores etc.

Material lingüístico

Existem na língua expressões que são adequadas para uma formulação vaga dos fatos que se quer narrar ou descrever, mas que devem ser evitadas quando se pretende uma formulação mais exata: trata-se por exemplo de:

✓ nomes para pessoas: cara (careta, carinha), fulano, sujeito, nego, camarada, cabra...;

✓ coletivos para pessoas: a turma, a gente, a macacada, a moçada, o pessoal, o povo...;

✓ nomes de coisas: coisa, negócio, treco, troço, trem, breguete, breguesto...;

✓ nomes para circunstâncias: lugar, hora, jeito...;

✓ verbos: fazer, coisar, mexer, lidar...;

✓ a preocupação em insistir nos detalhes não é necessariamente uma virtude dos textos. O que conta é ser capaz de perceber quando os detalhes são relevantes, e saber fornecê-los na medida adequada.

✓ Nem sempre a escolha de construções mais curtas/menos complicadas prejudica a clareza; ao contrário, evitando a subordinação e aplicando certas operações de elipse que retiram materiais facilmente recuperáveis, tornamos mais fácil o processamento de nosso texto:

✓ Parece que o rapaz entende de computador → o rapaz parece entender de computador.

✓ Pedro assistiu ao filme e eu assisti à peça → Pedro assistiu ao filme e eu à peça.

✓ Os pescadores vendem os peixes maiores e usam os peixes menores como isca → Os pescadores vendem os peixes maiores e usam os menores como isca.

✓ José foi à missa e o irmão foi à missa → José e o irmão foram à missa.

Atividades

- Personagens como o "Doutor Explicadinho" da Praça da Alegria infelizmente existem. Com seus companheiros de equipe, redija um pequeno esquete em que contracenem um "doutor explicadinho" e uma personagem impaciente, ou que tem que resolver urgentemente algum problema. Faz parte da atividade:
  a) representar o esquete, comparar com os resultados obtidos pelas outras equipes;
  b) refletir sobre as razões que tornam antipático esse tipo de personagem.
- Uma máxima que vem ao caso lembrar sempre que cruzamos com algum "doutor explicadinho" é que "para bom entendedor, meia palavra basta". Tente lembrar-se de algum caso em que alguém ouviu um conselho adequado no momento certo e fez bom proveito de "meia palavra".

Exercícios

1. Leia a anedota a seguir e responda às perguntas:

> **Agradecendo a Deus.**
>
> Turista viaja para um safári na África.
> Durante a excursão na savana, se perde e acaba frente a frente com um leão feroz. Ao vê-lo avançando em sua direção, pede a Deus que um espírito cristão tome posse daquele leão.
> Nisto, ouve-se um trovão, seguido de um grande clarão no céu. O leão ajoelha-se diante do assustado turista e começa a rezar, dizendo:
> — Obrigado senhor, por mais essa refeição!
>
> (*Piadas e pára-choques nº 1 – As 200 melhores piadas de pára-choques e charges publicadas na RDE – Revista das Estradas*)

a) O que esperava o caçador, quando fez sua prece?
b) Ele foi atendido?
c) Por que se pode dizer que o caçador é o principal culpado por virar comida de leão selvagem?

2. Descubra dez maneiras como se pode estragar alguma coisa (por exemplo: pode-se estragar uma roupa rasgando-a ou manchando-a; pode-se estragar um vaso quebrando-o etc.). A propósito de um desses "estragos", conte uma história que você viveu ou presenciou.

3. O *Manual de Redação* de *O Estado de S. Paulo* define "nariz-de-cera" como uma "introdução vaga e desnecessária, que toda notícia dispensa". Um exemplo de nariz-de-cera seria, segundo o manual, a primeira parte desta notícia:

> São muitos os problemas do trânsito em São Paulo. Alguns deles arrastam-se por anos e anos, sem que ninguém tente resolvê-los. Um exemplo desse descaso das autoridades é o estacionamento sobre as calçadas. Mais uma vez, porém, a prefeitura promete tomar medidas para que os abusos não se repitam.
> A partir de hoje, quem estacionar o carro sobre a calçada pagará X mil cruzeiros de multa. E a prefeitura promete ser rigorosa na fiscalização.

Começar uma notícia com um nariz-de-cera é uma prática que o bom jornalismo evita, mas que não é de todo rara. Procure nos jornais ou periódicos a que você tem acesso um texto que começa com um nariz-de-cera. Discuta-o com seus colegas o que o levou a pensar que a primeira parte desse texto é "desnecessária e dispensável".

4. Fazer a sinopse dos jornais do dia é um trabalho que algumas pessoas realizam profissionalmente, em vários tipos de empresas. Suponha que você é um

desses profissionais, e que lhe cabe reduzir a notícia que segue a um máximo de dez linhas, evitando perdas de informação. Ponha as mãos à obra, depois de ler atentamente o texto abaixo, verificando que certas informações foram repetidas várias vezes, e que certas falas apenas duplicam informações prestadas nas passagens narrativas.

Fiscais cometem infrações graves e põem vidas em risco

‘Estado’ acompanhou blitz com várias manobras proibidas pelo Código de Trânsito

UILSON PAIVA

Em nome da apreensão de perueiros clandestinos, fiscais da São Paulo Transporte (SPTrans) e da Guarda Civil Metropolitana (GCM) estão arriscando a vida de pedestres, motoristas, passageiros, e cometendo uma sucessão de delitos gravíssimos de trânsito, segundo o Código de Trânsito Brasileiro.

Apenas na blitz da manhã de ontem, acompanhada pelo Estado, os motoristas da Prefeitura cometeram sucessivamente infrações que ultrapassam em muito o teto de 20 pontos previstos para suspensão do direito de dirigir.

Entre outras infrações, os fiscais cruzaram repetidas vezes o sinal vermelho (7 pontos), trafegaram pela contramão em vias de sentido único (7 pontos), bloquearam a via com veículo (7 pontos), dirigiram ameaçando outros veículos (7 pontos) e pararam os veículos sobre canteiros centrais e divisores de pista (3 pontos).

Esse tipo de conduta, segundo o Comando de Policiamento de Trânsito (CPTran), só seria permitido a veículos de resgate, bombeiros e polícia – mesmo assim, em situações de emergência. “Nem em fiscalização de trânsito se pode fazer isso”, disse o tenente Jean Carlos Pereira, relações públicas do CPTran.

Nem a GCM nem a SPTrans são fiscais de trânsito. À GCM compete zelar pelo patrimônio público e até pela segurança dos fiscais da prefeitura, quando ameaçados. Já a SPTrans deve fiscalizar as condições de ônibus, lotações e peruas. Nenhuma tem poder de polícia. E uma fiscalização de perueiros não é uma situação de emergência.

“Os fiscais estão sujeitos às mesmas multas que um cidadão comum” observou o tenente. O CPTran não informou o número de autos de infração expedidos contra veículos da SPTrans e da GCM.

> Todas as infrações foram cometidas em manobras para perseguir e cercar perueiros clandestinos. Esse tipo de procedimento foi avaliado pelo Ministério Público como de alto risco para os passageiros das lotações.
> Anteontem, o promotor Carlos Cardoso, assessor de Direitos Humanos da Procuradoria Geral de Justiça, afirmou que estudava uma ação judicial para impedir as perseguições feitas perigosamente nas blitze da Prefeitura. “Informações sugerem que os acidentes com perueiros foram causados por ações atabalhoadas de fiscais da prefeitura”, disse. Ontem, a possível ação judicial transformou-se em solicitação à Prefeitura para que mude o modo de ação [...].

(*O Estado de S. Paulo*, fevereiro de 2000.)

5. No tempo em que o principal meio de comunicação à distância era o telégrafo, as mensagens eram cobradas com base no número de letras que continham. Um dos méritos de quem redigia os telegramas consistia, então, em escrever textos breves e concisos, sem perda de informação. Veja esta carta (extraída de O *secretário moderno* de J. Queiroz):

> Pelotas, 05 de maio de 1948
> Ilmos. Srs. Chaves & C.
> Rio.
>
> Temos a honra de vos solicitar com urgência a remessa das sementes de hortaliças, cuja relação mandamos em data de 30 do passado e que deve estar em vosso poder.
> É favor mandar-nos catálogos de sementes e flores e preços correntes com os descontos que fazem em grandes compras, assim como as novidades que tiverem aparecido no gênero.
>
> Maciel Ribeiro & Cia.

Imagine que você está em 1948 e que você trabalha para a companhia do Sr. Maciel Ribeiro. Transforme a carta em um telegrama de, no máximo, vinte palavras. Lembre que, na redação de telegramas, certas palavras (como as preposições e as conjunções) podem ser dispensadas quando se imagina que o destinatário será capaz de adivinhá-las pelo contexto).

6. Provavelmente você já viu um destes filmes: *Love Story*, *Os Intocáveis* ou a continuação de *O parque dos dinossauros*. Esses filmes foram exibidos pela em-

presa de televisão a cabo Net durante o mês de novembro de 1999, e o Guia de Programação da empresa dava para esses filmes as seguintes sinópses:

> **Love Story,** uma história de amor (Love Story) US-1970 + Artur Hiller I Ryan O'Neill, Ali Mac Graw, Ray Mlland.
> Romance.101'. C. Adaptado da obra de Eric Segal, o filme conta a história de dois jovens que se encontram, se casam e descobrem que ela morrerá em breve. **TC3 – Qui 11-14:40 (L). Sex. 12 – 01:00 (L) Tema Adulto.**
>
> **Intocáveis, Os** (The Untouchables) US-1987 - Brian de Palma I Kevin Costner, Sean Connery, Robert de Niro, Andy Garcia. **Ação .119'**. C. O diretor Brian de Palma recriou a Chicago na época da Lei Seca e conta a ação de Elliot Ness (Costner) para capturar Al Capone (De Niro em papel perfeito). **TC2 – Sab. 13 – 19:10 (L). Dom. 14 – 06:00 (L) Violência.**
>
> **Mundo Perdido – Jurassic Park, O** (The Lost World, Jurassic Park) US-1997– Steven Spielberg I Jeff Goldblum, Julianne Moore, Peter Postlethwaite. **Aventura** .134'. C. Nesta continuação de O parque dos Dinossauros, o cientista Ian Malcolm e sua namorada paleontóloga participam de uma expedição a uma ilha na Costa Rica onde ainda há dinossauros, e tentam evitar que o dono de um zoológico leve uma das criaturas. **TC1 – Dom. 14 – 23:00 (L). Seg. 15 – 10:50 (L) Sem Restrição.**

a) Se você assistiu a algum dos filmes em questão, é possível que se lembre de fatos que estão no filme mas não estão na sinopse. Conte um desses fatos.
b) O autor das sinopses estragaria o prazer do telespectador se contasse como termina o filme. Mostre que os textos das sinopses falam de possíveis desfechos, sem contudo dizer se eles acontecem.
c) Você acha que essas sinopses cumprem a função de orientar o telespectador na decisão de assistir ao filme ou não? Por quê?

7. "Pleonasmo" é o nome que os gramáticos dão às construções em que uma informação é reiterada de maneira redundante e inútil. Veja o que diz dos pleonasmos o gramático Júlio Nogueira:

> Nas classes mais ignorantes, encontramos: subir para cima, descer para baixo, sonhar um sonho etc. O caipira não se contenta em dizer: saiu correndo ou a correr: dirá – correndo na carreira. No entanto ele ri do homem da cidade quando diz que o seu cavalo tem uma estrela na testa, porque, na linguagem sertaneja só se diz estrela, em relação a uma mancha branca no pelo, quando localizada na testa do animal.
>
> O desconhecimento ou esquecimento da estrutura dos vocábulos é muitas vezes causa de se cometerem certos pleonasmos que já não chamam a atenção dos mais exigentes censores. Tais sejam: bela caligrafia, boa ortografia, abismo sem fundo, jornal diário etc.

> Certo indivíduo dizia em uma ocasião que desprezava as cartas anônimas: só o que o irritava era o fato de não serem assinadas. Para este, carta anônima já equivalia a carta injuriosa.
>
> Outros supõem que autógrafo é apenas um pensamento, uma impressão escrita de alguém que seja eminente na política, nas armas, nas artes etc. Assim eles declaram, cheios de orgulho, que os autógrafos do seu álbum foram escritos de próprio punho de tais celebridades. Uns se queixam de cálculos hepáticos no fígado; outros de nefrite nos rins e até há quem seja sujeito a hemorragia de sangue...
>
> (*A linguagem usual e a composição*, p. 212)

De todos os casos classificados como pleonasmos por Júlio Nogueira, quais lhe parecem realmente condenáveis? Por quê?

8. Nos países mais adiantados, entende-se que o consumidor tem o direito de receber informações confiáveis e exatas sobre os produtos que consome. Recentemente, o equivalente norte-americano do nosso Ministério da Agricultura, o Food and Drugs Administration (FDA), decidiu estabelecer um controle mais rígido sobre as informações fornecidas nas embalagens dos suplementos alimentares (as vitaminas). Essa intervenção foi assim relatada no jornal *O Estado de S. Paulo*:

(...) sob novas diretrizes que entraram em efeito este mês, a FDA diz que um suplemento que promete restaurar a “potência” sugere o tratamento de uma doença (a impotência sexual) e, portanto, precisa passar por um rigoroso processo com a agência, o mesmo procedimento exigido para medicamentos com receita médica. No entanto, o outro rótulo não se propõe a curar um mal específico, e portanto não precisa passar pelo longo escrutínio da FDA.

As novas regras têm como objetivo diminuir a confusão no mercado de suplementos, que desde 1994 vem sendo cada vez mais agressivo na hora de fazer suas promessas. Naquele ano o Congresso deu aos fabricantes de vitaminas permissão para divulgar os benefícios de seus produtos, desde que não prometessem curar doenças. Desde então, a FDA vem tentando refinar sua distinção entre as promessas dos rótulos.

Diferenças sutis

A FDA tentou distinguir as promessas ligadas a estruturas e funções do organismo, que não precisam sofrer uma revisão formal da agência, de promessas relacionadas a doenças, que precisam. A linha divisória é tênue:

PROMESSAS ACEITÁVEIS SOBRE ESTRUTURAS E FUNÇÕES:	PROMESSAS INACEITÁVEIS RELACIONADAS A DOENÇAS:
Mantém saudáveis as funções pulmonares	Mantém saudáveis os pulmões dos fumantes
Desperta ou aumenta o desejo e melhora o desempenho sexual	Ajuda a restaurar vigor, potência e desempenho sexual
Ajuda a manter níveis de colesterol que já estão dentro do normal	Reduz o colesterol
Fortalece o sistema imunológico	Fortalece o aparelho antivírus do corpo
Alivia a ausência esporádica de sono	Ajuda a diminuir a dificuldade para dormir
Resolve a irritabilidade que acaba com o seu dia” ou a “irritabilidade nervosa	Alivia dor de cabeça causada por tensão nervosa
Ajuda a fortalecer as funções das juntas e cartilagens	Alivia dores nas juntas

a) Você vê diferenças entre as promessas aceitáveis e as inaceitáveis?
b) Você acha que também no Brasil deveria haver algum tipo de controle sobre a propaganda? Por quê?

9. Muita fala com pouca informação é uma das características da maioria dos programas televisivos, que são altamente previsíveis porque, na prática, não trazem nenhuma informação inesperada. Entre as mensagens televisivas campeãs da baixa informatividade estão certos tipos de entrevista, nos quais os entrevistados respondem, invariavelmente as mesmas coisas. Veja como o humorista José Simão (o Macaco Simão do jornal *Folha de S. Paulo*) descreve as entrevistas que a televisão põe no ar a partir dos bailes de carnaval:

> E os bailes? O piranhódromo do salão! Aquele barulho ensurdecedor e os caras insistem em fazer entrevista. O Baile dos Surdos. O BAILE DO HEIN?!!!!"De onde você vem?" "Hein?" "DE ONDE VOCÊ VEM?" "Cuiabá!" "O que você tá achando do baile?" "HEIN?" "O QUE VOCÊ ESTÁ ACHANDO DO BAILE?" "Mááá-ra-vi-lhoso!" "E o que você faz?" "HEEEEIN?" "O QUE VOCÊ FAZ?" "Sou modelo. Mo-de-lo." Isso o ano passado. Agora todas fazem publicidade e marketing! "O que você faz?" "Hein?" "O QUE VOCÊ FAZ?" "PUBLICIDADE E MARKETING" "ENTÃO DÁ UMA REBOLADINHA PRA GENTE VER." E o liquidificador começa a bater a vitamina de banana!
>
> ("Virei ombudsman de genitália", 5/3/2000.)

Imagine com seus colegas uma entrevista televisiva, dessas em que não se informa nada. Sugestões:
a) esportistas profissionais que explicam as razões da derrota ou da vitória de seu time ao repórter de campo;
b) políticos no exercício de algum cargo administrativo que prometem rigor na apuração de alguma irregularidade etc.

10. Nas expressões que seguem há redundância: explique por quê:
✓ Senado Federal,
✓ Câmara Municipal de São Paulo,
✓ Região Nordeste,
✓ Erário público,
✓ Monopólio exclusivo,
✓Sorriso nos lábios,
✓ Viúva do falecido X,
✓ General do exército,
✓ Almirante da marinha,
✓ Elo de ligação.

Dêixis e anáfora

Objetivo

Mostrar que a interpretação de qualquer mensagem depende de sua inserção no contexto, quer lingüístico, quer extra-lingüístico.

Caracterização geral

Chamamos de **dêiticas** as expressões que se interpretam por referência a elementos do contexto extra-lingüístico em que ocorre a fala. A palavra **dêitico** contém a idéia de apontar, e as expressões dêiticas mais típicas apontam para elementos fisicamente presentes na situação de fala. É o caso dos pronomes pessoais de primeira e segunda pessoa, *eu* e *você* que, na maioria de seus empregos, remetem para a pessoa que fala e para a pessoa com quem se fala.

Chamamos de **anafóricas** as expressões que se interpretam por referência a outras passagens do mesmo texto. As expressões anafóricas servem, tipicamente, para "retomar" outras passagens de um texto. Um exemplo típico é o demonstrativo *isso* em frases como "a gasolina subiu de novo, e isso vai gerar outros aumentos de preços"; nesse contexto, ficamos sabendo que a palavra isso faz referência ao aumento da gasolina, olhando para o texto que precede.

Material lingüístico

✓ A dêixis diz respeito principalmente às pessoas que participam da interação verbal, ou a lugares e tempos que são localizados a partir da situação de fala. Realiza-se sobretudo por meio dos pronomes, dos artigos, dos tempos dos verbos e de certos advérbios.

✓ A dêixis realiza uma espécie de "ancoragem" da fala na realidade. Para entender a importância dessa ancoragem, convém imaginar a dificuldade que teríamos para entender de quem partiu um pedido de socorro trazido pelo mar numa garrafa fechada, sem data, sem referências a lugares e assinado por um desconhecido.

✓ A anáfora diz respeito a pessoas e objetos, tempos, lugares, fatos etc. mencionadas em outros pontos do mesmo texto; também na função anafórica são úteis os pronomes, o artigo definido, os tempos verbais (particularmente aqueles que indicam tempo relativo), e os advérbios.

✓ Na opinião de muitos estudiosos, a anáfora não é apenas um fenômeno entre outros que acontecem nos textos: é o fenômeno que constitui os textos, garantindo sua coesão. Todo texto seria, nesse sentido, uma espécie de grande “tecido anafórico”.

Atividades

- Escreva uma narrativa de que você será ao mesmo tempo narrador e personagem, com base nestes parâmetros:
  - a) Voltando da rua, você encontra gravada em sua secretária eletrônica a seguinte mensagem, falada por uma voz de adolescente que você não reconhece:

    — Não posso falar muito, eles devem voltar logo. Não sei que lugar é este. Eles são barra pesadíssima, já deu para ver. Estou bastante machucado. Estão falando o tempo todo de um jornal e de alguma coisa que deve acontecer amanhã. Diga a meus pais que comprem os jornais porque é possível que encontrem nos anúncios um pedido de resgate de seqüestro, disfarçado em anúncio.
  - b) Uma parte da narrativa deverá tratar de seu esforço para identificar a pessoa que telefonou e descobrir onde ela se encontrava no momento em que fez o telefonema.
- Nas três tiras que você vai ver a seguir, há um certo número de expressões que se interpretam deiticamente. Diga quais são essas expressões.

RECRUTA ZERO/*Mort Walker*

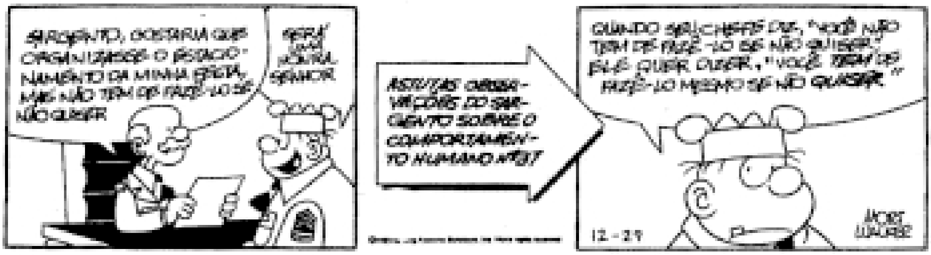
SARGENTO, GOSTARIA QUE ORGANIZASSE O ESTACIONAMENTO DA MINHA FESTA, MAS NÃO TEM DE FAZÊ-LO SE NÃO QUISER.
SERÁ UMA HONRA, SENHOR.
ASTUTAS OBSERVAÇÕES DO SARGENTO SOBRE O COMPORTAMENTO HUMANO Nº 37
QUANDO SEU CHEFE DIZ, "VOCÊ NÃO TEM DE FAZÊ-LO SE NÃO QUISER," ELE QUER DIZER, "VOCÊ TEM DE FAZÊ-LO MESMO SE NÃO QUISER."
12-29
MORT WALKER

GATÃO DE MEIA-IDADE/*Miguel Paiva*

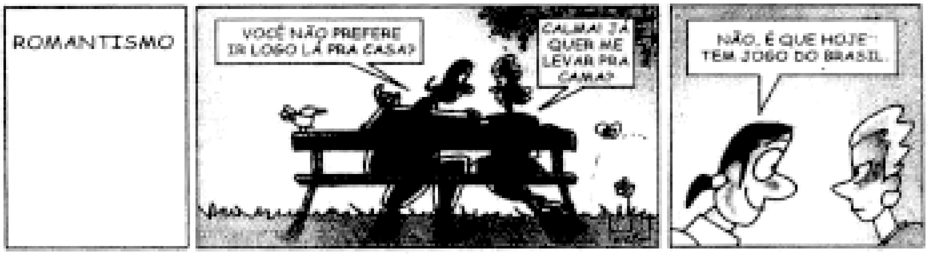
ROMANTISMO
VOCÊ NÃO PREFERE IR LOGO LÁ PRA CASA?
CALMA! JÁ QUER ME LEVAR PRA CAMA?
NÃO. É QUE HOJE TEM JOGO DO BRASIL.

TURMA DA MÔNICA/*Mauricio de Sousa*

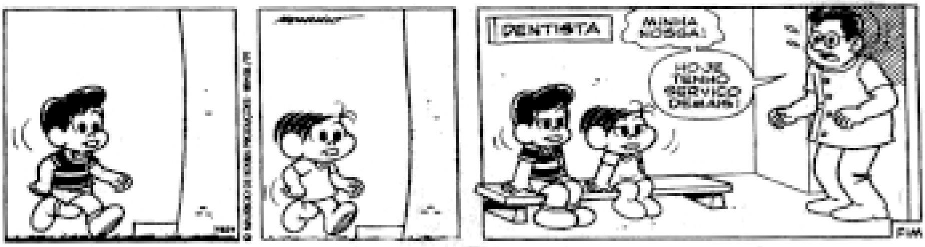
DENTISTA
MINHA NOSSA!
HOJE TENHO SERVIÇO DEMAIS!
FIM

Exercícios

1. Saber qual é o **assunto** é fundamental para uma comunicação bem-sucedida. Veja esta crônica de Fernando Sabino, em que se mostra que uma conversa prévia pode conter a chave de uma mensagem aparentemente cifrada:

Em Código

Fui chamado ao telefone. Era o chefe de escritório de meu irmão:

— Recebi de Belo Horizonte um recado dele para o senhor. É uma mensagem meio esquisita, com vários itens, convém tomar nota: o senhor tem um lápis aí?

— Tenho, pode começar.

— Então lá vai. Primeiro: minha mãe precisa de uma nora.

— Precisa de quê?

— De uma nora.

— Que história é essa?

— Eu estou dizendo ao senhor que é um recado meio esquisito. Posso continuar?

— Continue.

— Segundo: pobre vive de teimoso. Terceiro: não chora, morena, que eu volto.

— Isso é uma brincadeira.

— Não é não. Estou repetindo o que ele escreveu. Tem mais. Quarto: sou amarelo mas não opilado. Tomou nota?

— Mas não opilado — repeti, tomando nota. — Que diabo ele pretende com isso?

— Não sei não senhor. Mandou transmitir o recado, estou transmitindo.

— Mas você há de concordar comigo que é um recado meio esquisito.

— Foi o que eu preveni ao senhor. E tem mais. Quinto: não sou colgate, mas ando na boca de muita gente. Sexto: poeira é a minha penicilina. Sétimo: carona só de saia. Oitavo...

— Chega! — protestei, estupefacto. — Não vou ficar aqui tomando nota disso, feito idiota

— Deve ser carta em código, ou coisa parecida — e ele vacilou:

— Estou dizendo ao senhor que também não entendi, mas enfim... Posso continuar?

— Continua. Falta muito?

— Não, está acabando: são doze. Oitavo: vou mas volto. Nono: chega à janela, morena. Décimo: quem fala de mim tem mágoa. Décimo primeiro: não sou pipoca mas também dou meus pulinhos.

— Não tem dúvida, ficou maluco.

— Maluco não digo, mas como o senhor mesmo disse, a gente até fica com ar meio idiota... Estou acabando. só falta um. Décimo segundo: Deus, eu e o Rocha.

— Que Rocha?

— Não sei. É capaz de ser a assinatura.

— Meu irmão não se chama Rocha, essa é boa!

— É, mas foi ele que mandou. Isso foi.

Desliguei, atônito, fui até refrescar o rosto com água, para poder pensar melhor. Só então me lembrei: haviam-me encomendado uma crônica sobre essas frases que os motoristas costumam pintar, como lema, à frente dos caminhões. Meu irmão, que é engenheiro e viaja sempre pelo interior fiscalizando obras, prometera ajudar-me recolhendo em suas andanças farto e variado material. E ele viajou, o tempo passou, acabei esquecendo completamente o trato, na suposição de que o mesmo lhe acontecera.

Agora, o material ali estava, era só fazer a crônica. Deus, eu e o Rocha! Tudo explicado: Rocha era o motorista, Deus era Deus mesmo, e eu, o caminhão.

2. Às vezes a malícia e o humor nascem de um mal-entendido que tem a ver com o “assunto de que se fala”, tendo origem num “equívoco de dêixis”. Veja como isto acontece na história a seguir:

Bilhete complicado

O Gumercindo quando jovem era daqueles cavalheiros à moda antiga, que gostava de tudo certinho e no seu devido tempo. Namorava uma linda donzela, por quem estava realmente apaixonado.

Um dia, quando fazia uma viagem de negócios, Gumercindo entrou em uma loja e comprou um presente para a namorada: finíssimo par de luvas de "pelica". Só que na hora do embrulho, a balconista se enganou, e colocou na caixa uma calcinha de renda, e o pacote foi despachado pelo correio, com o seguinte bilhete:

"Estou mandando este presente para fazer-lhe uma surpresa. Sei que você não usa, pois nunca vi usar. Pena não estar aí para ajudá-la a vestir. Fiquei em dúvida com a cor, no entanto a balconista experimentou na minha frente e me mostrou que esta era a mais bonita. Achei meio larga na frente, mas ela me explicou que era para a mão entrar mais fácil e os dedos se mexerem bem. Você não deve lavar em casa por recomendação do fabricante. Depois de usar, passe talco e vire do avesso para não dar mau cheiro. Espero que goste, pois este presente vai cobrir aquilo que vou lhe pedir muito em breve. Receba um afetuoso abraço do seu Gumercindo".

(Marcos Vinícius Ribeiro Dias, *Humor na Marolândia*.
Paraguaçu, MG – Editora e Gráfica Papiro, 1996.)

3. A situação impõe às vezes condições muito específicas às frases que usamos. Isso faz com que certas coisas não façam sentido em certas situações. A seguir, você vai encontrar quatro diálogos bastante estranhos, que foram transcritos por Mary Louise Gilman de depoimentos feitos à justiça dos Estados Unidos. Aponte as falas que não fazem sentido na situação:

Primeiro diálogo:
P. Pois bem, senhor Johnson, como terminou seu primeiro casamento?
R. Com uma morte.
P. E foi com a morte de quem, que ele terminou?

Segundo diálogo:
P. Quantas vezes a senhora cometeu suicídio?
R. Quatro vezes.

Terceiro diálogo:
P. O que aconteceu, então?
R. Ele me disse "Tenho que matar você, porque você pode me identificar.
P. E ele matou você?

Quarto diálogo: P. (o juiz mostra uma fotografia de homem) Este é o senhor?
R. Sim, meritíssimo.
P. O senhor estava presente quando a foto foi tirada, certo?

4. Explique esta tira, mostrando que o desentendimento de Hagar e Eddie Sortudo resulta interpretações diferentes dadas à palavra *aqui*.

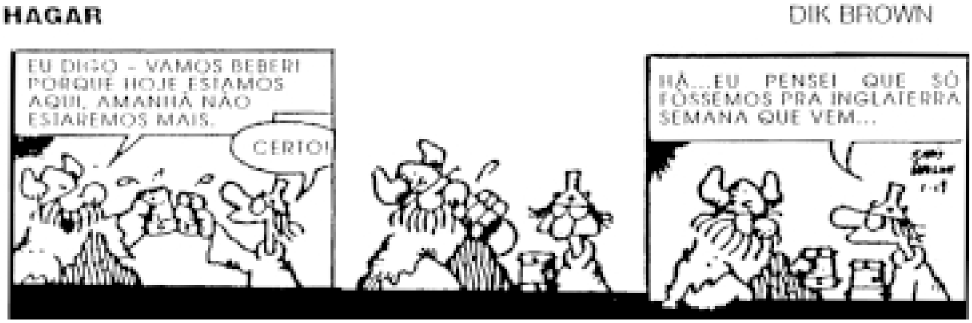
HAGAR
DIK BROWN
EU DIGO – VAMOS BEBER! PORQUE HOJE ESTAMOS AQUI, AMANHÃ NÃO ESTAREMOS MAIS.
CERTO!
HÃ... EU PENSEI QUE SÓ FÔSSEMOS PRA INGLATERRA SEMANA QUE VEM...

5. Entre os dêiticos mais usados estão os tempos verbais, que localizam os acontecimentos no tempo, caracterizando-os como anteriores, simultâneos ou posteriores ao momento em que ocorre a fala. A letra do samba "Quem te viu, quem te vê", de Chico Buarque de Holanda contrasta realidades presentes (isto é, válidas no momento de fala) e verdades passadas (isto é, válidas em algum momento anterior ao da fala). Selecione os fatos passados e os fatos presentes, reescreva-os em duas colunas.

Você era a mais bonita
Das cabrochas dessa ala
Você era a favorita
Onde eu era mestre-sala
Hoje a gente nem se fala,
Mas a festa continua
Suas noites são de gala,
Nosso samba ainda é na rua...

6. Um dos problemas que os professores de primeiro grau encontram com mais freqüência nas redações de seus alunos consiste na presença de expressões anafóricas que não ficam esclarecidas pelo contexto lingüístico. Esse problema ocorre uma vez na redação transcrita a seguir. Localize a passagem em questão e tente explicar de quem podia estar falando a criança que escreveu a redação.

Redação: “O dia de azar”

Hoje é dia 13, sexesta feira.
Todo mundo diz que hoje é dia de azar”bom” hoje aconteceu uma coisa fora do comum vou começar “deis do começo”.
Eu estudo na escola VERA CRUZ! Faço rodízio com a Maria Pedro, Rafa e Rodrigo sem falar na Suzana.
A Sandra traz hoje ela é mãe do Pedro.
Estavamos num aperto e num papo quando derrepente furol o peneu de traz do lado esquerdo já era 5:30 todo mundo saiu do carro pegamos o estepe paramos um pura MONSA “ele trocou o peneu” e na outra esquina furol o outro peneu paramos com sorte em frente a borracharia todo mundo chorou Buá!! Buá!! trocado os peneu fomos para casa e pum!! Mamãe falou chegou o dia da bomba atomica, e ela foi ver i era eu caida em sima da cama.
Fim essa estória e verdade verdadeira!!!

(“O que significa ensinar língua materna?”
In José Luís Sanfelice, A Universidade e o Ensino de 1° e 2° Graus, Campinas, Papirus, 1988, pp.25-38)

7. Os lógicos chamam às vezes de “verdades eternas” àquelas sentenças que são verdadeiras, independentemente do tempo, lugar em que são afirmadas, e independentemente de quem são os interlocutores (por exemplo: “a água é um mineral”, ou “um quadrado é uma figura de quatro lados”). No texto a seguir assinale com um traço as afirmações que são apresentadas como verdades eternas (as outras informações são apresentadas pelo texto como verdadeiras, apenas circunstancialmente verdadeiras).

Teste simples detecta problemas de surdez em recém-nascidos

De cada 1.000 crianças, uma nasce com problemas de surdez. Dados mundiais indicam que 60% dos casos são causados pela herança genética do bebê. No Brasil, mesmo que a maioria dos casos tenha causas não genéticas, como rubéola, meningite ou falta de oxigênio no parto, com a melhoria da atenção da saúde materno-infantil, a proporção de casos de origem genética tende a aumentar progressivamente. Entretanto, dificilmente a surdez é constatada antes que a criança complete dois anos. Nessa altura, ela já pode ter sofrido prejuízos, causados pela falta de estímulos cerebrais relacionados com a fala, que vão prejudicá-la pelo resto da vida. É consenso entre os médicos que a melhor época para o tratamento ocorre por volta de um ano e meio.

Um teste simples e barato pode mudar essa situação e mostrar, logo na maternidade, se o bebê tem o problema. É o que indicam os primeiros resultados de um estudo que vem sendo realizado no Centro de Biologia Molecular

> e Engenharia Genética da Universidade Estadual de Campinas. O teste, que custa apenas o equivalente a US$ 5, indica com certeza se o recém-nascido tem o problema genético mais comum relacionado com a surdez, a mutação 35delG no gene conexina 26.

8. Na narrativa que segue, foi assinalada a expressão que introduz, pela primeira vez, cada uma das personagens. Assinale as outras expressões que fazem referência às mesmas personagens e, em seguida, una com um traço todas as que falam da mesma personagem.

OUTRA DO PREGUIÇOSO

> Esta é clássica. O sujeito era o mais preguiçoso que já havia aparecido na face da terra. Certo dia lá, disse que não trabalhava mais, e fim de conversa, preferia morrer de fome. A vizinhança, condoída, passou a levar comida para o preguiçoso. Mas, sabe como é, aquilo também já era demais. Resolveram fazer o enterro do preguiçoso. Ele num tinha dito que preferia morrer?
> Na rua principal, um caboclo bão da cidade vizinha quer saber quem tinha morrido. Quando contam o causo, ele fica condoído:
> — Mas não façam isso como o pobre diabo, sô! Olha aqui, eu ofereço uma saca de arroz para matar a fome dele, uai.
> O preguiçoso abre uma fresta do caixão e grita lá de dentro:
> — Cum casca ou sem casca?
> — Cum casca, diz o prestimoso cidadão
> E o preguiçoso, fechando o caixão:
> — Intão segue o enterro.

9. Todas as frases que seguem foram copiadas de pára-choques de caminhões, portanto foram escritas para ser lidas pelos passageiros de outros veículos, na estrada. Tente dizer a quem fazem referência os pronomes grifados:

“Mulher feia e frete barato eu não carrego”
“Eu sou imortal, pois não tenho onde cair morto”
“Se você tem olho gordo, use colírio Diet”
“Muitos me seguem, mas um só me acompanha”
“Respeite o meu trabalho, respeitarei o seu passeio”
“Não me acompanhe que não sou novela”

(*Piadas e Pára-Choques, n° 1*, publicação vendida nos postos de serviço da conessionária AUTOBAN)

10. Transforme as três tirinhas da seção **Atividades** em três pequenas narrativas, de que você será o narrador. Faça em seguida um balanço das palavras e construções que tiveram que ser mudadas.

Descrições definidas e indefinidas

Objetivo

Caracterizar o papel dos sintagmas nominais como recurso para identificar os objetos de que tratam nossas frases.

Caracterização geral

As descrições são sintagmas nominais que têm por núcleo um substantivo comum (como “um estacionamento perto do shopping”, “a casa em que viveu Rui Barbosa” etc.). Juntamente com os nomes próprios e certos dêiticos, as descrições servem para constituir os objetos do mundo em referentes de nosso discurso. Usamos descrições o tempo todo, mesmo porque muitos objetos não têm nome próprio. Ainda quando os objetos têm nome, pode ser vantagem usar as descrições, porque elas apontam características relevantes dos próprios objetos.

Material lingüístico

✓ Um dos meios mais usados para fazer referência a algum objeto num texto, consiste em usar uma descrição indefinida na primeira referência e descrições definidas (ou pronomes anafóricos) nas referências seguintes.

Exemplo:

Era uma vez um rei que tinha uma filha superbonita. Certo dia, o rei chamou a filha e assim falou...

✓ Uma descrição se compõe, tipicamente, de um determinante (artigo, indefinido) e um substantivo comum, e inclui freqüentemente adjetivos e orações adjetivas:

Um menino.
Um menino que vinha passando.
O funcionário.
O funcionário uniformizado.

Alguns pacotes.
Alguns pacotes que tinham caído na água etc.

✓ São descrições definidas aquelas que começam com o artigo definido, e de descrições indefinidas aquelas que começam com o artigo indefinido, respectivamente.

Atividade

A charge que segue é uma caricatura do tempo da Segunda Guerra Mundial, saída da pena do desenhista brasileiro Belmonte. As personagens enfileiradas são os chefes de Estado dos principais países em guerra: o ditador chinês Chiang Kai-Shek, o presidente norte-americano Theodore Roosevelt, o ditador alemão Adolf Hitler, o primeiro-ministro inglês Winston Churchill, o ditador italiano Benito Mussolini e o imperador japonês Hiroíto. A ordem não é essa. Identifique as seis personagens, sabendo que:

1. O primeiro ministro-inglês e o presidente norte-americano usam roupas civis,
2. Churchill e Chiang Kai-shek são carecas;
3. Hitler e Hiroíto usam bigodinho;
4. Os dois ditadores da Itália e da Alemanha estão um ao lado do outro.

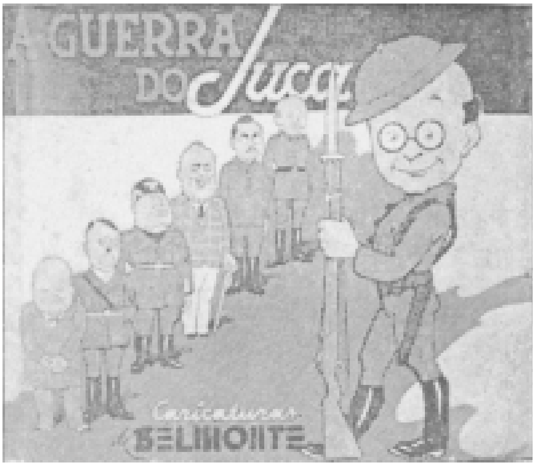

Exercícios

1. Uma mesma pessoa pode ser identificada por meio de duas ou mais descrições diferentes. Por exemplo, José Bonifácio de Andrada e Silva e o Patriarca da Independência identificam uma mesma pessoa. Nas sentenças a seguir, substitua os nomes grifados por uma descrição definida:

a) O navio de Pero Fernandes Sardinha naufragou e ele foi devorado pelos índios antropófagos que então habitavam a costa do Maranhão.
b) Oscar Niemeyer e Lúcio Costa projetaram Brasília a pedido do presidente Juscelino Kubitcheck de Oliveira.
c) Desembarcando na Baía de São Salvador, D. João VI abriu os portos brasileiros a todas as nações amigas;
d) O processo que levaria à condenação de Tiradentes arrastou-se por meses;
e) Lampião tinha por nome de batismo Virgulino Ferreira.
f) Roberto Carlos foi por muitos anos campeão absoluto da venda de discos, no Brasil.
g) O Banco do Brasil foi fundado por Dom João VI, logo que ele desembarcou no Brasil em 1808.
h) Machado de Assis começou sua carreira como tipógrafo da Imprensa Nacional.

2. Pesquise as siglas transcritas a seguir. Diga o que significam e qual é a função das entidades que elas nomeiam:

Funai: Fundação Nacional do Índio. Trata das questões referentes à questão indígena, no Brasil.
Inmetro: . . . .
Anatel: . . . .
Ambev: . . . .
Procon: . . . .
FGTS: . . . .
CIC: . . . .
Cep: . . . .
CPF: . . . .
BC: . . . .
ONU: . . . .
Unesco: . . . .

3. Explique o que vem a ser a razão social de uma firma e em que a “razão social” se distingue do nome de fantasia da mesma firma. Dê exemplos.

4. Pense num objeto bem velho, que exista em sua casa, e imagine que você quer vendê-lo. Redija um anúncio de jornal, em que você põe à venda esse objeto.

5. O “aposto” é geralmente uma descrição que se acrescenta a um nome próprio. Nas orações a seguir, foi dada a descrição (o aposto) mas não o nome. Pede-se que você descubra esse nome, fazendo, se for preciso, uma pequena pesquisa.

a) ...., o brasileiro que inventou o avião, suicidou-se ao saber que sua invenção estava sendo usada na guerra, para fins militares.
b) ....., o artista brasileiro que pintou o painel de entrada do prédio da ONU em Nova Iorque, também pintou imagens de santos e de pessoas do povo na catedral de Batatais
c) O físico que formulou a teoria da relatividade, ..., foi considerado um estudante fraco por seus professores de graduação.
d) A personagem feminina do romance Dom Casmurro, ..., é considerada uma das grandes criações da literatura universal.
e) O atual presidente da República, ...nasceu no século XX.
f) A mais poderosa emissora de televisão do país, a .... está interessada em dominar não só os programas de entretenimento, como também os programas educativos.
g) A apresentadora do quadro "É o tchan", ..., foi lançada por uma emissora de televisão de segunda categoria.
h) O apresentador de TV que faz sucesso com o programa "Baú da Felicidade", ..., chama-se, na realidade, Senor Abravanel.

6. Quem é quem? Monte um quadro das pessoas que desempenham alguma função, na sua escola (ou na firma em que você trabalha, etc.), como, por exemplo:
José Oliveira — Diretor-presidente
Pedro Pereira — Diretor de recursos humanos
Mário Teixeira — Diretor de produção
Cristiano Palmeira — Gerente de vendas...

7. Faça um pequeno mapa, com as cinco ou seis ruas e praças mais importantes de sua cidade/de seu bairro. Não se esqueça de anotar no mapa os nomes das ruas. Em seguida, pense em alguma característica de cada uma dessas ruas que bastaria para identificá-las, sem recorrer ao nome. (Ex. A rua João Dias é a rua da Delegacia de Polícia, a rua José Tavares é a rua em que fica a Ótica Modelo etc.)

8. Há cidades em que a numeração dos ônibus permite saber em que bairro ficam os terminais de cada linha (por exemplo 318 significa 3 – Fonte Luminosa/18 – Parque da Saudade). Consiga uma lista das linhas de ônibus de sua cidade, e verifique se a numeração identifica o percurso.

9. Para enfeitar sua linguagem, os locutores esportivos costumavam, no passado, dar às cidades algum nome capaz de evocar uma característica saliente de sua história, de seu clima ou de sua economia: Campinas era, então, a "Cidade das Andorinhas", Araraquara, a "Cidade Morada do Sol", Jundiaí, a "Capital da Terra da Uva" etc. Descubra, em sua família ou em seu círculo de amigos, alguém que

ainda se lembre dessas denominações: peça a ele um pequeno depoimento a respeito.

10. Pense em denominações de cidades que poderiam começar por “a capital de...”: a Capital do Bordado = Ibitinga, a Capital do Calçado = Franca etc. Quantos destes nomes você conhece?

11. Diferentes descrições podem ser igualmente eficazes para identificar um determinado indivíduo, uma determinada coisa. Mas a escolha entre essas descrições pode não ser indiferente do ponto de vista ideológico. Objetivamente, Getúlio Vargas, foi todas estas coisas:

- ✓ o estadista que criou a Companhia Siderúrgica Nacional;
- ✓ o presidente que criou o salário mínimo;
- ✓ o chefe do Executivo que promulgou a primeira legislação trabalhista, no Brasil;
- ✓ o ditador que aboliu as liberdades políticas dos brasileiros, durante o Estado Novo (1937-1945);
- ✓ o chefe de Estado que entregou a Hitler a esposa de Luís Carlos Prestes;
- ✓ o governante que instituiu a censura, através do Departamento de Imprensa e Propaganda;
- ✓ o chefe de Estado que criou o programa radiofônico “A voz do Brasil”.

Quais, dessas descrições teriam realmente chance de aparecer no discurso dos partidos políticos que, ainda hoje, se declaram herdeiros do ideário político de Getúlio Vargas?

Elementos conceituais e afetivos do sentido

Objetivo

Reconhecer que as palavras podem revelar diferentes atitudes e avaliações a respeito das realidades de que se fala, além de fornecer informações “objetivas”.

Caracterização geral

No sentido das palavras, combinam-se sempre elementos conceituais e elementos afetivos. Os primeiros referem-se a características “objetivas” das realidades de que falamos, e por isso mesmo contribuem para descrevê-las de maneira relativamente neutra; os outros apontam sobretudo para as associações e reações que nos provocam. Como essas associações são sempre próprias de grupos determinados, a presença de elementos afetivos no sentido de uma palavra obriga-nos a considerar as posições (políticas, religiosas etc.) de quem fala e a lidar com o preconceito.

Uma boa maneira de separar os elementos conceituais e afetivos no sentido de uma expressão consiste em relacioná-los a diferentes funções da linguagem: os elementos conceituais realizam normalmente a função referencial (centrada na realidade de que se fala); os afetivos realizam normalmente a função expressiva ou conativa (centradas no locutor ou receptor).

Material lingüístico

As palavras ou expressões da língua combinam os elementos conceituais e afetivos em proporções diferentes. Se um empregado revoltado usa as expressões

(1) “É engenheiro formado”;
(2) “É hipertenso”;
(3) “É esclerosado”;
(4) “É autoritário”;

para falar do chefe imediato, há chances de que a carga de informações objetivas seja maior em (1) e (2) do que em (3) e (4): no limite, (3) e (4) poderiam ser apenas

formas de xingamento, pelas quais o empregado em questão verbaliza a antipatia que tem pelo chefe.

Os elementos afetivos são particularmente importantes na significação de palavras que se referem a experiências sobre as quais pesam valores e preconceitos (por exemplo as diferenças raciais e étnicas, as opiniões políticas, a religião, a estratificação social, as opções sexuais) ou a hábitos e situações que a sociedade estigmatiza.

Um fenômeno relacionado aos elementos afetivos do sentido é o **eufemismo**. O eufemismo (em grego "boa fala") é o processo por meio do qual atuamos sobre os elementos afetivos, de modo a minimizar as associações/representações desagradáveis que associamos a uma determinada realidade.

Atividade

Muitas expressões que hoje são percebidas como neutras foram eufemismos no passado: um bom exemplo é *campo de concentração*, uma expressão que foi usada originalmente para afastar associações indesejáveis como a de perda da liberdade de ir e vir, a imposição de pesadas rotinas de trabalho, a violência etc. As associações nada agradáveis que fazemos hoje com a expressão *campo de concentração* mostram que, com o tempo, os eufemismos sofrem desgaste e perdem sua capacidade de "dourar a pílula".
Pense no uso que tem sido feito, nos últimos tempos, em nossa sociedade, de palavras como *terceirizar*, *redimensionar*, *racionalizar*, aplicadas ao emprego, ou de palavras como *remarcar*, *realinhar*, aplicadas aos preços, ou ainda *privatizar*, aplicado às vendas por preço aviltado de empresas estatais: não se trata de eufemismos modernos? Que outros "eufemismos modernos" você já ouviu?

Exercícios

1. Uma das mais antigas e mais bonitas reflexões sobre a liberdade está contida na fábula do cão e do lobo, que remonta no mínimo ao escritor romano Fedro, que nasceu escravo. Contada por um "narrador onisciente", a história é esta:

> Um lobo faminto e esfomeado encontra-se com um cão forte e valente. Animais da mesma família, os dois entabulam um diálogo em que o lobo elogia o vigor e a forma do cão, e o cão, por sua vez, tenta convencer o lobo trocar sua vida selvagem e errante por uma boa casa em que nada lhe faltará. O lobo fica tentado, e pergunta quais são as condições para ganhar comida de graça. "Quase nada", responde o cão, "é

> só espantar os mendigos e fazer festas para o dono". Quando o lobo já está caminhando para dentro da casa, ao lado de seu parente, observa no pescoço deste algumas cicatrizes. "Que é isso?" pergunta ele. "Nada, são as marcas da corrente com que me prendem". O lobo reflete que o conforto do cão não vale a liberdade e vai-se embora.

Tome o lobo e o cão como representantes de dois pontos de vista diferenciados. Reescreva duas vezes a história: a) contada a partir do ponto de vista do cão; b) contada a partir do ponto de vista do lobo.

2. Alguns dos mais odiosos episódios de violência e perseguição da história da humanidade ficaram definitivamente relacionados a títulos que haviam sido criados para mascarar seus verdadeiros propósitos. Procure saber o que foram estes episódios, e recupere seu outro nome:

- ✓ a "solução final" de Hitler;
- ✓ a investigação realizada pela "Comissão para atos antiamericanos" de Mac Carty;
- ✓ as várias formas de "limpeza étnica" praticadas na península balcânica, depois do desmembramento da antiga Iugoslávia;
- ✓ as "purgas" do estalinismo.

3. No trânsito de uma grande cidade, temos às vezes a oportunidade de ouvir xingamentos. Faça uma listinha de xingamentos que evocam tipicamente situações de trânsito e, depois, tente determinar se algum deles dá informações objetivas sobre a pessoa xingada, sobre a maneira como dirige, ou sobre a manobra de trânsito que o provocou.

4. As palavras "leproso, morfético e lazarento" indicavam, antigamente, as pessoas acometidas de lepra. Hoje, apenas a primeira das três palavras sobrevive com esse sentido, ao passo que as outras duas só se mantêm como termos de xingamento. Algo análogo aconteceu com o particípio passado "safado", que ninguém já conhece com o sentido de "gasto pelo uso". Conhecendo a distinção entre elementos conceituais e elementos afetivos do sentido, como você explicaria essa evolução?

5. No dia 1º de junho de 2000, as televisões do país transmitiram imagens captadas de um helicóptero, em que se mostrava o Governador de São Paulo, Mário Covas, forçando a abertura do portão da frente do prédio em que funciona hoje a Secretaria da Educação do Estado, bloqueada por professores em greve; na ocasião, o governador Covas foi atingido por objetos atirados contra ele, recebendo ferimentos na testa e na boca. Alguns dias antes, a televisão havia documentado um episódio em que um manifestante atingia o mesmo Covas com o mastro de uma bandeira, e outro em que o ministro da Saúde, José Serra, recebia um ovo na cabeça. Como era

de esperar, o episódio da Secretaria da Educação foi objeto, nos dias seguintes, de muitas avaliações e comentários. Todas essas **interpretações** emanavam, evidentemente, de posições políticas definidas e, na medida em que eram dadas a conhecer ao grande público, constituíram novos atos políticos, num momento de muitos protestos e paralisações. No pequeno dossiê que segue, foram reunidas algumas dessas interpretações. Leia-as e comente os expedientes lingüísticos e retóricos por meio dos quais os autores, independentemente da posição política que representam, passam dos fatos à interpretação. Alguns desses expedientes são:

a) dividir o episódio em diferentes momentos, comentando mais detidamente os que favorecem o ponto de vista defendido;
b) inserir o episódio numa série de episódios análogos, interpretando toda a série;
c) qualificar o episódio por meio de expressões que o avaliam globalmente (agressão/provocação);
d) apresentar possíveis vítimas dos comportamentos que se quer criticar etc.

AONDE QUER CHEGAR O GOVERNADOR DE SÃO PAULO?

Todo o Brasil viu as imagens dos fatos ocorridos na tarde de 1º de junho na Praça da República, centro de São Paulo.

Ao chegar à praça a intenção do governador Mário Covas não era dialogar com os professores acampados no local. Sua atitude foi de desafio, provocando as pessoas presentes. Seus seguranças iniciaram o conflito, destruindo barracas e objetos, num momento em que a maioria no local eram mulheres e crianças.

Com bravatas como essa, Covas põe em risco sua segurança e a dos manifestantes. Houve vários feridos na Praça da República.

O governador teria uma atitude mais corajosa reunindo-se com as entidades do magistério para negociar e atender nossas reivindicações.

O pretexto do governador para estar no local seria um suposto compromisso na Secretaria Estadual da Educação, mas não é usual sua presença ali. Naquela tarde não havia reunião agendada naquela Secretaria.

Registramos também nossa estranheza quando ao comportamento de algumas emissoras de televisão que, sem que nenhum fato novo justifique, decidiram gravar imagens do local pouco antes da chegada do governador. Também algumas emissoras de rádio que não tinham repórteres na Praça da República levaram ao ar boletins logo após o ocorrido, cujo teor "coincidia" com a versão que seria divulgada pelo governo logo em seguida.

Mário Covas poderia ter ingressado no prédio pela entrada que tem sido utilizada pela secretária Rose Neubauer e pelos funcionários da S.E.E., pois o acampamento bloqueia a porta principal há 20 dias. Não o fez deliberadamente, para provocar o conflito e obter um pretexto para não negociar, visto que sua intransigência tornou-se

insustentável diante da sociedade e de sua própria base de apoio parlamentar.

Agindo dessa forma, o governador desonra o cargo que ocupa e presta um desserviço à sociedade, desviando as atenções da mídia e da população do necessário debate em torno da situação da escola pública no Estado de São Paulo para os conflitos de rua que seu governo vem produzindo.

Em diversos momentos, sem a provocação do governo e de sua tropa de choque, organizamos assembléias e manifestações com milhares de pessoas sem incidentes.

Nós, professores, insistimos: queremos diálogo e negociação. Somos contra a reforma do ensino médio do governo, que compromete a qualidade do ensino. Queremos a organização do tempo escolar com seis aulas no diurno e cinco no noturno, classes com máximo de 35 alunos, mais segurança nas escolas, a volta das matérias importantes ao currículo escolar, o fim da aprovação automática, piso de cinco salários mínimos e outras melhorias nas escolas estaduais.

Estamos em luta em defesa da escola, dos serviços públicos, do emprego e do salário, e isso interessa a toda a sociedade.

DIRETORIA DA APEOESP (Associação dos Professores do Ensino Oficial do *Estado de S. Paulo*).

Covas afirma que agiu certo ao enfrentar grevistas na República

GABRIELA MATHIAS
DA REPORTAGEM LOCAL

O governador Mário Covas (PSDB) disse ontem ter feito o que era preciso, ao enfrentar, na última quinta-feira, cerca de cem professores acampados na frente da Secretaria da Educação, no centro de São Paulo. [...]

Pesquisa do Datafolha, feita na quinta-feira com 428 moradores da cidade que possuem telefone, mostrou que Covas agiu mal para 56%, causando um conflito que poderia ter sido evitado.

O governador acabou sendo apedrejado feriu a cabeça e o lábio. Três professores estão presos no 3º Distrito Policial.

"Havia 400 mulheres sitiadas dentro da secretaria, obrigadas a entrar e sair do prédio pela garagem", disse Covas.

O governador disse que, com a liberação do portão principal, que ocorreu na sexta-feira por volta das 23h40, o comando de greve "finalmente poderá entrar no prédio para negociar".

Covas disse que ainda não há contrapropostas às reivindicações dos grevistas.

O novo impasse entre acampados e governo é a prisão dos três professores acusados de agredir Covas na quinta-feira.

A decisão de liberar os portões veio acompanhada de uma ressalva: se os presos não fossem libertados, haveria outra plenária para decidir se a entrada principal seria novamente vedada pelas barracas.

O secretário de Estado da Segurança Pública, Marco Vinício Petrelluzzi, disse pouco antes da liberação do portão que acionaria a polícia para manter abertas as portas do prédio. Ontem à tarde, os professores planejavam fazer um ato na frente do 3° DP.

Sobre o ovo que foi jogado no ministro José Serra (Saúde), o assessor do governador, Paulo Rocha, perguntou se "o terno já foi mandado para a tinturaria".

BORIS FAUSTO

Repulsa às agressões

A INTOLERÂNCIA grosseira revelada nas agressões sofridas por pessoas do governo não pode ser tida como episódio isolado, nem tomada como fato de menor importância.

Vou me concentrar no exemplo do governador Mário Covas, que tem sido o alvo mais ostensivo dessas agressões. A última – pelo menos enquanto escrevo estas linhas – ocorreu na quinta-feira passada, quando um grupo de professores, acampados no centro de São Paulo, atacou o governador com paus, pedras, laranjas, etc. atingindo-o na testa e na boca.

Se o emprego da violência contra qualquer autoridade é inadmissível, ele se torna ainda mais condenável quando tem por alvo uma figura política que teve papel destacado na luta contra o regime militar.

Desde logo, quando se constata que vários dos agressores são professores, é preocupante imaginar qual tipo de relação que essas pessoas têm com seus alunos quando a porta da sala de aula se fecha. Que papel educativo, que vínculo positivo, podem ter com os alunos personagens enraivecidos e descontrolados que abandonam o diálogo, trocando-o pela agressão física? Por outro lado é preciso ponderar que o comportamento do governador Covas merece reparos. É conhecido seu estilo de “pavio curto”, que até aqui lhe tem valido tanto elogios quanto críticas. Mas, na atual conjuntura, esse estilo não pode ser aceito como uma simples escolha pessoal.

Ao recusar uma segurança adequada, ao partir para o bate-boca com indivíduos que não têm o menor interesse em argumentar, o governador se expõe a uma violência que atinge não a ele pessoalmente – o que já é muito – mas ao mandato popular de que está investido. Caso as agressões continuem, elas acabarão se banalizando, como se fossem uma atitude normal, justificada pelo “direito à livre manifestação”, com paus, pedras e bordoadas.

[...] A crítica ferrenha – justa ou injusta, pouco importa – à política do governo é um elemento constitutivo do jogo democrático. Mas a agressão física é o oposto da liberdade de crítica. Quando a oposição a justifica, contribui para privilegiar a força, e não a palavra, como instrumento da luta política.

Quem é intransigente?

JOSÉ MARIA DE ALMEIDA e LINDBERG FARIAS

O governador de São Paulo, Mário Covas, fez na última quinta-feira uma agressão consciente e planejada contra os funcionários públicos em greve. Fez uma “visita” surpresa à Secretaria da Educação, forçando a entrada pela porta da frente, que estava bloqueada pelo acampamento dos professores grevistas. Para isso, ele, sua comitiva, seus seguranças e soldados da Polícia Militar agrediram manifestantes, colocaram as barracas no chão, e passaram.

Isso ocorreu tanto na entrada como na saída do governador. Covas não foi fazer visita coisa nenhuma, até porque nem mesmo a secretária da Educação nem os policiais ou qualquer funcionário da casa esta-

vam preparados para recebê-lo. Simplesmente, o governador armou uma provocação, para gerar conflito (o que de fato acabou ocorrendo), ser agredido e tentar jogar o conjunto da sociedade e os meios de comunicação contra os professores em greve.

Se Covas estivesse lá para fazer uma visita, poderia muito bem entrar pelas outras entradas da secretaria, como fazem os funcionários e a própria secretária desde o início do acampamento – que, diga-se de passagem, é uma justa forma de protesto de uma categoria massacrada pelo arrocho e pelas demissões impostos pelo governo tucano.

Foi também uma provocação porque Covas não fez nenhum gesto para abrir qualquer canal de negociação, seja com professores ou servidores da saúde.

E, para não deixar dúvidas de que deseja derrotar os movimentos que questionam sua política econômica (a mesma do FMI), no mesmo dia 1° de junho o governo do Estado de São Paulo fez outra provocação: recorreu no Tribunal Superior do Trabalho da sentença do TRT paulista no julgamento do dissídio dos metroviários.

O governo não quer pagar 6% como determinou o TRT. Isso mesmo, o governador Covas acabou também provocando a greve dos metroviários por causa de uma sentença de 6% de reajuste salarial (sendo 4% de reajuste e 2% a título de produtividade). Em São Paulo fazem greve os professores, os servidores da saúde, os docentes, funcionários e estudantes das universidades paulistas, os metroviários. Diante desse movimento, que reivindica reajustes salariais e manutenção de direitos, Covas responde com truculência, provocação e intransigência. E cada vez mais repressão e truculência.

Recentemente, para desocupar um terreno na zona leste da cidade de São Paulo a favor de um grileiro, terreno onde centenas de famílias residiam havia 1 ano, Covas jogou a tropa de choque sem dó nem piedade sobre mulheres, crianças e idosos, que foram desalojados de suas casas na pancada, no pior estilo da ditadura militar.

Os professores e servidores da saúde, quando terminam suas assembléias, costumam entoar uma palavra de ordem que diz: “A greve continua. Covas, a culpa é sua”. Nada mais correto, pois, ao contrário do que quer passar para a opinião pública, não são os grevistas os intransigentes. Por exemplo, os professores em greve até já manifestaram que aceitariam discutir a grade curricular à frente do índice salarial.

Mas a resposta é tropa de choque, provocações explícitas, nenhuma negociação. E, quando perde, o governo recorre a sentenças judiciais. Quem é então o intransigente, aqui? O intransigente, autoritário, neste momento – e que faz lembrar os piores momento do governo de Paulo Maluf sob a ditadura militar (1978-1982) – é o senhor Mário Covas.

Na verdade, senhor governador, seu governo é uma caricatura de democracia. A propósito, vive-se o pior dos mundos em São Paulo: oito anos de malufismo na capital e seis de covismo no Estado. O resultado é o caos social.

Enquanto isso, um servidor da saúde ganha em torno de R$ 200, um professor do ensino médio, R$ 650. Para eles não há nada, nem bom dia, apenas repressão e provocação[...].

6. As técnicas de que o falante dispõe para construir eufemismos são várias: uso de figuras de linguagem (“descansou” por “morreu”), uso de termos científicos por termos populares (“desidratação” por “diarréia” ou “caganeira”), siglas (“ele per-

deu o emprego porque mandou a coordenadora à PQP"), etc. Explique qual foi o procedimento usado para obter estes eufemismos:

- ✓ FDP.
- ✓ Tirar água do joelho.
- ✓ Passar um fax.
- ✓ Trocar o óleo/afogar o ganso.
- ✓ Descascar o palmito.
- ✓ Ter um troço.

7. A pinga sempre foi, no Brasil, uma bebida popular, e os excessos de seu consumo são fortemente estigmatizados pelo valor pejorativo que assumem palavras como "pinguço", "manguaceiro", "cachaceiro", "biriteiro", "pau d'água" etc. Mas nos últimos anos, vão se tornando comuns as marcas de pinga destinadas ao consumo da classe média e alta. Os rótulos dessas marcas apregoam um produto de qualidade superior (envelhecimento em tonéis de carvalho, fabricação por procedimentos tradicionais...) e evitam as palavras que evocariam uma representação negativa. Você vai ler a seguir algumas denominações que são (ou já foram) aplicadas à pinga. Quais você acha que teriam chances de aparecer no rótulo de uma marca destinada a classes de alto poder aquisitivo?

- ✓ água que passarinho não bebe;
- ✓ aguardente;
- ✓ aguardente de cana;
- ✓ aperitivo de cana;
- ✓ cachaça;
- ✓ caninha;
- ✓ cobertor-de-pobre;
- ✓ dindinha;
- ✓ malunga;
- ✓ mata-bicho;
- ✓ parati;
- ✓ pinga;
- ✓ quebra-goela;
- ✓ mel.

8. Um dos pontos altos da campanha para a presidência da República, em 1988, foi o debate entre os candidatos Collor e Lula, realizado às vésperas do segundo turno em uma emissora de TV de São Paulo, com a mediação do jornalista Bóris Casoy. Em sua primeira fala nesse debate, Collor caracterizou-se como paladino da **democracia**:

> 1. De um lado está a candidatura de centro-democrático por mim representada; do outro lado está uma candidatura que esposa teses estranhas ao nosso meio, teses marxistas, teses estatizantes, teses que não primam pelos princípios democráticos consagrados na nova Carta Constitucional [...]
> 2. O que nós estamos vendo no Leste Europeu é a demonstração [...] de que os princípios democráticos devem ser observados. [...] Lá no Leste Europeu não havia liberdade, não há liberdade de imprensa não há livre-iniciativa, há sim a presença do Estado, enorme, maciço, corrupto, interventor, lá não há

> liberdade de se comprar aquilo que se deseja, lá não há liberdade de salários, lá não há competição, lá não há eficiência, lá não há felicidade.
> 3. [...] É possível nós construirmos uma sociedade democrática. Mas uma sociedade democrática com absoluta liberdade, com meios perfeitamente compatíveis como quer a nossa constituição, sem utilizarmos da luta armada, da intolerância, da baderna, da bagunça, do caos, do desrespeito mais absoluto como querem aqueles que se contrapõem à nossa proposta".

Analise a retórica dessas passagens. Você acharia correto dizer que a argumentação de Collor explora os medos dos eleitores? E que, nesse contexto, a palavra **democracia** se torna sinônimo de valores como "manutenção da ordem", "consumismo" e "livre competição"?

9. Por que negritude é politicamente correto, e negrice não é?

10. Nos anos 1960 e 1970, o MEC, por meio de um órgão que fornecia material escolar, distribuiu centenas de milhares de cópias do *Dicionário Escolar da Língua Portuguesa*, que se destinava às classes do nível médio. Os verbetes *Judeu* e *Judiaria* desse dicionário irritaram muitos leitores, porque registravam usos "politicamente incorretos":

> **Judeu**, adj. e s.m. - Relativo à Judéia e ao povo desta região da Palestina antiga; natural ou proveniente da Judéia; aquele que segue a religião judaica; hebreu; (pop.) especulador, negocista.
> **Judiaria,** s.f. - Grande porção de judeus; bairro destinado aos judeus; (fig.) apoquentação; chacota; mofa, pirraça, maus-tratos; crueldade."

Como você concebe a função de um bom dicionário (particularmente um dicionário escolar)? Ele é um instrumento descritivo ou prescritivo? ele deve:

a) registrar quaisquer usos, inclusive os usos que ajudam reforçar preconceitos?
b) registrar apenas os usos politicamente corretos, sancionando dessa forma o seu uso?
c) adotar alguma solução de meio-termo? Qual?

11. Na mesma página em que noticiou que o líder do Movimento dos Sem Terra, José Rainha Júnior, havia sido absolvido em seu segundo julgamento, realizado em Vitória no dia 5 de abril de 2000, o jornal *A Folha de S. Paulo* publicou duas entrevistas: uma, do próprio José Rainha, e outra, da viúva do fazendeiro cujo assassinato lhe havia sido imputado. Nas duas entrevistas aparece uma mesma expressão, usada para falar dos dois desfechos possíveis do caso. Qual é essa expressão? Por que essa expressão pode referir-se a dois desfechos tão diferentes?

Condenação foi uma farsa, diz sem-terra

dos enviados especiais

O líder do MST, José Rainha Júnior, 39, se disse feliz com o resultado, e mais convicto da necessidade de mudar "essa estrutura podre". "Vou voltar à minha vida normal, que é trabalhar e organizar os pobres deste país" [...]. Leia abaixo os principais trechos da entrevista dada por ele minutos depois da absolvição.

Pergunta – Como o sr. se sente com a absolvição?

José Rainha – A verdade é como a Justiça divina tarda, mas não falha. É a vitória do Movimento Sem Terra, dos trabalhadores, da sociedade organizada. A minha atuação sempre foi buscar a reforma agrária para defender a vida. A vida desse povo humilde, pobre, miserável. [...]

Pergunta – Como o MST vai se comportar a partir de agora?

Rainha – Vai se comportar como sempre se comportou nesse país. Questionar o latifúndio improdutivo e lutar pela justiça para que Corumbiara e Eldorado do Carajás não continue impune.

Pergunta – Esse resultado após o primeiro julgamento é um alívio?

Rainha — É um alívio. O julgamento passado foi uma farsa. [..]

"Justiça de Deus não falha", afirma viúva

dos enviados especiais

A viúva do fazendeiro José Machado Neto, Aline Machado, 61, acompanhou os primeiros dois dias de julgamento ao lado das filhas e disse ter certeza da culpa de José Rainha na morte de seu marido. "Estou esperando justiça há 11 anos", afirmou. [...]

Nos primeiros dias de julgamento, ela falou várias vezes à *Folha* sobre o caso. Leia trechos a seguir:

Folha – A senhora acredita que José Rainha participou da morte de seu marido?

Aline Machado – Tenho certeza. À época, todos disseram que ele estava em Pedro Canário [...]

Folha – O que a senhora acha da manifestação dos militantes sem terra em solidariedade a Rainha?

Aline – Acho muito errado. Quando eu cheguei, passei pelo meio deles. Eles recebem Zé Rainha como herói, mas herói sou eu, que estou esperando há 11 anos.

Folha – Qual a sua expectativa daqui para a frente?

Aline – A justiça da terra é falha, mas a de Deus não falha. Quero justiça, estou esperando há 11 anos.

(*Folha de S. Paulo*, 6.4.2000)

Frases feitas

Objetivo

Explorar o funcionamento das expressões "idiomáticas", contrastando-as com as expressões "composicionais".

Caracterização geral

Chamamos de **idiomáticas** as expressões, compostas de diferentes palavras, cujo sentido vale para o todo, e não pode ser obtido pela montagem dos sentidos das palavras que as compõem, ex. "rodar à baiana" ou "armar o barraco" por brigar, "roer a corda" por fugir, ou "andar no mundo da lua", por ser distraído etc.

O oposto das expressões idiomáticas são as expressões **composicionais**; nestas últimas, as palavras mantêm seu sentido corrente, e são analisadas uma a uma, de modo que é possível entender o sentido do todo como uma "composição" ou "montagem", a partir do sentidos das partes.

Material lingüístico

✓ Uma característica própria das expressões idiomáticas é que elas apresentam um forte grau de fixidez, isto é, não podemos substituir as palavras que as compõem por outras, nem mudar sua ordem, nem intercalar outras palavras: podemos dizer que alguém fez um determinado trabalho *com um pé nas costas*, mas não seremos entendidos se dissermos que ele fez o trabalho "com um pé no dorso ou na cacunda", nem que ele fez o trabalho "com um pé inchado nas costas" etc.

✓ As expressões idiomáticas podem fazer o papel de:

– substantivos: **um deus-nos-acuda** (= uma confusão);
– adjetivos: A diretora é uma **Maria-vai-com-as-outras** (= indecisa);
– verbos: O moço que tinha visto o atropelamento **fez boca de siri** (= calou-se, não falou nada);
– orações inteiras: **em rio de piranha, jacaré nada de costas** (= em determinadas circunstâncias, todo cuidado é pouco).

✓ Uso de certas expressões idiomáticas é até certo ponto próprio de certas faixas etárias, de certas regiões ou de certas culturas; por isso tem um forte valor conotativo (ver capítulo: *Conotação*). Por exemplo, somente pessoas de uma geração muito antiga usariam hoje as expressões "passar a manta" e "jogar a manta" com o sentido de "enganar", ou "fazer pé de alferes a uma moça" no sentido de "cortejar a moça".

✓ Entre as expressões idiomáticas que valem por orações inteiras, estão os provérbios, que geralmente encerram uma "moral".

Atividade

Adivinhar o provérbio. Uma parte da equipe sai da sala; outra parte da equipe sai e prepara em poucos minutos uma mímica que deverá servir de pista para que a outra parte da equipe possa "adivinhar" um provérbio conhecido. Quando o mistério é desvendado, ou ao cabo de um certo tempo, será a vez de outra equipe.

Provérbios sugeridos:

Em rio de piranha, jacaré nada de costas.
Melhor um pássaro na mão do que dois voando.
Quem dá aos pobres empresta a Deus.
Quem cala consente.

Exercícios

1. Colecione pelo menos cinco expressões idiomáticas que são usadas, tipicamente, pelas pessoas mais velhas. Junto com a expressão idiomática, deverá ser colecionada a sua significação, e a cidade ou região em que a expressão era usada.
Ex. "estar de bonde" = estar de braço com a namorada/interior de São Paulo (mesmo em cidades onde nunca houve bondes).

2. Algumas expressões idiomáticas fazem referência a personagens cuja identidade se perdeu no tempo. Mas não custa imaginar quem seriam e como seriam essas personagens. Como é que você imagina:
   a) O Onça, do *tempo do Onça.*
   b) O Lima de *mandar o Lima.*
   c) O Neves de *até aí morreu o Neves.*
   d) Os Afonsinhos *de no tempo dos Afonsinhos.*
   e) A Mãe Joana de *a casa da mãe Joana.*

f) O Hugo de *chamar o Hugo*.
g) A catedral de Braga de *mais velho que a sé de Braga*.

3. Escritores mais ou menos famosos já se inspiraram em expressões idiomáticas para criar histórias: eles contam então um "causo" que seria a origem do ditado. Veja estas histórias, inventadas pelo escritor Mário Prata, a partir de um ditado (*Mas será o Benedito*? 3ª. ed. São Paulo, Globo, 1996). Você seria capaz de inventar outra história?

Quebrar a cara
Significativo: dar-se mal.
Histórico: a expressão é deste século e americana. Surgiu quando começaram a colocar grandes portas de vidro nas lojas de Nova York. Nunca se sabia se estavam abertas ou fechadas, e os americanos, muitas vezes, "quebravam a cara" indo de encontro o vidro. Já deve ter acontecido com você também.

Rodar à baiana
Significativo: enfezar-se, dar um escândalo público.
Histórico: no início do século, no Rio de Janiero, os primeiros blocos de carnaval saíam às ruas e cruzavam a cidade cantando dançando com suas fantasias. Alguns dândis mais folgados se aproveitavam da euforia geral e lascavam beliscões nas nádegas das moças. Para pôr um fim nisso, no meio das baianas, iam uns capoeiristas vestidos como elas levando consigo navalhas escondidas. Ao primeiro sinal de desrespeito, esses soltavam uma meia-lua (golpe de capoeira) na orelha do espertinho. Quem assistia de fora não entendia muito bem, só via "rodar à baiana" e depois aquele Deus-nos-acuda.

Tudo como dantes no quartel de Abrantes
Significativo: nada mudou.
Histórico: Abrantes é uma pequena cidade do interior de Portugal. Uma vez estava fazendo uma viagem e entrei em Abrantes, que é muito mal sinalizada. Ficava a dar voltas pela cidade, e sempre caía diante do quartel de Abrantes, como dantes. Foi quando imaginei que a expressão deve ter vindo daí. Você vira, vira, vira, e fica "tudo como dantes no quartel de Abrantes". Que aliás é muito bonito.

4. Conte você mesmo um "causo" inventado ou ouvido que explique a origem de uma destas expressões formulaicas:
Dar o golpe do baú
Isso são outros quinhentos
Comer da banda podre

5. Muitas piadas tiram sua graça de uma confusão feita entre interpretação formulaica e interpretação composicional para a mesma expressão. Leia as piadas abaixo e diga qual é a expressão cujo duplo sentido está na base de duas interpretações.

a)

Seu Manuel era um marido exemplar, carinhoso, incapaz de matar uma mosca. Um dia, Maria precisou ir ao mercado e pediu ao bom homem:

— Manuel, meu amor, não tire os olhos do Manuelzinho, enquanto vou ao mercado, certo.

— Oh, Maria, você sabe que eu não mato uma mosca. Acha que teria a coragem de tirar os olhos do meu próprio filho?

b)

Certa mulher aguardava com seu marido o diagnóstico da doença deste. O médico se aproxima dos dois com expressão austera e diz:

— Não estou gostando nada da cara dele.

— Eu também não, mas ele é muito bom para as crianças.

c)

Conversam o carcereiro e o assassino de alta periculosidade. Carcereiro:

— E agora, o que vai fazer?

— Matar o tempo!

d)

Aula de catecismo.

— Qual dos alunos sabe onde está Deus? perguntou o professor.

— No banheiro de casa! responde Joãozinho, levantando o dedo.

— No banheiro de sua casa, Joãozinho???

— É sim, professor! Todos os dias a mamãe bate na porta do banheiro e pergunta:

— Meu Deus, você ainda está aí?

6. Por meio de um desenho, caricatura ou charge, tente representar um dos seguintes ditados:

a) As paredes têm ouvidos.
b) Escreveu, não leu, o pau comeu.
c) Falar pelos cotovelos.

7. Leia os provérbios a seguir; reúna-os em pares e explique o que justificou a aproximação dos dois provérbios do mesmo par.

✓ *Quem usa cuida.*
✓ *A roda pior do carro é a que faz mais barulho.*
✓ *Mais vale um pássaro na mão que dois voando.*
✓ *O peixe morre pela boca.*
✓ *Águas passadas não movem moinhos.*
✓ *A palavra é de prata, o silêncio é de ouro.*
✓ *Quem não deve, não teme.*
✓ *Nem tudo que reluz é ouro.*
✓ *Quem o alheio veste, na praça o despe.*
✓ *A mentira tem pernas curtas.*

8. Veja como a revista *Superinteressante* (setembro de 1999) explica um ditado popular que pode ser empregado por pessoas que não conhecem sua história:

Finada do dito popular existiu de verdade?

De onde vem a expressão "agora Inês é morta"?

Inês foi uma dama da corte portuguesa que teve morte trágica. Seu nome completo era Inês de Castro (1323-1355) e ela foi amante do príncipe herdeiro que se tornaria rei com o nome de D. Pedro I – que não tem nada a ver com o Pedro imperador do Brasil. Em 1345, com a morte da esposa, dona Constança, o príncipe português passou a viver secretamente com Inês.

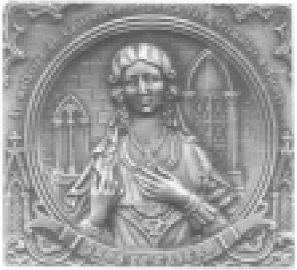

Inês de Castro foi executada em 1355 a mando do pai de seu amante, o príncipe de Portugal D. Pedro I

Chegou a ter filhos com ela. Dez anos depois, o rei, aproveitando que o filho estava fora do país, mandou executar a moça. Quando retornou, Pedro ficou furioso e ordenou a morte dos conselheiros que ajudaram seu pai na decisão. Fora a vingança, não havia mais o que fazer.

O caso trágico foi contado e recontado em várias obras portuguesas, como *Os Lusíadas*, de Luís de Camões. "A frase, que significa 'Agora é tarde demais', passou a ser usada como uma alusão à tragédia" conta o professor de Língua Portuguesa Reginaldo Pinto de Carvalho, da Universidade de São Paulo.

9. Vestibular Unicamp 95

Mala Pronta

> O ex-prefeito de Sonora, J.C.C., apenas aguarda os primeiros pronunciamentos da Justiça e do Tribunal de Contas para decidir se responde ao processo por desvio de Cr$ 130 milhões em carne e osso ou desapa-

rece, seguindo exemplo de um colega de corrupção.
J.C.C. corre dois riscos: ter que devolver o dinheiro e ainda ir para a cadeia. São motivos suficiente para pensar em pegar a estrada.

(Bastidores, Diário da Serra, Campo Grande, 26.09.1993)

Segundo a nota acima, o ex-prefeito de Sonora deveria tomar uma decisão: apresentar-se à justiça ou fugir. Para formular a primeira alternativa, o autor do texto usa a expressão idiomática (frase feita) “em carne e osso”.

a) O que significa a expressão idiomática “em carne e osso”?
b) Se a seqüência “em carne e osso” não for lida como expressão idiomática, e as palavras “carne” e “osso” forem tomadas em sentido literal, é possível fazer uma outra interpretação da nota acima. Qual é essa interpretação?
c) Para obter cada uma das duas interpretações a seqüência “em carne e osso” deve ser relacionada a diferentes palavras do texto. Identifique essas palavras, vinculando-as a cada uma das interpretações.

10. Com alguma freqüência, a propaganda cria anúncios que retêm a atenção dos leitores, obrigando-os a reinterpretar “composicionalmente” o que à primeira vista soava como uma frase feita. É o que acontece com esta propaganda da vitamina Cebion. Procure folhear alguma revista de grande circulação, e traga para a sala de aula outro texto de propaganda que utilize o mesmo recurso.

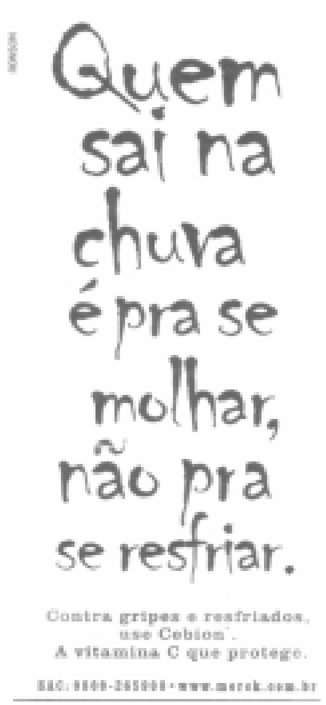
Quem sai na chuva é pra se molhar, não pra se resfriar.
Contra gripes e resfriados, use Cebion®.
A vitamina C que protege.

MERCK
Cebion® 1g
Vitamina C

11. O recorte que segue é a propaganda de uma marca de cadernos. Essa propaganda joga com duas interpretações possíveis da frase “Pode escrever”. Quais são essas duas interpretações? Que conjunções você poderia colocar na propaganda, no lugar de dois pontos?

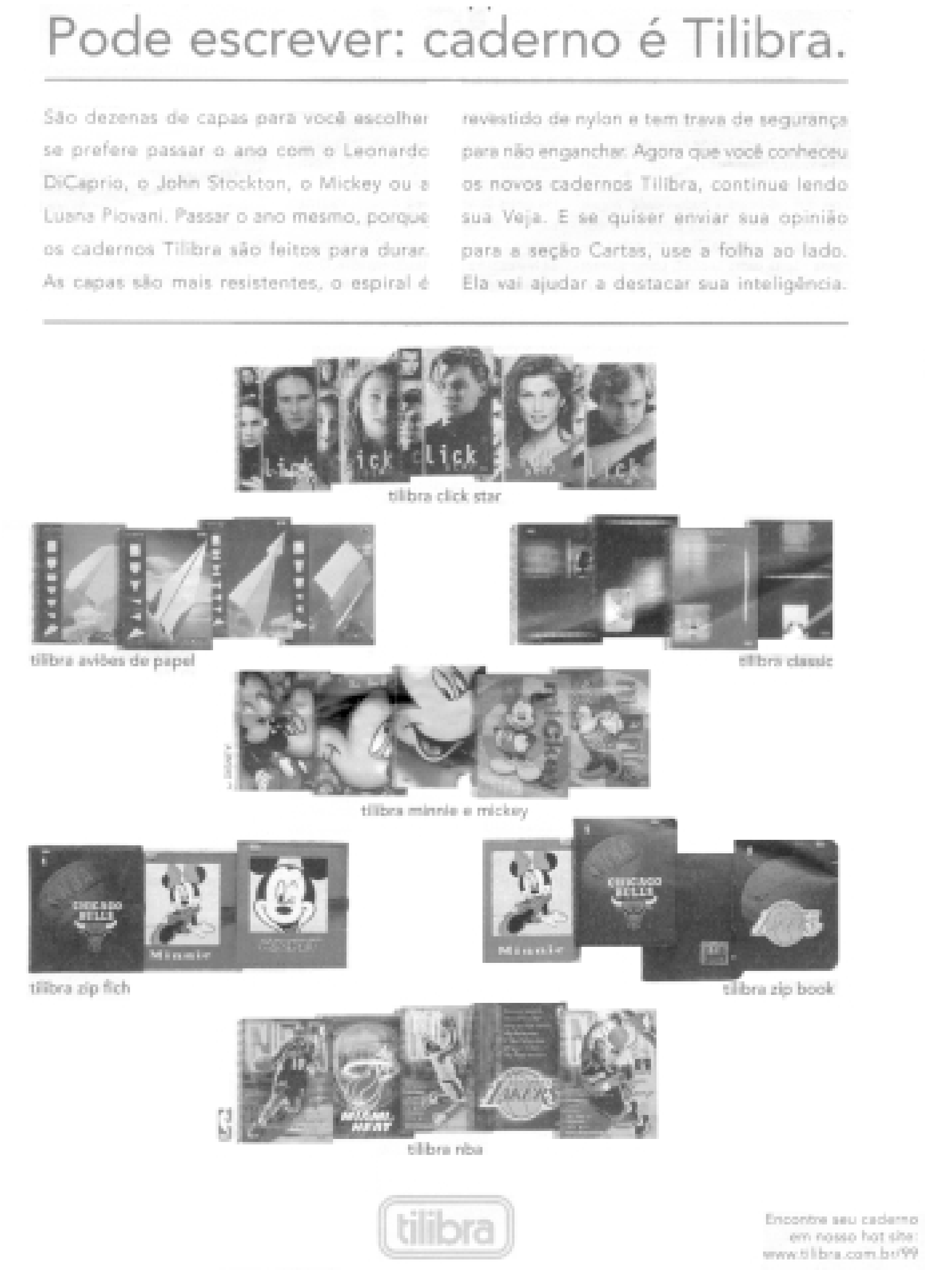

Pode escrever: caderno é Tilibra.

São dezenas de capas para você escolher se prefere passar o ano com o Leonardo DiCaprio, o John Stockton, o Mickey ou a Luana Piovani. Passar o ano mesmo, porque os cadernos Tilibra são feitos para durar. As capas são mais resistentes, o espiral é revestido de nylon e tem trava de segurança para não enganchar. Agora que você conheceu os novos cadernos Tilibra, continue lendo sua Veja. E se quiser enviar sua opinião para a seção Cartas, use a folha ao lado. Ela vai ajudar a destacar sua inteligência.

tilibra click star
tilibra aviões de papel
tilibra classic
tilibra minnie e mickey
tilibra zip fich
tilibra zip book
tilibra nba
tilibra

Encontre seu caderno em nosso hot site: www.tilibra.com.br/99

Implícitos (I)

Objetivo

Sensibilizar o leitor para o fato de que o sentido literal dos enunciados inclui freqüentemente informações implícitas, embora previsíveis.

Caracterização geral

As informações veiculadas pelas mensagens lingüísticas apresentam graus diferentes de explicitude. Podem ser consideradas implícitas todas as informações que uma sentença veicula, sem que o falante se comprometa explicitamente com sua verdade. Essas informações precisam então ser “inferidas” a partir da sentença por meio de algum raciocínio que parte da própria sentença. É o que ocorre nos casos da **pressuposição** e do **acarretamento**.

Material lingüístico

Pressuposição: Diz-se que uma informação é pressuposta quando ela se mantém mesmo que neguemos a sentença que a veicula. Se alguém nos disser que o carro parou de trepidar depois que foi ao mecânico, concluímos que o carro morria antes de ir ao mecânico; se esse mesmo alguém nos disser que o carro não parou de trepidar apesar de ter ido ao mecânico, também concluiremos que o carro trepidava antes. Sempre que um certo conteúdo está presente tanto na sentença como em sua negação, dizemos que a sentença pressupõe esse conteúdo.

Acarretamento: Temos acarretamento toda vez que a verdade de uma sentença implica a verdade de uma outra, simplesmente pela significação de suas palavras. Geralmente, os acarretamentos resultam do uso de palavras de sentido específico; assim, se dissermos que Tico é um pardal, poderemos concluir que ele é um pássaro, um vertebrado, um ser vivo etc. (Ou: basta ser um pardal para ser um pássaro, basta ser um pássaro para ser um ser vivo etc.); se dissermos que o *office-boy* conseguiu para pagar a conta, então podemos concluir que ele pagou a conta etc.

Atividade

Todos nós sabemos que o poeta Olavo Bilac é, na literatura brasileira, um dos principais representantes do movimento literário do Parnasianismo, que se apresentou, entre outros aspectos de seu ideário, como uma reação ao romantismo. Suponha que, num concurso público foi proposta a seguinte questão dissertativa:

Por que Olavo Bilac é romântico?

Em sua opinião, essa pergunta é capciosa? Imagine que você é um dos candidatos do concurso, e que você quer pedir a anulação da questão. Que argumentos (lingüísticos, pedagógicos etc.) você usaria para tentar a anulação dessa questão?

Exercícios

1. Coloque **todos** ou **nem todos**, nos espaços vazios, de modo que chegue a uma afirmação verdadeira.

.... os carros são veículos, mas .... os veículos são carros.
.... os paulistanos são paulistas, mas .... os paulistas são paulistanos.
.... os remédios são beta-bloqueadores, mas .... beta-bloqueadores são remédios.
Até 1950, ... os automóveis que circulavam no Brasil eram importados, mas .... os importados eram automóveis.
.... os escritores da Academia Brasileira de Letras são velhos, mas .... os velhos são escritores da Academia Brasileira de Letras.
.... os acidentes automobilísticos ocorridos nesta estrada se deveram a falhas mecânicas ou humanas, mas .... os acidentes automobilísticos devidos a falhas mecânicas ou humanas aconteceram nesta estrada.

2. Leia a nota abaixo e responda em seguida às perguntas:

Ex-paquita desmente

> A ex-paquita Roberta Cipriani desmente rumores do final de seu noivado com Diogo Boni, filho do atual consultor da Rede Globo de Televisão, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho. Ela me garantiu que está muito bem com o rapaz, e que passaram o Carnaval juntinhos em Angra dos Reis.

(*Jornal de Jundiaí*, 8.3.2000)

Situe-se no momento em que a nota foi escrita e considere estas afirmações:

a) Roberta Cipriani foi paquita, no passado.
b) Roberta Cipriani e Diogo Boni ficaram noivos há algum tempo.
c) O pai de Diogo Boni ainda vive.
d) O pai de Diogo Boni é José Bonifácio de Oliveira Sobrinho.
e) J. B. de Oliveira Sobrinho trabalha na Rede Globo como consultor.
f) Correram boatos de que Roberta e Diogo terminaram o noivado.
g) Roberta e Diogo terminaram o noivado.

Quais delas são verdadeiras, segundo a nota do jornal? O que mudaria se a nota fosse reduzida à sua primeira parte, e se, em vez do verbo *desmente* tivéssemos seu antônimo *confirma*?

3. Ao que tudo indica, a nota do exercício 2 foi escrita para leitores que acompanham passo a passo a vida afetiva dos artistas da televisão, sempre bem informados a respeito. Considerando a maneira como a nota foi escrita, quais das informações (a)-(g) acima foram apresentadas como novidade para esse tipo de leitor? Quais foram apresentadas como previamente conhecidas?

4. O objetivo desta tira da série "Os Pescoçudos" é, evidentemente, ridicularizar a "Classe-A", representando-a como endinheirada e burra. A que personagem pertence a fala que demonstra burrice? Que informação implícita a personagem em questão deveria levar em conta, para não "dar um fora"?

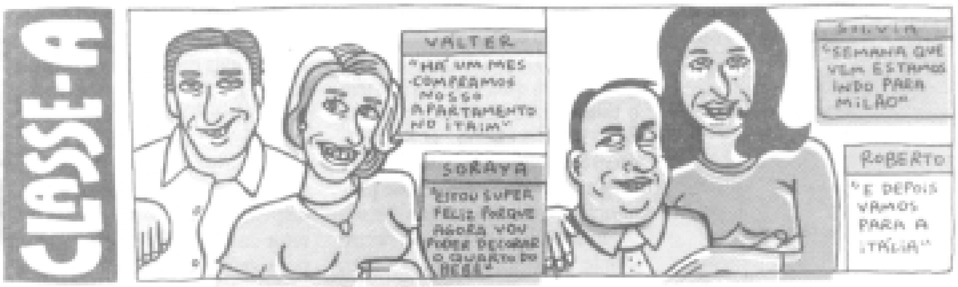
CLASSE-A
VALTER
"HÁ UM MES COMPRAMOS NOSSO APARTAMENTO NO ITAIM"
SORAYA
"ESTOU SUPER FELIZ PORQUE AGORA VOU PODER DECORAR O QUARTO DO BEBÊ"
SILVIA
"SEMANA QUE VEM ESTAMOS INDO PARA MILÃO"
ROBERTO
"E DEPOIS VAMOS PARA A ITÁLIA"

(*Os Pescoçudos* - 10.4.2000)

5. No caderno Informática do jornal *Folha de S. Paulo* de 08 de dezembro de 1999 aparecia a seguinte "matéria":

Como escolher sua **câmera digital**

Máquinas voltadas para amadores chegam com maior resolução de imagem, mas preços ainda são salgados

Págs. 5-6 e 5-7

O pequeno *lead* desta matéria (“Máquinas...salgados”) fala dos preços das câmeras digitais (câmeras que captam imagens por um processo digital, sem negativo) e registra a frustração do jornalista diante do fato de que esse equipamento não ficou mais barato ao longo dos últimos anos, à diferença do que aconteceu com os outros equipamentos computacionais. Suponha a situação contrária (finalmente as câmeras ficaram acessíveis a todos) e redija três ou quatro *leads* que a descreveriam.

6. A história a seguir foi extraída do livro *Humor na Marolândia*, de Marcos Vinícius Ribeiro Dias (Editora e Gráfica Papiro, Paraguaçu – MG). Leia e responda em seguida:

Notícias do além.

Aquele que morrer primeiro e for para o céu deverá voltar à terra para contar ao outro como é a vida lá no paraíso. Assim ficou combinado entre Francisco e Sebastião, amigos inseparáveis e apaixonados pelo futebol. Francisco teve morte súbita e, passado algum tempo, no meio da noite, sua alma apareceu ao colega:

— Nossa senhora, Chico! Você veio mesmo!

— Estou aqui, Tião, para cumprir a minha promessa, trazendo-lhe duas notícias:

— Então me fala.

— O Céu é uma maravilha, um colosso, uma beleza. Tem futebol todo dia.

— E a outra?

— A outra é que você já está escalado para jogar no meu time amanhã cedo.

a) Por que a segunda notícia que Francisco transmite a Sebastião é assustadora?
b) Em que você se baseou para responder à pergunta (a)?

7. Todos nós já deparamos com propagandas como esta:

Não se deixe explorar pela concorrência!
Compre na nossa loja.

Explique por que essa propaganda é potencialmente prejudicial ao comerciante que a utiliza.

8. Tire a conclusão cabível:

a) Na cidade, todos os prédios com mais de três andares ficam na praça da matriz. O Zé Carlos disse que morava no 6º andar. Logo, o Zé Carlos....
b) As marcas dos pneus ficaram a um metro e noventa de distância. Nenhum carro tem uma bitola tão larga. Portanto, as marcas de pneus ...
c) Nenhum político de expressão é demagogo. Nosso prefeito é um grande demagogo, o que leva a concluir que....
d) Todo universitário tem QI superior a 70. Mas alguns universitários são estúpidos. Logo, um QI superior a 70 não garante que ....
e) Nenhum bolo de aniversário comprado em confeitaria custa hoje menos de 30 reais. Se o João gastou menos de 30 reais com o bolo de aniversário do irmãozinho, então...
f) Na véspera do concerto, o banco mandou um convite para cada um dos clientes com mais de 5 mil reais na carteira de investimentos. Se o Zé Carlos não foi convidado, é que...
g) Só quem conheceu o Godofredo antes de ele ficar rico sabe que ele tinha apelido de “Almôndega”. O Zé Carlos vive chamando o Godofredo de Almôndega, logo...
h) Para ser diplomata, era preciso ter o curso do Itamaraty, ou ter se notabilizado por uma obra artística considerada de grande expressão. Não me consta que o poeta Vinicius de Moraes tivesse feito o curso do Itamaraty. Logo, sua obra...

9. Quando as pessoas encadeiam duas sentenças, A e B, por meio das palavras *logo* e *portanto*, dão a entender que a informação contida em B estava implicitamente presente em A. Mas os livros de lógica (e a vida) nos ensinam que o esquema A, logo B já foi muito usado para raciocinar de maneira errada. Explique, intuitivamente, o que há de errado com estes raciocínios.

(inspirados em Copi, *Introdução à Lógica*, São Paulo, Mestre Jou, 1974):

a) Todos os homens são mortais; portanto a raça humana está em extinção.
b) Nesta região é difícil achar ouro, portanto você precisa tomar cuidado para não perder sua aliança.
c) O governo recolheu e incinerou nos últimos meses mais de 500 mil notas antigas. Portanto, não é verdade que o dinheiro está mais abundante hoje do que um ano atrás.
d) Você acaba de me dizer que devo agir segundo meu próprio discernimento, e ele me diz que devo consultar minha mulher. Portanto vou consultar minha mulher.
e) O Congresso é notoriamente lento em suas ações, portanto não se pode esperar que o senador que preside a comissão de finanças trabalhe rápido.
f) Não é verdade, professor, que os alunos que tiram dez estudam muito? Portanto, o melhor que o senhor tem a fazer é dar-me dez neste semestre.
g) Quem pesca com isca viva nesta parte do rio não pega nada. Eu tirei todas iscas do anzol, portanto vou pegar uma grande quantidade de peixe.
h) Quem ganha altos salários vive estressado. Logo, a melhor maneira para evitar o estresse é ter um salário de fome.
i) Pusemos a chocar ovos cozidos, logo vão nascer frangos já assados.

10. No dia 14 de fevereiro de 2000, as Casas Bahia fizeram publicar nos principais jornais do país, na forma de matéria paga, o seguinte:

COMUNICADO

Em virtude de reportagem veiculada na noite do último domingo no Programa Fantástico, da Rede Globo de Televisão, as Casas Bahia se sentem no dever de tornar claras algumas posições que a empresa sustenta há décadas.

1. Se há um estabelecimento comercial onde não existe a prática de qualquer discriminação a quem entra para comprar um produto, este lugar é a rede das Casas Bahia.

2. A concessão de crédito a um consumidor ou mesmo a empresas segue critérios baseados na análise dos riscos dessa concessão. Infeliz-

mente, é muito comum em nosso país que os cidadãos da terceira idade acabem não tendo garantias mínimas para a obtenção de crédito, seja por rendimentos insuficientes, seja pela impossibilidade de comprovar qualquer rendimento. Mesmo assim, é importante que se diga que a nossa rotina de crédito determina que aquele que solicite o crédito e não possa demonstrar os meios para honrar a dívida seja encaminhado a uma entrevista com um de nossos analistas de crédito. Para deixar mais claro: idade não é um limitador automático de crédito nas Casas Bahia. Basta ver os 444 mil clientes que temos com mais de 65 anos e crédito aberto normalmente.

3. No sentido de evitar erros humanos como aquele verificado na reportagem – o comprador não foi encaminhado para melhor análise de crédito – enviamos ainda hoje aos nossos gerentes, nas 256 lojas da rede, uma nota determinando absoluta atenção aos procedimentos corretos de análise de crédito e explicitando a posição frontalmente contrária desta empresa a discriminação de qualquer espécie. Boa parte do respeito que conquistamos no mercado e da confiança junto ao consumidor vem do fato de que nossa política de crédito busca conceder sempre que possível ao invés de restringir sempre que surjam dúvidas. Analisamos pessoas e não fichas. Mais de 90% de nossas vendas são a crédito. Crédito a pagadores fiéis, que nos garantem os menores índices de inadimplência do mercado.

4. Esta empresa sabe o quanto o cidadão brasileiro da terceira idade merece respeito. Não só pelo que já fez, mas pelo potencial de ainda servir à sociedade, que a experiência lhe dá. Esta empresa, por sinal, e liderada por um homem de 76 anos, que embora se orgulhe do que construiu, mantém seus olhos no que ainda poderá construir.

Respeitosamente
Casas Bahia
São Caetano do Sul, 14 de fevereiro de 2000

O comunicado reconhece que houve um problema, mas o atribui a um erro humano, o que permite minimizar os prejuízos que ele poderia causar à imagem da empresa. Além disso, o comunicado fornece uma quantidade de dados objetivos, que podem ser tomados como indicadores do sucesso da empresa e de identificação com o público consumidor.

a) Na ótica da empresa (e na linguagem do comunicado) qual foi o problema?
b) Quais são os dados que funcionam como indicadores de sucesso da empresa?

Implícitos (II)

Objetivo

Observar o funcionamento dos implícitos que não podem ser previstos a partir apenas do sentido literal dos enunciados.

Caracterização geral

As mensagens lingüísticas comportam às vezes implícitos que não podem ser previstos com base apenas no sentido literal. Importantíssimos para a interpretação final da mensagem, esses implícitos só podem ser descobertos por um trabalho de conjectura feito a partir de uma avaliação global da situação comunicativa, em que o ouvinte procura recuperar as intenções do falante. Mensagens que comportam esse tipo de implícito são sempre interpretadas como "indiretas" e obrigam, tipicamente, o ouvinte a perguntar: "O que foi que ele quis me dizer com isso?", "Aonde ele quis chegar?" etc.

Material lingüístico

O caso mais típico de indireta são as chamadas "implicaturas conversacionais", cujo estudo começou pela análise de histórias como esta:

> *A* é um professor de filosofia recém-formado. Querendo obter emprego em uma determinada universidade, vai a um de seus antigos professores, *B*, e pede-lhe que mande uma carta recomendando-o para o emprego a *C*, o diretor da tal universidade. *B* escreve a carta nos seguintes termos: "A tem excelente caligrafia e até hoje não foi preso". *C* lê a carta e conclui que *A* não é aproveitável.

O problema proposto por essa história consiste em explicar por que *C* conclui que *A* é ruim, quando as informações dadas por *B*, por si só, são não são negativas.

A solução clássica, proposta pelo filósofo norte-americano Peter Grice, consiste em admitir que os interlocutores estão normalmente empenhados em construir juntos uma comunicação eficaz e que, para isso, aplicam as seguintes "máximas conversacionais":

✓ Diga apenas aquilo que você julga ser verdadeiro.

✓ Diga as coisas que você quer dizer da melhor maneira possível (por exemplo: evite ser prolixo, confuso ou desnecessariamente rebuscado na escolha do vocabulário etc.).

✓ Diga o máximo que você pode dizer.

✓ Só diga coisas relevantes para o propósito da comunicação.

No caso, *C* chega à interpretação correta porque raciocina assim: "Preciso admitir que a carta quer informar sobre *A*. Ora, a carta diz que A tem boa caligrafia e nunca foi preso, mas isso não é nem um pouco relevante. Se *B* optou por dar precisamente essas informações numa carta de recomendação, deve ser porque são as únicas informações positivas que ele poderia oferecer; logo, o candidato não tem qualidade melhor que o recomende.

Segundo essa explicação, *C* percebe que *B* transgrediu uma máxima, para obedecer à outra, e com isso pode reconstruir toda a história de modo que a carta, à primeira vista irrelevante, faça sentido.

As implicaturas conversacionais são o caso mais evidente de mensagem que contém indiretas. Propõem ao interlocutor uma informação irrelevante, e o obrigam a "re-contar" toda uma história de modo que uma informação irrelevante ganhe um sentido.

Atividade

A expressão "caiu a ficha" é às vezes usada para indicar o momento em que alguém descobre, "saca" o sentido real de uma indireta. As expressões "a ficha não caiu", "a ficha está demorando para cair (no orelhão de fulano)" descrevem situações em que essa descoberta não acontece. Conte um episódio de que você foi testemunha, em que a ficha caiu (ou demorou para cair, ou não caiu), e isso teve conseqüências.

Exercícios

1. A coluna "Contraponto", do jornal *Folha de S. Paulo* traz diariamente aos leitores breves narrativas de episódios envolvendo personagens da política nacional. No dia 6 de novembro de 1999, a história era sobre Paulo Maluf.

CONTRAPONTO

Faminto por cimento

Durante a inauguração de uma avenida em SP, o então prefeito Paulo Maluf começou a andar de um lado para outro, fazendo cara de quem checava cada detalhe da obra.

De repente, Maluf, cercado por jornalistas, gritou para o secretário das Vias Públicas, Reynaldo de Barros:

— Reynaldo, quero um pontilhão bem aqui!

O secretário, que era contrário à obra, tentou argumentar:

— Prefeito, não dá. A engenharia de tráfego acha que não é nem um pouco viável.

Maluf olhou irritado:

— É viável, sim! Você acha que os carros vão fazer retorno aonde? — respondeu o prefeito.

O secretário ainda tentou insistir, mas foi interrompido:

— Não adianta reclamar. Quero o pontilhão amanhã — exagerou Maluf.

Bravo, Reynaldo gritou para um assessor, provocando gargalhadas:

— Tá bom, tá bom. Taliba, manda fazer logo um pontilhão com fritas para o prefeito.

a) Como você interpreta a última fala do secretário de Vias Públicas?
b) O que leva a essa interpretação?

2. Explique o que a Helga quis dizer, no terceiro quadrinho.

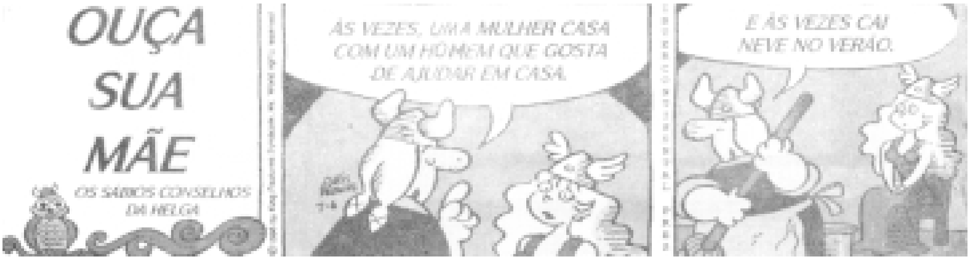
OUÇA SUA MÃE
OS SÁBIOS CONSELHOS DA HELGA
ÀS VEZES, UMA MULHER CASA COM UM HOMEM QUE GOSTA DE AJUDAR EM CASA.
E ÀS VEZES CAI NEVE NO VERÃO.

(*Folha de S. Paulo*, 14.8.1996)

3. Algumas perguntas marotas já se tornaram maneiras convencionais de “dar indiretas” que todos entendem. Diga em que situações e com que intenção poderiam ser usadas as perguntas (nem sempre polidas) que seguem:

a) O seu barbeiro (cabeleireiro) foi preso?
b) Na sua casa só tem cortinas?/Na sua casa não tem geladeira?
c) Isso dá sempre?
d) Que bicho te mordeu?

e) Você viu o passarinho verde?
f) Bebeu?
g) Qual é a tua?
h) Você está me estranhando?
i) Está pensando que nasci ontem?

4. O menino da tira não passa, evidentemente, de um mau aluno que não estudou para a chamada oral. Para isso, ele tenta alterar o sentido da pergunta feita pelo professor. Tente determinar

a) Qual foi a pergunta?
b) Em que sentido a resposta do menino muda o sentido dessa pergunta?

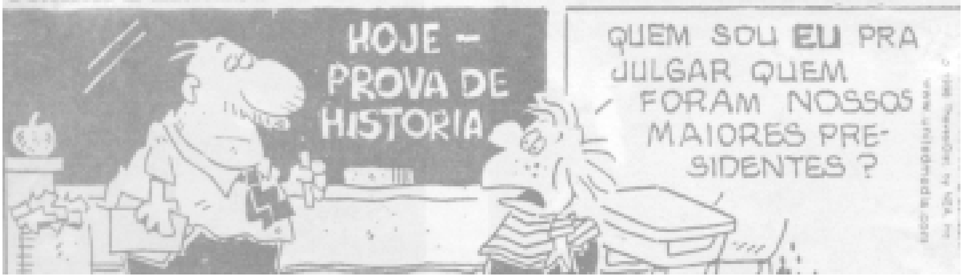
HOJE - PROVA DE HISTORIA
QUEM SOU EU PRA JULGAR QUEM FORAM NOSSOS MAIORES PRE-SIDENTES ?

(*Jornal do Brasil*, 16.12.1999.)

5. No dia 4 de fevereiro de 2000, o jornal *O Estado de S. Paulo*, na coluna reservada à correspondência dos leitores, publicou esta carta:

Seleção

> Após saber que a seleção canarinho vai jogar com a conhecidíssima seleção da Tailândia, gostaria de saber como faço para marcar um jogo da seleção contra a famosíssima e poderosa equipe do S. E. Palmeirinha, da minha cidade de Porto Ferreira. **Jairo Baccarin Filho**

Considerando que a carta foi escrita para ser lida não só pela redação do jornal, mas por todos os leitores, o que queria efetivamente dizer o Sr. Baccarin?

6. Algumas mensagens da propaganda, em vez de argumentarem diretamente a favor do produto que querem promover, nos obrigam a raciocinar para descobrir esse mesmo argumento. É o caso desta propaganda dos relógios Patek Philippe. Pense e responda: que característica do produto ela ressalta?

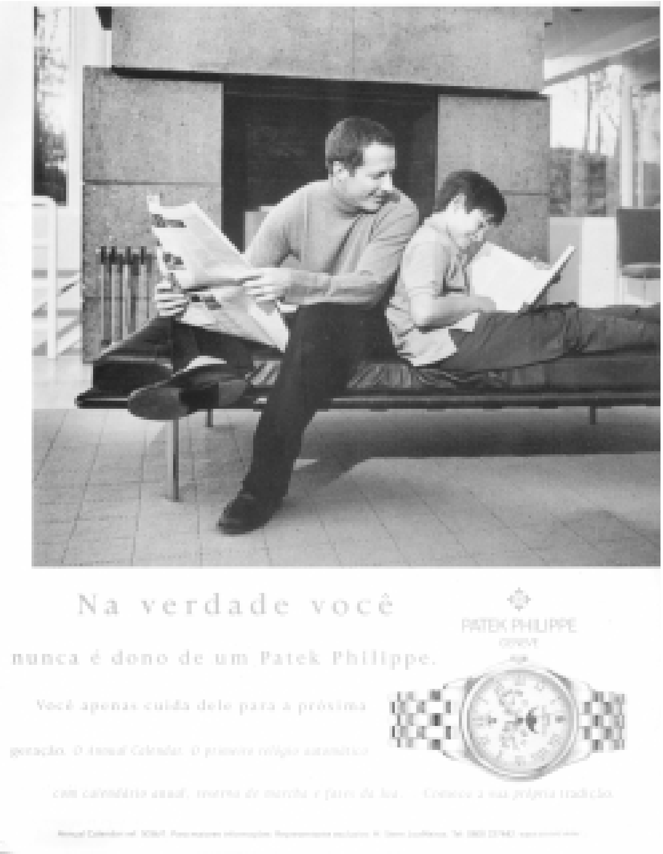
Na verdade você
nunca é dono de um Patek Philippe.
Você apenas cuida dele para a próxima
geração. O Annual Calendar. O primeiro relógio automático
com calendário anual, reserva de marcha e fases da lua. Comece a sua própria tradição.
PATEK PHILIPPE
GENEVE

7. A história abaixo foi extraída do livro *Humor na Marolândia*, do humorista mineiro Marcos Vinícius Ribeiro Dias. Leia o trecho e responda em seguida:

Especialidade de político

Certo deputado, em viagem ao interior de seu Estado, de repente, percebeu que estava sem dinheiro, e resolveu trocar um cheque especial numa agência de seu banco, porém, naquele momento, descobriu que estava sem um só documento. Aí virou para o gerente e falou:

— Eu sou deputado, o senhor deve me conhecer dos jornais, da televisão, do programa de abertura...

O gerente respondeu que sua fisionomia não lhe era estranha, mas explicou-lhe também que a responsabilidade dele pela agência é grande, e quando acontecem fatos como este, ele faz um teste com o cliente, por exemplo:

— Outro dia, falou o gerente, esteve aqui na agência o Chico Buarque de Holanda, na mesma situação, então eu pedi a ele que fizesse um poema, e ele fez uma obra-prima em cinco minutos, nós pagamos o cheque. Na semana passada, foi a Noêmia Mourão, que pintou uma tela maravilhosa. Outro dia, foi o Roberto Dinamite, que marcou quatro gols no nosso caixa, e também o Marquinhos que, além de mostrar que tinha dois metros de altura, colocou cinqüenta bolinhas de papel no cesto do lixo. Então...

O político ficou meio sem graça e falou para o gerente:

— Mas eu não sei fazer nada!

E o gerente, sorrindo, falou para o deputado:

— Pode dirigir-se ao caixa que vamos pagar o seu cheque.

a) A história reforça uma opinião corrente sobre qual seria a especialidade dos políticos. Qual é essa opinião?
b) Para muitos brasileiros, Chico Buarque é antes de tudo um músico. Entretanto, nesta história, ele é dado como exemplo de outra atividade. Qual?
c) É provável que alguns leitores da história não conheçam uma ou outra das personagens (Roberto Dinamite, Noêmia Mourão e Marquinhos). Mas no contexto da história é clara a especialidade que eles representam. Qual a especialidade de cada um?

8. Como você interpretaria esta seqüência de perguntas (de um juiz) e respostas (de um acusado) registrada durante uma audiência no tribunal?

Pergunta: *A senhora passou alguma vez a noite com este homem em N. Iorque?*
Resposta: *Eu me recuso a responder a essa pergunta!*
Pergunta: *A senhora passou alguma vez a noite com este homem em Chicago?*
Resposta: *Eu me recuso a responder a essa pergunta!*
Pergunta: *A senhora passou alguma vez a noite com este homem em Miami?*
Resposta: *Não!*

(do livro de Mary Louise Gilman)

9. Acontece às vezes ouvir afirmações como estas:

— “É muito articulado, para um ex-torneiro mecânico.”
— “É muito discreto para um descendente de italianos.”
— “É muito inteligente para um preto.”
— “É esperta para uma loira.”

Explicite a implicatura veiculada por essas frases. Mostre que essas frases (e outras análogas) são politicamente incorretas, porque estigmatizam todo um grupo, em vez de falar de um determinado indivíduo.

10. A que prática (de que são vítimas às vezes os turistas) se faz alusão nesta outra propaganda?

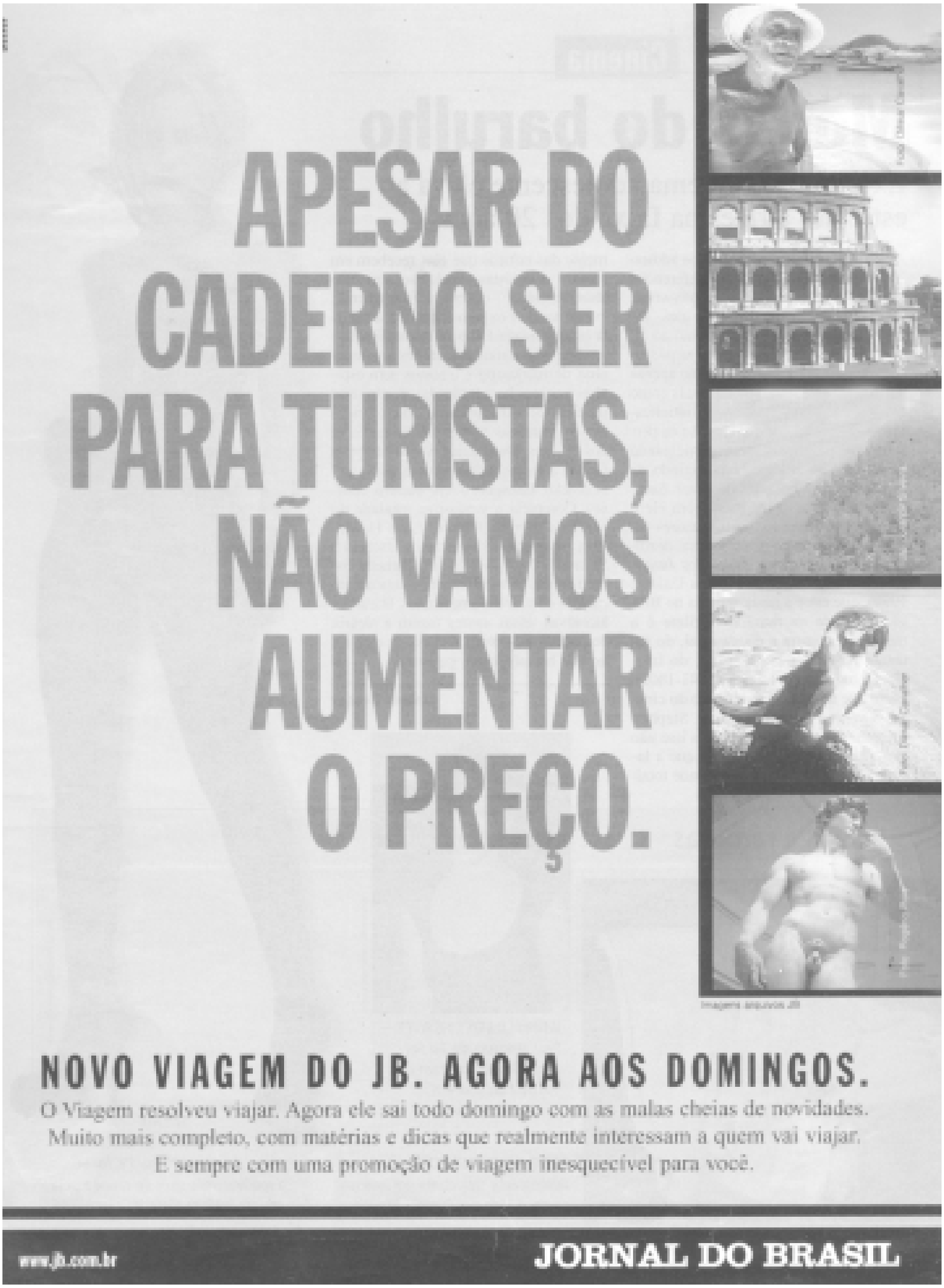

APESAR DO CADERNO SER PARA TURISTAS, NÃO VAMOS AUMENTAR O PREÇO.

Imagens arquivos JB

NOVO VIAGEM DO JB. AGORA AOS DOMINGOS.

O Viagem resolveu viajar. Agora ele sai todo domingo com as malas cheias de novidades.
Muito mais completo, com matérias e dicas que realmente interessam a quem vai viajar.
E sempre com uma promoção de viagem inesquecível para você.

www.jb.com.br

JORNAL DO BRASIL

11. Leia este recorte do jornal *Folha de S. Paulo* (setembro de 1999), e responda em seguida às perguntas:

CONFRONTO *Ministro do STF divulga nota*

Velloso diz que ACM não é homem de bem

SILVANA DE FREITAS
da Sucursal de Brasília

O presidente do STF (Supremo Tribunal Federal), ministro Carlos Velloso, sugeriu ontem que o presidente do Senado, Antônio Carlos Magalhães (PFL-BA), não é um "homem de bem" e afirmou que evitará novos bate-bocas com o parlamentar.

"Daqui para frente, eu vou deixar que esse senhor fale sozinho. Esse é o conselho, aliás, que tenho recebido de colegas e de inúmeras pessoas de bem. Afinal, eu tenho mais o que fazer."

A declaração foi dada por meio de nota à imprensa três dias após o último ataque do senador. Na quinta-feira, Velloso havia dito que fala porque tem "boca". No dia seguinte, ACM afirmara: "Se ele disse que fala porque tem boca, é lamentável que ele tenha."

Ontem, o ministro reafirmou que não aceita ser julgado pelo senador, sugerindo que ACM não seria um homem de bem.

"Esse senhor, eu já disse mais de uma vez, não tem condições para julgar os meus atos. Não me interessa o que ele pensa a meu respeito. Interessa-me, o que também já declarei, o julgamento dos homens de bem, nada mais."

Inativos

A polêmica entre os dois surgiu porque Velloso disse que a proposta de emenda constitucional que institui a contribuição previdenciária dos servidores inativos poderá ser rejeitada pelo STF. ACM considerou que o ministro estava falando demais e não deveria comentar questões que ainda não chegaram ao tribunal.

Velloso reagiu inicialmente com tranqüilidade ao ser informado na sexta-feira sobre o teor da última declaração do presidente do Senado.

Viagem

O Presidente do STF havia informado, por intermédio de sua assessoria de imprensa, que não pretendia responder. Anteontem, Velloso antecipou o retorno a Brasília de viagem pessoal a Vila Velha (ES).

Localize, no texto, a fala em que o presidente do STF declara não estar interessado nas opiniões do presidente do Senado. Mostre que o presidente do STF não **diz**, apenas **sugere** que ACM não é homem de bem. Explique como ele consegue transmitir essa opinião sem se comprometer explicitamente com ela. A partir dessa distinção entre dizer e sugerir, comente o título da notícia.

12. Em época próxima ao dia dos namorados de 1999, a montadora Renault estava promovendo o carro modelo Scénic por meio desta propaganda. Explique-a.

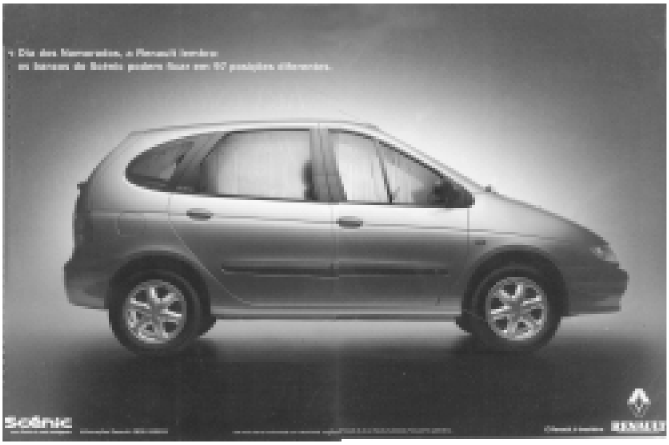

13. A companhia Crediminas divulgou, alguns anos atrás, por meio de jornais, um texto intitulado “Lições tiradas na vida”, contendo uma série de reflexões que se exprimem na primeira pessoa do singular, e que marcam as descobertas de cada idade. Algumas dessas reflexões foram transcritas a seguir:

> Aprendi que meu pai pode dizer um monte de palavras que eu não posso. 8 anos.
>
> .....
>
> Aprendi que não se deve descarregar suas frustrações no seu irmão menor, porque seu pai tem frustrações maiores e mão mais pesada. 15 anos.
>
> .....
>
> Aprendi que nunca devo elogiar a comida de minha mãe quando estou comendo alguma coisa que minha mulher preparou. 25 anos.
>
> .....
>
> Aprendi que quando minha mulher e eu temos, finalmente, uma noite sem as crianças, passamos a maior parte do tempo falando sobre elas. 29 anos.
>
> .....
>
> Aprendi que o homem tem quatro idades: (1) quando acredita em Papai Noel; (2) quando não acredita em Papai Noel; (3) quando é Papai Noel e (4) quando se parece com Papai Noel. 51 anos.
>
> .....
>
> Aprendi que envelhecer é importante se você é um queijo. 76 anos
>
> .....
>
> Aprendi que tenho muito a aprender. 92 anos.

Explique como você entende a reflexão que a personagem faz sobre envelhecer, aos 76 anos.

Linguagem e metalinguagem

Objetivo

Levar o leitor a reconhecer as situações em que a linguagem fala de si mesma.

Caracterização geral

São metalingüísticos todos os usos em que a linguagem, em vez de falar de pessoas, acontecimentos e outras realidades externas a ela, fala da própria linguagem.

Material lingüístico

O mais simples de todos os usos metalingüísticos é aquele em que **falamos de** uma palavra ou de uma frase, por exemplo quando dizemos que “sabiá” é uma palavra oxítona, ou quando dizemos que “alfabeto” tem oito letras, ou que “gato” é um substantivo. Um dos tantos usos que fazemos das aspas serve, precisamente, para indicar que queremos falar de uma determinada palavra, e não usá-la para falar do mundo.

Além disso, há, na língua, uma grande quantidade de palavras que são usadas para relatar a atividade de fala. Por exemplo:

✓ Os verbos “prometer”, “recomendar” e “ordenar” caracterizam diferentes atos de fala, tomando por base seu propósito.

✓ Os verbos “gritar”, “sussurrar”, “gaguejar”, “resmungar” dão uma idéia de como uma determinada fala foi pronunciada.

✓ Os verbos “confirmar”, “desmentir”, “reafirmar” qualificam como verdadeiro ou falso o conteúdo de uma fala anterior.

Há um tipo de correção, freqüente sobretudo na língua falada, que consiste em “retirar” uma palavra mal escolhida, e em substituí-la por outra, como quando dizemos “Ele é muito tenso ou, **melhor dizendo**, mal-humorado”. Essa correção

resulta de uma análise metalingüística que os usuários da língua fazem de sua própria fala.

Atividade

Localize, no livro *Primeiras Estórias*, de Guimarães Rosa, o conto "Famigerado", e leia-o, com a ajuda de seu professor. Note que nesse conto se narra um diálogo tenso, no qual uma das personagens mede os riscos de cada palavra. Na sua opinião, é correto dizer que o conto relata uma discussão sobre o sentido da palavra "famigerado"? O que mais é necessário dizer para explicar a tensão vivida pelas personagens?

Exercícios

1. Os jornalistas têm se preocupado muito mais do que os próprios gramáticos em regulamentar o uso das aspas. Por exemplo, o "Manual da Redação" da *Folha de S. Paulo* recomenda que esse recurso gráfico seja usado apenas

- "para delimitar uma citação";
- para assinalar "palavras e expressões estrangeiras que não tenham tradução, não tenham sido aportuguesadas, ou cuja utilização seja rara em texto jornalístico, ou
- para "destacar títulos de livros, obras artísticas (filmes, peças de teatro, música etc.), revistas, jornais". Segundo o mesmo "Manual", as aspas devem ser evitadas quando se quer enfatizar palavras ou imprimir-lhes um tom irônico. O texto que você vai ler a seguir, uma das melhores dissertações do Vestibular Unicamp 1999, recorre várias vezes às aspas. Pede-se que você comente cada ocorrência das aspas, esclarecendo:
  a) se ele se enquadra num dos casos previstos no *Manual da Folha*;
  b) se as aspas exercem alguma outra função, não prevista no *Manual*;
  c) se o uso das aspas seria condenado pelo *Manual*.

O caminho brasileiro

Nome: Rodrigo Mendes Leme
(escola particular)
CAMPINAS/SP
C.COMPUTAÇÃO (1ª opção)

Brasil, país dos famintos, dos massacres de cidadãos inocentes, da expoliação, da pobreza, do subdesenvolvimento econômico, do extermínio

da parcela indígena de sua população. À medida que se aproxima dos 500 anos, velhos problemas continuam sem solução, conforme bem alertou o historiador Sílvio Romero em sua História da Literatura Brasileira (e isso há mais de 100 anos!). Se até o presente momento não houve uma violenta insurreição armada popular, deve-se à ignorância e à índole pacífica do mesmo, que contribui para perpetuar o "status quo".

Visto por este ângulo, o leitor é tentado a considerar o Brasil um país que "jamais dará certo". A conjuntura atual é, de fato, negativa para a nação. Mas tal fato não deve anular tudo o que até agora conquistamos. Alguns brasileiros, em todos os campos de atividades, podem ser encontrados no panteão dos grandes da humanidade. Santos Dumont, César Lattes, Carlos Chagas, Machado de Assis, Oscar Niemayer etc. São compatriotas que demonstram o pontencial do "gigante adormecido". "Brasil, país do futuro - sempre futuro?" dirá ironicamente o leitor mais incauto. Um futuro mais próximo, porém pela primeira vez, o Estado, através de leis democráticas, começa a resguardar o citado potencial. Leis como as que regem o direito de greve, os crimes hediondos, os juizados de pequenas causas e outras podem parecer pouco mas para um país que até poucos anos era governado por uma ditadura, tais leis constituem um avanço fundamental.

O maior legado brasileiro, todavia, encontra-se num campo inesperado; tal classificação decorrre do fato deste assunto ser um tanto controverso. Trata-se da questão racial – e de como a intensa miscigenação produziu uma experiência antropológica única no mundo. Não se trata de retomar o ultrapassado mito da "democracia racial", que apenas serviu – e serve – para disfarçar o preconceito latente em parte da população. Mas quando se olha a multiplicação de conflitos étnico-raciais no globo, é inegável o nosso desenvolvimento. Eis o legado: enquanto outras nações ainda buscam a tolerância racial – inclusive os "poderosos" EUA –, nós já estamos num estágio mais avançado: no Brasil, busca-se a convivência racial, baseada em nossa singular miscigenação. Seria a glória do já falecido antropólogo Darcy Ribeiro, renomado pesquisador desse assunto: com apenas 500 anos de "idade", o Brasil conseguiu aquilo quenenhum outro país do mundo obteve – passar no estágio da tolerância para o da convivência racial. "Brasil, farol da humanidade": num planeta marcado por ódios ancestrais, esta mensagem mostra que é possível buscar a convivência - bastando seguir o caminho apontado pelo nosso país.

(Fonte: Dissertações do Vestibular Unicamp-99, Campinas, Edunicamp, 1999, p.51-54)

2. Coloque aspas nos lugares adequados, para tornar verdadeiras as frases abaixo:
   a) Palavrão é o aumentativo de palavra.
   b) Uma dúzia de letras tem 15 letras.
   c) Um dente é parecido com um pente.
   d) Não confunda detergente com deter gente.

e) Paroxítono é proparoxítono.
f) Quem usa quitanda no sentido de merenda é mineiro.
g) As placas de todos os automóveis de Campinas começam com a letra C.
h) Amor rima com espanador.

3. O primeiro verso concorre às vezes com o título como forma de identificação de alguns poemas célebres. Tente descobrir o título dos poemas cujos versos foram transcritos a seguir.

“Stamos em pleno mar. Doido no espaço brilha o luar ...”
“Ora, direis, ouvir estrelas...”
“As armas e os barões assinalados...”
“De tudo ao meu amor serei atento antes”
“Vai-se a primeira pomba despertada”
“Minha terra tem palmeiras”
etc.

4. Alguns trechos das letras de canções populares consagradas são mais conhecidos que outros trechos das mesmas canções. Procure lembrar os trechos que você conhece das seguintes canções:

Saudosa maloca (Adoniran Barbosa)
Trem das onze (Adoniran Barbosa)
A banda (Chico Buarque)
O peixe vivo (foclore mineiro)
Brasília amarela (Mamonas Assassinas)
Saudades da Amélia (Mário Lago)
Asa branca (Luís Gonzaga)

Confira, em seguida, os seus resultados que você terá obtido com os de seus colegas. Se for o caso, faça, com seus colegas, uma nova lista de canções mais conhecidas e mais ao gosto da turma.

5. Nas narrativas que seguem, há um elemento cômico que se origina num equívoco. Em que casos o equívoco tem a ver com uma confusão entre linguagem e metalinguagem?

Lema da tropa

Na guerra, o general estimula seus soldados antes da grande batalha:
— Não esqueçam, ao avistar o inimigo, pensem logo no lema de nossa tropa: Ou mato ou morro.
Dito e feito. Quando encontraram os inimigos, metade do batalhão correu para o mato, e o restante para o morro.

> **Para mim**
> “Muito bem, Geraldo”, explica o juiz à criança que foi arrolada como testemunha: a partir deste momento, suas respostas têm que ser para mim. Que idade você tem, Geraldo?
> — Para mim!
> — Como se chama sua professora?
> — Para mim!

6. “Enrolação”, “conversa fiada”, “conversa mole”, “conversa para boi dormir”, “papo furado”, “baboseira”, “abobrinha” são algumas das expressões que as pessoas usam para caracterizar uma fala pouco convincente e às vezes mal intencionada, mediante a qual alguém procura enganar alguém. “Sinto não poder concordar com o senhor”, “Tenho uma opinião diferente”, “Você está pensando que nasci ontem?”, “Você quer me passar diploma de burro?” são fórmulas mais ou menos polidas para reagir à conversa mole de uma outra pessoa. Lembre-se de um episódio que você presenciou ou ouviu contar, em que alguém qualificou a conversa de outra pessoa como enrolação.

7. Durante o mês de março de 2000, algumas edições do jornal *O Estado de S. Paulo* trouxeram um anúncio de página inteira com o seguintes dizeres:

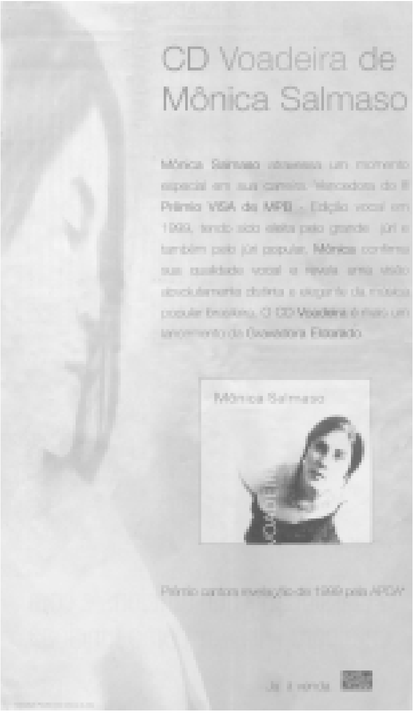
CD Voadeira de
Mônica Salmaso
Mônica Salmaso

A palavra "Voadeira" ocorre três vezes nessa propaganda:

a) no título;
b) no pequeno texto que segue o título; e
c) na ilustração, que é ao mesmo tempo a capa do CD, produzido pela Gravadora Eldorado como parte do prêmio dado à cantora. A primeira ocorrência de "Voadeira" está em destaque. Por que esse destaque era importante? Pode-se dizer o mesmo do uso que foi feito do negrito, em outras partes do anúncio?

8. Questão do Vestibular Unicamp, 1999

Num desses documentos que circulam pela Internet, cujo título é "Como escrever legal", encontram-se, entre outras, as seguintes recomendações:

✓ Evite os lugares-comuns como o diabo foge da cruz.
✓ Nunca generalize. Generalizar é sempre um erro.
✓ A voz passiva deve ser evitada.

Todas essas recomendações produzem um óbvio efeito cômico, e em todas elas tal efeito decorre da exploração de um único princípio.

a) Qual é o princípio geral explorado nessas recomendações?
b) Explique como o princípio se realiza em cada uma das recomendações transcritas.

9. A palavra *assim* funciona muitas vezes como **anafórico**, isto é, retoma passagens anteriores de um texto (ver capítulo 20. *Anáfora e Dêixis*). Alguns dos usos anafóricos se explicam facilmente como retomadas de conteúdos; outros ficam mais bem explicados se considerarmos que valem, implicitamente, por uma citação. Diga em que casos, entre as frases a seguir, se dá esse efeito de citação:

a) O amigo de D. Pedro Primeiro, o Chalaça, era assim chamado porque era dado a fazer gracejos de mau gosto.
b) No final da vida, o Aleijadinho esculpia com a marreta e o escopro amarrados nas mãos. Ele trabalhava assim porque a doença o impedia de segurar as ferramentas.
c) O trajeto desde o centro até a universidade leva mais ou menos cinqüenta minutos. Ficou assim depois da interdição da ponte do Jaguaré.
d) Um dos mais célebres quadros de Velásquez retrata as infantas da Espanha. Esse quadro tem por título "Las meninas". Parece que ele ficou conhecido assim, por causa do nome que as governantas portuguesas davam às princesinhas.
e) Como vai a vida? Assim assim.

10. Não é sempre fácil distinguir quando estamos falando de palavras e quando estamos falando das coisas que as palavras nomeiam. Considere este cartum, publicado na época das comemorações dos 500 anos do descobrimento do Brasil: ele faz alusão ao episódio da morte do primeiro bispo do Brasil, Dom Pero Fernandes Sardinha, que teria sido comido por índios antropófagos, depois de um naufrágio. Ele trata do bispo, ou do nome do bispo?

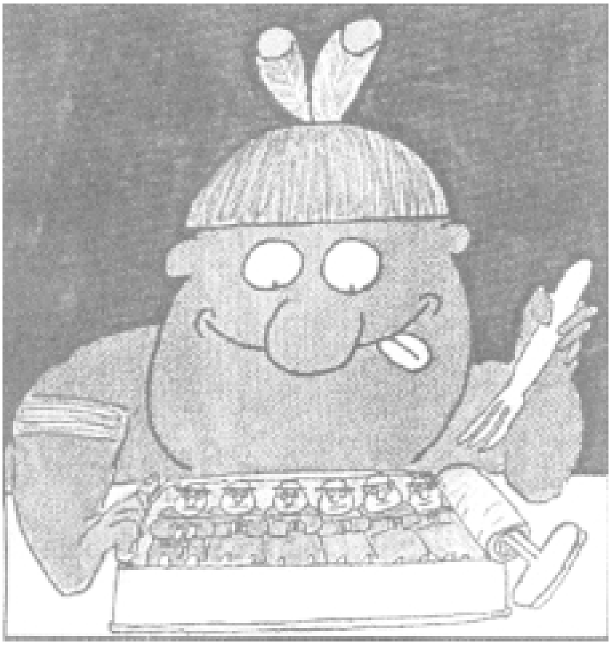

(*Palavra*, abril de 2000)

Linguagem figurada: processos analógicos

Objetivo

Sensibilizar para os efeitos (práticos, estéticos, cognitivos) que se obtêm com o uso figurado da linguagem.

Caracterização geral

Usamos a linguagem figuradamente toda vez que buscamos para ela uma interpretação não-literal, não convencional. Os processos analógicos são aqueles que nos levam a perceber semelhanças (analogias).

Material lingüístico

✓ Os dois processos mais importantes pelos quais a linguagem nos leva a perceber (e trabalhar) semelhanças são a comparação e a metáfora.

✓ Numa **comparação** "totalmente explícita", aparecem tipicamente: 1) uma expressão que identifica a entidade comparada; 2) uma outra expressão que identifica a entidade tomada como termo de comparação; 3) uma expressão que identifica a propriedade comum, atribuída às duas entidades; 4) um "conectivo", indicando comparação. Assim, no exemplo:

A terra é achatada nos pólos como uma laranja

"**A terra**" é "**uma laranja**" identificam os objetos que queremos comparar;

"**Achatada nos pólos**" identifica a propriedade (no caso, uma característica de forma) que eles têm em comum;

"**Como**" expressa a idéia de comparação.

✓ Nem todas as comparações são completamente explícitas: ainda temos comparações nestes outros exemplos, onde faltam alguns dos elementos enumerados acima.

A terra é como uma laranja

A terra é em certo sentido uma laranja

✓ Temos **metáfora** toda vez que, indo além da simples apresentação de propriedades comuns, pensamos uma realidade nos termos de uma outra. O exercício de pensar uma realidade em termos do que ela não é nos leva sempre a alguma descoberta, por isso mesmo, a metáfora é uma **poderosa fonte de novos conhecimentos** e novos comportamentos. Pensar uma realidade em termos de outras proporciona também um prazer **estético**.

✓ As descobertas proporcionadas pelo uso figurado da linguagem são mais ou menos previsíveis no caso de metáforas que se tornaram correntes e convencionais. Uma frase como

José é um palito

leva quase automaticamente a pensar em magreza (e não na possibilidade de usar José para palitar os dentes). As "descobertas" são mais "trabalhosas", e mais compensadoras, no caso das metáforas autenticamente criativas. Do que falava Manuel Bandeira com esta frase, aplicada a uma de suas antigas namoradas?

Maria, você é uma perna.

Feiúra? Banalidade? Utilidade?

Atividade

Imagine-se na seguinte situação: você é o responsável pela propaganda de uma empresa de pincéis e resolve lançar uma campanha publicitária, na qual os pincéis em questão serão apresentados não como escovas, mas como "bombas", no sentido de que eles soltam tinta de maneira regular, à medida que entram em contato com a superfície a ser pintada. Crie um slogan e um pequeno texto explicativo; descreva como devem ser as mensagens visuais que serão veiculadas pela campanha.
(Atenção: neste exercício, pincel e bomba são apenas uma sugestão, tirada aliás de uma história real; você poderá substituir pincel e bomba por qualquer outra coisa: uma excursão que é tratada como um remédio contra o estresse, uma cera para carros que é tratada como uma couraça, uma roupa que é tratada como um cartão de visita etc.)

Exercícios

1. Algumas propriedades são associadas convencionalmente a certos animais: a raposa costuma ser tomada como símbolo da astúcia, o touro como símbolo da força etc. O que se pretende,

Quando se diz de alguém...
...que é um cavalo.
...que é uma mula (empacada).
...que é um tatu.
...que é uma cobra.
...que é um urso.
...que é um gato.
...que é um galinha.
...que fez uma cachorrada.
...que fez uma ursada.
...que passou por uma experiência que foi uma tourada.

Quando se diz que alguém...
... come como um passarinho.
... tem olhos de lince.
... dorme com as galinhas.
... bebe feito uma esponja.

2. Colecione dez expressões como estas:
Mais perdido do que cego em tiroteio.
Mais sujo do que pau de galinheiro.
Mais desajeitado que macaco em loja de louça.

Em seguida, escolha uma das expressões que você terá encontrado e conte uma história que a tenha como título.

3. Algumas fórmulas do tipo “*mais... do que...*” saíram da moda há tempos. Uma dessas fórmulas é “mais por fora do que umbigo de vedetes”, que remonta ao tempo em que mostrar o umbigo era a chocante especialidade das dançarinas do teatro de rebolado. Recorra a alguém da geração mais velha, e peça ajuda para recuperar algumas dessas comparações hoje perdidas.

4. Um dos recursos mais usados pela propaganda consiste em associar o produto que se quer vender com alguma imagem desejável, transferindo propriedades desta última para o produto que se pretende promover. Comente como funciona esse mecanismo na propaganda apresentada a seguir:

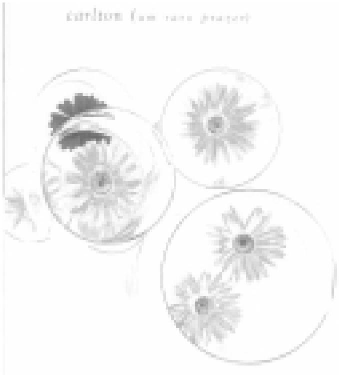

5. Num artigo publicado no jornal *O Estado de S. Paulo*, o jornalista Luiz Costa fez estes comentários a propósito da propaganda divulgada pela televisão:

> [...] A hora do intervalo tem ganho de longe do festival de formatos repetitivos que assola a telinha. Meio minuto de comercial chega a concentrar mais sacadas inteligentes, economia narrativa e aderência de roteiro do que provavelmente muitas novelas, [programas de] auditórios, infantis, jornalísticos e *talk shows* têm em meio ano.
>
> [...] Mas é preciso segurar o freio da empolgação. Houve tempo em que um comercial demonstrava a capacidade do produto para resolver uma situação. Um refrigerante mata a sede, um carro nos leva a algum lugar com conforto, um sapólio limpa mais. Em algum momento, inventou-se a pólvora. E o singelo refri vira senha para espantar os males da vida, um fumante radical vira atleta, a mordida num *Big Mac* traz o sonho americano.
>
> Com vida própria para além dos produtos que anuncia, o comercial de TV virou entretenimento escapista. E o escapismo tem sentido literal, bem lembra Neal Gabler no recém-lançado *Vida, o filme*: o de sair da murrinha cotidiana usando fórmulas, sentenças narrativas que resumem raciocínios e situações complexas, descansam a mente ao dar respostas já resolvidas.
>
> O mundo sob o prisma da publicidade é asséptico, sem crise, problema ou contaminação – o menor sinal é logo anulado pela exibição triunfal do produto. Quando Coca-Cola dá vida a tudo, Hollywood esbanja saúde fumando, ou Brahma cura impotência, um sinal é dado e absorvido. É sempre bom lembrar disso antes da nova idéia genial ocupar o intervalo.

Em sua opinião, o jornalista pretende negar a força do pensamento analógico?

6. Às vezes, falar de certas cores e formas é um modo de intensificar a propriedade expressa por um adjetivo. Pense nas várias maneiras como poderiam ser completadas as frases a seguir:

... verde de ... (“Fulano de tal estava verde de raiva.”)
... branco de ...
... quadrado de ....
... seco de ...
... azul de ...
... roxo de ...

7. O intelectual João Batista Vico, que viveu no século XVIII, disse certa vez que por trás de uma metáfora há sempre uma pequena fábula. Isso vale com certeza para as expressões idiomáticas, que descrevem uma ação por analogia. Imagine uma história, que poderia ter dado origem a esses modos de dizer:

Chutar o pau da barraca.
Agradar a gregos e troianos [alguns dizem: agradar a gregos e baianos].
Pôr a mão na cumbuca.
Do tempo em que se amarrava cachorro com lingüiça.
Receber alguém com quatro pedras na mão.
Descobrir (ensinar) com quantos paus se faz uma canoa.
Desse jeito, a vaca vai para o brejo.
Se correr o bicho pega, se parar o bicho come.
Preso por ter cão, preso por não ter cão.

8. No texto abaixo, o escritor francês Victor Hugo compara a vida ao percurso de um rio. Mostre como esta comparação, de caráter mais geral, se articula com uma série de outras comparações menores.

> Cheguei ao Mediterrâneo pelo Ródano. Vi o Ródano entrar no Mediterrâneo largo duas léguas, amarelo, turvo, lamacento, grande e sujo. Há seis dias eu o tinha visto sair do Leman, sob a velha ponte dos moinhos de Genebra, claro, transparente, límpido, azul como uma safira.
>
> No Leman, o Ródano é como um rapaz; no Mediterrâneo é como um velho. Lá, ele só viu montanhas, aqui ele atravessou cidades. Deus lhe dá neve, os homens lhe dão lama.
>
> Eis aí, minhas crianças, o que é viver e correr. Depois de viver, depois de espumar, rugir, engolir torrentes e rios, despedaçar rochedos, lavar pontes, arrastar cargas, alimentar cidades, espelhar o céu e as nuvens, o rio, que partiu estreito e violento do Leman chega, imenso e calmo, ao Mediterrâneo, onde se enterra. Aí ele reencontra, sob um sol ofuscante, com um horizonte sem limites, o azul profundo e esplêndido do lago de Genebra. O túmulo lembra o berço, só que é maior.
>
> Desci esta manhã de Arles às dez horas pelo paquete a vapor. A partir de Arles, as embarcações marinhas dão as caras no rio, as beiras recuam e se achatam, e logo a imensa planície deserta da Camargue toma conta da margem esquerda; aí o horizonte se torna imenso ao sul, o céu parece erguer-se como se sua abóboda ficasse maior. De repente aparece uma linha azul. É o Mediterrâneo.

9. Leia o texto deste anúncio (que foi objeto de uma questão do vestibular Unicamp 99). Identifique as metáforas que foram usadas e verifique se elas satisfazem suas exigências em matéria de bom gosto.

> ***Alguma casada*** *— Quando ele te conheceu ele fazia você sentir-se uma Empresa Multinacional como fêmea, e você recebia como o equivalente a um salário de Diretora Executiva no seu salário de sexo, amor e carinho! Hoje, p/ ele você é uma micro-empresa, como ele só visita quando ele vai pagar o seu salário mínimo sempre atrasado de sexo e amor! Faça como as grandes empresas, terceirize a mão-de-obra c/ gente qualificada que quer entregar satisfação completa sem nenhum tipo de cobrança. Eu casado sigiloso, cor clara, 28/38/48 anos. Procuro você s/ preconceito de peso ou altura de 18 a 45 anos. Posso viajar para sua cidade ou hospedá-la em local secreto e sigiloso em São Paulo/Capital quando por aqui você estiver por passagem fazendo compras ou querendo me visitar CP1572*

9. Reflita por um momento sobre esta propaganda, destinada a promover a Embraer, empresa brasileira construtora de aviões, junto ao público brasileiro. Em sua opinião, o pedido de que o anúncio seja lido **voando** deve ser interpretado em sentido literal ou metafórico? Por quê?

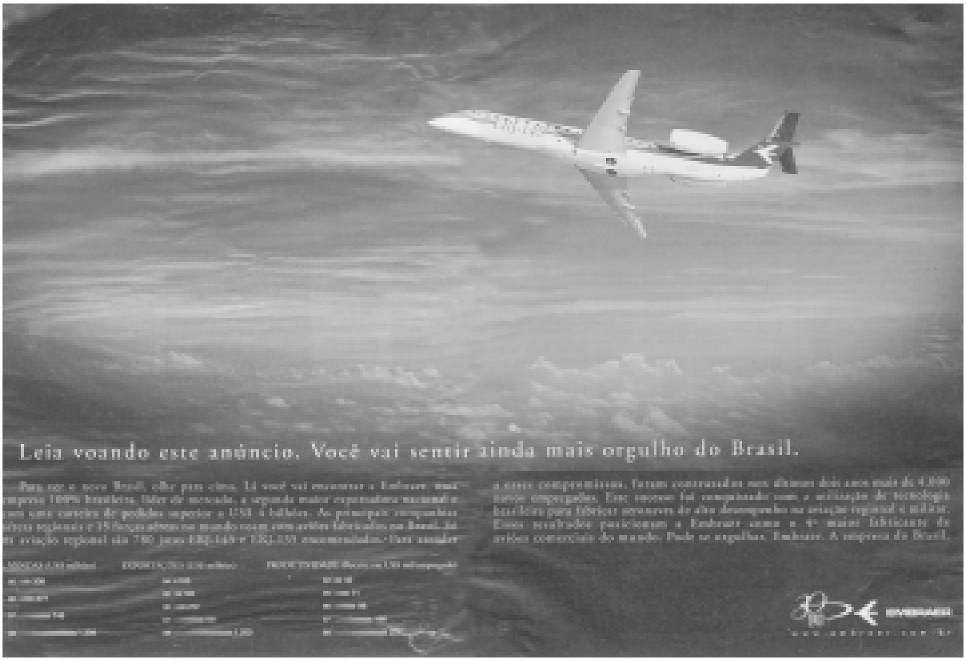
Leia voando este anúncio. Você vai sentir ainda mais orgulho do Brasil.

O(s) mundo(s) de que falamos

Objetivo

Mostrar que para interpretar certas estruturas lingüísticas é necessário considerar simultaneamente aquilo que acontece no mundo real, e em outros "mundos possíveis".

Caracterização geral

A maioria de nossos enunciados descrevem ações e estados de coisas que atribuímos ao nosso mundo. Existem contudo alguns enunciados cuja interpretação depende de considerar, em paralelo, o "mundo real" com um ou mais "mundos possíveis" Para indicar que um determinado enunciado se refere simultaneamente a diferentes "mundos", a língua lança mão de construções específicas, algumas das quais são tratadas neste capítulo, a título de exemplo.

Material lingüístico

Entre as expressões e construções que nos orientam no sentido de interpretar um enunciado considerando simultaneamente vários mundos estão:

✓ Os chamados **operadores modais**:
  – construções unipessoais como "*é possível*", "*é necessário*",
  – advérbios como "*necessariamente*", "*possivelmente*", "*eventualmente*"
  – auxiliares como "*pode*", "*deve*" etc.

Pense-se por exemplo na frase "*Meu professor de Física do colegial deve estar aposentado*": uma das maneiras de compreendê-la consiste em imaginar várias histórias de vida para esse professor de física, observando que, em muitas dessas histórias, vamos encontrá-lo aposentado no momento em que estou falando.

✓ Certos operadores como *oxalá, queira Deus que, tomara que,* cuja função é apontar para um universo em que se confirmam os conteúdos de nossos desejos:

Tomara que ele esteja gozando de boa saúde.

✓ As construções condicionais, que formam os chamados **períodos hipotéticos**:

O professor de física estaria aqui se algum de nós tivesse telefonado para ele.

Um período hipotético estabelece sempre uma dependência entre dois enunciados; um modo de entender essa dependência consiste em dizer que, em todos os mundos nos quais o primeiro enunciado for verdadeiro, o segundo também será verdadeiro; no caso do enunciado sobre o professor de física, sabemos além do mais que, no mundo real, ninguém telefonou para ele.

✓ O futuro, que pode sempre ser encarado como uma descrição daquilo que encontraremos num dos tantos mundos possíveis aos quais o nosso mundo real dá acesso.

✓ Vários "operadores" como "*Era uma vez...*", "*Vai que...*", "*Vamos supor que...*", que sempre dão ao enunciado uma função (por exemplo, de hipótese, de ficção etc.) diferente da de relatar sobre o mundo em que vivemos.

✓ Convém também ter presente que noções como realidade ou irrealidade podem ser relativas a um certo sistema de crenças e/ou conhecimentos. Por exemplo, que Bentinho escapa do seminário graças a uma sugestão do agregado José Dias é real no contexto do romance de Machado de Assis.

Atividade

O futuro se caracteriza, principalmente, por sua incerteza. Por isso, tanto no que diz respeito à vida pessoal, como nas várias formas de atuação coletiva de que participamos (política, trabalho, relações com vizinhos e amigos etc.) estamos sempre fazendo planos que prevêem possibilidades alternativas de desenvolvimento. Quem pensa dessa forma, considera às vezes diferentes "cenários". Reflita sobre algo que o preocupa, como pessoa ou como membro de um grupo. Pense no que acontecerá com você/com o seu grupo, dados diferentes cenários.

Exercícios

1. A letra da canção "João e Maria" de Chico Buarque de Hollanda faz uso do pretérito imperfeito do indicativo, um tempo que aprendemos a considerar como "passado". Esqueça as classificações gramaticais e procure determinar:

a) A relação cronológica entre a fala e "ser herói" é de simultaneidade, anterioridade ou posterioridade?

b) A criança que fala na música é herói no mundo real, ou num num mundo imaginário?

c) Qual o papel do pretérito imperfeito, nesse caso?

João e Maria

Agora eu era herói
E o meu cavalo só falava inglês
A noiva do *cowboy*
Era você.
Além das outras três
Eu enfrentava os batalhões
Os alemães e seus canhões
Guardava o meu bodoque
E ensaiava um rock
Para as matinês

Agora eu era o rei
Era o bedel e era também juiz
E pela minha lei
A gente era obrigada a ser feliz
E você era a princesa
Que eu fiz coroar
E era tão linda de se admirar
Que andava nua pelo meu país

Não, não fuja não
Finja que agora eu era o seu brinquedo
Eu era o seu pião
O seu bicho preferido
Sim, me dê a mão
A gente agora já não tinha medo
No tempo da maldade
Acho que a gente nem tinha nascido

Agora era fatal
Que o faz-de-conta terminasse assim
Pra lá deste quintal
Era uma noite que não tem mais fim
Pois você sumiu no mundo
Sem me avisar
E agora eu era um louco a perguntar
O que é que a vida vai fazer de mim

2. Você vai ler a seguir a letra da célebre canção “Saudades da Bahia”, de Dorival Caymmi. Pede-se que você localize nessa letra uma passagem em que se faz refe-

rência a algo que não teria acontecido, se uma determinada condição fosse realizada. Transcreva essa passagem e, em seguida, diga com suas próprias palavras:

a) Qual a condição que não foi realizada?
b) O que não teria acontecido se essa condição fosse realizada?

Ai, mas que saudades tenho da Bahia
Ai, se eu escutasse o que mamãe dizia,
Bem, não vá deixar a sua mãe aflita,
A gente faz o que o coração dita
Mas este mundo é feito de maldade e ilusão

Ai, se eu escutasse hoje não sofria
Ai, esta saudade dentro do meu peito
Ai, se ter saudade é ter algum defeito,
Eu pelo menos mereço o direito
De ter alguém com que eu possa me confessar

Ponha-se no meu lugar
E veja como sofre um homem infeliz
Que teve de desabafar
Dizendo a tudo mundo o que ninguém diz
Veja que situação
E veja como sofre um pobre coração
Pobre de quem acredita na glória e no dinheiro para se feliz

3. As duas narrativas transcritas a seguir foram utilizadas, em anos diferentes, como textos de referência no exame de língua portuguesa do Vestibular Unicamp. Além de outras características comuns eles se assemelham porque uma das personagens desperdiça a possibilidade de criar para si própria uma situação vantajosa, distinta de sua situação real. Identifique, nas duas histórias, as personagens que incorrem nesse tipo de fracasso; analise o modo como se cria, na história, a possibilidade de construir uma situação irreal.

> Dois carregadores estão conversando e um diz: “Se eu fosse presidente da República, eu só acordava lá pelo meio-dia, depois ia almoçar lá pelas três, quatro horas. Só então é que eu ia fazer o primeiro carreto”.
>
> Cansado de não vender nada na sua loja, João pegou o carro e saiu pelo interior para vender seus produtos. Depois de 15 dias sem tirar um só pedido, sentou-se embaixo de uma árvore para descansar. De repente, viu uma garrafa e chutou. A garrafa deu meia volta e chegou junto. João tornou a chutar e a garrafa deu outra meia volta e ficou bem ao

> seu lado. João pegou a garrafa, começou a acariciar e de repente surgiu uma voz que disse:
> — Você tem direito a três pedidos.
> João levantou correndo e disse:
> — Espere que vou buscar o talão!
>
> (Vestibular Unicamp 2000)

4. Uma forma de negação particularmente forte é aquela que, ao excluir a verdade de uma asserção, diz que ela é falsa não só em nosso mundo, mas também em todos os tempos e em todos os mundos, inclusive nos mundos em que acontecem até as coisas mais improváveis. Para realizar esse tipo de afirmação, a língua dispõe de fórmulas como:

Nem no dia de São Nunca.
Nem por todo o ouro do mundo.
Nem no tempo em que se amarrava cachorro com lingüiça.
Nem aqui nem na China.
Nem no céu com São Pedro ajudando.
Nem que a vaca tussa.

Procure levantar mais algumas dessas fórmulas.

5. Um operador muito usado para dar ao conteúdo da fala um caráter de suposição é "vamos supor que..." Que outros operadores você conhece, que desempenham uma função semelhante?

6. Os verbos *poder* e *dever* são usados às vezes com um sentido de autorização ou ordem, outras vezes, para formular previsões válidas para o futuro próximo. Examine as manchetes do jornalzinho a seguir e aponte os casos em que os verbos *poder* e *dever* exprimem previsão.

(um jornal de compromisso com a língua pátria)	**Jornalzinho** nota zero	(circula quando pode) *nº x*

Filho de Hebe pode ter programa na Rede TV

(*Jornal de Jundiaí*, 19.2.2000)

O único herdeiro da apresentadora Hebe Camargo pode ganhar um programa na madrugada da Rede TV! Marcelo Camargo, que há mais de dois anos resolveu seguir a carreira da mãe, está sendo sondado pela produtora GPM, de Gugu Liberato, para apresentar um programa de fim de noite na emissora.
A produtora já é responsável pelo programa "A Casa é Sua", na Rede TV!, e "Escolinha do Barulho", na Rede Record, além de "Miguelito", que deve estrear na emissora do bispo Edir Macedo.

Relógios devem ser atrasados 1 hora à meia-noite

(*O Estado de S. Paulo*, 26.2.2000)

Fim do horário de verão altera hábitos dos habitantes das Regiões Sul, Sudeste, Nordeste e Centro-Oeste, além do Tocantins e Roraima; pesquisa da Fipe mostra que maioria apóia medida

GUSTAVO PAUL

BRASÍLIA – Com o fim do horário de verão, à meia-noite de hoje, todos os relógios das regiões Sul, Sudeste, Centro-Oeste e Nordeste, além do Tocantins e de Roraima, deverão ser atrasados em uma hora. (...)

São Paulo – Nos terminais rodoviários da cidade de São Paulo – Tietê, Barra Funda, Jabaquara e Bresser –, os ônibus com horário de partida até meia-noite de hoje saem normalmente. Quem tem passagens para depois da meia-noite deve orientar-se pelo novo horário dos relógios. Os passageiros com dúvidas sobre seus horários de viagem podem consultar a central de atendimento ao usuário.

Desempregado pode não pagar mais ingressos

(*Jornal de Jundiaí*, 19.2.000)

[...] De acordo com o autor do projeto, que recebeu parecer contrário da Comissão de Justiça e Redação (CJR), o objetivo é proporcionar o lazer ao desempregado, promovendo isenção de ingressos em eventos culturais e esportivos desde que patrocinados pela prefeitura.

[...]Outro projeto que afeta diretamente a vida do desempregado é de autoria do vereador E.G. (...) e cria o passe gratuito para quem comprovar estar sem serviço.

Gasolina e diesel devem subir 5% nos postos

Reajuste nas refinarias foi de 7%; aumento entra em vigor dia 1°

(O Estado de S. Paulo, 26.2.2000)

Romanos podem ter chegado primeiro à América

Cabeça de estátua encontrada no México indicaria nova data de descoberta do continente.

(O Estado de S. Paulo, 10.2.2000)

Du Pont volta às origens para crescer

Empresa corrige o rumo. Lucros devem vir da velha Lycra

(O Estado de S. Paulo – Economia, 11.1.2000)

Nível de emprego não deve melhorar de imediato

Economista diz que, com o desenvolvimento, veio a modernização e redução da mão-de-obra

(O Estado de S. Paulo – Economia, 13.2.2000)

GUSTAVO ALVES

RIO - O crescimento da economia brasileira não deve trazer de imediato melhoras no nível de emprego do país, na avaliação de economistas. A indústria e a agricultura, que devem impulsionar o aumento do produto interno bruto (PIB) reduziram sua mão-de-obra nos anos 90, para modernizar-se. Por isso, a abertura de novas vagas nos dois setores – que vão provocar novas contratações no comércio e nos serviços – será menos intensa do que era até a década anterior.

7. Nesta tira de *Os Pescoçudos*, fala-se de Brasil-potência. Quais são os indícios lingüísticos de que essa situação não é a que prevalece no mundo real?

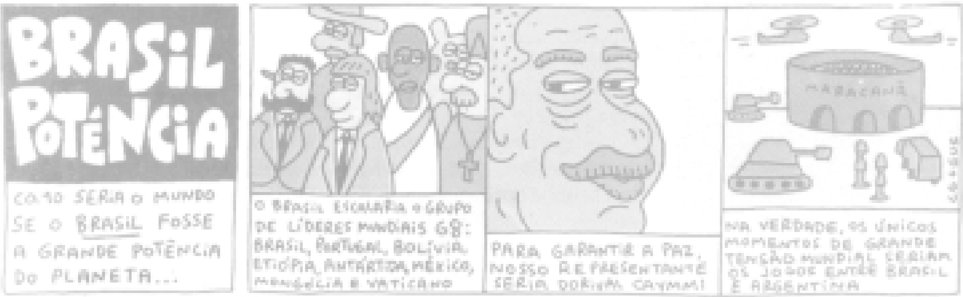
BRASIL POTÊNCIA
COMO SERIA O MUNDO SE O BRASIL FOSSE A GRANDE POTÊNCIA DO PLANETA...
O BRASIL ESCALARIA O GRUPO DE LÍDERES MUNDIAIS G8: BRASIL, PORTUGAL, BOLÍVIA, ETIÓPIA, ANTÁRTIDA, MÉXICO, MONGÓLIA E VATICANO
PARA GARANTIR A PAZ, NOSSO REPRESENTANTE SERIA DORIVAL CAYMMI
MARACANÃ
NA VERDADE, OS ÚNICOS MOMENTOS DE GRANDE TENSÃO MUNDIAL SERIAM OS JOGOS ENTRE BRASIL E ARGENTINA

(*Folha de S. Paulo*, 30.3.2000)

8. Uma das questões do Vestibular Unicamp 2000 versava sobre este texto, extraído de uma entrevista do escritor português José Cardoso Pires, na qual se perguntava ao entrevistado se seu nome seria uma boa indicação para o prêmio Nobel, junto com os nomes, sempre lembrados, de José Saramago e António Lobo Antunes:

> “A Imprensa tem lá as suas razões. Durante anos e anos passei a vida a assinar papéis a pedir um Nobel para um escritor português e isso não serviu de nada. De modo que o facto da Imprensa agora prever isto ou aquilo... uma coisa eu sei: o Prémio Nobel dado a um escritor português de qualidade beneficiava a todos os escritores portugueses. Que todos gostariam de ter o Prémio Nobel também é verdade, mas se um ganhar ganhamos todos. De qualquer modo o critério actual é o dos mais traduzidos e os mais traduzidos são o Saramago e o Lobo Antunes. Eu sou menos. Mas isso não me preocupa nada. Sinceramente.”

Nesse texto há dois períodos hipotéticos bem caracterizados. Quais são? O uso da conjunção se é indispensável para formar um período hipotético? E o uso do futuro do pretérito?

9. Basta pensar alguns minutos, para levantar um bom número de canções que venceram o tempo e que começam com se.

Se você jurar... (Lamartine Babo)
Se você quer ser minha namorada...(Vinicius de Moraes)
Se acaso você chegasse...(Lupicínio Rodrigues)
Se todos fossem iguais a você (Vinicius de Moraes)

Escolha uma dessas canções e tente obter sua letra completa. Mostre que (boa) parte da letra fala de uma situação irreal.

10. *Era uma vez* é um dos tantos operadores que nos fazem passar de uma fala sobre o nosso mundo para uma fala sobre mundos irreais. Reúna em alguns textos que começam com *era uma vez*: tratam-se invariavelmente de fábulas? ou entre eles estão também piadas, contos, causos etc.? A língua dispõe também de fórmulas que realizam a operação do retorno, isto é, permitem passar da fábula (ficção etc.) para a realidade (por exemplo: “Acabou a história, morreu a Vitória”). Procure lembrar-se de algumas dessas fórmulas, que nos fazem voltar ao velho e bom mundo real.

A negação

Objetivo

Explorar diferentes maneiras de negar, mostrando como se combinam com outras operações relevantes para o sentido dos enunciados.

Caracterização geral

Negamos toda vez que excluímos uma possibilidade.

Material lingüístico

Contrariamente à crença corrente, há muitas outras maneiras de negar, além da que consiste em aplicar a um verbo o “advérbio” *não*: além desse “advérbio”, há muitas palavras e construções que expressam negação, e o verbo é apenas um dos segmentos de um enunciado sobre os quais a negação pode recair.

A negação pode ser expressa, entre outros meios:

✓ pelo “*não*” e por outros advérbios que combinam uma idéia de tempo, como *jamais* e *nunca*;

✓ pelos indefinidos negativos: *nenhum, nada, ninguém;*

✓ por operadores antepostos à sentença como “*é falso que...*”, “*não é verdade que...*”;

✓ por conjunções como *nem*, inclusive na construção correlativa “*nem... nem...*”;

✓ por prefixos como *não- ou sem-*: os *não-alinhados, os sem-terra;*

✓ por verbos auxiliares, como *deixar de* etc.

A negação pode recair, entre outros:

✓ sobre uma **palavra**: *não-alinhados, indesejáveis;*

✓ sobre uma **parte do enunciado** (geralmente, o “rema” ver capítulo “Perguntas e respostas”): *Na década de 70, a GM não fabricava o Monza (e sim o Opala);*

✓ sobre um **verbo**: João **deixou de pagar** a conta do mês de março, e a luz foi cortada;

✓ sobre um **quantificador**: *Nem todos os deputados da oposição vão votar contra o projeto. Nem sempre as coisas saem como gostaríamos;*

✓ sobre o **nexo expresso por certas conjunções**: *Eu não visitei meus pais porque precisava de dinheiro (mas porque estava com saudades).*

Diante de uma frase negativa, não é sempre fácil determinar de maneira exata o que se pretende negar. A negação interage com outras operações, determinando diferentes possibilidades de interpretação. Assim, alguém que descreve um incêndio e diz "Todos os hidrantes não tinham água", pode estar querendo dizer duas coisas bem diferentes: "Nem todos os hidrantes tinham água (somente alguns)" ou "Todos os hidrantes estavam sem água". Esta dupla possibilidade de interpretação (que podemos chamar de "negação de uma generalização/generalização de uma negação") é apenas um dos tantos casos em que uma frase negativa apresenta ambigüidade de escopo (ver o capítulo "Ambigüidade").

Nem todos os conteúdos de um enunciado resultam afetados, quando passamos o enunciado da forma afirmativa para a negativa, ou vice-versa. Assim, os dois enunciados

João parou de freqüentar a casa de Maria.
João não parou de freqüentar a casa de Maria.

têm em comum a informação de que João freqüentava a casa de Maria, no passado. É o fenômeno da pressuposição (ver o capítulo *Implícitos (I)*).

Há na língua algumas expressões (ditas "de polaridade negativa") que só se usam com um determinado sentido em frases negativas. Exemplos sempre citados desse fenômeno são "Maria não é flor que se cheire" e "Não tenho um tostão furado". Se passarmos para a forma afirmativa "Maria é flor que se cheire", e "Tenho um tostão furado", "flor que se cheire" e "tostão furado" mudam de sentido.

Atividade

Provavelmente, você já ouviu falar que há "exceções que confirmam a regra". Essas confirmações acontecem, em geral, quando as previsões da regra falham a propósito de um caso particular, mas, examinando melhor os fatos, verificamos que o caso não se enquadrava na regra desde o início. (Imaginemos, por exemplo, que, indo à escola todo dia, às sete da manhã, você se acostumou a cruzar com determinadas pessoas e a ver abertas determinadas lojas. Um dia você vai à

escola na hora de sempre, e nada disso acontece. Quando chega à escola, você descobre que acabou o horário de verão, e que você saiu de casa uma hora mais cedo.) Conte um episódio, que você ou algum conhecido seu tenha vivido, que seja uma boa ilustração do ditado de que "a exceção confirma a regra".

Exercícios

1. Compare estes três verbetes de dicionário; apresente em seguida três exemplos de conduta que possam razoavelmente ser qualificados de moral, imoral e amoral.

> **Amoral.** [De *a*-^{3} *+ moral.*] *Adj. 2 g.* **1.** Que não é nem contrário nem conforme a moral: *Segundo Oscar Wilde, a arte não é moral nem imoral, é amoral.* **2.** A que falta moral: *procedimento amoral.* **3.** Que não tem o senso da moral: *Muitos o consideram um escritor amoral.* **4.** *Ét.* Que é privado de qualificação moral, que se situa fora da categoria [q.v.] por não se referir a fato suscetível de julgamento normativo do ponto de vista do bem e do mal. **5.** *Ét.* Diz-se da conduta humana que, suscetível de qualificação moral, não se pauta pelas regras morais vigentes em um dado tempo e lugar, seja por ignorância do indivíduo ou do grupo considerado, seja pela indiferença, expressa e fundamentada, aos valores morais. [Cf. *moral* (1) e *imoral* (2, 3 e 4) • 2 g. 6. Pessoa que não tem o senso da moral: *Revela-se em tudo um amoral; É uma grande amoral.* [Cf. *imoral.*]
>
> **Imoral** [De *i*-^{2} *+ moral.*] *Adj. 2 g.* **1.** Contrário à moral; desonesto, libertino; antimoral. **2.** *Ét.* Do ponto de vista de uma sociedade determinada diz-se de conduta ou doutrina que contraria a regra moral por ela prescrita. A que falta moral: *procedimento amoral.* **3.** *Ét.* Do ponto de vista do indivíduo, diz-se de conduta ou doutrina que contraria regra moral por ele adotada. **4.** *Filos.* Diz-se da conduta ou doutrina que contraria regra moral prescrita para um determinado tempo ou lugar • S 2 g. **5.** Pessoa que não tem o senso da moral: *Revela-se em tudo um amoral; É uma grande amoral.* [Cf. *amoral.*]
>
> **Moral** [Do lat. *morale*, 'relativo aos costumes'] *S.f.* **1.** Filos. Conjunto de regras de conduta consideradas como válidas, quer de modo absoluto para qualquer tempo e lugar, quer para grupo ou pessoa determinada [Cf. ética (1)]. **2.** Conclusão moral que se tira de uma obra, de um fato, etc. • *S.m.* **3.** O conjunto das nossas faculdades morais. **4.** O que há de moralidade em qualquer coisa. • *Adj 2 g.* **5**. Relativo à moral. 6. Que tem bons costumes. 7. Relativo ao domínio espiritual (em oposição a físico ou material). ~ V. *ciências morais, igualdade -, indiferença -, lei -, morte -, necessidade -, personalidade -* e *pessoa -*

2. Há línguas, como o latim, em que duas negações se anulam reciprocamente (não + ninguém = alguém). Em português, nem sempre isso acontece. Nas sentenças grifadas a seguir, há sempre duas palavras “negativas”. Diga quais destas sentenças têm um sentido negativo e quais têm sentido afirmativo.

> *A confissão de um vício não é fácil para ninguém. Mais difícil ainda para os médicos, profissionais educados e treinados para zelar pela vida. A dependência química entre os homens de branco não representa uma ameaça apenas para eles próprios, mas aos pacientes sob seus cuidados. Por essa razão, a reportagem que VEJA publica nesta edição contando o drama dos médicos que sucumbiram e depois venceram o vício representa um extraordinário esforço jornalístico*
>
> (“O silêncio rompido”, *Veja*, março de 2000)

> *Não se deixe abater por estar procurando emprego. Seja objetivo, transmita entusiasmo: desânimo e frustração não recontratam ninguém*
>
> (“Procurando emprego/como preparar-se para uma entrevista” *Inter Bairros*, março 2000)

> *Os estrangeiros que vinham tempos atrás para o Rio sempre achavam a cidade aprazível. Apreciavam as praias e a natureza. Agora eles continuam achando a cidade bonita, mas ficam impressionados com o problema social, com os contrastes, se assustam com os assaltos, as recomendações que recebem nos hotéis. Mas não há quem não se impressione com o Rio, suas praias e florestas. E quem chega de barco, ou mesmo de avião, vê logo como a circunstância geográfica é fantástica, que a cidade resiste*
>
> (Oscar Niemeyer em entrevista à *Folha de S. Paulo*, dezembro de 1995)

> Ele é um dos políticos mais importantes do país. O que ele fez pela Bahia não é nenhuma obra desprezível, ninguém tem gratuitamente a popularidade que ele desfruta em seu estado.
>
> (Tássio Gereissati, governador do Ceará, sobre Antônio Carlos Magalhães, *Época*, 3.4.2000)

3. Em artigo publicado na *Folha de S. Paulo* de 28.4.2000, o jornalista Clóvis Rossi comparava a situação de alguns políticos notoriamente corruptos, mas ainda assim populares, à agonia do ditador espanhol Francisco Franco, que se prolongou por vários dias, contrariando todas as previsões da medicina. Uma parte desse texto exemplifica um procedimento morfológico muito usado para produzir negações localizadas. De que procedimento se trata?

Os "imorríveis"

> Em novembro de 1975, agonizava o ditador espanhol Francisco Franco Bahamondes, "caudillo de España por la gracia de Diós". Agonizava mas não morria nunca.
> A cada dia, o boletim médico anunciava que um novo órgão havia sido tomado por um mal irreversível. E Franco sobrevivia. Um dia, cansado da vigília cínica, perguntei a José Antonio Novaes, então correspondente do *Estadão* e do jornal francês *Le Monde* em Madri: "Novaes, esse cara é imortal?"
> "No es inmortal, pero es inmorible", respondeu Novaes.
> A mais recente pesquisa do Datafolha sobre a sucessão paulistana prova que há, no Brasil ou ao menos em São Paulo, uma equipe de "imorríveis", os populistas descuidados com o uso do dinheiro público, para usar uma expressão bem cavalheiresca.
> ...
> Em qualquer país do mundo, até nos menos sérios, um cidadão nessas circunstâncias já teria sido arremessado às profundezas do inferno da impopularidade. Em São Paulo, cresce.

4. Considerando os lembretes que vêm entre parênteses, determine sobre que palavras da sentença incide a negação:

a) Em 1500, Cabral não viajou só para o Brasil (Cabral descobriu o Brasil em 1500, quando comandava uma expedição composta por cinco embarcações que, depois de passar pela costa brasileira, seguiu viagem para as Índias);
b) O papa João XXIII não lançou a encíclica "Mater et Magistra" em 1970 (a encíclica "Mater et Magistra" é da autoria de João XXIII, mas foi escrita em 1959).
c) A atriz Elizabeth Taylor não se casou com o ator Richard Burton por interesse (até o momento em que este livro estava sendo escrito, a atriz Liz Taylor já tinha se casado 12 vezes, duas das quais com Richard Burton).
d) John Lennon não foi assassinado por um concorrente (ele foi assassinado por um psicopata).
e) Na copa do mundo de futebol de 1974, Tostão não foi escalado por ordem do presidente da república (consta que o presidente da época mandou escalar em seu lugar outro atacante, de quem gostava mais).
f) Al Capone não foi preso porque era um gângster de alta periculosidade, mas porque deixou atrasar o pagamento do imposto de renda (Al Capone foi um gângster de altíssima periculosidade, e passou na cadeia os últimos anos de sua vida. Para realizar a prisão, a justiça americana usou como pretexto o atraso no pagamento do imposto de renda).

g) Dos principais títulos desportivos referentes ao futebol, o Brasil não tem o de campeão olímpico (o Brasil já ganhou todos os demais títulos desportivos importantes, referentes ao futebol).

5. Reveja, no “Material lingüístico” e no capítulo “Ambigüidade” o que se diz a respeito de “negação da generalização” e “generalização da negação”. Tente determinar qual dessas interpretações vale nos trechos que seguem, transcritos de notícias de jornal:

a) *Se para você viajar nem sempre significa pegar a estrada, então sua pick-up chegou. É a Nova Saveiro Geração III. A pick-up que faz bonito dentro ou fora da estrada.*

(*Época*, 3.4.2000)

b) [Nossa resposta] *considerou apenas análises técnicas e objetivas. Em nenhum momento houve intenção de desqualificar a Caixa Econômica Fedeeral ou questionar sua competência na gestão de recursos.*

(*Folha de S.Paulo*, 1.5.2000)

c) Os órgãos responsáveis pela conservação do patrimônio histórico não cuidam de parte importante dos primeiros exemplares em solo brasileiro de construções em diversas áreas. [...] Segundo o Iphan, não há recursos para restaurar todas as construções históricas do país.

(*Folha de S. Paulo*, 16.4.2000)

d) Para conquistar o investidor, algumas instituições estão oferecendo descontos em tarifas. [...] Há ainda quem ofereça “mimos” como relógios ou televisores. Esses benefícios podem ser encontrados nos programas de fidelidade dos bancos. Mas fique atento, pois nenhuma regalia é de graça.

(*Folha de S. Paulo*, 31.5.2000)

6. Você já está familiarizado com o quadro a seguir, que resume as possíveis aplicações de uma negação, a partir de uma construção S^1 + conjunção + S^2 (onde S^1 e S^2 são sentenças completas, ver capítulo “Ambigüidades”):

7.

1
$[S^1]_{neg}$ + conjunção + S^2

2
S^1 + $[\text{conjunção}]_{neg}$ + S^2

3
S^1 + conjunção + $[S^2]$

4
$[S^1]_{neg}$ + $[\text{conjunção}]_{neg}$ + S^2

5
$[S^1]_{neg}$ + conjunção + $[S^2]_{neg}$

6
S^1 + $[\text{conjunção}]_{neg}$ + $[S^2]_{neg}$

7
$[S^1]_{neg}$ + $[\text{conjunção}]_{neg}$ + $[S^2]_{neg}$

Em qual dessas situações se enquadra a declaração *“Não saí por causa dela, etc.”* do ex-padre Francisco Assis de Oliveira, na reportagem a seguir?

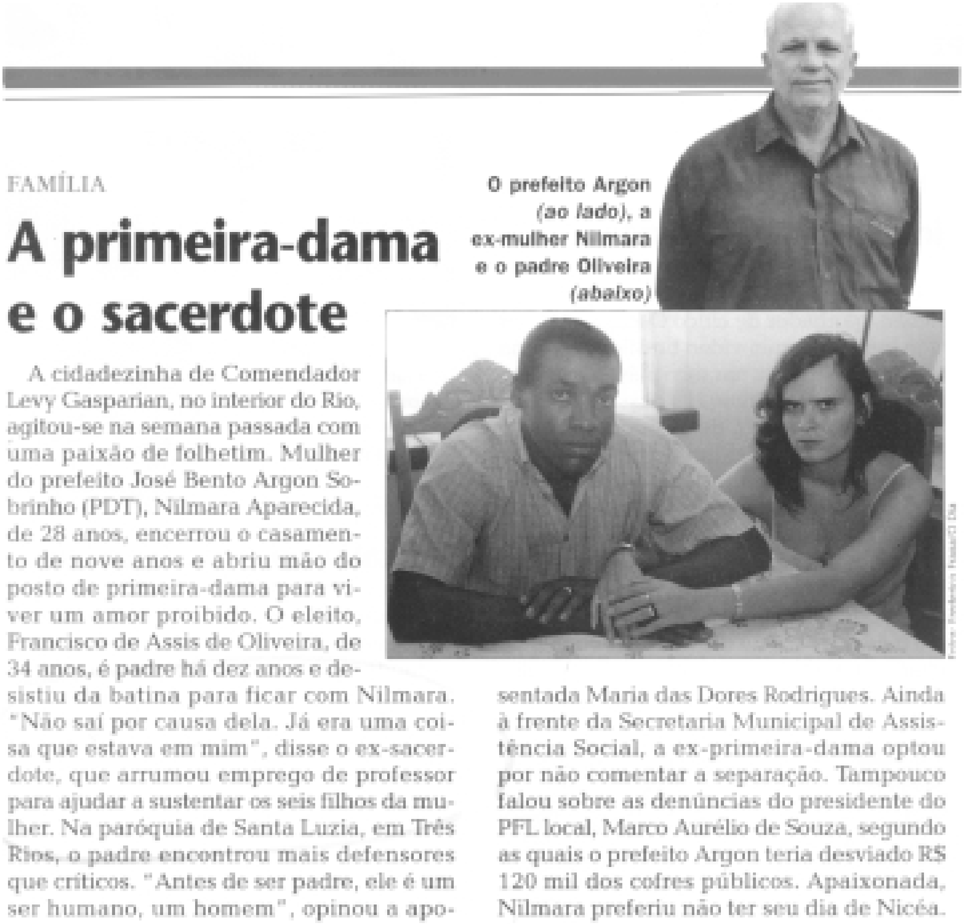

FAMÍLIA

A primeira-dama e o sacerdote

O prefeito Argon *(ao lado)*, a ex-mulher Nilmara e o padre Oliveira *(abaixo)*

A cidadezinha de Comendador Levy Gasparian, no interior do Rio, agitou-se na semana passada com uma paixão de folhetim. Mulher do prefeito José Bento Argon Sobrinho (PDT), Nilmara Aparecida, de 28 anos, encerrou o casamento de nove anos e abriu mão do posto de primeira-dama para viver um amor proibido. O eleito, Francisco de Assis de Oliveira, de 34 anos, é padre há dez anos e desistiu da batina para ficar com Nilmara. "Não saí por causa dela. Já era uma coisa que estava em mim", disse o ex-sacerdote, que arrumou emprego de professor para ajudar a sustentar os seis filhos da mulher. Na paróquia de Santa Luzia, em Três Rios, o padre encontrou mais defensores que críticos. "Antes de ser padre, ele é um ser humano, um homem", opinou a aposentada Maria das Dores Rodrigues. Ainda à frente da Secretaria Municipal de Assistência Social, a ex-primeira-dama optou por não comentar a separação. Tampouco falou sobre as denúncias do presidente do PFL local, Marco Aurélio de Souza, segundo as quais o prefeito Argon teria desviado R$ 120 mil dos cofres públicos. Apaixonada, Nilmara preferiu não ter seu dia de Nicéa.

Considere uma outra possibilidade de interpretação para essa mesma frase, e invente uma reportagem fictícia compatível com essa outra interpretação.

8. Todas as expressões listadas a seguir:
Não deu um pio.
Não sofreu um arranhão.
Não disse uma palavra.
Não abriu a boca.
Não mexeu um dedo.
Não tem um tostão furado.
Não tocou na comida.

mudam de sentido conforme são usadas em sentenças afirmativas ou negativas. (Ele não tem um tostão furado = ele é muito pobre; ele tem um tostão furado = ele tem um tostão com um furo.) Escolha uma dessas expressões, e conte uma história em que ela qualifica bem a participação de algum conhecido num episódio que as pessoas contam.

9. As expressões listadas no exercício 7 se combinam facilmente com operadores como *sequer*, *chegar a*, *mesmo* (*ele não tem um tostão furado sequer, ele não tem nem mesmo um tostão furado, ele não chegou a abrir a boca*). Explique por quê.

10. Certos verbos, como *poder* e *dever* têm entre si uma relação tal que um pode ser definido pelo outro, com a ajuda da negação. Por exemplo, dizer a alguém que **deve** tomar um determinado remédio equivale a dizer que **não pode não** tomar esse mesmo remédio, e assim por diante. Explore essa possibilidade, redigindo de outro modo as passagens assinaladas do texto abaixo.

> "Dentre todas as medidas que o homem moderno precisa tomar para a conservação do seu corpo, a mais importante é o tratamento regular dos dentes [...] Para um tratamento dos dentes ser correcto, é mister que se destrua quotidianamente o que occasiona a carie e a fermentação, isto é, os germes corruptores dos dentes, que se formam diariamente na bocca. Reflectindo-se bem, chega-se à conclusão de que para este fim é necessário que se tome uma medida hygienica que elimine taes germes ou que detenha ao menos sua acção damninha. Para a eliminação mechanica das impurezas pegadas aos dentes serve, até um certo ponto a escova, mas só até um certo ponto. [...] Como a escova se presta só superficialmente para este fim, porquanto não pode attingir aos pontos onde se acham depositados os germes nocivos [...] carece que se use, alem da escova de dentes, o Odol, que penetra nas partes mais occultas da bocca..."
>
> (Propaganda do dentifrício líquido Odol, na revista *O Careta*, começo do século xx)

O homem moderno precisa = o homem moderno não pode não = o homem moderno não pode deixar de...
É mister que/é necessário que/carece que = não se pode admitir que não.

11. A idéia de negação é evocada por uma grande quantidade de palavras e construções, além do velho e bom advérbio *não*. No texto que segue, foram grifadas algumas expressões que contêm, de um modo ou de outro, a idéia de negação. Pede-se que você diga, para cada uma delas, qual é a idéia negada.

Fim de festa, silêncio

Ex-porta-voz da Arquidiocese de São Paulo deixa a batina e inicia nova vida sem falar do passado.

Quando ele se tornou padre, em 1984, foi uma festa [...]

Dezesseis anos e muitas decepções depois, discretamente, padre Fernando Altemeyer Jr. entrou no gabinete de dom Cláudio Hummes, em fevereiro, para pedir dispensa do ministério sacerdotal e do cargo de porta-voz da Cúria Metropolitana. Voltou a ser apenas Fernando, professor de Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Aos 43 anos, alegou "razões de ordem pessoal" para deixar a batina, raramente usada, e recomeçar a vida. Desde então calou-se. Até as paredes do casarão da cúria, na aristocrática Avenida Higienópolis, porém, sabiam da incompatibilidade entre o porta-voz e o chefe, o comandante da Arquidiocese de São Paulo, como se pertencessem a igrejas diferentes.

O novo arcebispo foi indicado pelo Vaticano à revelia de D. Paulo (Evaristo Arns). O cardeal defendia a nomeação do bispo-auxiliar dom Celso Queiroz, transferido pela Cúria Romana para uma diocese do interior do Estado na mesma semana em que Fernando deixou de ser padre. Fernando não era apenas mais um entre os 700 religiosos e as 2000 freiras das 270 paróquias da capital – os "funcionários de Deus" que recebem dois salários mínimos por mês além de casa, comida e roupa lavada. Era um dos mais ardorosos defensores e fiel discípulo do catecismo ditado durante 28 anos por Dom Paulo para a atividade social da Igreja. Com sua saída e a de dom Celso encerrou-se um ciclo.

(*Epoca*, 3.4.2000)

Papéis temáticos

Caracterização geral

Uma boa maneira de entender as sentenças da língua consiste em imaginar que elas representam “pequenas cenas” nas quais diferentes personagens desempenham papéis necessários ao enredo (como no teatro). Estes papéis são determinados pelo verbo, e são mais ou menos fixos, isto é, têm um funcionamento até certo ponto independente das relações de concordância, regência e colocação, tradicionalmente descritas nas gramáticas. Assim, em

1) Cabral descobriu o Brasil
2) O Brasil foi descoberto por Cabral

o que muda é o termo que funciona como sujeito [*Cabral* em (1) e *O Brasil* em (2)]; mas Cabral é sempre o agente da descoberta, e o Brasil é sempre seu alvo.

Material lingüístico

✓ Os papéis temáticos mais comuns são:

– **o agente** (o indivíduo que tem a iniciativa da ação, que tem controle sobre a realização da ação);
– **o alvo** (o indivíduo ou objeto diretamente afetado pela ação);
– **o instrumento** (o objeto de que o agente se serve para praticar a ação);
– **o beneficiário** (o indivíduo a quem a ação traz proveito ou prejuízo);
– **o experienciador** (o indivíduo que passa pelo estado psicológico descrito pelo verbo).

A distinção desses papéis não é arbitrária, ao contrário, é confirmada pela possibilidade de aplicar à sentença construções diferentes. Por exemplo, dependendo do papel temático que um sintagma nominal exerce na sentença, ele dá origem a diferentes “sentenças clivadas”:

X bateu em Y
O que X fez foi bater em Y (X = agente)
O que aconteceu com Y foi que ele apanhou de (Y = alvo)

Os papéis temáticos são distintos das funções gramaticais de sujeito, objeto e adjunto, mas há uma hierarquia que dispõe sobre a possibilidade de os diferentes papéis temáticos coincidirem com o sujeito gramatical. Pense-se por exemplo na história em que o ladrão invade a casa da vítima, e para isso quebra a veneziana da janela dos fundos com um pé de cabra. Temos nesta história a ação de quebrar, associada a três papéis temáticos que correspondem ao ladrão, à veneziana e ao pé de cabra. Se quisermos contar essa história na voz ativa, poderemos dizer coisas como:

O ladrão quebrou a veneziana com o pé de cabra.
O ladrão quebrou a veneziana.
O pé de cabra quebrou a veneziana.
A veneziana quebrou.

Mas não

O ladrão quebrou com o pé de cabra.
A veneziana quebrou com o ladrão.
O ladrão quebrou.
O pé de cabra quebrou.

Isso nos ensina que o agente (o ladrão) tem mais chances de ser o sujeito do que o instrumento, que por sua vez tem mais chances de ser o sujeito do que o alvo.

Atividade

O livro *Com todas as letras*, do jornalista Eduardo Martins, reúne em cerca de 150 páginas uma série de textos escritos em linguagem fácil (muitos desses textos foram publicados inicialmente no suplemento infantil do jornal O Estado de S. Paulo) em que se mostra como evitar os principais erros do idioma, e se ensina a escrever de forma simples e elegante. Transcrevemos uma página desse livro, que contém uma interessante reflexão lingüística. Leia e responda em seguida às perguntas:

> **Não é o paciente quem opera**
>
> Qualquer intervenção cirúrgica que ocupe o noticiário dos jornais, revista e emissoras de rádio e televisão serve como importante alerta para o uso inadequado de certas palavras e expressões.
>
> Você com certeza leu ou ouviu (mais de uma vez, até) frases como *Presidente opera o coração./Papa retira o apêndice./Artista faz operação plástica./Jogador opera joelho.*
>
> Alguma delas lhe causa estranheza? Repare que todas elas apresentam um grave erro de estilo: não é o presidente quem opera, nem o papa

quem retira o apêndice. O artista também não faz operação plástica, nem o jogador opera o joelho. Todas essas são tarefas do cirurgião.

Claro, são formas populares de exprimir esse tipo de situação. Você pode até usá-las em conversa com os amigos. Mas, na linguagem formal, escrita, elas devem ser evitadas. Assim, diga, por exemplo, que *o papa foi operado de apendicite*, ou que *o presidente sofreu uma operação no coração*. Ou ainda que *o artista se submeteu a uma operação plástica*.

Para continuar no mesmo campo, veja o que acha destas orações: *doente está tão mal que a família já espera a sua morte.*/*O governo espera que haja grande número de falências até o fim do ano.*/*A empresa espera uma queda nas vendas por causa da situação econômica do País*.

Todas elas aparecem com muita freqüência nos meios de comunicação. Mas, em todas, o verbo **esperar** está muito mal empregado, porque indica desejo, esperança, expectativa favorável. Por isso, a família pode *prever*, mas não deve *esperar* a morte do doente. Da mesma forma o governo *prevê* ou *teme* grande número de falências, enquanto a empresa também *receia* ou *prevê* queda das vendas. Nem o governo nem a empresa, porém *desejam* esses fatos.

(Eduardo Martins, *Com todas as letras*. O Estado de S. Paulo, 1999, p. 123)

a) Nos primeiros quatro parágrafos, fica caracterizado um erro. Diga em que consiste esse erro, usando o que você aprendeu sobre papéis temáticos.

b) Os maus usos do verbo *esperar* que o autor caracteriza neste texto são semanticamente parecidos com os maus usos de *operar*? Por quê?

Exercícios

1. Um bom teste para reconhecer o instrumento consiste em reconstruir a sentença com o verbo *usar*; ex.: o lenhador cortou a árvore centenária com uma motosserra = o lenhador usou uma motosserra para cortar a árvore (“motosserra” é o instrumento). Aplique esse mesmo teste nas sentenças a seguir, para determinar se a preposição *com* indica instrumento:

A mulher do prefeito corta o cabelo com o Paulinho.
Elimine os piolhos com Kwell.
Manchas de ferrugem saem com suco de limão.
Viaje com a Stella Barros.
Cole com Tenaz (e descole se for capaz).
Não grite comigo.

O senhor não sabe com quem está falando.
Depois de passar cera Nugget, dê brilho aos sapatos com uma flanela seca.

2. Muitos verbos, além de descrever uma ação, dão indicações sobre o instrumento por meio do qual é realizada. A propósito destes, diga que ação descrevem e com que instrumento ela se realiza:

- Esfaquear (um desafeto).
- Desempenar (uma parede).
- Moer (café).
- Peneirar (areia).
- Tornear (uma peça de madeira).
- Esmerilhar (uma chapa de metal).
- Untar (uma assadeira).
- Polvilhar (um bolo).
- Fotografar (um grupo de amigos).

3. Na caracterização dos papéis temáticos, a noção de alvo aplica-se a duas realidades diferentes:

a) algo que resulta, isto é, passa a existir por efeito de uma ação;
b) algo que já existia anteriormente e é modificado por uma ação. Diga a que tipo pertencem os "alvos" assinalados nestes trechos, extraídos de um livro de História:

> Alemão, Langsdorff era cônsul da Rússia no Brasil, onde esteve pela primeira vez em 1803, apaixonando-se pela ilha de Santa Catarina. Voltou ao país em 1820 para fixar residência no Rio, onde adquiriu a Fazenda da Mandioca, que logo se tornou reduto de pesquisas agrícolas. Em pleno regime escravocrata, o barão contratou colonos alemães, e os pagava bem. Três anos depois de voltar da Europa, Langsdorff partiu em setembro de 1825 para sua grande expedição científica pelo interior do Brasil: a aventura custaria 350 mil rublos ao czar e estava fadada ao fracasso. Ao longo de dois anos e 16 mil quilômetros, os 34 homens de Langsdorff – entre eles os pintores Hercule Florence e Adrien Taunay – percorreram a rota das monções, coletando 100 mil amostras de plantas. A marcha foi marcada por doenças, febres, suicídios, paixões e lutas ardentes, delírios e descaminhos. Em abril de 1828, o barão enlouqueceu, e em outubro, 12 debilitados expedicionários retornavam ao Rio. Por anos a fio, o esplendoroso legado científico da missão ficaria jogado nos porões do museu de São Petersburgo, na Rússia...
>
> "Naturalista preparando-se para viagem através do Brasil procura um pintor. Às pessoas que preencham as condições necessárias, roga-se

> que se dirijam ao consulado da Rússia.” Esse anúncio, publicado num jornal do Rio de Janeiro, em 1825, foi o passaporte para o aventureiro, naturalista e pintor Hercule Florence assegurar sua entrada na história da iconografia brasileira. Nascido em Nice, em 1804, chegou ao Rio em maio de 1824. O anúncio de Langsdorff mudaria sua vida.
>
> Florence não apenas produziu mais de 200 gravuras sobre a malfadada expedição como também publicou o seu diário, com o título de “Viagem Fluvial do Tietê ao Amazonas”, e organizou a obra do finado Taunay [Adrien Taunay, morto durante a expedição]. Ao retornar da viagem em 1829, Antoine Hercule Romuald Florence se estabeleceu em Campinas, onde abriu uma loja de tecidos, casou-se e dedicou-se a pesquisas sobre a “poligrafia” e o “papel inimitável”, que o tornaram precursor mundial da fotografia. Morreu em 1879.
>
> (*História do Brasil* da Folha de S. Paulo, ed. 1997, p.102/103)

4. No primeiro semestre do ano 2000, o Governo Federal impôs às agroindústrias um novo tributo, a Taxa de Fiscalização Ambiental (TFA), que foi bastante criticado na imprensa. Para contestar o novo tributo, o professor Luiz Augusto Germani, especialista em Direito Agrário da Fundação Getúlio Vargas, comenta cada uma de suas “condições jurídicas”, numa análise que lembra a análise lingüística por papéis temáticos. Leia o texto e responda em seguida às perguntas.

> A TFA foi criada pela Lei 9960, de 28 de janeiro deste ano, fixando as seguintes condições para sua existência:
>
> A – Quem cobra: o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama), sujeito ativo da obrigação tributária;
>
> B – De quem se cobra: das pessoas jurídicas ou físicas que se dediquem a atividades potencialmente poluidoras e/ou à extração, produção, transporte e comercialização de produtos potencialmente perigosos ao meio ambiente, assim como produtos e subprodutos da fauna e da flora (sujeito passivo na relação tributária);
>
> C – Quando se cobra: anualmente;
>
> D – Situação de cobrança: atualização cadastral anual (fato gerador do tributo).
>
> De modo impressionante, é possível notar ilegalidades e inconstitucionalidades em todas as condições jurídicas de sua cobrança:
>
> A – Quanto ao sujeito passivo: é pessimamente determinado, tendo em vista que podem ser considerados contribuintes desde a Usina Nuclear de Angra dos Reis até o motorista de táxi que queima combustível...
>
> B – Quanto à época de cobrança: como pode ser cobrada anualmente uma taxa de fiscalização que pode até mesmo não ser exercida naquele ano?

> C – Quanto ao valor: R$ 3 mil é um valor confiscatório, tendo em vista que não há como justificar um registro cadastral ou um ato fiscal que justifique esse custo ...
> Percebe-se nitidamente que o desrespeito à lei e à Constituição está a servir única e exclusivamente ao caixa arrecadador do sujeito ativo desta relação tributária (Ibama).
> A solução? Recorrer ao Judiciário...
>
> (Suplemento Agrícola do jornal *O Estado de S. Paulo*, 29.3.2000)

a) Resuma a argumentação desse texto, usando as expressões “agente da cobrança”, “alvos da cobrança”, “valor”, “época” e “propósitos”;
b) Pense em alguma situação que você considera injusta. Caracterize essa situação analisando um a um os fatores (ou “papéis temáticos”) que a caracterizam.

5. Encontre o termo apropriado para:
a) A casa onde mora o presidente da República (residência oficial do presidente da República).
b) O prédio ou conjunto de instalações onde funciona um clube (a .... do clube).
c) A pessoa a quem é entregue a mercadoria roubada (o .... da mercadoria).
d) A pessoa que escreve um livro ou faz uma proposta (o .... do livro ou da proposta).
e) A pessoa que sofre um assalto ou um atropelamento (a .... do assalto ou atropelamento).
f) A pessoa que manda, e a pessoa que recebe uma carta (o .... e o d......... da carta).
g) Pessoa a mando de quem é cometido um crime (o .... do crime).
h) A pessoa que os traficantes usam para transportar droga entre localidades distantes (a ....).

6. Para os estudiosos da linguagem, o verbo *ser* é um só, mas os matemáticos perceberam há tempo a necessidade de traduzi-lo por meio de três símbolos diferentes, que todos nós aprendemos como parte da teoria dos conjuntos: ‘Î’, ‘Ì’ e ‘=’. O primeiro desses símbolos expressa uma relação de pertinência, entre um indivíduo e um conjunto; o segundo, uma relação de inclusão entre conjuntos, e o terceiro uma relação de igualdade entre indivíduos. Assim, um matemático traduzirá

Três é um número primo	*Os gatos são felinos*	*Pedro é o meu melhor amigo*
3 Î {números primos}	*{gatos} Ì {felinos}*	*Pedro = meu melhor amigo*

Faça de conta que você é um matemático, e traduza estas frases, considerando apenas as partes grifadas e desprezando, na tradução, os tempos do verbo:

a) Fernão de Magalhães, que deu a primeira volta ao mundo em 1519, era português.
b) Machado de Assis é o autor de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*.
c) As baleias são mamíferos.
d) Diadorim é uma personagem de *Grande Sertão - Verdedas*.
e) Riobaldo é a personagem principal de *Grande Sertão - Veredas*.
f) Recife é a capital de Pernambuco.
g) Recife é uma cidade de Pernambuco.
h) As moscas são insetos.

7. Infelizmente, a palavra “denúncia” tem freqüentado os noticiários nos últimos tempos. Ora, a ação de denunciar envolve necessariamente 1 – alguém que toma a iniciativa da denúncia, 2 – alguém que é denunciado e 3 – alguma ação, representada como criminosa, que o autor da denúncia imputa ao denunciado. Nas notícias abaixo, a palavra *denúncia* é seguida pela preposição *de*, que introduz um complemento nominal. Valendo-se do contexto, diga se esse complemento nominal identifica o autor da denúncia, o denunciado ou o crime.

Computadores e documentos apreendidos na Prefeitura podem conter provas de suborno

A força-tarefa do Ministério Público Estadual e da Polícia Civil inicia hoje a análise de documentos e computadores apreendidos na sexta-feira na Secretaria de Governo. Para o MPE, o conteúdo do material passa a ser o centro das investigações sobre o esquema de corrupção na administração municipal. O material apreendido, 15 CPUs e três caixas de documentos, pode conter dados que comprovem as denúncias da ex-primeira-dama Nicéia Pitta.

(*O Estado de S. Paulo*, 3.4.2000)

Vereadora ironiza denúncia de mesada

Em meio à acareação com o estelionatário Fabiano Leite de Sá Lima, Maria Helena (suspensa do PL) respondeu com ironia às acusações de que receberia mesada mensal da Prefeitura como propina.

“Daqui a pouco vão dizer que quem crucificou Jesus Cristo fui eu”.

(*O Estado de S. Paulo*, 4.4.2000)

VASP NÃO CUMPRE DECISÃO DA JUSTIÇA

A Vasp não está respeitando os direitos trabalhistas de seus funcionários, segundo denúncia do Ministério Público do Trabalho do Estado de São Paulo.

No dia 12 deste mês, a Justiça do Trabalho havia concedido liminar, em ação civil pública, determinando que a Vasp cumprisse uma série de obrigações trabalhistas de seus empregados – pagar salários, depositar o FGTS, entre outras...

(*Folha de S. Paulo,* 19.4.2000)

Denúncia envolvendo projeto de Garotinho gera crise na Uerj

As denúncias de irregularidades em um dos maiores programas sociais do governo Garotinho, o Vida Nova, desencadeou uma crise política na Universidade Estadual do Rio de Janeiro.

As denúncias foram feitas pelo diretor do Cepuerj (Centro de Produção da Uerj), Paulo Adler, responsável pela gestão do programa.

A reitora da Uerj, Nilcéia Freire, contesta a forma como as denúncias se tornaram públicas.

(*Folha de S. Paulo*, 20.5.2000)

---

8. Você sabe que as anedotas costumam ter algum fundamento lingüístico. Na que segue, esse fundamento consiste numa atribuição de um papel temático equivocado a uma certa personagem. Explique por quê.

Mulher — Trabalhar o tempo inteiro e tomar conta da casa está me levando à loucura! Depois do emprego, cheguei em casa e lavei a roupa e a louça. Amanhã tenho de lavar o chão da cozinha e as janelas da frente!

Outra mulher — Então? E teu marido?

Mulher — Ah, isso eu não faço de maneira nenhuma! Ele pode muito bem se lavar sozinho!

9. Uma compra é às vezes representada como uma dupla troca, em que o dinheiro passa das mãos do comprador para as do vendedor, e algum objeto (ou serviço) passa das mãos deste para as do comprador. No diagrama abaixo, os dois quadros representam dois momentos sucessivos. Sabendo que a letra **d** representa o dinheiro, o que representam as letras **A**, **B** e **X**?

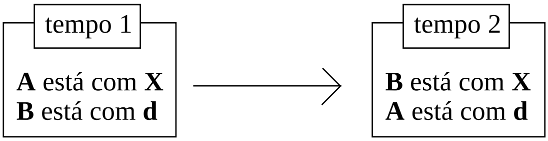

Qual seria o gráfico apropriado para os verbos “vender” e “pagar por”?

10. Na linguagem dos jornais, sobretudo nas manchetes, são cada vez mais comuns construções como estas:

a) Shoppings e internet disputam clientes.
b) Inflação estável mantém meta com o FMI.
c) Planos de saúde querem repassar taxas a clientes.
d) Explosão mata 15.
e) Demora em atendimento mata idoso.
f) Peça homenageia Dias Gomes.
g) Comício reúne 200 mil pessoas.
h) Muro de 2 metros isola condomínio.
i) Reforma retira poder dos delegados.
j) Documento mostra estratégia de viagens.
m) Leilões oferecem 150 imóveis.
n) Lançamentos testam viabilidade comercial do *loft*.
o) Inquérito comprova fraude eleitoral.

Em todas essas construções, um substantivo que indica coisas ou processos foi usado como sujeito gramatical de um predicado que, normalmente, expressaria ação intencional de um ser humano ou de uma instituição. Encontre, nos jornais e revistas a que você tem acesso, mais uma dúzia de frases desse tipo; reconstrua-as em seguida de modo que a posição de sujeito seja ocupada pelo nome da(s) pessoa(s) ou instituição(ões) a quem coube a iniciativa. (Ex.: “Comerciantes de shoppings disputam clientes com *sites* de vendas”, ou “Quinze pessoas morrem em explosão”.) Verifique em seguida se as expressões grifadas identificam o instrumento, o local ou o objetivo visado com a ação.

Mecanismos de paráfrase baseados no léxico

Objetivo

Explorar as possibilidades de paráfrase baseadas no conhecimento do léxico.

Caracterização geral

✓ Duas sentenças são paráfrases uma da outra quando descrevem de maneiras equivalentes um mesmo acontecimento ou um mesmo estado de coisas.

✓ Os recursos por meio dos quais construímos paráfrases de sentenças são de dois tipos:

1) os que consistem em aplicar transformações de caráter sintático (das quais a mais conhecida das quais é a formação da voz passiva);

2) os que lançam mão de conhecimentos do léxico, tirando proveito da equivalência de palavras e construções. Neste capítulo, só serão considerados os mecanismos de paráfrase baseados no léxico.

Material lingüístico

Constroem-se paráfrases:

✓ Recorrendo ao "predicado converso"

– Com **substantivos**: *José é filho de Pedro = Pedro é pai de José.*

– Com **adjetivos** (incluindo a comparação de superioridade e inferioridade): *Os produtos da Coca-Cola são superiores aos produtos da Antártica = Os produtos da Antártica são inferiores aos produtos da Coca-Cola.*

– Com **verbos** (incluindo a voz passiva: *José emprestou um livro a Pedro = Pedro tomou um livro emprestado de José.*

– Com **preposições**: *A padaria fica depois do açougue = O açougue fica antes da padaria.*

✓ Recorrendo a "predicados simétricos"

– Com ***substantivos**: José irmão de Pedro = Pedro é irmão de José.*

– Com ***adjetivos*** (incluindo comparação de igualdade): *Os produtos da Coca-Cola são tão bons quanto os produtos da Antártica = Os produtos da Antártica são tão bons quanto os produtos da Coca-Cola.*

– Com *verbos* (incluindo a voz passiva)*: Maria namora José = José namora Maria.*

– Com **preposições** e **locuções prepositivas***: A padaria fica perto do açougue = O açougue fica perto da padaria.*

✓ Trocando expressões baseadas em **diferentes verbos-suporte**

José tem barba = José é barbudo.

José tem muita idade = José é muito idoso, muito velho.

José tem paciência = José é paciente

(mas atenção: às vezes as equivalências falham: *José é narigudo* não é exatamente a mesma coisa que *José tem nariz*; e *José não é narigudo* definitivamente não equivale a *José não tem nariz*)

✓ Expressando as mesmas relações ora por meio de **palavras que pertencem a classes morfossintáticas diferentes** (preposições x verbos, conjunções x verbos, etc.):

Antes do jantar, o presidente fez um discurso = O jantar foi precedido pelo discurso do presidente.

Por causa da chuva, os convidados se atrasaram = A chuva provocou o atraso dos convidados.

✓ Recorrendo a termos **sinônimos** (ex.: *A aula foi tediosa, A aula foi maçante, A aula foi chata*. Ver capítulo *Sinonímia*).

Atividade

Os provérbios recorrem às vezes a sinônimos para caracterizar situações em que uma diferença esperada não acontece. Conte uma história que possa ter por título um destes ditados:

Trocar seis por meia dúzia.
O roto dá conselhos ao esfarrapado.
Chover no molhado.

Exercícios

1. Sabendo que Pedro é filho de José, podemos afirmar com toda a certeza que José é pai de Pedro, assim como podemos afirmar que o pai de Pedro é José.

O presidente Truman foi hóspede do presidente Dutra.	ou seja	Dutra foi .... do presidente Truman.
Jatene foi aluno de Zerbini.	ou seja	Zerbini foi .... de Jatene.
José de Alencar foi protegido de Dom Pedro II.	ou seja	Dom Pedro II foi .... de José de Alencar.
Aquarela do Brasil é uma composição musical de Ari Barroso.	ou seja	Ari Barroso é .... de Aquarela do Brasil.
O ator e escritor Mário Lago foi o criador da personagem “Amélia”.	ou seja	A personagem “Amélia” é .... do ator e escritor Mário Lago.
Alexandre, o Grande, foi discípulo do filósofo Aristóteles.	ou seja	O filósofo Aristóteles foi .... de Alexandre, o Grande.
O ator americano James Dean foi o ídolo da geração de 50.	ou seja	A geração de 50 foi .... do ator americano James Dean.
O prêmio consiste em uma viagem ao Havaí e uma quantia em dinheiro.	ou seja	Uma viagem ao Havaí e uma quantia em dinheiro .... o prêmio.

2. Complete, conforme o exemplo:

médico – paciente
súdito – rei ou imperador
avô
advogado
patrão
algoz
inquilino
fornecedor
representado
subordinado

Dê um exemplo de cada uma dessas situações, e compare em seguida com os exemplos dados pelos seus colegas.

3. Os dois textos a seguir foram extraídos de dois jornais publicados na mesma data, e tratam do mesmo acontecimento – a vitória de Michael Schumacher no Grande Prêmio do Brasil 2000 de Fórmula 1, que para os brasileiros teve sabor de derrota, já que Rubem Barrichello precisou abandonar a corrida depois de estar na frente por um bom tempo. Lendo atentamente os dois textos, você poderá observar que há entre eles muitas pequenas diferenças. Enquadre essas diferenças num dos seguintes casos:

- diferenças nos fatos;
- diferenças ideológicas (os fatos narrados são os mesmos, mas são interpretados de maneiras diferentes, por efeito de diferentes interesses e pontos de vista de quem escreve);
- diferenças apenas no modo de dizer.

Ainda não foi desta vez

(*Folha de São Paulo*, 27.3.2000)

A Ferrari venceu, mas com Michael Schumacher. E o estigma de azarado rondou Rubens Barrichello mais uma vez, ontem, no autódromo de Interlagos.

Uma falha no sistema hidráulico de seu carro obrigou o piloto brasileiro a abandonar o GP Brasil de F-1 após 27 voltas.

Até então Barrichello fazia uma boa corrida, ocupando a quarta colocação, após uma parada nos boxes. Dentro da lógica da prova, marcada pelo duelo tático entre a escuderia italiana e a rival Mc Laren, o piloto tinha condições de lutar até pela segunda colocação.

A falha, porém, praticamente pôs fim ao GP Brasil mais concorrido dos últimos anos, marcado pelo entusiasmo da torcida, tingida de vermelho, nas arquibancadas de Interlagos, pela presença intensa de VIPs nos camarotes, e pela bagunça, que pode levar os organizadores da corrida a serem multados pela FIA.

Um anticlímax semelhante ao do ano passado, quando o piloto brasileiro surpreendeu, liderando parte da corrida em um frágil Stewart para finalmente quebrar.

Desta vez, porém, Barrichello tinha uma Ferrari. E, após um segundo lugar na Austrália, na abertura do Mundial, foi transformado em pop star, atendendo a inúmeros compromissos que lotaram sua agenda, fazendo com que o piloto até reclamasse de estresse às vésperas da corrida.

Rubinho e o drama de Interlagos

(*Diário do Comércio do Recife*, 27.3.2000)

São Paulo – A torcida deu um show, colorindo de vermelho o circuito de Interlagos.

O brasileiro Rubens Barrichello também fez a sua parte. Pilotou rápido, ultrapassou o escocês David Coulthard, da Mc Laren, e levou seu carro ao limite. Não adiantou. Considerado o carro mais confiável da Fórmula 1, a máquina da Ferrari quebrou na 27ª volta, adiando a realização do sonho de Rubinho, compartilhado este ano com mais de 60 mil pessoas que lotaram o autódromo.

Abatido, mas conformado, o piloto seguiu para os boxes, onde desabafou. “Foi um pecado. Fiz o que podia para deixar o meu público contente. Foi uma pena. ”As quebras têm sido um drama para o piloto em Interlagos. No ano passado, depois de liderar por várias voltas, sua Stewart parou. “Vamos discutir o que aconteceu esta semana, para não repetir os erros.”

Erros esses que levaram o carro de Rubinho a problemas hidráulicos e culminaram com a saída do piloto da prova. “O carro estava andando bem, até que comecei a sentir o volante muito duro. Depois, o hidráulico se estendeu ao acelerador e aí não teve mais jeito. A pressão ficou muito alta.” Ele ficou surpreso com o problema, pois diz ter um carro confiável nas mãos. “Nosso carro foi exaustivamente testado, e foi parar logo na prova do Brasil”.

5. Duas traduções de um mesmo texto escrito originalmente em língua estrangeira nunca são iguais. Os trechos que seguem foram extraídos de duas boas traduções de *As Aventuras de Tom Sawyer*, de Mark Twain: Luísa Derouet (Clube do Livro) e Carlos Heitor Cony (Coleção Elefante – livros de bolso da editora Ediouro). Trata-se, do episódio em que Tom transforma a penosa tarefa de pintar uma cerca de tábuas num motivo de lucro. Compare as traduções, e discuta:

a) como podem ser explicados os "cortes" feitos por Carlos Heitor Cony na narrativa e nos diálogos?
b) Ache, no texto de Carlos Heitor Cony, as expressões que correspondem às que foram grifadas no texto de Luísa Derouet. Comente livremente essas correspondências:

(Tradução de Luísa Derouet)

Tom olhava para as últimas pinceladas dadas, com um olhar de artista, depois pegou no pincel e deu outro retoque, tornando a olhar como antes. Ben pôs-se ao lado dele e Tom sentiu água na boca só de olhar para a maçã, mas não parou de trabalhar. Por fim, Ben perguntou:

— Tem então de trabalhar, hein? Tom voltou-se rapidamente.

— Ah! É você, Ben! Não tinha visto...

— Olhe, vou nadar. Não gostaria de ir também? Pelo que vejo, tem de fazer esse trabalho, não é?

É claro que tem.

Tom olhou-o por momentos, e por fim perguntou-lhe: o que é que você chama trabalho?

— Então isso não é trabalho? Tom continuou a caiar e respondeu despreocupadamente:

— Talvez seja, talvez não. O que eu sei é que é muito do agrado de Tom Soyer.

— Não vá me dizer que gosta disso.

O pincel continuava a se mover

— Gostar disto? Não vejo por que não hei de gostar. Não é todos os dias que um menino como nós tem ocasião de pintar uma cerca.

Isso punha as coisas noutro pé.

Ben parou de comer a maçã. Tom pintava cuidadosamente, movendo o pincel de um lado para outro, dava um passo atrás para ver o efeito, retocava aqui e ali, tornava a ver o efeito e, entretanto, Ben olhava para tudo aquilo cada vez mais entretido, até que, passados alguns momentos, disse:

— Deixe-me caiar um pouquinho, Tom? Tom pensou um instante, quase consentiu, mas mudou de idéia.

— Não, não! Não pode ser, Ben. Como você sabe, tia Polly é muito exigente com esta cerca. Bem aqui na rua... ainda se fosse do lado de

trás não me importava e ela também não. Mas ela tem umas esquisitices com esta cerca. O serviço tem de ser feito com muito cuidado. Em mil meninos, talvez até em dois mil , não haveria outro que o fizesse como deve ser.

— Não? É assim difícil? Deixe-me experimentar! Só um pouquinho! Eu, se estivesse no seu lugar e você fosse eu, deixava.

— Bem, eu também gostaria de deixar, palavra, mas tia Polly... Olhe, o Jim quis fazer isto e ela não deixou; Sid quis fazê-lo e ele não deixou.

Ela não deixou Sid! Por aí você vê como é a coisa. E se você caiasse isto e acontecesse alguma coisa?!

— Ora! Bobagem! Eu tomo tanto cuidado como você. Deixe-me experimentar! Olhe, eu lhe dou o miolo da minha maçã.

— Bem... Não, Ben, não pode ser. Tenho medo...

— Eu lhe dou a maçã inteira!

Tom abandonou o pincel, mostrando certa relutância e, com o coração cheio de alegria, e, enquanto aquele que antes personificava o Grande Missouri trabalhava e suava ao sol, o artista reformado sentou-se num barril à sombra, a abanar as pernas, a mastigar a maçã e a planejar o sacrifício de outros inocentes. Material não faltava, porque os meninos passavam constantemente por aí. Vinham para troçar, mas acabavam caiando.

(Tradução-adaptação de Carlos H. Cony)

Tom examinou a última pincelada com ar de artista, deu mais um retoque, observou de novo. Tinha a boca cheia d'água por causa da maçã. Porém continuou o trabalho.

Ben perguntou:

— Olá, velho, você tem de dar duro, não?

— Olá, Ben, eu não tinha visto você.

— Escuta, vou nadar. Você dava tudo para poder ir também, hein? Mas você prefere trabalhar, é claro!

— Que é que você chama de trabalho?

— Ora, então, isso aí não é trabalho?

Tom respondeu despreocupadamente:

— Depende de quem faz. Só sei que me agrada.

— Essa não! Quer me dizer que gosta disso?

A broxa subia e descia.

— E por que não? Não é todo dia que um garoto tem oportunidade de caiar uma cerca.

A explicação dava ao caso um novo aspecto. Ben parou de roer a maçã e interessou-se. Finalmente propôs:

> — Tom, me deixa caiar um pouco. Tom estava a ponto de consentir, mas mudou de idéia.
>
> — Não, você não sabe fazer isso; Tia Polly é muito exigente com esta cerca. Se fosse a cerca dos fundos, vá lá. Não há um rapaz em mil, talvez dois mil, que saiba pintar direito uma cerca destas.
>
> — Não diga! Vamos, me deixa experimentar um pouquinho.
>
> — Ben, palavra de honra, eu gostaria... mas Tia Polly... Ela não deixou Jim. Nem Sid. Compreende? Você poderá errar...
>
> — Ora bolas, tomo todo cuidado. Deixa.
>
> Olha, fica com um pedaço da minha maçã.
>
> — Bem, assim... Não, tenho medo. Já disse, não!
>
> — Toma a maçã toda!
>
> Tom cedeu, mostrando relutância no rosto, mas com o coração em festa. De vez em quando aparecia um rapaz para zombar e acabava ficando para trabalhar. Quando o "Big Missouri" pregou, Tom já havia negociado a vez com Billy Fischer em troca de uma pipa em bom estado. Pelo meio da tarde, Tom, o pobre rapaz da manhã, estava com os bolsos cheios.

6. Uma das principais características dos textos autenticamente falados é que seu planejamento é simultâneo à própria elocução. Com isso, o falante se vê obrigado a monitorar "em tempo real" sua própria elocução, reformulando o texto à medida que ele vai sendo produzido. Nesse processo, são particularmente comuns as paráfrases "retificadoras". Veja como isso acontece neste trecho de uma aula de Organização e Métodos que analisa a história da cadeia de lanchonetes Bob's, gravada para fins de estudo da linguagem falada culta da cidade do Rio de Janeiro:

> era uma empresa de pequeno porte... mas chegou um determinado momento... no ano passado EM QUE... a sua administração se defrontou com um problema muito grave... ou a empresa abandonava a sua estrutura de pequeno porte...ou...então...a empresa ia acabar desaparecendo... por que razão? Porque ela possuía uma administração muito pequena... [...] a empresa tinha três ou quatro pessoas na sua direção e... aproximadamente dezoito... filiais... onde.. gerentes... empregados chamados de gerentes... tinham uma determinada função... mas não tinham uma autonomia gerencial... era apenas... o chefe daquele setor... o gerente é muito mais que um simples chefe... ele tem uma autonomia... administrativa... ele tem uma...delegação de autoridade... e... portanto... ele tem uma parcela de poder... coisa que... em relação às lojas do Bob's... não existia... porque o gerente ... apenas... era o encarregado do cumprimento das tarefas... ele não podia admitir ninguém... o critério de admissão... de seleção... de promoção de pessoal... não era

> dele... ele não tomava... nenhuma... deliberação importante... não tinha nenhuma iniciativa... ele... apenas... controlava... as tarefas... previamente fixadas... o que aconteceu com o Bob's? ele foi crescendo e, num determinado momento... ele paralisou... estacionou... por que ele estacionou? Porque para crescer mais do que isso... era preciso... criar uma nova estrutura... se o Bob/Bob's pretendesse ampliar sua área de atuação no estado do Rio... chegar a São Paulo... portanto ampliar sua participação no mercado... não eram três ou quatro pessoas que podiam continuar dirigindo... era preciso produzir aqui.... neste nível... uma... direção intermediária... uma administração de porte intermediário... de nível intermediário... portanto... uma administração... aqui... que seria o elemento de ligação entre já e a administração superior [...] e a administração de nível inferior... pra isso ... era preciso delegar autoridades e os seus dirigentes não quiseram... eles acharam que... preferiam manter aquela pequena estrutura... porque não queriam perder o controle da empresa... eles consideravam que... o processo de delegação de autoridades significaria a possibilidade de outras pessoas que não sócias-proprietárias... portanto a FAMÍLIA... dirigisse o negócio [...] era uma questão de opção... pretendiam permanecer nessa posição... acontece que aí... vem uma empresa maior vem uma empresa multinacional e chega... e conVIDA... aquela empresa de pequeno porte a uma negociação... e pergunta... "(vo)cê tem interesse em vender o negócio?" [...] começa ali uma fase de negociação... uma fase de barganha e.. depois... uma fase de pressão...
>
> (Transcrito com modificações do inquérito 364 NURC-RJ, Dinah Callou, *A linguagem falada culta na cidade do Rio de Janeiro: materiais para o seu estudo*. Rio de Janeiro, UFJR/FUJB, 1991, p. 60-61; as passagens em letras maiúsculas foram pronunciadas em tom mais alto)

Todas as expressões grifadas sofrem reformulação na seqüência do texto. Transcreva as expressões que realizam essa reformulação, e diga se se trata de uma "correção" ou de uma "amplificação".

7. O texto que segue foi extraído da edição de setembro de 1996 de *Nova Escola*, revista de orientação e atualização destinada a professores de primeiro grau. Apesar de clara para o professor, a linguagem utilizada nesse texto ainda não é a que o próprio professor usaria para explicar o experimento a crianças de quarta e quinta séries. Que formulação você usaria para isso?

Laboratório

FERMENTO

Experiência à base de ingredientes de cozinha demonstra a alunos de quarta e quinta séries como um minúsculo fungo transforma açúcar em gás carbônico.

A QUÍMICA DOS SERES VIVOS

Quando se usa fermento de padaria para fazer pão, muitas vezes passa despercebido o fato de que minúsculos seres vivos estão ali na massa trabalhando, ou melhor, alimentando-se vorazmente.

São leveduras da espécie *Saccharomyces cerevisae*, um fungo unicelular presente no fermento biológico. Sem ele, o pão não cresce e fica duro.

Esta experiência para quarta e quinta séries mostra o resultado de uma reação química produzida por esse ser vivo. Num meio líquido previamente preparado, o fungo consome açúcar, do qual extrai energia para sua sobrevivência, e libera gás carbônico, responsável pelo crescimento e pela maciez do pão. O processo se chama fermentação, e ocorre no interior da célula.

No experimento sugerido pelo coordenador de Ciências da Escola da Vila, Vinícius Signorelli, os alunos verificam a expansão do gás carbônico de dois jeitos: pela formação de bolhas de gás no líquido e pelo inflar de um balão de borracha.

MATERIAL NECESSÁRIO

– Três garrafas transparentes com gargalos pequenos (podem ser de refrigerante de 300 ml.)
– Três balões (bexigas) de borracha, de tamanho pequeno
– Dois tabletes de fermento de padaria (biológico)
– Duas colheres (das de sopa) de açúcar
– Três copos de água
– Fita adesiva

PREPARE OS INGREDIENTES E OBSERVE O ESPETÁCULO

Faça três misturas separadas. A primeira com um copo de água e uma colher de açúcar, a segunda com um copo de água e um tablete de fermento, e a terceira com um copo de água, uma colher de açúcar e um tablete de fermento. Misture os ingredientes até dissolvê-los.

Coloque cada um dos preparados em uma garrafa. Fixe os balões nos gargalos com fita adesiva. As duas primeiras garrafas mostram que sem um dos componentes não há reação química. A fermentação só se desencadeia na terceira garrafa.

1 – O cenário montado
No primeiro momento, os três balões permanecem murchos.

2 – A levedura em ação
Formam-se bolhas de gás carbônico na terceira garrafa.

3 – O show do gás carbônico
O gás se expande pelo recipiente, inflando o balão.

8. Partindo do princípio de que toda repetição é deselegante e revela pobreza de recursos expressivos, os velhos manuais de redação recomendavam às vezes que se procurassem formas alternativas para dizer as mesmas coisas. Às vezes, as alternativas eram estapafúrdias. Assim, em vez de "o café", seria possível dizer, conforme o contexto, "rubiácea escaldante", "infusão nacional por excelência", "ouro verde", "carro-chefe das nossas exportações" etc. Descubra um editorial de jornal em que um mesmo indivíduo (ou um mesmo fato, problema etc.) seja designado de três modos diferentes.

9. A linguagem das bulas de remédios é às vezes de difícil compreensão para quem não é médico. Imagine que alguém a quem foi receitado o remédio Voltaren pediu que você lhe explicasse as advertências contidas na bula do remédio. Que "tradução" você faria?

> **Geigy**
> **Voltaren**®
>
> **Advertências**
> Sangramentos ou ulcerações/perfurações gastrintestinais podem ocorrer a qualquer momento durante o tratamento, com ou sem sintomas de advertência ou história prévia. Estes, em geral, apresentam conseqüências mais sérias em pacientes idosos. Nesses casos raros de sangramentos ou ulcerações/perfurações, o medicamento deve ser descontinuado. Assim como com outros agentes antiinflamatórios não esteróides, relações alérgicas, incluindo-se reações anafiláticas e/ou anafilactóides, poderão também ocorrer em raros casos sem a prévia exposição ao fármaco.
> Assim como outros AINEs, VOLTAREN pode mascarar os sinais e sintomas de infecção por causa de suas propriedades farmacodinâmicas.

10. Chama-se litotes a figura de estilo que consiste em negar o contrário do que se quer afirmar (dizendo, por exemplo, que fulano de tal não é indiferente ao charme de uma certa mulher, em vez de dizer que ele gosta da tal mulher). Essa figura aparece com alguma freqüência nas declarações dos políticos e dos acadêmicos. Diga o que os autores das frases abaixo quiseram dizer, sem usar litotes (se for possível).

> "Seria falsidade não admitir que nós passamos um momento delicado."

(Ministro da Casa Civil Pedro Parente, sobre as relações entre o PSDB e o PFL, abril de 2000)

> "A influência dos vereadores não é prejudicial à população."

(Prefeito Celso Pitta, a propósito das interferências dos vereadores nas administrações regionais da cidade de São Paulo, junho de 2000)

> “Não creio eu seja totalmente impossível que haja uma deterioração real de nossa situação social, que isso leve a mais repressão e que a democracia seja arranhada, não por culpa de quem está jogando ovo, mas por culpa do sistema, que não corrige essa situação.”

(José Murilo de Carvalho, coordenador do programa de pós-graduação em história social da UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro), ao lembrar que medidas meramente repressivas, sem levar em conta a questão social, não resolverão o problema da violência, ontem, no jornal *Folha de S. Paulo*, 27.6.2000)

Paráfrase: mecanismos sintáticos

Objetivo

Explorar os mecanismos **sintáticos** que criam alternativas de expressão para um mesmo conteúdo.

Caracterização geral

Há operações sintáticas que "preservam o sentido". O uso dessas operações torna-se então um recurso para construir frases sinônimas.

Material lingüístico

A paráfrase tem em muitos casos um fundamento sintático: passamos de uma sentença à sua paráfrase usando as mesmas palavras (ou palavras da mesma família) e mudando apenas a construção. Os exemplos mais célebres de operação sintática que resulta em paráfrase são:

✓ a formação da voz passiva: *Cabral descobriu o Brasil ≈ O Brasil foi descoberto por Cabral;*

✓ a nominalização: *A justiça ordenou a entrega imediata da criança aos pais ≈ A justiça ordenou que a criança fosse entregue imediatamente aos pais;*

✓ a substituição de uma forma verbal finita por uma forma verbal infinita: *Aos 30 anos, ficaria mal eu pedir dinheiro a meu pai ≈ Aos 30 anos pegaria mal que eu pedisse/se eu pedisse dinheiro a meu pai. ≈ Aos 30 anos, pegaria mal eu pedir dinheiro a meus pais*;

✓ alçamento de certos verbos: *Para a maionese endurecer, é preciso que a vasilha esteja absolutamente seca ≈ Para que a maionese endureça, a vasilha precisa estar absolutamente seca;*

✓ a substituição de verbos por advérbios e vice-versa (aparentemente: parecer; possivelmente: poder; necessariamente: precisar; geralmente: costumar etc.): *Os ensaios da banda são feitos habitualmente na noite da quarta-feira ≈ Os ensaios da banda costumam ser feitos na noite de quarta-feira.*

Na realidade, a escolha entre construções gramaticais "que têm o mesmo sentido" nunca é totalmente indiferente:

✓ Porque as duas sentenças respondem a perguntas diferentes.

Quanto são dois mais dois? Dois mais dois são quatro (OK)

Quanto são dois mais dois? Quatro são dois mais dois. (??)

✓ Porque elas argumentam em sentidos diferentes.

Pedro é mais fraco que João. Ele não vai conseguir levantar a caixa. (OK)

João é mais forte que Pedro. Então Pedro não vai conseguir levantar a caixa. (??)

✓ Porque a diferença entre as duas formas pode ser usada como um meio para alcançar certos efeitos de sentido:

Não sou eu que trabalho na mesma sala que o Paulo, ele é que trabalha na mesma sala que eu.

Atividade

Há alguns anos, a Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo fez circular um livreto chamado "Mãos à horta", no qual se davam instruções básicas a quem quisesse ter uma horta doméstica. Depois de falar da preparação do terreno, da construção dos canteiros e do plantio das hortaliças, o livreto dava orientações para a conservação da horta, que você poderá ler a seguir. Procure explicar com suas próprias palavras em que consiste cada uma das operações recomendadas.

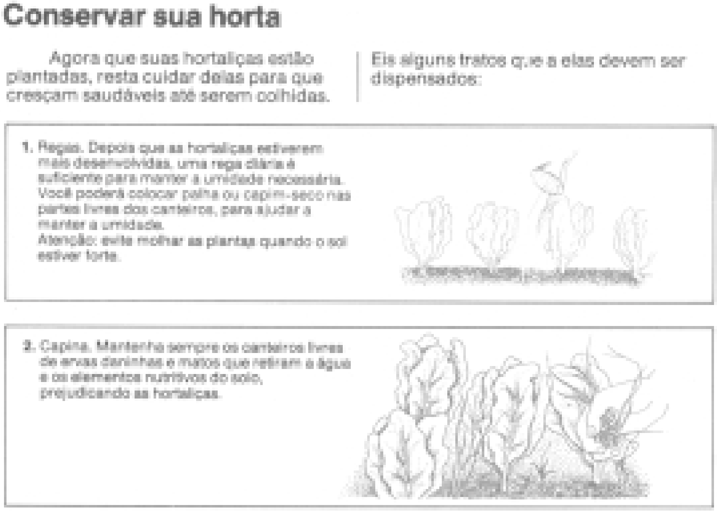

Conservar sua horta

Agora que suas hortaliças estão plantadas, resta cuidar delas para que cresçam saudáveis até serem colhidas.

Eis alguns tratos que a elas devem ser dispensados:

1. Regas. Depois que as hortaliças estiverem mais desenvolvidas, uma rega diária é suficiente para manter a umidade necessária. Você poderá colocar palha ou capim-seco nas partes livres dos canteiros, para ajudar a manter a umidade.
Atenção: evite molhar as plantas quando o sol estiver forte.

2. Capina. Mantenha sempre os canteiros livres de ervas daninhas e matos que retiram a água e os elementos nutritivos do solo, prejudicando as hortaliças.

3. Afofamento da terra. Deixe sempre a terra dos canteiros bem fofa. Isso permite o arejamento e facilita a entrada da água na terra.

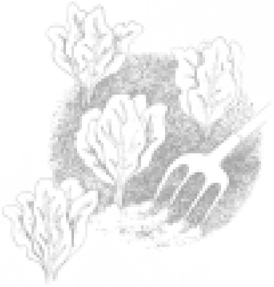

4. Amontoa. Quando você capinar ou afofar a terra, aproveite para amontoá-la nos pés das hortaliças, para facilitar o enraizamento. Algumas hortaliças só se desenvolvem bem dessa forma.

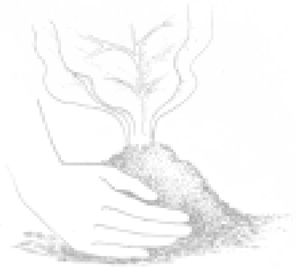

5. Adubação por cobertura. Além da adubação feita nos canteiros, você poderá fazer outro tipo, misturando 3 quilos de adubo para cada 20 litros de água. Deixe a mistura fermentar por uma noite e, no dia seguinte, regue próximo aos pés das hortaliças, usando a mistura no lugar da água.

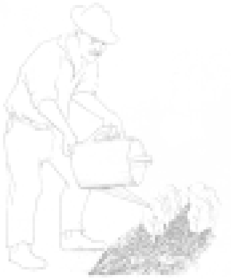

6. Estaqueamento. O estaqueamento é necessário para as plantas trepadeiras ou para as que precisam de um suporte, a fim de evitar que cresçam encostadas na terra, como é o caso do tomate, da vagem e da ervilha, entre outras.
As trepadeiras se prendem sozinhas nas estacas, mas o tomateiro, por exemplo, deve ter os seus ramos amarrados nos suportes.

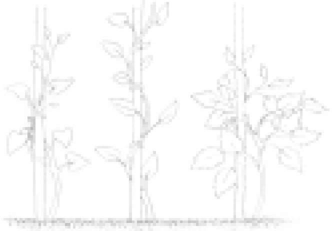

7. Retirada dos brotos. A retirada dos brotos que formam as ramificações para os lados faz com que as plantas produzam mais.
O tomateiro é uma das espécies que se beneficiam desse cuidado.

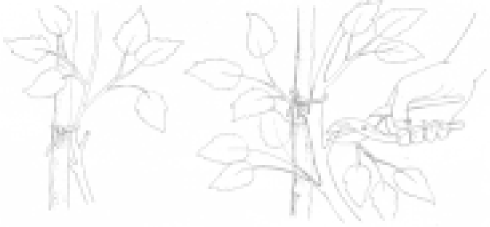

8. Rotação. Faça rotação de cultura, ou seja, evite a repetição contínua de um mesmo tipo de hortaliça no mesmo canteiro.

Exercícios

1. Modifique conforme o exemplo:

Foi assim que o José descobriu que estava doente =
Foi assim que o José descobriu sua doença.

a) Os testes desmentiram que boa parte do material estivesse contaminado.
b) O discurso mostra que o presidente não está despreparado para exercer o cargo.
c) Ninguém duvida hoje que as motivações com que circulou o boato tinham caráter político.
d) Certos fatos só se explicam pela hipótese de que a célebre espiã estava simultaneamente comprometida com as duas potências em conflito.
e) Surpreendeu os jornalistas que o velhinho estivesse lúcido, aos 103 anos.
f) Naquele momento, alguém lembrou que o presidente do sindicato não era hábil no trato de questões que exigiam sensibilidade política.
g) Desde o primeiro momento, nenhum dos técnicos do laboratório se dispôs a afiançar que a fita-cassete era autêntica.
h) Qualquer químico confirmará a você que as sementes de mamona, com que você brincava em criança, são altamente tóxicas.

2. As transformações exemplificadas pelas frases a seguir são possíveis para muitos falantes do português brasileiro (se não para todos). Para as transformações que você acha possíveis, invente frases novas.

Ex.: O carro parece estar com problemas = Parece que o carro está com problemas.
A Maria parece que tem 16 anos = Parece que a Maria tem 16 anos.

a) O João aparenta estar cansado = Aparenta que o João está cansado.
b) Resultou que o caixa estava vazio = O caixa resultou estar vazio.
c) Pela fatura, constava que alguém tinha feito um telefonema interurbano = Pela fatura, alguém constava ter feito um telefonema interurbano.
d) Perigava o carro fundir na estrada = O carro perigava fundir na estrada.
e) Calhou de um vizinho passar; foi ele quem avisou em casa que eu tinha sofrido o acidente = Um vizinho calhou de passar; foi ele quem avisou em casa que eu tinha sofrido o acidente.
f) Acontece que o pessoal do bairro não quer derrubar a árvore = O pessoal do bairro acontece que não quer derrubar a árvore.
g) Não tem por que assumirmos esse prejuízo = Não temos por que assumir esse prejuízo.

h) Demorou um bocado para o setor de recrutamento contratar um psicólogo = O setor de recrutamento demorou um bocado para contratar um psicólogo.
i) Não precisava de muito para você chamar os outros para a briga = Você não precisava de muito para chamar os outros para a briga.

3. As nominalizações são bastante freqüentes nos jornais, sobretudo nas notícias curtas. Um caderno regional da *Folha de S. Paulo* de 4 de maio de 2000 trazia, num canto de página, estas "Notas":

PTB anuncia hoje candidato de Sumaré

O diretório municipal do PTB em Sumaré anuncia hoje o lançamento do nome da vereadora Cristina Carrara como candidata a prefeita da cidade. Caso a vereadora vença as próximas eleições, será a primeira vez que a cidade de Sumaré terá uma mulher como prefeita.

Prazo para concurso termina amanhã

O prazo para as inscrições no concurso público aberto pela Prefeitura de Campinas termina amanhã.
São 500 vagas para 101 cargos. A maioria das vagas é oferecida nas áreas de saúde e educação. Já foram feitas 6000 inscrições e retirados 25 mil formulários.

Estado entrega nova cadeia neste mês

O secretário estadual da Administração Penitenciária, Nagashi Furokawa, anunciou a entrega do centro de Detenção Provisória em 15 dias em Hortolândia. Com o centro, serão desativadas as cadeias do 4º DP e 5º DP em Campinas. O centro terá 768 vagas.

Redija novamente as três notas, usando uma oração completa no lugar das nominalizações grifadas.

4. Às vezes, a expressão formada por um substantivo mais um verbo "semanticamente fraco" pode ser substituída com vantagens por um único verbo com a mesma raiz que o nome:
Efetuar o cálculo do imposto = Calcular o imposto
Tomar a medicação sem consultar o médico = Medicar-se sem consultar o médico
Fazer a compra de um microscópio = Comprar um microscópio etc.

Às vezes, é vantagem utilizar a expressão composta (verbo + nome). Veja o texto abaixo, e avalie se há interesse em substituir as construções verbo+nome pelo verbo indicado ao lado.

COMUNICAÇÕES: *Estudo britânico e canadense usou vermes*

SALVADOR NOGUEIRA Free-lance para a Folha	
Cientistas da Universidade de Nottingham, Reino Unido, e da Univesidade da Colúmbia Britânica, Canadá, **realizaram um estudo** em vermes nematódeos e determinaram que ondas emitidas de telefones celulares podem **causar modificações** em células.	**estudaram** **modificar**
Apesar de os cientistas não afirmarem que o mesmo efeito necessariamente ocorre em células humanas, a descoberta instiga a polêmica sobre os riscos do uso de telefones celulares.	
“Apesar de vermes nematódeos estarem muito distantes do homem, a resposta que monitoramos é muito similar em todos os organismos. É portanto essencial que **testes** similares **sejam feitos** usando células humanas”, disse à Folha David de Pomerai, líder da equipe que realizou a **pesquisa**.	**testar** **pesquisou**
Até hoje, o **consenso era** de que os celulares não prejudicam a saúde porque o nível de exposição às microondas é insuficiente para **causar o aquecimento** das células.	**consentia-se** **aquecer**
O estudo, a ser publicado na revista “Nature” do dia 25, mostra que os riscos das microondas podem não **estar restritos** apenas ao aquecimento.	**restringir-se**
As células da maior parte dos organismos, quando estão sob condições danosas a proteínas, como calor excessivo, produzem as chamadas proteínas de choque térmico (HSP, em inglês).	
Ao **submeter** os vermes **à radiação** de microondas, a mesma produzida pelos celulares, em quantidade muito inferior à produzida por esses aparelhos, os cientistas observaram a produção de HSP, mesmo sem **haver aquecimento**.	**radiar** **aquecer**
Segundo a Anatel, há cerca de 16 milhões de celulares no Brasil.	

5. O texto que segue foi escrito por uma Delegacia do Ministério da Agricultura para ser publicado pelo Suplemento Agrícola do jornal *O Estado de S. Paulo*. Suponha que o mesmo texto fosse aproveitado para a confecção de uma cartilha a ser distribuída nos supermercados e que, para isso, ele fosse apresentado como

uma série de respostas a perguntas. Leia o texto, e localize o ponto em que deveriam entrar as cinco perguntas formuladas ao lado:

> "A classificação vegetal – análise que determina o tipo do produto conforme a qualidade, e estabelece a diferenciação do preço – foi instituída pela lei federal 6.305, de 15 de dezembro de 1975, e é obrigatória para mais de 30 produtos, entre eles arroz, feijão, trigo, milho comum, pipoca e canjica, farinha de mandioca, amendoim e óleo de soja.
>
> A obrigação atinge, sucessivamente, todas as pessoas que trabalham na cadeia produtiva e de comércio, incluindo quem armazena, prepara, transporta, distribui, beneficia, ensaca, embala e vende, como explica o agrônomo Otávio Borghi Jr., da delegacia do ministério, em São Paulo. "Quem adquire o produto deve exigir do vendedor o Certificado de Classificação ou a Guia de Desdobramento, com a nota fiscal."
>
> O objetivo da classificação não é apenas econômico, evitando que o consumidor seja lesado financeiramente. "É zelar também pela sua saúde." Para fiscalizar, o ministério mantém um cadastro atualizado de pessoas físicas e jurídicas, que trabalham com produtos de origem vegetal. A atualização é feita com base no registro do produto no ministério, obrigatório para a venda. O trabalho de classificação, em quase todo o País, é feito em convênio com as Secretarias de Agricultura. Em São Paulo, o ministério repassou o serviço à iniciativa privada, representada pela Empresa Nacional de Classificação e Análise (Encal) sob a supervisão do ministério.
>
> O serviço é pago: para classificar o feijão, a Encal vinha cobrando, até o fim do ano passado, R$ 1,27 a tonelada. "É um preço quase simbólico", diz o supervisor da empresa, Maurício Caliman. Da receita total, 15% são repassados ao ministério. No ano passado, no Estado, foram classificados 3,7 milhões de toneladas de produtos. O ministério exige que o classificador seja agrônomo ou técnico agrícola.

a) O que é a classificação vegetal?

b) Quem é obrigado a classificar os vegetais?

c) O que se pretende, ao classificar os vegetais?

d) Quem garante a qualidade das classificações?

e) Quem arca com os custos da classificação?

f) Há alguma exigência, para ser um classificador?

6. Diálogos como os que seguem soam estranhos, à primeira leitura, mas são perfeitamente possíveis, e são ouvidos às vezes. O que poderiam significar?

A — Bernardo e Bianca separaram-se.
B — Não foi bem isso. Bianca é que se separou de Bernardo

A — João e Maria não se falam mais.
B — Não, é o João que não fala mais com a Maria.

A — João e Maria foram ao cinema juntos.
B — Não. Foi Maria que foi ao cinema com João.

A — Soube que você está brigado com todo o departamento.
B — Não, é o departamento que está brigado comigo.

A — O novo gerente do Banco do Brasil se indispôs com a cidade inteira.
B — Não, foi a cidade inteira que se indispôs com o novo gerente do Banco do Brasil.

7. Relacione as sentenças com mesmo sentido. Diga em que coluna está a sentença que se expressa por meio de uma ou mais nominalizações.

Para soltar os reféns, o assaltante exigiu que todo o dinheiro fosse entregue.	Estou esperando que os Titãs confirmem que virão para mandar imprimir os convites de formatura.
Assim que viu sua bolsa na mão do meliante, a mulher começou a persegui-lo, gritando “pega ladrão”.	A visão da bolsa na mão do meliante fez com que a mulher se lançasse em sua perseguição, aos gritos de “pega ladrão”.
A chegada do circo, e o desfile dos bichos, atletas e palhaços agitavam a criançada do bairro.	O jogador prometeu abster-se de qualquer tentativa de provocação dirigida aos adversários.
O jogador prometeu ao técnico que não tentaria provocar os adversários.	Chegava o circo, desfilavam os bichos, os atletas e os palhaços, e isso agitava a criançada do bairro.
Estou esperando a confirmação da vinda dos Titãs para mandar imprimir	O assaltante exigiu a entrega de todo dinheiro, como condição para a soltura dos reféns.

8. Uma forma de gerúndio pode desempenhar várias funções correspondentes às de várias orações subordinadas. Confirme você mesmo, transformando os gerúndios das orações abaixo em subordinadas com verbo finito:

a) Chegando às 21h30min, você perdeu a melhor parte do show, que foi a abertura. Por que não chegou mais cedo?
b) Chegando às 21h30min, você perderá a melhor parte do show, que é abertura. Não há meio de você chegar mais cedo?
c) Chegando às 21h30min, cruzei com o guarda-noturno.
d) Mesmo chegando às 21h30min, consegui falar com o gerente do supermercado.
e) Na rua não havia ninguém exceto o vizinho, chegando, como sempre, às 21h30min.
f) Vazando óleo como estava, o caminhão não chegou a ir longe.
g) Não acredito nessa história de vazamento. Vazando óleo, o caminhão não teria ido muito longe.
h) Vazando óleo, e com os pneus carecas, o caminhão ainda era uma opção melhor do que a mula do seu Joaquim.
i) Vazando óleo, o caminhão estava cada vez mais próximo de fundir o motor.
j) Na estrada, havia passado algum caminhão vazando óleo, e os bombeiros haviam jogado areia e estavam orientando os motoristas para que reduzissem a velocidade.

9. Um recurso sempre disponível para tornar o texto “menos pesado” sem perder informações consiste em lançar mão do “se” apassivador. No texto que segue, reformule mediante o uso do “se” apassivador as orações assinaladas. Não esqueça que o verbo a que se aplica o “se” apassivador concorda com o sujeito posposto.

Técnica é a prioridade na defesa pessoal para mulheres

da reportagem local

As técnicas de defesa pessoal partem do pressuposto de que não é com força que se consegue reverter uma situação de risco.
Uma das estratégias recomendadas é a devolução da força empregada pelo agressor contra ele mesmo.
“Usar a força é besteira. Além de certamente perder a disputa, a força que a mulher usasse

machucaria mais a si mesma que ao agressor", afirmou C.C., professor de artes marciais da academia Bio Ritmo.

Assim, a técnica é mais indicada para as mulheres, independentemente da forma física e da familiaridade com artes marciais.

Os atuais índices de violência urbana – **foram registrados no Estado de São Paulo, no ano passado, 4.928 estupros, 117.673 furtos de veículos e 292.841 delitos com lesões corporais** – motivaram algumas academias de São Paulo a oferecerem essas aulas.

Dica: Comece com *"registraram-se..."*

O curso de defesa pessoal, portanto, não ensina apenas contragolpes, mas também a teoria e a análise das situações.

Dica: Comece com *"No curso de defesa pessoal..."*

Na parte teórica, são propostos exercícios de raciocínio e ensinados quais são os tipos de agressão e as abordagens mais comuns. Não parar na faixa esquerda nos cruzamentos e não reagir em assaltos que envolvam somente furto de bens materiais são algumas das dicas que compõem a teoria do curso.

A parte preventiva ensina a patologia do agressor, como controlar emoções e a análise sistemática da situação. [...]

"Reagir ou não depende da situação: armas, assédios, agressão física", disse Cavallini.

Nas aulas práticas, são ensinados os golpes que permitem a saída de qualquer ataque ou a imobilização, golpeando o agressor em locais onde não existe músculo, ou em pontos sensíveis, como olhos, garganta, virilha.

(*Folha de S. Paulo*, 13.5.2000)

10. Os ajustes gramaticais necessários para "passar" uma oração da voz ativa para a voz passiva e vice-versa são bem conhecidos. Entretanto, no interior de um texto, a conversão pode ser dificultada por fatores de vários tipos. No texto abaixo, tente converter as orações passivas em ativas, sem prejudicar a legibilidade do texto. Quando não for possível, explique os problemas encontrados.

Soja primitiva faz samba na França

Bruno Blecher
Editor do Agrofolha

Sugestão: use uma oração adjetiva

conversão normal

Em clima de carnaval, chegou ontem ao porto de Saint Nazaire, na França, parte das 180 mil t de soja não-transgênica brasileira, **adquirida pela rede de supermercados Carrefour** de produtores de Goiás. **O carregamento foi recebido com samba pelos ativistas do Greenpeace.**

?

Os grãos serão transformados em ração, destinada a abastecer os criadores franceses que fornecem aves e suínos às lojas da rede na Europa. A intenção do Carrefour é garantir aos seus clientes que as carnes vendidas em suas lojas não contenham nenhum ingrediente de organismos geneticamente modificados.

?

Diante da pressão cada vez maior de grupos ecológicos e dos próprios consumidores, grandes supermercados da França e do Reino Unido estão banindo de suas prateleiras toda a comida produzida a partir de **organismos geneticamente modificados**.

A rejeição dos europeus aos alimentos transgênicos favorece o Brasil, segundo maior produtor de soja do mundo e único grande exportador ainda livre das **variedades modificadas geneticamente.**

Sugestão: use uma oração com "embora"

conversão normal

Por aqui, apesar de **aprovada desde 98 pela Comissão Técnica** Nacional de Biossegurança, **a soja transgênica ainda não foi liberada pela Justiça** para plantio comercial

(*Folha de S. Paulo*, maio de 2000)

Perguntas e respostas

Objetivo

Ampliar o domínio sobre o mecanismo verbal da pergunta-resposta, explorando aspectos estruturais, pragmáticos e conversacionais desse mecanismo.

Caracterização geral

Formular corretamente uma pergunta e responder adequadamente a uma pergunta feita, são operações complexas, que envolvem:

✓ o domínio de aspectos específicos da estrutura da língua;

✓ um controle adequado da relevância das perguntas e respostas;

✓ o respeito a certas regras conversacionais que dizem respeito a possíveis maneiras de pedir a palavra e solicitar informação.

Material lingüístico

Existem em português dois tipos de perguntas: localizadas e polares.

✓ No caso das perguntas **localizadas**, fornecemos ao nosso interlocutor uma relato “incompleto” dos fatos, e solicitamos que ele o complete, fornecendo nomes que preencham as lacunas, dando origem a uma história verdadeira. Por exemplo, se perguntarmos ao nosso interlocutor:

Quem quebrou a vidraça?

estaremos dando a informação de que alguém quebrou a vidraça, e estaremos pedindo que ele identifique esse alguém.

Os principais instrumentos lingüísticos das perguntas polares são as chamadas “palavras interrogativas”, algumas das quais começam pelas letras *qu*: *quando, quem, qual... onde, por quê, como.*

✓ No caso das perguntas **polares**, fornecemos a nosso interlocutor um relato completo dos fatos, e solicitamos que ele o caracterize como verdadeiro ou falso. Assim, se perguntarmos:

O comércio abre este domingo?

estaremos propondo ao nosso interlocutor que escolha entre uma resposta sim, que caracteriza o conteúdo da pergunta como verdadeiro, e uma resposta não que o caracteriza como falso.

O principal instrumento lingüístico das perguntas polares é o tom interrogativo, que a escrita representa precariamente com o ponto de interrogação.

Perguntas diretas e indiretas: Além de formular nossas perguntas diretamente (isto é, usando os recursos acima descritos) formulamos às vezes nossas perguntas indiretamente, recorrendo a verbos que contêm a idéia de perguntar:

— Gostaria de saber quem quebrou a vidraça.
— Estou perguntando quem quebrou a vidraça.
— Vou procurar saber se o comércio abre este domingo.
— Estou perguntando se o comércio abre este domingo.

Às vezes, uma pergunta esconde outra. Outras vezes, uma pergunta é uma maneira polida de fazer um pedido:

— O senhor tem horas?
— Tenho.
— O senhor tem horas?
— São dez e quarenta.
— O senhor tem uma caneta?
— Tenho.
— O senhor tem uma caneta?
— Pois não, use esta.

Uma pergunta e sua resposta costumam ter um certo número de elementos em comum: assim, no diálogo abaixo:

— A que horas vai ser a festa de aniversário do Eric?
— A festa de aniversário do Eric vai ser às quatro.

tanto a pergunta como a resposta informam que está prevista uma festa de aniversário para o Eric, e que a festa tem hora certa para acontecer.

Fazer perguntas é uma arte, e às vezes é um problema de etiqueta. Muitas vezes, as perguntas chocam (irritam, indispõem) os interlocutores não pelo assunto de que tratam, mas pela maneira como são feitas. Imagine-se, por exemplo, que durante uma cerimônia de casamento, no momento em que os noivos vão pronunciar o “sim”, um dos convidados resolve perguntar ao padre “O senhor tem um alicate no seu carro?” A pergunta é lingüisticamente perfeita, mas socialmente é um vexame.

Atividade

No tempo em que os homens iam cortar a barba na barbearia, o fim do corte costumava ser anunciado por esta pergunta do barbeiro: "*Álcool ou talco?*" Se a cena se passasse em Tatuí " ou Piracicaba, a pergunta era feita, evidentemente, com a pronúncia local: "*aRco ou taRco?* " Dizem que numa dessas duas cidades, nos anos 60, alguém respondeu "VeRva!" (Acqua Velvaâ, a loção pós-barba recém-lançada pela firma Bozano). Além de ser uma boa história sobre o chamado "R caipira", esta história é também um bom exemplo de como as pessoas, colocadas diante de uma aRternativa (ops, alternativa, que quer dizer dois) se saem dela descobrindo uma terceira possibilidade, não prevista pela pergunta. Conte uma história em que alguém, colocado "entre a cruz e a caldeirinha" achou uma terceira possibilidade, o que os antigos chamavam de *tertius* e às vezes nós chamamos de "sair pela tangente".

Exercícios

1. Imagine uma única pergunta que poderia receber todas estas respostas:

Porque o trânsito estava muito congestionado, e eu fiquei preso(a) duas horas num engarrafamento.
É que o metrô não funcionou hoje de manhã.
Porque ontem fui a uma festa e dormi muito tarde.
Porque meu irmão precisou ser levado ao hospital durante a madrugada.
Porque ontem fiquei na firma até tarde, e o senhor me autorizou a compensar as horas hoje de manhã.
Porque fui convocado pela justiça para depor no caso dos precatórios.

2. Exclua, dentre as respostas, aquela que não é relevante para a pergunta:
Pergunta: Quando morreram os Mamonas Assassinas?
Respostas possíveis:
depois de um show;
quando voltavam para São Paulo;
logo depois do sucesso da música "Brasília Amarela";
quando o avião deles bateu no Pico do Jaraguá;
porque a companhia de táxi aéreo não fazia manutenção de seus aviões.

3. Escolha uma notícia de jornal relatando um fato ocorrido recentemente. Transforme essa notícia numa entrevista, imaginando que você é o entrevistador, e o jornalista (ou uma das personagens da notícia) o entrevistado.

4. A idéia de pergunta está presente numa série de outras palavras, além, evidentemente, do próprio *perguntar*. Explique, informalmente, que relação você vê entre a idéia de pergunta e as idéias de:

- curiosidade;
- pesquisa;
- dúvida;
- inspeção;
- perícia;
- jogar o verde para colher o maduro;
- interrogatório.

5. O que há de engraçado nestes diálogos?

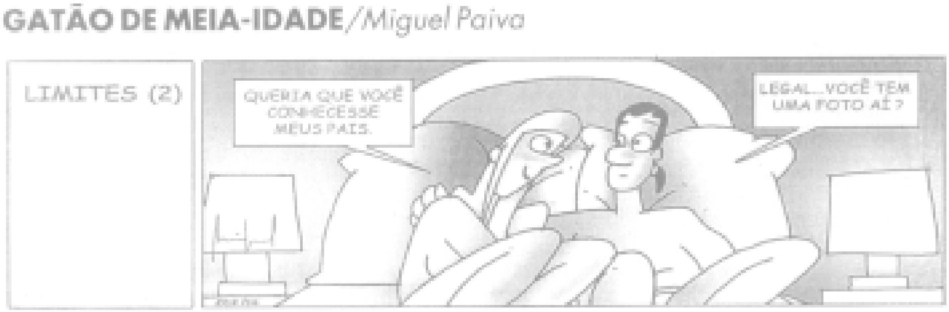
GATÃO DE MEIA-IDADE/Miguel Paiva
LIMITES (2)
QUERIA QUE VOCÊ CONHECESSE MEUS PAIS.
LEGAL... VOCÊ TEM UMA FOTO AÍ ?

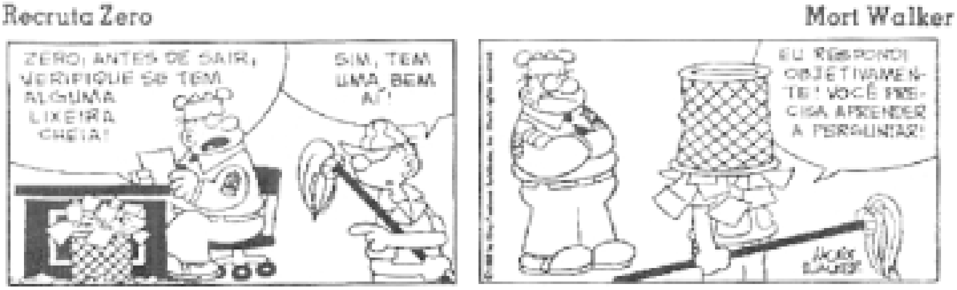
Recruta Zero
Mort Walker
ZERO, ANTES DE SAIR, VERIFIQUE SE TEM ALGUMA LIXEIRA CHEIA!
SIM, TEM UMA BEM AÍ!
EU RESPONDI OBJETIVAMENTE! VOCÊ PRECISA APRENDER A PERGUNTAR!

Transforme os diálogos abaixo, dando-lhes forma de tira.

A — O senhor podia me passar o sal?
B — *Podia*.

(ao telefone)
A — *Com quem estou falando?*
B — *Comigo.*

(ao telefone)
A — *O que é que você está fazendo neste momento?*
B — *Estou atendendo o telefone.*

A — *Olá, de casa. Tem alguém aí?*
B — *Não, não tem ninguém.*

6. As pessoas têm às vezes dificuldades em responder a perguntas cuja resposta é uma definição; é comum nesse caso que as pessoas respondam dando um exemplo, começando a resposta com um desastrado é quando. (O que é hemorragia? — É quando a pessoa perde sangue). Responda às perguntas que seguem, mediante uma definição.

a) O que é estelionato?
b) O que é glaucoma?
c) O que é liberdade condicional?
d) O que é terceirização?
e) O que é morte cerebral?
f) O que é perda do pátrio poder?
g) O que é caduquice?
h) O que é *habeas corpus*?

7. Fazer a pergunta certa na hora certa é, às vezes, mais difícil do que achar uma boa resposta. Essa é a dificuldade do cientista da história abaixo. Leia a história e tente resolver o problema:

> Um antropólogo desembarca numa ilha, com projetos de pesquisa. Na ilha, moram duas tribos: na primeira, a tribo A, as pessoas sempre mentem, são traiçoeiras, e tentam atrair os estrangeiros para matá-los. Na segunda, a tribo B, as pessoas são amigáveis e sempre dizem a verdade. Evidentemente, o antropólogo quer chegar com segurança à tribo B.
>
> Da praia, sai um caminho que, em determinado ponto bifurca. O antropólogo sabe que cada um dos caminhos da bifurcação leva a uma aldeia, mas não sabe qual. Na bifurcação, ele encontra um indígena, e resolve pedir informações, mas há dois problemas: 1) ele não sabe se o indígena encontrado na bifurcação pertence à tribo A ou B; 2) os índios daquela ilha só respondem a uma pergunta a cada dez anos, e não há ninguém mais por perto.
>
> O antropólogo faz uma única pergunta e chega com segurança à aldeia que procura. Qual é a pergunta?

8. Explique com suas palavras a diferença que há entre as frases (1) e (2); para melhor esclarecer o que significam, use-as como parte de duas breves histórias:

— A polícia prometeu informar se o carro foi encontrado.
— A polícia prometeu informar se o carro for encontrado.

9. O trecho que segue faz parte de uma entrevista do projeto de estudo da Norma Urbana Lingüística Culta (NURC). Nessa entrevista, um documentador pede a um informante já idoso que evoque aspectos de sua infância, vivida numa fazenda. A partir da quarta linha, foram apagadas as indicações sobre quem está falando. Procure restabelecer essas indicações.

> *Informante* é ... agora o arroz se plantava as baixadas... que tinha mais água... e o::.. feijão não me lembro de lugar especial para plantar
> *Documentador* lembra da colheita de um e de outro como é que se faz?
> eu não me lembro como se colhia::...feijão não me lembro de nada... agora o arroz... também não me lembro como era colhido... o que me lembro é que era preciso... depois de colhido... ah co/colocar o arroz e bater o arroz... para so/ soltar da casca... e també... é a:: fica uma... aquilo que chama palha de arroz
> uhn uhn.... e como é que se separa uma coisa da outra? costumava-se até bater mesmo no arroz com: PAU
> até... e e isso era feito manualmente?
> manualmente... tudo manual
> num lugar... eh especial?
> não podia ser não precisava ser um lugar grande também... porque empilhava-se e ia-se batendo e depois separando...
> uhn uhn...e:: e o arroz...
> depois de de de de colhido assim... coimo é que se guardava?
> também tudo em saco
> ele passava por algum processo de industrialização não?
> não não passava era vendido assim? era vendido assim mesmo
> e a casca dele... ahn... sei lá casquinha que fica ainda... ahn se vendia assim ou... ou já se entregava de uma numa outra condição
> não me lembro bem, viu? como era viu? ...porque ne/nessa época... quando...vamos dizer eu era criança não tinha muito interesse em:: negócio né?
> uhn uhn
> então não me lembro bem como era vendido o arroz..
> sei
> mesmo porque a maior parte do arroz era para consumo...
> ah sim eu até acho que... não se vendia arroz propriamente
> que tipo de arroz se plantava lá?...lembra ou não?
> também não lembro viu? que tipo de arroz o senhor consome?...
> ((riu)) também não sabe é solteiro né
> ((risos))
> não sei... é
> a a administração do lar não chegou ( )
> não

10. No trecho anterior, todos os pontos de interrogação indicam tom interrogativo, mas o tom interrogativo está às vezes associado a frases que não são propriamente perguntas. Procure esclarecer qual é, nesse diálogo, a função das partículas “né?”, “não?” e “viu?”

Quantificadores

Objetivo

Caracterizar, intuitivamente, o processo da quantificação, como um meio de entender uma das principais funções dos pronomes indefinidos, dos numerais, dos artigos e de certos tempos do verbo.

Caracterização geral

Em sentenças como:

(1) Todos os corintianos são fanáticos.

(2) Há um livro sobre a mesa.

as palavras grifadas exercem um papel de quantificação, isto é, traçam limites à aplicação das propriedades expressas pelas demais palavras.

Duas linhas de explicação foram propostas historicamente para os quantificadores: para a primeira dessas linhas, um quantificador informa sobre o tipo de interseção que existe entre o conjunto de indivíduos delimitado pelo sujeito e o conjunto de indivíduos delimitado pelo predicado. Assim, a palavra todos em (1) nos diz que, dados o conjunto dos corintianos e o conjunto das pessoas fanáticas, não encontraremos nenhum corintiano que não seja, ao mesmo tempo fanático (ou seja, na representação que segue, onde o círculo à esquerda representa os corintianos, e o círculo à direita representa os fanáticos, o espaço A resulta vazio).

Pela segunda linha de explicação, entende-se um quantificador como uma informação sobre a aplicação de um predicado: a mesma sentença seria interpretada como uma informação de que a propriedade “se é corinthiano é fanático” tem aplicação universal. Por sua vez, a sentença (2) seria interpretada como significando que há exatamente um objeto que realiza a propriedade (complexa) de ser livro e estar sobre a mesa.

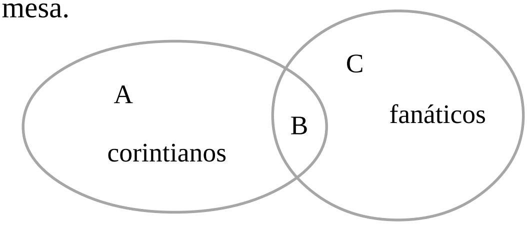

Material lingüístico

Entre as palavras que funcionam como quantificadores estão:

✓ os assim chamados “pronomes indefinidos”: todos, alguns, vários etc.;
✓ os numerais cardinais;
✓ os artigos, definidos e indefinidos;
✓ aguns tempos do verbo.

Alguns quantificadores são exatos, como é o caso de todos, pelo menos um, exatamente um ...; outros são vagos, como é o caso de poucos e muitos.

A interação dos quantificadores entre si, com a negação e com o plural, dá origem a ambigüidades de um tipo particular, conhecidas como “ambigüidades de escopo”.

Atividade

Uma das mais belas definições do humanismo é uma frase que aparece numa fala de uma comédia do escritor latino Terêncio:
“Sou humano, tudo que é humano me diz respeito.”
Como você entende essa frase? Você acha que ela perde em força, pelo fato de que, na comédia em questão, ela é pronunciada por um escravo?

Exercícios

1. Construa uma representação que se aplique às frases abaixo, utilizando como modelo a representação gráfica que foi dada para a frase “Todo corintiano é fanático”, na primeira parte deste capítulo.

Alguns maranhenses se chamam Ribamar.
Todo brasileiro maior de idade pode ser eleito para a Câmara.
Todo cidadão com formação universitária tem direito a prisão especial.
Um único candidato tirou a nota máxima.

2. A idéia de generalização está presente em vários pronomes indefinidos do português: todos, cada, qualquer, ninguém... Entretanto essas palavras não são exatamente sinônimas. Que diferenças você percebe entre as duas sentenças de cada par?

a) Ele deixou uma casa para a mulher e uma fazenda para todos os filhos/Ele deixou uma casa para a mulher, e uma fazenda para cada filho.
b) Todos os médicos vão confirmar que o caso é grave/qualquer médico vai confirmar que o caso é grave.

c) Todas as seções foram visitadas num dia/Cada seção foi visitada num dia.
d) Ele conversa com todo mundo/ele conversa com qualquer um.

3. Os quantificadores muitos e poucos são vagos, isto é, não trazem uma informação numérica exata. Pense numa classe de 40 alunos, de uma escola pública, de ensino médio e de periferia. O que significam, para você, em termos numéricos, as seguintes afirmações:

a) Muitos alunos desta classe estudam computação em alguma escola particular.
b) Muitos alunos desta classe já viajaram para a Disneylândia.
c) Muitos alunos desta classe trabalham pelo menos um período.
d) Há muitos alunos nesta classe cujos pais são analfabetos.
e) Muitos alunos desta classe já "navegam" há alguns anos pela Internet.
f) Muitos alunos nesta classe já consumiram drogas.

O que significariam, em termos numéricos, as mesmas afirmações, se fossem referidas a uma classe de uma escola particular de classe alta?

4. O jornal *Folha de S. Paulo* de 16 de abril de 2000 publicou na coluna de Elio Gaspari o texto "O branco tem a marca de Naná" (a Naná do título aludia a uma personagem negra de uma novela da Rede Globo):

> Cinco pesquisadores da UFMG qualificaram uma parte do processo de miscigenação da população brasileira. São Sérgio Pena, Denise Carvalho-Silva, Juliana Alves-Silva, Vânia Prado e Fabrício Santos.
>
> A partir do exame de DNA de uma amostra de 200 homens e mulheres brancos de regiões e origens sociais diversas demonstraram que, [...] de cada cem pessoas brancas, só 39 têm apenas linhagem exclusivamente européia. As demais têm a marca da miscigenação (33% de índios e 28% de africanos – a predominância da marca indígena deve-se ao fato de que por mais de um século a miscigenação deu-se sem a presença negra). Há mais gente com um pé na cozinha do que com os dois na sala.
>
> As revelações da pesquisa vão adiante:
>
> Só uma em cada dez pessoas brancas têm no seu código genético a marca de um ascendente homem negro ou índio.
>
> Seis em cada dez brasileiros têm a marca de uma ascendente mulher negra ou índia.
>
> Pode-se estimar que 45 milhões de brasileiros têm uma índia em sua ascendência. São 40 milhões os que têm uma negra.
>
> É a comprovação científica daquilo que Gilberto Freyre formulou em termos sociológicos. A miscigenação deu-se sobretudo pela relação de homens brancos com mulheres negras ou índias...

Esse texto, no qual não se fala de nenhuma personagem em particular, estabelece para quantos indivíduos do universo de discurso considerado (a população brasileira), valem alguns predicados que caracterizam as situações de miscigenação consideradas. Releia o texto, e complete a tabela

Predicado	Quantificação	
	percentual	absoluta
... tem linhagem exclusivamente européia		
... tem algum antepassado índio		
... têm algum antepassado africano		
... tem entre seus ascendentes um homem negro ou índio		
... têm entre seus ascendentes uma mulher índia		
... têm entre seus ascendentes uma mulher negra		

5. A palavra pouco encerra uma avaliação que também pode ser expressa, de outra maneira, pelo advérbio só: só cinco pessoas que eu conheço foram assaltadas = cinco pessoas que eu conheço foram assaltadas, e isso é pouco. O mesmo se pode dizer de muito, que às vezes equivale a nada menos que. Imagine que você lê ou ouve as frases a seguir:

- O IPTU só subiu 80% do ano passado para cá.
- Nada menos que 30% dos crimes cometidos contra a pessoa são solucionados neste estado.
- Só 45 pessoas morreram nas estradas, no último feriadão.
- Só 30% dos brasileiros são analfabetos funcionais, segundo o último censo.
- Só 400.000 novos carros foram emplacados na grande São Paulo, no último ano.
- Só dois esportistas brasileiros tiveram uma fama mais duradoura no exterior.
- Nada menos que dez pessoas morreram de dengue na cidade.
- Nada menos que vinte pessoas se inscreveram no concurso para fiscal da prefeitura.

Utilizando apenas seu senso do certo e do errado, quais dessas afirmações mereceriam uma resposta do tipo “E você acha pouco?” ou “E você acha muito?”. Compare suas opiniões com as de seus colegas de classe.

6. Diga por que não é a mesma coisa (se for preciso, traduza os quantificadores em números hipotéticos):

a) Um único candidato foi votado por muitos eleitores./Muitos eleitores votaram em um único candidato.
b) Poucas pessoas falam muitas línguas./Poucas línguas são faladas por muitas pessoas.

c) Todo aluno desta escola pratica um esporte./Um esporte é praticado por todos os alunos desta escola.
d) Uma garota já saiu com todos os rapazes do bairro./Todos os rapazes do bairro já saíram com uma garota.
e) Todos os restaurantes da cidade descumprem as normas de segurança./Nem todos os restaurantes da cidade cumprem as normas de segurança.
f) Mais de cem turistas que compraram o pacote especial não foram alojados em hotéis de primeira classe./Não mais de cem turistas que compraram o pacote especial foram alojados em hotéis de primeira classe.

7. Interpretados obrigatoriamente por referência a todo um universo de discurso, os quantificadores são usados com alguma freqüência para formular leis, máximas e princípios gerais. Os exemplos que seguem são frases que condensam um programa político ou o balanço de uma situação. Tente descobrir seus autores, e reconstitua a situação em que foram lançadas.
a) Tudo para os amigos; para os inimigos, a lei.
b) Tudo pelo social.
c) Morrer, se preciso for, matar, nunca.
d) Tortura, nunca mais.
e) Tudo em perfeita ordem, senhora marquesa.
f) Esqueçam tudo o que escrevi.
g) Alguém pode enganar todo mundo por algum tempo. Ninguém pode enganar todo mundo o tempo todo.

8. Alguns ditados expressam generalizações por meio de quantificadores. Verifique se, entre os provérbios que seguem há dois ou mais que expressam “a mesma mensagem”.
a) Nem tudo aquilo que reluz é ouro.
b) Não há bem que para sempre dure nem mal que nunca se acabe.
c) Cada louco com sua mania.
d) Cada cabeça uma opinião.
e) Um rei nunca perde a majestade.
f) Uma (só) andorinha não faz verão.
g) Cada macaco no seu galho.
h) Cada um sabe a dor e a delícia de ser ele mesmo.

9. Além de quantificar sobre objetos, a língua permite quantificar sobre acontecimentos. Diga, a propósito das frases abaixo, se o fato indicado pelo verbo acontece uma ou mais vezes (os textos foram extraídos de algumas músicas populares famosas):

E quando me via contrariado,
dizia “Meu filho, que se há de fazer”?
(“Amélia”, Mário Lago)

Quando o carteiro chegou,
e o meu nome gritou
com uma carta na mão
Ante surpresa tão rude,
nem sei como pude
chegar ao portão
(“Mensagem”)

Quando a lama virou pedra,
e o mandacaru secou
(“Paraíba Masculina” - Luiz Gonzaga)

Quando eu vim para este mundo,
eu não atinava em nada
Hoje eu sou Gabriela,
Gabriela eh, meu camarada
(“Gabriela”, Tom Jobim)

Quando você foi embora,
fez-se noite em meu viver
(“Travessia”, Milton Nascimento)

A vizinha quando passa
com seu vestido grená
Todo mundo diz que ela é boa,
mas como a vizinha não há,
ela mexe c’as cadeiras pra cá,
ela mexe c’as cadeiras pra lá
Ela mexe c’o juízo
do homem que vai trabalhá
(“A vizinha do lado”, Dorival Caymmi)

Quando você requebrar,
caia por cima de mim,
caia por cima de mim,
caia por cima de mim...
(“O que é que a baiana tem”, Dorival Caymmi)

Ai, se ela soubesse
que quando ela passa
O mundo inteirinho
se enche de graça
e fica mais lindo
por causa do amor
(“Garota de Ipanema”, Vinicius de Moraes e Tom Jobim)

Quando eu morrer,
não quero choro nem vela,
só quero uma fita amarela,
gravada com o nome dela
(“Fita amarela”, Noel Rosa)

10. Em sua edição de 22 de fevereiro de 2000, numa página intitulada “Férias sem problemas”, o *Jornal de Jundiaí* publicou uma série de recomendações destinadas a turistas em viagem ao exterior. Algumas dessas recomendações foram transcritas abaixo, com ligeiras modificações:

a) Antes de embarcar, leia tudo sobre os lugares que vai visitar, especialmente sobre costumes, saúde, leis e riscos.
b) Deixe em casa todos os detalhes possíveis sobre seu roteiro: no caso de você precisar ser encontrado com urgência, será muito mais fácil.
c) Tenha todos os documentos em ordem antes de partir, e leve sempre consigo um seguro médico com validade internacional.
d) Evite tomar sorvetes ou derivados de leite sem marca, assim como carne crua ou alimentos crus ou mal cozidos, especialmente em países quentes.
e) Troque seu dinheiro apenas nas agências do Banco do Brasil – a taxa é normalmente melhor.
f) Todos querem preservar as belezas naturais do mundo; sendo assim, evite deixar lixo atrás de você.
g) Use somente roupas que não ofendam os costumes locais.
h) Há alguns países em que tirar uma simples fotografia não é um gesto inocente: informe-se.
i) Evite comprar objetos feitos de material vindo de espécies em extinção (como o marfim). Você poderá ter sérios problemas com a alfândega.

Essas recomendações, mesmo quando se destinam a desestimular comportamentos que poderiam trazer dissabores ao turista, evitaram o uso da palavra não. Reescreva-as, começando com essa palavra:
Antes de embarcar, não deixe de...

Referência

Objetivo

Praticar alguns dos mecanismos lingüísticos permite realizar atos de referência.

Caracterização geral

Entende-se por referência a operação lingüística por meio da qual selecionamos, no mundo que nos cerca, um ou mais objetos (isto é, pessoas, coisas, acontecimentos) específicos, tomando-os como assunto de nossas falas.

Material lingüístico

Em muitas operações de referência bem-sucedida intervêm, tipicamente:

✓ uma multiplicação de classes, por meio da qual "cercamos" o objeto visado enumerando suas características;

✓ uma operação de dêixis, por meio da qual "localizamos" o objeto em questão em relação a um sistema de coordenadas que o interlocutor compartilha.

Tome-se como exemplo a frase:

> Este carro batido que todos param para olhar, com risco de novo acidente,
> está no meio da rua desde as quatro.

Usada em condições normais, permite identificar no campo visual próximo aos interlocutores um objeto para o qual valem simultaneamente as propriedades de ser um carro, ter sofrido uma batida e ser um perigo de novos acidentes. Nesse exemplo, os recursos lingüísticos utilizados para localizar o objeto num sistema de coordenadas são o demonstrativo este e o artigo definido a, que funcionam como dêiticos; as propriedades do objeto de que se quer falar são expressas pelo substantivo comum carro, pelo adjetivo/particípio passado batido e pela oração adjetiva restritiva que todos param para olhar, com risco de novo acidente.

✓ As palavras mais utilizadas para indicar propriedades que contribuem para uma operação de referência são os nomes comuns, os adjetivos e as orações adjetivas restritivas. As palavras mais utilizadas para localizar objetos num sistema de coordenadas são os artigos e os demonstrativos. Geralmente o sistema de coordenadas usado é a dêixis (ver capítulo “Deixis e Anáfora”).

Os nomes próprios e os pronomes, em alguns de seus usos, também realizam operações de referência, embora não informem as propriedades dos objetos a que se aplicam:

Dom Pedro II usava barba.
Eu não entendo aonde você quer chegar.

Atividade

Publicado antes do Carnaval de 2000 em todas as revistas de grande circulação, este cartum visava a orientar a população no sentido de praticar sexo seguro, lembrando que, na multidão que brinca alegremente o carnaval, algumas pessoas podem estar contaminadas pelo HIV, embora não saibamos quais. Imagine, porém, que você está olhando essa página com um outro interesse: você a viu numa revista que assina, a achou engraçada e, ao olhar mais atentamente, achou que uma das personagens se parece com um amigo (uma amiga) que mora do outro lado da cidade, e que assina a mesma revista. Você telefona para seu amigo, manda que ele abra a revista na mesma página, e procura explicar a ele “onde foi que você o viu”. Escreva o diálogo, que só pode terminar quando ambos tiverem certeza de estar falando da mesma personagem do desenho.

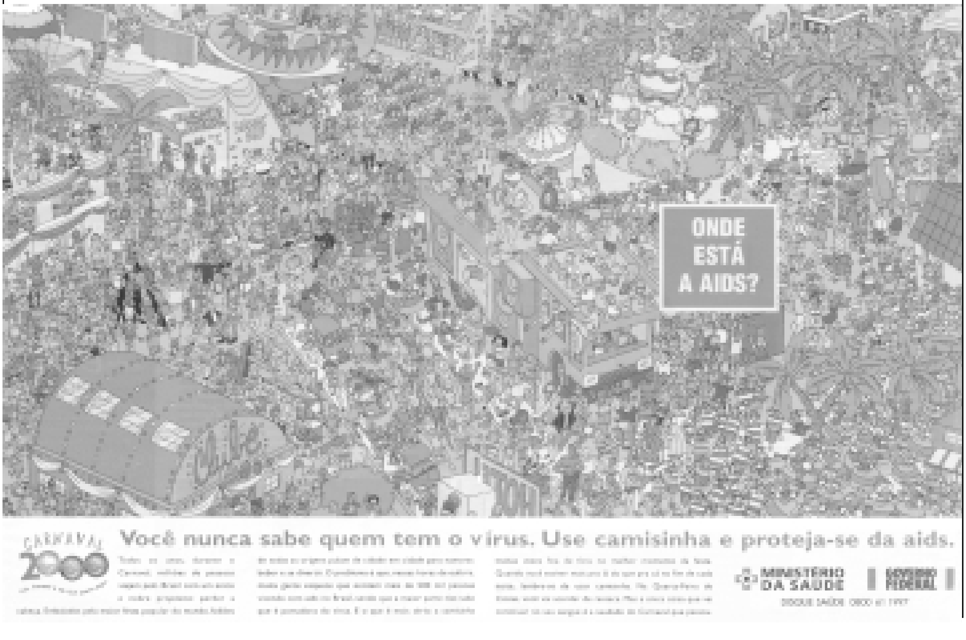
ONDE ESTÁ A AIDS?
CARNAVAL 2000
Você nunca sabe quem tem o vírus. Use camisinha e proteja-se da aids.
MINISTÉRIO DA SAÚDE
GOVERNO FEDERAL

Exercícios

1. Você é o responsável pelo almoxarifado de uma loja de materiais de construção que vende, entre outras coisas, telhas onduladas de cimento amianto. Pelo telefone, a loja atende potenciais clientes e informa sobre disponibilidade de estoque e preços. Você acaba de receber a seguinte consulta de um cliente:

> — Vocês têm telhas onduladas de 6 mm, com comprimento de dois metros e quarenta e quatro? Eu precisaria de vinte telhas.

Você consulta o computador da firma e encontra o seguinte espelho:

Telhas Onduladas Eternit – *Qualidade lá em cima*

Ondulada 6 mm

Comprimento (m)	Peso nominal (kg)	Estoque (nº de peças)	Preço unitário (R$)
1.220	16.300	–	
1.530	20.400	17	10,80
1.830	24.400	–	
2.130	28.400	–	
2.440	32.500	16	14,61
3.050	40.700	–	
3.660	48.800	–	

Ondulada 8 mm

Comprimento (m)	Peso nominal (kg)	Estoque (nº de peças)	Preço unitário (R$)
1.220	21.700	–	
1.530	27.200	103	1490
1.830	32.500	–	
2.130	37.900	–	
2.440	43.400	11	19,99
3.050	54.000	08	26,00
3.660	65.500	14	32,00

Que problema você tem pela frente, se quiser atender corretamente o cliente?

2. Alguns manuais de redação e estilo (por exemplo, o do jornal *O Estado de S. Paulo*) recomendam que, para destacar uma determinada pessoa do sexo feminino como aquela que realiza de maneira mais perfeita uma certa propriedade, entre

outras pessoas com a mesma qualificação, se utilize a forma masculina:

Maria é o funcionário mais eficiente deste setor. Qual seria o inconveniente de dizer que *Maria é a funcionária mais eficiente deste setor?*

Suponha que os vereadores de sua cidade, na última eleição, tenham recebido estas votações:

Célia	2512
Hildo	1877
José Bolinha	721
Caraça	666
Maria Jovina	515
Conceição da Silva	513

Qual a diferença entre dizer que *Célia foi o vereador mais votado* e *Célia foi a vereadora mais votada?*

3. Chegou a época de pagar o IPVA de seu carro, e você procura informar-se sobre o valor do imposto consultando a tabela publicada num jornal de grande circulação. O seu carro é um Ford Fiesta L, a álcool, fabricado em 1997.

	Combustível	1999	1998	1997	1996
Escort demais modelos	Álcool/Gas./Eletricidade	353,85	320,46	286,59	260,52
Escort demais modelos	Utilitários	235,90	213,64	191,06	173,60
Fiesta 1.0	Gasolina/Outros	400,40	371,20	332,80	314,00
Fiesta 1.0	Álcool/Gas./Eletricidade	300,30	278,40	249,60	235,50
Fiesta CLX 16 V/CLX 16VD/GL Class	Gasolina/Outros	572,40	528,72	480,36	444,80
Fiesta CLX 16 V/CLX 16VD/GL Class	Álcool/Gas./Eletricidade	429,30	396,54	360,27	333,60
Fiesta CLX 16 V/CLX 16VD/GL Class	Utilitários	286,20	264,36	240,18	222,40
Fiesta GLX	Gasolina/Outros	660,40	601,12		
Fiesta GLX	Álcool/Gas./Eletricidade	495,30	450,84		
Fiesta GLX	Utilitários	330,20	300,56		
Fiesta demais modelos	Gasolina/Outros	484,16	451,12	405,44	379,92
Fiesta demais modelos	Álcool/Gas./Eletricidade	363,12	338,34	304,08	284,94
Fiesta demais modelos	Utilitários	242,08	225,56	202,72	189,96
Ka/KaGL	Gasolina/Outros	399,20	372,36	335,60	314,92
Ka/kaGL	Álcool/Gas./Eletricidade	229,40	279,27	251,70	236,19

Pergunta-se:

- Qual é o valor do imposto?
- Por que algumas casas estão em branco?

4. Observe esta notícia de jornal:

Produto troca de prateleira e vendas crescem

Em pesquisa realizada pela Universidade de São Paulo em três grandes supermercados da capital, ficou provado que expor o produto perto de outros gêneros com que combina é uma maneira de aumentar as vendas. Os exemplos mais impressionantes foram, nesse sentido, o carvão e o sal para churrasco: habitualmente, o carvão para churrasco é vendido junto aos detergentes, e o sal para churrasco junto aos demais temperos. Num dos supermercados que foram objeto de estudo, os pesquisadores da Universidade de São Paulo deslocaram cem pacotes de carvão e cem pacotes de sal para junto das gôndolas do açougue, e verificaram que esses pacotes foram vendidos num tempo 20% menor. Há uma explicação, diz João Paixão Neto, gerente da loja do Pão de Açúcar da Alameda Santos: o supermercado vende a mesma carne, o mesmo sal e o mesmo carvão; mas o cliente compra, em bloco, a idéia de um suculento churrasco, e com isso regateia menos.

Tente determinar quais, dentre os substantivos grifados, têm uma interpretação genérica e quais têm uma interpretação específica / referencial.

5. As vinhetas que seguem apresentam personagens célebres, que foram importantes na história da humanidade. Procure dizer quem foram essas personagens. Em seguida, explique como você chegou a identificá-las.

a)

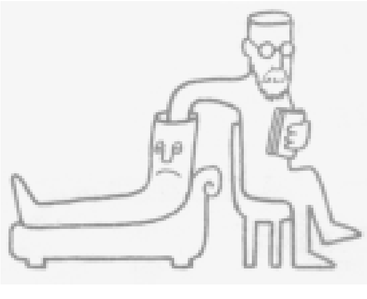

b)

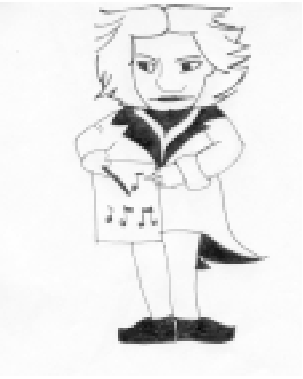

c)

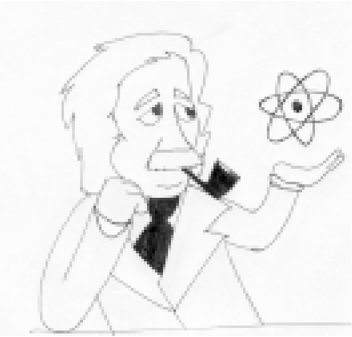

d)

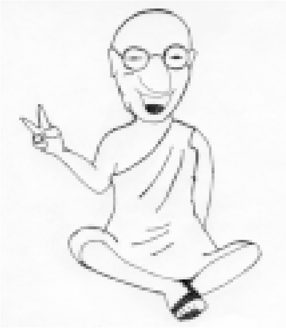

e)

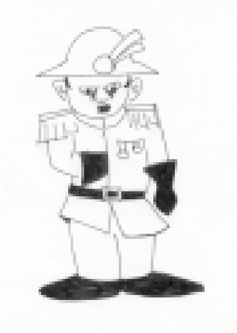

(Respostas: a. Freud; b. Beethoven; c. Einstein; d. Gandhi; e. Napoleão)

6. Ao completar 15 anos, a revista *O Mecânico* publicou uma série de depoimentos de pessoas e entidades da indústria automobilística, em que se ressaltava o papel educativo que ela vem exercendo. Em todos esses depoimentos, ocorre a expressão “o mecânico”:

> A revista é muito importante para a atualização do mecânico, que precisa se preparar para o novo mercado. (ARVEC-Curitiba)
>
> Poucos veículos se preocupam com o elo da cadeia de reparação automotiva, que é o mecânico. Durante 15 anos, a revista “O Mecânico” tem sido um dos mais importantes instrumentos para esse profissional [...] A publicação desperta o interesse e induz o mecânico a se atualizar. (Luk Brasil Embreagens)
>
> A revista “O Mecânico” entende a alma do mecânico. É o informativo que melhor expressa o sentimento e a necessidade do reparador, pela sua forma única de apresentar as informações, atendendo perfeitamente às expectativas do leitor. (SENAI-ES)

> Nos últimos anos, o mecânico vem-se interessando cada vez mais em especializar-se. A nova geração busca conhecimento justamente em publicações bem elaboradas, como é o caso da revista "O Mecânico", que tem trazido informações atualizadas para a categoria. (SINREVAPS - São José do Rio Preto)

Alguma dessas ocorrências de "o mecânico" serve para singularizar um determinado indivíduo?

7. A tecnologia referente à identificação de pessoas, para fins de segurança, bancários e outros evoluiu muito nos últimos 100 anos: em pouco tempo, os aparelhos eletrodomésticos saberão reconhecer a voz do dono, e os caixas automáticos serão capazes de identificar os correntistas dos bancos pelo formato da íris. Um dos primeiros passos dessa história foi a descoberta de que as impressões digitais (além da letra e da assinatura) identificavam as pessoas. Veja como a imprensa reagiu à descoberta, na época; explique a qual dos dois processos que habitualmente intervêm na referência (multiplicação de classes/localização num sistema de coordenadas) se relaciona o uso de impressões digitais.

> **O systema Vucetich e o crime do Santissimo**
>
> Mais uma victoria acaba de obter o systema de identificação adoptado pela nossa policia, conseguindo pela comparação das fichas ao lado publicadas, identificar o cadaver do arabe Abrahão Calixto, morto no Santissimo em circumstancias ainda um tanto mysteriosas.
>
> A primeira ficha foi tomada quando o morto de agora, fôra preso, há tempos, por motivo de uma desordem.
>
> A segunda ficha foi tirada ao cadaver no Necroterio.
>
> De sua comparação com as mais classificadas no gabinete de identificação resultou o reconhecimento do cadaver, o que de certo não se daria com todas as bertillonagens anteriormente adoptadas em tal serviço.
>
> Isso vem mais uma vez por em destaque o valor do systema que nosso distincto colega de imprensa Felix Pacheco fez adoptar pela nossa policia, vencendo brilhantemente uma forte campanha contra sua adopção que cada vez se revela mais benemerita de applausos.
>
> Nesta epoca em que cada agente da policia é um verdadeiro Sherlock Holmes e entretanto continuam impunes todos os grandes crimes commettidos no Rio de Janeiro, não é de mais que aqui façamos réclame a este excellentemente organisado ramo do serviço policial.

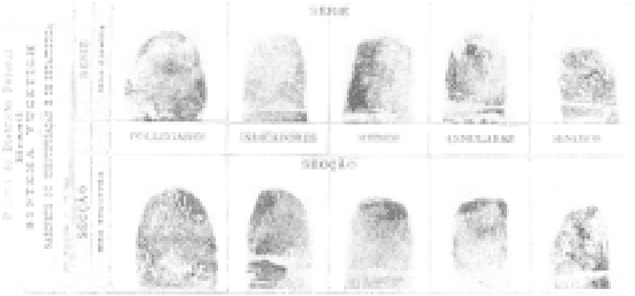
SERIE
POLLEGARES
INDICADORES
MEDIOS
ANNULARES
MINIMOS
SECÇÃO
SYSTEMA VUCETICH
SERIE
SECÇÃO

Individual dactyloscopica tomada no Cemiterio de Murundú, pela qual foi estabelecida a identidade da victima.

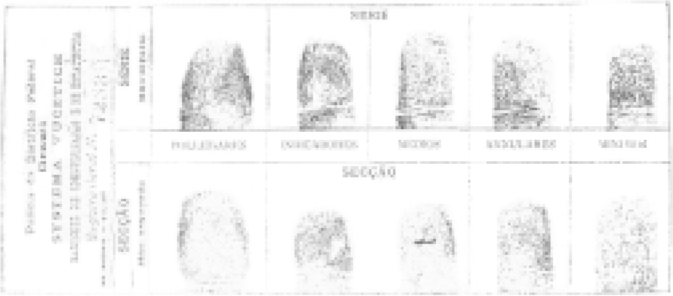
SERIE
POLLEGARES
INDICADORES
MEDIOS
ANNULARES
MINIMOS
SECÇÃO
SYSTEMA VUCETICH
SERIE
SECÇÃO

Individual dactyloscopica tomada no Gabinete em 1909.

(*O Careta*, 1911)

8. Você ouviu o noticiário falar, repetidamente, de problemas que estão ocorrendo em Botsuana e decide descobrir onde fica esse país. Consultando o atlas, você encontra esta misteriosa orientação: procurar na página 141, em 230s 240E.

O que significa essa orientação? O que tem a ver com os dois processos que normalmente intervêm numa operação de referência (multiplicação de classes e localização num sistema de coordenadas)?

9. (Vestibular Unicamp 96) O Jornal da Imprensa de Goiás, de 10 a 16.9.95, dedicou ao jornalismo daquele estado um longo "Especial", do qual foi transcrita sem alterações a passagem a seguir:

> Hoje, apenas dois jornais diários existem em Goiás: O Popular e o Diário da Manhã. As redações são modernas, sendo que a informatização já chegou ao Diário da Manhã, e está anunciada para completa implantação em O Popular no máximo até dezembro. Os salários seguem pisos mínimos, contando-se nos dedos os jornalistas que contam com vencimentos, nas redações dos diários, à excessão [sic] dos editores, superiores a R$ 1000,00 por mês.

a) Nesse trecho, foi empregado duas vezes o verbo contar. Transcreva a única ocorrência em que contar dá idéia de número.
b) As duas ocorrências de contar diferem na construção e no sentido. Explique essas duas diferenças.
c) Considerando que, no diagrama a seguir:
– os círculos A, B, C e D identificam conjuntos de indivíduos que compartilham uma das seguintes propriedades: "**ser jornalista**", "**trabalhar numa redação de jornal**", "**ser editor**" e "**ganhar mais de mil reais";**
– a área preta identifica o tipo de profissional que, segundo o artigo do jornal

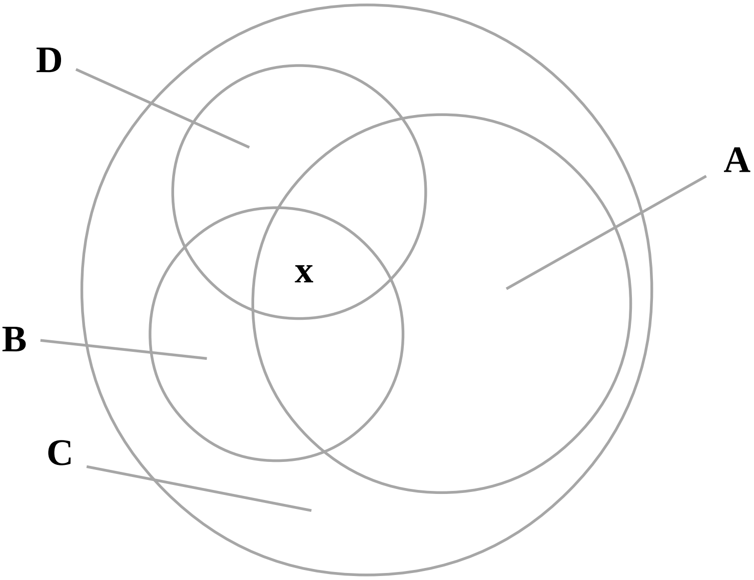

é raro em Goiás, diga a que correspondem as letras A, B, C e D.

10. Nestes dois cartuns, chamam logo a atenção algumas semelhanças superficiais: há funcionários que pregam cartazes, e há um certo número de cartazes iguais. Mas os dois cartuns são engraçados por motivos diferentes.
a) Como você interpreta o cartum de Rodrigo Rosa? Qual é, nesse cartum, a atitude do colador de cartazes? O que é que isso ensina sobre a maneira como o povo lida com a política?
b) Como você interpreta o cartum de Laerte? Por que a preocupação de pregar o

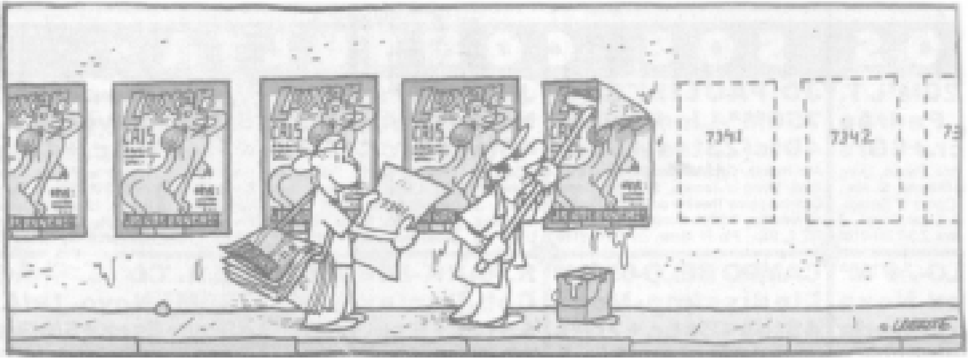
CAIS
CAIS
CAIS
7341
7342
73
© LAERTE

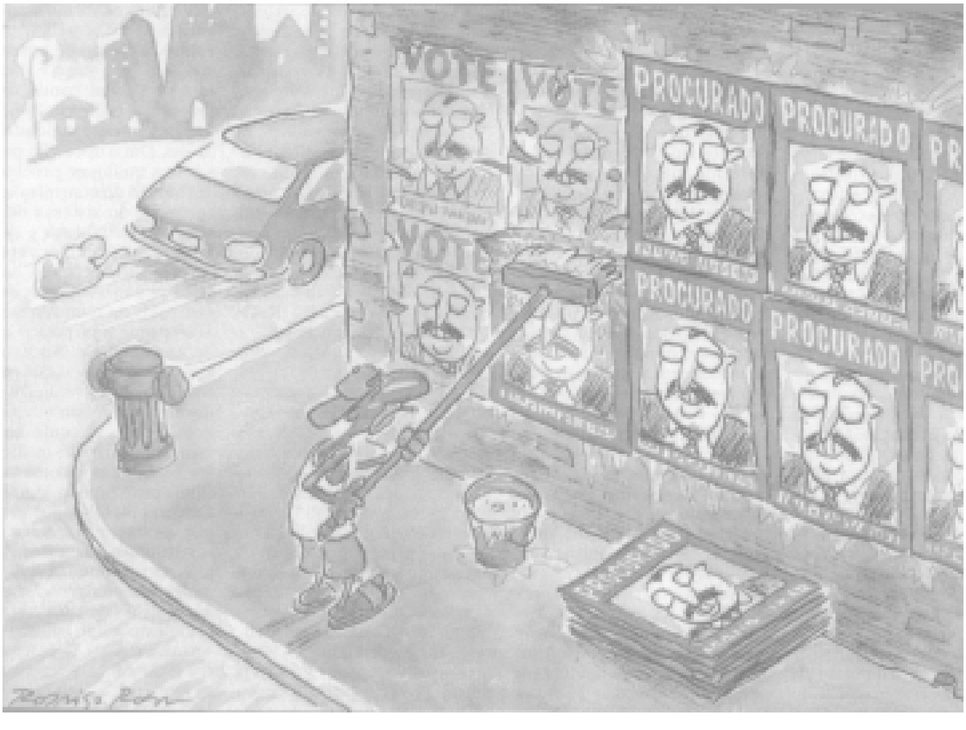
VOTE
VOTE
VOTE
PROCURADO
PROCURADO
PROCURADO
PROCURADO
PROCURADO
Rodrigo Rosa

cartaz certo no lugar certo é hilariante? O que isso tem a ver com referência?

Tipos de relações

Objetivo

Apontar alguns dos mecanismos gramaticais de que a língua se serve para expressar relação; apontar algumas das propriedades lógicas que caracterizam as relações, e que se associam a diferenças lingüísticas.

Caracterização geral

Há uma relação toda vez que colocamos em correspondência indivíduos de um conjunto de partida e de um conjunto de chegada, evocando os conhecidos diagramas da teoria dos conjuntos:

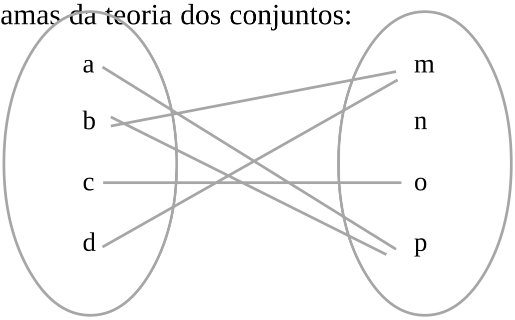

Material lingüístico

✓ As palavras que indicam relação são mais tipicamente os verbos transitivos, mas podem ser também verbos intransitivos seguidos de um complemento, preposições acompanhadas de determinados verbos, substantivos etc.

Pixinguinha compos “Carinhoso”.
João ama Teresa.
João é pai de André.
A loja do avô ficava na praça principal da cidade.

✓ Um mecanismo de que a língua se serve para criar relações a partir de propriedades é a comparação:

Pedro é alto (alto exprime uma propriedade de Pedro).

João é mais alto que Pedro (mais alto exprime uma relação que vale para João e Pedro, nessa ordem).

João tem a mesma altura que Pedro.

✓ Notem-se os seguintes fatos:

Pedro é mais alto que André.	Pedro gosta de André.
André é mais alto que José.	André gosta de José.
Pedro é mais alto que José.	Pedro gosta de José.

No primeiro caso, mas não no segundo, a relação se transfere: “ser mais alto que” é uma relação transitiva; “gostar de” não é.

✓ Notem-se os seguintes fatos:

Pedro é irmão de André.	Pedro é o chefe de André.
André é irmão de Pedro.	André é o chefe de Pedro.

No primeiro caso, mas não no segundo, a relação se inverte: “ser irmão de” é uma relação simétrica; “ser o chefe de” não é.

✓ Notem-se os seguintes fatos:

Pedro é parecido com ele mesmo.	Pedro é mais velho que ele mesmo.

A primeira sentença é necessariamente verdadeira, a segunda é necessariamente falsa; “ser parecido com” aceita que os dois espaços da relação sejam ocupados pelo mesmo indivíduo; “ser mais velho que” não aceita. Por isso diz-se que “ser parecido com” é uma relação reflexiva; “ser diferente de” não é.

Atividade

Ponha um pouco de ordem na família de Telmo: quem é quem? ou melhor, o que são as várias personagens, em relação às outras personagens?

Eu me chamo Pedro.

Eu me chamo André.
Pedro é meu pai.

Eu me chamo César. André é meu pai.

Eu me chamo Telmo.
José é meu pai.

Eu me chamo José.
Pedro é meu irmão.

Complete:

(a) José é .... de Telmo
(b) Telmo é .... de José
(c) Pedro é .... de José e tio de ....
(d) Telmo é .... de Pedro

Exercícios

1. As duas personagens da anedota que seguem entendem de maneira diferente a relação "... casar-se com...". Explique em que consiste a diferença.

> Adolfo e Berenice foram amantes quase a vida inteira. Fazia mais de trinta anos que estavam amigados. Estão os dois de noite assistindo televisão quando em uma cena de novela aparece uma cerimônia de casamento: noiva, padrinhos, marcha nupcial, etc. Emocionada, ela olha para Adolfo e diz:
> — Olha, meu amor! Que coisa linda que é o casamento... Puxa vida, bem que a gente podia se casar, né?
> — Xiii... nestas alturas da vida, quem é que vai querer a gente?

2. Quem matou quem?
Faça dez frases (verdadeiras) do tipo "Caim matou Abel", "Chapman matou John Lennon", mantendo o verbo matar, e mudando as personagens.
Quem inventou o quê?
Faça dez frases (verdadeiras) do tipo "Santos Dumont inventou o avião", "Fleming inventou a penicilina", mantendo o verbo inventar, e mudando as personagens e as invenções.

3. Explique com suas próprias palavras, e se possível dê um exemplo
— O que significa *suicídio*?
— O que significa *auto-retrato*?
— E *auto-estima*?
— O que se entende por transporte *interurbano*?
— E por comércio *internacional*?
— Quando se diz que uma pessoa é *egoísta*?
— Em que condições se pode dizer que uma empresa pratica a *autogestão*?
— Qual é o princípio básico da medicina *homeopática*?

4. Quando uma oração exprime ação recíproca, é normalmente possível construir

uma paráfrase com “... e vice-versa”.

Ex.: Antônio Carlos Magalhães e Waldir Pires foram adversários políticos.
= Antônio Carlos Magalhães foi adversário político de Waldir Pires, e vice-versa.

Escreva uma paráfrase desse tipo para as orações abaixo, sempre que possível:

- Batman forma com Robin uma das mais célebres duplas das histórias em quadrinhos.
- Nas histórias do Super Homem Lois Lane é a garota de Clark Kent .
- O presidente Floriano sucedeu ao presidente Deodoro, no tempo da República Velha.
- Sônia Braga fez par com Armando Bogus na primeira versão televisionada da novela *Gabriela*.
- No romance e na novela, Gabriela trabalha como cozinheira para Nacib, o proprietário do Bar Vesúvio.
- O Brasil disputou a final com a Suécia no campeonato mundial de futebol de 1958.
- O Brasil venceu a Suécia no campeonato mundial de futebol de 1958.
- O Boeing 330/200 utiliza o mesmo tipo de turbinas que o Boeing 330/300.

5. Certamente você conhece o célebre poema “Quadrilha”, de Carlos Drummond de Andrade. Utilizando as informações dadas pelo poema, e aproveitando as duas listas de nomes, construa um diagrama de Euler para o verbo *amar.* (Obs. basta acrescentar as setas, entendendo que o primeiro conjunto representa quem ama, e o segundo, quem é amado.)

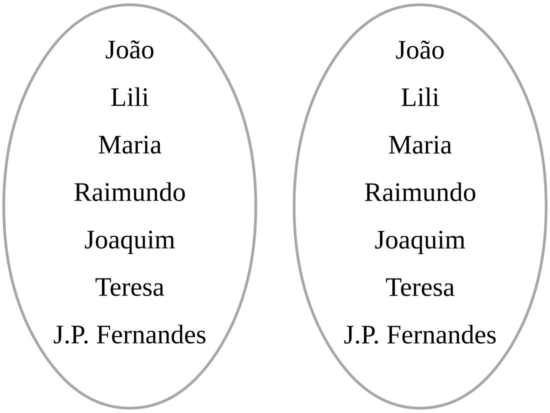

Quadrilha

João amava Teresa que amava Raimundo que amava Maria que amava Joaquim que amava Lili que não amava ninguém. João foi para os Estados Unidos, Teresa para o convento, Raimundo morreu de desastre, Maria ficou para tia, Joaquim suicidou-se e Lili casou com J. Pinto Fernandes que não tinha entrado na história.

6. A propósito, qual seria, de acordo com o poema “Quadrilha”, o diagrama de Euler para “casar”?

7. Tire as conclusões cabíveis:
   a) A venda fica antes da farmácia, logo, a farmácia fica ...
   b) Na contagem geral de medalhas, o Brasil foi além da Argentina, logo, a Argentina ...
   c) São Paulo foi fundada em 1554. A cidade do Rio de Janeiro foi fundada em 1564. Portanto, a cidade de São Paulo é .... que a cidade do Rio de Janeiro e a cidade do Rio de Janeiro é .... que a cidade de São Paulo
   d) Os produtos da marca Tigre são superiores aos produtos da marca Tubox. Portanto, os produtos da marca Tubox são .... aos produtos da marca Tigre.
   e) A proposta da firma VTLS foi considerada mais vantajosa, no geral, do que a proposta da firma Aleph, logo.........................
   f) Com seguros e tudo, comprar as turbinas no exterior ficava mais barato do que encomendá-las à indústria nacional. Em outras palavras, ...
   g) A música, no restaurante, era mais alta do que os discursos, ou, melhor dizendo, os discursos......... de modo que as pessoas não ouviram discurso nenhum.
   h) A cerimônia de formatura foi bem mais rápida do que a missa, de modo que ninguém se cansou, nem foi embora no meio. Em compensação, a missa..............................

8. Do fato de que *Pedro é* *maior* *que José* pode-se concluir que *José é* *menor* *que Pedro* e vice-versa. As expressões maior que e menor que permitem descrever um mesmo estado de coisas invertendo a ordem e sempre que isso acontece falamos em relações recíprocas. Na notícia de jornal que segue, foram assinaladas algumas sentenças. Reescreva essas sentenças, utilizando a relação *recíproca (perder/ganhar, comunicar/ficar sabendo, comprar/vender,* etc.). Verifique em seguida, relendo o texto todo, se ele melhorou ou piorou com as mudanças.

Na mesma moeda

Na final da Copa de 1998, quando o Brasil perdeu para a França, representantes da Stella Barros perceberam que cerca de 700 turistas que haviam comprado um pacote da agência ficariam sem ingresso.

Um de seus guias, então, acompanhado de um advogado da empresa, comunicou a cerca de trezentos hóspedes de um hotel na periferia de Paris que eles seriam uns dos "premiados" ficando sem entradas para a final.

Revoltados, os 300 turistas exigiram os ingressos. Por mais que

insistissem, o advogado da empresa dizia que nada poderia ser feito e que, quando voltassem ao Brasil, poderiam processar a agência, se não aceitassem sua proposta para um acordo.

Foi aí que um dos turistas se levantou e ameaçou o advogado:

— Pois bem, se os ingressos não aparecerem, nós cortamos suas orelhas e, se você não aceitar o que nós lhe oferecermos como indenização, pode muito bem nos processar.

Assustado, o advogado entrou em contato com a agência, que se viu obrigada a negociar com os cambistas, pagando até US$ 3 mil por um ingresso. No final, os 300 turistas daquele hotel conseguiram ver o jogo.

(*Folha de S. Paulo,* 4.5.2000)

9. Um recurso sempre disponível para criar predicados recíprocos é a voz passiva. Diga o que você pensa desta outra versão da mesma história, em que algumas sentenças foram colocadas na voz passiva:

Na mesma moeda 2

Na final da Copa de 1998, quando o Brasil perdeu para a França, foi descoberto por representantes da Stella Barros que cerca de 700 turistas que haviam comprado um pacote da agência ficariam sem ingresso.

Foi então comunicado por um dos guias da agência, que se fez acompanhar de um advogado, a cerca de trezentos hóspedes de um hotel na periferia de Paris que eles seriam uns dos “premiados” ficando sem entradas para a final.

Revoltados, os 300 turistas exigiram os ingressos. Por mais que insistissem, o advogado da empresa dizia que nada poderia ser feito e que, quando voltassem ao Brasil, a agência poderia ser processada, se sua proposta para um acordo não fosse aceita.

Foi aí que um dos turistas se levantou e o advogado foi ameaçado:

— Pois bem, se os ingressos não aparecerem, suas orelhas vão ser cortadas por nós e, se não for aceito por você o que lhe for oferecido como indenização, podemos muito bem ser processados.

Assustado, o advogado entrou em contato com a agência, que se viu obrigada a negociar com os cambistas, pagando até US$ 3 mil por um ingresso. No final, o jogo pôde ser visto pelos 300 turistas daquele hotel.

10. Quando a palavra *mulher* significa “pessoa do sexo feminino” ela indica uma propriedade que carcteriza alguns seres humanos: quando a palavra mulher significa “esposa, companheira” significa uma relação que vigora entre determinadas

mulheres (as mulheres casadas) e seu respectivo marido. Observe as sinopses de filmes abaixo, e diga qual dos dois usos da palavra *mulher* foi feito em cada uma delas.

> **Jovem para sempre** (The Magic Bubble) EUA, 1991, Direção: A. e D. Ringel.
> Aos 40 anos, mulher encontra poção mágica que lhe garante eterna juventude. Sua vida muda, ela reencontra a autoconfiança, mas algo nas outras pessoas também se transforma.
> **Até que o crime nos separe** (Till Murder do us Part) EUA, 1991. Direção: D. Lowry.
> A mulher faz o homem, o que se pode comprovar pela força que dá a patroa para que seu marido se torne um bem-sucedido advogado. Quando, no entanto, ele resolve trocá-la pela secretária, ela também opta por trocar o ditado e demonstrar que a mulher também desfaz o homem.
> **A última prostituta** (The Last Prostitute) EUA, 1991. Direção: Lou Antonio.
> Dois adolescentes viajam até a fazenda onde mora a prostituta (Braga) de cujos encantos um tio tanto falava. O objetivo é perder a virgindade nas mãos da imbatível mulher. Problema: ela largou a profissão, e agora se dedica a criar cavalos. Mas os rapazes não vão entregar os pontos fácil assim.
> **O milagre do amor** (Miracle Child) EUA,1992. Direção: Michael Pressman.
> Bebê abandonado é adotado por uma solteirona. Como as coisas começam a melhorar no lugarejo, a mulher passa a acreditar que isso é um milagre. A mãe da criança, porém, reaparecerá.
> **Day-O – Um amigo de infância (Day-O)** EUA, 1992. Direção: Michael Schultz.
> Na infância, a pequena Grace sente-se rejeitada pelos pais e cria Day-O, um amigo imaginário. Já mulher crescida, grávida, ainda sentido-se desvalorizada pelo pai, aparece Day-O para lhe dar uma força (mas causará umas tantas e indesejáveis atribulações).
> **Salto para a felicidade (Overboard)** EUA, 1987, Direção: Gary Marshall.
> Milionária chega de iate a um lugarejo do interior e contrata carpinteiro, a quem maltrata. Quando ela cai no mar e perde a memória, ele se vinga, dizendo que ela é sua mulher e a mãe de seus quatro filhos endiabrados. A dupla Hawn e Russell, casados na vida real, funciona com perfeição.
> **Naufrágio no Pacífico (Survive the savage sea)** EUA, 1991. Direção: Kevin James Dobson.
> No início dos anos 70, ex-fazendeiro parte com mulher e seus quatro filhos para uma sonhada viagem no Pacífico. Mas tudo vira pesadelo quando o barco é atacado por orcas.
> **Beleza americana** (American Beauty) EUA, 1999. Direção: Sam Mendes. Um típico pesadelo urbano: um homem odiado pela mulher e desprezado pela filha está prestes a ser demitido. Ganhador de 5 Oscars.
>
> (Fonte: Folha Ilustrada, *A Tarde* (Salvador) e guia de programação NET)

Tempo

Objetivo

Explorar, intuitivamente, os mecanismos lingüísticos com os quais localizamos os fatos no tempo.

Caracterização geral

Os adjuntos de tempo e as orações subordinadas temporais são utilizados com os tempos do verbo para localizar “no tempo” os fatos de que falamos. (Vale lembrar que os “tempos do verbo”, além de indicar tempo, atribuem simultaneamente à frase uma modalidade e um aspecto; ver os capítulos correspondentes).

Material lingüístico

✓ O tempo, quando é expresso pelo verbo, é eminentemente dêitico, ou seja, os “tempos do verbo” situam sempre os acontecimentos em um “tempo de evento” (TE) que é caracterizado como simultâneo, anterior ou posterior ao tempo da fala (TF). Essa localização pode ser direta ou indireta. É direta, por exemplo, no caso do perfeito do indicativo, que situa o acontecimento descrito pela frase em um momento anterior ao da fala. É indireta, por exemplo, no caso do futuro do pretérito, que localiza o evento num momento posterior a uma referência (TR) situada no passado. Veja a diferença comparando estes dois gráficos:

Frase: *“João veio”*

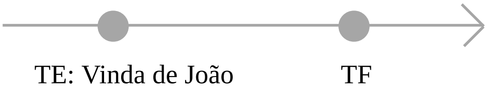

Frase: *“João confirmou* que viria”

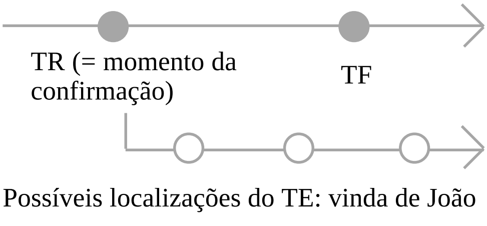
TR (= momento da confirmação)
TF
Possíveis localizações do TE: vinda de João

A localização indireta obriga a considerar, além do tempo de fala e do tempo de evento, um terceiro momento, que tem sido chamado o “momento de referência” (TR).

✓ Alguns valores típicos para os tempos do indicativo:

– presente: TF = TE	(o tempo de fala e tempo de evento são simultâneos).
– imperfeito/perfeito: TE = TR → TF	(o tempo de fala e o tempo de evento, simultêneos, são anteriores ao tempo de fala).
– futuro simples: TF → TR = TE	(o tempo de referência e o tempo de evento, simultêneos, são posteriores ao tempo de fala).
– futuro do pretérito: TR → TF e TR → TE	(há um tempo de referência anterior ao tempo de fala; o evento é posterior a essa referência).
– mais-que-perfeito: TR → TF e TE → TR	(há um tempo de referência anterior ao tempo de fala; o evento é anterior a essa referência).

✓ Para localizar acontecimentos no tempo, a língua utiliza, além da flexão do verbo, os auxiliares de tempo. Os mais importantes auxiliares de tempo são:

– *ter* + particípio passado, que localiza fatos no passado;
– *ir* + infinitivo, que localiza fatos no futuro.

✓ Os adjuntos também têm um papel determinante na localização dos acontecimentos: basta ver que o presente do indicativo, ao lado de determinados adjuntos, assume um valor de passado ou de futuro:

Viajo daqui a um mês. (Verbo no presente + adjunto futuro = a ação se localiza no futuro)

Em 1962 Juscelino inaugura Brasília... (Verbo no presente + adjunto passado = a ação se localiza no passado)

Atividade

Nas transmissões diretas de eventos esportivos (por exemplo, jogos de futebol, vôlei, basquete, corridas de Fórmula 1) os repórteres da televisão e do rádio costumam utilizar o tempo presente, dando a entender que a transmissão acontece simultaneamente aos fatos. Nas reportagens dos jornais, escritas para

serem lidas daí a algumas horas, o tempo do verbo é o passado simples. Ouça uma transmissão direta, e, se possível, grave alguns momentos notáveis da transmissão (ou recorra aos noticiários das várias cadeias de televisão, que costumam passar os principais momentos do evento esportivo, exibindo em videotape trechos da reportagem direta); compare o que diz o repórter nesses momentos com o que diz o jornal no dia seguinte.

Exercícios

1. Pense neste exercício como um quebra-cabeça. As sentenças que o compõem provêm de um texto [publicado em *Fapesp-Pesquisa* de maio de 2000], em que se evoca a figura do cientista brasileiro Roberto Landell Moura. As sentenças estão fora de ordem, cabendo a você colocá-las em seqüência para obter um texto coerente, que narre os fatos em ordem cronológica.

a) Afinal, o italiano Guglielmo Marconi, que ficou como o inventor do rádio, só realizaria sua transmissão radiotelegráfica mais de um ano depois.
b) Ali, obteve as patentes de três inventos: a telefonia sem fio, a telegrafia sem fio e o transmissor de ondas.
c) De novo, desinteresse geral.
d) E Landell de Moura foi para os Estados Unidos.
e) Em São Paulo, o padre gaúcho Roberto Landell de Moura (1861-1928), então um simples vigário em Campinas, faz uma demonstração de um invento seu, que permitia, segundo ele, a uma pessoa falar com outra a muitos quilômetros de distância, sem a necessidade de fios, mas utilizando-se de ondas de rádio.
f) Era a primeira vez no mundo que se fazia tal experimento.
g) Era o ano de 1893.
h) Foi notícia no New York Herald e industriais norte-americanos tentaram adquirir os direitos dos aparelhos.
i) Mas de fato, da avenida Paulista, ele realiza, com sucesso, a experiência, comunicando-se com Alto de Santana, a cerca de oito quilômetros.
j) Ninguém deu importância à façanha do padre, que ganharia fama de feiticeiro.
k) O padre recusou.
l) Os benefícios deveriam ser do Brasil.
m) Poucos acreditaram.
n) Seu laboratório em Campinas foi destruído por fanáticos e somente em 1900 ele conseguiu obter no Brasil a patente de seu invento.
o) Mas aqui, mais uma vez, ninguém o apoiou.

Reflita sobre as razões que levaram você a escolher “a ordem que faz sentido”.

2. As formas em *-ria* do verbo em português (como *eu cantaria*, *eles diriam*, etc.) foram objeto no passado de uma célebre polêmica entre vários gramáticos, que queriam propor para ele uma denominação "perfeita". De um lado, estavam os que chamavam essas formas de "condicional"; de outro, os que preferiam a denominação "futuro do pretérito". Se você considerar os exemplos que seguem, verá que as duas denominações são necessárias. Explique.

> Quando a Coluna Prestes entrou no Ceará, no início de 1926, o deputado Floro Bartolomeu Costa – após breve consulta ao padre Cícero – resolver enviar um mensageiro atrás do famigerado cangaceiro Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião. Em troca da patente de capitão e de um suprimento de rifles Mauser, o rei do cangaço enfrentaria os homens de Prestes. Se pudesse abandonar suas funções políticas, Floro certamente partiria para o sertão para enfrentar o inimigo. Afinal, uma década antes, ele mesmo fora capaz de vencer o próprio Exército nacional.
>
> Formado em Medicina, o dr. Floro Costa chegara ao vale do Cariri em 1908. Abriu um consultório e uma farmácia, e logo se tornou amigo de todos os homens influentes de Juazeiro e aliado do padre Cícero. Graças a seus dotes militares e espírito de liderança, tornou-se chefe de um bando de jagunços e se revelou capaz de vencer todos os combates nas guerras travadas entre os coronéis locais. Seu exército logo se tornaria o exército privado do "Padim Ciço".
>
> Em 1912, quando a "política das salvações" do presidente Hermes da Fonseca chegou ao Ceará com o objetivo de derrubar o oligarca Nogueiro Accioly da presidência do Estado, Floro, o Padim Ciço e seus jagunços concluíram que chegara a hora de o Brasil ouvir falar deles.
>
> Em 1914, Floro tomou fortaleza, derrubou o presidente nomeado por Hermes e devolveu o poder à oligarquia Accioly. Não houve reação.
>
> (adaptado da História do Brasil da *Folha de S. Paulo*)

3. O texto do exercício 2 dispõe os fatos narrados numa ordem "não-linear": Floro Bartolomeu Costa é apresentado, no primeiro parágrafo, como autor da iniciativa de mandar um emissário a Lampião, para envolvê-lo na guerra contra a Coluna Prestes (1926). Os demais fatos narrados são anteriores a essa iniciativa. Releia o texto, e situe na linha do tempo os demais episódios da vida de Floro Costa.

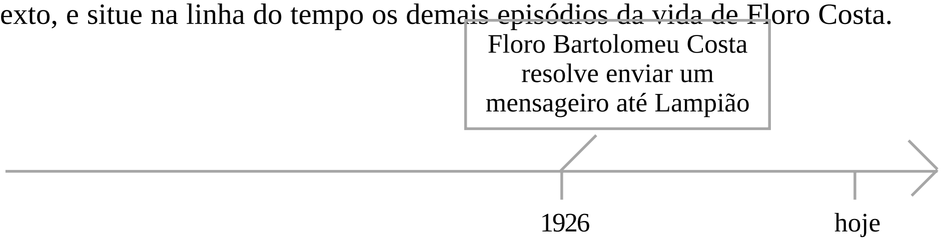
Floro Bartolomeu Costa resolve enviar um mensageiro até Lampião
1926
hoje

4. A partir dessa localização, procure mostrar que o ponto a partir do qual o autor do texto representa os fatos como contemporâneos, anteriores ou posteriores, se desloca constantemente no texto e que isso tem conseqüências para o uso do mais-que-perfeito ou do futuro do pretérito.

5. O pretérito perfeito do português indica fato passado em relação ao momento de fala, mas não informa que distância separa o momento de fala do fato descrito. Procure localizar no tempo os fatos enumerados a seguir. Reescreva as frases em seguida, em ordem cronológica. Passe um traço, separando as frases que indicam fatos "recentes" das que indicam fatos antigos.

- O homem deixou de andar de quatro e assumiu a posição ereta.
- Nos últimos dois anos, a balança comercial dos Estados Unidos foi deficitária; a do Brasil, também.
- O Infante Dom Henrique instalou sua escola de navegação no Promontório de Sagres.
- Santos Dumont deu a volta na torre Eiffel a bordo de um balão.
- Ayrton Senna morreu depois de chocar-se contra um muro, durante a corrida de San Marino.
- Um dos companheiros de Alexandre, o Grande, Xenofonte, descreveu no livro *Anábasis* o retorno do exército grego ao Mediterrâneo, depois da morte do líder.
- Oswaldo Cruz lançou uma campanha pelo saneamento do Rio que despertou a revolta popular, porque impunha a obrigação de usar sapatos.
- Fernando Collor de Mello confiscou a poupança da população, a pretexto de debelar a inflação e suspender a chamada "ciranda financeira".
- A TV Globo apresentou no último domingo mais uma edição do "Fantástico".

6. O perfeito do indicativo é normalmente usado para descrever fatos ou estados que foram verdadeiros no passado, isto é, em algum momento (ou período) anterior ao momento de fala. Mas há exceções. Pense por exemplo nestas frases. Como as entende?

- Bobeou, dançou.
- Escreveu, não leu, o pau comeu.
- Ajoelhou, tem que rezar.
- Falou, está falado.
- Quebrou, pagou.
- Chorou, apanhou.
- Reclamou, está despedido.

7. Em português, não é sempre clara a distinção entre os adjuntos de tempo que identificam um momento e os que identificam um período. Classifique os adjuntos grifados do texto a seguir numa destas três situações:

a) Indicam momento;
b) Indicam período;
c) Dúvida (neste caso, explique o que deixou você em dúvida).

Rio tomba murais do 'Profeta Gentileza'

Os 55 pilares do viaduto do Gasômetro (na zona portuária do Rio) que contêm os escritos deixados por José Dantrino, o "profeta Gentileza", serão tombados para preservação dos murais.

Gentileza foi um personagem do Rio. Andarilho, messiânico, passou 35 anos nas ruas pregando a gentileza e suas virtudes, e se autodenominou "profeta". Aos que o chamavam de louco respondia: "Sou maluco para te amar e louco para te salvar."

A vida de Gentileza mudou quando o Circo Americano pegou fogo em Niterói, em 1961, matando mais de 500 pessoas, a maioria delas crianças. Até então ele vivia com a mulher e cinco filhos na Pavuna (zona norte do Rio) e tinha uma pequena empresa de transporte de carga, com dois caminhões.

Seis dias depois do incêndio, antevéspera do Natal, ele acordou ouvindo "vozes astrais" que o mandavam abandonar o mundo material e se dedicar apenas ao espiritual. Ele pegou um de seus caminhões e foi para o local do incêndio. Plantou jardim e horta sobre as cinzas, e viveu ali quatro anos.

Maria Alice Dantrino, 55, sua filha mais velha, tinha 17 anos quando ele decidiu abandonar a casa. "A primeira coisa que fez foi soltar os passarinhos das gaiolas. Depois, saiu dizendo que tinha uma missão a cumprir", conta ela.

(*Folha de S. Paulo*, 8.5.2000)

8. O texto a seguir foi extraído da revista *Almanaque Brasil de Cultura Popular*, distribuída como brinde nos vôos da TAM. Leia-o, e faça em seguida as atividades recomendadas.

Quem matou Delmiro Gouveia?

O mistério permanece em Água Branca, Alagoas. Quem disparou três tiros na noite de 10 de outubro de 1917? Sabe-se apenas que as balas zuniram na escuridão e a terceira acertou o peito de Gouveia. Morria o pioneiro da industrialização do Nordeste.

> Cearense de origem humilde, aos 20 anos vai trabalhar em filial de curtume americano no Recife. Em 1895, compra as instalações e, três anos depois, é o “rei das peles”. Faz experimentos inéditos com cruzamento de gado e funda a primeira fiação da América Latina, a Estrela.
>
> Aproveita o potencial da cachoeira de Paulo Afonso e leva eletricidade até as casas dos trabalhadores, antes mesmo de ela chegar à capital pernambucana.
>
> Inaugura mercado-modelo, com instalações modernas e preços abaixo dos da concorrência. O empreendimento dura quatro meses: é incendiado pela polícia.
>
> A produção da Estrela cresce, e com isso, aumenta a pressão da companhia inglesa Machine Cottons, que quer comprar a fábrica a todo custo. Ele se recusa a discutir a oferta.
>
> É assassinado aos 54 anos.

Como você terá observado, embora trate de fatos ocorridos há mais de cem anos, boa parte dessa história foi contada no “presente histórico*”: vai trabalhar, compra, é o rei das peles, faz experimentos, funda, aproveita*... Reescreva-a usando apenas os tempos do passado. Releia em seguida o seu texto e procure explicar: que verbos foram para o imperfeito? Que verbos foram para o perfeito? Por quê?

9. No final do século XVIII, o gramático português Jerônimo Soares Barbosa descreveu assim um dos tempos verbais do indicativo:

> Este pretérito nota uma existência não só passada, como o pretérito imperfeito, e não só passada e acabada indeterminadamente, como o pretérito absoluto, e não só passada e acabada relativamente à época atual, como o presente perfeito; mas passada e acabada relativamente a outra época também passada, mas há mais tempo, e marcada por um tempo determinado, ou por um fato, quer expresso, quer subentendido, como quando digo: ontem ao meio dia, tinha eu acabado esta obra; onde meio-dia é a época a respeito da qual, e antes dela já era passada e acabada a obra. E quando digo: eu tinha saído quando ele entrou; a entrada é também uma época pretérita a respeito da presente em que estou falando. Mas minha saída não é só anterior e passada, mas ainda concluída e acabada, a respeito da dita entrada.
>
> (Grammatica Philosophica)

Nota: o pretérito absoluto é o que chamamos hoje “pretérito perfeito”; o presente perfeito é exemplificado por formas como “tenho dito”, pronunciada no final de um discurso.

Esclareça: de que tempo verbal fala Soares Barbosa nessa passagem? Mostre que para Soares Barbosa o tempo verbal em questão faz sempre uma localização **relativa** da “existência” (isto é, da ocorrência – fato ou estado de coisas) descrita pelo verbo.

10. Localizar situações no tempo não é característica exclusiva dos verbos: algumas construções que envolvem nomes podem, ocasionalmente, realizar a mesma função. As notícias que seguem têm em comum uma dessas construções. Aponte-a, explique o que significa, e aproveite para sugerir modificações na redação, se você achar que ela precisa ser melhorada.

Passagem do tempo

A reportagem “Queda de renda esvazia av. Celso Garcia” (Cotidiano, 28/2) é documento dramático de um tempo. A foto da primeira página, com um mendigo em primeiro plano na solidão da ex-importante via deserta, é digna de Salgado, de Bresson.

A grande realização da era FHC é a maior rede de franquia do mundo: a rede “passo-o-ponto”.

Hugo Maia (São Paulo, SP)

(*Folha de S. Paulo*, 29.2.2000, coluna Painel do Leitor)

Ex-aluno do Colégio Arquidiocesano, com muito orgulho.

(Adesivo lido num automóvel, a cidade não importa)

Até os anos 50, a nação vizinha era a promessa de ser a maior econo-

mia da AL.

(Título de uma reportagem sobre a Argentina em *O Estado de S. Paulo*, abril de 2000)

Vagueza

Objetivo

Chamar a atenção para o fato de que a linguagem é intrinsecamente indeterminada, e para alguns recursos mediante os quais os falantes controlam essa indeterminação.

Caracterização geral

Diz-se que uma palavra é vaga quando não existe um critério único e seguro para decidir a que objetos a aplicaríamos. Um exemplo é o adjetivo *alto*: é muito difícil estabelecer o que signifique *alto* sem pensar em objetos de um tipo determinado (um prédio alto mede muito mais do que uma árvore alta etc.); mas mesmo que pensemos em objetos de um único tipo, por exemplo todos os seres humanos, distinguir entre eles os indivíduos altos só é possível mediante uma decisão até certo ponto arbitrária: seriam altas as pessoas com mais de 1,80 m? Com mais de 1,90 m? com mais de dois metros?...

Material lingüístico

✓ Há pelo menos dois tipos de vagueza: a que nos obriga a fixar limites ao longo de uma mesma escala de grandezas e a que nos leva a considerar escalas de grandeza diferentes. Para confirmar se uma certa pessoa é alta, sabemos que se trata de medir quantos centímetros mede dos pés à cabeça, embora possamos ter dúvidas em declará-la alta se essa medida não for muito superior à média. Quando dizemos de alguém que é inteligente, podemos estar pensando em coisas diferentes que já foram chamadas “inteligência”: a capacidade de encontrar soluções para problemas novos, a habilidade em descobrir leis gerais, a capacidade de expressão, etc.

✓ A vagueza afeta palavras de todos os tipos:

– Substantivos (toda montanha tem um cume, mas onde começa o *pé da montanha*?)
– Adjetivos (a quantos graus deve estar a água, para ser qualificada de quente?)
– Advérbios (o que significa *levantar cedo*? e *morar perto*?)

✓ Controlamos a vagueza de várias maneiras:
– Recorrendo a estipulações, convenções. Pensemos, por exemplo, no que seria uma epidemia de meningite: um primeiro caso é comprovado, depois um segundo, e assim por diante. A partir de que ponto temos uma epidemia? Os sanitaristas começam a falar de epidemia quando o número de casos observados ultrapassa uma determinada porcentagem da população, na região estudada;
– Comparando o indivíduo em questão com outros, dentro de um certo grupo: mesmo que não saibamos o que é alto em termos absolutos, podemos, por exemplo, determinar qual é o aluno mais alto da classe;
– Remetendo à média do grupo ao qual o indivíduo em questão pertence. Alto para um jogador de basquete não é a mesma coisa que alto para um piloto de Fórmula 1. Alto para um nórdico não é a mesma coisa que alto para um pigmeu.

Atividade

A noção do que seria *perto* ou *logo ali* é muito diferente para as pessoas da cidade grande e da cidade pequena, da cidade e da roça, como mostra uma história de que foram protagonistas um advogado e um caipira. O caipira foi chamado a atuar como testemunha de defesa num julgamento, confirmando que o acusado não poderia ter percorrido uma determinada distância entre o momento em que foi visto no centro do povoado, e o momento em que ocorreu o crime, numa fazenda da região. Durante o julgamento, o advogado pede que o caipira dê informações objetivas sobre a distância, e o caipira, usando de sua própria noção de distância, responde: “A fazenda é logo ali, só um tirinho”. O advogado perde a causa e aprende que a linguagem é mais complicada do que parece.
Converse com pessoas conhecidas e descubra se alguma dessas pessoas já viveu alguma situação em que uma diferença de entendimento sobre o que é “perto” ou “longe”, “cedo” ou “tarde”, “muito” ou “pouco” causou algum tipo de desentendimento.

Exercícios

1. No texto a seguir, extraído do *Jornal de Fato* (Campinas) de 10 de maio de 1992, localize a passagem em que se estipula o que vem a ser uma pessoa gorda, do ponto de vista dos médicos. (Se quiser, reescreva o texto, cuja redação apresenta vários problemas).

> **Saiba o que é gordo ou magro para a medicina e as doenças ligadas à magreza**
>
> Quem estiver em dúvida quanto ao seu nível de magreza basta usar uma fórmula e com duas simples contas tirá-las. Divida seu peso pela sua altura ao quadrado e saber o índice de sua massa corporal. Para a medicina, é considerado magro quem obter um índice abaixo de 20 pontos. Acima de 25, gordo e entre 20 e 25 você é normal.
>
> Segundo o endocrinologista, Walter José Minicucci, a margreza não é problema de saúde, mas o indivíduo magro possui uma resistência menor em doenças infecciosas como pneumonia, gripes.
>
> Doenças como diabete, hipertireoidismo, câncer, tuberculose e Aids estão muito ligadas à perda de peso.

De acordo com essa estipulação, você é gordo ou magro? Você se considera gordo (ou magro) por seus próprios critérios?

2. Tente estabelecer uma ordem “objetiva” entre os vários sentidos do (mesmo) adjetivo:

a) Velho, para um ser humano, para um cachorro, para uma borboleta;
b) Quente, para a água da torneira (de água fria), para a água do banho, para a água de uma panela de pressão;
c) Veloz, para um carro de passeio, para um avião a jato, para um corredor da São Silvestre;
d) Caro, para uma blusa, para uma rodada de cerveja na festa de formatura, para um metro quadrado de terra em Rondônia, para um metro quadrado de terra na Avenida Paulista, em São Paulo;
e) Grande, para uma fazenda em Goiás, para um sítio na periferia de São Paulo, para um município em São Paulo, para um estado da federação;
f) Forte, para um vinho, para um licor doce e para uma cachaça de alambique.

3. Tente trocar esses adjetivos por números:

- Hipertenso
- Anêmico
- Bêbado (pense no teste do bafômetro)
- Febril

- Maior de idade
- Murcho (para um pneu de carro de passeio)
- Peso pesado (para um pugilista)
- Cheio (para o pneu de um Gol, ou para um caminhão)

4. Que diferença há entre as duas frases do par? Qual dos dois é mais?
   - Barrichello é alto para um piloto de Fórmula 1./Oscar é alto até para um jogador de basquete.
   - Joaquim é ativo para um velho de 70 anos./Joaquim era excepcionalmente ativo quando tinha 20 anos.
   - O Ângelo é espalhafatoso./O Ângelo é espalhafatoso até para um italiano.
   - O Jurandir é pouco pontual até para um brasileiro./O Angus é pouco pontual para um britânico.
   - O Sean é pão-duro./O Sean é pão-duro até para um escocês.

5. Desconversar, dar respostas evasivas é uma arte, e em certos casos pode ser uma virtude. Normalmente, as respostas evasivas omitem informações e quase sempre utilizam expressões vagas. Procure lembrar-se de um diálogo em que um dos falantes fez uma pergunta embaraçosa e o outro respondeu evasivamente, mas sem mentir. Procure esclarecer qual foi a informação que o primeiro informante procurava obter, e que o segundo informante conseguiu omitir em sua resposta.

6. Tente responder:
   Quantas andorinhas são necessárias para fazer verão?
   Com quantas pessoas se faz uma multidão?
   Com quantas árvores se faz uma floresta?
   Quantos cabelos precisam cair para alguém ficar careca?
   Quantos socos são necessários para dar uma surra em alguém?
   Quantos carneiros são necessários para formar um rebanho?

7. Os psicólogos, os médicos, os educadores, os pais trabalham com conceitos de “adolescência” parcialmente diferentes. Procure lembrar alguns desses diferentes conceitos; pense qual deles ajuda a entender a idéia de “eternos adolescentes”, que é central no texto abaixo:

> Nos anos mais efervescentes das décadas de 60 e 70, a palavra de ordem da juventude era pôr o pé na estrada. Isso significava romper com os valores estabelecidos da sociedade, entre eles a família, e ir em busca de seus sonhos, mesmo quando estes não eram muito claros. Visto hoje, parece compreensível. Além de um mundo que pedia reformas, havia um abismo entre esses jovens e a geração de seus pais. Sair de casa acabou virando sinônimo de liberdade. Mesmo que para isso

> tivessem que trocar o conforto familiar por uma república de estudantes ou compartilhar um apartamento com vários amigos. Os mais psicodélicos integravam-se em comunidades hippies ou adaptavam-se ao espaço de uma barraca de acampamento. Pelo sonho de ser livre, tudo era válido, para usar uma expressão da época. [...]
>
> O tempo passou e os filhos daquelas gerações rebeldes comportam-se hoje de forma diametralmente oposta. Ao contrário de seus pais, os jovens atuais não têm mais tanta pressa em sair de casa. A maioria, aliás, nem pensa no assunto. São os representantes da chamada "geração canguru" que resistem a abandonar a comodidade da casa paterna do mesmo modo que o filhote marsupial agarra-se à bolsa protetora da mãe. Alguns, mais folgados, não arredam da barra da saia nem mesmo depois que casam e têm filhos. Com isso, um novo fenômeno surgiu: o prolongamento da adolescência. Cada vez aumenta mais o número de jovens entre 20 e 30 anos acomodados à situação de eternos adolescentes. Muitos deles, contando sempre com a retaguarda dos pais, acabam não assumindo as responsabilidades inevitáveis da vida adulta. "Os pais de hoje são os jovens de ontem, que lutaram por ideais de liberdade política e igualdade social, derrubaram tabus sexuais, participaram do movimento estudantil, ou, ao menos, foram profundamente influenciados por tudo isso", lembra a educadora carioca Tânia Zagury, professora adjunta da Universidade Federal do Rio de Janeiro e autora de vários livros de orientação educacional, entre eles Encurtando a Adolescência. "Os jovens de agora herdaram tudo isso de bandeja. Não há mais um confronto de gerações tão acirrado. Os pais procuram dar a eles a liberdade que não tiveram em seu tempo. Os filhos fazem o que bem entendem, não dão satisfação de horários, têm seu próprio carro e muitos levam seus namorados para transarem em casa. Além disso, têm comida na hora, roupa lavada e passada. Que razão teriam para abrir mão de tudo isso?"
>
> (Cláudio Fragata Lopes, "A doce vida dos filhos cangurus" *Galileu*, jun.1999, p. 47)

8. As chamadas "doenças modernas" (dependência de drogas, estresse, vários tipos de fobias e pânico, hipertensão, má postura, obesidade de uns, carências alimentares de outros) não são consideradas verdadeiras doenças, por muitas pessoas. Se você fosse um médico do trabalho, em que casos dispensaria seus pacientes de comparecer ao serviço, por um desses motivos?

9. No dia 12 de junho de 2000, os cadernos de esporte dos principais jornais do Brasil dedicaram reportagens de página inteira ao tenista Gustavo Kuerten, o Guga, que, na véspera, havia vencido o torneio de Roland Garros, tornando-se com isso o primeiro tenista na chamada "corrida dos campeões". Como de hábito, essas reportagens eram anunciadas na primeira página por textos mais breves. Veja estas passagens transcritas do jornal *O Estado de S. Paulo*, e faça em seguida os comen-

tários pedidos.

[caderno de esportes interno]

GUGA NO TOPO DO MUNDO

Com o bicampeonato em Paris, o "roi de France" assume a liderança da corrida dos campeões

CHIQUINHO LEITE MOREIRA

Especial para o Estado

Paris – Com banho de champanhe em plena quadra central, Gustavo Kuerten foi coroado como "roi de France", ao conquistar o bicampeonato de Roland Garros, o Aberto da França, com uma impressionante vitória sobre o sueco Magnus Norman por 3 sets a 1, parciais de 6/2, 6/3, 2/6 e 7/6 (8/6). Com a emocionante vitória, Guga subiu ao topo do ranking da corrida dos campeões da Associação dos Tenistas Profissionais (ATP) e, pela primeira vez na história, um brasileiro realiza a façanha de assumir a posição de número 1 do tênis mundial.

"Realizei novamente um grande sonho", celebrou Guga. "Mais uma vez meu nome entra para a história, agora como bicampeão de Roland Garros." A conquista valeu ao brasileiro 200 pontos para a lista da corrida dos campeões que, assim, destronou Magnus Norman da posição de número 1. O título também rende ao tenista a condição de um dos maiores ídolos do esporte brasileiro, numa modalidade que ele mesmo conseguiu popularizar, atraindo o interesse do grande público.

Majestade – "Não me sinto um grande ídolo", comentou Guga. "Mas fico feliz por levar alegria a muita gente a cada torneio que conquisto." Em Paris, Guga mostrou o seu lado carismático. Muitos brasileiros vieram especialmente para vê-lo em ação em Roland Garros. Em sua última edição, o boletim oficial da competição estampou "Kuerten, roi de France" revestindo de majestade a façanha do brasileiro na quadra...

[primeira página]

GUGA É BICAMPÃO NA FRANÇA

Com uma emocionante vitória sobre o sueco Magnus Norman por 3 sets a 1, parciais de 6/2, 6/3, 2/6 e 7/6 (8/6) Gustavo Kuerten, o Guga, conquistou ontem o bicampeonato de Roland Garros, o Aberto da França, tomou um banho de champanhe em plena quadra central e foi coroado como "roi de France". Guga subiu ao topo do ranking da corri-

da dos campeões da ATP e, pela primeira vez na história, um brasileiro realiza a façanha de assumir a posição de número 1 do tênis mundial. “Não me sinto um grande ídolo”, disse. “Mas fico feliz por levar alegria a muita gente a cada torneio que conquisto.” Muitos brasileiros foram a Paris para ver Guga jogar. O Presidente FHC mandou telegrama ao atleta: “Caro Guga: Parabéns. Você continua nos enchendo de orgulho”. Agora Guga sonha com uma medalha nas Olimpíadas de Sidney, em setembro.

a) O texto do Caderno de Esportes trata do mesmo acontecimento, mas é bem mais longo. O que o torna mais longo?
b) Qual dos dois textos nos dá o melhor perfil do novo campeão?
c) Qual dos dois textos nos dá o melhor conjunto de informações objetivas sobre a vitória de Guga?
d) Compare os dois textos, e avalie, globalmente, qual dos dois é mais “informativo” (entenda “informativo” como uma relação custo/benefício: o texto informativo é aquele que nos permite saber mais coisas que antes não sabíamos, com um uso menor de espaço).

RODRIGO BEZERRA

Nova Gramática *da* LÍNGUA PORTUGUESA para concursos

4.ª edição

revista e atualizada

gen | EDITORA MÉTODO

SÃO PAULO

© EDITORA MÉTODO
Uma editora integrante do GEN | Grupo Editorial Nacional
Rua Dona Brígida, 701, Vila Mariana – 04111-081 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 5080-0770 / (21) 3543-0770 – Fax: (11) 5080-0714

Visite nosso site: www.editorametodo.com.br
metodo@grupogen.com.br

Capa: Rafael Molotievschi

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

Bezerra, Rodrigo
Nova gramática da língua portuguesa para concursos 4.ª ed. / Rodrigo Bezerra. - Rio de Janeiro : Forense ; São Paulo : MÉTODO, 2010.

Inclui bibliografia
ISBN 978-85-309-3404-0

1. Língua portuguesa - Gramática. 2. Língua portuguesa - Gramática - Problemas, questões, exercícios. 3. Serviço público - Brasil - Concursos. I. Título.

10-2768. CDD: 469.5 CDU: 811.134.3'36

A Editora Método se responsabiliza pelos vícios do produto no que concerne à sua edição (impressão e apresentação a fim de possibilitar ao consumidor bem manuseá-lo e lê-lo). Os vícios relacionados à atualização da obra, aos conceitos doutrinários, às concepções ideológicas e referências indevidas são de responsabilidade do autor e/ou atualizador.

Todos os direitos reservados. Nos termos da Lei que resguarda os direitos autorais, é proibida a reprodução total ou parcial de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, inclusive através de processos xerográficos, fotocópia e gravação, sem permissão por escrito do autor e do editor.

Impresso no Brasil
Printed in Brazil
2011

Ao Deus, a Quem eu sirvo, e à minha querida mãe,
Maria Luzinete, meus agradecimentos.

À minha amada Ana Cláudia e à minha pérola Esther,
esposa e filha, dedico as próximas páginas
com todo o meu amor.

LÍNGUA PORTUGUESA

Última flor do Lácio, inculta e bela,
És, a um tempo, esplendor e sepultura:
Ouro nativo, que na ganga impura
A bruta mina entre os cascalhos vela...

Amo-te assim, desconhecida e obscura,
Tuba de alto clangor, lira singela,
Que tens o trom e o silvo da procela,
E o arrolo da saudade e da ternura!

Amo o teu viço agreste e o teu aroma
De virgens selvas e de oceano largo!
Amo-te, ó rude e doloroso idioma,

Em que da voz materna ouvi: "meu filho!"
E em que Camões chorou, no exílio amargo,
O gênio sem ventura e o amor sem brilho!

Olavo Bilac

EXCELÊNCIAS DA LÍNGUA PORTUGUÊSA

E que esplêndida língua o Brasil nos deve! Tôdas as raças que passaram por este canto da terra, aqui deixaram a flor e o ideal da sua alma. Desde a povoação céltica e a colonização grega, de que tantos vestígios restam ainda nas nossas províncias do norte, até à invasão dos árabes que envolveram tôda a civilização da península numa etérea poeira de luz e oiro – as imigrações sucessivas e as conquistas supervenientes contribuíram, tôdas à formação desta língua admirável que, sob muitos aspectos, não tem superior no mundo.

Serve a tudo: à epopéia e ao idílio, à lamentosa elegia e ao cântico de guerra.

Passada pelas cordas duma lira, é suave e doce como a voz do amor; assoprada na tuba épica, é vibrante, sonora e grandiosa ou terrível segundo os têrmos que versa, as ações que canta ou os heróis que celebra.

O sol doura-a, ilumina-a, aquece-a; e a nossa paisagem, tão variada e linda, tão florida e perfumada, reflete nela como na superfície clara dos nossos rios, e nas ondas, de tanta côr, que o mar estende por essas praias. Transladada ao sul da América, não perdeu o caráter grave, nem a têmpera máscula, nem o tom de funda, indefinível melancolia que lhe imprimiu a esforçada e trágica aventura de nossos avós; e ainda adquiriu preciosos elementos de encantadora suavidade, de frouxa, dolente e maviosa ternura.

Antônio Cândido – *Discursos*.
Apud Antenor Nascentes, 1960.

Material Suplementar

Este livro conta com Caderno de Questões.

O acesso ao material suplementar é gratuito, bastando que o leitor se cadastre em: http://gen-io.grupogen.com.br

GEN-IO (GEN | Informação Online) é o repositório de
material suplementar e de serviços relacionados com livros publicados
pelo GEN | Grupo Editorial Nacional, o maior conglomerado brasileiro
de editoras do ramo científico-técnico-profissional, composto por
Guanabara Koogan, LTC, Forense, Método, Santos,
LAB, Forense Universitária e AC Farmacêutica.

COMO ESTUDAR ESTE LIVRO? ALGUMAS ORIENTAÇÕES...

Durante meus longos anos como professor, uma das perguntas mais frequentes sempre foi (e ainda é) "por onde eu começo, professor?". Há outras que, menos frequentes, de vez em quando surgem nas salas de aula pelo país afora: "Quais os assuntos mais importantes?" "O que eu preciso decorar para o concurso, professor?" De fato, são perguntas dos que sentem o peso e a importância de uma matéria que sempre foi objeto de estudo desde os tempos mais tenros da nossa existência, mas que – para muitos – ainda hoje constitui um obstáculo, uma incógnita, uma grande dificuldade.

Por conta desses alunos e mesmo dos que já possuem um bom conhecimento em nossa língua, ousei – com toda a humildade – criar um plano de estudos para orientá-los nessa jornada. Saliento que esse plano está baseado em minha experiência pessoal (usei o pleonasmo de forma intencional) como professor, educador e preparador de candidatos para a carreira pública. Procurei contemplar, em nosso plano de estudos, os assuntos mais importantes para um concurso público. Obviamente, outros assuntos, não abordados em nosso plano de estudos, poderão aparecer no edital. Procure estudá-los concomitantemente aos assuntos principais.

Em qualquer caso, sugiro que de antemão converse com o seu professor. Peça também a ele uma orientação, pois certamente é ele quem melhor o conhece e sabe o que é melhor para você. Discuta com ele o nosso plano de estudos. E aceite – sem reservas – as orientações do seu mestre. Ele fará o melhor por você – esteja certo disso.

Para os que há muito não estudam a nossa língua portuguesa, é preciso "começar pelo começo". Não tente estudar assuntos como "con-

cordância, regência, crase" sem antes ter uma boa base em sintaxe de oração, por exemplo. Não pule a sequência. Quem estuda, por exemplo, sintaxe do período composto sem antes estudar a sintaxe do período simples, ou crase antes de regência, não compreende a lógica da gramática e provavelmente obterá poucos ganhos em sua empreitada. Portanto, vá com calma. A absorção dos conteúdos gramaticais requer tempo. Ademais, o conhecimento "amadurece" em momentos diferentes em cada estudante. Logo, não se desespere. Acredite em você. Faça a sua parte: estude bastante.

Para os mais experientes, aqueles que já vêm estudando a nossa língua portuguesa há mais tempo, sugiro que partam para os conteúdos mais densos. Indubitavelmente, esses assuntos se encontram em sintaxe – oração, período, concordância, regência, crase, colocação pronominal, pontuação. Observem os detalhes e os exemplos com atenção; e, lógico, não se esqueçam de resolver as questões. Sempre obtenham as provas da banca que preparará o seu concurso. Resolvam-nas. Procurem traçar um perfil da banca. Tentem perceber os assuntos mais cobrados, pois as bancas tendem a repeti-los em certames posteriores.

Para os que nutrem por nossa língua uma grande ojeriza (aversão, pavor, antipatia) – há até os que odeiam a nossa língua portuguesa –, sugiro que a estudem aos poucos. Identifiquem a matéria de que vocês mais gostam e procurem associar o estudo desta disciplina ao estudo da nossa língua portuguesa. Como assim? Antes de se deleitar com a matéria que você ama, estude cerca de 30 minutos da nossa língua portuguesa. Mas faça isso nos três turnos: manhã, tarde e noite. Ao final de um dia, você "engoliu" cerca de uma hora e meia de conteúdo gramatical. Com o passar do tempo, essa forma de estudar a nossa língua ficará muito mais simples e se tornará – creio eu – prazerosa. Traduzindo: dê a você "gotas" diárias de conteúdo gramatical e em breve estará curado de seus problemas com a gramática.

Então, mãos à obra! Não há tempo a perder!

Um grande abraço.

Professor Rodrigo Bezerra

PLANO DE ESTUDOS – LÍNGUA PORTUGUESA

ASSUNTO	ESTUDEI EM (data)	REVISEI EM (data)	RELI EM (data)	RESOLVI EXERCÍCIOS SOBRE O ASSUNTO EM (data)
I – Fonética				
1. Fonética e fonologia				
Considerações: É uma parte da gramática normativa geralmente explorada por concursos em nível médio. Portanto, não perca muito tempo tentando decorar, por exemplo, a classificação das vogais e das consoantes, pois é o tipo de conhecimento que raramente é cobrado em grandes concursos. Leia (rememore) sobre os encontros vocálicos, encontros consonantais, dígrafos e divisão silábica. Frequentemente uma boa leitura já garante um bom aprendizado.				
2. Ortografia oficial				
Considerações: É o tipo de assunto em que a "decoreba" pura e simples pouco resolve. Leia, leia e leia... Não só o assunto, mas tudo o que for proveitoso. Provavelmente você obterá bons resultados. Nesse meio, há, entretanto, um assunto de que você não pode se descuidar: emprego do hífen. Geralmente as bancas cobram esse conhecimento.				
3. Acentuação				
Considerações: É o primeiro assunto com que você deve realmente se preocupar um pouco, pois é recorrente nos concursos de todos os níveis. É preciso ficar atento às regras de acentuação das palavras oxítonas e paroxítonas. Tenha cuidado também com os hiatos. Com o Novo Acordo Ortográfico, vários acentos deixaram de existir. Portanto, tenha cuidado. Vale a pena reler o assunto assim que terminar de estudá-lo pela primeira vez.				

<table>
<tr><th>ASSUNTO</th><th>ESTUDEI EM (data)</th><th>REVISEI EM (data)</th><th>RELI EM (data)</th><th>RESOLVI EXERCÍCIOS SOBRE O ASSUNTO EM (data)</th></tr>
<tr><td>4. Significação das palavras</td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr>
<tr><td colspan="5">Considerações: É um assunto frequentemente cobrado. Bastante tranquilo, você deverá relembrar a diferença entre homônimos e parônimos. Nada de desespero! O assunto é muito fácil. Certamente algumas leituras bastam para um bom aproveitamento.</td></tr>
<tr><td colspan="5">II - Morfologia</td></tr>
<tr><td>1. Estrutura e formação de palavras</td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr>
<tr><td colspan="5">Considerações: É um assunto exigido em alguns concursos. Portanto, antes de estudá-lo, verifique o seu edital. Quando é cobrado, as bancas geralmente se atêm aos processos de formação de palavras. Logo, estude com cuidado a "derivação, a composição e os outros processos de formação de palavras". Não gaste energia tentando decorar as tabelas com radicais, prefixos e sufixos gregos e latinos. Vale a pena, entretanto, ler a correlação entre os prefixos gregos e latinos.</td></tr>
<tr><td>2. Substantivo</td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr>
<tr><td colspan="5">Considerações: Não se preocupe tanto com alguns tópicos, como, por exemplo, as tabelas de coletivos e de gênero dos substantivos. Atenha-se a pontos como "caracterização do substantivo e plural dos substantivos compostos". Em gênero dos substantivos, apenas leia com atenção sobre os substantivos comuns de dois gêneros e os sobrecomuns. Se já estiver em condições, procure estudar as funções sintáticas que são próprias do substantivo.</td></tr>
<tr><td>3. Adjetivo</td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr>
<tr><td colspan="5">Considerações: Não perca tempo em decorar as tabelas sobre as locuções adjetivas, os adjetivos pátrios e os adjetivos eruditos. Estude com afinco as considerações gerais sobre os adjetivos. Fique muito atento ao plural dos adjetivos compostos e, acima de tudo, estude várias vezes os graus do adjetivo - é um assunto recorrente nos concursos. Se estiver em condições, procure estudar o adjetivo em sua forma oracional - vá até o capítulo de sintaxe de oração e estude as orações adjetivas.</td></tr>
<tr><td>4. Artigo</td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr>
<tr><td colspan="5">Considerações: É um assunto com que você não precisa se preocupar muito, pois as regras sobre o emprego dessa classe gramatical não são muito cobradas. Mas é preciso ler o assunto, notadamente os empregos particulares dos artigos definidos e indefinidos.</td></tr>
</table>

<table>
<tr><th>ASSUNTO</th><th>ESTUDEI EM (data)</th><th>REVISEI EM (data)</th><th>RELI EM (data)</th><th>RESOLVI EXERCÍCIOS SOBRE O ASSUNTO EM (data)</th></tr>
<tr><td>5. Numeral</td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr>
<tr><td colspan="5">Considerações: Assunto raramente cobrado. Não gaste muitos esforços com este capítulo. Leia as regras que orientam o emprego dos numerais. Isto é suficiente.</td></tr>
<tr><td>6. Pronome</td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr>
<tr><td colspan="5">Considerações: Eis um assunto que não dá para economizar – é um ponto-chave para o seu estudo. Aqui o segredo é estudar tudo. Uma dica: não se preocupe tanto em decorar as tabelas com os pronomes. Preocupe-se em entender o emprego deles. Há dois tipos de pronomes que são extremamente cobrados em certames pelo país afora: os pronomes pessoais e os pronomes relativos. Estude-os mais de uma vez. Fique atento também ao emprego dos pronomes indefinidos e demonstrativos.</td></tr>
<tr><td>7. Verbo</td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr>
<tr><td colspan="5">Considerações: Eis outro assunto bastante longo, mas não se desespere tentando decorar tudo. As bancas costumam ser pontuais, ou seja, há pontos dos quais não dá para se descuidar. Um deles é o emprego dos tempos e modos verbais. É fundamental conhecer o emprego de cada modo e de cada tempo, tanto dos simples quanto dos compostos. Outro assunto muito cobrado são as correlações entre os tempos e os modos verbais. De resto, é essencial dominar os paradigmas de conjugação dos verbos – não se preocupe em decorar todas as conjugações. Procure entender os paradigmas de cada tempo verbal. Fique atento também à conjugação dos verbos defectivos. Frequentemente as bancas lançam mão desse tipo de conhecimento.</td></tr>
<tr><td>8. Advérbio</td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr>
<tr><td colspan="5">Considerações: É um assunto que aparentemente não oferece perigos, mas não se engane: o advérbio é uma classe que provoca "confusões" em concordância nominal. Portanto, procure entendê-lo bem. Tente ler, mais de uma vez, as particularidades de alguns advérbios.</td></tr>
<tr><td>9. Conjunção</td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr>
<tr><td colspan="5">Considerações: É um assunto que terá grande relevância na parte sintática quando se for estudar "sintaxe do período composto". Portanto, não dá para passar por cima. Mas também não se desespere. Não tente decorar todas as conjunções. Procure entender o "papel" delas. O ideal é fazer a conexão com a parte sintática (sintaxe do período composto). Sugiro que leia o assunto umas duas vezes e siga em frente. Quando for estudar "sintaxe do período composto", você deverá voltar a este assunto.</td></tr>
</table>

ASSUNTO	ESTUDEI EM (data)	REVISEI EM (data)	RELI EM (data)	RESOLVI EXERCÍCIOS SOBRE O ASSUNTO EM (data)
10. Preposição				
Considerações: Eis outro assunto que agora não nos oferece grandes desafios. Lembre-se, porém, de que a preposição será importantíssima para o estudo, em sintaxe, da predicação verbal e das regências verbal e nominal. Portanto, leia o assunto mais de uma vez. Entenda a razão de ser da preposição. O ideal é correlacionar este assunto com o estudo dos termos integrantes da oração e o estudo das regências verbal e nominal.				
III – Sintaxe				
Orientações gerais: Nesta parte, não dá para economizar: os assuntos são igualmente importantes. Fique atento às regras gerais e aos detalhes – use marca-texto. Leia tudo atentamente. Não pule a sequência, a não ser que esteja pressionado por um concurso de última hora – aqueles em que o candidato se matricula sem saber direito o porquê de ter se matriculado. Além do mais, não tente acelerar, pois aqui é mais importante aprofundar um assunto do que ter uma visão superficial sobre o todo.				
1. Sintaxe de oração – Termos essenciais				
Considerações: Eis o que eu chamo de "assunto-chave" – é como um pré-requisito. Ele é a base para os demais assuntos. Aqui vale a máxima: quanto mais melhor. Estude tudo com afinco. E só mude quando se sentir seguro. Cuidado com o termo "sujeito" – ele deverá ser o seu ponto de partida. A partir dele, procure entender os demais termos da estrutura oracional. Há também um ponto-chave: transitividade verbal. É um conteúdo de que você muito precisará para entender outros assuntos. Conselho de amigo/professor: vale a pena estudar este capítulo várias vezes.				
2. Termos integrantes da oração				
Considerações: É também um capítulo-chave. Há dois termos integrantes com os quais você precisa ter muito cuidado: objeto direto e complemento nominal. No entanto, nesse capítulo, há um ponto que necessita ser colocado na "corrente sanguínea": o estudo da voz passiva (transformação da ativa para a passiva e vice-versa) e do agente da passiva. É um ponto sempre cobrado pelas bancas organizadoras de concursos. Estude o assunto mais de uma vez.				
3. Termos acessórios da oração				
Considerações: Mais uma vez, estamos diante de um capítulo que requer bastante atenção. Tenha cuidado com a distinção entre o adjunto adnominal e o complemento nominal – geralmente as bancas exigem este tipo de conhecimento. Não se descuide do aposto e do adjunto adverbial. Fique atento aos tipos de aposto. Por outro lado, não tente decorar todos os tipos de adjunto adverbial – procure, sim, entender o porquê de o termo ser classificado como adjunto adverbial.				

ASSUNTO	**ESTUDEI EM (data)**	**REVISEI EM (data)**	**RELI EM (data)**	**RESOLVI EXERCÍCIOS SOBRE O ASSUNTO EM (data)**
4. Sintaxe do período composto				
Considerações: Se você compreendeu bem as funções sintáticas, certamente não terá problemas com este assunto. Nele você encontrará as mesmas funções sintáticas, exercidas agora por orações. Fique muito atento às orações subordinadas adverbiais. Elas são responsáveis pela maioria das questões. Não tente simplesmente decorar as conjunções – procure entender, acima de tudo, as relações estipuladas por elas.				
5. Sintaxe de concordância				
Considerações: Vá com calma aqui. O assunto é muito extenso, mas não é difícil. O tamanho é que o faz difícil. Não se desespere com a quantidade de regras. Em geral, as bancas não costumam cobrar regras muito específicas. Em relação à concordância verbal, fique muito atento às seguintes normas: regra geral (aqui vale a pena revisar a identificação do sujeito), concordância com o sujeito passivo (partícula apassivadora), emprego do "índice de indeterminação do sujeito", concordância com o sujeito partitivo e coletivo e emprego dos verbos impessoais (notadamente o verbo "haver" no sentido de "existir..."). Obviamente, todas as regras devem ser analisadas e estudadas. Ah, não se esqueça de estudar a concordância com o sujeito oracional, pois é um ponto bastante cobrado. Em relação à concordância nominal, cuidado com a concordância do adjetivo tanto com a função de adjunto adnominal quanto com a função de predicativo.				
6. Sintaxe de regência				
Considerações: Eis outro assunto bastante extenso e bastante importante. Primeiramente, sugiro que releia rapidamente o assunto "predicação verbal" em sintaxe de oração. É preciso também relembrar o termo "complemento nominal". Depois, siga a sequência do assunto (sintaxe de regência) que está na gramática. Há um ponto, entretanto, sobre o qual você precisa se debruçar mais de uma vez: emprego dos pronomes relativos e as regências verbal e nominal.				
7. Emprego do acento grave – Crase				
Considerações: Outro assunto muito importante. É preciso estudar tudo. Se já faz tempo que não vê o assunto, sugiro que estude antes os complementos verbais, o complemento nominal e os adjuntos adverbiais em sintaxe de oração. Ao estudar o emprego do acento grave (crase), fique bastante atento aos casos obrigatórios e facultativos. Ademais, leia várias vezes as situações em que o uso do acento grave não é autorizado (casos em que nunca ocorre a crase).				

ASSUNTO	**ESTUDEI EM (data)**	**REVISEI EM (data)**	**RELI EM (data)**	**RESOLVI EXERCÍCIOS SOBRE O ASSUNTO EM (data)**
8. Sintaxe de colocação pronominal				
Considerações: Fique tranquilo aqui, pois o assunto é bastante fácil. Sugiro que, antes, dê uma olhada, em morfologia, nos pronomes pessoais (retos e oblíquos). Quando iniciar o assunto de colocação pronominal, sempre revise as regras de atração do pronome oblíquo átono (casos de próclise), notadamente a próclise que se dá por causa das conjunções subordinativas e dos pronomes relativos. Leia com atenção sobre a colocação dos pronomes oblíquos nas locuções verbais.				
9. Emprego dos sinais de pontuação				
Considerações: Eis outro "assunto-chave". É preciso ter muito cuidado. Indubitavelmente a vírgula é o "grande desafio". Preocupe-se com as regras de pontuação dos adjuntos adverbiais, das orações subordinadas adverbiais e adjetivas explicativas, das orações coordenadas sindéticas e das orações reduzidas. Procure correlacionar o emprego da vírgula com o emprego do travessão e dos parênteses. É preciso praticar bastante, pois ninguém aprende pontuação só estudando as regras. Por isso, procure resolver diversas questões.				
IV – Parte Especial				
1. Emprego do infinitivo				
Considerações: Fique tranquilo: este não é um assunto muito cobrado pelas bancas. Mas não dá para se descuidar. Sugiro que entenda e aprenda as duas máximas para o emprego do infinitivo. Fique atento à observação que acompanha a segunda máxima. Compreendendo as máximas, ficará mais fácil entender o restante.				
2. Funções morfológicas das palavras que, se e como				
Considerações: Tenha cuidado aqui, pois é um assunto frequente nos concursos em geral. Sua missão será classificar (com segurança) as funções morfológicas do "que" e do "se". As bancas muito raramente questionam sobre as funções morfológicas do "como".				
3. Particularidades léxicas e gramaticais				
Considerações: Eis um capítulo para se estudar aos poucos e em correlação com outros assuntos da gramática normativa. Como afirmo no capítulo, não tente estudar tudo de uma vez. Estude uma ou duas lições por vez.				
4. A linguagem figurada – As figuras de linguagem				
Considerações: É um assunto que aparece aqui e acolá em editais. Portanto, se não estiver no edital, descarte-o. Se estiver, procure estudar as figuras mais importantes, como a metáfora, a metonímia, a perífrase, a catacrese, a antítese, o paradoxo, o eufemismo, a silepse, a ironia e a hipérbole. Leia as demais figuras.				

SUMÁRIO

I – FONÉTICA

Capítulo 1

FONÉTICA E FONOLOGIA 3
- A nossa língua 3
- 1.1 Introdução 3
- 1.2 Gramática 4
- 1.3 Fonética 5
  - 1.3.1 Aparelho fonador 5
- 1.4 Estudo das vogais e dos encontros vocálicos 6
- 1.5 Classificação das vogais 7
  - 1.5.1 Quanto à zona de articulação 7
  - 1.5.2 Quanto ao timbre 7
  - 1.5.3 Quanto ao papel das cavidades bucal e nasal 8
  - 1.5.4 Quanto à intensidade 8
- 1.6 Encontros vocálicos 9
  - 1.6.1 Ditongos 9
  - 1.6.2 Hiatos 11
  - 1.6.3 Tritongos 11
- 1.7 Estudo das consoantes, dos encontros consonantais e dos dígrafos 11
  - 1.7.1 Classificação das consoantes 11
    - 1.7.1.1 Quanto ao modo de articulação 12
    - 1.7.1.2 Quanto ao ponto de articulação 12
    - 1.7.1.3 Quanto ao papel das cordas vocais 13
  - 1.7.2 Encontros consonantais 13
  - 1.7.3 Dígrafos 14
  - 1.7.4 Contagem de letras e fonemas em um vocábulo 15
  - 1.7.5 Sílaba 16

- 1.7.5.1 Classificação dos vocábulos quanto ao número de sílabas 16
- 1.7.5.2 Tonicidade 17
- 1.7.6 Divisão silábica 17
- 1.8 Questões de concursos públicos 21
- Gabarito 23

Capítulo 2

ORTOGRAFIA OFICIAL 25

- 2.1 Letra e alfabeto 26
- 2.2 Notações léxicas 26
  - 2.2.1 Acentos 26
    - 2.2.1.1 Agudo 27
    - 2.2.1.2 Circunflexo 27
    - 2.2.1.3 Grave 27
    - 2.2.1.4 Til 27
  - 2.2.2 Cedilha 27
  - 2.2.3 Apóstrofo 28
  - 2.2.4 Hífen 28
    - 2.2.4.1 Empregos do hífen 29
    - 2.2.4.2 Emprego do hífen com prefixos 31
    - 2.2.4.3 Não se emprega o hífen 33
- 2.3 Orientações ortográficas – emprego de algumas letras 34
  - 2.3.1 Emprego das letras "E" e "I" 35
  - 2.3.2 Emprego das letras "O" e "U" 38
    - 2.3.2.1 Dupla ortografia com os ditongos "OU" e "OI" 40
  - 2.3.3 Emprego das letras "C" e "Ç" 40
    - 2.3.3.1 Emprego da letra "C" 42
  - 2.3.4 Emprego das letras "G" e "J" 43
    - 2.3.4.1 Emprego da letra "G" 43
    - 2.3.4.2 Emprego da letra "J" 45
  - 2.3.5 Emprego da letra "H" 46
  - 2.3.6 Emprego da letra "S" 49
  - 2.3.7 Emprego do dígrafo "SS" 52
  - 2.3.8 Emprego do "SC" 55
  - 2.3.9 Emprego da letra "Z" 56
  - 2.3.10 "-zinho" ou "-sinho" 58
  - 2.3.11 Emprego da letra "X" 60
  - 2.3.12 Emprego do dígrafo "CH" 64
  - 2.3.13 Emprego da letra maiúscula e da minúscula 65

2.3.13.1 Letras maiúsculas 65
2.3.13.2 Letras minúsculas 68
2.3.13.3 Emprego facultativo da letra maiúscula e da minúscula 69
2.3.14 Abreviaturas 70
2.4 Questões de concursos públicos 73
Gabarito 76

Capítulo 3

ACENTUAÇÃO 77
3.1 Ortofonia 77
3.1.1 Ortoépia ou ortoepia 77
3.1.2 Acentuação gráfica 80
3.1.3 Regras para a acentuação gráfica 81
3.1.3.1 Monossílabos 81
3.1.3.2 Oxítonos 81
3.1.3.3 Paroxítonos 83
3.1.3.4 Proparoxítonas 84
3.1.3.5 Acentuação dos hiatos 85
3.1.3.6 Acentos diferenciais 87
3.1.3.7 Regra especial – verbos "ter", "vir" e seus derivados 88
3.1.3.8 Considerações gerais sobre a acentuação dos vocábulos 90
3.2 Questões de concursos públicos 91
Gabarito 93

Capítulo 4

SIGNIFICAÇÃO DAS PALAVRAS 95
4.1 Denotação e conotação 95
4.2 Homônimos e parônimos 96
4.2.1 Homônimos 97
4.2.2 Parônimos 98
4.3 Formas variantes 100
4.4 Cognatos 100
4.5 Sinônimos 101
4.6 Antônimos 101
4.7 Polissemia 101
4.8 Extensão e compreensão das palavras – hiponímia e hiperonímia 102
4.9 Questões de concursos públicos 103
Gabarito 106

II - MORFOLOGIA

INTRODUÇÃO À MORFOLOGIA 109

Capítulo 1

ESTRUTURA E FORMAÇÃO DE PALAVRAS 111

1.1 Elementos estruturais da palavra 111
  1.1.1 Radicais gregos 112
  1.1.2 Radicais latinos 114
  1.1.3 Prefixos de origem grega 116
  1.1.4 Prefixos de origem latina 116
  1.1.5 Correlação entre prefixos latinos e gregos 117
  1.1.6 Sufixos nominais 118
  1.1.7 Sufixos verbais 124
  1.1.8 Os sufixos "IZAR" e "ISAR" 125
  1.1.9 Emprego de "-IDADE" e "-IEDADE" 125
  1.1.10 Emprego dos sufixos "-ARIA" e "-ERIA" 126
  1.1.11 Sufixo adverbial "-mente" 127
1.2 Processos de formação de palavras 128
  1.2.1 Derivação 129
  1.2.2 Composição 131
  1.2.3 Outros processos de formação de palavras 132
  1.2.4 Neologismos 134
1.3 Classificação e flexão das palavras 135
1.4 Questões de concursos públicos 137
Gabarito 139

Capítulo 2

SUBSTANTIVO 141

2.1 Definição 141
2.2 Caracterização do substantivo 141
2.3 Classificação do substantivo 144
2.4 Flexões dos substantivos 149
  2.4.1 Flexões de gênero 149
    2.4.1.1 Formação do feminino 150
    2.4.1.2 Oposição entre o gênero e o sentido 155
    2.4.1.3 Mudança de gênero por elipse 156
    2.4.1.4 Gênero de alguns substantivos 156

    2.4.2 Flexões de número 158
        2.4.2.1 Regras para a formação do plural dos substantivos 158
        2.4.2.2 Plural dos substantivos compostos 165
    2.4.3 Flexões de grau 168
        2.4.3.1 Plural dos substantivos diminutivos 171
2.5 Questões de concursos públicos 171
Gabarito 173

Capítulo 3
ADJETIVO **175**
3.1 Definição 175
3.2 Considerações gerais sobre os adjetivos 175
3.3 Formação dos adjetivos 178
    3.3.1 Adjetivos pátrios 178
    3.3.2 Adjetivos eruditos 181
3.4 Flexões dos adjetivos 185
    3.4.1 Flexões de gênero 185
        3.4.1.1 Formação do feminino dos adjetivos biformes 185
    3.4.2 Flexões de número 187
    3.4.3 Flexões de grau 189
        3.4.3.1 O grau comparativo 189
        3.4.3.2 O grau superlativo 192
3.5 Questões de concursos públicos 196
Gabarito 198

Capítulo 4
ARTIGO **199**
4.1 Definição 199
4.2 Classificação 199
4.3 Emprego dos artigos definidos 200
    4.3.1 Empregos particulares do artigo definido 200
    4.3.2 Não se emprega o artigo definido 203
4.4 Emprego dos artigos indefinidos 205
    4.4.1 Outras orientações para o uso dos artigos indefinidos 205
4.5 Questões de concursos públicos 207
Gabarito 208

Capítulo 5

NUMERAL **209**
5.1 Definição 209
5.2 Considerações iniciais sobre os numerais 209
5.3 Classificação dos numerais 210
5.4 Regras gerais para o emprego dos numerais 213
5.5 Questões de concursos públicos 216
Gabarito 218

Capítulo 6

PRONOME **219**
6.1 Definição 219
6.2 Pronomes adjetivos e pronomes substantivos 220
6.3 Classificação dos pronomes 220
6.3.1 Pronomes pessoais 221
6.3.1.1 Emprego dos pronomes pessoais do caso reto (principais regras) 221
6.3.1.2 Emprego dos pronomes pessoais do caso oblíquo (principais regras) 224
6.3.2 Pronomes de tratamento 227
6.3.3 Pronomes demonstrativos 229
6.3.3.1 Emprego dos pronomes demonstrativos 229
6.3.4 Pronomes indefinidos 233
6.3.4.1 Considerações gerais sobre os pronomes indefinidos 234
6.3.4.2 Emprego dos pronomes indefinidos 235
6.3.5 Pronomes possessivos 240
6.3.5.1 Emprego dos pronomes possessivos 240
6.3.6 Os pronomes relativos 242
6.3.6.1 Emprego dos pronomes relativos 243
6.3.7 Pronomes interrogativos 246
6.4 Questões de concursos públicos 246
Gabarito 249

Capítulo 7

VERBO **251**
7.1 Considerações iniciais 251
7.2 Definição 251
7.3 Elementos estruturais do verbo 252

- 7.3.1 Radical 253
- 7.3.2 Vogal temática 253
- 7.3.3 Tema 254
- 7.3.4 Desinências 254
- 7.4 Flexões do verbo 255
  - 7.4.1 Flexões de pessoa e de número 255
  - 7.4.2 Flexões de modo 256
    - 7.4.2.1 Modo indicativo 256
    - 7.4.2.2 Modo subjuntivo 256
    - 7.4.2.3 Modo imperativo 258
  - 7.4.3 Flexões de voz 260
    - 7.4.3.1 A voz ativa 261
    - 7.4.3.2 A voz passiva 261
    - 7.4.3.3 A voz reflexiva ou medial 262
    - 7.4.3.4 Possíveis ambiguidades com as vozes passiva e reflexiva 262
  - 7.4.4 Flexões de tempo 264
    - 7.4.4.1 Emprego dos tempos verbais simples 265
    - 7.4.4.2 Emprego dos tempos verbais compostos 275
    - 7.4.4.3 As locuções verbais (construções perifrásticas) – emprego dos verbos auxiliares 277
    - 7.4.4.4 Correlação dos tempos e dos modos verbais – sequencialização dos tempos (*Consecutio temporum*) 280
- 7.5 As formas nominais do verbo – os verboides 286
  - 7.5.1 O infinitivo 286
    - 7.5.1.1 O infinitivo pessoal ou flexionado 287
    - 7.5.1.2 Função substantiva do infinitivo 288
    - 7.5.1.3 Emprego do infinitivo preposicionado 289
  - 7.5.2 O gerúndio 291
    - 7.5.2.1 O gerúndio em função adjetiva 293
    - 7.5.2.2 Emprego inadequado do gerúndio – o gerundismo 294
  - 7.5.3 O particípio 295
    - 7.5.3.1 O particípio circunstancial 295
    - 7.5.3.2 Emprego do particípio 295
    - 7.5.3.3 Verbos com duplo particípio 297
    - 7.5.3.4 Particípio passivo de sentido ativo 299
- 7.6 Classificação morfológica dos verbos 300
  - 7.6.1 Quanto à terminação 300
  - 7.6.2 Quanto à flexão ou à conjugação 300

7.6.3 Quanto à função 302
7.6.4 Quanto à significação ou ao aspecto (sentido expresso) 303
7.6.5 Quanto à formação 304
7.6.6 Quanto à presença ou não de um sujeito 304
7.7 Verbos defectivos 305
7.8 Paradigmas de conjugação verbal – conjugação de diversos verbos 309
7.8.1 Conjugação dos verbos auxiliares "ser, estar, ter e haver" 310
7.8.2 Conjugação de verbos derivados 312
7.8.3 Conjugação dos verbos terminados nos hiatos "-air, -oer, -uir" 313
7.8.4 Conjugação de verbos irregulares 314
7.8.5 Conjugação de verbos pronominais 315
7.8.6 Conjugação dos verbos terminados no hiato "-ear" 316
7.8.7 Conjugação dos verbos terminados no hiato "-iar" 317
7.8.8 Conjugação de verbos terminados nos hiatos "-oar" e "-uar" .. 319
7.8.9 Conjugação dos verbos "ver" e "vir" no futuro do subjuntivo .. 319
7.8.10 Outras particularidades gráficas e fonéticas sobre verbos da 1.ª conjugação 320
7.8.11 Outras particularidades gráficas e fonéticas sobre verbos da 2.ª conjugação 323
7.8.12 Outras particularidades gráficas e fonéticas sobre verbos da 3.ª conjugação 327
7.9 Questões de concursos públicos 328
Gabarito 331

Capítulo 8
ADVÉRBIO **333**
8.1 Conceito 333
8.2 Classificação dos advérbios 334
8.3 Locuções adverbiais 335
8.4 Adjetivos adverbializados 337
8.5 Graus do advérbio 337
8.6 Advérbios latinos 338
8.7 Particularidades sobre os advérbios 339
8.8 Palavras e locuções denotativas 344
8.9 Questões de concursos públicos 345
Gabarito 348

Capítulo 9
CONJUNÇÃO **349**
- 9.1 Definição 349
- 9.2 Classificação 350
  - 9.2.1 Coordenativas 350
  - 9.2.2 Subordinativas 355
- 9.3 Ubiquidade das conjunções 362
- 9.4 Questões de concursos públicos 364
- Gabarito 366

Capítulo 10
PREPOSIÇÃO **367**
- 10.1 Definição 367
- 10.2 Nexos prepositivos não regenciais – valores de algumas preposições 368
- 10.3 Classificação das preposições 369
- 10.4 Locuções prepositivas 369
- 10.5 Combinações e contrações das preposições 370
- 10.6 Repetição das preposições 372
- 10.7 Questões de concursos públicos 375
- Gabarito 378

Capítulo 11
INTERJEIÇÃO **379**
- 11.1 Definição 379
- 11.2 Classificação 379

III – SINTAXE

Capítulo 1
SINTAXE DE ORAÇÃO – TERMOS ESSENCIAIS DA ORAÇÃO **383**
- 1.1 Conceitos essenciais 383
  - 1.1.1 Frase 383
  - 1.1.2 Oração 384
  - 1.1.3 Período 385
- 1.2 Termos essenciais da oração 385
  - 1.2.1 Sujeito 386

1.2.1.1 Núcleo do sujeito 388
1.2.1.2 Classificação do sujeito 391
1.2.1.3 Outras classificações para o sujeito 400
1.2.2 Predicado 404
1.2.2.1 Predicação (transitividade) verbal 404
1.2.2.2 Predicativo 409
1.2.2.3 Classificação do predicado 411
1.3 Questões de concursos públicos 413
Gabarito 416

Capítulo 2

TERMOS INTEGRANTES DA ORAÇÃO 417
2.1 Objeto direto 417
2.1.1 Objeto direto preposicionado 421
2.1.2 Objeto direto pleonástico 425
2.1.3 Objeto direto interno ou cognato 425
2.2 Objeto indireto 426
2.2.1 Objeto indireto pleonástico 428
2.3 Complemento nominal 428
2.4 Agente da passiva 430
2.4.1 Estudo da voz passiva – conversão da voz ativa para a voz passiva 430
2.5 Questões de concursos públicos 435
Gabarito 437

Capítulo 3

TERMOS ACESSÓRIOS DA ORAÇÃO 439
3.1 Adjunto adnominal 439
3.2 Adjunto adverbial 443
3.3 Aposto 445
3.4 Vocativo 448
3.5 Questões de concursos públicos 449
Gabarito 452

Capítulo 4

SINTAXE DO PERÍODO COMPOSTO 453
4.1 Conceitos essenciais 453
4.2 Período composto por coordenação 456

- 4.2.1 Orações coordenadas 456
  - 4.2.1.1 Assindéticas 456
  - 4.2.1.2 Sindéticas 457
- 4.2.2 Questões de concursos públicos 461

4.3 Período composto por subordinação 463

- 4.3.1 Noções introdutórias 463
- 4.3.2 Orações substantivas 464
  - 4.3.2.1 Substantivas subjetivas 466
  - 4.3.2.2 Substantivas objetivas diretas 466
  - 4.3.2.3 Substantivas objetivas indiretas 467
  - 4.3.2.4 Substantivas completivas nominais 468
  - 4.3.2.5 Substantivas predicativas 469
  - 4.3.2.6 Substantivas apositivas 469
  - 4.3.2.7 Substantivas agente da passiva 470
- 4.3.3 Emprego da conjunção integrante na segunda oração substantiva coordenada 471
- 4.3.4 Questões de concursos públicos 472
- 4.3.5 Orações subordinadas adjetivas 476
  - 4.3.5.1 Emprego e funções sintáticas dos pronomes relativos 476
  - 4.3.5.2 Classificação das orações subordinadas adjetivas 480
  - 4.3.5.3 O emprego da vírgula com as orações adjetivas – Distinção entre restrição e explicação 483
  - 4.3.5.4 Omissão do pronome relativo na segunda oração relativa coordenada 486
- 4.3.6 Orações subordinadas adverbiais 486
  - 4.3.6.1 Causais 487
  - 4.3.6.2 Consecutivas 488
  - 4.3.6.3 Concessivas 489
  - 4.3.6.4 Condicionais 491
  - 4.3.6.5 Conformativas 491
  - 4.3.6.6 Comparativas 492
  - 4.3.6.7 Finais 493
  - 4.3.6.8 Temporais 494
  - 4.3.6.9 Proporcionais 494
  - 4.3.6.10 Emprego da conjunção nas orações adverbiais coordenadas 496
- 4.3.7 Orações reduzidas 496
  - 4.3.7.1 Subordinadas substantivas reduzidas 497
  - 4.3.7.2 Subordinadas adjetivas reduzidas 498

        - 4.3.7.3 Subordinadas adverbiais reduzidas ... 498
- 4.4 Processo correlacional ... 500
- 4.5 Contagem de orações em um período misto ... 501
- 4.6 Questões de concursos públicos ... 506
- Gabaritos ... 510

Capítulo 5

SINTAXE DE CONCORDÂNCIA ... 513

- 5.1 Concordância verbal ... 514
    - 5.1.1 Regra geral ... 514
    - 5.1.2 Sujeito formado por pessoas gramaticais diferentes ... 515
    - 5.1.3 Regras especiais de concordância verbal com o sujeito simples ... 516
    - 5.1.4 Regras especiais de concordância verbal com o sujeito composto ... 526
    - 5.1.5 Concordância do verbo "ser" ... 533
    - 5.1.6 A Concordância com o sujeito oracional ... 535
    - 5.1.7 Concordância do verbo "parecer" ... 541
    - 5.1.8 Concordância dos verbos "costumar, poder, dever, precisar" .. 542
    - 5.1.9 Questões de concursos públicos ... 543
- 5.2 Concordância nominal ... 548
    - 5.2.1 Regra geral ... 548
    - 5.2.2 Principais casos de concordância nominal ... 550
    - 5.2.3 Casos especiais de concordância nominal ... 555
- 5.3 Questões de concursos públicos ... 560
- Gabaritos ... 564

Capítulo 6

SINTAXE DE REGÊNCIA ... 565

- 6.1 Considerações iniciais ... 565
- 6.2 Regência verbal ... 566
    - 6.2.1 Regência de alguns verbos – Casos especiais ... 571
- 6.3 Regência nominal ... 596
- 6.4 O Emprego dos pronomes relativos e as regências verbal e nominal ... 598
- 6.5 Questões de concursos públicos ... 603
- Gabarito ... 607

Capítulo 7

EMPREGO DO ACENTO GRAVE – CRASE **609**

- 7.1 A ocorrência da crase e a semântica 612
- 7.2 Mecanismos práticos para verificação da crase 613
- 7.3 Ocorrência da crase 614
  - 7.3.1 Casos obrigatórios 614
  - 7.3.2 Crase facultativa 619
  - 7.3.3 Casos em que nunca ocorre a crase 621
  - 7.3.4 Casos especiais 625
- 7.4 Questões de concursos públicos 628
- Gabarito 633

Capítulo 8

SINTAXE DE COLOCAÇÃO PRONOMINAL **635**

- 8.1 Máximas da colocação pronominal 636
- 8.2 Regras gerais 638
  - 8.2.1 Próclise 638
    - 8.2.1.1 Outros fatores de próclise 640
  - 8.2.2 Mesóclise 641
  - 8.2.3 Ênclise 642
- 8.3 Colocação dos pronomes oblíquos nas locuções verbais 644
- 8.4 Questões de concursos públicos 647
- Gabarito 649

Capítulo 9

EMPREGO DOS SINAIS DE PONTUAÇÃO **651**

- 9.1 Considerações iniciais 651
- 9.2 Principais sinais de pontuação 654
  - 9.2.1 Emprego da vírgula (,) 655
    - 9.2.1.1 A vírgula entre os termos de uma oração 655
    - 9.2.1.2 A vírgula entre as orações 659
    - 9.2.1.3 Não se emprega a vírgula 662
  - 9.2.2 Emprego do ponto (.) 664
  - 9.2.3 Emprego do ponto-e-vírgula (;) 665
  - 9.2.4 Emprego dos dois-pontos (:) 666
  - 9.2.5 Ponto de exclamação (!) 668

- 9.2.6 Ponto de interrogação (?) 668
- 9.2.7 Reticências (...) 669
- 9.2.8 Aspas (" ") 670
- 9.2.9 Parênteses (( )) 672
- 9.2.10 Colchetes ([ ]) 674
- 9.2.11 Travessão (–) 674
- 9.3 Questões de concursos públicos 676
- Gabarito 678

IV – PARTE ESPECIAL

Capítulo 1

EMPREGO DO INFINITIVO 681
- 1.1 Considerações iniciais 681
- 1.2 As duas máximas para o emprego do infinitivo 683
- 1.3 Infinitivo impessoal 685
- 1.4 Infinitivo pessoal 688
- 1.5 Emprego do infinitivo em locuções passivas com o verbo "ser" 689

Capítulo 2

FUNÇÕES MORFOLÓGICAS DAS PALAVRAS "QUE", "SE" E "COMO" 691
- 2.1 Funções morfológicas para palavra "QUE" 691
- 2.2 Funções morfossintáticas da palavra "SE" 696
- 2.3 Funções morfológicas da palavra "COMO" 699
- 2.4 Questões de concursos públicos 702
- Gabarito 705

Capítulo 3

PARTICULARIDADES LÉXICAS E GRAMATICAIS 707
- 3.1 Lição 1 708
  - 3.1.1 Emprego dos porquês 708
- 3.2 Lição 2 711
  - 3.2.1 Emprego de "onde" e "aonde" 711
- 3.3 Lição 3 715
  - 3.3.1 Emprego de "se não" e "senão" 715
- 3.4 Lição 4 717

3.4.1 Emprego de "tão pouco" e "tampouco" 718
3.4.2 Emprego de "de encontro a" e "ao encontro de" 718
3.5 Lição 5 719
3.5.1 Emprego de "em vez de" e "ao invés de" 719
3.5.2 Emprego de "acerca de", "a cerca de" e "há cerca de" 720
3.6 Lição 6 721
3.6.1 Emprego de "mau" e "mal" 721
3.6.2 Emprego de "mas" e "mais" 723
3.7 Lição 7 724
3.7.1 Emprego de "a fim" e "afim" 724
3.7.2 Emprego de "se quer" e "sequer" 725
3.8 Lição 8 726
3.8.1 Emprego de "sessão", "seção" e "cessão" 726
3.9 Lição 9 – Emprego de várias expressões e conexões 727
3.9.1 Distinção entre "a princípio" e "em princípio" 727
3.9.2 Distinção entre os conectivos "porquanto" e "conquanto" 727
3.9.3 Distinção entre os conectivos "já que" e "posto que" 728
3.9.4 Distinção entre os conectivos "à medida que" e "na medida em que" 729
3.10 Lição 10 – Emprego de outras expressões que provocam dúvidas 729
3.10.1 Distinção entre "por ora" e "por hora" 729
3.10.2 Emprego de "o mais das vezes" e "as mais das vezes" 730
3.10.3 Distinção entre "abaixo" e "a baixo" 730
3.10.4 Distinção entre "a par" e "ao par" 731
3.10.5 Distinção entre "nenhum" e "nem um" 731
3.11 Lição 11 – Emprego de "está" e "estar" 732
3.12 Lição 12 – Emprego de "ter de" e "ter que" 734
3.13 Questões de concursos públicos 736
Gabarito 738

Capítulo 4
A LINGUAGEM FIGURADA – AS FIGURAS DE LINGUAGEM 739
4.1 Classificação das figuras de linguagem 739
4.1.1 Figuras de palavras ou tropos 740
4.1.1.1 Metáfora 740
4.1.1.2 Metonímia 741
4.1.1.3 Catacrese 743
4.1.1.4 Perífrase ou antonomásia 744
4.1.1.5 Sinestesia 744

4.1.1.6 Comparação 745
4.1.2 Figuras de pensamento 745
4.1.2.1 Antítese 745
4.1.2.2 Paradoxo ou oximoro 746
4.1.2.3 Ironia 746
4.1.2.4 Eufemismo 747
4.1.2.5 Hipérbole 747
4.1.2.6 Gradação 748
4.1.2.7 Prosopopeia, personificação ou animismo 748
4.1.2.8 Apóstrofe ou invocação 749
4.1.2.9 Reticência 749
4.1.3 Figuras de construção ou de sintaxe 750
4.1.3.1 Elipse 750
4.1.3.2 Zeugma 751
4.1.3.3 Polissíndeto 751
4.1.3.4 Assíndeto 752
4.1.3.5 Hipérbato 752
4.1.3.6 Pleonasmo enfático ou estilístico 753
4.1.3.7 Anástrofe 754
4.1.3.8 Silepse ou concordância ideológica 754
4.1.3.9 Anáfora 755
4.1.3.10 Anacoluto 756
4.1.3.11 Aliteração 757
4.1.3.12 Repetição 757
4.2 Vícios de linguagem 757
4.2.1 Barbarismo 758
4.2.2 Solecismo 758
4.2.3 Ambiguidade (anfibologia ou pleonasmo vicioso) 759
4.2.4 Cacofonia ou cacófato 759
4.2.5 Estrangeirismo 760
4.2.6 Colisão 760
4.2.7 Eco 760
4.2.8 Arcaísmo 761
4.2.9 Hiato 761
4.3 Questões de concursos públicos 761
Gabarito 764

BIBLIOGRAFIA – CONTEÚDO GRAMATICAL **765**

I

FONÉTICA

CAPÍTULO 1

FONÉTICA E FONOLOGIA

A NOSSA LÍNGUA

E verdadeiramente que não tenho a nossa língua por grosseira, nem por bons os argumentos com que alguns querem provar que é essa; antes é branda para deleitar, grave para engrandecer, eficaz para mover, doce para pronunciar, breve para resolver, acomodada às matérias mais importantes da prática e escritura. Para falar é engraçada, com modo senhoril; para cantar é suave, com um certo sentimento que favorece a música; para pregar é substanciosa com uma gravidade que autoriza as razões e as sentenças; para escrever cartas nem tem infinita cópia que dane, nem brevidade estéril que a limite; para histórias nem é tão florida que se derrame, nem tão seca que busque o favor das alheias. A pronunciação não obriga a ferir o céu da boca com aspereza, nem arrancar as palavras com veemência do gargalo.

Escreve-se da maneira que se lê, e assim se fala. Tem de todas as línguas o melhor: a pronunciação da latina, a origem da grega, a familiaridade da castelhana, a brandura da francesa e a elegância da italiana.

Rodrigues Lobo

1.1 INTRODUÇÃO

A gramática normativa ou **expositiva** é o conjunto de normas e regras que nos ensinam a falar e escrever corretamente a nossa língua, ou, por outras palavras, é a sistematização dos fatos contemporâneos de uma língua. Por

isso, a gramática normativa é a ciência da linguagem, a qual **linguagem** se entende como sendo o conjunto de sinais pelos quais o homem expressa os seus pensamentos, ou seja, comunica-se.

A comunicação, indispensável a todo homem social, manifesta-se por meio de uma mensagem, para a qual concorrem seis elementos, segundo o linguista Roman Jakobson:

Fig.1 – Processo de comunicação

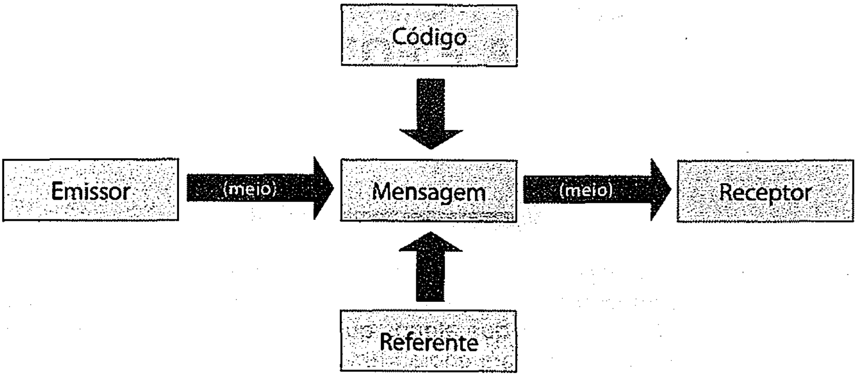

Essa capacidade comunicativa dá-se por meio de um sistema natural de palavras de que se servem os grupamentos humanos para comunicarem seus pensamentos entre si. Esse sistema de signos vocais distintos e significativos é denominado de **língua**. A utilização da língua pelo indivíduo denomina-se **fala**. Por **fala** entende-se a faculdade que tem o homem de se expressar, de se comunicar por meio de palavras. Já a **palavra** é um som oral ou uma combinação de sons orais, que exprime a ideia de alguma coisa. O conjunto de todas as palavras de uma língua forma o seu **vocabulário** ou **léxico**. As palavras, expressão das ideias, combinam-se para formar a **frase**, expressão do pensamento. Quando a frase expressa um sentido completo, forma-se, então, uma **proposição**. É justamente essa sistematização dos fatos da linguagem o objeto de estudo da gramática.

1.2 GRAMÁTICA

Na valorosa definição do mestre Eduardo Carlos Pereira, a Gramática "é a ciência das palavras e suas relações, ou a arte de usar as palavras com acerto na expressão do pensamento".

Em sua divisão mais tradicional, temos:

a) **fonética** – estudo dos fonemas em geral;
b) **morfologia** – estudo das palavras quanto à estrutura e à formação, à classificação e à flexão – é o estudo das palavras tomadas isoladamente; e
c) **sintaxe** – estudo das palavras relacionadas umas com as outras em uma oração – é a teoria da frase.

Estudaremos a partir de agora a primeira grande divisão da gramática normativa: fonética. A NGB – Nomenclatura Gramatical Brasileira – preferiu a denominação de "fonética" à de "fonologia". Embora alguns autores, como o mestre M. Said Ali, coloquem esses dois vocábulos praticamente como sinônimos, preferimos – na mesma esteira da NGB –, denominar de "fonética" a parte da gramática normativa que examina os sons e suas mudanças, atendendo à maneira de os pronunciar.

1.3 FONÉTICA

Como já vimos, a fonética é a parte da gramática que estuda a formação, a evolução e a classificação dos sons da língua, sons que tomam o nome especial de ***fonemas***. Aos sentidos de quem fala, apresenta-se a palavra como um todo sonoro e significante. Por isso, os sons, produzidos por quem fala e recebidos por quem ouve, despertam as imagens por meio das quais se dá o entendimento.

A fonética pode ser: descritiva, histórica e sintática. A primeira trata da formação e descrição dos fonemas. A segunda estuda as modificações que sofreram e sofrem os fonemas em suas fases sucessivas, enquanto a terceira estuda as modificações que sofrem os fonemas de certas palavras quando, por influência de outras que a elas se associam, formam um só todo fonético.

Por seu turno, a **fonologia** é o estudo dos fonemas em suas variantes posicionais, combinações e condições prosódicas.

1.3.1 APARELHO FONADOR

Os seres humanos não dispõem de aparelho especial para falar. Utilizam-se, para tanto, do aparelho respiratório e da parte superior do aparelho digestivo. A este conjunto especial de órgãos que contribuem para a produção da fala

denomina-se "aparelho fonador" ou simplesmente, como preferem alguns, "órgãos da fala".

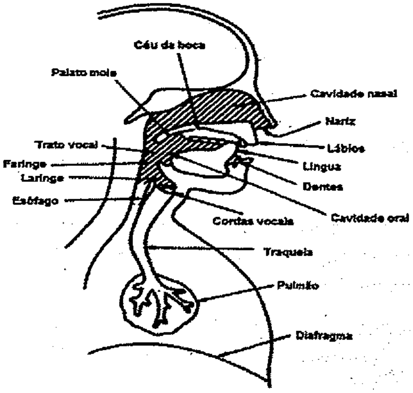
Céu da boca
Palato mole
Cavidade nasal
Nariz
Trato vocal
Lábios
Faringe
Língua
Laringe
Dentes
Esôfago
Cordas vocais
Cavidade oral
Traqueia
Pulmão
Diafragma

A fala é produzida pela corrente de ar expiratória. Desde o momento em que o indivíduo se dispõe a falar, opera-se em todo o aparelho uma tensão geral: o sopro é emitido com mais vigor do que o sopro da respiração simples; a traqueia toma posições, estreitando e alargando os seus anéis; na laringe, as cordas vocais se preparam e o sopro as faz vibrar; da faringe, a vibração é dirigida, por meio da úvula, ou para a boca, se deve ser oral, ou para as fossas nasais, se deve ser nasalada. Nesta caixa de ressonância, que é a boca e seus pertences (língua, dentes, bochechas e lábios), a vibração se completa, transformando-se em som.

Os sons fundamentais da voz humana denominam-se de "fonemas". Os fonemas, portanto, são as menores unidades sonoras da nossa fala e se classificam em: **vogais**, **semivogais** e **consoantes**.

1.4 ESTUDO DAS VOGAIS E DOS ENCONTROS VOCÁLICOS

São cinco as vogais na nossa língua: a, e, i, o, u. São sons musicais que saem livremente pelo tubo vocal. Constituem, em português, a base das sílabas.

Em certos casos, os fonemas "i, u", representando os fonemas /y/ e /w/ respectivamente, são considerados semivogais sempre que soam juntamente com a vogal de uma sílaba.

1.5 CLASSIFICAÇÃO DAS VOGAIS

a) Quanto à zona de articulação: anteriores, médias e posteriores.
b) Quanto ao timbre: abertas, fechadas e reduzidas.
c) Quanto ao papel das cavidades bucal e nasal: orais e nasais.
d) Quanto à intensidade: átonas e tônicas.

1.5.1 QUANTO À ZONA DE ARTICULAÇÃO

A vogal "a" forma-se com a maior abertura da boca, ficando a língua em posição de quem respira em silêncio (posição média ou neutra). Por isso, a vogal "a" é chamada de "***média***, ***medial*** ou ***central***".

Se a língua se eleva gradualmente para a frente, formam-se as ***vogais anteriores*** ou ***palatais*** (é, ê, e, i); se se eleva para trás, formam-se as ***vogais posteriores*** ou ***velares*** (ó, ô, o, u). Observe figura abaixo.

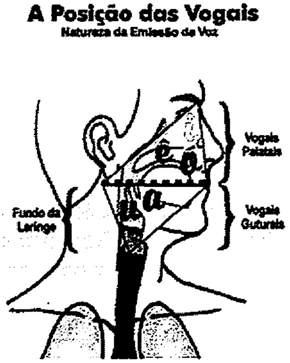

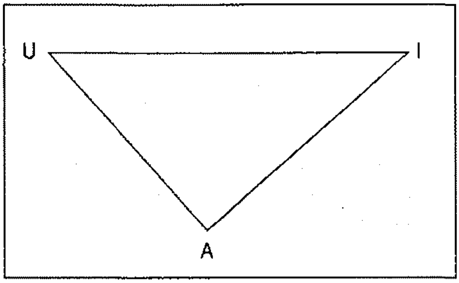

Observe nas figuras acima a distribuição triangular das vogais quanto à zona de articulação.

1.5.2 QUANTO AO TIMBRE

O timbre de uma vogal é dado pela maior ou menor proximidade da língua com o palato. Na vogal aberta, a língua se abaixa: é, ó. Na vogal fechada, a língua se eleva: ê, ô, i, u. Por isso, as vogais são classificadas quanto ao timbre em:

a) **Abertas** → á, é, ó = pá, pé, pó.
b) **Fechadas** → ê, ô: vê, avô.
c) **Reduzidas** → a (bela), e (vale), o (pelo)

➧ **Observação:**

As vogais reduzidas tomam esse nome por pertencerem a sílabas átonas, sendo, pois, pronunciadas fracamente.

1.5.3 QUANTO AO PAPEL DAS CAVIDADES BUCAL E NASAL

Quanto ao papel das cavidades bucal e nasal, as vogais classificam-se em:

a) Orais → que se formam com o véu palatino levantado, saindo a coluna de ar somente pela boca: a, e, i, o, u.
b) Nasais → que se formam com o abaixamento do véu palatino, distribuindo-se a coluna de ar pela boca e nariz: ã, ẽ, ĩ, õ, ũ.

1.5.4 QUANTO À INTENSIDADE

Quanto à intensidade, as vogais podem ser átonas ou tônicas. A vogal tônica é pronunciada com mais intensidade que as outras. Encontra-se na sílaba tônica da palavra. Excetuando-se as sílabas tônica e subtônica de uma palavra, as demais são chamadas de átonas. As vogais dessas sílabas átonas são também átonas. Observe:

acarajé

a – átona
c
a – átona
r
a – átona
j
é – tônica

lâmpada

l
â – tônica
m
p
a – átona
d
a – átona

1.6 ENCONTROS VOCÁLICOS

Encontro vocálico é a sucessão de vogais em um vocábulo – gaiola, Bahia, caule, Uruguai, averiguei. Classificam-se em: *ditongo, hiato* e *tritongo*.

1.6.1 DITONGOS

Ditongo (gr. di = duplo, phthonggos = som) é a sucessão de vogal e semivogal, ou vice-versa, na mesma sílaba. Dividem-se em: orais e nasais, crescentes e decrescentes.

São denominados de **crescentes** os ditongos em que a semivogal vem em primeiro lugar. Teremos, portanto, "**semivogal** + **vogal**". Exemplos: glória, vácuo, espécie, oblíqua etc.

São denominados de **decrescentes** os ditongos em que a vogal vem em primeiro lugar. Teremos, portanto, "**vogal** + **semivogal**". Exemplos: vai, lauda, rei, meu, boi etc.

a) São **orais** aqueles em que o ar sai tão somente pela cavidade bucal. Exemplos: meu, teu, pai, ouro, série.

b) São **nasais** aqueles em que o ar sai tanto pela cavidade bucal quanto pelas fossas nasais. Exemplos: pão, capitães, cantam, tem.

➭ **Observação:**

É importante, neste momento, relembrar uma importante lição: não se deve confundir fonema (= som) com letra. Isto porque há vários ditongos que aparentemente não são ditongos, mas a pronúncia os denuncia – notadamente os ditongos nasais formados por uma vogal seguida da consoante nasal "m". Observe por exemplo o vocábulo "bem": aparentemente não temos ditongo, mas, quando o pronunciamos "beĩ", percebemos que se trata do encontro da vogal "e" com a semivogal "ĩ". Vejamos outros exemplos:

> sem, amam, andam, escrevem, puseram, deviam, porém, nem.

Vejamos abaixo uma pequena lista dos principais ditongos em nossa língua:

ORAIS

- **ai** → mais, paiol, vaidade, cai, vai, jamais.
- **au** → mau, pau, causa, pauta, mingau, nau.
- **ei** → papéis, réis, rei, móveis, plateia, grei.
- **eu** → céu, rêu, chapéu, teu, judeu, perdeu.
- **iu** → viu, partiu, riu, psiu, sorriu.
- **oi** → dói, herói, foi, boi, joio.
- **ou** → dou, sou, ouço, pousar.
- **ui** → fui, gratuito, sanguíneo.

NASAIS

- **ãe** → mãe, pães, alemães, cães.
- **ão** → pão, amarão, balão, mão.
- **am** → amaram, deviam, puseram, escreveram.
- **em** (=ei) → bem, tem, põem, saem, doem, cem.
- **õe** → põe, propões, cordões, corações.
- **ui** → muito, mui.

> **Nota:** Quando a semivogal (também chamada de vogal assilábica) vem depois da vogal, é chamada de *"subjuntiva"*; quando vem antes, é chamada de *"prepositiva"*.

➧ **Observação:**

Os encontros "IA, IE, IO, UA, UE, UO" em finais átonos, seguidos ou não de "S", classificam-se quer como ditongos, quer como hiatos, uma vez que ambas as emissões existem na língua portuguesa. Entretanto, hoje a preferência é tratá-los como ditongos, por ser a pronúncia ditongal mais eufônica. Observe:

- história → his – tó – ria /ou/ his – tó – ri – a
- série → sé – rie /ou/ sé – ri – e
- hóstia → hós – tia /ou/ hós – ti – a
- tênue → tê – nue /ou/ tê – nu – e
- vácuo → vá – cuo /ou/ vá – cu – o
- pátio → pá – tio /ou/ pá – ti – o

1.6.2 HIATOS

Hiato (do latim, "hiatus" = abertura) é o encontro de duas vogais pronunciadas em duas emissões sonoras distintas, ou seja, é o encontro de duas vogais que se situam em sílabas distintas, por isso são pronunciadas separadamente. Vejamos alguns exemplos:

Isr**ae**l, Mis**ae**l, **ao**rta, s**aú**de, id**ea**l, r**ee**leger, at**eí**sta, d**eí**smo, t**eo**logia, sab**iá**, h**ia**to, ar**ia**no, p**ie**dade, c**ie**nte, m**io**lo, v**io**la, esp**io**nar, c**iú**me, v**iú**va, lag**oa**, p**oe**ta, c**oe**ntro, c**oo**perar, álc**oo**l, t**ua**, s**ua**, pir**ue**ta, jes**uí**ta, r**uí**na, cas**uí**stica, r**ui**m, constit**ui**nte.

1.6.3 TRITONGOS

Tritongo (gr. tri = três, phthonggos = som) é a combinação silábica em que, soando em conjunto com a vogal, existem duas semivogais. Teremos, então, "semivogal + vogal + semivogal" numa mesma sílaba. Vejamos alguns exemplos:

▹ ORAIS → iguais, Paraguai, Uruguai, minguou, apaziguou, quão

▹ NASAIS → saguões, enxáguem, dilinquem, mínguam

1.7 ESTUDO DAS CONSOANTES, DOS ENCONTROS CONSONANTAIS E DOS DÍGRAFOS

Buscando esteio nas preciosas palavras do ilustre gramático Gladstone Chaves de Melo, consoante "é um fonema em que predomina a articulação sobre a fonação, o fechamento sobre a abertura, o ruído sobre a musicalidade; fonema que, na língua portuguesa, não pode constituir sozinho uma sílaba, mas, pelo contrário, se agrega necessariamente a uma vogal; fonema, portanto, assilábico".

Logo, as consoantes são os fonemas produzidos pela corrente expiratória que, ao atravessar a boca, é interceptada no todo ou em parte, isto é, fonemas formados pela corrente expiratória, que encontra obstáculo na aproximação ou contato dos órgãos bucais. São, portanto, sons laríngeos, ou seja, formados na laringe e caracterizados por maior aproximação das partes móveis da boca.

1.7.1 CLASSIFICAÇÃO DAS CONSOANTES

Classificam-se as consoantes:

1) Quanto ao modo de articulação;

2) Quanto ao ponto de articulação;
3) Quanto ao papel das cordas vocais.

1.7.1.1 Quanto ao modo de articulação

De duas maneiras se pode produzir uma consoante: ou fechando-se o canal bucal, ou estreitando-se o canal bucal. Por isso, quanto ao modo de articulação as consoantes podem ser:

1) **oclusivas** → que se formam quando o canal da boca se fecha (oclusão) para em seguida se abrir subitamente, numa verdadeira explosão. Por causa disso, são também chamadas de "explosivas" ou "instantâneas". Como exemplos, temos os fonemas surdos "pê, tê, quê" e os fonemas sonoros "bê, dê, guê".
2) **constritivas** → que se formam pelo estreitamento do canal bucal, saindo a corrente de ar apertada ou constrita. De acordo com a maneira de escoamento do ar, dividem-se em:
    a) Fricativas ou sibilantes → quando há um ruído na fricção: f, s, x [chê], v, z, g [jê].
    b) Laterais → quando a corrente de ar escapa pelas laterais da cavidade bucal: l, lh.
    c) Vibrantes → quando o ápice da língua provoca uma tremulação contra os alvéolos: r, rr.

1.7.1.2 Quanto ao ponto de articulação

Quanto ao ponto de articulação, isto é, o lugar onde se produz o fonema, classificam-se as consoantes em:

1. **Bilabiais** → os lábios se tocam e se apertam levemente: p, b, m.
2. **Labiodentais** → contato do lábio inferior com o bordo dos incisivos superiores: f, v.
3. **Linguodentais** → contato da ponta da língua com a parte interna dos incisivos superiores: t, d.
4. **Alveolares** → a língua toca no alvéolo dos dentes, isto é, na altura da raiz dos dentes superiores: s, z, r, rr, l, n.

5. **Palatais** → contato da parte anterior da língua com o palato duro: x, g [chiante], lh, nh.
6. **Velares** → contato da parte posterior da língua com o véu palatino: c [k], g [guê], q.

1.7.1.3 Quanto ao papel das cordas vocais

Quanto ao papel das cordas vocais, as consoantes se classificam em surdas e sonoras.

1. **Surdas** → quando não há vibração das cordas vocais: p, t, q, f, s, x.
2. **Sonoras** → quando há vibração das cordas vocais: b, d, g [jê], m, n, nh, l, lh, r, rr.

➡ **Observação:**

Para verificarmos, na prática, se há vibração das cordas vocais, devemos tapar os ouvidos durante a articulação do fonema. Se percebermos um zumbido, é sinal de que as cordas vocais vibraram, e os fonemas assim produzidos são sonoros. Caso contrário, os fonemas são surdos, por ausência de vibração.

1.7.2 ENCONTROS CONSONANTAIS

Dá-se o nome de encontro consonantal à sequência de consoantes num vocábulo, ou seja, a contiguidade de duas ou três consoantes efetivamente pronunciadas. Observe:

- blusa
- fluvial
- gnóstico
- rítmico
- pneu
- regra
- prato
- glândula
- bronco
- planta
- branco
- psicanálise
- vidro
- francês
- claro
- mnemônico
- atlântico
- palavra
- digno
- ptialina

➡ **Observações:**

a) Quando as duas consoantes se encontram em uma mesma sílaba, diz-se que o *encontro consonantal é próprio ou perfeito*. Quando as consoantes ficam em sílabas diferentes, diz-se que o é um *encontro consonantal impróprio ou imperfeito*. Observe os exemplos:

- **Encontros consonantais próprios ou perfeitos:** blu-sa, bru-to, cri-vo, fla-ma, gló-ria, pra-to, tra-to, li-vre.
- **Encontros consonantais impróprios ou imperfeitos:** af-tà, ic-tiólogo, rit-mo, ad-jetivo, ab-soluto.

b) Frise-se que o encontro consonantal é avaliado sempre como fonema. Por isso, é importante, mais uma vez, não confundir "fonema" com "letra". Na palavra, "FIXO", por exemplo, temos um encontro consonantal representado pela letra "x", já que ela representa o fonema /cs/. É o que também ocorre nos vocábulos "táxi, reflexo, asfixia" entre outros, nos quais a letra "x" representa dois fonemas.

1.7.3 DÍGRAFOS

Chama-se dígrafo (ou digrama) o agrupamento de consoantes o qual representa apenas um som. Mais uma vez, é fundamental não confundir com encontro consonantal. Neste, temos consoantes que representam mais de um fonema; naquele, temos consoantes que representam um único fonema.

São dígrafos:

1. ch, lh, nh = chapéu, malha, palha, ninho, rainha, pilha, alho, trabalho, lhama, sonho, lenha.
2. rr, ss = carro, interromper, terremoto, cassado, massa, passado, ressurgir, prorrogar.
3. gu, qu (antes de "e" e "i") = guerra, que, quatorze, equipagem, distinguir.
4. sc, sç, xc = fascinar, desça, piscina, excelência, excêntrico.

➧ **Observação:**

Há também em nossa língua os chamados dígrafos vocálicos, isto é, os que são formados por *"am, an, em, en, im, in, om, on, um, un* (que representam vogais nasais)". Na realidade, temos a formação de uma sílaba nasal pela junção de uma vogal inicial ou medial, seguida de "m" antes de "p" e "b", e "n" antes de qualquer outra consoante. Portanto, as sílabas abaixo sublinhadas representam dígrafos vocálicos:

- limpo
- campo
- também
- santo
- mentira
- tumba
- longe

1.7.4 CONTAGEM DE LETRAS E FONEMAS EM UM VOCÁBULO

Eis um dos pontos bastante cobrados nos concursos em geral. Por isso, fique atento!

Como já mencionamos, é importantíssimo não confundir letra com fonema (som) – são coisas bem diversas. Em princípio, as letras existem para exprimir os sons. É, como já dissemos, uma representação gráfica do som. Logo, é preciso ter cuidado ao se contar as letras e os fonemas (sons) de um vocábulo, pois é preciso ficar muito atento, notadamente com os dígrafos e com os encontros consonantais, para se evitarem erros.

➧ **Observe:**

- **camisas**
  - 7 letras
  - 7 fonemas
- **criança**
  - 7 letras
  - 6 fonemas (em "an" temos um dígrafo)
- **tampinha**
  - 8 letras
  - 6 fonemas (temos dois dígrafos)
- **tóxico**
  - 6 letras
  - 7 fonemas (a letra "x" representa o fonema /cs/)
- **constituinte**
  - 12 letras
  - 10 fonemas (existem dois dígrafos vocálicos "on" e "in")
- **menino**
  - 6 letras
  - 6 fonemas

1.7.5 SÍLABA

Recebe o nome de sílaba o fonema ou o conjunto de fonemas produzidos numa só emissão de voz na enunciação de um vocábulo. Veja: **ca-dei-ra; a-ba-ca-xi; co-or-de-na-ção.**

Toda sílaba possui um núcleo ou ápice de sonoridade, que, em português, é necessariamente uma vogal. Daí as sílabas serem classificadas em:

a) **Simples** → quando apresentam uma só vogal. Ex.: dor, sol.

b) **Compostas** → quando apresentam mais de uma vogal.
Ex.: caule, pau.

c) **Complexas** → quando apresentam mais de uma consoante.
Ex.: triste, flor.

d) **Incomplexas** → quando apresentam apenas uma consoante.
Ex.: vá, cá.

e) **Abertas** → quando terminam por vogal. Ex.: ca-na-pé, me-ni-na.

f) **Fechadas ou travadas** → quando terminam por consoante.
Ex.: tu-tor, al-mas.

1.7.5.1 Classificação dos vocábulos quanto ao número de sílabas

Em nossa língua, os vocábulos podem também ser classificados em relação à quantidade de sílabas que apresentam. Saliente-se que a quantidade de sílabas é o tempo da prolação de sua vogal.

Quanto ao número de sílabas que possuem, os vocábulos podem ser classificados em: *monossílabos, dissílabos, trissílabos* e *polissílabos.*

a) **Monossílabos** → possuem uma só sílaba.
Ex.: nó, dó, só, lá, vem, não, sol.

b) **Dissílabos** → possuem duas sílabas.
Ex.: vovó, café, chulé, amém, meio, aí.

c) **Trissílabos** → possuem três sílabas.
Ex.: caneca, menina, moinho, cortejo, lâmpada.

d) **Polissílabas** → possuem quatro ou mais sílabas.
Ex.: macaxeira, brotoeja, Itamaracá, Guaratinguetá.

➾ **Observação:**

Alguns gramáticos de renome preferem a denominação *"tetrassílabo"*, para os vocábulos com quatro sílabas, e *"polissílabo"* para os vocábulos com mais de quatro sílabas.

1.7.5.2 Tonicidade

Em geral, uma das sílabas do vocábulo se pronuncia com mais força do que as outras – é a denominada sílaba tônica. Tonicidade ou acentuação tônica, portanto, é a pronunciação forte ou intensa de uma sílaba. As demais sílabas que não apresentam a força tônica são chamadas de "atônicas" ou "átonas". Veja alguns exemplos:

▹ jus – **ti** – ça ▹ **nú** – me – ro ▹ me – **ni** – na

sílaba tônica sílaba tônica sílaba tônica

Por ser pronunciada mais fortemente do que as outras, diz-se que a sílaba tônica recebe o chamado "acento tônico", denominado também de "acento prosódico". Saliente-se, entretanto, que o acento tônico não consiste na altura ou duração da voz, mas na voz forte ou intensa, a qual salienta a sílaba sobre a qual ele recai.

Cuidado! Não confunda o acento tônico com os acentos gráficos ou sinais diacríticos, pois em várias situações a língua se vale de acentos gráficos para marcar a sílaba tônica a fim de se evitarem problemas de prosódia. Para aprofundar tal conhecimento, sugerimos consultar (e estudar) o assunto "acentuação gráfica".

1.7.6 DIVISÃO SILÁBICA

A divisão de qualquer vocábulo, assinalada pelo hífen, em regra se faz pela soletração, isto é, a divisão leva em conta critérios fonéticos, e não etimológicos. Traduzindo: basta soletrar a palavra e dividi-la como se lê, independente de seus elementos constitutivos etimológicos.

Para que se faça uma correta divisão silábica, é essencial respeitar as seguintes regras:

1. Não se separam as vogais dos ditongos – crescentes e decrescentes – nem as dos tritongos. Observe:

▹ aurora → au – ro – ra ▹ animais → a – ni – mais

- Paraguai → Pa – ra – guai
- cruéis → cru – éis
- meio → mei – o
- ódio → ó – dio
- guaiar → guai – ar
- Uruguai → U – ru – guai
- iguais → i – guais
- coisa → coi – sa
- enjeitar → en – jei – tar
- joias → joi – as

➯ **Observação:**

Embora os encontros "IA, IE, IO, UA, UE, UO" de finais átonos, seguidos ou não de "S", possam ser analisados tanto como ditongos quanto como hiatos, a tendência hoje é considerá-los apenas como ditongos. Por isso, tais grupos vocálicos devem – preferencialmente – permanecer numa mesma sílaba.

- enciclopédia → en – ci – clo – pé – dia
- barbárie → bar – bá – rie
- lírio → lí – rio

2. No interior do vocábulo, sempre se conserva na sílaba anterior a consoante não seguida de vogal. Veja:

- abdicar → ab – di – car
- étnico → ét – ni – co
- subjugar → sub – ju – gar
- occipital → oc – ci – pi – tal
- dracma → drac – ma
- subpor → sub – por
- opção → op – ção
- segmento → seg – men – to

3. Não se separam os encontros consonantais iniciais de sílabas nem os dígrafos "ch, lh, nh". Observe:

- pechinchar → pe – chin – char
- manhã → ma – nhã
- apetrecho → a – pe – tre – cho
- folha → fo – lha
- blusão → blu – são
- brotoeja → bro – to – e – ja

➯ **Observação:**

Os encontros "bl" e "br" nem sempre formam grupos articulados perfeitos, isto é, nem sempre permanecem na mesma sílaba. Isto se dá porque em alguns casos o "l" e o "r" são pronunciados separadamente. Veja alguns exemplos:

- sublingual → sub – lin – gual
- sub-rogar → sub – ro – gar
- sublocar → sub – lo – car
- sublinhar → sub – li – nhar
- sub-reptício → sub – rep – tí – cio
- sub-reitor → sub – rei – tor

4. Não se separam os grupos "GU" e "QU" da vogal que os segue, quer esta esteja ou não acompanhada de consoante. Observe:

- ambíguo → am – bí – guo
- quota → quo – ta
- ubíquo → u – bí – quo
- légua → lé – gua
- quebradeira → que – bra – dei – ra
- guerra → guer – ra
- queijo → quei – jo
- delinquente → de – lin – quen – te

5. Não se separa a consoante inicial não seguida de vogal, ou seja, a consoante inicial não seguida de vogal permanece na sílaba em que se encontra. Observe:

- pseudônimo → pseu – dô – ni – mo
- gnomo → gno – mo
- pterossauro → pte – ros – sau – ro
- cnêmide → cnê – mi – de
- gnosiologia → gno – sio – lo – gi – a
- pneumático → pneu – má – ti – co

6. Separam-se os dígrafos "RR, SS, SC, SÇ, XS" no interior dos vocábulos, ficando uma consoante numa sílaba e a outra na sílaba imediata. Observe:

- piscina → pis – ci – na
- cônscio → côns – cio
- prescindir → pres – cin – dir
- exceção → ex – ce – ção
- correição → cor – rei – ção
- excelente → ex – ce – len – te
- adolescente → a – do – les – cen – te
- convalescer → con – va – les – cer
- rescindível → res – cin – dí – vel
- ressurreição → res – sur – rei – ção
- prorrogação → pror – ro – ga – ção
- exsurgir → ex – sur – gir

7. O "S" dos prefixos "bis-, cis-, des-, dis-, trans-" não se separa quando a sílaba seguinte começa por consoante. Caso a sílaba seguinte comece por vogal, o "S" se desprenderá do prefixo e formará sílaba com esta vogal. Observe:

- transformar → trans – for – mar *mas...* transatlântico → tran – sa – tlân – ti – co
- bisneto → bis – ne – to *mas...* bisavô → bi – sa – vô
- descascar → des – cas – car *mas...* desamor → de – sa – mor
- cisplatino → cis – pla – ti – no *mas...* cisandino → ci – san – di – no
- discorrer → dis – cor – rer *mas...* disenteria → di – sen – te – ri – a

8. As vogais idênticas e as letras "CC, CÇ" separam-se, ficando uma numa sílaba e a outra na sílaba consequente. Veja os exemplos:

- intelecção → in - te - lec - ção
- occipital → oc - ci - pi - tal
- álcool → ál - co - ol
- intersecção → in - ter - sec - ção
- cooperador → co - o - pe - ra - dor
- caatinga → ca - a - tin - ga
- friíssimo → fri - ís - si - mo
- veemente → vê - e - men - te

9. Separam-se as vogais que formam hiatos. Veja:

- saúde → sa - ú - de
- jesuíta → je - su - í - ta
- egoísmo → e - go - ís - mo
- carnaúba → car - na - ú - ba
- viúva → vi - ú - va
- canaãense → ca - na - ã - en - se

Observação final:

Nas translineações - passagem de uma linha para outra nos textos escritos, quando o fenômeno da separação de um vocábulo ao final de uma linha fica mais evidente -, convém ficar atento às seguintes orientações:

a) Não se deve deixar vogal solta nem na linha antecedente, nem na linha consequente, isto é, não se isola sílaba de uma só vogal. Observe:

- AMÁ - VEL (e não "A - MÁVEL")
- ITA - JAÍ (e não ITAJA - Í ou I - TAJAÍ)

b) Deve-se evitar a separação de vocábulos dissílabos do tipo "aí, caí, saí, lua, rua", em que uma das sílabas é formada apenas por vogal.

c) Na translineação de uma palavra composta ou de uma combinação de palavras em que há um hífen, ou mais, se a partição coincide com o final de um dos elementos ou membros, deve, por clareza gráfica, repetir-se o hífen no início da linha imediata. Observe:

____________________terça-
-feira____________________

____________________ex-
-diretor____________________

1.8 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (PUCRJ) Um mesmo fonema pode ser grafado de diferentes maneiras. Qual a lista de palavras que exemplifica essa afirmação?

   a) paciente, centro, existência
   b) existência, meses, batizaram
   c) projeto, prejudicando, propõe
   d) quem, quando, psiquiatra
   e) coisa, incomoda, continuidade

2. (PUCSP) As palavras **rapaziada, assustado, borracha** apresentam, respectivamente:

   a) 8 fonemas / 9 letras; 9 fonemas / 9 letras; 5 fonemas / 7 letras
   b) 9 fonemas / 8 letras; 8 fonemas / 9 letras; 5 fonemas / 8 letras
   c) 9 fonemas / 9 letras; 8 fonemas / 9 letras; 6 fonemas / 9 letras
   d) 9 fonemas / 9 letras; 8 fonemas / 9 letras; 6 fonemas / 8 letras
   e) 8 fonemas / 8 letras; 8 fonemas / 9 letras; 5 fonemas / 7 letras

3. (PUCSP) As palavras **folheada, lânguido, antigos, vento** apresentam o seguinte número de fonemas e letras, respectivamente:

   a) 7- 8; 6- 8; 6- 7; 4- 5
   b) 6- 7; 7- 8; 4- 5; 6- 7
   c) 6- 7; 6- 7; 7- 8; 4- 5
   d) 4- 5; 6- 7; 6- 8; 7- 8
   e) 7- 8; 6- 7; 6- 8; 4- 5

4. (Unirio – RJ) Identifique a opção em que a palavra apresenta ao mesmo tempo um encontro consonantal, um dígrafo consonantal e um ditongo fonético:

   a) ninguém
   b) coalhou
   c) iam
   d) nenhum
   e) murcham

5. (ACAFE – SC) Assinale, na sequência abaixo, a alternativa em que todas as palavras possuem dígrafos:

   a) histórias, impossível, máscaras
   b) senhor, disse, achado
   c) passarinhos, ergueu, piedade
   d) errante, abelhas, janela
   e) homem, caverna, velhacos

6. (FFFCMPA) Considere as seguintes afirmações acerca da relação entre letras e fonemas em palavras do texto.

   I – Os segmentos sublinhados em ***componente****, *acrescentariam*** *e* ***conhecedor*** *representam um só fonema.*

   II – As letras sublinhadas em ***ciência****,* ***sociocultural*** *e* ***adolescentes*** *representam o mesmo fonema.*

   III – As palavras ***holística****,* ***essencialmente*** *e* ***conquistas*** *têm, cada uma delas, mais letras que fonemas.*

   Quais estão corretas?

   a) Apenas I.
   b) Apenas II.
   c) Apenas III.
   d) Apenas I e III.
   e) I, II e III.

7. (PUCSP) Nas palavras **enquanto, queimar, folhas, hábil, grossa,** constatamos a seguinte sequência de letras e fonemas:

   a) 8- 7; 7- 6; 6- 5; 5- 4; 6- 5
   b) 7- 6; 6- 5; 5- 5; 5- 5; 5- 5
   c) 8- 5; 7- 5; 6- 4; 5- 4; 5- 4
   d) 8- 6; 7- 6; 6- 5; 5- 4; 6- 5
   e) 8- 5; 7- 6; 6- 5; 5- 5; 5- 5

8. (PUCSP) Assinale a sequência em que todas as palavras estão partidas corretamente.

   a) trans-a-tlân-ti-co / fi-el / sub-ro-gar
   b) bis-a-vô / du-e-lo / fo-ga-réu
   c) sub-lin-gual / bis-ne-to / de-ses-pe-rar
   d) des-li-gar / sub-ju-gar / sub-scre-ver
   e) cis-an-di-no / es-pé-cie / a-teu

9. (ITA) Dadas as palavras:

   1. des-a-len-to
   2. sub-es-ti-mar
   3. trans-tor-no,

   constatamos que a separação silábica está correta:

   a) apenas no número 1
   b) apenas no número 2
   c) apenas no número 3
   d) em todas as palavras
   e) n.d.a

10. (AMAN) Assinale a opção em que a divisão silábica não está corretamente feita:

a) a-bai-xa-do
b) si-me-tria
c) es-fi-a-pa-da
d) ba-i-nhas
e) ha-vi-a

GABARITO

1 – B	2 – D	3 – A
4 – E	5 – B	6 – D
7 – D	8 – C	9 – C
10 – B		

CAPÍTULO 2

ORTOGRAFIA OFICIAL

Conversando um pouco...

Iniciaremos o estudo de uma importante parte da gramática normativa: a ortografia. Gostaria de salientar que este capítulo deve ser estudado com cuidado. Inevitavelmente, você se deparará com várias regras, orientações, muitas exceções etc., etc. Ficar decorando os pontos talvez não seja a melhor técnica. Por isso, sugiro que estude o capítulo aos poucos, tendo sempre em mente que o melhor remédio para se aprender a escrever os vocábulos corretamente ainda é a leitura. Cremos que só com a leitura habitual o operador da língua conseguirá memorizar – pela apreensão visual – a correta escrita de muitas palavras. Portanto, leia mais! E não deixe, é claro, de, aos poucos, apreender pela norma gramatical algumas orientações ortográficas. Por isso, vamos lá!

Antes de qualquer consideração, convém mencionar que a palavra ORTOGRAFIA é formada por dois radicais gregos (orto + grafia), os quais significam respectivamente "correto" e "escrita". Logo, ortografia é a parte da gramática normativa que se preocupa com a correta representação escrita dos vocábulos em nossa língua.

As dificuldades de escrita que muitas palavras nos oferecem ocorrem em virtude de as palavras em nossa língua obedecerem a dois critérios distintos: ora a grafia do vocábulo está baseada na etimologia, ora a grafia do vocábulo está baseada na fonética.

Como sabemos, os sistemas ortográficos são três: o fonético, o etimológico e o misto. Nossa língua portuguesa faz uso do sistema "misto". Por isso, muitos operadores da língua sentem dificuldade (ou dúvida) em escrever alguns vocábulos.

2.1 LETRA E ALFABETO

Como sabemos, a letra é a representação gráfica de um fonema. Nem sempre, como se demonstra no capítulo de introdução à fonética, esta relação "letra" / "fonema" é perfeita, pois existem fonemas representados por mais de uma letra e vice-versa. O conjunto de todas as letras em nossa língua é denominado de "alfabeto português". Nosso alfabeto é hoje composto por 26 letras, sendo 21 consoantes e 5 vogais. São elas:

a A (á)

b B (bê)

c C (cê)

d D (dê)

e E (é ou ê)

f F (efe ou fê)

g G (gê ou guê)

h H (agá)

i I (i)

j J (jota)

k K (capa ou cá)

l L (ele ou lê)

m M (eme ou mê)

n N (ene ou nê)

o O (ó)

p P (pê)

q Q (quê)

r R (erre ou rê)

s S (esse ou sê)

t T (tê)

u U (u)

v V (vê)

w W (dáblio)

x X (xis)

y Y (ípsilon ou ipsilone)

z Z (zê)

2.2 NOTAÇÕES LÉXICAS

Além das letras, nossa língua usa uma série de sinais auxiliares a fim de indicar alguns fonemas especiais. Ao conjunto desses sinais gráficos, chamados também de sinais diacríticos (gr. "diacríticos" = apto a distinguir), dá-se o nome de notações léxicas. Esses sinais acessórios da escrita são os seguintes: acentos (agudo, circunflexo e grave), til, apóstrofo, cedilha e hífen.

2.2.1 ACENTOS

Os acentos são notações léxicas empregadas sobre algumas vogais para indicar a sílaba tônica ou para indicar a fusão entre elas. Como já dissemos, temos três tipos de acentos na língua portuguesa: (´) agudo, (^) circunflexo e (`) grave.

2.2.1.1 Agudo

O acento agudo é empregado sobre as vogais para assinalar, quando as regras da acentuação assim exigirem, a tonicidade aberta das vogais "a, e, o" e a tonicidade fechada das vogais "i, u".

➡ **Observe:**

- água
- café
- paletó
- difícil
- baú

2.2.1.2 Circunflexo

O acento circunflexo é usado sobre as vogais "a, e, o", quando as regras da acentuação exigirem, para indicar o timbre fechado delas.

- quilômetro
- britânico
- cortês
- constância
- repô-lo
- prêmio

2.2.1.3 Grave

O acento grave é usado exclusivamente em português para indicar o fenômeno da crase, isto é, a contração, a fusão de dois "as" (a + a).

- Um dia chegaremos **àquela** região.
  a + aquela
- Iremos todos **à** casa da tia Zuleide.
  a + a

➡ **Observação:**

Para aprofundar os seus conhecimentos sobre o emprego do acento grave, sugerimos que estude o assunto "Crase" em sintaxe.

2.2.1.4 Til

É uma notação léxica usada para indicar a nasalização das vogais "a, o", quando houver necessidade.

- órgão
- não
- intenção
- ímã
- põe
- mãe

2.2.2 CEDILHA

É uma notação léxica colocada sob a letra "c", a fim de se obter o fonema /s/ antes das vogais "a, o, u". Observe:

- faço
- caçar
- mulçumano
- açúcar
- paçoca
- espaço

2.2.3 APÓSTROFO

O apóstrofo é um sinal empregado para assinalar a supressão de um fonema numa palavra, a fim de se evitarem sons desagradáveis ou mesmo a repetição de um fonema ao se pronunciar o vocábulo. Geralmente ocorre a elisão do "e" da preposição "de".

- queda d'água
- pau-d'água
- pau-d'arco
- pau-d'arara
- estrela-d'alva
- pau-d'óleo
- galinha-d'água
- mãe-d'água
- copo-d'água
- borda-d'água

Emprega-se também o apóstrofo nas ligações das formas "santo" e "santa", quando importa representar a elisão das vogais finais "o" e "a". Observe:

- Sant'Ana
- Sant'Iago
- Sant'Antônio

2.2.4 HÍFEN

É a notação léxica que apresenta maior número de empregos. É frequentemente empregado para unir palavras compostas, prefixos e formas verbais. Observe abaixo algumas orientações que estão respaldadas no Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, publicado no ano de 2009.

Como já dissemos, o hífen é a notação léxica que apresenta o maior número de empregos. É frequentemente empregado, por exemplo, para indicar a ênclise dos pronomes oblíquos átonos, para formar vocábulos por derivação prefixal e para unir compostos. Veja:

- fazê-lo
- cachorro-quente
- pré-operatório
- pós-verbal
- pô-las

Quando une vocábulos, o hífen, em muitos casos, servirá como um sinal de conotatividade, pois indicará que os elementos unidos por ele não estão empregados em seus sentidos originais, mas passaram a compor um novo conceito, uma nova ideia. Observe como o emprego do hífen, nesse caso, altera o sentido nos exemplos abaixo:

- **mesa redonda** → mesa em formato circular ≠ **mesa-redonda** → reunião, debate, discussão
- **casca grossa** → casca espessa, grossa ≠ **casca-grossa** → ignorante, bruto, grosso

▹ **criado mudo** → empregado que não fala	≠	▹ **criado-mudo** → móvel de cabeceira
▹ **ferro velho** → peça de ferro antiga	≠	▹ **ferro-velho** → estabelecimento que vende coisas velhas
▹ **pão duro** → pão endurecido, velho	≠	▹ **pão-duro** → sovina, pirangueiro, avaro
▹ **calça curta** → calça de pequena extensão	≠	▹ **calça-curta** → dominado, inexperiente

2.2.4.1 Empregos do hífen

Para aprofundar o conhecimento, observe agora os principais empregos do hífen:

1) Para indicar a ênclise dos pronomes oblíquos átonos às formas verbais.

- Entregou-me
- Hei de comprá-lo
- Vamos fazê-lo
- Passou-nos o projeto

➧ **Observação:**

Não se emprega o hífen nas ligações verbais, formadoras de locuções verbais, com o verbo "haver" + preposição "de".

- hei de vencer
- haveríamos de encontrar
- hás de fazer

2) Em vocábulos compostos, formados por "substantivo + substantivo", nos quais o segundo substantivo indique forma, finalidade ou tipo.

- decreto-lei
- homem-robô
- ideia-mãe
- homem-chave
- café-concerto

3) Nas palavras compostas por justaposição que não contêm formas de ligação e cujos elementos constituem uma unidade sintagmática e semântica única e mantêm acento próprio. Em outras palavras, os vocábulos perderam suas significações individuais e passaram a compor um novo conceito, uma nova semântica.

- decreto-lei
- arco-íris
- afro-asiático
- azul-escuro
- caneta-tinteiro
- médico-cirurgião
- tio-avô
- primeiro-ministro
- conta-gotas
- saca-rolha
- tenente-coronel
- turma-piloto
- beija-flor
- porto-alegrense
- saia-calça
- ano-luz
- sul-africano
- luso-brasileiro
- marca-texto
- boas-vindas

4) Nos topônimos compostos iniciados pelos adjetivos "grã-, grão-" ou por forma verbal ou cujos elementos estejam ligados por artigo.

- Grã-Bretanha
- Abre-Campo
- Trinca-Fortes
- Grão-Pará
- Baía de Todos-os-Santos
- Entre-os-Rios
- Traga-Mouros
- Trás-os-Montes

5) Nas palavras compostas que designam espécies botânicas e zoológicas, estejam ou não ligadas por preposição ou qualquer outro elemento.

- couve-flor
- erva-do-chá
- cobra-d'água
- cobra-capelo
- erva-doce
- ervilha-de-cheiro
- andorinha-do-mar
- formiga-branca
- feijão-verde
- bem-me-quer
- bem-te-vi
- lesma-de-conchinha

6) Nos compostos com os advérbios "bem" e "mal", quando estes formam com o elemento que se lhes segue uma unidade sintagmática e semântica, e tal elemento começa por vogal ou "H".

- bem-aventurado
- mal-estar
- mal-intencionado
- bem-estar
- mal-afortunado
- mal-assombrado
- bem-humorado
- mal-humorado

➧ **Observações:**

a) Em muitos compostos, o advérbio "bem" aparece aglutinado com o segundo elemento (forma consolidada pelo uso), quer este tenha ou não vida à parte.

- benfazejo
- benfeito
- benfeitor
- benquerença

b) Em outros vocábulos, o advérbio "bem" pode não se aglutinar com palavras começadas por consoante. Observe:

- bem-criado
- bem-ditoso
- bem-nascido
- bem-visto

Consideração importante: A verdade é que nós não temos uma orientação segura a respeito do emprego do hífen com este advérbio. Nesse caso, não há outra solução: em caso de dúvida, consulte um bom dicionário. Se você é daqueles que escrevem com frequência, sugiro que também tenha sempre à mão o VOLP – Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa.

c) É importante não confundir! Quando o vocábulo não começar por vogal nem por "H", não haverá hífen com o advérbio "mal". Observe:

- malformação
- malcozido
- malcheiro
- malcriado

Mas escreveremos...

- mal-educado
- mal-afortunado
- mal-encarado
- mal-humorado
- mal-avisado

7) Nos compostos com os elementos "além, aquém, recém, sem".

- além-Atlântico
- além-mar
- além-fronteiras
- aquém-mar
- recém-nascido
- sem-cerimônia
- sem-número
- sem-vergonha

2.2.4.2 Emprego do hífen com prefixos

Nas formações com prefixos ou falsos prefixos só se emprega o hífen nos seguintes casos:

1) Nas formações em que o segundo elemento começa por "h", ou seja, não importa o prefixo: se o segundo elemento iniciar-se por "H", deve-se empregar o hífen. Observe:

- pré-história
- extra-humano
- sub-hepático
- super-homem
- anti-herói
- arqui-hipérbole
- geo-história
- pan-helenismo
- semi-hospitalar
- poli-hidratação

➪ **Observação:**

Não se usa, no entanto, o hífen em formações que contêm em geral os prefixos "des-" e "in-", nas quais o segundo elemento perdeu o "h" inicial. Veja:

- desumano
- desumidificar
- inábil
- inumano

2) Nas formações em que o prefixo termina na mesma vogal com que se inicia o segundo elemento. Observe:

- anti-ibérico
- micro-ondas
- anti-imperialista
- arqui-inimigo
- contra-almirante
- auto-ônibus
- anti-inflamatório
- semi-interno
- infra-axilar
- micro-organismo
- supra-auricular
- eletro-ótica

➡ **Observação:**

Esta regra não se aplica ao prefixo "re-". Por isso, escrevem-se corretamente sem hífen, por exemplo, os vocábulos "reencarnação, reenvio, reemissão, reempossar, reencontro, reestabelecer etc.".

3) Nas formações com os prefixos "circum-" e "pan-", quando o segundo elemento começar por vogal, "m" ou "n", além do "h" já mencionado.

- circum-escolar
- pan-mágico
- circum-murado
- pan-negritude
- circum-navegação
- pan-americano
- pan-africano

4) Nas formações com os prefixos "hiper-, super-, inter-", quando o segundo elemento iniciar-se por "r", além, é óbvio, do "H" já mencionado.

- super-resistente
- hiper-requintado
- inter-regional
- hiper-reativo
- inter-hemisfério
- inter-renal
- inter-relacionado
- hiper-rugoso
- super-revista
- super-realismo

5) Nas formações com os prefixos "ex-, pós-, pré-, pró-, sota-, soto-, vice-, vizo-", isto é, esses prefixos sempre serão usados com hífen.

- ex-diretor
- vice-presidente
- pós-graduação
- pró-americano
- pró-labore
- vizo-rei
- pré-vestibular
- pós-tônico
- sota-piloto
- soto-general
- pré-natal
- pró-europeu
- soto-mestre
- pré-datado
- pró-britânico
- vice-diretor

6) Com o prefixo "sub-", haverá hífen sempre que o vocábulo iniciar-se por "b, h ou r". Observe:

- sub-base
- sub-rogar
- sub-bibliotecário
- sub-repartição
- sub-humano
- sub-bosque
- sub-hepático
- sub-rotina

➧ **Observação:**

Caso não se inicie por "b, h ou r", não haverá hífen. Veja:

- subepiderme
- sublocatário
- subclasse
- subutilizar

➧ **Observações:**

a) Em alguns vocábulos, o prefixo (átono) se incorporou à palavra primitiva, como em "predeterminado, pressupor, propor, pospor, promover, prever". Por isso, estes vocábulos são escritos sem hífen.

b) Nas formações por sufixação, só se emprega o hífen nos vocábulos terminados por sufixos de origem tupi-guarani que representam formas adjetivas, com "açu, guaçu e mirim", como, por exemplo, "amoré-guaçu, anajá-mirim, andá-açu, capim-açu, Ceará-Mirim".

c) Usa-se também o hífen nas ligações de formas pronominais enclíticas ao advérbio "eis" (ei-lo, ei-los) e ainda nas combinações de formas pronominais "o, a, os, as" com os pronomes oblíquos "nos" e "vos", como, por exemplo, "no-lo", "vo-los".

d) O Novo Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa registra tanto "*pro forma, pro labore*", formas latinas, quanto "*pró-forma, pró-labore*", formas aportuguesadas. Portanto, ambas as grafias, sem hífen na forma latina e com hífen na forma aportuguesada, são corretas.

2.2.4.3 Não se emprega o hífen

1) Nos vocábulos derivados por prefixação, cujo prefixo terminar em vogal e o segundo elemento iniciar-se por consoante. Caso o segundo elemento inicie por "r" ou "s", estas consoantes devem ser duplicadas.

- contrarregra
- minissaia
- semicírculo
- extracorpóreo
- infrassom
- neorrepublicano
- ultrarromântico
- supracitado
- suprassumo
- microcirurgia
- hipoderme
- neoliberal
- antirreligioso
- minissérie
- semimetal

2) Nos vocábulos derivados por prefixação, cuja vogal final do prefixo é diferente da vogal inicial do segundo elemento.

- antieconômico
- aeroespacial
- coeducação
- extraescolar
- semiárido
- autoestrada
- extraoficial
- agroindustrial
- plurianual
- intraocular
- hidroelétrico
- antiaéreo

3) Nos vocábulos formados por palavras compostas, cuja noção de composição, em certa medida, se perdeu, uma vez que tais palavras passaram a compor um sentido único, individualizado.

- paraquedas
- pontapé
- sobremesa
- mandachuva
- madrepérola
- vaivém
- madressilva
- passatempo
- malmequer
- girassol
- rodapé
- aguardente

2.3 ORIENTAÇÕES ORTOGRÁFICAS – EMPREGO DE ALGUMAS LETRAS

A partir de agora, vamos estudar o emprego de diversas letras do vocabulário português. Sugerimos que estude o assunto aos poucos para um melhor aprovisionamento do conteúdo. Salientamos, entretanto, que a melhor técnica para se evitarem erros ortográficos ainda é a leitura. Só a leitura, continuada e bem orientada, propiciará uma escrita livre dos problemas ortográficos. Ademais, é preciso que se diga que "ninguém" – repita-se "ninguém" – possui pleno domínio de todos os vocábulos da nossa língua. Daí a importância de o operador da língua pátria sempre possuir à mão um bom dicionário. Será este compêndio vocabular que afastará o erro ortográfico. Por isso, orientamos o nosso aluno para que leia o assunto abaixo não com o intuito de decorar simplesmente, mas principalmente com o intuito de entender o porquê do emprego desta e não daquela letra. A missão não é tão simples. Mas certamente não é impossível. Mãos à obra!!

Inicialmente, tenha cuidado com algumas letras que, frequentemente, impõem dúvida no escritor. Vamos a elas!

Dica: Sugiro que pare um pouco agora. Descanse a mente alguns minutos antes de passar para o próximo ponto. Preferencialmente, releia o assunto acima – emprego do hífen. É um ponto bastante explorado pelas bancas. Por isso, vale a pena olhar novamente, fazer outras anotações. Provavelmente você não observará todas as informações sobre o hífen agora. Anote em algum lugar a data em que você estudou o assunto. Revise-o em poucos dias. Certamente o resultado será bem melhor na próxima vez que estudar o assunto. Quando estiver pronto, passe para o ponto abaixo... Vamos lá...

2.3.1 EMPREGO DAS LETRAS "E" E "I"

Em nossa língua, o emprego do "e" e do "i" é responsável por uma série de equívocos ortográficos. Portanto, é preciso estar atento para se evitarem muitos erros. Observe abaixo uma série de orientações sobre o emprego destas duas letras.

ESCREVE-SE COM "I" E NÃO COM "E":

- aborígene/aborígine
- antipatia
- calidoscópio
- colibri
- criação
- diferir (adiar)
- dilação (adiamento)
- discricionário
- dispensa (folga)
- erisipela
- idiossincrasia
- imigrar (entrar no país)
- infestar
- meritíssimo
- penicilina
- pontiagudo
- ridículo
- tinir
- alumiar
- ária (música)
- cerimônia
- corrimão
- criatura
- disfarce
- dilapidar
- discriminar (discernir)
- displicência
- escárnio
- Ifigênia
- iminente (próximo)
- inigualável
- miscigenação
- pião (brinquedo)
- privilégio
- silvícola
- umbilical
- ansiar
- arriar (baixar)
- chilique
- crânio
- crioulo
- digladiar
- discrição (reserva)
- disparate
- distorção
- esquisito
- imergir (mergulhar)
- incinerar
- lampião
- pátio
- pinicar
- réstia
- siri
- vadiar (vagabundear)

Lembre-se de que também se emprega a letra "i":

a) Nas terceiras pessoas do presente do indicativo dos verbos terminados em "-AIR", "-OER" e "-UIR":

- cai
- sai
- corrói
- possui
- atribui
- constrói
- dói

b) No prefixo grego "anti-", que indica "ação contrária, oposição".

- antídoto
- anti-infeccioso
- antissepsia
- anti-horário
- antimoral

c) No paradigma de conjugação dos verbos terminados em "-IAR", como "variar, estagiar, abreviar, aliciar, assobiar etc.".

- Eu vario → tu varias, ele varia, nós variamos, vós variais, eles variam.
- Eu estagio → tu estagias, ele estagia, nós estagiamos, vós estagiais, eles estagiam.
- Eu assobio → tu assobias, ele assobia, nós assobiamos, vós assobiais, eles assobiam.

d) Nas terminações em "-ANO" (significando "aquele que pertence a" ou "relativo a") nas quais se aplica um "i", que funcionará como vogal de ligação.

- freudiano
- goethiano
- machadiano
- ciceroniano
- camoniano
- açoriano

➧ Observação:

Neste último caso, quando o vocábulo termina em "E", é de rigor a manutenção deste "E". Observe:

- Daomé → daomeano
- Ageu → ageano
- Arqueu → arqueano
- Galileu → galileano

ESCREVE-SE COM "E" E NÃO COM "I":		
• acarear	• aéreo	• apear
• área (espaço)	• arrear (enfeitar)	• beduíno
• beneficência	• berilo	• cadeado
• campeão	• campear	• carestia
• cedilha	• cemitério	• confete
• corpóreo	• creolina	• deferir (ceder)
• delação (denúncia)	• descrição (redação)	• desenfreado
• desfrutar	• despensa (depósito)	• desforra
• desfrutar	• destilar	• disenteria

ESCREVE-SE COM "E" E NÃO COM "I":		
• elucidar	• emergir (vir à tona)	• encrenca
• espaguete	• emigrar (sair do país)	• embutir
• eminência (altura)	• empecilho	• encrenca
• endireitar	• enfezar	• engolir
• enteado	• estrear	• geada
• granjear	• mestiço	• mexerico
• paletó	• páreo	• parêntese (ou parêntesis)
• peão (homem do campo)	• penico (urinol)	• periquito
• petisco	• preá	• recrear (divertir)
• quepe	• sequer	• seringa
• umedecer	• vadear (passar a vau)	• veado

Lembre-se de que também se emprega a letra "e":

a) Nos ditongos nasais "ãe" e "õe":

- dispõe
- alemães
- mãe
- compõem
- cirurgiães
- cães

b) No prefixo grego "ante-" que indica "anterioridade":

- antediluviano
- antecâmara
- anterreforma
- antessala
- antegozo

c) Nas formas dos verbos terminados em "-OAR" e "-UAR":

- abençoe
- atue
- perdoe
- continue
- magoe
- efetue

d) Nas terceiras pessoas do plural do presente do indicativo de muitos verbos:

- caem
- arguem
- saem
- possuem
- destroem
- constituem

e) No prefixo latino "des-" que indica "oposição, negação, falta ou afastamento, separação":

- descortês
- desamor
- desleal
- desarmonia
- descascar

Observação

Não se esqueça também de que a oposição "e" e "i" é responsável pela distinção entre vários vocábulos. São formas parônimas. Veja:

Cuidado aqui, pois várias bancas exploram este tipo de conhecimento. Portanto, vale a pena ler o ponto mais de uma vez. Use caneta marca-texto.

ESCREVE-SE COM "E"	ESCREVE-SE COM "I"
ár**e**a (espaço, superfície)	ár**i**a (melodia, concerto)
arr**e**ar (pôr arreios)	arr**i**ar (abaixar)
d**e**ferir (conceder)	d**i**ferir (adiar ou ser diferente)
d**e**latar (denunciar)	d**i**latar (distender)
d**e**lação (denúncia)	d**i**lação (adiamento, delatação)
d**e**scrição (ato de descrever)	d**i**scrição (ser discreto)
d**e**scriminação (absolvição)	d**i**scriminação (separação)
emergir (vir à tona)	**i**mergir (afundar)
eminente (ilustre)	**i**minente (prestes a ocorrer)
p**e**ão (pedestre)	p**i**ão (brinquedo)
recr**e**ação (diversão)	recr**i**ação (criar novamente)
vad**e**ar (passar a vau)	vad**i**ar (andar à toa)

2.3.2 EMPREGO DAS LETRAS "O" E "U"

Teste o seu vocabulário. Observe abaixo um grupo de palavras escritas com "O" e outro grupo de palavras escritas com "U". Fique atento, pois não raros são os equívocos ortográficos com estas palavras.

ESCREVE-SE COM "O" E NÃO COM "U":

• abolição	• abolir	• agrícola
• amêndoa	• amontoar	• aroeira
• assoar	• bobina	• boate
• bochecho	• boteco	• botequim
• bússola	• chacoalhar	• cobiça
• cochicho	• coelho	• comprido
• comprimento (extensão)	• costume	• cortiça
• coruja	• êmbolo	• encobrir
• engolir	• engolimos (forma verbal)	• esmolambado
• espoliar	• focinho	• goela
• lobisomem	• lombriga	• mocambo
• mochila	• moela	• moleque
• molambo	• moringa	• mosquito
• névoa	• nódoa	• óbolo
• polenta	• poleiro	• polir
• ratoeira	• sapoti	• silvícola
• sortir (abastecer)	• sortido (variado)	• sotaque
• toalete	• tocaia	• tostão
• tribo	• vinícola	• zoada

ESCREVE-SE COM "U" E NÃO COM "O":

• abulia	• acudir	• anágua
• bueiro	• bônus	• bruxulear
• bugalho	• buliçoso	• bulir
• burburinho	• camundongo	• chuviscar
• cumbuca	• cumprimento (saudação)	• cumprimentar
• cúpula	• curinga (carta de baralho)	• Curitiba
• curtir	• curtição	• cutia (animal)
• curtume	• cutucar	• embutir
• entupir	• estripulia	• esbugalhar

ESCREVE-SE COM "U" E NÃO COM "O":

- escapulir
- jabuti
- manusear
- mulato
- pirulito
- sinusite
- surripiar
- tulipa
- virulento
- fuçar
- juazeiro
- muamba
- murmurinho
- rebuliço
- suar (transpirar)
- tábua
- urticária
- íngua
- légua
- mucama
- mutuca
- sanduíche
- supetão
- tabuleiro
- usufruto

2.3.2.1 Dupla ortografia com os ditongos "OU" e "OI"

Há na língua uma série de vocábulos que tanto podem ser escritos com o ditongo "OU" quanto com o ditongo "OI". É certo que uma das formas sempre será a mais usual, embora ambas estejam corretas. Observe:

- açoite – açoute
- afoito – afouto
- besoiro – besouro
- biscoito – biscouto
- coice – couce
- coisa – cousa
- doido – doudo
- doirar – dourar
- dois – dous
- estoiro – estouro
- loiça – louça
- loiro – louro
- oiço – ouço
- oiro – ouro
- tesoiro – tesouro
- toiro – touro
- toicinho – toucinho

2.3.3 EMPREGO DAS LETRAS "C" E "Ç"

a) **Empregam-se as letras "C" ou "Ç" em vocábulos de origem tupi ou africana:**

- açaí
- paçoca
- araçá
- caçula
- Iguaçu
- cacimba
- Moçoró
- babaçu

- caiçara
- miçanga
- puçá
- Paraguaçu
- Pajuçara
- piracema
- Piracicaba
- Moçambique
- Araci
- muçum
- Juçara
- Piraçununga

b) Em palavras de origem latina, finalizadas em “t”, emprega-se “ç” ou “c”, pois há geralmente uma correlação entre o “t” latino e o “ç” ou “c” português.

- absorto → absorção
- ato → ação
- adotar → adoção
- torto → torção
- isento → isenção
- executor → execução
- abster → abstenção
- distinto → distinção
- infrator → infração
- marte → marcial
- extinto → extinção

c) Emprega-se também o “C” ou “Ç” em muitas palavras de origem árabe:

- açafrão
- muçulmano
- acicate
- alface
- açucena
- açúcar
- açude

d) Emprega-se também o “Ç” na correlação: verbo em “TER” substantivo em “TENÇÃO”:

- ABSTER → abstenção
- DETER → detenção
- ATER → atenção
- CONTER → contenção
- RETER → retenção

e) Empregam-se também as consoantes “C” e “Ç” nos sufixos “-AÇA, -AÇO, -AÇÃO, -ECER, -IÇA, -IÇO, -NÇA, -UÇO”.

- carcaça
- caliça
- estilhaço
- criança
- cabaça
- chouriço
- noviço
- armação
- bagaço
- festança
- ricaço
- magriço
- anoitecer
- dentuça
- carniça

f) Emprega-se também o “Ç” ou “C” após vários ditongos. Observe:

- fauce
- feição
- foice
- louça

- traição
- traiçoeiro
- beicinho
- bouçar
- caiçara
- calabouço
- precaução
- coice

2.3.3.1 Emprego da letra "C"

ESCREVE-SE COM "C" OU COM "Ç":		
• absorção	• abstenção	• acaçapar
• açafrão	• açaí	• acelga
• acender (iluminar)	• acessório	• acervo
• acetinar	• aço	• açucena
• açúcar	• adereço	• afocinhar
• alçapão	• alicerçar	• alicerce
• almoço	• ameaçar	• arregaçar
• arruaça	• asserção	• babaçu
• beça	• Berenice	• boçal
• buço	• cabaça	• caçarola
• cacimba	• calção	• caniço
• carapaça	• carcaça	• cê-cedilha
• cela (quarto)	• celibato	• celofane
• cênico	• censo (recenseamento)	• censura
• cereja	• cerração (nevoeiro)	• certame (ou certâmen)
• cerzir (costurar)	• chacina	• chumaço
• cilada	• cintura	• cirrose
• cismar	• concertar (ajustar)	• contorção
• dentuça	• descrição	• disfarce
• dobradiça	• eriçar	• espinhaço
• exceção	• hortaliça	• inchaço
• jaçanã	• licença	• linhaça
• maçada (importunação)	• maçaneta	• maçante
• maciço	• maniçoba	• miçanga
• maçom	• mormaço	• muçarela
• noviço	• ouriço	• paçoca
• palhoça	• pança	• pinçar

ESCREVE-SE COM "C" OU COM "Ç":		
• pocilga	• presunção	• rebuliço
• rechaçar	• regaço	• ruço (pardo, grisalho)
• sanção (ato de sancionar)	• sumiço	• tenção (intenção)
• terraço	• tição	• torção
• traça	• vacilar	• viço
• vidraça	• vizinhança	

2.3.4 EMPREGO DAS LETRAS "G" E "J"

Outro conjunto de palavras que frequentemente trazem dúvidas ao operador da língua são os vocábulos escritos com "G" e com "J". Como os fonemas dessas duas letras são bem parecidos, os equívocos não são raros. Portanto, fique atento às orientações abaixo.

2.3.4.1 Emprego da letra "G"

ESCREVE-SE COM "G" E NÃO COM "J":		
• adágio	• agenda	• agiota
• algema	• algibeira	• angelim
• angina	• apogeu	• aragem
• auge	• digerir	• digestão
• égide	• egrégio	• estrangeiro
• evangelho	• falange	• ferrugem
• frigir	• fuligem	• garagem
• geada	• gêiser	• geleia
• gêmeo	• gengibre	• gengiva
• gergelim	• geringonça	• gesso
• gesto	• gibi	• gilete
• gim	• girândola	• gíria
• impingem	• megera	• monge
• ogiva	• rabugem	• rabugento

ESCREVE-SE COM "G" E NÃO COM "J":		
• regurgitar	• rugido	• selvagem
• sugestão	• tangente	• tangível
• tangerina	• tigela	• vagem
• vagina	• vargem	• vertigem
• viagem	• vigência	

Emprega-se a letra G:

a) Nos sufixos "-agem, -igem, -ugem, -ege, -oge". Observe:

- aragem
- vertigem
- frege
- malandragem
- ferrugem
- micagem
- fuligem
- sege
- viagem
- miragem
- paragoge

➡ Observação

Usa-se o "G" no substantivo "viagem", mas se emprega a letra "J" no verbo "viajar" e seus derivados.

- É importante que ele faça uma boa **viagem**. (substantivo)
- É importante que ele **viaje** em segurança. (verbo)

Representam exceções a esta regra: lambujem, pajem e lajem.

b) Nas terminações "-ágio, -égio, -ígio, -ógio, -úgio". Veja:

- adágio
- prodígio
- fastígio
- naufrágio
- pedágio
- relógio
- necrológio
- plágio
- estágio
- refúgio
- colégio
- egrégio
- remígio
- subterfúgio

c) Nos verbos terminados em "GER" e "GIR". Observe:

- eleger
- impingir
- proteger
- mugir
- fingir
- submergir
- frigir

d) Geralmente depois da vogal "A", a qual inicia o vocábulo. Perceba:

- agente
- agiota
- ágio
- agir
- agitar
- agitação
- agenda

➧ Observação

Representam exceção a esta regra os vocábulos que por origem se escrevem com "J" ou que são derivados de outros, os quais apresentam a letra "J" após a vogal "A". São bons exemplos: ajeru, ajeitar, ajesuitar.

e) Nos vocábulos derivados, cujas palavras primitivas são grafadas com "G". Observe:

- exigir → exigência
- impingir → impingem
- tingir → tingido
- afligir → afligem

2.3.4.2 Emprego da letra "J"

ESCREVE-SE COM "J" E NÃO COM "G":		
• ajeitar	• alforje	• anjinho
• anjo	• berinjela	• cafajeste
• canjica	• canjirão	• cereja
• cerejeira	• cerveja	• cervejeiro
• desajeitado	• enjeitar	• enrijecer
• gajeiro	• gorjear	• gorjeio
• gorjeta	• granjear	• injeção
• interjeição	• jeca	• jeito
• Jeni	• jenipapo	• jequitibá
• Jeremias	• Jericó	• jerimum
• jérsei	• jesuíta	• jiboia
• jirau	• jiu-jitsu	• laje
• laranjeira	• lisonjear	• lojista
• majestade	• manjericão	• Moji
• objeção	• ojeriza	• pajé
• pajem	• Pajeú	• pegajoso

ESCREVE-SE COM "J" E NÃO COM "G":		
• projeção	• projétil	• rejeição
• rejeitar	• sarjeta	• traje
• trejeito	• ultraje	• varejeira
• varejista		

É comum, portanto, o emprego da letra "J":

a) Em muitas palavras de origem latina. Observe:

- jeito
- cereja
- majestade
- lájea
- hoje
- jeira

b) Em muitas palavras de origem africana e tupi-guarani. Veja:

- beiju
- caju
- jerimum
- Ubirajara
- jeribá
- jenipapo
- pajé
- mujique
- jiboia
- jirau
- jê
- maracujá
- jequitibá
- jerivá

c) Em palavras derivadas de outras que já têm a letra "J". Observe:

- laranja → laranjeira, laranjinha
- manjar → manjedoura
- viajar → viajei, viajem (verbos)
- rijo → rijeza, enrijecer
- gorja → gorjeta, gorjear, gorjeio
- encorajar → encoraje, encorajem (verbos)

d) Nas flexões do modo subjuntivo dos verbos terminados em "-jar", como "arranjar, despejar, sujar, viajar, aleijar, almejar etc.". Veja:

- arranjar → arranje, arranjes, arranje, arranjemos, arranjeis, arranjem.
- despejar → despeje, despejes, despeje, despejemos, despejeis, despejem.

2.3.5 EMPREGO DA LETRA "H"

A princípio, é preciso dizer que a letra H, em início e fim de vocábulo, não representa fonema em nossa língua. Funciona com mero símbolo gráfico,

mantendo-se simplesmente em razão da etimologia de muitos vocábulos. Emprega-se a letra H, portanto:

1) No início dos vocábulos em razão da etimologia:

▹ herói → do latim *"heros"*	▹ habitar → do latim *"habitare"*
▹ haver → do latim *"habere"*	▹ haste → do latim *"hasta"*
▹ humano → do latim *"humanus"*	▹ hipótese → do grego *"hupóthesis"*
▹ hesitação → do latim *"haesitatione"*	▹ hipotaxe → do grego *"hupótaksis"*

2) No final de algumas interjeições. Observe:

▹ ah! ▹ eh! ▹ ih! ▹ oh! ▹ puh!

3) Em compostos unidos por hífen, quando o segundo elemento possui "h" etimológico. Observe:

▹ pré-histórico ▹ super-homem ▹ anti-higiênico ▹ sobre-humano

4) Como integrante dos dígrafos "ch, nh, lh". Veja:

▹ chuva ▹ inhame ▹ ilha ▹ chaveiro ▹ filho ▹ banha

5) Por tradição, no topônimo BAHIA.

➧ **Observação**

O "H" medial que não soa não se escreve, como em "desumano, exausto, filarmônico, inábil, lobisomem, reabilitar, reaver, turboélice".

Observe agora uma lista com alguns vocábulos, em que se emprega a letra H, os quais podem gerar dúvidas.

ESCREVE-SE COM "H" INICIAL		
• hã	• Habacuque	• hagiografia
• haicai	• Haiti	• hálito
• haltere	• hangar	• harmonia
• harpa	• harpejar	• harpia
• haste	• haurir	• Havana

ESCREVE-SE COM "H" INICIAL

- Havaí
- haxixe
- hebdomadário
- hebreu
- hectare
- hediondo
- hedonismo
- Hedviges
- hélice
- hemeroteca
- hemisfério
- hemorragia
- hemorroidas
- hendecassílabo
- hepático
- heptassílabo
- hera (planta)
- herbívoro
- hermenêutica
- hermético
- hérnia
- herói
- hertziano
- hesitar
- heureca
- hexagonal
- hexágono
- hiato
- hibernal
- híbrido
- hidra
- hidrato
- hidravião
- hidrogênio
- hiena
- hierarquia
- hieróglifo
- hífen
- higrômetro
- hilaridade
- hilário
- himeneu
- hinário
- hino
- hipérbole
- hipismo
- hipocondria
- hipocrisia
- hipódromo
- hipófise
- hipopótamo
- hipoteca
- hipótese
- hirto
- hispânico
- histeria
- histologia
- hodierno
- holandês
- holofote
- homenagear
- homeopatia
- homicida
- homilia (ou homília)
- homologar
- homogeneidade
- homogêneo
- homônimo
- honesto
- honorários
- honra
- honraria
- hóquei
- horário
- horda
- horizonte
- hormônio
- horóscopo
- horripilar
- horror
- horta
- hortênsia
- horto (jardim)
- hosana
- hóspede
- hospício
- hospitalizar
- hóstia
- hostil
- hotel
- hulha
- humilde
- humor
- húmus

2.3.6 EMPREGO DA LETRA "S"

1) Na correlação ortográfica, verbos com "ND" formarão substantivos e adjetivos com "NS". Observe:

- prete**nd**er → prete**ns**ão, prete**ns**ioso, despreten**s**ioso
- suspe**nd**er → suspe**ns**ão, suspe**ns**ivo
- asce**nd**er → asce**ns**ão, asce**ns**or, asce**ns**ional
- diste**nd**er → diste**ns**ão, diste**ns**ível, diste**ns**or

2) Na correlação ortográfica, verbo com "PEL" formará substantivos e adjetivos com "PULS". Observe:

- im**pel**ir → im**puls**o, im**puls**ivo, im**puls**ão
- ex**pel**ir → ex**puls**ão, ex**puls**ivo, ex**puls**or
- re**pel**ir → re**puls**ão, re**puls**ivo
- com**pel**ir → com**puls**ão, com**puls**ivo

3) No sufixo erudito "-ense", formador de adjetivos gentílicos. Veja:

- paquistanense
- vienense
- paraense
- parisiense
- rio-grandense

4) É empregada geralmente após ditongos. Observe os inúmeros exemplos:

- aplauso
- maisena
- pouso
- Neusa
- causa
- Moisés
- Sousa
- mausoléu
- coisa
- náusea
- faisão
- lousa
- paisagem
- gêiser

5) Na conjugação dos verbos "PÔR" e "QUERER". Veja:

- Se eu quisesse; tu quisesses; ele quisesse; nós quiséssemos; vós quisésseis; eles quisessem.
- Eu pus; tu puseste; ele pôs; nós pusemos; vós pusestes; eles puseram.

6) Nos vocábulos formados pelos sufixos "-esa, -isa, -osa, -oso, -ês", os quais geralmente formam adjetivos a partir de substantivos.

- burguesa
- sacerdotisa
- marquesa
- diaconisa
- cortês
- gostoso
- orgulhosa
- papisa
- camponês
- cheiroso
- francês
- poetisa
- princesa
- amorosa

7) Nos sufixos gregos "-ase, -ese, -ise, -ose". Observe:

- catálise
- osmose
- prófase
- metamorfose
- catequese
- psicanálise
- próclise

8) Em vocábulos derivados de outros que são escritos com a letra "S". Veja:

- ausente → ausência, ausente, ausentar
- base → baseado, basear, baseamento
- casa → casar, casamento, casebre
- preso → presídio, presidiário, presidiar
- visão → visionário, visível, visionar

Segue abaixo um rol sucinto de palavras escritas com a letra "S".

ESCREVE-SE COM "S"

- abrasar
- abusão
- abusar
- abuso
- adesão
- adesivo
- agasalhar
- aliás
- alisar
- amásia
- escusável
- extasiar
- formosura
- frasear
- freguesa
- frisante
- fuselagem
- fusível
- gasoso
- gris

ESCREVE-SE COM "S"

- ambrosia
- amnésia
- analisar
- ananás
- anestesia
- anis
- apesar
- após
- aposentar
- apostasia
- apoteose
- apresar
- apresilhar
- aprisionar
- ardósia
- arrasar
- artesanato
- atrasar
- atrasado
- através
- basebol
- basílica
- besuntar
- brasa
- brisa
- camiseta
- camisola
- camponês
- casebre
- casaco
- casimira
- grosa
- groselha
- hesitar
- improvisar
- Jerusalém
- jusante
- lesar
- lesão
- lisura
- maisena
- maresia
- medusa
- misantropo
- miséria
- misericórdia
- nasal
- obesidade
- país
- paisano
- paralisar
- parisiense
- parnasiano
- pêsame
- pesquisar
- precisão
- preservar
- prosélito
- raposa
- raso
- reclusão
- rasura

ESCREVE-SE COM "S"

- casuísta
- casulo
- catalisar
- catequese
- cesariana
- cisão
- colisão
- concisão
- cortesão
- cortesia
- crisálida
- demasia
- desinência
- diaconisa
- divisor
- dose
- entrosar
- enviesar
- resina
- revés
- revisar
- sassafrás
- sinestesia
- sinusite
- sisudo
- sósia
- televisor
- torquês
- tosar
- transação
- usufruto
- usura
- vaselina
- vesícula
- viseira
- zeloso

2.3.7 EMPREGO DO DÍGRAFO "SS"

1. **Na correlação ortográfica, verbos com "CED" formarão substantivos com "CESS". Observe:**

- **ceder** → **cessão**, **cess**ionário
- inter**ced**er → inter**cess**ão, inter**cess**or
- ex**ced**er → ex**cess**ivo, ex**cess**o
- con**ced**er → con**cess**ão, con**cess**ivo
- a**ced**er → a**cess**o, a**cess**ível

2. Na correlação ortográfica, verbos com "GRED" formarão substantivos e adjetivos com "GRESS". Veja:

- agredir → agressão, agressivo, agressor, agressividade
- progredir → progresso, progressão, progressivo
- regredir → regressão, regresso, regressivo
- transgredir → transgressão, transgressor

3. Na correlação ortográfica, verbos em "PRIM" formarão substantivos e adjetivos com "PRESS". Observe:

- comprimir → compressão, compressivo
- exprimir → expressão, expressivo
- imprimir → impressão, impressor
- oprimir → opressão, opressor
- reprimir → repressão, repressor
- deprimir → depressão, depressivo

4. Na correlação, verbos terminados em "TIR" formarão substantivos e adjetivos com "SSÃO". Confira:

- admitir → admissão, admissível
- discutir → discussão
- repercutir → repercussão, repercussivo
- eletrocutir → eletrocussão

5. Em palavras derivadas por prefixação, cujo prefixo termina em vogal e o vocábulo se inicia por "s". Observe:

- mini + saia → minissaia
- a + salariar → assalariar
- ante + sala → antessala
- re + surgir → ressurgir
- neo + simbolismo → neossimbolismo
- a + silábico → assilábico
- anti + séptico → antisséptico
- pseudo + sufixo → pseudossufixo
- para + sífilis → parassífilis

Observe agora uma série de vocábulos em que se emprega o dígrafo "SS".

ESCREVE-SE COM "SS"

- acessível
- alvíssaras
- amassar
- assar
- apressar
- argamassa
- arremesso
- assear
- assédio
- asseio
- assessor
- asserção
- assoprar
- aterrissagem
- aterrissar
- avesso
- bissetriz
- bússola
- compasso
- concessão
- condessa
- confessionário
- confissão
- demissão
- depressa
- devasso
- dissensão
- dissídio
- endossar
- escassez
- escasso
- excesso
- fossa
- fossilizar
- gesso
- girassol
- imissão
- impressionar
- massagem
- massapé
- melissa
- missionário
- obsessão
- passatempo
- passeata
- pintassilgo
- possessão
- presságio
- promessa
- ressaca
- ressentir
- ressonar
- ressuscitar
- russo
- sanguessuga
- sobressalente
- sossego
- travesso
- uníssono
- vassoura
- verossímil

2.3.8 EMPREGO DO "SC"

Em muitos vocábulos, principalmente por razões etimológicas, emprega-se "SC". Geralmente são vocábulos eruditos, provenientes do latim. Observe abaixo um quadro sucinto com alguns vocábulos escritos com "SC".

ESCREVE-SE COM "SC"

- abscesso
- abscissa
- acrescer
- adolescência
- apascentar
- aquiescência
- ascendente
- ascender (subir)
- ascético (místico)
- concupiscência
- condescender
- consciência
- convalescença
- descendência
- descentralização
- discente
- discernimento
- disciplina
- efervescência
- fascículo
- fascismo
- fascínio
- florescente
- imprescindível
- incandescente
- intumescer
- irascível
- isósceles
- lascívia
- luminescência
- miscelânea
- miscigenação
- nascença
- obsceno
- oscilação
- piscina
- presciência
- prescindir
- prescindível
- recrudescer
- remanescente
- reminiscência
- renascentismo
- rescindir
- rescisão
- ressuscitar
- susceptível
- suscitar
- transcendente
- víscera
- visceral

2.3.9 EMPREGO DA LETRA "Z"

Geralmente emprega-se a letra Z:

1) Na maioria dos substantivos derivados de adjetivos. Observe:

ADJETIVO		SUBSTANTIVO DERIVADO
ácido	→	acidez
altivo	→	altivez
áspero	→	aspereza
baixo	→	baixeza
certo	→	certeza
belo	→	beleza
claro	→	clareza
delicado	→	delicadeza
embriagado	→	embriaguez
escasso	→	escassez
estúpido	→	estupidez
flácido	→	flacidez
fluido	→	fluidez
fraco	→	fraqueza
grande	→	grandeza
insípido	→	insipidez
largo	→	largueza
ligeiro	→	ligeireza
macio	→	maciez
mesquinho	→	mesquinhez
pálido	→	palidez
rápido	→	rapidez
singelo	→	singeleza
surdo	→	surdez
triste	→	tristeza

2) No sufixo "-IZAR" formador de verbos a partir de substantivos e adjetivos não terminados em "S". Veja:

- agon(ia) + izar → agonizar
- colon(o) + izar → colonizar
- hospital + izar → hospitalizar
- final + izar → finalizar
- suav(e) + izar → suavizar
- símbol(o) + izar → simbolizar
- fiscal + izar → fiscalizar
- cristal + izar → cristalizar
- capital + izar → capitalizar
- amen(o) + izar → amenizar
- ideal + izar → idealizar
- modern(o) + izar → modernizar
- canal + izar → canalizar
- civil + izar → civilizar
- harmoni(a) + izar → harmonizar
- universal + izar → universalizar
- divin(o) + izar → divinizar
- formal + izar → formalizar

➧ Observações:

a) Os substantivos derivados dos verbos acima (com o sufixo "-IZAÇÃO") também são escritos com "Z".

- suavização
- modernização
- formalização
- agonização
- finalização
- capitalização
- colonização
- fiscalização
- idealização
- harmonização

b) Se o vocábulo finalizar com a letra "S", acrescenta-se tão somente o sufixo "-AR". Observe:

- a + lis(o) + ar → alisar
- avis(o) + ar → avisar
- pesquis(a) + ar → pesquisar
- catális(e) + ar → catalisar
- anális(e) + ar → analisar
- fris(o) + ar → frisar
- pis(o) + ar → pisar
- divis(a) + ar → divisar

c) Para a regra acima, temos uma exceção: o verbo "catequizar" – escrito com "Z" – que é derivado do substantivo "catequese" – escrito com a letra "S".

3) Nos verbos terminados em "-UZIR" e nas suas conjugações:

- conduzir → conduz, conduziu, conduzirá
- deduzir → deduz, deduziu, deduzirá
- produzir → produz, produzia, produziria

2.3.10 "-ZINHO" OU "-SINHO"

Em português, geralmente se fazem confusões, na formação do diminutivo de alguns vocábulos, quanto ao emprego das letras "Z" e "S". Primeiramente, convém dizer que o sufixo para o diminutivo em português é, em geral, o "-INHO". Para usá-lo corretamente, atente para as seguintes orientações:

a) Quando o vocábulo finalizar em "S" ou em "Z", acrescentar-se-á tão somente o sufixo "-INHO". Observe:

- raiz + inha → raizinha
- lápis + inho → lapisinho
- ros(a) + inha → rosinha
- Luís + inho → Luisinho
- chinês + inha → chinesinha
- nariz + inho → narizinho
- Teres(a) + inha → Teresinha
- as(a) + inha → asinha
- princes(a) + inha → princesinha
- mes(a) + inha → mesinha

b) Quando o vocábulo não termina nem em "S" nem em "Z", usa-se a consoante de ligação "Z" entre o vocábulo e o sufixo indicador do diminutivo. Veja:

- amor + z + inho → amorzinho
- flor + z + inha → florzinha
- café + z + inho → cafezinho
- pai + z + inho → paizinho
- só + z + inho → sozinho
- João + z + inho → Joãozinho
- anel + z + inho → anelzinho
- mar + z + inho → marzinho
- mão + z + inha → mãozinha
- pé + z + inho → pezinho
- Maria + z + inha → Mariazinha
- homem + z + inho → homenzinho

➠ **Observações:**

a) Perceba que, na última regra, a letra "Z" funciona como consoante de ligação entre o final do vocábulo e o sufixo "-inho(a)", já que os vocábulos sem ela seriam cacofônicos, malsoantes.

b) Com certos vocábulos, admitem-se duas grafias. Observe:

- colherzinha ou colherinha
- hominho ou homenzinho
- dentinho ou dentezinho
- gavetinha ou gavetazinha
- montinho ou montezinho
- florzinha ou florinha
- ovinho ou ovozinho
- campinho ou campozinho
- mulherinha ou mulherzinha
- pastorinho ou pastorzinho

Observe abaixo uma tabela com vocábulos escritos com a letra "Z".

ESCREVE-SE COM "Z"

- abalizar
- acidez
- agonizar
- ajuizar
- alazão
- algazarra
- algoz
- alteza
- altivez
- amenizar
- amortizar
- apaziguar
- aprazível
- aridez
- assaz
- avestruz
- azar
- azedar
- azeitona
- azucrinar
- baixeza
- baliza
- bambuzal
- bezerro
- buzina
- capataz
- capuz
- chafariz
- cizânia
- embriaguez
- escassez
- espezinhar
- estupidez
- falaz
- fineza
- flacidez
- frigidez
- fugaz
- gazear
- geratriz
- gozo
- indenizar
- intrepidez
- lambuzar
- lhaneza
- loquaz
- mazela
- mazurca
- morbidez
- nudez
- ozônio
- perdiz
- prazerosamente
- prenhez
- quizila
- rapaziada
- razoável
- revezar

ESCREVE-SE COM "Z"	
• coalizão	• sagaz
• conduzir	• seduzir
• contemporizar	• surdez
• contumaz	• topázio
• copázio	• varizes
• coriza	• vazante
• cozer (cozinhar)	• verniz
• desazo (descuido)	• vileza
• desfaçatez	• vizinho
• deslizar (mas alisar)	• xadrez
• deslize	• ziguezague
• dizimar	
• eficaz	

2.3.11 EMPREGO DA LETRA "X"

a) Por questões etimológicas, emprega-se o "X" com o som de "S" em vocábulos como:

- expor
- sexta
- êxtase
- sextilha
- auxiliar
- contexto
- próximo
- sintaxe
- extenso
- expectativa
- texto
- aproximar
- extrato
- expor
- têxtil

b) Emprega-se geralmente a letra "X" após ditongo. Veja:

- baixo
- queixada
- eixo
- caixa
- peixe
- seixo
- deixar
- gueixa
- frouxo
- feixe

Exceção: Os vocábulos "guache" e "caucho" – e seus derivados, como "recauchutar, recauchutagem" – são escritos com "CH".

c) Geralmente após a sílaba "me" inicial da palavra emprega-se a letra "X". Observe:

- mexerico
- mexida
- mexerucar
- mexilhão
- mexedor
- mexe-mexe
- mexerica
- mexeriqueiro
- mexicano
- mexeriquice

Exceção: O vocábulo "mecha" e seus derivados "mechado, mechagem, mechar".

d) Após a sílaba inicial "en" geralmente se emprega a letra "X". Observe:

- enxada
- enxugar
- enxovalhar
- enxaguar
- enxergar
- enxame
- enxaqueca
- enxaimel
- enxofre
- enxerido
- enxadrezar
- enxertar
- enxoval
- enxurrada
- enxaguada

Exceções: Os vocábulos "encher" (e seus derivados) e enchova (= peixe) são escritos com "CH". Ocorrerá também uma exceção quando o prefixo "en-" for anexado a um vocábulo iniciado por "CH", como "enchiqueirar, encharcar, enchumaçar etc.".

Observe abaixo uma tabela com alguns vocábulos escritos com a letra "X".

ESCREVE-SE COM "X"	
• abacaxi	• maxixe
• almoxarife	• oxalá
• atarraxar	• praxe
• baixada	• puxar
• baixela	• puxão
• bexiguento	• Quixote
• broxa (pincel)	• relaxar

ESCREVE-SE COM "X"

- bruxulear
- buxo (arbusto)
- caixeiro
- caixote
- capixaba
- caxumba
- coxinilho
- elixir
- enfeixar
- enxada
- enxaqueca
- faxina
- feixe
- graxa
- gueixa
- lagartixa
- laxativo
- lixa
- luxúria
- macaxeira
- remexer
- repuxo
- rixa
- rouxinol
- taxa (imposto)
- trouxa
- vexame
- xá (título de nobreza)
- xadrez
- xampu
- xeque (chefe árabe)
- xereta
- xícara
- xilindró
- xilofone
- xingar
- Xingu
- xiquexique
- xodó

Não se esqueça de que, em muitos vocábulos, a letra "X", quando usada no final do vocábulo ou quando empregada entre duas vogais (intervocálica), representa o fonema "KS". Observe a tabela:

LETRA "X" COM O SOM DE "KS"

- afluxo
- amplexo
- anexar
- asfixiar
- asfixiante
- látex
- léxico
- lexicografia
- Marx
- marxismo

LETRA "X" COM O SOM DE "KS"

- axioma
- boxe
- caquexia
- clímax
- complexo
- conexão
- convexo
- córtex
- crucifixo
- dislexia
- doxologia
- dúplex
- fixação
- fixo
- flexionar
- fluxo
- genuflexão
- heterodoxia
- hexacampeão
- intoxicar
- máxime
- nexo
- ônix
- ortodoxia
- oxidar
- óxido
- oxigênio
- paradoxal
- perplexo
- profilaxia
- reflexão
- refluxo
- saxão
- saxofone
- sexagésimo
- sexo
- tórax
- tóxico
- toxicologia
- uxoricida

Em alguns outros vocábulos, a letra "X" representará o fonema "Z". Observe abaixo:

LETRA "X" COM O SOM DE "Z"

- exagero
- exalar
- exame
- exasperar
- executar
- exemplo
- existir
- êxito
- êxodo
- exonerar
- exorcismo
- exortar

LETRA "X" COM O SOM DE "Z"

- exegese
- exercer
- exercício
- exército
- exibir
- exigir
- exíguo
- exilar
- exótico
- exuberância
- exultar
- exumar
- inexistente
- inexorável

2.3.12 EMPREGO DO DÍGRAFO "CH"

Geralmente se usa o dígrafo "CH" por razões etimológicas. Há inúmeras palavras provenientes do latim, do francês, do espanhol e do italiano as quais são escritas com o dígrafo "CH". Podemos citar, a título de exemplo, os vocábulos "chave, cheirar, chuva" (do latim); brocha, chalé, chefe, mochila (do francês e do espanhol); charlatão, salsicha, espadachim (do italiano).

Abaixo segue uma tabela com alguns vocábulos escritos com "CH".

ESCREVE-SE COM "CH"

- Anchieta
- apetrecho
- belchior
- bochecha
- bochecho
- boliche
- bombacha
- brocha (prego)
- broche
- bucha
- bucho (estômago)
- churrasco
- chuteira
- cochichar
- cochicho
- cocho (recipiente)
- colcha
- concha
- coqueluche
- deboche
- despachar
- encher

ESCREVE-SE COM "CH"

- cachaça
- cachimbo
- cachola
- capuchinho
- capucho
- cartucho (cápsula)
- chá (infusão de folhas)
- chácara
- chafariz
- charco
- charque
- cheque (ord. pagamento)
- chimarrão
- chiste
- chuchu
- chucrute
- chutar
- chumaço
- espichar
- estrebuchar
- fachada
- ficha
- guache
- inchar
- machucar
- mochila
- pachorra
- pecha
- pechincha
- rachar
- salsicha
- tacha (mancha)
- tachar (acusar)

2.3.13 EMPREGO DA LETRA MAIÚSCULA E DA MINÚSCULA

Um ponto bastante interessante em nossa língua é o emprego das letras minúsculas e maiúsculas. Embora seja pouco explorado pelas bancas dos concursos, este assunto é bastante útil para o usuário da língua, notadamente para aqueles que trabalham frequentemente com a língua escrita.

Para uma orientação mais segura, procuramos pautar as regras abaixo no Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, edição de 2009, sem exclusão de outras regras óbvias e bastante usuais.

2.3.13.1 Letras maiúsculas

É de praxe o emprego da letra maiúscula:

1) No início de frases, orações ou períodos, versos, citações diretas e logo após o ponto final. Veja:

▹ "Disse o padre Antônio Vieira: "Estar com Cristo em qualquer lugar...".

▹ "Longe do estéril turbilhão da rua,
Beneditino, escreve! No aconchego
Do claustro, na paciência e no sossego,
Trabalha, e teima, e lima, e sofre, e sua!
Mas que na forma de disfarce o emprego
Do esforço; e a trama viva se construa
De tal modo, que a imagem fique nua,
Rica mas sóbria, como um templo grego."
(Olavo Bilac)

➧ **Observação:**

Muitos poetas usam, à moda espanhola, a minúscula no princípio de cada verso, quando a pontuação o permite, como se vê abaixo em Carlos Drummond de Andrade:

▹ "É quando, ao despertar, revejo a um canto
a noite acumulada de meus dias,
e sinto que estou vivo, e que não sonho."

2) Nos substantivos próprios de qualquer espécie (antropônimos: nomes de pessoas, alcunhas, patronímicos, cognomes, tribos e castas, seres mitológicos e fabulosos; topônimos: nomes de lugares, cidades, países; designação de comunidades religiosas e políticas).

- ▹ João da Silva
- ▹ Sigmund Freud
- ▹ Hespéria
- ▹ os Pirineus
- ▹ Vênus
- ▹ Nação
- ▹ Dom Quixote
- ▹ Recife
- ▹ Ruanda
- ▹ Alá
- ▹ Júpiter
- ▹ Estado
- ▹ Dom Casmurro
- ▹ Palmares
- ▹ Brasil
- ▹ Jeová
- ▹ Baco
- ▹ Pátria
- ▹ Branca de Neve
- ▹ Atlântida
- ▹ Olinda
- ▹ Testemunhas de Jeová
- ▹ Igreja Católica
- ▹ Raça

➧ **Observações:**

a) Os vocábulos "Nação, Estado, Pátria, Raça" devem ser escritos com minúscula quando forem empregados em sentido geral ou indeterminado.

- "O único expediente regular (para revogar uma lei que não se acha de acordo com as necessidades de uma **nação**) é o remédio que pode provir do Poder Legislativo." (Rui Barbosa)
- "Também me ocorreu aceitar a batalha, no sentido natural, e fazer dela a luta pela **pátria**, por exemplo." (Machado de Assis)

b) Os substantivos que designam os nomes dos países, estados e cidades devem ser grafados com letra maiúscula, mas seus povos escrevem-se com inicial minúscula, não só quando designam os habitantes ou naturais daquele lugar, mas também quando representam coletivamente uma nação, um povo. Observe:

- o Brasil → os brasileiros
- a Rússia → os russos
- Palmares → os palmarenses
- a Bahia → os baianos
- Pernambuco → os pernambucanos
- a Venezuela → os venezuelanos

3) Nos nomes de festas e festividades. Veja:

- Natal
- Páscoa
- Ramadão
- Todos os Santos

4) Nos nomes que designam a divindade. Observe:

- o Altíssimo
- o Onipotente
- o Todo-Poderoso
- o Criador
- o Rei dos reis

5) Nos pontos cardeais ou equivalentes, quando empregados absolutamente, isto é, quando empregados em referência à região. Observe:

- o Nordeste, por nordeste do Brasil
- Meio-Dia, pelo sul da França
- o Norte, por norte de Portugal
- o Ocidente, por ocidente europeu

6) Nos títulos de jornais e periódicos, que retêm o itálico. Observe:

- *O Estado de São Paulo*
- *Jornal do Commercio*
- *Zero Hora*
- *Diário da Manhã*
- *Folha de São Paulo*
- *O Primeiro de Janeiro*

7) Em siglas, símbolos ou abreviaturas internacionais ou nacionalmente reguladas com maiúsculas. Veja:

- VOLP
- FAO
- CPF
- H2O
- Sr.
- V. Ex.ª.
- ONU

8) Nos nomes próprios de eras e de acontecimentos históricos, e épocas notáveis. Observe:

- Segunda Guerra Mundial
- Renascimento
- Idade Média
- Revolução Industrial

9) Nos nomes de repartições, corporações ou agremiações e estabelecimentos públicos ou particulares. Observe:

- Ministério das Relações Institucionais
- Academia Pernambucana de Letras
- Universidade Federal do Rio de Janeiro
- Departamento de Defesa
- Imprensa Nacional
- Presidência da República

2.3.13.2 Letras minúsculas

É de regra empregar-se a letra minúscula:

1) Ordinariamente, em todos os vocábulos da língua portuguesa nos usos correntes para os quais não haja a obrigatoriedade da letra maiúscula.

2) Nos nomes dos dias, dos meses e das estações do ano. Veja:

- segunda-feira
- março
- sábado
- primavera
- janeiro
- verão

3) Nos usos dos pronomes indefinidos "fulano, sicrano e beltrano".

4) Depois do sinal de dois-pontos quando não se tratar de nome próprio ou de citação direta. Observe:

- Só desejo uma coisa em minha vida: paz.
- Bêbado, ele apenas dizia isto: que a vida não vale a pena.
- Sempre foi um homem de bem: auxiliava em todos os abrigos do município.

5) Nos nomes próprios tomados comuns por sinédoque. Observe:

- Ele foi um judas para a turma.
- Agia como um dom-quixote.
- Rui era o cristo da sala.

6) Nos nomes de festas populares ou pagãs. Veja:

- carnaval
- as bacanais
- micareta
- as saturnais
- as festas juninas

2.3.13.3 Emprego facultativo da letra maiúscula e da minúscula

Pode-se empregar tanto a letra maiúscula quanto a minúscula nos seguintes casos:

1) Em palavras usadas na categorização de logradouros públicos, de templos e de edifícios. Observe:

- Rua ou rua Joaquim da Lapa
- Edifício ou edifício Copan
- Igreja ou igreja Presbiteriana
- Avenida ou avenida Agamenon Magalhães
- Largo ou largo de São Francisco
- Palácio ou palácio da Cultura

2) Nos nomes, adjetivos, pronomes e expressões de tratamento ou reverência. Veja:

- Santa ou santa Ifigênia
- Bacharel ou bacharel João Carlos
- Cardeal ou cardeal Bembo
- Governador ou governador Eduardo Campos
- Senhor Doutor ou senhor doutor Antônio Carlos Resende
- Padre ou padre Ferdinando Marques

3) Nos nomes que designam domínios do saber, cursos, disciplinas e formas afins. Veja:

- Português ou português
- Belas Artes ou belas artes
- Letras Clássicas ou letras clássicas
- Matemática ou matemática
- Filosofia ou filosofia
- línguas e literaturas modernas ou Línguas e Literaturas modernas

4) Nos títulos que compõem uma citação bibliográfica, exceto no primeiro vocábulo e naqueles obrigatoriamente grafados com maiúscula.

- Menino de Engenho ou Menino de engenho

- Árvore e Tambor ou Árvore e tambor
- O Crime do Padre Amaro ou O crime do padre Amaro
- Memórias Póstumas de Brás Cubas ou Memórias póstumas de Brás Cubas

2.3.14 ABREVIATURAS

Em nossa língua portuguesa, certas palavras e locuções, em vez de serem escritas por extenso, são muitas vezes indicadas somente com as iniciais seguidas de ponto ou com as iniciais e mais um número reduzidíssimo de letras seguidas de ponto. Dá-se às palavras e expressões assim representadas o nome de "abreviaturas".

A escrita das abreviaturas geralmente segue algumas orientações. Vejamo-las:

1) Nas abreviaturas, as letras são frequentemente substituídas por ponto. Este, por sua vez, geralmente só é colocado após a primeira consoante ou após o primeiro encontro consonantal. Perceba:

- f. (feminino)
- adj. (adjetivo)
- compl. (complemento)
- Fr. (Frei)
- dipl. (diploma)

➡ **Observação:**

Algumas abreviaturas modernas empregam o ponto depois de vogal. Veja:

- ago. (agosto)
- anu. (anuário)
- Ci. (Ciência)
- litu. (lituano)
- memo. (memorando)

2) As abreviaturas de símbolos científicos (medidas, pesos, distâncias etc.) são escritas sem ponto e sem a letra "s" para indicar o plural. Veja:

- g (grama)
- Km (quilômetro)
- K (potássio)
- sen (seno)
- m (metro)
- cm (centímetro)
- l (litro)
- h (hora)
- kg (quilograma)
- min (minuto)

3) Algumas abreviaturas mantêm a(s) última(s) letra(s) do vocábulo postas acima das outras. Observe:

- C.^{el} (Coronel)
- Exma (Excelentíssima)
- Rem.^{te} (remetente)
- V. Ex.ª (Vossa Excelência)

4) Geralmente, quando se deseja expressar o plural de uma abreviatura, acrescenta-se tão somente a letra "s". Observe:

- caps. (capítulos)
- fls. (folhas)
- Dr.as (doutoras)
- págs. (páginas)

Observações:

a) Quando a abreviatura é formada por letras maiúsculas, duplicam-se essas letras para se expressar o plural. Logo:

- SS.AA (Suas Altezas)
- VV.PP. (Vossas Paternidades)
- VV.MM (Vossas Majestades)

b) Em alguns casos, a duplicação das maiúsculas pode representar superlativos. É o caso de:

- DD (Digníssimo)
- MM (Meritíssimo)
- SS (Santíssimo)

5) O acento gráfico, quando houver, deve ser mantido se recair antes do ponto abreviativo. Veja:

- séc. (século)
- pág. (página)
- téc. (técnica)
- côv. (côvado)
- anún. (anúncio)
- Fís. (Física)
- núm. (número)
- gên. (gênero)
- mús. (música)
- Quím. (Química)

Observe abaixo um rol sucinto com algumas abreviaturas bastante usuais na escrita portuguesa:

a.C ou A.C. = antes de Cristo	A/C = ao(s) cuidado(s)
A.D. = anno Domini (ano do Senhor)	adj. = adjetivo
ad. lit. = ad litteram (ao pé da letra, literalmente)	adv. = advérbio
Aeron. = aeronáutica	Ah = Ampère hora
a.m. = *ante meridiem* (antes do meio-dia)	A.M. = ave-maria
am.° = amigo	ap. ou apart. = apartamento
ár. = árabe	arc.° = arcebispo
asp. ou asp.^{te} = aspirante	assoc. = associação

ativ. = atividade	at.º = atento ou atencioso
at.^{te} = atenciosamente	A.T. = Antigo Testamento
banc. = bancário	B.^{el} = bacharel
B.^{eis} = bacharéis	B.O. = boletim de ocorrência
bras. = brasileiro ou brasileirismo	Bras. = Brasil
cap. = capitão	Cap. = Capital
C.el ou C.^{el} = coronel	Cia. ou C.^{ia} = companhia
Col.º = colégio	Corresp. = correspondência
d.C. ou D.C. = depois de Cristo	DD. = digníssimo
Dec. = Decreto	diác. = diácono
dic. = dicionário	div. = divisão
Dr. = doutor	Drs. = doutores
Dr.ª = doutora	Dr.^{as} = doutoras
Ed. = edição	E.D. = espera deferimento
el. = elemento	espec. = especial
etc. = *et cetera*	Ex.ª = Excelência
f., fl. ou foi. = folha	fls. ou fols. = folhas
flex. = flexão	F.º = filho
g = grama(s)	g. ou gr. = grau(s)
gen. = general	h = hora(s)
ib. ou ibid. = *ibidem* (no mesmo lugar)	i.e. = *id est* (isto é)
Il.^{ma} = ilustríssima	Il.^{mo} = ilustríssimo
Juríd. = jurídico	Kg = quilograma
lit. = *litteratim* (literalmente)	min = minuto(s)
m = metro(s)	mons. = monsenhor
N.T. = Novo Testamento	P.S. = *post scriptum* (pós-escrito)
seg = segundo(s)	seg. = seguinte
v. = você, veja, verbo, volume	*v.g.* = *verbi gratia* (por exemplo)
V.T. = Velho Testamento	

2.4 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (FCC) Está correta a grafia de todas as palavras do seguinte comentário sobre o texto:

a) Uma das iniciativas encontornáveis da cidadania está em se ezercer a consciência crítica, aplicada aos fatos da realidade.

b) Recusando os privilégios dos que se habituaram a viver em grupos autônomos, o texto propõe o acesso de todos a todas as instâncias sociais.

c) Ninguém deve se ezimir de cobrar do Estado a prezervação do princípio de igualdade como um direito básico da cidadania.

d) Constitue dever de todos manter ou readquirir a crença em que seja possível a vijência social dos princípios da igualdade e da solidariedade.

e) O que se atribue a um cidadão, como direito básico, deve constituir-se em direito básico de todos os cidadãos, indescriminadamente.

2. (FCC) Há palavras cuja grafia exige correção na frase:

a) Incompreensivelmente, dá-se absoluta primazia à experiência, quando se trata do preenchimento de novas vagas.

b) Pretextando a inexperiência dos jovens pretendentes a uma vaga, os empregadores lhes oferecem estágios, com pagamento irrisório.

c) É lamentável que jovens com aptidão e vocação para o trabalho sejam rejeitados em nome de uma experiência a que não podem ter acesso.

d) Diminui paulatinamente o número de novos empregos, o que obriga os jovens candidatos a se submeterem a exigências cada vez mais rigorosas.

e) É evidente o descazo com que o mercado de trabalho trata os recém-formados, frustrando assim suas legítimas pretenções.

3. (ESAF) Assinale a opção que corresponde a erro gramatical ou de grafia.

Diante da atual mediocridade da representação política, é ***necessária(1)*** *a participação e a organização da sociedade, operando uma profunda mudança em nossa cultura política.* ***Quanto maior(2)*** *o individualismo, mais frágeis são os governos. As regras formais constitucionais não são suficientes para* ***freiar(3)*** *os vícios* ***exacerbados(4)*** *pelo poder. As organizações da sociedade devem ter o poder de vigiar e cobrar prestação de contas. Por isso, em vez de desacreditar da política, devemos agir em corresponsabilidade, com coragem, lucidez e* ***discernimento(5)*** *num grande mutirão para abrir caminho para um país democrático, justo, desenvolvido e pacífico.*

(Adaptado de Dom Geraldo Majella, cardeal Agnelo, Folha de S. Paulo, 21/6/2005)

a) 1

b) 2

c) 3

d) 4

e) 5

4. (FCC) Está correta a grafia de todas as palavras da frase:

a) Malediscente como sempre, não deixa de proferir injúrias, manifestando, além da hostilidade, uma extraordinária vocação para provocar a cisânia entre seus desafetos.

b) Diante de nossa relutância, propôs que fôssemos com ele ao supermercado, emprendêssemos, de modo alheatório, uma pesquisa de preços, e os comparássemos aos da feira.

c) Como não conta com nenhum para-raios, o povoado se alarma tão logo comece a trovejar: na última tempestade, a inscidência de descargas elétricas foi a maior da região.

d) Será necessário intensificar a assistência aos pescadores, por ocasião da reversão das águas do rio – operação esta que certamente beneficiará as hidrelétricas, mas que poderá levar muitos à indigência.

e) Os maltratos recebidos afetaram-na tão profundamente que ela não consegue relaxar: ficaram-lhe os resquícios de um trauma familiar que dificilmente superará sem os subssídios de um tratamento especializado.

5. (FCC) Estão corretos o emprego e a grafia de todas as palavras da frase:

a) É costume discriminar-se os jovens, e a razão maior está em serem jovens, e não em alguns de seus hábitos que fossem em si mesmos pemisciosos.

b) A encorporação de um novo léxico é uma das consequências de todo amplo avanço tecnológico, já que este indus à criação ou recriação de palavras para nomear novos referentes.

c) Um pequeno glossário, capaz de elucidar a nova terminologia da informática, contribui muito para afastar os percalços do caminho dos usuários iniciantes, aturdidos com tanta novidade.

d) Os maus-entendidos são fatais quando ainda não se tem destreza numa nova linguagem, quando ainda não se está familiarizado com um novo vocabulario.

e) Muita gente letrada e idosa aderiu ao uso do computador, considerando-o não um sinal do apocalípse, mas uma ferramenta revolucionária na execução de tarefas, um instrumento útil para qualquer pesquizador.

6. (ESAF) Assinale o trecho do texto que apresenta erro gramatical.

Machado de Assis – Um gênio Brasileiro, de Daniel Piza

a) Na apresentação da biografia de Machado de Assis (1839-1908), o jornalista Daniel Piza observa que o autor foi, ao mesmo tempo, uma expressão de sua época e uma exceção a ela.

b) Em seus contos e romances, ele deixou um retrato acurado do Rio de Janeiro do século XIX, mas sua crítica ácida à sociedade brasileira nem sempre foi percebida pelos seus contemporâneos.

c) Piza busca demonstrar que Machado era muito diferente do protagonista de seu último romance, *Memorial de Aires*.

d) O escritor não tinha "tédio a controvérsias", pois, na verdade, participou dos grandes debates públicos de sua época.

e) A ascenção social do mulato no Brasil escravista e a epilepsia estão entre os aspectos de sua vida examinados no livro.

(Adaptado de Revista VEJA, 28 de dezembro de 2005, p. 196)

7. (ESAF - SEFAZ/CE 2007 - Aud. Fiscal) Assinale a opção que contém erro de grafia ou inadequação vocabular. (Artigo extraído, com modificações, do Estatuto dos Funcionários Públicos Civis do Estado do Ceará).

Art. 192 - O funcionário deixará de cumprir ordem de autoridade superior quando:

a) a autoridade de quem emanar a ordem for incompetente;

b) não se contiver a ordem na área da competência do órgão a que servir o funcionário seu destinatário, ou não se referir a nenhuma das atribuições do servidor;

c) for a ordem expendida sem a forma exigida por lei;

d) não tiver a ordem como causa uma necessidade administrativa ou pública, ou visar a fins não estipulados na regra de competência da autoridade da qual promanou ou do funcionário a quem se dirige;

e) a ordem configurar abuso ou excesso de poder ou de autoridade;

(http://www.al.ce.gov.br/publicacoes/estatutocivis/estatuto/capitulo_2_t6.htm, pesquisa em 20/10/2006)

8. (FCC - TRT 23.ª região - Analista Judiciário) Estão corretos o emprego e a grafia de todas as palavras da frase:

a) A corrupção só se extingue ou diminue quando os justos intervêm para que as boas causas prevalesçam.

b) Os homens que usufruem de vantagens a que não fazem jus cultivam a hipocrisia de propalar discursos moralizantes.

c) Contra tantos canalhas audases há que haver a reação dos que têm a probidade como um valor inerente ao exercício da cidadania.

d) Há uma inestricável correlação entre a apatia dos bons cidadãos e a desenvoltura com que agem os foras-da-lei.

e) Deprende-se que houve êxito das iniciativas dos homens de bem quando os prevaricadores sentiram cerceada sua área de atuação.

9. (CESGRANRIO - BNDES) O substantivo derivado do verbo está grafado *INCORRETAMENTE* em

a) ascender: ascensão.

b) proteger: proteção.

c) catequizar: catequeze.

d) progredir: progressão.

e) paralisar: paralisia.

10. (FGV - Ministério da Cultura) As dificuldades gráficas constituem um grande entrave à boa comunicação escrita, podendo gerar desvios da intenção de comunicação original.

Assinale a alternativa em que não haja inconsistência gráfica ou semântica.

a) Ele mora há cerca de dez minutos do Centro.

b) Votamos naquele presidente, pois suas ações viriam ao encontro de nossas expectativas.

c) Como tinha corrido muito, chegou espavorido ao trabalho.
d) Embora fosse importante, o evento passou desapercebido.
e) O mandado do deputado será suspenso.

GABARITO

1 – B	2 – E	3 – C
4 – D	5 – C	6 – E
7 – C	8 – B	9 – C
10 – B		

CAPÍTULO 3

ACENTUAÇÃO

3.1 ORTOFONIA

Denomina-se de "**ortofonia**" a parte da Gramática Normativa que trata da correta pronúncia dos vocábulos. Divide-se em "ortoépia ou ortoepia" e "prosódia".

3.1.1 ORTOÉPIA OU ORTOEPIA

Como divisão da *ortofonia*, a **ortoépia** ou **ortoepia** estuda a correta enunciação dos fonemas (vogais e consoantes) no interior de uma palavra, segundo os padrões da língua culta.

No Brasil, a questão da pronúncia correta ainda é um grande problema, pois não possuímos uma "pronúncia-padrão", fato que ocasiona alguns ruídos comunicativos no território nacional. Não raro, ouvimos alguém pronunciando "bandeija, beneficiência, carangueijo, advinhar, desinteria, impecilho" dentre outros vocábulos igualmente errados.

Cumpre, por isso, assinalar que a correta pronúncia dos vocábulos em nossa língua depende de:

a) uma clara emissão das vogais;

b) uma nítida e exata articulação das consoantes;

c) uma acertada pronúncia da sílaba tônica do vocábulo.

Por isso, a Gramática Normativa dispõe um capítulo inteiro para o estudo de uma série de vocábulos, buscando orientar o estudante da língua a evitar muitos erros. Abaixo, listamos alguns vocábulos frequentemente usados, que podem trazer dúvida para o usuário da língua pátria.

Alerta! Sugiro que leia a tabela abaixo mais de uma vez. Tente apreender a pronúncia e a escrita corretas desses vocábulos, pois geralmente eles aparecem em provas, notadamente nas provas de nível médio.

CERTO	ERRADO
abóbora	abobra
absoluto	abissoluto
adivinhar	advinhar
admissão	adimissão
advogado	adevogado
aleijar	alejar
anteontem	antiontem
armário	armaro
bandeja	bandeija
barganha	berganha
bebedouro	bebedor
beneficência	beneficiência
bicarbonato	bicabornato
bugiganga	buginganga
bússola	bússula
cabeleireiro	cabelereiro
caranguejo	carangueijo
creolina	criolina
descarrilar	descarrilhar
destilar	distilar
disenteria	desinteria
edifício	edifiço

CERTO	ERRADO
estoura	estóra
estrangeiro	estrangero
estupro	estrupo
etimologia	etmologia
família	famílha
flagrante	fragante
frear	freiar
frustrado	frustado
garfo	galfo
ignorância	iguinorânça
lagarto	largato
louco	loco
mendigo	mendingo
meritíssimo	meretíssimo
mortadela	mortandela
muçulmano	mulçumano
paciência	paciença
pátio	páteo
pneu	peneu
pouco	poco
problema	poblema
proprietário	propietário
psicologia	pissicologia
reivindicar	reinvindicar
salsicha	salchicha
seja	seje
sequer	siquer
superstição	supertição
supetão	sopetão
umbigo	imbigo

3.1.2 ACENTUAÇÃO GRÁFICA

Indubitavelmente, o ponto mais cobrado pelas bancas de concursos em geral é, sem dúvida, a acentuação gráfica de alguns vocábulos. Antes, porém, de estudarmos as regras que regem a acentuação gráfica, vejamos algumas orientações preliminares...

1) Hoje, com o advento do Novo Acordo Ortográfico (1990), existem em português três acentos gráficos: o agudo (´), o grave (`) e o circunflexo (^). O til não é considerado um acento gráfico, senão um sinal de nasalização.

2) É importante não se esquecer de que todos os vocábulos são acentuados em português – é o chamado "**acento tônico**" (também chamado de "prosódico"), isto é, o acento que é representado pela sílaba mais forte do vocábulo: a sílaba tônica. As demais sílabas são chamadas de <u>atônicas</u> ou, simplesmente, <u>átonas</u>. Observe:

› meNIno › caDERno › almoFAda › CaruaRU › afirMAR

3) Em português, a sílaba tônica só recai na última, na penúltima ou na antepenúltima sílaba de um vocábulo. Daí os vocábulos serem classificados em três categorias:

a) **<u>oxítonos</u>** (ou agudos) → são os vocábulos cuja sílaba tônica recai na última, como em: café, timidez, papel, sutil, ruim, Nobel, condor, cateter, refém, amém, mister etc.

b) **<u>paroxítonos</u>** → são os vocábulos cuja sílaba tônica recai na penúltima, como em: amizade, beleza, austero, cível, exegese, rubrica, látex, decano, circuito, barbárie, fluido, tulipa, seniores, juniores etc.

c) **<u>proparoxítonos</u>** → são os vocábulos cuja sílaba tônica recai na antepenúltima, como em: lâmpada, ágape, álibi, pântano, ômega, êxodo, aríete, arquétipo, ínterim, horóscopo, êmbolo,

➯ **Observação:**

Em português, o conhecimento sobre a sílaba tônica do vocábulo é imprescindível para que não se cometam erros no momento de se acentuar graficamente o vocábulo quando for necessário.

Dica: Sugiro que, antes de entrar no assunto abaixo, faça uma revisão teórica sobre os encontros vocálicos: ditongos, tritongos e hiatos. Essas definições serão bastante importantes.

3.1.3 REGRAS PARA A ACENTUAÇÃO GRÁFICA

Em primeiro lugar, cumpre observar que o objetivo da acentuação gráfica é permitir que todas as palavras sejam lidas corretamente e se evitem os erros de prosódia, denominados de "silabada".

Como já dissemos, é fundamental, em primeiro lugar, identificar a sílaba tônica dos vocábulos. A partir daí, parte-se para a busca da necessidade ou não de se acentuar o vocábulo graficamente.

Vamos às regras sobre a acentuação gráfica na língua portuguesa.

3.1.3.1 Monossílabos

Regra → Em português, acentuam-se com acento agudo os monossílabos finalizados em "a, e" abertos e, com acento circunflexo os monossílabos finalizados em "e, o" fechados, seguidos ou não de "s".

a) A(S) → chá, Brás, pá, gás, más, trás, fás, zás, má.
b) E(S) → lê, crê, rês, fé, pés, dê, mês, três, rés, lés.
c) O(S) → dó, nó, vó, pó, pôs, cós, vós, nós.

3.1.3.2 Oxítonos

1.ª regra → Em português, acentuam-se com acento agudo os vocábulos oxítonos que terminam em "a, e, o" abertos, e com acento circunflexo os vocábulos que terminam em "e, o" fechados, seguidos ou não de "s".

d) A(S) → maracujá, cajá, vatapá, maracá, babá, Amapá, Macapá, Itamaracá, agá, alvará.
e) E(S) → rapé, chulé, recém, café, jacaré, dendê, cortês, português, freguês, pés, através, convés.
f) O(S) → cocoricó, trisavô, caritó, cipó, complô, propôs, judô, bisavó, cotó, mocotó, bangalô.

2.ª regra → Em português, acentuam-se com acento agudo o "e" da terminação "em" ou "ens" dos vocábulos oxítonos compostos de mais de uma sílaba.

- amém
- alguém
- reféns
- também
- vintém
- desdém
- armazém
- aquém
- Jerusalém
- parabéns
- Belém
- harém
- ninguém
- Santarém

➧ **Observação:**

Perceba que os monossílabos e os vocábulos paroxítonos terminados em "em" e "ens" não são acentuados.

- cem
- vem
- tem
- trem
- cantem
- dizem
- fazem

3.ª regra → Em português, acentuam-se com acento agudo os vocábulos oxítonos terminados nos ditongos abertos "éi, ói, éu".

a) ÉI → anéis, coronéis, papéis, réis, fiéis, bacharéis.

b) ÓI → sóis, anzóis, herói, caubói, rói, dói, dodói.

c) ÉU → céu, réu, véu, chapéu, escarcéu, fogaréu.

➧ **Observações sobre a acentuação dos oxítonos:**

a) **Perceba que os oxítonos terminados em "z, r, l, i, u" não são acentuados.**

- capaz
- funil
- abacaxi
- timidez
- caracol
- Caruaru
- feliz
- cordial
- repus
- cuscuz
- caju
- Cariri
- amar
- bambu
- vapor
- suor
- bisturi
- coronel

b) **Com base na regra de acentuação dos oxítonos, acentuam-se as formas verbais oxítonas terminadas em "a, e, o". Observe:**

- repor + o → repô-lo
- amaria + a → amá-la-ia
- dizer + os → dizê-los
- julgarão + os → julgá-los-ão
- compor + os → compô-los
- comprar + os → comprá-los

c) **Por outro lado, as formas verbais oxítonas terminadas em "i, u" não são acentuadas. Observe:**

- partir + o → parti-lo
- vendi-o
- compus + o → compu-lo
- cumpri-lo

d) Com o advento do Novo Acordo Ortográfico de 1990, não mais se acentuam os ditongos "ei, oi" dos vocábulos paroxítonos. Para ficar bem esclarecido: esses ditongos não serão acentuados quando estiverem na penúltima sílaba.

- ideia
- alcateia
- diarreia
- colmeia
- heroico
- claraboia
- paranoico
- boia
- loio
- jiboia
- estreia
- dicroico
- assembleia
- europeia
- geleia

3.1.3.3 Paroxítonos

Os vocábulos paroxítonos são acentuados de acordo com as seguintes regras:

1.ª regra → Em português, acentuam-se os vocábulos paroxítonos terminados em "ã, ãs, ão, ãos".

- ímã
- órfãs
- órgão
- órfãos
- dólmã
- ímãs

2.ª regra → Em português, acentua-se – com acento agudo quando aberta e com acento circunflexo quando fechada – a sílaba tônica dos vocábulos paroxítonos terminados em "i, is, us".

- beribéri
- íris
- bônus
- miosótis
- ônus
- tênis
- lápis
- oásis
- táxi
- ânus
- biquíni
- Vênus
- júri
- vírus

➾ **Observação:**

Os prefixos paroxítonos terminados em "i" não são acentuados. Observe: semi-histórico, anti-higiênico.

3.ª regra → Em português, acentuam-se os vocábulos paroxítonos terminados em "l, n, r, x, ps". Usa-se o acento agudo para "a, e, o" abertos e o acento circunflexo para "e, o" fechados.

- túnel
- fênix
- alúmen
- vômer
- córtex
- afável
- éter
- açúcar
- aljôfar
- hífen
- âmbar
- caráter
- cânon
- fênix

- bíceps
- âmbar
- tríceps
- difícil
- próton
- cônsul
- íon
- pólen
- látex
- flúor
- cóccix
- tórax
- vulnerável
- fórceps

Observação:

Tenha muito cuidado com a acentuação das palavras "item, itens, hífen e hifens" – estes vocábulos são muito cobrados em provas de concursos. Observe que somente "hífen" recebe acento por ser uma paroxítona terminada em "n". As demais não são acentuadas porque não há regra que autorize a acentuação das paroxítonas terminadas em "ens" nem das paroxítonas terminadas em "em".

4.ª regra → Em português, acentuam-se os vocábulos paroxítonos terminados em "um, uns".

- álbum
- lábrum
- médium
- árum
- álbuns
- cécum
- médiuns
- factótum
- fórum
- nátrum
- fóruns

5.ª regra → Em português, acentuam-se com agudo ou circunflexo se a sílaba for aberta ou fechada respectivamente, os vocábulos paroxítonos terminados em ditongos orais.

- ágeis
- imóveis
- amêndoa
- Antônio
- jóquei
- variáveis
- superfície
- óleo
- pusésseis
- pênseis
- páscoa
- ginásio
- túneis
- férteis
- petróleo
- história
- régua
- Ásia
- água
- tênue
- vácuo

3.1.3.4 Proparoxítonas

Regra → Em português, acentuam-se todos os vocábulos proparoxítonos. Com acento agudo, as vogais "a, e, o" abertas. Com acento circunflexo, as vogais fechadas "e, o" e as vogais "a, e, o", quando seguidas de "m" ou "n".

Como exemplo, transcrevemos abaixo uma parte da famosa música do ilustre compositor Chico Buarque, "Construção". Observe que o último vocábulo de cada verso é formado por uma palavra proparoxítona.

"Amou daquela vez como se fosse a **última**
Beijou sua mulher como se fosse a **última**

E cada filho seu como se fosse o **único**
E atravessou a rua com seu passo **tímido**
Subiu a construção como se fosse **máquina**
Ergueu no patamar quatro paredes **sólidas**
Tijolo com tijolo num desenho **mágico**
Seus olhos embotados de cimento e **lágrima**
Sentou pra descansar como se fosse **sábado**
Comeu feijão com arroz como se fosse um **príncipe**
Bebeu e soluçou como se fosse um **náufrago**
Dançou e gargalhou como se ouvisse **música**
E tropeçou no céu como se fosse um **bêbado**
E flutuou no ar como se fosse um **pássaro**
E se acabou no chão feito um pacote **flácido**
Agonizou no meio do passeio **público**
Morreu na contramão atrapalhando o **tráfego**."

(Chico Buarque)

➧ **Observação:**

O advento do Novo Acordo Ortográfico de 1990 tem por objetivo principal uniformizar a grafia e a pronúncia entre os povos falantes do português. As palavras paroxítonas cujas vogais tônicas grafadas "e" ou "o" estão em final de sílaba e são seguidas das consoantes nasais grafadas "m" ou "n", conforme o seu timbre é aberto ou fechado nas pronúncias cultas da língua, podem receber acento agudo ou circunflexo. Podemos, então, escrever corretamente:

- acadêmico **ou** acadêmico
- fenômeno **ou** fenómeno
- cênico **ou** cênico
- fenômeno **ou** fenómeno
- gênio ou génio
- anatômico **ou** anatómico
- gênero **ou** gênero
- cômodo ou cómodo
- gêmeo **ou** gêmeo
- Amazônia **ou** Amazónia

3.1.3.5 Acentuação dos hiatos

Antes de mais nada, é preciso saber qual a razão dos hiatos. Observe abaixo:

DITONGO	HIATO
doido	doído
cai	caí
sai	saí
contribui	contribuí
sabia	sabiá
bau	baú
saia	saía
ai	aí

Perceba que, na primeira coluna, juntamos as três letras e as pronunciamos em uma única emissão sonora (doi-, cai, sai, -bui, -bia, baú). Já na segunda coluna, pela existência do acento, pronunciamos essas mesmas sílabas em duas emissões sonoras. Percebemos, portanto, que o hiato evita que formemos o ditongo. Daí a principal razão dos hiatos: evitar processos de ditongação, ou seja, evitar que se pronuncie o conjunto das letras de uma única vez, mas separadamente.

Seguindo a regra acima, recebem acento agudo as vogais "i" e "u" tônicas dos vocábulos, seguidas ou não de "s", quando formam hiato com a vogal anterior. Observe:

- faísca
- acaraúba
- caraíba
- macaíra
- saída
- caís
- Luísa
- sanduíche
- graúdo
- saúde
- areísco
- ciúme
- maleína
- heroína
- país
- Luís
- amiúde
- raízes
- abaçaí
- aziúme
- deífico
- piracuí
- juízo
- peúga
- racaída
- baú
- absenteísmo
- babuíno
- egoísta
- jataí
- viúvo
- saía
- miúdo
- baía
- açaí
- balaústre
- jaú
- saúva
- cafeína
- timbaúba
- paraíso
- Esaú

➾ Observações sobre os hiatos:

a) Não se coloca o acento agudo no "i" e no "u" quando, precedidos de vogal que com eles não forma ditongo, são seguidos de "l, m, n, r, z" que não iniciam sílabas.

- contribuinte
- Abigail
- juiz
- constituinte
- paul
- cairmos
- retribuirdes
- ruir
- ruim
- demiurgo

b) Igualmente não se coloca o acento agudo no "i" e no "u" tônicos dos hiatos quando forem seguidos de "nh".

- rainha
- ladainha
- tainha
- ventoinha
- campainha
- abecoinha

c) Em muitas formas verbais, o "i" e o "u" figuram em hiato com a vogal anterior. Portanto, devem receber acento agudo. Observe:

- eu atraí
- tu atraíste
- eu caí
- tu caíste
- eu saí
- tu saíste
- eu saúdo
- tu saúdas
- eu contribuí
- tu contribuíste
- eu possuí
- tu possuíste

d) Os encontros vocálicos "iu" e "ui", quando precedidos de vogal, sempre formarão ditongos. Essas bases não são acentuadas. Veja:

- atraiu
- contribuiu
- pauis
- constituiu
- destruiu
- saiu
- derruiu
- caiu
- embaiu
- restituiu

e) Levam, porém, acento agudo as vogais tônicas "i" e "u" quando, precedidas de ditongo, formam hiato com a sílaba anterior, como se vê em "Piauí, teiú, teiús, tuiuiú, tuiuiús".

f) Em virtude do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, firmado em 1990, não mais recebem o acento circunflexo os hiatos tônicos "ee" e "oo". Portanto, assim devem ser escritos:

- voo
- coo
- abotoo
- enjoo
- creem
- veem
- leem
- perdoo
- deem
- caçoo
- amaldiçoo
- abençoo
- arrazoo
- doo

3.1.3.6 Acentos diferenciais

Com o advento do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, firmado em 1990, desapareceu a maioria dos acentos diferenciais. Permanecem, entretanto, os seguintes acentos diferenciais:

1) "**Pôde**" (3.ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo) para distinguir da correspondente forma do presente do indicativo "pode".

2) "**Pôr**" (forma verbal infinita) para distinguir da forma homógrafa "por" (preposição).
3) Facultativamente, pode-se grafar "**fôrma**" (substantivo) ou "**forma**" (substantivo, 3.ª pessoa do singular do presente do indicativo ou 2.ª pessoa do singular do imperativo afirmativo).
4) Facultativamente, pode-se grafar "**dêmos**" (1.ª pessoa do plural do presente do subjuntivo) para se distinguir da correspondente forma do pretérito perfeito do indicativo "**demos**".

➧ **Observação:**

Logo, os antigos acentos diferenciais, como "pára, pélo, pólo, pêra", por exemplo, não mais existem. Escreveremos, portanto, corretamente:

▹ Ela não para para pensar. ▹ Eu pelo o pelo pelo simples fato de sentir prazer.
verbo verbo

3.1.3.7 Regra especial – verbos "ter", "vir" e seus derivados

Há uma regra para a acentuação gráfica que merece atenção à parte. Diz respeito à acentuação dos verbos "ter", "vir" e seus derivados. Tais verbos obedecem às seguintes regras:

1.ª regra → Acentua-se, com acento circunflexo, a 3.ª pessoa do plural do presente do indicativo dos verbos "ter" e "vir". Observe:

PRESENTE DO INDICATIVO VERBOS "TER" e "VIR"	
eu	tenho / venho
tu	tens / vens
ele	tem / vem
nós	temos / vimos
vós	tendes / vindes
eles	**têm / vêm**

2.ª regra → Acentua-se, com acento agudo, a 3.ª pessoa do singular e com circunflexo a 3.ª pessoa do plural do presente do indicativo dos verbos

derivados de "ter" e "vir", como "abster, ater-se, reter, deter, conter, entreter, manter, advir, convir, intervir, provir, desavir, sobrevir" etc.

Observe abaixo a conjugação de dois verbos derivados de "ter" e "vir".

PRESENTE DO INDICATIVO VERBOS "CONTER" e "PROVIR"	
eu	contenho / provenho
tu	contens / provens
ele	**contém / provém**
nós	contemos / provimos
vós	contendes / provindes
eles	**contêm / provêm**

Dica: Fique muito atento a essas duas últimas regras. Elas são muito cobradas, em concursos públicos, nas questões de concordância verbal. Portanto, a dica é "ficar ligado" no sujeito da oração, especialmente quando este sujeito for oracional, o que exigirá a concordância do verbo na 3.ª pessoa do singular.

Veja agora alguns exemplos (sublinhamos o núcleo do sujeito e destacamos o verbo):

- Todas as provas levantadas pela defesa **contêm** aspectos inconstitucionais.
- A polícia sempre **intervém** nas manifestações populares.
- De lugares abstratos certamente não **provêm** ideias sobre a vida e a existência.
- "O curso do espírito reformista no país acelera-se atualmente; e **convém** acelerá-lo." (Rui Barbosa)
- "Porque a questão, com a complexidade imanente aos fatos concretos, se **atém**, de preferência, a razões secundárias..." (Euclides da Cunha)
- "Todos os críticos se **atêm** a essa questão de metrificação." (Lima Barreto)

3.1.3.8 Considerações gerais sobre a acentuação dos vocábulos

1) **Com o Novo Acordo Ortográfico, assinado em 1990, o trema deixa de existir sobre os grupos "GUE, GUI, QUE, QUI". Portanto, os vocábulos que apresentam tais ditongos devem ser escritos sem o trema. Observe:**

- linguiça
- arguição
- bilíngue
- aquífero
- cinquenta
- aquicultura
- consequência
- quinquenal
- tranquilo
- quinquênio
- saguim
- equilátero
- frequência
- áqueo
- seriguela
- aguentar
- equidade
- delinquência

➧ **Observação:**

O trema apenas se conserva em palavras estrangeiras e em palavras derivadas de nomes estrangeiros, como "hübneriano, Hübner, mülleriano, Müller".

2) **A mesma situação ocorreu com os grupos "GUE, GUI, QUE" de algumas formas verbais.**

3) **Os grupos "gue, gui, que", que aparecem com verbos como "arguir, aguar, obliquar, delinquir, enxaguar", embora apresentem a vogal tônica "u", já não mais são acentuados em virtude do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa. Veja:**

- arguo, arguis, argui, arguem etc.
- delinquo, delinquis, delinqui, delinquem etc.

3) **Nos advérbios terminados em "-mente", derivados de adjetivos com acento agudo ou circunflexo, estes acentos são suprimidos. Observe:**

- ávido → avidamente
- hábil → habilmente
- lúcido → lucidamente
- débil → debilmente
- espontâneo → espontaneamente
- fácil → facilmente
- só → somente
- ingênuo → ingenuamente
- único → unicamente

4) Nas palavras derivadas que contêm sufixos iniciados por "z" e cujas formas de base apresentam vogal tônica com acento agudo ou circunflexo, estes acentos serão suprimidos. Observe:

- anéis → aneizinhos
- bebê → bebezinho, bebezito
- herói → heroizito
- avô → avozinho
- bênção → bençãozinha
- avó → avozinha
- café → cafezada
- lâmpada → lampadazita
- pêssego → pessegozito

3.2 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (ESAF) Assinale a opção que corresponde a erro gramatical ou de grafia de palavra.

A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio, realizada pelo IBGE, revelou **que(1)** *a renda das famílias parou de cair em 2004, interrompendo uma* **trajetória(2)** *de queda que acontecia desde 1997, e que* **houve(3)** *diminuição do grau de concentração da renda do trabalho. Enquanto a metade da população ocupada* **que(4)** *recebe os menores rendimentos teve ganho real de 3,2%, a outra metade, que tem rendimentos maiores, teve perda de 0,6%. Os resultados da PNAD mostraram, também, que o Brasil melhorou em* **ítens(5)** *como número de trabalhadores ocupados, participação das mulheres no mercado de trabalho, indicadores da área de educação e melhoria das condições de vida.*

(Trechos adaptados de **Em Questão**, *Subsecretaria de Comunicação Institucional da Secretaria-Geral da Presidência da República, n. 379, Brasília, 30 de novembro de 2005)*

A) 1
B) 2
C) 3
D) 4
E) 5

2. (FJPF) As palavras **argúcia**, **é** e **carajá**, presentes no texto, acentuam-se graficamente em face das mesmas regras que justificam o acento em:

A) fichário, dá-lhe, cipó;
B) pelúcia, têm, cajá;
C) vivência, saí, cá;
D) útil, café, marajá.

3. (CESGRANRIO) O par de palavras que **NÃO** deve ser acentuado, segundo o registro culto e formal da língua, é

A) interim – polen.
B) itens – pudico.
C) juizes – prototipo.
D) economico – refem.
E) heroi – biceps.

4. (CESGRANRIO) A ausência do sinal gráfico de acentuação cria outro sentido para a palavra:

A) trânsito.
B) características.
C) inevitável.
D) infrutíferas.
E) anônimas.

5. (Unifesp) Existem várias palavras que recebem acento gráfico, de acordo com suas regras específicas. Indique a alternativa em que todas as palavras são acentuadas graficamente, segundo a mesma regra.

A) estômago, colégio, fábrica, lâmpada, inflexível.
B) Virgílio, fúria, carícias, matéria, colégio.
C) trópicos, lábios, fúria, máquinas, elétricas.
D) sério, cérebro, Virgílio, sábio, lógico.
E) Ésquilo, carícia, Virgílio, átomos, êmbolo.

6. (PUCCAMP) O texto apresenta diversas palavras em que se pode notar a presença do acento gráfico. Em algumas delas, a ausência do acento provocaria mudança de sentido.

Assinale a alternativa em que todas as palavras mudariam de sentido, caso estivessem sem acento.

A) sóbrio, história, está
B) vários, vítimas, matá-los
C) é, já, país
D) é, está, país
E) têm, matá-los, sóbrio

7. (UFRS). Considere as seguintes afirmações sobre acentuação gráfica no texto.

I – A palavra "teórica" recebe acento gráfico pela mesma regra que preceitua o uso do acento em "lúgubre".

II – Se fosse retirado o acento das palavras "só", "é" e "média", esta alteração provocaria o aparecimento de outras palavras da Língua Portuguesa.

III - A palavra "herói" é acentuada pela mesma regra de "autoritários".

Quais estão corretas?:

A) Apenas I

B) Apenas II

C) Apenas I e III

D) Apenas II e III

E) I, II e III

8. (FGV) Assinale a alternativa correta quanto à acentuação e à grafia de palavras.

A) Temas comuns, como a construção social do mercado, permitem entrevêr as possibilidades de uma saudável relação entre Sociologia e Economia, que não pode se paralizar em virtude de algumas diferenças.

B) Em um de seus estudos mais célebres, Mark Granovetter vêm demonstrar que as pessoas se ligam às outras por laços fortes e laços fracos. Por isso, é imprecindível que as pessoas consigam entender essas ligações.

C) Alguns temas revigoraram o debate entre a Sociologia e a Economia, sendo responsáveis por compôr um novo cenário. O diálogo deve basear-se nos pontos positivos e comuns e não nas excessões.

D) A falta de dialogo entre Sociologia e Economia perdurou pôr quase três séculos, mas é um quadro que parece estar mudando, sobretudo em função de fragrantes pontos em comum entre as disciplinas.

E) Em meados dos anos 1970, parece que uma leve brisa intervém na falta de comunicação entre sociólogos e economistas, que não mais hesitam em pôr em discussão assuntos inerentes às duas disciplinas.

GABARITO

1 – E	2 – A	3 – B
4 – A	5 – B	6 – D
7 – A	8 – E	

CAPÍTULO 4

SIGNIFICAÇÃO DAS PALAVRAS

Como já vimos, a palavra é o vocábulo com que expressamos uma ideia. Não é a exteriorização do pensamento, como pensam alguns; é o próprio pensamento. "Ideia" e "palavra" são, portanto, como o verso e o reverso de uma mesma moeda: não é possível conceber a existência de uma face sem a outra. Quando analisamos, por exemplo, a palavra **"leão"**, automaticamente nos vem à cabeça a ideia de um animal feroz, carnívoro, pertencente à família dos felídeos e habitante das planícies africanas. Entretanto, esta não é a única significação para a palavra "leão". A história das palavras nos mostra que elas estão sujeitas a várias mudanças não só nos elementos fonéticos de que se compõem, mas também relativamente à sua significação. Por isso, o nosso vocábulo "leão" pode também significar "indivíduo de muita força, indivíduo muito irritado, indivíduo conquistador etc.".

Ao estudo que trata dessas últimas mudanças ou variações de sentido das palavras dá-se a designação de **SEMASIOLOGIA** ou **SEMÂNTICA**.

A palavra é um som articulado, um signo sonoro que nos representa a ideia de um objeto do mundo material, ou de um fato ou de uma noção puramente abstrata. Se em nossa língua tivéssemos uma palavra para cada ideia, para cada noção, tantas seriam elas que certamente não haveria inteligência que não cedesse a peso tão esmagador. Por isso, as palavras substituem-se em seus sentidos, irradiam uns para os outros, encadeiam-se, penetram-se, usurpam os sentidos uns dos outros, auxiliam-se, fundem-se e confundem-se, às vezes, na variedade de suas significações.

4.1 DENOTAÇÃO E CONOTAÇÃO

Como primeira porta de entrada nesse vasto mundo do significado das palavras, comecemos a observá-las sob os conceitos de "**denotação**" e "**conotação**".

O **sentido denotativo** é aquele dado pelo dicionário. Na denotação o sentido é referencial, próprio, usual ou literal. Já o **sentido conotativo** é o sentido que a palavra ganha no texto por força geralmente de comparações, associações de ideias.

Denotativamente, "**águia**" é ave de rapina; conotativamente é uma pessoa de grande talento, de grande sabedoria, de grande perspicácia. "**Coração**" é órgão muscular dos animais vertebrados que bombeia o sangue para todo o corpo, quando o analisamos em seu sentido denotativo. Já em seu sentido conotativo, "**coração**" pode representar, entre outros sentidos, "a parte mais central, o âmago, a essência". Quando nos referimos a "**banca**", vem-nos, a princípio, a ideia denotativa de "mesa rústica ou improvisada", mas, quando dizemos que "a **banca** rejeitou o recurso do candidato", estamos nos referindo, conotativamente, a um conjunto de examinadores.

Em nossa língua, inúmeros são os fatores que podem alterar o significado das palavras. Vejamos alguns:

a) **a acentuação** → sábia (pessoa culta, instruída) ≠ sabiá (pássaro).
b) **o timbre** → corte (ô) (palácio) ≠ corte (ó) (incisão)
c) **o gênero** → a coral (cobra) ≠ o coral (coro musical)
d) **o número** → bem (virtude) ≠ bens (o que é propriedade de alguém)
e) **a posição / colocação** → homem grande (alto, avantajado) ≠ grande homem (ilustre, influente)
f) **a regência** → proceder de (originar-se, provir) ≠ proceder a (dar início, começar)

Dica: A conotação é um recurso expressivo amiúde usado em nossa língua. Para entender e aprofundar mais esse assunto, sugerimos o estudo do assunto "figuras de linguagem" ao final desta gramática.

4.2 HOMÔNIMOS E PARÔNIMOS

Quando comparamos as palavras em nossa língua (analogia de forma), podemos classificá-las em três grandes grupos: palavras homônimas, palavras parônimas e palavras cognatas.

4.2.1 HOMÔNIMOS

Como o próprio nome já denuncia, são homônimas (gr. homos = igual, semelhante; onyma = nome) as palavras que são iguais na escrita, na pronúncia ou na escrita e na pronúncia. Classificam-se em:

a) Homógrafos heterofônicos = são palavras iguais na escrita e diferentes no timbre ou na intensidade das vogais. Observe alguns exemplos:

- leste (verbo) ≠ leste (substantivo)
- colher (verbo) ≠ colher (substantivo)
- vede (v. ver) ≠ vede (v. vedar)
- sábia (adjetivo) ≠ sabiá (substantivo)
- cara (face) ≠ cará (tubérculo)
- apoio (verbo) ≠ apoio (substantivo)
- providencia (verbo) ≠ providência (substantivo)
- seria (verbo) ≠ séria (adjetivo)
- molho (verbo) ≠ molho (substantivo)
- jogo (verbo) ≠ jogo (substantivo)

b) Homófonos heterográficos = são palavras iguais na pronúncia e diferentes na escrita. Veja alguns exemplos:

- acético (ácido) ≠ ascético (contemplativo)
- acender (atear fogo) ≠ ascender (subir)
- acento (notação léxica) ≠ assento (lugar em que se senta)
- acerto (acordo) ≠ asserto (afirmação)
- apreçar (pôr o preço) ≠ apressar (tornar rápido)
- bucho (estômago) ≠ buxo (planta)
- cela (pequeno quarto) ≠ sela (arreio)
- cegar (tornar cego) ≠ segar (cortar, ceifar)
- cozer (cozinhar) ≠ coser (costurar)
- apreçar (pôr preço) ≠ apressar (acelerar)
- maça (arma) ≠ massa (substância)
- censo (recenseamento) ≠ senso (juízo)
- cerrar (fechar) ≠ serrar (cortar)
- cédula (bilhete) ≠ sédula (cuidadosa)

- cessão (ato de ceder) ≠ sessão (departamento)
- cerração (nevoeiro) ≠ serração (ato de serrar)
- cocho (recipiente) ≠ coxo (aleijado)
- concelho (divisão administrativa) ≠ conselho (aviso)
- empoçar (cair em poço) ≠ empossar (tomar posse)
- laço (nó) ≠ lasso (esgotado, frouxo)
- ruço (pardacento, grisalho) ≠ russo (natural da Rússia)
- tacha (nódoa, mancha) ≠ taxa (preço, tributo)

➡ **Observação:**

Alguns homônimos apresentam tanto a grafia quanto a pronúncia iguais. São chamados de "homófonos homográficos" ou "homônimos perfeitos". Observe:

- cedo (verbo) – cedo (advérbio de tempo)
- livre (adjetivo) – livre (v. livrar)
- somem (v. somar) – somem (v. sumir)

4.2.2 PARÔNIMOS

São denominados de parônimos (gr. *"para"* = próximo) os vocábulos que são diversos na significação e parecidos na forma, ou seja, eles são parecidos na escrita e na pronúncia, mas apresentam significação totalmente diversa. Muitas bancas exploram esse tipo de conhecimento na tentativa de confundir o candidato. Por isso, sugiro que leia mais de uma vez a tabela abaixo, na qual são apresentados vários parônimos.

apóstrofe (chamamento)	**apóstrofo** (sinal gráfico)
atuar (agir)	**atoar** (rebocar)
arrolhar (tapar com rolha)	**arrulhar** (produzir arrulhos)
comprimento (extensão)	**cumprimento** (saudação)
céptico (que duvida de tudo)	**séptico** (que provoca infecção)
cavaleiro (que anda a cavalo)	**cavalheiro** (gentil, cordial)
consolar (trazer consolo, aliviar)	**consular** (relativo ao consulado)
deferir (conceder)	**diferir** (adiar, divergir)
denodar (desfazer, desembaraçar)	**denudar** (descobrir, revelar)

descrição (ato de descrever)	**discrição** (reserva em atos e atitudes)
despensa (local para mantimentos)	**dispensa** (licença)
despercebido (desatento)	**desapercebido** (despreparado)
destratar (insultar)	**distratar** (desfazer)
emergir (vir à tona)	**imergir** (mergulhar)
emigrante (aquele que sai de um país)	**imigrante** (quem entra em outro país)
eminente (destacado, ilustre, elevado)	**iminente** (prestes a acontecer)
enervar (irritar, perder a força)	**enevar** (tornar branco como a neve)
enformar (pôr na forma)	**informar** (avisar, alertar)
esbaforido (ofegante)	**espavorido** (apavorado)
estofar (acolchoar)	**estufar** (encher-se, pôr na estufa)
flagrante (evidente)	**fragrante** (perfumado, aromático)
fluir (correr em estado líquido)	**fruir** (desfrutar, aproveitar)
inflação (desvalorização da moeda)	**infração** (desrespeito, violação)
infringir (transgredir)	**infligir** (aplicar)
entender (compreender)	**intender** (dirigir, administrar)
locador (proprietário)	**locatário** (inquilino)
lustre (candelabro)	**lustro** (período de cinco anos; brilho)
mugir (soltar mugidos)	**mungir** (espremer, extrair)
pear (amarrar, prender com peia)	**piar** (dar pios)
pleito (disputa)	**preito** (homenagem)
prescrever (determinar, expirar prazo)	**proscrever** (expulsar, proibir, banir)
ratificar (confirmar)	**retificar** (corrigir)
recrear (divertir)	**recriar** (criar novamente)
soar (emitir som)	**suar** (transpirar)
sustar (suspender)	**suster** (sustentar)
terço (três vezes menor)	**terso** (puro, íntegro)
treplicar (responder a uma réplica)	**triplicar** (aumentar três vezes)
vadear (passar a vau)	**vadiar** (andar à toa)
vultoso (volumoso, importante, grande)	**vultuoso** (congestão na face; inchado)

4.3 FORMAS VARIANTES

Há, em português, várias palavras que apresentam dupla grafia, isto é, podem ser escritas com mais de uma forma. Isto se dá porque o nosso Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa procura registrar (e respeitar) os usos dos diversos níveis e padrões da língua. Saliente, entretanto, que sempre uma das formas é sempre mais usual que a outra.

Portanto, são consideradas corretas ambas as grafias dos seguintes vocábulos abaixo:

- aluguel **ou** aluguer
- coisa **ou** cousa
- malvadez **ou** malvadeza
- diabete **ou** diabetes
- percentagem **ou** porcentagem
- derrubar **ou** derribar
- lacrimejar **ou** lagrimejar
- quociente **ou** cociente
- catorze **ou** quatorze
- taverna **ou** taberna
- espécime **ou** espécimen
- nambu **ou** nhambu **ou** inambu **ou** inamu
- assobiar **ou** assoviar
- louro **ou** loiro
- marimbondo **ou** maribondo
- pitoresco **ou** pinturesco
- cacaréus **ou** cacarecos
- bílis **ou** bile
- bêbado **ou** bêbedo
- chipanzé **ou** chimpanzé
- baralhar **ou** embaralhar
- remoinho **ou** redemoinho
- infarto **ou** enfarte **ou** infarte
- cota **ou** quota
- ridiculizar **ou** ridicularizar
- transpassar **ou** traspassar **ou** trespassar
- mobiliar **ou** mobilhar **ou** mobilar

4.4 COGNATOS

São denominadas de cognatas as palavras que pertencem à mesma família ou grupo morfológico, isto é, são palavras derivadas de uma mesma raiz, de um mesmo radical. Observe:

- **ferro** → ferreiro, ferragem, ferrar, ferradura, ferramenta, férreo, ferraria, aferrolhar, ferrolho
- **pedra** → pedreiro, pedregulho, pedraria, pedreiral, pedregão, pedrinha, pedrês

- **nervo** → nervosismo, nervoso, nervudo, nervura, nerval, nervado, nervino
- **terra** → terraço, terremoto, terrestre, terreiro, térreo, território, territorial, terroso, terreal, terráqueo

Além das palavras homônimas, parônimas e cognatas, quando se analisa o sentido das palavras, muitas apresentam igualdade entre os sentidos. Outras são opostas semanticamente. Daí se poder classificar também as palavras quanto ao significado em **sinônimas** e **antônimas**.

4.5 SINÔNIMOS

São palavras diversas na escrita, mas semelhantes ou idênticas na significação. Há autores que as dividem em "sinônimos perfeitos" e "sinônimos imperfeitos". Não adotamos essa classificação porque a consideramos falha, uma vez que distinguir o que é "perfeito" do que é "imperfeito" em questões semânticas é assunto assaz controvertido. Observe alguns sinônimos:

- olhar → ver
- habitar → morar
- cavalo → corcel
- colóquio → diálogo
- lábio → beiço
- cara → rosto
- bom → misericordioso
- gritar → bradar
- entender → compreender
- mortal → letal
- oposição → antítese
- bonito → belo

4.6 ANTÔNIMOS

São palavras que apresentam sentidos totalmente opostos. Observe alguns exemplos:

- bonito → feio
- alegre → triste
- ordem → anarquia
- natural → artificial
- simétrico → assimétrico
- ignorância → sabedoria

4.7 POLISSEMIA

Em nossa língua, muitos vocábulos apresentam mais de um significado, o qual só é apreendido quando se analisa o contexto. Quando isto ocorre, dizemos que o vocábulo é "polissêmico".

Inúmeros são os vocábulos polissêmicos. Observe abaixo:

a) Perceba alguns sentidos do vocábulo "manga".

- A **manga** da camisa está suja. (= parte da vestimenta que recobre o braço)

- Todos comeram a **manga**. (= fruta)
- A encanação precisa de uma nova **manga**. (= peça de metal nas encanações)
- A **manga** do candeeiro se queimou. (= tecido que envolve a chama nos candeeiros e lamparinas)

b) Observe agora alguns sentidos de um outro vocábulo: "prato".

- O **prato** é de porcelana. (= peça de louça em que se come)
- O **prato** está delicioso. (= comida, alimento)
- O **prato** da bateria está solto. (= instrumento musical)
- O **prato** está desequilibrado. (= concha de balança)

4.8 EXTENSÃO E COMPREENSÃO DAS PALAVRAS – HIPONÍMIA E HIPERONÍMIA

A extensão de uma palavra é a capacidade que ela tem de se estender a mais ou menos seres. Já a sua compreensão é a capacidade que a palavra nos oferece de assimilar a ideia que ela encerra. Perceber essa distinção é muito importante para a linguagem, notadamente para a construção dos períodos de um texto. Vejamos a tabela abaixo:

1.ª COLUNA – EXTENSÃO	2.ª COLUNA – COMPREENSÃO
animal	cavalo
flor	margarida
automóvel	Ferrari
homem	João
país	Brasil

Observe que os vocábulos da 1.ª coluna possuem mais extensão semântica do que os vocábulos da 2.ª coluna. Entretanto, os vocábulos da 2.ª coluna apresentam uma compreensão melhor do que os vocábulos da 1.ª coluna, pois aqueles se referem a seres e coisas específicos.

Perceba também que os termos da 1.ª coluna, por serem mais extensos, abrangem outros seres além dos especificados na 2.ª coluna. O vocábulo "animal", por exemplo, não só envolve "cavalo", mas também "elefante, leão, cabra, cachorro etc., etc.". Logo, os vocábulos da 1.ª coluna contêm os da 2.ª coluna. Dizemos, portanto, que os vocábulos da 1.ª coluna são "hiperônimos"

dos vocábulos da 2.ª coluna, que são seus "hipônimos", já que estão contidos naqueles.

É denominado de "**HIPERÔNIMO**" o vocábulo que, num processo de coesão textual (articulação textual), apresenta uma significação mais extensa, mais ampla do que o outro vocábulo com o qual se relaciona intratextualmente.

É denominado de "**HIPÔNIMO**" o vocábulo que, num processo de coesão textual, apresenta um significado menos abrangente, menos amplo do que o outro com o qual se relaciona intratextualmente.

Para melhorar o entendimento sobre **hiperonímia** e **hiponímia**, procure entender essas palavras como "gênero e espécie", "contém e está contido".

Portanto, em um texto, poderemos ter:

HIPERÔNIMO	HIPÔNIMO
poeta	Carlos Drummond
roupa	suéter
alimento	feijão
Estado	Rio Grande do Norte
profissão	Professor

4.9 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (FGV) Em que alternativa a expressão entre parênteses poderia substituir a palavra destacada, preservando o sentido original?

a) ". [...] adota como estratégia produtiva as mesmas PRERROGATIVAS da produção em série que já vigoram em outras esferas industriais [...]" (previsões)

b) " [...] existem também razões de natureza INTRÍSECA ao meio condicionando a televisão à produção seriada." (externa)

c) "Diante dessas CONTINGÊNCIAS, a produção televisual se vê permanentemente constrangida a levar em consideração as condições de recepção [...]" (contradições)

d) " [...] a produção televisual se vê permanentemente CONSTRANGIDA a levar em consideração as condições de recepção [...]" (forçada)

e) " [...] organizando a mensagem em painéis FRAGMENTÁRIOS e híbridos, como na técnica da colagem." (frágeis)

2. (PUC-SP) Observe, com atenção, nos fragmentos a seguir, as expressões em maiúsculo:

"... porque Nhô Augusto se erguia e NUM ÁTIMO se vestia."

"- ...Eu podia ter arresistido, mas era negócio DE HONRA, COM SANGUE só p'ra o dono..."

"- FEZ NA REGRA, E FEITO!"

"... as ferraduras tiniram e DERAM FOGO no lajedo..."

Aponte a alternativa que, respectivamente, substitui as expressões em maiúsculo, do ponto de vista do significado.

a) Num abrir e fechar de olhos, de pureza, com morte, fez conforme o combinado, faiscaram.

b) Em parte, de brio, com ferimento, agiu de acordo com o costume, brilharam.

c) Em curto espaço de tempo, de brio, com morte, agiu de acordo com o costume, faiscaram.

d) Em parte, de grandeza, com ferimento, desobedeceu às normas, riscaram.

e) Em curto espaço de tempo, de glória, com resistência, fez conforme o combinado, acenderam.

3. (PUCCAMP) O continente africano, que tantas vezes e por tanto tempo já foi o espelho sombrio e ESPOLIADO dos progressos da civilização ocidental, infelizmente continua SUJEITO A um processo que, no limite, resume-se a uma IMPLOSÃO CIVILIZATÓRIA.

Os termos em destaque podem ser substituídos, sem prejuízo do sentido do texto, respectivamente, por

a) despojado – vassalo – destruição do progresso.

b) herdeiro – obediente a – extinção da civilização.

c) cheio de restos – tema de – matança de toda uma civilização.

d) roubado - o agente de - devastação de todas as civilizações.

e) privado – submetido a – destruição do próprio cerne da civilização.

4. (UFMG) Em todas as alternativas, o significado das palavras destacadas está corretamente identificado, EXCETO em

a) ... esse ato não consiste numa decisão "QUE VA I E NÃO VOLTA". (que vai e não volta = sem retorno)

b) E também se desencadeia uma inter-relação entre a fonte do poder (a que criou e IMPLANTOU o imposto)... (implantou = implementou)

c) ... pois isto TAMPOUCO explica muita coisa, ou não explica nada. (tampouco = também não)

d) Antes do momento em que se exerce, ele é somente uma CONJECTURA, uma presunção, algo que se acha que vai acontecer. (conjectura = suposição)

e) Antes, tudo está sujeito a fatores no mais das vezes IMPREVISÍVEIS. (imprevisíveis = imprevidentes)

5. (UFU) Assinale a ÚNICA alternativa em que a palavra ou expressão em destaque NÃO está adequadamente interpretada de acordo com seu sentido no texto.

a) "O que existia antes, 'cruzar' animais ou plantas para criar novas raças ou HÍBRIDOS, é coisa bem diferente..." (par. 1) = mistura de espécies diferentes.

b) "(...) mostraram que larvas da borboleta monarca que se alimentam de plantas IMPREGNADAS com o pólen de um tipo de milho transgênico morrem em grandes quantidades." (par. 4)= imbuídas.

c) "(...) os alimentos modificados geneticamente irão solucionar um dos maiores problemas que AFLIGEM a humanidade, a fome." (par. 2)= atormentam.

d) " (...) essa liberdade só pode funcionar se submetida a intensa SUPERVISÃO da comunidade científica..." (par. 5)= inspeção.

6. (UNITAU) Numere a coluna com parênteses de acordo com os significados das palavras da coluna numerada a seguir:

1 – prevaricação

2 – simoníaco

3 – carisma

4 – dogma

5 – anímica

6 – decoro

7 – oligarquia

( ) dignidade, honradez

( ) força divina conferida a alguém

( ) psíquico, relativo à alma

( ) falta com o dever por interesse ou por má fé

( ) venda ilícita de coisas sagradas ou espirituais

( ) governo por poucos e poderosos

( ) ponto fundamental indiscutível de doutrina ou sistema

a) 6, 4, 1, 2, 3, 5, 7.
b) 6, 4, 2, 1, 3, 5, 7.
c) 6, 3, 5, 1, 2, 7, 4.
d) 5, 3, 6, 4, 2, 7, 1.
e) 4, 2, 5, 6, 1, 3, 7.

7. (FUVEST) A palavra SANÇÃO com o significado de RATIFICAÇÃO ocorre apenas em:

a) Aplicar SANÇÕES a grevistas não é direito nem dever de um presidente.

b) Eventual SANÇÃO do presidente à nova lei, aprovada ontem, poderá desagradar a setores de todas as categorias.

c) As SANÇÕES previstas na lei eleitoral não exercem influências significativas sobre a paixão dos militantes.

d) O novo diretor prefere SANÇÕES a diálogos.

e) O contrato prevê SANÇÕES para os inadimplentes.

8. (FUVEST) Agora os parlamentares concluem sua obra com a anuência unânime àquele dispositivo inconstitucional. ("Folha de S. Paulo", 28.08.1997,1-2)

A paráfrase correta do texto é:

a) A maioria dos parlamentares aprova um certo dispositivo inconstitucional.
b) Os parlamentares, sem exceção, aprovam o dispositivo inconstitucional anteriormente mencionado.
c) Todos os parlamentares reprovam o dispositivo inconstitucional anteriormente mencionado.
d) A maioria absoluta dos parlamentares boicotou um certo dispositivo inconstitucional.
e) A maioria dos parlamentares conclui sua obra com indiferença à aprovação ou não de um certo dispositivo inconstitucional.

9. (FUVEST) "Busque Amor novas artes, novo engenho"

Assinalar a alternativa que melhor contém o significado das palavras "engenho" e "arte", no verso transcrito acima:

a) gênio/experiência e inspiração/destreza;
b) índole/recursos e natureza/perícia;
c) talento/invenção e técnica/artifício;
d) inclinação/tendência e engano/dolo;
e) instinto/regras e discernimento/preceitos.

10. (UEL) Os pares acidente/incidente; cheque/xeque; vultoso/vultuoso; verão/estio são, respectivamente:

a) sinônimos, homônimos, parônimos e antônimos.
b) parônimos, homônimos, parônimos e sinônimos.
c) parônimos, parônimos, sinônimos e sinônimos.
d) homônimos, homônimos, parônimos e sinônimos.
e) sinônimos, parônimos, sinônimos e antônimos.

GABARITO

1 – D	2 – C	3 – E
4 – E	5 – B	6 – C
7 – B	8 – B	9 – C
10 – B		

II

MORFOLOGIA

INTRODUÇÃO À MORFOLOGIA

Olá, caro estudante. Depois de conhecermos toda a parte fonética da gramática normativa, passaremos a estudar as palavras e os vocábulos considerando seus valores significativos. Adentraremos, portanto, ao mundo das palavras no que tange às suas estruturas e às suas formas.

Em primeiro lugar, analisaremos a estrutura e a formação das palavras na língua portuguesa. Depois, classificaremos essas palavras em suas respectivas classes e esmiuçaremos as particularidades de cada uma.

Indubitavelmente, é um conhecimento indispensável para todo aquele que deseja compreender, um pouco mais à frente, os relacionamentos sintáticos travados entre essas mesmas palavras e vocábulos. Um conselho: procure entender mais e decorar menos. Isso certamente facilitará a nossa caminhada. Bom proveito!!

CAPÍTULO 1

ESTRUTURA E FORMAÇÃO DE PALAVRAS

Boa parte das palavras da nossa Língua provém de outras já existentes. Como a Língua é dinâmica, outras palavras foram surgindo a partir da influência tanto do povo como dos escritores. O estudo da formação e da evolução das palavras é responsabilidade da "etimologia".

1.1 ELEMENTOS ESTRUTURAIS DA PALAVRA

Ao se decompor uma palavra, podem-se encontrar nela os seguintes elementos mórficos (elementos que a formam):

I. **RADICAL:** é o elemento primitivo, último e irredutível que encerra a ideia principal do vocábulo. Alguns gramáticos distinguem o radical da raiz. Aqui, preferimos tratar apenas do radical, já que o estudo da raiz de um vocábulo exige profundos conhecimentos etimológicos, o que não é o nosso objetivo neste capítulo.

- terra – terraço – terremoto – terraplanagem – terreiro → perceba que o radical "terr-" se mantém constante nos vocábulos.
- ferro – ferradura – ferreiro – ferrugem – ferrolho → perceba o radical "ferr-" constante nas palavras.

➾ **Observação:**

As palavras que possuem um radical comum são denominadas de **palavras "cognatas".**

Abaixo apresentaremos uma lista sucinta dos principais radicais gregos e latinos.

1.1.1 RADICAIS GREGOS

Radical	Sentido	Exemplo
aero-	ar	*aerofagia, aeronave*
-agogo	que conduz	*demagogo, pedagogo*
-algia	dor em uma região	*cefalalgia, cardialgia*
anemo-	vento	*anemógrafo, anêmona*
antropo-	homem	*antropófago, antropologia*
-arca	que comanda	*monarca, matriarca*
arqueo-	antigo	*arqueologia, arqueografia*
-arquia	governo	*monarquia, oligarquia*
auto-	de si mesmo	*autobiografia, autógrafo*
biblio-	livro	*bibliografia, biblioteca*
bio-	vida	*biologia, biografia*
caco-	mau, disforme	*cacofonia, cacografia*
-cefalo	cabeça	*bicéfalo, microcéfalo*
cito-	cavidade, célula	*citologia, citoplasma*
cosmo-	mundo, universo	*cosmologia, cosmonauta*
-cracia	poder	*democracia, plutocracia*
cromo-	cor	*cromogravura, cromossomo*
crono-	tempo	*cronologia, cronômetro*
dactilo-/datilo-	dedo	*datilografia, dactiloscopia*
deca-	dez	*decaedro, decalitro*
demo-	povo	*democracia, demagogo*
di-	dois	*dipétalo, dígrafo*
-doxo	que opina	*heterodoxo, ortodoxo*
-dromo	lugar para correr	*autódromo, hipódromo*
etno-	povo, raça	*etnografia, etnologia*
-fagia	ato de comer	*disfagia, antropofagia*
-fago	que come	*antropófago, necrófago*
farmaco-	medicamento	*farmacologia, farmacopedia*
filo-	amigo	*filologia, filosofia*
-fobia	medo, aversão, inimizade	*fotofobia, hidrofobia*
-fobo	que odeia	*xenófobo, zoófobo*

Radical	Sentido	Exemplo
fono-	voz, som	*fonógrafo, fonologia*
foto-	luz, fogo	*fotômetro, fotografia*
-gamia	casamento	*poligamia, monogamia*
gastro-	estômago	*gastrite, gastrônomo*
-geneo	que gera	*lacrimogêneo, heterogêneo*
geo-	terra	*geologia, geografia*
-gono	ângulo	*polígono, pentágono*
-grafo	que escreve	*calígrafo, biógrafo*
hemi-	metade	*hemisfério*
hemo-/hemato-	sangue	*hemoglobina, hemograma*
hetero-	outro	*heterodoxo, heterossexual*
hidro-	água	*hidrogênio, hidratar*
hipo-	cavalo	*hipódromo, hipopótamo*
hom(e)o-	semelhante	*homeopatia, homossexual*
iso-	igual	*isonomia, isogameta*
-latria	culto	*idolatria, zoolatria*
macro-	grande, longo	*macróbio, macroeconomia*
mega(lo)	grande	*megalópole, megalomania*
-metria	medida	*antropometria, biometria*
-metro	que mede	*hidrômetro, pentâmetro*
micro-	pequeno	*micróbio, microscópio*
miria-	dez mil, numeroso	*miríade*
miso-	que odeia	*misógino, misantropo*
mito-	fábula	*mitologia, mitomania*
mono-	um só	*monarca, monótono*
-morfo	que tem a forma de	*antropomorfo, polimorfo*
necro-	morto	*necrotério*
-nomo	que regula	*astrônomo, metrônomo*
oftalmo-	olho	*oftalmologista*
onomato-	nome	*onomatopeia, onomatologia*
orto-	correto	*ortografia, ortoépia*
paleo-	antigo, primitivo	*paleontologia, paleoecologia*
pato-	doença	*patogênico, patologia*
piro-	fogo	*pirotecnia, pirogênico*
potamo-	rio	*hipopótamo, potamografia*
proto-	primeiro	*protozoário, protótipo*

Radical	Sentido	Exemplo
psico-	alma, espírito	*psicologia, psicanálise*
-ptero	que tem asas	*díptero, helicóptero*
quilo-	mil	*quilograma*
rino-	nariz	*rinoceronte, rinoplastia*
-scopia	ato de ver	*macroscopia, microscopia*
-scopio	instrumento para ver	*microscópio, datiloscópio*
sidero-	ferro	*siderose, siderurgia*
-sofia	sabedoria	*filosofia, teosofia*
tecno-	arte, ciência	*tecnografia, tecnologia*
tele-	longe	*telefone*
teo-	deus	*teocracia, teólogo*
-terapia	cura	*fisioterapia, psicoterapia*
-tono	tensão, tom	*barítono, monótono*
xeno-	estrangeiro	*xenofobia, xenomania*
zoo-	animal	*zoológico, zoomorfo*

1.1.2 RADICAIS LATINOS

Radical	Sentido	Exemplo
agri-	campo	*agricultura, agricultor*
ambi-	ambos	*ambidestro, ambivalência*
arbori-	árvore	*arborícola, arboriforme*
bis-/bi-	duas vezes	*bisavô, bípede*
calori-	calor	*calorífero, calorimetria*
-cida	que mata	*regicida, inseticida*
-cola	que cultiva, que habita	*vitícola, arborícola*
cruci-	cruz	*crucifixo, cruciforme*
-cultura	ato de cultivar	*apicultura, psicultura*
curvi-	curvo	*curvilíneo, curvirrostro*
equi-	igual	*equidistante, equivalente*
-fero	que contém	*aurífero, calorífero*
ferri-/ferro-	ferro	*ferrífero, ferrovia*
-fico	que faz	*benéfico, frigorífico*
-formi	que tem forma de	*cuneiforme, floriforme*
-fugo	que foge, que faz fugir	*centrífugo, febrífugo*

Radical	Sentido	Exemplo
igni-	fogo	*ignição, ignívomo*
morti-	morte	*mortífero, mortificar*
multi-	muito	*multiforme, multifacetado*
olei-/oleo-	azeite, óleo	*oleoduto, oleígeno*
oni-	todo	*onipresente, onipotente*
-paro	que produz	*maltíparo, ovíparo*
pedi-	pé	*pediforme, pedilúvio*
pisc-	peixe	*piscicultor, pisciforme*
pluri-	muito	*pluriforme, pluripartidário*
-sono	que soa	*díssono, uníssono*
-vomo	que expele	*fumívomo, ignívomo*
-voro	que come	*carnívoro, herbívoro*

II. VOGAL TEMÁTICA: é a vogal que se agrega ao radical preparando-o para receber uma terminação (sufixos ou desinências). À junção do radical com a vogal temática dá-se o nome de TEMA.

RADICAL	VOGAL TEMÁTICA	TEMA
am-	a	ama
vend-	e	vende
part-	i	parti

➯ **Observação:**

A vogal temática geralmente aparece nos verbos. Entretanto, alguns nomes podem apresentá-la. Isso ocorre quando a vogal final do vocábulo não se presta a estabelecer a distinção de gênero. Enquanto nos verbos ela se denomina de "vogal temática verbal", nos nomes se chama, portanto, "vogal temática nominal". Veja:

RADICAL	VOGAL TEMÁTICA
cadeir	-a
livr	-o
client	-e

III. **AFIXOS:** são elementos que se acrescem aos radicais com a finalidade de formar novas palavras. Classificam-se em:

a) **prefixos**: são os afixos que vêm antes do radical.

▹ **in**-feliz ▹ **des**-leal ▹ **anfi**-teatro ▹ **a**-teu ▹ **diá**-logo ▹ **re**-fluir

b) **sufixos**: são os afixos que vêm depois do radical.

▹ mulher-**aça** ▹ social-**ismo** ▹ feliz-**mente** ▹ leal-**dade**

▹ caval-**aria** ▹ formigu-**eiro**

1.1.3 PREFIXOS DE ORIGEM GREGA

Prefixo	Sentido	Exemplo
an-/a-	privação, negação	*ateu, anarquia*
ana-	ação ou movimento inverso	*anáfora, anáfase*
anti-	oposição	*antiaéreo, antípoda*
apo-	afastamento, separação	*apogeu, apóstata*
arqui-/arc-	superioridade	*arquiduque, arqui-inimigo*
dia-/di-	movimento através de	*diocese, diálogo*
dis-	dificuldade	*dispneia, disenteria*
ec-/ex-	movimento para fora	*eclipse, êxodo*
endo-/end-	posição interior	*endométrio, endosmose*
epi-/ep-	posição inferior	*epiderme, epônimo*
eu-/ev-	bem, bom	*eufonia, evangelho*
hiper-	posição superior	*hipérbole, hipertensão*
hipo-	posição inferior	*hipodérmico, hipotensão*
meta-/met-	posterioridade, mudança	*metacarpo, metáfora*
para-/par-	proximidade	*paranasal, parasita*

1.1.4 PREFIXOS DE ORIGEM LATINA

Prefixo	Sentido	Exemplo
ab-/abs-	afastamento, separação	*abdicar, abstrair*
ad-/a-/ar-	aproximação, direção	*adjunto, advérbio, assentir*
ante-	anterioridade	*antebraço, antepor*

Prefixo	Sentido	Exemplo
circum-	movimento em torno	*circum-adjacente*
de-	movimento de cima para baixo	*decair, decrescer*
des-	separação, ação contrária	*desviar, desfazer*
dis-/di-	separação, movimento	*dissidente*
extra-	posição exterior	*extraoficial, extraviar*
in-/im-/i-/ir-	movimento para dentro	*imigrar, irromper*
in-/im-/i-/ir-	negação, privação	*inativo, impermeável, ilegal*
inter-/entre-	posição intermediária	*internacional, entreabrir*
pre-	anterioridade	*prefácio, preconceito*
pro-	movimento para frente	*progresso, proativo*
re-	movimento para trás	*refluir, refazer*
retro-	movimento mais para trás	*retroceder, retrospectiva*
sub-/sus-/su-/sob-/so-	movimento de baixo para cima	*subclasse, sobpor, suster*
supra-	posição acima, excesso	*supracitado, suprassumo*
trans-/tras-/tres-	movimento para além de	*transpor, transporte*
ultra-	posição além do limite	*ultrapassar, ultravioleta*
vice-/vis-/vizo-	substituição	*vice-reitor, visconde, vizo-rei*

1.1.5 CORRELAÇÃO ENTRE PREFIXOS LATINOS E GREGOS

LATINOS	GREGOS	SIGNIFICADO	EXEMPLOS
Ab-	apo-	afastamento, separação	*abjurar, apostasia*
ad-	para-	junto de, aproximação	*adjunto, parasita*
ambi-	anfi-	duplicidade, em torno de	*ambidestro, anfíbio*
bene-	eu-	bem, bondade, excelência	*benevolente, eufonia*
bi(s)-	di-	dois, duplicidade	*bípede, dípode*
circum-	peri-	em torno de	*circumpolar, perímetro*
contra-	anti-	oposição, contra	*contraveneno, antídoto*
com-, con-	sin-	reunião, simultaneidade	*compartilhar, sincronizar*

LATINOS	GREGOS	SIGNIFICADO	EXEMPLOS
ex-	ex-	movimento para fora	*exportar, êxodo*
i-, in-, des-	a-, an-	negação, carência	*infeliz, desonesto, ateu*
in-	en-	posição interna, dentro	*ingerir, encéfalo*
intra-	endo-	para dentro, dentro	*intramuscular, endocarpo*
semi-	hemi-	meio, metade	*semicírculo, hemisfério*
sub-	hipo-	deficiência, inferioridade	*subterrâneo, hipoglicemia*
super-, supra-	epi-, hiper-	superioridade, excesso	*superlotar, hipertrofia*
trans-	dia-	através, por meio de	*transparente, diáfano*

1.1.6 SUFIXOS NOMINAIS

1. Sufixos nominais designativos de coleções

-aria, -eria	pedraria, livraria, cavalaria, loteria, grosseria
-ada	boiada, rapaziada, manada
-edo	figueiredo, vinhedo, arvoredo, lajedo
-al	laranjal, cafezal, bambual, algodoal, canavial
-agem	pelagem, folhagem, plumagem, roupagem
-eiro	braseiro, cancioneiro, berreiro, formigueiro
-alha	cordoalha, parentalha, miuçalha
-ama	dinheirama, courama, mourama
-ame	cordame, vasilhame, raizame, pelame
-ume	cardume, tapume
-ulho	pedregulho, bagulho
-ena	centena, novena, dezena
-io	rapazio, mulherio, gentio
-ia	maresia, penedia, clerezia
-dada	cristandade, humanidade, comunidade, irmandade

➾ **Observações:**

a) Em muitas palavras, prefere-se o sufixo "-eria" ao sufixo "-aria": bateria, vozeria, correria, galeria, lavanderia, parceria, leiteria, parceria etc.

b) O sufixo "-eiro" é sufixo substantivo, ou seja, formador de substantivos, indicando o agente. "Brasileiro" era primitivamente o que comerciava com o "pau-brasil", como "mineiro" é o que trabalha em minas. Passando a região a chamar-se "Brasil" e "Minas Gerais", seus derivados passaram naturalmente para a categoria de adjetivos pátrios.

2. Sufixos nominais designativos de aumento (sufixos aumentativos)

-ão	portão, mulherão, grandalhão, comilão, narigão
-rão	chapeirão, vozeirão, casarão, beberrão, santarrão
-aréu	fogaréu, povaréu
-zarrão	homenzarrão, canzarrão
-aço	mestraço, ministraço, poetaço
-aça	barcaça, vidraça
-astro	poetastro, medicastro, criticastro
-ázio	demonázio, copázio, balázio
-anzil	corpanzil
-eiro	cruzeiro
-alho	vergalho, ramalho, espantalho
-alha	muralha, fornalha, gentalha
-orra	cabeçorra
-arra	bocarra, naviarra

➯ **Observação:**

O sufixo aumentativo mais comum em português é "-ão". Nem sempre, porém, este sufixo traz ideia aumentativa, como em "cartão, portão, cordão".

3. Sufixos nominais designativos de diminuição (sufixos diminutivos)

-inho, -inha	portinha, mocinho, pintinho, menininho, ervinha, pocinha
-zinho, -zinha	cãozinho, montezinho, florzinha, partezinha, poçozinho, ervazinha

-ito, -ita	canito, granito, senhorita, pequenita, florita, franganito
-ete	cavalete, pobrete, ramalhete, archete
-eta	valeta, maleta, lingueta, trombeta, ilheta
-ote	fidalgote, meninote, saiote, velhote
-oto, -ota	picoto, perdigoto, ilhota, velhota, maricota
-ilho, -ilha	vasilha, mantilha, presilha, palmilha
-ino	antonino, pequenino
-im	patim, fortim, flautim, camarim, mulherim
-ulo, -ula	glóbulo, nódulo, fórmula, espátula, célula
-culo, -cula	pendúculo, corpúsculo, partícula, minúscula
-olo, -ola	nucléolo, bolinholo, glorícola, aldeola
-el	cordel, canastrel, fardel, saquitel
-elo, -ela	portelo, colunelo, viela, costela
-elho, -elha	francelho, folhelho, chavelha
-ejo	lugarejo, quintalejo, casalejo
-ebre	casebre
-eco, -eca	livreco, ministreco, padreco, folheca, padreca
-ico, -ica	burrico, abanico, namorico, florica, pelica
-isco	chuvisco, pedrisco, lambrisco
-il	pernil, covil, tamboril
-acho	riacho, populacho, fogacho
-ucho	papelucho, gorducho, pequerrucho
-ilo	codicilo, mamilo

➾ **Observações:**

a) O principal sufixo diminutivo em português é "-inho". Em alguns casos, este sufixo pode-se ligar diretamente ao radical da palavra. Observe os exemplos abaixo:

▹ caix(a) → caixinha	▹ camp(o) → campinho
▹ fin(o) → fininho	▹ pedr(a) → pedrinha
▹ ov(o) → ovinho	▹ pint(o) → pintinho
▹ braç(o) → bracinho	▹ carr(o) → carrinho

b) Em alguns casos, quando a palavra primitiva finaliza em "S", acrescenta-se diretamente o sufixo do diminutivo "-inho"; aparece, então, a terminação "-SINHO" com a consoante "S". Observe:

- as(a) → asinha
- princes(a) → princesinha
- adeus → adeusinho
- Teres(a) → Teresinha
- mes(a) → mesinha
- ros(a) → rosinha
- Luís → Luisinho
- Inês → Inesinha

c) Noutros casos, é impraticável a ligação direta do sufixo "-INHO" ao radical da palavra. Nestes casos, usa-se a consoante de ligação "Z" para tornar mais eufônica a ligação. Observe:

- anel + Z + inho → anelzinho
- pai + Z + inho → paizinho
- pé + Z + inho → pezinho
- Maria + Z + inha → Mariazinha
- mãe + Z + inha → mãezinha
- homem + Z + inho → homenzinho
- só + Z + inho → sozinho
- café + Z + inho → cafezinho

d) Muitos vocábulos, em especial na linguagem popular, são construídos indistintamente com os sufixos "-inho" e "-zinho", como, por exemplo, *"florinha ou florzinha, peixinho ou peixezinho, feixinho ou feixezinho, ovinho ou ovozinho, mulherinha ou mulherzinha, dentinho ou dentezinho, hominho ou homenzinho".*

4. Sufixos nominais designativos de agente (ser que pratica alguma ação), profissão, ofício

-ário	bibliotecário, bancário, mesário, latifundiário
-eiro	pedreiro, armeiro, livreiro, relojoeiro
-dor, -tor	andador, vendedor, partidor, mergulhador, escritor, cantor, demonstrador
-nte	estudante, negociante, pretendente, presidente, servente, ouvinte

5. Sufixos nominais designativos de ação ou resultado de ação

-ção	formação, armação, fundação, alegação, correção, arguição, punição, estremeção
-mento	armamento, fundamento, casamento, doutoramento, estremecimento, oferecimento, agradecimento, ferimento, sentimento, argumento
-ada	facada, paulada, lançada, badalada, noitada, pincelada, colherada

6. Sufixos nominais designativos de estado

-ura	alvura, brancura, altura, loucura, abertura, bravura, mistura, escritura, postura
-eza, -ez	beleza, presteza, justeza, ligeireza, alteza, braveza, viveza, leveza, viuvez, dobrez
-idade, -dade	brevidade, facilidade, idoneidade, amabilidade, comunidade, latinidade, ruindade, igualdade, crueldade, beldade, bondade
-ice	doidice, velhice, caduquice, mouquice, gulosice, meiguice, doutorice
-ite	laringite, cardite, gastrite, estomatite, hepatite
-ência	prudência, malevolência, continência, assistência
-tura, -dura	nunciatura, abreviatura, quadratura, ditadura

7. Sufixos nominais designativos de naturalidade, origem, relação, título

-ense, -ês	amazonense, mato-grossense, paraense, maranhense, cearense, fluminense, português, francês, chinês, javanês, camponês, montanhês, inglês
-esa, -essa, -isa	baronesa, marquesa, condessa, abadessa, sacerdotisa, profetisa, poetisa
-ano, -ão	italiano, alagoano, sergipano, goiano, baiano, peruano, mexicano, pernambucano, alemão, catalão, lapão, beirão, bretão, saxão, cristão
-ino	bizantino, levantino, argentino, beneditino, florentino, bragantino, alpino, platino
-io	sírio, egípcio, índio
-eno	chileno, madrileno, santareno

-enho	portenho, ferrenho, estremenho
-ista	paulista, santista, nortista
-engo	flamengo, realengo, avoengo, judengo
-ático	asiático, aquático, lunático, indiático
-ico	índico, aristocrático, brasílico, britânico, melancólico, simbólico, pérsico
-aico	judaico, hebraico, caldaico, romaico
-aco	austríaco, siríaco, egipcíaco
-al, -el, -il	estadual, atual, visual, processual, pontual, anual, fiel, cruel, civil, juvenil
-ar	regular, militar, familiar, rudimentar, elementar
-esco	senegalesco, brutesco, dantesco, carnavalesco
-estre	campestre, equestre
-este	celeste, agreste

8. Sufixos nominais designativos de aptidão, tendência, estado, semelhança

-ável, -ével, -ível, -óvel, -úvel	amável, venerável, notável, indelével, visível, terrível, preferível, móvel, imóvel, solúvel, volúvel
-iço	alagadiço, espantadiço, roliço, feitiço, movediço, postiço, quebradiço, sumidiço, chegadiço, encontradiço, esquecidiço
-az	audaz, capaz, loquaz, contumaz
-bundo, -cundo	furibundo, moribundo, iracundo
-ento	barulhento, rabugento, nojento, bulhento
-io	fugidio, escorregadio
-ivo	instrutivo, auditivo, corrosivo, pensativo, executivo
-ório	finório, simplório, difamatório, satisfatório
-oide	esferoide, negroide, ovoide, antropoide

9. Sufixos nominais designativos de superlatividade, abundância, intensidade

-timo, -simo, -rimo, -limo	íntimo, legítimo, justíssimo, integérrimo, agílimo, humílimo, dulcíssimo

-udo	cabeçudo, cabeludo, barbudo, narigudo, beiçudo, linguarudo, peludo, abelhudo

10. Sufixos nominais designativos de lugar

-douro, -doura	matadouro, bebedouro, sangradouro, ancoradouro, manjedoura, sumidouro
-ário, -ária, -eiro, -eira	herbário, erário, ovário, vocabulário, relicário, dicionário, santuário, luminária, penitenciária, agulheiro, carteira, fruteira, pedreira
-ério	cemitério, batistério, necrotério
-ório	dispensatório, cartório, escritório, conservatório, consistório, consultório, purgatório

11. Sufixos nominais designativos de posse, de posse abundante

-oso	caridoso, gostoso, bondoso, preguiçoso, maldoso, medroso
-onho	tristonho, medonho, enfadonho

1.1.7 SUFIXOS VERBAIS

Os sufixos verbais geralmente se agregam ao radical de substantivos e adjetivos a fim de formar verbos. Os principais sufixos verbais em português são:

SUFIXO VERBAL	SENTIDO	EXEMPLOS
-ejar	ação frequente, repetitiva	vicejar, murmurejar, rastejar, gotejar, pestanejar
-ear	ação frequente, repetitiva	saquear, balancear, espernear, golpear, clarear
-ar	prática de ação	começar, deitar, jogar, cantar, telefonar
-ficar	prática de ação	liquidificar, gaseificar, tonificar, petrificar, dignificar

-izar	prática de ação	canalizar, comercializar, organizar, finalizar, canonizar
-entar	relativo à causa (causativo)	apoquentar, amamentar, ornamentar, acrescentar
-ecer	início de ação	amanhecer, enriquecer, envelhecer, empobrecer
-ilhar	ação repetida muitas vezes	dedilhar, pontilhar, fervilhar
-icar	ação pouco intensa	bebericar, namoricar, adocicar, tremelicar
-iscar	ação pouco intensa	lambiscar, namoriscar, petiscar
-inhar	ação pouco intensa	escrevinhar, esfolinhar, espezinhar, cuspinhar

1.1.8 OS SUFIXOS "IZAR" E "ISAR"

a) Não confunda o sufixo verbal "-izar" com a terminação "-isar" de certos verbos, nos quais o "**is**" pertence ao tema de onde se derivam, como, por exemplo, "precisar, analisar, guisar, repisar, eletrolisar". Quando o vocábulo não apresenta a consoante "S" em seu tema, emprega-se o sufixo "-izar" com a consoante "Z". Observe abaixo:

- hospital → hospital**izar**
- suave → suav**izar**
- canal → canal**izar**
- imune → imun**izar**
- valor → valor**izar**
- fértil → fertil**izar**

Agora...

- análise → anal**isar**
- aviso → av**isar**
- eletrólise → eletrol**isar**
- revisão → rev**isar**
- pesquisa → pesqu**isar**
- paralisia → paral**isar**
- guisa → gu**isar**

1.1.9 EMPREGO DE "-IDADE" E "-IEDADE"

Uma dúvida frequente para aqueles que prestam concurso é o emprego das formas "-idade" e "-iedade". Geralmente, as bancas cobram este conhecimento nas questões que envolvem "correção gramatical". Portanto, fique atento às orientações a seguir:

a) Usa-se a terminação "-idade" quando o adjetivo termina em "-ar". Observe:

- singular → singular**idade**
- elementar → elementar**idade**
- exemplar → exemplar**idade**
- complementar → complementar**idade**
- díspar → dispar**idade**
- similar → similar**idade**

b) Emprega-se, por outro lado, a terminação "-iedade" quanto o adjetivo termina em "-ário" e "-ório". Veja:

- precário → precar**iedade**
- voluntário → voluntar**iedade**
- contraditório → contraditor**iedade**
- obrigatório → obrigator**iedade**
- contrário → contrar**iedade**
- vário → var**iedade**
- notório → notor**iedade**
- arbitrário → arbitrar**iedade**

➾ **Observação:**

Aos adjetivos terminados em "-neo" aplica-se também o sufixo "-idade". Neste caso, retira-se a vogal "o", que finaliza estes adjetivos, e acrescenta-se o sufixo "-idade". Formar-se-á, portanto, o ditongo "EI". Veja:

- espontâ**neo** → espontan**eidade**
- contemporâ**neo** → contemporan**eidade**
- temporâ**neo** → temporan**eidade**
- heterogê**neo** → heterogen**eidade**
- homogê**neo** → homogen**eidade**
- simultâ**neo** → simultan**eidade**
- sucedâ**neo** → sucedan**eidade**
- momentâ**neo** → momentan**eidade**

c) Sobre o emprego de "-ZINHO(A)" e "-SINHO(A)", consulte o capítulo "Ortografia".

1.1.10 EMPREGO DOS SUFIXOS "-ARIA" E "-ERIA"

Há, na língua portuguesa, um sem-número de vocábulos formados pelo processo de sufixação. Ocorre que, quando se trata dos sufixos "-eria" e "-aria", não existe muito consenso entre os estudiosos da nossa língua e, em várias situações, admite-se a existência de vocábulos grafados tanto com "-aria" quanto com "-eria". É certo que um deles tem se consolidado como o mais usual (alguns, como "parçaria", são formas arcaicas e desusadas), mas ambos são graficamente corretos. Vejamos alguns deles:

- bijuteria ou bijutaria
- engraxateria ou engraxataria
- bilheteria ou bilhetaria
- doceria ou doçaria

- joalheria ou joalharia
- vozeria ou vozearia
- leiteria ou leitaria
- lavanderia ou lavandaria
- charcuteria ou charcutaria
- infanteria ou infantaria
- selvageria ou selvajaria
- parceria ou parçaria
- loteria ou lotaria
- sorveteria ou sorvetaria
- pedanteria ou pedantaria

➯ **Observação:**

Diante de situações de dúvida, não titubeie: consulte um bom dicionário.

1.1.11 SUFIXO ADVERBIAL "-MENTE"

Em português, o único sufixo adverbial é "-mente", o qual se acrescenta ao gênero feminino de adjetivos (quando o adjetivo apresenta esta flexão) para exprimir circunstâncias de modo, tempo, quantidade etc. Observe:

- calmaMENTE
- bondosaMENTE
- felizMENTE
- alegreMENTE

➯ **Observação:**

Correlacione esta regra com o emprego em sequência de advérbios terminados em "-mente". Esta orientação se encontra no capítulo sobre o "advérbio".

IV. DESINÊNCIAS: são elementos mórficos que se acrescem ao final de um vocábulo e expressam as flexões de gênero, de número, de modo, de tempo e de pessoa. Podem ser:

a) **desinências nominais** → indicam o gênero e o número dos nomes.

RADICAL	DESINÊNCIA DE GÊNERO	DESINÊNCIA DE NÚMERO
macac	o	s
menin	a	s
pat	o	s

b) **desinências verbais** → indicam o modo e o tempo, o número e a pessoa dos verbos.

RADICAL	VOGAL TEMÁTICA	DESINÊNCIA MODO-TEMPORAL	DESINÊNCIA NÚMERO-PESSOAL
am-	a	-sse	-mos
cant-	a	-va	-mos

V. VOGAIS OU CONSOANTES DE LIGAÇÃO: são vogais e consoantes que, desprovidas de significação, são usadas na formação de um vocábulo a fim de facilitar-lhe a pronúncia.

- pau + **l** + ada
- café + **t** + eira
- gas + **ô** + metro
- cha + **l** + eira
- rei + **z** + inho

1.2 PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS

Antes de tudo, convém estabelecer alguns conceitos:

a) **Palavras primitivas** → são aquelas que não se formaram a partir de um vocábulo preexistente. São também denominadas de "derivantes".

- terra
- pedra
- ferro
- luz
- janela
- carro

b) **Palavras derivadas** → são aquelas formadas a partir de um vocábulo preexistente.

- terraço
- pedreira
- ferrugem
- luzeiro
- janelaço
- carroçaria

c) **Palavras simples** → são aquelas que apresentam um único radical.

- água
- guarda
- perfume
- perna

d) **Palavras compostas** → são aquelas que apresentam dois ou mais radicais.

- água-benta
- guarda-chuva
- lança-perfume
- pernalta

A partir desses conhecimentos, podemos afirmar que, na língua portuguesa, existem dois grandes processos de formação de palavras: derivação e composição.

1.2.1 DERIVAÇÃO

É o processo através do qual se obtém uma palavra nova (derivada) a partir de uma palavra já existente (primitiva). Esse fenômeno se dá, frequentemente, pelo acréscimo de afixos (prefixos ou sufixos). Dessa forma, temos:

1. **Derivação prefixal ou prefixação** → acréscimo de prefixos à palavra primitiva.

- **in**feliz
- **des**amor
- **des**leal
- **pre**conceito
- **re**ver
- **ultra**violeta

2. **Derivação sufixal ou sufixação** → acréscimo de sufixos à palavra primitiva.

- amor**oso**
- mal**dade**
- feliz**mente**
- mel**oso**
- bebe**douro**
- dent**ista**

3. **Derivação sufixal e prefixal** → acréscimo não simultâneo de um prefixo e um sufixo à palavra primitiva.

- **in**feliz**mente**
- **in**util**izar**
- **des**leal**dade**
- **des**nivel**ar**
- **des**cortes**ia**

Observação:

Perceba que na derivação prefixal e sufixal a retirada de um dos afixos não inutiliza a palavra por completo. Se se retirar o prefixo, a palavra subsiste com o processo de sufixação. Se se retirar o sufixo, a palavra subsistirá com o prefixo. Este é o principal fator para se distinguir este tipo de derivação da parassíntese. Observe:

→ **infelizmente**
- felizmente (sem o prefixo)
- infeliz (sem o sufixo)

4. **Derivação parassintética ou parassíntese** → acréscimo simultâneo de um prefixo e um sufixo à palavra primitiva.

- anoitecer
- esfriar
- apedrejar
- amadurecer
- subterrâneo
- desalmado

Observações:

a) Geralmente a derivação parassintética cria formas verbais a partir de substantivos e adjetivos. Veja abaixo:

- **enriquecer** → formada a partir do adjetivo "rico"
- **ajoelhar** → formada a partir do substantivo "joelho"
- **empalhar** → formada a partir do substantivo "palha"
- **endoidecer** → formada a partir do adjetivo "doido"
- **embarcar** → formada a partir do substantivo "barco"
- **amanhecer** → formada a partir do substantivo "manhã"

b) Não confunda a derivação prefixal e sufixal com a parassintética. Nesta, o acréscimo dos afixos se dá de maneira simultânea, de modo que a retirada de um deles (sufixo ou prefixo) acarretará o desaparecimento da palavra.

5. **Derivação regressiva** → formação de substantivos denotadores de ação através de um processo de redução verbal. Substitui-se a terminação de um verbo pelas desinências "-a, -e, -o". Este tipo de derivação também é chamado de "**deverbal**", "**pós-verbal**" ou "**retrógrada**".

VERBO (primitivo)	SUBSTANTIVO (derivado)
abalar	abalo
afagar	afago
alcançar	alcance
buscar	busca
castigar	castigo
combater	combate
comprar	compra
enlaçar	enlace
gritar	grito
jogar	jogo
pescar	pesca

⇨ **Observações:**

a) Não se esqueça de que o processo comum de formação é a criação de verbos a partir de substantivos e adjetivos. A derivação regressiva, portanto, promove o processo inverso.

b) Convém mais uma vez salientar que a derivação regressiva forma substantivos indicativos de ação. Logo, "ajuda", "saque", "caça", por exemplo, são substantivos derivados dos verbos "ajudar", "sacar" e "caçar", respectivamente, porque indicam ação. Por outro lado, os substantivos "âncora", "perfume", "alimento", os quais não indicam ação, mas objetos, coisas, são palavras primitivas que dão origem aos verbos "ancorar", "perfumar" e "alimentar".

6. **Derivação imprópria ou conversão** → ocorre pela mudança da classe gramatical de uma palavra. Na maioria dos casos, substantivos se tornam adjetivos e vice-versa, adjetivos se transformam em advérbios e vice-versa, infinitivos se tornam substantivos, ou palavras invariáveis passam a ser substantivos.

- Ao longo da reunião, ele explicou **os prós** e **os contras** da questão. (palavras invariáveis substantivadas)
- Os **bons** sempre superam os **maus.** (adjetivos substantivados)
- Comprei um lindo rádio-**relógio** no centro da cidade de São Paulo. (substantivo adjetivado)
- Quando criança, pintava o **sete** na ausência dos pais. (numeral substantivado)
- **Esperar** é uma arte que todos deveriam exercitar. (infinitivo substantivado)
- Todos na sessão falavam **alto.** (adjetivo adverbializado)

1.2.2 COMPOSIÇÃO

É o processo por meio do qual duas ou mais palavras, ou dois ou mais radicais, se associam para formar uma nova palavra. Dois são os processos de composição na língua portuguesa:

1. **Composição por aglutinação** → ocorre quando há supressão ou perda de elementos fonéticos entre as palavras que se unem.

- perna + alta = **pernalta**
- boca + aberta = **boquiaberta**
- puxa + avante = **puxavante**
- pedra + óleo = **petróleo**

- perna + longo = **pernilongo**
- plano + alto = **planalto**
- Santo + Antônio = **santantônio**
- cabeça + baixa = **cabisbaixo**
- fonte + seca = **Fonseca**
- plena + mar = **preamar**
- em + boa + hora = **embora**
- filho + de + algo = **fidalgo**
- água + ardente = **aguardente**
- hidro + elétrico = **hidrelétrico**
- vinho + acre = **vinagre**

2. **Composição por justaposição** → ocorre quando as palavras se juntam sem que haja alteração mórfica nelas.

- passa + tempo = **passatempo**
- mal + me + quer = **malmequer**
- sempre + viva = **sempre-viva**
- porco + espinho = **porco-espinho**
- gira + sol = **girassol**
- guarda + chuva = **guarda-chuva**
- vai + vêm = **vaivém**
- verde + mar = **verde-mar**
- vara + pau = **varapau**
- mata + borrão = **mata-borrão**
- obra + prima = **obra-prima**

1.2.3 OUTROS PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS

Ao lado dos dois grandes processos de formação de palavras da língua portuguesa (derivação e composição), há outros igualmente importantes. São eles:

1. **Redução ou abreviação vocabular** → ocorre pela redução de um vocábulo a um mínimo semântico significativo, ou seja, reduz-se uma palavra ao máximo sempre mantendo seu sentido original.

- **auto** → redução de "automóvel"
- **extra** → redução de "extraordinário"
- **cinema** → redução de cinematógrafo
- **foto** → redução de fotografia
- **pneu** → redução de pneumático
- **curta** → redução de curta-metragem
- **zoo** → redução de zoológico
- **quilo** → redução de "quilograma"
- **cine** → redução de "cinema"
- **pólio** → redução de "poliomielite"
- **moto** → redução de motocicleta
- **pornô** → redução de pornografia
- **Zé** → redução de José
- **metrô** → redução de metropolitano

2. **Hibridismo** → ocorre quando a palavra é formada por elementos provenientes de línguas diferentes.

- automóvel = auto (grego) + móvel (latim)
- televisão = tele (grego) + visão (latim)
- abreugrafia = abreu (português) + grafia (grego)
- alcoômetro = álcool (árabe) + metro (grego)
- burocracia = buro (francês) + cracia (grego)
- monocultura = mono (grego) + cultura (latim)
- sambódromo = samba (português) + dromo (grego)
- goiabeira = goia (tupi) + beira (português)
- sociologia = socio (latim) + logia (grego)
- asmático = asma (português) + ico (latim)

3. **Onomatopeia ou onomatopaica** → ocorre quando se formam palavras que buscam representar os sons dos seres, das coisas, da natureza.

- vapt-vupt!
- miau!
- grunhir
- estralejar
- arrulhar
- tique-taque
- tartamudear
- zigue-zague!
- tinir
- rosnar
- toc-toc!
- latir
- au! au!
- grugulhejar
- bummm!
- espocar
- zás!
- piar

Observação:

Todos os verbos que indicam os sons dos animais são onomatopaicos. Logo, "coaxar (rã), chiar (insetos), estridular (cigarra), grasnar (pato), mugir (boi), palrar (papagaio), rugir (leão), uivar (lobo), zurrar (burro)" são alguns exemplos de verbos onomatopaicos.

4. **Siglonimização** → é o processo de formação das siglas. A sigla é a abreviatura formada com as letras iniciais das palavras de um nome ou um título. Observe abaixo algumas siglas.

- **FGTS** = Fundo de Garantia pelo Tempo de Serviço
- **CPF** = Cadastro de Pessoas Físicas
- **MEC** = Ministério da Educação e Cultura
- **CEP** = Código de Endereçamento Postal
- **DNER** = Departamento Nacional de Estradas e Rodagens

- **SENAC** = Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial
- **IBOPE** = Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística
- **IBGE** = Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
- **SENAI** = Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
- **UNESCO** = United Nations Educational Scientific and Cultural Organization
- **ONU** = Organização das Nações Unidas
- **OEA** = Organização dos Estados Americanos
- **PT** = Partido dos Trabalhadores

1.2.4 NEOLOGISMOS

A língua não é algo morto, sem vida. Em todo tempo, por causa da evolução dos seres e da evolução do campo do conhecimento, o acervo lexical de um povo se modifica – palavras deixam de ser usadas e tornam-se arcaicas, e palavras novas são criadas. A esse processo de criação lexical dá-se o nome de **neologismo**.

O nosso idioma, estruturalmente formado do latim, tem herdado empréstimos lexicais de outros sistemas linguísticos desde o início de sua formação. Por isso, em nossa língua encontramos tantos vocábulos provenientes das diversas influências (celta, fenícia, basca, bárbara, árabe, africana, tupi, espanhola, inglesa, italiana, francesa etc.).

Hoje, em virtude da globalização econômico-financeira, nossa língua portuguesa tem recebido bastantes empréstimos linguísticos oriundos da língua inglesa.

Cumpre de antemão frisar que, para a formação de um neologismo, na maioria dos casos, são usados os mesmos processos utilizados para a formação de muitas palavras em nossa língua: derivação e composição.

Observe alguns exemplos de neologismos em nossa língua (alguns ainda não foram registrados pelos dicionaristas, mas são bastante usados):

- deletar = apagar
- clicar = dar cliques com o mouse
- bebemorar = junção de beber e comemorar
- indescartável = que não pode ser descartável
- microcurso = curso de pequena extensão
- lulistas = partidários do presidente Lula
- pistolagem = ações com o uso da pistola, da força

1.3 CLASSIFICAÇÃO E FLEXÃO DAS PALAVRAS

Na língua portuguesa, a palavra pode ser analisada pela função que exerce em relação às outras palavras, ou pelo valor que, isoladamente, ela possui. No primeiro caso, temos a análise sintática, a qual será fruto de nosso estudo em capítulo próprio. Já a segunda, diz respeito à análise (ou classificação) morfológica.

Morfologia (gr. "morphê" = forma, "logos" = tratado) é a parte da "lexicologia" que estuda a palavra em seu elemento imaterial, isto é, em sua ideia ou significação. A morfologia das palavras pode ser estudada em duas partes:

a) **Taxonomia** (gr. "taxis" = arranjo, classificação; "nomos" = lei) estuda as diversas classes de palavras e as suas propriedades em relação à ideia que expressam.
b) **Etimologia** (gr. "etimo" = origem; "logia" = estudo) estuda a origem e a evolução das palavras.

Nos próximos dez capítulos, estudaremos a classificação morfológica das palavras em nossa língua, isto é, o valor que cada uma possui por si mesma, independentemente das demais palavras.

Há em nossa língua dez classes de palavras: substantivo, adjetivo, artigo, numeral, pronome, verbo, advérbio, conjunção, preposição e interjeição.

Observe abaixo um quadro-resumo dessas dez classes:

CLASSE DE PALAVRA	DEFINIÇÃO (CARACTERÍSTICAS)	EXEMPLOS
1. Substantivo	Classe de palavra variável que dá nome aos seres em geral.	casa – terra – rosto – planta – martelo – João – papelão
2. Adjetivo	Classe de palavra variável que modifica um substantivo, atribuindo-lhe uma qualidade, um estado, um modo de ser.	bom – ruim – alto – péssimo – belo – feio – gostoso
3. Artigo	Classe de palavra variável que acompanha um substantivo, determinando-o ou indeterminando-o.	o – a – o – as – uma – um – umas – uns

4. Numeral	Classe de palavra variável que indica quantidade ou ordem dos seres.	dois – três – primeiro – décimo – um terço – triplo
5. Pronome	Classe de palavra variável que substitui ou acompanha o substantivo.	meu – nós – alguém – que – cujo – Vossa Excelência
6. Verbo	Classe de palavra variável que indica um processo em relação ao tempo. Este processo pode ser uma ação, um estado, uma mudança de estado ou um fenômeno da natureza.	andar – chover – dormir – correr – nadar – ser – ventar – fugir – tornar-se
7. Advérbio	Classe de palavra invariável que modifica um verbo, um adjetivo ou até outro advérbio, atribuindo-lhes circunstâncias diversas.	cedo – tarde – amanhã – não – talvez – jamais – sim
8. Conjunção	Classe de palavra invariável que liga orações ou termos dentro de uma oração.	embora – mas – já que – conquanto – a fim de que
9. Preposição	Classe de palavra invariável que liga termos de uma oração ou, mais raramente, orações.	a – de – por – com – sob
10. Interjeição	Classe de palavra invariável que exprime emoções ou sentimentos.	ah! – puxa! – ai! – ufa!

⇨ **Observação:**

Convém salientar que classificar uma palavra é, antes de tudo, entender o sentido e a função que cada uma exerce em uma dada sentença. Sempre será imperfeita a classificação que se funde meramente na forma ou na estrutura do vocábulo. Logo, a chave para uma boa classificação é a análise de cada uma em seu contexto oracional. Observe abaixo alguns exemplos que demonstram a variação da classificação de um mesmo vocábulo.

- Eles são homens **sábios**.
  adjetivo
- Joana é um ser **baixo**.
  adjetivo
- O **filósofo** é o amigo da sabedoria.
  substantivo
- Esta **tarde** foi inesquecível.
  substantivo
- Por favor, não **tarde**.
  verbo
- Ficou sem **meios** para se suster.
  substantivo
- Meus olhos veem **claro**.
  advérbio
- Ficamos num **claro** da floresta.
  substantivo
- Estudo **porque** é importante.
  conj. causal
- **Fora** isso, peça-me o que quiser.
  preposição
- Ele **fora** para o interior do Estado.
  verbo
- Ela não dirá **nada**.
  pronome indefinido
- **O** menino estuda.
  artigo
- Já sabemos **o** que sucedeu.
  pronome demonstrativo
- Os **sábios** vivem melhor.
  substantivo
- É importante falar **baixo**.
  advérbio
- Luis XV era um rei-**filósofo**.
  adjetivo
- Saímos muito **tarde**.
  advérbio
- Ficou **meio** chateada.
  advérbio
- Comprou **meia** fruta.
  numeral
- Tinha um **claro** talento.
  adjetivo
- Esforço-me **porque** sejas aprovada.
  conj. final
- Não nos disse o **porquê** do problema.
  substantivo
- Ficou **fora** da casa.
  advérbio
- Ela **nada** bem.
  verbo
- Isto não é **nada** agradável.
  advérbio
- Eu **o** considero muito.
  pronome oblíquo

1.4 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (TRT-ES) Assinale o item no qual os prefixos destacados **não** têm o mesmo sentido:

   a) carta **a**nônima – homem **in**capaz
   b) **hemi**sfério sul – raiz **semi**morta
   c) nuvem **diá**fana – película **trans**lúcida
   d) rua **para**lela – autor **con**temporâneo
   e) **perí**metro urbano – área **circun**vizinha

2. (ESAF-MPU) Assinale a opção na qual os componentes destacados das palavras não têm a mesma significação:

   a) **hiper**tensão – **super**mercado

b) **ateu** – **an**arquia
c) **bípede** – **dissílabo**
d) **anfíbio** – **ambi**destro
e) **antepor** – **anti**aéreo

3. (BB) Assinale a opção em que há erro na explicação da palavra destacada:

a) **heliofobia** – horror à luz do sol
b) **rinalgia** – dor de nariz
c) **xilografia** – arte de gravar em pedra
d) **etnologia** – estudo das raças
e) **misantropia** – aversão à sociedade

4. (FATEC-SP) Nas palavras **poliglota, tecnocracia, acrópole, demagogo** e **geografia** encontramos elementos que têm as seguintes significações, respectivamente:

a) garganta – ciência – cidade – conduzo – terra
b) língua – governo – civilização – enganar – terra
c) muitas – deus – alto – povo – planeta
d) língua – governo – alto – povo – terra
e) muitas – poder – cidade – diabo – tratado

5. (Mackenzie-SP) Assinale a alternativa em que não há relação entre duas colunas quanto ao significado do prefixo:

a) abdicar = afastamento
b) adjacente = posição em frente
c) antedatar = anterioridade
d) ambidestro = duplicidade
e) biscoito = repetição

6. (FATEC-SP) O prefixo e o sufixo que compõem a palavra **despenteada** encontram similar de sentido em:

a) imaginava
b) deslealdade
c) dissílabo
d) infelicidade
e) impossibilitado

7. (CESGRANRIO-RJ) Assinale o par de vocábulos cujos prefixos apresentam significação equivalente à dos elementos iniciais de **impessoal** e **predeterminado**:

a) amoral – epidérmico
b) antiaéreo – hipertenso
c) disforme – ultrapassado

d) contraindicado – transatlântico
e) desumano – antediluviano

8. (UFRJ) Assinale a alternativa cujo prefixo **sub-** tem o sentido de posteridade:

a) sublinhar
b) subsequente
c) subdesenvolvimento
d) subjacente
e) submisso

9. (Mackenzie-SP) Dentre as alternativas abaixo, assinale aquela em que ocorrem dois prefixos que dão ideia de negação:

a) impune, acéfalo
b) pressupor, ambíguo
c) anarquia, decair
d) importar, soterrar
e) ilegal, refazer

10. (ITA-SP) Considere as seguintes significações:

"nove ângulos" – "governo de poucos"

"som agradável" – "dor de cabeça"

Escolha a alternativa cujas palavras traduzem os significados apresentados acima.

a) pentágono, plutocracia; eufonia, mialgia
b) eneágono, oligarquia; eufonia, cefalalgia
c) nonangular, democracia; cacofonia, dispineia
d) eneágono, aristocracia; sinfonia, cefalalgia
e) hendecágono, monarquia; sonoplastia, cefaleia

GABARITO

1 – D	2 – E	3 – C
4 – D	5 – B	6 – E
7 – E	8 – B	9 – A
10 – B		

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

CAPÍTULO 2

SUBSTANTIVO

2.1 DEFINIÇÃO

> É a classe de palavra variável com a qual se denomina os seres em geral.

Aqui, a palavra "ser" precisa ser entendida não só como aquilo que possui uma existência concreta (pedra, homem, carro, lua), mas também como aquilo que possui uma existência imaginária (Saci, fada, Minotauro), abstrata (fé, alegria, tristeza), ou mesmo de comprovação discutível (anjo, alma, inferno).

Por isso, classificam-se como substantivos as coisas, os sentimentos, as qualidades, as ações, os estados considerados em si mesmos.

Observe os primeiros exemplos:

- beleza
- cobre
- pureza
- morte
- água
- revolução
- vida
- árvore
- átomo
- vingança
- sonho
- eletricidade
- casamento
- Terra
- caderno
- vento
- símbolo
- uva

2.2 CARACTERIZAÇÃO DO SUBSTANTIVO

Nem sempre é fácil para um estudante da língua portuguesa identificar com segurança um substantivo. Por isso, para fazê-lo, convém observar duas características fundamentais:

1. O substantivo é uma classe de palavras que geralmente vem acompanhada de outras palavras, as quais a determinam. Daí dizermos que um substan-

tivo frequentemente se encontra acompanhado de determinantes. Funcionam como determinantes "os artigos, os adjetivos, os pronomes adjetivos e os numerais". Logo, quase todas as palavras na língua portuguesa podem ser usadas como substantivos.

Veja:

- Havia dois **entrevistadores** engraçados que faziam umas **perguntas** bobas.
  determinante ↳ *determinantes* ↵

  determinante
- Alguns **homens** nunca conseguirão implementar mais que três **ideias** ao longo da **vida**.
  determinantes
- Não aguentava mais os teus **ais**, as tuas **lamúrias**, os teus **"não-sei-pra-que-isso"**.
  determinantes *determinantes*

2. O substantivo é a classe morfológica que "privativamente" exerce as funções sintáticas de: **sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, agente da passiva, aposto** e **vocativo.** Logo, palavras que exercem tais funções serão substantivos ou substantivadas.

Observe:

- Os noivos disseram "**sim!**" diante de toda a igreja.
  objeto direto = palavra substantivada
- Não viva o **ontem**; procure amar o **hoje.**
  objetos diretos = palavras substantivadas
- Os **feios** também amam.
  sujeito = palavra substantivada
- **Viver** já é, por si só, um presente de Deus.
  sujeito = palavra substantivada
- Ninguém sabe os **porquês** da ausência dele.
  objeto direto = palavra substantivada
- Precisaremos dos **dois** para o nosso projeto.
  objeto indireto = palavra substantivada
- Ao chegar, foi enxotado pela **multidão.**
  agente da passiva = substantivo
- Não tinha precisão do **dinheiro** público.
  complemento nominal = substantivo
- Precisamos muito disto: **paz** na terra entre os homens de boa vontade.
  aposto = substantivo

➯ Observações importantes:

a) Não confunda um substantivo com uma palavra substantivada. Enquanto esta se encontra exercendo uma função típica do substantivo, aquele é o próprio substantivo por natureza. A palavra "nobre" é um

adjetivo por natureza. No entanto, ao dizermos "Os **nobres** sempre dominaram o mundo", temos um adjetivo substantivado, ou seja, uma palavra substantivada, pois ela exerce a função de sujeito e está acompanhada de um determinante.

b) Não se esqueça de que alguns substantivos também podem exercer o papel de "adjetivo" pelo processo de derivação imprópria ou conversão, estudado no capítulo sobre a formação das palavras. Veja:

- O homem-**morcego** sempre foi um sucesso do cinema.
  Substantivo exercendo a função de adjetivo.
- Minha avó sempre dizia que vivia em um mundo **cão.**
  Substantivo exercendo a função de adjetivo.

c) O substantivo, como a maioria das classes morfológicas, pode ser expresso por meio de uma oração, denominada de "**oração substantiva**". Já que o substantivo exerce funções como "sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal", a oração substantiva exercerá também – obviamente – uma dessas funções. Observe:

- Tinha receio de que os juros inviabilizassem seus negócios.
  oração substantiva – complemento nominal
- Sempre aspirou a que todos fossem contemplados com a sorte da loteria.
  oração substantiva – objeto indireto
- Seria fundamental que eles se amassem mais.
  oração substantiva – sujeito
- João argumentou que aquilo fora dito por seu pai há muitos anos.
  oração substantiva – objeto direto

➾ **Observação:**

Para aprofundar este último ponto, estude, em sintaxe, as orações substantivas.

d) Convém salientar também que é um substantivo o núcleo de boa parte das locuções adjetivas, adverbiais, prepositivas e conjuntivas. Por isso, o substantivo é uma das classes gramaticais mais importantes. Veja:

- à espera de = núcleo de uma locução prepositiva
- casaco de couro = núcleo de uma locução adjetiva
- a fim de que = núcleo de uma locução conjuntiva
- à tarde = núcleo de uma locução adverbial

2.3 CLASSIFICAÇÃO DO SUBSTANTIVO

Os substantivos podem ser classificados em: **concretos, abstratos, próprios, comuns, simples, compostos, primitivos, derivados e coletivos.**

1. **Concretos e abstratos:** Os primeiros indicam os seres que possuem existência própria independente dos demais seres, não importando se são reais ou imaginários. Já os segundos indicam os seres que dependem da existência de outros seres para existirem. Estes últimos indicam qualidades, ações ou estados.

- mesa – faca – lápis – apontador – lua – terra – mar – lampião – fada = são exemplos de substantivos concretos
- pânico – medo – tristeza – bondade – sonho – conhecimento – saudade = são exemplos de substantivos abstratos

2. **Próprios e comuns:** Os próprios designam um ser específico, determinado entre os outros de sua espécie. Já os comuns designam os seres de uma espécie de forma genérica.

- rua – casa – flor – carro – aliança – cidade – rio = são substantivos comuns
- Pedro – Brasil – Nova Iorque – São Francisco – Jesus Cristo = são substantivos próprios

3. **Simples e compostos:** São simples os substantivos formados por um só elemento, um só radical. Já os compostos são constituídos por mais de um radical ou elemento formador.

- terra – fruta – cavalo – pau = são substantivos simples
- terra-cozida – fruta-pão – cavalo-vapor – pau-brasil = são substantivos compostos

4. **Primitivos e derivados:** Os primitivos são aqueles substantivos que não resultam de nenhuma outra palavra preexistente. Já os derivados, como o próprio nome já o denuncia, são os substantivos oriundos de outras palavras, ditas primitivas.

- terra – pedra – mar – luz – folha = são substantivos primitivos
- terraplanagem – pedreira – maremoto – luzeiro – folhagem = são substantivos derivados

5. **Coletivos:** São os substantivos que, no singular, indicam uma coleção, um agrupamento, um conjunto de seres da mesma espécie. Observe abaixo uma tabela com os principais coletivos:

academia	de literatos, de artistas, de sábios etc.
acervo	de bens patrimoniais, de obras de arte etc.
álbum	de fotografias, de selos
alcateia	de lobos
antologia	de trechos literários
armada	de navios de guerra
arquipélago	de ilhas
assembleia	de pessoas reunidas
associação	de pessoas reunidas sob o mesmo estatuto
atilho	de espigas de milho
atlas	de mapas
bagagem	de objetos de viagem
baixela	de utensílios de mesa
banca	de examinadores
bandeira	de garimpeiros, de exploradores
bando	de crianças, de aves, de ciganos etc.
baralho	de cartas
batalhão	de soldados
bateria	de peças de artilharia, de utensílios de cozinha
biblioteca	de livros
boiada	de bois
brigada	de pessoas voltas para a execução de um serviço
cabido	de cônegos de uma catedral
cacaria	de cacos
cacho	de uvas, de bananas etc.
cáfila	de camelos
câmara	de deputados
cambada	de vadios, de malvados etc.
capoeira	de aves, de mato
caravana	de viajantes, de peregrinos, de mercadorias etc.
cardume	de peixes
cartuchame	de cartuchos

catálogo	de livros, de plantas, de objetos para a venda etc.
choldra	de malfeitores, de desordeiros, de pessoas ordinárias etc.
chusma	de gente, de criados, de papéis
clientela	de clientes
código	de leis reunidas
coleção	de livros, de poesias, de selos etc.
coletânea	de objetos reunidos
coligação	de pessoas, de organizações
colmeia	de cortiços de abelhas
comboio	de meios de transporte, de animais etc
conciliábulo	de feiticeiros
concílio	de bispos, de prelados, de pastores
conclave	de cardeais
confederação	de estados
confraria	de pessoas religiosas reunidas
congregação	de professores, de membros de uma determinada religião
congresso	de sábios, de diplomatas, de deputados
conselho	de ministros, de professores
constelação	de estrelas
cordilheira	de montanhas
corja	de canalhas, de vadios, de malfeitores
coro	de pessoas reunidas para cantar
discoteca	de discos
doutrina	de conhecimentos
elenco	de atores, de artistas
enxoval	de roupas e adornos
esquadra	de navios
fato	de cabras
fauna	de animais de uma região
feixe	de lenha, de capim, de varas
fornada	de pães, de tijolos etc.
frotas	de navios, de ônibus etc.
galeria	de quadros, de estátuas
grei	de fiéis reunidos
grêmio	de intelectuais, de artistas etc.
irmandade	de membros de associações religiosas

júri	de jurados
legião	de soldados, de anjos, de demônios
lustro	de cinco anos
maço	de papéis, de cartas, de cigarros
manada	de bois, de elefantes etc.
maquinaria	de máquinas
matilha	de cães
miríade	de insetos
molho	de chaves, de capim
ninhada	de filhotes de aves
nuvem	de gafanhotos, de mosquitos etc.
orquestra	de músicos
parlamento	de casas legislativas
patrulha	de soldados em ronda
penca	de bananas, de uvas, de laranjas
petrecho	de armamentos
pilha	de livros, de moedas, de pratos
pinacoteca	de quadros, de telas
piquete	de grevistas
plêiade	de grupo de homens sábios, célebres
prole	de filhos de um casal
quadrilha	de ladrões, de bandidos
ralé	de pessoas ordinárias
ramalhete	de flores
rancho	de soldados, de trabalhadores, de gente
rebanho	de ovelhas, de cabras
renque	de coisas ou pessoas na mesma linha
repertório	de peças teatrais, de músicas
resma	de papel (quinhentas folhas)
réstia	de cebola, de alho
revoada	de aves
rol ou ror	de pessoas, de testemunhas
seleta	de trechos literários escolhidos
sínodo	de párocos, de religiosos reunidos
súcia	de velhacos, de patifes
tripulação	de tripulantes de um navio, de um avião

tropel	de cavaleiros
tropilha	de cavalos
trouxa	de roupas
turma	de estudantes, de trabalhadores etc.
vara	de porcos
viveiro	de aves, de plantas

➯ **Algumas observações sobre os substantivos coletivos:**

a) É importante frisar que os substantivos coletivos podem ser **específicos (determinados)** ou **genéricos (indeterminados)**. Dizer, por exemplo, "ramalhete de flores", "cardume de peixes", "esquadra de navios" consiste numa redundância, pois os coletivos aqui usados se referem – especificamente – a "flores, peixes e navios", respectivamente. Por outro lado, não se comete redundância quando se criam especificações para coletivos do tipo "grupo, bando, congresso, coleção", uma vez que estes podem ser utilizados para indicar mais de um ser. Por isso, os primeiros são denominados de específicos e os segundos de genéricos. Veja:

▹ O **grupo** de estudantes deixou a sala.
▹ Um **grupo** de deputados inspecionará a obra.
▹ Um **bando** de aves sobrevoa a cidade.
▹ Um **bando** de ladrões assaltou um banco hoje pela manhã.
▹ A **coleção** de selos foi furtada.
▹ A **coleção** de poesias do Mário impressiona a todos.

➯ **Observação:**

Nestes exemplos, os substantivos "grupo, bando e coleção" requereram especificações por se tratar de coletivos inespecíficos ou genéricos.

b) Quando se trata de coletivos genéricos ou inespecíficos, a concordância do verbo pode-se dar tanto com o núcleo do termo quanto com a sua especificação.

▹ Uma equipe de jogadores **auxiliará** ou **auxiliarão** os trabalhos de seleção dos melhores atletas da escola.

c) Os substantivos "parte, metade, maioria, minoria", que designam fração de um todo, são denominados de "coletivos partitivos"; distinguem-se, portanto, dos outros denominados de "coletivos gerais".

d) Há coletivos que são denominados de numéricos, pois representam quantidades numéricas exatas. Exemplos:

- **par** → conjunto com dois elementos
- **lustro** → período de cinco anos
- **novênio** → período de nove anos
- **sextilha** → estrofe de seis versos
- **tríade** → grupo de três pessoas
- **septênio** → período de sete anos
- **semana** → período de sete dias
- **dúzia** → conjunto de doze elementos
- **milhar** → conjunto de mil coisas
- **semestre** → período de seis meses
- **trezena** → período de treze dias
- **trindade** → reunião de três pessoas
- **quinquídio** → período de cinco dias
- **quindênio** → período de quinze dias
- **cento** → conjunto com cem elementos
- **terceto** → estrofe de três versos / reunião de três pessoas

e) Muitos coletivos são formados pelo processo de sufixação. Eis abaixo os sufixos mais comuns para a formação de coletivos.

- **-ada** → boiada, manada, brigada
- **-alha** → parentalha, clericalha
- **-ama** → dinheirama, boiama
- **-aria** → livraria, artilharia
- **-eiro** → formigueiro, abelheiro
- **-agem** → folhagem, carruagem
- **-al** → cabedal, bananal
- **-ame** → cordame, enxame
- **-dade** → cristandade, diversidade
- **-edo** → arvoredo, vinhedo

2.4 FLEXÕES DOS SUBSTANTIVOS

Como palavras variáveis que são, os substantivos se flexionam em: **gênero**, **número** e **grau**.

2.4.1 FLEXÕES DE GÊNERO

Em primeiro lugar, é importante dizer que o gênero é uma classificação puramente gramatical. Segundo o gênero, os substantivos são agrupados em **masculinos** e **femininos**.

Em tese, são masculinos todos os substantivos aos quais se pode antepor o artigo definido masculino "o(s)". Por outro lado, são femininos todos os que admitem o artigo definido feminino "a(s)".

São masculinos	São femininos
o cordão – os sapatos – os lençóis – o azeite	a fralda – a sandália – a leoa – a patroa – a câmera
o cidadão – o ator – o imperador – o compadre	a internet – a libélula – a freira – a mãe – a dama

2.4.1.1 Formação do feminino

2.4.1.1.1 Substantivos biformes

A maioria dos substantivos na língua portuguesa apresenta formas distintas para o masculino e para o feminino – são denominados de "**BIFORMES**". Para os substantivos desse grupo, o feminino geralmente se forma a partir da(o):

a) Mudança da terminação "-o" por "-a":

- filho → filha
- aluno → aluna
- menino → menina
- garoto → garota
- aluno → aluna

b) Mudança da terminação "-e" por "-a":

- elefante → elefanta
- monge → monja
- parente → parenta
- mestre → mestra
- presidente → presidenta

c) Mudança das terminações "-e" e "-a" por "-essa, -esa, -isa".

- sacerdote → sacerdotisa

- diácono → diaconisa
- barão → baronesa
- abade → abadessa
- príncipe → princesa
- profeta → profetisa
- conde → condessa
- prior → prioresa

d) Mudança da terminação "-ão" por "-ã, -oa, -ona".

- alemão → alemã
- irmão → irmã
- leitão → leitoa
- valentão → valentona
- chorão → chorona
- patrão → patroa
- cidadão → cidadã
- santarrão → santarrona

Exceções:

- barão → baronesa
- ladrão → ladra
- sultão → sultana
- cão → cadela

e) Mudança da terminação "-eu" por "-eia":

- europeu → europeia
- plebeu → plebeia
- ateu → ateia
- hebreu → hebreia
- pigmeu → pigmeia

➭ **Observação:**

Há substantivos que não seguem esta regra: réu → ré; judeu → judia; ilhéu → ilhoa.

f) Acréscimo da terminação "-a" aos substantivos terminados em "-es, -or, -z, -s, -l":

- camponês → camponesa
- juiz → juíza
- cantor → cantora
- escritor → escritora
- bacharel → bacharela

g) Acréscimo da terminação "-triz" a certos substantivos terminados em "-or":

- embaixador → embaixatriz
- imperador → imperatriz
- cantor → cantatriz
- ator → atriz
- genitor → genetriz

➾ **Observação:**

Admitem-se também os femininos "cantora" e "genitora" – bem mais usuais no português contemporâneo – para os substantivos "cantor" e "genitor", respectivamente.

h) Acréscimo da terminação "-ina" a certos substantivos como:

- herói → heroína
- czar → czarina
- felá → felaína

➾ **Observação:**

Inúmeros são os procedimentos para a formação do feminino na língua portuguesa, e não há uma regra que consiga abarcar todas as situações. Daí a quantidade exorbitante de substantivos os quais possuem formas totalmente diferentes para indicar o masculino e o feminino. Estes substantivos são denominados de "heterônimos". Segue abaixo uma lista sucinta de tais substantivos (também denominados de "**biformes**", diga-se por conveniência) e seus respectivos femininos.

MASCULINO	FEMININO
baleia	caxaréu, caxarela
bispo	episcopisa
bode	cabra
boi	vaca
burro	besta, mula
cão	cadela
capitão	capitã
cavaleiro	amazona
cavalheiro	dama
cavalo	égua
compadre	comadre
cônego	canonisa, cônega
confrade	confreira
dom	dona
embaixador	embaixadora (funcionária)
embaixador	embaixatriz (esposa do embaixador)
ermitão	ermitoa
frade	freira
frei	sóror ou soror
galo	galinha
general	generala
genro	nora
homem	mulher
jabuti	jabota
javali	javalina
marajá	marani
pacuçu	paca
padrasto	madrasta
padre	madre
padrinho	madrinha
pai	mãe
pardal	pardoca ou pardaloca
parvo	parva
patriarca	matriarca
perdigão	perdiz

MASCULINO	FEMININO
prior	prioresa ou priora
rajá	rani
sandeu	sandia
sereia	tritão
tabaréu	tabaroa
varão	varoa ou virago
veado	veada, cerva
zangão	abelha

2.4.1.1.2 Substantivos uniformes

Um outro grande grupo de substantivos possui apenas uma única forma gráfica para designar tanto o masculino quanto o feminino – são os denominados de **UNIFORMES**. Dividem-se em:

a) **Sobrecomuns** – são substantivos que possuem uma única forma para o masculino e para o feminino. Até o artigo que acompanha estes substantivos é comum aos dois gêneros.

- o monstro
- o defunto
- a pessoa
- o esqueleto
- o cadáver
- o ídolo
- a vítima
- a testemunha
- a criança
- o cônjuge
- o membro
- o sujeito
- o carrasco
- a criatura

b) **Comuns de dois gêneros** – são substantivos que possuem uma única forma gráfica para os dois gêneros, mas se faz a distinção do masculino e do feminino pela utilização de artigos "o, a, os, as, um, uns, uma, umas".

- o/a cliente
- o/a artista
- o/a nubente
- o/a ouvinte
- o/a gerente
- o/a acrobata
- o/a agente
- o/a pedinte
- o/a servente
- o/a jovem
- o/a diplomata
- o/a agiota
- o/a jornalista
- o/a motorista
- o/a selvagem
- o/a estudante
- o/a pajem
- o/a homicida
- o/a dentista
- o/a colega

c) **Epicenos** – são substantivos relativos a animais que possuem uma única forma para designar o masculino e o feminino. A distinção entre os sexos se dará pelo acréscimo das palavras "macho" e "fêmea".

- a cobra macho / a cobra fêmea
- a pulga macho / a pulga fêmea
- a águia macho / a águia fêmea
- o tatu macho / o tatu fêmea
- o crocodilo macho / o crocodilo fêmea
- a borboleta macho / a borboleta fêmea
- o jacaré macho / o jacaré fêmea
- a minhoca macho / a minhoca fêmea

2.4.1.2 Oposição entre o gênero e o sentido

Muitos substantivos mudam de sentido quando têm seu gênero alterado. Diz-se, então, que houve um gênero aparente, já que a outra forma não representa o sexo oposto, mas uma palavra com um significado totalmente diferente do significado da primeira. Observe:

o língua (o intérprete)	**a língua** (órgão do corpo humano)
o caixa (funcionário)	**a caixa** (receptáculo)
o razão (livro mercantil)	**a razão** (faculdade intelectual)
o guarda (policial)	**a guarda** (corporação, proteção, cuidado)
o capital (dinheiro)	**a capital** (cidade sede de governo)
o cisma (separação)	**a cisma** (dúvida)
o vogal (representante)	**a vogal** (letra)
o guia (orientador, pessoa que guia)	**a guia** (documento, correia comprida)
o cura (padre)	**a cura** (restabelecimento da saúde)
o lotação (veículo)	**a lotação** (capacidade)
o moral (ânimo, estado de espírito)	**a moral** (ética, princípios)
o rádio (aparelho)	**a rádio** (estação, emissora)
o crisma (óleo usado em sacramentos)	**a crisma** (sacramento da confirmação)
o águia (pessoa esperta)	**a águia** (ave)
o banana (pessoa mole, palerma)	**a banana** (fruta)
o cabra (pessoa valente)	**a cabra** (animal)
o polícia (policial)	**a polícia** (corporação)
o grama (unidade de peso)	**a grama** (relva)
o estepe (pneu sobressalente)	**a estepe** (vegetação)
o nascente (ponto cardeal leste)	**a nascente** (fonte de água)

2.4.1.3 Mudança de gênero por elipse

Alguns substantivos indicativos de lugares (topônimos) mudam de gênero quando, por metonímia, passam a designar os produtos desses lugares.

Como termos geográficos, esses substantivos são femininos. Ao designar os produtos oriundos de tais lugares, tornam-se nomes comuns masculinos. Um bom exemplo ocorreu com o vocábulo "champagne", que originalmente designa a região da França produtora de bons vinhos espumantes. Hoje, não há quem nunca tenha tomado "**um** champanhe", ou seja, "um **vinho** champanhe". Nestes casos, existe, na verdade, a elipse de um substantivo masculino entre o artigo e o substantivo topônimo. Observe outros casos:

- **Moca** (cidade da Arábia) → **o moca** (tipo de café proveniente da cidade de Moca)
- **Madeira** (ilha situada em Portugal) → **o madeira** (vinho proveniente da ilha Madeira)
- **Borgonha** (região situada na França) → **o borgonha** (vinho produzido na região da Borgonha)
- **Málaga** (região situada na Espanha) → **o málaga** (vinho produzido na região de Málaga)
- **Terra-Nova** (ilha situada no Canadá) → **o terra-nova** (cão oriundo da ilha de Terra-Nova)
- **Holanda** (país situado na Europa) → **o holanda** (fino tecido proveniente da Holanda)
- **Nanquim** (cidade da China) → **o nanquim** (pigmento negro para colorir criado na cidade de Nanquim)
- **Angorá** (antiga cidade da Turquia) → **o angorá** (espécie de gato oriundo da cidade de Angorá – hoje "Ancara")

2.4.1.4 Gênero de alguns substantivos

Há vários substantivos na língua portuguesa que frequentemente suscitam dúvidas quanto ao gênero. Por isso, é bom ficar atento, pois:

a) São masculinos

- o apêndice
- o alvará
- o aneurisma
- o guaraná
- o herpes
- o lança-perfume

- o champanha
- o charque (carne-seca, jabá)
- o clã
- o cônjuge
- o cós
- o delta
- o dó (pena; nota musical)
- o eclipse
- o estratagema
- o formicida
- o magazine
- o matiz
- o plasma
- o telefonema
- o tracoma
- o cabo (soldado; rabo, cauda)
- o magma
- o pernoite
- o praça (soldado)
- o proclama (anúncio)

b) São femininos

- a abusão (engano, erro)
- a dinamite
- a acne
- a áspide (serpente)
- a omelete
- a omoplata
- a agravante (circunstância)
- a alface
- a apendicite
- a aguardente
- a cal
- a faringe
- a libido
- a entorse
- a fruta-pão
- a pane
- a mascote
- a gênese
- a couve-flor
- a derme
- a echarpe (agasalho, adorno)
- a ênfase
- a comichão
- a ferrugem
- a matinê
- a sentinela
- a filoxera (tipo de inseto)

2.4.1.4.1 Substantivos que são masculinos ou femininos indistintamente

São substantivos bastante usuais e que podem ser usados tanto como femininos quanto como masculinos.

- o/a sabiá (ave)
- o/a xérox
- o/a tapa
- o/a cataplasma
- a/o usucapião
- o/a ilhós
- o/a suéter
- o/a diabete (ou diabetes)
- o/a laringe

➾ **Observações gerais sobre o gênero dos substantivos:**

a) O substantivo "personagem" tanto pode ser usado no feminino "a personagem" quanto no masculino "o personagem".

b) Os substantivos "modelo" e "manequim", referindo-se às pessoas que posam em público, têm sido usados na língua contemporânea como substantivos comuns de dois gêneros. A distinção de gênero, portanto, dar-se-á pelo determinante – geralmente o artigo – que acompanha tais palavras. Diz-se, então, "o modelo" para o homem e "a modelo" para a mulher.

c) Alguns substantivos que designam patentes militares como "*general, coronel, tenente, sargento, soldado*" apresentam as formas femininas "*generala, coronela, tenenta, sargenta, soldada*", embora sejam estas bastante preteridas na esfera militar, preferindo-se usar tais substantivos como se fossem comuns de dois gêneros "o/a general, o/a coronel, o/a tenente, o/a sargento, o/a soldado". As patentes "major e cabo" só existem sob a forma masculina.

d) O substantivo "*chefe*" apresenta a forma feminina "*chefa*". Entretanto, é preferível empregar-se "chefe" como substantivo comum de dois gêneros (o chefe / a chefe) pelo fato de a forma "chefa" trazer consigo certa dose de informalidade.

2.4.2 FLEXÕES DE NÚMERO

O número é capacidade que possuem alguns nomes de indicar um ou mais seres ou coisas. Como o gênero, a flexão de número é uma categoria gramatical. Em português, existem dois números gramaticais: o singular e o plural. O primeiro indica um ser ou um grupo de seres (flor, soldado, avião, ramalhete, exército, esquadrilha); já o segundo, indica mais de um ser ou grupo de seres (flores, soldados, aviões, ramalhetes, exércitos etc.).

2.4.2.1 Regras para a formação do plural dos substantivos

1. **Em geral, os substantivos formam o plural com o acréscimo da desinência "-s" ao singular. Isso frequentemente ocorre com os substantivos terminados em vogal ou em ditongo:**

- casa → casas
- prédio → prédios
- braço → braços
- mãe → mães
- rei → reis
- janela → janelas
- menino → meninos
- gramática → gramáticas
- porta → portas
- pai → pais
- pé → pés
- livro → livros
- escola → escolas
- estrada → estradas
- herói → heróis

2. Os substantivos terminados em "-ão" fazem o plural de três maneiras:

a) Alguns simplesmente seguem a regra geral e acrescentam "-s" ao "-ão":

- mão → mãos
- chão → chãos
- pagão → pagãos
- órgão → órgãos
- cristão → cristãos
- irmão → irmãos
- desvão → desvãos
- sótão → sótãos
- grão → grãos
- vão → vãos
- bênção → bênçãos
- cidadão → cidadãos

b) Outros trocam o "-ão" por "-ães":

- escrivão → escrivães
- capitão → capitães
- capelão → capelães
- pão → pães
- alemão → alemães
- afegão → afegães
- cão → cães
- tabelião → tabeliães

c) Um grande grupo troca o "-ão" por "-ões":

- leão → leões
- caixão → caixões
- canhão → canhões
- fração → frações
- gavião → gaviões
- limão → limões
- mamão → mamões
- nação → nações
- coração → corações
- anão → anões
- balão → balões
- botão → botões
- opinião → opiniões
- canção → canções
- folião → foliões

➯ **Observações:**

a) Essas diversas variações para o plural ocorrem em virtude da etimologia das palavras.

b) Alguns substantivos terminados em "-ão" apresentam mais de uma forma para o plural. Observe abaixo:

- aldeão → adeãos e aldeões
- ancião → anciãos, anciães e anciões
- guardião → guardiães e guardiões
- verão → verãos e verões
- cirurgião → cirurgiões e cirurgiães
- anão → anãos e anões
- castelão → castelãos e castelões
- sultão → sultães e sultões
- vilão → vilãos, vilões e vilães
- vulcão → vulcãos e vulcões

3. Os substantivos terminados em "-r, e -z" formam o plural com o acréscimo da terminação "-es", uma vez que a língua não aceita as terminações "-rs e -zs".

- flor → flores
- gravidez → gravidezes
- giz → gizes
- colher → colheres
- faquir → faquires
- cateter → cateteres
- juiz → juízes
- arroz → arrozes
- andar → andares
- dólar → dólares
- colar → colares
- ureter → ureteres
- amor → amores
- mulher → mulheres
- raiz → raízes
- clamor → clamores
- cruz → cruzes

Observação:

Os substantivos "caráter", "júnior" e "sênior" fazem os plurais "caracteres", "juniores" e "seniores", respectivamente, com deslocamento do acento tônico.

4. Os substantivos terminados em "-n" fazem o plural tanto com o acréscimo de "-es" quanto com o acréscimo de "-s".

- próton → prótones ou prótons
- hífen → hífenes ou hifens
- líquen → líquenes ou liquens
- nêutron → nêutrones ou nêutrons
- abdômen → abdômenes ou abdômens
- elétron → elétrones ou elétrons

Observação:

Os substantivos "pólen" e "cânon" fazem os plurais "polens" e "cânones", respectivamente.

5. Os substantivos terminados em "-al, -el, -ol e -ul" trocam o "l" por "is". Observe:

- anel → anéis
- anzol → anzóis
- pastel → pastéis
- farol → faróis
- metal → metais
- laranjal → laranjais
- paul → pauis
- tribunal → tribunais
- canal → canais

⇛ **Observações:**

a) Nos substantivos "cônsul" e "mal", a consoante "l" permaneceu intervocálica no plural, daí as formas "cônsules" e "males" para os respectivos plurais.

b) O substantivo "mel" faz os plurais "meles" ou "méis", assim como "mol" faz os plurais "mols" ou "moles".

6. Os substantivos terminados em "-il" formam o plural de acordo com duas regras:

a) Se for oxítono, trocará o "-il" por "is":

- anil → anis
- perfil → perfis
- fuzil → fuzis
- funil → funis
- quadril → quadris
- canil → canis
- barril → barris
- cantil → cantis

b) Se for paroxítono, trocará o "-il" por "-eis":

- fóssil → fósseis
- têxtil → têxteis
- réptil → répteis
- míssil → mísseis
- projétil → projéteis
- tâmil → tâmeis

⇛ **Observação:**

Em virtude da dupla prosódia dos substantivos "réptil – reptil" e "projétil – projetil", admitem-se os respectivos plurais "répteis – reptis" e "projéteis – projetis".

7. Os substantivos terminados em "-m" trocam esta letra por "-ns". Veja:

- fim → fins
- bombom → bombons
- jejum → jejuns
- jardim → jardins
- som → sons
- bebum → bebuns
- vintém → vinténs
- refém → reféns
- amém → améns

8. Os substantivos terminados em "-s" fazem o plural segundo duas regras:

a) Os monossílabos e os oxítonos recebem "-es":

- gás → gases
- deus → deuses
- português → portugueses
- rês → reses
- revés → reveses
- cós → coses
- mês → meses
- burguês → burgueses
- chinês → chineses

b) Os paroxítonos e os proparoxítonos terminados em "-s" são invariáveis:

- o pires → os pires
- o tênis → os tênis
- o oásis → os oásis
- o ônibus → os ônibus
- o vírus → os vírus
- o alferes → os alferes
- o lápis → os lápis
- o ourives → os ourives
- o ônus → os ônus

9. Os substantivos terminados em "-x" são invariáveis.

- o tórax → os tórax
- uma xérox → duas xérox
- o ônix → os ônix
- o látex → os látex
- a fênix → as fênix

⇛ **Observação:**

Alguns substantivos monossilábicos terminados em "-x", entretanto, admitem também, para a formação do plural, o acréscimo da terminação "-es". É o caso de:

- o fax → os fax ou faxes
- o flox → os flox ou floxes
- o sax → os sax ou saxes
- o fox → os fox ou foxes

2.4.2.1.1 Particularidades sobre o plural dos substantivos

1. Alguns substantivos mudam o timbre da vogal tônica de (ô - fechado) para (ó - aberto) quando postos no plural. É o que se denomina de plural metafônico ou plural com metafonia. Veja alguns exemplos:

(ô) - fechado no singular	(ó) - aberto no plural
caroço	caroços
coro	coros

(ô) – fechado no singular	(ó) – aberto no plural
despojo	despojos
destroço	destroços
foro	foros
fosso	fossos
imposto	impostos
jogo	jogos
miolo	miolos
olho	olhos
osso	ossos
ovo	ovos
poço	poços
posto	postos
povo	povos
reforço	reforços
socorro	socorros
tijolo	tijolos
torto	tortos
troço	troços

Outros substantivos, porém, permanecem com o (ô) fechado quando vão para o plural. Veja:

(ô) – fechado no singular	(ô) – fechado no plural
abono	abonos
bolo	bolos
bolso	bolsos
cachorro	cachorros
coco	cocos
dono	donos
dorso	dorsos
encosto	encostos
esposo	esposos
gozo	gozos
lobo	lobos
logro	logros

(ô) – fechado no singular	**(ô) – fechado no plural**
morro	morros
piolho	piolhos
polvo	polvos
repolho	repolhos
rosto	rostos
sogro	sogros
toldo	toldos

2. Alguns substantivos, quando postos no plural, sofrem alteração semântica, ou seja, mudam o sentido. Observe:

- bem (virtude) ≠ bens (capital, posses)
- ar (atmosfera) ≠ ares (aparência, condições do clima)
- gênero (conjunto) ≠ gêneros (alimentos)
- féria (remuneração) ≠ férias (descanso)
- lua (satélite) ≠ luas (semanas)
- honra (dignidade) ≠ honras (homenagens, título)
- vergonha (humilhação) ≠ vergonhas (órgãos sexuais)
- amor (sentimento) ≠ amores (relações amorosas)

3. Há substantivos que só existem na forma "plural". Veja alguns exemplos:

- as fezes
- as cãs
- as cócegas
- os parabéns
- as cercanias
- os Alpes
- as calendas
- os óculos
- as exéquias
- as núpcias
- os pêsames
- os víveres
- as condolências
- os arredores
- os Andes
- as alvíssaras
- os anais
- as olheiras
- os Pirineus
- as Belas Artes

4. Os nomes de pessoas, os numerais e as letras do alfabeto fazem, geralmente, o plural com o acréscimo do morfema "-s" – obviamente quando se prestam a esta regra. Veja:

- Ele jamais passará na prova dos noves.
- Lá, na festa, encontrarás os Antônios, os Andrés, os Joões, os Junqueiras e tantos outros mais.

- Jamais escreverás corretamente se não conheceres bem os "as", os "bês", os "cês" que compõem as palavras.

⇨ **Observação:**

Os numerais terminados em "-s" e em "-z" são invariáveis. Ex.: dois, dez, três, seis etc.

5. **Em geral os substantivos apresentam tanto o feminino quanto o masculino. Este é o princípio básico. Entretanto, alguns substantivos são, na prática, usados, em quase todos os seus empregos, no singular, embora apresentem flexão de plural como a maioria dos substantivos. Isso ocorre particularmente com:**
   a) **substantivos que designam metais:** ouro, prata, ferro, mercúrio, alumínio, cobre.
   b) **substantivos que designam produtos animais e vegetais:** leite, mel, açúcar, lã, vinho, arroz.
   c) **substantivos que designam artes e ciências:** Budismo, Cristianismo, Lógica, Socialismo, Aritmética.
   d) **alguns substantivos abstratos que exprimem virtude ou vício:** preguiça, caridade, confiança, leviandade, liberdade.

2.4.2.2 Plural dos substantivos compostos

Os substantivos compostos apresentam um vasto conjunto de regras especiais para a formação de seus plurais. Vários substantivos fogem das orientações abaixo e apresentam uma forma própria, particular para o seu plural. Por isso, apresentaremos a seguir as regras mais comuns para a flexão de número de tais nomes compostos.

1.ª regra: Substantivos compostos formados por palavras variáveis quanto ao número → ambas as palavras devem ir para o plural. As palavras que formam o composto devem, portanto, ser analisadas se, isoladamente, são suscetíveis de ir para o plural.

- couve-flor (substantivo + substantivo) → couves-flores
- terça-feira (numeral + substantivo) → terças-feiras
- amor-perfeito (substantivo + adjetivo) → amores-perfeitos
- salvo-conduto (adjetivo + substantivo) → salvos-condutos
- ponta-direita (substantivo + adjetivo) → pontas-direitas

- chave-mestra (substantivo + substantivo) → chaves-mestras
- guarda-noturno (substantivo + adjetivo) → guardas-noturnos
- má-língua (adjetivo + substantivo) → más-línguas
- capitão-mor (substantivo + adjetivo) → capitães-mores
- pai-nosso (substantivo + pronome) → pais-nossos
- cirurgião-dentista (substantivo + adjetivo) → cirurgiões-dentistas

2.ª regra: Substantivos compostos formados por palavra invariável mais uma palavra variável → só o segundo elemento deverá ir para o plural.

- abaixo-assinado (advérbio + particípio na função de adjetivo) → abaixo-assinados
- quebra-mar (verbo + substantivo) → quebra-mares
- ave-maria (interjeição + substantivo) → ave-marias
- vice-cônsul (prefixo + substantivo) → vice-cônsules
- infraestrutura (prefixo + substantivo) → infraestruturas
- beija-flor (verbo + substantivo) → beija-flores
- salve-rainha (interjeição + substantivo) → salve-rainhas
- ultrassom (prefixo + substantivo) → ultrassons

3.ª regra: Substantivos compostos unidos por preposição → só o primeiro elemento varia.

- pé de moleque → pés de moleque
- mula sem cabeça → mulas sem cabeça
- pimenta-do-reino → pimentas-do-reino
- amigo da onça → amigos da onça
- joão-de-barro → joões-de-barro
- pôr do sol → pores do sol
- pau a pique → paus a pique
- ama de leite → amas de leite

4.ª regra: Substantivos compostos em que o segundo elemento delimita o primeiro → só o primeiro elemento varia.

- navio-escola → navios-escola
- banana-maçã → bananas-maçã
- caneta-tinteiro → canetas-tinteiro
- erva-mate → ervas-mate
- salário-família → salários-família
- peixe-boi → peixes-boi
- pau-brasil → paus-brasil
- pombo-correio → pombos-correio
- escola-modelo → escolas-modelo

➯ **Observação:**

Por se tratar de substantivos compostos formados por palavras variáveis, admite-se também que os compostos acima variem ambos os elementos. Portanto:

- navio-escola → navios-escola ou navios-escolas
- peixe-boi → peixes-boi ou peixes-bois
- pau-brasil → paus-brasil ou paus-brasis
- fruta-pão → frutas-pão ou frutas-pães

5.ª regra: Substantivos compostos formados por palavras repetidas ou palavras onomatopaicas (reprodução de sons das coisas, dos animais) → só o segundo elemento se flexiona.

- reco-reco → reco-recos
- ruge-ruge → ruge-ruges
- corre-corre → corre-corres
- pife-pafe → pife-pafes
- quero-quero → quero-queros
- pisca-pisca → pisca-piscas
- tico-tico → tico-ticos
- bem-me-quer → bem-me-queres
- bem-te-vi → bem-te-vis
- pega-pega → pega-pegas

➯ **Observações:**

a) Quando as palavras repetidas forem verbos, também é lícita a flexão dos dois elementos.

- pisca-pisca → pisca-piscas ou piscas-piscas
- pega-pega → pega-pegas ou pegas-pegas
- corre-corre → corre-corres ou corres-corres

b) São invariáveis os substantivos compostos formados por verbos de sentidos opostos, embora alguns dicionaristas mais modernos insistam em flexionar o último elemento.

- o leva e traz → os leva e traz
- o vai-volta → os vai-volta
- o perde-ganha → os perde-ganha

6.ª regra: Substantivos compostos em que o primeiro elemento for uma das formas "**grão, grã, ex-, dom, são e bel**" → só o segundo elemento se flexiona.

- grão-duque → grão-duques
- grã-cruz → grã-cruzes
- dom-basiliano → dom-basilianos
- ex-voto → ex-votos
- grão-mestre → grão-mestres
- bel-prazer → bel-prazeres
- são-bento → são-bentos
- são-bernardo → são-bernardos

7.ª regra: São substantivos compostos invariáveis:

- o louva-a-deus → os louva-a-deus (invariável)
- o saca-rolhas → os saca-rolhas (invariável)
- o arco-íris → os arco-íris (invariável)
- o maria vai com as outras → os maria vai com as outras (invariável)

2.4.3 FLEXÕES DE GRAU

Como sabemos, o substantivo é uma classe gramatical que designa os seres em geral. Os seres designados podem se apresentar em tamanhos diversos. À propriedade dos substantivos de indicar a dimensão dos seres dá-se o nome de "flexão de grau". Em português, há duas flexões de grau: o **aumentativo** e o **diminutivo**. Essas flexões tanto podem ser obtidas com a utilização de sufixos (forma sintética) quanto com a utilização de adjetivos (forma analítica). Estudaremos primeiramente a formação do grau com a utilização de sufixos e prefixos.

1. **Grau aumentativo:** o substantivo se apresenta em tamanho aumentado. Geralmente são utilizados os sufixos "-ão, -arão, -arrão, -zarrão, -eirão, -alhão, -gão". Ex.:

- buraco → buracão
- vaga → vagalhão
- pé → pezão
- amigo → amigão
- casa → casarão
- homem → homenzarrão
- capa → capeirão
- lamaçal → lamarão
- nariz → narigão
- chapéu → chapeirão
- bobo → bobalhão
- dedo → dedão

Há, entretanto, inúmeros substantivos que usam sufixos especiais para a formação do grau aumentativo. Abaixo apresentaremos alguns desses substantivos:

Sufixos	Exemplos
-aça	barcaça, barbaça
-alha	fornalha, muralha
-eirão	vozeirão, boqueirão
-ázio	copázio, balázio
-ona	barrigona, pernona
-orra	cabeçorra, beiçorra
-uça	vinhuça, dentuça
-anha	bocanha, campanha
-eira	fogueira, canseira

2. **Grau diminutivo:** o substantivo se apresenta em tamanho reduzido, diminuto. Para a formação deste grau, sinteticamente, utilizam-se também uma série de sufixos. Os mais usuais são:

Sufixos	Exemplos
-ebre	casebre
-acho	riacho, populacho
-culo	ossículo, corpúsculo
-eco	livreco, boteco
-ete	filete, filmete
-inho	filhinho, galinho
-ita	pedrita, cabrita
-ito	cãozito
-isco	chuvisco, ladrisco
-ola	sacola, rapazola
-ico	burrico, cuvico
-ica	pelica, fraldica
-ilha	presilha, flotilha
-ejo	lugarejo, papelejo
-im	espadim, pistolim
-ulo	glóbulo, nódulo
-eto	folheto, jardineto
-eta	caixeta, abeta
-ote	velhote, caixote

⇨ **Observações:**

a) Tanto o grau aumentativo quanto o diminutivo apresentam uma forma analítica, feita geralmente com o auxílio dos adjetivos "grande, enorme, imenso e adjetivos semelhantes" e "pequeno, minúsculo e adjetivos semelhantes" respectivamente.

b) Nem sempre o aumentativo e o diminutivo mostram o aumento e a diminuição de um ser. A utilização dos sufixos próprios para o aumentativo e para o diminutivo também pode indicar "desprezo, desproporção, pejoração, grosseria". Observe:

- Era considerada pela cidade como uma mulherzinha. (= mulher ordinária)
- Os silvas eram uma gentalha. (= gente de classe social baixa)
- Era um professorzinho! (= professor qualquer, sem qualificação)
- Aquele padreco era um grande santarrão. (= padre sem valor; falso devoto)

c) Muitos diminutivos são usados para indicar "afetividade, aproximação, carinho". É o caso de "amorzinho, paizinho, amiguinha, coleguinha".

d) O grau aumentativo também é obtido pela repetição do substantivo colocando-lhe no meio a preposição "de". É um processo muito usado na Bíblia. Veja:

- Rei dos reis
- Mestre dos mestres
- Senhor dos senhores
- Santo dos santos

d) Alguns aumentativos e diminutivos são obtidos com o emprego de prefixos. É o que se observa em "minifúndio, maxicasaco, supermercado, minissaia".

e) Alguns substantivos, pela evolução da língua, perderam o sentido gradual e assumiram valores semânticos autônomos. É o que se verifica, por exemplo, na palavra "portão" que não mais é o aumentativo de "porta", mas sim um tipo de entrada. Fato idêntico ocorreu com os vocábulos: cartilha, cartão, caldeirão, colchão.

f) No trato familiar, geralmente eivado de bastante afetividade, muitos diminutivos e aumentativos são criados a partir de nomes personativos. Tais criações são denominados de "hipocorísticos". Observe alguns:

- Antônio = Toninho
- José = Zezinho
- Fátima = Fatinha
- Carlos = Cacá
- Maria = Mariinha
- Alexandre = Xandão
- Paulo = Paulão
- Josefa = Zefinha

2.4.3.1 Plural dos substantivos diminutivos

Para a formação do plural dos substantivos diminutivos deve-se obedecer às seguintes orientações:

1.° → coloca-se o substantivo, sem os sufixos do diminutivo, no plural → **coração** faz **corações**

2.° → retira-se o "-s" do plural deste substantivo → **corações** – "s" fica **coraçõe**

3.° → acrescenta-se o sufixo do diminutivo → **coraçõe** + **zinho** fica coraçõezinho

4.° → acrescenta-se o fonema "-s" que foi retirado → **coraçõezinho + s** fica finalmente "**coraçõezinhos**"

Outros exemplos:

- pãozinho → pãezinhos
- barzinho → barezinhos
- farolzinho → faroizinhos
- paizinho → paizinhos
- papelzinho → papeizinhos
- florzinha → florezinhas
- amorzinho → amorezinhos
- carretelzinho → carreteizinhos

2.5 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (MM) A alternativa em que há **erro** no sentido dos substantivos é:

a) o grama = unidade de medida; a grama = relva
b) o rádio = aparelho receptor; a rádio = estação transmissora
c) o guia = documento; a guia = pessoa que guia
d) o cisma = separação; a cisma = desconfiança
e) o moral = ânimo; a moral = ética

2. (TER-MT) O termo que faz o plural como **cidadão** é:

a) limão
b) órgão
c) guardião
d) espertalhão
e) balão

3. (ESAF-CJF) Assinale a opção em que há substantivos que se referem, respectivamente, a **ação** e **sentimento**:

a) homem, passos
b) passado, medo
c) diferença, raízes
d) inteligência, criação
e) trabalho, tristeza

4. (TRT-RJ) Há **erro**, quanto à flexão do substantivo composto, em:

a) Essa medida irá beneficiar as donas de casas.
b) Os surdos-mudos irão participar da olimpíada dos deficientes.
c) Todas as manhãs os beija-flores apareciam no jardim.
d) No Brasil muitos vice-presidentes assumem a presidência da República.
e) Não podemos tolerar os disse me disse neste assunto.

5. (TRT-RJ) Escolha a alternativa cujos gêneros, pela ordem, correspondem aos seguintes vocábulos: **alface**, **grama** (peso), **dó** e **telefonema**.

a) masculino – feminino – masculino – feminino
b) feminino – feminino – masculino – feminino
c) masculino – feminino – masculino – masculino
d) feminino – masculino – masculino – masculino
e) feminino – feminino – masculino – masculino

6. (TCE-RJ) A opção em que as duas palavras formam o plural da mesma maneira é:

a) substituição / nação
b) administração / pão
c) ficção / alemão
d) demonstração / capitão
e) talão / cristão

7. (TEC-RJ) Assinale a opção em que o plural das palavras destacadas é feito da mesma forma;

a) O **escrivão** desacatou aquele **cidadão**.
b) O **salário-família** será pago na **sexta-feira**.
c) O **freguês** antigo tinha uma aparência **simples**.
d) O funcionário encarregado de vistoria era **dócil** e **gentil**.
e) Naquele mundo **pagão**, havia apenas um **cristão**.

8. (Mackenzie-SP) Em qual das alternativas todas as palavras pertencem ao gênero masculino?

a) dinamite, agiota, trema, cal
b) dilema, perdiz, tribo, axioma
c) eclipse, telefonema, dó, aroma
d) estratagema, bílis, omoplata, gengibre
e) sistema, guaraná, rês, anátema

9. (UFBA) Ficou com ______ quando soube que ______ caixa do banco entregara aos ladrões todo o dinheiro ______ clã.

a) o moral abalado – o – do
b) a moral abalada – o – da
c) o moral abalado – a – da
d) a moral abalado – a – do
e) a moral abalada – a – da

10. (ITA-SP) Examinar a frase abaixo, dando atenção aos vocábulos destacados:

*"A **estação emissora** procurava encorajar **o ânimo** daqueles que lutavam contra a **tropa inimiga**."*

A sequência dos sinônimos das palavras destacadas na sentença acima é, pela ordem:

a) o rádio, a moral, a corja
b) a rádio, a moral, a horda
c) a rádio, o moral, a hoste
d) o rádio, o moral, a hoste
e) As alternativas acima não são corretas.

GABARITO

1 – C	2 – B	3 – E
4 – A	5 – D	6 – A
7 – E	8 – C	9 – A
10 – C		

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

CAPÍTULO 3

ADJETIVO

3.1 DEFINIÇÃO

> É a classe de palavras variáveis que alteram a noção do substantivo atribuindo-lhe qualidades, características, aspectos gerais ou específicos, estados, modos de ser. Resumidamente, o adjetivo é a classe que nomeia as qualidades e os estados atribuídos ao substantivo.

Observe os primeiros exemplos:

- mulher desprestigiada
- navio quebrado
- porta aberta
- casinhas brancas e amarelas

Observe os termos grifados acima. Todos são adjetivos, pois apresentam qualidades e estados dos seres a que se referem.

3.2 CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE OS ADJETIVOS

1. Como se referem a substantivos, os adjetivos – embora alguns sejam invariáveis – concordam em gênero e número com o substantivo.

- Havia ideias **falsas** em todos os jornais **brasileiros**.
  adjetivos concordam em gênero e número com os substantivos "ideias" e "jornais"
- Jamais encontraremos **bons** argumentos sem antes visitarmos **longes** pensamentos. *adjetivos concordam em gênero e número com os substantivos "argumentos" e "pensamentos"*

2. O adjetivo também pode aparecer na função de substantivo e vice-versa. Veja:

▹ Os **feios** também amam.
adjetivo substantivado

▹ O **cego** quase caiu no buraco.
adjetivo substantivado

▹ O **perverso** não possui escrúpulos.
adjetivo substantivado

▹ O **belo** sempre se sobressai
adjetivo substantivado

▹ D. Maria tinha um filho **homem**.
substantivo adjetivado

▹ Compramos dois rádios-**relógio**.
substantivo adjetivado

3. Muito frequentemente, o adjetivo aparece sob a forma de uma locução, formada, em geral, pela junção de uma preposição mais um substantivo, referindo-se – obviamente – a um substantivo. É o que se denomina de "locução adjetiva". Observe:

▹ água **serrana** → água **da serra**
adjetivo simples — *locução adjetiva (preposição + substantivo)*

▹ casas **urbanas** → asas **da cidade**
adjetivo simples — *locução adjetivo (preposição + substantivo)*

▹ homem **inescrupuloso** → homem **sem escrúpulos**
adjetivo simples — *locução adjetiva (preposição + substantivo)*

▹ calor **infernal** → calor **dos infernos**
adjetivo simples — *locução adjetiva (preposição + substantivo)*

⇨ Observações:

a) Nem sempre é possível transformar uma locução adjetiva em um adjetivo simples. Veja alguns exemplos em que essa transformação não é possível:

▹ Todos viviam sob um teto **de lona**.
locução adjetiva

▹ Comprou um carro **com portas amarelas**.
locução adjetiva

▹ João era um homem **de poucas palavras**.
locução adjetiva

▹ Ganhou um livro **sem contracapa**.
locução adjetiva

b) Em raros casos, a locução adjetiva é formada por uma preposição mais um advérbio. Vale ressaltar que as locuções adjetivas equivalem a adjetivos e sempre irão se referir a substantivos. Esta, aliás, é a principal característica dos adjetivos.

▹ Moravam todos no andar **de cima**.
ocução adjetiva (preposição + advérbio)

▹ Compramos o jornal **de hoje**.
locução adjetiva (preposição + advérbio)

4. **É imperioso dizer que o adjetivo também pode ser expresso por meio de uma oração, assim como ocorre com o substantivo: é a denominada "oração adjetiva", isto é, uma oração que funciona como um adjetivo. Veja abaixo:**

- Bebia água serrana. → Bebia água da serra. → Bebia água que vinha da serra.
  adjetivo simples / *locução adjetiva* / *oração adjetiva*
- Todos gostavam do doce que a vovó preparava.
  oração adjetiva
- Ninguém esqueceu os avisos os quais ele deu.
  oração adjetiva
- Jamais desejei os objetos cujos donos são corruptos.
  oração adjetiva
- Maria mora na cidade onde trabalha.
  oração adjetiva

⇨ **Observação:**

A principal característica das orações adjetivas é o fato de elas virem introduzidas por um pronome relativo, por isso são também chamadas de "orações relativas".

5. **É importante não se esquecer de que os adjetivos funcionam como determinantes para o substantivo. Logo, a presença de uma oração adjetiva, por exemplo, exigirá, por se tratar de um determinante, o acento grave nas palavras que pedem determinação para que haja o fenômeno da crase. Observe:**

- Amanhã irei à casa que me será dada por herança.
  oração adjetiva = determinante
- Por que tu não ficaste à distância a qual eu te recomendei?
  oração adjetiva = determinante

⇨ **Observação:**

Procure correlacionar este conhecimento com o assunto sobre o emprego do acento grave em sintaxe.

6. **Frequentemente, os particípios verbais exercem a função de um adjetivo – são os chamados *adjetivos de base participial*. Em vários casos, tais particípios representam orações adjetivas reduzidas. Observe:**

- Ontem eu li um livro escrito por um primo. (→ que foi escrito)
  adjetivo de base participial
- Ele é réu confesso.
  adjetivo de base participial

▹ Quando chegaram, a égua já estava **morta**.
adjetivo de base participial

3.3 FORMAÇÃO DOS ADJETIVOS

Quanto à formação, os adjetivos podem ser:

a) **simples** → feio, branco, palmarense etc.
b) **compostos** → castanho-claro, luso-brasileira, surdo-mudo etc.
c) **primitivos** → belo, feio, bonito, amarelo etc.
d) **derivados** → decoroso, famoso, bonachão etc.

3.3.1 ADJETIVOS PÁTRIOS

Há inúmeros adjetivos que se referem a países, regiões, continentes, estados, povos, raças. Estes adjetivos são denominados de "pátrios ou gentílicos". Vejamos alguns:

Pátrios brasileiros (Estados e cidades)

Alagoas	alagoano
Acre	acriano ou acreano
Água Preta	água-pretense
Amazonas	amazonense
Bahia	baiano
Belém	belenense
Belo Horizonte	belo-horizontino
Brasília	brasiliense
Catende	catendense
Ceará	cearense
Curitiba	curitibano
Espírito Santo	espírito-santense ou capixaba
Fortaleza	fortalezense
Goiânia	goianiense
Goiás	goiano

João Pessoa	pessoense
Juiz de Fora	juiz-forense
Manaus	manauense
Maranhão	maranhense
Mato Grosso	mato-grossense
Mato Grosso do Sul	mato-grossense-do-sul
Minas Gerais	mineiro
Natal	natalense
Palmares	palmarense
Pará	paraense
Paraíba	paraibano
Paraná	paranaense
Pernambuco	pernambucano
Piauí	piauiense
Porto Alegre	porto-alegrense
Recife	recifense
Ribeirão Preto	ribero-pretano
Rio de Janeiro (cidade)	carioca
Rio de Janeiro (Estado)	fluminense
Rio Grande do Norte	norte-rio-grandense, rio-grandense-do-norte ou potiguar
Rio Grande do Sul	rio-grandense-do-sul ou gaúcho
Rondônia	rondoniano ou rondoniense
Roraima	roraimense
Salvador/BA	salvadorense ou soteropolitano
Santa Catarina	catarinense ou barriga-verde
São Paulo (cidade)	paulistano
São Paulo (Estado)	paulista
Sergipe	sergipano ou sergipense
Tocantins	tocantinense
Três Corações	tricordiano

Pátrios estrangeiros

Belém (Jordânia)	belemita

Boston/EUA	bostoniano
Caracas	caraquenho
Congo	congolês
El Salvador	salvadorenho
Estados Unidos	estadunidense, norte-americano ou ianque
Flandres	flamengo
Gália	galo ou gaulês
Galiza	galego
Japão	japonês ou nipônico
Jerusalém	hierosolimita ou hierosolimitano
Lima	Limenho
Lisboa	lisboeta ou lisbonense
Madagascar	malgaxe ou madasgacarense
Madri	madrileno ou madrilense
Manchúria	manchu
Moscou	moscovita
Nova Zelândia	neozelandês
Parma	parmesão
Patagônia	patagão
Porto	portuense
Suíça	suíço
Viana	vianense, vianês

➯ **Observação:**

Muitas vezes se utiliza mais de um adjetivo pátrio para se referir a um mesmo substantivo. Neste caso, usam-se as formas latinizadas e reduzidas de tais adjetivos. Observe abaixo:

Adjetivo	Adjetivo correspondente – forma latina reduzida
inglês	anglo-
austríaco	austro-
europeu	euro-
francês	franco-
grego	greco-

espanhol	hispano-
indiano	indo-
italiano	ítalo-
galego	galaico-
português	luso-
japonês	nipo-
chinês	sino-
alemão	teuto- ou germano-
dinamarquês	dano-
finlandês	fino-
belga	belgo-

Portanto, se quisermos dizer que um acordo foi efetuado entre China, Japão e Portugal, por exemplo, diremos:

> acordo **sino-nipo-lusitano**

3.3.2 ADJETIVOS ERUDITOS

São adjetivos que significam "relativo a", "semelhante a", "próprio de". Possuem, na maioria dos casos, uma locução adjetiva correspondente. Vejamos alguns:

Adjetivo erudito	Locução adjetiva correspondente (relativo a...)
acético	vinagre
adamantino	diamante
anular	anel
aracnídeo	aranha
argênteo, argentino, argírico	prata
auricular, ótico	ouvidos
axial	eixo
áureo	ouro
bélico	guerra
biliar	bílis
bucal, oral	boca
canino	cão

Adjetivo erudito	Locução adjetiva correspondente (relativo a...)
capilar	cabelo
caprino	cabra
cardíaco	coração
cefálico	cabeça
celular	célula
cervical	pescoço
circense	circo
cítrico	limão, laranja
columbino	pombo
coreógrafo	dança
digital	dedo
discente	aluno
docente	professor
dorsal	costas
eclesiástico	igreja
ecumênico	universo habitado
edênico	éden
eólico	vento
epidérmico ou cutâneo	pele
episcopal	bispo
equídeo, equino, hípico	cavalo
estelar	estrela
fabril	fábrica
felino, felídeo	gato
feroz, ferino	fera
férreo	ferro
filatélico	selos
filial	filho
fluvial, potâmico	rio
fônico, vocal	voz
formicular	formiga
fraterno ou fraternal	irmão
frontal	frente
gástrico	estômago

Adjetivo erudito	Locução adjetiva correspondente (relativo a...)
glacial	gelo
gutural	garganta
hepático	fígado
herbáceo	erva
hibernal	inverno
ictílico, písceo	peixe
ígneo	fogo
insular	ilha
jurídico	direito
lacrimal	lágrima
lácteo	leite
lacustre	lago
lateral	lado
leonino	leão
leporino	lebre
letal, mortífero	morte
lunar	lua
magistral	mestre
marinho, marítimo	mar
materno ou maternal	mãe
matutino, matinal	manhã
meridional, austral	sul
mnemônico	memória
monetário, numismático	moeda
nasal	nariz
naval	navio, navegação
ocular, óptico, oftálmico	olhos
ofídico	cobra
olímpico	Olimpo, olimpíadas
onírico	sonho
outonal	outono
ovino	ovelha
palustre	brejo
paradisíaco	paraíso

Adjetivo erudito	Locução adjetiva correspondente (relativo a...)
pecuário	gado
pecuniário	dinheiro
pesqueiro	pesca
pétreo	pedra
platônico	Platão
plebeu	plebe
plúmbeo	chumbo
pluvial	chuva
postal	correio
pueril, infantil	criança
pulmonar	pulmão
real	rei
renal	rim
rural	campo
sacarino	açúcar
saponáceo	sabão
senil	velho, velhice
setentrional, boreal	norte
sideral	astro
silvestre	selva
símio, simiesco	macaco
sísmico	terremoto
suíno, porcino	porco
sulfúrico	enxofre
terrestre	terra
torácico	tórax
umbilical	umbigo
vascular	vasos sanguíneos
venoso	veia
vespertino	tarde
vínico, vinário	vinho
viril	homem
vital	vida
vítreo, hialino	vidro

3.4 FLEXÕES DOS ADJETIVOS

Assim como os substantivos, os adjetivos se flexionam em **gênero**, **número** e **grau**.

3.4.1 FLEXÕES DE GÊNERO

Como o adjetivo é a palavra que acompanha o substantivo a fim de qualificá-lo, a flexão em que este se encontra contamina a daquele, ou seja, o adjetivo geralmente se flexiona de acordo com o substantivo que ele determina. Observe:

▹ acordos feministas ▹ bolachas gostosas ▹ filmes anti-heroicos

adjetivos flexionados nos gêneros dos substantivos

Quanto ao gênero, os adjetivos se classificam em: **uniformes** e **biformes**.

a) São uniformes os adjetivos que apresentam uma única forma tanto para o masculino quanto para o feminino.

▹ lei **federal** / regulamento **federal**

▹ questão **fácil** / assunto **fácil**

▹ gente **alegre** / povo **alegre**

▹ lei **inconstitucional** / decreto **inconstitucional**

b) São biformes os que apresentam uma forma para o feminino e outra para o masculino.

▹ mulher **bonita** / homem **bonito** ▹ exército **inglês** / questão **inglesa**

▹ bolo **gostoso** / torta **gostosa** ▹ problema **delicado** / solução **delicada**

3.4.1.1 Formação do feminino dos adjetivos biformes

Cumpre a princípio informar que boa parte dos adjetivos se flexiona com base nas regras dos substantivos. Entretanto, salientaremos algumas regras para um melhor estudo. Acompanhe:

a) Os adjetivos terminados em "-eu" (com o "e" fechado) formam o feminino com o acréscimo de "-eia":

- ateu → ateia
- cananeu → cananeia
- galileu → galileia
- europeu → europeia

Exceções:

- sandeu → sandia
- judeu → judia

b) Os adjetivos terminados em "-ês, -ol, -or, -u" formam o feminino pelo simples acréscimo de "-a":

- nu → nua
- cru → crua
- inglês → inglesa
- encantador → encantadora
- jogador → jogadora
- camponês → camponesa
- espanhol → espanhola

c) Os adjetivos terminados em "-ão" formam o feminino ora com o acréscimo de "-ã", ora com o acréscimo de "-ona":

- vão → vã
- ladrão → ladrona ou ladra
- chorão → chorona
- comilão → comilona

d) São invariáveis os adjetivos terminados em:

- -l (exceto "-ol") → cruel, fiel, útil, amável etc.
- -ar, -er → regular, exemplar, mau-caráter, esmoler etc.
- -z → veloz, infeliz, atroz, capaz etc. (Exceção: andaluz → andaluza)
- -m → jovem, ruim, comum, virgem etc. (Exceção: bom → boa)
- -e → forte, inteligente, elegante, leve etc.
- -s (exceto "ês") → simples etc.

⇨ **Observações importantes sobre as flexões de gênero:**

a) Alguns adjetivos biformes, quando postos no gênero feminino, passam da vogal (ô) fechada para a vogal (ó) aberta. Observe:

ô – fechada (masculino)	ó – aberta (feminino)
perigoso	perigosa
furioso	furiosa

ô – fechada (masculino)	ó – aberta (feminino)
religioso	religiosa
bondoso	bondosa
mimoso	mimosa

b) Outros adjetivos, entretanto, mantêm a mesma vogal (ô) fechada do masculino no feminino.

ô – fechada (masculino)	ô – fechada (feminino)
fosco	fosca
oco	oca
gordo	gorda
moço	moça
solto	solta

c) O adjetivo "só", significando "sozinho", é invariável quanto ao gênero.

› *Eles ficaram sós.* › *Elas ficaram sós.*

3.4.2 FLEXÕES DE NÚMERO

a) Como já dissemos, o adjetivo acompanha o substantivo e com este concorda. Portanto, o adjetivo se flexionará em número de acordo com as regras que se utilizam para a flexão de número dos substantivos.

› vestido azul → vestidos azuis › prato espanhol → pratos espanhóis

› questão comum → questões comuns › pensamento vão → pensamentos vãos

b) Nos adjetivos compostos, só o último elemento se flexiona.

› intervenção médico-cirúrgica → intervenções médico-**cirúrgicas**

› acordo luso-latino-americano → acordos luso-latino-**americanos**

› problema sociopolítico → problemas socio**políticos**

› tratado franco-brasileiro → tratados franco-**brasileiros**

› cabelo castanho-escuro → cabelos castanho-**escuros**

c) São invariáveis os adjetivos compostos formados de "cor + de + substantivo". Observe:

- blusa cor-de-rosa → blusas **cor-de-rosa**
- azulejos **cor de musgo**
- suéter cor de café com leite → suéteres **cor de café com leite**

⇨ Observação:

Nos exemplos, há a omissão da preposição "de" entre o primeiro substantivo e a palavra "cor". Logo, também seria gramaticalmente correta a seguinte escrita:

- luvas **de** cor de café
- vestidos **de** cor de chocolate
- meias **de** cor de rosa

Em outras construções, omitem-se as três palavras "de cor de", fazendo com que o substantivo indicativo da cor modifique diretamente o substantivo cuja cor se quer indicar. Ainda neste caso, o substantivo indicativo da cor permanecerá invariável.

- luvas **salmão** → omissão de "de cor de"
- cetim **rosa** → omissão de "de cor de"
- fita **creme** → omissão de "de cor de"
- tecido **laranja** → omissão de "de cor de"

d) São igualmente invariáveis os compostos formados de "adjetivo + substantivo".

- calça amarelo-ouro → calças **amarelo-ouro**
- terno verde-oliva → ternos **verde-oliva**
- tecido vermelho-sangue → tecidos **vermelho-sangue**
- sofá azul-ferrete → sofás **azul-ferrete**

⇨ Observações:

a) Excetuam-se das regras acima os adjetivos "surdo-mudo" e "surda-muda", cujos plurais são, respectivamente, "surdos-mudos" e "surdas-mudas".

b) A despeito de os dicionaristas registrarem – respaldados, diga-se de passagem, pelo Vocabulário Ortográfico da língua portuguesa – os plurais "azuis-marinhos" e "azuis-celestes", prefere-se utilizar, no português corrente, estes adjetivos como invariáveis: *calças azul-marinho, blusas azul-celeste.*

c) Convém lembrar que, quando o adjetivo é empregado em função adverbial (derivação imprópria) – geralmente equivalendo a um advérbio terminado em "-mente" –, permanecerá inflexível, isto é, deverá ser empregado no masculino e na terceira pessoa do singular. Observe abaixo (os termos em negrito são todos "adjetivos adverbializados"):

- Vamos falar **sério**.
- Ouvimos músicas **puro** clássicas.
- A seleção venceu **fácil** o jogo.
- Todos aqui amam **diferente**.
- Elas responderam **seco**.
- Todas falam **fino**.
- A justiça **rápido** se corrompe.
- Elas torciam **forte**.
- As portas **raro** se abriam.
- Eles suavam **frio**.
- Jogamos **fraco** as bolas.
- As alunas juraram **falso**.

Dica importante: É preciso ter-se em mente que a questão de a palavra apresentar esta ou aquela morfologia depende da função (morfológica) exercida na oração. Portanto, é fundamental lembrar que o adjetivo se refere a um substantivo, enquanto o advérbio é um modificador de verbos, adjetivos e advérbios. Portanto, fique atento!

3.4.3 FLEXÕES DE GRAU

As flexões de grau apresentam a intensidade das qualidades atribuídas aos seres. Não se deve, pois, confundir com o grau dos substantivos, já que este tem por função indicar o tamanho dos seres.

Existem dois graus para os adjetivos: o comparativo e o superlativo.

3.4.3.1 O grau comparativo

A principal característica do grau comparativo é a existência de dois seres postos numa relação de confronto. Nesta relação, um dos seres se mostrará "inferior", "superior" ou "igual" ao outro no que se refere à(s) sua(s) qualidade(s). Daí o grau comparativo poder ser:

1. De inferioridade (menos... que ou do que...)

- Os argumentos orais apresentados eram **menos** consistentes **do que** a defesa escrita que fizera no início do processo.
- O presidente do clube era **menos** inteligente **que** seus associados.

2. **De igualdade (tão... quanto, quão ou como...)**

- Todos os cavalos eram **tão** saudáveis **quanto** as éguas que tínhamos comprado no mês passado.
- Percebemos que as ideias eram **tão** irresponsáveis **quão** seus donos.
- As poltronas do novo avião eram **tão** confortáveis **como** as do ônibus que nos trouxera até Recife.

3. **De superioridade (mais... que ou do que...)**

- O castelo era **mais** alto **que** a casa daquele empresário.
- Ele era **mais** inteligente **do que** esperto.

➯ **Observações sobre o grau comparativo:**

a) **O grau comparativo se faz, como se percebeu, de forma analítica. Alguns adjetivos, entretanto, oriundos do latim, apresentam forma sintética para o comparativo. São eles:**

Adjetivo	Forma comparativa sintética
bom	melhor
mau	pior
grande	maior
pequeno	menor
alto	superior
baixo	inferior

➯ **Observação:**

Quando se comparam, no entanto, características de um mesmo ser, usam-se as formas analíticas destes mesmos adjetivos. Veja:

- A cara era **mais** grande **do que** arejada.
- Ele era **mais** bom **do que** atencioso.

b) **Muitas vezes o grau comparativo se manifesta nos substantivos adjetivados. Observe:**

- Ele foi **mais** pai **do que** professor.
- João era **mais** vereador **do que** advogado.

c) Nas estruturas comparativas, a conjunção comparativa liga partes da oração de mesma função. Entretanto, em muitos casos, a bem da clareza, o segundo elemento da comparação deve, a despeito de funcionar com objeto direto, vir encabeçado por uma preposição – geralmente a preposição "a" – para evitar ambiguidades.

- "A ela, à presumida mulher, aborreço-a quase tanto como **ao marido.**" (Almeida Garrett)
- "Os pés dos gentios hão de logo pulverizá-la como **aos meus pés**". (Camilo)
- "Acusaram-no de haver beneficiado mais a sua família que **ao povo romano.**" (Camilo)

d) Quando a conjunção comparativa "como" se refere a um termo que está precedido por uma preposição, deve obrigatoriamente vir acompanhada da mesma preposição.

- "Suspensos os pobres Frades com o embargo, pareceu que achariam amparo **no** Bispo, **como** em quem fora o primeiro autor de sua vinda". (Fr. L. de Souza)
- "E por esta causa tratamos **dele como de** filho de Benfica". (Fr. L. de Souza)
- "Acostumei-me a olhar **para** a morte **como para** o tempo de meus padecimentos." (Filinto Elísio)

e) Nas estruturas comparativas, o verbo da oração comparativa geralmente é elipsado em virtude de ser o mesmo verbo da oração principal (subordinante).

- A filha tem sido tão esperta quanto a mãe. (Leia-se → "... quanto a mãe tem sido esperta")
  sujeito da oração comparativa

  sujeito da oração comparativa
- Apresentaram-se tão bem quanto os alunos da 4.ª série. (Leia-se → "... quanto os alunos da 4.ª série se apresentaram")

➯ **Observação:**

Nestes casos, temos orações comparativas com verbos elípticos ou verbos latentes.

f) Lembre-se de que a preposição "DE", que introduz as comparações de superioridade e de inferioridade, pode ser elipsada, ocultada. Portanto, podemos dizer corretamente:

- Ela é mais sábia do que o João. /OU/ ▹ Ela é mais sábia que João.
- "Os homens que se chamavam meus amantes valiam menos para mim do que um animal." (José de Alencar)
- "Mas nada nos dista mais da mente do que a intransigência intelectual e o dogmatismo político." (Rui Barbosa)
- "Os ministros ficaram cientes da existência de uma influência mais poderosa que a do chefe aparente do Estado." (Rui Barbosa)
- "A imperturbável seriedade de Estela foi um aguilhão mais, não menos cruel que a gentileza de suas formas." (Machado de Assis)

3.4.3.2 O grau superlativo

Aqui, os adjetivos expressam o grau mais elevado da característica atribuída ao substantivo. Divide-se em:

1. **Superlativo absoluto** → aqui não se estabelece qualquer comparação com outro ser e o adjetivo intensifica ao máximo a característica atribuída ao substantivo. Pode ser efetivado de duas maneiras:

a) **De forma analítica** **(superlativo absoluto analítico)** → é obtido com o emprego de um advérbio de intensidade anteposto ao adjetivo. Geralmente se empregam os advérbios "muito, mui, bastante, muitíssimo, excessivamente, exageradamente".

- A questão era demasiadamente difícil.
- Ele era muito respeitado pelos amigos.
- Todos ficaram bastante perplexos.
- Eram músicas assaz antigas.

b) **De forma sintética** **(superlativo absoluto sintético)** → é obtido com o emprego dos sufixos "-íssimo", "-imo" ou "-érrimo" ao adjetivo.

- Ele sempre demonstrou atitudes benevolentíssimas.
- Era um objeto sacratíssimo.
- O menino era paupérrimo.
- Sempre foi amicíssimo do padre da cidade.

Considerações importantes sobre a formação do superlativo absoluto sintético:

a) Os adjetivos terminados em vogal átona perdem essa vogal ao receber o sufixo do superlativo:

- alto → altíssimo
- agudo → agudíssimo
- belo → belíssimo
- justo → justíssimo
- macio → maciíssimo
- quente → quentíssimo

➾ **Observação:**

Alguns adjetivos sofrem alterações gráficas quando recebem o sufixo do superlativo. Veja:

- antigo → antiquíssimo
- largo → larguíssimo
- fraco → fraquíssimo
- rouco → rouquíssimo
- pouco → pouquíssimo
- rico → riquíssimo

b) Os adjetivos terminados em "-vel" fazem o superlativo com o acréscimo de "-bilíssimo":

- amável → amabilíssimo
- notável → notabilíssimo
- visível → visibilíssimo
- louvável → louvabilíssimo
- móvel → mobilíssimo
- horrível → horribilíssimo

c) Os adjetivos terminados em "-z" fazem o superlativo sintético com o acréscimo de "-císsimo", ou melhor, trocam o "z" por "c" e recebem o sufixo "íssimo":

- audaz → audacíssimo
- feliz → felicíssimo
- veloz → velocíssimo
- eficaz → eficacíssimo
- falaz → falacíssimo
- contumaz → contumacíssimo

d) A maioria dos adjetivos terminados em "-il" forma o superlativo com o acréscimo de "-imo":

- dócil → docílimo
- difícil → dificílimo
- frágil → fragílimo
- fácil → facílimo
- grácil → gracílimo
- ágil → agílimo
- hábil → habílimo
- senil → senílimo

e) Muitas vezes a formação do superlativo sintético atende a questões etimológicas. Assim, os adjetivos que no latim terminavam em "-er" recebem o sufixo "-imo":

- magro (latim, *macer*) → macérrimo

- pobre (latim, *pauper*) → paupérrimo
- áspero (latim, *asper*) → aspérrimo
- negro (latim, *niger*) → nigérrimo

f) Como já dissemos, muitos adjetivos formam o superlativo a partir do superlativo latino. Por isso, há uma série de adjetivos que apresentam uma forma mais erudita e uma forma mais popular, mais usual nos dias atuais. Observe:

Adjetivo	Forma superlativa erudita	Forma superlativa popular
ágil	agílimo	agilíssimo
doce	dulcíssimo	docíssimo
humilde	humílimo	humildíssimo
magro	macérrimo	magríssimo
pobre	paupérrimo	pobríssimo
simples	simplicíssimo	simplíssimo
soberbo	superbíssimo	soberbíssimo

g) No linguajar coloquial, é comum o uso do sufixo "-ésimo", típico da formação de numerais ordinais, para a formação do superlativo. Esta prática, no entanto, não é agasalhada pelo padrão culto da língua. Portanto, formas como "importantésimo, finésima, gostosésima", bastante comuns no falar coloquial, devem ser substituídas pelas suas respectivas formas cultas para o superlativo: "importantíssimo, finíssimo, gostosíssimo".

h) Muitas vezes o grau superlativo sintético é obtido com o emprego de alguns prefixos que intensificam o adjetivo. Logo, formações como "superinteligente", "hiperdesenvolvido", "ultrafino" representam também o superlativo de tais palavras.

Segue abaixo uma lista sucinta dos principais e mais usuais superlativos portugueses:

Adjetivo	Superlativo absoluto sintético
acre	acérrimo
agudo	acutíssimo
amargo	amaríssimo

Adjetivo	Superlativo absoluto sintético
amigo	amicíssimo
antigo	antiquíssimo
áspero	aspérrimo
bélico	belicíssimo
benéfico	beneficentíssimo
benévolo	benevolentíssimo
célebre	celebérrimo
cristão	cristianíssimo
cruel	crudelíssimo
doce	dulcíssimo
fiel	fidelíssimo
frio	frigidíssimo
geral	generalíssimo
humilde	humílimo
inimigo	inimicíssimo
magnífico	magnificentíssimo
magro	macérrimo ou magríssimo
maléfico	maleficentíssimo
malévolo	malevolentíssimo
mísero	misérrimo
negro	nigérrimo
nobre	nobilíssimo
pessoal	personalíssimo
pobre	paupérrimo ou pobríssimo
provável	probabilíssimo
público	publicíssimo
pudico	pudicíssimo
sábio	sapientíssimo
sagrado	sacratíssimo
salubre	salubérrimo
são	saníssimo
sério	seriíssimo
simpático	simpaticíssimo
simples	simplicíssimo
soberbo	superbíssimo

2. **Superlativo relativo** → aqui o adjetivo atribuído ao substantivo é intensificado para mais ou para menos e posto numa relação comparativa com outro ser. Pode ser:

a) **Superlativo relativo de superioridade** → é obtido com o emprego dos elementos "**o mais... de...** (ou **dentre...**)".

- "Você era **a mais** bonita **das** cabrochas dessa ala." (Chico Buarque)
- Ele sempre foi **o mais** inteligente **dentre** todos os alunos de sua escola.
- Castilho foi **o mais** perfeito **dos** escritores portugueses do século XIX.

b) **Superlativo relativo de inferioridade** → é obtido com o emprego dos elementos "**o menos... de...** (ou **dentre...**)".

- Os rapazes observados pelo detetive eram **os menos** informados **de** todos *os que ele já investigou.*
- Aquela menina deveria ser **a menos** sábia **dentre** seus coleguinhas da sala por causa do problema neurológico.
- Consideram-na **a menos** linda **das** candidatas ao concurso de beleza.

3.5 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (MM) Assinale a alternativa que contém uma correlação **incorreta** entre o adjetivo e a locução correspondente:

a) água **de chuva** – pluvial
b) pele **de marfim** – ebúrnea
c) representante **dos alunos** – docente
d) agilidade **de gato** – felina
e) copo **de prata** – argênteo

2. (ALERJ/FESP) A frase que contém um adjetivo é:

a) A necessidade fez isto do homem.
b) Todos lutam para ter a liberdade.
c) A televisão nos mostra o mundo.
d) Ele usa um topete escandaloso.
e) Gostaria de ficar com você.

3. (TRT-RJ) A forma do superlativo está incorreta na frase da seguinte alternativa:

a) Comíamos tão pouco que ficamos **magríssimos**.

b) Todos o consideravam **sapientíssimo.**
c) Era um leitor compulsivo, **voracíssimo.**
d) Depois da publicação do romance ficou **celebérrimo.**
e) Após o golpe, tornou-se um ditador **cruelíssimo.**

4. (TRT-PR) "O uniforme verde-oliva era mais bonito do que o verde-claro."

Passando a oração para o plural, temos:

a) Os uniformes verdes-olivas eram mais bonitos do que os verdes-claros.
b) Os uniformes verdes-oliva eram mais bonitos do que os verdes-claros.
c) Os uniformes verde-olivas eram mais bonitos do que os verde-claros.
d) Os uniformes verde-oliva eram mais bonitos do que os verde-claros.
e) Os uniformes verde-oliva eram mais bonitos do que os verde-claro.

5. (TRT-PR) "Em algumas regiões o vocabulário é mínimo..."

A forma **mínimo** *corresponde ao:*

a) superlativo absoluto sintético
b) superlativo relativo de superioridade
c) superlativo relativo de inferioridade
d) superlativo absoluto analítico
e) comparativo de inferioridade

6. (TJ-SP) Em qual dos itens há um superlativo relativo?

a) Foi um gesto de péssimas consequências.
b) Aquele professor é ótimo.
c) O dia amanheceu extremamente frio.
d) Ele fez a descoberta mais notável do século!
e) Ele foi muito infeliz naquele lance!

7. (TRF-RJ) Os acordos _____ dispensam interpretações de natureza _____.

a) lusos-brasileiros – filosófico-científica
b) lusos-brasileiro – filosófica-científicas
c) luso-brasileiros – filosófico-científica
d) lusos brasileiros – filosófica-científica
e) luso-brasileiros – filosófica-científicas

8. (CEFET-PR) Em que caso a palavra destacada não tem valor de adjetivo?

a) Um branco, **velho,** pedia esmolas.
b) Um velho, **branco,** pedia esmolas.
c) Era um dia **cinzento.**
d) O sabão usado desbotou o **verde** da camisa.
e) Os viajantes dormiam **tranquilos.**

9. (UFF-RJ) Das frases abaixo, apenas uma apresenta adjetivo no comparativo de superioridade. Assinale-a.

a) A palmeira é a mais alta árvore deste lugar.
b) Guardei as melhores recordações daquele dia.
c) A Lua é menor do que a Terra.
d) Ele é o maior aluno de sua turma.
e) O mais alegre dentre os colegas era Ricardo.

10. (ITA-SP) O plural de **terno azul-claro**, **terno verde-mar** é, respectivamente:

a) ternos azuis-claros, ternos verdes-mares
b) ternos azuis-claros, ternos verde-mares
c) ternos azul-claro, ternos verde-mar
d) ternos azul-claros, ternos verde-mar
e) ternos azuis-claro, ternos verde-mar

GABARITO

1 – C	2 – D	3 – E
4 – D	5 – A	6 – D
7 – C	8 – D	9 – D
10 – D		

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

CAPÍTULO 4

ARTIGO

4.1 DEFINIÇÃO

É a classe de palavra variável que, anteposta ao substantivo, determina-o ou indetermina-o.

O artigo, portanto, interfere na extensão semântica do substantivo.

Ademais, pode-se dizer que o artigo serve para destacar de uma classe um ou mais indivíduos. Observe:

- Por favor, pegue um livro para estudar. (Isto é, pegue-se qualquer livro para estudar)
- Por favor, pegue o livro para estudar. (Isto é, deve-se pegar um "determinado" livro para estudar)
- Ele gosta de fruta. (Isto é, ele gosta de qualquer tipo de fruta)
- Ele gosta da fruta. (Isto é, ele gosta daquela fruta, de uma fruta determinada)

4.2 CLASSIFICAÇÃO

Na língua portuguesa os artigos podem ser "definidos" e "indefinidos". São os seguintes os artigos em nossa língua:

	MASCULINOS		FEMININOS	
	SINGULAR	PLURAL	SINGULAR	PLURAL
ARTIGOS DEFINIDOS	**o**	**os**	**a**	**as**
ARTIGOS INDEFINIDOS	**um**	**uns**	**uma**	**umas**

Em muitos casos, os artigos aparecem ora contraídos a preposições, ora combinados com elas. Algumas dessas combinações e contrações já se arcaizaram e não são mais empregadas em nossa língua, como é o exemplo da contração "por + o" e suas variantes. Observe uma pequena tabela que demonstra esse fenômeno.

PREPOSIÇÕES	**ARTIGO DEFINIDO**				**ARTIGO INDEFINIDO**			
	o	**a**	**os**	**as**	**um**	**uma**	**uns**	**umas**
a	ao	à	aos	às	–	–	–	–
de	do	da	dos	das	dum	duma	duns	dumas
em	no	na	nos	nas	num	numa	nuns	numas
per	pelo	pela	pelos	pelas	–	–	–	–
por	polo	pola	polos	polas	–	–	–	–

4.3 EMPREGO DOS ARTIGOS DEFINIDOS

Regra principal:

Em geral, usa-se o artigo definido com os substantivos tomados em sentido determinado, isto é, que tenham qualquer caracterização clara ou implícita.

- **As** ruas daquela cidade estavam repletas de panfletos **do** candidato adversário.
- "João Romão foi, **dos** treze **aos** vinte e cinco anos, empregado de um vendeiro que enriqueceu entre **as** quatro paredes de uma suja e obscura taverna **nos** refolhos do bairro **do** Botafogo." (Aluísio Azevedo)
- "A casa apresentava **a** frente **às** colinas." (Bernardo Guimarães)
- "**O** planalto central **do** Brasil desce, **nos** litorais do Sul, em escarpas inteiriças, altas e abruptas." (Euclides da Cunha)

4.3.1 EMPREGOS PARTICULARES DO ARTIGO DEFINIDO

1. **Emprega-se o artigo definido antes de nomes próprios de países, regiões, continentes, mares, ilhas, desertos, montes, vulcões, rios, oceanos, lagos, arquipélagos.**

- o Paquistão
- os Alpes
- o Atacama (deserto)
- o Saara (deserto)
- os Andes
- o Brasil
- o Atlântico (oceano)
- o Kilauea (vulcão)
- o Himalaia (monte)
- o Mediterrâneo
- o Ártico
- as Malvinas (ilhas)
- o Pacífico (oceano)
- os Açores
- o Ganges

➯ **Observação:**

Há países que rejeitam o artigo. Outros o facultam.

- em França / na França
- Visitamos Roma, na Itália.
- Chegamos a Curitiba.
- em África / na África
- Estivemos em Portugal.

2. Emprega-se o artigo definido antes de nomes indicadores de ideias abstratas, como "virtudes e vícios, faculdades e operações da alma, das ciências e das artes".

- Ele sempre amou **a** justiça.
- Ele sempre buscou **a** arquitetura.
- **A** prosperidade é mais perigosa para a alma que **a** adversidade para o corpo.

3. Emprega-se o artigo definido antes de nomes de idiomas.

- Ele fala muito bem o inglês.
- Ainda não domino o alemão.

4. Emprega-se o artigo definido antes de nomes de designam, no singular ou no plural, espécies e gêneros.

- **O** homem é o único ser racional do planeta.
- As orquídeas valem muito no mercado externo.
- **Dos** animais, o cão é o mais doméstico.
- **Os** equinos sempre ajudaram o homem.

5. Emprega-se o artigo definido antes de nomes de pessoas quando são usados no trato familiar para indicar afetividade, quando significam membros da mesma família ou quando tais nomes vêm precedidos de qualificativos.

- **O** Marcos arrebentou na prova de Química.

- Ainda não falamos com **o** Antônio sobre o problema.
- Foi **o** soberbo Afonso que provocou a tragédia.
- **Os** Augustos formam uma fantástica família.

6. Emprega-se o artigo definido antes dos nomes dos pontos cardeais e colaterais, tanto no sentido próprio, como designando regiões.

- Viajaram em direção **ao** Oeste.
- A casa tinha a frente para **o** nascente e os fundos para **o** poente.
- Passaremos rapidamente **pelo** norte do país.
- **O** sul do Brasil sofrerá com as chuvas de inverno.

7. Emprega-se o artigo definido antes dos nomes designativos de festas religiosas e profanas.

- **o** carnaval
- **a** Páscoa
- **o** Natal
- **a** Quaresma
- **o** São João

8. Emprega-se o artigo definido após o pronome indefinido "todo" e suas flexões para reforçar o caráter de totalidade, de inteireza.

- Foram para a festa todos **os** alunos.
- Todas **as** pessoas se retiram abruptamente.

9. É facultativo o emprego do artigo definido antes de pronomes possessivos adjetivos.

- seu livro / o seu livro
- nossas considerações / as nossas considerações
- tuas escolhas / as tuas escolhas
- vosso apartamento / o vosso apartamento

➾ **Observação:**

Quando o possessivo se refere a substantivo oculto, o emprego do artigo definido se faz obrigatório.

- Se tu não gostas da / de minha comida, como queres que eu goste da tua?

10. Emprega-se o artigo definido antes de nomes de sentidos opostos (antíteses):

- Sr. João ficou entre a vida e a morte.
- Tudo que nasce na terra o sol e a chuva criam.
- A verdade e a mentira muitas vezes andam juntas.

11. Emprega-se geralmente o artigo definido antes de obras artísticas e literárias.

- Os Lusíadas
- o Fausto
- a Eneida
- a Ilíada

4.3.2 NÃO SE EMPREGA O ARTIGO DEFINIDO

1. Antes de vocativos:

- Vós, **poderoso rei**, bem sabeis a importância de vossas decisões.
- Quem o chamou aqui, **menino**?

2. Em provérbios, máximas, adágios e definições:

- **Palavra** de rei não volta atrás.
- **Galinha** de olho torto procura **poleiro** cedo.
- **Epizeuxe** ou **reduplicação** é a figura que repete seguidamente a mesma palavra.
- Sempre **afeição** e **amor** são maiores que as coisas amadas.

3. Entre o pronome relativo "cujo" e suas flexões e o substantivo posposto.

- Adquirimos dois livros **cujas capas** são de madeira.

4. Antes da palavra "casa" quando não acompanhada de determinante:

- Vim **de casa.**
- Chegarei **a casa** por volta das 23h.
- Passei **em casa** na parte da manhã.
- Voltarei **para casa** às 22h.
- Entrou **em casa** e nada falou a respeito do problema.

5. Antes dos nomes designativos dos meses do ano:

- "Quando **fevereiro** chegar, saudade já não mata a gente." (Geraldo Azevedo)
- Chegará em **setembro** uma remessa de livros didáticos.

6. Antes de substantivos empregados em sentido geral ou indeterminado:

- Ela nunca foi a **teatro**.
- Jamais pisarei em **estádio** de futebol.
- **Cerveja** sempre é bom para um dia quente de verão.
- Ele gosta de **tortas**.

7. Antes de formas de tratamento:

- Enfim cheguei ao palácio, onde **Sua Majestade** me recebeu com graças.
- Quer dizer que **Vossa Alteza** faz poemas?

8. Antes dos pronomes demonstrativos "este, esse, aquele" e suas variações:

- **Este** carro é muito veloz.
- **Aquela** camisa fica muito bem em você.

9. Antes de locuções nas quais figurem nomes de partes do corpo, de faculdades do espírito, dos sentidos, em geral precedidas das preposições "a" e "de":

- de mão beijada
- de mãos dadas
- de braços abertos
- de orelha murcha
- de perna aberta
- de ouvido
- de braço dado
- em segunda mão
- de braços cruzados
- a peito descoberto
- de memória
- de olhos fechados
- a olhos vistos
- de cabeça baixa
- de rosto alegre
- de cor

10. Nos superlativos relativos, também chamados de superlativos exclusivos:

- "A mãe falava muito em mim louvando-me extraordinariamente, como o homem mais puro do mundo." (Drummond)

E não "... como o homem **o** mais puro do mundo."

- De todos de nossa sala, o Salathiel era o aluno mais humilde.

E não "... era o aluno **o** mais humilde."

11. Em termos coordenados sinônimos ou que designem o mesmo indivíduo:

- A ira, **cólera** ou **furor**, é uma moléstia do espírito.
- O imperador da Alemanha e **rei** da Prússia...

4.4 EMPREGO DOS ARTIGOS INDEFINIDOS

Regra principal:

Em geral, usa-se o artigo indefinido antes dos nomes tomados em sentido vago e indeterminado.

- "Levou Deus um dia em espírito ao Profeta Ezequiel a Jerusalém, e o que viu o Profeta foi uma parede ou fachada em que estava um ídolo do zelo." (Pe. Antônio Vieira – Sermões)
- "O presbítero Eurico era o pastor da pobre paróquia de Carteia. Descendente de uma antiga família bárbara." (A. Herculano)
- "*Despontam o dia* com uns largos tragos de aguardente, a *teimosa*. E rompem estridulamente os sapateados vivos." (Euclides da Cunha)
- "Com a morte dele a flauta voltou a ocupar um lugar secundário como instrumento musical, a que os doutores em música, quer executantes, quer os críticos eruditos, não dão nenhuma importância." (Lima Barreto)

⇨ **Observação:**

O emprego do artigo indefinido não deve sobrecarregar a frase. Deve ser omitido sempre que a clareza ou a ênfase não o reclamarem.

4.4.1 OUTRAS ORIENTAÇÕES PARA O USO DOS ARTIGOS INDEFINIDOS

1. Não se deve empregar artigo indefinido antes do adjetivo "outro":

- Deve haver outro governo melhor do que este. (E não "Deve haver *um outro* governo...")

- Ele sempre lança mão de outros livros para as suas pesquisas. (E não "... mão de *uns outros* livros...")

2. Por questão de estilo, deve-se evitar o emprego do artigo indefinido antes de apostos explicativos:

- Carlos Drummond de Andrade, poeta brasileiro, foi representante do Modernismo. (E não "..., *um* poeta brasileiro...")
- "Recife, cidade de Pernambuco, é considerada a 'Veneza brasileira'". (E não "..., *uma* cidade de Pernambuco...")

3. Pode-se antepor o artigo indefinido a um numeral cardinal para indicar aproximação numérica:

- Faz uns três anos que ela não dá notícias.
- Havia umas dez mil pessoas no show de Roberto Carlos.

4. É importante não confundir os artigos indefinidos "um, uma" com os *numerais "um, uma". A primeira distinção se dá pela noção* de quantidade fixa e exata que estes transmitem, ao passo que aqueles transmitem uma ideia vaga, incerta, indefinida. Em segundo lugar, o artigo indefinido possui plural (uns, umas), enquanto o numeral não o tem – em tese, o plural de "um, uma" (numerais) seria "dois, duas". Observe os exemplos:

- **Um** cachorro é sempre um bom companheiro para o homem.
  artigo indefinido – equivale a "qualquer, todo"
- Neste quintal, cabe apenas **um** cachorro.
  pronome – trata-se de número, de quantidade exata
- Encontrei-me com **uns** colegas e fizemos **umas** lições de matemática.
  artigos indefinidos – apresentam flexão de plural
- Ontem lemos apenas **um** capítulo do livro de matemática. Hoje precisamos ler no mínimo **dois**.
  numeral – quantidade exata

➯ **Observação:**

Em muitas situações, porém, a distinção não é muito fácil de ser feita. Neste caso, é preciso ficar muito atento ao contexto para se perceber qual o real sentido (indefinição ou quantidade exata) que se deseja dar ao vocábulo.

4.5 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (ESAN-SP) Em qual dos casos o artigo denota familiaridade?

a) O Amazonas é um rio imenso
b) D. Manuel, o Venturoso, era bastante esperto.
c) O Antônio comunicou-se com o João.
d) O professor João Ribeiro está doente.
e) *Os Lusíadas* são um poema épico.

2. (UFUB-MG) Em uma das frases, o artigo definido está empregado erradamente. Em qual?

a) A velha Roma está sendo modernizada.
b) A "Paraíba" é uma bela fragata.
c) Não reconheço agora a Lisboa do meu tempo.
d) O gato escaldado tem medo de água fria
e) O Havre é um porto de muito movimento.

3. (FMU-SP) Observe as frases seguintes e depois escolha a única alternativa **incorreta.**

I. Com a Ana ele vai brigar

II. Com Fred ele não vai discutir.

a) A frase I contém um artigo definido, no feminino e no singular, que semanticamente torna ***Ana*** mais próxima do emissor.
b) A frase I contém um artigo definido, no feminino e no singular, pois antecede um nome próprio de mesmas características morfológicas.
c) No confronto entre a frase I e a frase II pode-se notar a importância do uso estilístico do artigo.
d) A frase II, dispensando o artigo diante do nome próprio, marca o distanciamento entre o referente e o emissor.
e) A frase II, não contendo artigo definido diante do nome próprio, está errada.

4. (ITA-SP) Determine o caso em que o artigo tem valor de qualificativo.

a) Estes são os candidatos de que lhe falei.
b) Procure-o, ele é o médico! Ninguém o supera.
c) Certeza e exatidão, estas qualidades não as tenho
d) Os problemas que o afligem não me deixam descuidado.
e) Muita é a procura; pouca a oferta.

5. (FATEC-SP) Indique o erro quanto ao emprego do artigo.

a) Em certos momentos, as pessoas as mais corajosas se acovardavam.

b) Em certos momentos, as pessoas mais corajosas se acovardavam.
c) Em certos momentos, pessoas as mais corajosas se acovardam.
d) Em certos momentos, pessoas mais corajosas se acovardam.

6. (UM-SP) Assinale a alternativa em que há erro.

a) Li a notícia no *Estado de S. Paulo.*
b) Li a notícia em *O Estado de S. Paulo.*
c) Essa notícia, eu a vi em *A Gazeta.*
d) Vi essa notícia em *A Gazeta.*
e) É em *O Estado de S. Paulo* que li a notícia.

7. (ESAN-SP) Assinale a alternativa correta.

a) Mostraram-me cinco livros. Comprei todos cinco.
b) Mostraram-me cinco livros. Comprei todos cinco livros.
c) Mostraram-me cinco livros. Comprei todos os cinco.
d) Mostraram-me cinco livros. Comprei a todos cinco livros
e) n.d.a

8. (UM-SP) Em qual das alternativas colocaríamos o artigo definido feminino para todos os substantivos?

a) sósia - doente - lança-perfume
b) dó - telefonema - diabetes
c) clã - eclipse - pijama
d) cal - elipse - dinamite
e) champanha - criança - estudante

GABARITO

1 – C	2 – D	3 – E
4 – B	5 – A	6 – A
7 – C	8 – D	

CAPÍTULO 5

NUMERAL

5.1 DEFINIÇÃO

É a palavra variável que, acompanhando ou substituindo o substantivo, transmite uma noção de quantidade ou de ordem numérica.

- **Dois terços** do Congresso Nacional votaram contra a medida.
- João foi aprovado em **centésimo quinquagésimo lugar.**
- **Cinquenta e dois por cento** dos alunos não participarão dos jogos.
- Maria tem o **dobro** dos meus anos.
- Ele permanecerá internado no hospital durante uma **quinzena.**

➾ **Observação:**

As palavras grifadas acima são numerais e transmitem, respectivamente, as seguintes noções: fração de um todo, ordem em uma sequência, número percentual, multiplicidade e número coletivo. Todos os termos são, portanto, **numerais propriamente ditos** ou **quantitativos definidos**.

5.2 CONSIDERAÇÕES INICIAIS SOBRE OS NUMERAIS

1. **Os numerais geralmente são termos adjetivos, ou seja, acompanham o substantivo em função de adjunto adnominal. Daí serem também**

chamados de "numerais adjetivos". Quando assumem a posição do substantivo, são denominados de "numerais substantivos", à semelhança dos pronomes.

› No encontro havia dois mestres em Direito Constitucional.
numeral adjetivo

› Os **dois** saíram com o professor de natação.
numeral substantivo

2. **Na leitura dos numerais cardinais, emprega-se a conjunção "e" entre as centenas e as dezenas e entre estas e a unidade.**

› 324.670 = Trezentos **e** vinte **e** quatro mil seiscentos **e** setenta.

› 4.654.981 = Quatro milhões seiscentos **e** cinquenta **e** quatro mil novecentos **e** oitenta **e** um.

3. **A maioria dos povos usa os numerais de origem arábica (os numerais arábicos, como são conhecidos). Em épocas mais remotas, usavam-se bastante os numerais de origem romana (os numerais romanos). Hoje estes numerais são empregados em raras situações.**

5.3 CLASSIFICAÇÃO DOS NUMERAIS

De acordo com as suas funções, os numerais são classificados em:

a) cardinais
b) ordinais
c) fracionários
d) multiplicativos
e) coletivos

ALGARISMOS		CARDINAIS	ORDINAIS	MULTIPLICATIVOS	FRACIONÁRIOS	COLETIVOS
ROMANOS	ARÁBICOS					
I	1	um	primeiro			
II	2	dois	segundo	duplo ou dobro	meio, metade	par ou casal
III	3	três	terceiro	triplo ou tríplice	terço	
IV	4	quatro	quarto	quádruplo	quarto	

V	5	cinco	quinto	quíntuplo	quinto	
VI	6	seis	sexto	sêxtuplo	sexto	
VII	7	sete	sétimo	séptuplo	sétimo	
VIII	8	oito	oitavo	óctuplo	oitavo	
IX	9	nove	nono	nônuplo	nono	novena
X	10	dez	décimo	décuplo	décimo	dezena
XI	11	onze	undécimo ou décimo primeiro	undécuplo	onze avos ou undécimo	onzena
XII	12	doze	duodécimo ou décimo segundo	duodécuplo	doze avos ou duodécimo	dúzia
XIII	13	treze	décimo terceiro		treze avos	
XIV	14	catorze	décimo quarto		catorze avos	
XV	15	quinze	décimo quinto		quinze avos	quinzena
XVI	16	dezesseis	décimo sexto		dezesseis avos	
XVII	17	dezessete	décimo sétimo		dezessete avos	
XVIII	18	dezoito	décimo oitavo		dezoito avos	
XIX	19	dezenove	décimo nono		dezenove avos	
XX	20	vinte	vigésimo		vinte avos ou vigésimo	
XXX	30	trinta	trigésimo		trinta avos ou trigésimo	trintena
XL	40	quarenta	quadragésimo		quarenta avos ou quadragésimo	quarentena
L	50	cinquenta	quinquagésimo		cinquenta avos ou quinquagésimo	
LX	60	sessenta	sexagésimo		sessenta avos ou sexagésimo	
LXX	70	setenta	septuagésimo		setenta avos ou septuagésimo	
LXXX	80	oitenta	octogésimo		oitenta avos ou octogésimo	
XC	90	noventa	nonagésimo		noventa avos ou nonagésimo	

C	100	cem	centésimo	cêntuplo	cem avos ou centésimo	centena
CXLIV	144	cento e quarenta e quatro	centésimo quadragésimo quarto		cento e quarenta e quatro avos	grosa
CC	200	duzentos	ducentésimo		duzentos avos ou ducentésimo	
CCC	300	trezentos	trecentésimo		trezentos avos ou trecentésimo	
CD	400	quatrocentos	quadrigentésimo		quatrocentos avos ou quadringentésimo	
D	500	quinhentos	quingentésimo		quinhentos avos ou quingentésimo	
DC	600	seiscentos	seiscentésimo ou sexcentésimo		seiscentos avos ou sexcentésimo	
DCC	700	setecentos	septingentésimo		setecentos avos ou septingentésimo	
DCCC	800	oitocentos	octingentésimo		oitocentos avos ou octingentésimo	
CM	900	novecentos	noningentésimo ou nongentésimo		novecentos avos ou nongentésimo	
M	1.000	mil	milésimo		milésimo	milheiro ou milhar
MM	2.000	dois mil	dois milésimos		dois mil avos	
X	10.000	dez mil	dez milésimos		dez mil avos ou décimo milésimo	
C	100.000	cem mil	cem milésimos		cem mil avos ou centésimo milésimo	
M	1.000.000	um milhão	milionésimo		milionésimo	
M	1.000.000.000	um bilhão	bilionésimo		bilionésimo	

5.4 REGRAS GERAIS PARA O EMPREGO DOS NUMERAIS

1. **Empregam-se os cardinais para a designação de datas e horas, como também para designar capítulos, parágrafos, folhas ou quaisquer divisões de uma obra.**

- ▸ Recife, 23 de junho de 2008. ▸ Em São Paulo, são 23h38min.
- ▸ Esse pensamento encontra-se no capítulo 22, na página 49.

➾ **Observações:**

a) Pode-se dizer corretamente: a páginas 25, na página 25 ou à página 25; 14 de janeiro, a 14 de janeiro, em 14 de janeiro ou aos 14 de janeiro.

b) Como já se disse, na computação dos dias dos meses empregam-se os numerais cardinais à exceção do primeiro dia de cada mês, para o qual se emprega o ordinal: primeiro de abril, primeiro de setembro etc.

2. **Em alguns contextos, os cardinais são empregados em sentido indefinido.**

- ▸ Preciso lhe dizer **duas** palavras. (duas = algumas)
- ▸ Já lhe disse isso **mil** vezes. (mil = várias)

3. **Depois de vinte, a aditiva "e" funde-se com o "e" final daquele cardinal na pronúncia cotidiana; por isso, em alguns escritores clássicos, nota-se a omissão da aditiva.**

- ▸ "... quarta-feira, **vinte três** de agosto, mandou levantar âncora." (Barros, Dec. I, *apud* Cláudio Brandão)
- ▸ "Esteve **vinte quatro** horas sem fala." (Sousa, S. Dom., I, *apud* Cláudio Brandão)

4. **"Ambos" e "ambas" são considerados numerais duais, pois sempre se referem a um par de coisas ou de pessoas. Logo, "ambos os dois", "ambos de dois" são expressões pleonásticas e devem ser evitadas em linguagem formal.**

- ▸ "...porque um nasceu de outro, a não ser que **ambos** formem duas metades de um só." (Machado de Assis)
- ▸ "Assim dizendo, o pajé passou o cachimbo ao estrangeiro; e entraram **ambos** na cabana." (José de Alencar)

➯ **Observação:**

Quando antepostos a um substantivo, empregam-se "ambos" e "ambas" seguidos geralmente de um artigo definido e mais raramente de um pronome possessivo ou demonstrativo.

- "As monjas saem sucessivamente de **ambos os** lados e vêm ajoelhar aos pés da abadessa." (A. Herculano)
- "Dizendo, fechou por dentro **ambas as portas**, e sentou-se sobre uma arca." (Camilo Castelo Branco)

5. **Na designação de reis, papas, soberanos, séculos e partes de uma obra (capítulos, tomos etc.), empregam-se os ordinais até o dez e os cardinais daí por diante. Se o numeral anteceder o substantivo, empregam-se os ordinais.**

- Século **sexto**
- Século **vinte e um**
- Luís **catorze**
- **sexto** capítulo
- Capítulo **segundo**
- Leão **décimo**
- Pedro **primeiro**
- **décimo primeiro** papa
- João **vinte e três**
- Henrique **quarto**
- **quarto** século
- **trigésimo** tomo

6. **Na designação de artigos de leis, decretos, portarias, regulamentos etc., usam-se os ordinais até nove e os cardinais de dez em diante. Se o numeral vier anteposto, empregam-se os ordinais.**

- artigo **segundo**
- artigo **vinte e três**
- **quadragésimo** artigo
- inciso **quarto**
- inciso **catorze**
- **décimo quinto** inciso
- parágrafo **nono**
- parágrafo **doze**
- **sétimo** parágrafo

7. **"Cem", forma contraída de "cento", usa-se como adjetivo e é invariável.**

- cem páginas
- cem homens
- cem pessoas
- cem animais

8. **"Cento" se emprega hoje geralmente como adjetivo na designação dos números entre cem e duzentos, e é invariável.**

- Cento e vinte
- cento e dois
- cento e cinquenta

9. **Os numerais inteiros são invariáveis, à exceção de "um, dois, ambos, os compostos de -entos e os terminados em -ão (milhão, bilhão, trilhão etc.)".**

- Já estavam presentes na sala **vinte** pessoas.
  invariável
- O show deve ser visto por **mil** pessoas.
  invariável
- Ele comeu cerca de **trinta e quatro** docinhos.
  invariável
- Falei com **duas** pessoas hoje.
  variável

10. Os numerais coletivos (chamados também de "seriativos") têm grande semelhança com os substantivos coletivos. Diferem destes, porém, por denotarem número rigorosamente delimitado.

- quinzena = 15 dias
- quinquênio ou lustro = 5 anos
- quarteirão = grupo de 25
- semestre = 6 meses
- milênio = 1.000 anos
- novena = 9 dias
- vintena = grupo de 20
- dúzia = grupo de 12
- tríduo = 3 dias

11. Os numerais ordinais se flexionam tanto em gênero quanto em número.

- primeiro passo
- primeiros passos
- primeira leitura
- primeiras leituras

12. Ao lado das grafias "bilhão", "trilhão" e "quatrilhão", existem as menos usuais, mas igualmente corretas, "bilião", "trilião" e "quátrilião". Esses numerais não apresentam flexão de gênero – apresentam-se tão somente sob a forma masculina.

- Ninguém conseguiu acertar todas as questões dentre as 15 milhões de pessoas participantes.

Corrija-se para: "... dentre os 15 milhões de pessoas participantes."

➯ **Observações:**

Geralmente "milhão, bilhão, trilhão, quatrilhão" vêm acompanhados de um adjunto especificador no plural. Neste caso, o verbo da concordância poderá tanto concordar no singular com os numerais ou ir para o plural para concordar com a especificação.

- Um milhão de pessoas **foi** ou **foram** ao show.

- Mais de um milhão de dólares **foi gasto** (ou **foram gastos**) para a reconstrução do templo.

5.5 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (TELERJ) Assinale a alternativa em que o numeral tem valor hiperbólico:

a) Naquele estádio havia quinhentas pessoas.
b) Mais de cem milhões de brasileiros choraram.
c) "Com mil demônios" – praguejou ele, diante do acidente fatal.
d) Ele foi o quadragésimo colocado.
e) Cinco oitavos do prêmio couberam a mim.

2. (FVE-SP) Assinale o item em que o numeral ordinal, por extenso, esteja correto:

a) 2.866.º – dois milésimos, octogésimo, sexagésimo sexto
b) 6.222.º – sexto milésimo, ducentésimo, vigésimo segundo
c) 3.478.º – três milésimos, quadringentésimo, septuagésimo oitavo
d) 1.899.º – milésimo, octogésimo, nongentésimo nono
e) 989.º – nonagésimo, octogésimo nono

3. (ITA-SP) Assinale o que estiver correto:

a) Seiscentismo se refere ao século XVI.
b) O algarismo romano da frase anterior se lê: décimo sexto.
c) Duodécuplo significa duas vezes, dodécuplo, doze vezes.
d) Ambos os dois é forma enfática correta.
e) Quadragésimo, quarentena, quadragésima, quaresma só aparentemente se referem a quarenta.

4. (VUNESP) Identifique o caso em que **não** haja expressão numérica de sentido indefinido:

a) Ele é duodécuplo colocado.
b) Quer que veja esse filme pela milésima vez?
c) "Na guerra os meus dedos dispararam mil mortes."
d) "A vida tem uma só entrada, a saída é por cem portas."
e) n. d. a.

5. (PUCCAMP-SP) Os ordinais referentes aos números **80, 300, 700** e **90** são, respectivamente:

a) octagésimo – trecentésimo – setingentésimo – nongentésimo

b) octogésimo – trecentésimo – setingentésimo – nonagésimo
c) octingentésimo – tricentésimo – septuagésimo – nongentésimo
d) octogésimo – tricentésimo – septuagésimo – nongentésimo
e) n. d. a.

6. (FMU-SP) **Triplo** e **tríplice** são numerais:

a) ordinal o primeiro e multiplicativo o segundo.
b) ambos ordinais.
c) ambos cardinais.
d) ambos multiplicativos.
e) multiplicativo o primeiro e ordinal o segundo.

7. (UFPR) Se a *cinco* vem a corresponder *quinto*, a **onze**, **quarenta**, **cinquenta**, **sessenta e setenta**, respectivamente, correspondem:

a) undécimo, quadragésimo, cinquentésimo, sexagésimo, septuagésimo
b) décimo primeiro, quaresma, quinquagésimo, sexagésimo, septuagésimo
c) undécimo, quadragésimo, quinquagésimo, sexagenário, septuagésimo
d) décimo primeiro, quadragésimo, quinquagésimo, sexagésimo, septuagésimo
e) undécimo, quadragésimo, quinquagésimo, sexagésimo, septuagésimo

8. (FMU-SP) Sabendo-se que os numerais podem ser cardinais, ordinais, multiplicativos e fracionários, podemos dar os seguintes exemplos:

a) uma (cardinal), primeiro (ordinal), Leão onze (multiplicativo) e meio (fracionário)
b) um (cardinal), milésimo (ordinal), undécuplo (multiplicativo) e meio (fracionário)
c) um (cardinal), primeiro (cardinal), Leão onze (multiplicativo) e meio (fracionário)
d) um (cardinal), primeiro (cardinal), cêntuplo (multiplicativo) e centésimo (fracionário)
e) um cardinal (cardinal), primeiro (ordinal), duplo (multiplicativo), não existindo numeral denominado fracionário

9. (Ufam) Assinale o item em que NÃO é correto ler o numeral como vem indicado entre parênteses:

a) Pode-se dizer que no século IX (nono) o português já existia como língua falada.
b) Pigmalião reside na Casa 22 (vinte e duas) do antigo Beco do Saco do Alferes, em Aparecida.
c) Abram o livro, por favor, na página 201 (duzentos e um).
d) O que procuras está no art. 10 (dez) do código que tens aí na mão.
e) O Papa Pio X (décimo), cuja morte teria sido apressada com o advento da Primeira Guerra Mundial, foi canonizado em 1954.

10. (UnB-DF) Assinale a alternativa em que *meio* funciona como advérbio.

a) Só quero meio quilo.

b) Achei-o meio triste.
c) Descobri o meio de acertar.
d) Parou no meio da rua.
e) Comprou um metro e meio.

11. (Fasp) Ele obteve o ... (123.º) lugar.

a) centésimo vigésimo terceiro
b) centésimo trigésimo terceiro
c) cento e vinte trigésimo
d) cento e vigésimo terceiro

12. (FSCS-SP) Associe o sentido ao respectivo numeral coletivo.

(1) período de seis anos
(2) período de cinco anos
(3) estrofe de dois versos
(4) período de cem anos
(5) agrupamento de dez coisas

( ) dístico
( ) decúria
( ) sexênio
( ) centúria
( ) lustro

13. (Acafe-SC) Assinale a alternativa **correta.**

a) Os substantivos *cão, tabelião, pão, alemão* e *cidadão* fazem o plural mudando -ão em -ães.
b) A torre é **altíssima.** A palavra destacada é adjetivo e está no grau superlativo absoluto analítico.
c) Vendi todos **os** livros a **uns** alunos. As palavras destacadas são pronomes definidos.
d) *O* ***dobro*** *do meu dinheiro é igual à* ***metade*** do teu. As palavras destacadas são numerais multiplicadores.
e) Levaram-**me** o caderno. A palavra destacada é pronome pessoal oblíquo.

GABARITO

1 – C	2 – B	3 – D
4 – A	5 – B	6 – D
7 – E	8 – B	9 – B
10 – B	11 – A	12 – 3, 5, 1, 4, 2
13 – E		

CAPÍTULO 6

PRONOME

Observe o exemplo abaixo:

- Quem poderia comprar todos estes meus livros que eu adquiri numa promoção em São Paulo?

Perceba que todos os elementos grifados acima ou estão no lugar do substantivo ou estão acompanhando um substantivo.

1. O "quem" exerce a função de sujeito da primeira oração; função típica e própria do substantivo.
2. Os elementos "todos", "estes" e "meus" se referem ao substantivo "livros", trazendo, respectivamente, as noções de "cada um", de "localização espacial" e de "posse".
3. O elemento "que" retoma e substitui, ao mesmo tempo, o substantivo "livros".
4. Por fim, o elemento "eu" representa o sujeito do verbo "adquirir". Exerce, portanto, função própria do substantivo.

6.1 DEFINIÇÃO

A partir do exemplo dado, podemos dizer que a classe de palavra variável que substitui ou acompanha o substantivo é denominada de **pronome**.

Como o adjetivo, o numeral e o artigo também são classes morfológicas que acompanham o substantivo, podemos afirmar que a grande distinção

entre estes e o pronome se dá pelo fato deste último situar o substantivo numa pessoa do discurso.

As pessoas do discurso são:

a) o ser que fala – **1.ª pessoa** (eu e nós)
b) o ser com quem se fala – **2.ª pessoa** (tu e vós)
c) o ser (ou coisa) de que se fala – **3.ª pessoa** (ele e eles)

Logo, é possível também se definir "pronome" como a classe morfológica que substitui e acompanha o substantivo, situando-o numa pessoa do discurso.

6.2 PRONOMES ADJETIVOS E PRONOMES SUBSTANTIVOS

De acordo com as afirmações iniciais, podemos classificar de antemão os pronomes em: **substantivos** e **adjetivos**.

→ **Pronome substantivo**, como o próprio nome já o diz, é aquele que se põe no lugar do substantivo e passa a exercer uma função típica deste.

→ **Pronome adjetivo**, por outro lado, é aquele que acompanha o substantivo, atribuindo-lhe informações acessórias.

Observe:

- Ele jamais desconfiou de nossa honestidade.
  Ele – *pronome substantivo*; *nossa* – *pronome adjetivo*
- O rapaz o comprou por meu intermédio.
  o – *pronome substantivo*; *meu* – *pronome adjetivo*
- Esses rapazes jamais visitaram aquele vilarejo.
  Esses – *pronome adjetivo*; *aquele* – *pronome adjetivo*
- Alguém chegou aqui e nos deixou isto.
  Alguém – *pronome substantivo*; *isto* – *pronome substantivo*

6.3 CLASSIFICAÇÃO DOS PRONOMES

Os pronomes se classificam de acordo com suas funções em:

I. **Pronomes pessoais**
II. **Pronomes demonstrativos**
III. **Pronomes indefinidos**
IV. **Pronomes possessivos**
V. **Pronomes relativos**
VI. **Pronomes interrogativos**

6.3.1 PRONOMES PESSOAIS

São assim denominados os pronomes que indicam diretamente as pessoas gramaticais: o falante (1.ª pessoa), o ouvinte (2.ª pessoa) e o que não toma parte na conversa (3.ª pessoa). São classificados em **retos, oblíquos** e **de tratamento.**

PRONOMES PESSOAIS		
RETOS	**OBLÍQUOS**	
	Átonos	**Tônicos**
EU	ME	MIM, COMIGO
TU	TE	TI, CONTIGO
ELE	O, A, LHE, SE	SI, CONSIGO, ELE, ELA
NÓS	NOS	CONOSCO, NÓS
VÓS	VOS	CONVOSCO, VÓS
ELES	OS, AS, LHES, SE	SI, CONSIGO, ELES, ELAS

6.3.1.1 Emprego dos pronomes pessoais do caso reto (principais regras)

1. **A princípio, convém dizer que os pronomes são denominados de "retos" porque exercem função subjetiva, ou seja, funcionam como sujeito de um verbo. Por outro lado, são denominados de oblíquos os pronomes que exercem função complementar.**

▹ Eles jamais deixarão os juros caírem demais.
caso reto

▹ Ainda não me comunicaram o fato.
caso oblíquo

▹ Todos irão conosco, João.
caso oblíquo

▹ Nós encontrá-lo-emos no shopping à tarde.
caso reto *caso oblíquo*

2. Importante também perceber que a força de tonicidade do pronome interfere no seu emprego. Os pronomes tônicos, por exemplo, são sempre usados precedidos de uma preposição, fato que não se dá com os átonos, os quais repelem a presença de uma preposição essencial que os reja.

- Ele sempre gosta de falar de si.
  tônico
- Trouxemos dois hambúrgueres para ti, Madalena.
  tônico
- A mim, não me interessam as objeções do guia.
  tônico
- Deixaram o livro para eu ler durante o final de semana.
  átono

Observação:

No último exemplo, a preposição "para" que antecede o pronome "eu" rege toda a oração de finalidade. Não está regendo, portanto, o pronome, que é átono.

3. Os pronomes do caso reto "eu" e "tu" só aparecem como sujeito, salvo raras exceções. Por isso, os tais pronomes nunca ocorrerão regidos por preposição. Veja:

- Ainda ontem eu participei de uma plenária.
  pronome do caso reto, sujeito
- Parece que tu ainda não sabes o valor da vida.
  pronome do caso reto, sujeito
- Não há problemas entre eu e tu, Mário. **(construção errada)**
  os pronomes "eu" e "tu" não admitem ser regidos por preposição

Corrija-se para → Não há problemas **entre mim** e **ti**, Mário.

- Onde está o papel para mim imprimir o trabalho? **(construção errada)**

Corrija-se para → Onde está o papel para **eu imprimir** o trabalho? ("eu" é o sujeito do verbo "imprimir")

- A notícia chegou até eu. **(construção errada)**

Corrija-se para → A notícia chegou **até mim.**

- Por favor, não saiam **sem mim.** (A presença da preposição exige que seja usado um pronome tônico)
- Eles saíram sem **eu dar** o dinheiro para o cinema. (O "eu" é o sujeito do verbo "dar". A preposição "sem" rege a oração)

➭ **Observação:**

Os pronomes "eu" e "tu" podem, excepcionalmente, aparecer nas funções de "predicativo" e "vocativo", respectivamente.

- Por favor, deixe que eu seja eu.
  pronome pessoal, predicativo
- "Ó tu, meu senhor, ajuda-nos com teus favores!"
  pronome pessoal, vocativo

4. No português falado no Brasil, o pronome "tu" foi praticamente substituído pelo pronome de tratamento "você". Importante destacar, ademais, que o "você" se refere à 2.ª pessoa do discurso, mas exige o verbo da concordância sempre na 3.ª pessoa do singular.

- João, você vai conosco ao show?
- Você sabe o segredo dos animais?

➭ **Observação:**

Em algumas regiões do Brasil, o falar coloquial emprega o "tu" com o verbo flexionado na terceira pessoa do singular: "Tu foi...", "Tu vai...", "Tu sabe...". Tais construções são, como já se disse, típicas da linguagem coloquial e jamais devem ser empregadas em processos comunicativos que exigem o padrão culto da língua.

5. Na linguagem oral, é bastante comum a substituição do pronome de primeira pessoa do singular "eu" pelo pronome de primeira pessoa do plural "nós". Essa troca visa dar à mensagem um tom menos arrogante, menos presunçoso. É o que se denomina de "plural de modéstia".

Em vez de: "**Eu concedo** a medalha de honra ao mérito ao escoteiro João da Silva."

Emprega-se: "**Nós concedemos** a medalha de honra ao mérito ao escoteiro João da Silva."

6. É bastante comum na linguagem coloquial a substituição do pronome do caso reto "nós" pela forma "a gente" (separado). Tal substituição, repita-se, é típica da linguagem coloquial.

6.3.1.2 Emprego dos pronomes pessoais do caso oblíquo (principais regras)

1. **Os pronomes "ele, ela, nós, vós, eles e elas", por possuírem força tônica, podem também aparecer em função oblíqua. Neste caso, eles virão obrigatoriamente regidos por uma preposição. Observe a diferença:**

▹ Eles não irão à festa da nossa turma.
pronome do caso reto, sujeito

▹ Disseram a eles que a festa não se realizará.
pronome do caso oblíquo tônico, objeto indireto

▹ Nós certamente realizaremos o projeto.
pronome do caso reto, sujeito

▹ Atribuíram a nós o problema com a gerência.
pronome do caso oblíquo tônico, objeto indireto

▹ A mulher do prefeito, parece que viram a ela no shopping com um homem suspeito.
pronome do caso oblíquo tônico, objeto direto preposicionado

➧ **Observações:**

a) É construção tipicamente coloquial o emprego dos pronomes "ele, ela, eles, elas" em função complementar desprovidos de preposição.

▹ Eu vi ele no shopping ontem.
construção coloquial

▹ Vão levar ela para o médico agora.
construção coloquial

b) Os pronomes "ele, ela, eles, elas", quando funcionam como complemento, podem se contrair com as preposições "de" e "em".

▹ Todos acreditam nele.

▹ A família depende dele para sobreviver.

c) Percebemos, portanto, que, quando há a presença de uma preposição essencial, deve-se – obrigatoriamente – usar os pronomes pessoais tônicos, já que os pronomes átonos são insuscetíveis de virem regidos por preposição. Observe:

▹ Após **mim**, veio o cortejo.

▹ Desde **ti** até **mim**, nunca houve mudança significativa na Universidade.

▹ Pedro fez tudo por **mim** e por **ti**.

▹ Durante a turbulência, várias malas caíram sobre **mim**.

▹ Todos se coligaram contra **mim**.

▹ Diante de **mim**, todos se calaram.

2. **Os pronomes "si" e "consigo" são oblíquos tônicos reflexivos e só devem ser usados com referência ao sujeito da oração. Considera-se erro, portanto, construções em que os pronomes "si" e "consigo" não se refiram ao sujeito.**

▹ Os rapazes sempre levam **consigo** um punhado de farinha.
pronome oblíquo tônico se referindo ao sujeito "os rapazes"

▹ Ele sempre fala de **si** para os estranhos.
pronome oblíquo tônico se referindo ao sujeito "ele"

▹ Paulo e Marcos, o diretor de recursos humanos quer falar **consigo**. (construção errada)
O pronome deve se referir a "Paulo" e a "Marcos".

Corrija-se para → Paulo e Marcos, o diretor de recursos humanos quer falar **com vocês**. (ou "**convosco**")

3. **Os pronomes "comigo, contigo, consigo, conosco, convosco" já trazem em si mesmos a preposição "com", pois são o resultado da combinação desta preposição com a formas oblíquas da primeira, da segunda e da terceira pessoa do singular e do plural.**

▹ A minha filha sempre vai **comigo** às pescarias.

▹ Ao saíres, avisa-nos, pois iremos **contigo**.

▹ João e Maria irão **conosco**. ▹ Ela traz **consigo** boas experiências.

➾ **Observação:**

Os pronomes "conosco" e "convosco" devem ser substituídos pelas suas formas analíticas "com nós" e "com vós", respectivamente, quando há a presença de um reforço do pronome por meio de adjunto adnominal. Geralmente, esse reforço se dá com os vocábulos "mesmo" e "próprio". Observe:

▹ Eles irão conosco. **ou** ▹ Eles irão —
com nós mesmos.
com nós próprios.
com nós outros.
com nós dois.

4. **Os pronomes oblíquos átonos "me, te, se, nos, vos" são empregados como complementos tanto de verbos transitivos diretos quanto de verbos**

transitivos indiretos. Podem, portanto, funcionar como objeto direto (caso acusativo em latim) ou objeto indireto (caso dativo em latim), a depender da regência verbal.

- Sempre nos disse o que fazer nas horas difíceis.
  objeto indireto
- Informaram-nos *sobre o problema.*
  objeto direto
- Eles se viram, mas não se cumprimentaram.
  objeto direto *objeto direto*
- Parece que vão me dizer a verdade.
  objeto indireto
- Eu vos louvo pela atitude salvadora que tivestes.
  objeto direto
- Essa notícia te deu ânimo para continuar?
  objeto indireto

5. **Já os oblíquos "o, a, os, as" são usados como complementos para verbos transitivos diretos e verbos transitivos diretos e indiretos em sua parte direta. Funcionam, pois, como objetos diretos. São, por isso, denominados de pronomes acusativos, já que em latim a função acusativa diz respeito ao objeto direto. Tais pronomes equivalem aos oblíquos tônicos preposicionados "a ele, a ela, a eles, a elas".**

- Os jornalistas o fotografaram quando descia a serra. (= fotografaram a ele)
- Todos as aplaudiam com entusiasmo. (= aplaudiam a elas)

➾ **Observação:**

Os pronomes "o, a, os, as", quando estão enclíticos a verbos terminados em "-r, -s, -z", assumem as formas "lo, la, los, las" e a forma verbal perde aquelas consoantes. Quando enclíticos a verbos terminados em ditongo nasal, assumem as formas "no, na, nos, nas". Veja:

- Encontraram o homem deitado. = Encontraram-no deitado.
- Pegou dinheiro para comprar dois livros. = Pegou dinheiro para comprá-los.

6. **Os pronomes oblíquos "lhe, lhes" substituem termos que exigem preposição. Quando completam verbos, funcionam como objetos indiretos de verbos transitivos indiretos e de verbos transitivos diretos e indiretos em sua parte indireta. Referem-se, portanto, ao caso dativo do latim. Estes pronomes também equivalem aos oblíquos tônicos preposicionados "a ele, a ela, a eles, a elas".**

- ▹ Todos **lhe** fizeram grandes elogios. (= fizeram grandes elogios a ela / a ele.)
- ▹ Pediram-**lhes** que se mantivessem calados. (= pediram a eles / a elas que se...).

7. **Os pronomes "me, te, lhe, nos, vos" podem fazer a vez de legítimos pronomes possessivos. Equivalem, respectivamente, a "meu / minha, teu / tua, seu / sua, dele / dela, nosso / nossa, vosso / vossa e plurais". Observe:**

- ▹ Ao ver o sumo pontífice, beijou-**lhe** uma das mãos. → Isto é: ... beijou uma de **suas** mãos.
- ▹ A velocidade do vento despenteava-**nos** os cabelos. → Isto é: ... despenteava os **nossos** cabelos.

6.3.2 PRONOMES DE TRATAMENTO

Uma divisão interessante dos pronomes pessoais é a dos pronomes de tratamento. São assim denominados porque se usam tais pronomes em referência a certas pessoas consideradas autoridades ou em certos contextos comunicativos quando a formalidade os exige.

Principais pronomes de tratamento e seus respectivos empregos:

Pronome de tratamento	Abreviatura	Emprego
você, vocês	v.	tratamento familiar, informal
senhor, senhores	Sr. Sr.^{es}	tratamento respeitoso
senhorita, senhoritas	Sr.^{ta}, Sr.^{tas}	para mulheres solteiras
senhora, senhoras	Sr.^{a}, Sras	tratamento respeitoso
Vossa Senhoria, Vossas Senhorias	V.S.^{a}, V. S.^{as}	para pessoas que exercem cargos importantes
Vossa Excelência, Vossas Excelências	V. Ex.ª, V. Ex.^{as}	para autoridades superiores (presidentes, juízes, deputados, senadores, governadores etc.)
Vossa Eminência, Vossas Eminências	V. Em.^{a}, V. Em.^{as}	para cardeais
Vossa Alteza, Vossas Altezas	V.A., VV.AA.	para príncipes, princesas e duques

Pronome de tratamento	Abreviatura	Emprego
Vossa Majestade, Vossas Majestades	V.M., VV.MM.	para reis e rainhas
Vossa Meritíssima	Por extenso	juízes
Vossa Magnificência, Vossas Magnificências	V. Mag.^{a}, V. Mag.^{as}	reitores
Vossa Reverendíssima, Vossas Reverendíssimas	V.Rev.^{ma}, V. Rev.^{mas}	sacerdotes religiosos, bispos, padres, pastores
Vossa Santidade	V.S.	papa

Observações sobre os pronomes de tratamento:

a) Os pronomes de tratamento são pronomes que se referem à 2.ª pessoa do discurso. Entretanto, exigem a concordância verbal na 3.ª pessoa. Ademais, devem também ficar na 3.ª pessoa todos os elementos que a tais pronomes se refiram.

- Suas Excelências ainda não **deixaram** os seus despachos.
- Vossa Senhoria **deseja** um pouco de água?
- Vossas Majestades ainda não **inspecionaram** os **seus** cavalos este mês?

b) Tais fórmulas de tratamento só são consideradas pronomes de tratamento quando vêm antecedidas de "Sua" ou "Vossa". Desprovidas de tais partículas, tornam-se, no mais das vezes, meros "substantivos femininos" ou "adjetivos".

- Todos ficaram estupefatos perante a **majestade** do templo.
  substantivo feminino
- Aquele rapaz é um **reverendíssimo** imbecil.
  adjetivo
- É uma **excelência** de pessoa.
  substantivo feminino

c) Emprega-se "Sua" quando nos referimos à pessoa. Por outro lado, empregamos "Vossa" quando nos dirigimos à pessoa.

- Quando Sua Excelência chegar, avise-lhe, por favor, sobre o problema.
- Vossa Alteza, quer que eu lhe traga o almoço agora?

6.3.3 PRONOMES DEMONSTRATIVOS

Outra categoria bastante usual na língua portuguesa é a dos pronomes demonstrativos. São denominados demonstrativos porque situam as pessoas ou coisas no tempo ou no espaço, postas em relação às pessoas do discurso. Os pronomes demonstrativos apresentam formas variáveis e invariáveis.

Pronomes demonstrativos			
	Variáveis		**Invariáveis**
	Masculinos	**Femininos**	
1.ª pessoa	este, estes	esta, estas	isto
2.ª pessoa	esse, esses	essa, essas	isso
3.ª pessoa	aquele, aqueles	aquela, aquelas	aquilo

Além dos pronomes acima, são igualmente demonstrativos os seguintes pronomes: "mesmo(s), mesma(s), próprio(s), própria(s), tal, tais, semelhante(s)".

6.3.3.1 Emprego dos pronomes demonstrativos

O emprego dos pronomes demonstrativos representa um dos pontos mais discutidos pelos estudiosos da língua, já que em muitos escritores encontram-se empregos controvertidos dos tais pronomes. Para facilitar o entendimento, dividimos o emprego dos demonstrativos em relação a três aspectos: localização espacial do referente, localização temporal do referente e localização textual do referente.

I) Quanto à localização espacial do referente temos as seguintes orientações:

a) Empregam-se "este, esta, isto e variações" quando o referente se encontra com o ser que fala.

- **Esta** camisa aqui custou-me quarenta reais.
- **Este** livro contém preciosas lições.

b) Emprega-se "esse, essa, isso e variações" quando o referente se encontra próximo, perto de quem fala.

- Quanto custou **essa** camisa que você está usando?

- Meu primo trouxe-me uma caneta **dessas** aí quando foi aos Estados Unidos.

c) Empregam-se "aquele, aquela, aquilo e variações" quando o referente se encontra distante do ser que fala.

- **Aquele** menino acolá passou em um concurso para juiz federal.
- **Daquela** ponte para este ponto aqui, são mais ou menos dois quilômetros.

II) Quanto à localização temporal do referente, temos as seguintes orientações:

a) Empregam-se "este, esta, isto e variações" quando se faz referências a um tempo presente em relação à pessoa que fala.

- Ainda este ano irei à Europa.
- Nesta tarde resolverei todo o problema com o síndico.

b) Empregam-se "esse, essa, isso e variações" quando se faz referências a um tempo passado ou futuro em relação à pessoa que fala.

- O ano passado marcou minha vida. **Nesse** ano nasceu meu filho.
- Espero que em 2100 o homem tenha encontrado a solução para muitos problemas. **Nesse** ano, esperamos não haver mais miséria, violência, abandono.

c) Empregam-se "aquele, aquela, aquilo e variações" quando se faz referências a passado distante em relação ao ser que fala.

- Em 1980, a inflação era galopante. **Naquele** ano, viviam-se os últimos anos do milagre econômico brasileiro.
- Os anos de 1939 a 1945 marcaram a humanidade. Durante **aqueles** anos, desenvolveu-se um dos maiores massacres perpetrados contra a humanidade: o extermínio dos judeus.

III) Quanto à localização textual do referente, temos as seguintes orientações:

a) Empregam-se "esse, essa, isso e variações" para retomar termos e informações já mencionados. Tais pronomes funcionarão como "elementos de coesão referencial anafórica".

- A violência assola o país de norte a sul. **Esse** problema inviabiliza muitos negócios comerciais no Brasil.
- Ao coração cabe toda a função de bombeamento sanguíneo. **Esse** órgão bate, quando regular, cerca de 80 vezes por minuto.

b) Empregam-se "este, esta, isto e variações" para antecipar termos e informações que ainda vão ser mencionados. Tais pronomes funcionarão, portanto, como "elementos de coesão referencial catafórica".

- O Brasil precisa disto: educação igualitária – de qualidade – para todos.
- Esta indagação jamais será respondida satisfatoriamente: "Quem nasceu primeiro: o ovo ou a galinha?".

c) Empregam-se "este, esta, isto e variações" para retomar, dentro de um período, o termo mais próximo, ou seja, o enunciado em segundo lugar, a fim de se evitar uma possível ambiguidade que os demonstrativos "esse, essa, isso e variações" poderiam gerar. Por outro lado, empregam-se "aquele, aquela, aquilo e variações" para retomar, dentro do período, o termo mais distante, ou seja, o enunciado em primeiro lugar.

- Brasil e Argentina travaram novos acordos comerciais. **Este** exportará carnes nobres e importará frutas tropicais **daquele**. → este = Argentina / daquele = Brasil.
- Os otimistas não julgam os pessimistas, nem **estes àqueles**, pois ambos convergem para alguma forma de idealismo. → estes = pessimistas / aqueles = otimistas.

d) Empregam-se – indistintamente – os pronomes "esse, essa, isso, este, esta, isto e variações" para retomar termos e ideias anteriormente expressos, mormente quando o elemento retomado se encontra imediatamente atrás de tais pronomes.

- "– Se eu fosse rica, você fugia, metia-se no paquete e ia para a Europa. Dito **isto**, espreitou-me os olhos..." (Assis, Machado. *Dom Casmurro*)

Outras observações acerca dos pronomes demonstrativos:

a) A contração "nisto" (em vez de "nisso") é frequentemente empregada em função circunstancial com o sentido de "nesse momento", "então", "em tal momento".

- A bomba estourou precisamente às 17h. **Nisto**, soaram todos os alarmes da cidade, e as forças armadas entraram em alerta.

b) Os demonstrativos "aquele/aquilo, aquela, aqueles e aquelas" podem aparecer em forma reduzida "o, a, os e as", respectivamente. Estes são usados em função substantiva e são seguidos de preposição ou de uma oração adjetiva encabeçada pelo relativo "que". Eles também aparecem em construções com o verbo "ser".

- Todos sabiam **o** que ele pensava sobre o problema. (... o = aquilo o qual ele pensava...).
  oração adjetiva
- Os que lutam são os que vencem. (os = aqueles)
  oração adjetiva *oração adjetiva*
- Se ele é pobre, eu também o sou.
  aquilo
- *aqueles*
  A classe estava cheia como nunca. **Os** da direita espremiam-se junto à parede enquanto **os** da esquerda sentavam uns no colo dos outros.
  aqueles

➡ Observação:

O artigo definido, ausente o substantivo, converte-se em pronome demonstrativo, com o sentido de "aquele, aquela, aquilo, isso". Isto ocorre quando o "**o**" vem seguido de preposição, do pronome relativo "que" ou construído com o verbo "ser".

- A minha casa é menos confortável que **a** do vizinho.
  pronome demonstrativo
- Todos entenderam bem **o** que tu disseste.
  pronome demonstrativo
- Se ele é rico, eu também **o** sou.
  pronome demonstrativo

c) Os pronomes "mesmo" e "próprio" serão demonstrativos quando possuírem sentido de "exato", "idêntico", "em pessoa".

- De fato, foi João **mesmo** quem resolveu o problema.
- Éramos nós **mesmos** os responsáveis pela abertura e fechamento da empresa.
- Amanhã tu deverás ir à **mesma** rua em que estiveste na semana passada para falar com o comendador.

d) "Tal" será pronome demonstrativo quando equivaler aos demonstrativos "este, esse, aquele e flexões".

- Temos verdadeiro repúdio a **tal** sujeito.
- **Tal** foi o filme a que assistimos na semana passada.

e) A tradição e o uso consagraram a expressão "isto é" (e nunca "isso é") equivalente a "quer dizer", "significa", quando se vai esclarecer um pensamento, uma ideia.

- A vida é uma incógnita, **isto é**, nunca se sabe a que lugar ela chegará.

f) Como conjunção conclusiva, usa-se, hoje, mais frequentemente "por isso" em vez de "por isto", a despeito de esta última forma não estar errada.

- Sempre estudou com afinco, **por isso** (ou "**por isto**") obteve um bom desconto na mensalidade da escola.

g) "Semelhante" será pronome demonstrativo quando equivaler a "tal".

- Tenha mais cuidado para não cair em **semelhante** erro.

h) É condenável o emprego dos demonstrativos "mesmo(s), mesma(s)" em função substantiva. Tal fato se dá, porque não são próprias de tais pronomes funções como "sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal etc.". Observe abaixo:

- O bandido se evadiu, mas a polícia prendeu **o mesmo** poucas horas depois. (Prefira: "... mas a polícia o prendeu...")
- Encontramos o Ricardo em sua casa de praia. **O mesmo** nos disse que estava descansando um pouco. (Prefira: "... Ele nos disse que...")
- Na casa da Lurdinha há um bravo Pitbull. Joana disse que tinha muito medo **do mesmo.** (Prefira: "... tinha muito medo dele ou do cão.")

6.3.4 PRONOMES INDEFINIDOS

São denominados indefinidos os pronomes que se referem à 3.ª pessoa do discurso quando esta tem sentido vago e indeterminado.

Apresentam-se na língua portuguesa em um bom número – alguns são invariáveis e outros tantos variáveis.

INDEFINIDOS INVARIÁVEIS	INDEFINIDOS VARIÁVEIS
– alguém, ninguém;	– algum, alguns, alguma, algumas;
– tudo, nada;	– nenhum, nenhuns, nenhuma, nenhumas;
– algo;	– todo, toda, todos, todas;
– cada;	– muito, muitos, muita, muitas;
– outrem;	– pouco, pouca, poucos, poucas;
– mais, menos, demais.	– certo, certa, certos, certas;
	– vário, vários, vária, várias;
	– tanto, tantos, tanta, tantas;
	– quanto, quantos, quanta, quantas;
	– um, uns, uma, umas;
	– bastante, bastantes;
	– qualquer, quaisquer.

Além dos indefinidos acima, existem as chamadas "locuções pronominais indefinidas", que nada mais são do que a junção de mais de um vocábulo com função de um pronome indefinido. São exemplos dessas locuções: **cada um, cada qual, qualquer outro, quem quer que seja, fosse quem fosse, outro qualquer, todo aquele que, tudo o mais, seja qual for, um ou outro, todo o mundo** etc.

6.3.4.1 Considerações gerais sobre os pronomes indefinidos

1. **Os pronomes e as locuções indefinidos exigem, quando estão no singular, que o verbo da concordância fique também no singular.**

▹ Cada um dos trabalhadores **conseguiu** aumento este mês.

▹ Algum dos participantes **se entreteve** bastante com o novo invento.

2. **Os pronomes indefinidos podem acompanhar o substantivo – pronomes indefinidos adjetivos – ou substituir o próprio substantivo – pronomes indefinidos substantivos.**

- **Ninguém** chegou até agora.
  indefinido substantivo
- **Alguém** nos dirá o que fazer.
  indefinido substantivo
- **Muitos** alunos saíram da sala.
  indefinido adjetivo
- **Muito** trabalho, **pouco** dinheiro.
  indefinidos adjetivos

6.3.4.2 Emprego dos pronomes indefinidos

QUALQUER

"**QUALQUER**" só será pronome indefinido quando vier anteposto ao substantivo – neste caso, equivalerá a "algum(ns) / alguma(s)". Refere-se, portanto, a um indivíduo ou indivíduos tomados indistintamente dentre outros da mesma espécie. Quando posposto, exercerá a função morfológica de adjetivo e apresentará geralmente sentido depreciativo.

- **Qualquer** pessoa consegue fazer isso.
  pronome indefinido
- **Quaisquer** dúvidas, dirijam-se à direção do evento.
  pronome indefinido
- Era uma pessoa **qualquer**.
  adjetivo
- Fez um curso universitário **qualquer**.
  adjetivo
- "Desculpe-me esta franqueza; mas eu prefiro ser franco com você a sê-lo com **qualquer** outra pessoa." (Machado de Assis)
- "Antes de se entregar às fadigas da guerra,
  Dizem que um dia viu **qualquer** cousa do céu:
  E achou tudo vazio..." (Olavo Bilac)

TODO

"**TODO**" é um indefinido, chamado por alguns gramáticos de "coletivo universal". Possui as flexões "toda, todos, todas". É empregado de acordo com as seguintes orientações:

a) É hodierna e frequentemente empregado no singular, sem a presença de artigo definido, com a significação de "qualquer".

- **Todo** homem pode cometer um crime impensadamente.
- "...e ficamos tão felizes que **todo** receio de perigo desapareceu." (Machado de Assis)
- "Era homem de uma honestidade a **toda** prova e de uma primitiva simplicidade no seu modo de viver." (Aluísio Azevedo)

➭ **Observação:**

Há gramáticos – notadamente os mais antigos – que não aceitam essa acepção do pronome indefinido "todo", pois só admitem o emprego do *pronome indefinido "todo" com o sentido de "totalidade".*

b) Embora haja posicionamentos contrários, pode também ser empregado no singular e anteposto a substantivo precedido ou não de artigo, significando "totalidade ou cada".

- "**Todo** homem é mortal, mas o homem **todo** não é mortal". (Carlos Drummond de Andrade)
- "Em **todo** o distrito de Oliveira, note bem, em **todo** ele! não há ninguém, absolutamente ninguém, que de longe, muito de longe, se compare ao Cavaleiro em inteligência, caráter, maneiras, saber, e finura política!" (Eça de Queiroz)
- "Por **toda** a parte andava acesa a guerra." (Camões)
- "No soveral havia **todo** o gênero de caça, e Argimiro o Negro (assim se chamava o rico-homem) gostava." (A. Herculano)

➭ **Observação:**

Há gramáticos que, nesta acepção, só defendem o sentido do pronome "todo" como "cada". Não encontramos, entretanto, apoio nos maiores conhecedores de nossa língua. Para eles, dentre os quais podemos destacar os mestres Manuel Said Ali e Mário Barreto, o pronome "todo", anteposto a um substantivo, pode ou não aparecer com o artigo.

c) Emprega-se no singular e posposto a um substantivo para indicar a totalidade das partes.

- Assim que chegamos, ele nos mostrou a casa **toda**. (= a casa em sua totalidade)
- Algumas alergias afetam o corpo **todo**. (= o corpo em sua totalidade)

d) Emprega-se no plural, anteposto ou posposto, para indicar a totalidade numérica.

- Usou **todas** as forças para impedir o avanço da doença.
- "Dita a palavra, apertou-me as mãos com as forças **todas** de um vasto agradecimento, despediu-se e saiu." (Machado de Assis)

e) Emprega-se, acompanhando adjetivo atributivo, com o significado de "em todas as suas partes", "completamente", "muito". Nesta acepção, a palavra "todo" exerce função de advérbio e admite flexão.

- "...na sua dificílima Torre, negra entre os limoeiros e o azul, **toda** envolta no piar e esvoaçar das andorinhas." (Eça de Queiroz)
- "**Toda** assustada, quis saber o que é que me doía." (Machado de Assis)
- "O Bento, velho de face rapada e morena, com um lindo cabelo branco **todo** encarapinhado, muito limpo, muito fresco na sua jaqueta de ganga,..." (Eça de Queiroz)

Portanto, fique atento, pois podemos dizer corretamente (saliente-se que a forma flexionada, a qual concorda por atração com o substantivo, é mais comum na linguagem atual):

- A porta está **todo** / **toda** aberta.
- Vimos uma casa **todo** / **toda** branca.
- Ela está **todo** / **toda** cheia de alegria.
- A torta está **todo** / **toda** estragada.

Vejamos outros exemplos em notáveis escritores:

- "D. Felicidade acudiu, **toda** bondosa: — Deixe falar, Sr. Ledesma." (Eça de Queiroz)
- "E um dia assim! de um sol assim! E assim a esfera
  Toda azul, no esplendor do fim da primavera!" (Olavo Bilac)
- "A capela, completamente cheia, palpitava de curiosidade. Paris elegante estava **todo** ali." (Aluízio Azevedo)

TUDO

3. O pronome "TUDO" representa a forma neutra do pronome "TODO". Pode aparecer tanto como pronome substantivo quanto como pronome adjetivo. Como pronome adjetivo aparece em combinações do tipo "tudo isso, tudo aquilo, tudo o que, tudo o mais etc.". Geralmente se refere a coisas.

- "Sofrerei tudo por amor de ti." (Camilo Castelo Branco)
- "Vi tudo isto, e fiquei satisfeito." (Camilo Castelo Branco)
- "Gostava que em sua casa houvesse um pouco de **tudo**." (Aluísio Azevedo)

ALGUM

4. O pronome indefinido "ALGUM" emprega-se de acordo com as seguintes orientações:

a) Anteposto ao substantivo assume frequentemente valor positivo de "qualquer, um".

- "Deste modo, viverei o que vivi, e assentarei a mão para **alguma** obra de maior tomo." (Machado de Assis)
- "Folgamos de ver que os *ingleses* já servem para **alguma** coisa entre tão eminentes estadistas." (Rui Barbosa)

b) Anteposto ao substantivo, assume também o valor de "certo, um pouco de".

- Por **algum** tempo esperou a projetada expedição de D. Pedro da Cunha, que pretendeu transportar ao Brasil a coroa portuguesa." (José de Alencar)
- "Daqui a **algum** tempo, quando os entrelinhistas tiverem de celebrar as glórias do ministério 10 de março." (Rui Barbosa)

c) Com valor negativo, equivale a "nenhum", quando posposto ao substantivo.

- "Mas não o leva à feira anual, nem o aplica em trabalho **algum**; deixa-o morrer de velho. Não lhe pertence." (Euclides da Cunha)
- "Esse biltre sem senso moral **algum**." (Lima Barreto)

CERTO

5. Este vocábulo só será pronome indefinido quando vier anteposto a um substantivo. Posposto ao substantivo, assume valor adjetivo, equivalendo a "verdadeiro, infalível, exato, fiel, que não falta, constante".

- "As outras escravas a contemplavam todas com certo interesse e comiseração." (Bernardo Guimarães) *pronome indefinido*
- "A questão não está em escrever uns versos certos que digam coisas bonitas." (Lima Barreto) *adjetivo*

pronome indefinido

- "Se não nos enganamos, mui mal-avisados andam **certos** liberais, acreditando que as reformas sinceras podem captar a boa vontade imperial." (Rui Barbosa)
- "Seguia devagar, mas com um destino certo." (Raul Pompéia)

adjetivo

➯ **Observação:**

O vocábulo "**CERTO**" apresenta também função circunstancial (adverbial). Neste caso, equivalerá a "certamente".

- "Ora, direis, ouvir estrelas. **Certo** perdeste o senso." (Olavo Bilac)

OUTRO

6. É um pronome, cuja indefinição se encontra fora do âmbito do falante e do ouvinte. Tal indefinição o faz equivaler a "alguém, algo". Geralmente aparece em expressões indefinidas "um ao outro, um do outro, um para o outro".

- "Um ou **outro** branco, levado pela necessidade de sair, atravessava a rua." (Aluísio Azevedo)
- "Ele, Alencar, na primeira noite em que a vira, exclamara, mostrando-a a ela e às **outras**, a assinatura." (Eça de Queiroz)

O vocábulo "outro" também pode ser empregado com valor adjetivo. Neste caso, apresentará o significado de "novo", "diferente", "mudado", "semelhante", "igual".

- "Os brasileiros de **outras** latitudes mal o compreendem, mesmo através das lúcidas observações de Bates." (Euclides da Cunha)

CADA

7. É um pronome indefinido invariável. Designa os seres ou grupos de seres considerados um por um. Geralmente, aparece em expressões indefinidas "cada um, cada qual".

- "**Cada um** deles trazia à cinta dois pistoletes, um punhal na ilharga do calção, e o arcabuz passado a tiracolo pelo ombro esquerdo." (José de Alencar)
- **Cada qual** terá a sua recompensa.
- Perdeu muito dinheiro em **cada** aposta que fez.

- "José Roberto e Sebastião Campos serviam às senhoras acompanhando com uma pilhéria **cada** prato que lhes ofereciam." (Aluísio Azevedo)

6.3.5 PRONOMES POSSESSIVOS

São denominados possessivos os pronomes que estabelecem uma noção de posse em referência às pessoas do discurso (1.ª, 2.ª e 3.ª), isto é, designam a pessoa gramatical a quem pertence o ser.

Pronomes possessivos		
Singular	**1.ª pessoa**	meu, minha, meus, minhas
	2.ª pessoa	teu, tua, teus, tuas
	3.ª pessoa	seu, sua, seus, suas
Plural	**1.ª pessoa**	nosso, nossa, nossos, nossas
	2.ª pessoa	vosso, vossa, vossos, vossas
	3.ª pessoa	seu, sua, seus, suas

6.3.5.1 Emprego dos pronomes possessivos

1. **Em geral, os pronomes possessivos adjetivos facultam a anteposição de um artigo (determinante).**

- Ainda não levei **seu carro** ou **o seu carro** para o lava-jato.
- Muitos professores elogiaram **nosso projeto.** ou **o nosso projeto.**

2. **Quando o pronome possessivo é empregado substantivamente, a presença do artigo ou de outro determinante que o substitua é indispensável.**

- Encontrei **meu livro** ou **o meu livro**, mas não vi o teu.
- Este carro aqui não é mais caro que o seu.

3. Na língua portuguesa, os pronomes possessivos concordam com a coisa possuída e não com o possuidor.

- Eu vi todos os alunos e **seu** professor debatendo o assunto da aula no pátio da escola.
  o professor dos alunos

- A garota e o **seu** cãozinho passeavam pela praça tranquilamente.
  cãozinho da garota

4. Geralmente não se emprega o pronome possessivo antes de nomes que indicam "partes do corpo" ou "faculdades do espírito".

- Ontem eu machuquei o joelho. (e não "o meu joelho")
- João perdeu o senso. (e não "o seu senso")
- Parece que ele perdeu a vergonha. (e não "perdeu a sua vergonha")

5. Os pronomes "me, te, lhe, nos, vos, lhes" podem fazer as vezes de possessivos. Neste caso, eles equivalerão aos pronomes possessivos "meu, minha, teu, tua, seu, sua, nosso, vosso, dele, dela etc.".

- Naquele momento, ferveu-**me** o sangue. (Isto é = ...ferveu o **meu** sangue.)
- O vento assanhava-**nos** os cabelos. (Isto é = O vento assanhava os **nossos** cabelos.)
- Cabelos cacheados moldam-**lhe** o rosto. (Isto é = ...moldam o rosto **dela** / ...moldam o **seu** rosto.)

➪ **Observação:**

Esta substituição é bastante elegante do ponto de vista estilístico.

6. Os pronomes possessivos são usados, em muitos casos, para indicar afetividade, respeito, consideração.

- Sente-se, por favor, **minha** senhora.
- **Meu** ilustríssimo professor, é um grande prazer revê-lo.

7. Os possessivos "seu, sua, seus, suas" podem gerar ambiguidade quando há na estrutura oracional mais de uma terceira pessoa. Neste caso, convém substituí-los por "dele, dela, deles, delas".

- O governo brasileiro disse ao governo argentino que **suas** exportações melhoraram nos últimos meses.
  (Exportações de quem? Do governo brasileiro ou do governo argentino?)

- João disse a Lana que **sua** prima está doente.
  (Prima de quem? De João ou de Lana?)

➭ **Observação:**

Para evitar esse processo de ambiguidade, muitos escritores usavam os possessivos "dele, dela, deles, delas" a fim de esclarecer a relação possessória.

- "A **sua** honra **dele** não dependia dos impulsos falsos ou torpes que tivera o coração dela." (Eça de Queiroz)
- "Ele respondia-me, a princípio com animação, depois mais frouxo, torcia a rédea da conversa para o **seu** assunto **dele**, abria um livro, perguntava-me se tinha algum trabalho novo." (Machado de Assis)

8. Em alguns casos, a mudança de posição do pronome possessivo implicará alteração de sentido do enunciado.

- O meu livro (= posse) ⊳ O livro meu (= minha autoria)
- suas notícias (= notícias dadas por você)
- notícias suas (= notícias sobre você)
- sua fotografia (= fotografia tirada por você)
- fotografia sua (= fotografia que tiraram de você)

9. Empregam-se alguns possessivos no plural com o sentido de "parentes", "família".

- Como vão os **seus**? Os **meus** continuam no interior, trabalhando nas lavouras de café.

6.3.6 OS PRONOMES RELATIVOS

São denominados de relativos os pronomes que representam um ser já expresso (antecedente). Entretanto, só isso não basta para caracterizá-los, uma vez que outros pronomes também o fazem. A principal característica do pronome relativo é servir de vínculo gramatical entre duas orações, estabelecendo uma relação de subordinação. Daí serem também chamados tais pronomes de "relativos-conjuntivos".

Os principais pronomes relativos são:

PRONOMES RELATIVOS	
INVARIÁVEIS	**VARIÁVEIS**
que	o qual, a qual, os quais, as quais
quem	cujo, cuja, cujos, cujas
onde	quanto, quanta, quantos, quantas

➯ **Observação:**

Funcionam também como pronomes relativos os vocábulos "como" e "quando", quando retomam termos anteriormente mencionados.

6.3.6.1 Emprego dos pronomes relativos

QUE

É denominado de "relativo universal", porque se refere tanto a coisas quanto a pessoas. Seus equivalentes variáveis são "a qual, o qual, as quais, os quais". O relativo "que" só deve ser substituído por outro relativo em casos específicos.

- "Os soldados **que** tinham seguido a bandeira de Teodomiro tinham-se abalado para o combate." (A. Herculano)
- "Ó tu, **que** tens de humano o gesto e o peito / ..." (Camões)

QUEM

No português moderno, este pronome só se refere a pessoas ou a cousas personificadas, daí ser chamado de "relativo personativo". Com antecedente expresso, vem sempre regido por uma preposição.

- "Prezava com fanatismo o Marquês de Pombal, de **quem** sabia muitas anedotas." (Aluísio Azevedo)
- "Isso não lhe fica bem; há por aí tanta moça bonita, a **quem** o senhor pode fazer a corte..." (Bernardo Guimarães)

➯ **Observação:**

Em algumas orações o pronome relativo "quem" pode aparecer sem antecedente expresso. Neste caso, ele equivalerá a "aquele que". Por equivaler – ao mesmo tempo – a um pronome demonstrativo e a um pronome relativo, o relativo "quem" é denominado de "relativo condensado".

- **Quem** com ferro fere com ferro será ferido. (Provérbio)
  pronome relativo condensado → aquele que
- **Quem** chegou primeiro deve ter visto as modificações mais facilmente.
  pronome relativo condensado → aquele que

ONDE

É denominado de "relativo locativo", pois só é utilizado para retomar e substituir termos que contenham a noção de "lugar". Equivale a "em que" e variações (na qual, no qual, nas quais, nos quais). O seu antecedente, portanto, deve indicar "lugar".

- "Mas os livros dos enciclopedistas, as fontes **onde** a geração seguinte bebera a peçonha que saiu no sangue de noventa e três, não eram de todo ignorados." (Camilo Castelo Branco)
- "Pádua enxugou os olhos e foi para casa, **onde** viveu prostrado alguns dias, mudo, fechado na alcova." (Machado de Assis)

O QUAL, A QUAL, OS QUAIS, AS QUAIS

São os relativos que possuem as variações em gênero e número correspondentes ao pronome relativo "que". Esses relativos devem obrigatoriamente substituir o "que" quando este provocar ambiguidade, for precedido por uma preposição com mais de uma sílaba ou for eufonicamente melhor.

- "Fortalecem esta tradição as opiniões dos filósofos de todas as idades e nações, **os quais** nunca puderam compreender o homem moral sem pressupor uma primitiva perfeição." (Camilo Castelo Branco)
- "... os frecheiros lhe disparavam alguns tiros, que vinham bater-lhe na armadura, debaixo **da qual** já manava o sangue de algumas feridas." (A. Herculano)
- "Seguiu-se um alto silêncio, durante **o qual** estive a pique de entrar na sala, mas outra força maior, outra emoção..." (Machado de Assis)

CUJO, CUJA, CUJOS, CUJAS

São relativos utilizados para substituir termos que expressam noção de posse ou de pertinência. Equivalem a "do qual, da qual, dos quais, das quais, seu, sua, seus suas, dele, dela, deles, delas". Eles retomam um termo antecedente, mas concordam em gênero e número com o substantivo consequente (ou posposto). Não admitem a posposição de artigo e sempre exercem a função sintática de adjunto adnominal. O relativo "cujo" e suas flexões trazem implícita a preposição "de".

- Comprei um livro cujas páginas são verdes.

Equivale a →
- as páginas do livro
- as páginas dele
- suas páginas
- as páginas do qual

- "Dê um destino qualquer a essa escrava, a **cujos** pés o senhor costuma vilmente prostrar-se: liberte-a, venda-a, faça o que quiser." (Bernardo Guimarães)
- "O Freitas, em **cuja** casa Ana Rosa tivera o seu último histérico, também se achava presente, com a filha, a sua querida Lindoca." (Aluísio Azevedo)

QUANTO, QUANTA, QUANTOS, QUANTAS

Estas palavras só serão consideradas pronomes relativos quando vierem antecedidas por um dos seguintes pronomes indefinidos "tudo, todo(a), todos(as)". Transmitem ideia acessória de quantidade, de intensidade ou de número.

- "Que os fiéis abandonassem todos os haveres, tudo **quanto** os maculasse com um leve traço da vaidade." (Euclides da Cunha)
- "É perfeitíssima oração sobre todas **quantas** foram feitas ou se puderem fazer a Deus." (Bartolomeu dos Mártires, *apud* Cláudio Brandão)
- "Tudo **quanto** eu pedira e ambicionara,
  Tudo meus dedos e meus olhos calmos
  Gozavam satisfeitos nos seis palmos
  De tua carne saborosa e clara." (Olavo Bilac)

COMO

É denominado de pronome relativo "modal", pois sempre apresenta como antecedente um nome denotador de "modo, maneira, forma". É facilmente substituível por "segundo o qual" ou "pelo qual", "segundo a qual" ou "pela qual".

- Desconfiamos bastante da maneira **como** ele age.
- "E acharás a maneira **como** emendes a vida." (Gil Vicente *apud* Cláudio Brandão)

QUANDO

Será pronome relativo quando possuir como antecedente um substantivo que exprima tempo ou divisões da duração, e nessa hipótese equivalerá a "em que".

- "Era no tempo alegre **quando** entrava / No roubador de Europa / a luz febeia." (Camões)
- Isso ocorreu após a década de 1970, **quando** o movimento ambientalista passou a ter um discurso mais sólido.

➾ **Observações gerais sobre os pronomes relativos:**

a) Os pronomes relativos promovem a chamada "coesão referencial anafórica", pois retomam termos anteriormente mencionados.

b) Para um maior aprofundamento deste tema, sugerimos correlacionar este estudo com o estudo do "pronome relativo preposicionado", que é abordado no capítulo "regência verbal e nominal".

6.3.7 PRONOMES INTERROGATIVOS

São assim denominados os pronomes "**que, quem, qual** e **quanto**", quando empregados em orações interrogativas diretas e indiretas. Tais pronomes se referem a pessoa ou a coisa desconhecida.

- "**Qual**, de entre tantos Orfeus que a gente por aí vê e ouve, foi o que obrou a maravilha?" (A. Garrett)
- "**Quantos** pobres galileus não fez ele matar sem licença do tetrarca?" (Eça de Queiroz)
- "**Quem** nos derrama a bela claridade?
  Quem tantas trevas sobre o mundo chove?" (Durão *apud* Sousa da Silveira)
- "Quis saber **quem** eram os meus pais?" (Machado de Assis)

Observações sobre os pronomes interrogativos:

a) O pronome interrogativo "qual" é usado para distinguir uma pessoa, uma coisa ou uma qualidade dentre várias existentes.

- "Dizei-me: qual é mais poderosa, a graça ou a natureza?" (Vieira, *apud* Sousa da Silveira)

b) Embora seja condenado por renomados estudiosos da língua portuguesa, o emprego da forma interrogativa "o que" é largamente usado em nossa língua.

- "O que está naquela arca?" (A. Herculano)
- "Reis da terra, o que sois?" (Gonçalves Dias)

6.4 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (TER-RO) Observe as frases:

I. A língua portuguesa foi a que chegou até _____ através de gerações.

II. Não basta _____ querer que a grafia coincida com a pronúncia; é preciso a reforma.

III. Torna-se muito complicado para _____ acompanhar essa mudança.

IV. Para _____, unificar a grafia é impossível.

V. Deixaram alguns pontos para _____ estudar.

A opção que completa corretamente as frases é:

a) eu – eu – eu – mim – mim
b) eu – eu – mim – eu – mim

c) mim – eu – eu – mim – eu
d) mim – eu – mim – mim – eu
e) mim – a mim – mim – eu – mim

2. (TELERJ) Assinale a opção em que o emprego dos pronomes pessoais está de acordo com a norma culta da língua:

a) Entre o chefe e eu há confiança mútua.
b) Para eu, vencer na empresa é fundamental.
c) Vim falar consigo sobre o debate de amanhã.
d) Já lhe avisei do ocorrido na empresa.
e) esta linha telefônica vai de mim a ti.

3. (TRE-MT) A alternativa em que o emprego do pronome pessoal **não** obedece à norma culta portuguesa é:

a) Fizeram tudo pra eu ir lá.
b) Ninguém lhe ouvia as queixas.
c) O vento traz consigo a tempestade.
d) Trouxemos um presente para si.
e) Não vá sem mim.

4. (TER-MT) A substituição do termo destacado por um pronome pessoal está **correta** em todas as alternativas, **exceto** em:

a) O governo deu ênfase **às questões econômicas.**
O governo deu ênfase **a elas.**
b) Os ministros defenderam **o plano de estabilização.**
Os ministros defenderam-**no.**
c) A companhia recebeu **os avisos.**
A companhia recebeu-**os.**
d) Ele diz **as frases** em tom bem baixo.
Ele diz-**las** em tom bem baixo.
e) Ele se recusa a dar **maiores explicações.**
Ele se recusou a dá-**las.**

5. (TER-MT) A lacuna da frase "A situação _____ aspiro começou a se delinear" é preenchida, de acordo com a norma culta, por:

a) onde
b) cujo
c) a que
d) que
e) a qual

6. (TRT-SP) As mulheres _____ olhos brilham, não são dignas de confiança.
O lugar _____ moro é muito arejado.
É um cidadão _____ honestidade se pode confiar.

a) cujos os – que – em que
b) cujos – em que – em cuja
c) cujos – em que – cuja
d) cujos os – em que – cuja a
e) cujos – que – em cuja

7. (TRT-SP) Assinale a alternativa incorreta quanto ao emprego do pronome pessoal **si**:

a) Madalena queria a mãe junto de si.
b) Quando voltou a si, não se lembrava de nada.
c) Meu filho será confiante em si mesmo.
d) Ofereço esse presente para si.
e) Vivem brigando entre si.

8. (TRT-SP) Assinale a alternativa em que o pronome **lhe** tem valor possessivo:

a) Caiu-lhe nas mãos um belo romance de José de Alencar.
b) Dei-lhe indicações completamente seguras.
c) Basta-lhe uma palavra apenas.
d) Seus amigos escreveram-lhe um singelo poema.
e) Informaram-lhe o resultado da prova realizada ontem.

9. (MPE-SP) Assinale a alternativa em que a junção das duas orações abaixo está correta quanto ao emprego do pronome relativo e à regência do verbo:

I. "Central do Brasil" é o filme.

II. Eu me referi ao diretor do filme "Central do Brasil".

a) "Central do Brasil" é o filme a cujo diretor eu me referi.
b) "Central do Brasil" é o filme que o diretor eu me referi.
c) "Central do Brasil" é o filme sobre cujo diretor eu me referi.
d) "Central do Brasil" é o filme de cujo diretor eu me referi.
e) "Central do Brasil" é o filme de qual diretor eu me referi.

10. (MPU) "Todos têm direito a receber dos órgãos públicos informações de seu interesse particular, ou de interesse coletivo ou geral, que serão prestadas no prazo da lei, sob pena de responsabilidade, ressalvadas aquelas _____ sigilo seja imprescindível à segurança da sociedade e do Estado."

a) cujo
b) de cujo
c) a cujo

d) sem cujo
e) por cujo

GABARITO

1 – D	2 – E	3 – D
4 – D	5 – C	6 – B
7 – D	8 – A	9 – A
10 – A		

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

CAPÍTULO 7

VERBO

7.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Passaremos a estudar um dos assuntos mais longos da gramática normativa – o verbo. Provavelmente você, estudante, deparar-se-á com um sem-número de informações, detalhes, características, exceções etc., etc., os quais fazem deste assunto um dos mais temidos da gramática. Sugerimos, portanto, estudá-lo aos poucos. Saliento: não se trata de um assunto difícil. É apenas um assunto longo e cheio de detalhes. É essencial, portanto, estudá-lo mais de uma vez. Procure também resolver todos os exercícios propostos ao final do capítulo. A resolução vai reforçar seu aprendizado.

Outrossim, é fundamental que você se preocupe bastante com alguns pontos que são frequentemente explorados pelos concursos: emprego dos tempos e dos modos verbais, correlação dos tempos e modos verbais e conjugação verbal – notadamente de alguns verbos.

Como já disse, estude o assunto aos poucos. Anote a data em que estudou cada ponto, pois ela certamente servirá como balizamento para que você saiba o momento certo de revisar o assunto. Sugiro também que correlacione o estudo da "voz passiva" com o assunto "conversão da voz ativa em passiva", estudado em sintaxe de oração.

Vamos lá... Mãos à obra!!

7.2 DEFINIÇÃO

Observe atentamente os períodos abaixo:

- O Brasil **jogará** contra a Argentina no domingo. (→ indica uma ação futura)

- A vida **seria** fácil se não fossem as dificuldades. (→ indica um estado)
- Na *próxima madrugada*, **nevará** em Caxias do Sul. (→ indica um fato, um fenômeno)
- João **fuma** bastante. (→ indica um fato habitual, frequente)

Todos os termos em negrito acima são verbos.

Em sentido estrito, verbo é, pois, uma palavra variável capaz de exprimir "uma ação, um estado, um fenômeno da natureza ou um fato".

Entretanto, esta definição é viciosa, visto que os substantivos também apresentam caracteres dos mesmos fenômenos. Basta comparar "digerir e digestão", "correr e corrida", "despedaçar e despedaçamento". Portanto, a diferença entre os nomes substantivos e os nomes verbais reside na quantidade de flexões que um e outro apresenta. Por isso, consideramos a melhor definição para "verbo" a que foi proposta pelo professor José Oiticica, em seu "Manual de análise léxica e sintática":

Verbo é o nome flexionado em modo, tempo, número e pessoa, isto é, a palavra variável que apresenta o maior número de flexões na língua portuguesa.

7.3 ELEMENTOS ESTRUTURAIS DO VERBO

São os seguintes os elementos mórficos formadores do verbo: radical, vogal temática, tema e desinências modo-temporal e número-pessoal. Nem todas as formas verbais, contudo, apresentam todos esses elementos. Daí ser importante distinguir minimamente o "radical" da "terminação verbal". Analisemos as formas verbais "cantássemos, venderemos e partíramos".

RADICAL	VOGAL TEMÁTICA	TEMA	DESINÊNCIA MODO-TEMPORAL	DESINÊNCIA NÚMERO-PESSOAL
cant	a	**canta**	sse	mos
vend	e	**vende**	re	mos
part	i	**parti**	ra	mos

7.3.1 RADICAL

É o elemento mórfico verbal principal, pois contém a significação do verbo. Nos verbos, o radical representa a parte imutável, que traz consigo a semântica verbal. Geralmente, obtém-se o radical com a supressão da vogal temática e da desinência do infinitivo "-r". Observe:

- cantar → $\underbrace{\text{cant}}_{\textit{radical}}$ – ar
- vender → $\underbrace{\text{vend}}_{\textit{radical}}$ – er
- partir → $\underbrace{\text{part}}_{\textit{radical}}$ – ir

7.3.2 VOGAL TEMÁTICA

É o elemento mórfico vocálico que se junta ao radical para formar o tema verbal. Nos verbos, a vogal temática situa-se entre o radical e a desinência do infinitivo impessoal "-r". A vogal temática indicará a que conjugação pertence o verbo. Portanto:

a) A vogal temática "-a" indicará os verbos pertencentes à 1.ª conjugação:

- cant**A**r
- lav**A**r
- am**A**r
- afast**A**r
- su**A**r
- habit**A**r

b) A vogal temática "-e" indicará os verbos pertencentes à 2.ª conjugação:

- vend**E**r
- lamb**E**r
- beb**E**r
- viv**E**r
- cont**E**r
- condiz**E**r

c) A vogal temática "-i" indicará os verbos pertencentes à 3.ª conjugação:

- sa**I**r
- sorr**I**r
- part**I**r
- ped**I**r
- reflet**I**r
- agred**I**r

⇒ **Observação:**

No presente do subjuntivo e nos tempos dele derivados, não há vogal temática.

7.3.3 TEMA

É o conjunto formado pelo radical mais a vogal temática. Nos verbos, basta a *retirada da desinência do infinitivo impessoal "-r" para se obter o* tema.

- falar → $\underbrace{\text{fala}}_{\textit{tema}}$ – r
- caber → $\underbrace{\text{cabe}}_{\textit{tema}}$ – r
- abrir → $\underbrace{\text{abri}}_{\textit{tema}}$ – r

7.3.4 DESINÊNCIAS

São elementos mórficos que se acoplam ao tema ou à forma infinita do verbo para indicar as flexões de modo, tempo, número e pessoal. Há em português duas desinências verbais:

a) **Desinência modo-temporal** → Indica o modo (indicativo, subjuntivo ou imperativo) e o tempo (presente, passado ou futuro) em que se encontra o verbo.

- cantávamos → cantá – **VA** – mos (desinência que indica o "pretérito imperfeito do indicativo")
- falássemos → falá – **SSE** – mos (desinência que indica o "pretérito imperfeito do subjuntivo")
- partiríamos → partir – **ÍA** – mos (desinência que indica o "futuro do pretérito do indicativo")

➡ **Observação:**

Nem todas as formas verbais apresentam a desinência modo-temporal. Esta desinência inexiste no presente e no pretérito perfeito do indicativo.

b) **Desinência número-pessoal** → Indica o número (singular ou plural) e a pessoa (1.ª, 2.ª ou 3.ª) em que o verbo se encontra.

- cantastes → cantas – **TES** (desinência que indica a 2.ª pessoa do plural – vós)
- vendêssemos → vendêsse – **MOS** (desinência que indica a 1.ª pessoa do plural – nós)
- partiriam → partiri – **AM** (desinência que indica a 3.ª pessoa do plural – eles/elas)

7.4 FLEXÕES DO VERBO

Como já vimos em sua definição, o verbo é a palavra em língua portuguesa que apresenta o maior número de flexões. Ao conjunto de flexões de um verbo dá-se o nome de "**conjugação**".

O verbo apresenta as seguintes flexões: pessoa, número, modo e tempo.

7.4.1 FLEXÕES DE PESSOA E DE NÚMERO

Em relação à pessoa, o verbo apresenta as flexões relacionadas ao ser que lhe serve de sujeito. No que diz respeito ao número, o verbo pode-se apresentar tanto no singular (eu, tu e ele/ela) quanto no plural (nós, vós, eles/elas). Logo, teremos as seguintes flexões:

a) 1.ª pessoa – diz respeito ao falante, tanto no singular (eu) quanto no plural (nós).

1.ª PESSOA	
SINGULAR (EU)	**PLURAL (NÓS)**
canto	cantamos
bebo	bebemos
parto	partimos

b) 2.ª pessoa – diz respeito ao ouvinte, tanto no singular (tu) quanto no plural (vós).

2.ª PESSOA	
SINGULAR (TU)	**PLURAL (VÓS)**
cantas	cantais
bebes	bebeis
partes	partis

c) 3.ª pessoa – diz respeito àquele(s), àquela(s), àquilo de que se fala, tanto no singular (ele/ela) quanto no plural (eles/elas).

3.ª PESSOA	
SINGULAR (ELE/ELA)	**PLURAL (ELES/ELAS)**
canta	cantam
bebe	bebem
parte	partem

7.4.2 FLEXÕES DE MODO

As flexões de modo dizem respeito às formas assumidas pelo verbo para indicarem certos estados de espírito em relação ao fato ou estado expressos por ele, ou seja, mostram a atitude (certeza, dúvida, ordem etc.) da pessoa que fala em relação ao fato anunciado.

Em português, três são os modos verbais: **indicativo, subjuntivo e imperativo.**

Esses modos compõem as chamadas "formas finitas do verbo", em oposição ao infinitivo, o qual com o gerúndio e o particípio compõem as "formas infinitas do verbo" ou "formas nominais do verbo", as quais estudaremos mais adiante.

7.4.2.1 Modo indicativo

O modo indicativo é o modo da realidade: serve para enunciar um fato ou um estado verdadeiros ou supostos verdadeiros, em orações independentes ou dependentes, declarativas, interrogativas ou exclamativas, quer afirmando, quer negando.

De acordo com o insigne mestre Augusto Epifânio da Silva Dias, "o indicativo é empregado em todas as orações para as quais não há regra que exija outro modo".

- "Que acusação **trazeis** contra este homem?" (Rui Barbosa)
- "Quem **canta** seus males **espanta.**" (Provérbio)
- "Em certos pontos não se **encontrava** viva alma na rua; (...); só os pretos **faziam** as compras para o jantar ou **andavam** no ganho." (Aluísio Azevedo)

7.4.2.2 Modo subjuntivo

O modo subjuntivo (antigo "modo conjuntivo") é o modo próprio da incerteza, da possibilidade, da dúvida, da futuridade, da vontade, do desejo,

da esperança, da suposição, da concessão. De fato, são muitas as ideias significadas pelo subjuntivo.

A despeito de aparecer em orações independentes, o subjuntivo é próprio das orações dependentes, isto é, do processo subordinado, como o próprio nome já o diz – "subjuntivo = latim, *subjunctivus* = que liga, que une, que subordina".

- "Queimado **sejas** tu e teus enganos /
  Amor escandaloso, mau, cruel." (Camões)
- "Eu vou para Coimbra logo que **esteja** bom, e a menina da cidade fica em sua casa." (Camilo Castelo Branco)
- "Não me parece bonito que o nosso Bentinho **ande** metido nos cantos com a filha do Tartaruga." (Machado de Assis)

Em virtude dos diversos matizes semânticos que manifesta, o subjuntivo pode apresentar-se nos seguintes casos:

a) **Subjuntivo optativo** – exprime um desejo, um voto, um vaticínio, uma profecia.

- "– Ah! que eu não **sirva** senão para perturbar-lhe o sossego! – murmurou Isaura retirando-se." (Bernardo Guimarães)
- "Ah, se os que se têm por felizes **reparassem** bem nesta última cláusula." (Pe. Antônio Vieira)

b) **Subjuntivo exortativo** – exprime um conselho, uma exortação.

- "**Desprezemos** na terra a morte para alcançarmos no céu a imortalidade." (Heitor Pinto)
- "**Ore** eu em língua que entendo, e logo o sentido das palavras se fará sentir nos afetos." (Manuel Bernardes)

c) **Subjuntivo invitatório** – exprime um convite, uma requisição para comparecimento.

- "**Fujamos** para o deserto / **vivamos** ali sozinhos." (Gonçalves Dias)
- "Vinde, pois, e **gozemos** dos bens que existem, e **façamos** a toda a pressa uso da criatura como na mocidade." (Pereira de Figueiredo)

d) **Subjuntivo imperativo** – expressa ordem, mando, preceito e proibição.

- "**Continuemos** o ato de fé dos cristãos." (Pe. Antônio Vieira)
- "**Meça-se**, pois, cada um consigo e **ajuste** as suas ações com as suas forças e seu poder." (Manuel Bernardes)

e) **Subjuntivo deprecativo** – expressa um pedido, uma súplica.

- "Pelo excessivo amor com que nos amastes, que nos **comuniques** vossa graça, Senhor." (Pe. Antônio Vieira)
- "Por Deus, que **partas.**" (A. Herculano)

f) **Subjuntivo concessivo** – expressa uma concessão, uma permissão em relação a um outro fato.

- "**Seja** como for, a 27 de fevereiro de 1641, partiram da Bahia o filho do vice-rei e os seus dois companheiros." (J. F. Lisboa)
- "**Seja** ou não **seja** aquele o homem, **tenha** as diferenças que quiser e quantas quiser, ele chegará ao ponto da morte." (Manuel Bernardes)

g) **Subjuntivo potencial** – *exprime um fato possível ou provável. Geralmente* aparece com os dubitativos "talvez, quiçá".

- "Talvez **chore** ao domingo o que ri à quinta-feira." (Provérbio)
- "Bem, talvez assim lho **ordenassem.**" (A. Herculano)

h) **Subjuntivo supositivo** – exprime uma hipótese, uma condição, uma suposição. Aparece em orações coordenadas sindéticas alternativas introduzidas pelas conjunções "ou... ou, ora.. ora, quer.. quer..., seja... seja... etc.".

- "Se não entendeis o que diz, ou o **leiais** ou não **leiais**, ou **rezeis** ou não **rezeis**, tanto importa o vosso breviário aberto como fechado." (Pe. Antônio Vieira)
- "Os indivíduos que começavam a vida marítima, quer **estivessem** nos primeiros da juventude, quer **fossem** homens feitos, eram, durante quatro anos, livres de todos os tributos e encargos." (A. Herculano)

7.4.2.3 Modo imperativo

O modo imperativo serve para expressar uma ordem, um preceito, um conselho, uma exortação, um pedido, um convite.

- "Agora **escutai** e **respondei** sinceramente às minhas perguntas." (A. Herculano)
- "**Guardai** o meu sábado, porque ele deve ser santo para vós." (Bíblia Sagrada)
- "O pão nosso de cada dia nos **dai** hoje." (Bíblia Sagrada)

7.4.2.3.1 Formação do modo imperativo

O modo imperativo é por inteiro um modo derivado: ora do presente do indicativo, ora do presente do subjuntivo. São, portanto, estes dois últimos tempos modais que formam o imperativo, o qual se divide em "imperativo afirmativo" e "imperativo negativo".

1. **Imperativo afirmativo** → Forma-se tanto do presente do indicativo ("tu" e "vós" com a retirada da letra "s") quanto do presente do subjuntivo ("você", "nós" e "vocês").

   Observe a formação do modo imperativo dos verbos VIVER e IR:

PRESENTE DO INDICATIVO		**IMPERATIVO AFIRMATIVO**		**PRESENTE DO SUBJUNTIVO**
vivo		–		viva
vives	→	**VIVE (tu)**		vivas
vive		**VIVA (você)**	←	viva
vivemos		**VIVAMOS (nós)**	←	vivamos
viveis	→	**VIVEI (vós)**		vivais
vivem		**VIVAM (vocês)**	←	vivam

PRESENTE DO INDICATIVO		**IMPERATIVO AFIRMATIVO**		**PRESENTE DO SUBJUNTIVO**
vou		–		vá
vais	→	**VAI (tu)**		vás
vai		**VÁ (você)**	←	vá
vamos		**VAMOS (nós)**	←	vamos
ides	→	**IDE (vós)**		vades
vão		**VÃO (vocês)**	←	vão

2. Imperativo negativo → É extraído totalmente do presente do subjuntivo. Conjuga-se com a anteposição do advérbio negativo "não".

PRESENTE DO SUBJUNTIVO		IMPERATIVO NEGATIVO
viva		–
vivas	→	**não VIVAS (tu)**
viva	→	**não VIVA (você)**
vivamos	→	**não VIVAMOS (nós)**
vivais	→	**não VIVAIS (vós)**
vivam	→	**não VIVAM (vocês)**

PRESENTE DO SUBJUNTIVO		IMPERATIVO NEGATIVO
vá		–
vás	→	**não VÁS (tu)**
vá	→	**não VÁ (você)**
vamos	→	**não VAMOS (nós)**
vades	→	**não VADES (vós)**
vão	→	**não VÃO (vocês)**

➾ **Observações importantes:**

a) O imperativo, por ser um modo de referência direta à 2.ª pessoa, não apresenta para a 3.ª pessoa os pronomes "ele, ela, eles, elas". Devemos substituir o pronome da 3.ª pessoa (ele, ela, eles, elas), por "você, vocês" (pessoa com quem ou a quem se fala).

b) O modo imperativo exprime "ordem, súplica, pedido ou convite". Ora, como ninguém vai ordenar, suplicar, pedir ou convidar a si mesmo, não existe a 1.ª pessoa do singular no modo imperativo.

c) Os verbos terminados em "-zer", como "fazer, trazer, dizer" e seus derivados, são abundantes na 2.ª pessoa do singular do imperativo afirmativo, já que com tais verbos pode-se dizer indistintamente "**faze** ou **faz**, **traze** ou **traz**, **dize** ou **diz**" etc.

7.4.3 FLEXÕES DE VOZ

Chama-se **voz** o aspecto verbal caracterizado pelo papel que exerce o sujeito em relação à ação expressa.

Em português, o sujeito poderá:

a) praticar a ação → diz-se então que a voz é **ATIVA**;
b) sofrer a ação → diz-se então que a voz é **PASSIVA**;
c) praticar e sofrer a ação → diz-se então que a voz é **REFLEXIVA** ou **MEDIAL**.

7.4.3.1 A voz ativa

É a voz mais comum na língua pátria. É aquela usada frequentemente nos discursos dissertativos por apresentar o fato de forma mais clara, mais objetiva, mais direta. Ela indica que o sujeito é o ser agente, ativo da ação verbal.

- "Esse infeliz moço, contra quem o senhor **solicita** desvairadas violências, **conserva** a honra na altura da sua imensa desgraça." (Camilo C. Branco)
- "O Sol a pino **dardeja** raios de fogo sobre as areias natais; as aves **emudecem**; as plantas **languem**." (José de Alencar)

7.4.3.2 A voz passiva

É a voz verbal usada quando se deseja enfatizar que o sujeito é o objeto da ação verbal.

Há na língua portuguesa duas formas de se expressar a voz passiva:

a) Voz passiva analítica → formada geralmente pelos auxiliares "ser e estar" mais um particípio.

- O carro **foi deixado** na porta da oficina pelo próprio dono.
- Durante muito tempo, a casa **esteve cercada** por policiais.

b) Voz passiva sintética ou pronominal → formada por um verbo transitivo direto ou verbo transitivo direto e indireto associado a um "se".

- **Entregaram-se** os diplomas a todos os formandos.
- **Compraram-se** vários livros para serem doados aos meninos do orfanato.

➾ **Observação:**

Para aprofundar o conhecimento sobre a voz passiva, sugerimos consultar, em sintaxe, a parte que trata sobre o agente da passiva.

7.4.3.3 A voz reflexiva ou medial

Ocorre a voz reflexiva quando o sujeito é, ao mesmo tempo, o agente e o paciente da ação verbal. Observe:

- "Leôncio **sentiu-se** esmagado, e arrependeu-se mil e uma vezes de ter provocado tão imprudentemente aquele leviano e estouvado rapaz." (Bernardo Guimarães)
- "A ideia de que ela **se enfeitava** para outro homem irritava-me a ponto que estive para **precipitar-me** e espedaçar, arrancando-lhe do corpo, as galas que a cobriam." (José de Alencar)

A voz reflexiva se divide em "**reflexiva propriamente dita**" – aquela em que o mesmo sujeito que pratica a ação é o seu recebedor, e "**reflexiva recíproca**" – aquela em que a ação é praticada mutuamente pelos seres envolvidos pelo sentido verbal; diz-se, portanto, que, neste último caso, houve ação mútua ou correspondente. Observe:

- A menina **se penteava** em frente ao espelho. = Penteava a si mesma. → **Voz reflexiva propriamente dita.**
- As meninas **se agrediram** durante o jogo. = Agrediram umas às outras. → **Voz reflexiva recíproca.**
- Durante a festa, dois convidados **se suicidaram.** = Suicidaram a si mesmos. → **Voz reflexiva propriamente dita.**
- Na festa, os convidados mal **se cumprimentavam.** = Cumprimentavam uns aos outros. → **Voz reflexiva recíproca.**

7.4.3.4 Possíveis ambiguidades com as vozes passiva e reflexiva

Em algumas situações, o emprego do pronome "se" associado a verbos transitivos pode ocasionar ambiguidade por não se saber se se trata de voz reflexiva ou de voz passiva sintética, notadamente quando o sujeito é animado, isto é, agente. Observe:

- As crianças enganam-se com facilidade.

→ **Pode-se desdobrar em:**

a) As crianças enganam umas às outras com facilidade. (se = pronome reflexivo recíproco)

OU

b) As crianças são enganadas com facilidade. (se = partícula apassivadora)

Vejamos um outro exemplo:

- Aclamou-se ele representante da turma.

→ **Pode-se desdobrar em:**

a) Ele aclamou a si mesmo representante da turma. (se = pronome reflexivo)

OU

b) Ele foi aclamado representante da turma. (se = partícula apassivadora)

Para esses casos, deve-se evitar a construção com o "se" e adotar, se se quiser expressar a voz reflexiva, as expressões "a si mesmo, a mim mesmo, uns aos outros, umas às outras". Caso se queira expressar a voz passiva, deve-se optar pela forma analítica, com verbo auxiliar e particípio.

Igualmente ambíguas são algumas estruturas reflexivas, pois podem tanto expressar voz reflexiva propriamente dita quanto voz reflexiva recíproca. Observe:

- Pedro e João feriram-se.

→ Pode-se desdobrar em:

a) Pedro e João feriram um ao outro. (se = pronome reflexivo recíproco)

OU

b) Pedro e João feriram a si próprios. (se = pronome reflexivo propriamente dito)

Assim, os verbos reflexos e recíprocos, em algumas construções, se confundem. Para desfazer possíveis ambiguidades, é necessário juntarem-se ao verbo recíproco as expressões "*reciprocamente, um ao outro, uns aos outros, uma à outra, umas às outras*", e ao verbo reflexivo "*a si próprio, a nós próprios, a vós próprios* etc.".

- "Todavia, os virtuosos nem sequer o imaginavam, porque não perceberiam como, tranquila a consciência e repousada a vida, um coração pode devorar-se a si próprio." (A. Herculano)
- "E sentiu diante dos olhos aquela massa informe de machos e fêmeas, a comichar, a fremir concupiscente, sufocando-se uns aos outros." (Aluísio Azevedo)
- "Dignidade de quem se despreza a si mesma!... O que é este corpo que lhes mostrei há pouco, e que lhes tenho mostrado tantas vezes!" (José de Alencar)

- "Outra coisa ainda: se nos batermos aqui, podemos incomodar-nos reciprocamente; porque pretendo matar-vos, e creio que o mesmo desejo tendes a meu respeito." (José de Alencar)

7.4.4 FLEXÕES DE TEMPO

Os tempos são as épocas da duração em que se realiza a ação ou o fato enunciado pelo verbo. Em português, tais épocas, indicadas por flexões próprias, são três: o presente, o passado (pretérito) e o futuro.

Observe o diagrama abaixo:

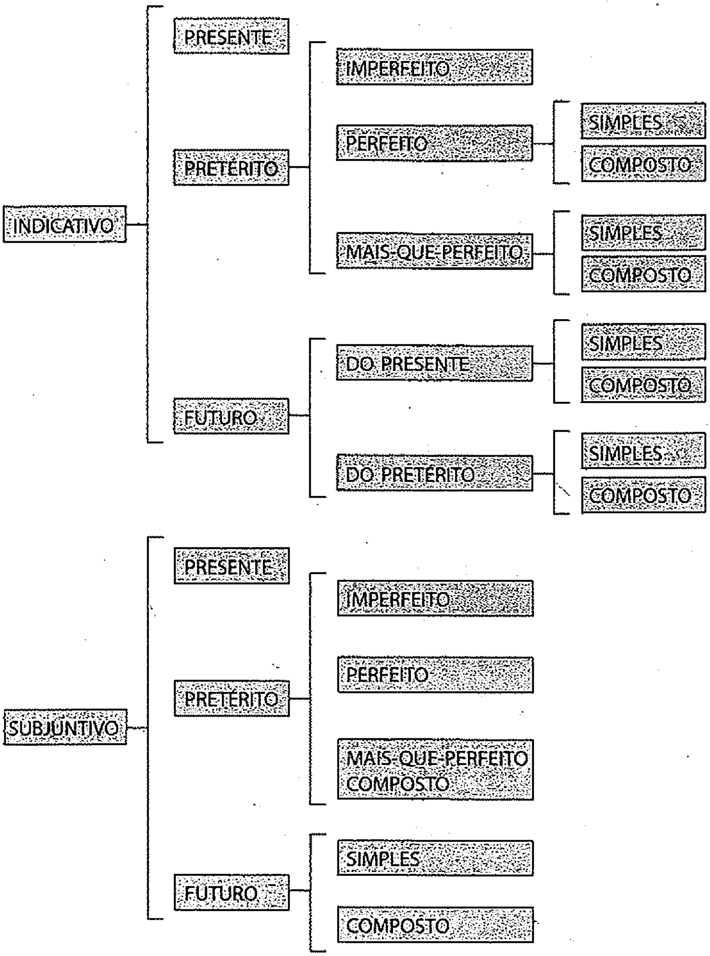
INDICATIVO
PRESENTE
PRETÉRITO
IMPERFEITO
PERFEITO
SIMPLES
COMPOSTO
MAIS-QUE-PERFEITO
SIMPLES
COMPOSTO
FUTURO
DO PRESENTE
SIMPLES
COMPOSTO
DO PRETÉRITO
SIMPLES
COMPOSTO
SUBJUNTIVO
PRESENTE
PRETÉRITO
IMPERFEITO
PERFEITO
MAIS-QUE-PERFEITO COMPOSTO
FUTURO
SIMPLES
COMPOSTO

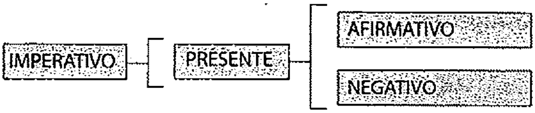

7.4.4.1 Emprego dos tempos verbais simples

Antes de estudarmos os tempos verbais, convém esclarecer que, em nosso português, há tempos primitivos e tempos derivados. Só três tempos em nossa língua são primitivos, dos quais todos os demais se originam. São eles: **o presente do indicativo** (1.ª e 2.ª pessoas), **o pretérito perfeito do indicativo** (2.ª pessoa) e **o infinitivo impessoal.**

a) Do presente do indicativo derivam:

- Pretérito imperfeito do indicativo → falava, bebia, partia.
- Presente do subjuntivo → fale, beba, parta.
- Imperativo → fala, bebe, parte.

b) Do pretérito perfeito do indicativo derivam:

- Pretérito mais-que-perfeito do indicativo → falara, bebera, partira.
- Pretérito imperfeito do subjuntivo → falasse, bebesse, partisse.
- Futuro do subjuntivo → falar, beber, partir.

c) Do infinitivo impessoal derivam:

- Futuro do presente do indicativo → falarei, beberei, partirei.
- Futuro do pretérito do indicativo → falaria, beberia, partiria.
- Infinitivo pessoal → falarem, beberem, partirem.
- Gerúndio → falando, bebendo, partindo.
- Particípio → falado, bebido, partido.

7.4.4.1.1 Tempos do modo indicativo

1. Presente do indicativo

A regra geral manda empregar o presente do indicativo para indicar uma ação atual, que se realiza no momento em que se fala.

- O Brasil **joga** contra a Argentina.
- A torcida **grita** o nome do artilheiro.

Observação:

Em muitas situações, para que não haja confusão entre a designação do que costuma acontecer e o que está acontecendo, é preferível usar-se uma construção perifrástica (locução verbal) composta do verbo "estar" com infinitivo precedido da preposição "a" (construção mais corrente em Portugal) ou com o gerúndio.

- João está a ler (ou lendo). → É melhor do que "João lê."

Emprega-se também o presente do indicativo:

a) Para indicar uma ação habitual, corriqueira, um fato real, uma verdade – neste caso, é chamado de "presente habitual ou presente iterativo":

- João **fuma.** ▹ O sol **aquece** a Terra. ▹ A lei lhe **garante** esse direito.

b) Em narrativas, no lugar do pretérito perfeito, para indicar maior realidade ao fato (é como se o narrador estivesse presente naquele momento presenciando os fatos) – é denominado "presente histórico":

- Em 1.º de setembro de 1939, Hitler **invade** a Polônia.
- "Napoleão **chega** a Waterloo, **dispõe** as tropas, **trava** combate e **é** vencido". (Napoleão Mendes de Almeida)

c) Para indicar fatos e ideias que, embora situados no passado, podem ser de algum modo considerados presentes:

- Jesus Cristo **considera** a si mesmo o único caminho e a única verdade.
- "São Bernardo **chama** à ociosidade madrasta das virtudes." (A. Herculano)

d) Para indicar uma ação em um futuro próximo (nesse caso vem geralmente cercado de algum adjunto adverbial de tempo):

- Amanhã ele **vai** para a nova escola.
- Na próxima semana, **sigo** para a Europa.
- **Volto** amanhã.

e) Para suavização da mensagem, emprega-se no lugar do imperativo afirmativo:

- Para evitar problemas, o senhor **fica** à espera do médico e **fala** para ele todos os seus incômodos.
- O senhor **aguarda** na recepção a sua chamada.

2. Pretérito perfeito do indicativo

Como regra geral, emprega-se o pretérito perfeito para indicar uma ação que teve início e fim no passado, ou seja, aplicamos este tempo para acontecimentos que se deram como simples momentos históricos.

- "A Espanha romano-germânica **transformou-se** na Espanha rigorosamente moderna no terrível cadinho da conquista árabe." (A. Herculano)
- A libertação dos escravos **foi** um marco para o Brasil.
- "Amou, **perdeu-se**, e **morreu** amando." (Camilo Castelo Branco)

Emprega-se também o pretérito perfeito:

a) Para noticiar o que é fato consumado no momento em que falamos – é o denominado "pretérito absoluto":

- O Brasil **ganhou** uma medalha de ouro na natação.
- "Se D. Rita lhe censura a indigna eleição que faz, Simão zomba das genealogias, e mormente do general Caldeirão que **morreu** frito." (Camilo Castelo Branco)

3. Pretérito imperfeito do indicativo

Como regra geral, emprega-se o pretérito imperfeito do indicativo para exprimir a continuação ou repetição de uma ação que teve início no passado, isto é, o pretérito imperfeito indica uma ação verbal passada, mas inacabada, não concluída – daí o nome "imperfeito".

- "Antônio Maciel **andava** sem rumo certo, de um pouso para outro, indiferente à vida e aos perigos, alimentando-se mal e ocasionalmente, dormindo ao relento à beira dos caminhos, numa penitência demorada e rude..." (Euclides da Cunha)
- "Campos ainda lhe conheceu a mãe, cujo retrato, encaixilhado com o do pai, **figurava** na sala, e **falava** de ambos com saudades longas e suspiradas." (Machado de Assis)

Emprega-se também:

a) Em narrativas, para a descrição de cenas, pessoas, fatos ou coisas no passado:

- "Alguns defeitos **tinha**; o mais excelso deles **era** ser guloso, não propriamente glutão; **comia** pouco, mas **estimava** o fino e o raro, e a nossa cozinha, se **era** simples, era menos pobre que a dele." (Machado de Assis)
- "O magistrado desenrugou a severidade postiça da testa, e confessou tacitamente que **era** brutal e estúpido juiz." (Camilo Castelo Branco)

b) Em narrativas, para a indicação de tempo, de época, de momento:

- "O ano é que é um tanto remoto, mas eu não hei de trocar as datas à minha vida só para agradar às pessoas que não amam histórias velhas; o ano **era** de 1857." (Machado de Assis)

c) Para indicar uma ação passada que, simultânea a outra ação também no passado, ocorreu em primeiro lugar:

- "Quando ele entrou na sala, tinha acabado, mas **estava** ainda ao piano, ante um folheto de músicas aberto, a soletrar para si." (Machado de Assis)
- "As sombras doces **vestiam** os campos quando ela chegou à beira do lago." (José de Alencar)

4. Pretérito mais-que-perfeito simples

Como regra geral, emprega-se o pretérito mais-que-perfeito simples para indicar uma ação no passado anterior a outra ação no passado – representa, por assim dizer, o "passado do passado".

- Quando chegou à empresa, o diretor já **saíra.**
- "O general **falara** um pouco alto e os jovens oficiais que estavam próximo olharam-no com mal disfarçada censura." (Lima Barreto)

Emprega-se também:

a) No lugar do pretérito perfeito em construções descritivas, geralmente para indicar uma ação passada em relação às ações passadas perceptíveis pelo contexto:

- "Fisicamente Jorge nunca se **parecera** com ela. **Fora** sempre robusto, de hábitos viris. Tinha os dentes admiráveis de seu pai, os seus ombros fortes. De sua mãe **herdara** a placidez, o gênio manso." (Eça de Queiroz)
- "– Oh! maldição! – **exclamara** Leôncio, arrancando os cabelos em desespero, depois que **ouvira** dos lábios de Álvaro aquele arresto esmagador." (Bernardo Guimarães)

b) Em linguagem literária, no lugar do pretérito imperfeito do subjuntivo e do futuro do subjuntivo:

- "E se Deus não **cortara** a carreira ao sol com a interposição da noite, fervera e abrasara-se a terra." (Pe. Antônio Vieira)
- "Senhor, se tu **houveras** estado aqui, não **morrera** meu irmão." (Pe. Antônio Vieira)

c) Em frases exclamativas e optativas (que exprimem desejo), para acentuar-lhes o caráter hipotético, condicionante:

- "Quem **dera** pudesse o homem compreender todos os mistérios da natureza!"
- "– Quero isto limpo! bramava furioso. Está pior que um chiqueiro de porcos! Apre! **Tomara** que a febre amarela os lamba a todos! maldita raça de carcamanos!" (Aluísio Azevedo)

5. Futuro do presente simples

Como regra geral, emprega-se o futuro do presente do indicativo para indicar um fato posterior (futuro) ao momento em que se fala.

- "**Dir-me-ão** que deste modo, o nosso papel é mais heróico. **Responderei** que o delas é angélico, e, entre anjos e heróis, pelos anjos será sempre o meu voto." (Rui Barbosa)
- "Meu pai diz que me vai encerrar num convento por tua causa. **Sofrerei** tudo por amor de ti. Não me esqueças tu, e **achar-me-ás** no convento, ou no céu, sempre tua do coração, e sempre leal. Parte para Coimbra. Lá **irão** dar as minhas cartas; e na primeira te **direi** em que nome hás de responder à tua pobre Teresa". (Camilo Castelo Branco)

Emprega-se também:

a) No lugar do presente do indicativo, em frases dubitativas (que exprimem dúvida) ou exclamativas:

- "A esta hora quantos não **estarão** com fome!" (Eduardo C. Pereira)
- "Uma palavra, uma emoção fraterna, um olhar de ternura, e... quantos não **serão** redivivos, abençoando-vos?" (Rui Barbosa)

b) Em correlação com o futuro do subjuntivo (ideia condicionante), para indicar fatos de realização provável:

- Se o governo diminuir os juros, **comprarei** uma casa para morar.
- "Se o tino do juiz ou do público, como frequentemente sucede, eludir a aplicação da lei, então **desaparecerá** o mal." (Rui Barbosa)

c) Em lugar do imperativo para transmitir à mensagem um caráter mais sugestivo do que imperativo:

- "Não **terás** outros deuses diante de mim." (Bíblia Sagrada)
- "Não **dirás** falso testemunho contra o teu próximo." (Bíblia Sagrada)

d) Em frases interrogativas, para indicar incerteza, dúvida, suposição, probabilidade:

- "**Será** que a mente, já desperta / Da noção falsa de viver, / Vê que, pela janela aberta, / Há uma paisagem toda incerta / E um sonho todo a apetecer?" (Fernando Pessoa)
- "Contra as extorsões de que ela for alvo, quem **poderá** medir a resistência?" (Rui Barbosa)

➾ **Observação:**

Frequentemente, o futuro do presente do indicativo é substituído por locuções verbais formadas com os auxiliares "haver, ter, ir", seguidos de um infinitivo:

→ Presente do indicativo do V. Haver + Preposição + Infinitivo:

- "Neste momento insone e triste / Em que não sei quem **hei de ser**, / Pesa-me o informe real que existe / Na noite antes de amanhecer." (Fernando Pessoa)

→ Presente do indicativo do V. Ir + Infinitivo:

- "Considerou por instantes o arraial imenso, embaixo. Desceu devagar a encosta. Daniel **vai penetrar** na furna dos leões... Acompanhemo-lo." (Euclides da Cunha)

→ Presente do indicativo do V. Ter + Que + Infinitivo:

- "– Olhe, Senhor Cassi: amanhã, à tarde, não, porque **tenho que ir** à sessão da minha sociedade; mas, se tem pressa, pode vir depois de amanhã, logo pelas sete ou oito horas." (Lima Barreto)

6. Futuro do pretérito

Como regra geral, emprega-se o futuro do pretérito simples para indicar uma ideia hipotética em relação a um fato situado no passado. Geralmente, este tempo aparece em correlação com o pretérito imperfeito do subjuntivo.

- "Mas **incorreríamos** no ridículo de querer tapar o Sol com os dedos, se tentássemos dissimular o industrialismo egoístico, avaro, cobiçoso, que caracterizava a fisionomia do príncipe ligado à sorte da princesa imperial." (Rui Barbosa)
- "O serviço militar **tinha** a natureza de eventual, porque não **havia** entre os visigodos exército permanente." (G. Barros *apud* A. Epiphanio S. Dias)

Emprega-se também:

a) Em orações que denotam indignação ou surpresa:

- Jamais **acusaríamos** você!
- **Seria** possível uma acusação dessas?

b) Para indicar um fato futuro em relação a um outro fato situado no passado:

- "... e protestei que antes disso me **reabilitaria** de minha estúrdia ingenuidade." (José de Alencar)
- "Então ela declarou-lhe que não tivesse medo de nada. Nada **aconteceria** nem a um nem a outro." (Machado de Assis)

c) Em orações que denotam polidez, brandura, cortesia, em substituição ao presente do indicativo:

- – **Poderia** nos dar um minuto, por favor.
- – **Gostaria** de provar a nossa nova sobremesa, madame?

d) Em orações que revelam dúvida, probabilidade, suposição, incerteza, ideia aproximada:

- "– **Serias** capaz de fazer isso, Lúcia?" (José de Alencar)
- "Não fora a natureza, os céus, os pássaros, as águas múrmuras, como **poderíamos** viver?" (Júlio Ribeiro)
- "A cabo da estreita senda da cruz acharia ele, porventura, a vida e o repouso íntimos?" (A. Herculano)

7.4.4.1.2 Tempos do modo subjuntivo

1. Presente do subjuntivo

Em geral, emprega-se o presente do subjuntivo em orações que exprimam dúvida, desejo, fato provável.

- **Queira** Deus que eles **estejam** bem.
- Talvez **fiquem** melhor agora.
- "E talvez não **saiba** que eu estava a beber na fonte quando vossa senhoria, há dois para três anos, deu muita pancada nos criados, que era mesmo um rebuliço que parecia o fim do mundo." (Camilo Castelo Branco)
- "– Sabes? talvez eu **tenha** de me ir amanhã embora." (Eça de Queiroz)
- "Se nos embaraçássemos nas imaginosas linhas dessa espécie de topografia psíquica, de que tanto se tem abusado, talvez não os compreendêssemos melhor. **Sejamos** simples copistas." (Euclides da Cunha)

Emprega-se também:

a) Em correlação com o presente do indicativo para indicar fato presente ou futuro:

- Esperamos que eles **cheguem** ainda hoje.
- É profundamente lamentável que eles **fiquem** sem ir à escola.

b) Em correlação com o presente do indicativo para expressar um conselho, uma advertência, uma sugestão:

- "Preciso é que os ouvidos **estejam** bem abertos e a atenção bem apurada, quando se está defronte de uma moça como D. Clementina." (Joaquim M. de Macedo)
- "**Analisemos** o caso. O comandante expedicionário deixara em Queimadas grande parte de munições, para não protelar por mais tempo a marcha..." (Euclides da Cunha)
- "Padre que seja, se for vigário na roça, é preciso que **monte** a cavalo." (Machado de Assis)

c) Em correlação com tempos do modo indicativo para expressar ideia de concessão, de oposição:

- "Conquanto não **seja** assim, eu tomei a resolução heróica de aproximar os mais peculiares à Bruzundanga dos nossos nomes portugueses..." (Lima Barreto)
- "– Pode ser que não; e ainda que **desconfiem**, não há testemunhas." (Camilo Castelo Branco)

2. Pretérito imperfeito do subjuntivo

Como regra geral, emprega-se o pretérito imperfeito do subjuntivo, em correlação com o futuro do pretérito do indicativo, para indicar um fato hipotético, provável, suposto.

- "Estas testemunhas referiram que ouviram dizer a Cristo que, se os Judeus **destruíssem** o templo, ele o tornaria a reedificar em três dias." (Pe. Antônio Vieira)
- "Bem sei que não podes compreender o que é a fé viva de um muçulmano na proteção de Deus: mas eu seria réu do inferno, se **duvidasse** um instante das promessas do Profeta." (A. Herculano)

Emprega-se também:

a) Em orações subordinadas substantivas, correlacionando-se com tempos do modo indicativo, para expressar "súplica, pedido, requerimento, solicitação":

- "O Rei de Portugal só queria que nenhum palmo de chão português, baldio ou murado, **jazesse** fora de seu senhorio real." (Eça de Queiroz)
- Solicitei naquele momento que o **acolhessem** nalgum asilo.
- "Dirigiu-se a Sir Robert Peel, e pediu-lhe que lhe **comunicasse** as ideias segundo as quais ele achava que a reforma deveria ser feita". (Rui Barbosa)

b) Em orações subordinadas substantivas, correlacionando-se com tempos do modo indicativo, para expressar "ordem, determinação, proibição, deliberação":

- "Apenas findou o café, mandou pelo Bento avisar os dois moços da horta, o Ricardo e o outro de queixo de cavalo, que o **esperassem** no pátio, armados." (Eça de Queiroz)
- "Ordenava ela à mucama que **distribuísse** pelas outras uns enfeites e vestidos já usados." (José de Alencar)

c) Em orações subordinadas substantivas, correlacionando-se com tempos do modo indicativo, para exprimir "aconselhamento, aviso, admoestação, recomendação, exortação":

- "E com eles atravessou de novo a Vila até a cocheira do Torto - para recomendar que lhe **mandassem** à Torre, às nove horas da manhã, a parelha ruça." (Eça de Queiroz)

- "Admoestou a certo bispo que se **recolhesse** à sua igreja." (Manuel Bernardes)

d) Em estilo literário, para expressar a causa em relação a outro fato que lhe servirá de efeito:

- "Como eu lhe **dissesse** que a vida tanto podia ser uma ópera, como uma viagem de mar ou uma batalha, abanou a cabeça e replicou: – A vida é uma ópera e uma grande ópera." (Machado de Assis)
- "Como **fosse** grande arabista, achou no Corão que Maomé declara veneráveis os doidos, pela consideração de que Alá lhes tira o juízo para que não pequem." (Machado de Assis)

e) Para a formação de orações adverbiais (circunstanciais), principalmente, as condicionais e as concessivas:

- "Ah! se agora **chegasses**!
  Se eu **sentisse** bater em minhas faces
  A luz celeste que teus olhos banha (...)." (Olavo Bilac)
- "Não recebia ninguém, vivia num isolamento monacal, embora **fosse** cortês com os vizinhos que o julgavam esquisito e misantropo." (Lima Barreto)

3. Futuro do subjuntivo

Como regra geral, em correlação com o futuro do presente do indicativo, emprega-se o futuro do subjuntivo em orações subordinadas adverbiais condicionais e temporais, para indicar o tempo ou a condição do fato expresso na oração subordinante.

- Se ele **chegar** a tempo, sairemos ainda hoje.
  fato da oração subordinante (sair)
- Quando ele **comprar** o novo carro, passearemos mais.
  fato da oração subordinante (passear)
- "O desejo que me deu, quando saí de Barbacena, foi simples desejo, sem prazo; irei, não há dúvida, mas lá para diante, quando Deus **quiser**." (Machado de Assis)
- "Se eu **disser** 'Há sol nos meus pensamentos', ninguém compreenderá que os meus pensamentos são tristes." (Fernando Pessoa)
- "Quando **estiverem** todos adormecidos, o guerreiro branco deixará os campos do Ipu, e os olhos de Iracema, mas não sua alma." (José de Alencar)

7.4.4.2 Emprego dos tempos verbais compostos

Na língua portuguesa, alguns tempos simples podem ser expressos por meio de uma forma composta, formada pelos verbos auxiliares (ter e haver) mais o particípio do verbo. Tais tempos compostos são, em sentido lato, locuções verbais especiais. Aparecem sob a forma composta:

1. O pretérito perfeito composto do indicativo

Formado pelo "presente do indicativo" mais o particípio de um verbo, o pretérito perfeito composto é empregado para expressar um fato que, tendo-se iniciado no passado, dura ou vem repetindo-se até o presente com a possibilidade ou não de continuar no futuro. Observe:

- Ele **tem feito** muitas obras desde que iniciou o seu governo.
- "Você sabe que eu **tenho tratado** do seu casamento com a Zulmirinha... Lá em casa não se fala agora noutra coisa..." (Aluísio Azevedo)
- "Eu bem **tenho dito** a Jorge! Tantas vezes lho **tenho dito**! Isto é uma rua impossível!" (Eça de Queiroz)

2. O pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo

Formado pelo "pretérito imperfeito do indicativo" mais o particípio de um verbo, o pretérito mais-que-perfeito composto é empregado com a mesma função da sua forma simples: indicar um fato passado em relação a outro fato também no passado ou indicar um fato sucedido antes de outro não enunciado no contexto, mas implícito nele. Observe:

- "Os ingênuos contos sertanejos desde muito lhes **haviam revelado** as estradas fascinadoramente traiçoeiras que levam ao Inferno." (Euclides da Cunha)
- "Lúcia, como vê, parecia adivinhar o que me **tinham dito** o Cunha e Sá para desmenti-los completamente." (José de Alencar)
- Quando lá chegamos, o comendador já **tinha saído.**

3. O futuro do presente composto do indicativo

Formado pelo "futuro do presente do indicativo" mais o particípio de um verbo, o futuro do presente composto indica um fato posterior à época presente, mas já acabado antes de outro fato futuro.

- "Lá, no tumulto dos cortesãos, onde o amor é cálculo ou sentimento grosseiro, **terás achado** quem te chame sua." (A. Herculano)
- Quando ele chegar, já **terei terminado** de resolver a prova.

4. O futuro do pretérito composto do indicativo

Formado pelo "futuro do pretérito simples do indicativo" mais o particípio de um verbo, o futuro do pretérito composto indica um fato posterior a uma época passada a que nos referimos, mas já acabada antes de outro fato futuro.

- Quanto prazer eles **teriam desfrutado**, se não tivessem pouco dinheiro e pressa para voltar.
- "Se me achasse bonita, já me **teria pedido** a papai..." (Aluísio Azevedo)
- Eu o **haveria esperado**, se ontem eu não tivesse um compromisso.

5. Pretérito perfeito composto do subjuntivo

Formado pelo "presente do subjuntivo" mais o particípio de um verbo, o pretérito perfeito composto do subjuntivo expressa uma hipótese ou um desejo em relação a outro fato situado no futuro.

- "- Provavelmente, ele lá estará, pensou Rubião indo jantar ao Flamengo; duvido que **tenha dado** melhor presente que eu." (Machado de Assis)
- "Desejo que não procedas precipitadamente e que, antes de dizer-me uma palavra, **tenhas medido** todo o alcance que ela deve ter sobre o teu futuro." (José de Alencar)

6. Pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo

Formado pelo "pretérito imperfeito do subjuntivo" mais o particípio de um verbo, o pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo indica um fato hipotético no passado em relação a outro fato hipotético também no passado.

- "Pôs-se a pensar, o que teria sucedido se **tivesse casado** com o primo Basílio." (Eça de Queiroz)
- "Se vossa senhoria **tivesse consentido** que sua filha amasse Simão Botelho Castelo-Branco, teria poupado a vida ao homem sem honra." (Camilo C. Branco)

7. Futuro do subjuntivo composto

Formado pelo "futuro simples do subjuntivo" mais o particípio de um verbo, o futuro do subjuntivo composto indica, à semelhança da forma simples, um fato hipotético no futuro, mas de realização provável, o qual se correlaciona com outro fato também no futuro.

- Quando eu **tiver adquirido** o novo carro, passearei bastante com a minha família.
- Explicaremos as dúvidas dos leitores que não **tiverem entendido** o assunto.

7.4.4.3 As locuções verbais (construções perifrásticas) – emprego dos verbos auxiliares

Também chamadas de "**perífrases verbais**", as locuções verbais servem para denotar ideias acessórias da ação verbal, frequentemente não contempladas pelos tempos simples e compostos. Para tanto, a língua socorre-se de certas combinações de dois verbos, ficando um deles fixo no infinitivo, no gerúndio ou no particípio, recebendo o outro as flexões de modo, tempo e número.

Para a formação das locuções verbais, a língua lança mão de vários verbos em função auxiliar. Frequentemente são usados, além de outros, os verbos "ser, estar, ficar, ter, haver, ir, vir, parecer, andar".

Dica de estudo: Procure correlacionar este assunto com o assunto "emprego dos tempos compostos" formados com os verbos auxiliares "ter" e "haver".

Vejamos abaixo um rol sucinto dos sentidos transmitidos por algumas locuções verbais, além do emprego dos principais verbos auxiliares:

a) Verbo auxiliar SER mais o PARTICÍPIO → formação de locuções verbais da voz passiva de ação:

- Eles **foram atacados** por várias abelhas enquanto caminhavam pela fazenda.
- Os garotos **são instruídos** pelo mestre.

b) Verbo auxiliar ESTAR mais o PARTICÍPIO → formação de locuções verbais da voz passiva de estado:

- Eles **estão cercados** pela polícia.

c) Verbo auxiliar TER mais preposição DE mais INFINITIVO → formação de locução verbal que denota "obrigação, compromisso, fato infalível":

- O Brasil **tem de** ser um país menos desigual.
- Todos **tiveram de** sair por causa do fogo que já atingia os últimos andares do prédio.

d) Verbos auxiliares "COMEÇAR A, ENTRAR A, PASSAR A" mais INFINITIVO → formação de locuções verbais que indicam momento inicial de uma ação:

- O trem **começou a partir**, e todos, emocionados, despediam-se dos soldados.
- "Afinal, o homem teso rendeu o flexível, e **passou a falar** pausado, com superlativos." (Machado de Assis)

e) Verbos auxiliares "ANDAR, ESTAR, FICAR, IR, VIR" mais GERÚNDIO → formação de locuções verbais que indicam duração, continuação, progressão:

- Já **vem chegando** o inverno com seu frio, suas chuvas.
- Meu amigo, você sabe o que o José **anda fazendo**?
- João **está comprando** uma nova casa na praia.
- Ele sempre **fica olhando** os aviões no aeroporto.

f) Verbos auxiliares "ACABAR, DEIXAR, PARAR" mais preposição DE mais INFINITIVO → formação de locuções verbais que indicam momento final, cessação da ação:

- "Comoviam-no o espetáculo dos infelizes que **acabava de encontrar** armados até aos dentes, e o quadro emocionante daquela Tebaida turbulenta." (Euclides da Cunha)
- Todos **deixaram de fazer** a tarefa imposta pela professora por causa do calor excessivo que na sala fazia.
- Assim que viu o comandante, **parou de falar** e começou a andar para trás.

g) Verbo auxiliar "DEVER" mais INFINITIVO → formação de locução verbal que indica necessidade, obrigação:

- "O almirante não **deve falar** assim... A pátria está logo abaixo da humanidade." (Lima Barreto)
- "*– Senhor, se é católico,* **deve considerar** que a Igreja condena as revoltas..." (Euclides da Cunha)

h) Verbo auxiliar IR mais INFINITIVO → formação de locução verbal que indica uma ação em um futuro próximo:

- "Na sessão que se **vai abrir**, esta Câmara espera demonstrar-vos quanto sabe honrar a soberana esterilidade das instituições constitucionais." (Rui Barbosa)
- "Nada, inda não: Vidinha **vai cantar** uma modinha." (Manuel A. Macedo)

i) Verbo auxiliar IR mais GERÚNDIO → formação de locução verbal que indica uma ação em decurso, em ocorrência, em desenvolvimento gradual:

- "Meu coração é um almirante louco
  que abandonou a profissão do mar
  e que a **vai relembrando** pouco a pouco
  em casa a passear, a passear..." (Fernando Pessoa)
- "Este necessário e inevitável reviramento por que **vai passando** o mundo, há de levar muito tempo." (A. Garrett)

j) Verbo auxiliar HAVER mais preposição DE mais INFINITIVO → formação de locução verbal que indica futuridade de forma mais enfática. Equivale ao futuro do presente do indicativo em sua forma simples:

- "Mas **hei de** me **ver** vingada, oh! se **hei de**! tão certo como estar eu aqui: os desembargadores lá estão, que me **hão de dar** esse gosto: espero isso em Deus." (Manuel A. de Almeida)
- "– Os vizinhos **hão de dizer** que estamos doidos, Jorge... – acudiu ela." (Eça de Queiroz)

➾ **Observação:**

Em muitas construções, a presença de dois verbos juntos nem sempre indica uma locução verbal. Muitas vezes, temos orações reduzidas de infinitivo, por exemplo, cujo verbo da oração subordinada – no infinitivo – encontra-se próximo do verbo da oração principal – subordinante. Um recurso prático para se evitarem confusões é tentar "desenvolver" o infinitivo da oração subordinada. Embora não seja totalmente seguro, este recurso ajuda bastante. Observe:

- Ainda **falta dar** muitos retoques na obra de arte. (**FALTA DAR** = locução verbal ou verbos autônomos?)

Vamos tentar desenvolver a oração →

"Ainda falta **que se deem muitos retoques na obra de arte**."

Foi possível desenvolver-se a oração.
Temos, então, dois verbos autônomos.

- Ele não **deve comprar** aqueles produtos. (**DEVE COMPRAR** = locução verbal ou verbos autônomos?)

Vamos tentar desenvolver a oração →

"Eles não devem **que comprem aqueles produtos.**"

O desenvolvimento torna a construção ilógica.
Não foi possível o desenvolvimento.
Temos, então, uma locução verbal em "deve comprar".

Sugestão: Para ampliar seus conhecimentos sugerimos estudar os assuntos "orações reduzidas" e "concordância com o sujeito oracional" em sintaxe.

7.4.4.4 Correlação dos tempos e dos modos verbais – sequencialização dos tempos (*Consecutio temporum*)

Atenção: Este tópico é muito cobrado pelos concursos em geral. Sugerimos que o estude mais de uma vez.

Em sentido próprio, a correlação de tempos e modos verbais ou sequencialização dos tempos é a dependência entre as formas temporais do verbo de uma oração subordinada e as do verbo da oração subordinante (principal) respectiva, para se indicar **anterioridade, simultaneidade** ou **posterioridade.**

Observe:

a) Nós **SABEMOS** que tu **PARTICIPAS** de grupos religiosos extremistas.

A ação de participar é simultânea à ação de saber.

b) Nós **SABEMOS** que tu **PARTICIPAVAS** de grupos religiosos extremistas.

A ação de participar é anterior à ação de saber.

c) Nós **SABEMOS** que tu **PARTICIPARÁS** de grupos religiosos extremistas.

A ação de participar é posterior à ação de saber.

Sabedores de que a correlação nada mais é do que a adequação entre os verbos de um período composto por subordinação, passaremos a estudar

as principais correlações entre os tempos e os modos verbais. Salientamos, de imediato, que este estudo não pretende exaurir todas as possibilidades correlacionais em nossa língua, em virtude da quantidade exacerbada de relações possíveis. Destacamos, portanto, as seguintes orientações/relações:

I – Quando o verbo da oração principal for declarativo e se encontrar no presente do indicativo, no futuro do presente do indicativo ou no imperativo, a correlação com o verbo da oração subordinada pode ser feita com todos os tempos do modo indicativo. Observe abaixo:

Eu **sei** (percebo, penso, é verdade)
Eu **direi** (perceberei, pensarei)
Diz (percebe, vê, pensa)

que o governo

protege
protegia
protegeu
tem protegido
tinha protegido
protegera
protegerá
protegeria

o povo.

Outros exemplos:

- "É, todavia, certo que o grãozinho não se **despegou** do cérebro de Quincas Borba, – nem antes, nem depois da moléstia que lentamente o comeu." (Machado de Assis)
- "Mas deves saber que não **posso satisfazer** o teu desejo sem primeiro entender-me com meu pai, que está na corte." (Bernardo Guimarães)
- "Mas os considerados dirão que algum interesse **haverá** nesta circunstância em aparência mínima." (Machado de Assis)

II – Quando o verbo da oração principal for declarativo e se encontrar em um dos tempos pretéritos do modo indicativo (perfeito, imperfeito ou mais-que-perfeito), a correlação com o verbo da oração subordinada deverá ser feita com o pretérito imperfeito do indicativo, com o pretérito mais-que-perfeito do indicativo ou ainda com o futuro do pretérito do indicativo.

Ele sabia
Ele soube
Ele soubera

que o governo

protegia
protegera (tinha protegido)
protegeria

o povo.

Outros exemplos:

- "Logo que **chegou**, enamorou-se de uma viúva, senhora de condição mediana e parcos meios de vida." (Machado de Assis)
- "E, terminando, dizia-lhe que não **era** 'nos esplendores das salas' ou nos 'bailes febricitantes' que **gostava** de a ver." (Eça de Queiroz)
- "Sempre eu pensara que a traição de Mem Viegas **faria** vivo abalo no ânimo de vosso pai." (A. Herculano)
- "Perguntou D. Quixote como se **chamava**. Respondeu-lhe ela que se **chamava** a Tolosa." (Castilho)

III – Quando o verbo da oração principal expressar vontade, pedido ou permissão e se encontrar no presente do indicativo, no futuro do presente do indicativo ou no imperativo, a correlação com o verbo da oração subordinada deverá ser feita com o presente do subjuntivo.

Eu quero (peço, permito, ordeno, aconselho)
Eu quererei (pedirei, permitirei, ordenarei) – que ele **saia** agora.

Outros exemplos:

- "O nosso Camacho não deseja que os rapazes **saiam**; quem é que há de dançar com as moças?" (Machado de Assis)
- "Exorta o Apóstolo a todos a que **tratem** da salvação de suas almas." (Pe. Antônio Vieira)
- "...por Jesus Cristo vos rogo que **tranquilizeis** aquela alma." (A. Herculano)

⇨ **Observações:**

a) Obedecem a esta mesma regra os verbos perceptivos e declarativos empregados em frases negativas, interrogativas e duvidosas.

Não creio (não acredito, não penso)
Não crerei (não acreditarei, não pensarei) – que ela **venha** amanhã.

b) Seguem também esta correlação os verbos que expressam dúvida, temor, esperança, tais como "duvidar, temer, esperar."

- "Duvido que mamãe **embarque.**" (Machado de Assis)
- "Ninguém espera que a oposição **dilucide** agora pormenores da sua política em relação ao Egito." (Rui Barbosa)

IV – Quando o verbo da oração principal expressar vontade, desejo, pedido ou permissão e se encontrar em um dos tempos pretéritos do modo indicativo (perfeito, imperfeito ou mais-que-perfeito), a correlação operar-se-á com o pretérito imperfeito do subjuntivo.

Eu queria (pedia, permitia, ordenava, aconselhava)
Eu quis (pedi, permiti, ordenei, aconselhei)
Eu quisera (pedira, permitira, ordenara, aconselhara)
Eu quereria (pediria, permitiria, ordenaria, aconselharia)
que ele **saísse** agora.

Outros exemplos:

- "Argimiro jurou que faria o que seu pai e senhor lhe **ordenasse.**" (A. Herculano)
- "A mulher esperou pacientemente que os magistrados **consultassem**, à sua vontade e puridade, do negócio que a todos interessava." (Almeida Garrett)
- "João amava a Cristo e queria que seus discípulos o **amassem.**" (Pe. Manuel Bernardes)

➾ **Observações gerais sobre a correlação dos tempos e dos modos verbais:**

1. Uma das correlações mais comuns na língua portuguesa dá-se entre o futuro do pretérito do indicativo – presente na oração subordinada – e os tempos pretéritos do modo indicativo – perfeito, imperfeito e mais-que-perfeito.

Eu sabia
Eu soube
Eu soubera
que ele **chegaria** (ou **iria** chegar) naquela tarde.

2. Há na nossa língua duas correlações bastante cobradas em provas de concursos. São elas:

FUTURO DO PRESENTE DO INDICATIVO ⇆ FUTURO DO SUBJUNTIVO
FUTURO DO PRETÉRITO DO INDICATIVO ⇆ PRETÉRITO IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO

- Quando todos chegarem, nós os receberemos com muito carinho.
  fut. subj. *fut. pres. ind.*
- Se todos chegassem, nós os receberíamos com muito carinho.
  pret. impef. subj. *fut. pret. ind.*

Outros exemplos:

- "Se de fato **viéssemos** a nos contentar com o que somos, as inúmeras janelas abertas pela TV não **teriam** a mesma força de atração que as pesquisas demonstrassem." (Fund. Carlos Chagas)
- "Se não **variassem** de cultura para cultura, as regras de convívio **teriam** alcançado, efetivamente, a chamada validade universal." (Fund. Carlos Chagas)
- "Quando todos **revirmos** o papel social que nos cabe e nos **dispusermos** a exercê-lo de fato, nenhum caso de impunidade **será** tolerado." (Fund. Carlos Chagas)

3. Quando na oração subordinada se afirma um fato presente ou que, remontando ao passado, ainda continua no presente (fato habitual ou sempre verdadeiro), o verbo desta oração subordinada ficará no presente do indicativo, ainda que o verbo da oração principal se encontre no passado.

- Em suas pesquisas, Galileu já afirmava que a terra se **move.**
- "Santo Antão dizia que, assim como a substância úmida **dá** nutrimento aos peixes, assim a vida solitária **dá** ornamento aos religiosos." (H. Pinto)
- "Dizia certo estadista inglês que o segredo da força dos agitadores **está** na obstinação dos governos." (Rui Barbosa)

4. O verbo HAVER, indicando quanto tempo dura ou durava certa ação, também está sujeito à correlação temporal. Sendo assim:

- A imagem de Jesus Cristo **está** naquele local **há** dois meses.
- A imagem de Jesus Cristo **estava** naquele local **havia** dois meses.
- "Padre Joaquim **era** um modelo de padres, capelão da casa, **havia** trinta e cinco anos." (Camilo Castelo Branco)

5. Nas orações coordenadas, embora não haja a correlação temporal no sentido próprio, existe certa correspondência entre os tempos respectivos, imposta pela época em que ocorre cada um dos fatos nelas expressos.

- "Os cavalos **batem** de peito uns nos outros, as espadas **faíscam** nas espadas, os escudos **retinem** contra os escudos, e os elmos e cervilheiras **rolam** pelo chão." (A. Herculano)
- "**Soltava**-se a gula, **desenfreava**-se a ira, **libertava**-se a injustiça, **desbaratava**-se o riso." (Pe. Antônio Vieira)

5. Para facilitar o estudo acima, podemos resumir assim as principais – e mais cobradas em provas de concursos – correlações de tempo e modo verbais:

TEMPO VERBAL	CORRELACIONA-SE COM	TEMPO VERBAL
PRESENTE DO INDICATIVO	⇄	PRESENTE DO INDICATIVO
PRESENTE DO INDICATIVO	⇄	PRESENTE DO SUBJUNTIVO
PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO	⇄	PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO DO INDICATIVO
PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO	⇄	PRETÉRITO IMPERFEITO DO INDICATIVO
PRETÉRITO IMPERFEITO DO INDICATIVO	⇄	PRETÉRITO IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO
PRETÉRITO IMPERFEITO DO INDICATIVO	⇄	PRETÉRITO IMPERFEITO DO INDICATIVO
FUTURO DO PRESENTE DO INDICATIVO	⇄	FUTURO DO SUBJUNTIVO
FUTURO DO PRETÉRITO DO INDICATIVO	⇄	PRETÉRITO IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO

Observe exemplos de algumas das correlações acima:

- Se não **VARIASSEM** de cultura para cultura, as regras de convívio **TERIAM** alcançado, efetivamente, a chamada validade universal.
- Enquanto os animais **CONTINUAM** regulando-se pela "lei da selva", os homens **ESTÃO** sempre se esforçando para superá-la.

- Mal **APORTARA**, o navio **FOI** submetido a uma rigorosa inspeção da alfândega, em virtude da suspeita da carga contrabandeada que talvez ele **TROUXESSE** em seus porões.
- Não me **PARECE** justo que você **VENHA** agora argumentar com razões que até ontem jamais invocou, revelando um oportunismo que já **ERA** tão conhecido.
- Tão logo **SAIBAMOS** o resultado do teste a que você ontem **SE SUBMETEU**, entraremos em contato, para não prolongar a agonia de sua expectativa.
- Quando **FOREM** levados em contas os fundamentos que o autor preconizou em seu texto, nossa educação **GANHARÁ** muito.
- Ainda que chimpanzés **DEMONSTREM** algumas aptidões semelhantes às nossas, nenhuma **EQUIVALE** ao desinteressado altruísmo humano.

7.5 AS FORMAS NOMINAIS DO VERBO – OS VERBOIDES

Além das formas modais do verbo (indicativo, subjuntivo e imperativo), existem três formas que exercem papéis típicos dos nomes (substantivos, adjetivos e advérbios). São elas "o infinitivo", "o gerúndio" e "o particípio".

7.5.1 O INFINITIVO

O infinitivo é uma forma nominal do verbo que tem como característica principal a apresentação de uma ação de modo inteiramente geral, não situada no tempo e sem referência a nenhum sujeito. Em outras palavras, é a forma nominal do verbo que exprime a ação, o fenômeno, o processo, o estado, de modo geral e indeterminado, sobretudo quanto ao momento em que se realizam e quanto à pessoa gramatical do sujeito.

- **Viver** é lutar. - **Correr** fortalece os ossos. - É importante **comer** frutas.

Observe como os infinitivos "**viver**, **correr** e **comer**" apresentam as ações de forma geral, sem situá-las no tempo e sem referência a sujeito.

Em português, entretanto, nem sempre encontramos o infinitivo em sua forma intemporal e impessoal. Assim como no galego, temos o infinitivo pessoal, o qual, como o próprio nome já o diz, apresenta sujeito e, em alguns casos, em virtude do contexto, apresenta também o tempo da ação.

- Acredito **terem partido** ontem à tarde. (Sujeito = eles. Tempo = ontem).

7.5.1.1 O infinitivo pessoal ou flexionado

Como já mencionado, o infinito pessoal ou flexionado é, nas línguas oriundas do latim, uma particularidade do português e do galego. Esta forma é caracterizada por apresentar um sujeito para o infinitivo e, em dados contextos, o tempo da ação verbal.

Observe as desinências para a formação do infinitivo flexionado.

INFINITIVO PESSOAL (FLEXIONADO)	
-R	(EU)
-RES	(TU)
-R	(ELE)
-RMOS	(NÓS)
-RDES	(VÓS)
-REM	(ELES)

Acompanhe a conjugação de três verbos no infinitivo pessoal:

INFINITIVO PESSOAL (Verbo SER)	
SE-R	(EU)
SE-RES	(TU)
SE-R	(ELE)
SE-RMOS	(NÓS)
SE-RDES	(VÓS)
SE-REM	(ELES)

INFINITIVO PESSOAL (Verbo ESTAR)	
ESTA-R	(EU)
ESTA-RES	(TU)
ESTA-R	(ELE)
ESTA-RMOS	(NÓS)
ESTA-RDES	(VÓS)
ESTA-REM	(ELES)

INFINITIVO PESSOAL (FLEXIONADO)	
CANTA-R	(EU)
CANTA-RES	(TU)
CANTA-R	(ELE)
CANTA-RMOS	(NÓS)
CANTA-RDES	(VÓS)
CANTA-REM	(ELES)

Alguns exemplos de emprego do infinitivo pessoal:

- "Para **estarem** juntos tinham encontros misteriosos num caloji de uma velha miserável da Rua de São João Batista." (Aluísio Azevedo)
- É aconselhável **estudarmos** isto.
- Os guardas os obrigaram a **entrarem** na casa.
- "Sisebuto forçara os judeus a **converterem**-se." (A. Herculano)
- "Detestáveis ministros tinham também os Stuarts; o que os não eximiu de **serem** punidos, um com perder a vida, o outro a coroa." (Rui Barbosa)

➯ **Observações:**

1. **O verbo regular apresenta formas idênticas para o infinitivo pessoal e o futuro do subjuntivo. Percebe-se a diferença entre uma e outra forma, na maioria das vezes, por causa da presença das conjunções "se" e "quando" exigidas, geralmente, pelo futuro do subjuntivo. O infinitivo, por sua vez, rejeita a anteposição de conjunções; ele admite, no máximo, a presença de preposições ou locuções prepositivas. Veja:**

infinitivo pessoal

- "A **persistirem** os sintomas, o médico deverá ser consultado." (Ministério da Saúde)

futuro do subjuntivo

- "Se **persistirem** os sintomas, o médico deverá ser consultado." (Ministério da Saúde)
- Ao **saírem**, fechem as janelas da casa.

  infinitivo pessoal
- **Quando** **saírem**, fechem as janelas da casa.

  futuro do subjuntivo

2. **Quando os verbos são irregulares, o infinitivo pessoal é totalmente distinto do futuro do subjuntivo.**

infinitivo pessoal

- "No caso de **proporem** um diálogo sem pseudodilemas teóricos, retirar-me-ei do recinto."

futuro do subjuntivo

- Quando **propuserem** um diálogo sem pseudodilemas teóricos, retirar-me-ei do recinto.

7.5.1.2 Função substantiva do infinitivo

Como já mencionado, o infinitivo faz parte das chamadas "formas nominais do verbo". São nominais porque exercem funções sintáticas próprias dos nomes. O infinitivo, por exemplo, exerce funções próprias do substantivo. Daí poder-se afirmar que o infinitivo é empregado frequentemente "como substantivo".

São funções próprias do substantivo: sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, predicativo, aposto e vocativo. Logo, quando exerce a função de núcleo de um desses termos, o infinitivo se encontra em "papel substantivo" ou em "função substantiva". Observe abaixo alguns exemplos:

- **Viver** é lutar.

  infinitivo como núcleo do sujeito
- Viver é **lutar**.

  infinitivo como núcleo do predicativo

- O verdadeiro herói não teme morrer na batalha.
infinitivo como núcleo do objeto direto
- Ele sempre gostou de viver longe das grandes cidades.
infinitivo como núcleo do objeto indireto
- Ele tinha medo de ser o presidente do clube.
infinitivo como núcleo do complemento nominal
- Só havia uma saída para a crise: aumentar os juros para o crédito.
infinitivo como núcleo do aposto

Observações:

1. **Embora seja raro tal emprego, o infinitivo pode, em algumas situações, apresentar-se em função adjetiva – qualificativa. Nesse uso, é frequente vir o infinitivo preposicionado, notadamente com as preposições "de" ou "por".**

- máquina **de escrever**
- música **de dar sono**
- enigma **por decifrar**
- ferro **de engomar**
- contas **por saldar**
- serviço **por fazer**
- história **de arrepiar**
- capítulos **por ler**

2. **Emprega-se também o infinitivo em função adverbial (circunstancial). Neste caso, o infinitivo exercerá o núcleo de uma oração subordinada adverbial reduzida e poderá expressar várias circunstâncias.**

* "Depois de fugir o coelho, toma o vilão o conselho." (Dito popular)
infinitivo expressa circunstância de tempo

* Comemos para viver, não vivemos para comer.
os infinitivos expressam circunstância de fim

- Por caminhar descalço, adoeceu dos pés.
infinitivo expressa circunstância de causa
- A não haverem obedecido, não chegariam a viver uma semana.
infinitivo expressa circunstância de condição
- Melhor é dar a ruins do que pedir a bons.
infinitivo expressa circunstância de comparação

7.5.1.3 Emprego do infinitivo preposicionado

Um dos fatos mais notáveis relativos à morfossintaxe do infinitivo, nas línguas neolatinas, é a construção de preposições com o infinitivo. Em português, as preposições são empregadas não só com os infinitivos simples, mas também com as orações infinitivas (reduzidas).

- Todos começaram **a falar** sobre o assunto.
  infinitivo simples regido por preposição
- Não veio à festa **por tu saberes a verdade sobre o problema**.
  oração infinitiva regida por preposição

É fato, portanto, que, na língua portuguesa, a construção do infinitivo com a preposição tornou-se tão comum que alguns autores chegaram a empregar infinitivos na função de sujeito precedidos de preposição – situação desabonada pelos grandes estudiosos da nossa língua. Hoje, percebe-se que a tendência é omitir-se a preposição, salvo com alguns verbos. Abaixo, segue um rol não taxativo do emprego do infinitivo preposicionado.

1. **Frequentemente se emprega a preposição "A" antecedendo o infinitivo quando este forma construções perifrásticas (locuções verbais) com os verbos "COMEÇAR, ANTECIPAR-SE, APRESSAR-SE, ENTRAR (=COMEÇAR), CONTINUAR, TORNAR, CHEGAR, PÔR-SE".**

- Os grevistas **começaram a sair** da rodovia por volta das 17h.
- Assim que nós o vimos, **pusemo-nos a chorar** em virtude da forte emoção que o momento propiciava.
- Por causa do problema, a ministra **chegou a falar** com o Presidente da República.
- "Raimundo fechou a janela e recolheu-se à cama. Levantou-se de novo, **tornou a apanhar** a carta e releu-a. Só a assinatura o irritou." (Aluísio Azevedo)

2. **Regido de "POR", exerce o infinitivo a função de um adjetivo, indicando uma ação ou um estado não realizados.**

- homens por nascer
- capítulos por ler
- contas por saldar
- as pessoas por vir

3. **Em algumas situações, a preposição rege não o infinitivo simples, senão as orações infinitivas. Neste caso, a oração reduzida de infinitivo terá valor circunstancial (adverbial). Observe:**

- Deixamos a sala um pouco **por** enfadar-nos a conversa.
  A preposição rege uma oração reduzida de infinitivo, introduzindo uma circunstância de causa.

A preposição rege uma oração reduzida de infinitivo, introduzindo uma circunstância de condição.
- "**A** permanecerem os sintomas, o médico deverá ser consultado." (Ministério da Saúde)
- Entregou-nos uma nova inscrição **para** arquivarmos no local correto.
  A preposição rege uma oração reduzida de infinitivo, introduzindo uma circunstância de finalidade.

4. Emprega-se regido da preposição "DE" o infinitivo que serve de predicativo, equivalendo a um adjetivo.

- É **de** se admirar que ele até agora não tenha faltado com a verdade. (Equivale a "**É admirável...**")
- "Muito é **de** notar a tristeza de um cipreste em tanta altura." (Pe. Antonio Vieira *apud* Cláudio Brandão)
- É **de** se crer que o Governo Federal reduzirá em curto prazo os juros para a casa própria.

Observação:

Para um maior aprofundamento, sugerimos que estude o assunto "emprego do infinitivo" em sintaxe.

7.5.2 O GERÚNDIO

O gerúndio, como forma nominal que o é, aparece frequentemente como verbo principal em construções perifrásticas – locuções verbais. Para verificar tal emprego, sugerimos estudar (ou revisar) o assunto "locuções verbais", o qual já foi desenvolvido acima.

No entanto, por proceder do ablativo do gerúndio latino, o gerúndio português é geralmente empregado em função adverbial, equivalendo, portanto, a um advérbio. Logo, em seu emprego mais comum, o gerúndio funcionará como um transmissor de circunstâncias e exercerá o núcleo de uma oração subordinada adverbial, em sua forma reduzida.

Na função adverbial, pode o gerúndio denotar, como já se disse, várias circunstâncias. Nesse emprego, ele é denominado de "gerúndio absoluto". Vejamos alguns exemplos do gerúndio absoluto:

- **Sofrendo** com a perda da mãe, evitava festas e comemorações.
  gerúndio expressando circunstância de causa (→ porque, já que, visto que)
- Não **tendo** condições financeiras, não viaje para fora do país.
  gerúndio expressando circunstância de condição (→ se, caso)

  gerúndio expressando circunstância de concessão (→ embora, apesar de que)
- "Não quiseram, **sendo** letrados, resolver o escrúpulo por si mesmos." (Pe. Antônio Vieira)
- "Quem me manda ser triste, **podendo** viver contente?" (Augusto E. S. Dias)
  gerúndio expressando circunstância de tempo (→ enquanto)

  gerúndio expressando circunstância de meio
- "E das feridas se remediavam as doninhas, **esponjando**-se em uma moita de saramagos." (Bernardes *apud* Cláudio Brandão)

gerúndio expressando circunstância de modo

- "O céu se abria, **fuzilando** sobre a terra de uma parte e outra." (Godinho *apud* Cláudio Brandão)

gerúndio expressando circunstância de finalidade (→ a fim de que, para que)

- "Vim para estes ermos, **fugindo** das gentes para quem só anoiteceu e amanheceu." (Pe. Manuel Bernardes)
- "Estas estavam juntas de alto a baixo, **fazendo** um só corpo." (Bíblia Sagrada, Êxodo) *gerúndio expressando circunstância de consequência (→ de modo que, de maneira que)*

Em algumas situações, o fato enunciado pelo gerúndio não é rigorosamente simultâneo a outro, e sim anterior, realizado imediatamente antes ou pouco antes. Corresponde neste caso o gerúndio absoluto a uma oração temporal iniciada por "depois que, logo que". Observe:

- **Chegando** ao centro de convenções, procuramos falar com o organizador do evento.
- **Vendo** que o carro não saía do atoleiro, chamou um trator.

Em outras construções, quando o acontecimento ocorrido em primeiro lugar for enunciado por uma oração explícita, o gerúndio, denotando fato imediato, equivalerá geralmente a uma oração coordenativa iniciada pela conjunção "e". Veja:

- "Recebeu a joia, **entregando**-a depois à esposa." (M. Said Ali)
- "Seguiu-se-lhe o infante D. Pedro, e a este seu irmão D. Henrique, **acabando** a cerimônia com o conde de Barcelos." (F. J. Freire)

Hoje também é bastante comum o emprego do gerúndio precedido da preposição "em" para enunciar fatos vindouros, futuros. Neste caso, o gerúndio equivalerá a uma oração adverbial desenvolvida temporal, introduzida por "logo que, no momento em que". Vejamos:

- Em **chegando** a casa, telefonarei para a diretora da clínica.
  no momento em que chegar, logo que chegar
- Em **amanhecendo**, montaremos no cavalo e partiremos para a cidade grande.
  no momento em que chegar, logo que chegar

➪ **Observações:**

1. **Da facilidade que tem o gerúndio de exprimir circunstâncias tão diferentes, como causa, condição, concessão, tempo, finalidade, modo, resulta que o sentido só se pode apurar pelo contexto. É preciso, portanto, ter muito cuidado na classificação do gerúndio, pois frequentemente aparecem estruturas em que o gerúndio é suscetível de duas ou mais interpretações. Observe abaixo:**

- Um homem **tendo** dinheiro não deve passar fome.
  - → que tem dinheiro
  - → quando tem dinheiro
  - → se tem dinheiro

- "Mastigam os cavalos **escumando** os áureos freios com feroz semblante." (Camões)
  - → mastigam escumando
  - → os cavalos que escumam

2. **Para aprofundar o emprego do gerúndio absoluto – em função adverbial –, sugerimos que estude, em sintaxe do período composto, as orações subordinadas adverbiais reduzidas.**

7.5.2.1 O gerúndio em função adjetiva

A despeito de ser condenado por gramáticos de renome, hoje se vê, nos mais diferentes meios, o largo emprego do gerúndio em função adjetiva – gerúndio que se refere a um substantivo. Sabe-se, como já se demonstrou, que a principal função do gerúndio é funcionar como um núcleo adverbial, denotando circunstâncias diversas. Entretanto, já nos escritores clássicos, encontrava-se o emprego do gerúndio em função atributiva – adjetiva.

Observe o excerto abaixo:

- "Não faltam ali os raios, os trêmulos cometas IMITANDO; em vão assopra o vento, a vela INCHANDO; viram ao longe dous navios brandamente c'os ventos NAVEGANDO, que respiram." (Luís Vaz de Camões)

Perceba que já em Camões – nosso mestre dos mestres em língua portuguesa – encontrava-se o emprego do gerúndio em função adjetiva, já que os gerúndios acima equivalem literalmente a "QUE IMITAM", "QUE INCHA" e "QUE NAVEGAM".

Por isso, não há razão para hoje se condenar o emprego do gerúndio em função atributiva, adjetiva. Deve-se, é certo, empregá-lo com parcimônia, com cuidado, para se evitarem construções esdrúxulas, estapafúrdias, esquisitas, do tipo "Vi uma mulher **tendo quarenta anos**" em vez de "Vi uma mulher **que tinha quarenta anos**".

Vejamos outros exemplos do emprego correto do gerúndio em função adjetiva coletados em grandes escritores:

- "– Mas, Sr. José Dias, tenho visto os pequenos **brincando**, e nunca vi nada que faça desconfiar. Basta a idade." (Machado de Assis)
- "Vieram ter a um vale, pelo qual atravessava a cavalo um donzel pequeno **chorando**." (Morais *apud* Cláudio Brandão)
- "Os homens parecem-se com meninos **brigando** sobre a metade de uma maçã." (Manuel Bernardes)
- "E o vendeiro empurrou a porta do fundo da estalagem, de onde escapou, como de uma panela **fervendo** que se destapa, uma baforada quente, vozeria tresandante à fermentação de suores e roupa ensaboada **secando** ao sol." (Aluísio Azevedo)
- "...divergindo apenas no tamanho, tendo todas a mesma conformação, a mesma aparência de vegetais **morrendo**, quase sem troncos,..." (Euclides da Cunha)
- "O galope dos corcéis dá um som áspero de ferro **batendo** em pedra." (A. Herculano)
- "O leitor, depois deste exórdio, espera encontrar uma lei **abolindo** a tortura." (Camilo C. Branco)

7.5.2.2 Emprego inadequado do gerúndio – o gerundismo

Para a língua culta, o emprego desmedido – e desnecessário – do gerúndio constitui um erro grave, denominado de "gerundismo". Estruturas como "vou estar ligando", "você pode estar respondendo", "irei estar resolvendo" constituem mal emprego desta forma nominal tão prestimosa em nossa língua. Nessas construções, o tempo da ação passa a ser um futuro contínuo, o que não é indicado para ações que são concluídas em um só ato.

Não que a construção "ir + estar + gerúndio" não possa ser usada. Ela sempre será legítima quando estiver atrelada a outra ação situada no tempo. Logo, construções do tipo "Quando o jogo estiver passando, eu vou estar dormindo" são plenamente possíveis e corretas. Igualmente corretas são as estruturas em que o gerúndio possa indicar ações duradouras, prolongadas no tempo, como, por exemplo, "Amanhã vai estar chovendo" ou "Amanhã vou estar trabalhando o dia todo."

Observe agora dois exemplos:

- Fique tranquilo, pois eu **vou transmitir** sua solicitação para o nosso chefe. (emprego correto) *Aqui se faz a referência à ação em si.*
- Fique tranquilo, pois eu **vou estar transmitindo** sua solicitação para o nosso chefe. (emprego inadequado) *Aqui se faz referência não somente à ação, mas também à duração (tempo) da ação. Transmite-se a ideia de que se vai buscar tempo para o cumprimento da ação.*

7.5.3 O PARTICÍPIO

Literalmente, particípio é "a palavra que participa da natureza do adjetivo e do verbo". Esta definição explicita o caráter misto do particípio – possui natureza adjetival enquanto modificador de um nome; possui também natureza verbal, pois pode apresentar as flexões de voz, de modo, de tempo e de número próprias dos verbos.

↱ Natureza de adjetivo, pois se refere a um substantivo.
- Foram várias as pessoas **mortas** pelo furacão.
↳Natureza verbal, pois apresenta as flexões próprias dos verbos.

7.5.3.1 O particípio circunstancial

À semelhança do gerúndio, o particípio pode funcionar como núcleo verbal em orações subordinadas adverbiais, expressando circunstâncias como as de "tempo, causa, condição, concessão". Neste caso, é denominado de "particípio circunstancial absoluto". Observe os exemplos abaixo:

- **Feita** a separação de corpos, as partes tomaram cada uma o seu rumo.
  particípio expressando circunstância de tempo

  particípio expressando circunstância de causa
- "**Edificado** então o moço, se lançou aos pés do Santo e lhe pediu perdão." (Manuel Bernardes)
- "**Praticado** por outra pessoa, este ato não mereceria censura." (Cláudio Brandão)
  particípio expressando circunstância de condição
- **Feito** por artista de fama, este quadro não agradou aos que entendem de arte.
  particípio expressando circunstância de concessão

7.5.3.2 Emprego do particípio

Na língua portuguesa contemporânea, o particípio é empregado:

1) Para a formação de orações subordinadas adjetivas reduzidas. Neste caso, o particípio poderá ser desenvolvido com o uso dos pronomes relativos.

- "Era chegada a vigília dos dois Apóstolos S. Pedro e S. Paulo, tão **celebrados** na Cristandade." (Castilho)
- A porta da igreja, **aberta** com um violento impulso, rompeu-se em um dos lados.

2) Como simples adjetivo (adjetivo de base participial), modificando nomes com os quais concordará em gênero e número. Neste caso, o particípio indicará a passividade do nome modificado.

▹ mão **ferida** ▹ filhos **amados** ▹ meninos **queridos** pelos professores

➯ **Observação:**

Por seu valor de adjetivo, os particípios passivos acima podem ser desdobrados em orações adjetivas de sentido passivo: "que foi ferida", "que são amados", "que são queridos".

3) Para a formação de tempos compostos da voz ativa com os verbos auxiliares "ter" e "haver". Neste caso, o particípio ativo permanecerá invariável.

▹ Nós teríamos **perecido** não fossem os avisos dos guias.

▹ Por segurança, eles haviam **deixado** os mantimentos no pé da montanha.

▹ Se eu soubesse que o filme seria aquele, eu teria **ido** ao cinema.

4) Para a formação de locuções verbais da voz passiva analítica. Geralmente as locuções são formadas com os verbos auxiliares "ser", "estar", "ficar" e "permanecer". Destes verbos auxiliares, o verbo "ser" é indiscutivelmente o mais usado para a formação da locução verbal da voz passiva.

▹ Durante a viagem, os aviões foram **atingidos** por vários relâmpagos.

▹ "Este amor foi **desprezado** e **ludibriado**, e, depois, **comprimido** pelo desprezo e pelo ludíbrio no fundo do coração do teu pobre amigo." (A. Herculano)

▹ Os retirantes vinham **fustigados** pelo sol, pela terra árida e seca.

➯ **Observação:**

Conquanto haja a orientação de se empregar o particípio irregular com os verbos "ser" e "estar" para a formação de locuções verbais da voz passiva, o uso tem consagrado o emprego da forma regular do particípio para a formação da passiva. É o caso, por exemplo, dos particípios "imprimido, sujeitado, envolvido, ocultado".

5) Para a formação de orações adverbiais reduzidas. Nesse caso, se o verbo apresentar duplo particípio, usar-se-á tão somente a sua forma irregular. Observe:

- **Assinada** a escritura, o comprador imitiu-se na posse do imóvel.
- **Aceitas** as condições, assinou-se o contrato.
- **Feitas** as contas, constatou-se que havia um tremendo prejuízo.
- "**Entregue** a preocupações artísticas e religiosas, não atenta na desarmonia orgânica de uma sociedade prostituída pela mácula servil." (Rui Barbosa)

7.5.3.3 Verbos com duplo particípio

Há vários verbos em nossa língua que apresentam mais de uma forma para o particípio – são verbos abundantes. Ao lado da forma regular terminada em "-ado" ou "-ido", existe uma forma irregular (reduzida) ou anormal. Observe uma pequena amostra de verbos com duplo particípio.

Infinitivo do verbo	Particípio regular	Particípio irregular
aceitar	aceitado	aceito
acender	acendido	aceso
anexar	anexado	anexo
benzer	benzido	bento
dispersar	dispersado	disperso
eleger	elegido	eleito
emergir	emergido	emerso
encher	enchido	cheio
entregar	entregado	entregue
enxugar	enxugado	enxuto
erigir	erigido	ereto
expressar	expressado	expresso
exprimir	exprimido	expresso
expulsar	expulsado	expulso
extinguir	extinguido	extinto
frigir	frigido	frito
ganhar	ganhado	ganho
imergir	imergido	imerso
imprimir	imprimido	impresso
incluir	incluído	incluso
incorrer	incorrido	incurso
inserir	inserido	inserto

Infinitivo do verbo	**Particípio regular**	**Particípio irregular**
isentar	isentado	isento
limpar	limpado	limpo
matar	matado	morto
morrer	morrido	morto
ocultar	ocultado	oculto
omitir	omitido	omisso
pagar	pagado	pago
pegar	pegado	pego
prender	prendido	preso
romper	rompido	roto
salvar	salvado	salvo
secar	secado	seco
segurar	segurado	seguro
soltar	soltado	solto
submergir	submergido	submerso
suspender	suspendido	suspenso
tingir	tingido	tinto
vagar	vagado	vago

➾ **Observações:**

a) Não raro o usuário da língua se deparar com questões do tipo: "Eu tinha aceitado (ou aceito??) o emprego se...". Para dirimir tal celeuma, vale aprovisionar a seguinte regra: emprega-se o particípio regular com os verbos "ter" e "haver" para a formação de tempos compostos da voz ativa. Já as formas irregulares, quando existem, são empregadas para a formação das locuções verbais da voz passiva.

Observe:

↱ particípio regular

▹ A polícia tem **matado** muitos bandidos no Rio de Janeiro.

↳ formação de tempo composto da voz ativa

↱ particípio irregular

▹ Muitos bandidos foram mortos pela polícia no Rio de Janeiro.

↳ formação de locução verbal da voz passiva

- "Da civilização romana elas não haviam **aceitado** senão a cultura intelectual e as sublimes teorias morais do cristianismo." (A. Herculano)
- "A mulata convidou-os logo a comer um bocado e beber um trago. A proposta foi **aceita** alegremente." (Aluísio Azevedo)
- "Contam que, em rapaz, foi **aceito** de muitas damas, além de partidário exaltado." (Machado de Assis)
- "Houve mais; supondo que ela o tivesse **aceitado** e casassem, pensava agora no esplêndido enterro que lhe faria." (Machado de Assis)

b) Alguns particípios regulares – *fazido, abrido, cobrido,* por exemplo – caíram em desuso, sendo hoje usadas, tanto para a voz ativa quanto para a voz passiva, as suas formas irregulares – *feito, aberto, coberto* e *pago.*

- Ele tem **feito** grandes obras no interior. (ativa)
- Grandes obras foram **feitas** no interior. (passiva)

c) Os particípios irregulares são formas "contratas". Muitas destas formas são usadas hoje, consoante já se disse, como meros adjetivos: trem "***expresso***", homem "***cego***", mata "***densa***", carga "***pensa***", roupa "***seca***", vinho "***tinto***".

d) Alguns verbos, especialmente da 2.ª e da 3.ª conjugação, nunca tiveram a forma regular de particípio, apresentando apenas a forma irregular. É o caso, por exemplo, de *"dizer / dito, escrever / escrito, vir / vindo".* Os derivados desses verbos, portanto, só possuem naturalmente o particípio irregular: *"desdito, reescrito, provindo".*

7.5.3.4 Particípio passivo de sentido ativo

Em algumas situações, os particípios assumem sentido ativo, a despeito de apresentarem as flexões típicas da voz passiva. Quando isto ocorre, diz-se que o particípio é **depoente**, isto é, com forma passiva e significação ativa. Observe:

- Ela é uma mulher **agradecida**. → Isto é "Ela é uma mulher que agradece".
- Ele é um menino **atrevido**. → Isto é "Ele é um menino que se atreve".
- Ele é um homem **ocupado**. → Isto é "Ele é um homem que se ocupa."
- É um rapaz **esforçado**. → Isto é "É um rapaz que se esforça."
- Tem uma filha **parecida** com ele. → Isto é "Tem uma filha que se parece com ele".

- São crianças **sabidas**. → Isto é "São crianças que sabem muito."
- São pessoas **comedidas**. → Isto é "São pessoas que têm comedimento."
- Assumiram atitudes **dissimuladas**. → Isto é "Assumiram atitudes que dissimulam."

7.6 CLASSIFICAÇÃO MORFOLÓGICA DOS VERBOS

São vários os critérios para a classificação morfológica dos verbos. Estudaremos os principais.

7.6.1 QUANTO À TERMINAÇÃO

Os verbos podem ser de 1.ª CONJUGAÇÃO, de 2.ª CONJUGAÇÃO e de 3.ª CONJUGAÇÃO.

1. São de 1.ª conjugação os verbos que apresentam infinitivo em "AR". São exemplos de verbos de 1.ª conjugação "amar, falar, bebericar, matar, calar, farfalhar".
2. São de 2.ª conjugação os verbos que apresentam infinitivo em "ER". São exemplos de verbos de 2.ª conjugação "beber, fenecer, ler, amanhecer, dever".
3. São de 3.ª conjugação os verbos que apresentam infinitivo em "IR". São exemplos de verbos de 3.ª conjugação "partir, falir, partir, combalir, embair, cair".

⇨ **Observação:**

O verbo "pôr", em virtude de sua etimologia "poer", pertence à 2.ª conjugação.

7.6.2 QUANTO À FLEXÃO OU À CONJUGAÇÃO

Os verbos podem ser REGULARES, IRREGULARES, DEFECTIVOS, ABUNDANTES e PRONOMINAIS.

1. **Verbo regular** é aquele cujo tema permanece invariável, e a terminação se flexiona de acordo com um tipo geral ou modelo da conjugação, chamado de "paradigma da conjugação." Como exemplos de verbos regulares, podemos citar: andar, cantar, falar (1.ª conjugação); beber, comer, viver (2.ª conjugação); partir, dividir, produzir (3.ª conjugação).

2. **Verbo irregular** é aquele que não segue o paradigma regular de sua conjugação. O verbo irregular se caracteriza por sofrer alterações em seu tema na sua conjugação. Podemos citar como exemplos de verbos irregulares os verbos "perder, dormir, ter, trazer" etc.

➾ **Observação:**

Há dois verbos irregulares na língua portuguesa que, em virtude das profundas mudanças por que passam em suas conjugações, recebem a denominação especial de "**anômalos**". São os verbos "ser" e "ir", pois apresentam formas como "sou, fui, era, serei, for" etc.

3. **Verbo defectivo** é aquele que não apresenta todos os modos, tempos ou pessoas próprios dos verbos. Como o próprio nome já diz, é o verbo que apresenta algum "defeito" em sua conjugação. Podemos citar como exemplo de verbos defectivos "precaver, reaver, demolir, falir, prazer, florir, soer, abolir, ruir, carpir, adir, adequar" etc.

➾ **Observação:**

Os verbos defectivos serão estudados em parte específica, um pouco mais à frente.

4. **Verbo abundante** é aquele que apresenta mais de uma forma de conjugação para certos tempos, modos ou pessoas. Geralmente, esta abundância se dá no particípio – o qual já foi objeto de estudo. Raros são os verbos que apresentam abundância fora da forma participial. Podemos citar à guisa de exemplo os verbos "construir" (apresenta as formas "construís" ou "constróis") e "comprazer" (apresenta as formas "comprazi-me e comprouve-me").

➾ **Observação:**

Para estudar um pouco mais sobre os verbos abundantes, sugerimos que revise o tópico "verbos com duplo particípio".

5. Verbo pronominal é aquele que só é conjugado com o auxílio de um pronome pessoal oblíquo, átono. Os pronominais são divididos em:
   a) **Essencialmente pronominais** (são sempre conjugados com o pronome oblíquo): "arrepender-se, queixar-se, dignar-se, abster-se, apoderar-se, suicidar-se, ausentar-se, atrever-se, comportar-se".
   b) **Acidentalmente pronominais** (aqueles que podem ser conjugados com ou sem o auxílio do pronome oblíquo): "ajuntar-se, matar-se, atribuir-se, lembrar-se, debater-se, enganar-se, pentear-se, destinar-se, defender-se".

➾ **Observação:**

Veja um pouco mais à frente a conjugação de um verbo pronominal.

7.6.3 QUANTO À FUNÇÃO

Os verbos são classificados em AUXILIARES, PRINCIPAIS e VICÁRIOS.

1. Verbo auxiliar é aquele que, empregado ao lado de uma forma nominal do verbo (infinitivo, gerúndio ou particípio), formará as locuções verbais e os tempos compostos. Ademais, é o verbo auxiliar que receberá as flexões de tempo, número e pessoa, uma vez que o verbo principal se encontra em uma forma cristalizada (infinitivo, gerúndio ou particípio). Frequentemente, funcionam como auxiliares os verbos "**ser**, **estar**, **ter** e **haver**". Entretanto, outros verbos podem funcionar como auxiliares, como os verbos "**ir**, **dever**, **poder**, **querer**, **andar**" etc.

- **tenho** feito
- **estávamos** saindo
- **vai** sair
- **hão** de comprar
- **fui** ferido

2. Verbo principal é, como o próprio nome já o diz, aquele de significação plena e que funciona como núcleo de uma oração. Geralmente, a noção de verbo principal se sobressai quando se fala em locuções verbais e em tempos compostos, já que estas construções perifrásticas são necessariamente formadas por um verbo auxiliar e um verbo principal.

- **Jogarei** bola amanhã.
- Hei de **levar** o produto ainda hoje.
- **Chegaremos** cedo.

3. Verbo vicário é aquele empregado em lugar de outro verbo anteriormente enunciado para se evitar sua repetição. É um poderoso recurso de coesão

textual, pois torna o texto conciso e elegante. Geralmente são empregados como vicários os verbos "ser" e "fazer".

- Deveria entregar o processo até as 17h, mas não o **fez.**
- Quase sempre ele não estudava. Quando o **fazia, era** para obter alguma vantagem do pai.

7.6.4 QUANTO À SIGNIFICAÇÃO OU AO ASPECTO (SENTIDO EXPRESSO)

Os verbos podem ser classificados em IMITATIVOS, FREQUENTATIVOS ou ITERATIVOS, INCOATIVOS, AUMENTATIVOS e DIMINUTIVOS.

1. **Verbos imitativos** (chamados também de onomatopaicos) são aqueles que expressam a própria ação dos nomes de que derivam. Observe:

- balançar, balancear → de balança
- serpentear → de serpente
- latinizar → de latim
- patinhar → de pato
- engatinhar → de gato
- judiar → de judeu
- corvejar → de corvo
- gralhar → de gralha

2. **Verbos frequentativos** (chamados também de iterativos) são aqueles que exprimem ação repetida, frequente, reiterada. São verbos geralmente derivados de nomes e até mesmo de verbos com as terminações "-ejar, -ear, -itar, -inhar". Vejamos alguns:

- bravejar → de bravo
- doidejar → de doido
- estalejar → de estalar
- bordejar → de bordo
- cabecear → de cabeça
- pestanejar → de pestana
- saltitar, saltear → de saltar
- passear → de passar
- cravejar → de cravar
- almejar → de alma

3. **Verbos incoativos** são aqueles que indicam o início de uma ação ou de um estado. Observe alguns:

- alvorecer → de alvo
- enraivecer → de raiva
- amarelecer → de amarelo
- esclarecer → de claro
- iniciar → de início
- envelhecer → de velho

- amanhecer → de manhã
- começar → de começo
- florescer → de flor
- madurar → de maduro

4. **Verbos aumentativos** são verbos derivados cuja significação é aumentada ou avivada para mais, geralmente com o auxílio de prefixos.

- recontar → de contar
- estrondear → de estrondar
- repousar → de pousar
- ressoar → de soar
- esmurraçar → de esmurrar
- rever → de ver
- recrescer → de crescer
- tressuar → de suar

5. **Verbos diminutivos** são verbos derivados cuja significação é aumentada ou avivada para menos, geralmente com o emprego de sufixos. Tais verbos transmitem nítida significação de diminuição, de atenuação.

- adocicar → de adoçar
- chuviscar → de chover
- lambiscar → de lamber
- mordiscar → de morder
- bebericar → de beber
- cuspinhar → de cuspir
- namoricar → de namorar
- saltitar → de saltar

7.6.5 QUANTO À FORMAÇÃO

Os verbos são classificados em PRIMITIVOS e DERIVADOS.

1. **Verbo primitivo** é aquele que não foi formado por nenhum outro verbo preexistente.

- pôr
- cantar
- ter
- ver
- vir

2. **Verbo derivado** é aquele que foi formado a partir de outro verbo preexistente.

- depor
- encantar
- deter
- rever
- provir

7.6.6 QUANTO À PRESENÇA OU NÃO DE UM SUJEITO

Os verbos são classificados em PESSOAIS, UNIPESSOAIS e IMPESSOAIS.

1. **Verbo pessoal** é aquele que apresenta sujeito, quer este seja explícito, quer seja implícito.

- **Iremos** à casa da vovó.
  sujeito = nós
- Os rapazes **sairão** hoje à noite.
  sujeito = os rapazes
- **Nadei** por vários minutos.
  sujeito = eu

2. **Verbo unipessoal** é aquele que praticamente só é usado na 3.ª pessoa, ora do singular, ora do plural, pois o seu sujeito é necessariamente da 3.ª pessoa. São unipessoais todos os verbos que indicam vozes de animais, como "grunhir, cacarejar, latir, miar, piar" etc. Outros verbos também se apresentam na forma unipessoal, como os verbos "prazer e doer".

3. **Verbo impessoal** é aquele que não possui sujeito para que com este concorde. Por convenção, os verbos impessoais são sempre empregados na 3.ª pessoa do singular. São impessoais, por exemplo, todos os verbos que indicam fenômenos da natureza, como "chover, ventar, relampejar, gear" etc. Outro caso bastante conhecido é o do verbo HAVER no sentido de "existir, acontecer, ocorrer, realizar-se" e do verbo "fazer" quando indica tempo decorrido.

➾ **Observação:**

Para aprofundar o conhecimento sobre os verbos impessoais, sugerimos que estude, em sintaxe, o tópico sobre as orações sem sujeito.

7.7 VERBOS DEFECTIVOS

Como já mencionamos, verbos defectivos (latim "defectum" = defeituoso, deficiente) são aqueles que não apresentam conjugação completa, pois, em virtude de alguns fatores, tais verbos são faltantes em modos, tempos e pessoas.

Na língua portuguesa, são defectivos os seguintes verbos e/ou grupos verbais:

1. **Todos os verbos impessoais** – verbos que não apresentam sujeito e, portanto, só são empregados, por convenção, na 3.ª pessoa do singular. São denominados de "verbos defectivos impessoais".

Convém a esta altura salientar que a defectividade, na língua portuguesa, não é só em relação à ausência do modo, do tempo ou da pessoa por parte

de um verbo, mas ela se dá também em relação ao emprego do verbo. Se prestarmos atenção, perceberemos que o verbo HAVER é conjugado em todos os modos, tempos e pessoas. Entretanto, quando é empregado no sentido de *"existir, ocorrer, realizar-se, acontecer"*, só pode ser usado na 3.ª pessoa do singular. Por isso, diz-se que a impessoalidade é um caso de defectividade na língua portuguesa.

2. **Todos os verbos unipessoais** - verbos que, por situações especiais, são conjugados tão somente na 3.ª pessoa do singular ou do plural. Isso ocorre frequentemente com os verbos "convir, acontecer, doer, *ocorrer, suceder, importar, constar" e com os verbos que indicam sons* dos animais, como "latir, miar, grunhir, mugir, relinchar, cacarejar, silvar, grugulejar etc.".

3. **Verbos que, por questões fonéticas (podem provocar confusão com as formas de outro verbo ou apresentam uma sonoridade reprovável), não apresentam a 1.ª pessoa do singular do presente do indicativo, nem o presente do subjuntivo. Tais verbos só apresentam as pessoas "tu" e "vós" no imperativo afirmativo, já que o imperativo negativo para eles inexiste.** Pertencem a este grupo os verbos "abolir, aturdir, banir, carpir (capinar, arrancar), colorir, computar, delinquir, delir (apagar, esvanecer), demolir, exaurir (esgotar, acabar), extorquir, florir, fulgir (brilhar, resplandecer), jungir (juntar, unir, ligar), retorquir (argumentar contrariamente, replicar), soer (costumar, acontecer com frequência), urgir (ser urgente), tinir (soar)".

   Observe o fenômeno da defectividade com o verbo "abolir":

PRESENTE DO INDICATIVO	PRESENTE DO SUBJUNTIVO	IMPERATIVO	
		AFIRMATIVO	NEGATIVO
-	-	-	-
aboles	-	**abole**	-
abole	-	-	-
abolimos	-	-	-
abolis	-	**aboli**	-
abolem	-	-	-

4. **Verbos que, por questões fonéticas (podem provocar confusão com as formas de outro verbo ou apresentam uma sonoridade reprovável), não apresentam as três pessoas do singular e a 3.ª pessoa do plural do**

presente de indicativo, nem o presente do subjuntivo. No imperativo afirmativo, só apresentam o "vós". Inexiste, por conseguinte, o imperativo negativo. Pertencem a este grupo os verbos "precaver, aguerrir, adequar, empedernir (petrificar), remir (resgatar), fornir (abastecer, prover), falir, embair (iludir, seduzir), adir (acrescentar, adicionar), renhir (disputar, pleitear)".

Observe a conjugação defectiva do verbo "precaver".

PRESENTE DO INDICATIVO	PRESENTE DO SUBJUNTIVO	IMPERATIVO	
		AFIRMATIVO	NEGATIVO
–	–	–	–
–	–	–	–
–	–	–	–
precavemos	–	–	–
precaveis	–	**precavei**	–
–	–	–	–

5. **O verbo REAVER.** Este verbo é inteiramente derivado do verbo HAVER, mas só se conjuga nas formas em que o seu primitivo apresenta a letra "V". No presente do indicativo só apresenta a 1.ª e 2.ª pessoas. Logo, não apresenta nenhuma forma do presente do subjuntivo. No imperativo afirmativo, só possui a 2.ª pessoa do plural.

Observe:

PRESENTE DO INDICATIVO DO VERBO "HAVER"	PRESENTE DO INDICATIVO DO VERBO "REAVER"	IMPERATIVO DO VERBO "REAVER"	
		AFIRMATIVO	NEGATIVO
hei	–	–	–
hás	–	–	–
há	–	–	–
havemos	**reavemos**	–	–
haveis	**reaveis**	**reavei**	–
hão	–	–	–

➯ **Observação:**

Convém salientar que o verbo reaver apresenta os demais tempos. Observe abaixo toda a conjugação do verbo REAVER:

Reaver

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
-	reavia	reaverei	reaveria	reouve	reouvera
-	reavias	reaverás	reaverias	reouveste	reouveras
-	reavia	reaverá	reaveria	reouve	reouvera
reavemos	reavíamos	reaveremos	reaveríamos	reouvemos	reouvéramos
reaveis	reavíeis	reavereis	reaveríeis	reouvestes	reouvéreis
-	reaviam	reaverão	reaveriam	reouveram	reouveram

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
-	reouvesse	reouver	-	reaver	reavendo
-	reouvesses	reouveres	-	reaveres	
-	reouvesse	reouver	-	reaver	**Particípio**
-	reouvéssemos	reouvermos	-	reavermos	reavido
-	reouvésseis	reouverdes	reavei	reaverdes	
-	reouvessem	reouverem	-	reaverem	

➾ Observações gerais sobre os verbos defectivos:

1. O verbo "computar", a despeito de ser classificado como verbo regular pelo dicionário Houaiss, é considerado pela maioria dos estudiosos da língua portuguesa como "defectivo" em virtude de sua péssima sonoridade. E, de fato, é assim que ele deve ser classificado, pois ninguém em sã consciência diria "eu computo", "tu computas", "ele computa".

2. O verbo "viger", bastante usado no meio jurídico, é defectivo, pois só é conjugado nas formas em que ao "G" segue-se a letra "E". Portanto, tal verbo não apresenta a 1.ª pessoa do singular do presente do indicativo "eu vijo". Consequentemente, este verbo não apresentará os tempos derivados do presente do indicativo – presente do subjuntivo e, por conseguinte, o modo imperativo.

Presente do Indicativo

eu /
tu viges

ele	vige
nós	vigemos
vós	vigeis
eles	vigem

3. O problema da defectividade verbal deve ser suprido com o emprego de circunlóquios – verbos ou substantivos sinônimos ou de locuções verbais (construções perifrásticas). Observe abaixo algumas sugestões:

   a) Eu sempre me **adapto** bem às novas situações. (para o lugar do verbo "adequar")

   b) Eles sempre se **previnem** contra o sol. (para o lugar do verbo "precaver")

   c) É importante que essas rosas **floresçam** durante o inverno. (para o lugar do verbo "florir")

   d) Ele **está abolindo** o fumo de sua vida. (locução com o verbo "abolir")

   e) Eu **destruo** tudo o que pode me causar mal. (para o lugar do verbo "demolir")

   f) Nós queremos que ele **recupere** o dinheiro perdido. (para o lugar do verbo "reaver")

7.8 PARADIGMAS DE CONJUGAÇÃO VERBAL – CONJUGAÇÃO DE DIVERSOS VERBOS

Sem dúvida, aqui está uma parte da gramática normativa que merece toda a sua atenção. Frequentemente, os concursos cobram dos candidatos a correta conjugação de vários verbos. Portanto, vamos ao conteúdo abaixo. Uma sugestão: estude aos poucos e não se desespere com a quantidade de detalhes. Procure aprovisionar as informações aos poucos. Algumas são essenciais, outras, nem tanto.

Procuramos abaixo selecionar os principais verbos que apresentam dificuldades em suas conjugações.

7.8.1 CONJUGAÇÃO DOS VERBOS AUXILIARES "SER, ESTAR, TER E HAVER"

Ser

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
sou	era	serei	seria	fui	fora
és	eras	serás	serias	foste	foras
é	era	será	seria	foi	fora
somos	éramos	seremos	seríamos	fomos	fôramos
sois	éreis	sereis	seríeis	fostes	fôreis
são	eram	serão	seriam	foram	foram
SUBJUNTIVO			**IMPERATIVO AFIRMATIVO**	**FORMAS NOMINAIS**	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
seja	fosse	for	–	ser	sendo
sejas	fosses	fores	sê	seres	
seja	fosse	for	seja	ser	**Particípio**
sejamos	fôssemos	formos	sejamos	sermos	sido
sejais	fôsseis	fordes	sede	serdes	
sejam	fossem	forem	sejam	serem	

Estar

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
estou	estava	estarei	estaria	estive	estivera
estás	estavas	estarás	estarias	estiveste	estiveras
está	estava	estará	estaria	esteve	estivera
estamos	estávamos	estaremos	estaríamos	estivemos	estivéramos
estais	estáveis	estareis	estaríeis	estivestes	estivéreis
estão	estavam	estarão	estariam	estiveram	estiveram
SUBJUNTIVO			**IMPERATIVO AFIRMATIVO**	**FORMAS NOMINAIS**	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
esteja	estivesse	estiver	–	estar	estando
estejas	estivesses	estiveres	está	estarem	
esteja	estivesse	estiver	esteja	estar	**Particípio**
estejamos	estivéssemos	estivermos	estejamos	estarmos	estado
estejais	estivésseis	estiverdes	estai	estardes	
estejam	estivessem	estiverem	estejam	estarem	

Ter

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
tenho	tinha	terei	teria	tive	tivera
tens	tinhas	terás	terias	tiveste	tiveras
tem	tinha	terá	teria	teve	tivera
temos	tínhamos	teremos	teríamos	tivemos	tivéramos
tendes	tínheis	tereis	teríeis	tivestes	tivéreis
têm	tinham	terão	teriam	tiveram	tiveram

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
tenha	tivesse	tiver	–	ter	tendo
tenhas	tivesses	tiveres	tem	teres	
tenha	tivesse	tiver	tenha	ter	**Particípio**
tenhamos	tivéssemos	tivermos	tenhamos	termos	tido
tenhais	tivésseis	tiverdes	tende	terdes	
tenham	tivessem	tiverem	tenham	terem	

Haver

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
hei	havia	haverei	haveria	houve	houvera
hás	havias	haverás	haverias	houveste	houveras
há	havia	haverá	haveria	houve	houvera
havemos	havíamos	haveremos	haveríamos	houvemos	houvéramos
haveis	havíeis	havereis	haveríeis	houvestes	houvéreis
hão	haviam	haverão	haveriam	houveram	houveram

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
haja	houvesse	houver	–	haver	havendo
hajas	houvesses	houveres	há	haveres	
haja	houvesse	houver	haja	haver	**Particípio**
hajamos	houvéssemos	houvermos	hajamos	havermos	havido
hajais	houvésseis	houverdes	havei	haverdes	
hajam	houvessem	houverem	hajam	haverem	

➾ Observações importantes:

a) De forma excepcional, o verbo "ser" apresenta formas anômalas para o "tu" e o "vós". Teremos, respectivamente, "sê" e "sede", pois as segun-

das pessoas do imperativo do verbo SER foram tiradas de um antigo presente do verbo "SEER" (sees, seedes), do latim "SEDERE".

7.8.2 CONJUGAÇÃO DE VERBOS DERIVADOS

Há um sem-número de verbos na língua portuguesa que são derivados de outros, ditos "primitivos". Frequentemente, cobra-se de um candidato a um concurso o conhecimento sobre a conjugação destes verbos. E, em virtude da fonia e da grafia esdrúxulas que alguns apresentam, muitos e frequentes são os erros. É preciso, portanto, ficar atento à regra: **a conjugação do verbo derivado segue a conjugação do seu verbo primitivo.** Logo, basta conjugar o verbo primitivo e lhe acrescentar o prefixo. Observe abaixo a conjugação do verbo "PROPOR", derivado do verbo "PÔR".

Propor

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
proponho	**pro**punha	**pro**porei	**pro**poria	**pro**pus	**pro**pusera
propões	**pro**punhas	**pro**porás	**pro**porias	**pro**puseste	**pro**puseras
propõe	**pro**punha	**pro**porá	**pro**poria	**pro**pôs	**pro**pusera
propomos	**pro**púnhamos	**pro**poremos	**pro**poríamos	**pro**pusemos	**pro**puséramos
propondes	**pro**púnheis	**pro**poreis	**pro**poríeis	**pro**pusestes	**pro**puséreis
propõem	**pro**punham	**pro**porão	**pro**poriam	**pro**puseram	**pro**puseram

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
proponha	**pro**pusesse	**pro**puser	–	**pro**por	**pro**pondo
proponhas	**pro**pusesses	**pro**puseres	**pro**põe	**pro**pores	
proponha	**pro**pusesse	**pro**puser	**pro**ponha	**pro**por	**Particípio**
proponhamos	**pro**puséssemos	**pro**pusermos	**pro**ponhamos	**pro**pormos	**pro**posto
proponhais	**pro**pusésseis	**pro**puserdes	**pro**ponde	**pro**pordes	
proponham	**pro**pusessem	**pro**puserem	**pro**ponham	**pro**porem	

Perceba que toda a conjugação foi baseada no verbo "pôr", que é o seu primitivo. Semelhantemente, conjugam-se verbos como:

a) repor, depor, supor, dispor → derivados do verbo "pôr"
b) convir, intervir, advir, provir → derivados do verbo "vir".
c) ater-se, conter, reter, manter, deter → derivados do verbo "ter"
d) prever, rever, antever, circunver → derivados do verbo "ver".

7.8.3 CONJUGAÇÃO DOS VERBOS TERMINADOS NOS HIATOS "-AIR, -OER, -UIR"

Estes verbos são interessantes porque frequentemente se veem empregadas formas como "possue, restitue, constitue, róe". Ora, a 3.ª pessoa do singular do presente do indicativo apresenta a desinência "i" e jamais "e", como pensam alguns. Portanto, fique atento à conjugação de verbos como "sair, cair, abstrair, contrair, moer, roer, doer, remoer, possuir, construir, restituir, constituir etc.".

Veja abaixo a conjugação do verbo "possuir".

Possuir

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
possuo	possuía	possuirei	possuiria	possuí	possuíra
possuis	possuías	possuirás	possuirias	possuíste	possuíras
possui	possuía	possuirá	possuiria	possuiu	possuíra
possuímos	possuíamos	possuiremos	possuiríamos	possuímos	possuíramos
possuís	possuíeis	possuireis	possuiríeis	possuístes	possuíreis
possuem	possuíam	possuirão	possuiriam	possuíram	possuíram

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo Flexionado**	**Gerúndio**
possua	possuísse	possuir	–	possuir	possuindo
possuas	possuísses	possuíres	possui	possuíres	
possua	possuísse	possuir	possua	possuir	**Particípio**
possuamos	possuíssemos	possuirmos	possuamos	possuirmos	possuído
possuais	possuísseis	possuirdes	possuí	possuirdes	
possuam	possuíssem	possuírem	possuam	possuírem	

7.8.4 CONJUGAÇÃO DE VERBOS IRREGULARES

São verbos que, como já se disse, não seguem um paradigma de conjugação. Sofrem, por isso, bruscas alterações em seus radicais. Abaixo, segue a conjugação de três verbos irregulares: "pedir, caber e trazer".

Pedir

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que--perfeito**
peço	pedia	pedirei	pediria	pedi	pedira
pedes	pedias	pedirás	pedirias	pediste	pediras
pede	pedia	pedirá	pediria	pediu	pedira
pedimos	pedíamos	pediremos	pediríamos	pedimos	pedíramos
pedis	pedíeis	pedireis	pediríeis	pedistes	pedíreis
pedem	pediam	pedirão	pediriam	pediram	pediram

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
peça	pedisse	pedir	–	pedir	pedindo
peças	pedisses	pedires	pede	pedires	
peça	pedisse	pedir	peça	pedir	**Particípio**
peçamos	pedíssemos	pedimos	peçamos	pedirmos	pedido
peçais	pedísseis	pedirdes	pedi	pedirdes	
peçam	pedissem	pedirem	peçam	pedirem	

Caber

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que--perfeito**
caibo	cabia	caberei	caberia	coube	coubera
cabes	cabias	caberás	caberias	coubeste	coubera
cabe	cabia	caberá	caberia	coube	coubera
cabemos	cabíamos	caberemos	caberíamos	coubemos	coubéramos
cabeis	cabíeis	cabereis	caberíeis	coubestes	coubéreis
cabem	cabiam	caberão	caberiam	couberam	couberam

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
caiba	coubesse	couber	–	caber	cabendo
caibas	coubesses	couberes	–	caberes	
caiba	coubesse	couber	–	caber	**Particípio**
caibamos	coubéssemos	coubermos	–	cabermos	cabido
caibais	coubésseis	couberdes	–	caberdes	
caibam	coubessem	couberem	–	caberem	

Trazer

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
trago	trazia	trarei	traria	trouxe	trouxera
trazes	trazias	trarás	trarias	trouxeste	trouxeras
traz	trazia	trará	traria	trouxe	trouxera
trazemos	trazíamos	traremos	traríamos	trouxemos	trouxéramos
trazeis	trazíeis	trareis	traríeis	trouxestes	trouxéreis
trazem	traziam	trarão	trariam	trouxeram	trouxeram

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
traga	trouxesse	trouxer	–	trazer	trazendo
tragas	trouxesses	trouxeres	traz/traze	trazeres	
traga	trouxesse	trouxer	traga	trazer	**Particípio**
tragamos	trouxéssemos	trouxermos	tragamos	trazermos	trazido
tragais	trouxésseis	trouxerdes	trazei	trazerdes	
tragam	trouxessem	trouxerem	tragam	trazerem	

7.8.5 CONJUGAÇÃO DE VERBOS PRONOMINAIS

São verbos especiais, porque necessariamente são conjugados com o auxílio de um pronome pessoal do caso oblíquo. São exemplos desses verbos "arrepender-se, queixar-se, apiedar-se".

Observe abaixo a conjugação do verbo "queixar-se".

Queixar-se

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
queixo-me	queixava-me	queixar-me-ei	queixar-me-ia	queixei-me	queixara-me
queixas-te	queixavas-te	queixar-te-ás	queixar-te-ias	queixaste-te	queixaras-te
queixa-se	queixava-se	queixar-se-á	queixar-se-ia	queixou-se	queixara-se
queixamo-nos	queixávamo-nos	queixar-nos-emos	queixar-nos-íamos	queixamo-nos	queixáramo-nos
queixais-vos	queixáveis-vos	queixar-vos-eis	queixar-vos-íeis	queixastes-vos	queixáreis-vos
queixam-se	queixavam-se	queixar-se-ão	queixar-se-iam	queixaram-se	queixaram-se

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
me queixe	me queixasse	me queixar	–	queixar-me	queixando-se
te queixes	te queixasses	te queixares	queixa-te	queixares-te	
se queixe	se queixassem	se queixar	queixe-se	queixar-se	**Particípio**
nos queixemos	nos queixássemos	nos queixarmos	queixemo-nos	queixarmo-nos	se queixado
vos queixeis	vos queixásseis	vos queixardes	queixai-vos	queixardes-vos	
se queixem	se queixassem	se queixarem	queixem-se	queixarem-se	

➯ Observações

Com as formas nominais não flexionadas, o pronome será da mesma categoria número-pessoal do sujeito.

7.8.6 CONJUGAÇÃO DOS VERBOS TERMINADOS NO HIATO "-EAR"

São verbos especiais, porque intercalam, por motivos fonéticos, um "i" intervocálico em sua desinência nas formas rizotônicas (presentes do indicativo e do subjuntivo, salvo nas pessoas "nós" e "vós" e no modo imperativo, exceto também nas pessoas "nós" e "vós"). Acompanhe abaixo a conjugação do verbo "nortear". Observe o acréscimo do "i" nas formas rizotônicas.

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
norteio	norteava	nortearei	nortearia	norteei	norteara
norteias	norteavas	nortearás	nortearias	norteaste	nortearas
norteia	norteava	norteará	nortearia	norteou	norteara
norteamos	norteávamos	nortearemos	nortearíamos	norteamos	norteáramos
norteais	norteáveis	norteareis	nortearíeis	norteastes	norteáreis
norteiam	norteavam	nortearão	norteariam	nortearam	nortearam

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
norteie	norteasse	nortear	–	nortear	norteando
norteies	norteasses	norteares	norteia	norteares	
norteie	norteasse	nortear	norteie	nortear	**Particípio**
norteemos	norteássemos	nortearmos	norteemos	nortearmos	norteado
norteeis	norteásseis	norteardes	norteai	norteardes	
norteiem	norteassem	nortearem	norteiem	nortearem	

Assim como "nortear", conjugam-se os verbos "pentear, marear, enfear, cear, chatear, manusear, pleitear, sortear, homenagear, saborear, passear, nortear, veranear, arrear" e todos os outros finalizados em "-ear".

7.8.7 CONJUGAÇÃO DOS VERBOS TERMINADOS NO HIATO "-IAR"

Todos os verbos terminados em "-iar" seguem o paradigma de conjugação para os verbos da 3.ª conjugação. Isto quer dizer que são regulares. Observe abaixo a conjugação do verbo "variar".

Variar

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
vario	variava	variarei	variaria	variei	variara
varias	variavas	variarás	variarias	variaste	variaras
varia	variava	variará	variaria	variou	variara
variamos	variávamos	variaremos	variaríamos	variamos	variáramos
variais	variáveis	variareis	variaríeis	variastes	variáreis
variam	variavam	variarão	variariam	variaram	variaram

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	Pretérito Imperfeito	Futuro		Infinitivo flexionado	Gerúndio
varie	variasse	variar	–	variar	variando
varies	variasses	variares	varia	variares	
varie	variasse	variar	varie	variar	**Particípio**
variemos	variássemos	variarmos	variemos	variarmos	variado
varieis	variásseis	variardes	variai	variardes	
variem	variassem	variarem	variem	variarem	

➾ Observação:

Seis verbos há em nossa língua, os quais fogem ao paradigma acima, pois intercalam um "E" eufônico nas formas rizotônicas. São eles: mediar, ansiar, remediar, incendiar, odiar e intermediar. Para decorá-los, memorize o anagrama M-A-R-I-O – I. Veja:

M ediar
A nsiar
R emediar
I ncendiar
O diar
I ntermediar

Observe agora a conjugação de um desses verbos:

Ansiar

INDICATIVO					
Presente	Pretérito Imperfeito	Futuro do Presente	Futuro do Pretérito	Pretérito Perfeito	Pretérito mais-que-perfeito
anseio	ansiava	ansiarei	ansiaria	ansiei	ansiara
anseias	ansiavas	ansiarás	ansiarias	ansiaste	ansiaras
anseia	ansiava	ansiará	ansiaria	ansiou	ansiara
ansiamos	ansiávamos	ansiaremos	ansiaríamos	ansiamos	ansiáramos
ansiais	ansiáveis	ansiareis	ansiaríeis	ansiastes	ansiáreis
anseiam	ansiavam	ansiarão	ansiariam	ansiaram	ansiaram

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	Pretérito Imperfeito	Futuro		Infinitivo flexionado	Gerúndio
anseie	ansiasse	ansiar	–	ansiar	ansiando
anseies	ansiasses	ansiares	anseia	ansiares	
anseie	ansiasse	ansiar	anseie	ansiar	**Particípio**
ansiemos	ansiássemos	ansiarmos	ansiemos	ansiarmos	ansiado
ansieis	ansiásseis	ansiardes	ansiai	ansiardes	
anseiem	ansiassem	ansiarem	anseiem	ansiarem	

7.8.8 CONJUGAÇÃO DE VERBOS TERMINADOS NOS HIATOS "-OAR" E "-UAR"

Tais verbos merecem destaque porque apresentam a letra "E" em todas as formas do presente do subjuntivo. São frequentes os erros ao se escrever "continui" e "abençoi", por exemplo.

Observe abaixo a conjugação do verbo "abençoar".

Abençoar

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
abençoo	abençoava	abençoarei	abençoaria	abençoei	abençoara
abençoas	abençoavas	abençoarás	abençoarias	abençoaste	abençoaras
abençoa	abençoava	abençoará	abençoaria	abençoou	abençoara
abençoamos	abençoávamos	abençoaremos	abençoaríamos	abençoamos	abençoáramos
abençoais	abençoáveis	abençoareis	abençoaríeis	abençoastes	abençoáreis
abençoam	abençoavam	abençoarão	abençoariam	abençoaram	abençoaram
SUBJUNTIVO			**IMPERATIVO AFIRMATIVO**	**FORMAS NOMINAIS**	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
abençoe	abençoasse	abençoar	–	abençoar	abençoando
abençoes	abençoasses	abençoares	abençoa	abençoares	
abençoe	abençoasse	abençoar	abençoe	abençoar	**Particípio**
abençoemos	abençoássemos	abençoarmos	abençoemos	abençoarmos	abençoado
abençoeis	abençoásseis	abençoardes	abençoai	abençoardes	
abençoem	abençoassem	abençoarem	abençoem	abençoarem	

➯ **Observação:**

Os verbos terminados em "-OAR", em virtude das novas regras propostas pelo Acordo Ortográfico de 1990, já não mais recebem acento circunflexo no hiato "OO", o qual se forma na 1.ª pessoa do singular do presente do indicativo. Por isso, escreveremos corretamente "eu voo, eu abençoo, eu enjoo, eu roo etc.".

7.8.9 CONJUGAÇÃO DOS VERBOS "VER" E "VIR" NO FUTURO DO SUBJUNTIVO

Frequentemente, os concursos cobram o conhecimento sobre a distinção entre as conjugações dos verbos "ver" e "vir" no futuro do subjuntivo. De fato,

é importante não se confundir: "quando ou se eu vir" dir-se-á para a 1.ª pessoa do singular do verbo "ver"; ao passo que se empregará "quando ou se eu vier" para a 1.ª pessoa do singular do verbo "vir". Seguem neste mesmo paradigma os verbos derivados desses dois verbos (rever, prever, provir, intervir etc.). Observe abaixo o *futuro do subjuntivo dos verbos "ver" e "vir"*:

Futuro do Subjuntivo do verbo VER

eu	vir
tu	vires
ele	vir
nós	virmos
vós	virdes
eles	virem

Futuro do Subjuntivo do verbo VIR

eu	vier
tu	vieres
ele	vier
nós	viermos
vós	vierdes
eles	vierem

7.8.10 OUTRAS PARTICULARIDADES GRÁFICAS E FONÉTICAS SOBRE VERBOS DA 1.ª CONJUGAÇÃO

1. Os verbos terminados em **"CAR"** (abarcar, alocar, clinicar, dedicar, emboscar etc.) mudam o "c" em "qu" antes de "E". Observe este fenômeno na conjugação do verbo **FICAR**.

Ficar

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
fico	ficava	ficarei	ficaria	fi**quei**	ficara
ficas	ficavas	ficarás	ficarias	ficaste	ficaras
fica	ficava	ficará	ficaria	ficou	ficara
ficamos	ficávamos	ficaremos	ficaríamos	ficamos	ficáramos
ficais	ficáveis	ficareis	ficaríeis	ficastes	ficáreis
ficam	ficavam	ficarão	ficariam	ficaram	ficaram

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
fi**qu**e	ficasse	ficar	–	ficar	ficando
fi**qu**es	ficasses	ficares	fica	ficares	
fi**qu**e	ficasse	ficar	fi**qu**e	ficar	**Particípio**
fi**qu**emos	ficássemos	ficarmos	fi**qu**emos	ficarmos	ficado
fi**qu**eis	ficásseis	ficardes	ficai	ficardes	
fi**qu**em	ficassem	ficarem	fi**qu**em	ficarem	

2. Os verbos terminados em "**ÇAR**" (abraçar, adoçar, bagunçar, caçar, desembaçar etc.) perdem a cedilha antes de "E". Observe a conjugação do verbo **DISFARÇAR**. Perceba que este fenômeno se dá no presente do subjuntivo e no modo imperativo, nas formas derivadas daquele.

Disfarçar

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que--perfeito**
disfarço	disfarçava	disfarçarei	disfarçaria	disfar**c**ei	disfarçara
disfarças	disfarçavas	disfarçarás	disfarçarias	disfarçaste	disfarçaras
disfarça	disfarçava	disfarçará	disfarçaria	disfarçou	disfarçara
disfarçamos	disfarçávamos	disfarçaremos	disfarçaríamos	disfarçamos	disfarçáramos
disfarçais	disfarçáveis	disfarçareis	disfarçaríeis	disfarçastes	disfarçáreis
disfarçam	disfarçavam	disfarçarão	disfarçariam	disfarçaram	disfarçaram
SUBJUNTIVO			**IMPERATIVO AFIRMATIVO**	**FORMAS NOMINAIS**	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
disfar**c**e	disfarçasse	disfarçar	–	disfarçar	disfarçando
disfar**c**es	disfarçasses	disfarçares	disfarça	disfarçares	
disfar**c**e	disfarçasse	disfarçar	disfar**c**e	disfarçar	**Particípio**
disfar**c**emos	disfarçássemos	disfarçarmos	disfar**c**emos	disfarçarmos	disfarçado
disfar**c**eis	disfarçásseis	disfarçardes	disfarçai	disfarçardes	
disfar**c**em	disfarçassem	disfarçarem	disfar**c**em	disfarçarem	

3. Os verbos terminados em "**GAR**" (abrigar, achegar, advogar, afagar, comungar etc.) recebem "U" antes da letra "E". Observe a conjugação do verbo **CHEGAR** e verifique esta mudança.

Chegar

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
chego	chegava	chegarei	chegaria	cheguei	chegara
chegas	chegavas	chegarás	chegarias	chegaste	chegaras
chega	chegava	chegará	chegaria	chegou	chegara
chegamos	chegávamos	chegaremos	chegaríamos	chegamos	chegáramos
chegais	chegáveis	chegareis	chegaríeis	chegastes	chegáreis
chegam	chegavam	chegarão	chegariam	chegaram	chegaram

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
cheg**ue**	chegasse	chegar	–	chegar	chegando
cheg**ues**	chegasses	chegares	chega	chegares	
cheg**ue**	chegasse	chegar	cheg**ue**	chegar	**Particípio**
cheg**uemos**	chegássemos	chegarmos	cheg**uemos**	chegarmos	chegado
cheg**ueis**	chegásseis	chegardes	chegai	chegardes	
cheg**uem**	chegassem	chegarem	cheg**uem**	chegarem	

4. O verbo **CONSUMAR** (completar, acabar, terminar), muito usual no meio jurídico, segue normalmente o paradigma dos verbos da 1.ª conjugação. Observe abaixo:

Consumar

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
consumo	consumava	consumarei	consumaria	consumei	consumara
consumas	consumavas	consumarás	consumarias	consumaste	consumaras
consuma	consumava	consumará	consumaria	consumou	consumara
consumamos	consumávamos	consumaremos	consumaríamos	consumamos	consumáramos
consumais	consumáveis	consumareis	consumaríeis	consumastes	consumáreis
consumam	consumavam	consumarão	consumariam	consumaram	consumaram

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
consume	consumasse	consumar	–	consumar	consumando
consumes	consumasses	consumares	consuma	consumares	
consume	consumasse	consumar	consume	consumar	**Particípio**
consumemos	consumássemos	consumarmos	consumemos	consumarmos	consumado
consumeis	consumásseis	consumardes	consumai	consumardes	
consumem	consumassem	consumarem	consumem	consumarem	

5. O verbo **AVERIGUAR** bem como os verbos ENXAGUAR, AGUAR, APANIGUAR, APAZIGUAR, APROPINGUAR, DESAGUAR, OBLIQUAR apresentam dois paradigmas de conjugação a partir do Acordo Ortográfico de 1990:
   a) Continuam com as formas rizotônicas igualmente acentuadas no "U", mas sem marca gráfica. Exemplo: *averiguo, averiguas, averigua; averigue, averigues, averigue, averiguem; enxaguo, enxaguas, enxagua, enxaguam; enxague, enxagues, enxague, enxaguem etc.*
   b) Apresentam as formas rizotônicas acentuadas fônica e graficamente nas vogais "a" e "i", presentes no radical. Exemplo: *averíguo, averíguas, averígua; averígue, averígues, averígue, averíguem; enxáguo, enxáguas, enxágua, enxáguam; enxágue, enxágues, enxágue, enxáguem etc.*

7.8.11 OUTRAS PARTICULARIDADES GRÁFICAS E FONÉTICAS SOBRE VERBOS DA 2.ª CONJUGAÇÃO

1. Os verbos terminados em "**GER**" (constranger, desproteger, eleger, proteger, ranger etc.) mudam o "G" em "J" antes de "O e A". Observe a conjugação do verbo REGER e acompanhe esta alteração.

Reger

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
rejo	regia	regerei	regeria	regi	regera
reges	regias	regerás	regerias	regeste	regeras
rege	regia	regerá	regeria	regeu	regera
regemos	regíamos	regeremos	regeríamos	regemos	regêramos
regeis	regíeis	regereis	regeríeis	regestes	regêreis
regem	regiam	regerão	regeriam	regeram	regeram

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
reja	regesse	reger	–	reger	regendo
rejas	regesses	regeres	rege	regeres	
reja	regesse	reger	reja	reger	**Particípio**
rejamos	regêssemos	regermos	rejamos	regermos	regido
rejais	regêsseis	regerdes	regei	regerdes	
rejam	regessem	regerem	rejam	regerem	

2. O verbo **PERDER** muda o "D" em "C" antes de "O e A". Observe abaixo:

Presente do Indicativo

eu	perco
tu	perdes
ele	perde
nós	perdemos
vós	perdeis
eles	perdem

Presente do Subjuntivo

eu	perca
tu	percas
ele	perca
nós	percamos
vós	percais
eles	percam

3. O verbo **VALER** muda o "L" em "LH" antes de "O e A". Observe abaixo:

Presente do Indicativo

eu	valho
tu	vales
ele	vale
nós	valemos
vós	valeis
eles	valem

Presente do Subjuntivo

eu	valha
tu	valhas
ele	valha
nós	valhamos
vós	valhais
eles	valham

4. O verbo **DIZER** e seus derivados (contradizer, maldizer, predizer etc.) mudam o "Z" em "G" antes de "O e A". Ademais, o verbo DIZER admite as formas "DIZE ou DIZ" para a 2.ª pessoa do singular do imperativo afirmativo. Observe abaixo:

Presente do Indicativo

eu	digo
tu	dizes
ele	diz
nós	dizemos
vós	dizeis
eles	dizem

Presente do Subjuntivo

eu	diga
tu	digas
ele	diga
nós	digamos
vós	digais
eles	digam

5. Os verbos **DOER** e **PRAZER** são defectivos unipessoais. Só se conjugam na 3.ª pessoa. Observe abaixo:

Doer

INDICATIVO					
Presente	Pretérito Imperfeito	Futuro do Presente	Futuro do Pretérito	Pretérito Perfeito	Pretérito mais-que-perfeito
–	–	–	–	–	–
–	–	–	–	–	–
dói	doía	doerá	doeria	doeu	doera
–	–	–	–	–	–
–	–	–	–	–	–
doem	doíam	doerão	doeriam	doeram	doeram

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	Pretérito Imperfeito	Futuro		Infinitivo flexionado	Gerúndio
–	–	–	–	–	doendo
–	–	–	–	–	
doa	doesse	doer	–	doer	**Particípio**
–	–	–	–	–	doído
–	–	–	–	–	
doam	doessem	doerem	–	doerem	

Prazer

INDICATIVO					
Presente	Pretérito imperfeito	Futuro do Presente	Futuro do Pretérito	Pretérito Perfeito	Pretérito mais-que-perfeito
–	–	–	–	–	–
–	–	–	–	–	–
praz	prazia	prazerá	prazeria	prouve	prouvera
–	–	–	–	–	–
–	–	–	–	–	–
prazem	praziam	prazerão	prazeriam	prouveram	prouveram

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	Pretérito Imperfeito	Futuro		Infinitivo flexionado	Gerúndio
–	–	–	–	–	prazendo
–	–	–	–	–	
praza	prouvesse	prouver	praza	prazer	**Particípio**
–	–	–	–	–	prazido
–	–	–	–	–	
prazam	prouvessem	prouverem	prazam	prazerem	

➯ **Observação:**

Os verbos "doer-se" (pronominal) e aprazer (derivado do verbo "prazer") apresentam conjugação completa.

7.8.12 OUTRAS PARTICULARIDADES GRÁFICAS E FONÉTICAS SOBRE VERBOS DA 3.ª CONJUGAÇÃO

1. Os verbos terminados em "**GIR**" (adstringir, coagir, divergir, erigir, fugir, infligir etc.) trocam o "G" em "J" antes de "O e A". Observe abaixo:

Presente do Indicativo

eu	divirjo
tu	diverges
ele	diverge
nós	divergimos
vós	divergis
eles	divergem

Presente do Subjuntivo

eu	divirja
tu	divirjas
ele	divirja
nós	divirjamos
vós	divirjais
eles	divirjam

2. Os verbos PEDIR, IMPEDIR, EXPEDIR, DESPEDIR, MEDIR mudam o "D" em "Ç" antes de "O e A". Observe abaixo:

Presente do Indicativo

eu	peço
tu	pedes
ele	pede
nós	pedimos
vós	pedis
eles	pedem

Presente do Subjuntivo

eu	peça
tu	peças
ele	peça
nós	peçamos
vós	peçais
eles	peçam

3. Os verbos terminados em "**-ingir**" (atingir, cingir, constringir, infringir, tingir etc.) mudam o "G" em "J" antes das vogais "A e O". Observe abaixo a conjugação do verbo **FINGIR** e constate essa mudança.

Fingir

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
finjo	fingia	fingirei	fingiria	fingi	fingira
finges	fingias	fingirás	fingirias	fingiste	fingiras
finge	fingia	fingirá	fingiria	fingiu	fingira
fingimos	fingíamos	fingiremos	fingiríamos	fingimos	fingíramos
fingis	fingíeis	fingireis	fingiríeis	fingistes	fingíreis
fingem	fingiam	fingirão	fingiriam	fingirem	fingiram

SUBJUNTIVO			**IMPERATIVO AFIRMATIVO**	**FORMAS NOMINAIS**	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
finja	fingisse	fingir	–	fingir	fingindo
finjas	fingisses	fingires	finge	fingires	
finja	fingisse	fingir	finja	fingir	**Particípio**
finjamos	fingíssemos	fingirmos	finjamos	fingirmos	fingido
finjais	fingísseis	fingirdes	fingi	fingirdes	
finjas	fingissem	fingirem	finjam	fingirem	

7.9 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (MPE-SP) Passando a frase – Ele não só **criou** aqui o primeiro observatório astronômico das Américas, como **trouxe** cientistas – para o futuro do presente, os verbos destacados assumem, respectivamente, as seguintes formas:

a) criava – trazia

b) criaria – traria

c) criará – trará
d) criará – trazerá
e) criara – trouxera

2. (MPE-SP) Assinale a alternativa correta quanto à correlação dos tempos verbais, de acordo com a norma culta.

a) Se todos estiverem de acordo, eles deixaram a reunião para a semana seguinte.
b) Logo que você perceber o clima de tensão, não teria agido daquela maneira.
c) Seria melhor que elas examinassem os documentos com o cuidado necessário
d) Quero que você dirige a tenção aos mais necessitados.
e) Caso me desencontrasse com ela, deixarei os livros com sua secretária.

3. (TER-RO) Observe a frase:

Se tu _______ que os eleitores chegam para votar, _______ a porta e ________-os entrar.

A opção que completa corretamente a frase é:

a) veres / abre / deixa
b) veres / abra / deixe
c) vires / abra / deixa
d) vires / abre / deixa
e) virdes / abri / deixai

4. (CESPE-MPU) Seguindo as normas gramaticais da língua culta, a sugestão "Seja trabalhador e você também será venturoso", se for expressa na terceira pessoa do plural, tornar-se-á:

a) Sede trabalhadores e vós também sereis venturosos.
b) Sejam trabalhadores e vós também sejais venturosos.
c) Sê trabalhadores e vocês também serão venturosos.
d) Sejam trabalhadores e vocês também serão venturosos.
e) Sejais trabalhadores e vocês também serão venturosos.

5. (TRE-MT) Só está **correta** a forma verbal destacada na frase:

a) Embora ele **esteje** indicado, o Senado ainda o aprovou.
b) Ele **passeiava** diariamente no parque.
c) Quando eles **trouxerem** a permissão, poderão entrar.
d) Se **mantermos** as posições, o inimigo não avançará.
e) Os deputados se **entretiam** com esses discursos.

6. (ALERJ/FESP) "Pois bem, como já disse, o vírus..."

O verbo **dizer** *aparece corretamente conjugado na frase acima. Há* **erro** *na conjugação desse mesmo verbo na seguinte frase:*

a) Dize-me com quem andas e eu te direi quem és.

b) Você dizer que está doente, não acredito.
c) O médico dizia tudo o que sabia sobre a AIDS.
d) Ele queria que eu dissesse onde você estava.
e) É preciso que você diga a verdade.

7. (TRT-ES) Nas frases abaixo, escreva (1) para as formas verbais corretas e (2) para as incorretas:

( ) Nós vimos ontem do pantanal.

( ) Vós rides de mim sem motivo.

( ) Mesmo assim tu me respondestes.

( ) Sempre requeiro os meus direitos.

( ) Esteje pronto às vinte e duas horas.

a) 2, 2,2, 1, 1
b) 1, 2, 1, 2, 1
c) 2, 1, 2, 1, 2
d) 1, 2, 2, 1, 2
e) 2, 1, 1, 2, 1

8. (TRF-RS) Considerando as formas verbais destacadas nas três frases abaixo, a opção com a correta classificação de tempos e modos é, respectivamente:

1. **Toma** *conta da minha bagagem, enquanto eu vou até ali.*

2. *"Não* **façais** *aos outros o que não quereis que vos façam."*

3. *Os astrônomos negam que o Sol* **gira** *em torno da Terra.*

a) presente do indicativo / presente do subjuntivo / presente do subjuntivo
b) imperativo afirmativo / imperativo negativo / presente do indicativo
c) imperativo afirmativo / imperativo negativo / presente do subjuntivo
d) imperativo afirmativo / presente do subjuntivo / presente do subjuntivo
e) presente do indicativo / imperativo negativo / presente do subjuntivo

9. (TRF-RJ) Das frases abaixo, a que contém **erro** na flexão verbal é:

a) O acidente ocorreu porque o Rui não conseguiu freiar o carro.
b) Se a comunidade nos provesse do equipamento de que necessitamos para prestar a ela mesma esse serviço, todos sairíamos ganhando.
c) Os espíritos se incendeiam toda vez que se fala em fazer justiça.
d) Se a associação se mantivesse coerente com sua própria doutrina, cresceria sua credibilidade.
e) Quem se interpuser entre o Ricardo e a Cristina não contará com o meu apoio.

10. (TRF-RJ) Considerando as formas verbais destacadas nas três frases abaixo, a opção com a correta classificação de tempos e modos é, respectivamente:

1. *Pelo menos não* **descumpra** *suas obrigações.*
2. *Talvez* **chova** *no final do dia.*
3. **Digita** *este documento, por gentileza, Teresinha.*

a) imperativo negativo / presente do subjuntivo / imperativo afirmativo
b) presente do subjuntivo / presente do subjuntivo / imperativo afirmativo
c) imperativo negativo / presente do subjuntivo / presente do indicativo
d) presente do subjuntivo / presente do subjuntivo / presente do indicativo
e) imperativo negativo / presente do indicativo / imperativo afirmativo

GABARITO

1 – C	2 – C	3 – D
4 – D	5 – C	6 – B
7 – C	8 – B	9 – A
10 – A		

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

CAPÍTULO 8

ADVÉRBIO

8.1 CONCEITO

É a classe de palavras invariáveis que, modificando um verbo, um adjetivo ou outro advérbio, transmitem-lhes alguma circunstância.

Veja alguns exemplos de advérbios e locuções adverbiais:

- "**Hoje** quatro braças de terra, **amanhã** seis, **depois** mais outras, ia o vendeiro conquistando todo o terreno que se estendia **pelos fundos da sua bodega.**" (Aluísio Azevedo)
- "A parede oriental da igreja é o muro do quintal de um lado, mas as comunicações foram vedadas **provavelmente** quando a coroa alienou o palácio e o separou assim **perpetuamente** do templo." (A. Garrett)
- "Os meus doentes, senhora condessa, respondeu Carlos, não são **bastante** numerosos para formar uma quadrilha." (Eça de Queiroz)
- "Ao despedir-se da pupila, Lemos apertou-lhe a mão: – Desejo-lhe que seja **muito** e **muito** feliz." (José de Alencar)
- "A história repete-se. Antônio Conselheiro foi um gnóstico bronco. Veremos **mais longe** a exação do símile." (Euclides da Cunha)

➯ **Observações:**

a) Em raros casos, encontramos advérbios modificando um substantivo e até mesmo uma preposição.

- "A sra. D. Josefa gostava muito do passeio ao pé do rio; até já ouvira dizer que nem em Lisboa havia coisa **assim.**" (Eça de Queiroz)
- "Seu tio, naturalmente, lhe comunicara a criancice da prima, **pouco** antes de destinar-lhe a esposa." (Camilo Castelo Branco)

b) A maioria dos advérbios terminados em "-mente" deriva de adjetivos. Quando o adjetivo apresenta formas diferentes para os dois gêneros, o sufixo adverbial "-mente" será acrescido à forma feminina do adjetivo.

- feliz → felizmente
- triste → tristemente
- fácil → facilmente
- fraternal → fraternalmente
- radical → radicalmente
- vaidoso → vaidosamente
- ameaçador → ameaçadoramente
- exclusivo → exclusivamente
- fortuito → fortuitamente
- prático → praticamente

c) É possível transformar muitas expressões e locuções em advérbios – geralmente de "modo" ou de "tempo" –, formados com o sufixo adverbial "-mente". Observe:

- O recurso foi interposto **fora do tempo.** → extemporaneamente, intempestivamente
- Ele aprendia as lições **pouco a pouco.** → gradativamente, paulatinamente
- Ele dança e canta **ao mesmo tempo.** → simultaneamente
- Naquele momento, agiste **com precipitação.** → precipitadamente
- O debate será transmitido **sem interrupção.** → ininterruptamente
- Resolveu a questão **com displicência.** → displicentemente
- Fez tudo **de propósito.** → propositadamente

8.2 CLASSIFICAÇÃO DOS ADVÉRBIOS

Os advérbios são classificados de acordo com a circunstância que expressam. Assim, podem ser classificados em:

a) **de afirmação:** sim, certamente.

b) **de dúvida:** talvez, quiçá, acaso, por ventura, provavelmente, eventualmente.

c) **de frequência:** diariamente, cotidianamente, semanalmente, mensalmente, sucessivamente, raramente, perpetuamente, constantemente etc.

d) **de intensidade (ou "de quantidade"):** muito, assaz, bastante, pouco, excessivamente, demasiadamente, profundamente, meio, todo, com-

pletamente, menos, mais, tanto, quão, quanto, quase, algo, bem, mal, apenas, demais, nada.

e) **de tempo:** ainda, agora, amanhã, dantes, cedo, tarde, hoje, logo, outrora, imediatamente, anteriormente, antigamente, posteriormente, depois, antes, precedentemente, então, sempre, ora, anteontem, entrementes, presentemente, atualmente, ainda, afinal, amiúde, nunca, jamais etc.

f) **de modo:** bem, mal, errado, tristemente (e muitos adjetivos adverbializados com o sufixo "-mente"), depressa, devagar, assim, adrede, debalde, melhor, pior etc.

g) **de negação:** não, nunca, jamais, nem, tampouco.

h) **de lugar:** abaixo, acima, arriba, aquém, além, aqui, aí, ali, cá, lá, acolá, avante, atrás, algures (= em algum lugar), alhures (= em outro lugar), nenhures (= em lugar algum), defronte, adiante, detrás, dentro, fora, longe, perto, onde.

➾ **Observação:**

A classificação acima é tão somente para efeitos didáticos. Sem dúvida, há inúmeros advérbios que melhor se enquadrariam noutras classificações. É o caso dos advérbios "**adrede, intencionalmente, propositadamente, acinte**" que poderiam ser classificados como "advérbios de intenção".

8.3 LOCUÇÕES ADVERBIAIS

Frequentemente, os advérbios aparecem em português sob a forma locucional – são as denominadas "locuções adverbiais". Tais locuções são um conjunto de palavras, geralmente de núcleo substantivo e geralmente encabeçadas por uma preposição, com valor circunstancial. Como advérbios que são, tais locuções também modificam "verbos, adjetivos e outros advérbios".

Locuções adverbiais

à força, a giros, às cegas, a esmo, a farta, a granel, à porta, à revelia, a seu talante, a cavalo, ao deus dará, à toa, às pressas, a pé, a pique, ao revés, a seu tempo, ao longe, ao vivo, à noite, às tontas, às ocultas, às escondidas, às vezes, ao acaso, com certeza, de repente, de cabo a rabo, de improviso, de cor, de forma alguma, de propósito, de primeiro, de relance, de soslaio, de vez em quando, de sobreaviso, em verdade, de caso pensado, de passagem, de graça, de nenhum modo, de oitiva, entre a cruz e a espada, lado a lado, muitas vezes, nesse meio tempo, em breve, em vão, por atacado, por fora, em cima, por cima, para sempre, por um triz, pouco a pouco, senão quando, sem dúvida, dentro em pouco, ao contrário, passo a passo, pelo contrário, em breve, vez por outra etc.

Observe alguns exemplos:

- **Pela manhã**, costumo beber um pouco de água natural para melhorar o funcionamento intestinal.
- "E só agora notava que todos esses afagos eram sempre ocultos e assustados, feitos como que ilegalmente, **às escondidas**, e quase sempre acompanhados de choro." (Aluísio Azevedo)
- "E na Sé, ao sair da missa, regalar-se de a ver passar encolhida no seu mantelete preto, escorraçada de todos, enquanto ele, **à porta**, **de propósito**, conversaria com a mulher do governador civil." (Eça de Queiroz)
- "... já que a perfídia pode abrir as portas das nossas cidades aos africanos, sem que estes tenham de passar **por cima** dos cadáveres de seus irmãos, para se assenhorarem delas." (A. Herculano)
- "As seções avançadas ascendiam, porém, mais rápidas, pelas barrancas, conquistando o terreno, até que outra irrupção repentina do adversário lhes tomasse a frente, ou as aferrasse **de soslaio**." (Euclides da Cunha)
- "O aventureiro apertou convulsivamente o cabo de sua faca, e fechando os olhos e dando um passo **às cegas**, ergueu a mão para desfechar o golpe." (José de Alencar)

➭ **Observações:**

a) Em muitas locuções adverbiais, ocorre a elipse do núcleo-substantivo. Observe:

- à direita ➔ elipse do substantivo "mão"
- à esquerda ➔ elipse do substantivo "mão"
- à francesa ➔ elipse do substantivo "moda"
- ao natural ➔ elipse do substantivo "modo"
- às cegas ➔ elipse do substantivo "maneiras"
- à brasileira ➔ elipse do substantivo "maneira"

b) É bastante comum a omissão da preposição nas locuções adverbiais de tempo.

- "Neste tempo, que as âncoras levaram → (Omissão da preposição "em" antes do relativo "que")
  Na sombra escura os Mouros escondidos
  Mansamente as amarras lhe cortavam,
  Por serem, dando à costa, destruídos."
  (Camões *apud* Mário Barreto)

- "Natividade não dormiu aquela noite sem obter do marido que a deixasse ir com a irmã à cabocla." (Machado de Assis) *omissão da preposição "em"*
- "Tem dias que a gente se sente → (Omissão da preposição "em")
  como quem partiu ou morreu." (Chico Buarque)
- "Pouquíssimas palavras lhe ouvi na meia hora que se deteve conosco." (Camilo Castelo Branco)
  omissão da preposição "em"
- "Venho achar realizado aquele projeto em que eu te falei a última vez que estivemos juntos." (A. F. de Castilho)
  omissão da preposição "em"
- "**Uma noite que** ela se levantou a recebê-lo sem mais compostura que a que tinha na cama,..." (Manuel Bernardes)
- "**Uma noite**, estando à porta da loja de Manuel Procópio de Freitas, viu entrar um indivíduo, que procurava comprar aguardente." (Aluísio Azevedo)

8.4 ADJETIVOS ADVERBIALIZADOS

Em muitas situações, empregam-se adjetivos em função adverbial. Neste caso, o adjetivo, à semelhança do advérbio, permanecerá invariável.

- Acudiram algumas pessoas que **próximo** se encontravam.
- "A fisionomia de Bento Simões reanimou-se. – Falai **claro** uma vez ao menos, retrucou Rui Soeiro." (José de Alencar)
- "Para não cair foi-lhe preciso agarrar-se **forte** com ambas as mãos ao braço de Álvaro, arrimando-se em seu peito." (Bernardo Guimarães)
- "O tamanho do título como que lhe dobrava a magnificência, posto que, para ligá-lo ao nome, era **demasiado** comprido – esta segunda reflexão foi tio Cosme que a fez." (Machado de Assis)
- "Ao despedir-se, apertou-lhe com força a mão mole, bateu-lhe no ombro com intimidade, e disse **alto** e com ênfase: – Energia, marechal!" (Lima Barreto)

8.5 GRAUS DO ADVÉRBIO

É no mínimo curioso falar-se em "flexão de grau" de uma classe essencialmente invariável como é o advérbio. De fato os advérbios não variam. Excepcionalmente, alguns (especialmente os de "tempo, modo, lugar, intensidade") admitem a flexão de grau, cuja formação é bastante semelhante à do grau dos adjetivos.

COMPARATIVO
- → **de igualdade** = forma-se com o advérbio "tão"
- → **de superioridade** = forma-se com o advérbio "mais"
- → **de inferioridade** = forma-se com o advérbio "menos"

SUPERLATIVO
- **RELATIVO**
  - → **de superioridade** = forma-se com "o mais"
  - → **de inferioridade** = forma-se com "o menos"
- **ABSOLUTO**
  - → **sintético**
  - → **analítico**

Observe os exemplos de flexão de grau do advérbio:

- Fala **tão bem** quanto um professor. (grau comparativo de igualdade)
- Andava **mais depressa** do que a maioria do grupo. (grau comparativo de superioridade)
- Falou **menos prudentemente** do que o orientador dele. (grau comparativo de inferioridade)
- Abordou o assunto **o mais superficialmente** que pôde. (grau superlativo relativo de superioridade)
- Abordou o assunto **o menos superficialmente** que pôde. (grau superlativo relativo de inferioridade)

8.6 ADVÉRBIOS LATINOS

Nos estilos literário e jurídico, é bastante comum a presença de advérbios latinos, isto é, escritos em latim. Busca-se, com a citação de outra língua, conferir maior credibilidade ou dar maior ênfase àquilo que se escreve. Observe alguns desses advérbios:

- ***a posteriori*** = pelo que segue
- ***a priori*** = segundo um princípio anterior
- ***ab initio*** = desde o início
- ***ad hoc*** = eventualmente

- *ad nutum* = ao arbítrio
- *ad cautelam* = por cautela
- *ad judicia* = para o juízo
- *data venia* = com sua licença
- *ex expositis* = do que ficou exposto
- *ex positis* = do que ficou assentado
- *ipsu facto* = em virtude desse fato
- *lato sensu* = em sentido amplo
- *maxime* = principalmente
- *retro* = atrás
- *sine die* = indeterminadamente
- *statu quo* = no estado em que
- *sui generis* = de gênero próprio
- *ab intestato* = sem testamento
- *ad domum* = em casa
- *ad litem* = para a lide
- *ex abrupto* = repentinamente
- *ex officio* = oficialmente
- *exempli gratia* = por exemplo
- *ipsis litteris* = literalmente
- *pari passu* = em igual passo
- *mutatis mutandis* = com as devidas mudanças
- *pro forma* = por mera formalidade
- *sic* = assim
- *stricto sensu* = em sentido restrito
- *verbi gratia* (abrevia-se "v.g.") = por exemplo

8.7 PARTICULARIDADES SOBRE OS ADVÉRBIOS

1. Quando se coordena mais de um advérbio terminado em "-mente" (série gradativa), se não houver necessidade de ênfase, só se coloca o sufixo adverbial no último elemento.

- "Isaías, que foi de todos os profetas o que mais própria e elegantemente soube falar, não só intensiva mas extensivamente..." (Pe. Antônio Vieira)
- "As mãos do sacerdote deixam muitas vezes umedecida a tela que veste os altares com vestígios do sangue derramado covarde e **vilmente**." (A. Herculano)
- "Conquistai pacífica e **legalmente**, pois, o uso das instituições liberais, reassumi a vossa soberania constitucional, ascendei ao governo de vós mesmos, e sereis felizes moralizados, invencíveis." (Rui Barbosa)
- "Quando se oferece esse ensejo, o chefe, hábil em capitanear, deixar-se-á de reticências e reservas, anunciando valorosa e **lucidamente** uma política, que consubstancie e interprete os sentimentos mal conscientes do povo." (Rui Barbosa)

2. Há vários vocábulos na língua portuguesa que ora aparecem como advérbios, ora como pronomes, adjetivos e numerais. Para se determinar

a classe morfológica a que pertencem tais palavras, devem-se levar em conta os seguintes critérios:

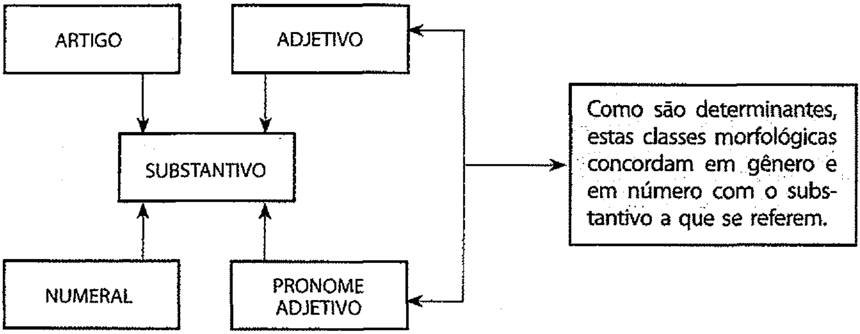
ARTIGO
ADJETIVO
SUBSTANTIVO
NUMERAL
PRONOME ADJETIVO
Como são determinantes, estas classes morfológicas concordam em gênero e em número com o substantivo a que se referem.

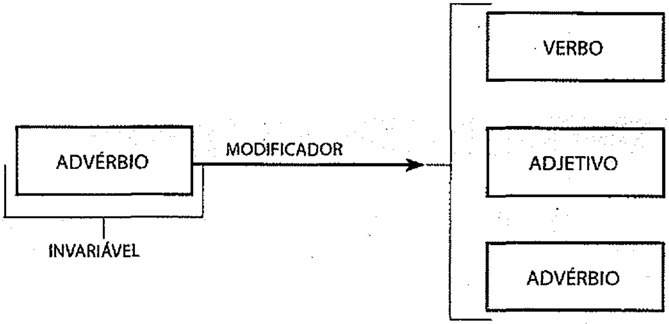
ADVÉRBIO
MODIFICADOR
INVARIÁVEL
VERBO
ADJETIVO
ADVÉRBIO

▹ Ela usa meias verdades. *numeral*	▹ Ele encontra-se meio adoentado. *advérbio*
▹ Tomamos muito sorvete. *pronome indefinido*	▹ O sorvete estava muito gelado. *advérbio*
▹ Já andei por longes terras. *pronome indefinido*	▹ Ele mora longe. *advérbio*
▹ Li os livros todos da biblioteca dele. *pronome indefinido*	▹ No acidente, ele ficou todo ensanguentado. *advérbio*
▹ O próximo capítulo fala sobre o amor. *adjetivo*	▹ Fiquei próximo do local do acidente. *advérbio*
▹ Este mamão é caro. *adjetivo*	▹ Estas frutas custam caro. *advérbio*
▹ Havia bastantes alunas no evento. *pronome indefinido*	▹ Elas falavam bastante. *advérbio*
▹ Falou poucas, mas belas palavras. *pronome indefinido*	▹ Ele falou pouco. *advérbio*

3. Alguns advérbios podem construir-se com a conjunção "que": "talvez que, certamente que, sem dúvida que, decerto que, felizmente que".

- "A ameaça só ela a ouviu; e, se eu tivesse sido aviltado no conceito de Teresa pelos insultos do miserável, **talvez que** ela os não repetisse." (Camilo Castelo Branco)
- "Eu não lhe quero mal, minha senhora, **certamente que** não!" (Eça de Queiroz)
- "Ela riu-se. – **Decerto que** não...
  Basílio disse então, lentamente, fitando o chão: – Ah! Outros tempos!" (Eça de Queiroz)

4. Em linguagem formal, é preferível usar-se "mais bem" e "mais mal" quando são seguidos de um particípio. Quando não, usam-se as formas sintéticas "melhor" e "pior".

- "Se alguns desses alvitres, ou qualquer outro que se possa imaginar, será **mais bem** aceito aos conservadores do que o plano de cauteloso ensaio esboçado por Mr. Gladstone, (...)." (Rui Barbosa)
- "O nosso opugnador certamente conhece **melhor** do que nós a obra *ex-professo* de Stuart Mill *On representative government.*" (Rui Barbosa)

5. No trato familiar e no trato mais afetivo, é bastante comum a formação do grau diminutivo de alguns advérbios.

- Ele vai aqui **pertinho.**
- Hoje ele acordou **melhorzinho.**
- **Cedinho, cedinho** eu quero partir.
- Dê-me um **pouquinho** de tempo, por favor.

6. A palavra "todo", quando empregada em função circunstancial (adverbial), concorda frequentemente com o termo a que ela modifica. A despeito de esta flexão ser condenada por alguns puristas da língua, encontramo-la nos maiores conhecedores do idioma português.

- "E ela era bela, de uma beleza **toda** judaica." (A. Garrett)
- "A santa mulher chega ao marido **toda** envergonhada, e lhe confessa que...". (F. Castilho *apud* Mário Barreto)

- "O senhor Ricardo levou-me a uma sala espaçosa, e **toda** adornada de cadeiras de almofada." (Camilo Castelo Branco)
- "...interrompeu ela sorrindo-se, e lançando-se-lhe nos seus braços **toda** vermelha e com os olhos nadando em lágrimas." (Rebêlo da Silva *apud* Mário Barreto)

7. O advérbio de dúvida "talvez", anteposto ao verbo, exige que este seja flexionado no modo subjuntivo.

- "Talvez, porém, os instintos generosos da nação lhe revelassem essas qualidades subalternas..." (Rui Barbosa)
- "Talvez esteja começando o meu delírio. Deixa ver o espelho." (Machado de Assis)

8. Alguns advérbios de lugar são empregados, muitas vezes, em correspondência com alguns pronomes demonstrativos. E equivalem, respectivamente, a:

a) aqui, cá → correspondem ao demonstrativo "este" = neste lugar

b) aí → corresponde ao demonstrativo esse = nesse lugar

c) ali, acolá, lá → correspondem ao demonstrativo "aquele" = naquele lugar

- "Bateu-o, felizmente, a onda impetuosa do Sul. **Aqui**, a aclimação mais pronta, em meio menos adverso, emprestou, cedo, mais vigor aos forasteiros." (Euclides da Cunha)
- "Era ela; aqui estava a igreja, ali a cadeia, acolá a farmácia, donde vinham os medicamentos para o outro Quincas Borba." (Machado de Assis)

9. O "onde" é um pronome relativo que apresenta função sintática de adjunto adverbial de lugar. Daí ser chamado também de "advérbio relativo". Quando o "onde" apresenta antecedente explícito, equivale a "em que". Quando não apresenta antecedente explícito, equivale a "o lugar em que".

- "Verdes mares bravios de minha terra natal, **onde** canta a jandaia nas frondes da carnaúba." (José de Alencar)
- "O esposo da herdeira presuntiva ainda não se deu a conhecer às classes populares, na capital **onde** reside." (Rui Barbosa)

10. Em estruturas que apresentam mais de uma negação, é bastante comum a substituição do advérbio "não" por "nem".

- ▸ "Não cinco, nem dez, nem vinte contos, mas tudo, o capital inteiro, especificados os bens, casas na Corte..." (Machado de Assis)
- ▸ "No mesmo sepulcro não há porvir de esperança, nem porventura, luz de consolação." (A. Herculano)

11. O advérbio "aqui" em algumas ocasiões expressa "tempo".

- ▸ "Calaram-se todos, inclinaram-se os bustos, atentos, esperando. Aqui fiquei com medo." (Machado de Assis *apud* Sousa da Silveira)

12. "Além" e "aquém" são advérbios de lugar e significam "da parte de lá" e "da parte de cá", respectivamente.

- ▸ "E hoje quem segue pelo caminho de Queimadas, trilhando um solo abrolhando cactos e pedras, ao divisá-la, das cercanias de Quirinquinquá, duas léguas **aquém**." (Euclides da Cunha)
- ▸ "Subitamente, no meio deste silêncio, alguns esculcas e vigias lançados **além** do rio na margem direita, creram perceber um ruído longínquo." (A. Herculano)

13. É importante distinguir o advérbio "só" – que significa "apenas, somente" – do adjetivo "só" – que significa "sozinho(a)".

advérbio = somente, apenas

- ▸ "Só ao primeiro magistrado na dinastia incumbe o direito de praticá-los." (Rui Barbosa)

adjetivo = sozinho

- ▸ "Ficando só, a nossa amiga foi sentar-se à porta de casa, no jardim." (Machado de Assis)

14. "Assim" é um advérbio de modo. É empregado em muitas construções em função conclusiva, equivalendo a "dessa forma, sendo assim, desse modo, por isso".

- ▸ "Bem haja ela, porque **assim** amou a justiça e serviu a causa da verdade!" (Rui Barbosa)
- ▸ "As estrelas são muito distintas e muito claras. **Assim** há de ser o estilo da pregação; muito distinto e muito claro." (Pe. Antônio Vieira)

⇨ **Observação:**

Em algumas situações, o advérbio "assim" pode se referir a um substantivo. É uma rara exceção à regra de que os advérbios modificam "verbos, adjetivos e outros advérbios".

- "Nunca morrer assim! Nunca morrer num dia
  Assim! de um sol **assim**!" (Olavo Bilac)
- "Mas aquela pergunta **assim**, vaga e solta, não pude atinar o que era." (Machado de Assis)

15. É importante também não confundir o advérbio de modo "alerta" com o substantivo "alerta" – este com o sentido de "aviso, sirene".

- "Não fechara a porta, de propósito; estava alerta (*advérbio*), ao primeiro rumor saltaria." (Aluísio Azevedo)
- Soaram dois alertas (*substantivo*) no Corpo de Bombeiros.

16. Nos advérbios em "-mente", derivados de adjetivos com acento agudo ou circunflexo, estes acentos são suprimidos na formação do advérbio. Observe:

- ávido → avidamente
- débil → debilmente
- fácil → facilmente
- ingênuo → ingenuamente
- lúcido → lucidamente
- único → unicamente
- cortês → cortesmente
- só → somente
- espontâneo → espontaneamente

8.8 PALAVRAS E LOCUÇÕES DENOTATIVAS

A Nomenclatura Gramatical Brasileira, provavelmente esteada nas preciosíssimas lições do professor José Oiticica[1], classifica à parte certas palavras e expressões, antes consideradas advérbios. De acordo com as suas significações, tais palavras, chamadas de "denotativas", podem exprimir:

a) Exclusão → apenas, só, somente, exceto, senão, salvo, sequer

- **Só** ela me entende.

---

[1] Oiticica, José. *Manual de análise léxica e sintática*. 10. ed. Rio de Janeiro: Paulo de Azevedo Ltda., 1953. p. 50-55.

- Todos, **senão** Pedro, poderiam ajudá-lo naquele momento.
- **Apenas** nós ficamos lá.

b) Inclusão → também, até, inclusive, ademais, além disso

- **Até** João dançou naquela noite.
- Eu **também** irei.

c) Explicação → isto é, a saber, por exemplo, *verbi gratia*

- "Os coleópteros, **por exemplo**, têm metamorfoses completas." (José Oiticica)
- Entregou-me todos os bens, **isto é**, um caro, uma lancha, e um helicóptero.

d) Designação → eis

- **Eis** o meu maior amor: Jesus Cristo.

e) Correção ou retificação → aliás, digo, ou melhor, isto é

- Na turma éramos quatro bons amigos, **aliás**, cinco.

8.9 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (UFCE) Marque a alternativa que preenche corretamente todas as lacunas numeradas.

Palavra	Classificação morfológica	Processo de formação
gradil	1	derivação sufixal
enferrujar	verbo	2
outrora	3	4

a) (1) substantivo
   (2) derivação sufixal
   (3) adjetivo
   (4) derivação sufixal

b) (1) adjetivo
   (2) derivação parassintética
   (3) adjetivo
   (4) composição

c) (1) adjetivo
   (2) derivação sufixal
   (3) advérbio
   (4) composição

d) (1) substantivo
   (2) derivação parassintética
   (3) adjetivo
   (4) derivação sufixal

e) (1) substantivo
   (2) derivação parassintética
   (3) advérbio
   (4) composição

2. (Ufam) Assinale o item em que a palavra *que* desempenhas a função de advérbio:

a) Que fizeste dos meus livros?
b) Que bonitos olhos tens!
c) Que troféu ainda te falta?
d) Que és muito feliz, eu bem o sei.
e) Quase que você acerta tudo.

3. UFMG) As expressões destacadas correspondem a um adjetivo, exceto em:

a) João Fanhoso anda amanhecendo **sem entusiasmo.**
b) Demorava-se **de propósito** naquele complicado banho.
c) Os bichos **da terra** fugiam em desabalada carreira.
d) Noite fechada sobre aqueles ermos perdidos da caatinga **sem fim.**
e) E ainda me vem com essa conversa de homem **da roça.**

4. (UFV-MG) Em todas as alternativas há dois advérbios, exceto em:

a) Ele permaneceu muito calado.
b) Amanhã, não iremos ao cinema.
c) O menino, ontem, cantou desafinadamente.
d) Tranquilamente, realizou-se, hoje, o jogo.
e) Ela falou calma e sabiamente.

5. (UFC-CE) A opção em que há um advérbio exprimindo circunstância de tempo é:

a) Possivelmente viajarei para São Paulo.

b) Maria teria aproximadamente 15 anos.
c) As tarefas foram executadas concomitantemente.
d) Os resultados chegaram demasiadamente atrasados.

6. (Unimep-SP) Em "... um **aborrecimento** quando **os** vejo e gostaria de **não** vê-los mais" as palavras destacadas são, respectivamente:

a) adjetivo, artigo, advérbio.
b) adjetivo, pronome, pronome.
c) substantivo, pronome, advérbio.
d) substantivo, artigo, pronome.
e) verbo, pronome, preposição.

7. (Cesgranrio-RJ) Assinale a alternativa em que a preposição **com** traduz uma relação de instrumento.

a) "Teria sorte nos outros lugares, com gente estranha."
b) "Com o meu avô cada vez mais perto do fim, o Santa Rosa seria um inferno."
c) "Não fumava, e nenhum livro com força de me prender."
d) "Trancava-me no quarto fugindo do aperreio, matando-as com jornais."
e) "Andavam por cima do papel estendido com outras já pregadas no breu."

8. (PUC-SP) No trecho:

"Os trens ***de*** *cana apitavam de quando em vez, mas* ***não*** *davam* ***vencimento*** *à* ***fome*** *das moendas", as palavras destacadas correspondem, morfologicamente, pela ordem, a:*

a) preposição, advérbio, verbo, substantivo.
b) conjunção, advérbio, substantivo, adjetivo.
c) preposição, advérbio, adjetivo, adjetivo.
d) preposição, advérbio, verbo, advérbio.
e) preposição, advérbio, substantivo, substantivo.

9. (PUCC-SP) Os seus projetos são os ... elaborados, por isso garantem verbas ... para sua execução e evitam ... -entendidos.

a) melhor – suficientes – mal
b) mais bem – suficientes – mal
c) mais bem – suficiente – mal
d) melhor – suficientes – mau
e) melhor – suficiente – mau

10. (UMC-SP) Em: "uma cerca **de pedra-seca**, do tempo dos escravos" e "Tudo é mato, crescendo **sem regra**.", as locuções destacadas são, respectivamente:

a) adjetiva e adjunto adnominal; adverbial e adjunto adverbial.

b) adverbial e objeto indireto; adjetiva e predicativo.
c) adjetiva e adjunto adverbial; adverbial e adjunto adnominal.
d) adjetiva e complemento nominal; adverbial e adjunto adnominal.
e) adverbial e adjunto adnominal; adjetiva e complemento nominal.

11. (Cesgranrio-RJ) Assinale a alternativa em que a locução destacada tem valor adjetivo.

a) "Comprei móveis e objetos diversos que entrei a utilizar **com receio.**"
b) "Azevedo Gondim compôs **sobre ela** dois artigos."
c) "Pediu-me **com voz baixa** cinquenta mil-réis."
d) "Expliquei **em resumo** a prensa, o dínamo, as serras..."
e) "Resolvi abrir o olho para que vizinhos **sem escrúpulos** não se apoderassem do que era delas."

GABARITO

1 – E	2 – B	3 – B
4 – A	5 – C	6 – C
7 – D	8 – E	9 – B
10 – A	11 – E	

CAPÍTULO 9

CONJUNÇÃO

9.1 DEFINIÇÃO

É a classe de palavra invariável que liga duas orações entre si, estabelecendo um vínculo de coordenação ou de subordinação.

Observe:

- Os funcionários informaram ao chefe **que** a máquina não estava funcionando bem.
  1.ª oração — 2.ª oração
- **Quando** a moça chegou, todos se levantaram imediatamente.
  1.ª oração — 2.ª oração
- O governo aumentou a taxa de juros e diminuiu o acesso ao crédito consignado.
  1.ª oração — 2.ª oração

⇛ **Observação:**

Em alguns casos, a conjunção pode funcionar como um nexo entre duas palavras de mesma função sintática. É, por exemplo, o que frequentemente ocorre com a conjunção aditiva "E". Observe abaixo:

a) Chegou cedo **e** foi para a cidade a fim de comprar pão. (A conjunção aditiva "e" liga duas orações)

b) João **e** Maria foram ao centro da cidade. (A conjunção aditiva "e" liga duas palavras)

9.2 CLASSIFICAÇÃO

Pode-se inicialmente classificar as conjunções quanto à forma. Serão "simples" quando formadas por um único vocábulo (se, e, mas, quando, enquanto etc.). Serão "locucionais" (locuções conjuntivas) quando formadas por mais de um vocábulo (uma vez que, à medida que, para que etc.).

A principal classificação das conjunções, entretanto, leva em conta o significado da conjunção e a possibilidade de ela estabelecer "coordenação" ou "subordinação". Por este critério, as conjunções são classificadas em:

9.2.1 COORDENATIVAS

As conjunções coordenativas são aquelas que ligam orações que apresentam a mesma função na frase. De acordo com a relação que expressam, as conjunções coordenativas são classificadas em:

1. **ADITIVAS** → Chamadas também de "copulativas" ou "aproximativas", as conjunções aditivas ligam duas orações, aproximando-as numa relação de soma, de adição.

E, NEM, TAMBÉM, BEM ASSIM, BEM COMO, NÃO SÓ... MAS (TAMBÉM), NÃO SÓ... BEM COMO, QUE (= E).

- "– Pois sim, será; que disso nada sei, nem sou lida e sabida como tu..." (A. Garrett)
- "... porque ela se acha mencionada em muitos documentos, **não só** de outras províncias de Espanha, **mas também** de diversos países, como se pode ver em Ducange, à palavra Arapennis." (A. Herculano)
- "Agora que o trem de ferro
  Acorda o tigre no cerro
  E espanta os caboclos nus,
  Fazei desse 'rei dos ventos'
  – Ginete dos pensamentos,
  – Arauto da grande luz!..." (Castro Alves)

➯ **Observações sobre as conjunções aditivas:**

a) A conjunção "e", quando une palavras, funciona no mais das vezes como "aproximativa", isto é, indica mera relação de nexo. Por isso, é comumente

suprimida, sem ofensa do sentido, em uma série coordenada e só se expressa entre o penúltimo e o último termo.

- Pedro, João e Paulo partiram para o interior de São Paulo em busca de emprego.

b) A conjunção "e" pode ligar duas orações de valores opostos. Neste caso, a conjunção "e" equivalerá a "mas", uma vez que a 2.ª oração estabelece uma oposição em relação à 1.ª oração.

- "Miguel, Miguel, não tens abelhas, e (= mas) vendes mel". (provérbio)
- "Não era cristão Platão, e (= mas) mandava na sua República que nenhum oficial pudesse aprender duas artes." (Pe. A. Vieira *apud* A. Epiphanio da Silva Dias)

c) A conjunção "e" pode assumir diversos valores em uma estrutura oracional. Observe:

- "Qualquer movimento, e será um homem morto." (A. Filho *apud* Celso Cunha)

  expressa uma conclusão
- "Ia decorá-la e transmiti-la ao irmão e à cachorra." (G. Ramos *apud* Celso Cunha)

  expressa uma finalidade
- Esperei mais algumas palavras. Não vieram – e saí desapontado." (G. Ramos *apud* Celso Cunha)

  expressa uma consequência

d) A conjunção "nem" pode ser tanto aditiva (aproximativa) quanto alternativa (disjuntiva). Quando aditiva, equivale a "e nem" e liga frases negativas. Quando alternativa, ela se repete em cada uma das orações.

- Não fez a tarefa, **nem** preparou o trabalho que a professora pedira.

  conjunção aditiva = e nem
- Hoje, em virtude da doença, **nem** vai ao trabalho, **nem** vai à escola.

  conjunção alternativa

➪ **Observação:**

Nem toda repetição da conjunção "nem" irá caracterizar uma alternância, conforme se observa no exemplo abaixo:

- "Sem ele, talvez o Brasil não tivesse derrotado **nem** o complexo de inferioridade de sua sociedade em geral **nem** o racismo velado que se manifestava até no futebol." (Clóvis Rossi, Folha S. Paulo, 07.04.2002)

→ No exemplo acima, o par "nem... nem..." expressa adição negativa. O segundo "nem" equivale a "e nem".

e) Na linguagem coloquial, é comum o emprego de "mais" em lugar da conjunção aditiva "e". Saliente-se que este emprego é desabonado pelo padrão mais formal da linguagem.

▹ Fernando mais Felipe foram comprar algumas cervejas.
uso coloquial → mais = "e"

f) Algumas conjunções aditivas são frequentemente empregadas em construções paralelas, introduzidas geralmente por "não só...". Tais conjunções encerram verdadeiras construções correlatas.

CONJUNÇÕES CORRELATAS ADITIVAS

- **não só... mas também...**
- **não só... mas ainda...**
- **não só... senão também...**
- **não só... senão que...**
- **não só... bem como...**

▹ "**Não só** a cobiça e o desenfreamento da soldadesca multiplicavam aí as cenas de rapina, de violência e de sangue, **mas também** a política dos capitães árabes procurava aumentar a terribilidade desses dramas repetidos para quebrar os ânimos dos godos e persuadi-los à submissão." (A. Herculano)

▹ "... sabem que Isaura **não só** era dotada de espírito superior, **como também** recebera a mais fina e esmerada educação, não lhe estranharam a distinção das maneiras, a elegância e elevação da linguagem..." (Bernardo Guimarães)

2. **ADVERSATIVAS** → São as conjunções que unem pensamentos ou ideias contrárias, opostas. A principal conjunção adversativa na língua portuguesa é o "MAS". Apresentam também força adversativa os seguintes conectores:

PORÉM, CONTUDO, TODAVIA, ENTRETANTO, NO ENTANTO, SENÃO, QUE (= MAS), AINDA ASSIM

▹ "É uma lira, **mas** sem cordas; uma primavera, **mas** sem flores; uma coroa de folhas, **mas** sem viço." (Álvares de Azevedo)

- "– Pois o que vais tu ser, homem, **senão** um sujeito às ordens do S. Fulgêncio, do horrendo careca?" (Eça de Queiroz)
- "Bem sei que te rasguei o coração, porque tu me amavas deveras, **mas** já tenho expiado de sobra o mal que te fiz." (Casimiro de Abreu)
- "O firmamento límpido arqueia-se alumiado ainda por um Sol obscurecido, de eclipse. A pressão, **entretanto**, decai vagarosamente, numa descensão contínua, afogando a vida." (Euclides da Cunha)

➯ Observações sobre as conjunções adversativas:

a) A despeito de serem adversativas, a conjunção "porém" distingue-se de "mas" por indicar oposição mais forte que esta. Ademais, a conjunção "porém" poder ser *pospositiva*, isto é, pode ser posta depois do termo coordenado, ao passo que "mas" é sempre prepositiva, pois sempre vem antes do termo coordenado.

- "A Bruzundanga era um sarcófago de mármore, ouro e pedrarias, em cujo seio, **porém**, o cadáver mal embalsamado do povo apodrecia e fermentava." (Lima Barreto)
- "Itaquê curvara a cabeça. Ele ouviu brandir a arma; não era, **porém**, aquele o zunido da corda do arco, quando o vergava sua mão possante." (José de Alencar)

b) A conjunção adversativa "senão" pode apresentar os seguintes sentidos (valores): a não ser, do contrário, caso contrário, mas sim.

- "O braço de Itaquê defendeu sempre a nação tocantim; quer ela ser defendida agora pela palavra daquele, que não tem mais para dar-lhe **senão** (= a não ser) a experiência de sua velhice?" (José de Alencar)
- "Não obteve aplausos nem respeito, **senão** (= mas sim) escárnio e menoscabo." (A. Houaiss)
- Transmita imediatamente esta mensagem, **senão** (= do contrário, caso contrário) será despedido.
- "A definição do pregador é a vida e o exemplo. Por isso Cristo no Evangelho não o comparou ao semeador, **senão** (= mas sim) ao que semeia." (Pe. Antônio Vieira)

c) A conjunção "senão" pode juntar-se ao advérbio "quando", formando a locução adverbial "senão quando", com o sentido de "de repente, inesperadamente, quando menos se esperava".

- "**Senão quando**, morre-lhe o padrinho ao Gouveia, e em testamento deixou ao afilhado três contos de réis." (Machado de Assis)

d) **As conjunções "entretanto, no entanto" podem ser empregadas como advérbios de tempo, com o sentido de "nesse tempo, nesse meio termo, nesse ínterim, entrementes".**

- "E sentia-se esvaecer e, pouco a pouco, adormecia e, dali a pouco, roncava. **Entretanto**, no castelo tinham dado pela sua falta. Esperaram-no até à noite; esperaram-no uma semana, um mês, um ano, e não o viam voltar." (A. Herculano)

3. **ALTERNATIVAS OU DISJUNTIVAS** → São conjunções que ligam ideias e pensamentos que se alternam ou que se excluem.

OU, OU... OU, SEJA... SEJA, QUER... QUER, NEM... NEM, ORA... ORA, SEJA... SEJA.

- **Ou** ele vai para a reunião, **ou** eu vou representá-lo.
- **Ora** diz que não foi ele, **ora** diz que participou do crime.
- **Quer** o governo queira, **quer** o governo não queira, todos farão greve.
- **Nem** um **nem** outro participarão do evento.
- "Pois olhe, **quer** me creia, **quer** não, tenho-lhe conhecido mais de uma dúzia de chichisbéus, não falando do padre capelão, que esse ainda agora lhe fornece a garrafeira, à nossa custa, entende-se." (Camilo C. Branco)

⇒ **Observações sobre as conjunções alternativas:**

a) **A alternância (disjunção) efetuada com a conjunção "ou" pode ser "inclusiva", quando os elementos se somam, ou "exclusiva", quando os elementos se excluem. Veja:**

- Maçã **ou** mamão fazem bem ao intestino. (alternativa includente)
- João **ou** Pedro ganhará o prêmio de literatura este ano. (alternativa excludente)

b) **A alternância efetuada pelo par "ou... ou..." sempre será "excludente".**

- **Ou** você fica conosco, **ou** partirá para a casa de sua avó.

- **Ou** o governo aumenta o quantitativo de policiais, **ou** a violência dominará as ruas das grandes cidades.

4. **CONCLUSIVAS OU ILATIVAS** → São as conjunções que introduzem orações, em um período coordenado, as quais expressam uma conclusão, uma ilação em relação à primeira oração.

LOGO, PORTANTO, POR ISSO, POIS (posposto ao verbo), ENTÃO, ASSIM, POR CONSEQUÊNCIA, CONSEQUENTEMENTE, CONSEGUINTEMENTE.

- Ele estudou todo o assunto, deve **então** saber o sentido da expressão.
- A vida é breve; **por isso** devemos aproveitá-la bastante.
- "Dela depende inteiramente a higiene dos povos e o saneamento dos governos. É, **pois**, a garantia conservadora por excelência, contanto que seja plena e ampla." (Rui Barbosa)

5. **EXPLICATIVAS** → São conjunções que explanam na segunda oração o sentido da primeira oração ou uma explicação para a primeira.

QUE, PORQUE, POIS (anteposto ao verbo), PORQUANTO.

- Não faça caso, **que** aqui estamos para ouvi-lo.
- Isso não é razão para a sua angústia, **porque**, afinal de contas, os negócios têm corrido bem.
- As estrelas giram em torno da Terra, **pois** a Terra **tem** um movimento de rotação em torno de seu eixo.

9.2.2 SUBORDINATIVAS

As conjunções subordinativas (também chamadas de "circunstanciais") ligam orações que exercem uma função sintática em relação a outra oração denominada de "principal ou subordinante". São dez as conjunções subordinativas:

1. **CAUSAIS** → São conjunções que subordinam ideias em que se exprime a causa, o motivo, a razão de ser da ideia principal.

QUE, PORQUE, PORQUANTO, COMO (no início da oração = JÁ QUE), SE (= JÁ QUE), DESDE QUE, POIS QUE, VISTO QUE, VISTO COMO, UMA VEZ QUE, COMO QUER QUE, DE MODO QUE

- O cavaleiro não se deteve, **que** lhe pareceu haver gente emboscada.
- Velho **que** era, evitava lugares altos e grandes emoções.
- Não ficaremos neste local, **porquanto** nos pretendem roubar.
- **Já que** assim o quis, mandei-o embora.
- **Como** não liberaram o dinheiro, teve de tirar um empréstimo.
- **Se** ela gosta de você, por que não vai procurá-la?

⇨ **Observações sobre as conjunções causais:**

a) Para que a conjunção "como" seja classificada como "causal", ela precisa vir no início do período e equivaler a "porque, já que".

- **Como** não chegou no tempo estipulado, foi demitido.
  (= já que)

b) Nem sempre é fácil a distinção entre uma conjunção causal e uma conjunção explicativa. Para observar tal distinção, sugerimos estudar as orações subordinadas adverbiais causais, em sintaxe do período composto.

2. CONCESSIVAS → São conjunções que subordinam ideias em que se exprime uma ação contrária, oposta à ideia principal.

QUE, EMBORA, CONQUANTO, AINDA QUE, POSTO QUE, BEM QUE, SE BEM QUE, QUANDO MESMO, POR MAIS QUE, POR MENOS QUE, POR POUCO QUE, MESMO QUE, EM QUE PESE, APESAR DE QUE.

- **Embora** ele estivesse conosco, não poderia ter feito nada para salvar a vida do amigo.
- Não conseguirás tirar toda a sujeira, **quando mesmo** uses água sanitária.
- Tuas palavras, **que** fossem muitas, não atenuariam a dor daquele momento.
- **Por mais que** ele se explicasse, não convenceria o delegado da inocência dele.

- Ficarei na casa, **ainda que** haja opiniões contrárias.

➯ Observações sobre as conjunções concessivas:

a) Perceba que as conjunções concessivas, ao lado das coordenativas adversativas, promovem as relações de oposição ou de contraste. Por isso, geralmente é possível se trocarem umas pelas outras. É preciso, porém, ficar atento à flexão verbal, já que as orações concessivas desenvolvidas exigem o verbo no modo subjuntivo.

- Resolveu continuar estudando, **mas** sabia que já não mais realizaria o seu sonho.

→ Resolveu continuar estudando, **embora** soubesse que já não mais realizaria o seu sonho.

- **Conquanto** ela deixasse a desejar em suas atitudes morais, Marta jamais abandonou o filho e os seus familiares.

→ Marta jamais abandonou o filho e os seus familiares, **entretanto** ela deixava a desejar em suas atitudes morais.

b) Não confunda a conjunção "conquanto" com a conjunção "porquanto". Esta pode ser causal ou explicativa, enquanto aquela é estritamente concessiva.

- Abandonou a empresa, **porquanto** não lhe pagaram as férias devidas.
  conjunção causal

conjunção concessiva
- **Conquanto** tenha abandonado a empresa, não deixou que os filhos passassem fome.

c) Há outros articuladores na língua portuguesa que também expressam oposição concessiva. São eles "a despeito de, malgrado, não obstante".

- Comprou aquele carro usado, **malgrado** os conselhos em contrário que recebeu.
- **A despeito** da vigilância ativa da polícia militar, houve diversos assaltos no último final de semana.

d) Lembre-se de que, no português do Brasil, a conjunção "posto que" só é usada como concessiva, equivalendo a "embora, apesar de que, mesmo que,

ainda que". Portanto, é erro crasso usar "posto que" no lugar de "já que, visto que, uma vez que" e vice-versa.

- "Pode crer-se que a intenção do Mateus era ser admirado e invejado, **posto que** ele não a confessasse a nenhuma pessoa." (Machado de Assis)
- "A mulher, **posto que** lhe apontassem já os cabelos brancos, rejubilou com isso." (Aluísio Azevedo)

3. **CONFORMATIVAS** → São conjunções que subordinam ideias em que se exprime a conformidade de um pensamento com o da ideia principal.

COMO, CONFORME, CONSOANTE, SEGUNDO.

- Tudo se anunciou **conforme** previra o astrólogo.
- Os advogados procederam **segundo** ordenava a lei.
- Eles fizeram tudo **consoante** lhes haviam determinado.

4. **CONSECUTIVAS** → São conjunções que subordinam ideias em que se exprime o efeito, a consequência, o resultado do pensamento expresso na ideia principal.

QUE (precedido de "TÃO, TAL, TANTO, TAMANHO"), SEM QUE, DE MODO QUE, DE SORTE QUE, DE FORMA QUE, DE MANEIRA QUE.

- Falou tanto **que** ficou rouco.
- Não discute religião **sem que** não se exalte.
- "Deus, oh! Deus, onde estás **que** não respondes?" (Castro Alves)
- Ficou profundamente magoada com a atitude da criança, **de sorte que** não queria mais lecionar naquela turma.
- Viveu a vida sem restrições, **de modo que** o futuro lhe trouxe grandes dissabores.

⇨ **Observações sobre as conjunções consecutivas:**

a) Em muitas estruturas, os termos de reforço "tão, tal, tanto, tamanho" não aparecem – são elipsados da estrutura.

- Chove **que** é um horror! → Aqui temos a estrutura "Chove **TANTO que** é um horror!".
- Ele fala **que** incomoda. → Aqui temos a estrutura "Ele fala **TANTO que** incomoda".

5. **CONDICIONAIS** → São conjunções que subordinam ideias que exprimem a condição, a hipótese, a probabilidade para a ideia principal do período.

SE, CASO, CONTANTO QUE, SEM QUE, A NÃO SER QUE, SALVO SE, EXCETO SE, A MENOS QUE.

- Participaremos do evento, **salvo se** houver algum empecilho de última hora.
- Irei, **a não ser que** seja impedido por alguém.
- Elaborarei o projeto, **contanto que** ninguém dê palpite.
- Não começaremos a reunião **sem que** ele esteja presente.

6. **COMPARATIVAS** → São conjunções que estabelecem uma relação de comparação, de analogia com a ideia principal do período.

COMO, ASSIM COMO, TAL E QUAL, TAL QUAL, MAIS QUE OU DO QUE, MENOS QUE OU DO QUE, TANTO QUANTO, FEITO (= COMO).

- Ele é **tão** sábio **quanto** o irmão.
- O herói foi **tão** valente **quão** magnânimo.
- O Brasil foi colônia portuguesa, **assim como** a Argentina foi colônia espanhola.
- "Se mandasse fazer em postas e salgar o Sr. Quintino Bocaiúva, **tal qual** procedeu para com Ratcliff o fundador do império, não faltariam almas para lançar flores ao sangue dessas crueldades infames." (Rui Barbosa)
- Parecia **mais** calmo **que** de costume.

7. **FINAIS** → São conjunções que estabelecem uma relação de fim (finalidade) com a ideia principal do período.

QUE (= PARA QUE), PORQUE (= PARA QUE), PARA QUE, A FIM DE QUE.

- Fizemos tudo **para que** ele fosse aprovado em um concurso.
- "Tu que as gentes da terra tudo enfreias, **que** não passem o termo limitado." (Camilo C. Branco)
- Estudai **porque** sejais logo aprovado em um concurso.

⇨ **Observações sobre as conjunções finais:**

a) A conjunção "porque" expressando finalidade está em franco desuso na língua portuguesa contemporânea.

b) "A fim de" é uma locução prepositiva. "A fim de que" é uma locução conjuntiva. Ambas indicam finalidade. A primeira emprega-se seguida de um infinitivo, pois se emprega com orações reduzidas. A segunda emprega-se com orações desenvolvidas.

- **A fim de** sair cedo, dormi pouco.
- **A fim de que** saísse cedo, dormiu pouco.

8. **PROPORCIONAIS** → São as conjunções que estabelecem uma relação de proporcionalidade em relação ao fato contido na oração subordinante.

À MEDIDA QUE, À PROPORÇÃO QUE, AO PASSO QUE, QUANTO MAIS... MAIS, QUANTO MAIS... MENOS, QUANTO MENOS... MAIS, QUANTO MENOS... MENOS.

- **À medida que** ele estuda, **mais** aprende.
- **Quanto mais** trabalha, **mais** acumula dinheiro.
- Os alunos se levantavam, **ao passo que** iam sendo chamados.

⇨ **Observações sobre as conjunções proporcionais:**

a) Não se esqueça de que "à medida em que" e "na medida que" são expressões que não existem em nossa língua. Surgiram como corruptela da conjunção proporcional "à medida que".

b) É essencial não confundir "à medida que" com "na medida em que". Esta introduz orações causais e equivale a "visto que, já que", enquanto aquela é essencialmente proporcional e equivale a "à proporção que".

9. **TEMPORAIS** → São conjunções que estabelecem o momento, o tempo da realização do fato contido na oração subordinante (principal).

ENQUANTO, DESDE QUE, LOGO QUE, ASSIM QUE, MAL (= LOGO QUE), ANTES QUE, DEPOIS QUE, ATÉ QUE, AGORA QUE, QUANDO, SEMPRE QUE, TODA VEZ QUE.

- "Não olhes para o vinho **quando** se mostra vermelho, **quando** resplandece no copo e se escoa suavemente." (Provérbios 23:31)
- "Minha família, **depois que** lhe falei a seu respeito, está impaciente para conhecê-lo e desde já fica à sua espera." (Aluísio Azevedo)
- "É a grande resolução que se toma nas grandes dificuldades da vida, **sempre que** é possível espaçá-las." (Almeida Garret)
- "**Logo que** acabem de comer – continuou ele dirigindo-se ao feitor –, leve-as para a colheita do café." (Bernardo Guimarães)

10. **INTEGRANTES → São as conjunções que introduzem as orações substantivas, isto é, as orações que exercem para a oração principal uma das seguintes funções: sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, aposto e predicativo.**

QUE, SE

- "O certo é **que** um complexo de circunstâncias lhes tem dificultado regime contínuo." (Euclides da Cunha)
- "Meneses não sabia **se** tinha ou deixava de ter dinheiro." (Lima Barreto)
- "Pádua obedeceu; confessou **que** acharia forças para cumprir a vontade de minha mãe." (Machado de Assis)

⇨ **Observação sobre as conjunções subordinativas:**

Embora não seja reconhecida pela NGB (Nomenclatura Gramatical Brasileira), existe ainda uma conjunção (SEM QUE), que introduz orações que expressam circunstância de modo. Essa conjunção, por isso, é denominada de modal. Vejamos alguns exemplos:

- "Os meninos entraram **sem que** alguém reparasse neles, e foram colocar-se junto do oratório." (Manuel A. de Almeida)
- "Agora, pensava em como entregar a carta **sem que** ninguém visse, sem escândalo." (Adolfo Caminha)

9.3 UBIQUIDADE DAS CONJUNÇÕES

Como se sabe, em português, temos praticamente uma só (e importante) conjunção - QUE. As demais são, na maioria dos casos, advérbios que exercem a função conjuntiva ou locuções conjuntivas formadas a partir de verbos, substantivos e advérbios, associados à conjunção "QUE".

Por isso, muitas conjunções - notadamente a conjunção QUE - podem estabelecer mais de uma relação (mais de um papel) dentro de um período. Quando isso ocorre, diz-se que a conjunção é "ubíqua", isto é, que a conjunção tem a capacidade de expressar mais de uma relação, mais de um sentido.

Observe abaixo um rol sucinto de algumas conjunções ubíquas.

1 - SE

- Pedro só será aprovado **se** estudar. → **(conjunção condicional)**
- Não sabemos **se** Pedro será aprovado. → **(conjunção integrante)**
- Por que me enviaste para a missão **se** sabias que eu era fraco? → **(conjunção causal)**

2 - QUE

- Rezava **que** rezava, mas não espantava os maus pensamentos. → **(conjunção aditiva)**
- "De outras ovelhas cuidarei, **que** não de vós." (A. Garrett) → **(conjunção adversativa)**
- Todos desejam **que** tu venhas logo. → **(conjunção integrante)**
- Velho **que** era, evitava lugares altos. → **(conjunção causal)**
- Nunca fui à casa do João, **que** não o achasse estudando. → **(conjunção consecutiva)**
- Não discute sobre futebol **que** não se exalte. → **(conjunção consecutiva)**
- Com o constrangimento, fez-se vermelha **que** nem romã. → **(conjunção comparativa)**
- "Porém cinco sóis já eram passados, **que** dali nós partimos." (Camões) → **(conjunção temporal)**
- Chegados **que** fomos, todos iniciaram a reunião. → **(conjunção temporal)**
- Agora trata de fazer as coisas, **que** não lhe seja uma manhã inútil. → **(conjunção final)**

3 – COMO

- Ninguém sabe **como** ele aqui chegou. → **(conjunção integrante)**
- **Como** estivesse doente, faltei à aula. → **(conjunção causal)**
- O rosto de Maria é branco **como** a neve. → **(conjunção comparativa)**
- Falou **como** lhe convinha. → **(conjunção modal)**
- **Como** nos orientava o manual, elaboramos o projeto. → **(conjunção conformativa)**
- Falou que estaria com ele na riqueza **como** na pobreza. → **(conjunção aditiva)**

4 – DESDE QUE

- **Desde que** chegue cedo, poderá sair com os amigos. → **(conjunção condicional)**
- **Desde que** chegou, não parou de falar. → **(conjunção temporal)**

5 – QUANDO

- **Quando** falou, todos ficaram emocionados. → **(conjunção temporal)**
- **Quando** a criança chorava, ela cantava e cantava mais alto. → **(conjunção proporcional)**
- Gastaram dez dias a pé, **quando** gastariam cinco se fossem pelo mar. → **(conjunção adversativa)**

6 – E

- Chegou cedo a casa **e** pôs-se a escrever sobre o livro que lera. → **(conjunção aditiva)**
- Estudou bastante para o concurso, **e** não conseguiu nem sequer ficar entre os classificados. → **(conjunção adversativa)**

➯ **Observação final:**

Entender o valor que a conjunção está expressando depende exclusivamente do contexto em que ela se encontra. Portanto, vale um conselho: não tente decorar os valores das conjunções. Seu esforço será inócuo. Tente, sim, entender o valor que ela está exprimindo na situação em que foi empregada.

9.4 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (Fuvest-SP) Nas frases abaixo, cada espaço pontilhado corresponde a uma conjunção retirada.

1. "Porém já inço sóis eram passados ... dali nos partíramos."

2. ... estivesse doente faltei à escola.

3. ... haja maus nem por isso devemos descrer doas bons.

4. Pedro será aprovado ... estude.

5. ... chova sairei de casa.

As conjunções retiradas são, respectivamente:

a) quando, ainda que, sempre que, desde que, como.
b) que, como, embora, desde que, ainda que.
c) como, que, porque, ainda que, desde que.
d) que, ainda que, embora, como, logo que.
e) que, quando, embora, desde que, já que.

2. (UEL-PR) Não gostava muito de novelas policiais; admirava, porém, a técnica de seus autores.

Comece com: *Admirava a técnica...*

a) visto como
b) enquanto
c) conquanto
d) porquanto
e) à medida que

3. (UEL-PR) A serem considerados os resultados, o trabalho foi eficiente.

Comece com: *O trabalho foi eficiente...*

a) desde que
b) ainda que
c) a menos que
d) embora
e) por isso

4. (PUC-SP) Assinale a alternativa que possa substituir, pela ordem, as partículas de transição dos períodos abaixo, sem alterar o significado delas.

"Em **primeiro lugar**, *observemos o avô.* **Igualmente**, *lancemos um olhar para a avó.* **Também** *o pai deve ser observado. Todos são altos e morenos.* **Consequentemente**, *a filha também será morena e alta."*

a) primeiramente, ademais, além disso, em suma
b) acima de tudo, também, analogamente, finalmente
c) primordialmente, similarmente, segundo, portanto
d) antes de mais nada, da mesma forma, por outro lado, por conseguinte
e) sem dúvida, intencionalmente, pelo contrário, com efeito

5. (Cesgranrio-RJ) Assinale o período em que ocorre a mesma relação significativa indicada pelos termos destacados em "A atividade científica é tão natural **quanto qualquer outra atividade econômica**".

a) Ele era tão aplicado, que em pouco tempo foi promovido.
b) Quanto mais estuda, menos aprende.
c) Tenho tudo quanto quero.
d) Sabia a lição tão bem como eu.
e) Todos estavam exaustos, tanto que se recolheram logo.

6. (Fuvest-SP) "Podem acusar-me: estou com a consciência tranquila." Os dois pontos (:) do período acima poderiam ser substituídos por vírgula, explicitando-se o nexo entre as duas orações pela conjunção:

a) portanto
b) e
c) como
d) pois
e) embora

7. (PUC-SP) Em:

"... ouviram-se amplos bocejos, fortes **como** *o marulhar das ondas..."*

A partícula *como* expressa uma ideia de:
a) causa
b) explicação
c) conclusão
d) proporção
e) comparação

8. (Fuvest-SP) "Que não pedes um diálogo de amor, é claro, **desde que impões** a cláusula da meia-idade."

O segmento destacado poderia ser substituído, sem alteração do sentido da frase, por:

a) desde que imponhas
b) se bem que impões
c) contanto que imponhas
d) conquanto imponhas

e) porquanto impões

9. (PUCC-SP) Assinale a alternativa correspondente à frase em que ocorre uso **incorreto** de conjunção.

a) O homem criou a máquina para facilitar sua vida, e contudo ela correspondeu a essa expectativa.
b) Diga-lhe que abra logo a porta, que eu estou com pressa.
c) Ele tinha todas as condições para representar bem os colegas; nem todos lhe reconheciam os méritos, porém.
d) O problema é que ainda não se sabe se ele agiu conforme as normas da empresa.
e) Ao perceber o que tinha feito com seus livros, gritou que parecia um louco.

10. (PUC-SP) Nos trechos:

"Vejo três meninas caindo rápidas, enfunadas, **como** *se dançassem inda"*

e

"... e a prima-dona com a longa cauda de lantejoulas riscando o céu **como** *um cometa",*

as palavras destacadas expressam respectivamente ideias de:

a) comparação, objeto
b) modo, origem
c) modo, comparação
d) comparação, instrumento
e) consequência, consequência

GABARITO

1 – B	2 – C	3 – A
4 – D	5 – D	6 – D
7 – E	8 – E	9 – A
10 – C		

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

CAPÍTULO 10

PREPOSIÇÃO

10.1 DEFINIÇÃO

É a categoria gramatical invariável que tem por função ligar entre si duas palavras, subordinando uma à outra, para introduzir determinadas circunstâncias ou indicar posse, referência, origem, atribuição, causa, efeito etc. Portanto, a preposição é a palavra invariável de caráter essencialmente relacional.

Observe:

- Amanhã iremos à casa de Maria.
  A preposição "de" subordina "Maria" à "casa".
- A criança se encontra com febre.
  A preposição "com" introduz o termo atributivo "com febre".
- Deixá-lo-emos em Salvador e partiremos para São Paulo.
  As preposições "em" e "para" introduzem as circunstâncias de lugar.

Perceba que a principal "missão" das preposições é, de fato, subordinar um vocábulo ao outro. As palavras ligadas pela preposição chamam-se "**termos**" dela. O primeiro (subordinante ou regente) é chamado de "**antecedente**" e o segundo (subordinado ou regido) é chamado de "**consequente**".

Veja agora estes outros exemplos:

- Joana gosta de sair à noite.
  A preposição "de" subordina a oração "sair à noite" ao verbo "gostar".
- Tenho certeza de que amanhã Maria chegará.
  A preposição "de" subordina a oração "que amanhã Maria chegará" à "certeza".
- Eles anseiam por que a inflação não aumente.
  A preposição "por" subordina a oração "que a inflação não aumente" ao verbo "ansiar".

Observando as orações acima, percebe-se claramente que a preposição também subordina "orações" a certos vocábulos. Vê-se, portanto, que a preposição, à semelhança da conjunção, também subordina orações.

10.2 NEXOS PREPOSITIVOS NÃO REGENCIAIS – VALORES DE ALGUMAS PREPOSIÇÕES

De fato, o emprego da preposição se dá geralmente por questões de regência – subordinação de um termo a outro. Nem sempre, porém, isso ocorre. Em muitos casos, emprega-se a preposição para que ela estabeleça, junto ao núcleo do termo, um determinado valor. É o caso que se dá, por exemplo, com as locuções adverbiais. Perceba que a maioria delas é introduzida por um nexo prepositivo, que não foi oriundo de uma relação regencial. Quando se diz, por exemplo, *"João chegou à noite"*, a preposição "a", que introduz a locução adverbial de tempo "à noite", estabelece com o substantivo "noite" uma noção de tempo. A preposição, nesse caso, não foi requisitada pelo verbo da estrutura, uma vez que ele é intransitivo. Foi usada tão somente para estipular / introduzir a relação de tempo.

Observe outros valores estipulados por nexos prepositivos não regenciais:

- Ele sempre fala muito sobre política.
  ↳ *assunto*
- Ele veio de Caruaru.
  ↳ *lugar, origem, procedência*
- Sairemos hoje com Maria.
  ↳ *companhia*
- Falaram contra nós dois.
  ↳ *oposição*
- A casa de Maria é bonita.
  ↳ *posse*
- Vendeu a casa por R$ 20.000,00.
  ↳ *preço*
- Dei-lhe algo para beber.
  ↳ *finalidade*
- Comprei um televisor em cores.
  ↳ *qualidade, estado*
- Morrer pela pátria.
  ↳ *motivação, favor*
- Ele morreu de fome.
  ↳ *causa*
- Todos se inclinaram para a frente.
  ↳ *direção, lugar*
- Atiraram para cima.
  ↳ *direção*
- Viajaremos durante as férias.
  ↳ *tempo*
- Nós iremos de avião.
  ↳ *meio*
- Fechou o portão a cadeado.
  ↳ *instrumento*
- Fez um omelete com dois ovos.
  ↳ *matéria*
- Todos ficaram de pé.
  ↳ *modo*
- Comprei uma casa de campo.
  ↳ *finalidade, destinação*

10.3 CLASSIFICAÇÃO DAS PREPOSIÇÕES

No português, as preposições são classificadas em "essenciais" (palavras que só desempenham o papel estritamente de preposição) e "acidentais" (palavras de outra classe gramatical que eventualmente se usam como preposições).

a) São essenciais:

a
ante
após
até
com
contra

de
desde
em
entre
para
trás

perante
por
sem
sob
sobre

b) São acidentais:

conforme (= de acordo com)
consoante (= de acordo com)
segundo (= de acordo com)
como (= na qualidade de)
durante
salvo

fora, afora
exceto
mediante (= por meio de)
menos
tirante
salvante

10.4 LOCUÇÕES PREPOSITIVAS

Em muitos casos, a função prepositiva é exercida por um conjunto de vocábulos que é finalizado por uma preposição. Neste caso, está-se diante das chamadas "**locuções prepositivas**". Geralmente, tais locuções apresentam como núcleo um substantivo ou um advérbio.

Abaixo há um sucinto rol das principais locuções prepositivas.

abaixo de
acerca de
acima de
a fim de
além de
à maneira de

atrás de
através de
de acordo com
debaixo de
defronte de
dentro de

em frente de
em lugar de
em redor de
em torno de
em vez de
fora de

antes de
até a
ao lado de
ao invés de
ao redor de
a par de
apesar de
a respeito de
de per
depois de
devido a
diante de
embaixo de
em cima de
em face de
em frente a
junto a
não obstante
no caso de
para com
perto de
por causa de
por detrás de
por trás de

Observe alguns exemplos:

- "Maldito seja aquele vendeiro de todos os diabos! Fazer-me um cortiço **debaixo das** janelas!..." (Aluísio Azevedo)
- "Duas vacas, guardadas por uma rapariga, apareceram então pelo caminho lodoso que do outro lado do rio, **defronte da** alameda, corre junto de um silvado." (Eça de Queiroz)
- "O olhar fascinado perturbava-se no desequilíbrio das camadas desigualmente aquecidas, parecendo varar **através de** um prisma desmedido e intáctil." (Euclides da Cunha)
- "Esta protelação, inexplicável, esta reserva **acerca de** um programa feito, acabado, dependente apenas de uma formalidade elementar." (Rui Barbosa)
- *"A cabocla foi sentar-se à mesa redonda que estava no centro da sala, vi*rada para as duas. Pôs os cabelos e os retratos **defronte de** si." (Machado de Assis)

10.5 COMBINAÇÕES E CONTRAÇÕES DAS PREPOSIÇÕES

Observe o exemplo abaixo:

Ele foi um **daqueles** que sempre lutou **pela** pátria.

Veja que os dois termos em negrito aparecem com preposições:

- daqueles → de + aqueles
- pela → per (preposição arcaica) + a

Num período, pode uma preposição unir-se a outra palavra, passando a constituir com ela um só vocábulo. Nessa ligação, se a preposição permanece

com todos os seus fonemas, diz-se que há "**combinação**"; se houver perda de fonema para algum dos componentes, diz-se que há "**contração**".

Listaremos abaixo alguns casos comuns de combinação e de contração:

a) Combinação da preposição "a" com os artigos definidos ou os pronomes demonstrativos "o, os" → ao, aos

b) Contração da preposição "a" com os artigos definidos ou os pronomes demonstrativos "a, as" → à, às (crase)

c) Contração da preposição "de" com artigos, certos pronomes e certos advérbios:

- de + o, a, os, as → **do, da, dos, das**
- de + um, uma, outro, outra → **dum, duma, doutro, doutra etc.**
- de + ele, ela, esse, aquele, aquilo, isto, isso (e suas flexões) → **dele, dela, desse, daquele, disto etc.**
- de + aqui, aí, ali, onde, antes → **daqui, daí, donde, dantes etc.**

d) Contração da preposição "em" com artigos e certos pronomes:

- em + o, a, os, as → **no, na, nos, nas**
- em + um, uma, outro, este, esse, aquele (e suas flexões) → **num, numa, noutro, neste, naquele etc.**

e) Contração da antiga preposição "per" (hoje substituída pela sua sinônima "por") com os artigos "o, a, os, as" → pelo, pela, pelos, pelas

⇨ **Observação:**

Quando rege infinitivos, a preposição não deve se contrair com artigos, advérbios e pronomes (orações reduzidas). Ademais, como geralmente os infinitivos apresentam sujeito próprio, é inadmissível que haja o preposicionamento do sujeito deste infinitivo.

sujeito do infinitivo
- Vamos, pois está na hora do ônibus passar. → construção errada. (Corrija-se: na hora de o ônibus passar.)

sujeito do infinitivo
- Não saímos de casa pelo carro estar quebrado. → construção errada. (Corrija-se: por o carro estar quebrado.)

O pronome "ele" é o sujeito do infinitivo.
- Comprei livros a fim dele estudar mais. → construção errada. (Corrija-se: a fim de ele estudar mais.)

O substantivo "assassino" é o sujeito do infinitivo "ser".

- O crime comoveu a todos **por** o assassino ser muito conhecido. → construção correta

10.6 REPETIÇÃO DAS PREPOSIÇÕES

Sem dúvida, um dos pontos que suscita dúvida diz respeito à repetição da preposição. Em muitas estruturas em que aparece mais de um termo subordinado a um outro termo por meio de uma preposição, a repetição da preposição deve levar em conta as seguintes orientações:

a) Diante de termos subordinados em que o determinante só ocorre perante o primeiro, é de praxe a preposição só aparecer no primeiro termo subordinado.

- "Tratou logo de aprestar a armada, que achou desbaratada **pelas** viagens e guerras de seu antecessor." (J. Freire *apud* Cláudio Brandão)
- "Pudera chamar abelhas aos holandeses **pela** arte e bom governo." (Pe. Antônio Vieira)
- "As aves, dando repouso às asas fatigadas do contínuo voejar **pelos** pomares, prados e balsedos vizinhos, começavam a preludiar seus cantos vespertinos." (Bernardo Guimarães)

➯ **Observação:**

É possível, nestes casos, a repetição tanto da preposição quanto do determinante a fim de individualizar e ressaltar cada termo subordinado.

- "Cristo, nosso Salvador, é o verdadeiro Deus **dos** exércitos e **das** vitórias." (Pe. Antônio Vieira)
- "Maria é a divindade **da** inocência, **da** fraqueza e **do** infortúnio." (Camilo C. Branco)
- "Deus me livre de debater matéria tantas vezes disputadas, tantas vezes exaurida **pelos** que sabem a ciência do mundo e **pelos** que sabem a ciência do céu!" (A. Herculano)

b) É frequente omitir-se a preposição antes do segundo e dos outros termos subordinados quando estes vêm desacompanhados de determinantes.

- "Vós ensinais-me a defender a honra **com** vida, santidade, exemplo e sofrimento." (Tomé de Jesus *apud* Cláudio Brandão)

- "... e lágrimas de ternura e religião rebentam de todos os olhos." (Camilo C. Branco)

Observação:

A repetição da preposição, entretanto, far-se-á necessária se se desejar pôr em relevo (ênfase) cada um dos termos subordinados.

- "**Com** espanto e ao mesmo tempo **com** alegria, percebi que se exprimia em romano rústico, o qual, daí a pouco, vi que o moço árabe falava como se fosse a própria linguagem." (A. Herculano)
- "E que **sobre** mirrados, **sobre** afogados, **sobre** comidos, ainda se vejam pisados e perseguidos dos homens..." (Pe. Antônio Vieira)
- "Todas as consciências, todos os caracteres, todas as alavancas morais das grandes causas farão, em torno de S. Ex.ª, um círculo **de** força, **de** inteligência, **de** probidade, **de** patriotismo, **de** desinteresse, **de** concentração intensa, perseverante, intransigente, a que nada resistirá." (Rui Barbosa)

c) Quando os termos subordinados se encontram precedidos por determinantes, é comum exprimir-se a preposição apenas diante do primeiro termo subordinado, omitindo-a para dos demais.

- "Essa noite, nas salas de Manuel, só se conversou sobre as boas qualidades e os bons precedentes do estimado cura do Rosário." (Aluísio Azevedo)
- "... suave é o refúgio dessa consolação oferecida pelos fastos de uma época heróica aos que padecem e esperam contra a aridez e a corrupção de nossos dias." (Rui Barbosa)
- "Entre os esplendores e as harmonias dessa inocente, querida e confortadora solenidade, recolhamo-nos uns instantes à obscuridade silenciosa de nosso senso íntimo." (Rui Barbosa)

Observação:

Nestes casos, pode-se também repetir a preposição caso se queira dar mais ênfase a cada um dos termos subordinados.

- "As quatro filhas do Teixeira Azevedo, magrinhas, com os cabelos muito riçados, as olheiras pisadas, passavam a sua tarde de dia santo, olhando **para** a rua, **para** o ar, **para** as janelas vizinhas." (Eça de Queiroz)
- "Olha para si, **para** as chinelas (umas chinelas de Túnis, que lhe deu recente amigo, Cristiano Palha), **para** a casa, **para** o jardim, **para** a enseada, **para** os morros e **para** o céu." (Machado de Assis)

d) Em sequências formadas de infinitivos, é comum exprimir-se a preposição apenas diante do primeiro infinitivo.

- "... foi a Santo Agostinho, como iria a Santo Ambrósio ou a Santo Hilário, e escreveu uma carta enigmática, para confundi-lo, até voltar e rir-se do logro." (Machado de Assis)
- "Preparou-se para passar os Pireneus e invadir a França." (F. Castilho)
- "Depois de gritar, chorar, maldizer, blasfemar, ameaçar, rasgar, quebrar, destruir, Vidinha parou um instante, concentrou-se, meditou, e depois, como tomando uma grande resolução." (Manuel A. de Almeida)

➪ Observação:

A repetição da preposição antes de cada infinitivo é possível quando se deseja obter ênfase.

- "Para soerguer o peso desse véu, para lhe arredar a ponta, não será demais o concurso de uma boa vontade..." (Rui Barbosa)
- "... estava olhando da alta torre Tarpeia, recreando-se em ver abrasar aqueles nobres e antigos edifícios, e em ouvir os tristes clamores..." (H. Pinto *apud* Cláudio Brandão)

e) A repetição da preposição diante de cada termo subordinado deverá ser feita sempre que for necessário conferir maior clareza ao enunciado a fim de se evitar possíveis ambiguidades.

- João lutou contra Pedro e Paulo. (Napoleão M. de Almeida)
  João lutou ao mesmo tempo contra Pedro e Paulo.
- João lutou contra Pedro e contra Paulo. (Napoleão M. de Almeida)
  João lutou contra Pedro e depois contra Paulo.
- "Os descendentes dos Bem-Umeias aplicou todas as atenções a construir uma armada capaz de impedir os desembarques dos africanos e a reprimir algumas tentativas dos descontentes." (A. Herculano)

f) Em se tratando de locução prepositiva, apresentam-se as seguintes orientações:

→ A locução prepositiva aparece apenas no primeiro termo subordinado:

- "Naquela época, porém, devido ao álcool e desgostos íntimos, nos quais predominava a loucura irremediável de um irmão, não era mais que uma triste ruína de homem, amnésico, semi-imbecilizado, a ponto de não poder seguir o fio da mais simples conversa." (Lima Barreto)

- "Eu – não tomaria outra, apesar da legislação e prática então vigente, e que não sei se ainda hoje vige." (A. Garrett)

→ A locução prepositiva é repetida para cada termo subordinado:

- **Por causa da** chuva e **por causa dos** prováveis alagamentos, resolveu adiar a reunião que faria com os membros do partido.
- "Agora podeis falar **diante** dele como **diante** de mim." (A. Garrett)

→ A locução prepositiva aparece no primeiro termo subordinado e repete-se a parte final dela para os demais termos subordinados:

- "A sua casa tinha agora um pessoal complicado de primeiros, segundos e terceiros caixeiros, **além do** guarda-livros, **do** comprador, **do** despachante e **do** caixa." (Aluísio Azevedo)
- "De cada vez que Afonso ia à quinta predilecta, em cada árvore nova entalhava as letras iniciais dos dois nomes, que ele imaginava, apesar da distância e **dos** reveses, atados para sempre com aplauso de Deus." (Camilo C. Branco)

10.7 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (Fuvest-SP) Ao ligar dois termos de uma oração, a preposição pode expressar, entre outros aspectos, uma relação temporal, espacial ou nocional. Nos versos:

   "Amor total e falho... Puro e impuro...

   Amor de velho adolescente..."

   a preposição de estabelece uma relação nocional.

   Essa mesma relação ocorre em:

   a) "Este fundo **de** hotel é um fim **de** mundo."
   b) "A quem sonha **de** dia e sonha **de** noite, sabendo todo sonho vão."
   c) "Depois fui pirata mouro, flagelo **da** Tripolitânia."
   d) "Chegarei **de** madrugada, quando cantar a seriema."
   e) "Só os roçados **da** morte compensam aqui cultivar."

2. (Cesgranrio-RJ) Assinale a opção em que a preposição *com* traduz uma relação de instrumento.

   a) "Teria sorte nos outros lugares, com gente estranha."
   b) "Com o meu avô cada vez mais perto do fim, o Santa Rosa seria um inferno."

c) "Não fumava, e nenhum livro com força de me prender."
d) "Trancava-me no quarto fugindo do aperreio, matando-as com jornais."
e) "Andavam por cima do papel estendido com outras já pregadas no breu."

3. (Unimep-SP) "Depois **a** mãe recolhe as velas, torna **a** guardá-**las** na bolsa." Os vocábulos destacados são, respectivamente;

a) pronome pessoal oblíquo, preposição, artigo.
b) artigo, preposição, pronome pessoal oblíquo.
c) artigo, pronome demonstrativo, pronome pessoal oblíquo.
d) artigo, preposição, pronome demonstrativo.
e) preposição, pronome demonstrativo, pronome pessoal oblíquo.

4. (Cesgranrio-RJ) Assinale a opção cuja lacuna não pode ser preenchida pela preposição entre parênteses.

a) uma companheira desta, ... cuja figura os mais velhos se comoviam. (*com*)
b) uma companheira desta, ... cuja figura já nos referimos anteriormente. (*a*)
c) uma companheira desta, ... cuja figura havia uma ar de grande dama decadente. (*em*)
d) uma companheira desta, ... cuja figura andara todo o regimento apaixonado. (*por*)
e) uma companheira desta, ... cuja figura as crianças se assustavam. (*de*)

5. (UFU-MG) "... foram intimados **a** comparecer...", "... não **a** fizeram...", "... **a** sua oração...". As três ocorrências de **a** são, respectivamente:

a) preposição, pronome, preposição.
b) artigo, artigo, preposição.
c) pronome, artigo, preposição.
d) preposição, pronome, artigo.
e) artigo, pronome, pronome.

6. (PUC-SP)

"... a folha **de um livro** *retoma."*

"como **sob o vento** *a árvore que o doa."*

"e nada finge vento **em folha** *de árvore."*

As expressões destacadas são introduzidas por preposições. Tais preposições são usadas, nesses versos, com a ideia de:

a) origem, lugar, especificação.
b) especificação, agente causador, lugar.
c) instrumento, especificação, lugar.
d) agente causador, especificação, lugar.
e) lugar, instrumento, origem.

7. (UM-SP) Indique a oração que apresenta locução prepositiva.

a) Havia objetos valiosos sobre a pequena mesa de mármore.
b) À medida que os inimigos se aproximavam, as tropas inglesas recuavam.
c) Seguiu a carreira militar devido à influência do pai.
d) Agiu de caso pensado, quando se afastou de você.
e) De repente, riscou e reescreveu o texto.

8. (Cesgranrio-RJ) Assinale a opção que completa corretamente as lacunas da seguinte frase:

"O controle biológico de pragas, ... o texto faz referência, é certamente o mais eficiente e adequado recurso ... os lavradores dispõem para proteger a lavoura sem prejudicar o solo."

a) do qual, com que
b) de que, que
c) que, o qual
d) ao qual, cujos
e) a que, de que

9. (UFV-MG) Assinale a opção cuja sequência completa **corretamente** as frases abaixo.

A lei ... se referiu já foi revogada.

Os problemas ... se lembraram eram muito grandes.

O cargo ... aspiras é muito importante.

O filme ... gostou foi premiado.

O jogo ... assistimos foi movimentado.

a) que, que, que, que, que
b) a que, de que, que, que, a que
c) que, de que, que, de que, que
d) a que, de que, a que, de que, a que
e) a que, que, que, que, a que

10. (Osec-SP) Assinale a frase que **não** está correta.

a) Entre mim e ti tudo acabou.
b) Já lhe disse que entre nós nada é bom.
c) Entre ela e nós existe de tudo.
d) Entre eu e você deve haver respeito.
e) Não é possível haver dúvidas entre eles.

GABARITO

1 – A	2 – D	3 – B
4 – E	5 – D	6 – B
7 – C	8 – E	9 – D
10 – D		

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

CAPÍTULO 11

INTERJEIÇÃO

11.1 DEFINIÇÃO

É a palavra invariável que exprime os sentimentos ou as sensações de dor, alegria, surpresa, temor, aversão etc.

De acordo com o professor M. Said Ali, as interjeições representam "a parte menos racional da linguagem, por não traduzirem nenhuma estruturação sintática".

As interjeições devem ser proferidas em tom de voz diferente daquele que se usa para o vocábulo da linguagem expositiva, por elas representarem brados, gritos ou expressões de dor, alegria, pavor, surpresa etc.

11.2 CLASSIFICAÇÃO

As interjeições são classificadas de acordo com os afetos que exprimem. Teremos, então, as interjeições de:

a) **dor**: *ai!, ui!*
b) **alegria**: *ah!, oh!, oba!, opa! aleluia!*
c) **admiração:** *oh!, ah!, opa!, oba!, puxa!*
d) **animação:** *avante!, coragem!, eia!, vamos!, agora!, ânimo!, força!*
e) **aplauso**: *bis!, bem!, bravo!, viva!, apoiado!, muito bem!, ótimo!, perfeito!*
f) **apelo ou invocação**: *olá!, psiu!, psit!*
g) **desejo**: *oh!, oxalá!, tomara!*

h) **silêncio**: *psiu!, silêncio!*
i) **pavor ou terror**: *ufa!, ui!, uh!, credo!, cruzes!*
j) **espanto ou surpresa**: *ah!, chi!, ué!, uai!, caramba!.*
k) **indignação**: *apre!, chi!, morra!, fora!.*
l) **suspensão**: *basta!, alto!, alto lá!*
m) **advertência**: *cuidado!, atenção!*
n) **descontentamento**: *hum!, hem!, diabo!, mau!*
o) **repulsa**: *safa!, fora!, uf!*

➾ **Observações importantes:**

a) É importante frisar que na escrita as interjeições vêm de regra acompanhadas de ponto de exclamação (!).

b) Perceba que algumas interjeições podem ser classificadas em mais de uma categoria. Isso se dá em virtude de a interjeição poder expressar sentimentos vários. A classificação, portanto, deve ser feita de acordo com o contexto em que se encontra a interjeição.

c) Há interjeições denominadas de "imitativas ou onomatopaicas". São aquelas que exprimem os sons das coisas, dos objetos – zás!, chape!, bum!.

d) Assim como outras classes morfológicas, as interjeições podem aparecer sob a forma locucional – são denominadas de "locuções interjetivas". São exemplos dessas locuções:

- **Valha-me Deus!**
- **Ai de mim!**
- **Credo em cruz!**
- **Puxa vida!**
- **Ora, bolas!**
- **Coitado de mim!**
- **Deus me livre!**
- **Essa não!**
- **Raios te partam!**
- **Nossa Senhora!**
- **Virgem Maria!**
- **Muito obrigado!**

e) A interjeição de emprego mais comum na língua portuguesa é "oh!", a qual também se escreve "ó!" – esta última é empregada geralmente no vocativo para indicar um chamamento, uma invocação. A interjeição "oh!" possui sentido variável, denotando ora alegria, ora espanto, ora aversão, ora desejo, ora chamamento.

III

SINTAXE

CAPÍTULO 1

SINTAXE DE ORAÇÃO – TERMOS ESSENCIAIS DA ORAÇÃO

1.1 CONCEITOS ESSENCIAIS

Antes de tudo, é fundamental apreender o conceito de frase, oração e período.

1.1.1 FRASE

É todo enunciado linguístico capaz de estabelecer um processo de comunicação, ou seja, é todo enunciado que possui sentido completo.

Observe:

- Silêncio!
- Meu Deus, ajude-me!
- O presidente da empresa viajará amanhã para São Paulo.
- Na próxima semana, o resultado do concurso sairá, e todos saberão quem foram os reais ganhadores.

Veja: Não importa o tamanho – frase é tudo que possui sentido completo.

Quanto ao sentido que expressam, as frases podem ser:

a) Declarativas ou expositivas (apresentam uma declaração, um juízo de valor):

▹ O governo mostra-se lento na resolução do problema da violência.

b) Interrogativas (apresentam uma indagação, uma pergunta, um questionamento):

▹ Por que ele não chegou ainda?

c) Imperativas (apresentam uma ordem, um mandamento, uma exortação):

▹ Deixe o ambiente agora.

d) Exclamativas (apresenta uma admiração, uma repulsa, uma surpresa):

▹ Muito bem!

▹ Quanto desprezo em suas palavras!

e) Optativas (apresentam um desejo, uma aspiração):

▹ Que Deus os proteja!

▹ Oxalá dê tudo certo em sua jornada!

1.1.2 ORAÇÃO

É toda estrutura linguística centrada em um verbo ou uma locução verbal. Podemos afirmar ser toda estrutura que se biparte em sujeito e predicado, e, excepcionalmente, só em predicado, quando a declaração se encerra em si mesma sem referência particular a nenhum ser.

▹ "Raspou, achou, ganhou!" (Anúncio publicitário)

▹ Amanhã o governo deve anunciar um novo pacote econômico.

1.1.3 PERÍODO

É a frase formada por uma ou mais orações. Classifica-se, portanto, em:

a) Simples: formado por uma única oração, denominada de oração absoluta. Haverá, por isso, um único verbo ou uma única locução verbal.

- Haveremos de conseguir a aprovação no concurso.
- Ainda existem pessoas honestas neste país?

b) Composto: formado por mais de uma oração. (A classificação desse período encontra-se no capítulo sintaxe de período).

- [Quando o homem chegou], [a polícia já havia levado o corpo].
- [Ela aprecia frutos do mar] [que são pescados em águas mornas].
- [Todos desconfiam] [de que o coordenador foi o culpado pela tragédia].

Concluindo: É fundamental que o estudante da língua portuguesa aprenda a detectar o verbo da estrutura linguística. É a partir dele que toda a sintaxe ganha existência. Ademais, convém saber que:
Nem toda frase é uma oração, assim como nem toda oração é uma frase.
Nem todo período é formado por mais de uma oração. O período pode ser simples, como vimos.

1.2 TERMOS ESSENCIAIS DA ORAÇÃO

Gramaticalmente existem dois termos essenciais:

- o sujeito;
- o predicado.

Entretanto, perceberemos ao longo do nosso estudo que o termo essencial por excelência é o predicado, em virtude da possibilidade da existência de uma oração sem sujeito.

1.2.1 SUJEITO

É o termo que representa o ser a respeito de quem se diz alguma coisa, faz-se alguma declaração.

Importante!! Identificar o sujeito é um dos mais importantes conhecimentos de que precisa o estudante da Língua Portuguesa para caminhar bem em sintaxe. Vale salientar que toda a base da concordância verbal está na perfeita harmonização entre o verbo e o seu sujeito. Ora, para que se perfaça essa harmonia, é fundamental que primeiro se identifique o "bendito" sujeito.

A partir de agora, vamos ver várias orações. Procure identificar (e acima de tudo entender) nelas o sujeito do(s) verbo(s).

- Deslizavam montanha abaixo **as águas do desgelo.**
- Ainda devem chegar hoje pela manhã **as correspondências enviadas pelo amigo de Portugal.**
- **Meus ais** incomodavam a muitos no hospital.
- Caso não lhe venham a parecer oportunas **essas medidas**, faça **você** mesmo como quiser.
- Ainda deve ocorrer, nas periferias das grandes cidades, a despeito das medidas repressivas, **muita contestação violenta** por parte dos desempregados.

Não esqueça: O sujeito pode estar localizado em qualquer parte da estrutura oracional. O importante é perceber com quem o verbo está se relacionando e notar a que termo a declaração verbal se refere. Observe as seguintes análises errôneas a respeito do sujeito:

a) Chegaram hoje à tarde **muitas correspondências.** (Achar que o termo em negrito é o objeto direto. Na realidade quem praticou a ação de chegar foram "as correspondências". Logo, é o sujeito da oração.)

b) Ainda existem **pessoas honestas** no Brasil. (Achar que o sujeito é indeterminado só porque o verbo se encontra na 3.ª pessoa do plural. Na realidade quem pensa assim geralmente está preso à definição de sujeito como o termo que pratica a ação. É melhor pensar em sujeito como o ser sobre o qual se faz alguma declaração, se enuncia algo.) Observe:

- Ocorreram **festas** no final de semana.
- Convém o **retorno** imediato dele.

- Agora só importa a **resolução** do problema.
- Ainda faltam quinze **minutos** para o início do show.

Perceba que todos os termos em negrito representam núcleos dos sujeitos. Cuidado para não pensar que eles são objetos diretos tentando fazer a velha perguntinha: "o quê"?
Uma outra informação importante para o nosso aprendizado é a de que o núcleo do sujeito de uma oração é sempre representado por um substantivo ou por um termo substantivado.

Considerações gerais sobre o sujeito:

a) Não se esqueça de que o sujeito da oração não vem regido por preposição, pois, como sabemos, por ser o sujeito um termo subordinante, não se deixa reger por preposição. Logo, um termo regido por um nexo prepositivo jamais exercerá a função de sujeito. Observe (destacamos o sujeito com a cor laranja; **os elementos sublinhados não representam o sujeito** – geralmente esses elementos funcionam como completivos – objeto direto, objetivo indireto, complemento nominal):

- Ainda cabe aos alunos da 1.ª série **consertar o dano que causaram à escola.** não é o sujeito
- Enreda-se nas tramas das próprias memórias **todo aquele** que não busca abrir, para si mesmo, novos tempos e novas experiências.
- A qualquer pessoa podem ocorrer, neste tempo de radicalismos, **argumentos em favor da mais pessimista expectativa histórica.**
- Se a cada um de nós efetivamente perturbassem **os que agem mal**, a impunidade seria impossível.

sujeito oracional

- Não ocorre aos bons cidadãos **que os maus contam com o silêncio da sociedade** para seguirem sendo o que são.

Observação:

Fique muito atento! Frequentemente as bancas interpõem esses termos preposicionados entre o sujeito e o verbo a fim de confundir o candidato. Por isso, procure estudar este ponto mais de uma vez, para que você não cometa erros "bobos" quando for identificar o sujeito a fim de efetuar a concordância verbal adequada.

b) Em virtude da regra acima, não se deve, portanto, preposicionar um termo que exerce a função sintática de sujeito. Observe:

- Está na hora da onça beber água. (construção errada)

Corrija-se para...

- Está na hora de a **onça** beber água.
  sujeito do verbo "beber"

- Apesar da manifestação ocupar as ruas principais, o trânsito fluía normalmente. (construção errada)

  Corrija-se para...

- Apesar de **a manifestação** ocupar as ruas principais, o trânsito fluía normalmente.
  sujeito do verbo "ocupar"

- A fim dele conseguir a aprovação, comprei novos livros. (construção errada)

Corrija-se para...

- A fim de **ele** conseguir a aprovação, comprei novos livros.

⇨ **Observação:**

Nesses casos, o nexo prepositivo rege a oração, e não o sujeito desta oração.

1.2.1.1 Núcleo do sujeito

O núcleo do sujeito pode ser exercido por:

I – Pronomes pessoais do caso reto

- **Eles** trouxeram o projeto para **eu** avaliar. (Se aparecer alguma dúvida aqui, pare e vá estudar o assunto "pronome", notadamente, os pronomes pessoais.)

- **Nós** ainda iremos ganhar esta maratona.

II – Alguns pronomes pessoais oblíquos (me, te, se, o, a, os, as, nos, vos)

Calma!!! Não é difícil!! É só uma exceção, afinal a função típica desses pronomes é a complementar. Esse caso ocorre geralmente com verbos denominados "sensitivos" e "causativos", como, por exemplo, "mandar, deixar, fazer, ouvir, ver".

- Deixei-**os** sair para diminuir o barulho aqui dentro.

Se desenvolvermos a frase acima, teremos:

- Deixei que **eles** saíssem para diminuir o barulho aqui dentro.

Ora, veja que o pronome obliquo átono – os – transformou-se, quando a oração foi desenvolvida, no pronome tônico do caso reto "eles" que, por sua vez, é, claramente, o sujeito do verbo sair. Logo, o pronome átono "os" na primeira oração – a reduzida – também funciona como sujeito do verbo "sair". Olhe outros exemplos:

- Fizemo-**lo** abandonar o vício em fumar. (= Fizemos com que **ele** abandonasse o vício em fumar.)
- Mandaram-**me** comprar um produto de última geração. (= Mandaram que **eu** comprasse um produto de última geração.)
- Vê-**los** sair mais cedo é uma vitória. (= Ver que **eles** saem mais cedo é uma vitória.)
- Poder deixá-**las** brincar mais um pouco é um prazer. (= Poder deixar que **elas** brinquem mais um pouco é um prazer.)

Dica: Perceba que os pronome oblíquos acima funcionam como sujeitos de verbos no infinitivo, cuja oração desempenha a função de objeto direto para a principal. Veja um último exemplo: Mandar-te-iam deixar o ambiente só porque não estás de paletó? (Veja que a oração "te deixar o ambiente só porque não estás de paletó" exerce a função sintática de objeto direto para o verbo "mandar".)

III – Pronomes pessoais de tratamento

- **Você** não viu o incidente que provocou?

- **Vossa Excelência** não conveio nas condições do acordo.

IV – Substantivo ou palavra com função de substantivo

- Os **prós** e os **contras** foram mencionados logo no início da reunião.
- A **interação** dele com os outros pacientes mostrava claramente a sua recuperação.
- Nem sempre o **belo** é tão belo quanto se mostra.
- A **pequena** fez uma cara de espanto.
- O **mas** é uma conjunção adversativa.

V – Pronomes demonstrativos, indefinidos, relativos ou interrogativos

- — **Quem** bateu à porta?
- — **Alguém** bateu à porta.
- — Não! **Ninguém** bateu à porta?
- **Isso** passou logo. No entanto, **aquilo** demorará mais.

> **Não se esqueça!** Os pronomes indefinidos se referem à 3.ª pessoa do discurso de maneira indefinida, vaga, imprecisa – eles não promovem "sujeito indeterminado". Nada a ver!! Cuidado!!

- Ao longe se via uma mulher **que** comprava presentes. (Observe o pronome relativo "que" desempenhando a função de sujeito ⇛ "Ao longe se via uma mulher a qual comprava presentes".)

VI – Numeral

- As **duas** conseguiram boas notas na prova.
- Só **uma** deve resolver o problema.

1.2.1.2 Classificação do sujeito

Existem vários critérios para se classificar o sujeito:

1. Um desses critérios leva em conta a quantidade de núcleos do sujeito. Daí dizer-se sujeito "simples" (apenas um núcleo aparece na oração) ou "composto" (mais de um núcleo).
2. Outro considera a possibilidade de o sujeito encontrar-se expresso ou implícito. Nesse caso, classifica-se o sujeito em determinado ou indeterminado.
3. Há também o critério que considera a prática da ação pelo sujeito: quando o sujeito é praticante da ação, denomina-se agente ou ativo; ao contrário, quando o sujeito passa a receber a ação expressa pelo verbo, é denominado sujeito passivo ou paciente.
4. Por último, existem orações que não possuem sujeito. Para elas, classifica-se o sujeito como inexistente (expressão condenada por alguns gramáticos) ou, o que nos parece melhor, oração sem sujeito.

Passemos agora ao estudo detalhado dos principais tipos:

I – Sujeito simples

Como já dissemos, é aquele em que apenas um núcleo aparece com a função de sujeito. Este núcleo pode ser exercido por um substantivo ou por qualquer palavra substantivada.

Observe os exemplos extraídos de provas de concursos:

- Os **terrenos** novos nos quais deve se aventurar o **jovem** de hoje são seu grande desafio. (Observe bem que as palavras em negrito funcionam como núcleos dos sujeitos dos seus respectivos verbos.)
- Quando não são valorizadas, num jovem, as **qualidades** naturais da mocidade, ele sai prejudicado.
- Quanto aos adolescentes, nenhuma **época** lhes parece tão injusta quanto a nossa.

II – Sujeito composto

É aquele que apresenta mais de um núcleo para o sujeito. Veja:

- No prato ainda constavam, após o almoço, um **bocado** de arroz e um **punhado** de farofa.

- Têm existido muita **família** e muitos outros **grupamentos** sociais indignados com a atuação do governo.
- **O bolsa-escola** e **o programa de renda mínima**, instituídos nos últimos anos pelo Governo Federal, devem garantir bons resultados sociais para o Brasil nos próximos anos.

➾ Observação:

O sujeito dito composto apresenta-se, como já se disse, com mais de um núcleo. Não se trata de mais de um sujeito – é um único sujeito, que é formado com dois ou mais núcleos.

Vale a pena: Dê uma "olhadinha" na forma como se faz a concordância com o sujeito composto.

III – Sujeito oculto / elíptico / desinencial

É aquele sujeito que não se encontra expresso na oração, mas que é facilmente subentendido pela desinência verbal.

- Precisamos comprar um novo carro. (Sujeito = nós)
- Hoje estou aqui para conversarmos um pouco sobre política monetária. (Sujeitos = **eu** para o verbo "estar" e **nós** para o verbo conversar)
- Retira-te agora, criatura miserável! (Sujeito oculto = tu). ➾ Cuidado neste exemplo: observe que o verbo se encontra no imperativo afirmativo.
- "Adestrai-vos, e conquistai força física e moral." (Olavo Bilac) (Sujeito = vós)

IV – Sujeito indeterminado

No bom jargão dos professores: a partir de agora a atenção precisa ser redobrada. Muitas bancas de concursos exploram o sujeito indeterminado em suas questões de concordância verbal.

Conselho de amigo / Dica de estudo: Se o amigo estudante não tiver segurança ou não se lembrar direito do assunto "transitividade verbal", sugiro que primeiro faça uma revisão desse assunto para depois adentrar o conteúdo abaixo. Você precisa ter uma boa noção de transitividade para poder identificar o sujeito.

O sujeito indeterminado aparece quando não se deseja ou não se consegue determinar, identificar o autor da ação verbal. Portanto, o que torna indeterminado o sujeito é a intenção ou a situação do falante, que não sabe ou não quer individuar, precisar, apontar o agente, o autor da ação. O conceito de sujeito indeterminado, por isso, tem de partir da intenção ou da ignorância do falante, já que, em português, a maioria das construções apresenta sujeito. Existem duas situações em que um sujeito pode ser ou aparecer indeterminado:

a) Com verbos na 3.ª pessoa do plural, sem fazer referências a nenhum substantivo anteriormente ou posteriormente expresso, nem ao pronome pessoal do caso reto "eles".

Veja:

- **Imitaram** o professor de Português na última aula. (Perceba que não se sabe quem fez a ação de imitar.)
- **Vão** telefonar para você hoje à tarde para tratar de um assunto do seu interesse. (Se não se pode determinar quem praticou a ação, logo o sujeito é indeterminado. O verbo auxiliar da locução verbal – ir + telefonar – encontra-se flexionado na 3.ª pessoa do plural).
- "**Dizem** que sou louco!" (O sujeito do verbo "dizer" é indeterminado.)
- **Consideram**-no o pai da turma pela inteligência e experiência que possui. (O sujeito do verbo "considerar" é indeterminado.)

b) Com verbos intransitivos, transitivos indiretos ou de ligação acompanhados da partícula "se". Essa partícula funcionará como o "índice de indeterminação do sujeito". O mais importante é notar que nesse caso o verbo, obrigatoriamente, permanecerá na 3.ª pessoa do singular.

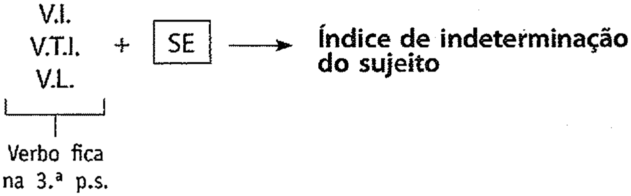

Exemplos:

- No Brasil, já não mais **se recorre a** confiscos para a obtenção de fluxo de caixa. (Verbo transitivo indireto + se)

- Na apresentação dele, **desconfiava-se dos** acordos que ele propunha. (Verbo transitivo indireto + se)
- Os livros **dos** quais **se precisava** foram doados para uma instituição de caridade. (Cuidado para não dizer "... dos quais se precisavam..." ➾ O verbo é transitivo indireto e está acompanhado do pronome "se".)
- **Cria-se** mais **nas** palavras do membro do que nas palavras do líder espiritual da igreja. (Verbo transitivo indireto + se)
- **Tratava-se de** problemas de difícil resolução. (Verbo transitivo indireto + se)
- **Era-se** mais feliz noutros tempos. (Verbo de ligação + se)
- **Come-se** muito bem em diversas regiões do Brasil. (Verbo intransitivo + se)
- "**Escorrega**-se no sangue, **tropeça**-se sobre cadáveres, mas a luta continua ardentemente acesa." (Visconde de Ouro Preto). (Verbos intransitivos + se)

➾ **Observações:**

a) Atente para os termos "a confiscos", "dos acordos", "dos quais", "nas palavras" e "de problemas" dos cinco primeiros exemplos acima. Eles funcionam como objetos indiretos para os seus respectivos verbos.

b) Quem literalmente promove a indeterminação do sujeito é a partícula "se". Se ela for retirada, passa-se a ter sujeitos ocultos, elípticos.

c) Procure imediatamente correlacionar o estudo do sujeito indeterminado com o estudo do sujeito passivo ou paciente. Muitas questões exploram essa distinção. É básico para um candidato diferenciar um índice de indeterminação do sujeito de uma partícula ou pronome apassivador.

V – Sujeito passivo ou paciente (a partícula ou pronome apassivador)

Dica: Procure correlacionar o conteúdo do sujeito passivo ou paciente com o assunto "a voz passiva".

Um dos casos mais explorados em concursos públicos e vestibulares é a concordância com o sujeito passivo ou paciente. Para que se faça a perfeita harmonização entre o verbo e o seu sujeito, convém primeiro saber identificar esse tipo de sujeito e diferenciá-lo de outros tipos, notadamente do sujeito indeterminado.

Compare:

- Come-se bem no interior de muitas capitais brasileiras. (Sujeito indeterminado ⇒ VI + SE)
- Come-se bem, no interior de muitas capitais brasileiras, pratos bastante requintados. (Erro comum!!!) (Sujeito passivo ou paciente = pratos).

Perceba que no primeiro exemplo não se diz o que se come – o verbo, portanto, está empregado como intransitivo. A estrutura apenas faz referências à ação de comer de forma genérica. Logo, indeterminou-se o sujeito. Já no segundo caso, o que se está comendo são "pratos bastante requintados", termo que representa o sujeito da oração. No caso acima, estamos diante de uma voz passiva sintética, formada de um VTD + SE. Logo, o verbo deve obrigatoriamente concordar com este sujeito. A frase correta será:

- **Comem-se** bem, no interior de muitas capitais brasileiras, **pratos** bastante requintados.

Outros exemplos de sujeitos passivos ou pacientes:

- Estão sendo avaliadas pela banca todas as monografias entregues no dia 30. (Sujeito passivo = as monografias. Estamos diante de uma voz passiva analítica.)
- Eleger-se-ão os **novos diretores** do clube no próximo domingo. (Sujeito passivo = os novos diretores. Aqui a voz passiva é sintética.)
- Seria de se esperar que se associassem à moderna tecnologia apenas **os benefícios reais**, que a ela se tributassem tão somente **vantagens inequívocas.** (Sujeitos passivos = os benefícios reais; vantagens inequívocas.)
- Não se delegue às escolas a **missão** exclusiva de preparar os jovens para sua inserção no mercado de trabalho. (Núcleo do sujeito passivo = missão.)
- Não se impute aos adolescentes de hoje **a exclusiva responsabilidade** pelo fato, lastimável, de aspirarem a tão pouco. (Sujeito passivo = a exclusiva responsabilidade.)
- É muito difícil que se cumpram **os propósitos que** se formulam a cada início de ano. (Sujeitos passivos = os propósitos; que – pronome relativo.)

Observe que, nos cinco últimos exemplos, temos a aplicação da fórmula da voz passiva sintética (também chamada de passiva pronominal):

$$\underbrace{\begin{matrix}\text{V.T.D.}\\ \text{V.T.D.I.}\end{matrix}}_{\text{O verbo concordará com o seu sujeito passivo.}} + \boxed{\text{SE}} \longrightarrow \textbf{Partícula apassivadora (ou pronome apassivador)}$$

Sugiro que pare por aqui se tiver alguma dúvida e dê uma "estudada" na voz passiva.

VI – Oração sem sujeito

Em muitas estruturas oracionais, apenas o predicado encontra-se presente, uma vez que não se faz referências a nenhum tipo de ser que porventura pudesse praticar ou receber a ação verbal. Para tanto, empregam-se os verbos impessoais (usados na terceira pessoa do singular). São chamadas de orações sem sujeito. Alguns gramáticos também classificam esse tipo de ocorrência como sendo um "sujeito inexistente", ou mesmo "sujeito zero", nomenclaturas que nos parecem pouco lógicas, pois não se pode denominar de sujeito aquilo que não existe.

Os principais casos de oração sem sujeito são:

1) com verbos que exprimem fenômenos da natureza como "chover, ventar, nevar, coriscar, trovejar, relampejar, chuviscar etc.":

- Ventou muito ontem naquela pequena cidade do interior.
- Neva nas Serras Gaúchas durante os meses de inverno.
- Coriscou bastante ao final do dia.

Observação:

Se tais verbos forem usados em sentido conotativo (sentido figurado), esses verbos passam a ter um sujeito.

- Choveram balas durante o tiroteio. (Sujeito = balas)

2) com o verbo HAVER no sentido de "existir, ocorrer, realizar-se, acontecer":

Cuidado aqui: Os concursos costumam explorar bastante essa regra.

- Sempre **haverá** pessoas honestas no mundo. (Oração sem sujeito.)
- Ainda que **houvesse** mais juízes nos tribunais, não **deixaria de haver** tantos atrasos nos julgamentos.
- Se **pode haver** contestações às palavras do orador, (...).

⇨ Observações importantes:

a) Se o verbo HAVER fizer parte de uma locução verbal como verbo principal, impessoalizará também o seu auxiliar, que, obrigatoriamente, ficará na terceira pessoa do singular. Acompanhe a explicação abaixo:

- **Existem** menos pessoas na sala hoje. ⇨ **Devem** existir menos pessoas na sala hoje.

(O verbo "dever" sofreu as flexões pertencentes ao verbo pessoal e principal "existir". O termo "pessoas" funciona como o sujeito nas duas orações).

- Há menos pessoas na sala hoje. ⇨ Deve haver menos pessoas na sala hoje. (O verbo "dever" permanece na terceira pessoa do singular, pois o verbo principal "HAVER" transmitiu sua impessoalidade para ele.)

– Outros exemplos:

- Há de haver festas nos próximos finais de semana. (Perceba que o verbo "HAVER" é tanto auxiliar quanto principal).
- **Vai haver**, nos próximos meses, vários seminários sobre a globalização da pobreza.

b) A impessoalidade do verbo HAVER não deve ser confundida com a sua transitividade. O verbo HAVER é transitivo direto quando impessoal. Logo:

- Vão $\overset{\text{VI}}{\underline{\text{ocorrer}}}$ dois memoráveis eventos no Centro de Convenções em Olinda. (Eventos = sujeito da oração)
- Vai $\overset{\text{VTD}}{\underline{\text{haver}}}$ dois memoráveis eventos no Centro de Convenções em Olinda. (Eventos = objeto direto.)

3) *com os verbos "estar, fazer, haver e ir" usados com referência a tempo:*

- Já faz três anos que do Norte saímos.
- **Havia** dez anos que o Governo Federal prometera a construção de uma nova ponte.
- **Vai** para uns dois meses que ele iniciou o tratamento e, até agora, nenhum resultado adveio.
- **Estava** muito tarde para o grupo deixar o local.

Cuidado: Não se esqueça de que se esses verbos – impessoais – fizerem parte de uma locução verbal como verbo principal, eles impessoalizarão o verbo auxiliar.

- Já **vai fazer** (e não "vão") dez anos que meu avô faleceu.

Não confunda!!

- Já **faz** dez anos que eu viajei para a Europa. (O verbo "fazer" não possui sujeito.)
- Ainda **faltam** dez anos para eu completar bodas de ouro. (O termo "dez anos" é o sujeito do verbo faltar, que é um verbo pessoal.)

Atente para uma construção condenada pelos gramáticos:

- **Há** duas horas **atrás** eu estava no centro da cidade. (O tempo "atrás" é dispensável. A construção é pleonástica, visto que o verbo HAVER na indicação de tempo só é empregado com relação a um tempo passado.)

Corrija-se para:

- Há duas horas eu estava...
- "Eu nasci há dez mil anos".

Cuidado, mas muito cuidado mesmo quando o verbo HAVER estiver empregado de forma pessoal ou quando for um verbo auxiliar numa locução verbal em que o principal é pessoal.

- **Hão de acontecer** novos acidentes se não forem adotadas as medidas cabíveis.

Observe que o verbo HAVER faz parte de uma locução verbal em que o verbo principal é ACONTECER que, por sua vez, é um verbo pessoal. O sujeito desse último verbo é o termo "novos acidentes", daí por que o verbo auxiliar "HAVER" foi flexionado na 3.ª pessoa do plural.

> ▹ No Brasil **haverão de existir** novos investimentos se o país crescer a uma taxa anual de 5%.
>
> O sujeito da locução verbal "HAVER + DE + EXISTIR" é o termo "novos investimentos". Por isso, o verbo HAVER, como verbo auxiliar, flexionou-se na 3.ª pessoa do plural.

4) com o verbo "ser" na indicação de tempo (horas, datas):

▹ São duas horas e trinta minutos.

▹ Hoje é dia 11 de setembro.

▹ É meia-noite e meia.

▹ Foi sábado que tudo isso aconteceu.

O verbo "SER" possui uma construção toda particular. Note que ele, a despeito de sua impessoalidade, flexiona-se de acordo com a expressão numérica que o acompanha.

5) com o verbo IR seguido das preposições EM, PARA referindo-se a tempo transcorrido.

▹ Vai em dez anos que nossa bisavó faleceu.

▹ Vai para quinze anos que ele conseguiu ser aprovado naquele concurso.

6) com o verbo PASSAR seguido da preposição DE referindo-se também a tempo:

▹ Passava das dez horas da noite quando a polícia chegou.

> **Agora não confunda:** Já passaram (ou "se passaram") dez horas e ele ainda não deu notícias. (Neste caso, o sujeito do verbo "passar" é o termo "dez horas").

7) com os verbos "BASTAR" e "CHEGAR" seguidos da preposição DE em construções do tipo:

▹ "Chega de saudade, a realidade é que...".

▹ "Basta de tantas perguntas tolas."

1.2.1.3 Outras classificações para o sujeito

Acabamos de estudar o que eu chamo de "a clássica classificação do sujeito". Vimos que ele pode ser "simples, composto, elíptico, indeterminado", além da figura da "oração sem sujeito". Entretanto, não devemos estranhar outras classificações para o sujeito. Muitas bancas cobram as denominações abaixo. É importante, portanto, ficar atento, pois muitas vezes nos deparamos com classificações do tipo "sujeito expresso", "sujeito complexo", "sujeito implícito", as quais geram dúvidas nos estudantes. Não há o que temer... Vamos a elas, pois trazem um conhecimento bastante útil para o candidato a um concurso.

1. Sujeito explícito e sujeito implícito

Denomina-se sujeito explícito (também chamado de "expresso") o sujeito que se acha claro, explícito na oração. Por outro lado, sujeito implícito é aquele que não foi expressamente declarado na oração. Correlacionando-se as duas classificações, teremos:

a) **Sujeito explícito** → é o sujeito simples ou o sujeito composto, pois ambos aparecem claramente na oração.

b) **Sujeito implícito** → é o sujeito oculto e o sujeito indeterminado, pois não são declarados na estrutura oracional.

Observe (destacamos os verbos):

- Jamais entraremos em contato com indivíduos que agem à revelia da lei.
  ↳ sujeito implícito (nós) ↳ sujeito explícito (que)

- Chegaram ontem à noite dois novos navios holandeses ao porto de Suape.
  ↳ sujeito explícito (navios holandeses)

2. Sujeito complexo (total ou ampliado) e sujeito incomplexo (nuclear, gramatical ou inampliado)

O sujeito complexo (total ou ampliado) é aquele modificado por complementos, adjuntos ou atributos. Já o sujeito incomplexo (nuclear, gramatical ou inampliado) é aquele despojado de qualquer modificativo complementar que, porventura, ele possua.

sujeito nuclear

- O **ex-presidente** da empresa brasileira de Correios e Telégrafos viajará para Tóquio.

sujeito complexo (total ou ampliado)

sujeito complexo (total ou ampliado)

sujeito nuclear

- O **enfoque** nas soluções únicas dos problemas que enfrentamos empobrece a qualidade mesma do raciocínio. (Fund. Carlos Chagas)

sujeito complexo (total ou ampliado)

sujeito nuclear

- O **despertar** para a dialética e para as relações contrastantes abre um caminho mais consequente para a reflexão e para a prática. (Fund. Carlos Chagas)

- Não deve constar, entre as possibilidades de interpretação de um texto dissertativo-argumentativo, qualquer tipo de **resposta** estereotipada.

sujeito nuclear

sujeito complexo (total ou ampliado)

- **Barnabé** sempre foi um exemplo para os cristãos.

sujeito incomplexo (inampliado)

➯ Observações:

a) Fique muito atento, pois as noções de sujeito total e de sujeito nuclear são bastante usadas pelas bancas examinadoras quando estas constroem questões de concordância verbal. Como a concordância verbal é feita (salvo exceções) com o sujeito nuclear, as bancas fazem bastante uso da noção do sujeito complexo (total ou lógico) para confundir os candidatos na hora de fazer a concordância verbal. Veja alguns exemplos (destacamos em laranja o sujeito nuclear e o seu verbo, e sublinhamos o sujeito total):

- **Constitui** um dos exemplos de delitos vantajosos o **caso** em que o detentor de um poder abuse de sua autoridade.
- **Estipulam**-se na lei mosaica, como se sabe, **princípios** de interdição.
- **Ocorrem** por conta das reiteradas situações de impunidade muitos **casos** de assalto aos cofres públicos.
- Uma vez que **passem a atrair** toda a nossa atenção, bons **romances** e belas **peças** musicais **afastam** nossa obsessão pela velocidade.

b) Observe agora exemplos em que não houve a devida concordância do verbo com o sujeito. Perceba como o uso do "sujeito complexo ou total" atrapalha a identificação do "sujeito nuclear" (sublinhamos o sujeito total e destacamos – com a cor laranja – o "sujeito nuclear" e o seu verbo):

- "A **incidência** discriminada por grau de intensidade de infestação e idade **mostram** que, entre os seis e oito anos, a parasitose alcança o nível máximo." (ESAF)
- "A **razão** de ser do desemprego como elemento estrutural do capitalismo **derivam** diretamente do antagonismo entre compradores e vendedores da força de trabalho." (ESAF)
- "**Devem agradar** aos ruidosos passageiros toda essa **parafernália** eletrônica, que os dispensa de refletir sobre si mesmos." (Fund. Carlos Chagas)
- "A qualquer pessoa **pode ocorrer**, neste tempo de radicalismos, **argumentos** em favor da mais pessimista expectativa histórica." (Fund. Carlos Chagas)

⇨ **Observação:**

Ressalte-se que os quatro últimos exemplos não estão adequados ao padrão culto da língua portuguesa, já que todos contêm erros de concordância verbal. É preciso corrigir a flexão dos verbos para "**mostra, deriva, deve agradar, podem ocorrer**", respectivamente.

3. Sujeito agente (ativo), sujeito paciente (passivo) e sujeito agente e paciente

É denominado de agente (ou ativo) o sujeito que pratica a ação verbal. Por outro lado, é denominado de paciente (ou passivo) o sujeito que recebe a ação verbal. Logo, o sujeito que pratica e recebe a ação verbal, simultaneamente, é denominado de "agente e paciente". Observe:

- Os irmãos Gonçalves compraram três casas no novo condomínio.
  sujeito agente (ativo)
- Três casas foram compradas pelos irmãos Gonçalves no novo condomínio.
  sujeito paciente (passivo)
- Os irmãos Gonçalves se feriram quando examinavam as casas do condomínio.
  sujeito agente e paciente

⇨ **Observação:**

Para melhorar o entendimento sobre o sujeito agente e o sujeito paciente, sugerimos que você estude a voz passiva e o agente da passiva.

4. Sujeito lógico ou contextual

Denominamos de **sujeito lógico** ou **contextual** aquele que é extraído do contexto ou da lógica de um enunciado ou de um texto. Observe abaixo um excerto de autoria do jornalista Gilberto Dimenstein:

- A pichação é uma das expressões mais visíveis da invisibilidade humana. **São** mais do que rabiscos. **São** uma forma de estabelecer uma relação de pertencimento com a comunidade – mesmo que por meio da agressão – e, ao mesmo tempo, de dar ao autor um sentido de autoidentidade.

Comentários: Perceba que o sujeito do verbo SER, flexionado no plural em suas duas ocorrências, é o termo lógico ou contextual – "expressões" ou "pichações".

→ "**As pichações**" ou "**As expressões**" são mais do que rabiscos.

→ "**As pichações**" ou "**As expressões**" são uma forma de estabelecer uma relação...

Vejamos outro exemplo:

- "Em um mundo tão complexo, economistas, empresários e governantes precisam saber mais sobre psicologia. Senão, **fracassarão** em motivar os talentos para os objetivos da empresa ou instituição." *(Revista Veja, 26 de março de 2008 – Entrevista)*

Comentário: Observe que o sujeito oculto do verbo "fracassar" é o termo composto, perceptível pelo contexto e pela lógica, "economistas, empresários e governantes".

⇨ Observação:

O sujeito contextual ou lógico não deixa de ser um sujeito oculto, desinencial, elíptico; entretanto, não é um simples sujeito oculto, pois é preciso que se saiba, pela análise do contexto, a que termo da estrutura se refere o verbo.

1.2.2 PREDICADO

Como o verbo em geral pertence ao predicado, antes de começar o estudo propriamente desse termo, convém analisar um dos tópicos fundamentais em sintaxe: a transitividade ou a predicação verbal.

Dica: Faça um estudo bem acurado do assunto abaixo. Ele lhe fornecerá os subsídios necessários para a compreensão de diversos outros assuntos da Gramática Normativa. Lembre-se, por exemplo, de que o entendimento da predicação dos verbos é uma das bases da sintaxe de regência. Por isso, é primordial "gastar" um pouco de tempo aqui. Se possível, tenha sempre à mão um bom dicionário. Vamos lá!

1.2.2.1 Predicação (transitividade) verbal

Transitar significa literalmente passar adiante, ir e vir, deslocar-se. Para a Gramática Normativa, o "passar adiante" significa a necessidade de um verbo ou de um nome exigir um complemento, uma complementação. Aqui nos deteremos na análise e na classificação dos verbos quanto à necessidade ou não de algum complemento. Se o verbo não necessita de complemento, diz-se que ele é de predicação completa, caso contrário será classificado como de predicação incompleta.

Quanto à predicação, os verbos classificam-se em: **intransitivos, transitivos** e **de ligação.** Os verbos transitivos se dividem em: **diretos, indiretos** e **diretos e indiretos.**

I – Verbos intransitivos

São todos os verbos que, sozinhos, são capazes de transmitir a noção predicativa. Em outras palavras, são verbos que dispensam uma complementação.

Exemplos:

- No último encontro, **ocorreram** fatos dignos de notícia. (O termo "fatos dignos de notícia" é o sujeito.)
- A chuva **estiou** na região sul.
- O imigrante **se dirigiu** à embaixada dos Estados Unidos. (Observe que o termo "à embaixada dos Estados Unidos" representa o lugar para onde ele se dirigiu, portanto é um "adjunto adverbial de lugar".)

- Quando nervoso, ele **cospe** compulsivamente.
- **Cessaram** de uma vez por todas as dores que ele sentia pela manhã. (O termo "dores" é o núcleo do sujeito. Não há complemento para o verbo.)

II – Verbos transitivos

São aqueles que precisam de um termo que os complemente para que o sentido se perfaça, para que a compreensão da estrutura seja possível. Dividem-se em:

a) Transitivos diretos: são os verbos que exigem termo complementar sem a obrigatoriedade de uma preposição necessária, ou seja, pedem um complemento desprovido de preposição. O complemento desses verbos denomina-se "objeto direto".

Exemplos:

- Nunca mais ele **angariou** fundos para aquela ONG. ("Fundos" é o objeto direto)
- Muitas lojas do centro da cidade vão **baratear** os preços neste final de semana. (Observe que o verbo "baratear" está como verbo principal em uma locução verbal.)
- Nunca mais eles **viram** os quadros a óleo que **compraram** na Europa. (Observe que os dois verbos são transitivos diretos. O objeto direto do verbo "comprar" é o pronome relativo "que").
- Se não $\underset{\text{VTD}}{\underline{\textbf{houver}}}$ $\underset{\text{OD}}{\underline{\text{outras razões}}}$ mais consistentes, eles $\underset{\text{VTD}}{\underline{\textbf{substituirão}}}$ $\underset{\text{OD}}{\underline{\text{o contrato}}}$.

⇨ Observação:

Tenha muito cuidado ao classificar os verbos. Há muitas "armadilhas". Uma das mais perigosas é a famosa perguntinha "o quê?". Infelizmente, muitas vezes, é-nos ensinado que, todas as vezes que fazemos a pergunta "o quê?" ao verbo, este verbo será "transitivo direto". Acenda a luz "amarela do seu farol", ou seja, fique alerta, fique atento, para que você não tome um sujeito por um objeto direto. Observe:

- $\underset{\text{VTD??? Tem certeza??}}{\underline{\text{Explodiu}}}$ nova crise no Oriente Médio.

Se fizermos a perguntinha "o quê?" ao verbo "explodir", teremos a "falsa" resposta de que o termo "nova crise no Oriente Médio" é o objeto direto. Logo, classificaríamos o verbo "explodir" como "transitivo direto". Terrível engano!!

Na realidade, o termo "nova crise no Oriente Médio" é o sujeito para o verbo "explodir", que, neste caso, é intransitivo. Veja outros exemplos:

- **Ocorreram** enchentes no Amazonas.
  VI sujeito

- **Ocorreu** um grande equívoco.
  VI sujeito

- Depois que **acontecera** aquela miséria.
  VI sujeito

- **Sucedeu** uma grave crise econômica após o ano de 2007.
  VI sujeito

- Do velho telhado, **caíam** grossas gotas de água da chuva.
  VI sujeito

Observação:

Perceba que todos os verbos acima são intransitivos, e os termos que se encontram pospostos a eles são seus respectivos sujeitos. Para evitar confusões, sugiro que pare um pouco por aqui e vá estudar o termo "objeto direto". Perceba as diferenças entre ele e o sujeito.

b) Transitivos indiretos: são os verbos que exigem termo complementar regido (introduzido) por uma preposição necessária, obrigatória. O complemento desses verbos é denominado de "objeto indireto".

Exemplos:

- VTI OI OI VTI
  Eles **dependem** agora da sorte para que o produto de que **precisam** chegue a tempo.

- Durante muito tempo aquele povo **guerreou** contra os costumes do Ocidente.
  VTI OI

- VTI OI
  Não **convém** aos iniciantes na carreira diplomática portar-se de maneira inadequada. (Observe aqui que o sujeito do verbo CONVIR é a oração "portar-se de maneira inadequada".)

- Sempre **assistia** aos filmes com uma devoção impressionante.
  VTI OI

c) Transitivos diretos e indiretos: são verbos que exigem dois tipos de complemento: um sem a preposição e outro com o auxílio de uma preposição. São denominados também de "biobjetivos" ou "bitransitivos".

Exemplos:

- Ensinaram-lhe todos os preceitos de nossos antepassados?
  VTDI OI OD

- O diretor atribuiu o insucesso do grupo à inércia de alguns integrantes
  VTDI OD OI

- VTDI OD OI
  O Oficial de Justiça certamente notificará amanhã o comerciante sobre a ação interposta contra ele.

Observação:

Correlacione o estudo desses verbos com o assunto "Introdução à Regência" para observar outros exemplos de verbos intransitivos e transitivos, bem como dos pronomes que exercem a função sintática de complementos.

III – *Verbos de ligação*

Denominados também de "verbos copulativos" ou "verbos de relação", são aqueles que, desprovidos de significação, servem como "ponte" entre o sujeito e uma determinada qualidade, denominada de "predicativo". Geralmente funcionam como "de ligação" os verbos "ser, estar, ficar, parecer, continuar e permanecer." Outros podem funcionar como verbos de ligação desde que apareçam como elos entre um sujeito e uma qualidade.

Exemplos:

- Eles estavam extremamente atrasados para a festa.
  VL pred. sujeito

- VL pred. sujeito
  O Governo Federal deve estar atento às necessidades da população. (Locução verbal na função de ligação)

- Pareciam todos preocupados com o problema da menina.
  VL pred. sujeito

- Muitos andam tristes pela ausência de perspectivas na vida.
  VL PS

Perceba que nessa estrutura o objetivo da mensagem não é dizer que alguém ou alguma coisa faz a ação de andar, mas sim de que muitos estão / continuam / mostram-se tristes. Daí se tratar de um verbo de ligação.

⇨ Considerações importantes:

a) Não se esqueça de que o estudo da predicação verbal está ligado ao estudo da regência verbal. E, como a regência depende do contexto, a classificação de um verbo como transitivo ou intransitivo depende da função que ele está exercendo dentro da estrutura oracional. Observe:

- O carro virou na esquina com a rua Dom João. (Verbo intransitivo.)
- O carro, ao capotar, virou uma banca de jornais que se encontrava em uma calçada. (Verbo transitivo direto.)
- O carro, após a capotagem, virou um monte de ferros retorcidos. (Verbo de ligação.)
- Maria, em virtude da pressa, sempre **andava** rápido. (Verbo intransitivo ⇨ ação de "andar".)
- Maria **anda**, nos últimos tempos, preocupada com a situação da família. (Verbo de ligação ⇨ Ela está preocupada.)
- A criança estava extremamente doente. (Verbo de ligação.)
- A criança estava no hospital desde a segunda-feira. (Verbo intransitivo ⇨ Observe que o termo "no hospital desde a segunda-feira" funciona como o lugar em que a criança se encontra. Portanto, é uma locução adverbial de lugar. Como os advérbios não completam a significação verbal, mas tão somente transmitem uma circunstância para o verbo, considera-se o verbo ESTAR como "intransitivo".)

b) Há renomados e respeitáveis gramáticos que classificam verbos como "ir, dirigir-se, chegar, morar, residir, partir, voltar" como "transitivos adverbializados" ou "transitivos circunstanciais", já que tais verbos são ininteligíveis sem a presença do adjunto adverbial reclamado por eles. Preferimos, entretanto, pô-los no rol dos intransitivos, porquanto entendemos que um adjunto adverbial não poderá funcionar como "complemento verbal".

c) Há verbos transitivos diretos que reclamam além do objeto direto um qualificador para esse objeto, ou seja, há verbos transitivos diretos que exigem um predicativo para o seu objeto. Tais verbos são denominados de "transobjetivos". Veja:

- O juiz julgou o réu culpado. ⇨ "JULGAR" é um "transobjetivo", pois é um transitivo direto que exige um objeto direto acompanhado de um predicativo que, no caso, é o termo "culpado".

VTD predicativo do objeto

- Muitos o **consideram** responsável pelo crime. (V. "Considerar" é um transobjetivo).

1.2.2.2 Predicativo

Antes de estudar a classificação do predicado, é de fundamental importância identificar o predicativo, quando existente, dentro da estrutura oracional.

Ele representa um dos termos mais interessantes dessa estrutura. Aparece com muita frequência em construções que possuem elementos qualificadores.

O predicativo é a palavra (ou locução) que constitui o núcleo nominal de um predicado. Classifica-se em: predicativo do sujeito e predicativo do objeto.

I – O predicativo do sujeito

É o termo que transmite para o sujeito um estado, um atributo, um modo de ser por meio de um verbo de ligação explícito ou implícito. Veja os exemplos abaixo:

- O aluno $\overset{\text{VL}}{\underline{\text{parecia}}}$ bastante $\overset{\text{PS}}{\underline{\text{atento}}}$ à explicação do professor. (Adjetivo como núcleo do predicativo.)
- O poeta $\overset{\text{VL}}{\underline{\text{era}}}$ $\overset{\text{PS}}{\underline{\text{a glória}}}$ de toda a Pátria. (Substantivo como o núcleo do predicativo.)
- Quem $\overset{\text{VL}}{\underline{\text{és}}}$ $\overset{\text{PS}}{\underline{\text{tu}}}$? (Pronome pessoal do caso reto como o núcleo do predicativo.)
- Recordar $\underset{\text{VL}}{\underline{\text{é}}}$ $\underset{\text{PS}}{\underline{\text{viver}}}$. (Verbo exercendo a função de núcleo do predicativo.)
- Os integrantes do grupo $\overset{\text{VL}}{\underline{\text{devem estar}}}$ $\overset{\text{PS}}{\underline{\text{com fome}}}$. (Uma locução adjetiva funcionando como predicativo.)
- O triplo de seis $\underset{\text{VL}}{\underline{\text{é}}}$ $\underset{\text{PS}}{\underline{\text{dezoito}}}$. (Numeral como núcleo do predicativo.)
- A verdade $\overset{\text{VL}}{\underline{\text{é}}}$ $\overset{\text{PS}}{\underline{\text{que o governo não intervirá na economia}}}$. (Uma oração funcionando como predicativo)
- Todos deixaram a sala $\underset{\text{PS}}{\underline{\text{constrangidos}}}$ após o desabafo do diretor.

> Perceba que nessa estrutura o verbo de ligação se encontra implícito. Leia: Todos deixaram a sala. Todos estavam constrangidos.

⇛ **Observação:**

Perceba que o predicativo pode ser exercido por diversas classes morfológicas. O importante é perceber a existência (clara ou implícita) do verbo de ligação.

II – O predicativo do objeto

Como o próprio nome já o diz, esse termo se refere ao objeto por meio de um verbo de ligação implícito.

VTD OD PO
- Os alunos tinham o professor de matemática por um sábio (ou "como um sábio").

> **Leia:** Os alunos consideravam o professor de matemática. Ele é um sábio (ou "como um sábio").

PO OD
- Estendidas pela rua afora, deixaram as faixas que seriam usadas na campanha eleitoral.

- Um fraco rei faz fraca a forte gente.
VTD PO OD

> Nessa estrutura os termos "fraco" e "forte" são adjuntos adnominais de "rei" e "gente", respectivamente. Leia assim: Um fraco rei faz a forte gente "tornar-se / ser / ficar" fraca.

- O avarento geralmente considera o ouro como seu deus.
VTD OD PO

PO VTD
- De semblante caído e sem perspectivas de melhoras, encontrei assim muitas vezes meu melhor amigo.
OD

⇛ **Considerações importantes:**

a) Observe que o predicativo pode vir precedido por uma preposição.

b) O predicativo do objeto geralmente só acontece com verbos transitivos diretos. Raros são os casos de predicativo de um objeto indireto. Uma das poucas exceções, por exemplo, é o verbo "chamar" na acepção de "cognominar, apelidar, tachar, alcunhar".

▹ $\underset{\text{VTI}}{\underline{\textbf{Chamaram}}}$ $\underset{\text{OI}}{\underline{\textbf{ao diretor da empresa}}}$ $\underset{\text{PO}}{\underline{\textbf{incompetente}}}$ (ou de incompetente).

c) Veja também que o predicativo pode ser deslocado dentro da estrutura oracional. Para tanto, deverá obrigatoriamente ser virgulado para indicar a sua inversão, uma vez que é um termo pertencente ao predicado.

Exemplos:

▹ O menino foi levado ao hospital $\underset{\text{predicativo}}{\underline{\textbf{com febre}}}$.

▹ O menino, $\underset{\text{predicativo}}{\underline{\textbf{com febre}}}$, foi levado ao hospital.

▹ $\underset{\text{predicativo}}{\underline{\textbf{Com febre}}}$, o menino foi levado ao hospital.

d) É importante também não confundir o predicativo do objeto com o adjunto adnominal – isso é essencial para se evitarem erros de concordância nominal. Para evitar tal equívoco, primeiro estude a função do adjunto adnominal, aprenda a identificá-lo e depois perceba as nuanças as quais envolvem este último termo e o predicativo.

Dica: Procure perceber a concordância do predicativo com o sujeito ou com o objeto a que ele se refere. Muitos certames procuram explorar esse item. Para clarear e consolidar mais esse conteúdo, vá ao assunto "concordância nominal" e leia sobre a concordância do adjetivo-predicativo.

1.2.2.3 Classificação do predicado

Predicado é o termo que expressa a declaração que se faz sobre o sujeito quando a oração é composta pelos dois termos. Se não há sujeito, o predicado representa uma declaração qualquer que se faz.

Exemplos:

▹ Muitos cidadãos $\underset{\text{predicado}}{\underline{\textbf{lutam contra a miséria em nosso país.}}}$

- Havia muitos rebelados nos presídios cariocas.
  predicado

De acordo com a estrutura, o predicado pode ser: verbal, nominal ou verbo-nominal.

1.2.2.3.1 *Predicado verbal*

É aquele cujo núcleo é representado por um verbo significativo (intransitivo, transitivo direto, transitivo indireto ou transitivo direto e indireto) e não há a presença de um predicativo:

Exemplos:

predicado verbal
- Alguns **deixaram** a sala mais cedo em virtude do calor. (Verbo transitivo direto)

predicado verbal
- Os dois filhos de Maria **comeram** bastante no almoço. (Verbo intransitivo)

predicado verbal
- Ainda não lhe **ofereceram** uma oportunidade de trabalho. (Verbo transitivo direto e indireto)

Dica: Antes de passar adiante procure consolidar o entendimento sobre a função do predicativo (se possível, releia o tópico sobre o "predicativo"). A identificação do predicativo será condição essencial para a compreensão do predicado nominal e do predicado verbo-nominal.

1.2.2.3.2 *Predicado nominal*

É aquele em que aparece um "verbo de ligação" mais um "predicativo do sujeito". O núcleo desse tipo de predicado está centrado num nome, o predicativo do sujeito.

Exemplos:

- Todos **ficaram** imóveis diante daquela cena.
  VL pred. suj.

Pred. suj. VL
- Jogadas aos pés dele **estavam** todas as cartas recebidas nos últimos seis meses.

VL PS VL PS
- Muitas vezes, o que é barato **sai** caro. (Observe aqui a presença de dois predicados nominais)

1.2.2.3.3 Predicado verbo-nominal (ou misto)

É aquele que possui dois núcleos – um verbo significativo (intransitivo ou transitivo) e um nome (predicativo do sujeito ou do objeto).

Exemplos:

PS VTD
- Os representantes da ONU, **exaustos**, **deixaram** o salão principal. (Núcleos: um predicativo e um verbo)

- **Encontrei** bem **fechadas** a porta do quarto e as janelas da sala.
VTD PO

- A grande prosperidade **fez** o nosso melhor amigo **orgulhoso**.
VTD PO

- **Desabrochavam** **belas** as últimas flores da primavera.
VI PS

VTD PO
- Todos **consideravam** meu pai **como o mais sábio dos velhos daquele lugar**.

> ➾ Não se esqueça de que o predicativo do objeto só aparece num predicado verbo-nominal.
>
> ➾ Lembre-se também de que para se classificar com mais segurança o predicado convém primeiro estudar um pouco o assunto "predicação verbal".

1.3 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (FGV-RJ) Assinale a análise **correta** do termo destacado.

"Ao fundo, as pedrinhas claras pareciam ***tesouros abandonados****".*

a) predicativo do sujeito.
b) adjunto adnominal.
c) objeto direto.

d) complemento nominal.
e) predicativo do objeto direto.

2. (FCC – Técnico Legislativo – Câmara dos Deputados) Não é função da indústria **pensar a educação**.

A função sintática da oração grifada acima é a mesma do termo, também grifado, na frase:

a) ... no qual a Terra estava no centro do universo ...
b) ... que contribuíram para a ascensão do mundo burguês.
c) ... num processo que também gerou a onda de inovação ...
d) ... e a possibilidade de darmos o próximo salto.
e) ... nenhum representante da indústria de tecnologia poderia ter sido pioneiro ...

3. (F. Araraquara-SP) O professor **entrou apressado.** O destaque indica:

a) predicado nominal.
b) predicado verbo-nominal.
c) predicado verbal.
d) adjunto adverbial.
e) n.d.a.

4. (UM-SP) "E quando o brotinho lhe **telefonou** dias depois, comunicando que **estudava** o modernismo, e dentro do modernismo sua obra, para o que o professor lhe **sugerira** contato pessoal com o autor, **ficou** assanhadíssimo e paternal ao mesmo tempo."

Os verbos destacados são, respectivamente:

a) transitivo direto, transitivo indireto, de ligação, transitivo direto e indireto.
b) transitivo direto e indireto, transitivo direto, transitivo indireto, de ligação.
c) transitivo indireto, transitivo direto e indireto, transitivo direto, de ligação.
d) transitivo indireto, transitivo direto, transitivo direto e indireto, de ligação.
e) transitivo indireto, transitivo direto e indireto, de ligação, transitivo direto.

5. (PUC-PR) Sobre o exemplo: "A lua brilhou alegre no céu", afirmamos:

*I. O verbo **brilhar** é intransitivo.*

*II. O verbo **brilhar** é transitivo direto.*

*III. O verbo **brilhar** é transitivo indireto.*

IV. O predicado é nominal.

V. O predicado é verbal.

VI. O predicado é verbo-nominal.

a) Estão corretas I e VI.
b) Estão corretas I e V.

c) Estão corretas II e V.
d) Está correta apenas IV.
e) Estão corretas III e VI.

6. (CTA-SP) Assinale a alternativa cujo sujeito **não** é indeterminado.

a) Soa um toque áspero de trompa.
b) Falou-se de tudo na reunião.
c) Precisa-se de carpinteiro.
d) Batem à porta.
e) n.d.a.

7. (UFGO) Em uma das alternativas abaixo, o predicativo inicia o período. Assinale-a.

a) A dificílima viagem será realizada pelo homem.
b) Em suas próprias inexploradas entranhas descobrirá a alegria de conviver.
c) Humanizado tornou-se o sol com a presença humana.
d) Depois da dificílima viagem, o homem ficará satisfeito?
e) O homem procura a si mesmo nas viagens a outros mundos.

8. (FMU-SP) Assinale a alternativa em que aparece um predicado verbo-nominal.

a) Os viajantes chegaram cedo ao destino.
b) Demitiram o secretário da instituição.
c) Nomearam as novas ruas da cidade.
d) Compareceram todos atrasados à reunião.
e) Estava irritado com as brincadeiras.

9. (Osec-SP) Das seguintes orações: "Pede-se silêncio", "A caverna anoitecia aos poucos", "Fazia um calor tremendo naquela tarde", o sujeito se classifica respectivamente como:

a) indeterminado, inexistente, simples.
b) oculto, simples, inexistente.
c) inexistente, inexistente, inexistente.
d) oculto, inexistente, simples.
e) simples, simples, inexistente.

10. (FEI-SP) Assinale a alternativa em que o termo destacado tenha a função de predicativo do sujeito.

a) "Eu sob a copa da mangueira **altiva**".
b) "Não sentiram meus lábios **outros lábios**".
c) "Do tamarindo a flor jaz **entreaberta**".
d) "Já solta o bogari mais **doce** aroma".
e) "**Melhor** perfume ao pé da noite exala".

GABARITO

1 – A	2 – A	3 – B
4 – D	5 – A	6 – A
7 – C	8 – D	9 – E
10 – C		

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

CAPÍTULO 2

TERMOS INTEGRANTES DA ORAÇÃO

Como a própria denominação já denuncia, os termos integrantes aparecem completando, integrando o sentido de outros termos. São fundamentais para o entendimento e a perfeita construção da frase. São eles: o objeto direto e o objeto indireto (complementos verbais), o complemento nominal e o agente da passiva.

2.1 OBJETO DIRETO

É o termo que completa a significação dos verbos transitivos diretos sem o auxílio de uma preposição necessária, obrigatória. Exprime o paciente da ação e se identifica facilmente porque passa a sujeito na voz passiva. Representa o "caso acusativo" do latim.

Exemplos:

- O alimento envenenou $\underbrace{\text{boa parte do reino}}_{\text{OD}}$.
- Ele estreou $\underbrace{\text{a produção}}_{\text{OD}}$ sob os protestos da população.
- Os argumentos $\underbrace{\text{que}}_{\text{OD}}$ ele utilizou salvaram $\underbrace{\text{o réu}}_{\text{OD}}$ da prisão.

Perceba o pronome relativo "que" na função de objeto direto
➾ Leia: Ele utilizou os argumentos.

- Houve $\underset{\text{OD}}{\underline{\text{muitos problemas}}}$ na inauguração do comitê.

> Observe que o verbo da estrutura HAVER não possui sujeito, já que está no sentido de EXISTIR. O termo "muitos problemas" é o seu objeto direto.

- O medo era tal que nem $\underset{\text{OD}}{\underline{\text{sangue}}}$ mais eu tinha na face.

Observações importantes:

a) O objeto direto é frequentemente substituído dentro da frase pelos pronomes oblíquos átonos "o, a, os, as". Quando o verbo que os precede termina em "-r, -s, -z", tais pronomes assumem as formas "lo, la, los, las." Se o verbo terminar em ditongo nasal "-ão, -õe, -am", por exemplo, os pronomes assumirão as formas eufônicas "no, na, nos, nas".

Exemplos:

- Deixaram $\overset{\text{OD}}{\underline{\text{o livro}}}$ sobre a mesa de jantar. = Deixaram-$\overset{\text{OD}}{\underline{\text{no}}}$ sobre a mesa de jantar.

- É importante comprar $\underset{\text{OD}}{\underline{\text{produtos originais}}}$. = É importante comprá-$\underset{\text{OD}}{\underline{\text{los}}}$.

- Avisamos $\underset{\text{OD}}{\underline{\text{o diretor}}}$ a tempo. = Avisamo-$\underset{\text{OD}}{\underline{\text{lo}}}$ a tempo.

- Procuraram $\underset{\text{OD}}{\underline{\text{a menina}}}$ por toda parte. = Procuraram-$\underset{\text{OD}}{\underline{\text{na}}}$ por toda parte.

- Eles ainda não $\underset{\text{VTD}}{\underline{\text{disseram}}}$ $\underset{\text{OD}}{\underline{\text{que o novo diretor assume amanhã.}}}$

> Neste último exemplo, o objeto direto é exercido por toda uma oração. Veja mais exemplos em sintaxe de período, orações substantivas.

b) Os pronomes oblíquos átonos "me, te, se, nos, vos" também podem exercer a função de objeto direto. Nesse caso é essencial que se conheça com segurança a regência verbal.

Exemplos:

- Eu $\underset{\text{OD}}{\underline{\text{te}}}$ $\underset{\text{VTD}}{\underline{\text{amo}}}$, minha linda mulher.

- Por que não $\underset{\text{OD}}{\underline{\text{me}}}$ $\underset{\text{VTD}}{\underline{\text{convidaste}}}$ para a festa?

- Acho que o prefeito já não mais $\underset{\text{OD}}{\underline{\text{vos}}}$ $\underset{\text{VTD}}{\underline{\text{considera}}}$.

É muito importante que o estudante da língua portuguesa não confunda o objeto direto com o sujeito. É preciso ter sempre em mente que o objeto direto, salvo raras exceções, é um termo repleto de carga passiva, isto é, é um termo que pode ser convertido para a voz passiva com a função de sujeito. Já o sujeito é um termo que, na voz ativa, sempre apresentará carga ativa, isto é, representará o termo que praticará, que executará a ação verbal. Observe abaixo:

- Ontem à tarde, chegaram $\underset{\text{sujeito ou objeto direto??}}{\underline{\text{as novas cartas}}}$.

- Ontem à tarde, enviaram $\underset{\text{sujeito ou objeto direto??}}{\underline{\text{as novas cartas}}}$.

Para dirimir tal dúvida, tente converter os termos para a voz passiva. Perceba que só no segundo caso (... enviaram as novas cartas) é possível a conversão (... as novas cartas foram enviadas). Ora, neste caso não mais restam dúvidas. Em "Ontem à tarde, chegaram as novas cartas", o termo grifado é o sujeito. Já em "Ontem à tarde, enviaram as novas cartas", o termo grifado é o objeto direto. Neste último período, o sujeito é indeterminado.

Para consolidar tal aprendizado, lembre-se de que:

a) O objeto direto é um termo que só existe nas vozes ativa e reflexiva. Na voz ativa, o objeto direto possui, salvo exceções, carga passiva, isto é, pode ser transposto para a voz passiva na função de sujeito passivo.

- Pedro adquiriu UM NOVO CARRO. (voz ativa → objeto direto com carga passiva)

- UM NOVO CARRO foi adquirido por Pedro. (voz passiva → o objeto direto se torna o sujeito passivo)

b) Na voz ativa, o sujeito possui "carga ativa", isto é, é o agente da ação. Por isso, quando é possível a conversão do sujeito ativo para a voz passiva, este

assume o papel de "AGENTE da passiva", ou seja, o termo ativo que, na voz passiva, pratica a ação verbal.

- PEDRO adquiriu um novo carro. (voz ativa → sujeito ativo)
- Um novo carro foi adquirido POR PEDRO. (voz passiva → o sujeito ativo torna-se o agente da passiva)

> **Dica:** Aprofunde esses conhecimentos com o estudo da voz passiva e do agente da passiva.

Vejamos outros exemplos:

- "Do vértice do M cai a espumarada." (Carlos Drummond de Andrade)
  sujeito ativo
- Sobre a laje do prédio, deixaram pilhas de entulhos retirados das telhas.
  objeto direto (pilhas de entulhos foram deixadas...)
- Na última semana, explodiram dois carros-bomba no centro de Bagdá.
  sujeito
- Durante a preparação para o concurso, surgiram grandes problemas para nós.
  sujeito
- Ainda não informaram as mudanças no sistema ao novo diretor.
  objeto direto (as mudanças foram informadas...)
- Compraram vários livros para a inauguração da biblioteca.
  objeto direto (livros foram comprados...)

Concluindo: Temos, portanto, duas grandes características para o objeto direto: a função complementar para verbos transitivos diretos e transitivos diretos e indiretos, e a carga passiva, isto é, a possibilidade de o objeto direto ser convertido para a voz passiva na função de sujeito. Logo, é um termo que, já na voz ativa, apresenta, como dissemos, "carga passiva". Entretanto, poderemos encontrar situações complexas como:

- Pedro matou Paulo. *(Quem é o sujeito da estrutura??)*

Considerações: Nesse caso, a utilização do recurso da "carga passiva" não adiantará, pois tanto podemos dizer "Paulo foi morto por Pedro", como "Pedro foi morto por Paulo". Temos, por conseguinte, um período ambíguo, já que a ação de "matar" pode ser praticada por ambos os substantivos (Pedro e Paulo). Para resolver tal problema, recorreremos a um conhecimento já con-

solidado – um sujeito não pode vir precedido por preposição. Logo, deve-se preposicionar um dos termos para que ele deixe de ser um possível sujeito e assuma a função de "objeto direto preposicionado".

Assim...

- Pedro matou a Paulo.
  sujeito OD preposicionado

Veja outros exemplos em que esse desdobramento foi usado (perceba como o emprego da preposição evita que se tome o termo preposicionado como se fosse o sujeito do verbo):

- OD preposicionado VTD sujeito
  A cada um de nós sempre incomoda a atitude desleixada de um pai irresponsável.

- OD preposicionado VTD sujeito
  Às crianças de orfanatos abandonaram, na maioria das vezes, pais sem escrúpulos.

- sujeito VTD OD sujeito OD preposicionado
  "Os otimistas não julguem os pessimistas, nem estes àqueles, pois...". (Fund. Carlos Chagas)

- As ações dos advogados engrandeceram às decisões tomadas pelos diretores.
  sujeito VTD OD preposicionado

Dica: Fique muito, mas muito atento às orientações por que acabamos de passar. Frequentemente, as bancas usam essa "confusão" (sujeito *versus* objeto direto) para provocar dúvidas em relação à concordância verbal.

2.1.1 OBJETO DIRETO PREPOSICIONADO

Calma!! Não se desespere! Isso não é difícil: Procure entender as razões que levam o objeto direto a vir precedido de uma preposição. São poucos casos, e alguns são bem utilizados em nosso dia a dia. Vamos lá!

Primeiro, cumpre mais uma vez salientar que o objeto direto preposicionado não surge ao acaso. Ele é fruto de algumas situações especiais em nossa língua. Acompanhe o raciocínio abaixo:

OD VTD

- Eu tenho certeza de que ele me ama, afirmou a mulher. (me = objeto direto, pronome oblíquo átono)

VTD OD preposicionado

- Eu tenho certeza de que ele ama a mim, afirmou a mulher. (mim = objeto direto preposicionado, pronome oblíquo tônico).

Veja que no exemplo acima a preposição surgiu porque o pronome utilizado para a complementação foi um oblíquo tônico. Logo, podemos asseverar que todas as vezes que o complemento de um verbo transitivo direto for feito com um pronome oblíquo tônico ele (complemento verbal), obrigatoriamente, será preposicionado. Percebeu? O objeto direto preposicionado surge para certas situações; não é a regra, uma vez que é próprio do objeto direto não exigir preposição.

Vamos aos casos em que o objeto direto deve vir precedido de uma preposição:

a) quando o objeto direto é um pronome pessoal oblíquo tônico (mim, ti, si, nós, vós, ele, eles, ela, elas):

Exemplos:

- Ele idolatrava a si mesmo antes de consultar um analista.

OD preposicionado

- Não pensem eles que irão enganar a mim e a ti.

objetos diretos preposicionados

- Agindo assim, poderás prejudicar tanto a ti como a nós todos.

VTD objetos diretos preposicionados

- "Uma certidão que me desse vinte anos de idade poderia enganar os estranhos, como todos os documentos falsos, mas não a mim." (Machado de Assis)

OD preposicionado

b) quando o objeto direto é representado pelo pronome relativo "quem":

Exemplos:

- Até agora não sabemos a quem verdadeiramente ele ama.

OD preposicionado VTD

- Santo Agostinho tornou-se o santo a quem Maria das Dores mais venerava.

OD preposicionado VTD

OD preposicionado

- "— Se você tivesse de escolher entre mim e sua mãe, a quem é que escolhia?" (Machado de Assis)

VTD

c) quando, para o bem da clareza (a fim de se evitar uma ambiguidade), deva-se, por meio da preposição, evitar que o objeto direto seja confundido com o sujeito:

Exemplos:

- O filho ama o pai. (Aqui não se pode afirmar com precisão e segurança quem praticou a ação verbal, uma vez que é possível ler a frase tanto na ordem direta quanto na indireta).

Ora, para se evitar tal confusão deve-se preposicionar um dos termos. Veja:

- O filho ama ao pai.
  OD preposicionado
- Até agora não se sabe se Paulo realmente matou a Pedro.
  VTD OD preposicionado
- Venceram aos japoneses os americanos.
  VTD OD preposicionado sujeito

d) quando o objeto direto é representado pelo numeral dual "ambos":

Exemplos:

- No resultado final, acho que vou aprovar a ambos.
  VTD OD preposicionado
- Em face da dúvida, resolveram comprar a ambas em vez de levar apenas uma.
  VTD OD preposicionado

e) quando o objeto direto é representado por nomes próprios ou comuns que designem pessoas:

Exemplos:

- É preciso amar a Deus sobre todas as coisas.
  VTD OD preposicionado
- Judas traiu a Cristo.
  VTD OD preposicionado
- Os romanos costumavam adorar a Júpiter.
  VTD OD preposicionado
- Agora, irmãos, louvemos ao Senhor com uma música especial.
  VTD OD preposicionado

f) quando o objeto direto é representado por pronomes substantivos indefinidos e demonstrativos:

Exemplos:

- Apesar dos conhecimentos, ele jamais estimulava a alguém com suas palestras.
  VTD OD preposicionado
- Eu apreciei mais a este do que àquele.
  VTD ⌊ objetos diretos preposicionados ⌋
- Ele doutrinava muito mais àquele jovem rapaz ali do que a este aqui.
  VTD ⌊ objetos diretos preposicionados ⌋

> Em virtude do paralelismo sintático, ambos os objetos diretos foram precedidos por preposição.

g) quando o objeto direto é formado por uma expressão que indica reciprocidade:

Exemplos:

- Deus ordenou que nós nos amássemos uns aos outros.
  VTD OD preposicionado
- Elas se odiavam umas às outras.
  VTD OD preposicionado

h) quando se deseja dar ênfase ao objeto direto ou, para obter mais clareza, indicar-se a parte de um todo:

Exemplos:

- João, você cumpriu com o seu dever?
  VTD OD preposicionado
- Diante do perigo, os soldados sacaram das armas e apontaram-nas para os manifestantes.
  VTD OD preposicionado
- Parece que ele ainda não comeu do bolo.
  VTD OD preposicionado
- Nunca digas "dessa água jamais beberei".
  OD preposicionado VTD

> Nestes dois últimos exemplos, alguns autores consideram os verbos como transitivos indiretos. Parece-nos, entretanto, mais lógica a ideia de "objetos diretos preposicionados", uma vez que indicam uma parte do todo. Compare: a) Comer o bolo (todo o bolo); b) Comer do bolo (parte do bolo).

2.1.2 OBJETO DIRETO PLEONÁSTICO

Ocorre quando se deseja pôr em relevo a informação contida no objeto direto. Para tanto, coloca-se o objeto direto no início da frase para depois retomá-lo — repeti-lo — com um pronome oblíquo. Daí porque este tipo de objeto é denominado de "pleonástico", "enfático" ou "redundante".

Exemplos:

▹ O homem, criou-o Deus à sua imagem e semelhança.
OD VTD ↑ OD pleonástico

OD VTD OD pleonástico
▹ Todas aquelas informações, os rapazes conseguiram-nas com o uso de propinas.

OD pleonástico
▹ Os que não falam a verdade, descobre-os o próprio curso da vida.
OD VTD

> Não confunda os dois "os" que aparecem na oração. O primeiro é, morfologicamente, um pronome demonstrativo. O segundo é um pronome oblíquo. Para facilitar o entendimento, leia a frase do seguinte modo: "O próprio curso da vida descobre os que não falam a verdade."

2.1.3 OBJETO DIRETO INTERNO OU COGNATO

Há casos em que o objeto direto repete o mesmo sentido contido no radical do verbo. Isso ocorre, geralmente, na linguagem literária, poética, com o intuito de conferir ênfase à mensagem. A esse termo dá-se o nome de "objeto direto interno ou cognato".

Exemplos:

OD interno
▹ "E rir meu riso e derramar meu pranto". (Vinicius de Moraes)
VTD

▹ Ele chorava um choro resignado, triste, melancólico.
VTD OD interno

2.2 OBJETO INDIRETO

É o termo que completa a significação de um verbo transitivo indireto com o auxílio de uma preposição obrigatória. Com os verbos bitransitivos (transitivos diretos e indiretos), o objeto indireto representa o ser a quem (ou "para quem") o objeto direto se destina. Representa o "caso dativo" do latim.

Exemplos:

- Muitos cristãos da Antiguidade **batalhavam** **contra os espinhos da carne**.
  VTI OI

- As ações do rapaz **incorreram** **em grave erro judiciário**.
  VTI OI

- **Enviaram** todas as informações **para o novo diretor**.
  VTDI OI

- VTDI OI
  A empresa **deu** uma nova chance **ao empregado** que se afastou do local de trabalho sem avisar.

- A equipe **necessitava** **de que todos deixassem a sala naquele momento**.
  VTI OI

> Observe que neste exemplo o "objeto indireto" é exercido por uma oração. Aprofunde esse estudo no capítulo "sintaxe de período".

➯ Observações importantes:

a) O objeto indireto pode ser substituído pelos pronomes "lhe(s), a ele(s), a ela(s), dele(s), dela(s), nele(s), nela(s)":

Exemplos:

- VTDI OI
  Nos finais de ano, muitas pessoas costumam **escrever** cartas **aos amigos**. (➯ escrever-**lhes** cartas)
  OI

- Não **acreditem** **nos falsos profetas**. (➯ Não acreditem **neles**)
  VTI OI OI

- Das novas orientações eles ainda **dependem** muito. (➯ Eles dependem **delas**)
  OI VTI OI

- Nunca mais $\overset{\text{VTI}}{\underline{\text{assistimos}}}$ $\overset{\text{OI}}{\underline{\text{às apresentações}}}$ daquele grupo. (Nunca mais assistimos $\underset{\text{OI}}{\underline{\text{a elas}}}$.)

- "E que a sua Deolinda, estanciando nas empinadas serras de S. Gotardo, $\overset{\text{OI}}{\underline{\text{lhe}}}$ dissera que seria feliz se morasse no topo duma montanha..." (Camilo)

b) Alguns verbos, mesmo transitivos indiretos, rejeitam a utilização dos pronomes "lhe, lhes" para o objeto indireto. Exigem as formas tônicas analíticas "a ele, a ela, a eles, a elas". Tal fato se dá ora por não ser o objeto de tais verbos personativo, ora se dá por reprovar-lhes a eufonia. São exemplos desse grupo especial os verbos "aceder, aludir, anuir, aspirar (sentido de desejar, almejar), assistir (sentido de ver, presenciar), proceder (sentido de iniciar, começar), visar (sentido de desejar, almejar)".

- O evento deve ter sido majestoso, pois os diretores **aludiram** a ele na reunião de ontem. (E não "aludiram-lhe")

- A contagem dos votos se realizará no ginásio de esportes. Os auditores do Tribunal Eleitoral **procederão** a ela exatamente às 18h.

c) Por outro lado, há verbos transitivos indiretos que, por motivo de eufonia, rejeitam os pronomes oblíquos átonos "me, te, se, nos, vos" para o objeto indireto. Exigem os pronomes tônicos preposicionados "a mim, a ti, a si, a nós, a vós" para tal função. São exemplos desse grupo os verbos "aludir, depender, discrepar, dissentir, discordar, equivaler, prescindir".

- Eles prescindem de mim para a realização do projeto.

- Todos discordam de ti, João.

d) Verbos transitivos indiretos que exigem a preposição "com" não aceitam as formas tônicas "mim, ti, nós, vós". Para eles, devem ser usados os pronomes tônicos "comigo, contigo, conosco, convosco".

- A equipe da sala ao lado **competirá** conosco. (e não "competirá com nós").

- Meu filho, alguém **simpatizou** contigo no colégio? (e não "simpatizou com ti").

2.2.1 OBJETO INDIRETO PLEONÁSTICO

À semelhança do objeto direto pleonástico, representa a repetição enfática do objeto indireto o qual é retomado com um pronome oblíquo dentro da mesma estrutura oracional.

Exemplos:

- Ao sábio de coração, bastam-lhe poucas palavras.
  OI VTI OI pleonástico

- OI OI pleonástico
  Aos envolvidos em determinados crimes, a lei preconiza que não lhes convém ausentar-se sem consentimento do juiz.

2.3 COMPLEMENTO NOMINAL

É o termo integrante da oração que completa a significação de alguns nomes, sempre com o auxílio de uma preposição. Há três classes morfológicas que podem exigir complemento nominal: o substantivo, o adjetivo e o advérbio.

Exemplos:

- nome CN
  A nova Constituição do Brasil é bastante acessível ao leigo. (acessível ⇨ adjetivo)

- nome CN
  O amor a Deus deve ser incondicional. (amor ⇨ substantivo)

- O fumo é prejudicial à saúde. (prejudicial ⇨ adjetivo)
  nome CN

- nome CN
  O interpretador literal sempre procura ser fiel à letra da lei. (fiel ⇨ adjetivo)

- Todos moravam perto do centro da cidade. (perto ⇨ advérbio)
  nome CN

- O doente apresentava um profundo medo de seu passado. (medo ⇨ substantivo)
  nome CN

- Ele tinha certeza de que o despacho sairia amanhã. (certeza ⇨ substantivo)
  nome CN

Observe neste último exemplo que o complemento nominal é exercido por uma oração denominada de completiva nominal. Aprofunde esse conhecimento na parte de sintaxe de período, orações substantivas.

- —Tenha-$\underset{\text{CN}}{\underline{\text{me}}}$ $\underset{\text{nome}}{\underline{\text{respeito}}}$, gritava o pai para o filho. (respeito ⇨ substantivo)

Leia: Tenha respeito a / por mim. Perceba, neste caso, o pronome oblíquo funcionando como "complemento nominal".

⇨ Considerações importantes:

a) Observe que a preposição sempre se faz presente no complemento nominal. Para observar outros nomes que exigem preposição, estude o assunto "Regência nominal". Veja os nomes e as preposições que eles exigem.

b) Não confunda o complemento nominal com o objeto indireto. Este integra a significação de verbos transitivos indiretos ou transitivos diretos e indiretos, enquanto aquele completa nomes (substantivos, adjetivos e advérbios). Perceba os exemplos abaixo:

- Ele $\underset{\text{VTI}}{\underline{\text{confia}}}$ muito $\underset{\text{OI}}{\underline{\text{em seu próprio conhecimento}}}$.

- Ele tem muita $\underset{\text{nome}}{\underline{\text{confiança}}}$ $\underset{\text{CN}}{\underline{\text{em seu próprio conhecimento}}}$.

- O governo $\overset{\text{VTI}}{\underline{\text{desconfia}}}$ $\overset{\text{OI}}{\underline{\text{da atuação de grupos de esquerda}}}$ para minar-lhe as forças.

- O governo nutre uma profunda $\overset{\text{nome}}{\underline{\text{desconfiança}}}$ $\overset{\text{CN}}{\underline{\text{de que haja a atuação de grupos de esquerda}}}$ para minar-lhe as forças.

- Muitos ainda $\underset{\text{VTI}}{\underline{\text{necessitam}}}$ $\underset{\text{OI}}{\underline{\text{de paz interior}}}$ para viver melhor.

- Muitos têm $\underset{\text{nome}}{\underline{\text{necessidade}}}$ $\underset{\text{CN}}{\underline{\text{de paz interior}}}$ para viver melhor.

2.4 AGENTE DA PASSIVA

É o termo que na voz passiva analítica pratica a ação verbal, sempre introduzido por uma preposição.

> Antes de estudarmos este termo, vamos aprofundar um pouco o nosso conhecimento sobre a voz passiva, porque entendemos ser este o momento exato para isso.

2.4.1 ESTUDO DA VOZ PASSIVA – CONVERSÃO DA VOZ ATIVA PARA A VOZ PASSIVA

A voz representa a forma como o verbo se apresenta para indicar se o sujeito praticará, sofrerá ou praticará e sofrerá ao mesmo tempo a ação. Como se sabe, são três as vozes do verbo: ativa, passiva e reflexiva. Ocupemo-nos das vozes "ativa" e "passiva" agora.

A voz passiva se divide em: analítica e sintética. Vamos nos deter em estudar a voz passiva analítica, cuja principal característica é a presença de uma locução verbal formada por um verbo auxiliar (geralmente são os verbos "ser" e "estar" que desempenham esse papel) e um verbo principal no particípio.

Observe:

sujeito VTD OD
▹ O rapaz pegou o livro.

(➾ Voz ativa)

locução verbal
▹ O livro foi pego pelo rapaz.
sujeito passivo agente da passiva

(➾ Voz passiva)

Não sei se deu para perceber, mas a conversão foi feita da seguinte maneira:

CONVERSÃO DA VOZ ATIVA PARA A VOZ PASSIVA		
VOZ ATIVA		VOZ PASSIVA
Sujeito	➾	Agente da passiva
Verbo transitivo direto	➾	Locução verbal (aux. + particípio)
Objeto direto	➾	Sujeito passivo ou paciente

ORDEM DIRETA

ORDEM DIRETA

Observe as setas para acompanhar a mudança da função sintática dos termos. Veja outros exemplos de conversão da voz ativa para a voz passiva analítica:

VOZ ATIVA	VOZ PASSIVA
Quem o encontrou ontem à noite?	Por quem você (ele) foi encontrado ontem à noite?
O essencial é poder implementar as novas leis.	O essencial é poderem ser implementadas as novas leis.
Jovens, vossos mestres vos trataram bem hoje?	Jovens, vós fostes bem tratados hoje por vossos mestres?
A globalização vem favorecendo a concentração de renda.	A concentração de renda vem sendo favorecida pela globalização.
Platão a comparou ao adestramento de cães de raça.	Ela foi comparada por Platão ao adestramento de cães de raça.
Nós comprometemos de vez a dinâmica do processo.	A dinâmica do processo foi de vez comprometida por nós.
Muito prometem as dietas milagrosas e as intermináveis sessões de ginástica.	Muito é prometido pelas dietas milagrosas e pelas intermináveis sessões de ginástica.
Alguns vêm identificando a ótima forma do corpo com o conceito de saúde.	A ótima forma do corpo vem sendo identificada com o conceito de saúde por alguns.

➾ Observações importantes:

a) Todos os termos em negrito são agentes da passiva. Perceba que todos vêm introduzidos por uma preposição. Geralmente é a preposição "por" que inicia o agente (ou suas contrações "pelo, pela, pelos, pelas"), mas há agentes da passiva que são introduzidos por outras preposições. Observe:

▹ Havia muitos carros naquela cidade que eram movidos a gás.
agente da passiva

▹ O quarto foi invadido de repórteres, de câmaras.
agente da passiva

▹ O carro era tirado a quatro juntas de boi.
agente da passiva

b) Não se esqueça de que só os verbos transitivos diretos e os verbos transitivos diretos e indiretos podem ser convertidos para a voz passiva. Logo,

por exclusão, salvo raras exceções (verbos "obedecer" e "desobedecer", por exemplo), os verbos transitivos indiretos, os verbos intransitivos e os verbos de ligação não são suscetíveis de transcrição para a voz passiva.

Logo:

- Muitos $\underset{\text{VTI}}{\underline{\text{assistiram}}}$ ao espetáculo extasiados. (Voz passiva ⇨ Não existe)
- Aquele pensamento grego $\overset{\text{VL}}{\underline{\text{anda}}}$ cada vez mais comprometido. (Voz passiva ⇨ Não existe)
- Sempre que nós $\underset{\text{VI}}{\underline{\text{podíamos}}}$, nós $\underset{\text{VI}}{\underline{\text{íamos}}}$ com ele.

c) Verbos transitivos diretos há, entretanto, que são insusceptíveis de ir para a voz passiva. Tal fato se dá ou porque já apresentam sentido passivo (aguentar, sofrer etc.) — mesmo na voz ativa –, ou porque a eufonia lhes reprova a passagem para a voz passiva (ter, querer, poder, conter etc.).

d) Na conversão da voz ativa para a voz passiva, procure imediatamente o "objeto direto", pois será ele quem irá funcionar como o sujeito da voz passiva. Logo, identificar de forma precisa o "objeto direto" é o primeiro passo para se evitarem erros na transposição para a voz passiva.

e) Geralmente a locução verbal da voz passiva é construída com o verbo auxiliar "ser", formando o que se chama "passiva de ação". Outros verbos, entretanto, podem funcionar como auxiliares para a locução da passiva para acrescentar outras matrizes de sentido. Veja:

A polícia cercou a favela
(voz ativa)

a) A favela foi cercada pela polícia. (passiva de ação com o verbo "ser")

b) A favela esteve cercada pela polícia. (passiva de estado com o verbo "estar")

c) A favela ficou cercada pela polícia. (passiva de mudança de estado com o verbo "ficar")

f) Lembre-se de que o verbo auxiliar concordará em "número" e "pessoa" com o sujeito da voz passiva. O particípio passivo, por sua vez, concordará em "gênero" e "número" com esse mesmo sujeito. Observe:

▹ Todos analisaram a nova lei. (Voz ativa) ⇨ A nova lei **foi analisada** por todos. (Voz passiva)

▹ Eu analisei as novas leis. (Voz ativa) ⇨ As novas leis **foram analisadas** por mim. (Voz passiva)

▹ Tu analisaste os novos decretos? (Voz ativa) ⇨ Os novos decretos **foram analisados** por ti? (Voz passiva)

g) Não se esqueça de que o verbo auxiliar da locução da voz passiva será colocado no mesmo "modo" e "tempo" do verbo principal da voz ativa. Logo:

▹ Ele $\underset{\text{Pres. Indic.}}{\underline{\text{revisa}}}$ o acordo. (Voz ativa) ⇨ O acordo $\underset{\text{Pres. Indic.}}{\underline{\text{é}}}$ revisado por ele. (Voz passiva)

▹ Ele $\overset{\text{Pret. Perf. Ind.}}{\underline{\text{revisou}}}$ o acordo. (Voz ativa) ⇨ O acordo $\overset{\text{Pret. Perf. Ind.}}{\underline{\text{foi}}}$ revisado por ele. (Voz passiva)

▹ Ele $\overset{\text{Pret. Imperf. Ind.}}{\underline{\text{revisava}}}$ o acordo. (Voz ativa) ⇨ O acordo $\overset{\text{Pret. Imperf. Ind.}}{\underline{\text{era}}}$ revisado por ele. (Voz passiva)

▹ Ele $\overset{\text{Fut. Pres. Ind.}}{\underline{\text{revisará}}}$ o acordo. (Voz ativa) ⇨ O acordo $\overset{\text{Fut. Pres. Ind.}}{\underline{\text{será}}}$ revisado por ele. (Voz passiva)

h) O verbo "HAVER" no sentido de "existir, acontecer, ocorrer" é insuscetível de transcrição para a voz passiva em virtude de sua impessoalidade, a despeito de nessa acepção ser "transitivo direto". Logo:

▹ Sempre $\underset{\text{VTD}}{\underline{\text{houve}}}$ $\underset{\text{OD}}{\underline{\text{bons legisladores}}}$ no Brasil. (Voz passiva ⇨ Impossibilidade)

Observe que nesta construção a oração não possui sujeito.

i) Não confunda o agente da passiva com o complemento nominal. Este integra o sentido de nomes (substantivo, adjetivos e advérbios); aquele pratica a ação dentro de uma voz passiva. Ademais, o agente da passiva pode ser transcrito para a voz ativa com a função de sujeito.

Exemplos:

locução verbal agente da passiva

- O inferno sempre **está pavimentado** **de boas intenções**. (Voz ativa ⇨ Boas intenções pavimentam o inferno.)

> Observe a presença da locução verbal "estar + pavimentar". O verbo principal encontra-se no "particípio ⇨ pavimentado".

adjetivo complemento nominal

- Ele está **ansioso** **pela (ou "da") volta de sua amada**. (Não há como converter para a voz passiva.)

adjetivo complemento nominal

- Todos eram **responsáveis** **pela vida da família**. (Não há como converter para a voz passiva.)

locução verbal agente da passiva

- Muitos cantores **foram influenciados** **pelo movimento hippie**. (Voz ativa ⇨ O movimento hippie influenciou muitos cantores.)

j) Lembre-se de que muitas construções da voz passiva analítica apresentam "agente da passiva indeterminado". Isso ocorre quando não convém ou não se quer declará-lo. Neste caso, se se quiser verter a oração passiva com agente indeterminado para a voz ativa, esta também ficará com o seu sujeito indeterminado. Veja:

- O caso foi descoberto recentemente pelo investigador Marcos. (Voz passiva analítica com agente da passiva determinado) ⇨ Voz ativa = O investigador Marcos recentemente descobriu o caso.
- O caso foi descoberto recentemente. (Voz passiva analítica com agente da passiva indeterminado) ⇨ Voz ativa = **Descobriram recentemente o caso.**
- O voto feminino chegou a ser discutido na constituinte de 1890. (Voz passiva analítica com agente da passiva indeterminado) ⇨ Voz ativa = **Chegaram a discutir o voto feminino na constituinte de 1890.**

2.5 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (FMU/Fiam-SP) Assinale a alternativa que contenha, respectivamente: um pronome pessoal do caso reto funcionando como sujeito e um pronome pessoal do caso oblíquo funcionando como objeto direto.

   a) Eu comecei a reforma da Natureza por este passarinho.
   b) E mais uma vez me convenci da "tortura" destas coisas.
   c) Todos a ensinavam a respeitar a Natureza.
   d) Ela os ensina a fazer ninhos nas árvores.
   e) Ela não convencia ninguém disso.

2. (FCC) Em: "Chamou-se um **eletricista** para a instalação dos fios" o termo destacado é:

   a) objeto direto.
   b) sujeito.
   c) objeto indireto.
   d) agente da passiva.
   e) predicativo do sujeito.

3. (FEI-SP) Assinalar a alternativa que indica a função sintática exercida pelas orações destacadas, nos seguintes períodos:

   I. Insistiu em que permanecesse no clube.

   II. Não há duvida de que disse a verdade.

   III. É preciso que aprendas ser independente.

   IV. A verdade é que não saberia viver sem ela.

   a) sujeito – objeto direto – complemento nominal – predicativo do sujeito.
   b) predicativo do sujeito – complemento nominal – objeto direto – sujeito.
   c) sujeito – predicativo do sujeito – objeto indireto – complemento nominal.
   d) objeto indireto – complemento nominal – sujeito – predicativo do sujeito.
   e) complemento nominal – sujeito – predicativo do sujeito – objeto indireto.

4. (Epamig-MG) Indique a frase que apresenta a palavra "se" como pronome apassivador:

   a) "Se não chego a tempo..."
   b) "Afastou-se o diretor, pisando forte."
   c) Apagaram-se as luzes.
   d) Precisa-se de responsabilidade.
   e) Deu-se pressa em sair.

5. (FOC-SP) No período: "Falsos conceitos, meia ciência por parte de professores, complicação e pedantismo de nomenclatura vazia, tudo isso produziu e produz nos alunos uma sadia aversão pela 'análise lógica'". A expressão **pela análise lógica** é:

a) adjunto adnominal.
b) agente da passiva.
c) complemento nominal.
d) objeto indireto.

6. (UEL-PR) Assinale a alternativa correspondente ao período em que há agente da passiva.

a) O rapaz foi preso por um investigador, compadre do Bertolão.
b) O coração não resistiu à prova.
c) Não o sabíamos doente.
d) Tão grande e forte, não era resistente à bebida.
e) Seu apartamento fora interditado poucas horas depois do crime.

7. (Febasp)

"E agora, José?
A festa **acabou**
A luz **apagou**
O povo **sumiu**
A noite **esfriou...**" (Carlos Drummond de Andrade)

Em relação aos verbos destacados, pode-se afirmar que:

a) os verbos são todos transitivos diretos e estão no pretérito imperfeito.
b) os verbos são todos transitivos diretos, embora o objeto direto não esteja expresso; e os verbos estão no pretérito perfeito.
c) o primeiro e o segundo verbos são transitivos diretos e os últimos são transitivos indiretos e estão no pretérito mais-que-perfeito.
d) todos os verbos destacados são intransitivos e estão no pretérito perfeito.

8. (UFU-MG) No período "Quando enxotada por mim foi pousar na vidraça", qual a função sintática de **por mim**?

a) objeto direto.
b) sujeito.
c) objeto indireto.
d) complemento nominal.
e) agente da passiva.

9. (ESPM-SP) Não me preocupa o futuro. Julgo-me capaz de enfrentar qualquer dificuldade. Os termos destacados são, respectivamente:

a) sujeito – objeto direto – objeto direto – objeto indireto.
b) objeto indireto – objeto direto – objeto indireto – complemento nominal.

c) objeto direto – objeto direto – predicativo do objeto – adjunto adnominal.
d) objeto indireto – sujeito – sujeito – objeto direto.
e) objeto direto – sujeito – predicativo do objeto – objeto direto.

10. (FMU-SP) Observe os termos destacados:

Alugam-se ***vagas.***

Precisa-se ***de faxineiros.***

Paraibana expansiva *machucou-se.*

Eles exercem, respectivamente, a função sintática de:

a) objeto direto, objeto indireto, objeto direto.
b) sujeito, sujeito, sujeito.
c) sujeito, objeto indireto, objeto direto.
d) sujeito, objeto indireto, sujeito.
e) sujeito, sujeito, objeto direto.

GABARITO

1 – D	2 – B	3 – D
4 – C	5 – C	6 – A
7 – D	8 – E	9 – E
10 – D		

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

CAPÍTULO 3

TERMOS ACESSÓRIOS DA ORAÇÃO

Após estudar os termos que completam o significado de verbos (objeto direto e objeto indireto) e de nomes (complemento nominal), bem como do agente da passiva, sua missão agora será estudar e compreender os termos que desempenham uma função secundária, ora de caracterização do substantivo, ora para expressar circunstâncias diversas.

São três os termos acessórios da oração: o adjunto adnominal, o adjunto adverbial e o aposto.

3.1 ADJUNTO ADNOMINAL

É o termo acessório da oração que tem por finalidade a caracterização ou a determinação de um substantivo.

Observe nos exemplos abaixo as classes morfológicas que funcionam como adjunto adnominal:

- **Os** rapazes encontraram **uma** mulher perdida.
  ↑ artigos ↑

- O **enigmático** sonho levou a **bela** garota ao êxtase.
  ↑ adjetivos ↑

- **Nosso** hino é o mais belo. **Aqueles** outros são **nossas** composições.
  ↑ pronomes adjetivos ↑ ↑

Numerais adjetivos

- Havia dois bandidos do lado de fora do banco; os outros três meliantes renderam o vigilante.

- Uma dor de cabeça o impediu de assistir ao show dos alunos.

Locuções adjetivas

- Ontem eu fui à casa que me será dada por herança.

Oração adjetiva

➾ Observações importantes:

a) Lembre-se de que alguns pronomes, classificados geralmente como oblíquos, podem exercer a função sintática de adjunto adnominal. Neste caso, passam literalmente à função morfológica de pronomes possessivos. São eles: me, te, lhe, nos, vos, lhes.

Exemplos:

- Todos que chegavam beijavam-lhe as mãos. (➾ Leia:... beijavam as mãos dele)

adjunto adnominal

> Não confunda o "lhe" na função de possessivo com o "lhe" na função de objeto indireto ou na função de complemento nominal.

- Aquele susto arrepiou-nos os cabelos. (➾ Leia:... arrepiou os nossos cabelos)

adjunto adnominal

adjunto adnominal

- Machucaram-te apenas face direita? (➾ Leia: Machucaram apenas a tua face direita?)

- "Desventurado, o seu coração de fogo queimou-lhe o viço da existência ao despertar dos sonhos do amor que o tinham embalado." (A. Herculano)

- "Não lhe sei o nome, nem que lho soubera o diria." (Camilo)

b) Não confunda o adjunto adnominal com o complemento nominal quando formado por locução adjetiva e esta locução se referir a um substantivo. Para evitar tal equívoco, sugerimos alguns critérios:

COMPLEMENTO NOMINAL	ADJUNTO ADNOMINAL
Sempre indica o ser passivo (recebedor da ação)	Sempre indica o ser ativo (agente da ação)
Tem por base um verbo transitivo	Não tem por base um verbo transitivo
Não indica posse	Sempre indica posse
Completa geralmente o sentido de um substantivo abstrato.	Completa geralmente o sentido de um substantivo concreto.

Acompanhe os exemplos abaixo e perceba as diferenças:

- A intervenção do diretor provocou indignação na empresa.
  complemento ou adjunto?

Questione: O diretor interveio ou recebeu a intervenção? Óbvio que ele interveio. Logo é o ser ativo, agente da ação. Ademais, podemos dizer: "A intervenção dele provocou indignação na empresa". Ora, se é a intervenção dele, o termo "do diretor" indica posse. Portanto, não restam mais dúvidas, o termo é um adjunto adnominal.

- A eleição do novo diretor deixou em euforia toda a empresa.
  complemento ou adjunto?

Questione: O diretor está elegendo alguém ou está sendo eleito? Ele está sendo eleito. Logo, indica o ser passivo, recebedor da ação. Podemos dizer: "Eleger o novo diretor". Observe que o substantivo "eleição", neste caso, possui por base um verbo transitivo direto. Logo, o termo "do novo" diretor é um complemento nominal.

Observe outros exemplos:

- adjunto adnominal
  O pedido da empresa já foi atendido. (➩ A empresa fez o pedido. Representa o ser ativo)
- complemento nominal
  O pedido de socorro foi ouvido ao longe. (➩ O socorro está sendo pedido. Representa o ser passivo)

complemento nominal
- O empréstimo **do dinheiro** salvou a empresa. (➾ O dinheiro está sendo emprestado. É o ser passivo)

adjunto adnominal
- O empréstimo **do banco** salvou a empresa. (➾ O banco está emprestando. É o ser ativo.)

adjunto adnominal
- Os bolinhos **de feijão** alegravam os meninos na hora do almoço.

complemento nominal
- A plantação **de feijão** foi devastada por uma praga.

adjunto adnominal
- A resposta **do entrevistado** surpreendeu a todos.

complemento nominal
- A resposta **ao entrevistado** provocou-lhe tristeza.

➾ Observação:

Perceba que o critério do "ser passivo" (complemento nominal) e do "ser ativo" (adjunto adnominal) praticamente resolve toda a celeuma. Use os outros critérios se ainda restar alguma dúvida.

c) Não confunda também o adjunto adnominal com um predicativo do objeto. Neste último, a qualidade atribuída ao objeto é necessária, essencial, logo, não passível de ser retirada da estrutura oracional; fato que não ocorre com o adjunto adnominal que é termo acessório e, como o próprio nome já sugere, pode ser retirado da oração. Para evitar confusões, adote o seguinte procedimento:

– transforme o objeto direto em um pronome oblíquo;

– perceba se o adjetivo que a ele se refere se mantém de forma lógica dentro da estrutura;

– se ele permanecer, será um predicativo; se não for possível a sua manutenção, é porque é um adjunto adnominal.

Observe:

- Resolvi hoje no colégio uma prova difícil. ("Difícil" é um predicativo ou um adjunto do substantivo "prova"?)
- Resolvi-a hoje no colégio. (Observe que o adjetivo "difícil" não se manteve, logo é um "adjunto adnominal").

- Achei a prova muito difícil. ("Difícil" é um predicativo ou um adjunto adnominal do substantivo "prova"?)
- Achei-a muito difícil. (Observe que o adjetivo "difícil" se manteve, logo é um "predicativo do objeto").
- Todos pegaram na biblioteca o livro recomendado pela professora. ("recomendado" = adjunto adnominal).
- Encontraram o livro rasgado. ("rasgado" = predicativo do objeto)

3.2 ADJUNTO ADVERBIAL

É o termo acessório da oração que, com ou sem preposição, refere-se a um verbo, a um adjetivo ou a um advérbio atribuindo-lhes alguma circunstância. Em sintaxe, o adjunto adverbial é exercido pelos advérbios e pelas locuções adverbiais. Este termo representa o "caso ablativo" do latim.

Observe:

adjunto adverbial adjunto adverbial
- Hoje o Presidente da República irá ao Congresso na parte da tarde para a obtenção de apoio.

adjunto adverbial

adjunto adverbial adjunto adverbial
- Raramente o país investe em educação como os outros países da América do Sul.

adjunto adverbial adjunto adverbial
- Muitos hoje em dia morrem de fome por causa da insensibilidade de alguns.

adjunto adverbial

Por expressarem circunstâncias, os adjuntos adverbiais possuem várias classificações. Destacamos as principais:

a) de lugar ➯ No país do carnaval, só samba quem tem dinheiro.
b) de tempo ➯ Muitos direitos foram suspensos no tempo da ditadura brasileira.
c) de concessão ➯ Apesar das circunstâncias, muitos obtiveram o diploma de bacharel.
d) de assunto ➯ Eles só falavam sobre a derrota do time.

e) de causa ➯ Deixou o emprego por moléstia grave. Durante a tempestade, muitas árvores caíram com o vento.

f) de afirmação ➯ Certamente o presidente da empresa viajará para a Europa.

g) de intensidade ➯ Falou muito, por isso ficou bastante rouco.

h) de dúvida ➯ Talvez o time ganhe na próxima partida.

i) de modo ➯ Deixou às escondidas o local e sorrateiramente entrou no carro que estava aparentemente abandonado.

j) de negação ➯ De modo algum nós aceitaremos as novas cláusulas. Não compactuaremos desse momento.

k) de matéria ➯ Construiu a porta de ferro. Fechou todos os buracos com areia e cimento.

l) de meio ➯ Eles sempre vão de carro à casa dos parentes mais afastados.

m) de finalidade ➯ Estudam bastante para a obtenção do certificado.

n) de condição ➯ Não conseguirás viajar sem o passaporte.

o) de companhia ➯ O Presidente viajará para a Europa com todos os seus ministros.

p) de preço ➯ Aquela casa custará para nós cem mil dólares.

q) de conformidade ➯ Eles sempre dançam conforme a música.

➯ Observação:

Mais uma vez salientamos que esse é apenas um rol exemplificativo. Sem dúvida, há outras circunstâncias que podem ser expressadas pelos advérbios e pelas locuções adverbiais.

➯ Outras considerações importantes:

a) Não confunda o adjunto adverbial com o agente da passiva quando os termos vierem encabeçados pelas preposições "de, por, pela, pelo, pelas, pelos". Observe:

- Todos estavam oprimidos **pela urgência do caso**. (➯ Agente da passiva = A urgência do caso oprimia a todos)
- O Ministro estava deixando o caso **por negligência própria**. (➯ Adjunto adverbial de causa)

▹ **Por uma denúncia anônima**, ele foi preso. (⇒ Adjunto adverbial de causa)

▹ Naquele momento, o orador estava sendo ovacionado **por todos os presentes à convenção**. (⇒ Agente da passiva)

b) Observe que o adjunto adverbial tanto pode ser expresso por um advérbio simples como por uma locução adverbial. As locuções adverbiais são, frequentemente, introduzidas por uma preposição.

▹ Respeite a eles, pois aqueles homem trabalham $\underline{\text{de sol a sol}}$.

▹ Todos ficaram $\underline{\text{em cima da casa}}$ para observar o fenômeno.

c) Lembre-se de que o adjunto adverbial modifica "verbos, adjetivos ou advérbios" atribuindo a eles circunstâncias diversas, enquanto o adjunto adnominai sempre se refere ao substantivo.

3.3 APOSTO

É o termo acessório cuja função é a de esclarecer, explicar, identificar, especificar, resumir um outro termo. O termo a que o aposto se refere sempre será um substantivo ou termo substantivado, uma vez que a função do aposto é típica do substantivo.

Primeiros exemplos:

▹ O Amazonas, $\underset{\text{aposto}}{\underline{\text{maior rio navegável do mundo}}}$, está poluído em algumas áreas.

▹ $\overset{\text{aposto}}{\underline{\text{Analista de artes e professor de computação}}}$, João Antônio aprecia também bons pratos à japonesa.

▹ Renato Saraiva, $\overset{\text{aposto}}{\underline{\text{procurador do trabalho da 4.ª Região}}}$, escreveu vários livros sobre Direito Trabalhista.

Existem vários tipos de apostos. São eles:

a) Aposto explicativo: é o mais comum. Como o próprio nome já enuncia, explica, esclarece o termo a que se refere. Vem sempre isolado por vírgula(s).

Exemplos:

▹ Edson Arantes do Nascimento, $\overset{\text{aposto explicativo}}{\underline{\text{o rei Pelé}}}$, consagrou-se como um dos maiores jogadores de todos os tempos.

aposto explicativo

- Em Pernambuco, **um dos grandes produtores de açúcar do Brasil**, a violência cresce diariamente.

- João Pedro, **ajudante de pedreiro**, recebeu um bom abono de férias da empresa.
  aposto explicativo

b) Aposto resumitivo ou recapitulativo: é aquele que "resume" uma sequência de termos. Geralmente este tipo de aposto resume substantivos que exercem a função de sujeito. O aposto resumitivo é frequentemente exercido por um pronome indefinido.

Exemplos:

- O mar, os céus, a terra, **tudo** apregoa a glória de Deus.
  aposto resumitivo

- Dançar, nadar, brincar, **nada** lhe interessava.
  aposto resumitivo

c) Aposto especificativo: é aquele que se refere a um substantivo de sentido geral particularizando-o, especificando-o, indicando-lhe a espécie à qual pertence. Esse tipo de aposto dispensa a pontuação.

Exemplos:

- O iluminista **Thomas Hobbes**, autor de "Leviatã", morreu em 1679.
  aposto especificativo

aposto especificativo

- O poeta **Carlos Drummond de Andrade** foi uma das maiores expressões do Modernismo.

> Perceba que a base deste tipo de aposto é a especificação, a delimitação. Observe que, entre tantos poetas, a oração especifica que a informação se refere apenas a Carlos Drummond de Andrade.

- A cidade **de Palmares** fica a cerca de 120Km da cidade **de Recife**.
  aposto especificativo aposto especificativo

- Meu melhor amigo **Cláudio** é um especialista em eletricidade.
  aposto especificativo

- O mar **Mediterrâneo** foi alvo de muitas disputas na Antiguidade.
  aposto especificativo

- O colégio **Contato** fica na rua **Dom Bosco**.
  aposto especificativo aposto especificativo

d) Aposto enumerativo: este tipo cria uma enumeração ou indica uma quantidade do termo a que se refere. Este tipo de aposto faz uso frequente dos dois pontos e, mais raramente, da vírgula e do travessão.

Exemplos:

- Para um homem evoluir são necessárias três coisas: uma grande mulher, uma boa família e a presença de Deus.
  aposto enumerativo

- Em sua viagem, Mário conheceu dois grandes expoentes da Literatura mundial: José Saramago e Antonio Candido.
  aposto enumerativo

e) Aposto de oração: é aquele que sintetiza o conteúdo semântico de toda uma oração. Não se deve confundi-lo com o aposto resumitivo. Este resume termos, aquele faz a síntese de toda uma oração ou orações.

Exemplos:

- A niveladora jogou neve para dentro do jardim, fato que o deixou muito irritado.
  aposto de oração

- aposto de oração
  Muitos sem-terras se aglomeram em frente do Ministério, sinal de uma grande manifestação.

- aposto de oração
  Alguns alunos zombavam do professor, o que irritou profundamente o diretor do colégio.

- Os primeiros a chegar sugeriram que o acampamento fosse levantado à esquerda do lago, ideia que muito agradou aos líderes da excursão.
  aposto de oração

⇨ Considerações importantes:

a) Não confunda o aposto especificativo com o adjunto adnominal nem com o complemento nominal. Observe:

- A cidade de São Paulo tornou-se a maior metrópole da América Latina.
  aposto especificativo

> O objetivo do termo é especificar uma cidade entre as várias cidades existentes.

- Os moradores **de São Paulo** sofrem com os engarrafamentos.
  adjunto adnominal

> Já aqui o termo (formado pela locução adjetiva) indica uma qualidade. "Os moradores paulistas" (ou paulistanos).

- A construção **de São Paulo** durou vários séculos.
  complemento nominal

> Neste último, o termo indica o ser passivo, recebedor da ação.

- aposto especificativo
  O poeta **Drummond** foi o autor de vários poemas, dentre os quais se destaca "mãos dadas".

- Os poemas **de Drummond** servem de base para muitos poetas de hoje.
  adjunto adnominal

b) Há um tipo especial de termo, colocado em aparente aposição – entre vírgulas, geralmente –, que recebe o nome de "aposto circunstancial". Esta classificação é defendida por estudiosos de peso da nossa língua, como os professores Mário Barreto, José Oiticica e Cláudio Brandão. Em nossa análise, corroborando com o professor Adriano da Gama Kury, em seu livro "Novas lições de análise sintática", preferimos classificar este termo não como aposto circunstancial, mas como "predicativo circunstancial", por causa do caráter essencialmente qualificador deste termo.

- "Os castanheiros, **grandes e concentrados**, ouviam subir a seiva." (Eça de Queiroz, apud Adriano G. Kury)
- "Lembra-se como, **em menino**, me tratava?"
- Meu pai, **quando jovem**, era amantíssimo das letras.

3.4 VOCATIVO

É o termo da oração (não entra em nenhuma classificação, uma vez que nem pertence ao sujeito nem ao predicado) cujo objetivo é interpelar, chamar, invocar alguém de forma mais ou menos enfática.

Nota: Na fala o vocativo é pronunciado com entonação enfática. Na escrita é sempre marcado pela presença de algum sinal de pontuação que o isole dentro da estrutura oracional. Geralmente esse papel de isolar o vocativo é exercido pela vírgula.

- Maria, ó Maria, vem logo, não demores.
  vocativos

- Afasta-te daqui, criatura nojenta!
  vocativo

- Tenha cuidado, meu filho, a vida não é fácil.
  vocativo

Consideração importante:

Não se esqueça de que a pontuação é fundamental para a identificação do vocativo, além, é claro, do objetivo do termo que é, como já vimos, chamar, interpelar. A ausência, o esquecimento, ou mesmo a retirada proposital da pontuação pode alterar completamente a função sintática do termo. Veja:

sujeito simples
- Carlos Antônio teve a sua dissertação de mestrado aprovada com louvor pela banca examinadora.

vocativo sujeito
- Carlos, Antônio teve a sua dissertação de mestrado aprovada com louvor pela banca examinadora.

sujeito vocativo
- Carlos, Antônio, teve a sua dissertação de mestrado aprovada com louvor pela banca examinadora.

3.5 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (Univ. Fed. de Ouro Preto-MG) Dos termos destacados, **só não é** predicativo do sujeito:

a) "Os outros fingiam acreditar, **desconfiados.**"
b) "Manarairema esperou **impaciente.**"
c) "... enquanto os homens andavam **ativos...**"
d) "Se eles são **soberbos**, nós também..."
e) "Ninguém almoçou **direito**, receando..."

2. (U. Cuiabá-MT)

"Dois pais conversam sobre o futuro dos filhos:

– O que seu filho vai ser quando terminar o primeiro grau? – pergunta ***um*** *deles.*

– Pelo jeito, acho que vai ser ***um*** *velho de barbas brancas... – responde o outro".*

Um*, analisando-se morfológica e sintaticamente, é, respectivamente:*

a) artigo indefinido e adjunto adnominal / artigo indefinido e adjunto adnominal.
b) pronome adjetivo e objeto direto / artigo indefinido e objeto direto.
c) pronome substantivo indefinido e sujeito / artigo indefinido e adjunto adnominal.
d) pronome adjetivo definido e adjunto adnominal / numeral cardinal e sujeito.
e) pronome adjetivo definido e adjunto adnominal / numeral cardinal e objeto direto.

3. (UM-SP) "Apesar de vistosa, a construção acelerada **daquele edifício** deixou-**nos insatisfeitos** novamente".

Os termos em destaque no período são, respectivamente:

a) adjunto adnominal, objeto indireto, adjunto adverbial.
b) complemento nominal, objeto direto, adjunto adverbial.
c) adjunto adnominal, objeto direto, predicativo do objeto.
d) complemento nominal, objeto direto, predicativo do objeto.
e) adjunto adnominal, objeto indireto, adjunto adnominal.

4. (UFSC) Observe os períodos abaixo e assinale a alternativa em que **lhe** é adjunto adnominal.

a) "... anuncio-lhe: Filho, amanhã vai comigo.
b) O peixe caiu-lhe na rede.
c) Ao traidor, não lhe perdoaremos jamais.
d) Comuniquei-lhe o fato ontem pela manhã.
e) Sim, alguém lhe propôs emprego.

5. (Fuvest-SP) Nos enunciados abaixo, há adjuntos adnominais e apenas um complemento nominal. Assinale a alternativa que contém o complemento nominal.

a) faturamento das empresas.
b) ciclo de graves crises.
c) energia desta nação.
d) história do mundo.
e) distribuição de poderes e renda.

6. (Fuvest-SP) Assinalar a oração que começa com um adjunto adverbial de tempo.

a) Com certeza havia um erro no papel do branco.
b) No dia seguinte Fabiano voltou à cidade.
c) Na porta, (...) enganchou as rosetas das esporas...

d) Não deviam tratá-lo assim.
e) O que havia era safadeza.

7. (ESPM-SP) "Fogão Continental 2001 Grand Prix II: nossa homenagem **ao bom gosto da mulher brasileira**." As expressões destacadas são, respectivamente:

a) sujeito, complemento nominal.
b) complemento nominal, sujeito.
c) adjunto adnominal, objeto direto.
d) complemento nominal, complemento nominal.
e) complemento nominal, adjunto adnominal.

8. (Faap-SP)

"Sete anos de pastor Jacó servia Labão, pai de Raquel, serrana bela".

Identifique a análise ***errada****.*

a) sete anos – adjunto adverbial.
b) de pastor – adjunto adnominal.
c) Jacó – sujeito.
d) pai de Raquel – aposto de Labão.
e) serrana bela – aposto de Raquel.

9. (PUC-SP) "Só pessoas **sem visão** não admitem que, neste setor, existe **oferta** considerada condizente **com a procura**".

Assinale a alternativa em que se apresenta ***corretamente*** *a função sintática dos termos em destaque, respeitando-se a ordem em que elas ocorrem no período.*

a) adjunto adnominal, objeto direto, complemento nominal.
b) adjunto adverbial, objeto direto, adjunto adnominal.
c) adjunto adnominal, sujeito, complemento nominal.
d) adjunto adverbial, sujeito, complemento nominal.
e) adjunto adnominal, objeto direto, adjunto adnominal.

10. (UEL-PR) "Ainda que surgissem poucos **recursos** para o projeto, todos mostravam-se satisfeitos com a boa vontade **do chefe**".

As palavras em destaque no período exercem, respectivamente, a função sintática de:

a) objeto direto, complemento nominal.
b) sujeito, objeto indireto.
c) objeto direto, adjunto adnominal.
d) objeto direto, objeto indireto.
e) sujeito, adjunto adnominal.

GABARITO

1 – E	2 – C	3 – D
4 – B	5 – E	6 – B
7 – E	8 – B	9 – C
10 – E		

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

CAPÍTULO 4

SINTAXE DO PERÍODO COMPOSTO

Partamos para nosso segundo passo dentro de sintaxe. Nos capítulos anteriores, percebemos a interação entre os termos de uma oração e classificamos a função deles. Neste capítulo, continuaremos a estudar as funções sintáticas estabelecidas não mais agora entre os termos simples de uma oração, mas entre as orações. Logo, não se preocupe: o assunto é fácil. Uma orientação, porém, segue: é importante que as noções do que é um sujeito, um objeto direto, um objeto indireto etc. tenham sido bem assimiladas. Afinal, reiterando o já dito, vamos estudar todos esses termos em forma de orações. Boa viagem!

4.1 CONCEITOS ESSENCIAIS

Como já dissemos, o nosso estudo versa sobre o período. Período é a frase que se estrutura em oração ou orações. Daí o período ser classificado em:

a) Período simples ➪ formado por uma única oração denominada de oração absoluta.

b) Período composto ➪ formado por mais de uma oração.

Para a sintaxe de período só interessa o período composto, aquele formado por duas ou mais orações. Para a construção desse período composto, dois processos sintáticos são utilizados:

a) A coordenação ➪ as orações mantêm uma independência sintática umas das outras, ou seja, uma oração não exerce uma função sintática (sujeito,

objeto direto, objeto indireto, complemento nominal etc.) para a outra. Há tão somente uma dependência semântica (de sentido) entre as orações do período coordenado.

b) A subordinação ➪ as orações estão ligadas umas às outras — dependência — não só por um vínculo semântico, mas principalmente por um vínculo sintático, isto é, uma oração vai exercer uma função sintática para a outra. Por isso, uma oração, no período subordinado, só subsistirá se a outra também existir e vice-versa.

É possível também que um período seja formado tanto por orações coordenadas quanto por orações subordinadas. Nesse caso, ele é denominado de *período composto por coordenação e por subordinação, ou período misto* (período complexo).

Primeiros exemplos:

1.ª oração

▹ O Conselho de Defesa Nacional é órgão de consulta do Presidente da República e atua em casos específicos.

2.ª oração

Período coordenado. Leia: O Conselho de Defesa Nacional é órgão de consulta do Presidente. O Conselho de Defesa Nacional só atua em casos específicos.

1.ª oração

▹ Quando o Presidente e o Vice-presidente não assumirem o cargo no prazo de dez dias a partir da posse, o cargo será declarado vago.

2.ª oração

Período subordinado. Perceba que uma oração não faz sentido sem a outra e que a primeira indica o tempo para o fato da outra oração.

▹ Ele disse que amanhã irá ao show se não chover e se não houver aquele engarrafamento que tanto tem infernizado a vida dos paulistanos.

Período misto. Há cinco orações.

No último período acima, observe que há cinco orações: a primeira (*Ele disse*) que é a oração principal; a segunda (*que irá ao show amanhã*), subordinada à primeira; a terceira (*se não chover*) e a quarta (*se não houver aquele*

engarrafamento) subordinadas à segunda; e, por fim, a quinta (*que tanto tem infernizado a vida dos paulistanos*), subordinada à quarta. Perceba que entre a terceira e a quarta oração há um processo de coordenação. Por isso, esse período é denominado de período misto.

⇨ Considerações importantes:

a) Para se descobrir quantas orações existem em um período, em geral, basta contar o número de verbos ou de locuções verbais presentes na estrutura. Portanto, ao analisar um período, primeiro destaque os verbos e/ou as locuções verbais.

Observe:

› "Na hipótese de nenhum candidato alcançar maioria absoluta na primeira votação, far-se-á nova eleição no último domingo de outubro do ano anterior ao término do mandato presidencial vigente, **concorrendo** os dois candidatos mais votados e **considerando**-se eleito, agora em segundo turno, aquele que **obtiver** a maioria dos votos válidos." (CF, art 77, *caput*)

b) Para a construção do período composto, as conjunções, os pronomes relativos, algumas preposições e alguns advérbios possuem papel fundamental. Serão essas classes morfológicas que farão a ligação (funcionarão como uma "ponte") entre as orações. A esses elementos de união a gramática denomina de "conectores" ou "elementos de conexão" ou ainda "articuladores".

Observe:

› **Enquanto** exerce funções típicas, o órgão executivo pratica atos de chefia de estado, chefia de governo e atos de administração. **Quando** atua atipicamente, o órgão executivo legisla uma vez que pode emitir medidas provisórias.

Após essas noções introdutórias, estudaremos passo a passo, a formação do período composto tanto por coordenação quanto por subordinação.

Para que o nosso estudo obtenha sucesso, é fundamental que o estudante:

⇨ tenha apreendido as funções dos elementos de conexão, principalmente das conjunções. Logo, se ainda restar alguma dúvida ou se não se lembrar direito do assunto, sugiro que estude "conjunção".

⇨ não procure decorar as conjunções, mas sim apreender-lhes o sentido e, acima de tudo, apreender a relação que a conjunção promove. Observaremos

que, muitas vezes, uma mesma conjunção promoverá diversas relações. Portanto, não se desespere! Com o tempo você aprovisionará as diversas relações promovidas pela mesma conjunção.

➯ não se preocupe demasiadamente com a nomenclatura gramatical: oração subordinada substantiva tal ou qual; oração subordinada adverbial "X", reduzida de infinitivo. A maioria dos institutos elaboradores de provas para concursos (públicos e vestibulares) já não mais questiona essa classificação — querem saber, sim, a relação promovida pela conjunção, pelo pronome relativo, pelos conectores em geral. Esses nomes rebuscados têm assustado e desestimulado até os mais afeitos à Língua Portuguesa. Mais uma vez, portanto, insisto: procure, a partir de agora, entender as relações entre as orações, promovidas pelos conectivos. Bom estudo!

4.2 PERÍODO COMPOSTO POR COORDENAÇÃO

4.2.1 ORAÇÕES COORDENADAS

O período coordenado é aquele em que aparecem orações sintaticamente independentes umas das outras. Saliente-se que a independência é sintática, pois no período coordenado sempre existirá uma dependência semântica (= de sentido), de forma que a retirada de uma oração prejudica o sentido do enunciado. Por isso, diz-se que no período coordenado há vínculo semântico, mas não há vínculo sintático.

Como não existe o vínculo sintático, as orações no período coordenado classificam-se pela presença ou não das conjunções coordenadas. Daí elas serem:

4.2.1.1 Assindéticas

Quando não possuem conjunção, conectivo; apresentam-se justapostas.

Observe:

- $\underbrace{\text{Todos saíram mais cedo,}}_{\text{oração assindética}}\ \underbrace{\text{foram para um barzinho próximo à faculdade.}}_{\text{oração assindética}}$

- "$\underbrace{\text{Raspou, achou, ganhou.}}_{\text{orações assindéticas}}$" *(Slogan publicitário.)*

4.2.1.2 Sindéticas

Quando se ligam às outras pelas conjunções coordenativas. As conjunções coordenadas são de cinco tipos e podem expressar as relações de "adição, alternância ou disjunção, oposição adversativa, conclusão e explicação".

4.2.1.2.1 Coordenadas aditivas

São aquelas que exprimem adição, soma de pensamentos, acréscimo de ideias, simultaneidade de ações.

> As principais conjunções aditivas são: e, nem, mas também, mas ainda, senão também, bem como, como também, que (= e).

- Muitos deixaram o local consternados e foram para a delegacia.
- Os pensamentos não só fazem bem à alma, **mas também** possibilitam a ajuda ao próximo.
- O conferencista discursou sobre a poluição mundial, **como também** falou sobre os efeitos do lixo industrial.
- Não fez o exame hoje **nem** foi ao curso de inglês.
- Estuda **que** estuda, e não consegue aprovação no concurso.

⇨ **Observação:**

Nem sempre a conjunção "e" funcionará como aditiva. Nas construções abaixo, ela aparece como coordenada adversativa. Perceba:

- Estudou tudo, e não passou no exame. (e = mas)
- Trabalhou muito, e não obteve sucesso. (e = mas)

4.2.1.2.2 Coordenadas adversativas

São aquelas que promovem oposição, ressalva, contraste. A ideia contida na oração adversativa se contrapõe à da oração assindética.

As principais conjunções adversativas são: mas, porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto, ao passo que, senão (= do contrário, mas sim, porém), antes (= mas, pelo contrário).

- Aprecia frutos do mar, **mas** não gosta de lagosta.

- Não foi ao shopping, **antes** preferiu o velho futebol do sábado à tarde.

- Eu sou pobre, **ao passo que** ele é muito rico.

- Ele gosta muito da praia, **entretanto** não aprecia muito os vendedores ambulantes.

- Não obteve a aprovação desejada, **senão** vaias de todos os lados.

➾ Observações:

a) A oração adversativa equivale à oração subordinada concessiva, uma vez que ambas promovem as relações de oposição. Observe:

- Ele não bebe, mas fuma muito. ➾ Embora fume muito, ele não bebe.

b) A conjunção coordenada adversativa pode aparecer deslocada dentro da oração sindética. Quando isso acontece, o emprego da vírgula se torna obrigatório para isolar a conjunção. Veja:

- Sempre apreciou vinhos do porto, **mas** os bebe moderadamente.

- Sempre apreciou vinhos do porto; bebe-os, **porém**, moderadamente. (Conjunção deslocada)

- Sempre apreciou vinhos do porto; bebe-os moderadamente, **contudo**. (Conjunção deslocada)

c) Algumas bancas elaboradoras de provas têm explorado as palavras "entretanto" e "no entanto" não como conjunções adversativas, mas como advérbios de tempo, com o sentido de "entrementes, neste ínterim, nesse momento". Observe os exemplos abaixo:

nesse ínterim, nesse meio-tempo

- Todos velavam o corpo na sala. **Entretanto**, João, o viúvo, conversava longamente no jardim com uma comadre.

Este advérbio de tempo equivale a "entrementes".

nesse tempo, nesse momento

- A música da orquestra penetrou na sala. **No entanto**, todos olhavam de um lado para o outro querendo saber de onde vinha aquela melodia.

nesse tempo, nesse meio-tempo

- O jogador fora para o Japão a fim de disputar um campeonato. **Entretanto**, nasceu sua filha, bela e de olhos verdes.

4.2.1.2.3 Coordenadas alternativas

São aquelas que expressam uma alternância, uma disjunção.

As principais conjunções alternativas são: ou, ou... ou, ora... ora, quer... quer, seja... seja, já... já, talvez... talvez.

- **Ora** o rapaz levantava um braço, **ora** coçava a cabeça, **ora** se espremia na cadeira.
- Responda todo o capítulo do livro **ou** não sairá no intervalo.
- **Quer** ele falasse, **quer** ele ficasse calado, todos o recriminavam.

4.2.1.2.4 Coordenadas conclusivas

São aquelas que exprimem uma conclusão, uma dedução lógica da ideia contida na oração precedente.

As principais conjunções conclusivas são: logo, pois (posposto ao verbo), portanto, por isso, por conseguinte.

- Ele estuda bastante, **logo** será aprovado em breve.

- A testemunha foi intimada, **por conseguinte** deveria comparecer.
- A empresa não enviou a proposta, **portanto** está fora da licitação.

4.2.1.2.5 Coordenadas explicativas

São aquelas que justificam a informação da oração precedente; fornecem, portanto, uma explicação, um motivo.

As principais conjunções explicativas são: que, porque, pois (anteposto ao verbo), porquanto.

- Não corra, **que** você pode cair.
- Saia da sala agora, **porque** não aceito malcriações.
- Não desanime, **pois** o ânimo é a alma do negócio.

⇨ **Observação:**

Não se esqueça de que após orações imperativas (aquelas que dão "ordem" ou fazem um "pedido"), a estrutura que se segue é geralmente explicativa. Veja:

- Não deixe os estudos, $\underbrace{\text{porque a vida não está fácil.}}_{\text{oração coordenada explicativa}}$

4.2.2 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

Orações Coordenadas

1. Teimou em contratar os serviços de uma empresa, se bem que não houvesse necessidade.

   Comece com: Não havia necessidade...

   a) porém
   b) ainda que
   c) visto que
   d) portanto
   e) porque

2. (UCDB-MT) "Podemos falar qualquer coisa: estou absolutamente calmo".

   Os dois-pontos do período acima poderiam ser substituídos pela conjunção:

   a) e.
   b) portanto.
   c) logo.
   d) pois.
   e) mas.

(FCC-PR) As questões de 3 a 8 apresentam um período que você deverá modificar, iniciando-o conforme se sugere, **mas sem alterar a ideia contida no primeiro.** Em consequência, outras partes da frase sofrerão alterações. Assinale a alternativa que contém o elemento adequado ao novo período.

Exemplo:

Abraçou-me com tal ímpeto, que não pude evitá-lo.

Comece com: Não pude evitá-lo...

a) assim
b) quando
c) à medida que
d) então
e) porque

Neste caso, a resposta correta é E, pois a frase transformada seria:

Não pude evitá-lo, porque abraçou-me com grande ímpeto.

3. Espere até tarde, que ele aparecerá.

Comece com: Ele aparecerá...

a) assim que
b) quando
c) para que
d) enquanto
e) portanto

4. Não se preocupe, que breve estarei de volta.

Comece com: Breve estarei...

a) para que
b) logo que
c) porém
d) logo
e) senão

5. Dada a falta de meios, recorreu à caridade.

Comece com: Faltavam-lhe os meios...

a) mas
b) nem
c) quando
d) portanto
e) visto que

6. Não posso atendê-lo, porque não é lícito o que requereu.

Comece com: Requereu o que não é lícito...

a) depois
b) porém
c) em que
d) visto que
e) portanto

7. Como todos tivessem terminado o trabalho, permiti-lhes que saíssem mais cedo.

Comece com: Todos já tinham terminado o trabalho...

a) visto que
b) porque
c) contudo
d) logo
e) a fim de que

8. Insiste em sair sozinho, conquanto mal conheça a cidade.

Comece com: Mal conhece a cidade...

a) por isso
b) então
c) no entanto

d) logo
e) em consequência

9. (PUC-RS) "Todos os dias esvaziava uma garrafa, colocava dentro sua mensagem, e a entregava ao mar. Nunca recebeu resposta. Mas tornou-se alcoólatra". (Marina Colasanti)

*O conectivo **mas**, que introduz a conclusão do conto – **tornou-se alcoólatra** –, permite a seguinte interpretação:*

I. A personagem tornou-se alcoólatra porque nunca recebeu uma resposta.

II. O fato aconteceu porque a personagem escreveu muitas mensagens.

III. A solidão sem remédio tem sempre como consequência o vício.

IV. Esvaziou muitas garrafas. Enviou muitas mensagens. Não recebeu resposta. Mas, como tinha bebido todos os dias, tornou-se alcoólatra.

*Analise as afirmações e, a seguir, assinale a alternativa **correta**.*

a) Somente a afirmação IV está correta.
b) Somente a afirmação I está correta.
c) Somente as afirmações I e II estão corretas.
d) Somente a afirmação III está correta.
e) Somente as afirmações II e III estão corretas.

10. (PUC-SP) "Os infelizes tinham caminhado o dia inteiro, estavam cansados e famintos. Ordinariamente andavam pouco, mas haviam repousado bastante na areia do rio seco, a viagem progredira bem três léguas. Fazia horas que procuravam uma sombra. A folhagem dos juazeiros apareceu longe, através dos galhos pelados da caatinga rala". (Graciliano Ramos, Vidas secas)

*É **correto** dizer que:*

a) a primeira e a segunda orações são coordenadas assindéticas.
b) a primeira oração é coordenada assindética e a segunda é adversativa.
c) há sete orações coordenadas no período.
d) há seis orações coordenadas e duas subordinadas.
e) n.d.a.

4.3 PERÍODO COMPOSTO POR SUBORDINAÇÃO

4.3.1 NOÇÕES INTRODUTÓRIAS

Antes de mais nada, é fundamental lembrar que no período composto por coordenação as orações se classificam em assindéticas (sem conectivo) e sindéticas (com conectivo). Já no período composto por subordinação as orações se classificam em:

a) Oração principal ➪ é aquela que rege a oração subordinada. Não é principal porque contém algo a mais do que a subordinada, mas sim porque possui uma outra oração a qual exercerá uma função sintática em relação àquela.

b) Oração subordinada ➪ é a oração que exercerá uma função sintática (sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, aposto, predicativo, agente da passiva, adjunto adnominal ou adjunto adverbial) para uma outra oração a qual lhe servirá como oração principal.

Observe:

▹ Ele pediu que ninguém se atrasasse.
Or. principal Or. subordinada

▹ A lei foi promulgada quando o sol já ia se pôr.
Or. principal Or. subordinada

▹ Vi muitos alunos que estudavam no pátio do colégio.
Or. principal Or. subordinada

As orações subordinadas podem exercer funções típicas do substantivo, do adjetivo e do advérbio. Daí serem classificadas em:

a) Subordinadas substantivas ➪ exercem as funções típicas de um substantivo que são: sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, aposto, predicativo e agente da passiva.

b) Subordinadas adjetivas ➪ exercem uma função típica do adjetivo, qual seja, "adjunto adnominal".

c) Subordinadas adverbiais ➪ exercem a função típica do advérbio: adjunto adverbial.

4.3.2 ORAÇÕES SUBSTANTIVAS

Antes de entrarmos propriamente no assunto, observe os exemplos abaixo:

▹ Não convém o retorno dele amanhã. ➪ Não convém que ele retorne amanhã.
sujeito sujeito

complemento nominal

▷ Todos eram favoráveis ao retorno dele amanhã. ➾ Todos eram favoráveis a que ele retornasse amanhã.

complemento nominal

aposto

▷ Todos desejam uma coisa: o retorno dele amanhã. ➾ Todos desejam uma coisa: que ele retorne amanhã.

aposto

predicativo

▷ O mais importante era o retorno dele amanhã. ➾ O mais importante era que ele retornasse amanhã.

predicativo

▷ Todos querem o retorno dele amanhã. ➾ Todos querem que ele retorne amanhã.

objeto direto objeto direto

objeto indireto objeto indireto

▷ Todos precisam do retorno dele amanhã. ➾ Todos precisam de que ele retorne amanhã.

Creio que tenha percebido que os termos destacados na coluna da direita são representados na esquerda por orações. Logo, o "sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, aposto, predicativo e agente da passiva" podem aparecer tanto como termos simples como em forma de orações. As orações que exercem tais funções são denominadas de "orações subordinadas substantivas".

Recapitulando: Elas são subordinadas porque dependem sintaticamente uma da outra, já que uma exercerá uma função sintática para a outra. São denominadas de substantivas porque exercem funções típicas do substantivo, quais sejam: sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, aposto, predicativo e agente da passiva.

➾ Observação importante:

As orações subordinadas substantivas são geralmente introduzidas pelas conjunções integrantes "**QUE**" ou "**SE**". No entanto, outros conectores podem aparecer com uma função integrante. Passemos agora a estudar detalhadamente uma por uma.

4.3.2.1 Substantivas subjetivas

São aquelas que exercem a função sintática de sujeito para a oração principal. Nesse caso, o verbo da oração principal deverá estar na 3.ª pessoa do singular, uma vez que todas as orações subordinadas substantivas subjetivas não passam de sujeitos oracionais. Veja os exemplos:

- Cumpre $\underbrace{\text{que todos façam a sua parte}}_{\text{subjetiva}}$.
- Anunciou-se $\underbrace{\text{que o novo pacote do governo entrará em vigor amanhã}}_{\text{subjetiva}}$.
- "$\underbrace{\text{Quem com porcos se mistura}}_{\text{subjetiva}}$ farelo come". (Dito popular)
- Não se sabe $\underbrace{\text{como ele conseguiu a vitória}}_{\text{subjetiva}}$.
- Parece $\underbrace{\text{que a situação vai piorar}}_{\text{subjetiva}}$.
- Foi constatado $\underbrace{\text{que a testemunha era falsa}}_{\text{subjetiva}}$.

⇨ **Considerações importantes:**

a) Perceba que, quando a oração subordinada é substantiva subjetiva, na oração principal não há sujeito, pois o sujeito da oração principal é a outra (oração subjetiva).

b) Observe que, quando a oração subordinada substantiva for subjetiva, a oração principal apresentará um dos seguintes casos:

- verbo na 3.ª pessoa do singular, na voz ativa, sem menção a sujeito;
- voz passiva sintética (VTD/VTDI + SE)
- voz passiva analítica (locução verbal — v. auxiliar + v. principal no particípio)

4.3.2.2 Substantivas objetivas diretas

São aquelas orações que exercem a função de objeto direto para um verbo transitivo direto ou transitivo direto e indireto que se encontra na oração principal.

VTD objetiva direta
- O governo **anunciou** que as novas medidas só entrarão em vigor no mês de março.

- Que a violência no Brasil possui uma causa social, todos já **sabem**.

objetiva direta VTD

- A Defesa Civil **desconhece** quantos são os desabrigados.

VTD objetiva direta

- Nunca **diga**: desta água não beberei.

VTD objetiva direta

VTDI
- Os diretores **informaram** aos funcionários que a nova escala de trabalho valerá a partir de amanhã.

objetiva direta

4.3.2.3 Substantivas objetivas indiretas

São as orações que exercerão a função sintática de objeto indireto para um verbo transitivo indireto ou transitivo direto e indireto que se encontra na oração principal. As orações objetivas indiretas são sempre introduzidas por uma preposição.

- Nada **obsta** a que você estude mais esta noite.

VTI objetiva indireta

- Nunca se **esqueça** de que a vida não é fácil.

VTI objetiva indireta

- Tudo **depende** de que o avião saia na hora certa.

VTI objetiva indireta

- **Avisei**-o de que a nova diretoria assumirá na próxima semana.

VTDI objetiva indireta

⇒ Observação:

Saliente-se, mais uma vez, que as orações objetivas indiretas são introduzidas por uma preposição requerida pela regência de um verbo transitivo indireto ou transitivo direto e indireto. Observe abaixo como se dá esse uso da preposição:

SE DIZEMOS...	DEVEMOS DIZER...
▷ Não dou importância **à** tua intervenção.	▷ Não dou importância a que tu intervenhas.
▷ Precisamos **de** sua ajuda.	▷ Precisamos **de** que você ajude.
▷ O diretor se opôs **à** participação dos funcionários.	▷ O diretor se opôs a que os funcionários participassem.
▷ Queixou-se **da** ausência dos amigos.	▷ Queixou-se **de** que os amigos estão ausentes.
▷ Insistiu **em** nossa participação no evento.	▷ Insistiu em que nós participássemos do evento.

4.3.2.4 Substantivas completivas nominais

São aquelas que exercem a função de complemento nominal para um nome que se encontra na oração principal. Observe atentamente os exemplos abaixo:

▷ Ele tem sempre a **impressão** de que vozes do outro mundo o chamam.
nome — completiva nominal

nome
▷ Os sem-terras desrespeitaram a **recomendação** de que não invadissem aquela parte da fazenda.
completiva nominal

▷ O rapaz mostrava-se profundamente **ansioso** por que sua noiva voltasse.
nome — completiva nominal

nome
▷ O Presidente se apresentou bastante **convencido** de que o novo pacote econômico dará certo.
completiva nominal

➾ Observações importantes:

a) O complemento nominal é um termo integrante da oração que obrigatoriamente vem regido por uma preposição. Da mesma forma acontece com a oração completiva nominal. Não raro, entretanto, encontram-se em bons escritores exemplos de complementos nominais oracionais com a preposição oculta. Daí se aceitarem como corretas as seguintes construções:

▷ Mostrava-se desejoso **de** que ele voltasse amanhã. /ou/ ▷ Mostrava-se desejoso que ele voltasse amanhã.

- O jogador estava certo de que ficaria no banco de reservas. /ou/ ▹ O jogador estava certo que ficaria no banco de reservas.
- O orador não tinha dúvidas de que o próximo seria ele. /ou/ ▹ O orador não tinha dúvidas que o próximo seria ele.
- "Estou ansioso que ele chegue e que nos ouça." (Camilo Castelo Branco)
- "Não é preciso dizer que também eu ficara em brasas, ansioso que a aula acabasse." (Machado de Assis)
- "Estou certo, disse ele, piscando-me o olho, que dentro de um ano a vocação eclesiástica do nosso Bentinho se manifesta clara e decisiva." (Machado de Assis)
- "Apenas ela dobrava a esquina o conciliábulo juntava-se logo a cochichar. Tinham a certeza que se ia encontrar com o peralta." (Eça de Queiroz)

b) É importante não confundir as orações completivas nominais com as objetivas indiretas. Para evitar tal equívoco, consulte a diferença entre o objeto indireto e o complemento nominal.

4.3.2.5 Substantivas predicativas

São as orações que exercem a função de predicativo para a oração principal. Convém notar que na oração principal sempre aparecerá um verbo de ligação — geralmente o verbo "SER" — quando a oração subordinada for classificada como predicativa.

- O fundamental é que ele não desfaleça em sua fé.
  VL predicativa
- Quem menos fala **é**, muitas vezes, quem menos sabe.
  VL predicativa
- Minha maior esperança **era** que o dinheiro fosse imediatamente liberado.
  VL predicativa
- O certo **seria** que a lei fosse para todos.
  VL predicativa

4.3.2.6 Substantivas apositivas

Exercem a função de aposto para um substantivo ou termo substantivado presente na oração principal. Geralmente a oração apositiva aparece depois de dois pontos ou, mais raramente, de vírgula.

apositiva

- O pai, preocupado, disse-lhe **isto**: estude bastante para suas provas, meu filho.

- Diga-me agora uma **coisa**, este livro é para concursos públicos?

  apositiva

- Uma única **indagação** ficou em discussão: que faria agora ele sem o emprego?

  apositiva

⇨ Observação importante:

Não é o fato de conter os dois pontos ou qualquer outro sinal de pontuação que a oração será apositiva. É imprescindível que, primeiro, antes da classificação, perceba-se se a oração efetivamente possui a função de aposto. Observe:

voz passiva analítica

- Na porta da sala **foi escrito** em letras garrafais: "O Senhor é o meu Pastor e nada me faltará."

  subordinada substantiva subjetiva

voz passiva sintética

- Na porta da sala **se escreveu** em letras garrafais: "O Senhor é o meu Pastor e nada me faltará."

  subordinada substantiva subjetiva

VTD

- Na porta da sala, um painel **avisava** em letras garrafais: "O Senhor é o meu Pastor e nada me faltará."

  subordinada substantiva objetiva direta

substantivo

- Na porta da sala, havia um **aviso** em letras garrafais: "O Senhor é o meu Pastor e nada me faltará."

  subordinada substantiva apositiva

4.3.2.7 Substantivas agente da passiva

São as orações que exercem a função sintática de agente da passiva. São, assim como o agente da passiva o é, introduzidas por uma das preposições "de, por, pelo, pela, pelos, pelas." Esse tipo de oração não é reconhecido pela NGB — Nomenclatura Gramatical Brasileira.

- Um dia todos nós seremos julgados por quem nos criou.

  oração agente da passiva

› Este prédio foi construído por quem entende de construção.
oração agente da passiva

4.3.3 EMPREGO DA CONJUNÇÃO INTEGRANTE NA SEGUNDA ORAÇÃO SUBSTANTIVA COORDENADA

Quando a uma proposição subordinada substantiva, que começa pela conjunção integrante "que", une-se outra proposição subordinada por meio da conjunção coordenativa aditiva "e" ou da conjunção alternativa "ou", pode-se repetir ou não a conjunção integrante. A repetição confere maior clareza ao enunciado, pois evita que se tome a segunda oração como uma oração principal. Por isso, nos grandes escritores, não raro se encontram exemplos em que há a repetição da conjunção integrante.

Suponha que se queira construir um período composto por subordinação a partir do período simples a seguir:

a diminuição dos juros.
› Pedi ao governo
o aumento do acesso ao crédito.

Teremos então duas possibilidades...

que diminuísse os juros.
› Pedi ao governo E
que aumentasse o acesso ao crédito.

Ou então...

que diminuísse os juros.
› Pedi ao governo E
aumentasse o acesso ao crédito. (elipse da conjunção na segunda oração)

Outros exemplos:

› Rogo-te **que** desças ao porto, e lhes saias ao encontro, e os recebas humanamente em tua casa." (Pe. Manuel Bernardes)

- "Quero **que** vejas, **que** ouças, e **que** me digas tudo quanto ele fizer." (Rebêlo da Silva *apud* Mário Barreto)

- "Disseram-lhe **que** estava em Paris e **que** a família se retirara a uma quinta das margens do Minho." (Camilo C. Branco)

- "Um dia em que ele, como sempre, cheio de solicitude, perguntava pelo 'seu doente' disseram-lhe **que** José estava livre de maior perigo e **que** o restabelecimento seria completo com a viagem à Europa." (Aluísio Azevedo)

- "Pareceu-lhe **que** era bastante a sua piedade e ela ia de algum modo dar lenitivo ao sofrimento do padrinho." (Lima Barreto)

- "Era necessário, Sr. Presidente, **que** se estabelecesse a discussão sobre a matéria principal, e **que** os nobres deputados nos dissessem quais são as suas ideias." (Rui Barbosa)

4.3.4 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

Orações Subordinadas Substantivas

1. (PUC-SP) "Pode-**se** dizer **que a tarefa crítica é puramente formal**".

   No texto acima, temos uma oração destacada que é ... e um se que é ... .

   a) substantiva objetiva direta – partícula apassivadora.
   b) substantiva predicativa – índice de indeterminação do sujeito.
   c) relativa – pronome reflexivo.
   d) substantiva subjetiva – partícula apassivadora.
   e) adverbial consecutiva – índice de indeterminação do sujeito.

2. (FCE-SP) "Os homens sempre se esquecem **de que somos todos mortais**". A oração destacada é:

   a) substantiva completiva nominal.
   b) substantiva objetiva indireta.
   c) substantiva predicativa.
   d) substantiva objetiva direta.
   e) substantiva subjetiva.

3. (UCMG) Há oração subordinada substantiva apositiva em:

   a) Na rua perguntou-lhe em tom misterioso: onde poderemos falar à vontade?
   b) Ninguém reparou em Olívia: todos andavam como pasmados.
   c) As estrelas que vemos parecem grandes olhos curiosos.
   d) Em verdade, eu tinha fama e era valsista emérito: não admira que ela me preferisse.
   e) Sempre desejava a mesma coisa: que a sua presença fosse notada.

4. (Cefet-MG) "Já era noite. Parecia viável **que todos entendessem** que, naquele momento, deviam-se lembrar **de que nada é eternamente assim**. Mas nada acontecia. A verdade é **que todos estavam extasiados** e certos **de que não há prazeres no mundo**".

   As orações destacadas são, respectivamente, subordinadas substantivas:

   a) subjetiva, subjetiva, subjetiva e completiva nominal.
   b) subjetiva, objetiva direta, subjetiva e completiva nominal.
   c) objetiva direta, subjetiva, predicativa e objetiva indireta.
   d) subjetiva, objetiva indireta, predicativa e completiva nominal.
   e) objetiva direta, objetiva indireta, predicativa e objetiva indireta.

5. (FIT-SP) No período "Todos tinham certeza **de que seriam aprovados**", a oração destacada é:

   a) substantiva objetiva indireta.
   b) substantiva completiva nominal.
   c) substantiva apositiva.
   d) substantiva subjetiva.
   e) n.d.a.

6. (Faap-SP)

   "Ouvindo-te dizer: Eu te amo, creio, no momento, que sou amado. No momento anterior e no seguinte como sabê-**lo**."

   *O pronome **o** está no lugar da oração:*

   a) ouvindo-te.
   b) dizer.
   c) eu te amo.
   d) que sou amado.
   e) como saber.

7. (F. Objetivo-SP) No período: "É necessário **que todos se esforcem**", a oração destacada é:

   a) substantiva objetiva direta.
   b) substantiva objetiva indireta.
   c) substantiva completiva nominal.
   d) substantiva subjetiva.
   e) substantiva predicativa.

8. (UFAC) No período: "Enfim resolveu o Leão sair para fazer sua pesquisa, verificar **se ainda era o Rei dos Animais**", a oração em destaque é:

   a) subordinada adverbial condicional.
   b) subordinada substantiva objetiva indireta.
   c) subordinada adverbial concessiva.
   d) subordinada substantiva objetiva direta.
   e) subordinada substantiva predicativa.

9. (FEI-SP) Assinale a alternativa em que a oração destacada é uma subordinada completiva nominal.
   a) Este é o relatório **de que lhe falei ontem.**
   b) Lembraram-se **de que a reunião fora adiada.**
   c) Insisto **em que partas logo.**
   d) Espalhou-se a notícia **de que ele chegou.**

10. (PUCC-SP) A alternativa em que se encontra uma oração subordinada substantiva objetiva direta iniciada com a conjunção **se** é:
    a) Só obteremos a aprovação se tivermos encaminhado corretamente os papéis.
    b) Haverá racionamento de águas em todo o país, se persistir a seca.
    c) Falava como se fosse especialista no assunto.
    d) Se um deles entrasse, todos exigiriam entrar também.
    e) Queria saber dos irmãos se alguém tinha alguma coisa contra o rapaz.

11. (UFPA) Qual o período em que há oração subordinada substantiva predicativa?
    a) Meu desejo é que você passe nos exames vestibulares.
    b) Sou favorável a que o aprovem.
    c) Desejo-te isto: que sejas feliz.
    d) O aluno que estuda consegue superar as dificuldades do vestibular.
    e) Lembre-se de que tudo passa neste mundo.

12. (PUC-SP) Nos trechos "... não é impossível **que** a notícia da morte me deixasse alguma tranqüilidade, alívio, e um ou dois minutos de prazer" e "Digo-vos **que** as lágrimas eram verdadeiras", a palavra **que** está introduzindo, respectivamente, orações:
    a) subordinada substantiva subjetiva, subordinada substantiva objetiva direta.
    b) subordinada substantiva objetiva direta, subordinada substantiva objetiva direta.
    c) subordinada substantiva subjetiva, subordinada substantiva subjetiva.
    d) subordinada substantiva completiva nominal, subordinada adjetiva explicativa.
    e) subordinada adjetiva explicativa, subordinada substantiva predicativa.

13. (UFV-MG) As orações subordinadas substantivas que aparecem no período abaixo são todas subjetivas, **exceto**:
    a) Decidiu-se que o petróleo subiria de preço.
    b) É muito bom que o homem, vez por outra, reflita sobre sua vida.
    c) Ignoras quanto custou meu relógio.
    d) Perguntou-se ao diretor quando seríamos recebidos.
    e) Convinha-nos que você estivesse presente à reunião.

14. (UFU-MG) Na frase "argumentei **que não é justo que o padeiro ganhe festas**", as orações destacadas, introduzidas por **que**, são, respectivamente:
    a) ambas subordinadas substantivas objetivas diretas.
    b) ambas subordinadas subjetivas.

c) subordinada substantiva objetiva direta e subordinada substantiva subjetiva.
d) subordinada objetiva direta e coordenada assindética.
e) subordinada substantiva objetiva direta e subordinada substantiva predicativa.

15. (PUCC-SP) Assinale a alternativa cuja oração subordinada é substantiva predicativa.

a) Espero que venhas hoje.
b) O aluno que trabalha é bom.
c) Meu desejo é que te formes logo.
d) És tão inteligente como teu pai.
e) n.d.a.

16. (UFMG) Na frase: "Maria do Carmo tinha a certeza **de que estava para ser mãe**", a oração em destaque é:

a) subordinada substantiva objetiva indireta.
b) subordinada substantiva completiva nominal.
c) subordinada substantiva predicativa.
d) coordenada sindética conclusiva.
e) coordenada sindética explicativa.

17. (FCMSC-SP) A palavra **se** é conjunção subordinada integrante (por introduzir oração subordinada substantiva objetiva direta) em qual das orações seguintes?

a) Ele se morria de ciúmes pelo patrão.
b) A Federação arroga-se o direito de cancelar o jogo.
c) O aluno fez-se passar por doutor.
d) Precisa-se de pedreiros.
e) Não sei se o vinho está bom.

18. (Fesp-SP) "Lembro-me **de que ele só usava camisas brancas**". A oração em destaque é:

a) substantiva completiva nominal.
b) substantiva objetiva indireta.
c) substantiva predicativa.
d) substantiva subjetiva.
e) n.d.a.

19. (F. Objetivo-SP) "A verdade é **que a gente não sabia nada...**"

Classifica-se a segunda oração como:

a) subordinada substantiva objetiva direta.
b) subordinada adverbial conformativa.
c) subordinada substantiva objetiva indireta.
d) subordinada substantiva predicativa.
e) subordinada substantiva apositiva.

20. (UFSCar-SP) Marque a opção que contém oração subordinada substantiva completiva nominal.

a) "Tanto eu como Pascoal tínhamos medo de que o patrão topasse Pedro Barqueiro nas ruas da cidade".

b) "Era preciso que ninguém desconfiasse do nosso conluio para prendermos o Pedro Barqueiro".

c) "Para encurtar a história, patrãozinho, achamos Pedro Barqueiro no rancho, que só tinha três divisões: a sala, o quarto dele e a cozinha".

d) "Quando chegamos, Pedro estava no terreiro debulhando milho, que havia colhido em sua rocinha, ali perto".

e) "Pascoal me fez um sinalzinho, eu dei a volta e entrei pela porta do fundo para agarrar o Barqueiro pelas costas".

Continuemos nossa jornada dentro do período composto. Já estudamos as orações coordenadas e as subordinadas substantivas. Espero que a esta altura já saiba discernir entre um período composto por coordenação e um composto por subordinação. É fundamental também ter percebido que as funções sintáticas como o sujeito, o objeto direto, o objeto indireto etc. podem ser expressadas por meio de orações denominadas substantivas. A partir de agora, veremos o adjunto adnominal e o adjunto adverbial em forma de orações. Bons estudos!

4.3.5 ORAÇÕES SUBORDINADAS ADJETIVAS

As orações subordinadas adjetivas são aquelas que possuem o valor de um adjetivo; exercem a função sintática de adjunto adnominal de um substantivo ou pronome antecedente.

A principal característica das orações adjetivas é que são introduzidas por um pronome relativo (que, quem, onde, o qual, a qual, os quais, as quais, cujo, cuja, cujos, cujas, quanto, quanta, quantos e quantas). Por isso, as orações adjetivas são também denominadas de "orações relativas".

4.3.5.1 Emprego e funções sintáticas dos pronomes relativos

Antes de estudarmos as orações adjetivas, convém analisar e conhecer melhor os ditos pronomes relativos. Frequentemente estes pronomes têm sido usados para a construção de inúmeras questões as quais, não raro, embaraçam os candidatos. Neste momento, é importante que o estudante apreenda o emprego de cada um deles bem como a função sintática exercida na oração.

Vamos lá!

1. Que ⇨ É denominado de "relativo universal", porque se refere tanto a coisas quanto a pessoas. Seus equivalentes variáveis são "a qual, o qual, as quais, os quais". O relativo "que" só deve ser substituído por outro relativo em casos específicos. Pode desempenhar as seguintes funções sintáticas:

a) Sujeito:

▹ Na árvore havia dois papa-capins que cantavam melodiosamente.
papa-capins cantavam melodiosamente

▹ O país que não investe em educação está fadado à miséria social.
o país não investe em educação

b) Objeto direto:

▹ Os dois livros que aqueles alunos compraram vão ser usados por toda a turma.
aqueles alunos compraram os dois livros

o pai deu ao filho mais novo as poesias
▹ As poesias, que ao filho mais novo o pai deu, pertenciam a um grande poeta popular.

c) Objeto indireto:

▹ Os livros de que os alunos precisam já estão à disposição deles na biblioteca.
os alunos precisam dos livros.

▹ As ideias a que o professor se referiu foram condenadas pela arquidiocese.
o professor se referiu às ideias

d) Complemento nominal:

▹ Os insetos de que a mulher tinha mais medo eram as baratas.
a mulher tinha mais medo dos insetos

▹ A luz acesa era para ele um ritual por que mantinha um profundo respeito.
ele mantinha um profundo respeito pelo ritual

e) Predicativo do sujeito:

▹ O grande aluno que um dia eu fui já não mais existe.
um dia eu fui um grande aluno

▹ O cantor que ele era deixou saudades.
ele era cantor

f) Agente da passiva:

- O amigo **por que** ele foi traído viajou para a Europa.

ele foi traído pelo amigo

Mariazinha havia sido dominada pelo olhar

- O olhar **por que** Mariazinha havia sido dominada a abandonou no meio do romance.

g) Adjunto adverbial:

- A cidade **em que** nasci fica perto de Recife.

eu nasci na cidade

- O departamento **a que** ele se dirigiu fica no oitavo andar.

ele se dirigiu ao departamento

2. Quem ⇨ É denominado de "relativo personativo", pois só se refere a pessoas. Sempre virá precedido de uma preposição.

ela se referiu ao homem

- O homem **a quem** ela se referiu tornou-se o delegado da cidade. (a quem = objeto indireto)

nós mantínhamos mais contato com o diretor financeiro

- O diretor financeiro **com quem** nós mantínhamos mais contato era o Sr. Rodrigo. (com quem = complemento nominal)

3. Onde ⇨ É denominado de "relativo locativo", pois só é utilizado para retomar e substituir termos que contenham a noção de "lugar". Equivale a "em que" e variações (na qual, no qual, nas quais, nos quais).

prega-se mais o cristianismo no templo.

- O templo **onde** se prega mais o cristianismo fica em Roma. (onde = adjunto adverbial de lugar)

eu nasci na cidade.

- A cidade **onde** eu nasci fica a 123 Km de Recife. (onde = adjunto adverbial de lugar)

4. O qual, a qual, os quais, as quais ⇨ São os relativos que possuem as variações em gênero e número correspondentes ao pronome relativo "que". Esses relativos devem obrigatoriamente substituir o "que" quando este provocar ambiguidade, for precedido por uma preposição com mais de uma sílaba ou for eufonicamente melhor.

- Assisti à cena final daquele filme que me deixou bastante emocionado. (Frase ambígua — Quem o emocionou foi a cena ou o filme?)

a cena me deixou bastante emocionado.

- Assisti à cena final daquele filme a qual me deixou bastante emocionado. (a qual = sujeito)

corriam águas extremamente poluídas sobre a ponte

- A ponte sobre a qual corriam águas extremamente poluídas era pênsil. (sobre a qual = adjunto adverbial de lugar)

a maioria do colegiado votou contra a proposta

- A proposta contra a qual a maioria do colegiado votou vai ser objeto de nova apreciação. (contra a qual = objeto indireto)

5. Cujo, cuja, cujos, cujas ➾ São relativos utilizados para substituir termos que expressam noção de posse. Equivalem a "do qual, da qual, dos quais, das quais, seu, sua, seus, suas, dele, dela, deles, delas". Eles retomam um termo antecedente, mas concordam em gênero e número com o substantivo consequente (ou posposto). Não admitem a posposição de artigo e sempre exercem a função sintática de adjunto adnominal.

os princípios do homem (ou "os seus princípios) não são sólidos

- O homem cujos princípios não são sólidos está mais sujeito às intempéries da vida. (cujos = adjunto adnominal)

eu já não mais me lembro dos nomes dos filmes

- Alguns filmes de cujos nomes já não mais me lembro imortalizaram muitos artistas. (cujos = adjunto adnominal)

alguns trabalhadores descansavam sob a sombra da árvore

- A árvore sob cuja sombra alguns trabalhadores descansavam era centenária. (cuja = adjunto adnominal)

6. Quanto, quanta, quantos, quantas ➾ Estas palavras só serão consideradas pronomes relativos quando vierem antecedidas por um dos seguintes pronomes indefinidos "tudo, todo (a), todos (as)":

- Doou tudo quanto tinha em casa para o abrigo São Francisco. (quanto = objeto direto)

- Nenhuma obra de arte rara de todas quantas levei sequer levou algum arranhão. (quantas = objeto direto)

⇨ Consideração importante:

Perceba que o pronome relativo exerce, ao mesmo tempo, uma função conectiva (une, liga, conecta uma oração à outra) e uma função sintática em relação à oração que ele introduz. Além do mais, o conteúdo acima será bastante útil quando estudarmos "regência". Portanto, se restou alguma dúvida, revise o assunto.

Após este estudo, voltemos à análise do adjetivo em forma de oração. Observe o raciocínio abaixo:

- A escola aprecia bastante alunos estudiosos.
  adjetivo = adjunto adnominal
- A escola aprecia bastante alunos que estudam.
  oração subordinada adjetiva

Perceba que o adjetivo simples (estudiosos) foi substituído pela oração (que estudam). A oração literalmente fica no lugar do adjetivo. Daí porque ser denominada de oração adjetiva.

4.3.5.2 Classificação das orações subordinadas adjetivas

As orações subordinadas adjetivas são classificadas em:

4.3.5.2.1 Restritivas

Restringem, particularizam, limitam a significação do substantivo ou pronome substantivo antecedente. Indicam que a informação prestada pela oração não se aplica ao todo, mas tão somente a uma parte do todo. Geralmente aparecem dentro da estrutura oracional sem virgulação. Ademais, as orações adjetivas restritivas não podem ser retiradas da oração, pois são indispensáveis ao sentido geral do enunciado.

Exemplos:

- O homem que caminhava na calçada da direita olhava-nos com desdém.
  adjetiva restritiva

Observe que pelo enunciado "há outros homens que caminhavam na calçada esquerda".

- Os que lutam são os que vencem.
  adjetiva restritiva adjetiva restritiva

> Leia da seguinte forma: "Aqueles que lutam são aqueles que vencem". Perceba que não são todos que lutam, logo não são todos que vencem. Por isso, são orações restritivas.

- Os alunos que permanecerem na quadra após o toque serão suspensos das atividades escolares.
  adjetiva restritiva

> Não serão todos os alunos suspensos das atividades escolares, mas apenas os que permanecerem na quadra após o toque.

- O homem que trabalha não passa necessidade.
  adjetiva restritiva

> Não são todos os homens que trabalham. Apenas os que trabalham não passam necessidade.

Observe abaixo um recurso prático para não mais se confundir com as orações restritivas:

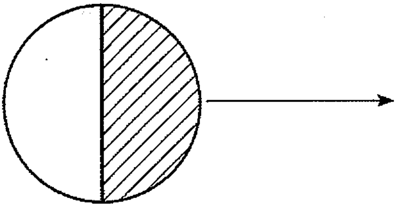

A informação prestada pela oração restritiva não se aplica ao todo.

4.3.5.2.2 Explicativas

Explicam, estendem o significado, exprimem o sentido geral do substantivo antecedente. Geralmente o substantivo ou pronome substantivo representa um ser único..As orações adjetivas explicativas possuem um valor aproximado de um aposto explicativo. Podem, portanto, ser retiradas da oração sem prejuízo para o sentido. Aparecem na escrita isoladas por vírgula(s).

Exemplos:

oração subordinada adjetiva explicativa

- Minha mãe, que é uma mulher de seus sessenta anos, vai regularmente à igreja.

oração subordinada adjetiva explicativa

- O sol, que é o centro do nosso sistema, tem perdido calor nas últimas décadas.

oração subordinada adjetiva explicativa

- Jesus Cristo, que representa o maior ícone do cristianismo, deu grandes lições de vida.

- Ela se dirigiu para a mansão da família, onde todos lá a esperavam.

oração subordinada adjetiva explicativa

➯ Observação:

Perceba que as orações subordinadas adjetivas explicativas se referem a seres únicos, individualizados. Logo, a informação prestada pela oração explicativa se aplica ao substantivo antecedente de forma totalitária. Observe a diagramação abaixo:

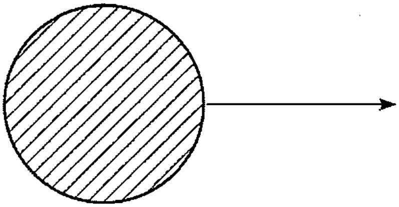

A informação prestada pela oração explicativa se aplica ao todo.

➯ Consideração importante sobre as orações adjetivas explicativas:

Há orações adjetivas que só podem ser explicativas, pois, como já dissemos, aplicam-se a seres únicos, individualizados. Observe abaixo os exemplos:

- O pai falava irritado com a única filha, que permanecia calada e cabisbaixa.

oração subordinada adjetiva explicativa

oração subordinada adjetiva explicativa

- Sócrates, que foi condenado à ingestão de veneno, não deixou nada do seu pensamento por escrito.

- O avião sobrevoava agora a cidade de São Paulo, que se tornou a maior metrópole da América Latina.

  oração subordinada adjetiva explicativa

4.3.5.3 O emprego da vírgula com as orações adjetivas – Distinção entre restrição e explicação

Como já pudemos estudar acima, as orações adjetivas se classificam em restritivas e explicativas. Entretanto, esta classificação não se dá meramente pelo emprego ou não da vírgula, como pensam muitos estudantes. Ser "restritiva" ou "explicativa" depende, na maioria dos casos, do sentido que se pretende dar ao substantivo antecedente.

Há orações, como já vimos, que só podem ser explicativas ou restritivas. Não há variações. Observe a seguir:

- O homem que fuma geralmente incomoda os outros.

  oração adjetiva restritiva

> Neste período não são todos os homens que fumam. Logo, não são todos que incomodam os outros. Só incomodam aqueles que fumam. Portanto, a oração é essencialmente restritiva.

oração adjetiva explicativa

- O homem, que é mortal, deve sempre buscar as coisas mais nobres e sublimes da vida.

> Já neste período, a informação "que é mortal" se aplica indistintamente a todos os homens. Portanto, a oração é essencialmente explicativa.

Entretanto, há orações adjetivas que podem ser tanto restritivas quanto explicativas, dependendo do sentido que lhes queiramos dar.

> Fique atento!! Muitas questões de provas exploram esse conhecimento. Portanto, estude com atenção.

Observe os exemplos abaixo:

- A empresa tem 300 funcionários que moram em Olinda.

- A empresa tem 300 funcionários, que moram em Olinda.

Perceba que na primeira estrutura — oração adjetiva restritiva — não se pode dizer exatamente quantos funcionários possui a empresa. Sabe-se tão somente que ela possui 300 que residem na cidade de Olinda. Já na segunda estrutura — adjetiva explicativa — a empresa só possui 300 funcionários e todos residem em Olinda. Acompanhe esta explicação nas diagramações abaixo.

Oração subordinada adjetiva restritiva

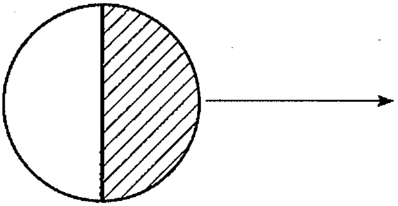

Só 300 funcionários moram em Olinda.

Oração subordinada adjetiva explicativa

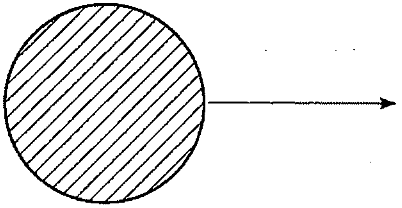

A empresa possui 300 funcionários e
todos moram em Olinda.

Observe outros exemplos:

adjetiva restritiva

- Os discos antigos que ele herdou de seu avô estão bem conservados. (Fund. Carlos Chagas)

adjetiva explicativa

- Os discos antigos, que ele herdou de seu avô, estão bem conservados. (Fund. Carlos Chagas)

No primeiro exemplo, só estão bem conservados os discos antigos que ele herdou de seu avô. No segundo, todos os discos antigos ele herdou de seu avô e todos estão bem conservados.

adjetiva restritiva

- Os moradores de rua que têm sido vítimas de violência devem ser recolhidos para os abrigos municipais. (Fund. Carlos Chagas)

adjetiva explicativa

- Os moradores de rua, que têm sido vítimas de violência, devem ser recolhidos para os abrigos municipais. (Fund. Carlos Chagas)

Na primeira frase, só os moradores que têm sido vítimas de violência serão recolhidos aos abrigos. Na segunda, todos serão recolhidos aos abrigos, pois todos têm sido vítimas de violência.

adjetiva restritiva

- A lógica da globalização que espolia os mais fracos é fria e calculista. (Fund. Carlos Chagas)

adjetiva explicativa

- A lógica da globalização, que espolia os mais fracos, é fria e calculista. (Fund. Carlos Chagas)

Na primeira frase, é fria e calculista apenas a lógica da globalização que espolia os mais fracos. No segundo, toda lógica da globalização é fria e calculista porque espolia os mais fracos.

- O autor lamenta a situação dos jovens de hoje que vivem o tempo como uma espécie de presente contínuo.

adjetiva restritiva

- O autor lamenta a situação dos jovens de hoje, que vivem o tempo como uma espécie de presente contínuo.

adjetiva explicativa

No primeiro período, o autor só lamenta a situação daqueles jovens que vivem o tempo como uma espécie de presente contínuo. No segundo período, o autor lamenta a situação de todos os jovens, porque todos os jovens vivem o tempo como uma espécie de presente contínuo.

Dica: Procure entender com profundidade a alteração semântica provocada pela retirada ou colocação da(s) vírgula(s) nas orações adjetivas. Certamente você se deparará com uma questão que exigirá esse conhecimento.

4.3.5.4 Omissão do pronome relativo na segunda oração relativa coordenada

Nas orações relativas coordenadas, se a função do relativo é a mesma, é frequente elipsar-se o relativo da segunda oração, principalmente quando a primeira é curta. Observe:

o relativo foi ocultado na 2.ª oração

- Ontem conversei com o homem que me salvou e me levou ao hospital quando ocorreu o acidente.
  sujeito

- "Encontrando-se Juliano Apóstata com S. Pigménio, presbítero romano, que era cego e depois padeceu martírio, como quem o saudava benevolamente, disse...". (M. Bernardes *apud* Mário Barreto)

- "Ao lado do meu leito estava um padre: era o velho abade que me batizara e me ensinara a ler." (A. Herculano)

- "O que ele via era a mulher que o fascinara e perdera." (Camilo Castelo Branco)

Se o pronome relativo não desempenhar a mesma função sintática, deve-se repeti-lo obrigatoriamente.

que = sujeito que = objeto direto

- Ontem conversei com o homem que me salvou e que Deus manteve com calma na hora do resgate.

- "A monarquia visigótica procurou imitar do império que morrera e que ela substituíra." (A. Herculano)

- "A sua companhia era a ama, que o amamentara, e que Deus, em recompensa, preservou da terribilíssima enfermidade." (Camilo Castelo Branco)

4.3.6 ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS

Antes de adentrar o conteúdo, leia a orientação abaixo:

> Neste assunto você se deparará com uma quantidade considerável de orações e de conectivos. Não se desespere! Primeiro, como já dissemos, procure não decorar as conjunções, mas apreender-lhes as funções. Hoje as bancas examinadoras pouco questionam sobre a nomenclatura das orações. Querem, sim, saber as relações (causa, oposição, consequência, finalidade etc.) proporcionadas pelos conectivos. Por isso, não decore; entenda, compreenda! Vamos lá!

As orações subordinadas adverbiais são aquelas que estabelecem circunstâncias várias para um fato contido na oração principal. Elas exercem, portanto, o papel de adjuntos adverbiais. São, na maioria das vezes, introduzidas pelas conjunções subordinativas adverbiais.

Classificam-se em: causais, consecutivas, concessivas, condicionais, comparativas, conformativas, finais, temporais e proporcionais.

4.3.6.1 Causais

São aquelas que estabelecem a causa, o motivo para o fato (efeito) contido na oração principal.

As principais conjunções subordinativas causais são: que, porque, já que, uma vez que, visto que, visto como, pois, como (= já que, visto que), porquanto.

- $\underbrace{\text{Como o dinheiro não foi liberado a tempo}}_{\text{adverbial causal}}$, usei o cheque especial.

- $\underbrace{\text{Já que o contrato assim o determina}}_{\text{adverbial causal}}$, assim o farei.

- Ele foi duramente punido $\underbrace{\text{porquanto a falta foi comprovada pelos peritos}}_{\text{adverbial causal}}$.

- $\underbrace{\text{Pueril que era}}_{\text{adverbial causal}}$, sempre se deixava enganar pelos vendedores de plantão.

Observações:

a) A conjunção "como" só poderá ser utilizada como causal quando a oração subordinada se antepuser à oração principal.

b) Nem sempre é fácil distinguir uma oração subordinada causal de uma oração coordenada explicativa. Alguns critérios, porém, podem ajudar:

— A oração subordinada causal pode ser anteposta à oração principal, ou seja, a causal pode iniciar o período. Já a oração explicativa não pode vir anteposta à oração assindética.

— Comumente o verbo da oração coordenada explicativa aparece no imperativo, com indicação de tempo futuro; o que não ocorre com a subordinada causal.

— É sempre possível a redução da oração subordinada causal para o infinitivo, precedido da preposição "por", fato que não ocorre com a coordenada sindética explicativa.

— A oração explicativa, por fazer parte de um período coordenado, em que as orações são independentes, admitem uma pausa forte, marcada geralmente por vírgula ou por dois-pontos. Este fato não se verifica nas adverbiais causais.

Observe:

▹ Recolhe-te a tua insignificância, porque já atrapalhastes demais. (Coordenada explicativa)

O verbo da oração antecedente está no imperativo. Não é possível se antepor a segunda oração à primeira. Não é possível reduzir a segunda oração para o infinitivo precedido da preposição "por".

▹ O governo elevou a taxa de juros, porque o consumo aumentou nas grandes cidades. (Subordinada causal)

O verbo da oração antecedente não se encontra no imperativo. É possível iniciar o período com a oração em destaque ("Porque o consumo aumentou nas grandes cidades, o governo elevou a taxa de juros"). É igualmente possível a redução da segunda oração para o infinitivo precedido da preposição "por" ("O governo elevou a taxa de juros, por aumentar o consumo nas grandes cidades".)

4.3.6.2 Consecutivas

Estas orações indicam a consequência, o efeito de um fato (causa) contido na oração principal.

As principais conjunções subordinativas adverbiais consecutivas são: que (precedido dos termos intensificadores "tão, tal, tanto, tamanho"), que (= sem que), sem que, de modo que, de forma que, de sorte que, de maneira que.

▹ Falou tanto $\underbrace{\text{que ficou rouco}}_{\text{adverbial consecutiva}}$.

▹ Não vai a um baile de formatura $\underbrace{\text{sem que não dance a noite toda}}_{\text{adverbial consecutiva}}$.

▹ Eles não discutem futebol $\underbrace{\text{que não se exaltem.}}_{\text{adverbial consecutiva}}$

Leia da seguinte forma: Eles não discutem futebol, sem que em consequência não se exaltem.

Adverbial consecutiva

- Agiu intempestiva e descoordenadamente, de forma que toda a plateia o teve como louco.

Observação:

Em muitas estruturas consecutivas formadas pela correlação "tão, tal, tanto, tamanho... que...", omite-se o primeiro elemento da correlação. Teremos tão somente a conjunção "que" introduzindo a oração consecutiva.

- Saiu do hospital gritando **que** fazia dó.
  (Leia-se → ... gritando TANTO que fazia dó.)

- "Nisto a menina que estava ali a ouvir-me, rompeu a chorar **que** cortava o coração." (Camilo Castelo Branco) (... a chorar TANTO que cortava o coração.")

- "Os olhos brilham, o prazer arregaça-lhe o focinho, e as pernas voam **que** parecem asas." (Machado de Assis) (... voam TANTO que parecem asas.")

4.3.6.3 Concessivas

São as orações que indicam uma oposição, um óbice, um empecilho, um "algo" que poderia impedir a realização do fato contido na oração principal. Uma das principais características deste tipo de oração é a presença de um verbo no modo subjuntivo.

As principais conjunções subordinativas concessivas são: embora, apesar de que, mesmo que, ainda que, que, sem que (= embora não), conquanto, ainda quando, posto que, por mais que, por muito que, por menos que, se bem que.

- Fez todo o exercício **sem que** ninguém o ajudasse.
  adverbial concessiva

adverbial concessiva

- **Por mais que** o governo se esforce, a violência continua aumentando nas grandes cidades.

adverbial concessiva
- A proposta foi aprovada sem nenhuma alteração, por incrível **que** pareça.

adverbial concessiva
- O conhecimento, **que** fosse muito, não atenuava, naquele momento, a angústia do rapaz.

- Nem **que** o professor quisesse, ele teria condições de ser aprovado.
adverbial concessiva

- O responsável pelo desfalque deve ser punido, quem quer **que** seja.
adverbial concessiva

⇨ Considerações importantes:

a) Não se esqueça de que as subordinadas adverbiais concessivas ao lado das coordenadas adversativas promovem as chamadas "relações de oposição" ou "construções contrastivas". Observe a seguir:

RELAÇÕES DE OPOSIÇÃO OU CONTRASTIVAS
- ADVERSATIVAS (mas, porém, contudo, todavia, entretanto etc.)
- CONCESSIVAS (embora, apesar de que, mesmo que, ainda que etc.)

b) Não confunda a conjunção "conquanto" com a conjunção "porquanto". Esta introduz orações causais ou explicativas, enquanto aquela é puramente concessiva, equivalendo a "apesar de que, mesmo que, ainda que".

c) Há outros conectores que também promovem relações de oposição concessiva, como "a despeito de, não obstante, malgrado".

- **Não obstante** fosse pobre, gostava de vestir-se das melhores grifes da cidade.

- Ele viajou para o Iraque à procura de alguns parentes desaparecidos, a **despeito dos** avisos de que lá é um país muito violento.

d) No dia a dia, não são raros os erros até de bons escritores que confundem "posto que" com "já que, visto que". É preciso ter cuidado! A conjunção "posto que" (em português do Brasil) equivale a "embora, apesar de que,

ainda que" – é uma conexão concessiva. Por seu lado, "já que, visto que" são locuções conjuntivas causais, pois introduzem uma causa.

- Ele não deve ser demitido, **já que** goza de estabilidade no emprego. (Equivale a "porque")

- **Posto que** goze de estabilidade no emprego, ele foi demitido. (Equivale a "embora")

4.3.6.4 Condicionais

São orações que estabelecem uma condição para a realização do fato expresso na oração principal.

As principais conjunções subordinativas condicionais são: se, caso, a não ser que, desde que, contanto que, salvo se, sem que (= se não), a menos que.

- **A não ser que** a taxa de juros caia consideravelmente, não adquiriremos mais produtos importados.
  adverbial condicional

- **Caso** o Governador não se manifeste sobre o caso, levaremos o problema às raias judiciais.
  adverbial condicional

- **Contanto que** todos saíssem antes da meia-noite, não se opunha a que a festa fosse na casa dele.
  adverbial condicional

> **Cuidado!!**
> Em algumas construções interrogativas o "SE" funcionará não como uma conjunção condicional, mas como uma conjunção causal. Veja:

- Senhor, por que me enviastes para esta missão se sabíeis que eu era fraco?
  Leia:... já que sabíeis que eu era fraco? (Adverbial causal)

- Se ele conhecia a índole do rapaz, por que lhe confiou tamanha quantia?
  Leia:... já que / uma vez que ele conhecia a índole do rapaz... (Adverbial causal)

4.3.6.5 Conformativas

São orações que expressam uma conformação (correspondência, concordância, analogia ou identidade de forma, modo, tipo ou caráter) com um fato expresso na oração principal.

As principais conjunções subordinativas conformativas são: como, segundo, conforme, consoante.

- Elaboramos todo o projeto **como** nos orientava o manual.
  Adverbial conformativa

- A vida tem sempre seus perigos, **segundo** já nos dizia Guimarães Rosa.
  Adverbial conformativa

- Agimos **conforme** nossas próprias convicções.
  Adverbial conformativa

4.3.6.6 Comparativas

São orações subordinadas que estabelecem um processo de comparação entre dois elementos — um elemento estará na oração principal e o outro, na oração subordinada. A comparação poderá ser de igualdade, de superioridade ou de inferioridade. Uma característica interessante das orações adverbiais comparativas é o fato de o verbo da oração comparativa geralmente se encontrar elíptico, oculto, já que, frequentemente, ele será o mesmo da oração principal.

As principais conjunções subordinativas comparativas são: como, assim como, tal e qual, tal qual, mais que ou do que, menos que ou do que, tanto quanto, feito (= como).

- Não sei por que saiu correndo desesperadamente, **feito** um louco.
  adverbial comparativa

- Os escoteiros partiram para a selva num só movimento, **qual** exército marchando contra o inimigo.
  adverbial comparativa

- adverbial comparativa
  Ele deixou a sala sorrateiramente, **como** uma serpente que se esgueira no meio dos arbustos.

➯ Observações:

a) Nas estruturas comparativas, a conjunção comparativa liga partes da oração de mesma função. Entretanto, em muitos casos, a bem da clareza, o segundo elemento da comparação deve, a despeito de funcionar como objeto direto, vir encabeçado por uma preposição — geralmente a preposição "a" — para evitar ambiguidades.

- "A ela, à presumida mulher, aborreço-a quase tanto como **ao marido**." (Almeida Garrett *apud* Mário Barreto)

- "Os pés dos gentios hão de logo pulverizá-la como **aos meus pés**". (Camilo *apud* Mário Barreto)
- "Acusaram-no de haver beneficiado mais a sua família que **ao povo romano.**" (Camilo *apud* Mário Barreto)

b) Quando a conjunção comparativa "como" se refere a um termo que está precedido por uma preposição, deve obrigatoriamente vir acompanhada da mesma preposição.

- "Suspensos os pobres Frades com o embargo, pareceu que achariam amparo **no** Bispo, **como em** quem fora o primeiro autor de sua vinda". (Fr. L. de Souza *apud* Mário Barreto)
- "E por esta causa tratamos **dele como de** filho de Benfica". (Fr. L. de Souza *apud* Mário Barreto)
- "Acostumei-me a olhar **para** a morte **como para** o tempo de meus padecimentos." (Filinto Elísio *apud* Mário Barreto)

➾ **Observação:**

Perceba que, nestas estruturas comparativas, o verbo da segunda oração encontra-se elíptico. Por isso, devemos ler, por exemplo:

- "Acostumei-me a olhar para o monte **como (a olhar) para** o tempo de meus padecimentos".

4.3.6.7 Finais

São orações que indicam a finalidade, o objetivo, o alvo do fato contido na oração principal.

> As principais conjunções subordinativas finais são: que, para que, a fim de que, porque (= para que, a fim de que).

adverbial final
- A fim de que ela passasse mais rápido em um concurso, comprei inúmeros livros e apostilas.
- Estudai bastante, porque consigais uma boa colocação no concurso.

adverbial final
- Para que a criança não se acidentasse, ele comprou um par de joelheiras.

adverbial final

4.3.6.8 Temporais

São as orações subordinadas que expressam o tempo, o momento do fato contido na oração principal.

> As principais conjunções subordinativas temporais são: enquanto, quando, assim que, logo que, mal (= logo que, assim que), desde que, antes que, agora que, depois que, sem que (= antes que).

- **Desde que** chegou, não parou de falar.
  adverbial temporal

- Todos o aplaudiram **mal** terminou sua palestra.
  adverbial temporal

- **Agora que** chegou o verão, aonde pretendes ir com a família?
  adverbial temporal

- **Quando** o meu primeiro amor acabou, meu mundo desfaleceu.
  adverbial temporal

4.3.6.9 Proporcionais

São orações que indicam uma concomitância, uma simultaneidade, uma proporção com o fato expresso na oração principal.

> As principais conjunções subordinativas proporcionais são: à medida que, à proporção que, ao passo que, quanto mais... mais, quanto mais... menos, quanto menos... mais, quanto menos... menos.

adverbial proporcional
- **À medida que** o progresso avança, o meio ambiente sofre com o uso excessivo de seus recursos.

- **Quanto mais** ela estuda mais dúvidas surgem.
  adverbial proporcional

adverbial proporcional
- O caso, **ao passo que** apareciam novas provas, deixava os investigadores mais confusos.

➾ Observações:

a) Não confunda "à medida que" com "na medida em que". Esta última locução é um articulador de causa, enquanto aquela é uma conjunção proporcional.

conjunção proporcional

- "E o cocheiro ria; e, **à medida que** o freguês ia demonstrando, ele ia ficando mais familiar." (Machado de Assis)

causal

- O governo aumentou os juros para o crédito, **na medida em que** busca reduzir o consumo a fim de evitar a inflação.

b) Lembre-se de que "à medida em que" e "na medida que" são locuções que não existem na língua portuguesa.

➾ Considerações finais sobre as orações adverbiais:

a) Observe a pontuação utilizada com as orações adverbiais. Perceba que, quando antepostas à principal ou intercaladas na principal, a pontuação — geralmente se utiliza a vírgula — é obrigatória.

b) Reiterando o que já se disse, lembre-se de que o mais importante não é decorar todas as orações adverbiais, mas sim apreender as relações proporcionadas pelas conjunções subordinativas adverbiais.

c) Embora não sejam reconhecidas pela NGB – Nomenclatura Gramatical Brasileira –, há orações adverbiais denominadas de "modais", as quais transmitem uma circunstância de modo. Tais orações geralmente só aparecem sob a forma reduzida, conquanto existam orações modais introduzidas pela locução conjuntiva "sem que".

- Saiu da sala **sem ser percebido.** (Oração adverbial modal, reduzida de infinitivo)

- "Deixou a sala sem despedir-se do pai."

Dica: Sugiro que, se você estudou as orações adjetivas e adverbiais em um só momento, descanse um pouco antes de começar o estudo abaixo.

4.3.6.10 Emprego da conjunção nas orações adverbiais coordenadas

Nas estruturas em que se coordena mais de uma oração subordinada adverbial, o emprego da conjunção subordinativa adverbial obedece às seguintes orientações:

a) Repete-se a conjunção nas duas orações coordenadas subordinadas adverbiais:

- O congresso terá início **se** a verba for depositada, e **se** o principal palestrante confirmar sua participação.
- **Desde que** não cheguem atrasados e **desde que** tragam boas notícias, eles serão bem-vindos.

b) Omite-se a conjunção da segunda oração adverbial coordenada:

conjunção elíptica na segunda adverbial coordenada

- **Embora** os juros estejam baixos, e a economia externa não dê sinais de sobressaltos, o consumo se mantém baixo.
- **Uma vez que** está adoentado e não há outro para substituí-lo, cancelou a auditoria que faria na empresa.
- **À medida que** estuda e se mantém atualizado, aumentam as suas chances de passar em um concurso.

c) Repete-se, na segunda oração adverbial coordenada, apenas a parte final da conjunção adverbial, quando esta é expressa por uma locução.

- **Por mais que** faça boas obras e **que** vá à igreja, o temperamento dele o reprova diariamente.
- "Com estes estava o corpo que o metropolitano de Híspalis ajuntara, composto em grande parte dos nobres que haviam deposto a espada **desde que** Roderico subira ao trono e **que** a cingiam de novo nesta guerra de independência." (A. Herculano)
- "— Não marcou dia; prometeu que ia ver; que falaria **logo que** pudesse, e **que** me pegasse com Deus." (Machado de Assis)

4.3.7 ORAÇÕES REDUZIDAS

Mais uma vez, peço: mantenha a calma e não desista! A partir de agora, entretanto, nossa percepção deverá ser aguçada. Não veremos mais as conjunções, as quais nos davam, ao menos, uma pista de que tipo de

oração se tratava. Teremos apenas um verbo no infinitivo, no gerúndio ou no particípio, o qual nos indicará a oração subordinada. Deveremos desenvolver este verbo para depois classificar a oração. O procedimento nem sempre será simples e de fácil solução, porém com um pouco de treino (e persistência) você conseguirá. Vamos lá!

Observe:

- É fundamental que se creia em Deus. ➾ É fundamental crer em Deus.
- Ele encontrou um cachorrinho que foi abandonado pelos donos. ➾ Ele encontrou um cachorrinho **abandonado** pelos donos.
- Feche todas as janelas quando você sair. ➾ Feche todas as janelas ao sair.

Percebeu?? Na primeira coluna todas a orações são introduzidas por um conectivo. Já na segunda coluna as orações não mais apresentam o conectivo e o verbo da oração subordinada encontra-se numa forma nominal do verbo (infinitivo, particípio e gerúndio). Portanto, as orações da primeira coluna são chamadas de desenvolvidas enquanto as da segunda, reduzidas.

Portanto, orações reduzidas são aquelas que não apresentam conectivo e cujo verbo está em uma forma nominal.

As reduzidas podem ser de infinitivo, de gerúndio e de particípio. Geralmente o infinitivo aparece como redução para as orações substantivas; o gerúndio, para as adverbiais; e o particípio, para as adjetivas. Nada impede, porém, que se apresentem orações subordinadas reduzidas nas três formas nominais. Apresentaremos agora algumas orações reduzidas e suas respectivas classificações:

4.3.7.1 Subordinadas substantivas reduzidas

- **Lutar** pelo país é um ato de bravura. (Subjetiva, reduzida de infinitivo.)
- É muito difícil **obter** um título de doutorado no Brasil. (Subjetiva, reduzida de infinitivo)
- Todos viram **sair** da sala uma mulher muito esquisita. (Objetiva direta, reduzida de infinitivo)
- Ele tinha certeza de **ser** o melhor da turma. (Completiva nominal, reduzida de infinitivo)
- Não me será um grande esforço **atendê-lo** hoje à tarde. (Subjetiva, reduzida de infinitivo)
- Não se esqueça de **comprar** as verduras. (Objetiva indireta, reduzida de infinitivo)
- Seu maior desejo era **sair** da cidade e **morar** no interior. (Predicativas, reduzidas de infinitivo)

4.3.7.2 Subordinadas adjetivas reduzidas

- Entregou-me a lista dos produtos a **serem** adquiridos antes do final do ano. (Restritiva, reduzida de infinitivo)
- Todos os livros **analisados** por ele foram reprovados pelo MEC. (Restritiva, reduzida de particípio)
- É um rapaz bem intencionado, inteligente, **provindo** da cidade de Palmares. (Explicativa, reduzida de gerúndio)
- Apresentou-me uma tela velha e suja, **pintada** aos sete anos de idade. (Explicativa, reduzida de particípio)

4.3.7.3 Subordinadas adverbiais reduzidas

- Analise bem sua situação antes de **dar** o primeiro passo. (Temporal, reduzida de infinitivo).
- Para **conseguir** uma boa colocação no concurso, é preciso muito tempo de estudo. (Final, reduzida de infinitivo)
- Não saia da sala sem primeiro **falar** com o professor. (Condicional, reduzida de infinitivo)
- Mesmo **estando** triste com o filho, abraçou-o fervorosamente. (Concessiva, reduzida de gerúndio)
- A **permanecerem** os sintomas, o médico deverá ser consultado. (Condicional, reduzida de infinitivo)
- De tanto **comprar** e não **pagar**, teve o nome inscrito no cadastro de inadimplentes. (Causal, reduzida de infinitivo)
- Não **conseguindo** o resultado desejado, pediu demissão e mudou-se para o sul do país. (Causal, reduzida de gerúndio)
- Quebrei o vaso sem **querer**. (Concessiva, reduzida de infinitivo)
- O rapaz estudou tanto para o concurso a ponto de **danificar** a visão. (Consecutiva, reduzida de infinitivo)
- Ele arrumou um novo emprego para poder **sustentá**-la. (Final, reduzida de infinitivo)
- Muito constrangido deve ter ficado o candidato para nem sequer **apanhar** o gabarito da prova. (Consecutiva, reduzida de infinitivo)

➾ Observação importante:

Em algumas orações reduzidas, a forma nominal do verbo — notadamente o infinitivo — aparece antecedida de uma preposição. Esta combinação "preposição + forma nominal" estabelece relações semânticas bem lógicas. Logo, fica fácil identificar de que tipo de oração se trata. Veja abaixo:

- Preposição "**POR**" + verbo no infinitivo ➾ oração reduzida causal (indica a causa)
- Preposição "**PARA**" + verbo no infinitivo ➾ oração reduzida final (indica a finalidade)
- Preposição "**A**" + verbo no infinitivo ➾ oração reduzida condicional (indica condição, hipótese)
- Contração "**AO**" + verbo no infinitivo ➾ oração reduzida temporal (indica o tempo)

Exemplos:

adverbial causal, reduzida de infinitivo
- **Por sair** constantemente à noite, Maria adquiriu uma terrível gripe. ➾ **Porque** sai constantemente à noite,....

adverbial condicional, reduzida de infinitivo
- **A permanecerem** estas cláusulas no contrato, jamais o assinarei. ➾ **Se** permanecerem....

adverbial final, reduzida de infinitivo
- **Para driblar** a alfândega, escondeu alguns objetos em uma pequena sacola. ➾ **Para que** driblasse a....

adverbial temporal, reduzida de infinitivo
- **Ao caminhar** no parque, não deixe de tomar bastante água. ➾ **Quando** caminhar no parque....

➾ Considerações finais:

a) Nem toda oração desenvolvida pode ser reduzida, como nem toda oração reduzida pode ser desenvolvida. Há orações que só aparecem sob a forma desenvolvida ou reduzida.

b) E não se esqueça de que o importante neste assunto é absorver a relação que está sendo travada entre as orações e, a partir desse entendimento, classificá-las.

4.4 PROCESSO CORRELACIONAL

Três tipos de orações há, estudadas nos processos de coordenação e subordinação, que, em virtude de características próprias, merecem uma menção à parte: são as chamadas orações correlatas. Denominam-se de "correlatas" as orações em que seus conectivos se distribuem entre uma oração e outra do período. Existe uma espécie de "paradependência", portanto, entre as orações. Observe:

▸ A rã inchou e estourou. (Temos simples coordenação aditiva)

Se à primeira oração acrescentássemos, por exemplo, o advérbio de intensidade "tanto", já não teria ela o sentido completo ("A rã inchou tanto..."); e desconexo ficaria também o período ("A rã inchou tanto, estourou"). Para consertá-lo, é fundamental a presença da palavra "que" antes da segunda oração ("A rã inchou tanto que estourou").

Dizemos, então, que as palavras "tanto" e "que" são as conjunções correlatas da estrutura.

São classificadas como correlatas algumas orações aditivas, consecutivas e comparativas.

CONJUNÇÕES CORRELATAS ADITIVAS	não só...	mas também...
	não só...	mas ainda...
	não só...	senão também...
	não só...	senão que...
	não só...	bem como...
	assim...	como...

CONJUNÇÕES CORRELATAS CONSECUTIVAS	tal...	que...
	tão...	que...
	tanto ...	que...
	tamanho...	que...

CONJUNÇÕES CORRELATAS COMPARATIVAS	tanto...	quanto ou como...
	tanto mais...	tanto mais...
	quanto mais...	mais...
	quanto menos...	menos...
	quanto mais...	menos...
	quanto menos...	mais...
	mais...	que ou do que...
	menos..	que ou do que...
	melhor...	que ou do que...

- **Tanto** vaiava a um **quanto** aplaudia a outro.
- Nada o pungia **tanto quanto** o sorriso indiferente dela.
- "(...) mas aqui a ponho outra vez, **não só** por significar a totalidade do silêncio, **mas também** porque havia naquela ação do gato e do rato alguma cousa que prendia com ritual." (Machado de Assis)
- "**Não só**, de onde em onde, soltava exclamações sem ligação alguma com a conversa atual, **como também** cerrava os lábios, rilhava os dentes e crispava raivosamente os punhos." (Lima Barreto)
- "Nada me pediu, Mariana; mas obriga-me **tanto**, **que** me faz mais infeliz o peso da obrigação." (Camilo)

⇨ Observação:

Geralmente a análise do processo correlacional se faz em questões que envolvem "paralelismo sintático", já que a correlação nada mais é do que uma construção paralela.

4.5 CONTAGEM DE ORAÇÕES EM UM PERÍODO MISTO

Em muitos certames, as bancas cobram dos candidatos a contagem das orações em um dado período, formado por subordinação e coordenação (período misto). A missão é bastante simples se nós compreendermos que, em muitas situações, uma mesma oração pode ser subordinada e coordenada ao mesmo tempo.

Observe o período abaixo:

"É importante que os contribuintes percebam que a política tributária é justa, a administração fiscal é proba, sensível e confiável, e os recursos arrecadados são corretamente aplicados." (Fund. Getúlio Vargas)

– Quantas orações há no período acima? Qual a classificação para elas?

Em primeiro lugar, é fundamental separar as orações. Veja:

1.ª → É importante
2.ª → que os contribuintes percebam
3.ª → que a política tributária é justa
4.ª → (que) a administração fiscal é proba, sensível e confiável
5.ª → e (que) os recursos arrecadados são corretamente aplicados.

Descobrimos, logo, que existem cinco orações no período. Mas qual é a principal? Quantas subordinadas há? E as coordenadas? Para isso, vamos atribuir a cada oração uma letra e fazer uma diagramação simples.

1.ª → É importante = **A**
2.ª → que os contribuintes percebam = **B**
3.ª → que a política tributária é justa = **C**
4.ª → (que) a administração fiscal é proba, sensível e confiável = **D**
5.ª → e (que) os recursos arrecadados são corretamente aplicados. = **E**

Diagramação:

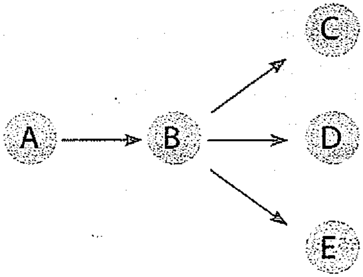

A partir da diagramação acima temos então:

- A oração "A" é a principal do período.
- A oração "B" é subordinada em relação à oração "A".
- As orações "C", "D" e "E" são subordinadas em relação à oração "B".
- As orações "C", "D" e "E" estão coordenadas entre si.

Conclusão:

Há, no período, uma oração principal (A), quatro subordinadas (B, C, D, E) e três coordenadas entre si (C, D, E).

Veja outro exemplo:

"Já sei, Senhor, que vos haveis de enternecer e que não haveis de ter coração, para ver tais lágrimas e tais estragos." (Pe. Antonio Vieira)

1.ª oração → Já sei, Senhor, (Oração principal) = A

2.ª oração → que vos haveis de enternecer (Oração subordinada em relação à 1.ª oração) = B

3.ª oração → e que não haveis de ter coração (Oração subordinada em relação à 1.ª oração) = C

4.ª oração → para ver tais lágrimas e tais estragos. (Oração subordinada adverbial final em relação à 3.ª oração) = D

Diagramação:

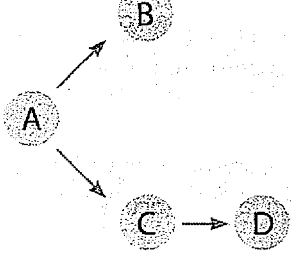

➾ Observações importantes:

a) As orações C, D e E do primeiro exemplo são EQUIPOLENTES. São denominadas de equipolentes as orações subordinadas da mesma natureza (classificação) e de sentidos coordenados. Observe:

▹ Desejo que faças boa viagem e sejas bem sucedido nos teus negócios.

As orações "**que faças boa viagem**" e "(que) **sejas bem sucedido nos teus negócios**" são equipolentes, pois são, simultaneamente, subordinadas objetivas diretas em relação à oração "Desejo" e coordenadas entre si.

b) Em nossa formação escolar, aprendemos a máxima de que "tantos quantos forem os verbos de um período, tantas serão as orações que o comporão". Esta regra, porém, nem sempre funciona, pois podem existir períodos em que haja orações ocultas, elípticas. Estas orações, cujos verbos estão subentendidos por zeugma, são denominadas de ORAÇÕES LATENTES. Observe:

▹ "A reflexão jurídica sobre o assunto, contudo, não se tem mostrado tão farta quanto aquela encontrada na economia." (Fund. Getúlio Vargas)

– Quantas orações há no período acima? Resposta: TRÊS.

1.ª oração → A reflexão jurídica sobre o assunto, contudo, não se tem mostrado tão farta

2.ª oração → quanto aquela (ORAÇÃO LATENTE) → Equivalente a "quanto aquela se tem mostrado farta"

3.ª oração → encontrada na economia

Temos então:

A 1.ª oração é a principal. A 2.ª oração é subordinada adverbial comparativa com verbo oculto (quanto aquela se tem mostrado farta). A 3.ª oração é subordinada adjetiva restritiva, reduzida de particípio.

c) Em algumas situações, a oração oculta só é perceptível por meio de uma análise mais acurada do período. É preciso entender bem o período para que se encontre a oração latente (oculta). Observe:

▹ "Para isto é que os quadros cresceram nas proporções que se sabe". (Rui Barbosa)

Em uma análise superficial do período acima, poder-se-ia pensar que o nosso ilustre mestre Rui Barbosa tivesse cometido um erro de concordância ao deixar o verbo "saber" na 3.ª pessoa do singular. Ocorre que o nosso "Águia de Haia", ao deixar o verbo no singular, faz este verbo concordar com a oração latente (oculta) "que cresceram".

Temos então:

- "Para isto é que os quadros cresceram nas proporções que se sabe **QUE CRESCERAM**".

Observe outros exemplos de períodos que contêm orações latentes (ocultas, elípticas):

- Procedemos como convinha. → Subentende-se "**que procedêssemos**".
- Fizemos o que cumpria. → Subentende-se "**que fizéssemos**".
- Ele caminha tal qual meu irmão. → Subentende-se "**qual meu irmão caminha**".
- "Assim como o Pai ressuscita, e vivifica os mortos, assim o Filho vivifica aos que é sua vontade." (Pe. Manuel Bernardes) → Subentende-se o verbo "**vivificar**".
- "... e nessa hipótese, o mais acertado é deixá-la lá estar os três dias pedidos, e os mais dias que for necessário até sabermos o destino do prussiano." (Camilo Castelo Branco) → Subentende-se "**deixá-la lá estar**".

➾ Consideração final:

Subentenderem-se essas orações latentes é gramaticalmente indispensável não só para completar-se o sentido, mas também para satisfazer as exigências da análise, dando-se ao verbo o seu verdadeiro sujeito ou o seu objeto. Cumpre por fim observar que tais orações latentes frequentemente ocorrem com as orações adjetivas, com as orações comparativas e com as orações condicionais.

4.6 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

Orações Subordinadas Adjetivas, Adverbiais e Reduzidas

Texto para as questões de 1 a 3.

[1] "Cada pessoa
[2] que chegava
[1] se punha na ponta dos pés,
[3] embora não pudesse ver".

1. (Faap-SP) Há no texto três orações, e estão numeradas. A primeira – **cada pessoa se punha na ponta dos pés** – chama-se:
   a) absoluta.
   b) principal.
   c) coordenada assindética.
   d) coordenada sindética.
   e) subordinada.

2. (Faap-SP) A segunda – **que chegava** – é subordinada:
   a) substantiva subjetiva.
   b) substantiva objetiva direta.
   c) adverbial causal.
   d) adverbial final.
   e) adjetiva.

3. (Faap-SP) A terceira – **embora não pudesse ver** – oferece uma ideia de:
   a) causa.
   b) fim.
   c) condição.
   d) concessão.
   e) consequência.

4. (Fuvest-SP) No período: "É possível **discernir no seu percurso momentos de rebeldia contra a estandardização e o consumo**", a oração destacada é:
   a) subordinada adverbial causal, reduzida de particípio.
   b) subordinada objetiva direta, reduzida de infinito.
   c) subordinada objetiva direta, reduzida de particípio.
   d) subordinada substantiva subjetiva, reduzida de infinito.
   e) subordinada substantiva predicativa, reduzida de infinito.

5. (UM-SP) Examine o período: "A soldadela invade o campo da disputa, **enquanto a grita aumenta em berros e assobios rudes**". A oração em destaque é:
   a) coordenada sindética temporal.
   b) coordenada adverbial temporal.
   c) subordinada substantiva temporal.

d) subordinada adjetiva temporal.
e) subordinada adverbial temporal.

6. (F. Cásper Líbero-SP)

"Já que não pude ser feliz, busquei a companhia dessas aves que nasceram livres".

No período há:

a) subordinada adverbial causal e subordinada adjetiva.
b) subordinada adverbial concessiva e subordinada adverbial consecutiva.
c) subordinada substantiva objetiva direta e subordinada adjetiva.
d) subordinada substantiva objetiva direta e coordenada sindética adversativa.

7. (FIT-SP) No período "Era tão pequena a cidade, **que um grito ou gargalhada forte a atravessava de ponta a ponta**", a oração em destaque é:

a) subordinada adverbial causal.
b) subordinada adverbial final.
c) subordinada adverbial consecutiva.
d) subordinada adverbial temporal.
e) n.d.a.

8. (Cesgranrio-RJ) Classifique a oração iniciada pela conjunção **que** no período abaixo.

"Era uma fada tão suave e pura que ao vê-la o coração me estremecia". (Francisco Otaviano)

a) oração subordinada adverbial temporal
b) oração subordinada adverbial consecutiva
c) oração coordenada sindética explicativa
d) oração independente
e) n.d.a.

9. (Fuvest-SP) Classifique as orações em destaque do período abaixo.

*"**Ao analisar o desempenho da economia brasileira,** os empresários afirmaram **que os resultados eram bastante razoáveis,** uma vez que a produção não aumentou, mas também não caiu".*

a) principal, subordinada adverbial final
b) subordinada adverbial temporal, subordinada adjetiva restritiva
c) subordinada adverbial temporal, subordinada substantiva objetiva direta
d) subordinada adverbial temporal, subordinada substantiva subjetiva
e) principal, subordinada substantiva objetiva direta

10. (FCMPA-MG) Nos períodos abaixo aparece, entre as orações, uma relação de concessão. Assinale a letra correspondente ao período em que a relação é outra.

a) Embora estivesse doente, fiz tudo o que me era possível.
b) Fiz tudo o que me era possível, apesar de estar doente.

c) Mesmo estando doente, fiz tudo o que me era possível.
d) Fiz tudo o que me era possível, conquanto estivesse doente.
e) Fiz tudo o que era possível, mas estava doente.

11. (UM-SP) Assinale o período que contenha uma oração reduzida com valor de adjetivo.

a) O ônibus parou na rua transversal para assustar passageiros.
b) Correndo assustado, o menino foi chamar o guarda.
c) Os garotos vestindo camisetas velhas reclamavam apenas uma penca de bananas meio amassadas.
d) Faça das entranhas coração para obter, um dia, a rara felicidade dos humanos.
e) Moleques de carrinho dirigiam-se a várias direções, atropelando-se uns aos outros.

12. (Faap-SP)

"Lá a existência é uma aventura
De tal modo inconseqüente
Que Joana a Louca de Espanha
Rainha e falsa demente
Vem a ser contraparente
***Da nora** que nunca tive"*

A oração destacada recebe o nome de oração subordinada adverbial:

a) causal.
b) final.
c) condicional.
d) concessiva.
e) consecutiva.

13. (Cesgranrio-RJ) Assinale o período em que ocorre a mesma relação significativa indicada pelos termos destacados em: "A atividade científica é tão natural **quanto qualquer outra atividade econômica**".

a) Ele era tão aplicado, que em pouco tempo foi promovido.
b) Quanto mais estuda, menos aprende.
c) Tenho tudo quanto quero.
d) Sabia a lição tão bem como eu.
e) Todos estavam exaustos, tanto que se recolheram logo.

14. (Uece) Em: "**Ao me deitar**, antes eu tinha posto uma caixa de fósforos num tamborete...", a oração destacada é reduzida:

a) causal.
b) final.
c) temporal.
d) concessiva.

15. (Fesp-SP) Observe:

I. Convém ***que todos participem.***

II. Fique quieto, ***pois está incomodando.***

III. Amou daquela vez ***como se fosse a última.***

IV. Machado de Assis, ***que escreveu Dom Casmurro,*** *fundou a Academia Brasileira de Letras.*

Assinale a alternativa que não corresponde à classificação das orações destacadas.

a) no item I, oração subordinada substantiva subjetiva
b) no item II, oração subordinada sindética explicativa
c) no item III, oração subordinada adverbial comparativa
d) no item IV, oração subordinada adjetiva explicativa
e) no item II, a primeira oração é coordenada assindética

16. (UM-SP)

A. Sua palavra foi a primeira ***a perder o significado naquele agitado contexto.***

B. Tenho necessidade ***de me apoiares nesta complicada situação.***

C. ***Antes de repelir seus mestres,*** *procure compreendê-los.*

Analisando os períodos A, B e C, concluímos que as frases neles destacadas são três orações reduzidas. Desdobrando-as, obteremos, respectivamente:

a) uma adjetiva, uma substantiva, uma adverbial.
b) uma adjetiva, uma adverbial, uma substantiva.
c) três adverbiais.
d) uma adjetiva, duas adverbiais.
e) uma adverbial, duas adjetivas.

17. (Faap-SP)

"Lá a existência é uma aventura

De tal modo inconseqüente

Que Joana a Louca de Espanha

Rainha e falsa demente

Vem a ser contraparente

Da nora que nunca tive".

A oração ***que nunca tive*** *é:*

a) principal.
b) coordenada.
c) subordinada substantiva.
d) subordinada adverbial.
e) subordinada adjetiva.

18. (Faap-SP) "Não compreendíamos a razão **por que o ladrão não montava a cavalo**".

A oração em destaque é:

a) subordinada adjetiva restritiva.
b) subordinada adjetiva explicativa.
c) subordinada adverbial causal.
d) substantiva objetiva indireta.
e) substantiva completiva nominal.

19. (Uni-Rio-RJ) Assinale o item em que há uma oração, quanto à classificação, idêntica à segunda do período "Pernoitamos depois junto a um açude lamacento, onde patos nadavam".

a) As virilhas suadas ardiam-me, o chouto do animal sacolejava-me...
b) De onde vinham as figuras desconhecidas para encontrar-nos?
c) Fiz o resto da viagem com um moço alegre, que tentou explicar-me as chaminés dos banguês...
d) Os mais graúdos percebiam que a viagem era alegre.
e) Surgiam regatos, cresceram tanto que se transformaram em rios...

20. (UFPA) Há no período uma oração subordinada adjetiva:

a) Ele falou que compraria a casa.
b) Não fale alto, que ela pode ouvir.
c) Vamos embora, que o dia está amanhecendo.
d) Em time que ganha não se mexe.
e) Parece que a prova não está difícil.

GABARITOS

Orações Coordenadas

1 – A	2 – D	3 – E
4 – D	5 – D	6 – E
7 – D	8 – C	9 – A
10 – A		

Orações Subordinadas Substantivas

1 – D	2 – B	3 – E
4 – D	5 – B	6 – D
7 – D	8 – D	9 – D
10 – E	11 – A	12 – A
13 – C	14 – C	15 – C
16 – B	17 – E	18 – B
19 – D	20 – A	

Orações Subordinadas Adjetivas, Adverbiais e Reduzidas

1 – B	2 – E	3 – D
4 – D	5 – E	6 – A
7 – C	8 – B	9 – C
10 – E	11 – C	12 – E
13 – D	14 – C	15 – B
16 – A	17 – E	18 – A
19 – C	20 – D	

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

CAPÍTULO 5

SINTAXE DE CONCORDÂNCIA

Teremos agora uma longa missão, uma missão extensa. Não será uma missão difícil. Mas para terminá-la com sucesso será preciso muita persistência. Uma dica: estude aos poucos. Nós vamos nos deparar com mais de trinta regrinhas de concordância verbal e nominal. É claro que algumas raramente são usadas; outras caem com mais frequência nas provas, porque são bastante usuais na Língua Portuguesa. Logo, procure uma estratégia que lhe seja mais conveniente. E leia! Releia! Leia de novo! Leia novamente! Leia mais uma vez! Observe os exemplos! Será a repetição que fará com que consiga bons resultados. Desejo sucesso para esta missão! Bons estudos!

De fato o assunto "CONCORDÂNCIA" é um dos mais explorados pelas bancas elaboradoras de provas. Portanto, deve sempre ser alvo de nossos estudos.

A "sintaxe de concordância" se preocupa com a perfeita harmonização das palavras dentro de um período. Sendo assim, buscam-se dois tipos de harmonização:

a) A harmonia sintática entre o verbo e o seu sujeito ➾ **Concordância verbal**

b) A harmonia sintática entre o substantivo e os termos os quais a ele se referem ➾ **Concordância nominal**

Nesta primeira etapa, trabalharemos a concordância entre o verbo e o seu sujeito. Antes, porém, convém conhecer os três tipos principais de concordância:

a) Concordância gramatical ➾ é aquela feita com o núcleo do termo.

b) Concordância atrativa ⇨ é aquela efetuada com o núcleo semântico mais próximo.

c) Concordância ideológica ⇨ é aquela efetuada não com o termo, mas com a ideia passada pelo termo.

⇨ Observe:

┌ núcleo do sujeito

▹ O **motivo** simples de tantos atos supostamente cruéis somente anos depois se **manifestou**.

└ verbo da concordância gramatical

Sujeito ┌ verbo da concordância atrativa

▹ Um grupo de **pesquisadores** holandeses **iniciarão** um estudo sobre a febre aftosa no Brasil.

Sujeito verbo da concordância ideológica

▹ **Uma multidão** avançou sobre o juiz. **Disseram** que já não mais aguentavam tanta roubalheira.

Perceba que neste caso, o sujeito do verbo "dizer" continua sendo "a multidão". Concorda-se com a ideia de que a multidão representa "vários indivíduos, várias pessoas".

▹ Encontrou um **bom** momento e hora para a realização da reunião.

concordância nominal com o substantivo mais próximo

À exceção de alguns casos, a concordância autorizada pela norma culta é a "gramatical". A nossa preocupação sempre será com o núcleo do termo.

5.1 CONCORDÂNCIA VERBAL

Dica: Não estude este capítulo antes de conhecer bem o sujeito de uma oração. Aqui o nosso objetivo é harmonizar em número (singular ou plural) e em pessoa (1.ª, 2.ª ou 3.ª) o sujeito com o seu verbo. Logo, se você não consegue identificar com segurança o sujeito de uma oração, ou tem dificuldades para fazê-lo, estude o sujeito da oração.

5.1.1 REGRA GERAL

O verbo concorda em número (singular ou plural) e em pessoa (1.ª, 2.ª ou 3.ª) com o seu sujeito simples.

Núcleo do sujeito – 3.ª p. do singular verbo na 3.ª p. do singular

- O **pensamento** dos novos filósofos contemporâneos não **se antepõe** ao pensamento grego.

Verbo na 3.ª p. do plural ⌝ núcleo do sujeito ⌝ núcleo do sujeito ⌝

- Grandes golpes **sofreram** nossos **antepassados** quando muitas **doenças** **assolaram** cidades inteiras.

⌞ verbo na 3.ª p. do plural

Verbo na 3.ª p. do plural

- Do Norte e Nordeste brasileiro, **advieram**, nas décadas de 60 e 70, muitos **imigrantes** para São Paulo.

⌞ núcleo do sujeito na 3.ª p. do plural

5.1.2 SUJEITO FORMADO POR PESSOAS GRAMATICAIS DIFERENTES

Regra: Quando o sujeito é formado por pessoas gramaticais diferentes, obedece-se à seguinte lei de prevalência:

- **1.ª pessoa + 2.ª pessoa** = 1.ª pessoa do plural (a primeira prevalece sobre a segunda) ⇨ NÓS
- **1.ª pessoa + 3.ª pessoa** = 1.ª pessoa do plural (a primeira prevalece sobre a terceira) ⇨ NÓS
- **2.ª pessoa + 3.ª pessoa** = 2.ª pessoa do plural (a segunda prevalece sobre a terceira) ⇨ VÓS

> **Resumindo:** A primeira pessoa prevalece sobre as demais e a segunda pessoa prevalece sobre a terceira.

sujeito composto por pessoas gramaticais diferentes verbo na 1.ª pessoa do plural

- O **Ministro** dos Esportes e **eu**, na próxima semana, **inauguraremos** um novo estádio de futebol.

⌜ sujeito composto por pessoas gramaticais diferentes verbo na 2.ª pessoa do plural

- Vossa **tia** e **tu**, quando toda a comitiva chegar, **devíeis** providenciar imediatamente um local para descanso.

⌜ sujeito composto por pessoas gramaticais diferentes ⌝

- **Tu** e todos os outros **professores** presentes à cerimônia, após o lanche, **comporeis** uma mesa redonda.

⌞ verbo na 2.ª pessoa do plural

⇛ Observação importante:

Nos dois últimos exemplos, o verbo também poderia concordar na 3.ª pessoa do plural em virtude da possibilidade de se tratar o "tu" e o "ele" não por "vós", mas sim por "vocês". Logo:

- Tu e todos os outros **professores** presentes à cerimônia, após o lanche, **comporeis** / **comporão** uma mesa redonda.
- O **presidente** do Diretório Acadêmico e **tu**, Roberto, líder de nossa turma, **poderíeis** / **poderiam** reivindicar melhorias para a Universidade.

5.1.3 REGRAS ESPECIAIS DE CONCORDÂNCIA VERBAL COM O SUJEITO SIMPLES

1. Quando o sujeito é formado por expressões partitivas (uma parte de, a metade de, o grosso de, um grande número de, uma porção de, a maioria de etc.) o verbo poderá concordar, no singular, com o núcleo dessas expressões ou com o termo da expressão explicativa ou especificativa que as acompanha.

sujeito

- Boa **parte** dos **inscritos** no último concurso **irá** / **irão** realizar a prova no centro da cidade.

sujeito

- Grande **número** de **automóveis** **circula** / **circulam** nas principais capitais brasileiras.

sujeito

- Por incrível que pareça, a **maioria** dos **participantes** **anteviu** / **anteviram** o resultado da gincana.

2. Quando o sujeito é formado por numerais percentuais ou fracionários seguidos de uma especificação, o verbo poderá concordar tanto com o numeral quanto com a expressão especificativa.

Dica: Não se esqueça de que os numerais "zero" e "um" levam o verbo para o singular. Quanto aos numerais fracionários, para a concordância verbal, leva-se em conta o numerador.

sujeito

▷ 32% de todo o **dinheiro** arrecadado { será doado / serão doados } para instituições de caridade.

▷ 8,6% dos **entrevistados** **alegaram** que não gostam de comprar a prazo.

sujeito

Neste caso, só o plural para o verbo é possível, pois tanto o núcleo do sujeito quanto o termo da especificação se encontram no plural.

sujeito

▷ 1/4 dos **alunos** do ensino médio { prestará / prestarão } vestibular para Medicina.

▷ Parece que só 2/3 de todo o **grupamento** masculino { requereram / requereu } a dispensa para as festas natalinas.

Resumindo:

- ▷ Número no singular + nome no singular ⇨ Verbo no singular
- ▷ Número no singular + nome no plural ⇨ Verbo no singular ou no plural
- ▷ Número no plural + nome no singular ⇨ Verbo no singular ou no plural

⇨ Observação importante:

Se o numeral vier precedido de algum determinante, a concordância será feita com este determinante. Observe:

sujeito

▷ **Os** 15% restantes do grupo pesquisado **serão** novamente entrevistados na próxima semana.

3. Quando o sujeito é formado por expressões que indicam quantidade aproximada (cerca de, perto de, mais de, menos de, coisa de, obra de, passante de etc.) seguidas de um numeral, o verbo concordará com este numeral que acompanha as expressões.

- Cerca de **duzentas** pessoas **intervieram** no protesto dos sem-terras.
  sujeito

- sujeito
  Perto de **quinze** manifestantes **se aglomeraram** em frente ao Palácio do Planalto.

- Mais de **vinte** alunos **foram** reprovados neste ano em nossa escola.
  sujeito

4. Com a expressão "Mais de um" o verbo deverá ficar, portanto, no singular.

- A polícia percebeu que mais de **um** bandido **se escondia** na mata.
  sujeito

- sujeito
  Mais de **uma** criança **se entreteve** com o novo brinquedo que fora colocado no salão de jogos.

- "Mais de um coração de guerreiro **batia** apressado." (A. Herculano)

Observação:

Caso a expressão "Mais de um" apareça repetida ou venha acompanhada de um verbo que indique reciprocidade, a concordância será feita no plural.

- sujeito composto – expressão "mais de um" aparece repetida
  Mais de um interventor, **mais de um** advogado, **mais de um** engenheiro **compareceram** ao prédio que ruiu.

- Mais de um deputado **se agrediram** na última sessão plenária.
  sujeito verbo indica reciprocidade

5. Quando o sujeito é um "pronome de tratamento", o verbo concordará obrigatoriamente na terceira pessoa.

- – $\underset{\text{sujeito}}{\underline{\text{Vossas Excelências}}}$ ainda não $\underset{\text{verbo na 3.ª pessoa do plural}}{\textbf{avaliaram}}$ o meu pedido?

- – Se $\overset{\text{sujeito}}{\underline{\text{Sua Majestade}}}$ **quiser**, eu posso lhe entregar todas as cópias do processo, disse o advogado à secretária do rei.

Observe que toda a concordância é feita na terceira pessoa, inclusive os pronomes que se referem ao pronome de tratamento também são utilizados na terceira pessoa.

- – $\underset{\text{sujeito}}{\underline{\text{Vossa Senhoria}}}$ **gostaria** de que eu lavasse o seu carro?

6. Quando o sujeito é a expressão "um dos que", o verbo poderá concordar, na maioria dos casos, tanto no singular quanto no plural.

- Ele foi um dos alunos que mais $\left\{\begin{array}{l}\text{se destacou}\\ \text{se destacaram}\end{array}\right.$ neste ano.

- Certamente a ex-secretária será uma das pessoas que $\left\{\begin{array}{l}\text{se arrependerá}\\ \text{se arrependerão}\end{array}\right.$ dos erros cometidos.

- Aquele mestre foi um dos poucos que $\left\{\begin{array}{l}\text{anteviu}\\ \text{anteviram}\end{array}\right.$ o incidente com o metrô.

Observação:

Há casos, entretanto, que só o singular ou só o plural é possível. Geralmente, isso se dá em face da exclusão ou da inclusão perceptível no contexto do período. Observe o exemplo abaixo:

- Foi um dos filhos de Sr. João que me **telefonou** hoje pela manhã. (Não há aqui lógica que permita o plural, pois só um dos filhos dele fez a ação de telefonar.)

7. Quando o sujeito é um pronome interrogativo, demonstrativo ou indefinido no plural (quais, quantos, alguns, poucos, muitos, quaisquer etc.), seguido de uma das expressões "de nós" ou "de vós", o verbo poderá concordar tanto com o pronome interrogativo, indefinido ou demonstrativo quanto com os pronomes "nós" ou "vós".

▹ Certamente muitos de vós $-\left[\begin{array}{l}\text{proporão}\\ \text{proporeis}\end{array}\right.$ mudanças para a nossa administração.

▹ Eles perceberam que quaisquer de nós $-\left[\begin{array}{l}\text{comprávamos}\\ \text{compravam}\end{array}\right.$ resolver aquela situação.

▹ Quantos de vós, após o confisco das poupanças, não $-\left[\begin{array}{l}\text{interpuseram}\\ \text{interpusestes}\end{array}\right.$ recurso da decisão.

⇨ Observação importante:

Se o pronome interrogativo, demonstrativo ou indefinido estiver no singular (qual, algum, qualquer etc.), o verbo obrigatoriamente ficará no singular.

▹ **Quem** de nós, na mesma situação, não **agiria** daquele jeito?

▹ **Qual** de vós **conhece** o segredo do cofre?

▹ **Algum** de nós certamente **entregou** o colega à direção da empresa.

▹ **Cada um** dos que ali estavam **tinha** um forte compromisso com o marxismo.

8. Quando o sujeito é o pronome relativo "QUE", o verbo concordará com o termo antecedente.

▹ De repente, apareceram muitos companheiros **que** apoiaram de imediato o protesto.

> Perceba que neste caso o pronome relativo retoma a palavra precedente e funciona como sujeito para a oração a qual ele mesmo introduz. Observe: Apareceram muitos companheiros. Companheiros apoiaram de imediato o protesto.

▹ Fomos nós **que** propiciamos todo aquele contratempo.

▹ Havia muitas indagações **que** nos deixavam confusos.

☞ Observações:

a) Se houver predicativo na oração, é possível tanto a concordância com o antecedente imediato do relativo "que" quanto com o sujeito da oração antecedente:

- **Nós** sempre fomos os **homens** que $\left[\begin{array}{l}\text{comprávamos}\\\text{compravam}\end{array}\right.$ os materiais de limpeza da firma.
- "Tu és a flor que **despontaste** livre." (Gonçalves Dias)
- "Não sabeis que eu sou o que **ensinei** a dar benefícios por agravos e favores por injúrias?" (M. Bernardes)
- "Nós somos os galegos que **levamos** a barrica." (Camilo Castelo Branco)

b) Quando o relativo "que" exerce a função de sujeito e o termo que o antecede é formado por dois ou mais substantivos, o "que" pode retomar qualquer um desses substantivos, desde que a lógica da oração adjetiva o permita.

- O preço das ações que $\left[\begin{array}{l}\text{se negociou (preço)}\\\text{se negociaram (ações)}\end{array}\right.$ na bolsa de valores caiu em razão de uma interferência externa.
- Eles interromperam um processo de atitudes que $\left[\begin{array}{l}\text{podia (processo)}\\\text{podiam (atitudes)}\end{array}\right.$ resolver o problema.

pronome relativo "que" retoma "lei"

- A lei das sociedades anônimas **que foi promulgada** esta semana será objeto de impugnação.

c) Quando o pronome relativo "que" se referir a um vocativo, considera-se o pronome relativo como se de 2.ª pessoa fosse. Portanto, a concordância verbal deverá ser feita na 2.ª pessoa. Observe:

- "Alma minha gentil, que **te partiste**
  tão cedo desta vida descontente." (Camões)
- "Homem, **que me pedes** amor, sabe que eu te detesto." (Epifânio da S. Dias)

d) Quando o pronome relativo "que" vem precedido de "um de, uma de, um dos, uma das", emprega-se hoje preferencialmente o verbo da oração adjetiva no plural. Entretanto, era comum, em muitas obras clássicas, o emprego do verbo no singular. Por isso, as duas formas de concordância são consideradas corretas.

- "Um dos gestos **que melhor exprimem** a minha essência foi a devoção com que corri no domingo próximo a ouvir missa em S. Antônio dos Pobres." (Machado de Assis)
- "E chegando a uma das portas **que davam** para a estalagem, gritou: — Vá de rumor! Não quero isto aqui! É safar!" (Aluízio Azevedo)
- "Uma das felicidades **que se contava** entre as do tempo presente era acabarem-se as comédias em Portugal; mas não foi assim." (Pe. Antonio Vieira)
- "Suspendeu-se a uma das palmeiras **que servia** de esteio à choça, e por um desses movimentos ágeis..." (José de Alencar)

9. Quando o sujeito é o pronome relativo "QUEM", o verbo concordará na 3.ª pessoa do singular com este pronome ou com o seu antecedente, desde que se trate dos pronomes pessoais do caso reto (eu, tu, ele, nós, vós, eles.).

- Foste tu quem $\left\{\begin{array}{l}\text{comprou}\\ \text{compraste}\end{array}\right.$ aquele livro ali?
- Parece que seremos nós quem $\left\{\begin{array}{l}\text{responderá}\\ \text{responderemos}\end{array}\right.$ pelos prejuízos causados.

➪ Observação:

Quando o antecedente do pronome "QUEM" não for um pronome do caso reto – repita-se –, só é lícita a concordância na 3.ª pessoa do singular. Veja:

- Foram os próprios colegas de trabalho quem **compôs** a música do aniversário dele.
- Porventura, seriam aqueles dois rapazes quem **promoveu** toda a bagunça?
- "Eu, o Silêncio e a Solidão éramos quem **estava** aí." (A. Herculano)

10. Quando o sujeito for formado por nomes próprios que só existem no plural (Estados Unidos, Andes, Patos, Minas Gerais, Alagoas, por exemplo), o verbo ficará no singular se estes nomes não vierem precedidos de artigo ou se o artigo estiver no singular. Caso apareça um artigo no plural, a concordância será feita no plural.

- Estados Unidos ainda não **encontrou** uma saída para o Iraque.
- Ilhéus sempre **foi** uma bela cidade para o turismo.

- **O** Marrocos sempre **encanta** os turistas que por lá passam.
- **As** Filipinas se **envolveram** numa sangrenta guerra há muitos anos.
- **Os** Emirados Árabes sempre **exportaram** petróleo.

⇨ Observação:

Caso o nome no plural se refira a uma obra artística ou literária, tanto o singular quanto o plural são corretos para o verbo da concordância.

- "Os Lusíadas" $\begin{cases}\text{imortalizaram}\\\text{imortalizou}\end{cases}$ Luis Vaz de Camões.
- "Os Sertões" de Euclides da Cunhas $\begin{cases}\text{representaram}\\\text{representou}\end{cases}$ um marco para a Literatura Brasileira.

11. Quando o sujeito for formado por um substantivo coletivo seguido de uma especificação, o verbo poderá concordar tanto com o coletivo quanto com a especificação.

- Um grupo de arruaceiros $\begin{cases}\text{invadiu}\\\text{invadiram}\end{cases}$ várias lojas no centro da cidade.
- Um bando de aves selvagens $\begin{cases}\text{sobrevoava}\\\text{sobrevoavam}\end{cases}$ a cidade naquele instante.

Os substantivos "milhão, bilhão, trilhão, quatrilhão" são denominados de "numerais coletivos". Seguem, portanto, a regra de concordância dos coletivos. Ademais, tais numerais coletivos só se flexionam em número. Não apresentam variação de gênero: são sempre masculinos.

- Um milhão de pessoas **foi** (ou foram) ao show.
- Cerca de um milhão de turistas **visitará** (ou **visitarão**) a Europa neste ano.
- Mais de um milhão de dólares **foi gasto** (ou **foram gastos**) para a reconstrução do templo.
- Um milhão e meio de chineses já se **adaptou** (ou **adaptaram**) às novas regras do mercado capitalista.

- Os 15 milhões de crianças brasileiras que se vacinaram hoje ficarão imunes à doença durante um ano.

12. Os verbos "dar, bater e soar", por serem pessoais, concordam com os seus respectivos sujeitos.

sujeito
- Já **bateram** nos relógios da cidade as horas necessárias para o início do evento.
- **Soou** uma hora da tarde no sino da igreja.
sujeito
- Já **vão dar** dez horas e o João ainda não chegou.
sujeito

⇨ Observações:

1. Não confunda esta regra com a regra dos verbos "estar, fazer, haver, ir" na indicação de tempo transcorrido. Estes verbos são impessoais e ficam na terceira pessoa do singular.
2. Quando o sujeito dos verbos "dar, bater e soar" for a palavra "sino, relógio ou carrilhão", o verbo concordará com esse sujeito.

- Já **bateu** onze horas o relógio da sala.
sujeito
- Ainda **vai dar** duas horas da tarde o carrilhão do quarto do meu avô.
sujeito

13. O pronome apassivador "**SE**" exige que o verbo (transitivo direto ou transitivo direto e indireto) concorde com o seu sujeito passivo.

VTDI sujeito passivo
- **Transmitiram**-se-lhe novas informações sobre o caso investigado pela Polícia Federal.

> Lembre-se de que, neste caso, é possível a transformação da passiva sintética em analítica. Veja: "Novas informações lhe foram transmitidas sobre...".

- **Desfizeram**-se todas as dúvidas quando se **apresentaram** as novas provas.
VTD sujeito passivo VTD sujeito passivo

- **Compraram**-se novas ferramentas para a construção do edifício.
  VTD sujeito passivo

  VTDI sujeito passivo
- **Entregou**-se a cada um dos formandos em Direito uma carta de apresentação para emprego.

> 14. Os verbos intransitivos, os transitivos indiretos e os de ligação associados a um pronome "SE" ficam na terceira pessoa do singular. O "SE" funcionará como "índice de indeterminação do sujeito".

- Nunca mais se **falou** do esfacelamento do império russo.
  IIS VTI
- **Assistiu-se** a muitos filmes nestas férias.
  VTI IIS
- Em alguns bairros da cidade de Recife, **mora-se** muito bem.
  VI IIS

  VTI IIS
- **Precisa-se** de novos jovens empreendedores que mudem a face do mercado de capitais.

> 15. Com a expressão "haja vista" – que significa 'tenha-se em vista, leve-se em conta, considere-se' – admitem-se as seguintes concordâncias:

  expressão invariável seguida de um artigo ↴
- O Presidente parece preocupado com a situação dos pobres, **haja vista os** inúmeros investimentos na saúde.

  expressão invariável seguida da preposição "a" ↴
- Aquele bairro está se tornando um dos mais violentos, **haja vista aos** inúmeros assaltos que lá ocorrem.

  o verbo "haver" varia para concordar com o substantivo posposto ↴
- Aquele prédio deve apresentar problemas na estrutura, **hajam vista as** inúmeras reformas que se fizeram.

➯ Observação:

Nunca se esqueça, porém, de que, com esta expressão, a palavra "vista" é sempre invariável.

5.1.4 REGRAS ESPECIAIS DE CONCORDÂNCIA VERBAL COM O SUJEITO COMPOSTO

Regra geral: O sujeito composto exige o verbo da concordância no plural.

sujeito composto — verbo na 3.ª pessoa do plural

- Todos os argumentos e todas as formas de intervenção **foram utilizados** para mudar o pensamento dele.

sujeito composto

- O líder comunitário e todas as mulheres ofendidas com a ação do marginal **deporão** na delegacia mais próxima.

verbo na 3.ª pessoa do plural

> **Dica:** Deste ponto em diante, estudaremos as regras que, de alguma forma, fogem da regra geral. Não se afobe! Sugiro que, se estiver cansado, pare um pouco. Descanse e volte.
> Procure entender o porquê da regra, não se esquecendo de que a regra maior sempre exige o verbo no plural quando o sujeito é composto. Vamos lá!

1. Quando o sujeito composto vier posposto ao verbo, é lícito que se concorde com o núcleo mais próximo desse sujeito ou, como nos orienta a regra geral, com ambos os núcleos.

- Das indagações do novo funcionário **adveio / advieram** uma nova ideia para a equipe e uma nova forma de pensar a empresa.
  sujeito composto posposto ao verbo

- Não **convém / convêm** aos iniciantes na carreira advocatícia nem a liberalidade dos anarquistas nem a seriedade dos monges.
  sujeito composto posposto ao verbo

sujeito composto posposto ao verbo

- Nenhum resultado **obteve / obtiveram** a reclamação do pai e as advertências da mãe.

⇨ **Observação:**

Quando se exprime reciprocidade, o verbo vai sempre para o plural. Observe:

- "Eram olhos, onde lutavam amor profundo e cólera violenta." (A. Herculano)
- Falamos com a mulher em cujo coração estavam vida e morte.

2. Quando o sujeito composto é formado por núcleos sinônimos, ou quase sinônimos, ou ainda se tais núcleos constituem uma gradação, o verbo poderá concordar tanto no singular quanto no plural.

núcleos sinônimos ou quase sinônimos

▹ A fama, a glória, o reconhecimento do público **fez** / **fizeram** de Paulo um homem arrogante.

núcleos sinônimos ou quase sinônimos

▹ Morro, se a misericórdia, o perdão, a graça de Deus não me **acode** / **acodem**.

núcleos do sujeito formam uma gradação

▹ O desafeiçoado, o insensível, o empedernido nunca se **preocupa** / **preocupam** com a situação dos outros.

núcleos do sujeito formam uma gradação

▹ O fraco, o debilitado, o sem-forças se **rende** / **rendem** com facilidade às corrupções do mundo.

núcleos sinônimos ou quase sinônimos

▹ "A largueza e relaxação da vida **escurece** a consciência e **cega** a alma." (Pe. Antônio Vieira, *Sermões*).

⇨ **Observações:**

a) Tenha muito cuidado com esta regra. Não é qualquer tipo de sujeito composto que possibilitará o verbo no singular. A concordância no singular é possível pela unidade semântica que esses sujeitos representam.

b) Quando a gradação do sujeito for resumida por um termo, só com este termo se fará a concordância. Veja:

termo que resume a gradação

▹ Um mês, um ano, um século, **uma vida inteira** não **bastava** para esquecer a mágoa que ela me causou.

c) É fundamental também não se esquecer de que a concordância no singular, nesta regra, só é possível, porque há também uma unidade de singular entre os núcleos do sujeito. Basta um dos núcleos vir no plural para que só o plural seja admissível para o verbo da concordância. Veja:

▹ O rancor, a mágoa, a cólera, a ira, o ódio sempre **fazem** / **faz** mal ao homem.

sujeito formado por núcleos sinônimos ou quase sinônimos

Agora...

- O rancor, **as mágoas**, a cólera, a ira, o ódio sempre **fazem** mal ao homem.

3. Quando o sujeito composto é resumido por um pronome indefinido (tudo, toda, nada, ninguém, cada um etc.), o verbo concordará com este pronome resumitivo.

- O mar, os céus, a terra, **tudo apregoa** a glória de Deus.
  pronome resumitivo

- Doenças, desemprego, morte na família, **nada** o **fazia** pensar sobre a vida.
  pronome resumitivo

- "No quintal a aroeira e a pitangueira, o poço, a caçamba velha, e o lavadouro, **nada sabia** de mim". (M. Assis)

➯ Cuidado!! Não se deixe enganar:

OD VTD

- As bolas de sopro, as serpentinas, os confetes tudo **queriam** os organizadores da festa naquele instante.
  sujeito do verbo querer

4. Quando os núcleos do sujeito forem infinitivos não precedidos de determinante, o verbo concordará na terceira pessoa do singular.

Dica: Para aprofundar este conhecimento, confronte esta regra com a regra do sujeito oracional, estudado no final deste capítulo.

- **Fazer** exercícios regulares e **dormir** oito horas diárias **faz** bem à saúde.
  sujeito composto cujos núcleos são infinitivos

- **Fumar e beber** em ambiente de trabalho é terminantemente proibido.
  sujeito composto cujos núcleos são infinitivos

- **Viver e sonhar constitui** a alma de nossa existência.
  sujeito composto cujos núcleos são infinitivos

- "**Vê-la e amá-la** foi obra de um minuto." (Machado de Assis)
  sujeito composto cujos núcleos são infinitivos

⇛ Observação:

Se os infinitivos vierem precedidos de determinantes ou se indicarem ideias contrárias, o verbo irá para o plural:

▹ O comer e o beber **exigem** de todos nós moderação.

▹ Nascer e **morrer** **constituem** os limites de nossa vida.

5. Quando os núcleos do sujeito são ligados por "OU", devem-se observar as seguintes orientações:

a) Se houver ideia de exclusão ou de sinonímia ⇛ o verbo concordará com o núcleo do sujeito mais próximo

b) Se houver ideia de inclusão ⇛ o verbo concordará com ambos os núcleos

c) Se houver ideia de retificação ⇛ o verbo concordará com o núcleo do sujeito mais próximo

▹ Toda a empresa está certa de que ele **ou** tu **serás** o novo presidente.
ʟ a partícula indica exclusão

▹ Guará **ou** Guaratinguetá sempre **foi** uma excelente cidade para o turismo.
ʟ a partícula indica sinonímia

▹ João Paulo **ou** André **casará** com a filha do prefeito.
ʟ a partícula indica exclusão

▹ Laranja **ou** abacaxi após o almoço fazem bem à digestão.
ʟ a partícula indica inclusão

⌈ A partícula indica retificação
▹ O vencedor **ou** vencedores do concurso **ganharão** também uma bolsa de estudos no exterior.

⌈ a partícula indica exclusão
▹ O Presidente do grupo **ou** os seus vice-diretores terão aumento neste final de ano.

6. Quando o sujeito é formado pela expressão "um ou outro", o verbo da concordância fica obrigatoriamente no singular.

▹ Você não dá esmolas, mas um ou outro amigo seu **dá**.

- Acredito que uma ou outra camisa lhe **fica** muito bem.
- Para aquele deputado um ou outro ministério lhe **conviria**.

7. Quando o sujeito é formado pelas expressões "Um e outro" ou "Nem um nem outro", embora haja uma preferência para o plural, a concordância pode ser feita tanto no singular quanto no plural.

- Não adianta correr, pois nem um nem outro **escapará** / **escaparão**.
- Um e outro participante da maratona **alegou** / **alegaram** que houve fraude na competição.
- Paula e Joana foram reprovadas nos estudos. Nem uma nem outra **quis** / **quiseram** falar sobre o fato.
- Quando ele caiu em campo, um e outro jogador **tentou** / **tentaram** socorrê-lo, mas foi tarde demais.

Lembrete:

"A esta altura do campeonato", convém não esquecer: os verbos que indicam reciprocidade concordam no plural – 3.ª pessoa.

- Nem um nem outro **se cumprimentaram** à porta do evento.

↳ verbo indica reciprocidade. O plural é obrigatório.

verbo indica reciprocidade. O plural é obrigatório. ↴

- Na última sessão, um e outro parlamentar **se esbofetearam** em virtude da não aprovação da medida.

8. Quando os núcleos do sujeito são unidos por "Nem... nem...", o verbo da concordância poderá ficar tanto no singular quanto no plural.

- Nem o Sport nem o Náutico **ganhará** / **ganharão** o torneio este ano.
- Nem honra, nem desonra, nem alegria, nem tristeza o **faziam** / **fazia** chorar.

➾ **Observação:**

Se houver pronomes pessoais indicando pessoais gramaticais diferentes, o verbo da concordância obedecerá à lei da primazia (1.ª pessoa prevalece sobre as demais; 2.ª pessoa prevalece sobre a terceira).

▹ Nem eu nem tu **iremos** para o show de rock.
1.ª + 2.ª ⌊ 1.ª pessoa do plural prevalece

3.ª + 2.ª ⌈ 2.ª ou 3.ª pessoa do plural prevalece
▹ Nem o tio João nem tu **deixastes** / **deixaram** o dinheiro para eu comprar a comida. Por que isso aconteceu?

9. Quando os núcleos do sujeito são unidos pela preposição "COM", o verbo da concordância poderá ficar no singular ou no plural.

▹ O amigo **com** os seus melhores colegas **foi** / **foram** tomar satisfações com o outro grupo em virtude do ocorrido.

▹ Ele ficou sabendo que o bandido **com** vários de seus comparsas **tentariam** / **tentaria** invadir a fábrica à noite.

▹ O empresariado brasileiro **com** toda a sua assessoria **poderá** / **poderão** perceber a qualquer momento que a economia não vai bem.

➾ **Observação:**

Lembre-se de que se o verbo anteceder ao sujeito, ele só poderá concordar com o núcleo mais próximo.

▹ A nova diretora **com** todos os seus professores **participará** / **participarão** da inauguração do Grêmio acadêmico.

▹ **Participará** da inauguração do Grêmio acadêmico a nova diretora com todos os seus professores.

10. Quando os núcleos do sujeito vierem unidos pela conjunção "como", embora haja a preferência para o plural, o verbo da concordância poderá ficar no singular ou no plural.

sujeito

- A tarifa de energia elétrica **como** a da água e esgoto **subiu** / **subiram** de preço esta semana.

sujeito

- A criança **como** o adulto só **aprende** / **aprendem** na vida quando se está diante de uma dificuldade.

11. Quando os núcleos do sujeito vierem ligados por conjunções correlatas (Não só... mas também; Não só... bem como; Não só... mas também; Tanto... quanto; Tanto... como etc.), o verbo irá para o plural.

Sujeito

- **Não só** o Ministro da fazenda, **mas também** todo o seu séquito **irão** participar da inauguração das obras.

- **Tanto** a moça **quanto** o seu pai **homenagearão** os professores do curso.

Sujeito

⇛ Observação:

Há gramáticos que também admitem, para este caso, a concordância no singular. Para estas correlações aditivas – as quais literalmente indicam soma, adição, acréscimo – parece-nos mais lógica, entretanto, a concordância apenas no plural.

- Tanto o leite quanto o pão **subiu** / ou / **subiram** de preço

- Não só o amigo mais íntimo como também toda a parentela **foi** / ou / **foram** visitá-lo na enfermidade.

Ufa!! Quanta regra, hein??!! Sugiro que descanse um pouco antes de iniciar a próxima etapa. Nossa missão será estudar um verbo que, por suas características, possui uma concordância toda especial, toda particular: o verbo SER. O assunto não é difícil e não são muitas as regras. Mantenha a calma! Continue firme!

5.1.5 CONCORDÂNCIA DO VERBO "SER"

O verbo "SER" é, como já disse, um verbo especial. Para a gramática normativa ele é considerado, quando empregado na função de verbo de ligação, um verbo desprovido de significado, não nocional. Em virtude desse esvaziamento semântico e da busca por uma melhor eufonia, em muitos casos o verbo SER deixará de concordar com o seu sujeito e passará a concordar com o seu predicativo. Observe agora as regras mais comuns para o emprego correto desse verbo:

1. Quando o sujeito é representado pelos pronomes neutros "tudo, isto, aquilo, o", o verbo SER pode concordar tanto com o seu sujeito quanto com o seu predicativo:

- Como se sabe, nem tudo na vida **é** / **são** flores.
- **O** que ele mais admira em você **é** / **são** seus belos olhos verdes.

2. Quando o sujeito é formado por um substantivo e o predicativo também é um substantivo, ambos indicando coisas, o verbo SER poderá concordar tanto com o sujeito quanto com o predicativo:

- A maior parte de todo o problema **era** / **eram** fricotes da moça.
- A cama dele sempre **foi** / **foram** restos de jornais velhos.
- 20% dos alunos **foi** / **foram** o número escolhido para representar a escola nos jogos municipais.

3. Quando o sujeito for representado por uma pessoa – sujeito personativo –, o verbo SER deverá obrigatoriamente concordar com este sujeito.

- **Milena era** as alegrias de toda a família.
- A **criancinha** doente **é** as preocupações de seus pais.
- O **deputado foi** só alegrias quando soube que não ia ser cassado.

4. Quando o verbo SER fizer parte de uma expressão que indica quantidade (peso, medida, preço), ele sempre ficará no singular.

- Duzentos gramas de presunto **é pouco** para a lasanha.
- Dez mil reais **fora** o bastante para ele comprar um bom automóvel.
- As quarenta árvores plantadas **foi** muito para quem só dispõe de dois hectares de terras inférteis.

5. Quando o sujeito ou o predicativo é representado por um pronome do caso reto, o verbo SER obrigatoriamente concorda com esse pronome.

- **Ele** sempre **foi** os olhos da família.
- Nesta terra, o chefe **sois vós.**
- Neste setor da empresa, os responsáveis **somos nós.**
- Eles sabem que **eu serei** os pilares da organização.

➯ Observação:

Se tanto o sujeito quanto o predicativo forem representados por pronomes do caso reto, o verbo SER concordará obrigatoriamente com o sujeito. Veja:

- Já falei que **eu** não **sou** ele.
- **Nós**, meu senhor, não **somos** eles.

6. Quando o verbo SER fizer parte de locuções que indiquem tempo ou distância, ele obrigatoriamente concordará, embora seja impessoal, com a expressão numérica que acompanhar tais locuções:

- Entre 1964 e 1985 **foram vinte e um** anos de muita repressão.
- Já **devem ser**, pela posição do sol, **umas cinco horas** da tarde.
- **É meio-dia e meia** na cidade de São Paulo e o sol ainda não apareceu.

> Hoje **são dezesseis** de abril.

⇨ **Observação:**

Neste último exemplo também é lícita a concordância "Hoje é dezesseis de abril", fazendo o verbo concordar com a palavra implícita "dia". É óbvio que, se a palavra "dia" vier expressa na frase, o verbo obrigatoriamente concordará com ela. Veja:

> Hoje é **dia** dezesseis de abril.

7. Quando o verbo SER fizer parte da locução expletiva ou de realce "É QUE", ele permanecerá invariável.

> É nas horas difíceis **que** se conhecem os verdadeiros amigos.

> Na realidade os homens **é que** deveriam se amar mais uns aos outros.

8. Quando o sujeito é formado por um pronome interrogativo QUE ou QUEM, o verbo SER concorda obrigatoriamente com o seu predicativo.

> Quem **foram os culpados** por esta desordem?

> Que **horas são** agora, por favor?

> Que **poderiam** ser **aquelas luzes** ao longe?

Puxa!!! Você conseguiu chegar até aqui!! Parabéns!! Só faltam mais algumas regras para terminar o assunto "concordância verbal". Não desista!! Nossa próxima incumbência será entender a concordância com o sujeito oracional.

5.1.6 A CONCORDÂNCIA COM O SUJEITO ORACIONAL

Um dos pontos bastante explorados pelas bancas examinadoras é a concordância com o sujeito oracional. Acompanhe o desenvolvimento abaixo:

- **São** fundamentais **as assinaturas dos sócios no contrato**.
  Verbo concorda com o sujeito — sujeito simples

- **É** fundamental **que os sócios assinem o contrato**.
  Verbo concorda na 3.ª pessoa do singular — sujeito oracional

> **Regra geral:** O verbo sempre concordará na terceira pessoa do singular com o sujeito oracional.

Observe outros exemplos em que foi feito esse tipo de desdobramento (transformação do período simples em período composto com a formação de um sujeito oracional):

- Foram necessárias todas aquelas mudanças. (período simples)
  sujeito simples
  ↳ Foi necessário **que se fizessem todas aquelas mudanças**. (período composto)
  sujeito oracional

- Espera-se o retorno dele o mais breve possível.
  sujeito simples
  ↳ Espera-se **que ele retorne o mais breve possível**.
  sujeito oracional

- Foi anunciada a construção de uma nova ponte para a nossa cidade.
  sujeito simples
  ↳ Foi anunciado **que uma nova ponte seria construída em nossa cidade**.
  sujeito oracional

➾ Observação:

Lembre-se de que, em português, os infinitivos e as orações representam o número singular e o gênero masculino. Por isso, o sujeito oracional – que não passa de uma oração que exerce a função sintática de sujeito – exige o verbo da concordância no singular. Ademais, se houver algum adjetivo, este irá para o masculino. Observe, no exemplo abaixo, que o adjetivo participial "considerada" não está concordando com o sujeito oracional.

- "**Vencer** a **sujeição ao acaso** pode ser **considerada** uma das errôneas preocupações do pensamento filosófico inaugurado na Grécia." (ESAF)

Corrija-se para...

- "Vencer a sujeição ao acaso pode ser **considerado** uma das errôneas..."

Como você já está mais familiarizado com o sujeito oracional, vamos abaixo listar as formas como o sujeito oracional se apresenta.

1.ª FORMA

O sujeito oracional é a oração subordinada substantiva subjetiva, desenvolvida e introduzida, geralmente, pelas conjunções integrantes "que" e "se". Observe os exemplos:

- É muito difícil que se cumpram os propósitos que, invariavelmente, se formulam a cada início de ano.
- Não se admite que hajam nascido, em quaisquer outras espécies, seres capazes de compor sinfonias.
- É imprescindível que se cumpram os acordos firmados em relação à oferta de energia e aos preços adequados, e que se atenda ao aumento da demanda.
- Urge que sejam definidas as metas de oferta de energia em quantidade suficiente e preço adequado, para impulsionar o desenvolvimento do país.

➯ **Observação:**

O importante não é apenas identificar o sujeito oracional. Acima de tudo, é essencial perceber que o verbo (destacado em cor laranja) concorda na 3.ª pessoa do singular com o sujeito oracional.

2.ª FORMA

O sujeito oracional manifesta-se por meio de uma estrutura proverbial ou de uma assertiva categórica, introduzidas pelo pronome relativo condensado "QUEM", que equivalerá a "AQUELE QUE". Observe os exemplos abaixo:

- Quem canta seus males espanta.
  sujeito oracional para o verbo "espantar"
- Quem com porcos se mistura farelo come.
  sujeito oracional para o verbo "comer"
- Quem com ferro fere com ferro será ferido.
  sujeito oracional para a locução da voz passiva "será ferido"

- Como obterá aprovação em um concurso público **quem nunca estudou com seriedade**?
  sujeito oracional para o verbo "obter"

- **Quem quiser conhecer os detalhes da vida** estude Filosofia.
  sujeito oracional para o verbo "estudar"

➪ Observação:

Mais uma vez fique atento à concordância dos verbos "espantar, comer, ferir, obter e estudar", usados nos exemplos acima. Veja que todos estão flexionados na 3.ª pessoa do singular para concordar com seus respectivos sujeitos oracionais.

> Conselho de amigo: Fique muito atento!! O próximo caso é um dos mais explorados nos concursos públicos.

3.ª FORMA

O sujeito oracional é a oração subordinada substantiva subjetiva, reduzida de infinitivo. Observe os exemplos abaixo (destacamos o verbo – que concorda na 3.ª pessoa do singular – e o sujeito oracional):

- Não **convém** aos novos formandos em Direito **agir de forma contrária à Lei.**
  verbo na 3.ª pessoa do singular — sujeito oracional – oração reduzida de infinitivo

- verbo na 3.ª pessoa do singular — sujeito oracional
  Caso não nos **ocorresse**, naquelas horas, **buscar o auxílio de um guia**, jamais teríamos encontrado o caminho.

- verbo na 3.ª pessoa do singular — sujeito oracional
  Não **compete** aos historiadores **exercer a mera função de arquivistas públicos**.

- verbo na 3.ª pessoa do singular — sujeito oracional
  Não **aprouvesse** aos homens **criar instituições**, certamente viveríamos sob o signo da barbárie.

- verbo na 3.ª pessoa do singular — sujeito oracional
  Em muitos prédios do centro, ainda **resta**, nos andares mais altos, **vender muitas unidades**.

- **Faltava** **dar os últimos retoques** para que a festa ficasse pronta.
  verbo na 3.ª pessoa do singular — sujeito oracional

verbo na 3.ª pessoa do singular — sujeito oracional

- Quanto aos nossos vizinhos, **cabe-nos** reconhecê-los como nossos semelhantes, pois, como nós, são seres únicos.

verbo na 3.ª pessoa do singular — sujeito oracional

- Muitas pessoas, achando que não lhes **basta** ouvir os apelos da vocação, valorizam as vantagens pecuniárias de uma profissão.

verbo na 3.ª pessoa do singular — sujeito oracional

- Em geral não nos **apetece** enfrentar os contornos duros do nosso rosto verdadeiro, mais desconfortáveis que os do construído.

Aviso aos navegantes: O próximo caso será um pouco complicado. Sugiro que pare um pouco e descanse a mente (5 minutos é o bastante!). Estude mais de uma vez o caso abaixo; se não entender, consulte o seu professor, o seu orientador.

4.ª FORMA

O sujeito oracional é a oração subordinada substantiva subjetiva, reduzida de infinitivo, e que se encontra posposta e apresenta transitividade incompleta (geralmente o infinitivo é transitivo direto com objeto direto no plural). Observe o exemplo abaixo (destacamos o sujeito oracional em cor laranja):

- Os documentos que era preciso encontrar resolveriam o problema.

Observe a construção...

1.ª oração: Os documentos resolveriam o problema.

2.ª oração: que (os documentos) encontrar → sujeito oracional para a 3.ª oração

3.ª oração: era preciso

Algumas considerações sobre o exemplo acima:

a) Observe que o pronome relativo "que" é o objeto direto do verbo "encontrar". Como o relativo se refere a "Os documentos", teremos, então: "encontrar os documentos".

b) O verbo "ser" em "era preciso" concorda com o seu sujeito oracional "encontrar os documentos". Logo, teremos: "Encontrar os documentos era preciso". Ocorre que o termo "os documentos", no exemplo, está representado pelo pronome relativo "que".

Vejamos outros exemplos:

verbo "ser" concorda na 3.ª pessoa do singular
▹ Os navios que é essencial construir servirão para a defesa do nosso litoral.
sujeito oracional = que (os navios) construir

▹ O deputado estava preocupado com os votos que lhe convinha arranjar.
sujeito oracional = que (os votos) arranjar

▹ As medidas que seria oportuno decretar poderiam diminuir as exportações.
sujeito oracional = que (as medidas) decretar

verbo "tentar" concorda na 3.ª pessoa do singular com o sujeito oracional
▹ Fui de encontro às ações que se tentava implantar.
sujeito oracional passivo = que (as ações) implantar

verbo "caber" concorda na 3.ª pessoa do singular com o sujeito oracional
▹ Nunca lhe pesou nas costas a dificuldade das funções que lhe cabia desempenhar.
sujeito oracional = que (as funções) desempenhar

Observações sobre esse último caso:

a) Perceba que, em todos os exemplos, a função sintática do pronome relativo "que" é definida pelo infinitivo, o qual representa o núcleo do sujeito oracional.

b) Nos grandes concursos, algumas bancas exploram este tipo de sujeito oracional. É preciso ter muito cuidado para não se fazerem confusões. Veja abaixo uma análise errada de um período que apresenta sujeito oracional posposto com verbo transitivo direto e objeto direto no plural:

▹ As subvenções que são lícitas obter do governo atrapalham as importações.
O sujeito do verbo "ser" é a oração
"que (as subvenções) obter do governo"

Logo, é preciso corrigir o período acima para...

▹ As subvenções que é lícito obter do governo atrapalham as importações.

5.1.7 CONCORDÂNCIA DO VERBO "PARECER"

Outro caso bastante interessante diz respeito à concordância do verbo "parecer". Isto porque este verbo tem o condão de tanto poder funcionar como verbo auxiliar em uma locução verbal quanto de aparecer como verbo independente, geralmente empregado como intransitivo. Vejamos:

- Maria está doente. ⇨ Maria parece doente.
  Verbo de ligação — verbo de ligação

- Maria deve estar doente.
  Locução verbal

- Maria parece estar doente. —
  - Maria estar doente PARECE. (Período composto. Verbos independentes.)
  - Maria parece estar doente. (Período simples. Locução verbal "parecer + estar").

A partir desses primeiros exemplos, chegamos a uma regra:

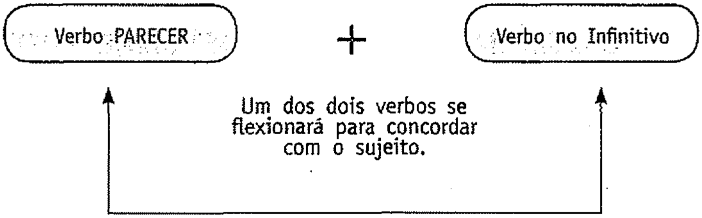
Verbo PARECER
+
Verbo no Infinitivo
Um dos dois verbos se flexionará para concordar com o sujeito.

Outros exemplos:

a)

- As estrelas parecem brilhar. (Período simples. Locução verbal. Sujeito simples: "As estrelas".)

OU

- As estrelas parece brilharem. (Período composto. Verbos independentes. Sujeito do verbo parecer é oracional: "Brilharem as estrelas".)

b)

- Alguns animais parecem andar como os pássaros, saltitando.

OU

- Alguns animais parece andarem como os pássaros, saltitando.

c)

- As lágrimas **pareciam** não a **deixar** viver a vida.

OU

- As lágrimas **parecia** não a **deixarem** viver a vida.

⇨ **Observação:**

A essa mesma regra obedecem os verbos "ver-se" e "ouvir-se" quando são seguidos de um infinitivo.

- Nunca mais **se ouviu** os acordes do hino de Pernambuco **tocarem.**

OU

- Nunca mais **se ouviram** os acordes do hino de Pernambuco **tocar.**

⇨ **Observação:**

Não se esqueça de que o sujeito oracional nada mais é do que uma oração subordinada substantiva subjetiva.

5.1.8 CONCORDÂNCIA DOS VERBOS "COSTUMAR, PODER, DEVER, PRECISAR"

Um último caso bastante intrigante de concordância se dá com os verbos "costumar, poder, dever, precisar" em construções passivas seguidas de um infinitivo transitivo direto. Tais verbos poderão tanto formar uma locução verbal com o infinitivo como poderão concordar na 3.ª pessoa do singular com o sujeito oracional formado a partir do infinitivo. Observe o diagrama:

VERBOS	PARTÍCULA	INFINITIVO TRANSITIVO DIRETO	NOME NO PLURAL
COSTUMAR PODER DEVER PRECISAR	SE		
Estes verbos poderão se flexionar, formando uma locução verbal com o infinitivo, ou ficar na 3.ª pessoa do singular para concordar com o sujeito oracional.	Funcionará como partícula apassivadora		

Exemplos:

- Em virtude da lei, não se $\left[\begin{array}{l}\text{deve}\\ \text{devem}\end{array}\right.$ comprar produtos pirateados.
- Se se $\left[\begin{array}{l}\text{pudesse}\\ \text{pudessem}\end{array}\right.$ aprovar mais leis em menos tempo, o país cresceria mais rápido.
- No Brasil, $\left[\begin{array}{l}\text{costuma-se}\\ \text{costumam-se}\end{array}\right.$ vender carros usados para as pessoas mais pobres.
- "Concluo que não se **devem** abolir as loterias." (Machado de Assis)
- "Mas a V. Ex.ª **pode**-se dizer estas cousas, porque pertence à elite: a desgraça de Portugal é a falta de gente." (Eça de Queiroz)

Chegamos ao final!! Agora é o momento de praticar. Procure resolver todos os exercícios abaixo.

5.1.9 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

Concordância Verbal

1. (UM-SP) Já ... muitos anos que se alteraram algumas regras de acentuação, mas ... muitas pessoas que ainda ... ao grafar certas palavras.

   a) deve fazer, há, hesitam.
   b) devem fazer, tem, excitam.
   c) deve fazerem, há, hesita.
   d) deve fazer, tem, hesitam.
   e) fazem, há, excitam.

2. (FCMSC-SP) Aponte a concordância menos aceitável.

   a) Isto são sintomas menos sérios.
   b) Aquilo são lembranças de um triste passado.
   c) Paula foi os sonhos de toda a família.
   d) Aquela jovem tinha duas personalidades.
   e) Pedrinho eram as preocupações da família.

3. (TRF 5ª Região – Analista Judiciário – Judiciária) As normas de concordância verbal estão plenamente observadas na frase:

a) O que há de mais terrível nas cenas de violência transmitidas pela TV estão nas reações de indiferença de alguns espectadores.
b) Não se devem responder aos sacrifícios humanos com o cinismo de quem se julga superior.
c) Não se levante contra o pessimista as acusações de imobilismo moral e inconsequência política.
d) Ainda que não houvessem outras razões, o surdo idealismo dos pessimistas bastaria para os aceitarmos.
e) Os otimistas não julguem os pessimistas, nem estes àqueles, pois ambos convergem para alguma forma de idealismo.

4. (PUC-SP) Assinale a alternativa correspondente à frase em que a concordância verbal esteja correta.

a) Discutiu-se a semana toda os acordos que têm de ser assinados nos próximos dias.
b) Poderá haver novas reuniões, mas eles discutem agora sobre que produtos recairão, a partir de janeiro, a taxa de exportação.
c) Entre os dois diretores deveria existir sérias divergências, pois a maior parte dos funcionários nunca os tinha visto juntos.
d) Faltava ainda dez votos, e já se comemoravam os resultados.
e) Eles hão de decidir ainda hoje, pois faz mais de dez horas que estão reunidos naquela sala.

5. (UEL-PR) Já ... uns doze anos que ele não voltava à terra natal, por isso não sabia que lá ... ocorrido mudanças.

a) deviam fazerem, havia.
b) devia fazer, haviam.
c) devia fazer, havia.
d) deviam fazer, haviam.
e) deviam fazer, havia.

6. (FCC – TRT 23ª Região – Analista Judiciário) Quanto às normas de concordância verbal, a frase inteiramente correta é:

a) Mais gente, assim como o fez a juíza brasileira, deveriam ponderar as sábias palavras que escolheu Disraeli para convocar a ação dos justos.
b) A muitas pessoas incomodam reconhecer que sua omissão diante da barbárie as torna cúmplices silenciosas dos contraventores e criminosos.
c) É comum calarmos diante dos descalabros a que costumam dar destaque o noticiário da imprensa, e acabamos, assim, por consenti-los.
d) Quando não se opõem à ação do homem acanalhado, quando ocorre essa grave omissão, os homens justos deixam de fazer valer seu peso político.
e) Se tivessem havido firmes reações aos descalabros dos canalhas, estes não desfrutariam, com sua falta de escrúpulo, de um caminho já aplainado.

7. (UM-SP) Assinale a oração em que o verbo ***não*** concorda em número e pessoa com o sujeito, ferindo os princípios da concordância.

a) Faltam ainda alguns passos seguros para a aquisição de uma vida pacífica.
b) Existem criações sensatas capazes de superar até as mais espantosas maldades.
c) As desilusões que a perturbam hoje já passaram alguns dias comigo.
d) De sinceras intenções, as pessoas estão saturadas.
e) Exatamente irreais, suas palavras só contem valores supérfluos.

8. (FCC-BA) Os novos modelos trazem novidades que não ..., mas enfeites que todos ... .

a) se veem – vêm.
b) se vê – vêm.
c) se vêm – veem.
d) se vê – veem.
e) se veem – veem.

9. (FCC – TRT 23ª Região – Analista Judiciário) O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se numa forma do ***plural*** para preencher de modo correto a lacuna da frase:

a) Se a cada um de nós efetivamente .... (**perturbar**) os que agem mal, a impunidade seria impossível.
b) ....-se (**dever**) aos homens de ação o aperfeiçoamento estrutural de uma sociedade.
c) Nas palavras dos piores contraventores .... (**costumar**) haver insolentes alusões à moralidade.
d) Aos bons cidadãos não .... (**ocorrer**) que os maus contam com o silêncio da sociedade para seguirem sendo o que são.
e) Aqueles de quem não .... (**advir**) qualquer reação contra os desonestos acabam estimulando a corrupção.

10. (UEL-PR) Acredito que ... muitas enchentes, pois ... fatos que ... afirmá-lo.

a) haverão – ocorre – permitem.
b) haverá – ocorre – permitem.
c) haverá – ocorrem – permitem.
d) haverão – ocorre – permite.
e) haverão – ocorrem – permite.

11. (FCC – TRF 3ª Região – Analista Judiciário) As normas de concordância verbal estão plenamente respeitadas na frase:

a) Não se imputem aos adolescentes de hoje a exclusiva responsabilidade pelo fato, lastimável, de aspirarem a tão pouco.
b) A presença maciça, em nossas telas, de tantas ficções, não nos devem fazer crer que sejamos capazes de sonhar mais do que as gerações passadas.

c) Se aos jovens de hoje coubesse sonhar no ritmo das ficções projetadas em nossas telas, múltiplos e ágeis devaneios se processariam.

d) Ficaram como versões melhoradas da nossa vida acomodada de hoje o vestígio dos nossos sonhos de ontem.

e) Ao pretender que se mobilize os estudantes para as exigências do mercado de trabalho, o professor de nossas escolas impede-os de sonhar.

12. (FCC – TRF 3ª Região – Analista Judiciário) O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se numa forma do ***plural*** para preencher corretamente a lacuna da frase:

a) Para que não ...... (**restringir**) o sonho de um jovem, as imposições do mercado de trabalho devem ter sua importância relativizada.

b) Seria essencial que nunca ...... (**faltar**) aos adolescentes, mesmo em nossos dias pragmáticos, a liberdade inclusa nos sonhos.

c) Entre as duas hipóteses que ...... (**examinar**), considera o autor que o elemento comum é redução da capacidade de sonhar.

d) Não se ...... (**delegar**) às escolas a missão exclusiva de preparar os jovens para sua inserção no mercado de trabalho.

e) É pena que ...... (**faltar**) aos jovens a referência dos sonhos que seus pais já tenham alimentado em sua época de adolescentes.

13. (PUCC-SP) "O trabalho da Funai desenvolve-se em nove frentes, que ***permitiram***, até agora, a aproximação com cinco novos grupos indígenas".

A concordância do verbo com o sujeito na frase acima justifica-se pela mesma razão que determina a concordância verbal em:

a) A área que concentra o maior número de tribos isoladas é o Vale do Javari, na fronteira entre o Amazonas e o Peru.

b) Espero que o considerem o problema da demarcação das terras indígenas com a devida severidade.

c) Discutem-se diariamente questões acerca da posse da terra.

d) Fala-se muito sobre os conflitos entre fazendeiros e índios.

e) Alguns fazendeiros chegaram ao local com um grupo de índios cintas-largas.

14. (FCC – TRF 3ª Região– Analista Judiciário) Considerando-se as normas de concordância verbal, há uma ***incorreção*** na frase:

a) Tão rápidos quanto os "cliques" das mágicas maquininhas são o prazer e o enfado que caracterizam as modernas sessões de fotografia.

b) Não é de se crer que todos os produtos com alta tecnologia cheguem a se banalizar, já que a banalidade está nas circunstâncias em que se venham a utilizá-los.

c) Não compete nem aos cientistas nem aos produtores responsabilizar-se pelas consequências da utilização do que nos oferecem.

d) Quantos mais inventos haja, mais impulsivos hão de ser nossos desejos de os consumir, como vem sucedendo no caso dos engenhos eletrônicos.

e) Seria de se esperar que se associassem à moderna tecnologia apenas os benefícios reais, que a ela se tributassem tão somente vantagens inequívocas.

15. (Fatec-SP) Assinale a alternativa correta quanto à concordância verbal.

a) Devem haver outras razões para ele ter desistido.
b) Foi então que começou a chegar um pessoal estranho.
c) Queria voltar a estudar, mas faltava-lhe recursos.
d) Não se admitirá exceções.
e) Basta-lhe dois ou três dias para resolver isso.

16. (FCC – Técnico Legislativo – Câmara dos Deputados) A forma verbal de ***singular*** que também poderia ter sido empregada corretamente no ***plural*** está grifada na frase

a) *... a ordem social era imutável...*
b) *... e a Igreja, junto com o poder absolutista, tinha o monopólio da informação.*
c) *... num processo que também gerou a onda de inovação ...*
d) *... quando isso vai de encontro aos interesses da comunidade...*
e) *... em que ela está inserida.*

17. (UFCE-CE) Complete as seguintes frases observando a concordância verbal e, depois, assinale a opção ***certa***.

1. Como ... haver pessoas tão generosas. (poder – imperf. do ind.)

2. ...-se, muito longe, os sinos da igreja. (ouvir – imperf. do ind.)

3. ... muitos anos que ela não vai a festas. (fazer – pres. do ind.)

4. Eles sempre se ... com dignidade. (haver – perf. do ind.)

5. ...-se muitas pessoas dirigindo-se à matriz. (ver – pres. do ind.)

a) podia, ouviam, faz, houveram, veem.
b) podiam, ouvem, fazem, houveram, vêm.
c) podia, ouvia, faz, havia, veem.
d) pôde, ouve, fazem, houveram, veem.
e) n.d.a.

18. (FCC – Metrô/SP – Supervisor de Linha) Tendo em vista as normas de concordância verbal, é preciso ***corrigir*** a seguinte frase:

a) Podiam-se assistir com prazer às danças das chamas na lareira.
b) Mal haviam decorrido alguns minutos, o líder foi para junto da lareira.
c) Na lareira queimavam-se as achas e produzia-se a dança das chamas.
d) Nenhum dos gestos do líder deixava de ser analisado pelo dono da casa.
e) Não escapava ao liderado o sentido dos gestos produzidos pelo líder.

19. (Unibero-SP) Em todas as alternativas, ***exceto*** em uma, o verbo pode ir para o plural ou ficar no singular:

a) Mais de uma pessoa (atingir) a meta.
b) Um bando de andorinhas (pousar) no varal.
c) Pequena parte dos cantores (dar) um agudo.
d) Um grande número de maritacas (grasnar).

20. (FCC – PBGÁS/PB) As normas de concordância verbal e nominal estão inteiramente respeitadas na frase:

a) Diante das imagens que na tela se sucede, o usuário de um computador parece hipnotizado.
b) Principais responsáveis pelos primeiros meios de transporte, a tração animal veio a ser substituída pela dos motores.
c) Se fossem mais intensos por serem mais velozes, nossa reflexão e nossa emoção estariam hoje num invejável patamar.
d) Uma vez que passe a atrair toda a nossa atenção, bons romances e belas peças musicais afastam nossa obsessão pela velocidade.
e) Aos meninos diante das telas não costuma ocorrer que a velocidade que os preocupa acelera também a passagem da infância.

5.2 CONCORDÂNCIA NOMINAL

Deixamos para trás a concordância entre o verbo e o seu sujeito. A partir de agora, nossa preocupação será identificar o substantivo e os termos que a ele se referem. Mais uma vez receba meu apoio. Este assunto, à exceção de uma ou outra regra, é bastante fácil. É preciso, entretanto, ficar bastante atento para perceber a quem o termo está se referindo. Nosso sucesso dependerá desse conhecimento. Bons estudos!!

5.2.1 REGRA GERAL

Observe atentamente o exemplo abaixo:

artigo ↓ pronome ↓ numeral ↓ adjetivo ↓ pronome ↓ adjetivo ↓

- Os meus dois melhores amigos deixaram aquelas regiões geladas da Suíça na noite de ontem.

Perceba que os dois substantivos (amigos e regiões) encontram-se cercados por outros termos que se flexionam no gênero e no número dos substantivos. Estamos, portanto, diante da regra geral da concordância nominal:

> O adjetivo, o artigo, o numeral e o pronome adjetivo concordam em gênero e número com o nome a que se referem.

Antes, porém, de iniciarmos as demais regras, convém relembrar:

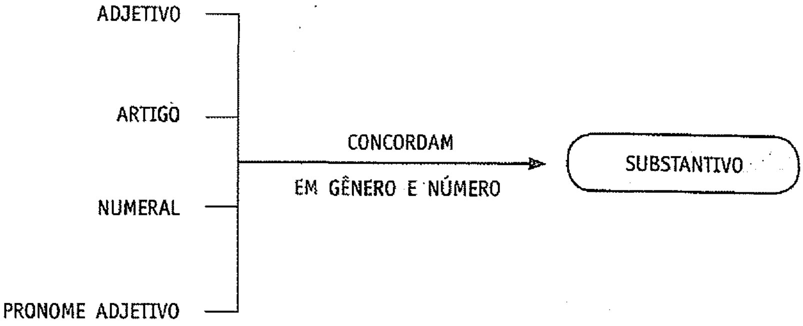
ADJETIVO
ARTIGO
NUMERAL
PRONOME ADJETIVO
CONCORDAM
EM GÊNERO E NÚMERO
SUBSTANTIVO

Não se esqueça também da seguinte orientação:

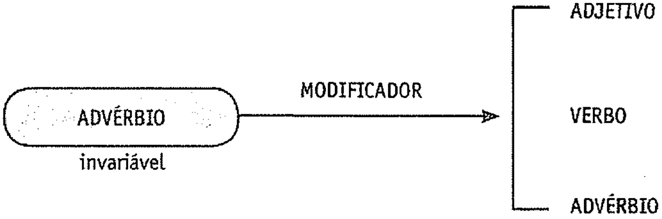
ADVÉRBIO
invariável
MODIFICADOR
ADJETIVO
VERBO
ADVÉRBIO

Veja:

- Havia **muito** barulho por causa das pessoas que falavam **muito** alto.
  pronome indefinido — advérbio
- adjetivo — advérbio
  Por sempre andar por **longes** terras sempre morou **longe** de seus familiares.
- Foi considerado o homem **certo** para o cargo porque sempre agiu **certo**.
  adjetivo — advérbio

Logo, nosso cuidado daqui para frente será não confundir um advérbio – classe de palavra invariável – com as classes morfológicas que concordam com o substantivo. Para tanto, observe a quem o termo se refere. Se ele fizer referência a um substantivo, deverá concordar com este; se, por outro lado,

ele se referir a um adjetivo, a um verbo ou mesmo a um advérbio, o termo em questão será um advérbio, portanto invariável.

> Estudaremos agora as demais regras da concordância nominal. Você perceberá que boa parte das regras diz respeito à concordância do adjetivo. Lembre-se, portanto, de que o adjetivo exerce, basicamente, duas funções sintáticas: adjunto adnominal e predicativo.

5.2.2 PRINCIPAIS CASOS DE CONCORDÂNCIA NOMINAL

> 1. Com os adjetivos compostos, somente o último elemento varia para concordar com o substantivo a que se refere.

- Ele fez duas intervenções médico-**cirúrgicas**.
- Firmaram dois grandes acordos sino-franco-**lusitanos**.
- As condições sociopolítico-**econômicas** do país não condiziam com os princípios da cultura greco-**latina**.

⇨ **Observações:**

Lembre-se de que os adjetivos "azul-celeste" e "azul-marinho" são invariáveis.

Já com o adjetivo "surdo-mudo" ambos os elementos variam.

Não se esqueça também de que os adjetivos referentes a cor formados por adjetivo mais um substantivo são invariáveis.

- Compramos duas blusas azul-celeste.
- Falamos com dois surdos-mudos.
- Na formatura, usou duas blusas amarelo-canário.

> 2. Quando um único adjetivo, na função de adjunto adnominal, refere-se a mais de um substantivo, hão de se observar duas vertentes para a concordância:

a) Se o adjetivo vier anteposto, concordará obrigatoriamente com o substantivo mais próximo:

- Ele possuía **monstruosas** mãos e braços.
- O bufê servia **maravilhosas** tortas e salgados.
- Em sua viagem, passou muitas horas admirando as **magníficas** montanhas e mares do sul.
- **Recuperada** a saúde e o ânimo, ele voltou imediatamente ao seu posto de trabalho.

b) Se o adjetivo vier posposto, poderá concordar tanto com o substantivo mais próximo quanto com os dois substantivos no plural. Neste último caso, se os gêneros dos substantivos forem diferentes, prevalecerá o masculino plural para o adjetivo:

- Após o tsunami, caminhou pelos becos e pelas ruas $\left\{\begin{array}{l}\text{destruídas}\\ \text{destruídos}\end{array}\right.$ pela força das águas.
- Em um canto da sala, deixaram um sapato e uma sandália $\left\{\begin{array}{l}\text{velha.}\\ \text{velhos.}\end{array}\right.$
- Ontem à tarde encontrei o aluno e a aluna $\left\{\begin{array}{l}\text{estudiosa.}\\ \text{estudiosos.}\end{array}\right.$
- Divulgará uma notícia e uma nota $\left\{\begin{array}{l}\text{extraordinária}\\ \text{extraordinárias}\end{array}\right.$ para relatar o fato à população.

⇨ **Observações:**

Se, pela lógica, o adjetivo só puder se referir a um substantivo, será com este substantivo que se efetuará a concordância:

- Em sua viagem, alimentou-se de peixe, ovos, saladas e carne **bovina**.
- A cidade sofria por causa do frio e da chuva **torrencial**.

Se o adjetivo, anteposto ou posposto, estiver se referindo a pessoas, obrigatoriamente deverá concordar no plural com ambos os substantivos:

- Ontem assistimos ao show dos **ilustres** Caetano Veloso e Gilberto Gil.

3. Quando, por outro lado, dois ou mais adjetivos estiverem se referindo a um único substantivo, admitem-se três possibilidades de concordância:

▹ **Sempre estudou profundamente**
- as línguas inglesa, francesa e italiana.
- a língua inglesa, a francesa e a italiana.
- a língua inglesa, francesa e italiana.

▹ **Ele analisava todos os dias**
- as leis federal, estadual e municipal.
- a lei federal, a estadual e a municipal.
- a lei federal, estadual e municipal.

▹ **Durante os estudos frequentou assiduamente**
- os cursos ginasial e pedagógico.
- o curso ginasial e o pedagógico.
- o curso ginasial e pedagógico.

➾ **Observação:**

Perceba que, no primeiro caso, o substantivo vai para o plural e omite-se o artigo antes dos adjetivos. No segundo exemplo, o substantivo permanece no singular e coloca-se o artigo a partir do segundo adjetivo. No último exemplo, o substantivo fica no singular e omite-se o artigo dos adjetivos.

4. Quando o adjetivo estiver na função de predicativo de um sujeito composto, há duas possibilidades de concordância:

a) Se vier posposto, o adjetivo concordará obrigatoriamente no plural, prevalecendo o masculino se os gêneros dos substantivos forem diferentes:

▹ A ideia e o pensamento tornaram-se **obsoletos** em virtude dos novos paradigmas.

▹ Quase todas as moças e todas as professoras mantiveram-se **caladas** ao longo da apresentação dos meninos.

▹ Se os prisioneiros e as sentinelas fossem mais **abertos** ao diálogo, os problemas do sistema prisional diminuiriam.

b) Se vier anteposto, o predicativo do sujeito poderá concordar com ambos os núcleos ou com o mais próximo.

- **Jogadas** ao vento estavam as cartas e todos os documentos do escritório.

  ou

- **Jogados** ao vento estavam as cartas e todos os documentos do escritório.

- **Satisfeita** com o a situação saiu da sala a secretária e o seu auxiliar.

  ou

- **Satisfeitos** com a situação saíram da sala a secretária e o seu auxiliar.

- **Constrangido** por causa do vexame ficou o presidente da empresa e dois dos seus secretários.

  ou

- **Constrangidos** por causa do vexame ficaram o presidente da empresa e dois dos seus secretários.

Observação:

Perceba que a concordância do adjetivo com o núcleo mais próximo exige, se este núcleo estiver no singular, que a concordância verbal também seja feita no singular.

5. Quando o adjetivo estiver na função de predicativo do objeto, devem-se observar as seguintes orientações:

a) O adjetivo predicativo concordará normalmente em gênero e número com o objeto quando este for simples:

- Encontraram todos os documentos do escritório **revirados** pelos bandidos.
- **Abandonadas** à própria sorte, os parentes mais próximos deixaram as filhas de D. Elza.
- Julgaram as moças **incapazes** de exercer o cargo para o qual elas se candidataram.

b) Quando posposto, o adjetivo predicativo concordará no plural e no gênero prevalente com o objeto formado por mais de um núcleo.

- Achou o monarca e a sua esposa **simpáticos.**
- Encontramos o pórtico e a antessala totalmente **sujos** pela poeira do desabamento do prédio vizinho.
- Os funcionários consideram o chefe-de-seção e a sua comitiva **incompetentes.**
- Dois dos reclamantes acusaram a advogada da empresa e o preposto de **omissos e parciais.**

Observação:

Para facilitar a concordância, transforme os núcleos do objeto direto em um pronome oblíquo átono (o, a, os, as) – observe o gênero de prevalência. Veja:

- Achou o monarca e a sua esposa simpáticos. = Achou-**os** simpáticos.
- Encontramos o pórtico e a antessala totalmente **sujos** pela poeira do desabamento do prédio vizinho. = Encontramo-**los** totalmente **sujos** pela poeira do desabamento do prédio vizinho.
- Os funcionários consideram o chefe-de-seção e a sua comitiva **incompetentes.** = Os funcionários consideram-**nos incompetentes.**
- Dois dos reclamantes acusaram a advogada da empresa e o preposto de **omissos** e **parciais.** = Dois dos reclamantes acusaram-**nos** de **omissos** e **parciais.**

c) Quando anteposto, o adjetivo predicativo do objeto poderá concordar tanto com o núcleo mais próximo quanto com todos os núcleos do objeto direto. Neste último caso, deve-se observar, é claro, o gênero prevalente.

- Ao sair, deixe bem $\left\{\begin{array}{l}\text{fechada}\\ \text{fechados}\end{array}\right.$ a porta do quarto e os postigos da sala.
- O falecimento da mãe deixou $\left\{\begin{array}{l}\text{insuportável}\\ \text{insuportáveis}\end{array}\right.$ o dia e, principalmente, as noites do rapaz.
- Encontrou $\left\{\begin{array}{l}\text{deitado}\\ \text{deitados}\end{array}\right.$ no sofá da sala principal o filho e a namorada.

6. Quando o substantivo vem acompanhado de numerais ordinais, ele pode ficar tanto no singular quanto no plural desde que os numerais venham acompanhados de artigo.

- O diretor falou para os alunos da primeira e da segunda { série. / séries.
- Escutamos o primeiro e o segundo { movimento / movimentos } da sinfonia.
- A empresa ocupava o terceiro, o quarto e o quinto { andar / andares } do edifício.

Observação:

Se os numerais ordinais vierem desacompanhados de artigo ou se estiverem pospostos, o substantivo obrigatoriamente irá para o plural.

- A empresa ocupava terceiro, quarto e quinto **andares** do edifício.
- A empresa ocupava **os andares** terceiro, quarto e quinto do edifício.

7. O particípio passivo concorda com o seu sujeito passivo em gênero e número.

- Foram **postas** em discussão todas as propostas do novo diretor.
- Novas bolas e alguns enfeites haviam sido **comprados** antecipadamente.
- **Passadas** duas semanas do acidente, eles ainda não estavam recuperados.
- As novas ideias do grupo foram imediatamente **rejeitadas** pelo líder da excursão.

5.2.3 CASOS ESPECIAIS DE CONCORDÂNCIA NOMINAL

1. As palavras "MESMO, PRÓPRIO, LESO, QUITE, OBRIGADO, INCLUSO, ANEXO, QUALQUER" concordam com a palavra a que se referem.

- Elas **próprias** irão resolver o conflito.

- As flores, elas **mesmas** desabrocham para si **próprias.**
- A moça respondeu muito **obrigada.**
- Seguem **anexas** ao processo todas as cópias dos relatórios solicitados.
- Em suas ações, ele cometeu um crime de **lesa**-pátria.
- Todos estavam **quites** com o serviço militar.
- Iam **inclusas** as radiografias que ele tirara numa clínica do interior.
- **Quaisquer** que sejam as suas intenções, nós as rejeitamos antecipadamente.

Observação:

A expressão "em anexo" é invariável.

2. As palavras "MEIO, BASTANTE, CARO, BARATO, MUITO, POUCO, LONGE" ora funcionam como advérbios – invariáveis, portanto –, ora funcionam como adjetivos, numeral – no caso da palavra "meio" – ou pronomes adjetivos, concordando com o termo a que se referem.

- Paris é uma cidade muito **cara** para quem dispõe de **poucos** recursos.
  adjetivo pronome adjetivo
- Havia **bastantes** questões **bastante** difíceis na prova de Português.
  pronome adjetivo advérbio
- Já andei por **longes** terras à procura de um amor que mora **longe, muito longe.**
  adjetivo advérbios
- advérbio
  Aquelas frutas custaram **caro.** Em feira livre, geralmente eu compro frutas **baratas.**
  adjetivo
- Segundo Drummond, há portas por que só passam **meias** pessoas.
  numeral
- advérbio
  A mãe permanecia **meio** irrequieta porque o filho ainda não tinha dado notícias.
- pronome adjetivo advérbio adjetivo
  Muitas pessoas ficaram **meio** irritadas, porque compraram passagens **caras,** mas não embarcaram.
- **Poucas** pessoas conseguem ficar em pé depois que bebem **muito.**
  pronome adjetivo advérbio

pronome adjetivo numeral

- Já falei **bastantes** vezes que, quando ele falasse, evitasse as **meias** palavras, os **meios** termos.

numeral

3. As palavras "MENOS, ALERTA e PSEUDO" são invariáveis. Veja:

- Todos os soldados permaneceram **alerta.**
- Havia **menos** pessoas do que se esperava.
- No exame, encontraram-se bactérias **pseudo**filamentadas.

Não confunda a palavra ALERTA invariável com o substantivo ALERTA. Quando invariável, a palavra ALERTA denota modo, posição, situação. Observe:

substantivo

- Soaram dois **alertas** no corpo de bombeiros. Como todos os bombeiros estavam **alerta**, o socorro saiu rápido.

palavra invariável

4. A palavra "SÓ" ora funciona como advérbio – invariável – na acepção de "somente, apenas", ora funciona como adjetivo, significando "sozinho". Como adjetivo, concorda com o termo a que se refere.

- Todos permaneceram **sós** na sala iluminada.

adjetivo

- Pelo que nós sabemos, ela **só** vai se for de carro.

advérbio

advérbio adjetivo

- Era **só** isso que Paula e André esperavam: a família saiu e eles ficaram **sós** no apartamento.

Observação:

A expressão "a sós" é invariável. Significa "sozinho(s), sozinha(s).

- Ele preferiu ficar **a sós** na casa da prima.

expressão invariável

- As moças estiveram o tempo todo **a sós** no quarto.

expressão invariável

5. Expressões formadas pelo verbo SER mais um ADJETIVO (é bom, é preciso, é proibido, é permitido, é necessário etc.), obedecem às seguintes regras:

a) Quando o substantivo está empregado em sentido geral, abstrato, não específico – sempre aparece sem artigo, sem determinante – a expressão formada pelo verbo "ser" seguido de um adjetivo permanece invariável.

b) Quando o substantivo vem acompanhado por artigo ou por qualquer outro determinante, empregado em sentido específico, não geral, o adjetivo predicativo concorda com o seu sujeito.

adjetivo fica invariável

- Para quem gosta de cinema, é **necessário** presença de filmes nacionais.

↳ substantivo não precedido de artigo ou de determinante

adjetivo fica invariável

- Salsa, segundo os cozinheiros, é **bom** para tempero.

↳ substantivo não precedido de artigo ou de determinante

adjetivo fica invariável

- Na porta se lia o aviso: entrada é **proibido.**

↳ substantivo não precedido de artigo ou de determinante

adjetivo fica invariável

- É **preciso** cautela para abrir um pacote que não lhe pertence.

↳ substantivo não precedido de artigo ou de determinante

adjetivo concorda com o sujeito

- Em muitos países é **proibida** a entrada de cidadãos iraquianos.

↳ substantivo precedido de um determinante

adjetivo concorda com o sujeito ↴ ↱ Substantivo precedido de um determinante

- Como você diz que é **proibida** a reflexão sobre a relação entre os homens se reflexões é **necessário** à vida?

adjetivo fica invariável

6. Com as expressões "O MAIS POSSÍVEL / OS MAIS POSSÍVEIS, O MENOS POSSÍVEL / OS MENOS POSSÍVEIS, O PIOR POSSÍVEL / OS PIORES POSSÍVEIS", pode-se deixar o adjetivo e o artigo no singular ou flexionar-se no plural, simultaneamente, o artigo e o adjetivo.

- Eles trouxeram **as mais** geladas cervejas **possíveis.**
- Os argumentos apresentados eram **o mais** inverídicos **possível.**
- Sempre nos recebia com pratos **os** mais requintados **possíveis.**
- Em nossa viagem, passamos por ruas **o mais** esburacadas **possível.**

⇨ **Observação:**

Há uma terceira possibilidade de concordância em que se deixa apenas a palavra "possível" invariável. O artigo acompanhará o substantivo e o advérbio "mais" ficará posposto a este substantivo. Esta construção é, entretanto, pouco encontrada nos grandes escritores.

- Nós vimos **os** carros **mais** belos **possível** na última feira do automóvel.
- Na casa do tio João, podem-se colher **as** frutas **mais** saborosas **possível.**

7. Com as expressões ALGO DE / NADA DE / POUCO DE / MUITO DE/ UM QUÊ DE / QUE DE o adjetivo que as acompanha poderá tanto concordar com o sujeito quanto ficar invariável.

- Que de tão **sedutor** / **sedutoras** tinham aquelas garotas?
- As músicas tocadas tinham um quê de **melancólico** / **melancólicas.**
- Nossa vida nada tem de **trágico** / **trágica.**
- Os móveis adquiridos em um brechó pouco tinham de **antigo** / **antigos.**

8. Com a locução pronominal "tal qual", o "tal" concordará com o termo que o antecede enquanto o "qual" concordará com o termo que o sucede.

- Os filhos eram **tais qual** o pai.
- Os gramados da cidade pareciam **tais qual** um grande rio verde.

5.3 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

Concordância Nominal

1. (UM-SP)

I. Os brasileiros somos todos eternos sonhadores.

II. Muito obrigadas! Disseram as moças.

III. Sr. Deputado, V. Ex.ª está enganado.

IV. A pobre senhora ficou meia confusa.

V. São muito estudiosos os alunos e as alunas deste curso.

Há uma concordância inaceitável, de acordo com a gramática normativa:

a) em I e II.
b) em II, III e V.
c) apenas em II.
d) apenas em III.
e) apenas em IV.

2. (F. Cásper Liberto-SP) Faça a concordância.

"V.A. ... hoje, pois ... demais, caro Príncipe."

a) estais cansada, andou.
b) está cansado, andou.
c) estais cansado, andaste.
d) está cansado, andaste.

3. (FMIT-MG) Em todas as frases a concordância se fez corretamente, ***exceto*** em:

a) Os soldados, agora, estão todos atentos.
b) Ela possuía bastante recursos para viajar.
c) As roupas das moças eram as mais belas possíveis.
d) Rosa recebeu o livro e disse: "Muito obrigada".
e) Sairei de São Paulo hoje, ao meio-dia e meia.

4. (UFV-MG) Todas as alternativas abaixo estão corretas quanto à concordância nominal, **exceto***:*

a) Foi acusado de crime de lesa-justiça.
b) As declarações devem seguir anexas ao processo.
c) Eram rapazes os mais elegantes possível.
d) É necessário cautela com os pseudolíderes.
e) Seguiram automóveis, cereais e geladeiras exportados.

5. (UEL-PR) "Ao esforço e à seriedade ... ao estudo é que ... os louvores que ele tem recebido ultimamente."

   a) consagrado, devem ser atribuídos.
   b) consagrada, deve ser atribuído.
   c) consagrados, devem ser atribuídos.
   d) consagradas, deve ser atribuído.
   e) consagrados, deve ser atribuído.

6. (UFS-SE) "Já ... 8 horas quando se ... os debates sobre cinema e literatura..."

   a) seria – iniciou – brasileira.
   b) seria – iniciaram – brasileiras.
   c) seria – iniciou – brasileiros.
   d) seriam – iniciaram – brasileira.

7. (FCC-SP) Assinale a alternativa em que a concordância verbal e nominal está **correta.**

   a) Já é meio-dia e meia; faltam poucos minutos para começar a reunião.
   b) Comprei um óculos escuro nesta loja. Consegue-se bons descontos aqui.
   c) Vão fazer dez anos que trabalho aqui e ainda é proibido a minha entrada na sala da Diretoria!
   d) Duzentas gramas de queijo são demais para fazer torta.
   e) A gente fomos ao cinema no domingo e lá haviam amigos nossos na fila.

8. (FFCLBH-MG) Em todas as alternativas há problemas de concordância segundo a norma culta da linguagem, **exceto:**

   a) "O embarque de June surpreendeu a maioria das pessoas (aproximadamente 100) que foram ao Aeroporto Internacional do Rio, para a despedida do presidente." *(Folha de S. Paulo)*
   b) Compra-se lotes e casas.
   c) "... mesmo assim, ali está a vergonha escancarada da guerra, no quintal de todos que fazem questão de virar o rosto para o outro lado. O problema é este: não há o outro lado quando se domina as novas tecnologias." *(Folha de S. Paulo)*
   d) É proibido a entrada de menores de 18 anos em motéis.

9. (Unisinos-RS) O caso de concordância nominal ***inaceitável*** aparece em:

   a) Nunca houve divergências entre mim e ti.
   b) Ela tinha o corpo e o rosto arranhados.
   c) Recebeu o cravo e a rosa perfumado.
   d) Tinha vãs esperanças e temores.
   e) É necessário certeza.

10. (UFPel-RS) A alternativa em que são atendidas as normas de concordância da língua culta é:

    a) Precisamos ser benevolentes para com nós mesmos.
    b) Já tinham bastante motivos para voltar para casa.

c) Que houvesse ou não existido opiniões contraditórias não nos interessava naquele momento.
d) Sr. Ministro, V. Ex.ª sereis recebido com grande entusiasmo pela população.
e) Surgiu, na escuridão da noite, dois vultos enormes.

11. (UCS-RS)

a) Já **fazem** tantos anos assim?
b) Acho que **devem fazer** uns dez anos.
c) Vossas Excelências já **podeis** considerar o projeto aprovado.
d) Escolhe tu mesmo o que julgas ser melhor para **teu** futuro.
e) Escolhe você mesmo o que julgas ser melhor para o **teu** futuro.

12. (FEI-SP) Em qual declaração proibitória ocorre **incorreção** gramatical?

a) É proibida a entrada.
b) Proíbe-se a entrada de estranhos.
c) É proibido entrar.
d) A eles, foi-lhes proibida a entrada.
e) Proibir-se-á, fora do expediente, as entradas de todos os funcionários.

13. (UCS-RS) Nas questões que seguem, assinale a alternativa **correta**.

a) Às vezes **era solicitado** alguns trabalhos extraclasse.
b) Às vezes **era solicitados** alguns trabalhos extraclasse.
c) Às vezes **eram solicitados** alguns trabalhos extraclasse.
d) Às vezes **eram solicitados** alguns trabalhos extraclasse.
e) Às vezes **era solicitado** alguns trabalhos extraclasse.

14. (UFSCar-SP) Aponte a alternativa em que a concordância nominal **não** é adequada.

a) Obrigava sua corpulência e exercício e evolução forçada.
b) Obrigava sua corpulência a exercício e evolução forçados.
c) Obrigava sua corpulência a exercício e evolução forçadas.
d) Obrigava sua corpulência a forçado exercício e evolução.
e) Obrigava sua corpulência a forçada evolução e exercício.

15. (PUCC-SP) Assinale a alternativa em que **meio** funciona como advérbio.

a) Fica no meio do quarto.
b) Quero meio quilo.
c) Está meio triste.
d) Achei o meio de encontrar-te.
e) n.d.a.

16. (PUC-SP) Apenas uma alternativa preenche **corretamente** os espaços existentes na sentença abaixo.

"Não foi ... a pesada suspensão que lhe deram, porque você foi o que ... falhas apresentou; podiam ter pensado em outras penalidades mais ...".

a) justo, menas, cabível.
b) justa, menos, cabível.
c) justa, menos, cabíveis.
d) justo, menos, cabível.
e) justo, menas, cabíveis.

17. (ITA-SP) Assinale a alternativa **correta**.

"... muitos anos que compramos um compêndio e uma gramática ... para estudar a língua e a literatura ...".

a) Faz – volumoso – luso-brasileiras.
b) Deve fazer – volumosos – portuguesa.
c) Fazem – volumosos – portuguesa.
d) Devem fazer – volumosa – portuguesa.
e) Faz – volumosas – luso-brasileira.

18. (Fameca-SP) Observe a concordância:

1. Entrada proibida.

2. É proibido entrada.

3. A entrada é proibida.

4. Entrada é proibido.

5. Para quem a entrada é proibido?

a) A número 5 está incorreta.
b) A 4 e 5 estão erradas.
c) A 2 está errada.
d) Todas estão certas.
e) A 2 e 5 estão erradas.

19. (F. Objetivo-SP) Assinale a alternativa gramaticalmente **correta**.

a) O povo brasileiro anseia por uma constituição digna.
b) Era necessário a permanência do médico no hospital.
c) Aconteceu, durante a discussão do processo, graves distúrbios entre os parlamentares.
d) Sua discrição era digna de elogios, pois todos estavam ao par das dificuldades de se manter secreta a negociação.
e) Não mais se lê bons autores naquela escola.

20. (ITA-SP) Dadas as sentenças:

1. Reparem no que o conferencista está dizendo.

2. Devem haver muitas pessoas revoltadas naquele país.

3. Depois do que você me fez, acho que estamos quite.

Deduzimos que:

a) apenas a sentença n.º 1 está correta.
b) apenas a sentença n.º 2 está correta.
c) apenas a sentença n.º 3 está correta.
d) todas estão corretas.
e) n.d.a.

GABARITOS

Concordância Verbal

1 – A	2 – E	3 – E
4 – E	5 – B	6 – D
7 – E	8 – E	9 – A
10 – C	11 – C	12 – A
13 – A	14 – B	15 – B
16 – B	17 – A	18 – A
19 – A	20 – E	

Concordância Nominal

1 – E	2 – B	3 – B
4 – C	5 – C	6 – D
7 – A	8 – A	9 – C
10 – A	11 – D	12 – E
13 – D	14 – C	15 – C
16 – C	17 – B	18 – A
19 – A	20 – A	

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

CAPÍTULO 6

SINTAXE DE REGÊNCIA

Conversando: Ufa!! Creio que você já venceu a etapa da concordância. Se ainda não estudou o assunto "concordância", não se preocupe: pode estudar "regência" sem problemas, pois os assuntos não são interdependentes.

Teremos pela frente mais uma longa missão – entender as relações de dependência estabelecidas entre o verbo e o seu complemento e o nome e o seu complemento. Precisaremos compreender bem não só o aspecto sintático (função sintática), mas também o aspecto semântico (sentido), os quais envolvem as relações regenciais. Não se afobe! Dizem por aí, com frequência, ser o assunto de regência um dos mais difíceis da gramática. Discordo! Não confunda dificuldade com extensão – o nosso assunto é realmente longo, mas não é difícil. No entanto, para entender bem "regência verbal e nominal", você precisará de alguns outros conhecimentos: saber empregar bem os pronomes pessoais oblíquos, saber utilizar os pronomes relativos e, acima de tudo, conhecer "de cor e salteado" o assunto "transitividade verbal". Talvez por necessitar de outros assuntos, a regência tenha ganhado a fama de ser difícil. Portanto, uma sugestão: antes de continuar lendo o conteúdo abaixo, sugiro que revise os assuntos mencionados acima, se existirem dúvidas. E, então, mãos à obra! E não se esqueça de que a vitória é dos que persistem. Vamos lá!

6.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Inicialmente observe atentamente os exemplos abaixo:

- Após a cirurgia, o rapaz mostrava-se **apto** para todas as atividades.
  complemento para o adjetivo "apto"

- João **pegou** o dinheiro da indenização e **pagou** a todos os seus credores.
  complemento para o verbo "pegar" ⤴ ⬑ complemento para o verbo "pagar"

- Maria tinha grande **devoção** por aquele santo.
  Termo regente Termo regido

- Sempre **assistia** às apresentações do filho com grande emoção.
  Termo regente Termo regido

- O pai sempre **assistia** o filho em suas doenças típicas da infância.
  Termo regente ⤴ ⬑ Termo regido

Observe que alguns complementos são regidos por preposição e outros não. Nos dois últimos exemplos, houve mudança no sentido do verbo. Portanto, é este o objetivo da regência: estudar as relações de dependência estabelecidas entre um verbo ou um nome e os seus respectivos complementos.

6.2 REGÊNCIA VERBAL

Inicialmente vejamos outros exemplos para que possamos chegar a uma conclusão:

- Ele **cumpriu** o seu dever. (VTD) - Ele **cumpriu** com o seu dever. (VTI)

Alteração da transitividade sem alteração do sentido

- Deus **perdoa** o pecado. (VTD) - Deus **perdoa** ao pecador. (VTI)
- Deus **perdoa** o pecado ao pecador. (VTDI)

Alteração da transitividade sem alteração do sentido

- Eles não **procederam** bem na festa. (VI) - As ideias deles não **procederam**. (VI)

Mesma transitividade, mas sentidos diferentes.

- Eles **precisarão** de ajuda para a confecção do bolo. (VTI)
- Eles não **precisaram** a hora da festa. (VTD)

Alteração da transitividade com alteração do sentido

Observando o comportamento dos verbos em suas transitividades, chegamos a uma conclusão: a regência verbal depende do contexto em que o verbo se encontra.

Uma das perguntas frequentes que recebo em aula é: "Professor, como vou distinguir uma regência da outra? Como saberei se o verbo estará em tal ou qual sentido?" A resposta está na conclusão acima: o contexto. Será o contexto que denunciará o sentido e consequentemente a regência que o verbo adotará.

Estude agora mais algumas informações importantes para facilitar o entendimento sobre este assunto.

a) Lembre-se de que os verbos transitivos diretos exigem um complemento sem auxílio de uma preposição obrigatória e de que o objeto direto é frequentemente representado pelos pronomes oblíquos "o, a, os, as". Tais pronomes assumirão as formas "lo, la, los, las", caso o verbo termine em "r, s, z", letras estas que serão suprimidas. Por outro lado, se o verbo terminar em ditongo nasal, os oblíquos assumirão as formas "no, na, nos, nas". Veja:

▹ Ainda não $\underset{\text{VTD}}{\textbf{encontrou}}$ $\underset{\text{OD}}{\underline{\text{a fórmula adequada}}}$. = Ainda não $\underset{\text{OD}}{\textbf{a}}$ encontrou.

▹ É fundamental $\underset{\text{VTD}}{\textbf{adquirir}}$ $\underset{\text{OD}}{\underline{\text{alguns livros novos}}}$. = É fundamental adquiri-$\underset{\text{OD}}{\textbf{los}}$.

▹ Ele $\underset{\text{VTD}}{\textbf{traz}}$ $\underset{\text{OD}}{\underline{\text{o cachorro}}}$ consigo. = Ele $\underset{\text{OD}}{\textbf{o}}$ traz consigo.

b) Lembre-se também de que os pronomes oblíquos "me, te, se, nos, vos" podem exercer tanto a função de objeto direto quanto de objeto indireto. A função sintática deles dependerá da transitividade do verbo.

▹ Ela $\underset{\text{OD}}{\textbf{me}}$ $\underset{\text{VTD}}{\underline{\text{ama}}}$ demasiadamente.

▹ Ela $\underset{\text{OI}}{\textbf{me}}$ $\underset{\text{VTDI}}{\underline{\text{pediu}}}$ um grande favor.

▹ Eles $\underset{\text{OD}}{\textbf{nos}}$ $\underset{\text{VTD}}{\underline{\text{procuraram}}}$ ontem para $\underset{\text{VTDI}}{\underline{\text{fazer}}}$-$\underset{\text{OI}}{\textbf{nos}}$ algumas reclamações.

▹ Era importante $\underset{\text{OD}}{\textbf{te}}$ $\underset{\text{VTD}}{\underline{\text{encontrar}}}$ ainda hoje.

▹ Quero $\underset{\text{VTD}}{\underline{\text{dizer}}}$-$\underset{\text{OI}}{\textbf{te}}$ tanta coisa, meu amor!

c) Não se esqueça de que os pronomes oblíquos "lhe, lhes", quando completam o sentido de um verbo, sempre serão objetos indiretos de verbos transitivos indiretos ou de verbos transitivos diretos e indiretos. O objeto indireto

pode ser substituído não só pelos pronomes "lhe, lhes", mas também pelas formas tônicas "a ele, a ela, a eles, a elas".

- ▹ Jamais $\overset{\text{VTDI}}{\textbf{entregarei}}$ $\overset{\text{OI}}{\underline{\text{ao comendador}}}$ os documentos. = Jamais $\left\{\begin{array}{l}\text{lhe}\\ \text{a ele}\end{array}\right.$ entregarei os documentos.

- ▹ Ele $\underset{\text{VTI}}{\textbf{agradeceu}}$ $\underset{\text{OI}}{\underline{\text{aos familiares}}}$ pelo apoio. = Ele agradeceu $\left\{\begin{array}{l}\text{-lhes}\\ \text{a eles}\end{array}\right.$ pelo apoio.

➾ Observação:

No dia-a-dia, muitos são os erros em virtude do emprego inadequado dos oblíquos "lhe, lhes". Fique atento para não cometê-los. Veja:

- ▹ João, há quanto tempo não **lhe** $\overset{\text{VTD}}{\underline{\text{vejo}}}$! (O verbo "ver" é transitivo direto. **O correto é** "... não o vejo".)

- ▹ Ele **lhe** $\overset{\text{VTD}}{\underline{\text{ama}}}$ muito, Ana Cláudia. (O verbo "amar" é transitivo direto. **O correto é** "Ele a ama muito".)

- ▹ Ontem eu **lhe** $\overset{\text{VTD}}{\underline{\text{procurei}}}$ o dia todo. (O verbo "procurar" é transitivo direto. **O correto é** "Eu o procurei...".)

d) Cuidado!! À exceção de alguns verbos como "obedecer, desobedecer", a voz passiva só existe com "verbos transitivos diretos" e "verbos transitivos diretos e indiretos". Observe:

- ▹ Todas as tentações que o cargo propiciava **foram resistidas** por meu pai. (**Construção errada**)

O verbo "resistir" é transitivo indireto, não admite a voz passiva

- ▹ O jogo **está sendo assistido** por mais de um milhão de telespectadores. (**Construção errada**)

O verbo "assistir" é transitivo indireto, não admite a voz passiva.

Correções:

- ▹ Meu pai resistiu a todas as tentações que o cargo propiciava. (Voz ativa)
- ▹ Mais de um milhão de telespectadores estão assistindo ao jogo. (Voz ativa)

e) Lembre-se de que o fato de um verbo ser transitivo direto não impede que os nomes cognatos (de mesma raiz) exijam preposição. Portanto, fique atento e não confunda:

- É preciso **combater** a corrupção no Brasil.
  VTD
- É preciso que se aumente o **combate** à corrupção no Brasil.
  Substantivo cognato com preposição
- Todos devem **amar** a Pátria.
  VTD
- O **amor** à Pátria deve ser incondicional.
  Substantivo cognato com preposição

- O fogo **destruiu** todos os barracos da favela.
  VTD
- A **destruição dos** barracos da favela entristeceu a população.
  Substantivo cognato com preposição

- "Começou [Basílio] imediatamente a **louvar** a sua devoção." (Eça de Queiroz)
  VTD

- "... e entoar com ela hinos de **louvor a**o Todo-poderoso." (Bernardo Guimarães)
  Substantivo cognato com preposição

- VTD
  "Não **compreendi** então aquelas palavras, nem o tom com que foram proferidas." (José de Alencar)

- "Mas este outro incidente não é radicalmente necessário à **compreensão do** capítulo passado e **dos** futuros." (Machado de Assis)
  Substantivo cognato com preposição

- "Mme. Brizard não se fartava de **elogiar** a boa qualidade das fazendas." (Aluísio Azevedo)
  VTD

- "Com isso, e repetidos **elogios aos** outros jornalistas, adquiriu ele uma linda reputação." (Lima Barreto)
  Substantivo cognato com preposição

f) Em outras situações, é comum o nome cognato (de mesma raiz) apresentar regência idêntica à do verbo. Observe:

VERBO	NOME COGNATO
ir **a**	ida **a**
chegar a	chegada **a**
crer **em**	crente/crença **em**
depender **de**	dependência **de**
intervir **em**	intervenção **em**
cooperar **com**	cooperação **com**
coexistir **com**	coexistência **com**
inserir **em**	inserido/inserção **em**

g) Muitos verbos possuem formas pronominais (conjugadas com o auxílio de um pronome oblíquo) e não pronominais. Cumpre salientar que a forma pronominal, em muitas situações, exige um complemento com preposição. Observe:

VERBO NÃO PRONOMINAL	VERBO PRONOMINAL
aconselhar	aconselhar-se **com**
alegrar	alegrar-se **com**
aproveitar	aproveitar-se **de**
armar	armar-se **de**
carregar	carregar-se **de**
cercar	cercar-se **de**
comunicar	comunicar-se **com**
defender	defender-se **de, contra**
esquecer	esquecer-se **de**
lembrar	lembrar-se **de**
limitar	limitar-se **a**
recordar	recordar-se **de**

6.2.1 REGÊNCIA DE ALGUNS VERBOS – CASOS ESPECIAIS

Em seguida você encontrará uma lista, em ordem alfabética, dos mais comuns verbos utilizados na língua portuguesa com suas respectivas particularidades. Procure estudá-los aos poucos. Prossigamos!!

1. Abraçar

Possui as seguintes regências:

a) É verbo transitivo direto no sentido de "cingir, apertar com os braços".

- A mãe abraçou o filho pequeno por alguns minutos.
- Quando encontrou o amigo, abraçou-o fortemente.

b) É verbo transitivo direto no sentido de "adotar, seguir, escolher".

- O advogado abraçou a causa com fervor.
- Os povos bárbaros abraçaram o cristianismo.

➯ Observação:

A forma verbal "abraçar-se" é pronominal transitiva indireta e admite as preposições "a, em, com, contra".

- A filha se abraçou $\left[\begin{array}{l}\text{à}\\ \text{com a}\\ \text{na}\\ \text{contra a}\end{array}\right.$ mãe.

2. Agradar

a) É transitivo direto na acepção de "acariciar, acarinhar, fazer carinho".

- Com as mãos calosas, a mãe agradava o filho.
- Enquanto conversava, a menina agradava o seu cãozinho.

b) É transitivo indireto, exigindo a preposição "a", na acepção de "satisfazer, contentar, fazer agrado a".

- Parece que os bares da cidade não agradaram aos turistas.
- As palavras dele não lhe agradaram?

- "Agradava-lhe também muito a vizinhança, aquela doce quietação de subúrbio adormecido ao sol." (Eça de Queiroz)

3. *Agradecer*

a) É transitivo direto quando possui objeto direto de "coisa". Caso o objeto direto seja representado por "pessoa", este verbo será transitivo indireto exigindo a preposição "a".

- Agradeci imensamente aos amigos por causa da atenção que me deram.
- Nós agradecemos os presentes aos presentes à festa.
- O diretor da empresa agradeceu o auxílio que recebeu naquela hora difícil.

Observação:

Seguem essa mesma regência os verbos "pagar" e "perdoar", estudados mais à frente.

4. *Ajudar*

a) Com o sentido essencial de "auxiliar, prestar ajuda" é transitivo direto:

- Joana sempre procurou ajudar os mais próximos da família.
- Marcos, não se preocupe, todos vieram ajudá-lo.

b) Se ao verbo "ajudar" seguir-se um infinitivo transitivo, precedido da preposição "a", regerá o verbo ajudar um objeto direto ou objeto indireto indiferentemente.

- Eu sempre $\left\{\begin{array}{l} \text{o} \\ \text{lhe} \end{array}\right.$ ajudei a $\underset{\text{infinitivo transitivo}}{\underline{\text{comprar}}}$ os produtos de que precisava.
- Ajudaram $\left\{\begin{array}{l} \text{- nas} \\ \text{- lhes} \end{array}\right.$ a $\underset{\text{infinitivo transitivo}}{\underline{\text{guardar}}}$ as roupas limpas?

c) Se, porém, ao verbo "ajudar" seguir-se um infinitivo intransitivo, só poderá o verbo ajudar reger objeto direto.

- Ninguém **o** ajudou a $\underset{\text{infinitivo intransitivo}}{\underline{\text{sair}}}$ do buraco em que caíra.
- Se eu **o** ajudar a $\underset{\text{infinitivo intransitivo}}{\underline{\text{viver}}}$ melhor, será que ele me entenderá?

5. *Aspirar*

Apresenta as seguintes regências:

a) É um verbo transitivo direto na acepção de "respirar, sorver ar, inalar."

▹ Na sala, aspirava a poeira dos carpetes imundos.

▹ O perfume que aspiro traz-me boas recordações.

▹ No período junino, é bom não aspirar a fumaça das fogueiras.

b) É um verbo transitivo indireto exigindo a preposição "a" na acepção de "desejar, pretender, almejar". Apesar de transitivo indireto, este verbo rejeita os pronomes "lhe, lhes" para o objeto indireto; aceita apenas as formas tônicas analíticas "a ele, a ela, a eles, a elas".

▹ Em sua jornada, sempre aspirou **ao cargo** de gerente da empresa.
= "... sempre aspirou **a ele**...".

▹ A oportunidade **à qual** ele aspirava finalmente chegou.

▹ Jamais aspirei a estas honrarias. = "Jamais aspirei a elas".

6. *Assistir*

Apresenta quatro regências distintas:

a) É verbo transitivo indireto na acepção de "ver, presenciar, estar atento a". O objeto indireto deve vir encabeçado pela preposição "a". À semelhança do verbo "aspirar" no sentido de "desejar", rejeita os oblíquos "lhe, lhes" para o objeto indireto; aceita apenas as formas "a ele, a ela, a eles, a elas".

▹ Nunca mais assisti a um bom jogo de futebol. = Nunca mais assisti a ele.

▹ A missa a que ela assistiu foi rezada pelo Pe. Paulo Campos.

▹ Ontem assistimos à inauguração da quadra de esportes.

⇨ **Observações:**

Este verbo, na linguagem coloquial, é quase sempre usado sem a preposição.

▹ Ontem eu assisti o jogo.

▹ Eles irão assistir os comícios em uma cidade vizinha.

Mais uma vez não se esqueça de que este verbo, para a linguagem formal – aquela exigida, por exemplo, para os concursos, as comunicações formais –, é transitivo indireto; não aceita a voz passiva e o objeto indireto de terceira pessoa deverá vir sob a forma dos pronomes "a ele, a ela, a eles, a elas". Veja:

▹ A aula será à tarde. Foi ótima a alteração, pois eu vou poder assisti-**la**. (Construção errada)

Corrija-se para...

▹ A aula será à tarde. Foi ótima a alteração, pois eu vou poder assistir **a ela**.

▹ O jogo **está sendo assistido** por vários espectadores. (Construção errada. Não admite voz passiva)

Corrija-se para...

▹ Vários espectadores estão assistindo ao jogo.

Vale ressaltar também que os verbos "VER, OLHAR, ESPIAR, ESPREITAR, ENXERGAR, OBSERVAR" são transitivos diretos.

▹ Ontem eu passei a tarde inteira lhe observando. (Construção errada)

Corrija-se para...

▹ Ontem eu passei a tarde inteira $\left[\begin{array}{l}\text{o}\\ \text{a}\end{array}\right.$ observando.

b) No sentido de "ajudar, prestar assistência, auxiliar, socorrer" é indistintamente verbo transitivo direto ou verbo transitivo indireto. Como transitivo indireto exige a preposição "a".

▹ Durante o resgate, alguns transeuntes assistiram $\left[\begin{array}{l}\text{os}\\ \text{aos}\end{array}\right.$ familiares das vítimas.

▹ Na cirurgia, ele foi assistido por um dos melhores cirurgiões da capital pernambucana.

▹ Deus é bom, porque assiste $\left[\begin{array}{l}\text{às}\\ \text{as}\end{array}\right.$ viúvas.

c) Na acepção de "caber, pertencer direito ou obrigação" é um verbo transitivo indireto e exige a preposição "a".

▹ Ao dono do estabelecimento não assiste o direito de reclamar dos clientes mais exigentes.

▹ Este é um direito que assiste a todos os consumidores. = Este é um direito que lhes assiste.

▹ A eles não devem assistir estas novas cláusulas.

d) No sentido de "morar, residir" (regência pouco usual), é um verbo intransitivo. Exige o acompanhamento de um adjunto adverbial encabeçado pela preposição "em".

▹ Hoje já não mais assisto no bairro da Boa Vista.

▹ A cidade em que ele assiste fica a poucos quilômetros da capital.

7. Atender

Possui as seguintes regências:

a) Com o sentido de "dar ou prestar atenção, ser atencioso, cuidar, servir" é indistintamente transitivo direto ou transitivo indireto. Neste último caso, exige a preposição "a".

▹ Ele sempre atende $-\left[\begin{array}{l}\text{os}\\ \text{aos}\end{array}\right.$ amigos em sua casa de praia.

▹ O melhor aluno da sala sempre atendia $-\left[\begin{array}{l}\text{às}\\ \text{as}\end{array}\right.$ explicações dos professores.

▹ Dr. João sempre atende $-\left[\begin{array}{l}\text{o}\\ \text{ao}\end{array}\right.$ telefone em seu escritório.

b) Quando significa "atentar, concentrar a atenção", é um verbo transitivo indireto e exige as preposições "a", "em" ou "para".

▹ Faleceu porque não atendeu aos sintomas iniciais da doença.

▹ Ele sempre atendia para os conselhos dos mais velhos.

➾ **Observação:**

Se o complemento desse verbo for um pronome oblíquo átono, obrigatoriamente assumirá a regência transitiva direta.

▹ O presidente atendeu $-\left[\begin{array}{l}\text{os}\\ \text{aos}\end{array}\right.$ grevistas.

Mas apenas...

▹ O presidente $\underset{\text{VTD}}{\underline{\text{atendeu}}}$-os.

8. Chamar

Apresenta as seguintes regências:

a) No sentido de "mandar vir, convocar" é um verbo transitivo direto.

▹ O diretor chamou os empregados para uma reunião de urgência.

▹ Os meninos, chamei-os, mas até agora não vieram.

b) No sentido de "invocar, clamar", é um verbo transitivo indireto. O objeto indireto requer a preposição "por".

▹ Nas horas difíceis, ele costuma chamar por Nossa Senhora das Dores.

▹ Naquele momento, chamei por Ele, e o Senhor Jesus me ouviu.

☞ **Observação:**

Alguns autores consideram a preposição "por" como um recurso de ênfase para o objeto direto que, nesse caso, seria preposicionado. Não nos parece a melhor análise, uma vez que o sentido do verbo é diferente da primeira regência (mandar vir, convocar).

c) Já na acepção de "cognominar, apelidar, alcunhar, qualificar, tachar", será, indistintamente, verbo transitivo direto ou verbo transitivo indireto. Vem sempre acompanhado de um predicativo do objeto que poderá ou não ser encabeçado por uma preposição. Observe as possibilidades de construção a partir de uma informação dada:

▹ Ninguém disse que ele é mentiroso. –

Ninguém o chamou mentiroso.
Ninguém o chamou de mentiroso.
Ninguém lhe chamou mentiroso
Ninguém lhe chamou de mentiroso.

▹ Na reunião, chamaram-no (de) incompetente.

OU

▹ Na reunião, chamaram-lhe (de) incompetente.

☞ **Observação:**

Esta é a única regência na Língua Portuguesa (verbo "chamar" na acepção de "cognominar, apelidar, tachar") que admite um predicativo para um objeto indireto.

9. *Chegar / Ir / Dirigir-se*

Esses verbos possuem regências idênticas:

No sentido de "atingir um determinado lugar, deslocar-se para" são, no padrão formal da língua, verbos intransitivos. Exigem a presença de um adjunto adverbial de lugar introduzido, obrigatoriamente, pela preposição "a".

▹ Os três rapazes chegaram a casa totalmente exaustos.

▹ O aeroporto a que ele chegou estava com vários voos atrasados.

▹ Aonde devo me dirigir para obter informações?

▹ Todos devem ir à festa do amigo hoje à noite.

➭ **Observações:**

Na linguagem coloquial, os verbos "chegar" e "ir" são usados com a preposição "em". Ressalte-se que esta construção não se amolda à linguagem padrão, formal.

▹ Parece que ele foi no banheiro.

Corrija-se para...

▹ Parece que ele foi ao banheiro.

▹ Quando chegar em casa, tomarei um banho.

Corrija-se para...

▹ Quando eu chegar a casa, tomarei um banho.

No emprego diário, usa-se o verbo "ir", indistintamente, com as preposições "a" ou "para". Para o padrão formal da língua, entretanto, "ir a" deve ser usado quando se denota a ideia de "lá não se demorar, de não estabelecer lá a residência". Já a regência "ir para" indica a intenção de "permanência definitiva, de estabelecer-se a residência no local".

Assemelham-se aos verbos acima os verbos que indicam estaticidade, já que requerem a presença de adjuntos adverbiais. Entretanto, enquanto os verbos de movimento (chegar, ir, dirigir-se) pedem a preposição "a", os verbos estáticos (morar, residir, habitar, viver etc.) exigem geralmente a preposição "em". Observe:

▹ Nunca mais chegou ninguém a esta cidade. (chegar a...)

▹ Ele reside em uma velha casa. (residir em...)

10. Custar

Apresenta as seguintes regências:

a) No sentido de "ter preço, valor ou custo" é geralmente um verbo intransitivo. É frequente que, nesta regência, ele venha acompanhado de um adjunto adverbial de preço ou de valor.

▷ A casa custou vinte mil reais.

▷ Este candelabro custou muito.

b) É um verbo transitivo direto e indireto na acepção de "trazer como consequência, acarretar" é um verbo transitivo direto e indireto.

▷ A imprudência custou-lhe lágrimas amargas.

▷ As vitórias custaram ao time meses e meses de treinamento.

c) Já no sentido de "ser custoso, ser difícil" é um verbo transitivo indireto. O sujeito deste verbo, para o padrão formal da língua, será uma oração subordinada subjetiva, reduzida de infinitivo que poderá ou não vir precedida de uma preposição. O objeto indireto requer a preposição "a". Observe atentamente os exemplos:

▷ Os antigos custaram a aceitar que o homem foi à lua. (Construção errada)

Corrija-se para...

▷ **Custou** aos antigos aceitar que o homem foi à lua.
VTI OI sujeito = oração reduzida

▷ Muitos alunos custam a entender a regência deste verbo. (Construção errada)

Corrija-se para...

▷ **Custa** aos alunos entender a regência deste verbo.
VTI OI sujeito = oração reduzida

▷ Já pensou em quanto lhe **custaria** estudar vários anos para concurso?
OI VTI sujeito = oração reduzida

11. Ensinar

Apresenta as seguintes regências:

a) No sentido de "educar, adestrar", é verbo transitivo direto.

▸ No colégio, ele sempre ensinou as crianças pequenas.

▸ Quando os ensinava, fazia o que sabia de melhor.

b) No sentido de "dar instrução a, transmitir conhecimento a", é um verbo transitivo direto e indireto; o objeto direto deverá ser "de coisa" e objeto indireto "de pessoa". Este virá precedido pela preposição "a".

▸ Sempre ensinou tudo o que sabia aos seus pupilos.

▸ Nas horas livres, ensinava-lhes composições clássicas.

▸ "O Vasques ensinava-lhe as declinações latinas, sobretudo a cartilha..." (Eça de Queiroz)

➾ **Observação:**

Quando a coisa ensinada vem expressa por meio de um infinitivo precedido da preposição "a", admitem-se as seguintes construções:

▸ Durante muito tempo, ensinou $\left[\begin{array}{l}\text{-os}\\ \text{-lhes}\end{array}\right.$ $\underset{\text{infinitivo precedido da preposição "a"}}{\underline{\text{a caminhar com as próprias pernas}}}$.

12. Esquecer / Lembrar

a) Os verbos "esquecer" e "lembrar" são transitivos diretos na acepção de "sair da lembrança ou vir à lembrança" respectivamente. Nessa acepção, também podem aparecer como transitivos indiretos pronominais (esquecer-se, lembrar-se). O objeto indireto será precedido da preposição "de".

▸ Ele ainda não $\overset{\text{VTD}}{\textbf{esqueceu}}$ $\overset{\text{OD}}{\underline{\text{o acidente}}}$.

OU

▸ Ele ainda não **se** $\overset{\text{VTI}}{\textbf{esqueceu}}$ $\overset{\text{OI}}{\underline{\text{do acidente}}}$.

▸ Não $\overset{\text{VTD}}{\textbf{esqueça}}$, meu bem, $\overset{\text{OD}}{\underline{\text{o meu amor}}}$ por você.

OU

▸ Não **se** $\overset{\text{VTI}}{\textbf{esqueça}}$, meu bem, $\overset{\text{OI}}{\underline{\text{do meu amor}}}$ por você.

VTD OD

▹ Ele **lembrou** o meu aniversário na última hora.

OU

VTI OI

▹ Ele **se lembrou** do meu aniversário na última hora.

⇨ Observação:

Quando transitivos indiretos pronominais, o pronome que acompanha o verbo não possui função sintática. Ele é parte integrante do verbo e acompanha o verbo em todas as conjugações.

▹ Jamais **nos esquecemos** dos conselhos dados por nosso pai.

▹ Acho que, quando vós **vos lembrardes** das ideias, já estaremos longe daqui.

b) No sentido de "cair no esquecimento" ou "vir à lembrança" estes verbos apresentam uma regência culta, literária e pouco usual. O que é objeto direto e indireto nos exemplos acima passa a ser o sujeito. Os verbos "esquecer" e "lembrar" serão usados como transitivos indiretos.

VTI OI SUJEITO

▹ **Esqueceram**-nos boa parte dos conselhos dados por nosso chefe. (Isto é ⇨ Boa parte dos conselhos dados por nosso chefe caíram no nosso esquecimento.)

VTI OI SUJEITO

▹ No último instante, **lembraram**-me muitas das lições passadas pelo professor de Direito Constitucional.

Ufa!! Chegamos praticamente à metade de nossa lista de verbos. Sugiro que pare um pouco. Descanse alguns minutos (alguns minutos, viu?!?!) e retorne para sua jornada. Vamos lá... mais uma vez!

13. Haver

É, sem dúvida, um dos verbos mais interessantes da língua portuguesa. Várias são as suas regências. Vejamos:

a) O verbo "HAVER" no sentido de "existir, acontecer, ocorrer, realizar-se" é transitivo direto. Não possui sujeito, devendo ficar na terceira pessoa do singular.

- Houve muitos aventureiros naquela cidade. ⇒ (Existiram muitos aventureiros...)

- Quando há tragédias, muitos setores da sociedade se mobilizam. ⇒ (Quando acontecem tragédias...)

- Tem havido muitas invasões a prédios públicos abandonados nos últimos tempos. (Locução verbal ⇒ perceba que o verbo auxiliar também se torna impessoal).

- Não pode haver honestos em terra de corruptos.

- Vai haver muitos inscritos para o Congresso de Direito de Família.

- Por ser noite, não deveria haver tantas crianças presentes no evento.

b) o verbo HAVER no sentido de "passar-se, ter decorrido (tempo)", é um verbo transitivo direto. Nesta acepção ele também é impessoal, ou seja, não possui sujeito e deve, por convenção, ficar na terceira pessoa do singular.

- Havia duas décadas que não ocorria aquele fenômeno.

- Há três horas que eu a espero.

c) O verbo HAVER é um verbo transitivo direto e indireto quando empregado no sentido de OBTER, CONSEGUIR.

- Os rapazes houveram da direção a autorização para o uso da quadra de esportes. (Leia-se: Os rapazes obtiveram / conseguiram da direção a autorização.)

- De quem houveram esses advogados aquelas terras? (Leia-se: Os advogados obtiveram / conseguiram aquelas terras de quem?)

Observe que o verbo HAVER, no caso acima e nos demais casos abaixo, flexiona-se normalmente para concordar com o seu sujeito.

d) O verbo HAVER empregado no sentido de "CONSIDERAR, JULGAR" é um verbo transitivo direto.

- A justiça não houve por verdadeira a confissão do réu. (Leia-se: A justiça não considerou...)

- Os professores haviam-no como o melhor da turma. (Leia-se: Os professores julgavam-no...)

e) O verbo HAVER-SE (pronominal) no sentido de "PORTAR-SE, PROCEDER, COMPORTAR-SE, SAIR-SE BEM OU MAL" é intransitivo. Pede acompanhamento de um adjunto adverbial de modo.

- Os candidatos não se houveram bem na prova. (Leia-se: Os candidatos não se saíram bem...)
- A filha do prefeito sempre se havia de modo inconveniente nas festas de que participava. (Leia-se: A filha do prefeito sempre se comportava de modo inconveniente...)

f) O verbo HAVER é também transitivo direto no sentido de "TER, POSSUIR".

- Hajamos paz e o mundo certamente melhorará. (Leia-se: Tenhamos paz e...)
- Se houvesses mais coragem, agirias de outra forma. (Leia-se: Se tivesses mais coragem...)

g) O verbo HAVER-SE (Pronominal) no sentido de "AJUSTAR CONTAS, ENTENDER-SE, ARRANJAR-SE" apresenta transitividade indireta – exige a preposição "com":

- Parece que ele já se houve com todos os credores. (Leia-se: Parece que ele já ajustou contas com...)
- Será complicado se tu não te houveres com aqueles que magoaste. (Leia-se: ...se tu não te entenderes...)

h) O verbo HAVER-SE (Pronominal) no sentido de "DEPARAR-SE, LIDAR, TRATAR" é transitivo indireto. Exige a preposição "com".

- Sempre que chegava ao escritório, havia-se com a secretária do presidente. (Leia-se:... lidava com...)
- Quando estagiava, havia-se com crianças excepcionais. (Leia-se: Quando estagiava, deparava-se com...)

14. Implicar

Este verbo apresenta as seguintes regências:

a) No sentido de "embirrar, ter implicância com", é transitivo indireto. O objeto indireto exige a preposição "com".

- Por que implicas tanto com a tua sogra?
- A pessoa com quem ele sempre implicou tornou-se seu chefe.

b) Será um verbo transitivo direto e indireto, exigindo a preposição "em" para o objeto indireto, na acepção de "envolver-se, comprometer-se, enredar-se, emaranhar-se".

- A CPI dos bingos implicou o ex-ministro em atividades criminosas.
- Implicaram-no em negócios escusos.

c) No sentido de "ocasionar, trazer como consequência, acarretar" consolidou-se como verbo transitivo direto.

- Cuidado, pois suas atitudes podem implicar sua demissão.
- Liberdade sempre implicou responsabilidade.
- Viver sempre implicará correr riscos.

⇨ **Observação:**

Nesta acepção "ocasionar, trazer como consequência, acarretar", a evolução trouxe uma regência nova "implicar em", resultante da influência de verbos mais ou menos sinônimos, como "importar em", "redundar em", "reverter em" e "resultar em". Além do mais, é uma tendência da língua, como já vimos, repetir (uso pleonástico) a preposição cognata do prefixo (*assistir a, depender de, empregar em, incidir em, incorrer em*). Embora seja combatida por alguns conservadores, esta regência (usando as palavras do professor Rocha Lima) "está ganhando foros de cidade na língua culta". Logo, hoje são plenamente aceitas, como corretas, as construções abaixo:

- Sua forma de jogar implicou em sua dispensa do time.
- "... a dicionarização de um neologismo...implicará em nova ortografia para o termo enquadrado em tal caso." (Caldas Aulete, Dic. Contemp. da Língua Portuguesa)
- "Casamento implica em responsabilidade." (Celso Cunha, Dic. Prático de Regência Verbal)

15. Importar Eis um verbo bastante interessante, porque apresenta várias regências. Vamos estudar as principais:

a) No sentido de "fazer vir (mercadorias), trazer para dentro" é empregado como transitivo direto.

- Os noivos **importaram** óleos e essências naturais para usar durante a lua de mel.
- Neste ano, ainda pretende **importar** inúmeros objetos fabricados na China.
- No próximo ano, **importaremos** mais frutas frescas e menos carne bovina.

b) No sentido de "dar importância, fazer caso" é um verbo pronominal, transitivo indireto (importar-se) e exige comumente a preposição "com" para o seu complemento, embora as preposições "de" ou "em" também possam ser usadas.

- "... mas eu não me **importo** com isso." (Machado de Assis)
- "Lenita, apressada, correu sem se **importar** com os ramos que lhe açoitavam." (Júlio Ribeiro)

c) Já no sentido de "ser importante, útil ou necessário, ter importância" é empregado tanto como intransitivo quanto como transitivo indireto com a preposição "a". Cumpre salientar que, nesse sentido, o sujeito vem geralmente posposto ao verbo; por isso é importante não o confundir com um objeto direto.

- "Que lhe **importavam** os rios? Eram grandes? Pois que fossem..." (Lima Barreto)
  VTI sujeito
- "Decerto, decerto, pouco **importa** que um visionário se diga messias e filho de Deus." (Eça de Queiroz)
  VI sujeito
- "Isso pouco **importa**; estou agora bem satisfeita." (Bernardo Guimarães)
  sujeito VI
- VTI sujeito
  "Pouco **importavam** a ela os móveis cobertos de poeira e de fuligem das locomotivas." (Adolfo Caminha)

d) No sentido de "acarretar, implicar, resultar, trazer como consequência" pode hoje ser usado tanto como transitivo direto quanto como transitivo indireto com a preposição "em". Esta última regência foi combatida por muitos puristas da língua, mas hoje se consolidou, conforme se percebe nas palavras do mestre Rui Barbosa: "Esta construção [importar em] na língua viva de hoje se estende ao sentido de acarretar."

- "Sua imprudência **importou** em descrédito pessoal." (Celso P. Luft – Dic. Prático de Regência)
- "Toda a restrição à publicidade **importa**, logo, em embaraço de circulação." (Rui Barbosa)
- "Mas essa reconciliação **importava** a entrada triunfal do Cavaleiro na quieta casa do Barrolo..." (Camilo C. Branco)

e) Com o sentido de "atingir o custo de, redundar" deve ser empregado como transitivo indireto com a preposição "em" para o seu complemento.

- A construção da casa importou em vários milhões de dólares.
- "O total dos gastos importou em mil reais." (Dic. Eletrônico Houaiss)

16. Informar (Alertar / Notificar* / Avisar* / Cientificar* / Anunciar*)*

* Seguem a mesma regência do verbo informar.

a) No sentido de "comunicar, dar esclarecimento" é geralmente usado como verbo transitivo direto e indireto. Admite as seguintes construções:

Informar
VTDI

algo — a alguém
OBJETO DIRETO — OBJETO INDIRETO

alguém — de / sobre algo
OBJETO DIRETO — OBJETO INDIRETO

- Nós sempre os informamos sobre os problemas.

  OU
- Nós sempre lhes informamos os problemas.
- Avisaram ao dono do estabelecimento ontem à noite o assalto.

  OU
- Avisaram o dono do / sobre o assalto.
- Notificaram-lhe que a audiência será na próxima semana.

  OU
- Notificaram-no de que a audiência...
- Se ele os alertasse do / sobre o problema, talvez não tivesse tanto prejuízo.
- "Affonso assombrou Villaça anunciando-lhe que decidira vir habitar o Ramalhete!" (Eça de Queiroz)

b) O verbo informar também pode aparecer apenas como transitivo direto na acepção de "dar informações, dar notícias".

- Os jornais são o meio de comunicação que mais **informa** o público em geral.

  VTD — OD

17. Namorar

a) Para a linguagem formal – mais clássica –, este verbo é transitivo direto na acepção de "cortejar, galantear, requestar". Na linguagem mais moderna, entretanto, este verbo tem se consolidado como transitivo indireto, exigindo a preposição "com" para o objeto indireto, à semelhança de "casar, noivar", conforme atestam grandes estudiosos da nossa língua, como os mestres Aurélio Buarque, Antônio Houaiss, Celso Pedro Luft e Antenor Nascentes. Ademais, o substantivo cognato "namoro" admite a preposição "com" para o seu complemento. Por isso, o verbo namorar pode ser usado, modernamente, tanto como transitivo direto quanto como transitivo indireto.

- Havia uma moça em nossa cidade que só namorava os (ou "com os") rapazes de dinheiro.
- A filha do prefeito, o Sr. Joaquim dos Santos namorou-a (ou "com ela") durante muito tempo.

➭ **Observação:**

O verbo "casar" pode ser usado com as seguintes regências:

a) Intransitivo → Maria casou na Europa.

b) Transitivo direto → "Casa o filho quando quiseres, e a filha quando puderes." (Dito popular)

c) Transitivo indireto com a preposição "com" → Se eu pudesse, eu casaria com Lúcia.

d) Transitivo direto e indireto (pronominal), exigindo a preposição "com" → Ele deve casar-se na próxima semana com Maria Joaquina.

18. Necessitar

No sentido de "ter ou sentir necessidade" é indistintamente transitivo direto ou transitivo indireto. Neste último caso, o objeto indireto virá encabeçado pela preposição "de".

- Ele sempre necessitou da ajuda dos amigos para obter as coisas na vida.

  ou

- Ele sempre necessitou a ajuda dos amigos para obter as coisas na vida.
- A ferramenta de que ele necessitou estava com um primo distante.

  ou

- A ferramenta que ele precisou estava com um primo distante.

➾ **Observação:**

No dia-a-dia, este verbo tem se consolidado com a regência transitiva indireta "NECESSITAR DE".

19. Obedecer / Desobedecer

Consolidaram-se em nossa Língua Portuguesa como verbos transitivos indiretos. O objeto indireto requer a preposição "a".

- Era um grande escritor, pois as palavras sempre lhe obedeciam.
- Nunca desobedeça às regras impostas por seus superiores.
- A pessoa a quem mais ele obedecia era a sua avó.

➾ **Observação:**

Embora transitivos indiretos, esses verbos admitem a voz passiva em virtude de seus antigos regimes transitivos diretos.

- Ele era obedecido por todos na empresa.

20. Pagar / Perdoar

Esses verbos possuem uma regência bastante interessante:

a) São transitivos diretos quando o objeto direto é representado por "coisa".

b) São transitivos indiretos, exigindo a preposição "a" para o objeto indireto, quando este é representado por "pessoa".

- Sempre **paguei** os meus compromissos em dia. ➾ Sempre **os** paguei em dia.
  VTD OD de coisa
- Jamais **perdoarei** a sua displicência. ➾ Jamais **a** perdoarei.
  VTD OD de coisa
- Sempre **paguei** aos meus credores em dia. ➾ Sempre **lhes** paguei em dia.
  VTI OI de pessoa

VTI OI de pessoa
- Jamais **perdoarei** a você, Jéssica Roberta. ➾ Jamais **lhe** perdoarei, Jéssica Roberta.

- Crimes de guerra, como posso perdoá-**los**? ⇒ Aos filhos, sempre se deve perdoar-**lhes**.

c) Também podem ser usados como transitivos diretos e indiretos.

OI VTDI OD

- Jamais lhe **perdoarei** aquela falta.

VTDI OD OI

- Não **pagarei** um tostão sequer àquele incompetente.

⇒ Observações:

a) Cuidado com esses verbos quando estiverem associados a um "SE". Observe:

Partícula apassivadora

- Não se **perdoam** com facilidade erros cometidos propositadamente.

VTD sujeito passivo

Índice de indeterminação do sujeito

- Não se **perdoa** com facilidade aos trabalhadores incompetentes e irresponsáveis.

VTI objeto indireto

Sujeito Partícula apassivadora

- As contas que ontem pela manhã se **pagaram** já foram remetidas para a contabilidade.

VTD

OI Índice de indeterminação do sujeito

- As pessoas às quais ontem pela manhã se **pagou** deixaram a empresa hoje.

VTI

b) O verbo "perdoar" admite a voz passiva.

- Eles foram perdoados pelo presidente da empresa.

21. Precisar

Este verbo apresenta duas regências:

a) No sentido de "ter precisão, carecer", tanto pode ser transitivo direto (regência pouco usual) quanto transitivo indireto com a preposição "de".

- Nunca mais ele precisou
  - dinheiro.
  - de dinheiro.

- Quem não tem farinha não precisa
  peneira.
  de peneira.
  (Dito popular).

- Os livros
  que
  de que
  ele precisava foram emprestados ao filho do Sr. Rubião.

b) É um verbo transitivo direto na acepção de "marcar com precisão, estipular tempo".

- Os noivos ainda não precisaram a data do casamento.
- O Banco Central ainda não precisou o montante de dinheiro roubado pelos ladrões.

22. Preferir

Apresenta as seguintes regências:

a) Na acepção de "dar preferência ou primazia a, gostar mais de, escolher ou querer antes" é transitivo direto e indireto, exige a preposição "a". Neste sentido, não admite a presença dos termos intensificadores "mais... (do) que...", por exemplo, já que a própria semântica do verbo, por si só, já indica essa intensificação.

- Aos domingos, Sr. João preferia ficar em casa a ir ao shopping com a família.
- Ele sempre prefere laranja a maçã para o café da manhã.

  ou

- Ele sempre prefere a laranja à maçã...
- Quando se trata de estudo, prefiro o dia à noite para fazer qualquer curso.
- Eu prefiro que critiquem a que se mantenham calados, inertes e indiferentes.

⇨ Observação:

As construções abaixo são consideradas erradas pela gramática normativa, embora sejam bastante usuais na linguagem cotidiana.

- Prefiro antes comer frutas a beber suco.
- Preferia muito mais estudar do que trabalhar.
- Ele prefere mil vezes arroz com feijão do que macarronada.
- Ele deve preferir correr do que nadar nos finais de semana.

b) Esse verbo também pode ser usado unicamente como transitivo direto também na acepção de "optar, escolher".

- ▹ Entre arroz e macarrão, já disse que prefiro macarrão.
- ▹ Ele prefere que todos fiquem até o final da festa.

23. Proceder

Apresenta as seguintes regências:

a) É um verbo intransitivo no sentido de "ter fundamento, mostrar-se verdadeiro".

- ▹ Todas as acusações dela não procediam.
- ▹ Como o boato não procedesse, ele foi desconsiderado por todos.

b) É intransitivo na acepção de "comportar-se, portar-se, conduzir-se". Sempre virá acompanhado de um adjunto adverbial de modo.

- ▹ A filha do prefeito não procedeu bem na festa.
- ▹ Sr. Joaquim sempre procede com honestidade.

c) É também intransitivo no sentido de "originar-se, provir, derivar". É sempre acompanhado de um adjunto adverbial de lugar.

- ▹ De onde o amigo procede?
- ▹ A língua portuguesa procede do latim.

d) É um verbo transitivo indireto, exigindo a preposição "a", quando empregado no sentido de "dar início, principiar, começar, realizar."

- ▹ O TRE procedeu aos trabalhos de apuração dos votos às 17h.
- ▹ O inquérito policial a que ele procedeu perfez 500 páginas.
- ▹ A professora procedeu à chamada dos alunos às 14h.

Cuidado com esta última regência do verbo proceder. Observe:

Partícula apassivadora

▹ **Iniciaram**-se os trabalhos de apuração dos votos.

VTD sujeito passivo

Mas...

Índice de indeterminação do sujeito

▹ Procedeu-se aos trabalhos de apuração dos votos.

VTI objeto indireto

24. Querer

Apresenta duas regências bastante comuns:

a) No sentido de "ter, possuir, desejar, pretender" é empregado como transitivo direto.

▹ Ele sempre quis um carro do ano e finalmente conseguiu.

▹ Manoel sempre queria uma oportunidade a mais, mas não lhe davam.

▹ Os patrões sempre a queriam de bom humor.

b) É um verbo transitivo indireto, exigindo a preposição "a", no sentido de "amar, gostar de, ter afeto".

▹ Ele tinha uma filha a quem muito queria.

▹ Eu muito lhe quero, minha mãe.

▹ Eu quero muito bem àquela moça.

25. Responder

Destacam-se as seguintes regências:

a) É transitivo direto e indireto no sentido de responder alguma coisa a alguém:

▹ Ao ser questionado, respondeu-lhes que aceitaria o contrato sem problemas.

▹ O professor certamente responderá aos alunos as eventuais dúvidas.

▹ "Quando perguntei por que motivo ninguém o via há um mês, respondeu-me que estava passando por uma transformação." (Machado de Assis)

b) É transitivo indireto no sentido de dar a resposta, de responder a uma carta, a uma pergunta, a um questionário etc. Neste caso, exigirá a preposição "a".

- Responde a todas as perguntas por mais difíceis que sejam.
- Fez-me uma série de perguntas a que não sei responder.
- "Começou São Domingos a levantar as questões, e o demônio ponto por ponto a responder a elas." (Pe. Antônio Vieira)

26. Simpatizar / Antipatizar

Esses verbos apresentam regências idênticas.

São verbos transitivos indiretos e exigem preposição "com", significando "ter ou sentir simpatia, agradar-se". Não são pronominais. Veja:

- Durante muito tempo, ele não simpatizou com o seu chefe.
- A pessoa com quem ele antipatizava foi transferida para outra empresa.
- Se eu simpatizasse com todos os alunos, seria uma professora mais alegre, mais verdadeira.

➾ **Observação:**

As construções abaixo são inadmissíveis para o padrão formal, porque tais verbos não são pronominais.

- Ele não se simpatizou com os colegas. (Errado)
- Eu me antipatizei logo com ela. (Errado)

27. Suceder

É um verbo pouco usado, que possui duas regências distintas:

a) É intransitivo no sentido de "ocorrer, acontecer, realizar-se".

- Durante a festa, sucedeu uma tremenda tromba d'água.
- Sucedeu que o novo governo não baixou os juros como era esperado.

b) É um verbo transitivo indireto na acepção de "seguir-se, sobrevir". Exige a preposição "a" para o objeto indireto.

- João sucedeu a Paulo na direção da empresa.
- Ao labor sucede o descanso.
- O dia sucede à noite.

28. *Visar*

É um verbo que apresenta várias regências. Veja:

a) É transitivo direto no sentido de "mirar, olhar para".

- Vise bem o alvo antes de atirar.
- A caça, visei-a com toda a minha precisão.

b) É também um verbo transitivo direto no sentido de "rubricar, pôr o visto".

- No banco, o gerente costumava não visar os cheques de terceiros.
- A diretora visou os diplomas de todos os formandos.

c) Já no sentido de "desejar, pretender, ter em vista" é largamente usado como transitivo indireto, exigindo a preposição "a". Como transitivo indireto, rejeita os pronomes "lhe, lhes" para o objeto indireto. Aceita apenas as formas analíticas tônicas "a ele, a ela, a eles, a elas". Entretanto, nesse sentido ("desejar, pretender, ter em vista") também pode ser empregado como transitivo direto, embora poucas referências se façam a esta última regência.

- Ele visou acima de tudo $\left[\begin{array}{l}\text{o}\\ \text{ao}\end{array}\right.$ bem de todos os presentes.
- O que eles sempre visaram é o crescimento da empresa.
  OU
- Aquilo a que eles sempre visaram é...
- O cargo $\left[\begin{array}{l}\text{que}\\ \text{a que}\end{array}\right.$ ele sempre visou foi preenchido por outro empregado.
- O presidente não visava $\left[\begin{array}{l}\text{–}\\ \text{a}\end{array}\right.$ outro interesse que não fosse o lucro da empresa.

Observação:

Quando o complemento do verbo “visar” é formado por uma oração reduzida de infinitivo é frequente a supressão da preposição. Veja:

- O contra-ataque visava derrubar as primeiras linhas do exército inimigo.
- Sempre visei alcançar objetivos difíceis para a maioria do povo.

Observação final em relação à regência verbal: Lembre-se de que há uma série de verbos na língua portuguesa que podem ser usados indistintamente como transitivos diretos ou transitivos indiretos sem que isso traga alterações de sentido. Abaixo listamos alguns desses verbos:

a) ABDICAR
VTD = Ele abdicou o trono em 1890.
VTI "de" = Ele abdicou do trono em 1890.

b) ALMEJAR
VTD = Sempre almejou a vaga de gerente.
VTI "por" = Sempre almejou pela vaga de gerente.

c) ANSIAR
VTD = Ele anseia a volta do filho.
VTI "por" = Ele anseia pela volta do filho.

d) ATENDER
VTD = Ele já atendeu os clientes.
VTI "a" = Ele já atendeu aos clientes.

e) CONSENTIR
VTD = Eles consentiram a volta do aluno para a sala.
VTI "em" = Eles consentiram na volta do aluno para a sala.

f) DEPARAR
VTD = Deparamos uma bela paisagem em nosso passeio.
VTI "com" = Deparamos com uma bela paisagem em nosso passeio.

g) GOZAR
VTD = Todos devem gozar os seus direitos.
VTI "de" = Todos devem gozar de seus direitos.

h) PRESIDIR
VTD = Ele presidirá o encontro.
VTI "a" = Ele presidirá ao encontro.

i) RENUNCIAR
VTD = Ele renunciou o cargo de diretor.
VTI "a" = Ele renunciou ao cargo de diretor.

j) SATISFAZER
VTD = Ele satisfez as exigências.
VTI "a" = Ele satisfez às exigências.

Outros exemplos:

- "... aquele ente atrofiado pela cobiça e que parecia ter **abdicado** dos seus privilégios e sentimentos de homem..." (Aluísio Azevedo)
- "A República sonhadora do Pacífico abandona, de improviso, os compromissos oriundos da sua existência autônoma e, **abdicando** a própria altitude política, volve, às recuadas, aos tempos em que ainda não existia." (Euclides da Cunha)
- "Subiu rápido a encosta de onde Roderico **atendia** aos sucessos da batalha." (A. Herculano)
- "Levou a carta do Coronel Carvalho ao deputado, que o **atendeu** muito bem." (Lima Barreto)
- "Mas o fato é que aí estava, que não dormia, e que, pela primeira vez, nos sessenta e sete anos de sua palrada existência, **consentiu** em estar em cena como pessoa muda." (A. Garret)
- "Sofia não **consentiu** que ela as trouxesse." (Machado de Assis)
- "Ó tu, que à mocidade sonhadora
  Do pálido poeta deste flores...
  Se vivi... foi por ti! e de esperança
  De na vida **gozar** de teus amores." (A. de Azevedo)
- "... muito pálida, muito séria, com uma crueldade a reluzir-lhe nos olhos, **gozando** uma alegria de desforra em fustigar aquela carne gorda." (Eça de Queiroz)
- "Outra ocasião **deparou** com o retrato da *cuja*. – "Sim senhor: uma mulher esplêndida! O Luís tinha gosto para mulheres..." (A. Caminha)
- "Além dos serventes de repartições, contínuos de escritórios, podemos **deparar** velhas fabricantes de rendas de bilros, compradores de garrafas vazias..." (Lima Barreto)

- "Enquanto deliberava o parlamento, e era possível conquistar o poder sem compromissos, e **presidir** as eleições gerais sem indisposições, ninguém lhe devassou o sigilo." (Rui Barbosa)
- "... outro **preside**, em 1850, ao festim oferecido aos comissários da exposição de 1851, ou à iniciação dos trabalhos de edificação da *Galeria Nacional* em Edimburgo..." (Rui Barbosa)
- "... era também agradecer o restabelecimento de minha mãe, e, visto que digo tudo, fazê-lo **renunciar ao** pagamento da minha promessa." (Machado de Assis)
- "... os grandes desprezando as riquezas e vaidades do Mundo; os reis **renunciando** os ceptros e as coroas;..." (Pe. Antônio Vieira)
- "Bentinho há de **satisfazer** os desejos de sua mãe e depois a igreja brasileira tem altos destinos." (Machado de Assis)
- "Entretanto vamos **satisfazer ao** leitor, que há de talvez ter curiosidade de saber onde se meteu o pequeno." (Manuel A. de Almeida)

> **Ufa!! Misericórdia!!** Chegamos ao final do assunto "Regência Verbal". Cansativo, não!!?? Mantenha a calma! E não desanime, pois ainda vamos estudar a regência de alguns nomes. Não se desespere! Lembre-se de que o conhecimento vem aos poucos, mas sempre chega para os persistentes. Leia a relação abaixo mais de uma vez e parta para a resolução dos exercícios. Prossigamos!

6.3 REGÊNCIA NOMINAL

A regência nominal estuda as relações de dependência estabelecidas entre os nomes e os seus complementos. O termo que completa um nome é, por isso, denominado de "complemento nominal".

A complementação de um nome é sempre intermediada por uma preposição. Alguns nomes chegam a aceitar mais de uma preposição, como se verá.

Segue uma lista de substantivos e adjetivos com as respectivas regências:

Acessível **a**	difícil **de**	medo **a, de**
Acostumado **a, com**	digno **de**	misericordioso **com, para como**
Adaptado **a**	entendido **em**	natural **de**
Afável **a, com, para com**	equivalente **a**	necessário **a**
Aflito **com, por**	erudito **em**	negligente **em**
Agradável **a**	escasso **de**	nocivo **a**
Alheio **a, de**	essencial **a**	nocivo **a**
Alienado **de**	estranho **a**	ojeriza **a, por, contra**
Alusão **a**	fácil **de**	paralelo **a**
Amante **de**	falha **de, em**	parco **em, de**
Ambicioso **de**	falta **de**	passível **de**
Analogia **com, entre**	favorável **a**	perito **em**
Análogo **a**	fiel **a**	permissivo **a**
Ansioso **de, para, por**	firme **em**	perpendicular **a**
Apto **a, para**	generoso **com**	pertinaz **em**
Atento **a, em**	grato **a**	possível **de**
Aversão **a, para, por**	hábil **em**	possuído **de**
Ávido **de, por**	habituado **a**	posterior **a**
Benéfico **a**	horror **a**	preferível **a**
Capaz **de, para**	hostil **a**	prejudicial **a**
Certo **de**	idêntico **a**	prestes **a, para**
Compatível **com**	imbuído **em, de**	propenso **a, para**
Compreensível **a**	impossível **de**	propício **a**
Comum **a, de**	impróprio **para**	próximo **a, de**
Constante **de, em**	imune **a, de**	relacionado **com**
Constituído **de, por, com**	incompatível **com**	residente **em**
Contemporâneo **a, de**	inconsequente **com**	responsável **por**
Contíguo **a**	indeciso **em**	rico **de, em**
Contrário **a**	independente **de, em**	seguro **de, em**
Cuidadoso **com**	indiferente **a**	semelhante **a**
Curioso **de, a**	indigno **de**	sensível **a**
Desatento **a**	inepto **para**	sito **em, entre**
Descontente **com**	inerente **a**	suspeito **de, a**
Desejoso **de**	inexorável **a**	transversal **a**
Desfavorável **a**	leal **a**	útil **a, para**
Devoto **a, de**	lento **em**	versado **em**
Diferente **de**	liberal **com**	vizinho **a, de, com**

6.4 O EMPREGO DOS PRONOMES RELATIVOS E AS REGÊNCIAS VERBAL E NOMINAL

Um dos tópicos que mais assustam o estudante da Língua Portuguesa é o emprego dos pronomes relativos. Como se sabe, o pronome relativo substitui um termo da oração, evitando, assim, a repetição enfadonha de vocábulos. No entanto, um problema surge: dependendo da regência do verbo ou do nome com que se esteja trabalhando, o pronome relativo que encabeça a oração adjetiva virá precedido ou não de uma preposição. Logo, estruturas como...

- Os filmes a cujas estreias ele se referiu ontem foram indicados para o Oscar.
- O médico em quem ele mais confia viajou para Europa.
- A ponte sob a qual corriam águas poluídas era pênsil.
- Trouxe as frutas de que ele mais gosta.

...causam espanto e muitas vezes indignação a muitos estudantes do português.

Desconhecem, muitas vezes, nossos "aventureiros" do conhecimento que essas construções esdrúxulas nasceram justamente em virtude de uma regência verbal ou nominal.

> Sugiro que você releia e correlacione este assunto com as funções sintáticas dos pronomes relativos.

Antes de darmos mais um passo, relacionarei abaixo os usos dos pronomes relativos. Leia atentamente antes de prosseguir neste ponto.

1. Que ➯ É denominado de "relativo universal", porque se refere tanto a coisas quanto a pessoas. Seus equivalentes variáveis são "a qual, o qual, as quais, os quais". O relativo "que" só deve ser substituído por outro relativo em casos específicos.
2. Quem ➯ É denominado de "relativo personativo", pois só se refere a pessoas. Sempre virá precedido de uma preposição.
3. Onde ➯ É denominado de "relativo locativo", pois só é utilizado para retomar e substituir termos que contenham a noção de "lugar". Equivale a "em que" e variações (na qual, no qual, nas quais, nos quais).
4. O qual, a qual, os quais, as quais ➯ São os relativos que possuem as variações em gênero e número correspondentes ao pronome relativo

"que". Esses relativos devem obrigatoriamente substituir o "que" quando este provocar ambiguidade, for precedido por uma preposição com mais de uma sílaba ou for eufonicamente melhor.

5. Cujo, cuja, cujos, cujas ⇨ São relativos utilizados para substituir termos que expressam noção de posse. Equivalem a "do qual, da qual, dos quais, das quais, seu, sua, seus, suas, dele, dela, deles, delas). Eles retomam um termo antecedente, mas concordam em gênero e número com o substantivo consequente (ou posposto). Não admitem a posposição de artigo e sempre exercem a função sintática de adjunto adnominal.
6. Quanto, quanta, quantos, quantas ⇨ Estas palavras só serão consideradas pronomes relativos quando vierem antecedidas por um dos seguintes pronomes indefinidos "tudo, todo (a), todos (as)":

Continuemos...

Vamos, para facilitar o entendimento, iniciar o nosso estudo construindo períodos compostos por subordinação a partir de dois períodos simples. Não podemos nos esquecer, entretanto, de que se algum nome, verbo ou termo da oração adjetiva (introduzida pelo pronome relativo) exigir preposição, esta será deslocada para preceder o pronome relativo. Veja:

1. Ele viu um homem. ~~O homem~~ tinha cabelos totalmente brancos.
QUE / O QUAL

Junção dos períodos: Ele viu um homem que tinha cabelos totalmente brancos.

Perceba que o pronome relativo entra no lugar do termo que ele substitui. O artigo não interessa para os pronomes relativos.

2. Ele mora na cidade. Ele trabalha ~~na cidade~~.
ONDE

Junção dos períodos: Ele mora na cidade **onde** trabalha.

Observe que todo o termo "na cidade" foi absorvido pelo pronome relativo "onde". Nessa frase, também estariam corretas as formas "em que" ou "na qual".

3. Comprei um livro. As páginas ~~do livro~~ são todas amarelas.
CUJAS

Junção dos períodos: Comprei um livro **cujas** páginas são todas amarelas.

Observe que o relativo "cujas" substitui toda a relação de posse "do livro". A relação de posse está presa ao substantivo "páginas" que vem antecedido apenas por um artigo, o qual é dispensado pelo relativo.

Observe:

Não se esqueça de que os relativos "cujo, cuja, cujos, cujas" não admitem a posposição de um artigo.

- Comprei um livro cujas as páginas são todas amarelas. (Errado)

4. Pedi o prato. Eu gosto muito do ~~prato.~~
DE + ~~O~~ QUE

Junção dos períodos: Pedi o prato de que mais gosto.

Perceba que neste exemplo a preposição "de" obrigatoriamente antecederá o pronome relativo porque ela faz parte da regência do verbo "gostar".

5. A pessoa é o meu pai. Eu dependo muito ~~da pessoa~~.
DE + ~~A~~ QUEM

Junção dos períodos: A pessoa **de quem** mais dependo é meu pai.

A preposição do verbo "depender" acompanhará o pronome relativo.

CONTRA
6. O deputado viajou para a Europa. Eu votei contra ~~as~~ ideias ~~do deputado~~ na última eleição.
CUJAS

Junção dos períodos: O deputado, contra cujas ideias eu votei na última eleição, viajou para a Europa.

A preposição "contra", solicitada pelo verbo "votar" antecede o pronome relativo.

7. A missa foi ministrada pelo Pe. João. Eu assisti ~~à missa~~.
A + ~~A~~ – QUE ou A QUAL

Junção dos períodos: A missa $\left\{\begin{array}{l}\text{a que}\\ \text{à qual}\end{array}\right.$ eu assisti foi ministrada pelo Pe. João.

8. Encontrei uma mochila velha. Havia cinco moedas de ouro
~~no~~ bolso ~~da mochila velha~~.
EM + ~~O~~ CUJO

Junção dos períodos: Encontrei uma mochila velha em cujo bolso havia cinco moedas de ouro.

9. A estrada foi interditada pela Defesa Social. Nós íamos passar
~~pela estrada~~ em nossa viagem.
POR + QUE

Junção dos períodos: A estrada, por que nós íamos passar em nossa viagem, foi interditada pela Defesa Social.

10. O juiz foi destituído do cargo. Aquele garoto havia ficado
sob a tutela ~~do juiz.~~
SOB CUJA

Junção dos períodos: O juiz, sob cuja tutela aquele garoto havia ficado, foi destituído do cargo.

Não se pode esquecer de que a preposição que é solicitada pela regência de um verbo ou de um nome não pode ser retirada da estrutura oracional. Nos casos acima, a preposição precederá o pronome relativo.

Observe agora alguns **erros** – e suas devidas correções – em construções com os pronomes relativos:

a) A atleta norte-americana, cujo nome o autor não se lembrou, acabou sofrendo um ataque cardíaco.

O verbo "lembrar-se" exige a preposição "de".

A atleta norte-americana, de cujo nome o autor não se lembrou,....

b) A revelação proporcionou-lhe reflexões profundas através das quais compôs uma argumentação interessante.

Observe que ele compôs uma argumentação "com" as reflexões.

A revelação proporcionou-lhe reflexões profundas com as quais compôs uma argumentação interessante.

c) As notícias de que ele fez referências transtornaram aquela pequena cidadezinha do interior.

Perceba que quem "faz referências" sempre as faz "a" alguém.

As notícias a que ele fez referências....

d) As peças teatrais que ele ontem assistiu transformaram-lhe o modo de pensar.

O verbo "assistir" exige a preposição "a" neste sentido.

As peças teatrais a que (ou "às quais") ele ontem assistiu....

e) Para Hans Kelsen, de onde se citam vários exemplos, a norma jurídica é o objeto de estudo do Direito.

O antecedente do pronome relativo "onde" não é um "lugar", mas um nome personativo. Só se emprega o "onde" relativo em referência a lugar.

Para Hans Kelsen, de quem (ou "do qual") se citam vários exemplos,....

f) Não falta aos juristas, a quem contamos para a proposição de leis, conhecimento técnico.

O pronome relativo está bem empregado, porém a conjunção que o antecede é inadequada, uma vez que o verbo "contar" exige, neste contexto, a preposição "com".

Não falta aos jurista, com quem contamos para a proposição de leis,....

g) A desonestidade e o egoísmo são defeitos de cujos nenhum contraventor se envergonha.

Emprego inadequado do relativo "cujos", já que não há na estrutura uma relação de "posse". A preposição está correta, pois é solicitada pelo verbo "envergonhar-se".

A desonestidade e o egoísmo são defeitos de que (ou "dos quais") nenhum....

h) As fogueiras de que todos testemunhamos nos noticiários da TV constituem um sinal a quem ninguém pode ser insensível.

Duas orações adjetivas com problemas em suas construções. Na primeira, inexiste a preposição "de" antecedendo o relativo "que", porquanto o verbo "testemunhar" é transitivo direto. Na segunda, emprega-se inadequadamente o relativo "quem" sem antecedente personativo.

As fogueiras que (ou "as quais") todos testemunhamos nos noticiários da TV constituem um sinal a que (ou "ao qual") ninguém pode ser insensível.

6.5 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

Regências Verbal e Nominal

1. (FCC) A frase em que a regência está totalmente de acordo com o padrão culto é:

a) Esperavam encontrar todos os documentos que os estudiosos se apoiaram para descrever a viagem de Colombo.
b) Estavam cientes de que teriam muito a fazer para conseguir os registros de que dependiam.
c) Encontraram-se referências à coerção que marinheiros mais experientes faziam contra os mais novos que trabalhassem mais arduamente.
d) Foram informados que esboços da inóspita região circundada com imensas pedras podiam ser consultados.
e) Havia registro de uma insatisfação em que os insurretos às atitudes arbitrárias de um navegante foram impedidos de lhe inquirir.

2. (FCC) Desde que passou a gozar de um prestígio absoluto, o fator velocidade impôs-se como parâmetro das ações humanas, sobrepondo-se a qualquer outro critério.

Substituem de modo adequado as expressões sublinhadas, respectivamente e sem prejuízo para o sentido da frase acima:

a) desfrutar de um - investiu como - destituindo a
b) a alçar-se num - investiu-se a um - preterindo
c) firmar-se como - determinou-se como – corroborando a
d) favorecer-se de um - consagrou-se a um - eximindo-se de
e) desfrutar de um - firmou-se como - sobrepujando

3. (FCC) *A crescente demanda por produtos agropecuários ...*

   Reproduz-se o mesmo tipo de regência que organiza o segmento assinalado acima no trecho também grifado em:

   a) *Produzir mais a custos menores ...*
   b) *Nos últimos dez anos ...*
   c) *Tal desempenho foi considerado inviável ou impossível ...*
   d) *Havendo limitada disponibilidade de recursos ...*
   e) *O setor agropecuário era estático ...*

4. (FCC) Está correta a forma de **ambos** os elementos sublinhados na frase:

   a) Ela não nos disse por que razão tornou-se uma otimista; e se ela tornar ao seu pessimismo, será que nos explicará por quê ?
   b) A razão porque muitos se tornam pessimistas está no mundo violento de hoje; por quê outra razão haveriam de se desenganar?
   c) "Por que sim": eis como respondem os mais impacientes, quando lhes perguntamos porque, de repente, se tornaram otimistas.
   d) Sem mais nem porquê, ele passou a ver o mundo com outros olhos, dizendo que isso aconteceu por que encontrara a verdade na religião.
   e) Não sei o por quê do seu pessimismo; porque você não me explica?

5. (FCC) O **New York Times** publicou uma galeria de rostos e nomes, expôs rostos e nomes ao longo de vários números, evocou esses rostos e nomes para que o público não olvidasse esses nomes e rostos.

   Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo- se os elementos sublinhados, na ordem dada, por:

   a) expôs a eles - evocou-lhes - lhes olvidasse
   b) expô-los - evocou a eles - olvidasse-os.
   c) expôs-lhes - evocou-os - os olvidasse
   d) expôs eles - evocou-lhes - olvidasse eles
   e) expô-los - evocou-os - os olvidasse

6. (FGV) Assinale a alternativa em que a regência verbal não siga o padrão culto de linguagem.

   a) A inscrição no concurso implica a aceitação das normas do edital.
   b) Todos os servidores devem obedecer às leis que os regem.
   c) Preferiu a poltrona à cadeira.
   d) Eu avisei-lhes da necessidade de se revisar o documento.
   e) Eles anuíram à decisão.

7. (FCC) Está correto o emprego do elemento sublinhado na frase:

   a) Há em nosso mundo paisagens belas, em cujas faz bem pousar os olhos.

b) São belas paisagens, cuja sedução nos leva a contemplá-las.
c) Há paisagens aonde nosso olhar se demora prazerosamente.
d) São belezas de um tempo onde o homem não tinha tanta pressa.
e) A reação de que toda beleza nos impõe é a calma da contemplação.

8. (FCC – Metrô/SP – Supervisor de Linha) Ao final do ano vêm as frustrações e, já que não podemos evitar as frustrações, descarregamos essas frustrações nas costas dos outros, atribuindo aos outros a responsabilidade por nossa decepção.

Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os elementos sublinhados, respectivamente, por:

a) podemos evitar-lhe – descarregamos elas – atribuindo-lhes
b) as podemos evitar – as descarregamos – atribuindo-os
c) as podemos evitar – descarregamo-las – atribuindo-lhes
d) podemos evitá-las – descarregamos-lhes – lhes atribuindo
e) podemos as evitar – as descarregamos – lhes atribuindo

9. (FCC) Está correto o emprego de **ambas** as expressões sublinhadas em:

a) As áreas aonde os homens se concentravam exibiam edifícios em cujos não havia arejamento.
b) Em cortiços de cimento, a que faltavam espaço e arejamento, comprimiam-se milhões de indivíduos para quem a natureza parecia representar uma ameaça.
c) Esse texto, de cujo o autor era também poeta, promove um típico exercício de imaginação em que muitos autores de ficção são tentados.
d) Os mistérios porque somos atraídos na ficção costumam impressionar os leitores em cujos também não falta a liberdade da imaginação.
e) Os espaços urbanos pelos quais se espanta o imaginário narrador seriam testemunho de uma civilização à qual eram frouxos os laços com a natureza.

10. (FCC) Considere as seguintes frases:

I. É muito restritivo o aspecto da "razoabilidade" dos sonhos, de que o autor do texto analisa no segundo parágrafo.

II. Talvez um dos "dragões" a que se deva dar combate em nossos dias seja o império dos interesses materiais.

III. Os sonhos em cuja perseguição efetivamente nos lançamos podem transformar-se em conquistas objetivas.

Está correto o emprego do elemento sublinhado APENAS em

a) I.
b) II.
c) III.
d) II e III.
e) I e III.

11. (FCC) Devaneios, quem não tem devaneios? Têm devaneios as crianças e os jovens, dão aos devaneios menos crédito os adultos, mas é impossível abolir os devaneios completamente.

Evitam-se as indesejáveis repetições da frase acima substituindo- se os elementos sublinhados, na ordem dada, por:

a) os tem - Têm-lhes - dão-lhes - abolir-lhes
b) tem eles - Têm-nos - dão-lhes - abolir-lhes
c) os tem - Têm eles - dão-nos - aboli-los
d) tem a eles - Os têm - dão a eles - abolir a eles
e) os tem - Têm-nos - dão-lhes - aboli-los

12. (FCC) Se há iniciativa e astúcia na ação do homem injusto, não há iniciativa e astúcia no bom cidadão que, apesar de indignado, não confere à iniciativa e à astúcia o mesmo valor que o mau reconhece na iniciativa e na astúcia.

Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os segmentos sublinhados por, respectivamente,

a) há elas - não as confere - reconhece nelas.
b) as há - não lhes confere - nelas reconhece.
c) as há - não confere-lhes - as reconhece.
d) há as mesmas - não lhes confere - reconhece-lhes.
e) há estas - não as confere - nelas reconhece.

13. (FCC) Está correto o emprego do elemento sublinhado na frase:

a) A relação significativa cuja se demonstrou na pesquisa se dá entre o comportamento violento e a audiência à TV.
b) A insubordinação básica em que se refere o autor do texto derivaria da insatisfação dos nossos recalcados desejos.
c) A invenção moderna mais astuciosa, de cujos efeitos trata o autor do texto, teria sido não a do cinema, mas a da TV.
d) O hábito do **zapping**, com cujo nos acostumamos, é um dos responsáveis pela abertura rápida de janelas sobre o nosso devaneio.
e) A conclusão de que nossa sala é uma jaula, com que chegou o autor do texto, não deixa de ser bastante provocadora e radical.

14. (FGV) Em *Você se lembra do rosto dela naquele instante?*, obedeceu-se às regras de regência verbal.

Assinale a alternativa em que isso não tenha ocorrido.

a) Prefiro questões de gramática do que de interpretação.
b) Aspiraram à vaga de piloto da companhia aérea.
c) Os médicos assistiram o paciente.
d) Perdoamos-lhes as dívidas.
e) Pagaram-lhe bem.

15. (FCC) Está correto o emprego de ambos os elementos sublinhados na frase:

a) Essa tendência obsessiva, cujo o preço é alto, consome muito dinheiro, além de inspirar um tipo de comportamento que o ridículo é frequente.

b) Essa obsessão é uma prática a que ninguém deveria se orgulhar, embora haja cada vez mais gente que dela se submeta.

c) É a frase de uma época onde os valores tendiam ao equilíbrio e à permanência, ao contrário da nossa, onde tudo é transitório.

d) Custam caro esses produtos e serviços, de cujos dependem os que vivem obcecados ao compromisso de atingirem a perfeição da forma física.

e) O quadro em que o valor da atividade intelectual se encontra em declínio é o mesmo em cujos estreitos limites impera a exaltação absoluta do corpo.

GABARITO

1 – B	2 – E	3 – D
4 – A	5 – E	6 – D
7 – B	8 – C	9 – B
10 – D	11 – E	12 – B
13 – C	14 – A	15 – E

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

CAPÍTULO 7

EMPREGO DO ACENTO GRAVE – CRASE

> Em primeiro lugar, espero que você tenha feito bons estudos sobre o assunto "Regência". Espero também que tenha absorvido o "porquê" do assunto. Aconselho que, se possível, dê uma rápida olhada – novamente – nas regências dos principais verbos e nomes; afinal, o assunto que passaremos a abordar está diretamente relacionado à regência verbal e nominal. Caso você ainda não tenha estudado "regência", sugiro que o faça antes de iniciar o conteúdo abaixo. Vamos lá!

Primeiramente, convém não confundir o acento grave com a crase. Esta é fenômeno, ocorrência, fusão, contração, junção; já aquele é o índice, o acento com o qual se marca a existência da crase.

Crase, portanto, é a junção, a contração, a fusão de duas vogais idênticas. Na Língua Portuguesa, restringiu-se o termo à contração, à junção ou à fusão de dois "as", os quais serão representados por um único "a" sobre o qual se coloca o acento grave (`). Isso geralmente ocorre em função da contração, da junção, da fusão da:

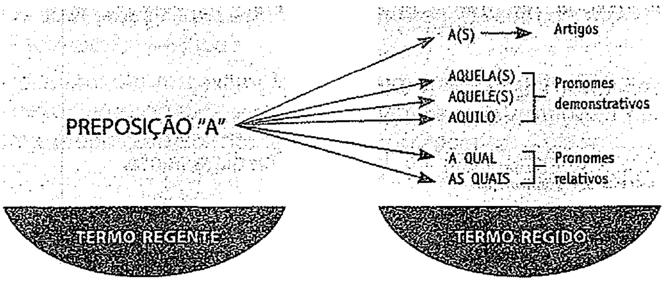
PREPOSIÇÃO "A"
A(S)
Artigos
AQUELA(S)
AQUELE(S)
AQUILO
Pronomes demonstrativos
A QUAL
AS QUAIS
Pronomes relativos
TERMO REGENTE
TERMO REGIDO

Observe os primeiros exemplos:

- Nunca mais eles se dirigiram **à** diretoria para fazer reclamações.
  dirigir-se a + a

- Devido à ocorrência de um sinistro, ele não pôde renovar o seguro.
  devido a + a

- referências a + aqueles
  O diretor da empresa fez referências **àqueles** funcionários que não batiam o ponto na hora certa.

- Eles assistiam **àquilo** sem nenhuma reação.
  assistir a + aquilo

- chegar a + a qual
  A pequena cidade, **à qual** eles chegaram ontem à noite, fica a cerca de 525 Km da capital pernambucana.

Após essas primeiras considerações, chegamos a duas importantes conclusões:

1.ª ➯ À exceção dos demonstrativos "aquele(s), aquilo", os quais acompanham termos masculinos, só haverá crase diante de nomes femininos. Esta, inclusive, é a principal regra: receberão o acento grave os nomes femininos determinados, cujos termos regentes exijam a preposição "a".

- Todas as crianças voltaram à piscina.
  voltar a + a piscina

- Ninguém deveria ser insensível à dor alheia.
  insensível a + a dor

- É imprescindível aliar-se a teoria à prática.
  aliar-se algo a + a prática

- Ele procedeu à instauração do inquérito imediatamente.
  proceder a + a instauração

2.ª ➯ Como os artigos e os pronomes demonstrativos exercem geralmente a função de determinantes, só haverá crase diante de um termo determinado, especificado. Portanto, não confunda:

› Ele nunca foi –
- a escola. ⇒ Qualquer escola. (substantivo empregado em sentido geral e abstrato)
- à escola. ⇒ Ele não foi àquela escola. (substantivo determinado, especificado)

› É um bom funcionário, mas não vai –
- a reunião. ⇒ Não vai a nenhuma reunião.
- à reunião. ⇒ Não vai àquela reunião.

› Ele sempre se empenhou no combate –
- a fome. ⇒ Qualquer fome; inespecífica, indefinida (sentido geral)
- à fome. ⇒ No combate àquela fome (específica, determinada)

› Todos os brasileiros têm direito –
- a saúde, a educação, a moradia. (Substantivos sem determinante)
- à saúde, à educação, à moradia. (Substantivos determinados)

➯ Observação:

Nos casos acima, só o contexto em que a expressão se encontra é que poderá nos dizer se a palavra está ou não empregada com o sentido "genérico" ou com o sentido "específico".

Nesses quatro últimos exemplos, o "a" (sem o acento grave) que acompanha os substantivos empregados em sentido geral e indeterminado nada mais é do que uma preposição solicitada pelo termo regente.

7.1 A OCORRÊNCIA DA CRASE E A SEMÂNTICA

Em muitos casos, o emprego ou não do acento grave promoverá bruscas alterações de sentido. A crase, portanto, desfará possíveis ambiguidades. É o que ocorre em:

- O frentista sempre cheira
  - a gasolina. ⇒ Inalar, respirar.
  - à gasolina. ⇒ Feder, catingar, exalar.
- Do seu quarto, ele percebeu que alguém bateu
  - a porta. ⇒ Trancou, empurrou com força.
  - à porta. ⇒ Bateu na porta, desferiu pancadas.
- Ao chegar ao local, corri imediatamente
  - a cidade. ⇒ Percorrer a cidade, rodear a cidade.
  - à cidade. ⇒ Ir até à cidade.
- Despediu-se
  - a francesa. ⇒ A francesa foi despedida. / OU / A francesa despediu-se, retirou-se.
  - à francesa. ⇒ Alguém se despediu à moda francesa, à maneira francesa.
- Enxergo
  - a distância. ⇒ Percebo o espaço que separa.
  - à distância. ⇒ Vejo distantemente.

Logo, em muitos casos, o emprego do acento grave se deve à necessidade de se conferir ao termo maior clareza, evitando, pois, possíveis ambiguidades.

7.2 MECANISMOS PRÁTICOS PARA VERIFICAÇÃO DA CRASE

Há alguns mecanismos que ajudam o estudante na verificação da ocorrência ou não da crase. Frise-se que eles nos fornecem algumas pistas. Como a crase é decorrente de uma regência, é salutar conhecer bem a regência do termo antes de se colocar o acento grave. Veja alguns desses mecanismos:

a) Deve-se trocar o termo regido feminino por um masculino correspondente:

SE APARECER –
- O, OS (antes do masculino) ⇒ Não haverá crase diante do feminino.
- AO, AOS (antes do masculino) ⇒ Haverá crase diante do feminino.

Veja:

▹ Ele vai à praia todos os dias.
ao rio

▹ Ele sempre visita a região encantada durante as férias.
o local

▹ Ricardo nunca obedeceu às ordens de seu pai.
aos mandamentos

▹ Chegou à sala e nada falou.
ao salão

b) Deve-se trocar o termo regente por outro que exija preposição diversa de "a". Por exemplo, os verbos "vir" e "estar":

SE APARECER –
- DE ou EM (antes do termo regido) ⇒ Não haverá crase no "a".
- DA ou NA (antes do termo regido) ⇒ Haverá crase no "à".

▹ Nunca mais ele foi à Europa.
Veio da Europa / Esteve na Europa.

▹ Ele sempre se dirige à Argentina nos meses de novembro e de dezembro.
vem da Argentina /...está na Argentina

▹ Nunca mais ele foi a Roma.
veio de Roma / esteve em Roma

- Quando ele chegar a Florença, visitará muitos museus.
  veio de Florença / esteve em Florença

c) Deve-se trocar o "a(s)" que antecede o termo regido pelo artigo indefinido feminino "uma(s)":

SE APARECER –
UMA ou UMAS (antes do termo regido) ⇒ Não haverá crase no "a".
A UMA ou A UMAS (antes do termo regido) ⇒ Haverá crase no "à".

- Ele se referiu à tia com carinho.
  a uma tia
- Ele não disse nada à sogra.
  a uma sogra
- A encomenda, ele entregou-a à mulher que estava no balcão da esquerda.
  a uma mulher
- Ele achou a mulher a que o amigo teceu bons elogios.
  uma mulher

7.3 OCORRENCIA DA CRASE

7.3.1 CASOS OBRIGATÓRIOS

1. Recebe o acento grave o "a" inicial das locuções adverbiais (*à noite, à tarde, à beça, à revelia, à deriva, à farta, à vista, à primeira vista, à hora certa, à esquerda, à direita, à toa, à espanhola, à milanesa, à oriental, à ocidental, às vezes, às escondidas, às avessas, às claras, às pressas, à vontade, às ocultas etc.*), prepositivas (*à custa de, à força de, à beira de, à espera de, à vista de, à guisa de, à semelhança de, à frente de, à razão de, à cata de, à roda de, à mercê de, à base de, à moda de, à maneira de etc.*) e conjuntivas (*à medida que, à proporção que*), formadas com palavras femininas.

- "Estava à **toa** na vida, o meu amor me chamou..." (Chico Buarque)
- Ele permaneceu horas e horas **à espera de** um médico.
- **À medida que** estudava, aprendia todos os macetes da Língua Portuguesa.
- Saiu às **pressas**, porque estava à **beira de** um ataque cardíaco.
- Andamos várias horas à **procura de** um local para beber água.
- O processo foi julgado à **revelia**.

➪ Observações:

a) O "a" inicial das locuções adverbiais de instrumento não recebe o acento grave, exceto se a locução adverbial provocar ambiguidade.

▷ A sentinela feriu o inimigo a espada.

▷ Todos os seus trabalhos, ele sempre os fazia a máquina.

▷ Todo o atalho foi aberto a foice.

b) Lembre-se de que o acento grave empregado nas locuções adverbiais, prepositivas e conjuntivas não provém de uma relação regencial, mas sim pelo fato de essas locuções virem introduzidas por preposições – no caso, a preposição "A". Sendo assim, a preposição poderá auxiliar na indicação do valor semântico da locução e evitará que se confunda a locução com outro termo da estrutura oracional. Observe e não confunda:

▷ A noite chegou ao nosso rancho. ≠ ▷ À noite ele chegou ao nosso rancho.
sujeito — locução adverbial de tempo

▷ A medida que ele usou foi injusta. ≠ ▷ À medida que ele estuda, aprende mais.
sujeito — locução conjuntiva

sujeito — locução prepositiva
▷ A espera do trem deixou-nos tristes. ≠ ▷ À espera de João, nós ficamos várias horas.

▷ Impressionou-nos a moda de Vitor Hugo. ≠ ▷ Veste-se à moda de Vitor Hugo.
sujeito — locução prepositiva

sujeito — locução prepositiva
▷ A beira do abismo era um convite ao suicídio, pois ele estava à beira de um ataque de nervos.

2. Recebe o acento grave o "a" inicial dos pronomes demonstrativos "aquele(s), aquela(s), aquilo, à(s)" quando o termo regente exigir a preposição "a".

▷ Habituou-se àquela vida de solteiro sem maiores problemas.
habituar-se a + aquela

▷ Jamais iremos àquele local sem a ajuda da polícia.
Ir a + aquele

Dar algo a + aqueles

- Daremos outra chance àqueles alunos que obtiveram notas baixas nas últimas provas.

- Essa ideia é igual à que meu pai falou ontem.
  Igual a + aquela

- Darei conselhos apenas às que se dispuserem a esperar.
  dar conselhos a + aquelas

➾ Observações:

a) Uma forma bastante prática para descobrir se há crase com os demonstrativos "aquela(s), aquele(s), aquilo" é substituí-los pelos também demonstrativos "esta(s), este(s), isto".

SE APARECER –
- ESTA(S), ESTE(S), ISTO (apenas) ⇒ Não haverá crase no "aquela(s), aquele(s), aquilo".
- A ESTA(S), A ESTE(S), A ISTO ⇒ Haverá crase no "aquela(s), aquele(s), aquilo".

Veja:

- Jamais irás àquela festa.
  a esta

- Àquele comando, todos se levantaram rapidamente.
  a este

- O coronel preferia isto àquilo.
  a isto

- Todos compraram aquelas roupas bem satisfeitos.
  estas

b) Nas locuções adverbiais iniciadas pelos pronomes demonstrativos "aquela(s), aquele(s), aquilo", a crase é obrigatória. Veja:

- Àquela hora, ninguém o ajudaria. (= Naquela hora...)
  locução adverbial

3. Recebe acento grave o "a" das locuções adverbiais "à moda de" e "à maneira de". Frequentemente essas expressões aparecem subentendidas, mas, ainda assim, o acento grave será de rigor sobre o "a".

- Na festa, todos estavam vestidos à Luís XV.
  à moda / à maneira
- À maneira brasileira, ele preparava todos os apetrechos para os estrangeiros.
- Todos apreciavam pratos à japonesa.

Observação:

Não confunda:

- Fez um discurso
  - a **Fidel Castro.** (para Fidel Castro) ⇒ Sem crase.
  - à **Fidel Castro.** (à moda de Fidel Castro) ⇒ Com crase.

4. Haverá crase antes de numerais que expressem horas exatas.

- Todos chegaram às 9h30min.
- Às 8 horas ele chegou e somente às 10 horas começou a aula.
- Nosso jogo só terá início às 21h45min.
- O avião aterrará exatamente à uma hora e vinte minutos.

Observações:

a) Se houver indeterminação para as horas, não haverá crase.

- A mãe o esperava às 18 horas, mas ele só chegou após as 22 horas.
  Hora inexata
- Ele deverá chegar daqui a uma hora.
  Hora inexata

b) Nas correlações, o que determinará a existência ou não do acento grave será a presença de um artigo antecedendo cada termo da correlação. Veja:

- A casa de *shows* funcionará
  - de 8h30 a 11h30. (Aqui só há a presença das preposições.)
  - de + a a + as
    das 8h30 às 11h30. (Aqui cada termo vem antecedido por um artigo.)

c) Em muitas construções, a presença do acento grave alterará completamente o sentido do enunciado. Observe:

Advérbio de tempo

- Sairemos daqui a uma hora. (Sem crase ➾ A hora não está determinada, especificada.)

Advérbio de lugar

- Sairemos daqui à uma hora. (Com crase ➾ A hora foi especificada, determinada.)

d) Vale ressaltar que diante de numerais não ocorre a crase quando não expressarem hora exata. Logo:

- O número de aprovados no concurso não chega a vinte.
- O artista se apresentará de 8 a 12 de janeiro no Classic Hall.

5. Se o termo regente exigir a preposição "a", sempre haverá crase diante de nomes locativos (nomes de países, continentes e algumas cidades) que aceitarem a presença de um artigo. Para verificar a existência do artigo, basta substituir o termo regente pelos verbos "vir" ou "estar", por exemplo, conforme demonstrado no início deste capítulo.

- No próximo ano, faremos uma excursão à Argentina.
  vir da / estar na

- Quando ele chegou à Itália, imediatamente ligou para a mãe.
  vir da / estar na

- Você já foi à Bahia? Não?! Mas já foi a Teresina, no Piauí, não foi?
  vir da / estar na — vir de / estar em

➾ Observação:

Se o nome locativo vier acompanhado de algum adjunto adnominal (determinante), a crase será obrigatória. Perceba:

- Nunca mais eu fui a Roma.
  vir de / estar em

- Nunca mais eu fui à Roma dos grandes imperadores.

vir da / estar na termo determinante

vir de / estar em

- João sempre se dirige a Brasília quando quer resolver algum problema muito sério.

termo determinante termo determinante

- Sempre que pode, João vai à imponente Brasília dos arrojados projetos arquitetônicos.

7.3.2 CRASE FACULTATIVA

Para a gramática normativa, são três os casos em que a crase é facultativa. São eles:

> 1. Diante de pronomes possessivos femininos no singular quando o termo regente exigir a preposição "a".

- Ele desistiu de viajar devido $-\!\left[\begin{array}{l}\text{a}\\\text{à}\end{array}\right.$ sua doença.
- Jamais ele fez referências $-\!\left[\begin{array}{l}\text{a}\\\text{à}\end{array}\right.$ tua família.
- Era fundamental que o adolescente não desobedecesse $-\!\left[\begin{array}{l}\text{a}\\\text{à}\end{array}\right.$ nossa ordem.

⇨ Observações:

a) Se o possessivo estiver no plural, não mais haverá um caso de crase facultativa. Existirão apenas duas formas para se construir a estrutura. Observe:

- Não foram dadas muitas oportunidades de emprego $-\!\left[\begin{array}{l}\text{a}\\\text{às}\end{array}\right.$ nossas amigas de formatura.
- Ninguém ofendeu $-\!\left[\begin{array}{l}\text{a}\\\text{às}\end{array}\right.$ vossas irmãs.

b) Caso o possessivo feminino se refira a um substantivo elíptico (oculto), a crase será obrigatória. Veja:

▹ Ele não se referiu $\left[\begin{array}{l}\text{a}\\ \text{à}\end{array}\right.$ tua proposta, mas sim $\underset{\text{crase obrigatória}}{\underline{\text{à minha.}}}$

▹ Aludiram $\left[\begin{array}{l}\text{a}\\ \text{à}\end{array}\right.$ sua opinião sobre o caso. Convém agora que eles façam alusão às nossas.

2. Diante da preposição "até", uma vez que esta preposição pode aparecer sob a forma da locução "até a".

▹ Emocionado, ele se comoveu $\left[\begin{array}{l}\text{até as lágrimas. (até + as lágrimas)}\\ \text{até às lágrimas. (até a + as lágrimas)}\end{array}\right.$

▹ Ao ouvir a campainha, imediatamente foi $\left[\begin{array}{l}\text{até a porta. (até + a porta)}\\ \text{até à porta. (até a + a porta)}\end{array}\right.$

▹ Dirigiu-se $\left[\begin{array}{l}\text{até as autoridades policiais para relatar o caso. (até + as autoridades)}\\ \text{até às autoridades policiais para relatar o caso. (até a + as autoridades)}\end{array}\right.$

➯ **Observações:**

a) Não confunda as preposições "até / até a", as quais indicam "deslocamento, movimento, ação", com a palavra denotativa de inclusão "até", a qual tem o sentido de "inclusive". Veja:

▹ Na formatura, foi $\overset{\text{Preposição}}{\underline{\textbf{até}}}$ $\left[\begin{array}{l}\text{a}\\ \text{à}\end{array}\right.$ plateia e prestou homenagens à mãe, às professoras, à diretora, $\underset{\text{inclusive (crase obrigatória)}}{\underline{\textbf{até}}\text{ à}}$ zeladora.

b) Como se sabe, para que haja o fenômeno da crase, é indispensável a existência da preposição "a". Fique atento, pois esta preposição não ocorrerá se for usada outra preposição (*ante, após, com, conforme, contra, desde, durante, entre, mediante, para, perante, sob, sobre, segundo*, por exemplo), já que a existência de uma preposição exclui o aparecimento de outra. Traduzindo:

não ocorrerá a crase se outra preposição for usada que não seja a preposição "a" (lembre-se de que "até a" é uma locução prepositiva e não a junção de duas preposições). Observe os exemplos abaixo:

- "Não achava outra espécie em que, mediante a intenção, tudo se cumprisse..." (Machado de Assis)
  preposição + artigo

- "— Não admito! O incesto é contra a moral, gritou Lúcia." (José de Alencar)
  preposição + artigo

- preposição + artigo
  "Dominante sobre a várzea que se estende para sudeste, com a linha de cumeadas quase retilínea, o seu enorme paredão..." (Euclides da Cunha)

- "Desde a entrada dos dois, a casa de Rita esquentou." (Aluísio Azevedo)
  preposição + artigo

- "Custeou o tratamento de ambos; e, quando foi dispensado da comissão da avenida, pouco após a morte de ambos, pouco ou nada tinha." (Lima Barreto)
  preposição + artigo

3. Diante de nomes próprios femininos, quando o termo regente exigir a preposição "a". Como se sabe, os nomes de pessoas na Língua Portuguesa podem ou não vir antecedidos de um artigo. A colocação do artigo denota afetividade, proximidade, intimidade.

- Em seu discurso, ele fez referências
  - a Joana e a Maria.
  - à Joana e à Maria.

- A / À – Fernanda deixou minha gratidão por tudo que ela fez.

7.3.3 CASOS EM QUE NUNCA OCORRE A CRASE

1. Diante de verbos.

- Todos ficaram a observar o evento, a cerca de vinte metros do local.

- Muitos chegaram a comprar o carro, só porque a promoção falava de amor.
- Os advogados estavam dispostos a curtir o bom momento da carreira.

2. Diante de palavras masculinas.

- O quadro foi pintado a óleo.
- Ele sempre comprava a prazo.
- Aquele pacote cheirava a vinho.

3. Diante de pronomes pessoais retos, oblíquos e de tratamento, à exceção de "senhora, senhorita, dona e madame."

- Na solenidade, fizeram menção a ti e a mim, como os melhores alunos que a Universidade já teve.
- O Promotor de Justiça nada disse a Vossa Excelência sobre o problema do processo.
- Refiro-me a você, pois sempre foi o último da sala a cometer deslizes de concordância.
- Jamais convidarão a ele para a festa.
- Recorreram a Sua Majestade no momento de dificuldade.

Mas...

- Entregue tudo à senhora sua mãe, meu filho.
- Não me referi à senhorita, mas à dona Joana que sempre esteve presente aqui nesta escola.

4. Diante de artigos indefinidos.

- Eles chegaram a uma cidadezinha do interior de Pernambuco muito aconchegante.

▸ Os juízes estavam dispostos a uma nova avaliação do caso.

5. Diante dos pronomes indefinidos, dos interrogativos, dos demonstrativos "este, esta, estes, estas, esse, essa, esses, essas e isso" e dos relativos, à exceção de "a qual e as quais".

▸ A qual delas você se referiu ontem à noite?

▸ Esse caso não interessa a ninguém.

▸ Todos se dirigirem a este lugar quando querem orar.

▸ Ontem encontramos o João, a cuja esposa devemos muitos favores.

▸ A menina, a quem ele fez alusão na última reunião, viajou para a Europa.

▸ Jamais daremos crédito a qualquer criatura que por aqui chegue.

▸ A missa a que eu assisti foi ministrada pelo Pe. João Alberto.

➾ Observações:

a) Apesar de serem pronomes indefinidos, ocorrerá a crase diante de "outra e outras" sempre que o termo regente exigir a preposição "a". Veja:

▸ Foi uma apresentação igual à outra.

▸ Elas se abraçaram umas às outras.

b) Não confunda a preposição "a" que antecede o pronome relativo "que" com a fusão entre a preposição "a" e o pronome demonstrativo "a(s)" equivalente a "aquela(s)". Observe:

preposição "a" semelhante a + a(quela)

▸ Esta ideia a que ele se referiu é semelhante à que meu pai nos contou ontem.

▸ Aquela estrada é paralela à que corta esta cidade aqui.

paralela a + a(quela)

6. Diante de um "a" no singular o qual precede uma palavra no plural; palavra esta usada em sentido geral e indeterminado.

- A direção decidiu fechar, por duas semanas, o museu a visitas.
- Raramente ele vai a festas e a reuniões sociais.
- Não costumava se dirigir a pessoas estranhas.

Observação:

Fique atento para não confundir as estruturas. Observe:

- Ele nunca está atento a reclamações. (sem acento grave)
  preposição
- Ele nunca está atento às reclamações. (com crase)
  preposição + artigo
- O mesmo raciocínio estende-se a relações pessoais e profissionais. (sem acento grave)
  preposição
- O mesmo raciocínio estende-se às relações pessoais e profissionais. (com crase)
  preposição + artigo

7. Diante de substantivos femininos usados em sentido geral e indeterminado.

- Em minha viagem à Europa, fui apresentado a rei e a rainha.
- Na última festa, todos os alunos prestaram homenagens a mamãe e a papai.
- Ele nunca concorreu a vaga alguma na Universidade.
- Sr. João nunca foi a festa alguma, a reunião alguma.

Observações:

a) Note que, nos dois primeiros exemplos deste caso, os termos estão acompanhados meramente pela preposição "a". Não há a presença de artigo.

A crase só existirá diante do feminino se ambos os substantivos vierem determinados. Veja:

- Em minha viagem à Europa, fui apresentado $\underbrace{\text{ao rei e à rainha}}_{\text{substantivos determinados}}$.

b) Perceba também que nos dois últimos exemplos deste caso, o que promove o sentido geral e indeterminado dos substantivos é a presença do pronome indefinido. Por isso, inexiste o acento grave.

8. Diante de expressões formadas por palavras repetidas como, por exemplo, "gota a gota, ponta a ponta, dia a dia, frente a frente, uma a uma, cara a cara, corpo a corpo, lado a lado etc.".

- Toda a fazenda era, de ponta a ponta, um atoalhado branco, de uma neve espessa e muito gélida.

- Tomou o remédio gota a gota.

7.3.4 CASOS ESPECIAIS

1. Ocorrerá crase diante da palavra "casa" sempre que vier acompanhada de determinantes.

Veja:

- Ele se dirigiu à $\underbrace{\text{velha casa de seus avós}}_{\text{determinantes}}$.

- Voltei à casa $\underbrace{\text{de meu amigo}}_{\text{determinante}}$ correndo por causa de um mal-estar.

- Amanhã irei à casa $\underbrace{\text{que me será dada por herança.}}_{\text{determinante}}$

Observação:

Se não houver determinação, não haverá crase diante da palavra "casa".

- Voltei a casa triste e atirei-me sobre a cama.

- Menino que estuda, volta a casa todos os dias.

2. Ocorrerá crase diante da palavra "terra" quando vier determinada. Quando usada como antônimo de "bordo" a palavra "terra" dispensa determinantes, logo não ocorrerá a crase.

- Eles voltaram a terra totalmente exaustos.
  sem determinante.

- Depois de longa viagem, eles desceram a terra.
  sem determinante

- Eles foram à terra **dos seus antepassados**.
  determinante

- O casal chegou à terra **natal**.
  determinante

Observação:

No sentido de "chão, solo" a palavra "terra" admite o artigo. Se o termo regente exigir a preposição "a", a crase será obrigatória. Perceba:

- Nunca jogue lixo à terra. (Nunca jogue lixo **na** terra).
- Os agricultores sempre lançam à terra suas esperanças. (...sempre lançam **na** terra suas esperanças.)

3. Com a palavra "distância", ocorrerá crase sempre que vier acompanhada de determinantes.

- Todos ficaram à distância **de vinte metros do local do acidente**.
  determinante

- Por que você não ficou à distância **que eu te recomendei**?
  determinante

Observações:

a) A locução adverbial "a distância" geralmente é empregada sem o acento grave.

- "Teresa ouviu, a distância, o estrépito dum cavalo, quando passou ao patamar da escada." (Camilo C. Branco)
- "— Acudam, acudam! berrava Silvério a distância." (Eça de Queiroz)

b) Entretanto, o acento grave deverá ser empregado em "a distância" sempre que se quiser ressaltar o caráter adverbial da locução ou sempre que houver a possibilidade de a locução provocar ambiguidade.

- "Veladas por touceiras inextricáveis de macambiras ou lascas de pedra, não se revelavam à distância." (Euclides da Cunha)
- "Se a via, olhava muito para ela, detinha-se à distância, à porta de uma casa..." (Machado de Assis)

c) Quando a palavra distância vier modificada por pronomes indefinidos (pouca, certa, alguma etc.), a expressão não receberá o acento grave.

- "Já os três fugitivos iam a alguma distância, quando, como tomado de uma idéia súbita, um dos esculcas exclamou: ..." (A. Herculano)
- "Mariana estava agachada entre os pacotes da carga, a pouca distância de Simão." (Camilo C. Branco)

4. Ocorrerá crase com os pronomes relativos "a qual e as quais" sempre que o termo regente exigir a preposição "a".

- Esta é a pessoa à **qual** ele se referiu durante o café da manhã.
  referir-se a + a qual
- As apresentações teatrais **às quais** ele foi assistir renderam-lhe boas gargalhadas.
  assistir a + as quais

Observação:

Um recurso bastante simples para verificar a ocorrência da crase diante destes relativos é procurar substituí-los pelos masculinos (o qual, os quais) correspondentes:

SE APARECER
- **O QUAL, OS QUAIS** (apenas) ⇒ Não haverá crase no "a qual, as quais".
- **AO QUAL, AOS QUAIS** ⇒ Haverá crase no "à qual, às quais".

Observe:

- Esta é a professora à **qual** devo todos os meus conhecimentos. (Este é o professor ao **qual** devo...)

- Aquela é a clareira **à qual** foram ter por um atalho aberto a foice. (Aquele é o local **ao qual** foram...)

5. Como já mencionado, não há crase diante da maioria dos pronomes. Alguns pronomes, no entanto, como "mesma(s), própria(s) e tal" admitem artigo. Se o termo regente exigir a preposição "a", a crase será de rigor.

- Eles sempre vão à mesma lanchonete quando saem da escola. (Eles sempre vão **ao** mesmo bar...)
- Falaram à tal senhora sobre os desvios de conduta do filho dela. (Eles falaram **ao** tal senhor...)
- Algumas alunas atribuíram **às** próprias amigas a culpa pelo incidente. (Algumas alunas atribuíram **aos** próprios amigos...).

Ufa!!

Chegamos ao final de mais uma etapa. Para muitos, o acento grave ainda é um mistério. Provamos que não. Sugiro que, se possível, releia todas as regras para gravá-las melhor. Tenha sempre em mente os recursos para verificação ou não da ocorrência da crase, pois eles são muito úteis e nos permitem solucionar muitas dúvidas. Agora procure resolver os exercícios para consolidar o conhecimento. Prossigamos para a próxima etapa.

7.4 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (Unimep-SP) "A exposição .... inauguração assisti mostrou os lindos quadros .... me referi na nossa conversa do outro dia. Amanhã, haverá um leilão na mesma sala .... estão expostos." A alternativa que preenche corretamente é:

a) a cuja, aos quais, em que.
b) a cuja, os quais, na qual.
c) cuja, a que, em que.
d) a qual, aos quais, na qual.
e) à qual, que, que.

2. (Unimep-SP) ".... dois meses que não vejo Paulo. Soube que ele esteve.... beira de uma crise nervosa.... menos de cinco dias do vestibular." A alternativa que preenche corretamente as lacunas é:

a) Há, a, a.
b) Há, à, a.
c) Há, à, à.
d) A, a, à.
e) A, à, a.

3. (Fuvest-SP) De.... muito, ele se desinteressou de chegar a ocupar cargo tão importante,.... coisas mais simples na vida e que valem mais que a posse momentânea de certos postos de relevo.... que tantos ambicionam por amor.... ostentação."

a) a, há, à, à.
b) há, as, a, a.
c) há, há, a, à.
d) a, hão, a, à.
e) há, a, a, a.

4. (Fuvest-SP) O progresso chegou inesperadamente.... subúrbio. Daqui.... poucos anos, nenhum de seus moradores se lembrará mais das casinhas que,.... tão pouco tempo, marcavam a paisagem familiar.

a) aquele, a, a.
b) àquele, à, há.
c) àquele, à, à.
d) àquele, a, há.
e) aquele, à, há.

5. (UEL) .... contragosto, a comissão entregou.... imprensa.... listas dos aprovados.

a) À, a, as.
b) A, à, às.
c) A, à, as.
d) À, a, às.
e) À, à, às.

6. (ITA) Analisando as sentenças:

A vista disso, devemos tomar sérias medidas.

Não fale tal coisa as outras.

Dia a dia a empresa foi crescendo.

Não digo aquilo que me disse.

Deduzimos que:

a) apenas a III não tem crase.

b) as sentenças III e IV não têm crase.
c) todas as sentenças têm crase.
d) nenhuma sentença tem crase.
e) apenas a IV não tem crase.

7. (FCC) O fenômeno .... que aludi é visível .... noite e .... olho nu.

a) a, a, a.
b) a, à, à.
c) a, à, a.
d) à, a, à.
e) à, à, a.

8. (FCC) Já estavam .... poucos metros da clareira, ... qual foram ter por um atalho aberto .... foice.

a) à, à, a.
b) a, à, a.
c) a, a, à.
d) à, a, à.
e) à, à, à.

9. (PUC-SP) .... hora, ... chegasse primeiro se entregaria .... condecoração .... fizera jus.

a) Àquela, à que, a, a qual.
b) Àquela, a que, à, a qual.
c) Aquela, à que, a, à qual.
d) Àquela, à que, a, à qual.
e) n. d. a.

10. (UM-SP) Dados os períodos:

I. À força de tanto emagrecer, acabou morrendo.
II. A assistente social prestou assistência as mais necessitadas pessoas.
III. Com a eloquência habitual, falava a qualquer pessoa, sempre disposta a aumentar o prestígio.

Deduz-se que o sinal indicativo da crase está corretamente empregado:

a) apenas no primeiro período.
b) nos períodos I e II.
c) nos períodos II e III.
d) em todos os períodos.
e) nos períodos I e III.

11. (Fuvest) Daqui .... vinte quilômetros, o viajante encontrará, logo .... entrada do grande bosque, uma estátua que .... séculos foi erigida em homenagem .... deusa da floresta.

a) a, à, há, à.
b) há, a, à, a.
c) à, há, à, à.
d) a, à, à, à.
e) há, a, há, a.

12. (PUC) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas:

Viu-se frente .... frente com o inimigo.

Observava, ... distância, o que estava acontecendo.

Não se referira .... nenhuma das presentes.

Desandou ....correr ladeira abaixo.

Chegou .... uma hora da madrugada.

a) à, à, à, à, à.
b) à, à, a, a, à.
c) à, à, à, a, à.
d) a, a, a, a, à.
e) a, a, a, a, a.

13. (FCMSC-SP) Estamos ... poucas horas da cidade ... que vieram ter, ... tempos, nossos avós.

a) a – a – há.
b) há – a – a.
c) há – à – há.
d) à – a – a.
e) a – à – há.

14. (FCC – Metrô/SP – Supervisor de Linha) O uso do sinal de crase justifica-se em **ambas** as ocorrências na seguinte frase:

a) Não tive acesso à carreira de biólogo porque você se dispôs à engravidar.
b) Não nos assiste à prerrogativa de responsabilizarmos justamente àqueles que não têm culpa.
c) Imputamos à culpa aos outros quando achamos inadmissível assumirmos à nossa.
d) Atribuamos à nossa incompetência o fracasso de nossos planos, em vez de associá-lo à responsabilidade alheia.
e) Quando se fica à espera de algo inalcançável, tudo o que se alcança se reduz à uma frustração.

15. (UEL-PR) Foi ... Brasília aprender ... artes políticas, mas retornou ... terra natal sem grandes conhecimentos.

a) a – as – à.
b) à – as – a.
c) a – às – à.
d) a – as – a.
e) à – às – à.

16. (FCC – Soldado PM/BA) O uso do sinal da crase é **injustificável** em:

a) Lembrem-se às autoridades de terem sempre em mente o valor da prevenção.
b) Não cabe às pessoas de boa fé repudiar medidas de prevenção ao crime.
c) É penoso assistir às cenas de violência que se multiplicam nas metrópoles.
d) Atribui-se às medidas preventivas uma eficácia maior que a da repressão.
e) À inteligência da prevenção opõem-se aqueles que preferem a força da repressão.

17. (FCMSC-SP) Dê ciência ... todos de que não mais se atenderá ... pedidos que não forem dirigidos ... diretoria.

a) a – a – a.
b) a – à – a.
c) a – a – à.
d) à – à – a.
e) à – a – à.

18. (PUCC-SP) Assinale a alternativa em que há uso **incorreto** do sinal da crase.

a) Toda essa situação se deve à instabilidade da taxa de inflação.
b) Referindo-se à salários do último mês, comentou a inviabilidade de se manter aquele número de funcionários na empresa.
c) Não é à toa que amealhou o dinheiro que tem.
d) Em clima de grande emoção, chegou a tecer elogios inclusive àqueles que sempre o criticaram.
e) Devemos incentivá-los a dar continuidade à sua tarefa de informar a verdade sobre a situação do país.

19. (Fafeod-MG) Indique a alternativa que permite preencher **corretamente** os vazios do texto abaixo.

Aguardava ... carta ... muito tempo e, como não chegasse, ele referia-se ... todo instante ... consequências desastrosas que ... demora tenderia ... provocar.

a) a – a – a – às – a – a.
b) a – há – a – às – a – a.
c) a – há – a – as – a – a.
d) a – à – a – as – a – a.

20. (UFV-MG) Indique a alternativa em que o sinal indicativo de crase é facultativo.

a) Voltou à casa do juiz.
b) Chegou às três horas.
c) Voltou à minha casa.
d) Devolveu as provas àquela aluna.
e) Voltou às pressas.

GABARITO

1 – A	2 – B	3 – C
4 – D	5 – C	6 – B
7 – C	8 – B	9 – D
10 – E	11 – A	12 – D
13 – A	14 – D	15 – A
16 – A	17 – C	18 – B
19 – B	20 – C	

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

CAPÍTULO 8

SINTAXE DE COLOCAÇÃO PRONOMINAL

Estudaremos agora um assunto bem fácil. Por ausência de força tônica, trabalharemos a correta disposição dos pronomes oblíquos átonos dentro da estrutura oracional. Aqui, procure ficar atento, principalmente, aos fatores que atraem o pronome átono, pois esse conhecimento é frequentemente cobrado nas provas. O assunto exigirá de nós um pouco de memória, afinal teremos de apreender as principais regras as quais levam o pronome a ficar em umas das três posições: antes do verbo (próclise), no meio do verbo (mesóclise) e depois do verbo (ênclise). Convém aqui salientar que as regras que estudaremos abaixo se prestam, na maioria das vezes, ao uso formal da língua. No dia a dia e na linguagem coloquial, elas são pouco observadas. Vamos lá!!

Em primeiro lugar, cumpre ressaltar que a colocação pronominal, na Língua Portuguesa, restringe-se praticamente à perfeita disposição dos pronomes oblíquos átonos: me, te, se, o, a, lhe, nos, vos, os, as, lhes.

Tais pronomes podem assumir uma das seguintes posições:

a) Próclise ➾ pronome oblíquo colocado antes do verbo.

b) Mesóclise ➾ pronome oblíquo colocado no meio do verbo.

c) Ênclise ➾ pronome oblíquo colocado depois do verbo.

Primeiros exemplos:

- Ele me disse que amanhã faltará a aula.
  pronome proclítico

- Retirá-lo-ia do local se eu pudesse.
  pronome mesoclítico

- Entregaram-nos todos os documentos hoje pela manhã.
  pronome enclítico

8.1 MÁXIMAS DA COLOCAÇÃO PRONOMINAL

A topologia pronominal possui regras gerais que servem de norte para as demais regras. São elas:

1. Não se inicia período com pronome oblíquo átono.

Observe:

- Te disseram que o juiz julgou improcedente a nossa causa? (Construção errada)

Corrija-se para...

- Disseram-te que o juiz julgou...

- Lhe passo os documentos do processo hoje à tarde. (Construção errada)

Corrija-se para...

- Passo-lhe os documentos do processo hoje à tarde.

- Me falem a verdade ou serão expulsos da corporação. (Construção errada)

Corrija-se para...

- Falem-me a verdade ou serão expulsos da corporação.

2. Não se admite ênclise a um verbo no futuro ou no particípio.

Veja os exemplos:

verbo no futuro do subjuntivo

- Quando ele ajudar-te, não esqueças os demais parentes de tua família. (Construção errada)

Corrija-se para...

- Quando ele te ajudar, não esqueças os demais parentes de tua família.

- Certamente eles dariam-nos tudo se pudessem. (Construção errada)

verbo no futuro do pretérito do indicativo

Corrija-se para...

- Certamente eles nos dariam (ou "dar-nos-iam") tudo se pudessem.

- Tenho dedicado-me muito ao estudo da Língua Portuguesa. (Construção errada)

verbo no particípio

Corrija-se para...

- Tenho-me dedicado muito ao estudo da Língua Portuguesa.

3. Em geral, toda ênclise a um verbo no infinitivo é correta, ainda que exista um fator de próclise.

- A fim de não { o encontrar, ou encontrá-lo, } mudei o meu itinerário.

- Para não { as contrariar, ou contrariá-las } procurei resolver o problema imediatamente.

- Deixou sua sala para { me entregar ou entregar-me } o prêmio a que fiz jus pelo ótimo desempenho este mês.

- "Proponho firmemente com vossa graça **não ofender-vos** mais." (M. Bernardes)

- "Basta-lhe os olhos negros e a tristeza, a palidez e o nunca sorrir-se." (Camilo C. Branco)
- "Ela, encostada à poltrona, passava-lhe os dedos pelos cabelos, muito ao leve e caladinha para não perturbá-lo." (Machado de Assis, *Quincas Borba*)

8.2 REGRAS GERAIS

8.2.1 PRÓCLISE

O pronome oblíquo átono ficará proclítico ao verbo por causa dos seguintes fatores que o atraem:

1) Palavras de valor negativo (não, nunca, jamais, ninguém, nada, nem [= e nem] etc.).

- **Jamais** nos consideraremos melhores do que os outros.
- **Não** o permitiram a conversão de real para dólar.
- **Nunca** lhe entristeceu a situação dos pobres no mundo?

Observação:

Se houver pausa depois da palavra negativa, emprega-se a ênclise.

- **Não,** converta-se ao cristianismo urgentemente.

2) Advérbios e pronomes indefinidos.

- **Aqui** se faz, **aqui** se paga.
- Nem **sempre** se enxergam as disparidades do mundo contemporâneo.
- **Ninguém** nos falou sobre o problema da empresa.
- "Na natureza, **nada** se perde, **nada** se cria, **tudo** se transforma."

➯ Observação:

Se houver pausa depois do advérbio, o pronome ficará enclítico. Se o verbo estiver no futuro, emprega-se a mesóclise.

- **Enfim**, encontrei-**o** na Estação da Luz.
- **Amanhã**, encontrar-**me**-ei com o Luís Antônio para uma conversa de negócios.

3) Pronomes relativos (que, o qual, a qual, os quais, as quais, cujo, cuja, cujos, cujas, onde, quem etc.).

- As informações, **que** te deram, parece terem mexido com o teu íntimo.
- Aquele é o estádio de futebol **o qual** se fez e **o qual** se construiu em poucos meses.
- Este bar é lugar da cidade **onde** se encontram os melhores pratos da cidade.

4) Pronomes demonstrativos (este, esta, isto, aquele, aquela, aquilo etc.).

- Tudo **aquilo** lhe passou despercebido.
- **Esta** me contou uma versão esquisita do caso. **Aquele** nos disse totalmente o contrário desse aí.

5) Conjunções subordinativas (quando, se, já que, porque, embora, enquanto, como, à medida que etc.).

- **À medida que** se estuda, aprende-se mais.
- **Enquanto** me diziam aquilo, eu permanecia imóvel.
- É muito justo **que** o ampares na velhice.
- **Se** me pagar, farei o trabalho **assim que** me sobrar um tempinho.

6) Verbo no gerúndio precedido da preposição "em".

- **Em** se **tratando** de finanças, procure o sr. João Alberto.
- **Em** se **pensando** em viagens, é sempre bom procurar uma boa empresa de turismo.

7) Conjunção coordenativa alternativa.

- **Ou** se casa comigo, **ou** se casa com o meu primo.
- Deixem-me sair, **ou** me deem a vaga de emprego a qual vim à procura.

8.2.1.1 Outros fatores de próclise

Além desses fatores, a próclise é de rigor:

1) Nas orações exclamativas e nas optativas (orações que exprimem desejo):

- Que Deus te proteja.
- Bons ventos os levem em paz!
- Quanto nos é difícil falar a verdade!
- Que terrível revelação nos fizeste!

2) Nas orações interrogativas em que haja pronomes interrogativos:

- Quem vos falou sobre o problema dela?
- Quanto lhe custou o conserto do carro?

3) Com verbos no infinitivo pessoal precedido de preposição:

- Demiti os dois funcionários por se queixarem demais.
- Deixei-os à vontade para se relacionarem melhor com o professor.

8.2.2 MESÓCLISE

Como já se mencionou, a mesóclise consiste na colocação do pronome oblíquo átono no meio do verbo. Isso ocorre apenas com dois tempos do modo indicativo: o futuro do presente e o futuro do pretérito, pois se trata de dois tempos compostos. O futuro do presente é formado pelo INFINITIVO do verbo mais o PRESENTE DO INDICATIVO do verbo HAVER; já o futuro do pretérito é formado pelo INFINITIVO do verbo mais o pretérito imperfeito do verbo HAVER. Logo, o pronome oblíquo átono será colocado entre um INFINITIVO e o verbo HAVER. Observe:

FUTURO DO PRESENTE (Infinitivo + presente do indicativo do verbo "haver"):

Eu comprar + hei ➪ comprarei = Hei de comprar
Tu comprar + hás ➪ comprarás = Hás de comprar
Ele comprar + há ➪ comprará = Há de comprar
Nós comprar + havemos ➪ compraremos = Havemos de comprar
Vós comprar + haveis ➪ comprareis = Haveis de comprar
Eles comprar + hão ➪ comprarão = Hão de comprar

FUTURO DO PRETÉRITO (Infinitivo + pretérito imperfeito do verbo "haver"):

Eu comprar + havia ➪ compraria = Havia de comprar
Tu comprar + havias ➪ comprarias = Havias de comprar
Ele comprar + havia ➪ compraria = Havia de comprar
Nós comprar + havíamos ➪ compraríamos = Havíamos de comprar
Vós comprar + havíeis ➪ compraríeis = Havíeis de comprar
Eles comprar + haviam ➪ comprariam = Haviam de comprar

Dessa forma, teremos:

- Compraria o carro se eu pudesse. = **Comprá-lo-ia** se eu pudesse. (= Havia de comprá-lo se eu pudesse.)

- Encontrá-lo-á deitado numa rede bem vistosa à varanda da casa grande. (= Há de encontrá-lo deitado...)
- Conceder-lhe-íamos o emprego se ele tivesse competência. (= Havíamos de conceder-lhe o emprego...)
- Estabelecer-nos-emos aqui até que a tempestade passe. (= Havemos de estabelecer-nos aqui até...)
- Jogá-lo-ão na lixeira se todas as tentativas falharem. (= Hão de jogá-lo na lixeira se...)
- "Dir-me-eis que não tendes outro modo de vos sustentar". (Pe. Antônio Vieira)

Observações:

a) Não havendo palavra atrativa e estando o futuro do presente ou do pretérito no meio de uma oração, será indistinta tanto a próclise quanto a mesóclise. Observe:

- Ele $\left[\begin{array}{c}\text{me entregará}\\ \text{ou}\\ \text{entregar-me-á}\end{array}\right.$ o pacote amanhã pela manhã.

- Ricardo $\left[\begin{array}{c}\text{se retiraria}\\ \text{ou}\\ \text{retirar-se-ia}\end{array}\right.$ da reunião de qualquer jeito.

b) Se houver palavra atrativa antes do futuro, a próclise será obrigatória.

8.2.3 ÊNCLISE

O pronome oblíquo átono ficará enclítico ao verbo nas seguintes circunstâncias:

1) Quando o verbo iniciar o período.

- Conta-me logo tudo que sabes, Marcílio.
- Fazê-lo será um prazer para mim, d. Joana.
- Perceberam-nos assim que chegamos ao local.

2) Com o verbo no gerúndio, desde que não forme locução verbal ou que não esteja precedido da preposição "em" ou de qualquer elemento de atração.

- Não farei mais a reunião, disse ele, **levantando**-se rapidamente.
- Judas aproximou-se de Cristo; beijando-lhe o rosto, denunciou-o aos soldados de Pilatos.

Observação:

Se houver fator de próclise, esta será de rigor. Veja:

- João comprava demasiadamente, **pouco** se importando com o valor das coisas.

3) Com verbos no imperativo afirmativo.

- Deixe a sala agora e entregue-se aos estudos se quiser ser aprovado no final do ano.
- João, escuta-me por alguns minutos, por favor.

4) Com verbos no infinitivo regidos da preposição "a", em se tratando dos pronomes oblíquos vocálicos "o, a, os, as", os quais assumirão, obrigatoriamente, as formas "lo, la, los, las".

- Jamais me recusaria a recebê-los.
- Todos começaram a questioná-las sobre as ideias que defendiam.
- "Acudiu toda a cidade a acompanhá-lo." (Fr. L. de Sousa)

Observação:

Não se esqueça de que o infinitivo é uma forma verbal privilegiada. À exceção da regra acima e da próclise com o infinitivo flexionado, diante de

um verbo no infinitivo estão corretas tanto a próclise quanto a ênclise, mesmo com a existência de um fator de próclise. Veja:

- Não fizeram absolutamente nada para { os deter. ou detê-los.
- Tinha um grande desejo de { a pegar nos braços. ou pegá-la nos braços.
- Para não { te incomodar ou incomodar-te } resolvi mudar todos os meus pensamentos.

8.3 COLOCAÇÃO DOS PRONOMES OBLÍQUOS NAS LOCUÇÕES VERBAIS

> A partir de agora, vamos usar o conhecimento acima para posicionar corretamente os pronomes oblíquos dentro das locuções verbais. O assunto não é difícil, mas você precisa estar bem atento às orientações abaixo. Vamos lá!

Primeiramente, vamos relembrar o que é uma locução verbal:

VERBO AUXILIAR + VERBO PRINCIPAL {
INFINITIVO
GERÚNDIO
PARTICÍPIO

Dentro de uma locução verbal, o pronome oblíquo poderá assumir uma das seguintes posições:

a) Próclise ao verbo auxiliar ⇒ Colocação sempre possível, exceto se a locução iniciar o período.

b) Ênclise ao verbo auxiliar ⇒ Colocação possível desde que não haja um fator de próclise ou o verbo esteja no futuro.

c) Ênclise ao verbo principal ➾ Colocação sempre possível em se tratando do infinitivo ou do gerúndio. Gramaticalmente, não se admite ênclise a um verbo no particípio.

d) Pronome oblíquo solto no meio da locução verbal (próclise ao verbo principal) ➾ Posição consolidada pelo uso. Já foi combatida por alguns gramáticos, mas hoje plenamente aceita pelo padrão mais formal da língua em virtude do largo emprego nas situações do dia-a-dia.

Observe agora, seguindo as orientações acima, as possíveis colocações dos oblíquos nas locuções verbais:

1. Verbo auxiliar + infinitivo:

a) Os homens devem amar uns aos outros. (se)

➾ Os homens se devem amar uns aos outros. (Próclise ao verbo auxiliar)

➾ Os homens devem-se amar uns aos outros. (Ênclise ao verbo auxiliar)

➾ Os homens devem amar-se uns aos outros. (Ênclise ao verbo principal – infinitivo)

➾ Os homens devem se amar uns aos outros. (Pronome solto no meio da locução)

b) Eu quero dizer muita coisa. (lhe)

➾ Eu lhe quero dizer muita coisa. (Próclise ao verbo auxiliar)

➾ Eu quero-lhe dizer muita coisa. (Ênclise ao verbo auxiliar)

➾ Eu quero dizer-lhe muita coisa. (Ênclise ao verbo principal – infinitivo)

➾ Eu quero lhe dizer muita coisa. (Pronome solto no meio da locução)

c) Não posso abater com essas calúnias. (me)

➾ Não me posso abater com essas calúnias. (Próclise ao verbo auxiliar)

➾ Não posso abater-me com essas calúnias. (Ênclise ao verbo principal – infinitivo)

➾ Não posso me abater com essas calúnias. (Pronome solto no meio da locução)

2. Verbo auxiliar + gerúndio:

a) Os olhos da personagem foram enchendo de lágrimas. (se)

- ➾ Os olhos da personagem se foram enchendo de lágrimas. (Próclise ao verbo auxiliar)
- ➾ Os olhos da personagem foram-se enchendo de lágrimas. (Ênclise ao verbo auxiliar)
- ➾ Os olhos da personagem foram enchendo-se de lágrimas. (Ênclise ao verbo principal – gerúndio)
- ➾ Os olhos da personagem foram se enchendo de lágrimas. (Pronome solto no meio da locução)

b) O empregado afirmou que não estava insultando. (me)

- ➾ O empregado afirmou que não me estava insultando. (Próclise ao verbo auxiliar)
- ➾ O empregado afirmou que não estava insultando-me. (Ênclise ao verbo principal – gerúndio)
- ➾ O empregado afirmou que não estava me insultando. (Pronome solto no meio da locução)

3. Verbo auxiliar + particípio:

a) O time tem dado muitas decepções. (nos)

- ➾ O time nos tem dado muitas decepções. (Próclise ao verbo auxiliar)
- ➾ O time tem-nos dado muitas decepções. (Ênclise ao verbo auxiliar)
- ➾ O time tem nos dado muitas decepções. (Pronome oblíquo solto no meio da locução)

b) E se ele tivesse enganado, o que você faria? (me)

- ➾ E se ele me tivesse enganado, o que você faria? (Próclise ao verbo auxiliar)
- ➾ E se ele tivesse-me enganado, o que você faria? (Ênclise ao verbo auxiliar)
- ➾ E se ele tivesse me enganado, o que você faria? (Pronome oblíquo solto no meio da locução)

c) Onde terá metido aquele menino? (se)

⇨ Onde se terá metido aquele menino? (Próclise ao verbo auxiliar)

⇨ Onde terá se metido aquele menino? (Pronome oblíquo solto no meio da locução)

⇨ **Observações:**

a) Lembre-se de que não se pospõe pronome oblíquo átono a um verbo no particípio.

b) Quando a locução verbal é formada por um verbo auxiliar mais uma preposição e mais o verbo principal, observam-se as mesmas posições elencadas acima à exceção da ênclise ao verbo auxiliar. Veja:

d) Ele há de acostumar em breve com a nova função na empresa. (se)

⇨ Ele se há de acostumar em breve com a nova função na empresa. (Próclise ao verbo auxiliar)

⇨ Ele há de acostumar-se em breve com a nova função na empresa. (Ênclise ao verbo principal – infinitivo)

⇨ Ele há de se acostumar em breve com a nova função na empresa. (Pronome solto entre a preposição e o verbo principal)

8.4 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (FCC) Quando ..... as provas, ... imediatamente.

a) lhes entregarem, corrijam-as.
b) lhes entregarem, corrijam.
c) lhes entregarem, corrijam-nas.
d) entregarem-lhes, corrijam-as.
e) entregarem-lhes, as corrijam.

2. (FCC) Acredito que todos ..... dizer que não ..... .

a) lhe irão, se precipite.
b) lhe irão, precipite-se.

c) irão-lhe, se precipite.
d) irão lhe, precipite-se.
e) ir-lhe-ão, se precipite.

3. (Santa Casa-SP) Devemos ..... da tempestade.

a) resguardar-mos-nos.
b) resguardar-nos.
c) resguardarmos-nos.
d) resguardarmo-nos.
e) resguarda-nos.

4. (Santa Casa-SP) Há um erro de colocação pronominal em:

a) Sempre a quis como namorada.
b) Os soldados não lhe obedeceram as ordens.
c) Todos me disseram o mesmo.
d) Recusei a idéia que apresentaram-me.
e) Quando a cumprimentaram, ela desmaiou.

5. (UFF-RJ) Numa das frases abaixo, a colocação do pronome pessoal átono não obedece às normas vigentes. Assinale-a.

a) Ter-lhe-iam falado a meu respeito?
b) Tenho prevenido-o várias vezes.
c) Quem nos dará as razões?
d) Nunca nos diriam inverdades.
e) Haviam-no procurado por toda parte.

6. (Faap-SP) Assinale a alternativa em que a colocação pronominal desobedece ao que preceitua a gramática:

a) Há muitas estrelas que nos atraem atenção.
b) Jamais dar-te-ia tantas explicações, se não fosse pessoa de tanto merecimento.
c) A este compete, em se tratando de corpo da pátria, revigorá-lo com o sangue do trabalho.
d) Não o realizaria, entretanto, se a árvore não se mantivesse verde sob a neve.
e) Nenhuma das anteriores.

7. (UM-SP) Assinale a alternativa que apresenta erro de colocação pronominal.

a) Você não devia calar-se.
b) Não lhe darei qualquer informação.
c) O filho não o entendeu.

d) Se apresentar-lhe os pêsames, faça-o discretamente.
e) Ninguém quer aconselhá-lo.

8. (Cesesp-PE) Assinale o único período em que há inadequação na colocação pronominal.

a) Nenhuma das questões lhe desagradou.
b) Que Deus me ajude!
c) Quanto nos custa manter a calma!
d) A prova, fi-la sem afobação.
e) Todos retirar-se-iam cedo.

9. (PUCC-SP) Sabendo-se que solecismos são desvios indevidos de regência, concordância e colocação, indique a alternativa que não apresenta nenhum desses desvios, segundo a norma culta:

a) Liliana, te amo perdidamente.
b) Quando saírem com nós, talvez nos contem o caso.
c) As meninas não devem se preocupar com a maquiagem.
d) Entre mim e você, sempre houve compreensão.
e) Esta revista é para mim ler.

10. (UM-SP) Assinale a alternativa em que o pronome pessoal oblíquo poderia ser colocado em duas outras posições:

a) Deixei de cumprimentá-lo.
b) Eles queriam-me enganar.
c) Não te prejudicarei nunca.
d) Os amigos tinham se retirado.
e) Creio que ele não me dará explicações.

GABARITO

1 – C	2 – A	3 – B
4 – D	5 – B	6 – B
7 – D	8 – E	9 – D
10 – B		

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

CAPÍTULO 9

EMPREGO DOS SINAIS DE PONTUAÇÃO

Em primeiro lugar, quero parabenizá-lo por ter chegado até aqui. Espero que você já tenha estudado os outros pontos deste livro, pois o assunto sobre o qual vamos a partir de agora discorrer depende bastante dos conhecimentos anteriores, principalmente do conhecimento sobre sintaxe de oração e de período. Do entendimento com profundidade da oração e dos seus termos, bem como da relação entre as orações, dependerá o sucesso no que diz respeito ao emprego dos sinais de pontuação, uma vez que esta é, na maioria dos casos, uma necessidade sintática. Por isso, convido-o a estudar – se ainda não o fez – aqueles dois assuntos. Adentrar o mundo da pontuação sem dominar os mecanismos básicos da sintaxe é semelhante a tentar resolver um problema de sistema de inequações do segundo grau sem antes ter estudado a resolução de equações do primeiro grau, ou seja, a possibilidade de insucesso é grande. Se já estudou, convido-o então a dar o próximo passo para o seu engrandecimento: vamos juntos entender a aplicação dos diversos sinais que marcam as pausas, a entonação, a mudança semântica e às vezes a melodia do discurso na nossa língua portuguesa.

9.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A princípio é preciso que se estudem as duas principais razões sobre as quais se assenta a pontuação na língua portuguesa. Chamo a essas razões de "bases" da pontuação.

1.ª BASE:

Pontuar é, no mais das vezes, uma necessidade sintática. Isto quer dizer que, para se pontuar bem, deve-se estar atento às funções sintáticas desempenhadas pelos termos e pelas orações, bem como à localização de tais termos e orações no período. Por isso, são inadmissíveis as seguintes pontuações:

a) O ex-presidente da empresa brasileira de correios e telégrafos, viajará na próxima semana.

Regra: Não se separa o sujeito do seu verbo.

b) Por fim, estudou-se o artigo 5.º da Constituição, que confere, aos brasileiros e aos estrangeiros, certos direitos.

Regra: Não se separa por vírgula o verbo do(s) seu(s) objeto(s).

c) A indignação, de muita gente, não transpõe na maioria dos casos o âmbito das conversas privadas.

Regra: Não se separa o nome do(s) seu(s) adjunto(s).

d) O fato que foi revelado nas investigações foi decisivo, para a elucidação do crime.

Regra: Não se separa por vírgula o nome do seu complemento.

Você perceberá que boa parte das regras sempre se refere às funções sintáticas. Daí afirmamos ser a pontuação uma necessidade sintática.

2.ª BASE:

O emprego dos sinais de pontuação pode alterar o sentido e a função sintática de um termo, ou seja, a pontuação, em muitos casos, implicará alterações semânticas e sintáticas. Observe as alterações de sentido e de função sintática entre os pares a seguir:

a) – Ninguém compreende Maria. ➪ Maria é uma pessoa difícil de se compreender. O termo "Maria" é o objeto direto.

– Ninguém compreende, Maria. ➪ Maria passa a ser a interlocutora com quem se fala. O termo "Maria" é agora o vocativo.

b) – O empregado falará brevemente com o novo diretor. ➪ O vocábulo "brevemente" funciona como advérbio de tempo.

– O empregado falará, brevemente, com o novo diretor. ➪ O vocábulo "brevemente" funciona como advérbio de modo.

c) – Quero ver o que você vai fazer agora, que o novo gerente é um casca-grossa. ➪ A oração iniciada pelo "que" possui sentido explicativo. O vocábulo "agora" é um advérbio de tempo.

– Quero ver o que você vai fazer, agora que o novo gerente é um casca-grossa. ➪ A oração iniciada pelo "agora que" possui valor temporal. A locução "agora que" é uma conjunção temporal.

d) Alguém joga uma moeda para cima, pega-a na mão e pergunta:

— É cara ou coroa?

— É coroa, cara.

— Não! Deu cara, coroa!

Observe as alterações semânticas e sintáticas provocadas pelo emprego da vírgula entre os vocábulos "cara" e "coroa".

e) – De fato, meu amigo não fala de medo. ➪ Aqui o amigo não fala sobre o "medo". "De medo" é objeto indireto.

– De fato, meu amigo não fala, de medo. ➪ Aqui o amigo não fala porque está com medo. "De medo" é um adjunto adverbial de causa.

f) – Todos foram até a mamãe. ➪ Aqui "todos" chegaram até a mamãe.

– Todos foram, até a mamãe. ➪ Aqui "todos" foram, partiram, inclusive "a mamãe".

g) – "Vota Brasil!" ➪ Aqui o "Brasil" – sujeito – faz a ação de votar. Observe que o verbo "votar" se encontra no presente do indicativo.

– "Vota, Brasil!" ➪ Aqui o vocábulo "Brasil" passa a exercer a função de "vocativo". O verbo "votar" se encontra agora na segunda pessoa do imperativo afirmativo.

Reiterando: O emprego dos sinais de pontuação – notadamente a vírgula – pode provocar alterações do sentido e da função sintática dos termos.

9.2 PRINCIPAIS SINAIS DE PONTUAÇÃO

Pontuar é, antes de mais nada, dividir o discurso, separar-lhe as partes quando for necessário. Clara definição para o que vem a ser "pontuar" nos deixou o ilustre mestre Celso Pedro Luft: "Pontuar bem é ter visão clara da estrutura do pensamento e da frase. Pontuar bem é governar as rédeas da frase. Pontuar bem é ter ordem no pensar e na expressão".

Para que bem se efetue esse domínio, empregam-se os sinais de pontuação os quais se dividem em sinais de pausa e sinais de entonação ou melódicos.

1. Sinais de pausa:

a) a vírgula (,);

b) o ponto (.);

c) o ponto-e-vírgula (;).

2. Sinais de entonação ou melódicos:

a) os dois-pontos (:);
b) o ponto de exclamação (!);
c) o ponto de interrogação (?);
d) as reticências (...);
e) as aspas (" ");
f) os parênteses (( ));
g) os colchetes ([ ]);
h) o travessão (–).

➭ Observações:

Outros sinais podem, em alguns contextos, ser empregados para a marcação de melodia e entonação (recursos expressivos), como o hífen, o parágrafo, o destaque de letras e palavras (emprego do negrito, por exemplo).

Abaixo passaremos a estudar detidamente todos os sinais de pontuação. Será um desafio para você. Procure entender a função de cada um. Alertamos, porém, que a melhor maneira para aprender a pontuar bem é ainda por meio das boas leituras. Procure, portanto, aliar o conteúdo abaixo à leitura de bons autores, que certamente o resultado será bastante satisfatório.

9.2.1 EMPREGO DA VÍRGULA (,)

Para estudar o emprego da vírgula, primeiro é preciso entender que ela pode ser usada tanto para isolar termos dentro das orações quanto para separar orações dentro de um período composto. Por isso, dividimos seu emprego em:

9.2.1.1 A vírgula entre os termos de uma oração

Emprega-se a vírgula:

a) Para separar termos coordenados assindéticos (sem ligação por conectivo), de mesma função sintática, que formam, muitas vezes, enumerações.

- Deparamo-nos em nossa viagem com uma paisagem paradisíaca na qual se viam o sol, algumas nuvens, o mar ao longe, alguns coqueiros e duas casas numa restinga.

- "Havia sermonários latinos, um Marco Marullo, três retóricas, muitas teologias morais, um Euclides, comentários de versões literais de Tito Livio e Virgílio." (Camilo Castelo Branco)

- A vida, o infinito, o sol, o mar, tudo é um louvor a Deus.

Observações:

Quando o último elemento de uma série enumerativa vier precedido da conjunção "e", a vírgula é dispensada. Neste caso, diz-se que se fez uma "enumeração fechada", pois o último elemento, introduzido pelo conectivo aditivo "e", finaliza o pensamento, o que não permite inferir que haja outros elementos não mencionados.

- Na festa, todos saltavam, riam, cantavam e dançavam freneticamente.

Não se deve empregar a vírgula antes das conjunções "e, ou, nem" quando estas ligarem palavras ou mesmo orações de pequena extensão.

- "Todo ele era atenção e interrogação." (Machado de Assis)
- Nem um nem outro lhe deve ficar obrigado." (A. Herculano)
- "Com ela ou sem ela, tenho por certa a nossa ida." (Machado de Assis)

Emprega-se a vírgula antes do "e" quando este vier repetido antes de cada um dos elementos (polissíndeto).

- "Tua irmã é carinhosa, e doce, e meiga, e casta, e consoladora." (Eça de Queiroz)

b) Para isolar vocativos.

- "Mas olha, meu Telmo, torno a dizer-to: eu não sei como hei de fazer para te dar conselhos." (A. Garrett)
- Que foi, Madalena, há algum problema na comida?
- "De maneira, cristãos, que temos hoje a maior tentação: queira Deus que tenhamos também a maior vitória." (Pe. Antonio Vieira)

c) Para separar adjuntos adverbiais locucionais deslocados dentro da estrutura oracional.

- "A morte de Afonso VI, quase no fim da primeira década do século XII, deu origem a acontecimentos ainda mais graves do que os por ele previstos..." (A. Herculano)
- "Desde as quatro horas da tarde, no calor e silêncio do domingo de junho, o Fidalgo da Torre (...) trabalhava." (Eça de Queiroz)
- "Depois das grandes dores e das lágrimas torrenciais, forma-se também no coração do homem um húmus poderoso..." (José de Alencar)
- "Diante dessa varanda, na claridade forte, pousava a mesa ... ." (Eça de Queiroz)

➾ Observações essenciais:

Os adjuntos adverbiais formados por um só vocábulo – e mesmo os adjuntos adverbiais locucionais, de pequena extensão – dispensam a vírgula, salvo se se quiser conferir-lhes ênfase.

- Iremos hoje ao shopping.
- Todos em princípio discordam do que ele disse.
- Amanhã de manhã chegarão o Presidente da República e toda a sua comitiva.
- "Logo pela primeira vez o caso intrigou a vizinhança." (Lima Barreto)
- "Esta atitude de resto convém ao bacharel... ." (Eça de Queiroz)

Os adjuntos adverbiais terminados no sufixo "-mente" seguem a regra de pontuação dos adjuntos adverbiais simples: ou não se põe nenhuma vírgula, ou se isola o advérbio com vírgula(s) para conferir-lhe ênfase ou alterar-lhe a semântica.

- "É verdade que a guitarra vinha decentemente embrulhada em papel, mas o vestuário não lhe escondia inteiramente as formas." (Lima Barreto)
- "... uma flor consolaria aquela deserdada; mas na disposição dos seres, infelizmente, a Substância que lá devia ser rosa é aqui na Baixa homem de Estado..." (Eça de Queiroz)
- "Realmente, era graciosa e viva nos gestos, olhos cálidos, boca fina e interrogativa." (Machado de Assis)

d) Para isolar apostos explicativos.

- "Vós fostes o aio e amigo de meu senhor... de meu primeiro marido, o Senhor D. João de Portugal..." (A. Garrett)
- "O Dr. Camargo, médico e velho amigo da casa, foi ter com Estácio." (Machado de Assis)
- Recife, cidade cortada por rios, é conhecida como a Veneza brasileira.
- Salomão, filho de Davi, foi um rei sábio.

e) Para isolar o nome do lugar quando seguido de data.

▷ Palmares, 2 de fevereiro de 2004.

f) Para isolar alguns termos sintáticos – geralmente complementos verbais – postos no início do período (anástrofe), com o intuito de conferir-lhes ênfase, desde que sejam retomados de forma pleonástica por pronome oblíquo.

▷ As ideias do nosso presidente, já não mais as defendo.

▷ Aos amigos do alheio, difícil é perdoar-lhes os prejuízos que causam.

g) Para isolar o predicativo do sujeito deslocado dentro da estrutura oracional quando o verbo não é de ligação.

▷ Triste com a notícia, o rapaz deixou a sala em silêncio.

▷ O governo, contente com a redução da inflação, interveio junto ao Banco Central para que este diminua a taxa Selic.

▷ O professor, desesperado, deixou a sala.

h) Para indicar uma elipse (ocultação), geralmente, de um verbo.

▷ O Brasil sempre exportou carnes; a Argentina, sapatos e couro; a Venezuela, petróleo. (Elipse do verbo "exportar")

▷ "A moral legisla para o homem; o direito, para o cidadão." (Tomás Ribeiro apud Artur de A. Tôrres)

▷ Marcos estuda francês, e João, inglês.

i) Para separar expressões explicativas, conclusivas e retificativas, interpostas na oração, como "isto é, a saber, ou seja, por exemplo, ou melhor, outrossim, com efeito, assim, então, por assim dizer, além disso, ademais etc.".

▷ "Quaresma fez o "Tangolomango", isto é, vestiu uma velha sobrecasaca do general..." (Lima Barreto)

▷ "Esta singularidade era um símbolo da união, ou melhor, da comunhão que o dono da casa queria que houvesse durante a ceia..." (José de Alencar)

▷ "O calor úmido das paragens amazonenses, por exemplo, deprime e exaure." (Euclides da Cunha)

j) Para separar os elementos paralelos nas frases proverbiais.

- O velho a estirar, o diabo a enrugar.
- Dinheiro na mão, amigos no portão.

9.2.1.2 A vírgula entre as orações

a) Para separar orações coordenadas assindéticas.

- "Entregou a espingarda a sinhá Vitória, pôs o filho no cangote, levantou-se, agarrou os bracinhos..." (Graciliano Ramos)
- "Os juazeiros aproximaram-se, recuaram, sumiram-se." (Graciliano Ramos)
- "Deus quer, o homem sonha, a obra nasce." (Fernando Pessoa)
- "E agora, José?
  A festa acabou,
  a luz apagou,
  o povo sumiu,
  a noite esfriou." (C. Drummond)

b) Emprega-se a vírgula para separar as orações coordenadas sindéticas, exceto as introduzidas pelo conectivo aditivo "e".

- "... as duas janelas estavam cerradas, mas sentia-se fora o sol faiscar nas vidraças..." (Eça de Queiroz)
- "Não freqüentava botequins, nem fazia noitadas." (Eça de Queiroz)
- "... ora tinha trabalho que me obrigava a fechar o gabinete, ora saía ao domingo para ir passear pela cidade e arrabaldes o meu mal secreto." (Machado de Assis)
- "Note que é só para fazer mal, porque ele é tão religioso como este lampião." (Machado de Assis)
- Não estudas regularmente, logo és um mau aluno.

➩ **Observações:**

A vírgula é de rigor antes do "e" aditivo quando vem repetido antes de cada oração (polissíndeto), quando o "e" possui valor adversativo, ou quando

a oração introduzida pelo "e" apresenta sujeito diverso da oração assindética anteposta.

- Preparou-se profundamente para o concurso, e não conseguiu ser aprovado nem na primeira etapa.

O "e" possui valor adversativo.

- "Cumpriu-se o Mar, e o Império se desfez." (Fernando Pessoa)

Os sujeitos das orações são diferentes.

- "Rita tratou especialmente do coração, e ninguém o faria melhor." (Machado de Assis)
- *"Rondo-te, e arquejo, e choro, ó cidadela!"* (Olavo Bilac, apud Domingos Paschoal Cegalla)

Boa parte dos conectivos coordenativos admite o deslocamento dentro da oração coordenada de que eles fazem parte. Um bom paradigma nos dão as conjunções coordenativas adversativas (construções possíveis):

- As ideias construídas por ele têm fundamento, mas são inaplicáveis à realidade do dia a dia.

Posição mais comum – conectivo introduz a oração coordenada sindética.
A vírgula deve ser aplicada antes do conectivo.

- As ideias construídas por ele têm fundamento; entretanto, são inaplicáveis à realidade do dia a dia.

pontuação enfática para o conectivo

- As ideias construídas por ele têm fundamento; são inaplicáveis, porém, à realidade do dia a dia.

conectivo deslocado dentro da oração sindética

- As ideias construídas por ele têm fundamento; são inaplicáveis à realidade do dia a dia, no entanto.

conectivo deslocado dentro da oração sindética

Quando a oração assindética é de considerável extensão, pode-se finalizá-la com um ponto. Depois inicia-se a oração sindética com conectivo adequado, o qual poderá ou não ser isolado por uma vírgula.

- "Quis puxar as de Capitu, mas ainda agora a ação não respondeu à intenção. Contudo, achei-me forte e atrevido." (Machado de Assis)
- "A criação de gado é ali a sorte de trabalho menos imprópriada ao homem e à terra. Entretanto não há vislumbrar nas fazendas do sertão a azáfama festiva das estâncias do Sul." (Euclides da Cunha)

c) Para separar orações subordinadas adjetivas explicativas.

- "Aquele olhar profundo, que parecia despedir os fogos surdos de uma labareda oculta, incutia nela um desassossego íntimo." (José de Alencar)
- O homem, que é mortal, julga-se às vezes eterno.
- "Eu, que já a achava lindíssima, bradaria que era a mais bela criatura do mundo se o receio me não fizesse discreto." (Machado de Assis)
- "Qualquer príncipe italiano, cujo principado é menos do que a sua capital, tem residências dez vezes mais magníficas do que esse bocó de Sanjon." (Lima Barreto)

d) Para separar orações subordinadas adverbiais desenvolvidas quando antepostas à oração principal ou intercaladas nela.

- "Logo que começou a revolver os papéis, a mão do médico tornou-se mais febril." (Machado de Assis)
- O conselheiro, embora não figurasse em nenhum grande cargo do Estado, ocupava elevado lugar na sociedade. (Machado de Assis)
- A audiência foi, conforme atestaram os advogados, bastante positiva para a defesa.
- "Como pregava gratuitamente, o vigário de Caldelas era chamado por todos os mordomos e confrarias festeiras." (Camilo Castelo Branco)

e) Para separar as orações reduzidas (de gerúndio, de infinitivo e de particípio) adverbiais e adjetivas quando antepostas à oração principal ou intercaladas nela.

- "Hoje, pensando melhor, acho que servi de alívio." (Machado de Assis)
- Acabada a balada, retiraram-se os convidados.
- "Provado o roubo, iremos haver a importância dos dois brilhantes ultimamente comprados ao ourives que no-los vendeu." (Camilo Castelo Branco)
- "A Serra do Grão-Mogol, raiando as lindes da Bahia, é o primeiro espécimen dessas esplêndidas chapadas imitando cordilheiras..." (Euclides da Cunha)
- A lagarta, paralisada pelo veneno da vespa, nada poderá fazer para evitar o seu martírio.

f) Para separar orações intercaladas.

- "Venha, acudiu ele, venha o grande o homem." (Machado de Assis)
- Cão que ladra, diz o dito popular, não morde.
- "Onde é que se viu, diziam eles, um imperador que só tem dois palácios?" (Lima Barreto)

9.2.1.3 Não se emprega a vírgula

O emprego da vírgula, como já vimos, obedece a critérios bem definidos. Pode ser empregada tanto entre termos de uma oração quanto entre orações. O interessante é notar que boa parte dos casos estudados se refere a estruturas nas quais existem inversões (ordem indireta). Por causa dessas inversões "pontua-se", emprega-se algum sinal de pontuação para evitar confusões. Logo, a ordem direta, em princípio, dispensa o emprego de sinais de pontuação. Portanto, o estudante da língua-mãe deve estar atento à estrutura do período se quiser empregar bem algum sinal de pontuação. Observe o exemplo abaixo:

- O ex-diretor licenciado da empresa brasileira de correios e telégrafos deverá viajar nas próximas duas semanas.

O período dispensa qualquer sinal de pontuação, porquanto se encontra na ordem direta.

Ademais, não se deve empregar a vírgula:

a) Entre o sujeito e o seu verbo quando juntos, ainda que um preceda ao outro.

- A indignação de muitos estudantes, não transpõe o âmbito das conversas privadas.
- Não é fácil, manter-se o equilíbrio entre o direito e o dever.
- O fato de ter cultivado tantos amigos e granjeado o respeito de todos, é prova suficiente de que ele teve uma vida digna.
- Fica claro, que deve ser pago ao reclamante o valor referente às horas suplementares.

b) Entre o verbo e o(s) seu(s) complemento(s) quando juntos, ainda que um preceda ao outro.

- O artigo 273 do CPC garante, ao autor, a antecipação dos efeitos da tutela.
- Deverão ser entregues ao auditor, todas as cópias, devidamente autenticadas.
- São vultosos os prejuízos causados pelos sonegadores e pelos corruptos ao povo brasileiro, com os quais, se indigna o motorista.
- Esclarece o reclamante, que a empresa jamais efetuou qualquer depósito em sua conta vinculada.

c) Entre o nome (substantivo, adjetivo ou advérbio) e o seu complemento quando estão juntos.

- Ele sempre exerceu uma forte influência, na investigação dos casos de corrupção no Brasil.
- Não havia mais dúvidas, de que a vida dele era uma questão de dias.
- Os homens têm-se tornado insensíveis, à dor alheira.

d) Entre o nome (substantivo) e o seu adjunto adnominal.

- A casa e todos os bens, de nossos avós, foram doados para abrigos de idosos.
- Ficou durante um bom tempo impressionado com o nome, do marido dela.

e) Entre o nome e a oração subordinada adjetiva restritiva.

vírgulas inadequadas - a oração adjetiva é restritiva

- O homem, que fuma, aumenta a probabilidade de desenvolver câncer de pulmão.

vírgulas inadequadas - a oração adjetiva é restritiva

- O deputado, que é honesto, possui mais facilidade para se reeleger em uma segunda eleição.

Observação:

Quando a oração adjetiva restritiva é de certa extensão, é lícito empregar a vírgula ao final dela.

- "As famílias que se estabeleceram naquelas encostas meridionais das longas serranias chamadas pelos antigos Montes Marianos, conservaram por mais tempo os hábitos erradios dos povos pastores." (M. Said Ali - *Gramática Secundária da Língua Portuguesa*)

f) Entre a oração principal e a oração subordinada substantiva, salvo a oração subordinada substantiva apositiva.

- Mostrou-se bastante ansioso, por que o problema logo fosse resolvido.
- O deputado secretamente nos disse, que o Brasil certamente passará por uma crise financeira em breve.
- Nosso maior problema fora, que ele não admitia ser cuidado por ninguém.

Observação:

Se a oração subordinada substantiva vier anteposta à oração principal, a vírgula é de rigor.

- Que ele é o presidente, já se sabia; que ele não tem competência, já se sabia também.
- Quando ocorrerá o evento, não se disse.

9.2.2 EMPREGO DO PONTO (.)

É o principal sinal de pontuação empregado para finalizar as proposições declarativas, simples ou compostas, de sentido completo.

- "Os pés do que entrara apenas faziam um rumor sumido no chão de mármore. Vinha descalço. A sua aljarabia ou túnica era de lã grosseiramente tecida, o cinto uma corda de esparto." (A. Herculano)
- "Estava Ângela na janela da sua casa na "rua do Bispo", quando o marido surdiu da esquina da "Praça nova". Reconheceu-o logo pela corpulência redonda." (Camilo Castelo Branco)

O ponto final também é empregado para:

a) Encerrar a oração adversativa assindética de certa extensão, principalmente quando a oração sindética posposta é aditiva ou adversativa e traz uma ideia nova, um pensamento novo em relação à oração assindética.

- "– Quando era mais jovem, em criança, era natural, ele podia passar por criado. Mas você está ficando moço e ele vai tomando confiança." (Machado de Assis)
- "O mistério que havia entre ambos ninguém o podia entender. E, todavia, a explicação era bem simples: estava no caráter extremamente religioso do califa, na sua velhice e no seu passado de príncipe absoluto." (A. Herculano)

b) Indicar a abreviatura de uma palavra. Neste caso, recebe o nome de "ponto abreviativo".

- pág. ou p.
- Cel. (Coronel)
- r. (rua)
- prof. (professor)
- Dr. (doutor)

9.2.3 EMPREGO DO PONTO-E-VÍRGULA (;)

O ponto-e-vírgula representa uma pausa maior que a vírgula e menor que o ponto final. Não há regras bem delimitadas para o seu emprego. É comum empregar:

a) Para separar os incisos de leis, decretos, portarias etc.

Art. 3.º Constituem objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil:

I – construir uma sociedade livre, justa e solidária;

II – garantir o desenvolvimento nacional;

III – erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir as desigualdades sociais e regionais;

IV – promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação.

b) Para separar orações coordenadas de sentidos opostos.

- A irmã odeia esportes; o irmão ama tudo que exige movimento.
- "O egoísmo vê na revolução um fato que destrói; o gênio contempla na revolução uma idéia que edifica." (Coelho Neto *apud* Jorge Miguel)
- João é um trabalhador; Pedro é um vadio.

c) Para separar orações coordenadas de considerável extensão, principalmente quando em qualquer destas proposições já existe pausa mais fraca assinalada por vírgula.

- A porta ficava à direita da grande coluna de entrada do templo budista; a sala do mestre localizava-se depois dessa porta.
- Nada se comparava ao devaneio sentido naquele momento da sessão de psicoterapia; e contava-me tudo sem restrições.
- À véspera do grande evento, o jovem pianista entregou-se, em seu quarto, ao silêncio e à meditação; e passou as últimas 24 horas em total solidão.
- O governo, depois do confronto com os manifestantes, resolveu negociar; mas os termos da negociação ainda serão analisados pela Procuradoria Regional do Trabalho.

9.2.4 EMPREGO DOS DOIS-PONTOS (:)

Os dois-pontos representam geralmente uma pausa repentina, instantânea, um pouco mais intensa que a vírgula, indicando, na maioria dos casos, uma estrutura incompleta. São empregados para:

a) Separar o verbo de dizer (*dicendi*) do discurso direto (fala) da personagem.

- E a filha, cingindo-lhe ao pescoço, exclamara:

  – E quando vamos? (Camilo Castelo Branco)

- "O romano Aécio teve, porém, piedade de Átila e aos filhos de Teodorico disse: – Ide-vos, porque o império está salvo." (A. Herculano)

b) Enunciar uma enumeração.

- Frequentemente lia os clássicos portugueses: Camões, Camilo, Herculano e Quental.
- Durante a aula, anote as seguintes coisas: principais pontos, as principais definições e as principais aplicações.

c) Separar expressões que explicam ou completam o que foi dito anteriormente.

- "Mal, porém, o marido lhe dava as costas, voltava-lhe a fraqueza: vinham-lhe as lágrimas, tornavam as agonias." (Lima Barreto)
- "Olhe que ambas elas têm nomes inspiradores: uma é Berta, a outra é Laura." (Camilo, apud Arthur de A. Torres)
- "Hoje, a *cobiça* assentou-se *no* lugar da *eqüidade*: o juiz vende a consciência no mercado dos poderosos, como as mulheres de Babilônia vendiam a pudicícia nas praças públicas aos que passavam, diante da luz do dia." (Camilo Castelo Branco)
- "A morte não extingue: transforma; não aniquila: renova; não divorcia: aproxima." (Rui Barbosa, apud Jorge Miguel)

d) Indicar uma citação, alheia ou própria.

- Pensamos como Pitágoras: "Educai as crianças e não será preciso castigar os homens".
- "Disse comigo: 'Que importa ao mundo a vida de um pobre truão'"? (A. Herculano)
- Às margens do Ipiranga, bradou D. Pedro I: "Independência ou morte!".

e) Marcar a supressão de uma conjunção (conectivo).

- Penso hoje que a vocação dele era, de fato, o serviço público: sentia-se suficientemente recompensado pela responsabilidade que lhe cabia.

Supressão de conjunção causal (porque, já que, visto que etc.)

- "Tereza não ouviu o remate da brutal apóstrofe: tinha fugido aturdida e envergonhada." (Camilo Castelo Branco)

Supressão de conjunção causal (porque, já que, visto que etc.).

9.2.5 PONTO DE EXCLAMAÇÃO (!)

É o sinal de pontuação empregado depois de interjeições, palavras ou frases com o intuito de expressar admiração, espanto, surpresa, afeto, cólera, ou seja, estados emotivos.

- "Espanta discrição tamanha na índole de Simão Botelho, e na presumível ignorância de Teresa em coisas materiais da vida, como são um patrimônio!" (Camilo Castelo Branco – Amor de perdição)

- "— O lacaio ficou-se de uma vez! disse o vestido roxo com um movimento de impaciência.

  — É verdade! respondeu distraidamente a companheira." (José de Alencar)

- "Ah! quem pode saber de que outras vidas veio?...
  Quantas vezes, fitando a Via-Láctea, creio
  Todo o mistério ver aberto ao meu olhar!" (Olavo Bilac)

⇛ Observação:

Às vezes, aparecem juntos o ponto de exclamação e o ponto de interrogação, imprimindo à frase tanto um caráter exclamativo quanto um caráter interrogativo.

- "É a história. E história assim poderá ouvi-la a olhos enxutos a mulher, a criatura mais bem formada das branduras da piedade, a que por vezes traz consigo do céu um reflexo da divina misericórdia?!" (Camilo Castelo Branco)

- "Como queres que eu vá, triste e sozinho,
  Casando a treva e o frio de meu peito
  Ao frio e à treva que há pelo caminho?!" (Olavo Bilac)

9.2.6 PONTO DE INTERROGAÇÃO (?)

É o sinal de pontuação usado depois de palavras e frases interrogativas.

- "Não haveria castigo que me tirasse semelhante remorso da consciência, fosse de que modo fosse, perpetrado o assassinato. Que acha você?

  — Eu também; mas você sabe o que dizem esses políticos que sobem às alturas com dezenas de assassinatos nas costas?" (Lima Barreto)

- "Não foi preciso romper o sobrescrito, porque vinha aberta.

  — É de meu pai... disse Amâncio.

  — Ah! é do velho Vasconcelos?... Como vai ele?" (Aluísio Azevedo)

- "Lembras-te? Um dia me disseste:
  "Tudo acabou!" E eu exclamei:
  "Se vais partir, por que vieste?" (Olavo Bilac)

Observação:

Nas interrogativas indiretas, o ponto de interrogação é dispensado.

- "Perguntou ao arreeiro se conhecia alguma casa em Viseu onde ele pudesse estar escondido uma noite ou duas, sem receio de ser denunciado." (Camilo Castelo Branco)

- "Não ficaram estes contentes e procuraram indagar quem era o dono da casa." (Lima Barreto)

9.2.7 RETICÊNCIAS (...)

É o sinal de pontuação empregado para indicar a supressão de um pensamento, de uma ideia. O emprego das reticências – chamadas também de "pontos de reticência" – procura aproximar ao máximo o leitor do estado de espírito do falante.

- "No seu tempo, dizia o cônego, o pároco era um rapaz franzino, acanhado, cheio de espinhas carnais... " (Eça de Queiroz)

- "— Vamos, Eugênio. São horas... vamos apartar os bezerros e tocar as vacas para a outra banda." (Bernardo Guimarães)

- "E os senhores, a serem cá de Lisboa, hão de dizer que sim. Mas nós..." (A. Garret)

➭ **Observação:**

Às vezes as reticências aparecem combinadas com o ponto de exclamação ou com o ponto de interrogação.

- "És filho de teu pai!... Não importa." (A. Herculano)
- "Para que tornar-lhe a morte mais aflitiva pela certeza...?" (Machado de Assis)

9.2.8 ASPAS (" ")

As aspas são sinais de pontuação geralmente empregados nas citações ou transcrições para distingui-las da parte restante do discurso. As aspas, portanto, indicarão o início e o fim do discurso alheio.

- Depois de se conservar algum tempo em silêncio, exclamou:

  "Se os mensageiros dos levantados não chegarem até o anoitecer, não falemos mais nisso." (A. Herculano)
- A maçã parecia um creme! Até a mana Josefa disse: "Está tão boa que parece que foi cozida em água benta!" (Eça de Queiroz)
- Supôs-se naquele tempo um desgraçado, um caipora, quando a verdade era que "mais vale quem Deus ajuda, do que quem cedo madruga". (Machado de Assis)
- O *Times* dizia o ano passado: "Desorganizado está o partido cujo acordo reduz-se a reconhecer o princípio negativo de que *a função da oposição consiste em opor-se*". (Rui Barbosa)

Além desse emprego mais frequente das aspas, elas são também usadas para:

a) Enfatizar um termo, uma palavra ou uma expressão dentro da estrutura oracional.

- Os pais sorriam-se cheios de satisfação da ingenuidade do "mestrinho", como daí em diante o chamavam, e não lhe levavam a mal as suas longas e quotidianas ausências. (Bernardo Guimarães)
- Aprendeu a "artinha" musical na terra do seu nascimento, nos arredores de Diamantina, em cujas festas de igreja a sua flauta brilhara, e era tido por muitos como o primeiro flautista do lugar. (Lima Barreto)

- Margarida já está ficando uma senhora, e você não pode tratar "a ela" agora como no tempo em que brincavam juntos o "esconde-esconde". (Bernardo Guimarães)

b) Salientar palavras de outras línguas – estrangeirismos – usadas dentro de um período.

- "Diex le volt!" E, barão entre os barões primeiros
  Foste, através da Europa, ao Sepulcro ameaçado. (Olavo Bilac)

- Tenho que lá estar
  E acreditem, o cansaço antecipado é tão grande
  Que, se o "Sud Express" soubesse, descarrilava... (Fernando Pessoa)

- Deu-lhe dinheiro para voltar, um chapéu de cortiça, umas perneiras, um cachimbo e uma lata de fumo "Navy Cut"; ... (Lima Barreto)

c) Isolar o discurso de um personagem em textos narrativos. Geralmente isso ocorre quando se trata de discursos únicos, de pouca extensão.

- São retratos que valem por originais. O de minha mãe, estendendo a flor ao marido, parece dizer: "Sou toda sua, meu guapo cavalheiro!" (Machado de Assis)

- Não pude ouvir as palavras que tio Cosme entrou a dizer. Prima Justina exortava: "Prima Glória! Prima Glória!". José Dias desculpava-se: "Se soubesse, não teria falado, mas falei pela veneração, pela estima, pelo afeto, para cumprir um dever amargo, um dever amaríssimo..." (Machado de Assis)

d) Salientar gírias, arcaísmos e formas populares que fogem do nível da fala usada pelo autor do texto.

- Toda a província o aterrava: via-se lá obscuro, jogando a manilha na Assembleia, morrendo de caquexia. Por isso não "arredava pé"; e esperava, com a tenacidade do plebeu sôfrego, uma clientela rica, uma cadeira na escola, um cupê para as visitas, uma mulher loura com dote. (Eça de Queiroz)

- Passam as "chuvas do caju" em outubro, rápidas, em chuvisqueiros prestes delidos nos ares ardentes, sem deixarem traços; ... (Euclides da Cunha)

e) Indicar – algumas vezes de forma irônica – o emprego de palavras em sentido diverso do que lhe é habitual.

- Cruzamos a povoação em todos os sentidos, procurando rastrear algum vestígio. Confrontar algum sítio onde pudéssemos colocar, pela mais atrevida

suposição que fosse, a tenda do nosso Alfageme com as suas espadas bem "corrigidas", as suas armaduras luzentes e bem postas. (A. Garret)

- Um desses "oficiais" defensores da legalidade era o Capitão Virgulino Ferreira, o Lampião. (Raquel de Queiroz)

☞ Observação:

Quando se quer enfatizar um termo ou expressão que já se encontra entre aspas, devem ser usadas as aspas simples (' ').

- Uma manhã, depois de um grande silêncio de Basílio, recebeu da Bahia uma longa carta, que começava: "Tenho pensado muito e entendo que devemos considerar a nossa inclinação como uma 'criancice'..." (Eça de Queiroz)

9.2.9 PARÊNTESES (( ))

Os parênteses são frequentemente usados na escrita para isolar termos, palavras, expressões e orações intercalados na estrutura oracional e muitas vezes deslocados dentro dela. Por isso, são empregados para:

a) Isolar – à semelhança do emprego da vírgula e do travessão – termos, notas e orações acessórios, intercalados no período.

- "A entrada ao que me dizem (eu nunca entrei a barra) é um panorama grandioso, rival das Constantinoplas e das Nápoles." (Eça de Queiroz)
- "Se eu morrer – e ainda bem! – antes desse dia (dia, talvez, inevitável!), deixarei dito a Mafalda que seja sempre o que tua mãe e eu fomos para ti: o coração devotado sem condições." (Camilo Castelo Branco)
- "Posto que nascido na roça (donde vim com dous anos) e apesar dos costumes do tempo, eu não sabia montar, e tinha medo ao cavalo." (Machado de Assis)
- "Um criado (o espanhol) acendeu o gás. Os outros convivas seguiram o primeiro, escolheram charutos e os que ainda não conheciam o gabinete admiraram os móveis bem-feitos e bem dispostos." (Machado de Assis)

b) Isolar palavras e expressões de valor explicativo dentro do período à semelhança do emprego da vírgula e do travessão.

- "Chegamos ao Inn (estalagem), triste casa solitária no meio dos campos à borda da estrada." (A. Garret)

- "Olha para si, para as chinelas (umas chinelas de Túnis, que lhe deu recente amigo, Cristiano Palha), para a asa, para o jardim, para a enseada, para os morros e para o céu; e tudo, desde as chinelas até o céu, tudo entra na mesma sensação de propriedade." (Machado de Assis)

c) Isolar – à semelhança da vírgula e do travessão – a oração adjetiva explicativa:

- "Se os homens (que, em geral, são maus os homens todos)
  Te insultarem a crença, e a cobrirem de apodos,
  Que dirás, que farás contra essa gente inculta?" (Olavo Bilac)

- "O vaqueiro separa escrupulosamente a grande maioria de novas cabeças pertencentes ao patrão (nas quais imprime o sinal da fazenda) das poucas, um quarto, que lhe couberam por sorte." (Euclides da Cunha)

d) Indicar o comportamento da(s) personagem(ns) em textos narrativos ou peças escritas para o teatro.

- "Não tem outro defeito; é uma alma lavada, e amiga da sua amiga. Verdade, que, às vezes... (aqui a prelada ergueu-se a escutar nos dormitórios, e fechou por dentro a porta); ..." (Camilo Castelo Branco)

- "Ágata (caindo de joelhos aos pés de Júlio)

"— Mas mata-me! Mata-me, por piedade! Antes a morte, que ver, com esses desprezos, o coração rasgado fibra a fibra!" (Eça de Queiroz)

e) Isolar orações subordinadas reduzidas e desenvolvidas intercaladas.

- "Quando eu referi a Escobar aquela opinião de minha mãe (sem lhe contar as outras naturalmente) vi que o prazer dele foi extraordinário." (Machado de Assis)

- "— De resto, segundo ele, a fêmea era um ente subalterno; o homem deveria aproximar-se dela em certas épocas do ano (como fazem os animais, que compreendem estas coisas melhor que nós), fecundá-la, e afastar-se com tédio." (Eça de Queiroz)

- "O único expediente regular (para revogar uma lei que não se acha de acordo com as necessidades de uma nação) é o remédio que pode provir do Poder Legislativo." (Rui Barbosa)

f) Isolar o advérbio latino "*sic*", que significa "assim", usado quando se quer atestar a fidelidade de um texto transcrito. Geralmente os escritores mais modernos o usam quando há desvio da norma culta no trecho transcrito.

- Nessa altura, entrava em detalhes secretos da vida feminina e aduzia: "foi uma grande tristeza em saber que o doutor R. S. sabe de teus particulares moral" (*sic*). (Lima Barreto)

⇨ Observação:

Como se pode perceber pelas orientações acima, os parênteses também substituem a vírgula e o travessão, embora não seja comum na língua pátria essa substituição.

9.2.10 COLCHETES ([ ])

Os colchetes apresentam emprego semelhante ao dos parênteses. Aliás, os colchetes são considerados como "parênteses em forma angular" ou "parênteses quadrados". O emprego mais largo deste sinal ocorre na matemática, quando os colchetes precedem os parênteses numa equação.

9.2.11 TRAVESSÃO (–)

É o sinal de pontuação representado por um traço de certa extensão, um pouco mais longo que o hífen, que geralmente simboliza pausas dentro da estrutura oracional. Logo, emprega-se para:

a) Substituir a vírgula e até mesmo os parênteses, indicando uma pausa mais extensa, mais profunda, mais enfática.

- "Todo aquele dia lhe aparecia como enevoado, sem contornos, à maneira de um sonho antigo – onde destacava a cara balofa e amarelada do padre, e a figura medonha de uma velha, que estendia a mão adunca, com uma

sofreguidão colérica, empurrando, rogando pragas, quando, à porta da igreja, Jorge comovido distribuía patacos." (Eça de Queiroz)

- "Entre quarenta e oito liberais de um lado, que sustentam o projeto, e quarenta e um conservadores do outro, que o combatem, vós – *os nove* – preferis fundir-vos na minoria inimiga do vosso partido, para com essa aliança constituir maioria hostil ao gabinete." (Rui Barbosa)

- "Boas, ou más, justas, ou falsas, liberais, ou revolucionárias, dêem-lhes lá os qualificativos que quiserem (depois os discutiremos), – a verdade é que o que, precisamente, se não podia esperar do redator-chefe desta folha, eram outras opiniões, outras conclusões, outras atitudes, que não as mantidas por ele nestas colunas." (Rui Barbosa – *Obras seletas*)

➯ Observação:

Perceba que o emprego de um sinal de pontuação não elide o emprego de um outro. Prova disso é o último exemplo extraído de um discurso do mestre Rui Barbosa, cujos termos foram publicados em 2 de abril de 1889, em um diário de notícias daquele tempo.

- Quando ele chegou às 9h45min – ele sempre chegava atrasado –, o diretor já fizera os comentários iniciais.

b) Para indicar a mudança de interlocutor nos discursos narrativos.

- "Na varanda achei prima Justina, passeando de um lado para outro. Veio ao patamar e perguntou-me onde estivera.

  — Estive aqui ao pé, conversando com D. Fortunata, e distraí-me. É tarde, não é? Mamãe perguntou por mim?

  — Perguntou, mas eu disse que você já tinha vindo." (Machado de Assis)

9.3 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (Juiz de Direito – TJ/SP) Assinale a alternativa correta quanto à pontuação.

a) É certo que um acordo, embora, às vezes, possa haver condições não almejadas pelas partes, torna-se mais vantajoso, após anos de litigância, do que a expectativa de uma decisão desfavorável.

b) É certo, que um acordo, embora às vezes possa haver condições, não almejadas, pelas partes, torna-se mais vantajoso após anos de litigância, do que a expectativa de uma decisão, desfavorável.

c) É certo, que um acordo, embora, às vezes, possa haver, condições não almejadas pelas partes, torna-se, mais vantajoso, após anos de litigância, do que a expectativa de uma decisão desfavorável.

d) É certo que um acordo, embora, às vezes, possa haver, condições não almejadas, pelas partes, torna-se mais vantajoso após anos de litigância do que a expectativa de uma decisão desfavorável.

2. (UFRS) Assinale o texto de pontuação **correta**.

a) Eu, posto que creia no bem não sou daqueles que negam o mal.

b) Eu, posto que creia, no bem, não sou daqueles, que negam, o mal.

c) Eu, posto que creia, no bem, não sou daqueles, que negam o mal.

d) Eu, posto que creia no bem, não sou daqueles que negam o mal.

e) Eu, posto que creia no bem, não sou daqueles, que negam o mal.

3. (Fuvest-SP) Assinale a alternativa em que o texto esteja **corretamente** pontuado.

a) Enquanto eu fazia comigo mesmo aquela reflexão, entrou na loja um sujeito baixo sem chapéu trazendo pela mão, uma menina de quatro anos.

b) Enquanto eu fazia comigo mesmo aquela reflexão, entrou na loja, um sujeito baixo, sem chapéu, trazendo pela mão, uma menina de quatro anos.

c) Enquanto eu fazia comigo mesmo aquela reflexão, entrou na loja um sujeito baixo, sem chapéu, trazendo pela mão uma menina de quatro anos.

d) Enquanto eu, fazia comigo mesmo, aquela reflexão, entrou na loja um sujeito baixo sem chapéu, trazendo pela mão uma menina de quatro anos.

e) Enquanto eu fazia comigo mesmo, aquela reflexão, entrou na loja, um sujeito baixo, sem chapéu trazendo, pela mão, uma menina de quatro anos.

4. (Cefet-PR) Assinale o item em que o texto está **corretamente** pontuado.

a) Não nego, que ao avistar a cidade natal tive uma sensação nova.

b) Não nego que ao avistar, a cidade natal, tive uma sensação nova.

c) Não nego que, ao avistar, a cidade natal, tive uma sensação nova.

d) Não nego que ao avistar a cidade natal tive uma sensação nova.

e) Não nego que, ao avistar a cidade natal, tive uma sensação nova.

5. (FCC – Soldado PM/BA) Está inteiramente correta a pontuação da seguinte frase:

a) Ao longo do tempo, verificou-se que o homem é capaz de se valer de suas experiências, sobretudo as mais marcantes, para se prevenir contra tudo o que possa vir a representar uma ameaça para ele.

b) Ao longo do tempo verificou-se, que o homem, é capaz de se valer de suas experiências, sobretudo as mais marcantes para se prevenir contra tudo, o que possa vir a representar uma ameaça para ele.

c) Ao longo do tempo, verificou-se que o homem é capaz, de se valer de suas experiências, sobretudo, as mais marcantes, para se prevenir, contra tudo o que possa vir a representar, uma ameaça para ele.

d) Ao longo do tempo verificou-se que, o homem, é capaz de se valer, de suas experiências, sobretudo as mais marcantes para se prevenir contra tudo o que o que possa vir a representar: uma ameaça para ele.

e) Ao longo do tempo, verificou-se, que o homem é capaz de se valer de suas experiências, sobretudo as mais marcantes para se prevenir contra tudo o que possa vir a representar: uma ameaça para ele.

6. (FMU-SP) Em: "A menina, conforme as ordens recebidas, estudou":

a) há erro na colocação das vírgulas.

b) a primeira vírgula deve ser omitida.

c) a segunda vírgula deve ser omitida.

d) a forma de colocação das vírgulas está correta.

e) n.d.a.

7. (UM-SP) Os trechos a seguir tiveram sinais de pontuação suprimidos e alterados. Aponte aquele cuja pontuação permaneceu gramaticalmente **correta**.

a) A ideia do ministro extraordinário dos Esportes, Édson Arantes do Nascimento, o Pelé de colocar na cadeia "os meninos" que participam de brigas entre torcidas organizadas é para ficar no jargão esportivo, uma "bola fora".

b) Parece que, o Pelé do milésimo gol, que pedia escola para "esses meninos", também era bem mais sábio do que o que hoje lhes propõe "cadeia".

c) Os otimistas olham e dizem: Ah, está meio cheio. Mas os pessimistas, vêem o mesmo copo, a mesma quantidade de água e acham que está meio vazio.

d) A pesquisa, descrita na edição de hoje da revista científica britânica "Nature", é mais um dado na busca pelos cientistas de compreender os mecanismos moleculares da embriogênese, ou seja, a formação e o desenvolvimento dos seres vivos.

e) Como os bens públicos não podem ser penhorados os precatórios entram em ordem cronológica no orçamento do governo.

8. (FCC – Analista Judiciário – TRF 3.ª Região) É preciso **suprimir** uma ou mais vírgulas na seguinte frase:

a) É possível que, em vista da quantidade e de seu poder de sedução, as ficções de nossas telas influenciem nossa conduta de forma determinante.

b) Independentemente do mérito dos professores, as escolas devem, com denodo, estimular os sonhos dos alunos.

c) É uma pena que, hoje em dia, tantos e tantos jovens substituam os sonhos pela preocupação, compreensível, diga-se, de se inserir no mercado de trabalho.

d) O fato de serem, os adolescentes de hoje, tão "razoáveis", faz com que a decantada rebeldia da juventude dê lugar ao conformismo e à resignação.

e) Se cada época tem os adolescentes que merece, conforme opina o autor, há também os adolescentes que não merecem os adultos de sua época.

9. (Fesb-SP) Assinale a alternativa correspondente ao período de pontuação **correta.**

a) Na espessura do bosque, estava o leito da irara ausente.

b) Na espessura, do bosque; estava o leito, da irara ausente.

c) Na espessura do bosque; estava o leito, da irara, ausente.

d) Na espessura, do bosque estava o leito da irara ausente.

e) Na espessura, do bosque estava, o leito da irara ausente.

10. (Fuvest-SP) Assinale a alternativa em que o texto está pontuado **corretamente.**

a) Matias, cônego honorário e, pregador efetivo estava compondo um sermão quando começou o idílio psíquico.

b) Matias, cônego honorário e pregador efetivo, estava compondo um sermão, quando começou o idílio psíquico.

c) Matias cônego honorário e pregador efetivo estava compondo um sermão quando começou o idílio psíquico.

d) Matias cônego honorário e pregador efetivo, estava compondo um sermão quando começou o idílio psíquico.

e) Matias, cônego honorário e, pregador efetivo, estava compondo um sermão quando começou o idílio psíquico.

GABARITO

1 – A	2 – D	3 – C
4 – E	5 – A	6 – D
7 – D	8 – D	9 – A
10 – B		

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

IV

PARTE ESPECIAL

CAPÍTULO 1

EMPREGO DO INFINITIVO

1.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Sem dúvida nenhuma, estamos aqui diante de um dos assuntos mais complexos da língua portuguesa. Afinal, quem nunca teve dúvidas com estruturas do tipo: "Estas coisas estão aqui para SER (ou SEREM) organizadas pelos funcionários?".

Neste capítulo, estudaremos as regras que orientam o emprego do infinitivo em português — um assunto geralmente cobrado nos grandes concursos. Salientamos de antemão que aqui não conseguiremos exaurir todas as possíveis aplicações desta forma nominal.

Em primeiro lugar, cumpre dizer que o infinitivo é uma forma nominal do verbo, ou seja, é um nome (no caso, funciona como um "substantivo") que designa a ação ou estado de modo geral.

- Dançar faz bem aos músculos.
- É importante comer bem para evitar problemas cardíacos.
- É proibido vender bebidas alcoólicas a menores.
- Falar alto prejudica as pregas vocais.

Percebe-se, com os exemplos acima, que as ações verbais fazem abstração do sujeito e do tempo, ou seja, a ação verbal não apresenta o ser que as pratica e não se situa em nenhum tempo (passado, presente ou futuro).

Na língua portuguesa, o infinitivo apresenta-se tanto na forma impessoal (também chamada de "não flexionada") quanto na forma pessoal (também chamada de "flexionada").

O infinitivo impessoal é marcado pela desinência "-r". Já o infinitivo pessoal apresenta as seguintes desinências:

- 1.ª conjugação ⇒ -ar, -ares, -ar, -armos, -ardes, -arem.
- 2.ª conjugação ⇒ -er, -eres, -er, -ermos, -erdes, -erem.
- 3.ª conjugação ⇒ -ir, -ires, -ir, -irmos, -irdes, -irem.

1.ª conjugação	*2.ª conjugação*	*3.ª conjugação*
AMAR	**VENDER**	**PARTIR**
am**ar** (eu)	vend**er** (eu)	part**ir** (eu)
am**ares** (tu)	vend**eres** (tu)	part**ires** (eu)
am**ar** (ele)	vend**er** (ele)	part**ir** (ele)
am**armos** (nós)	vend**ermos** (nós)	part**irmos** (nós)
am**ardes** (vós)	vend**erdes** (vós)	part**irdes** (vós)
am**arem** (eles)	vend**erem** (eles)	part**irem** (eles)

⇒ Observações:

a) Os verbos regulares apresentam a mesma forma para o infinitivo pessoal e o futuro do subjuntivo. A distinção entre um e outro é perceptível no emprego. O futuro do subjuntivo, primeiramente, apresenta um fato duvidoso, eventual ou hipotético no futuro, enquanto o infinitivo não situa a ação no tempo. Ademais, o futuro do subjuntivo admite a anteposição de conjunções subordinadas, como "quando" e "se", ao passo que o infinitivo as rejeita — este admite apenas a anteposição de preposições. Observe abaixo:

▷ Se ganhar o prêmio, comprarei dois novos livros.
futuro do subjuntivo

- Adquiri dois bilhetes para ganhar o prêmio que será sorteado.
  infinitivo

- Quando comprarmos o carro, viajaremos para São Paulo.
  futuro do subjuntivo

- O banco liberou o empréstimo para comprarmos o apartamento.
  infinitivo

b) Quando o verbo é irregular, o infinitivo é distinto do futuro do subjuntivo.

infinitivo pessoal, 3.ª pessoa do plural
- A proporem um diálogo sem fundamentação teórica, prefiro contarem piadas sem graça.

futuro do subjuntivo, 3.ª pessoa do plural
- Se eles propuserem um diálogo sem fundamentação teórica, retirar-me-ei do recinto.

futuro do subjuntivo, 3.ª pessoa do plural
- "Um dia quando todos os livros forem queimados por inúteis, há de haver algum, ... , que ensine esta verdade aos homens." (Machado de Assis)

- "Não são só palavras, primo — retorquiu Teresa com gravidade — são sentimentos que merecem a sua estima, por serem verdadeiros." (Camilo Castelo Branco)
  infinitivo pessoal, 3.ª pessoa plural

1.2 AS DUAS MÁXIMAS PARA O EMPREGO DO INFINITIVO

Várias são as orientações para o emprego do infinitivo que se encontram nos manuais gramaticais portugueses. Muitas apresentam contradições; outras, verdadeiros equívocos; outras ainda são confusas, difíceis de entender. Em duas orientações, porém, todos são unânimes. Daí por que consideramos essas duas regras como "máximas" para o emprego do infinitivo, e por elas devem se guiar os que pretendem empregar corretamente essa forma nominal.

I – Emprega-se o INFINITIVO IMPESSOAL (NÃO FLEXIONADO) quando a ação por ele expressa não se refere a nenhum agente determinado, ou seja, o infinitivo é essencialmente impessoal.

- Querer é poder.

- Lutar pela pátria é um ato de coragem.

- O maior mandamento é este: amar a Deus sobre todas as coisas e amar o próximo como a si mesmo.
- "Não será aleive atribuir-lhe uma pouca de astúcia ou hipocrisia, se quiserem; perspicácia seria mais correto dizer." (Camilo Castelo Branco)
- "Voar! varrer o céu com as asas poderosas,
  Sobre as nuvens! correr o mar das nebulosas,
  Os continentes de ouro e fogo da amplidão!..." (Olavo Bilac)
- "No meio destas dissertações acadêmico-literárias vem o A. a descobrir que para tudo é preciso ter fé neste mundo." (A. Garrett)

II – Emprega-se o INFINITIVO PESSOAL (FLEXIONADO) quando o infinitivo possui sujeito próprio — expresso ou não —, ou seja, o infinitivo é essencialmente pessoal.

- O fazendeiro comprou dois novos cavalos para correrem no pátio da fazenda. (O sujeito do verbo "correr" é o termo elíptico "dois novos cavalos".)
- É fundamental partires agora, meu filho. (O sujeito do verbo "partir" é o pronome pessoal elíptico "tu".)
- "Em vez de com eles se animarem os soldados, antes se desanimam e desalentam." (Pe. Antônio Vieira *apud* Theodoro H. Maurer Jr.)
- "Endireitar Oza a arca do Testamento que ia descaindo, por causa dos bois recalcitrarem, não parecia grave irreverência." (Manuel Bernardes *apud* Theodoro H. Maurer Jr.)
- "Que os levasse o diabo os ingleses! Isto não ficava direito sem irem todos eles barra fora." (Machado de Assis)
- "Cerrai a porta, que há aí alguns vizinhos de andares altos, que já murmuram sermos nós ruins gastadores de tempo." (Castilho *apud* Souza da Silveira)

⇨ Observação:

Quando o sujeito do infinitivo é o mesmo sujeito do verbo da oração antecedente, a flexão do infinitivo torna-se facultativa. Neste caso, deve-se dar preferência ao infinitivo não flexionado, por ser mais eufônico, mais elegante para o período.

- Tu não tens problemas apesar de **ESTAR** /ou/ **ESTARES** com o rosto turbado.

O sujeito do verbo "estar" é o mesmo sujeito
da oração que o antecede: "tu"

- Pedro e João foram acusados de **BOICOTAR** /ou/ **BOICOTAREM** a greve.
- Deixastes a sala para **FAZER** /ou/ **FAZERDES** um comentário com o chefe?
- Nós sempre fomos pontuais em **ELABORAR** /ou/ **ELABORARMOS** os relatórios do setor.
- Muitos jovens lutam bastante a fim de **CRIAR** /ou/ **CRIAREM** um mundo melhor.
- Os mais diversos países do planeta vêm buscando formas de **SE APROXIMAR** e **DE INCREMENTAR** /ou/ **SE APROXIMAREM** e **DE INCREMENTAREM** suas relações econômicas, sociais e culturais.

A partir dessas duas orientações, ficamos mais tranquilos quanto ao estudo dos demais casos em que se emprega um ou outro tipo de infinitivo, pois sabemos que os outros casos sempre comportam exceções, o que torna o emprego do infinitivo uma das mais difíceis tarefas para o estudioso da língua portuguesa.

Como tantos outros estudiosos, tentaremos sistematizar alguns outros empregos do infinitivo, sem a menor pretensão, entretanto, de exaurir o assunto.

Além das duas primeiras regras, acima estudadas, emprega-se também o infinitivo nos casos apresentados a seguir.

1.3 INFINITIVO IMPESSOAL

a) Quando apresenta sentido de imperativo.

- "Viver é lutar." (Gonçalves Dias *apud* M. Said Ali)
- "Caminhar! Caminhar!... O deserto primeiro,
  O mar depois... Areia e fogo... Foragida,
  A tua raça corre os desastres da vida,
  Insultada na pátria e odiada no estrangeiro!" (Olavo Bilac)

b) Quando vem regido das preposições "de" ou "em", com sentido passivo — embora apresente forma "ativa" —, completando certos adjetivos, tais como "fácil, difícil, duro, raro, capaz, bom, mau, digno, impossível" e outros.

- "Eu não sou muito difícil em admitir prodígios quando não sei explicar os fenômenos por outro modo." (A. Garrett)

- "O rapaz está caído por alguma das tais francesinhas; e elas que são umas jibóias!... Finas como um alhambre, mas capazes de engolir um homem!..." (José de Alencar)

- "Diante do jockey, sem chapéu, com a face a estoirar de sangue, gritava-lhe que era indigno de estar ali, entre gente decente!" (Eça de Queiroz)

c) Quando vem regido da preposição "para" e apresenta sentido indiscutivelmente passivo.

- "Foi ela que me recomendou aqueles dois quadrinhos, quando andávamos os três, a ver coisas para comprar." (Machado de Assis)

- "— Perderia a fala com o susto — aventou o cabo, e sacudiu-a pelos ombros para lhe desemperrar a língua." (Camilo Castelo Branco)

➾ Observação:

Nos dois últimos exemplos acima, as estruturas podem ser convertidas para "... coisas para ser compradas." e "... para ser desemperrada a língua dela.", respectivamente.

d) Quando, embora não preposicionado, apresenta sentido claramente passivo.

- "O mesmo dia os viu batizar." (Machado de Assis, apud Gladstone C. de Melo)

- "... nada mais fácil ao sr. professor do que fazer a demonstração prática de tudo isso, levando para a escola diversos frutos, anatomizando-os, e fazendo-os anatomizar pelos seus discípulos." (Castilho *apud* Sousa da Silveira)

➾ Observação:

Nos dois exemplos acima, os infinitivos podem ser claramente substituídos por "serem batizados" e "serem anatomizados".

e) Quando forma locução verbal (construção perifrástica). Neste caso, funcionarão, geralmente, como auxiliares do infinitivo, verbos do tipo "vir, ter, haver, dever, poder, costumar, começar, continuar, tornar, querer, estar, ficar". Muitas destas construções aparecem ligadas por preposições como "a, de, por".

- Afinal vim a saber o que acontecera.
- A construção da igreja está por acabar.
- Parece que vai chover hoje à tarde.
- Tenho de estudar para a prova de amanhã.
- Nada podia fazer sem que ele consentisse.
- Todos costumam sair aos sábados para as baladas.

f) Quando, regido da preposição "a", equivale a um gerúndio em locução verbal com os verbos auxiliares "estar, ficar" entre outros, construção esta muito usual em Portugal.

- Todos os passantes estavam a dormir naquele momento. (Isto é, "estavam dormindo")
- "— Bem dizia eu que aquela janela...
  — É a janela dos rouxinóis...
  — Que lá estão a cantar." (Camilo Castelo Branco)

g) Quando o infinitivo é dependente de verbos como "ver, ouvir, mandar, fazer, deixar" e análogos, numa estrutura em que se empregue um pronome pessoal oblíquo que seja ao mesmo tempo objeto do verbo regente e sujeito do verbo regido.

- E não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal.
- Até agora não me mandaram limpar nada aqui na empresa.
- "O erro de Capitu foi não deixá-los crescer infinitamente, antes diminuir até às dimensões normais, e dar-lhe o movimento do costume." (Machado de Assis)
- "Os mesmos olhos claros e atentos, a mesma boca cheia de graça, as mãos finas, e uma cor viva nas faces que as fazia crer pintadas de sangue." (Machado de Assis)
- "Assim pode ser, mas, ainda agora, neste solene momento, me domina a vontade de fazer-te sentir que eu não podia viver." (Camilo Castelo Branco)

1.4 INFINITIVO PESSOAL

a) Quando se emprega na 3.ª pessoa do plural para indicar a indeterminação do sujeito.

- "Nunca se pôde saber donde saíra aquela criança; como chegara até o terreiro sem darem por ela." (José de Alencar, apud Sousa da Siveira)

- Tenho a impressão de que deixaram o maçarico aqui para arrombarem a porta de ferro durante a madrugada.

b) Quando a clareza exige, para evitar uma possível ambiguidade, que se indique qual é o sujeito da oração.

- "Ó Netuno, lhe disse, não te espantes
  De Baco nos teus reinos receberes,
  Porque também cos grandes e passantes
  Mostra a Fortuna injusta seus poderes."

(Camões — Os Lusíadas apud Gladstone C. de Melo)

- "Perdoe-te o céu o haveres-me obrigado a sacrificar aos pés desse orgulho o sentimento de amor que se alevantara neste coração." (A. Herculano, apud Gladstone C. de Melo)

c) Quando se quer enfatizar o sujeito da oração infinita.

- Os diretores afirmaram-nos estarem despreparados para participar da reunião naquele momento.

- "E talvez saia assim a flor mais bela, o meu jardineiro afirma que as violetas, para terem um cheiro superior, hão mister de estrume de porco." (Machado de Assis)

- "Ainda na borda do rochedo aprumado sobre a água se enxergavam alguns orifícios profundos, que mostravam terem servido para embeber as traves de ponte lançada para a outra margem, também elevada e penhascosa." (A. Herculano)

➯ Observação:

Quando o infinitivo vier precedido do verbo PARECER, pode-se flexionar um ou outro verbo.

- "Ao menos, tu serás minha! — exclamou o amir, lançando a mão ao braço da donzela vestida de branco, a quem o terror desta cena rapidíssima tornara imóvel, como uma dessas estátuas que parecem orar sobre os sepulcros nas catedrais da Idade Média." (A. Herculano)

- "As vagas teorias do socialismo, os sonhos do comunismo não me parecem provar senão a impotência da forma contra o poder da matéria." (Almeida Garret)

- "... e no horizonte não se vêem senão os topos pardo-azulados das serras do Algarve, que parece fugirem tanto quanto os cavaleiros caminham." (A. Herculano)

- "... olhos desvairados parecia buscarem o vulto lúgubre e tétrico da força." (Rebêlo da Silva, apud Arthur A. Tôrres)

1.5 EMPREGO DO INFINITIVO EM LOCUÇÕES PASSIVAS COM O VERBO "SER"

Eis um ponto em que os alunos têm muitas dúvidas: o emprego correto do infinitivo passivo cuja estrutura apresenta o verbo SER, no infinitivo, e um PARTICÍPIO.

- Trouxe-nos livros com muitas histórias para ______??________ CONTADAS.
  SER /ou/ SEREM

Sem dúvida, nem sempre é fácil transmitir para o estudante da língua uma orientação consistente, uma vez que o emprego do infinitivo obedece, muitas vezes, a questões de ênfase, colocação etc. Sugerimos, entretanto, as seguintes orientações para o emprego do infinitivo passivo formado com o verbo SER:

a) Emprega-se frequentemente a forma flexionada do verbo SER passivo, quando o sujeito do infinitivo estiver no plural e vier à frente da preposição. Teremos, então, a estrutura: SUJEITO + PREPOSIÇÃO + SEREM + PARTICÍPIO.

- Ontem pegamos os livros a serem analisados durante as férias.
  sujeito + prep. + serem + particípio

- "O homem não tornou cá, nem as pelintronas das filhas, que hão de pôr a cara onde a Sr.ª D. Ângela põe os pés para serem afagados." (Camilo Castelo Branco)

- Todas as cidades a serem inspecionadas pelo auditor ficam na região Nordeste.
- Não concordamos com os métodos a serem usados na avaliação dos candidatos.

b) Emprega-se preferencialmente a forma flexionada SEREM quando, a despeito de o sujeito ser comum entre as orações, este for de número plural.

- "Fizeram bem em partir depressa, porque se se demorassem alguns minutos, corriam o risco de serem devorados pelos olhos dos vizinhos." (Manuel A. de Almeida)
- "No mesmo ano, os dois passam a viver juntos para serem presos dois anos depois, como adúlteros." (Camilo Castelo Branco)
- "As criadas, por escrúpulo, eram examinadas em doutrina antes de serem aceitas." (Eça de Queiroz)
- "Clara recebia aquelas cartas com uma emoção de quem recebe mensagens divinas. Entretanto, eram pessimamente escritas, a ponto de não serem, às vezes, entendidas, tão caprichosa era a ortografia delas." (Lima Barreto)

c) Emprega-se preferencialmente a forma não flexionada quando o infinitivo passivo do verbo "SER" servir de complemento nominal para adjetivos do tipo "fácil, difícil, capaz, raro, mau, digno etc."

- Foram questões fáceis de ser respondidas.
- Víamos, naquele local, muitas mulheres dignas de ser louvadas.
- Ensinei a muitos alunos capazes de ser aprovados em quaisquer concursos.

CAPÍTULO 2

FUNÇÕES MORFOLÓGICAS DAS PALAVRAS "QUE", "SE" E "COMO"

Eis aqui um assunto de fundamental importância, pois as bancas com muita frequência cobram este conhecimento. Aqui não trataremos da função sintática desses vocábulos, mas tão somente da função morfológica que desempenham numa determinada estrutura.

Sugiro que estude este ponto mais de uma vez. Preferencialmente, faça-o em dias diferentes para que o conhecimento se consolide mais. Se tiver dificuldades, consulte o seu professor. Vamos lá...

2.1 FUNÇÕES MORFOLÓGICAS PARA PALAVRA "QUE"

Sem dúvida, o vocábulo "QUE" é um dos mais versáteis da nossa língua, porquanto apresenta várias funções. Vejamos...

1. **Substantivo** → quando vem determinada por artigos ou outras classes de palavras, ou quando equivale a "qualquer coisa de". Neste caso, equivalerá a um monossílabo tônico, fato que exigirá o acento circunflexo.

- Ela hoje tem um **quê** de esquisito.
- Aquele **quê** foi mal empregado.
- Um **quê** de mistério cercava o ambiente.
- Pairava no ar um **quê** de tristeza.
- "Os **quês** tornam o estilo áspero e desagradável." (Silveira Bueno)

2. **Pronome indefinido** → quando, vindo antes de substantivos, equivale a "quanto, quanta, quantos, quantas". Por acompanhar substantivos, é também chamado genericamente de "pronome adjetivo".

- **Que** felicidade tremenda sentia no peito o nosso personagem.
- **Que** saudade eu tenho da minha infância!
- "**Que** gente será? em si diziam:
  Que costumes, **que** lei, **que** rei teriam?" (Camões)

3. **Pronome relativo** → quando for possível ser substituído por "o qual, a qual, os quais, as quais". Neste caso, o "que" apresentará um antecedente o qual retomará.

- Todos leram o livro $\underset{\textit{o qual}}{\underline{\text{que}}}$ tu escreveste.
- A casa em $\underset{\textit{na qual}}{\underline{\text{que}}}$ ele mora fica perto de uma área de risco.

➾ **Observação:**

Para aprofundar esta função morfológica, sugerimos que estude as orações adjetivas, em sintaxe do período composto.

4. **Pronome interrogativo** → quando aparece em orações interrogativas. Geralmente, nesta função, equivale a "que coisa".

- **Que** disseste naquele momento de raiva?
- "**Que** pretendia? A **que** vinha ali como um salteador noturno?" (A. Herculano)

5. **Advérbio de intensidade** → Quando, vindo antes de adjetivos ou advérbios, equivale a "quão, quanto".

- **Que** bela flor ele te deixou!
- **Que** admiráveis são os desígnios de Deus.
- **Que** perto moras da escola.

6. **Preposição** → quando equivale a "de" ou "para".

- Temos **que** cumprir o nosso dever.
- Ainda há muito **que** fazer para levantar a casa.

7. **Interjeição** → Quando revela admiração, espanto, surpresa e equivale a "oh!". Nesta função, é sempre exclamativo e acentuado.

- **Quê!** Ainda estás aí?
- **Quê!** Já são dez horas da noite!

8. **Partícula expletiva ou de realce** → É empregado para dar ênfase ou realce à estrutura oracional. Geralmente aparece sob a forma "é que". Pode ser retirado da oração sem prejuízo sintático nem semântico.

- "Bravo! que linda **que** está a senhora D. Lenita!" (Júlio Ribeiro)
- "O padre atirou, mas parece que desta vez **que** errou o tiro." (Mário Barreto)
- "Que teimoso **que** ele é." (José de Alencar)
- "**Que** me restituam os meus oficiais e obreiros portugueses..." (A. Herculano)

⇨ **Observações:**

a) O "que" expletivo geralmente vem acompanhado pelo verbo "ser", formando a expressão "é que", cujo objetivo é pôr em relevo um ou mais termos da enunciação. Veja alguns exemplos:

- "– Você fura o pano, nada mais; eu **é que** coso, prendo um pedaço ao outro, dou feição aos babados..." (Machado de Assis)
- "Feliz e esperto era o João Romão! esse, sim, senhor! Para esse **é que** havia de ser a vida!..." (Aluísio Azevedo)

b) Em algumas construções, o sujeito se coloca entre o "é" e o "que". Nesse caso, o verbo "ser" concordará com esse sujeito. Acompanhe o raciocínio:

- Os gandulas repunham a bola rapidamente. → **(Frase sem ênfase)**
- Os gandulas **é que** repunham a bola rapidamente. → **(Frase com ênfase para o sujeito)**

O verbo "ser" concorda com o sujeito

- **Eram** os gandulas **que** repunham a bola rapidamente. → (Frase com a partição da expressão "é que")
- "As rosas é **que** são belas,
  Os espinhos **é que** picam;
  Mas **são** as rosas **que** caem,
  São os espinhos **que** ficam." (Canção popular)

c) Se entre o verbo "ser" e o "que" se interpuser um termo introduzido por uma preposição, a expressão expletiva "é que" permanecerá invariável. Observe:

- É neles **que** você encontra o carinho necessário à sua sobrevivência emocional.
- É pelas ideias defendidas pela ministra **que** o povo votará nela.

9. **Conjunção subordinativa** → quando funciona como elemento conectivo entre uma oração principal e uma oração subordinada. Podem ser:

a) Conjunção subordinativa integrante → liga as orações substantivas às suas respectivas orações principais.

- "Custa-me dizer **que** saí de lá encantado." (Machado de Assis)
- "Há poucas esperanças de **que** venham tão cedo a admitir a paz." (Pe. Antônio Vieira)
- Era imprescindível **que** ele se mantivesse calado naquela ocasião.

b) Conjunção subordinativa causal → empregada com o sentido de "porque, porquanto, já que".

- Velho **que** ele era, evitava grandes emoções.
- Ceamos à lareira **que** a noite estava fria.

c) Conjunção subordinativa concessiva → empregada com o sentido de "ainda que, mesmo que".

- Verdadeira **que** fossem tuas palavras, ninguém lhes dará crédito.
- Teus ensinamentos, **que** sejam profundos e arraigados na história, não foram suficientes para aprovar o aluno no exame.

d) Conjunção subordinativa consecutiva → empregada com o sentido de "sem que, tal que, tanto que, de tal modo que" etc.

- Não vai a uma praia **que** não tome uma cerveja.
- Falou **que** ficou rouco.

e) Conjunção subordinativa final (emprego raro hoje em dia) → empregada com o sentido de "para que, a fim de que".

- "Deitou-vos Deus a bênção **que** crescêsseis e multiplicásseis." (Pe. Antônio Vieira)
- Fez-lhe sinal **que** se calasse.
- Andei devagar, **que** não me ouvissem os passos.

f) Conjunção subordinativa temporal → empregada com o sentido de "logo que, desde que".

- Chegados **que** fomos, todos ficaram em pé e nos aplaudiram freneticamente.
- "Porém já cinco sóis eram passados **que** dali nos partíramos." (Camões)

g) Conjunção subordinativa comparativa → seguida ou não de "nem" e empregada em estruturas de comparação de analogia – algumas vezes com o sentido de "como".

- Ensinas melhor **que** um mestre.
- A caridade é mais bela **que** a fé.
- Ele fala **que nem** papagaio.
- "E os gotejantes jiraus, cobertos de roupa molhada, cintilavam ao sol, **que nem** lagos de metal branco." (Aluísio Azevedo)

10. Conjunção coordenativa → Quando introduz orações sindéticas em um período coordenado. Podem ser:

a) Conjunção coordenativa aditiva → empregada com o sentido de "e".

- Rezava **que** rezava, mas as assombrações não o deixavam.
- Estuda **que** estuda, e não consegue aprovação.

b) Conjunção coordenativa adversativa → seguida de "não" e empregada com o sentido de "mas".

- Outra pessoa, **que** não eu, falará sobre o assunto.
- "De outras ovelhas cuidarei, **que** não de vós." (A. Garrett)

c) Conjunção coordenativa explicativa → Quando revela uma explicação, uma justificação para a oração assindética anteposta.

- Não chores, **que** fico triste.

- Abandone esse vício, **que** ele poderá levá-lo à morte.

2.2 FUNÇÕES MORFOSSINTÁTICAS DA PALAVRA "SE"

Mais uma vez, vamos nos deparar com um vocábulo bastante "largo" em nossa língua, pois possui inúmeras funções morfológicas e sintáticas. Vejamos:

1) **Pronome apassivador** → associado a um verbo transitivo direto ou a um verbo transitivo direto e indireto, forma a voz passiva sintética (também chamada de pronominal). Neste caso, o "se" é chamado de "partícula (ou pronome) apassivador ou apassivante". Veja:

- Ali não se alugavam outras coisas, senão roupas de frio.
- Durante as festas, construíram-**se** novas arquibancadas ao longo da avenida.
- Na fazenda, já **se** tinham vacinado vários bois quando o veterinário chegou.

2) **Índice de indeterminação do sujeito** → quando está associado a verbos intransitivos, transitivos indiretos ou relacionais (verbos de ligação). Vejamos alguns exemplos:

- De fato, não **se** devem assistir a filmes que atentem contra os bons costumes.
- "Entra-**se** na política por vocação legítima; não **se** entra por brincadeira." (Machado de Assis)
- De fato, na vida não se deve morrer por tão pouco.

3) **Sujeito de verbos no infinitivo** → é um caso raro; o "se" funciona como o sujeito de um infinitivo que é núcleo de uma oração reduzida. Veja:

- O cego deixava-se levar por seu guia.
- "E ele deixou-**se** estar a contemplá-la, mudo e tranquilo, como um faquir." (Machado de Assis)

⇨ **Observação:**

Este caso (pronome átono em função subjetiva – como sujeito) só ocorre com o infinitivo dependente de verbos causativos e sensitivos como "deixar, mandar, fazer, ver, ouvir", embora alguns gramáticos de renome,

como o professor Silveira Bueno, não aceitem a existência de um "se" na função de sujeito.

4) **Partícula expletiva ou de realce** → ocorre como mero elemento de realce. Neste caso, pode ser retirado da estrutura sem prejuízo gramatical.

- Ele está ansioso por amigo que **se** demora.
- Já **se** passaram tantas horas, e ele não dá notícias.
- Vão-**se** os últimos raios do sol, em um dia ensolarado.
- Naquele momento, o vinho acabou-**se** nos copos de todos.

5) **Parte integrante de verbos essencialmente pronominais** → neste caso, o "se" não apresentará função sintática.

- Todos **se** arrependeram dos atos praticados durante a festa.
- Elas ainda **se** lembram de todos os fatos em seus mínimos detalhes.
- Os alunos muito **se** alegraram com a chegada do novo professor.
- "Condoeu-**se** o juiz, e revelou ao colega as suas averiguações..." (Camilo C. Branco)

6) **Pronome reflexivo, objeto direto** → função bastante comum exercida pelo pronome "se". Neste caso, o "se" indica a reflexibilidade da ação, pois a ação recai sobre o sujeito, enunciado agora no pronome reflexivo "se".

- Hitler **se** matou quando não mais viu possibilidade de implementar suas ações.
- Ao ouvir os tiros, todos **se** esconderam nas proximidades do morro.
- Quando o namorado tocou a campainha, ela **se** vestiu num piscar de olhos.
- "Olhe, um conselho: – Faça-**se** forte aqui, faça-**se** homem." (Raul Pompéia)
- "Mas, espere, tomou o colchoeiro, o senhor feriu-**se**?" (Machado de Assis)

➯ **Observação:**

Convém citar preciosa lição colhida do insigne mestre Eduardo Carlos Pereira: "Para que haja voz reflexiva, expressa pelo pronome 'se', é indispensável que o núcleo do sujeito seja um substantivo que nomeie um ser capaz de agir: – Ele **se** feriu."

7) **Pronome reflexivo, objeto indireto** → função não muito comum, já que o "se" frequentemente exerce a função reflexiva como "objeto direto". Em tais construções, o "objeto direto" sempre vem claro na estrutura e se percebe nitidamente o "se" reflexivo funcionando como dativo, isto é, como objeto indireto.

- Ele arroga-**se** o direto de trocar a mercadoria além do prazo legal.
- Diante das reclamações, o gerente impôs-**se** a obrigação de nunca mais aceitar cheques de terceiros.

8) **Pronome reflexivo recíproco (morfologicamente), objeto direto** → neste caso, o "se" equivalerá a "um ao outro, uma à outra".

- Após o casamento, os noivos **se** abraçaram longamente.
- Na reunião, os diretores **se** esmurraram por causa de uma questão polêmica.
- Não sei como vocês **se** fizeram amigos.

9) **Pronome reflexivo recíproco (morfologicamente), objeto indireto.**

- Os noivos deram-**se** as mãos para o início da cerimônia.
- Os inimigos deram-**se** as costas.
- "Falar aos corações com o seu presumem,
  Como aves que, piando, **se** respondem." (Camilo C. Branco)

10) **Conjunção subordinativa condicional** → quando introduz orações subordinadas condicionais.

- **Se** ele fosse conosco, as coisas seriam mais fáceis.
- Envie um e-mail para nossos atendentes **se** você quiser fazer parte da equipe de vendas.

11) **Conjunção subordinativa integrante** → introduz orações substantivas que traduzem ideia de hipótese, dúvida, incerteza.

- Até agora não sabemos **se** eles virão ou não.
- Só amanhã verei **se** posso ir para a confraternização.
- "Adelaide, meio triste, perguntou-lhe **se** queria jantar." (Adolfo Caminha)

12) **Conjunção subordinativa causal** → empregada em raras construções com o sentido de "já que, visto que".

- Se sabias que eu não tinha condições para a missão, por que me enviaste?
- "Se a morte sabes dar com fogo e ferro, sabe também dar vida com clemência." (Camões)

2.3 FUNÇÕES MORFOLÓGICAS DA PALAVRA "COMO"

Menos complexas que os empregos de "que" e "se" são as funções morfológicas da palavra "como". Vamos a elas:

1. **Conjunção subordinativa causal** → neste caso, introduzirá a oração causal e equivalerá a "porque, já que, visto que".

- **Como** não o deixaram entrar sem o convite, fez uso do telefone e ligou para um amigo de influência.
- "Entretanto, **como** tinha as suas presunções fidalgas, repugnava-lhe ver o filho casado com uma criada preta, ou com uma pobre mulata costureira, ou com uma moça branca lavadeira e analfabeta." (Lima Barreto)
- "Sucedeu, porém, que, **como** eu estava cansado, fechei os olhos três ou quatro vezes; tanto bastou para que ele interrompesse a leitura e metesse os versos no bolso." (Machado de Assis)

2. **Conjunção subordinativa conformativa** → neste caso, introduzirá um adjunto adverbial oracional de conformidade e equivalerá a "conforme, segundo, consoante".

- Eu falarei **como** prometi.
- "Ele não tinha, **como** diz o povo, malícia no coração." (Lima Barreto)

3. **Conjunção subordinativa comparativa** → nesse caso, introduzirá um adjunto adverbial oracional de comparação e equivalerá a "assim como, tal como".

- Ela era linda **como** as rosas da primavera.
- "Duas opulências, que se realçam **como** a flor em vaso de alabastro; dois esplendores que se refletem, **como** o raio de sol no prisma do diamante." (José de Alencar)

⇨ **Observação:**

Não raro, em estruturas subordinadas, a conjunção comparativa "como" aparece junto à conjunção "se". Neste caso, as ideias adverbiais de "modo" e "condição" se condensam e nasce o nexo adverbial "como se". Observe:

- Trabalhavam arduamente, **como se** o mundo fosse acabar em poucos dias.

Entenda-se...

→ Trabalhavam arduamente **como (trabalhariam) se** o mundo fosse acabar em poucos dias.

Outros exemplos:

- "Também a abóbada estava firme, **como se** fora de bronze." (A. Herculano)
- "A voz da mãe era agora mais perto, **como se** viesse já da porta dos fundos." (Machado de Assis)
- "O velho parecia pensativo, **como se** adivinhasse que era chegada para ele a hora do martírio." (A. Herculano)
- "D. Firmina se aproximara. A moça, retribuindo com um afável cortejo ao cumprimento do Alfredo, passou **como se** não se apercebesse de Fernando, e subiu à segunda ordem." (José de Alencar)
- "Os móveis luziam, **como** se tivessem chegado na véspera da casa do marceneiro." (Aluísio Azevedo)

4. **Verbo** → neste caso, indicará uma ação e apresentará predicação completa (intransitivo) ou incompleta (transitivo direto).

- Eu sempre **como** frutas no café da manhã.
- "O mais do tempo é gasto em hortar, jardinar e ler; **como** bem e não durmo mal." (Machado de Assis)

5. **Preposição** → emprego bastante comum; neste caso, o "como" poderá:

a) introduzir termos qualificativos (apostos e predicativos), equivalendo a "por, para, de, na qualidade de".

preposição
- "Alistamo-nos como voluntários num regimento de cavalaria." (Arnaldo Gama *apud* Mário Barreto)

- "Mancebo, o numeroso clero das paróquias vizinhas considerava-o **como** o mais venerável entre os seus irmãos no sacerdócio." (A. Herculano)
- Sempre o tivemos como o mais sábio da turma.
  preposição

b) introduzir elementos exemplificativos e significará "por exemplo, a saber". Observe:

- "À medida que as ciências modernas, **como** a medicina, evoluem, damo-nos conta do quanto realmente ainda desconhecemos." (A. Houaiss)

6. **Pronome relativo** → quando equivale a "pelo qual, pela qual, segundo o qual, segundo a qual"; geralmente apresenta como antecedentes os substantivos "modo, maneira, forma".

- A maneira **como** ela lhes falava assustava a todos.
- Até agora a polícia não sabe o modo **como** o assassino saiu do quarto.
- Falei tudo a ele, menos a forma **como** eles me tratavam durante os finais de semana.

7. **Pronome interrogativo** → quando ao "como" se antepõe a preposição "a" para se saber "o preço, o valor" de determinada coisa ou produto; possui sentido equivalente a "por quanto dinheiro, por qual valor" – é uma forma coloquial e pouco usual nos dias de hoje. Observe:

- Os ovos **a como** são?
- **A como** vendes esses pêssegos aí?

8. **Advérbio interrogativo de modo** → quando equivale a "de que modo?, de que maneira?"

- **Como** chegaste aqui?
- **Como** está a menina?
- **Como** se chama isto aqui?

2.4 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. Determine a função do QUE nos exemplos a seguir:

a) Sentia-se humilhado com o papel avulso que exercia desde séculos.
b) Que queres tu, perguntou ele?
c) Mandai que as mais afinadas cítaras e alaúdes o recebam!
d) Por acaso, sabes o que ele fez?
e) Mas não quero parecer que me detenho em coisas miúdas.
f) Melhor é que te cales e te retires.
g) Dom Donzel, onde é que está el-rei?
h) Que doce a vida não era
Nessa rizonha manhã.
i) Era tão universal que dotou a poesia com nova metragem.
j) O outro era alfaiate, e ainda maior credor que o primeiro.
k) Que lhe parece tudo isso?
l) Eis as razões com que ele se defende.

2. Determine a função do SE nos exemplos a seguir:

a) A moça escondeu-se atrás da cortina.
b) O general deu-se ares de ditador.
c) Os lutadores esmurravam-se no palanque.
d) O cego deixava-se levar pelo guia.
e) Há coisas que melhor se dizem calando.
f) As crianças lavaram-se nas águas claras do riacho.
g) Dançou-se muito na festa de formatura.
h) Ele muito se arrependera do que fez.
i) Os dois homens cumprimentaram-se friamente.
j) Já se veem os primeiros raios do sol.
k) Todos se apiedaram do mendigo.
l) Depois o vento se foi também.

3. (FGV) Esposamos a ideia de que os sofrimentos atuais possuem uma significação que transcende a crise civilizacional.

Com relação à frase transcrita, analise as afirmativas a seguir:

I. O primeiro que é uma conjunção integrante e serve para articular um complemento oracional ao substantivo abstrato ideia.

II. O segundo que é um pronome interrogativo cujo uso se justifica em razão da seguinte pergunta: que significação transcende a crise civilizacional?

III. As duas ocorrências de que promovem a estruturação do período composto, já que introduzem a oração subordinada substantiva e a subordinada adjetiva, respectivamente.

Assinale:

a) se somente a afirmativa I estiver correta.
b) se somente a afirmativa II estiver correta.
c) se somente a afirmativa III estiver correta.
d) se somente as afirmativas I e III estiverem corretas.
e) se todas as afirmativas estiverem corretas.

4. (CESGRARIO) Na passagem "Os empresários que não se adequarem à lei em noventa dias poderão ser multados em até 3,2 milhões de reais.", o termo que apresenta a mesma classe gramatical que em

a) "A lei é tão rigorosa que mesmo ambientes com teto alto e sem paredes,"
b) "Ficou tão difícil fumar que até decidi parar,"
c) "Quem considera a lei exagerada deve saber que São Paulo apenas se alinha a uma tendência mundial."
d) "Os fumantes americanos têm outro problema com que se preocupar:"
e) "E a maioria não fumante não quer deixar que ela seja reavivada."

5. (FGV) "Ele percebeu que as pessoas que possuíam conexões ou relações distantes com outras fora círculo familiar tinham duas vezes mais chances de conseguir uma vaga do que pessoas que tinham mais conexões próximas apenas no âmbito da família e dos amigos próximos."

As ocorrências da palavra QUE grifadas no trecho acima classificam-se, respectivamente, como:

a) conjunção integrante, pronome relativo, conjunção subordinativa e pronome relativo.
b) conjunção subordinativa, pronome relativo, conjunção integrante e conjunção subordinativa.
c) pronome relativo, conjunção integrante, pronome relativo e conjunção subordinativa.
d) pronome relativo, conjunção subordinativa, conjunção integrante e pronome relativo.
e) conjunção integrante, conjunção subordinativa, conjunção subordinativa e conjunção subordinativa.

6. (FGV) "Mas não, é a ti que vejo na colina"

Assinale a alternativa em que esteja corretamente classificada a palavra destacada nos versos acima.

a) conjunção integrante
b) parte de expressão expletiva
c) pronome relativo
d) conjunção subordinativa
e) pronome indefinido

7. (FGV) "E em que se vai trocando as pernas"

   A palavra se no verso acima destacado se classifica como:

   a) partícula apassivadora.
   b) parte integrante do verbo.
   c) índice de indeterminação do sujeito.
   d) pronome reflexivo.
   e) conjunção.

8. (FGV) "Mas porque na verdade não me queres mais" (verso 35)

   No verso acima, utilizou-se a forma correta porque. Assinale a alternativa em que não se tenha utilizado corretamente uma das quatro formas do porquê.

   a) É necessário avaliar por quê, ontem, fomos derrotados.
   b) Depois de entender por quê, prosseguiu.
   c) Não sei por quê nem como.
   d) Não entendemos as privações por que passamos.
   e) Deve haver um porquê para nossa derrota.

9. (FGV) "Percebe-se que os dois temas [a correlação entre metas e riscos fiscais e o impacto dos déficits públicos sobre as futuras gerações] se vinculam à função prospectiva da noção de responsabilidade fiscal. Enquanto o primeiro, normalmente, se adstringe a situações futuras próximas, o segundo vincula-se a situações futuras a longo prazo."

   As ocorrências da palavra SE grifadas no trecho acima classificam-se, respectivamente, como:

   a) indeterminador do sujeito – pronome reflexivo – parte integrante do verbo
   b) indeterminador do sujeito – parte integrante do verbo – pronome reflexivo
   c) partícula apassivadora – pronome reflexivo – pronome reflexivo
   d) partícula apassivadora – parte integrante do verbo – parte integrante do verbo
   e) parte integrante do verbo – partícula apassivadora – partícula apassivadora

GABARITO

<table>
<tr><td colspan="2">1 – a) pronome relativo
b) pronome interrogativo
c) conjunção integrante
d) pronome relativo
e) conjunção integrante
f) conjunção integrante
g) partícula expletiva ou de realce
h) advérbio de intensidade
i) conjunção consecutiva
j) conjunção comparativa
k) pronome interrogativo
l) pronome relativo</td><td colspan="2">2 – a) pronome reflexivo, objeto direto
b) pronome reflexivo, objeto indireto
c) pronome reflexivo recíproco, objeto direto
d) pronome reflexivo, sujeito do infinitivo
e) pronome apassivador
f) pronome reflexivo, objeto direto
g) índice de indeterminação do sujeito
h) parte integrante do verbo
i) pronome reflexivo recíproco, objeto direto
j) pronome apassivador
k) parte integrante do verbo
l) partícula expletiva ou de realce</td></tr>
<tr><td>3 – D</td><td>4 – D</td><td>5 – A</td><td>6 – B</td></tr>
<tr><td>7 – C</td><td>8 – A</td><td>9 – C</td><td></td></tr>
</table>

CAPÍTULO 3

PARTICULARIDADES LÉXICAS E GRAMATICAIS

Em nossa língua, muitos são os detalhes entre palavras e regras gramaticais. Não raro, os alunos se confundem em meio a tantas minúcias. Por isso, não são poucos os que, até hoje, conquanto tenham visto o assunto mais de uma vez, apresentam dúvidas, por exemplo, sobre o emprego dos "porquês". Quem nunca ficou em dúvida sobre a diferença entre "em vez de" e "ao invés de"? E o "bendito" emprego do relativo "onde"? Quantas vezes você já não ouviu – se não falou – "Maria, você viu aonde eu deixei meu livro?" Não seria "onde"? E o caso do "mal" (com "L")? Pergunte a alguém o que é o "mal" (com "L"), e ele dirá simplesmente que é o contrário de "bem". E os outros empregos do "mal" (com "L") são totalmente esquecidos!

Em virtude dessas dúvidas, resolvemos pôr, em um capítulo especial, algumas dessas particularidades para que o aluno possa melhorar no que diz respeito aos aspectos formais da nossa língua e possa empregar muitos vocábulos e locuções corretamente.

Mas, atenção!! Sugiro que estude o capítulo abaixo aos poucos. Não leia mais do que três particularidades de uma vez. Não tente decorar tudo em uma só vez – aliás, não gosto muito da palavra "decorar", quando se trata da nossa língua. Prefiro o verbo "entender". Isso!! Entenda! Compreenda o porquê de cada item e só assim seu estudo será completo.

Para facilitar a sua vida, decidi dividir o conteúdo abaixo em lições. É isso! Dividir em lições – lição 1, lição 2, lição 3, 4, 5 e, assim, sucessivamente. Por quê? Para que você possa acompanhar detidamente cada informação, cada detalhe. Sugiro que coloque ao lado de cada lição a data (dia, mês, ano e hora) em que você a estudou. Dessa maneira, você saberá – eu creio – o momento certo de revisar cada ensinamento. Mais uma vez, advirto: não tente

estudar tudo em um só momento – a não ser que esteja pressionado por um concurso. Acredito que o estudo deste capítulo será bem mais proveitoso se for feito aos poucos, gradativamente.

Então: mãos à obra!!

3.1 LIÇÃO 1

3.1.1 EMPREGO DOS PORQUÊS

A princípio, gostaria de fazer um alerta: esta lição é muito – repetimos "muito" – muito cobrada pelos concursos públicos. Leia mais de uma vez, portanto. Vamos às orientações:

1. **Em princípio, vamos fazer uma breve orientação – lembre-se de que sempre se acentuará o monossílabo tônico "que" quando este estiver em final de frase ou quando vier precedido de um determinante – neste último caso, será empregado como substantivo.** Observe:

- Você tem medo de **quê**?
  pronome interrogativo tônico
- Menino, você gosta de **quê**?
  pronome interrogativo tônico
- Ela hoje tem um **quê** de esquisito.
- Havia muitos **quês** no depoimento dela.

2. **Emprega-se o "por que" separado em duas situações básicas: quando puder ser substituído por "pelo qual, pela qual, pelos quais, pelas quais" – neste caso, teremos uma preposição "por" seguida do pronome relativo "que"; quando puder ser substituído por uma das expressões "por qual motivo" ou "por qual razão" – neste caso, teremos a preposição "por" seguida do pronome interrogativo "que".** Veja:

- Até agora não nos disse **por que** ela faltou à audiência.
  por qual motivo, por qual razão
- Os caminhos **por que** ele sempre andou eram caminhos de morte.
  pelos quais
- Amanhã o governo deve explicar **por que** aumentou a taxa Selic.
  por qual motivo, por qual razão
- **Por que** agiu daquela forma tão arrogante?
  por qual motivo, por qual razão

- Talvez só a miséria pudesse explicar **por que** os homens do século XX vivem aglomerados em cortiços. *por qual motivo, por qual razão*
- O documento **por que** buscávamos foi extraviado durante a mudança. *pelo qual*
- Alguém poderá perguntar: – O autor citou Braudel, **por quê**? *por qual motivo, por qual razão (com acento por se encontrar em final de frase – monossílabo tônico)*
- Diante de tudo isso, você ainda tem coragem de perguntar **por quê**? *por qual motivo, por qual razão (com acento por se encontrar em final de frase – monossílabo tônico)*
- Não elaboraste o pré-projeto até agora **por quê**? *por qual motivo, por qual razão (com acento por se encontrar em final de frase – monossílabo tônico)*
- Os mistérios **por que** *pelos quais* somos atraídos na ficção costumam impressionar os leitores de tenra idade.
- Tudo isso ajuda a esclarecer **por que** certas alterações foram positivas para o meio ambiente. *por qual motivo, por qual razão*
- "Mas **por que** não te metes tu logo por uma vez com o Firmo? **Por que** não te casas com ele?" (Aluísio Azevedo)
- "Foi nessa ocasião que ela perguntou a minha mãe **por que** é que já não usava as joias do retrato." (Machado de Assis)
- "E eis aqui **por que** o *Diário* é um monarquista exigente, ao passo que a *Gazeta* é um mau republicano." (Rui Barbosa)

Recapitulando:

POR QUE → **PELO QUAL, PELA QUAL, PELOS QUAIS, PELAS QUAIS**
(preposição "por" mais pronome relativo "que")

POR QUE → **POR QUAL MOTIVO, POR QUAL RAZÃO**
(preposição "por" mais pronome interrogativo "que")

Observações:

a) **A orientação acima resolve praticamente quase todos os casos. É preciso, porém, ficar atento a uma situação excepcional: orações subordinadas substantivas objetivas indiretas, cujo verbo transitivo indireto exige a preposição "por". Observe:**

- Todos anseiam pela volta de Maria Madalena.

→ Convertendo em oração: "Todos anseiam **por que** Maria Madalena volte".
Neste caso, a substituição, acima proposta, não funciona.

b) É bastante comum empregar-se o "por que" (separado) em interrogativas indiretas (sem o ponto de interrogação) ou interrogativas diretas, como já vimos em vários exemplos acima. Fique atento, pois, em algumas situações, o substantivo "razão, motivo" ou outro qualquer vem expresso na sentença logo após o "por que", situação em que o "por que" (separado) equivalerá a "por qual". Veja:

- Ela sempre quis saber **por que** motivo eu acabei nosso namoro.
  por qual
- Eles trocaram o nosso diretor **por que** funcionário?
  por qual
- Não disse com clareza **por que** razão não irá ao jogo.
  por qual
- Queria saber **por que** razão as estrelas brilham tão alto no céu.
  por qual

3. Emprega-se o "porque" junto quando este funciona como uma conjunção explicativa, causal ou final. Observe:

PORQUE
- → CONJUNÇÃO EXPLICATIVA → Equivale a "pois"
- → CONJUNÇÃO CAUSAL → Equivale a "já que, visto que, uma vez que"
- → CONJUNÇÃO FINAL → Equivale a "para que, a fim de que"

- Não apoio essas iniciativas, **porque** desconfio dos fins a que se destinam.
  conjunção explicativa → equivale a "pois"
- **Porque** não entregou o projeto no prazo, foi cortada da lista de formandos.
  conjunção causal → equivale a "já que, visto que"
- Estudai bastante, **porque** sejais logo aprovados em um concurso público.
  conjunção final → equivale a "para que, a fim de que"
- Deixe a sala agora, **porque** não admito falta de respeito.
  conjunção explicativa → equivale a "pois"
- Será **porque** ele está doente que não veio ao trabalho hoje?
- "Os princípios são invioláveis e imortais. Invioláveis, **porque** têm como asilo a consciência. Imortais, **porque** encerram em si, contra a ação corrosiva

dos preconceitos humanos, o caráter, a substância e a energia de uma lei invariável, absoluta e universal." (Rui Barbosa)

- "Não trouxera a navalha, **porque** tinha medo de ser preso, por causa do negócio da Nair e do suicídio da mãe dela." (Lima Barreto)
- "Na perspectiva do autor, as prática esotéricas desfrutam de grande popularidade **porque** satisfariam os interesses individuais de quem a elas recorre." (Fund. Carlos Chagas)
- "Nossas resoluções se perdem **porque** não temos um objetivo predeterminado." (Montaigne)
- "É o que te digo: vou e vou, **porque** devo, **porque** quero, **porque** é do meu direito." (Machado de Assis)

4. Emprega-se "porquê" (junto e com acento) quando este equivale a "motivo, razão". Neste caso, estaremos diante de uma palavra substantivada. Geralmente, este "porquê" vem acompanhado de determinantes (artigos, pronomes indefinidos etc.). Veja:

- Deve haver algum **porquê** *algum motivo* para a saída dele do cargo de gerente.
- Ainda não se sabe o **porquê** *o motivo* da morte da senhora Linda.
- Certamente há um **porquê** *um motivo* para ela ter abandonado o grupo sem dar satisfações.

Ufa!! Chegamos ao final da lição 1. Sugiro que a revise. Depois, descanse um pouco antes de estudar a próxima lição.

3.2 LIÇÃO 2

3.2.1 EMPREGO DE "ONDE" E "AONDE"

Mais uma vez, estamos diante de uma particularidade da nossa língua bastante cobrada em concursos públicos. Logo, é preciso estudar mais de uma vez. Vamos às orientações...

1. **Como já dissemos no capítulo sobre o emprego dos pronomes relativos preposicionados, o relativo "ONDE" é denominado de "pronome relativo locativo", pois só deve ser empregado em substituição a um lugar. Equivale a "em que" e variações – no qual, na qual, nos quais, nas quais. Observe (sublinhamos o antecedente do relativo "onde"):**

(em que, na qual)

- Dirigimo-nos à casa da D. Francisca, **onde** encontramos um grupo de mulheres em oração.
- Em São Paulo, há uma cafeteria **onde** se acham excelentes cafés importados.

(em que, na qual)

- Nossos projetos de vida dependem muito do futuro do país **onde** vivemos.

(em que, no qual)

- "Rememorava por vezes as mudanças, as alternativas fisiopsíquicas por que tinha passado na fazenda, **onde** não encontrara uma pessoa de sua idade." (Júlio Ribeiro)
- "Verdes mares bravios de minha terra natal, **onde** canta a jandaia nas frondes da carnaúba." (José de Alencar)
- "Correspondendo a pouco mais de um terço da largura total da casa, havia, nos fundos, um puxadito, **onde** estavam a cozinha e uma despensa minúscula." (Lima Barreto)
- "Nunca a sua mão benéfica deixou de estender-se para o lugar **onde** a aflição se assentava." (A. Herculano)

➭ **Observação importante:**

Estendem-se à noção de lugar os sentidos de "posição, situação, classe, parte de um livro ou obra, espaço ocupado, localidade, região". Por isso, são corretos também os seguintes empregos do relativo "onde":

- Fizemos o resumo do segundo parágrafo deste capítulo, **onde** havia bons exemplos de cidadania.
- Chegamos à parte final do continente, **onde** já encontramos grandes icebergs.
- "Num centro de civilização como este, **onde** a opulência intelectual da nossa pátria se reflete por tantas faces e tão brilhantemente no jornalismo, ..." (Rui Barbosa)
- "O reto espírito do nosso colega, que ora empunha a balança de Têmis, **onde** estão sendo pesadas oiro e fio as nossas humildes palavras, ponha-lhe numa concha os benefícios..." (Rui Barbosa)

2. Em muitas situações, o relativo "ONDE" é empregado sem antecedente explícito, isto é, seu antecedente estará latente, oculto. Neste caso, equivalerá a "em que lugar, no lugar em que". Veja:

- Sempre há boas pessoas onde a gente menos espera.
  no lugar em que
- Não sabemos onde ele se encontra agora.
  em que lugar
- Onde você mora? Onde você foi morar?
  em que lugar
- "Bem: mas **onde** estão os efeitos benéficos deste sistema? Nas finanças?" (Rui Barbosa)
- "Chove? Nenhuma chuva cai...
  Então **onde** é que eu sinto um dia
  Em que ruído da chuva atrai
  A minha inútil agonia?" (Fernando Pessoa)
- "Se lhe parede que não tenho razão! Esta agência indica **onde** há casas vazias por cinco mil-réis." (Artur Azevedo)

Observação:

Mesmo sem antecedente expresso, o "onde" só é empregado em situações que indicam lugar.

3. Emprega-se "AONDE" – regido por um nexo prepositivo – quando houver um verbo ou um nome que requeira a preposição "a". Geralmente, equivale a "para onde". Perceba:

- Nós iremos contigo ao lugar a que tu quiseres ir. → Nós iremos contigo ao lugar **aonde** quiseres ir.
  ir "a"
- Por favor, **aonde** eu posso me dirigir para obter informações?
  dirigir-se "a"
- Vocês pretendem chegar **aonde** com tais indagações?
  chegar "a"
- "Era este o costume herdado de seus maiores; que o hóspede mandava na taba **aonde** Tupã o conduzia." (José de Alencar)
- "Força tal não pode ser a do ministro, individualidade flácida, político invertebrado, espécie de medusa marinha, de fibras morais inconsistentes e diáfanas, que flutua à tona de todas as correntes, e vai dar nas praias, **aonde** o leva a ressaca." (Rui Barbosa)

- "– Quem lhe impede que vá a outras partes? Vá **aonde** quiser, mas fique morando conosco." (Machado de Assis)
- "Mas ainda a do semeador do nosso Evangelho não foi a maior. A maior é a que se tem experimentado na seara **aonde** eu fui." (Pe. Antônio Vieira)

➾ Observações essenciais sobre o emprego de "onde" e de "aonde":

a) A maioria das nossas dificuldades vem do fato de, em nosso dia a dia, cometermos muitos erros no que diz respeito ao emprego do "aonde" em lugar do "onde" e vice-versa. Vejamos alguns desses problemas:

- Maria, você sabe **aonde** eu deixei meus óculos? (construção incorreta)
  Quem deixa, deixa algo EM algum lugar.

  ➔ Logo... "Maria, você sabe **ONDE** eu deixei meus óculos?".

- Não sabemos **aonde** ele está nesse momento. (construção incorreta)
  Quem está, está EM algum lugar.

  ➔ Logo... "Não sabemos **ONDE** ele está nesse momento."

- **Onde** você vai hoje à tarde? (construção incorreta)
  Quem vai, vai A algum lugar.

  ➔ Logo... "**AONDE** você vai hoje à tarde?"

b) É preciso ter muito cuidado com o emprego do ONDE, pois, como sabemos, ele só deve ser usado para expressar uma noção de lugar. Portanto, para o padrão formal, é inadmissível o emprego do "ONDE" para relações que não sejam de lugar. Observe:

A relação que se transmite é a de posse.

- O Clube dos Oficiais, **onde** o diretor é João da Costa, passará por uma reforma. (Emprego inadequado)

  Correção: O Clube dos Oficiais, **cujo** diretor é João da Costa, passará por uma reforma.

A relação que se transmite é a de tempo.

- Em 1980, **onde** o presidente era João Batista Figueiredo, a inflação era galopante. (Emprego inadequado)

  Correção: Em 1980, **quando** o presidente era João Batista Figueiredo, a inflação era galopante.

A relação que se transmite é a de posse.

- Para Hans Kelsen, **de onde** se citam alguns exemplos, os homens deveriam honrar a justiça. (Emprego inadequado)

  Correção: Para Hans Kelsen, **de quem** (ou "**do qual**") se citam alguns exemplos,...

- É difícil lidar com adolescentes rebeldes, **onde** a causa nem para eles se explicita. (Emprego inadequado)

  Correção: É difícil lidar com adolescentes rebeldes, **cuja** causa nem para eles se explicita.

c) **Como já mencionamos, o relativo "onde" – à semelhança do "aonde" – pode vir antecedido por preposições. Lembre-se, entretanto, que o emprego de "aonde" implica a não existência de qualquer outra preposição antes dele. Observe:**

- Sem eles, não teríamos **de onde** sair, nem **para onde** nos projetar.
- Sem nossa história e nosso passado, não teríamos **por onde** começar, nem espaço para nos expandirmos.
- "Posto que nascido na roça (**donde** vim com dous anos) e apesar dos costumes do tempo, eu não sabia montar, e tinha medo ao cavalo." (Machado de Assis)
- "E na terra, **por onde** o sonhador passava,
  Iá a roxa corola espalhando as sementes." (Olavo Bilac)
- "... arbúsculos quase sem pega sobre a terra escassa, enredados de esgalhos **de onde** irrompem, solitários, cereus rígidos e silentes..." (Euclides da Cunha)
- "– Quero respirar o ar puro e fresco da tarde; mais nada repliquei. – Leva-me, **para onde** te aprouver." (A. Herculano)

3.3 LIÇÃO 3

3.3.1 EMPREGO DE "SE NÃO" E "SENÃO"

Eis outra particularidade bastante interessante e bastante longa. Embora não seja muito comum em provas, aparece aqui e acolá em certames, geralmente, de nível superior. Sugiro que a leia mais de uma vez, devido à quantidade de pormenores que ela apresenta. Vamos a ela...

a) **Emprega-se o "se" e depois o "não" quando estes funcionam, respectivamente, como "conjunção condicional" e "advérbio de negação". Nesse caso, equivalerão, literalmente, a "caso não" ou "quando não" e só devem ser usados em juízos que expressam hipótese, condição, probabilidade. Essa situação representa o emprego mais comum do "se não" separado.**

- Se não fizerem o dever logo, não receberão o prêmio que lhes prometi.
  caso não façam
- Que faremos amanhã, se não chegarem os mantimentos para os desabrigados?
  caso não cheguem
- A situação era difícil de resolver, se não impossível.
- "E o pobre Miranda, se não queria sofrer impertinências da mulher e ouvir sensaborias defronte dos criados, tinha de dar ao moleque toda a consideração e fazer-lhe humildemente todas as vontades." (Aluísio Azevedo)
- "Entretanto houve um tempo em que, se não me engano, tu eras feliz como eu do prazer que me davas." (José de Alencar)

b) Emprega-se "senão", junto, nas seguintes situações:

SENÃO
- (conjunção correlata aditiva) ⇔ **mas também**
- (conjunção de oposição adversativa) ⇔ **mas sim, do contrário**
- (preposição de exclusão) ⇔ **afora, exceto, salvo, a não ser**
- (substantivo) ⇔ **problema, mácula, defeito**

- Eram pessoas não só honestas, senão também caridosas, prestativas.
  mas também
- O diretor não fazia outra coisa, senão criticar.
  a não ser
- Ele nunca possuiu amigos, senão bajuladores.
  mas sim
- No processo, não encontramos senões.
  defeitos, problemas
- Não comeu o bolo que a esposa fez, senão um pedaço de pudim deixado pela sogra.
  mas sim
- Todos, senão você, contribuíram com a campanha.
  afora, salvo, exceto
- Ponham, por favor, a criança para dentro da casa, senão poderá adoecer severamente.
  do contrário, caso contrário
- Não havia um senão em sua produção textual.
  defeito, problema
- Da viagem nada trouxe de importante, senão um porta-retratos banhado a ouro.
  salvo, exceto, afora

- "De resto, a não ser de manhã para as aulas, que ia sempre com o Miranda, não arredava pé de casa **senão** em companhia da família." (Aluísio Azevedo)
- "Tinha o coração disposto a aceitar tudo, não por inclinação à harmonia, **senão** por tédio à controvérsia." (Machado de Assis)
- "Parecer-vos-á então que desse panorama indescritível não quis Deus que houvesse outros contempladores vivos, **senão** vós e o alado músico da alvorada." (Rui Barbosa)
- "A definição do pregador é a vida e o exemplo. Por isso Cristo no Evangelho não o comparou ao semeador, **senão** ao que semeia." (Pe. Antonio Vieira)

⇨ **Observações:**

a) Há uma situação em que a pontuação faz toda a diferença. Observe:

- Chegue cedo à empresa amanhã, **senão** será demitido.
  do contrário, caso contrário
- Chegue cedo à empresa amanhã; **se não**, será demitido.
  se não (chegar) → juízo hipotético

b) O mesmo procedimento ocorre em situações em que querem alguns autores associar o "se não" à conjunção alternativa "ou", quando, na realidade, tem-se a ocultação por zeugma de um verbo anteriormente mencionado. Veja:

- Ele comprará uma, **se não** duas camisas para as festas do fim de ano.
  se não (comprar) → zeugma do verbo "comprar"
- Levará a mãe, a sogra, as filhas, **se não** todos os membros da família para a festa.
  se não (levar) → zeugma do verbo "levar"
- Ele é muito sabido, **se não** o mais inteligente da turma.
  se não (for) → zeugma do verbo "ser"

3.4 LIÇÃO 4

Nesta lição, estudaremos mais de uma particularidade da nossa língua. Procure lê-las mais de uma vez para consolidar o conhecimento.

3.4.1 EMPREGO DE "TÃO POUCO" E "TAMPOUCO"

a) **Emprega-se "tão pouco" quando for equivalente de "muito pouco". Nesse caso, teremos o advérbio de intensidade "tão" seguido do pronome indefinido ou do advérbio "pouco".**

- Falaram $\underset{\textit{muito pouco}}{\underline{\textbf{tão pouco}}}$ durante a palestra que todos ficaram surpresos.
- No mês passado, a empresa recebeu $\underset{\textit{muito pouco}}{\underline{\textbf{tão pouco}}}$ dinheiro que teve de recorrer a empréstimos.
- Infelizmente, nosso filho dorme $\underset{\textit{muito pouco}}{\underline{\textbf{tão pouco}}}$.
- Parecia muito cuidadoso dos seus estudos e $\underline{\textbf{tão pouco}}$ extravagante e gastador, que não despendia um vintém fora das necessidades de primeira urgência.

b) **"Tampouco" é morfologicamente um advérbio e equivale a "também não, muito menos, nem sequer". Funciona, na estrutura oracional, como um reforço para uma negação feita anteriormente, ou seja, o "tampouco" adicionará uma ideia negativa a uma ideia negativa precedente. Por isso, costuma-se associá-lo a "nem" com o sentido negativo. Como já representa uma negação, é erro grosseiro empregar-se "tampouco não".**

- Os alunos não entregaram a prova, **tampouco** fizeram o trabalho que valia nota.
- Jamais irei àquele lugar, **tampouco** deixarei que algum familiar meu vá.
- "Mas os príncipes não aprendem, e **tampouco** aprendem os partidos." (Rui Barbosa)
- "Afinal, convencendo-se de que ela, sem ter ainda morrido, já não vivia para ninguém, nem **tampouco** para si, desabou num fundo entorpecimento apático." (Aluísio Azevedo)
- "... contudo, nunca houve entre eles uma separação profunda nem **tampouco** uma penetração perfeita." (Lima Barreto)

3.4.2 EMPREGO DE "DE ENCONTRO A" E "AO ENCONTRO DE"

Eis uma particularidade bastante simples. Vamos a ela...

a) Emprega-se a expressão "de encontro a" quando se quer transmitir a ideia de "choque, oposição, contrário" – equivale a "contra".

- O motorista perdeu o controle e o carro foi **de encontro ao** poste.
- A decisão do pai foi **de encontros aos** anseios da família.
- "A Serra do Mar tem um notável perfil em nossa história. **De encontro às** suas escarpas embatia, flagílima, a ânsia guerreira dos Cavendish e dos Fenton." (Euclides da Cunha)

b) Já a expressão "ao encontro de" significa "em direção a, a favor de". É usada, geralmente, quando se quer dizer que algo "foi favorável a alguma coisa, foi a favor de".

- Quando os vi de longe, parti ao encontro dos dois.
- Somos bons amigos, afinal minhas ideias sempre foram ao encontro das ideias dele.
- "Embarcou sozinha para os dez dias e noites de viagem, consciente de que podia estar indo **ao encontro da** morte. Tinha dezoito anos." (Rui Castro)

Observação:

Perceba que essas duas expressões dependem totalmente do contexto. Observe abaixo:

- Somos bons amigos, AFINAL minhas ideias sempre foram **ao encontro das** ideias dele.
- Somos bons amigos, MAS minhas ideias sempre foram **de encontro às** ideias dele.

3.5 LIÇÃO 5

3.5.1 EMPREGO DE "EM VEZ DE" E "AO INVÉS DE"

a) Deve-se empregar a locução prepositiva "em vez de" quando se deseja indicar uma troca, uma substituição de uma coisa por outra. Ela significa, literalmente, "em lugar de", "em substituição a". Reitere-se que essa locução é aplicável à maioria das situações em que se deseja expressar troca, substituição, alteração de uma coisa por outra.

- Na festa, resolveu beber cerveja **em vez de** vinho.

- **Em vez de** ir ao cinema, resolveu ir ao teatro.
- "**Em vez de** ficar abatida com a ameaça da larga separação, se vingasse a ideia da Europa, mostrou se satisfeita." *(Machado de Assis)*

b) Por outro lado, a locução prepositiva "ao invés de" significa "ao inverso de", "ao contrário de" e só deve ser empregada quando houver na oração elementos ou ideias opostos, contrários.

- O mergulhador imergiu **ao invés de** emergir por causa de um problema no equipamento.
- No velório, a prima do defunto ria **ao invés de** chorar.
- O remédio, **ao invés de** melhorar, piorou a situação do paciente.
- "E volveram rápidos, desapontados, tendo às mãos, **ao invés do** ganho apetecido, o ardor de muitas dúzias de palmatoadas, amargos bolos com que os presenteara aquela gente ingrata." (Euclides da Cunha)

3.5.2 EMPREGO DE "ACERCA DE", "A CERCA DE" E "HÁ CERCA DE"

Eis outra particularidade da gramática bastante simples. Vejamos...

a) A locução prepositiva mais usual das três é "acerca de"; significa "a respeito de, sobre, quanto a".

- Nada nos disse **acerca do** problema de saúde que vem enfrentando.
  sobre, a respeito de
- Os pesquisadores fizeram uma interessante descoberta **acerca da** criação de óvulos e espermatozoides a partir de células-tronco.
- "E o diálogo continuou animado, sem que D. Terezinha revelasse à amiga as suas suspeitas **acerca de** João da Mata e Maria do Carmo." (Adolfo Caminha)

b) Nas duas outras construções, temos a associação entre uma preposição ou um verbo e a expressão adverbial de aproximação "cerca de". Observe:

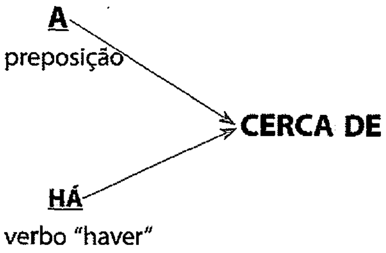

Logo, teremos...

A CERCA DE → a aproximadamente
HÁ CERCA DE → faz aproximadamente

- Quando nós a encontramos, estávamos a cerca de 20Km da fronteira com o Paraguai.
  a aproximadamente
- Os colonizadores chegaram aqui há cerca de 500 anos.
  faz aproximadamente
- Todos permaneceram a cerca de 20m do local do acidente.
  a aproximadamente
- Eles saíram há cerca de meia hora.
  faz aproximadamente

⇨ **Observação:**

Perceba que o "a" da expressão "a cerca de" não recebe o acento grave em virtude de ser tão somente uma preposição seguida de uma expressão adverbial "cerca de".

3.6 LIÇÃO 6

3.6.1 EMPREGO DE "MAU" E "MAL"

Vamos agora estudar uma lição bastante interessante. É bom ter cuidado para não fazer a simplificação "mau – bom" e "mal – bem". Observe as orientações a seguir.

a) O "mau" exerce a função de adjetivo e possui como antônimo o adjetivo "bom". Nesse caso, irá referir-se a substantivos. Como adjetivo que o é, o vocábulo "mau" apresenta todas as flexões típicas das classes variáveis. Veja:

MAU → flexão de número → MAUS
MAU → flexão de gênero → MÁ → flexão de número → MÁS

Todos são adjetivos. Referem-se, portanto, a substantivos.

- O **mau** treinador efetuou **más** ações por causa da **má** conduta da coordenadora que reclamou do **mau** comportamento do time.
- Sempre o **mau** indivíduo colhe **maus** resultados em virtude de suas **más** atitudes.
- Toda **má** sorte tem por traz um **mau** sujeito.
- "... estava cansado de ensinar a meninos, era preciso fazer pela vida noutro meio mais vasto onde as suas qualidades, boas ou **más**, fossem aquilatadas com justiça." (Adolfo Caminha)

b) Emprega-se "mal" em três funções morfológicas: advérbio, cujo oposto é "bem"; conjunção temporal, equivalendo a "logo que, assim que"; e substantivo abstrato, equivalendo a "o mal", "a maldade". Observe:

MAL
→ ADVÉRBIO → oposto a "bem"
→ CONJUNÇÃO TEMPORAL → logo que, assim que
→ SUBSTANTIVO ABSTRATO → o mal = a maldade

- O time jogou **mal** porque não treinou adequadamente.
  advérbio ↔ oposto a "bem"
- **Mal** ele chegou na sala, todos começaram a rir.
  conjunção temporal ↔ logo que, assim que
- O **mal** sempre atrai o **mal**.
  substantivos ↔ a maldade
- "... e entre os infortúnios que se desfecham tantos e tamanhos, uns após outros, como golpes de um acinte infatigável no **mal**, sobre este desventurado país, suave é o refúgio dessa consolação..." (Rui Barbosa)
- "Não obstante, a energia evolutiva do direito, cuja torrente a resistência **mal** aconselhada avolumou, represando, acaba por triunfar." (Rui Barbosa)

- "Mandava-os fazer de encomenda; mas assim mesmo, **mal** os punha hoje, no dia seguinte tinha que os retalhar a navalha." (Lima Barreto)
- "A viúva que **mal** resistira ao golpe da perda do filho, ainda mais se aterrava agora com o isolamento em que ia deixar Aurélia." (José de Alencar)

⇨ **Observação:**

Fique atento à seguinte distinção:

- mau humor ≠ mal-humorado
- mau cheiro ≠ malcheiroso
- má educação ≠ mal-educado
- mau comportamento ≠ malcomportado
- mau ensinamento ≠ mal-ensinado
- mau entendimento ≠ mal-entendido
- má aventura ≠ mal-aventurado
- má assombração ≠ mal-assombrado

3.6.2 EMPREGO DE "MAS" E "MAIS"

Eis outra particularidade bastante elementar. Mas é sempre bom revisá-la ou, quem sabe, conhecê-la melhor. Vamos a ela...

a) **O "mas" funciona, na maioria das vezes, como conjunção de oposição adversativa; por isso, pode ser tranquilamente trocada por "porém, contudo, todavia". Em outros casos – um pouco mais raros –, o "mas" fará parte da correlação aditiva "não só..., mas também". Veja:**

- Todos participaram do evento, **mas** nem todos ficaram para a confraternização.
  porém, contudo
- Ele sempre foi o melhor da sala, **mas** sempre bagunçou muito.
  porém, contudo
- O governo não só baixou os juros para a casa própria, **mas também** facilitou o crédito.
  correlação aditiva
- "E os que leem o que escreve,
  Na dor lida sentem bem,
  Não as duas que ele teve,
  Mas só a que eles não têm." (Fernando Pessoa)

- "Lembrou-se da mulher, **mas** repeliu logo esta ideia com escrupulosa repugnância. Continuava a odiá-la." (Aluísio Azevedo)
- "Fique então sabendo de que não é só a ela que você faz o obséquio, **mas** também ao marido." (Aluísio Azevedo)

Observação:

Em algumas situações, o "mas" funciona tão somente como uma palavra denotativa de ênfase ou de situação. Não transmite o sentido de oposição adversativa, por isso não poderá ser substituída por "porém, contudo, todavia." Veja:

- **Mas** quem afinal chegou à nossa festa?
- **Mas** que "belos" políticos nós temos hoje em dia!

b) Já o "mais" funciona ora como advérbio de intensidade, quando modifica verbos, adjetivos ou outros advérbios, ora funciona como pronome indefinido, quando se refere a substantivos. Observe:

- Os Silvas sempre dispuseram de mais recursos e mais informações.
  pronomes indefinidos
- Aqueles alunos precisavam estudar mais para poder ingressar em um concurso.
  advérbio de intensidade
- Eles agora sentiram mais vontade de estudar do que antes.
  pronome indefinido
- Ele sempre quis trabalhar mais para melhorar a situação financeira da família.
  advérbio de intensidade
- "Desde o palácio até a taberna e o prostíbulo, desde o mais esplêndido viver até o vegetar do vulgacho mais rude, todos os lugares e todas as condições têm tido o seu romancista." (A. Herculano)
- "Não ficara ela incólume da ferida que fizera no coração do vizinho: amou-o também, e com mais seriedade que a usual nos seus anos." (Camilo C. Branco)

3.7 LIÇÃO 7

3.7.1 EMPREGO DE "A FIM" E "AFIM"

Eis, mais uma vez, um conhecimento básico, elementar. Vamos a ele...

a) Emprega-se "a fim", separado (na maioria das vezes você usará esta forma), quando este fizer parte da locução prepositiva "a fim de" ou da locução conjuntiva "a fim de que". Em ambos os casos, as locuções denotarão "finalidade, objetivo, meta". Veja:

- Na sala, ninguém estava **a fim de** fazer nada.
- **A fim de que** ela passasse no concurso, comprei novos livros.
- "Não tardam os cavaleiros zenetas que vêm ajuntar-se nas atalaias convosco, **a fim de que** nenhum infiel possa escapar." (A. Herculano)
- "De feito, a boa velha tentou por diversas vezes escrever seu testamento a **fim de** garantir o futuro de sua escravinha." (Bernardo Guimarães)

➪ **Observação:**

A locução prepositiva "a fim de" equivale a "para". Portanto, se tiver alguma dúvida, faça a substituição.

b) Por outro lado, a forma "afim" (junto) é morfologicamente um adjetivo e significa "algo que é semelhante, que é próximo, que possui afinidade".

- Na grade escolar, Biologia e Química são matérias **afins.**
- João e Pedro tinham temperamentos **afins.**
- Eles são parentes **afins**.

3.7.2 EMPREGO DE "SE QUER" E "SEQUER"

Eis outra particularidade simples da nossa língua, mas que merece toda a nossa atenção, pois de vez em quando aparece aqui e acolá nas provas de alguns certames. Vamos a ela...

a) A forma separada "se quer" é representada pela conjunção condicional "se" seguida do verbo "querer" flexionado na 3.ª pessoa do singular do futuro do subjuntivo. Nesse caso, a expressão "se quer" equivalerá a "se desejar" e ocorrerá em orações hipotéticas, condicionais. Veja:

- **Se quer** passar em um concurso, estude muito.
- "Diga ao cocheiro que pare; ou, **se quer**, pode apear-se no largo da Carioca." (Machado de Assis)
- "– Em porção, o senhor sabe que... É isso... Enfim, **se quer**, mande-os..." (Lima Barreto)

b) Já a forma "sequer" é um advérbio e significa "ao menos, pelo menos, nem mesmo". É frequentemente usado em frases negativas ou de sentido negativo.

- João não veio ao trabalho e nem **sequer** ligou para dizer o que aconteceu.
- "... como é que de um ano para o outro esta necessidade urgente e imediata torna-se tão secundária, tão indiferente, tão remota que nem **sequer** merece ser mencionada na fala do trono?" (Rui Barbosa)
- "Ninguém lhes regateia esse reconhecimento. Ninguém lhes recusaria, **sequer**, o esquecimento do seu passado de escravismo." (Rui Barbosa)
- "Por fim tudo se esgota e a situação não muda. Não há probabilidade **sequer** de chuvas." (Euclides da Cunha)

3.8 LIÇÃO 8

3.8.1 EMPREGO DE "SESSÃO", "SEÇÃO" E "CESSÃO"

Vamos a uma particularidade bastante simples... conhecimento elementar, básico, mas necessário. Estudemo-la, pois...

a) A forma "sessão" significa "espaço de tempo em que se realiza determinada atividade ou parte dela". Pode também ser usada com o sentido de "reunião, assembleia, encontro".

- Na última sessão do Congresso Nacional, votaram-se muitos projetos de lei.
- Eles começaram agora a nova sessão de fotos.
- Todos combinaram assistir a última sessão do cinema.
- O psiquiatra recomendou-lhe várias sessões de terapia.
- "Rubião assistira à sessão em que o ministério Itaboraí pediu os orçamentos." (Machado de Assis)

b) Já a forma "seção", que admite a grafia secção" significa "divisão, subdivisão, departamento, parte de um todo".

- Amanhã iremos à seção de obras e reformas da Prefeitura de Palmares.
- Nós votamos na 37.ª seção da 43.ª zona eleitoral.
- Na terceira seção do segundo capítulo do livro, encontramos vários processos descritivos.

- "O país não está mais adiantado que as vítimas desse maligno capricho, quanto às causas que possam justificar o açoite, a que se acha submetida aquela secção do exército brasileiro." (Rui Barbosa)

c) Por sua vez, a palavra "cessão" provém do verbo "ceder" e, logicamente, significa "ato de ceder, doação, transferência de posse ou de direito".

- João fará a cessão de seus bens para os seus dois irmãos mais velhos.
- O Dr. Pedro fez a cessão dos direitos autorais para uma organização não governamental.

3.9 LIÇÃO 9 – EMPREGO DE VÁRIAS EXPRESSÕES E CONEXÕES

Vamos a uma lição longa, mas bastante simples. Vejamos algumas expressões bastante correntes em nosso dia a dia. Fique atento a elas, pois com frequência são cobradas pelas bancas examinadoras.

3.9.1 DISTINÇÃO ENTRE "A PRINCÍPIO" E "EM PRINCÍPIO"

A PRINCÍPIO ≠ **EM PRINCÍPIO**

primeiramente, no início — *em tese, de forma geral*

- **A princípio**, quero esclarecer que minha palestra será meramente motivacional.
- "Capitu, **a princípio**, não disse nada. Recolheu os olhos, meteu-os em si e deixou-se estar com as pupilas vagas e surdas, a boca entreaberta, toda parada." (Machado de Assis)
- "**Em princípio**, o subsecretário suportou bem a tempestade; mas tendo adivinhado que o supunham insciente no tupi, irritou-se, encheu-se de uma raiva surda, que se continha dificilmente." (Lima Barreto)
- "De sorte que logo **em princípio** o comandante reconheceu inexequível dar à marcha uma norma capaz de poupar as forças das praças." (Euclides da Cunha)

3.9.2 DISTINÇÃO ENTRE OS CONECTIVOS "PORQUANTO" E "CONQUANTO"

Eis uma lição sobre a qual já falamos no capítulo sobre "sintaxe do período composto", mas é sempre bom relembrar. Leia com atenção, pois o conhecimento abaixo é bastante cobrado em certames pelo país afora.

PORQUANTO ≠ **CONQUANTO**

PORQUANTO	CONQUANTO
CONJUNÇÃO CAUSAL OU EXPLICATIVA Equivale a "porque, visto que, pois, já que".	CONJUNÇÃO CONCESSIVA Equivale a "embora, apesar de que, ainda que".

- O governo não reduzirá a taxa Selic, **porquanto** não deseja que haja o aumento do consumo.
  porque, já que, pois
- **Conquanto** seja bastante rico, veste-se como pobre.
  embora, ainda que
- "É possível, **conquanto** o não creiamos, que esse homem de Estado fosse um miserável, cuja desonra espadane ainda sobre aqueles que, iludidos, o sustentaram." (Rui Barbosa)
- "E aqui verás tal ou qual esperteza minha; **porquanto**, ao ler o que vais ler, é provável que o aches menos cru do que esperavas." (Machado de Assis)

3.9.3 DISTINÇÃO ENTRE OS CONECTIVOS "JÁ QUE" E "POSTO QUE"

Mais uma distinção sobre a qual já falamos no assunto "sintaxe de período". Mas nunca é tarde para relembrar, pois ela é bastante cobrada pelas bancas.

JÁ QUE ≠ **POSTO QUE**

JÁ QUE	POSTO QUE
CONJUNÇÃO CAUSAL Equivale a "porque, visto que, pois, uma vez que".	CONJUNÇÃO CONCESSIVA Equivale a "embora, apesar de que, ainda que".

- O reclamante deve ser reintegrado ao posto **já que** goza de estabilidade.
  porque, visto que
- **Posto que** fosse um dos homens mais ricos da cidade, vestia-se como pobre.
  embora, ainda que
- "Gênio político de esfera muito curta, **posto que** de brilhantes talentos jurídicos e parlamentares, o Visconde de Ouro Preto capacitou-se de que o melhor serviço que podia prestar à monarquia era alardear os recursos." (Rui Barbosa)
- "Pois essa que fui ontem continuarei a ser, **já que** Deus não quis que fosse a outra, que viu da primeira vez." (José de Alencar)

3.9.4 DISTINÇÃO ENTRE OS CONECTIVOS "À MEDIDA QUE" E "NA MEDIDA EM QUE"

Observe agora a distinção entre dois conectivos bastante parecidos. É preciso ficar atento, pois são empregados em situações bem distintas. Veja:

À MEDIDA QUE ≠ **NA MEDIDA EM QUE**

À MEDIDA QUE	NA MEDIDA EM QUE
CONJUNÇÃO PROPORCIONAL Equivale a "à proporção que".	ARTICULADOR DE CAUSA Equivale a "já que, visto que, uma vez que".

- Desistiram de continuar a viagem, **na medida em que** as dificuldades para a consecução de uma nova estalagem aumentavam em virtude do evento previsto para a cidade.
- "**À medida que** engolia uma troça, uma pilhéria, vinha-lhe meditar sobre a sua lembrança, pesar-lhe todos os aspectos, examiná-la detidamente..." (Lima Barreto)
- "Os anos passaram depois, e **à medida que** vinham, ia-se Estêvão afundando no mar vasto e escuro da multidão anônima." (Machado de Assis)

➾ **Observação:**

Lembre-se de que as expressões "à medida em que" e "na medida que" não existem em nossa língua. São corruptelas da locução conjuntiva de proporcionalidade "**à medida que**".

3.10 LIÇÃO 10 – EMPREGO DE OUTRAS EXPRESSÕES QUE PROVOCAM DÚVIDAS

Vamos agora a outras lições bastante interessantes. Aqui veremos o emprego de várias expressões que frequentemente suscitam dúvidas. Leiamo-las...

3.10.1 DISTINÇÃO ENTRE "POR ORA" E "POR HORA"

Embora apresentem origem igual – a palavra "hora" –, as expressões apresentam significados diferentes. "Por ora" é equivalente a "por enquanto"; já "por hora" é empregada quando se deseja fazer referências a intervalos de 60 minutos – equivale a "a cada hora, a cada 60 minutos".

- Os benefícios, **por ora**, só serão concedidos aos trabalhadores noturnos.
- Eles ganham R$ 25,00 **por hora**.
- João conseguia ler, **por hora**, cinco capítulos do livro.
- "Nós somos, **por ora**, uma voz, que adverte, e aconselha, enquanto o desengano nos não converter em arma, que acomete, e destrói." (Rui Barbosa)
- "– Ele passou por aqui pondo dez léguas **por hora**." (Manuel A. de Almeida)

3.10.2 EMPREGO DE "O MAIS DAS VEZES" E "AS MAIS DAS VEZES"

Ambas as expressões são corretas para indicar a maioria das vezes que um fato se realiza. Neste contexto, a expressão "a mais das vezes" não existe. Para o professor Mário Barreto, a expressão "as mais das vezes" é mais usual.

- "Temo-las por adiáforas; no geral, suspeitas; **as mais das vezes**, incompletas; quase sempre, traiçoeiras; sempre disparatadas." (Euclides da Cunha)
- "Até nas próprias travessuras do menino, **as mais das vezes** malignas, achava o bom do homem muita graça." (Manuel A. de Almeida)
- "Elas passavam o serão na sala de jantar, em volta do candeeiro, que alumiava a tarefa noturna **o mais das vezes** solitárias." (José de Alencar)

3.10.3 DISTINÇÃO ENTRE "ABAIXO" E "A BAIXO"

Há um grupo de advérbios que são conhecidos pelas formas estranhas – e incoerentes muitas vezes – como são grafados. Não adianta reclamar: a ortografia oficial impõe que seja assim. Observe:

abaixo	acima
debaixo	de cima
embaixo	em cima
por baixo	por cima

Nesse grupo, encontramos uma distinção interessante entre o par "abaixo" e "a baixo". O primeiro é advérbio e significa "em local menos elevado, embaixo". Já o segundo é empregado na correlação "de... a...", em que a preposição "a" – equivalente à preposição "para" – fica separada da palavra "baixo". Observe:

- O leite está na prateleira **abaixo** dos pratos de sobremesa.
- Pintamos a parede **de** cima **a baixo**.
- "Nós descoroamos da liberdade aos que de Deus a houveram sacrossanta, e com isso os abatemos ao ínfimo grau da escala criada: até **abaixo** do reino vegetativo." (Rui Barbosa)

- "Há quase sempre alguma coisa impalpável e misteriosa no seio dos acontecimentos, que conspira contra as conspirações, mesmo quando essas vêm **de** cima **a baixo.**" (Rui Barbosa)

3.10.4 DISTINÇÃO ENTRE "A PAR" E "AO PAR"

Eis duas expressões bastante interessantes, as quais provocam dúvidas no dia a dia. Emprega-se corretamente a locução prepositiva "**a par de**" quando se quer transmitir o sentido de "*estar ciente, estar informado*", ou ainda com o sentido de "*ao lado de, junto a, comparado com*". Já a expressão "**ao par**" só deve ser empregada com o sentido de "*equivalência monetária, cambial*". Observe:

- O diretor estava $\underset{\textit{ciente de}}{\underline{\text{a par}}}$ de toda a situação.
- João foi ao colégio $\underset{\textit{ao lado de}}{\underline{\text{a par}}}$ do irmão.
- "$\underset{\textit{comparado com}}{\underline{\text{A par}}}$ do último verão, até que este está ameno." (Dicionário Houaiss)
- "eis .... que a subida inesperada do partido conservador, firmando o crédito do Estado, elevou o papel-moeda, deixando o câmbio quase ao par". (Aluísio Azevedo *apud* Dicionário Aurélio)
- "Tem razão. Dizem que há lá muita coisa esplêndida; não admira, são mais velhos que nós; mas lá chegaremos; e há coisas em que estamos a par deles, e até acima." (Machado de Assis)

3.10.5 DISTINÇÃO ENTRE "NENHUM" E "NEM UM"

Eis uma dúvida frequente entre os operadores da nossa língua. Fique atento, pois ela apresenta vários detalhes.

O vocábulo "nenhum" (junção de "nem" mais "um") é um pronome indefinido e opõe-se a "algum". Já na construção "nem um", o vocábulo "um" é um numeral (seus equivalentes são, portanto, "dois, três, quatro etc.").

Lição bastante proveitosa nos deixou o ilustre gramático Napoleão Mendes de Almeida: "**Nenhum** provém da junção de 'nem + um', havendo entre aquela forma sintética (nenhum) e esta analítica (nem um) diferença de energia de expressão; a forma analítica é mais forte". Seguindo a lição do mestre, em muitos casos, pode-se usar tanto "nem um" quanto "nenhum" – o que vai diferir é a ênfase que se deseja conferir ao enunciado.

- Ao partir, João dos Anjos não deixou **nenhum** bem. (➔ ... não deixou bem algum.)
- Ao partir, João dos Anjos não deixou **nem um** bem. (➔ ... não deixou nem mesmo um bem.)

É preciso sinalizar, entretanto, que a forma analítica "nem um" individualiza o ser, define por unidade e apresenta frequentemente o sentido de "nem mesmo um, nem sequer um". Observe agora alguns exemplos extraídos de escritores de renome que empregaram a expressão "nem um".

- "Pois olhe que não é uma criança! Mas **nem um** cabelo branco, **nem um**, **nem um** só!" (Eça de Queiroz)
- "...mas tudo se passava lá dentro, não veio **nem um** suspiro à flor dos lábios." (A. Garrett)
- "Calma. A noite caiu. **Nem um** pássaro voa." (Olavo Bilac)
- "Rápido e violento devia ter sido o cometimento, numerosos os cavaleiros inimigos; porque **nem um** dos atalaias pudera escapar." (A. Herculano)

Veja agora outros exemplos com a utilização de "nenhum".

- "**Nenhum** milagre de engenharia lhos substituirá com vantagem." (Euclides da Cunha)
- "Anhangá turbou sem dúvida o sono de Irapuã, que o trouxe perdido ao bosque da jurema, onde **nenhum** guerreiro penetra sem a vontade de Araquém." (José de Alencar)
- "Para a cidade não trouxeram **nenhum** escravo. Venderam a maioria e os de estimação libertaram." (Lima Barreto)
- "Seguramente o alienista podia estar em erro, mas **nenhum** interesse alheio à ciência o instigava." (Machado de Assis)
- "**Nenhum** homem, por exemplo, de mais títulos a interpretar as opiniões desse partido, **nenhum** mais genuinamente representativo das suas disposições do que o Sr. Silveira Martins." (Rui Barbosa)

Vejamos agora alguns valores que o indefinido "nenhum(a)" pode adquirir em uma oração.

- Distribuiu-se o convite para muitos funcionários, mas **nenhum** foi à confraternização.
  sentido de "ninguém"
- É uma pessoa de **nenhuma** importância.
  sentido de "nulo, inexistente"
- "O cavalo dele, melhor que **nenhum** outro, ganhou a corrida." (Aurélio)
  sentido de "qualquer"

3.11 LIÇÃO 11 – EMPREGO DE "ESTÁ" E "ESTAR"

Eis um ponto que, por si só, merece uma lição à parte. Não raro, os candidatos sofrem com esta dúvida. De antemão, posso garantir que é

bastante fácil – o "grande" problema reside em nossa pronúncia defeituosa. Vamos lá...

Em primeiro lugar, cumpre fazermos as distinções iniciais:

ESTÁ ➔ 3.ª pessoa do singular, do presente do indicativo do verbo "estar". Logo, emprega-se esta forma quando na estrutura temos um sujeito da 3.ª pessoa do singular, explícito ou implícito (oculto). Observe:

- O governo ainda **está** na contramão do progresso.
- "– Há muito tempo que **está** no Rio de Janeiro? perguntou-me Lúcia depois de uma pausa." (José de Alencar)
- "A alcova **está** deserta, mas inda com o teu cheiro perfumada, do teu fulgor coberta..." (Olavo Bilac)
- "Se adoecem e a família **está** fora, não os confio a um correspondente... Trato-os aqui, em minha casa." (Raul Pompéia)

Dica: Se houver alguma dúvida, SUBSTITUA o verbo por outro. Certamente, você perceberá o emprego da 3.ª pessoa do singular. Veja:

- O governo ainda está na contramão do progresso.
  permanece, encontra-se, fica
- Não sei se ele está na igreja.
  permanece, encontra-se

ESTAR ➔ Infinitivo do verbo. Destacamos dois empregos que suscitam dúvidas:

a) Formação de locuções verbais (verbo auxiliar + infinitivo). Observe:

- O governo ainda **deve estar** na contramão do progresso. (substitua por *"se encontrar, permanecer"*).
- Não sei, mas acho que os meninos **podem estar** na igreja. (substitua por *"se encontrar, ficar"*)
- "Ele canta que **parece estar** num café concerto, no meio de mulheres de vida airada..." (Lima Barreto)
- "O que é certo é que, não obstante a sorte que tivera aquele seu apaniguado, **costumava estar** na vila." (Euclides da Cunha)

Dica: Lembre-se, mais uma vez, de que, em caso de dúvida, você deve substituir por outro verbo. Se a forma for da 3.ª pessoa do singular, empregar-se-á "está"; se a forma for de infinitivo (-r), empregue, sem medo, "estar".

b) Formação de orações reduzidas de infinitivo com o verbo "ESTAR". Veja:

- João Pedro fez o possível para _______________ conosco hoje.
  está ou estar?

Como preencher o espaço acima? Fácil, se perceber que é possível a substituição por *"ficar, permanecer"*, por exemplo. Traduzindo: com a substituição fica claro e notório que se trata do emprego de um verbo no infinitivo, o qual exerce o núcleo de uma oração circunstancial (adverbial), reduzida. Portanto, não tenha dúvida:

- João Pedro fez o possível para **ESTAR** conosco hoje.

Vejamos outros exemplos:

- "Eis o que eu vi nessa hora de agonia, depois de **estar** ali alguns não sei se instantes ou séculos." (A. Herculano)
- "Você, com uma filha quase mulher, não tem vergonha de **estar** aqui a servir de palhaço?!" (Aluísio Azevedo)
- "É preciso mesmo **estar** sob a ação exclusiva de uma ideia fixa, para acreditar que a indenização possa ainda sair a campo." (Rui Barbosa)
- "A verdade certa é que, às duas horas da tarde, aquele advogado andava atrás das moças, em vez de **estar** no foro." (Machado de Assis)

➭ **Observação:**

Vale a pena mencionar que esta dúvida (emprego de "está" ou "estar") também se estende a outras situações em nossa língua. Portanto, basta aplicar o conhecimento acima (e ter cuidado com a pronúncia) para resolver as pendências. Veja:

- No final do ano, a empresa vai ____________ uma grande festa para os funcionários.
  dá ou dar?

> **Comentário:** Se podemos substituir por "conceder, oferecer", constatamos que se trata do emprego do infinitivo do verbo "dar" numa locução verbal – logo, "... a empresa vai **dar** uma grande festa...".

3.12 LIÇÃO 12 – EMPREGO DE "TER DE" E "TER QUE"

Mais uma lição bastante interessante sobre o emprego de duas expressões que, não raro, provocam dúvidas. Embora no dia a dia sejam usadas de forma indistinta, podemos, ainda assim, traçar algumas orientações. Vejamos:

Emprega-se TER DE (verbo + preposição), seguido de outro verbo no infinitivo, quando se deseja denotar "fato infalível, necessário, obrigatório ou jussivo (imperativo)". Observe os exemplos:

- O Brasil tem de ser um país menos desigual. (Equivale a ➔ "O Brasil tem a obrigação de ser um país...)
- Todos tiveram de sair por causa do fogo que já atingia os últimos andares do prédio.
- "... para se conhecerem os amigos, tinham os homens de morrer primeiro e daí a algum tempo ressuscitar..." (Pe. Antonio Vieira).
- "O Congresso ainda não se dissolveu. Tem de reunir-se ainda." (Rui Barbosa)

Emprega-se, por outro lado, TER QUE (verbo + conjunção integrante), seguido de um verbo no infinitivo, quando se deseja indicar simplesmente "algo para fazer", "algo que ainda não foi feito". Nesse sentido, transmite-se tão somente "mera informação" ou uma "ação facultativa". Vejamos:

- "Esses não têm que envenenar a alma de seus filhos com as misérias domésticas do cativeiro (...); não têm que dar, nas suas escolas, em vez da educação cívica, o ensino da opressão perpetuada, não têm que sentir a organização de sua pátria assentada na denegação eterna da liberdade a uma parte indefesa do gênero humano."
- "É uma mania de seu amigo, Senhor Ricardo, esta de só querer cousas nacionais, e a gente tem que ingerir cada droga, chi!" (Lima Barreto)
- "— O senhor... O senhor só tem que me agradecer uma coisa: é a minha paciência." (José de Alencar)

➾ **Observações:**

a) Como já dissemos, no dia a dia, essas expressões são usadas quase indistintamente, uma vez que nem sempre é fácil se fazer a distinção entre o que é "obrigação" do que é "mera informação ou ação facultativa". De acordo com a professora Maria Helena de Moura Neves, a expressão "TER QUE" é hoje mais usual do que TER DE. Esta última é empregada com mais frequência, segunda a professora, na linguagem literária.

b) Alguns autores preconizam que, na expressão TER QUE, o "que" funciona como pronome relativo sem antecedente explícito. Preferimos, entretanto, a análise que atesta ser o "que" uma conjunção integrante, porquanto a classificação do "que" como pronome relativo soa-nos artificial. Para os que advogam a morfologia de "pronome relativo", deveríamos analisar o período da seguinte maneira:

- Não posso sair hoje, pois tenho que estudar. ➔ Equivale a "... tenho (algo) que estudar".

3.13 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (FCC) *...para entender por que a viagem de Colombo acabou e continua sendo uma metáfora...* No que se refere à grafia, para estar de acordo com o padrão culto, a frase que deve ser preenchida com forma idêntica à destacada acima é:

   a) Alguém poderá perguntar: – O autor citou Braudel, ...?
   b) Gostaria de saber ...... ele se interessou especificamente por essa obra de Braudel acerca do mar Mediterrâneo.
   c) Quem sabe o ...... da citação da obra de Braudel?
   d) Referências são sempre interessantes, ... despertam curiosidade acerca da obra.
   e) – ... foi a obra que mais o teria impressionado sobre o assunto, respondeu alguém quando indagado sobre o motivo da citação.

2. (CESGRANRIO) É melhor começar a exercitar a linguagem, __________ o seu relacionamento pode acabar mal.

   A pesquisa recentemente realizada pela empresa foi __________ do estresse emocional do trabalhador.

   Expliquei-lhe as exigências do atual mercado __________ ele se adaptasse melhor.

   A sequência que completa corretamente as frases acima é

   a) se não – a cerca – a fim de que
   b) se não – acerca – afim de que
   c) se não – acerca – a fim de que
   d) senão – acerca – a fim de que
   e) senão – a cerca – afim de que

3. (CESGRANRIO) As razões __________ não simpatizo com você são muitas.

   Não faça críticas negativas, __________ se arrependerá.

   O que eu disser poderá ser __________ interpretado.

   A opção cuja sequência completa, corretamente, as sentenças acima é

   a) por quê – senão – mal
   b) por que – senão – mal
   c) porquê – se não – mal
   d) porque – se não – mau
   e) porque – senão – mau

4. (ESAF – Téc. Rec. Federal) Lê-se no Manual de Redação da Presidência da República:

   onde
   Como pronome relativo significa 'em que (lugar)': A cidade **onde** nasceu.

Com base nessa definição e nas demais funções morfossintáticas que o termo **onde** *pode desempenhar, aponte a frase na qual o emprego de tal termo está incorreto.*

a) (...) o método utilizado pode afastar os auditores, pela falta de estrutura, da descoberta dos grandes esquemas de corrupção. Porque ele está muito voltado a atender à grande novidade inventada por Waldir Pires, os sorteios dos municípios. Ali, faz-se uma auditoria por amostragem, onde pegar um grande esquema dependerá, como tudo num sorteio, da sorte.

b) O Portal de Transparência é até onde a CGU conseguiu tornar possível a sua ideia de tornar público o Sistema Integrado de Administração Financeira (...).

c) "Cultura" é um termo quase infinitamente maleável. (...). Sua origem ou, pelo menos, até onde se possa saber, seu sentido primitivo parece se relacionar com a criação, descoberta ou invenção da agricultra (...).

d) Passada a euforia da libertação, muitos ex-escravos regressaram a suas fazendas, ou a fazendas vizinhas; para retomar o trabalho por baixo salário. Dezenas de anos após a abolição, os decendentes de escravos ainda viviam, nas fazendas, uma vida pouco melhor do que a de seus antepassados escravos. Outros dirigiram-se às cidades, como o Rio de Janeiro, onde foram engrossar a grande parcela da população sem emprego fixo.

e) Onde havia dinamismo econômico provocado pela expansão do café, como em São Paulo, os novos empregos, tanto na agricultura como na indústria, foram ocupados por milhares de imigrantes italianos que o governo atraía para o país. Lá, os ex-escravos foram expulsos ou relegados aos trabalhos mais brutos e mais mal pagos.

(Fontes: Rudolfo Lago, Correio Braziliense, 24/10/2005; Nelson Archer, Relativismo cultural e multiculturalimo, FSP, 31/10/2005; José Murilo de Carvalho, Cidadania no Brasil: o longo caminho, pág. 52)

5. (FGV) Perguntei por que ele não tocava mais piano.

Assinale a alternativa correta acerca do uso do porquê na frase acima.

a) A forma está correta, pois corresponde à preposição POR + o pronome relativo QUE.

b) A forma está correta, pois é uma conjunção, sendo, nesse caso, sempre grafada como duas palavras.

c) A forma está correta, pois equivale a "por qual razão", caracterizando uma pergunta indireta.

d) A forma está incorreta, pois a forma com duas palavras só se usa em perguntas. O correto seria PORQUE.

e) A forma está incorreta, pois, embora seja grafada com duas palavras, a forma QUE deveria levar acento circunflexo.

6. (FGV) "Concluída a fusão dos mercados, em vez de rumar para a integração política e consolidar seu protagonismo na cena mundial, a Europa faz da integração um utensílio da exclusão. Claro está que Bruxelas não pode evitar a deriva à direita de certos Estados, mas tampouco necessita servir à regionalização da xenofobia."

A respeito do trecho acima, analise os itens a seguir:

I. A expressão em vez de não poderia ser substituída, no trecho, por ao invés de.

II. Ocorre alteração gramatical ou semântica ao se substituir "Claro está" por "Está claro".

III. Não ocorre alteração gramatical ou semântica ao se substituir "certos Estados" por "Estados certos".

Assinale:

a) se somente o item III estiver correto.
b) se somente o item I estiver correto.
c) se nenhum item estiver correto.
d) se todos os itens estiverem corretos.
e) se somente o item II estiver correto.

7. (FGV) O leitor já viu onde quero chegar.

Assinale a alternativa cuja estrutura seja equivalente semanticamente à apresentada acima, mas que dela se diferencie quanto à adequação da linguagem ao padrão normativo.

a) Já observou o leitor onde quero chegar.
b) O leitor já viu aonde quero chegar.
c) Quero chegar onde o leitor já viu.
d) Em que ponto quero chegar o leitor já viu.
e) O leitor já viu em cujo local quero chegar.

GABARITO

1 – B	2 – D	3 – B
4 – A	5 – C	6 – C
7 – B		

CAPÍTULO 4

A LINGUAGEM FIGURADA – AS FIGURAS DE LINGUAGEM

Em nosso dia a dia, usamos com frequência a denominada linguagem intelectiva para que nos comuniquemos. A linguagem intelectiva é aquela em que os termos geralmente vêm dispostos na sequência "sujeito + predicado + complementos + adjuntos" e trabalha o sentido real, denotativo dos vocábulos, das palavras.

Não basta, porém, que a linguagem seja puramente racional para que o homem se comunique. Em muitas situações comunicativas, lançamos mão de recursos para que a linguagem se torne mais atraente, mais simpática, contribuindo para formar a convicção do leitor ou do ouvinte – é a denominada "linguagem afetiva". O resultado desse uso é uma linguagem mais sensível, mais comparativa, mais emocional, menos racional. Para obter esse efeito, o comunicador lança mão das chamadas **figuras de estilo,** conhecidas também como **figuras de linguagem**.

Figuras são os modos de dizer, alguns dos quais alteram a forma regular das palavras ou das orações, e outros modificam ou omitem o sentido próprio da expressão.

4.1 CLASSIFICAÇÃO DAS FIGURAS DE LINGUAGEM

As figuras de estilo ou de linguagem se classificam em:

a) Figuras de palavras ou tropos;
b) Figuras de pensamento;
c) Figuras de construção ou de sintaxe.

4.1.1 FIGURAS DE PALAVRAS OU TROPOS

São figuras que se caracterizam por alterar o sentido próprio de uma palavra. São elas: metáfora, metonímia, catacrese, perífrase, sinestesia e comparação.

4.1.1.1 Metáfora

A metáfora (de um vocábulo grego que significa "transportar") é a translação do sentido próprio de uma palavra para outro, por analogia ou por semelhança, ou seja, consiste em usar uma palavra pela outra por força de uma comparação mental. É uma comparação – pelo fato de existirem características pertencentes a um objeto ou ser que se adapta a outro – sem a presença explícita de conectivo comparativo.

- Ela é um anjo de doçura, e ele é um cavalo de grosseria.
- É uma borboleta o coração daquela donzela.
- Muitos jovens perdem a razão quando vivem o fogo de uma paixão.
- O vício toma muitas vezes a máscara da virtude.
- "O Senhor é o meu Pastor e nada me faltará". (Sl. 23)
- "Coração bobo, coração bola, coração balão
  A gente se ilude dizendo
  Já não há mais coração" (Alceu Valença)
- "O mar é lago sereno
  O céu – um manto azulado
  O mundo – um sonho dourado
  A vida – um hino d'amor." (Casimiro de Abreu)
- "A vida é o dia de hoje
  A vida é ai que mal soa
  A vida é sombra que foge
  A vida é nuvem que voa." (João de Deus)

⇨ **Observação:**

Com a metáfora, buscam-se semelhanças, analogias, características comuns entre os seres postos numa relação comparativa.

4.1.1.2 Metonímia

A metonímia é a substituição do sentido de um vocábulo pelo de outro com o qual está intimamente relacionado. Com a metonímia, o operador da língua troca um vocábulo por outro pelo fato de ambos apresentarem uma contiguidade de sentido, uma coexistência semântica. Quando se diz, por exemplo, que se leu Camões, percebe-se nitidamente a relação entre "Camões" e "obra escrita". Na realidade, leu-se a "obra" que pertence ao escritor Camões. Observe outro exemplo abaixo:

- Durante a Idade Média, alguns defendiam o trono, outros, o altar.

⇨ **Observação:**

Perceba que os vocábulos "trono" e "altar" foram empregados em substituição aos vocábulos "realeza" e "religião", respectivamente.

Várias são as formas de substituição propostas pela metonímia. Vejamos algumas:

a) O autor pela obra:

- Ontem me deleitei com o Machado de Assis.
  a obra

- *a obra*
  Sempre viajava na companhia de José Saramago. Em casa, não abandonava Cecília Meireles.
  a obra

b) A causa pelo efeito, ou vice-versa:

- Sempre vivi do suor do meu rosto.
  trabalho

- A palidez tomou-lhe conta do rosto quando viu que o avião perdeu altura.
  medo

c) O abstrato pelo concreto e vice-versa:

- A mocidade de hoje parece que perdeu o encanto pela vida.
  os jovens

- Era difícil não se emocionar com aquela beleza trôpega.
  um velho, um idoso

d) O continente pelo conteúdo:

- Eles sempre foram amantes do copo.
  das bebidas
- Eles comeram todo o prato com uma voracidade incrível.
  a comida, o alimento

e) A marca pelo produto:

- Fez a barba com uma gilete.
  lâmina de aço
- Por favor, limpe com uma coca.
  refrigerante à base de folha de coca

f) A parte pelo todo e vice-versa:

- Os ônibus passavam cheios de pernas.
  pessoas
- Muitas chaminés dominam São Paulo.
  fábricas, indústrias

g) O singular pelo plural:

- O homem vive há séculos sobre a terra.
  os homens
- O brasileiro é um povo de coragem, de luta, de determinação.
  os brasileiros

h) O objeto ou sinal pela coisa significada:

- Infelizmente a balança no Brasil não é tão justa quanto é em outros países.
  a justiça
- *os juízes, os magistrados*
  A toga brasileira ficou incomodada com as palavras do presidente da República.

i) O possuidor pela coisa possuída:

- Uma centena de fuzis apoiavam suas decisões.
  soldados
- Em toda guerra, as armas não dormem nem de dia nem de noite.
  os combatentes, os soldados

j) A matéria pelo objeto:

▹ Na festa, quebraram todos os cristais.
copos, pratos feitos de cristal

▹ A comida foi colocada em porcelanas chinesas.
pratos e recipientes feitos de porcelana chinesa

➪ **Observação:**

a) Não se preocupe tanto em decorar essas formas de substituição. Procure, sim, entender o que é uma metonímia. As bancas raramente (mas raramente mesmo) cobram as relações acima. Elas querem saber tão somente se o estudante sabe identificar o que é um processo metonímico.

b) Muitos autores classificam alguns casos de metonímia como **sinédoque**. Esta, segundo eles, caracteriza-se por substituir "o todo pela parte" ou "a parte pelo todo", isto é, teremos uma relação do tipo "continente e conteúdo" ou "gênero e espécie". Achamos a discussão menor, e preferimos englobar todos os casos sob a denominação genérica de metonímia, porquanto tem sido a figura predominante nos certames hoje.

4.1.1.3 Catacrese

A catacrese é o desvio do significado natural de um vocábulo. Consiste em se empregar um vocábulo já existente e com significação própria em outro sentido, por falta de vocábulo adequado. Em verdade, a catacrese é uma metáfora desgastada, porque busca semelhanças entre seres, objetos, coisas e passa a usar um vocábulo com uma extensão semântica maior do que ele possui – "é o esquecimento ou substituição definitiva do significado de uma palavra por outra", preconiza o ilustre mestre Cândido de Figueiredo.

▹ O **pé da cadeira** está quebrado.

➪ **Observação:**

Busca-se a semelhança entre o "pé humano" (sentido denotativo) e o objeto de madeira que sustenta a cadeira, pé da cadeira (sentido conotativo).

Observe agora outros exemplos:

▹ Já na terça-feira, todos tiveram de responder à **sabatina** feita pelo professor.

▹ Furou a **cabeça do dedo** com um alfinete.

▹ Todos **embarcaram** no avião precisamente às 16 horas.

- O boxeador levou um soco na **boca do estômago.**
- Ficamos passeando bem no **coração da cidade.**
- Colocaram vários **dentes de alho** na buchada que eles prepararam.
- A **asa do avião** ficou danificada por causa da colisão com um pássaro.

4.1.1.4 Perífrase ou antonomásia

É um tipo especial de metonímia que se caracteriza por substituir um ser ou um objeto por uma expressão que facilmente o identifica. Geralmente essa substituição é feita com uma característica marcante do ser ou do objeto. Observe:

- Faz anos que morreu o épico português. *Camões*
- Conheci a Veneza brasileira. *Recife*

Veja outras perífrases:

- **o rei do baião** → por Luís Gonzaga
- **a cidade luz** → por Paris
- **a Suíça pernambucana** → por Garanhuns
- **o poeta dos escravos** → por Castro Alves
- **o país do sol nascente** → por Japão
- **o grande poeta mineiro** → por Drummond
- **o grande orador grego** → por Demosthenes
- **o grande poeta grego** → por Homero
- **o águia de Haia** → por Rui Barbosa
- **o rei da selva** → por leão

4.1.1.5 Sinestesia

Consiste na mistura de sensações perceptíveis por órgãos do sentido diferentes. Busca-se, com isso, oferecer maior expressividade à sensação primitiva, mais forte. Quando se diz, por exemplo, "beijo doce", atribuiu-se à sensação tátil "beijo" uma sensação gustativa "doce" para indicar que a ação primitiva "beijo" é intensificada por uma sensação gustativa "doce". Observe outros exemplos:

- Ela usava um vestido de **cores berrantes.**

- Na reunião, ele usou **ásperas palavras.**
- O locutor do aeroporto possui uma **voz doce e aveludada.**
- O vinho apresentava um **gosto quente, áspero.**
- "Ó sonora **audição colorida** do aroma!" (Alphonsus de Guimaraens)

4.1.1.6 Comparação

É a analogia efetuada entre dois seres ou objetos por meio de conectivos comparativos explícitos a fim de ressaltar a(s) semelhança(s) entre eles. Geralmente são usados os conectivos subordinativos comparativos "como, tal qual, assim como, tão... quanto, tanto... quanto, mais... (do) que, menos... (do) que etc.".

- "Seria meia-noite quando o navio começou a mover-se lentamente, e uma hora depois a cidade, as praias, e as montanhas sumiam-se na distância, **como** se o mar as fosse engolindo com a voracidade de um monstro." (Adolfo Caminha)
- "E o escândalo, **como** um líquido derramado, ia escorrendo pelas ruas, pelos becos, penetrando por aqui e por ali, invadindo as repartições públicas, os escritórios comerciais, as redações das folhas e as casa particulares." (Aluísio Azevedo)

4.1.2 FIGURAS DE PENSAMENTO

São figuras que se processam no âmbito do pensamente, da ideia que se quer transmitir. São processos de expressão do pensamento, os quais introduzem ideia diferente da que realmente a palavra exprime. São elas:

4.1.2.1 Antítese

É a figura que consiste no emprego de termos ou pensamentos em oposição, de forma que faça sobressair um pelo outro. É um poderoso recurso estilístico, pois ressalta relações de contraste, de oposição entre os termos, entre as ideias. Veja alguns exemplos:

- "Estes edificam, aqueles destroem; estes sobem pelos degraus da honra, aqueles outros descem." (M. Bernardes)
- "Última flor do Lácio, inculta e bela,
  és, a um tempo, esplendor e sepultura." (Olavo Bilac)

- "Vejo um túmulo, entremos:
  Quem sempre a morte achou no lar da vida
  Deve a vida encontrar no lar da morte." (Laurindo Rabelo)
- "Ontem plena liberdade
  A vontade por poder
  Hoje... cum'lo de maldade
  Nem são livres... pra morrer." (Castro Alves)
- "Era o porvir – em frente do passado,
  A liberdade – em face à escravidão." (Castro Alves)

4.1.2.2 Paradoxo ou oximoro

É uma espécie de antítese mais radical, pois trabalha com termos em oposição colocados lado a lado. O contrassenso se dá dentro do mesmo termo, do mesmo verso. Veja:

- "O doutor falava **bobagens** conspícuas." (Manoel de Barros apud Domingos P. Cegalla)
- "Amor é fogo que **arde** sem se ver,
  É ferida que **dói**, e não se sente;
  É um **contentamento** descontente
  É dor que **desatina** sem doer." (Camões)
- "Menino do rio,
  calor que provoca arrepio." (Caetano Veloso)
- "Enfim, transpondo o **Inferno** e o Purgatório, Dante
  Chegara à extrema luz pela mão de Beatriz:
  Triste no sumo bem, **triste** no excelso instante,
  O poeta compreendera o **mal** de ser feliz." (Olavo Bilac)

4.1.2.3 Ironia

Conhecida também como "antífrase", é a alteração do sentido próprio de uma palavra ou de uma expressão para o sentido oposto, isto é, a ironia ocorre quando a palavra ou a sentença exprime normalmente o contrário daquilo que queremos dar a entender com ela. O emprego da ironia, em muitas situações, pode revelar sarcasmo, zombaria, chacota, escárnio. Observe:

- Bela coisa você fez, meu filho – conseguiu tirar nota baixa em todos os exames!

- "Moça linda bem tratada
  Três séculos de família
  burra como uma porta." (Mário de Andrade)
- "A excelente dona Inácia era mestra na arte de judiar das crianças." (Monteiro Lobato)

4.1.2.4 Eufemismo

Consiste no emprego de palavras ou expressões com o objetivo de diminuir o impacto da mensagem. Em outras palavras, é o abrandamento da força de uma ideia, de uma mensagem. Empregam-se palavras ou expressões mais amenas, mais suaves, mais sutis para evitar o impacto da ideia, da mensagem. Observe:

- **Os funcionários da limpeza pública** entraram em greve. (em vez de "garis, lixeiros")
- No depoimento, a testemunha **faltou com a verdade.** (em vez de "mentiu")
- Foi preso pela polícia, porque **enriqueceu por meios ilícitos.** (em vez de "roubou")
- Descobriram um **tumor maligno** no seio da mulher. (em vez de "câncer")
- Nossos amigos **não foram felizes** no concurso que fizeram. (em vez de "foram reprovados")
- "Alma minha gentil **que te partiste**
  Tão cedo desta vida descontente." (Camões)
- "Os amigos que me restam são de data recente; todos os antigos foram estudar **a geologia dos campos santos.**" (Machado de Assis *apud* Rocha Lima)

4.1.2.5 Hipérbole

Consiste no emprego de expressões ou palavras com o sentido exagerado, extrapolado. É um outro poderoso recurso expressivo, pois se baseia no exagero da mensagem. Observe:

- Naquele momento, todos nós já estávamos **mortos de fome.**
- Mulher, não te vejo **há séculos.**
- "Abram mais janelas do que todas as janelas que há no mundo." (Fernando Pessoa)

- "Queria gritar setecentas mil vezes..." (Cazuza)
- "Rios te correrão dos olhos, se chorares." (Olavo Bilac)

4.1.2.6 Gradação

Consiste no emprego de palavras ou ideias em progressão ascendente ou descendente a fim de obter um efeito estilístico. Quando apresenta ideias em gradação ascendente, chama-se "clímax"; quando apresenta ideias em gradação descendente, chama-se "anticlímax". Veja alguns exemplos:

- "Que **verbo mais eloquente**, que **eloquência mais sublime**, que **sublimidade mais angélica** do que a sua"? (Alves Mendes *apud* Jorge Miguel)
- "Oh, não aguardes que a madura idade
  Te converta essa flor, essa beleza,
  Em terra, em cinza, em pó, em sombra, em nada." (Gregório de Matos)
- "Parece-me que só neste país ainda não se observa nem se permite esse costume **tão natural, tão próprio, tão eficaz mesmo**, das senhoras pobres empregarem-se no comércio a retalho." (Adolfo Caminha)
- "E o escândalo, como um líquido derramado, ia escorrendo pelas ruas, pelos becos, penetrando por aqui e por ali, **invadindo as repartições públicas, os escritórios comerciais, as redações das folhas e as casa particulares.**" (Aluísio Azevedo)
- "Não já lutando, **mas rendido, enfermo, prostrado, desfalecido, morrendo, morto.**" (Pe. Antônio Vieira)

4.1.2.7 Prosopopeia, personificação ou animismo

Consiste em se atribuírem qualidades humanas a seres inanimados, personificando-os. É uma figura bastante comum nas histórias, nos contos infantis. Observe:

- "As estrelas foram chamadas e **disseram:** – Aqui estamos." (Pe. Antonio Vieira)
- "Debaixo do arco admirável da Ponte das Bandeiras **o rio murmurava** num banzeiro de água pesada e oleosa." (Mário de Andrade)
- "Dona Cômoda tem três gavetas. E um **ar confortável de senhora rica.** Nas gavetas guarda coisas de outros tempos, só para si. Foi sempre assim, dona Cômoda: gorda, fechada e egoísta." (Mário Quintana)

- "As rãs do charco **clamavam**:
  – Dai-nos sol! Dai-nos sol!
  Os ralos e a cigarra acompanhavam:
  – Solzinho! Solzinho! Solzinho!" (Aquilino Ribeiro *apud* Jorge Miguel)

4.1.2.8 Apóstrofe ou invocação

Consiste num chamamento, numa invocação, numa interpelação que se faz a alguém. Em outros termos, é uma interrupção que faz o orador ou escritor para dirigir-se, em tom de chamamento, em tom forte, a uma pessoa ou coisa. Representa a figura do vocativo em sintaxe. Veja alguns exemplos:

- "**Lua lua lua**
  por um momento
  meu canto contigo compactua." (Caetano Veloso)
- "**Deus!, ó Deus!** onde estás que não respondes?" (Castro Alves)
- "Até quando, **ó povo insensato**, haveis de manquejar na Fé, divididos e discordes de vós mesmos em duas partes." (Pe. Antonio Vieira)

4.1.2.9 Reticência

Consiste na supressão da ideia, do pensamento, deixando à outra pessoa a complementação dessa ideia ou desse pensamento. É também um poderoso recurso de estilo, representado pelos três pontos em sequência (...). Vejamos alguns exemplos:

- "Bem sabes que te não contrario... desejo este casamento, desejo... mas... em primeiro lugar, convém saber se ele é do teu gosto... Vamos..., fala!" (Aluísio Azevedo)
- "Estava ainda com a carta aberta nas mãos, quando viu aparecer o doutor, que vinha por notícias do enfermo; o agente do correio dissera-lhe haver chegado uma carta. Era aquela?
  – É esta, mas...
  – Tem alguma comunicação reservada...?" (Machado de Assis)
- "Na comédia o rei veste como rei, e fala como rei; o lacaio veste como lacaio, e fala como lacaio; o rústico veste como rústico, e fala como rústico; mas um pregador, vestir como religioso e falar como... não o quero dizer, por reverência do lugar." (Pe. Antonio Vieira)

4.1.3 FIGURAS DE CONSTRUÇÃO OU DE SINTAXE

São denominadas de figuras de construção porque alteram de alguma forma a construção regular da frase, da oração, do período, do verso. Buscam, com essa alteração, conferir maior expressividade, maior elegância à construção textual. São elas:

4.1.3.1 Elipse

É uma das figuras mais usuais na construção textual. Consiste na omissão de um vocábulo, de um verbo ou de uma oração inteira, os quais podem ser facilmente subentendidos no contexto.

Dependendo do termo elipsado, a elipse pode ser: **nominal** (de uma palavra), **verbal** (de um verbo) ou **frástica** (de uma oração, de uma frase). Vejamos alguns exemplos:

▹ "**Na terra tanta guerra, tanto engano,**
Tanta necessidade aborrecida!" (Camões)

→ **Nos versos de Camões, temos a elipse do verbo "haver" = "Na terra há tanta guerra, há tanto engano".**

▹ "Em Dina matou a formosura a Sichem; **em Dallila matou a Sansão; em Judith matou a Holophernes; em Helena, a toda a Troia; em Lucrecia, a toda a Roma; em Florença, a toda a Espanha.**" (Pe. Antonio Vieira)

→ **No excerto de Vieira, é latente a elipse (nominal, diga-se de passagem) do sujeito "a formosura" nas orações subsequentes: "...em Dallila, a formosura matou a Sansão; em Judith, a formosura matou a Holophernes;..."**

▹ "É por estas e outras que aborreço os políticos, os políticos sim, **não a política.**" (Rui Barbosa)

→ **Observe a elipse do verbo "aborrecer" na última oração: "..., os políticos sim, não aborreço a política".**

▹ "Enfim, ele pensava, **como eu,** que tudo que existe é bom." (Machado de Assis)

→ **Elipse do verbo da oração comparativa: "..., como eu pensava,...".**

4.1.3.2 Zeugma

É uma espécie de elipse. É uma figura pela qual uma palavra já exprimida numa oração se subentende na outra, que lhe é análoga ou ligada, isto é, é a ocultação que um termo anteriormente expresso – o termo aparece em uma oração e é ocultado na(s) outra(s). Observe:

▸ Cada criança escolheu um brinquedo; os meninos pegaram carrinhos, as meninas, bonecas.

→ **Perceba a zeugma do verbo "pegar" na última oração.**

▸ A um é dada a palavra de sabedoria, a outro, o dom de curar moléstias.

→ **Veja a zeugma da locução de passiva "é dado".**

▸ "A aurora é o riso do céu, a alegria dos campos, a respiração das flores, a harmonia das aves, a vida e o alento do mundo." (Pe. Antonio Vieira)

→ **Observe a zeugma tanto do sujeito "aurora" quanto do verbo ser "é".**

▸ "Nossos bosques têm mais vida
Nossa vida mais amores." (Gonçalves Dias)

→ **Temos no último verso a zeugma do verbo "ter": "... Nossas vidas têm mais amores".**

4.1.3.3 Polissíndeto

É a figura que consiste na repetição intencional de conectivos, geralmente, coordenativos a fim de conferir maior expressividade entre os elementos unidos pelos conectivos. Vejamos:

▸ Deus criou o sol e a lua e as estrelas. E fez o homem e deu-lhe inteligência e fê-lo chefe da natureza.

▸ "Uma procissão de rendas e sedas e leques e véus e diamantes e olhos de todas as cores e linguagens." (Machado de Assis)

▸ "Chego, pego-lhe do braço e o recolho e o enxugo e o aqueço e o agasalho no meu colo." (A. R. dos Santos *apud* Ernesto C. Ribeiro)

4.1.3.4 Assíndeto

É a figura oposta ao polissíndeto. Consiste na supressão dos conectivos entre os termos e orações a fim de tornar a mensagem mais concisa, mais enxuta. Vejamos alguns exemplos:

- Entram todos os fiéis. Louvam, cantam, batem palmas, choram, riem. Tudo em nome de Deus.
- "Range, ri, treme, devasta, insulta e vence." (Eça de Queiroz)
- "Luciana, inquieta, subia à janela da cozinha, sondava os arredores, bradava com desespero..." (Graciliano Ramos *apud* Rocha Lima)

4.1.3.5 Hipérbato

Consiste na alteração da ordem direta dos termos em uma oração. Em português, a oração geralmente segue a ordem "sujeito + verbo + complementos + adjuntos". O hipérbato quebra a ligação imediata que as palavras têm umas com as outras, a fim de conferir maior ênfase, maior destaque a determinadas partes da oração. Observe:

- "Ouviram do Ipiranga as margens plácidas
  De um povo heroico o brado retumbante." (Hino Nacional Brasileiro)

→ **Na ordem direta, teríamos: "As margens plácidas do Ipiranga ouviram um brado retumbante de um povo heroico."**

- "... aí se não ouvem essas alegres sinfonias." (Carneiro Ribeiro)
- "A quem o nascimento fez em Portugal, grande, o valor no Oriente." (J. Freire *apud* Carneiro Ribeiro)

⇨ **Observação:**

Quando o hipérbato altera tão profundamente a ordem dos termos na oração que chega a provocar certa confusão entre as partes desta, passa a ser chamado de "sínquise". Veja:

- "Por ver em que montanhas se dos mares
  Livrou, anda vagando, e em que lugares." (F. Barreto)
- "Enquanto manda as ninfas amorosas
  Grinaldas na cabeça pôr de rosas." (Camões)

4.1.3.6 Pleonasmo enfático ou estilístico

É uma figura pela qual se empregam palavras que, se bem não sejam necessárias para a perfeita expressão do pensamento, dão-lhe, todavia, mais força, mais energia. Consiste, literalmente, na repetição de uma ideia já contida em termos e expressões anteriores a fim de aumentar a força da mensagem. Observe:

- "Este crucifixo, vi-o eu com os meus olhos, e está hoje em dia naquele mosteiro." (H. Pinto)
- "Louvamos em Deus uma excelência, que é mais excelente de todas." (Pe. Antônio Vieira)
- "E rir meu riso
  E derramar meu pranto." (Vinícius de Moraes)
- "Tantos outros assombros da natureza e prodígios inauditos, vistos com os próprios olhos, palpados com as mãos e pisados com os pés." (Pe. Antônio Vieira)

➾ **Observações:**

a) Em algumas situações, o pleonasmo é representado pela repetição, em forma de pronome oblíquo tônico, dos complementos verbais: objeto direto e objeto indireto. Observe:

- "Vi os teus companheiros, mas não te vi a ti." (M. Said Ali)
- "Ele perseguia as aves e alimárias inocentes: eu perseguia-o a ele." (A. Herculano)
- "E que me importa a mim isso? Virão um dia a esta nobre terra de Espanha gerações que compreendam as palavras do presbítero." (A. Herculano)

b) Não confunda este tipo de pleonasmo com o **pleonasmo vicioso.** Este, como o próprio nome já diz, torna a frase deselegante, pobre. Por isso, expressões do tipo "morreu uma morte; vi com os olhos; fui com os meus pés; pescou um peixe" são terríveis pleonasmos. Entretanto, se lhes acrescentarmos uma expressão explicativa, uma circunstância ou um modificativo, desfaremos o pleonasmo. Logo, em "morreu uma morte terrível, sofrida e solitária" não há mais pleonasmo, senão uma forma bastante expressiva de se enunciar um pensamento.

4.1.3.7 Anástrofe

Consiste numa inversão mais simples que o hipérbato – geralmente se inverte apenas sujeito e predicado. Em outras palavras, é uma inversão na sucessão analítica do pensamento, sem quebrar a ligação imediata que as palavras têm umas com as outras.

- "A Dário venceu Alexandre." (Carneiro Ribeiro)
- "Com papas e bolos se enganam os tolos." (Provérbio)
- "Clara era naquele tempo a fama de Dom Duarte de Menezes." (J. Freire)
- "Aberta em parte estava a porta." (A. Garrett)

4.1.3.8 Silepse ou concordância ideológica

Como o próprio nome já denuncia, é uma concordância efetuada não com o termo, mas com a ideia transmitida pelo termo. É preciso ter em mente que, em português, a concordância padrão se dá com o núcleo do sujeito expresso ou implícito. Na silepse, essa concordância é efetuada com o "espírito", com a ideia do termo. Há três tipos de silepse: de **gênero**, de **número** e de **pessoa**. Vamos a elas:

a) **Silepse de gênero:** a concordância é feita com o gênero do termo a que se refere e não com o termo em si. Observe:

- Vossa Excelência é muito justo e generoso.

⇨ **Observação:**

Perceba como os adjetivos não concordam com o pronome de tratamento "Vossa Excelência", mas sim com a ideia de que o pronome de tratamento se refere a um ser masculino.

- De longe, viu o seu **amor**, **vestida** de véu e grinalda. (amor = mulher, esposa)
- A **criança** voltou às aulas, mas a professora não podia com **ele**.
- A **testemunha** prestou depoimento e estava **preocupado** com a possibilidade de haver uma acareação entre **ele** e o réu do processo.

b) **Silepse de número:** a concordância é feita com o número (singular ou plural) que é transmitido pela ideia do termo, e não com o número (singular ou plural) real do termo.

- "Das ovelhas **a maior parte** ao desamparo dos pegureiros **se perderam.**" (Lobo *apud* Carneiro Ribeiro)
- "Estavam pegados com ele uma infinidade de homens." (Fr. Luís de Souza)
- "Logo outro dia ao romper da alva se abalou **o exército**, ao som de muitos instrumentos bélicos, e chegando aos muros, **começaram** em torno da fortaleza a arvorar escadas." (J. Freire)
- "**Povoavam** os degraus **muita sorte de gente.**" (Mário Barreto)

➯ **Observação:**

Haverá também silepse de número quando os pronomes "nós" e "vós" forem empregados por "eu" e "tu", isto é, quando se emprega o plural de modéstia. Nesse caso, o predicativo poderá concordar no singular com a ideia do singular. Veja:

- "Antes sejamos **breve** que **prolixo.**" (J. de Barros)
- "Apesar da benevolência com que fomos **acolhido**, disseram-nos que..." (J. de Castilho)
- "**Chegado**, porém, à conclusão deste livro, por-lhe-emos remate com uma reflexão." (A. Herculano *apud* Eduardo C. Pereira)

c) **Silepse de pessoa:** a concordância é feita com a pessoa que se tem em mente, e não com a pessoa (1.ª, 2.ª ou 3.ª) na qual o termo efetivamente se encontra.

- Os brasileiros em geral somos pessoas cordiais.
  3.ª pessoa *1.ª pessoa*
- "Dizem que os cariocas somos pouco dados aos jardins públicos." (Machado de Assis)
- "E os dois, ali no quarto, picamos em mil pedaços as trezentas páginas do livro." (Paulo Setúball *apud* Jorge Miguel)
- "Senhor, os que somos de terra deixamos repouxar os navegantes." (Fr. Luís de Souza *apud* Artur de A. Torres)

4.1.3.9 Anáfora

Do ponto de vista da retórica, a anáfora consiste na repetição de uma mesma palavra, de um mesmo vocábulo no início de cada oração, de cada período ou de cada verso de uma composição.

- "Quem, senão ela, há de expulsar do templo o renegado, o blasfemo, o profanador, o simoníaco? Quem, senão ela, exterminar da ciência o apedeuta, o plagiário, o charlatão? Quem, senão ela, banir da sociedade o imoral, o corruptor, o libertino? Quem, senão ela, ..." (Rui Barbosa)
- "Com o tempo o prado verde reverdece,
  Com o tempo cai a folha ao bosque umbroso.
  Com o tempo pára o rio caudaloso,
  Com o tempo o campo pobre se enriquece." (Camões)
- "Vi os navios irem e voltarem.
  Vi os infelizes irem e voltarem.
  Vi os homens obesos dentro do fogo.
  Vi ziguezagues na escuridão." (Jorge de Lima *apud* Roberto M. Mesquita)

4.1.3.10 Anacoluto

Gramaticalmente falando, o anacoluto nada mais é do que "uma frase quebrada", isto é, uma construção interrompida e depois retomada com outra estrutura. Com esta quebra, um dos termos da estrutura oracional geralmente acaba sem função sintática.

Convém aqui reproduzir a definição de um dos nossos maiores mestres, o professor Augusto Epifânio da Silva Dias: "A anacolutia consiste em uma ou mais palavras do princípio de uma oração não se ligarem ao que vem depois, segundo as regras da sintaxe."

O tipo mais frequente de anacoluto é aquele em que um elemento parece que vai ser sujeito da oração e acaba sem função sintática.

Vamos aos exemplos (grifamos os termos que ficaram sem função sintática no período, o que reflete o anacoluto).

- O João Paulo, parece que as coisas não lhe correm bem.
- "As outras, que as asas do anjo Azrael se estendam sobre os seus cadáveres." (A. Herculano)
- "Tua mãe, não há idade nem desgraça que lhe amolde a índole rancorosa." (Camilo C. Branco)
- "A velha hipocrisia, recordo-me dela com vergonha." (Camilo C. Branco)
- A terra em que tu morreres, nessa morrerei." (Pe. Antônio Pereira *apud* Eduardo C. Pereira)
- Os três reis orientais, que vieram adorar o Filho de Deus recém-nascido em Belém, é tradição da igreja que um era preto." (Pe. Antônio Vieira *apud* Eduardo C. Pereira)

⇨ **Observação final sobre o anacoluto:**

Observe como os termos grifados encontram-se soltos dentro da estrutura oracional – nenhum deles se liga sintaticamente a outro. É justamente esse fenômeno, essa quebra que recebe o nome de anacoluto. Para o ilustre Gramático Carlos Góis, "o anacoluto é uma das belezas mais ornamentais da língua. De geração espontânea na linguagem do povo, como o provam os adágios e rifões, os escritores e poetas mais autorizados acharam-lhe tal graça, tal efusão, que o transportaram, de flor popular e anônima, a flor de gala e louçania".

4.1.3.11 Aliteração

Consiste na repetição intencional do mesmo som consonantal no início de dois ou mais vocábulos em imediata sucessão para imitar a realidade sonora de certos fenômenos ou para simplesmente conferir ênfase à estrutura. Observe:

- Em nossa viagem, passamos por uma terra feia, fria, mas farta.
- Fumo e fogo resfolga a férrea máquina.
- "Pedro pedreiro penseiro esperando o trem." (Chico Buarque)

4.1.3.12 Repetição

Consiste na repetição das mesmas palavras ou locuções. Esta figura revela que o espírito do escritor se encontra repleto da ideia que o absorve e fortemente o empolga.

- "Abri, abri estas entranhas, vede, vede este coração." (Pe. Antônio Vieira)
- "Fora, fora com essas velhices." (Fr. Luís de Souza)

4.2 VÍCIOS DE LINGUAGEM

Em contraposição às figuras de linguagem, que dão à fala e à escrita graça e elegância, encontramos os vícios de linguagem, os quais são deturpações que a língua sofre em sua pronúncia ou em sua escrita por desconhecimento ou descuido de quem fala.

Quem fala deve sempre prezar por uma linguagem pura, correta e clara. A **pureza** consiste no emprego de palavras e expressões autorizadas pela história da língua e pelo uso dos que melhor falam. Já a **correção** significa a elabo-

ração de construções oracionais e frásticas em conformidade com as regras da sintaxe. E finalmente a **clareza** consiste em empregar palavras e construir frases, cujo sentido facilmente se compreende. Aquele que desrespeita essas virtudes textuais incorre, portanto, nos vícios da linguagem.

Os principais vícios de linguagem são: barbarismo, solecismo, ambiguidade, cacofonia, estrangeirismo, colisão, eco, arcaísmo e hiato.

4.2.1 BARBARISMO

Barbarismo (também chamado de "peregrinismo") é o emprego de termos estranhos à língua, quer na forma, quer na sua ideia. Em outras palavras, ocorre barbarismo quando se escrevem ou se pronunciam, de forma incorreta, certos vocábulos, ou ainda quando se empregam vocábulos num sentido diverso do que realmente ele representa.

Vejamos alguns exemplos de barbarismos:

- advinhar → por "adivinhar"
- mendingo → por "mendigo"
- mantêga → por "manteiga"
- adevogado → por "advogado"
- sastifeito → por "satisfeito"
- abandonado → por "dissoluto"
- seje → por "seja"
- preguntar → por "perguntar"
- fácio → por "fácil"
- rúbrica → por "rubrica"
- bizarro → por "esquisito"
- brusco → por "precipitado"

4.2.2 SOLECISMO

Genericamente falando, solecismo é qualquer erro de sintaxe. Tal erro pode ser de concordância, de regência ou de colocação pronominal. Vejamos alguns solecismos comuns:

- Eu lhe vi ontem no shopping. → em vez de: "Eu o vi ontem no shopping."
- Vamos todos assistir o jogo agora. → em vez de: "Vamos todos assistir ao jogo agora."
- Não fazei mal aos animais. → em vez de: "Não façais mal aos animais."
- Houveram muitos problemas no processo. → em vez de: "Houve muitos problemas no processo".
- Incendiou-se a casa que eu morei nela. → em vez de: "Incendiou-se a casa em que eu morei."

- Me disseram que ela não virá hoje. → em vez de: "Disseram-me que ela não virá hoje."
- Fomos na cidade hoje pela manhã. → em vez de: "Fomos à cidade hoje pela manhã."

4.2.3 AMBIGUIDADE (ANFIBOLOGIA OU PLEONASMO VICIOSO)

Ocorre quando uma frase apresenta sentido duplo ou duvidoso, ou seja, quando não se consegue chegar ao sentido exato da frase por apresentar mais de uma interpretação, mais de um sentido. Vejamos alguns exemplos:

- Mãe procura filho sequestrado pela internet. → (Não se sabe se a mãe o procura pela internet ou se o filho foi sequestrado pela internet)
- Regressou a Brasília.depois de uma cirurgia, com cerimonial de Chefe de Estado. → (Não se sabe se o cerimonial foi para a cirurgia ou para o regresso)
- O policial prendeu o ladrão em sua casa. → (Não se sabe se foi na casa do ladrão ou na casa do policial)
- O amor de minha mãe me fortalece. → (Não se sabe se a mãe é amada ou se ela ama, ou seja, não se sabe se ela é agente ou paciente do amor)
- O bom rei ama o povo. → (Não se sabe quem é o sujeito da oração: "o bom rei" ou "o povo")

4.2.4 CACOFONIA OU CACÓFATO

Consiste no encontro de palavras que formem outra de sentido torpe, ridículo ou desagradável. Em algumas situações, a cacofonia é resultante da junção da sílaba terminal de um vocábulo com a palavra ou parte da palavra imediata.

Convém aqui citar o mestre M. Said Ali, para quem "a cacofonia é o encontro de sílabas em que a malícia descobre um novo termo com sentido torpe ou ridículo".

Vejamos alguns exemplos:

- "Alma minha gentil que te partiste". (Camões)
- Por ser tão tarde, vou-me já.
- A boca dela está suja.
- Distribuiremos um por cada visitante.

- Meu coração por ti gela.
- Ele só possui uma mão.
- Ele nunca agiu como elas.

4.2.5 ESTRANGEIRISMO

Consiste no emprego abusivo de palavras estrangeiras quando há, no idioma pátrio, vocábulo próprio para a situação. Como os estrangeirismos provêm de línguas diversas, alguns autores preferem as denominações "galicismos (provenientes do francês), anglicismos (provenientes do inglês) e germanismos (provenientes do alemão)". Observe alguns:

- **delivery** → por "entrega"
- **meeting** → por "encontro"
- **pic-nic** → por "piquenique"
- **buquet** → por "buquê"
- **sale** → por "promoção"
- **feed back** → por "retorno"
- **chofer** → por "motorista"
- **performance** → por "desempenho"

4.2.6 COLISÃO

Consiste no emprego desagradável de um som consonantal idêntico.

- Vimos um jardim com ro**s**a**s** **s**eca**s**, **s**erena**s** e **s**em **s**emente**s**.
- Não **s**abemos **s**e **s**erão **s**ervida**s** fruta**s** **s**eca**s** nas cerimônias.
- O silêncio da noite era interrom**p**ido **p**elo **p**io do **p**into agourento.

4.2.7 ECO

É a repetição desagradável de fonemas vocálicos no final das palavras, fazendo-as rimar. Observe:

- Neste momento, eu tive um aumento no meu vencimento.
- O instrumento de casamento do sargento ficou no convento no largo de São Bento.
- É sempre válida a disposição para a criação de uma fundação que tenha por função a proteção do cidadão.

4.2.8 ARCAÍSMO

Consiste no emprego de vocábulos ou expressões que são antiquados ou que já caíram em desuso.

- vosmecê → em vez de "você"
- cachete → em vez de "comprimido"
- cristaleira → em vez de "estante"
- velida → em vez de "bela"
- coita → em vez de "dor, aflição"
- bofé → em vez de "boa-fé"

4.2.9 HIATO

Consiste na dissonância produzida pelo encontro de vogais idênticas e sucessivas, especialmente quando se trata de vogais abertas.

- Perdeu-**o o** homem que estava à beira da morte.
- Só vou **à a**ula amanhã de manhã.
- Imperfeição como esta não **a há** nos clássicos.

⇒ **Observação:**

Cumpre dizer que "colisão", "eco" e "hiato" deixam de constituir vícios de linguagem quando intencionalmente empregados para efeito estilístico.

4.3 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (CESGRANRIO) "A política é a higiene dos países moralmente sadios. A politicalha, a malária dos povos de moralidade estragada."

   As figuras de estilo identificáveis nesse contexto são:

   a) hipérbole e anacoluto.
   b) metáfora e anacoluto.
   c) metonímia e zeugma.
   d) metonímia e hipérbole.
   e) metáfora e zeugma.

2. (UNITAU) Na frase "... consumo das significações no SEIO da comunicação social...", a palavra em destaque é, no plano semântico e estilístico,

a) denotação e paradoxo.
b) conotação e sinédoque.
c) denotação e pleonasmo.
d) conotação e catacrese.
e) conotação e antítese.

3. (CESGRANRIO) Observe os períodos abaixo:

1 – "Vontade de beijar os olhos de minha pátria
De niná-la, de passar-lhe a mão pelos cabelos".

2 – "Pátria, eu semente que nasci do vento
Eu que não vou e não venho, eu que permaneço".

A partir dos exemplos 1 e 2, indique as respectivas figuras de linguagem:

a) prosopopeia – aliteração.
b) metáfora – gradação.
c) hipérbole – antítese.
d) aliteração – personificação.
e) metonímia – assíndeto.

4. (FAAP) "De repente do riso fez-se o pranto".

Observe que as palavras RISO e PRANTO, nesse soneto, ultrapassam a simples representação mental correspondente a cada um dos signos; convertem-se na significação mesma da alegria ou da felicidade e da tristeza ou da situação infeliz. Trata-se de uma figura de linguagem que consiste na ampliação da área de significação de uma palavra usada em lugar de outra, com apoio numa relação de coexistência ou contiguidade, ou seja:

a) silepse
b) pleonasmo
c) anacoluto
d) metonímia
e) prosopopeia

5. (FAAP) "Silencioso e branco como a bruma".

À repetição das mesmas consoantes em BRANCO e BRUMA em busca da sonoridade, dá-se o nome:

a) assonância
b) aliteração
c) eco
d) trocadilho
e) pleonasmo

6. (FATEC) "Seus óculos eram imperiosos."

Assinale a alternativa onde aparece a mesma figura de linguagem que há na frase acima:

a) "As cidades vinham surgindo na ponte dos nomes."
b) "Nasci na sala do terceiro ano."
c) "O bonde passa cheio de pernas."
d) "O meu amor, paralisado, pula."
e) "Não serei o poeta de um mundo caduco."

7. (FEI) Assinalar a alternativa correta, correspondente às figuras de linguagem, presentes nos fragmentos a seguir:

I. "Não te esqueças daquele amor ardente que já nos olhos meus tão puro viste."

II. "A moral legisla para o homem; o direito, para o cidadão."

III. "A maioria concordava nos pontos essenciais; nos pormenores porém, discordavam."

IV. "Isaac a vinte passos, divisando o vulto de um, pára, ergue a mão em viseira, firma os olhos."

a) anacoluto, hipérbato, hipálage, pleonasmo
b) hipérbato, zeugma, silepse, assíndeto
c) anáfora, polissíndeto, elipse, hipérbato
d) pleonasmo, anacoluto, catacrese, eufemismo
e) hipálage, silepse, polissíndeto, zeugma

8. (FEI) Assinalar a alternativa que contém as figuras de linguagem correspondentes aos períodos a seguir:

I. "Está provado, quem espera nunca alcança".

II. "Onde queres o lobo sou o irmão".

III. Ele foi discriminado por sofrer de uma doença contagiosa muito falada atualmente.

IV. Ela quase morreu de tanto estudar para o vestibular.

a) ironia – antítese – eufemismo – hipérbole
b) eufemismo – ironia – hipérbole – antítese
c) antítese – hipérbole – ironia – eufemismo
d) hipérbole – eufemismo – antítese – ironia
e) ironia – hipérbole – eufemismo – antítese

9. (FEI) Assinalar a alternativa que apresenta o vício de linguagem conhecido como solecismo:

a) Não podemos adiar a viagem para depois.
b) Ele entrou de sócio no clube.

c) Fazem dois anos que trabalho aqui.
d) É louvável a fé de teu time.
e) Ele assistiu ao incêndio do prédio.

10. (FUVEST) A prosopopeia, figura que se observa no verso "Sinto o canto da noite na boca do vento", ocorre em:

a) "A vida é uma ópera e uma grande ópera."
b) "Ao cabo tão bem chamado, por Camões, de Tormentório, os portugueses apelidaram-no de Boa Esperança."
c) "Uma talhada de melancia, com seus alegres caroços."
d) "Oh! eu quero viver, beber perfumes,
Na flor silvestre, que embalsama os ares."
e) "A felicidade é como a pluma..."

GABARITO

1 – E	2 – D	3 – A
4 – D	5 – B	6 – C
7 – B	8 – A	9 – C
10 – C		

BIBLIOGRAFIA – CONTEÚDO GRAMATICAL

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa*. 5. ed. São Paulo: Global, 2009.

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Dicionário de questões vernáculas*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1996.

__________. *Gramática metódica da língua portuguesa*. 41. ed. São Paulo: Saraiva, 1997.

ALI, M. Said. *Dificuldades da língua portuguesa*. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora Livraria Acadêmica, 1957.

__________. *Gramática elementar da Língua Portuguesa*. 9. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1966.

__________. *Gramática secundária da Língua Portuguêsa*. 7. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1966.

__________. *Investigações filológicas*. 3. ed.. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

ALVES, Ieda Maria. *Neologismo* – Criação lexical. 2. ed. São Paulo: Ática, 1994.

AZEREDO, José Carlos de. *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*. 2. ed. São Paulo: Publifolha, 2008.

BARRETO, Mário. *Através do dicionário e da gramática*. 4. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1986.

__________. *De gramática e de linguagem*. 3. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1982.

__________. *Novíssimos estudos da Língua Portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1980.

__________. *Novos estudos da Língua Portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1980.

__________. *Últimos estudos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1986.

BECHARA, Evanildo. *Lições de português pela análise sintática*. 17. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

__________. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

__________ (org.) et al. *Na ponta da língua*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004. v. 5.

__________. *Na ponta da língua*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004. v. 6.

__________. *Na ponta da língua*. 1. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. v. 7.

BRANDÃO, Cláudio. *Sintaxe clássica portuguesa*. Belo Horizonte: Imprensa da Universidade de Minas Gerais, 1963.

BRUNO, Aníbal. *Língua Portuguesa – Gramática e Exercícios*. 28. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1948.

__________. *Nova Gramática da Língua Portuguesa*. 1. ed. Rio de Janeiro: Forense, 1971.

BUENO, Silveira. *Gramática normativa da Língua Portuguêsa*. 7. ed. São Paulo: Saraiva, 1968.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Dicionário de lingüística e gramática*. 18. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

CARONE, Flávia de Barros. *Morfossintaxe*. 5. ed. São Paulo: Ática, 1995.

__________. *Subordinação e coordenação*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1993.

CARVALHO, Alfredo de. *Dicionário de regência nominal portuguesa*. 1. ed. Belo Horizonte: Garnier, 2007.

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Dicionário de dificuldades da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

__________. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. 46. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2007.

CHEDIAK, Antônio J. *Análise sintática*. 1. ed. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1955.

CUNHA, Celso e CINTRA, Luís F. Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2007.

CUNHA, J. Alcides. *Método de análise sintática*. 14. ed. Rio de Janeiro: Globo, 1955.

DIAS, Augusto Ephiphanio da Silva. *Syntaxe histórica portuguesa*. 1. ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1918.

ELIA, Hamilton. *Prática da análise sintática*. 9. ed. Rio de Janeiro: J. Ozon Editor, 1966.

ELIA, Hamilton e ELIA, Sílvio. *100 textos errados e corrigidos*. 26. ed. Francisco Alves, 1979.

ELIA, Silvio (org.) et al. *Na ponta da língua*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2000. v. 1.

FARACO, Carlos Emílio e MOURA, Francisco Marto. *Língua e literatura*. 18. ed. São Paulo: Ática, 1997. v. 3.

FERNANDES, Francisco. *Dicionário de regimes de substantivos e adjetivos*. 26. ed. São Paulo: Globo, 2001.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário de verbos e regimes*. 44. ed. São Paulo: Globo, 2003.

__________. *Novo Dicionário Eletrônico Aurélio*. 4. ed. Editora Positivo.

FIGUEIREDO, Cândido de. *Gramática sintética da língua portuguesa*. 8. ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1961.

__________. *O que se não deve dizer*. 7. ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1953. v. I.

____________. *O que se não deve dizer.* 6. ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1953. v. II.

____________. *O que se não deve dizer.* 3. ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1927. v. III.

GARCIA, Othon Moacyr. *Comunicação em prosa moderna.* 2. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1974.

GÓIS, Carlos. *Gramática expositiva primária.* 5. ed. Belo Horizonte: Oliveira, Costa e Cia Oficinas Gráficas, 1934.

____________. *Methodo de analyse.* 9. ed. Rio de Janeiro: Oficina gráfica Renato Americano, 1936.

____________. *Sintaxe de regência.* 4. ed. Belo Horizonte: Livraria Francisco Alves, 1938.

____________. *Syntaxe de concordância.* 6. ed. Rio de Janeiro: Oficina gráfica Renato Americano, 1935.

GOMES, Dr. Alfredo. *Grammatica Portugueza.* 20. ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1930.

GOTARDELO, Augusto. *A crase nos bons escritores.* 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Dois Irmãos Ltda., 1983.

GRAÇA, Heráclito. *Fatos da linguagem.* 3. ed. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2005.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa.* 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

KURY, Adriano da Gama. *Novas lições de análise sintática.* 6. ed. São Paulo: Ática, 1993.

____________ et al. *Gramática objetiva da língua portuguesa* – sintaxe. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1977.

LEME, Odilon Soares. *Tirando dúvidas de português.* 1. ed. São Paulo: Ática, 1992.

LIMA, Carlos Henrique da Rocha. *Gramática normativa da língua portuguesa.* 31. ed. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1992.

____________. *Teoria da análise sintática.* 3. ed. Rio de Janeiro: Acquarone, 1956.

LUFT, Celso Pedro. *A vírgula.* 1. ed. São Paulo: Ática, 1996.

____________. *Decifrando a crase.* São Paulo: Globo, 2005.

____________. *Dicionário prático de regência nominal.* 4. ed. São Paulo: Ática, 2005.

____________. *Dicionário prático de regência verbal.* 5. ed. São Paulo: Ática, 1997.

____________. *Moderna gramática brasileira.* 1. ed. São Paulo: Globo, 2006.

____________. *Novo guia ortográfico.* 1. ed. São Paulo: Globo, 1996.

MATEUS, Maria Helena Mira et al. *Gramática da Língua Portuguesa.* 7. ed. Lisboa: Editorial Caminho, 2003.

MAURER JR., Theodoro Henrique. *O infinito flexionado português.* São Paulo: Cia Editora Nacional, 1968.

MELO, Gladstone Chaves de. *Gramática fundamental da língua portuguesa.* 4. ed. Rio de Janeiro: Editora Ao Livro Técnico, 2001.

__________. *Novo manual de análise sintática*. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Livraria Acadêmica, 1971.

__________ (org.) et al. *Na ponta da língua*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2000. v. 2.

__________. *Na ponta da língua*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2000. v. 3.

MELO, J. Nelino. *Análise sintática*. 1. ed. Rio de Janeiro: Melso Soc. Anônima, 1964.

__________. *Estudos práticos de gramática normativa da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Bruno Buccini Editor, 1968.

MESQUITA, Roberto Melo. *Gramática da Língua Portuguesa*. 5. ed. São Paulo: Saraiva, 1996.

MIGUEL, Jorge. *Curso de língua portuguesa*. 1. ed. São Paulo: Harbra, 1989.

NASCENTES, Antenor. *Dicionário de dúvidas e dificuldades do idioma nacional*. 3. ed. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1952.

__________. *O idioma nacional*. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Livraria Acadêmica, 1960.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de usos do português*. 1. ed. São Paulo: Unesp, 2000.

__________. *Guia de uso do português*. 1. ed. São Paulo: Unesp, 2003.

OITICICA, José. *Manual de análise léxica e sintática*. 10. ed. refundida. Rio de Janeiro: Editora Paulo de Azevedo Ltda., 1953.

OLIVEIRA, Cândido de. *Análise sintática* – Manual prático. 7. ed. São Paulo: Editora Gráfica Biblos Ltda.

PEREIRA, Eduardo Carlos. *Gramática expositiva*. 109. ed. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1958.

PERINI, Mário A. *Gramática descritiva do português*. 3. ed. São Paulo; Ática, 1998.

RIBEIRO, Ernesto Carneiro. *Serões Grammaticaes*. 6. ed. Bahia: Livraria Progresso Editora, 1956.

RIBEIRO, João. *Grammatica Portugueza*. 34. ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1920.

SACCONI, Luiz Antonio. *Dicionário de dúvidas, dificuldades e curiosidades da língua portuguesa*. 1. ed. São Paulo, 2005.

__________. *Nossa gramática contemporânea*. 1. ed. São Paulo: Editora Escala Educacional, 2006.

SILVEIRA, Souza da. *Lições de português*. 9. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1983.

__________. *Sintaxe da preposição "de"*. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1951.

__________. *Trechos seletos*. 8. ed. Rio de Janeiro: F. Briguiet e Cia Editores, 1966.

SAVIOLI, Francisco Platão. *Gramática em 44 lições*. 14. ed. São Paulo: Ática, 1998.

TERRA, Ernani. *Curso prático de gramática*. 4. ed. São Paulo: Scipione, 2002.

TÔRRES, Artur de Almeida. *Moderna gramática expositiva da língua portuguesa*. 14. ed. Rio de Janeiro, Fundo de Cultura, 1962.

RODRIGO BEZERRA

Nova Gramática da LÍNGUA PORTUGUESA para concursos

4.ª edição

revista e atualizada

gen | EDITORA MÉTODO

SÃO PAULO

© EDITORA MÉTODO
Uma editora integrante do GEN | Grupo Editorial Nacional
Rua Dona Brígida, 701, Vila Mariana – 04111-081 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 5080-0770 / (21) 3543-0770 – Fax: (11) 5080-0714

Visite nosso site: www.editorametodo.com.br
metodo@grupogen.com.br

Capa: Rafael Molotievschi

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

Bezerra, Rodrigo

Nova gramática da língua portuguesa para concursos 4.ª ed. / Rodrigo Bezerra. - Rio de Janeiro : Forense ; São Paulo : MÉTODO, 2010.

Inclui bibliografia
ISBN 978-85-309-3404-0

1. Língua portuguesa - Gramática. 2. Língua portuguesa - Gramática - Problemas, questões, exercícios. 3. Serviço público - Brasil - Concursos. I. Título.

10-2768. CDD: 469.5 CDU: 811.134.3'36

A Editora Método se responsabiliza pelos vícios do produto no que concerne à sua edição (impressão e apresentação a fim de possibilitar ao consumidor bem manuseá-lo e lê-lo). Os vícios relacionados à atualização da obra, aos conceitos doutrinários, às concepções ideológicas e referências indevidas são de responsabilidade do autor e/ou atualizador.

Todos os direitos reservados. Nos termos da Lei que resguarda os direitos autorais, é proibida a reprodução total ou parcial de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, inclusive através de processos xerográficos, fotocópia e gravação, sem permissão por escrito do autor e do editor.

Impresso no Brasil
Printed in Brazil
2011

Ao DEUS, a Quem eu sirvo, e à minha querida mãe,
MARIA LUZINETE, meus agradecimentos.

À minha amada ANA CLÁUDIA e à minha pérola ESTHER,
esposa e filha, dedico as próximas páginas
com todo o meu amor.

LÍNGUA PORTUGUESA

Última flor do Lácio, inculta e bela,
És, a um tempo, esplendor e sepultura:
Ouro nativo, que na ganga impura
A bruta mina entre os cascalhos vela...

Amo-te assim, desconhecida e obscura,
Tuba de alto clangor, lira singela,
Que tens o trom e o silvo da procela,
E o arrolo da saudade e da ternura!

Amo o teu viço agreste e o teu aroma
De virgens selvas e de oceano largo!
Amo-te, ó rude e doloroso idioma,

Em que da voz materna ouvi: "meu filho!"
E em que Camões chorou, no exílio amargo,
O gênio sem ventura e o amor sem brilho!

Olavo Bilac

EXCELÊNCIAS DA LÍNGUA PORTUGUÊSA

E que esplêndida língua o Brasil nos deve! Tôdas as raças que passaram por este canto da terra, aqui deixaram a flor e o ideal da sua alma. Desde a povoação céltica e a colonização grega, de que tantos vestígios restam ainda nas nossas províncias do norte, até à invasão dos árabes que envolveram tôda a civilização da península numa etérea poeira de luz e oiro – as imigrações sucessivas e as conquistas supervenientes contribuíram, tôdas à formação desta língua admirável que, sob muitos aspectos, não tem superior no mundo.

Serve a tudo: à epopéia e ao idílio, à lamentosa elegia e ao cântico de guerra.

Passada pelas cordas duma lira, é suave e doce como a voz do amor; assoprada na tuba épica, é vibrante, sonora e grandiosa ou terrível segundo os têrmos que versa, as ações que canta ou os heróis que celebra.

O sol doura-a, ilumina-a, aquece-a; e a nossa paisagem, tão variada e linda, tão florida e perfumada, reflete nela como na superfície clara dos nossos rios, e nas ondas, de tanta côr, que o mar estende por essas praias. Transladada ao sul da América, não perdeu o caráter grave, nem a têmpera máscula, nem o tom de funda, indefinível melancolia que lhe imprimiu a esforçada e trágica aventura de nossos avós; e ainda adquiriu preciosos elementos de encantadora suavidade, de frouxa, dolente e maviosa ternura.

Antônio Cândido – *Discursos.*
Apud Antenor Nascentes, 1960.

Material Suplementar

Este livro conta com Caderno de Questões.

O acesso ao material suplementar é gratuito, bastando que o leitor se cadastre em:
http://gen-io.grupogen.com.br

genio
GEN | Informação Online

GEN-IO (GEN | Informação Online) é o repositório de
material suplementar e de serviços relacionados com livros publicados
pelo GEN | Grupo Editorial Nacional, o maior conglomerado brasileiro
de editoras do ramo científico-técnico-profissional, composto por
Guanabara Koogan, LTC, Forense, Método, Santos,
LAB, Forense Universitária e AC Farmacêutica.

COMO ESTUDAR ESTE LIVRO? ALGUMAS ORIENTAÇÕES...

Durante meus longos anos como professor, uma das perguntas mais frequentes sempre foi (e ainda é) "por onde eu começo, professor?". Há outras que, menos frequentes, de vez em quando surgem nas salas de aula pelo país afora: "Quais os assuntos mais importantes?" "O que eu preciso decorar para o concurso, professor?" De fato, são perguntas dos que sentem o peso e a importância de uma matéria que sempre foi objeto de estudo desde os tempos mais tenros da nossa existência, mas que – para muitos – ainda hoje constitui um obstáculo, uma incógnita, uma grande dificuldade.

Por conta desses alunos e mesmo dos que já possuem um bom conhecimento em nossa língua, ousei – com toda a humildade – criar um plano de estudos para orientá-los nessa jornada. Saliento que esse plano está baseado em minha experiência pessoal (usei o pleonasmo de forma intencional) como professor, educador e preparador de candidatos para a carreira pública. Procurei contemplar, em nosso plano de estudos, os assuntos mais importantes para um concurso público. Obviamente, outros assuntos, não abordados em nosso plano de estudos, poderão aparecer no edital. Procure estudá-los concomitantemente aos assuntos principais.

Em qualquer caso, sugiro que de antemão converse com o seu professor. Peça também a ele uma orientação, pois certamente é ele quem melhor o conhece e sabe o que é melhor para você. Discuta com ele o nosso plano de estudos. E aceite – sem reservas – as orientações do seu mestre. Ele fará o melhor por você – esteja certo disso.

Para os que há muito não estudam a nossa língua portuguesa, é preciso "começar pelo começo". Não tente estudar assuntos como "con-

cordância, regência, crase" sem antes ter uma boa base em sintaxe de oração, por exemplo. Não pule a sequência. Quem estuda, por exemplo, sintaxe do período composto sem antes estudar a sintaxe do período simples, ou crase antes de regência, não compreende a lógica da gramática e provavelmente obterá poucos ganhos em sua empreitada. Portanto, vá com calma. A absorção dos conteúdos gramaticais requer tempo. Ademais, o conhecimento "amadurece" em momentos diferentes em cada estudante. Logo, não se desespere. Acredite em você. Faça a sua parte: estude bastante.

Para os mais experientes, aqueles que já vêm estudando a nossa língua portuguesa há mais tempo, sugiro que partam para os conteúdos mais densos. Indubitavelmente, esses assuntos se encontram em sintaxe – oração, período, concordância, regência, crase, colocação pronominal, pontuação. Observem os detalhes e os exemplos com atenção; e, lógico, não se esqueçam de resolver as questões. Sempre obtenham as provas da banca que preparará o seu concurso. Resolvam-nas. Procurem traçar um perfil da banca. Tentem perceber os assuntos mais cobrados, pois as bancas tendem a repeti-los em certames posteriores.

Para os que nutrem por nossa língua uma grande ojeriza (aversão, pavor, antipatia) – há até os que odeiam a nossa língua portuguesa –, sugiro que a estudem aos poucos. Identifiquem a matéria de que vocês mais gostam e procurem associar o estudo desta disciplina ao estudo da nossa língua portuguesa. Como assim? Antes de se deleitar com a matéria que você ama, estude cerca de 30 minutos da nossa língua portuguesa. Mas faça isso nos três turnos: manhã, tarde e noite. Ao final de um dia, você "engoliu" cerca de uma hora e meia de conteúdo gramatical. Com o passar do tempo, essa forma de estudar a nossa língua ficará muito mais simples e se tornará – creio eu – prazerosa. Traduzindo: dê a você "gotas" diárias de conteúdo gramatical e em breve estará curado de seus problemas com a gramática.

Então, mãos à obra! Não há tempo a perder!

Um grande abraço.

Professor Rodrigo Bezerra

PLANO DE ESTUDOS – LÍNGUA PORTUGUESA

ASSUNTO	ESTUDEI EM (data)	REVISEI EM (data)	RELI EM (data)	RESOLVI EXERCÍCIOS SOBRE O ASSUNTO EM (data)
I – Fonética				
1. Fonética e fonologia				
Considerações: É uma parte da gramática normativa geralmente explorada por concursos em nível médio. Portanto, não perca muito tempo tentando decorar, por exemplo, a classificação das vogais e das consoantes, pois é o tipo de conhecimento que raramente é cobrado em grandes concursos. Leia (rememore) sobre os encontros vocálicos, encontros consonantais, dígrafos e divisão silábica. Frequentemente uma boa leitura já garante um bom aprendizado.				
2. Ortografia oficial				
Considerações: É o tipo de assunto em que a "decoreba" pura e simples pouco resolve. Leia, leia e leia... Não só o assunto, mas tudo o que for proveitoso. Provavelmente você obterá bons resultados. Nesse meio, há, entretanto, um assunto de que você não pode se descuidar: emprego do hífen. Geralmente as bancas cobram esse conhecimento.				
3. Acentuação				
Considerações: É o primeiro assunto com que você deve realmente se preocupar um pouco, pois é recorrente nos concursos de todos os níveis. É preciso ficar atento às regras de acentuação das palavras oxítonas e paroxítonas. Tenha cuidado também com os hiatos. Com o Novo Acordo Ortográfico, vários acentos deixaram de existir. Portanto, tenha cuidado. Vale a pena reler o assunto assim que terminar de estudá-lo pela primeira vez.				

ASSUNTO	ESTUDEI EM (data)	REVISEI EM (data)	RELI EM (data)	RESOLVI EXERCÍCIOS SOBRE O ASSUNTO EM (data)
4. Significação das palavras				
Considerações: É um assunto frequentemente cobrado. Bastante tranquilo, você deverá relembrar a diferença entre homônimos e parônimos. Nada de desespero! O assunto é muito fácil. Certamente algumas leituras bastam para um bom aproveitamento.				
II – Morfologia				
1. Estrutura e formação de palavras				
Considerações: É um assunto exigido em alguns concursos. Portanto, antes de estudá-lo, verifique o seu edital. Quando é cobrado, as bancas geralmente se atêm aos processos de formação de palavras. Logo, estude com cuidado a "derivação, a composição e os outros processos de formação de palavras". Não gaste energia tentando decorar as tabelas com radicais, prefixos e sufixos gregos e latinos. Vale a pena, entretanto, ler a correlação entre os prefixos gregos e latinos.				
2. Substantivo				
Considerações: Não se preocupe tanto com alguns tópicos, como, por exemplo, as tabelas de coletivos e de gênero dos substantivos. Atenha-se a pontos como "caracterização do substantivo e plural dos substantivos compostos". Em gênero dos substantivos, apenas leia com atenção sobre os substantivos comuns de dois gêneros e os sobrecomuns. Se já estiver em condições, procure estudar as funções sintáticas que são próprias do substantivo.				
3. Adjetivo				
Considerações: Não perca tempo em decorar as tabelas sobre as locuções adjetivas, os adjetivos pátrios e os adjetivos eruditos. Estude com afinco as considerações gerais sobre os adjetivos. Fique muito atento ao plural dos adjetivos compostos e, acima de tudo, estude várias vezes os graus do adjetivo – é um assunto recorrente nos concursos. Se estiver em condições, procure estudar o adjetivo em sua forma oracional – vá até o capítulo de sintaxe de oração e estude as orações adjetivas.				
4. Artigo				
Considerações: É um assunto com que você não precisa se preocupar muito, pois as regras sobre o emprego dessa classe gramatical não são muito cobradas. Mas é preciso ler o assunto, notadamente os empregos particulares dos artigos definidos e indefinidos.				

ASSUNTO	**ESTUDEI EM (data)**	**REVISEI EM (data)**	**RELI EM (data)**	**RESOLVI EXERCÍCIOS SOBRE O ASSUNTO EM (data)**
5. Numeral				
Considerações: Assunto raramente cobrado. Não gaste muitos esforços com este capítulo. Leia as regras que orientam o emprego dos numerais. Isto é suficiente.				
6. Pronome				
Considerações: Eis um assunto que não dá para economizar – é um ponto-chave para o seu estudo. Aqui o segredo é estudar tudo. Uma dica: não se preocupe tanto em decorar as tabelas com os pronomes. Preocupe-se em entender o emprego deles. Há dois tipos de pronomes que são extremamente cobrados em certames pelo país afora: os pronomes pessoais e os pronomes relativos. Estude-os mais de uma vez. Fique atento também ao emprego dos pronomes indefinidos e demonstrativos.				
7. Verbo				
Considerações: Eis outro assunto bastante longo, mas não se desespere tentando decorar tudo. As bancas costumam ser pontuais, ou seja, há pontos dos quais não dá para se descuidar. Um deles é o emprego dos tempos e modos verbais. É fundamental conhecer o emprego de cada modo e de cada tempo, tanto dos simples quanto dos compostos. Outro assunto muito cobrado são as correlações entre os tempos e os modos verbais. De resto, é essencial dominar os paradigmas de conjugação dos verbos – não se preocupe em decorar todas as conjugações. Procure entender os paradigmas de cada tempo verbal. Fique atento também à conjugação dos verbos defectivos. Frequentemente as bancas lançam mão desse tipo de conhecimento.				
8. Advérbio				
Considerações: É um assunto que aparentemente não oferece perigos, mas não se engane: o advérbio é uma classe que provoca "confusões" em concordância nominal. Portanto, procure entendê-lo bem. Tente ler, mais de uma vez, as particularidades de alguns advérbios.				
9. Conjunção				
Considerações: É um assunto que terá grande relevância na parte sintática quando se for estudar "sintaxe do período composto". Portanto, não dá para passar por cima. Mas também não se desespere. Não tente decorar todas as conjunções. Procure entender o "papel" delas. O ideal é fazer a conexão com a parte sintática (sintaxe do período composto). Sugiro que leia o assunto umas duas vezes e siga em frente. Quando for estudar "sintaxe do período composto", você deverá voltar a este assunto.				

ASSUNTO	**ESTUDEI EM (data)**	**REVISEI EM (data)**	**RELI EM (data)**	**RESOLVI EXERCÍCIOS SOBRE O ASSUNTO EM (data)**
10. Preposição				
Considerações: Eis outro assunto que agora não nos oferece grandes desafios. Lembre-se, porém, de que a preposição será importantíssima para o estudo, em sintaxe, da predicação verbal e das regências verbal e nominal. Portanto, leia o assunto mais de uma vez. Entenda a razão de ser da preposição. O ideal é correlacionar este assunto com o estudo dos termos integrantes da oração e o estudo das regências verbal e nominal.				
III – Sintaxe				
Orientações gerais: Nesta parte, não dá para economizar: os assuntos são igualmente importantes. Fique atento às regras gerais e aos detalhes – use marca-texto. Leia tudo atentamente. Não pule a sequência, a não ser que esteja pressionado por um concurso de última hora – aqueles em que o candidato se matricula sem saber direito o porquê de ter se matriculado. Além do mais, não tente acelerar, pois aqui é mais importante aprofundar um assunto do que ter uma visão superficial sobre o todo.				
1. Sintaxe de oração – Termos essenciais				
Considerações: Eis o que eu chamo de "assunto-chave" – é como um pré-requisito. Ele é a base para os demais assuntos. Aqui vale a máxima: quanto mais melhor. Estude tudo com afinco. E só mude quando se sentir seguro. Cuidado com o termo "sujeito" – ele deverá ser o seu ponto de partida. A partir dele, procure entender os demais termos da estrutura oracional. Há também um ponto-chave: transitividade verbal. É um conteúdo de que você muito precisará para entender outros assuntos. Conselho de amigo/professor: vale a pena estudar este capítulo várias vezes.				
2. Termos integrantes da oração				
Considerações: É também um capítulo-chave. Há dois termos integrantes com os quais você precisa ter muito cuidado: objeto direto e complemento nominal. No entanto, nesse capítulo, há um ponto que necessita ser colocado na "corrente sanguínea": o estudo da voz passiva (transformação da ativa para a passiva e vice-versa) e do agente da passiva. É um ponto sempre cobrado pelas bancas organizadoras de concursos. Estude o assunto mais de uma vez.				
3. Termos acessórios da oração				
Considerações: Mais uma vez, estamos diante de um capítulo que requer bastante atenção. Tenha cuidado com a distinção entre o adjunto adnominal e o complemento nominal – geralmente as bancas exigem este tipo de conhecimento. Não se descuide do aposto e do adjunto adverbial. Fique atento aos tipos de aposto. Por outro lado, não tente decorar todos os tipos de adjunto adverbial – procure, sim, entender o porquê de o termo ser classificado como adjunto adverbial.				

ASSUNTO	**ESTUDEI EM (data)**	**REVISEI EM (data)**	**RELI EM (data)**	**RESOLVI EXERCÍCIOS SOBRE O ASSUNTO EM (data)**
4. Sintaxe do período composto				
Considerações: Se você compreendeu bem as funções sintáticas, certamente não terá problemas com este assunto. Nele você encontrará as mesmas funções sintáticas, exercidas agora por orações. Fique muito atento às orações subordinadas adverbiais. Elas são responsáveis pela maioria das questões. Não tente simplesmente decorar as conjunções – procure entender, acima de tudo, as relações estipuladas por elas.				
5. Sintaxe de concordância				
Considerações: Vá com calma aqui. O assunto é muito extenso, mas não é difícil. O tamanho é que o faz difícil. Não se desespere com a quantidade de regras. Em geral, as bancas não costumam cobrar regras muito específicas. Em relação à concordância verbal, fique muito atento às seguintes normas: regra geral (aqui vale a pena revisar a identificação do sujeito), concordância com o sujeito passivo (partícula apassivadora), emprego do "índice de indeterminação do sujeito", concordância com o sujeito partitivo e coletivo e emprego dos verbos impessoais (notadamente o verbo "haver" no sentido de "existir..."). Obviamente, todas as regras devem ser analisadas e estudadas. Ah, não se esqueça de estudar a concordância com o sujeito oracional, pois é um ponto bastante cobrado. Em relação à concordância nominal, cuidado com a concordância do adjetivo tanto com a função de adjunto adnominal quanto com a função de predicativo.				
6. Sintaxe de regência				
Considerações: Eis outro assunto bastante extenso e bastante importante. Primeiramente, sugiro que releia rapidamente o assunto "predicação verbal" em sintaxe de oração. É preciso também relembrar o termo "complemento nominal". Depois, siga a sequência do assunto (sintaxe de regência) que está na gramática. Há um ponto, entretanto, sobre o qual você precisa se debruçar mais de uma vez: emprego dos pronomes relativos e as regências verbal e nominal.				
7. Emprego do acento grave – Crase				
Considerações: Outro assunto muito importante. É preciso estudar tudo. Se já faz tempo que não vê o assunto, sugiro que estude antes os complementos verbais, o complemento nominal e os adjuntos adverbiais em sintaxe de oração. Ao estudar o emprego do acento grave (crase), fique bastante atento aos casos obrigatórios e facultativos. Ademais, leia várias vezes as situações em que o uso do acento grave não é autorizado (casos em que nunca ocorre a crase).				

ASSUNTO	ESTUDEI EM (data)	REVISEI EM (data)	RELI EM (data)	RESOLVI EXERCÍCIOS SOBRE O ASSUNTO EM (data)
8. Sintaxe de colocação pronominal				
Considerações: Fique tranquilo aqui, pois o assunto é bastante fácil. Sugiro que, antes, dê uma olhada, em morfologia, nos pronomes pessoais (retos e oblíquos). Quando iniciar o assunto de colocação pronominal, sempre revise as regras de atração do pronome oblíquo átono (casos de próclise), notadamente a próclise que se dá por causa das conjunções subordinativas e dos pronomes relativos. Leia com atenção sobre a colocação dos pronomes oblíquos nas locuções verbais.				
9. Emprego dos sinais de pontuação				
Considerações: Eis outro "assunto-chave". É preciso ter muito cuidado. Indubitavelmente a vírgula é o "grande desafio". Preocupe-se com as regras de pontuação dos adjuntos adverbiais, das orações subordinadas adverbiais e adjetivas explicativas, das orações coordenadas sindéticas e das orações reduzidas. Procure correlacionar o emprego da vírgula com o emprego do travessão e dos parênteses. É preciso praticar bastante, pois ninguém aprende pontuação só estudando as regras. Por isso, procure resolver diversas questões.				
IV – Parte Especial				
1. Emprego do infinitivo				
Considerações: Fique tranquilo: este não é um assunto muito cobrado pelas bancas. Mas não dá para se descuidar. Sugiro que entenda e aprenda as duas máximas para o emprego do infinitivo. Fique atento à observação que acompanha a segunda máxima. Compreendendo as máximas, ficará mais fácil entender o restante.				
2. Funções morfológicas das palavras que, se e como				
Considerações: Tenha cuidado aqui, pois é um assunto frequente nos concursos em geral. Sua missão será classificar (com segurança) as funções morfológicas do "que" e do "se". As bancas muito raramente questionam sobre as funções morfológicas do "como".				
3. Particularidades léxicas e gramaticais				
Considerações: Eis um capítulo para se estudar aos poucos e em correlação com outros assuntos da gramática normativa. Como afirmo no capítulo, não tente estudar tudo de uma vez. Estude uma ou duas lições por vez.				
4. A linguagem figurada – As figuras de linguagem				
Considerações: É um assunto que aparece aqui e acolá em editais. Portanto, se não estiver no edital, descarte-o. Se estiver, procure estudar as figuras mais importantes, como a metáfora, a metonímia, a perífrase, a catacrese, a antítese, o paradoxo, o eufemismo, a silepse, a ironia e a hipérbole. Leia as demais figuras.				

SUMÁRIO

I - FONÉTICA

Capítulo 1

FONÉTICA E FONOLOGIA 3
- A nossa língua 3
- 1.1 Introdução 3
- 1.2 Gramática 4
- 1.3 Fonética 5
  - 1.3.1 Aparelho fonador 5
- 1.4 Estudo das vogais e dos encontros vocálicos 6
- 1.5 Classificação das vogais 7
  - 1.5.1 Quanto à zona de articulação 7
  - 1.5.2 Quanto ao timbre 7
  - 1.5.3 Quanto ao papel das cavidades bucal e nasal 8
  - 1.5.4 Quanto à intensidade 8
- 1.6 Encontros vocálicos 9
  - 1.6.1 Ditongos 9
  - 1.6.2 Hiatos 11
  - 1.6.3 Tritongos 11
- 1.7 Estudo das consoantes, dos encontros consonantais e dos dígrafos 11
  - 1.7.1 Classificação das consoantes 11
    - 1.7.1.1 Quanto ao modo de articulação 12
    - 1.7.1.2 Quanto ao ponto de articulação 12
    - 1.7.1.3 Quanto ao papel das cordas vocais 13
  - 1.7.2 Encontros consonantais 13
  - 1.7.3 Dígrafos 14
  - 1.7.4 Contagem de letras e fonemas em um vocábulo 15
  - 1.7.5 Sílaba 16

      - 1.7.5.1 Classificação dos vocábulos quanto ao número de sílabas 16
      - 1.7.5.2 Tonicidade 17
    - 1.7.6 Divisão silábica 17
  - 1.8 Questões de concursos públicos 21
  - Gabarito 23

Capítulo 2

ORTOGRAFIA OFICIAL 25
  - 2.1 Letra e alfabeto 26
  - 2.2 Notações léxicas 26
    - 2.2.1 Acentos 26
      - 2.2.1.1 Agudo 27
      - 2.2.1.2 Circunflexo 27
      - 2.2.1.3 Grave 27
      - 2.2.1.4 Til 27
    - 2.2.2 Cedilha 27
    - 2.2.3 Apóstrofo 28
    - 2.2.4 Hífen 28
      - 2.2.4.1 Empregos do hífen 29
      - 2.2.4.2 Emprego do hífen com prefixos 31
      - 2.2.4.3 Não se emprega o hífen 33
  - 2.3 Orientações ortográficas – emprego de algumas letras 34
    - 2.3.1 Emprego das letras "E" e "I" 35
    - 2.3.2 Emprego das letras "O" e "U" 38
      - 2.3.2.1 Dupla ortografia com os ditongos "OU" e "OI" 40
    - 2.3.3 Emprego das letras "C" e "Ç" 40
      - 2.3.3.1 Emprego da letra "C" 42
    - 2.3.4 Emprego das letras "G" e "J" 43
      - 2.3.4.1 Emprego da letra "G" 43
      - 2.3.4.2 Emprego da letra "J" 45
    - 2.3.5 Emprego da letra "H" 46
    - 2.3.6 Emprego da letra "S" 49
    - 2.3.7 Emprego do dígrafo "SS" 52
    - 2.3.8 Emprego do "SC" 55
    - 2.3.9 Emprego da letra "Z" 56
    - 2.3.10 "-zinho" ou "-sinho" 58
    - 2.3.11 Emprego da letra "X" 60
    - 2.3.12 Emprego do dígrafo "CH" 64
    - 2.3.13 Emprego da letra maiúscula e da minúscula 65

2.3.13.1 Letras maiúsculas 65
2.3.13.2 Letras minúsculas 68
2.3.13.3 Emprego facultativo da letra maiúscula e da minúscula 69
2.3.14 Abreviaturas 70
2.4 Questões de concursos públicos 73
Gabarito 76

Capítulo 3

ACENTUAÇÃO 77
3.1 Ortofonia 77
3.1.1 Ortoépia ou ortoepia 77
3.1.2 Acentuação gráfica 80
3.1.3 Regras para a acentuação gráfica 81
3.1.3.1 Monossílabos 81
3.1.3.2 Oxítonos 81
3.1.3.3 Paroxítonos 83
3.1.3.4 Proparoxítonas 84
3.1.3.5 Acentuação dos hiatos 85
3.1.3.6 Acentos diferenciais 87
3.1.3.7 Regra especial – verbos "ter", "vir" e seus derivados 88
3.1.3.8 Considerações gerais sobre a acentuação dos vocábulos 90
3.2 Questões de concursos públicos 91
Gabarito 93

Capítulo 4

SIGNIFICAÇÃO DAS PALAVRAS 95
4.1 Denotação e conotação 95
4.2 Homônimos e parônimos 96
4.2.1 Homônimos 97
4.2.2 Parônimos 98
4.3 Formas variantes 100
4.4 Cognatos 100
4.5 Sinônimos 101
4.6 Antônimos 101
4.7 Polissemia 101
4.8 Extensão e compreensão das palavras – hiponímia e hiperonímia 102
4.9 Questões de concursos públicos 103
Gabarito 106

II - MORFOLOGIA

INTRODUÇÃO À MORFOLOGIA 109

Capítulo 1

ESTRUTURA E FORMAÇÃO DE PALAVRAS 111
1.1 Elementos estruturais da palavra 111
1.1.1 Radicais gregos 112
1.1.2 Radicais latinos 114
1.1.3 Prefixos de origem grega 116
1.1.4 Prefixos de origem latina 116
1.1.5 Correlação entre prefixos latinos e gregos 117
1.1.6 Sufixos nominais 118
1.1.7 Sufixos verbais 124
1.1.8 Os sufixos "IZAR" e "ISAR" 125
1.1.9 Emprego de "-IDADE" e "-IEDADE" 125
1.1.10 Emprego dos sufixos "-ARIA" e "-ERIA" 126
1.1.11 Sufixo adverbial "-mente" 127
1.2 Processos de formação de palavras 128
1.2.1 Derivação 129
1.2.2 Composição 131
1.2.3 Outros processos de formação de palavras 132
1.2.4 Neologismos 134
1.3 Classificação e flexão das palavras 135
1.4 Questões de concursos públicos 137
Gabarito 139

Capítulo 2

SUBSTANTIVO 141
2.1 Definição 141
2.2 Caracterização do substantivo 141
2.3 Classificação do substantivo 144
2.4 Flexões dos substantivos 149
2.4.1 Flexões de gênero 149
2.4.1.1 Formação do feminino 150
2.4.1.2 Oposição entre o gênero e o sentido 155
2.4.1.3 Mudança de gênero por elipse 156
2.4.1.4 Gênero de alguns substantivos 156

    - 2.4.2 Flexões de número 158
        - 2.4.2.1 Regras para a formação do plural dos substantivos 158
        - 2.4.2.2 Plural dos substantivos compostos 165
    - 2.4.3 Flexões de grau 168
        - 2.4.3.1 Plural dos substantivos diminutivos 171
- 2.5 Questões de concursos públicos 171
- Gabarito 173

Capítulo 3

ADJETIVO **175**

- 3.1 Definição 175
- 3.2 Considerações gerais sobre os adjetivos 175
- 3.3 Formação dos adjetivos 178
    - 3.3.1 Adjetivos pátrios 178
    - 3.3.2 Adjetivos eruditos 181
- 3.4 Flexões dos adjetivos 185
    - 3.4.1 Flexões de gênero 185
        - 3.4.1.1 Formação do feminino dos adjetivos biformes 185
    - 3.4.2 Flexões de número 187
    - 3.4.3 Flexões de grau 189
        - 3.4.3.1 O grau comparativo 189
        - 3.4.3.2 O grau superlativo 192
- 3.5 Questões de concursos públicos 196
- Gabarito 198

Capítulo 4

ARTIGO **199**

- 4.1 Definição 199
- 4.2 Classificação 199
- 4.3 Emprego dos artigos definidos 200
    - 4.3.1 Empregos particulares do artigo definido 200
    - 4.3.2 Não se emprega o artigo definido 203
- 4.4 Emprego dos artigos indefinidos 205
    - 4.4.1 Outras orientações para o uso dos artigos indefinidos 205
- 4.5 Questões de concursos públicos 207
- Gabarito 208

Capítulo 5
NUMERAL **209**
5.1 Definição 209
5.2 Considerações iniciais sobre os numerais 209
5.3 Classificação dos numerais 210
5.4 Regras gerais para o emprego dos numerais 213
5.5 Questões de concursos públicos 216
Gabarito 218

Capítulo 6
PRONOME **219**
6.1 Definição 219
6.2 Pronomes adjetivos e pronomes substantivos 220
6.3 Classificação dos pronomes 220
6.3.1 Pronomes pessoais 221
6.3.1.1 Emprego dos pronomes pessoais do caso reto (principais regras) 221
6.3.1.2 Emprego dos pronomes pessoais do caso oblíquo (principais regras) 224
6.3.2 Pronomes de tratamento 227
6.3.3 Pronomes demonstrativos 229
6.3.3.1 Emprego dos pronomes demonstrativos 229
6.3.4 Pronomes indefinidos 233
6.3.4.1 Considerações gerais sobre os pronomes indefinidos 234
6.3.4.2 Emprego dos pronomes indefinidos 235
6.3.5 Pronomes possessivos 240
6.3.5.1 Emprego dos pronomes possessivos 240
6.3.6 Os pronomes relativos 242
6.3.6.1 Emprego dos pronomes relativos 243
6.3.7 Pronomes interrogativos 246
6.4 Questões de concursos públicos 246
Gabarito 249

Capítulo 7
VERBO **251**
7.1 Considerações iniciais 251
7.2 Definição 251
7.3 Elementos estruturais do verbo 252

- 7.3.1 Radical 253
- 7.3.2 Vogal temática 253
- 7.3.3 Tema 254
- 7.3.4 Desinências 254

7.4 Flexões do verbo 255
- 7.4.1 Flexões de pessoa e de número 255
- 7.4.2 Flexões de modo 256
  - 7.4.2.1 Modo indicativo 256
  - 7.4.2.2 Modo subjuntivo 256
  - 7.4.2.3 Modo imperativo 258
- 7.4.3 Flexões de voz 260
  - 7.4.3.1 A voz ativa 261
  - 7.4.3.2 A voz passiva 261
  - 7.4.3.3 A voz reflexiva ou medial 262
  - 7.4.3.4 Possíveis ambiguidades com as vozes passiva e reflexiva 262
- 7.4.4 Flexões de tempo 264
  - 7.4.4.1 Emprego dos tempos verbais simples 265
  - 7.4.4.2 Emprego dos tempos verbais compostos 275
  - 7.4.4.3 As locuções verbais (construções perifrásticas) – emprego dos verbos auxiliares 277
  - 7.4.4.4 Correlação dos tempos e dos modos verbais – sequencialização dos tempos (*Consecutio temporum*) 280

7.5 As formas nominais do verbo – os verboides 286
- 7.5.1 O infinitivo 286
  - 7.5.1.1 O infinitivo pessoal ou flexionado 287
  - 7.5.1.2 Função substantiva do infinitivo 288
  - 7.5.1.3 Emprego do infinitivo preposicionado 289
- 7.5.2 O gerúndio 291
  - 7.5.2.1 O gerúndio em função adjetiva 293
  - 7.5.2.2 Emprego inadequado do gerúndio – o gerundismo 294
- 7.5.3 O particípio 295
  - 7.5.3.1 O particípio circunstancial 295
  - 7.5.3.2 Emprego do particípio 295
  - 7.5.3.3 Verbos com duplo particípio 297
  - 7.5.3.4 Particípio passivo de sentido ativo 299

7.6 Classificação morfológica dos verbos 300
- 7.6.1 Quanto à terminação 300
- 7.6.2 Quanto à flexão ou à conjugação 300

7.6.3 Quanto à função ... 302
7.6.4 Quanto à significação ou ao aspecto (sentido expresso) ... 303
7.6.5 Quanto à formação ... 304
7.6.6 Quanto à presença ou não de um sujeito ... 304
7.7 Verbos defectivos ... 305
7.8 Paradigmas de conjugação verbal – conjugação de diversos verbos ... 309
7.8.1 Conjugação dos verbos auxiliares "ser, estar, ter e haver" ... 310
7.8.2 Conjugação de verbos derivados ... 312
7.8.3 Conjugação dos verbos terminados nos hiatos "-air, -oer, -uir" ... 313
7.8.4 Conjugação de verbos irregulares ... 314
7.8.5 Conjugação de verbos pronominais ... 315
7.8.6 Conjugação dos verbos terminados no hiato "-ear" ... 316
7.8.7 Conjugação dos verbos terminados no hiato "-iar" ... 317
7.8.8 Conjugação de verbos terminados nos hiatos "-oar" e "-uar" .. 319
7.8.9 Conjugação dos verbos "ver" e "vir" no futuro do subjuntivo .. 319
7.8.10 Outras particularidades gráficas e fonéticas sobre verbos da 1.ª conjugação ... 320
7.8.11 Outras particularidades gráficas e fonéticas sobre verbos da 2.ª conjugação ... 323
7.8.12 Outras particularidades gráficas e fonéticas sobre verbos da 3.ª conjugação ... 327
7.9 Questões de concursos públicos ... 328
Gabarito ... 331

Capítulo 8

ADVÉRBIO ... **333**
8.1 Conceito ... 333
8.2 Classificação dos advérbios ... 334
8.3 Locuções adverbiais ... 335
8.4 Adjetivos adverbializados ... 337
8.5 Graus do advérbio ... 337
8.6 Advérbios latinos ... 338
8.7 Particularidades sobre os advérbios ... 339
8.8 Palavras e locuções denotativas ... 344
8.9 Questões de concursos públicos ... 345
Gabarito ... 348

Capítulo 9
CONJUNÇÃO **349**
- 9.1 Definição 349
- 9.2 Classificação 350
  - 9.2.1 Coordenativas 350
  - 9.2.2 Subordinativas 355
- 9.3 Ubiquidade das conjunções 362
- 9.4 Questões de concursos públicos 364
- Gabarito 366

Capítulo 10
PREPOSIÇÃO **367**
- 10.1 Definição 367
- 10.2 Nexos prepositivos não regenciais – valores de algumas preposições 368
- 10.3 Classificação das preposições 369
- 10.4 Locuções prepositivas 369
- 10.5 Combinações e contrações das preposições 370
- 10.6 Repetição das preposições 372
- 10.7 Questões de concursos públicos 375
- Gabarito 378

Capítulo 11
INTERJEIÇÃO **379**
- 11.1 Definição 379
- 11.2 Classificação 379

III – SINTAXE

Capítulo 1
SINTAXE DE ORAÇÃO – TERMOS ESSENCIAIS DA ORAÇÃO **383**
- 1.1 Conceitos essenciais 383
  - 1.1.1 Frase 383
  - 1.1.2 Oração 384
  - 1.1.3 Período 385
- 1.2 Termos essenciais da oração 385
  - 1.2.1 Sujeito 386

1.2.1.1 Núcleo do sujeito 388
1.2.1.2 Classificação do sujeito 391
1.2.1.3 Outras classificações para o sujeito 400
1.2.2 Predicado 404
1.2.2.1 Predicação (transitividade) verbal 404
1.2.2.2 Predicativo 409
1.2.2.3 Classificação do predicado 411
1.3 Questões de concursos públicos 413
Gabarito 416

Capítulo 2

TERMOS INTEGRANTES DA ORAÇÃO 417
2.1 Objeto direto 417
2.1.1 Objeto direto preposicionado 421
2.1.2 Objeto direto pleonástico 425
2.1.3 Objeto direto interno ou cognato 425
2.2 Objeto indireto 426
2.2.1 Objeto indireto pleonástico 428
2.3 Complemento nominal 428
2.4 Agente da passiva 430
2.4.1 Estudo da voz passiva – conversão da voz ativa para a voz passiva 430
2.5 Questões de concursos públicos 435
Gabarito 437

Capítulo 3

TERMOS ACESSÓRIOS DA ORAÇÃO 439
3.1 Adjunto adnominal 439
3.2 Adjunto adverbial 443
3.3 Aposto 445
3.4 Vocativo 448
3.5 Questões de concursos públicos 449
Gabarito 452

Capítulo 4

SINTAXE DO PERÍODO COMPOSTO 453
4.1 Conceitos essenciais 453
4.2 Período composto por coordenação 456

4.2.1 Orações coordenadas ... 456
    4.2.1.1 Assindéticas ... 456
    4.2.1.2 Sindéticas ... 457
4.2.2 Questões de concursos públicos ... 461
4.3 Período composto por subordinação ... 463
4.3.1 Noções introdutórias ... 463
4.3.2 Orações substantivas ... 464
    4.3.2.1 Substantivas subjetivas ... 466
    4.3.2.2 Substantivas objetivas diretas ... 466
    4.3.2.3 Substantivas objetivas indiretas ... 467
    4.3.2.4 Substantivas completivas nominais ... 468
    4.3.2.5 Substantivas predicativas ... 469
    4.3.2.6 Substantivas apositivas ... 469
    4.3.2.7 Substantivas agente da passiva ... 470
4.3.3 Emprego da conjunção integrante na segunda oração substantiva coordenada ... 471
4.3.4 Questões de concursos públicos ... 472
4.3.5 Orações subordinadas adjetivas ... 476
    4.3.5.1 Emprego e funções sintáticas dos pronomes relativos ... 476
    4.3.5.2 Classificação das orações subordinadas adjetivas ... 480
    4.3.5.3 O emprego da vírgula com as orações adjetivas – Distinção entre restrição e explicação ... 483
    4.3.5.4 Omissão do pronome relativo na segunda oração relativa coordenada ... 486
4.3.6 Orações subordinadas adverbiais ... 486
    4.3.6.1 Causais ... 487
    4.3.6.2 Consecutivas ... 488
    4.3.6.3 Concessivas ... 489
    4.3.6.4 Condicionais ... 491
    4.3.6.5 Conformativas ... 491
    4.3.6.6 Comparativas ... 492
    4.3.6.7 Finais ... 493
    4.3.6.8 Temporais ... 494
    4.3.6.9 Proporcionais ... 494
    4.3.6.10 Emprego da conjunção nas orações adverbiais coordenadas ... 496
4.3.7 Orações reduzidas ... 496
    4.3.7.1 Subordinadas substantivas reduzidas ... 497
    4.3.7.2 Subordinadas adjetivas reduzidas ... 498

4.3.7.3 Subordinadas adverbiais reduzidas 498
4.4 Processo correlacional 500
4.5 Contagem de orações em um período misto 501
4.6 Questões de concursos públicos 506
Gabaritos 510

Capítulo 5

SINTAXE DE CONCORDÂNCIA **513**

5.1 Concordância verbal 514
5.1.1 Regra geral 514
5.1.2 Sujeito formado por pessoas gramaticais diferentes 515
5.1.3 Regras especiais de concordância verbal com o sujeito simples 516
5.1.4 Regras especiais de concordância verbal com o sujeito composto 526
5.1.5 Concordância do verbo "ser" 533
5.1.6 A Concordância com o sujeito oracional 535
5.1.7 Concordância do verbo "parecer" 541
5.1.8 Concordância dos verbos "costumar, poder, dever, precisar" .. 542
5.1.9 Questões de concursos públicos 543
5.2 Concordância nominal 548
5.2.1 Regra geral 548
5.2.2 Principais casos de concordância nominal 550
5.2.3 Casos especiais de concordância nominal 555
5.3 Questões de concursos públicos 560
Gabaritos 564

Capítulo 6

SINTAXE DE REGÊNCIA **565**

6.1 Considerações iniciais 565
6.2 Regência verbal 566
6.2.1 Regência de alguns verbos – Casos especiais 571
6.3 Regência nominal 596
6.4 O Emprego dos pronomes relativos e as regências verbal e nominal 598
6.5 Questões de concursos públicos 603
Gabarito 607

Capítulo 7

EMPREGO DO ACENTO GRAVE – CRASE 609

7.1 A ocorrência da crase e a semântica 612
7.2 Mecanismos práticos para verificação da crase 613
7.3 Ocorrência da crase 614
  7.3.1 Casos obrigatórios 614
  7.3.2 Crase facultativa 619
  7.3.3 Casos em que nunca ocorre a crase 621
  7.3.4 Casos especiais 625
7.4 Questões de concursos públicos 628
Gabarito 633

Capítulo 8

SINTAXE DE COLOCAÇÃO PRONOMINAL 635

8.1 Máximas da colocação pronominal 636
8.2 Regras gerais 638
  8.2.1 Próclise 638
    8.2.1.1 Outros fatores de próclise 640
  8.2.2 Mesóclise 641
  8.2.3 Ênclise 642
8.3 Colocação dos pronomes oblíquos nas locuções verbais 644
8.4 Questões de concursos públicos 647
Gabarito 649

Capítulo 9

EMPREGO DOS SINAIS DE PONTUAÇÃO 651

9.1 Considerações iniciais 651
9.2 Principais sinais de pontuação 654
  9.2.1 Emprego da vírgula (,) 655
    9.2.1.1 A vírgula entre os termos de uma oração 655
    9.2.1.2 A vírgula entre as orações 659
    9.2.1.3 Não se emprega a vírgula 662
  9.2.2 Emprego do ponto (.) 664
  9.2.3 Emprego do ponto-e-vírgula (;) 665
  9.2.4 Emprego dos dois-pontos (:) 666
  9.2.5 Ponto de exclamação (!) 668

9.2.6 Ponto de interrogação (?) 668
9.2.7 Reticências (...) 669
9.2.8 Aspas (" ") 670
9.2.9 Parênteses (( )) 672
9.2.10 Colchetes ([ ]) 674
9.2.11 Travessão (–) 674
9.3 Questões de concursos públicos 676
Gabarito 678

IV – PARTE ESPECIAL

Capítulo 1
EMPREGO DO INFINITIVO **681**
1.1 Considerações iniciais 681
1.2 As duas máximas para o emprego do infinitivo 683
1.3 Infinitivo impessoal 685
1.4 Infinitivo pessoal 688
1.5 Emprego do infinitivo em locuções passivas com o verbo "ser" 689

Capítulo 2
FUNÇÕES MORFOLÓGICAS DAS PALAVRAS "QUE", "SE" E "COMO" **691**
2.1 Funções morfológicas para palavra "QUE" 691
2.2 Funções morfossintáticas da palavra "SE" 696
2.3 Funções morfológicas da palavra "COMO" 699
2.4 Questões de concursos públicos 702
Gabarito 705

Capítulo 3
PARTICULARIDADES LÉXICAS E GRAMATICAIS **707**
3.1 Lição 1 708
3.1.1 Emprego dos porquês 708
3.2 Lição 2 711
3.2.1 Emprego de "onde" e "aonde" 711
3.3 Lição 3 715
3.3.1 Emprego de "se não" e "senão" 715
3.4 Lição 4 717

3.4.1 Emprego de "tão pouco" e "tampouco" 718
3.4.2 Emprego de "de encontro a" e "ao encontro de" 718
3.5 Lição 5 719
3.5.1 Emprego de "em vez de" e "ao invés de" 719
3.5.2 Emprego de "acerca de", "a cerca de" e "há cerca de" 720
3.6 Lição 6 721
3.6.1 Emprego de "mau" e "mal" 721
3.6.2 Emprego de "mas" e "mais" 723
3.7 Lição 7 724
3.7.1 Emprego de "a fim" e "afim" 724
3.7.2 Emprego de "se quer" e "sequer" 725
3.8 Lição 8 726
3.8.1 Emprego de "sessão", "seção" e "cessão" 726
3.9 Lição 9 – Emprego de várias expressões e conexões 727
3.9.1 Distinção entre "a princípio" e "em princípio" 727
3.9.2 Distinção entre os conectivos "porquanto" e "conquanto" 727
3.9.3 Distinção entre os conectivos "já que" e "posto que" 728
3.9.4 Distinção entre os conectivos "à medida que" e "na medida em que" 729
3.10 Lição 10 – Emprego de outras expressões que provocam dúvidas 729
3.10.1 Distinção entre "por ora" e "por hora" 729
3.10.2 Emprego de "o mais das vezes" e "as mais das vezes" 730
3.10.3 Distinção entre "abaixo" e "a baixo" 730
3.10.4 Distinção entre "a par" e "ao par" 731
3.10.5 Distinção entre "nenhum" e "nem um" 731
3.11 Lição 11 – Emprego de "está" e "estar" 732
3.12 Lição 12 – Emprego de "ter de" e "ter que" 734
3.13 Questões de concursos públicos 736
Gabarito 738

Capítulo 4
A LINGUAGEM FIGURADA – AS FIGURAS DE LINGUAGEM 739
4.1 Classificação das figuras de linguagem 739
4.1.1 Figuras de palavras ou tropos 740
4.1.1.1 Metáfora 740
4.1.1.2 Metonímia 741
4.1.1.3 Catacrese 743
4.1.1.4 Perífrase ou antonomásia 744
4.1.1.5 Sinestesia 744

        4.1.1.6 Comparação 745
    4.1.2 Figuras de pensamento 745
        4.1.2.1 Antítese 745
        4.1.2.2 Paradoxo ou oximoro 746
        4.1.2.3 Ironia 746
        4.1.2.4 Eufemismo 747
        4.1.2.5 Hipérbole 747
        4.1.2.6 Gradação 748
        4.1.2.7 Prosopopeia, personificação ou animismo 748
        4.1.2.8 Apóstrofe ou invocação 749
        4.1.2.9 Reticência 749
    4.1.3 Figuras de construção ou de sintaxe 750
        4.1.3.1 Elipse 750
        4.1.3.2 Zeugma 751
        4.1.3.3 Polissíndeto 751
        4.1.3.4 Assíndeto 752
        4.1.3.5 Hipérbato 752
        4.1.3.6 Pleonasmo enfático ou estilístico 753
        4.1.3.7 Anástrofe 754
        4.1.3.8 Silepse ou concordância ideológica 754
        4.1.3.9 Anáfora 755
        4.1.3.10 Anacoluto 756
        4.1.3.11 Aliteração 757
        4.1.3.12 Repetição 757
4.2 Vícios de linguagem 757
    4.2.1 Barbarismo 758
    4.2.2 Solecismo 758
    4.2.3 Ambiguidade (anfibologia ou pleonasmo vicioso) 759
    4.2.4 Cacofonia ou cacófato 759
    4.2.5 Estrangeirismo 760
    4.2.6 Colisão 760
    4.2.7 Eco 760
    4.2.8 Arcaísmo 761
    4.2.9 Hiato 761
4.3 Questões de concursos públicos 761
Gabarito 764

BIBLIOGRAFIA – CONTEÚDO GRAMATICAL 765

I

FONÉTICA

CAPÍTULO 1

FONÉTICA E FONOLOGIA

A NOSSA LÍNGUA

E verdadeiramente que não tenho a nossa língua por grosseira, nem por bons os argumentos com que alguns querem provar que é essa; antes é branda para deleitar, grave para engrandecer, eficaz para mover, doce para pronunciar, breve para resolver, acomodada às matérias mais importantes da prática e escritura. Para falar é engraçada, com modo senhoril; para cantar é suave, com um certo sentimento que favorece a música; para pregar é substanciosa com uma gravidade que autoriza as razões e as sentenças; para escrever cartas nem tem infinita cópia que dane, nem brevidade estéril que a limite; para histórias nem é tão florida que se derrame, nem tão seca que busque o favor das alheias. A pronunciação não obriga a ferir o céu da boca com aspereza, nem arrancar as palavras com veemência do gargalo.

Escreve-se da maneira que se lê, e assim se fala. Tem de todas as línguas o melhor: a pronunciação da latina, a origem da grega, a familiaridade da castelhana, a brandura da francesa e a elegância da italiana.

Rodrigues Lobo

1.1 INTRODUÇÃO

A gramática normativa ou **expositiva** é o conjunto de normas e regras que nos ensinam a falar e escrever corretamente a nossa língua, ou, por outras palavras, é a sistematização dos fatos contemporâneos de uma língua. Por

isso, a gramática normativa é a ciência da linguagem, a qual **linguagem** se entende como sendo o conjunto de sinais pelos quais o homem expressa os seus pensamentos, ou seja, comunica-se.

A comunicação, indispensável a todo homem social, manifesta-se por meio de uma mensagem, para a qual concorrem seis elementos, segundo o linguista Roman Jakobson:

Fig.1 – Processo de comunicação

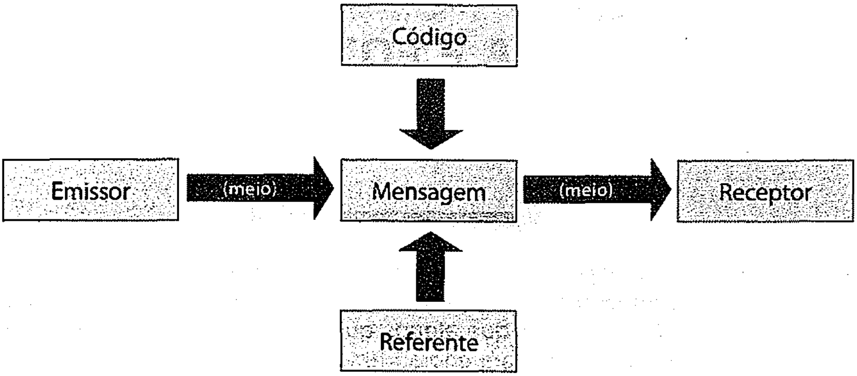

Essa capacidade comunicativa dá-se por meio de um sistema natural de palavras de que se servem os grupamentos humanos para comunicarem seus pensamentos entre si. Esse sistema de signos vocais distintos e significativos é denominado de **língua**. A utilização da língua pelo indivíduo denomina-se **fala**. Por **fala** entende-se a faculdade que tem o homem de se expressar, de se comunicar por meio de palavras. Já a **palavra** é um som oral ou uma combinação de sons orais, que exprime a ideia de alguma coisa. O conjunto de todas as palavras de uma língua forma o seu **vocabulário** ou **léxico**. As palavras, expressão das ideias, combinam-se para formar a **frase**, expressão do pensamento. Quando a frase expressa um sentido completo, forma-se, então, uma **proposição**. É justamente essa sistematização dos fatos da linguagem o objeto de estudo da gramática.

1.2 GRAMÁTICA

Na valorosa definição do mestre Eduardo Carlos Pereira, a Gramática "é a ciência das palavras e suas relações, ou a arte de usar as palavras com acerto na expressão do pensamento".

Em sua divisão mais tradicional, temos:

a) **fonética** – estudo dos fonemas em geral;

b) **morfologia** – estudo das palavras quanto à estrutura e à formação, à classificação e à flexão – é o estudo das palavras tomadas isoladamente; e

c) **sintaxe** – estudo das palavras relacionadas umas com as outras em uma oração – é a teoria da frase.

Estudaremos a partir de agora a primeira grande divisão da gramática normativa: fonética. A NGB – Nomenclatura Gramatical Brasileira – preferiu a denominação de "fonética" à de "fonologia". Embora alguns autores, como o mestre M. Said Ali, coloquem esses dois vocábulos praticamente como sinônimos, preferimos – na mesma esteira da NGB –, denominar de "fonética" a parte da gramática normativa que examina os sons e suas mudanças, atendendo à maneira de os pronunciar.

1.3 FONÉTICA

Como já vimos, a fonética é a parte da gramática que estuda a formação, a evolução e a classificação dos sons da língua, sons que tomam o nome especial de ***fonemas***. Aos sentidos de quem fala, apresenta-se a palavra como um todo sonoro e significante. Por isso, os sons, produzidos por quem fala e recebidos por quem ouve, despertam as imagens por meio das quais se dá o entendimento.

A fonética pode ser: descritiva, histórica e sintática. A primeira trata da formação e descrição dos fonemas. A segunda estuda as modificações que sofreram e sofrem os fonemas em suas fases sucessivas, enquanto a terceira estuda as modificações que sofrem os fonemas de certas palavras quando, por influência de outras que a elas se associam, formam um só todo fonético.

Por seu turno, a **fonologia** é o estudo dos fonemas em suas variantes posicionais, combinações e condições prosódicas.

1.3.1 APARELHO FONADOR

Os seres humanos não dispõem de aparelho especial para falar. Utilizam-se, para tanto, do aparelho respiratório e da parte superior do aparelho digestivo. A este conjunto especial de órgãos que contribuem para a produção da fala

denomina-se "aparelho fonador" ou simplesmente, como preferem alguns, "órgãos da fala".

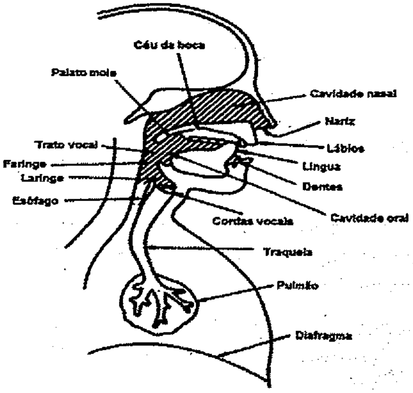
Céu da boca
Palato mole
Cavidade nasal
Nariz
Trato vocal
Lábios
Faringe
Língua
Laringe
Dentes
Esôfago
Cordas vocais
Cavidade oral
Traqueia
Pulmão
Diafragma

A fala é produzida pela corrente de ar expiratória. Desde o momento em que o indivíduo se dispõe a falar, opera-se em todo o aparelho uma tensão geral: o sopro é emitido com mais vigor do que o sopro da respiração simples; a traqueia toma posições, estreitando e alargando os seus anéis; na laringe, as cordas vocais se preparam e o sopro as faz vibrar; da faringe, a vibração é dirigida, por meio da úvula, ou para a boca, se deve ser oral, ou para as fossas nasais, se deve ser nasalada. Nesta caixa de ressonância, que é a boca e seus pertences (língua, dentes, bochechas e lábios), a vibração se completa, transformando-se em som.

Os sons fundamentais da voz humana denominam-se de "fonemas". Os fonemas, portanto, são as menores unidades sonoras da nossa fala e se classificam em: **vogais, semivogais** e **consoantes**.

1.4 ESTUDO DAS VOGAIS E DOS ENCONTROS VOCÁLICOS

São cinco as vogais na nossa língua: a, e, i, o, u. São sons musicais que saem livremente pelo tubo vocal. Constituem, em português, a base das sílabas.

Em certos casos, os fonemas "i, u", representando os fonemas /y/ e /w/ respectivamente, são considerados semivogais sempre que soam juntamente com a vogal de uma sílaba.

1.5 CLASSIFICAÇÃO DAS VOGAIS

a) Quanto à zona de articulação: anteriores, médias e posteriores.
b) Quanto ao timbre: abertas, fechadas e reduzidas.
c) Quanto ao papel das cavidades bucal e nasal: orais e nasais.
d) Quanto à intensidade: átonas e tônicas.

1.5.1 QUANTO À ZONA DE ARTICULAÇÃO

A vogal "a" forma-se com a maior abertura da boca, ficando a língua em posição de quem respira em silêncio (posição média ou neutra). Por isso, a vogal "a" é chamada de "***média***, ***medial*** ou ***central***".

Se a língua se eleva gradualmente para a frente, formam-se as ***vogais anteriores*** ou ***palatais*** (é, ê, e, i); se se eleva para trás, formam-se as ***vogais posteriores*** ou ***velares*** (ó, ô, o, u). Observe figura abaixo.

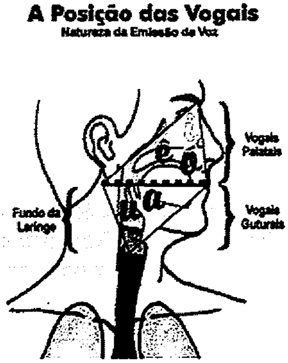

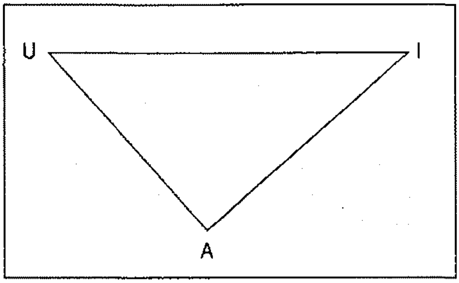

Observe nas figuras acima a distribuição triangular das vogais quanto à zona de articulação.

1.5.2 QUANTO AO TIMBRE

O timbre de uma vogal é dado pela maior ou menor proximidade da língua com o palato. Na vogal aberta, a língua se abaixa: é, ó. Na vogal fechada, a língua se eleva: ê, ô, i, u. Por isso, as vogais são classificadas quanto ao timbre em:

a) **Abertas** → á, é, ó = pá, pé, pó.
b) **Fechadas** → ê, ô: vê, avô.
c) **Reduzidas** → a (bela), e (vale), o (pelo)

➧ **Observação:**

As vogais reduzidas tomam esse nome por pertencerem a sílabas átonas, sendo, pois, pronunciadas fracamente.

1.5.3 QUANTO AO PAPEL DAS CAVIDADES BUCAL E NASAL

Quanto ao papel das cavidades bucal e nasal, as vogais classificam-se em:

a) Orais → que se formam com o véu palatino levantado, saindo a coluna de ar somente pela boca: a, e, i, o, u.
b) Nasais → que se formam com o abaixamento do véu palatino, distribuindo-se a coluna de ar pela boca e nariz: ã, ẽ, ĩ, õ, ũ.

1.5.4 QUANTO À INTENSIDADE

Quanto à intensidade, as vogais podem ser átonas ou tônicas. A vogal tônica é pronunciada com mais intensidade que as outras. Encontra-se na sílaba tônica da palavra. Excetuando-se as sílabas tônica e subtônica de uma palavra, as demais são chamadas de átonas. As vogais dessas sílabas átonas são também átonas. Observe:

acarajé	**lâmpada**
a – átona	l
c	â – tônica
a – átona	m
r	p
a – átona	a – átona
j	d
é – tônica	a – átona

1.6 ENCONTROS VOCÁLICOS

Encontro vocálico é a sucessão de vogais em um vocábulo – gaiola, Bahia, caule, Uruguai, averiguei. Classificam-se em: *ditongo, hiato* e *tritongo*.

1.6.1 DITONGOS

Ditongo (gr. di = duplo, phthonggos = som) é a sucessão de vogal e semivogal, ou vice-versa, na mesma sílaba. Dividem-se em: orais e nasais, crescentes e decrescentes.

São denominados de **crescentes** os ditongos em que a semivogal vem em primeiro lugar. Teremos, portanto, "**semivogal** + **vogal**". Exemplos: glória, vácuo, espécie, oblíqua etc.

São denominados de **decrescentes** os ditongos em que a vogal vem em primeiro lugar. Teremos, portanto, "**vogal** + **semivogal**". Exemplos: vai, lauda, rei, meu, boi etc.

a) São **orais** aqueles em que o ar sai tão somente pela cavidade bucal. Exemplos: meu, teu, pai, ouro, série.

b) São **nasais** aqueles em que o ar sai tanto pela cavidade bucal quanto pelas fossas nasais. Exemplos: pão, capitães, cantam, tem.

➧ **Observação:**

É importante, neste momento, relembrar uma importante lição: não se deve confundir fonema (= som) com letra. Isto porque há vários ditongos que aparentemente não são ditongos, mas a pronúncia os denuncia – notadamente os ditongos nasais formados por uma vogal seguida da consoante nasal "m". Observe por exemplo o vocábulo "bem": aparentemente não temos ditongo, mas, quando o pronunciamos "beĩ", percebemos que se trata do encontro da vogal "e" com a semivogal "ĩ". Vejamos outros exemplos:

> sem, amam, andam, escrevem, puseram, deviam, porém, nem.

Vejamos abaixo uma pequena lista dos principais ditongos em nossa língua:

ORAIS

- **ai** → mais, paiol, vaidade, cai, vai, jamais.
- **au** → mau, pau, causa, pauta, mingau, nau.
- **ei** → papéis, réis, rei, móveis, plateia, grei.
- **eu** → céu, réu, chapéu, teu, judeu, perdeu.
- **iu** → viu, partiu, riu, psiu, sorriu.
- **oi** → dói, herói, foi, boi, joio.
- **ou** → dou, sou, ouço, pousar.
- **ui** → fui, gratuito, sanguíneo.

NASAIS

- **ãe** → mãe, pães, alemães, cães.
- **ão** → pão, amarão, balão, mão.
- **am** → amaram, deviam, puseram, escreveram.
- **em** (=ei) → bem, tem, põem, saem, doem, cem.
- **õe** → põe, propões, cordões, corações.
- **ui** → muito, mui.

Nota: Quando a semivogal (também chamada de vogal assilábica) vem depois da vogal, é chamada de *"subjuntiva"*; quando vem antes, é chamada de *"prepositiva"*.

➡ **Observação:**

Os encontros "IA, IE, IO, UA, UE, UO" em finais átonos, seguidos ou não de "S", classificam-se quer como ditongos, quer como hiatos, uma vez que ambas as emissões existem na língua portuguesa. Entretanto, hoje a preferência é tratá-los como ditongos, por ser a pronúncia ditongal mais eufônica. Observe:

- história → his – tó – ria /ou/ his – tó – ri – a
- série → sé – rie /ou/ sé – ri – e
- hóstia → hós – tia /ou/ hós – ti – a
- tênue → tê – nue /ou/ tê – nu – e
- vácuo → vá – cuo /ou/ vá – cu – o
- pátio → pá – tio /ou/ pá – ti – o

1.6.2 HIATOS

Hiato (do latim, "hiatus" = abertura) é o encontro de duas vogais pronunciadas em duas emissões sonoras distintas, ou seja, é o encontro de duas vogais que se situam em sílabas distintas, por isso são pronunciadas separadamente. Vejamos alguns exemplos:

Isr**ae**l, Mis**ae**l, **ao**rta, s**aú**de, id**ea**l, r**ee**leger, at**eí**sta, d**eí**smo, t**eo**logia, sab**iá**, h**ia**to, ar**ia**no, p**ie**dade, c**ie**nte, m**io**lo, v**io**la, esp**io**nar, c**iú**me, v**iú**va, lag**oa**, p**oe**ta, c**oe**ntro, c**oo**perar, álc**oo**l, t**ua**, s**ua**, pir**ue**ta, jes**uí**ta, r**uí**na, cas**uí**stica, r**ui**m, constit**ui**nte.

1.6.3 TRITONGOS

Tritongo (gr. tri = três, phthonggos = som) é a combinação silábica em que, soando em conjunto com a vogal, existem duas semivogais. Teremos, então, "semivogal + vogal + semivogal" numa mesma sílaba. Vejamos alguns exemplos:

- ORAIS → iguais, Paraguai, Uruguai, minguou, apaziguou, quão
- NASAIS → saguões, enxáguem, dilinquem, mínguam

1.7 ESTUDO DAS CONSOANTES, DOS ENCONTROS CONSONANTAIS E DOS DÍGRAFOS

Buscando esteio nas preciosas palavras do ilustre gramático Gladstone Chaves de Melo, consoante "é um fonema em que predomina a articulação sobre a fonação, o fechamento sobre a abertura, o ruído sobre a musicalidade; fonema que, na língua portuguesa, não pode constituir sozinho uma sílaba, mas, pelo contrário, se agrega necessariamente a uma vogal; fonema, portanto, assilábico".

Logo, as consoantes são os fonemas produzidos pela corrente expiratória que, ao atravessar a boca, é interceptada no todo ou em parte, isto é, fonemas formados pela corrente expiratória, que encontra obstáculo na aproximação ou contato dos órgãos bucais. São, portanto, sons laríngeos, ou seja, formados na laringe e caracterizados por maior aproximação das partes móveis da boca.

1.7.1 CLASSIFICAÇÃO DAS CONSOANTES

Classificam-se as consoantes:

1) Quanto ao modo de articulação;

2) Quanto ao ponto de articulação;
3) Quanto ao papel das cordas vocais.

1.7.1.1 Quanto ao modo de articulação

De duas maneiras se pode produzir uma consoante: ou fechando-se o canal bucal, ou estreitando-se o canal bucal. Por isso, quanto ao modo de articulação as consoantes podem ser:

1) **oclusivas** → que se formam quando o canal da boca se fecha (oclusão) para em seguida se abrir subitamente, numa verdadeira explosão. Por causa disso, são também chamadas de "explosivas" ou "instantâneas". Como exemplos, temos os fonemas surdos "pê, tê, quê" e os fonemas sonoros "bê, dê, guê".
2) **constritivas** → que se formam pelo estreitamento do canal bucal, saindo a corrente de ar apertada ou constrita. De acordo com a maneira de escoamento do ar, dividem-se em:
    a) Fricativas ou sibilantes → quando há um ruído na fricção: f, s, x [chê], v, z, g [jê].
    b) Laterais → quando a corrente de ar escapa pelas laterais da cavidade bucal: l, lh.
    c) Vibrantes → quando o ápice da língua provoca uma tremulação contra os alvéolos: r, rr.

1.7.1.2 Quanto ao ponto de articulação

Quanto ao ponto de articulação, isto é, o lugar onde se produz o fonema, classificam-se as consoantes em:

1. **Bilabiais** → os lábios se tocam e se apertam levemente: p, b, m.
2. **Labiodentais** → contato do lábio inferior com o bordo dos incisivos superiores: f, v.
3. **Linguodentais** → contato da ponta da língua com a parte interna dos incisivos superiores: t, d.
4. **Alveolares** → a língua toca no alvéolo dos dentes, isto é, na altura da raiz dos dentes superiores: s, z, r, rr, l, n.

5. **Palatais** → contato da parte anterior da língua com o palato duro: x, g [chiante], lh, nh.
6. **Velares** → contato da parte posterior da língua com o véu palatino: c [k], g [guê], q.

1.7.1.3 Quanto ao papel das cordas vocais

Quanto ao papel das cordas vocais, as consoantes se classificam em surdas e sonoras.

1. **Surdas** → quando não há vibração das cordas vocais: p, t, q, f, s, x.
2. **Sonoras** → quando há vibração das cordas vocais: b, d, g [jê], m, n, nh, l, lh, r, rr.

➧ **Observação:**

Para verificarmos, na prática, se há vibração das cordas vocais, devemos tapar os ouvidos durante a articulação do fonema. Se percebermos um zumbido, é sinal de que as cordas vocais vibraram, e os fonemas assim produzidos são sonoros. Caso contrário, os fonemas são surdos, por ausência de vibração.

1.7.2 ENCONTROS CONSONANTAIS

Dá-se o nome de encontro consonantal à sequência de consoantes num vocábulo, ou seja, a contiguidade de duas ou três consoantes efetivamente pronunciadas. Observe:

- blusa
- fluvial
- gnóstico
- rítmico
- pneu
- regra
- prato
- glândula
- bronco
- planta
- branco
- psicanálise
- vidro
- francês
- claro
- mnemônico
- atlântico
- palavra
- digno
- ptialina

➧ **Observações:**

a) Quando as duas consoantes se encontram em uma mesma sílaba, diz-se que o *encontro consonantal é próprio ou perfeito*. Quando as consoantes ficam em sílabas diferentes, diz-se que o é um *encontro consonantal impróprio ou imperfeito*. Observe os exemplos:

- **Encontros consonantais próprios ou perfeitos:** blu-sa, bru-to, cri-vo, fla-ma, gló-ria, pra-to, tra-to, li-vre.
- **Encontros consonantais impróprios ou imperfeitos:** af-ta, ic-tiólogo, rit-mo, ad-jetivo, ab-soluto.

b) Frise-se que o encontro consonantal é avaliado sempre como fonema. Por isso, é importante, mais uma vez, não confundir "fonema" com "letra". Na palavra, "FIXO", por exemplo, temos um encontro consonantal representado pela letra "x", já que ela representa o fonema /cs/. É o que também ocorre nos vocábulos "táxi, reflexo, asfixia" entre outros, nos quais a letra "x" representa dois fonemas.

1.7.3 DÍGRAFOS

Chama-se dígrafo (ou digrama) o agrupamento de consoantes o qual representa apenas um som. Mais uma vez, é fundamental não confundir com encontro consonantal. Neste, temos consoantes que representam mais de um fonema; naquele, temos consoantes que representam um único fonema.

São dígrafos:

1. ch, lh, nh = chapéu, malha, palha, ninho, rainha, pilha, alho, trabalho, lhama, sonho, lenha.
2. rr, ss = carro, interromper, terremoto, cassado, massa, passado, ressurgir, prorrogar.
3. gu, qu (antes de "e" e "i") = guerra, que, quatorze, equipagem, distinguir.
4. sc, sç, xc = fascinar, desça, piscina, excelência, excêntrico.

➧ **Observação:**

Há também em nossa língua os chamados dígrafos vocálicos, isto é, os que são formados por *"am, an, em, en, im, in, om, on, um, un* (que representam vogais nasais)". Na realidade, temos a formação de uma sílaba nasal pela junção de uma vogal inicial ou medial, seguida de "m" antes de "p" e "b", e "n" antes de qualquer outra consoante. Portanto, as sílabas abaixo sublinhadas representam dígrafos vocálicos:

- limpo
- campo
- também
- santo
- mentira
- tumba
- longe

1.7.4 CONTAGEM DE LETRAS E FONEMAS EM UM VOCÁBULO

Eis um dos pontos bastante cobrados nos concursos em geral. Por isso, fique atento!

Como já mencionamos, é importantíssimo não confundir letra com fonema (som) – são coisas bem diversas. Em princípio, as letras existem para exprimir os sons. É, como já dissemos, uma representação gráfica do som. Logo, é preciso ter cuidado ao se contar as letras e os fonemas (sons) de um vocábulo, pois é preciso ficar muito atento, notadamente com os dígrafos e com os encontros consonantais, para se evitarem erros.

➧ **Observe:**

- **camisas**
  - 7 letras
  - 7 fonemas
- **criança**
  - 7 letras
  - 6 fonemas (em "an" temos um dígrafo)
- **tampinha**
  - 8 letras
  - 6 fonemas (temos dois dígrafos)
- **tóxico**
  - 6 letras
  - 7 fonemas (a letra "x" representa o fonema /cs/)
- **constituinte**
  - 12 letras
  - 10 fonemas (existem dois dígrafos vocálicos "on" e "in")
- **menino**
  - 6 letras
  - 6 fonemas

1.7.5 SÍLABA

Recebe o nome de sílaba o fonema ou o conjunto de fonemas produzidos numa só emissão de voz na enunciação de um vocábulo. Veja: **ca-dei-ra; a-ba-ca-xi; co-or-de-na-ção.**

Toda sílaba possui um núcleo ou ápice de sonoridade, que, em português, é necessariamente uma vogal. Daí as sílabas serem classificadas em:

a) **Simples** → quando apresentam uma só vogal. Ex.: dor, sol.

b) **Compostas** → quando apresentam mais de uma vogal.
Ex.: caule, pau.

c) **Complexas** → quando apresentam mais de uma consoante.
Ex.: triste, flor.

d) **Incomplexas** → quando apresentam apenas uma consoante.
Ex.: vá, cá.

e) **Abertas** → quando terminam por vogal. Ex.: ca-na-pé, me-ni-na.

f) **Fechadas ou travadas** → quando terminam por consoante.
Ex.: tu-tor, al-mas.

1.7.5.1 Classificação dos vocábulos quanto ao número de sílabas

Em nossa língua, os vocábulos podem também ser classificados em relação à quantidade de sílabas que apresentam. Saliente-se que a quantidade de sílabas é o tempo da prolação de sua vogal.

Quanto ao número de sílabas que possuem, os vocábulos podem ser classificados em: *monossílabos, dissílabos, trissílabos* e *polissílabos.*

a) **Monossílabos** → possuem uma só sílaba.
Ex.: nó, dó, só, lá, vem, não, sol.

b) **Dissílabos** → possuem duas sílabas.
Ex.: vovó, café, chulé, amém, meio, aí.

c) **Trissílabos** → possuem três sílabas.
Ex.: caneca, menina, moinho, cortejo, lâmpada.

d) **Polissílabas** → possuem quatro ou mais sílabas.
Ex.: macaxeira, brotoeja, Itamaracá, Guaratinguetá.

➧ **Observação:**

Alguns gramáticos de renome preferem a denominação *"tetrassílabo"*, para os vocábulos com quatro sílabas, e *"polissílabo"* para os vocábulos com mais de quatro sílabas.

1.7.5.2 Tonicidade

Em geral, uma das sílabas do vocábulo se pronuncia com mais força do que as outras – é a denominada sílaba tônica. Tonicidade ou acentuação tônica, portanto, é a pronunciação forte ou intensa de uma sílaba. As demais sílabas que não apresentam a força tônica são chamadas de "atônicas" ou "átonas". Veja alguns exemplos:

▹ jus – **ti** – ça
sílaba tônica

▹ **nú** – me – ro
sílaba tônica

▹ me – **ni** – na
sílaba tônica

Por ser pronunciada mais fortemente do que as outras, diz-se que a sílaba tônica recebe o chamado "acento tônico", denominado também de "acento prosódico". Saliente-se, entretanto, que o acento tônico não consiste na altura ou duração da voz, mas na voz forte ou intensa, a qual salienta a sílaba sobre a qual ele recai.

Cuidado! Não confunda o acento tônico com os acentos gráficos ou sinais diacríticos, pois em várias situações a língua se vale de acentos gráficos para marcar a sílaba tônica a fim de se evitarem problemas de prosódia. Para aprofundar tal conhecimento, sugerimos consultar (e estudar) o assunto "acentuação gráfica".

1.7.6 DIVISÃO SILÁBICA

A divisão de qualquer vocábulo, assinalada pelo hífen, em regra se faz pela soletração, isto é, a divisão leva em conta critérios fonéticos, e não etimológicos. Traduzindo: basta soletrar a palavra e dividi-la como se lê, independente de seus elementos constitutivos etimológicos.

Para que se faça uma correta divisão silábica, é essencial respeitar as seguintes regras:

1. **Não se separam as vogais dos ditongos – crescentes e decrescentes – nem as dos tritongos. Observe:**

▹ aurora → au – ro – ra

▹ animais → a – ni – mais

- Paraguai → Pa – ra – guai
- cruéis → cru – éis
- meio → mei – o
- ódio → ó – dio
- guaiar → guai – ar
- Uruguai → U – ru – guai
- iguais → i – guais
- coisa → coi – sa
- enjeitar → en – jei – tar
- joias → joi – as

➯ **Observação:**

Embora os encontros "IA, IE, IO, UA, UE, UO" de finais átonos, seguidos ou não de "S", possam ser analisados tanto como ditongos quanto como hiatos, a tendência hoje é considerá-los apenas como ditongos. Por isso, tais grupos vocálicos devem – preferencialmente – permanecer numa mesma sílaba.

- enciclopédia → en – ci – clo – pé – dia
- barbárie → bar – bá – rie
- lírio → lí – rio

2. No interior do vocábulo, sempre se conserva na sílaba anterior a consoante não seguida de vogal. Veja:

- abdicar → ab – di – car
- étnico → ét – ni – co
- subjugar → sub – ju – gar
- occipital → oc – ci – pi – tal
- dracma → drac – ma
- subpor → sub – por
- opção → op – ção
- segmento → seg – men – to

3. Não se separam os encontros consonantais iniciais de sílabas nem os dígrafos "ch, lh, nh". Observe:

- pechinchar → pe – chin – char
- manhã → ma – nhã
- apetrecho → a – pe – tre – cho
- folha → fo – lha
- blusão → blu – são
- brotoeja → bro – to – e – ja

➯ **Observação:**

Os encontros "bl" e "br" nem sempre formam grupos articulados perfeitos, isto é, nem sempre permanecem na mesma sílaba. Isto se dá porque em alguns casos o "l" e o "r" são pronunciados separadamente. Veja alguns exemplos:

- sublingual → sub – lin – gual
- sub-rogar → sub – ro – gar
- sublocar → sub – lo – car
- sublinhar → sub – li – nhar
- sub-reptício → sub – rep – tí – cio
- sub-reitor → sub – rei – tor

4. Não se separam os grupos "GU" e "QU" da vogal que os segue, quer esta esteja ou não acompanhada de consoante. Observe:

- ambíguo → am – bí – guo
- quota → quo – ta
- ubíquo → u – bí – quo
- légua → lé – gua
- quebradeira → que – bra – dei – ra
- guerra → guer – ra
- queijo → quei – jo
- delinquente → de – lin – quen – te

5. Não se separa a consoante inicial não seguida de vogal, ou seja, a consoante inicial não seguida de vogal permanece na sílaba em que se encontra. Observe:

- pseudônimo → pseu – dô – ni – mo
- gnomo → gno – mo
- pterossauro → pte – ros – sau – ro
- cnêmide → cnê – mi – de
- gnosiologia → gno – sio – lo – gi – a
- pneumático → pneu – má – ti – co

6. Separam-se os dígrafos "RR, SS, SC, SÇ, XS" no interior dos vocábulos, ficando uma consoante numa sílaba e a outra na sílaba imediata. Observe:

- piscina → pis – ci – na
- cônscio → côns – cio
- prescindir → pres – cin – dir
- exceção → ex – ce – ção
- correição → cor – rei – ção
- excelente → ex – ce – len – te
- adolescente → a – do – les – cen – te
- convalescer → con – va – les – cer
- rescindível → res – cin – dí – vel
- ressurreição → res – sur – rei – ção
- prorrogação → pror – ro – ga – ção
- exsurgir → ex – sur – gir

7. O "S" dos prefixos "bis-, cis-, des-, dis-, trans-" não se separa quando a sílaba seguinte começa por consoante. Caso a sílaba seguinte comece por vogal, o "S" se desprenderá do prefixo e formará sílaba com esta vogal. Observe:

- transformar → trans – for – mar *mas...*▸ transatlântico → tran – sa – tlân – ti – co
- bisneto → bis – ne – to *mas...*▸ bisavô → bi – sa – vô
- descascar → des – cas – car *mas...*▸ desamor → de – sa – mor
- cisplatino → cis – pla – ti – no *mas...*▸ cisandino → ci – san – di – no
- discorrer → dis – cor – rer *mas...*▸ disenteria → di – sen – te – ri – a

8. As vogais idênticas e as letras "CC, CÇ" separam-se, ficando uma numa sílaba e a outra na sílaba consequente. Veja os exemplos:

▹ intelecção → in - te - lec - ção
▹ occipital → oc - ci - pi - tal
▹ álcool → ál - co - ol
▹ intersecção → in - ter - sec - ção
▹ cooperador → co - o - pe - ra - dor
▹ caatinga → ca - a - tin - ga
▹ friíssimo → fri - ís - si - mo
▹ veemente → vê - e - men - te

9. Separam-se as vogais que formam hiatos. Veja:

▹ saúde → sa - ú - de
▹ jesuíta → je - su - í - ta
▹ egoísmo → e - go - ís - mo
▹ carnaúba → car - na - ú - ba
▹ viúva → vi - ú - va
▹ canaãense → ca - na - ã - en - se

➧ **Observação final:**

Nas translineações – passagem de uma linha para outra nos textos escritos, quando o fenômeno da separação de um vocábulo ao final de uma linha fica mais evidente –, convém ficar atento às seguintes orientações:

a) Não se deve deixar vogal solta nem na linha antecedente, nem na linha consequente, isto é, não se isola sílaba de uma só vogal. Observe:

▹ AMÁ - VEL (e não "A - MÁVEL")
▹ ITA - JAÍ (e não ITAJA - Í ou I - TAJAÍ)

b) Deve-se evitar a separação de vocábulos dissílabos do tipo "aí, caí, saí, lua, rua", em que uma das sílabas é formada apenas por vogal.

c) Na translineação de uma palavra composta ou de uma combinação de palavras em que há um hífen, ou mais, se a partição coincide com o final de um dos elementos ou membros, deve, por clareza gráfica, repetir-se o hífen no início da linha imediata. Observe:

______________________________terça-
-feira__________________________

__________________________________ex-
-diretor__________________________

1.8 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (PUCRJ) Um mesmo fonema pode ser grafado de diferentes maneiras. Qual a lista de palavras que exemplifica essa afirmação?

   a) paciente, centro, existência
   b) existência, meses, batizaram
   c) projeto, prejudicando, propõe
   d) quem, quando, psiquiatra
   e) coisa, incomoda, continuidade

2. (PUCSP) As palavras **rapaziada, assustado, borracha** apresentam, respectivamente:

   a) 8 fonemas / 9 letras; 9 fonemas / 9 letras; 5 fonemas / 7 letras
   b) 9 fonemas / 8 letras; 8 fonemas / 9 letras; 5 fonemas / 8 letras
   c) 9 fonemas / 9 letras; 8 fonemas / 9 letras; 6 fonemas / 9 letras
   d) 9 fonemas / 9 letras; 8 fonemas / 9 letras; 6 fonemas / 8 letras
   e) 8 fonemas / 8 letras; 8 fonemas / 9 letras; 5 fonemas / 7 letras

3. (PUCSP) As palavras **folheada, lânguido, antigos, vento** apresentam o seguinte número de fonemas e letras, respectivamente:

   a) 7- 8; 6- 8; 6- 7; 4- 5
   b) 6- 7; 7- 8; 4- 5; 6- 7
   c) 6- 7; 6- 7; 7- 8; 4- 5
   d) 4- 5; 6- 7; 6- 8; 7- 8
   e) 7- 8; 6- 7; 6- 8; 4- 5

4. (Unirio – RJ) Identifique a opção em que a palavra apresenta ao mesmo tempo um encontro consonantal, um dígrafo consonantal e um ditongo fonético:

   a) ninguém
   b) coalhou
   c) iam
   d) nenhum
   e) murcham

5. (ACAFE – SC) Assinale, na sequência abaixo, a alternativa em que todas as palavras possuem dígrafos:

   a) histórias, impossível, máscaras
   b) senhor, disse, achado
   c) passarinhos, ergueu, piedade
   d) errante, abelhas, janela
   e) homem, caverna, velhacos

6. (FFFCMPA) Considere as seguintes afirmações acerca da relação entre letras e fonemas em palavras do texto.

   I – Os segmentos sublinhados em ***componente****,* ***acrescentariam*** *e* ***conhecedor*** *representam um só fonema.*

   II – As letras sublinhadas em ***ciência****,* ***sociocultural*** *e* ***adolescentes*** *representam o mesmo fonema.*

   III – As palavras ***holística****,* ***essencialmente*** *e* ***conquistas*** *têm, cada uma delas, mais letras que fonemas.*

   Quais estão corretas?

   a) Apenas I.
   b) Apenas II.
   c) Apenas III.
   d) Apenas I e III.
   e) I, II e III.

7. (PUCSP) Nas palavras **enquanto, queimar, folhas, hábil, grossa,** constatamos a seguinte sequência de letras e fonemas:

   a) 8- 7; 7- 6; 6- 5; 5- 4; 6- 5
   b) 7- 6; 6- 5; 5- 5; 5- 5; 5- 5
   c) 8- 5; 7- 5; 6- 4; 5- 4; 5- 4
   d) 8- 6; 7- 6; 6- 5; 5- 4; 6- 5
   e) 8- 5; 7- 6; 6- 5; 5- 5; 5- 5

8. (PUCSP) Assinale a sequência em que todas as palavras estão partidas corretamente.

   a) trans-a-tlân-ti-co / fi-el / sub-ro-gar
   b) bis-a-vô / du-e-lo / fo-ga-réu
   c) sub-lin-gual / bis-ne-to / de-ses-pe-rar
   d) des-li-gar / sub-ju-gar / sub-scre-ver
   e) cis-an-di-no / es-pé-cie / a-teu

9. (ITA) Dadas as palavras:

   1. des-a-len-to

   2. sub-es-ti-mar

   3. trans-tor-no,

   constatamos que a separação silábica está correta:

   a) apenas no número 1
   b) apenas no número 2
   c) apenas no número 3
   d) em todas as palavras
   e) n.d.a

10. (AMAN) Assinale a opção em que a divisão silábica não está corretamente feita:

a) a-bai-xa-do
b) si-me-tria
c) es-fi-a-pa-da
d) ba-i-nhas
e) ha-vi-a

GABARITO

1 – B	2 – D	3 – A
4 – E	5 – B	6 – D
7 – D	8 – C	9 – C
10 – B		

CAPÍTULO 2

ORTOGRAFIA OFICIAL

Conversando um pouco...

Iniciaremos o estudo de uma importante parte da gramática normativa: a ortografia. Gostaria de salientar que este capítulo deve ser estudado com cuidado. Inevitavelmente, você se deparará com várias regras, orientações, muitas exceções etc., etc. Ficar decorando os pontos talvez não seja a melhor técnica. Por isso, sugiro que estude o capítulo aos poucos, tendo sempre em mente que o melhor remédio para se aprender a escrever os vocábulos corretamente ainda é a leitura. Cremos que só com a leitura habitual o operador da língua conseguirá memorizar – pela apreensão visual – a correta escrita de muitas palavras. Portanto, leia mais! E não deixe, é claro, de, aos poucos, apreender pela norma gramatical algumas orientações ortográficas. Por isso, vamos lá!

Antes de qualquer consideração, convém mencionar que a palavra ORTOGRAFIA é formada por dois radicais gregos (orto + grafia), os quais significam respectivamente "correto" e "escrita". Logo, ortografia é a parte da gramática normativa que se preocupa com a correta representação escrita dos vocábulos em nossa língua.

As dificuldades de escrita que muitas palavras nos oferecem ocorrem em virtude de as palavras em nossa língua obedecerem a dois critérios distintos: ora a grafia do vocábulo está baseada na etimologia, ora a grafia do vocábulo está baseada na fonética.

Como sabemos, os sistemas ortográficos são três: o fonético, o etimológico e o misto. Nossa língua portuguesa faz uso do sistema "misto". Por isso, muitos operadores da língua sentem dificuldade (ou dúvida) em escrever alguns vocábulos.

2.1 LETRA E ALFABETO

Como sabemos, a letra é a representação gráfica de um fonema. Nem sempre, como se demonstra no capítulo de introdução à fonética, esta relação "letra" / "fonema" é perfeita, pois existem fonemas representados por mais de uma letra e vice-versa. O conjunto de todas as letras em nossa língua é denominado de "alfabeto português". Nosso alfabeto é hoje composto por 26 letras, sendo 21 consoantes e 5 vogais. São elas:

a A (á)
b B (bê)
c C (cê)
d D (dê)
e E (é ou ê)
f F (efe ou fê)
g G (gê ou guê)
h H (agá)
i I (i)
j J (jota)
k K (capa ou cá)
l L (ele ou lê)
m M (eme ou mê)
n N (ene ou nê)
o O (ó)
p P (pê)
q Q (quê)
r R (erre ou rê)
s S (esse ou sê)
t T (tê)
u U (u)
v V (vê)
w W (dáblio)
x X (xis)
y Y (ípsilon ou ipsilone)
z Z (zê)

2.2 NOTAÇÕES LÉXICAS

Além das letras, nossa língua usa uma série de sinais auxiliares a fim de indicar alguns fonemas especiais. Ao conjunto desses sinais gráficos, chamados também de sinais diacríticos (gr. "diacríticos" = apto a distinguir), dá-se o nome de notações léxicas. Esses sinais acessórios da escrita são os seguintes: acentos (agudo, circunflexo e grave), til, apóstrofo, cedilha e hífen.

2.2.1 ACENTOS

Os acentos são notações léxicas empregadas sobre algumas vogais para indicar a sílaba tônica ou para indicar a fusão entre elas. Como já dissemos, temos três tipos de acentos na língua portuguesa: (´) agudo, (^) circunflexo e (`) grave.

2.2.1.1 Agudo

O acento agudo é empregado sobre as vogais para assinalar, quando as regras da acentuação assim exigirem, a tonicidade aberta das vogais "a, e, o" e a tonicidade fechada das vogais "i, u".

➧ **Observe:**

- água
- café
- paletó
- difícil
- baú

2.2.1.2 Circunflexo

O acento circunflexo é usado sobre as vogais "a, e, o", quando as regras da acentuação exigirem, para indicar o timbre fechado delas.

- quilômetro
- britânico
- cortês
- constância
- repô-lo
- prêmio

2.2.1.3 Grave

O acento grave é usado exclusivamente em português para indicar o fenômeno da crase, isto é, a contração, a fusão de dois "as" (a + a).

- Um dia chegaremos **àquela** região.
  a + aquela
- Iremos todos **à** casa da tia Zuleide.
  a + a

➧ **Observação:**

Para aprofundar os seus conhecimentos sobre o emprego do acento grave, sugerimos que estude o assunto "Crase" em sintaxe.

2.2.1.4 Til

É uma notação léxica usada para indicar a nasalização das vogais "a, o", quando houver necessidade.

- órgão
- não
- intenção
- ímã
- põe
- mãe

2.2.2 CEDILHA

É uma notação léxica colocada sob a letra "c", a fim de se obter o fonema /s/ antes das vogais "a, o, u". Observe:

- faço
- caçar
- mulçumano
- açúcar
- paçoca
- espaço

2.2.3 APÓSTROFO

O apóstrofo é um sinal empregado para assinalar a supressão de um fonema numa palavra, a fim de se evitarem sons desagradáveis ou mesmo a repetição de um fonema ao se pronunciar o vocábulo. Geralmente ocorre a elisão do "e" da preposição "de".

- queda d'água
- pau-d'água
- pau-d'arco
- pau-d'arara
- estrela-d'alva
- pau-d'óleo
- galinha-d'água
- mãe-d'água
- copo-d'água
- borda-d'água

Emprega-se também o apóstrofo nas ligações das formas "santo" e "santa", quando importa representar a elisão das vogais finais "o" e "a". Observe:

- Sant'Ana
- Sant'Iago
- Sant'Antônio

2.2.4 HÍFEN

É a notação léxica que apresenta maior número de empregos. É frequentemente empregado para unir palavras compostas, prefixos e formas verbais. Observe abaixo algumas orientações que estão respaldadas no Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, publicado no ano de 2009.

Como já dissemos, o hífen é a notação léxica que apresenta o maior número de empregos. É frequentemente empregado, por exemplo, para indicar a ênclise dos pronomes oblíquos átonos, para formar vocábulos por derivação prefixal e para unir compostos. Veja:

- fazê-lo
- cachorro-quente
- pré-operatório
- pós-verbal
- pô-las

Quando une vocábulos, o hífen, em muitos casos, servirá como um sinal de conotatividade, pois indicará que os elementos unidos por ele não estão empregados em seus sentidos originais, mas passaram a compor um novo conceito, uma nova ideia. Observe como o emprego do hífen, nesse caso, altera o sentido nos exemplos abaixo:

- **mesa redonda** → mesa em formato circular ≠ **mesa-redonda** → reunião, debate, discussão
- **casca grossa** → casca espessa, grossa ≠ **casca-grossa** → ignorante, bruto, grosso

- **criado mudo** → empregado que não fala ≠ **criado-mudo** → móvel de cabeceira
- **ferro velho** → peça de ferro antiga ≠ **ferro-velho** → estabelecimento que vende coisas velhas
- **pão duro** → pão endurecido, velho ≠ **pão-duro** → sovina, pirangueiro, avaro
- **calça curta** → calça de pequena extensão ≠ **calça-curta** → dominado, inexperiente

2.2.4.1 Empregos do hífen

Para aprofundar o conhecimento, observe agora os principais empregos do hífen:

1) Para indicar a ênclise dos pronomes oblíquos átonos às formas verbais.

- Entregou-me
- Hei de comprá-lo
- Vamos fazê-lo
- Passou-nos o projeto

➧ **Observação:**

Não se emprega o hífen nas ligações verbais, formadoras de locuções verbais, com o verbo "haver" + preposição "de".

- hei de vencer
- haveríamos de encontrar
- hás de fazer

2) Em vocábulos compostos, formados por "substantivo + substantivo", nos quais o segundo substantivo indique forma, finalidade ou tipo.

- decreto-lei
- homem-robô
- ideia-mãe
- homem-chave
- café-concerto

3) Nas palavras compostas por justaposição que não contêm formas de ligação e cujos elementos constituem uma unidade sintagmática e semântica única e mantêm acento próprio. Em outras palavras, os vocábulos perderam suas significações individuais e passaram a compor um novo conceito, uma nova semântica.

- decreto-lei
- arco-íris
- afro-asiático
- azul-escuro
- caneta-tinteiro
- médico-cirurgião
- tio-avô
- primeiro-ministro
- conta-gotas
- saca-rolha
- tenente-coronel
- turma-piloto
- beija-flor
- porto-alegrense
- saia-calça
- ano-luz
- sul-africano
- luso-brasileiro
- marca-texto
- boas-vindas

4) Nos topônimos compostos iniciados pelos adjetivos "grã-, grão-" ou por forma verbal ou cujos elementos estejam ligados por artigo.

- Grã-Bretanha
- Abre-Campo
- Trinca-Fortes
- Grão-Pará
- Baía de Todos-os-Santos
- Entre-os-Rios
- Traga-Mouros
- Trás-os-Montes

5) Nas palavras compostas que designam espécies botânicas e zoológicas, estejam ou não ligadas por preposição ou qualquer outro elemento.

- couve-flor
- erva-do-chá
- cobra-d'água
- cobra-capelo
- erva-doce
- ervilha-de-cheiro
- andorinha-do-mar
- formiga-branca
- feijão-verde
- bem-me-quer
- bem-te-vi
- lesma-de-conchinha

6) Nos compostos com os advérbios "bem" e "mal", quando estes formam com o elemento que se lhes segue uma unidade sintagmática e semântica, e tal elemento começa por vogal ou "H".

- bem-aventurado
- mal-estar
- mal-intencionado
- bem-estar
- mal-afortunado
- mal-assombrado
- bem-humorado
- mal-humorado

➧ **Observações:**

a) Em muitos compostos, o advérbio "bem" aparece aglutinado com o segundo elemento (forma consolidada pelo uso), quer este tenha ou não vida à parte.

- benfazejo
- benfeito
- benfeitor
- benquerença

b) Em outros vocábulos, o advérbio "bem" pode não se aglutinar com palavras começadas por consoante. Observe:

- bem-criado
- bem-ditoso
- bem-nascido
- bem-visto

Consideração importante: A verdade é que nós não temos uma orientação segura a respeito do emprego do hífen com este advérbio. Nesse caso, não há outra solução: em caso de dúvida, consulte um bom dicionário. Se você é daqueles que escrevem com frequência, sugiro que também tenha sempre à mão o VOLP – Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa.

c) É importante não confundir! Quando o vocábulo não começar por vogal nem por "H", não haverá hífen com o advérbio "mal". Observe:

- malformação
- malcozido
- malcheiro
- malcriado

Mas escreveremos...

- mal-educado
- mal-afortunado
- mal-encarado
- mal-humorado
- mal-avisado

7) Nos compostos com os elementos "além, aquém, recém, sem".

- além-Atlântico
- além-mar
- além-fronteiras
- aquém-mar
- recém-nascido
- sem-cerimônia
- sem-número
- sem-vergonha

2.2.4.2 Emprego do hífen com prefixos

Nas formações com prefixos ou falsos prefixos só se emprega o hífen nos seguintes casos:

1) Nas formações em que o segundo elemento começa por "h", ou seja, não importa o prefixo: se o segundo elemento iniciar-se por "H", deve-se empregar o hífen. Observe:

- pré-história
- extra-humano
- sub-hepático
- super-homem
- anti-herói
- arqui-hipérbole
- geo-história
- pan-helenismo
- semi-hospitalar
- poli-hidratação

➯ **Observação:**

Não se usa, no entanto, o hífen em formações que contêm em geral os prefixos "des-" e "in-", nas quais o segundo elemento perdeu o "h" inicial. Veja:

- desumano
- desumidificar
- inábil
- inumano

2) Nas formações em que o prefixo termina na mesma vogal com que se inicia o segundo elemento. Observe:

- anti-ibérico
- micro-ondas
- anti-imperialista
- arqui-inimigo
- contra-almirante
- auto-ônibus
- anti-inflamatório
- semi-interno
- infra-axilar
- micro-organismo
- supra-auricular
- eletro-ótica

➧ **Observação:**

Esta regra não se aplica ao prefixo "re-". Por isso, escrevem-se corretamente sem hífen, por exemplo, os vocábulos "reencarnação, reenvio, reemissão, reempossar, reencontro, reestabelecer etc.".

3) Nas formações com os prefixos "circum-" e "pan-", quando o segundo elemento começar por vogal, "m" ou "n", além do "h" já mencionado.

- circum-escolar
- pan-mágico
- circum-murado
- pan-negritude
- circum-navegação
- pan-americano
- pan-africano

4) Nas formações com os prefixos "hiper-, super-, inter-", quando o segundo elemento iniciar-se por "r", além, é óbvio, do "H" já mencionado.

- super-resistente
- hiper-requintado
- inter-regional
- hiper-reativo
- inter-hemisfério
- inter-renal
- inter-relacionado
- hiper-rugoso
- super-revista
- super-realismo

5) Nas formações com os prefixos "ex-, pós-, pré-, pró-, sota-, soto-, vice-, vizo-", isto é, esses prefixos sempre serão usados com hífen.

- ex-diretor
- vice-presidente
- pós-graduação
- pró-americano
- pró-labore
- vizo-rei
- pré-vestibular
- pós-tônico
- sota-piloto
- soto-general
- pré-natal
- pró-europeu
- soto-mestre
- pré-datado
- pró-britânico
- vice-diretor

6) Com o prefixo "sub-", haverá hífen sempre que o vocábulo iniciar-se por "b, h ou r". Observe:

- sub-base
- sub-rogar
- sub-bibliotecário
- sub-repartição
- sub-humano
- sub-bosque
- sub-hepático
- sub-rotina

Observação:

Caso não se inicie por "b, h ou r", não haverá hífen. Veja:

- subepiderme
- sublocatário
- subclasse
- subutilizar

Observações:

a) Em alguns vocábulos, o prefixo (átono) se incorporou à palavra primitiva, como em "predeterminado, pressupor, propor, pospor, promover, prever". Por isso, estes vocábulos são escritos sem hífen.

b) Nas formações por sufixação, só se emprega o hífen nos vocábulos terminados por sufixos de origem tupi-guarani que representam formas adjetivas, com "açu, guaçu e mirim", como, por exemplo, "amoré-guaçu, anajá-mirim, andá-açu, capim-açu, Ceará-Mirim".

c) Usa-se também o hífen nas ligações de formas pronominais enclíticas ao advérbio "eis" (ei-lo, ei-los) e ainda nas combinações de formas pronominais "o, a, os, as" com os pronomes oblíquos "nos" e "vos", como, por exemplo, "no-lo", "vo-los".

d) O Novo Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa registra tanto "*pro forma, pro labore*", formas latinas, quanto "*pró-forma, pró-labore*", formas aportuguesadas. Portanto, ambas as grafias, sem hífen na forma latina e com hífen na forma aportuguesada, são corretas.

2.2.4.3 Não se emprega o hífen

1) Nos vocábulos derivados por prefixação, cujo prefixo terminar em vogal e o segundo elemento iniciar-se por consoante. Caso o segundo elemento inicie por "r" ou "s", estas consoantes devem ser duplicadas.

- contrarregra
- minissaia
- semicírculo
- extracorpóreo
- infrassom
- neorrepublicano
- ultrarromântico
- supracitado
- suprassumo
- microcirurgia
- hipoderme
- neoliberal
- antirreligioso
- minissérie
- semimetal

2) Nos vocábulos derivados por prefixação, cuja vogal final do prefixo é diferente da vogal inicial do segundo elemento.

- antieconômico
- aeroespacial
- coeducação
- extraescolar
- semiárido
- autoestrada
- extraoficial
- agroindustrial
- plurianual
- intraocular
- hidroelétrico
- antiaéreo

3) Nos vocábulos formados por palavras compostas, cuja noção de composição, em certa medida, se perdeu, uma vez que tais palavras passaram a compor um sentido único, individualizado.

- paraquedas
- pontapé
- sobremesa
- mandachuva
- madrepérola
- vaivém
- madressilva
- passatempo
- malmequer
- girassol
- rodapé
- aguardente

2.3 ORIENTAÇÕES ORTOGRÁFICAS – EMPREGO DE ALGUMAS LETRAS

A partir de agora, vamos estudar o emprego de diversas letras do vocabulário português. Sugerimos que estude o assunto aos poucos para um melhor aprovisionamento do conteúdo. Salientamos, entretanto, que a melhor técnica para se evitarem erros ortográficos ainda é a leitura. Só a leitura, continuada e bem orientada, propiciará uma escrita livre dos problemas ortográficos. Ademais, é preciso que se diga que "ninguém" – repita-se "ninguém" – possui pleno domínio de todos os vocábulos da nossa língua. Daí a importância de o operador da língua pátria sempre possuir à mão um bom dicionário. Será este compêndio vocabular que afastará o erro ortográfico. Por isso, orientamos o nosso aluno para que leia o assunto abaixo não com o intuito de decorar simplesmente, mas principalmente com o intuito de entender o porquê do emprego desta e não daquela letra. A missão não é tão simples. Mas certamente não é impossível. Mãos à obra!!

Inicialmente, tenha cuidado com algumas letras que, frequentemente, impõem dúvida no escritor. Vamos a elas!

Dica: Sugiro que pare um pouco agora. Descanse a mente alguns minutos antes de passar para o próximo ponto. Preferencialmente, releia o assunto acima – emprego do hífen. É um ponto bastante explorado pelas bancas. Por isso, vale a pena olhar novamente, fazer outras anotações. Provavelmente você não observará todas as informações sobre o hífen agora. Anote em algum lugar a data em que você estudou o assunto. Revise-o em poucos dias. Certamente o resultado será bem melhor na próxima vez que estudar o assunto. Quando estiver pronto, passe para o ponto abaixo... Vamos lá...

2.3.1 EMPREGO DAS LETRAS "E" E "I"

Em nossa língua, o emprego do "e" e do "i" é responsável por uma série de equívocos ortográficos. Portanto, é preciso estar atento para se evitarem muitos erros. Observe abaixo uma série de orientações sobre o emprego destas duas letras.

ESCREVE-SE COM "I" E NÃO COM "E":

- aborígene/aborígine
- antipatia
- calidoscópio
- colibri
- criação
- diferir (adiar)
- dilação (adiamento)
- discricionário
- dispensa (folga)
- erisipela
- idiossincrasia
- imigrar (entrar no país)
- infestar
- meritíssimo
- penicilina
- pontiagudo
- ridículo
- tinir
- alumiar
- ária (música)
- cerimônia
- corrimão
- criatura
- disfarce
- dilapidar
- discriminar (discernir)
- displicência
- escárnio
- Ifigênia
- iminente (próximo)
- inigualável
- miscigenação
- pião (brinquedo)
- privilégio
- silvícola
- umbilical
- ansiar
- arriar (baixar)
- chilique
- crânio
- crioulo
- digladiar
- discrição (reserva)
- disparate
- distorção
- esquisito
- imergir (mergulhar)
- incinerar
- lampião
- pátio
- pinicar
- réstia
- siri
- vadiar (vagabundear)

Lembre-se de que também se emprega a letra "i":

a) Nas terceiras pessoas do presente do indicativo dos verbos terminados em "-AIR", "-OER" e "-UIR":

- cai
- atribui
- sai
- constrói
- corrói
- dói
- possui

b) No prefixo grego "anti-", que indica "ação contrária, oposição".

- antídoto
- antissepsia
- antimoral
- anti-infeccioso
- anti-horário

c) No paradigma de conjugação dos verbos terminados em "-IAR", como "variar, estagiar, abreviar, aliciar, assobiar etc.".

- Eu vario → tu varias, ele varia, nós variamos, vós variais, eles variam.
- Eu estagio → tu estagias, ele estagia, nós estagiamos, vós estagiais, eles estagiam.
- Eu assobio → tu assobias, ele assobia, nós assobiamos, vós assobiais, eles assobiam.

d) Nas terminações em "-ANO" (significando "aquele que pertence a" ou "relativo a") nas quais se aplica um "i", que funcionará como vogal de ligação.

- freudiano
- machadiano
- camoniano
- goethiano
- ciceroniano
- açoriano

➧ **Observação:**

Neste último caso, quando o vocábulo termina em "E", é de rigor a manutenção deste "E". Observe:

- Daomé → daomeano
- Arqueu → arqueano
- Ageu → ageano
- Galileu → galileano

ESCREVE-SE COM "E" E NÃO COM "I":		
• acarear	• aéreo	• apear
• área (espaço)	• arrear (enfeitar)	• beduíno
• beneficência	• berilo	• cadeado
• campeão	• campear	• carestia
• cedilha	• cemitério	• confete
• corpóreo	• creolina	• deferir (ceder)
• delação (denúncia)	• descrição (redação)	• desenfreado
• desfrutar	• despensa (depósito)	• desforra
• desfrutar	• destilar	• disenteria

ESCREVE-SE COM "E" E NÃO COM "I":		
• elucidar	• emergir (vir à tona)	• encrenca
• espaguete	• emigrar (sair do país)	• embutir
• eminência (altura)	• empecilho	• encrenca
• endireitar	• enfezar	• engolir
• enteado	• estrear	• geada
• granjear	• mestiço	• mexerico
• paletó	• páreo	• parêntese (ou parêntesis)
• peão (homem do campo)	• penico (urinol)	• periquito
• petisco	• preá	• recrear (divertir)
• quepe	• sequer	• seringa
• umedecer	• vadear (passar a vau)	• veado

Lembre-se de que também se emprega a letra "e":

a) Nos ditongos nasais "ãe" e "õe":

- dispõe
- alemães
- mãe
- compõem
- cirurgiães
- cães

b) No prefixo grego "ante-" que indica "anterioridade":

- antediluviano
- antecâmara
- anterreforma
- antessala
- antegozo

c) Nas formas dos verbos terminados em "-OAR" e "-UAR":

- abençoe
- atue
- perdoe
- continue
- magoe
- efetue

d) Nas terceiras pessoas do plural do presente do indicativo de muitos verbos:

- caem
- arguem
- saem
- possuem
- destroem
- constituem

e) No prefixo latino "des-" que indica "oposição, negação, falta ou afastamento, separação":

- descortês
- desamor
- desleal
- desarmonia
- descascar

➾ Observação

Não se esqueça também de que a oposição "e" e "i" é responsável pela distinção entre vários vocábulos. São formas parônimas. Veja:

Cuidado aqui, pois várias bancas exploram este tipo de conhecimento. Portanto, vale a pena ler o ponto mais de uma vez. Use caneta marca-texto.

ESCREVE-SE COM "E"	ESCREVE-SE COM "I"
ár**e**a (espaço, superfície)	ár**i**a (melodia, concerto)
arr**e**ar (pôr arreios)	arr**i**ar (abaixar)
d**e**ferir (conceder)	d**i**ferir (adiar ou ser diferente)
d**e**latar (denunciar)	d**i**latar (distender)
d**e**lação (denúncia)	d**i**lação (adiamento, delatação)
d**e**scrição (ato de descrever)	d**i**scrição (ser discreto)
d**e**scriminação (absolvição)	d**i**scriminação (separação)
emergir (vir à tona)	**i**mergir (afundar)
eminente (ilustre)	**i**minente (prestes a ocorrer)
p**e**ão (pedestre)	p**i**ão (brinquedo)
recr**e**ação (diversão)	recr**i**ação (criar novamente)
vad**e**ar (passar a vau)	vad**i**ar (andar à toa)

2.3.2 EMPREGO DAS LETRAS "O" E "U"

Teste o seu vocabulário. Observe abaixo um grupo de palavras escritas com "O" e outro grupo de palavras escritas com "U". Fique atento, pois não raros são os equívocos ortográficos com estas palavras.

ESCREVE-SE COM "O" E NÃO COM "U":		
• abolição	• abolir	• agrícola
• amêndoa	• amontoar	• aroeira
• assoar	• bobina	• boate
• bochecho	• boteco	• botequim
• bússola	• chacoalhar	• cobiça
• cochicho	• coelho	• comprido
• comprimento (extensão)	• costume	• cortiça
• coruja	• êmbolo	• encobrir
• engolir	• engolimos (forma verbal)	• esmolambado
• espoliar	• focinho	• goela
• lobisomem	• lombriga	• mocambo
• mochila	• moela	• moleque
• molambo	• moringa	• mosquito
• névoa	• nódoa	• óbolo
• polenta	• poleiro	• polir
• ratoeira	• sapoti	• silvícola
• sortir (abastecer)	• sortido (variado)	• sotaque
• toalete	• tocaia	• tostão
• tribo	• vinícola	• zoada

ESCREVE-SE COM "U" E NÃO COM "O":		
• abulia	• acudir	• anágua
• bueiro	• bônus	• bruxulear
• bugalho	• buliçoso	• bulir
• burburinho	• camundongo	• chuviscar
• cumbuca	• cumprimento (saudação)	• cumprimentar
• cúpula	• curinga (carta de baralho)	• Curitiba
• curtir	• curtição	• cutia (animal)
• curtume	• cutucar	• embutir
• entupir	• estripulia	• esbugalhar

ESCREVE-SE COM "U" E NÃO COM "O":

- escapulir
- jabuti
- manusear
- mulato
- pirulito
- sinusite
- surripiar
- tulipa
- virulento
- fuçar
- juazeiro
- muamba
- murmurinho
- rebuliço
- suar (transpirar)
- tábua
- urticária
- íngua
- légua
- mucama
- mutuca
- sanduíche
- supetão
- tabuleiro
- usufruto

2.3.2.1 Dupla ortografia com os ditongos "OU" e "OI"

Há na língua uma série de vocábulos que tanto podem ser escritos com o ditongo "OU" quanto com o ditongo "OI". É certo que uma das formas sempre será a mais usual, embora ambas estejam corretas. Observe:

- açoite – açoute
- afoito – afouto
- besoiro – besouro
- biscoito – biscouto
- coice – couce
- coisa – cousa
- doido – doudo
- doirar – dourar
- dois – dous
- estoiro – estouro
- loiça – louça
- loiro – louro
- oiço – ouço
- oiro – ouro
- tesoiro – tesouro
- toiro – touro
- toicinho – toucinho

2.3.3 EMPREGO DAS LETRAS "C" E "Ç"

a) Empregam-se as letras "C" ou "Ç" em vocábulos de origem tupi ou africana:

- ▹ açaí
- ▹ paçoca
- ▹ araçá
- ▹ caçula
- ▹ Iguaçu
- ▹ cacimba
- ▹ Moçoró
- ▹ babaçu

- caiçara
- miçanga
- puçá
- Paraguaçu
- Pajuçara
- piracema
- Piracicaba
- Moçambique
- Araci
- muçum
- Juçara
- Piraçununga

b) Em palavras de origem latina, finalizadas em "t", emprega-se "ç" ou "c", pois há geralmente uma correlação entre o "t" latino e o "ç" ou "c" português.

- absorto → absorção
- ato → ação
- adotar → adoção
- torto → torção
- isento → isenção
- executor → execução
- abster → abstenção
- distinto → distinção
- infrator → infração
- marte → marcial
- extinto → extinção

c) Emprega-se também o "C" ou "Ç" em muitas palavras de origem árabe:

- açafrão
- muçulmano
- acicate
- alface
- açucena
- açúcar
- açude

d) Emprega-se também o "Ç" na correlação: verbo em "TER" substantivo em "TENÇÃO":

- ABSTER → abstenção
- DETER → detenção
- ATER → atenção
- CONTER → contenção
- RETER → retenção

e) Empregam-se também as consoantes "C" e "Ç" nos sufixos "-AÇA, -AÇO, -AÇÃO, -ECER, -IÇA, -IÇO, -NÇA, -UÇO".

- carcaça
- caliça
- estilhaço
- criança
- cabaça
- chouriço
- noviço
- armação
- bagaço
- festança
- ricaço
- magriço
- anoitecer
- dentuça
- carniça

f) Emprega-se também o "Ç" ou "C" após vários ditongos. Observe:

- fauce
- feição
- foice
- louça

- traição
- traiçoeiro
- beicinho
- bouçar
- caiçara
- calabouço
- precaução
- coice

2.3.3.1 Emprego da letra "C"

ESCREVE-SE COM "C" OU COM "Ç":		
• absorção	• abstenção	• acaçapar
• açafrão	• açaí	• acelga
• acender (iluminar)	• acessório	• acervo
• acetinar	• aço	• açucena
• açúcar	• adereço	• afocinhar
• alçapão	• alicerçar	• alicerce
• almoço	• ameaçar	• arregaçar
• arruaça	• asserção	• babaçu
• beça	• Berenice	• boçal
• buço	• cabaça	• caçarola
• cacimba	• calção	• caniço
• carapaça	• carcaça	• cê-cedilha
• cela (quarto)	• celibato	• celofane
• cênico	• censo (recenseamento)	• censura
• cereja	• cerração (nevoeiro)	• certame (ou certâmen)
• cerzir (costurar)	• chacina	• chumaço
• cilada	• cintura	• cirrose
• cismar	• concertar (ajustar)	• contorção
• dentuça	• descrição	• disfarce
• dobradiça	• eriçar	• espinhaço
• exceção	• hortaliça	• inchaço
• jaçanã	• licença	• linhaça
• maçada (importunação)	• maçaneta	• maçante
• maciço	• maniçoba	• miçanga
• maçom	• mormaço	• muçarela
• noviço	• ouriço	• paçoca
• palhoça	• pança	• pinçar

ESCREVE-SE COM "C" OU COM "Ç":		
• pocilga	• presunção	• rebuliço
• rechaçar	• regaço	• ruço (pardo, grisalho)
• sanção (ato de sancionar)	• sumiço	• tenção (intenção)
• terraço	• tição	• torção
• traça	• vacilar	• viço
• vidraça	• vizinhança	

2.3.4 EMPREGO DAS LETRAS "G" E "J"

Outro conjunto de palavras que frequentemente trazem dúvidas ao operador da língua são os vocábulos escritos com "G" e com "J". Como os fonemas dessas duas letras são bem parecidos, os equívocos não são raros. Portanto, fique atento às orientações abaixo.

2.3.4.1 Emprego da letra "G"

ESCREVE-SE COM "G" E NÃO COM "J":		
• adágio	• agenda	• agiota
• algema	• algibeira	• angelim
• angina	• apogeu	• aragem
• auge	• digerir	• digestão
• égide	• egrégio	• estrangeiro
• evangelho	• falange	• ferrugem
• frigir	• fuligem	• garagem
• geada	• gêiser	• geleia
• gêmeo	• gengibre	• gengiva
• gergelim	• geringonça	• gesso
• gesto	• gibi	• gilete
• gim	• girândola	• gíria
• impingem	• megera	• monge
• ogiva	• rabugem	• rabugento

ESCREVE-SE COM "G" E NÃO COM "J":

- regurgitar
- sugestão
- tangerina
- vagina
- viagem
- rugido
- tangente
- tigela
- vargem
- vigência
- selvagem
- tangível
- vagem
- vertigem

Emprega-se a letra G:

a) Nos sufixos "-agem, -igem, -ugem, -ege, -oge". Observe:

- aragem
- vertigem
- frege
- malandragem
- ferrugem
- micagem
- fuligem
- sege
- viagem
- miragem
- paragoge

➧ **Observação**

Usa-se o "G" no substantivo "viagem", mas se emprega a letra "J" no verbo "viajar" e seus derivados.

- É importante que ele faça uma boa **viagem**. (substantivo)
- É importante que ele **viaje** em segurança. (verbo)

Representam exceções a esta regra: lambujem, pajem e lajem.

b) Nas terminações "-ágio, -égio, -ígio, -ógio, -úgio". Veja:

- adágio
- prodígio
- fastígio
- naufrágio
- pedágio
- relógio
- necrológio
- plágio
- estágio
- refúgio
- colégio
- egrégio
- remígio
- subterfúgio

c) Nos verbos terminados em "GER" e "GIR". Observe:

- eleger
- impingir
- proteger
- mugir
- fingir
- submergir
- frigir

d) Geralmente depois da vogal "A", a qual inicia o vocábulo. Perceba:

- agente
- agitar
- agiota
- agitação
- ágio
- agenda
- agir

➧ **Observação**

Representam exceção a esta regra os vocábulos que por origem se escrevem com "J" ou que são derivados de outros, os quais apresentam a letra "J" após a vogal "A". São bons exemplos: ajeru, ajeitar, ajesuitar.

e) Nos vocábulos derivados, cujas palavras primitivas são grafadas com "G". Observe:

- exigir → exigência
- tingir → tingido
- impingir → impingem
- afligir → afligem

2.3.4.2 Emprego da letra "J"

ESCREVE-SE COM "J" E NÃO COM "G":

- ajeitar
- anjo
- canjica
- cerejeira
- desajeitado
- gajeiro
- gorjeta
- interjeição
- Jeni
- Jeremias
- jérsei
- jirau
- laranjeira
- majestade
- objeção
- pajem
- alforje
- berinjela
- canjirão
- cerveja
- enjeitar
- gorjear
- granjear
- jeca
- jenipapo
- Jericó
- jesuíta
- jiu-jitsu
- lisonjear
- manjericão
- ojeriza
- Pajeú
- anjinho
- cafajeste
- cereja
- cervejeiro
- enrijecer
- gorjeio
- injeção
- jeito
- jequitibá
- jerimum
- jiboia
- laje
- lojista
- Moji
- pajé
- pegajoso

ESCREVE-SE COM "J" E NÃO COM "G":

- projeção
- rejeitar
- trejeito
- varejista
- projétil
- sarjeta
- ultraje
- rejeição
- traje
- varejeira

É comum, portanto, o emprego da letra "J":

a) Em muitas palavras de origem latina. Observe:

- jeito
- cereja
- majestade
- lájea
- hoje
- jeira

b) Em muitas palavras de origem africana e tupi-guarani. Veja:

- beiju
- caju
- jerimum
- Ubirajara
- jeribá
- jenipapo
- pajé
- mujique
- jiboia
- jirau
- jê
- maracujá
- jequitibá
- jerivá

c) Em palavras derivadas de outras que já têm a letra "J". Observe:

- laranja → laranjeira, laranjinha
- manjar → manjedoura
- viajar → viajei, viajem (verbos)
- rijo → rijeza, enrijecer
- gorja → gorjeta, gorjear, gorjeio
- encorajar → encoraje, encorajem (verbos)

d) Nas flexões do modo subjuntivo dos verbos terminados em "-jar", como "arranjar, despejar, sujar, viajar, aleijar, almejar etc.". Veja:

- arranjar → arranje, arranjes, arranje, arranjemos, arranjeis, arranjem.
- despejar → despeje, despejes, despeje, despejemos, despejeis, despejem.

2.3.5 EMPREGO DA LETRA "H"

A princípio, é preciso dizer que a letra H, em início e fim de vocábulo, não representa fonema em nossa língua. Funciona com mero símbolo gráfico,

mantendo-se simplesmente em razão da etimologia de muitos vocábulos. Emprega-se a letra H, portanto:

1) No início dos vocábulos em razão da etimologia:

- herói → do latim *"heros"*
- haver → do latim *"habere"*
- humano → do latim *"humanus"*
- hesitação → do latim *"haesitatione"*
- habitar → do latim *"habitare"*
- haste → do latim *"hasta"*
- hipótese → do grego *"hupóthesis"*
- hipotaxe → do grego *"hupótaksis"*

2) No final de algumas interjeições. Observe:

- ah!
- eh!
- ih!
- oh!
- puh!

3) Em compostos unidos por hífen, quando o segundo elemento possui "h" etimológico. Observe:

- pré-histórico
- super-homem
- anti-higiênico
- sobre-humano

4) Como integrante dos dígrafos "ch, nh, lh". Veja:

- chuva
- inhame
- ilha
- chaveiro
- filho
- banha

5) Por tradição, no topônimo BAHIA.

➧ **Observação**

O "H" medial que não soa não se escreve, como em "desumano, exausto, filarmônico, inábil, lobisomem, reabilitar, reaver, turboélice".

Observe agora uma lista com alguns vocábulos, em que se emprega a letra H, os quais podem gerar dúvidas.

ESCREVE-SE COM "H" INICIAL		
• hã	• Habacuque	• hagiografia
• haicai	• Haiti	• hálito
• haltere	• hangar	• harmonia
• harpa	• harpejar	• harpia
• haste	• haurir	• Havana

ESCREVE-SE COM "H" INICIAL

- Havaí
- haxixe
- hebdomadário
- hebreu
- hectare
- hediondo
- hedonismo
- Hedviges
- hélice
- hemeroteca
- hemisfério
- hemorragia
- hemorroidas
- hendecassílabo
- hepático
- heptassílabo
- hera (planta)
- herbívoro
- hermenêutica
- hermético
- hérnia
- herói
- hertziano
- hesitar
- heureca
- hexagonal
- hexágono
- hiato
- hibernal
- híbrido
- hidra
- hidrato
- hidravião
- hidrogênio
- hiena
- hierarquia
- hieróglifo
- hífen
- higrômetro
- hilaridade
- hilário
- himeneu
- hinário
- hino
- hipérbole
- hipismo
- hipocondria
- hipocrisia
- hipódromo
- hipófise
- hipopótamo
- hipoteca
- hipótese
- hirto
- hispânico
- histeria
- histologia
- hodierno
- holandês
- holofote
- homenagear
- homeopatia
- homicida
- homilia (ou homília)
- homologar
- homogeneidade
- homogêneo
- homônimo
- honesto
- honorários
- honra
- honraria
- hóquei
- horário
- horda
- horizonte
- hormônio
- horóscopo
- horripilar
- horror
- horta
- hortênsia
- horto (jardim)
- hosana
- hóspede
- hospício
- hospitalizar
- hóstia
- hostil
- hotel
- hulha
- humilde
- humor
- húmus

2.3.6 EMPREGO DA LETRA "S"

1) Na correlação ortográfica, verbos com "ND" formarão substantivos e adjetivos com "NS". Observe:

- prete**nd**er → prete**ns**ão, prete**ns**ioso, despreten**s**ioso
- suspe**nd**er → suspe**ns**ão, suspe**ns**ivo
- asce**nd**er → asce**ns**ão, asce**ns**or, asce**ns**ional
- diste**nd**er → diste**ns**ão, diste**ns**ível, diste**ns**or

2) Na correlação ortográfica, verbo com "PEL" formará substantivos e adjetivos com "PULS". Observe:

- im**pel**ir → im**puls**o, im**puls**ivo, im**puls**ão
- ex**pel**ir → ex**puls**ão, ex**puls**ivo, ex**puls**or
- re**pel**ir → re**puls**ão, re**puls**ivo
- com**pel**ir → com**puls**ão, com**puls**ivo

3) No sufixo erudito "-ense", formador de adjetivos gentílicos. Veja:

- paquistanense
- vienense
- paraense
- parisiense
- rio-grandense

4) É empregada geralmente após ditongos. Observe os inúmeros exemplos:

- aplauso
- maisena
- pouso
- Neusa
- causa
- Moisés
- Sousa
- mausoléu
- coisa
- náusea
- faisão
- lousa
- paisagem
- gêiser

5) Na conjugação dos verbos "PÔR" e "QUERER". Veja:

- Se eu quisesse; tu quisesses; ele quisesse; nós quiséssemos; vós quisésseis; eles quisessem.
- Eu pus; tu puseste; ele pôs; nós pusemos; vós pusestes; eles puseram.

6) Nos vocábulos formados pelos sufixos "-esa, -isa, -osa, -oso, -ês", os quais geralmente formam adjetivos a partir de substantivos.

- burguesa
- sacerdotisa
- marquesa
- diaconisa
- cortês
- gostoso
- orgulhosa
- papisa
- camponês
- cheiroso
- francês
- poetisa
- princesa
- amorosa

7) Nos sufixos gregos "-ase, -ese, -ise, -ose". Observe:

- catálise
- osmose
- prófase
- metamorfose
- catequese
- psicanálise
- próclise

8) Em vocábulos derivados de outros que são escritos com a letra "S". Veja:

- ausente → ausência, ausente, ausentar
- base → baseado, basear, baseamento
- casa → casar, casamento, casebre
- preso → presídio, presidiário, presidiar
- visão → visionário, visível, visionar

Segue abaixo um rol sucinto de palavras escritas com a letra "S".

ESCREVE-SE COM "S"

- abrasar
- abusão
- abusar
- abuso
- adesão
- adesivo
- agasalhar
- aliás
- alisar
- amásia
- escusável
- extasiar
- formosura
- frasear
- freguesa
- frisante
- fuselagem
- fusível
- gasoso
- gris

ESCREVE-SE COM "S"

- ambrosia
- amnésia
- analisar
- ananás
- anestesia
- anis
- apesar
- após
- aposentar
- apostasia
- apoteose
- apresar
- apresilhar
- aprisionar
- ardósia
- arrasar
- artesanato
- atrasar
- atrasado
- através
- basebol
- basílica
- besuntar
- brasa
- brisa
- camiseta
- camisola
- camponês
- casebre
- casaco
- casimira
- grosa
- groselha
- hesitar
- improvisar
- Jerusalém
- jusante
- lesar
- lesão
- lisura
- maisena
- maresia
- medusa
- misantropo
- miséria
- misericórdia
- nasal
- obesidade
- país
- paisano
- paralisar
- parisiense
- parnasiano
- pêsame
- pesquisar
- precisão
- preservar
- prosélito
- raposa
- raso
- reclusão
- rasura

ESCREVE-SE COM "S"

- casuísta
- casulo
- catalisar
- catequese
- cesariana
- cisão
- colisão
- concisão
- cortesão
- cortesia
- crisálida
- demasia
- desinência
- diaconisa
- divisor
- dose
- entrosar
- enviesar
- resina
- revés
- revisar
- sassafrás
- sinestesia
- sinusite
- sisudo
- sósia
- televisor
- torquês
- tosar
- transação
- usufruto
- usura
- vaselina
- vesícula
- viseira
- zeloso

2.3.7 EMPREGO DO DÍGRAFO "SS"

1. **Na correlação ortográfica, verbos com "CED" formarão substantivos com "CESS". Observe:**

- ceder → cessão, cessionário
- interceder → intercessão, intercessor
- exceder → excessivo, excesso
- conceder → concessão, concessivo
- aceder → acesso, acessível

2. Na correlação ortográfica, verbos com "GRED" formarão substantivos e adjetivos com "GRESS". Veja:

- agredir → agressão, agressivo, agressor, agressividade
- progredir → progresso, progressão, progressivo
- regredir → regressão, regresso, regressivo
- transgredir → transgressão, transgressor

3. Na correlação ortográfica, verbos em "PRIM" formarão substantivos e adjetivos com "PRESS". Observe:

- comprimir → compressão, compressivo
- exprimir → expressão, expressivo
- imprimir → impressão, impressor
- oprimir → opressão, opressor
- reprimir → repressão, repressor
- deprimir → depressão, depressivo

4. Na correlação, verbos terminados em "TIR" formarão substantivos e adjetivos com "SSÃO". Confira:

- admitir → admissão, admissível
- discutir → discussão
- repercutir → repercussão, repercussivo
- eletrocutir → eletrocussão

5. Em palavras derivadas por prefixação, cujo prefixo termina em vogal e o vocábulo se inicia por "s". Observe:

- mini + saia → minissaia
- a + salariar → assalariar
- ante + sala → antessala
- re + surgir → ressurgir
- neo + simbolismo → neossimbolismo
- a + silábico → assilábico
- anti + séptico → antisséptico
- pseudo + sufixo → pseudossufixo
- para + sífilis → parassífilis

Observe agora uma série de vocábulos em que se emprega o dígrafo "SS".

ESCREVE-SE COM "SS"

- acessível
- alvíssaras
- amassar
- assar
- apressar
- argamassa
- arremesso
- assear
- assédio
- asseio
- assessor
- asserção
- assoprar
- aterrissagem
- aterrissar
- avesso
- bissetriz
- bússola
- compasso
- concessão
- condessa
- confessionário
- confissão
- demissão
- depressa
- devasso
- dissensão
- dissídio
- endossar
- escassez
- escasso
- excesso
- fossa
- fossilizar
- gesso
- girassol
- imissão
- impressionar
- massagem
- massapé
- melissa
- missionário
- obsessão
- passatempo
- passeata
- pintassilgo
- possessão
- presságio
- promessa
- ressaca
- ressentir
- ressonar
- ressuscitar
- russo
- sanguessuga
- sobressalente
- sossego
- travesso
- uníssono
- vassoura
- verossímil

2.3.8 EMPREGO DO "SC"

Em muitos vocábulos, principalmente por razões etimológicas, emprega-se "SC". Geralmente são vocábulos eruditos, provenientes do latim. Observe abaixo um quadro sucinto com alguns vocábulos escritos com "SC".

ESCREVE-SE COM "SC"

- abscesso
- abscissa
- acrescer
- adolescência
- apascentar
- aquiescência
- ascendente
- ascender (subir)
- ascético (místico)
- concupiscência
- condescender
- consciência
- convalescença
- descendência
- descentralização
- discente
- discernimento
- disciplina
- efervescência
- fascículo
- fascismo
- fascínio
- florescente
- imprescindível
- incandescente
- intumescer
- irascível
- isósceles
- lascívia
- luminescência
- miscelânea
- miscigenação
- nascença
- obsceno
- oscilação
- piscina
- presciência
- prescindir
- prescindível
- recrudescer
- remanescente
- reminiscência
- renascentismo
- rescindir
- rescisão
- ressuscitar
- susceptível
- suscitar
- transcendente
- víscera
- visceral

2.3.9 EMPREGO DA LETRA "Z"

Geralmente emprega-se a letra Z:

1) Na maioria dos substantivos derivados de adjetivos. Observe:

ADJETIVO		SUBSTANTIVO DERIVADO
ácido	→	acidez
altivo	→	altivez
áspero	→	aspereza
baixo	→	baixeza
certo	→	certeza
belo	→	beleza
claro	→	clareza
delicado	→	delicadeza
embriagado	→	embriaguez
escasso	→	escassez
estúpido	→	estupidez
flácido	→	flacidez
fluido	→	fluidez
fraco	→	fraqueza
grande	→	grandeza
insípido	→	insipidez
largo	→	largueza
ligeiro	→	ligeireza
macio	→	maciez
mesquinho	→	mesquinhez
pálido	→	palidez
rápido	→	rapidez
singelo	→	singeleza
surdo	→	surdez
triste	→	tristeza

2) No sufixo "-IZAR" formador de verbos a partir de substantivos e adjetivos não terminados em "S". Veja:

- agon(ia) + izar → agonizar
- colon(o) + izar → colonizar
- hospital + izar → hospitalizar
- final + izar → finalizar
- suav(e) + izar → suavizar
- símbol(o) + izar → simbolizar
- fiscal + izar → fiscalizar
- cristal + izar → cristalizar
- capital + izar → capitalizar
- amen(o) + izar → amenizar
- ideal + izar → idealizar
- modern(o) + izar → modernizar
- canal + izar → canalizar
- civil + izar → civilizar
- harmoni(a) + izar → harmonizar
- universal + izar → universalizar
- divin(o) + izar → divinizar
- formal + izar → formalizar

➡ Observações:

a) Os substantivos derivados dos verbos acima (com o sufixo "-IZAÇÃO") também são escritos com "Z".

- suavização
- modernização
- formalização
- agonização
- finalização
- capitalização
- colonização
- fiscalização
- idealização
- harmonização

b) Se o vocábulo finalizar com a letra "S", acrescenta-se tão somente o sufixo "-AR". Observe:

- a + lis(o) + ar → alisar
- avis(o) + ar → avisar
- pesquis(a) + ar → pesquisar
- catális(e) + ar → catalisar
- anális(e) + ar → analisar
- fris(o) + ar → frisar
- pis(o) + ar → pisar
- divis(a) + ar → divisar

c) Para a regra acima, temos uma exceção: o verbo "catequizar" - escrito com "Z" - que é derivado do substantivo "catequese" - escrito com a letra "S".

3) Nos verbos terminados em "-UZIR" e nas suas conjugações:

- conduzir → conduz, conduziu, conduzirá
- deduzir → deduz, deduziu, deduzirá
- produzir → produz, produzia, produziria

2.3.10 "-ZINHO" OU "-SINHO"

Em português, geralmente se fazem confusões, na formação do diminutivo de alguns vocábulos, quanto ao emprego das letras "Z" e "S". Primeiramente, convém dizer que o sufixo para o diminutivo em português é, em geral, o "-INHO". Para usá-lo corretamente, atente para as seguintes orientações:

a) **Quando o vocábulo finalizar em "S" ou em "Z", acrescentar-se-á tão somente o sufixo "-INHO". Observe:**

- raiz + inha → raizinha
- lápis + inho → lapisinho
- ros(a) + inha → rosinha
- Luís + inho → Luisinho
- chinês + inha → chinesinha
- nariz + inho → narizinho
- Teres(a) + inha → Teresinha
- as(a) + inha → asinha
- princes(a) + inha → princesinha
- mes(a) + inha → mesinha

b) **Quando o vocábulo não termina nem em "S" nem em "Z", usa-se a consoante de ligação "Z" entre o vocábulo e o sufixo indicador do diminutivo. Veja:**

- amor + z + inho → amorzinho
- flor + z + inha → florzinha
- café + z + inho → cafezinho
- pai + z + inho → paizinho
- só + z + inho → sozinho
- João + z + inho → Joãozinho
- anel + z + inho → anelzinho
- mar + z + inho → marzinho
- mão + z + inha → mãozinha
- pé + z + inho → pezinho
- Maria + z + inha → Mariazinha
- homem + z + inho → homenzinho

➡ **Observações:**

a) **Perceba que, na última regra, a letra "Z" funciona como consoante de ligação entre o final do vocábulo e o sufixo "-inho(a)", já que os vocábulos sem ela seriam cacofônicos, malsoantes.**

b) **Com certos vocábulos, admitem-se duas grafias. Observe:**

- colherzinha ou colherinha
- hominho ou homenzinho
- dentinho ou dentezinho
- gavetinha ou gavetazinha
- montinho ou montezinho
- florzinha ou florinha
- ovinho ou ovozinho
- campinho ou campozinho
- mulherinha ou mulherzinha
- pastorinho ou pastorzinho

Observe abaixo uma tabela com vocábulos escritos com a letra "Z".

ESCREVE-SE COM "Z"

- abalizar
- acidez
- agonizar
- ajuizar
- alazão
- algazarra
- algoz
- alteza
- altivez
- amenizar
- amortizar
- apaziguar
- aprazível
- aridez
- assaz
- avestruz
- azar
- azedar
- azeitona
- azucrinar
- baixeza
- baliza
- bambuzal
- bezerro
- buzina
- capataz
- capuz
- chafariz
- cizânia
- embriaguez
- escassez
- espezinhar
- estupidez
- falaz
- fineza
- flacidez
- frigidez
- fugaz
- gazear
- geratriz
- gozo
- indenizar
- intrepidez
- lambuzar
- lhaneza
- loquaz
- mazela
- mazurca
- morbidez
- nudez
- ozônio
- perdiz
- prazerosamente
- prenhez
- quizila
- rapaziada
- razoável
- revezar

ESCREVE-SE COM "Z"

- coalizão
- conduzir
- contemporizar
- contumaz
- copázio
- coriza
- cozer (cozinhar)
- desazo (descuido)
- desfaçatez
- deslizar (mas alisar)
- deslize
- dizimar
- eficaz
- sagaz
- seduzir
- surdez
- topázio
- varizes
- vazante
- verniz
- vileza
- vizinho
- xadrez
- ziguezague

2.3.11 EMPREGO DA LETRA "X"

a) Por questões etimológicas, emprega-se o "X" com o som de "S" em vocábulos como:

- expor
- sexta
- êxtase
- sextilha
- auxiliar
- contexto
- próximo
- sintaxe
- extenso
- expectativa
- texto
- aproximar
- extrato
- expor
- têxtil

b) Emprega-se geralmente a letra "X" após ditongo. Veja:

- baixo
- queixada
- eixo
- caixa
- peixe
- seixo
- deixar
- gueixa
- frouxo
- feixe

Exceção: Os vocábulos "guache" e "caucho" – e seus derivados, como "recauchutar, recauchutagem" – são escritos com "CH".

c) Geralmente após a sílaba "me" inicial da palavra emprega-se a letra "X". Observe:

- mexerico
- mexida
- mexerucar
- mexilhão
- mexedor
- mexe-mexe
- mexerica
- mexeriqueiro
- mexicano
- mexeriquice

Exceção: O vocábulo "mecha" e seus derivados "mechado, mechagem, mechar".

d) Após a sílaba inicial "en" geralmente se emprega a letra "X". Observe:

- enxada
- enxugar
- enxovalhar
- enxaguar
- enxergar
- enxame
- enxaqueca
- enxaimel
- enxofre
- enxerido
- enxadrezar
- enxertar
- enxoval
- enxurrada
- enxaguada

Exceções: Os vocábulos "encher" (e seus derivados) e enchova (= peixe) são escritos com "CH". Ocorrerá também uma exceção quando o prefixo "en-" for anexado a um vocábulo iniciado por "CH", como "enchiqueirar, encharcar, enchumaçar etc.".

Observe abaixo uma tabela com alguns vocábulos escritos com a letra "X".

ESCREVE-SE COM "X"

- abacaxi
- almoxarife
- atarraxar
- baixada
- baixela
- bexiguento
- broxa (pincel)
- maxixe
- oxalá
- praxe
- puxar
- puxão
- Quixote
- relaxar

ESCREVE-SE COM "X"

- bruxulear
- buxo (arbusto)
- caixeiro
- caixote
- capixaba
- caxumba
- coxinilho
- elixir
- enfeixar
- enxada
- enxaqueca
- faxina
- feixe
- graxa
- gueixa
- lagartixa
- laxativo
- lixa
- luxúria
- macaxeira
- remexer
- repuxo
- rixa
- rouxinol
- taxa (imposto)
- trouxa
- vexame
- xá (título de nobreza)
- xadrez
- xampu
- xeque (chefe árabe)
- xereta
- xícara
- xilindró
- xilofone
- xingar
- Xingu
- xiquexique
- xodó

Não se esqueça de que, em muitos vocábulos, a letra "X", quando usada no final do vocábulo ou quando empregada entre duas vogais (intervocálica), representa o fonema "KS". Observe a tabela:

LETRA "X" COM O SOM DE "KS"

- afluxo
- amplexo
- anexar
- asfixiar
- asfixiante
- látex
- léxico
- lexicografia
- Marx
- marxismo

LETRA "X" COM O SOM DE "KS"

- axioma
- boxe
- caquexia
- clímax
- complexo
- conexão
- convexo
- córtex
- crucifixo
- dislexia
- doxologia
- dúplex
- fixação
- fixo
- flexionar
- fluxo
- genuflexão
- heterodoxia
- hexacampeão
- intoxicar
- máxime
- nexo
- ônix
- ortodoxia
- oxidar
- óxido
- oxigênio
- paradoxal
- perplexo
- profilaxia
- reflexão
- refluxo
- saxão
- saxofone
- sexagésimo
- sexo
- tórax
- tóxico
- toxicologia
- uxoricida

Em alguns outros vocábulos, a letra "X" representará o fonema "Z". Observe abaixo:

LETRA "X" COM O SOM DE "Z"

- exagero
- exalar
- exame
- exasperar
- executar
- exemplo
- existir
- êxito
- êxodo
- exonerar
- exorcismo
- exortar

LETRA "X" COM O SOM DE "Z"

- exegese
- exercer
- exercício
- exército
- exibir
- exigir
- exíguo
- exilar
- exótico
- exuberância
- exultar
- exumar
- inexistente
- inexorável

2.3.12 EMPREGO DO DÍGRAFO "CH"

Geralmente se usa o dígrafo "CH" por razões etimológicas. Há inúmeras palavras provenientes do latim, do francês, do espanhol e do italiano as quais são escritas com o dígrafo "CH". Podemos citar, a título de exemplo, os vocábulos "chave, cheirar, chuva" (do latim); brocha, chalé, chefe, mochila (do francês e do espanhol); charlatão, salsicha, espadachim (do italiano).

Abaixo segue uma tabela com alguns vocábulos escritos com "CH".

ESCREVE-SE COM "CH"

- Anchieta
- apetrecho
- belchior
- bochecha
- bochecho
- boliche
- bombacha
- brocha (prego)
- broche
- bucha
- bucho (estômago)
- churrasco
- chuteira
- cochichar
- cochicho
- cocho (recipiente)
- colcha
- concha
- coqueluche
- deboche
- despachar
- encher

ESCREVE-SE COM "CH"

- cachaça
- cachimbo
- cachola
- capuchinho
- capucho
- cartucho (cápsula)
- chá (infusão de folhas)
- chácara
- chafariz
- charco
- charque
- cheque (ord. pagamento)
- chimarrão
- chiste
- chuchu
- chucrute
- chutar
- chumaço
- espichar
- estrebuchar
- fachada
- ficha
- guache
- inchar
- machucar
- mochila
- pachorra
- pecha
- pechincha
- rachar
- salsicha
- tacha (mancha)
- tachar (acusar)

2.3.13 EMPREGO DA LETRA MAIÚSCULA E DA MINÚSCULA

Um ponto bastante interessante em nossa língua é o emprego das letras minúsculas e maiúsculas. Embora seja pouco explorado pelas bancas dos concursos, este assunto é bastante útil para o usuário da língua, notadamente para aqueles que trabalham frequentemente com a língua escrita.

Para uma orientação mais segura, procuramos pautar as regras abaixo no Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, edição de 2009, sem exclusão de outras regras óbvias e bastante usuais.

2.3.13.1 Letras maiúsculas

É de praxe o emprego da letra maiúscula:

1) No início de frases, orações ou períodos, versos, citações diretas e logo após o ponto final. Veja:

- "Disse o padre Antônio Vieira: "Estar com Cristo em qualquer lugar...".
- "Longe do estéril turbilhão da rua,
  Beneditino, escreve! No aconchego
  Do claustro, na paciência e no sossego,
  Trabalha, e teima, e lima, e sofre, e sua!
  Mas que na forma de disfarce o emprego
  Do esforço; e a trama viva se construa
  De tal modo, que a imagem fique nua,
  Rica mas sóbria, como um templo grego."
  (Olavo Bilac)

➾ **Observação:**

Muitos poetas usam, à moda espanhola, a minúscula no princípio de cada verso, quando a pontuação o permite, como se vê abaixo em Carlos Drummond de Andrade:

- "É quando, ao despertar, revejo a um canto
  a noite acumulada de meus dias,
  e sinto que estou vivo, e que não sonho."

2) Nos substantivos próprios de qualquer espécie (antropônimos: nomes de pessoas, alcunhas, patronímicos, cognomes, tribos e castas, seres mitológicos e fabulosos; topônimos: nomes de lugares, cidades, países; designação de comunidades religiosas e políticas).

- João da Silva
- Dom Quixote
- Dom Casmurro
- Branca de Neve
- Sigmund Freud
- Recife
- Palmares
- Atlântida
- Hespéria
- Ruanda
- Brasil
- Olinda
- os Pirineus
- Alá
- Jeová
- Testemunhas de Jeová
- Vênus
- Júpiter
- Baco
- Igreja Católica
- Nação
- Estado
- Pátria
- Raça

➾ **Observações:**

a) Os vocábulos "Nação, Estado, Pátria, Raça" devem ser escritos com minúscula quando forem empregados em sentido geral ou indeterminado.

- "O único expediente regular (para revogar uma lei que não se acha de acordo com as necessidades de uma **nação**) é o remédio que pode provir do Poder Legislativo." (Rui Barbosa)
- "Também me ocorreu aceitar a batalha, no sentido natural, e fazer dela a luta pela **pátria**, por exemplo." (Machado de Assis)

b) Os substantivos que designam os nomes dos países, estados e cidades devem ser grafados com letra maiúscula, mas seus povos escrevem-se com inicial minúscula, não só quando designam os habitantes ou naturais daquele lugar, mas também quando representam coletivamente uma nação, um povo. Observe:

- o Brasil → os brasileiros
- a Rússia → os russos
- Palmares → os palmarenses
- a Bahia → os baianos
- Pernambuco → os pernambucanos
- a Venezuela → os venezuelanos

3) Nos nomes de festas e festividades. Veja:

- Natal
- Páscoa
- Ramadão
- Todos os Santos

4) Nos nomes que designam a divindade. Observe:

- o Altíssimo
- o Onipotente
- o Todo-Poderoso
- o Criador
- o Rei dos reis

5) Nos pontos cardeais ou equivalentes, quando empregados absolutamente, isto é, quando empregados em referência à região. Observe:

- o Nordeste, por nordeste do Brasil
- Meio-Dia, pelo sul da França
- o Norte, por norte de Portugal
- o Ocidente, por ocidente europeu

6) Nos títulos de jornais e periódicos, que retêm o itálico. Observe:

- *O Estado de São Paulo*
- *Jornal do Commercio*
- *Zero Hora*
- *Diário da Manhã*
- *Folha de São Paulo*
- *O Primeiro de Janeiro*

7) Em siglas, símbolos ou abreviaturas internacionais ou nacionalmente reguladas com maiúsculas. Veja:

- VOLP
- FAO
- CPF
- H2O
- Sr.
- V. Ex.ª.
- ONU

8) Nos nomes próprios de eras e de acontecimentos históricos, e épocas notáveis. Observe:

- Segunda Guerra Mundial
- Renascimento
- Idade Média
- Revolução Industrial

9) Nos nomes de repartições, corporações ou agremiações e estabelecimentos públicos ou particulares. Observe:

- Ministério das Relações Institucionais
- Academia Pernambucana de Letras
- Universidade Federal do Rio de Janeiro
- Departamento de Defesa
- Imprensa Nacional
- Presidência da República

2.3.13.2 Letras minúsculas

É de regra empregar-se a letra minúscula:

1) Ordinariamente, em todos os vocábulos da língua portuguesa nos usos correntes para os quais não haja a obrigatoriedade da letra maiúscula.

2) Nos nomes dos dias, dos meses e das estações do ano. Veja:

- segunda-feira
- março
- sábado
- primavera
- janeiro
- verão

3) Nos usos dos pronomes indefinidos "fulano, sicrano e beltrano".

4) Depois do sinal de dois-pontos quando não se tratar de nome próprio ou de citação direta. Observe:

- Só desejo uma coisa em minha vida: paz.
- Bêbado, ele apenas dizia isto: que a vida não vale a pena.
- Sempre foi um homem de bem: auxiliava em todos os abrigos do município.

5) Nos nomes próprios tomados comuns por sinédoque. Observe:

- Ele foi um judas para a turma.
- Agia como um dom-quixote.
- Rui era o cristo da sala.

6) Nos nomes de festas populares ou pagãs. Veja:

- carnaval
- as bacanais
- micareta
- as saturnais
- as festas juninas

2.3.13.3 Emprego facultativo da letra maiúscula e da minúscula

Pode-se empregar tanto a letra maiúscula quanto a minúscula nos seguintes casos:

1) Em palavras usadas na categorização de logradouros públicos, de templos e de edifícios. Observe:

- Rua ou rua Joaquim da Lapa
- Edifício ou edifício Copan
- Igreja ou igreja Presbiteriana
- Avenida ou avenida Agamenon Magalhães
- Largo ou largo de São Francisco
- Palácio ou palácio da Cultura

2) Nos nomes, adjetivos, pronomes e expressões de tratamento ou reverência. Veja:

- Santa ou santa Ifigênia
- Bacharel ou bacharel João Carlos
- Cardeal ou cardeal Bembo
- Governador ou governador Eduardo Campos
- Senhor Doutor ou senhor doutor Antônio Carlos Resende
- Padre ou padre Ferdinando Marques

3) Nos nomes que designam domínios do saber, cursos, disciplinas e formas afins. Veja:

- Português ou português
- Belas Artes ou belas artes
- Letras Clássicas ou letras clássicas
- Matemática ou matemática
- Filosofia ou filosofia
- línguas e literaturas modernas ou Línguas e Literaturas modernas

4) Nos títulos que compõem uma citação bibliográfica, exceto no primeiro vocábulo e naqueles obrigatoriamente grafados com maiúscula.

- Menino de Engenho ou Menino de engenho

- Árvore e Tambor ou Árvore e tambor
- O Crime do Padre Amaro ou O crime do padre Amaro
- Memórias Póstumas de Brás Cubas ou Memórias póstumas de Brás Cubas

2.3.14 ABREVIATURAS

Em nossa língua portuguesa, certas palavras e locuções, em vez de serem escritas por extenso, são muitas vezes indicadas somente com as iniciais seguidas de ponto ou com as iniciais e mais um número reduzidíssimo de letras seguidas de ponto. Dá-se às palavras e expressões assim representadas o nome de "abreviaturas".

A escrita das abreviaturas geralmente segue algumas orientações. Vejamo-las:

1) Nas abreviaturas, as letras são frequentemente substituídas por ponto. Este, por sua vez, geralmente só é colocado após a primeira consoante ou após o primeiro encontro consonantal. Perceba:

- f. (feminino)
- Fr. (Frei)
- adj. (adjetivo)
- dipl. (diploma)
- compl. (complemento)

➡ Observação:

Algumas abreviaturas modernas empregam o ponto depois de vogal. Veja:

- ago. (agosto)
- litu. (lituano)
- anu. (anuário)
- memo. (memorando)
- Ci. (Ciência)

2) As abreviaturas de símbolos científicos (medidas, pesos, distâncias etc.) são escritas sem ponto e sem a letra "s" para indicar o plural. Veja:

- g (grama)
- m (metro)
- kg (quilograma)
- Km (quilômetro)
- cm (centímetro)
- min (minuto)
- K (potássio)
- l (litro)
- sen (seno)
- h (hora)

3) Algumas abreviaturas mantêm a(s) última(s) letra(s) do vocábulo postas acima das outras. Observe:

- C.^{el} (Coronel)
- Rem.^{te} (remetente)
- Exma (Excelentíssima)
- V. Ex.ª (Vossa Excelência)

4) Geralmente, quando se deseja expressar o plural de uma abreviatura, acrescenta-se tão somente a letra "s". Observe:

- caps. (capítulos)
- Dr.as (doutoras)
- fls. (folhas)
- págs. (páginas)

➭ **Observações:**

a) Quando a abreviatura é formada por letras maiúsculas, duplicam-se essas letras para se expressar o plural. Logo:

- SS.AA (Suas Altezas)
- VV.MM (Vossas Majestades)
- VV.PP. (Vossas Paternidades)

b) Em alguns casos, a duplicação das maiúsculas pode representar superlativos. É o caso de:

- DD (Digníssimo)
- MM (Meritíssimo)
- SS (Santíssimo)

5) O acento gráfico, quando houver, deve ser mantido se recair antes do ponto abreviativo. Veja:

- séc. (século)
- anún. (anúncio)
- mús. (música)
- pág. (página)
- Fís. (Física)
- Quím. (Química)
- téc. (técnica)
- núm. (número)
- côv. (côvado)
- gên. (gênero)

Observe abaixo um rol sucinto com algumas abreviaturas bastante usuais na escrita portuguesa:

a.C ou A.C. = antes de Cristo	A/C = ao(s) cuidado(s)
A.D. = anno Domini (ano do Senhor)	adj. = adjetivo
ad. lit. = ad litteram (ao pé da letra, literalmente)	adv. = advérbio
Aeron. = aeronáutica	Ah = Ampère hora
a.m. = *ante meridiem* (antes do meio-dia)	A.M. = ave-maria
am.º = amigo	ap. ou apart. = apartamento
ár. = árabe	arc.º = arcebispo
asp. ou asp.^{te} = aspirante	assoc. = associação

ativ. = atividade	at.^{o} = atento ou atencioso
at.^{te} = atenciosamente	A.T. = Antigo Testamento
banc. = bancário	B.^{el} = bacharel
B.^{eis} = bacharéis	B.O. = boletim de ocorrência
bras. = brasileiro ou brasileirismo	Bras. = Brasil
cap. = capitão	Cap. = Capital
C.el ou C.^{el} = coronel	Cia. ou C.^{ia} = companhia
Col.^{o} = colégio	Corresp. = correspondência
d.C. ou D.C. = depois de Cristo	DD. = digníssimo
Dec. = Decreto	diác. = diácono
dic. = dicionário	div. = divisão
Dr. = doutor	Drs. = doutores
Dr.^{a} = doutora	Dr.^{as} = doutoras
Ed. = edição	E.D. = espera deferimento
el. = elemento	espec. = especial
etc. = *et cetera*	Ex.ª = Excelência
f., fl. ou foi. = folha	fls. ou fols. = folhas
flex. = flexão	F.^{o} = filho
g = grama(s)	g. ou gr. = grau(s)
gen. = general	h = hora(s)
ib. ou ibid. = *ibidem* (no mesmo lugar)	i.e. = *id est* (isto é)
Il.^{ma} = ilustríssima	Il.^{mo} = ilustríssimo
Juríd. = jurídico	Kg = quilograma
lit. = *litteratim* (literalmente)	min = minuto(s)
m = metro(s)	mons. = monsenhor
N.T. = Novo Testamento	P.S. = *post scriptum* (pós-escrito)
seg = segundo(s)	seg. = seguinte
v. = você, veja, verbo, volume	*v.g.* = *verbi gratia* (por exemplo)
V.T. = Velho Testamento	

2.4 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (FCC) Está correta a grafia de todas as palavras do seguinte comentário sobre o texto:

a) Uma das iniciativas encontornáveis da cidadania está em se ezercer a consciência crítica, aplicada aos fatos da realidade.

b) Recusando os privilégios dos que se habituaram a viver em grupos autônomos, o texto propõe o acesso de todos a todas as instâncias sociais.

c) Ninguém deve se ezimir de cobrar do Estado a prezervação do princípio de igualdade como um direito básico da cidadania.

d) Constitue dever de todos manter ou readquirir a crença em que seja possível a vijência social dos princípios da igualdade e da solidariedade.

e) O que se atribue a um cidadão, como direito básico, deve constituir-se em direito básico de todos os cidadãos, indescriminadamente.

2. (FCC) Há palavras cuja grafia exige correção na frase:

a) Incompreensivelmente, dá-se absoluta primazia à experiência, quando se trata do preenchimento de novas vagas.

b) Pretextando a inexperiência dos jovens pretendentes a uma vaga, os empregadores lhes oferecem estágios, com pagamento irrisório.

c) É lamentável que jovens com aptidão e vocação para o trabalho sejam rejeitados em nome de uma experiência a que não podem ter acesso.

d) Diminui paulatinamente o número de novos empregos, o que obriga os jovens candidatos a se submeterem a exigências cada vez mais rigorosas.

e) É evidente o descazo com que o mercado de trabalho trata os recém-formados, frustrando assim suas legítimas pretenções.

3. (ESAF) Assinale a opção que corresponde a erro gramatical ou de grafia.

Diante da atual mediocridade da representação política, é ***necessária(1)*** *a participação e a organização da sociedade, operando uma profunda mudança em nossa cultura política.* ***Quanto maior(2)*** *o individualismo, mais frágeis são os governos. As regras formais constitucionais não são suficientes para* ***freiar(3)*** *os vícios* ***exacerbados(4)*** *pelo poder. As organizações da sociedade devem ter o póder de vigiar e cobrar prestação de contas. Por isso, em vez de desacreditar da política, devemos agir em corresponsabilidade, com coragem, lucidez e* ***discernimento(5)*** *num grande mutirão para abrir caminho para um país democrático, justo, desenvolvido e pacífico.*

(Adaptado de Dom Geraldo Majella, cardeal Agnelo, Folha de S. Paulo, 21/6/2005)

a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

4. (FCC) Está correta a grafia de todas as palavras da frase:

a) Malediscente como sempre, não deixa de proferir injúrias, manifestando, além da hostilidade, uma extraordinária vocação para provocar a cisânia entre seus desafetos.

b) Diante de nossa relutância, propôs que fôssemos com ele ao supermercado, emprendêssemos, de modo alheatório, uma pesquisa de preços, e os comparássemos aos da feira.

c) Como não conta com nenhum para-raios, o povoado se alarma tão logo comece a trovejar: na última tempestade, a inscidência de descargas elétricas foi a maior da região.

d) Será necessário intensificar a assistência aos pescadores, por ocasião da reversão das águas do rio – operação esta que certamente beneficiará as hidrelétricas, mas que poderá levar muitos à indigência.

e) Os maltratos recebidos afetaram-na tão profundamente que ela não consegue relaxar: ficaram-lhe os resquícios de um trauma familiar que dificilmente superará sem os subssídios de um tratamento especializado.

5. (FCC) Estão corretos o emprego e a grafia de todas as palavras da frase:

a) É costume discriminar-se os jovens, e a razão maior está em serem jovens, e não em alguns de seus hábitos que fossem em si mesmos perniscíosos.

b) A encorporação de um novo léxico é uma das consequências de todo amplo avanço tecnológico, já que este indus à criação ou recriação de palavras para nomear novos referentes.

c) Um pequeno glossário, capaz de elucidar a nova terminologia da informática, contribui muito para afastar os percalços do caminho dos usuários iniciantes, aturdidos com tanta novidade.

d) Os maus-entendidos são fatais quando ainda não se tem destreza numa nova linguagem, quando ainda não se está familiarizado com um novo vocabulario.

e) Muita gente letrada e idosa aderiu ao uso do computador, considerando-o não um sinal do apocalípse, mas uma ferramenta revolucionária na execução de tarefas, um instrumento útil para qualquer pesquizador.

6. (ESAF) Assinale o trecho do texto que apresenta erro gramatical.

Machado de Assis – Um gênio Brasileiro, de Daniel Piza

a) Na apresentação da biografia de Machado de Assis (1839-1908), o jornalista Daniel Piza observa que o autor foi, ao mesmo tempo, uma expressão de sua época e uma exceção a ela.

b) Em seus contos e romances, ele deixou um retrato acurado do Rio de Janeiro do século XIX, mas sua crítica ácida à sociedade brasileira nem sempre foi percebida pelos seus contemporâneos.

c) Piza busca demonstrar que Machado era muito diferente do protagonista de seu último romance, *Memorial de Aires*.

d) O escritor não tinha "tédio a controvérsias", pois, na verdade, participou dos grandes debates públicos de sua época.

e) A ascenção social do mulato no Brasil escravista e a epilepsia estão entre os aspectos de sua vida examinados no livro.

(Adaptado de Revista VEJA, 28 de dezembro de 2005, p. 196)

7. (ESAF – SEFAZ/CE 2007 – Aud. Fiscal) Assinale a opção que contém erro de grafia ou inadequação vocabular. (Artigo extraído, com modificações, do Estatuto dos Funcionários Públicos Civis do Estado do Ceará).

   Art. 192 – O funcionário deixará de cumprir ordem de autoridade superior quando:

   a) a autoridade de quem emanar a ordem for incompetente;

   b) não se contiver a ordem na área da competência do órgão a que servir o funcionário seu destinatário, ou não se referir a nenhuma das atribuições do servidor;

   c) for a ordem expendida sem a forma exigida por lei;

   d) não tiver a ordem como causa uma necessidade administrativa ou pública, ou visar a fins não estipulados na regra de competência da autoridade da qual promanou ou do funcionário a quem se dirige;

   e) a ordem configurar abuso ou excesso de poder ou de autoridade;

   (http://www.al.ce.gov.br/publicacoes/estatutocivis/estatuto/capitulo_2_t6.htm, pesquisa em 20/10/2006)

8. (FCC – TRT 23.ª região – Analista Judiciário) Estão corretos o emprego e a grafia de todas as palavras da frase:

   a) A corrupção só se extingue ou diminue quando os justos intervêm para que as boas causas prevalesçam.

   b) Os homens que usufruem de vantagens a que não fazem jus cultivam a hipocrisia de propalar discursos moralizantes.

   c) Contra tantos canalhas audases há que haver a reação dos que têm a probidade como um valor inerente ao exercício da cidadania.

   d) Há uma inestricável correlação entre a apatia dos bons cidadãos e a desenvoltura com que agem os foras-da-lei.

   e) Deprende-se que houve êxito das iniciativas dos homens de bem quando os prevaricadores sentiram cerceada sua área de atuação.

9. (CESGRANRIO – BNDES) O substantivo derivado do verbo está grafado *INCORRETAMENTE* em

   a) ascender: ascensão.

   b) proteger: proteção.

   c) catequizar: catequeze.

   d) progredir: progressão.

   e) paralisar: paralisia.

10. (FGV – Ministério da Cultura) As dificuldades gráficas constituem um grande entrave à boa comunicação escrita, podendo gerar desvios da intenção de comunicação original.

    Assinale a alternativa em que não haja inconsistência gráfica ou semântica.

    a) Ele mora há cerca de dez minutos do Centro.

    b) Votamos naquele presidente, pois suas ações viriam ao encontro de nossas expectativas.

c) Como tinha corrido muito, chegou espavorido ao trabalho.
d) Embora fosse importante, o evento passou desapercebido.
e) O mandado do deputado será suspenso.

GABARITO

1 – B	2 – E	3 – C
4 – D	5 – C	6 – E
7 – C	8 – B	9 – C
10 – B		

CAPÍTULO 3

ACENTUAÇÃO

3.1 ORTOFONIA

Denomina-se de "**ortofonia**" a parte da Gramática Normativa que trata da correta pronúncia dos vocábulos. Divide-se em "ortoépia ou ortoepia" e "prosódia".

3.1.1 ORTOÉPIA OU ORTOEPIA

Como divisão da *ortofonia*, a **ortoépia** ou **ortoepia** estuda a correta enunciação dos fonemas (vogais e consoantes) no interior de uma palavra, segundo os padrões da língua culta.

No Brasil, a questão da pronúncia correta ainda é um grande problema, pois não possuímos uma "pronúncia-padrão", fato que ocasiona alguns ruídos comunicativos no território nacional. Não raro, ouvimos alguém pronunciando "bandeija, beneficiência, carangueijo, advinhar, desinteria, impecilho" dentre outros vocábulos igualmente errados.

Cumpre, por isso, assinalar que a correta pronúncia dos vocábulos em nossa língua depende de:

a) uma clara emissão das vogais;
b) uma nítida e exata articulação das consoantes;
c) uma acertada pronúncia da sílaba tônica do vocábulo.

Por isso, a Gramática Normativa dispõe um capítulo inteiro para o estudo de uma série de vocábulos, buscando orientar o estudante da língua a evitar muitos erros. Abaixo, listamos alguns vocábulos frequentemente usados, que podem trazer dúvida para o usuário da língua pátria.

Alerta! Sugiro que leia a tabela abaixo mais de uma vez. Tente apreender a pronúncia e a escrita corretas desses vocábulos, pois geralmente eles aparecem em provas, notadamente nas provas de nível médio.

CERTO	ERRADO
abóbora	abobra
absoluto	abissoluto
adivinhar	advinhar
admissão	adimissão
advogado	adevogado
aleijar	alejar
anteontem	antiontem
armário	armaro
bandeja	bandeija
barganha	berganha
bebedouro	bebedor
beneficência	beneficiência
bicarbonato	bicabornato
bugiganga	buginganga
bússola	bússula
cabeleireiro	cabelereiro
caranguejo	carangueijo
creolina	criolina
descarrilar	descarrilhar
destilar	distilar
disenteria	desinteria
edifício	edifiço

CERTO	ERRADO
estoura	estóra
estrangeiro	estrangero
estupro	estrupo
etimologia	etmologia
família	famílha
flagrante	fragante
frear	freiar
frustrado	frustado
garfo	galfo
ignorância	iguinorânça
lagarto	largato
louco	loco
mendigo	mendingo
meritíssimo	meretíssimo
mortadela	mortandela
muçulmano	mulçumano
paciência	paciença
pátio	páteo
pneu	peneu
pouco	poco
problema	poblema
proprietário	propietário
psicologia	pissicologia
reivindicar	reinvindicar
salsicha	salchicha
seja	seje
sequer	siquer
superstição	supertição
supetão	sopetão
umbigo	imbigo

3.1.2 ACENTUAÇÃO GRÁFICA

Indubitavelmente, o ponto mais cobrado pelas bancas de concursos em geral é, sem dúvida, a acentuação gráfica de alguns vocábulos. Antes, porém, de estudarmos as regras que regem a acentuação gráfica, vejamos algumas orientações preliminares...

1) Hoje, com o advento do Novo Acordo Ortográfico (1990), existem em português três acentos gráficos: o agudo (´), o grave (`) e o circunflexo (^). O til não é considerado um acento gráfico, senão um sinal de nasalização.

2) É importante não se esquecer de que todos os vocábulos são acentuados em português – é o chamado "**acento tônico**" (também chamado de "prosódico"), isto é, o acento que é representado pela sílaba mais forte do vocábulo: a sílaba tônica. As demais sílabas são chamadas de <u>atônicas</u> ou, simplesmente, <u>átonas</u>. Observe:

› meNIno › caDERno › almoFAda › CaruaRU › afirMAR

3) Em português, a sílaba tônica só recai na última, na penúltima ou na antepenúltima sílaba de um vocábulo. Daí os vocábulos serem classificados em três categorias:

a) **<u>oxítonos</u>** (ou agudos) → são os vocábulos cuja sílaba tônica recai na última, como em: café, timidez, papel, sutil, ruim, Nobel, condor, cateter, refém, amém, mister etc.

b) **<u>paroxítonos</u>** → são os vocábulos cuja sílaba tônica recai na penúltima, como em: amizade, beleza, austero, cível, exegese, rubrica, látex, decano, circuito, barbárie, fluido, tulipa, seniores, juniores etc.

c) **<u>proparoxítonos</u>** → são os vocábulos cuja sílaba tônica recai na antepenúltima, como em: lâmpada, ágape, álibi, pântano, ômega, êxodo, aríete, arquétipo, ínterim, horóscopo, êmbolo,

➭ **Observação:**

Em português, o conhecimento sobre a sílaba tônica do vocábulo é imprescindível para que não se cometam erros no momento de se acentuar graficamente o vocábulo quando for necessário.

Dica: Sugiro que, antes de entrar no assunto abaixo, faça uma revisão teórica sobre os encontros vocálicos: ditongos, tritongos e hiatos. Essas definições serão bastante importantes.

3.1.3 REGRAS PARA A ACENTUAÇÃO GRÁFICA

Em primeiro lugar, cumpre observar que o objetivo da acentuação gráfica é permitir que todas as palavras sejam lidas corretamente e se evitem os erros de prosódia, denominados de "silabada".

Como já dissemos, é fundamental, em primeiro lugar, identificar a sílaba tônica dos vocábulos. A partir daí, parte-se para a busca da necessidade ou não de se acentuar o vocábulo graficamente.

Vamos às regras sobre a acentuação gráfica na língua portuguesa.

3.1.3.1 Monossílabos

Regra → Em português, acentuam-se com acento agudo os monossílabos finalizados em "a, e" abertos e, com acento circunflexo os monossílabos finalizados em "e, o" fechados, seguidos ou não de "s".

a) A(S) → chá, Brás, pá, gás, más, trás, fás, zás, má.
b) E(S) → lê, crê, rês, fé, pés, dê, mês, três, rés, lés.
c) O(S) → dó, nó, vó, pó, pôs, cós, vós, nós.

3.1.3.2 Oxítonos

1.ª regra → Em português, acentuam-se com acento agudo os vocábulos oxítonos que terminam em "a, e, o" abertos, e com acento circunflexo os vocábulos que terminam em "e, o" fechados, seguidos ou não de "s".

d) A(S) → maracujá, cajá, vatapá, maracá, babá, Amapá, Macapá, Itamaracá, agá, alvará.
e) E(S) → rapé, chulé, recém, café, jacaré, dendê, cortês, português, freguês, pés, através, convés.
f) O(S) → cocoricó, trisavô, caritó, cipó, complô, propôs, judô, bisavó, cotó, mocotó, bangalô.

2.ª regra → Em português, acentuam-se com acento agudo o "e" da terminação "em" ou "ens" dos vocábulos oxítonos compostos de mais de uma sílaba.

- amém
- alguém
- reféns
- também
- vintém
- desdém
- armazém
- aquém
- Jerusalém
- parabéns
- Belém
- harém
- ninguém
- Santarém

➡ **Observação:**

Perceba que os monossílabos e os vocábulos paroxítonos terminados em "em" e "ens" não são acentuados.

- cem
- vem
- tem
- trem
- cantem
- dizem
- fazem

3.ª regra → Em português, acentuam-se com acento agudo os vocábulos oxítonos terminados nos ditongos abertos "éi, ói, éu".

a) ÉI → anéis, coronéis, papéis, réis, fiéis, bacharéis.

b) ÓI → sóis, anzóis, herói, caubói, rói, dói, dodói.

c) ÉU → céu, réu, véu, chapéu, escarcéu, fogaréu.

➡ **Observações sobre a acentuação dos oxítonos:**

a) **Perceba que os oxítonos terminados em "z, r, l, i, u" não são acentuados.**

- capaz
- funil
- abacaxi
- timidez
- caracol
- Caruaru
- feliz
- cordial
- repus
- cuscuz
- caju
- Cariri
- amar
- bambu
- vapor
- suor
- bisturi
- coronel

b) **Com base na regra de acentuação dos oxítonos, acentuam-se as formas verbais oxítonas terminadas em "a, e, o". Observe:**

- repor + o → repô-lo
- amaria + a → amá-la-ia
- dizer + os → dizê-los
- julgarão + os → julgá-los-ão
- compor + os → compô-los
- comprar + os → comprá-los

c) **Por outro lado, as formas verbais oxítonas terminadas em "i, u" não são acentuadas. Observe:**

- partir + o → parti-lo
- vendi-o
- compus + o → compu-lo
- cumpri-lo

d) Com o advento do Novo Acordo Ortográfico de 1990, não mais se acentuam os ditongos "ei, oi" dos vocábulos paroxítonos. Para ficar bem esclarecido: esses ditongos não serão acentuados quando estiverem na penúltima sílaba.

- ideia
- alcateia
- diarreia
- colmeia
- heroico
- claraboia
- paranoico
- boia
- loio
- jiboia
- estreia
- dicroico
- assembleia
- europeia
- geleia

3.1.3.3 Paroxítonos

Os vocábulos paroxítonos são acentuados de acordo com as seguintes regras:

1.ª regra → Em português, acentuam-se os vocábulos paroxítonos terminados em "ã, ãs, ão, ãos".

- ímã
- órfãs
- órgão
- órfãos
- dólmã
- ímãs

2.ª regra → Em português, acentua-se – com acento agudo quando aberta e com acento circunflexo quando fechada – a sílaba tônica dos vocábulos paroxítonos terminados em "i, is, us".

- beribéri
- íris
- bônus
- miosótis
- ônus
- tênis
- lápis
- oásis
- táxi
- ânus
- biquíni
- Vênus
- júri
- vírus

➾ Observação:

Os prefixos paroxítonos terminados em "i" não são acentuados. Observe: semi-histórico, anti-higiênico.

3.ª regra → Em português, acentuam-se os vocábulos paroxítonos terminados em "l, n, r, x, ps". Usa-se o acento agudo para "a, e, o" abertos e o acento circunflexo para "e, o" fechados.

- túnel
- fênix
- alúmen
- vômer
- córtex
- afável
- éter
- açúcar
- aljôfar
- hífen
- âmbar
- caráter
- cânon
- fênix

- bíceps
- âmbar
- tríceps
- difícil
- próton
- cônsul
- íon
- pólen
- látex
- flúor
- cóccix
- tórax
- vulnerável
- fórceps

➧ **Observação:**

Tenha muito cuidado com a acentuação das palavras "item, itens, hífen e hifens" – estes vocábulos são muito cobrados em provas de concursos. Observe que somente "hífen" recebe acento por ser uma paroxítona terminada em "n". As demais não são acentuadas porque não há regra que autorize a acentuação das paroxítonas terminadas em "ens" nem das paroxítonas terminadas em "em".

4.ª regra → Em português, acentuam-se os vocábulos paroxítonos terminados em "um, uns".

- álbum
- lábrum
- médium
- árum
- álbuns
- cécum
- médiuns
- factótum
- fórum
- nátrum
- fóruns

5.ª regra → Em português, acentuam-se com agudo ou circunflexo se a sílaba for aberta ou fechada respectivamente, os vocábulos paroxítonos terminados em ditongos orais.

- ágeis
- imóveis
- amêndoa
- Antônio
- jóquei
- variáveis
- superfície
- óleo
- pusésseis
- pênseis
- páscoa
- ginásio
- túneis
- férteis
- petróleo
- história
- régua
- Ásia
- água
- tênue
- vácuo

3.1.3.4 Proparoxítonas

Regra → Em português, acentuam-se todos os vocábulos proparoxítonos. Com acento agudo, as vogais "a, e, o" abertas. Com acento circunflexo, as vogais fechadas "e, o" e as vogais "a, e, o", quando seguidas de "m" ou "n".

Como exemplo, transcrevemos abaixo uma parte da famosa música do ilustre compositor Chico Buarque, "Construção". Observe que o último vocábulo de cada verso é formado por uma palavra proparoxítona.

"Amou daquela vez como se fosse a **última**
Beijou sua mulher como se fosse a **última**

E cada filho seu como se fosse o **único**
E atravessou a rua com seu passo **tímido**
Subiu a construção como se fosse **máquina**
Ergueu no patamar quatro paredes **sólidas**
Tijolo com tijolo num desenho **mágico**
Seus olhos embotados de cimento e **lágrima**
Sentou pra descansar como se fosse **sábado**
Comeu feijão com arroz como se fosse um **príncipe**
Bebeu e soluçou como se fosse um **náufrago**
Dançou e gargalhou como se ouvisse **música**
E tropeçou no céu como se fosse um **bêbado**
E flutuou no ar como se fosse um **pássaro**
E se acabou no chão feito um pacote **flácido**
Agonizou no meio do passeio **público**
Morreu na contramão atrapalhando o **tráfego**."

(Chico Buarque)

➧ **Observação:**

O advento do Novo Acordo Ortográfico de 1990 tem por objetivo principal uniformizar a grafia e a pronúncia entre os povos falantes do português. As palavras paroxítonas cujas vogais tônicas grafadas "e" ou "o" estão em final de sílaba e são seguidas das consoantes nasais grafadas "m" ou "n", conforme o seu timbre é aberto ou fechado nas pronúncias cultas da língua, podem receber acento agudo ou circunflexo. Podemos, então, escrever corretamente:

- acadêmico **ou** acadêmico
- fenômeno **ou** fenómeno
- cênico **ou** cênico
- fenômeno **ou** fenómeno
- gênio ou gênio
- anatômico **ou** anatómico
- gênero **ou** gênero
- cômodo ou cómodo
- gêmeo **ou** gêmeo
- Amazônia **ou** Amazónia

3.1.3.5 Acentuação dos hiatos

Antes de mais nada, é preciso saber qual a razão dos hiatos. Observe abaixo:

DITONGO	HIATO
doido	doído
cai	caí
sai	saí
contribui	contribuí
sabia	sabiá
bau	baú
saia	saía
ai	aí

Perceba que, na primeira coluna, juntamos as três letras e as pronunciamos em uma única emissão sonora (doi-, cai, sai, -bui, -bia, baú). Já na segunda coluna, pela existência do acento, pronunciamos essas mesmas sílabas em duas emissões sonoras. Percebemos, portanto, que o hiato evita que formemos o ditongo. Daí a principal razão dos hiatos: evitar processos de ditongação, ou seja, evitar que se pronuncie o conjunto das letras de uma única vez, mas separadamente.

Seguindo a regra acima, recebem acento agudo as vogais "i" e "u" tônicas dos vocábulos, seguidas ou não de "s", quando formam hiato com a vogal anterior. Observe:

- faísca
- acaraúba
- caraíba
- macaíra
- saída
- caís
- Luísa
- sanduíche
- graúdo
- saúde
- areísco
- ciúme
- maleína
- heroína
- país
- Luís
- amiúde
- raízes
- abaçaí
- aziúme
- deífico
- piracuí
- juízo
- peúga
- racaída
- baú
- absenteísmo
- babuíno
- egoísta
- jataí
- viúvo
- saía
- miúdo
- baía
- açaí
- balaústre
- jaú
- saúva
- cafeína
- timbaúba
- paraíso
- Esaú

➭ Observações sobre os hiatos:

a) Não se coloca o acento agudo no "i" e no "u" quando, precedidos de vogal que com eles não forma ditongo, são seguidos de "l, m, n, r, z" que não iniciam sílabas.

- contribuinte
- Abigail
- juiz
- constituinte
- paul
- cairmos
- retribuirdes
- ruir
- ruim
- demiurgo

b) Igualmente não se coloca o acento agudo no "i" e no "u" tônicos dos hiatos quando forem seguidos de "nh".

- rainha
- campainha
- ladainha
- abecoinha
- tainha
- ventoinha

c) Em muitas formas verbais, o "i" e o "u" figuram em hiato com a vogal anterior. Portanto, devem receber acento agudo. Observe:

- eu atraí
- tu atraíste
- eu caí
- tu caíste
- eu saí
- tu saíste
- eu saúdo
- tu saúdas
- eu contribuí
- tu contribuíste
- eu possuí
- tu possuíste

d) Os encontros vocálicos "iu" e "ui", quando precedidos de vogal, sempre formarão ditongos. Essas bases não são acentuadas. Veja:

- atraiu
- saiu
- contribuiu
- derruiu
- pauis
- caiu
- constituiu
- embaiu
- destruiu
- restituiu

e) Levam, porém, acento agudo as vogais tônicas "i" e "u" quando, precedidas de ditongo, formam hiato com a sílaba anterior, como se vê em "Piauí, teiú, teiús, tuiuiú, tuiuiús".

f) Em virtude do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, firmado em 1990, não mais recebem o acento circunflexo os hiatos tônicos "ee" e "oo". Portanto, assim devem ser escritos:

- voo
- perdoo
- coo
- deem
- abotoo
- caçoo
- enjoo
- amaldiçoo
- creem
- abençoo
- veem
- arrazoo
- leem
- doo

3.1.3.6 Acentos diferenciais

Com o advento do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, firmado em 1990, desapareceu a maioria dos acentos diferenciais. Permanecem, entretanto, os seguintes acentos diferenciais:

1) "**Pôde**" (3.ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo) para distinguir da correspondente forma do presente do indicativo "pode".

2) "**Pôr**" (forma verbal infinita) para distinguir da forma homógrafa "por" (preposição).
3) Facultativamente, pode-se grafar "**fôrma**" (substantivo) ou "**forma**" (substantivo, 3.ª pessoa do singular do presente do indicativo ou 2.ª pessoa do singular do imperativo afirmativo).
4) Facultativamente, pode-se grafar "**dêmos**" (1.ª pessoa do plural do presente do subjuntivo) para se distinguir da correspondente forma do pretérito perfeito do indicativo "**demos**".

➧ **Observação:**

Logo, os antigos acentos diferenciais, como "pára, pélo, pólo, pêra", por exemplo, não mais existem. Escreveremos, portanto, corretamente:

▹ Ela não $\underset{\text{verbo}}{\underline{\text{para}}}$ para pensar. ▹ Eu $\underset{\text{verbo}}{\underline{\text{pelo}}}$ o pelo pelo simples fato de sentir prazer.

3.1.3.7 Regra especial – verbos "ter", "vir" e seus derivados

Há uma regra para a acentuação gráfica que merece atenção à parte. Diz respeito à acentuação dos verbos "ter", "vir" e seus derivados. Tais verbos obedecem às seguintes regras:

1.ª regra → Acentua-se, com acento circunflexo, a 3.ª pessoa do plural do presente do indicativo dos verbos "ter" e "vir". Observe:

PRESENTE DO INDICATIVO VERBOS "TER" e "VIR"	
eu	tenho / venho
tu	tens / vens
ele	tem / vem
nós	temos / vimos
vós	tendes / vindes
eles	**têm / vêm**

2.ª regra → Acentua-se, com acento agudo, a 3.ª pessoa do singular e com circunflexo a 3.ª pessoa do plural do presente do indicativo dos verbos

derivados de "ter" e "vir", como "abster, ater-se, reter, deter, conter, entreter, manter, advir, convir, intervir, provir, desavir, sobrevir" etc.

Observe abaixo a conjugação de dois verbos derivados de "ter" e "vir".

PRESENTE DO INDICATIVO VERBOS "CONTER" e "PROVIR"	
eu	contenho / provenho
tu	contens / provens
ele	**contém / provém**
nós	contemos / provimos
vós	contendes / provindes
eles	**contêm / provêm**

Dica: Fique muito atento a essas duas últimas regras. Elas são muito cobradas, em concursos públicos, nas questões de concordância verbal. Portanto, a dica é "ficar ligado" no sujeito da oração, especialmente quando este sujeito for oracional, o que exigirá a concordância do verbo na 3.ª pessoa do singular.

Veja agora alguns exemplos (sublinhamos o núcleo do sujeito e destacamos o verbo):

- Todas as provas levantadas pela defesa **contêm** aspectos inconstitucionais.
- A polícia sempre **intervém** nas manifestações populares.
- De lugares abstratos certamente não **provêm** ideias sobre a vida e a existência.
- "O curso do espírito reformista no país acelera-se atualmente; e **convém** acelerá-lo." (Rui Barbosa)
- "Porque a questão, com a complexidade imanente aos fatos concretos, se **atém**, de preferência, a razões secundárias..." (Euclides da Cunha)
- "Todos os críticos se **atêm** a essa questão de metrificação." (Lima Barreto)

3.1.3.8 Considerações gerais sobre a acentuação dos vocábulos

1) Com o Novo Acordo Ortográfico, assinado em 1990, o trema deixa de existir sobre os grupos "GUE, GUI, QUE, QUI". Portanto, os vocábulos que apresentam tais ditongos devem ser escritos sem o trema. Observe:

- linguiça
- arguição
- bilíngue
- aquífero
- cinquenta
- aquicultura
- consequência
- quinquenal
- tranquilo
- quinquênio
- saguim
- equilátero
- frequência
- áqueo
- seriguela
- aguentar
- equidade
- delinquência

➧ **Observação:**

O trema apenas se conserva em palavras estrangeiras e em palavras derivadas de nomes estrangeiros, como "hübneriano, Hübner, mülleriano, Müller".

2) A mesma situação ocorreu com os grupos "GUE, GUI, QUE" de algumas formas verbais.

3) Os grupos "gue, gui, que", que aparecem com verbos como "arguir, aguar, obliquar, delinquir, enxaguar", embora apresentem a vogal tônica "u", já não mais são acentuados em virtude do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa. Veja:

- arguo, arguis, argui, arguem etc.
- delinquo, delinquis, delinqui, delinquem etc.

3) Nos advérbios terminados em "-mente", derivados de adjetivos com acento agudo ou circunflexo, estes acentos são suprimidos. Observe:

- ávido → avidamente
- hábil → habilmente
- lúcido → lucidamente
- débil → debilmente
- espontâneo → espontaneamente
- fácil → facilmente
- só → somente
- ingênuo → ingenuamente
- único → unicamente

4) Nas palavras derivadas que contêm sufixos iniciados por "z" e cujas formas de base apresentam vogal tônica com acento agudo ou circunflexo, estes acentos serão suprimidos. Observe:

- anéis → aneizinhos
- bebê → bebezinho, bebezito
- herói → heroizito
- avô → avozinho
- bênção → bençãozinha
- avó → avozinha
- café → cafezada
- lâmpada → lampadazita
- pêssego → pessegozito

3.2 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (ESAF) Assinale a opção que corresponde a erro gramatical ou de grafia de palavra.

A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio, realizada pelo IBGE, revelou **que(1)** *a renda das famílias parou de cair em 2004, interrompendo uma* **trajetória(2)** *de queda que acontecia desde 1997, e que* **houve(3)** *diminuição do grau de concentração da renda do trabalho. Enquanto a metade da população ocupada* **que(4)** *recebe os menores rendimentos teve ganho real de 3,2%, a outra metade, que tem rendimentos maiores, teve perda de 0,6%. Os resultados da PNAD mostraram, também, que o Brasil melhorou em* **ítens(5)** *como número de trabalhadores ocupados, participação das mulheres no mercado de trabalho, indicadores da área de educação e melhoria das condições de vida.*

(Trechos adaptados de **Em Questão***, Subsecretaria de Comunicação Institucional da Secretaria-Geral da Presidência da República, n. 379, Brasília, 30 de novembro de 2005)*

A) 1
B) 2
C) 3
D) 4
E) 5

2. (FJPF) As palavras **argúcia**, **é** e **carajá**, presentes no texto, acentuam-se graficamente em face das mesmas regras que justificam o acento em:

A) fichário, dá-lhe, cipó;
B) pelúcia, têm, cajá;
C) vivência, saí, cá;
D) útil, café, marajá.

3. (CESGRANRIO) O par de palavras que **NÃO** deve ser acentuado, segundo o registro culto e formal da língua, é

A) interim – polen.
B) itens – pudico.
C) juizes – prototipo.
D) economico – refem.
E) heroi – biceps.

4. (CESGRANRIO) A ausência do sinal gráfico de acentuação cria outro sentido para a palavra:

A) trânsito.
B) características.
C) inevitável.
D) infrutíferas.
E) anônimas.

5. (Unifesp) Existem várias palavras que recebem acento gráfico, de acordo com suas regras específicas. Indique a alternativa em que todas as palavras são acentuadas graficamente, segundo a mesma regra.

A) estômago, colégio, fábrica, lâmpada, inflexível.
B) Virgílio, fúria, carícias, matéria, colégio.
C) trópicos, lábios, fúria, máquinas, elétricas.
D) sério, cérebro, Virgílio, sábio, lógico.
E) Ésquilo, carícia, Virgílio, átomos, êmbolo.

6. (PUCCAMP) O texto apresenta diversas palavras em que se pode notar a presença do acento gráfico. Em algumas delas, a ausência do acento provocaria mudança de sentido.

Assinale a alternativa em que todas as palavras mudariam de sentido, caso estivessem sem acento.

A) sóbrio, história, está
B) vários, vítimas, matá-los
C) é, já, país
D) é, está, país
E) têm, matá-los, sóbrio

7. (UFRS). Considere as seguintes afirmações sobre acentuação gráfica no texto.

I – A palavra "teórica" recebe acento gráfico pela mesma regra que preceitua o uso do acento em "lúgubre".

II – Se fosse retirado o acento das palavras "só", "é" e "média", esta alteração provocaria o aparecimento de outras palavras da Língua Portuguesa.

III - A palavra "herói" é acentuada pela mesma regra de "autoritários".

Quais estão corretas?:

A) Apenas I

B) Apenas II

C) Apenas I e III

D) Apenas II e III

E) I, II e III

8. (FGV) Assinale a alternativa correta quanto à acentuação e à grafia de palavras.

A) Temas comuns, como a construção social do mercado, permitem entrevêr as possibilidades de uma saudável relação entre Sociologia e Economia, que não pode se paralizar em virtude de algumas diferenças.

B) Em um de seus estudos mais célebres, Mark Granovetter vêm demonstrar que as pessoas se ligam às outras por laços fortes e laços fracos. Por isso, é imprecindível que as pessoas consigam entender essas ligações.

C) Alguns temas revigoraram o debate entre a Sociologia e a Economia, sendo responsáveis por compôr um novo cenário. O diálogo deve basear-se nos pontos positivos e comuns e não nas excessões.

D) A falta de dialogo entre Sociologia e Economia perdurou pôr quase três séculos, mas é um quadro que parece estar mudando, sobretudo em função de fragrantes pontos em comum entre as disciplinas.

E) Em meados dos anos 1970, parece que uma leve brisa intervém na falta de comunicação entre sociólogos e economistas, que não mais hesitam em pôr em discussão assuntos inerentes às duas disciplinas.

GABARITO

1 – E	2 – A	3 – B
4 – A	5 – B	6 – D
7 – A	8 – E	

CAPÍTULO 4

SIGNIFICAÇÃO DAS PALAVRAS

Como já vimos, a palavra é o vocábulo com que expressamos uma ideia. Não é a exteriorização do pensamento, como pensam alguns; é o próprio pensamento. "Ideia" e "palavra" são, portanto, como o verso e o reverso de uma mesma moeda: não é possível conceber a existência de uma face sem a outra. Quando analisamos, por exemplo, a palavra **"leão"**, automaticamente nos vem à cabeça a ideia de um animal feroz, carnívoro, pertencente à família dos felídeos e habitante das planícies africanas. Entretanto, esta não é a única significação para a palavra "leão". A história das palavras nos mostra que elas estão sujeitas a várias mudanças não só nos elementos fonéticos de que se compõem, mas também relativamente à sua significação. Por isso, o nosso vocábulo "leão" pode também significar "indivíduo de muita força, indivíduo muito irritado, indivíduo conquistador etc.".

Ao estudo que trata dessas últimas mudanças ou variações de sentido das palavras dá-se a designação de **SEMASIOLOGIA** ou **SEMÂNTICA**.

A palavra é um som articulado, um signo sonoro que nos representa a ideia de um objeto do mundo material, ou de um fato ou de uma noção puramente abstrata. Se em nossa língua tivéssemos uma palavra para cada ideia, para cada noção, tantas seriam elas que certamente não haveria inteligência que não cedesse a peso tão esmagador. Por isso, as palavras substituem-se em seus sentidos, irradiam uns para os outros, encadeiam-se, penetram-se, usurpam os sentidos uns dos outros, auxiliam-se, fundem-se e confundem-se, às vezes, na variedade de suas significações.

4.1 DENOTAÇÃO E CONOTAÇÃO

Como primeira porta de entrada nesse vasto mundo do significado das palavras, comecemos a observá-las sob os conceitos de "**denotação**" e "**conotação**".

O **sentido denotativo** é aquele dado pelo dicionário. Na denotação o sentido é referencial, próprio, usual ou literal. Já o **sentido conotativo** é o sentido que a palavra ganha no texto por força geralmente de comparações, associações de ideias.

Denotativamente, "**águia**" é ave de rapina; conotativamente é uma pessoa de grande talento, de grande sabedoria, de grande perspicácia. "**Coração**" é órgão muscular dos animais vertebrados que bombeia o sangue para todo o corpo, quando o analisamos em seu sentido denotativo. Já em seu sentido conotativo, "**coração**" pode representar, entre outros sentidos, "a parte mais central, o âmago, a essência". Quando nos referimos a "**banca**", vem-nos, a princípio, a ideia denotativa de "mesa rústica ou improvisada", mas, quando dizemos que "a **banca** rejeitou o recurso do candidato", estamos nos referindo, conotativamente, a um conjunto de examinadores.

Em nossa língua, inúmeros são os fatores que podem alterar o significado das palavras. Vejamos alguns:

a) **a acentuação** → sábia (pessoa culta, instruída) ≠ sabiá (pássaro).
b) **o timbre** → corte (ô) (palácio) ≠ corte (ó) (incisão)
c) **o gênero** → a coral (cobra) ≠ o coral (coro musical)
d) **o número** → bem (virtude) ≠ bens (o que é propriedade de alguém)
e) **a posição / colocação** → homem grande (alto, avantajado) ≠ grande homem (ilustre, influente)
f) **a regência** → proceder de (originar-se, provir) ≠ proceder a (dar início, começar)

Dica: A conotação é um recurso expressivo amiúde usado em nossa língua. Para entender e aprofundar mais esse assunto, sugerimos o estudo do assunto "figuras de linguagem" ao final desta gramática.

4.2 HOMÔNIMOS E PARÔNIMOS

Quando comparamos as palavras em nossa língua (analogia de forma), podemos classificá-las em três grandes grupos: palavras homônimas, palavras parônimas e palavras cognatas.

4.2.1 HOMÔNIMOS

Como o próprio nome já denuncia, são homônimas (gr. homos = igual, semelhante; onyma = nome) as palavras que são iguais na escrita, na pronúncia ou na escrita e na pronúncia. Classificam-se em:

a) Homógrafos heterofônicos = são palavras iguais na escrita e diferentes no timbre ou na intensidade das vogais. Observe alguns exemplos:

- leste (verbo) ≠ leste (substantivo)
- colher (verbo) ≠ colher (substantivo)
- vede (v. ver) ≠ vede (v. vedar)
- sábia (adjetivo) ≠ sabiá (substantivo)
- cara (face) ≠ cará (tubérculo)
- apoio (verbo) ≠ apoio (substantivo)
- providencia (verbo) ≠ providência (substantivo)
- seria (verbo) ≠ séria (adjetivo)
- molho (verbo) ≠ molho (substantivo)
- jogo (verbo) ≠ jogo (substantivo)

b) Homófonos heterográficos = são palavras iguais na pronúncia e diferentes na escrita. Veja alguns exemplos:

- acético (ácido) ≠ ascético (contemplativo)
- acender (atear fogo) ≠ ascender (subir)
- acento (notação léxica) ≠ assento (lugar em que se senta)
- acerto (acordo) ≠ asserto (afirmação)
- apreçar (pôr o preço) ≠ apressar (tornar rápido)
- bucho (estômago) ≠ buxo (planta)
- cela (pequeno quarto) ≠ sela (arreio)
- cegar (tornar cego) ≠ segar (cortar, ceifar)
- cozer (cozinhar) ≠ coser (costurar)
- apreçar (pôr preço) ≠ apressar (acelerar)
- maça (arma) ≠ massa (substância)
- censo (recenseamento) ≠ senso (juízo)
- cerrar (fechar) ≠ serrar (cortar)
- cédula (bilhete) ≠ sédula (cuidadosa)

- cessão (ato de ceder) ≠ sessão (departamento)
- cerração (nevoeiro) ≠ serração (ato de serrar)
- cocho (recipiente) ≠ coxo (aleijado)
- concelho (divisão administrativa) ≠ conselho (aviso)
- empoçar (cair em poço) ≠ empossar (tomar posse)
- laço (nó) ≠ lasso (esgotado, frouxo)
- ruço (pardacento, grisalho) ≠ russo (natural da Rússia)
- tacha (nódoa, mancha) ≠ taxa (preço, tributo)

➧ **Observação:**

Alguns homônimos apresentam tanto a grafia quanto a pronúncia iguais. São chamados de "homófonos homográficos" ou "homônimos perfeitos". Observe:

- cedo (verbo) – cedo (advérbio de tempo)
- livre (adjetivo) – livre (v. livrar)
- somem (v. somar) – somem (v. sumir)

4.2.2 PARÔNIMOS

São denominados de parônimos (gr. *"para"* = próximo) os vocábulos que são diversos na significação e parecidos na forma, ou seja, eles são parecidos na escrita e na pronúncia, mas apresentam significação totalmente diversa. Muitas bancas exploram esse tipo de conhecimento na tentativa de confundir o candidato. Por isso, sugiro que leia mais de uma vez a tabela abaixo, na qual são apresentados vários parônimos.

apóstrofe (chamamento)	**apóstrofo** (sinal gráfico)
atuar (agir)	**atoar** (rebocar)
arrolhar (tapar com rolha)	**arrulhar** (produzir arrulhos)
comprimento (extensão)	**cumprimento** (saudação)
céptico (que duvida de tudo)	**séptico** (que provoca infecção)
cavaleiro (que anda a cavalo)	**cavalheiro** (gentil, cordial)
consolar (trazer consolo, aliviar)	**consular** (relativo ao consulado)
deferir (conceder)	**diferir** (adiar, divergir)
denodar (desfazer, desembaraçar)	**denudar** (descobrir, revelar)

descrição (ato de descrever)	**discrição** (reserva em atos e atitudes)
despensa (local para mantimentos)	**dispensa** (licença)
despercebido (desatento)	**desapercebido** (despreparado)
destratar (insultar)	**distratar** (desfazer)
emergir (vir à tona)	**imergir** (mergulhar)
emigrante (aquele que sai de um país)	**imigrante** (quem entra em outro país)
eminente (destacado, ilustre, elevado)	**iminente** (prestes a acontecer)
enervar (irritar, perder a força)	**enevar** (tornar branco como a neve)
enformar (pôr na forma)	**informar** (avisar, alertar)
esbaforido (ofegante)	**espavorido** (apavorado)
estofar (acolchoar)	**estufar** (encher-se, pôr na estufa)
flagrante (evidente)	**fragrante** (perfumado, aromático)
fluir (correr em estado líquido)	**fruir** (desfrutar, aproveitar)
inflação (desvalorização da moeda)	**infração** (desrespeito, violação)
infringir (transgredir)	**infligir** (aplicar)
entender (compreender)	**intender** (dirigir, administrar)
locador (proprietário)	**locatário** (inquilino)
lustre (candelabro)	**lustro** (período de cinco anos; brilho)
mugir (soltar mugidos)	**mungir** (espremer, extrair)
pear (amarrar, prender com peia)	**piar** (dar pios)
pleito (disputa)	**preito** (homenagem)
prescrever (determinar, expirar prazo)	**proscrever** (expulsar, proibir, banir)
ratificar (confirmar)	**retificar** (corrigir)
recrear (divertir)	**recriar** (criar novamente)
soar (emitir som)	**suar** (transpirar)
sustar (suspender)	**suster** (sustentar)
terço (três vezes menor)	**terso** (puro, íntegro)
treplicar (responder a uma réplica)	**triplicar** (aumentar três vezes)
vadear (passar a vau)	**vadiar** (andar à toa)
vultoso (volumoso, importante, grande)	**vultuoso** (congestão na face; inchado)

4.3 FORMAS VARIANTES

Há, em português, várias palavras que apresentam dupla grafia, isto é, podem ser escritas com mais de uma forma. Isto se dá porque o nosso Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa procura registrar (e respeitar) os usos dos diversos níveis e padrões da língua. Saliente, entretanto, que sempre uma das formas é sempre mais usual que a outra.

Portanto, são consideradas corretas ambas as grafias dos seguintes vocábulos abaixo:

- aluguel **ou** aluguer
- coisa **ou** cousa
- malvadez **ou** malvadeza
- diabete **ou** diabetes
- percentagem **ou** porcentagem
- derrubar **ou** derribar
- lacrimejar **ou** lagrimejar
- quociente **ou** cociente
- catorze **ou** quatorze
- taverna **ou** taberna
- espécime **ou** espécimen
- nambu **ou** nhambu **ou** inambu **ou** inamu
- assobiar **ou** assoviar
- louro **ou** loiro
- marimbondo **ou** maribondo
- pitoresco **ou** pinturesco
- cacaréus **ou** cacarecos
- bílis **ou** bile
- bêbado **ou** bêbedo
- chipanzé **ou** chimpanzé
- baralhar **ou** embaralhar
- remoinho **ou** redemoinho
- infarto **ou** enfarte **ou** infarte
- cota **ou** quota
- ridiculizar **ou** ridicularizar
- transpassar **ou** traspassar **ou** trespassar
- mobiliar **ou** mobilhar **ou** mobilar

4.4 COGNATOS

São denominadas de cognatas as palavras que pertencem à mesma família ou grupo morfológico, isto é, são palavras derivadas de uma mesma raiz, de um mesmo radical. Observe:

- **ferro** → ferreiro, ferragem, ferrar, ferradura, ferramenta, férreo, ferraria, aferrolhar, ferrolho
- **pedra** → pedreiro, pedregulho, pedraria, pedreiral, pedregão, pedrinha, pedrês

- **nervo** → nervosismo, nervoso, nervudo, nervura, nerval, nervado, nervino
- **terra** → terraço, terremoto, terrestre, terreiro, térreo, território, territorial, terroso, terreal, terráqueo

Além das palavras homônimas, parônimas e cognatas, quando se analisa o sentido das palavras, muitas apresentam igualdade entre os sentidos. Outras são opostas semanticamente. Daí se poder classificar também as palavras quanto ao significado em **sinônimas** e **antônimas**.

4.5 SINÔNIMOS

São palavras diversas na escrita, mas semelhantes ou idênticas na significação. Há autores que as dividem em "sinônimos perfeitos" e "sinônimos imperfeitos". Não adotamos essa classificação porque a consideramos falha, uma vez que distinguir o que é "perfeito" do que é "imperfeito" em questões semânticas é assunto assaz controvertido. Observe alguns sinônimos:

▹ olhar → ver
▹ habitar → morar
▹ cavalo → corcel
▹ colóquio → diálogo
▹ lábio → beiço
▹ cara → rosto
▹ bom → misericordioso
▹ gritar → bradar
▹ entender → compreender
▹ mortal → letal
▹ oposição → antítese
▹ bonito → belo

4.6 ANTÔNIMOS

São palavras que apresentam sentidos totalmente opostos. Observe alguns exemplos:

▹ bonito → feio
▹ alegre → triste
▹ ordem → anarquia
▹ natural → artificial
▹ simétrico → assimétrico
▹ ignorância → sabedoria

4.7 POLISSEMIA

Em nossa língua, muitos vocábulos apresentam mais de um significado, o qual só é apreendido quando se analisa o contexto. Quando isto ocorre, dizemos que o vocábulo é "polissêmico".

Inúmeros são os vocábulos polissêmicos. Observe abaixo:

a) Perceba alguns sentidos do vocábulo "manga".

▹ A **manga** da camisa está suja. (= parte da vestimenta que recobre o braço)

- Todos comeram a **manga**. (= fruta)
- A encanação precisa de uma nova **manga**. (= peça de metal nas encanações)
- A **manga** do candeeiro se queimou. (= tecido que envolve a chama nos candeeiros e lamparinas)

b) Observe agora alguns sentidos de um outro vocábulo: "prato".

- O **prato** é de porcelana. (= peça de louça em que se come)
- O **prato** está delicioso. (= comida, alimento)
- O **prato** da bateria está solto. (= instrumento musical)
- O **prato** está desequilibrado. (= concha de balança)

4.8 EXTENSÃO E COMPREENSÃO DAS PALAVRAS – HIPONÍMIA E HIPERONÍMIA

A extensão de uma palavra é a capacidade que ela tem de se estender a mais ou menos seres. Já a sua compreensão é a capacidade que a palavra nos oferece de assimilar a ideia que ela encerra. Perceber essa distinção é muito importante para a linguagem, notadamente para a construção dos períodos de um texto. Vejamos a tabela abaixo:

1.ª COLUNA – EXTENSÃO	2.ª COLUNA – COMPREENSÃO
animal	cavalo
flor	margarida
automóvel	Ferrari
homem	João
país	Brasil

Observe que os vocábulos da 1.ª coluna possuem mais extensão semântica do que os vocábulos da 2.ª coluna. Entretanto, os vocábulos da 2.ª coluna apresentam uma compreensão melhor do que os vocábulos da 1.ª coluna, pois aqueles se referem a seres e coisas específicos.

Perceba também que os termos da 1.ª coluna, por serem mais extensos, abrangem outros seres além dos especificados na 2.ª coluna. O vocábulo "animal", por exemplo, não só envolve "cavalo", mas também "elefante, leão, cabra, cachorro etc., etc.". Logo, os vocábulos da 1.ª coluna contêm os da 2.ª coluna. Dizemos, portanto, que os vocábulos da 1.ª coluna são "hiperônimos"

dos vocábulos da 2.ª coluna, que são seus "hipônimos", já que estão contidos naqueles.

É denominado de "**HIPERÔNIMO**" o vocábulo que, num processo de coesão textual (articulação textual), apresenta uma significação mais extensa, mais ampla do que o outro vocábulo com o qual se relaciona intratextualmente.

É denominado de "**HIPÔNIMO**" o vocábulo que, num processo de coesão textual, apresenta um significado menos abrangente, menos amplo do que o outro com o qual se relaciona intratextualmente.

Para melhorar o entendimento sobre **hiperonímia** e **hiponímia**, procure entender essas palavras como "gênero e espécie", "contém e está contido".

Portanto, em um texto, poderemos ter:

HIPERÔNIMO	HIPÔNIMO
poeta	Carlos Drummond
roupa	suéter
alimento	feijão
Estado	Rio Grande do Norte
profissão	Professor

4.9 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (FGV) Em que alternativa a expressão entre parênteses poderia substituir a palavra destacada, preservando o sentido original?

a) ". [...] adota como estratégia produtiva as mesmas PRERROGATIVAS da produção em série que já vigoram em outras esferas industriais [...]" (previsões)

b) " [...] existem também razões de natureza INTRÍSECA ao meio condicionando a televisão à produção seriada." (externa)

c) "Diante dessas CONTINGÊNCIAS, a produção televisual se vê permanentemente constrangida a levar em consideração as condições de recepção [...]" (contradições)

d) " [...] a produção televisual se vê permanentemente CONSTRANGIDA a levar em consideração as condições de recepção [...]" (forçada)

e) " [...] organizando a mensagem em painéis FRAGMENTÁRIOS e híbridos, como na técnica da colagem." (frágeis)

2. (PUC-SP) Observe, com atenção, nos fragmentos a seguir, as expressões em maiúsculo:

"... porque Nhô Augusto se erguia e NUM ÁTIMO se vestia."

"- ...Eu podia ter arresistido, mas era negócio DE HONRA, COM SANGUE só p'ra o dono..."

"- FEZ NA REGRA, E FEITO!"

"... as ferraduras tiniram e DERAM FOGO no lajedo..."

Aponte a alternativa que, respectivamente, substitui as expressões em maiúsculo, do ponto de vista do significado.

a) Num abrir e fechar de olhos, de pureza, com morte, fez conforme o combinado, faiscaram.

b) Em parte, de brio, com ferimento, agiu de acordo com o costume, brilharam.

c) Em curto espaço de tempo, de brio, com morte, agiu de acordo com o costume, faiscaram.

d) Em parte, de grandeza, com ferimento, desobedeceu às normas, riscaram.

e) Em curto espaço de tempo, de glória, com resistência, fez conforme o combinado, acenderam.

3. (PUCCAMP) O continente africano, que tantas vezes e por tanto tempo já foi o espelho sombrio e ESPOLIADO dos progressos da civilização ocidental, infelizmente continua SUJEITO A um processo que, no limite, resume-se a uma IMPLOSÃO CIVILIZATÓRIA.

Os termos em destaque podem ser substituídos, sem prejuízo do sentido do texto, respectivamente, por

a) despojado – vassalo – destruição do progresso.

b) herdeiro – obediente a – extinção da civilização.

c) cheio de restos – tema de – matança de toda uma civilização.

d) roubado - o agente de - devastação de todas as civilizações.

e) privado – submetido a – destruição do próprio cerne da civilização.

4. (UFMG) Em todas as alternativas, o significado das palavras destacadas está corretamente identificado, EXCETO em

a) ... esse ato não consiste numa decisão "QUE VA I E NÃO VOLTA". (que vai e não volta = sem retorno)

b) E também se desencadeia uma inter-relação entre a fonte do poder (a que criou e IMPLANTOU o imposto)... (implantou = implementou)

c) ... pois isto TAMPOUCO explica muita coisa, ou não explica nada. (tampouco = também não)

d) Antes do momento em que se exerce, ele é somente uma CONJECTURA, uma presunção, algo que se acha que vai acontecer. (conjectura = suposição)

e) Antes, tudo está sujeito a fatores no mais das vezes IMPREVISÍVEIS. (imprevisíveis = imprevidentes)

5. (UFU) Assinale a ÚNICA alternativa em que a palavra ou expressão em destaque NÃO está adequadamente interpretada de acordo com seu sentido no texto.

a) "O que existia antes, 'cruzar' animais ou plantas para criar novas raças ou HÍBRIDOS, é coisa bem diferente..." (par. 1) = mistura de espécies diferentes.

b) "(...) mostraram que larvas da borboleta monarca que se alimentam de plantas IMPREGNADAS com o pólen de um tipo de milho transgênico morrem em grandes quantidades." (par. 4)= imbuídas.

c) "(...) os alimentos modificados geneticamente irão solucionar um dos maiores problemas que AFLIGEM a humanidade, a fome." (par. 2)= atormentam.

d) " (...) essa liberdade só pode funcionar se submetida a intensa SUPERVISÃO da comunidade científica..." (par. 5)= inspeção.

6. (UNITAU) Numere a coluna com parênteses de acordo com os significados das palavras da coluna numerada a seguir:

1 – prevaricação

2 – simoníaco

3 – carisma

4 – dogma

5 – anímica

6 – decoro

7 – oligarquia

( ) dignidade, honradez

( ) força divina conferida a alguém

( ) psíquico, relativo à alma

( ) falta com o dever por interesse ou por má fé

( ) venda ilícita de coisas sagradas ou espirituais

( ) governo por poucos e poderosos

( ) ponto fundamental indiscutível de doutrina ou sistema

a) 6, 4, 1, 2, 3, 5, 7.
b) 6, 4, 2, 1, 3, 5, 7.
c) 6, 3, 5, 1, 2, 7, 4.
d) 5, 3, 6, 4, 2, 7, 1.
e) 4, 2, 5, 6, 1, 3, 7.

7. (FUVEST) A palavra SANÇÃO com o significado de RATIFICAÇÃO ocorre apenas em:

a) Aplicar SANÇÕES a grevistas não é direito nem dever de um presidente.
b) Eventual SANÇÃO do presidente à nova lei, aprovada ontem, poderá desagradar a setores de todas as categorias.
c) As SANÇÕES previstas na lei eleitoral não exercem influências significativas sobre a paixão dos militantes.
d) O novo diretor prefere SANÇÕES a diálogos.
e) O contrato prevê SANÇÕES para os inadimplentes.

8. (FUVEST) Agora os parlamentares concluem sua obra com a anuência unânime àquele dispositivo inconstitucional. ("Folha de S. Paulo", 28.08.1997,1-2)

   A paráfrase correta do texto é:

   a) A maioria dos parlamentares aprova um certo dispositivo inconstitucional.
   b) Os parlamentares, sem exceção, aprovam o dispositivo inconstitucional anteriormente mencionado.
   c) Todos os parlamentares reprovam o dispositivo inconstitucional anteriormente mencionado.
   d) A maioria absoluta dos parlamentares boicotou um certo dispositivo inconstitucional.
   e) A maioria dos parlamentares conclui sua obra com indiferença à aprovação ou não de um certo dispositivo inconstitucional.

9. (FUVEST) "Busque Amor novas artes, novo engenho"

   Assinalar a alternativa que melhor contém o significado das palavras "engenho" e "arte", no verso transcrito acima:

   a) gênio/experiência e inspiração/destreza;
   b) índole/recursos e natureza/perícia;
   c) talento/invenção e técnica/artifício;
   d) inclinação/tendência e engano/dolo;
   e) instinto/regras e discernimento/preceitos.

10. (UEL) Os pares acidente/incidente; cheque/xeque; vultoso/vultuoso; verão/estio são, respectivamente:

   a) sinônimos, homônimos, parônimos e antônimos.
   b) parônimos, homônimos, parônimos e sinônimos.
   c) parônimos, parônimos, sinônimos e sinônimos.
   d) homônimos, homônimos, parônimos e sinônimos.
   e) sinônimos, parônimos, sinônimos e antônimos.

GABARITO

1 – D	2 – C	3 – E
4 – E	5 – B	6 – C
7 – B	8 – B	9 – C
10 – B		

II

MORFOLOGIA

INTRODUÇÃO À MORFOLOGIA

Olá, caro estudante. Depois de conhecermos toda a parte fonética da gramática normativa, passaremos a estudar as palavras e os vocábulos considerando seus valores significativos. Adentraremos, portanto, ao mundo das palavras no que tange às suas estruturas e às suas formas.

Em primeiro lugar, analisaremos a estrutura e a formação das palavras na língua portuguesa. Depois, classificaremos essas palavras em suas respectivas classes e esmiuçaremos as particularidades de cada uma.

Indubitavelmente, é um conhecimento indispensável para todo aquele que deseja compreender, um pouco mais à frente, os relacionamentos sintáticos travados entre essas mesmas palavras e vocábulos. Um conselho: procure entender mais e decorar menos. Isso certamente facilitará a nossa caminhada. Bom proveito!!

CAPÍTULO 1

ESTRUTURA E FORMAÇÃO DE PALAVRAS

Boa parte das palavras da nossa Língua provém de outras já existentes. Como a Língua é dinâmica, outras palavras foram surgindo a partir da influência tanto do povo como dos escritores. O estudo da formação e da evolução das palavras é responsabilidade da "etimologia".

1.1 ELEMENTOS ESTRUTURAIS DA PALAVRA

Ao se decompor uma palavra, podem-se encontrar nela os seguintes elementos mórficos (elementos que a formam):

I. **RADICAL:** é o elemento primitivo, último e irredutível que encerra a ideia principal do vocábulo. Alguns gramáticos distinguem o radical da raiz. Aqui, preferimos tratar apenas do radical, já que o estudo da raiz de um vocábulo exige profundos conhecimentos etimológicos, o que não é o nosso objetivo neste capítulo.

- terra – terraço – terremoto – terraplanagem – terreiro → perceba que o radical "terr-" se mantém constante nos vocábulos.
- ferro – ferradura – ferreiro – ferrugem – ferrolho → perceba o radical "ferr-" constante nas palavras.

Observação:

As palavras que possuem um radical comum são denominadas de **palavras "cognatas".**

Abaixo apresentaremos uma lista sucinta dos principais radicais gregos e latinos.

1.1.1 RADICAIS GREGOS

Radical	Sentido	Exemplo
aero-	ar	*aerofagia, aeronave*
-agogo	que conduz	*demagogo, pedagogo*
-algia	dor em uma região	*cefalalgia, cardialgia*
anemo-	vento	*anemógrafo, anêmona*
antropo-	homem	*antropófago, antropologia*
-arca	que comanda	*monarca, matriarca*
arqueo-	antigo	*arqueologia, arqueografia*
-arquia	governo	*monarquia, oligarquia*
auto-	de si mesmo	*autobiografia, autógrafo*
biblio-	livro	*bibliografia, biblioteca*
bio-	vida	*biologia, biografia*
caco-	mau, disforme	*cacofonia, cacografia*
-cefalo	cabeça	*bicéfalo, microcéfalo*
cito-	cavidade, célula	*citologia, citoplasma*
cosmo-	mundo, universo	*cosmologia, cosmonauta*
-cracia	poder	*democracia, plutocracia*
cromo-	cor	*cromogravura, cromossomo*
crono-	tempo	*cronologia, cronômetro*
dactilo-/datilo-	dedo	*datilografia, dactiloscopia*
deca-	dez	*decaedro, decalitro*
demo-	povo	*democracia, demagogo*
di-	dois	*dipétalo, dígrafo*
-doxo	que opina	*heterodoxo, ortodoxo*
-dromo	lugar para correr	*autódromo, hipódromo*
etno-	povo, raça	*etnografia, etnologia*
-fagia	ato de comer	*disfagia, antropofagia*
-fago	que come	*antropófago, necrófago*
farmaco-	medicamento	*farmacologia, farmacopedia*
filo-	amigo	*filologia, filosofia*
-fobia	medo, aversão, inimizade	*fotofobia, hidrofobia*
-fobo	que odeia	*xenófobo, zoófobo*

Radical	Sentido	Exemplo
fono-	voz, som	*fonógrafo, fonologia*
foto-	luz, fogo	*fotômetro, fotografia*
-gamia	casamento	*poligamia, monogamia*
gastro-	estômago	*gastrite, gastrônomo*
-geneo	que gera	*lacrimogêneo, heterogêneo*
geo-	terra	*geologia, geografia*
-gono	ângulo	*polígono, pentágono*
-grafo	que escreve	*calígrafo, biógrafo*
hemi-	metade	*hemisfério*
hemo-/hemato-	sangue	*hemoglobina, hemograma*
hetero-	outro	*heterodoxo, heterossexual*
hidro-	água	*hidrogênio, hidratar*
hipo-	cavalo	*hipódromo, hipopótamo*
hom(e)o-	semelhante	*homeopatia, homossexual*
iso-	igual	*isonomia, isogameta*
-latria	culto	*idolatria, zoolatria*
macro-	grande, longo	*macróbio, macroeconomia*
mega(lo)	grande	*megalópole, megalomania*
-metria	medida	*antropometria, biometria*
-metro	que mede	*hidrômetro, pentâmetro*
micro-	pequeno	*micróbio, microscópio*
miria-	dez mil, numeroso	*miríade*
miso-	que odeia	*misógino, misantropo*
mito-	fábula	*mitologia, mitomania*
mono-	um só	*monarca, monótono*
-morfo	que tem a forma de	*antropomorfo, polimorfo*
necro-	morto	*necrotério*
-nomo	que regula	*astrônomo, metrônomo*
oftalmo-	olho	*oftalmologista*
onomato-	nome	*onomatopeia, onomatologia*
orto-	correto	*ortografia, ortoépia*
paleo-	antigo, primitivo	*paleontologia, paleoecologia*
pato-	doença	*patogênico, patologia*
piro-	fogo	*pirotecnia, pirogênico*
potamo-	rio	*hipopótamo, potamografia*
proto-	primeiro	*protozoário, protótipo*

Radical	Sentido	Exemplo
psico-	alma, espírito	*psicologia, psicanálise*
-ptero	que tem asas	*díptero, helicóptero*
quilo-	mil	*quilograma*
rino-	nariz	*rinoceronte, rinoplastia*
-scopia	ato de ver	*macroscopia, microscopia*
-scopio	instrumento para ver	*microscópio, datiloscópio*
sidero-	ferro	*siderose, siderurgia*
-sofia	sabedoria	*filosofia, teosofia*
tecno-	arte, ciência	*tecnografia, tecnologia*
tele-	longe	*telefone*
teo-	deus	*teocracia, teólogo*
-terapia	cura	*fisioterapia, psicoterapia*
-tono	tensão, tom	*barítono, monótono*
xeno-	estrangeiro	*xenofobia, xenomania*
zoo-	animal	*zoológico, zoomorfo*

1.1.2 RADICAIS LATINOS

Radical	Sentido	Exemplo
agri-	campo	*agricultura, agricultor*
ambi-	ambos	*ambidestro, ambivalência*
arbori-	árvore	*arborícola, arboriforme*
bis-/bi-	duas vezes	*bisavô, bípede*
calori-	calor	*calorífero, calorimetria*
-cida	que mata	*regicida, inseticida*
-cola	que cultiva, que habita	*vitícola, arborícola*
cruci-	cruz	*crucifixo, cruciforme*
-cultura	ato de cultivar	*apicultura, psicultura*
curvi-	curvo	*curvilíneo, curvirrostro*
equi-	igual	*equidistante, equivalente*
-fero	que contém	*aurífero, calorífero*
ferri-/ferro-	ferro	*ferrífero, ferrovia*
-fico	que faz	*benéfico, frigorífico*
-formi	que tem forma de	*cuneiforme, floriforme*
-fugo	que foge, que faz fugir	*centrífugo, febrífugo*

Radical	Sentido	Exemplo
igni-	fogo	*ignição, ignívomo*
morti-	morte	*mortífero, mortificar*
multi-	muito	*multiforme, multifacetado*
olei-/oleo-	azeite, óleo	*oleoduto, oleígeno*
oni-	todo	*onipresente, onipotente*
-paro	que produz	*maltíparo, ovíparo*
pedi-	pé	*pediforme, pedilúvio*
pisc-	peixe	*piscicultor, pisciforme*
pluri-	muito	*pluriforme, pluripartidário*
-sono	que soa	*díssono, uníssono*
-vomo	que expele	*fumívomo, ignívomo*
-voro	que come	*carnívoro, herbívoro*

II. VOGAL TEMÁTICA: é a vogal que se agrega ao radical preparando-o para receber uma terminação (sufixos ou desinências). À junção do radical com a vogal temática dá-se o nome de TEMA.

RADICAL	VOGAL TEMÁTICA	TEMA
am-	a	ama
vend-	e	vende
part-	i	parti

⇨ **Observação:**

A vogal temática geralmente aparece nos verbos. Entretanto, alguns nomes podem apresentá-la. Isso ocorre quando a vogal final do vocábulo não se presta a estabelecer a distinção de gênero. Enquanto nos verbos ela se denomina de "vogal temática verbal", nos nomes se chama, portanto, "vogal temática nominal". Veja:

RADICAL	VOGAL TEMÁTICA
cadeir	-a
livr	-o
client	-e

III. **AFIXOS:** são elementos que se acrescem aos radicais com a finalidade de formar novas palavras. Classificam-se em:

a) **prefixos**: são os afixos que vêm antes do radical.

▹ **in**-feliz ▹ **des**-leal ▹ **anfi**-teatro ▹ **a**-teu ▹ **diá**-logo ▹ **re**-fluir

b) **sufixos**: são os afixos que vêm depois do radical.

▹ mulher-**aça** ▹ social-**ismo** ▹ feliz-**mente** ▹ leal-**dade**

▹ caval-**aria** ▹ formigu-**eiro**

1.1.3 PREFIXOS DE ORIGEM GREGA

Prefixo	Sentido	Exemplo
an-/a-	privação, negação	*ateu, anarquia*
ana-	ação ou movimento inverso	*anáfora, anáfase*
anti-	oposição	*antiaéreo, antípoda*
apo-	afastamento, separação	*apogeu, apóstata*
arqui-/arc-	superioridade	*arquiduque, arqui-inimigo*
dia-/di-	movimento através de	*diocese, diálogo*
dis-	dificuldade	*dispneia, disenteria*
ec-/ex-	movimento para fora	*eclipse, êxodo*
endo-/end-	posição interior	*endométrio, endosmose*
epi-/ep-	posição inferior	*epiderme, epônimo*
eu-/ev-	bem, bom	*eufonia, evangelho*
hiper-	posição superior	*hipérbole, hipertensão*
hipo-	posição inferior	*hipodérmico, hipotensão*
meta-/met-	posterioridade, mudança	*metacarpo, metáfora*
para-/par-	proximidade	*paranasal, parasita*

1.1.4 PREFIXOS DE ORIGEM LATINA

Prefixo	Sentido	Exemplo
ab-/abs-	afastamento, separação	*abdicar, abstrair*
ad-/a-/ar-	aproximação, direção	*adjunto, advérbio, assentir*
ante-	anterioridade	*antebraço, antepor*

Prefixo	Sentido	Exemplo
circum-	movimento em torno	*circum-adjacente*
de-	movimento de cima para baixo	*decair, decrescer*
des-	separação, ação contrária	*desviar, desfazer*
dis-/di-	separação, movimento	*dissidente*
extra-	posição exterior	*extraoficial, extraviar*
in-/im-/i-/ir-	movimento para dentro	*imigrar, irromper*
in-/im-/i-/ir-	negação, privação	*inativo, impermeável, ilegal*
inter-/entre-	posição intermediária	*internacional, entreabrir*
pre-	anterioridade	*prefácio, preconceito*
pro-	movimento para frente	*progresso, proativo*
re-	movimento para trás	*refluir, refazer*
retro-	movimento mais para trás	*retroceder, retrospectiva*
sub-/sus-/su-/sob-/so-	movimento de baixo para cima	*subclasse, sobpor, suster*
supra-	posição acima, excesso	*supracitado, suprassumo*
trans-/tras-/tres-	movimento para além de	*transpor, transporte*
ultra-	posição além do limite	*ultrapassar, ultravioleta*
vice-/vis-/vizo-	substituição	*vice-reitor, visconde, vizo-rei*

1.1.5 CORRELAÇÃO ENTRE PREFIXOS LATINOS E GREGOS

LATINOS	GREGOS	SIGNIFICADO	EXEMPLOS
Ab-	apo-	afastamento, separação	*abjurar, apostasia*
ad-	para-	junto de, aproximação	*adjunto, parasita*
ambi-	anfi-	duplicidade, em torno de	*ambidestro, anfíbio*
bene-	eu-	bem, bondade, excelência	*benevolente, eufonia*
bi(s)-	di-	dois, duplicidade	*bípede, dípode*
circum-	peri-	em torno de	*circumpolar, perímetro*
contra-	anti-	oposição, contra	*contraveneno, antídoto*
com-, con-	sin-	reunião, simultaneidade	*compartilhar, sincronizar*

LATINOS	GREGOS	SIGNIFICADO	EXEMPLOS
ex-	ex-	movimento para fora	*exportar, êxodo*
i-, in-, des-	a-, an-	negação, carência	*infeliz, desonesto, ateu*
in-	en-	posição interna, dentro	*ingerir, encéfalo*
intra-	endo-	para dentro, dentro	*intramuscular, endocarpo*
semi-	hemi-	meio, metade	*semicírculo, hemisfério*
sub-	hipo-	deficiência, inferioridade	*subterrâneo, hipoglicemia*
super-, supra-	epi-, hiper-	superioridade, excesso	*superlotar, hipertrofia*
trans-	dia-	através, por meio de	*transparente, diáfano*

1.1.6 SUFIXOS NOMINAIS

1. Sufixos nominais designativos de coleções

-aria, -eria	pedraria, livraria, cavalaria, loteria, grosseria
-ada	boiada, rapaziada, manada
-edo	figueiredo, vinhedo, arvoredo, lajedo
-al	laranjal, cafezal, bambual, algodoal, canavial
-agem	pelagem, folhagem, plumagem, roupagem
-eiro	braseiro, cancioneiro, berreiro, formigueiro
-alha	cordoalha, parentalha, miuçalha
-ama	dinheirama, courama, mourama
-ame	cordame, vasilhame, raizame, pelame
-ume	cardume, tapume
-ulho	pedregulho, bagulho
-ena	centena, novena, dezena
-io	rapazio, mulherio, gentio
-ia	maresia, penedia, clerezia
-dada	cristandade, humanidade, comunidade, irmandade

➯ **Observações:**

a) Em muitas palavras, prefere-se o sufixo "-eria" ao sufixo "-aria": bateria, vozeria, correria, galeria, lavanderia, parceria, leiteria, parceria etc.

b) O sufixo "-eiro" é sufixo substantivo, ou seja, formador de substantivos, indicando o agente. "Brasileiro" era primitivamente o que comerciava com o "pau-brasil", como "mineiro" é o que trabalha em minas. Passando a região a chamar-se "Brasil" e "Minas Gerais", seus derivados passaram naturalmente para a categoria de adjetivos pátrios.

2. Sufixos nominais designativos de aumento (sufixos aumentativos)

-ão	portão, mulherão, grandalhão, comilão, narigão
-rão	chapeirão, vozeirão, casarão, beberrão, santarrão
-aréu	fogaréu, povaréu
-zarrão	homenzarrão, canzarrão
-aço	mestraço, ministraço, poetaço
-aça	barcaça, vidraça
-astro	poetastro, medicastro, criticastro
-ázio	demonázio, copázio, balázio
-anzil	corpanzil
-eiro	cruzeiro
-alho	vergalho, ramalho, espantalho
-alha	muralha, fornalha, gentalha
-orra	cabeçorra
-arra	bocarra, naviarra

➯ **Observação:**

O sufixo aumentativo mais comum em português é "-ão". Nem sempre, porém, este sufixo traz ideia aumentativa, como em "cartão, portão, cordão".

3. Sufixos nominais designativos de diminuição (sufixos diminutivos)

-inho, -inha	portinha, mocinho, pintinho, menininho, ervinha, pocinha
-zinho, -zinha	cãozinho, montezinho, florzinha, partezinha, poçozinho, ervazinha

-ito, -ita	canito, granito, senhorita, pequenita, florita, franganito
-ete	cavalete, pobrete, ramalhete, archete
-eta	valeta, maleta, lingueta, trombeta, ilheta
-ote	fidalgote, meninote, saiote, velhote
-oto, -ota	picoto, perdigoto, ilhota, velhota, maricota
-ilho, -ilha	vasilha, mantilha, presilha, palmilha
-ino	antonino, pequenino
-im	patim, fortim, flautim, camarim, mulherim
-ulo, -ula	glóbulo, nódulo, fórmula, espátula, célula
-culo, -cula	pendúculo, corpúsculo, partícula, minúscula
-olo, -ola	nucléolo, bolinholo, glorícola, aldeola
-el	cordel, canastrel, fardel, saquitel
-elo, -ela	portelo, colunelo, viela, costela
-elho, -elha	francelho, folhelho, chavelha
-ejo	lugarejo, quintalejo, casalejo
-ebre	casebre
-eco, -eca	livreco, ministreco, padreco, folheca, padreca
-ico, -ica	burrico, abanico, namorico, florica, pelica
-isco	chuvisco, pedrisco, lambrisco
-il	pernil, covil, tamboril
-acho	riacho, populacho, fogacho
-ucho	papelucho, gorducho, pequerrucho
-ilo	codicilo, mamilo

➾ **Observações:**

a) O principal sufixo diminutivo em português é "-inho". Em alguns casos, este sufixo pode-se ligar diretamente ao radical da palavra. Observe os exemplos abaixo:

▸ caix(a) → caixinha
▸ fin(o) → fininho
▸ ov(o) → ovinho
▸ braç(o) → bracinho

▸ camp(o) → campinho
▸ pedr(a) → pedrinha
▸ pint(o) → pintinho
▸ carr(o) → carrinho

b) Em alguns casos, quando a palavra primitiva finaliza em "S", acrescenta-se diretamente o sufixo do diminutivo "-inho"; aparece, então, a terminação "-SINHO" com a consoante "S". Observe:

- as(a) → asinha
- princes(a) → princesinha
- adeus → adeusinho
- Teres(a) → Teresinha
- mes(a) → mesinha
- ros(a) → rosinha
- Luís → Luisinho
- Inês → Inesinha

c) Noutros casos, é impraticável a ligação direta do sufixo "-INHO" ao radical da palavra. Nestes casos, usa-se a consoante de ligação "Z" para tornar mais eufônica a ligação. Observe:

- anel + Z + inho → anelzinho
- pai + Z + inho → paizinho
- pé + Z + inho → pezinho
- Maria + Z + inha → Mariazinha
- mãe + Z + inha → mãezinha
- homem + Z + inho → homenzinho
- só + Z + inho → sozinho
- café + Z + inho → cafezinho

d) Muitos vocábulos, em especial na linguagem popular, são construídos indistintamente com os sufixos "-inho" e "-zinho", como, por exemplo, *"florinha ou florzinha, peixinho ou peixezinho, feixinho ou feixezinho, ovinho ou ovozinho, mulherinha ou mulherzinha, dentinho ou dentezinho, hominho ou homenzinho".*

4. Sufixos nominais designativos de agente (ser que pratica alguma ação), profissão, ofício

-ário	bibliotecário, bancário, mesário, latifundiário
-eiro	pedreiro, armeiro, livreiro, relojoeiro
-dor, -tor	andador, vendedor, partidor, mergulhador, escritor, cantor, demonstrador
-nte	estudante, negociante, pretendente, presidente, servente, ouvinte

5. Sufixos nominais designativos de ação ou resultado de ação

-ção	formação, armação, fundação, alegação, correção, arguição, punição, estremeção
-mento	armamento, fundamento, casamento, doutoramento, estremecimento, oferecimento, agradecimento, ferimento, sentimento, argumento
-ada	facada, paulada, lançada, badalada, noitada, pincelada, colherada

6. Sufixos nominais designativos de estado

-ura	alvura, brancura, altura, loucura, abertura, bravura, mistura, escritura, postura
-eza, -ez	beleza, presteza, justeza, ligeireza, alteza, braveza, viveza, leveza, viuvez, dobrez
-idade, -dade	brevidade, facilidade, idoneidade, amabilidade, comunidade, latinidade, ruindade, igualdade, crueldade, beldade, bondade
-ice	doidice, velhice, caduquice, mouquice, gulosice, meiguice, doutorice
-ite	laringite, cardite, gastrite, estomatite, hepatite
-ência	prudência, malevolência, continência, assistência
-tura, -dura	nunciatura, abreviatura, quadratura, ditadura

7. Sufixos nominais designativos de naturalidade, origem, relação, título

-ense, -ês	amazonense, mato-grossense, paraense, maranhense, cearense, fluminense, português, francês, chinês, javanês, camponês, montanhês, inglês
-esa, -essa, -isa	baronesa, marquesa, condessa, abadessa, sacerdotisa, profetisa, poetisa
-ano, -ão	italiano, alagoano, sergipano, goiano, baiano, peruano, mexicano, pernambucano, alemão, catalão, lapão, beirão, bretão, saxão, cristão
-ino	bizantino, levantino, argentino, beneditino, florentino, bragantino, alpino, platino
-io	sírio, egípcio, índio
-eno	chileno, madrileno, santareno

-enho	portenho, ferrenho, estremenho
-ista	paulista, santista, nortista
-engo	flamengo, realengo, avoengo, judengo
-ático	asiático, aquático, lunático, indiático
-ico	índico, aristocrático, brasílico, britânico, melancólico, simbólico, pérsico
-aico	judaico, hebraico, caldaico, romaico
-aco	austríaco, siríaco, egipcíaco
-al, -el, -il	estadual, atual, visual, processual, pontual, anual, fiel, cruel, civil, juvenil
-ar	regular, militar, familiar, rudimentar, elementar
-esco	senegalesco, brutesco, dantesco, carnavalesco
-estre	campestre, equestre
-este	celeste, agreste

8. Sufixos nominais designativos de aptidão, tendência, estado, semelhança

-ável, -ével, -ível, -óvel, -úvel	amável, venerável, notável, indelével, visível, terrível, preferível, móvel, imóvel, solúvel, volúvel
-iço	alagadiço, espantadiço, roliço, feitiço, movediço, postiço, quebradiço, sumidiço, chegadiço, encontradiço, esquecidiço
-az	audaz, capaz, loquaz, contumaz
-bundo, -cundo	furibundo, moribundo, iracundo
-ento	barulhento, rabugento, nojento, bulhento
-io	fugidio, escorregadio
-ivo	instrutivo, auditivo, corrosivo, pensativo, executivo
-ório	finório, simplório, difamatório, satisfatório
-oide	esferoide, negroide, ovoide, antropoide

9. Sufixos nominais designativos de superlatividade, abundância, intensidade

-timo, -simo, -rimo, -limo	íntimo, legítimo, justíssimo, integérrimo, agílimo, humílimo, dulcíssimo

-udo	cabeçudo, cabeludo, barbudo, narigudo, beiçudo, linguarudo, peludo, abelhudo

10. Sufixos nominais designativos de lugar

-douro, -doura	matadouro, bebedouro, sangradouro, ancoradouro, manjedoura, sumidouro
-ário, -ária, -eiro, -eira	herbário, erário, ovário, vocabulário, relicário, dicionário, santuário, luminária, penitenciária, agulheiro, carteira, fruteira, pedreira
-ério	cemitério, batistério, necrotério
-ório	dispensatório, cartório, escritório, conservatório, consistório, consultório, purgatório

11. Sufixos nominais designativos de posse, de posse abundante

-oso	caridoso, gostoso, bondoso, preguiçoso, maldoso, medroso
-onho	tristonho, medonho, enfadonho

1.1.7 SUFIXOS VERBAIS

Os sufixos verbais geralmente se agregam ao radical de substantivos e adjetivos a fim de formar verbos. Os principais sufixos verbais em português são:

SUFIXO VERBAL	SENTIDO	EXEMPLOS
-ejar	ação frequente, repetitiva	vicejar, murmurejar, rastejar, gotejar, pestanejar
-ear	ação frequente, repetitiva	saquear, balancear, espernear, golpear, clarear
-ar	prática de ação	começar, deitar, jogar, cantar, telefonar
-ficar	prática de ação	liquidificar, gaseificar, tonificar, petrificar, dignificar

-izar	prática de ação	canalizar, comercializar, organizar, finalizar, canonizar
-entar	relativo à causa (causativo)	apoquentar, amamentar, ornamentar, acrescentar
-ecer	início de ação	amanhecer, enriquecer, envelhecer, empobrecer
-ilhar	ação repetida muitas vezes	dedilhar, pontilhar, fervilhar
-icar	ação pouco intensa	bebericar, namoricar, adocicar, tremelicar
-iscar	ação pouco intensa	lambiscar, namoriscar, petiscar
-inhar	ação pouco intensa	escrevinhar, esfolinhar, espezinhar, cuspinhar

1.1.8 OS SUFIXOS "IZAR" E "ISAR"

a) Não confunda o sufixo verbal "-izar" com a terminação "-isar" de certos verbos, nos quais o "**is**" pertence ao tema de onde se derivam, como, por exemplo, "precisar, analisar, guisar, repisar, eletrolisar". Quando o vocábulo não apresenta a consoante "S" em seu tema, emprega-se o sufixo "-izar" com a consoante "Z". Observe abaixo:

- hospital → hospital**izar**
- suave → suav**izar**
- canal → canal**izar**
- imune → imun**izar**
- valor → valor**izar**
- fértil → fertil**izar**

Agora...

- análise → anal**isar**
- aviso → av**isar**
- eletrólise → eletrol**isar**
- revisão → rev**isar**
- pesquisa → pesqu**isar**
- paralisia → paral**isar**
- guisa → gu**isar**

1.1.9 EMPREGO DE "-IDADE" E "-IEDADE"

Uma dúvida frequente para aqueles que prestam concurso é o emprego das formas "-idade" e "-iedade". Geralmente, as bancas cobram este conhecimento nas questões que envolvem "correção gramatical". Portanto, fique atento às orientações a seguir:

a) Usa-se a terminação "-idade" quando o adjetivo termina em "-ar". Observe:

- singular → singula**ridade**
- elementar → elementa**ridade**
- exemplar → exempla**ridade**
- complementar → complementa**ridade**
- díspar → dispa**ridade**
- similar → simila**ridade**

b) Emprega-se, por outro lado, a terminação "-iedade" quanto o adjetivo termina em "-ário" e "-ório". Veja:

- precário → preca**riedade**
- voluntário → volunta**riedade**
- contraditório → contradito**riedade**
- obrigatório → obrigato**riedade**
- contrário → contra**riedade**
- vário → va**riedade**
- notório → noto**riedade**
- arbitrário → arbitra**riedade**

⇛ **Observação:**

Aos adjetivos terminados em "-neo" aplica-se também o sufixo "-idade". Neste caso, retira-se a vogal "o", que finaliza estes adjetivos, e acrescenta-se o sufixo "-idade". Formar-se-á, portanto, o ditongo "EI". Veja:

- espontâ**neo** → espontan**eidade**
- contemporâ**neo** → contemporan**eidade**
- temporâ**neo** → temporan**eidade**
- heterogê**neo** → heterogen**eidade**
- homogê**neo** → homogen**eidade**
- simultâ**neo** → simultan**eidade**
- sucedâ**neo** → sucedan**eidade**
- momentâ**neo** → momentan**eidade**

c) Sobre o emprego de "-ZINHO(A)" e "-SINHO(A)", consulte o capítulo "Ortografia".

1.1.10 EMPREGO DOS SUFIXOS "-ARIA" E "-ERIA"

Há, na língua portuguesa, um sem-número de vocábulos formados pelo processo de sufixação. Ocorre que, quando se trata dos sufixos "-eria" e "-aria", não existe muito consenso entre os estudiosos da nossa língua e, em várias situações, admite-se a existência de vocábulos grafados tanto com "-aria" quanto com "-eria". É certo que um deles tem se consolidado como o mais usual (alguns, como "parçaria", são formas arcaicas e desusadas), mas ambos são graficamente corretos. Vejamos alguns deles:

- bijuteria ou bijutaria
- engraxateria ou engraxataria
- bilheteria ou bilhetaria
- doceria ou doçaria

- joalheria ou joalharia
- vozeria ou vozearia
- leiteria ou leitaria
- lavanderia ou lavandaria
- charcuteria ou charcutaria
- infanteria ou infantaria
- selvageria ou selvajaria
- parceria ou parçaria
- loteria ou lotaria
- sorveteria ou sorvetaria
- pedanteria ou pedantaria

➭ **Observação:**

Diante de situações de dúvida, não titubeie: consulte um bom dicionário.

1.1.11 SUFIXO ADVERBIAL "-MENTE"

Em português, o único sufixo adverbial é "-mente", o qual se acrescenta ao gênero feminino de adjetivos (quando o adjetivo apresenta esta flexão) para exprimir circunstâncias de modo, tempo, quantidade etc. Observe:

- calmaMENTE
- bondosaMENTE
- felizMENTE
- alegreMENTE

➭ **Observação:**

Correlacione esta regra com o emprego em sequência de advérbios terminados em "-mente". Esta orientação se encontra no capítulo sobre o "advérbio".

IV. DESINÊNCIAS: são elementos mórficos que se acrescem ao final de um vocábulo e expressam as flexões de gênero, de número, de modo, de tempo e de pessoa. Podem ser:

a) **desinências nominais** → indicam o gênero e o número dos nomes.

RADICAL	DESINÊNCIA DE GÊNERO	DESINÊNCIA DE NÚMERO
macac	o	s
menin	a	s
pat	o	s

b) **desinências verbais** → indicam o modo e o tempo, o número e a pessoa dos verbos.

RADICAL	VOGAL TEMÁTICA	DESINÊNCIA MODO-TEMPORAL	DESINÊNCIA NÚMERO-PESSOAL
am-	a	-sse	-mos
cant-	a	-va	-mos

V. VOGAIS OU CONSOANTES DE LIGAÇÃO: são vogais e consoantes que, desprovidas de significação, são usadas na formação de um vocábulo a fim de facilitar-lhe a pronúncia.

- pau + **l** + ada
- café + **t** + eira
- gas + **ô** + metro
- cha + **l** + eira
- rei + **z** + inho

1.2 PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS

Antes de tudo, convém estabelecer alguns conceitos:

a) **Palavras primitivas** → são aquelas que não se formaram a partir de um vocábulo preexistente. São também denominadas de "derivantes".

- terra
- pedra
- ferro
- luz
- janela
- carro

b) **Palavras derivadas** → são aquelas formadas a partir de um vocábulo preexistente.

- terraço
- pedreira
- ferrugem
- luzeiro
- janelaço
- carroçaria

c) **Palavras simples** → são aquelas que apresentam um único radical.

- água
- guarda
- perfume
- perna

d) **Palavras compostas** → são aquelas que apresentam dois ou mais radicais.

- água-benta
- guarda-chuva
- lança-perfume
- pernalta

A partir desses conhecimentos, podemos afirmar que, na língua portuguesa, existem dois grandes processos de formação de palavras: derivação e composição.

1.2.1 DERIVAÇÃO

É o processo através do qual se obtém uma palavra nova (derivada) a partir de uma palavra já existente (primitiva). Esse fenômeno se dá, frequentemente, pelo acréscimo de afixos (prefixos ou sufixos). Dessa forma, temos:

1. **Derivação prefixal ou prefixação** → acréscimo de prefixos à palavra primitiva.

- **in**feliz
- **des**amor
- **des**leal
- **pre**conceito
- **re**ver
- **ultra**violeta

2. **Derivação sufixal ou sufixação** → acréscimo de sufixos à palavra primitiva.

- amor**oso**
- mal**dade**
- feliz**mente**
- mel**oso**
- bebe**douro**
- dent**ista**

3. **Derivação sufixal e prefixal** → acréscimo não simultâneo de um prefixo e um sufixo à palavra primitiva.

- **in**feliz**mente**
- **in**util**izar**
- **des**leal**dade**
- **des**nivel**ar**
- **des**cortes**ia**

Observação:

Perceba que na derivação prefixal e sufixal a retirada de um dos afixos não inutiliza a palavra por completo. Se se retirar o prefixo, a palavra subsiste com o processo de sufixação. Se se retirar o sufixo, a palavra subsistirá com o prefixo. Este é o principal fator para se distinguir este tipo de derivação da parassíntese. Observe:

→ **infelizmente** —
felizmente (sem o prefixo)
infeliz (sem o sufixo)

4. **Derivação parassintética ou parassíntese** → acréscimo simultâneo de um prefixo e um sufixo à palavra primitiva.

- anoitecer
- esfriar
- apedrejar
- amadurecer
- subterr**âneo**
- **desalmado**

➯ **Observações:**

a) Geralmente a derivação parassintética cria formas verbais a partir de substantivos e adjetivos. Veja abaixo:

- **enriquecer** → formada a partir do adjetivo "rico"
- **ajoelhar** → formada a partir do substantivo "joelho"
- **empalhar** → formada a partir do substantivo "palha"
- **endoidecer** → formada a partir do adjetivo "doido"
- **embarcar** → formada a partir do substantivo "barco"
- **amanhecer** → formada a partir do substantivo "manhã"

b) Não confunda a derivação prefixal e sufixal com a parassintética. Nesta, o acréscimo dos afixos se dá de maneira simultânea, de modo que a retirada de um deles (sufixo ou prefixo) acarretará o desaparecimento da palavra.

5. **Derivação regressiva** → formação de substantivos denotadores de ação através de um processo de redução verbal. Substitui-se a terminação de um verbo pelas desinências "-a, -e, -o". Este tipo de derivação também é chamado de "**deverbal**", "**pós-verbal**" ou "**retrógrada**".

VERBO (primitivo)	SUBSTANTIVO (derivado)
abalar	abalo
afagar	afago
alcançar	alcance
buscar	busca
castigar	castigo
combater	combate
comprar	compra
enlaçar	enlace
gritar	grito
jogar	jogo
pescar	pesca

⇛ **Observações:**

a) Não se esqueça de que o processo comum de formação é a criação de verbos a partir de substantivos e adjetivos. A derivação regressiva, portanto, promove o processo inverso.

b) Convém mais uma vez salientar que a derivação regressiva forma substantivos indicativos de ação. Logo, "ajuda", "saque", "caça", por exemplo, são substantivos derivados dos verbos "ajudar", "sacar" e "caçar", respectivamente, porque indicam ação. Por outro lado, os substantivos "âncora", "perfume", "alimento", os quais não indicam ação, mas objetos, coisas, são palavras primitivas que dão origem aos verbos "ancorar", "perfumar" e "alimentar".

6. **Derivação imprópria ou conversão** → ocorre pela mudança da classe gramatical de uma palavra. Na maioria dos casos, substantivos se tornam adjetivos e vice-versa, adjetivos se transformam em advérbios e vice-versa, infinitivos se tornam substantivos, ou palavras invariáveis passam a ser substantivos.

- Ao longo da reunião, ele explicou **os prós** e **os contras** da questão. (palavras invariáveis substantivadas)
- Os **bons** sempre superam os **maus.** (adjetivos substantivados)
- Comprei um lindo rádio-**relógio** no centro da cidade de São Paulo. (substantivo adjetivado)
- Quando criança, pintava o **sete** na ausência dos pais. (numeral substantivado)
- **Esperar** é uma arte que todos deveriam exercitar. (infinitivo substantivado)
- Todos na sessão falavam **alto.** (adjetivo adverbializado)

1.2.2 COMPOSIÇÃO

É o processo por meio do qual duas ou mais palavras, ou dois ou mais radicais, se associam para formar uma nova palavra. Dois são os processos de composição na língua portuguesa:

1. **Composição por aglutinação** → ocorre quando há supressão ou perda de elementos fonéticos entre as palavras que se unem.

- perna + alta = **pernalta**
- boca + aberta = **boquiaberta**
- puxa + avante = **puxavante**
- pedra + óleo = **petróleo**

- perna + longo = **pernilongo**
- plano + alto = **planalto**
- Santo + Antônio = **santantônio**
- cabeça + baixa = **cabisbaixo**
- fonte + seca = **Fonseca**
- plena + mar = **preamar**
- em + boa + hora = **embora**
- filho + de + algo = **fidalgo**
- água + ardente = **aguardente**
- hidro + elétrico = **hidrelétrico**
- vinho + acre = **vinagre**

2. **Composição por justaposição** → ocorre quando as palavras se juntam sem que haja alteração mórfica nelas.

- passa + tempo = **passatempo**
- mal + me + quer = **malmequer**
- sempre + viva = **sempre-viva**
- porco + espinho = **porco-espinho**
- gira + sol = **girassol**
- guarda + chuva = **guarda-chuva**
- vai + vêm = **vaivém**
- verde + mar = **verde-mar**
- vara + pau = **varapau**
- mata + borrão = **mata-borrão**
- obra + prima = **obra-prima**

1.2.3 OUTROS PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS

Ao lado dos dois grandes processos de formação de palavras da língua portuguesa (derivação e composição), há outros igualmente importantes. São eles:

1. **Redução ou abreviação vocabular** → ocorre pela redução de um vocábulo a um mínimo semântico significativo, ou seja, reduz-se uma palavra ao máximo sempre mantendo seu sentido original.

- **auto** → redução de "automóvel"
- **extra** → redução de "extraordinário"
- **cinema** → redução de cinematógrafo
- **foto** → redução de fotografia
- **pneu** → redução de pneumático
- **curta** → redução de curta-metragem
- **zoo** → redução de zoológico
- **quilo** → redução de "quilograma"
- **cine** → redução de "cinema"
- **pólio** → redução de "poliomielite"
- **moto** → redução de motocicleta
- **pornô** → redução de pornografia
- **Zé** → redução de José
- **metrô** → redução de metropolitano

2. **Hibridismo** → ocorre quando a palavra é formada por elementos provenientes de línguas diferentes.

- automóvel = auto (grego) + móvel (latim)
- televisão = tele (grego) + visão (latim)
- abreugrafia = abreu (português) + grafia (grego)
- alcoômetro = álcool (árabe) + metro (grego)
- burocracia = buro (francês) + cracia (grego)
- monocultura = mono (grego) + cultura (latim)
- sambódromo = samba (português) + dromo (grego)
- goiabeira = goia (tupi) + beira (português)
- sociologia = socio (latim) + logia (grego)
- asmático = asma (português) + ico (latim)

3. **Onomatopeia ou onomatopaica** → ocorre quando se formam palavras que buscam representar os sons dos seres, das coisas, da natureza.

- vapt-vupt!
- miau!
- grunhir
- estralejar
- arrulhar
- tique-taque
- tartamudear
- zigue-zague!
- tinir
- rosnar
- toc-toc!
- latir
- au! au!
- grugulhejar
- bummm!
- espocar
- zás!
- piar

⇨ **Observação:**

Todos os verbos que indicam os sons dos animais são onomatopaicos. Logo, "coaxar (rã), chiar (insetos), estridular (cigarra), grasnar (pato), mugir (boi), palrar (papagaio), rugir (leão), uivar (lobo), zurrar (burro)" são alguns exemplos de verbos onomatopaicos.

4. **Siglonimização** → é o processo de formação das siglas. A sigla é a abreviatura formada com as letras iniciais das palavras de um nome ou um título. Observe abaixo algumas siglas.

- **FGTS** = Fundo de Garantia pelo Tempo de Serviço
- **CPF** = Cadastro de Pessoas Físicas
- **MEC** = Ministério da Educação e Cultura
- **CEP** = Código de Endereçamento Postal
- **DNER** = Departamento Nacional de Estradas e Rodagens

- **SENAC** = Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial
- **IBOPE** = Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística
- **IBGE** = Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
- **SENAI** = Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
- **UNESCO** = United Nations Educational Scientific and Cultural Organization
- **ONU** = Organização das Nações Unidas
- **OEA** = Organização dos Estados Americanos
- **PT** = Partido dos Trabalhadores

1.2.4 NEOLOGISMOS

A língua não é algo morto, sem vida. Em todo tempo, por causa da evolução dos seres e da evolução do campo do conhecimento, o acervo lexical de um povo se modifica – palavras deixam de ser usadas e tornam-se arcaicas, e palavras novas são criadas. A esse processo de criação lexical dá-se o nome de **neologismo**.

O nosso idioma, estruturalmente formado do latim, tem herdado empréstimos lexicais de outros sistemas linguísticos desde o início de sua formação. Por isso, em nossa língua encontramos tantos vocábulos provenientes das diversas influências (celta, fenícia, basca, bárbara, árabe, africana, tupi, espanhola, inglesa, italiana, francesa etc.).

Hoje, em virtude da globalização econômico-financeira, nossa língua portuguesa tem recebido bastantes empréstimos linguísticos oriundos da língua inglesa.

Cumpre de antemão frisar que, para a formação de um neologismo, na maioria dos casos, são usados os mesmos processos utilizados para a formação de muitas palavras em nossa língua: derivação e composição.

Observe alguns exemplos de neologismos em nossa língua (alguns ainda não foram registrados pelos dicionaristas, mas são bastante usados):

- deletar = apagar
- clicar = dar cliques com o mouse
- bebemorar = junção de beber e comemorar
- indescartável = que não pode ser descartável
- microcurso = curso de pequena extensão
- lulistas = partidários do presidente Lula
- pistolagem = ações com o uso da pistola, da força

1.3 CLASSIFICAÇÃO E FLEXÃO DAS PALAVRAS

Na língua portuguesa, a palavra pode ser analisada pela função que exerce em relação às outras palavras, ou pelo valor que, isoladamente, ela possui. No primeiro caso, temos a análise sintática, a qual será fruto de nosso estudo em capítulo próprio. Já a segunda, diz respeito à análise (ou classificação) morfológica.

Morfologia (gr. "morphê" = forma, "logos" = tratado) é a parte da "lexicologia" que estuda a palavra em seu elemento imaterial, isto é, em sua ideia ou significação. A morfologia das palavras pode ser estudada em duas partes:

a) **Taxonomia** (gr. "taxis" = arranjo, classificação; "nomos" = lei) estuda as diversas classes de palavras e as suas propriedades em relação à ideia que expressam.

b) **Etimologia** (gr. "etimo" = origem; "logia" = estudo) estuda a origem e a evolução das palavras.

Nos próximos dez capítulos, estudaremos a classificação morfológica das palavras em nossa língua, isto é, o valor que cada uma possui por si mesma, independentemente das demais palavras.

Há em nossa língua dez classes de palavras: substantivo, adjetivo, artigo, numeral, pronome, verbo, advérbio, conjunção, preposição e interjeição.

Observe abaixo um quadro-resumo dessas dez classes:

CLASSE DE PALAVRA	DEFINIÇÃO (CARACTERÍSTICAS)	EXEMPLOS
1. Substantivo	Classe de palavra variável que dá nome aos seres em geral.	casa – terra – rosto – planta – martelo – João – papelão
2. Adjetivo	Classe de palavra variável que modifica um substantivo, atribuindo-lhe uma qualidade, um estado, um modo de ser.	bom – ruim – alto – péssimo – belo – feio – gostoso
3. Artigo	Classe de palavra variável que acompanha um substantivo, determinando-o ou indeterminando-o.	o – a – o – as – uma – um – umas – uns

4. Numeral	Classe de palavra variável que indica quantidade ou ordem dos seres.	dois – três – primeiro – décimo – um terço – triplo
5. Pronome	Classe de palavra variável que substitui ou acompanha o substantivo.	meu – nós – alguém – que – cujo – Vossa Excelência
6. Verbo	Classe de palavra variável que indica um processo em relação ao tempo. Este processo pode ser uma ação, um estado, uma mudança de estado ou um fenômeno da natureza.	andar – chover – dormir – correr – nadar – ser – ventar – fugir – tornar-se
7. Advérbio	Classe de palavra invariável que modifica um verbo, um adjetivo ou até outro advérbio, atribuindo-lhes circunstâncias diversas.	cedo – tarde – amanhã – não – talvez – jamais – sim
8. Conjunção	Classe de palavra invariável que liga orações ou termos dentro de uma oração.	embora – mas – já que – conquanto – a fim de que
9. Preposição	Classe de palavra invariável que liga termos de uma oração ou, mais raramente, orações.	a – de – por – com – sob
10. Interjeição	Classe de palavra invariável que exprime emoções ou sentimentos.	ah! – puxa! – ai! – ufa!

➾ **Observação:**

Convém salientar que classificar uma palavra é, antes de tudo, entender o sentido e a função que cada uma exerce em uma dada sentença. Sempre será imperfeita a classificação que se funde meramente na forma ou na estrutura do vocábulo. Logo, a chave para uma boa classificação é a análise de cada uma em seu contexto oracional. Observe abaixo alguns exemplos que demonstram a variação da classificação de um mesmo vocábulo.

- Eles são homens **sábios**.
  adjetivo
- Os **sábios** vivem melhor.
  substantivo
- Joana é um ser **baixo**.
  adjetivo
- É importante falar **baixo**.
  advérbio
- O **filósofo** é o amigo da sabedoria.
  substantivo
- Luis XV era um rei-**filósofo**.
  adjetivo
- Esta **tarde** foi inesquecível.
  substantivo
- Saímos muito **tarde**.
  advérbio
- Por favor, não **tarde**.
  verbo
- Ficou **meio** chateada.
  advérbio
- Ficou sem **meios** para se suster.
  substantivo
- Comprou **meia** fruta.
  numeral
- Meus olhos veem **claro**.
  advérbio
- Tinha um **claro** talento.
  adjetivo
- Ficamos num **claro** da floresta.
  substantivo
- Esforço-me **porque** sejas aprovada.
  conj. final
- Estudo **porque** é importante.
  conj. causal
- Não nos disse o **porquê** do problema.
  substantivo
- **Fora** isso, peça-me o que quiser.
  preposição
- Ficou **fora** da casa.
  advérbio
- Ele **fora** para o interior do Estado.
  verbo
- Ela **nada** bem.
  verbo
- Ela não dirá **nada**.
  pronome indefinido
- Isto não é **nada** agradável.
  advérbio
- **O** menino estuda.
  artigo
- Eu **o** considero muito.
  pronome oblíquo
- Já sabemos **o** que sucedeu.
  pronome demonstrativo

1.4 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (TRT-ES) Assinale o item no qual os prefixos destacados **não** têm o mesmo sentido:

   a) carta **a**nônima – homem **in**capaz
   b) **hemi**sfério sul – raiz **semi**morta
   c) nuvem **diá**fana – película **trans**lúcida
   d) rua **para**lela – autor **con**temporâneo
   e) **perí**metro urbano – área **circun**vizinha

2. (ESAF-MPU) Assinale a opção na qual os componentes destacados das palavras não têm a mesma significação:

   a) **hiper**tensão – **super**mercado

b) **a**teu – **an**arquia
c) **bí**pede – **di**ssílabo
d) **anfí**bio – **ambi**destro
e) **ante**por – **anti**aéreo

3. (BB) Assinale a opção em que há erro na explicação da palavra destacada:

a) **heliofobia** – horror à luz do sol
b) **rinalgia** – dor de nariz
c) **xilografia** – arte de gravar em pedra
d) **etnologia** – estudo das raças
e) **misantropia** – aversão à sociedade

4. (FATEC-SP) Nas palavras **poliglota**, **tecnocracia**, **acrópole**, **demagogo** e **geografia** encontramos elementos que têm as seguintes significações, respectivamente:

a) garganta – ciência – cidade – conduzo – terra
b) língua – governo – civilização – enganar – terra
c) muitas – deus – alto – povo – planeta
d) língua – governo – alto – povo – terra
e) muitas – poder – cidade – diabo – tratado

5. (Mackenzie-SP) Assinale a alternativa em que não há relação entre duas colunas quanto ao significado do prefixo:

a) abdicar = afastamento
b) adjacente = posição em frente
c) antedatar = anterioridade
d) ambidestro = duplicidade
e) biscoito = repetição

6. (FATEC-SP) O prefixo e o sufixo que compõem a palavra **despenteada** encontram similar de sentido em:

a) imaginava
b) deslealdade
c) dissílabo
d) infelicidade
e) impossibilitado

7. (CESGRANRIO-RJ) Assinale o par de vocábulos cujos prefixos apresentam significação equivalente à dos elementos iniciais de **impessoal** e **predeterminado**:

a) amoral – epidérmico
b) antiaéreo – hipertenso
c) disforme – ultrapassado

d) contraindicado – transatlântico
e) desumano – antediluviano

8. (UFRJ) Assinale a alternativa cujo prefixo **sub-** tem o sentido de posteridade:

a) sublinhar
b) subsequente
c) subdesenvolvimento
d) subjacente
e) submisso

9. (Mackenzie-SP) Dentre as alternativas abaixo, assinale aquela em que ocorrem dois prefixos que dão ideia de negação:

a) impune, acéfalo
b) pressupor, ambíguo
c) anarquia, decair
d) importar, soterrar
e) ilegal, refazer

10. (ITA-SP) Considere as seguintes significações:

"nove ângulos" – "governo de poucos"

"som agradável" – "dor de cabeça"

Escolha a alternativa cujas palavras traduzem os significados apresentados acima.

a) pentágono, plutocracia; eufonia, mialgia
b) eneágono, oligarquia; eufonia, cefalalgia
c) nonangular, democracia; cacofonia, dispineia
d) eneágono, aristocracia; sinfonia, cefalalgia
e) hendecágono, monarquia; sonoplastia, cefaleia

GABARITO

1 – D	2 – E	3 – C
4 – D	5 – B	6 – E
7 – E	8 – B	9 – A
10 – B		

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

CAPÍTULO 2

SUBSTANTIVO

2.1 DEFINIÇÃO

É a classe de palavra variável com a qual se denomina os seres em geral.

Aqui, a palavra "ser" precisa ser entendida não só como aquilo que possui uma existência concreta (pedra, homem, carro, lua), mas também como aquilo que possui uma existência imaginária (Saci, fada, Minotauro), abstrata (fé, alegria, tristeza), ou mesmo de comprovação discutível (anjo, alma, inferno).

Por isso, classificam-se como substantivos as coisas, os sentimentos, as qualidades, as ações, os estados considerados em si mesmos.

Observe os primeiros exemplos:

- beleza
- cobre
- pureza
- morte
- água
- revolução
- vida
- árvore
- átomo
- vingança
- sonho
- eletricidade
- casamento
- Terra
- caderno
- vento
- símbolo
- uva

2.2 CARACTERIZAÇÃO DO SUBSTANTIVO

Nem sempre é fácil para um estudante da língua portuguesa identificar com segurança um substantivo. Por isso, para fazê-lo, convém observar duas características fundamentais:

1. O substantivo é uma classe de palavras que geralmente vem acompanhada de outras palavras, as quais a determinam. Daí dizermos que um substan-

tivo frequentemente se encontra acompanhado de determinantes. Funcionam como determinantes "os artigos, os adjetivos, os pronomes adjetivos e os numerais". Logo, quase todas as palavras na língua portuguesa podem ser usadas como substantivos.

Veja:

- Havia dois **entrevistadores** engraçados que faziam umas **perguntas** bobas.
  determinante ↳ *determinantes* ↵
- *determinante*
  Alguns **homens** nunca conseguirão implementar mais que três **ideias** ao longo da **vida**.
  determinantes
- Não aguentava mais os teus **ais**, as tuas **lamúrias**, os teus **"não-sei-pra-que-isso"**.
  determinantes *determinantes*

2. O substantivo é a classe morfológica que "privativamente" exerce as funções sintáticas de: **sujeito**, **objeto direto**, **objeto indireto**, **complemento nominal**, **agente da passiva**, **aposto** e **vocativo**. Logo, palavras que exercem tais funções serão substantivos ou substantivadas.

Observe:

- Os noivos disseram "**sim**!" diante de toda a igreja.
  objeto direto = palavra substantivada
- Não viva o **ontem**; procure amar o **hoje**.
  objetos diretos = palavras substantivadas
- Os **feios** também amam.
  sujeito = palavra substantivada
- **Viver** já é, por si só, um presente de Deus.
  sujeito = palavra substantivada
- Ninguém sabe os **porquês** da ausência dele.
  objeto direto = palavra substantivada
- Precisaremos dos **dois** para o nosso projeto.
  objeto indireto = palavra substantivada
- Ao chegar, foi enxotado pela **multidão**.
  agente da passiva = substantivo
- Não tinha precisão do **dinheiro** público.
  complemento nominal = substantivo
- Precisamos muito disto: **paz** na terra entre os homens de boa vontade.
  aposto = substantivo

Observações importantes:

a) Não confunda um substantivo com uma palavra substantivada. Enquanto esta se encontra exercendo uma função típica do substantivo, aquele é o próprio substantivo por natureza. A palavra "nobre" é um

adjetivo por natureza. No entanto, ao dizermos "Os **nobres** sempre dominaram o mundo", temos um adjetivo substantivado, ou seja, uma palavra substantivada, pois ela exerce a função de sujeito e está acompanhada de um determinante.

b) Não se esqueça de que alguns substantivos também podem exercer o papel de "adjetivo" pelo processo de derivação imprópria ou conversão, estudado no capítulo sobre a formação das palavras. Veja:

▹ O homem-**morcego** sempre foi um sucesso do cinema.
Substantivo exercendo a função de adjetivo.

▹ Minha avó sempre dizia que vivia em um mundo **cão.**
Substantivo exercendo a função de adjetivo.

c) O substantivo, como a maioria das classes morfológicas, pode ser expresso por meio de uma oração, denominada de "**oração substantiva**". Já que o substantivo exerce funções como "sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal", a oração substantiva exercerá também – obviamente – uma dessas funções. Observe:

▹ Tinha receio de que os juros inviabilizassem seus negócios.
oração substantiva – complemento nominal

▹ Sempre aspirou a que todos fossem contemplados com a sorte da loteria.
oração substantiva – objeto indireto

▹ Seria fundamental que eles se amassem mais.
oração substantiva – sujeito

▹ João argumentou que aquilo fora dito por seu pai há muitos anos.
oração substantiva – objeto direto

➯ **Observação:**

Para aprofundar este último ponto, estude, em sintaxe, as orações substantivas.

d) Convém salientar também que é um substantivo o núcleo de boa parte das locuções adjetivas, adverbiais, prepositivas e conjuntivas. Por isso, o substantivo é uma das classes gramaticais mais importantes. Veja:

▹ à espera de = núcleo de uma locução prepositiva
▹ casaco de couro = núcleo de uma locução adjetiva
▹ a fim de que = núcleo de uma locução conjuntiva
▹ à tarde = núcleo de uma locução adverbial

2.3 CLASSIFICAÇÃO DO SUBSTANTIVO

Os substantivos podem ser classificados em: **concretos, abstratos, próprios, comuns, simples, compostos, primitivos, derivados e coletivos.**

1. **Concretos e abstratos:** Os primeiros indicam os seres que possuem existência própria independente dos demais seres, não importando se são reais ou imaginários. Já os segundos indicam os seres que dependem da existência de outros seres para existirem. Estes últimos indicam qualidades, ações ou estados.

- mesa – faca – lápis – apontador – lua – terra – mar – lampião – fada = são exemplos de substantivos concretos
- pânico – medo – tristeza – bondade – sonho – conhecimento – saudade = são exemplos de substantivos abstratos

2. **Próprios e comuns:** Os próprios designam um ser específico, determinado entre os outros de sua espécie. Já os comuns designam os seres de uma espécie de forma genérica.

- rua – casa – flor – carro – aliança – cidade – rio = são substantivos comuns
- Pedro – Brasil – Nova Iorque – São Francisco – Jesus Cristo = são substantivos próprios

3. **Simples e compostos:** São simples os substantivos formados por um só elemento, um só radical. Já os compostos são constituídos por mais de um radical ou elemento formador.

- terra – fruta – cavalo – pau = são substantivos simples
- terra-cozida – fruta-pão – cavalo-vapor – pau-brasil = são substantivos compostos

4. **Primitivos e derivados:** Os primitivos são aqueles substantivos que não resultam de nenhuma outra palavra preexistente. Já os derivados, como o próprio nome já o denuncia, são os substantivos oriundos de outras palavras, ditas primitivas.

- terra – pedra – mar – luz – folha = são substantivos primitivos
- terraplanagem – pedreira – maremoto – luzeiro – folhagem = são substantivos derivados

5. **Coletivos:** São os substantivos que, no singular, indicam uma coleção, um agrupamento, um conjunto de seres da mesma espécie. Observe abaixo uma tabela com os principais coletivos:

academia	de literatos, de artistas, de sábios etc.
acervo	de bens patrimoniais, de obras de arte etc.
álbum	de fotografias, de selos
alcateia	de lobos
antologia	de trechos literários
armada	de navios de guerra
arquipélago	de ilhas
assembleia	de pessoas reunidas
associação	de pessoas reunidas sob o mesmo estatuto
atilho	de espigas de milho
atlas	de mapas
bagagem	de objetos de viagem
baixela	de utensílios de mesa
banca	de examinadores
bandeira	de garimpeiros, de exploradores
bando	de crianças, de aves, de ciganos etc.
baralho	de cartas
batalhão	de soldados
bateria	de peças de artilharia, de utensílios de cozinha
biblioteca	de livros
boiada	de bois
brigada	de pessoas voltas para a execução de um serviço
cabido	de cônegos de uma catedral
cacaria	de cacos
cacho	de uvas, de bananas etc.
cáfila	de camelos
câmara	de deputados
cambada	de vadios, de malvados etc.
capoeira	de aves, de mato
caravana	de viajantes, de peregrinos, de mercadorias etc.
cardume	de peixes
cartuchame	de cartuchos

catálogo	de livros, de plantas, de objetos para a venda etc.
choldra	de malfeitores, de desordeiros, de pessoas ordinárias etc.
chusma	de gente, de criados, de papéis
clientela	de clientes
código	de leis reunidas
coleção	de livros, de poesias, de selos etc.
coletânea	de objetos reunidos
coligação	de pessoas, de organizações
colmeia	de cortiços de abelhas
comboio	de meios de transporte, de animais etc
conciliábulo	de feiticeiros
concílio	de bispos, de prelados, de pastores
conclave	de cardeais
confederação	de estados
confraria	de pessoas religiosas reunidas
congregação	de professores, de membros de uma determinada religião
congresso	de sábios, de diplomatas, de deputados
conselho	de ministros, de professores
constelação	de estrelas
cordilheira	de montanhas
corja	de canalhas, de vadios, de malfeitores
coro	de pessoas reunidas para cantar
discoteca	de discos
doutrina	de conhecimentos
elenco	de atores, de artistas
enxoval	de roupas e adornos
esquadra	de navios
fato	de cabras
fauna	de animais de uma região
feixe	de lenha, de capim, de varas
fornada	de pães, de tijolos etc.
frotas	de navios, de ônibus etc.
galeria	de quadros, de estátuas
grei	de fiéis reunidos
grêmio	de intelectuais, de artistas etc.
irmandade	de membros de associações religiosas

júri	de jurados
legião	de soldados, de anjos, de demônios
lustro	de cinco anos
maço	de papéis, de cartas, de cigarros
manada	de bois, de elefantes etc.
maquinaria	de máquinas
matilha	de cães
miríade	de insetos
molho	de chaves, de capim
ninhada	de filhotes de aves
nuvem	de gafanhotos, de mosquitos etc.
orquestra	de músicos
parlamento	de casas legislativas
patrulha	de soldados em ronda
penca	de bananas, de uvas, de laranjas
petrecho	de armamentos
pilha	de livros, de moedas, de pratos
pinacoteca	de quadros, de telas
piquete	de grevistas
plêiade	de grupo de homens sábios, célebres
prole	de filhos de um casal
quadrilha	de ladrões, de bandidos
ralé	de pessoas ordinárias
ramalhete	de flores
rancho	de soldados, de trabalhadores, de gente
rebanho	de ovelhas, de cabras
renque	de coisas ou pessoas na mesma linha
repertório	de peças teatrais, de músicas
resma	de papel (quinhentas folhas)
réstia	de cebola, de alho
revoada	de aves
rol ou ror	de pessoas, de testemunhas
seleta	de trechos literários escolhidos
sínodo	de párocos, de religiosos reunidos
súcia	de velhacos, de patifes
tripulação	de tripulantes de um navio, de um avião

tropel	de cavaleiros
tropilha	de cavalos
trouxa	de roupas
turma	de estudantes, de trabalhadores etc.
vara	de porcos
viveiro	de aves, de plantas

➾ **Algumas observações sobre os substantivos coletivos:**

a) É importante frisar que os substantivos coletivos podem ser **específicos (determinados)** ou **genéricos (indeterminados)**. Dizer, por exemplo, "ramalhete de flores", "cardume de peixes", "esquadra de navios" consiste numa redundância, pois os coletivos aqui usados se referem – especificamente – a "flores, peixes e navios", respectivamente. Por outro lado, não se comete redundância quando se criam especificações para coletivos do tipo "grupo, bando, congresso, coleção", uma vez que estes podem ser utilizados para indicar mais de um ser. Por isso, os primeiros são denominados de específicos e os segundos de genéricos. Veja:

- O **grupo** de estudantes deixou a sala.
- Um **grupo** de deputados inspecionará a obra.
- Um **bando** de aves sobrevoa a cidade.
- Um **bando** de ladrões assaltou um banco hoje pela manhã.
- A **coleção** de selos foi furtada.
- A **coleção** de poesias do Mário impressiona a todos.

➾ **Observação:**

Nestes exemplos, os substantivos "grupo, bando e coleção" requereram especificações por se tratar de coletivos inespecíficos ou genéricos.

b) Quando se trata de coletivos genéricos ou inespecíficos, a concordância do verbo pode-se dar tanto com o núcleo do termo quanto com a sua especificação.

- Uma equipe de jogadores **auxiliará** ou **auxiliarão** os trabalhos de seleção dos melhores atletas da escola.

c) Os substantivos "parte, metade, maioria, minoria", que designam fração de um todo, são denominados de "coletivos partitivos"; distinguem-se, portanto, dos outros denominados de "coletivos gerais".

d) Há coletivos que são denominados de numéricos, pois representam quantidades numéricas exatas. Exemplos:

- **par** → conjunto com dois elementos
- **lustro** → período de cinco anos
- **novênio** → período de nove anos
- **sextilha** → estrofe de seis versos
- **tríade** → grupo de três pessoas
- **septênio** → período de sete anos
- **semana** → período de sete dias
- **dúzia** → conjunto de doze elementos
- **milhar** → conjunto de mil coisas
- **semestre** → período de seis meses
- **trezena** → período de treze dias
- **trindade** → reunião de três pessoas
- **quinquídio** → período de cinco dias
- **quindênio** → período de quinze dias
- **cento** → conjunto com cem elementos
- **terceto** → estrofe de três versos / reunião de três pessoas

e) Muitos coletivos são formados pelo processo de sufixação. Eis abaixo os sufixos mais comuns para a formação de coletivos.

- **-ada** → boiada, manada, brigada
- **-alha** → parentalha, clericalha
- **-ama** → dinheirama, boiama
- **-aria** → livraria, artilharia
- **-eiro** → formigueiro, abelheiro
- **-agem** → folhagem, carruagem
- **-al** → cabedal, bananal
- **-ame** → cordame, enxame
- **-dade** → cristandade, diversidade
- **-edo** → arvoredo, vinhedo

2.4 FLEXÕES DOS SUBSTANTIVOS

Como palavras variáveis que são, os substantivos se flexionam em: **gênero**, **número** e **grau**.

2.4.1 FLEXÕES DE GÊNERO

Em primeiro lugar, é importante dizer que o gênero é uma classificação puramente gramatical. Segundo o gênero, os substantivos são agrupados em **masculinos** e **femininos**.

Em tese, são masculinos todos os substantivos aos quais se pode antepor o artigo definido masculino "o(s)". Por outro lado, são femininos todos os que admitem o artigo definido feminino "a(s)".

São masculinos	São femininos
o cordão – os sapatos – os lençóis – o azeite	a fralda – a sandália – a leoa – a patroa – a câmera
o cidadão – o ator – o imperador – o compadre	a internet – a libélula – a freira – a mãe – a dama

2.4.1.1 Formação do feminino

2.4.1.1.1 Substantivos biformes

A maioria dos substantivos na língua portuguesa apresenta formas distintas para o masculino e para o feminino – são denominados de "**BIFORMES**". Para os substantivos desse grupo, o feminino geralmente se forma a partir da(o):

a) Mudança da terminação "-o" por "-a":

- filho → filha
- aluno → aluna
- menino → menina
- garoto → garota
- aluno → aluna

b) Mudança da terminação "-e" por "-a":

- elefante → elefanta
- monge → monja
- parente → parenta
- mestre → mestra
- presidente → presidenta

c) Mudança das terminações "-e" e "-a" por "-essa, -esa, -isa".

- sacerdote → sacerdotisa

- diácono → diaconisa
- barão → baronesa
- abade → abadessa
- príncipe → princesa
- profeta → profetisa
- conde → condessa
- prior → prioresa

d) Mudança da terminação "-ão" por "-ã, -oa, -ona".

- alemão → alemã
- irmão → irmã
- leitão → leitoa
- valentão → valentona
- chorão → chorona
- patrão → patroa
- cidadão → cidadã
- santarrão → santarrona

Exceções:

- barão → baronesa
- sultão → sultana
- ladrão → ladra
- cão → cadela

e) Mudança da terminação "-eu" por "-eia":

- europeu → europeia
- plebeu → plebeia
- ateu → ateia
- hebreu → hebreia
- pigmeu → pigmeia

➯ **Observação:**

Há substantivos que não seguem esta regra: réu → ré; judeu → judia; ilhéu → ilhoa.

f) Acréscimo da terminação "-a" aos substantivos terminados em "-es, -or, -z, -s, -l":

- camponês → camponesa
- juiz → juíza
- cantor → cantora
- escritor → escritora
- bacharel → bacharela

g) Acréscimo da terminação "-triz" a certos substantivos terminados em "-or":

- embaixador → embaixatriz
- imperador → imperatriz
- cantor → cantatriz
- ator → atriz
- genitor → genetriz

➾ **Observação:**

Admitem-se também os femininos "cantora" e "genitora" – bem mais usuais no português contemporâneo – para os substantivos "cantor" e "genitor", respectivamente.

h) Acréscimo da terminação "-ina" a certos substantivos como:

- herói → heroína
- czar → czarina
- felá → felaína

➾ **Observação:**

Inúmeros são os procedimentos para a formação do feminino na língua portuguesa, e não há uma regra que consiga abarcar todas as situações. Daí a quantidade exorbitante de substantivos os quais possuem formas totalmente diferentes para indicar o masculino e o feminino. Estes substantivos são denominados de "heterônimos". Segue abaixo uma lista sucinta de tais substantivos (também denominados de "**biformes**", diga-se por conveniência) e seus respectivos femininos.

MASCULINO	FEMININO
baleia	caxaréu, caxarela
bispo	episcopisa
bode	cabra
boi	vaca
burro	besta, mula
cão	cadela
capitão	capitã
cavaleiro	amazona
cavalheiro	dama
cavalo	égua
compadre	comadre
cônego	canonisa, cônega
confrade	confreira
dom	dona
embaixador	embaixadora (funcionária)
embaixador	embaixatriz (esposa do embaixador)
ermitão	ermitoa
frade	freira
frei	sóror ou soror
galo	galinha
general	generala
genro	nora
homem	mulher
jabuti	jabota
javali	javalina
marajá	marani
pacuçu	paca
padrasto	madrasta
padre	madre
padrinho	madrinha
pai	mãe
pardal	pardoca ou pardaloca
parvo	parva
patriarca	matriarca
perdigão	perdiz

MASCULINO	FEMININO
prior	prioresa ou priora
rajá	rani
sandeu	sandia
sereia	tritão
tabaréu	tabaroa
varão	varoa ou virago
veado	veada, cerva
zangão	abelha

2.4.1.1.2 Substantivos uniformes

Um outro grande grupo de substantivos possui apenas uma única forma gráfica para designar tanto o masculino quanto o feminino – são os denominados de **UNIFORMES**. Dividem-se em:

a) **Sobrecomuns** – são substantivos que possuem uma única forma para o masculino e para o feminino. Até o artigo que acompanha estes substantivos é comum aos dois gêneros.

- o monstro
- o defunto
- a pessoa
- o esqueleto
- o cadáver
- o ídolo
- a vítima
- a testemunha
- a criança
- o cônjuge
- o membro
- o sujeito
- o carrasco
- a criatura

b) **Comuns de dois gêneros** – são substantivos que possuem uma única forma gráfica para os dois gêneros, mas se faz a distinção do masculino e do feminino pela utilização de artigos "o, a, os, as, um, uns, uma, umas".

- o/a cliente
- o/a artista
- o/a nubente
- o/a ouvinte
- o/a gerente
- o/a acrobata
- o/a agente
- o/a pedinte
- o/a servente
- o/a jovem
- o/a diplomata
- o/a agiota
- o/a jornalista
- o/a motorista
- o/a selvagem
- o/a estudante
- o/a pajem
- o/a homicida
- o/a dentista
- o/a colega

c) **Epicenos** – são substantivos relativos a animais que possuem uma única forma para designar o masculino e o feminino. A distinção entre os sexos se dará pelo acréscimo das palavras "macho" e "fêmea".

- a cobra macho / a cobra fêmea
- a pulga macho / a pulga fêmea
- a águia macho / a águia fêmea
- o tatu macho / o tatu fêmea
- o crocodilo macho / o crocodilo fêmea
- a borboleta macho / a borboleta fêmea
- o jacaré macho / o jacaré fêmea
- a minhoca macho / a minhoca fêmea

2.4.1.2 Oposição entre o gênero e o sentido

Muitos substantivos mudam de sentido quando têm seu gênero alterado. Diz-se, então, que houve um gênero aparente, já que a outra forma não representa o sexo oposto, mas uma palavra com um significado totalmente diferente do significado da primeira. Observe:

o língua (o intérprete)	**a língua** (órgão do corpo humano)
o caixa (funcionário)	**a caixa** (receptáculo)
o razão (livro mercantil)	**a razão** (faculdade intelectual)
o guarda (policial)	**a guarda** (corporação, proteção, cuidado)
o capital (dinheiro)	**a capital** (cidade sede de governo)
o cisma (separação)	**a cisma** (dúvida)
o vogal (representante)	**a vogal** (letra)
o guia (orientador, pessoa que guia)	**a guia** (documento, correia comprida)
o cura (padre)	**a cura** (restabelecimento da saúde)
o lotação (veículo)	**a lotação** (capacidade)
o moral (ânimo, estado de espírito)	**a moral** (ética, princípios)
o rádio (aparelho)	**a rádio** (estação, emissora)
o crisma (óleo usado em sacramentos)	**a crisma** (sacramento da confirmação)
o águia (pessoa esperta)	**a águia** (ave)
o banana (pessoa mole, palerma)	**a banana** (fruta)
o cabra (pessoa valente)	**a cabra** (animal)
o polícia (policial)	**a polícia** (corporação)
o grama (unidade de peso)	**a grama** (relva)
o estepe (pneu sobressalente)	**a estepe** (vegetação)
o nascente (ponto cardeal leste)	**a nascente** (fonte de água)

2.4.1.3 Mudança de gênero por elipse

Alguns substantivos indicativos de lugares (topônimos) mudam de gênero quando, por metonímia, passam a designar os produtos desses lugares.

Como termos geográficos, esses substantivos são femininos. Ao designar os produtos oriundos de tais lugares, tornam-se nomes comuns masculinos. Um bom exemplo ocorreu com o vocábulo "champagne", que originalmente designa a região da França produtora de bons vinhos espumantes. Hoje, não há quem nunca tenha tomado "**um** champanhe", ou seja, "um **vinho** champanhe". Nestes casos, existe, na verdade, a elipse de um substantivo masculino entre o artigo e o substantivo topônimo. Observe outros casos:

- **Moca** (cidade da Arábia) → **o moca** (tipo de café proveniente da cidade de Moca)
- **Madeira** (ilha situada em Portugal) → **o madeira** (vinho proveniente da ilha Madeira)
- **Borgonha** (região situada na França) → **o borgonha** (vinho produzido na região da Borgonha)
- **Málaga** (região situada na Espanha) → **o málaga** (vinho produzido na região de Málaga)
- **Terra-Nova** (ilha situada no Canadá) → **o terra-nova** (cão oriundo da ilha de Terra-Nova)
- **Holanda** (país situado na Europa) → **o holanda** (fino tecido proveniente da Holanda)
- **Nanquim** (cidade da China) → **o nanquim** (pigmento negro para colorir criado na cidade de Nanquim)
- **Angorá** (antiga cidade da Turquia) → **o angorá** (espécie de gato oriundo da cidade de Angorá – hoje "Ancara")

2.4.1.4 Gênero de alguns substantivos

Há vários substantivos na língua portuguesa que frequentemente suscitam dúvidas quanto ao gênero. Por isso, é bom ficar atento, pois:

a) São masculinos

- o apêndice
- o alvará
- o aneurisma
- o guaraná
- o herpes
- o lança-perfume

- o champanha
- o charque (carne-seca, jabá)
- o clã
- o cônjuge
- o cós
- o delta
- o dó (pena; nota musical)
- o eclipse
- o estratagema
- o formicida
- o magazine
- o matiz
- o plasma
- o telefonema
- o tracoma
- o cabo (soldado; rabo, cauda)
- o magma
- o pernoite
- o praça (soldado)
- o proclama (anúncio)

b) São femininos

- a abusão (engano, erro)
- a dinamite
- a acne
- a áspide (serpente)
- a omelete
- a omoplata
- a agravante (circunstância)
- a alface
- a apendicite
- a aguardente
- a cal
- a faringe
- a libido
- a entorse
- a fruta-pão
- a pane
- a mascote
- a gênese
- a couve-flor
- a derme
- a echarpe (agasalho, adorno)
- a ênfase
- a comichão
- a ferrugem
- a matinê
- a sentinela
- a filoxera (tipo de inseto)

2.4.1.4.1 Substantivos que são masculinos ou femininos indistintamente

São substantivos bastante usuais e que podem ser usados tanto como femininos quanto como masculinos.

- o/a sabiá (ave)
- o/a xérox
- o/a tapa
- o/a cataplasma
- a/o usucapião
- o/a ilhós
- o/a suéter
- o/a diabete (ou diabetes)
- o/a laringe

➯ **Observações gerais sobre o gênero dos substantivos:**

a) O substantivo "personagem" tanto pode ser usado no feminino "a personagem" quanto no masculino "o personagem".

b) Os substantivos "modelo" e "manequim", referindo-se às pessoas que posam em público, têm sido usados na língua contemporânea como substantivos comuns de dois gêneros. A distinção de gênero, portanto, dar-se-á pelo determinante – geralmente o artigo – que acompanha tais palavras. Diz-se, então, "o modelo" para o homem e "a modelo" para a mulher.

c) Alguns substantivos que designam patentes militares como "*general, coronel, tenente, sargento, soldado*" apresentam as formas femininas "*generala, coronela, tenenta, sargenta, soldada*", embora sejam estas bastante preteridas na esfera militar, preferindo-se usar tais substantivos como se fossem comuns de dois gêneros "o/a general, o/a coronel, o/a tenente, o/a sargento, o/a soldado". As patentes "major e cabo" só existem sob a forma masculina.

d) O substantivo "*chefe*" apresenta a forma feminina "*chefa*". Entretanto, é preferível empregar-se "chefe" como substantivo comum de dois gêneros (o chefe / a chefe) pelo fato de a forma "chefa" trazer consigo certa dose de informalidade.

2.4.2 FLEXÕES DE NÚMERO

O número é capacidade que possuem alguns nomes de indicar um ou mais seres ou coisas. Como o gênero, a flexão de número é uma categoria gramatical. Em português, existem dois números gramaticais: o singular e o plural. O primeiro indica um ser ou um grupo de seres (flor, soldado, avião, ramalhete, exército, esquadrilha); já o segundo, indica mais de um ser ou grupo de seres (flores, soldados, aviões, ramalhetes, exércitos etc.).

2.4.2.1 Regras para a formação do plural dos substantivos

1. **Em geral, os substantivos formam o plural com o acréscimo da desinência "-s" ao singular. Isso frequentemente ocorre com os substantivos terminados em vogal ou em ditongo:**

- casa → casas
- prédio → prédios
- braço → braços
- mãe → mães
- rei → reis
- janela → janelas
- menino → meninos
- gramática → gramáticas
- porta → portas
- pai → pais
- pé → pés
- livro → livros
- escola → escolas
- estrada → estradas
- herói → heróis

2. Os substantivos terminados em "-ão" fazem o plural de três maneiras:

a) Alguns simplesmente seguem a regra geral e acrescentam "-s" ao "-ão":

- mão → mãos
- chão → chãos
- pagão → pagãos
- órgão → órgãos
- cristão → cristãos
- irmão → irmãos
- desvão → desvãos
- sótão → sótãos
- grão → grãos
- vão → vãos
- bênção → bênçãos
- cidadão → cidadãos

b) Outros trocam o "-ão" por "-ães":

- escrivão → escrivães
- capitão → capitães
- capelão → capelães
- pão → pães
- alemão → alemães
- afegão → afegães
- cão → cães
- tabelião → tabeliães

c) Um grande grupo troca o "-ão" por "-ões":

- leão → leões
- caixão → caixões
- canhão → canhões
- fração → frações
- gavião → gaviões
- limão → limões
- mamão → mamões
- nação → nações
- coração → corações
- anão → anões
- balão → balões
- botão → botões
- opinião → opiniões
- canção → canções
- folião → foliões

⇨ **Observações:**

a) Essas diversas variações para o plural ocorrem em virtude da etimologia das palavras.

b) Alguns substantivos terminados em "-ão" apresentam mais de uma forma para o plural. Observe abaixo:

- aldeão → adeãos e aldeões
- ancião → anciãos, anciães e anciões
- guardião → guardiães e guardiões
- verão → verãos e verões
- cirurgião → cirurgiões e cirurgiães
- anão → anãos e anões
- castelão → castelãos e castelões
- sultão → sultães e sultões
- vilão → vilãos, vilões e vilães
- vulcão → vulcãos e vulcões

3. Os substantivos terminados em "-r, e -z" formam o plural com o acréscimo da terminação "-es", uma vez que a língua não aceita as terminações "-rs e -zs".

- flor → flores
- gravidez → gravidezes
- giz → gizes
- colher → colheres
- faquir → faquires
- cateter → cateteres
- juiz → juízes
- arroz → arrozes
- andar → andares
- dólar → dólares
- colar → colares
- ureter → ureteres
- amor → amores
- mulher → mulheres
- raiz → raízes
- clamor → clamores
- cruz → cruzes

➾ **Observação:**

Os substantivos "caráter", "júnior" e "sênior" fazem os plurais "caracteres", "juniores" e "seniores", respectivamente, com deslocamento do acento tônico.

4. Os substantivos terminados em "-n" fazem o plural tanto com o acréscimo de "-es" quanto com o acréscimo de "-s".

- próton → prótones ou prótons
- hífen → hífenes ou hifens
- líquen → líquenes ou liquens
- nêutron → nêutrones ou nêutrons
- abdômen → abdômenes ou abdômens
- elétron → elétrones ou elétrons

➾ **Observação:**

Os substantivos "pólen" e "cânon" fazem os plurais "polens" e "cânones", respectivamente.

5. Os substantivos terminados em "-al, -el, -ol e -ul" trocam o "l" por "is". Observe:

- anel → anéis
- anzol → anzóis
- pastel → pastéis
- farol → faróis
- metal → metais
- laranjal → laranjais
- paul → pauis
- tribunal → tribunais
- canal → canais

Observações:

a) Nos substantivos "cônsul" e "mal", a consoante "l" permaneceu intervocálica no plural, daí as formas "cônsules" e "males" para os respectivos plurais.

b) O substantivo "mel" faz os plurais "meles" ou "méis", assim como "mol" faz os plurais "mols" ou "moles".

6. Os substantivos terminados em "-il" formam o plural de acordo com duas regras:

a) Se for oxítono, trocará o "-il" por "is":

- anil → anis
- perfil → perfis
- fuzil → fuzis
- funil → funis
- quadril → quadris
- canil → canis
- barril → barris
- cantil → cantis

b) Se for paroxítono, trocará o "-il" por "-eis":

- fóssil → fósseis
- têxtil → têxteis
- réptil → répteis
- míssil → mísseis
- projétil → projéteis
- tâmil → tâmeis

Observação:

Em virtude da dupla prosódia dos substantivos "réptil – reptil" e "projétil – projetil", admitem-se os respectivos plurais "répteis – reptis" e "projéteis – projetis".

7. Os substantivos terminados em "-m" trocam esta letra por "-ns". Veja:

- fim → fins
- bombom → bombons
- jejum → jejuns
- jardim → jardins
- som → sons
- bebum → bebuns
- vintém → vinténs
- refém → reféns
- amém → améns

8. Os substantivos terminados em "-s" fazem o plural segundo duas regras:

a) Os monossílabos e os oxítonos recebem "-es":

- gás → gases
- deus → deuses
- português → portugueses
- rês → reses
- revés → reveses
- cós → coses
- mês → meses
- burguês → burgueses
- chinês → chineses

b) Os paroxítonos e os proparoxítonos terminados em "-s" são invariáveis:

- o pires → os pires
- o tênis → os tênis
- o oásis → os oásis
- o ônibus → os ônibus
- o vírus → os vírus
- o alferes → os alferes
- o lápis → os lápis
- o ourives → os ourives
- o ônus → os ônus

9. Os substantivos terminados em "-x" são invariáveis.

- o tórax → os tórax
- uma xérox → duas xérox
- o ônix → os ônix
- o látex → os látex
- a fênix → as fênix

⇛ **Observação:**

Alguns substantivos monossilábicos terminados em "-x", entretanto, admitem também, para a formação do plural, o acréscimo da terminação "-es". É o caso de:

- o fax → os fax ou faxes
- o flox → os flox ou floxes
- o sax → os sax ou saxes
- o fox → os fox ou foxes

2.4.2.1.1 Particularidades sobre o plural dos substantivos

1. Alguns substantivos mudam o timbre da vogal tônica de (ô – fechado) para (ó – aberto) quando postos no plural. É o que se denomina de plural metafônico ou plural com metafonia. Veja alguns exemplos:

(ô) – fechado no singular	(ó) – aberto no plural
caroço	caroços
coro	coros

(ô) – fechado no singular	(ó) – aberto no plural
despojo	despojos
destroço	destroços
foro	foros
fosso	fossos
imposto	impostos
jogo	jogos
miolo	miolos
olho	olhos
osso	ossos
ovo	ovos
poço	poços
posto	postos
povo	povos
reforço	reforços
socorro	socorros
tijolo	tijolos
torto	tortos
troço	troços

Outros substantivos, porém, permanecem com o (ô) fechado quando vão para o plural. Veja:

(ô) – fechado no singular	(ô) – fechado no plural
abono	abonos
bolo	bolos
bolso	bolsos
cachorro	cachorros
coco	cocos
dono	donos
dorso	dorsos
encosto	encostos
esposo	esposos
gozo	gozos
lobo	lobos
logro	logros

(ô) - fechado no singular	(ô) - fechado no plural
morro	morros
piolho	piolhos
polvo	polvos
repolho	repolhos
rosto	rostos
sogro	sogros
toldo	toldos

2. Alguns substantivos, quando postos no plural, sofrem alteração semântica, ou seja, mudam o sentido. Observe:

- bem (virtude) ≠ bens (capital, posses)
- ar (atmosfera) ≠ ares (aparência, condições do clima)
- gênero (conjunto) ≠ gêneros (alimentos)
- féria (remuneração) ≠ férias (descanso)
- lua (satélite) ≠ luas (semanas)
- honra (dignidade) ≠ honras (homenagens, título)
- vergonha (humilhação) ≠ vergonhas (órgãos sexuais)
- amor (sentimento) ≠ amores (relações amorosas)

3. Há substantivos que só existem na forma "plural". Veja alguns exemplos:

- as fezes
- as cãs
- as cócegas
- os parabéns
- as cercanias
- os Alpes
- as calendas
- os óculos
- as exéquias
- as núpcias
- os pêsames
- os víveres
- as condolências
- os arredores
- os Andes
- as alvíssaras
- os anais
- as olheiras
- os Pirineus
- as Belas Artes

4. Os nomes de pessoas, os numerais e as letras do alfabeto fazem, geralmente, o plural com o acréscimo do morfema "-s" - obviamente quando se prestam a esta regra. Veja:

- Ele jamais passará na prova dos noves.
- Lá, na festa, encontrarás os Antônios, os Andrés, os Joões, os Junqueiras e tantos outros mais.

- Jamais escreverás corretamente se não conheceres bem os "as", os "bês", os "cês" que compõem as palavras.

⇨ **Observação:**

Os numerais terminados em "-s" e em "-z" são invariáveis. Ex.: dois, dez, três, seis etc.

5. **Em geral os substantivos apresentam tanto o feminino quanto o masculino. Este é o princípio básico. Entretanto, alguns substantivos são, na prática, usados, em quase todos os seus empregos, no singular, embora apresentem flexão de plural como a maioria dos substantivos. Isso ocorre particularmente com:**
   - a) **substantivos que designam metais:** ouro, prata, ferro, mercúrio, alumínio, cobre.
   - b) **substantivos que designam produtos animais e vegetais:** leite, mel, açúcar, lã, vinho, arroz.
   - c) **substantivos que designam artes e ciências:** Budismo, Cristianismo, Lógica, Socialismo, Aritmética.
   - d) **alguns substantivos abstratos que exprimem virtude ou vício:** preguiça, caridade, confiança, leviandade, liberdade.

2.4.2.2 Plural dos substantivos compostos

Os substantivos compostos apresentam um vasto conjunto de regras especiais para a formação de seus plurais. Vários substantivos fogem das orientações abaixo e apresentam uma forma própria, particular para o seu plural. Por isso, apresentaremos a seguir as regras mais comuns para a flexão de número de tais nomes compostos.

1.ª regra: Substantivos compostos formados por palavras variáveis quanto ao número → ambas as palavras devem ir para o plural. As palavras que formam o composto devem, portanto, ser analisadas se, isoladamente, são suscetíveis de ir para o plural.

- couve-flor (substantivo + substantivo) → couves-flores
- terça-feira (numeral + substantivo) → terças-feiras
- amor-perfeito (substantivo + adjetivo) → amores-perfeitos
- salvo-conduto (adjetivo + substantivo) → salvos-condutos
- ponta-direita (substantivo + adjetivo) → pontas-direitas

- chave-mestra (substantivo + substantivo) → chaves-mestras
- guarda-noturno (substantivo + adjetivo) → guardas-noturnos
- má-língua (adjetivo + substantivo) → más-línguas
- capitão-mor (substantivo + adjetivo) → capitães-mores
- pai-nosso (substantivo + pronome) → pais-nossos
- cirurgião-dentista (substantivo + adjetivo) → cirurgiões-dentistas

2.ª regra: Substantivos compostos formados por palavra invariável mais uma palavra variável → só o segundo elemento deverá ir para o plural.

- abaixo-assinado (advérbio + particípio na função de adjetivo) → abaixo-assinados
- quebra-mar (verbo + substantivo) → quebra-mares
- ave-maria (interjeição + substantivo) → ave-marias
- vice-cônsul (prefixo + substantivo) → vice-cônsules
- infraestrutura (prefixo + substantivo) → infraestruturas
- beija-flor (verbo + substantivo) → beija-flores
- salve-rainha (interjeição + substantivo) → salve-rainhas
- ultrassom (prefixo + substantivo) → ultrassons

3.ª regra: Substantivos compostos unidos por preposição → só o primeiro elemento varia.

- pé de moleque → pés de moleque
- mula sem cabeça → mulas sem cabeça
- pimenta-do-reino → pimentas-do-reino
- amigo da onça → amigos da onça
- joão-de-barro → joões-de-barro
- pôr do sol → pores do sol
- pau a pique → paus a pique
- ama de leite → amas de leite

4.ª regra: Substantivos compostos em que o segundo elemento delimita o primeiro → só o primeiro elemento varia.

- navio-escola → navios-escola
- banana-maçã → bananas-maçã
- caneta-tinteiro → canetas-tinteiro
- erva-mate → ervas-mate
- salário-família → salários-família
- peixe-boi → peixes-boi
- pau-brasil → paus-brasil
- pombo-correio → pombos-correio
- escola-modelo → escolas-modelo

⇨ **Observação:**

Por se tratar de substantivos compostos formados por palavras variáveis, admite-se também que os compostos acima variem ambos os elementos. Portanto:

- navio-escola → navios-escola ou navios-escolas
- peixe-boi → peixes-boi ou peixes-bois
- pau-brasil → paus-brasil ou paus-brasis
- fruta-pão → frutas-pão ou frutas-pães

5.ª regra: Substantivos compostos formados por palavras repetidas ou palavras onomatopaicas (reprodução de sons das coisas, dos animais) → só o segundo elemento se flexiona.

- reco-reco → reco-recos
- ruge-ruge → ruge-ruges
- corre-corre → corre-corres
- pife-pafe → pife-pafes
- quero-quero → quero-queros
- pisca-pisca → pisca-piscas
- tico-tico → tico-ticos
- bem-me-quer → bem-me-queres
- bem-te-vi → bem-te-vis
- pega-pega → pega-pegas

⇨ **Observações:**

a) Quando as palavras repetidas forem verbos, também é lícita a flexão dos dois elementos.

- pisca-pisca → pisca-piscas ou piscas-piscas
- pega-pega → pega-pegas ou pegas-pegas
- corre-corre → corre-corres ou corres-corres

b) São invariáveis os substantivos compostos formados por verbos de sentidos opostos, embora alguns dicionaristas mais modernos insistam em flexionar o último elemento.

- o leva e traz → os leva e traz
- o vai-volta → os vai-volta
- o perde-ganha → os perde-ganha

6.ª regra: Substantivos compostos em que o primeiro elemento for uma das formas "**grão, grã, ex-, dom, são e bel**" → só o segundo elemento se flexiona.

- grão-duque → grão-duques
- grã-cruz → grã-cruzes
- dom-basiliano → dom-basilianos
- ex-voto → ex-votos
- grão-mestre → grão-mestres
- bel-prazer → bel-prazeres
- são-bento → são-bentos
- são-bernardo → são-bernardos

7.ª regra: São substantivos compostos invariáveis:

- o louva-a-deus → os louva-a-deus (invariável)
- o saca-rolhas → os saca-rolhas (invariável)
- o arco-íris → os arco-íris (invariável)
- o maria vai com as outras → os maria vai com as outras (invariável)

2.4.3 FLEXÕES DE GRAU

Como sabemos, o substantivo é uma classe gramatical que designa os seres em geral. Os seres designados podem se apresentar em tamanhos diversos. À propriedade dos substantivos de indicar a dimensão dos seres dá-se o nome de "flexão de grau". Em português, há duas flexões de grau: o **aumentativo** e o **diminutivo**. Essas flexões tanto podem ser obtidas com a utilização de sufixos (forma sintética) quanto com a utilização de adjetivos (forma analítica). Estudaremos primeiramente a formação do grau com a utilização de sufixos e prefixos.

1. **Grau aumentativo:** o substantivo se apresenta em tamanho aumentado. Geralmente são utilizados os sufixos "-ão, -arão, -arrão, -zarrão, -eirão, -alhão, -gão". Ex.:

- buraco → buracão
- vaga → vagalhão
- pé → pezão
- amigo → amigão
- casa → casarão
- homem → homenzarrão
- capa → capeirão
- lamaçal → lamarão
- nariz → narigão
- chapéu → chapeirão
- bobo → bobalhão
- dedo → dedão

Há, entretanto, inúmeros substantivos que usam sufixos especiais para a formação do grau aumentativo. Abaixo apresentaremos alguns desses substantivos:

Sufixos	Exemplos
-aça	barcaça, barbaça
-alha	fornalha, muralha
-eirão	vozeirão, boqueirão
-ázio	copázio, balázio
-ona	barrigona, pernona
-orra	cabeçorra, beiçorra
-uça	vinhuça, dentuça
-anha	bocanha, campanha
-eira	fogueira, canseira

2. **Grau diminutivo:** o substantivo se apresenta em tamanho reduzido, diminuto. Para a formação deste grau, sinteticamente, utilizam-se também uma série de sufixos. Os mais usuais são:

Sufixos	Exemplos
-ebre	casebre
-acho	riacho, populacho
-culo	ossículo, corpúsculo
-eco	livreco, boteco
-ete	filete, filmete
-inho	filhinho, galinho
-ita	pedrita, cabrita
-ito	cãozito
-isco	chuvisco, ladrisco
-ola	sacola, rapazola
-ico	burrico, cuvico
-ica	pelica, fraldica
-ilha	presilha, flotilha
-ejo	lugarejo, papelejo
-im	espadim, pistolim
-ulo	glóbulo, nódulo
-eto	folheto, jardineto
-eta	caixeta, abeta
-ote	velhote, caixote

⇛ **Observações:**

a) Tanto o grau aumentativo quanto o diminutivo apresentam uma forma analítica, feita geralmente com o auxílio dos adjetivos "grande, enorme, imenso e adjetivos semelhantes" e "pequeno, minúsculo e adjetivos semelhantes" respectivamente.

b) Nem sempre o aumentativo e o diminutivo mostram o aumento e a diminuição de um ser. A utilização dos sufixos próprios para o aumentativo e para o diminutivo também pode indicar "desprezo, desproporção, pejoração, grosseria". Observe:

- Era considerada pela cidade como uma mulherzinha. (= mulher ordinária)
- Os silvas eram uma gentalha. (= gente de classe social baixa)
- Era um professorzinho! (= professor qualquer, sem qualificação)
- Aquele padreco era um grande santarrão. (= padre sem valor; falso devoto)

c) Muitos diminutivos são usados para indicar "afetividade, aproximação, carinho". É o caso de "amorzinho, paizinho, amiguinha, coleguinha".

d) O grau aumentativo também é obtido pela repetição do substantivo colocando-lhe no meio a preposição "de". É um processo muito usado na Bíblia. Veja:

- Rei dos reis
- Mestre dos mestres
- Senhor dos senhores
- Santo dos santos

d) Alguns aumentativos e diminutivos são obtidos com o emprego de prefixos. É o que se observa em "minifúndio, maxicasaco, supermercado, minissaia".

e) Alguns substantivos, pela evolução da língua, perderam o sentido gradual e assumiram valores semânticos autônomos. É o que se verifica, por exemplo, na palavra "portão" que não mais é o aumentativo de "porta", mas sim um tipo de entrada. Fato idêntico ocorreu com os vocábulos: cartilha, cartão, caldeirão, colchão.

f) No trato familiar, geralmente eivado de bastante afetividade, muitos diminutivos e aumentativos são criados a partir de nomes personativos. Tais criações são denominados de "hipocorísticos". Observe alguns:

- Antônio = Toninho
- José = Zezinho
- Fátima = Fatinha
- Carlos = Cacá
- Maria = Mariinha
- Alexandre = Xandão
- Paulo = Paulão
- Josefa = Zefinha

2.4.3.1 Plural dos substantivos diminutivos

Para a formação do plural dos substantivos diminutivos deve-se obedecer às seguintes orientações:

1.º → coloca-se o substantivo, sem os sufixos do diminutivo, no plural → **coração** faz **corações**

2.º → retira-se o "-s" do plural deste substantivo → **corações** – "s" fica **coraçõe**

3.º → acrescenta-se o sufixo do diminutivo → **coraçõe** + **zinho** fica coraçõezinho

4.º → acrescenta-se o fonema "-s" que foi retirado → **coraçõezinho + s** fica finalmente "**coraçõezinhos**"

Outros exemplos:

- pãozinho → pãezinhos
- barzinho → barezinhos
- farolzinho → faroizinhos
- paizinho → paizinhos
- papelzinho → papeizinhos
- florzinha → florezinhas
- amorzinho → amorezinhos
- carretelzinho → carreteizinhos

2.5 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (MM) A alternativa em que há **erro** no sentido dos substantivos é:

a) o grama = unidade de medida; a grama = relva
b) o rádio = aparelho receptor; a rádio = estação transmissora
c) o guia = documento; a guia = pessoa que guia
d) o cisma = separação; a cisma = desconfiança
e) o moral = ânimo; a moral = ética

2. (TER-MT) O termo que faz o plural como **cidadão** é:

a) limão
b) órgão
c) guardião
d) espertalhão
e) balão

3. (ESAF-CJF) Assinale a opção em que há substantivos que se referem, respectivamente, a **ação** e **sentimento**:

   a) homem, passos
   b) passado, medo
   c) diferença, raízes
   d) inteligência, criação
   e) trabalho, tristeza

4. (TRT-RJ) Há **erro**, quanto à flexão do substantivo composto, em:

   a) Essa medida irá beneficiar as donas de casas.
   b) Os surdos-mudos irão participar da olimpíada dos deficientes.
   c) Todas as manhãs os beija-flores apareciam no jardim.
   d) No Brasil muitos vice-presidentes assumem a presidência da República.
   e) Não podemos tolerar os disse me disse neste assunto.

5. (TRT-RJ) Escolha a alternativa cujos gêneros, pela ordem, correspondem aos seguintes vocábulos: **alface**, **grama** (peso), **dó** e **telefonema**.

   a) masculino – feminino – masculino – feminino
   b) feminino – feminino – masculino – feminino
   c) masculino – feminino – masculino – masculino
   d) feminino – masculino – masculino – masculino
   e) feminino – feminino – masculino – masculino

6. (TCE-RJ) A opção em que as duas palavras formam o plural da mesma maneira é:

   a) substituição / nação
   b) administração / pão
   c) ficção / alemão
   d) demonstração / capitão
   e) talão / cristão

7. (TEC-RJ) Assinale a opção em que o plural das palavras destacadas é feito da mesma forma;

   a) O **escrivão** desacatou aquele **cidadão**.
   b) O **salário-família** será pago na **sexta-feira**.
   c) O **freguês** antigo tinha uma aparência **simples**.
   d) O funcionário encarregado de vistoria era **dócil** e **gentil**.
   e) Naquele mundo **pagão**, havia apenas um **cristão**.

8. (Mackenzie-SP) Em qual das alternativas todas as palavras pertencem ao gênero masculino?

a) dinamite, agiota, trema, cal
b) dilema, perdiz, tribo, axioma
c) eclipse, telefonema, dó, aroma
d) estratagema, bílis, omoplata, gengibre
e) sistema, guaraná, rês, anátema

9. (UFBA) Ficou com ______ quando soube que ______ caixa do banco entregara aos ladrões todo o dinheiro ______ clã.

a) o moral abalado – o – do
b) a moral abalada – o – da
c) o moral abalado – a – da
d) a moral abalado – a – do
e) a moral abalada – a – da

10. (ITA-SP) Examinar a frase abaixo, dando atenção aos vocábulos destacados:

*"A **estação emissora** procurava encorajar **o ânimo** daqueles que lutavam contra a **tropa inimiga**."*

A sequência dos sinônimos das palavras destacadas na sentença acima é, pela ordem:

a) o rádio, a moral, a corja
b) a rádio, a moral, a horda
c) a rádio, o moral, a hoste
d) o rádio, o moral, a hoste
e) As alternativas acima não são corretas.

GABARITO

1 – C	2 – B	3 – E
4 – A	5 – D	6 – A
7 – E	8 – C	9 – A
10 – C		

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

CAPÍTULO 3

ADJETIVO

3.1 DEFINIÇÃO

> É a classe de palavras variáveis que alteram a noção do substantivo atribuindo-lhe qualidades, características, aspectos gerais ou específicos, estados, modos de ser. Resumidamente, o adjetivo é a classe que nomeia as qualidades e os estados atribuídos ao substantivo.

Observe os primeiros exemplos:

- mulher desprestigiada
- navio quebrado
- porta aberta
- casinhas brancas e amarelas

Observe os termos grifados acima. Todos são adjetivos, pois apresentam qualidades e estados dos seres a que se referem.

3.2 CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE OS ADJETIVOS

1. Como se referem a substantivos, os adjetivos – embora alguns sejam invariáveis – concordam em gênero e número com o substantivo.

- Havia ideias **falsas** em todos os jornais **brasileiros**.
  adjetivos concordam em gênero e número com os substantivos "ideias" e "jornais"
- Jamais encontraremos **bons** argumentos sem antes visitarmos **longes** pensamentos. *adjetivos concordam em gênero e número com os substantivos "argumentos" e "pensamentos"*

2. O adjetivo também pode aparecer na função de substantivo e vice-versa. Veja:

- Os **feios** também amam.
  adjetivo substantivado
- O **cego** quase caiu no buraco.
  adjetivo substantivado
- O **perverso** não possui escrúpulos.
  adjetivo substantivado
- O **belo** sempre se sobressai
  adjetivo substantivado
- D. Maria tinha um filho **homem**.
  substantivo adjetivado
- Compramos dois rádios-**relógio**.
  substantivo adjetivado

3. Muito frequentemente, o adjetivo aparece sob a forma de uma locução, formada, em geral, pela junção de uma preposição mais um substantivo, referindo-se – obviamente – a um substantivo. É o que se denomina de "locução adjetiva". Observe:

- água **serrana** (*adjetivo simples*) → água **da serra** (*locução adjetiva (preposição + substantivo)*)
- casas **urbanas** (*adjetivo simples*) → asas **da cidade** (*locução adjetivo (preposição + substantivo)*)
- homem **inescrupuloso** (*adjetivo simples*) → homem **sem escrúpulos** (*locução adjetiva (preposição + substantivo)*)
- calor **infernal** (*adjetivo simples*) → calor **dos infernos** (*locução adjetiva (preposição + substantivo)*)

➯ Observações:

a) Nem sempre é possível transformar uma locução adjetiva em um adjetivo simples. Veja alguns exemplos em que essa transformação não é possível:

- Todos viviam sob um teto **de lona**.
  locução adjetiva
- Comprou um carro **com portas amarelas**.
  locução adjetiva
- João era um homem **de poucas palavras**.
  locução adjetiva
- Ganhou um livro **sem contracapa**.
  locução adjetiva

b) Em raros casos, a locução adjetiva é formada por uma preposição mais um advérbio. Vale ressaltar que as locuções adjetivas equivalem a adjetivos e sempre irão se referir a substantivos. Esta, aliás, é a principal característica dos adjetivos.

- Moravam todos no andar **de cima**.
  ocução adjetiva (preposição + advérbio)
- Compramos o jornal **de hoje**.
  locução adjetiva (preposição + advérbio)

4. É imperioso dizer que o adjetivo também pode ser expresso por meio de uma oração, assim como ocorre com o substantivo: é a denominada "oração adjetiva", isto é, uma oração que funciona como um adjetivo. Veja abaixo:

- Bebia água **serrana**. → Bebia água **da serra**. → Bebia água **que vinha da serra**.
  adjetivo simples — *locução adjetiva* — *oração adjetiva*
- Todos gostavam do doce **que a vovó preparava**.
  oração adjetiva
- Ninguém esqueceu os avisos **os quais ele deu**.
  oração adjetiva
- Jamais desejei os objetos **cujos donos são corruptos**.
  oração adjetiva
- Maria mora na cidade **onde trabalha**.
  oração adjetiva

⇛ **Observação:**

A principal característica das orações adjetivas é o fato de elas virem introduzidas por um pronome relativo, por isso são também chamadas de "orações relativas".

5. É importante não se esquecer de que os adjetivos funcionam como determinantes para o substantivo. Logo, a presença de uma oração adjetiva, por exemplo, exigirá, por se tratar de um determinante, o acento grave nas palavras que pedem determinação para que haja o fenômeno da crase. Observe:

- Amanhã irei à casa **que me será dada por herança**.
  oração adjetiva = determinante
- Por que tu não ficaste à distância **a qual eu te recomendei?**
  oração adjetiva = determinante

⇛ **Observação:**

Procure correlacionar este conhecimento com o assunto sobre o emprego do acento grave em sintaxe.

6. Frequentemente, os particípios verbais exercem a função de um adjetivo – são os chamados *adjetivos de base participial*. Em vários casos, tais particípios representam orações adjetivas reduzidas. Observe:

- Ontem eu li um livro **escrito** por um primo. (→ que foi escrito)
  adjetivo de base participial
- Ele é réu **confesso**.
  adjetivo de base participial

▹ Quando chegaram, a égua já estava **morta**.
adjetivo de base participial

3.3 FORMAÇÃO DOS ADJETIVOS

Quanto à formação, os adjetivos podem ser:

a) **simples** → feio, branco, palmarense etc.
b) **compostos** → castanho-claro, luso-brasileira, surdo-mudo etc.
c) **primitivos** → belo, feio, bonito, amarelo etc.
d) **derivados** → decoroso, famoso, bonachão etc.

3.3.1 ADJETIVOS PÁTRIOS

Há inúmeros adjetivos que se referem a países, regiões, continentes, estados, povos, raças. Estes adjetivos são denominados de "pátrios ou gentílicos". Vejamos alguns:

Pátrios brasileiros (Estados e cidades)

Alagoas	alagoano
Acre	acriano ou acreano
Água Preta	água-pretense
Amazonas	amazonense
Bahia	baiano
Belém	belenense
Belo Horizonte	belo-horizontino
Brasília	brasiliense
Catende	catendense
Ceará	cearense
Curitiba	curitibano
Espírito Santo	espírito-santense ou capixaba
Fortaleza	fortalezense
Goiânia	goianiense
Goiás	goiano

João Pessoa	pessoense
Juiz de Fora	juiz-forense
Manaus	manauense
Maranhão	maranhense
Mato Grosso	mato-grossense
Mato Grosso do Sul	mato-grossense-do-sul
Minas Gerais	mineiro
Natal	natalense
Palmares	palmarense
Pará	paraense
Paraíba	paraibano
Paraná	paranaense
Pernambuco	pernambucano
Piauí	piauiense
Porto Alegre	porto-alegrense
Recife	recifense
Ribeirão Preto	ribero-pretano
Rio de Janeiro (cidade)	carioca
Rio de Janeiro (Estado)	fluminense
Rio Grande do Norte	norte-rio-grandense, rio-grandense-do-norte ou potiguar
Rio Grande do Sul	rio-grandense-do-sul ou gaúcho
Rondônia	rondoniano ou rondoniense
Roraima	roraimense
Salvador/BA	salvadorense ou soteropolitano
Santa Catarina	catarinense ou barriga-verde
São Paulo (cidade)	paulistano
São Paulo (Estado)	paulista
Sergipe	sergipano ou sergipense
Tocantins	tocantinense
Três Corações	tricordiano

Pátrios estrangeiros

Belém (Jordânia)	belemita

Boston/EUA	bostoniano
Caracas	caraquenho
Congo	congolês
El Salvador	salvadorenho
Estados Unidos	estadunidense, norte-americano ou ianque
Flandres	flamengo
Gália	galo ou gaulês
Galiza	galego
Japão	japonês ou nipônico
Jerusalém	hierosolimita ou hierosolimitano
Lima	Limenho
Lisboa	lisboeta ou lisbonense
Madagascar	malgaxe ou madasgacarense
Madri	madrileno ou madrilense
Manchúria	manchu
Moscou	moscovita
Nova Zelândia	neozelandês
Parma	parmesão
Patagônia	patagão
Porto	portuense
Suíça	suíço
Viana	vianense, vianês

➯ **Observação:**

Muitas vezes se utiliza mais de um adjetivo pátrio para se referir a um mesmo substantivo. Neste caso, usam-se as formas latinizadas e reduzidas de tais adjetivos. Observe abaixo:

Adjetivo	Adjetivo correspondente – forma latina reduzida
inglês	anglo-
austríaco	austro-
europeu	euro-
francês	franco-
grego	greco-

espanhol	hispano-
indiano	indo-
italiano	ítalo-
galego	galaico-
português	luso-
japonês	nipo-
chinês	sino-
alemão	teuto- ou germano-
dinamarquês	dano-
finlandês	fino-
belga	belgo-

Portanto, se quisermos dizer que um acordo foi efetuado entre China, Japão e Portugal, por exemplo, diremos:

- acordo **sino-nipo-lusitano**

3.3.2 ADJETIVOS ERUDITOS

São adjetivos que significam "relativo a", "semelhante a", "próprio de". Possuem, na maioria dos casos, uma locução adjetiva correspondente. Vejamos alguns:

Adjetivo erudito	Locução adjetiva correspondente (relativo a...)
acético	vinagre
adamantino	diamante
anular	anel
aracnídeo	aranha
argênteo, argentino, argírico	prata
auricular, ótico	ouvidos
axial	eixo
áureo	ouro
bélico	guerra
biliar	bílis
bucal, oral	boca
canino	cão

Adjetivo erudito	Locução adjetiva correspondente (relativo a...)
capilar	cabelo
caprino	cabra
cardíaco	coração
cefálico	cabeça
celular	célula
cervical	pescoço
circense	circo
cítrico	limão, laranja
columbino	pombo
coreógrafo	dança
digital	dedo
discente	aluno
docente	professor
dorsal	costas
eclesiástico	igreja
ecumênico	universo habitado
edênico	éden
eólico	vento
epidérmico ou cutâneo	pele
episcopal	bispo
equídeo, equino, hípico	cavalo
estelar	estrela
fabril	fábrica
felino, felídeo	gato
feroz, ferino	fera
férreo	ferro
filatélico	selos
filial	filho
fluvial, potâmico	rio
fônico, vocal	voz
formicular	formiga
fraterno ou fraternal	irmão
frontal	frente
gástrico	estômago

Adjetivo erudito	Locução adjetiva correspondente (relativo a...)
glacial	gelo
gutural	garganta
hepático	fígado
herbáceo	erva
hibernal	inverno
ictílico, písceo	peixe
ígneo	fogo
insular	ilha
jurídico	direito
lacrimal	lágrima
lácteo	leite
lacustre	lago
lateral	lado
leonino	leão
leporino	lebre
letal, mortífero	morte
lunar	lua
magistral	mestre
marinho, marítimo	mar
materno ou maternal	mãe
matutino, matinal	manhã
meridional, austral	sul
mnemônico	memória
monetário, numismático	moeda
nasal	nariz
naval	navio, navegação
ocular, óptico, oftálmico	olhos
ofídico	cobra
olímpico	Olimpo, olimpíadas
onírico	sonho
outonal	outono
ovino	ovelha
palustre	brejo
paradisíaco	paraíso

Adjetivo erudito	Locução adjetiva correspondente (relativo a...)
pecuário	gado
pecuniário	dinheiro
pesqueiro	pesca
pétreo	pedra
platônico	Platão
plebeu	plebe
plúmbeo	chumbo
pluvial	chuva
postal	correio
pueril, infantil	criança
pulmonar	pulmão
real	rei
renal	rim
rural	campo
sacarino	açúcar
saponáceo	sabão
senil	velho, velhice
setentrional, boreal	norte
sideral	astro
silvestre	selva
símio, simiesco	macaco
sísmico	terremoto
suíno, porcino	porco
sulfúrico	enxofre
terrestre	terra
torácico	tórax
umbilical	umbigo
vascular	vasos sanguíneos
venoso	veia
vespertino	tarde
vínico, vinário	vinho
viril	homem
vital	vida
vítreo, hialino	vidro

3.4 FLEXÕES DOS ADJETIVOS

Assim como os substantivos, os adjetivos se flexionam em **gênero**, **número** e **grau**.

3.4.1 FLEXÕES DE GÊNERO

Como o adjetivo é a palavra que acompanha o substantivo a fim de qualificá-lo, a flexão em que este se encontra contamina a daquele, ou seja, o adjetivo geralmente se flexiona de acordo com o substantivo que ele determina. Observe:

▹ acordos feministas ▹ bolachas gostosas ▹ filmes anti-heroicos

adjetivos flexionados nos gêneros dos substantivos

Quanto ao gênero, os adjetivos se classificam em: **uniformes** e **biformes**.

a) São uniformes os adjetivos que apresentam uma única forma tanto para o masculino quanto para o feminino.

▹ lei **federal** / regulamento **federal**

▹ questão **fácil** / assunto **fácil**

▹ gente **alegre** / povo **alegre**

▹ lei **inconstitucional** / decreto **inconstitucional**

b) São biformes os que apresentam uma forma para o feminino e outra para o masculino.

▹ mulher **bonita** / homem **bonito** ▹ exército **inglês** / questão **inglesa**

▹ bolo **gostoso** / torta **gostosa** ▹ problema **delicado** / solução **delicada**

3.4.1.1 Formação do feminino dos adjetivos biformes

Cumpre a princípio informar que boa parte dos adjetivos se flexiona com base nas regras dos substantivos. Entretanto, salientaremos algumas regras para um melhor estudo. Acompanhe:

a) Os adjetivos terminados em "-eu" (com o "e" fechado) formam o feminino com o acréscimo de "-eia":

- ateu → ateia
- cananeu → cananeia
- galileu → galileia
- europeu → europeia

Exceções:

- sandeu → sandia
- judeu → judia

b) Os adjetivos terminados em "-ês, -ol, -or, -u" formam o feminino pelo simples acréscimo de "-a":

- nu → nua
- cru → crua
- inglês → inglesa
- encantador → encantadora
- jogador → jogadora
- camponês → camponesa
- espanhol → espanhola

c) Os adjetivos terminados em "-ão" formam o feminino ora com o acréscimo de "-ã", ora com o acréscimo de "-ona":

- vão → vã
- ladrão → ladrona ou ladra
- chorão → chorona
- comilão → comilona

d) São invariáveis os adjetivos terminados em:

- -l (exceto "-ol") → cruel, fiel, útil, amável etc.
- -ar, -er → regular, exemplar, mau-caráter, esmoler etc.
- -z → veloz, infeliz, atroz, capaz etc. (Exceção: andaluz → andaluza)
- -m → jovem, ruim, comum, virgem etc. (Exceção: bom → boa)
- -e → forte, inteligente, elegante, leve etc.
- -s (exceto "ês") → simples etc.

➯ **Observações importantes sobre as flexões de gênero:**

a) Alguns adjetivos biformes, quando postos no gênero feminino, passam da vogal (ô) fechada para a vogal (ó) aberta. Observe:

ô – fechada (masculino)	ó – aberta (feminino)
perigoso	perigosa
furioso	furiosa

ô – fechada (masculino)	ó – aberta (feminino)
religioso	religiosa
bondoso	bondosa
mimoso	mimosa

b) Outros adjetivos, entretanto, mantêm a mesma vogal (ô) fechada do masculino no feminino.

ô – fechada (masculino)	ô – fechada (feminino)
fosco	fosca
oco	oca
gordo	gorda
moço	moça
solto	solta

c) O adjetivo "só", significando "sozinho", é invariável quanto ao gênero.

▹ *Eles ficaram sós.* ▹ *Elas ficaram sós.*

3.4.2 FLEXÕES DE NÚMERO

a) Como já dissemos, o adjetivo acompanha o substantivo e com este concorda. Portanto, o adjetivo se flexionará em número de acordo com as regras que se utilizam para a flexão de número dos substantivos.

▹ vestido azul → vestidos azuis ▹ prato espanhol → pratos espanhóis

▹ questão comum → questões comuns ▹ pensamento vão → pensamentos vãos

b) Nos adjetivos compostos, só o último elemento se flexiona.

▹ intervenção médico-cirúrgica → intervenções médico-**cirúrgicas**

▹ acordo luso-latino-americano → acordos luso-latino-**americanos**

▹ problema sociopolítico → problemas socio**políticos**

▹ tratado franco-brasileiro → tratados franco-**brasileiros**

▹ cabelo castanho-escuro → cabelos castanho-**escuros**

c) São invariáveis os adjetivos compostos formados de "cor + de + substantivo". Observe:

▹ blusa cor-de-rosa → blusas **cor-de-rosa** ▹ azulejos **cor de musgo**

▹ suéter cor de café com leite → suéteres **cor de café com leite**

➯ **Observação:**

Nos exemplos, há a omissão da preposição "de" entre o primeiro substantivo e a palavra "cor". Logo, também seria gramaticalmente correta a seguinte escrita:

▹ luvas **de** cor de café ▹ vestidos **de** cor de chocolate

▹ meias **de** cor de rosa

Em outras construções, omitem-se as três palavras "de cor de", fazendo com que o substantivo indicativo da cor modifique diretamente o substantivo cuja cor se quer indicar. Ainda neste caso, o substantivo indicativo da cor permanecerá invariável.

▹ luvas **salmão** → omissão de "de cor de"

▹ cetim **rosa** → omissão de "de cor de"

▹ fita **creme** → omissão de "de cor de"

▹ tecido **laranja** → omissão de "de cor de"

d) São igualmente invariáveis os compostos formados de "adjetivo + substantivo".

▹ calça amarelo-ouro → calças **amarelo-ouro**

▹ terno verde-oliva → ternos **verde-oliva**

▹ tecido vermelho-sangue → tecidos **vermelho-sangue**

▹ sofá azul-ferrete → sofás **azul-ferrete**

➯ **Observações:**

a) Excetuam-se das regras acima os adjetivos "surdo-mudo" e "surda-muda", cujos plurais são, respectivamente, "surdos-mudos" e "surdas-mudas".

b) A despeito de os dicionaristas registrarem – respaldados, diga-se de passagem, pelo Vocabulário Ortográfico da língua portuguesa – os plurais "azuis-marinhos" e "azuis-celestes", prefere-se utilizar, no português corrente, estes adjetivos como invariáveis: *calças azul-marinho, blusas azul-celeste.*

c) Convém lembrar que, quando o adjetivo é empregado em função adverbial (derivação imprópria) – geralmente equivalendo a um advérbio terminado em "-mente" –, permanecerá inflexível, isto é, deverá ser empregado no masculino e na terceira pessoa do singular. Observe abaixo (os termos em negrito são todos "adjetivos adverbializados"):

- Vamos falar **sério**.
- Ouvimos músicas **puro** clássicas.
- A seleção venceu **fácil** o jogo.
- Todos aqui amam **diferente**.
- Elas responderam **seco**.
- Todas falam **fino**.
- A justiça **rápido** se corrompe.
- Elas torciam **forte**.
- As portas **raro** se abriam.
- Eles suavam **frio**.
- Jogamos **fraco** as bolas.
- As alunas juraram **falso**.

> **Dica importante:** É preciso ter-se em mente que a questão de a palavra apresentar esta ou aquela morfologia depende da função (morfológica) exercida na oração. Portanto, é fundamental lembrar que o adjetivo se refere a um substantivo, enquanto o advérbio é um modificador de verbos, adjetivos e advérbios. Portanto, fique atento!

3.4.3 FLEXÕES DE GRAU

As flexões de grau apresentam a intensidade das qualidades atribuídas aos seres. Não se deve, pois, confundir com o grau dos substantivos, já que este tem por função indicar o tamanho dos seres.

Existem dois graus para os adjetivos: o comparativo e o superlativo.

3.4.3.1 O grau comparativo

A principal característica do grau comparativo é a existência de dois seres postos numa relação de confronto. Nesta relação, um dos seres se mostrará "inferior", "superior" ou "igual" ao outro no que se refere à(s) sua(s) qualidade(s). Daí o grau comparativo poder ser:

1. De inferioridade (menos... que ou do que...)

- Os argumentos orais apresentados eram **menos** consistentes **do que** a defesa escrita que fizera no início do processo.
- O presidente do clube era **menos** inteligente **que** seus associados.

2. De igualdade (tão... quanto, quão ou como...)

- Todos os cavalos eram **tão** saudáveis **quanto** as éguas que tínhamos comprado no mês passado.
- Percebemos que as ideias eram **tão** irresponsáveis **quão** seus donos.
- As poltronas do novo avião eram **tão** confortáveis **como** as do ônibus que nos trouxera até Recife.

3. De superioridade (mais... que ou do que...)

- O castelo era **mais** alto **que** a casa daquele empresário.
- Ele era **mais** inteligente **do que** esperto.

➯ **Observações sobre o grau comparativo:**

a) **O grau comparativo se faz, como se percebeu, de forma analítica. Alguns adjetivos, entretanto, oriundos do latim, apresentam forma sintética para o comparativo. São eles:**

Adjetivo	Forma comparativa sintética
bom	melhor
mau	pior
grande	maior
pequeno	menor
alto	superior
baixo	inferior

➯ **Observação:**

Quando se comparam, no entanto, características de um mesmo ser, usam-se as formas analíticas destes mesmos adjetivos. Veja:

- A cara era **mais** grande **do que** arejada.
- Ele era **mais** bom **do que** atencioso.

b) **Muitas vezes o grau comparativo se manifesta nos substantivos adjetivados. Observe:**

- Ele foi **mais** pai **do que** professor.
- João era **mais** vereador **do que** advogado.

c) Nas estruturas comparativas, a conjunção comparativa liga partes da oração de mesma função. Entretanto, em muitos casos, a bem da clareza, o segundo elemento da comparação deve, a despeito de funcionar com objeto direto, vir encabeçado por uma preposição – geralmente a preposição "a" – para evitar ambiguidades.

- "A ela, à presumida mulher, aborreço-a quase tanto como **ao marido.**" (Almeida Garrett)
- "Os pés dos gentios hão de logo pulverizá-la como **aos meus pés**". (Camilo)
- "Acusaram-no de haver beneficiado mais a sua família que **ao povo romano.**" (Camilo)

d) Quando a conjunção comparativa "como" se refere a um termo que está precedido por uma preposição, deve obrigatoriamente vir acompanhada da mesma preposição.

- "Suspensos os pobres Frades com o embargo, pareceu que achariam amparo **no** Bispo, **como** em quem fora o primeiro autor de sua vinda". (Fr. L. de Souza)
- "E por esta causa tratamos **dele como de** filho de Benfica". (Fr. L. de Souza)
- "Acostumei-me a olhar **para** a morte **como para** o tempo de meus padecimentos." (Filinto Elísio)

e) Nas estruturas comparativas, o verbo da oração comparativa geralmente é elipsado em virtude de ser o mesmo verbo da oração principal (subordinante).

- A filha tem sido tão esperta quanto a mãe. (Leia-se → "... quanto a mãe tem sido esperta")
  sujeito da oração comparativa

  sujeito da oração comparativa
- Apresentaram-se tão bem quanto os alunos da 4.ª série. (Leia-se → "... quanto os alunos da 4.ª série se apresentaram")

➾ **Observação:**

Nestes casos, temos orações comparativas com verbos elípticos ou verbos latentes.

f) Lembre-se de que a preposição "DE", que introduz as comparações de superioridade e de inferioridade, pode ser elipsada, ocultada. Portanto, podemos dizer corretamente:

- Ela é mais sábia do que o João. /OU/ ▹ Ela é mais sábia que João.
- "Os homens que se chamavam meus amantes valiam menos para mim do que um animal." (José de Alencar)
- "Mas nada nos dista mais da mente do que a intransigência intelectual e o dogmatismo político." (Rui Barbosa)
- "Os ministros ficaram cientes da existência de uma influência mais poderosa que a do chefe aparente do Estado." (Rui Barbosa)
- "A imperturbável seriedade de Estela foi um aguilhão mais, não menos cruel que a gentileza de suas formas." (Machado de Assis)

3.4.3.2 O grau superlativo

Aqui, os adjetivos expressam o grau mais elevado da característica atribuída ao substantivo. Divide-se em:

1. **Superlativo absoluto** → aqui não se estabelece qualquer comparação com outro ser e o adjetivo intensifica ao máximo a característica atribuída ao substantivo. Pode ser efetivado de duas maneiras:

a) **De forma analítica (superlativo absoluto analítico)** → é obtido com o emprego de um advérbio de intensidade anteposto ao adjetivo. Geralmente se empregam os advérbios "muito, mui, bastante, muitíssimo, excessivamente, exageradamente".

- A questão era demasiadamente difícil.
- Ele era muito respeitado pelos amigos.
- Todos ficaram bastante perplexos.
- Eram músicas assaz antigas.

b) **De forma sintética (superlativo absoluto sintético)** → é obtido com o emprego dos sufixos "-íssimo", "-imo" ou "-érrimo" ao adjetivo.

- Ele sempre demonstrou atitudes benevolentíssimas.
- Era um objeto sacratíssimo.
- O menino era paupérrimo.
- Sempre foi amicíssimo do padre da cidade.

Considerações importantes sobre a formação do superlativo absoluto sintético:

a) Os adjetivos terminados em vogal átona perdem essa vogal ao receber o sufixo do superlativo:

- alto → altíssimo
- agudo → agudíssimo
- belo → belíssimo
- justo → justíssimo
- macio → maciíssimo
- quente → quentíssimo

➾ **Observação:**

Alguns adjetivos sofrem alterações gráficas quando recebem o sufixo do superlativo. Veja:

- antigo → antiquíssimo
- largo → larguíssimo
- fraco → fraquíssimo
- rouco → rouquíssimo
- pouco → pouquíssimo
- rico → riquíssimo

b) Os adjetivos terminados em "-vel" fazem o superlativo com o acréscimo de "-bilíssimo":

- amável → amabilíssimo
- notável → notabilíssimo
- visível → visibilíssimo
- louvável → louvabilíssimo
- móvel → mobilíssimo
- horrível → horribilíssimo

c) Os adjetivos terminados em "-z" fazem o superlativo sintético com o acréscimo de "-císsimo", ou melhor, trocam o "z" por "c" e recebem o sufixo "íssimo":

- audaz → audacíssimo
- feliz → felicíssimo
- veloz → velocíssimo
- eficaz → eficacíssimo
- falaz → falacíssimo
- contumaz → contumacíssimo

d) A maioria dos adjetivos terminados em "-il" forma o superlativo com o acréscimo de "-imo":

- dócil → docílimo
- difícil → dificílimo
- frágil → fragílimo
- fácil → facílimo
- grácil → gracílimo
- ágil → agílimo
- hábil → habílimo
- senil → senílimo

e) Muitas vezes a formação do superlativo sintético atende a questões etimológicas. Assim, os adjetivos que no latim terminavam em "-er" recebem o sufixo "-imo":

- magro (latim, *macer*) → macérrimo

- pobre (latim, *pauper*) → paupérrimo
- áspero (latim, *asper*) → aspérrimo
- negro (latim, *niger*) → nigérrimo

f) Como já dissemos, muitos adjetivos formam o superlativo a partir do superlativo latino. Por isso, há uma série de adjetivos que apresentam uma forma mais erudita e uma forma mais popular, mais usual nos dias atuais. Observe:

Adjetivo	Forma superlativa erudita	Forma superlativa popular
ágil	agílimo	agilíssimo
doce	dulcíssimo	docíssimo
humilde	humílimo	humildíssimo
magro	macérrimo	magríssimo
pobre	paupérrimo	pobríssimo
simples	simplicíssimo	simplíssimo
soberbo	superbíssimo	soberbíssimo

g) No linguajar coloquial, é comum o uso do sufixo "-ésimo", típico da formação de numerais ordinais, para a formação do superlativo. Esta prática, no entanto, não é agasalhada pelo padrão culto da língua. Portanto, formas como "importantésimo, finésima, gostosésima", bastante comuns no falar coloquial, devem ser substituídas pelas suas respectivas formas cultas para o superlativo: "importantíssimo, finíssimo, gostosíssimo".

h) Muitas vezes o grau superlativo sintético é obtido com o emprego de alguns prefixos que intensificam o adjetivo. Logo, formações como "superinteligente", "hiperdesenvolvido", "ultrafino" representam também o superlativo de tais palavras.

Segue abaixo uma lista sucinta dos principais e mais usuais superlativos portugueses:

Adjetivo	Superlativo absoluto sintético
acre	acérrimo
agudo	acutíssimo
amargo	amaríssimo

Adjetivo	Superlativo absoluto sintético
amigo	amicíssimo
antigo	antiquíssimo
áspero	aspérrimo
bélico	belicíssimo
benéfico	beneficentíssimo
benévolo	benevolentíssimo
célebre	celebérrimo
cristão	cristianíssimo
cruel	crudelíssimo
doce	dulcíssimo
fiel	fidelíssimo
frio	frigidíssimo
geral	generalíssimo
humilde	humílimo
inimigo	inimicíssimo
magnífico	magnificentíssimo
magro	macérrimo ou magríssimo
maléfico	maleficentíssimo
malévolo	malevolentíssimo
mísero	misérrimo
negro	nigérrimo
nobre	nobilíssimo
pessoal	personalíssimo
pobre	paupérrimo ou pobríssimo
provável	probabilíssimo
público	publicíssimo
pudico	pudicíssimo
sábio	sapientíssimo
sagrado	sacratíssimo
salubre	salubérrimo
são	saníssimo
sério	seriíssimo
simpático	simpaticíssimo
simples	simplicíssimo
soberbo	superbíssimo

2. **Superlativo relativo** → aqui o adjetivo atribuído ao substantivo é intensificado para mais ou para menos e posto numa relação comparativa com outro ser. Pode ser:

a) **Superlativo relativo de superioridade** → é obtido com o emprego dos elementos "**o mais... de...** (ou **dentre...**)".

- "Você era **a mais** bonita **das** cabrochas dessa ala." (Chico Buarque)
- Ele sempre foi **o mais** inteligente **dentre** todos os alunos de sua escola.
- Castilho foi **o mais** perfeito **dos** escritores portugueses do século XIX.

b) **Superlativo relativo de inferioridade** → é obtido com o emprego dos elementos "**o menos... de...** (ou **dentre...**)".

- Os rapazes observados pelo detetive eram **os menos** informados **de** todos *os que ele já investigou.*
- Aquela menina deveria ser **a menos** sábia **dentre** seus coleguinhas da sala por causa do problema neurológico.
- Consideram-na **a menos** linda **das** candidatas ao concurso de beleza.

3.5 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (MM) Assinale a alternativa que contém uma correlação **incorreta** entre o adjetivo e a locução correspondente:

a) água **de chuva** – pluvial
b) pele **de marfim** – ebúrnea
c) representante **dos alunos** – docente
d) agilidade **de gato** – felina
e) copo **de prata** – argênteo

2. (ALERJ/FESP) A frase que contém um adjetivo é:

a) A necessidade fez isto do homem.
b) Todos lutam para ter a liberdade.
c) A televisão nos mostra o mundo.
d) Ele usa um topete escandaloso.
e) Gostaria de ficar com você.

3. (TRT-RJ) A forma do superlativo está incorreta na frase da seguinte alternativa:

a) Comíamos tão pouco que ficamos **magríssimos**.

b) Todos o consideravam **sapientíssimo.**
c) Era um leitor compulsivo, **voracíssimo.**
d) Depois da publicação do romance ficou **celebérrimo.**
e) Após o golpe, tornou-se um ditador **cruelíssimo.**

4. (TRT-PR) "O uniforme verde-oliva era mais bonito do que o verde-claro."

Passando a oração para o plural, temos:

a) Os uniformes verdes-olivas eram mais bonitos do que os verdes-claros.
b) Os uniformes verdes-oliva eram mais bonitos do que os verdes-claros.
c) Os uniformes verde-olivas eram mais bonitos do que os verde-claros.
d) Os uniformes verde-oliva eram mais bonitos do que os verde-claros.
e) Os uniformes verde-oliva eram mais bonitos do que os verde-claro.

5. (TRT-PR) "Em algumas regiões o vocabulário é mínimo..."

A forma **mínimo** *corresponde ao:*

a) superlativo absoluto sintético
b) superlativo relativo de superioridade
c) superlativo relativo de inferioridade
d) superlativo absoluto analítico
e) comparativo de inferioridade

6. (TJ-SP) Em qual dos itens há um superlativo relativo?

a) Foi um gesto de péssimas consequências.
b) Aquele professor é ótimo.
c) O dia amanheceu extremamente frio.
d) Ele fez a descoberta mais notável do século!
e) Ele foi muito infeliz naquele lance!

7. (TRF-RJ) Os acordos _____ dispensam interpretações de natureza _____.

a) lusos-brasileiros – filosófico-científica
b) lusos-brasileiro – filosófica-científicas
c) luso-brasileiros – filosófico-científica
d) lusos brasileiros – filosófica-científica
e) luso-brasileiros – filosófica-científicas

8. (CEFET-PR) Em que caso a palavra destacada não tem valor de adjetivo?

a) Um branco, **velho,** pedia esmolas.
b) Um velho, **branco,** pedia esmolas.
c) Era um dia **cinzento.**
d) O sabão usado desbotou o **verde** da camisa.
e) Os viajantes dormiam **tranquilos.**

9. (UFF-RJ) Das frases abaixo, apenas uma apresenta adjetivo no comparativo de superioridade. Assinale-a.

   a) A palmeira é a mais alta árvore deste lugar.
   b) Guardei as melhores recordações daquele dia.
   c) A Lua é menor do que a Terra.
   d) Ele é o maior aluno de sua turma.
   e) O mais alegre dentre os colegas era Ricardo.

10. (ITA-SP) O plural de **terno azul-claro**, **terno verde-mar** é, respectivamente:

    a) ternos azuis-claros, ternos verdes-mares
    b) ternos azuis-claros, ternos verde-mares
    c) ternos azul-claro, ternos verde-mar
    d) ternos azul-claros, ternos verde-mar
    e) ternos azuis-claro, ternos verde-mar

GABARITO

1 – C	2 – D	3 – E
4 – D	5 – A	6 – D
7 – C	8 – D	9 – D
10 – D		

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

CAPÍTULO 4

ARTIGO

4.1 DEFINIÇÃO

> É a classe de palavra variável que, anteposta ao substantivo, determina-o ou indetermina-o.

O artigo, portanto, interfere na extensão semântica do substantivo.

Ademais, pode-se dizer que o artigo serve para destacar de uma classe um ou mais indivíduos. Observe:

- Por favor, pegue um livro para estudar. (Isto é, pegue-se qualquer livro para estudar)
- Por favor, pegue o livro para estudar. (Isto é, deve-se pegar um "determinado" livro para estudar)
- Ele gosta de fruta. (Isto é, ele gosta de qualquer tipo de fruta)
- Ele gosta da fruta. (Isto é, ele gosta daquela fruta, de uma fruta determinada)

4.2 CLASSIFICAÇÃO

Na língua portuguesa os artigos podem ser "definidos" e "indefinidos". São os seguintes os artigos em nossa língua:

	MASCULINOS		FEMININOS	
	SINGULAR	PLURAL	SINGULAR	PLURAL
ARTIGOS DEFINIDOS	**o**	**os**	**a**	**as**
ARTIGOS INDEFINIDOS	**um**	**uns**	**uma**	**umas**

Em muitos casos, os artigos aparecem ora contraídos a preposições, ora combinados com elas. Algumas dessas combinações e contrações já se arcaizaram e não são mais empregadas em nossa língua, como é o exemplo da contração "por + o" e suas variantes. Observe uma pequena tabela que demonstra esse fenômeno.

PREPOSIÇÕES	**ARTIGO DEFINIDO**				**ARTIGO INDEFINIDO**			
	o	**a**	**os**	**as**	**um**	**uma**	**uns**	**umas**
a	ao	à	aos	às	–	–	–	–
de	do	da	dos	das	dum	duma	duns	dumas
em	no	na	nos	nas	num	numa	nuns	numas
per	pelo	pela	pelos	pelas	–	–	–	–
por	polo	pola	polos	polas	–	–	–	–

4.3 EMPREGO DOS ARTIGOS DEFINIDOS

Regra principal:

Em geral, usa-se o artigo definido com os substantivos tomados em sentido determinado, isto é, que tenham qualquer caracterização clara ou implícita.

- **As** ruas daquela cidade estavam repletas de panfletos **do** candidato adversário.
- "João Romão foi, **dos** treze **aos** vinte e cinco anos, empregado de um vendeiro que enriqueceu entre **as** quatro paredes de uma suja e obscura taverna **nos** refolhos do bairro **do** Botafogo." (Aluísio Azevedo)
- "A casa apresentava **a** frente **às** colinas." (Bernardo Guimarães)
- "**O** planalto central **do** Brasil desce, **nos** litorais do Sul, em escarpas inteiriças, altas e abruptas." (Euclides da Cunha)

4.3.1 EMPREGOS PARTICULARES DO ARTIGO DEFINIDO

1. **Emprega-se o artigo definido antes de nomes próprios de países, regiões, continentes, mares, ilhas, desertos, montes, vulcões, rios, oceanos, lagos, arquipélagos.**

- o Paquistão
- os Alpes
- o Atacama (deserto)
- o Saara (deserto)
- os Andes
- o Brasil
- o Atlântico (oceano)
- o Kilauea (vulcão)
- o Himalaia (monte)
- o Mediterrâneo
- o Ártico
- as Malvinas (ilhas)
- o Pacífico (oceano)
- os Açores
- o Ganges

➯ **Observação:**

Há países que rejeitam o artigo. Outros o facultam.

- em França / na França
- Visitamos Roma, na Itália.
- Chegamos a Curitiba.
- em África / na África
- Estivemos em Portugal.

2. Emprega-se o artigo definido antes de nomes indicadores de ideias abstratas, como "virtudes e vícios, faculdades e operações da alma, das ciências e das artes".

- Ele sempre amou **a** justiça.
- Ele sempre buscou **a** arquitetura.
- **A** prosperidade é mais perigosa para a alma que **a** adversidade para o corpo.

3. Emprega-se o artigo definido antes de nomes de idiomas.

- Ele fala muito bem o inglês.
- Ainda não domino o alemão.

4. Emprega-se o artigo definido antes de nomes de designam, no singular ou no plural, espécies e gêneros.

- **O** homem é o único ser racional do planeta.
- As orquídeas valem muito no mercado externo.
- **Dos** animais, o cão é o mais doméstico.
- **Os** equinos sempre ajudaram o homem.

5. Emprega-se o artigo definido antes de nomes de pessoas quando são usados no trato familiar para indicar afetividade, quando significam membros da mesma família ou quando tais nomes vêm precedidos de qualificativos.

- **O** Marcos arrebentou na prova de Química.

- Ainda não falamos com **o** Antônio sobre o problema.
- Foi **o** soberbo Afonso que provocou a tragédia.
- **Os** Augustos formam uma fantástica família.

6. Emprega-se o artigo definido antes dos nomes dos pontos cardeais e colaterais, tanto no sentido próprio, como designando regiões.

- Viajaram em direção **ao** Oeste.
- A casa tinha a frente para **o** nascente e os fundos para **o** poente.
- Passaremos rapidamente **pelo** norte do país.
- **O** sul do Brasil sofrerá com as chuvas de inverno.

7. Emprega-se o artigo definido antes dos nomes designativos de festas religiosas e profanas.

- **o** carnaval
- **a** Páscoa
- **o** Natal
- **a** Quaresma
- **o** São João

8. Emprega-se o artigo definido após o pronome indefinido "todo" e suas flexões para reforçar o caráter de totalidade, de inteireza.

- Foram para a festa todos **os** alunos.
- Todas **as** pessoas se retiram abruptamente.

9. É facultativo o emprego do artigo definido antes de pronomes possessivos adjetivos.

- seu livro / o seu livro
- nossas considerações / as nossas considerações
- tuas escolhas / as tuas escolhas
- vosso apartamento / o vosso apartamento

➯ **Observação:**

Quando o possessivo se refere a substantivo oculto, o emprego do artigo definido se faz obrigatório.

- Se tu não gostas da / de minha comida, como queres que eu goste da tua?

10. Emprega-se o artigo definido antes de nomes de sentidos opostos (antíteses):

- Sr. João ficou entre a vida e a morte.
- Tudo que nasce na terra o sol e a chuva criam.
- A verdade e a mentira muitas vezes andam juntas.

11. Emprega-se geralmente o artigo definido antes de obras artísticas e literárias.

- Os Lusíadas
- o Fausto
- a Eneida
- a Ilíada

4.3.2 NÃO SE EMPREGA O ARTIGO DEFINIDO

1. Antes de vocativos:

- Vós, **poderoso rei**, bem sabeis a importância de vossas decisões.
- Quem o chamou aqui, **menino**?

2. Em provérbios, máximas, adágios e definições:

- **Palavra** de rei não volta atrás.
- **Galinha** de olho torto procura **poleiro** cedo.
- **Epizeuxe** ou **reduplicação** é a figura que repete seguidamente a mesma palavra.
- Sempre **afeição** e **amor** são maiores que as coisas amadas.

3. Entre o pronome relativo "cujo" e suas flexões e o substantivo posposto.

- Adquirimos dois livros **cujas capas** são de madeira.

4. Antes da palavra "casa" quando não acompanhada de determinante:

- Vim **de casa.**
- Chegarei **a casa** por volta das 23h.
- Passei **em casa** na parte da manhã.
- Voltarei **para casa** às 22h.
- Entrou **em casa** e nada falou a respeito do problema.

5. Antes dos nomes designativos dos meses do ano:

- "Quando **fevereiro** chegar, saudade já não mata a gente." (Geraldo Azevedo)
- Chegará em **setembro** uma remessa de livros didáticos.

6. Antes de substantivos empregados em sentido geral ou indeterminado:

- Ela nunca foi a **teatro**.
- Jamais pisarei em **estádio** de futebol.
- **Cerveja** sempre é bom para um dia quente de verão.
- Ele gosta de **tortas.**

7. Antes de formas de tratamento:

- Enfim cheguei ao palácio, onde **Sua Majestade** me recebeu com graças.
- Quer dizer que **Vossa Alteza** faz poemas?

8. Antes dos pronomes demonstrativos "este, esse, aquele" e suas variações:

- **Este** carro é muito veloz.
- **Aquela** camisa fica muito bem em você.

9. Antes de locuções nas quais figurem nomes de partes do corpo, de faculdades do espírito, dos sentidos, em geral precedidas das preposições "a" e "de":

- de mão beijada
- de mãos dadas
- de braços abertos
- de orelha murcha
- de perna aberta
- de ouvido
- de braço dado
- em segunda mão
- de braços cruzados
- a peito descoberto
- de memória
- de olhos fechados
- a olhos vistos
- de cabeça baixa
- de rosto alegre
- de cor

10. Nos superlativos relativos, também chamados de superlativos exclusivos:

- "A mãe falava muito em mim louvando-me extraordinariamente, como o homem mais puro do mundo." (Drummond)

E não "... como o homem **o** mais puro do mundo."

- De todos de nossa sala, o Salathiel era o aluno mais humilde.

E não "... era o aluno **o** mais humilde."

11. Em termos coordenados sinônimos ou que designem o mesmo indivíduo:

- A ira, **cólera** ou **furor**, é uma moléstia do espírito.
- O imperador da Alemanha e **rei** da Prússia...

4.4 EMPREGO DOS ARTIGOS INDEFINIDOS

Regra principal:

Em geral, usa-se o artigo indefinido antes dos nomes tomados em sentido vago e indeterminado.

- "Levou Deus um dia em espírito ao Profeta Ezequiel a Jerusalém, e o que viu o Profeta foi uma parede ou fachada em que estava um ídolo do zelo." (Pe. Antônio Vieira – Sermões)
- "O presbítero Eurico era o pastor da pobre paróquia de Carteia. Descendente de uma antiga família bárbara." (A. Herculano)
- "*Despontam o dia* com uns largos tragos de aguardente, a *teimosa*. E rompem estridulamente os sapateados vivos." (Euclides da Cunha)
- "Com a morte dele a flauta voltou a ocupar um lugar secundário como instrumento musical, a que os doutores em música, quer executantes, quer os críticos eruditos, não dão nenhuma importância." (Lima Barreto)

⇛ **Observação:**

O emprego do artigo indefinido não deve sobrecarregar a frase. Deve ser omitido sempre que a clareza ou a ênfase não o reclamarem.

4.4.1 OUTRAS ORIENTAÇÕES PARA O USO DOS ARTIGOS INDEFINIDOS

1. Não se deve empregar artigo indefinido antes do adjetivo "outro":

- Deve haver outro governo melhor do que este. (E não "Deve haver *um outro* governo...")

- Ele sempre lança mão de outros livros para as suas pesquisas. (E não "... mão de *uns outros* livros...")

2. Por questão de estilo, deve-se evitar o emprego do artigo indefinido antes de apostos explicativos:

- Carlos Drummond de Andrade, poeta brasileiro, foi representante do Modernismo. (E não "..., *um* poeta brasileiro...")
- "Recife, cidade de Pernambuco, é considerada a 'Veneza brasileira'". (E não "..., *uma* cidade de Pernambuco...")

3. Pode-se antepor o artigo indefinido a um numeral cardinal para indicar aproximação numérica:

- Faz uns três anos que ela não dá notícias.
- Havia umas dez mil pessoas no show de Roberto Carlos.

4. É importante não confundir os artigos indefinidos "um, uma" com os *numerais "um, uma". A primeira distinção se dá pela noção* de quantidade fixa e exata que estes transmitem, ao passo que aqueles transmitem uma ideia vaga, incerta, indefinida. Em segundo lugar, o artigo indefinido possui plural (uns, umas), enquanto o numeral não o tem – em tese, o plural de "um, uma" (numerais) seria "dois, duas". Observe os exemplos:

- Um cachorro é sempre um bom companheiro para o homem.
  artigo indefinido – equivale a "qualquer, todo"
- Neste quintal, cabe apenas um cachorro.
  pronome – trata-se de número, de quantidade exata
- Encontrei-me com uns colegas e fizemos umas lições de matemática.
  artigos indefinidos – apresentam flexão de plural
- Ontem lemos apenas um capítulo do livro de matemática. Hoje precisamos ler no mínimo dois.
  numeral – quantidade exata

Observação:

Em muitas situações, porém, a distinção não é muito fácil de ser feita. Neste caso, é preciso ficar muito atento ao contexto para se perceber qual o real sentido (indefinição ou quantidade exata) que se deseja dar ao vocábulo.

4.5 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (ESAN-SP) Em qual dos casos o artigo denota familiaridade?

a) O Amazonas é um rio imenso
b) D. Manuel, o Venturoso, era bastante esperto.
c) O Antônio comunicou-se com o João.
d) O professor João Ribeiro está doente.
e) *Os Lusíadas* são um poema épico.

2. (UFUB-MG) Em uma das frases, o artigo definido está empregado erradamente. Em qual?

a) A velha Roma está sendo modernizada.
b) A "Paraíba" é uma bela fragata.
c) Não reconheço agora a Lisboa do meu tempo.
d) O gato escaldado tem medo de água fria
e) O Havre é um porto de muito movimento.

3. (FMU-SP) Observe as frases seguintes e depois escolha a única alternativa **incorreta.**

I. Com a Ana ele vai brigar

II. Com Fred ele não vai discutir.

a) A frase I contém um artigo definido, no feminino e no singular, que semanticamente torna ***Ana*** mais próxima do emissor.
b) A frase I contém um artigo definido, no feminino e no singular, pois antecede um nome próprio de mesmas características morfológicas.
c) No confronto entre a frase I e a frase II pode-se notar a importância do uso estilístico do artigo.
d) A frase II, dispensando o artigo diante do nome próprio, marca o distanciamento entre o referente e o emissor.
e) A frase II, não contendo artigo definido diante do nome próprio, está errada.

4. (ITA-SP) Determine o caso em que o artigo tem valor de qualificativo.

a) Estes são os candidatos de que lhe falei.
b) Procure-o, ele é o médico! Ninguém o supera.
c) Certeza e exatidão, estas qualidades não as tenho
d) Os problemas que o afligem não me deixam descuidado.
e) Muita é a procura; pouca a oferta.

5. (FATEC-SP) Indique o erro quanto ao emprego do artigo.

a) Em certos momentos, as pessoas as mais corajosas se acovardavam.

b) Em certos momentos, as pessoas mais corajosas se acovardavam.
c) Em certos momentos, pessoas as mais corajosas se acovardam.
d) Em certos momentos, pessoas mais corajosas se acovardam.

6. (UM-SP) Assinale a alternativa em que há erro.

a) Li a notícia no *Estado de S. Paulo.*
b) Li a notícia em *O Estado de S. Paulo.*
c) Essa notícia, eu a vi em *A Gazeta.*
d) Vi essa notícia em *A Gazeta.*
e) É em *O Estado de S. Paulo* que li a notícia.

7. (ESAN-SP) Assinale a alternativa correta.

a) Mostraram-me cinco livros. Comprei todos cinco.
b) Mostraram-me cinco livros. Comprei todos cinco livros.
c) Mostraram-me cinco livros. Comprei todos os cinco.
d) Mostraram-me cinco livros. Comprei a todos cinco livros
e) n.d.a

8. (UM-SP) Em qual das alternativas colocaríamos o artigo definido feminino para todos os substantivos?

a) sósia - doente - lança-perfume
b) dó - telefonema - diabetes
c) clã - eclipse - pijama
d) cal - elipse - dinamite
e) champanha - criança - estudante

GABARITO

1 – C	2 – D	3 – E
4 – B	5 – A	6 – A
7 – C	8 – D	

CAPÍTULO 5

NUMERAL

5.1 DEFINIÇÃO

É a palavra variável que, acompanhando ou substituindo o substantivo, transmite uma noção de quantidade ou de ordem numérica.

- **Dois terços** do Congresso Nacional votaram contra a medida.
- João foi aprovado em **centésimo quinquagésimo lugar.**
- **Cinquenta e dois por cento** dos alunos não participarão dos jogos.
- Maria tem o **dobro** dos meus anos.
- Ele permanecerá internado no hospital durante uma **quinzena.**

➾ **Observação:**

As palavras grifadas acima são numerais e transmitem, respectivamente, as seguintes noções: fração de um todo, ordem em uma sequência, número percentual, multiplicidade e número coletivo. Todos os termos são, portanto, **numerais propriamente ditos** ou **quantitativos definidos**.

5.2 CONSIDERAÇÕES INICIAIS SOBRE OS NUMERAIS

1. **Os numerais geralmente são termos adjetivos, ou seja, acompanham o substantivo em função de adjunto adnominal. Daí serem também**

chamados de "numerais adjetivos". Quando assumem a posição do substantivo, são denominados de "numerais substantivos", à semelhança dos pronomes.

- No encontro havia dois mestres em Direito Constitucional.
  numeral adjetivo
- Os **dois** saíram com o professor de natação.
  numeral substantivo

2. **Na leitura dos numerais cardinais, emprega-se a conjunção "e" entre as centenas e as dezenas e entre estas e a unidade.**

- 324.670 = Trezentos **e** vinte **e** quatro mil seiscentos **e** setenta.
- 4.654.981 = Quatro milhões seiscentos **e** cinquenta **e** quatro mil novecentos **e** oitenta **e** um.

3. **A maioria dos povos usa os numerais de origem arábica (os numerais arábicos, como são conhecidos). Em épocas mais remotas, usavam-se bastante os numerais de origem romana (os numerais romanos). Hoje estes numerais são empregados em raras situações.**

5.3 CLASSIFICAÇÃO DOS NUMERAIS

De acordo com as suas funções, os numerais são classificados em:

a) cardinais
b) ordinais
c) fracionários
d) multiplicativos
e) coletivos

ALGARISMOS		CARDINAIS	ORDINAIS	MULTIPLICATIVOS	FRACIONÁRIOS	COLETIVOS
ROMANOS	ARÁBICOS					
I	1	um	primeiro			
II	2	dois	segundo	duplo ou dobro	meio, metade	par ou casal
III	3	três	terceiro	triplo ou tríplice	terço	
IV	4	quatro	quarto	quádruplo	quarto	

V	5	cinco	quinto	quíntuplo	quinto	
VI	6	seis	sexto	sêxtuplo	sexto	
VII	7	sete	sétimo	séptuplo	sétimo	
VIII	8	oito	oitavo	óctuplo	oitavo	
IX	9	nove	nono	nônuplo	nono	novena
X	10	dez	décimo	décuplo	décimo	dezena
XI	11	onze	undécimo ou décimo primeiro	undécuplo	onze avos ou undécimo	onzena
XII	12	doze	duodécimo ou décimo segundo	duodécuplo	doze avos ou duodécimo	dúzia
XIII	13	treze	décimo terceiro		treze avos	
XIV	14	catorze	décimo quarto		catorze avos	
XV	15	quinze	décimo quinto		quinze avos	quinzena
XVI	16	dezesseis	décimo sexto		dezesseis avos	
XVII	17	dezessete	décimo sétimo		dezessete avos	
XVIII	18	dezoito	décimo oitavo		dezoito avos	
XIX	19	dezenove	décimo nono		dezenove avos	
XX	20	vinte	vigésimo		vinte avos ou vigésimo	
XXX	30	trinta	trigésimo		trinta avos ou trigésimo	trintena
XL	40	quarenta	quadragésimo		quarenta avos ou quadragésimo	quarentena
L	50	cinquenta	quinquagésimo		cinquenta avos ou quinquagésimo	
LX	60	sessenta	sexagésimo		sessenta avos ou sexagésimo	
LXX	70	setenta	septuagésimo		setenta avos ou septuagésimo	
LXXX	80	oitenta	octogésimo		oitenta avos ou octogésimo	
XC	90	noventa	nonagésimo		noventa avos ou nonagésimo	

C	100	cem	centésimo	cêntuplo	cem avos ou centésimo	centena
CXLIV	144	cento e quarenta e quatro	centésimo quadragésimo quarto		cento e quarenta e quatro avos	grosa
CC	200	duzentos	ducentésimo		duzentos avos ou ducentésimo	
CCC	300	trezentos	trecentésimo		trezentos avos ou trecentésimo	
CD	400	quatrocentos	quadrigentésimo		quatrocentos avos ou quadringentésimo	
D	500	quinhentos	quingentésimo		quinhentos avos ou quingentésimo	
DC	600	seiscentos	seiscentésimo ou sexcentésimo		seiscentos avos ou sexcentésimo	
DCC	700	setecentos	septingentésimo		setecentos avos ou septingentésimo	
DCCC	800	oitocentos	octingentésimo		oitocentos avos ou octingentésimo	
CM	900	novecentos	noningentésimo ou nongentésimo		novecentos avos ou nongentésimo	
M	1.000	mil	milésimo		milésimo	milheiro ou milhar
MM	2.000	dois mil	dois milésimos		dois mil avos	
X	10.000	dez mil	dez milésimos		dez mil avos ou décimo milésimo	
C	100.000	cem mil	cem milésimos		cem mil avos ou centésimo milésimo	
M	1.000.000	um milhão	milionésimo		milionésimo	
M	1.000.000.000	um bilhão	bilionésimo		bilionésimo	

5.4 REGRAS GERAIS PARA O EMPREGO DOS NUMERAIS

1. **Empregam-se os cardinais para a designação de datas e horas, como também para designar capítulos, parágrafos, folhas ou quaisquer divisões de uma obra.**

- Recife, 23 de junho de 2008.
- Em São Paulo, são 23h38min.
- Esse pensamento encontra-se no capítulo 22, na página 49.

➯ **Observações:**

a) Pode-se dizer corretamente: a páginas 25, na página 25 ou à página 25; 14 de janeiro, a 14 de janeiro, em 14 de janeiro ou aos 14 de janeiro.

b) Como já se disse, na computação dos dias dos meses empregam-se os numerais cardinais à exceção do primeiro dia de cada mês, para o qual se emprega o ordinal: primeiro de abril, primeiro de setembro etc.

2. **Em alguns contextos, os cardinais são empregados em sentido indefinido.**

- Preciso lhe dizer **duas** palavras. (duas = algumas)
- Já lhe disse isso **mil** vezes. (mil = várias)

3. **Depois de vinte, a aditiva "e" funde-se com o "e" final daquele cardinal na pronúncia cotidiana; por isso, em alguns escritores clássicos, nota-se a omissão da aditiva.**

- "... quarta-feira, **vinte três** de agosto, mandou levantar âncora." (Barros, Dec. I, *apud* Cláudio Brandão)
- "Esteve **vinte quatro** horas sem fala." (Sousa, S. Dom., I, *apud* Cláudio Brandão)

4. **"Ambos" e "ambas" são considerados numerais duais, pois sempre se referem a um par de coisas ou de pessoas. Logo, "ambos os dois", "ambos de dois" são expressões pleonásticas e devem ser evitadas em linguagem formal.**

- "...porque um nasceu de outro, a não ser que **ambos** formem duas metades de um só." (Machado de Assis)
- "Assim dizendo, o pajé passou o cachimbo ao estrangeiro; e entraram **ambos** na cabana." (José de Alencar)

Observação:

Quando antepostos a um substantivo, empregam-se "ambos" e "ambas" seguidos geralmente de um artigo definido e mais raramente de um pronome possessivo ou demonstrativo.

- "As monjas saem sucessivamente de **ambos os** lados e vêm ajoelhar aos pés da abadessa." (A. Herculano)
- "Dizendo, fechou por dentro **ambas as portas**, e sentou-se sobre uma arca." (Camilo Castelo Branco)

5. Na designação de reis, papas, soberanos, séculos e partes de uma obra (capítulos, tomos etc.), empregam-se os ordinais até o dez e os cardinais daí por diante. Se o numeral anteceder o substantivo, empregam-se os ordinais.

- Século **sexto**
- Século **vinte e um**
- Luís **catorze**
- **sexto** capítulo
- Capítulo **segundo**
- Leão **décimo**
- Pedro **primeiro**
- **décimo primeiro** papa
- João **vinte e três**
- Henrique **quarto**
- **quarto** século
- **trigésimo** tomo

6. Na designação de artigos de leis, decretos, portarias, regulamentos etc., usam-se os ordinais até nove e os cardinais de dez em diante. Se o numeral vier anteposto, empregam-se os ordinais.

- artigo **segundo**
- artigo **vinte e três**
- **quadragésimo** artigo
- inciso **quarto**
- inciso **catorze**
- **décimo quinto** inciso
- parágrafo **nono**
- parágrafo **doze**
- **sétimo** parágrafo

7. "Cem", forma contraída de "cento", usa-se como adjetivo e é invariável.

- cem páginas
- cem homens
- cem pessoas
- cem animais

8. "Cento" se emprega hoje geralmente como adjetivo na designação dos números entre cem e duzentos, e é invariável.

- Cento e vinte
- cento e dois
- cento e cinquenta

9. Os numerais inteiros são invariáveis, à exceção de "um, dois, ambos, os compostos de -entos e os terminados em -ão (milhão, bilhão, trilhão etc.)".

- Já estavam presentes na sala **vinte** pessoas.
  invariável
- O show deve ser visto por **mil** pessoas.
  invariável
- Ele comeu cerca de **trinta e quatro** docinhos.
  invariável
- Falei com **duas** pessoas hoje.
  variável

10. Os numerais coletivos (chamados também de "seriativos") têm grande semelhança com os substantivos coletivos. Diferem destes, porém, por denotarem número rigorosamente delimitado.

- quinzena = 15 dias
- quinquênio ou lustro = 5 anos
- quarteirão = grupo de 25
- semestre = 6 meses
- milênio = 1.000 anos
- novena = 9 dias
- vintena = grupo de 20
- dúzia = grupo de 12
- tríduo = 3 dias

11. Os numerais ordinais se flexionam tanto em gênero quanto em número.

- primeiro passo
- primeiros passos
- primeira leitura
- primeiras leituras

12. Ao lado das grafias "bilhão", "trilhão" e "quatrilhão", existem as menos usuais, mas igualmente corretas, "bilião", "trilião" e "quátrilião". Esses numerais não apresentam flexão de gênero – apresentam-se tão somente sob a forma masculina.

- Ninguém conseguiu acertar todas as questões dentre as 15 milhões de pessoas participantes.

Corrija-se para: "... dentre os 15 milhões de pessoas participantes."

➾ **Observações:**

Geralmente "milhão, bilhão, trilhão, quatrilhão" vêm acompanhados de um adjunto especificador no plural. Neste caso, o verbo da concordância poderá tanto concordar no singular com os numerais ou ir para o plural para concordar com a especificação.

- Um milhão de pessoas $\left\{\begin{array}{l}\textbf{foi}\\ \text{ou}\\ \textbf{foram}\end{array}\right.$ ao show.
- Mais de um milhão de dólares **foi gasto** (ou **foram gastos**) para a reconstrução do templo.

5.5 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (TELERJ) Assinale a alternativa em que o numeral tem valor hiperbólico:

a) Naquele estádio havia quinhentas pessoas.
b) Mais de cem milhões de brasileiros choraram.
c) "Com mil demônios" – praguejou ele, diante do acidente fatal.
d) Ele foi o quadragésimo colocado.
e) Cinco oitavos do prêmio couberam a mim.

2. (FVE-SP) Assinale o item em que o numeral ordinal, por extenso, esteja correto:

a) 2.866.º – dois milésimos, octogésimo, sexagésimo sexto
b) 6.222.º – sexto milésimo, ducentésimo, vigésimo segundo
c) 3.478.º – três milésimos, quadringentésimo, septuagésimo oitavo
d) 1.899.º – milésimo, octogésimo, nongentésimo nono
e) 989.º – nonagésimo, octogésimo nono

3. (ITA-SP) Assinale o que estiver correto:

a) Seiscentismo se refere ao século XVI.
b) O algarismo romano da frase anterior se lê: décimo sexto.
c) Duodécuplo significa duas vezes, dodécuplo, doze vezes.
d) Ambos os dois é forma enfática correta.
e) Quadragésimo, quarentena, quadragésima, quaresma só aparentemente se referem a quarenta.

4. (VUNESP) Identifique o caso em que **não** haja expressão numérica de sentido indefinido:

a) Ele é duodécupio colocado.
b) Quer que veja esse filme pela milésima vez?
c) "Na guerra os meus dedos dispararam mil mortes."
d) "A vida tem uma só entrada, a saída é por cem portas."
e) n. d. a.

5. (PUCCAMP-SP) Os ordinais referentes aos números **80, 300, 700** e **90** são, respectivamente:

a) octagésimo – trecentésimo – setingentésimo – nongentésimo

b) octogésimo – trecentésimo – setingentésimo – nonagésimo
c) octingentésimo – tricentésimo – septuagésimo – nongentésimo
d) octogésimo – tricentésimo – septuagésimo – nongentésimo
e) n. d. a.

6. (FMU-SP) **Triplo** e **tríplice** são numerais:

a) ordinal o primeiro e multiplicativo o segundo.
b) ambos ordinais.
c) ambos cardinais.
d) ambos multiplicativos.
e) multiplicativo o primeiro e ordinal o segundo.

7. (UFPR) Se a *cinco* vem a corresponder *quinto*, a **onze, quarenta, cinquenta, sessenta e setenta**, respectivamente, correspondem:

a) undécimo, quadragésimo, cinquentésimo, sexagésimo, septuagésimo
b) décimo primeiro, quaresma, quinquagésimo, sexagésimo, septuagésimo
c) undécimo, quadragésimo, quinquagésimo, sexagenário, septuagésimo
d) décimo primeiro, quadragésimo, quinquagésimo, sexagésimo, septuagésimo
e) undécimo, quadragésimo, quinquagésimo, sexagésimo, septuagésimo

8. (FMU-SP) Sabendo-se que os numerais podem ser cardinais, ordinais, multiplicativos e fracionários, podemos dar os seguintes exemplos:

a) uma (cardinal), primeiro (ordinal), Leão onze (multiplicativo) e meio (fracionário)
b) um (cardinal), milésimo (ordinal), undécuplo (multiplicativo) e meio (fracionário)
c) um (cardinal), primeiro (cardinal), Leão onze (multiplicativo) e meio (fracionário)
d) um (cardinal), primeiro (cardinal), cêntuplo (multiplicativo) e centésimo (fracionário)
e) um cardinal (cardinal), primeiro (ordinal), duplo (multiplicativo), não existindo numeral denominado fracionário

9. (Ufam) Assinale o item em que NÃO é correto ler o numeral como vem indicado entre parênteses:

a) Pode-se dizer que no século IX (nono) o português já existia como língua falada.
b) Pigmalião reside na Casa 22 (vinte e duas) do antigo Beco do Saco do Alferes, em Aparecida.
c) Abram o livro, por favor, na página 201 (duzentos e um).
d) O que procuras está no art. 10 (dez) do código que tens aí na mão.
e) O Papa Pio X (décimo), cuja morte teria sido apressada com o advento da Primeira Guerra Mundial, foi canonizado em 1954.

10. (UnB-DF) Assinale a alternativa em que *meio* funciona como advérbio.

a) Só quero meio quilo.

b) Achei-o meio triste.
c) Descobri o meio de acertar.
d) Parou no meio da rua.
e) Comprou um metro e meio.

11. (Fasp) Ele obteve o ... (123.º) lugar.

a) centésimo vigésimo terceiro
b) centésimo trigésimo terceiro
c) cento e vinte trigésimo
d) cento e vigésimo terceiro

12. (FSCS-SP) Associe o sentido ao respectivo numeral coletivo.

(1) período de seis anos	( ) dístico
(2) período de cinco anos	( ) decúria
(3) estrofe de dois versos	( ) sexênio
(4) período de cem anos	( ) centúria
(5) agrupamento de dez coisas	( ) lustro

13. (Acafe-SC) Assinale a alternativa **correta**.

a) Os substantivos *cão, tabelião, pão, alemão* e *cidadão* fazem o plural mudando -ão em -ães.
b) A torre é **altíssima**. A palavra destacada é adjetivo e está no grau superlativo absoluto analítico.
c) Vendi todos **os** livros a **uns** alunos. As palavras destacadas são pronomes definidos.
d) O **dobro** do meu dinheiro é igual à **metade** do teu. As palavras destacadas são numerais multiplicadores.
e) Levaram-**me** o caderno. A palavra destacada é pronome pessoal oblíquo.

GABARITO

1 – C	2 – B	3 – D
4 – A	5 – B	6 – D
7 – E	8 – B	9 – B
10 – B	11 – A	12 – 3, 5, 1, 4, 2
13 – E		

CAPÍTULO 6

PRONOME

Observe o exemplo abaixo:

- Quem poderia comprar todos estes meus livros que eu adquiri numa promoção em São Paulo?

Perceba que todos os elementos grifados acima ou estão no lugar do substantivo ou estão acompanhando um substantivo.

1. O "quem" exerce a função de sujeito da primeira oração; função típica e própria do substantivo.
2. Os elementos "todos", "estes" e "meus" se referem ao substantivo "livros", trazendo, respectivamente, as noções de "cada um", de "localização espacial" e de "posse".
3. O elemento "que" retoma e substitui, ao mesmo tempo, o substantivo "livros".
4. Por fim, o elemento "eu" representa o sujeito do verbo "adquirir". Exerce, portanto, função própria do substantivo.

6.1 DEFINIÇÃO

A partir do exemplo dado, podemos dizer que a classe de palavra variável que substitui ou acompanha o substantivo é denominada de **pronome**.

Como o adjetivo, o numeral e o artigo também são classes morfológicas que acompanham o substantivo, podemos afirmar que a grande distinção

entre estes e o pronome se dá pelo fato deste último situar o substantivo numa pessoa do discurso.

As pessoas do discurso são:

a) o ser que fala – **1.ª pessoa** (eu e nós)
b) o ser com quem se fala – **2.ª pessoa** (tu e vós)
c) o ser (ou coisa) de que se fala – **3.ª pessoa** (ele e eles)

Logo, é possível também se definir "pronome" como a classe morfológica que substitui e acompanha o substantivo, situando-o numa pessoa do discurso.

6.2 PRONOMES ADJETIVOS E PRONOMES SUBSTANTIVOS

De acordo com as afirmações iniciais, podemos classificar de antemão os pronomes em: **substantivos** e **adjetivos**.

- → **Pronome substantivo**, como o próprio nome já o diz, é aquele que se põe no lugar do substantivo e passa a exercer uma função típica deste.
- → **Pronome adjetivo**, por outro lado, é aquele que acompanha o substantivo, atribuindo-lhe informações acessórias.

Observe:

▹ Ele jamais desconfiou de nossa honestidade.
pronome substantivo *pronome adjetivo*

▹ O rapaz o comprou por meu intermédio.
pronome substantivo *pronome adjetivo*

▹ Esses rapazes jamais visitaram aquele vilarejo.
pronome adjetivo *pronome adjetivo*

▹ Alguém chegou aqui e nos deixou isto.
pronome substantivo *pronome substantivo*

6.3 CLASSIFICAÇÃO DOS PRONOMES

Os pronomes se classificam de acordo com suas funções em:

I. Pronomes pessoais
II. Pronomes demonstrativos
III. Pronomes indefinidos
IV. Pronomes possessivos
V. Pronomes relativos
VI. Pronomes interrogativos

6.3.1 PRONOMES PESSOAIS

São assim denominados os pronomes que indicam diretamente as pessoas gramaticais: o falante (1.ª pessoa), o ouvinte (2.ª pessoa) e o que não toma parte na conversa (3.ª pessoa). São classificados em **retos, oblíquos** e **de tratamento.**

PRONOMES PESSOAIS		
RETOS	**OBLÍQUOS**	
	Átonos	**Tônicos**
EU	ME	MIM, COMIGO
TU	TE	TI, CONTIGO
ELE	O, A, LHE, SE	SI, CONSIGO, ELE, ELA
NÓS	NOS	CONOSCO, NÓS
VÓS	VOS	CONVOSCO, VÓS
ELES	OS, AS, LHES, SE	SI, CONSIGO, ELES, ELAS

6.3.1.1 Emprego dos pronomes pessoais do caso reto (principais regras)

1. **A princípio, convém dizer que os pronomes são denominados de "retos" porque exercem função subjetiva, ou seja, funcionam como sujeito de um verbo. Por outro lado, são denominados de oblíquos os pronomes que exercem função complementar.**

▹ **Eles** jamais deixarão os juros caírem demais.
caso reto

▹ Ainda não **me** comunicaram o fato.
caso oblíquo

▹ Todos irão **conosco**, João. ▹ **Nós** encontrá-**lo**-emos no shopping à tarde.
caso oblíquo *caso reto* *caso oblíquo*

2. Importante também perceber que a força de tonicidade do pronome interfere no seu emprego. Os pronomes tônicos, por exemplo, são sempre usados precedidos de uma preposição, fato que não se dá com os átonos, os quais repelem a presença de uma preposição essencial que os reja.

- Ele sempre gosta de falar de si.
  tônico
- Trouxemos dois hambúrgueres para ti, Madalena.
  tônico
- A mim, não me interessam as objeções do guia.
  tônico
- Deixaram o livro para eu ler durante o final de semana.
  átono

➾ **Observação:**

No último exemplo, a preposição "para" que antecede o pronome "eu" rege toda a oração de finalidade. Não está regendo, portanto, o pronome, que é átono.

3. Os pronomes do caso reto "eu" e "tu" só aparecem como sujeito, salvo raras exceções. Por isso, os tais pronomes nunca ocorrerão regidos por preposição. Veja:

- Ainda ontem eu participei de uma plenária.
  pronome do caso reto, sujeito
- Parece que tu ainda não sabes o valor da vida.
  pronome do caso reto, sujeito
- Não há problemas entre eu e tu, Mário. (**construção errada**)
  os pronomes "eu" e "tu" não admitem ser regidos por preposição

Corrija-se para → Não há problemas **entre mim** e **ti**, Mário.

- Onde está o papel para mim imprimir o trabalho? (**construção errada**)

Corrija-se para → Onde está o papel para **eu imprimir** o trabalho? ("eu" é o sujeito do verbo "imprimir")

- A notícia chegou até eu. (**construção errada**)

Corrija-se para → A notícia chegou **até mim**.

- Por favor, não saiam **sem mim.** (A presença da preposição exige que seja usado um pronome tônico)
- Eles saíram sem **eu dar** o dinheiro para o cinema. (O "eu" é o sujeito do verbo "dar". A preposição "sem" rege a oração)

➭ **Observação:**

Os pronomes "eu" e "tu" podem, excepcionalmente, aparecer nas funções de "predicativo" e "vocativo", respectivamente.

- Por favor, deixe que eu seja eu.
  pronome pessoal, predicativo
- "Ó tu, meu senhor, ajuda-nos com teus favores!"
  pronome pessoal, vocativo

4. No português falado no Brasil, o pronome "tu" foi praticamente substituído pelo pronome de tratamento "você". Importante destacar, ademais, que o "você" se refere à 2.ª pessoa do discurso, mas exige o verbo da concordância sempre na 3.ª pessoa do singular.

- João, você vai conosco ao show?
- Você sabe o segredo dos animais?

➭ **Observação:**

Em algumas regiões do Brasil, o falar coloquial emprega o "tu" com o verbo flexionado na terceira pessoa do singular: "Tu foi...", "Tu vai...", "Tu sabe...". Tais construções são, como já se disse, típicas da linguagem coloquial e jamais devem ser empregadas em processos comunicativos que exigem o padrão culto da língua.

5. Na linguagem oral, é bastante comum a substituição do pronome de primeira pessoa do singular "eu" pelo pronome de primeira pessoa do plural "nós". Essa troca visa dar à mensagem um tom menos arrogante, menos presunçoso. É o que se denomina de "plural de modéstia".

Em vez de: "**Eu concedo** a medalha de honra ao mérito ao escoteiro João da Silva."

Emprega-se: "**Nós concedemos** a medalha de honra ao mérito ao escoteiro João da Silva."

6. É bastante comum na linguagem coloquial a substituição do pronome do caso reto "nós" pela forma "a gente" (separado). Tal substituição, repita-se, é típica da linguagem coloquial.

6.3.1.2 Emprego dos pronomes pessoais do caso oblíquo (principais regras)

1. **Os pronomes "ele, ela, nós, vós, eles e elas", por possuírem força tônica, podem também aparecer em função oblíqua. Neste caso, eles virão obrigatoriamente regidos por uma preposição. Observe a diferença:**

- Eles não irão à festa da nossa turma.
  pronome do caso reto, sujeito
- Disseram a eles que a festa não se realizará.
  pronome do caso oblíquo tônico, objeto indireto
- Nós certamente realizaremos o projeto.
  pronome do caso reto, sujeito
- Atribuíram a nós o problema com a gerência.
  pronome do caso oblíquo tônico, objeto indireto
- A mulher do prefeito, parece que viram a ela no shopping com um homem suspeito.
  pronome do caso oblíquo tônico, objeto direto preposicionado

➾ Observações:

a) É construção tipicamente coloquial o emprego dos pronomes "ele, ela, eles, elas" em função complementar desprovidos de preposição.

- Eu vi ele no shopping ontem.
  construção coloquial
- Vão levar ela para o médico agora.
  construção coloquial

b) Os pronomes "ele, ela, eles, elas", quando funcionam como complemento, podem se contrair com as preposições "de" e "em".

- Todos acreditam nele.
- A família depende dele para sobreviver.

c) Percebemos, portanto, que, quando há a presença de uma preposição essencial, deve-se – obrigatoriamente – usar os pronomes pessoais tônicos, já que os pronomes átonos são insuscetíveis de virem regidos por preposição. Observe:

- Após **mim**, veio o cortejo.
- Desde **ti** até **mim**, nunca houve mudança significativa na Universidade.
- Pedro fez tudo por **mim** e por **ti**.
- Durante a turbulência, várias malas caíram sobre **mim**.

▹ Todos se coligaram contra **mim**.

▹ Diante de **mim**, todos se calaram.

2. Os pronomes "si" e "consigo" são oblíquos tônicos reflexivos e só devem ser usados com referência ao sujeito da oração. Considera-se erro, portanto, construções em que os pronomes "si" e "consigo" não se refiram ao sujeito.

▹ Os rapazes sempre levam consigo um punhado de farinha.
pronome oblíquo tônico se referindo ao sujeito "os rapazes"

▹ Ele sempre fala de si para os estranhos.
pronome oblíquo tônico se referindo ao sujeito "ele"

▹ Paulo e Marcos, o diretor de recursos humanos quer falar consigo. (construção errada)
O pronome deve se referir a "Paulo" e a "Marcos".

Corrija-se para → Paulo e Marcos, o diretor de recursos humanos quer falar **com vocês**. (ou "**convosco**")

3. Os pronomes "comigo, contigo, consigo, conosco, convosco" já trazem em si mesmos a preposição "com", pois são o resultado da combinação desta preposição com a formas oblíquas da primeira, da segunda e da terceira pessoa do singular e do plural.

▹ A minha filha sempre vai **comigo** às pescarias.

▹ Ao saíres, avisa-nos, pois iremos **contigo**.

▹ João e Maria irão **conosco**. ▹ Ela traz **consigo** boas experiências.

➪ **Observação:**

Os pronomes "conosco" e "convosco" devem ser substituídos pelas suas formas analíticas "com nós" e "com vós", respectivamente, quando há a presença de um reforço do pronome por meio de adjunto adnominal. Geralmente, esse reforço se dá com os vocábulos "mesmo" e "próprio". Observe:

▹ Eles irão conosco. **ou** ▹ Eles irão
com nós mesmos.
com nós próprios.
com nós outros.
com nós dois.

4. Os pronomes oblíquos átonos "me, te, se, nos, vos" são empregados como complementos tanto de verbos transitivos diretos quanto de verbos

transitivos indiretos. Podem, portanto, funcionar como objeto direto (caso acusativo em latim) ou objeto indireto (caso dativo em latim), a depender da regência verbal.

- Sempre **nos** disse o que fazer nas horas difíceis.
  objeto indireto
- Informaram-**nos** *sobre o problema.*
  objeto direto
- Eles **se** viram, mas não **se** cumprimentaram.
  objeto direto *objeto direto*
- Parece que vão **me** dizer a verdade.
  objeto indireto
- Eu **vos** louvo pela atitude salvadora que tivestes.
  objeto direto
- Essa notícia **te** deu ânimo para continuar?
  objeto indireto

5. Já os oblíquos "o, a, os, as" são usados como complementos para verbos transitivos diretos e verbos transitivos diretos e indiretos em sua parte direta. Funcionam, pois, como objetos diretos. São, por isso, denominados de pronomes acusativos, já que em latim a função acusativa diz respeito ao objeto direto. Tais pronomes equivalem aos oblíquos tônicos preposicionados "a ele, a ela, a eles, a elas".

- Os jornalistas **o** fotografaram quando descia a serra. (= fotografaram a ele)
- Todos **as** aplaudiam com entusiasmo. (= aplaudiam a elas)

➭ **Observação:**

Os pronomes "o, a, os, as", quando estão enclíticos a verbos terminados em "-r, -s, -z", assumem as formas "lo, la, los, las" e a forma verbal perde aquelas consoantes. Quando enclíticos a verbos terminados em ditongo nasal, assumem as formas "no, na, nos, nas". Veja:

- Encontraram o homem deitado. = Encontraram-**no** deitado.
- Pegou dinheiro para comprar dois livros. = Pegou dinheiro para comprá-**los**.

6. Os pronomes oblíquos "lhe, lhes" substituem termos que exigem preposição. Quando completam verbos, funcionam como objetos indiretos de verbos transitivos indiretos e de verbos transitivos diretos e indiretos em sua parte indireta. Referem-se, portanto, ao caso dativo do latim. Estes pronomes também equivalem aos oblíquos tônicos preposicionados "a ele, a ela, a eles, a elas".

- Todos lhe fizeram grandes elogios. (= fizeram grandes elogios a ela / a ele.)
- Pediram-lhes que se mantivessem calados. (= pediram a eles / a elas que se...).

7. **Os pronomes "me, te, lhe, nos, vos" podem fazer a vez de legítimos pronomes possessivos. Equivalem, respectivamente, a "meu / minha, teu / tua, seu / sua, dele / dela, nosso / nossa, vosso / vossa e plurais". Observe:**

- Ao ver o sumo pontífice, beijou-**lhe** uma das mãos. → Isto é: ... beijou uma de **suas** mãos.
- A velocidade do vento despenteava-**nos** os cabelos. → Isto é: ... despenteava os **nossos** cabelos.

6.3.2 PRONOMES DE TRATAMENTO

Uma divisão interessante dos pronomes pessoais é a dos pronomes de tratamento. São assim denominados porque se usam tais pronomes em referência a certas pessoas consideradas autoridades ou em certos contextos comunicativos quando a formalidade os exige.

Principais pronomes de tratamento e seus respectivos empregos:

Pronome de tratamento	Abreviatura	Emprego
você, vocês	V.	tratamento familiar, informal
senhor, senhores	Sr. Sr.^{es}	tratamento respeitoso
senhorita, senhoritas	Sr.^{ta}, Sr.^{tas}	para mulheres solteiras
senhora, senhoras	Sr.^{a}, Sras	tratamento respeitoso
Vossa Senhoria, Vossas Senhorias	V.S.^{a}, V. S.^{as}	para pessoas que exercem cargos importantes
Vossa Excelência, Vossas Excelências	V. Ex.ª, V. Ex.^{as}	para autoridades superiores (presidentes, juízes, deputados, senadores, governadores etc.)
Vossa Eminência, Vossas Eminências	V. Em.^{a}, V. Em.^{as}	para cardeais
Vossa Alteza, Vossas Altezas	V.A., VV.AA.	para príncipes, princesas e duques

Pronome de tratamento	**Abreviatura**	**Emprego**
Vossa Majestade, Vossas Majestades	V.M., VV.MM.	para reis e rainhas
Vossa Meritíssima	Por extenso	juízes
Vossa Magnificência, Vossas Magnificências	V. Mag.ª, V. Mag.^{as}	reitores
Vossa Reverendíssima, Vossas Reverendíssimas	V.Rev.^{ma}, V. Rev.^{mas}	sacerdotes religiosos, bispos, padres, pastores
Vossa Santidade	V.S.	papa

Observações sobre os pronomes de tratamento:

a) Os pronomes de tratamento são pronomes que se referem à 2.ª pessoa do discurso. Entretanto, exigem a concordância verbal na 3.ª pessoa. Ademais, devem também ficar na 3.ª pessoa todos os elementos que a tais pronomes se refiram.

- Suas Excelências ainda não **deixaram** os seus despachos.
- Vossa Senhoria **deseja** um pouco de água?
- Vossas Majestades ainda não **inspecionaram** os **seus** cavalos este mês?

b) Tais fórmulas de tratamento só são consideradas pronomes de tratamento quando vêm antecedidas de "Sua" ou "Vossa". Desprovidas de tais partículas, tornam-se, no mais das vezes, meros "substantivos femininos" ou "adjetivos".

- Todos ficaram estupefatos perante a **majestade** do templo.
  substantivo feminino
- Aquele rapaz é um **reverendíssimo** imbecil.
  adjetivo
- É uma **excelência** de pessoa.
  substantivo feminino

c) Emprega-se "Sua" quando nos referimos à pessoa. Por outro lado, empregamos "Vossa" quando nos dirigimos à pessoa.

- Quando Sua Excelência chegar, avise-lhe, por favor, sobre o problema.
- Vossa Alteza, quer que eu lhe traga o almoço agora?

6.3.3 PRONOMES DEMONSTRATIVOS

Outra categoria bastante usual na língua portuguesa é a dos pronomes demonstrativos. São denominados demonstrativos porque situam as pessoas ou coisas no tempo ou no espaço, postas em relação às pessoas do discurso. Os pronomes demonstrativos apresentam formas variáveis e invariáveis.

Pronomes demonstrativos			
	Variáveis		**Invariáveis**
	Masculinos	**Femininos**	
1.ª pessoa	este, estes	esta, estas	isto
2.ª pessoa	esse, esses	essa, essas	isso
3.ª pessoa	aquele, aqueles	aquela, aquelas	aquilo

Além dos pronomes acima, são igualmente demonstrativos os seguintes pronomes: "mesmo(s), mesma(s), próprio(s), própria(s), tal, tais, semelhante(s)".

6.3.3.1 Emprego dos pronomes demonstrativos

O emprego dos pronomes demonstrativos representa um dos pontos mais discutidos pelos estudiosos da língua, já que em muitos escritores encontram-se empregos controvertidos dos tais pronomes. Para facilitar o entendimento, dividimos o emprego dos demonstrativos em relação a três aspectos: localização espacial do referente, localização temporal do referente e localização textual do referente.

I) Quanto à localização espacial do referente temos as seguintes orientações:

a) Empregam-se "este, esta, isto e variações" quando o referente se encontra com o ser que fala.

- **Esta** camisa aqui custou-me quarenta reais.
- **Este** livro contém preciosas lições.

b) Emprega-se "esse, essa, isso e variações" quando o referente se encontra próximo, perto de quem fala.

- Quanto custou **essa** camisa que você está usando?

- Meu primo trouxe-me uma caneta **dessas** aí quando foi aos Estados Unidos.

c) Empregam-se "aquele, aquela, aquilo e variações" quando o referente se encontra distante do ser que fala.

- **Aquele** menino acolá passou em um concurso para juiz federal.
- **Daquela** ponte para este ponto aqui, são mais ou menos dois quilômetros.

II) Quanto à localização temporal do referente, temos as seguintes orientações:

a) Empregam-se "este, esta, isto e variações" quando se faz referências a um tempo presente em relação à pessoa que fala.

- Ainda este ano irei à Europa.
- Nesta tarde resolverei todo o problema com o síndico.

b) Empregam-se "esse, essa, isso e variações" quando se faz referências a um tempo passado ou futuro em relação à pessoa que fala.

- O ano passado marcou minha vida. **Nesse** ano nasceu meu filho.
- Espero que em 2100 o homem tenha encontrado a solução para muitos problemas. **Nesse** ano, esperamos não haver mais miséria, violência, abandono.

c) Empregam-se "aquele, aquela, aquilo e variações" quando se faz referências a passado distante em relação ao ser que fala.

- Em 1980, a inflação era galopante. **Naquele** ano, viviam-se os últimos anos do milagre econômico brasileiro.
- Os anos de 1939 a 1945 marcaram a humanidade. Durante **aqueles** anos, desenvolveu-se um dos maiores massacres perpetrados contra a humanidade: o extermínio dos judeus.

III) Quanto à localização textual do referente, temos as seguintes orientações:

a) Empregam-se "esse, essa, isso e variações" para retomar termos e informações já mencionados. Tais pronomes funcionarão como "elementos de coesão referencial anafórica".

- A violência assola o país de norte a sul. **Esse** problema inviabiliza muitos negócios comerciais no Brasil.
- Ao coração cabe toda a função de bombeamento sanguíneo. **Esse** órgão bate, quando regular, cerca de 80 vezes por minuto.

b) Empregam-se "este, esta, isto e variações" para antecipar termos e informações que ainda vão ser mencionados. Tais pronomes funcionarão, portanto, como "elementos de coesão referencial catafórica".

- O Brasil precisa disto: educação igualitária – de qualidade – para todos.
- Esta indagação jamais será respondida satisfatoriamente: "Quem nasceu primeiro: o ovo ou a galinha?".

c) Empregam-se "este, esta, isto e variações" para retomar, dentro de um período, o termo mais próximo, ou seja, o enunciado em segundo lugar, a fim de se evitar uma possível ambiguidade que os demonstrativos "esse, essa, isso e variações" poderiam gerar. Por outro lado, empregam-se "aquele, aquela, aquilo e variações" para retomar, dentro do período, o termo mais distante, ou seja, o enunciado em primeiro lugar.

- Brasil e Argentina travaram novos acordos comerciais. **Este** exportará carnes nobres e importará frutas tropicais **daquele.** → este = Argentina / daquele = Brasil.
- Os otimistas não julgam os pessimistas, nem **estes àqueles,** pois ambos convergem para alguma forma de idealismo. → estes = pessimistas / aqueles = otimistas.

d) Empregam-se – indistintamente – os pronomes "esse, essa, isso, este, esta, isto e variações" para retomar termos e ideias anteriormente expressos, mormente quando o elemento retomado se encontra imediatamente atrás de tais pronomes.

- "– Se eu fosse rica, você fugia, metia-se no paquete e ia para a Europa. Dito **isto,** espreitou-me os olhos..." (Assis, Machado. *Dom Casmurro*)

Outras observações acerca dos pronomes demonstrativos:

a) A contração "nisto" (em vez de "nisso") é frequentemente empregada em função circunstancial com o sentido de "nesse momento", "então", "em tal momento".

- A bomba estourou precisamente às 17h. **Nisto**, soaram todos os alarmes da cidade, e as forças armadas entraram em alerta.

b) Os demonstrativos "aquele/aquilo, aquela, aqueles e aquelas" podem aparecer em forma reduzida "o, a, os e as", respectivamente. Estes são usados em função substantiva e são seguidos de preposição ou de uma oração adjetiva encabeçada pelo relativo "que". Eles também aparecem em construções com o verbo "ser".

- Todos sabiam **o** que ele pensava sobre o problema. (... o = aquilo o qual ele pensava...).
  oração adjetiva
- Os que lutam são os que vencem. (os = aqueles)
  oração adjetiva *oração adjetiva*
- Se ele é pobre, eu também **o** sou.
  aquilo
- A classe estava cheia como nunca. **Os** da direita espremiam-se junto à parede enquanto **os** da esquerda sentavam uns no colo dos outros.
  aqueles *aqueles*

➡ **Observação:**

O artigo definido, ausente o substantivo, converte-se em pronome demonstrativo, com o sentido de "aquele, aquela, aquilo, isso". Isto ocorre quando o "**o**" vem seguido de preposição, do pronome relativo "que" ou construído com o verbo "ser".

- A minha casa é menos confortável que **a** do vizinho.
  pronome demonstrativo
- Todos entenderam bem **o** que tu disseste.
  pronome demonstrativo
- Se ele é rico, eu também **o** sou.
  pronome demonstrativo

c) Os pronomes "mesmo" e "próprio" serão demonstrativos quando possuírem sentido de "exato", "idêntico", "em pessoa".

- De fato, foi João **mesmo** quem resolveu o problema.
- Éramos nós **mesmos** os responsáveis pela abertura e fechamento da empresa.
- Amanhã tu deverás ir à **mesma** rua em que estiveste na semana passada para falar com o comendador.

d) "Tal" será pronome demonstrativo quando equivaler aos demonstrativos "este, esse, aquele e flexões".

- Temos verdadeiro repúdio a **tal** sujeito.
- **Tal** foi o filme a que assistimos na semana passada.

e) A tradição e o uso consagraram a expressão "isto é" (e nunca "isso é") equivalente a "quer dizer", "significa", quando se vai esclarecer um pensamento, uma ideia.

- A vida é uma incógnita, **isto é**, nunca se sabe a que lugar ela chegará.

f) Como conjunção conclusiva, usa-se, hoje, mais frequentemente "por isso" em vez de "por isto", a despeito de esta última forma não estar errada.

- Sempre estudou com afinco, **por isso** (ou "**por isto**") obteve um bom desconto na mensalidade da escola.

g) "Semelhante" será pronome demonstrativo quando equivaler a "tal".

- Tenha mais cuidado para não cair em **semelhante** erro.

h) É condenável o emprego dos demonstrativos "mesmo(s), mesma(s)" em função substantiva. Tal fato se dá, porque não são próprias de tais pronomes funções como "sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal etc.". Observe abaixo:

- O bandido se evadiu, mas a polícia prendeu **o mesmo** poucas horas depois. (Prefira: "... mas a polícia o prendeu...")
- Encontramos o Ricardo em sua casa de praia. **O mesmo** nos disse que estava descansando um pouco. (Prefira: "... Ele nos disse que...")
- Na casa da Lurdinha há um bravo Pitbull. Joana disse que tinha muito medo **do mesmo.** (Prefira: "... tinha muito medo dele ou do cão.")

6.3.4 PRONOMES INDEFINIDOS

São denominados indefinidos os pronomes que se referem à 3.ª pessoa do discurso quando esta tem sentido vago e indeterminado.

Apresentam-se na língua portuguesa em um bom número – alguns são invariáveis e outros tantos variáveis.

INDEFINIDOS INVARIÁVEIS	INDEFINIDOS VARIÁVEIS
– alguém, ninguém;	– algum, alguns, alguma, algumas;
– tudo, nada;	– nenhum, nenhuns, nenhuma, nenhumas;
– algo;	– todo, toda, todos, todas;
– cada;	– muito, muitos, muita, muitas;
– outrem;	– pouco, pouca, poucos, poucas;
– mais, menos, demais.	– certo, certa, certos, certas;
	– vário, vários, vária, várias;
	– tanto, tantos, tanta, tantas;
	– quanto, quantos, quanta, quantas;
	– um, uns, uma, umas;
	– bastante, bastantes;
	– qualquer, quaisquer.

Além dos indefinidos acima, existem as chamadas "locuções pronominais indefinidas", que nada mais são do que a junção de mais de um vocábulo com função de um pronome indefinido. São exemplos dessas locuções: **cada um, cada qual, qualquer outro, quem quer que seja, fosse quem fosse, outro qualquer, todo aquele que, tudo o mais, seja qual for, um ou outro, todo o mundo** etc.

6.3.4.1 Considerações gerais sobre os pronomes indefinidos

1. **Os pronomes e as locuções indefinidos exigem, quando estão no singular, que o verbo da concordância fique também no singular.**

- Cada um dos trabalhadores **conseguiu** aumento este mês.
- Algum dos participantes **se entreteve** bastante com o novo invento.

2. **Os pronomes indefinidos podem acompanhar o substantivo – pronomes indefinidos adjetivos – ou substituir o próprio substantivo – pronomes indefinidos substantivos.**

- **Ninguém** chegou até agora.
  indefinido substantivo
- **Alguém** nos dirá o que fazer.
  indefinido substantivo
- **Muitos** alunos saíram da sala.
  indefinido adjetivo
- **Muito** trabalho, **pouco** dinheiro.
  indefinidos adjetivos

6.3.4.2 Emprego dos pronomes indefinidos

QUALQUER

"**QUALQUER**" só será pronome indefinido quando vier anteposto ao substantivo – neste caso, equivalerá a "algum(ns) / alguma(s)". Refere-se, portanto, a um indivíduo ou indivíduos tomados indistintamente dentre outros da mesma espécie. Quando posposto, exercerá a função morfológica de adjetivo e apresentará geralmente sentido depreciativo.

- **Qualquer** pessoa consegue fazer isso.
  pronome indefinido
- **Quaisquer** dúvidas, dirijam-se à direção do evento.
  pronome indefinido
- Era uma pessoa **qualquer**.
  adjetivo
- Fez um curso universitário **qualquer**.
  adjetivo
- "Desculpe-me esta franqueza; mas eu prefiro ser franco com você a sê-lo com **qualquer** outra pessoa." (Machado de Assis)
- "Antes de se entregar às fadigas da guerra,
  Dizem que um dia viu **qualquer** cousa do céu:
  E achou tudo vazio..." (Olavo Bilac)

TODO

"**TODO**" é um indefinido, chamado por alguns gramáticos de "coletivo universal". Possui as flexões "toda, todos, todas". É empregado de acordo com as seguintes orientações:

a) É hodierna e frequentemente empregado no singular, sem a presença de artigo definido, com a significação de "qualquer".

- **Todo** homem pode cometer um crime impensadamente.
- "...e ficamos tão felizes que **todo** receio de perigo desapareceu." (Machado de Assis)
- "Era homem de uma honestidade a **toda** prova e de uma primitiva simplicidade no seu modo de viver." (Aluísio Azevedo)

➾ **Observação:**

Há gramáticos – notadamente os mais antigos – que não aceitam essa acepção do pronome indefinido "todo", pois só admitem o emprego do *pronome indefinido "todo" com o sentido de "totalidade".*

b) Embora haja posicionamentos contrários, pode também ser empregado no singular e anteposto a substantivo precedido ou não de artigo, significando "totalidade ou cada".

- "**Todo** homem é mortal, mas o homem **todo** não é mortal". (Carlos Drummond de Andrade)
- "Em **todo** o distrito de Oliveira, note bem, em **todo** ele! não há ninguém, absolutamente ninguém, que de longe, muito de longe, se compare ao Cavaleiro em inteligência, caráter, maneiras, saber, e finura política!" (Eça de Queiroz)
- "Por **toda** a parte andava acesa a guerra." (Camões)
- "No soveral havia **todo** o gênero de caça, e Argimiro o Negro (assim se chamava o rico-homem) gostava." (A. Herculano)

➾ **Observação:**

Há gramáticos que, nesta acepção, só defendem o sentido do pronome "todo" como "cada". Não encontramos, entretanto, apoio nos maiores conhecedores de nossa língua. Para eles, dentre os quais podemos destacar os mestres Manuel Said Ali e Mário Barreto, o pronome "todo", anteposto a um substantivo, pode ou não aparecer com o artigo.

c) Emprega-se no singular e posposto a um substantivo para indicar a totalidade das partes.

- Assim que chegamos, ele nos mostrou a casa **toda**. (= a casa em sua totalidade)
- Algumas alergias afetam o corpo **todo**. (= o corpo em sua totalidade)

d) Emprega-se no plural, anteposto ou posposto, para indicar a totalidade numérica.

- Usou **todas** as forças para impedir o avanço da doença.
- "Dita a palavra, apertou-me as mãos com as forças **todas** de um vasto agradecimento, despediu-se e saiu." (Machado de Assis)

e) Emprega-se, acompanhando adjetivo atributivo, com o significado de "em todas as suas partes", "completamente", "muito". Nesta acepção, a palavra "todo" exerce função de advérbio e admite flexão.

- "...na sua dificílima Torre, negra entre os limoeiros e o azul, **toda** envolta no piar e esvoaçar das andorinhas." (Eça de Queiroz)
- "**Toda** assustada, quis saber o que é que me doía." (Machado de Assis)
- "O Bento, velho de face rapada e morena, com um lindo cabelo branco **todo** encarapinhado, muito limpo, muito fresco na sua jaqueta de ganga,..." (Eça de Queiroz)

Portanto, fique atento, pois podemos dizer corretamente (saliente-se que a forma flexionada, a qual concorda por atração com o substantivo, é mais comum na linguagem atual):

- A porta está **todo** / **toda** aberta.
- Ela está **todo** / **toda** cheia de alegria.
- Vimos uma casa **todo** / **toda** branca.
- A torta está **todo** / **toda** estragada.

Vejamos outros exemplos em notáveis escritores:

- "D. Felicidade acudiu, **toda** bondosa: — Deixe falar, Sr. Ledesma." (Eça de Queiroz)
- "E um dia assim! de um sol assim! E assim a esfera
  Toda azul, no esplendor do fim da primavera!" (Olavo Bilac)
- "A capela, completamente cheia, palpitava de curiosidade. Paris elegante estava **todo** ali." (Aluízio Azevedo)

TUDO

3. O pronome "TUDO" representa a forma neutra do pronome "TODO". Pode aparecer tanto como pronome substantivo quanto como pronome adjetivo. Como pronome adjetivo aparece em combinações do tipo "tudo isso, tudo aquilo, tudo o que, tudo o mais etc.". Geralmente se refere a coisas.

- "Sofrerei **tudo** por amor de ti." (Camilo Castelo Branco)
- "Vi **tudo** isto, e fiquei satisfeito." (Camilo Castelo Branco)
- "Gostava que em sua casa houvesse um pouco de **tudo**." (Aluísio Azevedo)

ALGUM

4. O pronome indefinido "ALGUM" emprega-se de acordo com as seguintes orientações:

a) Anteposto ao substantivo assume frequentemente valor positivo de "qualquer, um".

- "Deste modo, viverei o que vivi, e assentarei a mão para **alguma** obra de maior tomo." (Machado de Assis)
- "Folgamos de ver que os *ingleses* já servem para **alguma** coisa entre tão eminentes estadistas." (Rui Barbosa)

b) Anteposto ao substantivo, assume também o valor de "certo, um pouco de".

- Por **algum** tempo esperou a projetada expedição de D. Pedro da Cunha, que pretendeu transportar ao Brasil a coroa portuguesa." (José de Alencar)
- "Daqui a **algum** tempo, quando os entrelinhistas tiverem de celebrar as glórias do ministério 10 de março." (Rui Barbosa)

c) Com valor negativo, equivale a "nenhum", quando posposto ao substantivo.

- "Mas não o leva à feira anual, nem o aplica em trabalho **algum**; deixa-o morrer de velho. Não lhe pertence." (Euclides da Cunha)
- "Esse biltre sem senso moral **algum**." (Lima Barreto)

CERTO

5. Este vocábulo só será pronome indefinido quando vier anteposto a um substantivo. Posposto ao substantivo, assume valor adjetivo, equivalendo a "verdadeiro, infalível, exato, fiel, que não falta, constante".

- "As outras escravas a contemplavam todas com certo *pronome indefinido* interesse e comiseração." (Bernardo Guimarães)
- "A questão não está em escrever uns versos certos *adjetivo* que digam coisas bonitas." (Lima Barreto)

- "Se não nos enganamos, mui mal-avisados andam $\overset{\textit{pronome indefinido}}{\underline{\textbf{certos}}}$ liberais, acreditando que as reformas sinceras podem captar a boa vontade imperial." (Rui Barbosa)
- "Seguia devagar, mas com um destino $\underset{\textit{adjetivo}}{\underline{\text{certo}}}$." (Raul Pompéia)

➾ Observação:

O vocábulo "**CERTO**" apresenta também função circunstancial (adverbial). Neste caso, equivalerá a "certamente".

- "Ora, direis, ouvir estrelas. **Certo** perdeste o senso." (Olavo Bilac)

OUTRO

6. É um pronome, cuja indefinição se encontra fora do âmbito do falante e do ouvinte. Tal indefinição o faz equivaler a "alguém, algo". Geralmente aparece em expressões indefinidas "um ao outro, um do outro, um para o outro".

- "Um ou **outro** branco, levado pela necessidade de sair, atravessava a rua." (Aluísio Azevedo)
- "Ele, Alencar, na primeira noite em que a vira, exclamara, mostrando-a a ela e às **outras**, a assinatura." (Eça de Queiroz)

O vocábulo "outro" também pode ser empregado com valor adjetivo. Neste caso, apresentará o significado de "novo", "diferente", "mudado", "semelhante", "igual".

- "Os brasileiros de **outras** latitudes mal o compreendem, mesmo através das lúcidas observações de Bates." (Euclides da Cunha)

CADA

7. É um pronome indefinido invariável. Designa os seres ou grupos de seres considerados um por um. Geralmente, aparece em expressões indefinidas "cada um, cada qual".

- "**Cada um** deles trazia à cinta dois pistoletes, um punhal na ilharga do calção, e o arcabuz passado a tiracolo pelo ombro esquerdo." (José de Alencar)
- **Cada qual** terá a sua recompensa.
- Perdeu muito dinheiro em **cada** aposta que fez.

- "José Roberto e Sebastião Campos serviam às senhoras acompanhando com uma pilhéria **cada** prato que lhes ofereciam." (Aluísio Azevedo)

6.3.5 PRONOMES POSSESSIVOS

São denominados possessivos os pronomes que estabelecem uma noção de posse em referência às pessoas do discurso (1.ª, 2.ª e 3.ª), isto é, designam a pessoa gramatical a quem pertence o ser.

Pronomes possessivos		
Singular	**1.ª pessoa**	meu, minha, meus, minhas
	2.ª pessoa	teu, tua, teus, tuas
	3.ª pessoa	seu, sua, seus, suas
Plural	**1.ª pessoa**	nosso, nossa, nossos, nossas
	2.ª pessoa	vosso, vossa, vossos, vossas
	3.ª pessoa	seu, sua, seus, suas

6.3.5.1 Emprego dos pronomes possessivos

1. **Em geral, os pronomes possessivos adjetivos facultam a anteposição de um artigo (determinante).**

- Ainda não levei **seu carro** ou **o seu carro** para o lava-jato.

- Muitos professores elogiaram **nosso projeto.** ou **o nosso projeto.**

2. **Quando o pronome possessivo é empregado substantivamente, a presença do artigo ou de outro determinante que o substitua é indispensável.**

- Encontrei **meu livro** ou **o meu livro**, mas não vi o teu.

- Este carro aqui não é mais caro que o seu.

3. Na língua portuguesa, os pronomes possessivos concordam com a coisa possuída e não com o possuidor.

▹ Eu vi todos os alunos e **seu** professor debatendo o assunto da aula no pátio da escola.
o professor dos alunos

▹ A garota e o **seu** cãozinho passeavam pela praça tranquilamente.
cãozinho da garota

4. Geralmente não se emprega o pronome possessivo antes de nomes que indicam "partes do corpo" ou "faculdades do espírito".

▹ Ontem eu machuquei o joelho. (e não "o meu joelho")

▹ João perdeu o senso. (e não "o seu senso")

▹ Parece que ele perdeu a vergonha. (e não "perdeu a sua vergonha")

5. Os pronomes "me, te, lhe, nos, vos, lhes" podem fazer as vezes de possessivos. Neste caso, eles equivalerão aos pronomes possessivos "meu, minha, teu, tua, seu, sua, nosso, vosso, dele, dela etc.".

▹ Naquele momento, ferveu-**me** o sangue. (Isto é = ...ferveu o **meu** sangue.)

▹ O vento assanhava-**nos** os cabelos. (Isto é = O vento assanhava os **nossos** cabelos.)

▹ Cabelos cacheados moldam-**lhe** o rosto. (Isto é = ...moldam o rosto **dela** / ...moldam o **seu** rosto.)

➯ **Observação:**

Esta substituição é bastante elegante do ponto de vista estilístico.

6. Os pronomes possessivos são usados, em muitos casos, para indicar afetividade, respeito, consideração.

▹ Sente-se, por favor, **minha** senhora.

▹ **Meu** ilustríssimo professor, é um grande prazer revê-lo.

7. Os possessivos "seu, sua, seus, suas" podem gerar ambiguidade quando há na estrutura oracional mais de uma terceira pessoa. Neste caso, convém substituí-los por "dele, dela, deles, delas".

▹ O governo brasileiro disse ao governo argentino que **suas** exportações melhoraram nos últimos meses.
(Exportações de quem? Do governo brasileiro ou do governo argentino?)

▹ João disse a Lana que **sua** prima está doente.
(Prima de quem? De João ou de Lana?)

➭ **Observação:**

Para evitar esse processo de ambiguidade, muitos escritores usavam os possessivos "dele, dela, deles, delas" a fim de esclarecer a relação possessória.

- "A **sua** honra **dele** não dependia dos impulsos falsos ou torpes que tivera o coração dela." (Eça de Queiroz)
- "Ele respondia-me, a princípio com animação, depois mais frouxo, torcia a rédea da conversa para o **seu** assunto **dele**, abria um livro, perguntava-me se tinha algum trabalho novo." (Machado de Assis)

8. Em alguns casos, a mudança de posição do pronome possessivo implicará alteração de sentido do enunciado.

- O meu livro (= posse) ▹ O livro meu (= minha autoria)
- suas notícias (= notícias dadas por você)
- notícias suas (= notícias sobre você)
- sua fotografia (= fotografia tirada por você)
- fotografia sua (= fotografia que tiraram de você)

9. Empregam-se alguns possessivos no plural com o sentido de "parentes", "família".

- Como vão os **seus**? Os **meus** continuam no interior, trabalhando nas lavouras de café.

6.3.6 OS PRONOMES RELATIVOS

São denominados de relativos os pronomes que representam um ser já expresso (antecedente). Entretanto, só isso não basta para caracterizá-los, uma vez que outros pronomes também o fazem. A principal característica do pronome relativo é servir de vínculo gramatical entre duas orações, estabelecendo uma relação de subordinação. Daí serem também chamados tais pronomes de "relativos-conjuntivos".

Os principais pronomes relativos são:

PRONOMES RELATIVOS	
INVARIÁVEIS	**VARIÁVEIS**
que	o qual, a qual, os quais, as quais
quem	cujo, cuja, cujos, cujas
onde	quanto, quanta, quantos, quantas

➾ **Observação:**

Funcionam também como pronomes relativos os vocábulos "como" e "quando", quando retomam termos anteriormente mencionados.

6.3.6.1 Emprego dos pronomes relativos

QUE

É denominado de "relativo universal", porque se refere tanto a coisas quanto a pessoas. Seus equivalentes variáveis são "a qual, o qual, as quais, os quais". O relativo "que" só deve ser substituído por outro relativo em casos específicos.

- "Os soldados **que** tinham seguido a bandeira de Teodomiro tinham-se abalado para o combate." (A. Herculano)
- "Ó tu, **que** tens de humano o gesto e o peito / ..." (Camões)

QUEM

No português moderno, este pronome só se refere a pessoas ou a cousas personificadas, daí ser chamado de "relativo personativo". Com antecedente expresso, vem sempre regido por uma preposição.

- "Prezava com fanatismo o Marquês de Pombal, de **quem** sabia muitas anedotas." (Aluísio Azevedo)
- "Isso não lhe fica bem; há por aí tanta moça bonita, a **quem** o senhor pode fazer a corte..." (Bernardo Guimarães)

➾ **Observação:**

Em algumas orações o pronome relativo "quem" pode aparecer sem antecedente expresso. Neste caso, ele equivalerá a "aquele que". Por equivaler – ao mesmo tempo – a um pronome demonstrativo e a um pronome relativo, o relativo "quem" é denominado de "relativo condensado".

- **Quem** com ferro fere com ferro será ferido. (Provérbio)
  pronome relativo condensado → aquele que
- **Quem** chegou primeiro deve ter visto as modificações mais facilmente.
  pronome relativo condensado → aquele que

ONDE

É denominado de "relativo locativo", pois só é utilizado para retomar e substituir termos que contenham a noção de "lugar". Equivale a "em que" e variações (na qual, no qual, nas quais, nos quais). O seu antecedente, portanto, deve indicar "lugar".

- "Mas os livros dos enciclopedistas, as fontes **onde** a geração seguinte bebera a peçonha que saiu no sangue de noventa e três, não eram de todo ignorados." (Camilo Castelo Branco)
- "Pádua enxugou os olhos e foi para casa, **onde** viveu prostrado alguns dias, mudo, fechado na alcova." (Machado de Assis)

O QUAL, A QUAL, OS QUAIS, AS QUAIS

São os relativos que possuem as variações em gênero e número correspondentes ao pronome relativo "que". Esses relativos devem obrigatoriamente substituir o "que" quando este provocar ambiguidade, for precedido por uma preposição com mais de uma sílaba ou for eufonicamente melhor.

- "Fortalecem esta tradição as opiniões dos filósofos de todas as idades e nações, **os quais** nunca puderam compreender o homem moral sem pressupor uma primitiva perfeição." (Camilo Castelo Branco)
- "... os frecheiros lhe disparavam alguns tiros, que vinham bater-lhe na armadura, debaixo **da qual** já manava o sangue de algumas feridas." (A. Herculano)
- "Seguiu-se um alto silêncio, durante **o qual** estive a pique de entrar na sala, mas outra força maior, outra emoção..." (Machado de Assis)

CUJO, CUJA, CUJOS, CUJAS

São relativos utilizados para substituir termos que expressam noção de posse ou de pertinência. Equivalem a "do qual, da qual, dos quais, das quais, seu, sua, seus suas, dele, dela, deles, delas". Eles retomam um termo antecedente, mas concordam em gênero e número com o substantivo consequente (ou posposto). Não admitem a posposição de artigo e sempre exercem a função sintática de adjunto adnominal. O relativo "cujo" e suas flexões trazem implícita a preposição "de".

- Comprei um livro cujas páginas são verdes.

Equivale a ➔
as páginas do livro
as páginas dele
suas páginas
as páginas do qual

- "Dê um destino qualquer a essa escrava, a **cujos** pés o senhor costuma vilmente prostrar-se: liberte-a, venda-a, faça o que quiser." (Bernardo Guimarães)
- "O Freitas, em **cuja** casa Ana Rosa tivera o seu último histérico, também se achava presente, com a filha, a sua querida Lindoca." (Aluísio Azevedo)

QUANTO, QUANTA, QUANTOS, QUANTAS

Estas palavras só serão consideradas pronomes relativos quando vierem antecedidas por um dos seguintes pronomes indefinidos "tudo, todo(a), todos(as)". Transmitem ideia acessória de quantidade, de intensidade ou de número.

- "Que os fiéis abandonassem todos os haveres, tudo **quanto** os maculasse com um leve traço da vaidade." (Euclides da Cunha)
- "É perfeitíssima oração sobre todas **quantas** foram feitas ou se puderem fazer a Deus." (Bartolomeu dos Mártires, *apud* Cláudio Brandão)
- "Tudo **quanto** eu pedira e ambicionara,
  Tudo meus dedos e meus olhos calmos
  Gozavam satisfeitos nos seis palmos
  De tua carne saborosa e clara." (Olavo Bilac)

COMO

É denominado de pronome relativo "modal", pois sempre apresenta como antecedente um nome denotador de "modo, maneira, forma". É facilmente substituível por "segundo o qual" ou "pelo qual", "segundo a qual" ou "pela qual".

- Desconfiamos bastante da maneira **como** ele age.
- "E acharás a maneira **como** emendes a vida." (Gil Vicente *apud* Cláudio Brandão)

QUANDO

Será pronome relativo quando possuir como antecedente um substantivo que exprima tempo ou divisões da duração, e nessa hipótese equivalerá a "em que".

- "Era no tempo alegre **quando** entrava / No roubador de Europa / a luz febeia." (Camões)
- Isso ocorreu após a década de 1970, **quando** o movimento ambientalista passou a ter um discurso mais sólido.

➯ **Observações gerais sobre os pronomes relativos:**

a) Os pronomes relativos promovem a chamada "coesão referencial anafórica", pois retomam termos anteriormente mencionados.

b) Para um maior aprofundamento deste tema, sugerimos correlacionar este estudo com o estudo do "pronome relativo preposicionado", que é abordado no capítulo "regência verbal e nominal".

6.3.7 PRONOMES INTERROGATIVOS

São assim denominados os pronomes "**que, quem, qual** e **quanto**", quando empregados em orações interrogativas diretas e indiretas. Tais pronomes se referem a pessoa ou a coisa desconhecida.

- "**Qual**, de entre tantos Orfeus que a gente por aí vê e ouve, foi o que obrou a maravilha?" (A. Garrett)
- "**Quantos** pobres galileus não fez ele matar sem licença do tetrarca?" (Eça de Queiroz)
- "**Quem** nos derrama a bela claridade?
  Quem tantas trevas sobre o mundo chove?" (Durão *apud* Sousa da Silveira)
- "Quis saber **quem** eram os meus pais?" (Machado de Assis)

➾ Observações sobre os pronomes interrogativos:

a) O pronome interrogativo "qual" é usado para distinguir uma pessoa, uma coisa ou uma qualidade dentre várias existentes.

- "Dizei-me: qual é mais poderosa, a graça ou a natureza?" (Vieira, *apud* Sousa da Silveira)

b) Embora seja condenado por renomados estudiosos da língua portuguesa, o emprego da forma interrogativa "o que" é largamente usado em nossa língua.

- "O que está naquela arca?" (A. Herculano)
- "Reis da terra, o que sois?" (Gonçalves Dias)

6.4 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (TER-RO) Observe as frases:

I. A língua portuguesa foi a que chegou até ____ através de gerações.

II. Não basta ____ querer que a grafia coincida com a pronúncia; é preciso a reforma.

III. Torna-se muito complicado para ____ acompanhar essa mudança.

IV. Para ____, unificar a grafia é impossível.

V. Deixaram alguns pontos para ____ estudar.

A opção que completa corretamente as frases é:

a) eu – eu – eu – mim – mim
b) eu – eu – mim – eu – mim

c) mim – eu – eu – mim – eu
d) mim – eu – mim – mim – eu
e) mim – a mim – mim – eu – mim

2. (TELERJ) Assinale a opção em que o emprego dos pronomes pessoais está de acordo com a norma culta da língua:

a) Entre o chefe e eu há confiança mútua.
b) Para eu, vencer na empresa é fundamental.
c) Vim falar consigo sobre o debate de amanhã.
d) Já lhe avisei do ocorrido na empresa.
e) esta linha telefônica vai de mim a ti.

3. (TRE-MT) A alternativa em que o emprego do pronome pessoal **não** obedece à norma culta portuguesa é:

a) Fizeram tudo pra eu ir lá.
b) Ninguém lhe ouvia as queixas.
c) O vento traz consigo a tempestade.
d) Trouxemos um presente para si.
e) Não vá sem mim.

4. (TER-MT) A substituição do termo destacado por um pronome pessoal está **correta** em todas as alternativas, **exceto** em:

a) O governo deu ênfase **às questões econômicas.**
O governo deu ênfase **a elas.**
b) Os ministros defenderam **o plano de estabilização.**
Os ministros defenderam-**no.**
c) A companhia recebeu **os avisos.**
A companhia recebeu-**os.**
d) Ele diz **as frases** em tom bem baixo.
Ele diz-**las** em tom bem baixo.
e) Ele se recusa a dar **maiores explicações.**
Ele se recusou a dá-**las.**

5. (TER-MT) A lacuna da frase "A situação _____ aspiro começou a se delinear" é preenchida, de acordo com a norma culta, por:

a) onde
b) cujo
c) a que
d) que
e) a qual

6. (TRT-SP) As mulheres _____ olhos brilham, não são dignas de confiança.
   O lugar _____ moro é muito arejado.
   É um cidadão _____ honestidade se pode confiar.

   a) cujos os – que – em que
   b) cujos – em que – em cuja
   c) cujos – em que – cuja
   d) cujos os – em que – cuja a
   e) cujos – que – em cuja

7. (TRT-SP) Assinale a alternativa incorreta quanto ao emprego do pronome pessoal **si**:

   a) Madalena queria a mãe junto de si.
   b) Quando voltou a si, não se lembrava de nada.
   c) Meu filho será confiante em si mesmo.
   d) Ofereço esse presente para si.
   e) Vivem brigando entre si.

8. (TRT-SP) Assinale a alternativa em que o pronome **lhe** tem valor possessivo:

   a) Caiu-lhe nas mãos um belo romance de José de Alencar.
   b) Dei-lhe indicações completamente seguras.
   c) Basta-lhe uma palavra apenas.
   d) Seus amigos escreveram-lhe um singelo poema.
   e) Informaram-lhe o resultado da prova realizada ontem.

9. (MPE-SP) Assinale a alternativa em que a junção das duas orações abaixo está correta quanto ao emprego do pronome relativo e à regência do verbo:

   I. "Central do Brasil" é o filme.

   II. Eu me referi ao diretor do filme "Central do Brasil".

   a) "Central do Brasil" é o filme a cujo diretor eu me referi.
   b) "Central do Brasil" é o filme que o diretor eu me referi.
   c) "Central do Brasil" é o filme sobre cujo diretor eu me referi.
   d) "Central do Brasil" é o filme de cujo diretor eu me referi.
   e) "Central do Brasil" é o filme de qual diretor eu me referi.

10. (MPU) "Todos têm direito a receber dos órgãos públicos informações de seu interesse particular, ou de interesse coletivo ou geral, que serão prestadas no prazo da lei, sob pena de responsabilidade, ressalvadas aquelas _____ sigilo seja imprescindível à segurança da sociedade e do Estado."

    a) cujo
    b) de cujo
    c) a cujo

d) sem cujo
e) por cujo

GABARITO

1 – D	2 – E	3 – D
4 – D	5 – C	6 – B
7 – D	8 – A	9 – A
10 – A		

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

CAPÍTULO 7

VERBO

7.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Passaremos a estudar um dos assuntos mais longos da gramática normativa – o verbo. Provavelmente você, estudante, deparar-se-á com um sem-número de informações, detalhes, características, exceções etc., etc., os quais fazem deste assunto um dos mais temidos da gramática. Sugerimos, portanto, estudá-lo aos poucos. Saliento: não se trata de um assunto difícil. É apenas um assunto longo e cheio de detalhes. É essencial, portanto, estudá-lo mais de uma vez. Procure também resolver todos os exercícios propostos ao final do capítulo. A resolução vai reforçar seu aprendizado.

Outrossim, é fundamental que você se preocupe bastante com alguns pontos que são frequentemente explorados pelos concursos: emprego dos tempos e dos modos verbais, correlação dos tempos e modos verbais e conjugação verbal – notadamente de alguns verbos.

Como já disse, estude o assunto aos poucos. Anote a data em que estudou cada ponto, pois ela certamente servirá como balizamento para que você saiba o momento certo de revisar o assunto. Sugiro também que correlacione o estudo da "voz passiva" com o assunto "conversão da voz ativa em passiva", estudado em sintaxe de oração.

Vamos lá... Mãos à obra!!

7.2 DEFINIÇÃO

Observe atentamente os períodos abaixo:

- O Brasil **jogará** contra a Argentina no domingo. (→ indica uma ação futura)

- A vida **seria** fácil se não fossem as dificuldades. (→ indica um estado)
- *Na próxima madrugada*, **nevará** em Caxias do Sul. (→ indica um fato, um fenômeno)
- João **fuma** bastante. (→ indica um fato habitual, frequente)

Todos os termos em negrito acima são verbos.

Em sentido estrito, verbo é, pois, uma palavra variável capaz de exprimir "uma ação, um estado, um fenômeno da natureza ou um fato".

Entretanto, esta definição é viciosa, visto que os substantivos também apresentam caracteres dos mesmos fenômenos. Basta comparar "digerir e digestão", "correr e corrida", "despedaçar e despedaçamento". Portanto, a diferença entre os nomes substantivos e os nomes verbais reside na quantidade de flexões que um e outro apresenta. Por isso, consideramos a melhor definição para "verbo" a que foi proposta pelo professor José Oiticica, em seu "Manual de análise léxica e sintática":

Verbo é o nome flexionado em modo, tempo, número e pessoa, isto é, a palavra variável que apresenta o maior número de flexões na língua portuguesa.

7.3 ELEMENTOS ESTRUTURAIS DO VERBO

São os seguintes os elementos mórficos formadores do verbo: radical, vogal temática, tema e desinências modo-temporal e número-pessoal. Nem todas as formas verbais, contudo, apresentam todos esses elementos. Daí ser importante distinguir minimamente o "radical" da "terminação verbal". Analisemos as formas verbais "cantássemos, venderemos e partíramos".

RADICAL	VOGAL TEMÁTICA	TEMA	DESINÊNCIA MODO-TEMPORAL	DESINÊNCIA NÚMERO-PESSOAL
cant	a	**canta**	sse	mos
vend	e	**vende**	re	mos
part	i	**parti**	ra	mos

7.3.1 RADICAL

É o elemento mórfico verbal principal, pois contém a significação do verbo. Nos verbos, o radical representa a parte imutável, que traz consigo a semântica verbal. Geralmente, obtém-se o radical com a supressão da vogal temática e da desinência do infinitivo "-r". Observe:

- cantar → $\underbrace{\text{cant}}_{radical}$ – ar
- vender → $\underbrace{\text{vend}}_{radical}$ – er
- partir → $\underbrace{\text{part}}_{radical}$ – ir

7.3.2 VOGAL TEMÁTICA

É o elemento mórfico vocálico que se junta ao radical para formar o tema verbal. Nos verbos, a vogal temática situa-se entre o radical e a desinência do infinitivo impessoal "-r". A vogal temática indicará a que conjugação pertence o verbo. Portanto:

a) A vogal temática "-a" indicará os verbos pertencentes à 1.ª conjugação:

- cant**A**r
- lav**A**r
- am**A**r
- afast**A**r
- su**A**r
- habit**A**r

b) A vogal temática "-e" indicará os verbos pertencentes à 2.ª conjugação:

- vend**E**r
- lamb**E**r
- beb**E**r
- viv**E**r
- cont**E**r
- condiz**E**r

c) A vogal temática "-i" indicará os verbos pertencentes à 3.ª conjugação:

- sa**I**r
- sorr**I**r
- part**I**r
- ped**I**r
- reflet**I**r
- agred**I**r

⇛ **Observação:**

No presente do subjuntivo e nos tempos dele derivados, não há vogal temática.

7.3.3 TEMA

É o conjunto formado pelo radical mais a vogal temática. Nos verbos, basta a *retirada da desinência do infinitivo impessoal "-r" para se obter o* tema.

▹ falar → fala – r *tema*	▹ caber → cabe – r *tema*	▹ abrir → abri – r *tema*

7.3.4 DESINÊNCIAS

São elementos mórficos que se acoplam ao tema ou à forma infinita do verbo para indicar as flexões de modo, tempo, número e pessoal. Há em português duas desinências verbais:

a) **Desinência modo-temporal** → Indica o modo (indicativo, subjuntivo ou imperativo) e o tempo (presente, passado ou futuro) em que se encontra o verbo.

- ▹ cantávamos → cantá – **VA** – mos (desinência que indica o "pretérito imperfeito do indicativo")
- ▹ falássemos → falá – **SSE** – mos (desinência que indica o "pretérito imperfeito do subjuntivo")
- ▹ partiríamos → partir – **ÍA** – mos (desinência que indica o "futuro do pretérito do indicativo")

➾ **Observação:**

Nem todas as formas verbais apresentam a desinência modo-temporal. Esta desinência inexiste no presente e no pretérito perfeito do indicativo.

b) **Desinência número-pessoal** → Indica o número (singular ou plural) e a pessoa (1.ª, 2.ª ou 3.ª) em que o verbo se encontra.

- ▹ cantastes → cantas – **TES** (desinência que indica a 2.ª pessoa do plural – vós)
- ▹ vendêssemos → vendêsse – **MOS** (desinência que indica a 1.ª pessoa do plural – nós)
- ▹ partiriam → partiri – **AM** (desinência que indica a 3.ª pessoa do plural – eles/elas)

7.4 FLEXÕES DO VERBO

Como já vimos em sua definição, o verbo é a palavra em língua portuguesa que apresenta o maior número de flexões. Ao conjunto de flexões de um verbo dá-se o nome de "**conjugação**".

O verbo apresenta as seguintes flexões: pessoa, número, modo e tempo.

7.4.1 FLEXÕES DE PESSOA E DE NÚMERO

Em relação à pessoa, o verbo apresenta as flexões relacionadas ao ser que lhe serve de sujeito. No que diz respeito ao número, o verbo pode-se apresentar tanto no singular (eu, tu e ele/ela) quanto no plural (nós, vós, eles/elas). Logo, teremos as seguintes flexões:

a) **1.ª pessoa – diz respeito ao falante, tanto no singular (eu) quanto no plural (nós).**

1.ª PESSOA	
SINGULAR (EU)	**PLURAL (NÓS)**
canto	cantamos
bebo	bebemos
parto	partimos

b) **2.ª pessoa – diz respeito ao ouvinte, tanto no singular (tu) quanto no plural (vós).**

2.ª PESSOA	
SINGULAR (TU)	**PLURAL (VÓS)**
cantas	cantais
bebes	bebeis
partes	partis

c) **3.ª pessoa – diz respeito àquele(s), àquela(s), àquilo de que se fala, tanto no singular (ele/ela) quanto no plural (eles/elas).**

3.ª PESSOA	
SINGULAR (ELE/ELA)	**PLURAL (ELES/ELAS)**
canta	cantam
bebe	bebem
parte	partem

7.4.2 FLEXÕES DE MODO

As flexões de modo dizem respeito às formas assumidas pelo verbo para indicarem certos estados de espírito em relação ao fato ou estado expressos por ele, ou seja, mostram a atitude (certeza, dúvida, ordem etc.) da pessoa que fala em relação ao fato anunciado.

Em português, três são os modos verbais: **indicativo, subjuntivo e imperativo.**

Esses modos compõem as chamadas "formas finitas do verbo", em oposição ao infinitivo, o qual com o gerúndio e o particípio compõem as "formas infinitas do verbo" ou "formas nominais do verbo", as quais estudaremos mais adiante.

7.4.2.1 Modo indicativo

O modo indicativo é o modo da realidade: serve para enunciar um fato ou um estado verdadeiros ou supostos verdadeiros, em orações independentes ou dependentes, declarativas, interrogativas ou exclamativas, quer afirmando, quer negando.

De acordo com o insigne mestre Augusto Epifânio da Silva Dias, "o indicativo é empregado em todas as orações para as quais não há regra que exija outro modo".

- "Que acusação **trazeis** contra este homem?" (Rui Barbosa)
- "Quem **canta** seus males **espanta.**" (Provérbio)
- "Em certos pontos não se **encontrava** viva alma na rua; (...); só os pretos **faziam** as compras para o jantar ou **andavam** no ganho." (Aluísio Azevedo)

7.4.2.2 Modo subjuntivo

O modo subjuntivo (antigo "modo conjuntivo") é o modo próprio da incerteza, da possibilidade, da dúvida, da futuridade, da vontade, do desejo,

da esperança, da suposição, da concessão. De fato, são muitas as ideias significadas pelo subjuntivo.

A despeito de aparecer em orações independentes, o subjuntivo é próprio das orações dependentes, isto é, do processo subordinado, como o próprio nome já o diz – "subjuntivo = latim, *subjunctivus* = que liga, que une, que subordina".

- "Queimado **sejas** tu e teus enganos /
  Amor escandaloso, mau, cruel." (Camões)
- "Eu vou para Coimbra logo que **esteja** bom, e a menina da cidade fica em sua casa." (Camilo Castelo Branco)
- "Não me parece bonito que o nosso Bentinho **ande** metido nos cantos com a filha do Tartaruga." (Machado de Assis)

Em virtude dos diversos matizes semânticos que manifesta, o subjuntivo pode apresentar-se nos seguintes casos:

a) **Subjuntivo optativo** – exprime um desejo, um voto, um vaticínio, uma profecia.

- "– Ah! que eu não **sirva** senão para perturbar-lhe o sossego! – murmurou Isaura retirando-se." (Bernardo Guimarães)
- "Ah, se os que se têm por felizes **reparassem** bem nesta última cláusula." (Pe. Antônio Vieira)

b) **Subjuntivo exortativo** – exprime um conselho, uma exortação.

- "**Desprezemos** na terra a morte para alcançarmos no céu a imortalidade." (Heitor Pinto)
- "**Ore** eu em língua que entendo, e logo o sentido das palavras se fará sentir nos afetos." (Manuel Bernardes)

c) **Subjuntivo invitatório** – exprime um convite, uma requisição para comparecimento.

- "**Fujamos** para o deserto / **vivamos** ali sozinhos." (Gonçalves Dias)
- "Vinde, pois, e **gozemos** dos bens que existem, e **façamos** a toda a pressa uso da criatura como na mocidade." (Pereira de Figueiredo)

d) **Subjuntivo imperativo** – expressa ordem, mando, preceito e proibição.

- "**Continuemos** o ato de fé dos cristãos." (Pe. Antônio Vieira)
- "**Meça-se**, pois, cada um consigo e **ajuste** as suas ações com as suas forças e seu poder." (Manuel Bernardes)

e) **Subjuntivo deprecativo** – expressa um pedido, uma súplica.

- "Pelo excessivo amor com que nos amastes, que nos **comuniques** vossa graça, Senhor." (Pe. Antônio Vieira)
- "Por Deus, que **partas.**" (A. Herculano)

f) **Subjuntivo concessivo** – expressa uma concessão, uma permissão em relação a um outro fato.

- "**Seja** como for, a 27 de fevereiro de 1641, partiram da Bahia o filho do vice-rei e os seus dois companheiros." (J. F. Lisboa)
- "**Seja** ou não **seja** aquele o homem, **tenha** as diferenças que quiser e quantas quiser, ele chegará ao ponto da morte." (Manuel Bernardes)

g) **Subjuntivo potencial** – *exprime um fato possível ou provável. Geralmente* aparece com os dubitativos "talvez, quiçá".

- "Talvez **chore** ao domingo o que ri à quinta-feira." (Provérbio)
- "Bem, talvez assim lho **ordenassem.**" (A. Herculano)

h) **Subjuntivo supositivo** – exprime uma hipótese, uma condição, uma suposição. Aparece em orações coordenadas sindéticas alternativas introduzidas pelas conjunções "ou... ou, ora.. ora, quer.. quer..., seja... seja... etc.".

- "Se não entendeis o que diz, ou o **leiais** ou não **leiais**, ou **rezeis** ou não **rezeis**, tanto importa o vosso breviário aberto como fechado." (Pe. Antônio Vieira)
- "Os indivíduos que começavam a vida marítima, quer **estivessem** nos primeiros da juventude, quer **fossem** homens feitos, eram, durante quatro anos, livres de todos os tributos e encargos." (A. Herculano)

7.4.2.3 Modo imperativo

O modo imperativo serve para expressar uma ordem, um preceito, um conselho, uma exortação, um pedido, um convite.

- "Agora **escutai** e **respondei** sinceramente às minhas perguntas." (A. Herculano)
- "**Guardai** o meu sábado, porque ele deve ser santo para vós." (Bíblia Sagrada)
- "O pão nosso de cada dia nos **dai** hoje." (Bíblia Sagrada)

7.4.2.3.1 Formação do modo imperativo

O modo imperativo é por inteiro um modo derivado: ora do presente do indicativo, ora do presente do subjuntivo. São, portanto, estes dois últimos tempos modais que formam o imperativo, o qual se divide em "imperativo afirmativo" e "imperativo negativo".

1. **Imperativo afirmativo** → Forma-se tanto do presente do indicativo ("tu" e "vós" com a retirada da letra "s") quanto do presente do subjuntivo ("você", "nós" e "vocês").

   Observe a formação do modo imperativo dos verbos VIVER e IR:

PRESENTE DO INDICATIVO		IMPERATIVO AFIRMATIVO		PRESENTE DO SUBJUNTIVO
vivo		–		viva
vives	→	**VIVE (tu)**		vivas
vive		**VIVA (você)**	←	viva
vivemos		**VIVAMOS (nós)**	←	vivamos
viveis	→	**VIVEI (vós)**		vivais
vivem		**VIVAM (vocês)**	←	vivam

PRESENTE DO INDICATIVO		IMPERATIVO AFIRMATIVO		PRESENTE DO SUBJUNTIVO
vou		–		vá
vais	→	**VAI (tu)**		vás
vai		**VÁ (você)**	←	vá
vamos		**VAMOS (nós)**	←	vamos
ides	→	**IDE (vós)**		vades
vão		**VÃO (vocês)**	←	vão

2. Imperativo negativo → É extraído totalmente do presente do subjuntivo. Conjuga-se com a anteposição do advérbio negativo "não".

PRESENTE DO SUBJUNTIVO		IMPERATIVO NEGATIVO
viva		–
vivas	→	**não VIVAS (tu)**
viva	→	**não VIVA (você)**
vivamos	→	**não VIVAMOS (nós)**
vivais	→	**não VIVAIS (vós)**
vivam	→	**não VIVAM (vocês)**

PRESENTE DO SUBJUNTIVO		IMPERATIVO NEGATIVO
vá		–
vás	→	**não VÁS (tu)**
vá	→	**não VÁ (você)**
vamos	→	**não VAMOS (nós)**
vades	→	**não VADES (vós)**
vão	→	**não VÃO (vocês)**

➾ **Observações importantes:**

a) O imperativo, por ser um modo de referência direta à 2.ª pessoa, não apresenta para a 3.ª pessoa os pronomes "ele, ela, eles, elas". Devemos substituir o pronome da 3.ª pessoa (ele, ela, eles, elas), por "você, vocês" (pessoa com quem ou a quem se fala).

b) O modo imperativo exprime "ordem, súplica, pedido ou convite". Ora, como ninguém vai ordenar, suplicar, pedir ou convidar a si mesmo, não existe a 1.ª pessoa do singular no modo imperativo.

c) Os verbos terminados em "-zer", como "fazer, trazer, dizer" e seus derivados, são abundantes na 2.ª pessoa do singular do imperativo afirmativo, já que com tais verbos pode-se dizer indistintamente "**faze** ou **faz**, **traze** ou **traz**, **dize** ou **diz**" etc.

7.4.3 FLEXÕES DE VOZ

Chama-se **voz** o aspecto verbal caracterizado pelo papel que exerce o sujeito em relação à ação expressa.

Em português, o sujeito poderá:

a) praticar a ação → diz-se então que a voz é **ATIVA**;
b) sofrer a ação → diz-se então que a voz é **PASSIVA**;
c) praticar e sofrer a ação → diz-se então que a voz é **REFLEXIVA** ou **MEDIAL**.

7.4.3.1 A voz ativa

É a voz mais comum na língua pátria. É aquela usada frequentemente nos discursos dissertativos por apresentar o fato de forma mais clara, mais objetiva, mais direta. Ela indica que o sujeito é o ser agente, ativo da ação verbal.

- "Esse infeliz moço, contra quem o senhor **solicita** desvairadas violências, **conserva** a honra na altura da sua imensa desgraça." (Camilo C. Branco)
- "O Sol a pino **dardeja** raios de fogo sobre as areias natais; as aves **emudecem**; as plantas **languem**." (José de Alencar)

7.4.3.2 A voz passiva

É a voz verbal usada quando se deseja enfatizar que o sujeito é o objeto da ação verbal.

Há na língua portuguesa duas formas de se expressar a voz passiva:

a) Voz passiva analítica → formada geralmente pelos auxiliares "ser e estar" mais um particípio.

- O carro **foi deixado** na porta da oficina pelo próprio dono.
- Durante muito tempo, a casa **esteve cercada** por policiais.

b) Voz passiva sintética ou pronominal → formada por um verbo transitivo direto ou verbo transitivo direto e indireto associado a um "se".

- **Entregaram-se** os diplomas a todos os formandos.
- **Compraram-se** vários livros para serem doados aos meninos do orfanato.

➾ **Observação:**

Para aprofundar o conhecimento sobre a voz passiva, sugerimos consultar, em sintaxe, a parte que trata sobre o agente da passiva.

7.4.3.3 A voz reflexiva ou medial

Ocorre a voz reflexiva quando o sujeito é, ao mesmo tempo, o agente e o paciente da ação verbal. Observe:

- "Leôncio **sentiu-se** esmagado, e arrependeu-se mil e uma vezes de ter provocado tão imprudentemente aquele leviano e estouvado rapaz." (Bernardo Guimarães)
- "A ideia de que ela **se enfeitava** para outro homem irritava-me a ponto que estive para **precipitar-me** e espedaçar, arrancando-lhe do corpo, as galas que a cobriam." (José de Alencar)

A voz reflexiva se divide em "**reflexiva propriamente dita**" – aquela em que o mesmo sujeito que pratica a ação é o seu recebedor, e "**reflexiva recíproca**" – aquela em que a ação é praticada mutuamente pelos seres envolvidos pelo sentido verbal; diz-se, portanto, que, neste último caso, houve ação mútua ou correspondente. Observe:

- A menina **se penteava** em frente ao espelho. = Penteava a si mesma. → **Voz reflexiva propriamente dita.**
- As meninas **se agrediram** durante o jogo. = Agrediram umas às outras. → **Voz reflexiva recíproca.**
- Durante a festa, dois convidados **se suicidaram.** = Suicidaram a si mesmos. → **Voz reflexiva propriamente dita.**
- Na festa, os convidados mal **se cumprimentavam.** = Cumprimentavam uns aos outros. → **Voz reflexiva recíproca.**

7.4.3.4 Possíveis ambiguidades com as vozes passiva e reflexiva

Em algumas situações, o emprego do pronome "se" associado a verbos transitivos pode ocasionar ambiguidade por não se saber se se trata de voz reflexiva ou de voz passiva sintética, notadamente quando o sujeito é animado, isto é, agente. Observe:

- As crianças enganam-se com facilidade.

→ **Pode-se desdobrar em:**

a) As crianças enganam umas às outras com facilidade. (se = pronome reflexivo recíproco)

OU

b) As crianças são enganadas com facilidade. (se = partícula apassivadora)

Vejamos um outro exemplo:

▹ Aclamou-se ele representante da turma.

→ **Pode-se desdobrar em:**

a) Ele aclamou a si mesmo representante da turma. (se = pronome reflexivo)

OU

b) Ele foi aclamado representante da turma. (se = partícula apassivadora)

Para esses casos, deve-se evitar a construção com o "se" e adotar, se se quiser expressar a voz reflexiva, as expressões "a si mesmo, a mim mesmo, uns aos outros, umas às outras". Caso se queira expressar a voz passiva, deve-se optar pela forma analítica, com verbo auxiliar e particípio.

Igualmente ambíguas são algumas estruturas reflexivas, pois podem tanto expressar voz reflexiva propriamente dita quanto voz reflexiva recíproca. Observe:

▹ Pedro e João feriram-se.

→ Pode-se desdobrar em:

a) Pedro e João feriram um ao outro. (se = pronome reflexivo recíproco)

OU

b) Pedro e João feriram a si próprios. (se = pronome reflexivo propriamente dito)

Assim, os verbos reflexos e recíprocos, em algumas construções, se confundem. Para desfazer possíveis ambiguidades, é necessário juntarem-se ao verbo recíproco as expressões "*reciprocamente, um ao outro, uns aos outros, uma à outra, umas às outras*", e ao verbo reflexivo "*a si próprio, a nós próprios, a vós próprios* etc.".

▹ "Todavia, os virtuosos nem sequer o imaginavam, porque não perceberiam como, tranquila a consciência e repousada a vida, um coração pode devorar-se a si próprio." (A. Herculano)

▹ "E sentiu diante dos olhos aquela massa informe de machos e fêmeas, a comichar, a fremir concupiscente, sufocando-se uns aos outros." (Aluísio Azevedo)

▹ "Dignidade de quem se despreza a si mesma!... O que é este corpo que lhes mostrei há pouco, e que lhes tenho mostrado tantas vezes!" (José de Alencar)

- "Outra coisa ainda: se nos batermos aqui, podemos incomodar-nos reciprocamente; porque pretendo matar-vos, e creio que o mesmo desejo tendes a meu respeito." (José de Alencar)

7.4.4 FLEXÕES DE TEMPO

Os tempos são as épocas da duração em que se realiza a ação ou o fato enunciado pelo verbo. Em português, tais épocas, indicadas por flexões próprias, são três: o presente, o passado (pretérito) e o futuro.

Observe o diagrama abaixo:

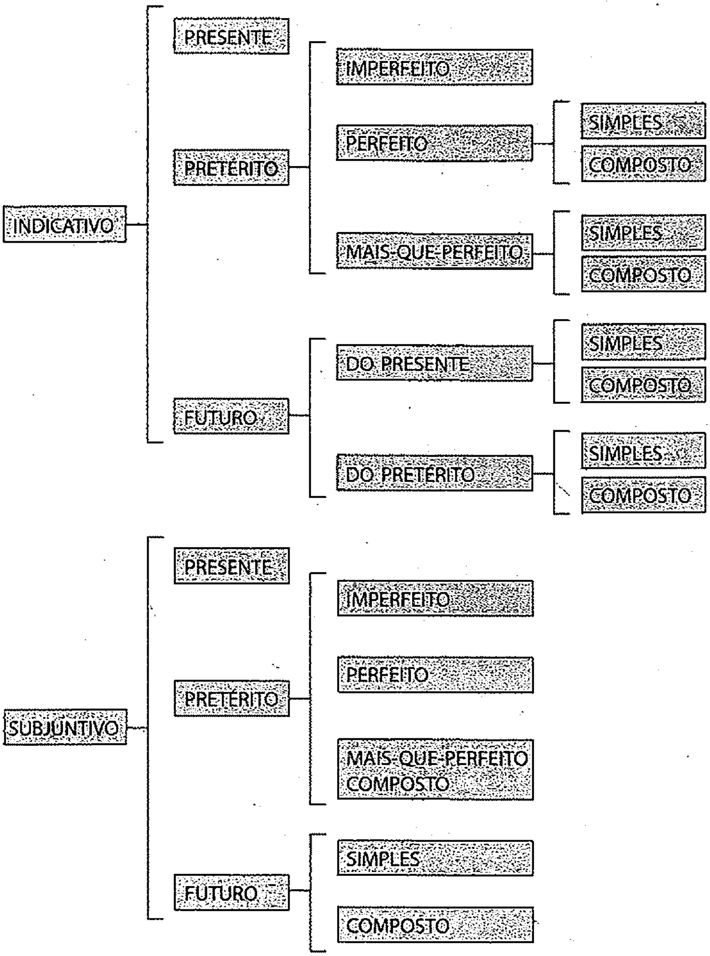
INDICATIVO
PRESENTE
PRETÉRITO
IMPERFEITO
PERFEITO
SIMPLES
COMPOSTO
MAIS-QUE-PERFEITO
SIMPLES
COMPOSTO
FUTURO
DO PRESENTE
SIMPLES
COMPOSTO
DO PRETÉRITO
SIMPLES
COMPOSTO
SUBJUNTIVO
PRESENTE
PRETÉRITO
IMPERFEITO
PERFEITO
MAIS-QUE-PERFEITO COMPOSTO
FUTURO
SIMPLES
COMPOSTO

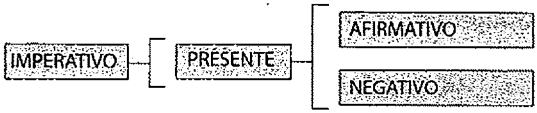

7.4.4.1 Emprego dos tempos verbais simples

Antes de estudarmos os tempos verbais, convém esclarecer que, em nosso português, há tempos primitivos e tempos derivados. Só três tempos em nossa língua são primitivos, dos quais todos os demais se originam. São eles: **o presente do indicativo** (1.ª e 2.ª pessoas), **o pretérito perfeito do indicativo** (2.ª pessoa) e **o infinitivo impessoal.**

a) Do presente do indicativo derivam:

- Pretérito imperfeito do indicativo → falava, bebia, partia.
- Presente do subjuntivo → fale, beba, parta.
- Imperativo → fala, bebe, parte.

b) Do pretérito perfeito do indicativo derivam:

- Pretérito mais-que-perfeito do indicativo → falara, bebera, partira.
- Pretérito imperfeito do subjuntivo → falasse, bebesse, partisse.
- Futuro do subjuntivo → falar, beber, partir.

c) Do infinitivo impessoal derivam:

- Futuro do presente do indicativo → falarei, beberei, partirei.
- Futuro do pretérito do indicativo → falaria, beberia, partiria.
- Infinitivo pessoal → falarem, beberem, partirem.
- Gerúndio → falando, bebendo, partindo.
- Particípio → falado, bebido, partido.

7.4.4.1.1 Tempos do modo indicativo

1. Presente do indicativo

A regra geral manda empregar o presente do indicativo para indicar uma ação atual, que se realiza no momento em que se fala.

- O Brasil **joga** contra a Argentina.
- A torcida **grita** o nome do artilheiro.

Observação:

Em muitas situações, para que não haja confusão entre a designação do que costuma acontecer e o que está acontecendo, é preferível usar-se uma construção perifrástica (locução verbal) composta do verbo "estar" com infinitivo precedido da preposição "a" (construção mais corrente em Portugal) ou com o gerúndio.

- João está a ler (ou lendo). → É melhor do que "João lê."

Emprega-se também o presente do indicativo:

a) Para indicar uma ação habitual, corriqueira, um fato real, uma verdade – neste caso, é chamado de "presente habitual ou presente iterativo":

- João **fuma.**
- O sol **aquece** a Terra.
- A lei lhe **garante** esse direito.

b) Em narrativas, no lugar do pretérito perfeito, para indicar maior realidade ao fato (é como se o narrador estivesse presente naquele momento presenciando os fatos) – é denominado "presente histórico":

- Em 1.º de setembro de 1939, Hitler **invade** a Polônia.
- "Napoleão **chega** a Waterloo, **dispõe** as tropas, **trava** combate e **é** vencido". (Napoleão Mendes de Almeida)

c) Para indicar fatos e ideias que, embora situados no passado, podem ser de algum modo considerados presentes:

- Jesus Cristo **considera** a si mesmo o único caminho e a única verdade.
- "São Bernardo **chama** à ociosidade madrasta das virtudes." (A. Herculano)

d) Para indicar uma ação em um futuro próximo (nesse caso vem geralmente cercado de algum adjunto adverbial de tempo):

- Amanhã ele **vai** para a nova escola.
- Na próxima semana, **sigo** para a Europa.
- **Volto** amanhã.

e) Para suavização da mensagem, emprega-se no lugar do imperativo afirmativo:

- Para evitar problemas, o senhor **fica** à espera do médico e **fala** para ele todos os seus incômodos.
- O senhor **aguarda** na recepção a sua chamada.

2. Pretérito perfeito do indicativo

Como regra geral, emprega-se o pretérito perfeito para indicar uma ação que teve início e fim no passado, ou seja, aplicamos este tempo para acontecimentos que se deram como simples momentos históricos.

- "A Espanha romano-germânica **transformou-se** na Espanha rigorosamente moderna no terrível cadinho da conquista árabe." (A. Herculano)
- A libertação dos escravos **foi** um marco para o Brasil.
- "Amou, **perdeu-se**, e **morreu** amando." (Camilo Castelo Branco)

Emprega-se também o pretérito perfeito:

a) Para noticiar o que é fato consumado no momento em que falamos – é o denominado "pretérito absoluto":

- O Brasil **ganhou** uma medalha de ouro na natação.
- "Se D. Rita lhe censura a indigna eleição que faz, Simão zomba das genealogias, e mormente do general Caldeirão que **morreu** frito." (Camilo Castelo Branco)

3. Pretérito imperfeito do indicativo

Como regra geral, emprega-se o pretérito imperfeito do indicativo para exprimir a continuação ou repetição de uma ação que teve início no passado, isto é, o pretérito imperfeito indica uma ação verbal passada, mas inacabada, não concluída – daí o nome "imperfeito".

- "Antônio Maciel **andava** sem rumo certo, de um pouso para outro, indiferente à vida e aos perigos, alimentando-se mal e ocasionalmente, dormindo ao relento à beira dos caminhos, numa penitência demorada e rude..." (Euclides da Cunha)
- "Campos ainda lhe conheceu a mãe, cujo retrato, encaixilhado com o do pai, **figurava** na sala, e **falava** de ambos com saudades longas e suspiradas." (Machado de Assis)

Emprega-se também:

a) Em narrativas, para a descrição de cenas, pessoas, fatos ou coisas no passado:

- "Alguns defeitos **tinha**; o mais excelso deles **era** ser guloso, não propriamente glutão; **comia** pouco, mas **estimava** o fino e o raro, e a nossa cozinha, se **era** simples, era menos pobre que a dele." (Machado de Assis)
- "O magistrado desenrugou a severidade postiça da testa, e confessou tacitamente que **era** brutal e estúpido juiz." (Camilo Castelo Branco)

b) Em narrativas, para a indicação de tempo, de época, de momento:

- "O ano é que é um tanto remoto, mas eu não hei de trocar as datas à minha vida só para agradar às pessoas que não amam histórias velhas; o ano **era** de 1857." (Machado de Assis)

c) Para indicar uma ação passada que, simultânea a outra ação também no passado, ocorreu em primeiro lugar:

- "Quando ele entrou na sala, tinha acabado, mas **estava** ainda ao piano, ante um folheto de músicas aberto, a soletrar para si." (Machado de Assis)
- "As sombras doces **vestiam** os campos quando ela chegou à beira do lago." (José de Alencar)

4. Pretérito mais-que-perfeito simples

Como regra geral, emprega-se o pretérito mais-que-perfeito simples para indicar uma ação no passado anterior a outra ação no passado – representa, por assim dizer, o "passado do passado".

- Quando chegou à empresa, o diretor já **saíra.**
- "O general **falara** um pouco alto e os jovens oficiais que estavam próximo olharam-no com mal disfarçada censura." (Lima Barreto)

Emprega-se também:

a) No lugar do pretérito perfeito em construções descritivas, geralmente para indicar uma ação passada em relação às ações passadas perceptíveis pelo contexto:

- "Fisicamente Jorge nunca se **parecera** com ela. **Fora** sempre robusto, de hábitos viris. Tinha os dentes admiráveis de seu pai, os seus ombros fortes. De sua mãe **herdara** a placidez, o gênio manso." (Eça de Queiroz)
- "– Oh! maldição! – **exclamara** Leôncio, arrancando os cabelos em desespero, depois que **ouvira** dos lábios de Álvaro aquele arresto esmagador." (Bernardo Guimarães)

b) Em linguagem literária, no lugar do pretérito imperfeito do subjuntivo e do futuro do subjuntivo:

- "E se Deus não **cortara** a carreira ao sol com a interposição da noite, fervera e abrasara-se a terra." (Pe. Antônio Vieira)
- "Senhor, se tu **houveras** estado aqui, não **morrera** meu irmão." (Pe. Antônio Vieira)

c) Em frases exclamativas e optativas (que exprimem desejo), para acentuar-lhes o caráter hipotético, condicionante:

- "Quem **dera** pudesse o homem compreender todos os mistérios da natureza!"
- "– Quero isto limpo! bramava furioso. Está pior que um chiqueiro de porcos! Apre! **Tomara** que a febre amarela os lamba a todos! maldita raça de carcamanos!" (Aluísio Azevedo)

5. Futuro do presente simples

Como regra geral, emprega-se o futuro do presente do indicativo para indicar um fato posterior (futuro) ao momento em que se fala.

- "**Dir-me-ão** que deste modo, o nosso papel é mais heróico. **Responderei** que o delas é angélico, e, entre anjos e heróis, pelos anjos será sempre o meu voto." (Rui Barbosa)
- "Meu pai diz que me vai encerrar num convento por tua causa. **Sofrerei** tudo por amor de ti. Não me esqueças tu, e **achar-me-ás** no convento, ou no céu, sempre tua do coração, e sempre leal. Parte para Coimbra. Lá **irão** dar as minhas cartas; e na primeira te **direi** em que nome hás de responder à tua pobre Teresa". (Camilo Castelo Branco)

Emprega-se também:

a) No lugar do presente do indicativo, em frases dubitativas (que exprimem dúvida) ou exclamativas:

- "A esta hora quantos não **estarão** com fome!" (Eduardo C. Pereira)
- "Uma palavra, uma emoção fraterna, um olhar de ternura, e... quantos não **serão** redivivos, abençoando-vos?" (Rui Barbosa)

b) Em correlação com o futuro do subjuntivo (ideia condicionante), para indicar fatos de realização provável:

- Se o governo diminuir os juros, **comprarei** uma casa para morar.
- "Se o tino do juiz ou do público, como frequentemente sucede, eludir a aplicação da lei, então **desaparecerá** o mal." (Rui Barbosa)

c) Em lugar do imperativo para transmitir à mensagem um caráter mais sugestivo do que imperativo:

- "Não **terás** outros deuses diante de mim." (Bíblia Sagrada)
- "Não **dirás** falso testemunho contra o teu próximo." (Bíblia Sagrada)

d) Em frases interrogativas, para indicar incerteza, dúvida, suposição, probabilidade:

- "**Será** que a mente, já desperta / Da noção falsa de viver, / Vê que, pela janela aberta, / Há uma paisagem toda incerta / E um sonho todo a apetecer?" (Fernando Pessoa)
- "Contra as extorsões de que ela for alvo, quem **poderá** medir a resistência?" (Rui Barbosa)

➾ **Observação:**

Frequentemente, o futuro do presente do indicativo é substituído por locuções verbais formadas com os auxiliares "haver, ter, ir", seguidos de um infinitivo:

→ Presente do indicativo do V. Haver + Preposição + Infinitivo:

- "Neste momento insone e triste / Em que não sei quem **hei de ser**, / Pesa-me o informe real que existe / Na noite antes de amanhecer." (Fernando Pessoa)

→ Presente do indicativo do V. Ir + Infinitivo:

- "Considerou por instantes o arraial imenso, embaixo. Desceu devagar a encosta. Daniel **vai penetrar** na furna dos leões... Acompanhemo-lo." (Euclides da Cunha)

→ Presente do indicativo do V. Ter + Que + Infinitivo:

- "– Olhe, Senhor Cassi: amanhã, à tarde, não, porque **tenho que ir** à sessão da minha sociedade; mas, se tem pressa, pode vir depois de amanhã, logo pelas sete ou oito horas." (Lima Barreto)

6. Futuro do pretérito

Como regra geral, emprega-se o futuro do pretérito simples para indicar uma ideia hipotética em relação a um fato situado no passado. Geralmente, este tempo aparece em correlação com o pretérito imperfeito do subjuntivo.

- "Mas **incorreríamos** no ridículo de querer tapar o Sol com os dedos, se tentássemos dissimular o industrialismo egoístico, avaro, cobiçoso, que caracterizava a fisionomia do príncipe ligado à sorte da princesa imperial." (Rui Barbosa)
- "O serviço militar **tinha** a natureza de eventual, porque não **havia** entre os visigodos exército permanente." (G. Barros *apud* A. Epiphanio S. Dias)

Emprega-se também:

a) Em orações que denotam indignação ou surpresa:

- Jamais **acusaríamos** você!
- **Seria** possível uma acusação dessas?

b) Para indicar um fato futuro em relação a um outro fato situado no passado:

- "... e protestei que antes disso me **reabilitaria** de minha estúrdia ingenuidade." (José de Alencar)
- "Então ela declarou-lhe que não tivesse medo de nada. Nada **aconteceria** nem a um nem a outro." (Machado de Assis)

c) Em orações que denotam polidez, brandura, cortesia, em substituição ao presente do indicativo:

- – **Poderia** nos dar um minuto, por favor.
- – **Gostaria** de provar a nossa nova sobremesa, madame?

d) Em orações que revelam dúvida, probabilidade, suposição, incerteza, ideia aproximada:

- "– **Serias** capaz de fazer isso, Lúcia?" (José de Alencar)
- "Não fora a natureza, os céus, os pássaros, as águas múrmuras, como **poderíamos** viver?" (Júlio Ribeiro)
- "A cabo da estreita senda da cruz acharia ele, porventura, a vida e o repouso íntimos?" (A. Herculano)

7.4.4.1.2 Tempos do modo subjuntivo

1. Presente do subjuntivo

Em geral, emprega-se o presente do subjuntivo em orações que exprimam dúvida, desejo, fato provável.

- **Queira** Deus que eles **estejam** bem.
- Talvez **fiquem** melhor agora.
- "E talvez não **saiba** que eu estava a beber na fonte quando vossa senhoria, há dois para três anos, deu muita pancada nos criados, que era mesmo um rebuliço que parecia o fim do mundo." (Camilo Castelo Branco)
- "– Sabes? talvez eu **tenha** de me ir amanhã embora." (Eça de Queiroz)
- "Se nos embaraçássemos nas imaginosas linhas dessa espécie de topografia psíquica, de que tanto se tem abusado, talvez não os compreendêssemos melhor. **Sejamos** simples copistas." (Euclides da Cunha)

Emprega-se também:

a) Em correlação com o presente do indicativo para indicar fato presente ou futuro:

- Esperamos que eles **cheguem** ainda hoje.
- É profundamente lamentável que eles **fiquem** sem ir à escola.

b) Em correlação com o presente do indicativo para expressar um conselho, uma advertência, uma sugestão:

- "Preciso é que os ouvidos **estejam** bem abertos e a atenção bem apurada, quando se está defronte de uma moça como D. Clementina." (Joaquim M. de Macedo)
- "**Analisemos** o caso. O comandante expedicionário deixara em Queimadas grande parte de munições, para não protelar por mais tempo a marcha..." (Euclides da Cunha)
- "Padre que seja, se for vigário na roça, é preciso que **monte** a cavalo." (Machado de Assis)

c) Em correlação com tempos do modo indicativo para expressar ideia de concessão, de oposição:

- "Conquanto não **seja** assim, eu tomei a resolução heróica de aproximar os mais peculiares à Bruzundanga dos nossos nomes portugueses..." (Lima Barreto)
- "– Pode ser que não; e ainda que **desconfiem**, não há testemunhas." (Camilo Castelo Branco)

2. Pretérito imperfeito do subjuntivo

Como regra geral, emprega-se o pretérito imperfeito do subjuntivo, em correlação com o futuro do pretérito do indicativo, para indicar um fato hipotético, provável, suposto.

- "Estas testemunhas referiram que ouviram dizer a Cristo que, se os Judeus **destruíssem** o templo, ele o tornaria a reedificar em três dias." (Pe. Antônio Vieira)
- "Bem sei que não podes compreender o que é a fé viva de um muçulmano na proteção de Deus: mas eu seria réu do inferno, se **duvidasse** um instante das promessas do Profeta." (A. Herculano)

Emprega-se também:

a) Em orações subordinadas substantivas, correlacionando-se com tempos do modo indicativo, para expressar "súplica, pedido, requerimento, solicitação":

- "O Rei de Portugal só queria que nenhum palmo de chão português, baldio ou murado, **jazesse** fora de seu senhorio real." (Eça de Queiroz)
- Solicitei naquele momento que o **acolhessem** nalgum asilo.
- "Dirigiu-se a Sir Robert Peel, e pediu-lhe que lhe **comunicasse** as ideias segundo as quais ele achava que a reforma deveria ser feita". (Rui Barbosa)

b) Em orações subordinadas substantivas, correlacionando-se com tempos do modo indicativo, para expressar "ordem, determinação, proibição, deliberação":

- "Apenas findou o café, mandou pelo Bento avisar os dois moços da horta, o Ricardo e o outro de queixo de cavalo, que o **esperassem** no pátio, armados." (Eça de Queiroz)
- "Ordenava ela à mucama que **distribuísse** pelas outras uns enfeites e vestidos já usados." (José de Alencar)

c) Em orações subordinadas substantivas, correlacionando-se com tempos do modo indicativo, para exprimir "aconselhamento, aviso, admoestação, recomendação, exortação":

- "E com eles atravessou de novo a Vila até a cocheira do Torto – para recomendar que lhe **mandassem** à Torre, às nove horas da manhã, a parelha ruça." (Eça de Queiroz)

- "Admoestou a certo bispo que se **recolhesse** à sua igreja." (Manuel Bernardes)

d) Em estilo literário, para expressar a causa em relação a outro fato que lhe *servirá* de efeito:

- "Como eu lhe **dissesse** que a vida tanto podia ser uma ópera, como uma viagem de mar ou uma batalha, abanou a cabeça e replicou: – A vida é uma ópera e uma grande ópera." (Machado de Assis)
- "Como **fosse** grande arabista, achou no Corão que Maomé declara veneráveis os doidos, pela consideração de que Alá lhes tira o juízo para que não pequem." (Machado de Assis)

e) Para a formação de orações adverbiais (circunstanciais), principalmente, as condicionais e as concessivas:

- "Ah! se agora **chegasses**!
  Se eu **sentisse** bater em minhas faces
  A luz celeste que teus olhos banha (...)." (Olavo Bilac)
- "Não recebia ninguém, vivia num isolamento monacal, embora **fosse** cortês com os vizinhos que o julgavam esquisito e misantropo." (Lima Barreto)

3. Futuro do subjuntivo

Como regra geral, em correlação com o futuro do presente do indicativo, emprega-se o futuro do subjuntivo em orações subordinadas adverbiais condicionais e temporais, para indicar o tempo ou a condição do fato expresso na oração subordinante.

- Se ele **chegar** a tempo, sairemos ainda hoje.
  fato da oração subordinante (sair)
- Quando ele **comprar** o novo carro, passearemos mais.
  fato da oração subordinante (passear)
- "O desejo que me deu, quando saí de Barbacena, foi simples desejo, sem prazo; irei, não há dúvida, mas lá para diante, quando Deus **quiser**." (Machado de Assis)
- "Se eu **disser** 'Há sol nos meus pensamentos', ninguém compreenderá que os meus pensamentos são tristes." (Fernando Pessoa)
- "Quando **estiverem** todos adormecidos, o guerreiro branco deixará os campos do Ipu, e os olhos de Iracema, mas não sua alma." (José de Alencar)

7.4.4.2 Emprego dos tempos verbais compostos

Na língua portuguesa, alguns tempos simples podem ser expressos por meio de uma forma composta, formada pelos verbos auxiliares (ter e haver) mais o particípio do verbo. Tais tempos compostos são, em sentido lato, locuções verbais especiais. Aparecem sob a forma composta:

1. O pretérito perfeito composto do indicativo

Formado pelo "presente do indicativo" mais o particípio de um verbo, o pretérito perfeito composto é empregado para expressar um fato que, tendo-se iniciado no passado, dura ou vem repetindo-se até o presente com a possibilidade ou não de continuar no futuro. Observe:

- Ele **tem feito** muitas obras desde que iniciou o seu governo.
- "Você sabe que eu **tenho tratado** do seu casamento com a Zulmirinha... Lá em casa não se fala agora noutra coisa..." (Aluísio Azevedo)
- "Eu bem **tenho dito** a Jorge! Tantas vezes lho **tenho dito**! Isto é uma rua impossível!" (Eça de Queiroz)

2. O pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo

Formado pelo "pretérito imperfeito do indicativo" mais o particípio de um verbo, o pretérito mais-que-perfeito composto é empregado com a mesma função da sua forma simples: indicar um fato passado em relação a outro fato também no passado ou indicar um fato sucedido antes de outro não enunciado no contexto, mas implícito nele. Observe:

- "Os ingênuos contos sertanejos desde muito lhes **haviam revelado** as estradas fascinadoramente traiçoeiras que levam ao Inferno." (Euclides da Cunha)
- "Lúcia, como vê, parecia adivinhar o que me **tinham dito** o Cunha e Sá para desmenti-los completamente." (José de Alencar)
- Quando lá chegamos, o comendador já **tinha saído.**

3. O futuro do presente composto do indicativo

Formado pelo "futuro do presente do indicativo" mais o particípio de um verbo, o futuro do presente composto indica um fato posterior à época presente, mas já acabado antes de outro fato futuro.

- "Lá, no tumulto dos cortesãos, onde o amor é cálculo ou sentimento grosseiro, **terás achado** quem te chame sua." (A. Herculano)
- Quando ele chegar, já **terei terminado** de resolver a prova.

4. O futuro do pretérito composto do indicativo

Formado pelo "futuro do pretérito simples do indicativo" mais o particípio de um verbo, o futuro do pretérito composto indica um fato posterior a uma época passada a que nos referimos, mas já acabada antes de outro fato futuro.

- Quanto prazer eles **teriam desfrutado**, se não tivessem pouco dinheiro e pressa para voltar.
- "Se me achasse bonita, já me **teria pedido** a papai..." (Aluísio Azevedo)
- Eu o **haveria esperado**, se ontem eu não tivesse um compromisso.

5. Pretérito perfeito composto do subjuntivo

Formado pelo "presente do subjuntivo" mais o particípio de um verbo, o pretérito perfeito composto do subjuntivo expressa uma hipótese ou um desejo em relação a outro fato situado no futuro.

- "- Provavelmente, ele lá estará, pensou Rubião indo jantar ao Flamengo; duvido que **tenha dado** melhor presente que eu." (Machado de Assis)
- "Desejo que não procedas precipitadamente e que, antes de dizer-me uma palavra, **tenhas medido** todo o alcance que ela deve ter sobre o teu futuro." (José de Alencar)

6. Pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo

Formado pelo "pretérito imperfeito do subjuntivo" mais o particípio de um verbo, o pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo indica um fato hipotético no passado em relação a outro fato hipotético também no passado.

- "Pôs-se a pensar, o que teria sucedido se **tivesse casado** com o primo Basílio." (Eça de Queiroz)
- "Se vossa senhoria **tivesse consentido** que sua filha amasse Simão Botelho Castelo-Branco, teria poupado a vida ao homem sem honra." (Camilo C. Branco)

7. Futuro do subjuntivo composto

Formado pelo "futuro simples do subjuntivo" mais o particípio de um verbo, o futuro do subjuntivo composto indica, à semelhança da forma simples, um fato hipotético no futuro, mas de realização provável, o qual se correlaciona com outro fato também no futuro.

- Quando eu **tiver adquirido** o novo carro, passearei bastante com a minha família.
- Explicaremos as dúvidas dos leitores que não **tiverem entendido** o assunto.

7.4.4.3 As locuções verbais (construções perifrásticas) – emprego dos verbos auxiliares

Também chamadas de "**perífrases verbais**", as locuções verbais servem para denotar ideias acessórias da ação verbal, frequentemente não contempladas pelos tempos simples e compostos. Para tanto, a língua socorre-se de certas combinações de dois verbos, ficando um deles fixo no infinitivo, no gerúndio ou no particípio, recebendo o outro as flexões de modo, tempo e número.

Para a formação das locuções verbais, a língua lança mão de vários verbos em função auxiliar. Frequentemente são usados, além de outros, os verbos "ser, estar, ficar, ter, haver, ir, vir, parecer, andar".

Dica de estudo: Procure correlacionar este assunto com o assunto "emprego dos tempos compostos" formados com os verbos auxiliares "ter" e "haver".

Vejamos abaixo um rol sucinto dos sentidos transmitidos por algumas locuções verbais, além do emprego dos principais verbos auxiliares:

a) Verbo auxiliar SER mais o PARTICÍPIO → formação de locuções verbais da voz passiva de ação:

- Eles **foram atacados** por várias abelhas enquanto caminhavam pela fazenda.
- Os garotos **são instruídos** pelo mestre.

b) Verbo auxiliar ESTAR mais o PARTICÍPIO → formação de locuções verbais da voz passiva de estado:

- Eles **estão cercados** pela polícia.

c) Verbo auxiliar TER mais preposição DE mais INFINITIVO → formação de locução verbal que denota "obrigação, compromisso, fato infalível":

- O Brasil **tem de** ser um país menos desigual.
- Todos **tiveram de** sair por causa do fogo que já atingia os últimos andares do prédio.

d) Verbos auxiliares "COMEÇAR A, ENTRAR A, PASSAR A" mais INFINITIVO → formação de locuções verbais que indicam momento inicial de uma ação:

- O trem **começou a partir**, e todos, emocionados, despediam-se dos soldados.
- "Afinal, o homem teso rendeu o flexível, e **passou a falar** pausado, com superlativos." (Machado de Assis)

e) Verbos auxiliares "ANDAR, ESTAR, FICAR, IR, VIR" mais GERÚNDIO → formação de locuções verbais que indicam duração, continuação, progressão:

- Já **vem chegando** o inverno com seu frio, suas chuvas.
- Meu amigo, você sabe o que o José **anda fazendo**?
- João **está comprando** uma nova casa na praia.
- Ele sempre **fica olhando** os aviões no aeroporto.

f) Verbos auxiliares "ACABAR, DEIXAR, PARAR" mais preposição DE mais INFINITIVO → formação de locuções verbais que indicam momento final, cessação da ação:

- "Comoviam-no o espetáculo dos infelizes que **acabava de encontrar** armados até aos dentes, e o quadro emocionante daquela Tebaida turbulenta." (Euclides da Cunha)
- Todos **deixaram de fazer** a tarefa imposta pela professora por causa do calor excessivo que na sala fazia.
- Assim que viu o comandante, **parou de falar** e começou a andar para trás.

g) Verbo auxiliar "DEVER" mais INFINITIVO → formação de locução verbal que indica necessidade, obrigação:

- "O almirante não **deve falar** assim... A pátria está logo abaixo da humanidade." (Lima Barreto)
- "– *Senhor, se é católico,* **deve considerar** que a Igreja condena as revoltas..." (Euclides da Cunha)

h) Verbo auxiliar IR mais INFINITIVO → formação de locução verbal que indica uma ação em um futuro próximo:

- "Na sessão que se **vai abrir**, esta Câmara espera demonstrar-vos quanto sabe honrar a soberana esterilidade das instituições constitucionais." (Rui Barbosa)
- "Nada, inda não: Vidinha **vai cantar** uma modinha." (Manuel A. Macedo)

i) Verbo auxiliar IR mais GERÚNDIO → formação de locução verbal que indica uma ação em decurso, em ocorrência, em desenvolvimento gradual:

- "Meu coração é um almirante louco
  que abandonou a profissão do mar
  e que a **vai relembrando** pouco a pouco
  em casa a passear, a passear..." (Fernando Pessoa)
- "Este necessário e inevitável reviramento por que **vai passando** o mundo, há de levar muito tempo." (A. Garrett)

j) Verbo auxiliar HAVER mais preposição DE mais INFINITIVO → formação de locução verbal que indica futuridade de forma mais enfática. Equivale ao futuro do presente do indicativo em sua forma simples:

- "Mas **hei de** me **ver** vingada, oh! se **hei de**! tão certo como estar eu aqui: os desembargadores lá estão, que me **hão de dar** esse gosto: espero isso em Deus." (Manuel A. de Almeida)
- "– Os vizinhos **hão de dizer** que estamos doidos, Jorge... – acudiu ela." (Eça de Queiroz)

Observação:

Em muitas construções, a presença de dois verbos juntos nem sempre indica uma locução verbal. Muitas vezes, temos orações reduzidas de infinitivo, por exemplo, cujo verbo da oração subordinada – no infinitivo – encontra-se próximo do verbo da oração principal – subordinante. Um recurso prático para se evitarem confusões é tentar "desenvolver" o infinitivo da oração subordinada. Embora não seja totalmente seguro, este recurso ajuda bastante. Observe:

- Ainda **falta dar** muitos retoques na obra de arte. (**FALTA DAR** = locução verbal ou verbos autônomos?)

Vamos tentar desenvolver a oração →

"Ainda falta **que se deem muitos retoques na obra de arte**."

Foi possível desenvolver-se a oração.
Temos, então, dois verbos autônomos.

- Ele não **deve comprar** aqueles produtos. (**DEVE COMPRAR** = locução verbal ou verbos autônomos?)

Vamos tentar desenvolver a oração →

"Eles não devem **que comprem aqueles produtos**."

O desenvolvimento torna a construção ilógica.
Não foi possível o desenvolvimento.
Temos, então, uma locução verbal em "deve comprar".

Sugestão: Para ampliar seus conhecimentos sugerimos estudar os assuntos "orações reduzidas" e "concordância com o sujeito oracional" em sintaxe.

7.4.4.4 Correlação dos tempos e dos modos verbais – sequencialização dos tempos (*Consecutio temporum*)

Atenção: Este tópico é muito cobrado pelos concursos em geral. Sugerimos que o estude mais de uma vez.

Em sentido próprio, a correlação de tempos e modos verbais ou sequencialização dos tempos é a dependência entre as formas temporais do verbo de uma oração subordinada e as do verbo da oração subordinante (principal) respectiva, para se indicar **anterioridade, simultaneidade** ou **posterioridade.**

Observe:

a) Nós **SABEMOS** que tu **PARTICIPAS** de grupos religiosos extremistas.

A ação de participar é simultânea à ação de saber.

b) Nós **SABEMOS** que tu **PARTICIPAVAS** de grupos religiosos extremistas.

A ação de participar é anterior à ação de saber.

c) Nós **SABEMOS** que tu **PARTICIPARÁS** de grupos religiosos extremistas.

A ação de participar é posterior à ação de saber.

Sabedores de que a correlação nada mais é do que a adequação entre os verbos de um período composto por subordinação, passaremos a estudar

as principais correlações entre os tempos e os modos verbais. Salientamos, de imediato, que este estudo não pretende exaurir todas as possibilidades correlacionais em nossa língua, em virtude da quantidade exacerbada de relações possíveis. Destacamos, portanto, as seguintes orientações/relações:

I – Quando o verbo da oração principal for declarativo e se encontrar no presente do indicativo, no futuro do presente do indicativo ou no imperativo, a correlação com o verbo da oração subordinada pode ser feita com todos os tempos do modo indicativo. Observe abaixo:

Eu **sei** (percebo, penso, é verdade)
Eu **direi** (perceberei, pensarei)
Diz (percebe, vê, pensa)

que o governo

protege
protegia
protegeu
tem protegido
tinha protegido
protegera
protegerá
protegeria

o povo.

Outros exemplos:

- "É, todavia, certo que o grãozinho não se **despegou** do cérebro de Quincas Borba, – nem antes, nem depois da moléstia que lentamente o comeu." (Machado de Assis)
- "Mas deves saber que não **posso satisfazer** o teu desejo sem primeiro entender-me com meu pai, que está na corte." (Bernardo Guimarães)
- "Mas os considerados dirão que algum interesse **haverá** nesta circunstância em aparência mínima." (Machado de Assis)

II – Quando o verbo da oração principal for declarativo e se encontrar em um dos tempos pretéritos do modo indicativo (perfeito, imperfeito ou mais-que-perfeito), a correlação com o verbo da oração subordinada deverá ser feita com o pretérito imperfeito do indicativo, com o pretérito mais-que-perfeito do indicativo ou ainda com o futuro do pretérito do indicativo.

Ele sabia
Ele soube
Ele soubera

que o governo

protegia
protegera (tinha protegido)
protegeria

o povo.

Outros exemplos:

- "Logo que **chegou**, enamorou-se de uma viúva, senhora de condição mediana e parcos meios de vida." (Machado de Assis)
- "E, terminando, dizia-lhe que não **era** 'nos esplendores das salas' ou nos 'bailes febricitantes' que **gostava** de a ver." (Eça de Queiroz)
- "Sempre eu pensara que a traição de Mem Viegas **faria** vivo abalo no ânimo de vosso pai." (A. Herculano)
- "Perguntou D. Quixote como se **chamava**. Respondeu-lhe ela que se **chamava** a Tolosa." (Castilho)

III – Quando o verbo da oração principal expressar vontade, pedido ou permissão e se encontrar no presente do indicativo, no futuro do presente do indicativo ou no imperativo, a correlação com o verbo da oração subordinada deverá ser feita com o presente do subjuntivo.

Eu quero (peço, permito, ordeno, aconselho)
Eu quererei (pedirei, permitirei, ordenarei)
que ele **saia** agora.

Outros exemplos:

- "O nosso Camacho não deseja que os rapazes **saiam**; quem é que há de dançar com as moças?" (Machado de Assis)
- "Exorta o Apóstolo a todos a que **tratem** da salvação de suas almas." (Pe. Antônio Vieira)
- "...por Jesus Cristo vos rogo que **tranquilizeis** aquela alma." (A. Herculano)

➯ **Observações:**

a) Obedecem a esta mesma regra os verbos perceptivos e declarativos empregados em frases negativas, interrogativas e duvidosas.

Não creio (não acredito, não penso)
Não crerei (não acreditarei, não pensarei)
que ela **venha** amanhã.

b) Seguem também esta correlação os verbos que expressam dúvida, temor, esperança, tais como "duvidar, temer, esperar."

- "Duvido que mamãe **embarque.**" (Machado de Assis)
- "Ninguém espera que a oposição **dilucide** agora pormenores da sua política em relação ao Egito." (Rui Barbosa)

IV – Quando o verbo da oração principal expressar vontade, desejo, pedido ou permissão e se encontrar em um dos tempos pretéritos do modo indicativo (perfeito, imperfeito ou mais-que-perfeito), a correlação operar-se-á com o pretérito imperfeito do subjuntivo.

Eu queria (pedia, permitia, ordenava, aconselhava)
Eu quis (pedi, permiti, ordenei, aconselhei)
Eu quisera (pedira, permitira, ordenara, aconselhara)
Eu quereria (pediria, permitiria, ordenaria, aconselharia)

que ele **saísse** agora.

Outros exemplos:

- "Argimiro jurou que faria o que seu pai e senhor lhe **ordenasse.**" (A. Herculano)
- "A mulher esperou pacientemente que os magistrados **consultassem**, à sua vontade e puridade, do negócio que a todos interessava." (Almeida Garrett)
- "João amava a Cristo e queria que seus discípulos o **amassem.**" (Pe. Manuel Bernardes)

➾ **Observações gerais sobre a correlação dos tempos e dos modos verbais:**

1. Uma das correlações mais comuns na língua portuguesa dá-se entre o futuro do pretérito do indicativo – presente na oração subordinada – e os tempos pretéritos do modo indicativo – perfeito, imperfeito e mais-que-perfeito.

Eu sabia
Eu soube
Eu soubera

que ele **chegaria** (ou **iria** chegar) naquela tarde.

2. Há na nossa língua duas correlações bastante cobradas em provas de concursos. São elas:

FUTURO DO PRESENTE DO INDICATIVO ⇆ FUTURO DO SUBJUNTIVO
FUTURO DO PRETÉRITO DO INDICATIVO ⇆ PRETÉRITO IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO

- Quando todos **chegarem** (*fut. subj.*), nós os **receberemos** (*fut. pres. ind.*) com muito carinho.
- Se todos **chegassem** (*pret. impef. subj.*), nós os **receberíamos** (*fut. pret. ind.*) com muito carinho.

Outros exemplos:

- "Se de fato **viéssemos** a nos contentar com o que somos, as inúmeras janelas abertas pela TV não **teriam** a mesma força de atração que as pesquisas demonstrassem." (Fund. Carlos Chagas)
- "Se não **variassem** de cultura para cultura, as regras de convívio **teriam** alcançado, efetivamente, a chamada validade universal." (Fund. Carlos Chagas)
- "Quando todos **revirmos** o papel social que nos cabe e nos **dispusermos** a exercê-lo de fato, nenhum caso de impunidade **será** tolerado." (Fund. Carlos Chagas)

3. Quando na oração subordinada se afirma um fato presente ou que, remontando ao passado, ainda continua no presente (fato habitual ou sempre verdadeiro), o verbo desta oração subordinada ficará no presente do indicativo, ainda que o verbo da oração principal se encontre no passado.

- Em suas pesquisas, Galileu já afirmava que a terra se **move.**
- "Santo Antão dizia que, assim como a substância úmida **dá** nutrimento aos peixes, assim a vida solitária **dá** ornamento aos religiosos." (H. Pinto)
- "Dizia certo estadista inglês que o segredo da força dos agitadores **está** na obstinação dos governos." (Rui Barbosa)

4. O verbo HAVER, indicando quanto tempo dura ou durava certa ação, também está sujeito à correlação temporal. Sendo assim:

- A imagem de Jesus Cristo **está** naquele local **há** dois meses.
- A imagem de Jesus Cristo **estava** naquele local **havia** dois meses.
- "Padre Joaquim **era** um modelo de padres, capelão da casa, **havia** trinta e cinco anos." (Camilo Castelo Branco)

5. Nas orações coordenadas, embora não haja a correlação temporal no sentido próprio, existe certa correspondência entre os tempos respectivos, imposta pela época em que ocorre cada um dos fatos nelas expressos.

- "Os cavalos **batem** de peito uns nos outros, as espadas **faíscam** nas espadas, os escudos **retinem** contra os escudos, e os elmos e cervilheiras **rolam** pelo chão." (A. Herculano)
- "**Soltava**-se a gula, **desenfreava**-se a ira, **libertava**-se a injustiça, **desbaratava**-se o riso." (Pe. Antônio Vieira)

5. Para facilitar o estudo acima, podemos resumir assim as principais – e mais cobradas em provas de concursos – correlações de tempo e modo verbais:

TEMPO VERBAL	CORRELACIONA-SE COM	TEMPO VERBAL
PRESENTE DO INDICATIVO	⇄	PRESENTE DO INDICATIVO
PRESENTE DO INDICATIVO	⇄	PRESENTE DO SUBJUNTIVO
PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO	⇄	PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO DO INDICATIVO
PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO	⇄	PRETÉRITO IMPERFEITO DO INDICATIVO
PRETÉRITO IMPERFEITO DO INDICATIVO	⇄	PRETÉRITO IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO
PRETÉRITO IMPERFEITO DO INDICATIVO	⇄	PRETÉRITO IMPERFEITO DO INDICATIVO
FUTURO DO PRESENTE DO INDICATIVO	⇄	FUTURO DO SUBJUNTIVO
FUTURO DO PRETÉRITO DO INDICATIVO	⇄	PRETÉRITO IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO

Observe exemplos de algumas das correlações acima:

- Se não **VARIASSEM** de cultura para cultura, as regras de convívio **TERIAM** alcançado, efetivamente, a chamada validade universal.
- Enquanto os animais **CONTINUAM** regulando-se pela "lei da selva", os homens **ESTÃO** sempre se esforçando para superá-la.

- Mal **APORTARA**, o navio **FOI** submetido a uma rigorosa inspeção da alfândega, em virtude da suspeita da carga contrabandeada que talvez ele **TROUXESSE** em seus porões.
- Não me **PARECE** justo que você **VENHA** agora argumentar com razões que até ontem jamais invocou, revelando um oportunismo que já **ERA** tão conhecido.
- Tão logo **SAIBAMOS** o resultado do teste a que você ontem **SE SUBMETEU**, entraremos em contato, para não prolongar a agonia de sua expectativa.
- Quando **FOREM** levados em contas os fundamentos que o autor preconizou em seu texto, nossa educação **GANHARÁ** muito.
- Ainda que chimpanzés **DEMONSTREM** algumas aptidões semelhantes às nossas, nenhuma **EQUIVALE** ao desinteressado altruísmo humano.

7.5 AS FORMAS NOMINAIS DO VERBO – OS VERBOIDES

Além das formas modais do verbo (indicativo, subjuntivo e imperativo), existem três formas que exercem papéis típicos dos nomes (substantivos, adjetivos e advérbios). São elas "o infinitivo", "o gerúndio" e "o particípio".

7.5.1 O INFINITIVO

O infinitivo é uma forma nominal do verbo que tem como característica principal a apresentação de uma ação de modo inteiramente geral, não situada no tempo e sem referência a nenhum sujeito. Em outras palavras, é a forma nominal do verbo que exprime a ação, o fenômeno, o processo, o estado, de modo geral e indeterminado, sobretudo quanto ao momento em que se realizam e quanto à pessoa gramatical do sujeito.

- **Viver** é lutar. - **Correr** fortalece os ossos. - É importante **comer** frutas.

Observe como os infinitivos "**viver**, **correr** e **comer**" apresentam as ações de forma geral, sem situá-las no tempo e sem referência a sujeito.

Em português, entretanto, nem sempre encontramos o infinitivo em sua forma intemporal e impessoal. Assim como no galego, temos o infinitivo pessoal, o qual, como o próprio nome já o diz, apresenta sujeito e, em alguns casos, em virtude do contexto, apresenta também o tempo da ação.

- Acredito **terem partido** ontem à tarde. (Sujeito = eles. Tempo = ontem).

7.5.1.1 O infinitivo pessoal ou flexionado

Como já mencionado, o infinito pessoal ou flexionado é, nas línguas oriundas do latim, uma particularidade do português e do galego. Esta forma é caracterizada por apresentar um sujeito para o infinitivo e, em dados contextos, o tempo da ação verbal.

Observe as desinências para a formação do infinitivo flexionado.

INFINITIVO PESSOAL (FLEXIONADO)	
-R	(EU)
-RES	(TU)
-R	(ELE)
-RMOS	(NÓS)
-RDES	(VÓS)
-REM	(ELES)

Acompanhe a conjugação de três verbos no infinitivo pessoal:

INFINITIVO PESSOAL (Verbo SER)	
SE-R	(EU)
SE-RES	(TU)
SE-R	(ELE)
SE-RMOS	(NÓS)
SE-RDES	(VÓS)
SE-REM	(ELES)

INFINITIVO PESSOAL (Verbo ESTAR)	
ESTA-R	(EU)
ESTA-RES	(TU)
ESTA-R	(ELE)
ESTA-RMOS	(NÓS)
ESTA-RDES	(VÓS)
ESTA-REM	(ELES)

INFINITIVO PESSOAL (FLEXIONADO)	
CANTA-R	(EU)
CANTA-RES	(TU)
CANTA-R	(ELE)
CANTA-RMOS	(NÓS)
CANTA-RDES	(VÓS)
CANTA-REM	(ELES)

Alguns exemplos de emprego do infinitivo pessoal:

- "Para **estarem** juntos tinham encontros misteriosos num caloji de uma velha miserável da Rua de São João Batista." (Aluísio Azevedo)
- É aconselhável **estudarmos** isto.
- Os guardas os obrigaram a **entrarem** na casa.
- "Sisebuto forçara os judeus a **converterem**-se." (A. Herculano)
- "Detestáveis ministros tinham também os Stuarts; o que os não eximiu de **serem** punidos, um com perder a vida, o outro a coroa." (Rui Barbosa)

⇨ **Observações:**

1. O verbo regular apresenta formas idênticas para o infinitivo pessoal e o futuro do subjuntivo. Percebe-se a diferença entre uma e outra forma, na maioria das vezes, por causa da presença das conjunções "se" e "quando" exigidas, geralmente, pelo futuro do subjuntivo. O infinitivo, por sua vez, rejeita a anteposição de conjunções; ele admite, no máximo, a presença de preposições ou locuções prepositivas. Veja:

infinitivo pessoal
- "A **persistirem** os sintomas, o médico deverá ser consultado." (Ministério da Saúde)

futuro do subjuntivo
- "Se **persistirem** os sintomas, o médico deverá ser consultado." (Ministério da Saúde)

- Ao **saírem**, fechem as janelas da casa.
infinitivo pessoal

- **Quando** **saírem**, fechem as janelas da casa.
futuro do subjuntivo

2. Quando os verbos são irregulares, o infinitivo pessoal é totalmente distinto do futuro do subjuntivo.

infinitivo pessoal
- "No caso de **proporem** um diálogo sem pseudodilemas teóricos, retirar-me-ei do recinto."

futuro do subjuntivo
- Quando **propuserem** um diálogo sem pseudodilemas teóricos, retirar-me-ei do recinto.

7.5.1.2 Função substantiva do infinitivo

Como já mencionado, o infinitivo faz parte das chamadas "formas nominais do verbo". São nominais porque exercem funções sintáticas próprias dos nomes. O infinitivo, por exemplo, exerce funções próprias do substantivo. Daí poder-se afirmar que o infinitivo é empregado frequentemente "como substantivo".

São funções próprias do substantivo: sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, predicativo, aposto e vocativo. Logo, quando exerce a função de núcleo de um desses termos, o infinitivo se encontra em "papel substantivo" ou em "função substantiva". Observe abaixo alguns exemplos:

- **Viver** é lutar.
infinitivo como núcleo do sujeito

- Viver é **lutar**.
infinitivo como núcleo do predicativo

- O verdadeiro herói não teme **morrer** na batalha.
  infinitivo como núcleo do objeto direto
- Ele sempre gostou de **viver** longe das grandes cidades.
  infinitivo como núcleo do objeto indireto
- Ele tinha medo de **ser** o presidente do clube.
  infinitivo como núcleo do complemento nominal
- Só havia uma saída para a crise: **aumentar** os juros para o crédito.
  infinitivo como núcleo do aposto

⇨ Observações:

1. **Embora seja raro tal emprego, o infinitivo pode, em algumas situações, apresentar-se em função adjetiva – qualificativa. Nesse uso, é frequente vir o infinitivo preposicionado, notadamente com as preposições "de" ou "por".**

- máquina **de escrever**
- música **de dar sono**
- enigma **por decifrar**
- ferro **de engomar**
- contas **por saldar**
- serviço **por fazer**
- história **de arrepiar**
- capítulos **por ler**

2. **Emprega-se também o infinitivo em função adverbial (circunstancial). Neste caso, o infinitivo exercerá o núcleo de uma oração subordinada adverbial reduzida e poderá expressar várias circunstâncias.**

* "Depois de **fugir** o coelho, toma o vilão o conselho." (Dito popular)
infinitivo expressa circunstância de tempo

* Comemos para **viver**, não vivemos para **comer**.
os infinitivos expressam circunstância de fim

- Por **caminhar** descalço, adoeceu dos pés.
  infinitivo expressa circunstância de causa
- A não **haverem** obedecido, não chegariam a viver uma semana.
  infinitivo expressa circunstância de condição
- Melhor é dar a ruins do que **pedir** a bons.
  infinitivo expressa circunstância de comparação

7.5.1.3 Emprego do infinitivo preposicionado

Um dos fatos mais notáveis relativos à morfossintaxe do infinitivo, nas línguas neolatinas, é a construção de preposições com o infinitivo. Em português, as preposições são empregadas não só com os infinitivos simples, mas também com as orações infinitivas (reduzidas).

- Todos começaram a **falar** sobre o assunto.
  infinitivo simples regido por preposição

- Não veio à festa **por tu saberes a verdade sobre o problema**.
  oração infinitiva regida por preposição

É fato, portanto, que, na língua portuguesa, a construção do infinitivo com a preposição tornou-se tão comum que alguns autores chegaram a empregar infinitivos na função de sujeito precedidos de preposição – situação desabonada pelos grandes estudiosos da nossa língua. Hoje, percebe-se que a tendência é omitir-se a preposição, salvo com alguns verbos. Abaixo, segue um rol não taxativo do emprego do infinitivo preposicionado.

1. **Frequentemente se emprega a preposição "A" antecedendo o infinitivo quando este forma construções perifrásticas (locuções verbais) com os verbos "COMEÇAR, ANTECIPAR-SE, APRESSAR-SE, ENTRAR (=COMEÇAR), CONTINUAR, TORNAR, CHEGAR, PÔR-SE".**

- Os grevistas **começaram a sair** da rodovia por volta das 17h.
- Assim que nós o vimos, **pusemo-nos a chorar** em virtude da forte emoção que o momento propiciava.
- Por causa do problema, a ministra **chegou a falar** com o Presidente da República.
- "Raimundo fechou a janela e recolheu-se à cama. Levantou-se de novo, **tornou a apanhar** a carta e releu-a. Só a assinatura o irritou." (Aluísio Azevedo)

2. **Regido de "POR", exerce o infinitivo a função de um adjetivo, indicando uma ação ou um estado não realizados.**

- homens por nascer
- contas por saldar
- capítulos por ler
- as pessoas por vir

3. **Em algumas situações, a preposição rege não o infinitivo simples, senão as orações infinitivas. Neste caso, a oração reduzida de infinitivo terá valor circunstancial (adverbial). Observe:**

- Deixamos a sala um pouco **por** enfadar-nos a conversa.
  A preposição rege uma oração reduzida de infinitivo, introduzindo uma circunstância de causa.

A preposição rege uma oração reduzida de infinitivo, introduzindo uma circunstância de condição.

- "**A** permanecerem os sintomas, o médico deverá ser consultado." (Ministério da Saúde)
- Entregou-nos uma nova inscrição **para** arquivarmos no local correto.
  A preposição rege uma oração reduzida de infinitivo, introduzindo uma circunstância de finalidade.

4. Emprega-se regido da preposição "DE" o infinitivo que serve de predicativo, equivalendo a um adjetivo.

- É **de** se admirar que ele até agora não tenha faltado com a verdade. (Equivale a "**É admirável...**")
- "Muito é **de** notar a tristeza de um cipreste em tanta altura." (Pe. Antonio Vieira *apud* Cláudio Brandão)
- É **de** se crer que o Governo Federal reduzirá em curto prazo os juros para a casa própria.

➾ **Observação:**

Para um maior aprofundamento, sugerimos que estude o assunto "emprego do infinitivo" em sintaxe.

7.5.2 O GERÚNDIO

O gerúndio, como forma nominal que o é, aparece frequentemente como verbo principal em construções perifrásticas – locuções verbais. Para verificar tal emprego, sugerimos estudar (ou revisar) o assunto "locuções verbais", o qual já foi desenvolvido acima.

No entanto, por proceder do ablativo do gerúndio latino, o gerúndio português é geralmente empregado em função adverbial, equivalendo, portanto, a um advérbio. Logo, em seu emprego mais comum, o gerúndio funcionará como um transmissor de circunstâncias e exercerá o núcleo de uma oração subordinada adverbial, em sua forma reduzida.

Na função adverbial, pode o gerúndio denotar, como já se disse, várias circunstâncias. Nesse emprego, ele é denominado de "gerúndio absoluto". Vejamos alguns exemplos do gerúndio absoluto:

- **Sofrendo** com a perda da mãe, evitava festas e comemorações.
  gerúndio expressando circunstância de causa (→ porque, já que, visto que)
- Não **tendo** condições financeiras, não viaje para fora do país.
  gerúndio expressando circunstância de condição (→ se, caso)

  gerúndio expressando circunstância de concessão (→ embora, apesar de que)
- "Não quiseram, **sendo** letrados, resolver o escrúpulo por si mesmos." (Pe. Antônio Vieira)
- "Quem me manda ser triste, **podendo** viver contente?" (Augusto E. S. Dias)
  gerúndio expressando circunstância de tempo (→ enquanto)

  gerúndio expressando circunstância de meio
- "E das feridas se remediavam as doninhas, **esponjando**-se em uma moita de saramagos." (Bernardes *apud* Cláudio Brandão)

gerúndio expressando circunstância de modo

- "O céu se abria, **fuzilando** sobre a terra de uma parte e outra." (Godinho *apud* Cláudio Brandão)

gerúndio expressando circunstância de finalidade (→ a fim de que, para que)

- "Vim para estes ermos, **fugindo** das gentes para quem só anoiteceu e amanheceu." (Pe. Manuel Bernardes)
- "Estas estavam juntas de alto a baixo, **fazendo** um só corpo." (Bíblia Sagrada, Êxodo)

gerúndio expressando circunstância de consequência (→ de modo que, de maneira que)

Em algumas situações, o fato enunciado pelo gerúndio não é rigorosamente simultâneo a outro, e sim anterior, realizado imediatamente antes ou pouco antes. Corresponde neste caso o gerúndio absoluto a uma oração temporal iniciada por "depois que, logo que". Observe:

- **Chegando** ao centro de convenções, procuramos falar com o organizador do evento.
- **Vendo** que o carro não saía do atoleiro, chamou um trator.

Em outras construções, quando o acontecimento ocorrido em primeiro lugar for enunciado por uma oração explícita, o gerúndio, denotando fato imediato, equivalerá geralmente a uma oração coordenativa iniciada pela conjunção "e". Veja:

- "Recebeu a joia, **entregando**-a depois à esposa." (M. Said Ali)
- "Seguiu-se-lhe o infante D. Pedro, e a este seu irmão D. Henrique, **acabando** a cerimônia com o conde de Barcelos." (F. J. Freire)

Hoje também é bastante comum o emprego do gerúndio precedido da preposição "em" para enunciar fatos vindouros, futuros. Neste caso, o gerúndio equivalerá a uma oração adverbial desenvolvida temporal, introduzida por "logo que, no momento em que". Vejamos:

- Em **chegando** a casa, telefonarei para a diretora da clínica.
  no momento em que chegar, logo que chegar
- Em **amanhecendo**, montaremos no cavalo e partiremos para a cidade grande.
  no momento em que chegar, logo que chegar

➾ Observações:

1. **Da facilidade que tem o gerúndio de exprimir circunstâncias tão diferentes, como causa, condição, concessão, tempo, finalidade, modo, resulta que o sentido só se pode apurar pelo contexto. É preciso, portanto, ter muito cuidado na classificação do gerúndio, pois frequentemente aparecem estruturas em que o gerúndio é suscetível de duas ou mais interpretações. Observe abaixo:**

- Um homem **tendo** dinheiro não deve passar fome.
  - → que tem dinheiro
  - → quando tem dinheiro
  - → se tem dinheiro

- "Mastigam os cavalos **escumando** os áureos freios com feroz semblante." (Camões)
  - → mastigam escumando
  - → os cavalos que escumam

2. **Para aprofundar o emprego do gerúndio absoluto – em função adverbial –, sugerimos que estude, em sintaxe do período composto, as orações subordinadas adverbiais reduzidas.**

7.5.2.1 O gerúndio em função adjetiva

A despeito de ser condenado por gramáticos de renome, hoje se vê, nos mais diferentes meios, o largo emprego do gerúndio em função adjetiva – gerúndio que se refere a um substantivo. Sabe-se, como já se demonstrou, que a principal função do gerúndio é funcionar como um núcleo adverbial, denotando circunstâncias diversas. Entretanto, já nos escritores clássicos, encontrava-se o emprego do gerúndio em função atributiva – adjetiva.

Observe o excerto abaixo:

- "Não faltam ali os raios, os trêmulos cometas IMITANDO; em vão assopra o vento, a vela INCHANDO; viram ao longe dous navios brandamente c'os ventos NAVEGANDO, que respiram." (Luís Vaz de Camões)

Perceba que já em Camões – nosso mestre dos mestres em língua portuguesa – encontrava-se o emprego do gerúndio em função adjetiva, já que os gerúndios acima equivalem literalmente a "QUE IMITAM", "QUE INCHA" e "QUE NAVEGAM".

Por isso, não há razão para hoje se condenar o emprego do gerúndio em função atributiva, adjetiva. Deve-se, é certo, empregá-lo com parcimônia, com cuidado, para se evitarem construções esdrúxulas, estapafúrdias, esquisitas, do tipo "Vi uma mulher **tendo quarenta anos**" em vez de "Vi uma mulher **que tinha quarenta anos**".

Vejamos outros exemplos do emprego correto do gerúndio em função adjetiva coletados em grandes escritores:

- "– Mas, Sr. José Dias, tenho visto os pequenos **brincando**, e nunca vi nada que faça desconfiar. Basta a idade." (Machado de Assis)
- "Vieram ter a um vale, pelo qual atravessava a cavalo um donzel pequeno **chorando**." (Morais *apud* Cláudio Brandão)
- "Os homens parecem-se com meninos **brigando** sobre a metade de uma maçã." (Manuel Bernardes)
- "E o vendeiro empurrou a porta do fundo da estalagem, de onde escapou, como de uma panela **fervendo** que se destapa, uma baforada quente, vozeria tresandante à fermentação de suores e roupa ensaboada **secando** ao sol." (Aluísio Azevedo)
- "...divergindo apenas no tamanho, tendo todas a mesma conformação, a mesma aparência de vegetais **morrendo**, quase sem troncos,..." (Euclides da Cunha)
- "O galope dos corcéis dá um som áspero de ferro **batendo** em pedra." (A. Herculano)
- "O leitor, depois deste exórdio, espera encontrar uma lei **abolindo** a tortura." (Camilo C. Branco)

7.5.2.2 Emprego inadequado do gerúndio – o gerundismo

Para a língua culta, o emprego desmedido – e desnecessário – do gerúndio constitui um erro grave, denominado de "gerundismo". Estruturas como "vou estar ligando", "você pode estar respondendo", "irei estar resolvendo" constituem mal emprego desta forma nominal tão prestimosa em nossa língua. Nessas construções, o tempo da ação passa a ser um futuro contínuo, o que não é indicado para ações que são concluídas em um só ato.

Não que a construção "ir + estar + gerúndio" não possa ser usada. Ela sempre será legítima quando estiver atrelada a outra ação situada no tempo. Logo, construções do tipo "Quando o jogo estiver passando, eu vou estar dormindo" são plenamente possíveis e corretas. Igualmente corretas são as estruturas em que o gerúndio possa indicar ações duradouras, prolongadas no tempo, como, por exemplo, "Amanhã vai estar chovendo" ou "Amanhã vou estar trabalhando o dia todo."

Observe agora dois exemplos:

- Fique tranquilo, pois eu **vou transmitir** sua solicitação para o nosso chefe. (emprego correto)
  Aqui se faz a referência à ação em si.
- Fique tranquilo, pois eu **vou estar transmitindo** sua solicitação para o nosso chefe. (emprego inadequado)
  Aqui se faz referência não somente à ação, mas também à duração (tempo) da ação. Transmite-se a ideia de que se vai buscar tempo para o cumprimento da ação.

7.5.3 O PARTICÍPIO

Literalmente, particípio é "a palavra que participa da natureza do adjetivo e do verbo". Esta definição explicita o caráter misto do particípio – possui natureza adjetival enquanto modificador de um nome; possui também natureza verbal, pois pode apresentar as flexões de voz, de modo, de tempo e de número próprias dos verbos.

↱ Natureza de adjetivo, pois se refere a um substantivo.

▹ Foram várias as pessoas **mortas** pelo furacão.

↳Natureza verbal, pois apresenta as flexões próprias dos verbos.

7.5.3.1 O particípio circunstancial

À semelhança do gerúndio, o particípio pode funcionar como núcleo verbal em orações subordinadas adverbiais, expressando circunstâncias como as de "tempo, causa, condição, concessão". Neste caso, é denominado de "particípio circunstancial absoluto". Observe os exemplos abaixo:

▹ **Feita** a separação de corpos, as partes tomaram cada uma o seu rumo.
particípio expressando circunstância de tempo

particípio expressando circunstância de causa
▹ "**Edificado** então o moço, se lançou aos pés do Santo e lhe pediu perdão." (Manuel Bernardes)

▹ "**Praticado** por outra pessoa, este ato não mereceria censura." (Cláudio Brandão)
particípio expressando circunstância de condição

▹ **Feito** por artista de fama, este quadro não agradou aos que entendem de arte.
particípio expressando circunstância de concessão

7.5.3.2 Emprego do particípio

Na língua portuguesa contemporânea, o particípio é empregado:

1) Para a formação de orações subordinadas adjetivas reduzidas. Neste caso, o particípio poderá ser desenvolvido com o uso dos pronomes relativos.

▹ "Era chegada a vigília dos dois Apóstolos S. Pedro e S. Paulo, tão **celebrados** na Cristandade." (Castilho)

▹ A porta da igreja, **aberta** com um violento impulso, rompeu-se em um dos lados.

2) **Como simples adjetivo (adjetivo de base participial), modificando nomes com os quais concordará em gênero e número. Neste caso, o particípio indicará a passividade do nome modificado.**

▹ mão **ferida** ▹ filhos **amados** ▹ meninos **queridos** pelos professores

➯ **Observação:**

Por seu valor de adjetivo, os particípios passivos acima podem ser desdobrados em orações adjetivas de sentido passivo: "que foi ferida", "que são amados", "que são queridos".

3) **Para a formação de tempos compostos da voz ativa com os verbos auxiliares "ter" e "haver". Neste caso, o particípio ativo permanecerá invariável.**

▹ Nós teríamos **perecido** não fossem os avisos dos guias.

▹ Por segurança, eles haviam **deixado** os mantimentos no pé da montanha.

▹ Se eu soubesse que o filme seria aquele, eu teria **ido** ao cinema.

4) **Para a formação de locuções verbais da voz passiva analítica. Geralmente as locuções são formadas com os verbos auxiliares "ser", "estar", "ficar" e "permanecer". Destes verbos auxiliares, o verbo "ser" é indiscutivelmente o mais usado para a formação da locução verbal da voz passiva.**

▹ Durante a viagem, os aviões foram **atingidos** por vários relâmpagos.

▹ "Este amor foi **desprezado** e **ludibriado**, e, depois, **comprimido** pelo desprezo e pelo ludíbrio no fundo do coração do teu pobre amigo." (A. Herculano)

▹ Os retirantes vinham **fustigados** pelo sol, pela terra árida e seca.

➯ **Observação:**

Conquanto haja a orientação de se empregar o particípio irregular com os verbos "ser" e "estar" para a formação de locuções verbais da voz passiva, o uso tem consagrado o emprego da forma regular do particípio para a formação da passiva. É o caso, por exemplo, dos particípios "imprimido, sujeitado, envolvido, ocultado".

5) **Para a formação de orações adverbiais reduzidas. Nesse caso, se o verbo apresentar duplo particípio, usar-se-á tão somente a sua forma irregular. Observe:**

- **Assinada** a escritura, o comprador imitiu-se na posse do imóvel.
- **Aceitas** as condições, assinou-se o contrato.
- **Feitas** as contas, constatou-se que havia um tremendo prejuízo.
- "**Entregue** a preocupações artísticas e religiosas, não atenta na desarmonia orgânica de uma sociedade prostituída pela mácula servil." (Rui Barbosa)

7.5.3.3 Verbos com duplo particípio

Há vários verbos em nossa língua que apresentam mais de uma forma para o particípio – são verbos abundantes. Ao lado da forma regular terminada em "-ado" ou "-ido", existe uma forma irregular (reduzida) ou anormal. Observe uma pequena amostra de verbos com duplo particípio.

Infinitivo do verbo	Particípio regular	Particípio irregular
aceitar	aceitado	aceito
acender	acendido	aceso
anexar	anexado	anexo
benzer	benzido	bento
dispersar	dispersado	disperso
eleger	elegido	eleito
emergir	emergido	emerso
encher	enchido	cheio
entregar	entregado	entregue
enxugar	enxugado	enxuto
erigir	erigido	ereto
expressar	expressado	expresso
exprimir	exprimido	expresso
expulsar	expulsado	expulso
extinguir	extinguido	extinto
frigir	frigido	frito
ganhar	ganhado	ganho
imergir	imergido	imerso
imprimir	imprimido	impresso
incluir	incluído	incluso
incorrer	incorrido	incurso
inserir	inserido	inserto

Infinitivo do verbo	Particípio regular	Particípio irregular
isentar	isentado	isento
limpar	limpado	limpo
matar	matado	morto
morrer	morrido	morto
ocultar	ocultado	oculto
omitir	omitido	omisso
pagar	pagado	pago
pegar	pegado	pego
prender	prendido	preso
romper	rompido	roto
salvar	salvado	salvo
secar	secado	seco
segurar	segurado	seguro
soltar	soltado	solto
submergir	submergido	submerso
suspender	suspendido	suspenso
tingir	tingido	tinto
vagar	vagado	vago

➾ Observações:

a) Não raro o usuário da língua se deparar com questões do tipo: "Eu tinha aceitado (ou aceito??) o emprego se...". Para dirimir tal celeuma, vale aprovisionar a seguinte regra: emprega-se o particípio regular com os verbos "ter" e "haver" para a formação de tempos compostos da voz ativa. Já as formas irregulares, quando existem, são empregadas para a formação das locuções verbais da voz passiva.

Observe:

↱ *particípio regular*

▹ A polícia tem **matado** muitos bandidos no Rio de Janeiro.

↳ *formação de tempo composto da voz ativa*

↱ *particípio irregular*

▹ Muitos bandidos foram mortos pela polícia no Rio de Janeiro.

↳ *formação de locução verbal da voz passiva*

- "Da civilização romana elas não havíam **aceitado** senão a cultura intelectual e as sublimes teorias morais do cristianismo." (A. Herculano)
- "A mulata convidou-os logo a comer um bocado e beber um trago. A proposta foi **aceita** alegremente." (Aluísio Azevedo)
- "Contam que, em rapaz, foi **aceito** de muitas damas, além de partidário exaltado." (Machado de Assis)
- "Houve mais; supondo que ela o tivesse **aceitado** e casassem, pensava agora no esplêndido enterro que lhe faria." (Machado de Assis)

b) Alguns particípios regulares – *fazido, abrido, cobrido,* por exemplo – caíram em desuso, sendo hoje usadas, tanto para a voz ativa quanto para a voz passiva, as suas formas irregulares – *feito, aberto, coberto* e *pago.*

- Ele tem **feito** grandes obras no interior. (ativa)
- Grandes obras foram **feitas** no interior. (passiva)

c) Os particípios irregulares são formas "contratas". Muitas destas formas são usadas hoje, consoante já se disse, como meros adjetivos: trem "***expresso***", homem "***cego***", mata "***densa***", carga "***pensa***", roupa "***seca***", vinho "***tinto***".

d) Alguns verbos, especialmente da 2.ª e da 3.ª conjugação, nunca tiveram a forma regular de particípio, apresentando apenas a forma irregular. É o caso, por exemplo, de *"dizer / dito, escrever / escrito, vir / vindo"*. Os derivados desses verbos, portanto, só possuem naturalmente o particípio irregular: *"desdito, reescrito, provindo"*.

7.5.3.4 Particípio passivo de sentido ativo

Em algumas situações, os particípios assumem sentido ativo, a despeito de apresentarem as flexões típicas da voz passiva. Quando isto ocorre, diz-se que o particípio é **depoente**, isto é, com forma passiva e significação ativa. Observe:

- Ela é uma mulher **agradecida**. → Isto é "Ela é uma mulher que agradece".
- Ele é um menino **atrevido**. → Isto é "Ele é um menino que se atreve".
- Ele é um homem **ocupado**. → Isto é "Ele é um homem que se ocupa."
- É um rapaz **esforçado**. → Isto é "É um rapaz que se esforça."
- Tem uma filha **parecida** com ele. → Isto é "Tem uma filha que se parece com ele".

- São crianças **sabidas**. → Isto é "São crianças que sabem muito."
- São pessoas **comedidas**. → Isto é "São pessoas que têm comedimento."
- Assumiram atitudes **dissimuladas**. → Isto é "Assumiram atitudes que dissimulam."

7.6 CLASSIFICAÇÃO MORFOLÓGICA DOS VERBOS

São vários os critérios para a classificação morfológica dos verbos. Estudaremos os principais.

7.6.1 QUANTO À TERMINAÇÃO

Os verbos podem ser de 1.ª CONJUGAÇÃO, de 2.ª CONJUGAÇÃO e de 3.ª CONJUGAÇÃO.

1. São de 1.ª conjugação os verbos que apresentam infinitivo em "AR". São exemplos de verbos de 1.ª conjugação "amar, falar, bebericar, matar, calar, farfalhar".
2. São de 2.ª conjugação os verbos que apresentam infinitivo em "ER". São exemplos de verbos de 2.ª conjugação "beber, fenecer, ler, amanhecer, dever".
3. São de 3.ª conjugação os verbos que apresentam infinitivo em "IR". São exemplos de verbos de 3.ª conjugação "partir, falir, partir, combalir, embair, cair".

⇨ **Observação:**

O verbo "pôr", em virtude de sua etimologia "poer", pertence à 2.ª conjugação.

7.6.2 QUANTO À FLEXÃO OU À CONJUGAÇÃO

Os verbos podem ser REGULARES, IRREGULARES, DEFECTIVOS, ABUNDANTES e PRONOMINAIS.

1. **Verbo regular** é aquele cujo tema permanece invariável, e a terminação se flexiona de acordo com um tipo geral ou modelo da conjugação, chamado de "paradigma da conjugação." Como exemplos de verbos regulares, podemos citar: andar, cantar, falar (1.ª conjugação); beber, comer, viver (2.ª conjugação); partir, dividir, produzir (3.ª conjugação).

2. **Verbo irregular** é aquele que não segue o paradigma regular de sua conjugação. O verbo irregular se caracteriza por sofrer alterações em seu tema na sua conjugação. Podemos citar como exemplos de verbos irregulares os verbos "perder, dormir, ter, trazer" etc.

➾ **Observação:**

Há dois verbos irregulares na língua portuguesa que, em virtude das profundas mudanças por que passam em suas conjugações, recebem a denominação especial de "**anômalos**". São os verbos "ser" e "ir", pois apresentam formas como "sou, fui, era, serei, for" etc.

3. **Verbo defectivo** é aquele que não apresenta todos os modos, tempos ou pessoas próprios dos verbos. Como o próprio nome já diz, é o verbo que apresenta algum "defeito" em sua conjugação. Podemos citar como exemplo de verbos defectivos "precaver, reaver, demolir, falir, prazer, florir, soer, abolir, ruir, carpir, adir, adequar" etc.

➾ **Observação:**

Os verbos defectivos serão estudados em parte específica, um pouco mais à frente.

4. **Verbo abundante** é aquele que apresenta mais de uma forma de conjugação para certos tempos, modos ou pessoas. Geralmente, esta abundância se dá no particípio – o qual já foi objeto de estudo. Raros são os verbos que apresentam abundância fora da forma participial. Podemos citar à guisa de exemplo os verbos "construir" (apresenta as formas "construís" ou "constróis") e "comprazer" (apresenta as formas "comprazi-me e comprouve-me").

➾ **Observação:**

Para estudar um pouco mais sobre os verbos abundantes, sugerimos que revise o tópico "verbos com duplo particípio".

5. Verbo pronominal é aquele que só é conjugado com o auxílio de um pronome pessoal oblíquo, átono. Os pronominais são divididos em:
   a) **Essencialmente pronominais** (são sempre conjugados com o pronome oblíquo): "arrepender-se, queixar-se, dignar-se, abster-se, apoderar-se, suicidar-se, ausentar-se, atrever-se, comportar-se".
   b) **Acidentalmente pronominais** (aqueles que podem ser conjugados com ou sem o auxílio do pronome oblíquo): "ajuntar-se, matar-se, atribuir-se, lembrar-se, debater-se, enganar-se, pentear-se, destinar-se, defender-se".

➯ **Observação:**

Veja um pouco mais à frente a conjugação de um verbo pronominal.

7.6.3 QUANTO À FUNÇÃO

Os verbos são classificados em AUXILIARES, PRINCIPAIS e VICÁRIOS.

1. Verbo auxiliar é aquele que, empregado ao lado de uma forma nominal do verbo (infinitivo, gerúndio ou particípio), formará as locuções verbais e os tempos compostos. Ademais, é o verbo auxiliar que receberá as flexões de tempo, número e pessoa, uma vez que o verbo principal se encontra em uma forma cristalizada (infinitivo, gerúndio ou particípio). Frequentemente, funcionam como auxiliares os verbos "**ser**, **estar**, **ter** e **haver**". Entretanto, outros verbos podem funcionar como auxiliares, como os verbos "**ir**, **dever**, **poder**, **querer**, **andar**" etc.

- **tenho** feito
- **hão** de comprar
- **estávamos** saindo
- **fui** ferido
- **vai** sair

2. Verbo principal é, como o próprio nome já o diz, aquele de significação plena e que funciona como núcleo de uma oração. Geralmente, a noção de verbo principal se sobressai quando se fala em locuções verbais e em tempos compostos, já que estas construções perifrásticas são necessariamente formadas por um verbo auxiliar e um verbo principal.

- **Jogarei** bola amanhã.
- **Chegaremos** cedo.
- Hei de **levar** o produto ainda hoje.

3. Verbo vicário é aquele empregado em lugar de outro verbo anteriormente enunciado para se evitar sua repetição. É um poderoso recurso de coesão

textual, pois torna o texto conciso e elegante. Geralmente são empregados como vicários os verbos "ser" e "fazer".

- Deveria entregar o processo até as 17h, mas não o **fez.**
- Quase sempre ele não estudava. Quando o **fazia, era** para obter alguma vantagem do pai.

7.6.4 QUANTO À SIGNIFICAÇÃO OU AO ASPECTO (SENTIDO EXPRESSO)

Os verbos podem ser classificados em IMITATIVOS, FREQUENTATIVOS ou ITERATIVOS, INCOATIVOS, AUMENTATIVOS e DIMINUTIVOS.

1. **Verbos imitativos** (chamados também de onomatopaicos) são aqueles que expressam a própria ação dos nomes de que derivam. Observe:

- balançar, balancear → de balança
- serpentear → de serpente
- latinizar → de latim
- patinhar → de pato
- engatinhar → de gato
- judiar → de judeu
- corvejar → de corvo
- gralhar → de gralha

2. **Verbos frequentativos** (chamados também de iterativos) são aqueles que exprimem ação repetida, frequente, reiterada. São verbos geralmente derivados de nomes e até mesmo de verbos com as terminações "-ejar, -ear, -itar, -inhar". Vejamos alguns:

- bravejar → de bravo
- doidejar → de doido
- estalejar → de estalar
- bordejar → de bordo
- cabecear → de cabeça
- pestanejar → de pestana
- saltitar, saltear → de saltar
- passear → de passar
- cravejar → de cravar
- almejar → de alma

3. **Verbos incoativos** são aqueles que indicam o início de uma ação ou de um estado. Observe alguns:

- alvorecer → de alvo
- enraivecer → de raiva
- amarelecer → de amarelo
- esclarecer → de claro
- iniciar → de início
- envelhecer → de velho

- amanhecer → de manhã
- começar → de começo
- florescer → de flor
- madurar → de maduro

4. **Verbos aumentativos** são verbos derivados cuja significação é aumentada ou avivada para mais, geralmente com o auxílio de prefixos.

- recontar → de contar
- estrondear → de estrondar
- repousar → de pousar
- ressoar → de soar
- esmurraçar → de esmurrar
- rever → de ver
- recrescer → de crescer
- tressuar → de suar

5. **Verbos diminutivos** são verbos derivados cuja significação é aumentada ou avivada para menos, geralmente com o emprego de sufixos. Tais verbos transmitem nítida significação de diminuição, de atenuação.

- adocicar → de adoçar
- chuviscar → de chover
- lambiscar → de lamber
- mordiscar → de morder
- bebericar → de beber
- cuspinhar → de cuspir
- namoricar → de namorar
- saltitar → de saltar

7.6.5 QUANTO À FORMAÇÃO

Os verbos são classificados em PRIMITIVOS e DERIVADOS.

1. **Verbo primitivo** é aquele que não foi formado por nenhum outro verbo preexistente.

- pôr
- cantar
- ter
- ver
- vir

2. **Verbo derivado** é aquele que foi formado a partir de outro verbo preexistente.

- depor
- encantar
- deter
- rever
- provir

7.6.6 QUANTO À PRESENÇA OU NÃO DE UM SUJEITO

Os verbos são classificados em PESSOAIS, UNIPESSOAIS e IMPESSOAIS.

1. **Verbo pessoal** é aquele que apresenta sujeito, quer este seja explícito, quer seja implícito.

- **Iremos** à casa da vovó.
  sujeito = nós
- Os rapazes **sairão** hoje à noite.
  sujeito = os rapazes
- **Nadei** por vários minutos.
  sujeito = eu

2. **Verbo unipessoal** é aquele que praticamente só é usado na 3.ª pessoa, ora do singular, ora do plural, pois o seu sujeito é necessariamente da 3.ª pessoa. São unipessoais todos os verbos que indicam vozes de animais, como "grunhir, cacarejar, latir, miar, piar" etc. Outros verbos também se apresentam na forma unipessoal, como os verbos "prazer e doer".

3. **Verbo impessoal** é aquele que não possui sujeito para que com este concorde. Por convenção, os verbos impessoais são sempre empregados na 3.ª pessoa do singular. São impessoais, por exemplo, todos os verbos que indicam fenômenos da natureza, como "chover, ventar, relampejar, gear" etc. Outro caso bastante conhecido é o do verbo HAVER no sentido de "existir, acontecer, ocorrer, realizar-se" e do verbo "fazer" quando indica tempo decorrido.

➯ **Observação:**

Para aprofundar o conhecimento sobre os verbos impessoais, sugerimos que estude, em sintaxe, o tópico sobre as orações sem sujeito.

7.7 VERBOS DEFECTIVOS

Como já mencionamos, verbos defectivos (latim "defectum" = defeituoso, deficiente) são aqueles que não apresentam conjugação completa, pois, em virtude de alguns fatores, tais verbos são faltantes em modos, tempos e pessoas.

Na língua portuguesa, são defectivos os seguintes verbos e/ou grupos verbais:

1. **Todos os verbos impessoais** – verbos que não apresentam sujeito e, portanto, só são empregados, por convenção, na 3.ª pessoa do singular. São denominados de "verbos defectivos impessoais".

Convém a esta altura salientar que a defectividade, na língua portuguesa, não é só em relação à ausência do modo, do tempo ou da pessoa por parte

de um verbo, mas ela se dá também em relação ao emprego do verbo. Se prestarmos atenção, perceberemos que o verbo HAVER é conjugado em todos os modos, tempos e pessoas. Entretanto, quando é empregado no sentido de *"existir, ocorrer, realizar-se, acontecer", só pode ser usado na 3.ª* pessoa do singular. Por isso, diz-se que a impessoalidade é um caso de defectividade na língua portuguesa.

2. **Todos os verbos unipessoais** - verbos que, por situações especiais, são conjugados tão somente na 3.ª pessoa do singular ou do plural. Isso ocorre frequentemente com os verbos "convir, acontecer, doer, *ocorrer, suceder, importar, constar" e com os verbos que indicam sons* dos animais, como "latir, miar, grunhir, mugir, relinchar, cacarejar, silvar, grugulejar etc.".

3. **Verbos que, por questões fonéticas (podem provocar confusão com as formas de outro verbo ou apresentam uma sonoridade reprovável), não apresentam a 1.ª pessoa do singular do presente do indicativo, nem o presente do subjuntivo. Tais verbos só apresentam as pessoas "tu" e "vós" no imperativo afirmativo, já que o imperativo negativo para eles inexiste.** Pertencem a este grupo os verbos "abolir, aturdir, banir, carpir (capinar, arrancar), colorir, computar, delinquir, delir (apagar, esvanecer), demolir, exaurir (esgotar, acabar), extorquir, florir, fulgir (brilhar, resplandecer), jungir (juntar, unir, ligar), retorquir (argumentar contrariamente, replicar), soer (costumar, acontecer com frequência), urgir (ser urgente), tinir (soar)".

   Observe o fenômeno da defectividade com o verbo "abolir":

PRESENTE DO INDICATIVO	PRESENTE DO SUBJUNTIVO	IMPERATIVO	
		AFIRMATIVO	NEGATIVO
-	-	-	-
aboles	-	**abole**	-
abole	-	-	-
abolimos	-	-	-
abolis	-	**aboli**	-
abolem	-	-	-

4. **Verbos que, por questões fonéticas (podem provocar confusão com as formas de outro verbo ou apresentam uma sonoridade reprovável), não apresentam as três pessoas do singular e a 3.ª pessoa do plural do**

presente de indicativo, nem o presente do subjuntivo. No imperativo afirmativo, só apresentam o "vós". Inexiste, por conseguinte, o imperativo negativo. Pertencem a este grupo os verbos "precaver, aguerrir, adequar, empedernir (petrificar), remir (resgatar), fornir (abastecer, prover), falir, embair (iludir, seduzir), adir (acrescentar, adicionar), renhir (disputar, pleitear)".

Observe a conjugação defectiva do verbo "precaver".

PRESENTE DO INDICATIVO	PRESENTE DO SUBJUNTIVO	IMPERATIVO	
		AFIRMATIVO	NEGATIVO
–	–	–	–
–	–	–	–
–	–	–	–
precavemos	–	–	–
precaveis	–	**precavei**	–
–	–	–	–

5. **O verbo REAVER.** Este verbo é inteiramente derivado do verbo HAVER, mas só se conjuga nas formas em que o seu primitivo apresenta a letra "V". No presente do indicativo só apresenta a 1.ª e 2.ª pessoas. Logo, não apresenta nenhuma forma do presente do subjuntivo. No imperativo afirmativo, só possui a 2.ª pessoa do plural.

Observe:

PRESENTE DO INDICATIVO DO VERBO "HAVER"	PRESENTE DO INDICATIVO DO VERBO "REAVER"	IMPERATIVO DO VERBO "REAVER"	
		AFIRMATIVO	NEGATIVO
hei	–	–	–
hás	–	–	–
há	–	–	–
havemos	**reavemos**	–	–
haveis	**reaveis**	**reavei**	–
hão	–	–	–

➭ **Observação:**

Convém salientar que o verbo reaver apresenta os demais tempos. Observe abaixo toda a conjugação do verbo REAVER:

Reaver

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
-	reavia	reaverei	reaveria	reouve	reouvera
-	reavias	reaverás	reaverias	reouveste	reouveras
-	reavia	reaverá	reaveria	reouve	reouvera
reavemos	reavíamos	reaveremos	reaveríamos	reouvemos	reouvéramos
reaveis	reavíeis	reavereis	reaveríeis	reouvestes	reouvéreis
-	reaviam	reaverão	reaveriam	reouveram	reouveram
SUBJUNTIVO			**IMPERATIVO AFIRMATIVO**	**FORMAS NOMINAIS**	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
-	reouvesse	reouver	-	reaver	reavendo
-	reouvesses	reouveres	-	reaveres	
-	reouvesse	reouver	-	reaver	**Particípio**
-	reouvéssemos	reouvermos	-	reavermos	reavido
-	reouvésseis	reouverdes	reavei	reaverdes	
-	reouvessem	reouverem	-	reaverem	

➾ Observações gerais sobre os verbos defectivos:

1. O verbo "computar", a despeito de ser classificado como verbo regular pelo dicionário Houaiss, é considerado pela maioria dos estudiosos da língua portuguesa como "defectivo" em virtude de sua péssima sonoridade. E, de fato, é assim que ele deve ser classificado, pois ninguém em sã consciência diria "eu computo", "tu computas", "ele computa".

2. O verbo "viger", bastante usado no meio jurídico, é defectivo, pois só é conjugado nas formas em que ao "G" segue-se a letra "E". Portanto, tal verbo não apresenta a 1.ª pessoa do singular do presente do indicativo "eu vijo". Consequentemente, este verbo não apresentará os tempos derivados do presente do indicativo – presente do subjuntivo e, por conseguinte, o modo imperativo.

Presente do Indicativo

eu /
tu viges

ele	vige
nós	vigemos
vós	vigeis
eles	vigem

3. O problema da defectividade verbal deve ser suprido com o emprego de circunlóquios – verbos ou substantivos sinônimos ou de locuções verbais (construções perifrásticas). Observe abaixo algumas sugestões:

a) Eu sempre me **adapto** bem às novas situações. (para o lugar do verbo "adequar")

b) Eles sempre se **previnem** contra o sol. (para o lugar do verbo "precaver")

c) É importante que essas rosas **floresçam** durante o inverno. (para o lugar do verbo "florir")

d) Ele **está abolindo** o fumo de sua vida. (locução com o verbo "abolir")

e) Eu **destruo** tudo o que pode me causar mal. (para o lugar do verbo "demolir")

f) Nós queremos que ele **recupere** o dinheiro perdido. (para o lugar do verbo "reaver")

7.8 PARADIGMAS DE CONJUGAÇÃO VERBAL – CONJUGAÇÃO DE DIVERSOS VERBOS

Sem dúvida, aqui está uma parte da gramática normativa que merece toda a sua atenção. Frequentemente, os concursos cobram dos candidatos a correta conjugação de vários verbos. Portanto, vamos ao conteúdo abaixo. Uma sugestão: estude aos poucos e não se desespere com a quantidade de detalhes. Procure aprovisionar as informações aos poucos. Algumas são essenciais, outras, nem tanto.

Procuramos abaixo selecionar os principais verbos que apresentam dificuldades em suas conjugações.

7.8.1 CONJUGAÇÃO DOS VERBOS AUXILIARES "SER, ESTAR, TER E HAVER"

Ser

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que--perfeito**
sou	era	serei	seria	fui	fora
és	eras	serás	serias	foste	foras
é	era	será	seria	foi	fora
somos	éramos	seremos	seríamos	fomos	fôramos
sois	éreis	sereis	seríeis	fostes	fôreis
são	eram	serão	seriam	foram	foram
SUBJUNTIVO			**IMPERATIVO AFIRMATIVO**	**FORMAS NOMINAIS**	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
seja	fosse	for	–	ser	sendo
sejas	fosses	fores	sê	seres	
seja	fosse	for	seja	ser	**Particípio**
sejamos	fôssemos	formos	sejamos	sermos	sido
sejais	fôsseis	fordes	sede	serdes	
sejam	fossem	forem	sejam	serem	

Estar

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que--perfeito**
estou	estava	estarei	estaria	estive	estivera
estás	estavas	estarás	estarias	estiveste	estiveras
está	estava	estará	estaria	esteve	estivera
estamos	estávamos	estaremos	estaríamos	estivemos	estivéramos
estais	estáveis	estareis	estaríeis	estivestes	estivéreis
estão	estavam	estarão	estariam	estiveram	estiveram
SUBJUNTIVO			**IMPERATIVO AFIRMATIVO**	**FORMAS NOMINAIS**	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
esteja	estivesse	estiver	–	estar	estando
estejas	estivesses	estiveres	está	estarem	
esteja	estivesse	estiver	esteja	estar	**Particípio**
estejamos	estivéssemos	estivermos	estejamos	estarmos	estado
estejais	estivésseis	estiverdes	estai	estardes	
estejam	estivessem	estiverem	estejam	estarem	

Ter

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
tenho	tinha	terei	teria	tive	tivera
tens	tinhas	terás	terias	tiveste	tiveras
tem	tinha	terá	teria	teve	tivera
temos	tínhamos	teremos	teríamos	tivemos	tivéramos
tendes	tínheis	tereis	teríeis	tivestes	tivéreis
têm	tinham	terão	teriam	tiveram	tiveram

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
tenha	tivesse	tiver	–	ter	tendo
tenhas	tivesses	tiveres	tem	teres	
tenha	tivesse	tiver	tenha	ter	**Particípio**
tenhamos	tivéssemos	tivermos	tenhamos	termos	tido
tenhais	tivésseis	tiverdes	tende	terdes	
tenham	tivessem	tiverem	tenham	terem	

Haver

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
hei	havia	haverei	haveria	houve	houvera
hás	havias	haverás	haverias	houveste	houveras
há	havia	haverá	haveria	houve	houvera
havemos	havíamos	haveremos	haveríamos	houvemos	houvéramos
haveis	havíeis	havereis	haveríeis	houvestes	houvéreis
hão	haviam	haverão	haveriam	houveram	houveram

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
haja	houvesse	houver	–	haver	havendo
hajas	houvesses	houveres	há	haveres	
haja	houvesse	houver	haja	haver	**Particípio**
hajamos	houvéssemos	houvermos	hajamos	havermos	havido
hajais	houvésseis	houverdes	havei	haverdes	
hajam	houvessem	houverem	hajam	haverem	

➾ Observações importantes:

a) De forma excepcional, o verbo "ser" apresenta formas anômalas para o "tu" e o "vós". Teremos, respectivamente, "sê" e "sede", pois as segun-

das pessoas do imperativo do verbo SER foram tiradas de um antigo presente do verbo "SEER" (sees, seedes), do latim "SEDERE".

7.8.2 CONJUGAÇÃO DE VERBOS DERIVADOS

Há um sem-número de verbos na língua portuguesa que são derivados de outros, ditos "primitivos". Frequentemente, cobra-se de um candidato a um concurso o conhecimento sobre a conjugação destes verbos. E, em virtude da fonia e da grafia esdrúxulas que alguns apresentam, muitos e frequentes são os erros. É preciso, portanto, ficar atento à regra: **a conjugação do verbo derivado segue a conjugação do seu verbo primitivo.** Logo, basta conjugar o verbo primitivo e lhe acrescentar o prefixo. Observe abaixo a conjugação do verbo "PROPOR", derivado do verbo "PÔR".

Propor

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
proponho	**pro**punha	**pro**porei	**pro**poria	**pro**pus	**pro**pusera
propões	**pro**punhas	**pro**porás	**pro**porias	**pro**puseste	**pro**puseras
propõe	**pro**punha	**pro**porá	**pro**poria	**pro**pôs	**pro**pusera
propomos	**pro**púnhamos	**pro**poremos	**pro**poríamos	**pro**pusemos	**pro**puséramos
propondes	**pro**púnheis	**pro**poreis	**pro**poríeis	**pro**pusestes	**pro**puséreis
propõem	**pro**punham	**pro**porão	**pro**poriam	**pro**puseram	**pro**puseram
SUBJUNTIVO			**IMPERATIVO AFIRMATIVO**	**FORMAS NOMINAIS**	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
proponha	**pro**pusesse	**pro**puser	–	**pro**por	**pro**pondo
proponhas	**pro**pusesses	**pro**puseres	**pro**põe	**pro**pores	
proponha	**pro**pusesse	**pro**puser	**pro**ponha	**pro**por	**Particípio**
proponhamos	**pro**puséssemos	**pro**pusermos	**pro**ponhamos	**pro**pormos	**pro**posto
proponhais	**pro**pusésseis	**pro**puserdes	**pro**ponde	**pro**pordes	
proponham	**pro**pusessem	**pro**puserem	**pro**ponham	**pro**porem	

Perceba que toda a conjugação foi baseada no verbo "pôr", que é o seu primitivo. Semelhantemente, conjugam-se verbos como:

a) repor, depor, supor, dispor → derivados do verbo "pôr"
b) convir, intervir, advir, provir → derivados do verbo "vir".
c) ater-se, conter, reter, manter, deter → derivados do verbo "ter"
d) prever, rever, antever, circunver → derivados do verbo "ver".

7.8.3 CONJUGAÇÃO DOS VERBOS TERMINADOS NOS HIATOS "-AIR, -OER, -UIR"

Estes verbos são interessantes porque frequentemente se veem empregadas formas como "possue, restitue, constitue, róe". Ora, a 3.ª pessoa do singular do presente do indicativo apresenta a desinência "i" e jamais "e", como pensam alguns. Portanto, fique atento à conjugação de verbos como "sair, cair, abstrair, contrair, moer, roer, doer, remoer, possuir, construir, restituir, constituir etc.".

Veja abaixo a conjugação do verbo "possuir".

Possuir

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
possuo	possuía	possuirei	possuiria	possuí	possuíra
possuis	possuías	possuirás	possuirias	possuíste	possuíras
possui	possuía	possuirá	possuiria	possuiu	possuíra
possuímos	possuíamos	possuiremos	possuiríamos	possuímos	possuíramos
possuís	possuíeis	possuireis	possuiríeis	possuístes	possuíreis
possuem	possuíam	possuirão	possuiriam	possuíram	possuíram

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo Flexionado**	**Gerúndio**
possua	possuísse	possuir	–	possuir	possuindo
possuas	possuísses	possuíres	possui	possuíres	
possua	possuísse	possuir	possua	possuir	**Particípio**
possuamos	possuíssemos	possuirmos	possuamos	possuirmos	possuído
possuais	possuísseis	possuirdes	possuí	possuirdes	
possuam	possuíssem	possuírem	possuam	possuírem	

7.8.4 CONJUGAÇÃO DE VERBOS IRREGULARES

São verbos que, como já se disse, não seguem um paradigma de conjugação. Sofrem, por isso, bruscas alterações em seus radicais. Abaixo, segue a conjugação de três verbos irregulares: "pedir, caber e trazer".

Pedir

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que--perfeito**
peço	pedia	pedirei	pediria	pedi	pedira
pedes	pedias	pedirás	pedirias	pediste	pediras
pede	pedia	pedirá	pediria	pediu	pedira
pedimos	pedíamos	pediremos	pediríamos	pedimos	pedíramos
pedis	pedíeis	pedireis	pediríeis	pedistes	pedíreis
pedem	pediam	pedirão	pediriam	pediram	pediram

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
peça	pedisse	pedir	–	pedir	pedindo
peças	pedisses	pedires	pede	pedires	
peça	pedisse	pedir	peça	pedir	**Particípio**
peçamos	pedíssemos	pedimos	peçamos	pedirmos	pedido
peçais	pedísseis	pedirdes	pedi	pedirdes	
peçam	pedissem	pedirem	peçam	pedirem	

Caber

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que--perfeito**
caibo	cabia	caberei	caberia	coube	coubera
cabes	cabias	caberás	caberias	coubeste	coubera
cabe	cabia	caberá	caberia	coube	coubera
cabemos	cabíamos	caberemos	caberíamos	coubemos	coubéramos
cabeis	cabíeis	cabereis	caberíeis	coubestes	coubéreis
cabem	cabiam	caberão	caberiam	couberam	couberam

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
caiba	coubesse	couber	–	caber	cabendo
caibas	coubesses	couberes	–	caberes	
caiba	coubesse	couber	–	caber	**Particípio**
caibamos	coubéssemos	coubermos	–	cabermos	cabido
caibais	coubésseis	couberdes	–	caberdes	
caibam	coubessem	couberem	–	caberem	

Trazer

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
trago	trazia	trarei	traria	trouxe	trouxera
trazes	trazias	trarás	trarias	trouxeste	trouxeras
traz	trazia	trará	traria	trouxe	trouxera
trazemos	trazíamos	traremos	traríamos	trouxemos	trouxéramos
trazeis	trazíeis	trareis	traríeis	trouxestes	trouxéreis
trazem	traziam	trarão	trariam	trouxeram	trouxeram
SUBJUNTIVO			**IMPERATIVO AFIRMATIVO**	**FORMAS NOMINAIS**	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
traga	trouxesse	trouxer	–	trazer	trazendo
tragas	trouxesses	trouxeres	traz/traze	trazeres	
traga	trouxesse	trouxer	traga	trazer	**Particípio**
tragamos	trouxéssemos	trouxermos	tragamos	trazermos	trazido
tragais	trouxésseis	trouxerdes	trazei	trazerdes	
tragam	trouxessem	trouxerem	tragam	trazerem	

7.8.5 CONJUGAÇÃO DE VERBOS PRONOMINAIS

São verbos especiais, porque necessariamente são conjugados com o auxílio de um pronome pessoal do caso oblíquo. São exemplos desses verbos "arrepender-se, queixar-se, apiedar-se".

Observe abaixo a conjugação do verbo "queixar-se".

Queixar-se

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
queixo-me	queixava-me	queixar-me-ei	queixar-me-ia	queixei-me	queixara-me
queixas-te	queixavas-te	queixar-te-ás	queixar-te-ias	queixaste-te	queixaras-te
queixa-se	queixava-se	queixar-se-á	queixar-se-ia	queixou-se	queixara-se
queixamo-nos	queixávamo-nos	queixar-nos-emos	queixar-nos-íamos	queixamo-nos	queixáramo-nos
queixais-vos	queixáveis-vos	queixar-vos-eis	queixar-vos-íeis	queixastes-vos	queixáreis-vos
queixam-se	queixavam-se	queixar-se-ão	queixar-se-iam	queixaram-se	queixaram-se
SUBJUNTIVO			**IMPERATIVO AFIRMATIVO**	**FORMAS NOMINAIS**	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
me queixe	me queixasse	me queixar	–	queixar-me	queixando-se
te queixes	te queixasses	te queixares	queixa-te	queixares-te	
se queixe	se queixassem	se queixar	queixe-se	queixar-se	**Particípio**
nos queixemos	nos queixássemos	nos queixarmos	queixemo-nos	queixarmo-nos	se queixado
vos queixeis	vos queixásseis	vos queixardes	queixai-vos	queixardes-vos	
se queixem	se queixassem	se queixarem	queixem-se	queixarem-se	

➯ **Observações**

Com as formas nominais não flexionadas, o pronome será da mesma categoria número-pessoal do sujeito.

7.8.6 CONJUGAÇÃO DOS VERBOS TERMINADOS NO HIATO "-EAR"

São verbos especiais, porque intercalam, por motivos fonéticos, um "i" intervocálico em sua desinência nas formas rizotônicas (presentes do indicativo e do subjuntivo, salvo nas pessoas "nós" e "vós" e no modo imperativo, exceto também nas pessoas "nós" e "vós"). Acompanhe abaixo a conjugação do verbo "nortear". Observe o acréscimo do "i" nas formas rizotônicas.

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
norteio	norteava	nortearei	nortearia	norteei	norteara
norteias	norteavas	nortearás	nortearias	norteaste	nortearas
norteia	norteava	norteará	nortearia	norteou	norteara
norteamos	norteávamos	nortearemos	nortearíamos	norteamos	norteáramos
norteais	norteáveis	norteareis	nortearíeis	norteastes	norteáreis
norteiam	norteavam	nortearão	norteariam	nortearam	nortearam
SUBJUNTIVO			**IMPERATIVO AFIRMATIVO**	**FORMAS NOMINAIS**	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
norteie	norteasse	nortear	–	nortear	norteando
norteies	norteasses	norteares	norteia	norteares	
norteie	norteasse	nortear	norteie	nortear	**Particípio**
norteemos	norteássemos	nortearmos	norteemos	nortearmos	norteado
norteeis	norteásseis	norteardes	norteai	norteardes	
norteiem	norteassem	nortearem	norteiem	nortearem	

Assim como "nortear", conjugam-se os verbos "pentear, marear, enfear, cear, chatear, manusear, pleitear, sortear, homenagear, saborear, passear, nortear, veranear, arrear" e todos os outros finalizados em "-ear".

7.8.7 CONJUGAÇÃO DOS VERBOS TERMINADOS NO HIATO "-IAR"

Todos os verbos terminados em "-iar" seguem o paradigma de conjugação para os verbos da 3.ª conjugação. Isto quer dizer que são regulares. Observe abaixo a conjugação do verbo "variar".

Variar

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
vario	variava	variarei	variaria	variei	variara
varias	variavas	variarás	variarias	variaste	variaras
varia	variava	variará	variaria	variou	variara
variamos	variávamos	variaremos	variaríamos	variamos	variáramos
variais	variáveis	variareis	variaríeis	variastes	variáreis
variam	variavam	variarão	variariam	variaram	variaram

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	Pretérito Imperfeito	Futuro		Infinitivo flexionado	Gerúndio
varie	variasse	variar	–	variar	variando
varies	variasses	variares	varia	variares	
varie	variasse	variar	varie	variar	**Particípio**
variemos	variássemos	variarmos	variemos	variarmos	variado
varieis	variásseis	variardes	variai	variardes	
variem	variassem	variarem	variem	variarem	

➾ **Observação:**

Seis verbos há em nossa língua, os quais fogem ao paradigma acima, pois intercalam um "E" eufônico nas formas rizotônicas. São eles: mediar, ansiar, remediar, incendiar, odiar e intermediar. Para decorá-los, memorize o anagrama M-A-R-I-O – I. Veja:

M ediar
A nsiar
R emediar
I ncendiar
O diar
I ntermediar

Observe agora a conjugação de um desses verbos:

Ansiar

INDICATIVO					
Presente	Pretérito Imperfeito	Futuro do Presente	Futuro do Pretérito	Pretérito Perfeito	Pretérito mais-que-perfeito
anseio	ansiava	ansiarei	ansiaria	ansiei	ansiara
anseias	ansiavas	ansiarás	ansiarias	ansiaste	ansiaras
anseia	ansiava	ansiará	ansiaria	ansiou	ansiara
ansiamos	ansiávamos	ansiaremos	ansiaríamos	ansiamos	ansiáramos
ansiais	ansiáveis	ansiareis	ansiaríeis	ansiastes	ansiáreis
anseiam	ansiavam	ansiarão	ansiariam	ansiaram	ansiaram

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	Pretérito Imperfeito	Futuro		Infinitivo flexionado	Gerúndio
anseie	ansiasse	ansiar	–	ansiar	ansiando
anseies	ansiasses	ansiares	anseia	ansiares	
anseie	ansiasse	ansiar	anseie	ansiar	**Particípio**
ansiemos	ansiássemos	ansiarmos	ansiemos	ansiarmos	ansiado
ansieis	ansiásseis	ansiardes	ansiai	ansiardes	
anseiem	ansiassem	ansiarem	anseiem	ansiarem	

7.8.8 CONJUGAÇÃO DE VERBOS TERMINADOS NOS HIATOS "-OAR" E "-UAR"

Tais verbos merecem destaque porque apresentam a letra "E" em todas as formas do presente do subjuntivo. São frequentes os erros ao se escrever "continui" e "abençoi", por exemplo.

Observe abaixo a conjugação do verbo "abençoar".

Abençoar

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
abençoo	abençoava	abençoarei	abençoaria	abençoei	abençoara
abençoas	abençoavas	abençoarás	abençoarias	abençoaste	abençoaras
abençoa	abençoava	abençoará	abençoaria	abençoou	abençoara
abençoamos	abençoávamos	abençoaremos	abençoaríamos	abençoamos	abençoáramos
abençoais	abençoáveis	abençoareis	abençoaríeis	abençoastes	abençoáreis
abençoam	abençoavam	abençoarão	abençoariam	abençoaram	abençoaram
SUBJUNTIVO			**IMPERATIVO AFIRMATIVO**	**FORMAS NOMINAIS**	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
abençoe	abençoasse	abençoar	–	abençoar	abençoando
abençoes	abençoasses	abençoares	abençoa	abençoares	
abençoe	abençoasse	abençoar	abençoe	abençoar	**Particípio**
abençoemos	abençoássemos	abençoarmos	abençoemos	abençoarmos	abençoado
abençoeis	abençoásseis	abençoardes	abençoai	abençoardes	
abençoem	abençoassem	abençoarem	abençoem	abençoarem	

➾ **Observação:**

Os verbos terminados em "-OAR", em virtude das novas regras propostas pelo Acordo Ortográfico de 1990, já não mais recebem acento circunflexo no hiato "OO", o qual se forma na 1.ª pessoa do singular do presente do indicativo. Por isso, escreveremos corretamente "eu voo, eu abençoo, eu enjoo, eu roo etc.".

7.8.9 CONJUGAÇÃO DOS VERBOS "VER" E "VIR" NO FUTURO DO SUBJUNTIVO

Frequentemente, os concursos cobram o conhecimento sobre a distinção entre as conjugações dos verbos "ver" e "vir" no futuro do subjuntivo. De fato,

é importante não se confundir: "quando ou se eu vir" dir-se-á para a 1.ª pessoa do singular do verbo "ver"; ao passo que se empregará "quando ou se eu vier" para a 1.ª pessoa do singular do verbo "vir". Seguem neste mesmo paradigma os verbos derivados desses dois verbos (rever, prever, provir, intervir etc.). Observe abaixo o *futuro do subjuntivo dos verbos "ver" e "vir"*:

Futuro do Subjuntivo do verbo VER

eu	vir
tu	vires
ele	vir
nós	virmos
vós	virdes
eles	virem

Futuro do Subjuntivo do verbo VIR

eu	vier
tu	vieres
ele	vier
nós	viermos
vós	vierdes
eles	vierem

7.8.10 OUTRAS PARTICULARIDADES GRÁFICAS E FONÉTICAS SOBRE VERBOS DA 1.ª CONJUGAÇÃO

1. Os verbos terminados em **"CAR"** (abarcar, alocar, clinicar, dedicar, emboscar etc.) mudam o "c" em "qu" antes de "E". Observe este fenômeno na conjugação do verbo **FICAR.**

Ficar

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito *mais-que-perfeito***
fico	ficava	ficarei	ficaria	fi**qu**ei	ficara
ficas	ficavas	ficarás	ficarias	ficaste	ficaras
fica	ficava	ficará	ficaria	ficou	ficara
ficamos	ficávamos	ficaremos	ficaríamos	ficamos	ficáramos
ficais	ficáveis	ficareis	ficaríeis	ficastes	ficáreis
ficam	ficavam	ficarão	ficariam	ficaram	ficaram

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
fi**qu**e	ficasse	ficar	–	ficar	ficando
fi**qu**es	ficasses	ficares	fica	ficares	
fi**qu**e	ficasse	ficar	fi**qu**e	ficar	**Particípio**
fi**qu**emos	ficássemos	ficarmos	fi**qu**emos	ficarmos	ficado
fi**qu**eis	ficásseis	ficardes	ficai	ficardes	
fi**qu**em	ficassem	ficarem	fi**qu**em	ficarem	

2. Os verbos terminados em "ÇAR" (abraçar, adoçar, bagunçar, caçar, desembaçar etc.) perdem a cedilha antes de "E". Observe a conjugação do verbo **DISFARÇAR.** Perceba que este fenômeno se dá no presente do subjuntivo e no modo imperativo, nas formas derivadas daquele.

Disfarçar

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que--perfeito**
disfarço	disfarçava	disfarçarei	disfarçaria	disfar**c**ei	disfarçara
disfarças	disfarçavas	disfarçarás	disfarçarias	disfarçaste	disfarçaras
disfarça	disfarçava	disfarçará	disfarçaria	disfarçou	disfarçara
disfarçamos	disfarçávamos	disfarçaremos	disfarçaríamos	disfarçamos	disfarçáramos
disfarçais	disfarçáveis	disfarçareis	disfarçaríeis	disfarçastes	disfarçáreis
disfarçam	disfarçavam	disfarçarão	disfarçariam	disfarçaram	disfarçaram

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
disfar**c**e	disfarçasse	disfarçar	–	disfarçar	disfarçando
disfar**c**es	disfarçasses	disfarçares	disfarça	disfarçares	
disfar**c**e	disfarçasse	disfarçar	disfar**c**e	disfarçar	**Particípio**
disfar**c**emos	disfarçássemos	disfarçarmos	disfar**c**emos	disfarçarmos	disfarçado
disfar**c**eis	disfarçásseis	disfarçardes	disfarçai	disfarçardes	
disfar**c**em	disfarçassem	disfarçarem	disfar**c**em	disfarçarem	

3. Os verbos terminados em "**GAR**" (abrigar, achegar, advogar, afagar, comungar etc.) recebem "U" antes da letra "E". Observe a conjugação do verbo **CHEGAR** e verifique esta mudança.

Chegar

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
chego	chegava	chegarei	chegaria	cheguei	chegara
chegas	chegavas	chegarás	chegarias	chegaste	chegaras
chega	chegava	chegará	chegaria	chegou	chegara
chegamos	chegávamos	chegaremos	chegaríamos	chegamos	chegáramos
chegais	chegáveis	chegareis	chegaríeis	chegastes	chegáreis
chegam	chegavam	chegarão	chegariam	chegaram	chegaram

SUBJUNTIVO			**IMPERATIVO AFIRMATIVO**	**FORMAS NOMINAIS**	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
cheg**ue**	chegasse	chegar	–	chegar	chegando
cheg**ue**s	chegasses	chegares	chega	chegares	
cheg**ue**	chegasse	chegar	cheg**ue**	chegar	**Particípio**
cheg**ue**mos	chegássemos	chegarmos	cheg**ue**mos	chegarmos	chegado
cheg**ue**is	chegásseis	chegardes	chegai	chegardes	
cheg**ue**m	chegassem	chegarem	cheg**ue**m	chegarem	

4. O verbo **CONSUMAR** (completar, acabar, terminar), muito usual no meio jurídico, segue normalmente o paradigma dos verbos da 1.ª conjugação. Observe abaixo:

Consumar

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
consumo	consumava	consumarei	consumaria	consumei	consumara
consumas	consumavas	consumarás	consumarias	consumaste	consumaras
consuma	consumava	consumará	consumaria	consumou	consumara
consumamos	consumávamos	consumaremos	consumaríamos	consumamos	consumáramos
consumais	consumáveis	consumareis	consumaríeis	consumastes	consumáreis
consumam	consumavam	consumarão	consumariam	consumaram	consumaram

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
consume	consumasse	consumar	–	consumar	consumando
consumes	consumasses	consumares	consuma	consumares	
consume	consumasse	consumar	consume	consumar	**Particípio**
consumemos	consumássemos	consumarmos	consumemos	consumarmos	consumado
consumeis	consumásseis	consumardes	consumai	consumardes	
consumem	consumassem	consumarem	consumem	consumarem	

5. O verbo **AVERIGUAR** bem como os verbos ENXAGUAR, AGUAR, APANIGUAR, APAZIGUAR, APROPINGUAR, DESAGUAR, OBLIQUAR apresentam dois paradigmas de conjugação a partir do Acordo Ortográfico de 1990:
   a) Continuam com as formas rizotônicas igualmente acentuadas no "U", mas sem marca gráfica. Exemplo: *averiguo, averiguas, averigua; averigue, averigues, averigue, averiguem; enxaguo, enxaguas, enxagua, enxaguam; enxague, enxagues, enxague, enxaguem etc.*
   b) Apresentam as formas rizotônicas acentuadas fônica e graficamente nas vogais "a" e "i", presentes no radical. Exemplo: *averíguo, averíguas, averígua; averígue, averígues, averígue, averíguem; enxáguo, enxáguas, enxágua, enxáguam; enxágue, enxágues, enxágue, enxáguem etc.*

7.8.11 OUTRAS PARTICULARIDADES GRÁFICAS E FONÉTICAS SOBRE VERBOS DA 2.ª CONJUGAÇÃO

1. Os verbos terminados em "**GER**" (constranger, desproteger, eleger, proteger, ranger etc.) mudam o "G" em "J" antes de "O e A". Observe a conjugação do verbo REGER e acompanhe esta alteração.

Reger

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
rejo	regia	regerei	regeria	regi	regera
reges	regias	regerás	regerias	regeste	regeras
rege	regia	regerá	regeria	regeu	regera
regemos	regíamos	regeremos	regeríamos	regemos	regêramos
regeis	regíeis	regereis	regeríeis	regestes	regêreis
regem	regiam	regerão	regeriam	regeram	regeram

SUBJUNTIVO			**IMPERATIVO AFIRMATIVO**	**FORMAS NOMINAIS**	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
reja	regesse	reger	–	reger	regendo
rejas	regesses	regeres	rege	regeres	
reja	regesse	reger	reja	reger	**Particípio**
rejamos	regêssemos	regermos	rejamos	regermos	regido
rejais	regêsseis	regerdes	regei	regerdes	
rejam	regessem	regerem	rejam	regerem	

2. O verbo **PERDER** muda o "D" em "C" antes de "O e A". Observe abaixo:

Presente do Indicativo

eu	perco
tu	perdes
ele	perde
nós	perdemos
vós	perdeis
eles	perdem

Presente do Subjuntivo

eu	perca
tu	percas
ele	perca
nós	percamos
vós	percais
eles	percam

3. O verbo **VALER** muda o "L" em "LH" antes de "O e A". Observe abaixo:

Presente do Indicativo

eu	valho
tu	vales
ele	vale
nós	valemos
vós	valeis
eles	valem

Presente do Subjuntivo

eu	valha
tu	valhas
ele	valha
nós	valhamos
vós	valhais
eles	valham

4. O verbo **DIZER** e seus derivados (contradizer, maldizer, predizer etc.) mudam o "Z" em "G" antes de "O e A". Ademais, o verbo DIZER admite as formas "DIZE ou DIZ" para a 2.ª pessoa do singular do imperativo afirmativo. Observe abaixo:

Presente do Indicativo

eu	digo
tu	dizes
ele	diz
nós	dizemos
vós	dizeis
eles	dizem

Presente do Subjuntivo

eu	diga
tu	digas
ele	diga
nós	digamos
vós	digais
eles	digam

5. Os verbos **DOER** e **PRAZER** são defectivos unipessoais. Só se conjugam na 3.ª pessoa. Observe abaixo:

Doer

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
–	–	–	–	–	–
–	–	–	–	–	–
dói	doía	doerá	doeria	doeu	doera
–	–	–	–	–	–
–	–	–	–	–	–
doem	doíam	doerão	doeriam	doeram	doeram

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
–	–	–	–	–	doendo
–	–	–	–	–	
doa	doesse	doer	–	doer	**Particípio**
–	–	–	–	–	doído
–	–	–	–	–	
doam	doessem	doerem	–	doerem	

Prazer

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
–	–	–	–	–	–
–	–	–	–	–	–
praz	prazia	prazerá	prazeria	prouve	prouvera
–	–	–	–	–	–
–	–	–	–	–	–
prazem	praziam	prazerão	prazeriam	prouveram	prouveram

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
–	–	–	–	–	prazendo
–	–	–	–	–	
praza	prouvesse	prouver	praza	prazer	**Participio**
–	–	–	–	–	prazido
–	–	–	–	–	
prazam	prouvessem	prouverem	prazam	prazerem	

➭ **Observação:**

Os verbos "doer-se" (pronominal) e aprazer (derivado do verbo "prazer") apresentam conjugação completa.

7.8.12 OUTRAS PARTICULARIDADES GRÁFICAS E FONÉTICAS SOBRE VERBOS DA 3.ª CONJUGAÇÃO

1. Os verbos terminados em "**GIR**" (adstringir, coagir, divergir, erigir, fugir, infligir etc.) trocam o "G" em "J" antes de "O e A". Observe abaixo:

Presente do Indicativo

eu	divirjo
tu	diverges
ele	diverge
nós	divergimos
vós	divergis
eles	divergem

Presente do Subjuntivo

eu	divirja
tu	divirjas
ele	divirja
nós	divirjamos
vós	divirjais
eles	divirjam

2. Os verbos PEDIR, IMPEDIR, EXPEDIR, DESPEDIR, MEDIR mudam o "D" em "Ç" antes de "O e A". Observe abaixo:

Presente do Indicativo

eu	peço
tu	pedes
ele	pede
nós	pedimos
vós	pedis
eles	pedem

Presente do Subjuntivo

eu	peça
tu	peças
ele	peça
nós	peçamos
vós	peçais
eles	peçam

3. Os verbos terminados em "**-ingir**" (atingir, cingir, constringir, infringir, tingir etc.) mudam o "G" em "J" antes das vogais "A e O". Observe abaixo a conjugação do verbo **FINGIR** e constate essa mudança.

Fingir

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que--perfeito**
finjo	fingia	fingirei	fingiria	fingi	fingira
finges	fingias	fingirás	fingirias	fingiste	fingiras
finge	fingia	fingirá	fingiria	fingiu	fingira
fingimos	fingíamos	fingiremos	fingiríamos	fingimos	fingíramos
fingis	fingíeis	fingireis	fingiríeis	fingistes	fingíreis
fingem	fingiam	fingirão	fingiriam	fingirem	fingiram

SUBJUNTIVO			**IMPERATIVO AFIRMATIVO**	**FORMAS NOMINAIS**	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
finja	fingisse	fingir	–	fingir	fingindo
finjas	fingisses	fingires	finge	fingires	
finja	fingisse	fingir	finja	fingir	**Particípio**
finjamos	fingíssemos	fingirmos	finjamos	fingirmos	fingido
finjais	fingísseis	fingirdes	fingi	fingirdes	
finjas	fingissem	fingirem	finjam	fingirem	

7.9 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (MPE-SP) Passando a frase – Ele não só **criou** aqui o primeiro observatório astronômico das Américas, como **trouxe** cientistas – para o futuro do presente, os verbos destacados assumem, respectivamente, as seguintes formas:

a) criava – trazia

b) criaria – traria

c) criará – trará
d) criará – trazerá
e) criara – trouxera

2. (MPE-SP) Assinale a alternativa correta quanto à correlação dos tempos verbais, de acordo com a norma culta.

a) Se todos estiverem de acordo, eles deixaram a reunião para a semana seguinte.
b) Logo que você perceber o clima de tensão, não teria agido daquela maneira.
c) Seria melhor que elas examinassem os documentos com o cuidado necessário
d) Quero que você dirige a tenção aos mais necessitados.
e) Caso me desencontrasse com ela, deixarei os livros com sua secretária.

3. (TER-RO) Observe a frase:

Se tu _______ que os eleitores chegam para votar, _______ a porta e ________-os entrar.

A opção que completa corretamente a frase é:

a) veres / abre / deixa
b) veres / abra / deixe
c) vires / abra / deixa
d) vires / abre / deixa
e) virdes / abri / deixai

4. (CESPE-MPU) Seguindo as normas gramaticais da língua culta, a sugestão "Seja trabalhador e você também será venturoso", se for expressa na terceira pessoa do plural, tornar-se-á:

a) Sede trabalhadores e vós também sereis venturosos.
b) Sejam trabalhadores e vós também sejais venturosos.
c) Sê trabalhadores e vocês também serão venturosos.
d) Sejam trabalhadores e vocês também serão venturosos.
e) Sejais trabalhadores e vocês também serão venturosos.

5. (TRE-MT) Só está **correta** a forma verbal destacada na frase:

a) Embora ele **esteje** indicado, o Senado ainda o aprovou.
b) Ele **passeiava** diariamente no parque.
c) Quando eles **trouxerem** a permissão, poderão entrar.
d) Se **mantermos** as posições, o inimigo não avançará.
e) Os deputados se **entretiam** com esses discursos.

6. (ALERJ/FESP) "Pois bem, como já disse, o vírus..."

O verbo **dizer** *aparece corretamente conjugado na frase acima. Há* **erro** *na conjugação desse mesmo verbo na seguinte frase:*

a) Dize-me com quem andas e eu te direi quem és.

b) Você dizer que está doente, não acredito.
c) O médico dizia tudo o que sabia sobre a AIDS.
d) Ele queria que eu dissesse onde você estava.
e) É preciso que você diga a verdade.

7. (TRT-ES) Nas frases abaixo, escreva (1) para as formas verbais corretas e (2) para as incorretas:

( ) Nós vimos ontem do pantanal.

( ) Vós rides de mim sem motivo.

( ) Mesmo assim tu me respondestes.

( ) Sempre requeiro os meus direitos.

( ) Esteje pronto às vinte e duas horas.

a) 2, 2,2, 1, 1
b) 1, 2, 1, 2, 1
c) 2, 1, 2, 1, 2
d) 1, 2, 2, 1, 2
e) 2, 1, 1, 2, 1

8. (TRF-RS) Considerando as formas verbais destacadas nas três frases abaixo, a opção com a correta classificação de tempos e modos é, respectivamente:

1. **Toma** *conta da minha bagagem, enquanto eu vou até ali.*

2. *"Não* **façais** *aos outros o que não quereis que vos façam."*

3. *Os astrônomos negam que o Sol* **gira** *em torno da Terra.*

a) presente do indicativo / presente do subjuntivo / presente do subjuntivo
b) imperativo afirmativo / imperativo negativo / presente do indicativo
c) imperativo afirmativo / imperativo negativo / presente do subjuntivo
d) imperativo afirmativo / presente do subjuntivo / presente do subjuntivo
e) presente do indicativo / imperativo negativo / presente do subjuntivo

9. (TRF-RJ) Das frases abaixo, a que contém **erro** na flexão verbal é:

a) O acidente ocorreu porque o Rui não conseguiu freiar o carro.
b) Se a comunidade nos provesse do equipamento de que necessitamos para prestar a ela mesma esse serviço, todos sairíamos ganhando.
c) Os espíritos se incendeiam toda vez que se fala em fazer justiça.
d) Se a associação se mantivesse coerente com sua própria doutrina, cresceria sua credibilidade.
e) Quem se interpuser entre o Ricardo e a Cristina não contará com o meu apoio.

10. (TRF-RJ) Considerando as formas verbais destacadas nas três frases abaixo, a opção com a correta classificação de tempos e modos é, respectivamente:

1. *Pelo menos não* **descumpra** *suas obrigações.*
2. *Talvez* **chova** *no final do dia.*
3. **Digita** *este documento, por gentileza, Teresinha.*

a) imperativo negativo / presente do subjuntivo / imperativo afirmativo
b) presente do subjuntivo / presente do subjuntivo / imperativo afirmativo
c) imperativo negativo / presente do subjuntivo / presente do indicativo
d) presente do subjuntivo / presente do subjuntivo / presente do indicativo
e) imperativo negativo / presente do indicativo / imperativo afirmativo

GABARITO

1 – C	2 – C	3 – D
4 – D	5 – C	6 – B
7 – C	8 – B	9 – A
10 – A		

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

CAPÍTULO 8

ADVÉRBIO

8.1 CONCEITO

É a classe de palavras invariáveis que, modificando um verbo, um adjetivo ou outro advérbio, transmitem-lhes alguma circunstância.

Veja alguns exemplos de advérbios e locuções adverbiais:

- "**Hoje** quatro braças de terra, **amanhã** seis, **depois** mais outras, ia o vendeiro conquistando todo o terreno que se estendia **pelos fundos da sua bodega.**" (Aluísio Azevedo)
- "A parede oriental da igreja é o muro do quintal de um lado, mas as comunicações foram vedadas **provavelmente** quando a coroa alienou o palácio e o separou assim **perpetuamente** do templo." (A. Garrett)
- "Os meus doentes, senhora condessa, respondeu Carlos, não são **bastante** numerosos para formar uma quadrilha." (Eça de Queiroz)
- "Ao despedir-se da pupila, Lemos apertou-lhe a mão: – Desejo-lhe que seja **muito** e **muito** feliz." (José de Alencar)
- "A história repete-se. Antônio Conselheiro foi um gnóstico bronco. Veremos **mais longe** a exação do símile." (Euclides da Cunha)

➾ **Observações:**

a) Em raros casos, encontramos advérbios modificando um substantivo e até mesmo uma preposição.

- "A sra. D. Josefa gostava muito do passeio ao pé do rio; até já ouvira dizer que nem em Lisboa havia coisa **assim**." (Eça de Queiroz)
- "Seu tio, naturalmente, lhe comunicara a criancice da prima, **pouco** antes de destinar-lhe a esposa." (Camilo Castelo Branco)

b) A maioria dos advérbios terminados em "-mente" deriva de adjetivos. Quando o adjetivo apresenta formas diferentes para os dois gêneros, o sufixo adverbial "-mente" será acrescido à forma feminina do adjetivo.

- feliz → felizmente
- triste → tristemente
- fácil → facilmente
- fraternal → fraternalmente
- radical → radicalmente
- vaidoso → vaidosamente
- ameaçador → ameaçadoramente
- exclusivo → exclusivamente
- fortuito → fortuitamente
- prático → praticamente

c) É possível transformar muitas expressões e locuções em advérbios – geralmente de "modo" ou de "tempo" –, formados com o sufixo adverbial "-mente". Observe:

- O recurso foi interposto **fora do tempo**. → extemporaneamente, intempestivamente
- Ele aprendia as lições **pouco a pouco**. → gradativamente, paulatinamente
- Ele dança e canta **ao mesmo tempo**. → simultaneamente
- Naquele momento, agiste **com precipitação**. → precipitadamente
- O debate será transmitido **sem interrupção**. → ininterruptamente
- Resolveu a questão **com displicência**. → displicentemente
- Fez tudo **de propósito**. → propositadamente

8.2 CLASSIFICAÇÃO DOS ADVÉRBIOS

Os advérbios são classificados de acordo com a circunstância que expressam. Assim, podem ser classificados em:

a) **de afirmação:** sim, certamente.

b) **de dúvida:** talvez, quiçá, acaso, por ventura, provavelmente, eventualmente.

c) **de frequência:** diariamente, cotidianamente, semanalmente, mensalmente, sucessivamente, raramente, perpetuamente, constantemente etc.

d) **de intensidade (ou "de quantidade"):** muito, assaz, bastante, pouco, excessivamente, demasiadamente, profundamente, meio, todo, com-

pletamente, menos, mais, tanto, quão, quanto, quase, algo, bem, mal, apenas, demais, nada.

e) **de tempo:** ainda, agora, amanhã, dantes, cedo, tarde, hoje, logo, outrora, imediatamente, anteriormente, antigamente, posteriormente, depois, antes, precedentemente, então, sempre, ora, anteontem, entrementes, presentemente, atualmente, ainda, afinal, amiúde, nunca, jamais etc.

f) **de modo:** bem, mal, errado, tristemente (e muitos adjetivos adverbializados com o sufixo "-mente"), depressa, devagar, assim, adrede, debalde, melhor, pior etc.

g) **de negação:** não, nunca, jamais, nem, tampouco.

h) **de lugar:** abaixo, acima, arriba, aquém, além, aqui, aí, ali, cá, lá, acolá, avante, atrás, algures (= em algum lugar), alhures (= em outro lugar), nenhures (= em lugar algum), defronte, adiante, detrás, dentro, fora, longe, perto, onde.

➾ **Observação:**

A classificação acima é tão somente para efeitos didáticos. Sem dúvida, há inúmeros advérbios que melhor se enquadrariam noutras classificações. É o caso dos advérbios "**adrede, intencionalmente, propositadamente, acinte**" que poderiam ser classificados como "advérbios de intenção".

8.3 LOCUÇÕES ADVERBIAIS

Frequentemente, os advérbios aparecem em português sob a forma locucional – são as denominadas "locuções adverbiais". Tais locuções são um conjunto de palavras, geralmente de núcleo substantivo e geralmente encabeçadas por uma preposição, com valor circunstancial. Como advérbios que são, tais locuções também modificam "verbos, adjetivos e outros advérbios".

Locuções adverbiais

à força, a giros, às cegas, a esmo, a farta, a granel, à porta, à revelia, a seu talante, a cavalo, ao deus dará, à toa, às pressas, a pé, a pique, ao revés, a seu tempo, ao longe, ao vivo, à noite, às tontas, às ocultas, às escondidas, às vezes, ao acaso, com certeza, de repente, de cabo a rabo, de improviso, de cor, de forma alguma, de propósito, de primeiro, de relance, de soslaio, de vez em quando, de sobreaviso, em verdade, de caso pensado, de passagem, de graça, de nenhum modo, de oitiva, entre a cruz e a espada, lado a lado, muitas vezes, nesse meio tempo, em breve, em vão, por atacado, por fora, em cima, por cima, para sempre, por um triz, pouco a pouco, senão quando, sem dúvida, dentro em pouco, ao contrário, passo a passo, pelo contrário, em breve, vez por outra etc.

Observe alguns exemplos:

- **Pela manhã**, costumo beber um pouco de água natural para melhorar o funcionamento intestinal.
- "E só agora notava que todos esses afagos eram sempre ocultos e assustados, feitos como que ilegalmente, **às escondidas**, e quase sempre acompanhados de choro." (Aluísio Azevedo)
- "E na Sé, ao sair da missa, regalar-se de a ver passar encolhida no seu mantelete preto, escorraçada de todos, enquanto ele, **à porta, de propósito**, conversaria com a mulher do governador civil." (Eça de Queiroz)
- "... já que a perfídia pode abrir as portas das nossas cidades aos africanos, sem que estes tenham de passar **por cima** dos cadáveres de seus irmãos, para se assenhorarem delas." (A. Herculano)
- "As seções avançadas ascendiam, porém, mais rápidas, pelas barrancas, conquistando o terreno, até que outra irrupção repentina do adversário lhes tomasse a frente, ou as aferrasse **de soslaio**." (Euclides da Cunha)
- "O aventureiro apertou convulsivamente o cabo de sua faca, e fechando os olhos e dando um passo **às cegas**, ergueu a mão para desfechar o golpe." (José de Alencar)

➩ **Observações:**

a) Em muitas locuções adverbiais, ocorre a elipse do núcleo-substantivo. Observe:

- à direita ➔ elipse do substantivo "mão"
- à esquerda ➔ elipse do substantivo "mão"
- à francesa ➔ elipse do substantivo "moda"
- ao natural ➔ elipse do substantivo "modo"
- às cegas ➔ elipse do substantivo "maneiras"
- à brasileira ➔ elipse do substantivo "maneira"

b) É bastante comum a omissão da preposição nas locuções adverbiais de tempo.

- "Neste tempo, que as âncoras levaram
  Na sombra escura os Mouros escondidos
  Mansamente as amarras lhe cortavam,
  Por serem, dando à costa, destruídos."
  (Camões *apud* Mário Barreto)

→ (Omissão da preposição "em" antes do relativo "que")

- "Natividade não dormiu aquela noite sem obter do marido que a deixasse ir com a irmã à cabocla." (Machado de Assis) *omissão da preposição "em"*
- "Tem dias que a gente se sente → (Omissão da preposição "em")
  como quem partiu ou morreu." (Chico Buarque)
- "Pouquíssimas palavras lhe ouvi na meia hora que se deteve conosco." (Camilo Castelo Branco) *omissão da preposição "em"*
- "Venho achar realizado aquele projeto em que eu te falei a última vez que estivemos juntos." (A. F. de Castilho)
  omissão da preposição "em"
- "**Uma noite que** ela se levantou a recebê-lo sem mais compostura que a que tinha na cama,..." (Manuel Bernardes)
- "**Uma noite**, estando à porta da loja de Manuel Procópio de Freitas, viu entrar um indivíduo, que procurava comprar aguardente." (Aluísio Azevedo)

8.4 ADJETIVOS ADVERBIALIZADOS

Em muitas situações, empregam-se adjetivos em função adverbial. Neste caso, o adjetivo, à semelhança do advérbio, permanecerá invariável.

- Acudiram algumas pessoas que **próximo** se encontravam.
- "A fisionomia de Bento Simões reanimou-se. – Falai **claro** uma vez ao menos, retrucou Rui Soeiro." (José de Alencar)
- "Para não cair foi-lhe preciso agarrar-se **forte** com ambas as mãos ao braço de Álvaro, arrimando-se em seu peito." (Bernardo Guimarães)
- "O tamanho do título como que lhe dobrava a magnificência, posto que, para ligá-lo ao nome, era **demasiado** comprido – esta segunda reflexão foi tio Cosme que a fez." (Machado de Assis)
- "Ao despedir-se, apertou-lhe com força a mão mole, bateu-lhe no ombro com intimidade, e disse **alto** e com ênfase: – Energia, marechal!" (Lima Barreto)

8.5 GRAUS DO ADVÉRBIO

É no mínimo curioso falar-se em "flexão de grau" de uma classe essencialmente invariável como é o advérbio. De fato os advérbios não variam. Excepcionalmente, alguns (especialmente os de "tempo, modo, lugar, intensidade") admitem a flexão de grau, cuja formação é bastante semelhante à do grau dos adjetivos.

COMPARATIVO
- → **de igualdade** = forma-se com o advérbio "tão"
- → **de superioridade** = forma-se com o advérbio "mais"
- → **de inferioridade** = forma-se com o advérbio "menos"

SUPERLATIVO
- **RELATIVO**
  - → **de superioridade** = forma-se com "o mais"
  - → **de inferioridade** = forma-se com "o menos"
- **ABSOLUTO**
  - → **sintético**
  - → **analítico**

Observe os exemplos de flexão de grau do advérbio:

- Fala **tão bem** quanto um professor. (grau comparativo de igualdade)
- Andava **mais depressa** do que a maioria do grupo. (grau comparativo de superioridade)
- Falou **menos prudentemente** do que o orientador dele. (grau comparativo de inferioridade)
- Abordou o assunto **o mais superficialmente** que pôde. (grau superlativo relativo de superioridade)
- Abordou o assunto **o menos superficialmente** que pôde. (grau superlativo relativo de inferioridade)

8.6 ADVÉRBIOS LATINOS

Nos estilos literário e jurídico, é bastante comum a presença de advérbios latinos, isto é, escritos em latim. Busca-se, com a citação de outra língua, conferir maior credibilidade ou dar maior ênfase àquilo que se escreve. Observe alguns desses advérbios:

- ***a posteriori*** = pelo que segue
- ***ab initio*** = desde o início
- ***a priori*** = segundo um princípio anterior
- ***ad hoc*** = eventualmente

- *ad nutum* = ao arbítrio
- *ad cautelam* = por cautela
- *ad judicia* = para o juízo
- *data venia* = com sua licença
- *ex expositis* = do que ficou exposto
- *ex positis* = do que ficou assentado
- *ipsu facto* = em virtude desse fato
- *lato sensu* = em sentido amplo
- *maxime* = principalmente
- *retro* = atrás
- *sine die* = indeterminadamente
- *statu quo* = no estado em que
- *sui generis* = de gênero próprio
- *ab intestato* = sem testamento
- *ad domum* = em casa
- *ad litem* = para a lide
- *ex abrupto* = repentinamente
- *ex officio* = oficialmente
- *exempli gratia* = por exemplo
- *ipsis litteris* = literalmente
- *pari passu* = em igual passo
- *mutatis mutandis* = com as devidas mudanças
- *pro forma* = por mera formalidade
- *sic* = assim
- *stricto sensu* = em sentido restrito
- *verbi gratia* (abrevia-se "v.g.") = por exemplo

8.7 PARTICULARIDADES SOBRE OS ADVÉRBIOS

1. Quando se coordena mais de um advérbio terminado em "-mente" (série gradativa), se não houver necessidade de ênfase, só se coloca o sufixo adverbial no último elemento.

- "Isaías, que foi de todos os profetas o que mais própria e elegantemente soube falar, não só intensiva mas extensivamente..." (Pe. Antônio Vieira)
- "As mãos do sacerdote deixam muitas vezes umedecida a tela que veste os altares com vestígios do sangue derramado covarde e vilmente." (A. Herculano)
- "Conquistai pacífica e legalmente, pois, o uso das instituições liberais, reassumi a vossa soberania constitucional, ascendei ao governo de vós mesmos, e sereis felizes moralizados, invencíveis." (Rui Barbosa)
- "Quando se oferece esse ensejo, o chefe, hábil em capitanear, deixar-se-á de reticências e reservas, anunciando valorosa e lucidamente uma política, que consubstancie e interprete os sentimentos mal conscientes do povo." (Rui Barbosa)

2. Há vários vocábulos na língua portuguesa que ora aparecem como advérbios, ora como pronomes, adjetivos e numerais. Para se determinar

a classe morfológica a que pertencem tais palavras, devem-se levar em conta os seguintes critérios:

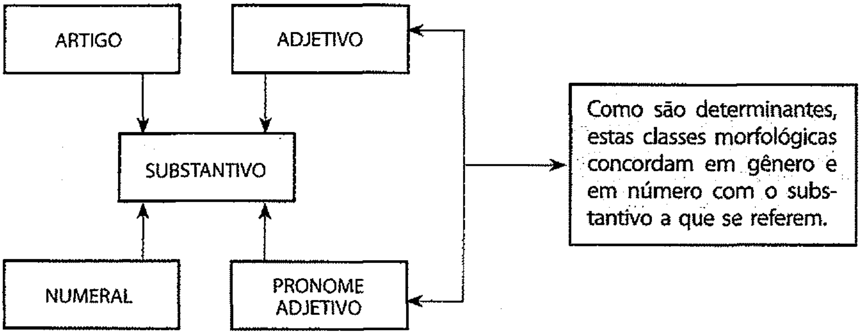
ARTIGO
ADJETIVO
SUBSTANTIVO
NUMERAL
PRONOME ADJETIVO

Como são determinantes, estas classes morfológicas concordam em gênero e em número com o substantivo a que se referem.

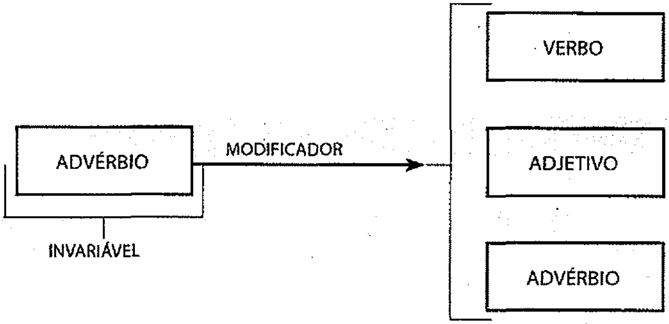
ADVÉRBIO
MODIFICADOR
INVARIÁVEL
VERBO
ADJETIVO
ADVÉRBIO

▹ Ela usa meias verdades. *numeral*	▹ Ele encontra-se meio adoentado. *advérbio*
▹ Tomamos muito sorvete. *pronome indefinido*	▹ O sorvete estava muito gelado. *advérbio*
▹ Já andei por longes terras. *pronome indefinido*	▹ Ele mora longe. *advérbio*
▹ Li os livros todos da biblioteca dele. *pronome indefinido*	▹ No acidente, ele ficou todo ensanguentado. *advérbio*
▹ O próximo capítulo fala sobre o amor. *adjetivo*	▹ Fiquei próximo do local do acidente. *advérbio*
▹ Este mamão é caro. *adjetivo*	▹ Estas frutas custam caro. *advérbio*
▹ Havia bastantes alunas no evento. *pronome indefinido*	▹ Elas falavam bastante. *advérbio*
▹ Falou poucas, mas belas palavras. *pronome indefinido*	▹ Ele falou pouco. *advérbio*

3. Alguns advérbios podem construir-se com a conjunção "que": "talvez que, certamente que, sem dúvida que, decerto que, felizmente que".

▹ "A ameaça só ela a ouviu; e, se eu tivesse sido aviltado no conceito de Teresa pelos insultos do miserável, **talvez que** ela os não repetisse." (Camilo Castelo Branco)

▹ "Eu não lhe quero mal, minha senhora, **certamente que** não!" (Eça de Queiroz)

▹ "Ela riu-se. – **Decerto que** não...
Basílio disse então, lentamente, fitando o chão: – Ah! Outros tempos!" (Eça de Queiroz)

4. Em linguagem formal, é preferível usar-se "mais bem" e "mais mal" quando são seguidos de um particípio. Quando não, usam-se as formas sintéticas "melhor" e "pior".

▹ "Se alguns desses alvitres, ou qualquer outro que se possa imaginar, será **mais bem** aceito aos conservadores do que o plano de cauteloso ensaio esboçado por Mr. Gladstone, (...)." (Rui Barbosa)

▹ "O nosso opugnador certamente conhece **melhor** do que nós a obra *ex-professo* de Stuart Mill *On representative government.*" (Rui Barbosa)

5. No trato familiar e no trato mais afetivo, é bastante comum a formação do grau diminutivo de alguns advérbios.

▹ Ele vai aqui **pertinho**.

▹ Hoje ele acordou **melhorzinho**.

▹ **Cedinho, cedinho** eu quero partir.

▹ Dê-me um **pouquinho** de tempo, por favor.

6. A palavra "todo", quando empregada em função circunstancial (adverbial), concorda frequentemente com o termo a que ela modifica. A despeito de esta flexão ser condenada por alguns puristas da língua, encontramo-la nos maiores conhecedores do idioma português.

▹ "E ela era bela, de uma beleza **toda** judaica." (A. Garrett)

▹ "A santa mulher chega ao marido **toda** envergonhada, e lhe confessa que...". (F. Castilho *apud* Mário Barreto)

- "O senhor Ricardo levou-me a uma sala espaçosa, e **toda** adornada de cadeiras de almofada." (Camilo Castelo Branco)
- "...interrompeu ela sorrindo-se, e lançando-se-lhe nos seus braços **toda** vermelha e com os olhos nadando em lágrimas." (Rebêlo da Silva *apud* Mário Barreto)

7. O advérbio de dúvida "talvez", anteposto ao verbo, exige que este seja flexionado no modo subjuntivo.

- "Talvez, porém, os instintos generosos da nação lhe revelassem essas qualidades subalternas..." (Rui Barbosa)
- "Talvez esteja começando o meu delírio. Deixa ver o espelho." (Machado de Assis)

8. Alguns advérbios de lugar são empregados, muitas vezes, em correspondência com alguns pronomes demonstrativos. E equivalem, respectivamente, a:

a) aqui, cá → correspondem ao demonstrativo "este" = neste lugar
b) aí → corresponde ao demonstrativo esse = nesse lugar
c) ali, acolá, lá → correspondem ao demonstrativo "aquele" = naquele lugar

- "Bateu-o, felizmente, a onda impetuosa do Sul. **Aqui**, a aclimação mais pronta, em meio menos adverso, emprestou, cedo, mais vigor aos forasteiros." (Euclides da Cunha)
- "Era ela; aqui estava a igreja, ali a cadeia, acolá a farmácia, donde vinham os medicamentos para o outro Quincas Borba." (Machado de Assis)

9. O "onde" é um pronome relativo que apresenta função sintática de adjunto adverbial de lugar. Daí ser chamado também de "advérbio relativo". Quando o "onde" apresenta antecedente explícito, equivale a "em que". Quando não apresenta antecedente explícito, equivale a "o lugar em que".

- "Verdes mares bravios de minha terra natal, **onde** canta a jandaia nas frondes da carnaúba." (José de Alencar)
- "O esposo da herdeira presuntiva ainda não se deu a conhecer às classes populares, na capital **onde** reside." (Rui Barbosa)

10. Em estruturas que apresentam mais de uma negação, é bastante comum a substituição do advérbio "não" por "nem".

- ▹ "Não cinco, nem dez, nem vinte contos, mas tudo, o capital inteiro, especificados os bens, casas na Corte..." (Machado de Assis)
- ▹ "No mesmo sepulcro não há porvir de esperança, nem porventura, luz de consolação." (A. Herculano)

11. O advérbio "aqui" em algumas ocasiões expressa "tempo".

- ▹ "Calaram-se todos, inclinaram-se os bustos, atentos, esperando. Aqui fiquei com medo." (Machado de Assis *apud* Sousa da Silveira)

12. "Além" e "aquém" são advérbios de lugar e significam "da parte de lá" e "da parte de cá", respectivamente.

- ▹ "E hoje quem segue pelo caminho de Queimadas, trilhando um solo abrolhando cactos e pedras, ao divisá-la, das cercanias de Quirinquinquá, duas léguas **aquém**." (Euclides da Cunha)
- ▹ "Subitamente, no meio deste silêncio, alguns esculcas e vigias lançados **além** do rio na margem direita, creram perceber um ruído longínquo." (A. Herculano)

13. É importante distinguir o advérbio "só" – que significa "apenas, somente" – do adjetivo "só" – que significa "sozinho(a)".

advérbio = somente, apenas

- ▹ "Só ao primeiro magistrado na dinastia incumbe o direito de praticá-los." (Rui Barbosa)

adjetivo = sozinho

- ▹ "Ficando só, a nossa amiga foi sentar-se à porta de casa, no jardim." (Machado de Assis)

14. "Assim" é um advérbio de modo. É empregado em muitas construções em função conclusiva, equivalendo a "dessa forma, sendo assim, desse modo, por isso".

- ▹ "Bem haja ela, porque **assim** amou a justiça e serviu a causa da verdade!" (Rui Barbosa)
- ▹ "As estrelas são muito distintas e muito claras. **Assim** há de ser o estilo da pregação; muito distinto e muito claro." (Pe. Antônio Vieira)

➯ **Observação:**

Em algumas situações, o advérbio "assim" pode se referir a um substantivo. É uma rara exceção à regra de que os advérbios modificam "verbos, adjetivos e outros advérbios".

- "Nunca morrer assim! Nunca morrer num dia
  Assim! de um sol **assim**!" (Olavo Bilac)
- "Mas aquela pergunta **assim**, vaga e solta, não pude atinar o que era." (Machado de Assis)

15. É importante também não confundir o advérbio de modo "alerta" com o substantivo "alerta" – este com o sentido de "aviso, sirene".

- "Não fechara a porta, de propósito; estava alerta, ao primeiro rumor saltaria." (Aluísio Azevedo)
  advérbio
- Soaram dois alertas no Corpo de Bombeiros.
  substantivo

16. Nos advérbios em "-mente", derivados de adjetivos com acento agudo ou circunflexo, estes acentos são suprimidos na formação do advérbio. Observe:

- ávido → avidamente ▹ débil → debilmente ▹ fácil → facilmente
- ingênuo → ingenuamente ▹ lúcido → lucidamente ▹ único → unicamente
- cortês → cortesmente ▹ só → somente ▹ espontâneo → espontaneamente

8.8 PALAVRAS E LOCUÇÕES DENOTATIVAS

A Nomenclatura Gramatical Brasileira, provavelmente esteada nas preciosíssimas lições do professor José Oiticica[1], classifica à parte certas palavras e expressões, antes consideradas advérbios. De acordo com as suas significações, tais palavras, chamadas de "denotativas", podem exprimir:

a) Exclusão → apenas, só, somente, exceto, senão, salvo, sequer

- **Só** ela me entende.

---

[1] Oiticica, José. *Manual de análise léxica e sintática.* 10. ed. Rio de Janeiro: Paulo de Azevedo Ltda., 1953. p. 50-55.

- Todos, **senão** Pedro, poderiam ajudá-lo naquele momento.
- **Apenas** nós ficamos lá.

b) Inclusão → também, até, inclusive, ademais, além disso

- **Até** João dançou naquela noite.
- Eu **também** irei.

c) Explicação → isto é, a saber, por exemplo, *verbi gratia*

- "Os coleópteros, **por exemplo**, têm metamorfoses completas." (José Oiticica)
- Entregou-me todos os bens, **isto é**, um caro, uma lancha, e um helicóptero.

d) Designação → eis

- **Eis** o meu maior amor: Jesus Cristo.

e) Correção ou retificação → aliás, digo, ou melhor, isto é

- Na turma éramos quatro bons amigos, **aliás**, cinco.

8.9 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (UFCE) Marque a alternativa que preenche corretamente todas as lacunas numeradas.

Palavra	Classificação morfológica	Processo de formação
gradil	1	derivação sufixal
enferrujar	verbo	2
outrora	3	4

a) (1) substantivo
   (2) derivação sufixal
   (3) adjetivo
   (4) derivação sufixal

b) (1) adjetivo
   (2) derivação parassintética
   (3) adjetivo
   (4) composição

c) (1) adjetivo
   (2) derivação sufixal
   (3) advérbio
   (4) composição

d) (1) substantivo
   (2) derivação parassintética
   (3) adjetivo
   (4) derivação sufixal

e) (1) substantivo
   (2) derivação parassintética
   (3) advérbio
   (4) composição

2. (Ufam) Assinale o item em que a palavra *que* desempenhas a função de advérbio:

   a) Que fizeste dos meus livros?
   b) Que bonitos olhos tens!
   c) Que troféu ainda te falta?
   d) Que és muito feliz, eu bem o sei.
   e) Quase que você acerta tudo.

3. UFMG) As expressões destacadas correspondem a um adjetivo, exceto em:

   a) João Fanhoso anda amanhecendo **sem entusiasmo.**
   b) Demorava-se **de propósito** naquele complicado banho.
   c) Os bichos **da terra** fugiam em desabalada carreira.
   d) Noite fechada sobre aqueles ermos perdidos da caatinga **sem fim.**
   e) E ainda me vem com essa conversa de homem **da roça.**

4. (UFV-MG) Em todas as alternativas há dois advérbios, exceto em:

   a) Ele permaneceu muito calado.
   b) Amanhã, não iremos ao cinema.
   c) O menino, ontem, cantou desafinadamente.
   d) Tranquilamente, realizou-se, hoje, o jogo.
   e) Ela falou calma e sablamente.

5. (UFC-CE) A opção em que há um advérbio exprimindo circunstância de tempo é:

   a) Possivelmente viajarei para São Paulo.

b) Maria teria aproximadamente 15 anos.
c) As tarefas foram executadas concomitantemente.
d) Os resultados chegaram demasiadamente atrasados.

6. (Unimep-SP) Em "... um **aborrecimento** quando **os** vejo e gostaria de **não** vê-los mais" as palavras destacadas são, respectivamente:

a) adjetivo, artigo, advérbio.
b) adjetivo, pronome, pronome.
c) substantivo, pronome, advérbio.
d) substantivo, artigo, pronome.
e) verbo, pronome, preposição.

7. (Cesgranrio-RJ) Assinale a alternativa em que a preposição **com** traduz uma relação de instrumento.

a) "Teria sorte nos outros lugares, com gente estranha."
b) "Com o meu avô cada vez mais perto do fim, o Santa Rosa seria um inferno."
c) "Não fumava, e nenhum livro com força de me prender."
d) "Trancava-me no quarto fugindo do aperreio, matando-as com jornais."
e) "Andavam por cima do papel estendido com outras já pregadas no breu."

8. (PUC-SP) No trecho:

"Os trens ***de*** *cana apitavam de quando em vez, mas* ***não*** *davam* ***vencimento*** *à* ***fome*** *das moendas", as palavras destacadas correspondem, morfologicamente, pela ordem, a:*

a) preposição, advérbio, verbo, substantivo.
b) conjunção, advérbio, substantivo, adjetivo.
c) preposição, advérbio, adjetivo, adjetivo.
d) preposição, advérbio, verbo, advérbio.
e) preposição, advérbio, substantivo, substantivo.

9. (PUCC-SP) Os seus projetos são os ... elaborados, por isso garantem verbas ... para sua execução e evitam ... -entendidos.

a) melhor – suficientes – mal
b) mais bem – suficientes – mal
c) mais bem – suficiente – mal
d) melhor – suficientes – mau
e) melhor – suficiente – mau

10. (UMC-SP) Em: "uma cerca **de pedra-seca**, do tempo dos escravos" e "Tudo é mato, crescendo **sem regra**.", as locuções destacadas são, respectivamente:

a) adjetiva e adjunto adnominal; adverbial e adjunto adverbial.

b) adverbial e objeto indireto; adjetiva e predicativo.
c) adjetiva e adjunto adverbial; adverbial e adjunto adnominal.
d) adjetiva e complemento nominal; adverbial e adjunto adnominal.
e) adverbial e adjunto adnominal; adjetiva e complemento nominal.

11. (Cesgranrio-RJ) Assinale a alternativa em que a locução destacada tem valor adjetivo.

a) "Comprei móveis e objetos diversos que entrei a utilizar **com receio.**"
b) "Azevedo Gondim compôs **sobre ela** dois artigos."
c) "Pediu-me **com voz baixa** cinquenta mil-réis."
d) "Expliquei **em resumo** a prensa, o dínamo, as serras..."
e) "Resolvi abrir o olho para que vizinhos **sem escrúpulos** não se apoderassem do que era delas."

GABARITO

1 – E	2 – B	3 – B
4 – A	5 – C	6 – C
7 – D	8 – E	9 – B
10 – A	11 – E	

CAPÍTULO 9

CONJUNÇÃO

9.1 DEFINIÇÃO

É a classe de palavra invariável que liga duas orações entre si, estabelecendo um vínculo de coordenação ou de subordinação.

Observe:

- Os funcionários informaram ao chefe **que** a máquina não estava funcionando bem.
  1.ª oração *2.ª oração*
- **Quando** a moça chegou, todos se levantaram imediatamente.
  1.ª oração *2.ª oração*
- O governo aumentou a taxa de juros e diminuiu o acesso ao crédito consignado.
  1.ª oração *2.ª oração*

➭ **Observação:**

Em alguns casos, a conjunção pode funcionar como um nexo entre duas palavras de mesma função sintática. É, por exemplo, o que frequentemente ocorre com a conjunção aditiva "E". Observe abaixo:

a) Chegou cedo **e** foi para a cidade a fim de comprar pão. (A conjunção aditiva "e" liga duas orações)

b) João **e** Maria foram ao centro da cidade. (A conjunção aditiva "e" liga duas palavras)

9.2 CLASSIFICAÇÃO

Pode-se inicialmente classificar as conjunções quanto à forma. Serão "simples" quando formadas por um único vocábulo (se, e, mas, quando, enquanto etc.). Serão "locucionais" (locuções conjuntivas) quando formadas por mais de um vocábulo (uma vez que, à medida que, para que etc.).

A principal classificação das conjunções, entretanto, leva em conta o significado da conjunção e a possibilidade de ela estabelecer "coordenação" ou "subordinação". Por este critério, as conjunções são classificadas em:

9.2.1 COORDENATIVAS

As conjunções coordenativas são aquelas que ligam orações que apresentam a mesma função na frase. De acordo com a relação que expressam, as conjunções coordenativas são classificadas em:

1. **ADITIVAS** → Chamadas também de "copulativas" ou "aproximativas", as conjunções aditivas ligam duas orações, aproximando-as numa relação de soma, de adição.

E, NEM, TAMBÉM, BEM ASSIM, BEM COMO, NÃO SÓ... MAS (TAMBÉM), NÃO SÓ... BEM COMO, QUE (= E).

- "– Pois sim, será; que disso nada sei, **nem** sou lida e sabida como tu..." (A. Garrett)
- "... porque ela se acha mencionada em muitos documentos, **não só** de outras províncias de Espanha, **mas também** de diversos países, como se pode ver em Ducange, à palavra Arapennis." (A. Herculano)
- "Agora que o trem de ferro
  Acorda o tigre no cerro
  E espanta os caboclos nus,
  Fazei desse 'rei dos ventos'
  – Ginete dos pensamentos,
  – Arauto da grande luz!..." (Castro Alves)

➯ **Observações sobre as conjunções aditivas:**

a) A conjunção "e", quando une palavras, funciona no mais das vezes como "aproximativa", isto é, indica mera relação de nexo. Por isso, é comumente

suprimida, sem ofensa do sentido, em uma série coordenada e só se expressa entre o penúltimo e o último termo.

- Pedro, João e Paulo partiram para o interior de São Paulo em busca de emprego.

b) A conjunção "e" pode ligar duas orações de valores opostos. Neste caso, a conjunção "e" equivalerá a "mas", uma vez que a 2.ª oração estabelece uma oposição em relação à 1.ª oração.

- "Miguel, Miguel, não tens abelhas, e (= mas) vendes mel". (provérbio)
- "Não era cristão Platão, e (= mas) mandava na sua República que nenhum oficial pudesse aprender duas artes." (Pe. A. Vieira *apud* A. Epiphanio da Silva Dias)

c) A conjunção "e" pode assumir diversos valores em uma estrutura oracional. Observe:

- "Qualquer movimento, e será um homem morto." (A. Filho *apud* Celso Cunha)
  expressa uma conclusão
- "Ia decorá-la e transmiti-la ao irmão e à cachorra." (G. Ramos *apud* Celso Cunha)
  expressa uma finalidade
- Esperei mais algumas palavras. Não vieram – e saí desapontado." (G. Ramos *apud* Celso Cunha)
  expressa uma consequência

d) A conjunção "nem" pode ser tanto aditiva (aproximativa) quanto alternativa (disjuntiva). Quando aditiva, equivale a "e nem" e liga frases negativas. Quando alternativa, ela se repete em cada uma das orações.

- Não fez a tarefa, **nem** preparou o trabalho que a professora pedira.
  conjunção aditiva = e nem
- Hoje, em virtude da doença, nem vai ao trabalho, nem vai à escola.
  conjunção alternativa

➾ Observação:

Nem toda repetição da conjunção "nem" irá caracterizar uma alternância, conforme se observa no exemplo abaixo:

- "Sem ele, talvez o Brasil não tivesse derrotado nem o complexo de inferioridade de sua sociedade em geral nem o racismo velado que se manifestava até no futebol." (Clóvis Rossi, Folha S. Paulo, 07.04.2002)

→ No exemplo acima, o par "nem... nem..." expressa adição negativa. O segundo "nem" equivale a "e nem".

e) Na linguagem coloquial, é comum o emprego de "mais" em lugar da conjunção aditiva "e". Saliente-se que este emprego é desabonado pelo padrão mais formal da linguagem.

▹ Fernando mais Felipe foram comprar algumas cervejas.
uso coloquial → mais = "e"

f) Algumas conjunções aditivas são frequentemente empregadas em construções paralelas, introduzidas geralmente por "não só...". Tais conjunções encerram verdadeiras construções correlatas.

CONJUNÇÕES CORRELATAS ADITIVAS

- **não só... mas também...**
- **não só... mas ainda...**
- **não só... senão também...**
- **não só... senão que...**
- **não só... bem como...**

▹ "**Não só** a cobiça e o desenfreamento da soldadesca multiplicavam aí as cenas de rapina, de violência e de sangue, **mas também** a política dos capitães árabes procurava aumentar a terribilidade desses dramas repetidos para quebrar os ânimos dos godos e persuadi-los à submissão." (A. Herculano)

▹ "... sabem que Isaura **não só** era dotada de espírito superior, **como também** recebera a mais fina e esmerada educação, não lhe estranharam a distinção das maneiras, a elegância e elevação da linguagem..." (Bernardo Guimarães)

2. **ADVERSATIVAS** → São as conjunções que unem pensamentos ou ideias contrárias, opostas. A principal conjunção adversativa na língua portuguesa é o "MAS". Apresentam também força adversativa os seguintes conectores:

PORÉM, CONTUDO, TODAVIA, ENTRETANTO, NO ENTANTO, SENÃO, QUE (= MAS), AINDA ASSIM

▹ "É uma lira, **mas** sem cordas; uma primavera, **mas** sem flores; uma coroa de folhas, **mas** sem viço." (Álvares de Azevedo)

- "– Pois o que vais tu ser, homem, **senão** um sujeito às ordens do S. Fulgêncio, do horrendo careca?" (Eça de Queiroz)
- "Bem sei que te rasguei o coração, porque tu me amavas deveras, **mas** já tenho expiado de sobra o mal que te fiz." (Casimiro de Abreu)
- "O firmamento límpido arqueia-se alumiado ainda por um Sol obscurecido, de eclipse. A pressão, **entretanto**, decai vagarosamente, numa descensão contínua, afogando a vida." (Euclides da Cunha)

⇨ **Observações sobre as conjunções adversativas:**

a) A despeito de serem adversativas, a conjunção "porém" distingue-se de "mas" por indicar oposição mais forte que esta. Ademais, a conjunção "porém" poder ser *pospositiva*, isto é, pode ser posta depois do termo coordenado, ao passo que "mas" é sempre prepositiva, pois sempre vem antes do termo coordenado.

- "A Bruzundanga era um sarcófago de mármore, ouro e pedrarias, em cujo seio, **porém**, o cadáver mal embalsamado do povo apodrecia e fermentava." (Lima Barreto)
- "Itaquê curvara a cabeça. Ele ouviu brandir a arma; não era, **porém**, aquele o zunido da corda do arco, quando o vergava sua mão possante." (José de Alencar)

b) A conjunção adversativa "senão" pode apresentar os seguintes sentidos (valores): a não ser, do contrário, caso contrário, mas sim.

- "O braço de Itaquê defendeu sempre a nação tocantim; quer ela ser defendida agora pela palavra daquele, que não tem mais para dar-lhe **senão** (= a não ser) a experiência de sua velhice?" (José de Alencar)
- "Não obteve aplausos nem respeito, **senão** (= mas sim) escárnio e menoscabo." (A. Houaiss)
- Transmita imediatamente esta mensagem, **senão** (= do contrário, caso contrário) será despedido.
- "A definição do pregador é a vida e o exemplo. Por isso Cristo no Evangelho não o comparou ao semeador, **senão** (= mas sim) ao que semeia." (Pe. Antônio Vieira)

c) A conjunção "senão" pode juntar-se ao advérbio "quando", formando a locução adverbial "senão quando", com o sentido de "de repente, inesperadamente, quando menos se esperava".

- "**Senão quando**, morre-lhe o padrinho ao Gouveia, e em testamento deixou ao afilhado três contos de réis." (Machado de Assis)

d) **As conjunções "entretanto, no entanto" podem ser empregadas como advérbios de tempo, com o sentido de "nesse tempo, nesse meio termo, nesse ínterim, entrementes".**

- "E sentia-se esvaecer e, pouco a pouco, adormecia e, dali a pouco, roncava. **Entretanto**, no castelo tinham dado pela sua falta. Esperaram-no até à noite; esperaram-no uma semana, um mês, um ano, e não o viam voltar." (A. Herculano)

3. **ALTERNATIVAS OU DISJUNTIVAS** → São conjunções que ligam ideias e pensamentos que se alternam ou que se excluem.

OU, OU... OU, SEJA... SEJA, QUER... QUER, NEM... NEM, ORA... ORA, SEJA... SEJA.

- **Ou** ele vai para a reunião, **ou** eu vou representá-lo.
- **Ora** diz que não foi ele, **ora** diz que participou do crime.
- **Quer** o governo queira, **quer** o governo não queira, todos farão greve.
- **Nem** um **nem** outro participarão do evento.
- "Pois olhe, **quer** me creia, **quer** não, tenho-lhe conhecido mais de uma dúzia de chichisbéus, não falando do padre capelão, que esse ainda agora lhe fornece a garrafeira, à nossa custa, entende-se." (Camilo C. Branco)

➾ **Observações sobre as conjunções alternativas:**

a) **A alternância (disjunção) efetuada com a conjunção "ou" pode ser "inclusiva", quando os elementos se somam, ou "exclusiva", quando os elementos se excluem. Veja:**

- Maçã **ou** mamão fazem bem ao intestino. (alternativa includente)
- João **ou** Pedro ganhará o prêmio de literatura este ano. (alternativa excludente)

b) **A alternância efetuada pelo par "ou... ou..." sempre será "excludente".**

- **Ou** você fica conosco, **ou** partirá para a casa de sua avó.

- **Ou** o governo aumenta o quantitativo de policiais, **ou** a violência dominará as ruas das grandes cidades.

4. **CONCLUSIVAS OU ILATIVAS** → São as conjunções que introduzem orações, em um período coordenado, as quais expressam uma conclusão, uma ilação em relação à primeira oração.

LOGO, PORTANTO, POR ISSO, POIS (posposto ao verbo), ENTÃO, ASSIM, POR CONSEQUÊNCIA, CONSEQUENTEMENTE, CONSEGUINTEMENTE.

- Ele estudou todo o assunto, deve **então** saber o sentido da expressão.
- A vida é breve; **por isso** devemos aproveitá-la bastante.
- "Dela depende inteiramente a higiene dos povos e o saneamento dos governos. É, **pois**, a garantia conservadora por excelência, contanto que seja plena e ampla." (Rui Barbosa)

5. **EXPLICATIVAS** → São conjunções que explanam na segunda oração o sentido da primeira oração ou uma explicação para a primeira.

QUE, PORQUE, POIS (anteposto ao verbo), PORQUANTO.

- Não faça caso, **que** aqui estamos para ouvi-lo.
- Isso não é razão para a sua angústia, **porque**, afinal de contas, os negócios têm corrido bem.
- As estrelas giram em torno da Terra, **pois** a Terra **tem** um movimento de rotação em torno de seu eixo.

9.2.2 SUBORDINATIVAS

As conjunções subordinativas (também chamadas de "circunstanciais") ligam orações que exercem uma função sintática em relação a outra oração denominada de "principal ou subordinante". São dez as conjunções subordinativas:

1. **CAUSAIS** → São conjunções que subordinam ideias em que se exprime a causa, o motivo, a razão de ser da ideia principal.

QUE, PORQUE, PORQUANTO, COMO (no início da oração = JÁ QUE), SE (= JÁ QUE), DESDE QUE, POIS QUE, VISTO QUE, VISTO COMO, UMA VEZ QUE, COMO QUER QUE, DE MODO QUE

- O cavaleiro não se deteve, **que** lhe pareceu haver gente emboscada.
- Velho **que** era, evitava lugares altos e grandes emoções.
- Não ficaremos neste local, **porquanto** nos pretendem roubar.
- **Já que** assim o quis, mandei-o embora.
- **Como** não liberaram o dinheiro, teve de tirar um empréstimo.
- **Se** ela gosta de você, por que não vai procurá-la?

⇛ **Observações sobre as conjunções causais:**

a) Para que a conjunção "como" seja classificada como "causal", ela precisa vir no início do período e equivaler a "porque, já que".

- **Como** não chegou no tempo estipulado, foi demitido.
  (= já que)

b) Nem sempre é fácil a distinção entre uma conjunção causal e uma conjunção explicativa. Para observar tal distinção, sugerimos estudar as orações subordinadas adverbiais causais, em sintaxe do período composto.

2. **CONCESSIVAS** → São conjunções que subordinam ideias em que se exprime uma ação contrária, oposta à ideia principal.

QUE, EMBORA, CONQUANTO, AINDA QUE, POSTO QUE, BEM QUE, SE BEM QUE, QUANDO MESMO, POR MAIS QUE, POR MENOS QUE, POR POUCO QUE, MESMO QUE, EM QUE PESE, APESAR DE QUE.

- **Embora** ele estivesse conosco, não poderia ter feito nada para salvar a vida do amigo.
- Não conseguirás tirar toda a sujeira, **quando mesmo** uses água sanitária.
- Tuas palavras, **que** fossem muitas, não atenuariam a dor daquele momento.
- **Por mais que** ele se explicasse, não convenceria o delegado da inocência dele.

- Ficarei na casa, **ainda que** haja opiniões contrárias.

➾ **Observações sobre as conjunções concessivas:**

a) Perceba que as conjunções concessivas, ao lado das coordenativas adversativas, promovem as relações de oposição ou de contraste. Por isso, geralmente é possível se trocarem umas pelas outras. É preciso, porém, ficar atento à flexão verbal, já que as orações concessivas desenvolvidas exigem o verbo no modo subjuntivo.

- Resolveu continuar estudando, **mas** sabia que já não mais realizaria o seu sonho.

→ Resolveu continuar estudando, **embora** soubesse que já não mais realizaria o seu sonho.

- **Conquanto** ela deixasse a desejar em suas atitudes morais, Marta jamais abandonou o filho e os seus familiares.

→ Marta jamais abandonou o filho e os seus familiares, **entretanto** ela deixava a desejar em suas atitudes morais.

b) Não confunda a conjunção "conquanto" com a conjunção "porquanto". Esta pode ser causal ou explicativa, enquanto aquela é estritamente concessiva.

- Abandonou a empresa, **porquanto** não lhe pagaram as férias devidas.
  conjunção causal

conjunção concessiva
- **Conquanto** tenha abandonado a empresa, não deixou que os filhos passassem fome.

c) Há outros articuladores na língua portuguesa que também expressam oposição concessiva. São eles "a despeito de, malgrado, não obstante".

- Comprou aquele carro usado, **malgrado** os conselhos em contrário que recebeu.
- **A despeito** da vigilância ativa da polícia militar, houve diversos assaltos no último final de semana.

d) Lembre-se de que, no português do Brasil, a conjunção "posto que" só é usada como concessiva, equivalendo a "embora, apesar de que, mesmo que,

ainda que". Portanto, é erro crasso usar "posto que" no lugar de "já que, visto que, uma vez que" e vice-versa.

- "Pode crer-se que a intenção do Mateus era ser admirado e invejado, **posto que** ele não a confessasse a nenhuma pessoa." (Machado de Assis)
- "A mulher, **posto que** lhe apontassem já os cabelos brancos, rejubilou com isso." (Aluísio Azevedo)

3. **CONFORMATIVAS** → São conjunções que subordinam ideias em que se exprime a conformidade de um pensamento com o da ideia principal.

COMO, CONFORME, CONSOANTE, SEGUNDO.

- Tudo se anunciou **conforme** previra o astrólogo.
- Os advogados procederam **segundo** ordenava a lei.
- Eles fizeram tudo **consoante** lhes haviam determinado.

4. **CONSECUTIVAS** → São conjunções que subordinam ideias em que se exprime o efeito, a consequência, o resultado do pensamento expresso na ideia principal.

QUE (precedido de "TÃO, TAL, TANTO, TAMANHO"), SEM QUE, DE MODO QUE, DE SORTE QUE, DE FORMA QUE, DE MANEIRA QUE.

- Falou tanto **que** ficou rouco.
- Não discute religião **sem que** não se exalte.
- "Deus, oh! Deus, onde estás **que** não respondes?" (Castro Alves)
- Ficou profundamente magoada com a atitude da criança, **de sorte que** não queria mais lecionar naquela turma.
- Viveu a vida sem restrições, **de modo que** o futuro lhe trouxe grandes dissabores.

⇨ **Observações sobre as conjunções consecutivas:**

a) Em muitas estruturas, os termos de reforço "tão, tal, tanto, tamanho" não aparecem – são elipsados da estrutura.

- Chove **que** é um horror! → Aqui temos a estrutura "Chove **TANTO que** é um horror!".
- Ele fala **que** incomoda. → Aqui temos a estrutura "Ele fala **TANTO que** incomoda".

5. **CONDICIONAIS** → São conjunções que subordinam ideias que exprimem a condição, a hipótese, a probabilidade para a ideia principal do período.

SE, CASO, CONTANTO QUE, SEM QUE, A NÃO SER QUE, SALVO SE, EXCETO SE, A MENOS QUE.

- Participaremos do evento, **salvo se** houver algum empecilho de última hora.
- Irei, **a não ser que** seja impedido por alguém.
- Elaborarei o projeto, **contanto que** ninguém dê palpite.
- Não começaremos a reunião **sem que** ele esteja presente.

6. **COMPARATIVAS** → São conjunções que estabelecem uma relação de comparação, de analogia com a ideia principal do período.

COMO, ASSIM COMO, TAL E QUAL, TAL QUAL, MAIS QUE OU DO QUE, MENOS QUE OU DO QUE, TANTO QUANTO, FEITO (= COMO).

- Ele é **tão** sábio **quanto** o irmão.
- O herói foi **tão** valente **quão** magnânimo.
- O Brasil foi colônia portuguesa, **assim como** a Argentina foi colônia espanhola.
- "Se mandasse fazer em postas e salgar o Sr. Quintino Bocaiúva, **tal qual** procedeu para com Ratcliff o fundador do império, não faltariam almas para lançar flores ao sangue dessas crueldades infames." (Rui Barbosa)
- Parecia **mais** calmo **que** de costume.

7. **FINAIS** → São conjunções que estabelecem uma relação de fim (finalidade) com a ideia principal do período.

QUE (= PARA QUE), PORQUE (= PARA QUE), PARA QUE, A FIM DE QUE.

- Fizemos tudo para **que** ele fosse aprovado em um concurso.
- "Tu que as gentes da terra tudo enfreias, **que** não passem o termo limitado." (Camilo C. Branco)
- Estudai **porque** sejais logo aprovado em um concurso.

⇨ **Observações sobre as conjunções finais:**

a) A conjunção "porque" expressando finalidade está em franco desuso na língua portuguesa contemporânea.

b) "A fim de" é uma locução prepositiva. "A fim de que" é uma locução conjuntiva. Ambas indicam finalidade. A primeira emprega-se seguida de um infinitivo, pois se emprega com orações reduzidas. A segunda emprega-se com orações desenvolvidas.

- **A fim de** sair cedo, dormi pouco.
- **A fim de que** saísse cedo, dormiu pouco.

8. **PROPORCIONAIS** → São as conjunções que estabelecem uma relação de proporcionalidade em relação ao fato contido na oração subordinante.

À MEDIDA QUE, À PROPORÇÃO QUE, AO PASSO QUE, QUANTO MAIS... MAIS, QUANTO MAIS... MENOS, QUANTO MENOS... MAIS, QUANTO MENOS... MENOS.

- **À medida que** ele estuda, **mais** aprende.
- **Quanto mais** trabalha, **mais** acumula dinheiro.
- Os alunos se levantavam, **ao passo que** iam sendo chamados.

⇨ **Observações sobre as conjunções proporcionais:**

a) Não se esqueça de que "à medida em que" e "na medida que" são expressões que não existem em nossa língua. Surgiram como corruptela da conjunção proporcional "à medida que".

b) É essencial não confundir "à medida que" com "na medida em que". Esta introduz orações causais e equivale a "visto que, já que", enquanto aquela é essencialmente proporcional e equivale a "à proporção que".

9. **TEMPORAIS** → São conjunções que estabelecem o momento, o tempo da realização do fato contido na oração subordinante (principal).

ENQUANTO, DESDE QUE, LOGO QUE, ASSIM QUE, MAL (= LOGO QUE), ANTES QUE, DEPOIS QUE, ATÉ QUE, AGORA QUE, QUANDO, SEMPRE QUE, TODA VEZ QUE.

- "Não olhes para o vinho **quando** se mostra vermelho, **quando** resplandece no copo e se escoa suavemente." (Provérbios 23:31)
- "Minha família, **depois que** lhe falei a seu respeito, está impaciente para conhecê-lo e desde já fica à sua espera." (Aluísio Azevedo)
- "É a grande resolução que se toma nas grandes dificuldades da vida, **sempre que** é possível espaçá-las." (Almeida Garret)
- "**Logo que** acabem de comer – continuou ele dirigindo-se ao feitor –, levem-as para a colheita do café." (Bernardo Guimarães)

10. **INTEGRANTES → São as conjunções que introduzem as orações substantivas, isto é, as orações que exercem para a oração principal uma das seguintes funções: sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, aposto e predicativo.**

QUE, SE

- "O certo é **que** um complexo de circunstâncias lhes tem dificultado regime contínuo." (Euclides da Cunha)
- "Meneses não sabia **se** tinha ou deixava de ter dinheiro." (Lima Barreto)
- "Pádua obedeceu; confessou **que** acharia forças para cumprir a vontade de minha mãe." (Machado de Assis)

⇨ **Observação sobre as conjunções subordinativas:**

Embora não seja reconhecida pela NGB (Nomenclatura Gramatical Brasileira), existe ainda uma conjunção (SEM QUE), que introduz orações que expressam circunstância de modo. Essa conjunção, por isso, é denominada de modal. Vejamos alguns exemplos:

- "Os meninos entraram **sem que** alguém reparasse neles, e foram colocar-se junto do oratório." (Manuel A. de Almeida)
- "Agora, pensava em como entregar a carta **sem que** ninguém visse, sem escândalo." (Adolfo Caminha)

9.3 UBIQUIDADE DAS CONJUNÇÕES

Como se sabe, em português, temos praticamente uma só (e importante) conjunção – QUE. As demais são, na maioria dos casos, advérbios que exercem a função conjuntiva ou locuções conjuntivas formadas a partir de verbos, substantivos e advérbios, associados à conjunção "QUE".

Por isso, muitas conjunções – notadamente a conjunção QUE – podem estabelecer mais de uma relação (mais de um papel) dentro de um período. Quando isso ocorre, diz-se que a conjunção é "ubíqua", isto é, que a conjunção tem a capacidade de expressar mais de uma relação, mais de um sentido.

Observe abaixo um rol sucinto de algumas conjunções ubíquas.

1 – SE

- Pedro só será aprovado **se** estudar. → **(conjunção condicional)**
- Não sabemos **se** Pedro será aprovado. → **(conjunção integrante)**
- Por que me enviaste para a missão **se** sabias que eu era fraco? → **(conjunção causal)**

2 – QUE

- Rezava **que** rezava, mas não espantava os maus pensamentos. → **(conjunção aditiva)**
- "De outras ovelhas cuidarei, **que** não de vós." (A. Garrett) → **(conjunção adversativa)**
- Todos desejam **que** tu venhas logo. → **(conjunção integrante)**
- Velho **que** era, evitava lugares altos. → **(conjunção causal)**
- Nunca fui à casa do João, **que** não o achasse estudando. → **(conjunção consecutiva)**
- Não discute sobre futebol **que** não se exalte. → **(conjunção consecutiva)**
- Com o constrangimento, fez-se vermelha **que** nem romã. → **(conjunção comparativa)**
- "Porém cinco sóis já eram passados, **que** dali nós partimos." (Camões) → **(conjunção temporal)**
- Chegados **que** fomos, todos iniciaram a reunião. → **(conjunção temporal)**
- Agora trata de fazer as coisas, **que** não lhe seja uma manhã inútil. → **(conjunção final)**

3 – COMO

- Ninguém sabe **como** ele aqui chegou. → **(conjunção integrante)**
- **Como** estivesse doente, faltei à aula. → **(conjunção causal)**
- O rosto de Maria é branco **como** a neve. → **(conjunção comparativa)**
- Falou **como** lhe convinha. → **(conjunção modal)**
- **Como** nos orientava o manual, elaboramos o projeto. → **(conjunção conformativa)**
- Falou que estaria com ele na riqueza **como** na pobreza. → **(conjunção aditiva)**

4 – DESDE QUE

- **Desde que** chegue cedo, poderá sair com os amigos. → **(conjunção condicional)**
- **Desde que** chegou, não parou de falar. → **(conjunção temporal)**

5 – QUANDO

- **Quando** falou, todos ficaram emocionados. → **(conjunção temporal)**
- **Quando** a criança chorava, ela cantava e cantava mais alto. → **(conjunção proporcional)**
- Gastaram dez dias a pé, **quando** gastariam cinco se fossem pelo mar. → **(conjunção adversativa)**

6 – E

- Chegou cedo a casa **e** pôs-se a escrever sobre o livro que lera. → **(conjunção aditiva)**
- Estudou bastante para o concurso, **e** não conseguiu nem sequer ficar entre os classificados. → **(conjunção adversativa)**

⇨ **Observação final:**

Entender o valor que a conjunção está expressando depende exclusivamente do contexto em que ela se encontra. Portanto, vale um conselho: não tente decorar os valores das conjunções. Seu esforço será inócuo. Tente, sim, entender o valor que ela está exprimindo na situação em que foi empregada.

9.4 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (Fuvest-SP) Nas frases abaixo, cada espaço pontilhado corresponde a uma conjunção retirada.

1. "Porém já inço sóis eram passados ... dali nos partíramos."

2. ... estivesse doente faltei à escola.

3. ... haja maus nem por isso devemos descrer doas bons.

4. Pedro será aprovado ... estude.

5. ... chova sairei de casa.

As conjunções retiradas são, respectivamente:

a) quando, ainda que, sempre que, desde que, como.
b) que, como, embora, desde que, ainda que.
c) como, que, porque, ainda que, desde que.
d) que, ainda que, embora, como, logo que.
e) que, quando, embora, desde que, já que.

2. (UEL-PR) Não gostava muito de novelas policiais; admirava, porém, a técnica de seus autores.

Comece com: *Admirava a técnica...*

a) visto como
b) enquanto
c) conquanto
d) porquanto
e) à medida que

3. (UEL-PR) A serem considerados os resultados, o trabalho foi eficiente.

Comece com: *O trabalho foi eficiente...*

a) desde que
b) ainda que
c) a menos que
d) embora
e) por isso

4. (PUC-SP) Assinale a alternativa que possa substituir, pela ordem, as partículas de transição dos períodos abaixo, sem alterar o significado delas.

"Em **primeiro lugar**, *observemos o avô.* **Igualmente**, *lancemos um olhar para a avó.* **Também** *o pai deve ser observado. Todos são altos e morenos.* **Consequentemente**, *a filha também será morena e alta."*

a) primeiramente, ademais, além disso, em suma
b) acima de tudo, também, analogamente, finalmente
c) primordialmente, similarmente, segundo, portanto
d) antes de mais nada, da mesma forma, por outro lado, por conseguinte
e) sem dúvida, intencionalmente, pelo contrário, com efeito

5. (Cesgranrio-RJ) Assinale o período em que ocorre a mesma relação significativa indicada pelos termos destacados em "A atividade científica é tão natural **quanto qualquer outra atividade econômica**".

a) Ele era tão aplicado, que em pouco tempo foi promovido.
b) Quanto mais estuda, menos aprende.
c) Tenho tudo quanto quero.
d) Sabia a lição tão bem como eu.
e) Todos estavam exaustos, tanto que se recolheram logo.

6. (Fuvest-SP) "Podem acusar-me: estou com a consciência tranquila." Os dois pontos (:) do período acima poderiam ser substituídos por vírgula, explicitando-se o nexo entre as duas orações pela conjunção:

a) portanto
b) e
c) como
d) pois
e) embora

7. (PUC-SP) Em:

"... ouviram-se amplos bocejos, fortes **como** *o marulhar das ondas..."*

A partícula *como* expressa uma ideia de:
a) causa
b) explicação
c) conclusão
d) proporção
e) comparação

8. (Fuvest-SP) "Que não pedes um diálogo de amor, é claro, **desde que impões** a cláusula da meia-idade."

O segmento destacado poderia ser substituído, sem alteração do sentido da frase, por:

a) desde que imponhas
b) se bem que impões
c) contanto que imponhas
d) conquanto imponhas

e) porquanto impões

9. (PUCC-SP) Assinale a alternativa correspondente à frase em que ocorre uso **incorreto** de conjunção.

a) O homem criou a máquina para facilitar sua vida, e contudo ela correspondeu a essa expectativa.
b) Diga-lhe que abra logo a porta, que eu estou com pressa.
c) Ele tinha todas as condições para representar bem os colegas; nem todos lhe reconheciam os méritos, porém.
d) O problema é que ainda não se sabe se ele agiu conforme as normas da empresa.
e) Ao perceber o que tinha feito com seus livros, gritou que parecia um louco.

10. (PUC-SP) Nos trechos:

"Vejo três meninas caindo rápidas, enfunadas, ***como*** *se dançassem inda"*

e

"... e a prima-dona com a longa cauda de lantejoulas riscando o céu ***como*** *um cometa",*

as palavras destacadas expressam respectivamente ideias de:

a) comparação, objeto
b) modo, origem
c) modo, comparação
d) comparação, instrumento
e) consequência, consequência

GABARITO

1 – B	2 – C	3 – A
4 – D	5 – D	6 – D
7 – E	8 – E	9 – A
10 – C		

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

CAPÍTULO 10

PREPOSIÇÃO

10.1 DEFINIÇÃO

É a categoria gramatical invariável que tem por função ligar entre si duas palavras, subordinando uma à outra, para introduzir determinadas circunstâncias ou indicar posse, referência, origem, atribuição, causa, efeito etc. Portanto, a preposição é a palavra invariável de caráter essencialmente relacional.

Observe:

▹ Amanhã iremos à casa de Maria.

A preposição "de" subordina "Maria" à "casa".

▹ A criança se encontra com febre.

A preposição "com" introduz o termo atributivo "com febre".

▹ Deixá-lo-emos em Salvador e partiremos para São Paulo.

As preposições "em" e "para" introduzem as circunstâncias de lugar.

Perceba que a principal "missão" das preposições é, de fato, subordinar um vocábulo ao outro. As palavras ligadas pela preposição chamam-se "**termos**" dela. O primeiro (subordinante ou regente) é chamado de "**antecedente**" e o segundo (subordinado ou regido) é chamado de "**consequente**".

Veja agora estes outros exemplos:

▹ Joana gosta de sair à noite.

A preposição "de" subordina a oração "sair à noite" ao verbo "gostar".

▹ Tenho certeza de que amanhã Maria chegará.

A preposição "de" subordina a oração "que amanhã Maria chegará" à "certeza".

▹ Eles anseiam por que a inflação não aumente.

A preposição "por" subordina a oração "que a inflação não aumente" ao verbo "ansiar".

Observando as orações acima, percebe-se claramente que a preposição também subordina "orações" a certos vocábulos. Vê-se, portanto, que a preposição, à semelhança da conjunção, também subordina orações.

10.2 NEXOS PREPOSITIVOS NÃO REGENCIAIS – VALORES DE ALGUMAS PREPOSIÇÕES

De fato, o emprego da preposição se dá geralmente por questões de regência – subordinação de um termo a outro. Nem sempre, porém, isso ocorre. Em muitos casos, emprega-se a preposição para que ela estabeleça, junto ao núcleo do termo, um determinado valor. É o caso que se dá, por exemplo, com as locuções adverbiais. Perceba que a maioria delas é introduzida por um nexo prepositivo, que não foi oriundo de uma relação regencial. Quando se diz, por exemplo, *"João chegou à noite"*, a preposição "a", que introduz a locução adverbial de tempo "à noite", estabelece com o substantivo "noite" uma noção de tempo. A preposição, nesse caso, não foi requisitada pelo verbo da estrutura, uma vez que ele é intransitivo. Foi usada tão somente para estipular / introduzir a relação de tempo.

Observe outros valores estipulados por nexos prepositivos não regenciais:

- Ele sempre fala muito sobre política.
  ↳ *assunto*
- Ele veio de Caruaru.
  ↳ *lugar, origem, procedência*
- Sairemos hoje com Maria.
  ↳ *companhia*
- Falaram contra nós dois.
  ↳ *oposição*
- A casa de Maria é bonita.
  ↳ *posse*
- Vendeu a casa por R$ 20.000,00.
  ↳ *preço*
- Dei-lhe algo para beber.
  ↳ *finalidade*
- Comprei um televisor em cores.
  ↳ *qualidade, estado*
- Morrer pela pátria.
  ↳ *motivação, favor*
- Ele morreu de fome.
  ↳ *causa*
- Todos se inclinaram para a frente.
  ↳ *direção, lugar*
- Atiraram para cima.
  ↳ *direção*
- Viajaremos durante as férias.
  ↳ *tempo*
- Nós iremos de avião.
  ↳ *meio*
- Fechou o portão a cadeado.
  ↳ *instrumento*
- Fez um omelete com dois ovos.
  ↳ *matéria*
- Todos ficaram de pé.
  ↳ *modo*
- Comprei uma casa de campo.
  ↳ *finalidade, destinação*

10.3 CLASSIFICAÇÃO DAS PREPOSIÇÕES

No português, as preposições são classificadas em "essenciais" (palavras que só desempenham o papel estritamente de preposição) e "acidentais" (palavras de outra classe gramatical que eventualmente se usam como preposições).

a) São essenciais:

a
ante
após
até
com
contra
de
desde
em
entre
para
trás
perante
por
sem
sob
sobre

b) São acidentais:

conforme (= de acordo com)
consoante (= de acordo com)
segundo (= de acordo com)
como (= na qualidade de)
durante
salvo
fora, afora
exceto
mediante (= por meio de)
menos
tirante
salvante

10.4 LOCUÇÕES PREPOSITIVAS

Em muitos casos, a função prepositiva é exercida por um conjunto de vocábulos que é finalizado por uma preposição. Neste caso, está-se diante das chamadas "**locuções prepositivas**". Geralmente, tais locuções apresentam como núcleo um substantivo ou um advérbio.

Abaixo há um sucinto rol das principais locuções prepositivas.

abaixo de
acerca de
acima de
a fim de
além de
à maneira de
atrás de
através de
de acordo com
debaixo de
defronte de
dentro de
em frente de
em lugar de
em redor de
em torno de
em vez de
fora de

antes de
até a
ao lado de
ao invés de
ao redor de
a par de
apesar de
a respeito de
de per
depois de
devido a
diante de
embaixo de
em cima de
em face de
em frente a
junto a
não obstante
no caso de
para com
perto de
por causa de
por detrás de
por trás de

Observe alguns exemplos:

- "Maldito seja aquele vendeiro de todos os diabos! Fazer-me um cortiço **debaixo das** janelas!..." (Aluísio Azevedo)
- "Duas vacas, guardadas por uma rapariga, apareceram então pelo caminho lodoso que do outro lado do rio, **defronte da** alameda, corre junto de um silvado." (Eça de Queiroz)
- "O olhar fascinado perturbava-se no desequilíbrio das camadas desigualmente aquecidas, parecendo varar **através de** um prisma desmedido e intáctil." (Euclides da Cunha)
- "Esta protelação, inexplicável, esta reserva **acerca de** um programa feito, acabado, dependente apenas de uma formalidade elementar." (Rui Barbosa)
- *"A cabocla foi sentar-se à mesa redonda que estava no centro da sala, virada* para as duas. Pôs os cabelos e os retratos **defronte de** si." (Machado de Assis)

10.5 COMBINAÇÕES E CONTRAÇÕES DAS PREPOSIÇÕES

Observe o exemplo abaixo:

Ele foi um **daqueles** que sempre lutou **pela** pátria.

Veja que os dois termos em negrito aparecem com preposições:

- daqueles → de + aqueles
- pela → per (preposição arcaica) + a

Num período, pode uma preposição unir-se a outra palavra, passando a constituir com ela um só vocábulo. Nessa ligação, se a preposição permanece

com todos os seus fonemas, diz-se que há "**combinação**"; se houver perda de fonema para algum dos componentes, diz-se que há "**contração**".

Listaremos abaixo alguns casos comuns de combinação e de contração:

a) Combinação da preposição "a" com os artigos definidos ou os pronomes demonstrativos "o, os" → ao, aos

b) Contração da preposição "a" com os artigos definidos ou os pronomes demonstrativos "a, as" → à, às (crase)

c) Contração da preposição "de" com artigos, certos pronomes e certos advérbios:

- de + o, a, os, as → **do, da, dos, das**
- de + um, uma, outro, outra → **dum, duma, doutro, doutra etc.**
- de + ele, ela, esse, aquele, aquilo, isto, isso (e suas flexões) → **dele, dela, desse, daquele, disto etc.**
- de + aqui, aí, ali, onde, antes → **daqui, daí, donde, dantes etc.**

d) Contração da preposição "em" com artigos e certos pronomes:

- em + o, a, os, as → **no, na, nos, nas**
- em + um, uma, outro, este, esse, aquele (e suas flexões) → **num, numa, noutro, neste, naquele etc.**

e) Contração da antiga preposição "per" (hoje substituída pela sua sinônima "por") com os artigos "o, a, os, as" → pelo, pela, pelos, pelas

➾ **Observação:**

Quando rege infinitivos, a preposição não deve se contrair com artigos, advérbios e pronomes (orações reduzidas). Ademais, como geralmente os infinitivos apresentam sujeito próprio, é inadmissível que haja o preposicionamento do sujeito deste infinitivo.

sujeito do infinitivo
- Vamos, pois está na hora do ônibus passar. → construção errada. (Corrija-se: na hora de o ônibus passar.)

sujeito do infinitivo
- Não saímos de casa pelo carro estar quebrado. → construção errada. (Corrija-se: por o carro estar quebrado.)

O pronome "ele" é o sujeito do infinitivo.
- Comprei livros a fim dele estudar mais. → construção errada. (Corrija-se: a fim de ele estudar mais.)

O substantivo "assassino" é o sujeito do infinitivo "ser".

- O crime comoveu a todos **por** o assassino ser muito conhecido. → construção correta

10.6 REPETIÇÃO DAS PREPOSIÇÕES

Sem dúvida, um dos pontos que suscita dúvida diz respeito à repetição da preposição. Em muitas estruturas em que aparece mais de um termo subordinado a um outro termo por meio de uma preposição, a repetição da preposição deve levar em conta as seguintes orientações:

a) Diante de termos subordinados em que o determinante só ocorre perante o primeiro, é de praxe a preposição só aparecer no primeiro termo subordinado.

- "Tratou logo de aprestar a armada, que achou desbaratada **pelas** viagens e guerras de seu antecessor." (J. Freire *apud* Cláudio Brandão)
- "Pudera chamar abelhas aos holandeses **pela** arte e bom governo." (Pe. Antônio Vieira)
- "As aves, dando repouso às asas fatigadas do contínuo voejar **pelos** pomares, prados e balsedos vizinhos, começavam a preludiar seus cantos vespertinos." (Bernardo Guimarães)

➾ **Observação:**

É possível, nestes casos, a repetição tanto da preposição quanto do determinante a fim de individualizar e ressaltar cada termo subordinado.

- "Cristo, nosso Salvador, é o verdadeiro Deus **dos** exércitos e **das** vitórias." (Pe. Antônio Vieira)
- "Maria é a divindade **da** inocência, **da** fraqueza e **do** infortúnio." (Camilo C. Branco)
- "Deus me livre de debater matéria tantas vezes disputadas, tantas vezes exaurida **pelos** que sabem a ciência do mundo e **pelos** que sabem a ciência do céu!" (A. Herculano)

b) É frequente omitir-se a preposição antes do segundo e dos outros termos subordinados quando estes vêm desacompanhados de determinantes.

- "Vós ensinais-me a defender a honra **com** vida, santidade, exemplo e sofrimento." (Tomé de Jesus *apud* Cláudio Brandão)

- "... e lágrimas de ternura e religião rebentam de todos os olhos." (Camilo C. Branco)

➯ **Observação:**

A repetição da preposição, entretanto, far-se-á necessária se se desejar pôr em relevo (ênfase) cada um dos termos subordinados.

- "**Com** espanto e ao mesmo tempo **com** alegria, percebi que se exprimia em romano rústico, o qual, daí a pouco, vi que o moço árabe falava como se fosse a própria linguagem." (A. Herculano)
- "E que **sobre** mirrados, **sobre** afogados, **sobre** comidos, ainda se vejam pisados e perseguidos dos homens..." (Pe. Antônio Vieira)
- "Todas as consciências, todos os caracteres, todas as alavancas morais das grandes causas farão, em torno de S. Ex.ª, um círculo **de** força, **de** inteligência, **de** probidade, **de** patriotismo, **de** desinteresse, **de** concentração intensa, perseverante, intransigente, a que nada resistirá." (Rui Barbosa)

c) Quando os termos subordinados se encontram precedidos por determinantes, é comum exprimir-se a preposição apenas diante do primeiro termo subordinado, omitindo-a para dos demais.

- "Essa noite, nas salas de Manuel, só se conversou **sobre** as boas qualidades e os bons precedentes do estimado cura do Rosário." (Aluísio Azevedo)
- "... suave é o refúgio dessa consolação oferecida pelos fastos de uma época heróica aos que padecem e esperam **contra** a aridez e a corrupção de nossos dias." (Rui Barbosa)
- "**Entre** os esplendores e as harmonias dessa inocente, querida e confortadora solenidade, recolhamo-nos uns instantes à obscuridade silenciosa de nosso senso íntimo." (Rui Barbosa)

➯ **Observação:**

Nestes casos, pode-se também repetir a preposição caso se queira dar mais ênfase a cada um dos termos subordinados.

- "As quatro filhas do Teixeira Azevedo, magrinhas, com os cabelos muito riçados, as olheiras pisadas, passavam a sua tarde de dia santo, olhando **para** a rua, **para** o ar, **para** as janelas vizinhas." (Eça de Queiroz)
- "Olha para si, **para** as chinelas (umas chinelas de Túnis, que lhe deu recente amigo, Cristiano Palha), **para** a casa, **para** o jardim, **para** a enseada, **para** os morros e **para** o céu." (Machado de Assis)

d) Em sequências formadas de infinitivos, é comum exprimir-se a preposição apenas diante do primeiro infinitivo.

- "... foi a Santo Agostinho, como iria a Santo Ambrósio ou a Santo Hilário, e escreveu uma carta enigmática, para confundi-lo, até voltar e rir-se do logro." (Machado de Assis)
- "Preparou-se para passar os Pireneus e invadir a França." (F. Castilho)
- "Depois de gritar, chorar, maldizer, blasfemar, ameaçar, rasgar, quebrar, destruir, Vidinha parou um instante, concentrou-se, meditou, e depois, como tomando uma grande resolução." (Manuel A. de Almeida)

➾ **Observação:**

A repetição da preposição antes de cada infinitivo é possível quando se deseja obter ênfase.

- "Para soerguer o peso desse véu, para lhe arredar a ponta, não será demais o concurso de uma boa vontade..." (Rui Barbosa)
- "... estava olhando da alta torre Tarpeia, recreando-se em ver abrasar aqueles nobres e antigos edifícios, e em ouvir os tristes clamores..." (H. Pinto *apud* Cláudio Brandão)

e) A repetição da preposição diante de cada termo subordinado deverá ser feita sempre que for necessário conferir maior clareza ao enunciado a fim de se evitar possíveis ambiguidades.

- João lutou contra Pedro e Paulo. (Napoleão M. de Almeida)
  João lutou ao mesmo tempo contra Pedro e Paulo.
- João lutou contra Pedro e contra Paulo. (Napoleão M. de Almeida)
  João lutou contra Pedro e depois contra Paulo.
- "Os descendentes dos Bem-Umeias aplicou todas as atenções a construir uma armada capaz de impedir os desembarques dos africanos e a reprimir algumas tentativas dos descontentes." (A. Herculano)

f) Em se tratando de locução prepositiva, apresentam-se as seguintes orientações:

→ A locução prepositiva aparece apenas no primeiro termo subordinado:

- "Naquela época, porém, devido ao álcool e desgostos íntimos, nos quais predominava a loucura irremediável de um irmão, não era mais que uma triste ruína de homem, amnésico, semi-imbecilizado, a ponto de não poder seguir o fio da mais simples conversa." (Lima Barreto)

- "Eu – não tomaria outra, apesar da legislação e prática então vigente, e que não sei se ainda hoje vige." (A. Garrett)

→ A locução prepositiva é repetida para cada termo subordinado:

- **Por causa da** chuva e **por causa dos** prováveis alagamentos, resolveu adiar a reunião que faria com os membros do partido.
- "Agora podeis falar **diante** dele como **diante de** mim." (A. Garrett)

→ A locução prepositiva aparece no primeiro termo subordinado e repete-se a parte final dela para os demais termos subordinados:

- "A sua casa tinha agora um pessoal complicado de primeiros, segundos e terceiros caixeiros, **além do** guarda-livros, **do** comprador, **do** despachante e **do** caixa." (Aluísio Azevedo)
- "De cada vez que Afonso ia à quinta predilecta, em cada árvore nova entalhava as letras iniciais dos dois nomes, que ele imaginava, **apesar da** distância e **dos** reveses, atados para sempre com aplauso de Deus." (Camilo C. Branco)

10.7 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (Fuvest-SP) Ao ligar dois termos de uma oração, a preposição pode expressar, entre outros aspectos, uma relação temporal, espacial ou nocional. Nos versos:

   "Amor total e falho... Puro e impuro...

   Amor de velho adolescente..."

   a preposição de estabelece uma relação nocional.

   Essa mesma relação ocorre em:

   a) "Este fundo **de** hotel é um fim **de** mundo."
   b) "A quem sonha **de** dia e sonha **de** noite, sabendo todo sonho vão."
   c) "Depois fui pirata mouro, flagelo **da** Tripolitânia."
   d) "Chegarei **de** madrugada, quando cantar a seriema."
   e) "Só os roçados **da** morte compensam aqui cultivar."

2. (Cesgranrio-RJ) Assinale a opção em que a preposição *com* traduz uma relação de instrumento.

   a) "Teria sorte nos outros lugares, com gente estranha."
   b) "Com o meu avô cada vez mais perto do fim, o Santa Rosa seria um inferno."

c) "Não fumava, e nenhum livro com força de me prender."
d) "Trancava-me no quarto fugindo do aperreio, matando-as com jornais."
e) "Andavam por cima do papel estendido com outras já pregadas no breu."

3. (Unimep-SP) "Depois **a** mãe recolhe as velas, torna **a** guardá-**las** na bolsa." Os vocábulos destacados são, respectivamente;

a) pronome pessoal oblíquo, preposição, artigo.
b) artigo, preposição, pronome pessoal oblíquo.
c) artigo, pronome demonstrativo, pronome pessoal oblíquo.
d) artigo, preposição, pronome demonstrativo.
e) preposição, pronome demonstrativo, pronome pessoal oblíquo.

4. (Cesgranrio-RJ) Assinale a opção cuja lacuna não pode ser preenchida pela preposição entre parênteses.

a) uma companheira desta, ... cuja figura os mais velhos se comoviam. (*com*)
b) uma companheira desta, ... cuja figura já nos referimos anteriormente. (*a*)
c) uma companheira desta, ... cuja figura havia uma ar de grande dama decadente. (*em*)
d) uma companheira desta, ... cuja figura andara todo o regimento apaixonado. (*por*)
e) uma companheira desta, ... cuja figura as crianças se assustavam. (*de*)

5. (UFU-MG) "... foram intimados **a** comparecer...", "... não **a** fizeram...", "... **a** sua oração...". As três ocorrências de **a** são, respectivamente:

a) preposição, pronome, preposição.
b) artigo, artigo, preposição.
c) pronome, artigo, preposição.
d) preposição, pronome, artigo.
e) artigo, pronome, pronome.

6. (PUC-SP)

"... a folha **de um livro** *retoma."*

"como **sob o vento** *a árvore que o doa."*

"e nada finge vento **em folha** *de árvore."*

As expressões destacadas são introduzidas por preposições. Tais preposições são usadas, nesses versos, com a ideia de:

a) origem, lugar, especificação.
b) especificação, agente causador, lugar.
c) instrumento, especificação, lugar.
d) agente causador, especificação, lugar.
e) lugar, instrumento, origem.

7. (UM-SP) Indique a oração que apresenta locução prepositiva.

a) Havia objetos valiosos sobre a pequena mesa de mármore.
b) À medida que os inimigos se aproximavam, as tropas inglesas recuavam.
c) Seguiu a carreira militar devido à influência do pai.
d) Agiu de caso pensado, quando se afastou de você.
e) De repente, riscou e reescreveu o texto.

8. (Cesgranrio-RJ) Assinale a opção que completa corretamente as lacunas da seguinte frase:

"O controle biológico de pragas, ... o texto faz referência, é certamente o mais eficiente e adequado recurso ... os lavradores dispõem para proteger a lavoura sem prejudicar o solo."

a) do qual, com que
b) de que, que
c) que, o qual
d) ao qual, cujos
e) a que, de que

9. (UFV-MG) Assinale a opção cuja sequência completa **corretamente** as frases abaixo.

A lei ... se referiu já foi revogada.

Os problemas ... se lembraram eram muito grandes.

O cargo ... aspiras é muito importante.

O filme ... gostou foi premiado.

O jogo ... assistimos foi movimentado.

a) que, que, que, que, que
b) a que, de que, que, que, a que
c) que, de que, que, de que, que
d) a que, de que, a que, de que, a que
e) a que, que, que, que, a que

10. (Osec-SP) Assinale a frase que **não** está correta.

a) Entre mim e ti tudo acabou.
b) Já lhe disse que entre nós nada é bom.
c) Entre ela e nós existe de tudo.
d) Entre eu e você deve haver respeito.
e) Não é possível haver dúvidas entre eles.

GABARITO

1 – A	2 – D	3 – B
4 – E	5 – D	6 – B
7 – C	8 – E	9 – D
10 – D		

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

CAPÍTULO 11

INTERJEIÇÃO

11.1 DEFINIÇÃO

É a palavra invariável que exprime os sentimentos ou as sensações de dor, alegria, surpresa, temor, aversão etc.

De acordo com o professor M. Said Ali, as interjeições representam "a parte menos racional da linguagem, por não traduzirem nenhuma estruturação sintática".

As interjeições devem ser proferidas em tom de voz diferente daquele que se usa para o vocábulo da linguagem expositiva, por elas representarem brados, gritos ou expressões de dor, alegria, pavor, surpresa etc.

11.2 CLASSIFICAÇÃO

As interjeições são classificadas de acordo com os afetos que exprimem. Teremos, então, as interjeições de:

a) **dor**: *ai!, ui!*
b) **alegria**: *ah!, oh!, oba!, opa! aleluia!*
c) **admiração**: *oh!, ah!, opa!, oba!, puxa!*
d) **animação**: *avante!, coragem!, eia!, vamos!, agora!, ânimo!, força!*
e) **aplauso**: *bis!, bem!, bravo!, viva!, apoiado!, muito bem!, ótimo!, perfeito!*
f) **apelo ou invocação**: *olá!, psiu!, psit!*
g) **desejo**: *oh!, oxalá!, tomara!*

h) **silêncio**: *psiu!, silêncio!*
i) **pavor ou terror**: *ufa!, ui!, uh!, credo!, cruzes!*
j) **espanto ou surpresa**: *ah!, chi!, ué!, uai!, caramba!.*
k) **indignação**: *apre!, chi!, morra!, fora!.*
l) **suspensão**: *basta!, alto!, alto lá!*
m) **advertência**: *cuidado!, atenção!*
n) **descontentamento**: *hum!, hem!, diabo!, mau!*
o) **repulsa**: *safa!, fora!, uf!*

➯ **Observações importantes:**

a) É importante frisar que na escrita as interjeições vêm de regra acompanhadas de ponto de exclamação (!).

b) Perceba que algumas interjeições podem ser classificadas em mais de uma categoria. Isso se dá em virtude de a interjeição poder expressar sentimentos vários. A classificação, portanto, deve ser feita de acordo com o contexto em que se encontra a interjeição.

c) Há interjeições denominadas de "imitativas ou onomatopaicas". São aquelas que exprimem os sons das coisas, dos objetos – zás!, chape!, bum!.

d) Assim como outras classes morfológicas, as interjeições podem aparecer sob a forma locucional – são denominadas de "locuções interjetivas". São exemplos dessas locuções:

- **Valha-me Deus!**
- **Ai de mim!**
- **Credo em cruz!**
- **Puxa vida!**
- **Ora, bolas!**
- **Coitado de mim!**
- **Deus me livre!**
- **Essa não!**
- **Raios te partam!**
- **Nossa Senhora!**
- **Virgem Maria!**
- **Muito obrigado!**

e) A interjeição de emprego mais comum na língua portuguesa é "oh!", a qual também se escreve "ó!" – esta última é empregada geralmente no vocativo para indicar um chamamento, uma invocação. A interjeição "oh!" possui sentido variável, denotando ora alegria, ora espanto, ora aversão, ora desejo, ora chamamento.

III

SINTAXE

CAPÍTULO 1

SINTAXE DE ORAÇÃO – TERMOS ESSENCIAIS DA ORAÇÃO

1.1 CONCEITOS ESSENCIAIS

Antes de tudo, é fundamental apreender o conceito de frase, oração e período.

1.1.1 FRASE

É todo enunciado linguístico capaz de estabelecer um processo de comunicação, ou seja, é todo enunciado que possui sentido completo.

Observe:

- Silêncio!
- Meu Deus, ajude-me!
- O presidente da empresa viajará amanhã para São Paulo.
- Na próxima semana, o resultado do concurso sairá, e todos saberão quem foram os reais ganhadores.

Veja: Não importa o tamanho – frase é tudo que possui sentido completo.

Quanto ao sentido que expressam, as frases podem ser:

a) Declarativas ou expositivas (apresentam uma declaração, um juízo de valor):

▹ O governo mostra-se lento na resolução do problema da violência.

b) Interrogativas (apresentam uma indagação, uma pergunta, um questionamento):

▹ Por que ele não chegou ainda?

c) Imperativas (apresentam uma ordem, um mandamento, uma exortação):

▹ Deixe o ambiente agora.

d) Exclamativas (apresenta uma admiração, uma repulsa, uma surpresa):

▹ Muito bem!

▹ Quanto desprezo em suas palavras!

e) Optativas (apresentam um desejo, uma aspiração):

▹ Que Deus os proteja!

▹ Oxalá dê tudo certo em sua jornada!

1.1.2 ORAÇÃO

É toda estrutura linguística centrada em um verbo ou uma locução verbal. Podemos afirmar ser toda estrutura que se biparte em sujeito e predicado, e, excepcionalmente, só em predicado, quando a declaração se encerra em si mesma sem referência particular a nenhum ser.

▹ "Raspou, achou, ganhou!" (Anúncio publicitário)

▹ Amanhã o governo deve anunciar um novo pacote econômico.

1.1.3 PERÍODO

É a frase formada por uma ou mais orações. Classifica-se, portanto, em:

a) Simples: formado por uma única oração, denominada de oração absoluta. Haverá, por isso, um único verbo ou uma única locução verbal.

▹ Haveremos de conseguir a aprovação no concurso.

▹ Ainda existem pessoas honestas neste país?

b) Composto: formado por mais de uma oração. (A classificação desse período encontra-se no capítulo sintaxe de período).

▹ [Quando o homem chegou], [a polícia já havia levado o corpo].

▹ [Ela aprecia frutos do mar] [que são pescados em águas mornas].

▹ [Todos desconfiam] [de que o coordenador foi o culpado pela tragédia].

Concluindo: É fundamental que o estudante da língua portuguesa aprenda a detectar o verbo da estrutura linguística. É a partir dele que toda a sintaxe ganha existência. Ademais, convém saber que:
Nem toda frase é uma oração, assim como nem toda oração é uma frase.
Nem todo período é formado por mais de uma oração. O período pode ser simples, como vimos.

1.2 TERMOS ESSENCIAIS DA ORAÇÃO

Gramaticalmente existem dois termos essenciais:

- o sujeito;
- o predicado.

Entretanto, perceberemos ao longo do nosso estudo que o termo essencial por excelência é o predicado, em virtude da possibilidade da existência de uma oração sem sujeito.

1.2.1 SUJEITO

É o termo que representa o ser a respeito de quem se diz alguma coisa, faz-se alguma declaração.

Importante!! Identificar o sujeito é um dos mais importantes conhecimentos de que precisa o estudante da Língua Portuguesa para caminhar bem em sintaxe. Vale salientar que toda a base da concordância verbal está na perfeita harmonização entre o verbo e o seu sujeito. Ora, para que se perfaça essa harmonia, é fundamental que primeiro se identifique o "bendito" sujeito.

A partir de agora, vamos ver várias orações. Procure identificar (e acima de tudo entender) nelas o sujeito do(s) verbo(s).

- Deslizavam montanha abaixo **as águas do desgelo.**
- Ainda devem chegar hoje pela manhã **as correspondências enviadas pelo amigo de Portugal.**
- **Meus ais** incomodavam a muitos no hospital.
- Caso não lhe venham a parecer oportunas **essas medidas,** faça **você** mesmo como quiser.
- Ainda deve ocorrer, nas periferias das grandes cidades, a despeito das medidas repressivas, **muita contestação violenta** por parte dos desempregados.

Não esqueça: O sujeito pode estar localizado em qualquer parte da estrutura oracional. O importante é perceber com quem o verbo está se relacionando e notar a que termo a declaração verbal se refere. Observe as seguintes análises errôneas a respeito do sujeito:

a) Chegaram hoje à tarde **muitas correspondências.** (Achar que o termo em negrito é o objeto direto. Na realidade quem praticou a ação de chegar foram "as correspondências". Logo, é o sujeito da oração.)

b) Ainda existem **pessoas honestas** no Brasil. (Achar que o sujeito é indeterminado só porque o verbo se encontra na 3.ª pessoa do plural. Na realidade quem pensa assim geralmente está preso à definição de sujeito como o termo que pratica a ação. É melhor pensar em sujeito como o ser sobre o qual se faz alguma declaração, se enuncia algo.) Observe:

- Ocorreram **festas** no final de semana.
- Convém o **retorno** imediato dele.

- Agora só importa a **resolução** do problema.
- Ainda faltam quinze **minutos** para o início do show.

Perceba que todos os termos em negrito representam núcleos dos sujeitos. Cuidado para não pensar que eles são objetos diretos tentando fazer a velha perguntinha: "o quê"?

Uma outra informação importante para o nosso aprendizado é a de que o núcleo do sujeito de uma oração é sempre representado por um substantivo ou por um termo substantivado.

Considerações gerais sobre o sujeito:

a) Não se esqueça de que o sujeito da oração não vem regido por preposição, pois, como sabemos, por ser o sujeito um termo subordinante, não se deixa reger por preposição. Logo, um termo regido por um nexo prepositivo jamais exercerá a função de sujeito. Observe (destacamos o sujeito com a cor laranja; **os elementos sublinhados não representam o sujeito** – geralmente esses elementos funcionam como completivos – objeto direto, objetivo indireto, complemento nominal):

- Ainda cabe aos alunos da 1.ª série (não é o sujeito) **consertar o dano que causaram à escola.**
- Enreda-se nas tramas das próprias memórias **todo aquele** que não busca abrir, para si mesmo, novos tempos e novas experiências.
- A qualquer pessoa podem ocorrer, neste tempo de radicalismos, **argumentos em favor da mais pessimista expectativa histórica.**
- Se a cada um de nós efetivamente perturbassem **os que agem mal**, a impunidade seria impossível.
- Não ocorre aos bons cidadãos **que os maus contam com o silêncio da sociedade** (sujeito oracional) para seguirem sendo o que são.

Observação:

Fique muito atento! Frequentemente as bancas interpõem esses termos preposicionados entre o sujeito e o verbo a fim de confundir o candidato. Por isso, procure estudar este ponto mais de uma vez, para que você não cometa erros "bobos" quando for identificar o sujeito a fim de efetuar a concordância verbal adequada.

b) Em virtude da regra acima, não se deve, portanto, preposicionar um termo que exerce a função sintática de sujeito. Observe:

- Está na hora da onça beber água. (construção errada)

Corrija-se para...

- Está na hora de a **onça** beber água.
  sujeito do verbo "beber"

- Apesar da manifestação ocupar as ruas principais, o trânsito fluía normalmente. (construção errada)

  Corrija-se para...

- Apesar de a **manifestação** ocupar as ruas principais, o trânsito fluía normalmente.
  sujeito do verbo "ocupar"

- A fim dele conseguir a aprovação, comprei novos livros. (construção errada)

Corrija-se para...

- A fim de **ele** conseguir a aprovação, comprei novos livros.

➯ **Observação:**

Nesses casos, o nexo prepositivo rege a oração, e não o sujeito desta oração.

1.2.1.1 Núcleo do sujeito

O núcleo do sujeito pode ser exercido por:

I – Pronomes pessoais do caso reto

- **Eles** trouxeram o projeto para **eu** avaliar. (Se aparecer alguma dúvida aqui, pare e vá estudar o assunto "pronome", notadamente, os pronomes pessoais.)
- **Nós** ainda iremos ganhar esta maratona.

II – Alguns pronomes pessoais oblíquos (me, te, se, o, a, os, as, nos, vos)

Calma!!! Não é difícil!! É só uma exceção, afinal a função típica desses pronomes é a complementar. Esse caso ocorre geralmente com verbos denominados "sensitivos" e "causativos", como, por exemplo, "mandar, deixar, fazer, ouvir, ver".

- Deixei-**os** sair para diminuir o barulho aqui dentro.

Se desenvolvermos a frase acima, teremos:

- Deixei que **eles** saíssem para diminuir o barulho aqui dentro.

Ora, veja que o pronome obliquo átono – os – transformou-se, quando a oração foi desenvolvida, no pronome tônico do caso reto "eles" que, por sua vez, é, claramente, o sujeito do verbo sair. Logo, o pronome átono "os" na primeira oração – a reduzida – também funciona como sujeito do verbo "sair". Olhe outros exemplos:

- Fizemo-**lo** abandonar o vício em fumar. (= Fizemos com que **ele** abandonasse o vício em fumar.)
- Mandaram-**me** comprar um produto de última geração. (= Mandaram que **eu** comprasse um produto de última geração.)
- Vê-**los** sair mais cedo é uma vitória. (= Ver que **eles** saem mais cedo é uma vitória.)
- Poder deixá-**las** brincar mais um pouco é um prazer. (= Poder deixar que **elas** brinquem mais um pouco é um prazer.)

Dica: Perceba que os pronome oblíquos acima funcionam como sujeitos de verbos no infinitivo, cuja oração desempenha a função de objeto direto para a principal. Veja um último exemplo:
Mandar-te-iam deixar o ambiente só porque não estás de paletó? (Veja que a oração "te deixar o ambiente só porque não estás de paletó" exerce a função sintática de objeto direto para o verbo "mandar".)

III – Pronomes pessoais de tratamento

- **Você** não viu o incidente que provocou?

- **Vossa Excelência** não conveio nas condições do acordo.

IV – Substantivo ou palavra com função de substantivo

- Os **prós** e os **contras** foram mencionados logo no início da reunião.
- A **interação** dele com os outros pacientes mostrava claramente a sua recuperação.
- Nem sempre o **belo** é tão belo quanto se mostra.
- A **pequena** fez uma cara de espanto.
- O **mas** é uma conjunção adversativa.

V – Pronomes demonstrativos, indefinidos, relativos ou interrogativos

- — **Quem** bateu à porta?
- — **Alguém** bateu à porta.
- — Não! **Ninguém** bateu à porta?
- **Isso** passou logo. No entanto, **aquilo** demorará mais.

Não se esqueça! Os pronomes indefinidos se referem à 3.ª pessoa do discurso de maneira indefinida, vaga, imprecisa – eles não promovem "sujeito indeterminado". Nada a ver!! Cuidado!!

- Ao longe se via uma mulher **que** comprava presentes. (Observe o pronome relativo "que" desempenhando a função de sujeito ⇒ "Ao longe se via uma mulher a qual comprava presentes".)

VI – Numeral

- As **duas** conseguiram boas notas na prova.
- Só **uma** deve resolver o problema.

1.2.1.2 Classificação do sujeito

Existem vários critérios para se classificar o sujeito:

1. Um desses critérios leva em conta a quantidade de núcleos do sujeito. Daí dizer-se sujeito "simples" (apenas um núcleo aparece na oração) ou "composto" (mais de um núcleo).
2. Outro considera a possibilidade de o sujeito encontrar-se expresso ou implícito. Nesse caso, classifica-se o sujeito em determinado ou indeterminado.
3. Há também o critério que considera a prática da ação pelo sujeito: quando o sujeito é praticante da ação, denomina-se agente ou ativo; ao contrário, quando o sujeito passa a receber a ação expressa pelo verbo, é denominado sujeito passivo ou paciente.
4. Por último, existem orações que não possuem sujeito. Para elas, classifica-se o sujeito como inexistente (expressão condenada por alguns gramáticos) ou, o que nos parece melhor, oração sem sujeito.

Passemos agora ao estudo detalhado dos principais tipos:

I – Sujeito simples

Como já dissemos, é aquele em que apenas um núcleo aparece com a função de sujeito. Este núcleo pode ser exercido por um substantivo ou por qualquer palavra substantivada.

Observe os exemplos extraídos de provas de concursos:

- Os **terrenos** novos nos quais deve se aventurar o **jovem** de hoje são seu grande desafio. (Observe bem que as palavras em negrito funcionam como núcleos dos sujeitos dos seus respectivos verbos.)
- Quando não são valorizadas, num jovem, as **qualidades** naturais da mocidade, ele sai prejudicado.
- Quanto aos adolescentes, nenhuma **época** lhes parece tão injusta quanto a nossa.

II – Sujeito composto

É aquele que apresenta mais de um núcleo para o sujeito. Veja:

- No prato ainda constavam, após o almoço, um **bocado** de arroz e um **punhado** de farofa.

- Têm existido muita **família** e muitos outros **grupamentos** sociais indignados com a atuação do governo.
- **O bolsa-escola** e **o programa de renda mínima**, instituídos nos últimos anos pelo Governo Federal, devem garantir bons resultados sociais para o Brasil nos próximos anos.

➾ Observação:

O sujeito dito composto apresenta-se, como já se disse, com mais de um núcleo. Não se trata de mais de um sujeito – é um único sujeito, que é formado com dois ou mais núcleos.

Vale a pena: Dê uma "olhadinha" na forma como se faz a concordância com o sujeito composto.

III – Sujeito oculto / elíptico / desinencial

É aquele sujeito que não se encontra expresso na oração, mas que é facilmente subentendido pela desinência verbal.

- Precisamos comprar um novo carro. (Sujeito = nós)
- Hoje estou aqui para conversarmos um pouco sobre política monetária. (Sujeitos = **eu** para o verbo "estar" e **nós** para o verbo conversar)
- Retira-te agora, criatura miserável! (Sujeito oculto = tu). ➾ Cuidado neste exemplo: observe que o verbo se encontra no imperativo afirmativo.
- "Adestrai-vos, e conquistai força física e moral." (Olavo Bilac) (Sujeito = vós)

IV – Sujeito indeterminado

No bom jargão dos professores: a partir de agora a atenção precisa ser redobrada. Muitas bancas de concursos exploram o sujeito indeterminado em suas questões de concordância verbal.

Conselho de amigo / Dica de estudo: Se o amigo estudante não tiver segurança ou não se lembrar direito do assunto "transitividade verbal", sugiro que primeiro faça uma revisão desse assunto para depois adentrar o conteúdo abaixo. Você precisa ter uma boa noção de transitividade para poder identificar o sujeito.

O sujeito indeterminado aparece quando não se deseja ou não se consegue determinar, identificar o autor da ação verbal. Portanto, o que torna indeterminado o sujeito é a intenção ou a situação do falante, que não sabe ou não quer individuar, precisar, apontar o agente, o autor da ação. O conceito de sujeito indeterminado, por isso, tem de partir da intenção ou da ignorância do falante, já que, em português, a maioria das construções apresenta sujeito. Existem duas situações em que um sujeito pode ser ou aparecer indeterminado:

a) Com verbos na 3.ª pessoa do plural, sem fazer referências a nenhum substantivo anteriormente ou posteriormente expresso, nem ao pronome pessoal do caso reto "eles".

Veja:

- **Imitaram** o professor de Português na última aula. (Perceba que não se sabe quem fez a ação de imitar.)
- **Vão** telefonar para você hoje à tarde para tratar de um assunto do seu interesse. (Se não se pode determinar quem praticou a ação, logo o sujeito é indeterminado. O verbo auxiliar da locução verbal – ir + telefonar – encontra-se flexionado na 3.ª pessoa do plural).
- "**Dizem** que sou louco!" (O sujeito do verbo "dizer" é indeterminado.)
- **Consideram**-no o pai da turma pela inteligência e experiência que possui. (O sujeito do verbo "considerar" é indeterminado.)

b) Com verbos intransitivos, transitivos indiretos ou de ligação acompanhados da partícula "se". Essa partícula funcionará como o "índice de indeterminação do sujeito". O mais importante é notar que nesse caso o verbo, obrigatoriamente, permanecerá na 3.ª pessoa do singular.

$$\underbrace{\begin{matrix}\text{V.I.}\\ \text{V.T.I.}\\ \text{V.L.}\end{matrix}}_{\substack{\text{Verbo fica}\\ \text{na 3.ª p.s.}}} + \boxed{\text{SE}} \longrightarrow \textbf{Índice de indeterminação do sujeito}$$

Exemplos:

- No Brasil, já não mais **se recorre a** confiscos para a obtenção de fluxo de caixa. (Verbo transitivo indireto + se)

- Na apresentação dele, **desconfiava-se dos** acordos que ele propunha. (Verbo transitivo indireto + se)
- Os livros **dos** quais **se precisava** foram doados para uma instituição de caridade. (Cuidado para não dizer "... dos quais se precisavam..." ⇨ O verbo é transitivo indireto e está acompanhado do pronome "se".)
- **Cria-se** mais **nas** palavras do membro do que nas palavras do líder espiritual da igreja. (Verbo transitivo indireto + se)
- **Tratava-se de** problemas de difícil resolução. (Verbo transitivo indireto + se)
- **Era-se** mais feliz noutros tempos. (Verbo de ligação + se)
- **Come-se** muito bem em diversas regiões do Brasil. (Verbo intransitivo + se)
- "**Escorrega**-se no sangue, **tropeça**-se sobre cadáveres, mas a luta continua ardentemente acesa." (Visconde de Ouro Preto). (Verbos intransitivos + se)

⇨ **Observações:**

a) Atente para os termos "a confiscos", "dos acordos", "dos quais", "nas palavras" e "de problemas" dos cinco primeiros exemplos acima. Eles funcionam como objetos indiretos para os seus respectivos verbos.

b) Quem literalmente promove a indeterminação do sujeito é a partícula "se". Se ela for retirada, passa-se a ter sujeitos ocultos, elípticos.

c) Procure imediatamente correlacionar o estudo do sujeito indeterminado com o estudo do sujeito passivo ou paciente. Muitas questões exploram essa distinção. É básico para um candidato diferenciar um índice de indeterminação do sujeito de uma partícula ou pronome apassivador.

V – Sujeito passivo ou paciente (a partícula ou pronome apassivador)

Dica: Procure correlacionar o conteúdo do sujeito passivo ou paciente com o assunto "a voz passiva".

Um dos casos mais explorados em concursos públicos e vestibulares é a concordância com o sujeito passivo ou paciente. Para que se faça a perfeita harmonização entre o verbo e o seu sujeito, convém primeiro saber identificar esse tipo de sujeito e diferenciá-lo de outros tipos, notadamente do sujeito indeterminado.

Compare:

- Come-se bem no interior de muitas capitais brasileiras. (Sujeito indeterminado ➯ VI + SE)

- Come-se bem, no interior de muitas capitais brasileiras, pratos bastante requintados. (Erro comum!!!) (Sujeito passivo ou paciente = pratos).

Perceba que no primeiro exemplo não se diz o que se come – o verbo, portanto, está empregado como intransitivo. A estrutura apenas faz referências à ação de comer de forma genérica. Logo, indeterminou-se o sujeito. Já no segundo caso, o que se está comendo são "pratos bastante requintados", termo que representa o sujeito da oração. No caso acima, estamos diante de uma voz passiva sintética, formada de um VTD + SE. Logo, o verbo deve obrigatoriamente concordar com este sujeito. A frase correta será:

- **Comem-se** bem, no interior de muitas capitais brasileiras, **pratos** bastante requintados.

Outros exemplos de sujeitos passivos ou pacientes:

- Estão sendo avaliadas pela banca todas as monografias entregues no dia 30. (Sujeito passivo = as monografias. Estamos diante de uma voz passiva analítica.)

- Eleger-se-ão **os novos diretores** do clube no próximo domingo. (Sujeito passivo = os novos diretores. Aqui a voz passiva é sintética.)

- Seria de se esperar que se associassem à moderna tecnologia apenas **os benefícios reais**, que a ela se tributassem tão somente **vantagens inequívocas.** (Sujeitos passivos = os benefícios reais; vantagens inequívocas.)

- Não se delegue às escolas a **missão** exclusiva de preparar os jovens para sua inserção no mercado de trabalho. (Núcleo do sujeito passivo = missão.)

- Não se impute aos adolescentes de hoje **a exclusiva responsabilidade** pelo fato, lastimável, de aspirarem a tão pouco. (Sujeito passivo = a exclusiva responsabilidade.)

- É muito difícil que se cumpram **os propósitos que** se formulam a cada início de ano. (Sujeitos passivos = os propósitos; que – pronome relativo.)

Observe que, nos cinco últimos exemplos, temos a aplicação da fórmula da voz passiva sintética (também chamada de passiva pronominal):

$$\underbrace{\begin{matrix}\text{V.T.D.}\\ \text{V.T.D.I.}\end{matrix}}_{\text{O verbo concordará com o seu sujeito passivo.}} + \boxed{\text{SE}} \longrightarrow \begin{matrix}\textbf{Partícula apassivadora}\\ \textbf{(ou pronome apassivador)}\end{matrix}$$

Sugiro que pare por aqui se tiver alguma dúvida e dê uma "estudada" na voz passiva.

VI – Oração sem sujeito

Em muitas estruturas oracionais, apenas o predicado encontra-se presente, uma vez que não se faz referências a nenhum tipo de ser que porventura pudesse praticar ou receber a ação verbal. Para tanto, empregam-se os verbos impessoais (usados na terceira pessoa do singular). São chamadas de orações sem sujeito. Alguns gramáticos também classificam esse tipo de ocorrência como sendo um "sujeito inexistente", ou mesmo "sujeito zero", nomenclaturas que nos parecem pouco lógicas, pois não se pode denominar de sujeito aquilo que não existe.

Os principais casos de oração sem sujeito são:

1) com verbos que exprimem fenômenos da natureza como "chover, ventar, nevar, coriscar, trovejar, relampejar, chuviscar etc.":

- Ventou muito ontem naquela pequena cidade do interior.
- Neva nas Serras Gaúchas durante os meses de inverno.
- Coriscou bastante ao final do dia.

Observação:

Se tais verbos forem usados em sentido conotativo (sentido figurado), esses verbos passam a ter um sujeito.

- Choveram balas durante o tiroteio. (Sujeito = balas)

2) com o verbo HAVER no sentido de "existir, ocorrer, realizar-se, acontecer":

Cuidado aqui: Os concursos costumam explorar bastante essa regra.

▹ Sempre **haverá** pessoas honestas no mundo. (Oração sem sujeito.)

▹ Ainda que **houvesse** mais juízes nos tribunais, não **deixaria de haver** tantos atrasos nos julgamentos.

▹ Se **pode haver** contestações às palavras do orador, (...).

➪ Observações importantes:

a) Se o verbo HAVER fizer parte de uma locução verbal como verbo principal, impessoalizará também o seu auxiliar, que, obrigatoriamente, ficará na terceira pessoa do singular. Acompanhe a explicação abaixo:

▹ **Existem** menos pessoas na sala hoje. ➪ **Devem** existir menos pessoas na sala hoje.

(O verbo "dever" sofreu as flexões pertencentes ao verbo pessoal e principal "existir". O termo "pessoas" funciona como o sujeito nas duas orações).

▹ Há menos pessoas na sala hoje. ➪ Deve haver menos pessoas na sala hoje. (O verbo "dever" permanece na terceira pessoa do singular, pois o verbo principal "HAVER" transmitiu sua impessoalidade para ele.)

– Outros exemplos:

▹ Há de haver festas nos próximos finais de semana. (Perceba que o verbo "HAVER" é tanto auxiliar quanto principal).

▹ **Vai haver**, nos próximos meses, vários seminários sobre a globalização da pobreza.

b) A impessoalidade do verbo HAVER não deve ser confundida com a sua transitividade. O verbo HAVER é transitivo direto quando impessoal. Logo:

▹ Vão $\overset{\text{VI}}{\underline{\text{ocorrer}}}$ dois memoráveis eventos no Centro de Convenções em Olinda. (Eventos = sujeito da oração)

▹ Vai $\overset{\text{VTD}}{\underline{\text{haver}}}$ dois memoráveis eventos no Centro de Convenções em Olinda. (Eventos = objeto direto.)

3) *com os verbos "estar, fazer, haver e ir" usados com referência a tempo:*

- Já faz três anos que do Norte saímos.
- **Havia** dez anos que o Governo Federal prometera a construção de uma nova ponte.
- **Vai** para uns dois meses que ele iniciou o tratamento e, até agora, nenhum resultado adveio.
- **Estava** muito tarde para o grupo deixar o local.

Cuidado: Não se esqueça de que se esses verbos – impessoais – fizerem parte de uma locução verbal como verbo principal, eles impessoalizarão o verbo auxiliar.

- Já **vai fazer** (e não "vão") dez anos que meu avô faleceu.

Não confunda!!

- Já **faz** dez anos que eu viajei para a Europa. (O verbo "fazer" não possui sujeito.)
- Ainda **faltam** dez anos para eu completar bodas de ouro. (O termo "dez anos" é o sujeito do verbo faltar, que é um verbo pessoal.)

Atente para uma construção condenada pelos gramáticos:

- **Há** duas horas **atrás** eu estava no centro da cidade. (O tempo "atrás" é dispensável. A construção é pleonástica, visto que o verbo HAVER na indicação de tempo só é empregado com relação a um tempo passado.)

Corrija-se para:

- Há duas horas eu estava...
- "Eu nasci há dez mil anos".

Cuidado, mas muito cuidado mesmo quando o verbo HAVER estiver empregado de forma pessoal ou quando for um verbo auxiliar numa locução verbal em que o principal é pessoal.

- **Hão de acontecer** novos acidentes se não forem adotadas as medidas cabíveis.

Observe que o verbo HAVER faz parte de uma locução verbal em que o verbo principal é ACONTECER que, por sua vez, é um verbo pessoal. O sujeito desse último verbo é o termo " novos acidentes", daí por que o verbo auxiliar "HAVER" foi flexionado na 3.ª pessoa do plural.

> ▹ No Brasil **haverão de existir** novos investimentos se o país crescer a uma taxa anual de 5%.
> O sujeito da locução verbal "HAVER + DE + EXISTIR" é o termo "novos investimentos". Por isso, o verbo HAVER, como verbo auxiliar, flexionou-se na 3.ª pessoa do plural.

4) com o verbo "ser" na indicação de tempo (horas, datas):

▹ São duas horas e trinta minutos.

▹ Hoje é dia 11 de setembro.

▹ É meia-noite e meia.

▹ Foi sábado que tudo isso aconteceu.

O verbo "SER" possui uma construção toda particular. Note que ele, a despeito de sua impessoalidade, flexiona-se de acordo com a expressão numérica que o acompanha.

5) com o verbo IR seguido das preposições EM, PARA referindo-se a tempo transcorrido.

▹ Vai em dez anos que nossa bisavó faleceu.

▹ Vai para quinze anos que ele conseguiu ser aprovado naquele concurso.

6) com o verbo PASSAR seguido da preposição DE referindo-se também a tempo:

▹ Passava das dez horas da noite quando a polícia chegou.

> **Agora não confunda:** Já passaram (ou "se passaram") dez horas e ele ainda não deu notícias. (Neste caso, o sujeito do verbo "passar" é o termo "dez horas").

7) com os verbos "BASTAR" e "CHEGAR" seguidos da preposição DE em construções do tipo:

▹ "Chega de saudade, a realidade é que...".

▹ "Basta de tantas perguntas tolas."

1.2.1.3 Outras classificações para o sujeito

Acabamos de estudar o que eu chamo de "a clássica classificação do sujeito". Vimos que ele pode ser "simples, composto, elíptico, indeterminado", além da figura da "oração sem sujeito". Entretanto, não devemos estranhar outras classificações para o sujeito. Muitas bancas cobram as denominações abaixo. É importante, portanto, ficar atento, pois muitas vezes nos deparamos com classificações do tipo "sujeito expresso", "sujeito complexo", "sujeito implícito", as quais geram dúvidas nos estudantes. Não há o que temer... Vamos a elas, pois trazem um conhecimento bastante útil para o candidato a um concurso.

1. Sujeito explícito e sujeito implícito

Denomina-se sujeito explícito (também chamado de "expresso") o sujeito que se acha claro, explícito na oração. Por outro lado, sujeito implícito é aquele que não foi expressamente declarado na oração. Correlacionando-se as duas classificações, teremos:

a) **Sujeito explícito** → é o sujeito simples ou o sujeito composto, pois ambos aparecem claramente na oração.

b) **Sujeito implícito** → é o sujeito oculto e o sujeito indeterminado, pois não são declarados na estrutura oracional.

Observe (destacamos os verbos):

- Jamais entraremos em contato com indivíduos que agem à revelia da lei.
  ↳ sujeito implícito (nós) ↳ sujeito explícito (que)

- Chegaram ontem à noite dois novos navios holandeses ao porto de Suape.
  ↳ sujeito explícito (navios holandeses)

2. Sujeito complexo (total ou ampliado) e sujeito incomplexo (nuclear, gramatical ou inampliado)

O sujeito complexo (total ou ampliado) é aquele modificado por complementos, adjuntos ou atributos. Já o sujeito incomplexo (nuclear, gramatical ou inampliado) é aquele despojado de qualquer modificativo complementar que, porventura, ele possua.

sujeito nuclear

- O **ex-presidente** da empresa brasileira de Correios e Telégrafos viajará para Tóquio.

sujeito complexo (total ou ampliado)

sujeito complexo (total ou ampliado)

sujeito nuclear

- O **enfoque** nas soluções únicas dos problemas que enfrentamos empobrece a qualidade mesma do raciocínio. (Fund. Carlos Chagas)

sujeito complexo (total ou ampliado)

sujeito nuclear

- O **despertar** para a dialética e para as relações contrastantes abre um caminho mais consequente para a reflexão e para a prática. (Fund. Carlos Chagas)

- Não deve constar, entre as possibilidades de interpretação de um texto dissertativo-argumentativo, qualquer tipo de **resposta** estereotipada.

sujeito nuclear

sujeito complexo (total ou ampliado)

- **Barnabé** sempre foi um exemplo para os cristãos.

sujeito incomplexo (inampliado)

Observações:

a) Fique muito atento, pois as noções de sujeito total e de sujeito nuclear são bastante usadas pelas bancas examinadoras quando estas constroem questões de concordância verbal. Como a concordância verbal é feita (salvo exceções) com o sujeito nuclear, as bancas fazem bastante uso da noção do sujeito complexo (total ou lógico) para confundir os candidatos na hora de fazer a concordância verbal. Veja alguns exemplos (destacamos em laranja o sujeito nuclear e o seu verbo, e sublinhamos o sujeito total):

- **Constitui** um dos exemplos de delitos vantajosos o **caso** em que o detentor de um poder abuse de sua autoridade.
- **Estipulam**-se na lei mosaica, como se sabe, **princípios** de interdição.
- **Ocorrem** por conta das reiteradas situações de impunidade muitos **casos** de assalto aos cofres públicos.
- Uma vez que **passem a atrair** toda a nossa atenção, bons **romances** e belas **peças** musicais **afastam** nossa obsessão pela velocidade.

b) Observe agora exemplos em que não houve a devida concordância do verbo com o sujeito. Perceba como o uso do "sujeito complexo ou total" atrapalha a identificação do "sujeito nuclear" (sublinhamos o sujeito total e destacamos – com a cor laranja – o "sujeito nuclear" e o seu verbo):

- "A **incidência** discriminada por grau de intensidade de infestação e idade **mostram** que, entre os seis e oito anos, a parasitose alcança o nível máximo." (ESAF)

- "A **razão** de ser do desemprego como elemento estrutural do capitalismo **derivam** diretamente do antagonismo entre compradores e vendedores da força de trabalho." (ESAF)

- "**Devem agradar** aos ruidosos passageiros toda essa **parafernália** eletrônica, que os dispensa de refletir sobre si mesmos." (Fund. Carlos Chagas)

- "A qualquer pessoa **pode ocorrer**, neste tempo de radicalismos, **argumentos** em favor da mais pessimista expectativa histórica." (Fund. Carlos Chagas)

⇨ **Observação:**

Ressalte-se que os quatro últimos exemplos não estão adequados ao padrão culto da língua portuguesa, já que todos contêm erros de concordância verbal. É preciso corrigir a flexão dos verbos para "**mostra, deriva, deve agradar, podem ocorrer**", respectivamente.

3. Sujeito agente (ativo), sujeito paciente (passivo) e sujeito agente e paciente

É denominado de agente (ou ativo) o sujeito que pratica a ação verbal. Por outro lado, é denominado de paciente (ou passivo) o sujeito que recebe a ação verbal. Logo, o sujeito que pratica e recebe a ação verbal, simultaneamente, é denominado de "agente e paciente". Observe:

- Os irmãos Gonçalves compraram três casas no novo condomínio.
  sujeito agente (ativo)

- Três casas foram compradas pelos irmãos Gonçalves no novo condomínio.
  sujeito paciente (passivo)

- Os irmãos Gonçalves se feriram quando examinavam as casas do condomínio.
  sujeito agente e paciente

⇨ **Observação:**

Para melhorar o entendimento sobre o sujeito agente e o sujeito paciente, sugerimos que você estude a voz passiva e o agente da passiva.

4. Sujeito lógico ou contextual

Denominamos de **sujeito lógico** ou **contextual** aquele que é extraído do contexto ou da lógica de um enunciado ou de um texto. Observe abaixo um excerto de autoria do jornalista Gilberto Dimenstein:

- A pichação é uma das expressões mais visíveis da invisibilidade humana. **São** mais do que rabiscos. **São** uma forma de estabelecer uma relação de pertencimento com a comunidade – mesmo que por meio da agressão – e, ao mesmo tempo, de dar ao autor um sentido de autoidentidade.

Comentários: Perceba que o sujeito do verbo SER, flexionado no plural em suas duas ocorrências, é o termo lógico ou contextual – "expressões" ou "pichações".

→ "**As pichações**" ou "**As expressões**" são mais do que rabiscos.

→ "**As pichações**" ou "**As expressões**" são uma forma de estabelecer uma relação...

Vejamos outro exemplo:

- "Em um mundo tão complexo, economistas, empresários e governantes precisam saber mais sobre psicologia. Senão, **fracassarão** em motivar os talentos para os objetivos da empresa ou instituição." *(Revista Veja, 26 de março de 2008 – Entrevista)*

Comentário: Observe que o sujeito oculto do verbo "fracassar" é o termo composto, perceptível pelo contexto e pela lógica, "economistas, empresários e governantes".

➯ Observação:

O sujeito contextual ou lógico não deixa de ser um sujeito oculto, desinencial, elíptico; entretanto, não é um simples sujeito oculto, pois é preciso que se saiba, pela análise do contexto, a que termo da estrutura se refere o verbo.

1.2.2 PREDICADO

Como o verbo em geral pertence ao predicado, antes de começar o estudo propriamente desse termo, convém analisar um dos tópicos fundamentais em sintaxe: a transitividade ou a predicação verbal.

> **Dica:** Faça um estudo bem acurado do assunto abaixo. Ele lhe fornecerá os subsídios necessários para a compreensão de diversos outros assuntos da Gramática Normativa. Lembre-se, por exemplo, de que o entendimento da predicação dos verbos é uma das bases da sintaxe de regência. Por isso, é primordial "gastar" um pouco de tempo aqui. Se possível, tenha sempre à mão um bom dicionário. Vamos lá!

1.2.2.1 Predicação (transitividade) verbal

Transitar significa literalmente passar adiante, ir e vir, deslocar-se. Para a Gramática Normativa, o "passar adiante" significa a necessidade de um verbo ou de um nome exigir um complemento, uma complementação. Aqui nos deteremos na análise e na classificação dos verbos quanto à necessidade ou não de algum complemento. Se o verbo não necessita de complemento, diz-se que ele é de predicação completa, caso contrário será classificado como de predicação incompleta.

Quanto à predicação, os verbos classificam-se em: **intransitivos, transitivos** e **de ligação.** Os verbos transitivos se dividem em: **diretos, indiretos** e **diretos e indiretos.**

I – Verbos intransitivos

São todos os verbos que, sozinhos, são capazes de transmitir a noção predicativa. Em outras palavras, são verbos que dispensam uma complementação.

Exemplos:

- No último encontro, **ocorreram** fatos dignos de notícia. (O termo "fatos dignos de notícia" é o sujeito.)
- A chuva **estiou** na região sul.
- O imigrante **se dirigiu** à embaixada dos Estados Unidos. (Observe que o termo "à embaixada dos Estados Unidos" representa o lugar para onde ele se dirigiu, portanto é um "adjunto adverbial de lugar".)

- Quando nervoso, ele **cospe** compulsivamente.
- **Cessaram** de uma vez por todas as dores que ele sentia pela manhã. (O termo "dores" é o núcleo do sujeito. Não há complemento para o verbo.)

II – Verbos transitivos

São aqueles que precisam de um termo que os complemente para que o sentido se perfaça, para que a compreensão da estrutura seja possível. Dividem-se em:

a) Transitivos diretos: são os verbos que exigem termo complementar sem a obrigatoriedade de uma preposição necessária, ou seja, pedem um complemento desprovido de preposição. O complemento desses verbos denomina-se "objeto direto".

Exemplos:

- Nunca mais ele **angariou** fundos para aquela ONG. ("Fundos" é o objeto direto)
- Muitas lojas do centro da cidade vão **baratear** os preços neste final de semana. (Observe que o verbo "baratear" está como verbo principal em uma locução verbal.)
- Nunca mais eles **viram** os quadros a óleo que **compraram** na Europa. (Observe que os dois verbos são transitivos diretos. O objeto direto do verbo "comprar" é o pronome relativo "que").
- Se não $\underset{\text{VTD}}{\underline{\textbf{houver}}}$ $\underset{\text{OD}}{\underline{\text{outras razões}}}$ mais consistentes, eles $\underset{\text{VTD}}{\underline{\textbf{substituirão}}}$ $\underset{\text{OD}}{\underline{\text{o contrato}}}$.

⇨ **Observação:**

Tenha muito cuidado ao classificar os verbos. Há muitas "armadilhas". Uma das mais perigosas é a famosa perguntinha "o quê?". Infelizmente, muitas vezes, é-nos ensinado que, todas as vezes que fazemos a pergunta "o quê?" ao verbo, este verbo será "transitivo direto". Acenda a luz "amarela do seu farol", ou seja, fique alerta, fique atento, para que você não tome um sujeito por um objeto direto. Observe:

- $\underset{\text{VTD??? Tem certeza??}}{\underline{\text{Explodiu}}}$ nova crise no Oriente Médio.

Se fizermos a perguntinha "o quê?" ao verbo "explodir", teremos a "falsa" resposta de que o termo "nova crise no Oriente Médio" é o objeto direto. Logo, classificaríamos o verbo "explodir" como "transitivo direto". Terrível engano!!

Na realidade, o termo "nova crise no Oriente Médio" é o sujeito para o verbo "explodir", que, neste caso, é intransitivo. Veja outros exemplos:

- **Ocorreram** enchentes no Amazonas.
  VI sujeito
- **Ocorreu** um grande equívoco.
  VI sujeito
- Depois que **acontecera** aquela miséria.
  VI sujeito
- **Sucedeu** uma grave crise econômica após o ano de 2007.
  VI sujeito
- Do velho telhado, **caíam** grossas gotas de água da chuva.
  VI sujeito

➾ **Observação:**

Perceba que todos os verbos acima são intransitivos, e os termos que se encontram pospostos a eles são seus respectivos sujeitos. Para evitar confusões, sugiro que pare um pouco por aqui e vá estudar o termo "objeto direto". Perceba as diferenças entre ele e o sujeito.

b) Transitivos indiretos: são os verbos que exigem termo complementar regido (introduzido) por uma preposição necessária, obrigatória. O complemento desses verbos é denominado de "objeto indireto".

Exemplos:

- VTI OI OI VTI
  Eles **dependem** agora da sorte para que o produto de que **precisam** chegue a tempo.
- Durante muito tempo aquele povo **guerreou** contra os costumes do Ocidente.
  VTI OI
- VTI OI
  Não **convém** aos iniciantes na carreira diplomática portar-se de maneira inadequada. (Observe aqui que o sujeito do verbo CONVIR é a oração "portar-se de maneira inadequada".)
- Sempre **assistia** aos filmes com uma devoção impressionante.
  VTI OI

c) Transitivos diretos e indiretos: são verbos que exigem dois tipos de complemento: um sem a preposição e outro com o auxílio de uma preposição. São denominados também de "biobjetivos" ou "bitransitivos".

Exemplos:

- Ensinaram-lhe todos os preceitos de nossos antepassados?
  VTDI OI OD

- O diretor atribuiu o insucesso do grupo à inércia de alguns integrantes
  VTDI OD OI

- VTDI OD OI
  O Oficial de Justiça certamente notificará amanhã o comerciante sobre a ação interposta contra ele.

Observação:

Correlacione o estudo desses verbos com o assunto "Introdução à Regência" para observar outros exemplos de verbos intransitivos e transitivos, bem como dos pronomes que exercem a função sintática de complementos.

III – *Verbos de ligação*

Denominados também de "verbos copulativos" ou "verbos de relação", são aqueles que, desprovidos de significação, servem como "ponte" entre o sujeito e uma determinada qualidade, denominada de "predicativo". Geralmente funcionam como "de ligação" os verbos "ser, estar, ficar, parecer, continuar e permanecer." Outros podem funcionar como verbos de ligação desde que apareçam como elos entre um sujeito e uma qualidade.

Exemplos:

- Eles estavam extremamente atrasados para a festa.
  VL pred. sujeito

- VL pred. sujeito
  O Governo Federal deve estar atento às necessidades da população. (Locução verbal na função de ligação)

- Pareciam todos preocupados com o problema da menina.
  VL pred. sujeito

- Muitos andam tristes pela ausência de perspectivas na vida.
  VL PS

Perceba que nessa estrutura o objetivo da mensagem não é dizer que alguém ou alguma coisa faz a ação de andar, mas sim de que muitos estão / continuam / mostram-se tristes. Daí se tratar de um verbo de ligação.

➯ Considerações importantes:

a) Não se esqueça de que o estudo da predicação verbal está ligado ao estudo da regência verbal. E, como a regência depende do contexto, a classificação de um verbo como transitivo ou intransitivo depende da função que ele está exercendo dentro da estrutura oracional. Observe:

- O carro virou na esquina com a rua Dom João. (Verbo intransitivo.)
- O carro, ao capotar, virou uma banca de jornais que se encontrava em uma calçada. (Verbo transitivo direto.)
- O carro, após a capotagem, virou um monte de ferros retorcidos. (Verbo de ligação.)
- Maria, em virtude da pressa, sempre **andava** rápido. (Verbo intransitivo ➯ ação de "andar".)
- Maria anda, nos últimos tempos, preocupada com a situação da família. (Verbo de ligação ➯ Ela está preocupada.)
- A criança estava extremamente doente. (Verbo de ligação.)
- A criança estava no hospital desde a segunda-feira. (Verbo intransitivo ➯ Observe que o termo "no hospital desde a segunda-feira" funciona como o lugar em que a criança se encontra. Portanto, é uma locução adverbial de lugar. Como os advérbios não completam a significação verbal, mas tão somente transmitem uma circunstância para o verbo, considera-se o verbo ESTAR como "intransitivo".)

b) Há renomados e respeitáveis gramáticos que classificam verbos como "ir, dirigir-se, chegar, morar, residir, partir, voltar" como "transitivos adverbializados" ou "transitivos circunstanciais", já que tais verbos são ininteligíveis sem a presença do adjunto adverbial reclamado por eles. Preferimos, entretanto, pô-los no rol dos intransitivos, porquanto entendemos que um adjunto adverbial não poderá funcionar como "complemento verbal".

c) Há verbos transitivos diretos que reclamam além do objeto direto um qualificador para esse objeto, ou seja, há verbos transitivos diretos que exigem um predicativo para o seu objeto. Tais verbos são denominados de "transobjetivos". Veja:

- O juiz julgou o réu culpado. ➯ "JULGAR" é um "transobjetivo", pois é um transitivo direto que exige um objeto direto acompanhado de um predicativo que, no caso, é o termo "culpado".

VTD predicativo do objeto

- Muitos o **consideram** responsável pelo crime. (V. "Considerar" é um transobjetivo).

1.2.2.2 Predicativo

Antes de estudar a classificação do predicado, é de fundamental importância identificar o predicativo, quando existente, dentro da estrutura oracional.

Ele representa um dos termos mais interessantes dessa estrutura. Aparece com muita frequência em construções que possuem elementos qualificadores.

O predicativo é a palavra (ou locução) que constitui o núcleo nominal de um predicado. Classifica-se em: predicativo do sujeito e predicativo do objeto.

I – O predicativo do sujeito

É o termo que transmite para o sujeito um estado, um atributo, um modo de ser por meio de um verbo de ligação explícito ou implícito. Veja os exemplos abaixo:

- VL PS
  O aluno parecia bastante atento à explicação do professor. (Adjetivo como núcleo do predicativo.)
- VL PS
  O poeta era a glória de toda a Pátria. (Substantivo como o núcleo do predicativo.)
- VL PS
  Quem és tu? (Pronome pessoal do caso reto como o núcleo do predicativo.)
- Recordar é viver. (Verbo exercendo a função de núcleo do predicativo.)
  VL PS
- VL PS
  Os integrantes do grupo devem estar com fome. (Uma locução adjetiva funcionando como predicativo.)
- O triplo de seis é dezoito. (Numeral como núcleo do predicativo.)
  VL PS
- VL PS
  A verdade é que o governo não intervirá na economia. (Uma oração funcionando como predicativo)
- Todos deixaram a sala constrangidos após o desabafo do diretor.
  PS

> Perceba que nessa estrutura o verbo de ligação se encontra implícito. Leia: Todos deixaram a sala. Todos estavam constrangidos.

⇛ **Observação:**

Perceba que o predicativo pode ser exercido por diversas classes morfológicas. O importante é perceber a existência (clara ou implícita) do verbo de ligação.

II – O predicativo do objeto

Como o próprio nome já o diz, esse termo se refere ao objeto por meio de um verbo de ligação implícito.

VTD OD PO

- Os alunos tinham o professor de matemática por um sábio (ou "como um sábio").

> **Leia:** Os alunos consideravam o professor de matemática. Ele é um sábio (ou "como um sábio").

PO OD

- Estendidas pela rua afora, deixaram as faixas que seriam usadas na campanha eleitoral.

- Um fraco rei faz fraca a forte gente.

VTD PO OD

> Nessa estrutura os termos "fraco" e "forte" são adjuntos adnominais de "rei" e "gente", respectivamente. Leia assim: Um fraco rei faz a forte gente "tornar-se / ser / ficar" fraca.

- O avarento geralmente considera o ouro como seu deus.

VTD OD PO

PO VTD

- De semblante caído e sem perspectivas de melhoras, **encontrei** assim muitas vezes meu melhor amigo.

OD

⇛ **Considerações importantes:**

a) Observe que o predicativo pode vir precedido por uma preposição.

b) O predicativo do objeto geralmente só acontece com verbos transitivos diretos. Raros são os casos de predicativo de um objeto indireto. Uma das poucas exceções, por exemplo, é o verbo "chamar" na acepção de "cognominar, apelidar, tachar, alcunhar".

- $\underset{\text{VTI}}{\underline{\textbf{Chamaram}}}$ $\underset{\text{OI}}{\underline{\textbf{ao diretor da empresa}}}$ $\underset{\text{PO}}{\underline{\textbf{incompetente}}}$ (ou de incompetente).

c) Veja também que o predicativo pode ser deslocado dentro da estrutura oracional. Para tanto, deverá obrigatoriamente ser virgulado para indicar a sua inversão, uma vez que é um termo pertencente ao predicado.

Exemplos:

- O menino foi levado ao hospital $\underset{\text{predicativo}}{\underline{\textbf{com febre}}}$.
- O menino, $\underset{\text{predicativo}}{\underline{\textbf{com febre}}}$, foi levado ao hospital.
- $\underset{\text{predicativo}}{\underline{\textbf{Com febre}}}$, o menino foi levado ao hospital.

d) É importante também não confundir o predicativo do objeto com o adjunto adnominal – isso é essencial para se evitarem erros de concordância nominal. Para evitar tal equívoco, primeiro estude a função do adjunto adnominal, aprenda a identificá-lo e depois perceba as nuanças as quais envolvem este último termo e o predicativo.

> **Dica:** Procure perceber a concordância do predicativo com o sujeito ou com o objeto a que ele se refere. Muitos certames procuram explorar esse item. Para clarear e consolidar mais esse conteúdo, vá ao assunto "concordância nominal" e leia sobre a concordância do adjetivo-predicativo.

1.2.2.3 Classificação do predicado

Predicado é o termo que expressa a declaração que se faz sobre o sujeito quando a oração é composta pelos dois termos. Se não há sujeito, o predicado representa uma declaração qualquer que se faz.

Exemplos:

- Muitos cidadãos $\underset{\text{predicado}}{\underline{\textbf{lutam contra a miséria em nosso país.}}}$

- Havia muitos rebelados nos presídios cariocas.
predicado

De acordo com a estrutura, o predicado pode ser: verbal, nominal ou verbo-nominal.

1.2.2.3.1 Predicado verbal

É aquele cujo núcleo é representado por um verbo significativo (intransitivo, transitivo direto, transitivo indireto ou transitivo direto e indireto) e não há a presença de um predicativo:

Exemplos:

predicado verbal
- Alguns **deixaram** a sala mais cedo em virtude do calor. (Verbo transitivo direto)

predicado verbal
- Os dois filhos de Maria **comeram** bastante no almoço. (Verbo intransitivo)

predicado verbal
- Ainda não lhe **ofereceram** uma oportunidade de trabalho. (Verbo transitivo direto e indireto)

Dica: Antes de passar adiante procure consolidar o entendimento sobre a função do predicativo (se possível, releia o tópico sobre o "predicativo"). A identificação do predicativo será condição essencial para a compreensão do predicado nominal e do predicado verbo-nominal.

1.2.2.3.2 Predicado nominal

É aquele em que aparece um "verbo de ligação" mais um "predicativo do sujeito". O núcleo desse tipo de predicado está centrado num nome, o predicativo do sujeito.

Exemplos:

- Todos **ficaram** imóveis diante daquela cena.
VL pred. suj.

Pred. suj. VL
- Jogadas aos pés dele **estavam** todas as cartas recebidas nos últimos seis meses.

VL PS VL PS
- Muitas vezes, o que é barato **sai** caro. (Observe aqui a presença de dois predicados nominais)

1.2.2.3.3 Predicado verbo-nominal (ou misto)

É aquele que possui dois núcleos – um verbo significativo (intransitivo ou transitivo) e um nome (predicativo do sujeito ou do objeto).

Exemplos:

PS VTD
- Os representantes da ONU, **exaustos**, **deixaram** o salão principal. (Núcleos: um predicativo e um verbo)

- **Encontrei** bem **fechadas** a porta do quarto e as janelas da sala.
VTD PO

- A grande prosperidade **fez** o nosso melhor amigo **orgulhoso**.
VTD PO

- **Desabrochavam** **belas** as últimas flores da primavera.
VI PS

VTD PO
- Todos **consideravam** meu pai **como o mais sábio dos velhos daquele lugar**.

> ➾ Não se esqueça de que o predicativo do objeto só aparece num predicado verbo-nominal.
>
> ➾ Lembre-se também de que para se classificar com mais segurança o predicado convém primeiro estudar um pouco o assunto "predicação verbal".

1.3 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (FGV-RJ) Assinale a análise **correta** do termo destacado.

*"Ao fundo, as pedrinhas claras pareciam **tesouros abandonados**".*

a) predicativo do sujeito.
b) adjunto adnominal.
c) objeto direto.

d) complemento nominal.
e) predicativo do objeto direto.

2. (FCC – Técnico Legislativo – Câmara dos Deputados) Não é função da indústria **pensar a educação**.

   A função sintática da oração grifada acima é a mesma do termo, também grifado, na frase:

   a) ... no qual a Terra estava no centro do universo ...
   b) ... que contribuíram para a ascensão do mundo burguês.
   c) ... num processo que também gerou a onda de inovação ...
   d) ... e a possibilidade de darmos o próximo salto.
   e) ... nenhum representante da indústria de tecnologia poderia ter sido pioneiro ...

3. (F. Araraquara-SP) O professor **entrou apressado.** O destaque indica:

   a) predicado nominal.
   b) predicado verbo-nominal.
   c) predicado verbal.
   d) adjunto adverbial.
   e) n.d.a.

4. (UM-SP) "E quando o brotinho lhe **telefonou** dias depois, comunicando que **estudava** o modernismo, e dentro do modernismo sua obra, para o que o professor lhe **sugerira** contato pessoal com o autor, **ficou** assanhadíssimo e paternal ao mesmo tempo."

   Os verbos destacados são, respectivamente:

   a) transitivo direto, transitivo indireto, de ligação, transitivo direto e indireto.
   b) transitivo direto e indireto, transitivo direto, transitivo indireto, de ligação.
   c) transitivo indireto, transitivo direto e indireto, transitivo direto, de ligação.
   d) transitivo indireto, transitivo direto, transitivo direto e indireto, de ligação.
   e) transitivo indireto, transitivo direto e indireto, de ligação, transitivo direto.

5. (PUC-PR) Sobre o exemplo: "A lua brilhou alegre no céu", afirmamos:

   *I. O verbo **brilhar** é intransitivo.*

   *II. O verbo **brilhar** é transitivo direto.*

   *III. O verbo **brilhar** é transitivo indireto.*

   IV. O predicado é nominal.

   V. O predicado é verbal.

   VI. O predicado é verbo-nominal.

   a) Estão corretas I e VI.
   b) Estão corretas I e V.

c) Estão corretas II e V.
d) Está correta apenas IV.
e) Estão corretas III e VI.

6. (CTA-SP) Assinale a alternativa cujo sujeito **não** é indeterminado.

a) Soa um toque áspero de trompa.
b) Falou-se de tudo na reunião.
c) Precisa-se de carpinteiro.
d) Batem à porta.
e) n.d.a.

7. (UFGO) Em uma das alternativas abaixo, o predicativo inicia o período. Assinale-a.

a) A dificílima viagem será realizada pelo homem.
b) Em suas próprias inexploradas entranhas descobrirá a alegria de conviver.
c) Humanizado tornou-se o sol com a presença humana.
d) Depois da dificílima viagem, o homem ficará satisfeito?
e) O homem procura a si mesmo nas viagens a outros mundos.

8. (FMU-SP) Assinale a alternativa em que aparece um predicado verbo-nominal.

a) Os viajantes chegaram cedo ao destino.
b) Demitiram o secretário da instituição.
c) Nomearam as novas ruas da cidade.
d) Compareceram todos atrasados à reunião.
e) Estava irritado com as brincadeiras.

9. (Osec-SP) Das seguintes orações: "Pede-se silêncio", "A caverna anoitecia aos poucos", "Fazia um calor tremendo naquela tarde", o sujeito se classifica respectivamente como:

a) indeterminado, inexistente, simples.
b) oculto, simples, inexistente.
c) inexistente, inexistente, inexistente.
d) oculto, inexistente, simples.
e) simples, simples, inexistente.

10. (FEI-SP) Assinale a alternativa em que o termo destacado tenha a função de predicativo do sujeito.

a) "Eu sob a copa da mangueira **altiva**".
b) "Não sentiram meus lábios **outros lábios**".
c) "Do tamarindo a flor jaz **entreaberta**".
d) "Já solta o bogari mais **doce** aroma".
e) "**Melhor** perfume ao pé da noite exala".

GABARITO

1 – A	2 – A	3 – B
4 – D	5 – A	6 – A
7 – C	8 – D	9 – E
10 – C		

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

CAPÍTULO 2

TERMOS INTEGRANTES DA ORAÇÃO

Como a própria denominação já denuncia, os termos integrantes aparecem completando, integrando o sentido de outros termos. São fundamentais para o entendimento e a perfeita construção da frase. São eles: o objeto direto e o objeto indireto (complementos verbais), o complemento nominal e o agente da passiva.

2.1 OBJETO DIRETO

É o termo que completa a significação dos verbos transitivos diretos sem o auxílio de uma preposição necessária, obrigatória. Exprime o paciente da ação e se identifica facilmente porque passa a sujeito na voz passiva. Representa o "caso acusativo" do latim.

Exemplos:

- O alimento envenenou $\underset{\text{OD}}{\underline{\text{boa parte do reino}}}$.
- Ele estreou $\underset{\text{OD}}{\underline{\text{a produção}}}$ sob os protestos da população.
- Os argumentos $\underset{\text{OD}}{\underline{\text{que}}}$ ele utilizou salvaram $\underset{\text{OD}}{\underline{\text{o réu}}}$ da prisão.

> Perceba o pronome relativo "que" na função de objeto direto
> ⇒ Leia: Ele utilizou os argumentos.

- Houve muitos problemas na inauguração do comitê.
  OD

> Observe que o verbo da estrutura HAVER não possui sujeito, já que está no sentido de EXISTIR. O termo "muitos problemas" é o seu objeto direto.

- O medo era tal que nem sangue mais eu tinha na face.
  OD

Observações importantes:

a) O objeto direto é frequentemente substituído dentro da frase pelos pronomes oblíquos átonos "o, a, os, as". Quando o verbo que os precede termina em "-r, -s, -z", tais pronomes assumem as formas "lo, la, los, las." Se o verbo terminar em ditongo nasal "-ão, -õe, -am", por exemplo, os pronomes assumirão as formas eufônicas "no, na, nos, nas".

Exemplos:

- OD OD
  Deixaram o livro sobre a mesa de jantar. = Deixaram-no sobre a mesa de jantar.

- É importante comprar produtos originais. = É importante comprá-los.
  OD OD

- Avisamos o diretor a tempo. = Avisamo-lo a tempo.
  OD OD

- Procuraram a menina por toda parte. = Procuraram-na por toda parte.
  OD OD

- Eles ainda não disseram que o novo diretor assume amanhã.
  VTD OD

> Neste último exemplo, o objeto direto é exercido por toda uma oração. Veja mais exemplos em sintaxe de período, orações substantivas.

b) Os pronomes oblíquos átonos "me, te, se, nos, vos" também podem exercer a função de objeto direto. Nesse caso é essencial que se conheça com segurança a regência verbal.

Exemplos:

- Eu $\underset{\text{OD}}{\underline{\textbf{te}}}$ $\underset{\text{VTD}}{\underline{\textbf{amo}}}$, minha linda mulher.

- Por que não $\underset{\text{OD}}{\underline{\textbf{me}}}$ $\underset{\text{VTD}}{\underline{\textbf{convidaste}}}$ para a festa?

- Acho que o prefeito já não mais $\underset{\text{OD}}{\underline{\textbf{vos}}}$ $\underset{\text{VTD}}{\underline{\textbf{considera}}}$.

É muito importante que o estudante da língua portuguesa não confunda o objeto direto com o sujeito. É preciso ter sempre em mente que o objeto direto, salvo raras exceções, é um termo repleto de carga passiva, isto é, é um termo que pode ser convertido para a voz passiva com a função de sujeito. Já o sujeito é um termo que, na voz ativa, sempre apresentará carga ativa, isto é, representará o termo que praticará, que executará a ação verbal. Observe abaixo:

- Ontem à tarde, chegaram $\underset{\text{sujeito ou objeto direto??}}{\underline{\text{as novas cartas}}}$.

- Ontem à tarde, enviaram $\underset{\text{sujeito ou objeto direto??}}{\underline{\text{as novas cartas}}}$.

Para dirimir tal dúvida, tente converter os termos para a voz passiva. Perceba que só no segundo caso (... enviaram as novas cartas) é possível a conversão (... as novas cartas foram enviadas). Ora, neste caso não mais restam dúvidas. Em "Ontem à tarde, chegaram as novas cartas", o termo grifado é o sujeito. Já em "Ontem à tarde, enviaram as novas cartas", o termo grifado é o objeto direto. Neste último período, o sujeito é indeterminado.

Para consolidar tal aprendizado, lembre-se de que:

a) O objeto direto é um termo que só existe nas vozes ativa e reflexiva. Na voz ativa, o objeto direto possui, salvo exceções, carga passiva, isto é, pode ser transposto para a voz passiva na função de sujeito passivo.

- Pedro adquiriu UM NOVO CARRO. (voz ativa → objeto direto com carga passiva)

- UM NOVO CARRO foi adquirido por Pedro. (voz passiva → o objeto direto se torna o sujeito passivo)

b) Na voz ativa, o sujeito possui "carga ativa", isto é, é o agente da ação. Por isso, quando é possível a conversão do sujeito ativo para a voz passiva, este

assume o papel de "AGENTE da passiva", ou seja, o termo ativo que, na voz passiva, pratica a ação verbal.

- PEDRO adquiriu um novo carro. (voz ativa → sujeito ativo)
- Um novo carro foi adquirido POR PEDRO. (voz passiva → o sujeito ativo torna-se o agente da passiva)

> **Dica:** Aprofunde esses conhecimentos com o estudo da voz passiva e do agente da passiva.

Vejamos outros exemplos:

- "Do vértice do M cai a espumarada." (Carlos Drummond de Andrade)
  sujeito ativo
- Sobre a laje do prédio, deixaram pilhas de entulhos retirados das telhas.
  objeto direto (pilhas de entulhos foram deixadas...)
- Na última semana, explodiram dois carros-bomba no centro de Bagdá.
  sujeito
- Durante a preparação para o concurso, surgiram grandes problemas para nós.
  sujeito
- Ainda não informaram as mudanças no sistema ao novo diretor.
  objeto direto (as mudanças foram informadas...)
- Compraram vários livros para a inauguração da biblioteca.
  objeto direto (livros foram comprados...)

Concluindo: Temos, portanto, duas grandes características para o objeto direto: a função complementar para verbos transitivos diretos e transitivos diretos e indiretos, e a carga passiva, isto é, a possibilidade de o objeto direto ser convertido para a voz passiva na função de sujeito. Logo, é um termo que, já na voz ativa, apresenta, como dissemos, "carga passiva". Entretanto, poderemos encontrar situações complexas como:

- Pedro matou Paulo. *(Quem é o sujeito da estrutura??)*

Considerações: Nesse caso, a utilização do recurso da "carga passiva" não adiantará, pois tanto podemos dizer "Paulo foi morto por Pedro", como "Pedro foi morto por Paulo". Temos, por conseguinte, um período ambíguo, já que a ação de "matar" pode ser praticada por ambos os substantivos (Pedro e Paulo). Para resolver tal problema, recorreremos a um conhecimento já con-

solidado – um sujeito não pode vir precedido por preposição. Logo, deve-se preposicionar um dos termos para que ele deixe de ser um possível sujeito e assuma a função de "objeto direto preposicionado".

Assim...

▸ Pedro matou a Paulo.
sujeito OD preposicionado

Veja outros exemplos em que esse desdobramento foi usado (perceba como o emprego da preposição evita que se tome o termo preposicionado como se fosse o sujeito do verbo):

OD preposicionado VTD sujeito
▸ A cada um de nós sempre incomoda a atitude desleixada de um pai irresponsável.

OD preposicionado VTD sujeito
▸ Às crianças de orfanatos abandonaram, na maioria das vezes, pais sem escrúpulos.

sujeito VTD OD sujeito OD preposicionado
▸ "Os otimistas não julguem os pessimistas, nem estes àqueles, pois...". (Fund. Carlos Chagas)

▸ As ações dos advogados engrandeceram às decisões tomadas pelos diretores.
sujeito VTD OD preposicionado

Dica: Fique muito, mas muito atento às orientações por que acabamos de passar. Frequentemente, as bancas usam essa "confusão" (sujeito *versus* objeto direto) para provocar dúvidas em relação à concordância verbal.

2.1.1 OBJETO DIRETO PREPOSICIONADO

Calma!! Não se desespere! Isso não é difícil: Procure entender as razões que levam o objeto direto a vir precedido de uma preposição. São poucos casos, e alguns são bem utilizados em nosso dia a dia. Vamos lá!

Primeiro, cumpre mais uma vez salientar que o objeto direto preposicionado não surge ao acaso. Ele é fruto de algumas situações especiais em nossa língua. Acompanhe o raciocínio abaixo:

OD VTD
- Eu tenho certeza de que ele me ama, afirmou a mulher. (me = objeto direto, pronome oblíquo átono)

VTD OD preposicionado
- Eu tenho certeza de que ele ama a mim, afirmou a mulher. (mim = objeto direto preposicionado, pronome oblíquo tônico).

Veja que no exemplo acima a preposição surgiu porque o pronome utilizado para a complementação foi um oblíquo tônico. Logo, podemos asseverar que todas as vezes que o complemento de um verbo transitivo direto for feito com um pronome oblíquo tônico ele (complemento verbal), obrigatoriamente, será preposicionado. Percebeu? O objeto direto preposicionado surge para certas situações; não é a regra, uma vez que é próprio do objeto direto não exigir preposição.

Vamos aos casos em que o objeto direto deve vir precedido de uma preposição:

a) quando o objeto direto é um pronome pessoal oblíquo tônico (mim, ti, si, nós, vós, ele, eles, ela, elas):

Exemplos:

- Ele idolatrava a si mesmo antes de consultar um analista.
OD preposicionado

- Não pensem eles que irão enganar a mim e a ti.
objetos diretos preposicionados

- Agindo assim, poderás prejudicar tanto a ti como a nós todos.
VTD objetos diretos preposicionados

- "Uma certidão que me desse vinte anos de idade poderia enganar os estranhos, como todos os documentos falsos, mas não a mim." (Machado de Assis)
OD preposicionado

b) quando o objeto direto é representado pelo pronome relativo "quem":

Exemplos:

- Até agora não sabemos a quem verdadeiramente ele ama.
OD preposicionado VTD

- Santo Agostinho tornou-se o santo a quem Maria das Dores mais venerava.
OD preposicionado VTD

OD preposicionado
- "— Se você tivesse de escolher entre mim e sua mãe, a quem é que escolhia?" (Machado de Assis)
VTD

c) quando, para o bem da clareza (a fim de se evitar uma ambiguidade), deva-se, por meio da preposição, evitar que o objeto direto seja confundido com o sujeito:

Exemplos:

- O filho ama o pai. (Aqui não se pode afirmar com precisão e segurança quem praticou a ação verbal, uma vez que é possível ler a frase tanto na ordem direta quanto na indireta).

Ora, para se evitar tal confusão deve-se preposicionar um dos termos. Veja:

- O filho ama ao pai.
  OD preposicionado

- Até agora não se sabe se Paulo realmente matou a Pedro.
  VTD OD preposicionado

- Venceram aos japoneses os americanos.
  VTD OD preposicionado sujeito

d) quando o objeto direto é representado pelo numeral dual "ambos":

Exemplos:

- No resultado final, acho que vou aprovar a ambos.
  VTD OD preposicionado

- Em face da dúvida, resolveram comprar a ambas em vez de levar apenas uma.
  VTD OD preposicionado

e) quando o objeto direto é representado por nomes próprios ou comuns que designem pessoas:

Exemplos:

- É preciso amar a Deus sobre todas as coisas.
  VTD OD preposicionado

- Judas traiu a Cristo.
  VTD OD preposicionado

- Os romanos costumavam adorar a Júpiter.
  VTD OD preposicionado

- Agora, irmãos, louvemos ao Senhor com uma música especial.
  VTD OD preposicionado

f) quando o objeto direto é representado por pronomes substantivos indefinidos e demonstrativos:

Exemplos:

- Apesar dos conhecimentos, ele jamais estimulava a alguém com suas palestras.
  VTD OD preposicionado
- Eu apreciei mais a este do que àquele.
  VTD └ objetos diretos preposicionados ┘
- Ele doutrinava muito mais àquele jovem rapaz ali do que a este aqui.
  VTD └ objetos diretos preposicionados ┘

> Em virtude do paralelismo sintático, ambos os objetos diretos foram precedidos por preposição.

g) quando o objeto direto é formado por uma expressão que indica reciprocidade:

Exemplos:

- Deus ordenou que nós nos amássemos uns aos outros.
  VTD OD preposicionado
- Elas se odiavam umas às outras.
  VTD OD preposicionado

h) quando se deseja dar ênfase ao objeto direto ou, para obter mais clareza, indicar-se a parte de um todo:

Exemplos:

- João, você cumpriu com o seu dever?
  VTD OD preposicionado
- Diante do perigo, os soldados sacaram das armas e apontaram-nas para os manifestantes.
  VTD OD preposicionado
- Parece que ele ainda não comeu do bolo.
  VTD OD preposicionado
- Nunca digas "dessa água jamais beberei".
  OD preposicionado VTD

> Nestes dois últimos exemplos, alguns autores consideram os verbos como transitivos indiretos. Parece-nos, entretanto, mais lógica a ideia de "objetos diretos preposicionados", uma vez que indicam uma parte do todo. Compare: a) Comer o bolo (todo o bolo); b) Comer do bolo (parte do bolo).

2.1.2 OBJETO DIRETO PLEONÁSTICO

Ocorre quando se deseja pôr em relevo a informação contida no objeto direto. Para tanto, coloca-se o objeto direto no início da frase para depois retomá-lo — repeti-lo — com um pronome oblíquo. Daí porque este tipo de objeto é denominado de "pleonástico", "enfático" ou "redundante".

Exemplos:

- O homem, criou-o Deus à sua imagem e semelhança.
  OD VTD ↑ OD pleonástico

- OD VTD OD pleonástico
  Todas aquelas informações, os rapazes conseguiram-nas com o uso de propinas.

- OD pleonástico
  Os que não falam a verdade, descobre-os o próprio curso da vida.
  OD VTD

> Não confunda os dois "os" que aparecem na oração. O primeiro é, morfologicamente, um pronome demonstrativo. O segundo é um pronome oblíquo. Para facilitar o entendimento, leia a frase do seguinte modo: "O próprio curso da vida descobre os que não falam a verdade."

2.1.3 OBJETO DIRETO INTERNO OU COGNATO

Há casos em que o objeto direto repete o mesmo sentido contido no radical do verbo. Isso ocorre, geralmente, na linguagem literária, poética, com o intuito de conferir ênfase à mensagem. A esse termo dá-se o nome de "objeto direto interno ou cognato".

Exemplos:

- OD interno
  "E rir meu riso e derramar meu pranto". (Vinicius de Moraes)
  VTD

- Ele chorava um choro resignado, triste, melancólico.
  VTD OD interno

2.2 OBJETO INDIRETO

É o termo que completa a significação de um verbo transitivo indireto com o auxílio de uma preposição obrigatória. Com os verbos bitransitivos (transitivos diretos e indiretos), o objeto indireto representa o ser a quem (ou "para quem") o objeto direto se destina. Representa o "caso dativo" do latim.

Exemplos:

- Muitos cristãos da Antiguidade batalhavam contra os espinhos da carne.
  VTI OI

- As ações do rapaz incorreram em grave erro judiciário.
  VTI OI

- Enviaram todas as informações para o novo diretor.
  VTDI OI

- VTDI OI
  A empresa deu uma nova chance ao empregado que se afastou do local de trabalho sem avisar.

- A equipe necessitava de que todos deixassem a sala naquele momento.
  VTI OI

Observe que neste exemplo o "objeto indireto" é exercido por uma oração. Aprofunde esse estudo no capítulo "sintaxe de período".

⇨ Observações importantes:

a) O objeto indireto pode ser substituído pelos pronomes "lhe(s), a ele(s), a ela(s), dele(s), dela(s), nele(s), nela(s)":

Exemplos:

- VTDI OI
  Nos finais de ano, muitas pessoas costumam escrever cartas aos amigos. (⇨ escrever-lhes cartas)
  OI

- Não acreditem nos falsos profetas. (⇨ Não acreditem neles)
  VTI OI OI

- Das novas orientações eles ainda dependem muito. (⇨ Eles dependem delas)
  OI VTI OI

- Nunca mais $\overset{\text{VTI}}{\underline{\text{assistimos}}}$ $\overset{\text{OI}}{\underline{\text{às apresentações}}}$ daquele grupo. (Nunca mais assistimos $\underset{\text{OI}}{\underline{\text{a elas}}}$.)

- "E que a sua Deolinda, estanciando nas empinadas serras de S. Gotardo, $\overset{\text{OI}}{\underline{\text{lhe}}}$ dissera que seria feliz se morasse no topo duma montanha..." (Camilo)

b) Alguns verbos, mesmo transitivos indiretos, rejeitam a utilização dos pronomes "lhe, lhes" para o objeto indireto. Exigem as formas tônicas analíticas "a ele, a ela, a eles, a elas". Tal fato se dá ora por não ser o objeto de tais verbos personativo, ora se dá por reprovar-lhes a eufonia. São exemplos desse grupo especial os verbos "aceder, aludir, anuir, aspirar (sentido de desejar, almejar), assistir (sentido de ver, presenciar), proceder (sentido de iniciar, começar), visar (sentido de desejar, almejar)".

- O evento deve ter sido majestoso, pois os diretores **aludiram** a ele na reunião de ontem. (E não "aludiram-lhe")

- A contagem dos votos se realizará no ginásio de esportes. Os auditores do Tribunal Eleitoral **procederão** a ela exatamente às 18h.

c) Por outro lado, há verbos transitivos indiretos que, por motivo de eufonia, rejeitam os pronomes oblíquos átonos "me, te, se, nos, vos" para o objeto indireto. Exigem os pronomes tônicos preposicionados "a mim, a ti, a si, a nós, a vós" para tal função. São exemplos desse grupo os verbos "aludir, depender, discrepar, dissentir, discordar, equivaler, prescindir".

- Eles prescindem de mim para a realização do projeto.

- Todos discordam de ti, João.

d) Verbos transitivos indiretos que exigem a preposição "com" não aceitam as formas tônicas "mim, ti, nós, vós". Para eles, devem ser usados os pronomes tônicos "comigo, contigo, conosco, convosco".

- A equipe da sala ao lado **competirá** conosco. (e não "competirá com nós").

- Meu filho, alguém **simpatizou** contigo no colégio? (e não "simpatizou com ti").

2.2.1 OBJETO INDIRETO PLEONÁSTICO

À semelhança do objeto direto pleonástico, representa a repetição enfática do objeto indireto o qual é retomado com um pronome oblíquo dentro da mesma estrutura oracional.

Exemplos:

- Ao sábio de coração, bastam-lhe poucas palavras.
  OI VTI OI pleonástico

- OI OI pleonástico
  Aos envolvidos em determinados crimes, a lei preconiza que não lhes convém ausentar-se sem consentimento do juiz.

2.3 COMPLEMENTO NOMINAL

É o termo integrante da oração que completa a significação de alguns nomes, sempre com o auxílio de uma preposição. Há três classes morfológicas que podem exigir complemento nominal: o substantivo, o adjetivo e o advérbio.

Exemplos:

- nome CN
  A nova Constituição do Brasil é bastante acessível ao leigo. (acessível ➾ adjetivo)

- nome CN
  O amor a Deus deve ser incondicional. (amor ➾ substantivo)

- O fumo é prejudicial à saúde. (prejudicial ➾ adjetivo)
  nome CN

- nome CN
  O interpretador literal sempre procura ser fiel à letra da lei. (fiel ➾ adjetivo)

- Todos moravam perto do centro da cidade. (perto ➾ advérbio)
  nome CN

- O doente apresentava um profundo medo de seu passado. (medo ➾ substantivo)
  nome CN

- Ele tinha certeza de que o despacho sairia amanhã. (certeza ➾ substantivo)
  nome CN

> Observe neste último exemplo que o complemento nominal é exercido por uma oração denominada de completiva nominal. Aprofunde esse conhecimento na parte de sintaxe de período, orações substantivas.

> —Tenha-me respeito, gritava o pai para o filho. (respeito ⇨ substantivo)
CN nome

> **Leia:** Tenha respeito a / por mim. Perceba, neste caso, o pronome oblíquo funcionando como "complemento nominal".

⇨ Considerações importantes:

a) Observe que a preposição sempre se faz presente no complemento nominal. Para observar outros nomes que exigem preposição, estude o assunto "Regência nominal". Veja os nomes e as preposições que eles exigem.

b) Não confunda o complemento nominal com o objeto indireto. Este integra a significação de verbos transitivos indiretos ou transitivos diretos e indiretos, enquanto aquele completa nomes (substantivos, adjetivos e advérbios). Perceba os exemplos abaixo:

> Ele confia muito em seu próprio conhecimento.
VTI OI

> Ele tem muita confiança em seu próprio conhecimento.
nome CN

VTI OI
> O governo desconfia da atuação de grupos de esquerda para minar-lhe as forças.

nome CN
> O governo nutre uma profunda desconfiança de que haja a atuação de grupos de esquerda para minar-lhe as forças.

> Muitos ainda necessitam de paz interior para viver melhor.
VTI OI

> Muitos têm necessidade de paz interior para viver melhor.
nome CN

2.4 AGENTE DA PASSIVA

É o termo que na voz passiva analítica pratica a ação verbal, sempre introduzido por uma preposição.

> Antes de estudarmos este termo, vamos aprofundar um pouco o nosso conhecimento sobre a voz passiva, porque entendemos ser este o momento exato para isso.

2.4.1 ESTUDO DA VOZ PASSIVA – CONVERSÃO DA VOZ ATIVA PARA A VOZ PASSIVA

A voz representa a forma como o verbo se apresenta para indicar se o sujeito praticará, sofrerá ou praticará e sofrerá ao mesmo tempo a ação. Como se sabe, são três as vozes do verbo: ativa, passiva e reflexiva. Ocupemo-nos das vozes "ativa" e "passiva" agora.

A voz passiva se divide em: analítica e sintética. Vamos nos deter em estudar a voz passiva analítica, cuja principal característica é a presença de uma locução verbal formada por um verbo auxiliar (geralmente são os verbos "ser" e "estar" que desempenham esse papel) e um verbo principal no particípio.

Observe:

sujeito VTD OD
▸ O rapaz pegou o livro.

(➾ Voz ativa)

locução verbal
▸ O livro foi pego pelo rapaz.
sujeito passivo agente da passiva

(➾ Voz passiva)

Não sei se deu para perceber, mas a conversão foi feita da seguinte maneira:

ORDEM DIRETA

CONVERSÃO DA VOZ ATIVA PARA A VOZ PASSIVA		
VOZ ATIVA		VOZ PASSIVA
Sujeito	➾	Agente da passiva
Verbo transitivo direto	➾	Locução verbal (aux. + particípio)
Objeto direto	➾	Sujeito passivo ou paciente

ORDEM DIRETA

Observe as setas para acompanhar a mudança da função sintática dos termos. Veja outros exemplos de conversão da voz ativa para a voz passiva analítica:

VOZ ATIVA	VOZ PASSIVA
Quem o encontrou ontem à noite?	Por quem você (ele) foi encontrado ontem à noite?
O essencial é poder implementar as novas leis.	O essencial é poderem ser implementadas as novas leis.
Jovens, vossos mestres vos trataram bem hoje?	Jovens, vós fostes bem tratados hoje por vossos mestres?
A globalização vem favorecendo a concentração de renda.	A concentração de renda vem sendo favorecida pela globalização.
Platão a comparou ao adestramento de cães de raça.	Ela foi comparada por Platão ao adestramento de cães de raça.
Nós comprometemos de vez a dinâmica do processo.	A dinâmica do processo foi de vez comprometida por nós.
Muito prometem as dietas milagrosas e as intermináveis sessões de ginástica.	Muito é prometido pelas dietas milagrosas e pelas intermináveis sessões de ginástica.
Alguns vêm identificando a ótima forma do corpo com o conceito de saúde.	A ótima forma do corpo vem sendo identificada com o conceito de saúde por alguns.

➾ Observações importantes:

a) Todos os termos em negrito são agentes da passiva. Perceba que todos vêm introduzidos por uma preposição. Geralmente é a preposição "por" que inicia o agente (ou suas contrações "pelo, pela, pelos, pelas"), mas há agentes da passiva que são introduzidos por outras preposições. Observe:

▹ Havia muitos carros naquela cidade que eram movidos a gás.
agente da passiva

▹ O quarto foi invadido de repórteres, de câmaras.
agente da passiva

▹ O carro era tirado a quatro juntas de boi.
agente da passiva

b) Não se esqueça de que só os verbos transitivos diretos e os verbos transitivos diretos e indiretos podem ser convertidos para a voz passiva. Logo,

por exclusão, salvo raras exceções (verbos "obedecer" e "desobedecer", por exemplo), os verbos transitivos indiretos, os verbos intransitivos e os verbos de ligação não são suscetíveis de transcrição para a voz passiva.

Logo:

- Muitos $\underset{\text{VTI}}{\underline{\text{assistiram}}}$ ao espetáculo extasiados. (Voz passiva ⇨ Não existe)
- Aquele pensamento grego $\overset{\text{VL}}{\underline{\text{anda}}}$ cada vez mais comprometido. (Voz passiva ⇨ Não existe)
- Sempre que nós $\underset{\text{VI}}{\underline{\text{podíamos}}}$, nós $\underset{\text{VI}}{\underline{\text{íamos}}}$ com ele.

c) Verbos transitivos diretos há, entretanto, que são insusceptíveis de ir para a voz passiva. Tal fato se dá ou porque já apresentam sentido passivo (aguentar, sofrer etc.) — mesmo na voz ativa –, ou porque a eufonia lhes reprova a passagem para a voz passiva (ter, querer, poder, conter etc.).

d) Na conversão da voz ativa para a voz passiva, procure imediatamente o "objeto direto", pois será ele quem irá funcionar como o sujeito da voz passiva. Logo, identificar de forma precisa o "objeto direto" é o primeiro passo para se evitarem erros na transposição para a voz passiva.

e) Geralmente a locução verbal da voz passiva é construída com o verbo auxiliar "ser", formando o que se chama "passiva de ação". Outros verbos, entretanto, podem funcionar como auxiliares para a locução da passiva para acrescentar outras matrizes de sentido. Veja:

A polícia cercou a favela
(voz ativa)

a) A favela foi cercada pela polícia. (passiva de ação com o verbo "ser")

b) A favela esteve cercada pela polícia. (passiva de estado com o verbo "estar")

c) A favela ficou cercada pela polícia. (passiva de mudança de estado com o verbo "ficar")

f) Lembre-se de que o verbo auxiliar concordará em "número" e "pessoa" com o sujeito da voz passiva. O particípio passivo, por sua vez, concordará em "gênero" e "número" com esse mesmo sujeito. Observe:

- Todos analisaram a nova lei. (Voz ativa) ⇨ A nova lei **foi analisada** por todos. (Voz passiva)

- Eu analisei as novas leis. (Voz ativa) ⇨ As novas leis **foram analisadas** por mim. (Voz passiva)

- Tu analisaste os novos decretos? (Voz ativa) ⇨ Os novos decretos **foram analisados** por ti? (Voz passiva)

g) Não se esqueça de que o verbo auxiliar da locução da voz passiva será colocado no mesmo "modo" e "tempo" do verbo principal da voz ativa. Logo:

- Ele revisa o acordo. (Voz ativa) ⇨ O acordo é revisado por ele. (Voz passiva)
  Pres. Indic. Pres. Indic.

  Pret. Perf. Ind. Pret. Perf. Ind.
- Ele revisou o acordo. (Voz ativa) ⇨ O acordo foi revisado por ele. (Voz passiva)

  Pret. Imperf. Ind. Pret. Imperf. Ind.
- Ele revisava o acordo. (Voz ativa) ⇨ O acordo era revisado por ele. (Voz passiva)

  Fut. Pres. Ind. Fut. Pres. Ind.
- Ele revisará o acordo. (Voz ativa) ⇨ O acordo será revisado por ele. (Voz passiva)

h) O verbo "HAVER" no sentido de "existir, acontecer, ocorrer" é insuscetível de transcrição para a voz passiva em virtude de sua impessoalidade, a despeito de nessa acepção ser "transitivo direto". Logo:

- Sempre houve bons legisladores no Brasil. (Voz passiva ⇨ Impossibilidade)
  VTD OD

Observe que nesta construção a oração não possui sujeito.

i) Não confunda o agente da passiva com o complemento nominal. Este integra o sentido de nomes (substantivo, adjetivos e advérbios); aquele pratica a ação dentro de uma voz passiva. Ademais, o agente da passiva pode ser transcrito para a voz ativa com a função de sujeito.

Exemplos:

locução verbal agente da passiva

▹ O inferno sempre está pavimentado de boas intenções. (Voz ativa ⇨ Boas intenções pavimentam o inferno.)

> Observe a presença da locução verbal "estar + pavimentar". O verbo principal encontra-se no "particípio ⇨ pavimentado".

adjetivo complemento nominal

▹ Ele está ansioso pela (ou "da") volta de sua amada. (Não há como converter para a voz passiva.)

adjetivo complemento nominal

▹ Todos eram responsáveis pela vida da família. (Não há como converter para a voz passiva.)

locução verbal agente da passiva

▹ Muitos cantores foram influenciados pelo movimento hippie. (Voz ativa ⇨ O movimento hippie influenciou muitos cantores.)

j) Lembre-se de que muitas construções da voz passiva analítica apresentam "agente da passiva indeterminado". Isso ocorre quando não convém ou não se quer declará-lo. Neste caso, se se quiser verter a oração passiva com agente indeterminado para a voz ativa, esta também ficará com o seu sujeito indeterminado. Veja:

▹ O caso foi descoberto recentemente pelo investigador Marcos. (Voz passiva analítica com agente da passiva determinado) ⇨ Voz ativa = O investigador Marcos recentemente descobriu o caso.

▹ O caso foi descoberto recentemente. (Voz passiva analítica com agente da passiva indeterminado) ⇨ Voz ativa = **Descobriram recentemente o caso.**

▹ O voto feminino chegou a ser discutido na constituinte de 1890. (Voz passiva analítica com agente da passiva indeterminado) ⇨ Voz ativa = **Chegaram a discutir o voto feminino na constituinte de 1890.**

2.5 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (FMU/Fiam-SP) Assinale a alternativa que contenha, respectivamente: um pronome pessoal do caso reto funcionando como sujeito e um pronome pessoal do caso oblíquo funcionando como objeto direto.

a) Eu comecei a reforma da Natureza por este passarinho.
b) E mais uma vez me convenci da "tortura" destas coisas.
c) Todos a ensinavam a respeitar a Natureza.
d) Ela os ensina a fazer ninhos nas árvores.
e) Ela não convencia ninguém disso.

2. (FCC) Em: "Chamou-se um **eletricista** para a instalação dos fios" o termo destacado é:

a) objeto direto.
b) sujeito.
c) objeto indireto.
d) agente da passiva.
e) predicativo do sujeito.

3. (FEI-SP) Assinalar a alternativa que indica a função sintática exercida pelas orações destacadas, nos seguintes períodos:

I. Insistiu em que permanecesse no clube.

II. Não há duvida de que disse a verdade.

III. É preciso que aprendas ser independente.

IV. A verdade é que não saberia viver sem ela.

a) sujeito – objeto direto – complemento nominal – predicativo do sujeito.
b) predicativo do sujeito – complemento nominal – objeto direto – sujeito.
c) sujeito – predicativo do sujeito – objeto indireto – complemento nominal.
d) objeto indireto – complemento nominal – sujeito – predicativo do sujeito.
e) complemento nominal – sujeito – predicativo do sujeito – objeto indireto.

4. (Epamig-MG) Indique a frase que apresenta a palavra "se" como pronome apassivador:

a) "Se não chego a tempo..."
b) "Afastou-se o diretor, pisando forte."
c) Apagaram-se as luzes.
d) Precisa-se de responsabilidade.
e) Deu-se pressa em sair.

5. (FOC-SP) No período: "Falsos conceitos, meia ciência por parte de professores, complicação e pedantismo de nomenclatura vazia, tudo isso produziu e produz nos alunos uma sadia aversão pela 'análise lógica'". A expressão **pela análise lógica** é:

a) adjunto adnominal.
b) agente da passiva.
c) complemento nominal.
d) objeto indireto.

6. (UEL-PR) Assinale a alternativa correspondente ao período em que há agente da passiva.

a) O rapaz foi preso por um investigador, compadre do Bertolão.
b) O coração não resistiu à prova.
c) Não o sabíamos doente.
d) Tão grande e forte, não era resistente à bebida.
e) Seu apartamento fora interditado poucas horas depois do crime.

7. (Febasp)

"E agora, José?
A festa **acabou**
A luz **apagou**
O povo **sumiu**
A noite **esfriou**..." (Carlos Drummond de Andrade)

Em relação aos verbos destacados, pode-se afirmar que:

a) os verbos são todos transitivos diretos e estão no pretérito imperfeito.
b) os verbos são todos transitivos diretos, embora o objeto direto não esteja expresso; e os verbos estão no pretérito perfeito.
c) o primeiro e o segundo verbos são transitivos diretos e os últimos são transitivos indiretos e estão no pretérito mais-que-perfeito.
d) todos os verbos destacados são intransitivos e estão no pretérito perfeito.

8. (UFU-MG) No período "Quando enxotada por mim foi pousar na vidraça", qual a função sintática de **por mim**?

a) objeto direto.
b) sujeito.
c) objeto indireto.
d) complemento nominal.
e) agente da passiva.

9. (ESPM-SP) Não me preocupa o futuro. Julgo-me capaz de enfrentar qualquer dificuldade. Os termos destacados são, respectivamente:

a) sujeito – objeto direto – objeto direto – objeto indireto.
b) objeto indireto – objeto direto – objeto indireto – complemento nominal.

c) objeto direto – objeto direto – predicativo do objeto – adjunto adnominal.
d) objeto indireto – sujeito – sujeito – objeto direto.
e) objeto direto – sujeito – predicativo do objeto – objeto direto.

10. (FMU-SP) Observe os termos destacados:

*Alugam-se **vagas**.*

*Precisa-se **de faxineiros**.*

***Paraibana expansiva** machucou-se.*

Eles exercem, respectivamente, a função sintática de:

a) objeto direto, objeto indireto, objeto direto.
b) sujeito, sujeito, sujeito.
c) sujeito, objeto indireto, objeto direto.
d) sujeito, objeto indireto, sujeito.
e) sujeito, sujeito, objeto direto.

GABARITO

1 – D	2 – B	3 – D
4 – C	5 – C	6 – A
7 – D	8 – E	9 – E
10 – D		

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

CAPÍTULO 3

TERMOS ACESSÓRIOS DA ORAÇÃO

Após estudar os termos que completam o significado de verbos (objeto direto e objeto indireto) e de nomes (complemento nominal), bem como do agente da passiva, sua missão agora será estudar e compreender os termos que desempenham uma função secundária, ora de caracterização do substantivo, ora para expressar circunstâncias diversas.

São três os termos acessórios da oração: o adjunto adnominal, o adjunto adverbial e o aposto.

3.1 ADJUNTO ADNOMINAL

É o termo acessório da oração que tem por finalidade a caracterização ou a determinação de um substantivo.

Observe nos exemplos abaixo as classes morfológicas que funcionam como adjunto adnominal:

- **Os** rapazes encontraram **uma** mulher perdida.
  ↑ artigos ↑

- O **enigmático** sonho levou a **bela** garota ao êxtase.
  ↑ adjetivos ↑

- **Nosso** hino é o mais belo. **Aqueles** outros são **nossas** composições.
  ↑ pronomes adjetivos ↑ ↑

Numerais adjetivos

▹ Havia dois bandidos do lado de fora do banco; os outros três meliantes renderam o vigilante.

▹ Uma dor de cabeça o impediu de assistir ao show dos alunos.

Locuções adjetivas

▹ Ontem eu fui à casa que me será dada por herança.

Oração adjetiva

➯ Observações importantes:

a) Lembre-se de que alguns pronomes, classificados geralmente como oblíquos, podem exercer a função sintática de adjunto adnominal. Neste caso, passam literalmente à função morfológica de pronomes possessivos. São eles: me, te, lhe, nos, vos, lhes.

Exemplos:

▹ Todos que chegavam beijavam-lhe as mãos. (➯ Leia:... beijavam as mãos dele)

adjunto adnominal

> Não confunda o "lhe" na função de possessivo com o "lhe" na função de objeto indireto ou na função de complemento nominal.

▹ Aquele susto arrepiou-nos os cabelos. (➯ Leia:... arrepiou os nossos cabelos)

adjunto adnominal

adjunto adnominal

▹ Machucaram-te apenas face direita? (➯ Leia: Machucaram apenas a tua face direita?)

▹ "Desventurado, o seu coração de fogo queimou-lhe o viço da existência ao despertar dos sonhos do amor que o tinham embalado." (A. Herculano)

▹ "Não lhe sei o nome, nem que lho soubera o diria." (Camilo)

b) Não confunda o adjunto adnominal com o complemento nominal quando formado por locução adjetiva e esta locução se referir a um substantivo. Para evitar tal equívoco, sugerimos alguns critérios:

COMPLEMENTO NOMINAL	ADJUNTO ADNOMINAL
Sempre indica o ser passivo (recebedor da ação)	Sempre indica o ser ativo (agente da ação)
Tem por base um verbo transitivo	Não tem por base um verbo transitivo
Não indica posse	Sempre indica posse
Completa geralmente o sentido de um substantivo abstrato.	Completa geralmente o sentido de um substantivo concreto.

Acompanhe os exemplos abaixo e perceba as diferenças:

- A intervenção $\underset{\text{complemento ou adjunto?}}{\underline{\text{do diretor}}}$ provocou indignação na empresa.

Questione: O diretor interveio ou recebeu a intervenção? Óbvio que ele interveio. Logo é o ser ativo, agente da ação. Ademais, podemos dizer: "A intervenção dele provocou indignação na empresa". Ora, se é a intervenção dele, o termo "do diretor" indica posse. Portanto, não restam mais dúvidas, o termo é um adjunto adnominal.

- A eleição $\underset{\text{complemento ou adjunto?}}{\underline{\text{do novo diretor}}}$ deixou em euforia toda a empresa.

Questione: O diretor está elegendo alguém ou está sendo eleito? Ele está sendo eleito. Logo, indica o ser passivo, recebedor da ação. Podemos dizer: "Eleger o novo diretor". Observe que o substantivo "eleição", neste caso, possui por base um verbo transitivo direto. Logo, o termo "do novo" diretor é um complemento nominal.

Observe outros exemplos:

- O pedido $\overset{\text{adjunto adnominal}}{\underline{\text{da empresa}}}$ já foi atendido. (➾ A empresa fez o pedido. Representa o ser ativo)
- O pedido $\overset{\text{complemento nominal}}{\underline{\text{de socorro}}}$ foi ouvido ao longe. (➾ O socorro está sendo pedido. Representa o ser passivo)

complemento nominal
- O empréstimo **do dinheiro** salvou a empresa. (➾ O dinheiro está sendo emprestado. É o ser passivo)

adjunto adnominal
- O empréstimo **do banco** salvou a empresa. (➾ O banco está emprestando. É o ser ativo.)

adjunto adnominal
- Os bolinhos **de feijão** alegravam os meninos na hora do almoço.

complemento nominal
- A plantação **de feijão** foi devastada por uma praga.

adjunto adnominal
- A resposta **do entrevistado** surpreendeu a todos.

complemento nominal
- A resposta **ao entrevistado** provocou-lhe tristeza.

➾ **Observação:**

Perceba que o critério do "ser passivo" (complemento nominal) e do "ser ativo" (adjunto adnominal) praticamente resolve toda a celeuma. Use os outros critérios se ainda restar alguma dúvida.

c) Não confunda também o adjunto adnominal com um predicativo do objeto. Neste último, a qualidade atribuída ao objeto é necessária, essencial, logo, não passível de ser retirada da estrutura oracional; fato que não ocorre com o adjunto adnominal que é termo acessório e, como o próprio nome já sugere, pode ser retirado da oração. Para evitar confusões, adote o seguinte procedimento:

   – transforme o objeto direto em um pronome oblíquo;

   – perceba se o adjetivo que a ele se refere se mantém de forma lógica dentro da estrutura;

   – se ele permanecer, será um predicativo; se não for possível a sua manutenção, é porque é um adjunto adnominal.

Observe:

- Resolvi hoje no colégio uma prova difícil. ("Difícil" é um predicativo ou um adjunto do substantivo "prova"?)

- Resolvi-a hoje no colégio. (Observe que o adjetivo "difícil" não se manteve, logo é um "adjunto adnominal").

- Achei a prova muito difícil. ("Difícil" é um predicativo ou um adjunto adnominal do substantivo "prova"?)
- Achei-a muito difícil. (Observe que o adjetivo "difícil" se manteve, logo é um "predicativo do objeto").
- Todos pegaram na biblioteca o livro recomendado pela professora. ("recomendado" = adjunto adnominal).
- Encontraram o livro rasgado. ("rasgado" = predicativo do objeto)

3.2 ADJUNTO ADVERBIAL

É o termo acessório da oração que, com ou sem preposição, refere-se a um verbo, a um adjetivo ou a um advérbio atribuindo-lhes alguma circunstância. Em sintaxe, o adjunto adverbial é exercido pelos advérbios e pelas locuções adverbiais. Este termo representa o "caso ablativo" do latim.

Observe:

adjunto adverbial adjunto adverbial
- Hoje o Presidente da República irá **ao Congresso** **na parte da tarde** **para a obtenção de apoio**.
adjunto adverbial

adjunto adverbial adjunto adverbial
- **Raramente** o país investe em educação **como os outros países da América do Sul**.

adjunto adverbial adjunto adverbial
- Muitos **hoje em dia** morrem **de fome** **por causa da insensibilidade de alguns**.
adjunto adverbial

Por expressarem circunstâncias, os adjuntos adverbiais possuem várias classificações. Destacamos as principais:

a) de lugar ➾ No país do carnaval, só samba quem tem dinheiro.

b) de tempo ➾ Muitos direitos foram suspensos no tempo da ditadura brasileira.

c) de concessão ➾ Apesar das circunstâncias, muitos obtiveram o diploma de bacharel.

d) de assunto ➾ Eles só falavam sobre a derrota do time.

e) de causa ⇨ Deixou o emprego por moléstia grave. Durante a tempestade, muitas árvores caíram com o vento.

f) de afirmação ⇨ Certamente o presidente da empresa viajará para a Europa.

g) de intensidade ⇨ Falou muito, por isso ficou bastante rouco.

h) de dúvida ⇨ Talvez o time ganhe na próxima partida.

i) de modo ⇨ Deixou às escondidas o local e sorrateiramente entrou no carro que estava aparentemente abandonado.

j) de negação ⇨ De modo algum nós aceitaremos as novas cláusulas. Não compactuaremos desse momento.

k) de matéria ⇨ Construiu a porta de ferro. Fechou todos os buracos com areia e cimento.

l) de meio ⇨ Eles sempre vão de carro à casa dos parentes mais afastados.

m) de finalidade ⇨ Estudam bastante para a obtenção do certificado.

n) de condição ⇨ Não conseguirás viajar sem o passaporte.

o) de companhia ⇨ O Presidente viajará para a Europa com todos os seus ministros.

p) de preço ⇨ Aquela casa custará para nós cem mil dólares.

q) de conformidade ⇨ Eles sempre dançam conforme a música.

⇨ Observação:

Mais uma vez salientamos que esse é apenas um rol exemplificativo. Sem dúvida, há outras circunstâncias que podem ser expressadas pelos advérbios e pelas locuções adverbiais.

⇨ Outras considerações importantes:

a) Não confunda o adjunto adverbial com o agente da passiva quando os termos vierem encabeçados pelas preposições "de, por, pela, pelo, pelas, pelos". Observe:

▹ Todos estavam oprimidos **pela urgência do caso**. (⇨ Agente da passiva = A urgência do caso oprimia a todos)

▹ O Ministro estava deixando o caso **por negligência própria**. (⇨ Adjunto adverbial de causa)

- **Por uma denúncia anônima**, ele foi preso. (⇨ Adjunto adverbial de causa)
- Naquele momento, o orador estava sendo ovacionado **por todos os presentes à convenção**. (⇨ Agente da passiva)

b) Observe que o adjunto adverbial tanto pode ser expresso por um advérbio simples como por uma locução adverbial. As locuções adverbiais são, frequentemente, introduzidas por uma preposição.

- Respeite a eles, pois aqueles homem trabalham de sol a sol.
- Todos ficaram em cima da casa para observar o fenômeno.

c) Lembre-se de que o adjunto adverbial modifica "verbos, adjetivos ou advérbios" atribuindo a eles circunstâncias diversas, enquanto o adjunto adnominal sempre se refere ao substantivo.

3.3 APOSTO

É o termo acessório cuja função é a de esclarecer, explicar, identificar, especificar, resumir um outro termo. O termo a que o aposto se refere sempre será um substantivo ou termo substantivado, uma vez que a função do aposto é típica do substantivo.

Primeiros exemplos:

- O Amazonas, maior rio navegável do mundo, está poluído em algumas áreas.
  aposto

  aposto
- Analista de artes e professor de computação, João Antônio aprecia também bons pratos à japonesa.

  aposto
- Renato Saraiva, procurador do trabalho da 4.ª Região, escreveu vários livros sobre Direito Trabalhista.

Existem vários tipos de apostos. São eles:

a) Aposto explicativo: é o mais comum. Como o próprio nome já enuncia, explica, esclarece o termo a que se refere. Vem sempre isolado por vírgula(s).

Exemplos:

  aposto explicativo
- Edson Arantes do Nascimento, o rei Pelé, consagrou-se como um dos maiores jogadores de todos os tempos.

aposto explicativo

- Em Pernambuco, **um dos grandes produtores de açúcar do Brasil**, a violência cresce diariamente.

- João Pedro, **ajudante de pedreiro**, recebeu um bom abono de férias da empresa.
  aposto explicativo

b) Aposto resumitivo ou recapitulativo: é aquele que "resume" uma sequência de termos. Geralmente este tipo de aposto resume substantivos que exercem a função de sujeito. O aposto resumitivo é frequentemente exercido por um pronome indefinido.

Exemplos:

- O mar, os céus, a terra, **tudo** apregoa a glória de Deus.
  aposto resumitivo

- Dançar, nadar, brincar, **nada** lhe interessava.
  aposto resumitivo

c) Aposto especificativo: é aquele que se refere a um substantivo de sentido geral particularizando-o, especificando-o, indicando-lhe a espécie à qual pertence. Esse tipo de aposto dispensa a pontuação.

Exemplos:

- O iluminista **Thomas Hobbes**, autor de "Leviatã", morreu em 1679.
  aposto especificativo

aposto especificativo

- O poeta **Carlos Drummond de Andrade** foi uma das maiores expressões do Modernismo.

> Perceba que a base deste tipo de aposto é a especificação, a delimitação. Observe que, entre tantos poetas, a oração especifica que a informação se refere apenas a Carlos Drummond de Andrade.

- A cidade **de Palmares** fica a cerca de 120Km da cidade **de Recife**.
  aposto especificativo aposto especificativo

- Meu melhor amigo **Cláudio** é um especialista em eletricidade.
  aposto especificativo

- O mar **Mediterrâneo** foi alvo de muitas disputas na Antiguidade.
  aposto especificativo

- O colégio **Contato** fica na rua **Dom Bosco**.
  aposto especificativo aposto especificativo

d) Aposto enumerativo: este tipo cria uma enumeração ou indica uma quantidade do termo a que se refere. Este tipo de aposto faz uso frequente dos dois pontos e, mais raramente, da vírgula e do travessão.

Exemplos:

- Para um homem evoluir são necessárias três coisas: uma grande mulher, uma boa família e a presença de Deus.
  aposto enumerativo

- Em sua viagem, Mário conheceu dois grandes expoentes da Literatura mundial: José Saramago e Antonio Candido.
  aposto enumerativo

e) Aposto de oração: é aquele que sintetiza o conteúdo semântico de toda uma oração. Não se deve confundi-lo com o aposto resumitivo. Este resume termos, aquele faz a síntese de toda uma oração ou orações.

Exemplos:

- A niveladora jogou neve para dentro do jardim, fato que o deixou muito irritado.
  aposto de oração

- aposto de oração
  Muitos sem-terras se aglomeram em frente do Ministério, sinal de uma grande manifestação.

- aposto de oração
  Alguns alunos zombavam do professor, o que irritou profundamente o diretor do colégio.

- Os primeiros a chegar sugeriram que o acampamento fosse levantado à esquerda do lago, ideia que muito agradou aos líderes da excursão.
  aposto de oração

➾ Considerações importantes:

a) Não confunda o aposto especificativo com o adjunto adnominal nem com o complemento nominal. Observe:

- A cidade de São Paulo tornou-se a maior metrópole da América Latina.
  aposto especificativo

O objetivo do termo é especificar uma cidade entre as várias cidades existentes.

- Os moradores **de São Paulo** sofrem com os engarrafamentos.
  adjunto adnominal

> Já aqui o termo (formado pela locução adjetiva) indica uma qualidade. "Os moradores paulistas" (ou paulistanos).

- A construção **de São Paulo** durou vários séculos.
  complemento nominal

> Neste último, o termo indica o ser passivo, recebedor da ação.

- aposto especificativo
  O poeta **Drummond** foi o autor de vários poemas, dentre os quais se destaca "mãos dadas".

- Os poemas **de Drummond** servem de base para muitos poetas de hoje.
  adjunto adnominal

b) Há um tipo especial de termo, colocado em aparente aposição – entre vírgulas, geralmente –, que recebe o nome de "aposto circunstancial". Esta classificação é defendida por estudiosos de peso da nossa língua, como os professores Mário Barreto, José Oiticica e Cláudio Brandão. Em nossa análise, corroborando com o professor Adriano da Gama Kury, em seu livro "Novas lições de análise sintática", preferimos classificar este termo não como aposto circunstancial, mas como "predicativo circunstancial", por causa do caráter essencialmente qualificador deste termo.

- "Os castanheiros, **grandes e concentrados**, ouviam subir a seiva." (Eça de Queiroz, apud Adriano G. Kury)
- "Lembra-se como, **em menino**, me tratava?"
- Meu pai, **quando jovem**, era amantíssimo das letras.

3.4 VOCATIVO

É o termo da oração (não entra em nenhuma classificação, uma vez que nem pertence ao sujeito nem ao predicado) cujo objetivo é interpelar, chamar, invocar alguém de forma mais ou menos enfática.

Nota: Na fala o vocativo é pronunciado com entonação enfática. Na escrita é sempre marcado pela presença de algum sinal de pontuação que o isole dentro da estrutura oracional. Geralmente esse papel de isolar o vocativo é exercido pela vírgula.

▹ $\underbrace{\text{Maria, ó Maria}}_{\text{vocativos}}$, vem logo, não demores.

▹ Afasta-te daqui, $\underbrace{\text{criatura nojenta}}_{\text{vocativo}}$!

▹ Tenha cuidado, $\underbrace{\text{meu filho}}_{\text{vocativo}}$, a vida não é fácil.

➩ Consideração importante:

Não se esqueça de que a pontuação é fundamental para a identificação do vocativo, além, é claro, do objetivo do termo que é, como já vimos, chamar, interpelar. A ausência, o esquecimento, ou mesmo a retirada proposital da pontuação pode alterar completamente a função sintática do termo. Veja:

▹ $\overset{\text{sujeito simples}}{\underline{\text{Carlos Antônio}}}$ teve a sua dissertação de mestrado aprovada com louvor pela banca examinadora.

▹ $\overset{\text{vocativo}}{\underline{\text{Carlos}}}$, $\overset{\text{sujeito}}{\underline{\text{Antônio}}}$ teve a sua dissertação de mestrado aprovada com louvor pela banca examinadora.

▹ $\overset{\text{sujeito}}{\underline{\text{Carlos}}}$, $\overset{\text{vocativo}}{\underline{\text{Antônio}}}$, teve a sua dissertação de mestrado aprovada com louvor pela banca examinadora.

3.5 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (Univ. Fed. de Ouro Preto-MG) Dos termos destacados, **só não é** predicativo do sujeito:

a) "Os outros fingiam acreditar, **desconfiados.**"
b) "Manarairema esperou **impaciente.**"
c) "... enquanto os homens andavam **ativos**..."
d) "Se eles são **soberbos**, nós também..."
e) "Ninguém almoçou **direito**, receando..."

2. (U. Cuiabá-MT)

   "Dois pais conversam sobre o futuro dos filhos:

   – O que seu filho vai ser quando terminar o primeiro grau? – pergunta ***um*** *deles.*

   – Pelo jeito, acho que vai ser ***um*** *velho de barbas brancas... – responde o outro".*

   Um*, analisando-se morfológica e sintaticamente, é, respectivamente:*

   a) artigo indefinido e adjunto adnominal / artigo indefinido e adjunto adnominal.
   b) pronome adjetivo e objeto direto / artigo indefinido e objeto direto.
   c) pronome substantivo indefinido e sujeito / artigo indefinido e adjunto adnominal.
   d) pronome adjetivo definido e adjunto adnominal / numeral cardinal e sujeito.
   e) pronome adjetivo definido e adjunto adnominal / numeral cardinal e objeto direto.

3. (UM-SP) "Apesar de vistosa, a construção acelerada **daquele edifício** deixou-**nos** **insatisfeitos** novamente".

   Os termos em destaque no período são, respectivamente:

   a) adjunto adnominal, objeto indireto, adjunto adverbial.
   b) complemento nominal, objeto direto, adjunto adverbial.
   c) adjunto adnominal, objeto direto, predicativo do objeto.
   d) complemento nominal, objeto direto, predicativo do objeto.
   e) adjunto adnominal, objeto indireto, adjunto adnominal.

4. (UFSC) Observe os períodos abaixo e assinale a alternativa em que **lhe** é adjunto adnominal.

   a) "... anuncio-lhe: Filho, amanhã vai comigo.
   b) O peixe caiu-lhe na rede.
   c) Ao traidor, não lhe perdoaremos jamais.
   d) Comuniquei-lhe o fato ontem pela manhã.
   e) Sim, alguém lhe propôs emprego.

5. (Fuvest-SP) Nos enunciados abaixo, há adjuntos adnominais e apenas um complemento nominal. Assinale a alternativa que contém o complemento nominal.

   a) faturamento das empresas.
   b) ciclo de graves crises.
   c) energia desta nação.
   d) história do mundo.
   e) distribuição de poderes e renda.

6. (Fuvest-SP) Assinalar a oração que começa com um adjunto adverbial de tempo.

   a) Com certeza havia um erro no papel do branco.
   b) No dia seguinte Fabiano voltou à cidade.
   c) Na porta, (...) enganchou as rosetas das esporas...

d) Não deviam tratá-lo assim.
e) O que havia era safadeza.

7. (ESPM-SP) "Fogão Continental 2001 Grand Prix II: nossa homenagem **ao bom gosto da mulher brasileira**." As expressões destacadas são, respectivamente:

a) sujeito, complemento nominal.
b) complemento nominal, sujeito.
c) adjunto adnominal, objeto direto.
d) complemento nominal, complemento nominal.
e) complemento nominal, adjunto adnominal.

8. (Faap-SP)

"Sete anos de pastor Jacó servia Labão, pai de Raquel, serrana bela".

*Identifique a análise **errada**.*

a) sete anos – adjunto adverbial.
b) de pastor – adjunto adnominal.
c) Jacó – sujeito.
d) pai de Raquel – aposto de Labão.
e) serrana bela – aposto de Raquel.

9. (PUC-SP) "Só pessoas **sem visão** não admitem que, neste setor, existe **oferta** considerada condizente **com a procura**".

*Assinale a alternativa em que se apresenta **corretamente** a função sintática dos termos em destaque, respeitando-se a ordem em que elas ocorrem no período.*

a) adjunto adnominal, objeto direto, complemento nominal.
b) adjunto adverbial, objeto direto, adjunto adnominal.
c) adjunto adnominal, sujeito, complemento nominal.
d) adjunto adverbial, sujeito, complemento nominal.
e) adjunto adnominal, objeto direto, adjunto adnominal.

10. (UEL-PR) "Ainda que surgissem poucos **recursos** para o projeto, todos mostravam-se satisfeitos com a boa vontade **do chefe**".

As palavras em destaque no período exercem, respectivamente, a função sintática de:

a) objeto direto, complemento nominal.
b) sujeito, objeto indireto.
c) objeto direto, adjunto adnominal.
d) objeto direto, objeto indireto.
e) sujeito, adjunto adnominal.

GABARITO

1 – E	2 – C	3 – D
4 – B	5 – E	6 – B
7 – E	8 – B	9 – C
10 – E		

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

CAPÍTULO 4

SINTAXE DO PERÍODO COMPOSTO

Partamos para nosso segundo passo dentro de sintaxe. Nos capítulos anteriores, percebemos a interação entre os termos de uma oração e classificamos a função deles. Neste capítulo, continuaremos a estudar as funções sintáticas estabelecidas não mais agora entre os termos simples de uma oração, mas entre as orações. Logo, não se preocupe: o assunto é fácil. Uma orientação, porém, segue: é importante que as noções do que é um sujeito, um objeto direto, um objeto indireto etc. tenham sido bem assimiladas. Afinal, reiterando o já dito, vamos estudar todos esses termos em forma de orações. Boa viagem!

4.1 CONCEITOS ESSENCIAIS

Como já dissemos, o nosso estudo versa sobre o período. Período é a frase que se estrutura em oração ou orações. Daí o período ser classificado em:

a) Período simples ⇨ formado por uma única oração denominada de oração absoluta.

b) Período composto ⇨ formado por mais de uma oração.

Para a sintaxe de período só interessa o período composto, aquele formado por duas ou mais orações. Para a construção desse período composto, dois processos sintáticos são utilizados:

a) A coordenação ⇨ as orações mantêm uma independência sintática umas das outras, ou seja, uma oração não exerce uma função sintática (sujeito,

objeto direto, objeto indireto, complemento nominal etc.) para a outra. Há tão somente uma dependência semântica (de sentido) entre as orações do período coordenado.

b) A subordinação ⇨ as orações estão ligadas umas às outras — dependência — não só por um vínculo semântico, mas principalmente por um vínculo sintático, isto é, uma oração vai exercer uma função sintática para a outra. Por isso, uma oração, no período subordinado, só subsistirá se a outra também existir e vice-versa.

É possível também que um período seja formado tanto por orações coordenadas quanto por orações subordinadas. Nesse caso, ele é denominado de *período composto por coordenação e por subordinação, ou período misto* (período complexo).

Primeiros exemplos:

1.ª oração

▷ O Conselho de Defesa Nacional é órgão de consulta do Presidente da República e atua em casos específicos.

2.ª oração

Período coordenado. Leia: O Conselho de Defesa Nacional é órgão de consulta do Presidente. O Conselho de Defesa Nacional só atua em casos específicos.

1.ª oração

▷ Quando o Presidente e o Vice-presidente não assumirem o cargo no prazo de dez dias a partir da posse, o cargo será declarado vago.

2.ª oração

Período subordinado. Perceba que uma oração não faz sentido sem a outra e que a primeira indica o tempo para o fato da outra oração.

▷ Ele disse que amanhã irá ao show se não chover e se não houver aquele engarrafamento que tanto tem infernizado a vida dos paulistanos.

Período misto. Há cinco orações.

No último período acima, observe que há cinco orações: a primeira (*Ele disse*) que é a oração principal; a segunda (*que irá ao show amanhã*), subordinada à primeira; a terceira (*se não chover*) e a quarta (*se não houver aquele*

engarrafamento) subordinadas à segunda; e, por fim, a quinta (*que tanto tem infernizado a vida dos paulistanos*), subordinada à quarta. Perceba que entre a terceira e a quarta oração há um processo de coordenação. Por isso, esse período é denominado de período misto.

⇨ Considerações importantes:

a) Para se descobrir quantas orações existem em um período, em geral, basta contar o número de verbos ou de locuções verbais presentes na estrutura. Portanto, ao analisar um período, primeiro destaque os verbos e/ou as locuções verbais.

Observe:

> "Na hipótese de nenhum candidato **alcançar** maioria absoluta na primeira votação, **far-se-á** nova eleição no último domingo de outubro do ano anterior ao término do mandato presidencial vigente, **concorrendo** os dois candidatos mais votados e **considerando**-se eleito, agora em segundo turno, aquele que **obtiver** a maioria dos votos válidos." (CF, art 77, *caput*)

b) Para a construção do período composto, as conjunções, os pronomes relativos, algumas preposições e alguns advérbios possuem papel fundamental. Serão essas classes morfológicas que farão a ligação (funcionarão como uma "ponte") entre as orações. A esses elementos de união a gramática denomina de "conectores" ou "elementos de conexão" ou ainda "articuladores".

Observe:

> **Enquanto** exerce funções típicas, o órgão executivo pratica atos de chefia de estado, chefia de governo e atos de administração. **Quando** atua atipicamente, o órgão executivo legisla **uma vez que** pode emitir medidas provisórias.

Após essas noções introdutórias, estudaremos passo a passo, a formação do período composto tanto por coordenação quanto por subordinação.

Para que o nosso estudo obtenha sucesso, é fundamental que o estudante:

⇨ tenha apreendido as funções dos elementos de conexão, principalmente das conjunções. Logo, se ainda restar alguma dúvida ou se não se lembrar direito do assunto, sugiro que estude "conjunção".

⇨ não procure decorar as conjunções, mas sim apreender-lhes o sentido e, acima de tudo, apreender a relação que a conjunção promove. Observaremos

que, muitas vezes, uma mesma conjunção promoverá diversas relações. Portanto, não se desespere! Com o tempo você aprovisionará as diversas relações promovidas pela mesma conjunção.

⇒ não se preocupe demasiadamente com a nomenclatura gramatical: oração subordinada substantiva tal ou qual; oração subordinada adverbial "X", reduzida de infinitivo. A maioria dos institutos elaboradores de provas para concursos (públicos e vestibulares) já não mais questiona essa classificação — querem saber, sim, a relação promovida pela conjunção, pelo pronome relativo, pelos conectores em geral. Esses nomes rebuscados têm assustado e desestimulado até os mais afeitos à Língua Portuguesa. Mais uma vez, portanto, insisto: procure, a partir de agora, entender as relações entre as orações, promovidas pelos conectivos. Bom estudo!

4.2 PERÍODO COMPOSTO POR COORDENAÇÃO

4.2.1 ORAÇÕES COORDENADAS

O período coordenado é aquele em que aparecem orações sintaticamente independentes umas das outras. Saliente-se que a independência é sintática, pois no período coordenado sempre existirá uma dependência semântica (= de sentido), de forma que a retirada de uma oração prejudica o sentido do enunciado. Por isso, diz-se que no período coordenado há vínculo semântico, mas não há vínculo sintático.

Como não existe o vínculo sintático, as orações no período coordenado classificam-se pela presença ou não das conjunções coordenadas. Daí elas serem:

4.2.1.1 Assindéticas

Quando não possuem conjunção, conectivo; apresentam-se justapostas.

Observe:

▹ Todos saíram mais cedo, foram para um barzinho próximo à faculdade.
oração assindética — oração assindética

▹ "Raspou, achou, ganhou." *(Slogan publicitário.)*
orações assindéticas

4.2.1.2 Sindéticas

Quando se ligam às outras pelas conjunções coordenativas. As conjunções coordenadas são de cinco tipos e podem expressar as relações de "adição, alternância ou disjunção, oposição adversativa, conclusão e explicação".

4.2.1.2.1 Coordenadas aditivas

São aquelas que exprimem adição, soma de pensamentos, acréscimo de ideias, simultaneidade de ações.

> As principais conjunções aditivas são: e, nem, mas também, mas ainda, senão também, bem como, como também, que (= e).

- Muitos deixaram o local consternados e foram para a delegacia.
- Os pensamentos não só fazem bem à alma, **mas também** possibilitam a ajuda ao próximo.
- O conferencista discursou sobre a poluição mundial, **como também** falou sobre os efeitos do lixo industrial.
- Não fez o exame hoje **nem** foi ao curso de inglês.
- Estuda **que** estuda, e não consegue aprovação no concurso.

⇨ **Observação:**

Nem sempre a conjunção "e" funcionará como aditiva. Nas construções abaixo, ela aparece como coordenada adversativa. Perceba:

- Estudou tudo, e não passou no exame. (e = mas)
- Trabalhou muito, e não obteve sucesso. (e = mas)

4.2.1.2.2 Coordenadas adversativas

São aquelas que promovem oposição, ressalva, contraste. A ideia contida na oração adversativa se contrapõe à da oração assindética.

As principais conjunções adversativas são: mas, porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto, ao passo que, senão (= do contrário, mas sim, porém), antes (= mas, pelo contrário).

- Aprecia frutos do mar, **mas** não gosta de lagosta.
- Não foi ao shopping, **antes** preferiu o velho futebol do sábado à tarde.
- Eu sou pobre, **ao passo que** ele é muito rico.
- Ele gosta muito da praia, **entretanto** não aprecia muito os vendedores ambulantes.
- Não obteve a aprovação desejada, **senão** vaias de todos os lados.

⇨ Observações:

a) A oração adversativa equivale à oração subordinada concessiva, uma vez que ambas promovem as relações de oposição. Observe:

- Ele não bebe, mas fuma muito. ⇨ Embora fume muito, ele não bebe.

b) A conjunção coordenada adversativa pode aparecer deslocada dentro da oração sindética. Quando isso acontece, o emprego da vírgula se torna obrigatório para isolar a conjunção. Veja:

- Sempre apreciou vinhos do porto, **mas** os bebe moderadamente.
- Sempre apreciou vinhos do porto; bebe-os, **porém**, moderadamente. (Conjunção deslocada)
- Sempre apreciou vinhos do porto; bebe-os moderadamente, **contudo**. (Conjunção deslocada)

c) Algumas bancas elaboradoras de provas têm explorado as palavras "entretanto" e "no entanto" não como conjunções adversativas, mas como advérbios de tempo, com o sentido de "entrementes, neste ínterim, nesse momento". Observe os exemplos abaixo:

nesse ínterim, nesse meio-tempo

- Todos velavam o corpo na sala. **Entretanto**, João, o viúvo, conversava longamente no jardim com uma comadre.

Este advérbio de tempo equivale a "entrementes".

nesse tempo, nesse momento

- A música da orquestra penetrou na sala. **No entanto**, todos olhavam de um lado para o outro querendo saber de onde vinha aquela melodia.

nesse tempo, nesse meio-tempo

- O jogador fora para o Japão a fim de disputar um campeonato. **Entretanto**, nasceu sua filha, bela e de olhos verdes.

4.2.1.2.3 Coordenadas alternativas

São aquelas que expressam uma alternância, uma disjunção.

As principais conjunções alternativas são: ou, ou... ou, ora... ora, quer... quer, seja... seja, já... já, talvez... talvez.

- **Ora** o rapaz levantava um braço, **ora** coçava a cabeça, **ora** se espremia na cadeira.
- Responda todo o capítulo do livro **ou** não sairá no intervalo.
- **Quer** ele falasse, **quer** ele ficasse calado, todos o recriminavam.

4.2.1.2.4 Coordenadas conclusivas

São aquelas que exprimem uma conclusão, uma dedução lógica da ideia contida na oração precedente.

As principais conjunções conclusivas são: logo, pois (posposto ao verbo), portanto, por isso, por conseguinte.

- Ele estuda bastante, **logo** será aprovado em breve.

> A testemunha foi intimada, **por conseguinte** deveria comparecer.

> A empresa não enviou a proposta, **portanto** está fora da licitação.

4.2.1.2.5 Coordenadas explicativas

São aquelas que justificam a informação da oração precedente; fornecem, portanto, uma explicação, um motivo.

As principais conjunções explicativas são: que, porque, pois (anteposto ao verbo), porquanto.

> Não corra, **que** você pode cair.

> Saia da sala agora, **porque** não aceito malcriações.

> Não desanime, **pois** o ânimo é a alma do negócio.

⇛ **Observação:**

Não se esqueça de que após orações imperativas (aquelas que dão "ordem" ou fazem um "pedido"), a estrutura que se segue é geralmente explicativa. Veja:

> Não deixe os estudos, $\underbrace{\text{porque a vida não está fácil.}}_{\text{oração coordenada explicativa}}$

4.2.2 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

Orações Coordenadas

1. Teimou em contratar os serviços de uma empresa, se bem que não houvesse necessidade.

   Comece com: Não havia necessidade...

   a) porém
   b) ainda que
   c) visto que
   d) portanto
   e) porque

2. (UCDB-MT) "Podemos falar qualquer coisa: estou absolutamente calmo".

   Os dois-pontos do período acima poderiam ser substituídos pela conjunção:

   a) e.
   b) portanto.
   c) logo.
   d) pois.
   e) mas.

(FCC-PR) As questões de 3 a 8 apresentam um período que você deverá modificar, iniciando-o conforme se sugere, **mas sem alterar a ideia contida no primeiro.** Em consequência, outras partes da frase sofrerão alterações. Assinale a alternativa que contém o elemento adequado ao novo período.

Exemplo:

Abraçou-me com tal ímpeto, que não pude evitá-lo.

Comece com: Não pude evitá-lo...

a) assim
b) quando
c) à medida que
d) então
e) porque

Neste caso, a resposta correta é E, pois a frase transformada seria:

Não pude evitá-lo, porque abraçou-me com grande ímpeto.

3. Espere até tarde, que ele aparecerá.

Comece com: Ele aparecerá...

a) assim que
b) quando
c) para que
d) enquanto
e) portanto

4. Não se preocupe, que breve estarei de volta.

Comece com: Breve estarei...

a) para que
b) logo que
c) porém
d) logo
e) senão

5. Dada a falta de meios, recorreu à caridade.

Comece com: Faltavam-lhe os meios...

a) mas
b) nem
c) quando
d) portanto
e) visto que

6. Não posso atendê-lo, porque não é lícito o que requereu.

Comece com: Requereu o que não é lícito...

a) depois
b) porém
c) em que
d) visto que
e) portanto

7. Como todos tivessem terminado o trabalho, permiti-lhes que saíssem mais cedo.

Comece com: Todos já tinham terminado o trabalho...

a) visto que
b) porque
c) contudo
d) logo
e) a fim de que

8. Insiste em sair sozinho, conquanto mal conheça a cidade.

Comece com: Mal conhece a cidade...

a) por isso
b) então
c) no entanto

d) logo
e) em consequência

9. (PUC-RS) "Todos os dias esvaziava uma garrafa, colocava dentro sua mensagem, e a entregava ao mar. Nunca recebeu resposta. Mas tornou-se alcoólatra". (Marina Colasanti)

*O conectivo **mas**, que introduz a conclusão do conto – **tornou-se alcoólatra** –, permite a seguinte interpretação:*

I. A personagem tornou-se alcoólatra porque nunca recebeu uma resposta.

II. O fato aconteceu porque a personagem escreveu muitas mensagens.

III. A solidão sem remédio tem sempre como consequência o vício.

IV. Esvaziou muitas garrafas. Enviou muitas mensagens. Não recebeu resposta. Mas, como tinha bebido todos os dias, tornou-se alcoólatra.

*Analise as afirmações e, a seguir, assinale a alternativa **correta**.*

a) Somente a afirmação IV está correta.
b) Somente a afirmação I está correta.
c) Somente as afirmações I e II estão corretas.
d) Somente a afirmação III está correta.
e) Somente as afirmações II e III estão corretas.

10. (PUC-SP) "Os infelizes tinham caminhado o dia inteiro, estavam cansados e famintos. Ordinariamente andavam pouco, mas haviam repousado bastante na areia do rio seco, a viagem progredira bem três léguas. Fazia horas que procuravam uma sombra. A folhagem dos juazeiros apareceu longe, através dos galhos pelados da caatinga rala". (Graciliano Ramos, Vidas secas)

*É **correto** dizer que:*

a) a primeira e a segunda orações são coordenadas assindéticas.
b) a primeira oração é coordenada assindética e a segunda é adversativa.
c) há sete orações coordenadas no período.
d) há seis orações coordenadas e duas subordinadas.
e) n.d.a.

4.3 PERÍODO COMPOSTO POR SUBORDINAÇÃO

4.3.1 NOÇÕES INTRODUTÓRIAS

Antes de mais nada, é fundamental lembrar que no período composto por coordenação as orações se classificam em assindéticas (sem conectivo) e sindéticas (com conectivo). Já no período composto por subordinação as orações se classificam em:

a) Oração principal ⇨ é aquela que rege a oração subordinada. Não é principal porque contém algo a mais do que a subordinada, mas sim porque possui uma outra oração a qual exercerá uma função sintática em relação àquela.

b) Oração subordinada ⇨ é a oração que exercerá uma função sintática (sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, aposto, predicativo, agente da passiva, adjunto adnominal ou adjunto adverbial) para uma outra oração a qual lhe servirá como oração principal.

Observe:

▹ Ele pediu que ninguém se atrasasse.
Or. principal Or. subordinada

▹ A lei foi promulgada quando o sol já ia se pôr.
Or. principal Or. subordinada

▹ Vi muitos alunos que estudavam no pátio do colégio.
Or. principal Or. subordinada

As orações subordinadas podem exercer funções típicas do substantivo, do adjetivo e do advérbio. Daí serem classificadas em:

a) Subordinadas substantivas ⇨ exercem as funções típicas de um substantivo que são: sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, aposto, predicativo e agente da passiva.

b) Subordinadas adjetivas ⇨ exercem uma função típica do adjetivo, qual seja, "adjunto adnominal".

c) Subordinadas adverbiais ⇨ exercem a função típica do advérbio: adjunto adverbial.

4.3.2 ORAÇÕES SUBSTANTIVAS

Antes de entrarmos propriamente no assunto, observe os exemplos abaixo:

▹ Não convém o retorno dele amanhã. ⇨ Não convém que ele retorne amanhã.
sujeito sujeito

complemento nominal
- Todos eram favoráveis ao retorno dele amanhã. ➯ Todos eram favoráveis a que ele retornasse amanhã.
complemento nominal

aposto
- Todos desejam uma coisa: o retorno dele amanhã. ➯ Todos desejam uma coisa: que ele retorne amanhã.
aposto

predicativo
- O mais importante era o retorno dele amanhã. ➯ O mais importante era que ele retornasse amanhã.
predicativo

- Todos querem o retorno dele amanhã. ➯ Todos querem que ele retorne amanhã.
objeto direto objeto direto

objeto indireto objeto indireto
- Todos precisam do retorno dele amanhã. ➯ Todos precisam de que ele retorne amanhã.

Creio que tenha percebido que os termos destacados na coluna da direita são representados na esquerda por orações. Logo, o "sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, aposto, predicativo e agente da passiva" podem aparecer tanto como termos simples como em forma de orações. As orações que exercem tais funções são denominadas de "orações subordinadas substantivas".

> **Recapitulando:** Elas são subordinadas porque dependem sintaticamente uma da outra, já que uma exercerá uma função sintática para a outra. São denominadas de substantivas porque exercem funções típicas do substantivo, quais sejam: sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, aposto, predicativo e agente da passiva.

➯ Observação importante:

As orações subordinadas substantivas são geralmente introduzidas pelas conjunções integrantes "**QUE**" ou "**SE**". No entanto, outros conectores podem aparecer com uma função integrante. Passemos agora a estudar detalhadamente uma por uma.

4.3.2.1 Substantivas subjetivas

São aquelas que exercem a função sintática de sujeito para a oração principal. Nesse caso, o verbo da oração principal deverá estar na 3.ª pessoa do singular, uma vez que todas as orações subordinadas substantivas subjetivas não passam de sujeitos oracionais. Veja os exemplos:

- Cumpre que todos façam a sua parte.
  subjetiva
- Anunciou-se que o novo pacote do governo entrará em vigor amanhã.
  subjetiva
- "Quem com porcos se mistura farelo come". (Dito popular)
  subjetiva
- Não se sabe como ele conseguiu a vitória.
  subjetiva
- Parece que a situação vai piorar.
  subjetiva
- Foi constatado que a testemunha era falsa.
  subjetiva

⇨ **Considerações importantes:**

a) Perceba que, quando a oração subordinada é substantiva subjetiva, na oração principal não há sujeito, pois o sujeito da oração principal é a outra (oração subjetiva).

b) Observe que, quando a oração subordinada substantiva for subjetiva, a oração principal apresentará um dos seguintes casos:

- verbo na 3.ª pessoa do singular, na voz ativa, sem menção a sujeito;
- voz passiva sintética (VTD/VTDI + SE)
- voz passiva analítica (locução verbal — v. auxiliar + v. principal no particípio)

4.3.2.2 Substantivas objetivas diretas

São aquelas orações que exercem a função de objeto direto para um verbo transitivo direto ou transitivo direto e indireto que se encontra na oração principal.

VTD objetiva direta

- O governo **anunciou** que as novas medidas só entrarão em vigor no mês de março.

- Que a violência no Brasil possui uma causa social, todos já **sabem**.

objetiva direta VTD

- A Defesa Civil **desconhece** quantos são os desabrigados.

VTD objetiva direta

- Nunca **diga**: desta água não beberei.

VTD objetiva direta

VTDI

- Os diretores **informaram** aos funcionários que a nova escala de trabalho valerá a partir de amanhã.

objetiva direta

4.3.2.3 Substantivas objetivas indiretas

São as orações que exercerão a função sintática de objeto indireto para um verbo transitivo indireto ou transitivo direto e indireto que se encontra na oração principal. As orações objetivas indiretas são sempre introduzidas por uma preposição.

- Nada **obsta** a que você estude mais esta noite.

VTI objetiva indireta

- Nunca se **esqueça** de que a vida não é fácil.

VTI objetiva indireta

- Tudo **depende** de que o avião saia na hora certa.

VTI objetiva indireta

- **Avisei**-o de que a nova diretoria assumirá na próxima semana.

VTDI objetiva indireta

⇨ **Observação:**

Saliente-se, mais uma vez, que as orações objetivas indiretas são introduzidas por uma preposição requerida pela regência de um verbo transitivo indireto ou transitivo direto e indireto. Observe abaixo como se dá esse uso da preposição:

SE DIZEMOS...	DEVEMOS DIZER...
▹ Não dou importância **à** tua intervenção.	▹ Não dou importância a que tu intervenhas.
▹ Precisamos **de** sua ajuda.	▹ Precisamos **de** que você ajude.
▹ O diretor se opôs **à** participação dos funcionários.	▹ O diretor se opôs a que os funcionários participassem.
▹ Queixou-se **da** ausência dos amigos.	▹ Queixou-se **de** que os amigos estão ausentes.
▹ Insistiu **em** nossa participação no evento.	▹ Insistiu em que nós participássemos do evento.

4.3.2.4 Substantivas completivas nominais

São aquelas que exercem a função de complemento nominal para um nome que se encontra na oração principal. Observe atentamente os exemplos abaixo:

▹ Ele tem sempre a **impressão** de que vozes do outro mundo o chamam.
nome completiva nominal

nome
▹ Os sem-terras desrespeitaram a **recomendação** de que não invadissem aquela parte da fazenda.
completiva nominal

▹ O rapaz mostrava-se profundamente **ansioso** por que sua noiva voltasse.
nome completiva nominal

nome
▹ O Presidente se apresentou bastante **convencido** de que o novo pacote econômico dará certo.
completiva nominal

➾ Observações importantes:

a) O complemento nominal é um termo integrante da oração que obrigatoriamente vem regido por uma preposição. Da mesma forma acontece com a oração completiva nominal. Não raro, entretanto, encontram-se em bons escritores exemplos de complementos nominais oracionais com a preposição oculta. Daí se aceitarem como corretas as seguintes construções:

▹ Mostrava-se desejoso **de** que ele voltasse amanhã. /ou/ ▹ Mostrava-se desejoso que ele voltasse amanhã.

- O jogador estava certo de que ficaria no banco de reservas. /ou/ ▹ O jogador estava certo que ficaria no banco de reservas.
- O orador não tinha dúvidas de que o próximo seria ele. /ou/ ▹ O orador não tinha dúvidas que o próximo seria ele.
- "Estou ansioso que ele chegue e que nos ouça." (Camilo Castelo Branco)
- "Não é preciso dizer que também eu ficara em brasas, ansioso que a aula acabasse." (Machado de Assis)
- "Estou certo, disse ele, piscando-me o olho, que dentro de um ano a vocação eclesiástica do nosso Bentinho se manifesta clara e decisiva." (Machado de Assis)
- "Apenas ela dobrava a esquina o conciliábulo juntava-se logo a cochichar. Tinham a certeza que se ia encontrar com o peralta." (Eça de Queiroz)

b) É importante não confundir as orações completivas nominais com as objetivas indiretas. Para evitar tal equívoco, consulte a diferença entre o objeto indireto e o complemento nominal.

4.3.2.5 Substantivas predicativas

São as orações que exercem a função de predicativo para a oração principal. Convém notar que na oração principal sempre aparecerá um verbo de ligação — geralmente o verbo "SER" — quando a oração subordinada for classificada como predicativa.

- O fundamental é que ele não desfaleça em sua fé.
  VL predicativa
- Quem menos fala é, muitas vezes, quem menos sabe.
  VL predicativa
- Minha maior esperança era que o dinheiro fosse imediatamente liberado.
  VL predicativa
- O certo seria que a lei fosse para todos.
  VL predicativa

4.3.2.6 Substantivas apositivas

Exercem a função de aposto para um substantivo ou termo substantivado presente na oração principal. Geralmente a oração apositiva aparece depois de dois pontos ou, mais raramente, de vírgula.

apositiva
- O pai, preocupado, disse-lhe **isto**: estude bastante para suas provas, meu filho.

- Diga-me agora uma **coisa**, este livro é para concursos públicos?
apositiva

- Uma única **indagação** ficou em discussão: que faria agora ele sem o emprego?
apositiva

➪ Observação importante:

Não é o fato de conter os dois pontos ou qualquer outro sinal de pontuação que a oração será apositiva. É imprescindível que, primeiro, antes da classificação, perceba-se se a oração efetivamente possui a função de aposto. Observe:

voz passiva analítica
- Na porta da sala **foi escrito** em letras garrafais: "O Senhor é o meu Pastor e nada me faltará."
subordinada substantiva subjetiva

voz passiva sintética
- Na porta da sala **se escreveu** em letras garrafais: "O Senhor é o meu Pastor e nada me faltará."
subordinada substantiva subjetiva

VTD
- Na porta da sala, um painel **avisava** em letras garrafais: "O Senhor é o meu Pastor e nada me faltará."
subordinada substantiva objetiva direta

substantivo
- Na porta da sala, havia um **aviso** em letras garrafais: "O Senhor é o meu Pastor e nada me faltará."
subordinada substantiva apositiva

4.3.2.7 Substantivas agente da passiva

São as orações que exercem a função sintática de agente da passiva. São, assim como o agente da passiva o é, introduzidas por uma das preposições "de, por, pelo, pela, pelos, pelas." Esse tipo de oração não é reconhecido pela NGB — Nomenclatura Gramatical Brasileira.

- Um dia todos nós seremos julgados por quem nos criou.
oração agente da passiva

› Este prédio foi construído por quem entende de construção.
oração agente da passiva

4.3.3 EMPREGO DA CONJUNÇÃO INTEGRANTE NA SEGUNDA ORAÇÃO SUBSTANTIVA COORDENADA

Quando a uma proposição subordinada substantiva, que começa pela conjunção integrante "que", une-se outra proposição subordinada por meio da conjunção coordenativa aditiva "e" ou da conjunção alternativa "ou", pode-se repetir ou não a conjunção integrante. A repetição confere maior clareza ao enunciado, pois evita que se tome a segunda oração como uma oração principal. Por isso, nos grandes escritores, não raro se encontram exemplos em que há a repetição da conjunção integrante.

Suponha que se queira construir um período composto por subordinação a partir do período simples a seguir:

a diminuição dos juros.
› Pedi ao governo
o aumento do acesso ao crédito.

Teremos então duas possibilidades...

que diminuísse os juros.
› Pedi ao governo E
que aumentasse o acesso ao crédito.

Ou então...

que diminuísse os juros.
› Pedi ao governo E
aumentasse o acesso ao crédito. (elipse da conjunção na segunda oração)

Outros exemplos:

› Rogo-te **que** desças ao porto, e lhes saias ao encontro, e os recebas humanamente em tua casa." (Pe. Manuel Bernardes)

- "Quero **que** vejas, **que** ouças, e **que** me digas tudo quanto ele fizer." (Rebêlo da Silva *apud* Mário Barreto)
- "Disseram-lhe **que** estava em Paris e **que** a família se retirara a uma quinta das margens do Minho." (Camilo C. Branco)
- "Um dia em que ele, como sempre, cheio de solicitude, perguntava pelo 'seu doente' disseram-lhe **que** José estava livre de maior perigo e **que** o restabelecimento seria completo com a viagem à Europa." (Aluísio Azevedo)
- "Pareceu-lhe **que** era bastante a sua piedade e ela ia de algum modo dar lenitivo ao sofrimento do padrinho." (Lima Barreto)
- "Era necessário, Sr. Presidente, **que** se estabelecesse a discussão sobre a matéria principal, e **que** os nobres deputados nos dissessem quais são as suas ideias." (Rui Barbosa)

4.3.4 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

Orações Subordinadas Substantivas

1. (PUC-SP) "Pode-**se** dizer **que a tarefa crítica é puramente formal**".

   No texto acima, temos uma oração destacada que é ... e um se que é ... .

   a) substantiva objetiva direta – partícula apassivadora.
   b) substantiva predicativa – índice de indeterminação do sujeito.
   c) relativa – pronome reflexivo.
   d) substantiva subjetiva – partícula apassivadora.
   e) adverbial consecutiva – índice de indeterminação do sujeito.

2. (FCE-SP) "Os homens sempre se esquecem **de que somos todos mortais**". A oração destacada é:

   a) substantiva completiva nominal.
   b) substantiva objetiva indireta.
   c) substantiva predicativa.
   d) substantiva objetiva direta.
   e) substantiva subjetiva.

3. (UCMG) Há oração subordinada substantiva apositiva em:

   a) Na rua perguntou-lhe em tom misterioso: onde poderemos falar à vontade?
   b) Ninguém reparou em Olívia: todos andavam como pasmados.
   c) As estrelas que vemos parecem grandes olhos curiosos.
   d) Em verdade, eu tinha fama e era valsista emérito: não admira que ela me preferisse.
   e) Sempre desejava a mesma coisa: que a sua presença fosse notada.

4. (Cefet-MG) "Já era noite. Parecia viável **que todos entendessem** que, naquele momento, deviam-se lembrar **de que nada é eternamente assim**. Mas nada acontecia. A verdade é **que todos estavam extasiados** e certos **de que não há prazeres no mundo**".

   As orações destacadas são, respectivamente, subordinadas substantivas:

   a) subjetiva, subjetiva, subjetiva e completiva nominal.
   b) subjetiva, objetiva direta, subjetiva e completiva nominal.
   c) objetiva direta, subjetiva, predicativa e objetiva indireta.
   d) subjetiva, objetiva indireta, predicativa e completiva nominal.
   e) objetiva direta, objetiva indireta, predicativa e objetiva indireta.

5. (FIT-SP) No período "Todos tinham certeza **de que seriam aprovados**", a oração destacada é:

   a) substantiva objetiva indireta.
   b) substantiva completiva nominal.
   c) substantiva apositiva.
   d) substantiva subjetiva.
   e) n.d.a.

6. (Faap-SP)

   "Ouvindo-te dizer: Eu te amo, creio, no momento, que sou amado. No momento anterior e no seguinte como sabê-**lo**."

   *O pronome **o** está no lugar da oração:*

   a) ouvindo-te.
   b) dizer.
   c) eu te amo.
   d) que sou amado.
   e) como saber.

7. (F. Objetivo-SP) No período: "É necessário **que todos se esforcem**", a oração destacada é:

   a) substantiva objetiva direta.
   b) substantiva objetiva indireta.
   c) substantiva completiva nominal.
   d) substantiva subjetiva.
   e) substantiva predicativa.

8. (UFAC) No período: "Enfim resolveu o Leão sair para fazer sua pesquisa, verificar **se ainda era o Rei dos Animais**", a oração em destaque é:

   a) subordinada adverbial condicional.
   b) subordinada substantiva objetiva indireta.
   c) subordinada adverbial concessiva.
   d) subordinada substantiva objetiva direta.
   e) subordinada substantiva predicativa.

9. (FEI-SP) Assinale a alternativa em que a oração destacada é uma subordinada completiva nominal.
   a) Este é o relatório **de que lhe falei ontem.**
   b) Lembraram-se **de que a reunião fora adiada.**
   c) Insisto **em que partas logo.**
   d) Espalhou-se a notícia **de que ele chegou.**

10. (PUCC-SP) A alternativa em que se encontra uma oração subordinada substantiva objetiva direta iniciada com a conjunção **se** é:
    a) Só obteremos a aprovação se tivermos encaminhado corretamente os papéis.
    b) Haverá racionamento de águas em todo o país, se persistir a seca.
    c) Falava como se fosse especialista no assunto.
    d) Se um deles entrasse, todos exigiriam entrar também.
    e) Queria saber dos irmãos se alguém tinha alguma coisa contra o rapaz.

11. (UFPA) Qual o período em que há oração subordinada substantiva predicativa?
    a) Meu desejo é que você passe nos exames vestibulares.
    b) Sou favorável a que o aprovem.
    c) Desejo-te isto: que sejas feliz.
    d) O aluno que estuda consegue superar as dificuldades do vestibular.
    e) Lembre-se de que tudo passa neste mundo.

12. (PUC-SP) Nos trechos "... não é impossível **que** a notícia da morte me deixasse alguma tranqüilidade, alívio, e um ou dois minutos de prazer" e "Digo-vos **que** as lágrimas eram verdadeiras", a palavra **que** está introduzindo, respectivamente, orações:
    a) subordinada substantiva subjetiva, subordinada substantiva objetiva direta.
    b) subordinada substantiva objetiva direta, subordinada substantiva objetiva direta.
    c) subordinada substantiva subjetiva, subordinada substantiva subjetiva.
    d) subordinada substantiva completiva nominal, subordinada adjetiva explicativa.
    e) subordinada adjetiva explicativa, subordinada substantiva predicativa.

13. (UFV-MG) As orações subordinadas substantivas que aparecem no período abaixo são todas subjetivas, **exceto**:
    a) Decidiu-se que o petróleo subiria de preço.
    b) É muito bom que o homem, vez por outra, reflita sobre sua vida.
    c) Ignoras quanto custou meu relógio.
    d) Perguntou-se ao diretor quando seríamos recebidos.
    e) Convinha-nos que você estivesse presente à reunião.

14. (UFU-MG) Na frase "argumentei **que não é justo que o padeiro ganhe festas**", as orações destacadas, introduzidas por **que**, são, respectivamente:
    a) ambas subordinadas substantivas objetivas diretas.
    b) ambas subordinadas subjetivas.

c) subordinada substantiva objetiva direta e subordinada substantiva subjetiva.
d) subordinada objetiva direta e coordenada assindética.
e) subordinada substantiva objetiva direta e subordinada substantiva predicativa.

15. (PUCC-SP) Assinale a alternativa cuja oração subordinada é substantiva predicativa.

a) Espero que venhas hoje.
b) O aluno que trabalha é bom.
c) Meu desejo é que te formes logo.
d) És tão inteligente como teu pai.
e) n.d.a.

16. (UFMG) Na frase: "Maria do Carmo tinha a certeza **de que estava para ser mãe**", a oração em destaque é:

a) subordinada substantiva objetiva indireta.
b) subordinada substantiva completiva nominal.
c) subordinada substantiva predicativa.
d) coordenada sindética conclusiva.
e) coordenada sindética explicativa.

17. (FCMSC-SP) A palavra **se** é conjunção subordinada integrante (por introduzir oração subordinada substantiva objetiva direta) em qual das orações seguintes?

a) Ele se morria de ciúmes pelo patrão.
b) A Federação arroga-se o direito de cancelar o jogo.
c) O aluno fez-se passar por doutor.
d) Precisa-se de pedreiros.
e) Não sei se o vinho está bom.

18. (Fesp-SP) "Lembro-me **de que ele só usava camisas brancas**". A oração em destaque é:

a) substantiva completiva nominal.
b) substantiva objetiva indireta.
c) substantiva predicativa.
d) substantiva subjetiva.
e) n.d.a.

19. (F. Objetivo-SP) "A verdade é **que a gente não sabia nada...**"

Classifica-se a segunda oração como:

a) subordinada substantiva objetiva direta.
b) subordinada adverbial conformativa.
c) subordinada substantiva objetiva indireta.
d) subordinada substantiva predicativa.
e) subordinada substantiva apositiva.

20. (UFSCar-SP) Marque a opção que contém oração subordinada substantiva completiva nominal.

a) "Tanto eu como Pascoal tínhamos medo de que o patrão topasse Pedro Barqueiro nas ruas da cidade".

b) "Era preciso que ninguém desconfiasse do nosso conluio para prendermos o Pedro Barqueiro".

c) "Para encurtar a história, patrãozinho, achamos Pedro Barqueiro no rancho, que só tinha três divisões: a sala, o quarto dele e a cozinha".

d) "Quando chegamos, Pedro estava no terreiro debulhando milho, que havia colhido em sua rocinha, ali perto".

e) "Pascoal me fez um sinalzinho, eu dei a volta e entrei pela porta do fundo para agarrar o Barqueiro pelas costas".

Continuemos nossa jornada dentro do período composto. Já estudamos as orações coordenadas e as subordinadas substantivas. Espero que a esta altura já saiba discernir entre um período composto por coordenação e um composto por subordinação. É fundamental também ter percebido que as funções sintáticas como o sujeito, o objeto direto, o objeto indireto etc. podem ser expressadas por meio de orações denominadas substantivas. A partir de agora, veremos o adjunto adnominal e o adjunto adverbial em forma de orações. Bons estudos!

4.3.5 ORAÇÕES SUBORDINADAS ADJETIVAS

As orações subordinadas adjetivas são aquelas que possuem o valor de um adjetivo; exercem a função sintática de adjunto adnominal de um substantivo ou pronome antecedente.

A principal característica das orações adjetivas é que são introduzidas por um pronome relativo (que, quem, onde, o qual, a qual, os quais, as quais, cujo, cuja, cujos, cujas, quanto, quanta, quantos e quantas). Por isso, as orações adjetivas são também denominadas de "orações relativas".

4.3.5.1 Emprego e funções sintáticas dos pronomes relativos

Antes de estudarmos as orações adjetivas, convém analisar e conhecer melhor os ditos pronomes relativos. Frequentemente estes pronomes têm sido usados para a construção de inúmeras questões as quais, não raro, embaraçam os candidatos. Neste momento, é importante que o estudante apreenda o emprego de cada um deles bem como a função sintática exercida na oração. Vamos lá!

1. Que ⇨ É denominado de "relativo universal", porque se refere tanto a coisas quanto a pessoas. Seus equivalentes variáveis são "a qual, o qual, as quais, os quais". O relativo "que" só deve ser substituído por outro relativo em casos específicos. Pode desempenhar as seguintes funções sintáticas:

a) Sujeito:

▹ Na árvore havia dois papa-capins que cantavam melodiosamente.
papa-capins cantavam melodiosamente

▹ O país que não investe em educação está fadado à miséria social.
o país não investe em educação

b) Objeto direto:

▹ Os dois livros que aqueles alunos compraram vão ser usados por toda a turma.
aqueles alunos compraram os dois livros

o pai deu ao filho mais novo as poesias
▹ As poesias, que ao filho mais novo o pai deu, pertenciam a um grande poeta popular.

c) Objeto indireto:

▹ Os livros de que os alunos precisam já estão à disposição deles na biblioteca.
os alunos precisam dos livros.

▹ As ideias a que o professor se referiu foram condenadas pela arquidiocese.
o professor se referiu às ideias

d) Complemento nominal:

▹ Os insetos de que a mulher tinha mais medo eram as baratas.
a mulher tinha mais medo dos insetos

▹ A luz acesa era para ele um ritual por que mantinha um profundo respeito.
ele mantinha um profundo respeito pelo ritual

e) Predicativo do sujeito:

▹ O grande aluno que um dia eu fui já não mais existe.
um dia eu fui um grande aluno

▹ O cantor que ele era deixou saudades.
ele era cantor

f) Agente da passiva:

- O amigo **por que** ele foi traído viajou para a Europa.

ele foi traído pelo amigo

Mariazinha havia sido dominada pelo olhar

- O olhar **por que** Mariazinha havia sido dominada a abandonou no meio do romance.

g) Adjunto adverbial:

- A cidade **em que** nasci fica perto de Recife.

eu nasci na cidade

- O departamento **a que** ele se dirigiu fica no oitavo andar.

ele se dirigiu ao departamento

2. Quem ⇛ É denominado de "relativo personativo", pois só se refere a pessoas. Sempre virá precedido de uma preposição.

ela se referiu ao homem

- O homem **a quem** ela se referiu tornou-se o delegado da cidade. (a quem = objeto indireto)

nós mantínhamos mais contato com o diretor financeiro

- O diretor financeiro **com quem** nós mantínhamos mais contato era o Sr. Rodrigo. (com quem = complemento nominal)

3. Onde ⇛ É denominado de "relativo locativo", pois só é utilizado para retomar e substituir termos que contenham a noção de "lugar". Equivale a "em que" e variações (na qual, no qual, nas quais, nos quais).

prega-se mais o cristianismo no templo.

- O templo **onde** se prega mais o cristianismo fica em Roma. (onde = adjunto adverbial de lugar)

eu nasci na cidade.

- A cidade **onde** eu nasci fica a 123 Km de Recife. (onde = adjunto adverbial de lugar)

4. O qual, a qual, os quais, as quais ⇛ São os relativos que possuem as variações em gênero e número correspondentes ao pronome relativo "que". Esses relativos devem obrigatoriamente substituir o "que" quando este provocar ambiguidade, for precedido por uma preposição com mais de uma sílaba ou for eufonicamente melhor.

- Assisti à cena final daquele filme que me deixou bastante emocionado. (Frase ambígua — Quem o emocionou foi a cena ou o filme?)

a cena me deixou bastante emocionado.

- Assisti à cena final daquele filme a qual me deixou bastante emocionado. (a qual = sujeito)

corriam águas extremamente poluídas sobre a ponte

- A ponte sobre a qual corriam águas extremamente poluídas era pênsil. (sobre a qual = adjunto adverbial de lugar)

a maioria do colegiado votou contra a proposta

- A proposta contra a qual a maioria do colegiado votou vai ser objeto de nova apreciação. (contra a qual = objeto indireto)

5. Cujo, cuja, cujos, cujas ⇛ São relativos utilizados para substituir termos que expressam noção de posse. Equivalem a "do qual, da qual, dos quais, das quais, seu, sua, seus, suas, dele, dela, deles, delas". Eles retomam um termo antecedente, mas concordam em gênero e número com o substantivo consequente (ou posposto). Não admitem a posposição de artigo e sempre exercem a função sintática de adjunto adnominal.

os princípios do homem (ou "os seus princípios) não são sólidos

- O homem cujos princípios não são sólidos está mais sujeito às intempéries da vida. (cujos = adjunto adnominal)

eu já não mais me lembro dos nomes dos filmes

- Alguns filmes de cujos nomes já não mais me lembro imortalizaram muitos artistas. (cujos = adjunto adnominal)

alguns trabalhadores descansavam sob a sombra da árvore

- A árvore sob cuja sombra alguns trabalhadores descansavam era centenária. (cuja = adjunto adnominal)

6. Quanto, quanta, quantos, quantas ⇛ Estas palavras só serão consideradas pronomes relativos quando vierem antecedidas por um dos seguintes pronomes indefinidos "tudo, todo (a), todos (as)":

- Doou tudo quanto tinha em casa para o abrigo São Francisco. (quanto = objeto direto)

- Nenhuma obra de arte rara de todas quantas levei sequer levou algum arranhão. (quantas = objeto direto)

➯ Consideração importante:

Perceba que o pronome relativo exerce, ao mesmo tempo, uma função conectiva (une, liga, conecta uma oração à outra) e uma função sintática em relação à oração que ele introduz. Além do mais, o conteúdo acima será bastante útil quando estudarmos "regência". Portanto, se restou alguma dúvida, revise o assunto.

Após este estudo, voltemos à análise do adjetivo em forma de oração. Observe o raciocínio abaixo:

- A escola aprecia bastante alunos **estudiosos**.
  adjetivo = adjunto adnominal

- A escola aprecia bastante alunos que estudam.
  oração subordinada adjetiva

Perceba que o adjetivo simples (estudiosos) foi substituído pela oração (que estudam). A oração literalmente fica no lugar do adjetivo. Daí porque ser denominada de oração adjetiva.

4.3.5.2 Classificação das orações subordinadas adjetivas

As orações subordinadas adjetivas são classificadas em:

4.3.5.2.1 Restritivas

Restringem, particularizam, limitam a significação do substantivo ou pronome substantivo antecedente. Indicam que a informação prestada pela oração não se aplica ao todo, mas tão somente a uma parte do todo. Geralmente aparecem dentro da estrutura oracional sem virgulação. Ademais, as orações adjetivas restritivas não podem ser retiradas da oração, pois são indispensáveis ao sentido geral do enunciado.

Exemplos:

- O homem que caminhava na calçada da direita olhava-nos com desdém.
  adjetiva restritiva

Observe que pelo enunciado "há outros homens que caminhavam na calçada esquerda".

- Os que lutam são os que vencem.
  adjetiva restritiva adjetiva restritiva

> Leia da seguinte forma: "Aqueles que lutam são aqueles que vençem". Perceba que não são todos que lutam, logo não são todos que vencem. Por isso, são orações restritivas.

- Os alunos que permanecerem na quadra após o toque serão suspensos das atividades escolares.
  adjetiva restritiva

> Não serão todos os alunos suspensos das atividades escolares, mas apenas os que permanecerem na quadra após o toque.

- O homem que trabalha não passa necessidade.
  adjetiva restritiva

> Não são todos os homens que trabalham. Apenas os que trabalham não passam necessidade.

Observe abaixo um recurso prático para não mais se confundir com as orações restritivas:

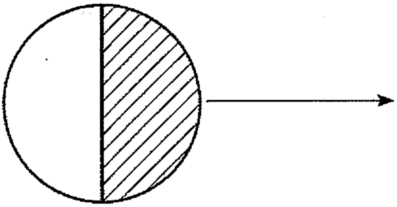

A informação prestada pela oração restritiva não se aplica ao todo.

4.3.5.2.2 *Explicativas*

Explicam, estendem o significado, exprimem o sentido geral do substantivo antecedente. Geralmente o substantivo ou pronome substantivo representa um ser único. As orações adjetivas explicativas possuem um valor aproximado de um aposto explicativo. Podem, portanto, ser retiradas da oração sem prejuízo para o sentido. Aparecem na escrita isoladas por vírgula(s).

Exemplos:

oração subordinada adjetiva explicativa
- Minha mãe, que é uma mulher de seus sessenta anos, vai regularmente à igreja.

oração subordinada adjetiva explicativa
- O sol, que é o centro do nosso sistema, tem perdido calor nas últimas décadas.

oração subordinada adjetiva explicativa
- Jesus Cristo, que representa o maior ícone do cristianismo, deu grandes lições de vida.

- Ela se dirigiu para a mansão da família, onde todos lá a esperavam.
oração subordinada adjetiva explicativa

➾ **Observação:**

Perceba que as orações subordinadas adjetivas explicativas se referem a seres únicos, individualizados. Logo, a informação prestada pela oração explicativa se aplica ao substantivo antecedente de forma totalitária. Observe a diagramação abaixo:

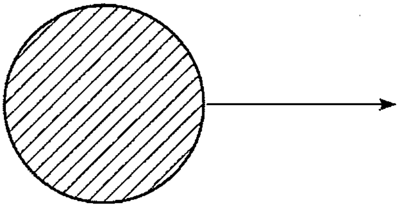

A informação prestada pela oração explicativa se aplica ao todo.

➾ Consideração importante sobre as orações adjetivas explicativas:

Há orações adjetivas que só podem ser explicativas, pois, como já dissemos, aplicam-se a seres únicos, individualizados. Observe abaixo os exemplos:

- O pai falava irritado com a única filha, que permanecia calada e cabisbaixa.
oração subordinada adjetiva explicativa

oração subordinada adjetiva explicativa
- Sócrates, que foi condenado à ingestão de veneno, não deixou nada do seu pensamento por escrito.

- O avião sobrevoava agora a cidade de São Paulo, que se tornou a maior metrópole da América Latina.
  oração subordinada adjetiva explicativa

4.3.5.3 O emprego da vírgula com as orações adjetivas – Distinção entre restrição e explicação

Como já pudemos estudar acima, as orações adjetivas se classificam em restritivas e explicativas. Entretanto, esta classificação não se dá meramente pelo emprego ou não da vírgula, como pensam muitos estudantes. Ser "restritiva" ou "explicativa" depende, na maioria dos casos, do sentido que se pretende dar ao substantivo antecedente.

Há orações, como já vimos, que só podem ser explicativas ou restritivas. Não há variações. Observe a seguir:

- O homem que fuma geralmente incomoda os outros.
  oração adjetiva restritiva

Neste período não são todos os homens que fumam. Logo, não são todos que incomodam os outros. Só incomodam aqueles que fumam. Portanto, a oração é essencialmente restritiva.

oração adjetiva explicativa

- O homem, que é mortal, deve sempre buscar as coisas mais nobres e sublimes da vida.

Já neste período, a informação "que é mortal" se aplica indistintamente a todos os homens. Portanto, a oração é essencialmente explicativa.

Entretanto, há orações adjetivas que podem ser tanto restritivas quanto explicativas, dependendo do sentido que lhes queiramos dar.

Fique atento!! Muitas questões de provas exploram esse conhecimento. Portanto, estude com atenção.

Observe os exemplos abaixo:

- A empresa tem 300 funcionários que moram em Olinda.

- A empresa tem 300 funcionários, que moram em Olinda.

Perceba que na primeira estrutura — oração adjetiva restritiva — não se pode dizer exatamente quantos funcionários possui a empresa. Sabe-se tão somente que ela possui 300 que residem na cidade de Olinda. Já na segunda estrutura — adjetiva explicativa — a empresa só possui 300 funcionários e todos residem em Olinda. Acompanhe esta explicação nas diagramações abaixo.

Oração subordinada adjetiva restritiva

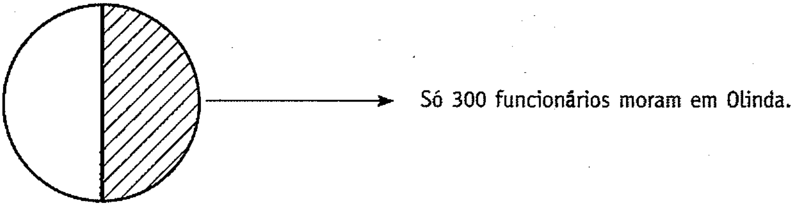

Oração subordinada adjetiva explicativa

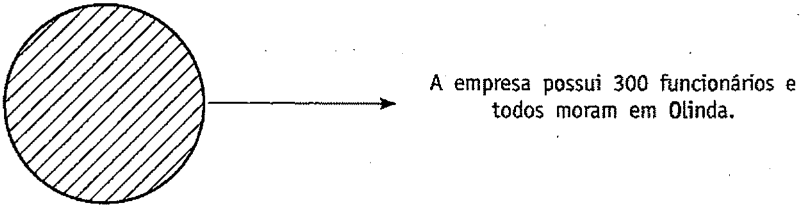

Observe outros exemplos:

adjetiva restritiva
- Os discos antigos que ele herdou de seu avô estão bem conservados. (Fund. Carlos Chagas)

adjetiva explicativa
- Os discos antigos, que ele herdou de seu avô, estão bem conservados. (Fund. Carlos Chagas)

No primeiro exemplo, só estão bem conservados os discos antigos que ele herdou de seu avô. No segundo, todos os discos antigos ele herdou de seu avô e todos estão bem conservados.

adjetiva restritiva

- Os moradores de rua que têm sido vítimas de violência devem ser recolhidos para os abrigos municipais. (Fund. Carlos Chagas)

adjetiva explicativa

- Os moradores de rua, que têm sido vítimas de violência, devem ser recolhidos para os abrigos municipais. (Fund. Carlos Chagas)

Na primeira frase, só os moradores que têm sido vítimas de violência serão recolhidos aos abrigos. Na segunda, todos serão recolhidos aos abrigos, pois todos têm sido vítimas de violência.

adjetiva restritiva

- A lógica da globalização que espolia os mais fracos é fria e calculista. (Fund. Carlos Chagas)

adjetiva explicativa

- A lógica da globalização, que espolia os mais fracos, é fria e calculista. (Fund. Carlos Chagas)

Na primeira frase, é fria e calculista apenas a lógica da globalização que espolia os mais fracos. No segundo, toda lógica da globalização é fria e calculista porque espolia os mais fracos.

- O autor lamenta a situação dos jovens de hoje que vivem o tempo como uma espécie de presente contínuo.

adjetiva restritiva

- O autor lamenta a situação dos jovens de hoje, que vivem o tempo como uma espécie de presente contínuo.

adjetiva explicativa

No primeiro período, o autor só lamenta a situação daqueles jovens que vivem o tempo como uma espécie de presente contínuo. No segundo período, o autor lamenta a situação de todos os jovens, porque todos os jovens vivem o tempo como uma espécie de presente contínuo.

Dica: Procure entender com profundidade a alteração semântica provocada pela retirada ou colocação da(s) vírgula(s) nas orações adjetivas. Certamente você se deparará com uma questão que exigirá esse conhecimento.

4.3.5.4 Omissão do pronome relativo na segunda oração relativa coordenada

Nas orações relativas coordenadas, se a função do relativo é a mesma, é frequente elipsar-se o relativo da segunda oração, principalmente quando a primeira é curta. Observe:

o relativo foi ocultado na 2.ª oração

- Ontem conversei com o homem que me salvou e me levou ao hospital quando ocorreu o acidente. sujeito
- "Encontrando-se Juliano Apóstata com S. Pigménio, presbítero romano, que era cego e depois padeceu martírio, como quem o saudava benevolamente, disse...". (M. Bernardes *apud* Mário Barreto)
- "Ao lado do meu leito estava um padre: era o velho abade que me batizara e me ensinara a ler." (A. Herculano)
- "O que ele via era a mulher que o fascinara e perdera." (Camilo Castelo Branco)

Se o pronome relativo não desempenhar a mesma função sintática, deve-se repeti-lo obrigatoriamente.

que = sujeito que = objeto direto

- Ontem conversei com o homem que me salvou e que Deus manteve com calma na hora do resgate.
- "A monarquia visigótica procurou imitar do império que morrera e que ela substituíra." (A. Herculano)
- "A sua companhia era a ama, que o amamentara, e que Deus, em recompensa, preservou da terribilíssima enfermidade." (Camilo Castelo Branco)

4.3.6 ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS

Antes de adentrar o conteúdo, leia a orientação abaixo:

> Neste assunto você se deparará com uma quantidade considerável de orações e de conectivos. Não se desespere! Primeiro, como já dissemos, procure não decorar as conjunções, mas apreender-lhes as funções. Hoje as bancas examinadoras pouco questionam sobre a nomenclatura das orações. Querem, sim, saber as relações (causa, oposição, consequência, finalidade etc.) proporcionadas pelos conectivos. Por isso, não decore; entenda, compreenda! Vamos lá!

As orações subordinadas adverbiais são aquelas que estabelecem circunstâncias várias para um fato contido na oração principal. Elas exercem, portanto, o papel de adjuntos adverbiais. São, na maioria das vezes, introduzidas pelas conjunções subordinativas adverbiais.

Classificam-se em: causais, consecutivas, concessivas, condicionais, comparativas, conformativas, finais, temporais e proporcionais.

4.3.6.1 Causais

São aquelas que estabelecem a causa, o motivo para o fato (efeito) contido na oração principal.

> As principais conjunções subordinativas causais são: que, porque, já que, uma vez que, visto que, visto como, pois, como (= já que, visto que), porquanto.

- **Como** o dinheiro não foi liberado a tempo, usei o cheque especial.
  adverbial causal

- **Já que** o contrato assim o determina, assim o farei.
  adverbial causal

- Ele foi duramente punido **porquanto** a falta foi comprovada pelos peritos.
  adverbial causal

- Pueril **que** era, sempre se deixava enganar pelos vendedores de plantão.
  adverbial causal

➾ Observações:

a) A conjunção "como" só poderá ser utilizada como causal quando a oração subordinada se antepuser à oração principal.

b) Nem sempre é fácil distinguir uma oração subordinada causal de uma oração coordenada explicativa. Alguns critérios, porém, podem ajudar:

— A oração subordinada causal pode ser anteposta à oração principal, ou seja, a causal pode iniciar o período. Já a oração explicativa não pode vir anteposta à oração assindética.

— Comumente o verbo da oração coordenada explicativa aparece no imperativo, com indicação de tempo futuro; o que não ocorre com a subordinada causal.

— É sempre possível a redução da oração subordinada causal para o infinitivo, precedido da preposição "por", fato que não ocorre com a coordenada sindética explicativa.

— A oração explicativa, por fazer parte de um período coordenado, em que as orações são independentes, admitem uma pausa forte, marcada geralmente por vírgula ou por dois-pontos. Este fato não se verifica nas adverbiais causais.

Observe:

- Recolhe-te a tua insignificância, porque já atrapalhastes demais. (Coordenada explicativa)

O verbo da oração antecedente está no imperativo. Não é possível se antepor a segunda oração à primeira. Não é possível reduzir a segunda oração para o infinitivo precedido da preposição "por".

- O governo elevou a taxa de juros, porque o consumo aumentou nas grandes cidades. (Subordinada causal)

O verbo da oração antecedente não se encontra no imperativo. É possível iniciar o período com a oração em destaque ("Porque o consumo aumentou nas grandes cidades, o governo elevou a taxa de juros"). É igualmente possível a redução da segunda oração para o infinitivo precedido da preposição "por" ("O governo elevou a taxa de juros, por aumentar o consumo nas grandes cidades".)

4.3.6.2 Consecutivas

Estas orações indicam a consequência, o efeito de um fato (causa) contido na oração principal.

> As principais conjunções subordinativas adverbiais consecutivas são: que (precedido dos termos intensificadores "tão, tal, tanto, tamanho"), que (= sem que), sem que, de modo que, de forma que, de sorte que, de maneira que.

- Falou tanto que ficou rouco.
  adverbial consecutiva

- Não vai a um baile de formatura sem que não dance a noite toda.
  adverbial consecutiva

- Eles não discutem futebol que não se exaltem.
  adverbial consecutiva

Leia da seguinte forma: Eles não discutem futebol, sem que em consequência não se exaltem.

Adverbial consecutiva

- Agiu intempestiva e descoordenadamente, de forma que toda a plateia o teve como louco.

Observação:

Em muitas estruturas consecutivas formadas pela correlação "tão, tal, tanto, tamanho... que...", omite-se o primeiro elemento da correlação. Teremos tão somente a conjunção "que" introduzindo a oração consecutiva.

- Saiu do hospital gritando **que** fazia dó.
  (Leia-se → ... gritando TANTO que fazia dó.)

- "Nisto a menina que estava ali a ouvir-me, rompeu a chorar **que** cortava o coração." (Camilo Castelo Branco) (... a chorar TANTO que cortava o coração.")

- "Os olhos brilham, o prazer arregaça-lhe o focinho, e as pernas voam **que** parecem asas." (Machado de Assis) (... voam TANTO que parecem asas.")

4.3.6.3 Concessivas

São as orações que indicam uma oposição, um óbice, um empecilho, um "algo" que poderia impedir a realização do fato contido na oração principal. Uma das principais características deste tipo de oração é a presença de um verbo no modo subjuntivo.

As principais conjunções subordinativas concessivas são: embora, apesar de que, mesmo que, ainda que, que, sem que (= embora não), conquanto, ainda quando, posto que, por mais que, por muito que, por menos que, se bem que.

- Fez todo o exercício **sem que** ninguém o ajudasse.
  adverbial concessiva

adverbial concessiva

- **Por mais que** o governo se esforce, a violência continua aumentando nas grandes cidades.

adverbial concessiva
▷ A proposta foi aprovada sem nenhuma alteração, por incrível **que** pareça.

adverbial concessiva
▷ O conhecimento, **que** fosse muito, não atenuava, naquele momento, a angústia do rapaz.

▷ Nem **que** o professor quisesse, ele teria condições de ser aprovado.
adverbial concessiva

▷ O responsável pelo desfalque deve ser punido, quem quer **que** seja.
adverbial concessiva

⇨ Considerações importantes:

a) Não se esqueça de que as subordinadas adverbiais concessivas ao lado das coordenadas adversativas promovem as chamadas "relações de oposição" ou "construções contrastivas". Observe a seguir:

RELAÇÕES DE OPOSIÇÃO OU CONTRASTIVAS
- ADVERSATIVAS (mas, porém, contudo, todavia, entretanto etc.)
- CONCESSIVAS (embora, apesar de que, mesmo que, ainda que etc.)

b) Não confunda a conjunção "conquanto" com a conjunção "porquanto". Esta introduz orações causais ou explicativas, enquanto aquela é puramente concessiva, equivalendo a "apesar de que, mesmo que, ainda que".

c) Há outros conectores que também promovem relações de oposição concessiva, como "a despeito de, não obstante, malgrado".

▷ **Não obstante** fosse pobre, gostava de vestir-se das melhores grifes da cidade.

▷ Ele viajou para o Iraque à procura de alguns parentes desaparecidos, a **despeito dos** avisos de que lá é um país muito violento.

d) No dia a dia, não são raros os erros até de bons escritores que confundem "posto que" com "já que, visto que". É preciso ter cuidado! A conjunção "posto que" (em português do Brasil) equivale a "embora, apesar de que,

ainda que" – é uma conexão concessiva. Por seu lado, "já que, visto que" são locuções conjuntivas causais, pois introduzem uma causa.

- Ele não deve ser demitido, **já que** goza de estabilidade no emprego. (Equivale a "porque")
- **Posto que** goze de estabilidade no emprego, ele foi demitido. (Equivale a "embora")

4.3.6.4 Condicionais

São orações que estabelecem uma condição para a realização do fato expresso na oração principal.

As principais conjunções subordinativas condicionais são: se, caso, a não ser que, desde que, contanto que, salvo se, sem que (= se não), a menos que.

- **A não ser que** a taxa de juros caia consideravelmente, não adquiriremos mais produtos importados.
  adverbial condicional
- **Caso** o Governador não se manifeste sobre o caso, levaremos o problema às raias judiciais.
  adverbial condicional
- **Contanto que** todos saíssem antes da meia-noite, não se opunha a que a festa fosse na casa dele.
  adverbial condicional

Cuidado!!
Em algumas construções interrogativas o "SE" funcionará não como uma conjunção condicional, mas como uma conjunção causal. Veja:

- Senhor, por que me enviastes para esta missão se sabíeis que eu era fraco?
  Leia:... já que sabíeis que eu era fraco? (Adverbial causal)
- Se ele conhecia a índole do rapaz, por que lhe confiou tamanha quantia?
  Leia:... já que / uma vez que ele conhecia a índole do rapaz... (Adverbial causal)

4.3.6.5 Conformativas

São orações que expressam uma conformação (correspondência, concordância, analogia ou identidade de forma, modo, tipo ou caráter) com um fato expresso na oração principal.

> As principais conjunções subordinativas conformativas são: como, segundo, conforme, consoante.

- Elaboramos todo o projeto **como** nos orientava o manual.
  Adverbial conformativa

- A vida tem sempre seus perigos, **segundo** já nos dizia Guimarães Rosa.
  Adverbial conformativa

- Agimos **conforme** nossas próprias convicções.
  Adverbial conformativa

4.3.6.6 Comparativas

São orações subordinadas que estabelecem um processo de comparação entre dois elementos — um elemento estará na oração principal e o outro, na oração subordinada. A comparação poderá ser de igualdade, de superioridade ou de inferioridade. Uma característica interessante das orações adverbiais comparativas é o fato de o verbo da oração comparativa geralmente se encontrar elíptico, oculto, já que, frequentemente, ele será o mesmo da oração principal.

> As principais conjunções subordinativas comparativas são: como, assim como, tal e qual, tal qual, mais que ou do que, menos que ou do que, tanto quanto, feito (= como).

- Não sei por que saiu correndo desesperadamente, **feito** um louco.
  adverbial comparativa

- Os escoteiros partiram para a selva num só movimento, **qual** exército marchando contra o inimigo.
  adverbial comparativa

  adverbial comparativa
- Ele deixou a sala sorrateiramente, **como** uma serpente que se esgueira no meio dos arbustos.

⇨ **Observações:**

a) **Nas estruturas comparativas, a conjunção comparativa liga partes da oração de mesma função. Entretanto, em muitos casos, a bem da clareza, o segundo elemento da comparação deve, a despeito de funcionar como objeto direto, vir encabeçado por uma preposição — geralmente a preposição "a" — para evitar ambiguidades.**

- "A ela, à presumida mulher, aborreço-a quase tanto como **ao marido**." (Almeida Garrett *apud* Mário Barreto)

- "Os pés dos gentios hão de logo pulverizá-la como **aos meus pés**". (Camilo *apud* Mário Barreto)
- "Acusaram-no de haver beneficiado mais a sua família que **ao povo romano.**" (Camilo *apud* Mário Barreto)

b) Quando a conjunção comparativa "como" se refere a um termo que está precedido por uma preposição, deve obrigatoriamente vir acompanhada da mesma preposição.

- "Suspensos os pobres Frades com o embargo, pareceu que achariam amparo **no** Bispo, **como em** quem fora o primeiro autor de sua vinda". (Fr. L. de Souza *apud* Mário Barreto)
- "E por esta causa tratamos **dele como de** filho de Benfica". (Fr. L. de Souza *apud* Mário Barreto)
- "Acostumei-me a olhar **para** a morte **como para** o tempo de meus padecimentos." (Filinto Elísio *apud* Mário Barreto)

Observação:

Perceba que, nestas estruturas comparativas, o verbo da segunda oração encontra-se elíptico. Por isso, devemos ler, por exemplo:

- "Acostumei-me a olhar para o monte **como (a olhar) para** o tempo de meus padecimentos".

4.3.6.7 Finais

São orações que indicam a finalidade, o objetivo, o alvo do fato contido na oração principal.

> As principais conjunções subordinativas finais são: que, para que, a fim de que, porque (= para que, a fim de que).

adverbial final

- A fim de que ela passasse mais rápido em um concurso, comprei inúmeros livros e apostilas.
- Estudai bastante, porque consigais uma boa colocação no concurso.

adverbial final

- Para que a criança não se acidentasse, ele comprou um par de joelheiras.

adverbial final

4.3.6.8 Temporais

São as orações subordinadas que expressam o tempo, o momento do fato contido na oração principal.

As principais conjunções subordinativas temporais são: enquanto, quando, assim que, logo que, mal (= logo que, assim que), desde que, antes que, agora que, depois que, sem que (= antes que).

- **Desde que** chegou, não parou de falar.
  adverbial temporal

- Todos o aplaudiram **mal** terminou sua palestra.
  adverbial temporal

- **Agora que** chegou o verão, aonde pretendes ir com a família?
  adverbial temporal

- **Quando** o meu primeiro amor acabou, meu mundo desfaleceu.
  adverbial temporal

4.3.6.9 Proporcionais

São orações que indicam uma concomitância, uma simultaneidade, uma proporção com o fato expresso na oração principal.

As principais conjunções subordinativas proporcionais são: à medida que, à proporção que, ao passo que, quanto mais... mais, quanto mais... menos, quanto menos... mais, quanto menos... menos.

adverbial proporcional
- **À medida que** o progresso avança, o meio ambiente sofre com o uso excessivo de seus recursos.

- **Quanto mais** ela estuda mais dúvidas surgem.
  adverbial proporcional

adverbial proporcional
- O caso, **ao passo que** apareciam novas provas, deixava os investigadores mais confusos.

⇨ Observações:

a) Não confunda "à medida que" com "na medida em que". Esta última locução é um articulador de causa, enquanto aquela é uma conjunção proporcional.

conjunção proporcional

- "E o cocheiro ria; e, **à medida que** o freguês ia demonstrando, ele ia ficando mais familiar." (Machado de Assis)

causal

- O governo aumentou os juros para o crédito, **na medida em que** busca reduzir o consumo a fim de evitar a inflação.

b) Lembre-se de que "à medida em que" e "na medida que" são locuções que não existem na língua portuguesa.

⇨ Considerações finais sobre as orações adverbiais:

a) Observe a pontuação utilizada com as orações adverbiais. Perceba que, quando antepostas à principal ou intercaladas na principal, a pontuação — geralmente se utiliza a vírgula — é obrigatória.

b) Reiterando o que já se disse, lembre-se de que o mais importante não é decorar todas as orações adverbiais, mas sim apreender as relações proporcionadas pelas conjunções subordinativas adverbiais.

c) Embora não sejam reconhecidas pela NGB – Nomenclatura Gramatical Brasileira –, há orações adverbiais denominadas de "modais", as quais transmitem uma circunstância de modo. Tais orações geralmente só aparecem sob a forma reduzida, conquanto existam orações modais introduzidas pela locução conjuntiva "sem que".

- Saiu da sala **sem ser percebido.** (Oração adverbial modal, reduzida de infinitivo)
- "Deixou a sala sem despedir-se do pai."

Dica: Sugiro que, se você estudou as orações adjetivas e adverbiais em um só momento, descanse um pouco antes de começar o estudo abaixo.

4.3.6.10 Emprego da conjunção nas orações adverbiais coordenadas

Nas estruturas em que se coordena mais de uma oração subordinada adverbial, o emprego da conjunção subordinativa adverbial obedece às seguintes orientações:

a) Repete-se a conjunção nas duas orações coordenadas subordinadas adverbiais:

- O congresso terá início se a verba for depositada, e se o principal palestrante confirmar sua participação.
- **Desde que** não cheguem atrasados e **desde que** tragam boas notícias, eles serão bem-vindos.

b) Omite-se a conjunção da segunda oração adverbial coordenada:

conjunção elíptica na segunda adverbial coordenada

- **Embora** os juros estejam baixos, e a economia externa não dê sinais de sobressaltos, o consumo se mantém baixo.
- **Uma vez que** está adoentado e não há outro para substituí-lo, cancelou a auditoria que faria na empresa.
- **À medida que** estuda e se mantém atualizado, aumentam as suas chances de passar em um concurso.

c) Repete-se, na segunda oração adverbial coordenada, apenas a parte final da conjunção adverbial, quando esta é expressa por uma locução.

- **Por mais que** faça boas obras e **que** vá à igreja, o temperamento dele o reprova diariamente.
- "Com estes estava o corpo que o metropolitano de Híspalis ajuntara, composto em grande parte dos nobres que haviam deposto a espada **desde que** Roderico subira ao trono e **que** a cingiam de novo nesta guerra de independência." (A. Herculano)
- "— Não marcou dia; prometeu que ia ver; que falaria **logo que** pudesse, e **que** me pegasse com Deus." (Machado de Assis)

4.3.7 ORAÇÕES REDUZIDAS

Mais uma vez, peço: mantenha a calma e não desista! A partir de agora, entretanto, nossa percepção deverá ser aguçada. Não veremos mais as conjunções, as quais nos davam, ao menos, uma pista de que tipo de

oração se tratava. Teremos apenas um verbo no infinitivo, no gerúndio ou no particípio, o qual nos indicará a oração subordinada. Deveremos desenvolver este verbo para depois classificar a oração. O procedimento nem sempre será simples e de fácil solução, porém com um pouco de treino (e persistência) você conseguirá. Vamos lá!

Observe:

- É fundamental que se creia em Deus. ➪ É fundamental crer em Deus.
- Ele encontrou um cachorrinho que foi abandonado pelos donos. ➪ Ele encontrou um cachorrinho **abandonado** pelos donos.
- Feche todas as janelas quando você sair. ➪ Feche todas as janelas ao sair.

Percebeu?? Na primeira coluna todas a orações são introduzidas por um conectivo. Já na segunda coluna as orações não mais apresentam o conectivo e o verbo da oração subordinada encontra-se numa forma nominal do verbo (infinitivo, particípio e gerúndio). Portanto, as orações da primeira coluna são chamadas de desenvolvidas enquanto as da segunda, reduzidas.

Portanto, orações reduzidas são aquelas que não apresentam conectivo e cujo verbo está em uma forma nominal.

As reduzidas podem ser de infinitivo, de gerúndio e de particípio. Geralmente o infinitivo aparece como redução para as orações substantivas; o gerúndio, para as adverbiais; e o particípio, para as adjetivas. Nada impede, porém, que se apresentem orações subordinadas reduzidas nas três formas nominais. Apresentaremos agora algumas orações reduzidas e suas respectivas classificações:

4.3.7.1 Subordinadas substantivas reduzidas

- **Lutar** pelo país é um ato de bravura. (Subjetiva, reduzida de infinitivo.)
- É muito difícil **obter** um título de doutorado no Brasil. (Subjetiva, reduzida de infinitivo)
- Todos viram **sair** da sala uma mulher muito esquisita. (Objetiva direta, reduzida de infinitivo)
- Ele tinha certeza de **ser** o melhor da turma. (Completiva nominal, reduzida de infinitivo)
- Não me será um grande esforço **atendê**-lo hoje à tarde. (Subjetiva, reduzida de infinitivo)
- Não se esqueça de **comprar** as verduras. (Objetiva indireta, reduzida de infinitivo)
- Seu maior desejo era **sair** da cidade e **morar** no interior. (Predicativas, reduzidas de infinitivo)

4.3.7.2 Subordinadas adjetivas reduzidas

- Entregou-me a lista dos produtos a **serem** adquiridos antes do final do ano. (Restritiva, reduzida de infinitivo)
- Todos os livros **analisados** por ele foram reprovados pelo MEC. (Restritiva, reduzida de particípio)
- É um rapaz bem intencionado, inteligente, **provindo** da cidade de Palmares. (Explicativa, reduzida de gerúndio)
- Apresentou-me uma tela velha e suja, **pintada** aos sete anos de idade. (Explicativa, reduzida de particípio)

4.3.7.3 Subordinadas adverbiais reduzidas

- Analise bem sua situação antes de **dar** o primeiro passo. (Temporal, reduzida de infinitivo).
- Para **conseguir** uma boa colocação no concurso, é preciso muito tempo de estudo. (Final, reduzida de infinitivo)
- Não saia da sala sem primeiro **falar** com o professor. (Condicional, reduzida de infinitivo)
- Mesmo **estando** triste com o filho, abraçou-o fervorosamente. (Concessiva, reduzida de gerúndio)
- A **permanecerem** os sintomas, o médico deverá ser consultado. (Condicional, reduzida de infinitivo)
- De tanto **comprar** e não **pagar**, teve o nome inscrito no cadastro de inadimplentes. (Causal, reduzida de infinitivo)
- Não **conseguindo** o resultado desejado, pediu demissão e mudou-se para o sul do país. (Causal, reduzida de gerúndio)
- Quebrei o vaso sem **querer**. (Concessiva, reduzida de infinitivo)
- O rapaz estudou tanto para o concurso a ponto de **danificar** a visão. (Consecutiva, reduzida de infinitivo)
- Ele arrumou um novo emprego para poder **sustentá**-la. (Final, reduzida de infinitivo)
- Muito constrangido deve ter ficado o candidato para nem sequer **apanhar** o gabarito da prova. (Consecutiva, reduzida de infinitivo)

➾ Observação importante:

Em algumas orações reduzidas, a forma nominal do verbo — notadamente o infinitivo — aparece antecedida de uma preposição. Esta combinação "preposição + forma nominal" estabelece relações semânticas bem lógicas. Logo, fica fácil identificar de que tipo de oração se trata. Veja abaixo:

▹ Preposição "POR" + verbo no infinitivo ➾ oração reduzida causal (indica a causa)

▹ Preposição "PARA" + verbo no infinitivo ➾ oração reduzida final (indica a finalidade)

▹ Preposição "A" + verbo no infinitivo ➾ oração reduzida condicional (indica condição, hipótese)

▹ Contração "AO" + verbo no infinitivo ➾ oração reduzida temporal (indica o tempo)

Exemplos:

adverbial causal, reduzida de infinitivo

▹ Por sair constantemente à noite, Maria adquiriu uma terrível gripe. ➾ **Porque** sai constantemente à noite,....

adverbial condicional, reduzida de infinitivo

▹ A permanecerem estas cláusulas no contrato, jamais o assinarei. ➾ Se permanecerem....

adverbial final, reduzida de infinitivo

▹ Para driblar a alfândega, escondeu alguns objetos em uma pequena sacola. ➾ **Para que** driblasse a....

adverbial temporal, reduzida de infinitivo

▹ Ao caminhar no parque, não deixe de tomar bastante água. ➾ **Quando** caminhar no parque....

➾ Considerações finais:

a) Nem toda oração desenvolvida pode ser reduzida, como nem toda oração reduzida pode ser desenvolvida. Há orações que só aparecem sob a forma desenvolvida ou reduzida.

b) E não se esqueça de que o importante neste assunto é absorver a relação que está sendo travada entre as orações e, a partir desse entendimento, classificá-las.

4.4 PROCESSO CORRELACIONAL

Três tipos de orações há, estudadas nos processos de coordenação e subordinação, que, em virtude de características próprias, merecem uma menção à parte: são as chamadas orações correlatas. Denominam-se de "correlatas" as orações em que seus conectivos se distribuem entre uma oração e outra do período. Existe uma espécie de "paradependência", portanto, entre as orações. Observe:

▸ A rã inchou e estourou. (Temos simples coordenação aditiva)

Se à primeira oração acrescentássemos, por exemplo, o advérbio de intensidade "tanto", já não teria ela o sentido completo ("A rã inchou tanto..."); e desconexo ficaria também o período ("A rã inchou tanto, estourou"). Para consertá-lo, é fundamental a presença da palavra "que" antes da segunda oração ("A rã inchou tanto que estourou").

Dizemos, então, que as palavras "tanto" e "que" são as conjunções correlatas da estrutura.

São classificadas como correlatas algumas orações aditivas, consecutivas e comparativas.

CONJUNÇÕES CORRELATAS ADITIVAS	não só...	mas também...
	não só...	mas ainda...
	não só...	senão também...
	não só...	senão que...
	não só...	bem como...
	assim...	como...

CONJUNÇÕES CORRELATAS CONSECUTIVAS	tal...	que...
	tão...	que...
	tanto ...	que...
	tamanho...	que...

CONJUNÇÕES CORRELATAS COMPARATIVAS	tanto...	quanto ou como...
	tanto mais...	tanto mais...
	quanto mais...	mais...
	quanto menos...	menos...
	quanto mais...	menos...
	quanto menos...	mais...
	mais...	que ou do que...
	menos..	que ou do que...
	melhor...	que ou do que...

- **Tanto** vaiava a um **quanto** aplaudia a outro.
- Nada o pungia **tanto quanto** o sorriso indiferente dela.
- "(...) mas aqui a ponho outra vez, **não só** por significar a totalidade do silêncio, **mas também** porque havia naquela ação do gato e do rato alguma cousa que prendia com ritual." (Machado de Assis)
- "**Não só**, de onde em onde, soltava exclamações sem ligação alguma com a conversa atual, **como também** cerrava os lábios, rilhava os dentes e crispava raivosamente os punhos." (Lima Barreto)
- "Nada me pediu, Mariana; mas obriga-me **tanto**, **que** me faz mais infeliz o peso da obrigação." (Camilo)

⇨ Observação:

Geralmente a análise do processo correlacional se faz em questões que envolvem "paralelismo sintático", já que a correlação nada mais é do que uma construção paralela.

4.5 CONTAGEM DE ORAÇÕES EM UM PERÍODO MISTO

Em muitos certames, as bancas cobram dos candidatos a contagem das orações em um dado período, formado por subordinação e coordenação (período misto). A missão é bastante simples se nós compreendermos que, em muitas situações, uma mesma oração pode ser subordinada e coordenada ao mesmo tempo.

Observe o período abaixo:

"É importante que os contribuintes percebam que a política tributária é justa, a administração fiscal é proba, sensível e confiável, e os recursos arrecadados são corretamente aplicados." (Fund. Getúlio Vargas)

– Quantas orações há no período acima? Qual a classificação para elas?

Em primeiro lugar, é fundamental separar as orações. Veja:

1.ª → É importante
2.ª → que os contribuintes percebam
3.ª → que a política tributária é justa
4.ª → (que) a administração fiscal é proba, sensível e confiável
5.ª → e (que) os recursos arrecadados são corretamente aplicados.

Descobrimos, logo, que existem cinco orações no período. Mas qual é a principal? Quantas subordinadas há? E as coordenadas? Para isso, vamos atribuir a cada oração uma letra e fazer uma diagramação simples.

1.ª → É importante = **A**
2.ª → que os contribuintes percebam = **B**
3.ª → que a política tributária é justa = **C**
4.ª → (que) a administração fiscal é proba, sensível e confiável = **D**
5.ª → e (que) os recursos arrecadados são corretamente aplicados. = **E**

Diagramação:

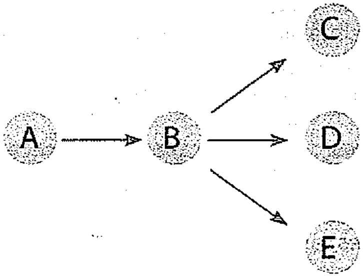

A partir da diagramação acima temos então:

- A oração "A" é a principal do período.
- A oração "B" é subordinada em relação à oração "A".
- As orações "C", "D" e "E" são subordinadas em relação à oração "B".
- As orações "C", "D" e "E" estão coordenadas entre si.

Conclusão:

Há, no período, uma oração principal (A), quatro subordinadas (B, C, D, E) e três coordenadas entre si (C, D, E).

Veja outro exemplo:

"Já sei, Senhor, que vos haveis de enternecer e que não haveis de ter coração, para ver tais lágrimas e tais estragos." (Pe. Antonio Vieira)

1.ª oração → Já sei, Senhor, (Oração principal) = A

2.ª oração → que vos haveis de enternecer (Oração subordinada em relação à 1.ª oração) = B

3.ª oração → e que não haveis de ter coração (Oração subordinada em relação à 1.ª oração) = C

4.ª oração → para ver tais lágrimas e tais estragos. (Oração subordinada adverbial final em relação à 3.ª oração) = D

Diagramação:

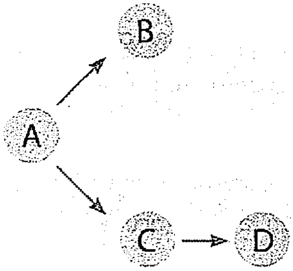

➾ Observações importantes:

a) As orações C, D e E do primeiro exemplo são EQUIPOLENTES. São denominadas de equipolentes as orações subordinadas da mesma natureza (classificação) e de sentidos coordenados. Observe:

▹ Desejo que faças boa viagem e sejas bem sucedido nos teus negócios.

As orações "**que faças boa viagem**" e "(que) **sejas bem sucedido nos teus negócios**" são equipolentes, pois são, simultaneamente, subordinadas objetivas diretas em relação à oração "Desejo" e coordenadas entre si.

b) Em nossa formação escolar, aprendemos a máxima de que "tantos quantos forem os verbos de um período, tantas serão as orações que o comporão". Esta regra, porém, nem sempre funciona, pois podem existir períodos em que haja orações ocultas, elípticas. Estas orações, cujos verbos estão subentendidos por zeugma, são denominadas de ORAÇÕES LATENTES. Observe:

▹ "A reflexão jurídica sobre o assunto, contudo, não se tem mostrado tão farta quanto aquela encontrada na economia." (Fund. Getúlio Vargas)

– Quantas orações há no período acima? Resposta: TRÊS.

1.ª oração → A reflexão jurídica sobre o assunto, contudo, não se tem mostrado tão farta

2.ª oração → quanto aquela (ORAÇÃO LATENTE) → Equivalente a "quanto aquela se tem mostrado farta"

3.ª oração → encontrada na economia

Temos então:

A 1.ª oração é a principal. A 2.ª oração é subordinada adverbial comparativa com verbo oculto (quanto aquela se tem mostrado farta). A 3.ª oração é subordinada adjetiva restritiva, reduzida de particípio.

c) Em algumas situações, a oração oculta só é perceptível por meio de uma análise mais acurada do período. É preciso entender bem o período para que se encontre a oração latente (oculta). Observe:

▹ "Para isto é que os quadros cresceram nas proporções que se sabe". (Rui Barbosa)

Em uma análise superficial do período acima, poder-se-ia pensar que o nosso ilustre mestre Rui Barbosa tivesse cometido um erro de concordância ao deixar o verbo "saber" na 3.ª pessoa do singular. Ocorre que o nosso "Águia de Haia", ao deixar o verbo no singular, faz este verbo concordar com a oração latente (oculta) "que cresceram".

Temos então:

- "Para isto é que os quadros cresceram nas proporções que se sabe **QUE CRESCERAM**".

Observe outros exemplos de períodos que contêm orações latentes (ocultas, elípticas):

- Procedemos como convinha. → Subentende-se "**que procedêssemos**".
- Fizemos o que cumpria. → Subentende-se "**que fizéssemos**".
- Ele caminha tal qual meu irmão. → Subentende-se "**qual meu irmão caminha**".
- "Assim como o Pai ressuscita, e vivifica os mortos, assim o Filho vivifica aos que é sua vontade." (Pe. Manuel Bernardes) → Subentende-se o verbo "**vivificar**".
- "... e nessa hipótese, o mais acertado é deixá-la lá estar os três dias pedidos, e os mais dias que for necessário até sabermos o destino do prussiano." (Camilo Castelo Branco) → Subentende-se "**deixá-la lá estar**".

➾ Consideração final:

Subentenderem-se essas orações latentes é gramaticalmente indispensável não só para completar-se o sentido, mas também para satisfazer as exigências da análise, dando-se ao verbo o seu verdadeiro sujeito ou o seu objeto. Cumpre por fim observar que tais orações latentes frequentemente ocorrem com as orações adjetivas, com as orações comparativas e com as orações condicionais.

4.6 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

Orações Subordinadas Adjetivas, Adverbiais e Reduzidas

Texto para as questões de 1 a 3.

[1] "Cada pessoa
[2] que chegava
[1] se punha na ponta dos pés,
[3] embora não pudesse ver".

1. (Faap-SP) Há no texto três orações, e estão numeradas. A primeira – **cada pessoa se punha na ponta dos pés** – chama-se:

   a) absoluta.
   b) principal.
   c) coordenada assindética.
   d) coordenada sindética.
   e) subordinada.

2. (Faap-SP) A segunda – **que chegava** – é subordinada:

   a) substantiva subjetiva.
   b) substantiva objetiva direta.
   c) adverbial causal.
   d) adverbial final.
   e) adjetiva.

3. (Faap-SP) A terceira – **embora não pudesse ver** – oferece uma ideia de:

   a) causa.
   b) fim.
   c) condição.
   d) concessão.
   e) consequência.

4. (Fuvest-SP) No período: "É possível **discernir no seu percurso momentos de rebeldia contra a estandardização e o consumo**", a oração destacada é:

   a) subordinada adverbial causal, reduzida de particípio.
   b) subordinada objetiva direta, reduzida de infinito.
   c) subordinada objetiva direta, reduzida de particípio.
   d) subordinada substantiva subjetiva, reduzida de infinito.
   e) subordinada substantiva predicativa, reduzida de infinito.

5. (UM-SP) Examine o período: "A soldadela invade o campo da disputa, **enquanto a grita aumenta em berros e assobios rudes**". A oração em destaque é:

   a) coordenada sindética temporal.
   b) coordenada adverbial temporal.
   c) subordinada substantiva temporal.

d) subordinada adjetiva temporal.
e) subordinada adverbial temporal.

6. (F. Cásper Líbero-SP)

"Já que não pude ser feliz, busquei a companhia dessas aves que nasceram livres".

No período há:

a) subordinada adverbial causal e subordinada adjetiva.
b) subordinada adverbial concessiva e subordinada adverbial consecutiva.
c) subordinada substantiva objetiva direta e subordinada adjetiva.
d) subordinada substantiva objetiva direta e coordenada sindética adversativa.

7. (FIT-SP) No período "Era tão pequena a cidade, **que um grito ou gargalhada forte a atravessava de ponta a ponta**", a oração em destaque é:

a) subordinada adverbial causal.
b) subordinada adverbial final.
c) subordinada adverbial consecutiva.
d) subordinada adverbial temporal.
e) n.d.a.

8. (Cesgranrio-RJ) Classifique a oração iniciada pela conjunção **que** no período abaixo.

"Era uma fada tão suave e pura que ao vê-la o coração me estremecia". (Francisco Otaviano)

a) oração subordinada adverbial temporal
b) oração subordinada adverbial consecutiva
c) oração coordenada sindética explicativa
d) oração independente
e) n.d.a.

9. (Fuvest-SP) Classifique as orações em destaque do período abaixo.

*"**Ao analisar o desempenho da economia brasileira,** os empresários afirmaram **que os resultados eram bastante razoáveis,** uma vez que a produção não aumentou, mas também não caiu".*

a) principal, subordinada adverbial final
b) subordinada adverbial temporal, subordinada adjetiva restritiva
c) subordinada adverbial temporal, subordinada substantiva objetiva direta
d) subordinada adverbial temporal, subordinada substantiva subjetiva
e) principal, subordinada substantiva objetiva direta

10. (FCMPA-MG) Nos períodos abaixo aparece, entre as orações, uma relação de concessão. Assinale a letra correspondente ao período em que a relação é outra.

a) Embora estivesse doente, fiz tudo o que me era possível.
b) Fiz tudo o que me era possível, apesar de estar doente.

c) Mesmo estando doente, fiz tudo o que me era possível.
d) Fiz tudo o que me era possível, conquanto estivesse doente.
e) Fiz tudo o que era possível, mas estava doente.

11. (UM-SP) Assinale o período que contenha uma oração reduzida com valor de adjetivo.

a) O ônibus parou na rua transversal para assustar passageiros.
b) Correndo assustado, o menino foi chamar o guarda.
c) Os garotos vestindo camisetas velhas reclamavam apenas uma penca de bananas meio amassadas.
d) Faça das entranhas coração para obter, um dia, a rara felicidade dos humanos.
e) Moleques de carrinho dirigiam-se a várias direções, atropelando-se uns aos outros.

12. (Faap-SP)

"Lá a existência é uma aventura
De tal modo inconseqüente
Que Joana a Louca de Espanha
Rainha e falsa demente
Vem a ser contraparente
***Da nora** que nunca tive"*

A oração destacada recebe o nome de oração subordinada adverbial:

a) causal.
b) final.
c) condicional.
d) concessiva.
e) consecutiva.

13. (Cesgranrio-RJ) Assinale o período em que ocorre a mesma relação significativa indicada pelos termos destacados em: "A atividade científica é tão natural **quanto qualquer outra atividade econômica**".

a) Ele era tão aplicado, que em pouco tempo foi promovido.
b) Quanto mais estuda, menos aprende.
c) Tenho tudo quanto quero.
d) Sabia a lição tão bem como eu.
e) Todos estavam exaustos, tanto que se recolheram logo.

14. (Uece) Em: "**Ao me deitar**, antes eu tinha posto uma caixa de fósforos num tamborete...", a oração destacada é reduzida:

a) causal.
b) final.
c) temporal.
d) concessiva.

15. (Fesp-SP) Observe:

I. Convém ***que todos participem.***

II. Fique quieto, ***pois está incomodando.***

III. Amou daquela vez ***como se fosse a última.***

IV. Machado de Assis, ***que escreveu Dom Casmurro,*** *fundou a Academia Brasileira de Letras.*

Assinale a alternativa que não corresponde à classificação das orações destacadas.

a) no item I, oração subordinada substantiva subjetiva
b) no item II, oração subordinada sindética explicativa
c) no item III, oração subordinada adverbial comparativa
d) no item IV, oração subordinada adjetiva explicativa
e) no item II, a primeira oração é coordenada assindética

16. (UM-SP)

A. Sua palavra foi a primeira ***a perder o significado naquele agitado contexto.***

B. Tenho necessidade ***de me apoiares nesta complicada situação.***

C. ***Antes de repelir seus mestres,*** *procure compreendê-los.*

Analisando os períodos A, B e C, concluímos que as frases neles destacadas são três orações reduzidas. Desdobrando-as, obteremos, respectivamente:

a) uma adjetiva, uma substantiva, uma adverbial.
b) uma adjetiva, uma adverbial, uma substantiva.
c) três adverbiais.
d) uma adjetiva, duas adverbiais.
e) uma adverbial, duas adjetivas.

17. (Faap-SP)

"Lá a existência é uma aventura
De tal modo inconseqüente
Que Joana a Louca de Espanha
Rainha e falsa demente
Vem a ser contraparente
Da nora que nunca tive".

A oração ***que nunca tive*** *é:*

a) principal.
b) coordenada.
c) subordinada substantiva.
d) subordinada adverbial.
e) subordinada adjetiva.

18. (Faap-SP) "Não compreendíamos a razão **por que o ladrão não montava a cavalo**".

    A oração em destaque é:

    a) subordinada adjetiva restritiva.
    b) subordinada adjetiva explicativa.
    c) subordinada adverbial causal.
    d) substantiva objetiva indireta.
    e) substantiva completiva nominal.

19. (Uni-Rio-RJ) Assinale o item em que há uma oração, quanto à classificação, idêntica à segunda do período "Pernoitamos depois junto a um açude lamacento, onde patos nadavam".

    a) As virilhas suadas ardiam-me, o chouto do animal sacolejava-me...
    b) De onde vinham as figuras desconhecidas para encontrar-nos?
    c) Fiz o resto da viagem com um moço alegre, que tentou explicar-me as chaminés dos banguês...
    d) Os mais graúdos percebiam que a viagem era alegre.
    e) Surgiam regatos, cresceram tanto que se transformaram em rios...

20. (UFPA) Há no período uma oração subordinada adjetiva:

    a) Ele falou que compraria a casa.
    b) Não fale alto, que ela pode ouvir.
    c) Vamos embora, que o dia está amanhecendo.
    d) Em time que ganha não se mexe.
    e) Parece que a prova não está difícil.

GABARITOS

Orações Coordenadas

1 – A	2 – D	3 – E
4 – D	5 – D	6 – E
7 – D	8 – C	9 – A
10 – A		

Orações Subordinadas Substantivas

1 – D	2 – B	3 – E
4 – D	5 – B	6 – D
7 – D	8 – D	9 – D
10 – E	11 – A	12 – A
13 – C	14 – C	15 – C
16 – B	17 – E	18 – B
19 – D	20 – A	

Orações Subordinadas Adjetivas, Adverbiais e Reduzidas

1 – B	2 – E	3 – D
4 – D	5 – E	6 – A
7 – C	8 – B	9 – C
10 – E	11 – C	12 – E
13 – D	14 – C	15 – B
16 – A	17 – E	18 – A
19 – C	20 – D	

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

CAPÍTULO 5

SINTAXE DE CONCORDÂNCIA

Teremos agora uma longa missão, uma missão extensa. Não será uma missão difícil. Mas para terminá-la com sucesso será preciso muita persistência. Uma dica: estude aos poucos. Nós vamos nos deparar com mais de trinta regrinhas de concordância verbal e nominal. É claro que algumas raramente são usadas; outras caem com mais frequência nas provas, porque são bastante usuais na Língua Portuguesa. Logo, procure uma estratégia que lhe seja mais conveniente. E leia! Releia! Leia de novo! Leia novamente! Leia mais uma vez! Observe os exemplos! Será a repetição que fará com que consiga bons resultados. Desejo sucesso para esta missão! Bons estudos!

De fato o assunto "CONCORDÂNCIA" é um dos mais explorados pelas bancas elaboradoras de provas. Portanto, deve sempre ser alvo de nossos estudos.

A "sintaxe de concordância" se preocupa com a perfeita harmonização das palavras dentro de um período. Sendo assim, buscam-se dois tipos de harmonização:

a) A harmonia sintática entre o verbo e o seu sujeito ⇒ **Concordância verbal**

b) A harmonia sintática entre o substantivo e os termos os quais a ele se referem ⇒ **Concordância nominal**

Nesta primeira etapa, trabalharemos a concordância entre o verbo e o seu sujeito. Antes, porém, convém conhecer os três tipos principais de concordância:

a) Concordância gramatical ⇒ é aquela feita com o núcleo do termo.

b) Concordância atrativa ⇨ é aquela efetuada com o núcleo semântico mais próximo.

c) Concordância ideológica ⇨ é aquela efetuada não com o termo, mas com a ideia passada pelo termo.

⇨ Observe:

┌ núcleo do sujeito

› O **motivo** simples de tantos atos supostamente cruéis somente anos depois se **manifestou**.

└ verbo da concordância gramatical

Sujeito ┌ verbo da concordância atrativa

› Um grupo de **pesquisadores** holandeses **iniciarão** um estudo sobre a febre aftosa no Brasil.

Sujeito verbo da concordância ideológica

› **Uma multidão** avançou sobre o juiz. **Disseram** que já não mais aguentavam tanta roubalheira.

> Perceba que neste caso, o sujeito do verbo "dizer" continua sendo "a multidão". Concorda-se com a ideia de que a multidão representa "vários indivíduos, várias pessoas".

› Encontrou um **bom** momento e hora para a realização da reunião.

concordância nominal com o substantivo mais próximo

À exceção de alguns casos, a concordância autorizada pela norma culta é a "gramatical". A nossa preocupação sempre será com o núcleo do termo.

5.1 CONCORDÂNCIA VERBAL

> **Dica:** Não estude este capítulo antes de conhecer bem o sujeito de uma oração. Aqui o nosso objetivo é harmonizar em número (singular ou plural) e em pessoa (1.ª, 2.ª ou 3.ª) o sujeito com o seu verbo. Logo, se você não consegue identificar com segurança o sujeito de uma oração, ou tem dificuldades para fazê-lo, estude o sujeito da oração.

5.1.1 REGRA GERAL

O verbo concorda em número (singular ou plural) e em pessoa (1.ª, 2.ª ou 3.ª) com o seu sujeito simples.

Núcleo do sujeito – 3.ª p. do singular verbo na 3.ª p. do singular

- O **pensamento** dos novos filósofos contemporâneos não **se antepõe** ao pensamento grego.

Verbo na 3.ª p. do plural ⌉ núcleo do sujeito ⌉ núcleo do sujeito ⌉

- Grandes golpes **sofreram** nossos **antepassados** quando muitas **doenças** **assolaram** cidades inteiras.

⌊ verbo na 3.ª p. do plural

Verbo na 3.ª p. do plural

- Do Norte e Nordeste brasileiro, **advieram**, nas décadas de 60 e 70, muitos **imigrantes** para São Paulo.

⌊ núcleo do sujeito na 3.ª p. do plural

5.1.2 SUJEITO FORMADO POR PESSOAS GRAMATICAIS DIFERENTES

Regra: Quando o sujeito é formado por pessoas gramaticais diferentes, obedece-se à seguinte lei de prevalência:

- **1.ª pessoa + 2.ª pessoa** = 1.ª pessoa do plural (a primeira prevalece sobre a segunda) ⇨ NÓS
- **1.ª pessoa + 3.ª pessoa** = 1.ª pessoa do plural (a primeira prevalece sobre a terceira) ⇨ NÓS
- **2.ª pessoa + 3.ª pessoa** = 2.ª pessoa do plural (a segunda prevalece sobre a terceira) ⇨ VÓS

> **Resumindo:** A primeira pessoa prevalece sobre as demais e a segunda pessoa prevalece sobre a terceira.

sujeito composto por pessoas gramaticais diferentes verbo na 1.ª pessoa do plural

- O **Ministro** dos Esportes e **eu**, na próxima semana, **inauguraremos** um novo estádio de futebol.

⌈ sujeito composto por pessoas gramaticais diferentes verbo na 2.ª pessoa do plural

- Vossa **tia** e **tu**, quando toda a comitiva chegar, **devíeis** providenciar imediatamente um local para descanso.

⌈ sujeito composto por pessoas gramaticais diferentes ⌉

- **Tu** e todos os outros **professores** presentes à cerimônia, após o lanche, **comporeis** uma mesa redonda.

⌊ verbo na 2.ª pessoa do plural

➾ Observação importante:

Nos dois últimos exemplos, o verbo também poderia concordar na 3.ª pessoa do plural em virtude da possibilidade de se tratar o "tu" e o "ele" não por "vós", mas sim por "vocês". Logo:

- Tu e todos os outros **professores** presentes à cerimônia, após o lanche, **comporeis** / **comporão** uma mesa redonda.
- O **presidente** do Diretório Acadêmico e **tu**, Roberto, líder de nossa turma, **poderíeis** / **poderiam** reivindicar melhorias para a Universidade.

5.1.3 REGRAS ESPECIAIS DE CONCORDÂNCIA VERBAL COM O SUJEITO SIMPLES

1. Quando o sujeito é formado por expressões partitivas (uma parte de, a metade de, o grosso de, um grande número de, uma porção de, a maioria de etc.) o verbo poderá concordar, no singular, com o núcleo dessas expressões ou com o termo da expressão explicativa ou especificativa que as acompanha.

sujeito

- Boa **parte** dos **inscritos** no último concurso **irá** / **irão** realizar a prova no centro da cidade.

sujeito

- Grande **número** de **automóveis** **circula** / **circulam** nas principais capitais brasileiras.

sujeito

- Por incrível que pareça, a **maioria** dos **participantes** **anteviu** / **anteviram** o resultado da gincana.

2. Quando o sujeito é formado por numerais percentuais ou fracionários seguidos de uma especificação, o verbo poderá concordar tanto com o numeral quanto com a expressão especificativa.

Dica: Não se esqueça de que os numerais "zero" e "um" levam o verbo para o singular. Quanto aos numerais fracionários, para a concordância verbal, leva-se em conta o numerador.

sujeito

- 32% de todo o **dinheiro** arrecadado — será doado / serão doados — para instituições de caridade.

- 8,6% dos **entrevistados** **alegaram** que não gostam de comprar a prazo.

sujeito

> Neste caso, só o plural para o verbo é possível, pois tanto o núcleo do sujeito quanto o termo da especificação se encontram no plural.

sujeito

- 1/4 dos **alunos** do ensino médio — prestará / prestarão — vestibular para Medicina.

- Parece que só 2/3 de todo o **grupamento** masculino — requereram / requereu — a dispensa para as festas natalinas.

Resumindo:

- Número no singular + nome no singular ⇒ Verbo no singular
- Número no singular + nome no plural ⇒ Verbo no singular ou no plural
- Número no plural + nome no singular ⇒ Verbo no singular ou no plural

⇒ Observação importante:

Se o numeral vier precedido de algum determinante, a concordância será feita com este determinante. Observe:

sujeito

- **Os** 15% restantes do grupo pesquisado **serão** novamente entrevistados na próxima semana.

3. Quando o sujeito é formado por expressões que indicam quantidade aproximada (cerca de, perto de, mais de, menos de, coisa de, obra de, passante de etc.) seguidas de um numeral, o verbo concordará com este numeral que acompanha as expressões.

- Cerca de **duzentas** pessoas **intervieram** no protesto dos sem-terras.
  sujeito

- sujeito
  Perto de **quinze** manifestantes **se aglomeraram** em frente ao Palácio do Planalto.

- Mais de **vinte** alunos **foram** reprovados neste ano em nossa escola.
  sujeito

4. Com a expressão "Mais de um" o verbo deverá ficar, portanto, no singular.

- A polícia percebeu que mais de **um** bandido **se escondia** na mata.
  sujeito

- sujeito
  Mais de **uma** criança **se entreteve** com o novo *brinquedo que fora colocado* no salão de jogos.

- "Mais de um coração de guerreiro **batia** apressado." (A. Herculano)

Observação:

Caso a expressão "Mais de um" apareça repetida ou venha acompanhada de um verbo que indique reciprocidade, a concordância será feita no plural.

- sujeito composto – expressão "mais de um" aparece repetida
  Mais de um interventor, **mais de um** advogado, **mais de um** engenheiro **compareceram** ao prédio que ruiu.

- Mais de um deputado **se agrediram** na última sessão plenária.
  sujeito verbo indica reciprocidade

5. Quando o sujeito é um "pronome de tratamento", o verbo concordará obrigatoriamente na terceira pessoa.

▹ – $\underset{\text{sujeito}}{\underline{\text{Vossas Excelências}}}$ ainda não $\underset{\text{verbo na 3.ª pessoa do plural}}{\textbf{avaliaram}}$ o meu pedido?

▹ – Se $\overset{\text{sujeito}}{\underline{\text{Sua Majestade}}}$ **quiser**, eu posso lhe entregar todas as cópias do processo, disse o advogado à secretária do rei.

Observe que toda a concordância é feita na terceira pessoa, inclusive os pronomes que se referem ao pronome de tratamento também são utilizados na terceira pessoa.

▹ – $\underset{\text{sujeito}}{\underline{\text{Vossa Senhoria}}}$ **gostaria** de que eu lavasse o seu carro?

6. Quando o sujeito é a expressão "um dos que", o verbo poderá concordar, na maioria dos casos, tanto no singular quanto no plural.

▹ Ele foi um dos alunos que mais $\left\{\begin{array}{l}\text{se destacou}\\ \text{se destacaram}\end{array}\right.$ neste ano.

▹ Certamente a ex-secretária será uma das pessoas que $\left\{\begin{array}{l}\text{se arrependerá}\\ \text{se arrependerão}\end{array}\right.$ dos erros cometidos.

▹ Aquele mestre foi um dos poucos que $\left\{\begin{array}{l}\text{anteviu}\\ \text{anteviram}\end{array}\right.$ o incidente com o metrô.

☞ **Observação:**

Há casos, entretanto, que só o singular ou só o plural é possível. Geralmente, isso se dá em face da exclusão ou da inclusão perceptível no contexto do período. Observe o exemplo abaixo:

▹ Foi um dos filhos de Sr. João que me **telefonou** hoje pela manhã. (Não há aqui lógica que permita o plural, pois só um dos filhos dele fez a ação de telefonar.)

7. Quando o sujeito é um pronome interrogativo, demonstrativo ou indefinido no plural (quais, quantos, alguns, poucos, muitos, quaisquer etc.), seguido de uma das expressões "de nós" ou "de vós", o verbo poderá concordar tanto com o pronome interrogativo, indefinido ou demonstrativo quanto com os pronomes "nós" ou "vós".

- Certamente muitos de vós $\left\{\begin{array}{l}\text{proporão}\\ \text{proporeis}\end{array}\right.$ mudanças para a nossa administração.
- Eles perceberam que quaisquer de nós $\left\{\begin{array}{l}\text{comprávamos}\\ \text{compravam}\end{array}\right.$ resolver aquela situação.
- Quantos de vós, após o confisco das poupanças, não $\left\{\begin{array}{l}\text{interpuseram}\\ \text{interpusestes}\end{array}\right.$ recurso da decisão.

➾ Observação importante:

Se o pronome interrogativo, demonstrativo ou indefinido estiver no singular (qual, algum, qualquer etc.), o verbo obrigatoriamente ficará no singular.

- **Quem** de nós, na mesma situação, não **agiria** daquele jeito?
- **Qual** de vós **conhece** o segredo do cofre?
- **Algum** de nós certamente **entregou** o colega à direção da empresa.
- **Cada um** dos que ali estavam **tinha** um forte compromisso com o marxismo.

8. Quando o sujeito é o pronome relativo "QUE", o verbo concordará com o termo antecedente.

- De repente, apareceram muitos companheiros **que** apoiaram de imediato o protesto.

> Perceba que neste caso o pronome relativo retoma a palavra precedente e funciona como sujeito para a oração a qual ele mesmo introduz. Observe: Apareceram muitos companheiros. Companheiros apoiaram de imediato o protesto.

- Fomos nós **que** propiciamos todo aquele contratempo.
- Havia muitas indagações **que** nos deixavam confusos.

Observações:

a) Se houver predicativo na oração, é possível tanto a concordância com o antecedente imediato do relativo "que" quanto com o sujeito da oração antecedente:

▹ **Nós** sempre fomos os **homens** que $\left\{\begin{array}{l}\text{comprávamos}\\ \text{compravam}\end{array}\right.$ os materiais de limpeza da firma.

▹ "Tu és a flor que **despontaste** livre." (Gonçalves Dias)

▹ "Não sabeis que eu sou o que **ensinei** a dar benefícios por agravos e favores por injúrias?" (M. Bernardes)

▹ "Nós somos os galegos que **levamos** a barrica." (Camilo Castelo Branco)

b) Quando o relativo "que" exerce a função de sujeito e o termo que o antecede é formado por dois ou mais substantivos, o "que" pode retomar qualquer um desses substantivos, desde que a lógica da oração adjetiva o permita.

▹ O preço das ações que $\left\{\begin{array}{l}\text{se negociou (preço)}\\ \text{se negociaram (ações)}\end{array}\right.$ na bolsa de valores caiu em razão de uma interferência externa.

▹ Eles interromperam um processo de atitudes que $\left\{\begin{array}{l}\text{podia (processo)}\\ \text{podiam (atitudes)}\end{array}\right.$ resolver o problema.

pronome relativo "que" retoma "lei"

▹ A lei das sociedades anônimas **que foi promulgada** esta semana será objeto de impugnação.

c) Quando o pronome relativo "que" se referir a um vocativo, considera-se o pronome relativo como se de 2.ª pessoa fosse. Portanto, a concordância verbal deverá ser feita na 2.ª pessoa. Observe:

▹ "Alma minha gentil, que **te partiste**
tão cedo desta vida descontente." (Camões)

▹ "Homem, **que me pedes** amor, sabe que eu te detesto." (Epifânio da S. Dias)

d) Quando o pronome relativo "que" vem precedido de "um de, uma de, um dos, uma das", emprega-se hoje preferencialmente o verbo da oração adjetiva no plural. Entretanto, era comum, em muitas obras clássicas, o emprego do verbo no singular. Por isso, as duas formas de concordância são consideradas corretas.

- "Um dos gestos **que melhor exprimem** a minha essência foi a devoção com que corri no domingo próximo a ouvir missa em S. Antônio dos Pobres." (Machado de Assis)
- "E chegando a uma das portas **que davam** para a estalagem, gritou: — Vá de rumor! Não quero isto aqui! É safar!" (Aluízio Azevedo)
- "Uma das felicidades **que se contava** entre as do tempo presente era acabarem-se as comédias em Portugal; mas não foi assim." (Pe. Antonio Vieira)
- "Suspendeu-se a uma das palmeiras **que servia** de esteio à choça, e por um desses movimentos ágeis..." (José de Alencar)

9. Quando o sujeito é o pronome relativo "QUEM", o verbo concordará na 3.ª pessoa do singular com este pronome ou com o seu antecedente, desde que se trate dos pronomes pessoais do caso reto (eu, tu, ele, nós, vós, eles.).

- Foste tu quem $-\left[\begin{array}{l}\text{comprou}\\ \text{compraste}\end{array}\right.$ aquele livro ali?
- Parece que seremos nós quem $-\left[\begin{array}{l}\text{responderá}\\ \text{responderemos}\end{array}\right.$ pelos prejuízos causados.

➪ Observação:

Quando o antecedente do pronome "QUEM" não for um pronome do caso reto – repita-se –, só é lícita a concordância na 3.ª pessoa do singular. Veja:

- Foram os próprios colegas de trabalho quem **compôs** a música do aniversário dele.
- Porventura, seriam aqueles dois rapazes quem **promoveu** toda a bagunça?
- "Eu, o Silêncio e a Solidão éramos quem **estava** aí." (A. Herculano)

10. Quando o sujeito for formado por nomes próprios que só existem no plural (Estados Unidos, Andes, Patos, Minas Gerais, Alagoas, por exemplo), o verbo ficará no singular se estes nomes não vierem precedidos de artigo ou se o artigo estiver no singular. Caso apareça um artigo no plural, a concordância será feita no plural.

- Estados Unidos ainda não **encontrou** uma saída para o Iraque.
- Ilhéus sempre **foi** uma bela cidade para o turismo.

- **O** Marrocos sempre **encanta** os turistas que por lá passam.
- **As** Filipinas se **envolveram** numa sangrenta guerra há muitos anos.
- **Os** Emirados Árabes sempre **exportaram** petróleo.

Observação:

Caso o nome no plural se refira a uma obra artística ou literária, tanto o singular quanto o plural são corretos para o verbo da concordância.

- "Os Lusíadas" $\left\{\begin{matrix}\text{imortalizaram}\\ \text{imortalizou}\end{matrix}\right.$ Luis Vaz de Camões.
- "Os Sertões" de Euclides da Cunhas $\left\{\begin{matrix}\text{representaram}\\ \text{representou}\end{matrix}\right.$ um marco para a Literatura Brasileira.

11. Quando o sujeito for formado por um substantivo coletivo seguido de uma especificação, o verbo poderá concordar tanto com o coletivo quanto com a especificação.

- Um grupo de arruaceiros $\left\{\begin{matrix}\text{invadiu}\\ \text{invadiram}\end{matrix}\right.$ várias lojas no centro da cidade.
- Um bando de aves selvagens $\left\{\begin{matrix}\text{sobrevoava}\\ \text{sobrevoavam}\end{matrix}\right.$ a cidade naquele instante.

Os substantivos "milhão, bilhão, trilhão, quatrilhão" são denominados de "numerais coletivos". Seguem, portanto, a regra de concordância dos coletivos. Ademais, tais numerais coletivos só se flexionam em número. Não apresentam variação de gênero: são sempre masculinos.

- Um milhão de pessoas **foi** (ou **foram**) ao show.
- Cerca de um milhão de turistas **visitará** (ou **visitarão**) a Europa neste ano.
- Mais de um milhão de dólares **foi gasto** (ou **foram gastos**) para a reconstrução do templo.
- Um milhão e meio de chineses já se **adaptou** (ou **adaptaram**) às novas regras do mercado capitalista.

> Os 15 milhões de crianças brasileiras que se vacinaram hoje ficarão imunes à doença durante um ano.

12. Os verbos "dar, bater e soar", por serem pessoais, concordam com os seus respectivos sujeitos.

sujeito
> **Já bateram** nos relógios da cidade as horas necessárias para o início do evento.

> **Soou** uma hora da tarde no sino da igreja.
sujeito

> Já **vão dar** dez horas e o João ainda não chegou.
sujeito

⇨ Observações:

1. Não confunda esta regra com a regra dos verbos "estar, fazer, haver, ir" na indicação de tempo transcorrido. Estes verbos são impessoais e ficam na terceira pessoa do singular.
2. Quando o sujeito dos verbos "dar, bater e soar" for a palavra "sino, relógio ou carrilhão", o verbo concordará com esse sujeito.

> Já **bateu** onze horas o relógio da sala.
sujeito

> Ainda **vai dar** duas horas da tarde o carrilhão do quarto do meu avô.
sujeito

13. O pronome apassivador "**SE**" exige que o verbo (transitivo direto ou transitivo direto e indireto) concorde com o seu sujeito passivo.

VTDI sujeito passivo
> **Transmitiram**-se-lhe novas informações sobre o caso investigado pela Polícia Federal.

> Lembre-se de que, neste caso, é possível a transformação da passiva sintética em analítica. Veja: "Novas informações lhe foram transmitidas sobre...".

> **Desfizeram**-se todas as dúvidas quando se **apresentaram** as novas provas.
VTD sujeito passivo VTD sujeito passivo

- **Compraram**-se novas ferramentas para a construção do edifício.
  VTD sujeito passivo

  VTDI sujeito passivo
- **Entregou**-se a cada um dos formandos em Direito uma carta de apresentação para emprego.

> 14. Os verbos intransitivos, os transitivos indiretos e os de ligação associados a um pronome "SE" ficam na terceira pessoa do singular. O "SE" funcionará como "índice de indeterminação do sujeito".

- Nunca mais se **falou** do esfacelamento do império russo.
  IIS VTI
- **Assistiu**-se a muitos filmes nestas férias.
  VTI IIS
- Em alguns bairros da cidade de Recife, **mora**-se muito bem.
  VI IIS

  VTI IIS
- **Precisa**-se de novos jovens empreendedores que mudem a face do mercado de capitais.

> 15. Com a expressão "haja vista" – que significa 'tenha-se em vista, leve-se em conta, considere-se' – admitem-se as seguintes concordâncias:

  expressão invariável seguida de um artigo ˥
- O Presidente parece preocupado com a situação dos pobres, **haja vista os** inúmeros investimentos na saúde.

  expressão invariável seguida da preposição "a" ˥
- Aquele bairro está se tornando um dos mais violentos, **haja vista aos** inúmeros assaltos que lá ocorrem.

  o verbo "haver" varia para concordar com o substantivo posposto ˥
- Aquele prédio deve apresentar problemas na estrutura, **hajam vista as** inúmeras reformas que se fizeram.

➾ Observação:

Nunca se esqueça, porém, de que, com esta expressão, a palavra "vista" é sempre invariável.

5.1.4 REGRAS ESPECIAIS DE CONCORDÂNCIA VERBAL COM O SUJEITO COMPOSTO

Regra geral: O sujeito composto exige o verbo da concordância no plural.

sujeito composto — verbo na 3.ª pessoa do plural

▹ Todos os argumentos e todas as formas de intervenção **foram utilizados** para mudar o pensamento dele.

sujeito composto

▹ O líder comunitário e todas as mulheres ofendidas com a ação do marginal **deporão** na delegacia mais próxima.

↳ verbo na 3.ª pessoa do plural

> **Dica:** Deste ponto em diante, estudaremos as regras que, de alguma forma, fogem da regra geral. Não se afobe! Sugiro que, se estiver cansado, pare um pouco. Descanse e volte.
> Procure entender o porquê da regra, não se esquecendo de que a regra maior sempre exige o verbo no plural quando o sujeito é composto. Vamos lá!

1. Quando o sujeito composto vier posposto ao verbo, é lícito que se concorde com o núcleo mais próximo desse sujeito ou, como nos orienta a regra geral, com ambos os núcleos.

▹ Das indagações do novo funcionário **adveio / advieram** uma nova ideia para a equipe e uma nova forma de pensar a empresa.

sujeito composto posposto ao verbo

▹ Não **convém / convêm** aos iniciantes na carreira advocatícia nem a liberalidade dos anarquistas nem a seriedade dos monges.

sujeito composto posposto ao verbo

sujeito composto posposto ao verbo

▹ Nenhum resultado **obteve / obtiveram** a reclamação do pai e as advertências da mãe.

⇨ Observação:

Quando se exprime reciprocidade, o verbo vai sempre para o plural. Observe:

▹ "Eram olhos, onde lutavam amor profundo e cólera violenta." (A. Herculano)

▹ Falamos com a mulher em cujo coração estavam vida e morte.

2. Quando o sujeito composto é formado por núcleos sinônimos, ou quase sinônimos, ou ainda se tais núcleos constituem uma gradação, o verbo poderá concordar tanto no singular quanto no plural.

núcleos sinônimos ou quase sinônimos

▷ A fama, a glória, o reconhecimento do público **fez** / **fizeram** de Paulo um homem arrogante.

núcleos sinônimos ou quase sinônimos

▷ Morro, se a misericórdia, o perdão, a graça de Deus não me **acode** / **acodem**.

núcleos do sujeito formam uma gradação

▷ O desafeiçoado, o insensível, o empedernido nunca se **preocupa** / **preocupam** com a situação dos outros.

núcleos do sujeito formam uma gradação

▷ O fraco, o debilitado, o sem-forças se **rende** / **rendem** com facilidade às corrupções do mundo.

núcleos sinônimos ou quase sinônimos

▷ "A largueza e relaxação da vida **escurece** a consciência e **cega** a alma." (Pe. Antônio Vieira, *Sermões*).

⇨ **Observações:**

a) Tenha muito cuidado com esta regra. Não é qualquer tipo de sujeito composto que possibilitará o verbo no singular. A concordância no singular é possível pela unidade semântica que esses sujeitos representam.

b) Quando a gradação do sujeito for resumida por um termo, só com este termo se fará a concordância. Veja:

termo que resume a gradação

▷ Um mês, um ano, um século, **uma vida inteira** não **bastava** para esquecer a mágoa que ela me causou.

c) É fundamental também não se esquecer de que a concordância no singular, nesta regra, só é possível, porque há também uma unidade de singular entre os núcleos do sujeito. Basta um dos núcleos vir no plural para que só o plural seja admissível para o verbo da concordância. Veja:

▷ O rancor, a mágoa, a cólera, a ira, o ódio sempre **fazem** / **faz** mal ao homem.

sujeito formado por núcleos sinônimos ou quase sinônimos

Agora...

- O rancor, **as mágoas**, a cólera, a ira, o ódio sempre **fazem** mal ao homem.

> 3. Quando o sujeito composto é resumido por um pronome indefinido (tudo, toda, nada, ninguém, cada um etc.), o verbo concordará com este pronome resumitivo.

- O mar, os céus, a terra, **tudo apregoa** a glória de Deus.
  pronome resumitivo

- Doenças, desemprego, morte na família, **nada** o **fazia** pensar sobre a vida.
  pronome resumitivo

- "No quintal a aroeira e a pitangueira, o poço, a caçamba velha, e o lavadouro, **nada sabia** de mim". (M. Assis)

➾ Cuidado!! Não se deixe enganar:

OD VTD
- As bolas de sopro, as serpentinas, os confetes tudo **queriam** os organizadores da festa naquele instante.
  sujeito do verbo querer

> 4. Quando os núcleos do sujeito forem infinitivos não precedidos de determinante, o verbo concordará na terceira pessoa do singular.

> **Dica:** Para aprofundar este conhecimento, confronte esta regra com a regra do sujeito oracional, estudado no final deste capítulo.

- **Fazer** exercícios regulares e **dormir** oito horas diárias **faz** bem à saúde.
  sujeito composto cujos núcleos são infinitivos

- **Fumar e beber** em ambiente de trabalho é terminantemente proibido.
  sujeito composto cujos núcleos são infinitivos

- **Viver e sonhar constitui** a alma de nossa existência.
  sujeito composto cujos núcleos são infinitivos

- "**Vê-la e amá-la** foi obra de um minuto." (Machado de Assis)
  sujeito composto cujos núcleos são infinitivos

➾ Observação:

Se os infinitivos vierem precedidos de determinantes ou se indicarem ideias contrárias, o verbo irá para o plural:

- O comer e **o** beber **exigem** de todos nós moderação.
- Nascer e **morrer** **constituem** os limites de nossa vida.

5. Quando os núcleos do sujeito são ligados por "OU", devem-se observar as seguintes orientações:

a) Se houver ideia de exclusão ou de sinonímia ➾ o verbo concordará com o núcleo do sujeito mais próximo

b) Se houver ideia de inclusão ➾ o verbo concordará com ambos os núcleos

c) Se houver ideia de retificação ➾ o verbo concordará com o núcleo do sujeito mais próximo

- Toda a empresa está certa de que ele **ou** tu **serás** o novo presidente.
  ↳ a partícula indica exclusão

- Guará **ou** Guaratinguetá sempre **foi** uma excelente cidade para o turismo.
  ↳ a partícula indica sinonímia

- João Paulo **ou** André **casará** com a filha do prefeito.
  ↳ a partícula indica exclusão

- Laranja **ou** abacaxi após o almoço fazem bem à digestão.
  ↳ a partícula indica inclusão

  ↱ A partícula indica retificação
- O vencedor **ou** vencedores do concurso **ganharão** também uma bolsa de estudos no exterior.

  ↱ a partícula indica exclusão
- O Presidente do grupo **ou** os seus vice-diretores terão aumento neste final de ano.

6. Quando o sujeito é formado pela expressão "um ou outro", o verbo da concordância fica obrigatoriamente no singular.

- Você não dá esmolas, mas um ou outro amigo seu **dá**.

- Acredito que uma ou outra camisa lhe **fica** muito bem.
- Para aquele deputado um ou outro ministério lhe **conviria**.

7. Quando o sujeito é formado pelas expressões "Um e outro" ou "Nem um nem outro", embora haja uma preferência para o plural, a concordância pode ser feita tanto no singular quanto no plural.

- Não adianta correr, pois nem um nem outro **escapará** / **escaparão**.
- Um e outro participante da maratona **alegou** / **alegaram** que houve fraude na competição.
- Paula e Joana foram reprovadas nos estudos. Nem uma nem outra **quis** / **quiseram** falar sobre o fato.
- Quando ele caiu em campo, um e outro jogador **tentou** / **tentaram** socorrê-lo, mas foi tarde demais.

Lembrete:

"A esta altura do campeonato", convém não esquecer: os verbos que indicam reciprocidade concordam no plural – 3.ª pessoa.

- Nem um nem outro **se cumprimentaram** à porta do evento.

↳ verbo indica reciprocidade. O plural é obrigatório.

verbo indica reciprocidade. O plural é obrigatório. ↴

- Na última sessão, um e outro parlamentar **se esbofetearam** em virtude da não aprovação da medida.

8. Quando os núcleos do sujeito são unidos por "Nem... nem...", o verbo da concordância poderá ficar tanto no singular quanto no plural.

- Nem o Sport nem o Náutico **ganhará** / **ganharão** o torneio este ano.
- Nem honra, nem desonra, nem alegria, nem tristeza o **faziam** / **fazia** chorar.

⇨ Observação:

Se houver pronomes pessoais indicando pessoais gramaticais diferentes, o verbo da concordância obedecerá à lei da primazia (1.ª pessoa prevalece sobre as demais; 2.ª pessoa prevalece sobre a terceira).

- Nem eu nem tu **iremos** para o show de rock.

  1.ª + 2.ª └ 1.ª pessoa do plural prevalece

- 3.ª + 2.ª ┌ 2.ª ou 3.ª pessoa do plural prevalece

  Nem o tio João nem tu **deixastes** / **deixaram** o dinheiro para eu comprar a comida. Por que isso aconteceu?

9. Quando os núcleos do sujeito são unidos pela preposição "COM", o verbo da concordância poderá ficar no singular ou no plural.

- O amigo **com** os seus melhores colegas **foi** / **foram** tomar satisfações com o outro grupo em virtude do ocorrido.
- Ele ficou sabendo que o bandido **com** vários de seus comparsas **tentariam** / **tentaria** invadir a fábrica à noite.
- O empresariado brasileiro **com** toda a sua assessoria **poderá** / **poderão** perceber a qualquer momento que a economia não vai bem.

⇨ Observação:

Lembre-se de que se o verbo anteceder ao sujeito, ele só poderá concordar com o núcleo mais próximo.

- A nova diretora **com** todos os seus professores **participará** / **participarão** da inauguração do Grêmio acadêmico.
- **Participará** da inauguração do Grêmio acadêmico a nova diretora com todos os seus professores.

10. Quando os núcleos do sujeito vierem unidos pela conjunção "como", embora haja a preferência para o plural, o verbo da concordância poderá ficar no singular ou no plural.

sujeito

- A tarifa de energia elétrica **como** a da água e esgoto **subiu** / **subiram** de preço esta semana.

sujeito

- A criança **como** o adulto só **aprende** / **aprendem** na vida quando se está diante de uma dificuldade.

11. Quando os núcleos do sujeito vierem ligados por conjunções correlatas (Não só... mas também; Não só... bem como; Não só... mas também; Tanto... quanto; Tanto... como etc.), o verbo irá para o plural.

Sujeito

- **Não só** o Ministro da fazenda, **mas também** todo o seu séquito **irão** participar da inauguração das obras.

- **Tanto** a moça **quanto** o seu pai **homenagearão** os professores do curso.

Sujeito

⇨ **Observação:**

Há gramáticos que também admitem, para este caso, a concordância no singular. Para estas correlações aditivas – as quais literalmente indicam soma, adição, acréscimo – parece-nos mais lógica, entretanto, a concordância apenas no plural.

- Tanto o leite quanto o pão **subiu** / ou / **subiram** de preço

- Não só o amigo mais íntimo como também toda a parentela **foi** / ou / **foram** visitá-lo na enfermidade.

Ufa!! Quanta regra, hein??!! Sugiro que descanse um pouco antes de iniciar a próxima etapa. Nossa missão será estudar um verbo que, por suas características, possui uma concordância toda especial, toda particular: o verbo SER. O assunto não é difícil e não são muitas as regras. Mantenha a calma! Continue firme!

5.1.5 CONCORDÂNCIA DO VERBO "SER"

O verbo "SER" é, como já disse, um verbo especial. Para a gramática normativa ele é considerado, quando empregado na função de verbo de ligação, um verbo desprovido de significado, não nocional. Em virtude desse esvaziamento semântico e da busca por uma melhor eufonia, em muitos casos o verbo SER deixará de concordar com o seu sujeito e passará a concordar com o seu predicativo. Observe agora as regras mais comuns para o emprego correto desse verbo:

1. Quando o sujeito é representado pelos pronomes neutros "tudo, isto, aquilo, o", o verbo SER pode concordar tanto com o seu sujeito quanto com o seu predicativo:

- Como se sabe, nem tudo na vida **é** / **são** flores.
- **O** que ele mais admira em você **é** / **são** seus belos olhos verdes.

2. Quando o sujeito é formado por um substantivo e o predicativo também é um substantivo, ambos indicando coisas, o verbo SER poderá concordar tanto com o sujeito quanto com o predicativo:

- A maior parte de todo o problema **era** / **eram** fricotes da moça.
- A cama dele sempre **foi** / **foram** restos de jornais velhos.
- 20% dos alunos **foi** / **foram** o número escolhido para representar a escola nos jogos municipais.

3. Quando o sujeito for representado por uma pessoa – sujeito personativo –, o verbo SER deverá obrigatoriamente concordar com este sujeito.

- **Milena era** as alegrias de toda a família.
- A **criancinha** doente **é** as preocupações de seus pais.
- O **deputado foi** só alegrias quando soube que não ia ser cassado.

4. Quando o verbo SER fizer parte de uma expressão que indica quantidade (peso, medida, preço), ele sempre ficará no singular.

- Duzentos gramas de presunto **é pouco** para a lasanha.
- Dez mil reais **fora** o bastante para ele comprar um bom automóvel.
- As quarenta árvores plantadas **foi** muito para quem só dispõe de dois hectares de terras inférteis.

5. Quando o sujeito ou o predicativo é representado por um pronome do caso reto, o verbo SER obrigatoriamente concorda com esse pronome.

- **Ele** sempre **foi** os olhos da família.
- Nesta terra, o chefe **sois vós.**
- Neste setor da empresa, os responsáveis **somos nós.**
- Eles sabem que **eu serei** os pilares da organização.

➯ **Observação:**

Se tanto o sujeito quanto o predicativo forem representados por pronomes do caso reto, o verbo SER concordará obrigatoriamente com o sujeito. Veja:

- Já falei que **eu** não **sou** ele.
- **Nós**, meu senhor, não **somos** eles.

6. Quando o verbo SER fizer parte de locuções que indiquem tempo ou distância, ele obrigatoriamente concordará, embora seja impessoal, com a expressão numérica que acompanhar tais locuções:

- Entre 1964 e 1985 **foram vinte e um** anos de muita repressão.
- Já **devem ser**, pela posição do sol, **umas cinco horas** da tarde.
- **É meio-dia e meia** na cidade de São Paulo e o sol ainda não apareceu.

- Hoje **são dezesseis** de abril.

➾ **Observação:**

Neste último exemplo também é lícita a concordância "Hoje é dezesseis de abril", fazendo o verbo concordar com a palavra implícita "dia". É óbvio que, se a palavra "dia" vier expressa na frase, o verbo obrigatoriamente concordará com ela. Veja:

- Hoje é **dia** dezesseis de abril.

7. Quando o verbo SER fizer parte da locução expletiva ou de realce "É QUE", ele permanecerá invariável.

- É nas horas difíceis **que** se conhecem os verdadeiros amigos.
- Na realidade os homens **é que** deveriam se amar mais uns aos outros.

8. Quando o sujeito é formado por um pronome interrogativo QUE ou QUEM, o verbo SER concorda obrigatoriamente com o seu predicativo.

- Quem **foram os culpados** por esta desordem?
- Que **horas são** agora, por favor?
- Que **poderiam ser aquelas luzes** ao longe?

Puxa!!! Você conseguiu chegar até aqui!! Parabéns!! Só faltam mais algumas regras para terminar o assunto "concordância verbal". Não desista!! Nossa próxima incumbência será entender a concordância com o sujeito oracional.

5.1.6 A CONCORDÂNCIA COM O SUJEITO ORACIONAL

Um dos pontos bastante explorados pelas bancas examinadoras é a concordância com o sujeito oracional. Acompanhe o desenvolvimento abaixo:

- **São** fundamentais **as assinaturas dos sócios no contrato.**
  Verbo concorda com o sujeito — sujeito simples

- **É** fundamental **que os sócios assinem o contrato.**
  Verbo concorda na 3.ª pessoa do singular — sujeito oracional

> **Regra geral:** O verbo sempre concordará na terceira pessoa do singular com o sujeito oracional.

Observe outros exemplos em que foi feito esse tipo de desdobramento (transformação do período simples em período composto com a formação de um sujeito oracional):

- Foram necessárias todas aquelas mudanças. (período simples)
  sujeito simples
  - Foi necessário **que se fizessem todas aquelas mudanças**. (período composto)
    sujeito oracional

- Espera-se o retorno dele o mais breve possível.
  sujeito simples
  - Espera-se **que ele retorne o mais breve possível**.
    sujeito oracional

- Foi anunciada a construção de uma nova ponte para a nossa cidade.
  sujeito simples
  - Foi anunciado **que uma nova ponte seria construída em nossa cidade**.
    sujeito oracional

Observação:

Lembre-se de que, em português, os infinitivos e as orações representam o número singular e o gênero masculino. Por isso, o sujeito oracional – que não passa de uma oração que exerce a função sintática de sujeito – exige o verbo da concordância no singular. Ademais, se houver algum adjetivo, este irá para o masculino. Observe, no exemplo abaixo, que o adjetivo participial "considerada" não está concordando com o sujeito oracional.

- "**Vencer a sujeição ao acaso** pode ser considerada uma das errôneas preocupações do pensamento filosófico inaugurado na Grécia." (ESAF)

Corrija-se para...

- "Vencer a sujeição ao acaso pode ser **considerado** uma das errôneas..."

Como você já está mais familiarizado com o sujeito oracional, vamos abaixo listar as formas como o sujeito oracional se apresenta.

1.ª FORMA

O sujeito oracional é a oração subordinada substantiva subjetiva, desenvolvida e introduzida, geralmente, pelas conjunções integrantes "que" e "se". Observe os exemplos:

- É muito difícil que se cumpram os propósitos que, invariavelmente, se formulam a cada início de ano.
- Não se admite que hajam nascido, em quaisquer outras espécies, seres capazes de compor sinfonias.
- É imprescindível que se cumpram os acordos firmados em relação à oferta de energia e aos preços adequados, e que se atenda ao aumento da demanda.
- Urge que sejam definidas as metas de oferta de energia em quantidade suficiente e preço adequado, para impulsionar o desenvolvimento do país.

⇨ **Observação:**

O importante não é apenas identificar o sujeito oracional. Acima de tudo, é essencial perceber que o verbo (destacado em cor laranja) concorda na 3.ª pessoa do singular com o sujeito oracional.

2.ª FORMA

O sujeito oracional manifesta-se por meio de uma estrutura proverbial ou de uma assertiva categórica, introduzidas pelo pronome relativo condensado "QUEM", que equivalerá a "AQUELE QUE". Observe os exemplos abaixo:

- Quem canta seus males espanta.
  sujeito oracional para o verbo "espantar"
- Quem com porcos se mistura farelo come.
  sujeito oracional para o verbo "comer"
- Quem com ferro fere com ferro será ferido.
  sujeito oracional para a locução da voz passiva "será ferido"

- Como obterá aprovação em um concurso público **quem nunca estudou com seriedade**?
  sujeito oracional para o verbo "obter"

- **Quem quiser conhecer os detalhes da vida** estude Filosofia.
  sujeito oracional para o verbo "estudar"

Observação:

Mais uma vez fique atento à concordância dos verbos "espantar, comer, ferir, obter e estudar", usados nos exemplos acima. Veja que todos estão flexionados na 3.ª pessoa do singular para concordar com seus respectivos sujeitos oracionais.

> Conselho de amigo: Fique muito atento!! O próximo caso é um dos mais explorados nos concursos públicos.

3.ª FORMA

O sujeito oracional é a oração subordinada substantiva subjetiva, reduzida de infinitivo. Observe os exemplos abaixo (destacamos o verbo – que concorda na 3.ª pessoa do singular – e o sujeito oracional):

- Não **convém** aos novos formandos em Direito **agir de forma contrária à Lei**.
  verbo na 3.ª pessoa do singular — sujeito oracional – oração reduzida de infinitivo

- verbo na 3.ª pessoa do singular — sujeito oracional
  Caso não nos **ocorresse**, naquelas horas, **buscar o auxílio de um guia**, jamais teríamos encontrado o caminho.

- verbo na 3.ª pessoa do singular — sujeito oracional
  Não **compete** aos historiadores **exercer a mera função de arquivistas públicos**.

- verbo na 3.ª pessoa do singular — sujeito oracional
  Não **aprouvesse** aos homens **criar instituições**, certamente viveríamos sob o signo da barbárie.

- verbo na 3.ª pessoa do singular — sujeito oracional
  Em muitos prédios do centro, ainda **resta**, nos andares mais altos, **vender muitas unidades**.

- **Faltava** **dar os últimos retoques** para que a festa ficasse pronta.
  verbo na 3.ª pessoa do singular — sujeito oracional

verbo na 3.ª pessoa do singular — sujeito oracional

- Quanto aos nossos vizinhos, **cabe-nos** reconhecê-los como nossos semelhantes, pois, como nós, são seres únicos.

verbo na 3.ª pessoa do singular — sujeito oracional

- Muitas pessoas, achando que não lhes **basta** ouvir os apelos da vocação, valorizam as vantagens pecuniárias de uma profissão.

verbo na 3.ª pessoa do singular — sujeito oracional

- Em geral não nos **apetece** enfrentar os contornos duros do nosso rosto verdadeiro, mais desconfortáveis que os do construído.

Aviso aos navegantes: O próximo caso será um pouco complicado. Sugiro que pare um pouco e descanse a mente (5 minutos é o bastante!). Estude mais de uma vez o caso abaixo; se não entender, consulte o seu professor, o seu orientador.

4.ª FORMA

O sujeito oracional é a oração subordinada substantiva subjetiva, reduzida de infinitivo, e que se encontra posposta e apresenta transitividade incompleta (geralmente o infinitivo é transitivo direto com objeto direto no plural). Observe o exemplo abaixo (destacamos o sujeito oracional em cor laranja):

- Os documentos que era preciso encontrar resolveriam o problema.

Observe a construção...

1.ª oração: Os documentos resolveriam o problema.

2.ª oração: que (os documentos) encontrar → sujeito oracional para a 3.ª oração

3.ª oração: era preciso

Algumas considerações sobre o exemplo acima:

a) Observe que o pronome relativo "que" é o objeto direto do verbo "encontrar". Como o relativo se refere a "Os documentos", teremos, então: "encontrar os documentos".

b) O verbo "ser" em "era preciso" concorda com o seu sujeito oracional "encontrar os documentos". Logo, teremos: "Encontrar os documentos era preciso". Ocorre que o termo "os documentos", no exemplo, está representado pelo pronome relativo "que".

Vejamos outros exemplos:

verbo "ser" concorda na 3.ª pessoa do singular

- Os navios que é essencial construir servirão para a defesa do nosso litoral.

sujeito oracional = que (os navios) construir

- O deputado estava preocupado com os votos que lhe convinha arranjar.

sujeito oracional = que (os votos) arranjar

- As medidas que seria oportuno decretar poderiam diminuir as exportações.

sujeito oracional = que (as medidas) decretar

verbo "tentar" concorda na 3.ª pessoa do singular com o sujeito oracional

- Fui de encontro às ações que se tentava implantar.

sujeito oracional passivo = que (as ações) implantar

verbo "caber" concorda na 3.ª pessoa do singular com o sujeito oracional

- Nunca lhe pesou nas costas a dificuldade das funções que lhe cabia desempenhar.

sujeito oracional = que (as funções) desempenhar

Observações sobre esse último caso:

a) Perceba que, em todos os exemplos, a função sintática do pronome relativo "que" é definida pelo infinitivo, o qual representa o núcleo do sujeito oracional.

b) Nos grandes concursos, algumas bancas exploram este tipo de sujeito oracional. É preciso ter muito cuidado para não se fazerem confusões. Veja abaixo uma análise errada de um período que apresenta sujeito oracional posposto com verbo transitivo direto e objeto direto no plural:

- As subvenções que são lícitas obter do governo atrapalham as importações.

O sujeito do verbo "ser" é a oração
"que (as subvenções) obter do governo"

Logo, é preciso corrigir o período acima para...

- As subvenções que é lícito obter do governo atrapalham as importações.

5.1.7 CONCORDÂNCIA DO VERBO "PARECER"

Outro caso bastante interessante diz respeito à concordância do verbo "parecer". Isto porque este verbo tem o condão de tanto poder funcionar como verbo auxiliar em uma locução verbal quanto de aparecer como verbo independente, geralmente empregado como intransitivo. Vejamos:

- Maria **está** doente. ⇒ Maria **parece** doente.
  Verbo de ligação / verbo de ligação

- Maria **deve estar** doente.
  Locução verbal

- Maria **parece estar** doente. –
  - Maria estar doente PARECE.
    (Período composto. Verbos independentes.)
  - Maria parece estar doente.
    (Período simples. Locução verbal "parecer + estar").

A partir desses primeiros exemplos, chegamos a uma regra:

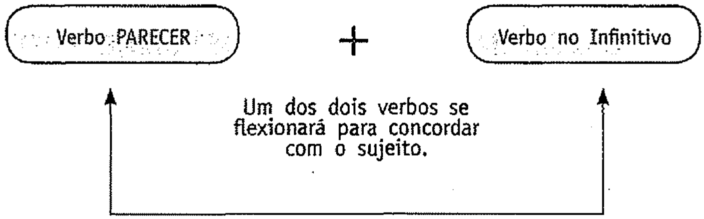
Verbo PARECER
+
Verbo no Infinitivo
Um dos dois verbos se flexionará para concordar com o sujeito.

Outros exemplos:

a)

- As estrelas **parecem brilhar**. (Período simples. Locução verbal. Sujeito simples: "As estrelas".)

OU

- As estrelas **parece brilharem**. (Período composto. Verbos independentes. Sujeito do verbo parecer é oracional: "Brilharem as estrelas".)

b)

- Alguns animais **parecem andar** como os pássaros, saltitando.

OU

- Alguns animais **parece andarem** como os pássaros, saltitando.

c)

- As lágrimas **pareciam** não a **deixar** viver a vida.

OU

- As lágrimas **parecia** não a **deixarem** viver a vida.

⇨ **Observação:**

A essa mesma regra obedecem os verbos "ver-se" e "ouvir-se" quando são seguidos de um infinitivo.

- Nunca mais **se ouviu** os acordes do hino de Pernambuco **tocarem.**

OU

- Nunca mais **se ouviram** os acordes do hino de Pernambuco **tocar.**

⇨ **Observação:**

Não se esqueça de que o sujeito oracional nada mais é do que uma oração subordinada substantiva subjetiva.

5.1.8 CONCORDÂNCIA DOS VERBOS "COSTUMAR, PODER, DEVER, PRECISAR"

Um último caso bastante intrigante de concordância se dá com os verbos "costumar, poder, dever, precisar" em construções passivas seguidas de um infinitivo transitivo direto. Tais verbos poderão tanto formar uma locução verbal com o infinitivo como poderão concordar na 3.ª pessoa do singular com o sujeito oracional formado a partir do infinitivo. Observe o diagrama:

VERBOS	PARTÍCULA	INFINITIVO TRANSITIVO DIRETO	NOME NO PLURAL
COSTUMAR PODER DEVER PRECISAR	SE		
Estes verbos poderão se flexionar, formando uma locução verbal com o infinitivo, ou ficar na 3.ª pessoa do singular para concordar com o sujeito oracional.	Funcionará como partícula apassivadora		

Exemplos:

- Em virtude da lei, não se $\begin{cases}\text{deve}\\ \text{devem}\end{cases}$ comprar produtos pirateados.
- Se se $\begin{cases}\text{pudesse}\\ \text{pudessem}\end{cases}$ aprovar mais leis em menos tempo, o país cresceria mais rápido.
- No Brasil, $\begin{cases}\text{costuma-se}\\ \text{costumam-se}\end{cases}$ vender carros usados para as pessoas mais pobres.
- "Concluo que não se **devem** abolir as loterias." (Machado de Assis)
- "Mas a V. Ex.ª **pode**-se dizer estas cousas, porque pertence à elite: a desgraça de Portugal é a falta de gente." (Eça de Queiroz)

Chegamos ao final!! Agora é o momento de praticar. Procure resolver todos os exercícios abaixo.

5.1.9 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

Concordância Verbal

1. (UM-SP) Já ... muitos anos que se alteraram algumas regras de acentuação, mas ... muitas pessoas que ainda ... ao grafar certas palavras.
    a) deve fazer, há, hesitam.
    b) devem fazer, tem, excitam.
    c) deve fazerem, há, hesita.
    d) deve fazer, tem, hesitam.
    e) fazem, há, excitam.

2. (FCMSC-SP) Aponte a concordância menos aceitável.
    a) Isto são sintomas menos sérios.
    b) Aquilo são lembranças de um triste passado.
    c) Paula foi os sonhos de toda a família.
    d) Aquela jovem tinha duas personalidades.
    e) Pedrinho eram as preocupações da família.

3. (TRF 5ª Região – Analista Judiciário – Judiciária) As normas de concordância verbal estão plenamente observadas na frase:

a) O que há de mais terrível nas cenas de violência transmitidas pela TV estão nas reações de indiferença de alguns espectadores.
b) Não se devem responder aos sacrifícios humanos com o cinismo de quem se julga superior.
c) Não se levante contra o pessimista as acusações de imobilismo moral e inconsequência política.
d) Ainda que não houvessem outras razões, o surdo idealismo dos pessimistas bastaria para os aceitarmos.
e) Os otimistas não julguem os pessimistas, nem estes àqueles, pois ambos convergem para alguma forma de idealismo.

4. (PUC-SP) Assinale a alternativa correspondente à frase em que a concordância verbal esteja correta.

a) Discutiu-se a semana toda os acordos que têm de ser assinados nos próximos dias.
b) Poderá haver novas reuniões, mas eles discutem agora sobre que produtos recairão, a partir de janeiro, a taxa de exportação.
c) Entre os dois diretores deveria existir sérias divergências, pois a maior parte dos funcionários nunca os tinha visto juntos.
d) Faltava ainda dez votos, e já se comemoravam os resultados.
e) Eles hão de decidir ainda hoje, pois faz mais de dez horas que estão reunidos naquela sala.

5. (UEL-PR) Já ... uns doze anos que ele não voltava à terra natal, por isso não sabia que lá ... ocorrido mudanças.

a) deviam fazerem, havia.
b) devia fazer, haviam.
c) devia fazer, havia.
d) deviam fazer, haviam.
e) deviam fazer, havia.

6. (FCC – TRT 23ª Região – Analista Judiciário) Quanto às normas de concordância verbal, a frase inteiramente correta é:

a) Mais gente, assim como o fez a juíza brasileira, deveriam ponderar as sábias palavras que escolheu Disraeli para convocar a ação dos justos.
b) A muitas pessoas incomodam reconhecer que sua omissão diante da barbárie as torna cúmplices silenciosas dos contraventores e criminosos.
c) É comum calarmos diante dos descalabros a que costumam dar destaque o noticiário da imprensa, e acabamos, assim, por consenti-los.
d) Quando não se opõem à ação do homem acanalhado, quando ocorre essa grave omissão, os homens justos deixam de fazer valer seu peso político.
e) Se tivessem havido firmes reações aos descalabros dos canalhas, estes não desfrutariam, com sua falta de escrúpulo, de um caminho já aplainado.

7. (UM-SP) Assinale a oração em que o verbo ***não*** concorda em número e pessoa com o sujeito, ferindo os princípios da concordância.

a) Faltam ainda alguns passos seguros para a aquisição de uma vida pacífica.
b) Existem criações sensatas capazes de superar até as mais espantosas maldades.
c) As desilusões que a perturbam hoje já passaram alguns dias comigo.
d) De sinceras intenções, as pessoas estão saturadas.
e) Exatamente irreais, suas palavras só contem valores supérfluos.

8. (FCC-BA) Os novos modelos trazem novidades que não ..., mas enfeites que todos ... .

a) se veem – vêm.
b) se vê – vêm.
c) se vêm – veem.
d) se vê – veem.
e) se veem – veem.

9. (FCC – TRT 23ª Região – Analista Judiciário) O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se numa forma do ***plural*** para preencher de modo correto a lacuna da frase:

a) Se a cada um de nós efetivamente .... (**perturbar**) os que agem mal, a impunidade seria impossível.
b) ....-se (**dever**) aos homens de ação o aperfeiçoamento estrutural de uma sociedade.
c) Nas palavras dos piores contraventores .... (**costumar**) haver insolentes alusões à moralidade.
d) Aos bons cidadãos não .... (**ocorrer**) que os maus contam com o silêncio da sociedade para seguirem sendo o que são.
e) Aqueles de quem não .... (**advir**) qualquer reação contra os desonestos acabam estimulando a corrupção.

10. (UEL-PR) Acredito que ... muitas enchentes, pois ... fatos que ... afirmá-lo.

a) haverão – ocorre – permitem.
b) haverá – ocorre – permitem.
c) haverá – ocorrem – permitem.
d) haverão – ocorre – permite.
e) haverão – ocorrem – permite.

11. (FCC – TRF 3ª Região – Analista Judiciário) As normas de concordância verbal estão plenamente respeitadas na frase:

a) Não se imputem aos adolescentes de hoje a exclusiva responsabilidade pelo fato, lastimável, de aspirarem a tão pouco.
b) A presença maciça, em nossas telas, de tantas ficções, não nos devem fazer crer que sejamos capazes de sonhar mais do que as gerações passadas.

c) Se aos jovens de hoje coubesse sonhar no ritmo das ficções projetadas em nossas telas, múltiplos e ágeis devaneios se processariam.

d) Ficaram como versões melhoradas da nossa vida acomodada de hoje o vestígio dos nossos sonhos de ontem.

e) Ao pretender que se mobilize os estudantes para as exigências do mercado de trabalho, o professor de nossas escolas impede-os de sonhar.

12. (FCC – TRF 3ª Região – Analista Judiciário) O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se numa forma do ***plural*** para preencher corretamente a lacuna da frase:

a) Para que não ...... (**restringir**) o sonho de um jovem, as imposições do mercado de trabalho devem ter sua importância relativizada.

b) Seria essencial que nunca ...... (**faltar**) aos adolescentes, mesmo em nossos dias pragmáticos, a liberdade inclusa nos sonhos.

c) Entre as duas hipóteses que ...... (**examinar**), considera o autor que o elemento comum é redução da capacidade de sonhar.

d) Não se ...... (**delegar**) às escolas a missão exclusiva de preparar os jovens para sua inserção no mercado de trabalho.

e) É pena que ...... (**faltar**) aos jovens a referência dos sonhos que seus pais já tenham alimentado em sua época de adolescentes.

13. (PUCC-SP) "O trabalho da Funai desenvolve-se em nove frentes, que ***permitiram***, até agora, a aproximação com cinco novos grupos indígenas".

A concordância do verbo com o sujeito na frase acima justifica-se pela mesma razão que determina a concordância verbal em:

a) A área que concentra o maior número de tribos isoladas é o Vale do Javari, na fronteira entre o Amazonas e o Peru.

b) Espero que o considerem o problema da demarcação das terras indígenas com a devida severidade.

c) Discutem-se diariamente questões acerca da posse da terra.

d) Fala-se muito sobre os conflitos entre fazendeiros e índios.

e) Alguns fazendeiros chegaram ao local com um grupo de índios cintas-largas.

14. (FCC – TRF 3ª Região– Analista Judiciário) Considerando-se as normas de concordância verbal, há uma ***incorreção*** na frase:

a) Tão rápidos quanto os "cliques" das mágicas maquininhas são o prazer e o enfado que caracterizam as modernas sessões de fotografia.

b) Não é de se crer que todos os produtos com alta tecnologia cheguem a se banalizar, já que a banalidade está nas circunstâncias em que se venham a utilizá-los.

c) Não compete nem aos cientistas nem aos produtores responsabilizar-se pelas consequências da utilização do que nos oferecem.

d) Quantos mais inventos haja, mais impulsivos hão de ser nossos desejos de os consumir, como vem sucedendo no caso dos engenhos eletrônicos.

e) Seria de se esperar que se associassem à moderna tecnologia apenas os benefícios reais, que a ela se tributassem tão somente vantagens inequívocas.

15. (Fatec-SP) Assinale a alternativa correta quanto à concordância verbal.

a) Devem haver outras razões para ele ter desistido.
b) Foi então que começou a chegar um pessoal estranho.
c) Queria voltar a estudar, mas faltava-lhe recursos.
d) Não se admitirá exceções.
e) Basta-lhe dois ou três dias para resolver isso.

16. (FCC – Técnico Legislativo – Câmara dos Deputados) A forma verbal de ***singular*** que também poderia ter sido empregada corretamente no ***plural*** está grifada na frase

a) *... a ordem social era imutável...*
b) *... e a Igreja, junto com o poder absolutista, tinha o monopólio da informação.*
c) *... num processo que também gerou a onda de inovação ...*
d) *... quando isso vai de encontro aos interesses da comunidade...*
e) *... em que ela está inserida.*

17. (UFCE-CE) Complete as seguintes frases observando a concordância verbal e, depois, assinale a opção ***certa***.

1. Como ... haver pessoas tão generosas. (poder – imperf. do ind.)

2. ...-se, muito longe, os sinos da igreja. (ouvir – imperf. do ind.)

3. ... muitos anos que ela não vai a festas. (fazer – pres. do ind.)

4. Eles sempre se ... com dignidade. (haver – perf. do ind.)

5. ...-se muitas pessoas dirigindo-se à matriz. (ver – pres. do ind.)

a) podia, ouviam, faz, houveram, veem.
b) podiam, ouvem, fazem, houveram, vêm.
c) podia, ouvia, faz, havia, veem.
d) pôde, ouve, fazem, houveram, veem.
e) n.d.a.

18. (FCC – Metrô/SP – Supervisor de Linha) Tendo em vista as normas de concordância verbal, é preciso ***corrigir*** a seguinte frase:

a) Podiam-se assistir com prazer às danças das chamas na lareira.
b) Mal haviam decorrido alguns minutos, o líder foi para junto da lareira.
c) Na lareira queimavam-se as achas e produzia-se a dança das chamas.
d) Nenhum dos gestos do líder deixava de ser analisado pelo dono da casa.
e) Não escapava ao liderado o sentido dos gestos produzidos pelo líder.

19. (Unibero-SP) Em todas as alternativas, ***exceto*** em uma, o verbo pode ir para o plural ou ficar no singular:

a) Mais de uma pessoa (atingir) a meta.
b) Um bando de andorinhas (pousar) no varal.
c) Pequena parte dos cantores (dar) um agudo.
d) Um grande número de maritacas (grasnar).

20. (FCC – PBGÁS/PB) As normas de concordância verbal e nominal estão inteiramente respeitadas na frase:

a) Diante das imagens que na tela se sucede, o usuário de um computador parece hipnotizado.

b) Principais responsáveis pelos primeiros meios de transporte, a tração animal veio a ser substituída pela dos motores.

c) Se fossem mais intensos por serem mais velozes, nossa reflexão e nossa emoção estariam hoje num invejável patamar.

d) Uma vez que passe a atrair toda a nossa atenção, bons romances e belas peças musicais afastam nossa obsessão pela velocidade.

e) Aos meninos diante das telas não costuma ocorrer que a velocidade que os preocupa acelera também a passagem da infância.

5.2 CONCORDÂNCIA NOMINAL

Deixamos para trás a concordância entre o verbo e o seu sujeito. A partir de agora, nossa preocupação será identificar o substantivo e os termos que a ele se referem. Mais uma vez receba meu apoio. Este assunto, à exceção de uma ou outra regra, é bastante fácil. É preciso, entretanto, ficar bastante atento para perceber a quem o termo está se referindo. Nosso sucesso dependerá desse conhecimento. Bons estudos!!

5.2.1 REGRA GERAL

Observe atentamente o exemplo abaixo:

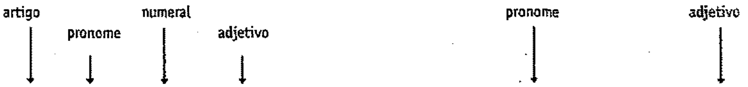

- **Os meus dois melhores** amigos deixaram **aquelas** regiões **geladas** da Suíça na noite de ontem.

Perceba que os dois substantivos (amigos e regiões) encontram-se cercados por outros termos que se flexionam no gênero e no número dos substantivos. Estamos, portanto, diante da regra geral da concordância nominal:

> O adjetivo, o artigo, o numeral e o pronome adjetivo concordam em gênero e número com o nome a que se referem.

Antes, porém, de iniciarmos as demais regras, convém relembrar:

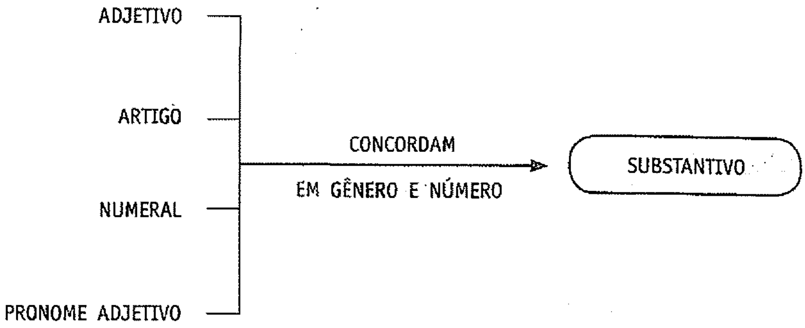
ADJETIVO
ARTIGO
NUMERAL
PRONOME ADJETIVO
CONCORDAM
EM GÊNERO E NÚMERO
SUBSTANTIVO

Não se esqueça também da seguinte orientação:

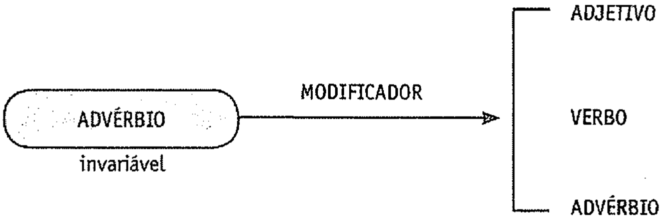
ADVÉRBIO
invariável
MODIFICADOR
ADJETIVO
VERBO
ADVÉRBIO

Veja:

- Havia $\underset{\text{pronome indefinido}}{\textbf{muito}}$ barulho por causa das pessoas que falavam $\underset{\text{advérbio}}{\textbf{muito}}$ alto.
- Por sempre andar por $\overset{\text{adjetivo}}{\textbf{longes}}$ terras sempre morou $\overset{\text{advérbio}}{\textbf{longe}}$ de seus familiares.
- Foi considerado o homem $\underset{\text{adjetivo}}{\textbf{certo}}$ para o cargo porque sempre agiu $\underset{\text{advérbio}}{\textbf{certo}}$.

Logo, nosso cuidado daqui para frente será não confundir um advérbio – classe de palavra invariável – com as classes morfológicas que concordam com o substantivo. Para tanto, observe a quem o termo se refere. Se ele fizer referência a um substantivo, deverá concordar com este; se, por outro lado,

ele se referir a um adjetivo, a um verbo ou mesmo a um advérbio, o termo em questão será um advérbio, portanto invariável.

Estudaremos agora as demais regras da concordância nominal. Você perceberá que boa parte das regras diz respeito à concordância do adjetivo. Lembre-se, portanto, de que o adjetivo exerce, basicamente, duas funções sintáticas: adjunto adnominal e predicativo.

5.2.2 PRINCIPAIS CASOS DE CONCORDÂNCIA NOMINAL

1. Com os adjetivos compostos, somente o último elemento varia para concordar com o substantivo a que se refere.

- Ele fez duas intervenções médico-**cirúrgicas**.
- Firmaram dois grandes acordos sino-franco-**lusitanos**.
- As condições sociopolítico-**econômicas** do país não condiziam com os princípios da cultura greco-**latina**.

⇨ **Observações:**

Lembre-se de que os adjetivos "azul-celeste" e "azul-marinho" são invariáveis.

Já com o adjetivo "surdo-mudo" ambos os elementos variam.

Não se esqueça também de que os adjetivos referentes a cor formados por adjetivo mais um substantivo são invariáveis.

- Compramos duas blusas azul-celeste.
- Falamos com dois surdos-mudos.
- Na formatura, usou duas blusas amarelo-canário.

2. Quando um único adjetivo, na função de adjunto adnominal, refere-se a mais de um substantivo, hão de se observar duas vertentes para a concordância:

a) Se o adjetivo vier anteposto, concordará obrigatoriamente com o substantivo mais próximo:

- ▹ Ele possuía **monstruosas** mãos e braços.
- ▹ O bufê servia **maravilhosas** tortas e salgados.
- ▹ Em sua viagem, passou muitas horas admirando as **magníficas** montanhas e mares do sul.
- ▹ **Recuperada** a saúde e o ânimo, ele voltou imediatamente ao seu posto de trabalho.

b) Se o adjetivo vier posposto, poderá concordar tanto com o substantivo mais próximo quanto com os dois substantivos no plural. Neste último caso, se os gêneros dos substantivos forem diferentes, prevalecerá o masculino plural para o adjetivo:

- ▹ Após o tsunami, caminhou pelos becos e pelas ruas $\left\{\begin{array}{l}\text{destruídas}\\ \text{destruídos}\end{array}\right.$ pela força das águas.
- ▹ Em um canto da sala, deixaram um sapato e uma sandália $\left\{\begin{array}{l}\text{velha.}\\ \text{velhos.}\end{array}\right.$
- ▹ Ontem à tarde encontrei o aluno e a aluna $\left\{\begin{array}{l}\text{estudiosa.}\\ \text{estudiosos.}\end{array}\right.$
- ▹ Divulgará uma notícia e uma nota $\left\{\begin{array}{l}\text{extraordinária}\\ \text{extraordinárias}\end{array}\right.$ para relatar o fato à população.

⇨ **Observações:**

Se, pela lógica, o adjetivo só puder se referir a um substantivo, será com este substantivo que se efetuará a concordância:

- ▹ Em sua viagem, alimentou-se de peixe, ovos, saladas e carne **bovina**.
- ▹ A cidade sofria por causa do frio e da chuva **torrencial**.

Se o adjetivo, anteposto ou posposto, estiver se referindo a pessoas, obrigatoriamente deverá concordar no plural com ambos os substantivos:

- ▹ Ontem assistimos ao show dos **ilustres** Caetano Veloso e Gilberto Gil.

3. Quando, por outro lado, dois ou mais adjetivos estiverem se referindo a um único substantivo, admitem-se três possibilidades de concordância:

- **Sempre estudou profundamente**
  - as línguas inglesa, francesa e italiana.
  - a língua inglesa, a francesa e a italiana.
  - a língua inglesa, francesa e italiana.

- **Ele analisava todos os dias**
  - as leis federal, estadual e municipal.
  - a lei federal, a estadual e a municipal.
  - a lei federal, estadual e municipal.

- **Durante os estudos frequentou assiduamente**
  - os cursos ginasial e pedagógico.
  - o curso ginasial e o pedagógico.
  - o curso ginasial e pedagógico.

⇛ **Observação:**

Perceba que, no primeiro caso, o substantivo vai para o plural e omite-se o artigo antes dos adjetivos. No segundo exemplo, o substantivo permanece no singular e coloca-se o artigo a partir do segundo adjetivo. No último exemplo, o substantivo fica no singular e omite-se o artigo dos adjetivos.

4. Quando o adjetivo estiver na função de predicativo de um sujeito composto, há duas possibilidades de concordância:

a) Se vier posposto, o adjetivo concordará obrigatoriamente no plural, prevalecendo o masculino se os gêneros dos substantivos forem diferentes:

- A ideia e o pensamento tornaram-se **obsoletos** em virtude dos novos paradigmas.

- Quase todas as moças e todas as professoras mantiveram-se **caladas** ao longo da apresentação dos meninos.

- Se os prisioneiros e as sentinelas fossem mais **abertos** ao diálogo, os problemas do sistema prisional diminuiriam.

b) Se vier anteposto, o predicativo do sujeito poderá concordar com ambos os núcleos ou com o mais próximo.

- **Jogadas** ao vento estavam as cartas e todos os documentos do escritório.

ou

- **Jogados** ao vento estavam as cartas e todos os documentos do escritório.

- **Satisfeita** com o a situação saiu da sala a secretária e o seu auxiliar.

ou

- **Satisfeitos** com a situação saíram da sala a secretária e o seu auxiliar.

- **Constrangido** por causa do vexame ficou o presidente da empresa e dois dos seus secretários.

ou

- **Constrangidos** por causa do vexame ficaram o presidente da empresa e dois dos seus secretários.

⇨ **Observação:**

Perceba que a concordância do adjetivo com o núcleo mais próximo exige, se este núcleo estiver no singular, que a concordância verbal também seja feita no singular.

5. Quando o adjetivo estiver na função de predicativo do objeto, devem-se observar as seguintes orientações:

a) O adjetivo predicativo concordará normalmente em gênero e número com o objeto quando este for simples:

- Encontraram todos os documentos do escritório **revirados** pelos bandidos.

- **Abandonadas** à própria sorte, os parentes mais próximos deixaram as filhas de D. Elza.

- Julgaram as moças **incapazes** de exercer o cargo para o qual elas se candidataram.

b) Quando posposto, o adjetivo predicativo concordará no plural e no gênero prevalente com o objeto formado por mais de um núcleo.

- Achou o monarca e a sua esposa **simpáticos**.
- Encontramos o pórtico e a antessala totalmente **sujos** pela poeira do desabamento do prédio vizinho.
- Os funcionários consideram o chefe-de-seção e a sua comitiva **incompetentes**.
- Dois dos reclamantes acusaram a advogada da empresa e o preposto de **omissos e parciais**.

Observação:

Para facilitar a concordância, transforme os núcleos do objeto direto em um pronome oblíquo átono (o, a, os, as) – observe o gênero de prevalência. Veja:

- Achou o monarca e a sua esposa simpáticos. = Achou-**os** simpáticos.
- Encontramos o pórtico e a antessala totalmente **sujos** pela poeira do desabamento do prédio vizinho. = Encontramo-**los** totalmente **sujos** pela poeira do desabamento do prédio vizinho.
- Os funcionários consideram o chefe-de-seção e a sua comitiva **incompetentes**. = Os funcionários consideram-**nos incompetentes**.
- Dois dos reclamantes acusaram a advogada da empresa e o preposto de **omissos** e **parciais**. = Dois dos reclamantes acusaram-**nos** de **omissos** e **parciais**.

c) Quando anteposto, o adjetivo predicativo do objeto poderá concordar tanto com o núcleo mais próximo quanto com todos os núcleos do objeto direto. Neste último caso, deve-se observar, é claro, o gênero prevalente.

- Ao sair, deixe bem $\left\{\begin{array}{l}\text{fechada}\\ \text{fechados}\end{array}\right.$ a porta do quarto e os postigos da sala.
- O falecimento da mãe deixou $\left\{\begin{array}{l}\text{insuportável}\\ \text{insuportáveis}\end{array}\right.$ o dia e, principalmente, as noites do rapaz.
- Encontrou $\left\{\begin{array}{l}\text{deitado}\\ \text{deitados}\end{array}\right.$ no sofá da sala principal o filho e a namorada.

6. Quando o substantivo vem acompanhado de numerais ordinais, ele pode ficar tanto no singular quanto no plural desde que os numerais venham acompanhados de artigo.

- O diretor falou para os alunos da primeira e da segunda $\begin{cases}\text{série.}\\ \text{séries.}\end{cases}$
- Escutamos o primeiro e o segundo $\begin{cases}\text{movimento}\\ \text{movimentos}\end{cases}$ da sinfonia.
- A empresa ocupava o terceiro, o quarto e o quinto $\begin{cases}\text{andar}\\ \text{andares}\end{cases}$ do edifício.

⇨ **Observação:**

Se os numerais ordinais vierem desacompanhados de artigo ou se estiverem pospostos, o substantivo obrigatoriamente irá para o plural.

- A empresa ocupava terceiro, quarto e quinto **andares** do edifício.
- A empresa ocupava **os andares** terceiro, quarto e quinto do edifício.

7. O particípio passivo concorda com o seu sujeito passivo em gênero e número.

- Foram **postas** em discussão todas as propostas do novo diretor.
- Novas bolas e alguns enfeites haviam sido **comprados** antecipadamente.
- **Passadas** duas semanas do acidente, eles ainda não estavam recuperados.
- As novas ideias do grupo foram imediatamente **rejeitadas** pelo líder da excursão.

5.2.3 CASOS ESPECIAIS DE CONCORDÂNCIA NOMINAL

1. As palavras "MESMO, PRÓPRIO, LESO, QUITE, OBRIGADO, INCLUSO, ANEXO, QUALQUER" concordam com a palavra a que se referem.

- Elas **próprias** irão resolver o conflito.

- As flores, elas **mesmas** desabrocham para si **próprias.**
- A moça respondeu muito **obrigada.**
- Seguem **anexas** ao processo todas as cópias dos relatórios solicitados.
- Em suas ações, ele cometeu um crime **de lesa**-pátria.
- Todos estavam **quites** com o serviço militar.
- Iam **inclusas** as radiografias que ele tirara numa clínica do interior.
- **Quaisquer** que sejam as suas intenções, nós as rejeitamos antecipadamente.

Observação:

A expressão "em anexo" é invariável.

2. As palavras "MEIO, BASTANTE, CARO, BARATO, MUITO, POUCO, LONGE" ora funcionam como advérbios – invariáveis, portanto –, ora funcionam como adjetivos, numeral – no caso da palavra "meio" – ou pronomes adjetivos, concordando com o termo a que se referem.

- Paris é uma cidade muito **cara** para quem dispõe de **poucos** recursos.
  adjetivo pronome adjetivo

- Havia **bastantes** questões **bastante** difíceis na prova de Português.
  pronome adjetivo advérbio

- Já andei por **longes** terras à procura de um amor que mora **longe, muito longe.**
  adjetivo advérbios

- advérbio
  Aquelas frutas custaram **caro.** Em feira livre, geralmente eu compro frutas **baratas.**
  adjetivo

- Segundo Drummond, há portas por que só passam **meias** pessoas.
  numeral

- advérbio
  A mãe permanecia **meio** irrequieta porque o filho ainda não tinha dado notícias.

- pronome adjetivo advérbio adjetivo
  Muitas pessoas ficaram **meio** irritadas, porque compraram passagens **caras,** mas não embarcaram.

- **Poucas** pessoas conseguem ficar em pé depois que bebem **muito.**
  pronome adjetivo advérbio

pronome adjetivo numeral

- Já falei **bastantes** vezes que, quando ele falasse, evitasse as **meias** palavras, os **meios** termos.

numeral

3. As palavras "MENOS, ALERTA e PSEUDO" são invariáveis. Veja:

- Todos os soldados permaneceram **alerta.**
- Havia **menos** pessoas do que se esperava.
- No exame, encontraram-se bactérias **pseudo**filamentadas.

Não confunda a palavra ALERTA invariável com o substantivo ALERTA. Quando invariável, a palavra ALERTA denota modo, posição, situação. Observe:

substantivo

- Soaram dois **alertas** no corpo de bombeiros. Como todos os bombeiros estavam **alerta**, o socorro saiu rápido.

palavra invariável

4. A palavra "SÓ" ora funciona como advérbio – invariável – na acepção de "somente, apenas", ora funciona como adjetivo, significando "sozinho". Como adjetivo, concorda com o termo a que se refere.

- Todos permaneceram **sós** na sala iluminada.

adjetivo

- Pelo que nós sabemos, ela **só** vai se for de carro.

advérbio

advérbio adjetivo

- Era **só** isso que Paula e André esperavam: a família saiu e eles ficaram **sós** no apartamento.

Observação:

A expressão "a sós" é invariável. Significa "sozinho(s), sozinha(s).

- Ele preferiu ficar **a sós** na casa da prima.

expressão invariável

- As moças estiveram o tempo todo **a sós** no quarto.

expressão invariável

5. Expressões formadas pelo verbo SER mais um ADJETIVO (é bom, é preciso, é proibido, é permitido, é necessário etc.), obedecem às seguintes regras:

a) Quando o substantivo está empregado em sentido geral, abstrato, não específico – sempre aparece sem artigo, sem determinante – a expressão formada pelo verbo "ser" seguido de um adjetivo permanece invariável.

b) Quando o substantivo vem acompanhado por artigo ou por qualquer outro determinante, empregado em sentido específico, não geral, o adjetivo predicativo concorda com o seu sujeito.

adjetivo fica invariável

▹ Para quem gosta de cinema, é **necessário** presença de filmes nacionais.

↳ substantivo não precedido de artigo ou de determinante

adjetivo fica invariável

▹ Salsa, segundo os cozinheiros, é **bom** para tempero.

↳ substantivo não precedido de artigo ou de determinante

adjetivo fica invariável

▹ Na porta se lia o aviso: entrada é **proibido**.

↳ substantivo não precedido de artigo ou de determinante

adjetivo fica invariável

▹ É **preciso** cautela para abrir um pacote que não lhe pertence.

↳ substantivo não precedido de artigo ou de determinante

adjetivo concorda com o sujeito

▹ Em muitos países é **proibida** a entrada de cidadãos iraquianos.

↳ substantivo precedido de um determinante

adjetivo concorda com o sujeito ⌉ ⌈ Substantivo precedido de um determinante

▹ Como você diz que é **proibida** a reflexão sobre a relação entre os homens se reflexões é **necessário** à vida?

adjetivo fica invariável

6. Com as expressões "O MAIS POSSÍVEL / OS MAIS POSSÍVEIS, O MENOS POSSÍVEL / OS MENOS POSSÍVEIS, O PIOR POSSÍVEL / OS PIORES POSSÍVEIS", pode-se deixar o adjetivo e o artigo no singular ou flexionar-se no plural, simultaneamente, o artigo e o adjetivo.

- Eles trouxeram **as mais** geladas cervejas **possíveis.**
- Os argumentos apresentados eram **o mais** inverídicos **possível.**
- Sempre nos recebia com pratos **os** mais requintados **possíveis.**
- Em nossa viagem, passamos por ruas **o mais** esburacadas **possível.**

⇨ **Observação:**

Há uma terceira possibilidade de concordância em que se deixa apenas a palavra "possível" invariável. O artigo acompanhará o substantivo e o advérbio "mais" ficará posposto a este substantivo. Esta construção é, entretanto, pouco encontrada nos grandes escritores.

- Nós vimos **os** carros **mais** belos **possível** na última feira do automóvel.
- Na casa do tio João, podem-se colher **as** frutas **mais** saborosas **possível.**

7. Com as expressões ALGO DE / NADA DE / POUCO DE / MUITO DE/ UM QUÊ DE / QUE DE o adjetivo que as acompanha poderá tanto concordar com o sujeito quanto ficar invariável.

- Que de tão **sedutor** / **sedutoras** tinham aquelas garotas?
- As músicas tocadas tinham um quê de **melancólico** / **melancólicas.**
- Nossa vida nada tem de **trágico** / **trágica.**
- Os móveis adquiridos em um brechó pouco tinham de **antigo** / **antigos.**

8. Com a locução pronominal "tal qual", o "tal" concordará com o termo que o antecede enquanto o "qual" concordará com o termo que o sucede.

- Os filhos eram **tais qual** o pai.
- Os gramados da cidade pareciam **tais qual** um grande rio verde.

5.3 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

Concordância Nominal

1. (UM-SP)

I. Os brasileiros somos todos eternos sonhadores.

II. Muito obrigadas! Disseram as moças.

III. Sr. Deputado, V. Ex.ª está enganado.

IV. A pobre senhora ficou meia confusa.

V. São muito estudiosos os alunos e as alunas deste curso.

Há uma concordância inaceitável, de acordo com a gramática normativa:

a) em I e II.
b) em II, III e V.
c) apenas em II.
d) apenas em III.
e) apenas em IV.

2. (F. Cásper Líberto-SP) Faça a concordância.

"V.A. ... hoje, pois ... demais, caro Príncipe."

a) estais cansada, andou.
b) está cansado, andou.
c) estais cansado, andaste.
d) está cansado, andaste.

3. (FMIT-MG) Em todas as frases a concordância se fez corretamente, ***exceto*** em:

a) Os soldados, agora, estão todos atentos.
b) Ela possuía bastante recursos para viajar.
c) As roupas das moças eram as mais belas possíveis.
d) Rosa recebeu o livro e disse: "Muito obrigada".
e) Sairei de São Paulo hoje, ao meio-dia e meia.

4. (UFV-MG) Todas as alternativas abaixo estão corretas quanto à concordância nominal, **exceto***:*

a) Foi acusado de crime de lesa-justiça.
b) As declarações devem seguir anexas ao processo.
c) Eram rapazes os mais elegantes possível.
d) É necessário cautela com os pseudolíderes.
e) Seguiram automóveis, cereais e geladeiras exportados.

5. (UEL-PR) "Ao esforço e à seriedade ... ao estudo é que ... os louvores que ele tem recebido ultimamente."

a) consagrado, devem ser atribuídos.
b) consagrada, deve ser atribuído.
c) consagrados, devem ser atribuídos.
d) consagradas, deve ser atribuído.
e) consagrados, deve ser atribuído.

6. (UFS-SE) "Já ... 8 horas quando se ... os debates sobre cinema e literatura..."

a) seria – iniciou – brasileira.
b) seria – iniciaram – brasileiras.
c) seria – iniciou – brasileiros.
d) seriam – iniciaram – brasileira.

7. (FCC-SP) Assinale a alternativa em que a concordância verbal e nominal está **correta**.

a) Já é meio-dia e meia; faltam poucos minutos para começar a reunião.
b) Comprei um óculos escuro nesta loja. Consegue-se bons descontos aqui.
c) Vão fazer dez anos que trabalho aqui e ainda é proibido a minha entrada na sala da Diretoria!
d) Duzentas gramas de queijo são demais para fazer torta.
e) A gente fomos ao cinema no domingo e lá haviam amigos nossos na fila.

8. (FFCLBH-MG) Em todas as alternativas há problemas de concordância segundo a norma culta da linguagem, **exceto:**

a) "O embarque de June surpreendeu a maioria das pessoas (aproximadamente 100) que foram ao Aeroporto Internacional do Rio, para a despedida do presidente." *(Folha de S. Paulo)*
b) Compra-se lotes e casas.
c) "... mesmo assim, ali está a vergonha escancarada da guerra, no quintal de todos que fazem questão de virar o rosto para o outro lado. O problema é este: não há o outro lado quando se domina as novas tecnologias." *(Folha de S. Paulo)*
d) É proibido a entrada de menores de 18 anos em motéis.

9. (Unisinos-RS) O caso de concordância nominal ***inaceitável*** aparece em:

a) Nunca houve divergências entre mim e ti.
b) Ela tinha o corpo e o rosto arranhados.
c) Recebeu o cravo e a rosa perfumado.
d) Tinha vãs esperanças e temores.
e) É necessário certeza.

10. (UFPel-RS) A alternativa em que são atendidas as normas de concordância da língua culta é:

a) Precisamos ser benevolentes para com nós mesmos.
b) Já tinham bastante motivos para voltar para casa.

c) Que houvesse ou não existido opiniões contraditórias não nos interessava naquele momento.
d) Sr. Ministro, V. Ex.ª sereis recebido com grande entusiasmo pela população.
e) Surgiu, na escuridão da noite, dois vultos enormes.

11. (UCS-RS)

a) Já **fazem** tantos anos assim?
b) Acho que **devem fazer** uns dez anos.
c) Vossas Excelências já **podeis** considerar o projeto aprovado.
d) Escolhe tu mesmo o que julgas ser melhor para **teu** futuro.
e) Escolhe você mesmo o que julgas ser melhor para o **teu** futuro.

12. (FEI-SP) Em qual declaração proibitória ocorre **incorreção** gramatical?

a) É proibida a entrada.
b) Proíbe-se a entrada de estranhos.
c) É proibido entrar.
d) A eles, foi-lhes proibida a entrada.
e) Proibir-se-á, fora do expediente, as entradas de todos os funcionários.

13. (UCS-RS) Nas questões que seguem, assinale a alternativa **correta**.

a) Às vezes **era solicitado** alguns trabalhos extraclasse.
b) Às vezes **era solicitados** alguns trabalhos extraclasse.
c) Às vezes **eram solicitados** alguns trabalhos extraclasse.
d) Às vezes **eram solicitados** alguns trabalhos extraclasse.
e) Às vezes **era solicitado** alguns trabalhos extraclasse.

14. (UFSCar-SP) Aponte a alternativa em que a concordância nominal **não** é adequada.

a) Obrigava sua corpulência e exercício e evolução forçada.
b) Obrigava sua corpulência a exercício e evolução forçados.
c) Obrigava sua corpulência a exercício e evolução forçadas.
d) Obrigava sua corpulência a forçado exercício e evolução.
e) Obrigava sua corpulência a forçada evolução e exercício.

15. (PUCC-SP) Assinale a alternativa em que **meio** funciona como advérbio.

a) Fica no meio do quarto.
b) Quero meio quilo.
c) Está meio triste.
d) Achei o meio de encontrar-te.
e) n.d.a.

16. (PUC-SP) Apenas uma alternativa preenche **corretamente** os espaços existentes na sentença abaixo.

"Não foi ... a pesada suspensão que lhe deram, porque você foi o que ... falhas apresentou; podiam ter pensado em outras penalidades mais ..."

a) justo, menas, cabível.
b) justa, menos, cabível.
c) justa, menos, cabíveis.
d) justo, menos, cabível.
e) justo, menas, cabíveis.

17. (ITA-SP) Assinale a alternativa **correta**.

"... muitos anos que compramos um compêndio e uma gramática ... para estudar a língua e a literatura ..."

a) Faz – volumoso – luso-brasileiras.
b) Deve fazer – volumosos – portuguesa.
c) Fazem – volumosos – portuguesa.
d) Devem fazer – volumosa – portuguesa.
e) Faz – volumosas – luso-brasileira.

18. (Fameca-SP) Observe a concordância:

1. Entrada proibida.

2. É proibido entrada.

3. A entrada é proibida.

4. Entrada é proibido.

5. Para quem a entrada é proibido?

a) A número 5 está incorreta.
b) A 4 e 5 estão erradas.
c) A 2 está errada.
d) Todas estão certas.
e) A 2 e 5 estão erradas.

19. (F. Objetivo-SP) Assinale a alternativa gramaticalmente **correta**.

a) O povo brasileiro anseia por uma constituição digna.
b) Era necessário a permanência do médico no hospital.
c) Aconteceu, durante a discussão do processo, graves distúrbios entre os parlamentares.
d) Sua discrição era digna de elogios, pois todos estavam ao par das dificuldades de se manter secreta a negociação.
e) Não mais se lê bons autores naquela escola.

20. (ITA-SP) Dadas as sentenças:

1. Reparem no que o conferencista está dizendo.

2. Devem haver muitas pessoas revoltadas naquele país.

3. Depois do que você me fez, acho que estamos quite.

Deduzimos que:

a) apenas a sentença n.º 1 está correta.
b) apenas a sentença n.º 2 está correta.
c) apenas a sentença n.º 3 está correta.
d) todas estão corretas.
e) n.d.a.

GABARITOS

Concordância Verbal

1 – A	2 – E	3 – E
4 – E	5 – B	6 – D
7 – E	8 – E	9 – A
10 – C	11 – C	12 – A
13 – A	14 – B	15 – B
16 – B	17 – A	18 – A
19 – A	20 – E	

Concordância Nominal

1 – E	2 – B	3 – B
4 – C	5 – C	6 – D
7 – A	8 – A	9 – C
10 – A	11 – D	12 – E
13 – D	14 – C	15 – C
16 – C	17 – B	18 – A
19 – A	20 – A	

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

CAPÍTULO 6

SINTAXE DE REGÊNCIA

Conversando: Ufa!! Creio que você já venceu a etapa da concordância. Se ainda não estudou o assunto "concordância", não se preocupe: pode estudar "regência" sem problemas, pois os assuntos não são interdependentes.

Teremos pela frente mais uma longa missão – entender as relações de dependência estabelecidas entre o verbo e o seu complemento e o nome e o seu complemento. Precisaremos compreender bem não só o aspecto sintático (função sintática), mas também o aspecto semântico (sentido), os quais envolvem as relações regenciais. Não se afobe! Dizem por aí, com frequência, ser o assunto de regência um dos mais difíceis da gramática. Discordo! Não confunda dificuldade com extensão – o nosso assunto é realmente longo, mas não é difícil. No entanto, para entender bem "regência verbal e nominal", você precisará de alguns outros conhecimentos: saber empregar bem os pronomes pessoais oblíquos, saber utilizar os pronomes relativos e, acima de tudo, conhecer "de cor e salteado" o assunto "transitividade verbal". Talvez por necessitar de outros assuntos, a regência tenha ganhado a fama de ser difícil. Portanto, uma sugestão: antes de continuar lendo o conteúdo abaixo, sugiro que revise os assuntos mencionados acima, se existirem dúvidas. E, então, mãos à obra! E não se esqueça de que a vitória é dos que persistem. Vamos lá!

6.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Inicialmente observe atentamente os exemplos abaixo:

- Após a cirurgia, o rapaz mostrava-se **apto** para todas as atividades.
  complemento para o adjetivo "apto"

- João **pegou** o dinheiro da indenização e **pagou** a todos os seus credores.
  complemento para o verbo "pegar" ⌋ ⌊ complemento para o verbo "pagar"

- Maria tinha grande **devoção** por aquele santo.
  Termo regente Termo regido

- Sempre **assistia** às apresentações do filho com grande emoção.
  Termo regente Termo regido

- O pai sempre **assistia** o filho em suas doenças típicas da infância.
  Termo regente ⌋ ⌊ Termo regido

Observe que alguns complementos são regidos por preposição e outros não. Nos dois últimos exemplos, houve mudança no sentido do verbo. Portanto, é este o objetivo da regência: estudar as relações de dependência estabelecidas entre um verbo ou um nome e os seus respectivos complementos.

6.2 REGÊNCIA VERBAL

Inicialmente vejamos outros exemplos para que possamos chegar a uma conclusão:

- Ele **cumpriu** o seu dever. (VTD) - Ele **cumpriu** com o seu dever. (VTI)

Alteração da transitividade sem alteração do sentido

- Deus **perdoa** o pecado. (VTD) - Deus **perdoa** ao pecador. (VTI)
- Deus **perdoa** o pecado ao pecador. (VTDI)

Alteração da transitividade sem alteração do sentido

- Eles não **procederam** bem na festa. (VI) - As ideias deles não **procederam**. (VI)

Mesma transitividade, mas sentidos diferentes.

- Eles **precisarão** de ajuda para a confecção do bolo. (VTI)
- Eles não **precisaram** a hora da festa. (VTD)

Alteração da transitividade com alteração do sentido

Observando o comportamento dos verbos em suas transitividades, chegamos a uma conclusão: a regência verbal depende do contexto em que o verbo se encontra.

Uma das perguntas frequentes que recebo em aula é: "Professor, como vou distinguir uma regência da outra? Como saberei se o verbo estará em tal ou qual sentido?" A resposta está na conclusão acima: o contexto. Será o contexto que denunciará o sentido e consequentemente a regência que o verbo adotará.

Estude agora mais algumas informações importantes para facilitar o entendimento sobre este assunto.

a) Lembre-se de que os verbos transitivos diretos exigem um complemento sem auxílio de uma preposição obrigatória e de que o objeto direto é frequentemente representado pelos pronomes oblíquos "o, a, os, as". Tais pronomes assumirão as formas "lo, la, los, las", caso o verbo termine em "r, s, z", letras estas que serão suprimidas. Por outro lado, se o verbo terminar em ditongo nasal, os oblíquos assumirão as formas "no, na, nos, nas". Veja:

- Ainda não $\underset{\text{VTD}}{\textbf{encontrou}}$ $\underset{\text{OD}}{\underline{\text{a fórmula adequada}}}$. = Ainda não $\underset{\text{OD}}{\textbf{a}}$ encontrou.

- É fundamental $\underset{\text{VTD}}{\textbf{adquirir}}$ $\underset{\text{OD}}{\underline{\text{alguns livros novos}}}$. = É fundamental adquiri-$\underset{\text{OD}}{\textbf{los}}$.

- Ele $\underset{\text{VTD}}{\textbf{traz}}$ $\underset{\text{OD}}{\underline{\text{o cachorro}}}$ consigo. = Ele $\underset{\text{OD}}{\textbf{o}}$ traz consigo.

b) Lembre-se também de que os pronomes oblíquos "me, te, se, nos, vos" podem exercer tanto a função de objeto direto quanto de objeto indireto. A função sintática deles dependerá da transitividade do verbo.

- Ela $\underset{\text{OD}}{\textbf{me}}$ $\underset{\text{VTD}}{\underline{\text{ama}}}$ demasiadamente.

- Ela $\underset{\text{OI}}{\textbf{me}}$ $\underset{\text{VTDI}}{\underline{\text{pediu}}}$ um grande favor.

- Eles $\underset{\text{OD}}{\textbf{nos}}$ $\underset{\text{VTD}}{\underline{\text{procuraram}}}$ ontem para $\underset{\text{VTDI}}{\underline{\text{fazer}}}$-$\underset{\text{OI}}{\textbf{nos}}$ algumas reclamações.

- Era importante $\underset{\text{OD}}{\textbf{te}}$ $\underset{\text{VTD}}{\underline{\text{encontrar}}}$ ainda hoje.

- Quero $\underset{\text{VTD}}{\underline{\text{dizer}}}$-$\underset{\text{OI}}{\textbf{te}}$ tanta coisa, meu amor!

c) Não se esqueça de que os pronomes oblíquos "lhe, lhes", quando completam o sentido de um verbo, sempre serão objetos indiretos de verbos transitivos indiretos ou de verbos transitivos diretos e indiretos. O objeto indireto

pode ser substituído não só pelos pronomes "lhe, lhes", mas também pelas formas tônicas "a ele, a ela, a eles, a elas".

- Jamais $\overset{\text{VTDI}}{\textbf{entregarei}}$ $\overset{\text{OI}}{\underline{\text{ao comendador}}}$ os documentos. = Jamais $\left\{\begin{array}{l}\text{lhe}\\ \text{a ele}\end{array}\right.$ entregarei os documentos.
- Ele $\underset{\text{VTI}}{\textbf{agradeceu}}$ $\underset{\text{OI}}{\underline{\text{aos familiares}}}$ pelo apoio. = Ele agradeceu $\left\{\begin{array}{l}\text{-lhes}\\ \text{a eles}\end{array}\right.$ pelo apoio.

➾ Observação:

No dia-a-dia, muitos são os erros em virtude do emprego inadequado dos oblíquos "lhe, lhes". Fique atento para não cometê-los. Veja:

- João, há quanto tempo não **lhe** $\overset{\text{VTD}}{\underline{\text{vejo}}}$! (O verbo "ver" é transitivo direto. **O correto é** "... não o vejo".)
- Ele **lhe** $\overset{\text{VTD}}{\underline{\text{ama}}}$ muito, Ana Cláudia. (O verbo "amar" é transitivo direto. **O correto é** "Ele a ama muito".)
- Ontem eu **lhe** $\overset{\text{VTD}}{\underline{\text{procurei}}}$ o dia todo. (O verbo "procurar" é transitivo direto. **O correto é** "Eu o procurei...".)

d) Cuidado!! À exceção de alguns verbos como "obedecer, desobedecer", a voz passiva só existe com "verbos transitivos diretos" e "verbos transitivos diretos e indiretos". Observe:

- Todas as tentações que o cargo propiciava **foram resistidas** por meu pai. (**Construção errada**)

O verbo "resistir" é transitivo indireto, não admite a voz passiva

- O jogo **está sendo assistido** por mais de um milhão de telespectadores. (**Construção errada**)

O verbo "assistir" é transitivo indireto, não admite a voz passiva.

Correções:

- Meu pai resistiu a todas as tentações que o cargo propiciava. (Voz ativa)
- Mais de um milhão de telespectadores estão assistindo ao jogo. (Voz ativa)

e) Lembre-se de que o fato de um verbo ser transitivo direto não impede que os nomes cognatos (de mesma raiz) exijam preposição. Portanto, fique atento e não confunda:

▹ É preciso **combater** a corrupção no Brasil.
VTD

▹ É preciso que se aumente o **combate** à corrupção no Brasil.
Substantivo cognato com preposição

▹ Todos devem **amar** a Pátria.
VTD

▹ O **amor** à Pátria deve ser incondicional.
Substantivo cognato com preposição

▹ O fogo **destruiu** todos os barracos da favela.
VTD

▹ A **destruição dos** barracos da favela entristeceu a população.
Substantivo cognato com preposição

▹ "Começou [Basílio] imediatamente a **louvar** a sua devoção." (Eça de Queiroz)
VTD

▹ "... e entoar com ela hinos de **louvor a**o Todo-poderoso." (Bernardo Guimarães)
Substantivo cognato com preposição

VTD
▹ "Não **compreendi** então aquelas palavras, nem o tom com que foram proferidas." (José de Alencar)

▹ "Mas este outro incidente não é radicalmente necessário à **compreensão do** capítulo passado e **dos** futuros." (Machado de Assis)
Substantivo cognato com preposição

▹ "Mme. Brizard não se fartava de **elogiar** a boa qualidade das fazendas." (Aluísio Azevedo)
VTD

▹ "Com isso, e repetidos **elogios aos** outros jornalistas, adquiriu ele uma linda reputação." (Lima Barreto)
Substantivo cognato com preposição

f) Em outras situações, é comum o nome cognato (de mesma raiz) apresentar regência idêntica à do verbo. Observe:

VERBO	**NOME COGNATO**
ir **a**	ida **a**
chegar **a**	chegada **a**
crer **em**	crente/crença **em**
depender **de**	dependência **de**
intervir **em**	intervenção **em**
cooperar **com**	cooperação **com**
coexistir **com**	coexistência **com**
inserir **em**	inserido/inserção **em**

g) Muitos verbos possuem formas pronominais (conjugadas com o auxílio de um pronome oblíquo) e não pronominais. Cumpre salientar que a forma pronominal, em muitas situações, exige um complemento com preposição. Observe:

VERBO NÃO PRONOMINAL	**VERBO PRONOMINAL**
aconselhar	aconselhar-se **com**
alegrar	alegrar-se **com**
aproveitar	aproveitar-se **de**
armar	armar-se **de**
carregar	carregar-se **de**
cercar	cercar-se **de**
comunicar	comunicar-se **com**
defender	defender-se **de, contra**
esquecer	esquecer-se **de**
lembrar	lembrar-se **de**
limitar	limitar-se **a**
recordar	recordar-se **de**

6.2.1 REGÊNCIA DE ALGUNS VERBOS – CASOS ESPECIAIS

Em seguida você encontrará uma lista, em ordem alfabética, dos mais comuns verbos utilizados na língua portuguesa com suas respectivas particularidades. Procure estudá-los aos poucos. Prossigamos!!

1. *Abraçar*

Possui as seguintes regências:

a) É verbo transitivo direto no sentido de "cingir, apertar com os braços".

▹ A mãe abraçou o filho pequeno por alguns minutos.

▹ Quando encontrou o amigo, abraçou-o fortemente.

b) É verbo transitivo direto no sentido de "adotar, seguir, escolher".

▹ O advogado abraçou a causa com fervor.

▹ Os povos bárbaros abraçaram o cristianismo.

➾ **Observação:**

A forma verbal "abraçar-se" é pronominal transitiva indireta e admite as preposições "a, em, com, contra".

▹ A filha se abraçou $\left[\begin{array}{l}\text{à}\\ \text{com a}\\ \text{na}\\ \text{contra a}\end{array}\right.$ mãe.

2. *Agradar*

a) É transitivo direto na acepção de "acariciar, acarinhar, fazer carinho".

▹ Com as mãos calosas, a mãe agradava o filho.

▹ Enquanto conversava, a menina agradava o seu cãozinho.

b) É transitivo indireto, exigindo a preposição "a", na acepção de "satisfazer, contentar, fazer agrado a".

▹ Parece que os bares da cidade não agradaram aos turistas.

▹ As palavras dele não lhe agradaram?

- "Agradava-lhe também muito a vizinhança, aquela doce quietação de subúrbio adormecido ao sol." (Eça de Queiroz)

3. *Agradecer*

a) É transitivo direto quando possui objeto direto de "coisa". Caso o objeto direto seja representado por "pessoa", este verbo será transitivo indireto exigindo a preposição "a".

- Agradeci imensamente aos amigos por causa da atenção que me deram.
- Nós agradecemos os presentes aos presentes à festa.
- O diretor da empresa agradeceu o auxílio que recebeu naquela hora difícil.

Observação:

Seguem essa mesma regência os verbos "pagar" e "perdoar", estudados mais à frente.

4. *Ajudar*

a) Com o sentido essencial de "auxiliar, prestar ajuda" é transitivo direto:

- Joana sempre procurou ajudar os mais próximos da família.
- Marcos, não se preocupe, todos vieram ajudá-lo.

b) Se ao verbo "ajudar" seguir-se um infinitivo transitivo precedido da preposição "a", regerá o verbo ajudar um objeto direto ou objeto indireto indiferentemente.

- Eu sempre $-\left[\begin{array}{l}\text{o}\\ \text{lhe}\end{array}\right.$ ajudei a $\underset{\text{infinitivo transitivo}}{\underline{\text{comprar}}}$ os produtos de que precisava.
- Ajudaram $-\left[\begin{array}{l}\text{- nas}\\ \text{- lhes}\end{array}\right.$ a $\underset{\text{infinitivo transitivo}}{\underline{\text{guardar}}}$ as roupas limpas?

c) Se, porém, ao verbo "ajudar" seguir-se um infinitivo intransitivo, só poderá o verbo ajudar reger objeto direto.

- Ninguém **o** ajudou a $\underset{\text{infinitivo intransitivo}}{\underline{\text{sair}}}$ do buraco em que caíra.
- Se eu **o** ajudar a $\underset{\text{infinitivo intransitivo}}{\underline{\text{viver}}}$ melhor, será que ele me entenderá?

5. Aspirar

Apresenta as seguintes regências:

a) É um verbo transitivo direto na acepção de "respirar, sorver ar, inalar."

- ▹ Na sala, aspirava a poeira dos carpetes imundos.
- ▹ O perfume que aspiro traz-me boas recordações.
- ▹ No período junino, é bom não aspirar a fumaça das fogueiras.

b) É um verbo transitivo indireto exigindo a preposição "a" na acepção de "desejar, pretender, almejar". Apesar de transitivo indireto, este verbo rejeita os pronomes "lhe, lhes" para o objeto indireto; aceita apenas as formas tônicas analíticas "a ele, a ela, a eles, a elas".

- ▹ Em sua jornada, sempre aspirou **ao cargo** de gerente da empresa.
  = "... sempre aspirou **a ele**...".
- ▹ A oportunidade **à qual** ele aspirava finalmente chegou.
- ▹ Jamais aspirei a estas honrarias. = "Jamais aspirei a elas".

6. Assistir

Apresenta quatro regências distintas:

a) É verbo transitivo indireto na acepção de "ver, presenciar, estar atento a". O objeto indireto deve vir encabeçado pela preposição "a". À semelhança do verbo "aspirar" no sentido de "desejar", rejeita os oblíquos "lhe, lhes" para o objeto indireto; aceita apenas as formas "a ele, a ela, a eles, a elas".

- ▹ Nunca mais assisti a um bom jogo de futebol. = Nunca mais assisti a ele.
- ▹ A missa a que ela assistiu foi rezada pelo Pe. Paulo Campos.
- ▹ Ontem assistimos à inauguração da quadra de esportes.

⇨ Observações:

Este verbo, na linguagem coloquial, é quase sempre usado sem a preposição.

- ▹ Ontem eu assisti o jogo.
- ▹ Eles irão assistir os comícios em uma cidade vizinha.

Mais uma vez não se esqueça de que este verbo, para a linguagem formal – aquela exigida, por exemplo, para os concursos, as comunicações formais –, é transitivo indireto; não aceita a voz passiva e o objeto indireto de terceira pessoa deverá vir sob a forma dos pronomes "a ele, a ela, a eles, a elas". Veja:

- A aula será à tarde. Foi ótima a alteração, pois eu vou poder assisti-**la**. (Construção errada)

Corrija-se para...

- A aula será à tarde. Foi ótima a alteração, pois eu vou poder assistir **a ela**.

- O jogo **está sendo assistido** por vários espectadores. (Construção errada. Não admite voz passiva)

Corrija-se para...

- Vários espectadores estão assistindo ao jogo.

Vale ressaltar também que os verbos "VER, OLHAR, ESPIAR, ESPREITAR, ENXERGAR, OBSERVAR" são transitivos diretos.

- Ontem eu passei a tarde inteira lhe observando. (Construção errada)

Corrija-se para...

- Ontem eu passei a tarde inteira $\left[\begin{array}{l}\text{o}\\ \text{a}\end{array}\right.$ observando.

b) No sentido de "ajudar, prestar assistência, auxiliar, socorrer" é indistintamente verbo transitivo direto ou verbo transitivo indireto. Como transitivo indireto exige a preposição "a".

- Durante o resgate, alguns transeuntes assistiram $\left[\begin{array}{l}\text{os}\\ \text{aos}\end{array}\right.$ familiares das vítimas.

- Na cirurgia, ele foi assistido por um dos melhores cirurgiões da capital pernambucana.

- Deus é bom, porque assiste $\left[\begin{array}{l}\text{às}\\ \text{as}\end{array}\right.$ viúvas.

c) Na acepção de "caber, pertencer direito ou obrigação" é um verbo transitivo indireto e exige a preposição "a".

- Ao dono do estabelecimento não assiste o direito de reclamar dos clientes mais exigentes.

- Este é um direito que assiste a todos os consumidores. = Este é um direito que lhes assiste.

▹ A eles não devem assistir estas novas cláusulas.

d) No sentido de "morar, residir" (regência pouco usual), é um verbo intransitivo. Exige o acompanhamento de um adjunto adverbial encabeçado pela preposição "em".

▹ Hoje já não mais assisto no bairro da Boa Vista.

▹ A cidade em que ele assiste fica a poucos quilômetros da capital.

7. Atender

Possui as seguintes regências:

a) Com o sentido de "dar ou prestar atenção, ser atencioso, cuidar, servir" é indistintamente transitivo direto ou transitivo indireto. Neste último caso, exige a preposição "a".

▹ Ele sempre atende $-\left[\begin{array}{l}\text{os}\\ \text{aos}\end{array}\right.$ amigos em sua casa de praia.

▹ O melhor aluno da sala sempre atendia $-\left[\begin{array}{l}\text{às}\\ \text{as}\end{array}\right.$ explicações dos professores.

▹ Dr. João sempre atende $-\left[\begin{array}{l}\text{o}\\ \text{ao}\end{array}\right.$ telefone em seu escritório.

b) Quando significa "atentar, concentrar a atenção", é um verbo transitivo indireto e exige as preposições "a", "em" ou "para".

▹ Faleceu porque não atendeu aos sintomas iniciais da doença.

▹ Ele sempre atendia para os conselhos dos mais velhos.

➪ **Observação:**

Se o complemento desse verbo for um pronome oblíquo átono, obrigatoriamente assumirá a regência transitiva direta.

▹ O presidente atendeu $-\left[\begin{array}{l}\text{os}\\ \text{aos}\end{array}\right.$ grevistas.

Mas apenas...

▹ O presidente $\underset{\text{VTD}}{\underline{\text{atendeu}}}$-os.

8. Chamar

Apresenta as seguintes regências:

a) No sentido de "mandar vir, convocar" é um verbo transitivo direto.

- O diretor chamou os empregados para uma reunião de urgência.
- Os meninos, chamei-os, mas até agora não vieram.

b) No sentido de "invocar, clamar", é um verbo transitivo indireto. O objeto indireto requer a preposição "por".

- Nas horas difíceis, ele costuma chamar por Nossa Senhora das Dores.
- Naquele momento, chamei por Ele, e o Senhor Jesus me ouviu.

⇨ **Observação:**

Alguns autores consideram a preposição "por" como um recurso de ênfase para o objeto direto que, nesse caso, seria preposicionado. Não nos parece a melhor análise, uma vez que o sentido do verbo é diferente da primeira regência (mandar vir, convocar).

c) Já na acepção de "cognominar, apelidar, alcunhar, qualificar, tachar", será, indistintamente, verbo transitivo direto ou verbo transitivo indireto. Vem sempre acompanhado de um predicativo do objeto que poderá ou não ser encabeçado por uma preposição. Observe as possibilidades de construção a partir de uma informação dada:

- Ninguém disse que ele é mentiroso. –
    - Ninguém o chamou mentiroso.
    - Ninguém o chamou de mentiroso.
    - Ninguém lhe chamou mentiroso
    - Ninguém lhe chamou de mentiroso.

- Na reunião, chamaram-no (de) incompetente.

OU

- Na reunião, chamaram-lhe (de) incompetente.

⇨ **Observação:**

Esta é a única regência na Língua Portuguesa (verbo "chamar" na acepção de "cognominar, apelidar, tachar") que admite um predicativo para um objeto indireto.

9. *Chegar / Ir / Dirigir-se*

Esses verbos possuem regências idênticas:

No sentido de "atingir um determinado lugar, deslocar-se para" são, no padrão formal da língua, verbos intransitivos. Exigem a presença de um adjunto adverbial de lugar introduzido, obrigatoriamente, pela preposição "a".

- Os três rapazes chegaram a casa totalmente exaustos.
- O aeroporto a que ele chegou estava com vários voos atrasados.
- Aonde devo me dirigir para obter informações?
- Todos devem ir à festa do amigo hoje à noite.

➯ Observações:

Na linguagem coloquial, os verbos "chegar" e "ir" são usados com a preposição "em". Ressalte-se que esta construção não se amolda à linguagem padrão, formal.

- Parece que ele foi no banheiro.

Corrija-se para...

- Parece que ele foi ao banheiro.

- Quando chegar em casa, tomarei um banho.

Corrija-se para...

- Quando eu chegar a casa, tomarei um banho.

No emprego diário, usa-se o verbo "ir", indistintamente, com as preposições "a" ou "para". Para o padrão formal da língua, entretanto, "ir a" deve ser usado quando se denota a ideia de "lá não se demorar, de não estabelecer lá a residência". Já a regência "ir para" indica a intenção de "permanência definitiva, de estabelecer-se a residência no local".

Assemelham-se aos verbos acima os verbos que indicam estaticidade, já que requerem a presença de adjuntos adverbiais. Entretanto, enquanto os verbos de movimento (chegar, ir, dirigir-se) pedem a preposição "a", os verbos estáticos (morar, residir, habitar, viver etc.) exigem geralmente a preposição "em". Observe:

- Nunca mais chegou ninguém a esta cidade. (chegar a...)
- Ele reside em uma velha casa. (residir em...)

10. Custar

Apresenta as seguintes regências:

a) No sentido de "ter preço, valor ou custo" é geralmente um verbo intransitivo. É frequente que, nesta regência, ele venha acompanhado de um adjunto adverbial de preço ou de valor.

▹ A casa custou vinte mil reais.

▹ Este candelabro custou muito.

b) É um verbo transitivo direto e indireto na acepção de "trazer como consequência, acarretar" é um verbo transitivo direto e indireto.

▹ A imprudência custou-lhe lágrimas amargas.

▹ As vitórias custaram ao time meses e meses de treinamento.

c) Já no sentido de "ser custoso, ser difícil" é um verbo transitivo indireto. O sujeito deste verbo, para o padrão formal da língua, será uma oração subordinada subjetiva, reduzida de infinitivo que poderá ou não vir precedida de uma preposição. O objeto indireto requer a preposição "a". Observe atentamente os exemplos:

▹ Os antigos custaram a aceitar que o homem foi à lua. (Construção errada)

Corrija-se para...

▹ $\underset{\text{VTI}}{\textbf{Custou}}$ $\underset{\text{OI}}{\text{aos antigos}}$ $\underbrace{\text{aceitar que o homem foi à lua}}_{\text{sujeito = oração reduzida}}$.

▹ Muitos alunos custam a entender a regência deste verbo. (Construção errada)

Corrija-se para...

▹ $\underset{\text{VTI}}{\textbf{Custa}}$ $\underset{\text{OI}}{\text{aos alunos}}$ $\underbrace{\text{entender a regência deste verbo.}}_{\text{sujeito = oração reduzida}}$

▹ Já pensou em quanto $\underset{\text{OI}}{\text{lhe}}$ $\underset{\text{VTI}}{\textbf{custaria}}$ $\underbrace{\text{estudar vários anos para concurso}}_{\text{sujeito = oração reduzida}}$?

11. Ensinar

Apresenta as seguintes regências:

a) No sentido de "educar, adestrar", é verbo transitivo direto.

- ▹ No colégio, ele sempre ensinou as crianças pequenas.
- ▹ Quando os ensinava, fazia o que sabia de melhor.

b) No sentido de "dar instrução a, transmitir conhecimento a", é um verbo transitivo direto e indireto; o objeto direto deverá ser "de coisa" e objeto indireto "de pessoa". Este virá precedido pela preposição "a".

- ▹ Sempre ensinou tudo o que sabia aos seus pupilos.
- ▹ Nas horas livres, ensinava-lhes composições clássicas.
- ▹ "O Vasques ensinava-lhe as declinações latinas, sobretudo a cartilha..." (Eça de Queiroz)

➯ Observação:

Quando a coisa ensinada vem expressa por meio de um infinitivo precedido da preposição "a", admitem-se as seguintes construções:

▹ Durante muito tempo, ensinou $\left[\begin{array}{l}\text{-os}\\ \text{-lhes}\end{array}\right.$ $\underbrace{\text{a caminhar com as próprias pernas}}_{\text{infinitivo precedido da preposição "a"}}$.

12. *Esquecer / Lembrar*

a) Os verbos "esquecer" e "lembrar" são transitivos diretos na acepção de "sair da lembrança ou vir à lembrança" respectivamente. Nessa acepção, também podem aparecer como transitivos indiretos pronominais (esquecer-se, lembrar-se). O objeto indireto será precedido da preposição "de".

▹ Ele ainda não $\overset{\text{VTD}}{\textbf{esqueceu}}$ $\overset{\text{OD}}{\underline{\text{o acidente}}}$.

OU

▹ Ele ainda não se $\overset{\text{VTI}}{\textbf{esqueceu}}$ $\overset{\text{OI}}{\underline{\text{do acidente}}}$.

▹ Não $\overset{\text{VTD}}{\textbf{esqueça}}$, meu bem, $\overset{\text{OD}}{\underline{\text{o meu amor}}}$ por você.

OU

▹ Não se $\overset{\text{VTI}}{\textbf{esqueça}}$, meu bem, $\overset{\text{OI}}{\underline{\text{do meu amor}}}$ por você.

VTD OD

- Ele **lembrou** o meu aniversário na última hora.

OU

VTI OI

- Ele **se lembrou** do meu aniversário na última hora.

⇨ Observação:

Quando transitivos indiretos pronominais, o pronome que acompanha o verbo não possui função sintática. Ele é parte integrante do verbo e acompanha o verbo em todas as conjugações.

- Jamais **nos esquecemos** dos conselhos dados por nosso pai.
- Acho que, quando vós **vos lembrardes** das ideias, já estaremos longe daqui.

b) No sentido de "cair no esquecimento" ou "vir à lembrança" estes verbos apresentam uma regência culta, literária e pouco usual. O que é objeto direto e indireto nos exemplos acima passa a ser o sujeito. Os verbos "esquecer" e "lembrar" serão usados como transitivos indiretos.

VTI OI SUJEITO

- **Esqueceram**-nos boa parte dos conselhos dados por nosso chefe. (Isto é ⇨ Boa parte dos conselhos dados por nosso chefe caíram no nosso esquecimento.)

VTI OI SUJEITO

- No último instante, **lembraram**-me muitas das lições passadas pelo professor de Direito Constitucional.

Ufa!! Chegamos praticamente à metade de nossa lista de verbos. Sugiro que pare um pouco. Descanse alguns minutos (alguns minutos, viu?!?!) e retorne para sua jornada. Vamos lá... mais uma vez!

13. Haver

É, sem dúvida, um dos verbos mais interessantes da língua portuguesa. Várias são as suas regências. Vejamos:

a) O verbo "HAVER" no sentido de "existir, acontecer, ocorrer, realizar-se" é transitivo direto. Não possui sujeito, devendo ficar na terceira pessoa do singular.

- Houve muitos aventureiros naquela cidade. ⇨ (Existiram muitos aventureiros...)

- Quando há tragédias, muitos setores da sociedade se mobilizam. ⇨ (Quando acontecem tragédias...)

- Tem havido muitas invasões a prédios públicos abandonados nos últimos tempos. (Locução verbal ⇨ perceba que o verbo auxiliar também se torna impessoal).

- Não pode haver honestos em terra de corruptos.

- Vai haver muitos inscritos para o Congresso de Direito de Família.

- Por ser noite, não deveria haver tantas crianças presentes no evento.

b) o verbo HAVER no sentido de "passar-se, ter decorrido (tempo)", é um verbo transitivo direto. Nesta acepção ele também é impessoal, ou seja, não possui sujeito e deve, por convenção, ficar na terceira pessoa do singular.

- Havia duas décadas que não ocorria aquele fenômeno.

- Há três horas que eu a espero.

c) O verbo HAVER é um verbo transitivo direto e indireto quando empregado no sentido de OBTER, CONSEGUIR.

- Os rapazes houveram da direção a autorização para o uso da quadra de esportes. (Leia-se: Os rapazes obtiveram / conseguiram da direção a autorização.)

- De quem houveram esses advogados aquelas terras? (Leia-se: Os advogados obtiveram / conseguiram aquelas terras de quem?)

Observe que o verbo HAVER, no caso acima e nos demais casos abaixo, flexiona-se normalmente para concordar com o seu sujeito.

d) O verbo HAVER empregado no sentido de "CONSIDERAR, JULGAR" é um verbo transitivo direto.

- A justiça não houve por verdadeira a confissão do réu. (Leia-se: A justiça não considerou...)

- Os professores haviam-no como o melhor da turma. (Leia-se: Os professores julgavam-no...)

e) O verbo HAVER-SE (pronominal) no sentido de "PORTAR-SE, PROCEDER, COMPORTAR-SE, SAIR-SE BEM OU MAL" é intransitivo. Pede acompanhamento de um adjunto adverbial de modo.

- Os candidatos não se houveram bem na prova. (Leia-se: Os candidatos não se saíram bem...)
- A filha do prefeito sempre se havia de modo inconveniente nas festas de que participava. (Leia-se: A filha do prefeito sempre se comportava de modo inconveniente...)

f) O verbo HAVER é também transitivo direto no sentido de "TER, POSSUIR".

- Hajamos paz e o mundo certamente melhorará. (Leia-se: Tenhamos paz e...)
- Se houvesses mais coragem, agirias de outra forma. (Leia-se: Se tivesses mais coragem...)

g) O verbo HAVER-SE (Pronominal) no sentido de "AJUSTAR CONTAS, ENTENDER-SE, ARRANJAR-SE" apresenta transitividade indireta – exige a preposição "com":

- Parece que ele já se houve com todos os credores. (Leia-se: Parece que ele já ajustou contas com...)
- Será complicado se tu não te houveres com aqueles que magoaste. (Leia-se: ...se tu não te entenderes...)

h) O verbo HAVER-SE (Pronominal) no sentido de "DEPARAR-SE, LIDAR, TRATAR" é transitivo indireto. Exige a preposição "com".

- Sempre que chegava ao escritório, havia-se com a secretária do presidente. (Leia-se:... lidava com...)
- Quando estagiava, havia-se com crianças excepcionais. (Leia-se: Quando estagiava, deparava-se com...)

14. *Implicar*

Este verbo apresenta as seguintes regências:

a) No sentido de "embirrar, ter implicância com", é transitivo indireto. O objeto indireto exige a preposição "com".

- Por que implicas tanto com a tua sogra?
- A pessoa com quem ele sempre implicou tornou-se seu chefe.

b) Será um verbo transitivo direto e indireto, exigindo a preposição "em" para o objeto indireto, na acepção de "envolver-se, comprometer-se, enredar-se, emaranhar-se".

▹ A CPI dos bingos implicou o ex-ministro em atividades criminosas.
▹ Implicaram-no em negócios escusos.

c) No sentido de "ocasionar, trazer como consequência, acarretar" consolidou-se como verbo transitivo direto.

▹ Cuidado, pois suas atitudes podem implicar sua demissão.
▹ Liberdade sempre implicou responsabilidade.
▹ Viver sempre implicará correr riscos.

➾ **Observação:**

Nesta acepção "ocasionar, trazer como consequência, acarretar", a evolução trouxe uma regência nova "implicar em", resultante da influência de verbos mais ou menos sinônimos, como "importar em", "redundar em", "reverter em" e "resultar em". Além do mais, é uma tendência da língua, como já vimos, repetir (uso pleonástico) a preposição cognata do prefixo (*assistir a, depender de, empregar em, incidir em, incorrer em*). Embora seja combatida por alguns conservadores, esta regência (usando as palavras do professor Rocha Lima) "está ganhando foros de cidade na língua culta". Logo, hoje são plenamente aceitas, como corretas, as construções abaixo:

▹ Sua forma de jogar implicou em sua dispensa do time.
▹ "... a dicionarização de um neologismo...implicará em nova ortografia para o termo enquadrado em tal caso." (Caldas Aulete, Dic. Contemp. da Língua Portuguesa)
▹ "Casamento implica em responsabilidade." (Celso Cunha, Dic. Prático de Regência Verbal)

15. Importar Eis um verbo bastante interessante, porque apresenta várias regências. Vamos estudar as principais:

a) No sentido de "fazer vir (mercadorias), trazer para dentro" é empregado como transitivo direto.

▹ Os noivos **importaram** óleos e essências naturais para usar durante a lua de mel.
▹ Neste ano, ainda pretende **importar** inúmeros objetos fabricados na China.
▹ No próximo ano, **importaremos** mais frutas frescas e menos carne bovina.

b) No sentido de "dar importância, fazer caso" é um verbo pronominal, transitivo indireto (importar-se) e exige comumente a preposição "com" para o seu complemento, embora as preposições "de" ou "em" também possam ser usadas.

- "... mas eu não me **importo** com isso." (Machado de Assis)
- "Lenita, apressada, correu sem se **importar** com os ramos que lhe açoitavam." (Júlio Ribeiro)

c) Já no sentido de "ser importante, útil ou necessário, ter importância" é empregado tanto como intransitivo quanto como transitivo indireto com a preposição "a". Cumpre salientar que, nesse sentido, o sujeito vem geralmente posposto ao verbo; por isso é importante não o confundir com um objeto direto.

- "Que lhe **importavam** os rios? Eram grandes? Pois que fossem..." (Lima Barreto)
  VTI sujeito
- "Decerto, decerto, pouco **importa** que um visionário se diga messias e filho de Deus." (Eça de Queiroz)
  VI sujeito
- "Isso pouco **importa**; estou agora bem satisfeita." (Bernardo Guimarães)
  sujeito VI
- VTI sujeito
  "Pouco **importavam** a ela os móveis cobertos de poeira e de fuligem das locomotivas." (Adolfo Caminha)

d) No sentido de "acarretar, implicar, resultar, trazer como consequência" pode hoje ser usado tanto como transitivo direto quanto como transitivo indireto com a preposição "em". Esta última regência foi combatida por muitos puristas da língua, mas hoje se consolidou, conforme se percebe nas palavras do mestre Rui Barbosa: "Esta construção [importar em] na língua viva de hoje se estende ao sentido de acarretar."

- "Sua imprudência **importou** em descrédito pessoal." (Celso P. Luft – Dic. Prático de Regência)
- "Toda a restrição à publicidade **importa**, logo, em embaraço de circulação." (Rui Barbosa)
- "Mas essa reconciliação **importava** a entrada triunfal do Cavaleiro na quieta casa do Barrolo..." (Camilo C. Branco)

e) Com o sentido de "atingir o custo de, redundar" deve ser empregado como transitivo indireto com a preposição "em" para o seu complemento.

- A construção da casa importou em vários milhões de dólares.
- "O total dos gastos importou em mil reais." (Dic. Eletrônico Houaiss)

16. Informar (Alertar / Notificar* / Avisar* / Cientificar* / Anunciar*)*

* Seguem a mesma regência do verbo informar.

a) No sentido de "comunicar, dar esclarecimento" é geralmente usado como verbo transitivo direto e indireto. Admite as seguintes construções:

Informar (VTDI)
- algo (OBJETO DIRETO) — a alguém (OBJETO INDIRETO)
- alguém (OBJETO DIRETO) — de / sobre algo (OBJETO INDIRETO)

- Nós sempre os informamos sobre os problemas.

  OU
- Nós sempre lhes informamos os problemas.
- Avisaram ao dono do estabelecimento ontem à noite o assalto.

  OU
- Avisaram o dono do / sobre o assalto.
- Notificaram-lhe que a audiência será na próxima semana.

  OU
- Notificaram-no de que a audiência...
- Se ele os alertasse do / sobre o problema, talvez não tivesse tanto prejuízo.
- "Affonso assombrou Villaça anunciando-lhe que decidira vir habitar o Ramalhete!" (Eça de Queiroz)

b) O verbo informar também pode aparecer apenas como transitivo direto na acepção de "dar informações, dar notícias".

- Os jornais são o meio de comunicação que mais **informa** (VTD) o público em geral (OD).

17. Namorar

a) Para a linguagem formal – mais clássica –, este verbo é transitivo direto na acepção de "cortejar, galantear, requestar". Na linguagem mais moderna, entretanto, este verbo tem se consolidado como transitivo indireto, exigindo a preposição "com" para o objeto indireto, à semelhança de "casar, noivar", conforme atestam grandes estudiosos da nossa língua, como os mestres Aurélio Buarque, Antônio Houaiss, Celso Pedro Luft e Antenor Nascentes. Ademais, o substantivo cognato "namoro" admite a preposição "com" para o seu complemento. Por isso, o verbo namorar pode ser usado, modernamente, tanto como transitivo direto quanto como transitivo indireto.

- Havia uma moça em nossa cidade que só namorava os (ou "com os") rapazes de dinheiro.
- A filha do prefeito, o Sr. Joaquim dos Santos namorou-a (ou "com ela") durante muito tempo.

➯ **Observação:**

O verbo "casar" pode ser usado com as seguintes regências:

a) Intransitivo → Maria casou na Europa.

b) Transitivo direto → "Casa o filho quando quiseres, e a filha quando puderes." (Dito popular)

c) Transitivo indireto com a preposição "com" → Se eu pudesse, eu casaria com Lúcia.

d) Transitivo direto e indireto (pronominal), exigindo a preposição "com" → Ele deve casar-se na próxima semana com Maria Joaquina.

18. Necessitar

No sentido de "ter ou sentir necessidade" é indistintamente transitivo direto ou transitivo indireto. Neste último caso, o objeto indireto virá encabeçado pela preposição "de".

- Ele sempre necessitou da ajuda dos amigos para obter as coisas na vida.

  ou

- Ele sempre necessitou a ajuda dos amigos para obter as coisas na vida.
- A ferramenta de que ele necessitou estava com um primo distante.

  ou

- A ferramenta que ele precisou estava com um primo distante.

⇨ Observação:

No dia-a-dia, este verbo tem se consolidado com a regência transitiva indireta "NECESSITAR DE".

19. Obedecer / Desobedecer

Consolidaram-se em nossa Língua Portuguesa como verbos transitivos indiretos. O objeto indireto requer a preposição "a".

▹ Era um grande escritor, pois as palavras sempre lhe obedeciam.

▹ Nunca desobedeça às regras impostas por seus superiores.

▹ A pessoa a quem mais ele obedecia era a sua avó.

⇨ Observação:

Embora transitivos indiretos, esses verbos admitem a voz passiva em virtude de seus antigos regimes transitivos diretos.

▹ Ele era obedecido por todos na empresa.

20. Pagar / Perdoar

Esses verbos possuem uma regência bastante interessante:

a) São transitivos diretos quando o objeto direto é representado por "coisa".

b) São transitivos indiretos, exigindo a preposição "a" para o objeto indireto, quando este é representado por "pessoa".

▹ Sempre **paguei** os meus compromissos em dia. ⇨ Sempre **os** paguei em dia.
VTD OD de coisa

▹ Jamais **perdoarei** a sua displicência. ⇨ Jamais **a** perdoarei.
VTD OD de coisa

▹ Sempre **paguei** aos meus credores em dia. ⇨ Sempre **lhes** paguei em dia.
VTI OI de pessoa

VTI OI de pessoa
▹ Jamais **perdoarei** a você, Jéssica Roberta. ⇨ Jamais **lhe** perdoarei, Jéssica Roberta.

- Crimes de guerra, como posso perdoá-**los**? ⇨ Aos filhos, sempre se deve perdoar-**lhes**.

c) Também podem ser usados como transitivos diretos e indiretos.

OI VTDI OD
- Jamais lhe **perdoarei** aquela falta.

VTDI OD OI
- Não **pagarei** um tostão sequer àquele incompetente.

⇨ Observações:

a) Cuidado com esses verbos quando estiverem associados a um "SE". Observe:

Partícula apassivadora
- Não se **perdoam** com facilidade erros cometidos propositadamente.
VTD sujeito passivo

Índice de indeterminação do sujeito
- Não se **perdoa** com facilidade aos trabalhadores incompetentes e irresponsáveis.
VTI objeto indireto

Sujeito Partícula apassivadora
- As contas que ontem pela manhã se **pagaram** já foram remetidas para a contabilidade.
VTD

OI Índice de indeterminação do sujeito
- As pessoas às quais ontem pela manhã se **pagou** deixaram a empresa hoje.
VTI

b) O verbo "perdoar" admite a voz passiva.

- Eles foram perdoados pelo presidente da empresa.

21. Precisar

Este verbo apresenta duas regências:

a) No sentido de "ter precisão, carecer", tanto pode ser transitivo direto (regência pouco usual) quanto transitivo indireto com a preposição "de".

- Nunca mais ele precisou
  - dinheiro.
  - de dinheiro.

- Quem não tem farinha não precisa $\left[\begin{array}{l}\text{peneira.}\\ \text{de peneira.}\end{array}\right.$ (Dito popular).

- Os livros $\left[\begin{array}{l}\text{que}\\ \text{de que}\end{array}\right.$ ele precisava foram emprestados ao filho do Sr. Rubião.

b) É um verbo transitivo direto na acepção de "marcar com precisão, estipular tempo".

- Os noivos ainda não precisaram a data do casamento.
- O Banco Central ainda não precisou o montante de dinheiro roubado pelos ladrões.

22. *Preferir*

Apresenta as seguintes regências:

a) Na acepção de "dar preferência ou primazia a, gostar mais de, escolher ou querer antes" é transitivo direto e indireto, exige a preposição "a". Neste sentido, não admite a presença dos termos intensificadores "mais... (do) que...", por exemplo, já que a própria semântica do verbo, por si só, já indica essa intensificação.

- Aos domingos, Sr. João preferia ficar em casa a ir ao shopping com a família.
- Ele sempre prefere laranja a maçã para o café da manhã.

  OU
- Ele sempre prefere a laranja à maçã...
- Quando se trata de estudo, prefiro o dia à noite para fazer qualquer curso.
- Eu prefiro que critiquem a que se mantenham calados, inertes e indiferentes.

⇨ Observação:

As construções abaixo são consideradas erradas pela gramática normativa, embora sejam bastante usuais na linguagem cotidiana.

- Prefiro antes comer frutas a beber suco.
- Preferia muito mais estudar do que trabalhar.
- Ele prefere mil vezes arroz com feijão do que macarronada.
- Ele deve preferir correr do que nadar nos finais de semana.

b) Esse verbo também pode ser usado unicamente como transitivo direto também na acepção de "optar, escolher".

- Entre arroz e macarrão, já disse que prefiro macarrão.
- Ele prefere que todos fiquem até o final da festa.

23. Proceder

Apresenta as seguintes regências:

a) É um verbo intransitivo no sentido de "ter fundamento, mostrar-se verdadeiro".

- Todas as acusações dela não procediam.
- Como o boato não procedesse, ele foi desconsiderado por todos.

b) É intransitivo na acepção de "comportar-se, portar-se, conduzir-se". Sempre virá acompanhado de um adjunto adverbial de modo.

- A filha do prefeito não procedeu bem na festa.
- Sr. Joaquim sempre procede com honestidade.

c) É também intransitivo no sentido de "originar-se, provir, derivar". É sempre acompanhado de um adjunto adverbial de lugar.

- De onde o amigo procede?
- A língua portuguesa procede do latim.

d) É um verbo transitivo indireto, exigindo a preposição "a", quando empregado no sentido de "dar início, principiar, começar, realizar."

- O TRE procedeu aos trabalhos de apuração dos votos às 17h.
- O inquérito policial a que ele procedeu perfez 500 páginas.
- A professora procedeu à chamada dos alunos às 14h.

Cuidado com esta última regência do verbo proceder. Observe:

Partícula apassivadora
- **Iniciaram**-se os trabalhos de apuração dos votos.

VTD sujeito passivo

Mas...

Índice de indeterminação do sujeito

- Procedeu-se aos trabalhos de apuração dos votos.

VTI objeto indireto

24. Querer

Apresenta duas regências bastante comuns:

a) No sentido de "ter, possuir, desejar, pretender" é empregado como transitivo direto.

- Ele sempre quis um carro do ano e finalmente conseguiu.
- Manoel sempre queria uma oportunidade a mais, mas não lhe davam.
- Os patrões sempre a queriam de bom humor.

b) É um verbo transitivo indireto, exigindo a preposição "a", no sentido de "amar, gostar de, ter afeto".

- Ele tinha uma filha a quem muito queria.
- Eu muito lhe quero, minha mãe.
- Eu quero muito bem àquela moça.

25. Responder

Destacam-se as seguintes regências:

a) É transitivo direto e indireto no sentido de responder alguma coisa a alguém:

- Ao ser questionado, respondeu-lhes que aceitaria o contrato sem problemas.
- O professor certamente responderá aos alunos as eventuais dúvidas.
- "Quando perguntei por que motivo ninguém o via há um mês, respondeu-me que estava passando por uma transformação." (Machado de Assis)

b) É transitivo indireto no sentido de dar a resposta, de responder a uma carta, a uma pergunta, a um questionário etc. Neste caso, exigirá a preposição "a".

> Responde a todas as perguntas por mais difíceis que sejam.

> Fez-me uma série de perguntas a que não sei responder.

> "Começou São Domingos a levantar as questões, e o demônio ponto por ponto a responder a elas." (Pe. Antônio Vieira)

26. Simpatizar / Antipatizar

Esses verbos apresentam regências idênticas.

São verbos transitivos indiretos e exigem preposição "com", significando "ter ou sentir simpatia, agradar-se". Não são pronominais. Veja:

> Durante muito tempo, ele não simpatizou com o seu chefe.

> A pessoa com quem ele antipatizava foi transferida para outra empresa.

> Se eu simpatizasse com todos os alunos, seria uma professora mais alegre, mais verdadeira.

➾ **Observação:**

As construções abaixo são inadmissíveis para o padrão formal, porque tais verbos não são pronominais.

> Ele não se simpatizou com os colegas. (Errado)

> Eu me antipatizei logo com ela. (Errado)

27. Suceder

É um verbo pouco usado, que possui duas regências distintas:

a) É intransitivo no sentido de "ocorrer, acontecer, realizar-se".

> Durante a festa, sucedeu uma tremenda tromba d'água.

> Sucedeu que o novo governo não baixou os juros como era esperado.

b) É um verbo transitivo indireto na acepção de "seguir-se, sobrevir". Exige a preposição "a" para o objeto indireto.

- João sucedeu a Paulo na direção da empresa.
- Ao labor sucede o descanso.
- O dia sucede à noite.

28. Visar

É um verbo que apresenta várias regências. Veja:

a) É transitivo direto no sentido de "mirar, olhar para".

- Vise bem o alvo antes de atirar.
- A caça, visei-a com toda a minha precisão.

b) É também um verbo transitivo direto no sentido de "rubricar, pôr o visto".

- No banco, o gerente costumava não visar os cheques de terceiros.
- A diretora visou os diplomas de todos os formandos.

c) Já no sentido de "desejar, pretender, ter em vista" é largamente usado como transitivo indireto, exigindo a preposição "a". Como transitivo indireto, rejeita os pronomes "lhe, lhes" para o objeto indireto. Aceita apenas as formas analíticas tônicas "a ele, a ela, a eles, a elas". Entretanto, nesse sentido ("desejar, pretender, ter em vista") também pode ser empregado como transitivo direto, embora poucas referências se façam a esta última regência.

- Ele visou acima de tudo $\left[\begin{array}{l}\text{o}\\ \text{ao}\end{array}\right.$ bem de todos os presentes.
- O que eles sempre visaram é o crescimento da empresa.

  OU
- Aquilo a que eles sempre visaram é...
- O cargo $\left[\begin{array}{l}\text{que}\\ \text{a que}\end{array}\right.$ ele sempre visou foi preenchido por outro empregado.
- O presidente não visava $\left[\begin{array}{l}\text{-}\\ \text{a}\end{array}\right.$ outro interesse que não fosse o lucro da empresa.

⇨ Observação:

Quando o complemento do verbo "visar" é formado por uma oração reduzida de infinitivo é frequente a supressão da preposição. Veja:

- O contra-ataque visava derrubar as primeiras linhas do exército inimigo.
- Sempre visei alcançar objetivos difíceis para a maioria do povo.

Observação final em relação à regência verbal: Lembre-se de que há uma série de verbos na língua portuguesa que podem ser usados indistintamente como transitivos diretos ou transitivos indiretos sem que isso traga alterações de sentido. Abaixo listamos alguns desses verbos:

a) ABDICAR
- VTD = Ele abdicou o trono em 1890.
- VTI "de" = Ele abdicou do trono em 1890.

b) ALMEJAR
- VTD = Sempre almejou a vaga de gerente.
- VTI "por" = Sempre almejou pela vaga de gerente.

c) ANSIAR
- VTD = Ele anseia a volta do filho.
- VTI "por" = Ele anseia pela volta do filho.

d) ATENDER
- VTD = Ele já atendeu os clientes.
- VTI "a" = Ele já atendeu aos clientes.

e) CONSENTIR
- VTD = Eles consentiram a volta do aluno para a sala.
- VTI "em" = Eles consentiram na volta do aluno para a sala.

f) DEPARAR
- VTD = Deparamos uma bela paisagem em nosso passeio.
- VTI "com" = Deparamos com uma bela paisagem em nosso passeio.

g) GOZAR
- VTD = Todos devem gozar os seus direitos.
- VTI "de" = Todos devem gozar de seus direitos.

h) PRESIDIR
- VTD = Ele presidirá o encontro.
- VTI "a" = Ele presidirá ao encontro.

i) RENUNCIAR
VTD = Ele renunciou o cargo de diretor.
VTI "a" = Ele renunciou ao cargo de diretor.

j) SATISFAZER
VTD = Ele satisfez as exigências.
VTI "a" = Ele satisfez às exigências.

Outros exemplos:

- "... aquele ente atrofiado pela cobiça e que parecia ter **abdicado** dos seus privilégios e sentimentos de homem..." (Aluísio Azevedo)
- "A República sonhadora do Pacífico abandona, de improviso, os compromissos oriundos da sua existência autônoma e, **abdicando** a própria altitude política, volve, às recuadas, aos tempos em que ainda não existia." (Euclides da Cunha)
- "Subiu rápido a encosta de onde Roderico **atendia** aos sucessos da batalha." (A. Herculano)
- "Levou a carta do Coronel Carvalho ao deputado, que o **atendeu** muito bem." (Lima Barreto)
- "Mas o fato é que aí estava, que não dormia, e que, pela primeira vez, nos sessenta e sete anos de sua palrada existência, **consentiu** em estar em cena como pessoa muda." (A. Garret)
- "Sofia não **consentiu** que ela as trouxesse." (Machado de Assis)
- "Ó tu, que à mocidade sonhadora

  Do pálido poeta deste flores...

  Se vivi... foi por ti! e de esperança

  De na vida **gozar** de teus amores." (A. de Azevedo)
- "... muito pálida, muito séria, com uma crueldade a reluzir-lhe nos olhos, **gozando** uma alegria de desforra em fustigar aquela carne gorda." (Eça de Queiroz)
- "Outra ocasião **deparou** com o retrato da *cuja*. – "Sim senhor: uma mulher esplêndida! O Luís tinha gosto para mulheres..." (A. Caminha)
- "Além dos serventes de repartições, contínuos de escritórios, podemos **deparar** velhas fabricantes de rendas de bilros, compradores de garrafas vazias..." (Lima Barreto)

- "Enquanto deliberava o parlamento, e era possível conquistar o poder sem compromissos, e **presidir** as eleições gerais sem indisposições, ninguém lhe devassou o sigilo." (Rui Barbosa)
- "... outro **preside**, em 1850, ao festim oferecido aos comissários da exposição de 1851, ou à iniciação dos trabalhos de edificação da *Galeria Nacional* em Edimburgo..." (Rui Barbosa)
- "... era também agradecer o restabelecimento de minha mãe, e, visto que digo tudo, fazê-lo **renunciar** ao pagamento da minha promessa." (Machado de Assis)
- "... os grandes desprezando as riquezas e vaidades do Mundo; os reis **renunciando** os ceptros e as coroas;..." (Pe. Antônio Vieira)
- "Bentinho há de **satisfazer** os desejos de sua mãe e depois a igreja brasileira tem altos destinos." (Machado de Assis)
- "Entretanto vamos **satisfazer** ao leitor, que há de talvez ter curiosidade de saber onde se meteu o pequeno." (Manuel A. de Almeida)

Ufa!! Misericórdia!! Chegamos ao final do assunto "Regência Verbal". Cansativo, não!!?? Mantenha a calma! E não desanime, pois ainda vamos estudar a regência de alguns nomes. Não se desespere! Lembre-se de que o conhecimento vem aos poucos, mas sempre chega para os persistentes. Leia a relação abaixo mais de uma vez e parta para a resolução dos exercícios. Prossigamos!

6.3 REGÊNCIA NOMINAL

A regência nominal estuda as relações de dependência estabelecidas entre os nomes e os seus complementos. O termo que completa um nome é, por isso, denominado de "complemento nominal".

A complementação de um nome é sempre intermediada por uma preposição. Alguns nomes chegam a aceitar mais de uma preposição, como se verá.

Segue uma lista de substantivos e adjetivos com as respectivas regências:

Acessível **a**	difícil **de**	medo **a, de**
Acostumado **a, com**	digno **de**	misericordioso **com, para como**
Adaptado **a**	entendido **em**	natural **de**
Afável **a, com, para com**	equivalente **a**	necessário **a**
Aflito **com, por**	erudito **em**	negligente **em**
Agradável **a**	escasso **de**	nocivo **a**
Alheio **a, de**	essencial **a**	nocivo **a**
Alienado **de**	estranho **a**	ojeriza **a, por, contra**
Alusão **a**	fácil **de**	paralelo **a**
Amante **de**	falha **de, em**	parco **em, de**
Ambicioso **de**	falta **de**	passível **de**
Analogia **com, entre**	favorável **a**	perito **em**
Análogo **a**	fiel **a**	permissivo **a**
Ansioso **de, para, por**	firme **em**	perpendicular **a**
Apto **a, para**	generoso **com**	pertinaz **em**
Atento **a, em**	grato **a**	possível **de**
Aversão **a, para, por**	hábil **em**	possuído **de**
Ávido **de, por**	habituado **a**	posterior **a**
Benéfico **a**	horror **a**	preferível **a**
Capaz **de, para**	hostil **a**	prejudicial **a**
Certo **de**	idêntico **a**	prestes **a, para**
Compatível **com**	imbuído **em, de**	propenso **a, para**
Compreensível **a**	impossível **de**	propício **a**
Comum **a, de**	impróprio **para**	próximo **a, de**
Constante **de, em**	imune **a, de**	relacionado **com**
Constituído **de, por, com**	incompatível **com**	residente **em**
Contemporâneo **a, de**	inconsequente **com**	responsável **por**
Contíguo **a**	indeciso **em**	rico **de, em**
Contrário **a**	independente **de, em**	seguro **de, em**
Cuidadoso **com**	indiferente **a**	semelhante **a**
Curioso **de, a**	indigno **de**	sensível **a**
Desatento **a**	inepto **para**	sito **em, entre**
Descontente **com**	inerente **a**	suspeito **de, a**
Desejoso **de**	inexorável **a**	transversal **a**
Desfavorável **a**	leal **a**	útil **a, para**
Devoto **a, de**	lento **em**	versado **em**
Diferente **de**	liberal **com**	vizinho **a, de, com**

6.4 O EMPREGO DOS PRONOMES RELATIVOS E AS REGÊNCIAS VERBAL E NOMINAL

Um dos tópicos que mais assustam o estudante da Língua Portuguesa é o emprego dos pronomes relativos. Como se sabe, o pronome relativo substitui um termo da oração, evitando, assim, a repetição enfadonha de vocábulos. No entanto, um problema surge: dependendo da regência do verbo ou do nome com que se esteja trabalhando, o pronome relativo que encabeça a oração adjetiva virá precedido ou não de uma preposição. Logo, estruturas como...

- Os filmes a cujas estreias ele se referiu ontem foram indicados para o Oscar.
- O médico em quem ele mais confia viajou para Europa.
- A ponte sob a qual corriam águas poluídas era pênsil.
- Trouxe as frutas de que ele mais gosta.

...causam espanto e muitas vezes indignação a muitos estudantes do português.

Desconhecem, muitas vezes, nossos "aventureiros" do conhecimento que essas construções esdrúxulas nasceram justamente em virtude de uma regência verbal ou nominal.

Sugiro que você releia e correlacione este assunto com as funções sintáticas dos pronomes relativos.

Antes de darmos mais um passo, relacionarei abaixo os usos dos pronomes relativos. Leia atentamente antes de prosseguir neste ponto.

1. Que ⇨ É denominado de "relativo universal", porque se refere tanto a coisas quanto a pessoas. Seus equivalentes variáveis são "a qual, o qual, as quais, os quais". O relativo "que" só deve ser substituído por outro relativo em casos específicos.
2. Quem ⇨ É denominado de "relativo personativo", pois só se refere a pessoas. Sempre virá precedido de uma preposição.
3. Onde ⇨ É denominado de "relativo locativo", pois só é utilizado para retomar e substituir termos que contenham a noção de "lugar". Equivale a "em que" e variações (na qual, no qual, nas quais, nos quais).
4. O qual, a qual, os quais, as quais ⇨ São os relativos que possuem as variações em gênero e número correspondentes ao pronome relativo

"que". Esses relativos devem obrigatoriamente substituir o "que" quando este provocar ambiguidade, for precedido por uma preposição com mais de uma sílaba ou for eufonicamente melhor.

5. Cujo, cuja, cujos, cujas ➪ São relativos utilizados para substituir termos que expressam noção de posse. Equivalem a "do qual, da qual, dos quais, das quais, seu, sua, seus, suas, dele, dela, deles, delas). Eles retomam um termo antecedente, mas concordam em gênero e número com o substantivo consequente (ou posposto). Não admitem a posposição de artigo e sempre exercem a função sintática de adjunto adnominal.
6. Quanto, quanta, quantos, quantas ➪ Estas palavras só serão consideradas pronomes relativos quando vierem antecedidas por um dos seguintes pronomes indefinidos "tudo, todo (a), todos (as)":

Continuemos...

Vamos, para facilitar o entendimento, iniciar o nosso estudo construindo períodos compostos por subordinação a partir de dois períodos simples. Não podemos nos esquecer, entretanto, de que se algum nome, verbo ou termo da oração adjetiva (introduzida pelo pronome relativo) exigir preposição, esta será deslocada para preceder o pronome relativo. Veja:

1. Ele viu um homem. ~~O homem~~ tinha cabelos totalmente brancos.
QUE / O QUAL

Junção dos períodos: Ele viu um homem que tinha cabelos totalmente brancos.

Perceba que o pronome relativo entra no lugar do termo que ele substitui. O artigo não interessa para os pronomes relativos.

2. Ele mora na cidade. Ele trabalha ~~na cidade~~.
ONDE

Junção dos períodos: Ele mora na cidade **onde** trabalha.

Observe que todo o termo "na cidade" foi absorvido pelo pronome relativo "onde". Nessa frase, também estariam corretas as formas "em que" ou "na qual".

3. Comprei um livro. As páginas ~~do livro~~ são todas amarelas.
CUJAS

Junção dos períodos: Comprei um livro **cujas** páginas são todas amarelas.

Observe que o relativo "cujas" substitui toda a relação de posse "do livro". A relação de posse está presa ao substantivo "páginas" que vem antecedido apenas por um artigo, o qual é dispensado pelo relativo.

Observe:

Não se esqueça de que os relativos "cujo, cuja, cujos, cujas" não admitem a posposição de um artigo.

> Comprei um livro cujas as páginas são todas amarelas. (Errado)

4. Pedi o prato. Eu gosto muito do ~~prato.~~
DE + ~~O~~ QUE

Junção dos períodos: Pedi o prato de que mais gosto.

Perceba que neste exemplo a preposição "de" obrigatoriamente antecederá o pronome relativo porque ela faz parte da regência do verbo "gostar".

5. A pessoa é o meu pai. Eu dependo muito ~~da pessoa~~.
DE + ~~A~~ QUEM

Junção dos períodos: A pessoa **de quem** mais dependo é meu pai.

A preposição do verbo "depender" acompanhará o pronome relativo.

CONTRA
6. O deputado viajou para a Europa. Eu votei contra ~~as~~ ideias ~~do deputado~~ na última eleição.
CUJAS

Junção dos períodos: O deputado, contra cujas ideias eu votei na última eleição, viajou para a Europa.

A preposição "contra", solicitada pelo verbo "votar" antecede o pronome relativo.

7. A missa foi ministrada pelo Pe. João. Eu assisti ~~à missa~~.
A + ~~A~~ – QUE ou A QUAL

Junção dos períodos: A missa { a que / à qual } eu assisti foi ministrada pelo Pe. João.

8. Encontrei uma mochila velha. Havia cinco moedas de ouro ~~no~~ bolso ~~da mochila velha~~.
EM + ~~O~~ CUJO

Junção dos períodos: Encontrei uma mochila velha em cujo bolso havia cinco moedas de ouro.

9. A estrada foi interditada pela Defesa Social. Nós íamos passar ~~pela estrada~~ em nossa viagem.
POR + QUE

Junção dos períodos: A estrada, por que nós íamos passar em nossa viagem, foi interditada pela Defesa Social.

10. O juiz foi destituído do cargo. Aquele garoto havia ficado sob a tutela ~~do juiz.~~
SOB CUJA

Junção dos períodos: O juiz, sob cuja tutela aquele garoto havia ficado, foi destituído do cargo.

Não se pode esquecer de que a preposição que é solicitada pela regência de um verbo ou de um nome não pode ser retirada da estrutura oracional. Nos casos acima, a preposição precederá o pronome relativo.

Observe agora alguns **erros** – e suas devidas correções – em construções com os pronomes relativos:

a) A atleta norte-americana, cujo nome o autor não se lembrou, acabou sofrendo um ataque cardíaco.

O verbo "lembrar-se" exige a preposição "de".

A atleta norte-americana, de cujo nome o autor não se lembrou,....

b) A revelação proporcionou-lhe reflexões profundas através das quais compôs uma argumentação interessante.

Observe que ele compôs uma argumentação "com" as reflexões.

A revelação proporcionou-lhe reflexões profundas com as quais compôs uma argumentação interessante.

c) As notícias de que ele fez referências transtornaram aquela pequena cidadezinha do interior.

> Perceba que quem "faz referências" sempre as faz "a" alguém.

As notícias a que ele fez referências....

d) As peças teatrais que ele ontem assistiu transformaram-lhe o modo de pensar.

> O verbo "assistir" exige a preposição "a" neste sentido.

As peças teatrais a que (ou "às quais") ele ontem assistiu....

e) Para Hans Kelsen, de onde se citam vários exemplos, a norma jurídica é o objeto de estudo do Direito.

> O antecedente do pronome relativo "onde" não é um "lugar", mas um nome personativo. Só se emprega o "onde" relativo em referência a lugar.

Para Hans Kelsen, de quem (ou "do qual") se citam vários exemplos,....

f) Não falta aos juristas, a quem contamos para a proposição de leis, conhecimento técnico.

> O pronome relativo está bem empregado, porém a conjunção que o antecede é inadequada, uma vez que o verbo "contar" exige, neste contexto, a preposição "com".

Não falta aos jurista, com quem contamos para a proposição de leis,....

g) A desonestidade e o egoísmo são defeitos de cujos nenhum contraventor se envergonha.

> Emprego inadequado do relativo "cujos", já que não há na estrutura uma relação de "posse". A preposição está correta, pois é solicitada pelo verbo "envergonhar-se".

A desonestidade e o egoísmo são defeitos de que (ou "dos quais") nenhum....

h) As fogueiras de que todos testemunhamos nos noticiários da TV constituem um sinal a quem ninguém pode ser insensível.

Duas orações adjetivas com problemas em suas construções. Na primeira, inexiste a preposição "de" antecedendo o relativo "que", porquanto o verbo "testemunhar" é transitivo direto. Na segunda, emprega-se inadequadamente o relativo "quem" sem antecedente personativo.

As fogueiras que (ou "as quais") todos testemunhamos nos noticiários da TV constituem um sinal a que (ou "ao qual") ninguém pode ser insensível.

6.5 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

Regências Verbal e Nominal

1. (FCC) A frase em que a regência está totalmente de acordo com o padrão culto é:

a) Esperavam encontrar todos os documentos que os estudiosos se apoiaram para descrever a viagem de Colombo.
b) Estavam cientes de que teriam muito a fazer para conseguir os registros de que dependiam.
c) Encontraram-se referências à coerção que marinheiros mais experientes faziam contra os mais novos que trabalhassem mais arduamente.
d) Foram informados que esboços da inóspita região circundada com imensas pedras podiam ser consultados.
e) Havia registro de uma insatisfação em que os insurretos às atitudes arbitrárias de um navegante foram impedidos de lhe inquirir.

2. (FCC) Desde que passou a gozar de um prestígio absoluto, o fator velocidade impôs-se como parâmetro das ações humanas, sobrepondo-se a qualquer outro critério.

Substituem de modo adequado as expressões sublinhadas, respectivamente e sem prejuízo para o sentido da frase acima:

a) desfrutar de um - investiu como - destituindo a
b) a alçar-se num - investiu-se a um - preterindo
c) firmar-se como - determinou-se como – corroborando a
d) favorecer-se de um - consagrou-se a um - eximindo-se de
e) desfrutar de um - firmou-se como - sobrepujando

3. (FCC) *A crescente demanda por produtos agropecuários ...*

   Reproduz-se o mesmo tipo de regência que organiza o segmento assinalado acima no trecho também grifado em:

   a) *Produzir mais a custos menores ...*
   b) *Nos últimos dez anos ...*
   c) *Tal desempenho foi considerado inviável ou impossível ...*
   d) *Havendo limitada disponibilidade de recursos ...*
   e) *O setor agropecuário era estático ...*

4. (FCC) Está correta a forma de **ambos** os elementos sublinhados na frase:

   a) Ela não nos disse por que razão tornou-se uma otimista; e se ela tornar ao seu pessimismo, será que nos explicará por quê ?
   b) A razão porque muitos se tornam pessimistas está no mundo violento de hoje; por quê outra razão haveriam de se desenganar?
   c) "Por que sim": eis como respondem os mais impacientes, quando lhes perguntamos porque, de repente, se tornaram otimistas.
   d) Sem mais nem porquê, ele passou a ver o mundo com outros olhos, dizendo que isso aconteceu por que encontrara a verdade na religião.
   e) Não sei o por quê do seu pessimismo; porque você não me explica?

5. (FCC) O **New York Times** publicou uma galeria de rostos e nomes, expôs rostos e nomes ao longo de vários números, evocou esses rostos e nomes para que o público não olvidasse esses nomes e rostos.

   Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo- se os elementos sublinhados, na ordem dada, por:

   a) expôs a eles - evocou-lhes - lhes olvidasse
   b) expô-los - evocou a eles - olvidasse-os.
   c) expôs-lhes - evocou-os - os olvidasse
   d) expôs eles - evocou-lhes - olvidasse eles
   e) expô-los - evocou-os - os olvidasse

6. (FGV) Assinale a alternativa em que a regência verbal não siga o padrão culto de linguagem.

   a) A inscrição no concurso implica a aceitação das normas do edital.
   b) Todos os servidores devem obedecer às leis que os regem.
   c) Preferiu a poltrona à cadeira.
   d) Eu avisei-lhes da necessidade de se revisar o documento.
   e) Eles anuíram à decisão.

7. (FCC) Está correto o emprego do elemento sublinhado na frase:

   a) Há em nosso mundo paisagens belas, em cujas faz bem pousar os olhos.

b) São belas paisagens, cuja sedução nos leva a contemplá-las.
c) Há paisagens aonde nosso olhar se demora prazerosamente.
d) São belezas de um tempo onde o homem não tinha tanta pressa.
e) A reação de que toda beleza nos impõe é a calma da contemplação.

8. (FCC – Metrô/SP – Supervisor de Linha) Ao final do ano vêm as frustrações e, já que não podemos evitar as frustrações, descarregamos essas frustrações nas costas dos outros, atribuindo aos outros a responsabilidade por nossa decepção.

Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os elementos sublinhados, respectivamente, por:

a) podemos evitar-lhe – descarregamos elas – atribuindo-lhes
b) as podemos evitar – as descarregamos – atribuindo-os
c) as podemos evitar – descarregamo-las – atribuindo-lhes
d) podemos evitá-las – descarregamos-lhes – lhes atribuindo
e) podemos as evitar – as descarregamos – lhes atribuindo

9. (FCC) Está correto o emprego de **ambas** as expressões sublinhadas em:

a) As áreas aonde os homens se concentravam exibiam edifícios em cujos não havia arejamento.
b) Em cortiços de cimento, a que faltavam espaço e arejamento, comprimiam-se milhões de indivíduos para quem a natureza parecia representar uma ameaça.
c) Esse texto, de cujo o autor era também poeta, promove um típico exercício de imaginação em que muitos autores de ficção são tentados.
d) Os mistérios porque somos atraídos na ficção costumam impressionar os leitores em cujos também não falta a liberdade da imaginação.
e) Os espaços urbanos pelos quais se espanta o imaginário narrador seriam testemunho de uma civilização à qual eram frouxos os laços com a natureza.

10. (FCC) Considere as seguintes frases:

I. É muito restritivo o aspecto da "razoabilidade" dos sonhos, de que o autor do texto analisa no segundo parágrafo.

II. Talvez um dos "dragões" a que se deva dar combate em nossos dias seja o império dos interesses materiais.

III. Os sonhos em cuja perseguição efetivamente nos lançamos podem transformar-se em conquistas objetivas.

Está correto o emprego do elemento sublinhado APENAS em

a) I.
b) II.
c) III.
d) II e III.
e) I e III.

11. (FCC) Devaneios, quem não tem devaneios? Têm devaneios as crianças e os jovens, dão aos devaneios menos crédito os adultos, mas é impossível abolir os devaneios completamente.

Evitam-se as indesejáveis repetições da frase acima substituindo- se os elementos sublinhados, na ordem dada, por:

a) os tem - Têm-lhes - dão-lhes - abolir-lhes
b) tem eles - Têm-nos - dão-lhes - abolir-lhes
c) os tem - Têm eles - dão-nos - aboli-los
d) tem a eles - Os têm - dão a eles - abolir a eles
e) os tem - Têm-nos - dão-lhes - aboli-los

12. (FCC) Se há iniciativa e astúcia na ação do homem injusto, não há iniciativa e astúcia no bom cidadão que, apesar de indignado, não confere à iniciativa e à astúcia o mesmo valor que o mau reconhece na iniciativa e na astúcia.

Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os segmentos sublinhados por, respectivamente,

a) há elas - não as confere - reconhece nelas.
b) as há - não lhes confere - nelas reconhece.
c) as há - não confere-lhes - as reconhece.
d) há as mesmas - não lhes confere - reconhece-lhes.
e) há estas - não as confere - nelas reconhece.

13. (FCC) Está correto o emprego do elemento sublinhado na frase:

a) A relação significativa cuja se demonstrou na pesquisa se dá entre o comportamento violento e a audiência à TV.
b) A insubordinação básica em que se refere o autor do texto derivaria da insatisfação dos nossos recalcados desejos.
c) A invenção moderna mais astuciosa, de cujos efeitos trata o autor do texto, teria sido não a do cinema, mas a da TV.
d) O hábito do **zapping**, com cujo nos acostumamos, é um dos responsáveis pela abertura rápida de janelas sobre o nosso devaneio.
e) A conclusão de que nossa sala é uma jaula, com que chegou o autor do texto, não deixa de ser bastante provocadora e radical.

14. (FGV) Em *Você se lembra do rosto dela naquele instante?*, obedeceu-se às regras de regência verbal.

Assinale a alternativa em que isso não tenha ocorrido.

a) Prefiro questões de gramática do que de interpretação.
b) Aspiraram à vaga de piloto da companhia aérea.
c) Os médicos assistiram o paciente.
d) Perdoamos-lhes as dívidas.
e) Pagaram-lhe bem.

15. (FCC) Está correto o emprego de ambos os elementos sublinhados na frase:

a) Essa tendência obsessiva, cujo o preço é alto, consome muito dinheiro, além de inspirar um tipo de comportamento que o ridículo é frequente.

b) Essa obsessão é uma prática a que ninguém deveria se orgulhar, embora haja cada vez mais gente que dela se submeta.

c) É a frase de uma época onde os valores tendiam ao equilíbrio e à permanência, ao contrário da nossa, onde tudo é transitório.

d) Custam caro esses produtos e serviços, de cujos dependem os que vivem obcecados ao compromisso de atingirem a perfeição da forma física.

e) O quadro em que o valor da atividade intelectual se encontra em declínio é o mesmo em cujos estreitos limites impera a exaltação absoluta do corpo.

GABARITO

1 – B	2 – E	3 – D
4 – A	5 – E	6 – D
7 – B	8 – C	9 – B
10 – D	11 – E	12 – B
13 – C	14 – A	15 – E

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

CAPÍTULO 7

EMPREGO DO ACENTO GRAVE – CRASE

Em primeiro lugar, espero que você tenha feito bons estudos sobre o assunto "Regência". Espero também que tenha absorvido o "porquê" do assunto. Aconselho que, se possível, dê uma rápida olhada – novamente – nas regências dos principais verbos e nomes; afinal, o assunto que passaremos a abordar está diretamente relacionado à regência verbal e nominal. Caso você ainda não tenha estudado "regência", sugiro que o faça antes de iniciar o conteúdo abaixo. Vamos lá!

Primeiramente, convém não confundir o acento grave com a crase. Esta é fenômeno, ocorrência, fusão, contração, junção; já aquele é o índice, o acento com o qual se marca a existência da crase.

Crase, portanto, é a junção, a contração, a fusão de duas vogais idênticas. Na Língua Portuguesa, restringiu-se o termo à contração, à junção ou à fusão de dois "as", os quais serão representados por um único "a" sobre o qual se coloca o acento grave (`). Isso geralmente ocorre em função da contração, da junção, da fusão da:

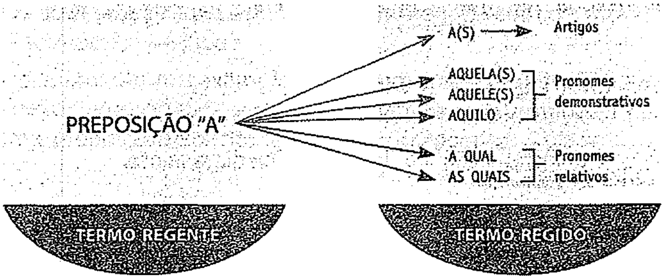
PREPOSIÇÃO "A"
A(S)
Artigos
AQUELA(S)
AQUELE(S)
AQUILO
Pronomes demonstrativos
A QUAL
AS QUAIS
Pronomes relativos
TERMO REGENTE
TERMO REGIDO

Observe os primeiros exemplos:

- Nunca mais eles se dirigiram à diretoria para fazer reclamações.
  dirigir-se a + a

- Devido à ocorrência de um sinistro, ele não pôde renovar o seguro.
  devido a + a

- O diretor da empresa fez referências àqueles funcionários que não batiam o ponto na hora certa.
  referências a + aqueles

- Eles assistiam àquilo sem nenhuma reação.
  assistir a + aquilo

- A pequena cidade, à qual eles chegaram ontem à noite, fica a cerca de 525 Km da capital pernambucana.
  chegar a + a qual

Após essas primeiras considerações, chegamos a duas importantes conclusões:

1.ª ➯ À exceção dos demonstrativos "aquele(s), aquilo", os quais acompanham termos masculinos, só haverá crase diante de nomes femininos. Esta, inclusive, é a principal regra: receberão o acento grave os nomes femininos determinados, cujos termos regentes exijam a preposição "a".

- Todas as crianças voltaram à piscina.
  voltar a + a piscina

- Ninguém deveria ser insensível à dor alheia.
  insensível a + a dor

- É imprescindível aliar-se a teoria à prática.
  aliar-se algo a + a prática

- Ele procedeu à instauração do inquérito imediatamente.
  proceder a + a instauração

2.ª ➾ Como os artigos e os pronomes demonstrativos exercem geralmente a função de determinantes, só haverá crase diante de um termo determinado, especificado. Portanto, não confunda:

- Ele nunca foi
  - a escola. ⇒ Qualquer escola.
    (substantivo empregado em sentido geral e abstrato)
  - à escola. ⇒ Ele não foi àquela escola.
    (substantivo determinado, especificado)

- É um bom funcionário, mas não vai
  - a reunião. ⇒ Não vai a nenhuma reunião.
  - à reunião. ⇒ Não vai àquela reunião.

- Ele sempre se empenhou no combate
  - a fome. ⇒ Qualquer fome; inespecífica, indefinida (sentido geral)
  - à fome. ⇒ No combate àquela fome (específica, determinada)

- Todos os brasileiros têm direito
  - a saúde, a educação, a moradia.
    (Substantivos sem determinante)
  - à saúde, à educação, à moradia.
    (Substantivos determinados)

➾ Observação:

Nos casos acima, só o contexto em que a expressão se encontra é que poderá nos dizer se a palavra está ou não empregada com o sentido "genérico" ou com o sentido "específico".

Nesses quatro últimos exemplos, o "a" (sem o acento grave) que acompanha os substantivos empregados em sentido geral e indeterminado nada mais é do que uma preposição solicitada pelo termo regente.

7.1 A OCORRÊNCIA DA CRASE E A SEMÂNTICA

Em muitos casos, o emprego ou não do acento grave promoverá bruscas alterações de sentido. A crase, portanto, desfará possíveis ambiguidades. É o que ocorre em:

- O frentista sempre cheira
  - a gasolina. ⇒ Inalar, respirar.
  - à gasolina. ⇒ Feder, catingar, exalar.

- Do seu quarto, ele percebeu que alguém bateu
  - a porta. ⇒ Trancou, empurrou com força.
  - à porta. ⇒ Bateu na porta, desferiu pancadas.

- Ao chegar ao local, corri imediatamente
  - a cidade. ⇒ Percorrer a cidade, rodear a cidade.
  - à cidade. ⇒ Ir até à cidade.

- Despediu-se
  - a francesa. ⇒ A francesa foi despedida. / OU / A francesa despediu-se, retirou-se.
  - à francesa. ⇒ Alguém se despediu à moda francesa, à maneira francesa.

- Enxergo
  - a distância. ⇒ Percebo o espaço que separa.
  - à distância. ⇒ Vejo distantemente.

Logo, em muitos casos, o emprego do acento grave se deve à necessidade de se conferir ao termo maior clareza, evitando, pois, possíveis ambiguidades.

7.2 MECANISMOS PRÁTICOS PARA VERIFICAÇÃO DA CRASE

Há alguns mecanismos que ajudam o estudante na verificação da ocorrência ou não da crase. Frise-se que eles nos fornecem algumas pistas. Como a crase é decorrente de uma regência, é salutar conhecer bem a regência do termo antes de se colocar o acento grave. Veja alguns desses mecanismos:

a) Deve-se trocar o termo regido feminino por um masculino correspondente:

SE APARECER
- O, OS (antes do masculino) ⇒ Não haverá crase diante do feminino.
- AO, AOS (antes do masculino) ⇒ Haverá crase diante do feminino.

Veja:

- Ele vai à praia todos os dias.
  ao rio
- Ele sempre visita a região encantada durante as férias.
  o local
- Ricardo nunca obedeceu às ordens de seu pai.
  aos mandamentos
- Chegou à sala e nada falou.
  ao salão

b) Deve-se trocar o termo regente por outro que exija preposição diversa de "a". Por exemplo, os verbos "vir" e "estar":

SE APARECER
- DE ou EM (antes do termo regido) ⇒ Não haverá crase no "a".
- DA ou NA (antes do termo regido) ⇒ Haverá crase no "à".

- Nunca mais ele foi à Europa.
  Veio da Europa / Esteve na Europa.
- Ele sempre se dirige à Argentina nos meses de novembro e de dezembro.
  vem da Argentina /...está na Argentina
- Nunca mais ele foi a Roma.
  veio de Roma / esteve em Roma

- Quando ele chegar a Florença, visitará muitos museus.
  veio de Florença / esteve em Florença

c) Deve-se trocar o "a(s)" que antecede o termo regido pelo artigo indefinido feminino "uma(s)":

SE APARECER
- UMA ou UMAS (antes do termo regido) ⇒ Não haverá crase no "a".
- A UMA ou A UMAS (antes do termo regido) ⇒ Haverá crase no "à".

- Ele se referiu à tia com carinho.
  a uma tia
- Ele não disse nada à sogra.
  a uma sogra
- A encomenda, ele entregou-a à mulher que estava no balcão da esquerda.
  a uma mulher
- Ele achou a mulher a que o amigo teceu bons elogios.
  uma mulher

7.3 OCORRÊNCIA DA CRASE

7.3.1 CASOS OBRIGATÓRIOS

1. Recebe o acento grave o "a" inicial das locuções adverbiais (*à noite, à tarde, à beça, à revelia, à deriva, à farta, à vista, à primeira vista, à hora certa, à esquerda, à direita, à toa, à espanhola, à milanesa, à oriental, à ocidental, às vezes, às escondidas, às avessas, às claras, às pressas, à vontade, às ocultas etc.*), prepositivas (*à custa de, à força de, à beira de, à espera de, à vista de, à guisa de, à semelhança de, à frente de, à razão de, à cata de, à roda de, à mercê de, à base de, à moda de, à maneira de etc.*) e conjuntivas (*à medida que, à proporção que*), formadas com palavras femininas.

- "Estava à **toa** na vida, o meu amor me chamou..." (Chico Buarque)
- Ele permaneceu horas e horas **à espera de** um médico.
- **À medida que** estudava, aprendia todos os macetes da Língua Portuguesa.
- Saiu **às pressas**, porque estava **à beira de** um ataque cardíaco.
- Andamos várias horas **à procura de** um local para beber água.
- O processo foi julgado **à revelia**.

➪ Observações:

a) O "a" inicial das locuções adverbiais de instrumento não recebe o acento grave, exceto se a locução adverbial provocar ambiguidade.

▹ A sentinela feriu o inimigo a espada.

▹ Todos os seus trabalhos, ele sempre os fazia a máquina.

▹ Todo o atalho foi aberto a foice.

b) Lembre-se de que o acento grave empregado nas locuções adverbiais, prepositivas e conjuntivas não provém de uma relação regencial, mas sim pelo fato de essas locuções virem introduzidas por preposições – no caso, a preposição "A". Sendo assim, a preposição poderá auxiliar na indicação do valor semântico da locução e evitará que se confunda a locução com outro termo da estrutura oracional. Observe e não confunda:

▹ A noite chegou ao nosso rancho. ≠ ▹ À noite ele chegou ao nosso rancho.
sujeito — locução adverbial de tempo

▹ A medida que ele usou foi injusta. ≠ ▹ À medida que ele estuda, aprende mais.
sujeito — locução conjuntiva

sujeito — locução prepositiva
▹ A espera do trem deixou-nos tristes. ≠ ▹ À espera de João, nós ficamos várias horas.

▹ Impressionou-nos a moda de Vitor Hugo. ≠ ▹ Veste-se à moda de Vitor Hugo.
sujeito — locução prepositiva

sujeito — locução prepositiva
▹ A beira do abismo era um convite ao suicídio, pois ele estava à beira de um ataque de nervos.

2. Recebe o acento grave o "a" inicial dos pronomes demonstrativos "aquele(s), aquela(s), aquilo, a(s)" quando o termo regente exigir a preposição "a".

▹ Habituou-se àquela vida de solteiro sem maiores problemas.
habituar-se a + aquela

▹ Jamais iremos àquele local sem a ajuda da polícia.
Ir a + aquele

Dar algo a + aqueles

- Daremos outra chance àqueles alunos que obtiveram notas baixas nas últimas provas.

- Essa ideia é igual à que meu pai falou ontem.
  Igual a + aquela

- Darei conselhos apenas às que se dispuserem a esperar.
  dar conselhos a + aquelas

⇛ Observações:

a) Uma forma bastante prática para descobrir se há crase com os demonstrativos "aquela(s), aquele(s), aquilo" é substituí-los pelos também demonstrativos "esta(s), este(s), isto".

SE APARECER
- **ESTA(S), ESTE(S), ISTO** (apenas) ⇒ Não haverá crase no "aquela(s), aquele(s), aquilo".
- **A ESTA(S), A ESTE(S), A ISTO** ⇒ Haverá crase no "aquela(s), aquele(s), aquilo".

Veja:

- Jamais irás àquela festa.
  a esta

- Àquele comando, todos se levantaram rapidamente.
  a este

- O coronel preferia isto àquilo.
  a isto

- Todos compraram aquelas roupas bem satisfeitos.
  estas

b) Nas locuções adverbiais iniciadas pelos pronomes demonstrativos "aquela(s), aquele(s), aquilo", a crase é obrigatória. Veja:

- Àquela hora, ninguém o ajudaria. (= Naquela hora...)
  locução adverbial

3. Recebe acento grave o "a" das locuções adverbiais "à moda de" e "à maneira de". Frequentemente essas expressões aparecem subentendidas, mas, ainda assim, o acento grave será de rigor sobre o "a".

- Na festa, todos estavam vestidos à Luís XV.
  à moda / à maneira
- À maneira brasileira, ele preparava todos os apetrechos para os estrangeiros.
- Todos apreciavam pratos à japonesa.

➪ **Observação:**

Não confunda:

- Fez um discurso
  - a **Fidel Castro.** (para Fidel Castro) ➡ Sem crase.
  - à **Fidel Castro.** (à moda de Fidel Castro) ➡ Com crase.

4. Haverá crase antes de numerais que expressem horas exatas.

- Todos chegaram às 9h30min.
- Às 8 horas ele chegou e somente às 10 horas começou a aula.
- Nosso jogo só terá início às 21h45min.
- O avião aterrará exatamente à uma hora e vinte minutos.

➪ **Observações:**

a) Se houver indeterminação para as horas, não haverá crase.

- A mãe o esperava às 18 horas, mas ele só chegou após as 22 horas.
  Hora inexata
- Ele deverá chegar daqui a uma hora.
  Hora inexata

b) Nas correlações, o que determinará a existência ou não do acento grave será a presença de um artigo antecedendo cada termo da correlação. Veja:

- A casa de *shows* funcionará
  - de 8h30 a 11h30. (Aqui só há a presença das preposições.)
  - de + a a + as
    das 8h30 às 11h30. (Aqui cada termo vem antecedido por um artigo.)

c) Em muitas construções, a presença do acento grave alterará completamente o sentido do enunciado. Observe:

Advérbio de tempo

- Sairemos daqui a uma hora. (Sem crase ➪ A hora não está determinada, especificada.)

Advérbio de lugar

- Sairemos daqui à uma hora. (Com crase ➪ A hora foi especificada, determinada.)

d) Vale ressaltar que diante de numerais não ocorre a crase quando não expressarem hora exata. Logo:

- O número de aprovados no concurso não chega a vinte.
- O artista se apresentará de 8 a 12 de janeiro no Classic Hall.

5. Se o termo regente exigir a preposição "a", sempre haverá crase diante de nomes locativos (nomes de países, continentes e algumas cidades) que aceitarem a presença de um artigo. Para verificar a existência do artigo, basta substituir o termo regente pelos verbos "vir" ou "estar", por exemplo, conforme demonstrado no início deste capítulo.

- No próximo ano, faremos uma excursão à Argentina.
  vir da / estar na

- Quando ele chegou à Itália, imediatamente ligou para a mãe.
  vir da / estar na

- Você já foi à Bahia? Não?! Mas já foi a Teresina, no Piauí, não foi?
  vir da / estar na — vir de / estar em

➪ Observação:

Se o nome locativo vier acompanhado de algum adjunto adnominal (determinante), a crase será obrigatória. Perceba:

- Nunca mais eu fui a Roma.
  vir de / estar em

- Nunca mais eu fui à Roma dos grandes imperadores.
  vir da / estar na termo determinante

vir de / estar em
- João sempre se dirige a Brasília quando quer resolver algum problema muito sério.

termo determinante termo determinante
- Sempre que pode, João vai à imponente Brasília dos arrojados projetos arquitetônicos.

7.3.2 CRASE FACULTATIVA

Para a gramática normativa, são três os casos em que a crase é facultativa. São eles:

1. Diante de pronomes possessivos femininos no singular quando o termo regente exigir a preposição "a".

- Ele desistiu de viajar devido $-\left[\begin{array}{l}\text{a}\\\text{à}\end{array}\right.$ sua doença.
- Jamais ele fez referências $-\left[\begin{array}{l}\text{a}\\\text{à}\end{array}\right.$ tua família.
- Era fundamental que o adolescente não desobedecesse $-\left[\begin{array}{l}\text{a}\\\text{à}\end{array}\right.$ nossa ordem.

⇨ Observações:

a) Se o possessivo estiver no plural, não mais haverá um caso de crase facultativa. Existirão apenas duas formas para se construir a estrutura. Observe:

- Não foram dadas muitas oportunidades de emprego $-\left[\begin{array}{l}\text{a}\\\text{às}\end{array}\right.$ nossas amigas de formatura.
- Ninguém ofendeu $-\left[\begin{array}{l}\text{a}\\\text{às}\end{array}\right.$ vossas irmãs.

b) Caso o possessivo feminino se refira a um substantivo elíptico (oculto), a crase será obrigatória. Veja:

- Ele não se referiu a / à tua proposta, mas sim à minha.
  crase obrigatória

- Aludiram a / à sua opinião sobre o caso. Convém agora que eles façam alusão às nossas.

2. Diante da preposição "até", uma vez que esta preposição pode aparecer sob a forma da locução "até a".

- Emocionado, ele se comoveu
  - até as lágrimas. (até + as lágrimas)
  - até às lágrimas. (até a + as lágrimas)

- Ao ouvir a campainha, imediatamente foi
  - até a porta. (até + a porta)
  - até à porta. (até a + a porta)

- Dirigiu-se
  - até as autoridades policiais para relatar o caso. (até + as autoridades)
  - até às autoridades policiais para relatar o caso. (até a + as autoridades)

➯ Observações:

a) Não confunda as preposições "até / até a", as quais indicam "deslocamento, movimento, ação", com a palavra denotativa de inclusão "até", a qual tem o sentido de "inclusive". Veja:

- Na formatura, foi **até** (Preposição) a / à plateia e prestou homenagens à mãe, às professoras, à diretora, **até** (inclusive) à zeladora. (crase obrigatória)

b) Como se sabe, para que haja o fenômeno da crase, é indispensável a existência da preposição "a". Fique atento, pois esta preposição não ocorrerá se for usada outra preposição (*ante, após, com, conforme, contra, desde, durante, entre, mediante, para, perante, sob, sobre, segundo*, por exemplo), já que a existência de uma preposição exclui o aparecimento de outra. Traduzindo:

não ocorrerá a crase se outra preposição for usada que não seja a preposição "a" (lembre-se de que "até a" é uma locução prepositiva e não a junção de duas preposições). Observe os exemplos abaixo:

- "Não achava outra espécie em que, $\underset{\text{preposição + artigo}}{\underline{\text{mediante}}\ \underline{\text{a}}}$ intenção, tudo se cumprisse..." (Machado de Assis)

- "— Não admito! O incesto é $\underset{\text{preposição + artigo}}{\underline{\text{contra}}\ \underline{\text{a}}}$ moral, gritou Lúcia." (José de Alencar)

- "Dominante $\overset{\text{preposição + artigo}}{\underline{\text{sobre}}\ \underline{\text{a}}}$ várzea que se estende para sudeste, com a linha de cumeadas quase retilínea, o seu enorme paredão..." (Euclides da Cunha)

- "$\underset{\text{preposição + artigo}}{\underline{\text{Desde}}\ \underline{\text{a}}}$ entrada dos dois, a casa de Rita esquentou." (Aluísio Azevedo)

- "Custeou o tratamento de ambos; e, quando foi dispensado da comissão da avenida, pouco $\underset{\text{preposição + artigo}}{\underline{\text{após}}\ \underline{\text{a}}}$ morte de ambos, pouco ou nada tinha." (Lima Barreto)

3. Diante de nomes próprios femininos, quando o termo regente exigir a preposição "a". Como se sabe, os nomes de pessoas na Língua Portuguesa podem ou não vir antecedidos de um artigo. A colocação do artigo denota afetividade, proximidade, intimidade.

- Em seu discurso, ele fez referências $\begin{cases}\text{a Joana e a Maria.}\\ \text{à Joana e à Maria.}\end{cases}$

- $\left.\begin{matrix}\text{A}\\ \text{À}\end{matrix}\right\}$ Fernanda deixou minha gratidão por tudo que ela fez.

7.3.3 CASOS EM QUE NUNCA OCORRE A CRASE

1. Diante de verbos.

- Todos ficaram a observar o evento, a cerca de vinte metros do local.

- Muitos chegaram a comprar o carro, só porque a promoção falava de amor.
- Os advogados estavam dispostos a curtir o bom momento da carreira.

2. Diante de palavras masculinas.

- O quadro foi pintado a óleo.
- Ele sempre comprava a prazo.
- Aquele pacote cheirava a vinho.

3. Diante de pronomes pessoais retos, oblíquos e de tratamento, à exceção de "senhora, senhorita, dona e madame."

- Na solenidade, fizeram menção a ti e a mim, como os melhores alunos que a Universidade já teve.
- O Promotor de Justiça nada disse a Vossa Excelência sobre o problema do processo.
- Refiro-me a você, pois sempre foi o último da sala a cometer deslizes de concordância.
- Jamais convidarão a ele para a festa.
- Recorreram a Sua Majestade no momento de dificuldade.

  Mas...

- Entregue tudo à senhora sua mãe, meu filho.
- Não me referi à senhorita, mas à dona Joana que sempre esteve presente aqui nesta escola.

4. Diante de artigos indefinidos.

- Eles chegaram a uma cidadezinha do interior de Pernambuco muito aconchegante.

- Os juízes estavam dispostos a uma nova avaliação do caso.

5. Diante dos pronomes indefinidos, dos interrogativos, dos demonstrativos "este, esta, estes, estas, esse, essa, esses, essas e isso" e dos relativos, à exceção de "a qual e as quais".

- A qual delas você se referiu ontem à noite?
- Esse caso não interessa a ninguém.
- Todos se dirigirem a este lugar quando querem orar.
- Ontem encontramos o João, a cuja esposa devemos muitos favores.
- A menina, a quem ele fez alusão na última reunião, viajou para a Europa.
- Jamais daremos crédito a qualquer criatura que por aqui chegue.
- A missa a que eu assisti foi ministrada pelo Pe. João Alberto.

⇨ Observações:

a) Apesar de serem pronomes indefinidos, ocorrerá a crase diante de "outra e outras" sempre que o termo regente exigir a preposição "a". Veja:

- Foi uma apresentação igual à outra.
- Elas se abraçaram umas às outras.

b) Não confunda a preposição "a" que antecede o pronome relativo "que" com a fusão entre a preposição "a" e o pronome demonstrativo "a(s)" equivalente a "aquela(s)". Observe:

preposição "a" semelhante a + a(quela)

- Esta ideia a que ele se referiu é semelhante à que meu pai nos contou ontem.
- Aquela estrada é paralela à que corta esta cidade aqui.

paralela a + a(quela)

6. Diante de um "a" no singular o qual precede uma palavra no plural; palavra esta usada em sentido geral e indeterminado.

- A direção decidiu fechar, por duas semanas, o museu a visitas.
- Raramente ele vai a festas e a reuniões sociais.
- Não costumava se dirigir a pessoas estranhas.

Observação:

Fique atento para não confundir as estruturas. Observe:

- Ele nunca está atento $\underset{\text{preposição}}{\text{a}}$ reclamações. (sem acento grave)
- Ele nunca está atento $\underset{\text{preposição + artigo}}{\text{às}}$ reclamações. (com crase)
- O mesmo raciocínio estende-se $\underset{\text{preposição}}{\text{a}}$ relações pessoais e profissionais. (sem acento grave)
- O mesmo raciocínio estende-se $\underset{\text{preposição + artigo}}{\text{às}}$ relações pessoais e profissionais. (com crase)

7. Diante de substantivos femininos usados em sentido geral e indeterminado.

- Em minha viagem à Europa, fui apresentado a rei e a rainha.
- Na última festa, todos os alunos prestaram homenagens a mamãe e a papai.
- Ele nunca concorreu a vaga alguma na Universidade.
- Sr. João nunca foi a festa alguma, a reunião alguma.

Observações:

a) Note que, nos dois primeiros exemplos deste caso, os termos estão acompanhados meramente pela preposição "a". Não há a presença de artigo.

A crase só existirá diante do feminino se ambos os substantivos vierem determinados. Veja:

- ▹ Em minha viagem à Europa, fui apresentado ao rei e à rainha.
  substantivos determinados

b) Perceba também que nos dois últimos exemplos deste caso, o que promove o sentido geral e indeterminado dos substantivos é a presença do pronome indefinido. Por isso, inexiste o acento grave.

8. Diante de expressões formadas por palavras repetidas como, por exemplo, "gota a gota, ponta a ponta, dia a dia, frente a frente, uma a uma, cara a cara, corpo a corpo, lado a lado etc.".

- ▹ Toda a fazenda era, de ponta a ponta, um atoalhado branco, de uma neve espessa e muito gélida.
- ▹ Tomou o remédio gota a gota.

7.3.4 CASOS ESPECIAIS

1. Ocorrerá crase diante da palavra "casa" sempre que vier acompanhada de determinantes.

Veja:

- ▹ Ele se dirigiu à **velha** casa **de seus avós**.
  determinantes
- ▹ Voltei à casa **de meu amigo** correndo por causa de um mal-estar.
  determinante
- ▹ Amanhã irei à casa **que me será dada por herança.**
  determinante

➾ Observação:

Se não houver determinação, não haverá crase diante da palavra "casa".

- Voltei a casa triste e atirei-me sobre a cama.
- Menino que estuda, volta a casa todos os dias.

2. Ocorrerá crase diante da palavra "terra" quando vier determinada. Quando usada como antônimo de "bordo" a palavra "terra" dispensa determinantes, logo não ocorrerá a crase.

- Eles voltaram a terra totalmente exaustos.
  sem determinante.
- Depois de longa viagem, eles desceram a terra.
  sem determinante
- Eles foram à terra **dos seus antepassados**.
  determinante
- O casal chegou à terra **natal**.
  determinante

Observação:

No sentido de "chão, solo" a palavra "terra" admite o artigo. Se o termo regente exigir a preposição "a", a crase será obrigatória. Perceba:

- Nunca jogue lixo à terra. (Nunca jogue lixo **na** terra).
- Os agricultores sempre lançam à terra suas esperanças. (...sempre lançam **na** terra suas esperanças.)

3. Com a palavra "distância", ocorrerá crase sempre que vier acompanhada de determinantes.

- Todos ficaram à distância **de vinte metros do local do acidente**.
  determinante
- Por que você não ficou à distância que eu te recomendei?
  determinante

Observações:

a) A locução adverbial "a distância" geralmente é empregada sem o acento grave.

- "Teresa ouviu, a distância, o estrépito dum cavalo, quando passou ao patamar da escada." (Camilo C. Branco)
- "— Acudam, acudam! berrava Silvério a distância." (Eça de Queiroz)

b) Entretanto, o acento grave deverá ser empregado em "a distância" sempre que se quiser ressaltar o caráter adverbial da locução ou sempre que houver a possibilidade de a locução provocar ambiguidade.

- "Veladas por touceiras inextricáveis de macambiras ou lascas de pedra, não se revelavam à distância." (Euclides da Cunha)
- "Se a via, olhava muito para ela, detinha-se à distância, à porta de uma casa..." (Machado de Assis)

c) Quando a palavra distância vier modificada por pronomes indefinidos (pouca, certa, alguma etc.), a expressão não receberá o acento grave.

- "Já os três fugitivos iam a alguma distância, quando, como tomado de uma idéia súbita, um dos esculcas exclamou: ..." (A. Herculano)
- "Mariana estava agachada entre os pacotes da carga, a pouca distância de Simão." (Camilo C. Branco)

4. Ocorrerá crase com os pronomes relativos "a qual e as quais" sempre que o termo regente exigir a preposição "a".

- Esta é a pessoa à **qual** ele se referiu durante o café da manhã.
  referir-se a + a qual

  assistir a + as quais
- As apresentações teatrais **às quais** ele foi assistir renderam-lhe boas gargalhadas.

⇨ Observação:

Um recurso bastante simples para verificar a ocorrência da crase diante destes relativos é procurar substituí-los pelos masculinos (o qual, os quais) correspondentes:

SE APARECER
- **O QUAL, OS QUAIS** (apenas) ⇒ Não haverá crase no "a qual, as quais".
- **AO QUAL, AOS QUAIS** ⇒ Haverá crase no "à qual, às quais".

Observe:

- Esta é a professora à **qual** devo todos os meus conhecimentos. (Este é o professor **ao qual** devo...)

- Aquela é a clareira **à qual** foram ter por um atalho aberto a foice. (Aquele é o local **ao qual** foram...)

5. Como já mencionado, não há crase diante da maioria dos pronomes. Alguns pronomes, no entanto, como "mesma(s), própria(s) e tal" admitem artigo. Se o termo regente exigir a preposição "a", a crase será de rigor.

- Eles sempre vão à mesma lanchonete quando saem da escola. (Eles sempre vão **ao** mesmo bar...)
- Falaram à tal senhora sobre os desvios de conduta do filho dela. (Eles falaram **ao** tal senhor...)
- Algumas alunas atribuíram **às** próprias amigas a culpa pelo incidente. (Algumas alunas atribuíram **aos** próprios amigos...).

Ufa!!

Chegamos ao final de mais uma etapa. Para muitos, o acento grave ainda é um mistério. Provamos que não. Sugiro que, se possível, releia todas as regras para gravá-las melhor. Tenha sempre em mente os recursos para verificação ou não da ocorrência da crase, pois eles são muito úteis e nos permitem solucionar muitas dúvidas. Agora procure resolver os exercícios para consolidar o conhecimento. Prossigamos para a próxima etapa.

7.4 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (Unimep-SP) "A exposição .... inauguração assisti mostrou os lindos quadros .... me referi na nossa conversa do outro dia. Amanhã, haverá um leilão na mesma sala .... estão expostos." A alternativa que preenche corretamente é:

a) a cuja, aos quais, em que.
b) a cuja, os quais, na qual.
c) cuja, a que, em que.
d) a qual, aos quais, na qual.
e) à qual, que, que.

2. (Unimep-SP) "…. dois meses que não vejo Paulo. Soube que ele esteve…. beira de uma crise nervosa…. menos de cinco dias do vestibular." A alternativa que preenche corretamente as lacunas é:

   a) Há, a, a.
   b) Há, à, a.
   c) Há, à, à.
   d) A, a, à.
   e) A, à, a.

3. (Fuvest-SP) De…. muito, ele se desinteressou de chegar a ocupar cargo tão importante,…. coisas mais simples na vida e que valem mais que a posse momentânea de certos postos de relevo…. que tantos ambicionam por amor…. ostentação."

   a) a, há, à, à.
   b) há, as, a, a.
   c) há, há, a, à.
   d) a, hão, a, à.
   e) há, a, a, a.

4. (Fuvest-SP) O progresso chegou inesperadamente…. subúrbio. Daqui…. poucos anos, nenhum de seus moradores se lembrará mais das casinhas que,…. tão pouco tempo, marcavam a paisagem familiar.

   a) aquele, a, a.
   b) àquele, à, há.
   c) àquele, à, à.
   d) àquele, a, há.
   e) aquele, à, há.

5. (UEL) …. contragosto, a comissão entregou…. imprensa…. listas dos aprovados.

   a) À, a, as.
   b) A, à, às.
   c) A, à, as.
   d) À, a, às.
   e) À, à, às.

6. (ITA) Analisando as sentenças:

   A vista disso, devemos tomar sérias medidas.
   Não fale tal coisa as outras.
   Dia a dia a empresa foi crescendo.
   Não digo aquilo que me disse.
   Deduzimos que:

   a) apenas a III não tem crase.

b) as sentenças III e IV não têm crase.
c) todas as sentenças têm crase.
d) nenhuma sentença tem crase.
e) apenas a IV não tem crase.

7. (FCC) O fenômeno .... que aludi é visível .... noite e .... olho nu.

a) a, a, a.
b) a, à, à.
c) a, à, a.
d) à, a, à.
e) à, à, a.

8. (FCC) Já estavam .... poucos metros da clareira, ... qual foram ter por um atalho aberto .... foice.

a) à, à, a.
b) a, à, a.
c) a, a, à.
d) à, a, à.
e) à, à, à.

9. (PUC-SP) .... hora, ... chegasse primeiro se entregaria .... condecoração .... fizera jus.

a) Àquela, à que, a, a qual.
b) Àquela, a que, à, a qual.
c) Aquela, à que, a, à qual.
d) Àquela, à que, a, à qual.
e) n. d. a.

10. (UM-SP) Dados os períodos:

I. À força de tanto emagrecer, acabou morrendo.
II. A assistente social prestou assistência as mais necessitadas pessoas.
III. Com a eloquência habitual, falava a qualquer pessoa, sempre disposta a aumentar o prestígio.

Deduz-se que o sinal indicativo da crase está corretamente empregado:

a) apenas no primeiro período.
b) nos períodos I e II.
c) nos períodos II e III.
d) em todos os períodos.
e) nos períodos I e III.

11. (Fuvest) Daqui .... vinte quilômetros, o viajante encontrará, logo .... entrada do grande bosque, uma estátua que .... séculos foi erigida em homenagem .... deusa da floresta.

a) a, à, há, à.
b) há, a, à, a.
c) à, há, à, à.
d) a, à, à, à.
e) há, a, há, a.

12. (PUC) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas:

Viu-se frente .... frente com o inimigo.

Observava, ... distância, o que estava acontecendo.

Não se referira .... nenhuma das presentes.

Desandou ....correr ladeira abaixo.

Chegou .... uma hora da madrugada.

a) à, à, à, à, à.
b) à, à, a, a, à.
c) à, à, à, a, à.
d) a, a, a, a, à.
e) a, a, a, a, a.

13. (FCMSC-SP) Estamos ... poucas horas da cidade ... que vieram ter, ... tempos, nossos avós.

a) a – a – há.
b) há – a – a.
c) há – à – há.
d) à – a – a.
e) a – à – há.

14. (FCC – Metrô/SP – Supervisor de Linha) O uso do sinal de crase justifica-se em **ambas** as ocorrências na seguinte frase:

a) Não tive acesso à carreira de biólogo porque você se dispôs à engravidar.
b) Não nos assiste à prerrogativa de responsabilizarmos justamente àqueles que não têm culpa.
c) Imputamos à culpa aos outros quando achamos inadmissível assumirmos à nossa.
d) Atribuamos à nossa incompetência o fracasso de nossos planos, em vez de associá-lo à responsabilidade alheia.
e) Quando se fica à espera de algo inalcançável, tudo o que se alcança se reduz à uma frustração.

15. (UEL-PR) Foi ... Brasília aprender ... artes políticas, mas retornou ... terra natal sem grandes conhecimentos.

a) a – as – à.
b) à – as – a.
c) a – às – à.
d) a – as – a.
e) à – às – à.

16. (FCC – Soldado PM/BA) O uso do sinal da crase é **injustificável** em:

a) Lembrem-se às autoridades de terem sempre em mente o valor da prevenção.
b) Não cabe às pessoas de boa fé repudiar medidas de prevenção ao crime.
c) É penoso assistir às cenas de violência que se multiplicam nas metrópoles.
d) Atribui-se às medidas preventivas uma eficácia maior que a da repressão.
e) À inteligência da prevenção opõem-se aqueles que preferem a força da repressão.

17. (FCMSC-SP) Dê ciência ... todos de que não mais se atenderá ... pedidos que não forem dirigidos ... diretoria.

a) a – a – a.
b) a – à – a.
c) a – a – à.
d) à – à – a.
e) à – a – à.

18. (PUCC-SP) Assinale a alternativa em que há uso **incorreto** do sinal da crase.

a) Toda essa situação se deve à instabilidade da taxa de inflação.
b) Referindo-se à salários do último mês, comentou a inviabilidade de se manter aquele número de funcionários na empresa.
c) Não é à toa que amealhou o dinheiro que tem.
d) Em clima de grande emoção, chegou a tecer elogios inclusive àqueles que sempre o criticaram.
e) Devemos incentivá-los a dar continuidade à sua tarefa de informar a verdade sobre a situação do país.

19. (Fafeod-MG) Indique a alternativa que permite preencher **corretamente** os vazios do texto abaixo.

Aguardava ... carta ... muito tempo e, como não chegasse, ele referia-se ... todo instante ... consequências desastrosas que ... demora tenderia ... provocar.

a) a – a – a – às – a – a.
b) a – há – a – às – a – a.
c) a – há – a – as – a – a.
d) a – à – a – as – a – a.

20. (UFV-MG) Indique a alternativa em que o sinal indicativo de crase é facultativo.

a) Voltou à casa do juiz.
b) Chegou às três horas.
c) Voltou à minha casa.
d) Devolveu as provas àquela aluna.
e) Voltou às pressas.

GABARITO

1 – A	2 – B	3 – C
4 – D	5 – C	6 – B
7 – C	8 – B	9 – D
10 – E	11 – A	12 – D
13 – A	14 – D	15 – A
16 – A	17 – C	18 – B
19 – B	20 – C	

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

CAPÍTULO 8

SINTAXE DE COLOCAÇÃO PRONOMINAL

Estudaremos agora um assunto bem fácil. Por ausência de força tônica, trabalharemos a correta disposição dos pronomes oblíquos átonos dentro da estrutura oracional. Aqui, procure ficar atento, principalmente, aos fatores que atraem o pronome átono, pois esse conhecimento é frequentemente cobrado nas provas. O assunto exigirá de nós um pouco de memória, afinal teremos de apreender as principais regras as quais levam o pronome a ficar em umas das três posições: antes do verbo (próclise), no meio do verbo (mesóclise) e depois do verbo (ênclise). Convém aqui salientar que as regras que estudaremos abaixo se prestam, na maioria das vezes, ao uso formal da língua. No dia a dia e na linguagem coloquial, elas são pouco observadas. Vamos lá!!

Em primeiro lugar, cumpre ressaltar que a colocação pronominal, na Língua Portuguesa, restringe-se praticamente à perfeita disposição dos pronomes oblíquos átonos: me, te, se, o, a, lhe, nos, vos, os, as, lhes.

Tais pronomes podem assumir uma das seguintes posições:

a) Próclise ⇨ pronome oblíquo colocado antes do verbo.

b) Mesóclise ⇨ pronome oblíquo colocado no meio do verbo.

c) Ênclise ⇨ pronome oblíquo colocado depois do verbo.

Primeiros exemplos:

- Ele me disse que amanhã faltará a aula.
  pronome proclítico

- Retirá-lo-ia do local se eu pudesse.
  pronome mesoclítico

- Entregaram-nos todos os documentos hoje pela manhã.
  pronome enclítico

8.1 MÁXIMAS DA COLOCAÇÃO PRONOMINAL

A topologia pronominal possui regras gerais que servem de norte para as demais regras. São elas:

1. Não se inicia período com pronome oblíquo átono.

Observe:

- Te disseram que o juiz julgou improcedente a nossa causa? (Construção errada)

Corrija-se para...

- Disseram-te que o juiz julgou...

- Lhe passo os documentos do processo hoje à tarde. (Construção errada)

Corrija-se para...

- Passo-lhe os documentos do processo hoje à tarde.

- Me falem a verdade ou serão expulsos da corporação. (Construção errada)

Corrija-se para...

- Falem-me a verdade ou serão expulsos da corporação.

2. Não se admite ênclise a um verbo no futuro ou no particípio.

Veja os exemplos:

verbo no futuro do subjuntivo

▹ Quando ele ajudar-te, não esqueças os demais parentes de tua família. (Construção errada)

Corrija-se para...

▹ Quando ele te ajudar, não esqueças os demais parentes de tua família.

▹ Certamente eles dariam-nos tudo se pudessem. (Construção errada)

verbo no futuro do pretérito do indicativo

Corrija-se para...

▹ Certamente eles nos dariam (ou "dar-nos-iam") tudo se pudessem.

▹ Tenho dedicado-me muito ao estudo da Língua Portuguesa. (Construção errada)

verbo no particípio

Corrija-se para...

▹ Tenho-me dedicado muito ao estudo da Língua Portuguesa.

3. Em geral, toda ênclise a um verbo no infinitivo é correta, ainda que exista um fator de próclise.

▹ A fim de **não**
o encontrar,
ou
encontrá-lo,
mudei o meu itinerário.

▹ Para **não**
as contrariar,
ou
contrariá-las
procurei resolver o problema imediatamente.

▹ Deixou sua sala para
me entregar
ou
entregar-me
o prêmio a que fiz jus pelo ótimo desempenho este mês.

▹ "Proponho firmemente com vossa graça **não ofender-vos** mais." (M. Bernardes)

- "Basta-lhe os olhos negros e a tristeza, a palidez e o nunca sorrir-se." (Camilo C. Branco)

- "Ela, encostada à poltrona, passava-lhe os dedos pelos cabelos, muito ao leve e caladinha para não perturbá-lo." (Machado de Assis, *Quincas Borba*)

8.2 REGRAS GERAIS

8.2.1 PRÓCLISE

O pronome oblíquo átono ficará proclítico ao verbo por causa dos seguintes fatores que o atraem:

1) Palavras de valor negativo (não, nunca, jamais, ninguém, nada, nem [= e nem] etc.).

- **Jamais** nos consideraremos melhores do que os outros.
- **Não** o permitiram a conversão de real para dólar.
- **Nunca** lhe entristeceu a situação dos pobres no mundo?

Observação:

Se houver pausa depois da palavra negativa, emprega-se a ênclise.

- **Não,** converta-se ao cristianismo urgentemente.

2) Advérbios e pronomes indefinidos.

- **Aqui** se faz, **aqui** se paga.
- Nem **sempre** se enxergam as disparidades do mundo contemporâneo.
- **Ninguém** nos falou sobre o problema da empresa.
- "Na natureza, **nada** se perde, **nada** se cria, **tudo** se transforma."

➯ Observação:

Se houver pausa depois do advérbio, o pronome ficará enclítico. Se o verbo estiver no futuro, emprega-se a mesóclise.

- **Enfim**, encontrei-**o** na Estação da Luz.
- **Amanhã**, encontrar-**me**-ei com o Luís Antônio para uma conversa de negócios.

3) Pronomes relativos (que, o qual, a qual, os quais, as quais, cujo, cuja, cujos, cujas, onde, quem etc.).

- As informações, **que** te deram, parece terem mexido com o teu íntimo.
- Aquele é o estádio de futebol **o qual** se fez e **o qual** se construiu em poucos meses.
- Este bar é lugar da cidade **onde** se encontram os melhores pratos da cidade.

4) Pronomes demonstrativos (este, esta, isto, aquele, aquela, aquilo etc.).

- Tudo **aquilo** lhe passou despercebido.
- **Esta** me contou uma versão esquisita do caso. **Aquele** nos disse totalmente o contrário desse aí.

5) Conjunções subordinativas (quando, se, já que, porque, embora, enquanto, como, à medida que etc.).

- **À medida que** se estuda, aprende-se mais.
- **Enquanto** me diziam aquilo, eu permanecia imóvel.
- É muito justo **que** o ampares na velhice.
- **Se** me pagar, farei o trabalho **assim que** me sobrar um tempinho.

6) Verbo no gerúndio precedido da preposição "em".

- **Em** se **tratando** de finanças, procure o sr. João Alberto.
- **Em** se **pensando** em viagens, é sempre bom procurar uma boa empresa de turismo.

7) Conjunção coordenativa alternativa.

- **Ou** se casa comigo, **ou** se casa com o meu primo.
- Deixem-me sair, **ou** me deem a vaga de emprego a qual vim à procura.

8.2.1.1 Outros fatores de próclise

Além desses fatores, a próclise é de rigor:

1) Nas orações exclamativas e nas optativas (orações que exprimem desejo):

- Que Deus te proteja.
- Bons ventos os levem em paz!
- Quanto nos é difícil falar a verdade!
- Que terrível revelação nos fizeste!

2) Nas orações interrogativas em que haja pronomes interrogativos:

- Quem vos falou sobre o problema dela?
- Quanto lhe custou o conserto do carro?

3) Com verbos no infinitivo pessoal precedido de preposição:

- Demiti os dois funcionários por se queixarem demais.
- Deixei-os à vontade para se relacionarem melhor com o professor.

8.2.2 MESÓCLISE

Como já se mencionou, a mesóclise consiste na colocação do pronome oblíquo átono no meio do verbo. Isso ocorre apenas com dois tempos do modo indicativo: o futuro do presente e o futuro do pretérito, pois se trata de dois tempos compostos. O futuro do presente é formado pelo INFINITIVO do verbo mais o PRESENTE DO INDICATIVO do verbo HAVER; já o futuro do pretérito é formado pelo INFINITIVO do verbo mais o pretérito imperfeito do verbo HAVER. Logo, o pronome oblíquo átono será colocado entre um INFINITIVO e o verbo HAVER. Observe:

FUTURO DO PRESENTE (Infinitivo + presente do indicativo do verbo "haver"):

Eu comprar + hei ⇨ comprarei = Hei de comprar
Tu comprar + hás ⇨ comprarás = Hás de comprar
Ele comprar + há ⇨ comprará = Há de comprar
Nós comprar + havemos ⇨ compraremos = Havemos de comprar
Vós comprar + haveis ⇨ comprareis = Haveis de comprar
Eles comprar + hão ⇨ comprarão = Hão de comprar

FUTURO DO PRETÉRITO (Infinitivo + pretérito imperfeito do verbo "haver"):

Eu comprar + havia ⇨ compraria = Havia de comprar
Tu comprar + havias ⇨ comprarias = Havias de comprar
Ele comprar + havia ⇨ compraria = Havia de comprar
Nós comprar + havíamos ⇨ compraríamos = Havíamos de comprar
Vós comprar + havíeis ⇨ compraríeis = Havíeis de comprar
Eles comprar + haviam ⇨ comprariam = Haviam de comprar

Dessa forma, teremos:

- Compraria o carro se eu pudesse. = **Comprá-lo-ia** se eu pudesse. (= Havia de comprá-lo se eu pudesse.)

- Encontrá-lo-á deitado numa rede bem vistosa à varanda da casa grande. (= Há de encontrá-lo deitado...)
- Conceder-lhe-íamos o emprego se ele tivesse competência. (= Havíamos de conceder-lhe o emprego...)
- Estabelecer-nos-emos aqui até que a tempestade passe. (= Havemos de estabelecer-nos aqui até...)
- Jogá-lo-ão na lixeira se todas as tentativas falharem. (= Hão de jogá-lo na lixeira se...)
- "Dir-me-eis que não tendes outro modo de vos sustentar". (Pe. Antônio Vieira)

Observações:

a) Não havendo palavra atrativa e estando o futuro do presente ou do pretérito no meio de uma oração, será indistinta tanto a próclise quanto a mesóclise. Observe:

- Ele $\left[\begin{array}{c}\text{me entregará}\\ \text{ou}\\ \text{entregar-me-á}\end{array}\right.$ o pacote amanhã pela manhã.
- Ricardo $\left[\begin{array}{c}\text{se retiraria}\\ \text{ou}\\ \text{retirar-se-ia}\end{array}\right.$ da reunião de qualquer jeito.

b) Se houver palavra atrativa antes do futuro, a próclise será obrigatória.

8.2.3 ÊNCLISE

O pronome oblíquo átono ficará enclítico ao verbo nas seguintes circunstâncias:

1) Quando o verbo iniciar o período.

- Conta-me logo tudo que sabes, Marcílio.
- Fazê-lo será um prazer para mim, d. Joana.
- Perceberam-nos assim que chegamos ao local.

2) Com o verbo no gerúndio, desde que não forme locução verbal ou que não esteja precedido da preposição "em" ou de qualquer elemento de atração.

› Não farei mais a reunião, disse ele, **levantando**-se rapidamente.

› Judas aproximou-se de Cristo; beijando-lhe o rosto, denunciou-o aos soldados de Pilatos.

➯ **Observação:**

Se houver fator de próclise, esta será de rigor. Veja:

› João comprava demasiadamente, **pouco** se importando com o valor das coisas.

3) Com verbos no imperativo afirmativo.

› Deixe a sala agora e entregue-se aos estudos se quiser ser aprovado no final do ano.

› João, escuta-me por alguns minutos, por favor.

4) Com verbos no infinitivo regidos da preposição "a", em se tratando dos pronomes oblíquos vocálicos "o, a, os, as", os quais assumirão, obrigatoriamente, as formas "lo, la, los, las".

› Jamais me recusaria a recebê-los.

› Todos começaram a questioná-las sobre as ideias que defendiam.

› "Acudiu toda a cidade a acompanhá-lo." (Fr. L. de Sousa)

➯ **Observação:**

Não se esqueça de que o infinitivo é uma forma verbal privilegiada. À exceção da regra acima e da próclise com o infinitivo flexionado, diante de

um verbo no infinitivo estão corretas tanto a próclise quanto a ênclise, mesmo com a existência de um fator de próclise. Veja:

▹ Não fizeram absolutamente nada para $\begin{cases}\text{os deter.}\\ \text{ou}\\ \text{detê-los.}\end{cases}$

▹ Tinha um grande desejo de $\begin{cases}\text{a pegar nos braços.}\\ \text{ou}\\ \text{pegá-la nos braços.}\end{cases}$

▹ Para não $\begin{cases}\text{te incomodar}\\ \text{ou}\\ \text{incomodar-te}\end{cases}$ resolvi mudar todos os meus pensamentos.

8.3 COLOCAÇÃO DOS PRONOMES OBLÍQUOS NAS LOCUÇÕES VERBAIS

> A partir de agora, vamos usar o conhecimento acima para posicionar corretamente os pronomes oblíquos dentro das locuções verbais. O assunto não é difícil, mas você precisa estar bem atento às orientações abaixo. Vamos lá!

Primeiramente, vamos relembrar o que é uma locução verbal:

VERBO AUXILIAR + VERBO PRINCIPAL $\begin{cases}\text{INFINITIVO}\\ \text{GERÚNDIO}\\ \text{PARTICÍPIO}\end{cases}$

Dentro de uma locução verbal, o pronome oblíquo poderá assumir uma das seguintes posições:

a) Próclise ao verbo auxiliar ⇛ Colocação sempre possível, exceto se a locução iniciar o período.

b) Ênclise ao verbo auxiliar ⇛ Colocação possível desde que não haja um fator de próclise ou o verbo esteja no futuro.

c) Ênclise ao verbo principal ➯ Colocação sempre possível em se tratando do infinitivo ou do gerúndio. Gramaticalmente, não se admite ênclise a um verbo no particípio.

d) Pronome oblíquo solto no meio da locução verbal (próclise ao verbo principal) ➯ Posição consolidada pelo uso. Já foi combatida por alguns gramáticos, mas hoje plenamente aceita pelo padrão mais formal da língua em virtude do largo emprego nas situações do dia-a-dia.

Observe agora, seguindo as orientações acima, as possíveis colocações dos oblíquos nas locuções verbais:

1. Verbo auxiliar + infinitivo:

a) Os homens devem amar uns aos outros. (se)

➯ Os homens se devem amar uns aos outros. (Próclise ao verbo auxiliar)

➯ Os homens devem-se amar uns aos outros. (Ênclise ao verbo auxiliar)

➯ Os homens devem amar-se uns aos outros. (Ênclise ao verbo principal – infinitivo)

➯ Os homens devem se amar uns aos outros. (Pronome solto no meio da locução)

b) Eu quero dizer muita coisa. (lhe)

➯ Eu lhe quero dizer muita coisa. (Próclise ao verbo auxiliar)

➯ Eu quero-lhe dizer muita coisa. (Ênclise ao verbo auxiliar)

➯ Eu quero dizer-lhe muita coisa. (Ênclise ao verbo principal – infinitivo)

➯ Eu quero lhe dizer muita coisa. (Pronome solto no meio da locução)

c) Não posso abater com essas calúnias. (me)

➯ Não me posso abater com essas calúnias. (Próclise ao verbo auxiliar)

➯ Não posso abater-me com essas calúnias. (Ênclise ao verbo principal – infinitivo)

➯ Não posso me abater com essas calúnias. (Pronome solto no meio da locução)

2. Verbo auxiliar + gerúndio:

a) Os olhos da personagem foram enchendo de lágrimas. (se)

- ➯ Os olhos da personagem se foram enchendo de lágrimas. (Próclise ao verbo auxiliar)
- ➯ Os olhos da personagem foram-se enchendo de lágrimas. (Ênclise ao verbo auxiliar)
- ➯ Os olhos da personagem foram enchendo-se de lágrimas. (Ênclise ao verbo principal – gerúndio)
- ➯ Os olhos da personagem foram se enchendo de lágrimas. (Pronome solto no meio da locução)

b) O empregado afirmou que não estava insultando. (me)

- ➯ O empregado afirmou que não me estava insultando. (Próclise ao verbo auxiliar)
- ➯ O empregado afirmou que não estava insultando-me. (Ênclise ao verbo principal – gerúndio)
- ➯ O empregado afirmou que não estava me insultando. (Pronome solto no meio da locução)

3. Verbo auxiliar + particípio:

a) O time tem dado muitas decepções. (nos)

- ➯ O time nos tem dado muitas decepções. (Próclise ao verbo auxiliar)
- ➯ O time tem-nos dado muitas decepções. (Ênclise ao verbo auxiliar)
- ➯ O time tem nos dado muitas decepções. (Pronome oblíquo solto no meio da locução)

b) E se ele tivesse enganado, o que você faria? (me)

- ➯ E se ele me tivesse enganado, o que você faria? (Próclise ao verbo auxiliar)
- ➯ E se ele tivesse-me enganado, o que você faria? (Ênclise ao verbo auxiliar)
- ➯ E se ele tivesse me enganado, o que você faria? (Pronome oblíquo solto no meio da locução)

c) Onde terá metido aquele menino? (se)

⇨ Onde se terá metido aquele menino? (Próclise ao verbo auxiliar)

⇨ Onde terá se metido aquele menino? (Pronome oblíquo solto no meio da locução)

⇨ **Observações:**

a) Lembre-se de que não se pospõe pronome oblíquo átono a um verbo no particípio.

b) Quando a locução verbal é formada por um verbo auxiliar mais uma preposição e mais o verbo principal, observam-se as mesmas posições elencadas acima à exceção da ênclise ao verbo auxiliar. Veja:

d) Ele há de acostumar em breve com a nova função na empresa. (se)

⇨ Ele se há de acostumar em breve com a nova função na empresa. (Próclise ao verbo auxiliar)

⇨ Ele há de acostumar-se em breve com a nova função na empresa. (Ênclise ao verbo principal – infinitivo)

⇨ Ele há de se acostumar em breve com a nova função na empresa. (Pronome solto entre a preposição e o verbo principal)

8.4 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (FCC) Quando ..... as provas, ... imediatamente.

a) lhes entregarem, corrijam-as.
b) lhes entregarem, corrijam.
c) lhes entregarem, corrijam-nas.
d) entregarem-lhes, corrijam-as.
e) entregarem-lhes, as corrijam.

2. (FCC) Acredito que todos ..... dizer que não ..... .

a) lhe irão, se precipite.
b) lhe irão, precipite-se.

c) irão-lhe, se precipite.
d) irão lhe, precipite-se.
e) ir-lhe-ão, se precipite.

3. (Santa Casa-SP) Devemos ..... da tempestade.

a) resguardar-mos-nos.
b) resguardar-nos.
c) resguardarmos-nos.
d) resguardarmo-nos.
e) resguarda-nos.

4. (Santa Casa-SP) Há um erro de colocação pronominal em:

a) Sempre a quis como namorada.
b) Os soldados não lhe obedeceram as ordens.
c) Todos me disseram o mesmo.
d) Recusei a idéia que apresentaram-me.
e) Quando a cumprimentaram, ela desmaiou.

5. (UFF-RJ) Numa das frases abaixo, a colocação do pronome pessoal átono não obedece às normas vigentes. Assinale-a.

a) Ter-lhe-iam falado a meu respeito?
b) Tenho prevenido-o várias vezes.
c) Quem nos dará as razões?
d) Nunca nos diriam inverdades.
e) Haviam-no procurado por toda parte.

6. (Faap-SP) Assinale a alternativa em que a colocação pronominal desobedece ao que preceitua a gramática:

a) Há muitas estrelas que nos atraem atenção.
b) Jamais dar-te-ia tantas explicações, se não fosse pessoa de tanto merecimento.
c) A este compete, em se tratando de corpo da pátria, revigorá-lo com o sangue do trabalho.
d) Não o realizaria, entretanto, se a árvore não se mantivesse verde sob a neve.
e) Nenhuma das anteriores.

7. (UM-SP) Assinale a alternativa que apresenta erro de colocação pronominal.

a) Você não devia calar-se.
b) Não lhe darei qualquer informação.
c) O filho não o entendeu.

d) Se apresentar-lhe os pêsames, faça-o discretamente.
e) Ninguém quer aconselhá-lo.

8. (Cesesp-PE) Assinale o único período em que há inadequação na colocação pronominal.

a) Nenhuma das questões lhe desagradou.
b) Que Deus me ajude!
c) Quanto nos custa manter a calma!
d) A prova, fi-la sem afobação.
e) Todos retirar-se-iam cedo.

9. (PUCC-SP) Sabendo-se que solecismos são desvios indevidos de regência, concordância e colocação, indique a alternativa que não apresenta nenhum desses desvios, segundo a norma culta:

a) Liliana, te amo perdidamente.
b) Quando saírem com nós, talvez nos contem o caso.
c) As meninas não devem se preocupar com a maquiagem.
d) Entre mim e você, sempre houve compreensão.
e) Esta revista é para mim ler.

10. (UM-SP) Assinale a alternativa em que o pronome pessoal oblíquo poderia ser colocado em duas outras posições:

a) Deixei de cumprimentá-lo.
b) Eles queriam-me enganar.
c) Não te prejudicarei nunca.
d) Os amigos tinham se retirado.
e) Creio que ele não me dará explicações.

GABARITO

1 – C	2 – A	3 – B
4 – D	5 – B	6 – B
7 – D	8 – E	9 – D
10 – B		

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

CAPÍTULO 9

EMPREGO DOS SINAIS DE PONTUAÇÃO

Em primeiro lugar, quero parabenizá-lo por ter chegado até aqui. Espero que você já tenha estudado os outros pontos deste livro, pois o assunto sobre o qual vamos a partir de agora discorrer depende bastante dos conhecimentos anteriores, principalmente do conhecimento sobre sintaxe de oração e de período. Do entendimento com profundidade da oração e dos seus termos, bem como da relação entre as orações, dependerá o sucesso no que diz respeito ao emprego dos sinais de pontuação, uma vez que esta é, na maioria dos casos, uma necessidade sintática. Por isso, convido-o a estudar – se ainda não o fez – aqueles dois assuntos. Adentrar o mundo da pontuação sem dominar os mecanismos básicos da sintaxe é semelhante a tentar resolver um problema de sistema de inequações do segundo grau sem antes ter estudado a resolução de equações do primeiro grau, ou seja, a possibilidade de insucesso é grande. Se já estudou, convido-o então a dar o próximo passo para o seu engrandecimento: vamos juntos entender a aplicação dos diversos sinais que marcam as pausas, a entonação, a mudança semântica e às vezes a melodia do discurso na nossa língua portuguesa.

9.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A princípio é preciso que se estudem as duas principais razões sobre as quais se assenta a pontuação na língua portuguesa. Chamo a essas razões de "bases" da pontuação.

1.ª BASE:

Pontuar é, no mais das vezes, uma necessidade sintática. Isto quer dizer que, para se pontuar bem, deve-se estar atento às funções sintáticas desempenhadas pelos termos e pelas orações, bem como à localização de tais termos e orações no período. Por isso, são inadmissíveis as seguintes pontuações:

a) O ex-presidente da empresa brasileira de correios e telégrafos, viajará na próxima semana.

Regra: Não se separa o sujeito do seu verbo.

b) Por fim, estudou-se o artigo 5.º da Constituição, que confere, aos brasileiros e aos estrangeiros, certos direitos.

Regra: Não se separa por vírgula o verbo do(s) seu(s) objeto(s).

c) A indignação, de muita gente, não transpõe na maioria dos casos o âmbito das conversas privadas.

Regra: Não se separa o nome do(s) seu(s) adjunto(s).

d) O fato que foi revelado nas investigações foi decisivo, para a elucidação do crime.

Regra: Não se separa por vírgula o nome do seu complemento.

Você perceberá que boa parte das regras sempre se refere às funções sintáticas. Daí afirmamos ser a pontuação uma necessidade sintática.

2.ª BASE:

O emprego dos sinais de pontuação pode alterar o sentido e a função sintática de um termo, ou seja, a pontuação, em muitos casos, implicará alterações semânticas e sintáticas. Observe as alterações de sentido e de função sintática entre os pares a seguir:

a) – Ninguém compreende Maria. ⇨ Maria é uma pessoa difícil de se compreender. O termo "Maria" é o objeto direto.

– Ninguém compreende, Maria. ⇨ Maria passa a ser a interlocutora com quem se fala. O termo "Maria" é agora o vocativo.

b) – O empregado falará brevemente com o novo diretor. ⇨ O vocábulo "brevemente" funciona como advérbio de tempo.

– O empregado falará, brevemente, com o novo diretor. ⇨ O vocábulo "brevemente" funciona como advérbio de modo.

c) – Quero ver o que você vai fazer agora, que o novo gerente é um casca-grossa. ⇨ A oração iniciada pelo "que" possui sentido explicativo. O vocábulo "agora" é um advérbio de tempo.

– Quero ver o que você vai fazer, agora que o novo gerente é um casca-grossa. ⇨ A oração iniciada pelo "agora que" possui valor temporal. A locução "agora que" é uma conjunção temporal.

d) Alguém joga uma moeda para cima, pega-a na mão e pergunta:

— É cara ou coroa?

— É coroa, cara.

— Não! Deu cara, coroa!

Observe as alterações semânticas e sintáticas provocadas pelo emprego da vírgula entre os vocábulos "cara" e "coroa".

e) – De fato, meu amigo não fala de medo. ⇨ Aqui o amigo não fala sobre o "medo". "De medo" é objeto indireto.

– De fato, meu amigo não fala, de medo. ⇨ Aqui o amigo não fala porque está com medo. "De medo" é um adjunto adverbial de causa.

f) – Todos foram até a mamãe. ⇨ Aqui "todos" chegaram até a mamãe.

– Todos foram, até a mamãe. ⇨ Aqui "todos" foram, partiram, inclusive "a mamãe".

g) – "Vota Brasil!" ⇨ Aqui o "Brasil" – sujeito – faz a ação de votar. Observe que o verbo "votar" se encontra no presente do indicativo.

– "Vota, Brasil!" ⇨ Aqui o vocábulo "Brasil" passa a exercer a função de "vocativo". O verbo "votar" se encontra agora na segunda pessoa do imperativo afirmativo.

Reiterando: O emprego dos sinais de pontuação – notadamente a vírgula – pode provocar alterações do sentido e da função sintática dos termos.

9.2 PRINCIPAIS SINAIS DE PONTUAÇÃO

Pontuar é, antes de mais nada, dividir o discurso, separar-lhe as partes quando for necessário. Clara definição para o que vem a ser "pontuar" nos deixou o ilustre mestre Celso Pedro Luft: "Pontuar bem é ter visão clara da estrutura do pensamento e da frase. Pontuar bem é governar as rédeas da frase. Pontuar bem é ter ordem no pensar e na expressão".

Para que bem se efetue esse domínio, empregam-se os sinais de pontuação os quais se dividem em sinais de pausa e sinais de entonação ou melódicos.

1. *Sinais de pausa:*

a) a vírgula (,);

b) o ponto (.);

c) o ponto-e-vírgula (;).

2. *Sinais de entonação ou melódicos:*

a) os dois-pontos (:);
b) o ponto de exclamação (!);
c) o ponto de interrogação (?);
d) as reticências (...);
e) as aspas (" ");
f) os parênteses (( ));
g) os colchetes ([ ]);
h) o travessão (–).

➾ Observações:

Outros sinais podem, em alguns contextos, ser empregados para a marcação de melodia e entonação (recursos expressivos), como o hífen, o parágrafo, o destaque de letras e palavras (emprego do negrito, por exemplo).

Abaixo passaremos a estudar detidamente todos os sinais de pontuação. Será um desafio para você. Procure entender a função de cada um. Alertamos, porém, que a melhor maneira para aprender a pontuar bem é ainda por meio das boas leituras. Procure, portanto, aliar o conteúdo abaixo à leitura de bons autores, que certamente o resultado será bastante satisfatório.

9.2.1 EMPREGO DA VÍRGULA (,)

Para estudar o emprego da vírgula, primeiro é preciso entender que ela pode ser usada tanto para isolar termos dentro das orações quanto para separar orações dentro de um período composto. Por isso, dividimos seu emprego em:

9.2.1.1 A vírgula entre os termos de uma oração

Emprega-se a vírgula:

a) Para separar termos coordenados assindéticos (sem ligação por conectivo), de mesma função sintática, que formam, muitas vezes, enumerações.

▹ Deparamo-nos em nossa viagem com uma paisagem paradisíaca na qual se viam o sol, algumas nuvens, o mar ao longe, alguns coqueiros e duas casas numa restinga.

▹ "Havia sermonários latinos, um Marco Marullo, três retóricas, muitas teologias morais, um Euclides, comentários de versões literais de Tito Lívio e Virgílio." (Camilo Castelo Branco)

▹ A vida, o infinito, o sol, o mar, tudo é um louvor a Deus.

➾ **Observações:**

Quando o último elemento de uma série enumerativa vier precedido da conjunção "e", a vírgula é dispensada. Neste caso, diz-se que se fez uma "enumeração fechada", pois o último elemento, introduzido pelo conectivo aditivo "e", finaliza o pensamento, o que não permite inferir que haja outros elementos não mencionados.

▹ Na festa, todos saltavam, riam, cantavam e dançavam freneticamente.

Não se deve empregar a vírgula antes das conjunções "e, ou, nem" quando estas ligarem palavras ou mesmo orações de pequena extensão.

- "Todo ele era atenção e interrogação." (Machado de Assis)
- Nem um nem outro lhe deve ficar obrigado." (A. Herculano)
- "Com ela ou sem ela, tenho por certa a nossa ida." (Machado de Assis)

Emprega-se a vírgula antes do "e" quando este vier repetido antes de cada um dos elementos (polissíndeto).

- "Tua irmã é carinhosa, e doce, e meiga, e casta, e consoladora." (Eça de Queiroz)

b) Para isolar vocativos.

- "Mas olha, meu Telmo, torno a dizer-to: eu não sei como hei de fazer para te dar conselhos." (A. Garrett)
- Que foi, Madalena, há algum problema na comida?
- "De maneira, cristãos, que temos hoje a maior tentação: queira Deus que tenhamos também a maior vitória." (Pe. Antonio Vieira)

c) Para separar adjuntos adverbiais locucionais deslocados dentro da estrutura oracional.

- "A morte de Afonso VI, quase no fim da primeira década do século XII, deu origem a acontecimentos ainda mais graves do que os por ele previstos..." (A. Herculano)
- "Desde as quatro horas da tarde, no calor e silêncio do domingo de junho, o Fidalgo da Torre (...) trabalhava." (Eça de Queiroz)
- "Depois das grandes dores e das lágrimas torrenciais, forma-se também no coração do homem um húmus poderoso..." (José de Alencar)
- "Diante dessa varanda, na claridade forte, pousava a mesa ... ." (Eça de Queiroz)

➾ Observações essenciais:

Os adjuntos adverbiais formados por um só vocábulo – e mesmo os adjuntos adverbiais locucionais, de pequena extensão – dispensam a vírgula, salvo se se quiser conferir-lhes ênfase.

- Iremos hoje ao shopping.
- Todos em princípio discordam do que ele disse.
- Amanhã de manhã chegarão o Presidente da República e toda a sua comitiva.
- "Logo pela primeira vez o caso intrigou a vizinhança." (Lima Barreto)
- "Esta atitude de resto convém ao bacharel... ." (Eça de Queiroz)

Os adjuntos adverbiais terminados no sufixo "-mente" seguem a regra de pontuação dos adjuntos adverbiais simples: ou não se põe nenhuma vírgula, ou se isola o advérbio com vírgula(s) para conferir-lhe ênfase ou alterar-lhe a semântica.

- "É verdade que a guitarra vinha decentemente embrulhada em papel, mas o vestuário não lhe escondia inteiramente as formas." (Lima Barreto)
- "... uma flor consolaria aquela deserdada; mas na disposição dos seres, infelizmente, a Substância que lá devia ser rosa é aqui na Baixa homem de Estado..." (Eça de Queiroz)
- "Realmente, era graciosa e viva nos gestos, olhos cálidos, boca fina e interrogativa." (Machado de Assis)

d) Para isolar apostos explicativos.

- "Vós fostes o aio e amigo de meu senhor... de meu primeiro marido, o Senhor D. João de Portugal..." (A. Garrett)
- "O Dr. Camargo, médico e velho amigo da casa, foi ter com Estácio." (Machado de Assis)
- Recife, cidade cortada por rios, é conhecida como a Veneza brasileira.
- Salomão, filho de Davi, foi um rei sábio.

e) Para isolar o nome do lugar quando seguido de data.

- Palmares, 2 de fevereiro de 2004.

f) Para isolar alguns termos sintáticos – geralmente complementos verbais – postos no início do período (anástrofe), com o intuito de conferir-lhes ênfase, desde que sejam retomados de forma pleonástica por pronome oblíquo.

- As ideias do nosso presidente, já não mais as defendo.
- Aos amigos do alheio, difícil é perdoar-lhes os prejuízos que causam.

g) Para isolar o predicativo do sujeito deslocado dentro da estrutura oracional quando o verbo não é de ligação.

- Triste com a notícia, o rapaz deixou a sala em silêncio.
- O governo, contente com a redução da inflação, interveio junto ao Banco Central para que este diminua a taxa Selic.
- O professor, desesperado, deixou a sala.

h) Para indicar uma elipse (ocultação), geralmente, de um verbo.

- O Brasil sempre exportou carnes; a Argentina, sapatos e couro; a Venezuela, petróleo. (Elipse do verbo "exportar")
- "A moral legisla para o homem; o direito, para o cidadão." (Tomás Ribeiro apud Artur de A. Tôrres)
- Marcos estuda francês, e João, inglês.

i) Para separar expressões explicativas, conclusivas e retificativas, interpostas na oração, como "isto é, a saber, ou seja, por exemplo, ou melhor, outrossim, com efeito, assim, então, por assim dizer, além disso, ademais etc.".

- "Quaresma fez o "Tangolomango", isto é, vestiu uma velha sobrecasaca do general..." (Lima Barreto)
- "Esta singularidade era um símbolo da união, ou melhor, da comunhão que o dono da casa queria que houvesse durante a ceia..." (José de Alencar)
- "O calor úmido das paragens amazonenses, por exemplo, deprime e exaure." (Euclides da Cunha)

j) Para separar os elementos paralelos nas frases proverbiais.

- O velho a estirar, o diabo a enrugar.
- Dinheiro na mão, amigos no portão.

9.2.1.2 A vírgula entre as orações

a) Para separar orações coordenadas assindéticas.

- "Entregou a espingarda a sinhá Vitória, pôs o filho no cangote, levantou-se, agarrou os bracinhos..." (Graciliano Ramos)
- "Os juazeiros aproximaram-se, recuaram, sumiram-se." (Graciliano Ramos)
- "Deus quer, o homem sonha, a obra nasce." (Fernando Pessoa)
- "E agora, José?
  A festa acabou,
  a luz apagou,
  o povo sumiu,
  a noite esfriou." (C. Drummond)

b) Emprega-se a vírgula para separar as orações coordenadas sindéticas, exceto as introduzidas pelo conectivo aditivo "e".

- "... as duas janelas estavam cerradas, mas sentia-se fora o sol faiscar nas vidraças..." (Eça de Queiroz)
- "Não freqüentava botequins, nem fazia noitadas." (Eça de Queiroz)
- "... ora tinha trabalho que me obrigava a fechar o gabinete, ora saía ao domingo para ir passear pela cidade e arrabaldes o meu mal secreto." (Machado de Assis)
- "Note que é só para fazer mal, porque ele é tão religioso como este lampião." (Machado de Assis)
- Não estudas regularmente, logo és um mau aluno.

⇨ Observações:

A vírgula é de rigor antes do "e" aditivo quando vem repetido antes de cada oração (polissíndeto), quando o "e" possui valor adversativo, ou quando

a oração introduzida pelo "e" apresenta sujeito diverso da oração assindética anteposta.

- Preparou-se profundamente para o concurso, e não conseguiu ser aprovado nem na primeira etapa.

> O "e" possui valor adversativo.

- "Cumpriu-se o Mar, e o Império se desfez." (Fernando Pessoa)

> Os sujeitos das orações são diferentes.

- "Rita tratou especialmente do coração, e ninguém o faria melhor." (Machado de Assis)
- *"Rondo-te, e arquejo, e choro, ó cidadela!"* (Olavo Bilac, apud Domingos Paschoal Cegalla)

Boa parte dos conectivos coordenativos admite o deslocamento dentro da oração coordenada de que eles fazem parte. Um bom paradigma nos dão as conjunções coordenativas adversativas (construções possíveis):

- As ideias construídas por ele têm fundamento, mas são inaplicáveis à realidade do dia a dia.

> Posição mais comum – conectivo introduz a oração coordenada sindética.
> A vírgula deve ser aplicada antes do conectivo.

- As ideias construídas por ele têm fundamento; entretanto, são inaplicáveis à realidade do dia a dia.

> pontuação enfática para o conectivo

- As ideias construídas por ele têm fundamento; são inaplicáveis, porém, à realidade do dia a dia.

> conectivo deslocado dentro da oração sindética

- As ideias construídas por ele têm fundamento; são inaplicáveis à realidade do dia a dia, no entanto.

conectivo deslocado dentro da oração sindética

Quando a oração assindética é de considerável extensão, pode-se finalizá-la com um ponto. Depois inicia-se a oração sindética com conectivo adequado, o qual poderá ou não ser isolado por uma vírgula.

- "Quis puxar as de Capitu, mas ainda agora a ação não respondeu à intenção. Contudo, achei-me forte e atrevido." (Machado de Assis)

- "A criação de gado é ali a sorte de trabalho menos imprópriada ao homem e à terra. Entretanto não há vislumbrar nas fazendas do sertão a azáfama festiva das estâncias do Sul." (Euclides da Cunha)

c) Para separar orações subordinadas adjetivas explicativas.

- "Aquele olhar profundo, que parecia despedir os fogos surdos de uma labareda oculta, incutia nela um desassossego íntimo." (José de Alencar)

- O homem, que é mortal, julga-se às vezes eterno.

- "Eu, que já a achava lindíssima, bradaria que era a mais bela criatura do mundo se o receio me não fizesse discreto." (Machado de Assis)

- "Qualquer príncipe italiano, cujo principado é menos do que a sua capital, tem residências dez vezes mais magníficas do que esse bocó de Sanjon." (Lima Barreto)

d) Para separar orações subordinadas adverbiais desenvolvidas quando antepostas à oração principal ou intercaladas nela.

- "Logo que começou a revolver os papéis, a mão do médico tornou-se mais febril." (Machado de Assis)

- O conselheiro, embora não figurasse em nenhum grande cargo do Estado, ocupava elevado lugar na sociedade. (Machado de Assis)

- A audiência foi, conforme atestaram os advogados, bastante positiva para a defesa.

- "Como pregava gratuitamente, o vigário de Caldelas era chamado por todos os mordomos e confrarias festeiras." (Camilo Castelo Branco)

e) Para separar as orações reduzidas (de gerúndio, de infinitivo e de particípio) adverbiais e adjetivas quando antepostas à oração principal ou intercaladas nela.

- "Hoje, pensando melhor, acho que servi de alívio." (Machado de Assis)
- Acabada a balada, retiraram-se os convidados.
- "Provado o roubo, iremos haver a importância dos dois brilhantes ultimamente comprados ao ourives que no-los vendeu." (Camilo Castelo Branco)
- "A Serra do Grão-Mogol, raiando as lindes da Bahia, é o primeiro espécimen dessas esplêndidas chapadas imitando cordilheiras..." (Euclides da Cunha)
- A lagarta, paralisada pelo veneno da vespa, nada poderá fazer para evitar o seu martírio.

f) Para separar orações intercaladas.

- "Venha, acudiu ele, venha o grande o homem." (Machado de Assis)
- Cão que ladra, diz o dito popular, não morde.
- "Onde é que se viu, diziam eles, um imperador que só tem dois palácios?" (Lima Barreto)

9.2.1.3 Não se emprega a vírgula

O emprego da vírgula, como já vimos, obedece a critérios bem definidos. Pode ser empregada tanto entre termos de uma oração quanto entre orações. O interessante é notar que boa parte dos casos estudados se refere a estruturas nas quais existem inversões (ordem indireta). Por causa dessas inversões "pontua-se", emprega-se algum sinal de pontuação para evitar confusões. Logo, a ordem direta, em princípio, dispensa o emprego de sinais de pontuação. Portanto, o estudante da língua-mãe deve estar atento à estrutura do período se quiser empregar bem algum sinal de pontuação. Observe o exemplo abaixo:

- O ex-diretor licenciado da empresa brasileira de correios e telégrafos deverá viajar nas próximas duas semanas.

O período dispensa qualquer sinal de pontuação, porquanto se encontra na ordem direta.

Ademais, não se deve empregar a vírgula:

a) Entre o sujeito e o seu verbo quando juntos, ainda que um preceda ao outro.

- ▷ A indignação de muitos estudantes, não transpõe o âmbito das conversas privadas.
- ▷ Não é fácil, manter-se o equilíbrio entre o direito e o dever.
- ▷ O fato de ter cultivado tantos amigos e granjeado o respeito de todos, é prova suficiente de que ele teve uma vida digna.
- ▷ Fica claro, que deve ser pago ao reclamante o valor referente às horas suplementares.

b) Entre o verbo e o(s) seu(s) complemento(s) quando juntos, ainda que um preceda ao outro.

- ▷ O artigo 273 do CPC garante, ao autor, a antecipação dos efeitos da tutela.
- ▷ Deverão ser entregues ao auditor, todas as cópias, devidamente autenticadas.
- ▷ São vultosos os prejuízos causados pelos sonegadores e pelos corruptos ao povo brasileiro, com os quais, se indigna o motorista.
- ▷ Esclarece o reclamante, que a empresa jamais efetuou qualquer depósito em sua conta vinculada.

c) Entre o nome (substantivo, adjetivo ou advérbio) e o seu complemento quando estão juntos.

- ▷ Ele sempre exerceu uma forte influência, na investigação dos casos de corrupção no Brasil.
- ▷ Não havia mais dúvidas, de que a vida dele era uma questão de dias.
- ▷ Os homens têm-se tornado insensíveis, à dor alheira.

d) Entre o nome (substantivo) e o seu adjunto adnominal.

- ▷ A casa e todos os bens, de nossos avós, foram doados para abrigos de idosos.
- ▷ Ficou durante um bom tempo impressionado com o nome, do marido dela.

e) Entre o nome e a oração subordinada adjetiva restritiva.

vírgulas inadequadas - a oração adjetiva é restritiva

- O homem, que fuma, aumenta a probabilidade de desenvolver câncer de pulmão.

vírgulas inadequadas - a oração adjetiva é restritiva

- O deputado, que é honesto, possui mais facilidade para se reeleger em uma segunda eleição.

⇒ Observação:

Quando a oração adjetiva restritiva é de certa extensão, é lícito empregar a vírgula ao final dela.

- "As famílias que se estabeleceram naquelas encostas meridionais das longas serranias chamadas pelos antigos Montes Marianos, conservaram por mais tempo os hábitos erradios dos povos pastores." (M. Said Ali - *Gramática Secundária da Língua Portuguesa*)

f) Entre a oração principal e a oração subordinada substantiva, salvo a oração subordinada substantiva apositiva.

- Mostrou-se bastante ansioso, por que o problema logo fosse resolvido.
- O deputado secretamente nos disse, que o Brasil certamente passará por uma crise financeira em breve.
- Nosso maior problema fora, que ele não admitia ser cuidado por ninguém.

⇒ Observação:

Se a oração subordinada substantiva vier anteposta à oração principal, a vírgula é de rigor.

- Que ele é o presidente, já se sabia; que ele não tem competência, já se sabia também.
- Quando ocorrerá o evento, não se disse.

9.2.2 EMPREGO DO PONTO (.)

É o principal sinal de pontuação empregado para finalizar as proposições declarativas, simples ou compostas, de sentido completo.

- "Os pés do que entrara apenas faziam um rumor sumido no chão de mármore. Vinha descalço. A sua aljarabia ou túnica era de lã grosseiramente tecida, o cinto uma corda de esparto." (A. Herculano)

- "Estava Ângela na janela da sua casa na "rua do Bispo", quando o marido surdiu da esquina da "Praça nova". Reconheceu-o logo pela corpulência redonda." (Camilo Castelo Branco)

O ponto final também é empregado para:

a) Encerrar a oração adversativa assindética de certa extensão, principalmente quando a oração sindética posposta é aditiva ou adversativa e traz uma ideia nova, um pensamento novo em relação à oração assindética.

- "– Quando era mais jovem, em criança, era natural, ele podia passar por criado. Mas você está ficando moço e ele vai tomando confiança." (Machado de Assis)

- "O mistério que havia entre ambos ninguém o podia entender. E, todavia, a explicação era bem simples: estava no caráter extremamente religioso do califa, na sua velhice e no seu passado de príncipe absoluto." (A. Herculano)

b) Indicar a abreviatura de uma palavra. Neste caso, recebe o nome de "ponto abreviativo".

- pág. ou p.
- prof. (professor)
- Cel. (Coronel)
- Dr. (doutor)
- r. (rua)

9.2.3 EMPREGO DO PONTO-E-VÍRGULA (;)

O ponto-e-vírgula representa uma pausa maior que a vírgula e menor que o ponto final. Não há regras bem delimitadas para o seu emprego. É comum empregar:

a) Para separar os incisos de leis, decretos, portarias etc.

Art. 3.º Constituem objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil:

I – construir uma sociedade livre, justa e solidária;

II – garantir o desenvolvimento nacional;

III – erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir as desigualdades sociais e regionais;

IV – promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação.

b) Para separar orações coordenadas de sentidos opostos.

- A irmã odeia esportes; o irmão ama tudo que exige movimento.
- "O egoísmo vê na revolução um fato que destrói; o gênio contempla na revolução uma idéia que edifica." (Coelho Neto *apud* Jorge Miguel)
- João é um trabalhador; Pedro é um vadio.

c) Para separar orações coordenadas de considerável extensão, principalmente quando em qualquer destas proposições já existe pausa mais fraca assinalada por vírgula.

- A porta ficava à direita da grande coluna de entrada do templo budista; a sala do mestre localizava-se depois dessa porta.
- Nada se comparava ao devaneio sentido naquele momento da sessão de psicoterapia; e contava-me tudo sem restrições.
- À véspera do grande evento, o jovem pianista entregou-se, em seu quarto, ao silêncio e à meditação; e passou as últimas 24 horas em total solidão.
- O governo, depois do confronto com os manifestantes, resolveu negociar; mas os termos da negociação ainda serão analisados pela Procuradoria Regional do Trabalho.

9.2.4 EMPREGO DOS DOIS-PONTOS (:)

Os dois-pontos representam geralmente uma pausa repentina, instantânea, um pouco mais intensa que a vírgula, indicando, na maioria dos casos, uma estrutura incompleta. São empregados para:

a) Separar o verbo de dizer (*dicendi*) do discurso direto (fala) da personagem.

- E a filha, cingindo-lhe ao pescoço, exclamara:

  – E quando vamos? (Camilo Castelo Branco)

- "O romano Aécio teve, porém, piedade de Átila e aos filhos de Teodorico disse: – Ide-vos, porque o império está salvo." (A. Herculano)

b) Enunciar uma enumeração.

- Frequentemente lia os clássicos portugueses: Camões, Camilo, Herculano e Quental.
- Durante a aula, anote as seguintes coisas: principais pontos, as principais definições e as principais aplicações.

c) Separar expressões que explicam ou completam o que foi dito anteriormente.

- "Mal, porém, o marido lhe dava as costas, voltava-lhe a fraqueza: vinham-lhe as lágrimas, tornavam as agonias." (Lima Barreto)
- "Olhe que ambas elas têm nomes inspiradores: uma é Berta, a outra é Laura." (Camilo, apud Arthur de A. Torres)
- "Hoje, a *cobiça* assentou-se *no* lugar da *eqüidade*: o juiz vende a consciência no mercado dos poderosos, como as mulheres de Babilônia vendiam a pudicícia nas praças públicas aos que passavam, diante da luz do dia." (Camilo Castelo Branco)
- "A morte não extingue: transforma; não aniquila: renova; não divorcia: aproxima." (Rui Barbosa, apud Jorge Miguel)

d) Indicar uma citação, alheia ou própria.

- Pensamos como Pitágoras: "Educai as crianças e não será preciso castigar os homens".
- "Disse comigo: 'Que importa ao mundo a vida de um pobre truão'"? (A. Herculano)
- Às margens do Ipiranga, bradou D. Pedro I: "Independência ou morte!".

e) Marcar a supressão de uma conjunção (conectivo).

- Penso hoje que a vocação dele era, de fato, o serviço público: sentia-se suficientemente recompensado pela responsabilidade que lhe cabia.

Supressão de conjunção causal (porque, já que, visto que etc.).

- "Tereza não ouviu o remate da brutal apóstrofe: tinha fugido aturdida e envergonhada." (Camilo Castelo Branco)

Supressão de conjunção causal (porque, já que, visto que etc.).

9.2.5 PONTO DE EXCLAMAÇÃO (!)

É o sinal de pontuação empregado depois de interjeições, palavras ou frases com o intuito de expressar admiração, espanto, surpresa, afeto, cólera, ou seja, estados emotivos.

- "Espanta discrição tamanha na índole de Simão Botelho, e na presumível ignorância de Teresa em coisas materiais da vida, como são um patrimônio!" (Camilo Castelo Branco – Amor de perdição)

- "— O lacaio ficou-se de uma vez! disse o vestido roxo com um movimento de impaciência.
  — É verdade! respondeu distraidamente a companheira." (José de Alencar)

- "Ah! quem pode saber de que outras vidas veio?...
  Quantas vezes, fitando a Via-Láctea, creio
  Todo o mistério ver aberto ao meu olhar!" (Olavo Bilac)

➯ Observação:

Às vezes, aparecem juntos o ponto de exclamação e o ponto de interrogação, imprimindo à frase tanto um caráter exclamativo quanto um caráter interrogativo.

- "É a história. E história assim poderá ouvi-la a olhos enxutos a mulher, a criatura mais bem formada das branduras da piedade, a que por vezes traz consigo do céu um reflexo da divina misericórdia?!" (Camilo Castelo Branco)

- "Como queres que eu vá, triste e sozinho,
  Casando a treva e o frio de meu peito
  Ao frio e à treva que há pelo caminho?!" (Olavo Bilac)

9.2.6 PONTO DE INTERROGAÇÃO (?)

É o sinal de pontuação usado depois de palavras e frases interrogativas.

- "Não haveria castigo que me tirasse semelhante remorso da consciência, fosse de que modo fosse, perpetrado o assassinato. Que acha você?

  — Eu também; mas você sabe o que dizem esses políticos que sobem às alturas com dezenas de assassinatos nas costas?" (Lima Barreto)

- "Não foi preciso romper o sobrescrito, porque vinha aberta.

  — É de meu pai... disse Amâncio.

  — Ah! é do velho Vasconcelos?... Como vai ele?" (Aluísio Azevedo)

- "Lembras-te? Um dia me disseste:

  "Tudo acabou!" E eu exclamei:

  "Se vais partir, por que vieste?" (Olavo Bilac)

Observação:

Nas interrogativas indiretas, o ponto de interrogação é dispensado.

- "Perguntou ao arreeiro se conhecia alguma casa em Viseu onde ele pudesse estar escondido uma noite ou duas, sem receio de ser denunciado." (Camilo Castelo Branco)

- "Não ficaram estes contentes e procuraram indagar quem era o dono da casa." (Lima Barreto)

9.2.7 RETICÊNCIAS (...)

É o sinal de pontuação empregado para indicar a supressão de um pensamento, de uma ideia. O emprego das reticências – chamadas também de "pontos de reticência" – procura aproximar ao máximo o leitor do estado de espírito do falante.

- "No seu tempo, dizia o cônego, o pároco era um rapaz franzino, acanhado, cheio de espinhas carnais... " (Eça de Queiroz)

- "— Vamos, Eugênio. São horas... vamos apartar os bezerros e tocar as vacas para a outra banda." (Bernardo Guimarães)

- "E os senhores, a serem cá de Lisboa, hão de dizer que sim. Mas nós..." (A. Garret)

➾ Observação:

Às vezes as reticências aparecem combinadas com o ponto de exclamação ou com o ponto de interrogação.

- "És filho de teu pai!... Não importa." (A. Herculano)
- "Para que tornar-lhe a morte mais aflitiva pela certeza...?" (Machado de Assis)

9.2.8 ASPAS (" ")

As aspas são sinais de pontuação geralmente empregados nas citações ou transcrições para distingui-las da parte restante do discurso. As aspas, portanto, indicarão o início e o fim do discurso alheio.

- Depois de se conservar algum tempo em silêncio, exclamou:

  "Se os mensageiros dos levantados não chegarem até o anoitecer, não falemos mais nisso." (A. Herculano)
- A maçã parecia um creme! Até a mana Josefa disse: "Está tão boa que parece que foi cozida em água benta!" (Eça de Queiroz)
- Supôs-se naquele tempo um desgraçado, um caipora, quando a verdade era que "mais vale quem Deus ajuda, do que quem cedo madruga". (Machado de Assis)
- O *Times* dizia o ano passado: "Desorganizado está o partido cujo acordo reduz-se a reconhecer o princípio negativo de que *a função da oposição consiste em opor-se*". (Rui Barbosa)

Além desse emprego mais frequente das aspas, elas são também usadas para:

a) Enfatizar um termo, uma palavra ou uma expressão dentro da estrutura oracional.

- Os pais sorriam-se cheios de satisfação da ingenuidade do "mestrinho", como daí em diante o chamavam, e não lhe levavam a mal as suas longas e quotidianas ausências. (Bernardo Guimarães)
- Aprendeu a "artinha" musical na terra do seu nascimento, nos arredores de Diamantina, em cujas festas de igreja a sua flauta brilhara, e era tido por muitos como o primeiro flautista do lugar. (Lima Barreto)

▹ Margarida já está ficando uma senhora, e você não pode tratar "a ela" agora como no tempo em que brincavam juntos o "esconde-esconde". (Bernardo Guimarães)

b) Salientar palavras de outras línguas – estrangeirismos – usadas dentro de um período.

▹ "Diex le volt!" E, barão entre os barões primeiros
Foste, através da Europa, ao Sepulcro ameaçado. (Olavo Bilac)

▹ Tenho que lá estar
E acreditem, o cansaço antecipado é tão grande
Que, se o "Sud Express" soubesse, descarrilava... (Fernando Pessoa)

▹ Deu-lhe dinheiro para voltar, um chapéu de cortiça, umas perneiras, um cachimbo e uma lata de fumo "Navy Cut"; ... (Lima Barreto)

c) Isolar o discurso de um personagem em textos narrativos. Geralmente isso ocorre quando se trata de discursos únicos, de pouca extensão.

▹ São retratos que valem por originais. O de minha mãe, estendendo a flor ao marido, parece dizer: "Sou toda sua, meu guapo cavalheiro!" (Machado de Assis)

▹ Não pude ouvir as palavras que tio Cosme entrou a dizer. Prima Justina exortava: "Prima Glória! Prima Glória!". José Dias desculpava-se: "Se soubesse, não teria falado, mas falei pela veneração, pela estima, pelo afeto, para cumprir um dever amargo, um dever amaríssimo..." (Machado de Assis)

d) Salientar gírias, arcaísmos e formas populares que fogem do nível da fala usada pelo autor do texto.

▹ Toda a província o aterrava: via-se lá obscuro, jogando a manilha na Assembleia, morrendo de caquexia. Por isso não "arredava pé"; e esperava, com a tenacidade do plebeu sôfrego, uma clientela rica, uma cadeira na escola, um cupê para as visitas, uma mulher loura com dote. (Eça de Queiroz)

▹ Passam as "chuvas do caju" em outubro, rápidas, em chuvisqueiros prestes delidos nos ares ardentes, sem deixarem traços; ... (Euclides da Cunha)

e) Indicar – algumas vezes de forma irônica – o emprego de palavras em sentido diverso do que lhe é habitual.

▹ Cruzamos a povoação em todos os sentidos, procurando rastrear algum vestígio. Confrontar algum sítio onde pudéssemos colocar, pela mais atrevida

suposição que fosse, a tenda do nosso Alfageme com as suas espadas bem "corrigidas", as suas armaduras luzentes e bem postas. (A. Garret)

- Um desses "oficiais" defensores da legalidade era o Capitão Virgulino Ferreira, o Lampião. (Raquel de Queiroz)

⇨ **Observação:**

Quando se quer enfatizar um termo ou expressão que já se encontra entre aspas, devem ser usadas as aspas simples (' ').

- Uma manhã, depois de um grande silêncio de Basílio, recebeu da Bahia uma longa carta, que começava: "Tenho pensado muito e entendo que devemos considerar a nossa inclinação como uma 'criancice'..." (Eça de Queiroz)

9.2.9 PARÊNTESES (( ))

Os parênteses são frequentemente usados na escrita para isolar termos, palavras, expressões e orações intercalados na estrutura oracional e muitas vezes deslocados dentro dela. Por isso, são empregados para:

a) Isolar – à semelhança do emprego da vírgula e do travessão – termos, notas e orações acessórios, intercalados no período.

- "A entrada ao que me dizem (eu nunca entrei a barra) é um panorama grandioso, rival das Constantinoplas e das Nápoles." (Eça de Queiroz)
- "Se eu morrer – e ainda bem! – antes desse dia (dia, talvez, inevitável!), deixarei dito a Mafalda que seja sempre o que tua mãe e eu fomos para ti: o coração devotado sem condições." (Camilo Castelo Branco)
- "Posto que nascido na roça (donde vim com dous anos) e apesar dos costumes do tempo, eu não sabia montar, e tinha medo ao cavalo." (Machado de Assis)
- "Um criado (o espanhol) acendeu o gás. Os outros convivas seguiram o primeiro, escolheram charutos e os que ainda não conheciam o gabinete admiraram os móveis bem-feitos e bem dispostos." (Machado de Assis)

b) Isolar palavras e expressões de valor explicativo dentro do período à semelhança do emprego da vírgula e do travessão.

- "Chegamos ao Inn (estalagem), triste casa solitária no meio dos campos à borda da estrada." (A. Garret)

- "Olha para si, para as chinelas (umas chinelas de Túnis, que lhe deu recente amigo, Cristiano Palha), para a asa, para o jardim, para a enseada, para os morros e para o céu; e tudo, desde as chinelas até o céu, tudo entra na mesma sensação de propriedade." (Machado de Assis)

c) Isolar – à semelhança da vírgula e do travessão – a oração adjetiva explicativa:

- "Se os homens (que, em geral, são maus os homens todos)
  Te insultarem a crença, e a cobrirem de apodos,
  Que dirás, que farás contra essa gente inculta?" (Olavo Bilac)

- "O vaqueiro separa escrupulosamente a grande maioria de novas cabeças pertencentes ao patrão (nas quais imprime o sinal da fazenda) das poucas, um quarto, que lhe couberam por sorte." (Euclides da Cunha)

d) Indicar o comportamento da(s) personagem(ns) em textos narrativos ou peças escritas para o teatro.

- "Não tem outro defeito; é uma alma lavada, e amiga da sua amiga. Verdade, que, às vezes... (aqui a prelada ergueu-se a escutar nos dormitórios, e fechou por dentro a porta); ..." (Camilo Castelo Branco)

- "Ágata (caindo de joelhos aos pés de Júlio)

"— Mas mata-me! Mata-me, por piedade! Antes a morte, que ver, com esses desprezos, o coração rasgado fibra a fibra!" (Eça de Queiroz)

e) Isolar orações subordinadas reduzidas e desenvolvidas intercaladas.

- "Quando eu referi a Escobar aquela opinião de minha mãe (sem lhe contar as outras naturalmente) vi que o prazer dele foi extraordinário." (Machado de Assis)

- "— De resto, segundo ele, a fêmea era um ente subalterno; o homem deveria aproximar-se dela em certas épocas do ano (como fazem os animais, que compreendem estas coisas melhor que nós), fecundá-la, e afastar-se com tédio." (Eça de Queiroz)

- "O único expediente regular (para revogar uma lei que não se acha de acordo com as necessidades de uma nação) é o remédio que pode provir do Poder Legislativo." (Rui Barbosa)

f) Isolar o advérbio latino "*sic*", que significa "assim", usado quando se quer atestar a fidelidade de um texto transcrito. Geralmente os escritores mais modernos o usam quando há desvio da norma culta no trecho transcrito.

- Nessa altura, entrava em detalhes secretos da vida feminina e aduzia: "foi uma grande tristeza em saber que o doutor R. S. sabe de teus particulares moral" (*sic*). (Lima Barreto)

⇨ Observação:

Como se pode perceber pelas orientações acima, os parênteses também substituem a vírgula e o travessão, embora não seja comum na língua pátria essa substituição.

9.2.10 COLCHETES ([ ])

Os colchetes apresentam emprego semelhante ao dos parênteses. Aliás, os colchetes são considerados como "parênteses em forma angular" ou "parênteses quadrados". O emprego mais largo deste sinal ocorre na matemática, quando os colchetes precedem os parênteses numa equação.

9.2.11 TRAVESSÃO (–)

É o sinal de pontuação representado por um traço de certa extensão, um pouco mais longo que o hífen, que geralmente simboliza pausas dentro da estrutura oracional. Logo, emprega-se para:

a) Substituir a vírgula e até mesmo os parênteses, indicando uma pausa mais extensa, mais profunda, mais enfática.

- "Todo aquele dia lhe aparecia como enevoado, sem contornos, à maneira de um sonho antigo – onde destacava a cara balofa e amarelada do padre, e a figura medonha de uma velha, que estendia a mão adunca, com uma

sofreguidão colérica, empurrando, rogando pragas, quando, à porta da igreja, Jorge comovido distribuía patacos." (Eça de Queiroz)

- "Entre quarenta e oito liberais de um lado, que sustentam o projeto, e quarenta e um conservadores do outro, que o combatem, vós – *os nove* – preferis fundir-vos na minoria inimiga do vosso partido, para com essa aliança constituir maioria hostil ao gabinete." (Rui Barbosa)

- "Boas, ou más, justas, ou falsas, liberais, ou revolucionárias, dêem-lhes lá os qualificativos que quiserem (depois os discutiremos), – a verdade é que o que, precisamente, se não podia esperar do redator-chefe desta folha, eram outras opiniões, outras conclusões, outras atitudes, que não as mantidas por ele nestas colunas." (Rui Barbosa – *Obras seletas*)

➯ Observação:

Perceba que o emprego de um sinal de pontuação não elide o emprego de um outro. Prova disso é o último exemplo extraído de um discurso do mestre Rui Barbosa, cujos termos foram publicados em 2 de abril de 1889, em um diário de notícias daquele tempo.

- Quando ele chegou às 9h45min – ele sempre chegava atrasado –, o diretor já fizera os comentários iniciais.

b) Para indicar a mudança de interlocutor nos discursos narrativos.

- "Na varanda achei prima Justina, passeando de um lado para outro. Veio ao patamar e perguntou-me onde estivera.

  — Estive aqui ao pé, conversando com D. Fortunata, e distraí-me. É tarde, não é? Mamãe perguntou por mim?

  — Perguntou, mas eu disse que você já tinha vindo." (Machado de Assis)

9.3 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (Juiz de Direito – TJ/SP) Assinale a alternativa correta quanto à pontuação.

a) É certo que um acordo, embora, às vezes, possa haver condições não almejadas pelas partes, torna-se mais vantajoso, após anos de litigância, do que a expectativa de uma decisão desfavorável.

b) É certo, que um acordo, embora às vezes possa haver condições, não almejadas, pelas partes, torna-se mais vantajoso após anos de litigância, do que a expectativa de uma decisão, desfavorável.

c) É certo, que um acordo, embora, às vezes, possa haver, condições não almejadas pelas partes, torna-se, mais vantajoso, após anos de litigância, do que a expectativa de uma decisão desfavorável.

d) É certo que um acordo, embora, às vezes, possa haver, condições não almejadas, pelas partes, torna-se mais vantajoso após anos de litigância do que a expectativa de uma decisão desfavorável.

2. (UFRS) Assinale o texto de pontuação **correta**.

a) Eu, posto que creia no bem não sou daqueles que negam o mal.

b) Eu, posto que creia, no bem, não sou daqueles, que negam, o mal.

c) Eu, posto que creia, no bem, não sou daqueles, que negam o mal.

d) Eu, posto que creia no bem, não sou daqueles que negam o mal.

e) Eu, posto que creia no bem, não sou daqueles, que negam o mal.

3. (Fuvest-SP) Assinale a alternativa em que o texto esteja **corretamente** pontuado.

a) Enquanto eu fazia comigo mesmo aquela reflexão, entrou na loja um sujeito baixo sem chapéu trazendo pela mão, uma menina de quatro anos.

b) Enquanto eu fazia comigo mesmo aquela reflexão, entrou na loja, um sujeito baixo, sem chapéu, trazendo pela mão, uma menina de quatro anos.

c) Enquanto eu fazia comigo mesmo aquela reflexão, entrou na loja um sujeito baixo, sem chapéu, trazendo pela mão uma menina de quatro anos.

d) Enquanto eu, fazia comigo mesmo, aquela reflexão, entrou na loja um sujeito baixo sem chapéu, trazendo pela mão uma menina de quatro anos.

e) Enquanto eu fazia comigo mesmo, aquela reflexão, entrou na loja, um sujeito baixo, sem chapéu trazendo, pela mão, uma menina de quatro anos.

4. (Cefet-PR) Assinale o item em que o texto está **corretamente** pontuado.

a) Não nego, que ao avistar a cidade natal tive uma sensação nova.

b) Não nego que ao avistar, a cidade natal, tive uma sensação nova.

c) Não nego que, ao avistar, a cidade natal, tive uma sensação nova.

d) Não nego que ao avistar a cidade natal tive uma sensação nova.

e) Não nego que, ao avistar a cidade natal, tive uma sensação nova.

5. (FCC – Soldado PM/BA) Está inteiramente correta a pontuação da seguinte frase:

a) Ao longo do tempo, verificou-se que o homem é capaz de se valer de suas experiências, sobretudo as mais marcantes, para se prevenir contra tudo o que possa vir a representar uma ameaça para ele.

b) Ao longo do tempo verificou-se, que o homem, é capaz de se valer de suas experiências, sobretudo as mais marcantes para se prevenir contra tudo, o que possa vir a representar uma ameaça para ele.

c) Ao longo do tempo, verificou-se que o homem é capaz, de se valer de suas experiências, sobretudo, as mais marcantes, para se prevenir, contra tudo o que possa vir a representar, uma ameaça para ele.

d) Ao longo do tempo verificou-se que, o homem, é capaz de se valer, de suas experiências, sobretudo as mais marcantes para se prevenir contra tudo o que o que possa vir a representar: uma ameaça para ele.

e) Ao longo do tempo, verificou-se, que o homem é capaz de se valer de suas experiências, sobretudo as mais marcantes para se prevenir contra tudo o que possa vir a representar: uma ameaça para ele.

6. (FMU-SP) Em: "A menina, conforme as ordens recebidas, estudou":

a) há erro na colocação das vírgulas.

b) a primeira vírgula deve ser omitida.

c) a segunda vírgula deve ser omitida.

d) a forma de colocação das vírgulas está correta.

e) n.d.a.

7. (UM-SP) Os trechos a seguir tiveram sinais de pontuação suprimidos e alterados. Aponte aquele cuja pontuação permaneceu gramaticalmente **correta**.

a) A ideia do ministro extraordinário dos Esportes, Édson Arantes do Nascimento, o Pelé de colocar na cadeia "os meninos" que participam de brigas entre torcidas organizadas é para ficar no jargão esportivo, uma "bola fora".

b) Parece que, o Pelé do milésimo gol, que pedia escola para "esses meninos", também era bem mais sábio do que o que hoje lhes propõe "cadeia".

c) Os otimistas olham e dizem: Ah, está meio cheio. Mas os pessimistas, vêem o mesmo copo, a mesma quantidade de água e acham que está meio vazio.

d) A pesquisa, descrita na edição de hoje da revista científica britânica "Nature", é mais um dado na busca pelos cientistas de compreender os mecanismos moleculares da embriogênese, ou seja, a formação e o desenvolvimento dos seres vivos.

e) Como os bens públicos não podem ser penhorados os precatórios entram em ordem cronológica no orçamento do governo.

8. (FCC – Analista Judiciário – TRF 3.ª Região) É preciso **suprimir** uma ou mais vírgulas na seguinte frase:

a) É possível que, em vista da quantidade e de seu poder de sedução, as ficções de nossas telas influenciem nossa conduta de forma determinante.

b) Independentemente do mérito dos professores, as escolas devem, com denodo, estimular os sonhos dos alunos.

c) É uma pena que, hoje em dia, tantos e tantos jovens substituam os sonhos pela preocupação, compreensível, diga-se, de se inserir no mercado de trabalho.

d) O fato de serem, os adolescentes de hoje, tão "razoáveis", faz com que a decantada rebeldia da juventude dê lugar ao conformismo e à resignação.

e) Se cada época tem os adolescentes que merece, conforme opina o autor, há também os adolescentes que não merecem os adultos de sua época.

9. (Fesb-SP) Assinale a alternativa correspondente ao período de pontuação **correta.**

a) Na espessura do bosque, estava o leito da irara ausente.

b) Na espessura, do bosque; estava o leito, da irara ausente.

c) Na espessura do bosque; estava o leito, da irara, ausente.

d) Na espessura, do bosque estava o leito da irara ausente.

e) Na espessura, do bosque estava, o leito da irara ausente.

10. (Fuvest-SP) Assinale a alternativa em que o texto está pontuado **corretamente.**

a) Matias, cônego honorário e, pregador efetivo estava compondo um sermão quando começou o idílio psíquico.

b) Matias, cônego honorário e pregador efetivo, estava compondo um sermão, quando começou o idílio psíquico.

c) Matias cônego honorário e pregador efetivo estava compondo um sermão quando começou o idílio psíquico.

d) Matias cônego honorário e pregador efetivo, estava compondo um sermão quando começou o idílio psíquico.

e) Matias, cônego honorário e, pregador efetivo, estava compondo um sermão quando começou o idílio psíquico.

GABARITO

1 – A	2 – D	3 – C
4 – E	5 – A	6 – D
7 – D	8 – D	9 – A
10 – B		

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

IV

PARTE ESPECIAL

CAPÍTULO 1

EMPREGO DO INFINITIVO

1.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Sem dúvida nenhuma, estamos aqui diante de um dos assuntos mais complexos da língua portuguesa. Afinal, quem nunca teve dúvidas com estruturas do tipo: "Estas coisas estão aqui para SER (ou SEREM) organizadas pelos funcionários?".

Neste capítulo, estudaremos as regras que orientam o emprego do infinitivo em português — um assunto geralmente cobrado nos grandes concursos. Salientamos de antemão que aqui não conseguiremos exaurir todas as possíveis aplicações desta forma nominal.

Em primeiro lugar, cumpre dizer que o infinitivo é uma forma nominal do verbo, ou seja, é um nome (no caso, funciona como um "substantivo") que designa a ação ou estado de modo geral.

- Dançar faz bem aos músculos.
- É importante comer bem para evitar problemas cardíacos.
- É proibido vender bebidas alcoólicas a menores.
- Falar alto prejudica as pregas vocais.

Percebe-se, com os exemplos acima, que as ações verbais fazem abstração do sujeito e do tempo, ou seja, a ação verbal não apresenta o ser que as pratica e não se situa em nenhum tempo (passado, presente ou futuro).

Na língua portuguesa, o infinitivo apresenta-se tanto na forma impessoal (também chamada de "não flexionada") quanto na forma pessoal (também chamada de "flexionada").

O infinitivo impessoal é marcado pela desinência "-r". Já o infinitivo pessoal apresenta as seguintes desinências:

- 1.ª conjugação ⇒ -ar, -ares, -ar, -armos, -ardes, -arem.
- 2.ª conjugação ⇒ -er, -eres, -er, -ermos, -erdes, -erem.
- 3.ª conjugação ⇒ -ir, -ires, -ir, -irmos, -irdes, -irem.

1.ª conjugação	*2.ª conjugação*	*3.ª conjugação*
AMAR	**VENDER**	**PARTIR**
am**ar** (eu)	vend**er** (eu)	part**ir** (eu)
am**ares** (tu)	vend**eres** (tu)	part**ires** (eu)
am**ar** (ele)	vend**er** (ele)	part**ir** (ele)
am**armos** (nós)	vend**ermos** (nós)	part**irmos** (nós)
am**ardes** (vós)	vend**erdes** (vós)	part**irdes** (vós)
am**arem** (eles)	vend**erem** (eles)	part**irem** (eles)

⇒ Observações:

a) Os verbos regulares apresentam a mesma forma para o infinitivo pessoal e o futuro do subjuntivo. A distinção entre um e outro é perceptível no emprego. O futuro do subjuntivo, primeiramente, apresenta um fato duvidoso, eventual ou hipotético no futuro, enquanto o infinitivo não situa a ação no tempo. Ademais, o futuro do subjuntivo admite a anteposição de conjunções subordinadas, como "quando" e "se", ao passo que o infinitivo as rejeita — este admite apenas a anteposição de preposições. Observe abaixo:

▸ Se ganhar o prêmio, comprarei dois novos livros.
futuro do subjuntivo

- Adquiri dois bilhetes para ganhar o prêmio que será sorteado.
  infinitivo

- Quando comprarmos o carro, viajaremos para São Paulo.
  futuro do subjuntivo

- O banco liberou o empréstimo para comprarmos o apartamento.
  infinitivo

b) Quando o verbo é irregular, o infinitivo é distinto do futuro do subjuntivo.

infinitivo pessoal, 3.ª pessoa do plural
- A proporem um diálogo sem fundamentação teórica, prefiro contarem piadas sem graça.

futuro do subjuntivo, 3.ª pessoa do plural
- Se eles propuserem um diálogo sem fundamentação teórica, retirar-me-ei do recinto.

futuro do subjuntivo, 3.ª pessoa do plural
- "Um dia quando todos os livros forem queimados por inúteis, há de haver algum, ... , que ensine esta verdade aos homens." (Machado de Assis)

- "Não são só palavras, primo — retorquiu Teresa com gravidade — são sentimentos que merecem a sua estima, por serem verdadeiros." (Camilo Castelo Branco)
  infinitivo pessoal, 3.ª pessoa plural

1.2 AS DUAS MÁXIMAS PARA O EMPREGO DO INFINITIVO

Várias são as orientações para o emprego do infinitivo que se encontram nos manuais gramaticais portugueses. Muitas apresentam contradições; outras, verdadeiros equívocos; outras ainda são confusas, difíceis de entender. Em duas orientações, porém, todos são unânimes. Daí por que consideramos essas duas regras como "máximas" para o emprego do infinitivo, e por elas devem se guiar os que pretendem empregar corretamente essa forma nominal.

I – Emprega-se o INFINITIVO IMPESSOAL (NÃO FLEXIONADO) quando a ação por ele expressa não se refere a nenhum agente determinado, ou seja, o infinitivo é essencialmente impessoal.

- Querer é poder.
- Lutar pela pátria é um ato de coragem.

- O maior mandamento é este: amar a Deus sobre todas as coisas e amar o próximo como a si mesmo.
- "Não será aleive atribuir-lhe uma pouca de astúcia ou hipocrisia, se quiserem; perspicácia seria mais correto dizer." (Camilo Castelo Branco)
- "Voar! varrer o céu com as asas poderosas,
  Sobre as nuvens! correr o mar das nebulosas,
  Os continentes de ouro e fogo da amplidão!..." (Olavo Bilac)
- "No meio destas dissertações acadêmico-literárias vem o A. a descobrir que para tudo é preciso ter fé neste mundo." (A. Garrett)

II – Emprega-se o INFINITIVO PESSOAL (FLEXIONADO) quando o infinitivo possui sujeito próprio — expresso ou não —, ou seja, o infinitivo é essencialmente pessoal.

- O fazendeiro comprou dois novos cavalos para correrem no pátio da fazenda. (O sujeito do verbo "correr" é o termo elíptico "dois novos cavalos".)
- É fundamental partires agora, meu filho. (O sujeito do verbo "partir" é o pronome pessoal elíptico "tu".)
- "Em vez de com eles se animarem os soldados, antes se desanimam e desalentam." (Pe. Antônio Vieira *apud* Theodoro H. Maurer Jr.)
- "Endireitar Oza a arca do Testamento que ia descaindo, por causa dos bois recalcitrarem, não parecia grave irreverência." (Manuel Bernardes *apud* Theodoro H. Maurer Jr.)
- "Que os levasse o diabo os ingleses! Isto não ficava direito sem irem todos eles barra fora." (Machado de Assis)
- "Cerrai a porta, que há aí alguns vizinhos de andares altos, que já murmuram sermos nós ruins gastadores de tempo." (Castilho *apud* Souza da Silveira)

➾ Observação:

Quando o sujeito do infinitivo é o mesmo sujeito do verbo da oração antecedente, a flexão do infinitivo torna-se facultativa. Neste caso, deve-se dar preferência ao infinitivo não flexionado, por ser mais eufônico, mais elegante para o período.

- Tu não tens problemas apesar de **ESTAR** /ou/ **ESTARES** com o rosto turbado.

O sujeito do verbo "estar" é o mesmo sujeito
da oração que o antecede: "tu"

- Pedro e João foram acusados de **BOICOTAR** /ou/ **BOICOTAREM** a greve.
- Deixastes a sala para **FAZER** /ou/ **FAZERDES** um comentário com o chefe?
- Nós sempre fomos pontuais em **ELABORAR** /ou/ **ELABORARMOS** os relatórios do setor.
- Muitos jovens lutam bastante a fim de **CRIAR** /ou/ **CRIAREM** um mundo melhor.
- Os mais diversos países do planeta vêm buscando formas de **SE APROXIMAR** e **DE INCREMENTAR** /ou/ **SE APROXIMAREM** e **DE INCREMENTAREM** suas relações econômicas, sociais e culturais.

A partir dessas duas orientações, ficamos mais tranquilos quanto ao estudo dos demais casos em que se emprega um ou outro tipo de infinitivo, pois sabemos que os outros casos sempre comportam exceções, o que torna o emprego do infinitivo uma das mais difíceis tarefas para o estudioso da língua portuguesa.

Como tantos outros estudiosos, tentaremos sistematizar alguns outros empregos do infinitivo, sem a menor pretensão, entretanto, de exaurir o assunto.

Além das duas primeiras regras, acima estudadas, emprega-se também o infinitivo nos casos apresentados a seguir.

1.3 INFINITIVO IMPESSOAL

a) Quando apresenta sentido de imperativo.

- "Viver é lutar." (Gonçalves Dias *apud* M. Said Ali)
- "Caminhar! Caminhar!... O deserto primeiro,
  O mar depois... Areia e fogo... Foragida,
  A tua raça corre os desastres da vida,
  Insultada na pátria e odiada no estrangeiro!" (Olavo Bilac)

b) Quando vem regido das preposições "de" ou "em", com sentido passivo — embora apresente forma "ativa" —, completando certos adjetivos, tais como "fácil, difícil, duro, raro, capaz, bom, mau, digno, impossível" e outros.

- "Eu não sou muito difícil em admitir prodígios quando não sei explicar os fenômenos por outro modo." (A. Garrett)

- "O rapaz está caído por alguma das tais francesinhas; e elas que são umas jibóias!... Finas como um alhambre, mas capazes de engolir um homem!..." (José de Alencar)

- "Diante do jockey, sem chapéu, com a face a estoirar de sangue, gritava-lhe que era indigno de estar ali, entre gente decente!" (Eça de Queiroz)

c) Quando vem regido da preposição "para" e apresenta sentido indiscutivelmente passivo.

- "Foi ela que me recomendou aqueles dois quadrinhos, quando andávamos os três, a ver coisas para comprar." (Machado de Assis)

- "— Perderia a fala com o susto — aventou o cabo, e sacudiu-a pelos ombros para lhe desemperrar a língua." (Camilo Castelo Branco)

Observação:

Nos dois últimos exemplos acima, as estruturas podem ser convertidas para "... coisas para ser compradas." e "... para ser desemperrada a língua dela.", respectivamente.

d) Quando, embora não preposicionado, apresenta sentido claramente passivo.

- "O mesmo dia os viu batizar." (Machado de Assis, apud Gladstone C. de Melo)

- "... nada mais fácil ao sr. professor do que fazer a demonstração prática de tudo isso, levando para a escola diversos frutos, anatomizando-os, e fazendo-os anatomizar pelos seus discípulos." (Castilho *apud* Sousa da Silveira)

Observação:

Nos dois exemplos acima, os infinitivos podem ser claramente substituídos por "serem batizados" e "serem anatomizados".

e) Quando forma locução verbal (construção perifrástica). Neste caso, funcionarão, geralmente, como auxiliares do infinitivo, verbos do tipo "vir, ter, haver, dever, poder, costumar, começar, continuar, tornar, querer, estar, ficar". Muitas destas construções aparecem ligadas por preposições como "a, de, por".

- Afinal vim a saber o que acontecera.
- A construção da igreja está por acabar.
- Parece que vai chover hoje à tarde.
- Tenho de estudar para a prova de amanhã.
- Nada podia fazer sem que ele consentisse.
- Todos costumam sair aos sábados para as baladas.

f) Quando, regido da preposição "a", equivale a um gerúndio em locução verbal com os verbos auxiliares "estar, ficar" entre outros, construção esta muito usual em Portugal.

- Todos os passantes estavam a dormir naquele momento. (Isto é, "estavam dormindo")
- "— Bem dizia eu que aquela janela...
  — É a janela dos rouxinóis...
  — Que lá estão a cantar." (Camilo Castelo Branco)

g) Quando o infinitivo é dependente de verbos como "ver, ouvir, mandar, fazer, deixar" e análogos, numa estrutura em que se empregue um pronome pessoal oblíquo que seja ao mesmo tempo objeto do verbo regente e sujeito do verbo regido.

- E não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal.
- Até agora não me mandaram limpar nada aqui na empresa.
- "O erro de Capitu foi não deixá-los crescer infinitamente, antes diminuir até às dimensões normais, e dar-lhe o movimento do costume." (Machado de Assis)
- "Os mesmos olhos claros e atentos, a mesma boca cheia de graça, as mãos finas, e uma cor viva nas faces que as fazia crer pintadas de sangue." (Machado de Assis)
- "Assim pode ser, mas, ainda agora, neste solene momento, me domina a vontade de fazer-te sentir que eu não podia viver." (Camilo Castelo Branco)

1.4 INFINITIVO PESSOAL

a) Quando se emprega na 3.ª pessoa do plural para indicar a indeterminação do sujeito.

- "Nunca se pôde saber donde saíra aquela criança; como chegara até o terreiro sem darem por ela." (José de Alencar, apud Sousa da Siveira)

- Tenho a impressão de que deixaram o maçarico aqui para arrombarem a porta de ferro durante a madrugada.

b) Quando a clareza exige, para evitar uma possível ambiguidade, que se indique qual é o sujeito da oração.

- "Ó Netuno, lhe disse, não te espantes
  De Baco nos teus reinos receberes,
  Porque também cos grandes e passantes
  Mostra a Fortuna injusta seus poderes."

(Camões — Os Lusíadas apud Gladstone C. de Melo)

- "Perdoe-te o céu o haveres-me obrigado a sacrificar aos pés desse orgulho o sentimento de amor que se alevantara neste coração." (A. Herculano, apud Gladstone C. de Melo)

c) Quando se quer enfatizar o sujeito da oração infinita.

- Os diretores afirmaram-nos estarem despreparados para participar da reunião naquele momento.

- "E talvez saia assim a flor mais bela, o meu jardineiro afirma que as violetas, para terem um cheiro superior, hão mister de estrume de porco." (Machado de Assis)

- "Ainda na borda do rochedo aprumado sobre a água se enxergavam alguns orifícios profundos, que mostravam terem servido para embeber as traves de ponte lançada para a outra margem, também elevada e penhascosa." (A. Herculano)

⇨ Observação:

Quando o infinitivo vier precedido do verbo PARECER, pode-se flexionar um ou outro verbo.

- "Ao menos, tu serás minha! — exclamou o amir, lançando a mão ao braço da donzela vestida de branco, a quem o terror desta cena rapidíssima tornara imóvel, como uma dessas estátuas que parecem orar sobre os sepulcros nas catedrais da Idade Média." (A. Herculano)

- "As vagas teorias do socialismo, os sonhos do comunismo não me parecem provar senão a impotência da forma contra o poder da matéria." (Almeida Garret)

- "... e no horizonte não se vêem senão os topos pardo-azulados das serras do Algarve, que parece fugirem tanto quanto os cavaleiros caminham." (A. Herculano)

- "... olhos desvairados parecia buscarem o vulto lúgubre e tétrico da forca." (Rebêlo da Silva, apud Arthur A. Tôrres)

1.5 EMPREGO DO INFINITIVO EM LOCUÇÕES PASSIVAS COM O VERBO "SER"

Eis um ponto em que os alunos têm muitas dúvidas: o emprego correto do infinitivo passivo cuja estrutura apresenta o verbo SER, no infinitivo, e um PARTICÍPIO.

- Trouxe-nos livros com muitas histórias para ______??________ CONTADAS.
  SER /ou/ SEREM

Sem dúvida, nem sempre é fácil transmitir para o estudante da língua uma orientação consistente, uma vez que o emprego do infinitivo obedece, muitas vezes, a questões de ênfase, colocação etc. Sugerimos, entretanto, as seguintes orientações para o emprego do infinitivo passivo formado com o verbo SER:

a) **Emprega-se frequentemente a forma flexionada do verbo SER passivo, quando o sujeito do infinitivo estiver no plural e vier à frente da preposição. Teremos, então, a estrutura: SUJEITO + PREPOSIÇÃO + SEREM + PARTICÍPIO.**

- Ontem pegamos os livros a serem analisados durante as férias.
  sujeito + prep. + serem + particípio

- "O homem não tornou cá, nem as pelintronas das filhas, que hão de pôr a cara onde a Sr.ª D. Ângela põe os pés para serem afagados." (Camilo Castelo Branco)

- Todas as cidades a serem inspecionadas pelo auditor ficam na região Nordeste.

- Não concordamos com os métodos a serem usados na avaliação dos candidatos.

b) Emprega-se preferencialmente a forma flexionada SEREM quando, a despeito de o sujeito ser comum entre as orações, este for de número plural.

- "Fizeram bem em partir depressa, porque se se demorassem alguns minutos, corriam o risco de serem devorados pelos olhos dos vizinhos." (Manuel A. de Almeida)

- "No mesmo ano, os dois passam a viver juntos para serem presos dois anos depois, como adúlteros." (Camilo Castelo Branco)

- "As criadas, por escrúpulo, eram examinadas em doutrina antes de serem aceitas." (Eça de Queiroz)

- "Clara recebia aquelas cartas com uma emoção de quem recebe mensagens divinas. Entretanto, eram pessimamente escritas, a ponto de não serem, às vezes, entendidas, tão caprichosa era a ortografia delas." (Lima Barreto)

c) Emprega-se preferencialmente a forma não flexionada quando o infinitivo passivo do verbo "SER" servir de complemento nominal para adjetivos do tipo "fácil, difícil, capaz, raro, mau, digno etc."

- Foram questões fáceis de ser respondidas.

- Víamos, naquele local, muitas mulheres dignas de ser louvadas.

- Ensinei a muitos alunos capazes de ser aprovados em quaisquer concursos.

CAPÍTULO 2

FUNÇÕES MORFOLÓGICAS DAS PALAVRAS "QUE", "SE" E "COMO"

Eis aqui um assunto de fundamental importância, pois as bancas com muita frequência cobram este conhecimento. Aqui não trataremos da função sintática desses vocábulos, mas tão somente da função morfológica que desempenham numa determinada estrutura.

Sugiro que estude este ponto mais de uma vez. Preferencialmente, faça-o em dias diferentes para que o conhecimento se consolide mais. Se tiver dificuldades, consulte o seu professor. Vamos lá...

2.1 FUNÇÕES MORFOLÓGICAS PARA PALAVRA "QUE"

Sem dúvida, o vocábulo "QUE" é um dos mais versáteis da nossa língua, porquanto apresenta várias funções. Vejamos...

1. **Substantivo** → quando vem determinada por artigos ou outras classes de palavras, ou quando equivale a "qualquer coisa de". Neste caso, equivalerá a um monossílabo tônico, fato que exigirá o acento circunflexo.

- Ela hoje tem um **quê** de esquisito.
- Aquele **quê** foi mal empregado.
- Um **quê** de mistério cercava o ambiente.
- Pairava no ar um **quê** de tristeza.
- "Os **quês** tornam o estilo áspero e desagradável." (Silveira Bueno)

2. **Pronome indefinido** → quando, vindo antes de substantivos, equivale a "quanto, quanta, quantos, quantas". Por acompanhar substantivos, é também chamado genericamente de "pronome adjetivo".

▹ **Que** felicidade tremenda sentia no peito o nosso personagem.

▹ **Que** saudade eu tenho da minha infância!

▹ "**Que** gente será? em si diziam:
Que costumes, **que** lei, **que** rei teriam?" (Camões)

3. **Pronome relativo** → quando for possível ser substituído por "o qual, a qual, os quais, as quais". Neste caso, o "que" apresentará um antecedente o qual retomará.

▹ Todos leram o livro $\underset{\textit{o qual}}{\underline{\textbf{que}}}$ tu escreveste.

▹ A casa em $\underset{\textit{na qual}}{\underline{\textbf{que}}}$ ele mora fica perto de uma área de risco.

➾ **Observação:**

Para aprofundar esta função morfológica, sugerimos que estude as orações adjetivas, em sintaxe do período composto.

4. **Pronome interrogativo** → quando aparece em orações interrogativas. Geralmente, nesta função, equivale a "que coisa".

▹ **Que** disseste naquele momento de raiva?

▹ "**Que** pretendia? A **que** vinha ali como um salteador noturno?" (A. Herculano)

5. **Advérbio de intensidade** → Quando, vindo antes de adjetivos ou advérbios, equivale a "quão, quanto".

▹ **Que** bela flor ele te deixou!

▹ **Que** admiráveis são os desígnios de Deus.

▹ **Que** perto moras da escola.

6. **Preposição** → quando equivale a "de" ou "para".

▹ Temos **que** cumprir o nosso dever.

▹ Ainda há muito **que** fazer para levantar a casa.

7. **Interjeição** → Quando revela admiração, espanto, surpresa e equivale a "oh!". Nesta função, é sempre exclamativo e acentuado.

- **Quê!** Ainda estás aí?
- **Quê!** Já são dez horas da noite!

8. **Partícula expletiva ou de realce** → É empregado para dar ênfase ou realce à estrutura oracional. Geralmente aparece sob a forma "é que". Pode ser retirado da oração sem prejuízo sintático nem semântico.

- "Bravo! que linda **que** está a senhora D. Lenita!" (Júlio Ribeiro)
- "O padre atirou, mas parece que desta vez **que** errou o tiro." (Mário Barreto)
- "Que teimoso **que** ele é." (José de Alencar)
- "**Que** me restituam os meus oficiais e obreiros portugueses..." (A. Herculano)

⇨ **Observações:**

a) O "que" expletivo geralmente vem acompanhado pelo verbo "ser", formando a expressão "é que", cujo objetivo é pôr em relevo um ou mais termos da enunciação. Veja alguns exemplos:

- "– Você fura o pano, nada mais; eu **é que** coso, prendo um pedaço ao outro, dou feição aos babados..." (Machado de Assis)
- "Feliz e esperto era o João Romão! esse, sim, senhor! Para esse **é que** havia de ser a vida!..." (Aluísio Azevedo)

b) Em algumas construções, o sujeito se coloca entre o "é" e o "que". Nesse caso, o verbo "ser" concordará com esse sujeito. Acompanhe o raciocínio:

- Os gandulas repunham a bola rapidamente. → **(Frase sem ênfase)**
- Os gandulas **é que** repunham a bola rapidamente. → **(Frase com ênfase para o sujeito)**

O verbo "ser" concorda com o sujeito
- **Eram** os gandulas **que** repunham a bola rapidamente. → (Frase com a partição da expressão "é que")
- "As rosas é **que** são belas,
  Os espinhos **é que** picam;
  Mas **são** as rosas **que** caem,
  São os espinhos **que** ficam." (Canção popular)

c) Se entre o verbo "ser" e o "que" se interpuser um termo introduzido por uma preposição, a expressão expletiva "é que" permanecerá invariável. Observe:

- É neles **que** você encontra o carinho necessário à sua sobrevivência emocional.
- É pelas ideias defendidas pela ministra **que** o povo votará nela.

9. Conjunção subordinativa → quando funciona como elemento conectivo entre uma oração principal e uma oração subordinada. Podem ser:

a) Conjunção subordinativa integrante → liga as orações substantivas às suas respectivas orações principais.

- "Custa-me dizer **que** saí de lá encantado." (Machado de Assis)
- "Há poucas esperanças de **que** venham tão cedo a admitir a paz." (Pe. Antônio Vieira)
- Era imprescindível **que** ele se mantivesse calado naquela ocasião.

b) Conjunção subordinativa causal → empregada com o sentido de "porque, porquanto, já que".

- Velho **que** ele era, evitava grandes emoções.
- Ceamos à lareira **que** a noite estava fria.

c) Conjunção subordinativa concessiva → empregada com o sentido de "ainda que, mesmo que".

- Verdadeira **que** fossem tuas palavras, ninguém lhes dará crédito.
- Teus ensinamentos, **que** sejam profundos e arraigados na história, não foram suficientes para aprovar o aluno no exame.

d) Conjunção subordinativa consecutiva → empregada com o sentido de "sem que, tal que, tanto que, de tal modo que" etc.

- Não vai a uma praia **que** não tome uma cerveja.
- Falou **que** ficou rouco.

e) Conjunção subordinativa final (emprego raro hoje em dia) → empregada com o sentido de "para que, a fim de que".

- "Deitou-vos Deus a bênção **que** crescêsseis e multiplicásseis." (Pe. Antônio Vieira)
- Fez-lhe sinal **que** se calasse.
- Andei devagar, **que** não me ouvissem os passos.

f) **Conjunção subordinativa temporal** → empregada com o sentido de "logo que, desde que".

- Chegados **que** fomos, todos ficaram em pé e nos aplaudiram freneticamente.
- "Porém já cinco sóis eram passados **que** dali nos partíramos." (Camões)

g) **Conjunção subordinativa comparativa** → seguida ou não de "nem" e empregada em estruturas de comparação de analogia – algumas vezes com o sentido de "como".

- Ensinas melhor **que** um mestre.
- A caridade é mais bela **que** a fé.
- Ele fala **que nem** papagaio.
- "E os gotejantes jiraus, cobertos de roupa molhada, cintilavam ao sol, **que nem** lagos de metal branco." (Aluísio Azevedo)

10. **Conjunção coordenativa** → Quando introduz orações sindéticas em um período coordenado. Podem ser:

a) **Conjunção coordenativa aditiva** → empregada com o sentido de "e".

- Rezava **que** rezava, mas as assombrações não o deixavam.
- Estuda **que** estuda, e não consegue aprovação.

b) **Conjunção coordenativa adversativa** → seguida de "não" e empregada com o sentido de "mas".

- Outra pessoa, **que** não eu, falará sobre o assunto.
- "De outras ovelhas cuidarei, **que** não de vós." (A. Garrett)

c) **Conjunção coordenativa explicativa** → Quando revela uma explicação, uma justificação para a oração assindética anteposta.

- Não chores, **que** fico triste.

- Abandone esse vício, **que** ele poderá levá-lo à morte.

2.2 FUNÇÕES MORFOSSINTÁTICAS DA PALAVRA "SE"

Mais uma vez, vamos nos deparar com um vocábulo bastante "largo" em nossa língua, pois possui inúmeras funções morfológicas e sintáticas. Vejamos:

1) **Pronome apassivador** → associado a um verbo transitivo direto ou a um verbo transitivo direto e indireto, forma a voz passiva sintética (também chamada de pronominal). Neste caso, o "se" é chamado de "partícula (ou pronome) apassivador ou apassivante". Veja:

- Ali não se alugavam outras coisas, senão roupas de frio.
- Durante as festas, construíram-**se** novas arquibancadas ao longo da avenida.
- Na fazenda, já **se** tinham vacinado vários bois quando o veterinário chegou.

2) **Índice de indeterminação do sujeito** → quando está associado a verbos intransitivos, transitivos indiretos ou relacionais (verbos de ligação). Vejamos alguns exemplos:

- De fato, não **se** devem assistir a filmes que atentem contra os bons costumes.
- "Entra-**se** na política por vocação legítima; não **se** entra por brincadeira." (Machado de Assis)
- De fato, na vida não se deve morrer por tão pouco.

3) **Sujeito de verbos no infinitivo** → é um caso raro; o "se" funciona como o sujeito de um infinitivo que é núcleo de uma oração reduzida. Veja:

- O cego deixava-se levar por seu guia.
- "E ele deixou-**se** estar a contemplá-la, mudo e tranquilo, como um faquir." (Machado de Assis)

⇨ **Observação:**

Este caso (pronome átono em função subjetiva – como sujeito) só ocorre com o infinitivo dependente de verbos causativos e sensitivos como "deixar, mandar, fazer, ver, ouvir", embora alguns gramáticos de renome,

como o professor Silveira Bueno, não aceitem a existência de um "se" na função de sujeito.

4) **Partícula expletiva ou de realce** → ocorre como mero elemento de realce. Neste caso, pode ser retirado da estrutura sem prejuízo gramatical.

- Ele está ansioso por amigo que **se** demora.
- Já **se** passaram tantas horas, e ele não dá notícias.
- Vão-**se** os últimos raios do sol, em um dia ensolarado.
- Naquele momento, o vinho acabou-**se** nos copos de todos.

5) **Parte integrante de verbos essencialmente pronominais** → neste caso, o "se" não apresentará função sintática.

- Todos **se** arrependeram dos atos praticados durante a festa.
- Elas ainda **se** lembram de todos os fatos em seus mínimos detalhes.
- Os alunos muito **se** alegraram com a chegada do novo professor.
- "Condoeu-se o juiz, e revelou ao colega as suas averiguações..." (Camilo C. Branco)

6) **Pronome reflexivo, objeto direto** → função bastante comum exercida pelo pronome "se". Neste caso, o "se" indica a reflexibilidade da ação, pois a ação recai sobre o sujeito, enunciado agora no pronome reflexivo "se".

- Hitler **se** matou quando não mais viu possibilidade de implementar suas ações.
- Ao ouvir os tiros, todos **se** esconderam nas proximidades do morro.
- Quando o namorado tocou a campainha, ela **se** vestiu num piscar de olhos.
- "Olhe, um conselho: – Faça-**se** forte aqui, faça-**se** homem." (Raul Pompéia)
- "Mas, espere, tomou o colchoeiro, o senhor feriu-**se**?" (Machado de Assis)

➯ **Observação:**

Convém citar preciosa lição colhida do insigne mestre Eduardo Carlos Pereira: "Para que haja voz reflexiva, expressa pelo pronome 'se', é indispensável que o núcleo do sujeito seja um substantivo que nomeie um ser capaz de agir: – Ele **se** feriu."

7) **Pronome reflexivo, objeto indireto** → função não muito comum, já que o "se" frequentemente exerce a função reflexiva como "objeto direto". Em tais construções, o "objeto direto" sempre vem claro na estrutura e se percebe nitidamente o "se" reflexivo funcionando como dativo, isto é, como objeto indireto.

- ▹ Ele arroga-**se** o direto de trocar a mercadoria além do prazo legal.
- ▹ Diante das reclamações, o gerente impôs-**se** a obrigação de nunca mais aceitar cheques de terceiros.

8) **Pronome reflexivo recíproco (morfologicamente), objeto direto** → neste caso, o "se" equivalerá a "um ao outro, uma à outra".

- ▹ Após o casamento, os noivos **se** abraçaram longamente.
- ▹ Na reunião, os diretores **se** esmurraram por causa de uma questão polêmica.
- ▹ Não sei como vocês **se** fizeram amigos.

9) **Pronome reflexivo recíproco (morfologicamente), objeto indireto.**

- ▹ Os noivos deram-**se** as mãos para o início da cerimônia.
- ▹ Os inimigos deram-**se** as costas.
- ▹ "Falar aos corações com o seu presumem,
  Como aves que, piando, **se** respondem." (Camilo C. Branco)

10) **Conjunção subordinativa condicional** → quando introduz orações subordinadas condicionais.

- ▹ **Se** ele fosse conosco, as coisas seriam mais fáceis.
- ▹ Envie um e-mail para nossos atendentes **se** você quiser fazer parte da equipe de vendas.

11) **Conjunção subordinativa integrante** → introduz orações substantivas que traduzem ideia de hipótese, dúvida, incerteza.

- ▹ Até agora não sabemos **se** eles virão ou não.
- ▹ Só amanhã verei **se** posso ir para a confraternização.
- ▹ "Adelaide, meio triste, perguntou-lhe **se** queria jantar." (Adolfo Caminha)

12) **Conjunção subordinativa causal** → empregada em raras construções com o sentido de "já que, visto que".

- Se sabias que eu não tinha condições para a missão, por que me enviaste?
- "Se a morte sabes dar com fogo e ferro, sabe também dar vida com clemência." (Camões)

2.3 FUNÇÕES MORFOLÓGICAS DA PALAVRA "COMO"

Menos complexas que os empregos de "que" e "se" são as funções morfológicas da palavra "como". Vamos a elas:

1. **Conjunção subordinativa causal** → neste caso, introduzirá a oração causal e equivalerá a "porque, já que, visto que".

- **Como** não o deixaram entrar sem o convite, fez uso do telefone e ligou para um amigo de influência.
- "Entretanto, **como** tinha as suas presunções fidalgas, repugnava-lhe ver o filho casado com uma criada preta, ou com uma pobre mulata costureira, ou com uma moça branca lavadeira e analfabeta." (Lima Barreto)
- "Sucedeu, porém, que, **como** eu estava cansado, fechei os olhos três ou quatro vezes; tanto bastou para que ele interrompesse a leitura e metesse os versos no bolso." (Machado de Assis)

2. **Conjunção subordinativa conformativa** → neste caso, introduzirá um adjunto adverbial oracional de conformidade e equivalerá a "conforme, segundo, consoante".

- Eu falarei **como** prometi.
- "Ele não tinha, **como** diz o povo, malícia no coração." (Lima Barreto)

3. **Conjunção subordinativa comparativa** → nesse caso, introduzirá um adjunto adverbial oracional de comparação e equivalerá a "assim como, tal como".

- Ela era linda **como** as rosas da primavera.
- "Duas opulências, que se realçam **como** a flor em vaso de alabastro; dois esplendores que se refletem, **como** o raio de sol no prisma do diamante." (José de Alencar)

Observação:

Não raro, em estruturas subordinadas, a conjunção comparativa "como" aparece junto à conjunção "se". Neste caso, as ideias adverbiais de "modo" e "condição" se condensam e nasce o nexo adverbial "como se". Observe:

- Trabalhavam arduamente, **como se** o mundo fosse acabar em poucos dias.

Entenda-se...

→ Trabalhavam arduamente **como (trabalhariam) se** o mundo fosse acabar em poucos dias.

Outros exemplos:

- "Também a abóbada estava firme, **como se** fora de bronze." (A. Herculano)
- "A voz da mãe era agora mais perto, **como se** viesse já da porta dos fundos." (Machado de Assis)
- "O velho parecia pensativo, **como se** adivinhasse que era chegada para ele a hora do martírio." (A. Herculano)
- "D. Firmina se aproximara. A moça, retribuindo com um afável cortejo ao cumprimento do Alfredo, passou **como se** não se apercebesse de Fernando, e subiu à segunda ordem." (José de Alencar)
- "Os móveis luziam, **como** se tivessem chegado na véspera da casa do marceneiro." (Aluísio Azevedo)

4. **Verbo** → neste caso, indicará uma ação e apresentará predicação completa (intransitivo) ou incompleta (transitivo direto).

- Eu sempre **como** frutas no café da manhã.
- "O mais do tempo é gasto em hortar, jardinar e ler; **como** bem e não durmo mal." (Machado de Assis)

5. **Preposição** → emprego bastante comum; neste caso, o "como" poderá:

a) introduzir termos qualificativos (apostos e predicativos), equivalendo a "por, para, de, na qualidade de".

- "Alistamo-nos $\overset{\text{preposição}}{\underline{\text{como}}}$ voluntários num regimento de cavalaria." (Arnaldo Gama *apud* Mário Barreto)

- "Mancebo, o numeroso clero das paróquias vizinhas considerava-o **como** o mais venerável entre os seus irmãos no sacerdócio." (A. Herculano)
- Sempre o tivemos como o mais sábio da turma.
  preposição

b) introduzir elementos exemplificativos e significará "por exemplo, a saber". Observe:

- "À medida que as ciências modernas, **como** a medicina, evoluem, damo-nos conta do quanto realmente ainda desconhecemos." (A. Houaiss)

6. **Pronome relativo** → quando equivale a "pelo qual, pela qual, segundo o qual, segundo a qual"; geralmente apresenta como antecedentes os substantivos "modo, maneira, forma".

- A maneira **como** ela lhes falava assustava a todos.
- Até agora a polícia não sabe o modo **como** o assassino saiu do quarto.
- Falei tudo a ele, menos a forma **como** eles me tratavam durante os finais de semana.

7. **Pronome interrogativo** → quando ao "como" se antepõe a preposição "a" para se saber "o preço, o valor" de determinada coisa ou produto; possui sentido equivalente a "por quanto dinheiro, por qual valor" – é uma forma coloquial e pouco usual nos dias de hoje. Observe:

- Os ovos **a como** são?
- **A como** vendes esses pêssegos aí?

8. **Advérbio interrogativo de modo** → quando equivale a "de que modo?, de que maneira?"

- **Como** chegaste aqui?
- **Como** está a menina?
- **Como** se chama isto aqui?

2.4 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. Determine a função do QUE nos exemplos a seguir:

a) Sentia-se humilhado com o papel avulso que exercia desde séculos.
b) Que queres tu, perguntou ele?
c) Mandai que as mais afinadas cítaras e alaúdes o recebam!
d) Por acaso, sabes o que ele fez?
e) Mas não quero parecer que me detenho em coisas miúdas.
f) Melhor é que te cales e te retires.
g) Dom Donzel, onde é que está el-rei?
h) Que doce a vida não era
Nessa rizonha manhã.
i) Era tão universal que dotou a poesia com nova metragem.
j) O outro era alfaiate, e ainda maior credor que o primeiro.
k) Que lhe parece tudo isso?
l) Eis as razões com que ele se defende.

2. Determine a função do SE nos exemplos a seguir:

a) A moça escondeu-se atrás da cortina.
b) O general deu-se ares de ditador.
c) Os lutadores esmurravam-se no palanque.
d) O cego deixava-se levar pelo guia.
e) Há coisas que melhor se dizem calando.
f) As crianças lavaram-se nas águas claras do riacho.
g) Dançou-se muito na festa de formatura.
h) Ele muito se arrependera do que fez.
i) Os dois homens cumprimentaram-se friamente.
j) Já se veem os primeiros raios do sol.
k) Todos se apiedaram do mendigo.
l) Depois o vento se foi também.

3. (FGV) Esposamos a ideia de que os sofrimentos atuais possuem uma significação que transcende a crise civilizacional.

Com relação à frase transcrita, analise as afirmativas a seguir:

I. O primeiro que é uma conjunção integrante e serve para articular um complemento oracional ao substantivo abstrato ideia.

II. O segundo que é um pronome interrogativo cujo uso se justifica em razão da seguinte pergunta: que significação transcende a crise civilizacional?

III. As duas ocorrências de que promovem a estruturação do período composto, já que introduzem a oração subordinada substantiva e a subordinada adjetiva, respectivamente.

Assinale:

a) se somente a afirmativa I estiver correta.
b) se somente a afirmativa II estiver correta.
c) se somente a afirmativa III estiver correta.
d) se somente as afirmativas I e III estiverem corretas.
e) se todas as afirmativas estiverem corretas.

4. (CESGRARIO) Na passagem "Os empresários que não se adequarem à lei em noventa dias poderão ser multados em até 3,2 milhões de reais.", o termo que apresenta a mesma classe gramatical que em

a) "A lei é tão rigorosa que mesmo ambientes com teto alto e sem paredes,"
b) "Ficou tão difícil fumar que até decidi parar,"
c) "Quem considera a lei exagerada deve saber que São Paulo apenas se alinha a uma tendência mundial."
d) "Os fumantes americanos têm outro problema com que se preocupar:"
e) "E a maioria não fumante não quer deixar que ela seja reavivada."

5. (FGV) "Ele percebeu _que_ as pessoas _que_ possuíam conexões ou relações distantes com outras fora círculo familiar tinham duas vezes mais chances de conseguir uma vaga do _que_ pessoas _que_ tinham mais conexões próximas apenas no âmbito da família e dos amigos próximos."

As ocorrências da palavra QUE grifadas no trecho acima classificam-se, respectivamente, como:

a) conjunção integrante, pronome relativo, conjunção subordinativa e pronome relativo.
b) conjunção subordinativa, pronome relativo, conjunção integrante e conjunção subordinativa.
c) pronome relativo, conjunção integrante, pronome relativo e conjunção subordinativa.
d) pronome relativo, conjunção subordinativa, conjunção integrante e pronome relativo.
e) conjunção integrante, conjunção subordinativa, conjunção subordinativa e conjunção subordinativa.

6. (FGV) "Mas não, é a ti _que_ vejo na colina"

Assinale a alternativa em que esteja corretamente classificada a palavra destacada nos versos acima.

a) conjunção integrante
b) parte de expressão expletiva
c) pronome relativo
d) conjunção subordinativa
e) pronome indefinido

7. (FGV) "E em que se vai trocando as pernas"

   A palavra se no verso acima destacado se classifica como:

   a) partícula apassivadora.
   b) parte integrante do verbo.
   c) índice de indeterminação do sujeito.
   d) pronome reflexivo.
   e) conjunção.

8. (FGV) "Mas porque na verdade não me queres mais" (verso 35)

   No verso acima, utilizou-se a forma correta porque. Assinale a alternativa em que não se tenha utilizado corretamente uma das quatro formas do porquê.

   a) É necessário avaliar por quê, ontem, fomos derrotados.
   b) Depois de entender por quê, prosseguiu.
   c) Não sei por quê nem como.
   d) Não entendemos as privações por que passamos.
   e) Deve haver um porquê para nossa derrota.

9. (FGV) "Percebe-se que os dois temas [a correlação entre metas e riscos fiscais e o impacto dos déficits públicos sobre as futuras gerações] se vinculam à função prospectiva da noção de responsabilidade fiscal. Enquanto o primeiro, normalmente, se adstringe a situações futuras próximas, o segundo vincula-se a situações futuras a longo prazo."

   As ocorrências da palavra SE grifadas no trecho acima classificam-se, respectivamente, como:

   a) indeterminador do sujeito – pronome reflexivo – parte integrante do verbo
   b) indeterminador do sujeito – parte integrante do verbo – pronome reflexivo
   c) partícula apassivadora – pronome reflexivo – pronome reflexivo
   d) partícula apassivadora – parte integrante do verbo – parte integrante do verbo
   e) parte integrante do verbo – partícula apassivadora – partícula apassivadora

GABARITO

<table>
<tr><td colspan="2">1– a) pronome relativo
b) pronome interrogativo
c) conjunção integrante
d) pronome relativo
e) conjunção integrante
f) conjunção integrante
g) partícula expletiva ou de realce
h) advérbio de intensidade
i) conjunção consecutiva
j) conjunção comparativa
k) pronome interrogativo
l) pronome relativo</td><td colspan="2">2– a) pronome reflexivo, objeto direto
b) pronome reflexivo, objeto indireto
c) pronome reflexivo recíproco, objeto direto
d) pronome reflexivo, sujeito do infinitivo
e) pronome apassivador
f) pronome reflexivo, objeto direto
g) índice de indeterminação do sujeito
h) parte integrante do verbo
i) pronome reflexivo recíproco, objeto direto
j) pronome apassivador
k) parte integrante do verbo
l) partícula expletiva ou de realce</td></tr>
<tr><td>3 – D</td><td>4 – D</td><td>5 – A</td><td>6 – B</td></tr>
<tr><td>7 – C</td><td>8 – A</td><td>9 – C</td><td></td></tr>
</table>

CAPÍTULO 3

PARTICULARIDADES LÉXICAS E GRAMATICAIS

Em nossa língua, muitos são os detalhes entre palavras e regras gramaticais. Não raro, os alunos se confundem em meio a tantas minúcias. Por isso, não são poucos os que, até hoje, conquanto tenham visto o assunto mais de uma vez, apresentam dúvidas, por exemplo, sobre o emprego dos "porquês". Quem nunca ficou em dúvida sobre a diferença entre "em vez de" e "ao invés de"? E o "bendito" emprego do relativo "onde"? Quantas vezes você já não ouviu – se não falou – "Maria, você viu aonde eu deixei meu livro?" Não seria "onde"? E o caso do "mal" (com "L")? Pergunte a alguém o que é o "mal" (com "L"), e ele dirá simplesmente que é o contrário de "bem". E os outros empregos do "mal" (com "L") são totalmente esquecidos!

Em virtude dessas dúvidas, resolvemos pôr, em um capítulo especial, algumas dessas particularidades para que o aluno possa melhorar no que diz respeito aos aspectos formais da nossa língua e possa empregar muitos vocábulos e locuções corretamente.

Mas, atenção!! Sugiro que estude o capítulo abaixo aos poucos. Não leia mais do que três particularidades de uma vez. Não tente decorar tudo em uma só vez – aliás, não gosto muito da palavra "decorar", quando se trata da nossa língua. Prefiro o verbo "entender". Isso!! Entenda! Compreenda o porquê de cada item e só assim seu estudo será completo.

Para facilitar a sua vida, decidi dividir o conteúdo abaixo em lições. É isso! Dividir em lições – lição 1, lição 2, lição 3, 4, 5 e, assim, sucessivamente. Por quê? Para que você possa acompanhar detidamente cada informação, cada detalhe. Sugiro que coloque ao lado de cada lição a data (dia, mês, ano e hora) em que você a estudou. Dessa maneira, você saberá – eu creio – o momento certo de revisar cada ensinamento. Mais uma vez, advirto: não tente

estudar tudo em um só momento – a não ser que esteja pressionado por um concurso. Acredito que o estudo deste capítulo será bem mais proveitoso se for feito aos poucos, gradativamente.

Então: mãos à obra!!

3.1 LIÇÃO 1

3.1.1 EMPREGO DOS PORQUÊS

A princípio, gostaria de fazer um alerta: esta lição é muito – repetimos "muito" – muito cobrada pelos concursos públicos. Leia mais de uma vez, portanto. Vamos às orientações:

1. **Em princípio, vamos fazer uma breve orientação – lembre-se de que sempre se acentuará o monossílabo tônico "que" quando este estiver em final de frase ou quando vier precedido de um determinante – neste último caso, será empregado como substantivo.** Observe:

- Você tem medo de **quê**?
  pronome interrogativo tônico
- Menino, você gosta de **quê**?
  pronome interrogativo tônico
- Ela hoje tem um **quê** de esquisito.
- Havia muitos **quês** no depoimento dela.

2. **Emprega-se o "por que" separado em duas situações básicas: quando puder ser substituído por "pelo qual, pela qual, pelos quais, pelas quais" – neste caso, teremos uma preposição "por" seguida do pronome relativo "que"; quando puder ser substituído por uma das expressões "por qual motivo" ou "por qual razão" – neste caso, teremos a preposição "por" seguida do pronome interrogativo "que".** Veja:

- Até agora não nos disse **por que** ela faltou à audiência.
  por qual motivo, por qual razão
- Os caminhos **por que** ele sempre andou eram caminhos de morte.
  pelos quais
- Amanhã o governo deve explicar **por que** aumentou a taxa Selic.
  por qual motivo, por qual razão
- **Por que** agiu daquela forma tão arrogante?
  por qual motivo, por qual razão

- Talvez só a miséria pudesse explicar **por que** os homens do século XX vivem aglomerados em cortiços.
  por qual motivo, por qual razão

- O documento **por que** buscávamos foi extraviado durante a mudança.
  pelo qual

- Alguém poderá perguntar: – O autor citou Braudel, **por quê?**
  por qual motivo, por qual razão (com acento por se encontrar em final de frase – monossílabo tônico)

- Diante de tudo isso, você ainda tem coragem de perguntar **por quê?**
  por qual motivo, por qual razão (com acento por se encontrar em final de frase – monossílabo tônico)

- Não elaboraste o pré-projeto até agora **por quê?**
  por qual motivo, por qual razão (com acento por se encontrar em final de frase – monossílabo tônico)

- Os mistérios **por que** somos atraídos na ficção costumam impressionar os leitores de tenra idade.
  pelos quais

- Tudo isso ajuda a esclarecer **por que** certas alterações foram positivas para o meio ambiente.
  por qual motivo, por qual razão

- "Mas **por que** não te metes tu logo por uma vez com o Firmo? **Por que** não te casas com ele?" (Aluísio Azevedo)

- "Foi nessa ocasião que ela perguntou a minha mãe **por que** é que já não usava as joias do retrato." (Machado de Assis)

- "E eis aqui **por que** o *Diário* é um monarquista exigente, ao passo que a *Gazeta* é um mau republicano." (Rui Barbosa)

Recapitulando:

POR QUE ↗ **PELO QUAL, PELA QUAL, PELOS QUAIS, PELAS QUAIS**
(preposição "por" mais pronome relativo "que")

POR QUE ↘ **POR QUAL MOTIVO, POR QUAL RAZÃO**
(preposição "por" mais pronome interrogativo "que")

⇨ Observações:

a) **A orientação acima resolve praticamente quase todos os casos. É preciso, porém, ficar atento a uma situação excepcional: orações subordinadas substantivas objetivas indiretas, cujo verbo transitivo indireto exige a preposição "por". Observe:**

- Todos anseiam pela volta de Maria Madalena.

→ Convertendo em oração: "Todos anseiam por que Maria Madalena volte".
Neste caso, a substituição, acima proposta, não funciona.

b) É bastante comum empregar-se o "por que" (separado) em interrogativas indiretas (sem o ponto de interrogação) ou interrogativas diretas, como já vimos em vários exemplos acima. Fique atento, pois, em algumas situações, o substantivo "razão, motivo" ou outro qualquer vem expresso na sentença logo após o "por que", situação em que o "por que" (separado) equivalerá a "por qual". Veja:

- Ela sempre quis saber **por que** motivo eu acabei nosso namoro.
  por qual
- Eles trocaram o nosso diretor **por que** funcionário?
  por qual
- Não disse com clareza **por que** razão não irá ao jogo.
  por qual
- Queria saber **por que** razão as estrelas brilham tão alto no céu.
  por qual

3. Emprega-se o "porque" junto quando este funciona como uma conjunção explicativa, causal ou final. Observe:

PORQUE
- → CONJUNÇÃO EXPLICATIVA → Equivale a "pois"
- → CONJUNÇÃO CAUSAL → Equivale a "já que, visto que, uma vez que"
- → CONJUNÇÃO FINAL → Equivale a "para que, a fim de que"

- Não apoio essas iniciativas, **porque** desconfio dos fins a que se destinam.
  conjunção explicativa → equivale a "pois"
- **Porque** não entregou o projeto no prazo, foi cortada da lista de formandos.
  conjunção causal → equivale a "já que, visto que"
- Estudai bastante, **porque** sejais logo aprovados em um concurso público.
  conjunção final → equivale a "para que, a fim de que"
- Deixe a sala agora, **porque** não admito falta de respeito.
  conjunção explicativa → equivale a "pois"
- Será **porque** ele está doente que não veio ao trabalho hoje?
- "Os princípios são invioláveis e imortais. Invioláveis, **porque** têm como asilo a consciência. Imortais, **porque** encerram em si, contra a ação corrosiva

dos preconceitos humanos, o caráter, a substância e a energia de uma lei invariável, absoluta e universal." (Rui Barbosa)

- "Não trouxera a navalha, **porque** tinha medo de ser preso, por causa do negócio da Nair e do suicídio da mãe dela." (Lima Barreto)
- "Na perspectiva do autor, as prática esotéricas desfrutam de grande popularidade **porque** satisfariam os interesses individuais de quem a elas recorre." (Fund. Carlos Chagas)
- "Nossas resoluções se perdem **porque** não temos um objetivo predeterminado." (Montaigne)
- "É o que te digo: vou e vou, **porque** devo, **porque** quero, **porque** é do meu direito." (Machado de Assis)

4. Emprega-se "porquê" (junto e com acento) quando este equivale a "motivo, razão". Neste caso, estaremos diante de uma palavra substantivada. Geralmente, este "porquê" vem acompanhado de determinantes (artigos, pronomes indefinidos etc.). Veja:

- Deve haver algum **porquê** para a saída dele do cargo de gerente.
  algum motivo
- Ainda não se sabe o **porquê** da morte da senhora Linda.
  o motivo
- Certamente há um **porquê** para ela ter abandonado o grupo sem dar satisfações.
  um motivo

Ufa!! Chegamos ao final da lição 1. Sugiro que a revise. Depois, descanse um pouco antes de estudar a próxima lição.

3.2 LIÇÃO 2

3.2.1 EMPREGO DE "ONDE" E "AONDE"

Mais uma vez, estamos diante de uma particularidade da nossa língua bastante cobrada em concursos públicos. Logo, é preciso estudar mais de uma vez. Vamos às orientações...

1. **Como já dissemos no capítulo sobre o emprego dos pronomes relativos preposicionados, o relativo "ONDE" é denominado de "pronome relativo locativo", pois só deve ser empregado em substituição a um lugar. Equivale a "em que" e variações – no qual, na qual, nos quais, nas quais. Observe (sublinhamos o antecedente do relativo "onde"):**

(em que, na qual)

- Dirigimo-nos à casa da D. Francisca, **onde** encontramos um grupo de mulheres em oração.
- Em São Paulo, há uma cafeteria **onde** se acham excelentes cafés importados.

  (em que, na qual)
- Nossos projetos de vida dependem muito do futuro do país **onde** vivemos.

  (em que, no qual)
- "Rememorava por vezes as mudanças, as alternativas fisiopsíquicas por que tinha passado na fazenda, **onde** não encontrara uma pessoa de sua idade." (Júlio Ribeiro)
- "Verdes mares bravios de minha terra natal, **onde** canta a jandaia nas frondes da carnaúba." (José de Alencar)
- "Correspondendo a pouco mais de um terço da largura total da casa, havia, nos fundos, um puxadito, **onde** estavam a cozinha e uma despensa minúscula." (Lima Barreto)
- "Nunca a sua mão benéfica deixou de estender-se para o lugar **onde** a aflição se assentava." (A. Herculano)

➾ **Observação importante:**

Estendem-se à noção de lugar os sentidos de "posição, situação, classe, parte de um livro ou obra, espaço ocupado, localidade, região". Por isso, são corretos também os seguintes empregos do relativo "onde":

- Fizemos o resumo do segundo parágrafo deste capítulo, **onde** havia bons exemplos de cidadania.
- Chegamos à parte final do continente, **onde** já encontramos grandes icebergs.
- "Num centro de civilização como este, **onde** a opulência intelectual da nossa pátria se reflete por tantas faces e tão brilhantemente no jornalismo, ..." (Rui Barbosa)
- "O reto espírito do nosso colega, que ora empunha a balança de Têmis, **onde** estão sendo pesadas oiro e fio as nossas humildes palavras, ponha-lhe numa concha os benefícios..." (Rui Barbosa)

2. Em muitas situações, o relativo "ONDE" é empregado sem antecedente explícito, isto é, seu antecedente estará latente, oculto. Neste caso, equivalerá a "em que lugar, no lugar em que". Veja:

- Sempre há boas pessoas onde a gente menos espera.
  no lugar em que
- Não sabemos onde ele se encontra agora.
  em que lugar
- Onde você mora? Onde você foi morar?
  em que lugar
- "Bem: mas **onde** estão os efeitos benéficos deste sistema? Nas finanças?" (Rui Barbosa)
- "Chove? Nenhuma chuva cai...
  Então **onde** é que eu sinto um dia
  Em que ruído da chuva atrai
  A minha inútil agonia?" (Fernando Pessoa)
- "Se lhe parede que não tenho razão! Esta agência indica **onde** há casas vazias por cinco mil-rêis." (Artur Azevedo)

Observação:

Mesmo sem antecedente expresso, o "onde" só é empregado em situações que indicam lugar.

3. Emprega-se "AONDE" – regido por um nexo prepositivo – quando houver um verbo ou um nome que requeira a preposição "a". Geralmente, equivale a "para onde". Perceba:

- Nós iremos contigo ao lugar a que tu quiseres ir. → Nós iremos contigo ao lugar **aonde** quiseres ir.
  ir "a"
- Por favor, **aonde** eu posso me dirigir para obter informações?
  dirigir-se "a"
- Vocês pretendem chegar **aonde** com tais indagações?
  chegar "a"
- "Era este o costume herdado de seus maiores; que o hóspede mandava na taba **aonde** Tupã o conduzia." (José de Alencar)
- "Força tal não pode ser a do ministro, individualidade flácida, político invertebrado, espécie de medusa marinha, de fibras morais inconsistentes e diáfanas, que flutua à tona de todas as correntes, e vai dar nas praias, **aonde** o leva a ressaca." (Rui Barbosa)

- "– Quem lhe impede que vá a outras partes? Vá **aonde** quiser, mas fique morando conosco." (Machado de Assis)
- "Mas ainda a do semeador do nosso Evangelho não foi a maior. A maior é a que se tem experimentado na seara **aonde** eu fui." (Pe. Antônio Vieira)

➾ Observações essenciais sobre o emprego de "onde" e de "aonde":

a) A maioria das nossas dificuldades vem do fato de, em nosso dia a dia, cometermos muitos erros no que diz respeito ao emprego do "aonde" em lugar do "onde" e vice-versa. Vejamos alguns desses problemas:

- Maria, você sabe **aonde** eu deixei meus óculos? (construção incorreta)

  Quem deixa, deixa algo EM algum lugar.

  ➔ Logo... "Maria, você sabe **ONDE** eu deixei meus óculos?".

- Não sabemos **aonde** ele está nesse momento. (construção incorreta)

  Quem está, está EM algum lugar.

  ➔ Logo... "Não sabemos **ONDE** ele está nesse momento."

- **Onde** você vai hoje à tarde? (construção incorreta)

  Quem vai, vai A algum lugar.

  ➔ Logo... "**AONDE** você vai hoje à tarde?"

b) É preciso ter muito cuidado com o emprego do ONDE, pois, como sabemos, ele só deve ser usado para expressar uma noção de lugar. Portanto, para o padrão formal, é inadmissível o emprego do "ONDE" para relações que não sejam de lugar. Observe:

A relação que se transmite é a de posse.

- O Clube dos Oficiais, **onde** o diretor é João da Costa, passará por uma reforma. (Emprego inadequado)

  Correção: O Clube dos Oficiais, **cujo** diretor é João da Costa, passará por uma reforma.

A relação que se transmite é a de tempo.

- Em 1980, **onde** o presidente era João Batista Figueiredo, a inflação era galopante. (Emprego inadequado)

  Correção: Em 1980, **quando** o presidente era João Batista Figueiredo, a inflação era galopante.

A relação que se transmite é a de posse.

- Para Hans Kelsen, **de onde** se citam alguns exemplos, os homens deveriam honrar a justiça. (Emprego inadequado)

  Correção: Para Hans Kelsen, **de quem** (ou "**do qual**") se citam alguns exemplos,...

- É difícil lidar com adolescentes rebeldes, **onde** a causa nem para eles se explicita. (Emprego inadequado)

  Correção: É difícil lidar com adolescentes rebeldes, **cuja** causa nem para eles se explicita.

c) **Como já mencionamos, o relativo "onde" – à semelhança do "aonde" – pode vir antecedido por preposições. Lembre-se, entretanto, que o emprego de "aonde" implica a não existência de qualquer outra preposição antes dele. Observe:**

- Sem eles, não teríamos **de onde** sair, nem **para onde** nos projetar.
- Sem nossa história e nosso passado, não teríamos **por onde** começar, nem espaço para nos expandirmos.
- "Posto que nascido na roça (**donde** vim com dous anos) e apesar dos costumes do tempo, eu não sabia montar, e tinha medo ao cavalo." (Machado de Assis)
- "E na terra, **por onde** o sonhador passava,
  Iá a roxa corola espalhando as sementes." (Olavo Bilac)
- "... arbúsculos quase sem pega sobre a terra escassa, enredados de esgalhos **de onde** irrompem, solitários, cereus rígidos e silentes..." (Euclides da Cunha)
- "– Quero respirar o ar puro e fresco da tarde; mais nada repliquei. – Leva-me, **para onde** te aprouver." (A. Herculano)

3.3 LIÇÃO 3

3.3.1 EMPREGO DE "SE NÃO" E "SENÃO"

Eis outra particularidade bastante interessante e bastante longa. Embora não seja muito comum em provas, aparece aqui e acolá em certames, geralmente, de nível superior. Sugiro que a leia mais de uma vez, devido à quantidade de pormenores que ela apresenta. Vamos a ela...

a) **Emprega-se o "se" e depois o "não" quando estes funcionam, respectivamente, como "conjunção condicional" e "advérbio de negação". Nesse caso, equivalerão, literalmente, a "caso não" ou "quando não" e só devem ser usados em juízos que expressam hipótese, condição, probabilidade. Essa situação representa o emprego mais comum do "se não" separado.**

- Se não fizerem o dever logo, não receberão o prêmio que lhes prometi.
  caso não façam
- Que faremos amanhã, se não chegarem os mantimentos para os desabrigados?
  caso não cheguem
- A situação era difícil de resolver, se não impossível.
- "E o pobre Miranda, se não queria sofrer impertinências da mulher e ouvir sensaborias defronte dos criados, tinha de dar ao moleque toda a consideração e fazer-lhe humildemente todas as vontades." (Aluísio Azevedo)
- "Entretanto houve um tempo em que, se não me engano, tu eras feliz como eu do prazer que me davas." (José de Alencar)

b) Emprega-se "senão", junto, nas seguintes situações:

SENÃO
- → (conjunção correlata aditiva) ↔ **mas também**
- → (conjunção de oposição adversativa) ↔ **mas sim, do contrário**
- → (preposição de exclusão) ↔ **afora, exceto, salvo, a não ser**
- → (substantivo) ↔ **problema, mácula, defeito**

- Eram pessoas não só honestas, senão também caridosas, prestativas.
  mas também
- O diretor não fazia outra coisa, senão criticar.
  a não ser
- Ele nunca possuiu amigos, senão bajuladores.
  mas sim
- No processo, não encontramos senões.
  defeitos, problemas
- Não comeu o bolo que a esposa fez, senão um pedaço de pudim deixado pela sogra.
  mas sim
- Todos, senão você, contribuíram com a campanha.
  afora, salvo, exceto
- Ponham, por favor, a criança para dentro da casa, senão poderá adoecer severamente.
  do contrário, caso contrário
- Não havia um senão em sua produção textual.
  defeito, problema
- Da viagem nada trouxe de importante, senão um porta-retratos banhado a ouro.
  salvo, exceto, afora

- "De resto, a não ser de manhã para as aulas, que ia sempre com o Miranda, não arredava pé de casa senão em companhia da família." (Aluísio Azevedo)
- "Tinha o coração disposto a aceitar tudo, não por inclinação à harmonia, senão por tédio à controvérsia." (Machado de Assis)
- "Parecer-vos-á então que desse panorama indescritível não quis Deus que houvesse outros contempladores vivos, senão vós e o alado músico da alvorada." (Rui Barbosa)
- "A definição do pregador é a vida e o exemplo. Por isso Cristo no Evangelho não o comparou ao semeador, senão ao que semeia." (Pe. Antonio Vieira)

➾ **Observações:**

a) Há uma situação em que a pontuação faz toda a diferença. Observe:

- Chegue cedo à empresa amanhã, senão será demitido.
  do contrário, caso contrário
- Chegue cedo à empresa amanhã; se não, será demitido.
  se não (chegar) → juízo hipotético

b) O mesmo procedimento ocorre em situações em que querem alguns autores associar o "se não" à conjunção alternativa "ou", quando, na realidade, tem-se a ocultação por zeugma de um verbo anteriormente mencionado. Veja:

- Ele comprará uma, se não duas camisas para as festas do fim de ano.
  se não (comprar) → zeugma do verbo "comprar"
- Levará a mãe, a sogra, as filhas, se não todos os membros da família para a festa.
  se não (levar) → zeugma do verbo "levar"
- Ele é muito sabido, se não o mais inteligente da turma.
  se não (for) → zeugma do verbo "ser"

3.4 LIÇÃO 4

Nesta lição, estudaremos mais de uma particularidade da nossa língua. Procure lê-las mais de uma vez para consolidar o conhecimento.

3.4.1 EMPREGO DE "TÃO POUCO" E "TAMPOUCO"

a) Emprega-se "tão pouco" quando for equivalente de "muito pouco". Nesse caso, teremos o advérbio de intensidade "tão" seguido do pronome indefinido ou do advérbio "pouco".

- Falaram **tão pouco** durante a palestra que todos ficaram surpresos.
  muito pouco
- No mês passado, a empresa recebeu **tão pouco** dinheiro que teve de recorrer a empréstimos.
  muito pouco
- Infelizmente, nosso filho dorme **tão pouco**.
  muito pouco
- Parecia muito cuidadoso dos seus estudos e **tão pouco** extravagante e gastador, que não despendia um vintém fora das necessidades de primeira urgência.

b) "Tampouco" é morfologicamente um advérbio e equivale a "também não, muito menos, nem sequer". Funciona, na estrutura oracional, como um reforço para uma negação feita anteriormente, ou seja, o "tampouco" adicionará uma ideia negativa a uma ideia negativa precedente. Por isso, costuma-se associá-lo a "nem" com o sentido negativo. Como já representa uma negação, é erro grosseiro empregar-se "tampouco não".

- Os alunos não entregaram a prova, **tampouco** fizeram o trabalho que valia nota.
- Jamais irei àquele lugar, **tampouco** deixarei que algum familiar meu vá.
- "Mas os príncipes não aprendem, e **tampouco** aprendem os partidos." (Rui Barbosa)
- "Afinal, convencendo-se de que ela, sem ter ainda morrido, já não vivia para ninguém, nem **tampouco** para si, desabou num fundo entorpecimento apático." (Aluísio Azevedo)
- "... contudo, nunca houve entre eles uma separação profunda nem **tampouco** uma penetração perfeita." (Lima Barreto)

3.4.2 EMPREGO DE "DE ENCONTRO A" E "AO ENCONTRO DE"

Eis uma particularidade bastante simples. Vamos a ela...

a) **Emprega-se a expressão "de encontro a" quando se quer transmitir a ideia de "choque, oposição, contrário" – equivale a "contra".**

- O motorista perdeu o controle e o carro foi **de encontro ao** poste.
- A decisão do pai foi **de encontros aos** anseios da família.
- "A Serra do Mar tem um notável perfil em nossa história. **De encontro às** suas escarpas embatia, flagílima, a ânsia guerreira dos Cavendish e dos Fenton." (Euclides da Cunha)

b) **Já a expressão "ao encontro de" significa "em direção a, a favor de". É usada, geralmente, quando se quer dizer que algo "foi favorável a alguma coisa, foi a favor de".**

- Quando os vi de longe, parti ao encontro dos dois.
- Somos bons amigos, afinal minhas ideias sempre foram ao encontro das ideias dele.
- "Embarcou sozinha para os dez dias e noites de viagem, consciente de que podia estar indo **ao encontro da** morte. Tinha dezoito anos." (Rui Castro)

➭ **Observação:**

Perceba que essas duas expressões dependem totalmente do contexto. Observe abaixo:

- Somos bons amigos, AFINAL minhas ideias sempre foram **ao encontro das** ideias dele.
- Somos bons amigos, MAS minhas ideias sempre foram **de encontro às** ideias dele.

3.5 LIÇÃO 5

3.5.1 EMPREGO DE "EM VEZ DE" E "AO INVÉS DE"

a) **Deve-se empregar a locução prepositiva "em vez de" quando se deseja indicar uma troca, uma substituição de uma coisa por outra. Ela significa, literalmente, "em lugar de", "em substituição a". Reitere-se que essa locução é aplicável à maioria das situações em que se deseja expressar troca, substituição, alteração de uma coisa por outra.**

- Na festa, resolveu beber cerveja **em vez de** vinho.

- **Em vez de** ir ao cinema, resolveu ir ao teatro.
- "**Em vez de** ficar abatida com a ameaça da larga separação, se vingasse a ideia da Europa, mostrou se satisfeita." *(Machado de Assis)*

b) Por outro lado, a locução prepositiva "ao invés de" significa "ao inverso de", "ao contrário de" e só deve ser empregada quando houver na oração elementos ou ideias opostos, contrários.

- O mergulhador imergiu **ao invés de** emergir por causa de um problema no equipamento.
- No velório, a prima do defunto ria **ao invés de** chorar.
- O remédio, **ao invés de** melhorar, piorou a situação do paciente.
- "E volveram rápidos, desapontados, tendo às mãos, **ao invés do** ganho apetecido, o ardor de muitas dúzias de palmatoadas, amargos bolos com que os presenteara aquela gente ingrata." (Euclides da Cunha)

3.5.2 EMPREGO DE "ACERCA DE", "A CERCA DE" E "HÁ CERCA DE"

Eis outra particularidade da gramática bastante simples. Vejamos...

a) A locução prepositiva mais usual das três é "acerca de"; significa "a respeito de, sobre, quanto a".

- Nada nos disse **acerca do** problema de saúde que vem enfrentando.
  sobre, a respeito de
- Os pesquisadores fizeram uma interessante descoberta **acerca da** criação de óvulos e espermatozoides a partir de células-tronco.
- "E o diálogo continuou animado, sem que D. Terezinha revelasse à amiga as suas suspeitas **acerca de** João da Mata e Maria do Carmo." (Adolfo Caminha)

b) Nas duas outras construções, temos a associação entre uma preposição ou um verbo e a expressão adverbial de aproximação "cerca de". Observe:

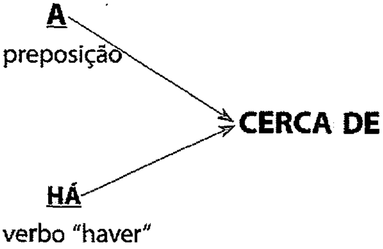

Logo, teremos...

A CERCA DE → a aproximadamente
HÁ CERCA DE → faz aproximadamente

- Quando nós a encontramos, estávamos a cerca de 20Km da fronteira com o Paraguai.
  a aproximadamente
- Os colonizadores chegaram aqui há cerca de 500 anos.
  faz aproximadamente
- Todos permaneceram a cerca de 20m do local do acidente.
  a aproximadamente
- Eles saíram há cerca de meia hora.
  faz aproximadamente

➾ **Observação:**

Perceba que o "a" da expressão "a cerca de" não recebe o acento grave em virtude de ser tão somente uma preposição seguida de uma expressão adverbial "cerca de".

3.6 LIÇÃO 6

3.6.1 EMPREGO DE "MAU" E "MAL"

Vamos agora estudar uma lição bastante interessante. É bom ter cuidado para não fazer a simplificação "mau – bom" e "mal – bem". Observe as orientações a seguir.

a) O "mau" exerce a função de adjetivo e possui como antônimo o adjetivo "bom". Nesse caso, irá referir-se a substantivos. Como adjetivo que o é, o vocábulo "mau" apresenta todas as flexões típicas das classes variáveis. Veja:

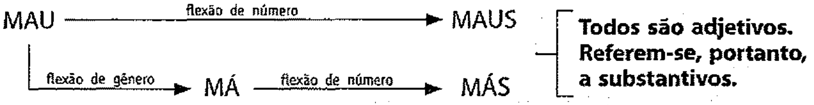
MAU
flexão de número
MAUS
flexão de gênero
MÁ
flexão de número
MÁS
Todos são adjetivos. Referem-se, portanto, a substantivos.

- O **mau** treinador efetuou **más** ações por causa da **má** conduta da coordenadora que reclamou do **mau** comportamento do time.
- Sempre o **mau** indivíduo colhe **maus** resultados em virtude de suas **más** atitudes.
- Toda **má** sorte tem por traz um **mau** sujeito.
- "... estava cansado de ensinar a meninos, era preciso fazer pela vida noutro meio mais vasto onde as suas qualidades, boas ou **más**, fossem aquilatadas com justiça." (Adolfo Caminha)

b) Emprega-se "mal" em três funções morfológicas: advérbio, cujo oposto é "bem"; conjunção temporal, equivalendo a "logo que, assim que"; e substantivo abstrato, equivalendo a "o mal", "a maldade". Observe:

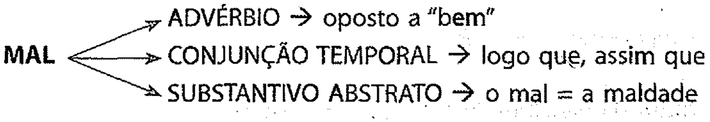
MAL
ADVÉRBIO → oposto a "bem"
CONJUNÇÃO TEMPORAL → logo que, assim que
SUBSTANTIVO ABSTRATO → o mal = a maldade

- O time jogou **mal** porque não treinou adequadamente.
  advérbio ↔ oposto a "bem"
- **Mal** ele chegou na sala, todos começaram a rir.
  conjunção temporal ↔ logo que, assim que
- O **mal** sempre atrai o **mal**.
  substantivos ↔ a maldade
- "... e entre os infortúnios que se desfecham tantos e tamanhos, uns após outros, como golpes de um acinte infatigável no **mal**, sobre este desventurado país, suave é o refúgio dessa consolação..." (Rui Barbosa)
- "Não obstante, a energia evolutiva do direito, cuja torrente a resistência **mal** aconselhada avolumou, represando, acaba por triunfar." (Rui Barbosa)

- "Mandava-os fazer de encomenda; mas assim mesmo, **mal** os punha hoje, no dia seguinte tinha que os retalhar a navalha." (Lima Barreto)
- "A viúva que **mal** resistira ao golpe da perda do filho, ainda mais se aterrava agora com o isolamento em que ia deixar Aurélia." (José de Alencar)

⇨ **Observação:**

Fique atento à seguinte distinção:

- mau humor ≠ mal-humorado
- mau cheiro ≠ malcheiroso
- má educação ≠ mal-educado
- mau comportamento ≠ malcomportado
- mau ensinamento ≠ mal-ensinado
- mau entendimento ≠ mal-entendido
- má aventura ≠ mal-aventurado
- má assombração ≠ mal-assombrado

3.6.2 EMPREGO DE "MAS" E "MAIS"

Eis outra particularidade bastante elementar. Mas é sempre bom revisá-la ou, quem sabe, conhecê-la melhor. Vamos a ela...

a) **O "mas" funciona, na maioria das vezes, como conjunção de oposição adversativa; por isso, pode ser tranquilamente trocada por "porém, contudo, todavia". Em outros casos – um pouco mais raros –, o "mas" fará parte da correlação aditiva "não só..., mas também". Veja:**

- Todos participaram do evento, **mas** nem todos ficaram para a confraternização.
  porém, contudo
- Ele sempre foi o melhor da sala, **mas** sempre bagunçou muito.
  porém, contudo
- O governo não só baixou os juros para a casa própria, **mas também** facilitou o crédito.
  correlação aditiva
- "E os que leem o que escreve,
  Na dor lida sentem bem,
  Não as duas que ele teve,
  Mas só a que eles não têm." (Fernando Pessoa)

- "Lembrou-se da mulher, **mas** repeliu logo esta ideia com escrupulosa repugnância. Continuava a odiá-la." (Aluísio Azevedo)
- "Fique então sabendo de que não é só a ela que você faz o obséquio, **mas** também ao marido." (Aluísio Azevedo)

Observação:

Em algumas situações, o "mas" funciona tão somente como uma palavra denotativa de ênfase ou de situação. Não transmite o sentido de oposição adversativa, por isso não poderá ser substituída por "porém, contudo, todavia." Veja:

- **Mas** quem afinal chegou à nossa festa?
- **Mas** que "belos" políticos nós temos hoje em dia!

b) Já o "mais" funciona ora como advérbio de intensidade, quando modifica verbos, adjetivos ou outros advérbios, ora funciona como pronome indefinido, quando se refere a substantivos. Observe:

- Os Silvas sempre dispuseram de mais recursos e mais informações.
  pronomes indefinidos
- Aqueles alunos precisavam estudar mais para poder ingressar em um concurso.
  advérbio de intensidade
- Eles agora sentiram mais vontade de estudar do que antes.
  pronome indefinido
- Ele sempre quis trabalhar mais para melhorar a situação financeira da família.
  advérbio de intensidade
- "Desde o palácio até a taberna e o prostíbulo, desde o mais esplêndido viver até o vegetar do vulgacho mais rude, todos os lugares e todas as condições têm tido o seu romancista." (A. Herculano)
- "Não ficara ela incólume da ferida que fizera no coração do vizinho: amou-o também, e com mais seriedade que a usual nos seus anos." (Camilo C. Branco)

3.7 LIÇÃO 7

3.7.1 EMPREGO DE "A FIM" E "AFIM"

Eis, mais uma vez, um conhecimento básico, elementar. Vamos a ele...

a) **Emprega-se "a fim", separado (na maioria das vezes você usará esta forma), quando este fizer parte da locução prepositiva "a fim de" ou da locução conjuntiva "a fim de que". Em ambos os casos, as locuções denotarão "finalidade, objetivo, meta". Veja:**

- Na sala, ninguém estava **a fim de** fazer nada.
- **A fim de que** ela passasse no concurso, comprei novos livros.
- "Não tardam os cavaleiros zenetas que vêm ajuntar-se nas atalaias convosco, **a fim de que** nenhum infiel possa escapar." (A. Herculano)
- "De feito, a boa velha tentou por diversas vezes escrever seu testamento a **fim de** garantir o futuro de sua escravinha." (Bernardo Guimarães)

➯ **Observação:**

A locução prepositiva "a fim de" equivale a "para". Portanto, se tiver alguma dúvida, faça a substituição.

b) **Por outro lado, a forma "afim" (junto) é morfologicamente um adjetivo e significa "algo que é semelhante, que é próximo, que possui afinidade".**

- Na grade escolar, Biologia e Química são matérias **afins.**
- João e Pedro tinham temperamentos **afins.**
- Eles são parentes **afins.**

3.7.2 EMPREGO DE "SE QUER" E "SEQUER"

Eis outra particularidade simples da nossa língua, mas que merece toda a nossa atenção, pois de vez em quando aparece aqui e acolá nas provas de alguns certames. Vamos a ela...

a) **A forma separada "se quer" é representada pela conjunção condicional "se" seguida do verbo "querer" flexionado na 3.ª pessoa do singular do futuro do subjuntivo. Nesse caso, a expressão "se quer" equivalerá a "se desejar" e ocorrerá em orações hipotéticas, condicionais. Veja:**

- **Se quer** passar em um concurso, estude muito.
- "Diga ao cocheiro que pare; ou, **se quer,** pode apear-se no largo da Carioca." (Machado de Assis)
- "– Em porção, o senhor sabe que... É isso... Enfim, **se quer,** mande-os..." (Lima Barreto)

b) Já a forma "sequer" é um advérbio e significa "ao menos, pelo menos, nem mesmo". É frequentemente usado em frases negativas ou de sentido negativo.

- João não veio ao trabalho e nem **sequer** ligou para dizer o que aconteceu.
- "... como é que de um ano para o outro esta necessidade urgente e imediata torna-se tão secundária, tão indiferente, tão remota que nem **sequer** merece ser mencionada na fala do trono?" (Rui Barbosa)
- "Ninguém lhes regateia esse reconhecimento. Ninguém lhes recusaria, **sequer**, o esquecimento do seu passado de escravismo." (Rui Barbosa)
- "Por fim tudo se esgota e a situação não muda. Não há probabilidade **sequer** de chuvas." (Euclides da Cunha)

3.8 LIÇÃO 8

3.8.1 EMPREGO DE "SESSÃO", "SEÇÃO" E "CESSÃO"

Vamos a uma particularidade bastante simples... conhecimento elementar, básico, mas necessário. Estudemo-la, pois...

a) A forma "sessão" significa "espaço de tempo em que se realiza determinada atividade ou parte dela". Pode também ser usada com o sentido de "reunião, assembleia, encontro".

- Na última sessão do Congresso Nacional, votaram-se muitos projetos de lei.
- Eles começaram agora a nova sessão de fotos.
- Todos combinaram assistir a última sessão do cinema.
- O psiquiatra recomendou-lhe várias sessões de terapia.
- "Rubião assistira à sessão em que o ministério Itaboraí pediu os orçamentos." (Machado de Assis)

b) Já a forma "seção", que admite a grafia secção" significa "divisão, subdivisão, departamento, parte de um todo".

- Amanhã iremos à seção de obras e reformas da Prefeitura de Palmares.
- Nós votamos na 37.ª seção da 43.ª zona eleitoral.
- Na terceira seção do segundo capítulo do livro, encontramos vários processos descritivos.

- "O país não está mais adiantado que as vítimas desse maligno capricho, quanto às causas que possam justificar o açoite, a que se acha submetida aquela secção do exército brasileiro." (Rui Barbosa)

c) Por sua vez, a palavra "cessão" provém do verbo "ceder" e, logicamente, significa "ato de ceder, doação, transferência de posse ou de direito".

- João fará a cessão de seus bens para os seus dois irmãos mais velhos.
- O Dr. Pedro fez a cessão dos direitos autorais para uma organização não governamental.

3.9 LIÇÃO 9 – EMPREGO DE VÁRIAS EXPRESSÕES E CONEXÕES

Vamos a uma lição longa, mas bastante simples. Vejamos algumas expressões bastante correntes em nosso dia a dia. Fique atento a elas, pois com frequência são cobradas pelas bancas examinadoras.

3.9.1 DISTINÇÃO ENTRE "A PRINCÍPIO" E "EM PRINCÍPIO"

A PRINCÍPIO ≠ **EM PRINCÍPIO**

primeiramente, no início | *em tese, de forma geral*

- **A princípio**, quero esclarecer que minha palestra será meramente motivacional.
- "Capitu, **a princípio**, não disse nada. Recolheu os olhos, meteu-os em si e deixou-se estar com as pupilas vagas e surdas, a boca entreaberta, toda parada." (Machado de Assis)
- "**Em princípio**, o subsecretário suportou bem a tempestade; mas tendo adivinhado que o supunham insciente no tupi, irritou-se, encheu-se de uma raiva surda, que se continha dificilmente." (Lima Barreto)
- "De sorte que logo **em princípio** o comandante reconheceu inexequível dar à marcha uma norma capaz de poupar as forças das praças." (Euclides da Cunha)

3.9.2 DISTINÇÃO ENTRE OS CONECTIVOS "PORQUANTO" E "CONQUANTO"

Eis uma lição sobre a qual já falamos no capítulo sobre "sintaxe do período composto", mas é sempre bom relembrar. Leia com atenção, pois o conhecimento abaixo é bastante cobrado em certames pelo país afora.

PORQUANTO ≠ **CONQUANTO**

CONJUNÇÃO CAUSAL OU EXPLICATIVA
Equivale a "porque, visto que, pois, já que".

CONJUNÇÃO CONCESSIVA
Equivale a "embora, apesar de que, ainda que".

- O governo não reduzirá a taxa Selic, **porquanto** não deseja que haja o aumento do consumo.
  porque, já que, pois

- **Conquanto** seja bastante rico, veste-se como pobre.
  embora, ainda que

- "É possível, **conquanto** o não creiamos, que esse homem de Estado fosse um miserável, cuja desonra espadane ainda sobre aqueles que, iludidos, o sustentaram." (Rui Barbosa)

- "E aqui verás tal ou qual esperteza minha; **porquanto**, ao ler o que vais ler, é provável que o aches menos cru do que esperavas." (Machado de Assis)

3.9.3 DISTINÇÃO ENTRE OS CONECTIVOS "JÁ QUE" E "POSTO QUE"

Mais uma distinção sobre a qual já falamos no assunto "sintaxe de período". Mas nunca é tarde para relembrar, pois ela é bastante cobrada pelas bancas.

JÁ QUE ≠ **POSTO QUE**

CONJUNÇÃO CAUSAL
Equivale a "porque, visto que, pois, uma vez que".

CONJUNÇÃO CONCESSIVA
Equivale a "embora, apesar de que, ainda que".

- O reclamante deve ser reintegrado ao posto **já que** goza de estabilidade.
  porque, visto que

- **Posto que** fosse um dos homens mais ricos da cidade, vestia-se como pobre.
  embora, ainda que

- "Gênio político de esfera muito curta, **posto que** de brilhantes talentos jurídicos e parlamentares, o Visconde de Ouro Preto capacitou-se de que o melhor serviço que podia prestar à monarquia era alardear os recursos." (Rui Barbosa)

- "Pois essa que fui ontem continuarei a ser, **já que** Deus não quis que fosse a outra, que viu da primeira vez." (José de Alencar)

3.9.4 DISTINÇÃO ENTRE OS CONECTIVOS "À MEDIDA QUE" E "NA MEDIDA EM QUE"

Observe agora a distinção entre dois conectivos bastante parecidos. É preciso ficar atento, pois são empregados em situações bem distintas. Veja:

À MEDIDA QUE	≠	**NA MEDIDA EM QUE**
CONJUNÇÃO PROPORCIONAL Equivale a "à proporção que".		ARTICULADOR DE CAUSA Equivale a "já que, visto que, uma vez que".

- Desistiram de continuar a viagem, **na medida em que** as dificuldades para a consecução de uma nova estalagem aumentavam em virtude do evento previsto para a cidade.
- "**À medida que** engolia uma troça, uma pilhéria, vinha-lhe meditar sobre a sua lembrança, pesar-lhe todos os aspectos, examiná-la detidamente..." (Lima Barreto)
- "Os anos passaram depois, e **à medida que** vinham, ia-se Estêvão afundando no mar vasto e escuro da multidão anônima." (Machado de Assis)

➯ **Observação:**

Lembre-se de que as expressões "à medida em que" e "na medida que" não existem em nossa língua. São corruptelas da locução conjuntiva de proporcionalidade "**à medida que**".

3.10 LIÇÃO 10 – EMPREGO DE OUTRAS EXPRESSÕES QUE PROVOCAM DÚVIDAS

Vamos agora a outras lições bastante interessantes. Aqui veremos o emprego de várias expressões que frequentemente suscitam dúvidas. Leiamo-las...

3.10.1 DISTINÇÃO ENTRE "POR ORA" E "POR HORA"

Embora apresentem origem igual – a palavra "hora" –, as expressões apresentam significados diferentes. "Por ora" é equivalente a "por enquanto"; já "por hora" é empregada quando se deseja fazer referências a intervalos de 60 minutos – equivale a "a cada hora, a cada 60 minutos".

- Os benefícios, **por ora**, só serão concedidos aos trabalhadores noturnos.
- Eles ganham R$ 25,00 **por hora**.
- João conseguia ler, **por hora**, cinco capítulos do livro.
- "Nós somos, **por ora**, uma voz, que adverte, e aconselha, enquanto o desengano nos não converter em arma, que acomete, e destrói." (Rui Barbosa)
- "– Ele passou por aqui pondo dez léguas **por hora**." (Manuel A. de Almeida)

3.10.2 EMPREGO DE "O MAIS DAS VEZES" E "AS MAIS DAS VEZES"

Ambas as expressões são corretas para indicar a maioria das vezes que um fato se realiza. Neste contexto, a expressão "a mais das vezes" não existe. Para o professor Mário Barreto, a expressão "as mais das vezes" é mais usual.

- "Temo-las por adiáforas; no geral, suspeitas; **as mais das vezes**, incompletas; quase sempre, traiçoeiras; sempre disparatadas." (Euclides da Cunha)
- "Até nas próprias travessuras do menino, **as mais das vezes** malignas, achava o bom do homem muita graça." (Manuel A. de Almeida)
- "Elas passavam o serão na sala de jantar, em volta do candeeiro, que alumiava a tarefa noturna **o mais das vezes** solitárias." (José de Alencar)

3.10.3 DISTINÇÃO ENTRE "ABAIXO" E "A BAIXO"

Há um grupo de advérbios que são conhecidos pelas formas estranhas – e incoerentes muitas vezes – como são grafados. Não adianta reclamar: a ortografia oficial impõe que seja assim. Observe:

abaixo	acima
debaixo	de cima
embaixo	em cima
por baixo	por cima

Nesse grupo, encontramos uma distinção interessante entre o par "abaixo" e "a baixo". O primeiro é advérbio e significa "em local menos elevado, embaixo". Já o segundo é empregado na correlação "de... a...", em que a preposição "a" – equivalente à preposição "para" – fica separada da palavra "baixo". Observe:

- O leite está na prateleira **abaixo** dos pratos de sobremesa.
- Pintamos a parede **de** cima **a baixo**.
- "Nós descoroamos da liberdade aos que de Deus a houveram sacrossanta, e com isso os abatemos ao ínfimo grau da escala criada: até **abaixo** do reino vegetativo." (Rui Barbosa)

- "Há quase sempre alguma coisa impalpável e misteriosa no seio dos acontecimentos, que conspira contra as conspirações, mesmo quando essas vêm **de** cima **a baixo.**" (Rui Barbosa)

3.10.4 DISTINÇÃO ENTRE "A PAR" E "AO PAR"

Eis duas expressões bastante interessantes, as quais provocam dúvidas no dia a dia. Emprega-se corretamente a locução prepositiva "**a par de**" quando se quer transmitir o sentido de "*estar ciente, estar informado*", ou ainda com o sentido de "*ao lado de, junto a, comparado com*". Já a expressão "**ao par**" só deve ser empregada com o sentido de "*equivalência monetária, cambial*". Observe:

- O diretor estava a par de toda a situação.
  ciente de
- João foi ao colégio a par do irmão.
  ao lado de
- "A par do último verão, até que este está ameno." (Dicionário Houaiss)
  comparado com
- "eis .... que a subida inesperada do partido conservador, firmando o crédito do Estado, elevou o papel-moeda, deixando o câmbio quase ao par". (Aluísio Azevedo *apud* Dicionário Aurélio)
- "Tem razão. Dizem que há lá muita coisa esplêndida; não admira, são mais velhos que nós; mas lá chegaremos; e há coisas em que estamos a par deles, e até acima." (Machado de Assis)

3.10.5 DISTINÇÃO ENTRE "NENHUM" E "NEM UM"

Eis uma dúvida frequente entre os operadores da nossa língua. Fique atento, pois ela apresenta vários detalhes.

O vocábulo "nenhum" (junção de "nem" mais "um") é um pronome indefinido e opõe-se a "algum". Já na construção "nem um", o vocábulo "um" é um numeral (seus equivalentes são, portanto, "dois, três, quatro etc.").

Lição bastante proveitosa nos deixou o ilustre gramático Napoleão Mendes de Almeida: "**Nenhum** provém da junção de 'nem + um', havendo entre aquela forma sintética (nenhum) e esta analítica (nem um) diferença de energia de expressão; a forma analítica é mais forte". Seguindo a lição do mestre, em muitos casos, pode-se usar tanto "nem um" quanto "nenhum" – o que vai diferir é a ênfase que se deseja conferir ao enunciado.

- Ao partir, João dos Anjos não deixou **nenhum** bem. (➔ ... não deixou bem algum.)
- Ao partir, João dos Anjos não deixou **nem um** bem. (➔ ... não deixou nem mesmo um bem.)

É preciso sinalizar, entretanto, que a forma analítica "nem um" individualiza o ser, define por unidade e apresenta frequentemente o sentido de "nem mesmo um, nem sequer um". Observe agora alguns exemplos extraídos de escritores de renome que empregaram a expressão "nem um".

- "Pois olhe que não é uma criança! Mas **nem um** cabelo branco, **nem um**, **nem um** só!" (Eça de Queiroz)
- "...mas tudo se passava lá dentro, não veio **nem um** suspiro à flor dos lábios." (A. Garrett)
- "Calma. A noite caiu. **Nem um** pássaro voa." (Olavo Bilac)
- "Rápido e violento devia ter sido o cometimento, numerosos os cavaleiros inimigos; porque **nem um** dos atalaias pudera escapar." (A. Herculano)

Veja agora outros exemplos com a utilização de "nenhum".

- "**Nenhum** milagre de engenharia lhos substituirá com vantagem." (Euclides da Cunha)
- "Anhangá turbou sem dúvida o sono de Irapuã, que o trouxe perdido ao bosque da jurema, onde **nenhum** guerreiro penetra sem a vontade de Araquém." (José de Alencar)
- "Para a cidade não trouxeram **nenhum** escravo. Venderam a maioria e os de estimação libertaram." (Lima Barreto)
- "Seguramente o alienista podia estar em erro, mas **nenhum** interesse alheio à ciência o instigava." (Machado de Assis)
- "**Nenhum** homem, por exemplo, de mais títulos a interpretar as opiniões desse partido, **nenhum** mais genuinamente representativo das suas disposições do que o Sr. Silveira Martins." (Rui Barbosa)

Vejamos agora alguns valores que o indefinido "nenhum(a)" pode adquirir em uma oração.

- Distribuiu-se o convite para muitos funcionários, mas **nenhum** foi à confraternização.
  sentido de "ninguém"
- É uma pessoa de **nenhuma** importância.
  sentido de "nulo, inexistente"
- "O cavalo dele, melhor que **nenhum** outro, ganhou a corrida." (Aurélio)
  sentido de "qualquer"

3.11 LIÇÃO 11 – EMPREGO DE "ESTÁ" E "ESTAR"

Eis um ponto que, por si só, merece uma lição à parte. Não raro, os candidatos sofrem com esta dúvida. De antemão, posso garantir que é

bastante fácil – o "grande" problema reside em nossa pronúncia defeituosa. Vamos lá...

Em primeiro lugar, cumpre fazermos as distinções iniciais:

ESTÁ ➔ 3.ª pessoa do singular, do presente do indicativo do verbo "estar". Logo, emprega-se esta forma quando na estrutura temos um sujeito da 3.ª pessoa do singular, explícito ou implícito (oculto). Observe:

- O governo ainda **está** na contramão do progresso.
- "– Há muito tempo que **está** no Rio de Janeiro? perguntou-me Lúcia depois de uma pausa." (José de Alencar)
- "A alcova **está** deserta, mas inda com o teu cheiro perfumada, do teu fulgor coberta..." (Olavo Bilac)
- "Se adoecem e a família **está** fora, não os confio a um correspondente... Trato-os aqui, em minha casa." (Raul Pompéia)

Dica: Se houver alguma dúvida, SUBSTITUA o verbo por outro. Certamente, você perceberá o emprego da 3.ª pessoa do singular. Veja:

- O governo ainda **está** na contramão do progresso.
  permanece, encontra-se, fica
- Não sei se ele **está** na igreja.
  permanece, encontra-se

ESTAR ➔ Infinitivo do verbo. Destacamos dois empregos que suscitam dúvidas:

a) Formação de locuções verbais (verbo auxiliar + infinitivo). Observe:

- O governo ainda **deve estar** na contramão do progresso. (substitua por *"se encontrar, permanecer"*).
- Não sei, mas acho que os meninos **podem estar** na igreja. (substitua por *"se encontrar, ficar"*)
- "Ele canta que **parece estar** num café concerto, no meio de mulheres de vida airada..." (Lima Barreto)
- "O que é certo é que, não obstante a sorte que tivera aquele seu apaniguado, **costumava estar** na vila." (Euclides da Cunha)

Dica: Lembre-se, mais uma vez, de que, em caso de dúvida, você deve substituir por outro verbo. Se a forma for da 3.ª pessoa do singular, empregar-se-á "está"; se a forma for de infinitivo (-r), empregue, sem medo, "estar".

b) Formação de orações reduzidas de infinitivo com o verbo "ESTAR". Veja:

- João Pedro fez o possível para ________________ conosco hoje.
  está ou estar?

Como preencher o espaço acima? Fácil, se perceber que é possível a substituição por *"ficar, permanecer"*, por exemplo. Traduzindo: com a substituição fica claro e notório que se trata do emprego de um verbo no infinitivo, o qual exerce o núcleo de uma oração circunstancial (adverbial), reduzida. Portanto, não tenha dúvida:

- João Pedro fez o possível para **ESTAR** conosco hoje.

Vejamos outros exemplos:

- "Eis o que eu vi nessa hora de agonia, depois de **estar** ali alguns não sei se instantes ou séculos." (A. Herculano)
- "Você, com uma filha quase mulher, não tem vergonha de **estar** aqui a servir de palhaço?!" (Aluísio Azevedo)
- "É preciso mesmo **estar** sob a ação exclusiva de uma ideia fixa, para acreditar que a indenização possa ainda sair a campo." (Rui Barbosa)
- "A verdade certa é que, às duas horas da tarde, aquele advogado andava atrás das moças, em vez de **estar** no foro." (Machado de Assis)

➯ **Observação:**

Vale a pena mencionar que esta dúvida (emprego de "está" ou "estar") também se estende a outras situações em nossa língua. Portanto, basta aplicar o conhecimento acima (e ter cuidado com a pronúncia) para resolver as pendências. Veja:

- No final do ano, a empresa vai ______________ uma grande festa para os funcionários.
  dá ou dar?

> **Comentário:** Se podemos substituir por "conceder, oferecer", constatamos que se trata do emprego do infinitivo do verbo "dar" numa locução verbal – logo, "... a empresa vai **dar** uma grande festa...".

3.12 LIÇÃO 12 – EMPREGO DE "TER DE" E "TER QUE"

Mais uma lição bastante interessante sobre o emprego de duas expressões que, não raro, provocam dúvidas. Embora no dia a dia sejam usadas de forma indistinta, podemos, ainda assim, traçar algumas orientações. Vejamos:

Emprega-se TER DE (verbo + preposição), seguido de outro verbo no infinitivo, quando se deseja denotar "fato infalível, necessário, obrigatório ou jussivo (imperativo)". Observe os exemplos:

- O Brasil tem de ser um país menos desigual. (Equivale a ➔ "O Brasil tem a obrigação de ser um país...)
- Todos tiveram de sair por causa do fogo que já atingia os últimos andares do prédio.
- "... para se conhecerem os amigos, tinham os homens de morrer primeiro e daí a algum tempo ressuscitar..." (Pe. Antonio Vieira).
- "O Congresso ainda não se dissolveu. Tem de reunir-se ainda." (Rui Barbosa)

Emprega-se, por outro lado, TER QUE (verbo + conjunção integrante), seguido de um verbo no infinitivo, quando se deseja indicar simplesmente "algo para fazer", "algo que ainda não foi feito". Nesse sentido, transmite-se tão somente "mera informação" ou uma "ação facultativa". Vejamos:

- "Esses não têm que envenenar a alma de seus filhos com as misérias domésticas do cativeiro (...); não têm que dar, nas suas escolas, em vez da educação cívica, o ensino da opressão perpetuada, não têm que sentir a organização de sua pátria assentada na denegação eterna da liberdade a uma parte indefesa do gênero humano."
- "É uma mania de seu amigo, Senhor Ricardo, esta de só querer cousas nacionais, e a gente tem que ingerir cada droga, chi!" (Lima Barreto)
- "— O senhor... O senhor só tem que me agradecer uma coisa: é a minha paciência." (José de Alencar)

⇨ **Observações:**

a) Como já dissemos, no dia a dia, essas expressões são usadas quase indistintamente, uma vez que nem sempre é fácil se fazer a distinção entre o que é "obrigação" do que é "mera informação ou ação facultativa". De acordo com a professora Maria Helena de Moura Neves, a expressão "TER QUE" é hoje mais usual do que TER DE. Esta última é empregada com mais frequência, segunda a professora, na linguagem literária.

b) Alguns autores preconizam que, na expressão TER QUE, o "que" funciona como pronome relativo sem antecedente explícito. Preferimos, entretanto, a análise que atesta ser o "que" uma conjunção integrante, porquanto a classificação do "que" como pronome relativo soa-nos artificial. Para os que advogam a morfologia de "pronome relativo", deveríamos analisar o período da seguinte maneira:

- Não posso sair hoje, pois tenho que estudar. ➔ Equivale a "... tenho (algo) que estudar".

3.13 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (FCC) *...para entender por que a viagem de Colombo acabou e continua sendo uma metáfora...* No que se refere à grafia, para estar de acordo com o padrão culto, a frase que deve ser preenchida com forma idêntica à destacada acima é:

a) Alguém poderá perguntar: – O autor citou Braudel, ...?

b) Gostaria de saber ...... ele se interessou especificamente por essa obra de Braudel acerca do mar Mediterrâneo.

c) Quem sabe o ...... da citação da obra de Braudel?

d) Referências são sempre interessantes, ... despertam curiosidade acerca da obra.

e) – ... foi a obra que mais o teria impressionado sobre o assunto, respondeu alguém quando indagado sobre o motivo da citação.

2. (CESGRANRIO) É melhor começar a exercitar a linguagem, __________ o seu relacionamento pode acabar mal.

A pesquisa recentemente realizada pela empresa foi __________ do estresse emocional do trabalhador.

Expliquei-lhe as exigências do atual mercado __________ ele se adaptasse melhor.

A sequência que completa corretamente as frases acima é

a) se não – a cerca – a fim de que

b) se não – acerca – afim de que

c) se não – acerca – a fim de que

d) senão – acerca – a fim de que

e) senão – a cerca – afim de que

3. (CESGRANRIO) As razões __________ não simpatizo com você são muitas.

Não faça críticas negativas, __________ se arrependerá.

O que eu disser poderá ser __________ interpretado.

A opção cuja sequência completa, corretamente, as sentenças acima é

a) por quê – senão – mal

b) por que – senão – mal

c) porquê – se não – mal

d) porque – se não – mau

e) porque – senão – mau

4. (ESAF – Téc. Rec. Federal) Lê-se no Manual de Redação da Presidência da República:

> **onde**
> Como pronome relativo significa 'em que (lugar)': A cidade **onde** nasceu.

Com base nessa definição e nas demais funções morfossintáticas que o termo **onde** *pode desempenhar, aponte a frase na qual o emprego de tal termo está incorreto.*

a) (...) o método utilizado pode afastar os auditores, pela falta de estrutura, da descoberta dos grandes esquemas de corrupção. Porque ele está muito voltado a atender à grande novidade inventada por Waldir Pires, os sorteios dos municípios. Ali, faz-se uma auditoria por amostragem, onde pegar um grande esquema dependerá, como tudo num sorteio, da sorte.

b) O Portal de Transparência é até onde a CGU conseguiu tornar possível a sua ideia de tornar público o Sistema Integrado de Administração Financeira (...).

c) "Cultura" é um termo quase infinitamente maleável. (...). Sua origem ou, pelo menos, até onde se possa saber, seu sentido primitivo parece se relacionar com a criação, descoberta ou invenção da agricultra (...).

d) Passada a euforia da libertação, muitos ex-escravos regressaram a suas fazendas, ou a fazendas vizinhas; para retomar o trabalho por baixo salário. Dezenas de anos após a abolição, os decendentes de escravos ainda viviam, nas fazendas, uma vida pouco melhor do que a de seus antepassados escravos. Outros dirigiram-se às cidades, como o Rio de Janeiro, onde foram engrossar a grande parcela da população sem emprego fixo.

e) Onde havia dinamismo econômico provocado pela expansão do café, como em São Paulo, os novos empregos, tanto na agricultura como na indústria, foram ocupados por milhares de imigrantes italianos que o governo atraía para o país. Lá, os ex-escravos foram expulsos ou relegados aos trabalhos mais brutos e mais mal pagos.

(Fontes: Rudolfo Lago, Correio Braziliense, 24/10/2005; Nelson Archer, Relativismo cultural e multiculturalimo, FSP, 31/10/2005; José Murilo de Carvalho, Cidadania no Brasil: o longo caminho, pág. 52)

5. (FGV) Perguntei por que ele não tocava mais piano.

Assinale a alternativa correta acerca do uso do porquê na frase acima.

a) A forma está correta, pois corresponde à preposição POR + o pronome relativo QUE.

b) A forma está correta, pois é uma conjunção, sendo, nesse caso, sempre grafada como duas palavras.

c) A forma está correta, pois equivale a "por qual razão", caracterizando uma pergunta indireta.

d) A forma está incorreta, pois a forma com duas palavras só se usa em perguntas. O correto seria PORQUE.

e) A forma está incorreta, pois, embora seja grafada com duas palavras, a forma QUE deveria levar acento circunflexo.

6. (FGV) "Concluída a fusão dos mercados, em vez de rumar para a integração política e consolidar seu protagonismo na cena mundial, a Europa faz da integração um utensílio da exclusão. Claro está que Bruxelas não pode evitar a deriva à direita de certos Estados, mas tampouco necessita servir à regionalização da xenofobia."

A respeito do trecho acima, analise os itens a seguir:

I. A expressão em vez de não poderia ser substituída, no trecho, por ao invés de.

II. Ocorre alteração gramatical ou semântica ao se substituir "Claro está" por "Está claro".

III. Não ocorre alteração gramatical ou semântica ao se substituir "certos Estados" por "Estados certos".

Assinale:

a) se somente o item III estiver correto.
b) se somente o item I estiver correto.
c) se nenhum item estiver correto.
d) se todos os itens estiverem corretos.
e) se somente o item II estiver correto.

7. (FGV) O leitor já viu onde quero chegar.

Assinale a alternativa cuja estrutura seja equivalente semanticamente à apresentada acima, mas que dela se diferencie quanto à adequação da linguagem ao padrão normativo.

a) Já observou o leitor onde quero chegar.
b) O leitor já viu aonde quero chegar.
c) Quero chegar onde o leitor já viu.
d) Em que ponto quero chegar o leitor já viu.
e) O leitor já viu em cujo local quero chegar.

GABARITO

1 – B	2 – D	3 – B
4 – A	5 – C	6 – C
7 – B		

CAPÍTULO 4

A LINGUAGEM FIGURADA – AS FIGURAS DE LINGUAGEM

Em nosso dia a dia, usamos com frequência a denominada linguagem intelectiva para que nos comuniquemos. A linguagem intelectiva é aquela em que os termos geralmente vêm dispostos na sequência "sujeito + predicado + complementos + adjuntos" e trabalha o sentido real, denotativo dos vocábulos, das palavras.

Não basta, porém, que a linguagem seja puramente racional para que o homem se comunique. Em muitas situações comunicativas, lançamos mão de recursos para que a linguagem se torne mais atraente, mais simpática, contribuindo para formar a convicção do leitor ou do ouvinte – é a denominada "linguagem afetiva". O resultado desse uso é uma linguagem mais sensível, mais comparativa, mais emocional, menos racional. Para obter esse efeito, o comunicador lança mão das chamadas **figuras de estilo**, conhecidas também como **figuras de linguagem**.

Figuras são os modos de dizer, alguns dos quais alteram a forma regular das palavras ou das orações, e outros modificam ou omitem o sentido próprio da expressão.

4.1 CLASSIFICAÇÃO DAS FIGURAS DE LINGUAGEM

As figuras de estilo ou de linguagem se classificam em:

a) Figuras de palavras ou tropos;
b) Figuras de pensamento;
c) Figuras de construção ou de sintaxe.

4.1.1 FIGURAS DE PALAVRAS OU TROPOS

São figuras que se caracterizam por alterar o sentido próprio de uma palavra. São elas: metáfora, metonímia, catacrese, perífrase, sinestesia e comparação.

4.1.1.1 Metáfora

A metáfora (de um vocábulo grego que significa "transportar") é a translação do sentido próprio de uma palavra para outro, por analogia ou por semelhança, ou seja, consiste em usar uma palavra pela outra por força de uma comparação mental. É uma comparação – pelo fato de existirem características pertencentes a um objeto ou ser que se adapta a outro – sem a presença explícita de conectivo comparativo.

- Ela é um anjo de doçura, e ele é um cavalo de grosseria.
- É uma borboleta o coração daquela donzela.
- Muitos jovens perdem a razão quando vivem o fogo de uma paixão.
- O vício toma muitas vezes a máscara da virtude.
- "O Senhor é o meu Pastor e nada me faltará". (Sl. 23)
- "Coração bobo, coração bola, coração balão
  A gente se ilude dizendo
  Já não há mais coração" (Alceu Valença)
- "O mar é lago sereno
  O céu – um manto azulado
  O mundo – um sonho dourado
  A vida – um hino d'amor." (Casimiro de Abreu)
- "A vida é o dia de hoje
  A vida é ai que mal soa
  A vida é sombra que foge
  A vida é nuvem que voa." (João de Deus)

➯ **Observação:**

Com a metáfora, buscam-se semelhanças, analogias, características comuns entre os seres postos numa relação comparativa.

4.1.1.2 Metonímia

A metonímia é a substituição do sentido de um vocábulo pelo de outro com o qual está intimamente relacionado. Com a metonímia, o operador da língua troca um vocábulo por outro pelo fato de ambos apresentarem uma contiguidade de sentido, uma coexistência semântica. Quando se diz, por exemplo, que se leu Camões, percebe-se nitidamente a relação entre "Camões" e "obra escrita". Na realidade, leu-se a "obra" que pertence ao escritor Camões. Observe outro exemplo abaixo:

- Durante a Idade Média, alguns defendiam o trono, outros, o altar.

⇨ **Observação:**

Perceba que os vocábulos "trono" e "altar" foram empregados em substituição aos vocábulos "realeza" e "religião", respectivamente.

Várias são as formas de substituição propostas pela metonímia. Vejamos algumas:

a) O autor pela obra:

- Ontem me deleitei com o Machado de Assis. *a obra*
- Sempre viajava na companhia de José Saramago (*a obra*). Em casa, não abandonava Cecília Meireles. *a obra*

b) A causa pelo efeito, ou vice-versa:

- Sempre vivi do suor (*trabalho*) do meu rosto.
- A palidez (*medo*) tomou-lhe conta do rosto quando viu que o avião perdeu altura.

c) O abstrato pelo concreto e vice-versa:

- A mocidade (*os jovens*) de hoje parece que perdeu o encanto pela vida.
- Era difícil não se emocionar com aquela beleza trôpega. *um velho, um idoso*

d) O continente pelo conteúdo:

- Eles sempre foram amantes do copo.
  das bebidas
- Eles comeram todo o prato com uma voracidade incrível.
  a comida, o alimento

e) A marca pelo produto:

- Fez a barba com uma gilete.
  lâmina de aço
- Por favor, limpe com uma coca.
  refrigerante à base de folha de coca

f) A parte pelo todo e vice-versa:

- Os ônibus passavam cheios de pernas.
  pessoas
- Muitas chaminés dominam São Paulo.
  fábricas, indústrias

g) O singular pelo plural:

- O homem vive há séculos sobre a terra.
  os homens
- O brasileiro é um povo de coragem, de luta, de determinação.
  os brasileiros

h) O objeto ou sinal pela coisa significada:

- Infelizmente a balança no Brasil não é tão justa quanto é em outros países.
  a justiça
- *os juízes, os magistrados*
  A toga brasileira ficou incomodada com as palavras do presidente da República.

i) O possuidor pela coisa possuída:

- Uma centena de fuzis apoiavam suas decisões.
  soldados
- Em toda guerra, as armas não dormem nem de dia nem de noite.
  os combatentes, os soldados

j) A matéria pelo objeto:

▹ Na festa, quebraram todos os cristais.
copos, pratos feitos de cristal

▹ A comida foi colocada em porcelanas chinesas.
pratos e recipientes feitos de porcelana chinesa

➪ **Observação:**

a) Não se preocupe tanto em decorar essas formas de substituição. Procure, sim, entender o que é uma metonímia. As bancas raramente (mas raramente mesmo) cobram as relações acima. Elas querem saber tão somente se o estudante sabe identificar o que é um processo metonímico.

b) Muitos autores classificam alguns casos de metonímia como **sinédoque**. Esta, segundo eles, caracteriza-se por substituir "o todo pela parte" ou "a parte pelo todo", isto é, teremos uma relação do tipo "continente e conteúdo" ou "gênero e espécie". Achamos a discussão menor, e preferimos englobar todos os casos sob a denominação genérica de metonímia, porquanto tem sido a figura predominante nos certames hoje.

4.1.1.3 Catacrese

A catacrese é o desvio do significado natural de um vocábulo. Consiste em se empregar um vocábulo já existente e com significação própria em outro sentido, por falta de vocábulo adequado. Em verdade, a catacrese é uma metáfora desgastada, porque busca semelhanças entre seres, objetos, coisas e passa a usar um vocábulo com uma extensão semântica maior do que ele possui – "é o esquecimento ou substituição definitiva do significado de uma palavra por outra", preconiza o ilustre mestre Cândido de Figueiredo.

▹ O **pé da cadeira** está quebrado.

➪ **Observação:**

Busca-se a semelhança entre o "pé humano" (sentido denotativo) e o objeto de madeira que sustenta a cadeira, pé da cadeira (sentido conotativo).

Observe agora outros exemplos:

▹ Já na terça-feira, todos tiveram de responder à **sabatina** feita pelo professor.

▹ Furou a **cabeça do dedo** com um alfinete.

▹ Todos **embarcaram** no avião precisamente às 16 horas.

- O boxeador levou um soco na **boca do estômago.**
- Ficamos passeando bem no **coração da cidade.**
- Colocaram vários **dentes de alho** na buchada que eles prepararam.
- A **asa do avião** ficou danificada por causa da colisão com um pássaro.

4.1.1.4 Perífrase ou antonomásia

É um tipo especial de metonímia que se caracteriza por substituir um ser ou um objeto por uma expressão que facilmente o identifica. Geralmente essa substituição é feita com uma característica marcante do ser ou do objeto. Observe:

- Faz anos que morreu o épico português.
  Camões
- Conheci a Veneza brasileira.
  Recife

Veja outras perífrases:

- **o rei do baião** → por Luís Gonzaga
- **a cidade luz** → por Paris
- **a Suiça pernambucana** → por Garanhuns
- **o poeta dos escravos** → por Castro Alves
- **o país do sol nascente** → por Japão
- **o grande poeta mineiro** → por Drummond
- **o grande orador grego** → por Demosthenes
- **o grande poeta grego** → por Homero
- **o águia de Haia** → por Rui Barbosa
- **o rei da selva** → por leão

4.1.1.5 Sinestesia

Consiste na mistura de sensações perceptíveis por órgãos do sentido diferentes. Busca-se, com isso, oferecer maior expressividade à sensação primitiva, mais forte. Quando se diz, por exemplo, "beijo doce", atribuiu-se à sensação tátil "beijo" uma sensação gustativa "doce" para indicar que a ação primitiva "beijo" é intensificada por uma sensação gustativa "doce". Observe outros exemplos:

- Ela usava um vestido de **cores berrantes.**

- Na reunião, ele usou **ásperas palavras.**
- O locutor do aeroporto possui uma **voz doce e aveludada.**
- O vinho apresentava um **gosto quente, áspero.**
- "Ó sonora **audição colorida** do aroma!" (Alphonsus de Guimaraens)

4.1.1.6 Comparação

É a analogia efetuada entre dois seres ou objetos por meio de conectivos comparativos explícitos a fim de ressaltar a(s) semelhança(s) entre eles. Geralmente são usados os conectivos subordinativos comparativos "como, tal qual, assim como, tão... quanto, tanto... quanto, mais... (do) que, menos... (do) que etc.".

- "Seria meia-noite quando o navio começou a mover-se lentamente, e uma hora depois a cidade, as praias, e as montanhas sumiam-se na distância, **como** se o mar as fosse engolindo com a voracidade de um monstro." (Adolfo Caminha)
- "E o escândalo, **como** um líquido derramado, ia escorrendo pelas ruas, pelos becos, penetrando por aqui e por ali, invadindo as repartições públicas, os escritórios comerciais, as redações das folhas e as casa particulares." (Aluísio Azevedo)

4.1.2 FIGURAS DE PENSAMENTO

São figuras que se processam no âmbito do pensamente, da ideia que se quer transmitir. São processos de expressão do pensamento, os quais introduzem ideia diferente da que realmente a palavra exprime. São elas:

4.1.2.1 Antítese

É a figura que consiste no emprego de termos ou pensamentos em oposição, de forma que faça sobressair um pelo outro. É um poderoso recurso estilístico, pois ressalta relações de contraste, de oposição entre os termos, entre as ideias. Veja alguns exemplos:

- "Estes edificam, aqueles destroem; estes sobem pelos degraus da honra, aqueles outros descem." (M. Bernardes)
- "Última flor do Lácio, inculta e bela,
  és, a um tempo, esplendor e sepultura." (Olavo Bilac)

- "Vejo um túmulo, entremos:
  Quem sempre a morte achou no lar da vida
  Deve a vida encontrar no lar da morte." (Laurindo Rabelo)
- "Ontem plena liberdade
  A vontade por poder
  Hoje... cum'lo de maldade
  Nem são livres... pra morrer." (Castro Alves)
- "Era o porvir – em frente do passado,
  A liberdade – em face à escravidão." (Castro Alves)

4.1.2.2 Paradoxo ou oximoro

É uma espécie de antítese mais radical, pois trabalha com termos em oposição colocados lado a lado. O contrassenso se dá dentro do mesmo termo, do mesmo verso. Veja:

- "O doutor falava **bobagens** conspícuas." (Manoel de Barros apud Domingos P. Cegalla)
- "Amor é fogo que **arde** sem se ver,
  É ferida que **dói**, e não se sente;
  É um **contentamento** descontente
  É dor que **desatina** sem doer." (Camões)
- "Menino do rio,
  calor que provoca arrepio." (Caetano Veloso)
- "Enfim, transpondo o **Inferno** e o Purgatório, Dante
  Chegara à extrema luz pela mão de Beatriz:
  Triste no sumo bem, **triste** no excelso instante,
  O poeta compreendera o **mal** de ser feliz." (Olavo Bilac)

4.1.2.3 Ironia

Conhecida também como "antífrase", é a alteração do sentido próprio de uma palavra ou de uma expressão para o sentido oposto, isto é, a ironia ocorre quando a palavra ou a sentença exprime normalmente o contrário daquilo que queremos dar a entender com ela. O emprego da ironia, em muitas situações, pode revelar sarcasmo, zombaria, chacota, escárnio. Observe:

- Bela coisa você fez, meu filho – conseguiu tirar nota baixa em todos os exames!

- "Moça linda bem tratada
  Três séculos de família
  burra como uma porta." (Mário de Andrade)
- "A excelente dona Inácia era mestra na arte de judiar das crianças." (Monteiro Lobato)

4.1.2.4 Eufemismo

Consiste no emprego de palavras ou expressões com o objetivo de diminuir o impacto da mensagem. Em outras palavras, é o abrandamento da força de uma ideia, de uma mensagem. Empregam-se palavras ou expressões mais amenas, mais suaves, mais sutis para evitar o impacto da ideia, da mensagem. Observe:

- **Os funcionários da limpeza pública** entraram em greve. (em vez de "garis, lixeiros")
- No depoimento, a testemunha **faltou com a verdade.** (em vez de "mentiu")
- Foi preso pela polícia, porque **enriqueceu por meios ilícitos.** (em vez de "roubou")
- Descobriram um **tumor maligno** no seio da mulher. (em vez de "câncer")
- Nossos amigos **não foram felizes** no concurso que fizeram. (em vez de "foram reprovados")
- "Alma minha gentil **que te partiste**
  Tão cedo desta vida descontente." (Camões)
- "Os amigos que me restam são de data recente; todos os antigos foram estudar **a geologia dos campos santos.**" (Machado de Assis *apud* Rocha Lima)

4.1.2.5 Hipérbole

Consiste no emprego de expressões ou palavras com o sentido exagerado, extrapolado. É um outro poderoso recurso expressivo, pois se baseia no exagero da mensagem. Observe:

- Naquele momento, todos nós já estávamos **mortos de fome.**
- Mulher, não te vejo **há séculos.**
- "Abram mais janelas do que todas as janelas que há no mundo." (Fernando Pessoa)

- "Queria gritar setecentas mil vezes..." (Cazuza)
- "Rios te correrão dos olhos, se chorares." (Olavo Bilac)

4.1.2.6 Gradação

Consiste no emprego de palavras ou ideias em progressão ascendente ou descendente a fim de obter um efeito estilístico. Quando apresenta ideias em gradação ascendente, chama-se "clímax"; quando apresenta ideias em gradação descendente, chama-se "anticlímax". Veja alguns exemplos:

- "Que **verbo mais eloquente**, que **eloquência mais sublime**, que **sublimidade mais angélica** do que a sua"? (Alves Mendes *apud* Jorge Miguel)
- "Oh, não aguardes que a madura idade
  Te converta essa flor, essa beleza,
  Em terra, em cinza, em pó, em sombra, em nada." (Gregório de Matos)
- "Parece-me que só neste país ainda não se observa nem se permite esse costume **tão natural, tão próprio, tão eficaz mesmo**, das senhoras pobres empregarem-se no comércio a retalho." (Adolfo Caminha)
- "E o escândalo, como um líquido derramado, ia escorrendo pelas ruas, pelos becos, penetrando por aqui e por ali, **invadindo as repartições públicas, os escritórios comerciais, as redações das folhas e as casa particulares.**" (Aluísio Azevedo)
- "Não já lutando, **mas rendido, enfermo, prostrado, desfalecido, morrendo, morto.**" (Pe. Antônio Vieira)

4.1.2.7 Prosopopeia, personificação ou animismo

Consiste em se atribuírem qualidades humanas a seres inanimados, personificando-os. É uma figura bastante comum nas histórias, nos contos infantis. Observe:

- "As estrelas foram chamadas e **disseram:** – Aqui estamos." (Pe. Antonio Vieira)
- "Debaixo do arco admirável da Ponte das Bandeiras **o rio murmurava** num banzeiro de água pesada e oleosa." (Mário de Andrade)
- "Dona Cômoda tem três gavetas. E um **ar confortável de senhora rica.** Nas gavetas guarda coisas de outros tempos, só para si. Foi sempre assim, dona Cômoda: gorda, fechada e egoísta." (Mário Quintana)

- "As rãs do charco **clamavam**:
  – Dai-nos sol! Dai-nos sol!
  Os ralos e a cigarra acompanhavam:
  – Solzinho! Solzinho! Solzinho!" (Aquilino Ribeiro *apud* Jorge Miguel)

4.1.2.8 Apóstrofe ou invocação

Consiste num chamamento, numa invocação, numa interpelação que se faz a alguém. Em outros termos, é uma interrupção que faz o orador ou escritor para dirigir-se, em tom de chamamento, em tom forte, a uma pessoa ou coisa. Representa a figura do vocativo em sintaxe. Veja alguns exemplos:

- "**Lua lua lua**
  por um momento
  meu canto contigo compactua." (Caetano Veloso)
- "**Deus!, ó Deus!** onde estás que não respondes?" (Castro Alves)
- "Até quando, **ó povo insensato**, haveis de manquejar na Fé, divididos e discordes de vós mesmos em duas partes." (Pe. Antonio Vieira)

4.1.2.9 Reticência

Consiste na supressão da ideia, do pensamento, deixando à outra pessoa a complementação dessa ideia ou desse pensamento. É também um poderoso recurso de estilo, representado pelos três pontos em sequência (...). Vejamos alguns exemplos:

- "Bem sabes que te não contrario... desejo este casamento, desejo... mas... em primeiro lugar, convém saber se ele é do teu gosto... Vamos..., fala!" (Aluísio Azevedo)
- "Estava ainda com a carta aberta nas mãos, quando viu aparecer o doutor, que vinha por notícias do enfermo; o agente do correio dissera-lhe haver chegado uma carta. Era aquela?
  – É esta, mas...
  – Tem alguma comunicação reservada...?" (Machado de Assis)
- "Na comédia o rei veste como rei, e fala como rei; o lacaio veste como lacaio, e fala como lacaio; o rústico veste como rústico, e fala como rústico; mas um pregador, vestir como religioso e falar como... não o quero dizer, por reverência do lugar." (Pe. Antonio Vieira)

4.1.3 FIGURAS DE CONSTRUÇÃO OU DE SINTAXE

São denominadas de figuras de construção porque alteram de alguma forma a construção regular da frase, da oração, do período, do verso. Buscam, com essa alteração, conferir maior expressividade, maior elegância à construção textual. São elas:

4.1.3.1 Elipse

É uma das figuras mais usuais na construção textual. Consiste na omissão de um vocábulo, de um verbo ou de uma oração inteira, os quais podem ser facilmente subentendidos no contexto.

Dependendo do termo elipsado, a elipse pode ser: **nominal** (de uma palavra), **verbal** (de um verbo) ou **frástica** (de uma oração, de uma frase). Vejamos alguns exemplos:

▹ "**Na terra tanta guerra, tanto engano,**
Tanta necessidade aborrecida!" (Camões)

→ **Nos versos de Camões, temos a elipse do verbo "haver" = "Na terra há tanta guerra, há tanto engano".**

▹ "Em Dina matou a formosura a Sichem; **em Dallila matou a Sansão; em Judith matou a Holophernes; em Helena, a toda a Troia; em Lucrecia, a toda a Roma; em Florença, a toda a Espanha.**" (Pe. Antonio Vieira)

→ **No excerto de Vieira, é latente a elipse (nominal, diga-se de passagem) do sujeito "a formosura" nas orações subsequentes: "...em Dallila, a formosura matou a Sansão; em Judith, a formosura matou a Holophernes;..."**

▹ "É por estas e outras que aborreço os políticos, os políticos sim, **não a política.**" (Rui Barbosa)

→ **Observe a elipse do verbo "aborrecer" na última oração: "..., os políticos sim, não aborreço a política".**

▹ "Enfim, ele pensava, **como eu,** que tudo que existe é bom." (Machado de Assis)

→ **Elipse do verbo da oração comparativa: "..., como eu pensava,...".**

4.1.3.2 Zeugma

É uma espécie de elipse. É uma figura pela qual uma palavra já exprimida numa oração se subentende na outra, que lhe é análoga ou ligada, isto é, é a ocultação que um termo anteriormente expresso – o termo aparece em uma oração e é ocultado na(s) outra(s). Observe:

▹ Cada criança escolheu um brinquedo; os meninos pegaram carrinhos, as meninas, bonecas.

→ **Perceba a zeugma do verbo "pegar" na última oração.**

▹ A um é dada a palavra de sabedoria, a outro, o dom de curar moléstias.

→ **Veja a zeugma da locução de passiva "é dado".**

▹ "A aurora é o riso do céu, a alegria dos campos, a respiração das flores, a harmonia das aves, a vida e o alento do mundo." (Pe. Antonio Vieira)

→ **Observe a zeugma tanto do sujeito "aurora" quanto do verbo ser "é".**

▹ "Nossos bosques têm mais vida
Nossa vida mais amores." (Gonçalves Dias)

→ **Temos no último verso a zeugma do verbo "ter": "... Nossas vidas têm mais amores".**

4.1.3.3 Polissíndeto

É a figura que consiste na repetição intencional de conectivos, geralmente, coordenativos a fim de conferir maior expressividade entre os elementos unidos pelos conectivos. Vejamos:

▹ Deus criou o sol e a lua e as estrelas. E fez o homem e deu-lhe inteligência e fê-lo chefe da natureza.

▹ "Uma procissão de rendas e sedas e leques e véus e diamantes e olhos de todas as cores e linguagens." (Machado de Assis)

▹ "Chego, pego-lhe do braço e o recolho e o enxugo e o aqueço e o agasalho no meu colo." (A. R. dos Santos *apud* Ernesto C. Ribeiro)

4.1.3.4 Assíndeto

É a figura oposta ao polissíndeto. Consiste na supressão dos conectivos entre os termos e orações a fim de tornar a mensagem mais concisa, mais enxuta. Vejamos alguns exemplos:

- Entram todos os fiéis. Louvam, cantam, batem palmas, choram, riem. Tudo em nome de Deus.
- "Range, ri, treme, devasta, insulta e vence." (Eça de Queiroz)
- "Luciana, inquieta, subia à janela da cozinha, sondava os arredores, bradava com desespero..." (Graciliano Ramos *apud* Rocha Lima)

4.1.3.5 Hipérbato

Consiste na alteração da ordem direta dos termos em uma oração. Em português, a oração geralmente segue a ordem "sujeito + verbo + complementos + adjuntos". O hipérbato quebra a ligação imediata que as palavras têm umas com as outras, a fim de conferir maior ênfase, maior destaque a determinadas partes da oração. Observe:

- "Ouviram do Ipiranga as margens plácidas
  De um povo heroico o brado retumbante." (Hino Nacional Brasileiro)

→ **Na ordem direta, teríamos: "As margens plácidas do Ipiranga ouviram um brado retumbante de um povo heroico."**

- "... aí se não ouvem essas alegres sinfonias." (Carneiro Ribeiro)
- "A quem o nascimento fez em Portugal, grande, o valor no Oriente." (J. Freire *apud* Carneiro Ribeiro)

➯ **Observação:**

Quando o hipérbato altera tão profundamente a ordem dos termos na oração que chega a provocar certa confusão entre as partes desta, passa a ser chamado de "sínquise". Veja:

- "Por ver em que montanhas se dos mares
  Livrou, anda vagando, e em que lugares." (F. Barreto)
- "Enquanto manda as ninfas amorosas
  Grinaldas na cabeça pôr de rosas." (Camões)

4.1.3.6 Pleonasmo enfático ou estilístico

É uma figura pela qual se empregam palavras que, se bem não sejam necessárias para a perfeita expressão do pensamento, dão-lhe, todavia, mais força, mais energia. Consiste, literalmente, na repetição de uma ideia já contida em termos e expressões anteriores a fim de aumentar a força da mensagem. Observe:

- "Este crucifixo, vi-o eu com os meus olhos, e está hoje em dia naquele mosteiro." (H. Pinto)
- "Louvamos em Deus uma excelência, que é mais excelente de todas." (Pe. Antônio Vieira)
- "E rir meu riso
  E derramar meu pranto." (Vinícius de Moraes)
- "Tantos outros assombros da natureza e prodígios inauditos, vistos com os próprios olhos, palpados com as mãos e pisados com os pés." (Pe. Antônio Vieira)

⇛ **Observações:**

a) Em algumas situações, o pleonasmo é representado pela repetição, em forma de pronome oblíquo tônico, dos complementos verbais: objeto direto e objeto indireto. Observe:

- "Vi os teus companheiros, mas não te vi a ti." (M. Said Ali)
- "Ele perseguia as aves e alimárias inocentes: eu perseguia-o a ele." (A. Herculano)
- "E que me importa a mim isso? Virão um dia a esta nobre terra de Espanha gerações que compreendam as palavras do presbítero." (A. Herculano)

b) Não confunda este tipo de pleonasmo com o **pleonasmo vicioso**. Este, como o próprio nome já diz, torna a frase deselegante, pobre. Por isso, expressões do tipo "morreu uma morte; vi com os olhos; fui com os meus pés; pescou um peixe" são terríveis pleonasmos. Entretanto, se lhes acrescentarmos uma expressão explicativa, uma circunstância ou um modificativo, desfaremos o pleonasmo. Logo, em "morreu uma morte terrível, sofrida e solitária" não há mais pleonasmo, senão uma forma bastante expressiva de se enunciar um pensamento.

4.1.3.7 Anástrofe

Consiste numa inversão mais simples que o hipérbato – geralmente se inverte apenas sujeito e predicado. Em outras palavras, é uma inversão na sucessão analítica do pensamento, sem quebrar a ligação imediata que as palavras têm umas com as outras.

- "A Dário venceu Alexandre." (Carneiro Ribeiro)
- "Com papas e bolos se enganam os tolos." (Provérbio)
- "Clara era naquele tempo a fama de Dom Duarte de Menezes." (J. Freire)
- "Aberta em parte estava a porta." (A. Garrett)

4.1.3.8 Silepse ou concordância ideológica

Como o próprio nome já denuncia, é uma concordância efetuada não com o termo, mas com a ideia transmitida pelo termo. É preciso ter em mente que, em português, a concordância padrão se dá com o núcleo do sujeito expresso ou implícito. Na silepse, essa concordância é efetuada com o "espírito", com a ideia do termo. Há três tipos de silepse: de **gênero**, de **número** e de **pessoa**. Vamos a elas:

a) **Silepse de gênero:** a concordância é feita com o gênero do termo a que se refere e não com o termo em si. Observe:

- Vossa Excelência é muito justo e generoso.

⇨ **Observação:**

Perceba como os adjetivos não concordam com o pronome de tratamento "Vossa Excelência", mas sim com a ideia de que o pronome de tratamento se refere a um ser masculino.

- De longe, viu o seu **amor**, **vestida** de véu e grinalda. (amor = mulher, esposa)
- A **criança** voltou às aulas, mas a professora não podia com **ele**.
- A **testemunha** prestou depoimento e estava **preocupado** com a possibilidade de haver uma acareação entre **ele** e o réu do processo.

b) **Silepse de número:** a concordância é feita com o número (singular ou plural) que é transmitido pela ideia do termo, e não com o número (singular ou plural) real do termo.

- "Das ovelhas **a maior parte** ao desamparo dos pegureiros **se perderam.**" (Lobo *apud* Carneiro Ribeiro)
- "Estavam pegados com ele uma infinidade de homens." (Fr. Luís de Souza)
- "Logo outro dia ao romper da alva se abalou **o exército**, ao som de muitos instrumentos bélicos, e chegando aos muros, **começaram** em torno da fortaleza a arvorar escadas." (J. Freire)
- "**Povoavam** os degraus **muita sorte de gente.**" (Mário Barreto)

➾ **Observação:**

Haverá também silepse de número quando os pronomes "nós" e "vós" forem empregados por "eu" e "tu", isto é, quando se emprega o plural de modéstia. Nesse caso, o predicativo poderá concordar no singular com a ideia do singular. Veja:

- "Antes sejamos **breve** que **prolixo.**" (J. de Barros)
- "Apesar da benevolência com que fomos **acolhido**, disseram-nos que..." (J. de Castilho)
- "**Chegado**, porém, à conclusão deste livro, por-lhe-emos remate com uma reflexão." (A. Herculano *apud* Eduardo C. Pereira)

c) Silepse de pessoa: a concordância é feita com a pessoa que se tem em mente, e não com a pessoa (1.ª, 2.ª ou 3.ª) na qual o termo efetivamente se encontra.

- Os brasileiros em geral somos pessoas cordiais.
  3.ª pessoa *1.ª pessoa*
- "Dizem que os cariocas somos pouco dados aos jardins públicos." (Machado de Assis)
- "E os dois, ali no quarto, picamos em mil pedaços as trezentas páginas do livro." (Paulo Setúball *apud* Jorge Miguel)
- "Senhor, os que somos de terra deixamos repouxar os navegantes." (Fr. Luís de Souza *apud* Artur de A. Torres)

4.1.3.9 Anáfora

Do ponto de vista da retórica, a anáfora consiste na repetição de uma mesma palavra, de um mesmo vocábulo no início de cada oração, de cada período ou de cada verso de uma composição.

- "Quem, senão ela, há de expulsar do templo o renegado, o blasfemo, o profanador, o simoníaco? Quem, senão ela, exterminar da ciência o apedeuta, o plagiário, o charlatão? Quem, senão ela, banir da sociedade o imoral, o corruptor, o libertino? Quem, senão ela, ..." (Rui Barbosa)
- "Com o tempo o prado verde reverdece,
  Com o tempo cai a folha ao bosque umbroso.
  Com o tempo pára o rio caudaloso,
  Com o tempo o campo pobre se enriquece." (Camões)
- "Vi os navios irem e voltarem.
  Vi os infelizes irem e voltarem.
  Vi os homens obesos dentro do fogo.
  Vi ziguezagues na escuridão." (Jorge de Lima *apud* Roberto M. Mesquita)

4.1.3.10 Anacoluto

Gramaticalmente falando, o anacoluto nada mais é do que "uma frase quebrada", isto é, uma construção interrompida e depois retomada com outra estrutura. Com esta quebra, um dos termos da estrutura oracional geralmente acaba sem função sintática.

Convém aqui reproduzir a definição de um dos nossos maiores mestres, o professor Augusto Epifânio da Silva Dias: "A anacolutia consiste em uma ou mais palavras do princípio de uma oração não se ligarem ao que vem depois, segundo as regras da sintaxe."

O tipo mais frequente de anacoluto é aquele em que um elemento parece que vai ser sujeito da oração e acaba sem função sintática.

Vamos aos exemplos (grifamos os termos que ficaram sem função sintática no período, o que reflete o anacoluto).

- O João Paulo, parece que as coisas não lhe correm bem.
- "As outras, que as asas do anjo Azrael se estendam sobre os seus cadáveres." (A. Herculano)
- "Tua mãe, não há idade nem desgraça que lhe amolde a índole rancorosa." (Camilo C. Branco)
- "A velha hipocrisia, recordo-me dela com vergonha." (Camilo C. Branco)
- A terra em que tu morreres, nessa morrerei." (Pe. Antônio Pereira *apud* Eduardo C. Pereira)
- Os três reis orientais, que vieram adorar o Filho de Deus recém-nascido em Belém, é tradição da igreja que um era preto." (Pe. Antônio Vieira *apud* Eduardo C. Pereira)

⇨ **Observação final sobre o anacoluto:**

Observe como os termos grifados encontram-se soltos dentro da estrutura oracional – nenhum deles se liga sintaticamente a outro. É justamente esse fenômeno, essa quebra que recebe o nome de anacoluto. Para o ilustre Gramático Carlos Góis, "o anacoluto é uma das belezas mais ornamentais da língua. De geração espontânea na linguagem do povo, como o provam os adágios e rifões, os escritores e poetas mais autorizados acharam-lhe tal graça, tal efusão, que o transportaram, de flor popular e anônima, a flor de gala e louçania".

4.1.3.11 Aliteração

Consiste na repetição intencional do mesmo som consonantal no início de dois ou mais vocábulos em imediata sucessão para imitar a realidade sonora de certos fenômenos ou para simplesmente conferir ênfase à estrutura. Observe:

- Em nossa viagem, passamos por uma terra feia, fria, mas farta.
- Fumo e fogo resfolga a férrea máquina.
- "Pedro pedreiro penseiro esperando o trem." (Chico Buarque)

4.1.3.12 Repetição

Consiste na repetição das mesmas palavras ou locuções. Esta figura revela que o espírito do escritor se encontra repleto da ideia que o absorve e fortemente o empolga.

- "Abri, abri estas entranhas, vede, vede este coração." (Pe. Antônio Vieira)
- "Fora, fora com essas velhices." (Fr. Luís de Souza)

4.2 VÍCIOS DE LINGUAGEM

Em contraposição às figuras de linguagem, que dão à fala e à escrita graça e elegância, encontramos os vícios de linguagem, os quais são deturpações que a língua sofre em sua pronúncia ou em sua escrita por desconhecimento ou descuido de quem fala.

Quem fala deve sempre prezar por uma linguagem pura, correta e clara. A **pureza** consiste no emprego de palavras e expressões autorizadas pela história da língua e pelo uso dos que melhor falam. Já a **correção** significa a elabo-

ração de construções oracionais e frásticas em conformidade com as regras da sintaxe. E finalmente a **clareza** consiste em empregar palavras e construir frases, cujo sentido facilmente se compreende. Aquele que desrespeita essas virtudes textuais incorre, portanto, nos vícios da linguagem.

Os principais vícios de linguagem são: barbarismo, solecismo, ambiguidade, cacofonia, estrangeirismo, colisão, eco, arcaísmo e hiato.

4.2.1 BARBARISMO

Barbarismo (também chamado de "peregrinismo") é o emprego de termos estranhos à língua, quer na forma, quer na sua ideia. Em outras palavras, ocorre barbarismo quando se escrevem ou se pronunciam, de forma incorreta, certos vocábulos, ou ainda quando se empregam vocábulos num sentido diverso do que realmente ele representa.

Vejamos alguns exemplos de barbarismos:

- advinhar → por "adivinhar"
- mendingo → por "mendigo"
- mantêga → por "manteiga"
- adevogado → por "advogado"
- sastifeito → por "satisfeito"
- abandonado → por "dissoluto"
- seje → por "seja"
- preguntar → por "perguntar"
- fácio → por "fácil"
- rúbrica → por "rubrica"
- bizarro → por "esquisito"
- brusco → por "precipitado"

4.2.2 SOLECISMO

Genericamente falando, solecismo é qualquer erro de sintaxe. Tal erro pode ser de concordância, de regência ou de colocação pronominal. Vejamos alguns solecismos comuns:

- Eu lhe vi ontem no shopping. → em vez de: "Eu o vi ontem no shopping."
- Vamos todos assistir o jogo agora. → em vez de: "Vamos todos assistir ao jogo agora."
- Não fazei mal aos animais. → em vez de: "Não façais mal aos animais."
- Houveram muitos problemas no processo. → em vez de: "Houve muitos problemas no processo".
- Incendiou-se a casa que eu morei nela. → em vez de: "Incendiou-se a casa em que eu morei."

- Me disseram que ela não virá hoje. → em vez de: "Disseram-me que ela não virá hoje."
- Fomos na cidade hoje pela manhã. → em vez de: "Fomos à cidade hoje pela manhã."

4.2.3 AMBIGUIDADE (ANFIBOLOGIA OU PLEONASMO VICIOSO)

Ocorre quando uma frase apresenta sentido duplo ou duvidoso, ou seja, quando não se consegue chegar ao sentido exato da frase por apresentar mais de uma interpretação, mais de um sentido. Vejamos alguns exemplos:

- Mãe procura filho sequestrado pela internet. → (Não se sabe se a mãe o procura pela internet ou se o filho foi sequestrado pela internet)
- Regressou a Brasília depois de uma cirurgia, com cerimonial de Chefe de Estado. → (Não se sabe se o cerimonial foi para a cirurgia ou para o regresso)
- O policial prendeu o ladrão em sua casa. → (Não se sabe se foi na casa do ladrão ou na casa do policial)
- O amor de minha mãe me fortalece. → (Não se sabe se a mãe é amada ou se ela ama, ou seja, não se sabe se ela é agente ou paciente do amor)
- O bom rei ama o povo. → (Não se sabe quem é o sujeito da oração: "o bom rei" ou "o povo")

4.2.4 CACOFONIA OU CACÓFATO

Consiste no encontro de palavras que formem outra de sentido torpe, ridículo ou desagradável. Em algumas situações, a cacofonia é resultante da junção da sílaba terminal de um vocábulo com a palavra ou parte da palavra imediata.

Convém aqui citar o mestre M. Said Ali, para quem "a cacofonia é o encontro de sílabas em que a malícia descobre um novo termo com sentido torpe ou ridículo".

Vejamos alguns exemplos:

- "Alma minha gentil que te partiste". (Camões)
- Por ser tão tarde, vou-me já.
- A boca dela está suja.
- Distribuiremos um por cada visitante.

- Meu coração por ti gela.
- Ele só possui uma mão.
- Ele nunca agiu como elas.

4.2.5 ESTRANGEIRISMO

Consiste no emprego abusivo de palavras estrangeiras quando há, no idioma pátrio, vocábulo próprio para a situação. Como os estrangeirismos provêm de línguas diversas, alguns autores preferem as denominações "galicismos (provenientes do francês), anglicismos (provenientes do inglês) e germanismos (provenientes do alemão)". Observe alguns:

- **delivery** → por "entrega"
- **meeting** → por "encontro"
- **pic-nic** → por "piquenique"
- **buquet** → por "buquê"
- **sale** → por "promoção"
- **feed back** → por "retorno"
- **chofer** → por "motorista"
- **performance** → por "desempenho"

4.2.6 COLISÃO

Consiste no emprego desagradável de um som consonantal idêntico.

- Vimos um jardim com ro**sas** **secas**, **serenas** e **sem** **sementes.**
- Não **sabemos** **se** **serão** **servidas** **frutas** **secas** nas cerimônias.
- O silêncio da noite era interrompido **pelo** **pio** do **pinto** agourento.

4.2.7 ECO

É a repetição desagradável de fonemas vocálicos no final das palavras, fazendo-as rimar. Observe:

- Neste momento, eu tive um aumento no meu vencimento.
- O instrumento de casamento do sargento ficou no convento no largo de São Bento.
- É sempre válida a disposição para a criação de uma fundação que tenha por função a proteção do cidadão.

4.2.8 ARCAÍSMO

Consiste no emprego de vocábulos ou expressões que são antiquados ou que já caíram em desuso.

- vosmecê → em vez de "você"
- cachete → em vez de "comprimido"
- cristaleira → em vez de "estante"
- velida → em vez de "bela"
- coita → em vez de "dor, aflição"
- bofé → em vez de "boa-fé"

4.2.9 HIATO

Consiste na dissonância produzida pelo encontro de vogais idênticas e sucessivas, especialmente quando se trata de vogais abertas.

- Perdeu-**o o** homem que estava à beira da morte.
- Só vou **à au**la amanhã de manhã.
- Imperfeição como esta não **a há** nos clássicos.

⇒ **Observação:**

Cumpre dizer que "colisão", "eco" e "hiato" deixam de constituir vícios de linguagem quando intencionalmente empregados para efeito estilístico.

4.3 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (CESGRANRIO) "A política é a higiene dos países moralmente sadios. A politicalha, a malária dos povos de moralidade estragada."

   As figuras de estilo identificáveis nesse contexto são:

   a) hipérbole e anacoluto.
   b) metáfora e anacoluto.
   c) metonímia e zeugma.
   d) metonímia e hipérbole.
   e) metáfora e zeugma.

2. (UNITAU) Na frase "... consumo das significações no SEIO da comunicação social...", a palavra em destaque é, no plano semântico e estilístico,

   a) denotação e paradoxo.
   b) conotação e sinédoque.
   c) denotação e pleonasmo.
   d) conotação e catacrese.
   e) conotação e antítese.

3. (CESGRANRIO) Observe os períodos abaixo:

   1 – "Vontade de beijar os olhos de minha pátria
   De niná-la, de passar-lhe a mão pelos cabelos".

   2 – "Pátria, eu semente que nasci do vento
   Eu que não vou e não venho, eu que permaneço".

   A partir dos exemplos 1 e 2, indique as respectivas figuras de linguagem:

   a) prosopopeia – aliteração.
   b) metáfora – gradação.
   c) hipérbole – antítese.
   d) aliteração – personificação.
   e) metonímia – assíndeto.

4. (FAAP) "De repente do riso fez-se o pranto".

   Observe que as palavras RISO e PRANTO, nesse soneto, ultrapassam a simples representação mental correspondente a cada um dos signos; convertem-se na significação mesma da alegria ou da felicidade e da tristeza ou da situação infeliz. Trata-se de uma figura de linguagem que consiste na ampliação da área de significação de uma palavra usada em lugar de outra, com apoio numa relação de coexistência ou contiguidade, ou seja:

   a) silepse
   b) pleonasmo
   c) anacoluto
   d) metonímia
   e) prosopopeia

5. (FAAP) "Silencioso e branco como a bruma".

   À repetição das mesmas consoantes em BRANCO e BRUMA em busca da sonoridade, dá-se o nome:

   a) assonância
   b) aliteração
   c) eco
   d) trocadilho
   e) pleonasmo

6. (FATEC) "Seus óculos eram imperiosos."

Assinale a alternativa onde aparece a mesma figura de linguagem que há na frase acima:

a) "As cidades vinham surgindo na ponte dos nomes."
b) "Nasci na sala do terceiro ano."
c) "O bonde passa cheio de pernas."
d) "O meu amor, paralisado, pula."
e) "Não serei o poeta de um mundo caduco."

7. (FEI) Assinalar a alternativa correta, correspondente às figuras de linguagem, presentes nos fragmentos a seguir:

I. "Não te esqueças daquele amor ardente que já nos olhos meus tão puro viste."

II. "A moral legisla para o homem; o direito, para o cidadão."

III. "A maioria concordava nos pontos essenciais; nos pormenores porém, discordavam."

IV. "Isaac a vinte passos, divisando o vulto de um, pára, ergue a mão em viseira, firma os olhos."

a) anacoluto, hipérbato, hipálage, pleonasmo
b) hipérbato, zeugma, silepse, assíndeto
c) anáfora, polissíndeto, elipse, hipérbato
d) pleonasmo, anacoluto, catacrese, eufemismo
e) hipálage, silepse, polissíndeto, zeugma

8. (FEI) Assinalar a alternativa que contém as figuras de linguagem correspondentes aos períodos a seguir:

I. "Está provado, quem espera nunca alcança".

II. "Onde queres o lobo sou o irmão".

III. Ele foi discriminado por sofrer de uma doença contagiosa muito falada atualmente.

IV. Ela quase morreu de tanto estudar para o vestibular.

a) ironia – antítese – eufemismo – hipérbole
b) eufemismo – ironia – hipérbole – antítese
c) antítese – hipérbole – ironia – eufemismo
d) hipérbole – eufemismo – antítese – ironia
e) ironia – hipérbole – eufemismo – antítese

9. (FEI) Assinalar a alternativa que apresenta o vício de linguagem conhecido como solecismo:

a) Não podemos adiar a viagem para depois.
b) Ele entrou de sócio no clube.

c) Fazem dois anos que trabalho aqui.
d) É louvável a fé de teu time.
e) Ele assistiu ao incêndio do prédio.

10. (FUVEST) A prosopopeia, figura que se observa no verso "Sinto o canto da noite na boca do vento", ocorre em:

a) "A vida é uma ópera e uma grande ópera."
b) "Ao cabo tão bem chamado, por Camões, de Tormentório, os portugueses apelidaram-no de Boa Esperança."
c) "Uma talhada de melancia, com seus alegres caroços."
d) "Oh! eu quero viver, beber perfumes,
Na flor silvestre, que embalsama os ares."
e) "A felicidade é como a pluma..."

GABARITO

1 – E	2 – D	3 – A
4 – D	5 – B	6 – C
7 – B	8 – A	9 – C
10 – C		

BIBLIOGRAFIA – CONTEÚDO GRAMATICAL

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa*. 5. ed. São Paulo: Global, 2009.

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Dicionário de questões vernáculas*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1996.

__________. *Gramática metódica da língua portuguesa*. 41. ed. São Paulo: Saraiva, 1997.

ALI, M. Said. *Dificuldades da língua portuguesa*. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora Livraria Acadêmica, 1957.

__________. *Gramática elementar da Língua Portuguesa*. 9. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1966.

__________. *Gramática secundária da Língua Portuguêsa*. 7. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1966.

__________. *Investigações filológicas*. 3. ed.. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

ALVES, Ieda Maria. *Neologismo* – Criação lexical. 2. ed. São Paulo: Ática, 1994.

AZEREDO, José Carlos de. *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*. 2. ed. São Paulo: Publifolha, 2008.

BARRETO, Mário. *Através do dicionário e da gramática*. 4. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1986.

__________. *De gramática e de linguagem*. 3. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1982.

__________. *Novíssimos estudos da Língua Portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1980.

__________. *Novos estudos da Língua Portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1980.

__________. *Últimos estudos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1986.

BECHARA, Evanildo. *Lições de português pela análise sintática*. 17. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

__________. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

__________ (org.) et al. *Na ponta da língua*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004. v. 5.

__________. *Na ponta da língua*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004. v. 6.

__________. *Na ponta da língua*. 1. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. v. 7.

BRANDÃO, Cláudio. *Sintaxe clássica portuguesa.* Belo Horizonte: Imprensa da Universidade de Minas Gerais, 1963.

BRUNO, Aníbal. *Língua Portuguesa – Gramática e Exercícios.* 28. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1948.

__________. *Nova Gramática da Língua Portuguesa.* 1. ed. Rio de Janeiro: Forense, 1971.

BUENO, Silveira. *Gramática normativa da Língua Portuguêsa.* 7. ed. São Paulo: Saraiva, 1968.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Dicionário de lingüística e gramática.* 18. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

CARONE, Flávia de Barros. *Morfossintaxe.* 5. ed. São Paulo: Ática, 1995.

__________. *Subordinação e coordenação.* 3. ed. São Paulo: Ática, 1993.

CARVALHO, Alfredo de. *Dicionário de regência nominal portuguesa.* 1. ed. Belo Horizonte: Garnier, 2007.

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Dicionário de dificuldades da língua portuguesa.* 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

__________. *Novíssima gramática da língua portuguesa.* 46. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2007.

CHEDIAK, Antônio J. *Análise sintática.* 1. ed. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1955.

CUNHA, Celso e CINTRA, Luís F. Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo.* 3. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2007.

CUNHA, J. Alcides. *Método de análise sintática.* 14. ed. Rio de Janeiro: Globo, 1955.

DIAS, Augusto Ephiphanio da Silva. *Syntaxe histórica portuguesa.* 1. ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1918.

ELIA, Hamilton. *Prática da análise sintática.* 9. ed. Rio de Janeiro: J. Ozon Editor, 1966.

ELIA, Hamilton e ELIA, Sílvio. *100 textos errados e corrigidos.* 26. ed. Francisco Alves, 1979.

ELIA, Silvio (org.) et al. *Na ponta da língua.* 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2000. v. 1.

FARACO, Carlos Emílio e MOURA, Francisco Marto. *Língua e literatura.* 18. ed. São Paulo: Ática, 1997. v. 3.

FERNANDES, Francisco. *Dicionário de regimes de substantivos e adjetivos.* 26. ed. São Paulo: Globo, 2001.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário de verbos e regimes.* 44. ed. São Paulo: Globo, 2003.

__________. *Novo Dicionário Eletrônico Aurélio.* 4. ed. Editora Positivo.

FIGUEIREDO, Cândido de. *Gramática sintética da língua portuguesa.* 8. ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1961.

__________. *O que se não deve dizer.* 7. ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1953. v. I.

___________. *O que se não deve dizer.* 6. ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1953. v. II.

___________. *O que se não deve dizer.* 3. ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1927. v. III.

GARCIA, Othon Moacyr. *Comunicação em prosa moderna.* 2. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1974.

GÓIS, Carlos. *Gramática expositiva primária.* 5. ed. Belo Horizonte: Oliveira, Costa e Cia Oficinas Gráficas, 1934.

___________. *Methodo de analyse.* 9. ed. Rio de Janeiro: Oficina gráfica Renato Americano, 1936.

___________. *Sintaxe de regência.* 4. ed. Belo Horizonte: Livraria Francisco Alves, 1938.

___________. *Syntaxe de concordância.* 6. ed. Rio de Janeiro: Oficina gráfica Renato Americano, 1935.

GOMES, Dr. Alfredo. *Grammatica Portugueza.* 20. ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1930.

GOTARDELO, Augusto. *A crase nos bons escritores.* 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Dois Irmãos Ltda., 1983.

GRAÇA, Heráclito. *Fatos da linguagem.* 3. ed. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2005.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa.* 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

KURY, Adriano da Gama. *Novas lições de análise sintática.* 6. ed. São Paulo: Ática, 1993.

__________ et al. *Gramática objetiva da língua portuguesa* – sintaxe. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1977.

LEME, Odilon Soares. *Tirando dúvidas de português.* 1. ed. São Paulo: Ática, 1992.

LIMA, Carlos Henrique da Rocha. *Gramática normativa da língua portuguesa.* 31. ed. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1992.

__________. *Teoria da análise sintática.* 3. ed. Rio de Janeiro: Acquarone, 1956.

LUFT, Celso Pedro. *A vírgula.* 1. ed. São Paulo: Ática, 1996.

__________. *Decifrando a crase.* São Paulo: Globo, 2005.

__________. *Dicionário prático de regência nominal.* 4. ed. São Paulo: Ática, 2005.

__________. *Dicionário prático de regência verbal.* 5. ed. São Paulo: Ática, 1997.

__________. *Moderna gramática brasileira.* 1. ed. São Paulo: Globo, 2006.

__________. *Novo guia ortográfico.* 1. ed. São Paulo: Globo, 1996.

MATEUS, Maria Helena Mira et al. *Gramática da Língua Portuguesa.* 7. ed. Lisboa: Editorial Caminho, 2003.

MAURER JR., Theodoro Henrique. *O infinito flexionado português.* São Paulo: Cia Editora Nacional, 1968.

MELO, Gladstone Chaves de. *Gramática fundamental da língua portuguesa.* 4. ed. Rio de Janeiro: Editora Ao Livro Técnico, 2001.

_________. *Novo manual de análise sintática.* 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Livraria Acadêmica, 1971.

_________ (org.) et al. *Na ponta da língua.* 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2000. v. 2.

_________. *Na ponta da língua.* 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2000. v. 3.

MELO, J. Nelino. *Análise sintática.* 1. ed. Rio de Janeiro: Melso Soc. Anônima, 1964.

_________. *Estudos práticos de gramática normativa da língua portuguesa.* 2. ed. Rio de Janeiro: Bruno Buccini Editor, 1968.

MESQUITA, Roberto Melo. *Gramática da Língua Portuguesa.* 5. ed. São Paulo: Saraiva, 1996.

MIGUEL, Jorge. *Curso de língua portuguesa.* 1. ed. São Paulo: Harbra, 1989.

NASCENTES, Antenor. *Dicionário de dúvidas e dificuldades do idioma nacional.* 3. ed. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1952.

_________. *O idioma nacional.* 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Livraria Acadêmica, 1960.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de usos do português.* 1. ed. São Paulo: Unesp, 2000.

_________. *Guia de uso do português.* 1. ed. São Paulo: Unesp, 2003.

OITICICA, José. *Manual de análise léxica e sintática.* 10. ed. refundida. Rio de Janeiro: Editora Paulo de Azevedo Ltda., 1953.

OLIVEIRA, Cândido de. *Análise sintática* – Manual prático. 7. ed. São Paulo: Editora Gráfica Biblos Ltda.

PEREIRA, Eduardo Carlos. *Gramática expositiva.* 109. ed. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1958.

PERINI, Mário A. *Gramática descritiva do português.* 3. ed. São Paulo; Ática, 1998.

RIBEIRO, Ernesto Carneiro. *Serões Grammaticaes.* 6. ed. Bahia: Livraria Progresso Editora, 1956.

RIBEIRO, João. *Grammatica Portugueza.* 34. ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1920.

SACCONI, Luiz Antonio. *Dicionário de dúvidas, dificuldades e curiosidades da língua portuguesa.* 1. ed. São Paulo, 2005.

_________. *Nossa gramática contemporânea.* 1. ed. São Paulo: Editora Escala Educacional, 2006.

SILVEIRA, Souza da. *Lições de português.* 9. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1983.

_________. *Sintaxe da preposição "de".* Rio de Janeiro: Organização Simões, 1951.

_________. *Trechos seletos.* 8. ed. Rio de Janeiro: F. Briguiet e Cia Editores, 1966.

SAVIOLI, Francisco Platão. *Gramática em 44 lições.* 14. ed. São Paulo: Ática, 1998.

TERRA, Ernani. *Curso prático de gramática.* 4. ed. São Paulo: Scipione, 2002.

TÔRRES, Artur de Almeida. *Moderna gramática expositiva da língua portuguesa.* 14. ed. Rio de Janeiro, Fundo de Cultura, 1962.

RODRIGO BEZERRA

Nova Gramática da LÍNGUA PORTUGUESA para concursos

4.ª edição

revista e atualizada

gen
EDITORA MÉTODO

SÃO PAULO

© EDITORA MÉTODO

Uma editora integrante do GEN | Grupo Editorial Nacional
Rua Dona Brígida, 701, Vila Mariana – 04111-081 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 5080-0770 / (21) 3543-0770 – Fax: (11) 5080-0714

Visite nosso site: www.editorametodo.com.br
metodo@grupogen.com.br

Capa: Rafael Molotievschi

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

Bezerra, Rodrigo

Nova gramática da língua portuguesa para concursos 4.ª ed. / Rodrigo Bezerra. - Rio de Janeiro : Forense ; São Paulo : MÉTODO, 2010.

Inclui bibliografia
ISBN 978-85-309-3404-0

1. Língua portuguesa - Gramática. 2. Língua portuguesa - Gramática - Problemas, questões, exercícios. 3. Serviço público - Brasil - Concursos. I. Título.

10-2768. CDD: 469.5 CDU: 811.134.3'36

A Editora Método se responsabiliza pelos vícios do produto no que concerne à sua edição (impressão e apresentação a fim de possibilitar ao consumidor bem manuseá-lo e lê-lo). Os vícios relacionados à atualização da obra, aos conceitos doutrinários, às concepções ideológicas e referências indevidas são de responsabilidade do autor e/ou atualizador.

Todos os direitos reservados. Nos termos da Lei que resguarda os direitos autorais, é proibida a reprodução total ou parcial de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, inclusive através de processos xerográficos, fotocópia e gravação, sem permissão por escrito do autor e do editor.

Impresso no Brasil
Printed in Brazil
2011

Ao Deus, a Quem eu sirvo, e à minha querida mãe,
Maria Luzinete, meus agradecimentos.

À minha amada Ana Cláudia e à minha pérola Esther,
esposa e filha, dedico as próximas páginas
com todo o meu amor.

LÍNGUA PORTUGUESA

Última flor do Lácio, inculta e bela,
És, a um tempo, esplendor e sepultura:
Ouro nativo, que na ganga impura
A bruta mina entre os cascalhos vela...

Amo-te assim, desconhecida e obscura,
Tuba de alto clangor, lira singela,
Que tens o trom e o silvo da procela,
E o arrolo da saudade e da ternura!

Amo o teu viço agreste e o teu aroma
De virgens selvas e de oceano largo!
Amo-te, ó rude e doloroso idioma,

Em que da voz materna ouvi: "meu filho!"
E em que Camões chorou, no exílio amargo,
O gênio sem ventura e o amor sem brilho!

Olavo Bilac

EXCELÊNCIAS DA LÍNGUA PORTUGUÊSA

E que esplêndida língua o Brasil nos deve! Tôdas as raças que passaram por este canto da terra, aqui deixaram a flor e o ideal da sua alma. Desde a povoação céltica e a colonização grega, de que tantos vestígios restam ainda nas nossas províncias do norte, até à invasão dos árabes que envolveram tôda a civilização da península numa etérea poeira de luz e oiro – as imigrações sucessivas e as conquistas supervenientes contribuíram, tôdas à formação desta língua admirável que, sob muitos aspectos, não tem superior no mundo.

Serve a tudo: à epopéia e ao idílio, à lamentosa elegia e ao cântico de guerra.

Passada pelas cordas duma lira, é suave e doce como a voz do amor; assoprada na tuba épica, é vibrante, sonora e grandiosa ou terrível segundo os têrmos que versa, as ações que canta ou os heróis que celebra.

O sol doura-a, ilumina-a, aquece-a; e a nossa paisagem, tão variada e linda, tão florida e perfumada, reflete nela como na superfície clara dos nossos rios, e nas ondas, de tanta côr, que o mar estende por essas praias. Transladada ao sul da América, não perdeu o caráter grave, nem a têmpera máscula, nem o tom de funda, indefinível melancolia que lhe imprimiu a esforçada e trágica aventura de nossos avós; e ainda adquiriu preciosos elementos de encantadora suavidade, de frouxa, dolente e maviosa ternura.

Antônio Cândido – *Discursos.*
Apud Antenor Nascentes, 1960.

Material Suplementar

Este livro conta com Caderno de Questões.

O acesso ao material suplementar é gratuito, bastando que o leitor se cadastre em: http://gen-io.grupogen.com.br

GEN-IO (GEN | Informação Online) é o repositório de
material suplementar e de serviços relacionados com livros publicados
pelo GEN | Grupo Editorial Nacional, o maior conglomerado brasileiro
de editoras do ramo científico-técnico-profissional, composto por
Guanabara Koogan, LTC, Forense, Método, Santos,
LAB, Forense Universitária e AC Farmacêutica.

COMO ESTUDAR ESTE LIVRO? ALGUMAS ORIENTAÇÕES...

Durante meus longos anos como professor, uma das perguntas mais frequentes sempre foi (e ainda é) "por onde eu começo, professor?". Há outras que, menos frequentes, de vez em quando surgem nas salas de aula pelo país afora: "Quais os assuntos mais importantes?" "O que eu preciso decorar para o concurso, professor?" De fato, são perguntas dos que sentem o peso e a importância de uma matéria que sempre foi objeto de estudo desde os tempos mais tenros da nossa existência, mas que – para muitos – ainda hoje constitui um obstáculo, uma incógnita, uma grande dificuldade.

Por conta desses alunos e mesmo dos que já possuem um bom conhecimento em nossa língua, ousei – com toda a humildade – criar um plano de estudos para orientá-los nessa jornada. Saliento que esse plano está baseado em minha experiência pessoal (usei o pleonasmo de forma intencional) como professor, educador e preparador de candidatos para a carreira pública. Procurei contemplar, em nosso plano de estudos, os assuntos mais importantes para um concurso público. Obviamente, outros assuntos, não abordados em nosso plano de estudos, poderão aparecer no edital. Procure estudá-los concomitantemente aos assuntos principais.

Em qualquer caso, sugiro que de antemão converse com o seu professor. Peça também a ele uma orientação, pois certamente é ele quem melhor o conhece e sabe o que é melhor para você. Discuta com ele o nosso plano de estudos. E aceite – sem reservas – as orientações do seu mestre. Ele fará o melhor por você – esteja certo disso.

Para os que há muito não estudam a nossa língua portuguesa, é preciso "começar pelo começo". Não tente estudar assuntos como "con-

cordância, regência, crase" sem antes ter uma boa base em sintaxe de oração, por exemplo. Não pule a sequência. Quem estuda, por exemplo, sintaxe do período composto sem antes estudar a sintaxe do período simples, ou crase antes de regência, não compreende a lógica da gramática e provavelmente obterá poucos ganhos em sua empreitada. Portanto, vá com calma. A absorção dos conteúdos gramaticais requer tempo. Ademais, o conhecimento "amadurece" em momentos diferentes em cada estudante. Logo, não se desespere. Acredite em você. Faça a sua parte: estude bastante.

Para os mais experientes, aqueles que já vêm estudando a nossa língua portuguesa há mais tempo, sugiro que partam para os conteúdos mais densos. Indubitavelmente, esses assuntos se encontram em sintaxe – oração, período, concordância, regência, crase, colocação pronominal, pontuação. Observem os detalhes e os exemplos com atenção; e, lógico, não se esqueçam de resolver as questões. Sempre obtenham as provas da banca que preparará o seu concurso. Resolvam-nas. Procurem traçar um perfil da banca. Tentem perceber os assuntos mais cobrados, pois as bancas tendem a repeti-los em certames posteriores.

Para os que nutrem por nossa língua uma grande ojeriza (aversão, pavor, antipatia) – há até os que odeiam a nossa língua portuguesa –, sugiro que a estudem aos poucos. Identifiquem a matéria de que vocês mais gostam e procurem associar o estudo desta disciplina ao estudo da nossa língua portuguesa. Como assim? Antes de se deleitar com a matéria que você ama, estude cerca de 30 minutos da nossa língua portuguesa. Mas faça isso nos três turnos: manhã, tarde e noite. Ao final de um dia, você "engoliu" cerca de uma hora e meia de conteúdo gramatical. Com o passar do tempo, essa forma de estudar a nossa língua ficará muito mais simples e se tornará – creio eu – prazerosa. Traduzindo: dê a você "gotas" diárias de conteúdo gramatical e em breve estará curado de seus problemas com a gramática.

Então, mãos à obra! Não há tempo a perder!

Um grande abraço.

Professor Rodrigo Bezerra

PLANO DE ESTUDOS – LÍNGUA PORTUGUESA

ASSUNTO	**ESTUDEI EM (data)**	**REVISEI EM (data)**	**RELI EM (data)**	**RESOLVI EXERCÍCIOS SOBRE O ASSUNTO EM (data)**
I – Fonética				
1. Fonética e fonologia				
Considerações: É uma parte da gramática normativa geralmente explorada por concursos em nível médio. Portanto, não perca muito tempo tentando decorar, por exemplo, a classificação das vogais e das consoantes, pois é o tipo de conhecimento que raramente é cobrado em grandes concursos. Leia (rememore) sobre os encontros vocálicos, encontros consonantais, dígrafos e divisão silábica. Frequentemente uma boa leitura já garante um bom aprendizado.				
2. Ortografia oficial				
Considerações: É o tipo de assunto em que a "decoreba" pura e simples pouco resolve. Leia, leia e leia... Não só o assunto, mas tudo o que for proveitoso. Provavelmente você obterá bons resultados. Nesse meio, há, entretanto, um assunto de que você não pode se descuidar: emprego do hífen. Geralmente as bancas cobram esse conhecimento.				
3. Acentuação				
Considerações: É o primeiro assunto com que você deve realmente se preocupar um pouco, pois é recorrente nos concursos de todos os níveis. É preciso ficar atento às regras de acentuação das palavras oxítonas e paroxítonas. Tenha cuidado também com os hiatos. Com o Novo Acordo Ortográfico, vários acentos deixaram de existir. Portanto, tenha cuidado. Vale a pena reler o assunto assim que terminar de estudá-lo pela primeira vez.				

ASSUNTO	ESTUDEI EM (data)	REVISEI EM (data)	RELI EM (data)	RESOLVI EXERCÍCIOS SOBRE O ASSUNTO EM (data)
4. Significação das palavras				
Considerações: É um assunto frequentemente cobrado. Bastante tranquilo, você deverá relembrar a diferença entre homônimos e parônimos. Nada de desespero! O assunto é muito fácil. Certamente algumas leituras bastam para um bom aproveitamento.				
II – Morfologia				
1. Estrutura e formação de palavras				
Considerações: É um assunto exigido em alguns concursos. Portanto, antes de estudá-lo, verifique o seu edital. Quando é cobrado, as bancas geralmente se atêm aos processos de formação de palavras. Logo, estude com cuidado a "derivação, a composição e os outros processos de formação de palavras". Não gaste energia tentando decorar as tabelas com radicais, prefixos e sufixos gregos e latinos. Vale a pena, entretanto, ler a correlação entre os prefixos gregos e latinos.				
2. Substantivo				
Considerações: Não se preocupe tanto com alguns tópicos, como, por exemplo, as tabelas de coletivos e de gênero dos substantivos. Atenha-se a pontos como "caracterização do substantivo e plural dos substantivos compostos". Em gênero dos substantivos, apenas leia com atenção sobre os substantivos comuns de dois gêneros e os sobrecomuns. Se já estiver em condições, procure estudar as funções sintáticas que são próprias do substantivo.				
3. Adjetivo				
Considerações: Não perca tempo em decorar as tabelas sobre as locuções adjetivas, os adjetivos pátrios e os adjetivos eruditos. Estude com afinco as considerações gerais sobre os adjetivos. Fique muito atento ao plural dos adjetivos compostos e, acima de tudo, estude várias vezes os graus do adjetivo – é um assunto recorrente nos concursos. Se estiver em condições, procure estudar o adjetivo em sua forma oracional – vá até o capítulo de sintaxe de oração e estude as orações adjetivas.				
4. Artigo				
Considerações: É um assunto com que você não precisa se preocupar muito, pois as regras sobre o emprego dessa classe gramatical não são muito cobradas. Mas é preciso ler o assunto, notadamente os empregos particulares dos artigos definidos e indefinidos.				

<table>
<tr><th>ASSUNTO</th><th>ESTUDEI EM (data)</th><th>REVISEI EM (data)</th><th>RELI EM (data)</th><th>RESOLVI EXERCÍCIOS SOBRE O ASSUNTO EM (data)</th></tr>
<tr><td>5. Numeral</td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr>
<tr><td colspan="5">Considerações: Assunto raramente cobrado. Não gaste muitos esforços com este capítulo. Leia as regras que orientam o emprego dos numerais. Isto é suficiente.</td></tr>
<tr><td>6. Pronome</td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr>
<tr><td colspan="5">Considerações: Eis um assunto que não dá para economizar - é um ponto-chave para o seu estudo. Aqui o segredo é estudar tudo. Uma dica: não se preocupe tanto em decorar as tabelas com os pronomes. Preocupe-se em entender o emprego deles. Há dois tipos de pronomes que são extremamente cobrados em certames pelo país afora: os pronomes pessoais e os pronomes relativos. Estude-os mais de uma vez. Fique atento também ao emprego dos pronomes indefinidos e demonstrativos.</td></tr>
<tr><td>7. Verbo</td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr>
<tr><td colspan="5">Considerações: Eis outro assunto bastante longo, mas não se desespere tentando decorar tudo. As bancas costumam ser pontuais, ou seja, há pontos dos quais não dá para se descuidar. Um deles é o emprego dos tempos e modos verbais. É fundamental conhecer o emprego de cada modo e de cada tempo, tanto dos simples quanto dos compostos. Outro assunto muito cobrado são as correlações entre os tempos e os modos verbais. De resto, é essencial dominar os paradigmas de conjugação dos verbos - não se preocupe em decorar todas as conjugações. Procure entender os paradigmas de cada tempo verbal. Fique atento também à conjugação dos verbos defectivos. Frequentemente as bancas lançam mão desse tipo de conhecimento.</td></tr>
<tr><td>8. Advérbio</td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr>
<tr><td colspan="5">Considerações: É um assunto que aparentemente não oferece perigos, mas não se engane: o advérbio é uma classe que provoca "confusões" em concordância nominal. Portanto, procure entendê-lo bem. Tente ler, mais de uma vez, as particularidades de alguns advérbios.</td></tr>
<tr><td>9. Conjunção</td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr>
<tr><td colspan="5">Considerações: É um assunto que terá grande relevância na parte sintática quando se for estudar "sintaxe do período composto". Portanto, não dá para passar por cima. Mas também não se desespere. Não tente decorar todas as conjunções. Procure entender o "papel" delas. O ideal é fazer a conexão com a parte sintática (sintaxe do período composto). Sugiro que leia o assunto umas duas vezes e siga em frente. Quando for estudar "sintaxe do período composto", você deverá voltar a este assunto.</td></tr>
</table>

<table>
<tr><th>ASSUNTO</th><th>ESTUDEI EM (data)</th><th>REVISEI EM (data)</th><th>RELI EM (data)</th><th>RESOLVI EXERCÍCIOS SOBRE O ASSUNTO EM (data)</th></tr>
<tr><td>10. Preposição</td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr>
<tr><td colspan="5">Considerações: Eis outro assunto que agora não nos oferece grandes desafios. Lembre-se, porém, de que a preposição será importantíssima para o estudo, em sintaxe, da predicação verbal e das regências verbal e nominal. Portanto, leia o assunto mais de uma vez. Entenda a razão de ser da preposição. O ideal é correlacionar este assunto com o estudo dos termos integrantes da oração e o estudo das regências verbal e nominal.</td></tr>
<tr><td colspan="5">III – Sintaxe</td></tr>
<tr><td colspan="5">Orientações gerais: Nesta parte, não dá para economizar: os assuntos são igualmente importantes. Fique atento às regras gerais e aos detalhes – use marca-texto. Leia tudo atentamente. Não pule a sequência, a não ser que esteja pressionado por um concurso de última hora – aqueles em que o candidato se matricula sem saber direito o porquê de ter se matriculado. Além do mais, não tente acelerar, pois aqui é mais importante aprofundar um assunto do que ter uma visão superficial sobre o todo.</td></tr>
<tr><td>1. Sintaxe de oração – Termos essenciais</td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr>
<tr><td colspan="5">Considerações: Eis o que eu chamo de "assunto-chave" – é como um pré-requisito. Ele é a base para os demais assuntos. Aqui vale a máxima: quanto mais melhor. Estude tudo com afinco. E só mude quando se sentir seguro. Cuidado com o termo "sujeito" – ele deverá ser o seu ponto de partida. A partir dele, procure entender os demais termos da estrutura oracional. Há também um ponto-chave: transitividade verbal. É um conteúdo de que você muito precisará para entender outros assuntos. Conselho de amigo/professor: vale a pena estudar este capítulo várias vezes.</td></tr>
<tr><td>2. Termos integrantes da oração</td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr>
<tr><td colspan="5">Considerações: É também um capítulo-chave. Há dois termos integrantes com os quais você precisa ter muito cuidado: objeto direto e complemento nominal. No entanto, nesse capítulo, há um ponto que necessita ser colocado na "corrente sanguínea": o estudo da voz passiva (transformação da ativa para a passiva e vice-versa) e do agente da passiva. É um ponto sempre cobrado pelas bancas organizadoras de concursos. Estude o assunto mais de uma vez.</td></tr>
<tr><td>3. Termos acessórios da oração</td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr>
<tr><td colspan="5">Considerações: Mais uma vez, estamos diante de um capítulo que requer bastante atenção. Tenha cuidado com a distinção entre o adjunto adnominal e o complemento nominal – geralmente as bancas exigem este tipo de conhecimento. Não se descuide do aposto e do adjunto adverbial. Fique atento aos tipos de aposto. Por outro lado, não tente decorar todos os tipos de adjunto adverbial – procure, sim, entender o porquê de o termo ser classificado como adjunto adverbial.</td></tr>
</table>

<table>
<tr><th>ASSUNTO</th><th>ESTUDEI EM (data)</th><th>REVISEI EM (data)</th><th>RELI EM (data)</th><th>RESOLVI EXERCÍCIOS SOBRE O ASSUNTO EM (data)</th></tr>
<tr><td>4. Sintaxe do período composto</td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr>
<tr><td colspan="5">Considerações: Se você compreendeu bem as funções sintáticas, certamente não terá problemas com este assunto. Nele você encontrará as mesmas funções sintáticas, exercidas agora por orações. Fique muito atento às orações subordinadas adverbiais. Elas são responsáveis pela maioria das questões. Não tente simplesmente decorar as conjunções – procure entender, acima de tudo, as relações estipuladas por elas.</td></tr>
<tr><td>5. Sintaxe de concordância</td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr>
<tr><td colspan="5">Considerações: Vá com calma aqui. O assunto é muito extenso, mas não é difícil. O tamanho é que o faz difícil. Não se desespere com a quantidade de regras. Em geral, as bancas não costumam cobrar regras muito específicas. Em relação à concordância verbal, fique muito atento às seguintes normas: regra geral (aqui vale a pena revisar a identificação do sujeito), concordância com o sujeito passivo (partícula apassivadora), emprego do "índice de indeterminação do sujeito", concordância com o sujeito partitivo e coletivo e emprego dos verbos impessoais (notadamente o verbo "haver" no sentido de "existir..."). Obviamente, todas as regras devem ser analisadas e estudadas. Ah, não se esqueça de estudar a concordância com o sujeito oracional, pois é um ponto bastante cobrado. Em relação à concordância nominal, cuidado com a concordância do adjetivo tanto com a função de adjunto adnominal quanto com a função de predicativo.</td></tr>
<tr><td>6. Sintaxe de regência</td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr>
<tr><td colspan="5">Considerações: Eis outro assunto bastante extenso e bastante importante. Primeiramente, sugiro que releia rapidamente o assunto "predicação verbal" em sintaxe de oração. É preciso também relembrar o termo "complemento nominal". Depois, siga a sequência do assunto (sintaxe de regência) que está na gramática. Há um ponto, entretanto, sobre o qual você precisa se debruçar mais de uma vez: emprego dos pronomes relativos e as regências verbal e nominal.</td></tr>
<tr><td>7. Emprego do acento grave – Crase</td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr>
<tr><td colspan="5">Considerações: Outro assunto muito importante. É preciso estudar tudo. Se já faz tempo que não vê o assunto, sugiro que estude antes os complementos verbais, o complemento nominal e os adjuntos adverbiais em sintaxe de oração. Ao estudar o emprego do acento grave (crase), fique bastante atento aos casos obrigatórios e facultativos. Ademais, leia várias vezes as situações em que o uso do acento grave não é autorizado (casos em que nunca ocorre a crase).</td></tr>
</table>

ASSUNTO	ESTUDEI EM (data)	REVISEI EM (data)	RELI EM (data)	RESOLVI EXERCÍCIOS SOBRE O ASSUNTO EM (data)
8. Sintaxe de colocação pronominal				
Considerações: Fique tranquilo aqui, pois o assunto é bastante fácil. Sugiro que, antes, dê uma olhada, em morfologia, nos pronomes pessoais (retos e oblíquos). Quando iniciar o assunto de colocação pronominal, sempre revise as regras de atração do pronome oblíquo átono (casos de próclise), notadamente a próclise que se dá por causa das conjunções subordinativas e dos pronomes relativos. Leia com atenção sobre a colocação dos pronomes oblíquos nas locuções verbais.				
9. Emprego dos sinais de pontuação				
Considerações: Eis outro "assunto-chave". É preciso ter muito cuidado. Indubitavelmente a vírgula é o "grande desafio". Preocupe-se com as regras de pontuação dos adjuntos adverbiais, das orações subordinadas adverbiais e adjetivas explicativas, das orações coordenadas sindéticas e das orações reduzidas. Procure correlacionar o emprego da vírgula com o emprego do travessão e dos parênteses. É preciso praticar bastante, pois ninguém aprende pontuação só estudando as regras. Por isso, procure resolver diversas questões.				
IV – Parte Especial				
1. Emprego do infinitivo				
Considerações: Fique tranquilo: este não é um assunto muito cobrado pelas bancas. Mas não dá para se descuidar. Sugiro que entenda e aprenda as duas máximas para o emprego do infinitivo. Fique atento à observação que acompanha a segunda máxima. Compreendendo as máximas, ficará mais fácil entender o restante.				
2. Funções morfológicas das palavras que, se e como				
Considerações: Tenha cuidado aqui, pois é um assunto frequente nos concursos em geral. Sua missão será classificar (com segurança) as funções morfológicas do "que" e do "se". As bancas muito raramente questionam sobre as funções morfológicas do "como".				
3. Particularidades léxicas e gramaticais				
Considerações: Eis um capítulo para se estudar aos poucos e em correlação com outros assuntos da gramática normativa. Como afirmo no capítulo, não tente estudar tudo de uma vez. Estude uma ou duas lições por vez.				
4. A linguagem figurada – As figuras de linguagem				
Considerações: É um assunto que aparece aqui e acolá em editais. Portanto, se não estiver no edital, descarte-o. Se estiver, procure estudar as figuras mais importantes, como a metáfora, a metonímia, a perífrase, a catacrese, a antítese, o paradoxo, o eufemismo, a silepse, a ironia e a hipérbole. Leia as demais figuras.				

SUMÁRIO

I – FONÉTICA

Capítulo 1

FONÉTICA E FONOLOGIA 3
- A nossa língua 3
- 1.1 Introdução 3
- 1.2 Gramática 4
- 1.3 Fonética 5
  - 1.3.1 Aparelho fonador 5
- 1.4 Estudo das vogais e dos encontros vocálicos 6
- 1.5 Classificação das vogais 7
  - 1.5.1 Quanto à zona de articulação 7
  - 1.5.2 Quanto ao timbre 7
  - 1.5.3 Quanto ao papel das cavidades bucal e nasal 8
  - 1.5.4 Quanto à intensidade 8
- 1.6 Encontros vocálicos 9
  - 1.6.1 Ditongos 9
  - 1.6.2 Hiatos 11
  - 1.6.3 Tritongos 11
- 1.7 Estudo das consoantes, dos encontros consonantais e dos dígrafos 11
  - 1.7.1 Classificação das consoantes 11
    - 1.7.1.1 Quanto ao modo de articulação 12
    - 1.7.1.2 Quanto ao ponto de articulação 12
    - 1.7.1.3 Quanto ao papel das cordas vocais 13
  - 1.7.2 Encontros consonantais 13
  - 1.7.3 Dígrafos 14
  - 1.7.4 Contagem de letras e fonemas em um vocábulo 15
  - 1.7.5 Sílaba 16

1.7.5.1 Classificação dos vocábulos quanto ao número de sílabas 16
1.7.5.2 Tonicidade 17
1.7.6 Divisão silábica 17
1.8 Questões de concursos públicos 21
Gabarito 23

Capítulo 2
ORTOGRAFIA OFICIAL 25
2.1 Letra e alfabeto 26
2.2 Notações léxicas 26
2.2.1 Acentos 26
2.2.1.1 Agudo 27
2.2.1.2 Circunflexo 27
2.2.1.3 Grave 27
2.2.1.4 Til 27
2.2.2 Cedilha 27
2.2.3 Apóstrofo 28
2.2.4 Hífen 28
2.2.4.1 Empregos do hífen 29
2.2.4.2 Emprego do hífen com prefixos 31
2.2.4.3 Não se emprega o hífen 33
2.3 Orientações ortográficas – emprego de algumas letras 34
2.3.1 Emprego das letras "E" e "I" 35
2.3.2 Emprego das letras "O" e "U" 38
2.3.2.1 Dupla ortografia com os ditongos "OU" e "OI" 40
2.3.3 Emprego das letras "C" e "Ç" 40
2.3.3.1 Emprego da letra "C" 42
2.3.4 Emprego das letras "G" e "J" 43
2.3.4.1 Emprego da letra "G" 43
2.3.4.2 Emprego da letra "J" 45
2.3.5 Emprego da letra "H" 46
2.3.6 Emprego da letra "S" 49
2.3.7 Emprego do dígrafo "SS" 52
2.3.8 Emprego do "SC" 55
2.3.9 Emprego da letra "Z" 56
2.3.10 "-zinho" ou "-sinho" 58
2.3.11 Emprego da letra "X" 60
2.3.12 Emprego do dígrafo "CH" 64
2.3.13 Emprego da letra maiúscula e da minúscula 65

2.3.13.1 Letras maiúsculas 65
2.3.13.2 Letras minúsculas 68
2.3.13.3 Emprego facultativo da letra maiúscula e da minúscula 69
2.3.14 Abreviaturas 70
2.4 Questões de concursos públicos 73
Gabarito 76

Capítulo 3

ACENTUAÇÃO 77
3.1 Ortofonia 77
3.1.1 Ortoépia ou ortoepia 77
3.1.2 Acentuação gráfica 80
3.1.3 Regras para a acentuação gráfica 81
3.1.3.1 Monossílabos 81
3.1.3.2 Oxítonos 81
3.1.3.3 Paroxítonos 83
3.1.3.4 Proparoxítonas 84
3.1.3.5 Acentuação dos hiatos 85
3.1.3.6 Acentos diferenciais 87
3.1.3.7 Regra especial – verbos "ter", "vir" e seus derivados 88
3.1.3.8 Considerações gerais sobre a acentuação dos vocábulos 90
3.2 Questões de concursos públicos 91
Gabarito 93

Capítulo 4

SIGNIFICAÇÃO DAS PALAVRAS 95
4.1 Denotação e conotação 95
4.2 Homônimos e parônimos 96
4.2.1 Homônimos 97
4.2.2 Parônimos 98
4.3 Formas variantes 100
4.4 Cognatos 100
4.5 Sinônimos 101
4.6 Antônimos 101
4.7 Polissemia 101
4.8 Extensão e compreensão das palavras – hiponímia e hiperonímia 102
4.9 Questões de concursos públicos 103
Gabarito 106

II - MORFOLOGIA

INTRODUÇÃO À MORFOLOGIA 109

Capítulo 1
ESTRUTURA E FORMAÇÃO DE PALAVRAS 111
- 1.1 Elementos estruturais da palavra 111
  - 1.1.1 Radicais gregos 112
  - 1.1.2 Radicais latinos 114
  - 1.1.3 Prefixos de origem grega 116
  - 1.1.4 Prefixos de origem latina 116
  - 1.1.5 Correlação entre prefixos latinos e gregos 117
  - 1.1.6 Sufixos nominais 118
  - 1.1.7 Sufixos verbais 124
  - 1.1.8 Os sufixos "IZAR" e "ISAR" 125
  - 1.1.9 Emprego de "-IDADE" e "-IEDADE" 125
  - 1.1.10 Emprego dos sufixos "-ARIA" e "-ERIA" 126
  - 1.1.11 Sufixo adverbial "-mente" 127
- 1.2 Processos de formação de palavras 128
  - 1.2.1 Derivação 129
  - 1.2.2 Composição 131
  - 1.2.3 Outros processos de formação de palavras 132
  - 1.2.4 Neologismos 134
- 1.3 Classificação e flexão das palavras 135
- 1.4 Questões de concursos públicos 137
- Gabarito 139

Capítulo 2
SUBSTANTIVO 141
- 2.1 Definição 141
- 2.2 Caracterização do substantivo 141
- 2.3 Classificação do substantivo 144
- 2.4 Flexões dos substantivos 149
  - 2.4.1 Flexões de gênero 149
    - 2.4.1.1 Formação do feminino 150
    - 2.4.1.2 Oposição entre o gênero e o sentido 155
    - 2.4.1.3 Mudança de gênero por elipse 156
    - 2.4.1.4 Gênero de alguns substantivos 156

    2.4.2 Flexões de número 158
        2.4.2.1 Regras para a formação do plural dos substantivos 158
        2.4.2.2 Plural dos substantivos compostos 165
    2.4.3 Flexões de grau 168
        2.4.3.1 Plural dos substantivos diminutivos 171
  2.5 Questões de concursos públicos 171
  Gabarito 173

Capítulo 3

ADJETIVO **175**
  3.1 Definição 175
  3.2 Considerações gerais sobre os adjetivos 175
  3.3 Formação dos adjetivos 178
    3.3.1 Adjetivos pátrios 178
    3.3.2 Adjetivos eruditos 181
  3.4 Flexões dos adjetivos 185
    3.4.1 Flexões de gênero 185
        3.4.1.1 Formação do feminino dos adjetivos biformes 185
    3.4.2 Flexões de número 187
    3.4.3 Flexões de grau 189
        3.4.3.1 O grau comparativo 189
        3.4.3.2 O grau superlativo 192
  3.5 Questões de concursos públicos 196
  Gabarito 198

Capítulo 4

ARTIGO **199**
  4.1 Definição 199
  4.2 Classificação 199
  4.3 Emprego dos artigos definidos 200
    4.3.1 Empregos particulares do artigo definido 200
    4.3.2 Não se emprega o artigo definido 203
  4.4 Emprego dos artigos indefinidos 205
    4.4.1 Outras orientações para o uso dos artigos indefinidos 205
  4.5 Questões de concursos públicos 207
  Gabarito 208

Capítulo 5
NUMERAL **209**
5.1 Definição 209
5.2 Considerações iniciais sobre os numerais 209
5.3 Classificação dos numerais 210
5.4 Regras gerais para o emprego dos numerais 213
5.5 Questões de concursos públicos 216
Gabarito 218

Capítulo 6
PRONOME **219**
6.1 Definição 219
6.2 Pronomes adjetivos e pronomes substantivos 220
6.3 Classificação dos pronomes 220
6.3.1 Pronomes pessoais 221
6.3.1.1 Emprego dos pronomes pessoais do caso reto (principais regras) 221
6.3.1.2 Emprego dos pronomes pessoais do caso oblíquo (principais regras) 224
6.3.2 Pronomes de tratamento 227
6.3.3 Pronomes demonstrativos 229
6.3.3.1 Emprego dos pronomes demonstrativos 229
6.3.4 Pronomes indefinidos 233
6.3.4.1 Considerações gerais sobre os pronomes indefinidos 234
6.3.4.2 Emprego dos pronomes indefinidos 235
6.3.5 Pronomes possessivos 240
6.3.5.1 Emprego dos pronomes possessivos 240
6.3.6 Os pronomes relativos 242
6.3.6.1 Emprego dos pronomes relativos 243
6.3.7 Pronomes interrogativos 246
6.4 Questões de concursos públicos 246
Gabarito 249

Capítulo 7
VERBO **251**
7.1 Considerações iniciais 251
7.2 Definição 251
7.3 Elementos estruturais do verbo 252

- 7.3.1 Radical 253
- 7.3.2 Vogal temática 253
- 7.3.3 Tema 254
- 7.3.4 Desinências 254

7.4 Flexões do verbo 255

- 7.4.1 Flexões de pessoa e de número 255
- 7.4.2 Flexões de modo 256
  - 7.4.2.1 Modo indicativo 256
  - 7.4.2.2 Modo subjuntivo 256
  - 7.4.2.3 Modo imperativo 258
- 7.4.3 Flexões de voz 260
  - 7.4.3.1 A voz ativa 261
  - 7.4.3.2 A voz passiva 261
  - 7.4.3.3 A voz reflexiva ou medial 262
  - 7.4.3.4 Possíveis ambiguidades com as vozes passiva e reflexiva 262
- 7.4.4 Flexões de tempo 264
  - 7.4.4.1 Emprego dos tempos verbais simples 265
  - 7.4.4.2 Emprego dos tempos verbais compostos 275
  - 7.4.4.3 As locuções verbais (construções perifrásticas) – emprego dos verbos auxiliares 277
  - 7.4.4.4 Correlação dos tempos e dos modos verbais – sequencialização dos tempos (*Consecutio temporum*) 280

7.5 As formas nominais do verbo – os verboides 286

- 7.5.1 O infinitivo 286
  - 7.5.1.1 O infinitivo pessoal ou flexionado 287
  - 7.5.1.2 Função substantiva do infinitivo 288
  - 7.5.1.3 Emprego do infinitivo preposicionado 289
- 7.5.2 O gerúndio 291
  - 7.5.2.1 O gerúndio em função adjetiva 293
  - 7.5.2.2 Emprego inadequado do gerúndio – o gerundismo 294
- 7.5.3 O particípio 295
  - 7.5.3.1 O particípio circunstancial 295
  - 7.5.3.2 Emprego do particípio 295
  - 7.5.3.3 Verbos com duplo particípio 297
  - 7.5.3.4 Particípio passivo de sentido ativo 299

7.6 Classificação morfológica dos verbos 300

- 7.6.1 Quanto à terminação 300
- 7.6.2 Quanto à flexão ou à conjugação 300

7.6.3 Quanto à função 302
7.6.4 Quanto à significação ou ao aspecto (sentido expresso) 303
7.6.5 Quanto à formação 304
7.6.6 Quanto à presença ou não de um sujeito 304
7.7 Verbos defectivos 305
7.8 Paradigmas de conjugação verbal – conjugação de diversos verbos 309
7.8.1 Conjugação dos verbos auxiliares "ser, estar, ter e haver" 310
7.8.2 Conjugação de verbos derivados 312
7.8.3 Conjugação dos verbos terminados nos hiatos "-air, -oer, -uir" 313
7.8.4 Conjugação de verbos irregulares 314
7.8.5 Conjugação de verbos pronominais 315
7.8.6 Conjugação dos verbos terminados no hiato "-ear" 316
7.8.7 Conjugação dos verbos terminados no hiato "-iar" 317
7.8.8 Conjugação de verbos terminados nos hiatos "-oar" e "-uar" .. 319
7.8.9 Conjugação dos verbos "ver" e "vir" no futuro do subjuntivo .. 319
7.8.10 Outras particularidades gráficas e fonéticas sobre verbos da 1.ª conjugação 320
7.8.11 Outras particularidades gráficas e fonéticas sobre verbos da 2.ª conjugação 323
7.8.12 Outras particularidades gráficas e fonéticas sobre verbos da 3.ª conjugação 327
7.9 Questões de concursos públicos 328
Gabarito 331

Capítulo 8
ADVÉRBIO **333**
8.1 Conceito 333
8.2 Classificação dos advérbios 334
8.3 Locuções adverbiais 335
8.4 Adjetivos adverbializados 337
8.5 Graus do advérbio 337
8.6 Advérbios latinos 338
8.7 Particularidades sobre os advérbios 339
8.8 Palavras e locuções denotativas 344
8.9 Questões de concursos públicos 345
Gabarito 348

Capítulo 9
CONJUNÇÃO 349
9.1 Definição 349
9.2 Classificação 350
9.2.1 Coordenativas 350
9.2.2 Subordinativas 355
9.3 Ubiquidade das conjunções 362
9.4 Questões de concursos públicos 364
Gabarito 366

Capítulo 10
PREPOSIÇÃO 367
10.1 Definição 367
10.2 Nexos prepositivos não regenciais – valores de algumas preposições 368
10.3 Classificação das preposições 369
10.4 Locuções prepositivas 369
10.5 Combinações e contrações das preposições 370
10.6 Repetição das preposições 372
10.7 Questões de concursos públicos 375
Gabarito 378

Capítulo 11
INTERJEIÇÃO 379
11.1 Definição 379
11.2 Classificação 379

III – SINTAXE

Capítulo 1
SINTAXE DE ORAÇÃO – TERMOS ESSENCIAIS DA ORAÇÃO 383
1.1 Conceitos essenciais 383
1.1.1 Frase 383
1.1.2 Oração 384
1.1.3 Período 385
1.2 Termos essenciais da oração 385
1.2.1 Sujeito 386

1.2.1.1 Núcleo do sujeito 388
1.2.1.2 Classificação do sujeito 391
1.2.1.3 Outras classificações para o sujeito 400
1.2.2 Predicado 404
1.2.2.1 Predicação (transitividade) verbal 404
1.2.2.2 Predicativo 409
1.2.2.3 Classificação do predicado 411
1.3 Questões de concursos públicos 413
Gabarito 416

Capítulo 2

TERMOS INTEGRANTES DA ORAÇÃO **417**
2.1 Objeto direto 417
2.1.1 Objeto direto preposicionado 421
2.1.2 Objeto direto pleonástico 425
2.1.3 Objeto direto interno ou cognato 425
2.2 Objeto indireto 426
2.2.1 Objeto indireto pleonástico 428
2.3 Complemento nominal 428
2.4 Agente da passiva 430
2.4.1 Estudo da voz passiva – conversão da voz ativa para a voz passiva 430
2.5 Questões de concursos públicos 435
Gabarito 437

Capítulo 3

TERMOS ACESSÓRIOS DA ORAÇÃO **439**
3.1 Adjunto adnominal 439
3.2 Adjunto adverbial 443
3.3 Aposto 445
3.4 Vocativo 448
3.5 Questões de concursos públicos 449
Gabarito 452

Capítulo 4

SINTAXE DO PERÍODO COMPOSTO **453**
4.1 Conceitos essenciais 453
4.2 Período composto por coordenação 456

4.2.1 Orações coordenadas 456
  4.2.1.1 Assindéticas 456
  4.2.1.2 Sindéticas 457
4.2.2 Questões de concursos públicos 461
4.3 Período composto por subordinação 463
4.3.1 Noções introdutórias 463
4.3.2 Orações substantivas 464
  4.3.2.1 Substantivas subjetivas 466
  4.3.2.2 Substantivas objetivas diretas 466
  4.3.2.3 Substantivas objetivas indiretas 467
  4.3.2.4 Substantivas completivas nominais 468
  4.3.2.5 Substantivas predicativas 469
  4.3.2.6 Substantivas apositivas 469
  4.3.2.7 Substantivas agente da passiva 470
4.3.3 Emprego da conjunção integrante na segunda oração substantiva coordenada 471
4.3.4 Questões de concursos públicos 472
4.3.5 Orações subordinadas adjetivas 476
  4.3.5.1 Emprego e funções sintáticas dos pronomes relativos 476
  4.3.5.2 Classificação das orações subordinadas adjetivas 480
  4.3.5.3 O emprego da vírgula com as orações adjetivas – Distinção entre restrição e explicação 483
  4.3.5.4 Omissão do pronome relativo na segunda oração relativa coordenada 486
4.3.6 Orações subordinadas adverbiais 486
  4.3.6.1 Causais 487
  4.3.6.2 Consecutivas 488
  4.3.6.3 Concessivas 489
  4.3.6.4 Condicionais 491
  4.3.6.5 Conformativas 491
  4.3.6.6 Comparativas 492
  4.3.6.7 Finais 493
  4.3.6.8 Temporais 494
  4.3.6.9 Proporcionais 494
  4.3.6.10 Emprego da conjunção nas orações adverbiais coordenadas 496
4.3.7 Orações reduzidas 496
  4.3.7.1 Subordinadas substantivas reduzidas 497
  4.3.7.2 Subordinadas adjetivas reduzidas 498

4.3.7.3 Subordinadas adverbiais reduzidas 498
4.4 Processo correlacional 500
4.5 Contagem de orações em um período misto 501
4.6 Questões de concursos públicos 506
Gabaritos 510

Capítulo 5

SINTAXE DE CONCORDÂNCIA **513**

5.1 Concordância verbal 514
5.1.1 Regra geral 514
5.1.2 Sujeito formado por pessoas gramaticais diferentes 515
5.1.3 Regras especiais de concordância verbal com o sujeito simples 516
5.1.4 Regras especiais de concordância verbal com o sujeito composto 526
5.1.5 Concordância do verbo "ser" 533
5.1.6 A Concordância com o sujeito oracional 535
5.1.7 Concordância do verbo "parecer" 541
5.1.8 Concordância dos verbos "costumar, poder, dever, precisar" .. 542
5.1.9 Questões de concursos públicos 543
5.2 Concordância nominal 548
5.2.1 Regra geral 548
5.2.2 Principais casos de concordância nominal 550
5.2.3 Casos especiais de concordância nominal 555
5.3 Questões de concursos públicos 560
Gabaritos 564

Capítulo 6

SINTAXE DE REGÊNCIA **565**

6.1 Considerações iniciais 565
6.2 Regência verbal 566
6.2.1 Regência de alguns verbos – Casos especiais 571
6.3 Regência nominal 596
6.4 O Emprego dos pronomes relativos e as regências verbal e nominal 598
6.5 Questões de concursos públicos 603
Gabarito 607

Capítulo 7
EMPREGO DO ACENTO GRAVE – CRASE 609
7.1 A ocorrência da crase e a semântica 612
7.2 Mecanismos práticos para verificação da crase 613
7.3 Ocorrência da crase 614
  7.3.1 Casos obrigatórios 614
  7.3.2 Crase facultativa 619
  7.3.3 Casos em que nunca ocorre a crase 621
  7.3.4 Casos especiais 625
7.4 Questões de concursos públicos 628
Gabarito 633

Capítulo 8
SINTAXE DE COLOCAÇÃO PRONOMINAL 635
8.1 Máximas da colocação pronominal 636
8.2 Regras gerais 638
  8.2.1 Próclise 638
    8.2.1.1 Outros fatores de próclise 640
  8.2.2 Mesóclise 641
  8.2.3 Ênclise 642
8.3 Colocação dos pronomes oblíquos nas locuções verbais 644
8.4 Questões de concursos públicos 647
Gabarito 649

Capítulo 9
EMPREGO DOS SINAIS DE PONTUAÇÃO 651
9.1 Considerações iniciais 651
9.2 Principais sinais de pontuação 654
  9.2.1 Emprego da vírgula (,) 655
    9.2.1.1 A vírgula entre os termos de uma oração 655
    9.2.1.2 A vírgula entre as orações 659
    9.2.1.3 Não se emprega a vírgula 662
  9.2.2 Emprego do ponto (.) 664
  9.2.3 Emprego do ponto-e-vírgula (;) 665
  9.2.4 Emprego dos dois-pontos (:) 666
  9.2.5 Ponto de exclamação (!) 668

9.2.6 Ponto de interrogação (?) 668
9.2.7 Reticências (...) 669
9.2.8 Aspas (" ") 670
9.2.9 Parênteses (( )) 672
9.2.10 Colchetes ([ ]) 674
9.2.11 Travessão (–) 674
9.3 Questões de concursos públicos 676
Gabarito 678

IV – PARTE ESPECIAL

Capítulo 1
EMPREGO DO INFINITIVO 681
1.1 Considerações iniciais 681
1.2 As duas máximas para o emprego do infinitivo 683
1.3 Infinitivo impessoal 685
1.4 Infinitivo pessoal 688
1.5 Emprego do infinitivo em locuções passivas com o verbo "ser" 689

Capítulo 2
FUNÇÕES MORFOLÓGICAS DAS PALAVRAS "QUE", "SE" E "COMO" 691
2.1 Funções morfológicas para palavra "QUE" 691
2.2 Funções morfossintáticas da palavra "SE" 696
2.3 Funções morfológicas da palavra "COMO" 699
2.4 Questões de concursos públicos 702
Gabarito 705

Capítulo 3
PARTICULARIDADES LÉXICAS E GRAMATICAIS 707
3.1 Lição 1 708
3.1.1 Emprego dos porquês 708
3.2 Lição 2 711
3.2.1 Emprego de "onde" e "aonde" 711
3.3 Lição 3 715
3.3.1 Emprego de "se não" e "senão" 715
3.4 Lição 4 717

3.4.1 Emprego de "tão pouco" e "tampouco" 718
3.4.2 Emprego de "de encontro a" e "ao encontro de" 718
3.5 Lição 5 719
3.5.1 Emprego de "em vez de" e "ao invés de" 719
3.5.2 Emprego de "acerca de", "a cerca de" e "há cerca de" 720
3.6 Lição 6 721
3.6.1 Emprego de "mau" e "mal" 721
3.6.2 Emprego de "mas" e "mais" 723
3.7 Lição 7 724
3.7.1 Emprego de "a fim" e "afim" 724
3.7.2 Emprego de "se quer" e "sequer" 725
3.8 Lição 8 726
3.8.1 Emprego de "sessão", "seção" e "cessão" 726
3.9 Lição 9 – Emprego de várias expressões e conexões 727
3.9.1 Distinção entre "a princípio" e "em princípio" 727
3.9.2 Distinção entre os conectivos "porquanto" e "conquanto" 727
3.9.3 Distinção entre os conectivos "já que" e "posto que" 728
3.9.4 Distinção entre os conectivos "à medida que" e "na medida em que" 729
3.10 Lição 10 – Emprego de outras expressões que provocam dúvidas 729
3.10.1 Distinção entre "por ora" e "por hora" 729
3.10.2 Emprego de "o mais das vezes" e "as mais das vezes" 730
3.10.3 Distinção entre "abaixo" e "a baixo" 730
3.10.4 Distinção entre "a par" e "ao par" 731
3.10.5 Distinção entre "nenhum" e "nem um" 731
3.11 Lição 11 – Emprego de "está" e "estar" 732
3.12 Lição 12 – Emprego de "ter de" e "ter que" 734
3.13 Questões de concursos públicos 736
Gabarito 738

Capítulo 4
A LINGUAGEM FIGURADA – AS FIGURAS DE LINGUAGEM 739
4.1 Classificação das figuras de linguagem 739
4.1.1 Figuras de palavras ou tropos 740
4.1.1.1 Metáfora 740
4.1.1.2 Metonímia 741
4.1.1.3 Catacrese 743
4.1.1.4 Perífrase ou antonomásia 744
4.1.1.5 Sinestesia 744

4.1.1.6 Comparação 745
4.1.2 Figuras de pensamento 745
4.1.2.1 Antítese 745
4.1.2.2 Paradoxo ou oximoro 746
4.1.2.3 Ironia 746
4.1.2.4 Eufemismo 747
4.1.2.5 Hipérbole 747
4.1.2.6 Gradação 748
4.1.2.7 Prosopopeia, personificação ou animismo 748
4.1.2.8 Apóstrofe ou invocação 749
4.1.2.9 Reticência 749
4.1.3 Figuras de construção ou de sintaxe 750
4.1.3.1 Elipse 750
4.1.3.2 Zeugma 751
4.1.3.3 Polissíndeto 751
4.1.3.4 Assíndeto 752
4.1.3.5 Hipérbato 752
4.1.3.6 Pleonasmo enfático ou estilístico 753
4.1.3.7 Anástrofe 754
4.1.3.8 Silepse ou concordância ideológica 754
4.1.3.9 Anáfora 755
4.1.3.10 Anacoluto 756
4.1.3.11 Aliteração 757
4.1.3.12 Repetição 757
4.2 Vícios de linguagem 757
4.2.1 Barbarismo 758
4.2.2 Solecismo 758
4.2.3 Ambiguidade (anfibologia ou pleonasmo vicioso) 759
4.2.4 Cacofonia ou cacófato 759
4.2.5 Estrangeirismo 760
4.2.6 Colisão 760
4.2.7 Eco 760
4.2.8 Arcaísmo 761
4.2.9 Hiato 761
4.3 Questões de concursos públicos 761
Gabarito 764

BIBLIOGRAFIA – CONTEÚDO GRAMATICAL 765

I

FONÉTICA

CAPÍTULO 1

FONÉTICA E FONOLOGIA

A NOSSA LÍNGUA

E verdadeiramente que não tenho a nossa língua por grosseira, nem por bons os argumentos com que alguns querem provar que é essa; antes é branda para deleitar, grave para engrandecer, eficaz para mover, doce para pronunciar, breve para resolver, acomodada às matérias mais importantes da prática e escritura. Para falar é engraçada, com modo senhoril; para cantar é suave, com um certo sentimento que favorece a música; para pregar é substanciosa com uma gravidade que autoriza as razões e as sentenças; para escrever cartas nem tem infinita cópia que dane, nem brevidade estéril que a limite; para histórias nem é tão florida que se derrame, nem tão seca que busque o favor das alheias. A pronunciação não obriga a ferir o céu da boca com aspereza, nem arrancar as palavras com veemência do gargalo.

Escreve-se da maneira que se lê, e assim se fala. Tem de todas as línguas o melhor: a pronunciação da latina, a origem da grega, a familiaridade da castelhana, a brandura da francesa e a elegância da italiana.

Rodrigues Lobo

1.1 INTRODUÇÃO

A gramática normativa ou **expositiva** é o conjunto de normas e regras que nos ensinam a falar e escrever corretamente a nossa língua, ou, por outras palavras, é a sistematização dos fatos contemporâneos de uma língua. Por

isso, a gramática normativa é a ciência da linguagem, a qual **linguagem** se entende como sendo o conjunto de sinais pelos quais o homem expressa os seus pensamentos, ou seja, comunica-se.

A comunicação, indispensável a todo homem social, manifesta-se por meio de uma mensagem, para a qual concorrem seis elementos, segundo o linguista Roman Jakobson:

Fig.1 – Processo de comunicação

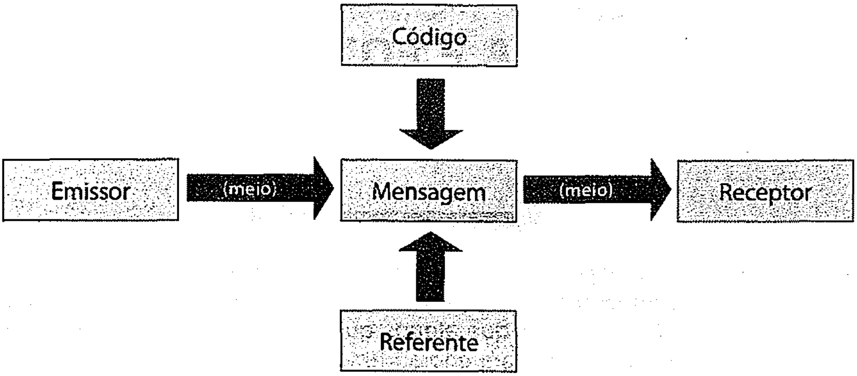

Essa capacidade comunicativa dá-se por meio de um sistema natural de palavras de que se servem os grupamentos humanos para comunicarem seus pensamentos entre si. Esse sistema de signos vocais distintos e significativos é denominado de **língua**. A utilização da língua pelo indivíduo denomina-se **fala**. Por **fala** entende-se a faculdade que tem o homem de se expressar, de se comunicar por meio de palavras. Já a **palavra** é um som oral ou uma combinação de sons orais, que exprime a ideia de alguma coisa. O conjunto de todas as palavras de uma língua forma o seu **vocabulário** ou **léxico**. As palavras, expressão das ideias, combinam-se para formar a **frase**, expressão do pensamento. Quando a frase expressa um sentido completo, forma-se, então, uma **proposição**. É justamente essa sistematização dos fatos da linguagem o objeto de estudo da gramática.

1.2 GRAMÁTICA

Na valorosa definição do mestre Eduardo Carlos Pereira, a Gramática "é a ciência das palavras e suas relações, ou a arte de usar as palavras com acerto na expressão do pensamento".

Em sua divisão mais tradicional, temos:

a) **fonética** – estudo dos fonemas em geral;

b) **morfologia** – estudo das palavras quanto à estrutura e à formação, à classificação e à flexão – é o estudo das palavras tomadas isoladamente; e

c) **sintaxe** – estudo das palavras relacionadas umas com as outras em uma oração – é a teoria da frase.

Estudaremos a partir de agora a primeira grande divisão da gramática normativa: fonética. A NGB – Nomenclatura Gramatical Brasileira – preferiu a denominação de "fonética" à de "fonologia". Embora alguns autores, como o mestre M. Said Ali, coloquem esses dois vocábulos praticamente como sinônimos, preferimos – na mesma esteira da NGB –, denominar de "fonética" a parte da gramática normativa que examina os sons e suas mudanças, atendendo à maneira de os pronunciar.

1.3 FONÉTICA

Como já vimos, a fonética é a parte da gramática que estuda a formação, a evolução e a classificação dos sons da língua, sons que tomam o nome especial de ***fonemas***. Aos sentidos de quem fala, apresenta-se a palavra como um todo sonoro e significante. Por isso, os sons, produzidos por quem fala e recebidos por quem ouve, despertam as imagens por meio das quais se dá o entendimento.

A fonética pode ser: descritiva, histórica e sintática. A primeira trata da formação e descrição dos fonemas. A segunda estuda as modificações que sofreram e sofrem os fonemas em suas fases sucessivas, enquanto a terceira estuda as modificações que sofrem os fonemas de certas palavras quando, por influência de outras que a elas se associam, formam um só todo fonético.

Por seu turno, a **fonologia** é o estudo dos fonemas em suas variantes posicionais, combinações e condições prosódicas.

1.3.1 APARELHO FONADOR

Os seres humanos não dispõem de aparelho especial para falar. Utilizam-se, para tanto, do aparelho respiratório e da parte superior do aparelho digestivo. A este conjunto especial de órgãos que contribuem para a produção da fala

denomina-se "aparelho fonador" ou simplesmente, como preferem alguns, "órgãos da fala".

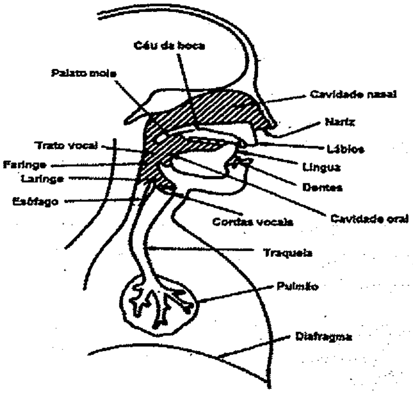
Céu da boca
Palato mole
Cavidade nasal
Nariz
Trato vocal
Lábios
Faringe
Língua
Laringe
Dentes
Esôfago
Cordas vocais
Cavidade oral
Traqueia
Pulmão
Diafragma

A fala é produzida pela corrente de ar expiratória. Desde o momento em que o indivíduo se dispõe a falar, opera-se em todo o aparelho uma tensão geral: o sopro é emitido com mais vigor do que o sopro da respiração simples; a traqueia toma posições, estreitando e alargando os seus anéis; na laringe, as cordas vocais se preparam e o sopro as faz vibrar; da faringe, a vibração é dirigida, por meio da úvula, ou para a boca, se deve ser oral, ou para as fossas nasais, se deve ser nasalada. Nesta caixa de ressonância, que é a boca e seus pertences (língua, dentes, bochechas e lábios), a vibração se completa, transformando-se em som.

Os sons fundamentais da voz humana denominam-se de "fonemas". Os fonemas, portanto, são as menores unidades sonoras da nossa fala e se classificam em: **vogais**, **semivogais** e **consoantes**.

1.4 ESTUDO DAS VOGAIS E DOS ENCONTROS VOCÁLICOS

São cinco as vogais na nossa língua: a, e, i, o, u. São sons musicais que saem livremente pelo tubo vocal. Constituem, em português, a base das sílabas.

Em certos casos, os fonemas "i, u", representando os fonemas /y/ e /w/ respectivamente, são considerados semivogais sempre que soam juntamente com a vogal de uma sílaba.

1.5 CLASSIFICAÇÃO DAS VOGAIS

a) Quanto à zona de articulação: anteriores, médias e posteriores.
b) Quanto ao timbre: abertas, fechadas e reduzidas.
c) Quanto ao papel das cavidades bucal e nasal: orais e nasais.
d) Quanto à intensidade: átonas e tônicas.

1.5.1 QUANTO À ZONA DE ARTICULAÇÃO

A vogal "a" forma-se com a maior abertura da boca, ficando a língua em posição de quem respira em silêncio (posição média ou neutra). Por isso, a vogal "a" é chamada de "***média***, ***medial*** ou ***central***".

Se a língua se eleva gradualmente para a frente, formam-se as ***vogais anteriores*** ou ***palatais*** (é, ê, e, i); se se eleva para trás, formam-se as ***vogais posteriores*** ou ***velares*** (ó, ô, o, u). Observe figura abaixo.

A Posição das Vogais
Natureza da Emissão da Voz

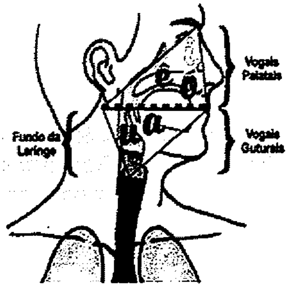

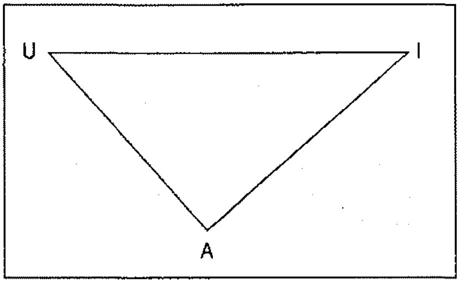

Observe nas figuras acima a distribuição triangular das vogais quanto à zona de articulação.

1.5.2 QUANTO AO TIMBRE

O timbre de uma vogal é dado pela maior ou menor proximidade da língua com o palato. Na vogal aberta, a língua se abaixa: é, ó. Na vogal fechada, a língua se eleva: ê, ô, i, u. Por isso, as vogais são classificadas quanto ao timbre em:

a) **Abertas** → á, é, ó = pá, pé, pó.
b) **Fechadas** → ê, ô: vê, avô.
c) **Reduzidas** → a (bela), e (vale), o (pelo)

➡ **Observação:**

As vogais reduzidas tomam esse nome por pertencerem a sílabas átonas, sendo, pois, pronunciadas fracamente.

1.5.3 QUANTO AO PAPEL DAS CAVIDADES BUCAL E NASAL

Quanto ao papel das cavidades bucal e nasal, as vogais classificam-se em:

a) Orais → que se formam com o véu palatino levantado, saindo a coluna de ar somente pela boca: a, e, i, o, u.
b) Nasais → que se formam com o abaixamento do véu palatino, distribuindo-se a coluna de ar pela boca e nariz: ã, ẽ, ĩ, õ, ũ.

1.5.4 QUANTO À INTENSIDADE

Quanto à intensidade, as vogais podem ser átonas ou tônicas. A vogal tônica é pronunciada com mais intensidade que as outras. Encontra-se na sílaba tônica da palavra. Excetuando-se as sílabas tônica e subtônica de uma palavra, as demais são chamadas de átonas. As vogais dessas sílabas átonas são também átonas. Observe:

acarajé	**lâmpada**
a – átona	l
c	â – tônica
a – átona	m
r	p
a – átona	a – átona
j	d
é – tônica	a – átona

1.6 ENCONTROS VOCÁLICOS

Encontro vocálico é a sucessão de vogais em um vocábulo – gaiola, Bahia, caule, Uruguai, averiguei. Classificam-se em: *ditongo, hiato* e *tritongo*.

1.6.1 DITONGOS

Ditongo (gr. di = duplo, phthonggos = som) é a sucessão de vogal e semivogal, ou vice-versa, na mesma sílaba. Dividem-se em: orais e nasais, crescentes e decrescentes.

São denominados de **crescentes** os ditongos em que a semivogal vem em primeiro lugar. Teremos, portanto, "**semivogal** + **vogal**". Exemplos: glória, vácuo, espécie, oblíqua etc.

São denominados de **decrescentes** os ditongos em que a vogal vem em primeiro lugar. Teremos, portanto, "**vogal** + **semivogal**". Exemplos: vai, lauda, rei, meu, boi etc.

a) São **orais** aqueles em que o ar sai tão somente pela cavidade bucal. Exemplos: meu, teu, pai, ouro, série.

b) São **nasais** aqueles em que o ar sai tanto pela cavidade bucal quanto pelas fossas nasais. Exemplos: pão, capitães, cantam, tem.

➧ **Observação:**

É importante, neste momento, relembrar uma importante lição: não se deve confundir fonema (= som) com letra. Isto porque há vários ditongos que aparentemente não são ditongos, mas a pronúncia os denuncia – notadamente os ditongos nasais formados por uma vogal seguida da consoante nasal "m". Observe por exemplo o vocábulo "bem": aparentemente não temos ditongo, mas, quando o pronunciamos "beĩ", percebemos que se trata do encontro da vogal "e" com a semivogal "ĩ". Vejamos outros exemplos:

> sem, amam, andam, escrevem, puseram, deviam, porém, nem.

Vejamos abaixo uma pequena lista dos principais ditongos em nossa língua:

ORAIS

- **ai** → mais, paiol, vaidade, cai, vai, jamais.
- **au** → mau, pau, causa, pauta, mingau, nau.
- **ei** → papéis, réis, rei, móveis, plateia, grei.
- **eu** → céu, rêu, chapéu, teu, judeu, perdeu.
- **iu** → viu, partiu, riu, psiu, sorriu.
- **oi** → dói, herói, foi, boi, joio.
- **ou** → dou, sou, ouço, pousar.
- **ui** → fui, gratuito, sanguíneo.

NASAIS

- **ãe** → mãe, pães, alemães, cães.
- **ão** → pão, amarão, balão, mão.
- **am** → amaram, deviam, puseram, escreveram.
- **em** (=ei) → bem, tem, põem, saem, doem, cem.
- **õe** → põe, propões, cordões, corações.
- **ui** → muito, mui.

Nota: Quando a semivogal (também chamada de vogal assilábica) vem depois da vogal, é chamada de *"subjuntiva"*; quando vem antes, é chamada de *"prepositiva"*.

➧ Observação:

Os encontros "IA, IE, IO, UA, UE, UO" em finais átonos, seguidos ou não de "S", classificam-se quer como ditongos, quer como hiatos, uma vez que ambas as emissões existem na língua portuguesa. Entretanto, hoje a preferência é tratá-los como ditongos, por ser a pronúncia ditongal mais eufônica. Observe:

- história → his - tó - ria /ou/ his - tó - ri - a
- série → sé - rie /ou/ sé - ri - e
- hóstia → hós - tia /ou/ hós - ti - a
- tênue → tê - nue /ou/ tê - nu - e
- vácuo → vá - cuo /ou/ vá - cu - o
- pátio → pá - tio /ou/ pá - ti - o

1.6.2 HIATOS

Hiato (do latim, "hiatus" = abertura) é o encontro de duas vogais pronunciadas em duas emissões sonoras distintas, ou seja, é o encontro de duas vogais que se situam em sílabas distintas, por isso são pronunciadas separadamente. Vejamos alguns exemplos:

Isr**ae**l, Mis**ae**l, **ao**rta, s**aú**de, id**ea**l, r**ee**leger, at**eí**sta, d**eí**smo, t**eo**logia, sab**iá**, h**ia**to, ar**ia**no, p**ie**dade, c**ie**nte, m**io**lo, v**io**la, esp**io**nar, c**iú**me, v**iú**va, lag**oa**, p**oe**ta, c**oe**ntro, c**oo**perar, álc**oo**l, t**ua**, s**ua**, pir**ue**ta, jes**uí**ta, r**uí**na, cas**uí**stica, r**ui**m, constit**ui**nte.

1.6.3 TRITONGOS

Tritongo (gr. tri = três, phthonggos = som) é a combinação silábica em que, soando em conjunto com a vogal, existem duas semivogais. Teremos, então, "semivogal + vogal + semivogal" numa mesma sílaba. Vejamos alguns exemplos:

- ORAIS → iguais, Paraguai, Uruguai, minguou, apaziguou, quão
- NASAIS → saguões, enxáguem, dilinquem, mínguam

1.7 ESTUDO DAS CONSOANTES, DOS ENCONTROS CONSONANTAIS E DOS DÍGRAFOS

Buscando esteio nas preciosas palavras do ilustre gramático Gladstone Chaves de Melo, consoante "é um fonema em que predomina a articulação sobre a fonação, o fechamento sobre a abertura, o ruído sobre a musicalidade; fonema que, na língua portuguesa, não pode constituir sozinho uma sílaba, mas, pelo contrário, se agrega necessariamente a uma vogal; fonema, portanto, assilábico".

Logo, as consoantes são os fonemas produzidos pela corrente expiratória que, ao atravessar a boca, é interceptada no todo ou em parte, isto é, fonemas formados pela corrente expiratória, que encontra obstáculo na aproximação ou contato dos órgãos bucais. São, portanto, sons laríngeos, ou seja, formados na laringe e caracterizados por maior aproximação das partes móveis da boca.

1.7.1 CLASSIFICAÇÃO DAS CONSOANTES

Classificam-se as consoantes:

1) Quanto ao modo de articulação;

2) Quanto ao ponto de articulação;
3) Quanto ao papel das cordas vocais.

1.7.1.1 Quanto ao modo de articulação

De duas maneiras se pode produzir uma consoante: ou fechando-se o canal bucal, ou estreitando-se o canal bucal. Por isso, quanto ao modo de articulação as consoantes podem ser:

1) **oclusivas** → que se formam quando o canal da boca se fecha (oclusão) para em seguida se abrir subitamente, numa verdadeira explosão. Por causa disso, são também chamadas de "explosivas" ou "instantâneas". Como exemplos, temos os fonemas surdos "pê, tê, quê" e os fonemas sonoros "bê, dê, guê".
2) **constritivas** → que se formam pelo estreitamento do canal bucal, saindo a corrente de ar apertada ou constrita. De acordo com a maneira de escoamento do ar, dividem-se em:
   a) Fricativas ou sibilantes → quando há um ruído na fricção: f, s, x [chê], v, z, g [jê].
   b) Laterais → quando a corrente de ar escapa pelas laterais da cavidade bucal: l, lh.
   c) Vibrantes → quando o ápice da língua provoca uma tremulação contra os alvéolos: r, rr.

1.7.1.2 Quanto ao ponto de articulação

Quanto ao ponto de articulação, isto é, o lugar onde se produz o fonema, classificam-se as consoantes em:

1. **Bilabiais** → os lábios se tocam e se apertam levemente: p, b, m.
2. **Labiodentais** → contato do lábio inferior com o bordo dos incisivos superiores: f, v.
3. **Linguodentais** → contato da ponta da língua com a parte interna dos incisivos superiores: t, d.
4. **Alveolares** → a língua toca no alvéolo dos dentes, isto é, na altura da raiz dos dentes superiores: s, z, r, rr, l, n.

5. **Palatais** → contato da parte anterior da língua com o palato duro: x, g [chiante], lh, nh.
6. **Velares** → contato da parte posterior da língua com o véu palatino: c [k], g [guê], q.

1.7.1.3 Quanto ao papel das cordas vocais

Quanto ao papel das cordas vocais, as consoantes se classificam em surdas e sonoras.

1. **Surdas** → quando não há vibração das cordas vocais: p, t, q, f, s, x.
2. **Sonoras** → quando há vibração das cordas vocais: b, d, g [jê], m, n, nh, l, lh, r, rr.

➡ **Observação:**

Para verificarmos, na prática, se há vibração das cordas vocais, devemos tapar os ouvidos durante a articulação do fonema. Se percebermos um zumbido, é sinal de que as cordas vocais vibraram, e os fonemas assim produzidos são sonoros. Caso contrário, os fonemas são surdos, por ausência de vibração.

1.7.2 ENCONTROS CONSONANTAIS

Dá-se o nome de encontro consonantal à sequência de consoantes num vocábulo, ou seja, a contiguidade de duas ou três consoantes efetivamente pronunciadas. Observe:

- blusa
- fluvial
- gnóstico
- rítmico
- pneu
- regra
- prato
- glândula
- bronco
- planta
- branco
- psicanálise
- vidro
- francês
- claro
- mnemônico
- atlântico
- palavra
- digno
- ptialina

➡ **Observações:**

a) Quando as duas consoantes se encontram em uma mesma sílaba, diz-se que o *encontro consonantal é próprio ou perfeito*. Quando as consoantes ficam em sílabas diferentes, diz-se que o é um *encontro consonantal impróprio ou imperfeito*. Observe os exemplos:

- **Encontros consonantais próprios ou perfeitos:** blu-sa, bru-to, cri-vo, fla-ma, gló-ria, pra-to, tra-to, li-vre.
- **Encontros consonantais impróprios ou imperfeitos:** af-tà, ic-tiólogo, rit-mo, ad-jetivo, ab-soluto.

b) Frise-se que o encontro consonantal é avaliado sempre como fonema. Por isso, é importante, mais uma vez, não confundir "fonema" com "letra". Na palavra, "FIXO", por exemplo, temos um encontro consonantal representado pela letra "x", já que ela representa o fonema /cs/. É o que também ocorre nos vocábulos "táxi, reflexo, asfixia" entre outros, nos quais a letra "x" representa dois fonemas.

1.7.3 DÍGRAFOS

Chama-se dígrafo (ou digrama) o agrupamento de consoantes o qual representa apenas um som. Mais uma vez, é fundamental não confundir com encontro consonantal. Neste, temos consoantes que representam mais de um fonema; naquele, temos consoantes que representam um único fonema.

São dígrafos:

1. ch, lh, nh = chapéu, malha, palha, ninho, rainha, pilha, alho, trabalho, lhama, sonho, lenha.
2. rr, ss = carro, interromper, terremoto, cassado, massa, passado, ressurgir, prorrogar.
3. gu, qu (antes de "e" e "i") = guerra, que, quatorze, equipagem, distinguir.
4. sc, sç, xc = fascinar, desça, piscina, excelência, excêntrico.

Observação:

Há também em nossa língua os chamados dígrafos vocálicos, isto é, os que são formados por "*am, an, em, en, im, in, om, on, um, un* (que representam vogais nasais)". Na realidade, temos a formação de uma sílaba nasal pela junção de uma vogal inicial ou medial, seguida de "m" antes de "p" e "b", e "n" antes de qualquer outra consoante. Portanto, as sílabas abaixo sublinhadas representam dígrafos vocálicos:

- limpo
- campo
- também
- santo
- mentira
- tumba
- longe

1.7.4 CONTAGEM DE LETRAS E FONEMAS EM UM VOCÁBULO

Eis um dos pontos bastante cobrados nos concursos em geral. Por isso, fique atento!

Como já mencionamos, é importantíssimo não confundir letra com fonema (som) – são coisas bem diversas. Em princípio, as letras existem para exprimir os sons. É, como já dissemos, uma representação gráfica do som. Logo, é preciso ter cuidado ao se contar as letras e os fonemas (sons) de um vocábulo, pois é preciso ficar muito atento, notadamente com os dígrafos e com os encontros consonantais, para se evitarem erros.

➧ **Observe:**

- **camisas**
  - 7 letras
  - 7 fonemas
- **criança**
  - 7 letras
  - 6 fonemas (em "an" temos um dígrafo)
- **tampinha**
  - 8 letras
  - 6 fonemas (temos dois dígrafos)
- **tóxico**
  - 6 letras
  - 7 fonemas (a letra "x" representa o fonema /cs/)
- **constituinte**
  - 12 letras
  - 10 fonemas (existem dois dígrafos vocálicos "on" e "in")
- **menino**
  - 6 letras
  - 6 fonemas

1.7.5 SÍLABA

Recebe o nome de sílaba o fonema ou o conjunto de fonemas produzidos numa só emissão de voz na enunciação de um vocábulo. Veja: **ca-dei-ra; a-ba-ca-xi; co-or-de-na-ção.**

Toda sílaba possui um núcleo ou ápice de sonoridade, que, em português, é necessariamente uma vogal. Daí as sílabas serem classificadas em:

a) **Simples** → quando apresentam uma só vogal. Ex.: dor, sol.

b) **Compostas** → quando apresentam mais de uma vogal.
Ex.: caule, pau.

c) **Complexas** → quando apresentam mais de uma consoante.
Ex.: triste, flor.

d) **Incomplexas** → quando apresentam apenas uma consoante.
Ex.: vá, cá.

e) **Abertas** → quando terminam por vogal. Ex.: ca-na-pé, me-ni-na.

f) **Fechadas ou travadas** → quando terminam por consoante.
Ex.: tu-tor, al-mas.

1.7.5.1 Classificação dos vocábulos quanto ao número de sílabas

Em nossa língua, os vocábulos podem também ser classificados em relação à quantidade de sílabas que apresentam. Saliente-se que a quantidade de sílabas é o tempo da prolação de sua vogal.

Quanto ao número de sílabas que possuem, os vocábulos podem ser classificados em: *monossílabos, dissílabos, trissílabos* e *polissílabos.*

a) **Monossílabos** → possuem uma só sílaba.
Ex.: nó, dó, só, lá, vem, não, sol.

b) **Dissílabos** → possuem duas sílabas.
Ex.: vovó, café, chulé, amém, meio, aí.

c) **Trissílabos** → possuem três sílabas.
Ex.: caneca, menina, moinho, cortejo, lâmpada.

d) **Polissílabas** → possuem quatro ou mais sílabas.
Ex.: macaxeira, brotoeja, Itamaracá, Guaratinguetá.

➧ **Observação:**

Alguns gramáticos de renome preferem a denominação *"tetrassílabo"*, para os vocábulos com quatro sílabas, e *"polissílabo"* para os vocábulos com mais de quatro sílabas.

1.7.5.2 Tonicidade

Em geral, uma das sílabas do vocábulo se pronuncia com mais força do que as outras – é a denominada sílaba tônica. Tonicidade ou acentuação tônica, portanto, é a pronunciação forte ou intensa de uma sílaba. As demais sílabas que não apresentam a força tônica são chamadas de "atônicas" ou "átonas". Veja alguns exemplos:

▹ jus – **ti** – ça (sílaba tônica)
▹ **nú** – me – ro (sílaba tônica)
▹ me – **ni** – na (sílaba tônica)

Por ser pronunciada mais fortemente do que as outras, diz-se que a sílaba tônica recebe o chamado "acento tônico", denominado também de "acento prosódico". Saliente-se, entretanto, que o acento tônico não consiste na altura ou duração da voz, mas na voz forte ou intensa, a qual salienta a sílaba sobre a qual ele recai.

Cuidado! Não confunda o acento tônico com os acentos gráficos ou sinais diacríticos, pois em várias situações a língua se vale de acentos gráficos para marcar a sílaba tônica a fim de se evitarem problemas de prosódia. Para aprofundar tal conhecimento, sugerimos consultar (e estudar) o assunto "acentuação gráfica".

1.7.6 DIVISÃO SILÁBICA

A divisão de qualquer vocábulo, assinalada pelo hífen, em regra se faz pela soletração, isto é, a divisão leva em conta critérios fonéticos, e não etimológicos. Traduzindo: basta soletrar a palavra e dividi-la como se lê, independente de seus elementos constitutivos etimológicos.

Para que se faça uma correta divisão silábica, é essencial respeitar as seguintes regras:

1. **Não se separam as vogais dos ditongos – crescentes e decrescentes – nem as dos tritongos. Observe:**

▹ aurora → au – ro – ra
▹ animais → a – ni – mais

- Paraguai → Pa – ra – guai
- cruéis → cru – éis
- meio → mei – o
- ódio → ó – dio
- guaiar → guai – ar
- Uruguai → U – ru – guai
- iguais → i – guais
- coisa → coi – sa
- enjeitar → en – jei – tar
- joias → joi – as

➯ **Observação:**

Embora os encontros "IA, IE, IO, UA, UE, UO" de finais átonos, seguidos ou não de "S", possam ser analisados tanto como ditongos quanto como hiatos, a tendência hoje é considerá-los apenas como ditongos. Por isso, tais grupos vocálicos devem – preferencialmente – permanecer numa mesma sílaba.

- enciclopédia → en – ci – clo – pé – dia
- barbárie → bar – bá – rie
- lírio → lí – rio

2. No interior do vocábulo, sempre se conserva na sílaba anterior a consoante não seguida de vogal. Veja:

- abdicar → ab – di – car
- étnico → ét – ni – co
- subjugar → sub – ju – gar
- occipital → oc – ci – pi – tal
- dracma → drac – ma
- subpor → sub – por
- opção → op – ção
- segmento → seg – men – to

3. Não se separam os encontros consonantais iniciais de sílabas nem os dígrafos "ch, lh, nh". Observe:

- pechinchar → pe – chin – char
- manhã → ma – nhã
- apetrecho → a – pe – tre – cho
- folha → fo – lha
- blusão → blu – são
- brotoeja → bro – to – e – ja

➯ **Observação:**

Os encontros "bl" e "br" nem sempre formam grupos articulados perfeitos, isto é, nem sempre permanecem na mesma sílaba. Isto se dá porque em alguns casos o "l" e o "r" são pronunciados separadamente. Veja alguns exemplos:

- sublingual → sub – lin – gual
- sub-rogar → sub – ro – gar
- sublocar → sub – lo – car
- sublinhar → sub – li – nhar
- sub-reptício → sub – rep – tí – cio
- sub-reitor → sub – rei – tor

4. Não se separam os grupos "GU" e "QU" da vogal que os segue, quer esta esteja ou não acompanhada de consoante. Observe:

- ambíguo → am – bí – guo
- quota → quo – ta
- ubíquo → u – bí – quo
- légua → lé – gua
- quebradeira → que – bra – dei – ra
- guerra → guer – ra
- queijo → quei – jo
- delinquente → de – lin – quen – te

5. Não se separa a consoante inicial não seguida de vogal, ou seja, a consoante inicial não seguida de vogal permanece na sílaba em que se encontra. Observe:

- pseudônimo → pseu – dô – ni – mo
- gnomo → gno – mo
- pterossauro → pte – ros – sau – ro
- cnêmide → cnê – mi – de
- gnosiologia → gno – sio – lo – gi – a
- pneumático → pneu – má – ti – co

6. Separam-se os dígrafos "RR, SS, SC, SÇ, XS" no interior dos vocábulos, ficando uma consoante numa sílaba e a outra na sílaba imediata. Observe:

- piscina → pis – ci – na
- cônscio → côns – cio
- prescindir → pres – cin – dir
- exceção → ex – ce – ção
- correição → cor – rei – ção
- excelente → ex – ce – len – te
- adolescente → a – do – les – cen – te
- convalescer → con – va – les – cer
- rescindível → res – cin – dí – vel
- ressurreição → res – sur – rei – ção
- prorrogação → pror – ro – ga – ção
- exsurgir → ex – sur – gir

7. O "S" dos prefixos "bis-, cis-, des-, dis-, trans-" não se separa quando a sílaba seguinte começa por consoante. Caso a sílaba seguinte comece por vogal, o "S" se desprenderá do prefixo e formará sílaba com esta vogal. Observe:

- transformar → trans – for – mar *mas...*▹ transatlântico → tran – sa – tlân – ti – co
- bisneto → bis – ne – to *mas...*▹ bisavô → bi – sa – vô
- descascar → des – cas – car *mas...*▹ desamor → de – sa – mor
- cisplatino → cis – pla – ti – no *mas...*▹ cisandino → ci – san – di – no
- discorrer → dis – cor – rer *mas...*▹ disenteria → di – sen – te – ri – a

8. As vogais idênticas e as letras "CC, CÇ" separam-se, ficando uma numa sílaba e a outra na sílaba consequente. Veja os exemplos:

- intelecção → in – te – lec – ção
- occipital → oc – ci – pi – tal
- álcool → ál – co – ol
- intersecção → in – ter – sec – ção
- cooperador → co – o – pe – ra – dor
- caatinga → ca – a – tin – ga
- friíssimo → fri – ís – si – mo
- veemente → vê – e – men – te

9. Separam-se as vogais que formam hiatos. Veja:

- saúde → sa – ú – de
- jesuíta → je – su – í – ta
- egoísmo → e – go – ís – mo
- carnaúba → car – na – ú – ba
- viúva → vi – ú – va
- canaãense → ca – na – ã – en – se

➨ **Observação final:**

Nas translineações – passagem de uma linha para outra nos textos escritos, quando o fenômeno da separação de um vocábulo ao final de uma linha fica mais evidente –, convém ficar atento às seguintes orientações:

a) Não se deve deixar vogal solta nem na linha antecedente, nem na linha consequente, isto é, não se isola sílaba de uma só vogal. Observe:

- AMÁ – VEL (e não "A – MÁVEL")
- ITA – JAÍ (e não ITAJA – Í ou I – TAJAÍ)

b) Deve-se evitar a separação de vocábulos dissílabos do tipo "aí, caí, saí, lua, rua", em que uma das sílabas é formada apenas por vogal.

c) Na translineação de uma palavra composta ou de uma combinação de palavras em que há um hífen, ou mais, se a partição coincide com o final de um dos elementos ou membros, deve, por clareza gráfica, repetir-se o hífen no início da linha imediata. Observe:

____________________terça-
-feira____________________

____________________ex-
-diretor____________________

1.8 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (PUCRJ) Um mesmo fonema pode ser grafado de diferentes maneiras. Qual a lista de palavras que exemplifica essa afirmação?

   a) paciente, centro, existência
   b) existência, meses, batizaram
   c) projeto, prejudicando, propõe
   d) quem, quando, psiquiatra
   e) coisa, incomoda, continuidade

2. (PUCSP) As palavras **rapaziada, assustado, borracha** apresentam, respectivamente:

   a) 8 fonemas / 9 letras; 9 fonemas / 9 letras; 5 fonemas / 7 letras
   b) 9 fonemas / 8 letras; 8 fonemas / 9 letras; 5 fonemas / 8 letras
   c) 9 fonemas / 9 letras; 8 fonemas / 9 letras; 6 fonemas / 9 letras
   d) 9 fonemas / 9 letras; 8 fonemas / 9 letras; 6 fonemas / 8 letras
   e) 8 fonemas / 8 letras; 8 fonemas / 9 letras; 5 fonemas / 7 letras

3. (PUCSP) As palavras **folheada, lânguido, antigos, vento** apresentam o seguinte número de fonemas e letras, respectivamente:

   a) 7- 8; 6- 8; 6- 7; 4- 5
   b) 6- 7; 7- 8; 4- 5; 6- 7
   c) 6- 7; 6- 7; 7- 8; 4- 5
   d) 4- 5; 6- 7; 6- 8; 7- 8
   e) 7- 8; 6- 7; 6- 8; 4- 5

4. (Unirio – RJ) Identifique a opção em que a palavra apresenta ao mesmo tempo um encontro consonantal, um dígrafo consonantal e um ditongo fonético:

   a) ninguém
   b) coalhou
   c) iam
   d) nenhum
   e) murcham

5. (ACAFE – SC) Assinale, na sequência abaixo, a alternativa em que todas as palavras possuem dígrafos:

   a) histórias, impossível, máscaras
   b) senhor, disse, achado
   c) passarinhos, ergueu, piedade
   d) errante, abelhas, janela
   e) homem, caverna, velhacos

6. (FFFCMPA) Considere as seguintes afirmações acerca da relação entre letras e fonemas em palavras do texto.

   I – Os segmentos sublinhados em ***componente****,* ***acrescentariam*** *e* ***conhecedor*** *representam um só fonema.*

   II – As letras sublinhadas em ***ciência****,* ***sociocultural*** *e* ***adolescentes*** *representam o mesmo fonema.*

   III – As palavras ***holística****,* ***essencialmente*** *e* ***conquistas*** *têm, cada uma delas, mais letras que fonemas.*

   Quais estão corretas?

   a) Apenas I.
   b) Apenas II.
   c) Apenas III.
   d) Apenas I e III.
   e) I, II e III.

7. (PUCSP) Nas palavras **enquanto, queimar, folhas, hábil, grossa,** constatamos a seguinte sequência de letras e fonemas:

   a) 8- 7; 7- 6; 6- 5; 5- 4; 6- 5
   b) 7- 6; 6- 5; 5- 5; 5- 5; 5- 5
   c) 8- 5; 7- 5; 6- 4; 5- 4; 5- 4
   d) 8- 6; 7- 6; 6- 5; 5- 4; 6- 5
   e) 8- 5; 7- 6; 6- 5; 5- 5; 5- 5

8. (PUCSP) Assinale a sequência em que todas as palavras estão partidas corretamente.

   a) trans-a-tlân-ti-co / fi-el / sub-ro-gar
   b) bis-a-vô / du-e-lo / fo-ga-réu
   c) sub-lin-gual / bis-ne-to / de-ses-pe-rar
   d) des-li-gar / sub-ju-gar / sub-scre-ver
   e) cis-an-di-no / es-pé-cie / a-teu

9. (ITA) Dadas as palavras:

   1. des-a-len-to

   2. sub-es-ti-mar

   3. trans-tor-no,

   constatamos que a separação silábica está correta:

   a) apenas no número 1
   b) apenas no número 2
   c) apenas no número 3
   d) em todas as palavras
   e) n.d.a

10. (AMAN) Assinale a opção em que a divisão silábica não está corretamente feita:

a) a-bai-xa-do
b) si-me-tria
c) es-fi-a-pa-da
d) ba-i-nhas
e) ha-vi-a

GABARITO

1 – B	2 – D	3 – A
4 – E	5 – B	6 – D
7 – D	8 – C	9 – C
10 – B		

CAPÍTULO 2

ORTOGRAFIA OFICIAL

Conversando um pouco...

Iniciaremos o estudo de uma importante parte da gramática normativa: a ortografia. Gostaria de salientar que este capítulo deve ser estudado com cuidado. Inevitavelmente, você se deparará com várias regras, orientações, muitas exceções etc., etc. Ficar decorando os pontos talvez não seja a melhor técnica. Por isso, sugiro que estude o capítulo aos poucos, tendo sempre em mente que o melhor remédio para se aprender a escrever os vocábulos corretamente ainda é a leitura. Cremos que só com a leitura habitual o operador da língua conseguirá memorizar – pela apreensão visual – a correta escrita de muitas palavras. Portanto, leia mais! E não deixe, é claro, de, aos poucos, apreender pela norma gramatical algumas orientações ortográficas. Por isso, vamos lá!

Antes de qualquer consideração, convém mencionar que a palavra ORTOGRAFIA é formada por dois radicais gregos (orto + grafia), os quais significam respectivamente "correto" e "escrita". Logo, ortografia é a parte da gramática normativa que se preocupa com a correta representação escrita dos vocábulos em nossa língua.

As dificuldades de escrita que muitas palavras nos oferecem ocorrem em virtude de as palavras em nossa língua obedecerem a dois critérios distintos: ora a grafia do vocábulo está baseada na etimologia, ora a grafia do vocábulo está baseada na fonética.

Como sabemos, os sistemas ortográficos são três: o fonético, o etimológico e o misto. Nossa língua portuguesa faz uso do sistema "misto". Por isso, muitos operadores da língua sentem dificuldade (ou dúvida) em escrever alguns vocábulos.

2.1 LETRA E ALFABETO

Como sabemos, a letra é a representação gráfica de um fonema. Nem sempre, como se demonstra no capítulo de introdução à fonética, esta relação "letra" / "fonema" é perfeita, pois existem fonemas representados por mais de uma letra e vice-versa. O conjunto de todas as letras em nossa língua é denominado de "alfabeto português". Nosso alfabeto é hoje composto por 26 letras, sendo 21 consoantes e 5 vogais. São elas:

a A (á)
b B (bê)
c C (cê)
d D (dê)
e E (é ou ê)
f F (efe ou fê)
g G (gê ou guê)
h H (agá)
i I (i)
j J (jota)
k K (capa ou cá)
l L (ele ou lê)
m M (eme ou mê)
n N (ene ou nê)
o O (ó)
p P (pê)
q Q (quê)
r R (erre ou rê)
s S (esse ou sê)
t T (tê)
u U (u)
v V (vê)
w W (dáblio)
x X (xis)
y Y (ípsilon ou ipsilone)
z Z (zê)

2.2 NOTAÇÕES LÉXICAS

Além das letras, nossa língua usa uma série de sinais auxiliares a fim de indicar alguns fonemas especiais. Ao conjunto desses sinais gráficos, chamados também de sinais diacríticos (gr. "diacríticos" = apto a distinguir), dá-se o nome de notações léxicas. Esses sinais acessórios da escrita são os seguintes: acentos (agudo, circunflexo e grave), til, apóstrofo, cedilha e hífen.

2.2.1 ACENTOS

Os acentos são notações léxicas empregadas sobre algumas vogais para indicar a sílaba tônica ou para indicar a fusão entre elas. Como já dissemos, temos três tipos de acentos na língua portuguesa: (´) agudo, (^) circunflexo e (`) grave.

2.2.1.1 Agudo

O acento agudo é empregado sobre as vogais para assinalar, quando as regras da acentuação assim exigirem, a tonicidade aberta das vogais "a, e, o" e a tonicidade fechada das vogais "i, u".

➭ **Observe:**

▹ água ▹ café ▹ paletó ▹ difícil ▹ baú

2.2.1.2 Circunflexo

O acento circunflexo é usado sobre as vogais "a, e, o", quando as regras da acentuação exigirem, para indicar o timbre fechado delas.

▹ quilômetro ▹ cortês ▹ repô-lo
▹ britânico ▹ constância ▹ prêmio

2.2.1.3 Grave

O acento grave é usado exclusivamente em português para indicar o fenômeno da crase, isto é, a contração, a fusão de dois "as" (a + a).

▹ Um dia chegaremos **àquela** região. ▹ Iremos todos **à** casa da tia Zuleide.
a + aquela a + a

➭ **Observação:**

Para aprofundar os seus conhecimentos sobre o emprego do acento grave, sugerimos que estude o assunto "Crase" em sintaxe.

2.2.1.4 Til

É uma notação léxica usada para indicar a nasalização das vogais "a, o", quando houver necessidade.

▹ órgão ▹ não ▹ intenção ▹ ímã ▹ põe ▹ mãe

2.2.2 CEDILHA

É uma notação léxica colocada sob a letra "c", a fim de se obter o fonema /s/ antes das vogais "a, o, u". Observe:

- faço
- caçar
- mulçumano
- açúcar
- paçoca
- espaço

2.2.3 APÓSTROFO

O apóstrofo é um sinal empregado para assinalar a supressão de um fonema numa palavra, a fim de se evitarem sons desagradáveis ou mesmo a repetição de um fonema ao se pronunciar o vocábulo. Geralmente ocorre a elisão do "e" da preposição "de".

- queda d'água
- pau-d'água
- pau-d'arco
- pau-d'arara
- estrela-d'alva
- pau-d'óleo
- galinha-d'água
- mãe-d'água
- copo-d'água
- borda-d'água

Emprega-se também o apóstrofo nas ligações das formas "santo" e "santa", quando importa representar a elisão das vogais finais "o" e "a". Observe:

- Sant'Ana
- Sant'Iago
- Sant'Antônio

2.2.4 HÍFEN

É a notação léxica que apresenta maior número de empregos. É frequentemente empregado para unir palavras compostas, prefixos e formas verbais. Observe abaixo algumas orientações que estão respaldadas no Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, publicado no ano de 2009.

Como já dissemos, o hífen é a notação léxica que apresenta o maior número de empregos. É frequentemente empregado, por exemplo, para indicar a ênclise dos pronomes oblíquos átonos, para formar vocábulos por derivação prefixal e para unir compostos. Veja:

- fazê-lo
- cachorro-quente
- pré-operatório
- pós-verbal
- pô-las

Quando une vocábulos, o hífen, em muitos casos, servirá como um sinal de conotatividade, pois indicará que os elementos unidos por ele não estão empregados em seus sentidos originais, mas passaram a compor um novo conceito, uma nova ideia. Observe como o emprego do hífen, nesse caso, altera o sentido nos exemplos abaixo:

- **mesa redonda** → mesa em formato circular ≠ **mesa-redonda** → reunião, debate, discussão
- **casca grossa** → casca espessa, grossa ≠ **casca-grossa** → ignorante, bruto, grosso

- **criado mudo** → empregado que não fala ≠ **criado-mudo** → móvel de cabeceira
- **ferro velho** → peça de ferro antiga ≠ **ferro-velho** → estabelecimento que vende coisas velhas
- **pão duro** → pão endurecido, velho ≠ **pão-duro** → sovina, pirangueiro, avaro
- **calça curta** → calça de pequena extensão ≠ **calça-curta** → dominado, inexperiente

2.2.4.1 Empregos do hífen

Para aprofundar o conhecimento, observe agora os principais empregos do hífen:

1) **Para indicar a ênclise dos pronomes oblíquos átonos às formas verbais.**

- Entregou-me
- Hei de comprá-lo
- Vamos fazê-lo
- Passou-nos o projeto

➾ **Observação:**

Não se emprega o hífen nas ligações verbais, formadoras de locuções verbais, com o verbo "haver" + preposição "de".

- hei de vencer
- haveríamos de encontrar
- hás de fazer

2) **Em vocábulos compostos, formados por "substantivo + substantivo", nos quais o segundo substantivo indique forma, finalidade ou tipo.**

- decreto-lei
- homem-robô
- ideia-mãe
- homem-chave
- café-concerto

3) **Nas palavras compostas por justaposição que não contêm formas de ligação e cujos elementos constituem uma unidade sintagmática e semântica única e mantêm acento próprio. Em outras palavras, os vocábulos perderam suas significações individuais e passaram a compor um novo conceito, uma nova semântica.**

- decreto-lei
- arco-íris
- afro-asiático
- azul-escuro
- caneta-tinteiro
- médico-cirurgião
- tio-avô
- primeiro-ministro
- conta-gotas
- saca-rolha
- tenente-coronel
- turma-piloto
- beija-flor
- porto-alegrense
- saia-calça
- ano-luz
- sul-africano
- luso-brasileiro
- marca-texto
- boas-vindas

4) Nos topônimos compostos iniciados pelos adjetivos "grã-, grão-" ou por forma verbal ou cujos elementos estejam ligados por artigo.

- Grã-Bretanha
- Abre-Campo
- Trinca-Fortes
- Grão-Pará
- Baía de Todos-os-Santos
- Entre-os-Rios
- Traga-Mouros
- Trás-os-Montes

5) Nas palavras compostas que designam espécies botânicas e zoológicas, estejam ou não ligadas por preposição ou qualquer outro elemento.

- couve-flor
- erva-do-chá
- cobra-d'água
- cobra-capelo
- erva-doce
- ervilha-de-cheiro
- andorinha-do-mar
- formiga-branca
- feijão-verde
- bem-me-quer
- bem-te-vi
- lesma-de-conchinha

6) Nos compostos com os advérbios "bem" e "mal", quando estes formam com o elemento que se lhes segue uma unidade sintagmática e semântica, e tal elemento começa por vogal ou "H".

- bem-aventurado
- mal-estar
- mal-intencionado
- bem-estar
- mal-afortunado
- mal-assombrado
- bem-humorado
- mal-humorado

➨ **Observações:**

a) Em muitos compostos, o advérbio "bem" aparece aglutinado com o segundo elemento (forma consolidada pelo uso), quer este tenha ou não vida à parte.

- benfazejo
- benfeito
- benfeitor
- benquerença

b) Em outros vocábulos, o advérbio "bem" pode não se aglutinar com palavras começadas por consoante. Observe:

- bem-criado
- bem-ditoso
- bem-nascido
- bem-visto

Consideração importante: A verdade é que nós não temos uma orientação segura a respeito do emprego do hífen com este advérbio. Nesse caso, não há outra solução: em caso de dúvida, consulte um bom dicionário. Se você é daqueles que escrevem com frequência, sugiro que também tenha sempre à mão o VOLP – Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa.

c) É importante não confundir! Quando o vocábulo não começar por vogal nem por "H", não haverá hífen com o advérbio "mal". Observe:

- malformação
- malcozido
- malcheiro
- malcriado

Mas escreveremos...

- mal-educado
- mal-afortunado
- mal-encarado
- mal-humorado
- mal-avisado

7) Nos compostos com os elementos "além, aquém, recém, sem".

- além-Atlântico
- além-mar
- além-fronteiras
- aquém-mar
- recém-nascido
- sem-cerimônia
- sem-número
- sem-vergonha

2.2.4.2 Emprego do hífen com prefixos

Nas formações com prefixos ou falsos prefixos só se emprega o hífen nos seguintes casos:

1) Nas formações em que o segundo elemento começa por "h", ou seja, não importa o prefixo: se o segundo elemento iniciar-se por "H", deve-se empregar o hífen. Observe:

- pré-história
- extra-humano
- sub-hepático
- super-homem
- anti-herói
- arqui-hipérbole
- geo-história
- pan-helenismo
- semi-hospitalar
- poli-hidratação

➡ **Observação:**

Não se usa, no entanto, o hífen em formações que contêm em geral os prefixos "des-" e "in-", nas quais o segundo elemento perdeu o "h" inicial. Veja:

- desumano
- desumidificar
- inábil
- inumano

2) Nas formações em que o prefixo termina na mesma vogal com que se inicia o segundo elemento. Observe:

- anti-ibérico
- micro-ondas
- anti-imperialista
- arqui-inimigo
- contra-almirante
- auto-ônibus
- anti-inflamatório
- semi-interno
- infra-axilar
- micro-organismo
- supra-auricular
- eletro-ótica

➡ **Observação:**

Esta regra não se aplica ao prefixo "re-". Por isso, escrevem-se corretamente sem hífen, por exemplo, os vocábulos "reencarnação, reenvio, reemissão, reempossar, reencontro, reestabelecer etc.".

3) Nas formações com os prefixos "circum-" e "pan-", quando o segundo elemento começar por vogal, "m" ou "n", além do "h" já mencionado.

- circum-escolar
- pan-mágico
- circum-murado
- pan-negritude
- circum-navegação
- pan-americano
- pan-africano

4) Nas formações com os prefixos "hiper-, super-, inter-", quando o segundo elemento iniciar-se por "r", além, é óbvio, do "H" já mencionado.

- super-resistente
- hiper-requintado
- inter-regional
- hiper-reativo
- inter-hemisfério
- inter-renal
- inter-relacionado
- hiper-rugoso
- super-revista
- super-realismo

5) Nas formações com os prefixos "ex-, pós-, pré-, pró-, sota-, soto-, vice-, vizo-", isto é, esses prefixos sempre serão usados com hífen.

- ex-diretor
- vice-presidente
- pós-graduação
- pró-americano
- pró-labore
- vizo-rei
- pré-vestibular
- pós-tônico
- sota-piloto
- soto-general
- pré-natal
- pró-europeu
- soto-mestre
- pré-datado
- pró-britânico
- vice-diretor

6) **Com o prefixo "sub-", haverá hífen sempre que o vocábulo iniciar-se por "b, h ou r". Observe:**

- sub-base
- sub-rogar
- sub-bibliotecário
- sub-repartição
- sub-humano
- sub-bosque
- sub-hepático
- sub-rotina

➧ **Observação:**

Caso não se inicie por "b, h ou r", não haverá hífen. Veja:

- subepiderme
- sublocatário
- subclasse
- subutilizar

➧ **Observações:**

a) Em alguns vocábulos, o prefixo (átono) se incorporou à palavra primitiva, como em "predeterminado, pressupor, propor, pospor, promover, prever". Por isso, estes vocábulos são escritos sem hífen.

b) Nas formações por sufixação, só se emprega o hífen nos vocábulos terminados por sufixos de origem tupi-guarani que representam formas adjetivas, com "açu, guaçu e mirim", como, por exemplo, "amoré-guaçu, anajá-mirim, andá-açu, capim-açu, Ceará-Mirim".

c) Usa-se também o hífen nas ligações de formas pronominais enclíticas ao advérbio "eis" (ei-lo, ei-los) e ainda nas combinações de formas pronominais "o, a, os, as" com os pronomes oblíquos "nos" e "vos", como, por exemplo, "no-lo", "vo-los".

d) O Novo Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa registra tanto "*pro forma, pro labore*", formas latinas, quanto "*pró-forma, pró-labore*", formas aportuguesadas. Portanto, ambas as grafias, sem hífen na forma latina e com hífen na forma aportuguesada, são corretas.

2.2.4.3 Não se emprega o hífen

1) **Nos vocábulos derivados por prefixação, cujo prefixo terminar em vogal e o segundo elemento iniciar-se por consoante. Caso o segundo elemento inicie por "r" ou "s", estas consoantes devem ser duplicadas.**

- contrarregra
- minissaia
- semicírculo
- extracorpóreo
- infrassom
- neorrepublicano
- ultrarromântico
- supracitado
- suprassumo
- microcirurgia
- hipoderme
- neoliberal
- antirreligioso
- minissérie
- semimetal

2) Nos vocábulos derivados por prefixação, cuja vogal final do prefixo é diferente da vogal inicial do segundo elemento.

- antieconômico
- aeroespacial
- coeducação
- extraescolar
- semiárido
- autoestrada
- extraoficial
- agroindustrial
- plurianual
- intraocular
- hidroelétrico
- antiaéreo

3) Nos vocábulos formados por palavras compostas, cuja noção de composição, em certa medida, se perdeu, uma vez que tais palavras passaram a compor um sentido único, individualizado.

- paraquedas
- pontapé
- sobremesa
- mandachuva
- madrepérola
- vaivém
- madressilva
- passatempo
- malmequer
- girassol
- rodapé
- aguardente

2.3 ORIENTAÇÕES ORTOGRÁFICAS – EMPREGO DE ALGUMAS LETRAS

A partir de agora, vamos estudar o emprego de diversas letras do vocabulário português. Sugerimos que estude o assunto aos poucos para um melhor aprovisionamento do conteúdo. Salientamos, entretanto, que a melhor técnica para se evitarem erros ortográficos ainda é a leitura. Só a leitura, continuada e bem orientada, propiciará uma escrita livre dos problemas ortográficos. Ademais, é preciso que se diga que "ninguém" – repita-se "ninguém" – possui pleno domínio de todos os vocábulos da nossa língua. Daí a importância de o operador da língua pátria sempre possuir à mão um bom dicionário. Será este compêndio vocabular que afastará o erro ortográfico. Por isso, orientamos o nosso aluno para que leia o assunto abaixo não com o intuito de decorar simplesmente, mas principalmente com o intuito de entender o porquê do emprego desta e não daquela letra. A missão não é tão simples. Mas certamente não é impossível. Mãos à obra!!

Inicialmente, tenha cuidado com algumas letras que, frequentemente, impõem dúvida no escritor. Vamos a elas!

Dica: Sugiro que pare um pouco agora. Descanse a mente alguns minutos antes de passar para o próximo ponto. Preferencialmente, releia o assunto acima – emprego do hífen. É um ponto bastante explorado pelas bancas. Por isso, vale a pena olhar novamente, fazer outras anotações. Provavelmente você não observará todas as informações sobre o hífen agora. Anote em algum lugar a data em que você estudou o assunto. Revise-o em poucos dias. Certamente o resultado será bem melhor na próxima vez que estudar o assunto. Quando estiver pronto, passe para o ponto abaixo... Vamos lá...

2.3.1 EMPREGO DAS LETRAS "E" E "I"

Em nossa língua, o emprego do "e" e do "i" é responsável por uma série de equívocos ortográficos. Portanto, é preciso estar atento para se evitarem muitos erros. Observe abaixo uma série de orientações sobre o emprego destas duas letras.

ESCREVE-SE COM "I" E NÃO COM "E":		
• aborígene/aborígine	• alumiar	• ansiar
• antipatia	• ária (música)	• arriar (baixar)
• calidoscópio	• cerimônia	• chilique
• colibri	• corrimão	• crânio
• criação	• criatura	• crioulo
• diferir (adiar)	• disfarce	• digladiar
• dilação (adiamento)	• dilapidar	• discrição (reserva)
• discricionário	• discriminar (discernir)	• disparate
• dispensa (folga)	• displicência	• distorção
• erisipela	• escárnio	• esquisito
• idiossincrasia	• Ifigênia	• imergir (mergulhar)
• imigrar (entrar no país)	• iminente (próximo)	• incinerar
• infestar	• inigualável	• lampião
• meritíssimo	• miscigenação	• pátio
• penicilina	• pião (brinquedo)	• pinicar
• pontiagudo	• privilégio	• réstia
• ridículo	• silvícola	• siri
• tinir	• umbilical	• vadiar (vagabundear)

Lembre-se de que também se emprega a letra "i":

a) Nas terceiras pessoas do presente do indicativo dos verbos terminados em "-AIR", "-OER" e "-UIR":

▹ cai ▹ sai ▹ corrói ▹ possui
▹ atribui ▹ constrói ▹ dói

b) No prefixo grego "anti-", que indica "ação contrária, oposição".

- antídoto
- antissepsia
- antimoral
- anti-infeccioso
- anti-horário

c) No paradigma de conjugação dos verbos terminados em "-IAR", como "variar, estagiar, abreviar, aliciar, assobiar etc.".

- Eu vario → tu varias, ele varia, nós variamos, vós variais, eles variam.
- Eu estagio → tu estagias, ele estagia, nós estagiamos, vós estagiais, eles estagiam.
- Eu assobio → tu assobias, ele assobia, nós assobiamos, vós assobiais, eles assobiam.

d) Nas terminações em "-ANO" (significando "aquele que pertence a" ou "relativo a") nas quais se aplica um "i", que funcionará como vogal de ligação.

- freudiano
- machadiano
- camoniano
- goethiano
- ciceroniano
- açoriano

➧ **Observação:**

Neste último caso, quando o vocábulo termina em "E", é de rigor a manutenção deste "E". Observe:

- Daomé → daomeano
- Arqueu → arqueano
- Ageu → ageano
- Galileu → galileano

ESCREVE-SE COM "E" E NÃO COM "I":

• acarear	• aéreo	• apear
• área (espaço)	• arrear (enfeitar)	• beduíno
• beneficência	• berilo	• cadeado
• campeão	• campear	• carestia
• cedilha	• cemitério	• confete
• corpóreo	• creolina	• deferir (ceder)
• delação (denúncia)	• descrição (redação)	• desenfreado
• desfrutar	• despensa (depósito)	• desforra
• desfrutar	• destilar	• disenteria

ESCREVE-SE COM "E" E NÃO COM "I":		
• elucidar	• emergir (vir à tona)	• encrenca
• espaguete	• emigrar (sair do país)	• embutir
• eminência (altura)	• empecilho	• encrenca
• endireitar	• enfezar	• engolir
• enteado	• estrear	• geada
• granjear	• mestiço	• mexerico
• paletó	• páreo	• parêntese (ou parêntesis)
• peão (homem do campo)	• penico (urinol)	• periquito
• petisco	• preá	• recrear (divertir)
• quepe	• sequer	• seringa
• umedecer	• vadear (passar a vau)	• veado

Lembre-se de que também se emprega a letra "e":

a) Nos ditongos nasais "ãe" e "õe":

- dispõe
- alemães
- mãe
- compõem
- cirurgiães
- cães

b) No prefixo grego "ante-" que indica "anterioridade":

- antediluviano
- antecâmara
- anterreforma
- antessala
- antegozo

c) Nas formas dos verbos terminados em "-OAR" e "-UAR":

- abençoe
- atue
- perdoe
- continue
- magoe
- efetue

d) Nas terceiras pessoas do plural do presente do indicativo de muitos verbos:

- caem
- arguem
- saem
- possuem
- destroem
- constituem

e) No prefixo latino "des-" que indica "oposição, negação, falta ou afastamento, separação":

- descortês
- desamor
- desleal
- desarmonia
- descascar

Observação

Não se esqueça também de que a oposição "e" e "i" é responsável pela distinção entre vários vocábulos. São formas parônimas. Veja:

Cuidado aqui, pois várias bancas exploram este tipo de conhecimento. Portanto, vale a pena ler o ponto mais de uma vez. Use caneta marca-texto.

ESCREVE-SE COM "E"	ESCREVE-SE COM "I"
ár**e**a (espaço, superfície)	ár**i**a (melodia, concerto)
arr**e**ar (pôr arreios)	arr**i**ar (abaixar)
d**e**ferir (conceder)	d**i**ferir (adiar ou ser diferente)
d**e**latar (denunciar)	d**i**latar (distender)
d**e**lação (denúncia)	d**i**lação (adiamento, delatação)
d**e**scrição (ato de descrever)	d**i**scrição (ser discreto)
d**e**scriminação (absolvição)	d**i**scriminação (separação)
emergir (vir à tona)	**i**mergir (afundar)
eminente (ilustre)	**i**minente (prestes a ocorrer)
p**e**ão (pedestre)	p**i**ão (brinquedo)
recr**e**ação (diversão)	recr**i**ação (criar novamente)
vad**e**ar (passar a vau)	vad**i**ar (andar à toa)

2.3.2 EMPREGO DAS LETRAS "O" E "U"

Teste o seu vocabulário. Observe abaixo um grupo de palavras escritas com "O" e outro grupo de palavras escritas com "U". Fique atento, pois não raros são os equívocos ortográficos com estas palavras.

ESCREVE-SE COM "O" E NÃO COM "U":

- abolição
- abolir
- agrícola
- amêndoa
- amontoar
- aroeira
- assoar
- bobina
- boate
- bochecho
- boteco
- botequim
- bússola
- chacoalhar
- cobiça
- cochicho
- coelho
- comprido
- comprimento (extensão)
- costume
- cortiça
- coruja
- êmbolo
- encobrir
- engolir
- engolimos (forma verbal)
- esmolambado
- espoliar
- focinho
- goela
- lobisomem
- lombriga
- mocambo
- mochila
- moela
- moleque
- molambo
- moringa
- mosquito
- névoa
- nódoa
- óbolo
- polenta
- poleiro
- polir
- ratoeira
- sapoti
- silvícola
- sortir (abastecer)
- sortido (variado)
- sotaque
- toalete
- tocaia
- tostão
- tribo
- vinícola
- zoada

ESCREVE-SE COM "U" E NÃO COM "O":

- abulia
- acudir
- anágua
- bueiro
- bônus
- bruxulear
- bugalho
- buliçoso
- bulir
- burburinho
- camundongo
- chuviscar
- cumbuca
- cumprimento (saudação)
- cumprimentar
- cúpula
- curinga (carta de baralho)
- Curitiba
- curtir
- curtição
- cutia (animal)
- curtume
- cutucar
- embutir
- entupir
- estripulia
- esbugalhar

ESCREVE-SE COM "U" E NÃO COM "O":

- escapulir
- jabuti
- manusear
- mulato
- pirulito
- sinusite
- surripiar
- tulipa
- virulento
- fuçar
- juazeiro
- muamba
- murmurinho
- rebuliço
- suar (transpirar)
- tábua
- urticária
- íngua
- légua
- mucama
- mutuca
- sanduíche
- supetão
- tabuleiro
- usufruto

2.3.2.1 Dupla ortografia com os ditongos "OU" e "OI"

Há na língua uma série de vocábulos que tanto podem ser escritos com o ditongo "OU" quanto com o ditongo "OI". É certo que uma das formas sempre será a mais usual, embora ambas estejam corretas. Observe:

- açoite – açoute
- afoito – afouto
- besoiro – besouro
- biscoito – biscouto
- coice – couce
- coisa – cousa
- doido – doudo
- doirar – dourar
- dois – dous
- estoiro – estouro
- loiça – louça
- loiro – louro
- oiço – ouço
- oiro – ouro
- tesoiro – tesouro
- toiro – touro
- toicinho – toucinho

2.3.3 EMPREGO DAS LETRAS "C" E "Ç"

a) Empregam-se as letras "C" ou "Ç" em vocábulos de origem tupi ou africana:

- açaí
- paçoca
- araçá
- caçula
- Iguaçu
- cacimba
- Moçoró
- babaçu

- caiçara
- miçanga
- puçá
- Paraguaçu
- Pajuçara
- piracema
- Piracicaba
- Moçambique
- Araci
- muçum
- Juçara
- Piraçununga

b) Em palavras de origem latina, finalizadas em "t", emprega-se "ç" ou "c", pois há geralmente uma correlação entre o "t" latino e o "ç" ou "c" português.

- absorto → absorção
- ato → ação
- adotar → adoção
- torto → torção
- isento → isenção
- executor → execução
- abster → abstenção
- distinto → distinção
- infrator → infração
- marte → marcial
- extinto → extinção

c) Emprega-se também o "C" ou "Ç" em muitas palavras de origem árabe:

- açafrão
- muçulmano
- acicate
- alface
- açucena
- açúcar
- açude

d) Emprega-se também o "Ç" na correlação: verbo em "TER" substantivo em "TENÇÃO":

- ABSTER → abstenção
- DETER → detenção
- ATER → atenção
- CONTER → contenção
- RETER → retenção

e) Empregam-se também as consoantes "C" e "Ç" nos sufixos "-AÇA, -AÇO, -AÇÃO, -ECER, -IÇA, -IÇO, -NÇA, -UÇO".

- carcaça
- caliça
- estilhaço
- criança
- cabaça
- chouriço
- noviço
- armação
- bagaço
- festança
- ricaço
- magriço
- anoitecer
- dentuça
- carniça

f) Emprega-se também o "Ç" ou "C" após vários ditongos. Observe:

- fauce
- feição
- foice
- louça

- traição
- traiçoeiro
- beicinho
- bouçar
- caiçara
- calabouço
- precaução
- coice

2.3.3.1 Emprego da letra "C"

ESCREVE-SE COM "C" OU COM "Ç":

- absorção
- açafrão
- acender (iluminar)
- acetinar
- açúcar
- alçapão
- almoço
- arruaça
- beça
- buço
- cacimba
- carapaça
- cela (quarto)
- cênico
- cereja
- cerzir (costurar)
- cilada
- cismar
- dentuça
- dobradiça
- exceção
- jaçanã
- abstenção
- açaí
- acessório
- aço
- adereço
- alicerçar
- ameaçar
- asserção
- Berenice
- cabaça
- calção
- carcaça
- celibato
- censo (recenseamento)
- cerração (nevoeiro)
- chacina
- cintura
- concertar (ajustar)
- descrição
- eriçar
- hortaliça
- licença
- acaçapar
- acelga
- acervo
- açucena
- afocinhar
- alicerce
- arregaçar
- babaçu
- boçal
- caçarola
- caniço
- cê-cedilha
- celofane
- censura
- certame (ou certâmen)
- chumaço
- cirrose
- contorção
- disfarce
- espinhaço
- inchaço
- linhaça
- maçada (importunação)
- maciço
- maçom
- noviço
- palhoça
- maçaneta
- maniçoba
- mormaço
- ouriço
- pança
- maçante
- miçanga
- muçarela
- paçoca
- pinçar

ESCREVE-SE COM "C" OU COM "Ç":		
• pocilga	• presunção	• rebuliço
• rechaçar	• regaço	• ruço (pardo, grisalho)
• sanção (ato de sancionar)	• sumiço	• tenção (intenção)
• terraço	• tição	• torção
• traça	• vacilar	• viço
• vidraça	• vizinhança	

2.3.4 EMPREGO DAS LETRAS "G" E "J"

Outro conjunto de palavras que frequentemente trazem dúvidas ao operador da língua são os vocábulos escritos com "G" e com "J". Como os fonemas dessas duas letras são bem parecidos, os equívocos não são raros. Portanto, fique atento às orientações abaixo.

2.3.4.1 Emprego da letra "G"

ESCREVE-SE COM "G" E NÃO COM "J":		
• adágio	• agenda	• agiota
• algema	• algibeira	• angelim
• angina	• apogeu	• aragem
• auge	• digerir	• digestão
• égide	• egrégio	• estrangeiro
• evangelho	• falange	• ferrugem
• frigir	• fuligem	• garagem
• geada	• gêiser	• geleia
• gêmeo	• gengibre	• gengiva
• gergelim	• geringonça	• gesso
• gesto	• gibi	• gilete
• gim	• girândola	• gíria
• impingem	• megera	• monge
• ogiva	• rabugem	• rabugento

ESCREVE-SE COM "G" E NÃO COM "J":		
• regurgitar	• rugido	• selvagem
• sugestão	• tangente	• tangível
• tangerina	• tigela	• vagem
• vagina	• vargem	• vertigem
• viagem	• vigência	

Emprega-se a letra G:

a) Nos sufixos "-agem, -igem, -ugem, -ege, -oge". Observe:

- aragem
- vertigem
- frege
- malandragem
- ferrugem
- micagem
- fuligem
- sege
- viagem
- miragem
- paragoge

➧ **Observação**

Usa-se o "G" no substantivo "viagem", mas se emprega a letra "J" no verbo "viajar" e seus derivados.

- É importante que ele faça uma boa **viagem**. (substantivo)
- É importante que ele **viaje** em segurança. (verbo)

Representam exceções a esta regra: lambujem, pajem e lajem.

b) Nas terminações "-ágio, -égio, -ígio, -ógio, -úgio". Veja:

- adágio
- prodígio
- fastígio
- naufrágio
- pedágio
- relógio
- necrológio
- plágio
- estágio
- refúgio
- colégio
- egrégio
- remígio
- subterfúgio

c) Nos verbos terminados em "GER" e "GIR". Observe:

- eleger
- impingir
- proteger
- mugir
- fingir
- submergir
- frigir

d) Geralmente depois da vogal "A", a qual inicia o vocábulo. Perceba:

▹ agente	▹ agiota	▹ ágio	▹ agir
▹ agitar	▹ agitação	▹ agenda	

➧ **Observação**

Representam exceção a esta regra os vocábulos que por origem se escrevem com "J" ou que são derivados de outros, os quais apresentam a letra "J" após a vogal "A". São bons exemplos: ajeru, ajeitar, ajesuitar.

e) Nos vocábulos derivados, cujas palavras primitivas são grafadas com "G". Observe:

▹ exigir → exigência	▹ impingir → impingem
▹ tingir → tingido	▹ afligir → afligem

2.3.4.2 Emprego da letra "J"

ESCREVE-SE COM "J" E NÃO COM "G":		
• ajeitar	• alforje	• anjinho
• anjo	• berinjela	• cafajeste
• canjica	• canjirão	• cereja
• cerejeira	• cerveja	• cervejeiro
• desajeitado	• enjeitar	• enrijecer
• gajeiro	• gorjear	• gorjeio
• gorjeta	• granjear	• injeção
• interjeição	• jeca	• jeito
• Jeni	• jenipapo	• jequitibá
• Jeremias	• Jericó	• jerimum
• jérsei	• jesuíta	• jiboia
• jirau	• jiu-jitsu	• laje
• laranjeira	• lisonjear	• lojista
• majestade	• manjericão	• Moji
• objeção	• ojeriza	• pajé
• pajem	• Pajeú	• pegajoso

ESCREVE-SE COM "J" E NÃO COM "G":		
• projeção	• projétil	• rejeição
• rejeitar	• sarjeta	• traje
• trejeito	• ultraje	• varejeira
• varejista		

É comum, portanto, o emprego da letra "J":

a) Em muitas palavras de origem latina. Observe:

- jeito
- cereja
- majestade
- lájea
- hoje
- jeira

b) Em muitas palavras de origem africana e tupi-guarani. Veja:

- beiju
- caju
- jerimum
- Ubirajara
- jeribá
- jenipapo
- pajé
- mujique
- jiboia
- jirau
- jê
- maracujá
- jequitibá
- jerivá

c) Em palavras derivadas de outras que já têm a letra "J". Observe:

- laranja → laranjeira, laranjinha
- manjar → manjedoura
- viajar → viajei, viajem (verbos)
- rijo → rijeza, enrijecer
- gorja → gorjeta, gorjear, gorjeio
- encorajar → encoraje, encorajem (verbos)

d) Nas flexões do modo subjuntivo dos verbos terminados em "-jar", como "arranjar, despejar, sujar, viajar, aleijar, almejar etc.". Veja:

- arranjar → arranje, arranjes, arranje, arranjemos, arranjeis, arranjem.
- despejar → despeje, despejes, despeje, despejemos, despejeis, despejem.

2.3.5 EMPREGO DA LETRA "H"

A princípio, é preciso dizer que a letra H, em início e fim de vocábulo, não representa fonema em nossa língua. Funciona com mero símbolo gráfico,

mantendo-se simplesmente em razão da etimologia de muitos vocábulos. Emprega-se a letra H, portanto:

1) No início dos vocábulos em razão da etimologia:

- herói → do latim *"heros"*
- haver → do latim *"habere"*
- humano → do latim *"humanus"*
- hesitação → do latim *"haesitatione"*
- habitar → do latim *"habitare"*
- haste → do latim *"hasta"*
- hipótese → do grego *"hupóthesis"*
- hipotaxe → do grego *"hupótaksis"*

2) No final de algumas interjeições. Observe:

- ah!
- eh!
- ih!
- oh!
- puh!

3) Em compostos unidos por hífen, quando o segundo elemento possui "h" etimológico. Observe:

- pré-histórico
- super-homem
- anti-higiênico
- sobre-humano

4) Como integrante dos dígrafos "ch, nh, lh". Veja:

- chuva
- inhame
- ilha
- chaveiro
- filho
- banha

5) Por tradição, no topônimo BAHIA.

➧ **Observação**

O "H" medial que não soa não se escreve, como em "desumano, exausto, filarmônico, inábil, lobisomem, reabilitar, reaver, turboélice".

Observe agora uma lista com alguns vocábulos, em que se emprega a letra H, os quais podem gerar dúvidas.

ESCREVE-SE COM "H" INICIAL

- hã
- haicai
- haltere
- harpa
- haste
- Habacuque
- Haiti
- hangar
- harpejar
- haurir
- hagiografia
- hálito
- harmonia
- harpia
- Havana

ESCREVE-SE COM "H" INICIAL

- Havaí
- haxixe
- hebdomadário
- hebreu
- hectare
- hediondo
- hedonismo
- Hedviges
- hélice
- hemeroteca
- hemisfério
- hemorragia
- hemorroidas
- hendecassílabo
- hepático
- heptassílabo
- hera (planta)
- herbívoro
- hermenêutica
- hermético
- hérnia
- herói
- hertziano
- hesitar
- heureca
- hexagonal
- hexágono
- hiato
- hibernal
- híbrido
- hidra
- hidrato
- hidravião
- hidrogênio
- hiena
- hierarquia
- hieróglifo
- hífen
- higrômetro
- hilaridade
- hilário
- himeneu
- hinário
- hino
- hipérbole
- hipismo
- hipocondria
- hipocrisia
- hipódromo
- hipófise
- hipopótamo
- hipoteca
- hipótese
- hirto
- hispânico
- histeria
- histologia
- hodierno
- holandês
- holofote
- homenagear
- homeopatia
- homicida
- homilia (ou homília)
- homologar
- homogeneidade
- homogêneo
- homônimo
- honesto
- honorários
- honra
- honraria
- hóquei
- horário
- horda
- horizonte
- hormônio
- horóscopo
- horripilar
- horror
- horta
- hortênsia
- horto (jardim)
- hosana
- hóspede
- hospício
- hospitalizar
- hóstia
- hostil
- hotel
- hulha
- humilde
- humor
- húmus

2.3.6 EMPREGO DA LETRA "S"

1) Na correlação ortográfica, verbos com "ND" formarão substantivos e adjetivos com "NS". Observe:

- pretender → pretensão, pretensioso, despretensioso
- suspender → suspensão, suspensivo
- ascender → ascensão, ascensor, ascensional
- distender → distensão, distensível, distensor

2) Na correlação ortográfica, verbo com "PEL" formará substantivos e adjetivos com "PULS". Observe:

- impelir → impulso, impulsivo, impulsão
- expelir → expulsão, expulsivo, expulsor
- repelir → repulsão, repulsivo
- compelir → compulsão, compulsivo

3) No sufixo erudito "-ense", formador de adjetivos gentílicos. Veja:

- paquistanense
- vienense
- paraense
- parisiense
- rio-grandense

4) É empregada geralmente após ditongos. Observe os inúmeros exemplos:

- aplauso
- maisena
- pouso
- Neusa
- causa
- Moisés
- Sousa
- mausoléu
- coisa
- náusea
- faisão
- lousa
- paisagem
- gêiser

5) Na conjugação dos verbos "PÔR" e "QUERER". Veja:

- Se eu quisesse; tu quisesses; ele quisesse; nós quiséssemos; vós quisésseis; eles quisessem.
- Eu pus; tu puseste; ele pôs; nós pusemos; vós pusestes; eles puseram.

6) Nos vocábulos formados pelos sufixos "-esa, -isa, -osa, -oso, -ês", os quais geralmente formam adjetivos a partir de substantivos.

- burguesa
- sacerdotisa
- marquesa
- diaconisa
- cortês
- gostoso
- orgulhosa
- papisa
- camponês
- cheiroso
- francês
- poetisa
- princesa
- amorosa

7) Nos sufixos gregos "-ase, -ese, -ise, -ose". Observe:

- catálise
- osmose
- prófase
- metamorfose
- catequese
- psicanálise
- próclise

8) Em vocábulos derivados de outros que são escritos com a letra "S". Veja:

- ausente → ausência, ausente, ausentar
- base → baseado, basear, baseamento
- casa → casar, casamento, casebre
- preso → presídio, presidiário, presidiar
- visão → visionário, visível, visionar

Segue abaixo um rol sucinto de palavras escritas com a letra "S".

ESCREVE-SE COM "S"

- abrasar
- abusão
- abusar
- abuso
- adesão
- adesivo
- agasalhar
- aliás
- alisar
- amásia
- escusável
- extasiar
- formosura
- frasear
- freguesa
- frisante
- fuselagem
- fusível
- gasoso
- gris

ESCREVE-SE COM "S"

- ambrosia
- amnésia
- analisar
- ananás
- anestesia
- anis
- apesar
- após
- aposentar
- apostasia
- apoteose
- apresar
- apresilhar
- aprisionar
- ardósia
- arrasar
- artesanato
- atrasar
- atrasado
- através
- basebol
- basílica
- besuntar
- brasa
- brisa
- camiseta
- camisola
- camponês
- casebre
- casaco
- casimira
- grosa
- groselha
- hesitar
- improvisar
- Jerusalém
- jusante
- lesar
- lesão
- lisura
- maisena
- maresia
- medusa
- misantropo
- miséria
- misericórdia
- nasal
- obesidade
- país
- paisano
- paralisar
- parisiense
- parnasiano
- pêsame
- pesquisar
- precisão
- preservar
- prosélito
- raposa
- raso
- reclusão
- rasura

ESCREVE-SE COM "S"

- casuísta
- casulo
- catalisar
- catequese
- cesariana
- cisão
- colisão
- concisão
- cortesão
- cortesia
- crisálida
- demasia
- desinência
- diaconisa
- divisor
- dose
- entrosar
- enviesar
- resina
- revés
- revisar
- sassafrás
- sinestesia
- sinusite
- sisudo
- sósia
- televisor
- torquês
- tosar
- transação
- usufruto
- usura
- vaselina
- vesícula
- viseira
- zeloso

2.3.7 EMPREGO DO DÍGRAFO "SS"

1. **Na correlação ortográfica, verbos com "CED" formarão substantivos com "CESS". Observe:**

- **ced**er → **cess**ão, **cess**ionário
- inter**ced**er → inter**cess**ão, inter**cess**or
- ex**ced**er → ex**cess**ivo, ex**cess**o
- con**ced**er → con**cess**ão, con**cess**ivo
- a**ced**er → a**cess**o, a**cess**ível

2. Na correlação ortográfica, verbos com "GRED" formarão substantivos e adjetivos com "GRESS". Veja:

- agredir → agressão, agressivo, agressor, agressividade
- progredir → progresso, progressão, progressivo
- regredir → regressão, regresso, regressivo
- transgredir → transgressão, transgressor

3. Na correlação ortográfica, verbos em "PRIM" formarão substantivos e adjetivos com "PRESS". Observe:

- comprimir → compressão, compressivo
- exprimir → expressão, expressivo
- imprimir → impressão, impressor
- oprimir → opressão, opressor
- reprimir → repressão, repressor
- deprimir → depressão, depressivo

4. Na correlação, verbos terminados em "TIR" formarão substantivos e adjetivos com "SSÃO". Confira:

- admitir → admissão, admissível
- discutir → discussão
- repercutir → repercussão, repercussivo
- eletrocutir → eletrocussão

5. Em palavras derivadas por prefixação, cujo prefixo termina em vogal e o vocábulo se inicia por "s". Observe:

- mini + saia → minissaia
- a + salariar → assalariar
- ante + sala → antessala
- re + surgir → ressurgir
- neo + simbolismo → neossimbolismo
- a + silábico → assilábico
- anti + séptico → antisséptico
- pseudo + sufixo → pseudossufixo
- para + sífilis → parassífilis

Observe agora uma série de vocábulos em que se emprega o dígrafo "SS".

ESCREVE-SE COM "SS"

- acessível
- alvíssaras
- amassar
- assar
- apressar
- argamassa
- arremesso
- assear
- assédio
- asseio
- assessor
- asserção
- assoprar
- aterrissagem
- aterrissar
- avesso
- bissetriz
- bússola
- compasso
- concessão
- condessa
- confessionário
- confissão
- demissão
- depressa
- devasso
- dissensão
- dissídio
- endossar
- escassez
- escasso
- excesso
- fossa
- fossilizar
- gesso
- girassol
- imissão
- impressionar
- massagem
- massapé
- melissa
- missionário
- obsessão
- passatempo
- passeata
- pintassilgo
- possessão
- presságio
- promessa
- ressaca
- ressentir
- ressonar
- ressuscitar
- russo
- sanguessuga
- sobressalente
- sossego
- travesso
- uníssono
- vassoura
- verossímil

2.3.8 EMPREGO DO "SC"

Em muitos vocábulos, principalmente por razões etimológicas, emprega-se "SC". Geralmente são vocábulos eruditos, provenientes do latim. Observe abaixo um quadro sucinto com alguns vocábulos escritos com "SC".

ESCREVE-SE COM "SC"

- abscesso
- abscissa
- acrescer
- adolescência
- apascentar
- aquiescência
- ascendente
- ascender (subir)
- ascético (místico)
- concupiscência
- condescender
- consciência
- convalescença
- descendência
- descentralização
- discente
- discernimento
- disciplina
- efervescência
- fascículo
- fascismo
- fascínio
- florescente
- imprescindível
- incandescente
- intumescer
- irascível
- isósceles
- lascívia
- luminescência
- miscelânea
- miscigenação
- nascença
- obsceno
- oscilação
- piscina
- presciência
- prescindir
- prescindível
- recrudescer
- remanescente
- reminiscência
- renascentismo
- rescindir
- rescisão
- ressuscitar
- susceptível
- suscitar
- transcendente
- víscera
- visceral

2.3.9 EMPREGO DA LETRA "Z"

Geralmente emprega-se a letra Z:

1) Na maioria dos substantivos derivados de adjetivos. Observe:

ADJETIVO		SUBSTANTIVO DERIVADO
ácido	→	acidez
altivo	→	altivez
áspero	→	aspereza
baixo	→	baixeza
certo	→	certeza
belo	→	beleza
claro	→	clareza
delicado	→	delicadeza
embriagado	→	embriaguez
escasso	→	escassez
estúpido	→	estupidez
flácido	→	flacidez
fluido	→	fluidez
fraco	→	fraqueza
grande	→	grandeza
insípido	→	insipidez
largo	→	largueza
ligeiro	→	ligeireza
macio	→	maciez
mesquinho	→	mesquinhez
pálido	→	palidez
rápido	→	rapidez
singelo	→	singeleza
surdo	→	surdez
triste	→	tristeza

2) No sufixo "-IZAR" formador de verbos a partir de substantivos e adjetivos não terminados em "S". Veja:

- agon(ia) + izar → agonizar
- colon(o) + izar → colonizar
- hospital + izar → hospitalizar
- final + izar → finalizar
- suav(e) + izar → suavizar
- símbol(o) + izar → simbolizar
- fiscal + izar → fiscalizar
- cristal + izar → cristalizar
- capital + izar → capitalizar
- amen(o) + izar → amenizar
- ideal + izar → idealizar
- modern(o) + izar → modernizar
- canal + izar → canalizar
- civil + izar → civilizar
- harmoni(a) + izar → harmonizar
- universal + izar → universalizar
- divin(o) + izar → divinizar
- formal + izar → formalizar

➡ **Observações:**

a) Os substantivos derivados dos verbos acima (com o sufixo "-IZAÇÃO") também são escritos com "Z".

- suavização
- modernização
- formalização
- agonização
- finalização
- capitalização
- colonização
- fiscalização
- idealização
- harmonização

b) Se o vocábulo finalizar com a letra "S", acrescenta-se tão somente o sufixo "-AR". Observe:

- a + lis(o) + ar → alisar
- avis(o) + ar → avisar
- pesquis(a) + ar → pesquisar
- catális(e) + ar → catalisar
- anális(e) + ar → analisar
- fris(o) + ar → frisar
- pis(o) + ar → pisar
- divis(a) + ar → divisar

c) Para a regra acima, temos uma exceção: o verbo "catequizar" – escrito com "Z" – que é derivado do substantivo "catequese" – escrito com a letra "S".

3) Nos verbos terminados em "-UZIR" e nas suas conjugações:

- conduzir → conduz, conduziu, conduzirá
- deduzir → deduz, deduziu, deduzirá
- produzir → produz, produzia, produziria

2.3.10 "-ZINHO" OU "-SINHO"

Em português, geralmente se fazem confusões, na formação do diminutivo de alguns vocábulos, quanto ao emprego das letras "Z" e "S". Primeiramente, convém dizer que o sufixo para o diminutivo em português é, em geral, o "-INHO". Para usá-lo corretamente, atente para as seguintes orientações:

a) Quando o vocábulo finalizar em "S" ou em "Z", acrescentar-se-á tão somente o sufixo "-INHO". Observe:

- raiz + inha → raizinha
- lápis + inho → lapisinho
- ros(a) + inha → rosinha
- Luís + inho → Luisinho
- chinês + inha → chinesinha
- nariz + inho → narizinho
- Teres(a) + inha → Teresinha
- as(a) + inha → asinha
- princes(a) + inha → princesinha
- mes(a) + inha → mesinha

b) Quando o vocábulo não termina nem em "S" nem em "Z", usa-se a consoante de ligação "Z" entre o vocábulo e o sufixo indicador do diminutivo. Veja:

- amor + z + inho → amorzinho
- flor + z + inha → florzinha
- café + z + inho → cafezinho
- pai + z + inho → paizinho
- só + z + inho → sozinho
- João + z + inho → Joãozinho
- anel + z + inho → anelzinho
- mar + z + inho → marzinho
- mão + z + inha → mãozinha
- pé + z + inho → pezinho
- Maria + z + inha → Mariazinha
- homem + z + inho → homenzinho

➡ **Observações:**

a) Perceba que, na última regra, a letra "Z" funciona como consoante de ligação entre o final do vocábulo e o sufixo "-inho(a)", já que os vocábulos sem ela seriam cacofônicos, malsoantes.

b) Com certos vocábulos, admitem-se duas grafias. Observe:

- colherzinha ou colherinha
- hominho ou homenzinho
- dentinho ou dentezinho
- gavetinha ou gavetazinha
- montinho ou montezinho
- florzinha ou florinha
- ovinho ou ovozinho
- campinho ou campozinho
- mulherinha ou mulherzinha
- pastorinho ou pastorzinho

Observe abaixo uma tabela com vocábulos escritos com a letra "Z".

ESCREVE-SE COM "Z"

- abalizar
- acidez
- agonizar
- ajuizar
- alazão
- algazarra
- algoz
- alteza
- altivez
- amenizar
- amortizar
- apaziguar
- aprazível
- aridez
- assaz
- avestruz
- azar
- azedar
- azeitona
- azucrinar
- baixeza
- baliza
- bambuzal
- bezerro
- buzina
- capataz
- capuz
- chafariz
- cizânia
- embriaguez
- escassez
- espezinhar
- estupidez
- falaz
- fineza
- flacidez
- frigidez
- fugaz
- gazear
- geratriz
- gozo
- indenizar
- intrepidez
- lambuzar
- lhaneza
- loquaz
- mazela
- mazurca
- morbidez
- nudez
- ozônio
- perdiz
- prazerosamente
- prenhez
- quizila
- rapaziada
- razoável
- revezar

ESCREVE-SE COM "Z"

- coalizão
- conduzir
- contemporizar
- contumaz
- copázio
- coriza
- cozer (cozinhar)
- desazo (descuido)
- desfaçatez
- deslizar (mas alisar)
- deslize
- dizimar
- eficaz
- sagaz
- seduzir
- surdez
- topázio
- varizes
- vazante
- verniz
- vileza
- vizinho
- xadrez
- ziguezague

2.3.11 EMPREGO DA LETRA "X"

a) Por questões etimológicas, emprega-se o "X" com o som de "S" em vocábulos como:

- expor
- sexta
- êxtase
- sextilha
- auxiliar
- contexto
- próximo
- sintaxe
- extenso
- expectativa
- texto
- aproximar
- extrato
- expor
- têxtil

b) Emprega-se geralmente a letra "X" após ditongo. Veja:

- baixo
- queixada
- eixo
- caixa
- peixe
- seixo
- deixar
- gueixa
- frouxo
- feixe

Exceção: Os vocábulos "guache" e "caucho" – e seus derivados, como "recauchutar, recauchutagem" – são escritos com "CH".

c) Geralmente após a sílaba "me" inicial da palavra emprega-se a letra "X". Observe:

- mexerico
- mexida
- mexerucar
- mexilhão
- mexedor
- mexe-mexe
- mexerica
- mexeriqueiro
- mexicano
- mexeriquice

Exceção: O vocábulo "mecha" e seus derivados "mechado, mechagem, mechar".

d) Após a sílaba inicial "en" geralmente se emprega a letra "X". Observe:

- enxada
- enxugar
- enxovalhar
- enxaguar
- enxergar
- enxame
- enxaqueca
- enxaimel
- enxofre
- enxerido
- enxadrezar
- enxertar
- enxoval
- enxurrada
- enxaguada

Exceções: Os vocábulos "encher" (e seus derivados) e enchova (= peixe) são escritos com "CH". Ocorrerá também uma exceção quando o prefixo "en-" for anexado a um vocábulo iniciado por "CH", como "enchiqueirar, encharcar, enchumaçar etc.".

Observe abaixo uma tabela com alguns vocábulos escritos com a letra "X".

ESCREVE-SE COM "X"

- abacaxi
- almoxarife
- atarraxar
- baixada
- baixela
- bexiguento
- broxa (pincel)
- maxixe
- oxalá
- praxe
- puxar
- puxão
- Quixote
- relaxar

ESCREVE-SE COM "X"

- bruxulear
- buxo (arbusto)
- caixeiro
- caixote
- capixaba
- caxumba
- coxinilho
- elixir
- enfeixar
- enxada
- enxaqueca
- faxina
- feixe
- graxa
- gueixa
- lagartixa
- laxativo
- lixa
- luxúria
- macaxeira
- remexer
- repuxo
- rixa
- rouxinol
- taxa (imposto)
- trouxa
- vexame
- xá (título de nobreza)
- xadrez
- xampu
- xeque (chefe árabe)
- xereta
- xícara
- xilindró
- xilofone
- xingar
- Xingu
- xiquexique
- xodó

Não se esqueça de que, em muitos vocábulos, a letra "X", quando usada no final do vocábulo ou quando empregada entre duas vogais (intervocálica), representa o fonema "KS". Observe a tabela:

LETRA "X" COM O SOM DE "KS"

- afluxo
- amplexo
- anexar
- asfixiar
- asfixiante
- látex
- léxico
- lexicografia
- Marx
- marxismo

LETRA "X" COM O SOM DE "KS"

- axioma
- boxe
- caquexia
- clímax
- complexo
- conexão
- convexo
- córtex
- crucifixo
- dislexia
- doxologia
- dúplex
- fixação
- fixo
- flexionar
- fluxo
- genuflexão
- heterodoxia
- hexacampeão
- intoxicar
- máxime
- nexo
- ônix
- ortodoxia
- oxidar
- óxido
- oxigênio
- paradoxal
- perplexo
- profilaxia
- reflexão
- refluxo
- saxão
- saxofone
- sexagésimo
- sexo
- tórax
- tóxico
- toxicologia
- uxoricida

Em alguns outros vocábulos, a letra "X" representará o fonema "Z". Observe abaixo:

LETRA "X" COM O SOM DE "Z"

- exagero
- exalar
- exame
- exasperar
- executar
- exemplo
- existir
- êxito
- êxodo
- exonerar
- exorcismo
- exortar

LETRA "X" COM O SOM DE "Z"	
• exegese	• exótico
• exercer	• exuberância
• exercício	• exultar
• exército	• exumar
• exibir	• inexistente
• exigir	• inexorável
• exíguo	
• exilar	

2.3.12 EMPREGO DO DÍGRAFO "CH"

Geralmente se usa o dígrafo "CH" por razões etimológicas. Há inúmeras palavras provenientes do latim, do francês, do espanhol e do italiano as quais são escritas com o dígrafo "CH". Podemos citar, a título de exemplo, os vocábulos "chave, cheirar, chuva" (do latim); brocha, chalé, chefe, mochila (do francês e do espanhol); charlatão, salsicha, espadachim (do italiano).

Abaixo segue uma tabela com alguns vocábulos escritos com "CH".

ESCREVE-SE COM "CH"	
• Anchieta	• churrasco
• apetrecho	• chuteira
• belchior	• cochichar
• bochecha	• cochicho
• bochecho	• cocho (recipiente)
• boliche	• colcha
• bombacha	• concha
• brocha (prego)	• coqueluche
• broche	• deboche
• bucha	• despachar
• bucho (estômago)	• encher

ESCREVE-SE COM "CH"

- cachaça
- cachimbo
- cachola
- capuchinho
- capucho
- cartucho (cápsula)
- chá (infusão de folhas)
- chácara
- chafariz
- charco
- charque
- cheque (ord. pagamento)
- chimarrão
- chiste
- chuchu
- chucrute
- chutar
- chumaço
- espichar
- estrebuchar
- fachada
- ficha
- guache
- inchar
- machucar
- mochila
- pachorra
- pecha
- pechincha
- rachar
- salsicha
- tacha (mancha)
- tachar (acusar)

2.3.13 EMPREGO DA LETRA MAIÚSCULA E DA MINÚSCULA

Um ponto bastante interessante em nossa língua é o emprego das letras minúsculas e maiúsculas. Embora seja pouco explorado pelas bancas dos concursos, este assunto é bastante útil para o usuário da língua, notadamente para aqueles que trabalham frequentemente com a língua escrita.

Para uma orientação mais segura, procuramos pautar as regras abaixo no Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, edição de 2009, sem exclusão de outras regras óbvias e bastante usuais.

2.3.13.1 Letras maiúsculas

É de praxe o emprego da letra maiúscula:

1) No início de frases, orações ou períodos, versos, citações diretas e logo após o ponto final. Veja:

▹ "Disse o padre Antônio Vieira: "Estar com Cristo em qualquer lugar...".

▹ "Longe do estéril turbilhão da rua,
Beneditino, escreve! No aconchego
Do claustro, na paciência e no sossego,
Trabalha, e teima, e lima, e sofre, e sua!
Mas que na forma de disfarce o emprego
Do esforço; e a trama viva se construa
De tal modo, que a imagem fique nua,
Rica mas sóbria, como um templo grego."
(Olavo Bilac)

➧ **Observação:**

Muitos poetas usam, à moda espanhola, a minúscula no princípio de cada verso, quando a pontuação o permite, como se vê abaixo em Carlos Drummond de Andrade:

▹ "É quando, ao despertar, revejo a um canto
a noite acumulada de meus dias,
e sinto que estou vivo, e que não sonho."

2) Nos substantivos próprios de qualquer espécie (antropônimos: nomes de pessoas, alcunhas, patronímicos, cognomes, tribos e castas, seres mitológicos e fabulosos; topônimos: nomes de lugares, cidades, países; designação de comunidades religiosas e políticas).

- João da Silva
- Sigmund Freud
- Hespéria
- os Pirineus
- Vênus
- Nação
- Dom Quixote
- Recife
- Ruanda
- Alá
- Júpiter
- Estado
- Dom Casmurro
- Palmares
- Brasil
- Jeová
- Baco
- Pátria
- Branca de Neve
- Atlântida
- Olinda
- Testemunhas de Jeová
- Igreja Católica
- Raça

➧ **Observações:**

a) Os vocábulos "Nação, Estado, Pátria, Raça" devem ser escritos com minúscula quando forem empregados em sentido geral ou indeterminado.

- "O único expediente regular (para revogar uma lei que não se acha de acordo com as necessidades de uma **nação**) é o remédio que pode provir do Poder Legislativo." (Rui Barbosa)
- "Também me ocorreu aceitar a batalha, no sentido natural, e fazer dela a luta pela **pátria**, por exemplo." (Machado de Assis)

b) Os substantivos que designam os nomes dos países, estados e cidades devem ser grafados com letra maiúscula, mas seus povos escrevem-se com inicial minúscula, não só quando designam os habitantes ou naturais daquele lugar, mas também quando representam coletivamente uma nação, um povo. Observe:

- o Brasil → os brasileiros
- a Rússia → os russos
- Palmares → os palmarenses
- a Bahia → os baianos
- Pernambuco → os pernambucanos
- a Venezuela → os venezuelanos

3) Nos nomes de festas e festividades. Veja:

- Natal
- Páscoa
- Ramadão
- Todos os Santos

4) Nos nomes que designam a divindade. Observe:

- o Altíssimo
- o Onipotente
- o Todo-Poderoso
- o Criador
- o Rei dos reis

5) Nos pontos cardeais ou equivalentes, quando empregados absolutamente, isto é, quando empregados em referência à região. Observe:

- o Nordeste, por nordeste do Brasil
- Meio-Dia, pelo sul da França
- o Norte, por norte de Portugal
- o Ocidente, por ocidente europeu

6) Nos títulos de jornais e periódicos, que retêm o itálico. Observe:

- *O Estado de São Paulo*
- *Jornal do Commercio*
- *Zero Hora*
- *Diário da Manhã*
- *Folha de São Paulo*
- *O Primeiro de Janeiro*

7) Em siglas, símbolos ou abreviaturas internacionais ou nacionalmente reguladas com maiúsculas. Veja:

- VOLP
- FAO
- CPF
- H2O
- Sr.
- V. Ex.ª.
- ONU

8) Nos nomes próprios de eras e de acontecimentos históricos, e épocas notáveis. Observe:

- Segunda Guerra Mundial
- Renascimento
- Idade Média
- Revolução Industrial

9) Nos nomes de repartições, corporações ou agremiações e estabelecimentos públicos ou particulares. Observe:

- Ministério das Relações Institucionais
- Academia Pernambucana de Letras
- Universidade Federal do Rio de Janeiro
- Departamento de Defesa
- Imprensa Nacional
- Presidência da República

2.3.13.2 Letras minúsculas

É de regra empregar-se a letra minúscula:

1) Ordinariamente, em todos os vocábulos da língua portuguesa nos usos correntes para os quais não haja a obrigatoriedade da letra maiúscula.

2) Nos nomes dos dias, dos meses e das estações do ano. Veja:

- segunda-feira
- março
- sábado
- primavera
- janeiro
- verão

3) Nos usos dos pronomes indefinidos "fulano, sicrano e beltrano".

4) Depois do sinal de dois-pontos quando não se tratar de nome próprio ou de citação direta. Observe:

- Só desejo uma coisa em minha vida: paz.
- Bêbado, ele apenas dizia isto: que a vida não vale a pena.
- Sempre foi um homem de bem: auxiliava em todos os abrigos do município.

5) Nos nomes próprios tomados comuns por sinédoque. Observe:

- Ele foi um judas para a turma.
- Agia como um dom-quixote.
- Rui era o cristo da sala.

6) Nos nomes de festas populares ou pagãs. Veja:

- carnaval
- as bacanais
- micareta
- as saturnais
- as festas juninas

2.3.13.3 Emprego facultativo da letra maiúscula e da minúscula

Pode-se empregar tanto a letra maiúscula quanto a minúscula nos seguintes casos:

1) Em palavras usadas na categorização de logradouros públicos, de templos e de edifícios. Observe:

- Rua ou rua Joaquim da Lapa
- Edifício ou edifício Copan
- Igreja ou igreja Presbiteriana
- Avenida ou avenida Agamenon Magalhães
- Largo ou largo de São Francisco
- Palácio ou palácio da Cultura

2) Nos nomes, adjetivos, pronomes e expressões de tratamento ou reverência. Veja:

- Santa ou santa Ifigênia
- Bacharel ou bacharel João Carlos
- Cardeal ou cardeal Bembo
- Governador ou governador Eduardo Campos
- Senhor Doutor ou senhor doutor Antônio Carlos Resende
- Padre ou padre Ferdinando Marques

3) Nos nomes que designam domínios do saber, cursos, disciplinas e formas afins. Veja:

- Português ou português
- Belas Artes ou belas artes
- Letras Clássicas ou letras clássicas
- Matemática ou matemática
- Filosofia ou filosofia
- línguas e literaturas modernas ou Línguas e Literaturas modernas

4) Nos títulos que compõem uma citação bibliográfica, exceto no primeiro vocábulo e naqueles obrigatoriamente grafados com maiúscula.

- Menino de Engenho ou Menino de engenho

- Árvore e Tambor ou Árvore e tambor
- O Crime do Padre Amaro ou O crime do padre Amaro
- Memórias Póstumas de Brás Cubas ou Memórias póstumas de Brás Cubas

2.3.14 ABREVIATURAS

Em nossa língua portuguesa, certas palavras e locuções, em vez de serem escritas por extenso, são muitas vezes indicadas somente com as iniciais seguidas de ponto ou com as iniciais e mais um número reduzidíssimo de letras seguidas de ponto. Dá-se às palavras e expressões assim representadas o nome de "abreviaturas".

A escrita das abreviaturas geralmente segue algumas orientações. Vejamo-las:

1) Nas abreviaturas, as letras são frequentemente substituídas por ponto. Este, por sua vez, geralmente só é colocado após a primeira consoante ou após o primeiro encontro consonantal. Perceba:

- f. (feminino)
- Fr. (Frei)
- adj. (adjetivo)
- dipl. (diploma)
- compl. (complemento)

➡ **Observação:**

Algumas abreviaturas modernas empregam o ponto depois de vogal. Veja:

- ago. (agosto)
- litu. (lituano)
- anu. (anuário)
- memo. (memorando)
- Ci. (Ciência)

2) As abreviaturas de símbolos científicos (medidas, pesos, distâncias etc.) são escritas sem ponto e sem a letra "s" para indicar o plural. Veja:

- g (grama)
- m (metro)
- kg (quilograma)
- Km (quilômetro)
- cm (centímetro)
- min (minuto)
- K (potássio)
- l (litro)
- sen (seno)
- h (hora)

3) Algumas abreviaturas mantêm a(s) última(s) letra(s) do vocábulo postas acima das outras. Observe:

- C.^{el} (Coronel)
- Rem.^{te} (remetente)
- Exma (Excelentíssima)
- V. Ex.ª (Vossa Excelência)

4) Geralmente, quando se deseja expressar o plural de uma abreviatura, acrescenta-se tão somente a letra "s". Observe:

- caps. (capítulos)
- Dr.as (doutoras)
- fls. (folhas)
- págs. (páginas)

➠ **Observações:**

a) Quando a abreviatura é formada por letras maiúsculas, duplicam-se essas letras para se expressar o plural. Logo:

- SS.AA (Suas Altezas)
- VV.MM (Vossas Majestades)
- VV.PP. (Vossas Paternidades)

b) Em alguns casos, a duplicação das maiúsculas pode representar superlativos. É o caso de:

- DD (Digníssimo)
- MM (Meritíssimo)
- SS (Santíssimo)

5) O acento gráfico, quando houver, deve ser mantido se recair antes do ponto abreviativo. Veja:

- séc. (século)
- anún. (anúncio)
- mús. (música)
- pág. (página)
- Fís. (Física)
- Quím. (Química)
- téc. (técnica)
- núm. (número)
- côv. (côvado)
- gên. (gênero)

Observe abaixo um rol sucinto com algumas abreviaturas bastante usuais na escrita portuguesa:

a.C ou A.C. = antes de Cristo	A/C = ao(s) cuidado(s)
A.D. = anno Domini (ano do Senhor)	adj. = adjetivo
ad. lit. = ad litteram (ao pé da letra, literalmente)	adv. = advérbio
Aeron. = aeronáutica	Ah = Ampère hora
a.m. = *ante meridiem* (antes do meio-dia)	A.M. = ave-maria
am.º = amigo	ap. ou apart. = apartamento
ár. = árabe	arc.º = arcebispo
asp. ou asp.^{te} = aspirante	assoc. = associação

ativ. = atividade	at.^{o} = atento ou atencioso
at.^{te} = atenciosamente	A.T. = Antigo Testamento
banc. = bancário	B.^{el} = bacharel
B.^{eis} = bacharéis	B.O. = boletim de ocorrência
bras. = brasileiro ou brasileirismo	Bras. = Brasil
cap. = capitão	Cap. = Capital
C.el ou C.^{el} = coronel	Cia. ou C.^{ia} = companhia
Col.^{o} = colégio	Corresp. = correspondência
d.C. ou D.C. = depois de Cristo	DD. = digníssimo
Dec. = Decreto	diác. = diácono
dic. = dicionário	div. = divisão
Dr. = doutor	Drs. = doutores
Dr.^{a} = doutora	Dr.^{as} = doutoras
Ed. = edição	E.D. = espera deferimento
el. = elemento	espec. = especial
etc. = *et cetera*	Ex.ª = Excelência
f., fl. ou foi. = folha	fls. ou fols. = folhas
flex. = flexão	F.^{o} = filho
g = grama(s)	g. ou gr. = grau(s)
gen. = general	h = hora(s)
ib. ou ibid. = *ibidem* (no mesmo lugar)	i.e. = *id est* (isto é)
Il.^{ma} = ilustríssima	Il.^{mo} = ilustríssimo
Juríd. = jurídico	Kg = quilograma
lit. = *litteratim* (literalmente)	min = minuto(s)
m = metro(s)	mons. = monsenhor
N.T. = Novo Testamento	P.S. = *post scriptum* (pós-escrito)
seg = segundo(s)	seg. = seguinte
v. = você, veja, verbo, volume	*v.g.* = *verbi gratia* (por exemplo)
V.T. = Velho Testamento	

2.4 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (FCC) Está correta a grafia de todas as palavras do seguinte comentário sobre o texto:

   a) Uma das iniciativas encontornáveis da cidadania está em se ezercer a consciência crítica, aplicada aos fatos da realidade.
   b) Recusando os privilégios dos que se habituaram a viver em grupos autônomos, o texto propõe o acesso de todos a todas as instâncias sociais.
   c) Ninguém deve se ezimir de cobrar do Estado a prezervação do princípio de igualdade como um direito básico da cidadania.
   d) Constitue dever de todos manter ou readquirir a crença em que seja possível a vijência social dos princípios da igualdade e da solidariedade.
   e) O que se atribue a um cidadão, como direito básico, deve constituir-se em direito básico de todos os cidadãos, indescriminadamente.

2. (FCC) Há palavras cuja grafia exige correção na frase:

   a) Incompreensivelmente, dá-se absoluta primazia à experiência, quando se trata do preenchimento de novas vagas.
   b) Pretextando a inexperiência dos jovens pretendentes a uma vaga, os empregadores lhes oferecem estágios, com pagamento irrisório.
   c) É lamentável que jovens com aptidão e vocação para o trabalho sejam rejeitados em nome de uma experiência a que não podem ter acesso.
   d) Diminui paulatinamente o número de novos empregos, o que obriga os jovens candidatos a se submeterem a exigências cada vez mais rigorosas.
   e) É evidente o descazo com que o mercado de trabalho trata os recém-formados, frustrando assim suas legítimas pretenções.

3. (ESAF) Assinale a opção que corresponde a erro gramatical ou de grafia.

   Diante da atual mediocridade da representação política, é ***necessária(1)*** *a participação e a organização da sociedade, operando uma profunda mudança em nossa cultura política.* ***Quanto maior(2)*** *o individualismo, mais frágeis são os governos. As regras formais constitucionais não são suficientes para* ***freiar(3)*** *os vícios* ***exacerbados(4)*** *pelo poder. As organizações da sociedade devem ter o póder de vigiar e cobrar prestação de contas. Por isso, em vez de desacreditar da política, devemos agir em corresponsabilidade, com coragem, lucidez e* ***discernimento(5)*** *num grande mutirão para abrir caminho para um país democrático, justo, desenvolvido e pacífico.*

   (Adaptado de Dom Geraldo Majella, cardeal Agnelo, Folha de S. Paulo, 21/6/2005)

   a) 1
   b) 2
   c) 3
   d) 4
   e) 5

4. (FCC) Está correta a grafia de todas as palavras da frase:

a) Malediscente como sempre, não deixa de proferir injúrias, manifestando, além da hostilidade, uma extraordinária vocação para provocar a cisânia entre seus desafetos.

b) Diante de nossa relutância, propôs que fôssemos com ele ao supermercado, emprendêssemos, de modo alheatório, uma pesquisa de preços, e os comparássemos aos da feira.

c) Como não conta com nenhum para-raios, o povoado se alarma tão logo comece a trovejar: na última tempestade, a inscidência de descargas elétricas foi a maior da região.

d) Será necessário intensificar a assistência aos pescadores, por ocasião da reversão das águas do rio – operação esta que certamente beneficiará as hidrelétricas, mas que poderá levar muitos à indigência.

e) Os maltratos recebidos afetaram-na tão profundamente que ela não consegue relaxar: ficaram-lhe os resquícios de um trauma familiar que dificilmente superará sem os subssídios de um tratamento especializado.

5. (FCC) Estão corretos o emprego e a grafia de todas as palavras da frase:

a) É costume discriminar-se os jovens, e a razão maior está em serem jovens, e não em alguns de seus hábitos que fossem em si mesmos perniscìosos.

b) A encorporação de um novo léxico é uma das consequências de todo amplo avanço tecnológico, já que este indus à criação ou recriação de palavras para nomear novos referentes.

c) Um pequeno glossário, capaz de elucidar a nova terminologia da informática, contribui muito para afastar os percalços do caminho dos usuários iniciantes, aturdidos com tanta novidade.

d) Os maus-entendidos são fatais quando ainda não se tem destreza numa nova linguagem, quando ainda não se está familiarizado com um novo vocabulario.

e) Muita gente letrada e idosa aderiu ao uso do computador, considerando-o não um sinal do apocalípse, mas uma ferramenta revolucionária na execução de tarefas, um instrumento útil para qualquer pesquizador.

6. (ESAF) Assinale o trecho do texto que apresenta erro gramatical.

Machado de Assis – Um gênio Brasileiro, de Daniel Piza

a) Na apresentação da biografia de Machado de Assis (1839-1908), o jornalista Daniel Piza observa que o autor foi, ao mesmo tempo, uma expressão de sua época e uma exceção a ela.

b) Em seus contos e romances, ele deixou um retrato acurado do Rio de Janeiro do século XIX, mas sua crítica ácida à sociedade brasileira nem sempre foi percebida pelos seus contemporâneos.

c) Piza busca demonstrar que Machado era muito diferente do protagonista de seu último romance, *Memorial de Aires*.

d) O escritor não tinha "tédio a controvérsias", pois, na verdade, participou dos grandes debates públicos de sua época.

e) A ascenção social do mulato no Brasil escravista e a epilepsia estão entre os aspectos de sua vida examinados no livro.

(Adaptado de Revista VEJA, 28 de dezembro de 2005, p. 196)

7. (ESAF - SEFAZ/CE 2007 - Aud. Fiscal) Assinale a opção que contém erro de grafia ou inadequação vocabular. (Artigo extraído, com modificações, do Estatuto dos Funcionários Públicos Civis do Estado do Ceará).

   Art. 192 - O funcionário deixará de cumprir ordem de autoridade superior quando:

   a) a autoridade de quem emanar a ordem for incompetente;
   b) não se contiver a ordem na área da competência do órgão a que servir o funcionário seu destinatário, ou não se referir a nenhuma das atribuições do servidor;
   c) for a ordem expendida sem a forma exigida por lei;
   d) não tiver a ordem como causa uma necessidade administrativa ou pública, ou visar a fins não estipulados na regra de competência da autoridade da qual promanou ou do funcionário a quem se dirige;
   e) a ordem configurar abuso ou excesso de poder ou de autoridade;

   (http://www.al.ce.gov.br/publicacoes/estatutocivis/estatuto/capitulo_2_t6.htm, pesquisa em 20/10/2006)

8. (FCC - TRT 23.ª região - Analista Judiciário) Estão corretos o emprego e a grafia de todas as palavras da frase:

   a) A corrupção só se extingue ou diminue quando os justos intervêm para que as boas causas prevalesçam.
   b) Os homens que usufruem de vantagens a que não fazem jus cultivam a hipocrisia de propalar discursos moralizantes.
   c) Contra tantos canalhas audases há que haver a reação dos que têm a probidade como um valor inerente ao exercício da cidadania.
   d) Há uma inestricável correlação entre a apatia dos bons cidadãos e a desenvoltura com que agem os foras-da-lei.
   e) Deprende-se que houve êxito das iniciativas dos homens de bem quando os prevaricadores sentiram cerceada sua área de atuação.

9. (CESGRANRIO - BNDES) O substantivo derivado do verbo está grafado *INCORRETAMENTE* em

   a) ascender: ascensão.
   b) proteger: proteção.
   c) catequizar: catequeze.
   d) progredir: progressão.
   e) paralisar: paralisia.

10. (FGV - Ministério da Cultura) As dificuldades gráficas constituem um grande entrave à boa comunicação escrita, podendo gerar desvios da intenção de comunicação original.

    Assinale a alternativa em que não haja inconsistência gráfica ou semântica.

    a) Ele mora há cerca de dez minutos do Centro.
    b) Votamos naquele presidente, pois suas ações viriam ao encontro de nossas expectativas.

c) Como tinha corrido muito, chegou espavorido ao trabalho.
d) Embora fosse importante, o evento passou desapercebido.
e) O mandado do deputado será suspenso.

GABARITO

1 – B	2 – E	3 – C
4 – D	5 – C	6 – E
7 – C	8 – B	9 – C
10 – B		

CAPÍTULO 3

ACENTUAÇÃO

3.1 ORTOFONIA

Denomina-se de "**ortofonia**" a parte da Gramática Normativa que trata da correta pronúncia dos vocábulos. Divide-se em "ortoépia ou ortoepia" e "prosódia".

3.1.1 ORTOÉPIA OU ORTOEPIA

Como divisão da ortofonia, a **ortoépia** ou **ortoepia** estuda a correta enunciação dos fonemas (vogais e consoantes) no interior de uma palavra, segundo os padrões da língua culta.

No Brasil, a questão da pronúncia correta ainda é um grande problema, pois não possuímos uma "pronúncia-padrão", fato que ocasiona alguns ruídos comunicativos no território nacional. Não raro, ouvimos alguém pronunciando "bandeija, beneficiência, carangueijo, advinhar, desinteria, impecilho" dentre outros vocábulos igualmente errados.

Cumpre, por isso, assinalar que a correta pronúncia dos vocábulos em nossa língua depende de:

a) uma clara emissão das vogais;
b) uma nítida e exata articulação das consoantes;
c) uma acertada pronúncia da sílaba tônica do vocábulo.

Por isso, a Gramática Normativa dispõe um capítulo inteiro para o estudo de uma série de vocábulos, buscando orientar o estudante da língua a evitar muitos erros. Abaixo, listamos alguns vocábulos frequentemente usados, que podem trazer dúvida para o usuário da língua pátria.

Alerta! Sugiro que leia a tabela abaixo mais de uma vez. Tente apreender a pronúncia e a escrita corretas desses vocábulos, pois geralmente eles aparecem em provas, notadamente nas provas de nível médio.

CERTO	ERRADO
abóbora	abobra
absoluto	abissoluto
adivinhar	advinhar
admissão	adimissão
advogado	adevogado
aleijar	alejar
anteontem	antiontem
armário	armaro
bandeja	bandeija
barganha	berganha
bebedouro	bebedor
beneficência	beneficiência
bicarbonato	bicabornato
bugiganga	buginganga
bússola	bússula
cabeleireiro	cabelereiro
caranguejo	carangueijo
creolina	criolina
descarrilar	descarrilhar
destilar	distilar
disenteria	desinteria
edifício	edifiço

CERTO	ERRADO
estoura	estóra
estrangeiro	estrangero
estupro	estrupo
etimologia	etmologia
família	famílha
flagrante	fragante
frear	freiar
frustrado	frustado
garfo	galfo
ignorância	iguinorânça
lagarto	largato
louco	loco
mendigo	mendingo
meritíssimo	meretíssimo
mortadela	mortandela
muçulmano	mulçumano
paciência	paciença
pátio	páteo
pneu	peneu
pouco	poco
problema	poblema
proprietário	propietário
psicologia	pissicologia
reivindicar	reinvindicar
salsicha	salchicha
seja	seje
sequer	siquer
superstição	supertição
supetão	sopetão
umbigo	imbigo

3.1.2 ACENTUAÇÃO GRÁFICA

Indubitavelmente, o ponto mais cobrado pelas bancas de concursos em geral é, sem dúvida, a acentuação gráfica de alguns vocábulos. Antes, porém, de estudarmos as regras que regem a acentuação gráfica, vejamos algumas orientações preliminares...

1) Hoje, com o advento do Novo Acordo Ortográfico (1990), existem em português três acentos gráficos: o agudo (´), o grave (`) e o circunflexo (^). O til não é considerado um acento gráfico, senão um sinal de nasalização.

2) É importante não se esquecer de que todos os vocábulos são acentuados em português – é o chamado "**acento tônico**" (também chamado de "prosódico"), isto é, o acento que é representado pela sílaba mais forte do vocábulo: a sílaba tônica. As demais sílabas são chamadas de <u>atônicas</u> ou, simplesmente, <u>átonas</u>. Observe:

› meNIno › caDERno › almoFAda › CaruaRU › afirMAR

3) Em português, a sílaba tônica só recai na última, na penúltima ou na antepenúltima sílaba de um vocábulo. Daí os vocábulos serem classificados em três categorias:

a) **<u>oxítonos</u>** (ou agudos) → são os vocábulos cuja sílaba tônica recai na última, como em: café, timidez, papel, sutil, ruim, Nobel, condor, cateter, refém, amém, mister etc.

b) **<u>paroxítonos</u>** → são os vocábulos cuja sílaba tônica recai na penúltima, como em: amizade, beleza, austero, cível, exegese, rubrica, látex, decano, circuito, barbárie, fluido, tulipa, seniores, juniores etc.

c) **<u>proparoxítonos</u>** → são os vocábulos cuja sílaba tônica recai na antepenúltima, como em: lâmpada, ágape, álibi, pântano, ômega, êxodo, aríete, arquétipo, ínterim, horóscopo, êmbolo,

➭ **Observação:**

Em português, o conhecimento sobre a sílaba tônica do vocábulo é imprescindível para que não se cometam erros no momento de se acentuar graficamente o vocábulo quando for necessário.

Dica: Sugiro que, antes de entrar no assunto abaixo, faça uma revisão teórica sobre os encontros vocálicos: ditongos, tritongos e hiatos. Essas definições serão bastante importantes.

3.1.3 REGRAS PARA A ACENTUAÇÃO GRÁFICA

Em primeiro lugar, cumpre observar que o objetivo da acentuação gráfica é permitir que todas as palavras sejam lidas corretamente e se evitem os erros de prosódia, denominados de "silabada".

Como já dissemos, é fundamental, em primeiro lugar, identificar a sílaba tônica dos vocábulos. A partir daí, parte-se para a busca da necessidade ou não de se acentuar o vocábulo graficamente.

Vamos às regras sobre a acentuação gráfica na língua portuguesa.

3.1.3.1 Monossílabos

Regra → Em português, acentuam-se com acento agudo os monossílabos finalizados em "a, e" abertos e, com acento circunflexo os monossílabos finalizados em "e, o" fechados, seguidos ou não de "s".

a) A(S) → chá, Brás, pá, gás, más, trás, fás, zás, má.
b) E(S) → lê, crê, rês, fé, pés, dê, mês, três, rés, lés.
c) O(S) → dó, nó, vó, pó, pôs, cós, vós, nós.

3.1.3.2 Oxítonos

1.ª regra → Em português, acentuam-se com acento agudo os vocábulos oxítonos que terminam em "a, e, o" abertos, e com acento circunflexo os vocábulos que terminam em "e, o" fechados, seguidos ou não de "s".

d) A(S) → maracujá, cajá, vatapá, maracá, babá, Amapá, Macapá, Itamaracá, agá, alvará.
e) E(S) → rapé, chulé, recém, café, jacaré, dendê, cortês, português, freguês, pés, através, convés.
f) O(S) → cocoricó, trisavô, caritó, cipó, complô, propôs, judô, bisavó, cotó, mocotó, bangalô.

2.ª regra → Em português, acentuam-se com acento agudo o "e" da terminação "em" ou "ens" dos vocábulos oxítonos compostos de mais de uma sílaba.

- amém
- alguém
- reféns
- também
- vintém
- desdém
- armazém
- aquém
- Jerusalém
- parabéns
- Belém
- harém
- ninguém
- Santarém

➧ **Observação:**

Perceba que os monossílabos e os vocábulos paroxítonos terminados em "em" e "ens" não são acentuados.

- cem
- vem
- tem
- trem
- cantem
- dizem
- fazem

3.ª regra → Em português, acentuam-se com acento agudo os vocábulos oxítonos terminados nos ditongos abertos "éi, ói, éu".

a) ÉI → anéis, coronéis, papéis, réis, fiéis, bacharéis.

b) ÓI → sóis, anzóis, herói, caubói, rói, dói, dodói.

c) ÉU → céu, réu, véu, chapéu, escarcéu, fogaréu.

➧ **Observações sobre a acentuação dos oxítonos:**

a) **Perceba que os oxítonos terminados em "z, r, l, i, u" não são acentuados.**

- capaz
- funil
- abacaxi
- timidez
- caracol
- Caruaru
- feliz
- cordial
- repus
- cuscuz
- caju
- Cariri
- amar
- bambu
- vapor
- suor
- bisturi
- coronel

b) **Com base na regra de acentuação dos oxítonos, acentuam-se as formas verbais oxítonas terminadas em "a, e, o". Observe:**

- repor + o → repô-lo
- amaria + a → amá-la-ia
- dizer + os → dizê-los
- julgarão + os → julgá-los-ão
- compor + os → compô-los
- comprar + os → comprá-los

c) **Por outro lado, as formas verbais oxítonas terminadas em "i, u" não são acentuadas. Observe:**

- partir + o → parti-lo
- vendi-o
- compus + o → compu-lo
- cumpri-lo

d) Com o advento do Novo Acordo Ortográfico de 1990, não mais se acentuam os ditongos "ei, oi" dos vocábulos paroxítonos. Para ficar bem esclarecido: esses ditongos não serão acentuados quando estiverem na penúltima sílaba.

- ideia
- alcateia
- diarreia
- colmeia
- heroico
- claraboia
- paranoico
- boia
- loio
- jiboia
- estreia
- dicroico
- assembleia
- europeia
- geleia

3.1.3.3 Paroxítonos

Os vocábulos paroxítonos são acentuados de acordo com as seguintes regras:

1.ª regra → Em português, acentuam-se os vocábulos paroxítonos terminados em "ã, ãs, ão, ãos".

- ímã
- órfãs
- órgão
- órfãos
- dólmã
- ímãs

2.ª regra → Em português, acentua-se – com acento agudo quando aberta e com acento circunflexo quando fechada – a sílaba tônica dos vocábulos paroxítonos terminados em "i, is, us".

- beribéri
- íris
- bônus
- miosótis
- ônus
- tênis
- lápis
- oásis
- táxi
- ânus
- biquíni
- Vênus
- júri
- vírus

➡ **Observação:**

Os prefixos paroxítonos terminados em "i" não são acentuados. Observe: semi-histórico, anti-higiênico.

3.ª regra → Em português, acentuam-se os vocábulos paroxítonos terminados em "l, n, r, x, ps". Usa-se o acento agudo para "a, e, o" abertos e o acento circunflexo para "e, o" fechados.

- túnel
- fênix
- alúmen
- vômer
- córtex
- afável
- éter
- açúcar
- aljôfar
- hífen
- âmbar
- caráter
- cânon
- fênix

- bíceps
- âmbar
- tríceps
- difícil
- próton
- cônsul
- íon
- pólen
- látex
- flúor
- cóccix
- tórax
- vulnerável
- fórceps

➡ **Observação:**

Tenha muito cuidado com a acentuação das palavras "item, itens, hífen e hifens" – estes vocábulos são muito cobrados em provas de concursos. Observe que somente "hífen" recebe acento por ser uma paroxítona terminada em "n". As demais não são acentuadas porque não há regra que autorize a acentuação das paroxítonas terminadas em "ens" nem das paroxítonas terminadas em "em".

4.ª regra → Em português, acentuam-se os vocábulos paroxítonos terminados em "um, uns".

- álbum
- lábrum
- médium
- árum
- álbuns
- cécum
- médiuns
- factótum
- fórum
- nátrum
- fóruns

5.ª regra → Em português, acentuam-se com agudo ou circunflexo se a sílaba for aberta ou fechada respectivamente, os vocábulos paroxítonos terminados em ditongos orais.

- ágeis
- imóveis
- amêndoa
- Antônio
- jóquei
- variáveis
- superfície
- óleo
- pusésseis
- pênseis
- páscoa
- ginásio
- túneis
- férteis
- petróleo
- história
- régua
- Ásia
- água
- tênue
- vácuo

3.1.3.4 Proparoxítonas

Regra → Em português, acentuam-se todos os vocábulos proparoxítonos. Com acento agudo, as vogais "a, e, o" abertas. Com acento circunflexo, as vogais fechadas "e, o" e as vogais "a, e, o", quando seguidas de "m" ou "n".

Como exemplo, transcrevemos abaixo uma parte da famosa música do ilustre compositor Chico Buarque, "Construção". Observe que o último vocábulo de cada verso é formado por uma palavra proparoxítona.

"Amou daquela vez como se fosse a **última**
Beijou sua mulher como se fosse a **última**

E cada filho seu como se fosse o **único**
E atravessou a rua com seu passo **tímido**
Subiu a construção como se fosse **máquina**
Ergueu no patamar quatro paredes **sólidas**
Tijolo com tijolo num desenho **mágico**
Seus olhos embotados de cimento e **lágrima**
Sentou pra descansar como se fosse **sábado**
Comeu feijão com arroz como se fosse um **príncipe**
Bebeu e soluçou como se fosse um **náufrago**
Dançou e gargalhou como se ouvisse **música**
E tropeçou no céu como se fosse um **bêbado**
E flutuou no ar como se fosse um **pássaro**
E se acabou no chão feito um pacote **flácido**
Agonizou no meio do passeio **público**
Morreu na contramão atrapalhando o **tráfego**."

(Chico Buarque)

➡ **Observação:**

O advento do Novo Acordo Ortográfico de 1990 tem por objetivo principal uniformizar a grafia e a pronúncia entre os povos falantes do português. As palavras paroxítonas cujas vogais tônicas grafadas "e" ou "o" estão em final de sílaba e são seguidas das consoantes nasais grafadas "m" ou "n", conforme o seu timbre é aberto ou fechado nas pronúncias cultas da língua, podem receber acento agudo ou circunflexo. Podemos, então, escrever corretamente:

- acadêmico ou acadêmico
- fenômeno ou fenómeno
- cênico ou cênico
- fenômeno ou fenómeno
- gênio ou génio
- anatômico ou anatómico
- gênero ou gênero
- cômodo ou cómodo
- gêmeo ou gêmeo
- Amazônia ou Amazónia

3.1.3.5 Acentuação dos hiatos

Antes de mais nada, é preciso saber qual a razão dos hiatos. Observe abaixo:

DITONGO	HIATO
doido	doído
cai	caí
sai	saí
contribui	contribuí
sabia	sabiá
bau	baú
saia	saía
ai	aí

Perceba que, na primeira coluna, juntamos as três letras e as pronunciamos em uma única emissão sonora (doi-, cai, sai, -bui, -bia, baú). Já na segunda coluna, pela existência do acento, pronunciamos essas mesmas sílabas em duas emissões sonoras. Percebemos, portanto, que o hiato evita que formemos o ditongo. Daí a principal razão dos hiatos: evitar processos de ditongação, ou seja, evitar que se pronuncie o conjunto das letras de uma única vez, mas separadamente.

Seguindo a regra acima, recebem acento agudo as vogais "i" e "u" tônicas dos vocábulos, seguidas ou não de "s", quando formam hiato com a vogal anterior. Observe:

- faísca
- saúde
- abaçaí
- absenteísmo
- açaí
- acaraúba
- areísco
- aziúme
- babuíno
- balaústre
- caraíba
- ciúme
- deífico
- egoísta
- jaú
- macaíra
- maleína
- piracuí
- jataí
- saúva
- saída
- heroína
- juízo
- viúvo
- cafeína
- caís
- país
- peúga
- saía
- timbaúba
- Luísa
- Luís
- racaída
- miúdo
- paraíso
- sanduíche
- amiúde
- baú
- baía
- Esaú
- graúdo
- raízes

➯ Observações sobre os hiatos:

a) **Não se coloca o acento agudo no "i" e no "u" quando, precedidos de vogal que com eles não forma ditongo, são seguidos de "l, m, n, r, z" que não iniciam sílabas.**

- contribuinte
- juiz
- paul
- retribuirdes
- ruim
- Abigail
- constituinte
- cairmos
- ruir
- demiurgo

b) Igualmente não se coloca o acento agudo no "i" e no "u" tônicos dos hiatos quando forem seguidos de "nh".

▹ rainha ▹ ladainha ▹ tainha ▹ ventoinha
▹ campainha ▹ abecoinha

c) Em muitas formas verbais, o "i" e o "u" figuram em hiato com a vogal anterior. Portanto, devem receber acento agudo. Observe:

▹ eu atraí ▹ tu atraíste ▹ eu caí ▹ tu caíste
▹ eu saí ▹ tu saíste ▹ eu saúdo ▹ tu saúdas
▹ eu contribuí ▹ tu contribuíste ▹ eu possuí ▹ tu possuíste

d) Os encontros vocálicos "iu" e "ui", quando precedidos de vogal, sempre formarão ditongos. Essas bases não são acentuadas. Veja:

▹ atraiu ▹ contribuiu ▹ pauis ▹ constituiu ▹ destruiu
▹ saiu ▹ derruiu ▹ caiu ▹ embaiu ▹ restituiu

e) Levam, porém, acento agudo as vogais tônicas "i" e "u" quando, precedidas de ditongo, formam hiato com a sílaba anterior, como se vê em "Piauí, teiú, teiús, tuiuiú, tuiuiús".

f) Em virtude do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, firmado em 1990, não mais recebem o acento circunflexo os hiatos tônicos "ee" e "oo". Portanto, assim devem ser escritos:

▹ voo ▹ coo ▹ abotoo ▹ enjoo ▹ creem ▹ veem ▹ leem
▹ perdoo ▹ deem ▹ caçoo ▹ amaldiçoo ▹ abençoo ▹ arrazoo ▹ doo

3.1.3.6 Acentos diferenciais

Com o advento do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, firmado em 1990, desapareceu a maioria dos acentos diferenciais. Permanecem, entretanto, os seguintes acentos diferenciais:

1) "**Pôde**" (3.ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo) para distinguir da correspondente forma do presente do indicativo "pode".

2) "**Pôr**" (forma verbal infinita) para distinguir da forma homógrafa "por" (preposição).
3) Facultativamente, pode-se grafar "**fôrma**" (substantivo) ou "**forma**" (substantivo, 3.ª pessoa do singular do presente do indicativo ou 2.ª pessoa do singular do imperativo afirmativo).
4) Facultativamente, pode-se grafar "**dêmos**" (1.ª pessoa do plural do presente do subjuntivo) para se distinguir da correspondente forma do pretérito perfeito do indicativo "**demos**".

➧ **Observação:**

Logo, os antigos acentos diferenciais, como "pára, pélo, pólo, pêra", por exemplo, não mais existem. Escreveremos, portanto, corretamente:

- Ela não para (verbo) para pensar.
- Eu pelo (verbo) o pelo pelo simples fato de sentir prazer.

3.1.3.7 Regra especial – verbos "ter", "vir" e seus derivados

Há uma regra para a acentuação gráfica que merece atenção à parte. Diz respeito à acentuação dos verbos "ter", "vir" e seus derivados. Tais verbos obedecem às seguintes regras:

1.ª regra → Acentua-se, com acento circunflexo, a 3.ª pessoa do plural do presente do indicativo dos verbos "ter" e "vir". Observe:

PRESENTE DO INDICATIVO VERBOS "TER" e "VIR"	
eu	tenho / venho
tu	tens / vens
ele	tem / vem
nós	temos / vimos
vós	tendes / vindes
eles	**têm / vêm**

2.ª regra → Acentua-se, com acento agudo, a 3.ª pessoa do singular e com circunflexo a 3.ª pessoa do plural do presente do indicativo dos verbos

derivados de "ter" e "vir", como "abster, ater-se, reter, deter, conter, entreter, manter, advir, convir, intervir, provir, desavir, sobrevir" etc.

Observe abaixo a conjugação de dois verbos derivados de "ter" e "vir".

PRESENTE DO INDICATIVO VERBOS "CONTER" e "PROVIR"	
eu	contenho / provenho
tu	contens / provens
ele	**contém / provém**
nós	contemos / provimos
vós	contendes / provindes
eles	**contêm / provêm**

Dica: Fique muito atento a essas duas últimas regras. Elas são muito cobradas, em concursos públicos, nas questões de concordância verbal. Portanto, a dica é "ficar ligado" no sujeito da oração, especialmente quando este sujeito for oracional, o que exigirá a concordância do verbo na 3.ª pessoa do singular.

Veja agora alguns exemplos (sublinhamos o núcleo do sujeito e destacamos o verbo):

- Todas as provas levantadas pela defesa **contêm** aspectos inconstitucionais.
- A polícia sempre **intervém** nas manifestações populares.
- De lugares abstratos certamente não **provêm** ideias sobre a vida e a existência.
- "O curso do espírito reformista no país acelera-se atualmente; e **convém** acelerá-lo." (Rui Barbosa)
- "Porque a questão, com a complexidade imanente aos fatos concretos, se **atém**, de preferência, a razões secundárias..." (Euclides da Cunha)
- "Todos os críticos se **atêm** a essa questão de metrificação." (Lima Barreto)

3.1.3.8 Considerações gerais sobre a acentuação dos vocábulos

1) Com o Novo Acordo Ortográfico, assinado em 1990, o trema deixa de existir sobre os grupos "GUE, GUI, QUE, QUI". Portanto, os vocábulos que apresentam tais ditongos devem ser escritos sem o trema. Observe:

- linguiça
- arguição
- bilíngue
- aquífero
- cinquenta
- aquicultura
- consequência
- quinquenal
- tranquilo
- quinquênio
- saguim
- equilátero
- frequência
- áqueo
- seriguela
- aguentar
- equidade
- delinquência

➡ **Observação:**

O trema apenas se conserva em palavras estrangeiras e em palavras derivadas de nomes estrangeiros, como "hübneriano, Hübner, mülleriano, Müller".

2) A mesma situação ocorreu com os grupos "GUE, GUI, QUE" de algumas formas verbais.

3) Os grupos "gue, gui, que", que aparecem com verbos como "arguir, aguar, obliquar, delinquir, enxaguar", embora apresentem a vogal tônica "u", já não mais são acentuados em virtude do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa. Veja:

- arguo, arguis, argui, arguem etc.
- delinquo, delinquis, delinqui, delinquem etc.

3) Nos advérbios terminados em "-mente", derivados de adjetivos com acento agudo ou circunflexo, estes acentos são suprimidos. Observe:

- ávido → avidamente
- hábil → habilmente
- lúcido → lucidamente
- débil → debilmente
- espontâneo → espontaneamente
- fácil → facilmente
- só → somente
- ingênuo → ingenuamente
- único → unicamente

4) Nas palavras derivadas que contêm sufixos iniciados por "z" e cujas formas de base apresentam vogal tônica com acento agudo ou circunflexo, estes acentos serão suprimidos. Observe:

- anéis → aneizinhos
- bebê → bebezinho, bebezito
- herói → heroizito
- avô → avozinho
- bênção → bençãozinha
- avó → avozinha
- café → cafezada
- lâmpada → lampadazita
- pêssego → pessegozito

3.2 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (ESAF) Assinale a opção que corresponde a erro gramatical ou de grafia de palavra.

   A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio, realizada pelo IBGE, revelou **que(1)** *a renda das famílias parou de cair em 2004, interrompendo uma* **trajetória(2)** *de queda que acontecia desde 1997, e que* **houve(3)** *diminuição do grau de concentração da renda do trabalho. Enquanto a metade da população ocupada* **que(4)** *recebe os menores rendimentos teve ganho real de 3,2%, a outra metade, que tem rendimentos maiores, teve perda de 0,6%. Os resultados da PNAD mostraram, também, que o Brasil melhorou em* **ítens(5)** *como número de trabalhadores ocupados, participação das mulheres no mercado de trabalho, indicadores da área de educação e melhoria das condições de vida.*

   (Trechos adaptados de ***Em Questão****, Subsecretaria de Comunicação Institucional da Secretaria-Geral da Presidência da República, n. 379, Brasília, 30 de novembro de 2005)*

   A) 1
   B) 2
   C) 3
   D) 4
   E) 5

2. (FJPF) As palavras **argúcia**, **é** e **carajá**, presentes no texto, acentuam-se graficamente em face das mesmas regras que justificam o acento em:

   A) fichário, dá-lhe, cipó;
   B) pelúcia, têm, cajá;
   C) vivência, saí, cá;
   D) útil, café, marajá.

3. (CESGRANRIO) O par de palavras que **NÃO** deve ser acentuado, segundo o registro culto e formal da língua, é

A) interim – polen.
B) itens – pudico.
C) juizes – prototipo.
D) economico – refem.
E) heroi – biceps.

4. (CESGRANRIO) A ausência do sinal gráfico de acentuação cria outro sentido para a palavra:

A) trânsito.
B) características.
C) inevitável.
D) infrutíferas.
E) anônimas.

5. (Unifesp) Existem várias palavras que recebem acento gráfico, de acordo com suas regras específicas. Indique a alternativa em que todas as palavras são acentuadas graficamente, segundo a mesma regra.

A) estômago, colégio, fábrica, lâmpada, inflexível.
B) Virgílio, fúria, carícias, matéria, colégio.
C) trópicos, lábios, fúria, máquinas, elétricas.
D) sério, cérebro, Virgílio, sábio, lógico.
E) Ésquilo, carícia, Virgílio, átomos, êmbolo.

6. (PUCCAMP) O texto apresenta diversas palavras em que se pode notar a presença do acento gráfico. Em algumas delas, a ausência do acento provocaria mudança de sentido.

Assinale a alternativa em que todas as palavras mudariam de sentido, caso estivessem sem acento.

A) sóbrio, história, está
B) vários, vítimas, matá-los
C) é, já, país
D) é, está, país
E) têm, matá-los, sóbrio

7. (UFRS). Considere as seguintes afirmações sobre acentuação gráfica no texto.

I – A palavra "teórica" recebe acento gráfico pela mesma regra que preceitua o uso do acento em "lúgubre".

II – Se fosse retirado o acento das palavras "só", "é" e "média", esta alteração provocaria o aparecimento de outras palavras da Língua Portuguesa.

III - A palavra "herói" é acentuada pela mesma regra de "autoritários".

Quais estão corretas?:

A) Apenas I

B) Apenas II

C) Apenas I e III

D) Apenas II e III

E) I, II e III

8. (FGV) Assinale a alternativa correta quanto à acentuação e à grafia de palavras.

A) Temas comuns, como a construção social do mercado, permitem entrevêr as possibilidades de uma saudável relação entre Sociologia e Economia, que não pode se paralizar em virtude de algumas diferenças.

B) Em um de seus estudos mais célebres, Mark Granovetter vêm demonstrar que as pessoas se ligam às outras por laços fortes e laços fracos. Por isso, é imprecindível que as pessoas consigam entender essas ligações.

C) Alguns temas revigoraram o debate entre a Sociologia e a Economia, sendo responsáveis por compôr um novo cenário. O diálogo deve basear-se nos pontos positivos e comuns e não nas excessões.

D) A falta de dialogo entre Sociologia e Economia perdurou pôr quase três séculos, mas é um quadro que parece estar mudando, sobretudo em função de fragrantes pontos em comum entre as disciplinas.

E) Em meados dos anos 1970, parece que uma leve brisa intervém na falta de comunicação entre sociólogos e economistas, que não mais hesitam em pôr em discussão assuntos inerentes às duas disciplinas.

GABARITO

1 – E	2 – A	3 – B
4 – A	5 – B	6 – D
7 – A	8 – E	

CAPÍTULO 4

SIGNIFICAÇÃO DAS PALAVRAS

Como já vimos, a palavra é o vocábulo com que expressamos uma ideia. Não é a exteriorização do pensamento, como pensam alguns; é o próprio pensamento. "Ideia" e "palavra" são, portanto, como o verso e o reverso de uma mesma moeda: não é possível conceber a existência de uma face sem a outra. Quando analisamos, por exemplo, a palavra **"leão"**, automaticamente nos vem à cabeça a ideia de um animal feroz, carnívoro, pertencente à família dos felídeos e habitante das planícies africanas. Entretanto, esta não é a única significação para a palavra "leão". A história das palavras nos mostra que elas estão sujeitas a várias mudanças não só nos elementos fonéticos de que se compõem, mas também relativamente à sua significação. Por isso, o nosso vocábulo "leão" pode também significar "indivíduo de muita força, indivíduo muito irritado, indivíduo conquistador etc.".

Ao estudo que trata dessas últimas mudanças ou variações de sentido das palavras dá-se a designação de **SEMASIOLOGIA** ou **SEMÂNTICA**.

A palavra é um som articulado, um signo sonoro que nos representa a ideia de um objeto do mundo material, ou de um fato ou de uma noção puramente abstrata. Se em nossa língua tivéssemos uma palavra para cada ideia, para cada noção, tantas seriam elas que certamente não haveria inteligência que não cedesse a peso tão esmagador. Por isso, as palavras substituem-se em seus sentidos, irradiam uns para os outros, encadeiam-se, penetram-se, usurpam os sentidos uns dos outros, auxiliam-se, fundem-se e confundem-se, às vezes, na variedade de suas significações.

4.1 DENOTAÇÃO E CONOTAÇÃO

Como primeira porta de entrada nesse vasto mundo do significado das palavras, comecemos a observá-las sob os conceitos de "**denotação**" e "**conotação**".

O **sentido denotativo** é aquele dado pelo dicionário. Na denotação o sentido é referencial, próprio, usual ou literal. Já o **sentido conotativo** é o sentido que a palavra ganha no texto por força geralmente de comparações, associações de ideias.

Denotativamente, "**águia**" é ave de rapina; conotativamente é uma pessoa de grande talento, de grande sabedoria, de grande perspicácia. "**Coração**" é órgão muscular dos animais vertebrados que bombeia o sangue para todo o corpo, quando o analisamos em seu sentido denotativo. Já em seu sentido conotativo, "**coração**" pode representar, entre outros sentidos, "a parte mais central, o âmago, a essência". Quando nos referimos a "**banca**", vem-nos, a princípio, a ideia denotativa de "mesa rústica ou improvisada", mas, quando dizemos que "a **banca** rejeitou o recurso do candidato", estamos nos referindo, conotativamente, a um conjunto de examinadores.

Em nossa língua, inúmeros são os fatores que podem alterar o significado das palavras. Vejamos alguns:

a) **a acentuação** → sábia (pessoa culta, instruída) ≠ sabiá (pássaro).

b) **o timbre** → corte (ô) (palácio) ≠ corte (ó) (incisão)

c) **o gênero** → a coral (cobra) ≠ o coral (coro musical)

d) **o número** → bem (virtude) ≠ bens (o que é propriedade de alguém)

e) **a posição / colocação** → homem grande (alto, avantajado) ≠ grande homem (ilustre, influente)

f) **a regência** → proceder de (originar-se, provir) ≠ proceder a (dar início, começar)

Dica: A conotação é um recurso expressivo amiúde usado em nossa língua. Para entender e aprofundar mais esse assunto, sugerimos o estudo do assunto "figuras de linguagem" ao final desta gramática.

4.2 HOMÔNIMOS E PARÔNIMOS

Quando comparamos as palavras em nossa língua (analogia de forma), podemos classificá-las em três grandes grupos: palavras homônimas, palavras parônimas e palavras cognatas.

4.2.1 HOMÔNIMOS

Como o próprio nome já denuncia, são homônimas (gr. homos = igual, semelhante; onyma = nome) as palavras que são iguais na escrita, na pronúncia ou na escrita e na pronúncia. Classificam-se em:

a) Homógrafos heterofônicos = são palavras iguais na escrita e diferentes no timbre ou na intensidade das vogais. Observe alguns exemplos:

- leste (verbo) ≠ leste (substantivo)
- colher (verbo) ≠ colher (substantivo)
- vede (v. ver) ≠ vede (v. vedar)
- sábia (adjetivo) ≠ sabiá (substantivo)
- cara (face) ≠ cará (tubérculo)
- apoio (verbo) ≠ apoio (substantivo)
- providencia (verbo) ≠ providência (substantivo)
- seria (verbo) ≠ séria (adjetivo)
- molho (verbo) ≠ molho (substantivo)
- jogo (verbo) ≠ jogo (substantivo)

b) Homófonos heterográficos = são palavras iguais na pronúncia e diferentes na escrita. Veja alguns exemplos:

- acético (ácido) ≠ ascético (contemplativo)
- acender (atear fogo) ≠ ascender (subir)
- acento (notação léxica) ≠ assento (lugar em que se senta)
- acerto (acordo) ≠ asserto (afirmação)
- apreçar (pôr o preço) ≠ apressar (tornar rápido)
- bucho (estômago) ≠ buxo (planta)
- cela (pequeno quarto) ≠ sela (arreio)
- cegar (tornar cego) ≠ segar (cortar, ceifar)
- cozer (cozinhar) ≠ coser (costurar)
- apreçar (pôr preço) ≠ apressar (acelerar)
- maça (arma) ≠ massa (substância)
- censo (recenseamento) ≠ senso (juízo)
- cerrar (fechar) ≠ serrar (cortar)
- cédula (bilhete) ≠ sédula (cuidadosa)

- cessão (ato de ceder) ≠ sessão (departamento)
- cerração (nevoeiro) ≠ serração (ato de serrar)
- cocho (recipiente) ≠ coxo (aleijado)
- concelho (divisão administrativa) ≠ conselho (aviso)
- empoçar (cair em poço) ≠ empossar (tomar posse)
- laço (nó) ≠ lasso (esgotado, frouxo)
- ruço (pardacento, grisalho) ≠ russo (natural da Rússia)
- tacha (nódoa, mancha) ≠ taxa (preço, tributo)

➡ **Observação:**

Alguns homônimos apresentam tanto a grafia quanto a pronúncia iguais. São chamados de "homófonos homográficos" ou "homônimos perfeitos". Observe:

- cedo (verbo) – cedo (advérbio de tempo)
- livre (adjetivo) – livre (v. livrar)
- somem (v. somar) – somem (v. sumir)

4.2.2 PARÔNIMOS

São denominados de parônimos (gr. *"para"* = próximo) os vocábulos que são diversos na significação e parecidos na forma, ou seja, eles são parecidos na escrita e na pronúncia, mas apresentam significação totalmente diversa. Muitas bancas exploram esse tipo de conhecimento na tentativa de confundir o candidato. Por isso, sugiro que leia mais de uma vez a tabela abaixo, na qual são apresentados vários parônimos.

apóstrofe (chamamento)	**apóstrofo** (sinal gráfico)
atuar (agir)	**atoar** (rebocar)
arrolhar (tapar com rolha)	**arrulhar** (produzir arrulhos)
comprimento (extensão)	**cumprimento** (saudação)
céptico (que duvida de tudo)	**séptico** (que provoca infecção)
cavaleiro (que anda a cavalo)	**cavalheiro** (gentil, cordial)
consolar (trazer consolo, aliviar)	**consular** (relativo ao consulado)
deferir (conceder)	**diferir** (adiar, divergir)
denodar (desfazer, desembaraçar)	**denudar** (descobrir, revelar)

descrição (ato de descrever)	**discrição** (reserva em atos e atitudes)
despensa (local para mantimentos)	**dispensa** (licença)
despercebido (desatento)	**desapercebido** (despreparado)
destratar (insultar)	**distratar** (desfazer)
emergir (vir à tona)	**imergir** (mergulhar)
emigrante (aquele que sai de um país)	**imigrante** (quem entra em outro país)
eminente (destacado, ilustre, elevado)	**iminente** (prestes a acontecer)
enervar (irritar, perder a força)	**enevar** (tornar branco como a neve)
enformar (pôr na forma)	**informar** (avisar, alertar)
esbaforido (ofegante)	**espavorido** (apavorado)
estofar (acolchoar)	**estufar** (encher-se, pôr na estufa)
flagrante (evidente)	**fragrante** (perfumado, aromático)
fluir (correr em estado líquido)	**fruir** (desfrutar, aproveitar)
inflação (desvalorização da moeda)	**infração** (desrespeito, violação)
infringir (transgredir)	**infligir** (aplicar)
entender (compreender)	**intender** (dirigir, administrar)
locador (proprietário)	**locatário** (inquilino)
lustre (candelabro)	**lustro** (período de cinco anos; brilho)
mugir (soltar mugidos)	**mungir** (espremer, extrair)
pear (amarrar, prender com peia)	**piar** (dar pios)
pleito (disputa)	**preito** (homenagem)
prescrever (determinar, expirar prazo)	**proscrever** (expulsar, proibir, banir)
ratificar (confirmar)	**retificar** (corrigir)
recrear (divertir)	**recriar** (criar novamente)
soar (emitir som)	**suar** (transpirar)
sustar (suspender)	**suster** (sustentar)
terço (três vezes menor)	**terso** (puro, íntegro)
treplicar (responder a uma réplica)	**triplicar** (aumentar três vezes)
vadear (passar a vau)	**vadiar** (andar à toa)
vultoso (volumoso, importante, grande)	**vultuoso** (congestão na face; inchado)

4.3 FORMAS VARIANTES

Há, em português, várias palavras que apresentam dupla grafia, isto é, podem ser escritas com mais de uma forma. Isto se dá porque o nosso Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa procura registrar (e respeitar) os usos dos diversos níveis e padrões da língua. Saliente, entretanto, que sempre uma das formas é sempre mais usual que a outra.

Portanto, são consideradas corretas ambas as grafias dos seguintes vocábulos abaixo:

- aluguel **ou** aluguer
- coisa **ou** cousa
- malvadez **ou** malvadeza
- diabete **ou** diabetes
- percentagem **ou** porcentagem
- derrubar **ou** derribar
- lacrimejar **ou** lagrimejar
- quociente **ou** cociente
- catorze **ou** quatorze
- taverna **ou** taberna
- espécime **ou** espécimen
- nambu **ou** nhambu **ou** inambu **ou** inamu
- assobiar **ou** assoviar
- louro **ou** loiro
- marimbondo **ou** maribondo
- pitoresco **ou** pinturesco
- cacaréus **ou** cacarecos
- bílis **ou** bile
- bêbado **ou** bêbedo
- chipanzé **ou** chimpanzé
- baralhar **ou** embaralhar
- remoinho **ou** redemoinho
- infarto **ou** enfarte **ou** infarte
- cota **ou** quota
- ridiculizar **ou** ridicularizar
- transpassar **ou** traspassar **ou** trespassar
- mobiliar **ou** mobilhar **ou** mobilar

4.4 COGNATOS

São denominadas de cognatas as palavras que pertencem à mesma família ou grupo morfológico, isto é, são palavras derivadas de uma mesma raiz, de um mesmo radical. Observe:

- **ferro** → ferreiro, ferragem, ferrar, ferradura, ferramenta, férreo, ferraria, aferrolhar, ferrolho
- **pedra** → pedreiro, pedregulho, pedraria, pedreiral, pedregão, pedrinha, pedrês

- **nervo** → nervosismo, nervoso, nervudo, nervura, nerval, nervado, nervino
- **terra** → terraço, terremoto, terrestre, terreiro, térreo, território, territorial, terroso, terreal, terráqueo

Além das palavras homônimas, parônimas e cognatas, quando se analisa o sentido das palavras, muitas apresentam igualdade entre os sentidos. Outras são opostas semanticamente. Daí se poder classificar também as palavras quanto ao significado em **sinônimas** e **antônimas.**

4.5 SINÔNIMOS

São palavras diversas na escrita, mas semelhantes ou idênticas na significação. Há autores que as dividem em "sinônimos perfeitos" e "sinônimos imperfeitos". Não adotamos essa classificação porque a consideramos falha, uma vez que distinguir o que é "perfeito" do que é "imperfeito" em questões semânticas é assunto assaz controvertido. Observe alguns sinônimos:

- olhar → ver
- habitar → morar
- cavalo → corcel
- colóquio → diálogo
- lábio → beiço
- cara → rosto
- bom → misericordioso
- gritar → bradar
- entender → compreender
- mortal → letal
- oposição → antítese
- bonito → belo

4.6 ANTÔNIMOS

São palavras que apresentam sentidos totalmente opostos. Observe alguns exemplos:

- bonito → feio
- alegre → triste
- ordem → anarquia
- natural → artificial
- simétrico → assimétrico
- ignorância → sabedoria

4.7 POLISSEMIA

Em nossa língua, muitos vocábulos apresentam mais de um significado, o qual só é apreendido quando se analisa o contexto. Quando isto ocorre, dizemos que o vocábulo é "polissêmico".

Inúmeros são os vocábulos polissêmicos. Observe abaixo:

a) Perceba alguns sentidos do vocábulo "manga".

- A **manga** da camisa está suja. (= parte da vestimenta que recobre o braço)

- Todos comeram a **manga**. (= fruta)
- A encanação precisa de uma nova **manga**. (= peça de metal nas encanações)
- A **manga** do candeeiro se queimou. (= tecido que envolve a chama nos candeeiros e lamparinas)

b) Observe agora alguns sentidos de um outro vocábulo: "prato".

- O **prato** é de porcelana. (= peça de louça em que se come)
- O **prato** está delicioso. (= comida, alimento)
- O **prato** da bateria está solto. (= instrumento musical)
- O **prato** está desequilibrado. (= concha de balança)

4.8 EXTENSÃO E COMPREENSÃO DAS PALAVRAS – HIPONÍMIA E HIPERONÍMIA

A extensão de uma palavra é a capacidade que ela tem de se estender a mais ou menos seres. Já a sua compreensão é a capacidade que a palavra nos oferece de assimilar a ideia que ela encerra. Perceber essa distinção é muito importante para a linguagem, notadamente para a construção dos períodos de um texto. Vejamos a tabela abaixo:

1.ª COLUNA – EXTENSÃO	2.ª COLUNA – COMPREENSÃO
animal	cavalo
flor	margarida
automóvel	Ferrari
homem	João
país	Brasil

Observe que os vocábulos da 1.ª coluna possuem mais extensão semântica do que os vocábulos da 2.ª coluna. Entretanto, os vocábulos da 2.ª coluna apresentam uma compreensão melhor do que os vocábulos da 1.ª coluna, pois aqueles se referem a seres e coisas específicos.

Perceba também que os termos da 1.ª coluna, por serem mais extensos, abrangem outros seres além dos especificados na 2.ª coluna. O vocábulo "animal", por exemplo, não só envolve "cavalo", mas também "elefante, leão, cabra, cachorro etc., etc.". Logo, os vocábulos da 1.ª coluna contêm os da 2.ª coluna. Dizemos, portanto, que os vocábulos da 1.ª coluna são "hiperônimos"

dos vocábulos da 2.ª coluna, que são seus "hipônimos", já que estão contidos naqueles.

É denominado de "**HIPERÔNIMO**" o vocábulo que, num processo de coesão textual (articulação textual), apresenta uma significação mais extensa, mais ampla do que o outro vocábulo com o qual se relaciona intratextualmente.

É denominado de "**HIPÔNIMO**" o vocábulo que, num processo de coesão textual, apresenta um significado menos abrangente, menos amplo do que o outro com o qual se relaciona intratextualmente.

Para melhorar o entendimento sobre **hiperonímia** e **hiponímia**, procure entender essas palavras como "gênero e espécie", "contém e está contido".

Portanto, em um texto, poderemos ter:

HIPERÔNIMO	HIPÔNIMO
poeta	Carlos Drummond
roupa	suéter
alimento	feijão
Estado	Rio Grande do Norte
profissão	Professor

4.9 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (FGV) Em que alternativa a expressão entre parênteses poderia substituir a palavra destacada, preservando o sentido original?

a) ". [...] adota como estratégia produtiva as mesmas PRERROGATIVAS da produção em série que já vigoram em outras esferas industriais [...]" (previsões)

b) " [...] existem também razões de natureza INTRÍSECA ao meio condicionando a televisão à produção seriada." (externa)

c) "Diante dessas CONTINGÊNCIAS, a produção televisual se vê permanentemente constrangida a levar em consideração as condições de recepção [...]" (contradições)

d) " [...] a produção televisual se vê permanentemente CONSTRANGIDA a levar em consideração as condições de recepção [...]" (forçada)

e) " [...] organizando a mensagem em painéis FRAGMENTÁRIOS e híbridos, como na técnica da colagem." (frágeis)

2. (PUC-SP) Observe, com atenção, nos fragmentos a seguir, as expressões em maiúsculo:

"... porque Nhô Augusto se erguia e NUM ÁTIMO se vestia."

"- ...Eu podia ter arresistido, mas era negócio DE HONRA, COM SANGUE só p'ra o dono..."

"- FEZ NA REGRA, E FEITO!"

"... as ferraduras tiniram e DERAM FOGO no lajedo..."

Aponte a alternativa que, respectivamente, substitui as expressões em maiúsculo, do ponto de vista do significado.

a) Num abrir e fechar de olhos, de pureza, com morte, fez conforme o combinado, faiscaram.

b) Em parte, de brio, com ferimento, agiu de acordo com o costume, brilharam.

c) Em curto espaço de tempo, de brio, com morte, agiu de acordo com o costume, faiscaram.

d) Em parte, de grandeza, com ferimento, desobedeceu às normas, riscaram.

e) Em curto espaço de tempo, de glória, com resistência, fez conforme o combinado, acenderam.

3. (PUCCAMP) O continente africano, que tantas vezes e por tanto tempo já foi o espelho sombrio e ESPOLIADO dos progressos da civilização ocidental, infelizmente continua SUJEITO A um processo que, no limite, resume-se a uma IMPLOSÃO CIVILIZATÓRIA.

Os termos em destaque podem ser substituídos, sem prejuízo do sentido do texto, respectivamente, por

a) despojado – vassalo – destruição do progresso.

b) herdeiro – obediente a – extinção da civilização.

c) cheio de restos – tema de – matança de toda uma civilização.

d) roubado - o agente de - devastação de todas as civilizações.

e) privado – submetido a – destruição do próprio cerne da civilização.

4. (UFMG) Em todas as alternativas, o significado das palavras destacadas está corretamente identificado, EXCETO em

a) ... esse ato não consiste numa decisão "QUE VA I E NÃO VOLTA". (que vai e não volta = sem retorno)

b) E também se desencadeia uma inter-relação entre a fonte do poder (a que criou e IMPLANTOU o imposto)... (implantou = implementou)

c) ... pois isto TAMPOUCO explica muita coisa, ou não explica nada. (tampouco = também não)

d) Antes do momento em que se exerce, ele é somente uma CONJECTURA, uma presunção, algo que se acha que vai acontecer. (conjectura = suposição)

e) Antes, tudo está sujeito a fatores no mais das vezes IMPREVISÍVEIS. (imprevisíveis = imprevidentes)

5. (UFU) Assinale a ÚNICA alternativa em que a palavra ou expressão em destaque NÃO está adequadamente interpretada de acordo com seu sentido no texto.

a) "O que existia antes, 'cruzar' animais ou plantas para criar novas raças ou HÍBRIDOS, é coisa bem diferente..." (par. 1) = mistura de espécies diferentes.

b) "(...) mostraram que larvas da borboleta monarca que se alimentam de plantas IMPREGNADAS com o pólen de um tipo de milho transgênico morrem em grandes quantidades." (par. 4)= imbuídas.

c) "(...) os alimentos modificados geneticamente irão solucionar um dos maiores problemas que AFLIGEM a humanidade, a fome." (par. 2)= atormentam.

d) " (...) essa liberdade só pode funcionar se submetida a intensa SUPERVISÃO da comunidade científica..." (par. 5)= inspeção.

6. (UNITAU) Numere a coluna com parênteses de acordo com os significados das palavras da coluna numerada a seguir:

1 – prevaricação

2 – simoníaco

3 – carisma

4 – dogma

5 – anímica

6 – decoro

7 – oligarquia

( ) dignidade, honradez

( ) força divina conferida a alguém

( ) psíquico, relativo à alma

( ) falta com o dever por interesse ou por má fé

( ) venda ilícita de coisas sagradas ou espirituais

( ) governo por poucos e poderosos

( ) ponto fundamental indiscutível de doutrina ou sistema

a) 6, 4, 1, 2, 3, 5, 7.
b) 6, 4, 2, 1, 3, 5, 7.
c) 6, 3, 5, 1, 2, 7, 4.
d) 5, 3, 6, 4, 2, 7, 1.
e) 4, 2, 5, 6, 1, 3, 7.

7. (FUVEST) A palavra SANÇÃO com o significado de RATIFICAÇÃO ocorre apenas em:

a) Aplicar SANÇÕES a grevistas não é direito nem dever de um presidente.

b) Eventual SANÇÃO do presidente à nova lei, aprovada ontem, poderá desagradar a setores de todas as categorias.

c) As SANÇÕES previstas na lei eleitoral não exercem influências significativas sobre a paixão dos militantes.

d) O novo diretor prefere SANÇÕES a diálogos.

e) O contrato prevê SANÇÕES para os inadimplentes.

8. (FUVEST) Agora os parlamentares concluem sua obra com a anuência unânime àquele dispositivo inconstitucional. ("Folha de S. Paulo", 28.08.1997,1-2)

A paráfrase correta do texto é:

a) A maioria dos parlamentares aprova um certo dispositivo inconstitucional.
b) Os parlamentares, sem exceção, aprovam o dispositivo inconstitucional anteriormente mencionado.
c) Todos os parlamentares reprovam o dispositivo inconstitucional anteriormente mencionado.
d) A maioria absoluta dos parlamentares boicotou um certo dispositivo inconstitucional.
e) A maioria dos parlamentares conclui sua obra com indiferença à aprovação ou não de um certo dispositivo inconstitucional.

9. (FUVEST) "Busque Amor novas artes, novo engenho"

Assinalar a alternativa que melhor contém o significado das palavras "engenho" e "arte", no verso transcrito acima:

a) gênio/experiência e inspiração/destreza;
b) índole/recursos e natureza/perícia;
c) talento/invenção e técnica/artifício;
d) inclinação/tendência e engano/dolo;
e) instinto/regras e discernimento/preceitos.

10. (UEL) Os pares acidente/incidente; cheque/xeque; vultoso/vultuoso; verão/estio são, respectivamente:

a) sinônimos, homônimos, parônimos e antônimos.
b) parônimos, homônimos, parônimos e sinônimos.
c) parônimos, parônimos, sinônimos e sinônimos.
d) homônimos, homônimos, parônimos e sinônimos.
e) sinônimos, parônimos, sinônimos e antônimos.

GABARITO

1 – D	2 – C	3 – E
4 – E	5 – B	6 – C
7 – B	8 – B	9 – C
10 – B		

II

MORFOLOGIA

INTRODUÇÃO À MORFOLOGIA

Olá, caro estudante. Depois de conhecermos toda a parte fonética da gramática normativa, passaremos a estudar as palavras e os vocábulos considerando seus valores significativos. Adentraremos, portanto, ao mundo das palavras no que tange às suas estruturas e às suas formas.

Em primeiro lugar, analisaremos a estrutura e a formação das palavras na língua portuguesa. Depois, classificaremos essas palavras em suas respectivas classes e esmiuçaremos as particularidades de cada uma.

Indubitavelmente, é um conhecimento indispensável para todo aquele que deseja compreender, um pouco mais à frente, os relacionamentos sintáticos travados entre essas mesmas palavras e vocábulos. Um conselho: procure entender mais e decorar menos. Isso certamente facilitará a nossa caminhada. Bom proveito!!

CAPÍTULO 1

ESTRUTURA E FORMAÇÃO DE PALAVRAS

Boa parte das palavras da nossa Língua provém de outras já existentes. Como a Língua é dinâmica, outras palavras foram surgindo a partir da influência tanto do povo como dos escritores. O estudo da formação e da evolução das palavras é responsabilidade da "etimologia".

1.1 ELEMENTOS ESTRUTURAIS DA PALAVRA

Ao se decompor uma palavra, podem-se encontrar nela os seguintes elementos mórficos (elementos que a formam):

I. **RADICAL:** é o elemento primitivo, último e irredutível que encerra a ideia principal do vocábulo. Alguns gramáticos distinguem o radical da raiz. Aqui, preferimos tratar apenas do radical, já que o estudo da raiz de um vocábulo exige profundos conhecimentos etimológicos, o que não é o nosso objetivo neste capítulo.

- terra – terraço – terremoto – terraplanagem – terreiro → perceba que o radical "terr-" se mantém constante nos vocábulos.
- ferro – ferradura – ferreiro – ferrugem – ferrolho → perceba o radical "ferr-" constante nas palavras.

➾ **Observação:**

As palavras que possuem um radical comum são denominadas de **palavras "cognatas".**

Abaixo apresentaremos uma lista sucinta dos principais radicais gregos e latinos.

1.1.1 RADICAIS GREGOS

Radical	Sentido	Exemplo
aero-	ar	*aerofagia, aeronave*
-agogo	que conduz	*demagogo, pedagogo*
-algia	dor em uma região	*cefalalgia, cardialgia*
anemo-	vento	*anemógrafo, anêmona*
antropo-	homem	*antropófago, antropologia*
-arca	que comanda	*monarca, matriarca*
arqueo-	antigo	*arqueologia, arqueografia*
-arquia	governo	*monarquia, oligarquia*
auto-	de si mesmo	*autobiografia, autógrafo*
biblio-	livro	*bibliografia, biblioteca*
bio-	vida	*biologia, biografia*
caco-	mau, disforme	*cacofonia, cacografia*
-cefalo	cabeça	*bicéfalo, microcéfalo*
cito-	cavidade, célula	*citologia, citoplasma*
cosmo-	mundo, universo	*cosmologia, cosmonauta*
-cracia	poder	*democracia, plutocracia*
cromo-	cor	*cromogravura, cromossomo*
crono-	tempo	*cronologia, cronômetro*
dactilo-/datilo-	dedo	*datilografia, dactiloscopia*
deca-	dez	*decaedro, decalitro*
demo-	povo	*democracia, demagogo*
di-	dois	*dipétalo, dígrafo*
-doxo	que opina	*heterodoxo, ortodoxo*
-dromo	lugar para correr	*autódromo, hipódromo*
etno-	povo, raça	*etnografia, etnologia*
-fagia	ato de comer	*disfagia, antropofagia*
-fago	que come	*antropófago, necrófago*
farmaco-	medicamento	*farmacologia, farmacopedia*
filo-	amigo	*filologia, filosofia*
-fobia	medo, aversão, inimizade	*fotofobia, hidrofobia*
-fobo	que odeia	*xenófobo, zoófobo*

Radical	**Sentido**	**Exemplo**
fono-	voz, som	*fonógrafo, fonologia*
foto-	luz, fogo	*fotômetro, fotografia*
-gamia	casamento	*poligamia, monogamia*
gastro-	estômago	*gastrite, gastrônomo*
-geneo	que gera	*lacrimogêneo, heterogêneo*
geo-	terra	*geologia, geografia*
-gono	ângulo	*polígono, pentágono*
-grafo	que escreve	*calígrafo, biógrafo*
hemi-	metade	*hemisfério*
hemo-/hemato-	sangue	*hemoglobina, hemograma*
hetero-	outro	*heterodoxo, heterossexual*
hidro-	água	*hidrogênio, hidratar*
hipo-	cavalo	*hipódromo, hipopótamo*
hom(e)o-	semelhante	*homeopatia, homossexual*
iso-	igual	*isonomia, isogameta*
-latria	culto	*idolatria, zoolatria*
macro-	grande, longo	*macróbio, macroeconomia*
mega(lo)	grande	*megalópole, megalomania*
-metria	medida	*antropometria, biometria*
-metro	que mede	*hidrômetro, pentâmetro*
micro-	pequeno	*micróbio, microscópio*
miria-	dez mil, numeroso	*miríade*
miso-	que odeia	*misógino, misantropo*
mito-	fábula	*mitologia, mitomania*
mono-	um só	*monarca, monótono*
-morfo	que tem a forma de	*antropomorfo, polimorfo*
necro-	morto	*necrotério*
-nomo	que regula	*astrônomo, metrônomo*
oftalmo-	olho	*oftalmologista*
onomato-	nome	*onomatopeia, onomatologia*
orto-	correto	*ortografia, ortoépia*
paleo-	antigo, primitivo	*paleontologia, paleoecologia*
pato-	doença	*patogênico, patologia*
piro-	fogo	*pirotecnia, pirogênico*
potamo-	rio	*hipopótamo, potamografia*
proto-	primeiro	*protozoário, protótipo*

Radical	**Sentido**	**Exemplo**
psico-	alma, espírito	*psicologia, psicanálise*
-ptero	que tem asas	*díptero, helicóptero*
quilo-	mil	*quilograma*
rino-	nariz	*rinoceronte, rinoplastia*
-scopia	ato de ver	*macroscopia, microscopia*
-scopio	instrumento para ver	*microscópio, datiloscópio*
sidero-	ferro	*siderose, siderurgia*
-sofia	sabedoria	*filosofia, teosofia*
tecno-	arte, ciência	*tecnografia, tecnologia*
tele-	longe	*telefone*
teo-	deus	*teocracia, teólogo*
-terapia	cura	*fisioterapia, psicoterapia*
-tono	tensão, tom	*barítono, monótono*
xeno-	estrangeiro	*xenofobia, xenomania*
zoo-	animal	*zoológico, zoomorfo*

1.1.2 RADICAIS LATINOS

Radical	**Sentido**	**Exemplo**
agri-	campo	*agricultura, agricultor*
ambi-	ambos	*ambidestro, ambivalência*
arbori-	árvore	*arborícola, arboriforme*
bis-/bi-	duas vezes	*bisavô, bípede*
calori-	calor	*calorífero, calorimetria*
-cida	que mata	*regicida, inseticida*
-cola	que cultiva, que habita	*vitícola, arborícola*
cruci-	cruz	*crucifixo, cruciforme*
-cultura	ato de cultivar	*apicultura, psicultura*
curvi-	curvo	*curvilíneo, curvirrostro*
equi-	igual	*equidistante, equivalente*
-fero	que contém	*aurífero, calorífero*
ferri-/ferro-	ferro	*ferrífero, ferrovia*
-fico	que faz	*benéfico, frigorífico*
-formi	que tem forma de	*cuneiforme, floriforme*
-fugo	que foge, que faz fugir	*centrífugo, febrífugo*

Radical	Sentido	Exemplo
igni-	fogo	*ignição, ignívomo*
morti-	morte	*mortífero, mortificar*
multi-	muito	*multiforme, multifacetado*
olei-/oleo-	azeite, óleo	*oleoduto, oleígeno*
oni-	todo	*onipresente, onipotente*
-paro	que produz	*maltíparo, ovíparo*
pedi-	pé	*pediforme, pedilúvio*
pisc-	peixe	*piscicultor, pisciforme*
pluri-	muito	*pluriforme, pluripartidário*
-sono	que soa	*díssono, uníssono*
-vomo	que expele	*fumívomo, ignívomo*
-voro	que come	*carnívoro, herbívoro*

II. VOGAL TEMÁTICA: é a vogal que se agrega ao radical preparando-o para receber uma terminação (sufixos ou desinências). À junção do radical com a vogal temática dá-se o nome de TEMA.

RADICAL	VOGAL TEMÁTICA	TEMA
am-	a	ama
vend-	e	vende
part-	i	parti

➯ **Observação:**

A vogal temática geralmente aparece nos verbos. Entretanto, alguns nomes podem apresentá-la. Isso ocorre quando a vogal final do vocábulo não se presta a estabelecer a distinção de gênero. Enquanto nos verbos ela se denomina de "vogal temática verbal", nos nomes se chama, portanto, "vogal temática nominal". Veja:

RADICAL	VOGAL TEMÁTICA
cadeir	-a
livr	-o
client	-e

III. **AFIXOS:** são elementos que se acrescem aos radicais com a finalidade de formar novas palavras. Classificam-se em:

a) **prefixos**: são os afixos que vêm antes do radical.

▹ **in**-feliz ▹ **des**-leal ▹ **anfi**-teatro ▹ **a**-teu ▹ **diá**-logo ▹ **re**-fluir

b) **sufixos**: são os afixos que vêm depois do radical.

▹ mulher-**aça** ▹ social-**ismo** ▹ feliz-**mente** ▹ leal-**dade**

▹ caval-**aria** ▹ formigu-**eiro**

1.1.3 PREFIXOS DE ORIGEM GREGA

Prefixo	Sentido	Exemplo
an-/a-	privação, negação	*ateu, anarquia*
ana-	ação ou movimento inverso	*anáfora, anáfase*
anti-	oposição	*antiaéreo, antípoda*
apo-	afastamento, separação	*apogeu, apóstata*
arqui-/arc-	superioridade	*arquiduque, arqui-inimigo*
dia-/di-	movimento através de	*diocese, diálogo*
dis-	dificuldade	*dispneia, disenteria*
ec-/ex-	movimento para fora	*eclipse, êxodo*
endo-/end-	posição interior	*endométrio, endosmose*
epi-/ep-	posição inferior	*epiderme, epônimo*
eu-/ev-	bem, bom	*eufonia, evangelho*
hiper-	posição superior	*hipérbole, hipertensão*
hipo-	posição inferior	*hipodérmico, hipotensão*
meta-/met-	posterioridade, mudança	*metacarpo, metáfora*
para-/par-	proximidade	*paranasal, parasita*

1.1.4 PREFIXOS DE ORIGEM LATINA

Prefixo	Sentido	Exemplo
ab-/abs-	afastamento, separação	*abdicar, abstrair*
ad-/a-/ar-	aproximação, direção	*adjunto, advérbio, assentir*
ante-	anterioridade	*antebraço, antepor*

Prefixo	Sentido	Exemplo
circum-	movimento em torno	*circum-adjacente*
de-	movimento de cima para baixo	*decair, decrescer*
des-	separação, ação contrária	*desviar, desfazer*
dis-/di-	separação, movimento	*dissidente*
extra-	posição exterior	*extraoficial, extraviar*
in-/im-/i-/ir-	movimento para dentro	*imigrar, irromper*
in-/im-/i-/ir-	negação, privação	*inativo, impermeável, ilegal*
inter-/entre-	posição intermediária	*internacional, entreabrir*
pre-	anterioridade	*prefácio, preconceito*
pro-	movimento para frente	*progresso, proativo*
re-	movimento para trás	*refluir, refazer*
retro-	movimento mais para trás	*retroceder, retrospectiva*
sub-/sus-/su-/sob-/so-	movimento de baixo para cima	*subclasse, sobpor, suster*
supra-	posição acima, excesso	*supracitado, suprassumo*
trans-/tras-/tres-	movimento para além de	*transpor, transporte*
ultra-	posição além do limite	*ultrapassar, ultravioleta*
vice-/vis-/vizo-	substituição	*vice-reitor, visconde, vizo-rei*

1.1.5 CORRELAÇÃO ENTRE PREFIXOS LATINOS E GREGOS

LATINOS	GREGOS	SIGNIFICADO	EXEMPLOS
Ab-	apo-	afastamento, separação	*abjurar, apostasia*
ad-	para-	junto de, aproximação	*adjunto, parasita*
ambi-	anfi-	duplicidade, em torno de	*ambidestro, anfíbio*
bene-	eu-	bem, bondade, excelência	*benevolente, eufonia*
bi(s)-	di-	dois, duplicidade	*bípede, dípode*
circum-	peri-	em torno de	*circumpolar, perímetro*
contra-	anti-	oposição, contra	*contraveneno, antídoto*
com-, con-	sin-	reunião, simultaneidade	*compartilhar, sincronizar*

LATINOS	GREGOS	SIGNIFICADO	EXEMPLOS
ex-	ex-	movimento para fora	*exportar, êxodo*
i-, in-, des-	a-, an-	negação, carência	*infeliz, desonesto, ateu*
in-	en-	posição interna, dentro	*ingerir, encéfalo*
intra-	endo-	para dentro, dentro	*intramuscular, endocarpo*
semi-	hemi-	meio, metade	*semicírculo, hemisfério*
sub-	hipo-	deficiência, inferioridade	*subterrâneo, hipoglicemia*
super-, supra-	epi-, hiper-	superioridade, excesso	*superlotar, hipertrofia*
trans-	dia-	através, por meio de	*transparente, diáfano*

1.1.6 SUFIXOS NOMINAIS

1. Sufixos nominais designativos de coleções

-aria, -eria	pedraria, livraria, cavalaria, loteria, grosseria
-ada	boiada, rapaziada, manada
-edo	figueiredo, vinhedo, arvoredo, lajedo
-al	laranjal, cafezal, bambual, algodoal, canavial
-agem	pelagem, folhagem, plumagem, roupagem
-eiro	braseiro, cancioneiro, berreiro, formigueiro
-alha	cordoalha, parentalha, miuçalha
-ama	dinheirama, courama, mourama
-ame	cordame, vasilhame, raizame, pelame
-ume	cardume, tapume
-ulho	pedregulho, bagulho
-ena	centena, novena, dezena
-io	rapazio, mulherio, gentio
-ia	maresia, penedia, clerezia
-dada	cristandade, humanidade, comunidade, irmandade

➯ **Observações:**

a) Em muitas palavras, prefere-se o sufixo "-eria" ao sufixo "-aria": bateria, vozeria, correria, galeria, lavanderia, parceria, leiteria, parceria etc.

b) O sufixo "-eiro" é sufixo substantivo, ou seja, formador de substantivos, indicando o agente. "Brasileiro" era primitivamente o que comerciava com o "pau-brasil", como "mineiro" é o que trabalha em minas. Passando a região a chamar-se "Brasil" e "Minas Gerais", seus derivados passaram naturalmente para a categoria de adjetivos pátrios.

2. Sufixos nominais designativos de aumento (sufixos aumentativos)

-ão	portão, mulherão, grandalhão, comilão, narigão
-rão	chapeirão, vozeirão, casarão, beberrão, santarrão
-aréu	fogaréu, povaréu
-zarrão	homenzarrão, canzarrão
-aço	mestraço, ministraço, poetaço
-aça	barcaça, vidraça
-astro	poetastro, medicastro, criticastro
-ázio	demonázio, copázio, balázio
-anzil	corpanzil
-eiro	cruzeiro
-alho	vergalho, ramalho, espantalho
-alha	muralha, fornalha, gentalha
-orra	cabeçorra
-arra	bocarra, naviarra

⇛ **Observação:**

O sufixo aumentativo mais comum em português é "-ão". Nem sempre, porém, este sufixo traz ideia aumentativa, como em "cartão, portão, cordão".

3. Sufixos nominais designativos de diminuição (sufixos diminutivos)

-inho, -inha	portinha, mocinho, pintinho, menininho, ervinha, pocinha
-zinho, -zinha	cãozinho, montezinho, florzinha, partezinha, poçozinho, ervazinha

-ito, -ita	canito, granito, senhorita, pequenita, florita, franganito
-ete	cavalete, pobrete, ramalhete, archete
-eta	valeta, maleta, lingueta, trombeta, ilheta
-ote	fidalgote, meninote, saiote, velhote
-oto, -ota	picoto, perdigoto, ilhota, velhota, maricota
-ilho, -ilha	vasilha, mantilha, presilha, palmilha
-ino	antonino, pequenino
-im	patim, fortim, flautim, camarim, mulherim
-ulo, -ula	glóbulo, nódulo, fórmula, espátula, célula
-culo, -cula	pendúculo, corpúsculo, partícula, minúscula
-olo, -ola	nucléolo, bolinholo, glorícola, aldeola
-el	cordel, canastrel, fardel, saquitel
-elo, -ela	portelo, colunelo, viela, costela
-elho, -elha	francelho, folhelho, chavelha
-ejo	lugarejo, quintalejo, casalejo
-ebre	casebre
-eco, -eca	livreco, ministreco, padreco, folheca, padreca
-ico, -ica	burrico, abanico, namorico, florica, pelica
-isco	chuvisco, pedrisco, lambrisco
-il	pernil, covil, tamboril
-acho	riacho, populacho, fogacho
-ucho	papelucho, gorducho, pequerrucho
-ilo	codicilo, mamilo

➾ **Observações:**

a) O principal sufixo diminutivo em português é "-inho". Em alguns casos, este sufixo pode-se ligar diretamente ao radical da palavra. Observe os exemplos abaixo:

- caix(a) → caixinha
- fin(o) → fininho
- ov(o) → ovinho
- braç(o) → bracinho
- camp(o) → campinho
- pedr(a) → pedrinha
- pint(o) → pintinho
- carr(o) → carrinho

b) Em alguns casos, quando a palavra primitiva finaliza em "S", acrescenta-se diretamente o sufixo do diminutivo "-inho"; aparece, então, a terminação "-SINHO" com a consoante "S". Observe:

- as(a) → asinha
- princes(a) → princesinha
- adeus → adeusinho
- Teres(a) → Teresinha
- mes(a) → mesinha
- ros(a) → rosinha
- Luís → Luisinho
- Inês → Inesinha

c) Noutros casos, é impraticável a ligação direta do sufixo "-INHO" ao radical da palavra. Nestes casos, usa-se a consoante de ligação "Z" para tornar mais eufônica a ligação. Observe:

- anel + Z + inho → anelzinho
- pai + Z + inho → paizinho
- pé + Z + inho → pezinho
- Maria + Z + inha → Mariazinha
- mãe + Z + inha → mãezinha
- homem + Z + inho → homenzinho
- só + Z + inho → sozinho
- café + Z + inho → cafezinho

d) Muitos vocábulos, em especial na linguagem popular, são construídos indistintamente com os sufixos "-inho" e "-zinho", como, por exemplo, *"florinha ou florzinha, peixinho ou peixezinho, feixinho ou feixezinho, ovinho ou ovozinho, mulherinha ou mulherzinha, dentinho ou dentezinho, hominho ou homenzinho".*

4. Sufixos nominais designativos de agente (ser que pratica alguma ação), profissão, ofício

-ário	bibliotecário, bancário, mesário, latifundiário
-eiro	pedreiro, armeiro, livreiro, relojoeiro
-dor, -tor	andador, vendedor, partidor, mergulhador, escritor, cantor, demonstrador
-nte	estudante, negociante, pretendente, presidente, servente, ouvinte

5. Sufixos nominais designativos de ação ou resultado de ação

-ção	formação, armação, fundação, alegação, correção, arguição, punição, estremeção
-mento	armamento, fundamento, casamento, doutoramento, estremecimento, oferecimento, agradecimento, ferimento, sentimento, argumento
-ada	facada, paulada, lançada, badalada, noitada, pincelada, colherada

6. Sufixos nominais designativos de estado

-ura	alvura, brancura, altura, loucura, abertura, bravura, mistura, escritura, postura
-eza, -ez	beleza, presteza, justeza, ligeireza, alteza, braveza, viveza, leveza, viuvez, dobrez
-idade, -dade	brevidade, facilidade, idoneidade, amabilidade, comunidade, latinidade, ruindade, igualdade, crueldade, beldade, bondade
-ice	doidice, velhice, caduquice, mouquice, gulosice, meiguice, doutorice
-ite	laringite, cardite, gastrite, estomatite, hepatite
-ência	prudência, malevolência, continência, assistência
-tura, -dura	nunciatura, abreviatura, quadratura, ditadura

7. Sufixos nominais designativos de naturalidade, origem, relação, título

-ense, -ês	amazonense, mato-grossense, paraense, maranhense, cearense, fluminense, português, francês, chinês, javanês, camponês, montanhês, inglês
-esa, -essa, -isa	baronesa, marquesa, condessa, abadessa, sacerdotisa, profetisa, poetisa
-ano, -ão	italiano, alagoano, sergipano, goiano, baiano, peruano, mexicano, pernambucano, alemão, catalão, lapão, beirão, bretão, saxão, cristão
-ino	bizantino, levantino, argentino, beneditino, florentino, bragantino, alpino, platino
-io	sírio, egípcio, índio
-eno	chileno, madrileno, santareno

-enho	portenho, ferrenho, estremenho
-ista	paulista, santista, nortista
-engo	flamengo, realengo, avoengo, judengo
-ático	asiático, aquático, lunático, indiático
-ico	índico, aristocrático, brasílico, britânico, melancólico, simbólico, pérsico
-aico	judaico, hebraico, caldaico, romaico
-aco	austríaco, siríaco, egipcíaco
-al, -el, -il	estadual, atual, visual, processual, pontual, anual, fiel, cruel, civil, juvenil
-ar	regular, militar, familiar, rudimentar, elementar
-esco	senegalesco, brutesco, dantesco, carnavalesco
-estre	campestre, equestre
-este	celeste, agreste

8. Sufixos nominais designativos de aptidão, tendência, estado, semelhança

-ável, -ével, -ível, -óvel, -úvel	amável, venerável, notável, indelével, visível, terrível, preferível, móvel, imóvel, solúvel, volúvel
-iço	alagadiço, espantadiço, roliço, feitiço, movediço, postiço, quebradiço, sumidiço, chegadiço, encontradiço, esquecidiço
-az	audaz, capaz, loquaz, contumaz
-bundo, -cundo	furibundo, moribundo, iracundo
-ento	barulhento, rabugento, nojento, bulhento
-io	fugidio, escorregadio
-ivo	instrutivo, auditivo, corrosivo, pensativo, executivo
-ório	finório, simplório, difamatório, satisfatório
-oide	esferoide, negroide, ovoide, antropoide

9. Sufixos nominais designativos de superlatividade, abundância, intensidade

-timo, -simo, -rimo, -limo	íntimo, legítimo, justíssimo, integérrimo, agílimo, humílimo, dulcíssimo

-udo	cabeçudo, cabeludo, barbudo, narigudo, beiçudo, linguarudo, peludo, abelhudo

10. Sufixos nominais designativos de lugar

-douro, -doura	matadouro, bebedouro, sangradouro, ancoradouro, manjedoura, sumidouro
-ário, -ária, -eiro, -eira	herbário, erário, ovário, vocabulário, relicário, dicionário, santuário, luminária, penitenciária, agulheiro, carteira, fruteira, pedreira
-ério	cemitério, batistério, necrotério
-ório	dispensatório, cartório, escritório, conservatório, consistório, consultório, purgatório

11. Sufixos nominais designativos de posse, de posse abundante

-oso	caridoso, gostoso, bondoso, preguiçoso, maldoso, medroso
-onho	tristonho, medonho, enfadonho

1.1.7 SUFIXOS VERBAIS

Os sufixos verbais geralmente se agregam ao radical de substantivos e adjetivos a fim de formar verbos. Os principais sufixos verbais em português são:

SUFIXO VERBAL	SENTIDO	EXEMPLOS
-ejar	ação frequente, repetitiva	vicejar, murmurejar, rastejar, gotejar, pestanejar
-ear	ação frequente, repetitiva	saquear, balancear, espernear, golpear, clarear
-ar	prática de ação	começar, deitar, jogar, cantar, telefonar
-ficar	prática de ação	liquidificar, gaseificar, tonificar, petrificar, dignificar

-izar	prática de ação	canalizar, comercializar, organizar, finalizar, canonizar
-entar	relativo à causa (causativo)	apoquentar, amamentar, ornamentar, acrescentar
-ecer	início de ação	amanhecer, enriquecer, envelhecer, empobrecer
-ilhar	ação repetida muitas vezes	dedilhar, pontilhar, fervilhar
-icar	ação pouco intensa	bebericar, namoricar, adocicar, tremelicar
-iscar	ação pouco intensa	lambiscar, namoriscar, petiscar
-inhar	ação pouco intensa	escrevinhar, esfolinhar, espezinhar, cuspinhar

1.1.8 OS SUFIXOS "IZAR" E "ISAR"

a) Não confunda o sufixo verbal "-izar" com a terminação "-isar" de certos verbos, nos quais o "**is**" pertence ao tema de onde se derivam, como, por exemplo, "precisar, analisar, guisar, repisar, eletrolisar". Quando o vocábulo não apresenta a consoante "S" em seu tema, emprega-se o sufixo "-izar" com a consoante "Z". Observe abaixo:

- hospital → hospitali**zar**
- suave → suav**izar**
- canal → canal**izar**
- imune → imun**izar**
- valor → valo**rizar**
- fértil → fertil**izar**

Agora...

- análise → anal**isar**
- aviso → av**isar**
- eletrólise → eletrol**isar**
- revisão → rev**isar**
- pesquisa → pesqu**isar**
- paralisia → paral**isar**
- guisa → gu**isar**

1.1.9 EMPREGO DE "-IDADE" E "-IEDADE"

Uma dúvida frequente para aqueles que prestam concurso é o emprego das formas "-idade" e "-iedade". Geralmente, as bancas cobram este conhecimento nas questões que envolvem "correção gramatical". Portanto, fique atento às orientações a seguir:

a) Usa-se a terminação "-idade" quando o adjetivo termina em "-ar". Observe:

- singular → singula**ridade**
- elementar → elementa**ridade**
- exemplar → exempla**ridade**
- complementar → complementa**ridade**
- díspar → dispa**ridade**
- similar → simila**ridade**

b) Emprega-se, por outro lado, a terminação "-iedade" quanto o adjetivo termina em "-ário" e "-ório". Veja:

- precário → preca**riedade**
- voluntário → volunta**riedade**
- contraditório → contradito**riedade**
- obrigatório → obrigato**riedade**
- contrário → contra**riedade**
- vário → va**riedade**
- notório → noto**riedade**
- arbitrário → arbitra**riedade**

⇛ **Observação:**

Aos adjetivos terminados em "-neo" aplica-se também o sufixo "-idade". Neste caso, retira-se a vogal "o", que finaliza estes adjetivos, e acrescenta-se o sufixo "-idade". Formar-se-á, portanto, o ditongo "EI". Veja:

- espontâ**neo** → espontan**eidade**
- contemporâ**neo** → contemporan**eidade**
- temporâ**neo** → temporan**eidade**
- heterogê**neo** → heterogen**eidade**
- homogê**neo** → homogen**eidade**
- simultâ**neo** → simultan**eidade**
- sucedâ**neo** → sucedan**eidade**
- momentâ**neo** → momentan**eidade**

c) Sobre o emprego de "-ZINHO(A)" e "-SINHO(A)", consulte o capítulo "Ortografia".

1.1.10 EMPREGO DOS SUFIXOS "-ARIA" E "-ERIA"

Há, na língua portuguesa, um sem-número de vocábulos formados pelo processo de sufixação. Ocorre que, quando se trata dos sufixos "-eria" e "-aria", não existe muito consenso entre os estudiosos da nossa língua e, em várias situações, admite-se a existência de vocábulos grafados tanto com "-aria" quanto com "-eria". É certo que um deles tem se consolidado como o mais usual (alguns, como "parçaria", são formas arcaicas e desusadas), mas ambos são graficamente corretos. Vejamos alguns deles:

- bijuteria ou bijutaria
- engraxateria ou engraxataria
- bilheteria ou bilhetaria
- doceria ou doçaria

- joalheria ou joalharia
- vozeria ou vozearia
- leiteria ou leitaria
- lavanderia ou lavandaria
- charcuteria ou charcutaria
- infanteria ou infantaria
- selvageria ou selvajaria
- parceria ou parçaria
- loteria ou lotaria
- sorveteria ou sorvetaria
- pedanteria ou pedantaria

➯ **Observação:**

Diante de situações de dúvida, não titubeie: consulte um bom dicionário.

1.1.11 SUFIXO ADVERBIAL "-MENTE"

Em português, o único sufixo adverbial é "-mente", o qual se acrescenta ao gênero feminino de adjetivos (quando o adjetivo apresenta esta flexão) para exprimir circunstâncias de modo, tempo, quantidade etc. Observe:

- calmaMENTE
- bondosaMENTE
- felizMENTE
- alegreMENTE

➯ **Observação:**

Correlacione esta regra com o emprego em sequência de advérbios terminados em "-mente". Esta orientação se encontra no capítulo sobre o "advérbio".

IV. DESINÊNCIAS: são elementos mórficos que se acrescem ao final de um vocábulo e expressam as flexões de gênero, de número, de modo, de tempo e de pessoa. Podem ser:

a) **desinências nominais** → indicam o gênero e o número dos nomes.

RADICAL	DESINÊNCIA DE GÊNERO	DESINÊNCIA DE NÚMERO
macac	o	s
menin	a	s
pat	o	s

b) **desinências verbais** → indicam o modo e o tempo, o número e a pessoa dos verbos.

RADICAL	VOGAL TEMÁTICA	DESINÊNCIA MODO-TEMPORAL	DESINÊNCIA NÚMERO-PESSOAL
am-	a	-sse	-mos
cant-	a	-va	-mos

V. VOGAIS OU CONSOANTES DE LIGAÇÃO: são vogais e consoantes que, desprovidas de significação, são usadas na formação de um vocábulo a fim de facilitar-lhe a pronúncia.

- pau + **l** + ada
- café + **t** + eira
- gas + **ô** + metro
- cha + **l** + eira
- rei + **z** + inho

1.2 PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS

Antes de tudo, convém estabelecer alguns conceitos:

a) **Palavras primitivas** → são aquelas que não se formaram a partir de um vocábulo preexistente. São também denominadas de "derivantes".

- terra
- pedra
- ferro
- luz
- janela
- carro

b) **Palavras derivadas** → são aquelas formadas a partir de um vocábulo preexistente.

- terraço
- pedreira
- ferrugem
- luzeiro
- janelaço
- carroçaria

c) **Palavras simples** → são aquelas que apresentam um único radical.

- água
- guarda
- perfume
- perna

d) **Palavras compostas** → são aquelas que apresentam dois ou mais radicais.

- água-benta
- guarda-chuva
- lança-perfume
- pernalta

A partir desses conhecimentos, podemos afirmar que, na língua portuguesa, existem dois grandes processos de formação de palavras: derivação e composição.

1.2.1 DERIVAÇÃO

É o processo através do qual se obtém uma palavra nova (derivada) a partir de uma palavra já existente (primitiva). Esse fenômeno se dá, frequentemente, pelo acréscimo de afixos (prefixos ou sufixos). Dessa forma, temos:

1. **Derivação prefixal ou prefixação** → acréscimo de prefixos à palavra primitiva.

- **in**feliz
- **des**amor
- **des**leal
- **pre**conceito
- **re**ver
- **ultra**violeta

2. **Derivação sufixal ou sufixação** → acréscimo de sufixos à palavra primitiva.

- amor**oso**
- mal**dade**
- feliz**mente**
- mel**oso**
- bebe**douro**
- den**tista**

3. **Derivação sufixal e prefixal** → acréscimo não simultâneo de um prefixo e um sufixo à palavra primitiva.

- **in**feliz**mente**
- **in**util**izar**
- **des**leal**dade**
- **des**nivel**ar**
- **des**cortes**ia**

➾ **Observação:**

Perceba que na derivação prefixal e sufixal a retirada de um dos afixos não inutiliza a palavra por completo. Se se retirar o prefixo, a palavra subsiste com o processo de sufixação. Se se retirar o sufixo, a palavra subsistirá com o prefixo. Este é o principal fator para se distinguir este tipo de derivação da parassíntese. Observe:

→ **infelizmente**
- felizmente (sem o prefixo)
- infeliz (sem o sufixo)

4. **Derivação parassintética ou parassíntese** → acréscimo simultâneo de um prefixo e um sufixo à palavra primitiva.

- anoitecer
- esfriar
- apedrejar
- amadurecer
- subterrâneo
- desalmado

➾ **Observações:**

a) Geralmente a derivação parassintética cria formas verbais a partir de substantivos e adjetivos. Veja abaixo:

- **enriquecer** → formada a partir do adjetivo "rico"
- **ajoelhar** → formada a partir do substantivo "joelho"
- **empalhar** → formada a partir do substantivo "palha"
- **endoidecer** → formada a partir do adjetivo "doido"
- **embarcar** → formada a partir do substantivo "barco"
- **amanhecer** → formada a partir do substantivo "manhã"

b) Não confunda a derivação prefixal e sufixal com a parassintética. Nesta, o acréscimo dos afixos se dá de maneira simultânea, de modo que a retirada de um deles (sufixo ou prefixo) acarretará o desaparecimento da palavra.

5. **Derivação regressiva** → formação de substantivos denotadores de ação através de um processo de redução verbal. Substitui-se a terminação de um verbo pelas desinências "-a, -e, -o". Este tipo de derivação também é chamado de "**deverbal**", "**pós-verbal**" ou "**retrógrada**".

VERBO (primitivo)	SUBSTANTIVO (derivado)
abalar	abalo
afagar	afago
alcançar	alcance
buscar	busca
castigar	castigo
combater	combate
comprar	compra
enlaçar	enlace
gritar	grito
jogar	jogo
pescar	pesca

➾ **Observações:**

a) Não se esqueça de que o processo comum de formação é a criação de verbos a partir de substantivos e adjetivos. A derivação regressiva, portanto, promove o processo inverso.

b) Convém mais uma vez salientar que a derivação regressiva forma substantivos indicativos de ação. Logo, "ajuda", "saque", "caça", por exemplo, são substantivos derivados dos verbos "ajudar", "sacar" e "caçar", respectivamente, porque indicam ação. Por outro lado, os substantivos "âncora", "perfume", "alimento", os quais não indicam ação, mas objetos, coisas, são palavras primitivas que dão origem aos verbos "ancorar", "perfumar" e "alimentar".

6. **Derivação imprópria ou conversão** → ocorre pela mudança da classe gramatical de uma palavra. Na maioria dos casos, substantivos se tornam adjetivos e vice-versa, adjetivos se transformam em advérbios e vice-versa, infinitivos se tornam substantivos, ou palavras invariáveis passam a ser substantivos.

- Ao longo da reunião, ele explicou **os prós** e **os contras** da questão. (palavras invariáveis substantivadas)
- Os **bons** sempre superam os **maus.** (adjetivos substantivados)
- Comprei um lindo rádio-**relógio** no centro da cidade de São Paulo. (substantivo adjetivado)
- Quando criança, pintava o **sete** na ausência dos pais. (numeral substantivado)
- **Esperar** é uma arte que todos deveriam exercitar. (infinitivo substantivado)
- Todos na sessão falavam **alto.** (adjetivo adverbializado)

1.2.2 COMPOSIÇÃO

É o processo por meio do qual duas ou mais palavras, ou dois ou mais radicais, se associam para formar uma nova palavra. Dois são os processos de composição na língua portuguesa:

1. **Composição por aglutinação** → ocorre quando há supressão ou perda de elementos fonéticos entre as palavras que se unem.

- perna + alta = **pernalta**
- boca + aberta = **boquiaberta**
- puxa + avante = **puxavante**
- pedra + óleo = **petróleo**

- perna + longo = **pernilongo**
- plano + alto = **planalto**
- Santo + Antônio = **santantônio**
- cabeça + baixa = **cabisbaixo**
- fonte + seca = **Fonseca**
- plena + mar = **preamar**
- em + boa + hora = **embora**
- filho + de + algo = **fidalgo**
- água + ardente = **aguardente**
- hidro + elétrico = **hidrelétrico**
- vinho + acre = **vinagre**

2. **Composição por justaposição** → ocorre quando as palavras se juntam sem que haja alteração mórfica nelas.

- passa + tempo = **passatempo**
- mal + me + quer = **malmequer**
- sempre + viva = **sempre-viva**
- porco + espinho = **porco-espinho**
- gira + sol = **girassol**
- guarda + chuva = **guarda-chuva**
- vai + vêm = **vaivém**
- verde + mar = **verde-mar**
- vara + pau = **varapau**
- mata + borrão = **mata-borrão**
- obra + prima = **obra-prima**

1.2.3 OUTROS PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS

Ao lado dos dois grandes processos de formação de palavras da língua portuguesa (derivação e composição), há outros igualmente importantes. São eles:

1. **Redução ou abreviação vocabular** → ocorre pela redução de um vocábulo a um mínimo semântico significativo, ou seja, reduz-se uma palavra ao máximo sempre mantendo seu sentido original.

- **auto** → redução de "automóvel"
- **extra** → redução de "extraordinário"
- **cinema** → redução de cinematógrafo
- **foto** → redução de fotografia
- **pneu** → redução de pneumático
- **curta** → redução de curta-metragem
- **zoo** → redução de zoológico
- **quilo** → redução de "quilograma"
- **cine** → redução de "cinema"
- **pólio** → redução de "poliomielite"
- **moto** → redução de motocicleta
- **pornô** → redução de pornografia
- **Zé** → redução de José
- **metrô** → redução de metropolitano

2. **Hibridismo** → ocorre quando a palavra é formada por elementos provenientes de línguas diferentes.

- automóvel = auto (grego) + móvel (latim)
- televisão = tele (grego) + visão (latim)
- abreugrafia = abreu (português) + grafia (grego)
- alcoômetro = álcool (árabe) + metro (grego)
- burocracia = buro (francês) + cracia (grego)
- monocultura = mono (grego) + cultura (latim)
- sambódromo = samba (português) + dromo (grego)
- goiabeira = goia (tupi) + beira (português)
- sociologia = socio (latim) + logia (grego)
- asmático = asma (português) + ico (latim)

3. **Onomatopeia ou onomatopaica** → ocorre quando se formam palavras que buscam representar os sons dos seres, das coisas, da natureza.

- vapt-vupt!
- miau!
- grunhir
- estralejar
- arrulhar
- tique-taque
- tartamudear
- zigue-zague!
- tinir
- rosnar
- toc-toc!
- latir
- au! au!
- grugulhejar
- bummm!
- espocar
- zás!
- piar

⇛ **Observação:**

Todos os verbos que indicam os sons dos animais são onomatopaicos. Logo, "coaxar (rã), chiar (insetos), estridular (cigarra), grasnar (pato), mugir (boi), palrar (papagaio), rugir (leão), uivar (lobo), zurrar (burro)" são alguns exemplos de verbos onomatopaicos.

4. **Siglonimização** → é o processo de formação das siglas. A sigla é a abreviatura formada com as letras iniciais das palavras de um nome ou um título. Observe abaixo algumas siglas.

- **FGTS** = Fundo de Garantia pelo Tempo de Serviço
- **CPF** = Cadastro de Pessoas Físicas
- **MEC** = Ministério da Educação e Cultura
- **CEP** = Código de Endereçamento Postal
- **DNER** = Departamento Nacional de Estradas e Rodagens

- **SENAC** = Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial
- **IBOPE** = Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística
- **IBGE** = Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
- **SENAI** = Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
- **UNESCO** = United Nations Educational Scientific and Cultural Organization
- **ONU** = Organização das Nações Unidas
- **OEA** = Organização dos Estados Americanos
- **PT** = Partido dos Trabalhadores

1.2.4 NEOLOGISMOS

A língua não é algo morto, sem vida. Em todo tempo, por causa da evolução dos seres e da evolução do campo do conhecimento, o acervo lexical de um povo se modifica – palavras deixam de ser usadas e tornam-se arcaicas, e palavras novas são criadas. A esse processo de criação lexical dá-se o nome de **neologismo**.

O nosso idioma, estruturalmente formado do latim, tem herdado empréstimos lexicais de outros sistemas linguísticos desde o início de sua formação. Por isso, em nossa língua encontramos tantos vocábulos provenientes das diversas influências (celta, fenícia, basca, bárbara, árabe, africana, tupi, espanhola, inglesa, italiana, francesa etc.).

Hoje, em virtude da globalização econômico-financeira, nossa língua portuguesa tem recebido bastantes empréstimos linguísticos oriundos da língua inglesa.

Cumpre de antemão frisar que, para a formação de um neologismo, na maioria dos casos, são usados os mesmos processos utilizados para a formação de muitas palavras em nossa língua: derivação e composição.

Observe alguns exemplos de neologismos em nossa língua (alguns ainda não foram registrados pelos dicionaristas, mas são bastante usados):

- deletar = apagar
- clicar = dar cliques com o mouse
- bebemorar = junção de beber e comemorar
- indescartável = que não pode ser descartável
- microcurso = curso de pequena extensão
- lulistas = partidários do presidente Lula
- pistolagem = ações com o uso da pistola, da força

1.3 CLASSIFICAÇÃO E FLEXÃO DAS PALAVRAS

Na língua portuguesa, a palavra pode ser analisada pela função que exerce em relação às outras palavras, ou pelo valor que, isoladamente, ela possui. No primeiro caso, temos a análise sintática, a qual será fruto de nosso estudo em capítulo próprio. Já a segunda, diz respeito à análise (ou classificação) morfológica.

Morfologia (gr. "morphê" = forma, "logos" = tratado) é a parte da "lexicologia" que estuda a palavra em seu elemento imaterial, isto é, em sua ideia ou significação. A morfologia das palavras pode ser estudada em duas partes:

a) **Taxonomia** (gr. "taxis" = arranjo, classificação; "nomos" = lei) estuda as diversas classes de palavras e as suas propriedades em relação à ideia que expressam.

b) **Etimologia** (gr. "etimo" = origem; "logia" = estudo) estuda a origem e a evolução das palavras.

Nos próximos dez capítulos, estudaremos a classificação morfológica das palavras em nossa língua, isto é, o valor que cada uma possui por si mesma, independentemente das demais palavras.

Há em nossa língua dez classes de palavras: substantivo, adjetivo, artigo, numeral, pronome, verbo, advérbio, conjunção, preposição e interjeição.

Observe abaixo um quadro-resumo dessas dez classes:

CLASSE DE PALAVRA	DEFINIÇÃO (CARACTERÍSTICAS)	EXEMPLOS
1. Substantivo	Classe de palavra variável que dá nome aos seres em geral.	casa – terra – rosto – planta – martelo – João – papelão
2. Adjetivo	Classe de palavra variável que modifica um substantivo, atribuindo-lhe uma qualidade, um estado, um modo de ser.	bom – ruim – alto – péssimo – belo – feio – gostoso
3. Artigo	Classe de palavra variável que acompanha um substantivo, determinando-o ou indeterminando-o.	o – a – o – as – uma – um – umas – uns

4. Numeral	Classe de palavra variável que indica quantidade ou ordem dos seres.	dois – três – primeiro – décimo – um terço – triplo
5. Pronome	Classe de palavra variável que substitui ou acompanha o substantivo.	meu – nós – alguém – que – cujo – Vossa Excelência
6. Verbo	Classe de palavra variável que indica um processo em relação ao tempo. Este processo pode ser uma ação, um estado, uma mudança de estado ou um fenômeno da natureza.	andar – chover – dormir – correr – nadar – ser – ventar – fugir – tornar-se
7. Advérbio	Classe de palavra invariável que modifica um verbo, um adjetivo ou até outro advérbio, atribuindo-lhes circunstâncias diversas.	cedo – tarde – amanhã – não – talvez – jamais – sim
8. Conjunção	Classe de palavra invariável que liga orações ou termos dentro de uma oração.	embora – mas – já que – conquanto – a fim de que
9. Preposição	Classe de palavra invariável que liga termos de uma oração ou, mais raramente, orações.	a – de – por – com – sob
10. Interjeição	Classe de palavra invariável que exprime emoções ou sentimentos.	ah! – puxa! – ai! – ufa!

➾ **Observação:**

Convém salientar que classificar uma palavra é, antes de tudo, entender o sentido e a função que cada uma exerce em uma dada sentença. Sempre será imperfeita a classificação que se funde meramente na forma ou na estrutura do vocábulo. Logo, a chave para uma boa classificação é a análise de cada uma em seu contexto oracional. Observe abaixo alguns exemplos que demonstram a variação da classificação de um mesmo vocábulo.

- Eles são homens **sábios**. *adjetivo*
- Os **sábios** vivem melhor. *substantivo*
- Joana é um ser **baixo**. *adjetivo*
- É importante falar **baixo**. *advérbio*
- O **filósofo** é o amigo da sabedoria. *substantivo*
- Luis XV era um rei-**filósofo**. *adjetivo*
- Esta **tarde** foi inesquecível. *substantivo*
- Saímos muito **tarde**. *advérbio*
- Por favor, não **tarde**. *verbo*
- Ficou **meio** chateada. *advérbio*
- Ficou sem **meios** para se suster. *substantivo*
- Comprou **meia** fruta. *numeral*
- Meus olhos veem **claro**. *advérbio*
- Tinha um **claro** talento. *adjetivo*
- Ficamos num **claro** da floresta. *substantivo*
- Esforço-me **porque** sejas aprovada. *conj. final*
- Estudo **porque** é importante. *conj. causal*
- Não nos disse o **porquê** do problema. *substantivo*
- **Fora** isso, peça-me o que quiser. *preposição*
- Ficou **fora** da casa. *advérbio*
- Ele **fora** para o interior do Estado. *verbo*
- Ela **nada** bem. *verbo*
- Ela não dirá **nada**. *pronome indefinido*
- Isto não é **nada** agradável. *advérbio*
- **O** menino estuda. *artigo*
- Eu **o** considero muito. *pronome oblíquo*
- Já sabemos **o** que sucedeu. *pronome demonstrativo*

1.4 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (TRT-ES) Assinale o item no qual os prefixos destacados **não** têm o mesmo sentido:

   a) carta **a**nônima – homem **in**capaz
   b) **hemi**sfério sul – raiz **semi**morta
   c) nuvem **diá**fana – película **trans**lúcida
   d) rua **para**lela – autor **con**temporâneo
   e) **perí**metro urbano – área **circun**vizinha

2. (ESAF-MPU) Assinale a opção na qual os componentes destacados das palavras não têm a mesma significação:

   a) **hiper**tensão – **super**mercado

b) **ateu** – **an**arquia
c) **bípede** – **dis**sílabo
d) **anfíbio** – **ambi**destro
e) **antepor** – **anti**aéreo

3. (BB) Assinale a opção em que há erro na explicação da palavra destacada:

a) **heliofobia** – horror à luz do sol
b) **rinalgia** – dor de nariz
c) **xilografia** – arte de gravar em pedra
d) **etnologia** – estudo das raças
e) **misantropia** – aversão à sociedade

4. (FATEC-SP) Nas palavras **poliglota**, **tecnocracia**, **acrópole**, **demagogo** e **geografia** encontramos elementos que têm as seguintes significações, respectivamente:

a) garganta – ciência – cidade – conduzo – terra
b) língua – governo – civilização – enganar – terra
c) muitas – deus – alto – povo – planeta
d) língua – governo – alto – povo – terra
e) muitas – poder – cidade – diabo – tratado

5. (Mackenzie-SP) Assinale a alternativa em que não há relação entre duas colunas quanto ao significado do prefixo:

a) abdicar = afastamento
b) adjacente = posição em frente
c) antedatar = anterioridade
d) ambidestro = duplicidade
e) biscoito = repetição

6. (FATEC-SP) O prefixo e o sufixo que compõem a palavra **despenteada** encontram similar de sentido em:

a) imaginava
b) deslealdade
c) dissílabo
d) infelicidade
e) impossibilitado

7. (CESGRANRIO-RJ) Assinale o par de vocábulos cujos prefixos apresentam significação equivalente à dos elementos iniciais de **impessoal** e **predeterminado**:

a) amoral – epidérmico
b) antiaéreo – hipertenso
c) disforme – ultrapassado

d) contraindicado – transatlântico
e) desumano – antediluviano

8. (UFRJ) Assinale a alternativa cujo prefixo **sub-** tem o sentido de posteridade:

a) sublinhar
b) subsequente
c) subdesenvolvimento
d) subjacente
e) submisso

9. (Mackenzie-SP) Dentre as alternativas abaixo, assinale aquela em que ocorrem dois prefixos que dão ideia de negação:

a) impune, acéfalo
b) pressupor, ambíguo
c) anarquia, decair
d) importar, soterrar
e) ilegal, refazer

10. (ITA-SP) Considere as seguintes significações:

"nove ângulos" – "governo de poucos"

"som agradável" – "dor de cabeça"

Escolha a alternativa cujas palavras traduzem os significados apresentados acima.

a) pentágono, plutocracia; eufonia, mialgia
b) eneágono, oligarquia; eufonia, cefalalgia
c) nonangular, democracia; cacofonia, dispineia
d) eneágono, aristocracia; sinfonia, cefalalgia
e) hendecágono, monarquia; sonoplastia, cefaleia

GABARITO

1 – D	2 – E	3 – C
4 – D	5 – B	6 – E
7 – E	8 – B	9 – A
10 – B		

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

CAPÍTULO 2

SUBSTANTIVO

2.1 DEFINIÇÃO

> É a classe de palavra variável com a qual se denomina os seres em geral.

Aqui, a palavra "ser" precisa ser entendida não só como aquilo que possui uma existência concreta (pedra, homem, carro, lua), mas também como aquilo que possui uma existência imaginária (Saci, fada, Minotauro), abstrata (fé, alegria, tristeza), ou mesmo de comprovação discutível (anjo, alma, inferno).

Por isso, classificam-se como substantivos as coisas, os sentimentos, as qualidades, as ações, os estados considerados em si mesmos.

Observe os primeiros exemplos:

- beleza
- cobre
- pureza
- morte
- água
- revolução
- vida
- árvore
- átomo
- vingança
- sonho
- eletricidade
- casamento
- Terra
- caderno
- vento
- símbolo
- uva

2.2 CARACTERIZAÇÃO DO SUBSTANTIVO

Nem sempre é fácil para um estudante da língua portuguesa identificar com segurança um substantivo. Por isso, para fazê-lo, convém observar duas características fundamentais:

1. O substantivo é uma classe de palavras que geralmente vem acompanhada de outras palavras, as quais a determinam. Daí dizermos que um substan-

tivo frequentemente se encontra acompanhado de determinantes. Funcionam como determinantes "os artigos, os adjetivos, os pronomes adjetivos e os numerais". Logo, quase todas as palavras na língua portuguesa podem ser usadas como substantivos.

Veja:

- Havia dois **entrevistadores** engraçados que faziam umas **perguntas** bobas.
  determinante ↳ *determinantes* ↵
- *determinante*
  Alguns **homens** nunca conseguirão implementar mais que três **ideias** ao longo da **vida**.
  determinantes
- Não aguentava mais os teus **ais**, as tuas **lamúrias**, os teus **"não-sei-pra-que-isso"**.
  determinantes *determinantes*

2. O substantivo é a classe morfológica que "privativamente" exerce as funções sintáticas de: **sujeito**, **objeto direto**, **objeto indireto**, **complemento nominal**, **agente da passiva**, **aposto** e **vocativo**. Logo, palavras que exercem tais funções serão substantivos ou substantivadas.

Observe:

- Os noivos disseram "**sim!**" diante de toda a igreja.
  objeto direto = palavra substantivada
- Não viva o **ontem**; procure amar o **hoje**.
  objetos diretos = palavras substantivadas
- Os **feios** também amam.
  sujeito = palavra substantivada
- **Viver** já é, por si só, um presente de Deus.
  sujeito = palavra substantivada
- Ninguém sabe os **porquês** da ausência dele.
  objeto direto = palavra substantivada
- Precisaremos dos **dois** para o nosso projeto.
  objeto indireto = palavra substantivada
- Ao chegar, foi enxotado pela **multidão**.
  agente da passiva = substantivo
- Não tinha precisão do **dinheiro** público.
  complemento nominal = substantivo
- Precisamos muito disto: **paz** na terra entre os homens de boa vontade.
  aposto = substantivo

➾ Observações importantes:

a) Não confunda um substantivo com uma palavra substantivada. Enquanto esta se encontra exercendo uma função típica do substantivo, aquele é o próprio substantivo por natureza. A palavra "nobre" é um

adjetivo por natureza. No entanto, ao dizermos "Os **nobres** sempre dominaram o mundo", temos um adjetivo substantivado, ou seja, uma palavra substantivada, pois ela exerce a função de sujeito e está acompanhada de um determinante.

b) Não se esqueça de que alguns substantivos também podem exercer o papel de "adjetivo" pelo processo de derivação imprópria ou conversão, estudado no capítulo sobre a formação das palavras. Veja:

- O homem-**morcego** sempre foi um sucesso do cinema.
  Substantivo exercendo a função de adjetivo.
- Minha avó sempre dizia que vivia em um mundo **cão.**
  Substantivo exercendo a função de adjetivo.

c) O substantivo, como a maioria das classes morfológicas, pode ser expresso por meio de uma oração, denominada de "**oração substantiva**". Já que o substantivo exerce funções como "sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal", a oração substantiva exercerá também – obviamente – uma dessas funções. Observe:

- Tinha receio de que os juros inviabilizassem seus negócios.
  oração substantiva – complemento nominal
- Sempre aspirou a que todos fossem contemplados com a sorte da loteria.
  oração substantiva – objeto indireto
- Seria fundamental que eles se amassem mais.
  oração substantiva – sujeito
- João argumentou que aquilo fora dito por seu pai há muitos anos.
  oração substantiva – objeto direto

➾ **Observação:**

Para aprofundar este último ponto, estude, em sintaxe, as orações substantivas.

d) Convém salientar também que é um substantivo o núcleo de boa parte das locuções adjetivas, adverbiais, prepositivas e conjuntivas. Por isso, o substantivo é uma das classes gramaticais mais importantes. Veja:

- à espera de = núcleo de uma locução prepositiva
- casaco de couro = núcleo de uma locução adjetiva
- a fim de que = núcleo de uma locução conjuntiva
- à tarde = núcleo de uma locução adverbial

2.3 CLASSIFICAÇÃO DO SUBSTANTIVO

Os substantivos podem ser classificados em: **concretos, abstratos, próprios, comuns, simples, compostos, primitivos, derivados e coletivos.**

1. **Concretos e abstratos:** Os primeiros indicam os seres que possuem existência própria independente dos demais seres, não importando se são reais ou imaginários. Já os segundos indicam os seres que dependem da existência de outros seres para existirem. Estes últimos indicam qualidades, ações ou estados.

▹ mesa – faca – lápis – apontador – lua – terra – mar – lampião – fada = são exemplos de substantivos concretos

▹ pânico – medo – tristeza – bondade – sonho – conhecimento – saudade = são exemplos de substantivos abstratos

2. **Próprios e comuns:** Os próprios designam um ser específico, determinado entre os outros de sua espécie. Já os comuns designam os seres de uma espécie de forma genérica.

▹ rua – casa – flor – carro – aliança – cidade – rio = são substantivos comuns

▹ Pedro – Brasil – Nova Iorque – São Francisco – Jesus Cristo = são substantivos próprios

3. **Simples e compostos:** São simples os substantivos formados por um só elemento, um só radical. Já os compostos são constituídos por mais de um radical ou elemento formador.

▹ terra – fruta – cavalo – pau = são substantivos simples

▹ terra-cozida – fruta-pão – cavalo-vapor – pau-brasil = são substantivos compostos

4. **Primitivos e derivados:** Os primitivos são aqueles substantivos que não resultam de nenhuma outra palavra preexistente. Já os derivados, como o próprio nome já o denuncia, são os substantivos oriundos de outras palavras, ditas primitivas.

▹ terra – pedra – mar – luz – folha = são substantivos primitivos

▹ terraplanagem – pedreira – maremoto – luzeiro – folhagem = são substantivos derivados

5. **Coletivos:** São os substantivos que, no singular, indicam uma coleção, um agrupamento, um conjunto de seres da mesma espécie. Observe abaixo uma tabela com os principais coletivos:

academia	de literatos, de artistas, de sábios etc.
acervo	de bens patrimoniais, de obras de arte etc.
álbum	de fotografias, de selos
alcateia	de lobos
antologia	de trechos literários
armada	de navios de guerra
arquipélago	de ilhas
assembleia	de pessoas reunidas
associação	de pessoas reunidas sob o mesmo estatuto
atilho	de espigas de milho
atlas	de mapas
bagagem	de objetos de viagem
baixela	de utensílios de mesa
banca	de examinadores
bandeira	de garimpeiros, de exploradores
bando	de crianças, de aves, de ciganos etc.
baralho	de cartas
batalhão	de soldados
bateria	de peças de artilharia, de utensílios de cozinha
biblioteca	de livros
boiada	de bois
brigada	de pessoas voltas para a execução de um serviço
cabido	de cônegos de uma catedral
cacaria	de cacos
cacho	de uvas, de bananas etc.
cáfila	de camelos
câmara	de deputados
cambada	de vadios, de malvados etc.
capoeira	de aves, de mato
caravana	de viajantes, de peregrinos, de mercadorias etc.
cardume	de peixes
cartuchame	de cartuchos

catálogo	de livros, de plantas, de objetos para a venda etc.
choldra	de malfeitores, de desordeiros, de pessoas ordinárias etc.
chusma	de gente, de criados, de papéis
clientela	de clientes
código	de leis reunidas
coleção	de livros, de poesias, de selos etc.
coletânea	de objetos reunidos
coligação	de pessoas, de organizações
colmeia	de cortiços de abelhas
comboio	de meios de transporte, de animais etc
conciliábulo	de feiticeiros
concílio	de bispos, de prelados, de pastores
conclave	de cardeais
confederação	de estados
confraria	de pessoas religiosas reunidas
congregação	de professores, de membros de uma determinada religião
congresso	de sábios, de diplomatas, de deputados
conselho	de ministros, de professores
constelação	de estrelas
cordilheira	de montanhas
corja	de canalhas, de vadios, de malfeitores
coro	de pessoas reunidas para cantar
discoteca	de discos
doutrina	de conhecimentos
elenco	de atores, de artistas
enxoval	de roupas e adornos
esquadra	de navios
fato	de cabras
fauna	de animais de uma região
feixe	de lenha, de capim, de varas
fornada	de pães, de tijolos etc.
frotas	de navios, de ônibus etc.
galeria	de quadros, de estátuas
grei	de fiéis reunidos
grêmio	de intelectuais, de artistas etc.
irmandade	de membros de associações religiosas

júri	de jurados
legião	de soldados, de anjos, de demônios
lustro	de cinco anos
maço	de papéis, de cartas, de cigarros
manada	de bois, de elefantes etc.
maquinaria	de máquinas
matilha	de cães
miríade	de insetos
molho	de chaves, de capim
ninhada	de filhotes de aves
nuvem	de gafanhotos, de mosquitos etc.
orquestra	de músicos
parlamento	de casas legislativas
patrulha	de soldados em ronda
penca	de bananas, de uvas, de laranjas
petrecho	de armamentos
pilha	de livros, de moedas, de pratos
pinacoteca	de quadros, de telas
piquete	de grevistas
plêiade	de grupo de homens sábios, célebres
prole	de filhos de um casal
quadrilha	de ladrões, de bandidos
ralé	de pessoas ordinárias
ramalhete	de flores
rancho	de soldados, de trabalhadores, de gente
rebanho	de ovelhas, de cabras
renque	de coisas ou pessoas na mesma linha
repertório	de peças teatrais, de músicas
resma	de papel (quinhentas folhas)
réstia	de cebola, de alho
revoada	de aves
rol ou ror	de pessoas, de testemunhas
seleta	de trechos literários escolhidos
sínodo	de párocos, de religiosos reunidos
súcia	de velhacos, de patifes
tripulação	de tripulantes de um navio, de um avião

tropel	de cavaleiros
tropilha	de cavalos
trouxa	de roupas
turma	de estudantes, de trabalhadores etc.
vara	de porcos
viveiro	de aves, de plantas

➯ **Algumas observações sobre os substantivos coletivos:**

a) É importante frisar que os substantivos coletivos podem ser **específicos (determinados)** ou **genéricos (indeterminados)**. Dizer, por exemplo, "ramalhete de flores", "cardume de peixes", "esquadra de navios" consiste numa redundância, pois os coletivos aqui usados se referem – especificamente – a "flores, peixes e navios", respectivamente. Por outro lado, não se comete redundância quando se criam especificações para coletivos do tipo "grupo, bando, congresso, coleção", uma vez que estes podem ser utilizados para indicar mais de um ser. Por isso, os primeiros são denominados de específicos e os segundos de genéricos. Veja:

- O **grupo** de estudantes deixou a sala.
- Um **grupo** de deputados inspecionará a obra.
- Um **bando** de aves sobrevoa a cidade.
- Um **bando** de ladrões assaltou um banco hoje pela manhã.
- A **coleção** de selos foi furtada.
- A **coleção** de poesias do Mário impressiona a todos.

➯ **Observação:**

Nestes exemplos, os substantivos "grupo, bando e coleção" requereram especificações por se tratar de coletivos inespecíficos ou genéricos.

b) Quando se trata de coletivos genéricos ou inespecíficos, a concordância do verbo pode-se dar tanto com o núcleo do termo quanto com a sua especificação.

- Uma equipe de jogadores **auxiliará** ou **auxiliarão** os trabalhos de seleção dos melhores atletas da escola.

c) Os substantivos "parte, metade, maioria, minoria", que designam fração de um todo, são denominados de "coletivos partitivos"; distinguem-se, portanto, dos outros denominados de "coletivos gerais".

d) Há coletivos que são denominados de numéricos, pois representam quantidades numéricas exatas. Exemplos:

- **par** → conjunto com dois elementos
- **lustro** → período de cinco anos
- **novênio** → período de nove anos
- **sextilha** → estrofe de seis versos
- **tríade** → grupo de três pessoas
- **septênio** → período de sete anos
- **semana** → período de sete dias
- **dúzia** → conjunto de doze elementos
- **milhar** → conjunto de mil coisas
- **semestre** → período de seis meses
- **trezena** → período de treze dias
- **trindade** → reunião de três pessoas
- **quinquídio** → período de cinco dias
- **quindênio** → período de quinze dias
- **cento** → conjunto com cem elementos
- **terceto** → estrofe de três versos / reunião de três pessoas

e) Muitos coletivos são formados pelo processo de sufixação. Eis abaixo os sufixos mais comuns para a formação de coletivos.

- **-ada** → boiada, manada, brigada
- **-alha** → parentalha, clericalha
- **-ama** → dinheirama, boiama
- **-aria** → livraria, artilharia
- **-eiro** → formigueiro, abelheiro
- **-agem** → folhagem, carruagem
- **-al** → cabedal, bananal
- **-ame** → cordame, enxame
- **-dade** → cristandade, diversidade
- **-edo** → arvoredo, vinhedo

2.4 FLEXÕES DOS SUBSTANTIVOS

Como palavras variáveis que são, os substantivos se flexionam em: **gênero**, **número** e **grau**.

2.4.1 FLEXÕES DE GÊNERO

Em primeiro lugar, é importante dizer que o gênero é uma classificação puramente gramatical. Segundo o gênero, os substantivos são agrupados em **masculinos** e **femininos**.

Em tese, são masculinos todos os substantivos aos quais se pode antepor o artigo definido masculino "o(s)". Por outro lado, são femininos todos os que admitem o artigo definido feminino "a(s)".

São masculinos	São femininos
o cordão – os sapatos – os lençóis – o azeite	a fralda – a sandália – a leoa – a patroa – a câmera
o cidadão – o ator – o imperador – o compadre	a internet – a libélula – a freira – a mãe – a dama

2.4.1.1 Formação do feminino

2.4.1.1.1 Substantivos biformes

A maioria dos substantivos na língua portuguesa apresenta formas distintas para o masculino e para o feminino – são denominados de "**BIFORMES**". Para os substantivos desse grupo, o feminino geralmente se forma a partir da(o):

a) Mudança da terminação "-o" por "-a":

- filho → filha
- aluno → aluna
- menino → menina
- garoto → garota
- aluno → aluna

b) Mudança da terminação "-e" por "-a":

- elefante → elefanta
- monge → monja
- parente → parenta
- mestre → mestra
- presidente → presidenta

c) Mudança das terminações "-e" e "-a" por "-essa, -esa, -isa".

- sacerdote → sacerdotisa

- diácono → diaconisa
- barão → baronesa
- abade → abadessa
- príncipe → princesa
- profeta → profetisa
- conde → condessa
- prior → prioresa

d) Mudança da terminação "-ão" por "-ã, -oa, -ona".

- alemão → alemã
- irmão → irmã
- leitão → leitoa
- valentão → valentona
- chorão → chorona
- patrão → patroa
- cidadão → cidadã
- santarrão → santarrona

Exceções:

- barão → baronesa
- ladrão → ladra
- sultão → sultana
- cão → cadela

e) Mudança da terminação "-eu" por "-eia":

- europeu → europeia
- plebeu → plebeia
- ateu → ateia
- hebreu → hebreia
- pigmeu → pigmeia

➾ **Observação:**

Há substantivos que não seguem esta regra: réu → ré; judeu → judia; ilhéu → ilhoa.

f) Acréscimo da terminação "-a" aos substantivos terminados em "-es, -or, -z, -s, -l":

- camponês → camponesa
- juiz → juíza
- cantor → cantora
- escritor → escritora
- bacharel → bacharela

g) Acréscimo da terminação "-triz" a certos substantivos terminados em "-or":

- embaixador → embaixatriz
- imperador → imperatriz
- cantor → cantatriz
- ator → atriz
- genitor → genetriz

➾ **Observação:**

Admitem-se também os femininos "cantora" e "genitora" – bem mais usuais no português contemporâneo – para os substantivos "cantor" e "genitor", respectivamente.

h) Acréscimo da terminação "-ina" a certos substantivos como:

- herói → heroína
- czar → czarina
- felá → felaína

➾ **Observação:**

Inúmeros são os procedimentos para a formação do feminino na língua portuguesa, e não há uma regra que consiga abarcar todas as situações. Daí a quantidade exorbitante de substantivos os quais possuem formas totalmente diferentes para indicar o masculino e o feminino. Estes substantivos são denominados de "heterônimos". Segue abaixo uma lista sucinta de tais substantivos (também denominados de "**biformes**", diga-se por conveniência) e seus respectivos femininos.

MASCULINO	FEMININO
baleia	caxaréu, caxarela
bispo	episcopisa
bode	cabra
boi	vaca
burro	besta, mula
cão	cadela
capitão	capitã
cavaleiro	amazona
cavalheiro	dama
cavalo	égua
compadre	comadre
cônego	canonisa, cônega
confrade	confreira
dom	dona
embaixador	embaixadora (funcionária)
embaixador	embaixatriz (esposa do embaixador)
ermitão	ermitoa
frade	freira
frei	sóror ou soror
galo	galinha
general	generala
genro	nora
homem	mulher
jabuti	jabota
javali	javalina
marajá	marani
pacuçu	paca
padrasto	madrasta
padre	madre
padrinho	madrinha
pai	mãe
pardal	pardoca ou pardaloca
parvo	parva
patriarca	matriarca
perdigão	perdiz

MASCULINO	FEMININO
prior	prioresa ou priora
rajá	rani
sandeu	sandia
sereia	tritão
tabaréu	tabaroa
varão	varoa ou virago
veado	veada, cerva
zangão	abelha

2.4.1.1.2 *Substantivos uniformes*

Um outro grande grupo de substantivos possui apenas uma única forma gráfica para designar tanto o masculino quanto o feminino – são os denominados de **UNIFORMES**. Dividem-se em:

a) **Sobrecomuns** – são substantivos que possuem uma única forma para o masculino e para o feminino. Até o artigo que acompanha estes substantivos é comum aos dois gêneros.

- o monstro
- o defunto
- a pessoa
- o esqueleto
- o cadáver
- o ídolo
- a vítima
- a testemunha
- a criança
- o cônjuge
- o membro
- o sujeito
- o carrasco
- a criatura

b) **Comuns de dois gêneros** – são substantivos que possuem uma única forma gráfica para os dois gêneros, mas se faz a distinção do masculino e do feminino pela utilização de artigos "o, a, os, as, um, uns, uma, umas".

- o/a cliente
- o/a artista
- o/a nubente
- o/a ouvinte
- o/a gerente
- o/a acrobata
- o/a agente
- o/a pedinte
- o/a servente
- o/a jovem
- o/a diplomata
- o/a agiota
- o/a jornalista
- o/a motorista
- o/a selvagem
- o/a estudante
- o/a pajem
- o/a homicida
- o/a dentista
- o/a colega

c) **Epicenos** – são substantivos relativos a animais que possuem uma única forma para designar o masculino e o feminino. A distinção entre os sexos se dará pelo acréscimo das palavras "macho" e "fêmea".

▸ a cobra macho / a cobra fêmea	▸ o crocodilo macho / o crocodilo fêmea
▸ a pulga macho / a pulga fêmea	▸ a borboleta macho / a borboleta fêmea
▸ a águia macho / a águia fêmea	▸ o jacaré macho / o jacaré fêmea
▸ o tatu macho / o tatu fêmea	▸ a minhoca macho / a minhoca fêmea

2.4.1.2 Oposição entre o gênero e o sentido

Muitos substantivos mudam de sentido quando têm seu gênero alterado. Diz-se, então, que houve um gênero aparente, já que a outra forma não representa o sexo oposto, mas uma palavra com um significado totalmente diferente do significado da primeira. Observe:

o língua (o intérprete)	**a língua** (órgão do corpo humano)
o caixa (funcionário)	**a caixa** (receptáculo)
o razão (livro mercantil)	**a razão** (faculdade intelectual)
o guarda (policial)	**a guarda** (corporação, proteção, cuidado)
o capital (dinheiro)	**a capital** (cidade sede de governo)
o cisma (separação)	**a cisma** (dúvida)
o vogal (representante)	**a vogal** (letra)
o guia (orientador, pessoa que guia)	**a guia** (documento, correia comprida)
o cura (padre)	**a cura** (restabelecimento da saúde)
o lotação (veículo)	**a lotação** (capacidade)
o moral (ânimo, estado de espírito)	**a moral** (ética, princípios)
o rádio (aparelho)	**a rádio** (estação, emissora)
o crisma (óleo usado em sacramentos)	**a crisma** (sacramento da confirmação)
o águia (pessoa esperta)	**a águia** (ave)
o banana (pessoa mole, palerma)	**a banana** (fruta)
o cabra (pessoa valente)	**a cabra** (animal)
o polícia (policial)	**a polícia** (corporação)
o grama (unidade de peso)	**a grama** (relva)
o estepe (pneu sobressalente)	**a estepe** (vegetação)
o nascente (ponto cardeal leste)	**a nascente** (fonte de água)

2.4.1.3 Mudança de gênero por elipse

Alguns substantivos indicativos de lugares (topônimos) mudam de gênero quando, por metonímia, passam a designar os produtos desses lugares.

Como termos geográficos, esses substantivos são femininos. Ao designar os produtos oriundos de tais lugares, tornam-se nomes comuns masculinos. Um bom exemplo ocorreu com o vocábulo "champagne", que originalmente designa a região da França produtora de bons vinhos espumantes. Hoje, não há quem nunca tenha tomado "**um** champanhe", ou seja, "um **vinho** champanhe". Nestes casos, existe, na verdade, a elipse de um substantivo masculino entre o artigo e o substantivo topônimo. Observe outros casos:

- **Moca** (cidade da Arábia) → **o moca** (tipo de café proveniente da cidade de Moca)
- **Madeira** (ilha situada em Portugal) → **o madeira** (vinho proveniente da ilha Madeira)
- **Borgonha** (região situada na França) → **o borgonha** (vinho produzido na região da Borgonha)
- **Málaga** (região situada na Espanha) → **o málaga** (vinho produzido na região de Málaga)
- **Terra-Nova** (ilha situada no Canadá) → **o terra-nova** (cão oriundo da ilha de Terra-Nova)
- **Holanda** (país situado na Europa) → **o holanda** (fino tecido proveniente da Holanda)
- **Nanquim** (cidade da China) → **o nanquim** (pigmento negro para colorir criado na cidade de Nanquim)
- **Angorá** (antiga cidade da Turquia) → **o angorá** (espécie de gato oriundo da cidade de Angorá – hoje "Ancara")

2.4.1.4 Gênero de alguns substantivos

Há vários substantivos na língua portuguesa que frequentemente suscitam dúvidas quanto ao gênero. Por isso, é bom ficar atento, pois:

a) São masculinos

- o apêndice
- o alvará
- o aneurisma
- o guaraná
- o herpes
- o lança-perfume

- o champanha
- o charque (carne-seca, jabá)
- o clã
- o cônjuge
- o cós
- o delta
- o dó (pena; nota musical)
- o eclipse
- o estratagema
- o formicida
- o magazine
- o matiz
- o plasma
- o telefonema
- o tracoma
- o cabo (soldado; rabo, cauda)
- o magma
- o pernoite
- o praça (soldado)
- o proclama (anúncio)

b) São femininos

- a abusão (engano, erro)
- a dinamite
- a acne
- a áspide (serpente)
- a omelete
- a omoplata
- a agravante (circunstância)
- a alface
- a apendicite
- a aguardente
- a cal
- a faringe
- a libido
- a entorse
- a fruta-pão
- a pane
- a mascote
- a gênese
- a couve-flor
- a derme
- a echarpe (agasalho, adorno)
- a ênfase
- a comichão
- a ferrugem
- a matinê
- a sentinela
- a filoxera (tipo de inseto)

2.4.1.4.1 Substantivos que são masculinos ou femininos indistintamente

São substantivos bastante usuais e que podem ser usados tanto como femininos quanto como masculinos.

- o/a sabiá (ave)
- o/a xérox
- o/a tapa
- o/a cataplasma
- a/o usucapião
- o/a ilhós
- o/a suéter
- o/a diabete (ou diabetes)
- o/a laringe

➯ **Observações gerais sobre o gênero dos substantivos:**

a) O substantivo "personagem" tanto pode ser usado no feminino "a personagem" quanto no masculino "o personagem".

b) Os substantivos "modelo" e "manequim", referindo-se às pessoas que posam em público, têm sido usados na língua contemporânea como substantivos comuns de dois gêneros. A distinção de gênero, portanto, dar-se-á pelo determinante – geralmente o artigo – que acompanha tais palavras. Diz-se, então, "o modelo" para o homem e "a modelo" para a mulher.

c) Alguns substantivos que designam patentes militares como "*general, coronel, tenente, sargento, soldado*" apresentam as formas femininas "*generala, coronela, tenenta, sargenta, soldada*", embora sejam estas bastante preteridas na esfera militar, preferindo-se usar tais substantivos como se fossem comuns de dois gêneros "o/a general, o/a coronel, o/a tenente, o/a sargento, o/a soldado". As patentes "major e cabo" só existem sob a forma masculina.

d) O substantivo "*chefe*" apresenta a forma feminina "*chefa*". Entretanto, é preferível empregar-se "chefe" como substantivo comum de dois gêneros (o chefe / a chefe) pelo fato de a forma "chefa" trazer consigo certa dose de informalidade.

2.4.2 FLEXÕES DE NÚMERO

O número é capacidade que possuem alguns nomes de indicar um ou mais seres ou coisas. Como o gênero, a flexão de número é uma categoria gramatical. Em português, existem dois números gramaticais: o singular e o plural. O primeiro indica um ser ou um grupo de seres (flor, soldado, avião, ramalhete, exército, esquadrilha); já o segundo, indica mais de um ser ou grupo de seres (flores, soldados, aviões, ramalhetes, exércitos etc.).

2.4.2.1 Regras para a formação do plural dos substantivos

1. **Em geral, os substantivos formam o plural com o acréscimo da desinência "-s" ao singular. Isso frequentemente ocorre com os substantivos terminados em vogal ou em ditongo:**

- casa → casas
- prédio → prédios
- braço → braços
- mãe → mães
- rei → reis
- janela → janelas
- menino → meninos
- gramática → gramáticas
- porta → portas
- pai → pais
- pé → pés
- livro → livros
- escola → escolas
- estrada → estradas
- herói → heróis

2. Os substantivos terminados em "-ão" fazem o plural de três maneiras:

a) Alguns simplesmente seguem a regra geral e acrescentam "-s" ao "-ão":

- mão → mãos
- chão → chãos
- pagão → pagãos
- órgão → órgãos
- cristão → cristãos
- irmão → irmãos
- desvão → desvãos
- sótão → sótãos
- grão → grãos
- vão → vãos
- bênção → bênçãos
- cidadão → cidadãos

b) Outros trocam o "-ão" por "-ães":

- escrivão → escrivães
- capitão → capitães
- capelão → capelães
- pão → pães
- alemão → alemães
- afegão → afegães
- cão → cães
- tabelião → tabeliães

c) Um grande grupo troca o "-ão" por "-ões":

- leão → leões
- caixão → caixões
- canhão → canhões
- fração → frações
- gavião → gaviões
- limão → limões
- mamão → mamões
- nação → nações
- coração → corações
- anão → anões
- balão → balões
- botão → botões
- opinião → opiniões
- canção → canções
- folião → foliões

⇛ **Observações:**

a) Essas diversas variações para o plural ocorrem em virtude da etimologia das palavras.

b) Alguns substantivos terminados em "-ão" apresentam mais de uma forma para o plural. Observe abaixo:

- aldeão → adeãos e aldeões
- ancião → anciãos, anciães e anciões
- guardião → guardiães e guardiões
- verão → verãos e verões
- cirurgião → cirurgiões e cirurgiães
- anão → anãos e anões
- castelão → castelãos e castelões
- sultão → sultães e sultões
- vilão → vilãos, vilões e vilães
- vulcão → vulcãos e vulcões

3. Os substantivos terminados em "-r, e -z" formam o plural com o acréscimo da terminação "-es", uma vez que a língua não aceita as terminações "-rs e -zs".

- flor → flores
- gravidez → gravidezes
- giz → gizes
- colher → colheres
- faquir → faquires
- cateter → cateteres
- juiz → juízes
- arroz → arrozes
- andar → andares
- dólar → dólares
- colar → colares
- ureter → ureteres
- amor → amores
- mulher → mulheres
- raiz → raízes
- clamor → clamores
- cruz → cruzes

➾ **Observação:**

Os substantivos "caráter", "júnior" e "sênior" fazem os plurais "caracteres", "juniores" e "seniores", respectivamente, com deslocamento do acento tônico.

4. Os substantivos terminados em "-n" fazem o plural tanto com o acréscimo de "-es" quanto com o acréscimo de "-s".

- próton → prótones ou prótons
- hífen → hífenes ou hífens
- líquen → líquenes ou liquens
- nêutron → nêutrones ou nêutrons
- abdômen → abdômenes ou abdômens
- elétron → elétrones ou elétrons

➾ **Observação:**

Os substantivos "pólen" e "cânon" fazem os plurais "polens" e "cânones", respectivamente.

5. Os substantivos terminados em "-al, -el, -ol e -ul" trocam o "l" por "is". Observe:

- anel → anéis
- anzol → anzóis
- pastel → pastéis
- farol → faróis
- metal → metais
- laranjal → laranjais
- paul → pauis
- tribunal → tribunais
- canal → canais

⇛ **Observações:**

a) Nos substantivos "cônsul" e "mal", a consoante "l" permaneceu intervocálica no plural, daí as formas "cônsules" e "males" para os respectivos plurais.

b) O substantivo "mel" faz os plurais "meles" ou "méis", assim como "mol" faz os plurais "mols" ou "moles".

6. Os substantivos terminados em "-il" formam o plural de acordo com duas regras:

a) Se for oxítono, trocará o "-il" por "is":

- anil → anis
- perfil → perfis
- fuzil → fuzis
- funil → funis
- quadril → quadris
- canil → canis
- barril → barris
- cantil → cantis

b) Se for paroxítono, trocará o "-il" por "-eis":

- fóssil → fósseis
- têxtil → têxteis
- réptil → répteis
- míssil → mísseis
- projétil → projéteis
- tâmil → tâmeis

⇛ **Observação:**

Em virtude da dupla prosódia dos substantivos "réptil – reptil" e "projétil – projetil", admitem-se os respectivos plurais "répteis – reptis" e "projéteis – projetis".

7. Os substantivos terminados em "-m" trocam esta letra por "-ns". Veja:

- fim → fins
- bombom → bombons
- jejum → jejuns
- jardim → jardins
- som → sons
- bebum → bebuns
- vintém → vinténs
- refém → reféns
- amém → améns

8. Os substantivos terminados em "-s" fazem o plural segundo duas regras:

a) Os monossílabos e os oxítonos recebem "-es":

- gás → gases
- deus → deuses
- português → portugueses
- rês → reses
- revés → reveses
- cós → coses
- mês → meses
- burguês → burgueses
- chinês → chineses

b) Os paroxítonos e os proparoxítonos terminados em "-s" são invariáveis:

- o pires → os pires
- o tênis → os tênis
- o oásis → os oásis
- o ônibus → os ônibus
- o vírus → os vírus
- o alferes → os alferes
- o lápis → os lápis
- o ourives → os ourives
- o ônus → os ônus

9. Os substantivos terminados em "-x" são invariáveis.

- o tórax → os tórax
- uma xérox → duas xérox
- o ônix → os ônix
- o látex → os látex
- a fênix → as fênix

⇛ **Observação:**

Alguns substantivos monossilábicos terminados em "-x", entretanto, admitem também, para a formação do plural, o acréscimo da terminação "-es". É o caso de:

- o fax → os fax ou faxes
- o flox → os flox ou floxes
- o sax → os sax ou saxes
- o fox → os fox ou foxes

2.4.2.1.1 Particularidades sobre o plural dos substantivos

1. Alguns substantivos mudam o timbre da vogal tônica de (ô – fechado) para (ó – aberto) quando postos no plural. É o que se denomina de plural metafônico ou plural com metafonia. Veja alguns exemplos:

(ô) – fechado no singular	(ó) – aberto no plural
caroço	caroços
coro	coros

(ô) – fechado no singular	(ó) – aberto no plural
despojo	despojos
destroço	destroços
foro	foros
fosso	fossos
imposto	impostos
jogo	jogos
miolo	miolos
olho	olhos
osso	ossos
ovo	ovos
poço	poços
posto	postos
povo	povos
reforço	reforços
socorro	socorros
tijolo	tijolos
torto	tortos
troço	troços

Outros substantivos, porém, permanecem com o (ô) fechado quando vão para o plural. Veja:

(ô) – fechado no singular	(ô) – fechado no plural
abono	abonos
bolo	bolos
bolso	bolsos
cachorro	cachorros
coco	cocos
dono	donos
dorso	dorsos
encosto	encostos
esposo	esposos
gozo	gozos
lobo	lobos
logro	logros

(ô) - fechado no singular	(ô) - fechado no plural
morro	morros
piolho	piolhos
polvo	polvos
repolho	repolhos
rosto	rostos
sogro	sogros
toldo	toldos

2. **Alguns substantivos, quando postos no plural, sofrem alteração semântica, ou seja, mudam o sentido. Observe:**

- bem (virtude) ≠ bens (capital, posses)
- ar (atmosfera) ≠ ares (aparência, condições do clima)
- gênero (conjunto) ≠ gêneros (alimentos)
- féria (remuneração) ≠ férias (descanso)
- lua (satélite) ≠ luas (semanas)
- honra (dignidade) ≠ honras (homenagens, título)
- vergonha (humilhação) ≠ vergonhas (órgãos sexuais)
- amor (sentimento) ≠ amores (relações amorosas)

3. **Há substantivos que só existem na forma "plural". Veja alguns exemplos:**

- as fezes
- as cãs
- as cócegas
- os parabéns
- as cercanias
- os Alpes
- as calendas
- os óculos
- as exéquias
- as núpcias
- os pêsames
- os víveres
- as condolências
- os arredores
- os Andes
- as alvíssaras
- os anais
- as olheiras
- os Pirineus
- as Belas Artes

4. **Os nomes de pessoas, os numerais e as letras do alfabeto fazem, geralmente, o plural com o acréscimo do morfema "-s" - obviamente quando se prestam a esta regra. Veja:**

- Ele jamais passará na prova dos noves.
- Lá, na festa, encontrarás os Antônios, os Andrés, os Joões, os Junqueiras e tantos outros mais.

- Jamais escreverás corretamente se não conheceres bem os "as", os "bês", os "cês" que compõem as palavras.

⇨ **Observação:**

Os numerais terminados em "-s" e em "-z" são invariáveis. Ex.: dois, dez, três, seis etc.

5. **Em geral os substantivos apresentam tanto o feminino quanto o masculino. Este é o princípio básico. Entretanto, alguns substantivos são, na prática, usados, em quase todos os seus empregos, no singular, embora apresentem flexão de plural como a maioria dos substantivos. Isso ocorre particularmente com:**
   - a) **substantivos que designam metais:** ouro, prata, ferro, mercúrio, alumínio, cobre.
   - b) **substantivos que designam produtos animais e vegetais:** leite, mel, açúcar, lã, vinho, arroz.
   - c) **substantivos que designam artes e ciências:** Budismo, Cristianismo, Lógica, Socialismo, Aritmética.
   - d) **alguns substantivos abstratos que exprimem virtude ou vício:** preguiça, caridade, confiança, leviandade, liberdade.

2.4.2.2 Plural dos substantivos compostos

Os substantivos compostos apresentam um vasto conjunto de regras especiais para a formação de seus plurais. Vários substantivos fogem das orientações abaixo e apresentam uma forma própria, particular para o seu plural. Por isso, apresentaremos a seguir as regras mais comuns para a flexão de número de tais nomes compostos.

1.ª regra: Substantivos compostos formados por palavras variáveis quanto ao número → ambas as palavras devem ir para o plural. As palavras que formam o composto devem, portanto, ser analisadas se, isoladamente, são suscetíveis de ir para o plural.

- couve-flor (substantivo + substantivo) → couves-flores
- terça-feira (numeral + substantivo) → terças-feiras
- amor-perfeito (substantivo + adjetivo) → amores-perfeitos
- salvo-conduto (adjetivo + substantivo) → salvos-condutos
- ponta-direita (substantivo + adjetivo) → pontas-direitas

- chave-mestra (substantivo + substantivo) → chaves-mestras
- guarda-noturno (substantivo + adjetivo) → guardas-noturnos
- má-língua (adjetivo + substantivo) → más-línguas
- capitão-mor (substantivo + adjetivo) → capitães-mores
- pai-nosso (substantivo + pronome) → pais-nossos
- cirurgião-dentista (substantivo + adjetivo) → cirurgiões-dentistas

2.ª regra: Substantivos compostos formados por palavra invariável mais uma palavra variável → só o segundo elemento deverá ir para o plural.

- abaixo-assinado (advérbio + particípio na função de adjetivo) → abaixo-assinados
- quebra-mar (verbo + substantivo) → quebra-mares
- ave-maria (interjeição + substantivo) → ave-marias
- vice-cônsul (prefixo + substantivo) → vice-cônsules
- infraestrutura (prefixo + substantivo) → infraestruturas
- beija-flor (verbo + substantivo) → beija-flores
- salve-rainha (interjeição + substantivo) → salve-rainhas
- ultrassom (prefixo + substantivo) → ultrassons

3.ª regra: Substantivos compostos unidos por preposição → só o primeiro elemento varia.

- pé de moleque → pés de moleque
- mula sem cabeça → mulas sem cabeça
- pimenta-do-reino → pimentas-do-reino
- amigo da onça → amigos da onça
- joão-de-barro → joões-de-barro
- pôr do sol → pores do sol
- pau a pique → paus a pique
- ama de leite → amas de leite

4.ª regra: Substantivos compostos em que o segundo elemento delimita o primeiro → só o primeiro elemento varia.

- navio-escola → navios-escola
- banana-maçã → bananas-maçã
- caneta-tinteiro → canetas-tinteiro
- erva-mate → ervas-mate
- salário-família → salários-família
- peixe-boi → peixes-boi
- pau-brasil → paus-brasil
- pombo-correio → pombos-correio
- escola-modelo → escolas-modelo

➯ **Observação:**

Por se tratar de substantivos compostos formados por palavras variáveis, admite-se também que os compostos acima variem ambos os elementos. Portanto:

- navio-escola → navios-escola ou navios-escolas
- peixe-boi → peixes-boi ou peixes-bois
- pau-brasil → paus-brasil ou paus-brasis
- fruta-pão → frutas-pão ou frutas-pães

5.ª regra: Substantivos compostos formados por palavras repetidas ou palavras onomatopaicas (reprodução de sons das coisas, dos animais) → só o segundo elemento se flexiona.

- reco-reco → reco-recos
- ruge-ruge → ruge-ruges
- corre-corre → corre-corres
- pife-pafe → pife-pafes
- quero-quero → quero-queros
- pisca-pisca → pisca-piscas
- tico-tico → tico-ticos
- bem-me-quer → bem-me-queres
- bem-te-vi → bem-te-vis
- pega-pega → pega-pegas

➯ **Observações:**

a) Quando as palavras repetidas forem verbos, também é lícita a flexão dos dois elementos.

- pisca-pisca → pisca-piscas ou piscas-piscas
- pega-pega → pega-pegas ou pegas-pegas
- corre-corre → corre-corres ou corres-corres

b) São invariáveis os substantivos compostos formados por verbos de sentidos opostos, embora alguns dicionaristas mais modernos insistam em flexionar o último elemento.

- o leva e traz → os leva e traz
- o vai-volta → os vai-volta
- o perde-ganha → os perde-ganha

6.ª regra: Substantivos compostos em que o primeiro elemento for uma das formas "**grão, grã, ex-, dom, são e bel**" → só o segundo elemento se flexiona.

- grão-duque → grão-duques
- grã-cruz → grã-cruzes
- dom-basiliano → dom-basilianos
- ex-voto → ex-votos
- grão-mestre → grão-mestres
- bel-prazer → bel-prazeres
- são-bento → são-bentos
- são-bernardo → são-bernardos

7.ª regra: São substantivos compostos invariáveis:

- o louva-a-deus → os louva-a-deus (invariável)
- o saca-rolhas → os saca-rolhas (invariável)
- o arco-íris → os arco-íris (invariável)
- o maria vai com as outras → os maria vai com as outras (invariável)

2.4.3 FLEXÕES DE GRAU

Como sabemos, o substantivo é uma classe gramatical que designa os seres em geral. Os seres designados podem se apresentar em tamanhos diversos. À propriedade dos substantivos de indicar a dimensão dos seres dá-se o nome de "flexão de grau". Em português, há duas flexões de grau: o **aumentativo** e o **diminutivo**. Essas flexões tanto podem ser obtidas com a utilização de sufixos (forma sintética) quanto com a utilização de adjetivos (forma analítica). Estudaremos primeiramente a formação do grau com a utilização de sufixos e prefixos.

1. **Grau aumentativo:** o substantivo se apresenta em tamanho aumentado. Geralmente são utilizados os sufixos "-ão, -arão, -arrão, -zarrão, -eirão, -alhão, -gão". Ex.:

- buraco → buracão
- vaga → vagalhão
- pé → pezão
- amigo → amigão
- casa → casarão
- homem → homenzarrão
- capa → capeirão
- lamaçal → lamarão
- nariz → narigão
- chapéu → chapeirão
- bobo → bobalhão
- dedo → dedão

Há, entretanto, inúmeros substantivos que usam sufixos especiais para a formação do grau aumentativo. Abaixo apresentaremos alguns desses substantivos:

Sufixos	Exemplos
-aça	barcaça, barbaça
-alha	fornalha, muralha
-eirão	vozeirão, boqueirão
-ázio	copázio, balázio
-ona	barrigona, pernona
-orra	cabeçorra, beiçorra
-uça	vinhuça, dentuça
-anha	bocanha, campanha
-eira	fogueira, canseira

2. **Grau diminutivo:** o substantivo se apresenta em tamanho reduzido, diminuto. Para a formação deste grau, sinteticamente, utilizam-se também uma série de sufixos. Os mais usuais são:

Sufixos	Exemplos
-ebre	casebre
-acho	riacho, populacho
-culo	ossículo, corpúsculo
-eco	livreco, boteco
-ete	filete, filmete
-inho	filhinho, galinho
-ita	pedrita, cabrita
-ito	cãozito
-isco	chuvisco, ladrisco
-ola	sacola, rapazola
-ico	burrico, cuvico
-ica	pelica, fraldica
-ilha	presilha, flotilha
-ejo	lugarejo, papelejo
-im	espadim, pistolim
-ulo	glóbulo, nódulo
-eto	folheto, jardineto
-eta	caixeta, abeta
-ote	velhote, caixote

⇨ **Observações:**

a) Tanto o grau aumentativo quanto o diminutivo apresentam uma forma analítica, feita geralmente com o auxílio dos adjetivos "grande, enorme, imenso e adjetivos semelhantes" e "pequeno, minúsculo e adjetivos semelhantes" respectivamente.

b) Nem sempre o aumentativo e o diminutivo mostram o aumento e a diminuição de um ser. A utilização dos sufixos próprios para o aumentativo e para o diminutivo também pode indicar "desprezo, desproporção, pejoração, grosseria". Observe:

- Era considerada pela cidade como uma mulherzinha. (= mulher ordinária)
- Os silvas eram uma gentalha. (= gente de classe social baixa)
- Era um professorzinho! (= professor qualquer, sem qualificação)
- Aquele padreco era um grande santarrão. (= padre sem valor; falso devoto)

c) Muitos diminutivos são usados para indicar "afetividade, aproximação, carinho". É o caso de "amorzinho, paizinho, amiguinha, coleguinha".

d) O grau aumentativo também é obtido pela repetição do substantivo colocando-lhe no meio a preposição "de". É um processo muito usado na Bíblia. Veja:

- Rei dos reis
- Mestre dos mestres
- Senhor dos senhores
- Santo dos santos

d) Alguns aumentativos e diminutivos são obtidos com o emprego de prefixos. É o que se observa em "minifúndio, maxicasaco, supermercado, minissaia".

e) Alguns substantivos, pela evolução da língua, perderam o sentido gradual e assumiram valores semânticos autônomos. É o que se verifica, por exemplo, na palavra "portão" que não mais é o aumentativo de "porta", mas sim um tipo de entrada. Fato idêntico ocorreu com os vocábulos: cartilha, cartão, caldeirão, colchão.

f) No trato familiar, geralmente eivado de bastante afetividade, muitos diminutivos e aumentativos são criados a partir de nomes personativos. Tais criações são denominados de "hipocorísticos". Observe alguns:

- Antônio = Toninho
- José = Zezinho
- Fátima = Fatinha
- Carlos = Cacá
- Maria = Mariinha
- Alexandre = Xandão
- Paulo = Paulão
- Josefa = Zefinha

2.4.3.1 Plural dos substantivos diminutivos

Para a formação do plural dos substantivos diminutivos deve-se obedecer às seguintes orientações:

1.º → coloca-se o substantivo, sem os sufixos do diminutivo, no plural → **coração** faz **corações**

2.º → retira-se o "-s" do plural deste substantivo → **corações** – "s" fica **coraçõe**

3.º → acrescenta-se o sufixo do diminutivo → **coraçõe** + **zinho** fica coraçõezinho

4.º → acrescenta-se o fonema "-s" que foi retirado → **coraçõezinho + s** fica finalmente "**coraçõezinhos**"

Outros exemplos:

- pãozinho → pãezinhos
- barzinho → barezinhos
- farolzinho → faroizinhos
- paizinho → paizinhos
- papelzinho → papeizinhos
- florzinha → florezinhas
- amorzinho → amorezinhos
- carretelzinho → carreteizinhos

2.5 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (MM) A alternativa em que há **erro** no sentido dos substantivos é:

a) o grama = unidade de medida; a grama = relva
b) o rádio = aparelho receptor; a rádio = estação transmissora
c) o guia = documento; a guia = pessoa que guia
d) o cisma = separação; a cisma = desconfiança
e) o moral = ânimo; a moral = ética

2. (TER-MT) O termo que faz o plural como **cidadão** é:

a) limão
b) órgão
c) guardião
d) espertalhão
e) balão

3. (ESAF-CJF) Assinale a opção em que há substantivos que se referem, respectivamente, a **ação** e **sentimento**:

   a) homem, passos
   b) passado, medo
   c) diferença, raízes
   d) inteligência, criação
   e) trabalho, tristeza

4. (TRT-RJ) Há **erro**, quanto à flexão do substantivo composto, em:

   a) Essa medida irá beneficiar as donas de casas.
   b) Os surdos-mudos irão participar da olimpíada dos deficientes.
   c) Todas as manhãs os beija-flores apareciam no jardim.
   d) No Brasil muitos vice-presidentes assumem a presidência da República.
   e) Não podemos tolerar os disse me disse neste assunto.

5. (TRT-RJ) Escolha a alternativa cujos gêneros, pela ordem, correspondem aos seguintes vocábulos: **alface**, **grama** (peso), **dó** e **telefonema**.

   a) masculino – feminino – masculino – feminino
   b) feminino – feminino – masculino – feminino
   c) masculino – feminino – masculino – masculino
   d) feminino – masculino – masculino – masculino
   e) feminino – feminino – masculino – masculino

6. (TCE-RJ) A opção em que as duas palavras formam o plural da mesma maneira é:

   a) substituição / nação
   b) administração / pão
   c) ficção / alemão
   d) demonstração / capitão
   e) talão / cristão

7. (TEC-RJ) Assinale a opção em que o plural das palavras destacadas é feito da mesma forma;

   a) O **escrivão** desacatou aquele **cidadão**.
   b) O **salário-família** será pago na **sexta-feira**.
   c) O **freguês** antigo tinha uma aparência **simples**.
   d) O funcionário encarregado de vistoria era **dócil** e **gentil**.
   e) Naquele mundo **pagão**, havia apenas um **cristão**.

8. (Mackenzie-SP) Em qual das alternativas todas as palavras pertencem ao gênero masculino?

a) dinamite, agiota, trema, cal
b) dilema, perdiz, tribo, axioma
c) eclipse, telefonema, dó, aroma
d) estratagema, bílis, omoplata, gengibre
e) sistema, guaraná, rês, anátema

9. (UFBA) Ficou com _______ quando soube que ______ caixa do banco entregara aos ladrões todo o dinheiro _______ clã.

a) o moral abalado – o – do
b) a moral abalada – o – da
c) o moral abalado – a – da
d) a moral abalado – a – do
e) a moral abalada – a – da

10. (ITA-SP) Examinar a frase abaixo, dando atenção aos vocábulos destacados:

*"A **estação emissora** procurava encorajar **o ânimo** daqueles que lutavam contra a **tropa inimiga**."*

A sequência dos sinônimos das palavras destacadas na sentença acima é, pela ordem:

a) o rádio, a moral, a corja
b) a rádio, a moral, a horda
c) a rádio, o moral, a hoste
d) o rádio, o moral, a hoste
e) As alternativas acima não são corretas.

GABARITO

1 – C	2 – B	3 – E
4 – A	5 – D	6 – A
7 – E	8 – C	9 – A
10 – C		

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

CAPÍTULO 3

ADJETIVO

3.1 DEFINIÇÃO

> É a classe de palavras variáveis que alteram a noção do substantivo atribuindo-lhe qualidades, características, aspectos gerais ou específicos, estados, modos de ser. Resumidamente, o adjetivo é a classe que nomeia as qualidades e os estados atribuídos ao substantivo.

Observe os primeiros exemplos:

- mulher desprestigiada
- porta aberta
- navio quebrado
- casinhas brancas e amarelas

Observe os termos grifados acima. Todos são adjetivos, pois apresentam qualidades e estados dos seres a que se referem.

3.2 CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE OS ADJETIVOS

1. Como se referem a substantivos, os adjetivos – embora alguns sejam invariáveis – concordam em gênero e número com o substantivo.

- Havia ideias **falsas** em todos os jornais **brasileiros**.
  adjetivos concordam em gênero e número com os substantivos "ideias" e "jornais"
- Jamais encontraremos **bons** argumentos sem antes visitarmos **longes** pensamentos. *adjetivos concordam em gênero e número com os substantivos "argumentos" e "pensamentos"*

2. O adjetivo também pode aparecer na função de substantivo e vice-versa. Veja:

- Os **feios** também amam.
  adjetivo substantivado
- O **cego** quase caiu no buraco.
  adjetivo substantivado
- O **perverso** não possui escrúpulos.
  adjetivo substantivado
- O **belo** sempre se sobressai
  adjetivo substantivado
- D. Maria tinha um filho **homem**.
  substantivo adjetivado
- Compramos dois rádios-**relógio**.
  substantivo adjetivado

3. Muito frequentemente, o adjetivo aparece sob a forma de uma locução, formada, em geral, pela junção de uma preposição mais um substantivo, referindo-se – obviamente – a um substantivo. É o que se denomina de "locução adjetiva". Observe:

- água **serrana** → água **da serra**
  adjetivo simples — *locução adjetiva (preposição + substantivo)*
- casas **urbanas** → asas **da cidade**
  adjetivo simples — *locução adjetivo (preposição + substantivo)*
- homem **inescrupuloso** → homem **sem escrúpulos**
  adjetivo simples — *locução adjetiva (preposição + substantivo)*
- calor **infernal** → calor **dos infernos**
  adjetivo simples — *locução adjetiva (preposição + substantivo)*

➾ Observações:

a) Nem sempre é possível transformar uma locução adjetiva em um adjetivo simples. Veja alguns exemplos em que essa transformação não é possível:

- Todos viviam sob um teto **de lona**.
  locução adjetiva
- Comprou um carro **com portas amarelas**.
  locução adjetiva
- João era um homem **de poucas palavras**.
  locução adjetiva
- Ganhou um livro **sem contracapa**.
  locução adjetiva

b) Em raros casos, a locução adjetiva é formada por uma preposição mais um advérbio. Vale ressaltar que as locuções adjetivas equivalem a adjetivos e sempre irão se referir a substantivos. Esta, aliás, é a principal característica dos adjetivos.

- Moravam todos no andar **de cima**.
  ocução adjetiva (preposição + advérbio)
- Compramos o jornal **de hoje**.
  locução adjetiva (preposição + advérbio)

4. É imperioso dizer que o adjetivo também pode ser expresso por meio de uma oração, assim como ocorre com o substantivo: é a denominada "oração adjetiva", isto é, uma oração que funciona como um adjetivo. Veja abaixo:

▷ Bebia água serrana. → Bebia água da serra. → Bebia água que vinha da serra.
adjetivo simples *locução adjetiva* *oração adjetiva*

▷ Todos gostavam do doce que a vovó preparava.
oração adjetiva

▷ Ninguém esqueceu os avisos os quais ele deu.
oração adjetiva

▷ Jamais desejei os objetos cujos donos são corruptos.
oração adjetiva

▷ Maria mora na cidade onde trabalha.
oração adjetiva

⇨ **Observação:**

A principal característica das orações adjetivas é o fato de elas virem introduzidas por um pronome relativo, por isso são também chamadas de "orações relativas".

5. É importante não se esquecer de que os adjetivos funcionam como determinantes para o substantivo. Logo, a presença de uma oração adjetiva, por exemplo, exigirá, por se tratar de um determinante, o acento grave nas palavras que pedem determinação para que haja o fenômeno da crase. Observe:

▷ Amanhã irei à casa que me será dada por herança.
oração adjetiva = determinante

▷ Por que tu não ficaste à distância a qual eu te recomendei?
oração adjetiva = determinante

⇨ **Observação:**

Procure correlacionar este conhecimento com o assunto sobre o emprego do acento grave em sintaxe.

6. Frequentemente, os particípios verbais exercem a função de um adjetivo – são os chamados *adjetivos de base participial*. Em vários casos, tais particípios representam orações adjetivas reduzidas. Observe:

▷ Ontem eu li um livro escrito por um primo. (→ que foi escrito)
adjetivo de base participial

▷ Ele é réu confesso.
adjetivo de base participial

▷ Quando chegaram, a égua já estava **morta**.
adjetivo de base participial

3.3 FORMAÇÃO DOS ADJETIVOS

Quanto à formação, os adjetivos podem ser:

a) **simples** → feio, branco, palmarense etc.
b) **compostos** → castanho-claro, luso-brasileira, surdo-mudo etc.
c) **primitivos** → belo, feio, bonito, amarelo etc.
d) **derivados** → decoroso, famoso, bonachão etc.

3.3.1 ADJETIVOS PÁTRIOS

Há inúmeros adjetivos que se referem a países, regiões, continentes, estados, povos, raças. Estes adjetivos são denominados de "pátrios ou gentílicos". Vejamos alguns:

Pátrios brasileiros (Estados e cidades)

Alagoas	alagoano
Acre	acriano ou acreano
Água Preta	água-pretense
Amazonas	amazonense
Bahia	baiano
Belém	belenense
Belo Horizonte	belo-horizontino
Brasília	brasiliense
Catende	catendense
Ceará	cearense
Curitiba	curitibano
Espírito Santo	espírito-santense ou capixaba
Fortaleza	fortalezense
Goiânia	goianiense
Goiás	goiano

João Pessoa	pessoense
Juiz de Fora	juiz-forense
Manaus	manauense
Maranhão	maranhense
Mato Grosso	mato-grossense
Mato Grosso do Sul	mato-grossense-do-sul
Minas Gerais	mineiro
Natal	natalense
Palmares	palmarense
Pará	paraense
Paraíba	paraibano
Paraná	paranaense
Pernambuco	pernambucano
Piauí	piauiense
Porto Alegre	porto-alegrense
Recife	recifense
Ribeirão Preto	ribero-pretano
Rio de Janeiro (cidade)	carioca
Rio de Janeiro (Estado)	fluminense
Rio Grande do Norte	norte-rio-grandense, rio-grandense-do-norte ou potiguar
Rio Grande do Sul	rio-grandense-do-sul ou gaúcho
Rondônia	rondoniano ou rondoniense
Roraima	roraimense
Salvador/BA	salvadorense ou soteropolitano
Santa Catarina	catarinense ou barriga-verde
São Paulo (cidade)	paulistano
São Paulo (Estado)	paulista
Sergipe	sergipano ou sergipense
Tocantins	tocantinense
Três Corações	tricordiano

Pátrios estrangeiros

Belém (Jordânia)	belemita

Boston/EUA	bostoniano
Caracas	caraquenho
Congo	congolês
El Salvador	salvadorenho
Estados Unidos	estadunidense, norte-americano ou ianque
Flandres	flamengo
Gália	galo ou gaulês
Galiza	galego
Japão	japonês ou nipônico
Jerusalém	hierosolimita ou hierosolimitano
Lima	Limenho
Lisboa	lisboeta ou lisbonense
Madagascar	malgaxe ou madasgacarense
Madri	madrileno ou madrilense
Manchúria	manchu
Moscou	moscovita
Nova Zelândia	neozelandês
Parma	parmesão
Patagônia	patagão
Porto	portuense
Suíça	suíço
Viana	vianense, vianês

⇨ **Observação:**

Muitas vezes se utiliza mais de um adjetivo pátrio para se referir a um mesmo substantivo. Neste caso, usam-se as formas latinizadas e reduzidas de tais adjetivos. Observe abaixo:

Adjetivo	**Adjetivo correspondente – forma latina reduzida**
inglês	anglo-
austríaco	austro-
europeu	euro-
francês	franco-
grego	greco-

espanhol	hispano-
indiano	indo-
italiano	ítalo-
galego	galaico-
português	luso-
japonês	nipo-
chinês	sino-
alemão	teuto- ou germano-
dinamarquês	dano-
finlandês	fino-
belga	belgo-

Portanto, se quisermos dizer que um acordo foi efetuado entre China, Japão e Portugal, por exemplo, diremos:

- acordo **sino-nipo-lusitano**

3.3.2 ADJETIVOS ERUDITOS

São adjetivos que significam "relativo a", "semelhante a", "próprio de". Possuem, na maioria dos casos, uma locução adjetiva correspondente. Vejamos alguns:

Adjetivo erudito	**Locução adjetiva correspondente (relativo a...)**
acético	vinagre
adamantino	diamante
anular	anel
aracnídeo	aranha
argênteo, argentino, argírico	prata
auricular, ótico	ouvidos
axial	eixo
áureo	ouro
bélico	guerra
biliar	bílis
bucal, oral	boca
canino	cão

Adjetivo erudito	Locução adjetiva correspondente (relativo a...)
capilar	cabelo
caprino	cabra
cardíaco	coração
cefálico	cabeça
celular	célula
cervical	pescoço
circense	circo
cítrico	limão, laranja
columbino	pombo
coreógrafo	dança
digital	dedo
discente	aluno
docente	professor
dorsal	costas
eclesiástico	igreja
ecumênico	universo habitado
edênico	éden
eólico	vento
epidérmico ou cutâneo	pele
episcopal	bispo
equídeo, equino, hípico	cavalo
estelar	estrela
fabril	fábrica
felino, felídeo	gato
feroz, ferino	fera
férreo	ferro
filatélico	selos
filial	filho
fluvial, potâmico	rio
fônico, vocal	voz
formicular	formiga
fraterno ou fraternal	irmão
frontal	frente
gástrico	estômago

Adjetivo erudito	Locução adjetiva correspondente (relativo a...)
glacial	gelo
gutural	garganta
hepático	fígado
herbáceo	erva
hibernal	inverno
ictílico, písceo	peixe
ígneo	fogo
insular	ilha
jurídico	direito
lacrimal	lágrima
lácteo	leite
lacustre	lago
lateral	lado
leonino	leão
leporino	lebre
letal, mortífero	morte
lunar	lua
magistral	mestre
marinho, marítimo	mar
materno ou maternal	mãe
matutino, matinal	manhã
meridional, austral	sul
mnemônico	memória
monetário, numismático	moeda
nasal	nariz
naval	navio, navegação
ocular, óptico, oftálmico	olhos
ofídico	cobra
olímpico	Olimpo, olimpíadas
onírico	sonho
outonal	outono
ovino	ovelha
palustre	brejo
paradisíaco	paraíso

Adjetivo erudito	**Locução adjetiva correspondente (relativo a...)**
pecuário	gado
pecuniário	dinheiro
pesqueiro	pesca
pétreo	pedra
platônico	Platão
plebeu	plebe
plúmbeo	chumbo
pluvial	chuva
postal	correio
pueril, infantil	criança
pulmonar	pulmão
real	rei
renal	rim
rural	campo
sacarino	açúcar
saponáceo	sabão
senil	velho, velhice
setentrional, boreal	norte
sideral	astro
silvestre	selva
símio, simiesco	macaco
sísmico	terremoto
suíno, porcino	porco
sulfúrico	enxofre
terrestre	terra
torácico	tórax
umbilical	umbigo
vascular	vasos sanguíneos
venoso	veia
vespertino	tarde
vínico, vinário	vinho
viril	homem
vital	vida
vítreo, hialino	vidro

3.4 FLEXÕES DOS ADJETIVOS

Assim como os substantivos, os adjetivos se flexionam em **gênero**, **número** e **grau**.

3.4.1 FLEXÕES DE GÊNERO

Como o adjetivo é a palavra que acompanha o substantivo a fim de qualificá-lo, a flexão em que este se encontra contamina a daquele, ou seja, o adjetivo geralmente se flexiona de acordo com o substantivo que ele determina. Observe:

▹ acordos feministas ▹ bolachas gostosas ▹ filmes anti-heroicos

adjetivos flexionados nos gêneros dos substantivos

Quanto ao gênero, os adjetivos se classificam em: **uniformes** e **biformes**.

a) São uniformes os adjetivos que apresentam uma única forma tanto para o masculino quanto para o feminino.

▹ lei **federal** / regulamento **federal**

▹ questão **fácil** / assunto **fácil**

▹ gente **alegre** / povo **alegre**

▹ lei **inconstitucional** / decreto **inconstitucional**

b) São biformes os que apresentam uma forma para o feminino e outra para o masculino.

▹ mulher **bonita** / homem **bonito** ▹ exército **inglês** / questão **inglesa**

▹ bolo **gostoso** / torta **gostosa** ▹ problema **delicado** / solução **delicada**

3.4.1.1 Formação do feminino dos adjetivos biformes

Cumpre a princípio informar que boa parte dos adjetivos se flexiona com base nas regras dos substantivos. Entretanto, salientaremos algumas regras para um melhor estudo. Acompanhe:

a) Os adjetivos terminados em "-eu" (com o "e" fechado) formam o feminino com o acréscimo de "-eia":

- ateu → ateia
- cananeu → cananeia
- galileu → galileia
- europeu → europeia

Exceções:
- sandeu → sandia
- judeu → judia

b) Os adjetivos terminados em "-ês, -ol, -or, -u" formam o feminino pelo simples acréscimo de "-a":

- nu → nua
- cru → crua
- inglês → inglesa
- encantador → encantadora
- jogador → jogadora
- camponês → camponesa
- espanhol → espanhola

c) Os adjetivos terminados em "-ão" formam o feminino ora com o acréscimo de "-ã", ora com o acréscimo de "-ona":

- vão → vã
- ladrão → ladrona ou ladra
- chorão → chorona
- comilão → comilona

d) São invariáveis os adjetivos terminados em:

- -l (exceto "-ol") → cruel, fiel, útil, amável etc.
- -ar, -er → regular, exemplar, mau-caráter, esmoler etc.
- -z → veloz, infeliz, atroz, capaz etc. (Exceção: andaluz → andaluza)
- -m → jovem, ruim, comum, virgem etc. (Exceção: bom → boa)
- -e → forte, inteligente, elegante, leve etc.
- -s (exceto "ês") → simples etc.

⇨ Observações importantes sobre as flexões de gênero:

a) Alguns adjetivos biformes, quando postos no gênero feminino, passam da vogal (ô) fechada para a vogal (ó) aberta. Observe:

ô – fechada (masculino)	ó – aberta (feminino)
perigoso	perigosa
furioso	furiosa

ô – fechada (masculino)	ó – aberta (feminino)
religioso	religiosa
bondoso	bondosa
mimoso	mimosa

b) Outros adjetivos, entretanto, mantêm a mesma vogal (ô) fechada do masculino no feminino.

ô – fechada (masculino)	ô – fechada (feminino)
fosco	fosca
oco	oca
gordo	gorda
moço	moça
solto	solta

c) O adjetivo "só", significando "sozinho", é invariável quanto ao gênero.

› *Eles ficaram sós.* › *Elas ficaram sós.*

3.4.2 FLEXÕES DE NÚMERO

a) Como já dissemos, o adjetivo acompanha o substantivo e com este concorda. Portanto, o adjetivo se flexionará em número de acordo com as regras que se utilizam para a flexão de número dos substantivos.

› vestido azul → vestidos azuis › prato espanhol → pratos espanhóis

› questão comum → questões comuns › pensamento vão → pensamentos vãos

b) Nos adjetivos compostos, só o último elemento se flexiona.

› intervenção médico-cirúrgica → intervenções médico-**cirúrgicas**

› acordo luso-latino-americano → acordos luso-latino-**americanos**

› problema sociopolítico → problemas socio**políticos**

› tratado franco-brasileiro → tratados franco-**brasileiros**

› cabelo castanho-escuro → cabelos castanho-**escuros**

c) São invariáveis os adjetivos compostos formados de "cor + de + substantivo". Observe:

- blusa cor-de-rosa → blusas **cor-de-rosa**
- azulejos **cor de musgo**
- suéter cor de café com leite → suéteres **cor de café com leite**

Observação:

Nos exemplos, há a omissão da preposição "de" entre o primeiro substantivo e a palavra "cor". Logo, também seria gramaticalmente correta a seguinte escrita:

- luvas **de** cor de café
- vestidos **de** cor de chocolate
- meias **de** cor de rosa

Em outras construções, omitem-se as três palavras "de cor de", fazendo com que o substantivo indicativo da cor modifique diretamente o substantivo cuja cor se quer indicar. Ainda neste caso, o substantivo indicativo da cor permanecerá invariável.

- luvas **salmão** → omissão de "de cor de"
- cetim **rosa** → omissão de "de cor de"
- fita **creme** → omissão de "de cor de"
- tecido **laranja** → omissão de "de cor de"

d) São igualmente invariáveis os compostos formados de "adjetivo + substantivo".

- calça amarelo-ouro → calças **amarelo-ouro**
- terno verde-oliva → ternos **verde-oliva**
- tecido vermelho-sangue → tecidos **vermelho-sangue**
- sofá azul-ferrete → sofás **azul-ferrete**

Observações:

a) Excetuam-se das regras acima os adjetivos "surdo-mudo" e "surda-muda", cujos plurais são, respectivamente, "surdos-mudos" e "surdas-mudas".

b) A despeito de os dicionaristas registrarem – respaldados, diga-se de passagem, pelo Vocabulário Ortográfico da língua portuguesa – os plurais "azuis-marinhos" e "azuis-celestes", prefere-se utilizar, no português corrente, estes adjetivos como invariáveis: *calças azul-marinho, blusas azul-celeste.*

c) Convém lembrar que, quando o adjetivo é empregado em função adverbial (derivação imprópria) – geralmente equivalendo a um advérbio terminado em "-mente" –, permanecerá inflexível, isto é, deverá ser empregado no masculino e na terceira pessoa do singular. Observe abaixo (os termos em negrito são todos "adjetivos adverbializados"):

- Vamos falar **sério**.
- Ouvimos músicas **puro** clássicas.
- A seleção venceu **fácil** o jogo.
- Todos aqui amam **diferente**.
- Elas responderam **seco**.
- Todas falam **fino**.
- A justiça **rápido** se corrompe.
- Elas torciam **forte**.
- As portas **raro** se abriam.
- Eles suavam **frio**.
- Jogamos **fraco** as bolas.
- As alunas juraram **falso**.

Dica importante: É preciso ter-se em mente que a questão de a palavra apresentar esta ou aquela morfologia depende da função (morfológica) exercida na oração. Portanto, é fundamental lembrar que o adjetivo se refere a um substantivo, enquanto o advérbio é um modificador de verbos, adjetivos e advérbios. Portanto, fique atento!

3.4.3 FLEXÕES DE GRAU

As flexões de grau apresentam a intensidade das qualidades atribuídas aos seres. Não se deve, pois, confundir com o grau dos substantivos, já que este tem por função indicar o tamanho dos seres.

Existem dois graus para os adjetivos: o comparativo e o superlativo.

3.4.3.1 O grau comparativo

A principal característica do grau comparativo é a existência de dois seres postos numa relação de confronto. Nesta relação, um dos seres se mostrará "inferior", "superior" ou "igual" ao outro no que se refere à(s) sua(s) qualidade(s). Daí o grau comparativo poder ser:

1. De inferioridade (menos... que ou do que...)

- Os argumentos orais apresentados eram **menos** consistentes **do que** a defesa escrita que fizera no início do processo.
- O presidente do clube era **menos** inteligente **que** seus associados.

2. **De igualdade (tão... quanto, quão ou como...)**

- Todos os cavalos eram **tão** saudáveis **quanto** as éguas que tínhamos comprado no mês passado.
- Percebemos que as ideias eram **tão** irresponsáveis **quão** seus donos.
- As poltronas do novo avião eram **tão** confortáveis **como** as do ônibus que nos trouxera até Recife.

3. **De superioridade (mais... que ou do que...)**

- O castelo era **mais** alto **que** a casa daquele empresário.
- Ele era **mais** inteligente **do que** esperto.

➯ **Observações sobre o grau comparativo:**

a) **O grau comparativo se faz, como se percebeu, de forma analítica. Alguns adjetivos, entretanto, oriundos do latim, apresentam forma sintética para o comparativo. São eles:**

Adjetivo	Forma comparativa sintética
bom	melhor
mau	pior
grande	maior
pequeno	menor
alto	superior
baixo	inferior

➯ **Observação:**

Quando se comparam, no entanto, características de um mesmo ser, usam-se as formas analíticas destes mesmos adjetivos. Veja:

- A cara era **mais** grande **do que** arejada.
- Ele era **mais** bom **do que** atencioso.

b) **Muitas vezes o grau comparativo se manifesta nos substantivos adjetivados. Observe:**

- Ele foi **mais** pai **do que** professor.
- João era **mais** vereador **do que** advogado.

c) Nas estruturas comparativas, a conjunção comparativa liga partes da oração de mesma função. Entretanto, em muitos casos, a bem da clareza, o segundo elemento da comparação deve, a despeito de funcionar com objeto direto, vir encabeçado por uma preposição – geralmente a preposição "a" – para evitar ambiguidades.

- "A ela, à presumida mulher, aborreço-a quase tanto como **ao marido.**" (Almeida Garrett)
- "Os pés dos gentios hão de logo pulverizá-la como **aos meus pés**". (Camilo)
- "Acusaram-no de haver beneficiado mais a sua família que **ao povo romano.**" (Camilo)

d) Quando a conjunção comparativa "como" se refere a um termo que está precedido por uma preposição, deve obrigatoriamente vir acompanhada da mesma preposição.

- "Suspensos os pobres Frades com o embargo, pareceu que achariam amparo **no** Bispo, **como** em quem fora o primeiro autor de sua vinda". (Fr. L. de Souza)
- "E por esta causa tratamos **dele como de** filho de Benfica". (Fr. L. de Souza)
- "Acostumei-me a olhar **para** a morte **como para** o tempo de meus padecimentos." (Filinto Elísio)

e) Nas estruturas comparativas, o verbo da oração comparativa geralmente é elipsado em virtude de ser o mesmo verbo da oração principal (subordinante).

- A filha tem sido tão esperta quanto $\underbrace{\underline{\text{a mãe}}}_{\textit{sujeito da oração comparativa}}$. (Leia-se → "... quanto a mãe tem sido esperta")
- Apresentaram-se tão bem quanto $\overset{\textit{sujeito da oração comparativa}}{\underline{\text{os alunos da 4.ª série}}}$. (Leia-se → "... quanto os alunos da 4.ª série se apresentaram")

➯ **Observação:**

Nestes casos, temos orações comparativas com verbos elípticos ou verbos latentes.

f) Lembre-se de que a preposição "DE", que introduz as comparações de superioridade e de inferioridade, pode ser elipsada, ocultada. Portanto, podemos dizer corretamente:

- Ela é mais sábia do que o João. /OU/ ▹ Ela é mais sábia que João.
- "Os homens que se chamavam meus amantes valiam menos para mim do que um animal." (José de Alencar)
- "Mas nada nos dista mais da mente do que a intransigência intelectual e o dogmatismo político." (Rui Barbosa)
- "Os ministros ficaram cientes da existência de uma influência mais poderosa que a do chefe aparente do Estado." (Rui Barbosa)
- "A imperturbável seriedade de Estela foi um aguilhão mais, não menos cruel que a gentileza de suas formas." (Machado de Assis)

3.4.3.2 O grau superlativo

Aqui, os adjetivos expressam o grau mais elevado da característica atribuída ao substantivo. Divide-se em:

1. **Superlativo absoluto** → aqui não se estabelece qualquer comparação com outro ser e o adjetivo intensifica ao máximo a característica atribuída ao substantivo. Pode ser efetivado de duas maneiras:

a) **De forma analítica (superlativo absoluto analítico)** → é obtido com o emprego de um advérbio de intensidade anteposto ao adjetivo. Geralmente se empregam os advérbios "muito, mui, bastante, muitíssimo, excessivamente, exageradamente".

- A questão era demasiadamente difícil.
- Ele era muito respeitado pelos amigos.
- Todos ficaram bastante perplexos.
- Eram músicas assaz antigas.

b) **De forma sintética (superlativo absoluto sintético)** → é obtido com o emprego dos sufixos "-íssimo", "-imo" ou "-érrimo" ao adjetivo.

- Ele sempre demonstrou atitudes benevolentíssimas.
- Era um objeto sacratíssimo.
- O menino era paupérrimo.
- Sempre foi amicíssimo do padre da cidade.

Considerações importantes sobre a formação do superlativo absoluto sintético:

a) Os adjetivos terminados em vogal átona perdem essa vogal ao receber o sufixo do superlativo:

- alto → altíssimo
- agudo → agudíssimo
- belo → belíssimo
- justo → justíssimo
- macio → maciíssimo
- quente → quentíssimo

➾ **Observação:**

Alguns adjetivos sofrem alterações gráficas quando recebem o sufixo do superlativo. Veja:

- antigo → antiquíssimo
- largo → larguíssimo
- fraco → fraquíssimo
- rouco → rouquíssimo
- pouco → pouquíssimo
- rico → riquíssimo

b) Os adjetivos terminados em "-vel" fazem o superlativo com o acréscimo de "-bilíssimo":

- amável → amabilíssimo
- notável → notabilíssimo
- visível → visibilíssimo
- louvável → louvabilíssimo
- móvel → mobilíssimo
- horrível → horribilíssimo

c) Os adjetivos terminados em "-z" fazem o superlativo sintético com o acréscimo de "-císsimo", ou melhor, trocam o "z" por "c" e recebem o sufixo "íssimo":

- audaz → audacíssimo
- feliz → felicíssimo
- veloz → velocíssimo
- eficaz → eficacíssimo
- falaz → falacíssimo
- contumaz → contumacíssimo

d) A maioria dos adjetivos terminados em "-il" forma o superlativo com o acréscimo de "-imo":

- dócil → docílimo
- difícil → dificílimo
- frágil → fragílimo
- fácil → facílimo
- grácil → gracílimo
- ágil → agílimo
- hábil → habílimo
- senil → senílimo

e) Muitas vezes a formação do superlativo sintético atende a questões etimológicas. Assim, os adjetivos que no latim terminavam em "-er" recebem o sufixo "-imo":

- magro (latim, *macer*) → macérrimo

- pobre (latim, *pauper*) → paupérrimo
- áspero (latim, *asper*) → aspérrimo
- negro (latim, *niger*) → nigérrimo

f) Como já dissemos, muitos adjetivos formam o superlativo a partir do superlativo latino. Por isso, há uma série de adjetivos que apresentam uma forma mais erudita e uma forma mais popular, mais usual nos dias atuais. Observe:

Adjetivo	Forma superlativa erudita	Forma superlativa popular
ágil	agílimo	agilíssimo
doce	dulcíssimo	docíssimo
humilde	humílimo	humildíssimo
magro	macérrimo	magríssimo
pobre	paupérrimo	pobríssimo
simples	simplicíssimo	simplíssimo
soberbo	superbíssimo	soberbíssimo

g) No linguajar coloquial, é comum o uso do sufixo "-ésimo", típico da formação de numerais ordinais, para a formação do superlativo. Esta prática, no entanto, não é agasalhada pelo padrão culto da língua. Portanto, formas como "importantésimo, finésima, gostosésima", bastante comuns no falar coloquial, devem ser substituídas pelas suas respectivas formas cultas para o superlativo: "importantíssimo, finíssimo, gostosíssimo".

h) Muitas vezes o grau superlativo sintético é obtido com o emprego de alguns prefixos que intensificam o adjetivo. Logo, formações como "superinteligente", "hiperdesenvolvido", "ultrafino" representam também o superlativo de tais palavras.

Segue abaixo uma lista sucinta dos principais e mais usuais superlativos portugueses:

Adjetivo	Superlativo absoluto sintético
acre	acérrimo
agudo	acutíssimo
amargo	amaríssimo

Adjetivo	Superlativo absoluto sintético
amigo	amicíssimo
antigo	antiquíssimo
áspero	aspérrimo
bélico	belicíssimo
benéfico	beneficentíssimo
benévolo	benevolentíssimo
célebre	celebérrimo
cristão	cristianíssimo
cruel	crudelíssimo
doce	dulcíssimo
fiel	fidelíssimo
frio	frigidíssimo
geral	generalíssimo
humilde	humílimo
inimigo	inimicíssimo
magnífico	magnificentíssimo
magro	macérrimo ou magríssimo
maléfico	maleficentíssimo
malévolo	malevolentíssimo
mísero	misérrimo
negro	nigérrimo
nobre	nobilíssimo
pessoal	personalíssimo
pobre	paupérrimo ou pobríssimo
provável	probabilíssimo
público	publicíssimo
pudico	pudicíssimo
sábio	sapientíssimo
sagrado	sacratíssimo
salubre	salubérrimo
são	saníssimo
sério	seriíssimo
simpático	simpaticíssimo
simples	simplicíssimo
soberbo	superbíssimo

2. **Superlativo relativo** → aqui o adjetivo atribuído ao substantivo é intensificado para mais ou para menos e posto numa relação comparativa com outro ser. Pode ser:

a) **Superlativo relativo de superioridade** → é obtido com o emprego dos elementos "**o mais... de...** (ou **dentre...**)".

- "Você era **a mais** bonita **das** cabrochas dessa ala." (Chico Buarque)
- Ele sempre foi **o mais** inteligente **dentre** todos os alunos de sua escola.
- Castilho foi **o mais** perfeito **dos** escritores portugueses do século XIX.

b) **Superlativo relativo de inferioridade** → é obtido com o emprego dos elementos "**o menos... de...** (ou **dentre...**)".

- Os rapazes observados pelo detetive eram **os menos** informados **de** todos *os que ele já investigou.*
- Aquela menina deveria ser **a menos** sábia **dentre** seus coleguinhas da sala por causa do problema neurológico.
- Consideram-na **a menos** linda **das** candidatas ao concurso de beleza.

3.5 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (MM) Assinale a alternativa que contém uma correlação **incorreta** entre o adjetivo e a locução correspondente:

a) água **de chuva** – pluvial
b) pele **de marfim** – ebúrnea
c) representante **dos alunos** – docente
d) agilidade **de gato** – felina
e) copo **de prata** – argênteo

2. (ALERJ/FESP) A frase que contém um adjetivo é:

a) A necessidade fez isto do homem.
b) Todos lutam para ter a liberdade.
c) A televisão nos mostra o mundo.
d) Ele usa um topete escandaloso.
e) Gostaria de ficar com você.

3. (TRT-RJ) A forma do superlativo está incorreta na frase da seguinte alternativa:

a) Comíamos tão pouco que ficamos **magríssimos.**

b) Todos o consideravam **sapientíssimo.**
c) Era um leitor compulsivo, **voracíssimo.**
d) Depois da publicação do romance ficou **celebérrimo.**
e) Após o golpe, tornou-se um ditador **cruelíssimo.**

4. (TRT-PR) "O uniforme verde-oliva era mais bonito do que o verde-claro."
Passando a oração para o plural, temos:

a) Os uniformes verdes-olivas eram mais bonitos do que os verdes-claros.
b) Os uniformes verdes-oliva eram mais bonitos do que os verdes-claros.
c) Os uniformes verde-olivas eram mais bonitos do que os verde-claros.
d) Os uniformes verde-oliva eram mais bonitos do que os verde-claros.
e) Os uniformes verde-oliva eram mais bonitos do que os verde-claro.

5. (TRT-PR) "Em algumas regiões o vocabulário é mínimo..."
A forma **mínimo** *corresponde ao:*

a) superlativo absoluto sintético
b) superlativo relativo de superioridade
c) superlativo relativo de inferioridade
d) superlativo absoluto analítico
e) comparativo de inferioridade

6. (TJ-SP) Em qual dos itens há um superlativo relativo?

a) Foi um gesto de péssimas consequências.
b) Aquele professor é ótimo.
c) O dia amanheceu extremamente frio.
d) Ele fez a descoberta mais notável do século!
e) Ele foi muito infeliz naquele lance!

7. (TRF-RJ) Os acordos _____ dispensam interpretações de natureza _____.

a) lusos-brasileiros – filosófico-científica
b) lusos-brasileiro – filosófica-científicas
c) luso-brasileiros – filosófico-científica
d) lusos brasileiros – filosófica-científica
e) luso-brasileiros – filosófica-científicas

8. (CEFET-PR) Em que caso a palavra destacada não tem valor de adjetivo?

a) Um branco, **velho,** pedia esmolas.
b) Um velho, **branco,** pedia esmolas.
c) Era um dia **cinzento.**
d) O sabão usado desbotou o **verde** da camisa.
e) Os viajantes dormiam **tranquilos.**

9. (UFF-RJ) Das frases abaixo, apenas uma apresenta adjetivo no comparativo de superioridade. Assinale-a.

    a) A palmeira é a mais alta árvore deste lugar.
    b) Guardei as melhores recordações daquele dia.
    c) A Lua é menor do que a Terra.
    d) Ele é o maior aluno de sua turma.
    e) O mais alegre dentre os colegas era Ricardo.

10. (ITA-SP) O plural de **terno azul-claro**, **terno verde-mar** é, respectivamente:

    a) ternos azuis-claros, ternos verdes-mares
    b) ternos azuis-claros, ternos verde-mares
    c) ternos azul-claro, ternos verde-mar
    d) ternos azul-claros, ternos verde-mar
    e) ternos azuis-claro, ternos verde-mar

GABARITO

1 – C	2 – D	3 – E
4 – D	5 – A	6 – D
7 – C	8 – D	9 – D
10 – D		

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

CAPÍTULO 4

ARTIGO

4.1 DEFINIÇÃO

É a classe de palavra variável que, anteposta ao substantivo, determina-o ou indetermina-o.

O artigo, portanto, interfere na extensão semântica do substantivo.

Ademais, pode-se dizer que o artigo serve para destacar de uma classe um ou mais indivíduos. Observe:

- Por favor, pegue um livro para estudar. (Isto é, pegue-se qualquer livro para estudar)
- Por favor, pegue o livro para estudar. (Isto é, deve-se pegar um "determinado" livro para estudar)
- Ele gosta de fruta. (Isto é, ele gosta de qualquer tipo de fruta)
- Ele gosta da fruta. (Isto é, ele gosta daquela fruta, de uma fruta determinada)

4.2 CLASSIFICAÇÃO

Na língua portuguesa os artigos podem ser "definidos" e "indefinidos". São os seguintes os artigos em nossa língua:

	MASCULINOS		FEMININOS	
	SINGULAR	PLURAL	SINGULAR	PLURAL
ARTIGOS DEFINIDOS	**o**	**os**	**a**	**as**
ARTIGOS INDEFINIDOS	**um**	**uns**	**uma**	**umas**

Em muitos casos, os artigos aparecem ora contraídos a preposições, ora combinados com elas. Algumas dessas combinações e contrações já se arcaizaram e não são mais empregadas em nossa língua, como é o exemplo da contração "por + o" e suas variantes. Observe uma pequena tabela que demonstra esse fenômeno.

PREPOSIÇÕES	ARTIGO DEFINIDO				ARTIGO INDEFINIDO			
	o	**a**	**os**	**as**	**um**	**uma**	**uns**	**umas**
a	ao	à	aos	às	–	–	–	–
de	do	da	dos	das	dum	duma	duns	dumas
em	no	na	nos	nas	num	numa	nuns	numas
per	pelo	pela	pelos	pelas	–	–	–	–
por	polo	pola	polos	polas	–	–	–	–

4.3 EMPREGO DOS ARTIGOS DEFINIDOS

Regra principal:

Em geral, usa-se o artigo definido com os substantivos tomados em sentido determinado, isto é, que tenham qualquer caracterização clara ou implícita.

- **As** ruas daquela cidade estavam repletas de panfletos **do** candidato adversário.
- "João Romão foi, **dos** treze **aos** vinte e cinco anos, empregado de um vendeiro que enriqueceu entre **as** quatro paredes de uma suja e obscura taverna **nos** refolhos do bairro **do** Botafogo." (Aluísio Azevedo)
- "A casa apresentava **a** frente **às** colinas." (Bernardo Guimarães)
- "**O** planalto central **do** Brasil desce, **nos** litorais do Sul, em escarpas inteiriças, altas e abruptas." (Euclides da Cunha)

4.3.1 EMPREGOS PARTICULARES DO ARTIGO DEFINIDO

1. **Emprega-se o artigo definido antes de nomes próprios de países, regiões, continentes, mares, ilhas, desertos, montes, vulcões, rios, oceanos, lagos, arquipélagos.**

- o Paquistão
- os Alpes
- o Atacama (deserto)
- o Saara (deserto)
- os Andes
- o Brasil
- o Atlântico (oceano)
- o Kilauea (vulcão)
- o Himalaia (monte)
- o Mediterrâneo
- o Ártico
- as Malvinas (ilhas)
- o Pacífico (oceano)
- os Açores
- o Ganges

➾ **Observação:**

Há países que rejeitam o artigo. Outros o facultam.

- em França / na França
- em África / na África
- Visitamos Roma, na Itália.
- Estivemos em Portugal.
- Chegamos a Curitiba.

2. Emprega-se o artigo definido antes de nomes indicadores de ideias abstratas, como "virtudes e vícios, faculdades e operações da alma, das ciências e das artes".

- Ele sempre amou **a** justiça.
- Ele sempre buscou **a** arquitetura.
- **A** prosperidade é mais perigosa para a alma que **a** adversidade para o corpo.

3. Emprega-se o artigo definido antes de nomes de idiomas.

- Ele fala muito bem o inglês.
- Ainda não domino o alemão.

4. Emprega-se o artigo definido antes de nomes de designam, no singular ou no plural, espécies e gêneros.

- **O** homem é o único ser racional do planeta.
- As orquídeas valem muito no mercado externo.
- **Dos** animais, o cão é o mais doméstico.
- **Os** equinos sempre ajudaram o homem.

5. Emprega-se o artigo definido antes de nomes de pessoas quando são usados no trato familiar para indicar afetividade, quando significam membros da mesma família ou quando tais nomes vêm precedidos de qualificativos.

- **O** Marcos arrebentou na prova de Química.

- Ainda não falamos com **o** Antônio sobre o problema.
- Foi **o** soberbo Afonso que provocou a tragédia.
- **Os** Augustos formam uma fantástica família.

6. Emprega-se o artigo definido antes dos nomes dos pontos cardeais e colaterais, tanto no sentido próprio, como designando regiões.

- Viajaram em direção **ao** Oeste.
- A casa tinha a frente para **o** nascente e os fundos para **o** poente.
- Passaremos rapidamente **pelo** norte do país.
- **O** sul do Brasil sofrerá com as chuvas de inverno.

7. Emprega-se o artigo definido antes dos nomes designativos de festas religiosas e profanas.

- **o** carnaval
- **a** Quaresma
- **a** Páscoa
- **o** São João
- **o** Natal

8. Emprega-se o artigo definido após o pronome indefinido "todo" e suas flexões para reforçar o caráter de totalidade, de inteireza.

- Foram para a festa todos **os** alunos.
- Todas **as** pessoas se retiram abruptamente.

9. É facultativo o emprego do artigo definido antes de pronomes possessivos adjetivos.

- seu livro / o seu livro
- nossas considerações / as nossas considerações
- tuas escolhas / as tuas escolhas
- vosso apartamento / o vosso apartamento

➪ **Observação:**

Quando o possessivo se refere a substantivo oculto, o emprego do artigo definido se faz obrigatório.

- Se tu não gostas da / de minha comida, como queres que eu goste da tua?

10. Emprega-se o artigo definido antes de nomes de sentidos opostos (antíteses):

- ▹ Sr. João ficou entre a vida e a morte.
- ▹ Tudo que nasce na terra o sol e a chuva criam.
- ▹ A verdade e a mentira muitas vezes andam juntas.

11. Emprega-se geralmente o artigo definido antes de obras artísticas e literárias.

▹ Os Lusíadas ▹ o Fausto ▹ a Eneida ▹ a Ilíada

4.3.2 NÃO SE EMPREGA O ARTIGO DEFINIDO

1. Antes de vocativos:

- ▹ Vós, **poderoso rei**, bem sabeis a importância de vossas decisões.
- ▹ Quem o chamou aqui, **menino**?

2. Em provérbios, máximas, adágios e definições:

- ▹ **Palavra** de rei não volta atrás.
- ▹ **Galinha** de olho torto procura **poleiro** cedo.
- ▹ **Epizeuxe** ou **reduplicação** é a figura que repete seguidamente a mesma palavra.
- ▹ Sempre **afeição** e **amor** são maiores que as coisas amadas.

3. Entre o pronome relativo "cujo" e suas flexões e o substantivo posposto.

- ▹ Adquirimos dois livros **cujas capas** são de madeira.

4. Antes da palavra "casa" quando não acompanhada de determinante:

- ▹ Vim **de casa.** ▹ Chegarei **a casa** por volta das 23h.
- ▹ Passei **em casa** na parte da manhã. ▹ Voltarei **para casa** às 22h.
- ▹ Entrou **em casa** e nada falou a respeito do problema.

5. Antes dos nomes designativos dos meses do ano:

- "Quando **fevereiro** chegar, saudade já não mata a gente." (Geraldo Azevedo)
- Chegará em **setembro** uma remessa de livros didáticos.

6. Antes de substantivos empregados em sentido geral ou indeterminado:

- Ela nunca foi a **teatro.**
- Jamais pisarei em **estádio** de futebol.
- **Cerveja** sempre é bom para um dia quente de verão.
- Ele gosta de **tortas.**

7. Antes de formas de tratamento:

- Enfim cheguei ao palácio, onde **Sua Majestade** me recebeu com graças.
- Quer dizer que **Vossa Alteza** faz poemas?

8. Antes dos pronomes demonstrativos "este, esse, aquele" e suas variações:

- **Este** carro é muito veloz.
- **Aquela** camisa fica muito bem em você.

9. Antes de locuções nas quais figurem nomes de partes do corpo, de faculdades do espírito, dos sentidos, em geral precedidas das preposições "a" e "de":

- de mão beijada
- de mãos dadas
- de braços abertos
- de orelha murcha
- de perna aberta
- de ouvido
- de braço dado
- em segunda mão
- de braços cruzados
- a peito descoberto
- de memória
- de olhos fechados
- a olhos vistos
- de cabeça baixa
- de rosto alegre
- de cor

10. Nos superlativos relativos, também chamados de superlativos exclusivos:

- "A mãe falava muito em mim louvando-me extraordinariamente, como o homem mais puro do mundo." (Drummond)

E não "... como o homem **o** mais puro do mundo."

- De todos de nossa sala, o Salathiel era o aluno mais humilde.

E não "... era o aluno **o** mais humilde."

11. Em termos coordenados sinônimos ou que designem o mesmo indivíduo:

- A ira, **cólera** ou **furor**, é uma moléstia do espírito.
- O imperador da Alemanha e **rei** da Prússia...

4.4 EMPREGO DOS ARTIGOS INDEFINIDOS

Regra principal:

Em geral, usa-se o artigo indefinido antes dos nomes tomados em sentido vago e indeterminado.

- "Levou Deus um dia em espírito ao Profeta Ezequiel a Jerusalém, e o que viu o Profeta foi uma parede ou fachada em que estava um ídolo do zelo." (Pe. Antônio Vieira – Sermões)
- "O presbítero Eurico era o pastor da pobre paróquia de Carteia. Descendente de uma antiga família bárbara." (A. Herculano)
- "*Despontam o dia* com uns largos tragos de aguardente, a *teimosa*. E rompem estridulamente os sapateados vivos." (Euclides da Cunha)
- "Com a morte dele a flauta voltou a ocupar um lugar secundário como instrumento musical, a que os doutores em música, quer executantes, quer os críticos eruditos, não dão nenhuma importância." (Lima Barreto)

⇛ **Observação:**

O emprego do artigo indefinido não deve sobrecarregar a frase. Deve ser omitido sempre que a clareza ou a ênfase não o reclamarem.

4.4.1 OUTRAS ORIENTAÇÕES PARA O USO DOS ARTIGOS INDEFINIDOS

1. Não se deve empregar artigo indefinido antes do adjetivo "outro":

- Deve haver outro governo melhor do que este. (E não "Deve haver *um outro* governo...")

- Ele sempre lança mão de outros livros para as suas pesquisas. (E não "... mão de *uns outros* livros...")

2. Por questão de estilo, deve-se evitar o emprego do artigo indefinido antes de apostos explicativos:

- Carlos Drummond de Andrade, poeta brasileiro, foi representante do Modernismo. (E não "..., *um* poeta brasileiro...")
- "Recife, cidade de Pernambuco, é considerada a 'Veneza brasileira'". (E não "..., *uma* cidade de Pernambuco...")

3. Pode-se antepor o artigo indefinido a um numeral cardinal para indicar aproximação numérica:

- Faz **uns** três anos que ela não dá notícias.
- Havia **umas** dez mil pessoas no show de Roberto Carlos.

4. É importante não confundir os artigos indefinidos "um, uma" com os *numerais "um, uma". A primeira distinção se dá pela noção* de quantidade fixa e exata que estes transmitem, ao passo que aqueles transmitem uma ideia vaga, incerta, indefinida. Em segundo lugar, o artigo indefinido possui plural (uns, umas), enquanto o numeral não o tem – em tese, o plural de "um, uma" (numerais) seria "dois, duas". Observe os exemplos:

- **Um** cachorro é sempre um bom companheiro para o homem.
  artigo indefinido – equivale a "qualquer, todo"
- Neste quintal, cabe apenas **um** cachorro.
  pronome – trata-se de número, de quantidade exata
- Encontrei-me com **uns** colegas e fizemos **umas** lições de matemática.
  artigos indefinidos – apresentam flexão de plural
- Ontem lemos apenas **um** capítulo do livro de matemática. Hoje precisamos ler no mínimo **dois**.
  numeral – quantidade exata

⇨ **Observação:**

Em muitas situações, porém, a distinção não é muito fácil de ser feita. Neste caso, é preciso ficar muito atento ao contexto para se perceber qual o real sentido (indefinição ou quantidade exata) que se deseja dar ao vocábulo.

4.5 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (ESAN-SP) Em qual dos casos o artigo denota familiaridade?

a) O Amazonas é um rio imenso
b) D. Manuel, o Venturoso, era bastante esperto.
c) O Antônio comunicou-se com o João.
d) O professor João Ribeiro está doente.
e) *Os Lusíadas* são um poema épico.

2. (UFUB-MG) Em uma das frases, o artigo definido está empregado erradamente. Em qual?

a) A velha Roma está sendo modernizada.
b) A "Paraíba" é uma bela fragata.
c) Não reconheço agora a Lisboa do meu tempo.
d) O gato escaldado tem medo de água fria
e) O Havre é um porto de muito movimento.

3. (FMU-SP) Observe as frases seguintes e depois escolha a única alternativa **incorreta.**

I. Com a Ana ele vai brigar

II. Com Fred ele não vai discutir.

a) A frase I contém um artigo definido, no feminino e no singular, que semanticamente torna ***Ana*** mais próxima do emissor.
b) A frase I contém um artigo definido, no feminino e no singular, pois antecede um nome próprio de mesmas características morfológicas.
c) No confronto entre a frase I e a frase II pode-se notar a importância do uso estilístico do artigo.
d) A frase II, dispensando o artigo diante do nome próprio, marca o distanciamento entre o referente e o emissor.
e) A frase II, não contendo artigo definido diante do nome próprio, está errada.

4. (ITA-SP) Determine o caso em que o artigo tem valor de qualificativo.

a) Estes são os candidatos de que lhe falei.
b) Procure-o, ele é o médico! Ninguém o supera.
c) Certeza e exatidão, estas qualidades não as tenho
d) Os problemas que o afligem não me deixam descuidado.
e) Muita é a procura; pouca a oferta.

5. (FATEC-SP) Indique o erro quanto ao emprego do artigo.

a) Em certos momentos, as pessoas as mais corajosas se acovardavam.

b) Em certos momentos, as pessoas mais corajosas se acovardavam.
c) Em certos momentos, pessoas as mais corajosas se acovardam.
d) Em certos momentos, pessoas mais corajosas se acovardam.

6. (UM-SP) Assinale a alternativa em que há erro.

a) Li a notícia no *Estado de S. Paulo.*
b) Li a notícia em *O Estado de S. Paulo.*
c) Essa notícia, eu a vi em *A Gazeta.*
d) Vi essa notícia em *A Gazeta.*
e) É em *O Estado de S. Paulo* que li a notícia.

7. (ESAN-SP) Assinale a alternativa correta.

a) Mostraram-me cinco livros. Comprei todos cinco.
b) Mostraram-me cinco livros. Comprei todos cinco livros.
c) Mostraram-me cinco livros. Comprei todos os cinco.
d) Mostraram-me cinco livros. Comprei a todos cinco livros
e) n.d.a

8. (UM-SP) Em qual das alternativas colocaríamos o artigo definido feminino para todos os substantivos?

a) sósia - doente - lança-perfume
b) dó - telefonema - diabetes
c) clã - eclipse - pijama
d) cal - elipse - dinamite
e) champanha - criança - estudante

GABARITO

1 – C	2 – D	3 – E
4 – B	5 – A	6 – A
7 – C	8 – D	

CAPÍTULO 5

NUMERAL

5.1 DEFINIÇÃO

É a palavra variável que, acompanhando ou substituindo o substantivo, transmite uma noção de quantidade ou de ordem numérica.

- **Dois terços** do Congresso Nacional votaram contra a medida.
- João foi aprovado em **centésimo quinquagésimo lugar.**
- **Cinquenta e dois por cento** dos alunos não participarão dos jogos.
- Maria tem o **dobro** dos meus anos.
- Ele permanecerá internado no hospital durante uma **quinzena.**

➾ **Observação:**

As palavras grifadas acima são numerais e transmitem, respectivamente, as seguintes noções: fração de um todo, ordem em uma sequência, número percentual, multiplicidade e número coletivo. Todos os termos são, portanto, **numerais propriamente ditos** ou **quantitativos definidos**.

5.2 CONSIDERAÇÕES INICIAIS SOBRE OS NUMERAIS

1. **Os numerais geralmente são termos adjetivos, ou seja, acompanham o substantivo em função de adjunto adnominal. Daí serem também**

chamados de "numerais adjetivos". Quando assumem a posição do substantivo, são denominados de "numerais substantivos", à semelhança dos pronomes.

- No encontro havia **dois mestres** em Direito Constitucional.
  numeral adjetivo
- Os **dois** saíram com o professor de natação.
  numeral substantivo

2. Na leitura dos numerais cardinais, emprega-se a conjunção "e" entre as centenas e as dezenas e entre estas e a unidade.

- 324.670 = Trezentos **e** vinte **e** quatro mil seiscentos **e** setenta.
- 4.654.981 = Quatro milhões seiscentos **e** cinquenta **e** quatro mil novecentos **e** oitenta **e** um.

3. A maioria dos povos usa os numerais de origem arábica (os numerais arábicos, como são conhecidos). Em épocas mais remotas, usavam-se bastante os numerais de origem romana (os numerais romanos). Hoje estes numerais são empregados em raras situações.

5.3 CLASSIFICAÇÃO DOS NUMERAIS

De acordo com as suas funções, os numerais são classificados em:

a) cardinais
b) ordinais
c) fracionários
d) multiplicativos
e) coletivos

ALGARISMOS		**CARDINAIS**	**ORDINAIS**	**MULTIPLICATIVOS**	**FRACIONÁRIOS**	**COLETIVOS**
ROMANOS	**ARÁBICOS**					
I	1	um	primeiro			
II	2	dois	segundo	duplo ou dobro	meio, metade	par ou casal
III	3	três	terceiro	triplo ou tríplice	terço	
IV	4	quatro	quarto	quádruplo	quarto	

V	5	cinco	quinto	quíntuplo	quinto	
VI	6	seis	sexto	sêxtuplo	sexto	
VII	7	sete	sétimo	séptuplo	sétimo	
VIII	8	oito	oitavo	óctuplo	oitavo	
IX	9	nove	nono	nônuplo	nono	novena
X	10	dez	décimo	décuplo	décimo	dezena
XI	11	onze	undécimo ou décimo primeiro	undécuplo	onze avos ou undécimo	onzena
XII	12	doze	duodécimo ou décimo segundo	duodécuplo	doze avos ou duodécimo	dúzia
XIII	13	treze	décimo terceiro		treze avos	
XIV	14	catorze	décimo quarto		catorze avos	
XV	15	quinze	décimo quinto		quinze avos	quinzena
XVI	16	dezesseis	décimo sexto		dezesseis avos	
XVII	17	dezessete	décimo sétimo		dezessete avos	
XVIII	18	dezoito	décimo oitavo		dezoito avos	
XIX	19	dezenove	décimo nono		dezenove avos	
XX	20	vinte	vigésimo		vinte avos ou vigésimo	
XXX	30	trinta	trigésimo		trinta avos ou trigésimo	trintena
XL	40	quarenta	quadragésimo		quarenta avos ou quadragésimo	quarentena
L	50	cinquenta	quinquagésimo		cinquenta avos ou quinquagésimo	
LX	60	sessenta	sexagésimo		sessenta avos ou sexagésimo	
LXX	70	setenta	septuagésimo		setenta avos ou septuagésimo	
LXXX	80	oitenta	octogésimo		oitenta avos ou octogésimo	
XC	90	noventa	nonagésimo		noventa avos ou nonagésimo	

C	100	cem	centésimo	cêntuplo	cem avos ou centésimo	centena
CXLIV	144	cento e quarenta e quatro	centésimo quadragésimo quarto		cento e quarenta e quatro avos	grosa
CC	200	duzentos	ducentésimo		duzentos avos ou ducentésimo	
CCC	300	trezentos	trecentésimo		trezentos avos ou trecentésimo	
CD	400	quatrocentos	quadrigentésimo		quatrocentos avos ou quadringentésimo	
D	500	quinhentos	quingentésimo		quinhentos avos ou quingentésimo	
DC	600	seiscentos	seiscentésimo ou sexcentésimo		seiscentos avos ou sexcentésimo	
DCC	700	setecentos	septingentésimo		setecentos avos ou septingentésimo	
DCCC	800	oitocentos	octingentésimo		oitocentos avos ou octingentésimo	
CM	900	novecentos	noningentésimo ou nongentésimo		novecentos avos ou nongentésimo	
M	1.000	mil	milésimo		milésimo	milheiro ou milhar
MM	2.000	dois mil	dois milésimos		dois mil avos	
X	10.000	dez mil	dez milésimos		dez mil avos ou décimo milésimo	
C	100.000	cem mil	cem milésimos		cem mil avos ou centésimo milésimo	
M	1.000.000	um milhão	milionésimo		milionésimo	
M	1.000.000.000	um bilhão	bilionésimo		bilionésimo	

5.4 REGRAS GERAIS PARA O EMPREGO DOS NUMERAIS

1. **Empregam-se os cardinais para a designação de datas e horas, como também para designar capítulos, parágrafos, folhas ou quaisquer divisões de uma obra.**

- Recife, 23 de junho de 2008.
- Em São Paulo, são 23h38min.
- Esse pensamento encontra-se no capítulo 22, na página 49.

➩ **Observações:**

a) Pode-se dizer corretamente: a páginas 25, na página 25 ou à página 25; 14 de janeiro, a 14 de janeiro, em 14 de janeiro ou aos 14 de janeiro.

b) Como já se disse, na computação dos dias dos meses empregam-se os numerais cardinais à exceção do primeiro dia de cada mês, para o qual se emprega o ordinal: primeiro de abril, primeiro de setembro etc.

2. **Em alguns contextos, os cardinais são empregados em sentido indefinido.**

- Preciso lhe dizer **duas** palavras. (duas = algumas)
- Já lhe disse isso **mil** vezes. (mil = várias)

3. **Depois de vinte, a aditiva "e" funde-se com o "e" final daquele cardinal na pronúncia cotidiana; por isso, em alguns escritores clássicos, nota-se a omissão da aditiva.**

- "... quarta-feira, **vinte três** de agosto, mandou levantar âncora." (Barros, Dec. I, *apud* Cláudio Brandão)
- "Esteve **vinte quatro** horas sem fala." (Sousa, S. Dom., I, *apud* Cláudio Brandão)

4. **"Ambos" e "ambas" são considerados numerais duais, pois sempre se referem a um par de coisas ou de pessoas. Logo, "ambos os dois", "ambos de dois" são expressões pleonásticas e devem ser evitadas em linguagem formal.**

- "...porque um nasceu de outro, a não ser que **ambos** formem duas metades de um só." (Machado de Assis)
- "Assim dizendo, o pajé passou o cachimbo ao estrangeiro; e entraram **ambos** na cabana." (José de Alencar)

➯ **Observação:**

Quando antepostos a um substantivo, empregam-se "ambos" e "ambas" seguidos geralmente de um artigo definido e mais raramente de um pronome possessivo ou demonstrativo.

- "As monjas saem sucessivamente de **ambos os** lados e vêm ajoelhar aos pés da abadessa." (A. Herculano)
- "Dizendo, fechou por dentro **ambas as portas**, e sentou-se sobre uma arca." (Camilo Castelo Branco)

5. **Na designação de reis, papas, soberanos, séculos e partes de uma obra (capítulos, tomos etc.), empregam-se os ordinais até o dez e os cardinais daí por diante. Se o numeral anteceder o substantivo, empregam-se os ordinais.**

- Século **sexto**
- Século **vinte e um**
- Luís **catorze**
- **sexto** capítulo
- Capítulo **segundo**
- Leão **décimo**
- Pedro **primeiro**
- **décimo primeiro** papa
- João **vinte e três**
- Henrique **quarto**
- **quarto** século
- **trigésimo** tomo

6. **Na designação de artigos de leis, decretos, portarias, regulamentos etc., usam-se os ordinais até nove e os cardinais de dez em diante. Se o numeral vier anteposto, empregam-se os ordinais.**

- artigo **segundo**
- artigo **vinte e três**
- **quadragésimo** artigo
- inciso **quarto**
- inciso **catorze**
- **décimo quinto** inciso
- parágrafo **nono**
- parágrafo **doze**
- **sétimo** parágrafo

7. **"Cem", forma contraída de "cento", usa-se como adjetivo e é invariável.**

- cem páginas
- cem homens
- cem pessoas
- cem animais

8. **"Cento" se emprega hoje geralmente como adjetivo na designação dos números entre cem e duzentos, e é invariável.**

- Cento e vinte
- cento e dois
- cento e cinquenta

9. **Os numerais inteiros são invariáveis, à exceção de "um, dois, ambos, os compostos de -entos e os terminados em -ão (milhão, bilhão, trilhão etc.)".**

- Já estavam presentes na sala **vinte** pessoas.
  invariável
- O show deve ser visto por **mil** pessoas.
  invariável
- Ele comeu cerca de **trinta e quatro** docinhos.
  invariável
- Falei com **duas** pessoas hoje.
  variável

10. Os numerais coletivos (chamados também de "seriativos") têm grande semelhança com os substantivos coletivos. Diferem destes, porém, por denotarem número rigorosamente delimitado.

- quinzena = 15 dias
- quinquênio ou lustro = 5 anos
- quarteirão = grupo de 25
- semestre = 6 meses
- milênio = 1.000 anos
- novena = 9 dias
- vintena = grupo de 20
- dúzia = grupo de 12
- tríduo = 3 dias

11. Os numerais ordinais se flexionam tanto em gênero quanto em número.

- primeiro passo
- primeiros passos
- primeira leitura
- primeiras leituras

12. Ao lado das grafias "bilhão", "trilhão" e "quatrilhão", existem as menos usuais, mas igualmente corretas, "bilião", "trilião" e "quátrilião". Esses numerais não apresentam flexão de gênero – apresentam-se tão somente sob a forma masculina.

- Ninguém conseguiu acertar todas as questões dentre as 15 milhões de pessoas participantes.

Corrija-se para: "... dentre os 15 milhões de pessoas participantes."

➾ **Observações:**

Geralmente "milhão, bilhão, trilhão, quatrilhão" vêm acompanhados de um adjunto especificador no plural. Neste caso, o verbo da concordância poderá tanto concordar no singular com os numerais ou ir para o plural para concordar com a especificação.

- Um milhão de pessoas **foi** ou **foram** ao show.
- Mais de um **milhão** de dólares **foi gasto** (ou **foram gastos**) para a reconstrução do templo.

5.5 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (TELERJ) Assinale a alternativa em que o numeral tem valor hiperbólico:
   - a) Naquele estádio havia quinhentas pessoas.
   - b) Mais de cem milhões de brasileiros choraram.
   - c) "Com mil demônios" – praguejou ele, diante do acidente fatal.
   - d) Ele foi o quadragésimo colocado.
   - e) Cinco oitavos do prêmio couberam a mim.

2. (FVE-SP) Assinale o item em que o numeral ordinal, por extenso, esteja correto:
   - a) 2.866.º – dois milésimos, octogésimo, sexagésimo sexto
   - b) 6.222.º – sexto milésimo, ducentésimo, vigésimo segundo
   - c) 3.478.º – três milésimos, quadringentésimo, septuagésimo oitavo
   - d) 1.899.º – milésimo, octogésimo, nongentésimo nono
   - e) 989.º – nonagésimo, octogésimo nono

3. (ITA-SP) Assinale o que estiver correto:
   - a) Seiscentismo se refere ao século XVI.
   - b) O algarismo romano da frase anterior se lê: décimo sexto.
   - c) Duodécuplo significa duas vezes, dodécuplo, doze vezes.
   - d) Ambos os dois é forma enfática correta.
   - e) Quadragésimo, quarentena, quadragésima, quaresma só aparentemente se referem a quarenta.

4. (VUNESP) Identifique o caso em que **não** haja expressão numérica de sentido indefinido:
   - a) Ele é duodécupio colocado.
   - b) Quer que veja esse filme pela milésima vez?
   - c) "Na guerra os meus dedos dispararam mil mortes."
   - d) "A vida tem uma só entrada, a saída é por cem portas."
   - e) n. d. a.

5. (PUCCAMP-SP) Os ordinais referentes aos números **80, 300, 700** e **90** são, respectivamente:
   - a) octagésimo – trecentésimo – setingentésimo – nongentésimo

b) octogésimo – trecentésimo – setingentésimo – nonagésimo
c) octingentésimo – tricentésimo – septuagésimo – nongentésimo
d) octogésimo – tricentésimo – septuagésimo – nongentésimo
e) n. d. a.

6. (FMU-SP) **Triplo** e **tríplice** são numerais:

a) ordinal o primeiro e multiplicativo o segundo.
b) ambos ordinais.
c) ambos cardinais.
d) ambos multiplicativos.
e) multiplicativo o primeiro e ordinal o segundo.

7. (UFPR) Se a *cinco* vem a corresponder *quinto*, a **onze, quarenta, cinquenta, sessenta e setenta**, respectivamente, correspondem:

a) undécimo, quadragésimo, cinquentésimo, sexagésimo, septuagésimo
b) décimo primeiro, quaresma, quinquagésimo, sexagésimo, septuagésimo
c) undécimo, quadragésimo, quinquagésimo, sexagenário, septuagésimo
d) décimo primeiro, quadragésimo, quinquagésimo, sexagésimo, septuagésimo
e) undécimo, quadragésimo, quinquagésimo, sexagésimo, septuagésimo

8. (FMU-SP) Sabendo-se que os numerais podem ser cardinais, ordinais, multiplicativos e fracionários, podemos dar os seguintes exemplos:

a) uma (cardinal), primeiro (ordinal), Leão onze (multiplicativo) e meio (fracionário)
b) um (cardinal), milésimo (ordinal), undécuplo (multiplicativo) e meio (fracionário)
c) um (cardinal), primeiro (cardinal), Leão onze (multiplicativo) e meio (fracionário)
d) um (cardinal), primeiro (cardinal), cêntuplo (multiplicativo) e centésimo (fracionário)
e) um cardinal (cardinal), primeiro (ordinal), duplo (multiplicativo), não existindo numeral denominado fracionário

9. (Ufam) Assinale o item em que NÃO é correto ler o numeral como vem indicado entre parênteses:

a) Pode-se dizer que no século IX (nono) o português já existia como língua falada.
b) Pigmalião reside na Casa 22 (vinte e duas) do antigo Beco do Saco do Alferes, em Aparecida.
c) Abram o livro, por favor, na página 201 (duzentos e um).
d) O que procuras está no art. 10 (dez) do código que tens aí na mão.
e) O Papa Pio X (décimo), cuja morte teria sido apressada com o advento da Primeira Guerra Mundial, foi canonizado em 1954.

10. (UnB-DF) Assinale a alternativa em que *meio* funciona como advérbio.

a) Só quero meio quilo.

b) Achei-o meio triste.
c) Descobri o meio de acertar.
d) Parou no meio da rua.
e) Comprou um metro e meio.

11. (Fasp) Ele obteve o ... (123.º) lugar.

a) centésimo vigésimo terceiro
b) centésimo trigésimo terceiro
c) cento e vinte trigésimo
d) cento e vigésimo terceiro

12. (FSCS-SP) Associe o sentido ao respectivo numeral coletivo.

(1) período de seis anos	( ) dístico
(2) período de cinco anos	( ) decúria
(3) estrofe de dois versos	( ) sexênio
(4) período de cem anos	( ) centúria
(5) agrupamento de dez coisas	( ) lustro

13. (Acafe-SC) Assinale a alternativa **correta.**

a) Os substantivos *cão, tabelião, pão, alemão* e *cidadão* fazem o plural mudando -ão em -ães.
b) A torre é **altíssima.** A palavra destacada é adjetivo e está no grau superlativo absoluto analítico.
c) Vendi todos **os** livros a **uns** alunos. As palavras destacadas são pronomes definidos.
d) O **dobro** do meu dinheiro é igual à **metade** do teu. As palavras destacadas são numerais multiplicadores.
e) Levaram-**me** o caderno. A palavra destacada é pronome pessoal oblíquo.

GABARITO

1 – C	2 – B	3 – D
4 – A	5 – B	6 – D
7 – E	8 – B	9 – B
10 – B	11 – A	12 – 3, 5, 1, 4, 2
13 – E		

CAPÍTULO 6

PRONOME

Observe o exemplo abaixo:

- Quem poderia comprar todos estes meus livros que eu adquiri numa promoção em São Paulo?

Perceba que todos os elementos grifados acima ou estão no lugar do substantivo ou estão acompanhando um substantivo.

1. O "quem" exerce a função de sujeito da primeira oração; função típica e própria do substantivo.
2. Os elementos "todos", "estes" e "meus" se referem ao substantivo "livros", trazendo, respectivamente, as noções de "cada um", de "localização espacial" e de "posse".
3. O elemento "que" retoma e substitui, ao mesmo tempo, o substantivo "livros".
4. Por fim, o elemento "eu" representa o sujeito do verbo "adquirir". Exerce, portanto, função própria do substantivo.

6.1 DEFINIÇÃO

A partir do exemplo dado, podemos dizer que a classe de palavra variável que substitui ou acompanha o substantivo é denominada de **pronome**.

Como o adjetivo, o numeral e o artigo também são classes morfológicas que acompanham o substantivo, podemos afirmar que a grande distinção

entre estes e o pronome se dá pelo fato deste último situar o substantivo numa pessoa do discurso.

As pessoas do discurso são:

a) o ser que fala – **1.ª pessoa** (eu e nós)
b) o ser com quem se fala – **2.ª pessoa** (tu e vós)
c) o ser (ou coisa) de que se fala – **3.ª pessoa** (ele e eles)

Logo, é possível também se definir "pronome" como a classe morfológica que substitui e acompanha o substantivo, situando-o numa pessoa do discurso.

6.2 PRONOMES ADJETIVOS E PRONOMES SUBSTANTIVOS

De acordo com as afirmações iniciais, podemos classificar de antemão os pronomes em: **substantivos** e **adjetivos**.

→ **Pronome substantivo**, como o próprio nome já o diz, é aquele que se põe no lugar do substantivo e passa a exercer uma função típica deste.

→ **Pronome adjetivo**, por outro lado, é aquele que acompanha o substantivo, atribuindo-lhe informações acessórias.

Observe:

- Ele jamais desconfiou de nossa honestidade.
  pronome substantivo *pronome adjetivo*
- O rapaz o comprou por meu intermédio.
  pronome substantivo *pronome adjetivo*
- Esses rapazes jamais visitaram aquele vilarejo.
  pronome adjetivo *pronome adjetivo*
- Alguém chegou aqui e nos deixou isto.
  pronome substantivo *pronome substantivo*

6.3 CLASSIFICAÇÃO DOS PRONOMES

Os pronomes se classificam de acordo com suas funções em:

I. Pronomes pessoais
II. Pronomes demonstrativos
III. Pronomes indefinidos
IV. Pronomes possessivos
V. Pronomes relativos
VI. Pronomes interrogativos

6.3.1 PRONOMES PESSOAIS

São assim denominados os pronomes que indicam diretamente as pessoas gramaticais: o falante (1.ª pessoa), o ouvinte (2.ª pessoa) e o que não toma parte na conversa (3.ª pessoa). São classificados em **retos, oblíquos** e **de tratamento.**

PRONOMES PESSOAIS		
RETOS	**OBLÍQUOS**	
	Átonos	**Tônicos**
EU	ME	MIM, COMIGO
TU	TE	TI, CONTIGO
ELE	O, A, LHE, SE	SI, CONSIGO, ELE, ELA
NÓS	NOS	CONOSCO, NÓS
VÓS	VOS	CONVOSCO, VÓS
ELES	OS, AS, LHES, SE	SI, CONSIGO, ELES, ELAS

6.3.1.1 Emprego dos pronomes pessoais do caso reto (principais regras)

1. **A princípio, convém dizer que os pronomes são denominados de "retos" porque exercem função subjetiva, ou seja, funcionam como sujeito de um verbo. Por outro lado, são denominados de oblíquos os pronomes que exercem função complementar.**

▹ **Eles** jamais deixarão os juros caírem demais.
caso reto

▹ Ainda não **me** comunicaram o fato.
caso oblíquo

▹ Todos irão **conosco**, João.
caso oblíquo

▹ **Nós** encontrá-**lo**-emos no shopping à tarde.
caso reto *caso oblíquo*

2. Importante também perceber que a força de tonicidade do pronome interfere no seu emprego. Os pronomes tônicos, por exemplo, são sempre usados precedidos de uma preposição, fato que não se dá com os átonos, os quais repelem a presença de uma preposição essencial que os reja.

- Ele sempre gosta de falar de si.
  tônico
- Trouxemos dois hambúrgueres para ti, Madalena.
  tônico
- A **mim**, não me interessam as objeções do guia.
  tônico
- Deixaram o livro para eu ler durante o final de semana.
  átono

Observação:

No último exemplo, a preposição "para" que antecede o pronome "eu" rege toda a oração de finalidade. Não está regendo, portanto, o pronome, que é átono.

3. Os pronomes do caso reto "eu" e "tu" só aparecem como sujeito, salvo raras exceções. Por isso, os tais pronomes nunca ocorrerão regidos por preposição. Veja:

- Ainda ontem eu participei de uma plenária.
  pronome do caso reto, sujeito
- Parece que tu ainda não sabes o valor da vida.
  pronome do caso reto, sujeito
- Não há problemas entre eu e tu, Mário. (**construção errada**)
  os pronomes "eu" e "tu" não admitem ser regidos por preposição

Corrija-se para → Não há problemas **entre mim** e **ti**, Mário.

- Onde está o papel para mim imprimir o trabalho? (**construção errada**)

Corrija-se para → Onde está o papel para **eu imprimir** o trabalho? ("eu" é o sujeito do verbo "imprimir")

- A notícia chegou até eu. (**construção errada**)

Corrija-se para → A notícia chegou **até mim.**

- Por favor, não saiam **sem mim.** (A presença da preposição exige que seja usado um pronome tônico)
- Eles saíram sem **eu dar** o dinheiro para o cinema. (O "eu" é o sujeito do verbo "dar". A preposição "sem" rege a oração)

➭ **Observação:**

Os pronomes "eu" e "tu" podem, excepcionalmente, aparecer nas funções de "predicativo" e "vocativo", respectivamente.

- Por favor, deixe que eu seja eu.
  pronome pessoal, predicativo
- "Ó tu, meu senhor, ajuda-nos com teus favores!"
  pronome pessoal, vocativo

4. **No português falado no Brasil, o pronome "tu" foi praticamente substituído pelo pronome de tratamento "você". Importante destacar, ademais, que o "você" se refere à 2.ª pessoa do discurso, mas exige o verbo da concordância sempre na 3.ª pessoa do singular.**

- João, você vai conosco ao show?
- Você sabe o segredo dos animais?

➭ **Observação:**

Em algumas regiões do Brasil, o falar coloquial emprega o "tu" com o verbo flexionado na terceira pessoa do singular: "Tu foi...", "Tu vai...", "Tu sabe...". Tais construções são, como já se disse, típicas da linguagem coloquial e jamais devem ser empregadas em processos comunicativos que exigem o padrão culto da língua.

5. **Na linguagem oral, é bastante comum a substituição do pronome de primeira pessoa do singular "eu" pelo pronome de primeira pessoa do plural "nós". Essa troca visa dar à mensagem um tom menos arrogante, menos presunçoso. É o que se denomina de "plural de modéstia".**

Em vez de: "**Eu concedo** a medalha de honra ao mérito ao escoteiro João da Silva."

Emprega-se: "**Nós concedemos** a medalha de honra ao mérito ao escoteiro João da Silva."

6. **É bastante comum na linguagem coloquial a substituição do pronome do caso reto "nós" pela forma "a gente" (separado). Tal substituição, repita-se, é típica da linguagem coloquial.**

6.3.1.2 Emprego dos pronomes pessoais do caso oblíquo (principais regras)

1. **Os pronomes "ele, ela, nós, vós, eles e elas", por possuírem força tônica, podem também aparecer em função oblíqua. Neste caso, eles virão obrigatoriamente regidos por uma preposição. Observe a diferença:**

- Eles não irão à festa da nossa turma.
  pronome do caso reto, sujeito
- Disseram a eles que a festa não se realizará.
  pronome do caso oblíquo tônico, objeto indireto
- Nós certamente realizaremos o projeto.
  pronome do caso reto, sujeito
- Atribuíram a nós o problema com a gerência.
  pronome do caso oblíquo tônico, objeto indireto
- A mulher do prefeito, parece que viram a ela no shopping com um homem suspeito.
  pronome do caso oblíquo tônico, objeto direto preposicionado

➾ Observações:

a) É construção tipicamente coloquial o emprego dos pronomes "ele, ela, eles, elas" em função complementar desprovidos de preposição.

- Eu vi ele no shopping ontem.
  construção coloquial
- Vão levar ela para o médico agora.
  construção coloquial

b) Os pronomes "ele, ela, eles, elas", quando funcionam como complemento, podem se contrair com as preposições "de" e "em".

- Todos acreditam nele.
- A família depende dele para sobreviver.

c) Percebemos, portanto, que, quando há a presença de uma preposição essencial, deve-se – obrigatoriamente – usar os pronomes pessoais tônicos, já que os pronomes átonos são insuscetíveis de virem regidos por preposição. Observe:

- Após **mim**, veio o cortejo.
- Desde **ti** até **mim**, nunca houve mudança significativa na Universidade.
- Pedro fez tudo por **mim** e por **ti**.
- Durante a turbulência, várias malas caíram sobre **mim**.

- Todos se coligaram contra **mim**.
- Diante de **mim**, todos se calaram.

2. Os pronomes "si" e "consigo" são oblíquos tônicos reflexivos e só devem ser usados com referência ao sujeito da oração. Considera-se erro, portanto, construções em que os pronomes "si" e "consigo" não se refiram ao sujeito.

- Os rapazes sempre levam consigo um punhado de farinha.
  pronome oblíquo tônico se referindo ao sujeito "os rapazes"
- Ele sempre fala de si para os estranhos.
  pronome oblíquo tônico se referindo ao sujeito "ele"
- Paulo e Marcos, o diretor de recursos humanos quer falar consigo. (construção errada)
  O pronome deve se referir a "Paulo" e a "Marcos".

Corrija-se para → Paulo e Marcos, o diretor de recursos humanos quer falar **com vocês**. (ou "**convosco**")

3. Os pronomes "comigo, contigo, consigo, conosco, convosco" já trazem em si mesmos a preposição "com", pois são o resultado da combinação desta preposição com a formas oblíquas da primeira, da segunda e da terceira pessoa do singular e do plural.

- A minha filha sempre vai **comigo** às pescarias.
- Ao saíres, avisa-nos, pois iremos **contigo**.
- João e Maria irão **conosco**.
- Ela traz **consigo** boas experiências.

➾ **Observação:**

Os pronomes "conosco" e "convosco" devem ser substituídos pelas suas formas analíticas "com nós" e "com vós", respectivamente, quando há a presença de um reforço do pronome por meio de adjunto adnominal. Geralmente, esse reforço se dá com os vocábulos "mesmo" e "próprio". Observe:

- Eles irão conosco. **ou**
- Eles irão
  - com nós mesmos.
  - com nós próprios.
  - com nós outros.
  - com nós dois.

4. Os pronomes oblíquos átonos "me, te, se, nos, vos" são empregados como complementos tanto de verbos transitivos diretos quanto de verbos

transitivos indiretos. Podem, portanto, funcionar como objeto direto (caso acusativo em latim) ou objeto indireto (caso dativo em latim), a depender da regência verbal.

- Sempre **nos** disse o que fazer nas horas difíceis.
  objeto indireto
- Informaram-**nos** sobre o problema.
  objeto direto
- Eles **se** viram, mas não **se** cumprimentaram.
  objeto direto *objeto direto*
- Parece que vão **me** dizer a verdade.
  objeto indireto
- Eu **vos** louvo pela atitude salvadora que tivestes.
  objeto direto
- Essa notícia **te** deu ânimo para continuar?
  objeto indireto

5. **Já os oblíquos "o, a, os, as" são usados como complementos para verbos transitivos diretos e verbos transitivos diretos e indiretos em sua parte direta. Funcionam, pois, como objetos diretos. São, por isso, denominados de pronomes acusativos, já que em latim a função acusativa diz respeito ao objeto direto. Tais pronomes equivalem aos oblíquos tônicos preposicionados "a ele, a ela, a eles, a elas".**

- Os jornalistas **o** fotografaram quando descia a serra. (= fotografaram a ele)
- Todos **as** aplaudiam com entusiasmo. (= aplaudiam a elas)

➾ **Observação:**

Os pronomes "o, a, os, as", quando estão enclíticos a verbos terminados em "-r, -s, -z", assumem as formas "lo, la, los, las" e a forma verbal perde aquelas consoantes. Quando enclíticos a verbos terminados em ditongo nasal, assumem as formas "no, na, nos, nas". Veja:

- Encontraram o homem deitado. = Encontraram-**no** deitado.
- Pegou dinheiro para comprar dois livros. = Pegou dinheiro para comprá-**los**.

6. **Os pronomes oblíquos "lhe, lhes" substituem termos que exigem preposição. Quando completam verbos, funcionam como objetos indiretos de verbos transitivos indiretos e de verbos transitivos diretos e indiretos em sua parte indireta. Referem-se, portanto, ao caso dativo do latim. Estes pronomes também equivalem aos oblíquos tônicos preposicionados "a ele, a ela, a eles, a elas".**

- Todos **lhe** fizeram grandes elogios. (= fizeram grandes elogios a ela / a ele.)
- Pediram-**lhes** que se mantivessem calados. (= pediram a eles / a elas que se...).

7. **Os pronomes "me, te, lhe, nos, vos" podem fazer a vez de legítimos pronomes possessivos. Equivalem, respectivamente, a "meu / minha, teu / tua, seu / sua, dele / dela, nosso / nossa, vosso / vossa e plurais". Observe:**

- Ao ver o sumo pontífice, beijou-**lhe** uma das mãos. → Isto é: ... beijou uma de **suas** mãos.
- A velocidade do vento despenteava-**nos** os cabelos. → Isto é: ... despenteava os **nossos** cabelos.

6.3.2 PRONOMES DE TRATAMENTO

Uma divisão interessante dos pronomes pessoais é a dos pronomes de tratamento. São assim denominados porque se usam tais pronomes em referência a certas pessoas consideradas autoridades ou em certos contextos comunicativos quando a formalidade os exige.

Principais pronomes de tratamento e seus respectivos empregos:

Pronome de tratamento	Abreviatura	Emprego
você, vocês	V.	tratamento familiar, informal
senhor, senhores	Sr. Sr.^{es}	tratamento respeitoso
senhorita, senhoritas	Sr.^{ta}, Sr.^{tas}	para mulheres solteiras
senhora, senhoras	Sr.^{a}, Sras	tratamento respeitoso
Vossa Senhoria, Vossas Senhorias	V.S.^{a}, V. S.^{as}	para pessoas que exercem cargos importantes
Vossa Excelência, Vossas Excelências	V. Ex.ª, V. Ex.^{as}	para autoridades superiores (presidentes, juízes, deputados, senadores, governadores etc.)
Vossa Eminência, Vossas Eminências	V. Em.^{a}, V. Em.^{as}	para cardeais
Vossa Alteza, Vossas Altezas	V.A., VV.AA.	para príncipes, princesas e duques

Pronome de tratamento	Abreviatura	Emprego
Vossa Majestade, Vossas Majestades	V.M., VV.MM.	para reis e rainhas
Vossa Meritíssima	Por extenso	juízes
Vossa Magnificência, Vossas Magnificências	V. Mag.ª, V. Mag.^{as}	reitores
Vossa Reverendíssima, Vossas Reverendíssimas	V.Rev.^{ma}, V. Rev.^{mas}	sacerdotes religiosos, bispos, padres, pastores
Vossa Santidade	V.S.	papa

Observações sobre os pronomes de tratamento:

a) Os pronomes de tratamento são pronomes que se referem à 2.ª pessoa do discurso. Entretanto, exigem a concordância verbal na 3.ª pessoa. Ademais, devem também ficar na 3.ª pessoa todos os elementos que a tais pronomes se refiram.

- Suas Excelências ainda não **deixaram** os seus despachos.
- Vossa Senhoria **deseja** um pouco de água?
- Vossas Majestades ainda não **inspecionaram** os **seus** cavalos este mês?

b) Tais fórmulas de tratamento só são consideradas pronomes de tratamento quando vêm antecedidas de "Sua" ou "Vossa". Desprovidas de tais partículas, tornam-se, no mais das vezes, meros "substantivos femininos" ou "adjetivos".

- Todos ficaram estupefatos perante a **majestade** do templo.
  substantivo feminino
- Aquele rapaz é um **reverendíssimo** imbecil.
  adjetivo
- É uma **excelência** de pessoa.
  substantivo feminino

c) Emprega-se "Sua" quando nos referimos à pessoa. Por outro lado, empregamos "Vossa" quando nos dirigimos à pessoa.

- Quando Sua Excelência chegar, avise-lhe, por favor, sobre o problema.
- Vossa Alteza, quer que eu lhe traga o almoço agora?

6.3.3 PRONOMES DEMONSTRATIVOS

Outra categoria bastante usual na língua portuguesa é a dos pronomes demonstrativos. São denominados demonstrativos porque situam as pessoas ou coisas no tempo ou no espaço, postas em relação às pessoas do discurso. Os pronomes demonstrativos apresentam formas variáveis e invariáveis.

Pronomes demonstrativos			
	Variáveis		**Invariáveis**
	Masculinos	**Femininos**	
1.ª pessoa	este, estes	esta, estas	isto
2.ª pessoa	esse, esses	essa, essas	isso
3.ª pessoa	aquele, aqueles	aquela, aquelas	aquilo

Além dos pronomes acima, são igualmente demonstrativos os seguintes pronomes: "mesmo(s), mesma(s), próprio(s), própria(s), tal, tais, semelhante(s)".

6.3.3.1 Emprego dos pronomes demonstrativos

O emprego dos pronomes demonstrativos representa um dos pontos mais discutidos pelos estudiosos da língua, já que em muitos escritores encontram-se empregos controvertidos dos tais pronomes. Para facilitar o entendimento, dividimos o emprego dos demonstrativos em relação a três aspectos: localização espacial do referente, localização temporal do referente e localização textual do referente.

I) Quanto à localização espacial do referente temos as seguintes orientações:

a) Empregam-se "este, esta, isto e variações" quando o referente se encontra com o ser que fala.

- **Esta** camisa aqui custou-me quarenta reais.
- **Este** livro contém preciosas lições.

b) Emprega-se "esse, essa, isso e variações" quando o referente se encontra próximo, perto de quem fala.

- Quanto custou **essa** camisa que você está usando?

- Meu primo trouxe-me uma caneta **dessas** aí quando foi aos Estados Unidos.

c) Empregam-se "aquele, aquela, aquilo e variações" quando o referente se encontra distante do ser que fala.

- **Aquele** menino acolá passou em um concurso para juiz federal.
- **Daquela** ponte para este ponto aqui, são mais ou menos dois quilômetros.

II) Quanto à localização temporal do referente, temos as seguintes orientações:

a) Empregam-se "este, esta, isto e variações" quando se faz referências a um tempo presente em relação à pessoa que fala.

- Ainda este ano irei à Europa.
- Nesta tarde resolverei todo o problema com o síndico.

b) Empregam-se "esse, essa, isso e variações" quando se faz referências a um tempo passado ou futuro em relação à pessoa que fala.

- O ano passado marcou minha vida. **Nesse** ano nasceu meu filho.
- Espero que em 2100 o homem tenha encontrado a solução para muitos problemas. **Nesse** ano, esperamos não haver mais miséria, violência, abandono.

c) Empregam-se "aquele, aquela, aquilo e variações" quando se faz referências a passado distante em relação ao ser que fala.

- Em 1980, a inflação era galopante. **Naquele** ano, viviam-se os últimos anos do milagre econômico brasileiro.
- Os anos de 1939 a 1945 marcaram a humanidade. Durante **aqueles** anos, desenvolveu-se um dos maiores massacres perpetrados contra a humanidade: o extermínio dos judeus.

III) Quanto à localização textual do referente, temos as seguintes orientações:

a) Empregam-se "esse, essa, isso e variações" para retomar termos e informações já mencionados. Tais pronomes funcionarão como "elementos de coesão referencial anafórica".

- A violência assola o país de norte a sul. **Esse** problema inviabiliza muitos negócios comerciais no Brasil.
- Ao coração cabe toda a função de bombeamento sanguíneo. **Esse** órgão bate, quando regular, cerca de 80 vezes por minuto.

b) Empregam-se "este, esta, isto e variações" para antecipar termos e informações que ainda vão ser mencionados. Tais pronomes funcionarão, portanto, como "elementos de coesão referencial catafórica".

- O Brasil precisa disto: educação igualitária – de qualidade – para todos.
- Esta indagação jamais será respondida satisfatoriamente: "Quem nasceu primeiro: o ovo ou a galinha?".

c) Empregam-se "este, esta, isto e variações" para retomar, dentro de um período, o termo mais próximo, ou seja, o enunciado em segundo lugar, a fim de se evitar uma possível ambiguidade que os demonstrativos "esse, essa, isso e variações" poderiam gerar. Por outro lado, empregam-se "aquele, aquela, aquilo e variações" para retomar, dentro do período, o termo mais distante, ou seja, o enunciado em primeiro lugar.

- Brasil e Argentina travaram novos acordos comerciais. **Este** exportará carnes nobres e importará frutas tropicais **daquele**. → este = Argentina / daquele = Brasil.
- Os otimistas não julgam os pessimistas, nem **estes àqueles**, pois ambos convergem para alguma forma de idealismo. → estes = pessimistas / aqueles = otimistas.

d) Empregam-se – indistintamente – os pronomes "esse, essa, isso, este, esta, isto e variações" para retomar termos e ideias anteriormente expressos, mormente quando o elemento retomado se encontra imediatamente atrás de tais pronomes.

- "– Se eu fosse rica, você fugia, metia-se no paquete e ia para a Europa. Dito **isto**, espreitou-me os olhos..." (Assis, Machado. *Dom Casmurro*)

Outras observações acerca dos pronomes demonstrativos:

a) A contração "nisto" (em vez de "nisso") é frequentemente empregada em função circunstancial com o sentido de "nesse momento", "então", "em tal momento".

- A bomba estourou precisamente às 17h. **Nisto**, soaram todos os alarmes da cidade, e as forças armadas entraram em alerta.

b) Os demonstrativos "aquele/aquilo, aquela, aqueles e aquelas" podem aparecer em forma reduzida "o, a, os e as", respectivamente. Estes são usados em função substantiva e são seguidos de preposição ou de uma oração adjetiva encabeçada pelo relativo "que". Eles também aparecem em construções com o verbo "ser".

- Todos sabiam **o** $\underbrace{\text{que ele pensava sobre o problema}}_{\textit{oração adjetiva}}$. (... o = aquilo o qual ele pensava...).
- Os $\underbrace{\text{que lutam}}_{\textit{oração adjetiva}}$ são os $\underbrace{\text{que vencem}}_{\textit{oração adjetiva}}$. (os = aqueles)
- Se ele é pobre, eu também $\underbrace{\textbf{o}}_{\textit{aquilo}}$ sou.
- A classe estava cheia como nunca. $\overset{\textit{aqueles}}{\underline{\textbf{Os}}}$ da direita espremiam-se junto à parede enquanto $\underbrace{\textbf{os}}_{\textit{aqueles}}$ da esquerda sentavam uns no colo dos outros.

➾ Observação:

O artigo definido, ausente o substantivo, converte-se em pronome demonstrativo, com o sentido de "aquele, aquela, aquilo, isso". Isto ocorre quando o "**o**" vem seguido de preposição, do pronome relativo "que" ou construído com o verbo "ser".

- A minha casa é menos confortável que $\underbrace{\textbf{a}}_{\textit{pronome demonstrativo}}$ do vizinho.
- Todos entenderam bem $\underbrace{\textbf{o}}_{\textit{pronome demonstrativo}}$ que tu disseste.
- Se ele é rico, eu também $\underbrace{\textbf{o}}_{\textit{pronome demonstrativo}}$ sou.

c) Os pronomes "mesmo" e "próprio" serão demonstrativos quando possuírem sentido de "exato", "idêntico", "em pessoa".

- De fato, foi João **mesmo** quem resolveu o problema.
- Éramos nós **mesmos** os responsáveis pela abertura e fechamento da empresa.
- Amanhã tu deverás ir à **mesma** rua em que estiveste na semana passada para falar com o comendador.

d) "Tal" será pronome demonstrativo quando equivaler aos demonstrativos "este, esse, aquele e flexões".

- Temos verdadeiro repúdio a **tal** sujeito.
- **Tal** foi o filme a que assistimos na semana passada.

e) A tradição e o uso consagraram a expressão "isto é" (e nunca "isso é") equivalente a "quer dizer", "significa", quando se vai esclarecer um pensamento, uma ideia.

- A vida é uma incógnita, **isto é**, nunca se sabe a que lugar ela chegará.

f) Como conjunção conclusiva, usa-se, hoje, mais frequentemente "por isso" em vez de "por isto", a despeito de esta última forma não estar errada.

- Sempre estudou com afinco, **por isso** (ou "**por isto**") obteve um bom desconto na mensalidade da escola.

g) "Semelhante" será pronome demonstrativo quando equivaler a "tal".

- Tenha mais cuidado para não cair em **semelhante** erro.

h) É condenável o emprego dos demonstrativos "mesmo(s), mesma(s)" em função substantiva. Tal fato se dá, porque não são próprias de tais pronomes funções como "sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal etc.". Observe abaixo:

- O bandido se evadiu, mas a polícia prendeu **o mesmo** poucas horas depois. (Prefira: "... mas a polícia o prendeu...")
- Encontramos o Ricardo em sua casa de praia. **O mesmo** nos disse que estava descansando um pouco. (Prefira: "... Ele nos disse que...")
- Na casa da Lurdinha há um bravo Pitbull. Joana disse que tinha muito medo **do mesmo.** (Prefira: "... tinha muito medo dele ou do cão.")

6.3.4 PRONOMES INDEFINIDOS

São denominados indefinidos os pronomes que se referem à 3.ª pessoa do discurso quando esta tem sentido vago e indeterminado.

Apresentam-se na língua portuguesa em um bom número – alguns são invariáveis e outros tantos variáveis.

INDEFINIDOS INVARIÁVEIS	INDEFINIDOS VARIÁVEIS
– alguém, ninguém;	– algum, alguns, alguma, algumas;
– tudo, nada;	– nenhum, nenhuns, nenhuma, nenhumas;
– algo;	– todo, toda, todos, todas;
– cada;	– muito, muitos, muita, muitas;
– outrem;	– pouco, pouca, poucos, poucas;
– mais, menos, demais.	– certo, certa, certos, certas;
	– vário, vários, vária, várias;
	– tanto, tantos, tanta, tantas;
	– quanto, quantos, quanta, quantas;
	– um, uns, uma, umas;
	– bastante, bastantes;
	– qualquer, quaisquer.

Além dos indefinidos acima, existem as chamadas "locuções pronominais indefinidas", que nada mais são do que a junção de mais de um vocábulo com função de um pronome indefinido. São exemplos dessas locuções: **cada um, cada qual, qualquer outro, quem quer que seja, fosse quem fosse, outro qualquer, todo aquele que, tudo o mais, seja qual for, um ou outro, todo o mundo** etc.

6.3.4.1 Considerações gerais sobre os pronomes indefinidos

1. **Os pronomes e as locuções indefinidos exigem, quando estão no singular, que o verbo da concordância fique também no singular.**

- Cada um dos trabalhadores **conseguiu** aumento este mês.
- Algum dos participantes **se entreteve** bastante com o novo invento.

2. **Os pronomes indefinidos podem acompanhar o substantivo – pronomes indefinidos adjetivos – ou substituir o próprio substantivo – pronomes indefinidos substantivos.**

▹ **Ninguém** chegou até agora.
indefinido substantivo

▹ **Alguém** nos dirá o que fazer.
indefinido substantivo

▹ **Muitos** alunos saíram da sala.
indefinido adjetivo

▹ **Muito** trabalho, **pouco** dinheiro.
indefinidos adjetivos

6.3.4.2 Emprego dos pronomes indefinidos

QUALQUER

"**QUALQUER**" só será pronome indefinido quando vier anteposto ao substantivo – neste caso, equivalerá a "algum(ns) / alguma(s)". Refere-se, portanto, a um indivíduo ou indivíduos tomados indistintamente dentre outros da mesma espécie. Quando posposto, exercerá a função morfológica de adjetivo e apresentará geralmente sentido depreciativo.

▹ **Qualquer** pessoa consegue fazer isso.
pronome indefinido

▹ **Quaisquer** dúvidas, dirijam-se à direção do evento.
pronome indefinido

▹ Era uma pessoa **qualquer**.
adjetivo

▹ Fez um curso universitário **qualquer**.
adjetivo

▹ "Desculpe-me esta franqueza; mas eu prefiro ser franco com você a sê-lo com **qualquer** outra pessoa." (Machado de Assis)

▹ "Antes de se entregar às fadigas da guerra,
Dizem que um dia viu **qualquer** cousa do céu:
E achou tudo vazio..." (Olavo Bilac)

TODO

"**TODO**" é um indefinido, chamado por alguns gramáticos de "coletivo universal". Possui as flexões "toda, todos, todas". É empregado de acordo com as seguintes orientações:

a) É hodierna e frequentemente empregado no singular, sem a presença de artigo definido, com a significação de "qualquer".

▹ **Todo** homem pode cometer um crime impensadamente.

▹ "...e ficamos tão felizes que **todo** receio de perigo desapareceu." (Machado de Assis)

▹ "Era homem de uma honestidade a **toda** prova e de uma primitiva simplicidade no seu modo de viver." (Aluísio Azevedo)

➭ **Observação:**

Há gramáticos – notadamente os mais antigos – que não aceitam essa acepção do pronome indefinido "todo", pois só admitem o emprego do *pronome indefinido "todo" com o sentido de "totalidade".*

b) Embora haja posicionamentos contrários, pode também ser empregado no singular e anteposto a substantivo precedido ou não de artigo, significando "totalidade ou cada".

- "**Todo** homem é mortal, mas o homem **todo** não é mortal". (Carlos Drummond de Andrade)
- "Em **todo** o distrito de Oliveira, note bem, em **todo** ele! não há ninguém, absolutamente ninguém, que de longe, muito de longe, se compare ao Cavaleiro em inteligência, caráter, maneiras, saber, e finura política!" (Eça de Queiroz)
- "Por **toda** a parte andava acesa a guerra." (Camões)
- "No soveral havia **todo** o gênero de caça, e Argimiro o Negro (assim se chamava o rico-homem) gostava." (A. Herculano)

➭ **Observação:**

Há gramáticos que, nesta acepção, só defendem o sentido do pronome "todo" como "cada". Não encontramos, entretanto, apoio nos maiores conhecedores de nossa língua. Para eles, dentre os quais podemos destacar os mestres Manuel Said Ali e Mário Barreto, o pronome "todo", anteposto a um substantivo, pode ou não aparecer com o artigo.

c) Emprega-se no singular e posposto a um substantivo para indicar a totalidade das partes.

- Assim que chegamos, ele nos mostrou a casa **toda**. (= a casa em sua totalidade)
- Algumas alergias afetam o corpo **todo**. (= o corpo em sua totalidade)

d) Emprega-se no plural, anteposto ou posposto, para indicar a totalidade numérica.

- Usou **todas** as forças para impedir o avanço da doença.
- "Dita a palavra, apertou-me as mãos com as forças **todas** de um vasto agradecimento, despediu-se e saiu." (Machado de Assis)

e) Emprega-se, acompanhando adjetivo atributivo, com o significado de "em todas as suas partes", "completamente", "muito". Nesta acepção, a palavra "todo" exerce função de advérbio e admite flexão.

- "...na sua dificílima Torre, negra entre os limoeiros e o azul, **toda** envolta no piar e esvoaçar das andorinhas." (Eça de Queiroz)
- "**Toda** assustada, quis saber o que é que me doía." (Machado de Assis)
- "O Bento, velho de face rapada e morena, com um lindo cabelo branco **todo** encarapinhado, muito limpo, muito fresco na sua jaqueta de ganga,..." (Eça de Queiroz)

Portanto, fique atento, pois podemos dizer corretamente (saliente-se que a forma flexionada, a qual concorda por atração com o substantivo, é mais comum na linguagem atual):

- A porta está **todo** / **toda** aberta.
- Vimos uma casa **todo** / **toda** branca.
- Ela está **todo** / **toda** cheia de alegria.
- A torta está **todo** / **toda** estragada.

Vejamos outros exemplos em notáveis escritores:

- "D. Felicidade acudiu, **toda** bondosa: — Deixe falar, Sr. Ledesma." (Eça de Queiroz)
- "E um dia assim! de um sol assim! E assim a esfera
  Toda azul, no esplendor do fim da primavera!" (Olavo Bilac)
- "A capela, completamente cheia, palpitava de curiosidade. Paris elegante estava **todo** ali." (Aluízio Azevedo)

TUDO

3. O pronome "TUDO" representa a forma neutra do pronome "TODO". Pode aparecer tanto como pronome substantivo quanto como pronome adjetivo. Como pronome adjetivo aparece em combinações do tipo "tudo isso, tudo aquilo, tudo o que, tudo o mais etc.". Geralmente se refere a coisas.

- "Sofrerei **tudo** por amor de ti." (Camilo Castelo Branco)
- "Vi **tudo** isto, e fiquei satisfeito." (Camilo Castelo Branco)
- "Gostava que em sua casa houvesse um pouco de **tudo**." (Aluísio Azevedo)

ALGUM

4. O pronome indefinido "ALGUM" emprega-se de acordo com as seguintes orientações:

a) Anteposto ao substantivo assume frequentemente valor positivo de "qualquer, um".

- "Deste modo, viverei o que vivi, e assentarei a mão para **alguma** obra de maior tomo." (Machado de Assis)
- "Folgamos de ver que os *ingleses* já servem para **alguma** coisa entre tão eminentes estadistas." (Rui Barbosa)

b) Anteposto ao substantivo, assume também o valor de "certo, um pouco de".

- Por **algum** tempo esperou a projetada expedição de D. Pedro da Cunha, que pretendeu transportar ao Brasil a coroa portuguesa." (José de Alencar)
- "Daqui a **algum** tempo, quando os entrelinhistas tiverem de celebrar as glórias do ministério 10 de março." (Rui Barbosa)

c) Com valor negativo, equivale a "nenhum", quando posposto ao substantivo.

- "Mas não o leva à feira anual, nem o aplica em trabalho **algum**; deixa-o morrer de velho. Não lhe pertence." (Euclides da Cunha)
- "Esse biltre sem senso moral **algum**." (Lima Barreto)

CERTO

5. Este vocábulo só será pronome indefinido quando vier anteposto a um substantivo. Posposto ao substantivo, assume valor adjetivo, equivalendo a "verdadeiro, infalível, exato, fiel, que não falta, constante".

- "As outras escravas a contemplavam todas com certo (*pronome indefinido*) interesse e comiseração." (Bernardo Guimarães)
- "A questão não está em escrever uns versos certos (*adjetivo*) que digam coisas bonitas." (Lima Barreto)

pronome indefinido

▸ "Se não nos enganamos, mui mal-avisados andam **certos** liberais, acreditando que as reformas sinceras podem captar a boa vontade imperial." (Rui Barbosa)

▸ "Seguia devagar, mas com um destino certo." (Raul Pompéia)

adjetivo

➾ **Observação:**

O vocábulo "**CERTO**" apresenta também função circunstancial (adverbial). Neste caso, equivalerá a "certamente".

▸ "Ora, direis, ouvir estrelas. **Certo** perdeste o senso." (Olavo Bilac)

OUTRO

6. É um pronome, cuja indefinição se encontra fora do âmbito do falante e do ouvinte. Tal indefinição o faz equivaler a "alguém, algo". Geralmente aparece em expressões indefinidas "um ao outro, um do outro, um para o outro".

▸ "Um ou **outro** branco, levado pela necessidade de sair, atravessava a rua." (Aluísio Azevedo)

▸ "Ele, Alencar, na primeira noite em que a vira, exclamara, mostrando-a a ela e às **outras**, a assinatura." (Eça de Queiroz)

O vocábulo "outro" também pode ser empregado com valor adjetivo. Neste caso, apresentará o significado de "novo", "diferente", "mudado", "semelhante", "igual".

▸ "Os brasileiros de **outras** latitudes mal o compreendem, mesmo através das lúcidas observações de Bates." (Euclides da Cunha)

CADA

7. É um pronome indefinido invariável. Designa os seres ou grupos de seres considerados um por um. Geralmente, aparece em expressões indefinidas "cada um, cada qual".

▸ "**Cada um** deles trazia à cinta dois pistoletes, um punhal na ilharga do calção, e o arcabuz passado a tiracolo pelo ombro esquerdo." (José de Alencar)

▸ **Cada qual** terá a sua recompensa.

▸ Perdeu muito dinheiro em **cada** aposta que fez.

- "José Roberto e Sebastião Campos serviam às senhoras acompanhando com uma pilhéria **cada** prato que lhes ofereciam." (Aluísio Azevedo)

6.3.5 PRONOMES POSSESSIVOS

São denominados possessivos os pronomes que estabelecem uma noção de posse em referência às pessoas do discurso (1.ª, 2.ª e 3.ª), isto é, designam a pessoa gramatical a quem pertence o ser.

Pronomes possessivos		
Singular	**1.ª pessoa**	meu, minha, meus, minhas
	2.ª pessoa	teu, tua, teus, tuas
	3.ª pessoa	seu, sua, seus, suas
Plural	**1.ª pessoa**	nosso, nossa, nossos, nossas
	2.ª pessoa	vosso, vossa, vossos, vossas
	3.ª pessoa	seu, sua, seus, suas

6.3.5.1 Emprego dos pronomes possessivos

1. **Em geral, os pronomes possessivos adjetivos facultam a anteposição de um artigo (determinante).**

- Ainda não levei **seu carro** ou **o seu carro** para o lava-jato.

- Muitos professores elogiaram **nosso projeto.** ou **o nosso projeto.**

2. **Quando o pronome possessivo é empregado substantivamente, a presença do artigo ou de outro determinante que o substitua é indispensável.**

- Encontrei **meu livro** ou **o meu livro**, mas não vi o teu.

- Este carro aqui não é mais caro que o seu.

3. Na língua portuguesa, os pronomes possessivos concordam com a coisa possuída e não com o possuidor.

- Eu vi todos os alunos e **seu** professor debatendo o assunto da aula no pátio da escola.
  o professor dos alunos

- A garota e o **seu** cãozinho passeavam pela praça tranquilamente.
  cãozinho da garota

4. Geralmente não se emprega o pronome possessivo antes de nomes que indicam "partes do corpo" ou "faculdades do espírito".

- Ontem eu machuquei o joelho. (e não "o meu joelho")
- João perdeu o senso. (e não "o seu senso")
- Parece que ele perdeu a vergonha. (e não "perdeu a sua vergonha")

5. Os pronomes "me, te, lhe, nos, vos, lhes" podem fazer as vezes de possessivos. Neste caso, eles equivalerão aos pronomes possessivos "meu, minha, teu, tua, seu, sua, nosso, vosso, dele, dela etc.".

- Naquele momento, ferveu-**me** o sangue. (Isto é = ...ferveu o **meu** sangue.)
- O vento assanhava-**nos** os cabelos. (Isto é = O vento assanhava os **nossos** cabelos.)
- Cabelos cacheados moldam-**lhe** o rosto. (Isto é = ...moldam o rosto **dela** / ...moldam o **seu** rosto.)

➯ **Observação:**

Esta substituição é bastante elegante do ponto de vista estilístico.

6. Os pronomes possessivos são usados, em muitos casos, para indicar afetividade, respeito, consideração.

- Sente-se, por favor, **minha** senhora.
- **Meu** ilustríssimo professor, é um grande prazer revê-lo.

7. Os possessivos "seu, sua, seus, suas" podem gerar ambiguidade quando há na estrutura oracional mais de uma terceira pessoa. Neste caso, convém substituí-los por "dele, dela, deles, delas".

- O governo brasileiro disse ao governo argentino que **suas** exportações melhoraram nos últimos meses.
  (Exportações de quem? Do governo brasileiro ou do governo argentino?)

- João disse a Lana que **sua** prima está doente.
  (Prima de quem? De João ou de Lana?)

➭ **Observação:**

Para evitar esse processo de ambiguidade, muitos escritores usavam os possessivos "dele, dela, deles, delas" a fim de esclarecer a relação possessória.

- "A **sua** honra **dele** não dependia dos impulsos falsos ou torpes que tivera o coração dela." (Eça de Queiroz)
- "Ele respondia-me, a princípio com animação, depois mais frouxo, torcia a rédea da conversa para o **seu** assunto **dele**, abria um livro, perguntava-me se tinha algum trabalho novo." (Machado de Assis)

8. Em alguns casos, a mudança de posição do pronome possessivo implicará alteração de sentido do enunciado.

- O meu livro (= posse) ‣ O livro meu (= minha autoria)
- suas notícias (= notícias dadas por você)
- notícias suas (= notícias sobre você)
- sua fotografia (= fotografia tirada por você)
- fotografia sua (= fotografia que tiraram de você)

9. Empregam-se alguns possessivos no plural com o sentido de "parentes", "família".

- Como vão os **seus**? Os **meus** continuam no interior, trabalhando nas lavouras de café.

6.3.6 OS PRONOMES RELATIVOS

São denominados de relativos os pronomes que representam um ser já expresso (antecedente). Entretanto, só isso não basta para caracterizá-los, uma vez que outros pronomes também o fazem. A principal característica do pronome relativo é servir de vínculo gramatical entre duas orações, estabelecendo uma relação de subordinação. Daí serem também chamados tais pronomes de "relativos-conjuntivos".

Os principais pronomes relativos são:

PRONOMES RELATIVOS	
INVARIÁVEIS	**VARIÁVEIS**
que	o qual, a qual, os quais, as quais
quem	cujo, cuja, cujos, cujas
onde	quanto, quanta, quantos, quantas

➯ **Observação:**

Funcionam também como pronomes relativos os vocábulos "como" e "quando", quando retomam termos anteriormente mencionados.

6.3.6.1 Emprego dos pronomes relativos

QUE

É denominado de "relativo universal", porque se refere tanto a coisas quanto a pessoas. Seus equivalentes variáveis são "a qual, o qual, as quais, os quais". O relativo "que" só deve ser substituído por outro relativo em casos específicos.

- "Os soldados **que** tinham seguido a bandeira de Teodomiro tinham-se abalado para o combate." (A. Herculano)
- "Ó tu, **que** tens de humano o gesto e o peito / ..." (Camões)

QUEM

No português moderno, este pronome só se refere a pessoas ou a cousas personificadas, daí ser chamado de "relativo personativo". Com antecedente expresso, vem sempre regido por uma preposição.

- "Prezava com fanatismo o Marquês de Pombal, de **quem** sabia muitas anedotas." (Aluísio Azevedo)
- "Isso não lhe fica bem; há por aí tanta moça bonita, a **quem** o senhor pode fazer a corte..." (Bernardo Guimarães)

➯ **Observação:**

Em algumas orações o pronome relativo "quem" pode aparecer sem antecedente expresso. Neste caso, ele equivalerá a "aquele que". Por equivaler – ao mesmo tempo – a um pronome demonstrativo e a um pronome relativo, o relativo "quem" é denominado de "relativo condensado".

- **Quem** com ferro fere com ferro será ferido. (Provérbio)
  pronome relativo condensado → aquele que
- **Quem** chegou primeiro deve ter visto as modificações mais facilmente.
  pronome relativo condensado → aquele que

ONDE

É denominado de "relativo locativo", pois só é utilizado para retomar e substituir termos que contenham a noção de "lugar". Equivale a "em que" e variações (na qual, no qual, nas quais, nos quais). O seu antecedente, portanto, deve indicar "lugar".

- "Mas os livros dos enciclopedistas, as fontes **onde** a geração seguinte bebera a peçonha que saiu no sangue de noventa e três, não eram de todo ignorados." (Camilo Castelo Branco)
- "Pádua enxugou os olhos e foi para casa, **onde** viveu prostrado alguns dias, mudo, fechado na alcova." (Machado de Assis)

O QUAL, A QUAL, OS QUAIS, AS QUAIS

São os relativos que possuem as variações em gênero e número correspondentes ao pronome relativo "que". Esses relativos devem obrigatoriamente substituir o "que" quando este provocar ambiguidade, for precedido por uma preposição com mais de uma sílaba ou for eufonicamente melhor.

- "Fortalecem esta tradição as opiniões dos filósofos de todas as idades e nações, **os quais** nunca puderam compreender o homem moral sem pressupor uma primitiva perfeição." (Camilo Castelo Branco)
- "... os frecheiros lhe disparavam alguns tiros, que vinham bater-lhe na armadura, debaixo **da qual** já manava o sangue de algumas feridas." (A. Herculano)
- "Seguiu-se um alto silêncio, durante **o qual** estive a pique de entrar na sala, mas outra força maior, outra emoção..." (Machado de Assis)

CUJO, CUJA, CUJOS, CUJAS

São relativos utilizados para substituir termos que expressam noção de posse ou de pertinência. Equivalem a "do qual, da qual, dos quais, das quais, seu, sua, seus suas, dele, dela, deles, delas". Eles retomam um termo antecedente, mas concordam em gênero e número com o substantivo consequente (ou posposto). Não admitem a posposição de artigo e sempre exercem a função sintática de adjunto adnominal. O relativo "cujo" e suas flexões trazem implícita a preposição "de".

- Comprei um livro cujas páginas são verdes.

Equivale a ➔

as páginas do livro
as páginas dele
suas páginas
as páginas do qual

- "Dê um destino qualquer a essa escrava, a **cujos** pés o senhor costuma vilmente prostrar-se: liberte-a, venda-a, faça o que quiser." (Bernardo Guimarães)
- "O Freitas, em **cuja** casa Ana Rosa tivera o seu último histérico, também se achava presente, com a filha, a sua querida Lindoca." (Aluísio Azevedo)

QUANTO, QUANTA, QUANTOS, QUANTAS

Estas palavras só serão consideradas pronomes relativos quando vierem antecedidas por um dos seguintes pronomes indefinidos "tudo, todo(a), todos(as)". Transmitem ideia acessória de quantidade, de intensidade ou de número.

- "Que os fiéis abandonassem todos os haveres, tudo **quanto** os maculasse com um leve traço da vaidade." (Euclides da Cunha)
- "É perfeitíssima oração sobre todas **quantas** foram feitas ou se puderem fazer a Deus." (Bartolomeu dos Mártires, *apud* Cláudio Brandão)
- "Tudo **quanto** eu pedira e ambicionara,
  Tudo meus dedos e meus olhos calmos
  Gozavam satisfeitos nos seis palmos
  De tua carne saborosa e clara." (Olavo Bilac)

COMO

É denominado de pronome relativo "modal", pois sempre apresenta como antecedente um nome denotador de "modo, maneira, forma". É facilmente substituível por "segundo o qual" ou "pelo qual", "segundo a qual" ou "pela qual".

- Desconfiamos bastante da maneira **como** ele age.
- "E acharás a maneira **como** emendes a vida." (Gil Vicente *apud* Cláudio Brandão)

QUANDO

Será pronome relativo quando possuir como antecedente um substantivo que exprima tempo ou divisões da duração, e nessa hipótese equivalerá a "em que".

- "Era no tempo alegre **quando** entrava / No roubador de Europa / a luz febeia." (Camões)
- Isso ocorreu após a década de 1970, **quando** o movimento ambientalista passou a ter um discurso mais sólido.

➯ **Observações gerais sobre os pronomes relativos:**

a) Os pronomes relativos promovem a chamada "coesão referencial anafórica", pois retomam termos anteriormente mencionados.

b) Para um maior aprofundamento deste tema, sugerimos correlacionar este estudo com o estudo do "pronome relativo preposicionado", que é abordado no capítulo "regência verbal e nominal".

6.3.7 PRONOMES INTERROGATIVOS

São assim denominados os pronomes "**que, quem, qual** e **quanto**", quando empregados em orações interrogativas diretas e indiretas. Tais pronomes se referem a pessoa ou a coisa desconhecida.

- "**Qual**, de entre tantos Orfeus que a gente por aí vê e ouve, foi o que obrou a maravilha?" (A. Garrett)
- "**Quantos** pobres galileus não fez ele matar sem licença do tetrarca?" (Eça de Queiroz)
- "**Quem** nos derrama a bela claridade?
  Quem tantas trevas sobre o mundo chove?" (Durão *apud* Sousa da Silveira)
- "Quis saber **quem** eram os meus pais?" (Machado de Assis)

➾ Observações sobre os pronomes interrogativos:

a) O pronome interrogativo "qual" é usado para distinguir uma pessoa, uma coisa ou uma qualidade dentre várias existentes.

- "Dizei-me: qual é mais poderosa, a graça ou a natureza?" (Vieira, *apud* Sousa da Silveira)

b) Embora seja condenado por renomados estudiosos da língua portuguesa, o emprego da forma interrogativa "o que" é largamente usado em nossa língua.

- "O que está naquela arca?" (A. Herculano)
- "Reis da terra, o que sois?" (Gonçalves Dias)

6.4 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (TER-RO) Observe as frases:

I. A língua portuguesa foi a que chegou até _____ através de gerações.

II. Não basta _____ querer que a grafia coincida com a pronúncia; é preciso a reforma.

III. Torna-se muito complicado para _____ acompanhar essa mudança.

IV. Para _____, unificar a grafia é impossível.

V. Deixaram alguns pontos para _____ estudar.

A opção que completa corretamente as frases é:

a) eu – eu – eu – mim – mim
b) eu – eu – mim – eu – mim

c) mim – eu – eu – mim – eu
d) mim – eu – mim – mim – eu
e) mim – a mim – mim – eu – mim

2. (TELERJ) Assinale a opção em que o emprego dos pronomes pessoais está de acordo com a norma culta da língua:

a) Entre o chefe e eu há confiança mútua.
b) Para eu, vencer na empresa é fundamental.
c) Vim falar consigo sobre o debate de amanhã.
d) Já lhe avisei do ocorrido na empresa.
e) esta linha telefônica vai de mim a ti.

3. (TRE-MT) A alternativa em que o emprego do pronome pessoal **não** obedece à norma culta portuguesa é:

a) Fizeram tudo pra eu ir lá.
b) Ninguém lhe ouvia as queixas.
c) O vento traz consigo a tempestade.
d) Trouxemos um presente para si.
e) Não vá sem mim.

4. (TER-MT) A substituição do termo destacado por um pronome pessoal está **correta** em todas as alternativas, **exceto** em:

a) O governo deu ênfase **às questões econômicas.**
O governo deu ênfase **a elas.**
b) Os ministros defenderam **o plano de estabilização.**
Os ministros defenderam-**no.**
c) A companhia recebeu **os avisos.**
A companhia recebeu-**os.**
d) Ele diz **as frases** em tom bem baixo.
Ele diz-**las** em tom bem baixo.
e) Ele se recusa a dar **maiores explicações.**
Ele se recusou a dá-**las.**

5. (TER-MT) A lacuna da frase "A situação _____ aspiro começou a se delinear" é preenchida, de acordo com a norma culta, por:

a) onde
b) cujo
c) a que
d) que
e) a qual

6. (TRT-SP) As mulheres _____ olhos brilham, não são dignas de confiança.
   O lugar _____ moro é muito arejado.
   É um cidadão _____ honestidade se pode confiar.

   a) cujos os – que – em que
   b) cujos – em que – em cuja
   c) cujos – em que – cuja
   d) cujos os – em que – cuja a
   e) cujos – que – em cuja

7. (TRT-SP) Assinale a alternativa incorreta quanto ao emprego do pronome pessoal **si**:

   a) Madalena queria a mãe junto de si.
   b) Quando voltou a si, não se lembrava de nada.
   c) Meu filho será confiante em si mesmo.
   d) Ofereço esse presente para si.
   e) Vivem brigando entre si.

8. (TRT-SP) Assinale a alternativa em que o pronome **lhe** tem valor possessivo:

   a) Caiu-lhe nas mãos um belo romance de José de Alencar.
   b) Dei-lhe indicações completamente seguras.
   c) Basta-lhe uma palavra apenas.
   d) Seus amigos escreveram-lhe um singelo poema.
   e) Informaram-lhe o resultado da prova realizada ontem.

9. (MPE-SP) Assinale a alternativa em que a junção das duas orações abaixo está correta quanto ao emprego do pronome relativo e à regência do verbo:

   I. "Central do Brasil" é o filme.

   II. Eu me referi ao diretor do filme "Central do Brasil".

   a) "Central do Brasil" é o filme a cujo diretor eu me referi.
   b) "Central do Brasil" é o filme que o diretor eu me referi.
   c) "Central do Brasil" é o filme sobre cujo diretor eu me referi.
   d) "Central do Brasil" é o filme de cujo diretor eu me referi.
   e) "Central do Brasil" é o filme de qual diretor eu me referi.

10. (MPU) "Todos têm direito a receber dos órgãos públicos informações de seu interesse particular, ou de interesse coletivo ou geral, que serão prestadas no prazo da lei, sob pena de responsabilidade, ressalvadas aquelas _____ sigilo seja imprescindível à segurança da sociedade e do Estado."

    a) cujo
    b) de cujo
    c) a cujo

d) sem cujo
e) por cujo

GABARITO

1 – D	2 – E	3 – D
4 – D	5 – C	6 – B
7 – D	8 – A	9 – A
10 – A		

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

CAPÍTULO 7

VERBO

7.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Passaremos a estudar um dos assuntos mais longos da gramática normativa – o verbo. Provavelmente você, estudante, deparar-se-á com um sem-número de informações, detalhes, características, exceções etc., etc., os quais fazem deste assunto um dos mais temidos da gramática. Sugerimos, portanto, estudá-lo aos poucos. Saliento: não se trata de um assunto difícil. É apenas um assunto longo e cheio de detalhes. É essencial, portanto, estudá-lo mais de uma vez. Procure também resolver todos os exercícios propostos ao final do capítulo. A resolução vai reforçar seu aprendizado.

Outrossim, é fundamental que você se preocupe bastante com alguns pontos que são frequentemente explorados pelos concursos: emprego dos tempos e dos modos verbais, correlação dos tempos e modos verbais e conjugação verbal – notadamente de alguns verbos.

Como já disse, estude o assunto aos poucos. Anote a data em que estudou cada ponto, pois ela certamente servirá como balizamento para que você saiba o momento certo de revisar o assunto. Sugiro também que correlacione o estudo da "voz passiva" com o assunto "conversão da voz ativa em passiva", estudado em sintaxe de oração.

Vamos lá... Mãos à obra!!

7.2 DEFINIÇÃO

Observe atentamente os períodos abaixo:

- O Brasil **jogará** contra a Argentina no domingo. (→ indica uma ação futura)

- A vida **seria** fácil se não fossem as dificuldades. (→ indica um estado)
- Na *próxima madrugada*, **nevará** em Caxias do Sul. (→ indica um fato, um fenômeno)
- João **fuma** bastante. (→ indica um fato habitual, frequente)

Todos os termos em negrito acima são verbos.

> **Em sentido estrito, verbo é, pois, uma palavra variável capaz de exprimir "uma ação, um estado, um fenômeno da natureza ou um fato".**

Entretanto, esta definição é viciosa, visto que os substantivos também apresentam caracteres dos mesmos fenômenos. Basta comparar "digerir e digestão", "correr e corrida", "despedaçar e despedaçamento". Portanto, a diferença entre os nomes substantivos e os nomes verbais reside na quantidade de flexões que um e outro apresenta. Por isso, consideramos a melhor definição para "verbo" a que foi proposta pelo professor José Oiticica, em seu "Manual de análise léxica e sintática":

> **Verbo é o nome flexionado em modo, tempo, número e pessoa, isto é, a palavra variável que apresenta o maior número de flexões na língua portuguesa.**

7.3 ELEMENTOS ESTRUTURAIS DO VERBO

São os seguintes os elementos mórficos formadores do verbo: radical, vogal temática, tema e desinências modo-temporal e número-pessoal. Nem todas as formas verbais, contudo, apresentam todos esses elementos. Daí ser importante distinguir minimamente o "radical" da "terminação verbal". Analisemos as formas verbais "cantássemos, venderemos e partíramos".

RADICAL	VOGAL TEMÁTICA	TEMA	DESINÊNCIA MODO-TEMPORAL	DESINÊNCIA NÚMERO-PESSOAL
cant	a	**canta**	sse	mos
vend	e	**vende**	re	mos
part	i	**parti**	ra	mos

7.3.1 RADICAL

É o elemento mórfico verbal principal, pois contém a significação do verbo. Nos verbos, o radical representa a parte imutável, que traz consigo a semântica verbal. Geralmente, obtém-se o radical com a supressão da vogal temática e da desinência do infinitivo "-r". Observe:

- cantar → $\underset{\textit{radical}}{\underline{\textbf{cant}}}$ – ar
- vender → $\underset{\textit{radical}}{\underline{\textbf{vend}}}$ – er
- partir → $\underset{\textit{radical}}{\underline{\textbf{part}}}$ – ir

7.3.2 VOGAL TEMÁTICA

É o elemento mórfico vocálico que se junta ao radical para formar o tema verbal. Nos verbos, a vogal temática situa-se entre o radical e a desinência do infinitivo impessoal "-r". A vogal temática indicará a que conjugação pertence o verbo. Portanto:

a) A vogal temática "-a" indicará os verbos pertencentes à 1.ª conjugação:

- cantAr
- lavAr
- amAr
- afastAr
- suAr
- habitAr

b) A vogal temática "-e" indicará os verbos pertencentes à 2.ª conjugação:

- vendEr
- lambEr
- bebEr
- vivEr
- contEr
- condizEr

c) A vogal temática "-i" indicará os verbos pertencentes à 3.ª conjugação:

- saIr
- sorrIr
- partIr
- pedIr
- refletIr
- agredIr

⇛ **Observação:**

No presente do subjuntivo e nos tempos dele derivados, não há vogal temática.

7.3.3 TEMA

É o conjunto formado pelo radical mais a vogal temática. Nos verbos, basta a *retirada da desinência do infinitivo impessoal "-r" para se obter o* tema.

- falar → $\underbrace{\text{fala}}_{\text{tema}}$ – r
- caber → $\underbrace{\text{cabe}}_{\text{tema}}$ – r
- abrir → $\underbrace{\text{abri}}_{\text{tema}}$ – r

7.3.4 DESINÊNCIAS

São elementos mórficos que se acoplam ao tema ou à forma infinita do verbo para indicar as flexões de modo, tempo, número e pessoal. Há em português duas desinências verbais:

a) **Desinência modo-temporal** → Indica o modo (indicativo, subjuntivo ou imperativo) e o tempo (presente, passado ou futuro) em que se encontra o verbo.

- cantávamos → cantá – **VA** – mos (desinência que indica o "pretérito imperfeito do indicativo")
- falássemos → falá – **SSE** – mos (desinência que indica o "pretérito imperfeito do subjuntivo")
- partiríamos → partir – **ÍA** – mos (desinência que indica o "futuro do pretérito do indicativo")

➾ **Observação:**

Nem todas as formas verbais apresentam a desinência modo-temporal. Esta desinência inexiste no presente e no pretérito perfeito do indicativo.

b) **Desinência número-pessoal** → Indica o número (singular ou plural) e a pessoa (1.ª, 2.ª ou 3.ª) em que o verbo se encontra.

- cantastes → cantas – **TES** (desinência que indica a 2.ª pessoa do plural – vós)
- vendêssemos → vendêsse – **MOS** (desinência que indica a 1.ª pessoa do plural – nós)
- partiriam → partiri – **AM** (desinência que indica a 3.ª pessoa do plural – eles/elas)

7.4 FLEXÕES DO VERBO

Como já vimos em sua definição, o verbo é a palavra em língua portuguesa que apresenta o maior número de flexões. Ao conjunto de flexões de um verbo dá-se o nome de "**conjugação**".

O verbo apresenta as seguintes flexões: pessoa, número, modo e tempo.

7.4.1 FLEXÕES DE PESSOA E DE NÚMERO

Em relação à pessoa, o verbo apresenta as flexões relacionadas ao ser que lhe serve de sujeito. No que diz respeito ao número, o verbo pode-se apresentar tanto no singular (eu, tu e ele/ela) quanto no plural (nós, vós, eles/elas). Logo, teremos as seguintes flexões:

a) 1.ª pessoa – diz respeito ao falante, tanto no singular (eu) quanto no plural (nós).

1.ª PESSOA	
SINGULAR (EU)	**PLURAL (NÓS)**
canto	cantamos
bebo	bebemos
parto	partimos

b) 2.ª pessoa – diz respeito ao ouvinte, tanto no singular (tu) quanto no plural (vós).

2.ª PESSOA	
SINGULAR (TU)	**PLURAL (VÓS)**
cantas	cantais
bebes	bebeis
partes	partis

c) 3.ª pessoa – diz respeito àquele(s), àquela(s), àquilo de que se fala, tanto no singular (ele/ela) quanto no plural (eles/elas).

3.ª PESSOA	
SINGULAR (ELE/ELA)	**PLURAL (ELES/ELAS)**
canta	cantam
bebe	bebem
parte	partem

7.4.2 FLEXÕES DE MODO

As flexões de modo dizem respeito às formas assumidas pelo verbo para indicarem certos estados de espírito em relação ao fato ou estado expressos por ele, ou seja, mostram a atitude (certeza, dúvida, ordem etc.) da pessoa que fala em relação ao fato anunciado.

Em português, três são os modos verbais: **indicativo, subjuntivo e imperativo.**

Esses modos compõem as chamadas "formas finitas do verbo", em oposição ao infinitivo, o qual com o gerúndio e o particípio compõem as "formas infinitas do verbo" ou "formas nominais do verbo", as quais estudaremos mais adiante.

7.4.2.1 Modo indicativo

O modo indicativo é o modo da realidade: serve para enunciar um fato ou um estado verdadeiros ou supostos verdadeiros, em orações independentes ou dependentes, declarativas, interrogativas ou exclamativas, quer afirmando, quer negando.

De acordo com o insigne mestre Augusto Epifânio da Silva Dias, "o indicativo é empregado em todas as orações para as quais não há regra que exija outro modo".

- "Que acusação **trazeis** contra este homem?" (Rui Barbosa)
- "Quem **canta** seus males **espanta.**" (Provérbio)
- "Em certos pontos não se **encontrava** viva alma na rua; (...); só os pretos **faziam** as compras para o jantar ou **andavam** no ganho." (Aluísio Azevedo)

7.4.2.2 Modo subjuntivo

O modo subjuntivo (antigo "modo conjuntivo") é o modo próprio da incerteza, da possibilidade, da dúvida, da futuridade, da vontade, do desejo,

da esperança, da suposição, da concessão. De fato, são muitas as ideias significadas pelo subjuntivo.

A despeito de aparecer em orações independentes, o subjuntivo é próprio das orações dependentes, isto é, do processo subordinado, como o próprio nome já o diz – "subjuntivo = latim, *subjunctivus* = que liga, que une, que subordina".

- "Queimado **sejas** tu e teus enganos /
  Amor escandaloso, mau, cruel." (Camões)
- "Eu vou para Coimbra logo que **esteja** bom, e a menina da cidade fica em sua casa." (Camilo Castelo Branco)
- "Não me parece bonito que o nosso Bentinho **ande** metido nos cantos com a filha do Tartaruga." (Machado de Assis)

Em virtude dos diversos matizes semânticos que manifesta, o subjuntivo pode apresentar-se nos seguintes casos:

a) **Subjuntivo optativo** – exprime um desejo, um voto, um vaticínio, uma profecia.

- "– Ah! que eu não **sirva** senão para perturbar-lhe o sossego! – murmurou Isaura retirando-se." (Bernardo Guimarães)
- "Ah, se os que se têm por felizes **reparassem** bem nesta última cláusula." (Pe. Antônio Vieira)

b) **Subjuntivo exortativo** – exprime um conselho, uma exortação.

- "**Desprezemos** na terra a morte para alcançarmos no céu a imortalidade." (Heitor Pinto)
- "**Ore** eu em língua que entendo, e logo o sentido das palavras se fará sentir nos afetos." (Manuel Bernardes)

c) **Subjuntivo invitatório** – exprime um convite, uma requisição para comparecimento.

- "**Fujamos** para o deserto / **vivamos** ali sozinhos." (Gonçalves Dias)
- "Vinde, pois, e **gozemos** dos bens que existem, e **façamos** a toda a pressa uso da criatura como na mocidade." (Pereira de Figueiredo)

d) **Subjuntivo imperativo** – expressa ordem, mando, preceito e proibição.

- "**Continuemos** o ato de fé dos cristãos." (Pe. Antônio Vieira)
- "**Meça-se**, pois, cada um consigo e **ajuste** as suas ações com as suas forças e seu poder." (Manuel Bernardes)

e) **Subjuntivo deprecativo** – expressa um pedido, uma súplica.

- "Pelo excessivo amor com que nos amastes, que nos **comuniques** vossa graça, Senhor." (Pe. Antônio Vieira)
- "Por Deus, que **partas.**" (A. Herculano)

f) **Subjuntivo concessivo** – expressa uma concessão, uma permissão em relação a um outro fato.

- "**Seja** como for, a 27 de fevereiro de 1641, partiram da Bahia o filho do vice-rei e os seus dois companheiros." (J. F. Lisboa)
- "**Seja** ou não **seja** aquele o homem, **tenha** as diferenças que quiser e quantas quiser, ele chegará ao ponto da morte." (Manuel Bernardes)

g) **Subjuntivo potencial** – *exprime um fato possível ou provável. Geralmente* aparece com os dubitativos "talvez, quiçá".

- "Talvez **chore** ao domingo o que ri à quinta-feira." (Provérbio)
- "Bem, talvez assim lho **ordenassem.**" (A. Herculano)

h) **Subjuntivo supositivo** – exprime uma hipótese, uma condição, uma suposição. Aparece em orações coordenadas sindéticas alternativas introduzidas pelas conjunções "ou... ou, ora.. ora, quer.. quer..., seja... seja... etc.".

- "Se não entendeis o que diz, ou o **leiais** ou não **leiais**, ou **rezeis** ou não **rezeis**, tanto importa o vosso breviário aberto como fechado." (Pe. Antônio Vieira)
- "Os indivíduos que começavam a vida marítima, quer **estivessem** nos primeiros da juventude, quer **fossem** homens feitos, eram, durante quatro anos, livres de todos os tributos e encargos." (A. Herculano)

7.4.2.3 Modo imperativo

O modo imperativo serve para expressar uma ordem, um preceito, um conselho, uma exortação, um pedido, um convite.

- "Agora **escutai** e **respondei** sinceramente às minhas perguntas." (A. Herculano)
- "**Guardai** o meu sábado, porque ele deve ser santo para vós." (Bíblia Sagrada)
- "O pão nosso de cada dia nos **dai** hoje." (Bíblia Sagrada)

7.4.2.3.1 Formação do modo imperativo

O modo imperativo é por inteiro um modo derivado: ora do presente do indicativo, ora do presente do subjuntivo. São, portanto, estes dois últimos tempos modais que formam o imperativo, o qual se divide em "imperativo afirmativo" e "imperativo negativo".

1. **Imperativo afirmativo** → Forma-se tanto do presente do indicativo ("tu" e "vós" com a retirada da letra "s") quanto do presente do subjuntivo ("você", "nós" e "vocês").

   Observe a formação do modo imperativo dos verbos VIVER e IR:

PRESENTE DO INDICATIVO		IMPERATIVO AFIRMATIVO		PRESENTE DO SUBJUNTIVO
vivo		–		viva
vives	→	**VIVE (tu)**		vivas
vive		**VIVA (você)**	←	viva
vivemos		**VIVAMOS (nós)**	←	vivamos
viveis	→	**VIVEI (vós)**		vivais
vivem		**VIVAM (vocês)**	←	vivam

PRESENTE DO INDICATIVO		IMPERATIVO AFIRMATIVO		PRESENTE DO SUBJUNTIVO
vou		–		vá
vais	→	**VAI (tu)**		vás
vai		**VÁ (você)**	←	vá
vamos		**VAMOS (nós)**	←	vamos
ides	→	**IDE (vós)**		vades
vão		**VÃO (vocês)**	←	vão

2. Imperativo negativo → É extraído totalmente do presente do subjuntivo. Conjuga-se com a anteposição do advérbio negativo "não".

PRESENTE DO SUBJUNTIVO		IMPERATIVO NEGATIVO
viva		–
vivas	→	**não VIVAS (tu)**
viva	→	**não VIVA (você)**
vivamos	→	**não VIVAMOS (nós)**
vivais	→	**não VIVAIS (vós)**
vivam	→	**não VIVAM (vocês)**

PRESENTE DO SUBJUNTIVO		IMPERATIVO NEGATIVO
vá		–
vás	→	**não VÁS (tu)**
vá	→	**não VÁ (você)**
vamos	→	**não VAMOS (nós)**
vades	→	**não VADES (vós)**
vão	→	**não VÃO (vocês)**

➾ **Observações importantes:**

a) O imperativo, por ser um modo de referência direta à 2.ª pessoa, não apresenta para a 3.ª pessoa os pronomes "ele, ela, eles, elas". Devemos substituir o pronome da 3.ª pessoa (ele, ela, eles, elas), por "você, vocês" (pessoa com quem ou a quem se fala).

b) O modo imperativo exprime "ordem, súplica, pedido ou convite". Ora, como ninguém vai ordenar, suplicar, pedir ou convidar a si mesmo, não existe a 1.ª pessoa do singular no modo imperativo.

c) Os verbos terminados em "-zer", como "fazer, trazer, dizer" e seus derivados, são abundantes na 2.ª pessoa do singular do imperativo afirmativo, já que com tais verbos pode-se dizer indistintamente "**faze** ou **faz**, **traze** ou **traz**, **dize** ou **diz**" etc.

7.4.3 FLEXÕES DE VOZ

Chama-se **voz** o aspecto verbal caracterizado pelo papel que exerce o sujeito em relação à ação expressa.

Em português, o sujeito poderá:

a) praticar a ação → diz-se então que a voz é **ATIVA**;
b) sofrer a ação → diz-se então que a voz é **PASSIVA**;
c) praticar e sofrer a ação → diz-se então que a voz é **REFLEXIVA** ou **MEDIAL**.

7.4.3.1 A voz ativa

É a voz mais comum na língua pátria. É aquela usada frequentemente nos discursos dissertativos por apresentar o fato de forma mais clara, mais objetiva, mais direta. Ela indica que o sujeito é o ser agente, ativo da ação verbal.

- "Esse infeliz moço, contra quem o senhor **solicita** desvairadas violências, **conserva** a honra na altura da sua imensa desgraça." (Camilo C. Branco)
- "O Sol a pino **dardeja** raios de fogo sobre as areias natais; as aves **emudecem**; as plantas **languem**." (José de Alencar)

7.4.3.2 A voz passiva

É a voz verbal usada quando se deseja enfatizar que o sujeito é o objeto da ação verbal.

Há na língua portuguesa duas formas de se expressar a voz passiva:

a) Voz passiva analítica → formada geralmente pelos auxiliares "ser e estar" mais um particípio.

- O carro **foi deixado** na porta da oficina pelo próprio dono.
- Durante muito tempo, a casa **esteve cercada** por policiais.

b) Voz passiva sintética ou pronominal → formada por um verbo transitivo direto ou verbo transitivo direto e indireto associado a um "se".

- **Entregaram-se** os diplomas a todos os formandos.
- **Compraram-se** vários livros para serem doados aos meninos do orfanato.

➾ **Observação:**

Para aprofundar o conhecimento sobre a voz passiva, sugerimos consultar, em sintaxe, a parte que trata sobre o agente da passiva.

7.4.3.3 A voz reflexiva ou medial

Ocorre a voz reflexiva quando o sujeito é, ao mesmo tempo, o agente e o paciente da ação verbal. Observe:

- "Leôncio **sentiu-se** esmagado, e arrependeu-se mil e uma vezes de ter provocado tão imprudentemente aquele leviano e estouvado rapaz." (Bernardo Guimarães)
- "A ideia de que ela **se enfeitava** para outro homem irritava-me a ponto que estive para **precipitar-me** e espedaçar, arrancando-lhe do corpo, as galas que a cobriam." (José de Alencar)

A voz reflexiva se divide em "**reflexiva propriamente dita**" – aquela em que o mesmo sujeito que pratica a ação é o seu recebedor, e "**reflexiva recíproca**" – aquela em que a ação é praticada mutuamente pelos seres envolvidos pelo sentido verbal; diz-se, portanto, que, neste último caso, houve ação mútua ou correspondente. Observe:

- A menina **se penteava** em frente ao espelho. = Penteava a si mesma. → **Voz reflexiva propriamente dita.**
- As meninas **se agrediram** durante o jogo. = Agrediram umas às outras. → **Voz reflexiva recíproca.**
- Durante a festa, dois convidados **se suicidaram.** = Suicidaram a si mesmos. → **Voz reflexiva propriamente dita.**
- Na festa, os convidados mal **se cumprimentavam.** = Cumprimentavam uns aos outros. → **Voz reflexiva recíproca.**

7.4.3.4 Possíveis ambiguidades com as vozes passiva e reflexiva

Em algumas situações, o emprego do pronome "se" associado a verbos transitivos pode ocasionar ambiguidade por não se saber se se trata de voz reflexiva ou de voz passiva sintética, notadamente quando o sujeito é animado, isto é, agente. Observe:

- As crianças enganam-se com facilidade.

→ **Pode-se desdobrar em:**

a) As crianças enganam umas às outras com facilidade. (se = pronome reflexivo recíproco)

OU

b) As crianças são enganadas com facilidade. (se = partícula apassivadora)

Vejamos um outro exemplo:

▹ Aclamou-se ele representante da turma.

→ **Pode-se desdobrar em:**

a) Ele aclamou a si mesmo representante da turma. (se = pronome reflexivo)

OU

b) Ele foi aclamado representante da turma. (se = partícula apassivadora)

Para esses casos, deve-se evitar a construção com o "se" e adotar, se se quiser expressar a voz reflexiva, as expressões "a si mesmo, a mim mesmo, uns aos outros, umas às outras". Caso se queira expressar a voz passiva, deve-se optar pela forma analítica, com verbo auxiliar e particípio.

Igualmente ambíguas são algumas estruturas reflexivas, pois podem tanto expressar voz reflexiva propriamente dita quanto voz reflexiva recíproca. Observe:

▹ Pedro e João feriram-se.

→ Pode-se desdobrar em:

a) Pedro e João feriram um ao outro. (se = pronome reflexivo recíproco)

OU

b) Pedro e João feriram a si próprios. (se = pronome reflexivo propriamente dito)

Assim, os verbos reflexos e recíprocos, em algumas construções, se confundem. Para desfazer possíveis ambiguidades, é necessário juntarem-se ao verbo recíproco as expressões "*reciprocamente, um ao outro, uns aos outros, uma à outra, umas às outras*", e ao verbo reflexivo "*a si próprio, a nós próprios, a vós próprios* etc.".

▹ "Todavia, os virtuosos nem sequer o imaginavam, porque não perceberiam como, tranquila a consciência e repousada a vida, um coração pode devorar-se a si próprio." (A. Herculano)

▹ "E sentiu diante dos olhos aquela massa informe de machos e fêmeas, a comichar, a fremir concupiscente, sufocando-se uns aos outros." (Aluísio Azevedo)

▹ "Dignidade de quem se despreza a si mesma!... O que é este corpo que lhes mostrei há pouco, e que lhes tenho mostrado tantas vezes!" (José de Alencar)

- "Outra coisa ainda: se nos batermos aqui, podemos incomodar-nos reciprocamente; porque pretendo matar-vos, e creio que o mesmo desejo tendes a meu respeito." (José de Alencar)

7.4.4 FLEXÕES DE TEMPO

Os tempos são as épocas da duração em que se realiza a ação ou o fato enunciado pelo verbo. Em português, tais épocas, indicadas por flexões próprias, são três: o presente, o passado (pretérito) e o futuro.

Observe o diagrama abaixo:

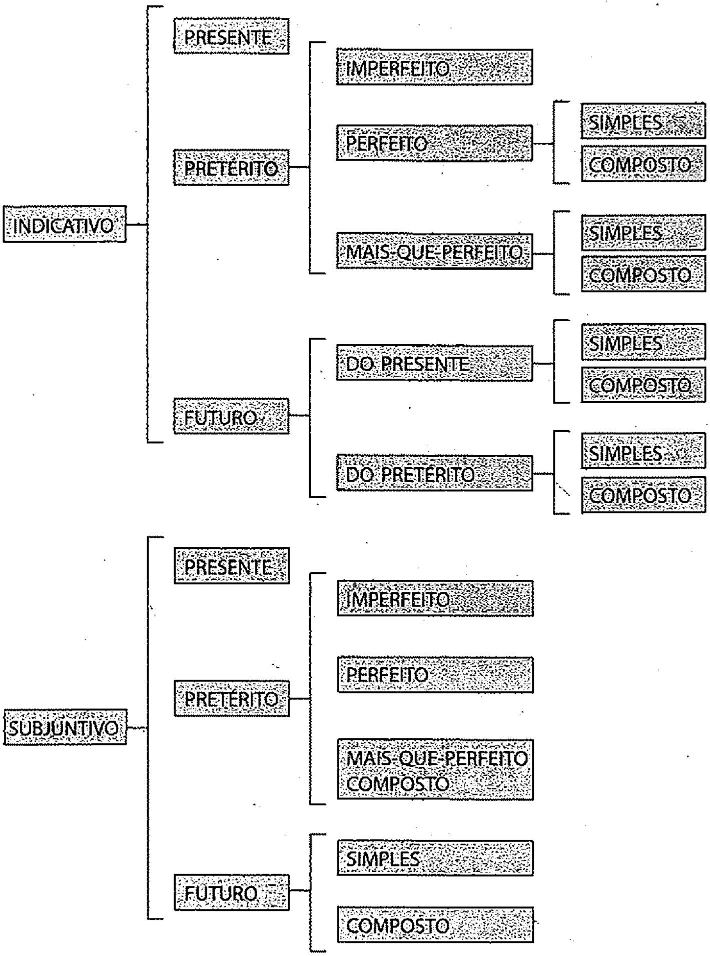
INDICATIVO
PRESENTE
PRETÉRITO
IMPERFEITO
PERFEITO
SIMPLES
COMPOSTO
MAIS-QUE-PERFEITO
SIMPLES
COMPOSTO
FUTURO
DO PRESENTE
SIMPLES
COMPOSTO
DO PRETÉRITO
SIMPLES
COMPOSTO
SUBJUNTIVO
PRESENTE
PRETÉRITO
IMPERFEITO
PERFEITO
MAIS-QUE-PERFEITO COMPOSTO
FUTURO
SIMPLES
COMPOSTO

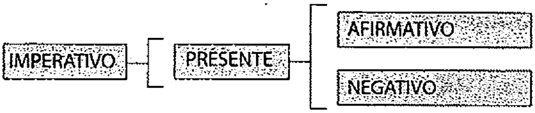

7.4.4.1 Emprego dos tempos verbais simples

Antes de estudarmos os tempos verbais, convém esclarecer que, em nosso português, há tempos primitivos e tempos derivados. Só três tempos em nossa língua são primitivos, dos quais todos os demais se originam. São eles: **o presente do indicativo** (1.ª e 2.ª pessoas), **o pretérito perfeito do indicativo** (2.ª pessoa) e **o infinitivo impessoal.**

a) Do presente do indicativo derivam:

- Pretérito imperfeito do indicativo → falava, bebia, partia.
- Presente do subjuntivo → fale, beba, parta.
- Imperativo → fala, bebe, parte.

b) Do pretérito perfeito do indicativo derivam:

- Pretérito mais-que-perfeito do indicativo → falara, bebera, partira.
- Pretérito imperfeito do subjuntivo → falasse, bebesse, partisse.
- Futuro do subjuntivo → falar, beber, partir.

c) Do infinitivo impessoal derivam:

- Futuro do presente do indicativo → falarei, beberei, partirei.
- Futuro do pretérito do indicativo → falaria, beberia, partiria.
- Infinitivo pessoal → falarem, beberem, partirem.
- Gerúndio → falando, bebendo, partindo.
- Particípio → falado, bebido, partido.

7.4.4.1.1 Tempos do modo indicativo

1. Presente do indicativo

A regra geral manda empregar o presente do indicativo para indicar uma ação atual, que se realiza no momento em que se fala.

- O Brasil **joga** contra a Argentina.
- A torcida **grita** o nome do artilheiro.

⇨ **Observação:**

Em muitas situações, para que não haja confusão entre a designação do que costuma acontecer e o que está acontecendo, é preferível usar-se uma construção perifrástica (locução verbal) composta do verbo "estar" com infinitivo precedido da preposição "a" (construção mais corrente em Portugal) ou com o gerúndio.

- João está a ler (ou lendo). → É melhor do que "João lê."

Emprega-se também o presente do indicativo:

a) Para indicar uma ação habitual, corriqueira, um fato real, uma verdade – neste caso, é chamado de "presente habitual ou presente iterativo":

- João **fuma.**
- O sol **aquece** a Terra.
- A lei lhe **garante** esse direito.

b) Em narrativas, no lugar do pretérito perfeito, para indicar maior realidade ao fato (é como se o narrador estivesse presente naquele momento presenciando os fatos) – é o denominado "presente histórico":

- Em 1.° de setembro de 1939, Hitler **invade** a Polônia.
- "Napoleão **chega** a Waterloo, **dispõe** as tropas, **trava** combate e **é** vencido". (Napoleão Mendes de Almeida)

c) Para indicar fatos e ideias que, embora situados no passado, podem ser de algum modo considerados presentes:

- Jesus Cristo **considera** a si mesmo o único caminho e a única verdade.
- "São Bernardo **chama** à ociosidade madrasta das virtudes." (A. Herculano)

d) Para indicar uma ação em um futuro próximo (nesse caso vem geralmente cercado de algum adjunto adverbial de tempo):

- Amanhã ele **vai** para a nova escola.
- Na próxima semana, **sigo** para a Europa.
- **Volto** amanhã.

e) Para suavização da mensagem, emprega-se no lugar do imperativo afirmativo:

- Para evitar problemas, o senhor **fica** à espera do médico e **fala** para ele todos os seus incômodos.
- O senhor **aguarda** na recepção a sua chamada.

2. Pretérito perfeito do indicativo

Como regra geral, emprega-se o pretérito perfeito para indicar uma ação que teve início e fim no passado, ou seja, aplicamos este tempo para acontecimentos que se deram como simples momentos históricos.

- "A Espanha romano-germânica **transformou-se** na Espanha rigorosamente moderna no terrível cadinho da conquista árabe." (A. Herculano)
- A libertação dos escravos **foi** um marco para o Brasil.
- "Amou, **perdeu-se**, e **morreu** amando." (Camilo Castelo Branco)

Emprega-se também o pretérito perfeito:

a) Para noticiar o que é fato consumado no momento em que falamos – é o denominado "pretérito absoluto":

- O Brasil **ganhou** uma medalha de ouro na natação.
- "Se D. Rita lhe censura a indigna eleição que faz, Simão zomba das genealogias, e mormente do general Caldeirão que **morreu** frito." (Camilo Castelo Branco)

3. Pretérito imperfeito do indicativo

Como regra geral, emprega-se o pretérito imperfeito do indicativo para exprimir a continuação ou repetição de uma ação que teve início no passado, isto é, o pretérito imperfeito indica uma ação verbal passada, mas inacabada, não concluída – daí o nome "imperfeito".

- "Antônio Maciel **andava** sem rumo certo, de um pouso para outro, indiferente à vida e aos perigos, alimentando-se mal e ocasionalmente, dormindo ao relento à beira dos caminhos, numa penitência demorada e rude..." (Euclides da Cunha)
- "Campos ainda lhe conheceu a mãe, cujo retrato, encaixilhado com o do pai, **figurava** na sala, e **falava** de ambos com saudades longas e suspiradas." (Machado de Assis)

Emprega-se também:

a) Em narrativas, para a descrição de cenas, pessoas, fatos ou coisas no passado:

- "Alguns defeitos **tinha**; o mais excelso deles **era** ser guloso, não propriamente glutão; **comia** pouco, mas **estimava** o fino e o raro, e a nossa cozinha, se **era** simples, era menos pobre que a dele." (Machado de Assis)
- "O magistrado desenrugou a severidade postiça da testa, e confessou tacitamente que **era** brutal e estúpido juiz." (Camilo Castelo Branco)

b) Em narrativas, para a indicação de tempo, de época, de momento:

- "O ano é que é um tanto remoto, mas eu não hei de trocar as datas à minha vida só para agradar às pessoas que não amam histórias velhas; o ano **era** de 1857." (Machado de Assis)

c) Para indicar uma ação passada que, simultânea a outra ação também no passado, ocorreu em primeiro lugar:

- "Quando ele entrou na sala, tinha acabado, mas **estava** ainda ao piano, ante um folheto de músicas aberto, a soletrar para si." (Machado de Assis)
- "As sombras doces **vestiam** os campos quando ela chegou à beira do lago." (José de Alencar)

4. Pretérito mais-que-perfeito simples

Como regra geral, emprega-se o pretérito mais-que-perfeito simples para indicar uma ação no passado anterior a outra ação no passado – representa, por assim dizer, o "passado do passado".

- Quando chegou à empresa, o diretor já **saíra**.
- "O general **falara** um pouco alto e os jovens oficiais que estavam próximo olharam-no com mal disfarçada censura." (Lima Barreto)

Emprega-se também:

a) No lugar do pretérito perfeito em construções descritivas, geralmente para indicar uma ação passada em relação às ações passadas perceptíveis pelo contexto:

- "Fisicamente Jorge nunca se **parecera** com ela. **Fora** sempre robusto, de hábitos viris. Tinha os dentes admiráveis de seu pai, os seus ombros fortes. De sua mãe **herdara** a placidez, o gênio manso." (Eça de Queiroz)
- "– Oh! maldição! – **exclamara** Leôncio, arrancando os cabelos em desespero, depois que **ouvira** dos lábios de Álvaro aquele arresto esmagador." (Bernardo Guimarães)

b) Em linguagem literária, no lugar do pretérito imperfeito do subjuntivo e do futuro do subjuntivo:

- "E se Deus não **cortara** a carreira ao sol com a interposição da noite, fervera e abrasara-se a terra." (Pe. Antônio Vieira)
- "Senhor, se tu **houveras** estado aqui, não **morrera** meu irmão." (Pe. Antônio Vieira)

c) Em frases exclamativas e optativas (que exprimem desejo), para acentuar-lhes o caráter hipotético, condicionante:

- "Quem **dera** pudesse o homem compreender todos os mistérios da natureza!"
- "– Quero isto limpo! bramava furioso. Está pior que um chiqueiro de porcos! Apre! **Tomara** que a febre amarela os lamba a todos! maldita raça de carcamanos!" (Aluísio Azevedo)

5. Futuro do presente simples

Como regra geral, emprega-se o futuro do presente do indicativo para indicar um fato posterior (futuro) ao momento em que se fala.

- "**Dir-me-ão** que deste modo, o nosso papel é mais heróico. **Responderei** que o delas é angélico, e, entre anjos e heróis, pelos anjos será sempre o meu voto." (Rui Barbosa)
- "Meu pai diz que me vai encerrar num convento por tua causa. **Sofrerei** tudo por amor de ti. Não me esqueças tu, e **achar-me-ás** no convento, ou no céu, sempre tua do coração, e sempre leal. Parte para Coimbra. Lá **irão** dar as minhas cartas; e na primeira te **direi** em que nome hás de responder à tua pobre Teresa". (Camilo Castelo Branco)

Emprega-se também:

a) No lugar do presente do indicativo, em frases dubitativas (que exprimem dúvida) ou exclamativas:

- "A esta hora quantos não **estarão** com fome!" (Eduardo C. Pereira)
- "Uma palavra, uma emoção fraterna, um olhar de ternura, e... quantos não **serão** redivivos, abençoando-vos?" (Rui Barbosa)

b) Em correlação com o futuro do subjuntivo (ideia condicionante), para indicar fatos de realização provável:

- Se o governo diminuir os juros, **comprarei** uma casa para morar.
- "Se o tino do juiz ou do público, como frequentemente sucede, eludir a aplicação da lei, então **desaparecerá** o mal." (Rui Barbosa)

c) Em lugar do imperativo para transmitir à mensagem um caráter mais sugestivo do que imperativo:

- "Não **terás** outros deuses diante de mim." (Bíblia Sagrada)
- "Não **dirás** falso testemunho contra o teu próximo." (Bíblia Sagrada)

d) Em frases interrogativas, para indicar incerteza, dúvida, suposição, probabilidade:

- "**Será** que a mente, já desperta / Da noção falsa de viver, / Vê que, pela janela aberta, / Há uma paisagem toda incerta / E um sonho todo a apetecer?" (Fernando Pessoa)
- "Contra as extorsões de que ela for alvo, quem **poderá** medir a resistência?" (Rui Barbosa)

➭ **Observação:**

Frequentemente, o futuro do presente do indicativo é substituído por locuções verbais formadas com os auxiliares "haver, ter, ir", seguidos de um infinitivo:

→ Presente do indicativo do V. Haver + Preposição + Infinitivo:

- "Neste momento insone e triste / Em que não sei quem **hei de ser**, / Pesa-me o informe real que existe / Na noite antes de amanhecer." (Fernando Pessoa)

→ Presente do indicativo do V. Ir + Infinitivo:

- "Considerou por instantes o arraial imenso, embaixo. Desceu devagar a encosta. Daniel **vai penetrar** na furna dos leões... Acompanhemo-lo." (Euclides da Cunha)

→ Presente do indicativo do V. Ter + Que + Infinitivo:

- "– Olhe, Senhor Cassi: amanhã, à tarde, não, porque **tenho que ir** à sessão da minha sociedade; mas, se tem pressa, pode vir depois de amanhã, logo pelas sete ou oito horas." (Lima Barreto)

6. Futuro do pretérito

Como regra geral, emprega-se o futuro do pretérito simples para indicar uma ideia hipotética em relação a um fato situado no passado. Geralmente, este tempo aparece em correlação com o pretérito imperfeito do subjuntivo.

- "Mas **incorreríamos** no ridículo de querer tapar o Sol com os dedos, se tentássemos dissimular o industrialismo egoístico, avaro, cobiçoso, que caracterizava a fisionomia do príncipe ligado à sorte da princesa imperial." (Rui Barbosa)
- "O serviço militar **tinha** a natureza de eventual, porque não **havia** entre os visigodos exército permanente." (G. Barros *apud* A. Epiphanio S. Dias)

Emprega-se também:

a) Em orações que denotam indignação ou surpresa:

- Jamais **acusaríamos** você!
- **Seria** possível uma acusação dessas?

b) Para indicar um fato futuro em relação a um outro fato situado no passado:

- "... e protestei que antes disso me **reabilitaria** de minha estúrdia ingenuidade." (José de Alencar)
- "Então ela declarou-lhe que não tivesse medo de nada. Nada **aconteceria** nem a um nem a outro." (Machado de Assis)

c) Em orações que denotam polidez, brandura, cortesia, em substituição ao presente do indicativo:

- – **Poderia** nos dar um minuto, por favor.
- – **Gostaria** de provar a nossa nova sobremesa, madame?

d) Em orações que revelam dúvida, probabilidade, suposição, incerteza, ideia aproximada:

- "– **Serias** capaz de fazer isso, Lúcia?" (José de Alencar)
- "Não fora a natureza, os céus, os pássaros, as águas múrmuras, como **poderíamos** viver?" (Júlio Ribeiro)
- "A cabo da estreita senda da cruz **acharia** ele, porventura, a vida e o repouso íntimos?" (A. Herculano)

7.4.4.1.2 Tempos do modo subjuntivo

1. Presente do subjuntivo

Em geral, emprega-se o presente do subjuntivo em orações que exprimam dúvida, desejo, fato provável.

- **Queira** Deus que eles **estejam** bem.
- Talvez **fiquem** melhor agora.
- "E talvez não **saiba** que eu estava a beber na fonte quando vossa senhoria, há dois para três anos, deu muita pancada nos criados, que era mesmo um rebuliço que parecia o fim do mundo." (Camilo Castelo Branco)
- "– Sabes? talvez eu **tenha** de me ir amanhã embora." (Eça de Queiroz)
- "Se nos embaraçássemos nas imaginosas linhas dessa espécie de topografia psíquica, de que tanto se tem abusado, talvez não os compreendêssemos melhor. **Sejamos** simples copistas." (Euclides da Cunha)

Emprega-se também:

a) Em correlação com o presente do indicativo para indicar fato presente ou futuro:

- Esperamos que eles **cheguem** ainda hoje.
- É profundamente lamentável que eles **fiquem** sem ir à escola.

b) Em correlação com o presente do indicativo para expressar um conselho, uma advertência, uma sugestão:

- "Preciso é que os ouvidos **estejam** bem abertos e a atenção bem apurada, quando se está defronte de uma moça como D. Clementina." (Joaquim M. de Macedo)
- "**Analisemos** o caso. O comandante expedicionário deixara em Queimadas grande parte de munições, para não protelar por mais tempo a marcha..." (Euclides da Cunha)
- "Padre que seja, se for vigário na roça, é preciso que **monte** a cavalo." (Machado de Assis)

c) Em correlação com tempos do modo indicativo para expressar ideia de concessão, de oposição:

- "Conquanto não **seja** assim, eu tomei a resolução heróica de aproximar os mais peculiares à Bruzundanga dos nossos nomes portugueses..." (Lima Barreto)
- "– Pode ser que não; e ainda que **desconfiem**, não há testemunhas." (Camilo Castelo Branco)

2. Pretérito imperfeito do subjuntivo

Como regra geral, emprega-se o pretérito imperfeito do subjuntivo, em correlação com o futuro do pretérito do indicativo, para indicar um fato hipotético, provável, suposto.

- "Estas testemunhas referiram que ouviram dizer a Cristo que, se os Judeus **destruíssem** o templo, ele o tornaria a reedificar em três dias." (Pe. Antônio Vieira)
- "Bem sei que não podes compreender o que é a fé viva de um muçulmano na proteção de Deus: mas eu seria réu do inferno, se **duvidasse** um instante das promessas do Profeta." (A. Herculano)

Emprega-se também:

a) Em orações subordinadas substantivas, correlacionando-se com tempos do modo indicativo, para expressar "súplica, pedido, requerimento, solicitação":

- "O Rei de Portugal só queria que nenhum palmo de chão português, baldio ou murado, **jazesse** fora de seu senhorio real." (Eça de Queiroz)
- Solicitei naquele momento que o **acolhessem** nalgum asilo.
- "Dirigiu-se a Sir Robert Peel, e pediu-lhe que lhe **comunicasse** as ideias segundo as quais ele achava que a reforma deveria ser feita". (Rui Barbosa)

b) Em orações subordinadas substantivas, correlacionando-se com tempos do modo indicativo, para expressar "ordem, determinação, proibição, deliberação":

- "Apenas findou o café, mandou pelo Bento avisar os dois moços da horta, o Ricardo e o outro de queixo de cavalo, que o **esperassem** no pátio, armados." (Eça de Queiroz)
- "Ordenava ela à mucama que **distribuísse** pelas outras uns enfeites e vestidos já usados." (José de Alencar)

c) Em orações subordinadas substantivas, correlacionando-se com tempos do modo indicativo, para exprimir "aconselhamento, aviso, admoestação, recomendação, exortação":

- "E com eles atravessou de novo a Vila até a cocheira do Torto – para recomendar que lhe **mandassem** à Torre, às nove horas da manhã, a parelha ruça." (Eça de Queiroz)

- "Admoestou a certo bispo que se **recolhesse** à sua igreja." (Manuel Bernardes)

d) Em estilo literário, para expressar a causa em relação a outro fato que lhe servirá de efeito:

- "Como eu lhe **dissesse** que a vida tanto podia ser uma ópera, como uma viagem de mar ou uma batalha, abanou a cabeça e replicou: – A vida é uma ópera e uma grande ópera." (Machado de Assis)
- "Como **fosse** grande arabista, achou no Corão que Maomé declara veneráveis os doidos, pela consideração de que Alá lhes tira o juízo para que não pequem." (Machado de Assis)

e) Para a formação de orações adverbiais (circunstanciais), principalmente, as condicionais e as concessivas:

- "Ah! se agora **chegasses**!
  Se eu **sentisse** bater em minhas faces
  A luz celeste que teus olhos banha (...)." (Olavo Bilac)
- "Não recebia ninguém, vivia num isolamento monacal, embora **fosse** cortês com os vizinhos que o julgavam esquisito e misantropo." (Lima Barreto)

3. Futuro do subjuntivo

Como regra geral, em correlação com o futuro do presente do indicativo, emprega-se o futuro do subjuntivo em orações subordinadas adverbiais condicionais e temporais, para indicar o tempo ou a condição do fato expresso na oração subordinante.

- Se ele **chegar** a tempo, sairemos ainda hoje.
  fato da oração subordinante (sair)
- Quando ele **comprar** o novo carro, passearemos mais.
  fato da oração subordinante (passear)
- "O desejo que me deu, quando saí de Barbacena, foi simples desejo, sem prazo; irei, não há dúvida, mas lá para diante, quando Deus **quiser**." (Machado de Assis)
- "Se eu **disser** 'Há sol nos meus pensamentos', ninguém compreenderá que os meus pensamentos são tristes." (Fernando Pessoa)
- "Quando **estiverem** todos adormecidos, o guerreiro branco deixará os campos do Ipu, e os olhos de Iracema, mas não sua alma." (José de Alencar)

7.4.4.2 Emprego dos tempos verbais compostos

Na língua portuguesa, alguns tempos simples podem ser expressos por meio de uma forma composta, formada pelos verbos auxiliares (ter e haver) mais o particípio do verbo. Tais tempos compostos são, em sentido lato, locuções verbais especiais. Aparecem sob a forma composta:

1. O pretérito perfeito composto do indicativo

Formado pelo "presente do indicativo" mais o particípio de um verbo, o pretérito perfeito composto é empregado para expressar um fato que, tendo-se iniciado no passado, dura ou vem repetindo-se até o presente com a possibilidade ou não de continuar no futuro. Observe:

- Ele **tem feito** muitas obras desde que iniciou o seu governo.
- "Você sabe que eu **tenho tratado** do seu casamento com a Zulmirinha... Lá em casa não se fala agora noutra coisa..." (Aluísio Azevedo)
- "Eu bem **tenho dito** a Jorge! Tantas vezes lho **tenho dito**! Isto é uma rua impossível!" (Eça de Queiroz)

2. O pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo

Formado pelo "pretérito imperfeito do indicativo" mais o particípio de um verbo, o pretérito mais-que-perfeito composto é empregado com a mesma função da sua forma simples: indicar um fato passado em relação a outro fato também no passado ou indicar um fato sucedido antes de outro não enunciado no contexto, mas implícito nele. Observe:

- "Os ingênuos contos sertanejos desde muito lhes **haviam revelado** as estradas fascinadoramente traiçoeiras que levam ao Inferno." (Euclides da Cunha)
- "Lúcia, como vê, parecia adivinhar o que me **tinham dito** o Cunha e Sá para desmenti-los completamente." (José de Alencar)
- Quando lá chegamos, o comendador já **tinha saído.**

3. O futuro do presente composto do indicativo

Formado pelo "futuro do presente do indicativo" mais o particípio de um verbo, o futuro do presente composto indica um fato posterior à época presente, mas já acabado antes de outro fato futuro.

- "Lá, no tumulto dos cortesãos, onde o amor é cálculo ou sentimento grosseiro, **terás achado** quem te chame sua." (A. Herculano)
- Quando ele chegar, já **terei terminado** de resolver a prova.

4. O futuro do pretérito composto do indicativo

Formado pelo "futuro do pretérito simples do indicativo" mais o particípio de um verbo, o futuro do pretérito composto indica um fato posterior a uma época passada a que nos referimos, mas já acabada antes de outro fato futuro.

- Quanto prazer eles **teriam desfrutado**, se não tivessem pouco dinheiro e pressa para voltar.
- "Se me achasse bonita, já me **teria pedido** a papai..." (Aluísio Azevedo)
- Eu o **haveria esperado**, se ontem eu não tivesse um compromisso.

5. Pretérito perfeito composto do subjuntivo

Formado pelo "presente do subjuntivo" mais o particípio de um verbo, o pretérito perfeito composto do subjuntivo expressa uma hipótese ou um desejo em relação a outro fato situado no futuro.

- "- Provavelmente, ele lá estará, pensou Rubião indo jantar ao Flamengo; duvido que **tenha dado** melhor presente que eu." (Machado de Assis)
- "Desejo que não procedas precipitadamente e que, antes de dizer-me uma palavra, **tenhas medido** todo o alcance que ela deve ter sobre o teu futuro." (José de Alencar)

6. Pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo

Formado pelo "pretérito imperfeito do subjuntivo" mais o particípio de um verbo, o pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo indica um fato hipotético no passado em relação a outro fato hipotético também no passado.

- "Pôs-se a pensar, o que teria sucedido se **tivesse casado** com o primo Basílio." (Eça de Queiroz)
- "Se vossa senhoria **tivesse consentido** que sua filha amasse Simão Botelho Castelo-Branco, teria poupado a vida ao homem sem honra." (Camilo C. Branco)

7. Futuro do subjuntivo composto

Formado pelo "futuro simples do subjuntivo" mais o particípio de um verbo, o futuro do subjuntivo composto indica, à semelhança da forma simples, um fato hipotético no futuro, mas de realização provável, o qual se correlaciona com outro fato também no futuro.

- Quando eu **tiver adquirido** o novo carro, passearei bastante com a minha família.
- Explicaremos as dúvidas dos leitores que não **tiverem entendido** o assunto.

7.4.4.3 As locuções verbais (construções perifrásticas) - emprego dos verbos auxiliares

Também chamadas de "**perífrases verbais**", as locuções verbais servem para denotar ideias acessórias da ação verbal, frequentemente não contempladas pelos tempos simples e compostos. Para tanto, a língua socorre-se de certas combinações de dois verbos, ficando um deles fixo no infinitivo, no gerúndio ou no particípio, recebendo o outro as flexões de modo, tempo e número.

Para a formação das locuções verbais, a língua lança mão de vários verbos em função auxiliar. Frequentemente são usados, além de outros, os verbos "ser, estar, ficar, ter, haver, ir, vir, parecer, andar".

Dica de estudo: Procure correlacionar este assunto com o assunto "emprego dos tempos compostos" formados com os verbos auxiliares "ter" e "haver".

Vejamos abaixo um rol sucinto dos sentidos transmitidos por algumas locuções verbais, além do emprego dos principais verbos auxiliares:

a) Verbo auxiliar SER mais o PARTICÍPIO → formação de locuções verbais da voz passiva de ação:

- Eles **foram atacados** por várias abelhas enquanto caminhavam pela fazenda.
- Os garotos **são instruídos** pelo mestre.

b) Verbo auxiliar ESTAR mais o PARTICÍPIO → formação de locuções verbais da voz passiva de estado:

- Eles **estão cercados** pela polícia.

c) Verbo auxiliar TER mais preposição DE mais INFINITIVO → formação de locução verbal que denota "obrigação, compromisso, fato infalível":

- O Brasil **tem de** ser um país menos desigual.
- Todos **tiveram de** sair por causa do fogo que já atingia os últimos andares do prédio.

d) Verbos auxiliares "COMEÇAR A, ENTRAR A, PASSAR A" mais INFINITIVO → formação de locuções verbais que indicam momento inicial de uma ação:

- O trem **começou a partir**, e todos, emocionados, despediam-se dos soldados.
- "Afinal, o homem teso rendeu o flexível, e **passou a falar** pausado, com superlativos." (Machado de Assis)

e) Verbos auxiliares "ANDAR, ESTAR, FICAR, IR, VIR" mais GERÚNDIO → formação de locuções verbais que indicam duração, continuação, progressão:

- Já **vem chegando** o inverno com seu frio, suas chuvas.
- Meu amigo, você sabe o que o José **anda fazendo**?
- João **está comprando** uma nova casa na praia.
- Ele sempre **fica olhando** os aviões no aeroporto.

f) Verbos auxiliares "ACABAR, DEIXAR, PARAR" mais preposição DE mais INFINITIVO → formação de locuções verbais que indicam momento final, cessação da ação:

- "Comoviam-no o espetáculo dos infelizes que **acabava de encontrar** armados até aos dentes, e o quadro emocionante daquela Tebaida turbulenta." (Euclides da Cunha)
- Todos **deixaram de fazer** a tarefa imposta pela professora por causa do calor excessivo que na sala fazia.
- Assim que viu o comandante, **parou de falar** e começou a andar para trás.

g) Verbo auxiliar "DEVER" mais INFINITIVO → formação de locução verbal que indica necessidade, obrigação:

- "O almirante não **deve falar** assim... A pátria está logo abaixo da humanidade." (Lima Barreto)
- "– *Senhor, se é católico,* **deve considerar** que a Igreja condena as revoltas..." (Euclides da Cunha)

h) Verbo auxiliar IR mais INFINITIVO → formação de locução verbal que indica uma ação em um futuro próximo:

- "Na sessão que se **vai abrir**, esta Câmara espera demonstrar-vos quanto sabe honrar a soberana esterilidade das instituições constitucionais." (Rui Barbosa)
- "Nada, inda não: Vidinha **vai cantar** uma modinha." (Manuel A. Macedo)

i) Verbo auxiliar IR mais GERÚNDIO → formação de locução verbal que indica uma ação em decurso, em ocorrência, em desenvolvimento gradual:

▸ "Meu coração é um almirante louco
que abandonou a profissão do mar
e que a **vai relembrando** pouco a pouco
em casa a passear, a passear..." (Fernando Pessoa)

▸ "Este necessário e inevitável reviramento por que **vai passando** o mundo, há de levar muito tempo." (A. Garrett)

j) Verbo auxiliar HAVER mais preposição DE mais INFINITIVO → formação de locução verbal que indica futuridade de forma mais enfática. Equivale ao futuro do presente do indicativo em sua forma simples:

▸ "Mas **hei de** me **ver** vingada, oh! se **hei de**! tão certo como estar eu aqui: os desembargadores lá estão, que me **hão de dar** esse gosto: espero isso em Deus." (Manuel A. de Almeida)

▸ "– Os vizinhos **hão de dizer** que estamos doidos, Jorge... – acudiu ela." (Eça de Queiroz)

➾ **Observação:**

Em muitas construções, a presença de dois verbos juntos nem sempre indica uma locução verbal. Muitas vezes, temos orações reduzidas de infinitivo, por exemplo, cujo verbo da oração subordinada – no infinitivo – encontra-se próximo do verbo da oração principal – subordinante. Um recurso prático para se evitarem confusões é tentar "desenvolver" o infinitivo da oração subordinada. Embora não seja totalmente seguro, este recurso ajuda bastante. Observe:

▸ Ainda **falta dar** muitos retoques na obra de arte. (**FALTA DAR** = locução verbal ou verbos autônomos?)

Vamos tentar desenvolver a oração →

"Ainda falta **que se deem muitos retoques na obra de arte**."

Foi possível desenvolver-se a oração.
Temos, então, dois verbos autônomos.

▸ Ele não **deve comprar** aqueles produtos. (**DEVE COMPRAR** = locução verbal ou verbos autônomos?)

Vamos tentar desenvolver a oração →

"Eles não devem **que comprem aqueles produtos**."

O desenvolvimento torna a construção ilógica.
Não foi possivel o desenvolvimento.
Temos, então, uma locução verbal em "deve comprar".

Sugestão: Para ampliar seus conhecimentos sugerimos estudar os assuntos "orações reduzidas" e "concordância com o sujeito oracional" em sintaxe.

7.4.4.4 Correlação dos tempos e dos modos verbais – sequencialização dos tempos (*Consecutio temporum*)

Atenção: Este tópico é muito cobrado pelos concursos em geral. Sugerimos que o estude mais de uma vez.

Em sentido próprio, a correlação de tempos e modos verbais ou sequencialização dos tempos é a dependência entre as formas temporais do verbo de uma oração subordinada e as do verbo da oração subordinante (principal) respectiva, para se indicar **anterioridade**, **simultaneidade** ou **posterioridade**.

Observe:

a) Nós **SABEMOS** que tu **PARTICIPAS** de grupos religiosos extremistas.

A ação de participar é simultânea à ação de saber.

b) Nós **SABEMOS** que tu **PARTICIPAVAS** de grupos religiosos extremistas.

A ação de participar é anterior à ação de saber.

c) Nós **SABEMOS** que tu **PARTICIPARÁS** de grupos religiosos extremistas.

A ação de participar é posterior à ação de saber.

Sabedores de que a correlação nada mais é do que a adequação entre os verbos de um período composto por subordinação, passaremos a estudar

as principais correlações entre os tempos e os modos verbais. Salientamos, de imediato, que este estudo não pretende exaurir todas as possibilidades correlacionais em nossa língua, em virtude da quantidade exacerbada de relações possíveis. Destacamos, portanto, as seguintes orientações/relações:

I – Quando o verbo da oração principal for declarativo e se encontrar no presente do indicativo, no futuro do presente do indicativo ou no imperativo, a correlação com o verbo da oração subordinada pode ser feita com todos os tempos do modo indicativo. Observe abaixo:

Eu **sei** (percebo, penso, é verdade)
Eu **direi** (perceberei, pensarei)
Diz (percebe, vê, pensa)
que o governo
protege
protegia
protegeu
tem protegido
tinha protegido
protegera
protegerá
protegeria
o povo.

Outros exemplos:

- "É, todavia, certo que o grãozinho não se **despegou** do cérebro de Quincas Borba, – nem antes, nem depois da moléstia que lentamente o comeu." (Machado de Assis)
- "Mas deves saber que não **posso satisfazer** o teu desejo sem primeiro entender-me com meu pai, que está na corte." (Bernardo Guimarães)
- "Mas os considerados dirão que algum interesse **haverá** nesta circunstância em aparência mínima." (Machado de Assis)

II – Quando o verbo da oração principal for declarativo e se encontrar em um dos tempos pretéritos do modo indicativo (perfeito, imperfeito ou mais-que-perfeito), a correlação com o verbo da oração subordinada deverá ser feita com o pretérito imperfeito do indicativo, com o pretérito mais-que-perfeito do indicativo ou ainda com o futuro do pretérito do indicativo.

Ele sabia
Ele soube
Ele soubera
que o governo
protegia
protegera (tinha protegido)
protegeria
o povo.

Outros exemplos:

- "Logo que **chegou**, enamorou-se de uma viúva, senhora de condição mediana e parcos meios de vida." (Machado de Assis)
- "E, terminando, dizia-lhe que não **era** 'nos esplendores das salas' ou nos 'bailes febricitantes' que **gostava** de a ver." (Eça de Queiroz)
- "Sempre eu pensara que a traição de Mem Viegas **faria** vivo abalo no ânimo de vosso pai." (A. Herculano)
- "Perguntou D. Quixote como se **chamava**. Respondeu-lhe ela que se **chamava** a Tolosa." (Castilho)

III – Quando o verbo da oração principal expressar vontade, pedido ou permissão e se encontrar no presente do indicativo, no futuro do presente do indicativo ou no imperativo, a correlação com o verbo da oração subordinada deverá ser feita com o presente do subjuntivo.

Eu quero (peço, permito, ordeno, aconselho)
Eu quererei (pedirei, permitirei, ordenarei)
que ele **saia** agora.

Outros exemplos:

- "O nosso Camacho não deseja que os rapazes **saiam**; quem é que há de dançar com as moças?" (Machado de Assis)
- "Exorta o Apóstolo a todos a que **tratem** da salvação de suas almas." (Pe. Antônio Vieira)
- "...por Jesus Cristo vos rogo que **tranquilizeis** aquela alma." (A. Herculano)

➾ **Observações:**

a) Obedecem a esta mesma regra os verbos perceptivos e declarativos empregados em frases negativas, interrogativas e duvidosas.

Não creio (não acredito, não penso)
Não crerei (não acreditarei, não pensarei)
que ela **venha** amanhã.

b) Seguem também esta correlação os verbos que expressam dúvida, temor, esperança, tais como "duvidar, temer, esperar."

- "Duvido que mamãe **embarque.**" (Machado de Assis)
- "Ninguém espera que a oposição **dilucide** agora pormenores da sua política em relação ao Egito." (Rui Barbosa)

IV – Quando o verbo da oração principal expressar vontade, desejo, pedido ou permissão e se encontrar em um dos tempos pretéritos do modo indicativo (perfeito, imperfeito ou mais-que-perfeito), a correlação operar-se-á com o pretérito imperfeito do subjuntivo.

Eu queria (pedia, permitia, ordenava, aconselhava)
Eu quis (pedi, permiti, ordenei, aconselhei)
Eu quisera (pedira, permitira, ordenara, aconselhara)
Eu quereria (pediria, permitiria, ordenaria, aconselharia)
que ele **saísse** agora.

Outros exemplos:

- "Argimiro jurou que faria o que seu pai e senhor lhe **ordenasse.**" (A. Herculano)
- "A mulher esperou pacientemente que os magistrados **consultassem**, à sua vontade e puridade, do negócio que a todos interessava." (Almeida Garrett)
- "João amava a Cristo e queria que seus discípulos o **amassem.**" (Pe. Manuel Bernardes)

➾ Observações gerais sobre a correlação dos tempos e dos modos verbais:

1. Uma das correlações mais comuns na língua portuguesa dá-se entre o futuro do pretérito do indicativo – presente na oração subordinada – e os tempos pretéritos do modo indicativo – perfeito, imperfeito e mais-que-perfeito.

Eu sabia
Eu soube
Eu soubera
que ele **chegaria** (ou **iria** chegar) naquela tarde.

2. Há na nossa língua duas correlações bastante cobradas em provas de concursos. São elas:

FUTURO DO PRESENTE DO INDICATIVO ⇆ FUTURO DO SUBJUNTIVO
FUTURO DO PRETÉRITO DO INDICATIVO ⇆ PRETÉRITO IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO

- Quando todos **chegarem**, nós os **receberemos** com muito carinho.
  fut. subj. *fut. pres. ind.*
- Se todos **chegassem**, nós os **receberíamos** com muito carinho.
  pret. impef. subj. *fut. pret. ind.*

Outros exemplos:

- "Se de fato **viéssemos** a nos contentar com o que somos, as inúmeras janelas abertas pela TV não **teriam** a mesma força de atração que as pesquisas demonstrassem." (Fund. Carlos Chagas)
- "Se não **variassem** de cultura para cultura, as regras de convívio **teriam** alcançado, efetivamente, a chamada validade universal." (Fund. Carlos Chagas)
- "Quando todos **revirmos** o papel social que nos cabe e nos **dispusermos** a exercê-lo de fato, nenhum caso de impunidade **será** tolerado." (Fund. Carlos Chagas)

3. Quando na oração subordinada se afirma um fato presente ou que, remontando ao passado, ainda continua no presente (fato habitual ou sempre verdadeiro), o verbo desta oração subordinada ficará no presente do indicativo, ainda que o verbo da oração principal se encontre no passado.

- Em suas pesquisas, Galileu já afirmava que a terra se **move.**
- "Santo Antão dizia que, assim como a substância úmida **dá** nutrimento aos peixes, assim a vida solitária **dá** ornamento aos religiosos." (H. Pinto)
- "Dizia certo estadista inglês que o segredo da força dos agitadores **está** na obstinação dos governos." (Rui Barbosa)

4. O verbo HAVER, indicando quanto tempo dura ou durava certa ação, também está sujeito à correlação temporal. Sendo assim:

- A imagem de Jesus Cristo **está** naquele local **há** dois meses.
- A imagem de Jesus Cristo **estava** naquele local **havia** dois meses.
- "Padre Joaquim **era** um modelo de padres, capelão da casa, **havia** trinta e cinco anos." (Camilo Castelo Branco)

5. **Nas orações coordenadas, embora não haja a correlação temporal no sentido próprio, existe certa correspondência entre os tempos respectivos, imposta pela época em que ocorre cada um dos fatos nelas expressos.**

- "Os cavalos **batem** de peito uns nos outros, as espadas **faíscam** nas espadas, os escudos **retinem** contra os escudos, e os elmos e cervilheiras **rolam** pelo chão." (A. Herculano)
- "**Soltava**-se a gula, **desenfreava**-se a ira, **libertava**-se a injustiça, **desbaratava**-se o riso." (Pe. Antônio Vieira)

5. **Para facilitar o estudo acima, podemos resumir assim as principais – e mais cobradas em provas de concursos – correlações de tempo e modo verbais:**

TEMPO VERBAL	CORRELACIONA-SE COM	TEMPO VERBAL
PRESENTE DO INDICATIVO	⇄	PRESENTE DO INDICATIVO
PRESENTE DO INDICATIVO	⇄	PRESENTE DO SUBJUNTIVO
PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO	⇄	PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO DO INDICATIVO
PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO	⇄	PRETÉRITO IMPERFEITO DO INDICATIVO
PRETÉRITO IMPERFEITO DO INDICATIVO	⇄	PRETÉRITO IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO
PRETÉRITO IMPERFEITO DO INDICATIVO	⇄	PRETÉRITO IMPERFEITO DO INDICATIVO
FUTURO DO PRESENTE DO INDICATIVO	⇄	FUTURO DO SUBJUNTIVO
FUTURO DO PRETÉRITO DO INDICATIVO	⇄	PRETÉRITO IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO

Observe exemplos de algumas das correlações acima:

- Se não **VARIASSEM** de cultura para cultura, as regras de convívio **TERIAM** alcançado, efetivamente, a chamada validade universal.
- Enquanto os animais **CONTINUAM** regulando-se pela "lei da selva", os homens **ESTÃO** sempre se esforçando para superá-la.

- Mal **APORTARA**, o navio **FOI** submetido a uma rigorosa inspeção da alfândega, em virtude da suspeita da carga contrabandeada que talvez ele **TROUXESSE** em seus porões.
- Não me **PARECE** justo que você **VENHA** agora argumentar com razões que até ontem jamais invocou, revelando um oportunismo que já **ERA** tão conhecido.
- Tão logo **SAIBAMOS** o resultado do teste a que você ontem **SE SUBMETEU**, entraremos em contato, para não prolongar a agonia de sua expectativa.
- Quando **FOREM** levados em contas os fundamentos que o autor preconizou em seu texto, nossa educação **GANHARÁ** muito.
- Ainda que chimpanzés **DEMONSTREM** algumas aptidões semelhantes às nossas, nenhuma **EQUIVALE** ao desinteressado altruísmo humano.

7.5 AS FORMAS NOMINAIS DO VERBO - OS VERBOIDES

Além das formas modais do verbo (indicativo, subjuntivo e imperativo), existem três formas que exercem papéis típicos dos nomes (substantivos, adjetivos e advérbios). São elas "o infinitivo", "o gerúndio" e "o particípio".

7.5.1 O INFINITIVO

O infinitivo é uma forma nominal do verbo que tem como característica principal a apresentação de uma ação de modo inteiramente geral, não situada no tempo e sem referência a nenhum sujeito. Em outras palavras, é a forma nominal do verbo que exprime a ação, o fenômeno, o processo, o estado, de modo geral e indeterminado, sobretudo quanto ao momento em que se realizam e quanto à pessoa gramatical do sujeito.

- **Viver** é lutar. ▹ **Correr** fortalece os ossos. ▹ É importante **comer** frutas.

Observe como os infinitivos "**viver, correr** e **comer**" apresentam as ações de forma geral, sem situá-las no tempo e sem referência a sujeito.

Em português, entretanto, nem sempre encontramos o infinitivo em sua forma intemporal e impessoal. Assim como no galego, temos o infinitivo pessoal, o qual, como o próprio nome já o diz, apresenta sujeito e, em alguns casos, em virtude do contexto, apresenta também o tempo da ação.

- Acredito **terem partido** ontem à tarde. (Sujeito = eles. Tempo = ontem).

7.5.1.1 O infinitivo pessoal ou flexionado

Como já mencionado, o infinito pessoal ou flexionado é, nas línguas oriundas do latim, uma particularidade do português e do galego. Esta forma é caracterizada por apresentar um sujeito para o infinitivo e, em dados contextos, o tempo da ação verbal.

Observe as desinências para a formação do infinitivo flexionado.

INFINITIVO PESSOAL (FLEXIONADO)	
-R	(EU)
-RES	(TU)
-R	(ELE)
-RMOS	(NÓS)
-RDES	(VÓS)
-REM	(ELES)

Acompanhe a conjugação de três verbos no infinitivo pessoal:

INFINITIVO PESSOAL (Verbo SER)	
SE-R	(EU)
SE-RES	(TU)
SE-R	(ELE)
SE-RMOS	(NÓS)
SE-RDES	(VÓS)
SE-REM	(ELES)

INFINITIVO PESSOAL (Verbo ESTAR)	
ESTA-R	(EU)
ESTA-RES	(TU)
ESTA-R	(ELE)
ESTA-RMOS	(NÓS)
ESTA-RDES	(VÓS)
ESTA-REM	(ELES)

INFINITIVO PESSOAL (FLEXIONADO)	
CANTA-R	(EU)
CANTA-RES	(TU)
CANTA-R	(ELE)
CANTA-RMOS	(NÓS)
CANTA-RDES	(VÓS)
CANTA-REM	(ELES)

Alguns exemplos de emprego do infinitivo pessoal:

- "Para **estarem** juntos tinham encontros misteriosos num caloji de uma velha miserável da Rua de São João Batista." (Aluísio Azevedo)
- É aconselhável **estudarmos** isto.
- Os guardas os obrigaram a **entrarem** na casa.
- "Sisebuto forçara os judeus a **converterem**-se." (A. Herculano)
- "Detestáveis ministros tinham também os Stuarts; o que os não eximiu de **serem** punidos, um com perder a vida, o outro a coroa." (Rui Barbosa)

⇒ **Observações:**

1. **O verbo regular apresenta formas idênticas para o infinitivo pessoal e o futuro do subjuntivo. Percebe-se a diferença entre uma e outra forma, na maioria das vezes, por causa da presença das conjunções "se" e "quando" exigidas, geralmente, pelo futuro do subjuntivo. O infinitivo, por sua vez, rejeita a anteposição de conjunções; ele admite, no máximo, a presença de preposições ou locuções prepositivas. Veja:**

infinitivo pessoal
- "A **persistirem** os sintomas, o médico deverá ser consultado." (Ministério da Saúde)

futuro do subjuntivo
- "Se **persistirem** os sintomas, o médico deverá ser consultado." (Ministério da Saúde)
- Ao **saírem**, fechem as janelas da casa.
infinitivo pessoal
- **Quando** **saírem**, fechem as janelas da casa.
futuro do subjuntivo

2. **Quando os verbos são irregulares, o infinitivo pessoal é totalmente distinto do futuro do subjuntivo.**

infinitivo pessoal
- "No caso de **proporem** um diálogo sem pseudodilemas teóricos, retirar-me-ei do recinto."

futuro do subjuntivo
- Quando **propuserem** um diálogo sem pseudodilemas teóricos, retirar-me-ei do recinto.

7.5.1.2 Função substantiva do infinitivo

Como já mencionado, o infinitivo faz parte das chamadas "formas nominais do verbo". São nominais porque exercem funções sintáticas próprias dos nomes. O infinitivo, por exemplo, exerce funções próprias do substantivo. Daí poder-se afirmar que o infinitivo é empregado frequentemente "como substantivo".

São funções próprias do substantivo: sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, predicativo, aposto e vocativo. Logo, quando exerce a função de núcleo de um desses termos, o infinitivo se encontra em "papel substantivo" ou em "função substantiva". Observe abaixo alguns exemplos:

- **Viver** é lutar.
infinitivo como núcleo do sujeito
- Viver é **lutar**.
infinitivo como núcleo do predicativo

- ▹ O verdadeiro herói não teme **morrer** na batalha.
  infinitivo como núcleo do objeto direto
- ▹ Ele sempre gostou de **viver** longe das grandes cidades.
  infinitivo como núcleo do objeto indireto
- ▹ Ele tinha medo de **ser** o presidente do clube.
  infinitivo como núcleo do complemento nominal
- ▹ Só havia uma saída para a crise: **aumentar** os juros para o crédito.
  infinitivo como núcleo do aposto

⇨ **Observações:**

1. **Embora seja raro tal emprego, o infinitivo pode, em algumas situações, apresentar-se em função adjetiva – qualificativa. Nesse uso, é frequente vir o infinitivo preposicionado, notadamente com as preposições "de" ou "por".**

- ▹ máquina **de escrever**
- ▹ música **de dar sono**
- ▹ enigma **por decifrar**
- ▹ ferro **de engomar**
- ▹ contas **por saldar**
- ▹ serviço **por fazer**
- ▹ história **de arrepiar**
- ▹ capítulos **por ler**

2. **Emprega-se também o infinitivo em função adverbial (circunstancial). Neste caso, o infinitivo exercerá o núcleo de uma oração subordinada adverbial reduzida e poderá expressar várias circunstâncias.**

* "Depois de **fugir** o coelho, toma o vilão o conselho." (Dito popular)
infinitivo expressa circunstância de tempo

* Comemos para **viver**, não vivemos para **comer**.
os infinitivos expressam circunstância de fim

- ▹ Por **caminhar** descalço, adoeceu dos pés.
  infinitivo expressa circunstância de causa
- ▹ A não **haverem** obedecido, não chegariam a viver uma semana.
  infinitivo expressa circunstância de condição
- ▹ Melhor é dar a ruins do que **pedir** a bons.
  infinitivo expressa circunstância de comparação

7.5.1.3 Emprego do infinitivo preposicionado

Um dos fatos mais notáveis relativos à morfossintaxe do infinitivo, nas línguas neolatinas, é a construção de preposições com o infinitivo. Em português, as preposições são empregadas não só com os infinitivos simples, mas também com as orações infinitivas (reduzidas).

- Todos começaram **a falar** sobre o assunto.
  infinitivo simples regido por preposição

- Não veio à festa **por tu saberes a verdade sobre o problema**.
  oração infinitiva regida por preposição

É fato, portanto, que, na língua portuguesa, a construção do infinitivo com a preposição tornou-se tão comum que alguns autores chegaram a empregar infinitivos na função de sujeito precedidos de preposição – situação desabonada pelos grandes estudiosos da nossa língua. Hoje, percebe-se que a tendência é omitir-se a preposição, salvo com alguns verbos. Abaixo, segue um rol não taxativo do emprego do infinitivo preposicionado.

1. Frequentemente se emprega a preposição "A" antecedendo o infinitivo quando este forma construções perifrásticas (locuções verbais) com os verbos "COMEÇAR, ANTECIPAR-SE, APRESSAR-SE, ENTRAR (=COMEÇAR), CONTINUAR, TORNAR, CHEGAR, PÔR-SE".

- Os grevistas **começaram a sair** da rodovia por volta das 17h.
- Assim que nós o vimos, **pusemo-nos a chorar** em virtude da forte emoção que o momento propiciava.
- Por causa do problema, a ministra **chegou a falar** com o Presidente da República.
- "Raimundo fechou a janela e recolheu-se à cama. Levantou-se de novo, **tornou a apanhar** a carta e releu-a. Só a assinatura o irritou." (Aluísio Azevedo)

2. Regido de "POR", exerce o infinitivo a função de um adjetivo, indicando uma ação ou um estado não realizados.

- homens por nascer
- capítulos por ler
- contas por saldar
- as pessoas por vir

3. Em algumas situações, a preposição rege não o infinitivo simples, senão as orações infinitivas. Neste caso, a oração reduzida de infinitivo terá valor circunstancial (adverbial). Observe:

- Deixamos a sala um pouco **por** enfadar-nos a conversa.
  A preposição rege uma oração reduzida de infinitivo, introduzindo uma circunstância de causa.

  A preposição rege uma oração reduzida de infinitivo, introduzindo uma circunstância de condição.
- "**A** permanecerem os sintomas, o médico deverá ser consultado." (Ministério da Saúde)
- Entregou-nos uma nova inscrição **para** arquivarmos no local correto.
  A preposição rege uma oração reduzida de infinitivo, introduzindo uma circunstância de finalidade.

4. Emprega-se regido da preposição "DE" o infinitivo que serve de predicativo, equivalendo a um adjetivo.

- É **de** se admirar que ele até agora não tenha faltado com a verdade. (Equivale a "**É admirável...**")
- "Muito é **de** notar a tristeza de um cipreste em tanta altura." (Pe. Antonio Vieira *apud* Cláudio Brandão)
- É **de** se crer que o Governo Federal reduzirá em curto prazo os juros para a casa própria.

⇛ **Observação:**

Para um maior aprofundamento, sugerimos que estude o assunto "emprego do infinitivo" em sintaxe.

7.5.2 O GERÚNDIO

O gerúndio, como forma nominal que o é, aparece frequentemente como verbo principal em construções perifrásticas – locuções verbais. Para verificar tal emprego, sugerimos estudar (ou revisar) o assunto "locuções verbais", o qual já foi desenvolvido acima.

No entanto, por proceder do ablativo do gerúndio latino, o gerúndio português é geralmente empregado em função adverbial, equivalendo, portanto, a um advérbio. Logo, em seu emprego mais comum, o gerúndio funcionará como um transmissor de circunstâncias e exercerá o núcleo de uma oração subordinada adverbial, em sua forma reduzida.

Na função adverbial, pode o gerúndio denotar, como já se disse, várias circunstâncias. Nesse emprego, ele é denominado de "gerúndio absoluto". Vejamos alguns exemplos do gerúndio absoluto:

- **Sofrendo** com a perda da mãe, evitava festas e comemorações.
  gerúndio expressando circunstância de causa (→ porque, já que, visto que)
- Não **tendo** condições financeiras, não viaje para fora do país.
  gerúndio expressando circunstância de condição (→ se, caso)

gerúndio expressando circunstância de concessão (→ embora, apesar de que)

- "Não quiseram, **sendo** letrados, resolver o escrúpulo por si mesmos." (Pe. Antônio Vieira)
- "Quem me manda ser triste, **podendo** viver contente?" (Augusto E. S. Dias)
  gerúndio expressando circunstância de tempo (→ enquanto)

gerúndio expressando circunstância de meio

- "E das feridas se remediavam as doninhas, **esponjando**-se em uma moita de saramagos." (Bernardes *apud* Cláudio Brandão)

gerúndio expressando circunstância de modo

- "O céu se abria, **fuzilando** sobre a terra de uma parte e outra." (Godinho *apud* Cláudio Brandão)

gerúndio expressando circunstância de finalidade (→ a fim de que, para que)

- "Vim para estes ermos, **fugindo** das gentes para quem só anoiteceu e amanheceu." (Pe. Manuel Bernardes)
- "Estas estavam juntas de alto a baixo, **fazendo** um só corpo." (Bíblia Sagrada, Êxodo) *gerúndio expressando circunstância de consequência (→ de modo que, de maneira que)*

Em algumas situações, o fato enunciado pelo gerúndio não é rigorosamente simultâneo a outro, e sim anterior, realizado imediatamente antes ou pouco antes. Corresponde neste caso o gerúndio absoluto a uma oração temporal iniciada por "depois que, logo que". Observe:

- **Chegando** ao centro de convenções, procuramos falar com o organizador do evento.
- **Vendo** que o carro não saía do atoleiro, chamou um trator.

Em outras construções, quando o acontecimento ocorrido em primeiro lugar for enunciado por uma oração explícita, o gerúndio, denotando fato imediato, equivalerá geralmente a uma oração coordenativa iniciada pela conjunção "e". Veja:

- "Recebeu a joia, **entregando**-a depois à esposa." (M. Said Ali)
- "Seguiu-se-lhe o infante D. Pedro, e a este seu irmão D. Henrique, **acabando** a cerimônia com o conde de Barcelos." (F. J. Freire)

Hoje também é bastante comum o emprego do gerúndio precedido da preposição "em" para enunciar fatos vindouros, futuros. Neste caso, o gerúndio equivalerá a uma oração adverbial desenvolvida temporal, introduzida por "logo que, no momento em que". Vejamos:

- Em **chegando** a casa, telefonarei para a diretora da clínica.
  no momento em que chegar, logo que chegar
- Em **amanhecendo**, montaremos no cavalo e partiremos para a cidade grande.
  no momento em que chegar, logo que chegar

➯ Observações:

1. **Da facilidade que tem o gerúndio de exprimir circunstâncias tão diferentes, como causa, condição, concessão, tempo, finalidade, modo, resulta que o sentido só se pode apurar pelo contexto. É preciso, portanto, ter muito cuidado na classificação do gerúndio, pois frequentemente aparecem estruturas em que o gerúndio é suscetível de duas ou mais interpretações. Observe abaixo:**

- Um homem **tendo** dinheiro não deve passar fome.
  → que tem dinheiro
  → quando tem dinheiro
  → se tem dinheiro

- "Mastigam os cavalos **escumando** os áureos freios com feroz semblante." (Camões)
  → mastigam escumando
  → os cavalos que escumam

2. **Para aprofundar o emprego do gerúndio absoluto – em função adverbial –, sugerimos que estude, em sintaxe do período composto, as orações subordinadas adverbiais reduzidas.**

7.5.2.1 O gerúndio em função adjetiva

A despeito de ser condenado por gramáticos de renome, hoje se vê, nos mais diferentes meios, o largo emprego do gerúndio em função adjetiva – gerúndio que se refere a um substantivo. Sabe-se, como já se demonstrou, que a principal função do gerúndio é funcionar como um núcleo adverbial, denotando circunstâncias diversas. Entretanto, já nos escritores clássicos, encontrava-se o emprego do gerúndio em função atributiva – adjetiva.

Observe o excerto abaixo:

- "Não faltam ali os raios, os trêmulos cometas IMITANDO; em vão assopra o vento, a vela INCHANDO; viram ao longe dous navios brandamente c'os ventos NAVEGANDO, que respiram." (Luís Vaz de Camões)

Perceba que já em Camões – nosso mestre dos mestres em língua portuguesa – encontrava-se o emprego do gerúndio em função adjetiva, já que os gerúndios acima equivalem literalmente a "QUE IMITAM", "QUE INCHA" e "QUE NAVEGAM".

Por isso, não há razão para hoje se condenar o emprego do gerúndio em função atributiva, adjetiva. Deve-se, é certo, empregá-lo com parcimônia, com cuidado, para se evitarem construções esdrúxulas, estapafúrdias, esquisitas, do tipo "Vi uma mulher **tendo quarenta anos**" em vez de "Vi uma mulher **que tinha quarenta anos**".

Vejamos outros exemplos do emprego correto do gerúndio em função adjetiva coletados em grandes escritores:

- "– Mas, Sr. José Dias, tenho visto os pequenos **brincando**, e nunca vi nada que faça desconfiar. Basta a idade." (Machado de Assis)
- "Vieram ter a um vale, pelo qual atravessava a cavalo um donzel pequeno **chorando**." (Morais *apud* Cláudio Brandão)
- "Os homens parecem-se com meninos **brigando** sobre a metade de uma maçã." (Manuel Bernardes)
- "E o vendeiro empurrou a porta do fundo da estalagem, de onde escapou, como de uma panela **fervendo** que se destapa, uma baforada quente, vozeria tresandante à fermentação de suores e roupa ensaboada **secando** ao sol." (Aluísio Azevedo)
- "...divergindo apenas no tamanho, tendo todas a mesma conformação, a mesma aparência de vegetais **morrendo**, quase sem troncos,..." (Euclides da Cunha)
- "O galope dos corcéis dá um som áspero de ferro **batendo** em pedra." (A. Herculano)
- "O leitor, depois deste exórdio, espera encontrar uma lei **abolindo** a tortura." (Camilo C. Branco)

7.5.2.2 Emprego inadequado do gerúndio – o gerundismo

Para a língua culta, o emprego desmedido – e desnecessário – do gerúndio constitui um erro grave, denominado de "gerundismo". Estruturas como "vou estar ligando", "você pode estar respondendo", "irei estar resolvendo" constituem mal emprego desta forma nominal tão prestimosa em nossa língua. Nessas construções, o tempo da ação passa a ser um futuro contínuo, o que não é indicado para ações que são concluídas em um só ato.

Não que a construção "ir + estar + gerúndio" não possa ser usada. Ela sempre será legítima quando estiver atrelada a outra ação situada no tempo. Logo, construções do tipo "Quando o jogo estiver passando, eu vou estar dormindo" são plenamente possíveis e corretas. Igualmente corretas são as estruturas em que o gerúndio possa indicar ações duradouras, prolongadas no tempo, como, por exemplo, "Amanhã vai estar chovendo" ou "Amanhã vou estar trabalhando o dia todo."

Observe agora dois exemplos:

- Fique tranquilo, pois eu **vou transmitir** sua solicitação para o nosso chefe. (emprego correto) *Aqui se faz a referência à ação em si.*
- Fique tranquilo, pois eu **vou estar transmitindo** sua solicitação para o nosso chefe. (emprego inadequado) *Aqui se faz referência não somente à ação, mas também à duração (tempo) da ação. Transmite-se a ideia de que se vai buscar tempo para o cumprimento da ação.*

7.5.3 O PARTICÍPIO

Literalmente, particípio é "a palavra que participa da natureza do adjetivo e do verbo". Esta definição explicita o caráter misto do particípio – possui natureza adjetival enquanto modificador de um nome; possui também natureza verbal, pois pode apresentar as flexões de voz, de modo, de tempo e de número próprias dos verbos.

↱ Natureza de adjetivo, pois se refere a um substantivo.

- Foram várias as pessoas **mortas** pelo furacão.

↳Natureza verbal, pois apresenta as flexões próprias dos verbos.

7.5.3.1 O particípio circunstancial

À semelhança do gerúndio, o particípio pode funcionar como núcleo verbal em orações subordinadas adverbiais, expressando circunstâncias como as de "tempo, causa, condição, concessão". Neste caso, é denominado de "particípio circunstancial absoluto". Observe os exemplos abaixo:

- **Feita** a separação de corpos, as partes tomaram cada uma o seu rumo.
  particípio expressando circunstância de tempo

  particípio expressando circunstância de causa
- "**Edificado** então o moço, se lançou aos pés do Santo e lhe pediu perdão." (Manuel Bernardes)
- "**Praticado** por outra pessoa, este ato não mereceria censura." (Cláudio Brandão)
  particípio expressando circunstância de condição
- **Feito** por artista de fama, este quadro não agradou aos que entendem de arte.
  particípio expressando circunstância de concessão

7.5.3.2 Emprego do particípio

Na língua portuguesa contemporânea, o particípio é empregado:

1) **Para a formação de orações subordinadas adjetivas reduzidas. Neste caso, o particípio poderá ser desenvolvido com o uso dos pronomes relativos.**

- "Era chegada a vigília dos dois Apóstolos S. Pedro e S. Paulo, tão **celebrados** na Cristandade." (Castilho)
- A porta da igreja, **aberta** com um violento impulso, rompeu-se em um dos lados.

2) Como simples adjetivo (adjetivo de base participial), modificando nomes com os quais concordará em gênero e número. Neste caso, o particípio indicará a passividade do nome modificado.

▹ mão **ferida** ▹ filhos **amados** ▹ meninos **queridos** pelos professores

➯ **Observação:**

Por seu valor de adjetivo, os particípios passivos acima podem ser desdobrados em orações adjetivas de sentido passivo: "que foi ferida", "que são amados", "que são queridos".

3) Para a formação de tempos compostos da voz ativa com os verbos auxiliares "ter" e "haver". Neste caso, o particípio ativo permanecerá invariável.

▹ Nós teríamos **perecido** não fossem os avisos dos guias.

▹ Por segurança, eles haviam **deixado** os mantimentos no pé da montanha.

▹ Se eu soubesse que o filme seria aquele, eu teria **ido** ao cinema.

4) Para a formação de locuções verbais da voz passiva analítica. Geralmente as locuções são formadas com os verbos auxiliares "ser", "estar", "ficar" e "permanecer". Destes verbos auxiliares, o verbo "ser" é indiscutivelmente o mais usado para a formação da locução verbal da voz passiva.

▹ Durante a viagem, os aviões foram **atingidos** por vários relâmpagos.

▹ "Este amor foi **desprezado** e **ludibriado**, e, depois, **comprimido** pelo desprezo e pelo ludíbrio no fundo do coração do teu pobre amigo." (A. Herculano)

▹ Os retirantes vinham **fustigados** pelo sol, pela terra árida e seca.

➯ **Observação:**

Conquanto haja a orientação de se empregar o particípio irregular com os verbos "ser" e "estar" para a formação de locuções verbais da voz passiva, o uso tem consagrado o emprego da forma regular do particípio para a formação da passiva. É o caso, por exemplo, dos particípios "imprimido, sujeitado, envolvido, ocultado".

5) Para a formação de orações adverbiais reduzidas. Nesse caso, se o verbo apresentar duplo particípio, usar-se-á tão somente a sua forma irregular. Observe:

- **Assinada** a escritura, o comprador imitiu-se na posse do imóvel.
- **Aceitas** as condições, assinou-se o contrato.
- **Feitas** as contas, constatou-se que havia um tremendo prejuízo.
- "**Entregue** a preocupações artísticas e religiosas, não atenta na desarmonia orgânica de uma sociedade prostituída pela mácula servil." (Rui Barbosa)

7.5.3.3 Verbos com duplo particípio

Há vários verbos em nossa língua que apresentam mais de uma forma para o particípio – são verbos abundantes. Ao lado da forma regular terminada em "-ado" ou "-ido", existe uma forma irregular (reduzida) ou anormal. Observe uma pequena amostra de verbos com duplo particípio.

Infinitivo do verbo	Particípio regular	Particípio irregular
aceitar	aceitado	aceito
acender	acendido	aceso
anexar	anexado	anexo
benzer	benzido	bento
dispersar	dispersado	disperso
eleger	elegido	eleito
emergir	emergido	emerso
encher	enchido	cheio
entregar	entregado	entregue
enxugar	enxugado	enxuto
erigir	erigido	ereto
expressar	expressado	expresso
exprimir	exprimido	expresso
expulsar	expulsado	expulso
extinguir	extinguido	extinto
frigir	frigido	frito
ganhar	ganhado	ganho
imergir	imergido	imerso
imprimir	imprimido	impresso
incluir	incluído	incluso
incorrer	incorrido	incurso
inserir	inserido	inserto

Infinitivo do verbo	Particípio regular	Particípio irregular
isentar	isentado	isento
limpar	limpado	limpo
matar	matado	morto
morrer	morrido	morto
ocultar	ocultado	oculto
omitir	omitido	omisso
pagar	pagado	pago
pegar	pegado	pego
prender	prendido	preso
romper	rompido	roto
salvar	salvado	salvo
secar	secado	seco
segurar	segurado	seguro
soltar	soltado	solto
submergir	submergido	submerso
suspender	suspendido	suspenso
tingir	tingido	tinto
vagar	vagado	vago

➾ **Observações:**

a) Não raro o usuário da língua se deparar com questões do tipo: "Eu tinha aceitado (ou aceito??) o emprego se...". Para dirimir tal celeuma, vale aprovisionar a seguinte regra: emprega-se o particípio regular com os verbos "ter" e "haver" para a formação de tempos compostos da voz ativa. Já as formas irregulares, quando existem, são empregadas para a formação das locuções verbais da voz passiva.

Observe:

↱ *particípio regular*

› A polícia tem **matado** muitos bandidos no Rio de Janeiro.

↳ *formação de tempo composto da voz ativa*

↱ *particípio irregular*

› Muitos bandidos foram mortos pela polícia no Rio de Janeiro.

↳ *formação de locução verbal da voz passiva*

- "Da civilização romana elas não havíam **aceitado** senão a cultura intelectual e as sublimes teorias morais do cristianismo." (A. Herculano)
- "A mulata convidou-os logo a comer um bocado e beber um trago. A proposta foi **aceita** alegremente." (Aluísio Azevedo)
- "Contam que, em rapaz, foi **aceito** de muitas damas, além de partidário exaltado." (Machado de Assis)
- "Houve mais; supondo que ela o tivesse **aceitado** e casassem, pensava agora no esplêndido enterro que lhe faria." (Machado de Assis)

b) Alguns particípios regulares – *fazido, abrido, cobrido*, por exemplo – caíram em desuso, sendo hoje usadas, tanto para a voz ativa quanto para a voz passiva, as suas formas irregulares – *feito, aberto, coberto* e *pago*.

- Ele tem **feito** grandes obras no interior. (ativa)
- Grandes obras foram **feitas** no interior. (passiva)

c) Os particípios irregulares são formas "contratas". Muitas destas formas são usadas hoje, consoante já se disse, como meros adjetivos: trem "***expresso***", homem "***cego***", mata "***densa***", carga "***pensa***", roupa "***seca***", vinho "***tinto***".

d) Alguns verbos, especialmente da 2.ª e da 3.ª conjugação, nunca tiveram a forma regular de particípio, apresentando apenas a forma irregular. É o caso, por exemplo, de "*dizer / dito, escrever / escrito, vir / vindo*". Os derivados desses verbos, portanto, só possuem naturalmente o particípio irregular: "*desdito, reescrito, provindo*".

7.5.3.4 Particípio passivo de sentido ativo

Em algumas situações, os particípios assumem sentido ativo, a despeito de apresentarem as flexões típicas da voz passiva. Quando isto ocorre, diz-se que o particípio é **depoente**, isto é, com forma passiva e significação ativa. Observe:

- Ela é uma mulher **agradecida**. → Isto é "Ela é uma mulher que agradece".
- Ele é um menino **atrevido**. → Isto é "Ele é um menino que se atreve".
- Ele é um homem **ocupado**. → Isto é "Ele é um homem que se ocupa."
- É um rapaz **esforçado**. → Isto é "É um rapaz que se esforça."
- Tem uma filha **parecida** com ele. → Isto é "Tem uma filha que se parece com ele".

- São crianças **sabidas**. → Isto é "São crianças que sabem muito."
- São pessoas **comedidas**. → Isto é "São pessoas que têm comedimento."
- Assumiram atitudes **dissimuladas**. → Isto é "Assumiram atitudes que dissimulam."

7.6 CLASSIFICAÇÃO MORFOLÓGICA DOS VERBOS

São vários os critérios para a classificação morfológica dos verbos. Estudaremos os principais.

7.6.1 QUANTO À TERMINAÇÃO

Os verbos podem ser de 1.ª CONJUGAÇÃO, de 2.ª CONJUGAÇÃO e de 3.ª CONJUGAÇÃO.

1. São de 1.ª conjugação os verbos que apresentam infinitivo em "AR". São exemplos de verbos de 1.ª conjugação "amar, falar, bebericar, matar, calar, farfalhar".
2. São de 2.ª conjugação os verbos que apresentam infinitivo em "ER". São exemplos de verbos de 2.ª conjugação "beber, fenecer, ler, amanhecer, dever".
3. São de 3.ª conjugação os verbos que apresentam infinitivo em "IR". São exemplos de verbos de 3.ª conjugação "partir, falir, partir, combalir, embair, cair".

➾ **Observação:**

O verbo "pôr", em virtude de sua etimologia "poer", pertence à 2.ª conjugação.

7.6.2 QUANTO À FLEXÃO OU À CONJUGAÇÃO

Os verbos podem ser REGULARES, IRREGULARES, DEFECTIVOS, ABUNDANTES e PRONOMINAIS.

1. **Verbo regular** é aquele cujo tema permanece invariável, e a terminação se flexiona de acordo com um tipo geral ou modelo da conjugação, chamado de "paradigma da conjugação." Como exemplos de verbos regulares, podemos citar: andar, cantar, falar (1.ª conjugação); beber, comer, viver (2.ª conjugação); partir, dividir, produzir (3.ª conjugação).

2. **Verbo irregular** é aquele que não segue o paradigma regular de sua conjugação. O verbo irregular se caracteriza por sofrer alterações em seu tema na sua conjugação. Podemos citar como exemplos de verbos irregulares os verbos "perder, dormir, ter, trazer" etc.

➩ **Observação:**

Há dois verbos irregulares na língua portuguesa que, em virtude das profundas mudanças por que passam em suas conjugações, recebem a denominação especial de "**anômalos**". São os verbos "ser" e "ir", pois apresentam formas como "sou, fui, era, serei, for" etc.

3. **Verbo defectivo** é aquele que não apresenta todos os modos, tempos ou pessoas próprios dos verbos. Como o próprio nome já diz, é o verbo que apresenta algum "defeito" em sua conjugação. Podemos citar como exemplo de verbos defectivos "precaver, reaver, demolir, falir, prazer, florir, soer, abolir, ruir, carpir, adir, adequar" etc.

➩ **Observação:**

Os verbos defectivos serão estudados em parte específica, um pouco mais à frente.

4. **Verbo abundante** é aquele que apresenta mais de uma forma de conjugação para certos tempos, modos ou pessoas. Geralmente, esta abundância se dá no particípio – o qual já foi objeto de estudo. Raros são os verbos que apresentam abundância fora da forma participial. Podemos citar à guisa de exemplo os verbos "construir" (apresenta as formas "construís" ou "constróis") e "comprazer" (apresenta as formas "comprazi-me e comprouve-me").

➩ **Observação:**

Para estudar um pouco mais sobre os verbos abundantes, sugerimos que revise o tópico "verbos com duplo particípio".

5. Verbo pronominal é aquele que só é conjugado com o auxílio de um pronome pessoal oblíquo, átono. Os pronominais são divididos em:
   a) **Essencialmente pronominais** (são sempre conjugados com o pronome oblíquo): "arrepender-se, queixar-se, dignar-se, abster-se, apoderar-se, suicidar-se, ausentar-se, atrever-se, comportar-se".
   b) **Acidentalmente pronominais** (aqueles que podem ser conjugados com ou sem o auxílio do pronome oblíquo): "ajuntar-se, matar-se, atribuir-se, lembrar-se, debater-se, enganar-se, pentear-se, destinar-se, defender-se".

➾ **Observação:**

Veja um pouco mais à frente a conjugação de um verbo pronominal.

7.6.3 QUANTO À FUNÇÃO

Os verbos são classificados em AUXILIARES, PRINCIPAIS e VICÁRIOS.

1. **Verbo auxiliar** é aquele que, empregado ao lado de uma forma nominal do verbo (infinitivo, gerúndio ou particípio), formará as locuções verbais e os tempos compostos. Ademais, é o verbo auxiliar que receberá as flexões de tempo, número e pessoa, uma vez que o verbo principal se encontra em uma forma cristalizada (infinitivo, gerúndio ou particípio). Frequentemente, funcionam como auxiliares os verbos "**ser**, **estar**, **ter** e **haver**". Entretanto, outros verbos podem funcionar como auxiliares, como os verbos "**ir**, **dever**, **poder**, **querer**, **andar**" etc.

- **tenho** feito
- **hão** de comprar
- **estávamos** saindo
- **fui** ferido
- **vai** sair

2. **Verbo principal** é, como o próprio nome já o diz, aquele de significação plena e que funciona como núcleo de uma oração. Geralmente, a noção de verbo principal se sobressai quando se fala em locuções verbais e em tempos compostos, já que estas construções perifrásticas são necessariamente formadas por um verbo auxiliar e um verbo principal.

- **Jogarei** bola amanhã.
- **Chegaremos** cedo.
- Hei de **levar** o produto ainda hoje.

3. **Verbo vicário** é aquele empregado em lugar de outro verbo anteriormente enunciado para se evitar sua repetição. É um poderoso recurso de coesão

textual, pois torna o texto conciso e elegante. Geralmente são empregados como vicários os verbos "ser" e "fazer".

- Deveria entregar o processo até as 17h, mas não o **fez.**
- Quase sempre ele não estudava. Quando o **fazia**, **era** para obter alguma vantagem do pai.

7.6.4 QUANTO À SIGNIFICAÇÃO OU AO ASPECTO (SENTIDO EXPRESSO)

Os verbos podem ser classificados em IMITATIVOS, FREQUENTATIVOS ou ITERATIVOS, INCOATIVOS, AUMENTATIVOS e DIMINUTIVOS.

1. **Verbos imitativos** (chamados também de onomatopaicos) são aqueles que expressam a própria ação dos nomes de que derivam. Observe:

- balançar, balancear → de balança
- serpentear → de serpente
- latinizar → de latim
- patinhar → de pato
- engatinhar → de gato
- judiar → de judeu
- corvejar → de corvo
- gralhar → de gralha

2. **Verbos frequentativos** (chamados também de iterativos) são aqueles que exprimem ação repetida, frequente, reiterada. São verbos geralmente derivados de nomes e até mesmo de verbos com as terminações "-ejar, -ear, -itar, -inhar". Vejamos alguns:

- bravejar → de bravo
- doidejar → de doido
- estalejar → de estalar
- bordejar → de bordo
- cabecear → de cabeça
- pestanejar → de pestana
- saltitar, saltear → de saltar
- passear → de passar
- cravejar → de cravar
- almejar → de alma

3. **Verbos incoativos** são aqueles que indicam o início de uma ação ou de um estado. Observe alguns:

- alvorecer → de alvo
- enraivecer → de raiva
- amarelecer → de amarelo
- esclarecer → de claro
- iniciar → de início
- envelhecer → de velho

- amanhecer → de manhã
- começar → de começo
- florescer → de flor
- madurar → de maduro

4. **Verbos aumentativos** são verbos derivados cuja significação é aumentada ou avivada para mais, geralmente com o auxílio de prefixos.

- recontar → de contar
- estrondear → de estrondar
- repousar → de pousar
- ressoar → de soar
- esmurraçar → de esmurrar
- rever → de ver
- recrescer → de crescer
- tressuar → de suar

5. **Verbos diminutivos** são verbos derivados cuja significação é aumentada ou avivada para menos, geralmente com o emprego de sufixos. Tais verbos transmitem nítida significação de diminuição, de atenuação.

- adocicar → de adoçar
- chuviscar → de chover
- lambiscar → de lamber
- mordiscar → de morder
- bebericar → de beber
- cuspinhar → de cuspir
- namoricar → de namorar
- saltitar → de saltar

7.6.5 QUANTO À FORMAÇÃO

Os verbos são classificados em PRIMITIVOS e DERIVADOS.

1. **Verbo primitivo** é aquele que não foi formado por nenhum outro verbo preexistente.

- pôr
- cantar
- ter
- ver
- vir

2. **Verbo derivado** é aquele que foi formado a partir de outro verbo preexistente.

- depor
- encantar
- deter
- rever
- provir

7.6.6 QUANTO À PRESENÇA OU NÃO DE UM SUJEITO

Os verbos são classificados em PESSOAIS, UNIPESSOAIS e IMPESSOAIS.

1. **Verbo pessoal** é aquele que apresenta sujeito, quer este seja explícito, quer seja implícito.

- **Iremos** à casa da vovó.
  sujeito = nós
- Os rapazes **sairão** hoje à noite.
  sujeito = os rapazes
- **Nadei** por vários minutos.
  sujeito = eu

2. **Verbo unipessoal** é aquele que praticamente só é usado na 3.ª pessoa, ora do singular, ora do plural, pois o seu sujeito é necessariamente da 3.ª pessoa. São unipessoais todos os verbos que indicam vozes de animais, como "grunhir, cacarejar, latir, miar, piar" etc. Outros verbos também se apresentam na forma unipessoal, como os verbos "prazer e doer".

3. **Verbo impessoal** é aquele que não possui sujeito para que com este concorde. Por convenção, os verbos impessoais são sempre empregados na 3.ª pessoa do singular. São impessoais, por exemplo, todos os verbos que indicam fenômenos da natureza, como "chover, ventar, relampejar, gear" etc. Outro caso bastante conhecido é o do verbo HAVER no sentido de "existir, acontecer, ocorrer, realizar-se" e do verbo "fazer" quando indica tempo decorrido.

➭ **Observação:**

Para aprofundar o conhecimento sobre os verbos impessoais, sugerimos que estude, em sintaxe, o tópico sobre as orações sem sujeito.

7.7 VERBOS DEFECTIVOS

Como já mencionamos, verbos defectivos (latim "defectum" = defeituoso, deficiente) são aqueles que não apresentam conjugação completa, pois, em virtude de alguns fatores, tais verbos são faltantes em modos, tempos e pessoas.

Na língua portuguesa, são defectivos os seguintes verbos e/ou grupos verbais:

1. **Todos os verbos impessoais** – verbos que não apresentam sujeito e, portanto, só são empregados, por convenção, na 3.ª pessoa do singular. São denominados de "verbos defectivos impessoais".

Convém a esta altura salientar que a defectividade, na língua portuguesa, não é só em relação à ausência do modo, do tempo ou da pessoa por parte

de um verbo, mas ela se dá também em relação ao emprego do verbo. Se prestarmos atenção, perceberemos que o verbo HAVER é conjugado em todos os modos, tempos e pessoas. Entretanto, quando é empregado no sentido de *"existir, ocorrer, realizar-se, acontecer",* só pode ser usado na 3.ª pessoa do singular. Por isso, diz-se que a impessoalidade é um caso de defectividade na língua portuguesa.

2. **Todos os verbos unipessoais** - verbos que, por situações especiais, são conjugados tão somente na 3.ª pessoa do singular ou do plural. Isso ocorre frequentemente com os verbos "convir, acontecer, doer, *ocorrer, suceder, importar, constar" e com os verbos* que indicam sons dos animais, como "latir, miar, grunhir, mugir, relinchar, cacarejar, silvar, grugulejar etc.".

3. **Verbos que, por questões fonéticas (podem provocar confusão com as formas de outro verbo ou apresentam uma sonoridade reprovável), não apresentam a 1.ª pessoa do singular do presente do indicativo, nem o presente do subjuntivo. Tais verbos só apresentam as pessoas "tu" e "vós" no imperativo afirmativo, já que o imperativo negativo para eles inexiste.** Pertencem a este grupo os verbos "abolir, aturdir, banir, carpir (capinar, arrancar), colorir, computar, delinquir, delir (apagar, esvanecer), demolir, exaurir (esgotar, acabar), extorquir, florir, fulgir (brilhar, resplandecer), jungir (juntar, unir, ligar), retorquir (argumentar contrariamente, replicar), soer (costumar, acontecer com frequência), urgir (ser urgente), tinir (soar)".

Observe o fenômeno da defectividade com o verbo "abolir":

PRESENTE DO INDICATIVO	PRESENTE DO SUBJUNTIVO	IMPERATIVO	
		AFIRMATIVO	NEGATIVO
-	-	-	-
aboles	-	**abole**	-
abole	-	-	-
abolimos	-	-	-
abolis	-	**aboli**	-
abolem	-	-	-

4. **Verbos que, por questões fonéticas (podem provocar confusão com as formas de outro verbo ou apresentam uma sonoridade reprovável), não apresentam as três pessoas do singular e a 3.ª pessoa do plural do**

presente de indicativo, nem o presente do subjuntivo. No imperativo afirmativo, só apresentam o "vós". Inexiste, por conseguinte, o imperativo negativo. Pertencem a este grupo os verbos "precaver, aguerrir, adequar, empedernir (petrificar), remir (resgatar), fornir (abastecer, prover), falir, embair (iludir, seduzir), adir (acrescentar, adicionar), renhir (disputar, pleitear)".

Observe a conjugação defectiva do verbo "precaver".

PRESENTE DO INDICATIVO	PRESENTE DO SUBJUNTIVO	IMPERATIVO	
		AFIRMATIVO	NEGATIVO
-	-	-	-
-	-	-	-
-	-	-	-
precavemos	-	-	-
precaveis	-	**precavei**	-
-	-	-	-

5. **O verbo REAVER.** Este verbo é inteiramente derivado do verbo HAVER, mas só se conjuga nas formas em que o seu primitivo apresenta a letra "V". No presente do indicativo só apresenta a 1.ª e 2.ª pessoas. Logo, não apresenta nenhuma forma do presente do subjuntivo. No imperativo afirmativo, só possui a 2.ª pessoa do plural.

   Observe:

PRESENTE DO INDICATIVO DO VERBO "HAVER"	PRESENTE DO INDICATIVO DO VERBO "REAVER"	IMPERATIVO DO VERBO "REAVER"	
		AFIRMATIVO	NEGATIVO
hei	-	-	-
hás	-	-	-
há	-	-	-
havemos	**reavemos**	-	-
haveis	**reaveis**	**reavei**	-
hão	-	-	-

⇨ **Observação:**

Convém salientar que o verbo reaver apresenta os demais tempos. Observe abaixo toda a conjugação do verbo REAVER:

Reaver

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
-	reavia	reaverei	reaveria	reouve	reouvera
-	reavias	reaverás	reaverias	reouveste	reouveras
-	reavia	reaverá	reaveria	reouve	reouvera
reavemos	reavíamos	reaveremos	reaveríamos	reouvemos	reouvéramos
reaveis	reavíeis	reavereis	reaveríeis	reouvestes	reouvéreis
-	reaviam	reaverão	reaveriam	reouveram	reouveram

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
-	reouvesse	reouver	-	reaver	reavendo
-	reouvesses	reouveres	-	reaveres	
-	reouvesse	reouver	-	reaver	**Particípio**
-	reouvéssemos	reouvermos	-	reavermos	reavido
-	reouvésseis	reouverdes	reavei	reaverdes	
-	reouvessem	reouverem	-	reaverem	

➾ Observações gerais sobre os verbos defectivos:

1. O verbo "computar", a despeito de ser classificado como verbo regular pelo dicionário Houaiss, é considerado pela maioria dos estudiosos da língua portuguesa como "defectivo" em virtude de sua péssima sonoridade. E, de fato, é assim que ele deve ser classificado, pois ninguém em sã consciência diria "eu computo", "tu computas", "ele computa".

2. O verbo "viger", bastante usado no meio jurídico, é defectivo, pois só é conjugado nas formas em que ao "G" segue-se a letra "E". Portanto, tal verbo não apresenta a 1.ª pessoa do singular do presente do indicativo "eu vijo". Consequentemente, este verbo não apresentará os tempos derivados do presente do indicativo – presente do subjuntivo e, por conseguinte, o modo imperativo.

Presente do Indicativo

eu /
tu viges

ele vige
nós vigemos
vós vigeis
eles vigem

3. O problema da defectividade verbal deve ser suprido com o emprego de circunlóquios – verbos ou substantivos sinônimos ou de locuções verbais (construções perifrásticas). Observe abaixo algumas sugestões:

a) Eu sempre me **adapto** bem às novas situações. (para o lugar do verbo "adequar")

b) Eles sempre se **previnem** contra o sol. (para o lugar do verbo "precaver")

c) É importante que essas rosas **floresçam** durante o inverno. (para o lugar do verbo "florir")

d) Ele **está abolindo** o fumo de sua vida. (locução com o verbo "abolir")

e) Eu **destruo** tudo o que pode me causar mal. (para o lugar do verbo "demolir")

f) Nós queremos que ele **recupere** o dinheiro perdido. (para o lugar do verbo "reaver")

7.8 PARADIGMAS DE CONJUGAÇÃO VERBAL – CONJUGAÇÃO DE DIVERSOS VERBOS

Sem dúvida, aqui está uma parte da gramática normativa que merece toda a sua atenção. Frequentemente, os concursos cobram dos candidatos a correta conjugação de vários verbos. Portanto, vamos ao conteúdo abaixo. Uma sugestão: estude aos poucos e não se desespere com a quantidade de detalhes. Procure aprovisionar as informações aos poucos. Algumas são essenciais, outras, nem tanto.

Procuramos abaixo selecionar os principais verbos que apresentam dificuldades em suas conjugações.

7.8.1 CONJUGAÇÃO DOS VERBOS AUXILIARES "SER, ESTAR, TER E HAVER"

Ser

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que--perfeito**
sou	era	serei	seria	fui	fora
és	eras	serás	serias	foste	foras
é	era	será	seria	foi	fora
somos	éramos	seremos	seríamos	fomos	fôramos
sois	éreis	sereis	seríeis	fostes	fôreis
são	eram	serão	seriam	foram	foram

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
seja	fosse	for	–	ser	sendo
sejas	fosses	fores	sê	seres	
seja	fosse	for	seja	ser	**Particípio**
sejamos	fôssemos	formos	sejamos	sermos	sido
sejais	fôsseis	fordes	sede	serdes	
sejam	fossem	forem	sejam	serem	

Estar

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que--perfeito**
estou	estava	estarei	estaria	estive	estivera
estás	estavas	estarás	estarias	estiveste	estiveras
está	estava	estará	estaria	esteve	estivera
estamos	estávamos	estaremos	estaríamos	estivemos	estivéramos
estais	estáveis	estareis	estaríeis	estivestes	estivéreis
estão	estavam	estarão	estariam	estiveram	estiveram

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
esteja	estivesse	estiver	–	estar	estando
estejas	estivesses	estiveres	está	estarem	
esteja	estivesse	estiver	esteja	estar	**Particípio**
estejamos	estivéssemos	estivermos	estejamos	estarmos	estado
estejais	estivésseis	estiverdes	estai	estardes	
estejam	estivessem	estiverem	estejam	estarem	

Ter

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
tenho	tinha	terei	teria	tive	tivera
tens	tinhas	terás	terias	tiveste	tiveras
tem	tinha	terá	teria	teve	tivera
temos	tínhamos	teremos	teríamos	tivemos	tivéramos
tendes	tínheis	tereis	teríeis	tivestes	tivéreis
têm	tinham	terão	teriam	tiveram	tiveram
SUBJUNTIVO			**IMPERATIVO AFIRMATIVO**	**FORMAS NOMINAIS**	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
tenha	tivesse	tiver	–	ter	tendo
tenhas	tivesses	tiveres	tem	teres	
tenha	tivesse	tiver	tenha	ter	**Particípio**
tenhamos	tivéssemos	tivermos	tenhamos	termos	tido
tenhais	tivésseis	tiverdes	tende	terdes	
tenham	tivessem	tiverem	tenham	terem	

Haver

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
hei	havia	haverei	haveria	houve	houvera
hás	havias	haverás	haverias	houveste	houveras
há	havia	haverá	haveria	houve	houvera
havemos	havíamos	haveremos	haveríamos	houvemos	houvéramos
haveis	havíeis	havereis	haveríeis	houvestes	houvéreis
hão	haviam	haverão	haveriam	houveram	houveram
SUBJUNTIVO			**IMPERATIVO AFIRMATIVO**	**FORMAS NOMINAIS**	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
haja	houvesse	houver	–	haver	havendo
hajas	houvesses	houveres	há	haveres	
haja	houvesse	houver	haja	haver	**Particípio**
hajamos	houvéssemos	houvermos	hajamos	havermos	havido
hajais	houvésseis	houverdes	havei	haverdes	
hajam	houvessem	houverem	hajam	haverem	

➯ Observações importantes:

a) De forma excepcional, o verbo "ser" apresenta formas anômalas para o "tu" e o "vós". Teremos, respectivamente, "sê" e "sede", pois as segun-

das pessoas do imperativo do verbo SER foram tiradas de um antigo presente do verbo "SEER" (sees, seedes), do latim "SEDERE".

7.8.2 CONJUGAÇÃO DE VERBOS DERIVADOS

Há um sem-número de verbos na língua portuguesa que são derivados de outros, ditos "primitivos". Frequentemente, cobra-se de um candidato a um concurso o conhecimento sobre a conjugação destes verbos. E, em virtude da fonia e da grafia esdrúxulas que alguns apresentam, muitos e frequentes são os erros. É preciso, portanto, ficar atento à regra: **a conjugação do verbo derivado segue a conjugação do seu verbo primitivo.** Logo, basta conjugar o verbo primitivo e lhe acrescentar o prefixo. Observe abaixo a conjugação do verbo "PROPOR", derivado do verbo "PÔR".

Propor

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
proponho	**pro**punha	**pro**porei	**pro**poria	**pro**pus	**pro**pusera
propões	**pro**punhas	**pro**porás	**pro**porias	**pro**puseste	**pro**puseras
propõe	**pro**punha	**pro**porá	**pro**poria	**pro**pôs	**pro**pusera
propomos	**pro**púnhamos	**pro**poremos	**pro**poríamos	**pro**pusemos	**pro**puséramos
propondes	**pro**púnheis	**pro**poreis	**pro**poríeis	**pro**pusestes	**pro**puséreis
propõem	**pro**punham	**pro**porão	**pro**poriam	**pro**puseram	**pro**puseram

SUBJUNTIVO			**IMPERATIVO AFIRMATIVO**	**FORMAS NOMINAIS**	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
proponha	**pro**pusesse	**pro**puser	–	**pro**por	**pro**pondo
proponhas	**pro**pusesses	**pro**puseres	**pro**põe	**pro**pores	
proponha	**pro**pusesse	**pro**puser	**pro**ponha	**pro**por	**Particípio**
proponhamos	**pro**puséssemos	**pro**pusermos	**pro**ponhamos	**pro**pormos	**pro**posto
proponhais	**pro**pusésseis	**pro**puserdes	**pro**ponde	**pro**pordes	
proponham	**pro**pusessem	**pro**puserem	**pro**ponham	**pro**porem	

Perceba que toda a conjugação foi baseada no verbo "pôr", que é o seu primitivo. Semelhantemente, conjugam-se verbos como:

a) repor, depor, supor, dispor → derivados do verbo "pôr"
b) convir, intervir, advir, provir → derivados do verbo "vir".
c) ater-se, conter, reter, manter, deter → derivados do verbo "ter"
d) prever, rever, antever, circunver → derivados do verbo "ver".

7.8.3 CONJUGAÇÃO DOS VERBOS TERMINADOS NOS HIATOS "-AIR, -OER, -UIR"

Estes verbos são interessantes porque frequentemente se veem empregadas formas como "possue, restitue, constitue, róe". Ora, a 3.ª pessoa do singular do presente do indicativo apresenta a desinência "i" e jamais "e", como pensam alguns. Portanto, fique atento à conjugação de verbos como "sair, cair, abstrair, contrair, moer, roer, doer, remoer, possuir, construir, restituir, constituir etc.".

Veja abaixo a conjugação do verbo "possuir".

Possuir

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
possuo	possuía	possuirei	possuiria	possuí	possuíra
possuis	possuías	possuirás	possuirias	possuíste	possuíras
possui	possuía	possuirá	possuiria	possuiu	possuíra
possuímos	possuíamos	possuiremos	possuiríamos	possuímos	possuíramos
possuís	possuíeis	possuireis	possuiríeis	possuístes	possuíreis
possuem	possuíam	possuirão	possuiriam	possuíram	possuíram

SUBJUNTIVO			**IMPERATIVO AFIRMATIVO**	**FORMAS NOMINAIS**	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo Flexionado**	**Gerúndio**
possua	possuísse	possuir	–	possuir	possuindo
possuas	possuísses	possuíres	possui	possuíres	
possua	possuísse	possuir	possua	possuir	**Particípio**
possuamos	possuíssemos	possuirmos	possuamos	possuirmos	possuído
possuais	possuísseis	possuirdes	possuí	possuirdes	
possuam	possuíssem	possuírem	possuam	possuírem	

7.8.4 CONJUGAÇÃO DE VERBOS IRREGULARES

São verbos que, como já se disse, não seguem um paradigma de conjugação. Sofrem, por isso, bruscas alterações em seus radicais. Abaixo, segue a conjugação de três verbos irregulares: "pedir, caber e trazer".

Pedir

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
peço	pedia	pedirei	pediria	pedi	pedira
pedes	pedias	pedirás	pedirias	pediste	pediras
pede	pedia	pedirá	pediria	pediu	pedira
pedimos	pedíamos	pediremos	pediríamos	pedimos	pedíramos
pedis	pedíeis	pedireis	pediríeis	pedistes	pedíreis
pedem	pediam	pedirão	pediriam	pediram	pediram

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
peça	pedisse	pedir	–	pedir	pedindo
peças	pedisses	pedires	pede	pedires	
peça	pedisse	pedir	peça	pedir	**Particípio**
peçamos	pedíssemos	pedimos	peçamos	pedirmos	pedido
peçais	pedísseis	pedirdes	pedi	pedirdes	
peçam	pedissem	pedirem	peçam	pedirem	

Caber

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
caibo	cabia	caberei	caberia	coube	coubera
cabes	cabias	caberás	caberias	coubeste	coubera
cabe	cabia	caberá	caberia	coube	coubera
cabemos	cabíamos	caberemos	caberíamos	coubemos	coubéramos
cabeis	cabíeis	cabereis	caberíeis	coubestes	coubéreis
cabem	cabiam	caberão	caberiam	couberam	couberam

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
caiba	coubesse	couber	–	caber	cabendo
caibas	coubesses	couberes	–	caberes	
caiba	coubesse	couber	–	caber	**Particípio**
caibamos	coubéssemos	coubermos	–	cabermos	cabido
caibais	coubésseis	couberdes	–	caberdes	
caibam	coubessem	couberem	–	caberem	

Trazer

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
trago	trazia	trarei	traria	trouxe	trouxera
trazes	trazias	trarás	trarias	trouxeste	trouxeras
traz	trazia	trará	traria	trouxe	trouxera
trazemos	trazíamos	traremos	traríamos	trouxemos	trouxéramos
trazeis	trazíeis	trareis	traríeis	trouxestes	trouxéreis
trazem	traziam	trarão	trariam	trouxeram	trouxeram
SUBJUNTIVO			**IMPERATIVO AFIRMATIVO**	**FORMAS NOMINAIS**	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
traga	trouxesse	trouxer	–	trazer	trazendo
tragas	trouxesses	trouxeres	traz/traze	trazeres	
traga	trouxesse	trouxer	traga	trazer	**Particípio**
tragamos	trouxéssemos	trouxermos	tragamos	trazermos	trazido
tragais	trouxésseis	trouxerdes	trazei	trazerdes	
tragam	trouxessem	trouxerem	tragam	trazerem	

7.8.5 CONJUGAÇÃO DE VERBOS PRONOMINAIS

São verbos especiais, porque necessariamente são conjugados com o auxílio de um pronome pessoal do caso oblíquo. São exemplos desses verbos "arrepender-se, queixar-se, apiedar-se".

Observe abaixo a conjugação do verbo "queixar-se".

Queixar-se

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
queixo-me	queixava-me	queixar-me-ei	queixar-me-ia	queixei-me	queixara-me
queixas-te	queixavas-te	queixar-te-ás	queixar-te-ias	queixaste-te	queixaras-te
queixa-se	queixava-se	queixar-se-á	queixar-se-ia	queixou-se	queixara-se
queixamo-nos	queixávamo-nos	queixar-nos-emos	queixar-nos-íamos	queixamo-nos	queixáramo-nos
queixais-vos	queixáveis-vos	queixar-vos-eis	queixar-vos-íeis	queixastes-vos	queixáreis-vos
queixam-se	queixavam-se	queixar-se-ão	queixar-se-iam	queixaram-se	queixaram-se

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
me queixe	me queixasse	me queixar	–	queixar-me	queixando-se
te queixes	te queixasses	te queixares	queixa-te	queixares-te	
se queixe	se queixassem	se queixar	queixe-se	queixar-se	**Particípio**
nos queixemos	nos queixássemos	nos queixarmos	queixemo-nos	queixarmo-nos	se queixado
vos queixeis	vos queixásseis	vos queixardes	queixai-vos	queixardes-vos	
se queixem	se queixassem	se queixarem	queixem-se	queixarem-se	

➭ **Observações**

Com as formas nominais não flexionadas, o pronome será da mesma categoria número-pessoal do sujeito.

7.8.6 CONJUGAÇÃO DOS VERBOS TERMINADOS NO HIATO "-EAR"

São verbos especiais, porque intercalam, por motivos fonéticos, um "i" intervocálico em sua desinência nas formas rizotônicas (presentes do indicativo e do subjuntivo, salvo nas pessoas "nós" e "vós" e no modo imperativo, exceto também nas pessoas "nós" e "vós"). Acompanhe abaixo a conjugação do verbo "nortear". Observe o acréscimo do "i" nas formas rizotônicas.

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que--perfeito**
norteio	norteava	nortearei	nortearia	norteei	norteara
norteias	norteavas	nortearás	nortearias	norteaste	nortearas
norteia	norteava	norteará	nortearia	norteou	norteara
norteamos	norteávamos	nortearemos	nortearíamos	norteamos	norteáramos
norteais	norteáveis	norteareis	nortearíeis	norteastes	norteáreis
norteiam	norteavam	nortearão	norteariam	nortearam	nortearam

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
norteie	norteasse	nortear	–	nortear	norteando
norteies	norteasses	norteares	norteia	norteares	
norteie	norteasse	nortear	norteie	nortear	**Particípio**
norteemos	norteássemos	nortearmos	norteemos	nortearmos	norteado
norteeis	norteásseis	norteardes	norteai	norteardes	
norteiem	norteassem	nortearem	norteiem	nortearem	

Assim como "nortear", conjugam-se os verbos "pentear, marear, enfear, cear, chatear, manusear, pleitear, sortear, homenagear, saborear, passear, nortear, veranear, arrear" e todos os outros finalizados em "-ear".

7.8.7 CONJUGAÇÃO DOS VERBOS TERMINADOS NO HIATO "-IAR"

Todos os verbos terminados em "-iar" seguem o paradigma de conjugação para os verbos da 3.ª conjugação. Isto quer dizer que são regulares. Observe abaixo a conjugação do verbo "variar".

Variar

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que--perfeito**
vario	variava	variarei	variaria	variei	variara
varias	variavas	variarás	variarias	variaste	variaras
varia	variava	variará	variaria	variou	variara
variamos	variávamos	variaremos	variaríamos	variamos	variáramos
variais	variáveis	variareis	variaríeis	variastes	variáreis
variam	variavam	variarão	variariam	variaram	variaram

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
varie	variasse	variar	–	variar	variando
varies	variasses	variares	varia	variares	
varie	variasse	variar	varie	variar	**Particípio**
variemos	variássemos	variarmos	variemos	variarmos	variado
varieis	variásseis	variardes	variai	variardes	
variem	variassem	variarem	variem	variarem	

➾ **Observação:**

Seis verbos há em nossa língua, os quais fogem ao paradigma acima, pois intercalam um "E" eufônico nas formas rizotônicas. São eles: mediar, ansiar, remediar, incendiar, odiar e intermediar. Para decorá-los, memorize o anagrama M-A-R-I-O – I. Veja:

M ediar
A nsiar
R emediar
I ncendiar
O diar
I ntermediar

Observe agora a conjugação de um desses verbos:

Ansiar

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que--perfeito**
anseio	ansiava	ansiarei	ansiaria	ansiei	ansiara
anseias	ansiavas	ansiarás	ansiarias	ansiaste	ansiaras
anseia	ansiava	ansiará	ansiaria	ansiou	ansiara
ansiamos	ansiávamos	ansiaremos	ansiaríamos	ansiamos	ansiáramos
ansiais	ansiáveis	ansiareis	ansiaríeis	ansiastes	ansiáreis
anseiam	ansiavam	ansiarão	ansiariam	ansiaram	ansiaram

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
anseie	ansiasse	ansiar	–	ansiar	ansiando
anseies	ansiasses	ansiares	anseia	ansiares	
anseie	ansiasse	ansiar	anseie	ansiar	**Particípio**
ansiemos	ansiássemos	ansiarmos	ansiemos	ansiarmos	ansiado
ansieis	ansiásseis	ansiardes	ansiai	ansiardes	
anseiem	ansiassem	ansiarem	anseiem	ansiarem	

7.8.8 CONJUGAÇÃO DE VERBOS TERMINADOS NOS HIATOS "-OAR" E "-UAR"

Tais verbos merecem destaque porque apresentam a letra "E" em todas as formas do presente do subjuntivo. São frequentes os erros ao se escrever "continui" e "abençoi", por exemplo.

Observe abaixo a conjugação do verbo "abençoar".

Abençoar

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
abençoo	abençoava	abençoarei	abençoaria	abençoei	abençoara
abençoas	abençoavas	abençoarás	abençoarias	abençoaste	abençoaras
abençoa	abençoava	abençoará	abençoaria	abençoou	abençoara
abençoamos	abençoávamos	abençoaremos	abençoaríamos	abençoamos	abençoáramos
abençoais	abençoáveis	abençoareis	abençoaríeis	abençoastes	abençoáreis
abençoam	abençoavam	abençoarão	abençoariam	abençoaram	abençoaram

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
abençoe	abençoasse	abençoar	–	abençoar	abençoando
abençoes	abençoasses	abençoares	abençoa	abençoares	
abençoe	abençoasse	abençoar	abençoe	abençoar	**Particípio**
abençoemos	abençoássemos	abençoarmos	abençoemos	abençoarmos	abençoado
abençoeis	abençoásseis	abençoardes	abençoai	abençoardes	
abençoem	abençoassem	abençoarem	abençoem	abençoarem	

➯ **Observação:**

Os verbos terminados em "-OAR", em virtude das novas regras propostas pelo Acordo Ortográfico de 1990, já não mais recebem acento circunflexo no hiato "OO", o qual se forma na 1.ª pessoa do singular do presente do indicativo. Por isso, escreveremos corretamente "eu voo, eu abençoo, eu enjoo, eu roo etc.".

7.8.9 CONJUGAÇÃO DOS VERBOS "VER" E "VIR" NO FUTURO DO SUBJUNTIVO

Frequentemente, os concursos cobram o conhecimento sobre a distinção entre as conjugações dos verbos "ver" e "vir" no futuro do subjuntivo. De fato,

é importante não se confundir: "quando ou se eu vir" dir-se-á para a 1.ª pessoa do singular do verbo "ver"; ao passo que se empregará "quando ou se eu vier" para a 1.ª pessoa do singular do verbo "vir". Seguem neste mesmo paradigma os verbos derivados desses dois verbos (rever, prever, provir, intervir etc.). Observe abaixo o *futuro do subjuntivo dos verbos "ver" e "vir"*:

Futuro do Subjuntivo do verbo VER

eu	vir
tu	vires
ele	vir
nós	virmos
vós	virdes
eles	virem

Futuro do Subjuntivo do verbo VIR

eu	vier
tu	vieres
ele	vier
nós	viermos
vós	vierdes
eles	vierem

7.8.10 OUTRAS PARTICULARIDADES GRÁFICAS E FONÉTICAS SOBRE VERBOS DA 1.ª CONJUGAÇÃO

1. Os verbos terminados em **"CAR"** (abarcar, alocar, clinicar, dedicar, emboscar etc.) mudam o "c" em "qu" antes de "E". Observe este fenômeno na conjugação do verbo **FICAR.**

Ficar

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito *mais-que-perfeito***
fico	ficava	ficarei	ficaria	fi**quei**	ficara
ficas	ficavas	ficarás	ficarias	ficaste	ficaras
fica	ficava	ficará	ficaria	ficou	ficara
ficamos	ficávamos	ficaremos	ficaríamos	ficamos	ficáramos
ficais	ficáveis	ficareis	ficaríeis	ficastes	ficáreis
ficam	ficavam	ficarão	ficariam	ficaram	ficaram

SUBJUNTIVO			**IMPERATIVO AFIRMATIVO**	**FORMAS NOMINAIS**	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
fi**qu**e	ficasse	ficar	–	ficar	ficando
fi**qu**es	ficasses	ficares	fica	ficares	
fi**qu**e	ficasse	ficar	fi**qu**e	ficar	**Particípio**
fi**qu**emos	ficássemos	ficarmos	fi**qu**emos	ficarmos	ficado
fi**qu**eis	ficásseis	ficardes	ficai	ficardes	
fi**qu**em	ficassem	ficarem	fi**qu**em	ficarem	

2. Os verbos terminados em "**ÇAR**" (abraçar, adoçar, bagunçar, caçar, desembaçar etc.) perdem a cedilha antes de "E". Observe a conjugação do verbo **DISFARÇAR**. Perceba que este fenômeno se dá no presente do subjuntivo e no modo imperativo, nas formas derivadas daquele.

Disfarçar

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que--perfeito**
disfarço	disfarçava	disfarçarei	disfarçaria	disfar**c**ei	disfarçara
disfarças	disfarçavas	disfarçarás	disfarçarias	disfarçaste	disfarçaras
disfarça	disfarçava	disfarçará	disfarçaria	disfarçou	disfarçara
disfarçamos	disfarçávamos	disfarçaremos	disfarçaríamos	disfarçamos	disfarçáramos
disfarçais	disfarçáveis	disfarçareis	disfarçaríeis	disfarçastes	disfarçáreis
disfarçam	disfarçavam	disfarçarão	disfarçariam	disfarçaram	disfarçaram
SUBJUNTIVO			**IMPERATIVO AFIRMATIVO**	**FORMAS NOMINAIS**	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
disfar**c**e	disfarçasse	disfarçar	–	disfarçar	disfarçando
disfar**c**es	disfarçasses	disfarçares	disfarça	disfarçares	
disfar**c**e	disfarçasse	disfarçar	disfar**c**e	disfarçar	**Particípio**
disfar**c**emos	disfarçássemos	disfarçarmos	disfar**c**emos	disfarçarmos	disfarçado
disfar**c**eis	disfarçásseis	disfarçardes	disfarçai	disfarçardes	
disfar**c**em	disfarçassem	disfarçarem	disfar**c**em	disfarçarem	

3. Os verbos terminados em "**GAR**" (abrigar, achegar, advogar, afagar, comungar etc.) recebem "U" antes da letra "E". Observe a conjugação do verbo **CHEGAR** e verifique esta mudança.

Chegar

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
chego	chegava	chegarei	chegaria	cheguei	chegara
chegas	chegavas	chegarás	chegarias	chegaste	chegaras
chega	chegava	chegará	chegaria	chegou	chegara
chegamos	chegávamos	chegaremos	chegaríamos	chegamos	chegáramos
chegais	chegáveis	chegareis	chegaríeis	chegastes	chegáreis
chegam	chegavam	chegarão	chegariam	chegaram	chegaram

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
cheg**u**e	chegasse	chegar	–	chegar	chegando
cheg**u**es	chegasses	chegares	chega	chegares	
cheg**u**e	chegasse	chegar	cheg**u**e	chegar	**Particípio**
cheg**u**emos	chegássemos	chegarmos	cheg**u**emos	chegarmos	chegado
cheg**u**eis	chegásseis	chegardes	chegai	chegardes	
cheg**u**em	chegassem	chegarem	cheg**u**em	chegarem	

4. O verbo **CONSUMAR** (completar, acabar, terminar), muito usual no meio jurídico, segue normalmente o paradigma dos verbos da 1.ª conjugação. Observe abaixo:

Consumar

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
consumo	consumava	consumarei	consumaria	consumei	consumara
consumas	consumavas	consumarás	consumarias	consumaste	consumaras
consuma	consumava	consumará	consumaria	consumou	consumara
consumamos	consumávamos	consumaremos	consumaríamos	consumamos	consumáramos
consumais	consumáveis	consumareis	consumaríeis	consumastes	consumáreis
consumam	consumavam	consumarão	consumariam	consumaram	consumaram

SUBJUNTIVO			**IMPERATIVO AFIRMATIVO**	**FORMAS NOMINAIS**	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
consume	consumasse	consumar	–	consumar	consumando
consumes	consumasses	consumares	consuma	consumares	
consume	consumasse	consumar	consume	consumar	**Particípio**
consumemos	consumássemos	consumarmos	consumemos	consumarmos	consumado
consumeis	consumásseis	consumardes	consumai	consumardes	
consumem	consumassem	consumarem	consumem	consumarem	

5. O verbo **AVERIGUAR** bem como os verbos ENXAGUAR, AGUAR, APANIGUAR, APAZIGUAR, APROPINGUAR, DESAGUAR, OBLIQUAR apresentam dois paradigmas de conjugação a partir do Acordo Ortográfico de 1990:
   a) Continuam com as formas rizotônicas igualmente acentuadas no "U", mas sem marca gráfica. Exemplo: *averiguo, averiguas, averigua; averigue, averigues, averigue, averiguem; enxaguo, enxaguas, enxagua, enxaguam; enxague, enxagues, enxague, enxaguem etc.*
   b) Apresentam as formas rizotônicas acentuadas fônica e graficamente nas vogais "a" e "i", presentes no radical. Exemplo: *averíguo, averíguas, averígua; averígue, averígues, averígue, averíguem; enxáguo, enxáguas, enxágua, enxáguam; enxágue, enxágues, enxágue, enxáguem etc.*

7.8.11 OUTRAS PARTICULARIDADES GRÁFICAS E FONÉTICAS SOBRE VERBOS DA 2.ª CONJUGAÇÃO

1. Os verbos terminados em "**GER**" (constranger, desproteger, eleger, proteger, ranger etc.) mudam o "G" em "J" antes de "O e A". Observe a conjugação do verbo REGER e acompanhe esta alteração.

Reger

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
rejo	regia	regerei	regeria	regi	regera
reges	regias	regerás	regerias	regeste	regeras
rege	regia	regerá	regeria	regeu	regera
regemos	regíamos	regeremos	regeríamos	regemos	regêramos
regeis	regíeis	regereis	regeríeis	regestes	regêreis
regem	regiam	regerão	regeriam	regeram	regeram

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
reja	regesse	reger	–	reger	regendo
rejas	regesses	regeres	rege	regeres	
reja	regesse	reger	reja	reger	**Particípio**
rejamos	regêssemos	regermos	rejamos	regermos	regido
rejais	regêsseis	regerdes	regei	regerdes	
rejam	regessem	regerem	rejam	regerem	

2. O verbo **PERDER** muda o "D" em "C" antes de "O e A". Observe abaixo:

Presente do Indicativo

eu	perco
tu	perdes
ele	perde
nós	perdemos
vós	perdeis
eles	perdem

Presente do Subjuntivo

eu	perca
tu	percas
ele	perca
nós	percamos
vós	percais
eles	percam

3. O verbo **VALER** muda o "L" em "LH" antes de "O e A". Observe abaixo:

Presente do Indicativo

eu	valho
tu	vales
ele	vale
nós	valemos
vós	valeis
eles	valem

Presente do Subjuntivo

eu valha
tu valhas
ele valha
nós valhamos
vós valhais
eles valham

4. O verbo **DIZER** e seus derivados (contradizer, maldizer, predizer etc.) mudam o "Z" em "G" antes de "O e A". Ademais, o verbo DIZER admite as formas "DIZE ou DIZ" para a 2.ª pessoa do singular do imperativo afirmativo. Observe abaixo:

Presente do Indicativo

eu digo
tu dizes
ele diz
nós dizemos
vós dizeis
eles dizem

Presente do Subjuntivo

eu diga
tu digas
ele diga
nós digamos
vós digais
eles digam

5. Os verbos **DOER** e **PRAZER** são defectivos unipessoais. Só se conjugam na 3.ª pessoa. Observe abaixo:

Doer

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
–	–	–	–	–	–
–	–	–	–	–	–
dói	doía	doerá	doeria	doeu	doera
–	–	–	–	–	–
–	–	–	–	–	–
doem	doíam	doerão	doeriam	doeram	doeram

SUBJUNTIVO			**IMPERATIVO AFIRMATIVO**	**FORMAS NOMINAIS**	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
–	–	–	–	–	doendo
–	–	–	–	–	
doa	doesse	doer	–	doer	**Particípio**
–	–	–	–	–	doído
–	–	–	–	–	
doam	doessem	doerem	–	doerem	

Prazer

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
–	–	–	–	–	–
–	–	–	–	–	–
praz	prazia	prazerá	prazeria	prouve	prouvera
–	–	–	–	–	–
–	–	–	–	–	–
prazem	praziam	prazerão	prazeriam	prouveram	prouveram

SUBJUNTIVO			**IMPERATIVO AFIRMATIVO**	**FORMAS NOMINAIS**	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
–	–	–	–	–	prazendo
–	–	–	–	–	
praza	prouvesse	prouver	praza	prazer	**Particípio**
–	–	–	–	–	prazido
–	–	–	–	–	
prazam	prouvessem	prouverem	prazam	prazerem	

➯ **Observação:**

Os verbos "doer-se" (pronominal) e aprazer (derivado do verbo "prazer") apresentam conjugação completa.

7.8.12 OUTRAS PARTICULARIDADES GRÁFICAS E FONÉTICAS SOBRE VERBOS DA 3.ª CONJUGAÇÃO

1. Os verbos terminados em "**GIR**" (adstringir, coagir, divergir, erigir, fugir, infligir etc.) trocam o "G" em "J" antes de "O e A". Observe abaixo:

Presente do Indicativo

eu	divirjo
tu	diverges
ele	diverge
nós	divergimos
vós	divergis
eles	divergem

Presente do Subjuntivo

eu	divirja
tu	divirjas
ele	divirja
nós	divirjamos
vós	divirjais
eles	divirjam

2. Os verbos PEDIR, IMPEDIR, EXPEDIR, DESPEDIR, MEDIR mudam o "D" em "Ç" antes de "O e A". Observe abaixo:

Presente do Indicativo

eu	peço
tu	pedes
ele	pede
nós	pedimos
vós	pedis
eles	pedem

Presente do Subjuntivo

eu	peça
tu	peças
ele	peça
nós	peçamos
vós	peçais
eles	peçam

3. Os verbos terminados em "**-ingir**" (atingir, cingir, constringir, infringir, tingir etc.) mudam o "G" em "J" antes das vogais "A e O". Observe abaixo a conjugação do verbo **FINGIR** e constate essa mudança.

Fingir

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que--perfeito**
finjo	fingia	fingirei	fingiria	fingi	fingira
finges	fingias	fingirás	fingirias	fingiste	fingiras
finge	fingia	fingirá	fingiria	fingiu	fingira
fingimos	fingíamos	fingiremos	fingiríamos	fingimos	fingíramos
fingis	fingíeis	fingireis	fingiríeis	fingistes	fingíreis
fingem	fingiam	fingirão	fingiriam	fingirem	fingiram

SUBJUNTIVO			**IMPERATIVO AFIRMATIVO**	**FORMAS NOMINAIS**	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
finja	fingisse	fingir	–	fingir	fingindo
finjas	fingisses	fingires	finge	fingires	
finja	fingisse	fingir	finja	fingir	**Particípio**
finjamos	fingíssemos	fingirmos	finjamos	fingirmos	fingido
finjais	fingísseis	fingirdes	fingi	fingirdes	
finjas	fingissem	fingirem	finjam	fingirem	

7.9 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (MPE-SP) Passando a frase – Ele não só **criou** aqui o primeiro observatório astronômico das Américas, como **trouxe** cientistas – para o futuro do presente, os verbos destacados assumem, respectivamente, as seguintes formas:

a) criava – trazia

b) criaria – traria

c) criará – trará
d) criará – trazerá
e) criara – trouxera

2. (MPE-SP) Assinale a alternativa correta quanto à correlação dos tempos verbais, de acordo com a norma culta.

a) Se todos estiverem de acordo, eles deixaram a reunião para a semana seguinte.
b) Logo que você perceber o clima de tensão, não teria agido daquela maneira.
c) Seria melhor que elas examinassem os documentos com o cuidado necessário
d) Quero que você dirige a tenção aos mais necessitados.
e) Caso me desencontrasse com ela, deixarei os livros com sua secretária.

3. (TER-RO) Observe a frase:

Se tu ______ que os eleitores chegam para votar, ______ a porta e _______-os entrar.

A opção que completa corretamente a frase é:

a) veres / abre / deixa
b) veres / abra / deixe
c) vires / abra / deixa
d) vires / abre / deixa
e) virdes / abri / deixai

4. (CESPE-MPU) Seguindo as normas gramaticais da língua culta, a sugestão "Seja trabalhador e você também será venturoso", se for expressa na terceira pessoa do plural, tornar-se-á:

a) Sede trabalhadores e vós também sereis venturosos.
b) Sejam trabalhadores e vós também sejais venturosos.
c) Sê trabalhadores e vocês também serão venturosos.
d) Sejam trabalhadores e vocês também serão venturosos.
e) Sejais trabalhadores e vocês também serão venturosos.

5. (TRE-MT) Só está **correta** a forma verbal destacada na frase:

a) Embora ele **esteje** indicado, o Senado ainda o aprovou.
b) Ele **passeiava** diariamente no parque.
c) Quando eles **trouxerem** a permissão, poderão entrar.
d) Se **mantermos** as posições, o inimigo não avançará.
e) Os deputados se **entretiam** com esses discursos.

6. (ALERJ/FESP) "Pois bem, como já disse, o vírus..."

O verbo **dizer** *aparece corretamente conjugado na frase acima. Há* **erro** *na conjugação desse mesmo verbo na seguinte frase:*

a) Dize-me com quem andas e eu te direi quem és.

b) Você dizer que está doente, não acredito.
c) O médico dizia tudo o que sabia sobre a AIDS.
d) Ele queria que eu dissesse onde você estava.
e) É preciso que você diga a verdade.

7. (TRT-ES) Nas frases abaixo, escreva (1) para as formas verbais corretas e (2) para as incorretas:

( ) *Nós vimos ontem do pantanal.*

( ) *Vós rides de mim sem motivo.*

( ) *Mesmo assim tu me respondestes.*

( ) *Sempre requeiro os meus direitos.*

( ) *Esteje pronto às vinte e duas horas.*

a) 2, 2,2, 1, 1
b) 1, 2, 1, 2, 1
c) 2, 1, 2, 1, 2
d) 1, 2, 2, 1, 2
e) 2, 1, 1, 2, 1

8. (TRF-RS) Considerando as formas verbais destacadas nas três frases abaixo, a opção com a correta classificação de tempos e modos é, respectivamente:

1. **Toma** *conta da minha bagagem, enquanto eu vou até ali.*

2. "Não **façais** *aos outros o que não quereis que vos façam."*

3. Os astrônomos negam que o Sol **gira** *em torno da Terra.*

a) presente do indicativo / presente do subjuntivo / presente do subjuntivo
b) imperativo afirmativo / imperativo negativo / presente do indicativo
c) imperativo afirmativo / imperativo negativo / presente do subjuntivo
d) imperativo afirmativo / presente do subjuntivo / presente do subjuntivo
e) presente do indicativo / imperativo negativo / presente do subjuntivo

9. (TRF-RJ) Das frases abaixo, a que contém **erro** na flexão verbal é:

a) O acidente ocorreu porque o Rui não conseguiu freiar o carro.
b) Se a comunidade nos provesse do equipamento de que necessitamos para prestar a ela mesma esse serviço, todos sairíamos ganhando.
c) Os espíritos se incendeiam toda vez que se fala em fazer justiça.
d) Se a associação se mantivesse coerente com sua própria doutrina, cresceria sua credibilidade.
e) Quem se interpuser entre o Ricardo e a Cristina não contará com o meu apoio.

10. (TRF-RJ) Considerando as formas verbais destacadas nas três frases abaixo, a opção com a correta classificação de tempos e modos é, respectivamente:

1. *Pelo menos não* **descumpra** *suas obrigações.*
2. *Talvez* **chova** *no final do dia.*
3. **Digita** *este documento, por gentileza, Teresinha.*

a) imperativo negativo / presente do subjuntivo / imperativo afirmativo
b) presente do subjuntivo / presente do subjuntivo / imperativo afirmativo
c) imperativo negativo / presente do subjuntivo / presente do indicativo
d) presente do subjuntivo / presente do subjuntivo / presente do indicativo
e) imperativo negativo / presente do indicativo / imperativo afirmativo

GABARITO

1 – C	2 – C	3 – D
4 – D	5 – C	6 – B
7 – C	8 – B	9 – A
10 – A		

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

CAPÍTULO 8

ADVÉRBIO

8.1 CONCEITO

É a classe de palavras invariáveis que, modificando um verbo, um adjetivo ou outro advérbio, transmitem-lhes alguma circunstância.

Veja alguns exemplos de advérbios e locuções adverbiais:

- "**Hoje** quatro braças de terra, **amanhã** seis, **depois** mais outras, ia o vendeiro conquistando todo o terreno que se estendia **pelos fundos da sua bodega.**" (Aluísio Azevedo)
- "A parede oriental da igreja é o muro do quintal de um lado, mas as comunicações foram vedadas **provavelmente** quando a coroa alienou o palácio e o separou assim **perpetuamente** do templo." (A. Garrett)
- "Os meus doentes, senhora condessa, respondeu Carlos, não são **bastante** numerosos para formar uma quadrilha." (Eça de Queiroz)
- "Ao despedir-se da pupila, Lemos apertou-lhe a mão: – Desejo-lhe que seja **muito** e **muito** feliz." (José de Alencar)
- "A história repete-se. Antônio Conselheiro foi um gnóstico bronco. Veremos **mais longe** a exação do símile." (Euclides da Cunha)

➾ **Observações:**

a) Em raros casos, encontramos advérbios modificando um substantivo e até mesmo uma preposição.

- "A sra. D. Josefa gostava muito do passeio ao pé do rio; até já ouvira dizer que nem em Lisboa havia coisa **assim.**" (Eça de Queiroz)
- "Seu tio, naturalmente, lhe comunicara a criancice da prima, **pouco** antes de destinar-lhe a esposa." (Camilo Castelo Branco)

b) A maioria dos advérbios terminados em "-mente" deriva de adjetivos. Quando o adjetivo apresenta formas diferentes para os dois gêneros, o sufixo adverbial "-mente" será acrescido à forma feminina do adjetivo.

- feliz → felizmente
- triste → tristemente
- fácil → facilmente
- fraternal → fraternalmente
- radical → radicalmente
- vaidoso → vaidosamente
- ameaçador → ameaçadoramente
- exclusivo → exclusivamente
- fortuito → fortuitamente
- prático → praticamente

c) É possível transformar muitas expressões e locuções em advérbios – geralmente de "modo" ou de "tempo" –, formados com o sufixo adverbial "-mente". Observe:

- O recurso foi interposto **fora do tempo.** → extemporaneamente, intempestivamente
- Ele aprendia as lições **pouco a pouco.** → gradativamente, paulatinamente
- Ele dança e canta **ao mesmo tempo.** → simultaneamente
- Naquele momento, agiste **com precipitação.** → precipitadamente
- O debate será transmitido **sem interrupção.** → ininterruptamente
- Resolveu a questão **com displicência.** → displicentemente
- Fez tudo **de propósito.** → propositadamente

8.2 CLASSIFICAÇÃO DOS ADVÉRBIOS

Os advérbios são classificados de acordo com a circunstância que expressam. Assim, podem ser classificados em:

a) **de afirmação:** sim, certamente.

b) **de dúvida:** talvez, quiçá, acaso, por ventura, provavelmente, eventualmente.

c) **de frequência:** diariamente, cotidianamente, semanalmente, mensalmente, sucessivamente, raramente, perpetuamente, constantemente etc.

d) **de intensidade (ou "de quantidade"):** muito, assaz, bastante, pouco, excessivamente, demasiadamente, profundamente, meio, todo, com-

pletamente, menos, mais, tanto, quão, quanto, quase, algo, bem, mal, apenas, demais, nada.

e) **de tempo:** ainda, agora, amanhã, dantes, cedo, tarde, hoje, logo, outrora, imediatamente, anteriormente, antigamente, posteriormente, depois, antes, precedentemente, então, sempre, ora, anteontem, entrementes, presentemente, atualmente, ainda, afinal, amiúde, nunca, jamais etc.

f) **de modo:** bem, mal, errado, tristemente (e muitos adjetivos adverbializados com o sufixo "-mente"), depressa, devagar, assim, adrede, debalde, melhor, pior etc.

g) **de negação:** não, nunca, jamais, nem, tampouco.

h) **de lugar:** abaixo, acima, arriba, aquém, além, aqui, aí, ali, cá, lá, acolá, avante, atrás, algures (= em algum lugar), alhures (= em outro lugar), nenhures (= em lugar algum), defronte, adiante, detrás, dentro, fora, longe, perto, onde.

⇛ **Observação:**

A classificação acima é tão somente para efeitos didáticos. Sem dúvida, há inúmeros advérbios que melhor se enquadrariam noutras classificações. É o caso dos advérbios "**adrede, intencionalmente, propositadamente, acinte**" que poderiam ser classificados como "advérbios de intenção".

8.3 LOCUÇÕES ADVERBIAIS

Frequentemente, os advérbios aparecem em português sob a forma locucional – são as denominadas "locuções adverbiais". Tais locuções são um conjunto de palavras, geralmente de núcleo substantivo e geralmente encabeçadas por uma preposição, com valor circunstancial. Como advérbios que são, tais locuções também modificam "verbos, adjetivos e outros advérbios".

Locuções adverbiais

à força, a giros, às cegas, a esmo, a farta, a granel, à porta, à revelia, a seu talante, a cavalo, ao deus dará, à toa, às pressas, a pé, a pique, ao revés, a seu tempo, ao longe, ao vivo, à noite, às tontas, às ocultas, às escondidas, às vezes, ao acaso, com certeza, de repente, de cabo a rabo, de improviso, de cor, de forma alguma, de propósito, de primeiro, de relance, de soslaio, de vez em quando, de sobreaviso, em verdade, de caso pensado, de passagem, de graça, de nenhum modo, de oitiva, entre a cruz e a espada, lado a lado, muitas vezes, nesse meio tempo, em breve, em vão, por atacado, por fora, em cima, por cima, para sempre, por um triz, pouco a pouco, senão quando, sem dúvida, dentro em pouco, ao contrário, passo a passo, pelo contrário, em breve, vez por outra etc.

Observe alguns exemplos:

- **Pela manhã**, costumo beber um pouco de água natural para melhorar o funcionamento intestinal.
- "E só agora notava que todos esses afagos eram sempre ocultos e assustados, feitos como que ilegalmente, **às escondidas**, e quase sempre acompanhados de choro." (Aluísio Azevedo)
- "E na Sé, ao sair da missa, regalar-se de a ver passar encolhida no seu mantelete preto, escorraçada de todos, enquanto ele, **à porta, de propósito**, conversaria com a mulher do governador civil." (Eça de Queiroz)
- "... já que a perfídia pode abrir as portas das nossas cidades aos africanos, sem que estes tenham de passar **por cima** dos cadáveres de seus irmãos, para se assenhorarem delas." (A. Herculano)
- "As seções avançadas ascendiam, porém, mais rápidas, pelas barrancas, conquistando o terreno, até que outra irrupção repentina do adversário lhes tomasse a frente, ou as aferrasse **de soslaio**." (Euclides da Cunha)
- "O aventureiro apertou convulsivamente o cabo de sua faca, e fechando os olhos e dando um passo **às cegas**, ergueu a mão para desfechar o golpe." (José de Alencar)

➾ **Observações:**

a) Em muitas locuções adverbiais, ocorre a elipse do núcleo-substantivo. Observe:

- à direita ➔ elipse do substantivo "mão"
- à esquerda ➔ elipse do substantivo "mão"
- à francesa ➔ elipse do substantivo "moda"
- ao natural ➔ elipse do substantivo "modo"
- às cegas ➔ elipse do substantivo "maneiras"
- à brasileira ➔ elipse do substantivo "maneira"

b) É bastante comum a omissão da preposição nas locuções adverbiais de tempo.

- "Neste tempo, que as âncoras levaram → (Omissão da preposição "em" antes do relativo "que")
  Na sombra escura os Mouros escondidos
  Mansamente as amarras lhe cortavam,
  Por serem, dando à costa, destruídos."
  (Camões *apud* Mário Barreto)

- "Natividade não dormiu aquela noite sem obter do marido que a deixasse ir com a irmã à cabocla." (Machado de Assis) *omissão da preposição "em"*
- "Tem dias que a gente se sente → (Omissão da preposição "em")
  como quem partiu ou morreu." (Chico Buarque)
- "Pouquíssimas palavras lhe ouvi na meia hora que se deteve conosco." (Camilo Castelo Branco) *omissão da preposição "em"*
- "Venho achar realizado aquele projeto em que eu te falei a última vez que estivemos juntos." (A. F. de Castilho) *omissão da preposição "em"*
- "**Uma noite que** ela se levantou a recebê-lo sem mais compostura que a que tinha na cama,..." (Manuel Bernardes)
- "**Uma noite**, estando à porta da loja de Manuel Procópio de Freitas, viu entrar um indivíduo, que procurava comprar aguardente." (Aluísio Azevedo)

8.4 ADJETIVOS ADVERBIALIZADOS

Em muitas situações, empregam-se adjetivos em função adverbial. Neste caso, o adjetivo, à semelhança do advérbio, permanecerá invariável.

- Acudiram algumas pessoas que **próximo** se encontravam.
- "A fisionomia de Bento Simões reanimou-se. – Falai **claro** uma vez ao menos, retrucou Rui Soeiro." (José de Alencar)
- "Para não cair foi-lhe preciso agarrar-se **forte** com ambas as mãos ao braço de Álvaro, arrimando-se em seu peito." (Bernardo Guimarães)
- "O tamanho do título como que lhe dobrava a magnificência, posto que, para ligá-lo ao nome, era **demasiado** comprido – esta segunda reflexão foi tio Cosme que a fez." (Machado de Assis)
- "Ao despedir-se, apertou-lhe com força a mão mole, bateu-lhe no ombro com intimidade, e disse **alto** e com ênfase: – Energia, marechal!" (Lima Barreto)

8.5 GRAUS DO ADVÉRBIO

É no mínimo curioso falar-se em "flexão de grau" de uma classe essencialmente invariável como é o advérbio. De fato os advérbios não variam. Excepcionalmente, alguns (especialmente os de "tempo, modo, lugar, intensidade") admitem a flexão de grau, cuja formação é bastante semelhante à do grau dos adjetivos.

COMPARATIVO
- → **de igualdade** = forma-se com o advérbio "tão"
- → **de superioridade** = forma-se com o advérbio "mais"
- → **de inferioridade** = forma-se com o advérbio "menos"

SUPERLATIVO
- **RELATIVO**
  - → **de superioridade** = forma-se com "o mais"
  - → **de inferioridade** = forma-se com "o menos"
- **ABSOLUTO**
  - → **sintético**
  - → **analítico**

Observe os exemplos de flexão de grau do advérbio:

- Fala **tão bem** quanto um professor. (grau comparativo de igualdade)
- Andava **mais depressa** do que a maioria do grupo. (grau comparativo de superioridade)
- Falou **menos prudentemente** do que o orientador dele. (grau comparativo de inferioridade)
- Abordou o assunto **o mais superficialmente** que pôde. (grau superlativo relativo de superioridade)
- Abordou o assunto **o menos superficialmente** que pôde. (grau superlativo relativo de inferioridade)

8.6 ADVÉRBIOS LATINOS

Nos estilos literário e jurídico, é bastante comum a presença de advérbios latinos, isto é, escritos em latim. Busca-se, com a citação de outra língua, conferir maior credibilidade ou dar maior ênfase àquilo que se escreve. Observe alguns desses advérbios:

- ***a posteriori*** = pelo que segue
- ***ab initio*** = desde o início
- ***a priori*** = segundo um princípio anterior
- ***ad hoc*** = eventualmente

- *ad nutum* = ao arbítrio
- *ad cautelam* = por cautela
- *ad judicia* = para o juízo
- *data venia* = com sua licença
- *ex expositis* = do que ficou exposto
- *ex positis* = do que ficou assentado
- *ipsu facto* = em virtude desse fato
- *lato sensu* = em sentido amplo
- *maxime* = principalmente
- *retro* = atrás
- *sine die* = indeterminadamente
- *statu quo* = no estado em que
- *sui generis* = de gênero próprio
- *ab intestato* = sem testamento
- *ad domum* = em casa
- *ad litem* = para a lide
- *ex abrupto* = repentinamente
- *ex officio* = oficialmente
- *exempli gratia* = por exemplo
- *ipsis litteris* = literalmente
- *pari passu* = em igual passo
- *mutatis mutandis* = com as devidas mudanças
- *pro forma* = por mera formalidade
- *sic* = assim
- *stricto sensu* = em sentido restrito
- *verbi gratia* (abrevia-se "v.g.") = por exemplo

8.7 PARTICULARIDADES SOBRE OS ADVÉRBIOS

1. **Quando se coordena mais de um advérbio terminado em "-mente" (série gradativa), se não houver necessidade de ênfase, só se coloca o sufixo adverbial no último elemento.**

- "Isaías, que foi de todos os profetas o que mais própria e **elegantemente** soube falar, não só intensiva mas **extensivamente**..." (Pe. Antônio Vieira)
- "As mãos do sacerdote deixam muitas vezes umedecida a tela que veste os altares com vestígios do sangue derramado covarde e **vilmente**." (A. Herculano)
- "Conquistai pacífica e **legalmente**, pois, o uso das instituições liberais, reassumi a vossa soberania constitucional, ascendei ao governo de vós mesmos, e sereis felizes moralizados, invencíveis." (Rui Barbosa)
- "Quando se oferece esse ensejo, o chefe, hábil em capitanear, deixar-se-á de reticências e reservas, anunciando valorosa e **lucidamente** uma política, que consubstancie e interprete os sentimentos mal conscientes do povo." (Rui Barbosa)

2. **Há vários vocábulos na língua portuguesa que ora aparecem como advérbios, ora como pronomes, adjetivos e numerais. Para se determinar**

a classe morfológica a que pertencem tais palavras, devem-se levar em conta os seguintes critérios:

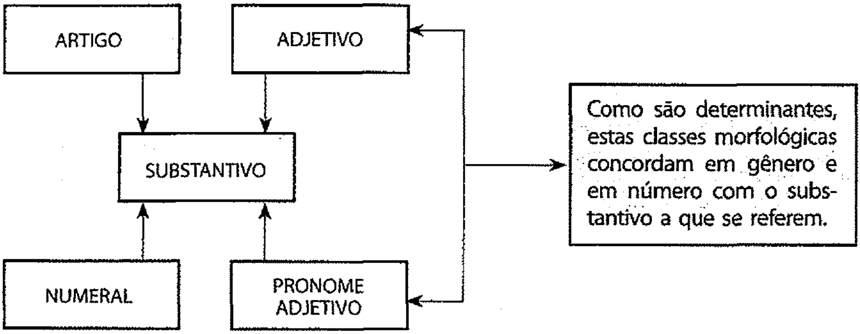
ARTIGO
ADJETIVO
SUBSTANTIVO
NUMERAL
PRONOME ADJETIVO
Como são determinantes, estas classes morfológicas concordam em gênero e em número com o substantivo a que se referem.

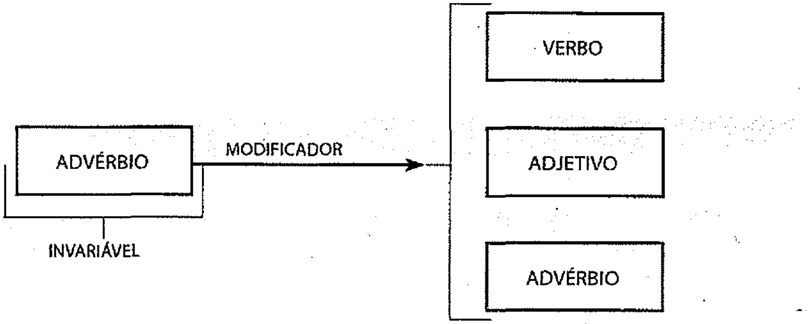
ADVÉRBIO
INVARIÁVEL
MODIFICADOR
VERBO
ADJETIVO
ADVÉRBIO

- Ela usa meias verdades.
  numeral
- Ele encontra-se meio adoentado.
  advérbio
- Tomamos muito sorvete.
  pronome indefinido
- O sorvete estava muito gelado.
  advérbio
- Já andei por longes terras.
  pronome indefinido
- Ele mora longe.
  advérbio
- Li os livros todos da biblioteca dele.
  pronome indefinido
- No acidente, ele ficou todo ensanguentado.
  advérbio
- O próximo capítulo fala sobre o amor.
  adjetivo
- Fiquei próximo do local do acidente.
  advérbio
- Este mamão é caro.
  adjetivo
- Estas frutas custam caro.
  advérbio
- Havia bastantes alunas no evento.
  pronome indefinido
- Elas falavam bastante.
  advérbio
- Falou poucas, mas belas palavras.
  pronome indefinido
- Ele falou pouco.
  advérbio

3. Alguns advérbios podem construir-se com a conjunção "que": "talvez que, certamente que, sem dúvida que, decerto que, felizmente que".

▹ "A ameaça só ela a ouviu; e, se eu tivesse sido aviltado no conceito de Teresa pelos insultos do miserável, **talvez que** ela os não repetisse." (Camilo Castelo Branco)

▹ "Eu não lhe quero mal, minha senhora, **certamente que** não!" (Eça de Queiroz)

▹ "Ela riu-se. – **Decerto que** não...
Basílio disse então, lentamente, fitando o chão: – Ah! Outros tempos!" (Eça de Queiroz)

4. Em linguagem formal, é preferível usar-se "mais bem" e "mais mal" quando são seguidos de um particípio. Quando não, usam-se as formas sintéticas "melhor" e "pior".

▹ "Se alguns desses alvitres, ou qualquer outro que se possa imaginar, será **mais bem** aceito aos conservadores do que o plano de cauteloso ensaio esboçado por Mr. Gladstone, (...)." (Rui Barbosa)

▹ "O nosso opugnador certamente conhece **melhor** do que nós a obra *ex-professo* de Stuart Mill *On representative government.*" (Rui Barbosa)

5. No trato familiar e no trato mais afetivo, é bastante comum a formação do grau diminutivo de alguns advérbios.

▹ Ele vai aqui **pertinho.**

▹ Hoje ele acordou **melhorzinho.**

▹ **Cedinho, cedinho** eu quero partir.

▹ Dê-me um **pouquinho** de tempo, por favor.

6. A palavra "todo", quando empregada em função circunstancial (adverbial), concorda frequentemente com o termo a que ela modifica. A despeito de esta flexão ser condenada por alguns puristas da língua, encontramo-la nos maiores conhecedores do idioma português.

▹ "E ela era bela, de uma beleza **toda** judaica." (A. Garrett)

▹ "A santa mulher chega ao marido **toda** envergonhada, e lhe confessa que...". (F. Castilho *apud* Mário Barreto)

- "O senhor Ricardo levou-me a uma sala espaçosa, e **toda** adornada de cadeiras de almofada." (Camilo Castelo Branco)
- "...interrompeu ela sorrindo-se, e lançando-se-lhe nos seus braços **toda** vermelha e com os olhos nadando em lágrimas." (Rebêlo da Silva *apud* Mário Barreto)

7. O advérbio de dúvida "talvez", anteposto ao verbo, exige que este seja flexionado no modo subjuntivo.

- "Talvez, porém, os instintos generosos da nação lhe revelassem essas qualidades subalternas..." (Rui Barbosa)
- "Talvez esteja começando o meu delírio. Deixa ver o espelho." (Machado de Assis)

8. Alguns advérbios de lugar são empregados, muitas vezes, em correspondência com alguns pronomes demonstrativos. E equivalem, respectivamente, a:

a) aqui, cá → correspondem ao demonstrativo "este" = neste lugar
b) aí → corresponde ao demonstrativo esse = nesse lugar
c) ali, acolá, lá → correspondem ao demonstrativo "aquele" = naquele lugar

- "Bateu-o, felizmente, a onda impetuosa do Sul. **Aqui**, a aclimação mais pronta, em meio menos adverso, emprestou, cedo, mais vigor aos forasteiros." (Euclides da Cunha)
- "Era ela; aqui estava a igreja, ali a cadeia, acolá a farmácia, donde vinham os medicamentos para o outro Quincas Borba." (Machado de Assis)

9. O "onde" é um pronome relativo que apresenta função sintática de adjunto adverbial de lugar. Daí ser chamado também de "advérbio relativo". Quando o "onde" apresenta antecedente explícito, equivale a "em que". Quando não apresenta antecedente explícito, equivale a "o lugar em que".

- "Verdes mares bravios de minha terra natal, **onde** canta a jandaia nas frondes da carnaúba." (José de Alencar)
- "O esposo da herdeira presuntiva ainda não se deu a conhecer às classes populares, na capital **onde** reside." (Rui Barbosa)

10. Em estruturas que apresentam mais de uma negação, é bastante comum a substituição do advérbio "não" por "nem".

- "Não cinco, nem dez, nem vinte contos, mas tudo, o capital inteiro, especificados os bens, casas na Corte..." (Machado de Assis)
- "No mesmo sepulcro não há porvir de esperança, nem porventura, luz de consolação." (A. Herculano)

11. O advérbio "aqui" em algumas ocasiões expressa "tempo".

- "Calaram-se todos, inclinaram-se os bustos, atentos, esperando. Aqui fiquei com medo." (Machado de Assis *apud* Sousa da Silveira)

12. "Além" e "aquém" são advérbios de lugar e significam "da parte de lá" e "da parte de cá", respectivamente.

- "E hoje quem segue pelo caminho de Queimadas, trilhando um solo abrolhando cactos e pedras, ao divisá-la, das cercanias de Quirinquinquá, duas léguas **aquém**." (Euclides da Cunha)
- "Subitamente, no meio deste silêncio, alguns esculcas e vigias lançados **além** do rio na margem direita, creram perceber um ruído longínquo." (A. Herculano)

13. É importante distinguir o advérbio "só" – que significa "apenas, somente" – do adjetivo "só" – que significa "sozinho(a)".

advérbio = somente, apenas

- "Só ao primeiro magistrado na dinastia incumbe o direito de praticá-los." (Rui Barbosa)

adjetivo = sozinho

- "Ficando só, a nossa amiga foi sentar-se à porta de casa, no jardim." (Machado de Assis)

14. "Assim" é um advérbio de modo. É empregado em muitas construções em função conclusiva, equivalendo a "dessa forma, sendo assim, desse modo, por isso".

- "Bem haja ela, porque **assim** amou a justiça e serviu a causa da verdade!" (Rui Barbosa)
- "As estrelas são muito distintas e muito claras. **Assim** há de ser o estilo da pregação; muito distinto e muito claro." (Pe. Antônio Vieira)

➪ **Observação:**

Em algumas situações, o advérbio "assim" pode se referir a um substantivo. É uma rara exceção à regra de que os advérbios modificam "verbos, adjetivos e outros advérbios".

- "Nunca morrer assim! Nunca morrer num dia
  Assim! de um sol **assim!**" (Olavo Bilac)
- "Mas aquela pergunta **assim**, vaga e solta, não pude atinar o que era." (Machado de Assis)

15. É importante também não confundir o advérbio de modo "alerta" com o substantivo "alerta" – este com o sentido de "aviso, sirene".

- "Não fechara a porta, de propósito; estava $\underset{\textit{advérbio}}{\underline{\text{alerta}}}$, ao primeiro rumor saltaria." (Aluísio Azevedo)

- Soaram dois $\underset{\textit{substantivo}}{\underline{\text{alertas}}}$ no Corpo de Bombeiros.

16. Nos advérbios em "-mente", derivados de adjetivos com acento agudo ou circunflexo, estes acentos são suprimidos na formação do advérbio. Observe:

- ávido → avidamente
- débil → debilmente
- fácil → facilmente
- ingênuo → ingenuamente
- lúcido → lucidamente
- único → unicamente
- cortês → cortesmente
- só → somente
- espontâneo → espontaneamente

8.8 PALAVRAS E LOCUÇÕES DENOTATIVAS

A Nomenclatura Gramatical Brasileira, provavelmente esteada nas preciosíssimas lições do professor José Oiticica[1], classifica à parte certas palavras e expressões, antes consideradas advérbios. De acordo com as suas significações, tais palavras, chamadas de "denotativas", podem exprimir:

a) Exclusão → apenas, só, somente, exceto, senão, salvo, sequer

- **Só** ela me entende.

---

[1] Oiticica, José. *Manual de análise léxica e sintática.* 10. ed. Rio de Janeiro: Paulo de Azevedo Ltda., 1953. p. 50-55.

- Todos, **senão** Pedro, poderiam ajudá-lo naquele momento.
- **Apenas** nós ficamos lá.

b) Inclusão → também, até, inclusive, ademais, além disso

- **Até** João dançou naquela noite.
- Eu **também** irei.

c) Explicação → isto é, a saber, por exemplo, *verbi gratia*

- "Os coleópteros, **por exemplo**, têm metamorfoses completas." (José Oiticica)
- Entregou-me todos os bens, **isto é**, um caro, uma lancha, e um helicóptero.

d) Designação → eis

- **Eis** o meu maior amor: Jesus Cristo.

e) Correção ou retificação → aliás, digo, ou melhor, isto é

- Na turma éramos quatro bons amigos, **aliás**, cinco.

8.9 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (UFCE) Marque a alternativa que preenche corretamente todas as lacunas numeradas.

Palavra	Classificação morfológica	Processo de formação
gradil	1	derivação sufixal
enferrujar	verbo	2
outrora	3	4

a) (1) substantivo
(2) derivação sufixal
(3) adjetivo
(4) derivação sufixal

b) (1) adjetivo
   (2) derivação parassintética
   (3) adjetivo
   (4) composição

c) (1) adjetivo
   (2) derivação sufixal
   (3) advérbio
   (4) composição

d) (1) substantivo
   (2) derivação parassintética
   (3) adjetivo
   (4) derivação sufixal

e) (1) substantivo
   (2) derivação parassintética
   (3) advérbio
   (4) composição

2. (Ufam) Assinale o item em que a palavra *que* desempenhas a função de advérbio:

a) Que fizeste dos meus livros?
b) Que bonitos olhos tens!
c) Que troféu ainda te falta?
d) Que és muito feliz, eu bem o sei.
e) Quase que você acerta tudo.

3. UFMG) As expressões destacadas correspondem a um adjetivo, exceto em:

a) João Fanhoso anda amanhecendo **sem entusiasmo.**
b) Demorava-se **de propósito** naquele complicado banho.
c) Os bichos **da terra** fugiam em desabalada carreira.
d) Noite fechada sobre aqueles ermos perdidos da caatinga **sem fim.**
e) E ainda me vem com essa conversa de homem **da roça.**

4. (UFV-MG) Em todas as alternativas há dois advérbios, exceto em:

a) Ele permaneceu muito calado.
b) Amanhã, não iremos ao cinema.
c) O menino, ontem, cantou desafinadamente.
d) Tranquilamente, realizou-se, hoje, o jogo.
e) Ela falou calma e sablamente.

5. (UFC-CE) A opção em que há um advérbio exprimindo circunstância de tempo é:

a) Possivelmente viajarei para São Paulo.

b) Maria teria aproximadamente 15 anos.
c) As tarefas foram executadas concomitantemente.
d) Os resultados chegaram demasiadamente atrasados.

6. (Unimep-SP) Em "... um **aborrecimento** quando **os** vejo e gostaria de **não** vê-los mais" as palavras destacadas são, respectivamente:

a) adjetivo, artigo, advérbio.
b) adjetivo, pronome, pronome.
c) substantivo, pronome, advérbio.
d) substantivo, artigo, pronome.
e) verbo, pronome, preposição.

7. (Cesgranrio-RJ) Assinale a alternativa em que a preposição **com** traduz uma relação de instrumento.

a) "Teria sorte nos outros lugares, com gente estranha."
b) "Com o meu avô cada vez mais perto do fim, o Santa Rosa seria um inferno."
c) "Não fumava, e nenhum livro com força de me prender."
d) "Trancava-me no quarto fugindo do aperreio, matando-as com jornais."
e) "Andavam por cima do papel estendido com outras já pregadas no breu."

8. (PUC-SP) No trecho:

"Os trens ***de*** *cana apitavam de quando em vez, mas* ***não*** *davam* ***vencimento*** *à* ***fome*** *das moendas", as palavras destacadas correspondem, morfologicamente, pela ordem, a:*

a) preposição, advérbio, verbo, substantivo.
b) conjunção, advérbio, substantivo, adjetivo.
c) preposição, advérbio, adjetivo, adjetivo.
d) preposição, advérbio, verbo, advérbio.
e) preposição, advérbio, substantivo, substantivo.

9. (PUCC-SP) Os seus projetos são os ... elaborados, por isso garantem verbas ... para sua execução e evitam ... -entendidos.

a) melhor – suficientes – mal
b) mais bem – suficientes – mal
c) mais bem – suficiente – mal
d) melhor – suficientes – mau
e) melhor – suficiente – mau

10. (UMC-SP) Em: "uma cerca **de pedra-seca**, do tempo dos escravos" e "Tudo é mato, crescendo **sem regra**.", as locuções destacadas são, respectivamente:

a) adjetiva e adjunto adnominal; adverbial e adjunto adverbial.

b) adverbial e objeto indireto; adjetiva e predicativo.
c) adjetiva e adjunto adverbial; adverbial e adjunto adnominal.
d) adjetiva e complemento nominal; adverbial e adjunto adnominal.
e) adverbial e adjunto adnominal; adjetiva e complemento nominal.

11. (Cesgranrio-RJ) Assinale a alternativa em que a locução destacada tem valor adjetivo.

a) "Comprei móveis e objetos diversos que entrei a utilizar **com receio.**"
b) "Azevedo Gondim compôs **sobre ela** dois artigos."
c) "Pediu-me **com voz baixa** cinquenta mil-réis."
d) "Expliquei **em resumo** a prensa, o dínamo, as serras..."
e) "Resolvi abrir o olho para que vizinhos **sem escrúpulos** não se apoderassem do que era delas."

GABARITO

1 – E	2 – B	3 – B
4 – A	5 – C	6 – C
7 – D	8 – E	9 – B
10 – A	11 – E	

CAPÍTULO 9

CONJUNÇÃO

9.1 DEFINIÇÃO

> É a classe de palavra invariável que liga duas orações entre si, estabelecendo um vínculo de coordenação ou de subordinação.

Observe:

- $\underset{\text{1.ª oração}}{\underline{\text{Os funcionários informaram ao chefe}}}$ **que** $\underset{\text{2.ª oração}}{\underline{\text{a máquina não estava funcionando bem}}}$.
- **Quando** $\underset{\text{1.ª oração}}{\underline{\text{a moça chegou,}}}$ $\underset{\text{2.ª oração}}{\underline{\text{todos se levantaram imediatamente}}}$.
- $\underset{\text{1.ª oração}}{\underline{\text{O governo aumentou a taxa de juros}}}$ e $\underset{\text{2.ª oração}}{\underline{\text{diminuiu o acesso ao crédito consignado}}}$.

⇨ **Observação:**

Em alguns casos, a conjunção pode funcionar como um nexo entre duas palavras de mesma função sintática. É, por exemplo, o que frequentemente ocorre com a conjunção aditiva "E". Observe abaixo:

a) Chegou cedo **e** foi para a cidade a fim de comprar pão. (A conjunção aditiva "e" liga duas orações)

b) João **e** Maria foram ao centro da cidade. (A conjunção aditiva "e" liga duas palavras)

9.2 CLASSIFICAÇÃO

Pode-se inicialmente classificar as conjunções quanto à forma. Serão "simples" quando formadas por um único vocábulo (se, e, mas, quando, enquanto etc.). Serão "locucionais" (locuções conjuntivas) quando formadas por mais de um vocábulo (uma vez que, à medida que, para que etc.).

A principal classificação das conjunções, entretanto, leva em conta o significado da conjunção e a possibilidade de ela estabelecer "coordenação" ou "subordinação". Por este critério, as conjunções são classificadas em:

9.2.1 COORDENATIVAS

As conjunções coordenativas são aquelas que ligam orações que apresentam a mesma função na frase. De acordo com a relação que expressam, as conjunções coordenativas são classificadas em:

1. **ADITIVAS** → Chamadas também de "copulativas" ou "aproximativas", as conjunções aditivas ligam duas orações, aproximando-as numa relação de soma, de adição.

E, NEM, TAMBÉM, BEM ASSIM, BEM COMO, NÃO SÓ... MAS (TAMBÉM), NÃO SÓ... BEM COMO, QUE (= E).

- "– Pois sim, será; que disso nada sei, nem sou lida e sabida como tu..." (A. Garrett)
- "... porque ela se acha mencionada em muitos documentos, **não só** de outras províncias de Espanha, **mas também** de diversos países, como se pode ver em Ducange, à palavra Arapennis." (A. Herculano)
- "Agora que o trem de ferro
Acorda o tigre no cerro
E espanta os caboclos nus,
Fazei desse 'rei dos ventos'
– Ginete dos pensamentos,
– Arauto da grande luz!..." (Castro Alves)

➯ **Observações sobre as conjunções aditivas:**

a) A conjunção "e", quando une palavras, funciona no mais das vezes como "aproximativa", isto é, indica mera relação de nexo. Por isso, é comumente

suprimida, sem ofensa do sentido, em uma série coordenada e só se expressa entre o penúltimo e o último termo.

- Pedro, João e Paulo partiram para o interior de São Paulo em busca de emprego.

b) A conjunção "e" pode ligar duas orações de valores opostos. Neste caso, a conjunção "e" equivalerá a "mas", uma vez que a 2.ª oração estabelece uma oposição em relação à 1.ª oração.

- "Miguel, Miguel, não tens abelhas, **e** (= mas) vendes mel". (provérbio)
- "Não era cristão Platão, **e** (= mas) mandava na sua República que nenhum oficial pudesse aprender duas artes." (Pe. A. Vieira *apud* A. Epiphanio da Silva Dias)

c) A conjunção "e" pode assumir diversos valores em uma estrutura oracional. Observe:

- "Qualquer movimento, **e** será um homem morto." (A. Filho *apud* Celso Cunha)
  expressa uma conclusão
- "Ia decorá-la **e** transmiti-la ao irmão e à cachorra." (G. Ramos *apud* Celso Cunha)
  expressa uma finalidade
- Esperei mais algumas palavras. Não vieram – **e** saí desapontado." (G. Ramos *apud* Celso Cunha)
  expressa uma consequência

d) A conjunção "nem" pode ser tanto aditiva (aproximativa) quanto alternativa (disjuntiva). Quando aditiva, equivale a "e nem" e liga frases negativas. Quando alternativa, ela se repete em cada uma das orações.

- Não fez a tarefa, **nem** preparou o trabalho que a professora pedira.
  conjunção aditiva = e nem
- Hoje, em virtude da doença, **nem** vai ao trabalho, **nem** vai à escola.
  conjunção alternativa

➾ Observação:

Nem toda repetição da conjunção "nem" irá caracterizar uma alternância, conforme se observa no exemplo abaixo:

- "Sem ele, talvez o Brasil não tivesse derrotado **nem** o complexo de inferioridade de sua sociedade em geral **nem** o racismo velado que se manifestava até no futebol." (Clóvis Rossi, Folha S. Paulo, 07.04.2002)

→ No exemplo acima, o par "nem... nem..." expressa adição negativa. O segundo "nem" equivale a "e nem".

e) Na linguagem coloquial, é comum o emprego de "mais" em lugar da conjunção aditiva "e". Saliente-se que este emprego é desabonado pelo padrão mais formal da linguagem.

> Fernando mais Felipe foram comprar algumas cervejas.
uso coloquial → mais = "e"

f) Algumas conjunções aditivas são frequentemente empregadas em construções paralelas, introduzidas geralmente por "não só...". Tais conjunções encerram verdadeiras construções correlatas.

CONJUNÇÕES CORRELATAS ADITIVAS

- **não só... mas também...**
- **não só... mas ainda...**
- **não só... senão também...**
- **não só... senão que...**
- **não só... bem como...**

> "**Não só** a cobiça e o desenfreamento da soldadesca multiplicavam aí as cenas de rapina, de violência e de sangue, **mas também** a política dos capitães árabes procurava aumentar a terribilidade desses dramas repetidos para quebrar os ânimos dos godos e persuadi-los à submissão." (A. Herculano)

> "... sabem que Isaura **não só** era dotada de espírito superior, **como também** recebera a mais fina e esmerada educação, não lhe estranharam a distinção das maneiras, a elegância e elevação da linguagem..." (Bernardo Guimarães)

2. **ADVERSATIVAS** → São as conjunções que unem pensamentos ou ideias contrárias, opostas. A principal conjunção adversativa na língua portuguesa é o "MAS". Apresentam também força adversativa os seguintes conectores:

PORÉM, CONTUDO, TODAVIA, ENTRETANTO, NO ENTANTO, SENÃO, QUE (= MAS), AINDA ASSIM

> "É uma lira, **mas** sem cordas; uma primavera, **mas** sem flores; uma coroa de folhas, **mas** sem viço." (Álvares de Azevedo)

- "– Pois o que vais tu ser, homem, **senão** um sujeito às ordens do S. Fulgêncio, do horrendo careca?" (Eça de Queiroz)
- "Bem sei que te rasguei o coração, porque tu me amavas deveras, **mas** já tenho expiado de sobra o mal que te fiz." (Casimiro de Abreu)
- "O firmamento límpido arqueia-se alumiado ainda por um Sol obscurecido, de eclipse. A pressão, **entretanto**, decai vagarosamente, numa descensão contínua, afogando a vida." (Euclides da Cunha)

⇨ **Observações sobre as conjunções adversativas:**

a) A despeito de serem adversativas, a conjunção "porém" distingue-se de "mas" por indicar oposição mais forte que esta. Ademais, a conjunção "porém" poder ser *pospositiva*, isto é, pode ser posta depois do termo coordenado, ao passo que "mas" é sempre prepositiva, pois sempre vem antes do termo coordenado.

- "A Bruzundanga era um sarcófago de mármore, ouro e pedrarias, em cujo seio, **porém**, o cadáver mal embalsamado do povo apodrecia e fermentava." (Lima Barreto)
- "Itaquê curvara a cabeça. Ele ouviu brandir a arma; não era, **porém**, aquele o zunido da corda do arco, quando o vergava sua mão possante." (José de Alencar)

b) A conjunção adversativa "senão" pode apresentar os seguintes sentidos (valores): a não ser, do contrário, caso contrário, mas sim.

- "O braço de Itaquê defendeu sempre a nação tocantim; quer ela ser defendida agora pela palavra daquele, que não tem mais para dar-lhe **senão** (= a não ser) a experiência de sua velhice?" (José de Alencar)
- "Não obteve aplausos nem respeito, **senão** (= mas sim) escárnio e menoscabo." (A. Houaiss)
- Transmita imediatamente esta mensagem, **senão** (= do contrário, caso contrário) será despedido.
- "A definição do pregador é a vida e o exemplo. Por isso Cristo no Evangelho não o comparou ao semeador, **senão** (= mas sim) ao que semeia." (Pe. Antônio Vieira)

c) A conjunção "senão" pode juntar-se ao advérbio "quando", formando a locução adverbial "senão quando", com o sentido de "de repente, inesperadamente, quando menos se esperava".

- "**Senão quando**, morre-lhe o padrinho ao Gouveia, e em testamento deixou ao afilhado três contos de réis." (Machado de Assis)

d) **As conjunções "entretanto, no entanto" podem ser empregadas como advérbios de tempo, com o sentido de "nesse tempo, nesse meio termo, nesse ínterim, entrementes".**

- "E sentia-se esvaecer e, pouco a pouco, adormecia e, dali a pouco, roncava. **Entretanto**, no castelo tinham dado pela sua falta. Esperaram-no até à noite; esperaram-no uma semana, um mês, um ano, e não o viam voltar." (A. Herculano)

3. **ALTERNATIVAS OU DISJUNTIVAS** → São conjunções que ligam ideias e pensamentos que se alternam ou que se excluem.

OU, OU... OU, SEJA... SEJA, QUER... QUER, NEM... NEM, ORA... ORA, SEJA... SEJA.

- **Ou** ele vai para a reunião, **ou** eu vou representá-lo.
- **Ora** diz que não foi ele, **ora** diz que participou do crime.
- **Quer** o governo queira, **quer** o governo não queira, todos farão greve.
- **Nem** um **nem** outro participarão do evento.
- "Pois olhe, **quer** me creia, **quer** não, tenho-lhe conhecido mais de uma dúzia de chichisbéus, não falando do padre capelão, que esse ainda agora lhe fornece a garrafeira, à nossa custa, entende-se." (Camilo C. Branco)

➾ **Observações sobre as conjunções alternativas:**

a) **A alternância (disjunção) efetuada com a conjunção "ou" pode ser "inclusiva", quando os elementos se somam, ou "exclusiva", quando os elementos se excluem. Veja:**

- Maçã **ou** mamão fazem bem ao intestino. (alternativa includente)
- João **ou** Pedro ganhará o prêmio de literatura este ano. (alternativa excludente)

b) **A alternância efetuada pelo par "ou... ou..." sempre será "excludente".**

- **Ou** você fica conosco, **ou** partirá para a casa de sua avô.

- **Ou** o governo aumenta o quantitativo de policiais, **ou** a violência dominará as ruas das grandes cidades.

4. **CONCLUSIVAS OU ILATIVAS** → São as conjunções que introduzem orações, em um período coordenado, as quais expressam uma conclusão, uma ilação em relação à primeira oração.

LOGO, PORTANTO, POR ISSO, POIS (posposto ao verbo), ENTÃO, ASSIM, POR CONSEQUÊNCIA, CONSEQUENTEMENTE, CONSEGUINTEMENTE.

- Ele estudou todo o assunto, deve **então** saber o sentido da expressão.
- A vida é breve; **por isso** devemos aproveitá-la bastante.
- "Dela depende inteiramente a higiene dos povos e o saneamento dos governos. É, **pois**, a garantia conservadora por excelência, contanto que seja plena e ampla." (Rui Barbosa)

5. **EXPLICATIVAS** → São conjunções que explanam na segunda oração o sentido da primeira oração ou uma explicação para a primeira.

QUE, PORQUE, POIS (anteposto ao verbo), PORQUANTO.

- Não faça caso, **que** aqui estamos para ouvi-lo.
- Isso não é razão para a sua angústia, **porque**, afinal de contas, os negócios têm corrido bem.
- As estrelas giram em torno da Terra, **pois** a Terra **tem** um movimento de rotação em torno de seu eixo.

9.2.2 SUBORDINATIVAS

As conjunções subordinativas (também chamadas de "circunstanciais") ligam orações que exercem uma função sintática em relação a outra oração denominada de "principal ou subordinante". São dez as conjunções subordinativas:

1. **CAUSAIS** → São conjunções que subordinam ideias em que se exprime a causa, o motivo, a razão de ser da ideia principal.

QUE, PORQUE, PORQUANTO, COMO (no início da oração = JÁ QUE), SE (= JÁ QUE), DESDE QUE, POIS QUE, VISTO QUE, VISTO COMO, UMA VEZ QUE, COMO QUER QUE, DE MODO QUE

- O cavaleiro não se deteve, **que** lhe pareceu haver gente emboscada.
- Velho **que** era, evitava lugares altos e grandes emoções.
- Não ficaremos neste local, **porquanto** nos pretendem roubar.
- **Já que** assim o quis, mandei-o embora.
- **Como** não liberaram o dinheiro, teve de tirar um empréstimo.
- **Se** ela gosta de você, por que não vai procurá-la?

➾ **Observações sobre as conjunções causais:**

a) Para que a conjunção "como" seja classificada como "causal", ela precisa vir no início do período e equivaler a "porque, já que".

- **Como** não chegou no tempo estipulado, foi demitido.
  (= já que)

b) Nem sempre é fácil a distinção entre uma conjunção causal e uma conjunção explicativa. Para observar tal distinção, sugerimos estudar as orações subordinadas adverbiais causais, em sintaxe do período composto.

2. **CONCESSIVAS** → São conjunções que subordinam ideias em que se exprime uma ação contrária, oposta à ideia principal.

QUE, EMBORA, CONQUANTO, AINDA QUE, POSTO QUE, BEM QUE, SE BEM QUE, QUANDO MESMO, POR MAIS QUE, POR MENOS QUE, POR POUCO QUE, MESMO QUE, EM QUE PESE, APESAR DE QUE.

- **Embora** ele estivesse conosco, não poderia ter feito nada para salvar a vida do amigo.
- Não conseguirás tirar toda a sujeira, **quando mesmo** uses água sanitária.
- Tuas palavras, **que** fossem muitas, não atenuariam a dor daquele momento.
- **Por mais que** ele se explicasse, não convenceria o delegado da inocência dele.

- Ficarei na casa, **ainda que** haja opiniões contrárias.

➾ **Observações sobre as conjunções concessivas:**

a) Perceba que as conjunções concessivas, ao lado das coordenativas adversativas, promovem as relações de oposição ou de contraste. Por isso, geralmente é possível se trocarem umas pelas outras. É preciso, porém, ficar atento à flexão verbal, já que as orações concessivas desenvolvidas exigem o verbo no modo subjuntivo.

- Resolveu continuar estudando, **mas** sabia que já não mais realizaria o seu sonho.

→ Resolveu continuar estudando, **embora** soubesse que já não mais realizaria o seu sonho.

- **Conquanto** ela deixasse a desejar em suas atitudes morais, Marta jamais abandonou o filho e os seus familiares.

→ Marta jamais abandonou o filho e os seus familiares, **entretanto** ela deixava a desejar em suas atitudes morais.

b) Não confunda a conjunção "conquanto" com a conjunção "porquanto". Esta pode ser causal ou explicativa, enquanto aquela é estritamente concessiva.

- Abandonou a empresa, **porquanto** não lhe pagaram as férias devidas.
  conjunção causal

conjunção concessiva
- **Conquanto** tenha abandonado a empresa, não deixou que os filhos passassem fome.

c) Há outros articuladores na língua portuguesa que também expressam oposição concessiva. São eles "a despeito de, malgrado, não obstante".

- Comprou aquele carro usado, **malgrado** os conselhos em contrário que recebeu.
- **A despeito** da vigilância ativa da polícia militar, houve diversos assaltos no último final de semana.

d) Lembre-se de que, no português do Brasil, a conjunção "posto que" só é usada como concessiva, equivalendo a "embora, apesar de que, mesmo que,

ainda que". Portanto, é erro crasso usar "posto que" no lugar de "já que, visto que, uma vez que" e vice-versa.

- "Pode crer-se que a intenção do Mateus era ser admirado e invejado, **posto que** ele não a confessasse a nenhuma pessoa." (Machado de Assis)
- "A mulher, **posto que** lhe apontassem já os cabelos brancos, rejubilou com isso." (Aluísio Azevedo)

3. **CONFORMATIVAS** → São conjunções que subordinam ideias em que se exprime a conformidade de um pensamento com o da ideia principal.

COMO, CONFORME, CONSOANTE, SEGUNDO.

- Tudo se anunciou **conforme** previra o astrólogo.
- Os advogados procederam **segundo** ordenava a lei.
- Eles fizeram tudo **consoante** lhes haviam determinado.

4. **CONSECUTIVAS** → São conjunções que subordinam ideias em que se exprime o efeito, a consequência, o resultado do pensamento expresso na ideia principal.

QUE (precedido de "TÃO, TAL, TANTO, TAMANHO"), SEM QUE, DE MODO QUE, DE SORTE QUE, DE FORMA QUE, DE MANEIRA QUE.

- Falou tanto **que** ficou rouco.
- Não discute religião **sem que** não se exalte.
- "Deus, oh! Deus, onde estás **que** não respondes?" (Castro Alves)
- Ficou profundamente magoada com a atitude da criança, **de sorte que** não queria mais lecionar naquela turma.
- Viveu a vida sem restrições, **de modo que** o futuro lhe trouxe grandes dissabores.

⇨ Observações sobre as conjunções consecutivas:

a) Em muitas estruturas, os termos de reforço "tão, tal, tanto, tamanho" não aparecem – são elipsados da estrutura.

- Chove **que** é um horror! → Aqui temos a estrutura "Chove **TANTO que** é um horror!".
- Ele fala **que** incomoda. → Aqui temos a estrutura "Ele fala **TANTO que** incomoda".

5. **CONDICIONAIS** → São conjunções que subordinam ideias que exprimem a condição, a hipótese, a probabilidade para a ideia principal do período.

SE, CASO, CONTANTO QUE, SEM QUE, A NÃO SER QUE, SALVO SE, EXCETO SE, A MENOS QUE.

- Participaremos do evento, **salvo se** houver algum empecilho de última hora.
- Irei, **a não ser que** seja impedido por alguém.
- Elaborarei o projeto, **contanto que** ninguém dê palpite.
- Não começaremos a reunião **sem que** ele esteja presente.

6. **COMPARATIVAS** → São conjunções que estabelecem uma relação de comparação, de analogia com a ideia principal do período.

COMO, ASSIM COMO, TAL E QUAL, TAL QUAL, MAIS QUE OU DO QUE, MENOS QUE OU DO QUE, TANTO QUANTO, FEITO (= COMO).

- Ele é **tão** sábio **quanto** o irmão.
- O herói foi **tão** valente **quão** magnânimo.
- O Brasil foi colônia portuguesa, **assim como** a Argentina foi colônia espanhola.
- "Se mandasse fazer em postas e salgar o Sr. Quintino Bocaiúva, **tal qual** procedeu para com Ratcliff o fundador do império, não faltariam almas para lançar flores ao sangue dessas crueldades infames." (Rui Barbosa)
- Parecia **mais** calmo **que** de costume.

7. **FINAIS** → São conjunções que estabelecem uma relação de fim (finalidade) com a ideia principal do período.

QUE (= PARA QUE), PORQUE (= PARA QUE), PARA QUE, A FIM DE QUE.

- Fizemos tudo para **que** ele fosse aprovado em um concurso.
- "Tu que as gentes da terra tudo enfreias, **que** não passem o termo limitado." (Camilo C. Branco)
- Estudai **porque** sejais logo aprovado em um concurso.

⇨ **Observações sobre as conjunções finais:**

a) A conjunção "porque" expressando finalidade está em franco desuso na língua portuguesa contemporânea.

b) "A fim de" é uma locução prepositiva. "A fim de que" é uma locução conjuntiva. Ambas indicam finalidade. A primeira emprega-se seguida de um infinitivo, pois se emprega com orações reduzidas. A segunda emprega-se com orações desenvolvidas.

- **A fim de** sair cedo, dormi pouco.
- **A fim de que** saísse cedo, dormiu pouco.

8. **PROPORCIONAIS** → São as conjunções que estabelecem uma relação de proporcionalidade em relação ao fato contido na oração subordinante.

À MEDIDA QUE, À PROPORÇÃO QUE, AO PASSO QUE, QUANTO MAIS... MAIS, QUANTO MAIS... MENOS, QUANTO MENOS... MAIS, QUANTO MENOS... MENOS.

- **À medida que** ele estuda, **mais** aprende.
- **Quanto mais** trabalha, **mais** acumula dinheiro.
- Os alunos se levantavam, **ao passo que** iam sendo chamados.

⇨ **Observações sobre as conjunções proporcionais:**

a) Não se esqueça de que "à medida em que" e "na medida que" são expressões que não existem em nossa língua. Surgiram como corruptela da conjunção proporcional "à medida que".

b) É essencial não confundir "à medida que" com "na medida em que". Esta introduz orações causais e equivale a "visto que, já que", enquanto aquela é essencialmente proporcional e equivale a "à proporção que".

9. **TEMPORAIS** → São conjunções que estabelecem o momento, o tempo da realização do fato contido na oração subordinante (principal).

ENQUANTO, DESDE QUE, LOGO QUE, ASSIM QUE, MAL (= LOGO QUE), ANTES QUE, DEPOIS QUE, ATÉ QUE, AGORA QUE, QUANDO, SEMPRE QUE, TODA VEZ QUE.

- "Não olhes para o vinho **quando** se mostra vermelho, **quando** resplandece no copo e se escoa suavemente." (Provérbios 23:31)
- "Minha família, **depois que** lhe falei a seu respeito, está impaciente para conhecê-lo e desde já fica à sua espera." (Aluísio Azevedo)
- "É a grande resolução que se toma nas grandes dificuldades da vida, **sempre que** é possível espaçá-las." (Almeida Garret)
- "**Logo que** acabem de comer – continuou ele dirigindo-se ao feitor –, levee-as para a colheita do café." (Bernardo Guimarães)

10. **INTEGRANTES** → **São as conjunções que introduzem as orações substantivas, isto é, as orações que exercem para a oração principal uma das seguintes funções: sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, aposto e predicativo.**

QUE, SE

- "O certo é **que** um complexo de circunstâncias lhes tem dificultado regime contínuo." (Euclides da Cunha)
- "Meneses não sabia **se** tinha ou deixava de ter dinheiro." (Lima Barreto)
- "Pádua obedeceu; confessou **que** acharia forças para cumprir a vontade de minha mãe." (Machado de Assis)

⇨ **Observação sobre as conjunções subordinativas:**

Embora não seja reconhecida pela NGB (Nomenclatura Gramatical Brasileira), existe ainda uma conjunção (SEM QUE), que introduz orações que expressam circunstância de modo. Essa conjunção, por isso, é denominada de modal. Vejamos alguns exemplos:

- "Os meninos entraram **sem que** alguém reparasse neles, e foram colocar-se junto do oratório." (Manuel A. de Almeida)
- "Agora, pensava em como entregar a carta **sem que** ninguém visse, sem escândalo." (Adolfo Caminha)

9.3 UBIQUIDADE DAS CONJUNÇÕES

Como se sabe, em português, temos praticamente uma só (e importante) conjunção – QUE. As demais são, na maioria dos casos, advérbios que exercem a função conjuntiva ou locuções conjuntivas formadas a partir de verbos, substantivos e advérbios, associados à conjunção "QUE".

Por isso, muitas conjunções – notadamente a conjunção QUE – podem estabelecer mais de uma relação (mais de um papel) dentro de um período. Quando isso ocorre, diz-se que a conjunção é "ubíqua", isto é, que a conjunção tem a capacidade de expressar mais de uma relação, mais de um sentido.

Observe abaixo um rol sucinto de algumas conjunções ubíquas.

1 – SE

- Pedro só será aprovado **se** estudar. → **(conjunção condicional)**
- Não sabemos **se** Pedro será aprovado. → **(conjunção integrante)**
- Por que me enviaste para a missão **se** sabias que eu era fraco? → **(conjunção causal)**

2 – QUE

- Rezava **que** rezava, mas não espantava os maus pensamentos. → **(conjunção aditiva)**
- "De outras ovelhas cuidarei, **que** não de vós." (A. Garrett) → **(conjunção adversativa)**
- Todos desejam **que** tu venhas logo. → **(conjunção integrante)**
- Velho **que** era, evitava lugares altos. → **(conjunção causal)**
- Nunca fui à casa do João, **que** não o achasse estudando. → **(conjunção consecutiva)**
- Não discute sobre futebol **que** não se exalte. → **(conjunção consecutiva)**
- Com o constrangimento, fez-se vermelha **que** nem romã. → **(conjunção comparativa)**
- "Porém cinco sóis já eram passados, **que** dali nós partimos." (Camões) → **(conjunção temporal)**
- Chegados **que** fomos, todos iniciaram a reunião. → **(conjunção temporal)**
- Agora trata de fazer as coisas, **que** não lhe seja uma manhã inútil. → **(conjunção final)**

3 – COMO

- Ninguém sabe **como** ele aqui chegou. → **(conjunção integrante)**
- **Como** estivesse doente, faltei à aula. → **(conjunção causal)**
- O rosto de Maria é branco **como** a neve. → **(conjunção comparativa)**
- Falou **como** lhe convinha. → **(conjunção modal)**
- **Como** nos orientava o manual, elaboramos o projeto. → **(conjunção conformativa)**
- Falou que estaria com ele na riqueza **como** na pobreza. → **(conjunção aditiva)**

4 – DESDE QUE

- **Desde que** chegue cedo, poderá sair com os amigos. → **(conjunção condicional)**
- **Desde que** chegou, não parou de falar. → **(conjunção temporal)**

5 – QUANDO

- **Quando** falou, todos ficaram emocionados. → **(conjunção temporal)**
- **Quando** a criança chorava, ela cantava e cantava mais alto. → **(conjunção proporcional)**
- Gastaram dez dias a pé, **quando** gastariam cinco se fossem pelo mar. → **(conjunção adversativa)**

6 – E

- Chegou cedo a casa **e** pôs-se a escrever sobre o livro que lera. → **(conjunção aditiva)**
- Estudou bastante para o concurso, **e** não conseguiu nem sequer ficar entre os classificados. → **(conjunção adversativa)**

➾ **Observação final:**

Entender o valor que a conjunção está expressando depende exclusivamente do contexto em que ela se encontra. Portanto, vale um conselho: não tente decorar os valores das conjunções. Seu esforço será inócuo. Tente, sim, entender o valor que ela está exprimindo na situação em que foi empregada.

9.4 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (Fuvest-SP) Nas frases abaixo, cada espaço pontilhado corresponde a uma conjunção retirada.

1. "Porém já inço sóis eram passados ... dali nos partíramos."

2. ... estivesse doente faltei à escola.

3. ... haja maus nem por isso devemos descrer doas bons.

4. Pedro será aprovado ... estude.

5. ... chova sairei de casa.

As conjunções retiradas são, respectivamente:

a) quando, ainda que, sempre que, desde que, como.
b) que, como, embora, desde que, ainda que.
c) como, que, porque, ainda que, desde que.
d) que, ainda que, embora, como, logo que.
e) que, quando, embora, desde que, já que.

2. (UEL-PR) Não gostava muito de novelas policiais; admirava, porém, a técnica de seus autores.

Comece com: *Admirava a técnica...*

a) visto como
b) enquanto
c) conquanto
d) porquanto
e) à medida que

3. (UEL-PR) A serem considerados os resultados, o trabalho foi eficiente.

Comece com: *O trabalho foi eficiente...*

a) desde que
b) ainda que
c) a menos que
d) embora
e) por isso

4. (PUC-SP) Assinale a alternativa que possa substituir, pela ordem, as partículas de transição dos períodos abaixo, sem alterar o significado delas.

"Em **primeiro lugar**, *observemos o avô.* **Igualmente**, *lancemos um olhar para a avó.* **Também** *o pai deve ser observado. Todos são altos e morenos.* **Consequentemente**, *a filha também será morena e alta."*

a) primeiramente, ademais, além disso, em suma
b) acima de tudo, também, analogamente, finalmente
c) primordialmente, similarmente, segundo, portanto
d) antes de mais nada, da mesma forma, por outro lado, por conseguinte
e) sem dúvida, intencionalmente, pelo contrário, com efeito

5. (Cesgranrio-RJ) Assinale o período em que ocorre a mesma relação significativa indicada pelos termos destacados em "A atividade científica é tão natural **quanto qualquer outra atividade econômica**".

a) Ele era tão aplicado, que em pouco tempo foi promovido.
b) Quanto mais estuda, menos aprende.
c) Tenho tudo quanto quero.
d) Sabia a lição tão bem como eu.
e) Todos estavam exaustos, tanto que se recolheram logo.

6. (Fuvest-SP) "Podem acusar-me: estou com a consciência tranquila." Os dois pontos (:) do período acima poderiam ser substituídos por vírgula, explicitando-se o nexo entre as duas orações pela conjunção:

a) portanto
b) e
c) como
d) pois
e) embora

7. (PUC-SP) Em:

"... ouviram-se amplos bocejos, fortes **como** *o marulhar das ondas..."*

A partícula *como* expressa uma ideia de:
a) causa
b) explicação
c) conclusão
d) proporção
e) comparação

8. (Fuvest-SP) "Que não pedes um diálogo de amor, é claro, **desde que impões** a cláusula da meia-idade."

O segmento destacado poderia ser substituído, sem alteração do sentido da frase, por:

a) desde que imponhas
b) se bem que impões
c) contanto que imponhas
d) conquanto imponhas

e) porquanto impões

9. (PUCC-SP) Assinale a alternativa correspondente à frase em que ocorre uso **incorreto** de conjunção.

a) O homem criou a máquina para facilitar sua vida, e contudo ela correspondeu a essa expectativa.
b) Diga-lhe que abra logo a porta, que eu estou com pressa.
c) Ele tinha todas as condições para representar bem os colegas; nem todos lhe reconheciam os méritos, porém.
d) O problema é que ainda não se sabe se ele agiu conforme as normas da empresa.
e) Ao perceber o que tinha feito com seus livros, gritou que parecia um louco.

10. (PUC-SP) Nos trechos:

"Vejo três meninas caindo rápidas, enfunadas, **como** *se dançassem inda"*

e

"... e a prima-dona com a longa cauda de lantejoulas riscando o céu **como** *um cometa",*

as palavras destacadas expressam respectivamente ideias de:

a) comparação, objeto
b) modo, origem
c) modo, comparação
d) comparação, instrumento
e) consequência, consequência

GABARITO

1 – B	2 – C	3 – A
4 – D	5 – D	6 – D
7 – E	8 – E	9 – A
10 – C		

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

CAPÍTULO 10

PREPOSIÇÃO

10.1 DEFINIÇÃO

É a categoria gramatical invariável que tem por função ligar entre si duas palavras, subordinando uma à outra, para introduzir determinadas circunstâncias ou indicar posse, referência, origem, atribuição, causa, efeito etc. Portanto, a preposição é a palavra invariável de caráter essencialmente relacional.

Observe:

- Amanhã iremos à casa de Maria.

  A preposição "de" subordina "Maria" à "casa".
- A criança se encontra com febre.

  A preposição "com" introduz o termo atributivo "com febre".
- Deixá-lo-emos em Salvador e partiremos para São Paulo.

  As preposições "em" e "para" introduzem as circunstâncias de lugar.

Perceba que a principal "missão" das preposições é, de fato, subordinar um vocábulo ao outro. As palavras ligadas pela preposição chamam-se "**termos**" dela. O primeiro (subordinante ou regente) é chamado de "**antecedente**" e o segundo (subordinado ou regido) é chamado de "**consequente**".

Veja agora estes outros exemplos:

- Joana gosta de sair à noite.

  A preposição "de" subordina a oração "sair à noite" ao verbo "gostar".
- Tenho certeza de que amanhã Maria chegará.

  A preposição "de" subordina a oração "que amanhã Maria chegará" à "certeza".
- Eles anseiam por que a inflação não aumente.

  A preposição "por" subordina a oração "que a inflação não aumente" ao verbo "ansiar".

Observando as orações acima, percebe-se claramente que a preposição também subordina "orações" a certos vocábulos. Vê-se, portanto, que a preposição, à semelhança da conjunção, também subordina orações.

10.2 NEXOS PREPOSITIVOS NÃO REGENCIAIS – VALORES DE ALGUMAS PREPOSIÇÕES

De fato, o emprego da preposição se dá geralmente por questões de regência – subordinação de um termo a outro. Nem sempre, porém, isso ocorre. Em muitos casos, emprega-se a preposição para que ela estabeleça, junto ao núcleo do termo, um determinado valor. É o caso que se dá, por exemplo, com as locuções adverbiais. Perceba que a maioria delas é introduzida por um nexo prepositivo, que não foi oriundo de uma relação regencial. Quando se diz, por exemplo, *"João chegou à noite"*, a preposição "a", que introduz a locução adverbial de tempo "à noite", estabelece com o substantivo "noite" uma noção de tempo. A preposição, nesse caso, não foi requisitada pelo verbo da estrutura, uma vez que ele é intransitivo. Foi usada tão somente para estipular / introduzir a relação de tempo.

Observe outros valores estipulados por nexos prepositivos não regenciais:

- Ele sempre fala muito sobre política.
  ↳ *assunto*
- Ele veio de Caruaru.
  ↳ *lugar, origem, procedência*
- Sairemos hoje com Maria.
  ↳ *companhia*
- Falaram contra nós dois.
  ↳ *oposição*
- A casa de Maria é bonita.
  ↳ *posse*
- Vendeu a casa por R$ 20.000,00.
  ↳ *preço*
- Dei-lhe algo para beber.
  ↳ *finalidade*
- Comprei um televisor em cores.
  ↳ *qualidade, estado*
- Morrer pela pátria.
  ↳ *motivação, favor*
- Ele morreu de fome.
  ↳ *causa*
- Todos se inclinaram para a frente.
  ↳ *direção, lugar*
- Atiraram para cima.
  ↳ *direção*
- Viajaremos durante as férias.
  ↳ *tempo*
- Nós iremos de avião.
  ↳ *meio*
- Fechou o portão a cadeado.
  ↳ *instrumento*
- Fez um omelete com dois ovos.
  ↳ *matéria*
- Todos ficaram de pé.
  ↳ *modo*
- Comprei uma casa de campo.
  ↳ *finalidade, destinação*

10.3 CLASSIFICAÇÃO DAS PREPOSIÇÕES

No português, as preposições são classificadas em "essenciais" (palavras que só desempenham o papel estritamente de preposição) e "acidentais" (palavras de outra classe gramatical que eventualmente se usam como preposições).

a) São essenciais:

a
ante
após
até
com
contra
de
desde
em
entre
para
trás
perante
por
sem
sob
sobre

b) São acidentais:

conforme (= de acordo com)
consoante (= de acordo com)
segundo (= de acordo com)
como (= na qualidade de)
durante
salvo
fora, afora
exceto
mediante (= por meio de)
menos
tirante
salvante

10.4 LOCUÇÕES PREPOSITIVAS

Em muitos casos, a função prepositiva é exercida por um conjunto de vocábulos que é finalizado por uma preposição. Neste caso, está-se diante das chamadas "**locuções prepositivas**". Geralmente, tais locuções apresentam como núcleo um substantivo ou um advérbio.

Abaixo há um sucinto rol das principais locuções prepositivas.

abaixo de
acerca de
acima de
a fim de
além de
à maneira de
atrás de
através de
de acordo com
debaixo de
defronte de
dentro de
em frente de
em lugar de
em redor de
em torno de
em vez de
fora de

antes de
até a
ao lado de
ao invés de
ao redor de
a par de
apesar de
a respeito de
de per
depois de
devido a
diante de
embaixo de
em cima de
em face de
em frente a
junto a
não obstante
no caso de
para com
perto de
por causa de
por detrás de
por trás de

Observe alguns exemplos:

- "Maldito seja aquele vendeiro de todos os diabos! Fazer-me um cortiço **debaixo das** janelas!..." (Aluísio Azevedo)
- "Duas vacas, guardadas por uma rapariga, apareceram então pelo caminho lodoso que do outro lado do rio, **defronte da** alameda, corre junto de um silvado." (Eça de Queiroz)
- "O olhar fascinado perturbava-se no desequilíbrio das camadas desigualmente aquecidas, parecendo varar **através de** um prisma desmedido e intáctil." (Euclides da Cunha)
- "Esta protelação, inexplicável, esta reserva **acerca de** um programa feito, acabado, dependente apenas de uma formalidade elementar." (Rui Barbosa)
- *"A cabocla foi sentar-se à mesa redonda que estava no centro da sala,* virada para as duas. Pôs os cabelos e os retratos **defronte de** si." (Machado de Assis)

10.5 COMBINAÇÕES E CONTRAÇÕES DAS PREPOSIÇÕES

Observe o exemplo abaixo:

Ele foi um **daqueles** que sempre lutou **pela** pátria.

Veja que os dois termos em negrito aparecem com preposições:

- daqueles → de + aqueles
- pela → per (preposição arcaica) + a

Num período, pode uma preposição unir-se a outra palavra, passando a constituir com ela um só vocábulo. Nessa ligação, se a preposição permanece

com todos os seus fonemas, diz-se que há "**combinação**"; se houver perda de fonema para algum dos componentes, diz-se que há "**contração**".

Listaremos abaixo alguns casos comuns de combinação e de contração:

a) Combinação da preposição "a" com os artigos definidos ou os pronomes demonstrativos "o, os" → ao, aos

b) Contração da preposição "a" com os artigos definidos ou os pronomes demonstrativos "a, as" → à, às (crase)

c) Contração da preposição "de" com artigos, certos pronomes e certos advérbios:

- de + o, a, os, as → **do, da, dos, das**
- de + um, uma, outro, outra → **dum, duma, doutro, doutra etc.**
- de + ele, ela, esse, aquele, aquilo, isto, isso (e suas flexões) → **dele, dela, desse, daquele, disto etc.**
- de + aqui, aí, ali, onde, antes → **daqui, daí, donde, dantes etc.**

d) Contração da preposição "em" com artigos e certos pronomes:

- em + o, a, os, as → **no, na, nos, nas**
- em + um, uma, outro, este, esse, aquele (e suas flexões) → **num, numa, noutro, neste, naquele etc.**

e) Contração da antiga preposição "per" (hoje substituída pela sua sinônima "por") com os artigos "o, a, os, as" → pelo, pela, pelos, pelas

➪ **Observação:**

Quando rege infinitivos, a preposição não deve se contrair com artigos, advérbios e pronomes (orações reduzidas). Ademais, como geralmente os infinitivos apresentam sujeito próprio, é inadmissível que haja o preposicionamento do sujeito deste infinitivo.

sujeito do infinitivo
- Vamos, pois está na hora **do** ônibus passar. → construção errada. (Corrija-se: na hora de o ônibus passar.)

sujeito do infinitivo
- Não saímos de casa **pelo** carro estar quebrado. → construção errada. (Corrija-se: por o carro estar quebrado.)

O pronome "ele" é o sujeito do infinitivo.
- Comprei livros a fim **dele** estudar mais. → construção errada. (Corrija-se: a fim de ele estudar mais.)

O substantivo "assassino" é o sujeito do infinitivo "ser".

- O crime comoveu a todos **por** o assassino ser muito conhecido. → construção correta

10.6 REPETIÇÃO DAS PREPOSIÇÕES

Sem dúvida, um dos pontos que suscita dúvida diz respeito à repetição da preposição. Em muitas estruturas em que aparece mais de um termo subordinado a um outro termo por meio de uma preposição, a repetição da preposição deve levar em conta as seguintes orientações:

a) **Diante de termos subordinados em que o determinante só ocorre perante o primeiro, é de praxe a preposição só aparecer no primeiro termo subordinado.**

- "Tratou logo de aprestar a armada, que achou desbaratada **pelas** viagens e guerras de seu antecessor." (J. Freire *apud* Cláudio Brandão)
- "Pudera chamar abelhas aos holandeses **pela** arte e bom governo." (Pe. Antônio Vieira)
- "As aves, dando repouso às asas fatigadas do contínuo voejar **pelos** pomares, prados e balsedos vizinhos, começavam a preludiar seus cantos vespertinos." (Bernardo Guimarães)

➯ **Observação:**

É possível, nestes casos, a repetição tanto da preposição quanto do determinante a fim de individualizar e ressaltar cada termo subordinado.

- "Cristo, nosso Salvador, é o verdadeiro Deus **dos** exércitos e **das** vitórias." (Pe. Antônio Vieira)
- "Maria é a divindade **da** inocência, **da** fraqueza e **do** infortúnio." (Camilo C. Branco)
- "Deus me livre de debater matéria tantas vezes disputadas, tantas vezes exaurida **pelos** que sabem a ciência do mundo e **pelos** que sabem a ciência do céu!" (A. Herculano)

b) **É frequente omitir-se a preposição antes do segundo e dos outros termos subordinados quando estes vêm desacompanhados de determinantes.**

- "Vós ensinais-me a defender a honra **com** vida, santidade, exemplo e sofrimento." (Tomé de Jesus *apud* Cláudio Brandão)

▸ "... e lágrimas de ternura e religião rebentam de todos os olhos." (Camilo C. Branco)

➾ **Observação:**

A repetição da preposição, entretanto, far-se-á necessária se se desejar pôr em relevo (ênfase) cada um dos termos subordinados.

▸ "Com espanto e ao mesmo tempo com alegria, percebi que se exprimia em romano rústico, o qual, daí a pouco, vi que o moço árabe falava como se fosse a própria linguagem." (A. Herculano)

▸ "E que sobre mirrados, sobre afogados, sobre comidos, ainda se vejam pisados e perseguidos dos homens..." (Pe. Antônio Vieira)

▸ "Todas as consciências, todos os caracteres, todas as alavancas morais das grandes causas farão, em torno de S. Ex.ª, um círculo de força, de inteligência, de probidade, de patriotismo, de desinteresse, de concentração intensa, perseverante, intransigente, a que nada resistirá." (Rui Barbosa)

c) Quando os termos subordinados se encontram precedidos por determinantes, é comum exprimir-se a preposição apenas diante do primeiro termo subordinado, omitindo-a para dos demais.

▸ "Essa noite, nas salas de Manuel, só se conversou sobre as boas qualidades e os bons precedentes do estimado cura do Rosário." (Aluísio Azevedo)

▸ "... suave é o refúgio dessa consolação oferecida pelos fastos de uma época heróica aos que padecem e esperam contra a aridez e a corrupção de nossos dias." (Rui Barbosa)

▸ "Entre os esplendores e as harmonias dessa inocente, querida e confortadora solenidade, recolhamo-nos uns instantes à obscuridade silenciosa de nosso senso íntimo." (Rui Barbosa)

➾ **Observação:**

Nestes casos, pode-se também repetir a preposição caso se queira dar mais ênfase a cada um dos termos subordinados.

▸ "As quatro filhas do Teixeira Azevedo, magrinhas, com os cabelos muito riçados, as olheiras pisadas, passavam a sua tarde de dia santo, olhando para a rua, para o ar, para as janelas vizinhas." (Eça de Queiroz)

▸ "Olha para si, para as chinelas (umas chinelas de Túnis, que lhe deu recente amigo, Cristiano Palha), para a casa, para o jardim, para a enseada, para os morros e para o céu." (Machado de Assis)

d) Em sequências formadas de infinitivos, é comum exprimir-se a preposição apenas diante do primeiro infinitivo.

- "... foi a Santo Agostinho, como iria a Santo Ambrósio ou a Santo Hilário, e escreveu uma carta enigmática, para confundi-lo, até voltar e rir-se do logro." (Machado de Assis)
- "Preparou-se para passar os Pireneus e invadir a França." (F. Castilho)
- "Depois de gritar, chorar, maldizer, blasfemar, ameaçar, rasgar, quebrar, destruir, Vidinha parou um instante, concentrou-se, meditou, e depois, como tomando uma grande resolução." (Manuel A. de Almeida)

➭ **Observação:**

A repetição da preposição antes de cada infinitivo é possível quando se deseja obter ênfase.

- "Para soerguer o peso desse véu, para lhe arredar a ponta, não será demais o concurso de uma boa vontade..." (Rui Barbosa)
- "... estava olhando da alta torre Tarpeia, recreando-se em ver abrasar aqueles nobres e antigos edifícios, e em ouvir os tristes clamores..." (H. Pinto *apud* Cláudio Brandão)

e) A repetição da preposição diante de cada termo subordinado deverá ser feita sempre que for necessário conferir maior clareza ao enunciado a fim de se evitar possíveis ambiguidades.

- João lutou contra Pedro e Paulo. (Napoleão M. de Almeida)
  João lutou ao mesmo tempo contra Pedro e Paulo.
- João lutou contra Pedro e contra Paulo. (Napoleão M. de Almeida)
  João lutou contra Pedro e depois contra Paulo.
- "Os descendentes dos Bem-Umeias aplicou todas as atenções a construir uma armada capaz de impedir os desembarques dos africanos e a reprimir algumas tentativas dos descontentes." (A. Herculano)

f) Em se tratando de locução prepositiva, apresentam-se as seguintes orientações:

→ A locução prepositiva aparece apenas no primeiro termo subordinado:

- "Naquela época, porém, devido ao álcool e desgostos íntimos, nos quais predominava a loucura irremediável de um irmão, não era mais que uma triste ruína de homem, amnésico, semi-imbecilizado, a ponto de não poder seguir o fio da mais simples conversa." (Lima Barreto)

- "Eu – não tomaria outra, **apesar da** legislação e prática então vigente, e que não sei se ainda hoje vige." (A. Garrett)

→ A locução prepositiva é repetida para cada termo subordinado:

- **Por causa da** chuva e **por causa dos** prováveis alagamentos, resolveu adiar a reunião que faria com os membros do partido.
- "Agora podeis falar **diante** dele como **diante de** mim." (A. Garrett)

→ A locução prepositiva aparece no primeiro termo subordinado e repete-se a parte final dela para os demais termos subordinados:

- "A sua casa tinha agora um pessoal complicado de primeiros, segundos e terceiros caixeiros, **além do** guarda-livros, **do** comprador, **do** despachante e **do** caixa." (Aluísio Azevedo)
- "De cada vez que Afonso ia à quinta predilecta, em cada árvore nova entalhava as letras iniciais dos dois nomes, que ele imaginava, **apesar da** distância e **dos** reveses, atados para sempre com aplauso de Deus." (Camilo C. Branco)

10.7 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (Fuvest-SP) Ao ligar dois termos de uma oração, a preposição pode expressar, entre outros aspectos, uma relação temporal, espacial ou nocional. Nos versos:

   "Amor total e falho... Puro e impuro...

   Amor de velho adolescente..."

   a preposição de estabelece uma relação nocional.

   Essa mesma relação ocorre em:

   a) "Este fundo **de** hotel é um fim **de** mundo."
   b) "A quem sonha **de** dia e sonha **de** noite, sabendo todo sonho vão."
   c) "Depois fui pirata mouro, flagelo **da** Tripolitânia."
   d) "Chegarei **de** madrugada, quando cantar a seriema."
   e) "Só os roçados **da** morte compensam aqui cultivar."

2. (Cesgranrio-RJ) Assinale a opção em que a preposição *com* traduz uma relação de instrumento.

   a) "Teria sorte nos outros lugares, com gente estranha."
   b) "Com o meu avô cada vez mais perto do fim, o Santa Rosa seria um inferno."

c) "Não fumava, e nenhum livro com força de me prender."
d) "Trancava-me no quarto fugindo do aperreio, matando-as com jornais."
e) "Andavam por cima do papel estendido com outras já pregadas no breu."

3. (Unimep-SP) "Depois **a** mãe recolhe as velas, torna **a** guardá-**las** na bolsa." Os vocábulos destacados são, respectivamente;

a) pronome pessoal oblíquo, preposição, artigo.
b) artigo, preposição, pronome pessoal oblíquo.
c) artigo, pronome demonstrativo, pronome pessoal oblíquo.
d) artigo, preposição, pronome demonstrativo.
e) preposição, pronome demonstrativo, pronome pessoal oblíquo.

4. (Cesgranrio-RJ) Assinale a opção cuja lacuna não pode ser preenchida pela preposição entre parênteses.

a) uma companheira desta, ... cuja figura os mais velhos se comoviam. (*com*)
b) uma companheira desta, ... cuja figura já nos referimos anteriormente. (*a*)
c) uma companheira desta, ... cuja figura havia uma ar de grande dama decadente. (*em*)
d) uma companheira desta, ... cuja figura andara todo o regimento apaixonado. (*por*)
e) uma companheira desta, ... cuja figura as crianças se assustavam. (*de*)

5. (UFU-MG) "... foram intimados **a** comparecer...", "... não **a** fizeram...", "... **a** sua oração...". As três ocorrências de **a** são, respectivamente:

a) preposição, pronome, preposição.
b) artigo, artigo, preposição.
c) pronome, artigo, preposição.
d) preposição, pronome, artigo.
e) artigo, pronome, pronome.

6. (PUC-SP)

"... a folha **de um livro** *retoma."*

"como **sob o vento** *a árvore que o doa."*

"e nada finge vento **em folha** *de árvore."*

As expressões destacadas são introduzidas por preposições. Tais preposições são usadas, nesses versos, com a ideia de:

a) origem, lugar, especificação.
b) especificação, agente causador, lugar.
c) instrumento, especificação, lugar.
d) agente causador, especificação, lugar.
e) lugar, instrumento, origem.

7. (UM-SP) Indique a oração que apresenta locução prepositiva.

a) Havia objetos valiosos sobre a pequena mesa de mármore.
b) À medida que os inimigos se aproximavam, as tropas inglesas recuavam.
c) Seguiu a carreira militar devido à influência do pai.
d) Agiu de caso pensado, quando se afastou de você.
e) De repente, riscou e reescreveu o texto.

8. (Cesgranrio-RJ) Assinale a opção que completa corretamente as lacunas da seguinte frase:

"O controle biológico de pragas, ... o texto faz referência, é certamente o mais eficiente e adequado recurso ... os lavradores dispõem para proteger a lavoura sem prejudicar o solo."

a) do qual, com que
b) de que, que
c) que, o qual
d) ao qual, cujos
e) a que, de que

9. (UFV-MG) Assinale a opção cuja sequência completa **corretamente** as frases abaixo.

A lei ... se referiu já foi revogada.

Os problemas ... se lembraram eram muito grandes.

O cargo ... aspiras é muito importante.

O filme ... gostou foi premiado.

O jogo ... assistimos foi movimentado.

a) que, que, que, que, que
b) a que, de que, que, que, a que
c) que, de que, que, de que, que
d) a que, de que, a que, de que, a que
e) a que, que, que, que, a que

10. (Osec-SP) Assinale a frase que **não** está correta.

a) Entre mim e ti tudo acabou.
b) Já lhe disse que entre nós nada é bom.
c) Entre ela e nós existe de tudo.
d) Entre eu e você deve haver respeito.
e) Não é possível haver dúvidas entre eles.

GABARITO

1 – A	2 – D	3 – B
4 – E	5 – D	6 – B
7 – C	8 – E	9 – D
10 – D		

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

CAPÍTULO 11

INTERJEIÇÃO

11.1 DEFINIÇÃO

É a palavra invariável que exprime os sentimentos ou as sensações de dor, alegria, surpresa, temor, aversão etc.

De acordo com o professor M. Said Ali, as interjeições representam "a parte menos racional da linguagem, por não traduzirem nenhuma estruturação sintática".

As interjeições devem ser proferidas em tom de voz diferente daquele que se usa para o vocábulo da linguagem expositiva, por elas representarem brados, gritos ou expressões de dor, alegria, pavor, surpresa etc.

11.2 CLASSIFICAÇÃO

As interjeições são classificadas de acordo com os afetos que exprimem. Teremos, então, as interjeições de:

a) **dor**: *ai!, ui!*
b) **alegria**: *ah!, oh!, oba!, opa! aleluia!*
c) **admiração:** *oh!, ah!, opa!, oba!, puxa!*
d) **animação:** *avante!, coragem!, eia!, vamos!, agora!, ânimo!, força!*
e) **aplauso**: *bis!, bem!, bravo!, viva!, apoiado!, muito bem!, ótimo!, perfeito!*
f) **apelo ou invocação**: *olá!, psiu!, psit!*
g) **desejo**: *oh!, oxalá!, tomara!*

h) **silêncio**: *psiu!, silêncio!*
i) **pavor ou terror**: *ufa!, ui!, uh!, credo!, cruzes!*
j) **espanto ou surpresa**: *ah!, chi!, ué!, uai!, caramba!.*
k) **indignação**: *apre!, chi!, morra!, fora!.*
l) **suspensão**: *basta!, alto!, alto lá!*
m) **advertência**: *cuidado!, atenção!*
n) **descontentamento**: *hum!, hem!, diabo!, mau!*
o) **repulsa**: *safa!, fora!, uf!*

➾ **Observações importantes:**

a) É importante frisar que na escrita as interjeições vêm de regra acompanhadas de ponto de exclamação (!).

b) Perceba que algumas interjeições podem ser classificadas em mais de uma categoria. Isso se dá em virtude de a interjeição poder expressar sentimentos vários. A classificação, portanto, deve ser feita de acordo com o contexto em que se encontra a interjeição.

c) Há interjeições denominadas de "imitativas ou onomatopaicas". São aquelas que exprimem os sons das coisas, dos objetos – zás!, chape!, bum!.

d) Assim como outras classes morfológicas, as interjeições podem aparecer sob a forma locucional – são denominadas de "locuções interjetivas". São exemplos dessas locuções:

- **Valha-me Deus!**
- **Ai de mim!**
- **Credo em cruz!**
- **Puxa vida!**
- **Ora, bolas!**
- **Coitado de mim!**
- **Deus me livre!**
- **Essa não!**
- **Raios te partam!**
- **Nossa Senhora!**
- **Virgem Maria!**
- **Muito obrigado!**

e) A interjeição de emprego mais comum na língua portuguesa é "oh!", a qual também se escreve "ó!" – esta última é empregada geralmente no vocativo para indicar um chamamento, uma invocação. A interjeição "oh!" possui sentido variável, denotando ora alegria, ora espanto, ora aversão, ora desejo, ora chamamento.

III

SINTAXE

CAPÍTULO 1

SINTAXE DE ORAÇÃO – TERMOS ESSENCIAIS DA ORAÇÃO

1.1 CONCEITOS ESSENCIAIS

Antes de tudo, é fundamental apreender o conceito de frase, oração e período.

1.1.1 FRASE

É todo enunciado linguístico capaz de estabelecer um processo de comunicação, ou seja, é todo enunciado que possui sentido completo.

Observe:

- Silêncio!
- Meu Deus, ajude-me!
- O presidente da empresa viajará amanhã para São Paulo.
- Na próxima semana, o resultado do concurso sairá, e todos saberão quem foram os reais ganhadores.

Veja: Não importa o tamanho – frase é tudo que possui sentido completo.

Quanto ao sentido que expressam, as frases podem ser:

a) Declarativas ou expositivas (apresentam uma declaração, um juízo de valor):

▹ O governo mostra-se lento na resolução do problema da violência.

b) Interrogativas (apresentam uma indagação, uma pergunta, um questionamento):

▹ Por que ele não chegou ainda?

c) Imperativas (apresentam uma ordem, um mandamento, uma exortação):

▹ Deixe o ambiente agora.

d) Exclamativas (apresenta uma admiração, uma repulsa, uma surpresa):

▹ Muito bem!

▹ Quanto desprezo em suas palavras!

e) Optativas (apresentam um desejo, uma aspiração):

▹ Que Deus os proteja!

▹ Oxalá dê tudo certo em sua jornada!

1.1.2 ORAÇÃO

É toda estrutura linguística centrada em um verbo ou uma locução verbal. Podemos afirmar ser toda estrutura que se biparte em sujeito e predicado, e, excepcionalmente, só em predicado, quando a declaração se encerra em si mesma sem referência particular a nenhum ser.

▹ "Raspou, achou, ganhou!" (Anúncio publicitário)

▹ Amanhã o governo deve anunciar um novo pacote econômico.

1.1.3 PERÍODO

É a frase formada por uma ou mais orações. Classifica-se, portanto, em:

a) Simples: formado por uma única oração, denominada de oração absoluta. Haverá, por isso, um único verbo ou uma única locução verbal.

- Haveremos de conseguir a aprovação no concurso.
- Ainda existem pessoas honestas neste país?

b) Composto: formado por mais de uma oração. (A classificação desse período encontra-se no capítulo sintaxe de período).

- [Quando o homem chegou], [a polícia já havia levado o corpo].
- [Ela aprecia frutos do mar] [que são pescados em águas mornas].
- [Todos desconfiam] [de que o coordenador foi o culpado pela tragédia].

Concluindo: É fundamental que o estudante da língua portuguesa aprenda a detectar o verbo da estrutura linguística. É a partir dele que toda a sintaxe ganha existência. Ademais, convém saber que:
Nem toda frase é uma oração, assim como nem toda oração é uma frase.
Nem todo período é formado por mais de uma oração. O período pode ser simples, como vimos.

1.2 TERMOS ESSENCIAIS DA ORAÇÃO

Gramaticalmente existem dois termos essenciais:

- o sujeito;
- o predicado.

Entretanto, perceberemos ao longo do nosso estudo que o termo essencial por excelência é o predicado, em virtude da possibilidade da existência de uma oração sem sujeito.

1.2.1 SUJEITO

É o termo que representa o ser a respeito de quem se diz alguma coisa, faz-se alguma declaração.

Importante!! Identificar o sujeito é um dos mais importantes conhecimentos de que precisa o estudante da Língua Portuguesa para caminhar bem em sintaxe. Vale salientar que toda a base da concordância verbal está na perfeita harmonização entre o verbo e o seu sujeito. Ora, para que se perfaça essa harmonia, é fundamental que primeiro se identifique o "bendito" sujeito.

A partir de agora, vamos ver várias orações. Procure identificar (e acima de tudo entender) nelas o sujeito do(s) verbo(s).

- Deslizavam montanha abaixo **as águas do desgelo.**
- Ainda devem chegar hoje pela manhã **as correspondências enviadas pelo amigo de Portugal.**
- **Meus ais** incomodavam a muitos no hospital.
- Caso não lhe venham a parecer oportunas **essas medidas**, faça **você** mesmo como quiser.
- Ainda deve ocorrer, nas periferias das grandes cidades, a despeito das medidas repressivas, **muita contestação violenta** por parte dos desempregados.

Não esqueça: O sujeito pode estar localizado em qualquer parte da estrutura oracional. O importante é perceber com quem o verbo está se relacionando e notar a que termo a declaração verbal se refere. Observe as seguintes análises errôneas a respeito do sujeito:

a) Chegaram hoje à tarde **muitas correspondências.** (Achar que o termo em negrito é o objeto direto. Na realidade quem praticou a ação de chegar foram "as correspondências". Logo, é o sujeito da oração.)

b) Ainda existem **pessoas honestas** no Brasil. (Achar que o sujeito é indeterminado só porque o verbo se encontra na 3.ª pessoa do plural. Na realidade quem pensa assim geralmente está preso à definição de sujeito como o termo que pratica a ação. É melhor pensar em sujeito como o ser sobre o qual se faz alguma declaração, se enuncia algo.) Observe:

- Ocorreram **festas** no final de semana.
- Convém o **retorno** imediato dele.

- Agora só importa a **resolução** do problema.
- Ainda faltam quinze **minutos** para o início do show.

Perceba que todos os termos em negrito representam núcleos dos sujeitos. Cuidado para não pensar que eles são objetos diretos tentando fazer a velha perguntinha: "o quê"?
Uma outra informação importante para o nosso aprendizado é a de que o núcleo do sujeito de uma oração é sempre representado por um substantivo ou por um termo substantivado.

Considerações gerais sobre o sujeito:

a) Não se esqueça de que o sujeito da oração não vem regido por preposição, pois, como sabemos, por ser o sujeito um termo subordinante, não se deixa reger por preposição. Logo, um termo regido por um nexo prepositivo jamais exercerá a função de sujeito. Observe (destacamos o sujeito com a cor laranja; **os elementos sublinhados não representam o sujeito** – geralmente esses elementos funcionam como completivos – objeto direto, objetivo indireto, complemento nominal):

- Ainda cabe $\underbrace{\text{aos alunos da 1.ª série}}_{\text{não é o sujeito}}$ **consertar o dano que causaram à escola.**
- Enreda-se nas tramas das próprias memórias **todo aquele** que não busca abrir, para si mesmo, novos tempos e novas experiências.
- A qualquer pessoa podem ocorrer, neste tempo de radicalismos, **argumentos em favor da mais pessimista expectativa histórica.**
- Se a cada um de nós efetivamente perturbassem **os que agem mal**, a impunidade seria impossível.
- Não ocorre aos bons cidadãos $\overbrace{\textbf{que os maus contam com o silêncio da sociedade}}^{\text{sujeito oracional}}$ para seguirem sendo o que são.

Observação:

Fique muito atento! Frequentemente as bancas interpõem esses termos preposicionados entre o sujeito e o verbo a fim de confundir o candidato. Por isso, procure estudar este ponto mais de uma vez, para que você não cometa erros "bobos" quando for identificar o sujeito a fim de efetuar a concordância verbal adequada.

b) Em virtude da regra acima, não se deve, portanto, preposicionar um termo que exerce a função sintática de sujeito. Observe:

- Está na hora da onça beber água. (construção errada)

Corrija-se para...

- Está na hora de a **onça** beber água.
  sujeito do verbo "beber"

- Apesar da manifestação ocupar as ruas principais, o trânsito fluía normalmente. (construção errada)

  Corrija-se para...

- Apesar de a **manifestação** ocupar as ruas principais, o trânsito fluía normalmente.
  sujeito do verbo "ocupar"

- A fim dele conseguir a aprovação, comprei novos livros. (construção errada)

Corrija-se para...

- A fim de ele conseguir a aprovação, comprei novos livros.

⇨ **Observação:**

Nesses casos, o nexo prepositivo rege a oração, e não o sujeito desta oração.

1.2.1.1 Núcleo do sujeito

O núcleo do sujeito pode ser exercido por:

I – Pronomes pessoais do caso reto

- **Eles** trouxeram o projeto para **eu** avaliar. (Se aparecer alguma dúvida aqui, pare e vá estudar o assunto "pronome", notadamente, os pronomes pessoais.)
- **Nós** ainda iremos ganhar esta maratona.

II – Alguns pronomes pessoais oblíquos (me, te, se, o, a, os, as, nos, vos)

Calma!!! Não é difícil!! É só uma exceção, afinal a função típica desses pronomes é a complementar. Esse caso ocorre geralmente com verbos denominados "sensitivos" e "causativos", como, por exemplo, "mandar, deixar, fazer, ouvir, ver".

- Deixei-**os** sair para diminuir o barulho aqui dentro.

Se desenvolvermos a frase acima, teremos:

- Deixei que **eles** saíssem para diminuir o barulho aqui dentro.

Ora, veja que o pronome obliquo átono – os – transformou-se, quando a oração foi desenvolvida, no pronome tônico do caso reto "eles" que, por sua vez, é, claramente, o sujeito do verbo sair. Logo, o pronome átono "os" na primeira oração – a reduzida – também funciona como sujeito do verbo "sair". Olhe outros exemplos:

- Fizemo-**lo** abandonar o vício em fumar. (= Fizemos com que **ele** abandonasse o vício em fumar.)
- Mandaram-**me** comprar um produto de última geração. (= Mandaram que **eu** comprasse um produto de última geração.)
- Vê-**los** sair mais cedo é uma vitória. (= Ver que **eles** saem mais cedo é uma vitória.)
- Poder deixá-**las** brincar mais um pouco é um prazer. (= Poder deixar que **elas** brinquem mais um pouco é um prazer.)

Dica: Perceba que os pronome oblíquos acima funcionam como sujeitos de verbos no infinitivo, cuja oração desempenha a função de objeto direto para a principal. Veja um último exemplo:
Mandar-te-iam deixar o ambiente só porque não estás de paletó? (Veja que a oração "te deixar o ambiente só porque não estás de paletó" exerce a função sintática de objeto direto para o verbo "mandar".)

III – Pronomes pessoais de tratamento

- **Você** não viu o incidente que provocou?

- **Vossa Excelência** não conveio nas condições do acordo.

IV – Substantivo ou palavra com função de substantivo

- Os **prós** e os **contras** foram mencionados logo no início da reunião.
- A **interação** dele com os outros pacientes mostrava claramente a sua recuperação.
- Nem sempre o **belo** é tão belo quanto se mostra.
- A **pequena** fez uma cara de espanto.
- O **mas** é uma conjunção adversativa.

V – Pronomes demonstrativos, indefinidos, relativos ou interrogativos

- — **Quem** bateu à porta?
- — **Alguém** bateu à porta.
- — Não! **Ninguém** bateu à porta?
- **Isso** passou logo. No entanto, **aquilo** demorará mais.

Não se esqueça! Os pronomes indefinidos se referem à 3.ª pessoa do discurso de maneira indefinida, vaga, imprecisa – eles não promovem "sujeito indeterminado". Nada a ver!! Cuidado!!

- Ao longe se via uma mulher **que** comprava presentes. (Observe o pronome relativo "que" desempenhando a função de sujeito ⇒ "Ao longe se via uma mulher a qual comprava presentes".)

VI – Numeral

- As **duas** conseguiram boas notas na prova.
- Só **uma** deve resolver o problema.

1.2.1.2 Classificação do sujeito

Existem vários critérios para se classificar o sujeito:

1. Um desses critérios leva em conta a quantidade de núcleos do sujeito. Daí dizer-se sujeito "simples" (apenas um núcleo aparece na oração) ou "composto" (mais de um núcleo).
2. Outro considera a possibilidade de o sujeito encontrar-se expresso ou implícito. Nesse caso, classifica-se o sujeito em determinado ou indeterminado.
3. Há também o critério que considera a prática da ação pelo sujeito: quando o sujeito é praticante da ação, denomina-se agente ou ativo; ao contrário, quando o sujeito passa a receber a ação expressa pelo verbo, é denominado sujeito passivo ou paciente.
4. Por último, existem orações que não possuem sujeito. Para elas, classifica-se o sujeito como inexistente (expressão condenada por alguns gramáticos) ou, o que nos parece melhor, oração sem sujeito.

Passemos agora ao estudo detalhado dos principais tipos:

I – Sujeito simples

Como já dissemos, é aquele em que apenas um núcleo aparece com a função de sujeito. Este núcleo pode ser exercido por um substantivo ou por qualquer palavra substantivada.

Observe os exemplos extraídos de provas de concursos:

- Os **terrenos** novos nos quais deve se aventurar o **jovem** de hoje são seu grande desafio. (Observe bem que as palavras em negrito funcionam como núcleos dos sujeitos dos seus respectivos verbos.)
- Quando não são valorizadas, num jovem, as **qualidades** naturais da mocidade, ele sai prejudicado.
- Quanto aos adolescentes, nenhuma **época** lhes parece tão injusta quanto a nossa.

II – Sujeito composto

É aquele que apresenta mais de um núcleo para o sujeito. Veja:

- No prato ainda constavam, após o almoço, um **bocado** de arroz e um **punhado** de farofa.

- Têm existido muita **família** e muitos outros **grupamentos** sociais indignados com a atuação do governo.
- **O bolsa-escola** e **o programa de renda mínima**, instituídos nos últimos anos pelo Governo Federal, devem garantir bons resultados sociais para o Brasil nos próximos anos.

➾ Observação:

O sujeito dito composto apresenta-se, como já se disse, com mais de um núcleo. Não se trata de mais de um sujeito – é um único sujeito, que é formado com dois ou mais núcleos.

Vale a pena: Dê uma "olhadinha" na forma como se faz a concordância com o sujeito composto.

III – Sujeito oculto / elíptico / desinencial

É aquele sujeito que não se encontra expresso na oração, mas que é facilmente subentendido pela desinência verbal.

- Precisamos comprar um novo carro. (Sujeito = nós)
- Hoje estou aqui para conversarmos um pouco sobre política monetária. (Sujeitos = **eu** para o verbo "estar" e **nós** para o verbo conversar)
- Retira-te agora, criatura miserável! (Sujeito oculto = tu). ➾ Cuidado neste exemplo: observe que o verbo se encontra no imperativo afirmativo.
- "Adestrai-vos, e conquistai força física e moral." (Olavo Bilac) (Sujeito = vós)

IV – Sujeito indeterminado

No bom jargão dos professores: a partir de agora a atenção precisa ser redobrada. Muitas bancas de concursos exploram o sujeito indeterminado em suas questões de concordância verbal.

Conselho de amigo / Dica de estudo: Se o amigo estudante não tiver segurança ou não se lembrar direito do assunto "transitividade verbal", sugiro que primeiro faça uma revisão desse assunto para depois adentrar o conteúdo abaixo. Você precisa ter uma boa noção de transitividade para poder identificar o sujeito.

O sujeito indeterminado aparece quando não se deseja ou não se consegue determinar, identificar o autor da ação verbal. Portanto, o que torna indeterminado o sujeito é a intenção ou a situação do falante, que não sabe ou não quer individuar, precisar, apontar o agente, o autor da ação. O conceito de sujeito indeterminado, por isso, tem de partir da intenção ou da ignorância do falante, já que, em português, a maioria das construções apresenta sujeito. Existem duas situações em que um sujeito pode ser ou aparecer indeterminado:

a) Com verbos na 3.ª pessoa do plural, sem fazer referências a nenhum substantivo anteriormente ou posteriormente expresso, nem ao pronome pessoal do caso reto "eles".

Veja:

- **Imitaram** o professor de Português na última aula. (Perceba que não se sabe quem fez a ação de imitar.)
- **Vão** telefonar para você hoje à tarde para tratar de um assunto do seu interesse. (Se não se pode determinar quem praticou a ação, logo o sujeito é indeterminado. O verbo auxiliar da locução verbal – ir + telefonar – encontra-se flexionado na 3.ª pessoa do plural).
- "**Dizem** que sou louco!" (O sujeito do verbo "dizer" é indeterminado.)
- **Consideram**-no o pai da turma pela inteligência e experiência que possui. (O sujeito do verbo "considerar" é indeterminado.)

b) Com verbos intransitivos, transitivos indiretos ou de ligação acompanhados da partícula "se". Essa partícula funcionará como o "índice de indeterminação do sujeito". O mais importante é notar que nesse caso o verbo, obrigatoriamente, permanecerá na 3.ª pessoa do singular.

V.I.
V.T.I. + SE ⟶ **Índice de indeterminação do sujeito**
V.L.

Verbo fica na 3.ª p.s.

Exemplos:

- No Brasil, já não mais **se recorre a** confiscos para a obtenção de fluxo de caixa. (Verbo transitivo indireto + se)

- Na apresentação dele, **desconfiava-se dos** acordos que ele propunha. (Verbo transitivo indireto + se)
- Os livros **dos** quais **se precisava** foram doados para uma instituição de caridade. (Cuidado para não dizer "... dos quais se precisavam..." ⇨ O verbo é transitivo indireto e está acompanhado do pronome "se".)
- **Cria-se** mais **nas** palavras do membro do que nas palavras do líder espiritual da igreja. (Verbo transitivo indireto + se)
- **Tratava-se de** problemas de difícil resolução. (Verbo transitivo indireto + se)
- **Era-se** mais feliz noutros tempos. (Verbo de ligação + se)
- **Come-se** muito bem em diversas regiões do Brasil. (Verbo intransitivo + se)
- "**Escorrega**-se no sangue, **tropeça**-se sobre cadáveres, mas a luta continua ardentemente acesa." (Visconde de Ouro Preto). (Verbos intransitivos + se)

⇨ **Observações:**

a) Atente para os termos "a confiscos", "dos acordos", "dos quais", "nas palavras" e "de problemas" dos cinco primeiros exemplos acima. Eles funcionam como objetos indiretos para os seus respectivos verbos.

b) Quem literalmente promove a indeterminação do sujeito é a partícula "se". Se ela for retirada, passa-se a ter sujeitos ocultos, elípticos.

c) Procure imediatamente correlacionar o estudo do sujeito indeterminado com o estudo do sujeito passivo ou paciente. Muitas questões exploram essa distinção. É básico para um candidato diferenciar um índice de indeterminação do sujeito de uma partícula ou pronome apassivador.

V – Sujeito passivo ou paciente (a partícula ou pronome apassivador)

Dica: Procure correlacionar o conteúdo do sujeito passivo ou paciente com o assunto "a voz passiva".

Um dos casos mais explorados em concursos públicos e vestibulares é a concordância com o sujeito passivo ou paciente. Para que se faça a perfeita harmonização entre o verbo e o seu sujeito, convém primeiro saber identificar esse tipo de sujeito e diferenciá-lo de outros tipos, notadamente do sujeito indeterminado.

Compare:

- Come-se bem no interior de muitas capitais brasileiras. (Sujeito indeterminado ⇒ VI + SE)
- Come-se bem, no interior de muitas capitais brasileiras, pratos bastante requintados. (Erro comum!!!) (Sujeito passivo ou paciente = pratos).

Perceba que no primeiro exemplo não se diz o que se come – o verbo, portanto, está empregado como intransitivo. A estrutura apenas faz referências à ação de comer de forma genérica. Logo, indeterminou-se o sujeito. Já no segundo caso, o que se está comendo são "pratos bastante requintados", termo que representa o sujeito da oração. No caso acima, estamos diante de uma voz passiva sintética, formada de um VTD + SE. Logo, o verbo deve obrigatoriamente concordar com este sujeito. A frase correta será:

- **Comem-se** bem, no interior de muitas capitais brasileiras, **pratos** bastante requintados.

Outros exemplos de sujeitos passivos ou pacientes:

- Estão sendo avaliadas pela banca todas as monografias entregues no dia 30. (Sujeito passivo = as monografias. Estamos diante de uma voz passiva analítica.)
- Eleger-se-ão os **novos diretores** do clube no próximo domingo. (Sujeito passivo = os novos diretores. Aqui a voz passiva é sintética.)
- Seria de se esperar que se associassem à moderna tecnologia apenas **os benefícios reais**, que a ela se tributassem tão somente **vantagens inequívocas.** (Sujeitos passivos = os benefícios reais; vantagens inequívocas.)
- Não se delegue às escolas a **missão** exclusiva de preparar os jovens para sua inserção no mercado de trabalho. (Núcleo do sujeito passivo = missão.)
- Não se impute aos adolescentes de hoje **a exclusiva responsabilidade** pelo fato, lastimável, de aspirarem a tão pouco. (Sujeito passivo = a exclusiva responsabilidade.)
- É muito difícil que se cumpram **os propósitos que** se formulam a cada início de ano. (Sujeitos passivos = os propósitos; que – pronome relativo.)

Observe que, nos cinco últimos exemplos, temos a aplicação da fórmula da voz passiva sintética (também chamada de passiva pronominal):

$$\underbrace{\begin{matrix}\text{V.T.D.}\\ \text{V.T.D.I.}\end{matrix}}_{\begin{matrix}\text{O verbo concordará com}\\ \text{o seu sujeito passivo.}\end{matrix}} + \boxed{\text{SE}} \longrightarrow \begin{matrix}\textbf{Partícula apassivadora}\\ \textbf{(ou pronome apassivador)}\end{matrix}$$

Sugiro que pare por aqui se tiver alguma dúvida e dê uma "estudada" na voz passiva.

VI – Oração sem sujeito

Em muitas estruturas oracionais, apenas o predicado encontra-se presente, uma vez que não se faz referências a nenhum tipo de ser que porventura pudesse praticar ou receber a ação verbal. Para tanto, empregam-se os verbos impessoais (usados na terceira pessoa do singular). São chamadas de orações sem sujeito. Alguns gramáticos também classificam esse tipo de ocorrência como sendo um "sujeito inexistente", ou mesmo "sujeito zero", nomenclaturas que nos parecem pouco lógicas, pois não se pode denominar de sujeito aquilo que não existe.

Os principais casos de oração sem sujeito são:

1) com verbos que exprimem fenômenos da natureza como "chover, ventar, nevar, coriscar, trovejar, relampejar, chuviscar etc.":

- Ventou muito ontem naquela pequena cidade do interior.
- Neva nas Serras Gaúchas durante os meses de inverno.
- Coriscou bastante ao final do dia.

➾ Observação:

Se tais verbos forem usados em sentido conotativo (sentido figurado), esses verbos passam a ter um sujeito.

- Choveram balas durante o tiroteio. (Sujeito = balas)

2) *com o verbo HAVER no sentido de "existir, ocorrer, realizar-se, acontecer":*

> **Cuidado aqui:** Os concursos costumam explorar bastante essa regra.
>
> ▹ Sempre **haverá** pessoas honestas no mundo. (Oração sem sujeito.)
>
> ▹ Ainda que **houvesse** mais juízes nos tribunais, não **deixaria de haver** tantos atrasos nos julgamentos.
>
> ▹ Se **pode haver** contestações às palavras do orador, (...).

➾ Observações importantes:

a) Se o verbo HAVER fizer parte de uma locução verbal como verbo principal, impessoalizará também o seu auxiliar, que, obrigatoriamente, ficará na terceira pessoa do singular. Acompanhe a explicação abaixo:

▹ **Existem** menos pessoas na sala hoje. ➾ **Devem** existir menos pessoas na sala hoje.

(O verbo "dever" sofreu as flexões pertencentes ao verbo pessoal e principal "existir". O termo "pessoas" funciona como o sujeito nas duas orações).

▹ Há menos pessoas na sala hoje. ➾ Deve haver menos pessoas na sala hoje. (O verbo "dever" permanece na terceira pessoa do singular, pois o verbo principal "HAVER" transmitiu sua impessoalidade para ele.)

– Outros exemplos:

▹ Há de haver festas nos próximos finais de semana. (Perceba que o verbo "HAVER" é tanto auxiliar quanto principal).

▹ **Vai haver**, nos próximos meses, vários seminários sobre a globalização da pobreza.

b) A impessoalidade do verbo HAVER não deve ser confundida com a sua transitividade. O verbo HAVER é transitivo direto quando impessoal. Logo:

▹ Vão $\overset{\text{VI}}{\underline{\text{ocorrer}}}$ dois memoráveis eventos no Centro de Convenções em Olinda. (Eventos = sujeito da oração)

▹ Vai $\overset{\text{VTD}}{\underline{\text{haver}}}$ dois memoráveis eventos no Centro de Convenções em Olinda. (Eventos = objeto direto.)

3) *com os verbos "estar, fazer, haver e ir" usados com referência a tempo:*

- Já faz três anos que do Norte saímos.
- **Havia** dez anos que o Governo Federal prometera a construção de uma nova ponte.
- **Vai** para uns dois meses que ele iniciou o tratamento e, até agora, nenhum resultado adveio.
- **Estava** muito tarde para o grupo deixar o local.

Cuidado: Não se esqueça de que se esses verbos – impessoais – fizerem parte de uma locução verbal como verbo principal, eles impessoalizarão o verbo auxiliar.

- Já **vai fazer** (e não "vão") dez anos que meu avô faleceu.

Não confunda!!

- Já **faz** dez anos que eu viajei para a Europa. (O verbo "fazer" não possui sujeito.)
- Ainda **faltam** dez anos para eu completar bodas de ouro. (O termo "dez anos" é o sujeito do verbo faltar, que é um verbo pessoal.)

Atente para uma construção condenada pelos gramáticos:

- **Há** duas horas **atrás** eu estava no centro da cidade. (O tempo "atrás" é dispensável. A construção é pleonástica, visto que o verbo HAVER na indicação de tempo só é empregado com relação a um tempo passado.)

Corrija-se para:

- Há duas horas eu estava...
- "Eu nasci há dez mil anos".

Cuidado, mas muito cuidado mesmo quando o verbo HAVER estiver empregado de forma pessoal ou quando for um verbo auxiliar numa locução verbal em que o principal é pessoal.

- **Hão de acontecer** novos acidentes se não forem adotadas as medidas cabíveis.

Observe que o verbo HAVER faz parte de uma locução verbal em que o verbo principal é ACONTECER que, por sua vez, é um verbo pessoal. O sujeito desse último verbo é o termo " novos acidentes", daí por que o verbo auxiliar "HAVER" foi flexionado na 3.ª pessoa do plural.

> ▹ No Brasil **haverão de existir** novos investimentos se o país crescer a uma taxa anual de 5%.
> O sujeito da locução verbal "HAVER + DE + EXISTIR" é o termo "novos investimentos". Por isso, o verbo HAVER, como verbo auxiliar, flexionou-se na 3.ª pessoa do plural.

4) com o verbo "ser" na indicação de tempo (horas, datas):

▹ São duas horas e trinta minutos.

▹ Hoje é dia 11 de setembro.

▹ É meia-noite e meia.

▹ Foi sábado que tudo isso aconteceu.

O verbo "SER" possui uma construção toda particular. Note que ele, a despeito de sua impessoalidade, flexiona-se de acordo com a expressão numérica que o acompanha.

5) com o verbo IR seguido das preposições EM, PARA referindo-se a tempo transcorrido.

▹ Vai em dez anos que nossa bisavó faleceu.

▹ Vai para quinze anos que ele conseguiu ser aprovado naquele concurso.

6) com o verbo PASSAR seguido da preposição DE referindo-se também a tempo:

▹ Passava das dez horas da noite quando a polícia chegou.

> **Agora não confunda:** Já passaram (ou "se passaram") dez horas e ele ainda não deu notícias. (Neste caso, o sujeito do verbo "passar" é o termo "dez horas").

7) com os verbos "BASTAR" e "CHEGAR" seguidos da preposição DE em construções do tipo:

▹ "Chega de saudade, a realidade é que...".

▹ "Basta de tantas perguntas tolas."

1.2.1.3 Outras classificações para o sujeito

Acabamos de estudar o que eu chamo de "a clássica classificação do sujeito". Vimos que ele pode ser "simples, composto, elíptico, indeterminado", além da figura da "oração sem sujeito". Entretanto, não devemos estranhar outras classificações para o sujeito. Muitas bancas cobram as denominações abaixo. É importante, portanto, ficar atento, pois muitas vezes nos deparamos com classificações do tipo "sujeito expresso", "sujeito complexo", "sujeito implícito", as quais geram dúvidas nos estudantes. Não há o que temer... Vamos a elas, pois trazem um conhecimento bastante útil para o candidato a um concurso.

1. Sujeito explícito e sujeito implícito

Denomina-se sujeito explícito (também chamado de "expresso") o sujeito que se acha claro, explícito na oração. Por outro lado, sujeito implícito é aquele que não foi expressamente declarado na oração. Correlacionando-se as duas classificações, teremos:

a) **Sujeito explícito** → é o sujeito simples ou o sujeito composto, pois ambos aparecem claramente na oração.

b) **Sujeito implícito** → é o sujeito oculto e o sujeito indeterminado, pois não são declarados na estrutura oracional.

Observe (destacamos os verbos):

▸ Jamais entraremos em contato com indivíduos que agem à revelia da lei.
↳ sujeito implícito (nós) ↳ sujeito explícito (que)

▸ Chegaram ontem à noite dois novos navios holandeses ao porto de Suape.
↳ sujeito explícito (navios holandeses)

2. Sujeito complexo (total ou ampliado) e sujeito incomplexo (nuclear, gramatical ou inampliado)

O sujeito complexo (total ou ampliado) é aquele modificado por complementos, adjuntos ou atributos. Já o sujeito incomplexo (nuclear, gramatical ou inampliado) é aquele despojado de qualquer modificativo complementar que, porventura, ele possua.

sujeito nuclear

▸ **O ex-presidente** da empresa brasileira de Correios e Telégrafos viajará para Tóquio.

sujeito complexo (total ou ampliado)

sujeito complexo (total ou ampliado)

sujeito nuclear

- O **enfoque** nas soluções únicas dos problemas que enfrentamos empobrece a qualidade mesma do raciocínio. (Fund. Carlos Chagas)

sujeito complexo (total ou ampliado)

sujeito nuclear

- O **despertar** para a dialética e para as relações contrastantes abre um caminho mais consequente para a reflexão e para a prática. (Fund. Carlos Chagas)

- Não deve constar, entre as possibilidades de interpretação de um texto dissertativo-argumentativo, qualquer tipo de **resposta** estereotipada.

sujeito nuclear

sujeito complexo (total ou ampliado)

- **Barnabé** sempre foi um exemplo para os cristãos.

sujeito incomplexo (inampliado)

➾ Observações:

a) Fique muito atento, pois as noções de sujeito total e de sujeito nuclear são bastante usadas pelas bancas examinadoras quando estas constroem questões de concordância verbal. Como a concordância verbal é feita (salvo exceções) com o sujeito nuclear, as bancas fazem bastante uso da noção do sujeito complexo (total ou lógico) para confundir os candidatos na hora de fazer a concordância verbal. Veja alguns exemplos (destacamos em laranja o sujeito nuclear e o seu verbo, e sublinhamos o sujeito total):

- **Constitui** um dos exemplos de delitos vantajosos o **caso** em que o detentor de um poder abuse de sua autoridade.
- **Estipulam**-se na lei mosaica, como se sabe, **princípios** de interdição.
- **Ocorrem** por conta das reiteradas situações de impunidade muitos **casos** de assalto aos cofres públicos.
- Uma vez que **passem a atrair** toda a nossa atenção, bons **romances** e belas **peças** musicais **afastam** nossa obsessão pela velocidade.

b) Observe agora exemplos em que não houve a devida concordância do verbo com o sujeito. Perceba como o uso do "sujeito complexo ou total" atrapalha a identificação do "sujeito nuclear" (sublinhamos o sujeito total e destacamos – com a cor laranja – o "sujeito nuclear" e o seu verbo):

- "A **incidência** discriminada por grau de intensidade de infestação e idade **mostram** que, entre os seis e oito anos, a parasitose alcança o nível máximo." (ESAF)

- "A **razão** de ser do desemprego como elemento estrutural do capitalismo **derivam** diretamente do antagonismo entre compradores e vendedores da força de trabalho." (ESAF)

- "**Devem agradar** aos ruidosos passageiros toda essa **parafernália** eletrônica, que os dispensa de refletir sobre si mesmos." (Fund. Carlos Chagas)

- "A qualquer pessoa **pode ocorrer**, neste tempo de radicalismos, **argumentos** em favor da mais pessimista expectativa histórica." (Fund. Carlos Chagas)

⇨ **Observação:**

Ressalte-se que os quatro últimos exemplos não estão adequados ao padrão culto da língua portuguesa, já que todos contêm erros de concordância verbal. É preciso corrigir a flexão dos verbos para "**mostra, deriva, deve agradar, podem ocorrer**", respectivamente.

3. Sujeito agente (ativo), sujeito paciente (passivo) e sujeito agente e paciente

É denominado de agente (ou ativo) o sujeito que pratica a ação verbal. Por outro lado, é denominado de paciente (ou passivo) o sujeito que recebe a ação verbal. Logo, o sujeito que pratica e recebe a ação verbal, simultaneamente, é denominado de "agente e paciente". Observe:

- Os irmãos Gonçalves compraram três casas no novo condomínio.
  sujeito agente (ativo)

- Três casas foram compradas pelos irmãos Gonçalves no novo condomínio.
  sujeito paciente (passivo)

- Os irmãos Gonçalves se feriram quando examinavam as casas do condomínio.
  sujeito agente e paciente

⇨ **Observação:**

Para melhorar o entendimento sobre o sujeito agente e o sujeito paciente, sugerimos que você estude a voz passiva e o agente da passiva.

4. Sujeito lógico ou contextual

Denominamos de **sujeito lógico** ou **contextual** aquele que é extraído do contexto ou da lógica de um enunciado ou de um texto. Observe abaixo um excerto de autoria do jornalista Gilberto Dimenstein:

- A pichação é uma das expressões mais visíveis da invisibilidade humana. **São** mais do que rabiscos. **São** uma forma de estabelecer uma relação de pertencimento com a comunidade – mesmo que por meio da agressão – e, ao mesmo tempo, de dar ao autor um sentido de autoidentidade.

Comentários: Perceba que o sujeito do verbo SER, flexionado no plural em suas duas ocorrências, é o termo lógico ou contextual – "expressões" ou "pichações".

→ "**As pichações**" ou "**As expressões**" são mais do que rabiscos.

→ "**As pichações**" ou "**As expressões**" são uma forma de estabelecer uma relação...

Vejamos outro exemplo:

- "Em um mundo tão complexo, economistas, empresários e governantes precisam saber mais sobre psicologia. Senão, **fracassarão** em motivar os talentos para os objetivos da empresa ou instituição." *(Revista Veja, 26 de março de 2008 – Entrevista)*

Comentário: Observe que o sujeito oculto do verbo "fracassar" é o termo composto, perceptível pelo contexto e pela lógica, "economistas, empresários e governantes".

➪ Observação:

O sujeito contextual ou lógico não deixa de ser um sujeito oculto, desinencial, elíptico; entretanto, não é um simples sujeito oculto, pois é preciso que se saiba, pela análise do contexto, a que termo da estrutura se refere o verbo.

1.2.2 PREDICADO

Como o verbo em geral pertence ao predicado, antes de começar o estudo propriamente desse termo, convém analisar um dos tópicos fundamentais em sintaxe: a transitividade ou a predicação verbal.

Dica: Faça um estudo bem acurado do assunto abaixo. Ele lhe fornecerá os subsídios necessários para a compreensão de diversos outros assuntos da Gramática Normativa. Lembre-se, por exemplo, de que o entendimento da predicação dos verbos é uma das bases da sintaxe de regência. Por isso, é primordial "gastar" um pouco de tempo aqui. Se possível, tenha sempre à mão um bom dicionário. Vamos lá!

1.2.2.1 Predicação (transitividade) verbal

Transitar significa literalmente passar adiante, ir e vir, deslocar-se. Para a Gramática Normativa, o "passar adiante" significa a necessidade de um verbo ou de um nome exigir um complemento, uma complementação. Aqui nos deteremos na análise e na classificação dos verbos quanto à necessidade ou não de algum complemento. Se o verbo não necessita de complemento, diz-se que ele é de predicação completa, caso contrário será classificado como de predicação incompleta.

Quanto à predicação, os verbos classificam-se em: **intransitivos, transitivos** e **de ligação.** Os verbos transitivos se dividem em: **diretos, indiretos** e **diretos e indiretos.**

I – Verbos intransitivos

São todos os verbos que, sozinhos, são capazes de transmitir a noção predicativa. Em outras palavras, são verbos que dispensam uma complementação.

Exemplos:

- No último encontro, **ocorreram** fatos dignos de notícia. (O termo "fatos dignos de notícia" é o sujeito.)
- A chuva **estiou** na região sul.
- O imigrante **se dirigiu** à embaixada dos Estados Unidos. (Observe que o termo "à embaixada dos Estados Unidos" representa o lugar para onde ele se dirigiu, portanto é um "adjunto adverbial de lugar".)

- Quando nervoso, ele **cospe** compulsivamente.
- **Cessaram** de uma vez por todas as dores que ele sentia pela manhã. (O termo "dores" é o núcleo do sujeito. Não há complemento para o verbo.)

II – Verbos transitivos

São aqueles que precisam de um termo que os complemente para que o sentido se perfaça, para que a compreensão da estrutura seja possível. Dividem-se em:

a) Transitivos diretos: são os verbos que exigem termo complementar sem a obrigatoriedade de uma preposição necessária, ou seja, pedem um complemento desprovido de preposição. O complemento desses verbos denomina-se "objeto direto".

Exemplos:

- Nunca mais ele **angariou** fundos para aquela ONG. ("Fundos" é o objeto direto)
- Muitas lojas do centro da cidade vão **baratear** os preços neste final de semana. (Observe que o verbo "baratear" está como verbo principal em uma locução verbal.)
- Nunca mais eles **viram** os quadros a óleo que **compraram** na Europa. (Observe que os dois verbos são transitivos diretos. O objeto direto do verbo "comprar" é o pronome relativo "que").
- Se não $\underset{\text{VTD}}{\underline{\textbf{houver}}}$ $\underset{\text{OD}}{\underline{\text{outras razões}}}$ mais consistentes, eles $\underset{\text{VTD}}{\underline{\textbf{substituirão}}}$ $\underset{\text{OD}}{\underline{\text{o contrato}}}$.

⇨ **Observação:**

Tenha muito cuidado ao classificar os verbos. Há muitas "armadilhas". Uma das mais perigosas é a famosa perguntinha "o quê?". Infelizmente, muitas vezes, é-nos ensinado que, todas as vezes que fazemos a pergunta "o quê?" ao verbo, este verbo será "transitivo direto". Acenda a luz "amarela do seu farol", ou seja, fique alerta, fique atento, para que você não tome um sujeito por um objeto direto. Observe:

- $\underset{\text{VTD??? Tem certeza??}}{\underline{\text{Explodiu}}}$ nova crise no Oriente Médio.

Se fizermos a perguntinha "o quê?" ao verbo "explodir", teremos a "falsa" resposta de que o termo "nova crise no Oriente Médio" é o objeto direto. Logo, classificaríamos o verbo "explodir" como "transitivo direto". Terrível engano!!

Na realidade, o termo "nova crise no Oriente Médio" é o sujeito para o verbo "explodir", que, neste caso, é intransitivo. Veja outros exemplos:

- **Ocorreram** enchentes no Amazonas.
  VI sujeito
- **Ocorreu** um grande equívoco.
  VI sujeito
- Depois que **acontecera** aquela miséria.
  VI sujeito
- **Sucedeu** uma grave crise econômica após o ano de 2007.
  VI sujeito
- Do velho telhado, **caíam** grossas gotas de água da chuva.
  VI sujeito

Observação:

Perceba que todos os verbos acima são intransitivos, e os termos que se encontram pospostos a eles são seus respectivos sujeitos. Para evitar confusões, sugiro que pare um pouco por aqui e vá estudar o termo "objeto direto". Perceba as diferenças entre ele e o sujeito.

b) Transitivos indiretos: são os verbos que exigem termo complementar regido (introduzido) por uma preposição necessária, obrigatória. O complemento desses verbos é denominado de "objeto indireto".

Exemplos:

- VTI OI OI VTI
  Eles **dependem** agora da sorte para que o produto de que **precisam** chegue a tempo.
- Durante muito tempo aquele povo **guerreou** contra os costumes do Ocidente.
  VTI OI
- VTI OI
  Não **convém** aos iniciantes na carreira diplomática portar-se de maneira inadequada. (Observe aqui que o sujeito do verbo CONVIR é a oração "portar-se de maneira inadequada".)
- Sempre **assistia** aos filmes com uma devoção impressionante.
  VTI OI

c) Transitivos diretos e indiretos: são verbos que exigem dois tipos de complemento: um sem a preposição e outro com o auxílio de uma preposição. São denominados também de "biobjetivos" ou "bitransitivos".

Exemplos:

- Ensinaram-lhe todos os preceitos de nossos antepassados?
  VTDI OI OD

- O diretor atribuiu o insucesso do grupo à inércia de alguns integrantes
  VTDI OD OI

- VTDI OD OI
  O Oficial de Justiça certamente notificará amanhã o comerciante sobre a ação interposta contra ele.

Observação:

Correlacione o estudo desses verbos com o assunto "Introdução à Regência" para observar outros exemplos de verbos intransitivos e transitivos, bem como dos pronomes que exercem a função sintática de complementos.

III - *Verbos de ligação*

Denominados também de "verbos copulativos" ou "verbos de relação", são aqueles que, desprovidos de significação, servem como "ponte" entre o sujeito e uma determinada qualidade, denominada de "predicativo". Geralmente funcionam como "de ligação" os verbos "ser, estar, ficar, parecer, continuar e permanecer." Outros podem funcionar como verbos de ligação desde que apareçam como elos entre um sujeito e uma qualidade.

Exemplos:

- Eles estavam extremamente atrasados para a festa.
  VL pred. sujeito

- VL pred. sujeito
  O Governo Federal deve estar atento às necessidades da população. (Locução verbal na função de ligação)

- Pareciam todos preocupados com o problema da menina.
  VL pred. sujeito

- Muitos andam tristes pela ausência de perspectivas na vida.
  VL PS

Perceba que nessa estrutura o objetivo da mensagem não é dizer que alguém ou alguma coisa faz a ação de andar, mas sim de que muitos estão / continuam / mostram-se tristes. Daí se tratar de um verbo de ligação.

➪ Considerações importantes:

a) Não se esqueça de que o estudo da predicação verbal está ligado ao estudo da regência verbal. E, como a regência depende do contexto, a classificação de um verbo como transitivo ou intransitivo depende da função que ele está exercendo dentro da estrutura oracional. Observe:

▹ O carro virou na esquina com a rua Dom João. (Verbo intransitivo.)

▹ O carro, ao capotar, virou uma banca de jornais que se encontrava em uma calçada. (Verbo transitivo direto.)

▹ O carro, após a capotagem, virou um monte de ferros retorcidos. (Verbo de ligação.)

▹ Maria, em virtude da pressa, sempre **andava** rápido. (Verbo intransitivo ➪ ação de "andar".)

▹ Maria anda, nos últimos tempos, preocupada com a situação da família. (Verbo de ligação ➪ Ela está preocupada.)

▹ A criança estava extremamente doente. (Verbo de ligação.)

▹ A criança estava no hospital desde a segunda-feira. (Verbo intransitivo ➪ Observe que o termo "no hospital desde a segunda-feira" funciona como o lugar em que a criança se encontra. Portanto, é uma locução adverbial de lugar. Como os advérbios não completam a significação verbal, mas tão somente transmitem uma circunstância para o verbo, considera-se o verbo ESTAR como "intransitivo".)

b) Há renomados e respeitáveis gramáticos que classificam verbos como "ir, dirigir-se, chegar, morar, residir, partir, voltar" como "transitivos adverbializados" ou "transitivos circunstanciais", já que tais verbos são ininteligíveis sem a presença do adjunto adverbial reclamado por eles. Preferimos, entretanto, pô-los no rol dos intransitivos, porquanto entendemos que um adjunto adverbial não poderá funcionar como "complemento verbal".

c) Há verbos transitivos diretos que reclamam além do objeto direto um qualificador para esse objeto, ou seja, há verbos transitivos diretos que exigem um predicativo para o seu objeto. Tais verbos são denominados de "transobjetivos". Veja:

▹ O juiz julgou o réu culpado. ➪ "JULGAR" é um "transobjetivo", pois é um transitivo direto que exige um objeto direto acompanhado de um predicativo que, no caso, é o termo "culpado".

VTD predicativo do objeto

▹ Muitos o **consideram** responsável pelo crime. (V. "Considerar" é um transobjetivo).

1.2.2.2 Predicativo

Antes de estudar a classificação do predicado, é de fundamental importância identificar o predicativo, quando existente, dentro da estrutura oracional.

Ele representa um dos termos mais interessantes dessa estrutura. Aparece com muita frequência em construções que possuem elementos qualificadores.

O predicativo é a palavra (ou locução) que constitui o núcleo nominal de um predicado. Classifica-se em: predicativo do sujeito e predicativo do objeto.

I – O predicativo do sujeito

É o termo que transmite para o sujeito um estado, um atributo, um modo de ser por meio de um verbo de ligação explícito ou implícito. Veja os exemplos abaixo:

- O aluno $\overset{\text{VL}}{\underline{\text{parecia}}}$ bastante $\overset{\text{PS}}{\underline{\text{atento}}}$ à explicação do professor. (Adjetivo como núcleo do predicativo.)
- O poeta $\overset{\text{VL}}{\underline{\text{era}}}$ $\overset{\text{PS}}{\underline{\text{a glória}}}$ de toda a Pátria. (Substantivo como o núcleo do predicativo.)
- Quem $\overset{\text{VL}}{\underline{\text{és}}}$ $\overset{\text{PS}}{\underline{\text{tu}}}$? (Pronome pessoal do caso reto como o núcleo do predicativo.)
- Recordar $\underset{\text{VL}}{\underline{\text{é}}}$ $\underset{\text{PS}}{\underline{\text{viver}}}$. (Verbo exercendo a função de núcleo do predicativo.)
- Os integrantes do grupo $\overset{\text{VL}}{\underline{\text{devem estar}}}$ $\overset{\text{PS}}{\underline{\text{com fome}}}$. (Uma locução adjetiva funcionando como predicativo.)
- O triplo de seis $\underset{\text{VL}}{\underline{\text{é}}}$ $\underset{\text{PS}}{\underline{\text{dezoito}}}$. (Numeral como núcleo do predicativo.)
- A verdade $\overset{\text{VL}}{\underline{\text{é}}}$ $\overset{\text{PS}}{\underline{\text{que o governo não intervirá na economia}}}$. (Uma oração funcionando como predicativo)
- Todos deixaram a sala $\underset{\text{PS}}{\underline{\text{constrangidos}}}$ após o desabafo do diretor.

> Perceba que nessa estrutura o verbo de ligação se encontra implícito. Leia: Todos deixaram a sala. Todos estavam constrangidos.

⇛ **Observação:**

Perceba que o predicativo pode ser exercido por diversas classes morfológicas. O importante é perceber a existência (clara ou implícita) do verbo de ligação.

II – O predicativo do objeto

Como o próprio nome já o diz, esse termo se refere ao objeto por meio de um verbo de ligação implícito.

VTD OD PO

- Os alunos **tinham** o professor de matemática por um sábio (ou "como um sábio").

> **Leia:** Os alunos consideravam o professor de matemática. Ele é um sábio (ou "como um sábio").

PO OD

- **Estendidas** pela rua afora, deixaram as faixas que seriam usadas na campanha eleitoral.

- Um fraco rei faz fraca a forte gente.

VTD PO OD

> Nessa estrutura os termos "fraco" e "forte" são adjuntos adnominais de "rei" e "gente", respectivamente. Leia assim: Um fraco rei faz a forte gente "tornar-se / ser / ficar" fraca.

- O avarento geralmente considera o ouro como seu deus.

VTD OD PO

PO VTD

- De semblante caído e sem perspectivas de melhoras, **encontrei** assim muitas vezes meu melhor amigo.

OD

⇛ **Considerações importantes:**

a) Observe que o predicativo pode vir precedido por uma preposição.

b) O predicativo do objeto geralmente só acontece com verbos transitivos diretos. Raros são os casos de predicativo de um objeto indireto. Uma das poucas exceções, por exemplo, é o verbo "chamar" na acepção de "cognominar, apelidar, tachar, alcunhar".

▹ **Chamaram** (VTI) **ao diretor da empresa** (OI) **incompetente** (PO) (ou de incompetente).

c) Veja também que o predicativo pode ser deslocado dentro da estrutura oracional. Para tanto, deverá obrigatoriamente ser virgulado para indicar a sua inversão, uma vez que é um termo pertencente ao predicado.

Exemplos:

▹ O menino foi levado ao hospital **com febre** (predicativo).

▹ O menino, **com febre** (predicativo), foi levado ao hospital.

▹ **Com febre** (predicativo), o menino foi levado ao hospital.

d) É importante também não confundir o predicativo do objeto com o adjunto adnominal – isso é essencial para se evitarem erros de concordância nominal. Para evitar tal equívoco, primeiro estude a função do adjunto adnominal, aprenda a identificá-lo e depois perceba as nuanças as quais envolvem este último termo e o predicativo.

> **Dica:** Procure perceber a concordância do predicativo com o sujeito ou com o objeto a que ele se refere. Muitos certames procuram explorar esse item. Para clarear e consolidar mais esse conteúdo, vá ao assunto "concordância nominal" e leia sobre a concordância do adjetivo-predicativo.

1.2.2.3 Classificação do predicado

Predicado é o termo que expressa a declaração que se faz sobre o sujeito quando a oração é composta pelos dois termos. Se não há sujeito, o predicado representa uma declaração qualquer que se faz.

Exemplos:

▹ Muitos cidadãos **lutam contra a miséria em nosso país.** (predicado)

- **Havia muitos rebelados nos presídios cariocas.**
  predicado

De acordo com a estrutura, o predicado pode ser: verbal, nominal ou verbo-nominal.

1.2.2.3.1 *Predicado verbal*

É aquele cujo núcleo é representado por um verbo significativo (intransitivo, transitivo direto, transitivo indireto ou transitivo direto e indireto) e não há a presença de um predicativo:

Exemplos:

predicado verbal
- Alguns **deixaram** a sala mais cedo em virtude do calor. (Verbo transitivo direto)

predicado verbal
- Os dois filhos de Maria **comeram** bastante no almoço. (Verbo intransitivo)

predicado verbal
- Ainda não lhe **ofereceram** uma oportunidade de trabalho. (Verbo transitivo direto e indireto)

Dica: Antes de passar adiante procure consolidar o entendimento sobre a função do predicativo (se possível, releia o tópico sobre o "predicativo"). A identificação do predicativo será condição essencial para a compreensão do predicado nominal e do predicado verbo-nominal.

1.2.2.3.2 *Predicado nominal*

É aquele em que aparece um "verbo de ligação" mais um "predicativo do sujeito". O núcleo desse tipo de predicado está centrado num nome, o predicativo do sujeito.

Exemplos:

- Todos **ficaram** imóveis diante daquela cena.
  VL pred. suj.

Pred. suj. VL
- Jogadas aos pés dele **estavam** todas as cartas recebidas nos últimos seis meses.

- Muitas vezes, o que $\overset{\text{VL}}{\underline{\text{é}}}$ $\overset{\text{PS}}{\underline{\text{barato}}}$ $\overset{\text{VL}}{\underline{\textbf{sai}}}$ $\overset{\text{PS}}{\underline{\text{caro}}}$. (Observe aqui a presença de dois predicados nominais)

1.2.2.3.3 Predicado verbo-nominal (ou misto)

É aquele que possui dois núcleos – um verbo significativo (intransitivo ou transitivo) e um nome (predicativo do sujeito ou do objeto).

Exemplos:

- Os representantes da ONU, $\overset{\text{PS}}{\underline{\textbf{exaustos}}}$, $\overset{\text{VTD}}{\underline{\textbf{deixaram}}}$ o salão principal. (Núcleos: um predicativo e um verbo)

- $\underset{\text{VTD}}{\underline{\textbf{Encontrei}}}$ bem $\underset{\text{PO}}{\underline{\textbf{fechadas}}}$ a porta do quarto e as janelas da sala.

- A grande prosperidade $\underset{\text{VTD}}{\underline{\textbf{fez}}}$ o nosso melhor amigo $\underset{\text{PO}}{\underline{\textbf{orgulhoso}}}$.

- $\underset{\text{VI}}{\underline{\textbf{Desabrochavam}}}$ $\underset{\text{PS}}{\underline{\textbf{belas}}}$ as últimas flores da primavera.

- Todos $\overset{\text{VTD}}{\underline{\textbf{consideravam}}}$ meu pai $\overset{\text{PO}}{\underline{\textbf{como o mais sábio dos velhos daquele lugar}}}$.

> ➾ Não se esqueça de que o predicativo do objeto só aparece num predicado verbo-nominal.
>
> ➾ Lembre-se também de que para se classificar com mais segurança o predicado convém primeiro estudar um pouco o assunto "predicação verbal".

1.3 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (FGV-RJ) Assinale a análise **correta** do termo destacado.

   *"Ao fundo, as pedrinhas claras pareciam **tesouros abandonados**".*

   a) predicativo do sujeito.
   b) adjunto adnominal.
   c) objeto direto.

d) complemento nominal.
e) predicativo do objeto direto.

2. (FCC – Técnico Legislativo – Câmara dos Deputados) Não é função da indústria **pensar a educação.**

A função sintática da oração grifada acima é a mesma do termo, também grifado, na frase:

a) ... no qual a Terra estava no centro do universo ...
b) ... que contribuíram para a ascensão do mundo burguês.
c) ... num processo que também gerou a onda de inovação ...
d) ... e a possibilidade de darmos o próximo salto.
e) ... nenhum representante da indústria de tecnologia poderia ter sido pioneiro ...

3. (F. Araraquara-SP) O professor **entrou apressado.** O destaque indica:

a) predicado nominal.
b) predicado verbo-nominal.
c) predicado verbal.
d) adjunto adverbial.
e) n.d.a.

4. (UM-SP) "E quando o brotinho lhe **telefonou** dias depois, comunicando que **estudava** o modernismo, e dentro do modernismo sua obra, para o que o professor lhe **sugerira** contato pessoal com o autor, **ficou** assanhadíssimo e paternal ao mesmo tempo."

Os verbos destacados são, respectivamente:

a) transitivo direto, transitivo indireto, de ligação, transitivo direto e indireto.
b) transitivo direto e indireto, transitivo direto, transitivo indireto, de ligação.
c) transitivo indireto, transitivo direto e indireto, transitivo direto, de ligação.
d) transitivo indireto, transitivo direto, transitivo direto e indireto, de ligação.
e) transitivo indireto, transitivo direto e indireto, de ligação, transitivo direto.

5. (PUC-PR) Sobre o exemplo: "A lua brilhou alegre no céu", afirmamos:

*I. O verbo **brilhar** é intransitivo.*

*II. O verbo **brilhar** é transitivo direto.*

*III. O verbo **brilhar** é transitivo indireto.*

IV. O predicado é nominal.

V. O predicado é verbal.

VI. O predicado é verbo-nominal.

a) Estão corretas I e VI.
b) Estão corretas I e V.

c) Estão corretas II e V.
d) Está correta apenas IV.
e) Estão corretas III e VI.

6. (CTA-SP) Assinale a alternativa cujo sujeito **não** é indeterminado.

a) Soa um toque áspero de trompa.
b) Falou-se de tudo na reunião.
c) Precisa-se de carpinteiro.
d) Batem à porta.
e) n.d.a.

7. (UFGO) Em uma das alternativas abaixo, o predicativo inicia o período. Assinale-a.

a) A dificílima viagem será realizada pelo homem.
b) Em suas próprias inexploradas entranhas descobrirá a alegria de conviver.
c) Humanizado tornou-se o sol com a presença humana.
d) Depois da dificílima viagem, o homem ficará satisfeito?
e) O homem procura a si mesmo nas viagens a outros mundos.

8. (FMU-SP) Assinale a alternativa em que aparece um predicado verbo-nominal.

a) Os viajantes chegaram cedo ao destino.
b) Demitiram o secretário da instituição.
c) Nomearam as novas ruas da cidade.
d) Compareceram todos atrasados à reunião.
e) Estava irritado com as brincadeiras.

9. (Osec-SP) Das seguintes orações: "Pede-se silêncio", "A caverna anoitecia aos poucos", "Fazia um calor tremendo naquela tarde", o sujeito se classifica respectivamente como:

a) indeterminado, inexistente, simples.
b) oculto, simples, inexistente.
c) inexistente, inexistente, inexistente.
d) oculto, inexistente, simples.
e) simples, simples, inexistente.

10. (FEI-SP) Assinale a alternativa em que o termo destacado tenha a função de predicativo do sujeito.

a) "Eu sob a copa da mangueira **altiva**".
b) "Não sentiram meus lábios **outros lábios**".
c) "Do tamarindo a flor jaz **entreaberta**".
d) "Já solta o bogari mais **doce** aroma".
e) "**Melhor** perfume ao pé da noite exala".

GABARITO

1 – A	2 – A	3 – B
4 – D	5 – A	6 – A
7 – C	8 – D	9 – E
10 – C		

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

CAPÍTULO 2

TERMOS INTEGRANTES DA ORAÇÃO

Como a própria denominação já denuncia, os termos integrantes aparecem completando, integrando o sentido de outros termos. São fundamentais para o entendimento e a perfeita construção da frase. São eles: o objeto direto e o objeto indireto (complementos verbais), o complemento nominal e o agente da passiva.

2.1 OBJETO DIRETO

É o termo que completa a significação dos verbos transitivos diretos sem o auxílio de uma preposição necessária, obrigatória. Exprime o paciente da ação e se identifica facilmente porque passa a sujeito na voz passiva. Representa o "caso acusativo" do latim.

Exemplos:

- O alimento envenenou $\underset{\text{OD}}{\underline{\text{boa parte do reino}}}$.
- Ele estreou $\underset{\text{OD}}{\underline{\text{a produção}}}$ sob os protestos da população.
- Os argumentos $\underset{\text{OD}}{\underline{\text{que}}}$ ele utilizou salvaram $\underset{\text{OD}}{\underline{\text{o réu}}}$ da prisão.

> Perceba o pronome relativo "que" na função de objeto direto
> ➾ Leia: Ele utilizou os argumentos.

- Houve $\underset{\text{OD}}{\underline{\text{muitos problemas}}}$ na inauguração do comitê.

> Observe que o verbo da estrutura HAVER não possui sujeito, já que está no sentido de EXISTIR. O termo "muitos problemas" é o seu objeto direto.

- O medo era tal que nem $\underset{\text{OD}}{\underline{\text{sangue}}}$ mais eu tinha na face.

⇨ Observações importantes:

a) O objeto direto é frequentemente substituído dentro da frase pelos pronomes oblíquos átonos "o, a, os, as". Quando o verbo que os precede termina em "-r, -s, -z", tais pronomes assumem as formas "lo, la, los, las." Se o verbo terminar em ditongo nasal "-ão, -õe, -am", por exemplo, os pronomes assumirão as formas eufônicas "no, na, nos, nas".

Exemplos:

- Deixaram $\overset{\text{OD}}{\underline{\text{o livro}}}$ sobre a mesa de jantar. = Deixaram-$\overset{\text{OD}}{\underline{\text{no}}}$ sobre a mesa de jantar.
- É importante comprar $\underset{\text{OD}}{\underline{\text{produtos originais}}}$. = É importante comprá-$\underset{\text{OD}}{\underline{\text{los}}}$.
- Avisamos $\underset{\text{OD}}{\underline{\text{o diretor}}}$ a tempo. = Avisamo-$\underset{\text{OD}}{\underline{\text{lo}}}$ a tempo.
- Procuraram $\underset{\text{OD}}{\underline{\text{a menina}}}$ por toda parte. = Procuraram-$\underset{\text{OD}}{\underline{\text{na}}}$ por toda parte.
- Eles ainda não $\underset{\text{VTD}}{\underline{\text{disseram}}}$ $\underset{\text{OD}}{\underline{\text{que o novo diretor assume amanhã.}}}$

> Neste último exemplo, o objeto direto é exercido por toda uma oração. Veja mais exemplos em sintaxe de período, orações substantivas.

b) Os pronomes oblíquos átonos "me, te, se, nos, vos" também podem exercer a função de objeto direto. Nesse caso é essencial que se conheça com segurança a regência verbal.

Exemplos:

▹ Eu te amo, minha linda mulher.
OD VTD

▹ Por que não me convidaste para a festa?
OD VTD

▹ Acho que o prefeito já não mais vos considera.
OD VTD

É muito importante que o estudante da língua portuguesa não confunda o objeto direto com o sujeito. É preciso ter sempre em mente que o objeto direto, salvo raras exceções, é um termo repleto de carga passiva, isto é, é um termo que pode ser convertido para a voz passiva com a função de sujeito. Já o sujeito é um termo que, na voz ativa, sempre apresentará carga ativa, isto é, representará o termo que praticará, que executará a ação verbal. Observe abaixo:

▹ Ontem à tarde, chegaram as novas cartas.
sujeito ou objeto direto??

▹ Ontem à tarde, enviaram as novas cartas.
sujeito ou objeto direto??

Para dirimir tal dúvida, tente converter os termos para a voz passiva. Perceba que só no segundo caso (... enviaram as novas cartas) é possível a conversão (... as novas cartas foram enviadas). Ora, neste caso não mais restam dúvidas. Em "Ontem à tarde, chegaram as novas cartas", o termo grifado é o sujeito. Já em "Ontem à tarde, enviaram as novas cartas", o termo grifado é o objeto direto. Neste último período, o sujeito é indeterminado.

Para consolidar tal aprendizado, lembre-se de que:

a) O objeto direto é um termo que só existe nas vozes ativa e reflexiva. Na voz ativa, o objeto direto possui, salvo exceções, carga passiva, isto é, pode ser transposto para a voz passiva na função de sujeito passivo.

▹ Pedro adquiriu UM NOVO CARRO. (voz ativa → objeto direto com carga passiva)

▹ UM NOVO CARRO foi adquirido por Pedro. (voz passiva → o objeto direto se torna o sujeito passivo)

b) Na voz ativa, o sujeito possui "carga ativa", isto é, é o agente da ação. Por isso, quando é possível a conversão do sujeito ativo para a voz passiva, este

assume o papel de "AGENTE da passiva", ou seja, o termo ativo que, na voz passiva, pratica a ação verbal.

- PEDRO adquiriu um novo carro. (voz ativa → sujeito ativo)
- Um novo carro foi adquirido POR PEDRO. (voz passiva → o sujeito ativo torna-se o agente da passiva)

> **Dica:** Aprofunde esses conhecimentos com o estudo da voz passiva e do agente da passiva.

Vejamos outros exemplos:

- "Do vértice do M cai a espumarada." (Carlos Drummond de Andrade)
  sujeito ativo
- Sobre a laje do prédio, deixaram pilhas de entulhos retirados das telhas.
  objeto direto (pilhas de entulhos foram deixadas...)
- Na última semana, explodiram dois carros-bomba no centro de Bagdá.
  sujeito
- Durante a preparação para o concurso, surgiram grandes problemas para nós.
  sujeito
- Ainda não informaram as mudanças no sistema ao novo diretor.
  objeto direto (as mudanças foram informadas...)
- Compraram vários livros para a inauguração da biblioteca.
  objeto direto (livros foram comprados...)

Concluindo: Temos, portanto, duas grandes características para o objeto direto: a função complementar para verbos transitivos diretos e transitivos diretos e indiretos, e a carga passiva, isto é, a possibilidade de o objeto direto ser convertido para a voz passiva na função de sujeito. Logo, é um termo que, já na voz ativa, apresenta, como dissemos, "carga passiva". Entretanto, poderemos encontrar situações complexas como:

- Pedro matou Paulo. *(Quem é o sujeito da estrutura??)*

Considerações: Nesse caso, a utilização do recurso da "carga passiva" não adiantará, pois tanto podemos dizer "Paulo foi morto por Pedro", como "Pedro foi morto por Paulo". Temos, por conseguinte, um período ambíguo, já que a ação de "matar" pode ser praticada por ambos os substantivos (Pedro e Paulo). Para resolver tal problema, recorreremos a um conhecimento já con-

solidado – um sujeito não pode vir precedido por preposição. Logo, deve-se preposicionar um dos termos para que ele deixe de ser um possível sujeito e assuma a função de "objeto direto preposicionado".

Assim...

- Pedro matou a Paulo.
  sujeito OD preposicionado

Veja outros exemplos em que esse desdobramento foi usado (perceba como o emprego da preposição evita que se tome o termo preposicionado como se fosse o sujeito do verbo):

- OD preposicionado VTD sujeito
  A cada um de nós sempre incomoda a atitude desleixada de um pai irresponsável.

- OD preposicionado VTD sujeito
  Às crianças de orfanatos abandonaram, na maioria das vezes, pais sem escrúpulos.

- sujeito VTD OD sujeito OD preposicionado
  "Os otimistas não julguem os pessimistas, nem estes àqueles, pois...". (Fund. Carlos Chagas)

- As ações dos advogados engrandeceram às decisões tomadas pelos diretores.
  sujeito VTD OD preposicionado

Dica: Fique muito, mas muito atento às orientações por que acabamos de passar. Frequentemente, as bancas usam essa "confusão" (sujeito *versus* objeto direto) para provocar dúvidas em relação à concordância verbal.

2.1.1 OBJETO DIRETO PREPOSICIONADO

Calma!! Não se desespere! Isso não é difícil: Procure entender as razões que levam o objeto direto a vir precedido de uma preposição. São poucos casos, e alguns são bem utilizados em nosso dia a dia. Vamos lá!

Primeiro, cumpre mais uma vez salientar que o objeto direto preposicionado não surge ao acaso. Ele é fruto de algumas situações especiais em nossa língua. Acompanhe o raciocínio abaixo:

- Eu tenho certeza de que ele $\overset{\text{OD}}{\underline{\text{me}}}$ $\overset{\text{VTD}}{\underline{\text{ama}}}$, afirmou a mulher. (me = objeto direto, pronome oblíquo átono)

- Eu tenho certeza de que ele $\overset{\text{VTD}}{\underline{\text{ama}}}$ $\overset{\text{OD preposicionado}}{\underline{\text{a mim}}}$, afirmou a mulher. (mim = objeto direto preposicionado, pronome oblíquo tônico).

Veja que no exemplo acima a preposição surgiu porque o pronome utilizado para a complementação foi um oblíquo tônico. Logo, podemos asseverar que todas as vezes que o complemento de um verbo transitivo direto for feito com um pronome oblíquo tônico ele (complemento verbal), obrigatoriamente, será preposicionado. Percebeu? O objeto direto preposicionado surge para certas situações; não é a regra, uma vez que é próprio do objeto direto não exigir preposição.

Vamos aos casos em que o objeto direto deve vir precedido de uma preposição:

a) quando o objeto direto é um pronome pessoal oblíquo tônico (mim, ti, si, nós, vós, ele, eles, ela, elas):

Exemplos:

- Ele idolatrava $\underset{\text{OD preposicionado}}{\underline{\text{a si mesmo}}}$ antes de consultar um analista.

- Não pensem eles que irão enganar $\underset{\text{objetos diretos preposicionados}}{\underline{\text{a mim}}\text{ e }\underline{\text{a ti}}}$.

- Agindo assim, poderás $\underset{\text{VTD}}{\underline{\text{prejudicar}}}$ tanto $\underset{\text{objetos diretos preposicionados}}{\underline{\text{a ti}}\text{ como }\underline{\text{a nós todos}}}$.

- "Uma certidão que me desse vinte anos de idade poderia enganar os estranhos, como todos os documentos falsos, mas não $\underset{\text{OD preposicionado}}{\underline{\text{a mim}}}$." (Machado de Assis)

b) quando o objeto direto é representado pelo pronome relativo "quem":

Exemplos:

- Até agora não sabemos $\underset{\text{OD preposicionado}}{\underline{\text{a quem}}}$ verdadeiramente ele $\underset{\text{VTD}}{\underline{\text{ama}}}$.

- Santo Agostinho tornou-se o santo $\underset{\text{OD preposicionado}}{\underline{\text{a quem}}}$ Maria das Dores mais $\underset{\text{VTD}}{\underline{\text{venerava}}}$.

- "— Se você tivesse de escolher entre mim e sua mãe, $\overset{\text{OD preposicionado}}{\underline{\text{a quem}}}$ é que $\underset{\text{VTD}}{\underline{\text{escolhia?}}}$" (Machado de Assis)

c) quando, para o bem da clareza (a fim de se evitar uma ambiguidade), deva-se, por meio da preposição, evitar que o objeto direto seja confundido com o sujeito:

Exemplos:

- O filho ama o pai. (Aqui não se pode afirmar com precisão e segurança quem praticou a ação verbal, uma vez que é possível ler a frase tanto na ordem direta quanto na indireta).

Ora, para se evitar tal confusão deve-se preposicionar um dos termos. Veja:

- O filho ama ao pai.
  OD preposicionado

- Até agora não se sabe se Paulo realmente matou a Pedro.
  VTD OD preposicionado

- Venceram aos japoneses os americanos.
  VTD OD preposicionado sujeito

d) quando o objeto direto é representado pelo numeral dual "ambos":

Exemplos:

- No resultado final, acho que vou aprovar a ambos.
  VTD OD preposicionado

- Em face da dúvida, resolveram comprar a ambas em vez de levar apenas uma.
  VTD OD preposicionado

e) quando o objeto direto é representado por nomes próprios ou comuns que designem pessoas:

Exemplos:

- É preciso amar a Deus sobre todas as coisas.
  VTD OD preposicionado

- Judas traiu a Cristo.
  VTD OD preposicionado

- Os romanos costumavam adorar a Júpiter.
  VTD OD preposicionado

- Agora, irmãos, louvemos ao Senhor com uma música especial.
  VTD OD preposicionado

f) quando o objeto direto é representado por pronomes substantivos indefinidos e demonstrativos:

Exemplos:

- Apesar dos conhecimentos, ele jamais estimulava a alguém com suas palestras.
  VTD OD preposicionado
- Eu apreciei mais a este do que àquele.
  VTD └ objetos diretos preposicionados ┘
- Ele doutrinava muito mais àquele jovem rapaz ali do que a este aqui.
  VTD └ objetos diretos preposicionados ┘

> Em virtude do paralelismo sintático, ambos os objetos diretos foram precedidos por preposição.

g) quando o objeto direto é formado por uma expressão que indica reciprocidade:

Exemplos:

- Deus ordenou que nós nos amássemos uns aos outros.
  VTD OD preposicionado
- Elas se odiavam umas às outras.
  VTD OD preposicionado

h) quando se deseja dar ênfase ao objeto direto ou, para obter mais clareza, indicar-se a parte de um todo:

Exemplos:

- João, você cumpriu com o seu dever?
  VTD OD preposicionado
- Diante do perigo, os soldados sacaram das armas e apontaram-nas para os manifestantes.
  VTD OD preposicionado
- Parece que ele ainda não comeu do bolo.
  VTD OD preposicionado
- Nunca digas "dessa água jamais beberei".
  OD preposicionado VTD

> Nestes dois últimos exemplos, alguns autores consideram os verbos como transitivos indiretos. Parece-nos, entretanto, mais lógica a ideia de "objetos diretos preposicionados", uma vez que indicam uma parte do todo. Compare: a) Comer o bolo (todo o bolo); b) Comer do bolo (parte do bolo).

2.1.2 OBJETO DIRETO PLEONÁSTICO

Ocorre quando se deseja pôr em relevo a informação contida no objeto direto. Para tanto, coloca-se o objeto direto no início da frase para depois retomá-lo — repeti-lo — com um pronome oblíquo. Daí porque este tipo de objeto é denominado de "pleonástico", "enfático" ou "redundante".

Exemplos:

▹ O homem, criou-o Deus à sua imagem e semelhança.
OD VTD ↑ OD pleonástico

OD VTD OD pleonástico
▹ Todas aquelas informações, os rapazes conseguiram-nas com o uso de propinas.

OD pleonástico
▹ Os que não falam a verdade, descobre-os o próprio curso da vida.
OD VTD

> Não confunda os dois "os" que aparecem na oração. O primeiro é, morfologicamente, um pronome demonstrativo. O segundo é um pronome oblíquo. Para facilitar o entendimento, leia a frase do seguinte modo: "O próprio curso da vida descobre os que não falam a verdade."

2.1.3 OBJETO DIRETO INTERNO OU COGNATO

Há casos em que o objeto direto repete o mesmo sentido contido no radical do verbo. Isso ocorre, geralmente, na linguagem literária, poética, com o intuito de conferir ênfase à mensagem. A esse termo dá-se o nome de "objeto direto interno ou cognato".

Exemplos:

OD interno
▹ "E rir meu riso e derramar meu pranto". (Vinicius de Moraes)
VTD

▹ Ele chorava um choro resignado, triste, melancólico.
VTD OD interno

2.2 OBJETO INDIRETO

É o termo que completa a significação de um verbo transitivo indireto com o auxílio de uma preposição obrigatória. Com os verbos bitransitivos (transitivos diretos e indiretos), o objeto indireto representa o ser a quem (ou "para quem") o objeto direto se destina. Representa o "caso dativo" do latim.

Exemplos:

- Muitos cristãos da Antiguidade **batalhavam** **contra os espinhos da carne**.
  VTI OI

- As ações do rapaz **incorreram** **em grave erro judiciário.**
  VTI OI

- **Enviaram** todas as informações **para o novo diretor**.
  VTDI OI

- VTDI OI
  A empresa **deu** uma nova chance **ao empregado** que se afastou do local de trabalho sem avisar.

- A equipe **necessitava** **de que todos deixassem a sala naquele momento**.
  VTI OI

> Observe que neste exemplo o "objeto indireto" é exercido por uma oração. Aprofunde esse estudo no capítulo "sintaxe de período".

⇨ Observações importantes:

a) O objeto indireto pode ser substituído pelos pronomes "lhe(s), a ele(s), a ela(s), dele(s), dela(s), nele(s), nela(s)":

Exemplos:

- VTDI OI
  Nos finais de ano, muitas pessoas costumam **escrever** cartas **aos amigos**. (⇨ escrever-**lhes** cartas)
  OI

- Não **acreditem** **nos falsos profetas**. (⇨ Não acreditem **neles**)
  VTI OI OI

- Das novas orientações eles ainda **dependem** muito. (⇨ Eles dependem **delas**)
  OI VTI OI

VTI OI

▹ Nunca mais assistimos às apresentações daquele grupo. (Nunca mais assistimos a elas.)

OI

OI

▹ "E que a sua Deolinda, estanciando nas empinadas serras de S. Gotardo, lhe dissera que seria feliz se morasse no topo duma montanha..." (Camilo)

b) Alguns verbos, mesmo transitivos indiretos, rejeitam a utilização dos pronomes "lhe, lhes" para o objeto indireto. Exigem as formas tônicas analíticas "a ele, a ela, a eles, a elas". Tal fato se dá ora por não ser o objeto de tais verbos personativo, ora se dá por reprovar-lhes a eufonia. São exemplos desse grupo especial os verbos "aceder, aludir, anuir, aspirar (sentido de desejar, almejar), assistir (sentido de ver, presenciar), proceder (sentido de iniciar, começar), visar (sentido de desejar, almejar)".

▹ O evento deve ter sido majestoso, pois os diretores **aludiram** a ele na reunião de ontem. (E não "aludiram-lhe")

▹ A contagem dos votos se realizará no ginásio de esportes. Os auditores do Tribunal Eleitoral **procederão** a ela exatamente às 18h.

c) Por outro lado, há verbos transitivos indiretos que, por motivo de eufonia, rejeitam os pronomes oblíquos átonos "me, te, se, nos, vos" para o objeto indireto. Exigem os pronomes tônicos preposicionados "a mim, a ti, a si, a nós, a vós" para tal função. São exemplos desse grupo os verbos "aludir, depender, discrepar, dissentir, discordar, equivaler, prescindir".

▹ Eles prescindem de mim para a realização do projeto.

▹ Todos discordam de ti, João.

d) Verbos transitivos indiretos que exigem a preposição "com" não aceitam as formas tônicas "mim, ti, nós, vós". Para eles, devem ser usados os pronomes tônicos "comigo, contigo, conosco, convosco".

▹ A equipe da sala ao lado **competirá** conosco. (e não "competirá com nós").

▹ Meu filho, alguém **simpatizou** contigo no colégio? (e não "simpatizou com ti").

2.2.1 OBJETO INDIRETO PLEONÁSTICO

À semelhança do objeto direto pleonástico, representa a repetição enfática do objeto indireto o qual é retomado com um pronome oblíquo dentro da mesma estrutura oracional.

Exemplos:

- Ao sábio de coração, bastam-lhe poucas palavras.
  OI VTI OI pleonástico

- OI OI pleonástico
  Aos envolvidos em determinados crimes, a lei preconiza que não lhes convém ausentar-se sem consentimento do juiz.

2.3 COMPLEMENTO NOMINAL

É o termo integrante da oração que completa a significação de alguns nomes, sempre com o auxílio de uma preposição. Há três classes morfológicas que podem exigir complemento nominal: o substantivo, o adjetivo e o advérbio.

Exemplos:

- nome CN
  A nova Constituição do Brasil é bastante acessível ao leigo. (acessível ⇨ adjetivo)

- nome CN
  O amor a Deus deve ser incondicional. (amor ⇨ substantivo)

- O fumo é prejudicial à saúde. (prejudicial ⇨ adjetivo)
  nome CN

- nome CN
  O interpretador literal sempre procura ser fiel à letra da lei. (fiel ⇨ adjetivo)

- Todos moravam perto do centro da cidade. (perto ⇨ advérbio)
  nome CN

- O doente apresentava um profundo medo de seu passado. (medo ⇨ substantivo)
  nome CN

- Ele tinha certeza de que o despacho sairia amanhã. (certeza ⇨ substantivo)
  nome CN

Observe neste último exemplo que o complemento nominal é exercido por uma oração denominada de completiva nominal. Aprofunde esse conhecimento na parte de sintaxe de período, orações substantivas.

▹ —Tenha-me respeito, gritava o pai para o filho. (respeito ⇨ substantivo)
CN nome

Leia: Tenha respeito a / por mim. Perceba, neste caso, o pronome oblíquo funcionando como "complemento nominal".

⇨ Considerações importantes:

a) Observe que a preposição sempre se faz presente no complemento nominal. Para observar outros nomes que exigem preposição, estude o assunto "Regência nominal". Veja os nomes e as preposições que eles exigem.

b) Não confunda o complemento nominal com o objeto indireto. Este integra a significação de verbos transitivos indiretos ou transitivos diretos e indiretos, enquanto aquele completa nomes (substantivos, adjetivos e advérbios). Perceba os exemplos abaixo:

▹ Ele confia muito em seu próprio conhecimento.
VTI OI

▹ Ele tem muita confiança em seu próprio conhecimento.
nome CN

VTI OI
▹ O governo desconfia da atuação de grupos de esquerda para minar-lhe as forças.

nome CN
▹ O governo nutre uma profunda desconfiança de que haja a atuação de grupos de esquerda para minar-lhe as forças.

▹ Muitos ainda necessitam de paz interior para viver melhor.
VTI OI

▹ Muitos têm necessidade de paz interior para viver melhor.
nome CN

2.4 AGENTE DA PASSIVA

É o termo que na voz passiva analítica pratica a ação verbal, sempre introduzido por uma preposição.

> Antes de estudarmos este termo, vamos aprofundar um pouco o nosso conhecimento sobre a voz passiva, porque entendemos ser este o momento exato para isso.

2.4.1 ESTUDO DA VOZ PASSIVA – CONVERSÃO DA VOZ ATIVA PARA A VOZ PASSIVA

A voz representa a forma como o verbo se apresenta para indicar se o sujeito praticará, sofrerá ou praticará e sofrerá ao mesmo tempo a ação. Como se sabe, são três as vozes do verbo: ativa, passiva e reflexiva. Ocupemo-nos das vozes "ativa" e "passiva" agora.

A voz passiva se divide em: analítica e sintética. Vamos nos deter em estudar a voz passiva analítica, cuja principal característica é a presença de uma locução verbal formada por um verbo auxiliar (geralmente são os verbos "ser" e "estar" que desempenham esse papel) e um verbo principal no particípio.

Observe:

sujeito VTD OD
▹ O rapaz pegou o livro.

(➩ Voz ativa)

locução verbal
▹ O livro foi pego pelo rapaz.
sujeito passivo agente da passiva

(➩ Voz passiva)

Não sei se deu para perceber, mas a conversão foi feita da seguinte maneira:

ORDEM DIRETA

CONVERSÃO DA VOZ ATIVA PARA A VOZ PASSIVA		
VOZ ATIVA		VOZ PASSIVA
Sujeito	➩	Agente da passiva
Verbo transitivo direto	➩	Locução verbal (aux. + particípio)
Objeto direto	➩	Sujeito passivo ou paciente

ORDEM DIRETA

Observe as setas para acompanhar a mudança da função sintática dos termos. Veja outros exemplos de conversão da voz ativa para a voz passiva analítica:

VOZ ATIVA	VOZ PASSIVA
Quem o encontrou ontem à noite?	Por quem você (ele) foi encontrado ontem à noite?
O essencial é poder implementar as novas leis.	O essencial é poderem ser implementadas as novas leis.
Jovens, vossos mestres vos trataram bem hoje?	Jovens, vós fostes bem tratados hoje por vossos mestres?
A globalização vem favorecendo a concentração de renda.	A concentração de renda vem sendo favorecida pela globalização.
Platão a comparou ao adestramento de cães de raça.	Ela foi comparada por Platão ao adestramento de cães de raça.
Nós comprometemos de vez a dinâmica do processo.	A dinâmica do processo foi de vez comprometida por nós.
Muito prometem as dietas milagrosas e as intermináveis sessões de ginástica.	Muito é prometido pelas dietas milagrosas e pelas intermináveis sessões de ginástica.
Alguns vêm identificando a ótima forma do corpo com o conceito de saúde.	A ótima forma do corpo vem sendo identificada com o conceito de saúde por alguns.

➾ Observações importantes:

a) Todos os termos em negrito são agentes da passiva. Perceba que todos vêm introduzidos por uma preposição. Geralmente é a preposição "por" que inicia o agente (ou suas contrações "pelo, pela, pelos, pelas"), mas há agentes da passiva que são introduzidos por outras preposições. Observe:

▸ Havia muitos carros naquela cidade que eram movidos $\underbrace{\text{a gás}}_{\text{agente da passiva}}$.

▸ O quarto foi invadido $\underbrace{\text{de repórteres, de câmaras}}_{\text{agente da passiva}}$.

▸ O carro era tirado $\underbrace{\text{a quatro juntas de boi}}_{\text{agente da passiva}}$.

b) Não se esqueça de que só os verbos transitivos diretos e os verbos transitivos diretos e indiretos podem ser convertidos para a voz passiva. Logo,

por exclusão, salvo raras exceções (verbos "obedecer" e "desobedecer", por exemplo), os verbos transitivos indiretos, os verbos intransitivos e os verbos de ligação não são suscetíveis de transcrição para a voz passiva.

Logo:

- Muitos $\underset{\text{VTI}}{\underline{\text{assistiram}}}$ ao espetáculo extasiados. (Voz passiva ⇨ Não existe)

- Aquele pensamento grego $\overset{\text{VL}}{\underline{\text{anda}}}$ cada vez mais comprometido. (Voz passiva ⇨ Não existe)

- Sempre que nós $\underset{\text{VI}}{\underline{\text{podíamos}}}$, nós $\underset{\text{VI}}{\underline{\text{íamos}}}$ com ele.

c) Verbos transitivos diretos há, entretanto, que são insusceptíveis de ir para a voz passiva. Tal fato se dá ou porque já apresentam sentido passivo (aguentar, sofrer etc.) — mesmo na voz ativa –, ou porque a eufonia lhes reprova a passagem para a voz passiva (ter, querer, poder, conter etc.).

d) Na conversão da voz ativa para a voz passiva, procure imediatamente o "objeto direto", pois será ele quem irá funcionar como o sujeito da voz passiva. Logo, identificar de forma precisa o "objeto direto" é o primeiro passo para se evitarem erros na transposição para a voz passiva.

e) Geralmente a locução verbal da voz passiva é construída com o verbo auxiliar "ser", formando o que se chama "passiva de ação". Outros verbos, entretanto, podem funcionar como auxiliares para a locução da passiva para acrescentar outras matrizes de sentido. Veja:

A polícia cercou a favela
(voz ativa)

a) A favela foi cercada pela polícia. (passiva de ação com o verbo "ser")

b) A favela esteve cercada pela polícia. (passiva de estado com o verbo "estar")

c) A favela ficou cercada pela polícia. (passiva de mudança de estado com o verbo "ficar")

f) Lembre-se de que o verbo auxiliar concordará em "número" e "pessoa" com o sujeito da voz passiva. O particípio passivo, por sua vez, concordará em "gênero" e "número" com esse mesmo sujeito. Observe:

- Todos analisaram a nova lei. (Voz ativa) ⇨ A nova lei **foi analisada** por todos. (Voz passiva)

- Eu analisei as novas leis. (Voz ativa) ⇨ As novas leis **foram analisadas** por mim. (Voz passiva)

- Tu analisaste os novos decretos? (Voz ativa) ⇨ Os novos decretos **foram analisados** por ti? (Voz passiva)

g) Não se esqueça de que o verbo auxiliar da locução da voz passiva será colocado no mesmo "modo" e "tempo" do verbo principal da voz ativa. Logo:

- Ele $\underset{\text{Pres. Indic.}}{\underline{\text{revisa}}}$ o acordo. (Voz ativa) ⇨ O acordo $\underset{\text{Pres. Indic.}}{\underline{\text{é}}}$ revisado por ele. (Voz passiva)

- Ele $\overset{\text{Pret. Perf. Ind.}}{\underline{\text{revisou}}}$ o acordo. (Voz ativa) ⇨ O acordo $\overset{\text{Pret. Perf. Ind.}}{\underline{\text{foi}}}$ revisado por ele. (Voz passiva)

- Ele $\overset{\text{Pret. Imperf. Ind.}}{\underline{\text{revisava}}}$ o acordo. (Voz ativa) ⇨ O acordo $\overset{\text{Pret. Imperf. Ind.}}{\underline{\text{era}}}$ revisado por ele. (Voz passiva)

- Ele $\overset{\text{Fut. Pres. Ind.}}{\underline{\text{revisará}}}$ o acordo. (Voz ativa) ⇨ O acordo $\overset{\text{Fut. Pres. Ind.}}{\underline{\text{será}}}$ revisado por ele. (Voz passiva)

h) O verbo "HAVER" no sentido de "existir, acontecer, ocorrer" é insuscetível de transcrição para a voz passiva em virtude de sua impessoalidade, a despeito de nessa acepção ser "transitivo direto". Logo:

- Sempre $\underset{\text{VTD}}{\underline{\text{houve}}}$ $\underset{\text{OD}}{\underline{\text{bons legisladores}}}$ no Brasil. (Voz passiva ⇨ Impossibilidade)

Observe que nesta construção a oração não possui sujeito.

i) Não confunda o agente da passiva com o complemento nominal. Este integra o sentido de nomes (substantivo, adjetivos e advérbios); aquele pratica a ação dentro de uma voz passiva. Ademais, o agente da passiva pode ser transcrito para a voz ativa com a função de sujeito.

Exemplos:

locução verbal agente da passiva

- O inferno sempre está pavimentado de boas intenções. (Voz ativa ➾ Boas intenções pavimentam o inferno.)

> Observe a presença da locução verbal "estar + pavimentar". O verbo principal encontra-se no "particípio ➾ pavimentado".

adjetivo complemento nominal

- Ele está ansioso pela (ou "da") volta de sua amada. (Não há como converter para a voz passiva.)

adjetivo complemento nominal

- Todos eram responsáveis pela vida da família. (Não há como converter para a voz passiva.)

locução verbal agente da passiva

- Muitos cantores foram influenciados pelo movimento hippie. (Voz ativa ➾ O movimento hippie influenciou muitos cantores.)

j) Lembre-se de que muitas construções da voz passiva analítica apresentam "agente da passiva indeterminado". Isso ocorre quando não convém ou não se quer declará-lo. Neste caso, se se quiser verter a oração passiva com agente indeterminado para a voz ativa, esta também ficará com o seu sujeito indeterminado. Veja:

- O caso foi descoberto recentemente pelo investigador Marcos. (Voz passiva analítica com agente da passiva determinado) ➾ Voz ativa = O investigador Marcos recentemente descobriu o caso.
- O caso foi descoberto recentemente. (Voz passiva analítica com agente da passiva indeterminado) ➾ Voz ativa = **Descobriram recentemente o caso.**
- O voto feminino chegou a ser discutido na constituinte de 1890. (Voz passiva analítica com agente da passiva indeterminado) ➾ Voz ativa = **Chegaram a discutir o voto feminino na constituinte de 1890.**

2.5 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (FMU/Fiam-SP) Assinale a alternativa que contenha, respectivamente: um pronome pessoal do caso reto funcionando como sujeito e um pronome pessoal do caso oblíquo funcionando como objeto direto.

a) Eu comecei a reforma da Natureza por este passarinho.
b) E mais uma vez me convenci da "tortura" destas coisas.
c) Todos a ensinavam a respeitar a Natureza.
d) Ela os ensina a fazer ninhos nas árvores.
e) Ela não convencia ninguém disso.

2. (FCC) Em: "Chamou-se um **eletricista** para a instalação dos fios" o termo destacado é:

a) objeto direto.
b) sujeito.
c) objeto indireto.
d) agente da passiva.
e) predicativo do sujeito.

3. (FEI-SP) Assinalar a alternativa que indica a função sintática exercida pelas orações destacadas, nos seguintes períodos:

I. Insistiu em que permanecesse no clube.

II. Não há duvida de que disse a verdade.

III. É preciso que aprendas ser independente.

IV. A verdade é que não saberia viver sem ela.

a) sujeito – objeto direto – complemento nominal – predicativo do sujeito.
b) predicativo do sujeito – complemento nominal – objeto direto – sujeito.
c) sujeito – predicativo do sujeito – objeto indireto – complemento nominal.
d) objeto indireto – complemento nominal – sujeito – predicativo do sujeito.
e) complemento nominal – sujeito – predicativo do sujeito – objeto indireto.

4. (Epamig-MG) Indique a frase que apresenta a palavra "se" como pronome apassivador:

a) "Se não chego a tempo..."
b) "Afastou-se o diretor, pisando forte."
c) Apagaram-se as luzes.
d) Precisa-se de responsabilidade.
e) Deu-se pressa em sair.

5. (FOC-SP) No período: "Falsos conceitos, meia ciência por parte de professores, complicação e pedantismo de nomenclatura vazia, tudo isso produziu e produz nos alunos uma sadia aversão pela 'análise lógica'". A expressão **pela análise lógica** é:

   a) adjunto adnominal.
   b) agente da passiva.
   c) complemento nominal.
   d) objeto indireto.

6. (UEL-PR) Assinale a alternativa correspondente ao período em que há agente da passiva.

   a) O rapaz foi preso por um investigador, compadre do Bertolão.
   b) O coração não resistiu à prova.
   c) Não o sabíamos doente.
   d) Tão grande e forte, não era resistente à bebida.
   e) Seu apartamento fora interditado poucas horas depois do crime.

7. (Febasp)

   "E agora, José?
   A festa **acabou**
   A luz **apagou**
   O povo **sumiu**
   A noite **esfriou**..." (Carlos Drummond de Andrade)

   Em relação aos verbos destacados, pode-se afirmar que:

   a) os verbos são todos transitivos diretos e estão no pretérito imperfeito.
   b) os verbos são todos transitivos diretos, embora o objeto direto não esteja expresso; e os verbos estão no pretérito perfeito.
   c) o primeiro e o segundo verbos são transitivos diretos e os últimos são transitivos indiretos e estão no pretérito mais-que-perfeito.
   d) todos os verbos destacados são intransitivos e estão no pretérito perfeito.

8. (UFU-MG) No período "Quando enxotada por mim foi pousar na vidraça", qual a função sintática de **por mim**?

   a) objeto direto.
   b) sujeito.
   c) objeto indireto.
   d) complemento nominal.
   e) agente da passiva.

9. (ESPM-SP) Não me preocupa o futuro. Julgo-me capaz de enfrentar qualquer dificuldade. Os termos destacados são, respectivamente:

   a) sujeito – objeto direto – objeto direto – objeto indireto.
   b) objeto indireto – objeto direto – objeto indireto – complemento nominal.

c) objeto direto – objeto direto – predicativo do objeto – adjunto adnominal.
d) objeto indireto – sujeito – sujeito – objeto direto.
e) objeto direto – sujeito – predicativo do objeto – objeto direto.

10. (FMU-SP) Observe os termos destacados:

Alugam-se ***vagas.***

Precisa-se ***de faxineiros.***

Paraibana expansiva *machucou-se.*

Eles exercem, respectivamente, a função sintática de:

a) objeto direto, objeto indireto, objeto direto.
b) sujeito, sujeito, sujeito.
c) sujeito, objeto indireto, objeto direto.
d) sujeito, objeto indireto, sujeito.
e) sujeito, sujeito, objeto direto.

GABARITO

1 – D	2 – B	3 – D
4 – C	5 – C	6 – A
7 – D	8 – E	9 – E
10 – D		

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

CAPÍTULO 3

TERMOS ACESSÓRIOS DA ORAÇÃO

Após estudar os termos que completam o significado de verbos (objeto direto e objeto indireto) e de nomes (complemento nominal), bem como do agente da passiva, sua missão agora será estudar e compreender os termos que desempenham uma função secundária, ora de caracterização do substantivo, ora para expressar circunstâncias diversas.

São três os termos acessórios da oração: o adjunto adnominal, o adjunto adverbial e o aposto.

3.1 ADJUNTO ADNOMINAL

É o termo acessório da oração que tem por finalidade a caracterização ou a determinação de um substantivo.

Observe nos exemplos abaixo as classes morfológicas que funcionam como adjunto adnominal:

- **Os** rapazes encontraram **uma** mulher perdida.
  ↳ artigos ↲
- O **enigmático** sonho levou a **bela** garota ao êxtase.
  ↳ adjetivos ↲
- **Nosso** hino é o mais belo. **Aqueles** outros são **nossas** composições.
  ↳ pronomes adjetivos ↲ ↲

Numerais adjetivos

▹ Havia dois bandidos do lado de fora do banco; os outros três meliantes renderam o vigilante.

▹ Uma dor de cabeça o impediu de assistir ao show dos alunos.

Locuções adjetivas

▹ Ontem eu fui à casa que me será dada por herança.

Oração adjetiva

⇨ **Observações importantes:**

a) Lembre-se de que alguns pronomes, classificados geralmente como oblíquos, podem exercer a função sintática de adjunto adnominal. Neste caso, passam literalmente à função morfológica de pronomes possessivos. São eles: me, te, lhe, nos, vos, lhes.

Exemplos:

▹ Todos que chegavam beijavam-lhe as mãos. (⇨ Leia:... beijavam as mãos dele)

adjunto adnominal

> Não confunda o "lhe" na função de possessivo com o "lhe" na função de objeto indireto ou na função de complemento nominal.

▹ Aquele susto arrepiou-nos os cabelos. (⇨ Leia:... arrepiou os nossos cabelos)

adjunto adnominal

adjunto adnominal

▹ Machucaram-te apenas face direita? (⇨ Leia: Machucaram apenas a tua face direita?)

▹ "Desventurado, o seu coração de fogo queimou-lhe o viço da existência ao despertar dos sonhos do amor que o tinham embalado." (A. Herculano)

▹ "Não lhe sei o nome, nem que lho soubera o diria." (Camilo)

b) Não confunda o adjunto adnominal com o complemento nominal quando formado por locução adjetiva e esta locução se referir a um substantivo. Para evitar tal equívoco, sugerimos alguns critérios:

COMPLEMENTO NOMINAL	ADJUNTO ADNOMINAL
Sempre indica o ser passivo (recebedor da ação)	Sempre indica o ser ativo (agente da ação)
Tem por base um verbo transitivo	Não tem por base um verbo transitivo
Não indica posse	Sempre indica posse
Completa geralmente o sentido de um substantivo abstrato.	Completa geralmente o sentido de um substantivo concreto.

Acompanhe os exemplos abaixo e perceba as diferenças:

- A intervenção do diretor provocou indignação na empresa.
  complemento ou adjunto?

Questione: O diretor interveio ou recebeu a intervenção? Óbvio que ele interveio. Logo é o ser ativo, agente da ação. Ademais, podemos dizer: "A intervenção dele provocou indignação na empresa". Ora, se é a intervenção dele, o termo "do diretor" indica posse. Portanto, não restam mais dúvidas, o termo é um adjunto adnominal.

- A eleição do novo diretor deixou em euforia toda a empresa.
  complemento ou adjunto?

Questione: O diretor está elegendo alguém ou está sendo eleito? Ele está sendo eleito. Logo, indica o ser passivo, recebedor da ação. Podemos dizer: "Eleger o novo diretor". Observe que o substantivo "eleição", neste caso, possui por base um verbo transitivo direto. Logo, o termo "do novo" diretor é um complemento nominal.

Observe outros exemplos:

- O pedido $\overset{\text{adjunto adnominal}}{\underline{\text{da empresa}}}$ já foi atendido. (➾ A empresa fez o pedido. Representa o ser ativo)
- O pedido $\overset{\text{complemento nominal}}{\underline{\text{de socorro}}}$ foi ouvido ao longe. (➾ O socorro está sendo pedido. Representa o ser passivo)

complemento nominal
- O empréstimo **do dinheiro** salvou a empresa. (➾ O dinheiro está sendo emprestado. É o ser passivo)

adjunto adnominal
- O empréstimo **do banco** salvou a empresa. (➾ O banco está emprestando. É o ser ativo.)

adjunto adnominal
- Os bolinhos **de feijão** alegravam os meninos na hora do almoço.

complemento nominal
- A plantação **de feijão** foi devastada por uma praga.

adjunto adnominal
- A resposta **do entrevistado** surpreendeu a todos.

complemento nominal
- A resposta **ao entrevistado** provocou-lhe tristeza.

➾ **Observação:**

Perceba que o critério do "ser passivo" (complemento nominal) e do "ser ativo" (adjunto adnominal) praticamente resolve toda a celeuma. Use os outros critérios se ainda restar alguma dúvida.

c) Não confunda também o adjunto adnominal com um predicativo do objeto. Neste último, a qualidade atribuída ao objeto é necessária, essencial, logo, não passível de ser retirada da estrutura oracional; fato que não ocorre com o adjunto adnominal que é termo acessório e, como o próprio nome já sugere, pode ser retirado da oração. Para evitar confusões, adote o seguinte procedimento:

   – transforme o objeto direto em um pronome oblíquo;
   – perceba se o adjetivo que a ele se refere se mantém de forma lógica dentro da estrutura;
   – se ele permanecer, será um predicativo; se não for possível a sua manutenção, é porque é um adjunto adnominal.

Observe:

- Resolvi hoje no colégio uma prova difícil. ("Difícil" é um predicativo ou um adjunto do substantivo "prova"?)
- Resolvi-a hoje no colégio. (Observe que o adjetivo "difícil" não se manteve, logo é um "adjunto adnominal").

- Achei a prova muito difícil. ("Difícil" é um predicativo ou um adjunto adnominal do substantivo "prova"?)
- Achei-a muito difícil. (Observe que o adjetivo "difícil" se manteve, logo é um "predicativo do objeto").
- Todos pegaram na biblioteca o livro recomendado pela professora. ("recomendado" = adjunto adnominal).
- Encontraram o livro rasgado. ("rasgado" = predicativo do objeto)

3.2 ADJUNTO ADVERBIAL

É o termo acessório da oração que, com ou sem preposição, refere-se a um verbo, a um adjetivo ou a um advérbio atribuindo-lhes alguma circunstância. Em sintaxe, o adjunto adverbial é exercido pelos advérbios e pelas locuções adverbiais. Este termo representa o "caso ablativo" do latim.

Observe:

adjunto adverbial adjunto adverbial
- Hoje o Presidente da República irá ao Congresso na parte da tarde para a obtenção de apoio.

adjunto adverbial

adjunto adverbial adjunto adverbial
- Raramente o país investe em educação como os outros países da América do Sul.

adjunto adverbial adjunto adverbial
- Muitos hoje em dia morrem de fome por causa da insensibilidade de alguns.

adjunto adverbial

Por expressarem circunstâncias, os adjuntos adverbiais possuem várias classificações. Destacamos as principais:

a) de lugar ➾ No país do carnaval, só samba quem tem dinheiro.

b) de tempo ➾ Muitos direitos foram suspensos no tempo da ditadura brasileira.

c) de concessão ➾ Apesar das circunstâncias, muitos obtiveram o diploma de bacharel.

d) de assunto ➾ Eles só falavam sobre a derrota do time.

e) de causa ➯ Deixou o emprego por moléstia grave. Durante a tempestade, muitas árvores caíram com o vento.

f) de afirmação ➯ Certamente o presidente da empresa viajará para a Europa.

g) de intensidade ➯ Falou muito, por isso ficou bastante rouco.

h) de dúvida ➯ Talvez o time ganhe na próxima partida.

i) de modo ➯ Deixou às escondidas o local e sorrateiramente entrou no carro que estava aparentemente abandonado.

j) de negação ➯ De modo algum nós aceitaremos as novas cláusulas. Não compactuaremos desse momento.

k) de matéria ➯ Construiu a porta de ferro. Fechou todos os buracos com areia e cimento.

l) de meio ➯ Eles sempre vão de carro à casa dos parentes mais afastados.

m) de finalidade ➯ Estudam bastante para a obtenção do certificado.

n) de condição ➯ Não conseguirás viajar sem o passaporte.

o) de companhia ➯ O Presidente viajará para a Europa com todos os seus ministros.

p) de preço ➯ Aquela casa custará para nós cem mil dólares.

q) de conformidade ➯ Eles sempre dançam conforme a música.

➯ **Observação:**

Mais uma vez salientamos que esse é apenas um rol exemplificativo. Sem dúvida, há outras circunstâncias que podem ser expressadas pelos advérbios e pelas locuções adverbiais.

➯ **Outras considerações importantes:**

a) Não confunda o adjunto adverbial com o agente da passiva quando os termos vierem encabeçados pelas preposições "de, por, pela, pelo, pelas, pelos". Observe:

- Todos estavam oprimidos **pela urgência do caso**. (➯ Agente da passiva = A urgência do caso oprimia a todos)
- O Ministro estava deixando o caso **por negligência própria**. (➯ Adjunto adverbial de causa)

- **Por uma denúncia anônima**, ele foi preso. (⇨ Adjunto adverbial de causa)
- Naquele momento, o orador estava sendo ovacionado **por todos os presentes à convenção**. (⇨ Agente da passiva)

b) Observe que o adjunto adverbial tanto pode ser expresso por um advérbio simples como por uma locução adverbial. As locuções adverbiais são, frequentemente, introduzidas por uma preposição.

- Respeite a eles, pois aqueles homem trabalham de sol a sol.
- Todos ficaram em cima da casa para observar o fenômeno.

c) Lembre-se de que o adjunto adverbial modifica "verbos, adjetivos ou advérbios" atribuindo a eles circunstâncias diversas, enquanto o adjunto adnominal sempre se refere ao substantivo.

3.3 APOSTO

É o termo acessório cuja função é a de esclarecer, explicar, identificar, especificar, resumir um outro termo. O termo a que o aposto se refere sempre será um substantivo ou termo substantivado, uma vez que a função do aposto é típica do substantivo.

Primeiros exemplos:

- O Amazonas, $\underbrace{\text{maior rio navegável do mundo}}_{\text{aposto}}$, está poluído em algumas áreas.
- $\overset{\text{aposto}}{\text{Analista de artes e professor de computação}}$, João Antônio aprecia também bons pratos à japonesa.
- Renato Saraiva, $\overset{\text{aposto}}{\text{procurador do trabalho da 4.ª Região}}$, escreveu vários livros sobre Direito Trabalhista.

Existem vários tipos de apostos. São eles:

a) Aposto explicativo: é o mais comum. Como o próprio nome já enuncia, explica, esclarece o termo a que se refere. Vem sempre isolado por vírgula(s).

Exemplos:

- Edson Arantes do Nascimento, $\overset{\text{aposto explicativo}}{\text{o rei Pelé}}$, consagrou-se como um dos maiores jogadores de todos os tempos.

aposto explicativo

- Em Pernambuco, **um dos grandes produtores de açúcar do Brasil**, a violência cresce diariamente.

- João Pedro, **ajudante de pedreiro**, recebeu um bom abono de férias da empresa.

aposto explicativo

b) Aposto resumitivo ou recapitulativo: é aquele que "resume" uma sequência de termos. Geralmente este tipo de aposto resume substantivos que exercem a função de sujeito. O aposto resumitivo é frequentemente exercido por um pronome indefinido.

Exemplos:

- O mar, os céus, a terra, **tudo** apregoa a glória de Deus.

aposto resumitivo

- Dançar, nadar, brincar, **nada** lhe interessava.

aposto resumitivo

c) Aposto especificativo: é aquele que se refere a um substantivo de sentido geral particularizando-o, especificando-o, indicando-lhe a espécie à qual pertence. Esse tipo de aposto dispensa a pontuação.

Exemplos:

- O iluminista **Thomas Hobbes**, autor de "Leviatã", morreu em 1679.

aposto especificativo

aposto especificativo

- O poeta **Carlos Drummond de Andrade** foi uma das maiores expressões do Modernismo.

> Perceba que a base deste tipo de aposto é a especificação, a delimitação. Observe que, entre tantos poetas, a oração especifica que a informação se refere apenas a Carlos Drummond de Andrade.

- A cidade **de Palmares** fica a cerca de 120Km da cidade **de Recife**.

aposto especificativo aposto especificativo

- Meu melhor amigo **Cláudio** é um especialista em eletricidade.

aposto especificativo

- O mar **Mediterrâneo** foi alvo de muitas disputas na Antiguidade.

aposto especificativo

- O colégio **Contato** fica na rua **Dom Bosco**.

aposto especificativo aposto especificativo

d) Aposto enumerativo: este tipo cria uma enumeração ou indica uma quantidade do termo a que se refere. Este tipo de aposto faz uso frequente dos dois pontos e, mais raramente, da vírgula e do travessão.

Exemplos:

- Para um homem evoluir são necessárias três coisas: uma grande mulher, uma boa família e a presença de Deus.
  aposto enumerativo

- Em sua viagem, Mário conheceu dois grandes expoentes da Literatura mundial: José Saramago e Antonio Candido.
  aposto enumerativo

e) Aposto de oração: é aquele que sintetiza o conteúdo semântico de toda uma oração. Não se deve confundi-lo com o aposto resumitivo. Este resume termos, aquele faz a síntese de toda uma oração ou orações.

Exemplos:

- A niveladora jogou neve para dentro do jardim, fato que o deixou muito irritado.
  aposto de oração

- aposto de oração
  Muitos sem-terras se aglomeram em frente do Ministério, sinal de uma grande manifestação.

- aposto de oração
  Alguns alunos zombavam do professor, o que irritou profundamente o diretor do colégio.

- Os primeiros a chegar sugeriram que o acampamento fosse levantado à esquerda do lago, ideia que muito agradou aos líderes da excursão.
  aposto de oração

⇨ Considerações importantes:

a) Não confunda o aposto especificativo com o adjunto adnominal nem com o complemento nominal. Observe:

- A cidade de São Paulo tornou-se a maior metrópole da América Latina.
  aposto especificativo

O objetivo do termo é especificar uma cidade entre as várias cidades existentes.

- Os moradores **de São Paulo** sofrem com os engarrafamentos.
  adjunto adnominal

> Já aqui o termo (formado pela locução adjetiva) indica uma qualidade. "Os moradores paulistas" (ou paulistanos).

- A construção **de São Paulo** durou vários séculos.
  complemento nominal

> Neste último, o termo indica o ser passivo, recebedor da ação.

- aposto especificativo
  O poeta **Drummond** foi o autor de vários poemas, dentre os quais se destaca "mãos dadas".

- Os poemas **de Drummond** servem de base para muitos poetas de hoje.
  adjunto adnominal

b) Há um tipo especial de termo, colocado em aparente aposição – entre vírgulas, geralmente –, que recebe o nome de "aposto circunstancial". Esta classificação é defendida por estudiosos de peso da nossa língua, como os professores Mário Barreto, José Oiticica e Cláudio Brandão. Em nossa análise, corroborando com o professor Adriano da Gama Kury, em seu livro "Novas lições de análise sintática", preferimos classificar este termo não como aposto circunstancial, mas como "predicativo circunstancial", por causa do caráter essencialmente qualificador deste termo.

- "Os castanheiros, **grandes e concentrados**, ouviam subir a seiva." (Eça de Queiroz, apud Adriano G. Kury)
- "Lembra-se como, **em menino**, me tratava?"
- Meu pai, **quando jovem**, era amantíssimo das letras.

3.4 VOCATIVO

É o termo da oração (não entra em nenhuma classificação, uma vez que nem pertence ao sujeito nem ao predicado) cujo objetivo é interpelar, chamar, invocar alguém de forma mais ou menos enfática.

Nota: Na fala o vocativo é pronunciado com entonação enfática. Na escrita é sempre marcado pela presença de algum sinal de pontuação que o isole dentro da estrutura oracional. Geralmente esse papel de isolar o vocativo é exercido pela vírgula.

▷ Maria, ó Maria, vem logo, não demores.
vocativos

▷ Afasta-te daqui, criatura nojenta!
vocativo

▷ Tenha cuidado, meu filho, a vida não é fácil.
vocativo

➪ Consideração importante:

Não se esqueça de que a pontuação é fundamental para a identificação do vocativo, além, é claro, do objetivo do termo que é, como já vimos, chamar, interpelar. A ausência, o esquecimento, ou mesmo a retirada proposital da pontuação pode alterar completamente a função sintática do termo. Veja:

sujeito simples
▷ Carlos Antônio teve a sua dissertação de mestrado aprovada com louvor pela banca examinadora.

vocativo sujeito
▷ Carlos, Antônio teve a sua dissertação de mestrado aprovada com louvor pela banca examinadora.

sujeito vocativo
▷ Carlos, Antônio, teve a sua dissertação de mestrado aprovada com louvor pela banca examinadora.

3.5 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (Univ. Fed. de Ouro Preto-MG) Dos termos destacados, **só não é** predicativo do sujeito:

a) "Os outros fingiam acreditar, **desconfiados.**"
b) "Manarairema esperou **impaciente.**"
c) "... enquanto os homens andavam **ativos**..."
d) "Se eles são **soberbos**, nós também..."
e) "Ninguém almoçou **direito**, receando..."

2. (U. Cuiabá-MT)

   "Dois pais conversam sobre o futuro dos filhos:

   – O que seu filho vai ser quando terminar o primeiro grau? – pergunta ***um*** *deles.*

   – Pelo jeito, acho que vai ser ***um*** *velho de barbas brancas... – responde o outro".*

   Um*, analisando-se morfológica e sintaticamente, é, respectivamente:*

   a) artigo indefinido e adjunto adnominal / artigo indefinido e adjunto adnominal.
   b) pronome adjetivo e objeto direto / artigo indefinido e objeto direto.
   c) pronome substantivo indefinido e sujeito / artigo indefinido e adjunto adnominal.
   d) pronome adjetivo definido e adjunto adnominal / numeral cardinal e sujeito.
   e) pronome adjetivo definido e adjunto adnominal / numeral cardinal e objeto direto.

3. (UM-SP) "Apesar de vistosa, a construção acelerada **daquele edifício** deixou-**nos insatisfeitos** novamente".

   Os termos em destaque no período são, respectivamente:

   a) adjunto adnominal, objeto indireto, adjunto adverbial.
   b) complemento nominal, objeto direto, adjunto adverbial.
   c) adjunto adnominal, objeto direto, predicativo do objeto.
   d) complemento nominal, objeto direto, predicativo do objeto.
   e) adjunto adnominal, objeto indireto, adjunto adnominal.

4. (UFSC) Observe os períodos abaixo e assinale a alternativa em que **lhe** é adjunto adnominal.

   a) "... anuncio-lhe: Filho, amanhã vai comigo.
   b) O peixe caiu-lhe na rede.
   c) Ao traidor, não lhe perdoaremos jamais.
   d) Comuniquei-lhe o fato ontem pela manhã.
   e) Sim, alguém lhe propôs emprego.

5. (Fuvest-SP) Nos enunciados abaixo, há adjuntos adnominais e apenas um complemento nominal. Assinale a alternativa que contém o complemento nominal.

   a) faturamento das empresas.
   b) ciclo de graves crises.
   c) energia desta nação.
   d) história do mundo.
   e) distribuição de poderes e renda.

6. (Fuvest-SP) Assinalar a oração que começa com um adjunto adverbial de tempo.

   a) Com certeza havia um erro no papel do branco.
   b) No dia seguinte Fabiano voltou à cidade.
   c) Na porta, (...) enganchou as rosetas das esporas...

d) Não deviam tratá-lo assim.
e) O que havia era safadeza.

7. (ESPM-SP) "Fogão Continental 2001 Grand Prix II: nossa homenagem **ao bom gosto da mulher brasileira**." As expressões destacadas são, respectivamente:

a) sujeito, complemento nominal.
b) complemento nominal, sujeito.
c) adjunto adnominal, objeto direto.
d) complemento nominal, complemento nominal.
e) complemento nominal, adjunto adnominal.

8. (Faap-SP)

"Sete anos de pastor Jacó servia Labão, pai de Raquel, serrana bela".

Identifique a análise ***errada****.*

a) sete anos – adjunto adverbial.
b) de pastor – adjunto adnominal.
c) Jacó – sujeito.
d) pai de Raquel – aposto de Labão.
e) serrana bela – aposto de Raquel.

9. (PUC-SP) "Só pessoas **sem visão** não admitem que, neste setor, existe **oferta** considerada condizente **com a procura**".

Assinale a alternativa em que se apresenta ***corretamente*** *a função sintática dos termos em destaque, respeitando-se a ordem em que elas ocorrem no período.*

a) adjunto adnominal, objeto direto, complemento nominal.
b) adjunto adverbial, objeto direto, adjunto adnominal.
c) adjunto adnominal, sujeito, complemento nominal.
d) adjunto adverbial, sujeito, complemento nominal.
e) adjunto adnominal, objeto direto, adjunto adnominal.

10. (UEL-PR) "Ainda que surgissem poucos **recursos** para o projeto, todos mostravam-se satisfeitos com a boa vontade **do chefe**".

As palavras em destaque no período exercem, respectivamente, a função sintática de:

a) objeto direto, complemento nominal.
b) sujeito, objeto indireto.
c) objeto direto, adjunto adnominal.
d) objeto direto, objeto indireto.
e) sujeito, adjunto adnominal.

GABARITO

1 – E	2 – C	3 – D
4 – B	5 – E	6 – B
7 – E	8 – B	9 – C
10 – E		

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

CAPÍTULO 4

SINTAXE DO PERÍODO COMPOSTO

Partamos para nosso segundo passo dentro de sintaxe. Nos capítulos anteriores, percebemos a interação entre os termos de uma oração e classificamos a função deles. Neste capítulo, continuaremos a estudar as funções sintáticas estabelecidas não mais agora entre os termos simples de uma oração, mas entre as orações. Logo, não se preocupe: o assunto é fácil. Uma orientação, porém, segue: é importante que as noções do que é um sujeito, um objeto direto, um objeto indireto etc. tenham sido bem assimiladas. Afinal, reiterando o já dito, vamos estudar todos esses termos em forma de orações. *Boa viagem!*

4.1 CONCEITOS ESSENCIAIS

Como já dissemos, o nosso estudo versa sobre o período. Período é a frase que se estrutura em oração ou orações. Daí o período ser classificado em:

a) Período simples ➾ formado por uma única oração denominada de oração absoluta.

b) Período composto ➾ formado por mais de uma oração.

Para a sintaxe de período só interessa o período composto, aquele formado por duas ou mais orações. Para a construção desse período composto, dois processos sintáticos são utilizados:

a) A coordenação ➾ as orações mantêm uma independência sintática umas das outras, ou seja, uma oração não exerce uma função sintática (sujeito,

objeto direto, objeto indireto, complemento nominal etc.) para a outra. Há tão somente uma dependência semântica (de sentido) entre as orações do período coordenado.

b) A subordinação ⇨ as orações estão ligadas umas às outras — dependência — não só por um vínculo semântico, mas principalmente por um vínculo sintático, isto é, uma oração vai exercer uma função sintática para a outra. Por isso, uma oração, no período subordinado, só subsistirá se a outra também existir e vice-versa.

É possível também que um período seja formado tanto por orações coordenadas quanto por orações subordinadas. Nesse caso, ele é denominado de *período composto por coordenação e por subordinação, ou período misto* (período complexo).

Primeiros exemplos:

1.ª oração

- O Conselho de Defesa Nacional é órgão de consulta do Presidente da República e atua em casos específicos.

2.ª oração

Período coordenado. Leia: O Conselho de Defesa Nacional é órgão de consulta do Presidente. O Conselho de Defesa Nacional só atua em casos específicos.

1.ª oração

- Quando o Presidente e o Vice-presidente não assumirem o cargo no prazo de dez dias a partir da posse, o cargo será declarado vago.

2.ª oração

Período subordinado. Perceba que uma oração não faz sentido sem a outra e que a primeira indica o tempo para o fato da outra oração.

- Ele disse que amanhã irá ao show se não chover e se não houver aquele engarrafamento que tanto tem infernizado a vida dos paulistanos.

Período misto. Há cinco orações.

No último período acima, observe que há cinco orações: a primeira (*Ele disse*) que é a oração principal; a segunda (*que irá ao show amanhã*), subordinada à primeira; a terceira (*se não chover*) e a quarta (*se não houver aquele*

engarrafamento) subordinadas à segunda; e, por fim, a quinta (*que tanto tem infernizado a vida dos paulistanos*), subordinada à quarta. Perceba que entre a terceira e a quarta oração há um processo de coordenação. Por isso, esse período é denominado de período misto.

⇨ Considerações importantes:

a) Para se descobrir quantas orações existem em um período, em geral, basta contar o número de verbos ou de locuções verbais presentes na estrutura. Portanto, ao analisar um período, primeiro destaque os verbos e/ou as locuções verbais.

Observe:

▹ "Na hipótese de nenhum candidato **alcançar** maioria absoluta na primeira votação, **far-se-á** nova eleição no último domingo de outubro do ano anterior ao término do mandato presidencial vigente, **concorrendo** os dois candidatos mais votados e **considerando**-se eleito, agora em segundo turno, aquele que **obtiver** a maioria dos votos válidos." (CF, art 77, *caput*)

b) Para a construção do período composto, as conjunções, os pronomes relativos, algumas preposições e alguns advérbios possuem papel fundamental. Serão essas classes morfológicas que farão a ligação (funcionarão como uma "ponte") entre as orações. A esses elementos de união a gramática denomina de "conectores" ou "elementos de conexão" ou ainda "articuladores".

Observe:

▹ **Enquanto** exerce funções típicas, o órgão executivo pratica atos de chefia de estado, chefia de governo e atos de administração. **Quando** atua atipicamente, o órgão executivo legisla **uma vez que** pode emitir medidas provisórias.

Após essas noções introdutórias, estudaremos passo a passo, a formação do período composto tanto por coordenação quanto por subordinação.

Para que o nosso estudo obtenha sucesso, é fundamental que o estudante:

⇨ tenha apreendido as funções dos elementos de conexão, principalmente das conjunções. Logo, se ainda restar alguma dúvida ou se não se lembrar direito do assunto, sugiro que estude "conjunção".

⇨ não procure decorar as conjunções, mas sim apreender-lhes o sentido e, acima de tudo, apreender a relação que a conjunção promove. Observaremos

que, muitas vezes, uma mesma conjunção promoverá diversas relações. Portanto, não se desespere! Com o tempo você aprovisionará as diversas relações promovidas pela mesma conjunção.

⇨ não se preocupe demasiadamente com a nomenclatura gramatical: oração subordinada substantiva tal ou qual; oração subordinada adverbial "X", reduzida de infinitivo. A maioria dos institutos elaboradores de provas para concursos (públicos e vestibulares) já não mais questiona essa classificação — querem saber, sim, a relação promovida pela conjunção, pelo pronome relativo, pelos conectores em geral. Esses nomes rebuscados têm assustado e desestimulado até os mais afeitos à Língua Portuguesa. Mais uma vez, portanto, insisto: procure, a partir de agora, entender as relações entre as orações, promovidas pelos conectivos. Bom estudo!

4.2 PERÍODO COMPOSTO POR COORDENAÇÃO

4.2.1 ORAÇÕES COORDENADAS

O período coordenado é aquele em que aparecem orações sintaticamente independentes umas das outras. Saliente-se que a independência é sintática, pois no período coordenado sempre existirá uma dependência semântica (= de sentido), de forma que a retirada de uma oração prejudica o sentido do enunciado. Por isso, diz-se que no período coordenado há vínculo semântico, mas não há vínculo sintático.

Como não existe o vínculo sintático, as orações no período coordenado classificam-se pela presença ou não das conjunções coordenadas. Daí elas serem:

4.2.1.1 Assindéticas

Quando não possuem conjunção, conectivo; apresentam-se justapostas.

Observe:

$\triangleright$ $\underbrace{\text{Todos saíram mais cedo,}}_{\text{oração assindética}}$ $\underbrace{\text{foram para um barzinho próximo à faculdade.}}_{\text{oração assindética}}$

$\triangleright$ "$\underbrace{\text{Raspou, achou, ganhou.}}_{\text{orações assindéticas}}$" *(Slogan publicitário.)*

4.2.1.2 Sindéticas

Quando se ligam às outras pelas conjunções coordenativas. As conjunções coordenadas são de cinco tipos e podem expressar as relações de "adição, alternância ou disjunção, oposição adversativa, conclusão e explicação".

4.2.1.2.1 Coordenadas aditivas

São aquelas que exprimem adição, soma de pensamentos, acréscimo de ideias, simultaneidade de ações.

As principais conjunções aditivas são: e, nem, mas também, mas ainda, senão também, bem como, como também, que (= e).

- Muitos deixaram o local consternados e foram para a delegacia.
- Os pensamentos não só fazem bem à alma, **mas também** possibilitam a ajuda ao próximo.
- O conferencista discursou sobre a poluição mundial, **como também** falou sobre os efeitos do lixo industrial.
- Não fez o exame hoje **nem** foi ao curso de inglês.
- Estuda **que** estuda, e não consegue aprovação no concurso.

⇨ **Observação:**

Nem sempre a conjunção "e" funcionará como aditiva. Nas construções abaixo, ela aparece como coordenada adversativa. Perceba:

- Estudou tudo, **e** não passou no exame. (e = mas)
- Trabalhou muito, **e** não obteve sucesso. (e = mas)

4.2.1.2.2 Coordenadas adversativas

São aquelas que promovem oposição, ressalva, contraste. A ideia contida na oração adversativa se contrapõe à da oração assindética.

As principais conjunções adversativas são: mas, porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto, ao passo que, senão (= do contrário, mas sim, porém), antes (= mas, pelo contrário).

- Aprecia frutos do mar, **mas** não gosta de lagosta.
- Não foi ao shopping, **antes** preferiu o velho futebol do sábado à tarde.
- Eu sou pobre, **ao passo que** ele é muito rico.
- Ele gosta muito da praia, **entretanto** não aprecia muito os vendedores ambulantes.
- Não obteve a aprovação desejada, **senão** vaias de todos os lados.

➪ Observações:

a) A oração adversativa equivale à oração subordinada concessiva, uma vez que ambas promovem as relações de oposição. Observe:

- Ele não bebe, mas fuma muito. ➪ Embora fume muito, ele não bebe.

b) A conjunção coordenada adversativa pode aparecer deslocada dentro da oração sindética. Quando isso acontece, o emprego da vírgula se torna obrigatório para isolar a conjunção. Veja:

- Sempre apreciou vinhos do porto, **mas** os bebe moderadamente.
- Sempre apreciou vinhos do porto; bebe-os, **porém**, moderadamente. (Conjunção deslocada)
- Sempre apreciou vinhos do porto; bebe-os moderadamente, **contudo**. (Conjunção deslocada)

c) Algumas bancas elaboradoras de provas têm explorado as palavras "entretanto" e "no entanto" não como conjunções adversativas, mas como advérbios de tempo, com o sentido de "entrementes, neste ínterim, nesse momento". Observe os exemplos abaixo:

nesse ínterim, nesse meio-tempo

- Todos velavam o corpo na sala. **Entretanto**, João, o viúvo, conversava longamente no jardim com uma comadre.

Este advérbio de tempo equivale a "entrementes".

nesse tempo, nesse momento

- A música da orquestra penetrou na sala. **No entanto**, todos olhavam de um lado para o outro querendo saber de onde vinha aquela melodia.

nesse tempo, nesse meio-tempo

- O jogador fora para o Japão a fim de disputar um campeonato. **Entretanto**, nasceu sua filha, bela e de olhos verdes.

4.2.1.2.3 Coordenadas alternativas

São aquelas que expressam uma alternância, uma disjunção.

As principais conjunções alternativas são: ou, ou... ou, ora... ora, quer... quer, seja... seja, já... já, talvez... talvez.

- **Ora** o rapaz levantava um braço, **ora** coçava a cabeça, **ora** se espremia na cadeira.
- Responda todo o capítulo do livro **ou** não sairá no intervalo.
- **Quer** ele falasse, **quer** ele ficasse calado, todos o recriminavam.

4.2.1.2.4 Coordenadas conclusivas

São aquelas que exprimem uma conclusão, uma dedução lógica da ideia contida na oração precedente.

As principais conjunções conclusivas são: logo, pois (posposto ao verbo), portanto, por isso, por conseguinte.

- Ele estuda bastante, **logo** será aprovado em breve.

- A testemunha foi intimada, **por conseguinte** deveria comparecer.
- A empresa não enviou a proposta, **portanto** está fora da licitação.

4.2.1.2.5 Coordenadas explicativas

São aquelas que justificam a informação da oração precedente; fornecem, portanto, uma explicação, um motivo.

As principais conjunções explicativas são: que, porque, pois (anteposto ao verbo), porquanto.

- Não corra, **que** você pode cair.
- Saia da sala agora, **porque** não aceito malcriações.
- Não desanime, **pois** o ânimo é a alma do negócio.

Observação:

Não se esqueça de que após orações imperativas (aquelas que dão "ordem" ou fazem um "pedido"), a estrutura que se segue é geralmente explicativa. Veja:

- Não deixe os estudos, $\underbrace{\text{porque a vida não está fácil.}}_{\text{oração coordenada explicativa}}$

4.2.2 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

Orações Coordenadas

1. Teimou em contratar os serviços de uma empresa, se bem que não houvesse necessidade.

   Comece com: Não havia necessidade...

   a) porém
   b) ainda que
   c) visto que
   d) portanto
   e) porque

2. (UCDB-MT) "Podemos falar qualquer coisa: estou absolutamente calmo".

   Os dois-pontos do período acima poderiam ser substituídos pela conjunção:

   a) e.
   b) portanto.
   c) logo.
   d) pois.
   e) mas.

(FCC-PR) As questões de 3 a 8 apresentam um período que você deverá modificar, iniciando-o conforme se sugere, **mas sem alterar a ideia contida no primeiro.** Em consequência, outras partes da frase sofrerão alterações. Assinale a alternativa que contém o elemento adequado ao novo período.

Exemplo:

Abraçou-me com tal ímpeto, que não pude evitá-lo.

Comece com: Não pude evitá-lo...

a) assim
b) quando
c) à medida que
d) então
e) porque

Neste caso, a resposta correta é E, pois a frase transformada seria:

Não pude evitá-lo, porque abraçou-me com grande ímpeto.

3. Espere até tarde, que ele aparecerá.

   Comece com: Ele aparecerá...

   a) assim que
   b) quando
   c) para que
   d) enquanto
   e) portanto

4. Não se preocupe, que breve estarei de volta.

   Comece com: Breve estarei...

   a) para que
   b) logo que
   c) porém
   d) logo
   e) senão

5. Dada a falta de meios, recorreu à caridade.

   Comece com: Faltavam-lhe os meios...

   a) mas
   b) nem
   c) quando
   d) portanto
   e) visto que

6. Não posso atendê-lo, porque não é lícito o que requereu.

   Comece com: Requereu o que não é lícito...

   a) depois
   b) porém
   c) em que
   d) visto que
   e) portanto

7. Como todos tivessem terminado o trabalho, permiti-lhes que saíssem mais cedo.

   Comece com: Todos já tinham terminado o trabalho...

   a) visto que
   b) porque
   c) contudo
   d) logo
   e) a fim de que

8. Insiste em sair sozinho, conquanto mal conheça a cidade.

   Comece com: Mal conhece a cidade...

   a) por isso
   b) então
   c) no entanto

d) logo
e) em consequência

9. (PUC-RS) "Todos os dias esvaziava uma garrafa, colocava dentro sua mensagem, e a entregava ao mar. Nunca recebeu resposta. Mas tornou-se alcoólatra". (Marina Colasanti)

*O conectivo **mas**, que introduz a conclusão do conto – **tornou-se alcoólatra** –, permite a seguinte interpretação:*

I. A personagem tornou-se alcoólatra porque nunca recebeu uma resposta.

II. O fato aconteceu porque a personagem escreveu muitas mensagens.

III. A solidão sem remédio tem sempre como consequência o vício.

IV. Esvaziou muitas garrafas. Enviou muitas mensagens. Não recebeu resposta. Mas, como tinha bebido todos os dias, tornou-se alcoólatra.

*Analise as afirmações e, a seguir, assinale a alternativa **correta**.*

a) Somente a afirmação IV está correta.
b) Somente a afirmação I está correta.
c) Somente as afirmações I e II estão corretas.
d) Somente a afirmação III está correta.
e) Somente as afirmações II e III estão corretas.

10. (PUC-SP) "Os infelizes tinham caminhado o dia inteiro, estavam cansados e famintos. Ordinariamente andavam pouco, mas haviam repousado bastante na areia do rio seco, a viagem progredira bem três léguas. Fazia horas que procuravam uma sombra. A folhagem dos juazeiros apareceu longe, através dos galhos pelados da caatinga rala". (Graciliano Ramos, Vidas secas)

*É **correto** dizer que:*

a) a primeira e a segunda orações são coordenadas assindéticas.
b) a primeira oração é coordenada assindética e a segunda é adversativa.
c) há sete orações coordenadas no período.
d) há seis orações coordenadas e duas subordinadas.
e) n.d.a.

4.3 PERÍODO COMPOSTO POR SUBORDINAÇÃO

4.3.1 NOÇÕES INTRODUTÓRIAS

Antes de mais nada, é fundamental lembrar que no período composto por coordenação as orações se classificam em assindéticas (sem conectivo) e sindéticas (com conectivo). Já no período composto por subordinação as orações se classificam em:

a) Oração principal ➾ é aquela que rege a oração subordinada. Não é principal porque contém algo a mais do que a subordinada, mas sim porque possui uma outra oração a qual exercerá uma função sintática em relação àquela.

b) Oração subordinada ➾ é a oração que exercerá uma função sintática (sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, aposto, predicativo, agente da passiva, adjunto adnominal ou adjunto adverbial) para uma outra oração a qual lhe servirá como oração principal.

Observe:

- Ele pediu que ninguém se atrasasse.
  Or. principal — Or. subordinada

- A lei foi promulgada quando o sol já ia se pôr.
  Or. principal — Or. subordinada

- Vi muitos alunos que estudavam no pátio do colégio.
  Or. principal — Or. subordinada

As orações subordinadas podem exercer funções típicas do substantivo, do adjetivo e do advérbio. Daí serem classificadas em:

a) Subordinadas substantivas ➾ exercem as funções típicas de um substantivo que são: sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, aposto, predicativo e agente da passiva.

b) Subordinadas adjetivas ➾ exercem uma função típica do adjetivo, qual seja, "adjunto adnominal".

c) Subordinadas adverbiais ➾ exercem a função típica do advérbio: adjunto adverbial.

4.3.2 ORAÇÕES SUBSTANTIVAS

Antes de entrarmos propriamente no assunto, observe os exemplos abaixo:

- Não convém o retorno dele amanhã. ➾ Não convém que ele retorne amanhã.
  sujeito — sujeito

complemento nominal

- Todos eram favoráveis ao retorno dele amanhã. ➩ Todos eram favoráveis a que ele retornasse amanhã.

complemento nominal

aposto

- Todos desejam uma coisa: o retorno dele amanhã. ➩ Todos desejam uma coisa: que ele retorne amanhã.

aposto

predicativo

- O mais importante era o retorno dele amanhã. ➩ O mais importante era que ele retornasse amanhã.

predicativo

- Todos querem o retorno dele amanhã. ➩ Todos querem que ele retorne amanhã.

objeto direto objeto direto

objeto indireto objeto indireto

- Todos precisam do retorno dele amanhã. ➩ Todos precisam de que ele retorne amanhã.

Creio que tenha percebido que os termos destacados na coluna da direita são representados na esquerda por orações. Logo, o "sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, aposto, predicativo e agente da passiva" podem aparecer tanto como termos simples como em forma de orações. As orações que exercem tais funções são denominadas de "orações subordinadas substantivas".

Recapitulando: Elas são subordinadas porque dependem sintaticamente uma da outra, já que uma exercerá uma função sintática para a outra. São denominadas de substantivas porque exercem funções típicas do substantivo, quais sejam: sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, aposto, predicativo e agente da passiva.

➩ Observação importante:

As orações subordinadas substantivas são geralmente introduzidas pelas conjunções integrantes "**QUE**" ou "**SE**". No entanto, outros conectores podem aparecer com uma função integrante. Passemos agora a estudar detalhadamente uma por uma.

4.3.2.1 Substantivas subjetivas

São aquelas que exercem a função sintática de sujeito para a oração principal. Nesse caso, o verbo da oração principal deverá estar na 3.ª pessoa do singular, uma vez que todas as orações subordinadas substantivas subjetivas não passam de sujeitos oracionais. Veja os exemplos:

▹ Cumpre que todos façam a sua parte.
subjetiva

▹ Anunciou-se que o novo pacote do governo entrará em vigor amanhã.
subjetiva

▹ "Quem com porcos se mistura farelo come". (Dito popular)
subjetiva

▹ Não se sabe como ele conseguiu a vitória.
subjetiva

▹ Parece que a situação vai piorar.
subjetiva

▹ Foi constatado que a testemunha era falsa.
subjetiva

⇨ **Considerações importantes:**

a) Perceba que, quando a oração subordinada é substantiva subjetiva, na oração principal não há sujeito, pois o sujeito da oração principal é a outra (oração subjetiva).

b) Observe que, quando a oração subordinada substantiva for subjetiva, a oração principal apresentará um dos seguintes casos:

- verbo na 3.ª pessoa do singular, na voz ativa, sem menção a sujeito;
- voz passiva sintética (VTD/VTDI + SE)
- voz passiva analítica (locução verbal — v. auxiliar + v. principal no particípio)

4.3.2.2 Substantivas objetivas diretas

São aquelas orações que exercem a função de objeto direto para um verbo transitivo direto ou transitivo direto e indireto que se encontra na oração principal.

VTD objetiva direta

- O governo **anunciou** que as novas medidas só entrarão em vigor no mês de março.

- Que a violência no Brasil possui uma causa social, todos já **sabem**.

objetiva direta VTD

- A Defesa Civil **desconhece** quantos são os desabrigados.

VTD objetiva direta

- Nunca **diga**: desta água não beberei.

VTD objetiva direta

VTDI

- Os diretores **informaram** aos funcionários que a nova escala de trabalho valerá a partir de amanhã.

objetiva direta

4.3.2.3 Substantivas objetivas indiretas

São as orações que exercerão a função sintática de objeto indireto para um verbo transitivo indireto ou transitivo direto e indireto que se encontra na oração principal. As orações objetivas indiretas são sempre introduzidas por uma preposição.

- Nada **obsta** a que você estude mais esta noite.

VTI objetiva indireta

- Nunca se **esqueça** de que a vida não é fácil.

VTI objetiva indireta

- Tudo **depende** de que o avião saia na hora certa.

VTI objetiva indireta

- **Avisei**-o de que a nova diretoria assumirá na próxima semana.

VTDI objetiva indireta

⇨ **Observação:**

Saliente-se, mais uma vez, que as orações objetivas indiretas são introduzidas por uma preposição requerida pela regência de um verbo transitivo indireto ou transitivo direto e indireto. Observe abaixo como se dá esse uso da preposição:

SE DIZEMOS...	DEVEMOS DIZER...
▷ Não dou importância **à** tua intervenção.	▷ Não dou importância **a** que tu intervenhas.
▷ Precisamos **de** sua ajuda.	▷ Precisamos **de** que você ajude.
▷ O diretor se opôs **à** participação dos funcionários.	▷ O diretor se opôs **a** que os funcionários participassem.
▷ Queixou-se **da** ausência dos amigos.	▷ Queixou-se **de** que os amigos estão ausentes.
▷ Insistiu **em** nossa participação no evento.	▷ Insistiu em que nós participássemos do evento.

4.3.2.4 Substantivas completivas nominais

São aquelas que exercem a função de complemento nominal para um nome que se encontra na oração principal. Observe atentamente os exemplos abaixo:

▷ Ele tem sempre a **impressão** de que vozes do outro mundo o chamam.
nome completiva nominal

nome
▷ Os sem-terras desrespeitaram a **recomendação** de que não invadissem aquela parte da fazenda.
completiva nominal

▷ O rapaz mostrava-se profundamente **ansioso** por que sua noiva voltasse.
nome completiva nominal

nome
▷ O Presidente se apresentou bastante **convencido** de que o novo pacote econômico dará certo.
completiva nominal

➾ Observações importantes:

a) O complemento nominal é um termo integrante da oração que obrigatoriamente vem regido por uma preposição. Da mesma forma acontece com a oração completiva nominal. Não raro, entretanto, encontram-se em bons escritores exemplos de complementos nominais oracionais com a preposição oculta. Daí se aceitarem como corretas as seguintes construções:

▷ Mostrava-se desejoso **de** que ele voltasse amanhã. /ou/ ▷ Mostrava-se desejoso que ele voltasse amanhã.

- O jogador estava certo de que ficaria no banco de reservas. /ou/ ▹ O jogador estava certo que ficaria no banco de reservas.
- O orador não tinha dúvidas de que o próximo seria ele. /ou/ ▹ O orador não tinha dúvidas que o próximo seria ele.
- "Estou ansioso que ele chegue e que nos ouça." (Camilo Castelo Branco)
- "Não é preciso dizer que também eu ficara em brasas, ansioso que a aula acabasse." (Machado de Assis)
- "Estou certo, disse ele, piscando-me o olho, que dentro de um ano a vocação eclesiástica do nosso Bentinho se manifesta clara e decisiva." (Machado de Assis)
- "Apenas ela dobrava a esquina o conciliábulo juntava-se logo a cochichar. Tinham a certeza que se ia encontrar com o peralta." (Eça de Queiroz)

b) É importante não confundir as orações completivas nominais com as objetivas indiretas. Para evitar tal equívoco, consulte a diferença entre o objeto indireto e o complemento nominal.

4.3.2.5 Substantivas predicativas

São as orações que exercem a função de predicativo para a oração principal. Convém notar que na oração principal sempre aparecerá um verbo de ligação — geralmente o verbo "SER" — quando a oração subordinada for classificada como predicativa.

- O fundamental é que ele não desfaleça em sua fé.
  VL predicativa
- Quem menos fala **é**, muitas vezes, quem menos sabe.
  VL predicativa
- Minha maior esperança **era** que o dinheiro fosse imediatamente liberado.
  VL predicativa
- O certo **seria** que a lei fosse para todos.
  VL predicativa

4.3.2.6 Substantivas apositivas

Exercem a função de aposto para um substantivo ou termo substantivado presente na oração principal. Geralmente a oração apositiva aparece depois de dois pontos ou, mais raramente, de vírgula.

apositiva

- O pai, preocupado, disse-lhe **isto**: estude bastante para suas provas, meu filho.

- Diga-me agora uma **coisa**, este livro é para concursos públicos?

apositiva

- Uma única **indagação** ficou em discussão: que faria agora ele sem o emprego?

apositiva

⇨ Observação importante:

Não é o fato de conter os dois pontos ou qualquer outro sinal de pontuação que a oração será apositiva. É imprescindível que, primeiro, antes da classificação, perceba-se se a oração efetivamente possui a função de aposto. Observe:

voz passiva analítica

- Na porta da sala **foi escrito** em letras garrafais: "O Senhor é o meu Pastor e nada me faltará."

subordinada substantiva subjetiva

voz passiva sintética

- Na porta da sala **se escreveu** em letras garrafais: "O Senhor é o meu Pastor e nada me faltará."

subordinada substantiva subjetiva

VTD

- Na porta da sala, um painel **avisava** em letras garrafais: "O Senhor é o meu Pastor e nada me faltará."

subordinada substantiva objetiva direta

substantivo

- Na porta da sala, havia um **aviso** em letras garrafais: "O Senhor é o meu Pastor e nada me faltará."

subordinada substantiva apositiva

4.3.2.7 Substantivas agente da passiva

São as orações que exercem a função sintática de agente da passiva. São, assim como o agente da passiva o é, introduzidas por uma das preposições "de, por, pelo, pela, pelos, pelas." Esse tipo de oração não é reconhecido pela NGB — Nomenclatura Gramatical Brasileira.

- Um dia todos nós seremos julgados por quem nos criou.

oração agente da passiva

- Este prédio foi construído por quem entende de construção.
  oração agente da passiva

4.3.3 EMPREGO DA CONJUNÇÃO INTEGRANTE NA SEGUNDA ORAÇÃO SUBSTANTIVA COORDENADA

Quando a uma proposição subordinada substantiva, que começa pela conjunção integrante "que", une-se outra proposição subordinada por meio da conjunção coordenativa aditiva "e" ou da conjunção alternativa "ou", pode-se repetir ou não a conjunção integrante. A repetição confere maior clareza ao enunciado, pois evita que se tome a segunda oração como uma oração principal. Por isso, nos grandes escritores, não raro se encontram exemplos em que há a repetição da conjunção integrante.

Suponha que se queira construir um período composto por subordinação a partir do período simples a seguir:

a diminuição dos juros.
- Pedi ao governo
o aumento do acesso ao crédito.

Teremos então duas possibilidades...

que diminuísse os juros.
- Pedi ao governo
E
que aumentasse o acesso ao crédito.

Ou então...

que diminuísse os juros.
- Pedi ao governo
E
aumentasse o acesso ao crédito. (elipse da conjunção na segunda oração)

Outros exemplos:

- Rogo-te **que** desças ao porto, e lhes saias ao encontro, e os recebas humanamente em tua casa." (Pe. Manuel Bernardes)

- "Quero **que** vejas, **que** ouças, e **que** me digas tudo quanto ele fizer." (Rebêlo da Silva *apud* Mário Barreto)

- "Disseram-lhe **que** estava em Paris e **que** a família se retirara a uma quinta das margens do Minho." (Camilo C. Branco)

- "Um dia em que ele, como sempre, cheio de solicitude, perguntava pelo 'seu doente' disseram-lhe **que** José estava livre de maior perigo e **que** o restabelecimento seria completo com a viagem à Europa." (Aluísio Azevedo)

- "Pareceu-lhe **que** era bastante a sua piedade e ela ia de algum modo dar lenitivo ao sofrimento do padrinho." (Lima Barreto)

- "Era necessário, Sr. Presidente, **que** se estabelecesse a discussão sobre a matéria principal, e **que** os nobres deputados nos dissessem quais são as suas ideias." (Rui Barbosa)

4.3.4 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

Orações Subordinadas Substantivas

1. (PUC-SP) "Pode-**se** dizer **que a tarefa crítica é puramente formal**".

   No texto acima, temos uma oração destacada que é ... e um se que é ... .

   a) substantiva objetiva direta – partícula apassivadora.
   b) substantiva predicativa – índice de indeterminação do sujeito.
   c) relativa – pronome reflexivo.
   d) substantiva subjetiva – partícula apassivadora.
   e) adverbial consecutiva – índice de indeterminação do sujeito.

2. (FCE-SP) "Os homens sempre se esquecem **de que somos todos mortais**". A oração destacada é:

   a) substantiva completiva nominal.
   b) substantiva objetiva indireta.
   c) substantiva predicativa.
   d) substantiva objetiva direta.
   e) substantiva subjetiva.

3. (UCMG) Há oração subordinada substantiva apositiva em:

   a) Na rua perguntou-lhe em tom misterioso: onde poderemos falar à vontade?
   b) Ninguém reparou em Olívia: todos andavam como pasmados.
   c) As estrelas que vemos parecem grandes olhos curiosos.
   d) Em verdade, eu tinha fama e era valsista emérito: não admira que ela me preferisse.
   e) Sempre desejava a mesma coisa: que a sua presença fosse notada.

4. (Cefet-MG) "Já era noite. Parecia viável **que todos entendessem** que, naquele momento, deviam-se lembrar **de que nada é eternamente assim**. Mas nada acontecia. A verdade é **que todos estavam extasiados** e certos **de que não há prazeres no mundo**".

   As orações destacadas são, respectivamente, subordinadas substantivas:

   a) subjetiva, subjetiva, subjetiva e completiva nominal.
   b) subjetiva, objetiva direta, subjetiva e completiva nominal.
   c) objetiva direta, subjetiva, predicativa e objetiva indireta.
   d) subjetiva, objetiva indireta, predicativa e completiva nominal.
   e) objetiva direta, objetiva indireta, predicativa e objetiva indireta.

5. (FIT-SP) No período "Todos tinham certeza **de que seriam aprovados**", a oração destacada é:

   a) substantiva objetiva indireta.
   b) substantiva completiva nominal.
   c) substantiva apositiva.
   d) substantiva subjetiva.
   e) n.d.a.

6. (Faap-SP)

   "Ouvindo-te dizer: Eu te amo, creio, no momento, que sou amado. No momento anterior e no seguinte como sabê-**lo**."

   *O pronome **o** está no lugar da oração:*

   a) ouvindo-te.
   b) dizer.
   c) eu te amo.
   d) que sou amado.
   e) como saber.

7. (F. Objetivo-SP) No período: "É necessário **que todos se esforcem**", a oração destacada é:

   a) substantiva objetiva direta.
   b) substantiva objetiva indireta.
   c) substantiva completiva nominal.
   d) substantiva subjetiva.
   e) substantiva predicativa.

8. (UFAC) No período: "Enfim resolveu o Leão sair para fazer sua pesquisa, verificar **se ainda era o Rei dos Animais**", a oração em destaque é:

   a) subordinada adverbial condicional.
   b) subordinada substantiva objetiva indireta.
   c) subordinada adverbial concessiva.
   d) subordinada substantiva objetiva direta.
   e) subordinada substantiva predicativa.

9. (FEI-SP) Assinale a alternativa em que a oração destacada é uma subordinada completiva nominal.

a) Este é o relatório **de que lhe falei ontem.**
b) Lembraram-se **de que a reunião fora adiada.**
c) Insisto **em que partas logo.**
d) Espalhou-se a notícia **de que ele chegou.**

10. (PUCC-SP) A alternativa em que se encontra uma oração subordinada substantiva objetiva direta iniciada com a conjunção **se** é:

a) Só obteremos a aprovação se tivermos encaminhado corretamente os papéis.
b) Haverá racionamento de águas em todo o país, se persistir a seca.
c) Falava como se fosse especialista no assunto.
d) Se um deles entrasse, todos exigiriam entrar também.
e) Queria saber dos irmãos se alguém tinha alguma coisa contra o rapaz.

11. (UFPA) Qual o período em que há oração subordinada substantiva predicativa?

a) Meu desejo é que você passe nos exames vestibulares.
b) Sou favorável a que o aprovem.
c) Desejo-te isto: que sejas feliz.
d) O aluno que estuda consegue superar as dificuldades do vestibular.
e) Lembre-se de que tudo passa neste mundo.

12. (PUC-SP) Nos trechos "... não é impossível **que** a notícia da morte me deixasse alguma tranqüilidade, alívio, e um ou dois minutos de prazer" e "Digo-vos **que** as lágrimas eram verdadeiras", a palavra **que** está introduzindo, respectivamente, orações:

a) subordinada substantiva subjetiva, subordinada substantiva objetiva direta.
b) subordinada substantiva objetiva direta, subordinada substantiva objetiva direta.
c) subordinada substantiva subjetiva, subordinada substantiva subjetiva.
d) subordinada substantiva completiva nominal, subordinada adjetiva explicativa.
e) subordinada adjetiva explicativa, subordinada substantiva predicativa.

13. (UFV-MG) As orações subordinadas substantivas que aparecem no período abaixo são todas subjetivas, **exceto**:

a) Decidiu-se que o petróleo subiria de preço.
b) É muito bom que o homem, vez por outra, reflita sobre sua vida.
c) Ignoras quanto custou meu relógio.
d) Perguntou-se ao diretor quando seríamos recebidos.
e) Convinha-nos que você estivesse presente à reunião.

14. (UFU-MG) Na frase "argumentei **que não é justo que o padeiro ganhe festas**", as orações destacadas, introduzidas por **que**, são, respectivamente:

a) ambas subordinadas substantivas objetivas diretas.
b) ambas subordinadas subjetivas.

c) subordinada substantiva objetiva direta e subordinada substantiva subjetiva.
d) subordinada objetiva direta e coordenada assindética.
e) subordinada substantiva objetiva direta e subordinada substantiva predicativa.

15. (PUCC-SP) Assinale a alternativa cuja oração subordinada é substantiva predicativa.

a) Espero que venhas hoje.
b) O aluno que trabalha é bom.
c) Meu desejo é que te formes logo.
d) És tão inteligente como teu pai.
e) n.d.a.

16. (UFMG) Na frase: "Maria do Carmo tinha a certeza **de que estava para ser mãe**", a oração em destaque é:

a) subordinada substantiva objetiva indireta.
b) subordinada substantiva completiva nominal.
c) subordinada substantiva predicativa.
d) coordenada sindética conclusiva.
e) coordenada sindética explicativa.

17. (FCMSC-SP) A palavra **se** é conjunção subordinada integrante (por introduzir oração subordinada substantiva objetiva direta) em qual das orações seguintes?

a) Ele se morria de ciúmes pelo patrão.
b) A Federação arroga-se o direito de cancelar o jogo.
c) O aluno fez-se passar por doutor.
d) Precisa-se de pedreiros.
e) Não sei se o vinho está bom.

18. (Fesp-SP) "Lembro-me **de que ele só usava camisas brancas**". A oração em destaque é:

a) substantiva completiva nominal.
b) substantiva objetiva indireta.
c) substantiva predicativa.
d) substantiva subjetiva.
e) n.d.a.

19. (F. Objetivo-SP) "A verdade é **que a gente não sabia nada...**"

Classifica-se a segunda oração como:

a) subordinada substantiva objetiva direta.
b) subordinada adverbial conformativa.
c) subordinada substantiva objetiva indireta.
d) subordinada substantiva predicativa.
e) subordinada substantiva apositiva.

20. (UFSCar-SP) Marque a opção que contém oração subordinada substantiva completiva nominal.

a) "Tanto eu como Pascoal tínhamos medo de que o patrão topasse Pedro Barqueiro nas ruas da cidade".

b) "Era preciso que ninguém desconfiasse do nosso conluio para prendermos o Pedro Barqueiro".

c) "Para encurtar a história, patrãozinho, achamos Pedro Barqueiro no rancho, que só tinha três divisões: a sala, o quarto dele e a cozinha".

d) "Quando chegamos, Pedro estava no terreiro debulhando milho, que havia colhido em sua rocinha, ali perto".

e) "Pascoal me fez um sinalzinho, eu dei a volta e entrei pela porta do fundo para agarrar o Barqueiro pelas costas".

> Continuemos nossa jornada dentro do período composto. Já estudamos as orações coordenadas e as subordinadas substantivas. Espero que a esta altura já saiba discernir entre um período composto por coordenação e um composto por subordinação. É fundamental também ter percebido que as funções sintáticas como o sujeito, o objeto direto, o objeto indireto etc. podem ser expressadas por meio de orações denominadas substantivas. A partir de agora, veremos o adjunto adnominal e o adjunto adverbial em forma de orações. Bons estudos!

4.3.5 ORAÇÕES SUBORDINADAS ADJETIVAS

As orações subordinadas adjetivas são aquelas que possuem o valor de um adjetivo; exercem a função sintática de adjunto adnominal de um substantivo ou pronome antecedente.

A principal característica das orações adjetivas é que são introduzidas por um pronome relativo (que, quem, onde, o qual, a qual, os quais, as quais, cujo, cuja, cujos, cujas, quanto, quanta, quantos e quantas). Por isso, as orações adjetivas são também denominadas de "orações relativas".

4.3.5.1 Emprego e funções sintáticas dos pronomes relativos

Antes de estudarmos as orações adjetivas, convém analisar e conhecer melhor os ditos pronomes relativos. Frequentemente estes pronomes têm sido usados para a construção de inúmeras questões as quais, não raro, embaraçam os candidatos. Neste momento, é importante que o estudante apreenda o emprego de cada um deles bem como a função sintática exercida na oração. Vamos lá!

1. Que ➾ É denominado de "relativo universal", porque se refere tanto a coisas quanto a pessoas. Seus equivalentes variáveis são "a qual, o qual, as quais, os quais". O relativo "que" só deve ser substituído por outro relativo em casos específicos. Pode desempenhar as seguintes funções sintáticas:

a) Sujeito:

▹ Na árvore havia dois papa-capins que cantavam melodiosamente.
papa-capins cantavam melodiosamente

▹ O país que não investe em educação está fadado à miséria social.
o país não investe em educação

b) Objeto direto:

▹ Os dois livros que aqueles alunos compraram vão ser usados por toda a turma.
aqueles alunos compraram os dois livros

o pai deu ao filho mais novo as poesias
▹ As poesias, que ao filho mais novo o pai deu, pertenciam a um grande poeta popular.

c) Objeto indireto:

▹ Os livros de que os alunos precisam já estão à disposição deles na biblioteca.
os alunos precisam dos livros.

▹ As ideias a que o professor se referiu foram condenadas pela arquidiocese.
o professor se referiu às ideias

d) Complemento nominal:

▹ Os insetos de que a mulher tinha mais medo eram as baratas.
a mulher tinha mais medo dos insetos

▹ A luz acesa era para ele um ritual por que mantinha um profundo respeito.
ele mantinha um profundo respeito pelo ritual

e) Predicativo do sujeito:

▹ O grande aluno que um dia eu fui já não mais existe.
um dia eu fui um grande aluno

▹ O cantor que ele era deixou saudades.
ele era cantor

f) Agente da passiva:

- O amigo **por que** ele foi traído viajou para a Europa.
  ele foi traído pelo amigo

  Mariazinha havia sido dominada pelo olhar
- O olhar **por que** Mariazinha havia sido dominada a abandonou no meio do romance.

g) Adjunto adverbial:

- A cidade **em que** nasci fica perto de Recife.
  eu nasci na cidade
- O departamento **a que** ele se dirigiu fica no oitavo andar.
  ele se dirigiu ao departamento

2. Quem ⇨ É denominado de "relativo personativo", pois só se refere a pessoas. Sempre virá precedido de uma preposição.

   ela se referiu ao homem
- O homem **a quem** ela se referiu tornou-se o delegado da cidade. (a quem = objeto indireto)

  nós mantínhamos mais contato com o diretor financeiro
- O diretor financeiro **com quem** nós mantínhamos mais contato era o Sr. Rodrigo. (com quem = complemento nominal)

3. Onde ⇨ É denominado de "relativo locativo", pois só é utilizado para retomar e substituir termos que contenham a noção de "lugar". Equivale a "em que" e variações (na qual, no qual, nas quais, nos quais).

   prega-se mais o cristianismo no templo.
- O templo **onde** se prega mais o cristianismo fica em Roma. (onde = adjunto adverbial de lugar)

  eu nasci na cidade.
- A cidade **onde** eu nasci fica a 123 Km de Recife. (onde = adjunto adverbial de lugar)

4. O qual, a qual, os quais, as quais ⇨ São os relativos que possuem as variações em gênero e número correspondentes ao pronome relativo "que". Esses relativos devem obrigatoriamente substituir o "que" quando este provocar ambiguidade, for precedido por uma preposição com mais de uma sílaba ou for eufonicamente melhor.

- Assisti à cena final daquele filme **que** me deixou bastante emocionado. (Frase ambígua — Quem o emocionou foi a cena ou o filme?)

a cena me deixou bastante emocionado.

- Assisti à cena final daquele filme **a qual** me deixou bastante emocionado. (a qual = sujeito)

corriam águas extremamente poluídas sobre a ponte

- A ponte **sobre a qual** corriam águas extremamente poluídas era pênsil. (sobre a qual = adjunto adverbial de lugar)

a maioria do colegiado votou contra a proposta

- A proposta **contra a qual** a maioria do colegiado votou vai ser objeto de nova apreciação. (contra a qual = objeto indireto)

5. Cujo, cuja, cujos, cujas ➾ São relativos utilizados para substituir termos que expressam noção de posse. Equivalem a "do qual, da qual, dos quais, das quais, seu, sua, seus, suas, dele, dela, deles, delas". Eles retomam um termo antecedente, mas concordam em gênero e número com o substantivo consequente (ou posposto). Não admitem a posposição de artigo e sempre exercem a função sintática de adjunto adnominal.

os princípios do homem (ou "os seus princípios) não são sólidos

- O homem **cujos** princípios não são sólidos está mais sujeito às intempéries da vida. (cujos = adjunto adnominal)

eu já não mais me lembro dos nomes dos filmes

- Alguns filmes **de cujos** nomes já não mais me lembro imortalizaram muitos artistas. (cujos = adjunto adnominal)

alguns trabalhadores descansavam sob a sombra da árvore

- A árvore **sob cuja sombra** alguns trabalhadores descansavam era centenária. (cuja = adjunto adnominal)

6. Quanto, quanta, quantos, quantas ➾ Estas palavras só serão consideradas pronomes relativos quando vierem antecedidas por um dos seguintes pronomes indefinidos "tudo, todo (a), todos (as)":

- Doou tudo **quanto** tinha em casa para o abrigo São Francisco. (quanto = objeto direto)

- Nenhuma obra de arte rara de todas **quantas** levei sequer levou algum arranhão. (quantas = objeto direto)

➯ **Consideração importante:**

Perceba que o pronome relativo exerce, ao mesmo tempo, uma função conectiva (une, liga, conecta uma oração à outra) e uma função sintática em relação à oração que ele introduz. Além do mais, o conteúdo acima será bastante útil quando estudarmos "regência". Portanto, se restou alguma dúvida, revise o assunto.

Após este estudo, voltemos à análise do adjetivo em forma de oração. Observe o raciocínio abaixo:

- A escola aprecia bastante alunos **estudiosos**.
  adjetivo = adjunto adnominal
- A escola aprecia bastante alunos que estudam.
  oração subordinada adjetiva

Perceba que o adjetivo simples (estudiosos) foi substituído pela oração (que estudam). A oração literalmente fica no lugar do adjetivo. Daí porque ser denominada de oração adjetiva.

4.3.5.2 Classificação das orações subordinadas adjetivas

As orações subordinadas adjetivas são classificadas em:

4.3.5.2.1 Restritivas

Restringem, particularizam, limitam a significação do substantivo ou pronome substantivo antecedente. Indicam que a informação prestada pela oração não se aplica ao todo, mas tão somente a uma parte do todo. Geralmente aparecem dentro da estrutura oracional sem virgulação. Ademais, as orações adjetivas restritivas não podem ser retiradas da oração, pois são indispensáveis ao sentido geral do enunciado.

Exemplos:

- O homem que caminhava na calçada da direita olhava-nos com desdém.
  adjetiva restritiva

Observe que pelo enunciado "há outros homens que caminhavam na calçada esquerda".

- Os que lutam são os que vencem.
  adjetiva restritiva adjetiva restritiva

> Leia da seguinte forma: "Aqueles que lutam são aqueles que vencem". Perceba que não são todos que lutam, logo não são todos que vencem. Por isso, são orações restritivas.

adjetiva restritiva

- Os alunos que permanecerem na quadra após o toque serão suspensos das atividades escolares.

> Não serão todos os alunos suspensos das atividades escolares, mas apenas os que permanecerem na quadra após o toque.

- O homem que trabalha não passa necessidade.
  adjetiva restritiva

> Não são todos os homens que trabalham. Apenas os que trabalham não passam necessidade.

Observe abaixo um recurso prático para não mais se confundir com as orações restritivas:

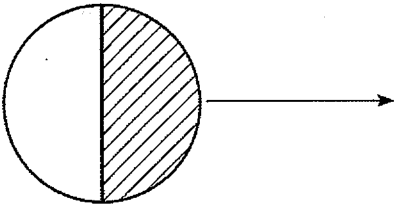

A informação prestada pela oração restritiva não se aplica ao todo.

4.3.5.2.2 Explicativas

Explicam, estendem o significado, exprimem o sentido geral do substantivo antecedente. Geralmente o substantivo ou pronome substantivo representa um ser único..As orações adjetivas explicativas possuem um valor aproximado de um aposto explicativo. Podem, portanto, ser retiradas da oração sem prejuízo para o sentido. Aparecem na escrita isoladas por vírgula(s).

Exemplos:

oração subordinada adjetiva explicativa

- Minha mãe, que é uma mulher de seus sessenta anos, vai regularmente à igreja.

oração subordinada adjetiva explicativa

- O sol, que é o centro do nosso sistema, tem perdido calor nas últimas décadas.

oração subordinada adjetiva explicativa

- Jesus Cristo, que representa o maior ícone do cristianismo, deu grandes lições de vida.

- Ela se dirigiu para a mansão da família, onde todos lá a esperavam.

oração subordinada adjetiva explicativa

Observação:

Perceba que as orações subordinadas adjetivas explicativas se referem a seres únicos, individualizados. Logo, a informação prestada pela oração explicativa se aplica ao substantivo antecedente de forma totalitária. Observe a diagramação abaixo:

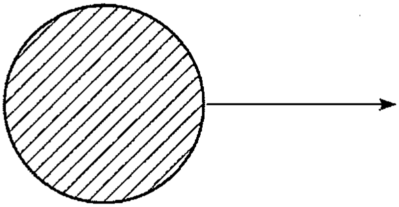

A informação prestada pela oração explicativa se aplica ao todo.

Consideração importante sobre as orações adjetivas explicativas:

Há orações adjetivas que só podem ser explicativas, pois, como já dissemos, aplicam-se a seres únicos, individualizados. Observe abaixo os exemplos:

- O pai falava irritado com a única filha, que permanecia calada e cabisbaixa.

oração subordinada adjetiva explicativa

oração subordinada adjetiva explicativa

- Sócrates, que foi condenado à ingestão de veneno, não deixou nada do seu pensamento por escrito.

- O avião sobrevoava agora a cidade de São Paulo, que se tornou a maior metrópole da América Latina.
  oração subordinada adjetiva explicativa

4.3.5.3 O emprego da vírgula com as orações adjetivas – Distinção entre restrição e explicação

Como já pudemos estudar acima, as orações adjetivas se classificam em restritivas e explicativas. Entretanto, esta classificação não se dá meramente pelo emprego ou não da vírgula, como pensam muitos estudantes. Ser "restritiva" ou "explicativa" depende, na maioria dos casos, do sentido que se pretende dar ao substantivo antecedente.

Há orações, como já vimos, que só podem ser explicativas ou restritivas. Não há variações. Observe a seguir:

- O homem que fuma geralmente incomoda os outros.
  oração adjetiva restritiva

Neste período não são todos os homens que fumam. Logo, não são todos que incomodam os outros. Só incomodam aqueles que fumam. Portanto, a oração é essencialmente restritiva.

oração adjetiva explicativa
- O homem, que é mortal, deve sempre buscar as coisas mais nobres e sublimes da vida.

Já neste período, a informação "que é mortal" se aplica indistintamente a todos os homens. Portanto, a oração é essencialmente explicativa.

Entretanto, há orações adjetivas que podem ser tanto restritivas quanto explicativas, dependendo do sentido que lhes queiramos dar.

Fique atento!! Muitas questões de provas exploram esse conhecimento. Portanto, estude com atenção.

Observe os exemplos abaixo:

- A empresa tem 300 funcionários que moram em Olinda.
- A empresa tem 300 funcionários, que moram em Olinda.

Perceba que na primeira estrutura — oração adjetiva restritiva — não se pode dizer exatamente quantos funcionários possui a empresa. Sabe-se tão somente que ela possui 300 que residem na cidade de Olinda. Já na segunda estrutura — adjetiva explicativa — a empresa só possui 300 funcionários e todos residem em Olinda. Acompanhe esta explicação nas diagramações abaixo.

Oração subordinada adjetiva restritiva

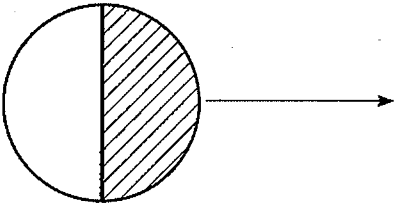

Só 300 funcionários moram em Olinda.

Oração subordinada adjetiva explicativa

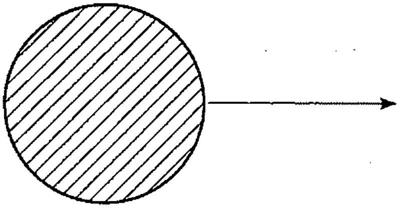

A empresa possui 300 funcionários e todos moram em Olinda.

Observe outros exemplos:

adjetiva restritiva

- Os discos antigos que ele herdou de seu avô estão bem conservados. (Fund. Carlos Chagas)

adjetiva explicativa

- Os discos antigos, que ele herdou de seu avô, estão bem conservados. (Fund. Carlos Chagas)

No primeiro exemplo, só estão bem conservados os discos antigos que ele herdou de seu avô. No segundo, todos os discos antigos ele herdou de seu avô e todos estão bem conservados.

adjetiva restritiva

- Os moradores de rua que têm sido vítimas de violência devem ser recolhidos para os abrigos municipais. (Fund. Carlos Chagas)

adjetiva explicativa

- Os moradores de rua, que têm sido vítimas de violência, devem ser recolhidos para os abrigos municipais. (Fund. Carlos Chagas)

Na primeira frase, só os moradores que têm sido vítimas de violência serão recolhidos aos abrigos. Na segunda, todos serão recolhidos aos abrigos, pois todos têm sido vítimas de violência.

adjetiva restritiva

- A lógica da globalização que espolia os mais fracos é fria e calculista. (Fund. Carlos Chagas)

adjetiva explicativa

- A lógica da globalização, que espolia os mais fracos, é fria e calculista. (Fund. Carlos Chagas)

Na primeira frase, é fria e calculista apenas a lógica da globalização que espolia os mais fracos. No segundo, toda lógica da globalização é fria e calculista porque espolia os mais fracos.

- O autor lamenta a situação dos jovens de hoje que vivem o tempo como uma espécie de presente contínuo.

adjetiva restritiva

- O autor lamenta a situação dos jovens de hoje, que vivem o tempo como uma espécie de presente contínuo.

adjetiva explicativa

No primeiro período, o autor só lamenta a situação daqueles jovens que vivem o tempo como uma espécie de presente contínuo. No segundo período, o autor lamenta a situação de todos os jovens, porque todos os jovens vivem o tempo como uma espécie de presente contínuo.

Dica: Procure entender com profundidade a alteração semântica provocada pela retirada ou colocação da(s) vírgula(s) nas orações adjetivas. Certamente você se deparará com uma questão que exigirá esse conhecimento.

4.3.5.4 Omissão do pronome relativo na segunda oração relativa coordenada

Nas orações relativas coordenadas, se a função do relativo é a mesma, é frequente elipsar-se o relativo da segunda oração, principalmente quando a primeira é curta. Observe:

o relativo foi ocultado na 2.ª oração

- Ontem conversei com o homem que me salvou e me levou ao hospital quando ocorreu o acidente.
  sujeito
- "Encontrando-se Juliano Apóstata com S. Pigménio, presbítero romano, que era cego e depois padeceu martírio, como quem o saudava benevolamente, disse...". (M. Bernardes *apud* Mário Barreto)
- "Ao lado do meu leito estava um padre: era o velho abade que me batizara e me ensinara a ler." (A. Herculano)
- "O que ele via era a mulher que o fascinara e perdera." (Camilo Castelo Branco)

Se o pronome relativo não desempenhar a mesma função sintática, deve-se repeti-lo obrigatoriamente.

que = sujeito / que = objeto direto

- Ontem conversei com o homem que me salvou e que Deus manteve com calma na hora do resgate.
- "A monarquia visigótica procurou imitar do império que morrera e que ela substituíra." (A. Herculano)
- "A sua companhia era a ama, que o amamentara, e que Deus, em recompensa, preservou da terribilíssima enfermidade." (Camilo Castelo Branco)

4.3.6 ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS

Antes de adentrar o conteúdo, leia a orientação abaixo:

> Neste assunto você se deparará com uma quantidade considerável de orações e de conectivos. Não se desespere! Primeiro, como já dissemos, procure não decorar as conjunções, mas apreender-lhes as funções. Hoje as bancas examinadoras pouco questionam sobre a nomenclatura das orações. Querem, sim, saber as relações (causa, oposição, consequência, finalidade etc.) proporcionadas pelos conectivos. Por isso, não decore; entenda, compreenda! Vamos lá!

As orações subordinadas adverbiais são aquelas que estabelecem circunstâncias várias para um fato contido na oração principal. Elas exercem, portanto, o papel de adjuntos adverbiais. São, na maioria das vezes, introduzidas pelas conjunções subordinativas adverbiais.

Classificam-se em: causais, consecutivas, concessivas, condicionais, comparativas, conformativas, finais, temporais e proporcionais.

4.3.6.1 Causais

São aquelas que estabelecem a causa, o motivo para o fato (efeito) contido na oração principal.

> As principais conjunções subordinativas causais são: que, porque, já que, uma vez que, visto que, visto como, pois, como (= já que, visto que), porquanto.

- **Como** o dinheiro não foi liberado a tempo, usei o cheque especial.
  adverbial causal
- **Já que** o contrato assim o determina, assim o farei.
  adverbial causal
- Ele foi duramente punido **porquanto** a falta foi comprovada pelos peritos.
  adverbial causal
- Pueril **que** era, sempre se deixava enganar pelos vendedores de plantão.
  adverbial causal

➯ Observações:

a) A conjunção "como" só poderá ser utilizada como causal quando a oração subordinada se antepuser à oração principal.

b) Nem sempre é fácil distinguir uma oração subordinada causal de uma oração coordenada explicativa. Alguns critérios, porém, podem ajudar:

— A oração subordinada causal pode ser anteposta à oração principal, ou seja, a causal pode iniciar o período. Já a oração explicativa não pode vir anteposta à oração assindética.

— Comumente o verbo da oração coordenada explicativa aparece no imperativo, com indicação de tempo futuro; o que não ocorre com a subordinada causal.

— É sempre possível a redução da oração subordinada causal para o infinitivo, precedido da preposição "por", fato que não ocorre com a coordenada sindética explicativa.

— A oração explicativa, por fazer parte de um período coordenado, em que as orações são independentes, admitem uma pausa forte, marcada geralmente por vírgula ou por dois-pontos. Este fato não se verifica nas adverbiais causais.

Observe:

- Recolhe-te a tua insignificância, porque já atrapalhastes demais. (Coordenada explicativa)

O verbo da oração antecedente está no imperativo. Não é possível se antepor a segunda oração à primeira. Não é possível reduzir a segunda oração para o infinitivo precedido da preposição "por".

- O governo elevou a taxa de juros, porque o consumo aumentou nas grandes cidades. (Subordinada causal)

O verbo da oração antecedente não se encontra no imperativo. É possível iniciar o período com a oração em destaque ("Porque o consumo aumentou nas grandes cidades, o governo elevou a taxa de juros"). É igualmente possível a redução da segunda oração para o infinitivo precedido da preposição "por" ("O governo elevou a taxa de juros, por aumentar o consumo nas grandes cidades".)

4.3.6.2 Consecutivas

Estas orações indicam a consequência, o efeito de um fato (causa) contido na oração principal.

> As principais conjunções subordinativas adverbiais consecutivas são: que (precedido dos termos intensificadores "tão, tal, tanto, tamanho"), que (= sem que), sem que, de modo que, de forma que, de sorte que, de maneira que.

- Falou tanto que ficou rouco.
  adverbial consecutiva

- Não vai a um baile de formatura sem que não dance a noite toda.
  adverbial consecutiva

- Eles não discutem futebol que não se exaltem.
  adverbial consecutiva

Leia da seguinte forma: Eles não discutem futebol, sem que em consequência não se exaltem.

Adverbial consecutiva

- Agiu intempestiva e descoordenadamente, de forma que toda a plateia o teve como louco.

➾ Observação:

Em muitas estruturas consecutivas formadas pela correlação "tão, tal, tanto, tamanho... que...", omite-se o primeiro elemento da correlação. Teremos tão somente a conjunção "que" introduzindo a oração consecutiva.

- Saiu do hospital gritando **que** fazia dó.
  (Leia-se → ... gritando TANTO que fazia dó.)
- "Nisto a menina que estava ali a ouvir-me, rompeu a chorar **que** cortava o coração." (Camilo Castelo Branco) (... a chorar TANTO que cortava o coração.")
- "Os olhos brilham, o prazer arregaça-lhe o focinho, e as pernas voam **que** parecem asas." (Machado de Assis) (... voam TANTO que parecem asas.")

4.3.6.3 Concessivas

São as orações que indicam uma oposição, um óbice, um empecilho, um "algo" que poderia impedir a realização do fato contido na oração principal. Uma das principais características deste tipo de oração é a presença de um verbo no modo subjuntivo.

As principais conjunções subordinativas concessivas são: embora, apesar de que, mesmo que, ainda que, que, sem que (= embora não), conquanto, ainda quando, posto que, por mais que, por muito que, por menos que, se bem que.

- Fez todo o exercício sem que ninguém o ajudasse.
  adverbial concessiva

adverbial concessiva

- **Por mais que** o governo se esforce, a violência continua aumentando nas grandes cidades.

adverbial concessiva
- A proposta foi aprovada sem nenhuma alteração, por incrível **que** pareça.

adverbial concessiva
- O conhecimento, **que** fosse muito, não atenuava, naquele momento, a angústia do rapaz.

- Nem **que** o professor quisesse, ele teria condições de ser aprovado.

adverbial concessiva

- O responsável pelo desfalque deve ser punido, quem quer **que** seja.

adverbial concessiva

⇨ Considerações importantes:

a) Não se esqueça de que as subordinadas adverbiais concessivas ao lado das coordenadas adversativas promovem as chamadas "relações de oposição" ou "construções contrastivas". Observe a seguir:

RELAÇÕES DE OPOSIÇÃO OU CONTRASTIVAS
- ADVERSATIVAS (mas, porém, contudo, todavia, entretanto etc.)
- CONCESSIVAS (embora, apesar de que, mesmo que, ainda que etc.)

b) Não confunda a conjunção "conquanto" com a conjunção "porquanto". Esta introduz orações causais ou explicativas, enquanto aquela é puramente concessiva, equivalendo a "apesar de que, mesmo que, ainda que".

c) Há outros conectores que também promovem relações de oposição concessiva, como "a despeito de, não obstante, malgrado".

- **Não obstante** fosse pobre, gostava de vestir-se das melhores grifes da cidade.
- Ele viajou para o Iraque à procura de alguns parentes desaparecidos, a **despeito dos** avisos de que lá é um país muito violento.

d) No dia a dia, não são raros os erros até de bons escritores que confundem "posto que" com "já que, visto que". É preciso ter cuidado! A conjunção "posto que" (em português do Brasil) equivale a "embora, apesar de que,

ainda que" – é uma conexão concessiva. Por seu lado, "já que, visto que" são locuções conjuntivas causais, pois introduzem uma causa.

- Ele não deve ser demitido, **já que** goza de estabilidade no emprego. (Equivale a "porque")
- **Posto que** goze de estabilidade no emprego, ele foi demitido. (Equivale a "embora")

4.3.6.4 Condicionais

São orações que estabelecem uma condição para a realização do fato expresso na oração principal.

As principais conjunções subordinativas condicionais são: se, caso, a não ser que, desde que, contanto que, salvo se, sem que (= se não), a menos que.

- **A não ser que** a taxa de juros caia consideravelmente, não adquiriremos mais produtos importados.
  adverbial condicional
- **Caso** o Governador não se manifeste sobre o caso, levaremos o problema às raias judiciais.
  adverbial condicional
- **Contanto que** todos saíssem antes da meia-noite, não se opunha a que a festa fosse na casa dele.
  adverbial condicional

Cuidado!!
Em algumas construções interrogativas o "SE" funcionará não como uma conjunção condicional, mas como uma conjunção causal. Veja:

- Senhor, por que me enviastes para esta missão se sabíeis que eu era fraco?
  Leia:... já que sabíeis que eu era fraco? (Adverbial causal)
- Se ele conhecia a índole do rapaz, por que lhe confiou tamanha quantia?
  Leia:... já que / uma vez que ele conhecia a índole do rapaz... (Adverbial causal)

4.3.6.5 Conformativas

São orações que expressam uma conformação (correspondência, concordância, analogia ou identidade de forma, modo, tipo ou caráter) com um fato expresso na oração principal.

As principais conjunções subordinativas conformativas são: como, segundo, conforme, consoante.

▹ Elaboramos todo o projeto **como** nos orientava o manual.
Adverbial conformativa

▹ A vida tem sempre seus perigos, **segundo** já nos dizia Guimarães Rosa.
Adverbial conformativa

▹ Agimos **conforme** nossas próprias convicções.
Adverbial conformativa

4.3.6.6 Comparativas

São orações subordinadas que estabelecem um processo de comparação entre dois elementos — um elemento estará na oração principal e o outro, na oração subordinada. A comparação poderá ser de igualdade, de superioridade ou de inferioridade. Uma característica interessante das orações adverbiais comparativas é o fato de o verbo da oração comparativa geralmente se encontrar elíptico, oculto, já que, frequentemente, ele será o mesmo da oração principal.

As principais conjunções subordinativas comparativas são: como, assim como, tal e qual, tal qual, mais que ou do que, menos que ou do que, tanto quanto, feito (= como).

▹ Não sei por que saiu correndo desesperadamente, **feito** um louco.
adverbial comparativa

▹ Os escoteiros partiram para a selva num só movimento, **qual** exército marchando contra o inimigo.
adverbial comparativa

adverbial comparativa
▹ Ele deixou a sala sorrateiramente, **como** uma serpente que se esgueira no meio dos arbustos.

➯ **Observações:**

a) **Nas estruturas comparativas, a conjunção comparativa liga partes da oração de mesma função. Entretanto, em muitos casos, a bem da clareza, o segundo elemento da comparação deve, a despeito de funcionar como objeto direto, vir encabeçado por uma preposição — geralmente a preposição "a" — para evitar ambiguidades.**

▹ "A ela, à presumida mulher, aborreço-a quase tanto como **ao marido**." (Almeida Garrett *apud* Mário Barreto)

- "Os pés dos gentios hão de logo pulverizá-la como **aos meus pés**". (Camilo *apud* Mário Barreto)
- "Acusaram-no de haver beneficiado mais a sua família que **ao povo romano**." (Camilo *apud* Mário Barreto)

b) Quando a conjunção comparativa "como" se refere a um termo que está precedido por uma preposição, deve obrigatoriamente vir acompanhada da mesma preposição.

- "Suspensos os pobres Frades com o embargo, pareceu que achariam amparo **no** Bispo, **como em** quem fora o primeiro autor de sua vinda". (Fr. L. de Souza *apud* Mário Barreto)
- "E por esta causa tratamos **dele como de** filho de Benfica". (Fr. L. de Souza *apud* Mário Barreto)
- "Acostumei-me a olhar **para** a morte **como para** o tempo de meus padecimentos." (Filinto Elísio *apud* Mário Barreto)

⇨ **Observação:**

Perceba que, nestas estruturas comparativas, o verbo da segunda oração encontra-se elíptico. Por isso, devemos ler, por exemplo:

- "Acostumei-me a olhar para o monte **como (a olhar) para** o tempo de meus padecimentos".

4.3.6.7 Finais

São orações que indicam a finalidade, o objetivo, o alvo do fato contido na oração principal.

> As principais conjunções subordinativas finais são: que, para que, a fim de que, porque (= para que, a fim de que).

adverbial final
- A fim de que ela passasse mais rápido em um concurso, comprei inúmeros livros e apostilas.
- Estudai bastante, porque consigais uma boa colocação no concurso.

adverbial final
- Para que a criança não se acidentasse, ele comprou um par de joelheiras.

adverbial final

4.3.6.8 Temporais

São as orações subordinadas que expressam o tempo, o momento do fato contido na oração principal.

As principais conjunções subordinativas temporais são: enquanto, quando, assim que, logo que, mal (= logo que, assim que), desde que, antes que, agora que, depois que, sem que (= antes que).

- **Desde que** chegou, não parou de falar.
  adverbial temporal

- Todos o aplaudiram **mal** terminou sua palestra.
  adverbial temporal

- **Agora que** chegou o verão, aonde pretendes ir com a família?
  adverbial temporal

- **Quando** o meu primeiro amor acabou, meu mundo desfaleceu.
  adverbial temporal

4.3.6.9 Proporcionais

São orações que indicam uma concomitância, uma simultaneidade, uma proporção com o fato expresso na oração principal.

As principais conjunções subordinativas proporcionais são: à medida que, à proporção que, ao passo que, quanto mais... mais, quanto mais... menos, quanto menos... mais, quanto menos... menos.

adverbial proporcional

- **À medida que** o progresso avança, o meio ambiente sofre com o uso excessivo de seus recursos.

- **Quanto mais** ela estuda mais dúvidas surgem.
  adverbial proporcional

adverbial proporcional

- O caso, **ao passo que** apareciam novas provas, deixava os investigadores mais confusos.

Observações:

a) Não confunda "à medida que" com "na medida em que". Esta última locução é um articulador de causa, enquanto aquela é uma conjunção proporcional.

conjunção proporcional

- "E o cocheiro ria; e, **à medida que** o freguês ia demonstrando, ele ia ficando mais familiar." (Machado de Assis)

causal

- O governo aumentou os juros para o crédito, **na medida em que** busca reduzir o consumo a fim de evitar a inflação.

b) Lembre-se de que "à medida em que" e "na medida que" são locuções que não existem na língua portuguesa.

Considerações finais sobre as orações adverbiais:

a) Observe a pontuação utilizada com as orações adverbiais. Perceba que, quando antepostas à principal ou intercaladas na principal, a pontuação — geralmente se utiliza a vírgula — é obrigatória.

b) Reiterando o que já se disse, lembre-se de que o mais importante não é decorar todas as orações adverbiais, mas sim apreender as relações proporcionadas pelas conjunções subordinativas adverbiais.

c) Embora não sejam reconhecidas pela NGB – Nomenclatura Gramatical Brasileira –, há orações adverbiais denominadas de "modais", as quais transmitem uma circunstância de modo. Tais orações geralmente só aparecem sob a forma reduzida, conquanto existam orações modais introduzidas pela locução conjuntiva "sem que".

- Saiu da sala **sem ser percebido.** (Oração adverbial modal, reduzida de infinitivo)

- "Deixou a sala sem despedir-se do pai."

Dica: Sugiro que, se você estudou as orações adjetivas e adverbiais em um só momento, descanse um pouco antes de começar o estudo abaixo.

4.3.6.10 Emprego da conjunção nas orações adverbiais coordenadas

Nas estruturas em que se coordena mais de uma oração subordinada adverbial, o emprego da conjunção subordinativa adverbial obedece às seguintes orientações:

a) Repete-se a conjunção nas duas orações coordenadas subordinadas adverbiais:

- O congresso terá início se a verba for depositada, e se o principal palestrante confirmar sua participação.
- **Desde que** não cheguem atrasados e **desde que** tragam boas notícias, eles serão bem-vindos.

b) Omite-se a conjunção da segunda oração adverbial coordenada:

conjunção elíptica na segunda adverbial coordenada

- **Embora** os juros estejam baixos, e a economia externa não dê sinais de sobressaltos, o consumo se mantém baixo.
- **Uma vez que** está adoentado e não há outro para substituí-lo, cancelou a auditoria que faria na empresa.
- **À medida que** estuda e se mantém atualizado, aumentam as suas chances de passar em um concurso.

c) Repete-se, na segunda oração adverbial coordenada, apenas a parte final da conjunção adverbial, quando esta é expressa por uma locução.

- **Por mais que** faça boas obras e **que** vá à igreja, o temperamento dele o reprova diariamente.
- "Com estes estava o corpo que o metropolitano de Híspalis ajuntara, composto em grande parte dos nobres que haviam deposto a espada **desde que** Roderico subira ao trono e **que** a cingiam de novo nesta guerra de independência." (A. Herculano)
- "— Não marcou dia; prometeu que ia ver; que falaria **logo que** pudesse, e **que** me pegasse com Deus." (Machado de Assis)

4.3.7 ORAÇÕES REDUZIDAS

Mais uma vez, peço: mantenha a calma e não desista! A partir de agora, entretanto, nossa percepção deverá ser aguçada. Não veremos mais as conjunções, as quais nos davam, ao menos, uma pista de que tipo de

oração se tratava. Teremos apenas um verbo no infinitivo, no gerúndio ou no particípio, o qual nos indicará a oração subordinada. Deveremos desenvolver este verbo para depois classificar a oração. O procedimento nem sempre será simples e de fácil solução, porém com um pouco de treino (e persistência) você conseguirá. Vamos lá!

Observe:

- É fundamental que se creia em Deus. ⇨ É fundamental crer em Deus.
- Ele encontrou um cachorrinho que foi abandonado pelos donos. ⇨ Ele encontrou um cachorrinho **abandonado** pelos donos.
- Feche todas as janelas quando você sair. ⇨ Feche todas as janelas ao sair.

Percebeu?? Na primeira coluna todas a orações são introduzidas por um conectivo. Já na segunda coluna as orações não mais apresentam o conectivo e o verbo da oração subordinada encontra-se numa forma nominal do verbo (infinitivo, particípio e gerúndio). Portanto, as orações da primeira coluna são chamadas de desenvolvidas enquanto as da segunda, reduzidas.

Portanto, orações reduzidas são aquelas que não apresentam conectivo e cujo verbo está em uma forma nominal.

As reduzidas podem ser de infinitivo, de gerúndio e de particípio. Geralmente o infinitivo aparece como redução para as orações substantivas; o gerúndio, para as adverbiais; e o particípio, para as adjetivas. Nada impede, porém, que se apresentem orações subordinadas reduzidas nas três formas nominais. Apresentaremos agora algumas orações reduzidas e suas respectivas classificações:

4.3.7.1 Subordinadas substantivas reduzidas

- **Lutar** pelo país é um ato de bravura. (Subjetiva, reduzida de infinitivo.)
- É muito difícil **obter** um título de doutorado no Brasil. (Subjetiva, reduzida de infinitivo)
- Todos viram **sair** da sala uma mulher muito esquisita. (Objetiva direta, reduzida de infinitivo)
- Ele tinha certeza de **ser** o melhor da turma. (Completiva nominal, reduzida de infinitivo)
- Não me será um grande esforço **atendê-lo** hoje à tarde. (Subjetiva, reduzida de infinitivo)
- Não se esqueça de **comprar** as verduras. (Objetiva indireta, reduzida de infinitivo)
- Seu maior desejo era **sair** da cidade e **morar** no interior. (Predicativas, reduzidas de infinitivo)

4.3.7.2 Subordinadas adjetivas reduzidas

- Entregou-me a lista dos produtos a **serem** adquiridos antes do final do ano. (Restritiva, reduzida de infinitivo)
- Todos os livros **analisados** por ele foram reprovados pelo MEC. (Restritiva, reduzida de particípio)
- É um rapaz bem intencionado, inteligente, **provindo** da cidade de Palmares. (Explicativa, reduzida de gerúndio)
- Apresentou-me uma tela velha e suja, **pintada** aos sete anos de idade. (Explicativa, reduzida de particípio)

4.3.7.3 Subordinadas adverbiais reduzidas

- Analise bem sua situação antes de **dar** o primeiro passo. (Temporal, reduzida de infinitivo).
- Para **conseguir** uma boa colocação no concurso, é preciso muito tempo de estudo. (Final, reduzida de infinitivo)
- Não saia da sala sem primeiro **falar** com o professor. (Condicional, reduzida de infinitivo)
- Mesmo **estando** triste com o filho, abraçou-o fervorosamente. (Concessiva, reduzida de gerúndio)
- A **permanecerem** os sintomas, o médico deverá ser consultado. (Condicional, reduzida de infinitivo)
- De tanto **comprar** e não **pagar**, teve o nome inscrito no cadastro de inadimplentes. (Causal, reduzida de infinitivo)
- Não **conseguindo** o resultado desejado, pediu demissão e mudou-se para o sul do país. (Causal, reduzida de gerúndio)
- Quebrei o vaso sem **querer**. (Concessiva, reduzida de infinitivo)
- O rapaz estudou tanto para o concurso a ponto de **danificar** a visão. (Consecutiva, reduzida de infinitivo)
- Ele arrumou um novo emprego para poder **sustentá**-la. (Final, reduzida de infinitivo)
- Muito constrangido deve ter ficado o candidato para nem sequer **apanhar** o gabarito da prova. (Consecutiva, reduzida de infinitivo)

⇨ Observação importante:

Em algumas orações reduzidas, a forma nominal do verbo — notadamente o infinitivo — aparece antecedida de uma preposição. Esta combinação "preposição + forma nominal" estabelece relações semânticas bem lógicas. Logo, fica fácil identificar de que tipo de oração se trata. Veja abaixo:

- Preposição "**POR**" + verbo no infinitivo ⇨ oração reduzida causal (indica a causa)
- Preposição "**PARA**" + verbo no infinitivo ⇨ oração reduzida final (indica a finalidade)
- Preposição "**A**" + verbo no infinitivo ⇨ oração reduzida condicional (indica condição, hipótese)
- Contração "**AO**" + verbo no infinitivo ⇨ oração reduzida temporal (indica o tempo)

Exemplos:

adverbial causal, reduzida de infinitivo
- Por sair constantemente à noite, Maria adquiriu uma terrível gripe. ⇨ **Porque** sai constantemente à noite,....

adverbial condicional, reduzida de infinitivo
- A permanecerem estas cláusulas no contrato, jamais o assinarei. ⇨ **Se** permanecerem....

adverbial final, reduzida de infinitivo
- Para driblar a alfândega, escondeu alguns objetos em uma pequena sacola. ⇨ **Para que** driblasse a....

adverbial temporal, reduzida de infinitivo
- Ao caminhar no parque, não deixe de tomar bastante água. ⇨ **Quando** caminhar no parque....

⇨ Considerações finais:

a) Nem toda oração desenvolvida pode ser reduzida, como nem toda oração reduzida pode ser desenvolvida. Há orações que só aparecem sob a forma desenvolvida ou reduzida.

b) E não se esqueça de que o importante neste assunto é absorver a relação que está sendo travada entre as orações e, a partir desse entendimento, classificá-las.

4.4 PROCESSO CORRELACIONAL

Três tipos de orações há, estudadas nos processos de coordenação e subordinação, que, em virtude de características próprias, merecem uma menção à parte: são as chamadas orações correlatas. Denominam-se de "correlatas" as orações em que seus conectivos se distribuem entre uma oração e outra do período. Existe uma espécie de "paradependência", portanto, entre as orações. Observe:

- A rã inchou e estourou. (Temos simples coordenação aditiva)

Se à primeira oração acrescentássemos, por exemplo, o advérbio de intensidade "tanto", já não teria ela o sentido completo ("A rã inchou tanto..."); e desconexo ficaria também o período ("A rã inchou tanto, estourou"). Para consertá-lo, é fundamental a presença da palavra "que" antes da segunda oração ("A rã inchou tanto que estourou").

Dizemos, então, que as palavras "tanto" e "que" são as conjunções correlatas da estrutura.

São classificadas como correlatas algumas orações aditivas, consecutivas e comparativas.

CONJUNÇÕES CORRELATAS ADITIVAS	não só...	mas também...
	não só...	mas ainda...
	não só...	senão também...
	não só...	senão que...
	não só...	bem como...
	assim...	como...

CONJUNÇÕES CORRELATAS CONSECUTIVAS	tal...	que...
	tão...	que...
	tanto ...	que...
	tamanho...	que...

CONJUNÇÕES CORRELATAS COMPARATIVAS	tanto...	quanto ou como...
	tanto mais...	tanto mais...
	quanto mais...	mais...
	quanto menos...	menos...
	quanto mais...	menos...
	quanto menos...	mais...
	mais...	que ou do que...
	menos..	que ou do que...
	melhor...	que ou do que...

- **Tanto** vaiava a um **quanto** aplaudia a outro.
- Nada o pungia **tanto quanto** o sorriso indiferente dela.
- "(...) mas aqui a ponho outra vez, **não só** por significar a totalidade do silêncio, **mas também** porque havia naquela ação do gato e do rato alguma cousa que prendia com ritual." (Machado de Assis)
- "**Não só**, de onde em onde, soltava exclamações sem ligação alguma com a conversa atual, **como também** cerrava os lábios, rilhava os dentes e crispava raivosamente os punhos." (Lima Barreto)
- "Nada me pediu, Mariana; mas obriga-me **tanto**, **que** me faz mais infeliz o peso da obrigação." (Camilo)

⇨ Observação:

Geralmente a análise do processo correlacional se faz em questões que envolvem "paralelismo sintático", já que a correlação nada mais é do que uma construção paralela.

4.5 CONTAGEM DE ORAÇÕES EM UM PERÍODO MISTO

Em muitos certames, as bancas cobram dos candidatos a contagem das orações em um dado período, formado por subordinação e coordenação (período misto). A missão é bastante simples se nós compreendermos que, em muitas situações, uma mesma oração pode ser subordinada e coordenada ao mesmo tempo.

Observe o período abaixo:

"É importante que os contribuintes percebam que a política tributária é justa, a administração fiscal é proba, sensível e confiável, e os recursos arrecadados são corretamente aplicados." (Fund. Getúlio Vargas)

– Quantas orações há no período acima? Qual a classificação para elas?

Em primeiro lugar, é fundamental separar as orações. Veja:

1.ª → É importante
2.ª → que os contribuintes percebam
3.ª → que a política tributária é justa
4.ª → (que) a administração fiscal é proba, sensível e confiável
5.ª → e (que) os recursos arrecadados são corretamente aplicados.

Descobrimos, logo, que existem cinco orações no período. Mas qual é a principal? Quantas subordinadas há? E as coordenadas? Para isso, vamos atribuir a cada oração uma letra e fazer uma diagramação simples.

1.ª → É importante = **A**
2.ª → que os contribuintes percebam = **B**
3.ª → que a política tributária é justa = **C**
4.ª → (que) a administração fiscal é proba, sensível e confiável = **D**
5.ª → e (que) os recursos arrecadados são corretamente aplicados. = **E**

Diagramação:

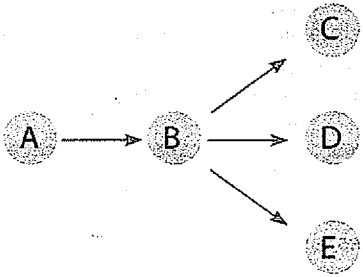

A partir da diagramação acima temos então:

- A oração "A" é a principal do período.
- A oração "B" é subordinada em relação à oração "A".
- As orações "C", "D" e "E" são subordinadas em relação à oração "B".
- As orações "C", "D" e "E" estão coordenadas entre si.

Conclusão:

Há, no período, uma oração principal (A), quatro subordinadas (B, C, D, E) e três coordenadas entre si (C, D, E).

Veja outro exemplo:

"Já sei, Senhor, que vos haveis de enternecer e que não haveis de ter coração, para ver tais lágrimas e tais estragos." (Pe. Antonio Vieira)

1.ª oração → Já sei, Senhor, (Oração principal) = A

2.ª oração → que vos haveis de enternecer (Oração subordinada em relação à 1.ª oração) = B

3.ª oração → e que não haveis de ter coração (Oração subordinada em relação à 1.ª oração) = C

4.ª oração → para ver tais lágrimas e tais estragos. (Oração subordinada adverbial final em relação à 3.ª oração) = D

Diagramação:

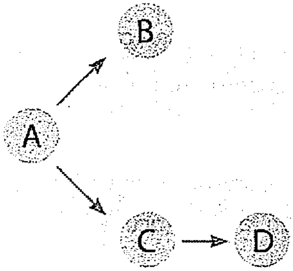

➯ Observações importantes:

a) As orações C, D e E do primeiro exemplo são EQUIPOLENTES. São denominadas de equipolentes as orações subordinadas da mesma natureza (classificação) e de sentidos coordenados. Observe:

▹ Desejo que faças boa viagem e sejas bem sucedido nos teus negócios.

As orações "**que faças boa viagem**" e "(que) **sejas bem sucedido nos teus negócios**" são equipolentes, pois são, simultaneamente, subordinadas objetivas diretas em relação à oração "Desejo" e coordenadas entre si.

b) Em nossa formação escolar, aprendemos a máxima de que "tantos quantos forem os verbos de um período, tantas serão as orações que o comporão". Esta regra, porém, nem sempre funciona, pois podem existir períodos em que haja orações ocultas, elípticas. Estas orações, cujos verbos estão subentendidos por zeugma, são denominadas de ORAÇÕES LATENTES. Observe:

▹ "A reflexão jurídica sobre o assunto, contudo, não se tem mostrado tão farta quanto aquela encontrada na economia." (Fund. Getúlio Vargas)

– Quantas orações há no período acima? Resposta: TRÊS.

1.ª oração → A reflexão jurídica sobre o assunto, contudo, não se tem mostrado tão farta

2.ª oração → quanto aquela (ORAÇÃO LATENTE) → Equivalente a "quanto aquela se tem mostrado farta"

3.ª oração → encontrada na economia

Temos então:

A 1.ª oração é a principal. A 2.ª oração é subordinada adverbial comparativa com verbo oculto (quanto aquela se tem mostrado farta). A 3.ª oração é subordinada adjetiva restritiva, reduzida de particípio.

c) Em algumas situações, a oração oculta só é perceptível por meio de uma análise mais acurada do período. É preciso entender bem o período para que se encontre a oração latente (oculta). Observe:

▹ "Para isto é que os quadros cresceram nas proporções que se sabe". (Rui Barbosa)

Em uma análise superficial do período acima, poder-se-ia pensar que o nosso ilustre mestre Rui Barbosa tivesse cometido um erro de concordância ao deixar o verbo "saber" na 3.ª pessoa do singular. Ocorre que o nosso "Águia de Haia", ao deixar o verbo no singular, faz este verbo concordar com a oração latente (oculta) "que cresceram".

Temos então:

- "Para isto é que os quadros cresceram nas proporções que se sabe **QUE CRESCERAM**".

Observe outros exemplos de períodos que contêm orações latentes (ocultas, elípticas):

- Procedemos como convinha. → Subentende-se "**que procedêssemos**".
- Fizemos o que cumpria. → Subentende-se "**que fizéssemos**".
- Ele caminha tal qual meu irmão. → Subentende-se "**qual meu irmão caminha**".
- "Assim como o Pai ressuscita, e vivifica os mortos, assim o Filho vivifica aos que é sua vontade." (Pe. Manuel Bernardes) → Subentende-se o verbo "**vivificar**".
- "... e nessa hipótese, o mais acertado é deixá-la lá estar os três dias pedidos, e os mais dias que for necessário até sabermos o destino do prussiano." (Camilo Castelo Branco) → Subentende-se "**deixá-la lá estar**".

➾ Consideração final:

Subentenderem-se essas orações latentes é gramaticalmente indispensável não só para completar-se o sentido, mas também para satisfazer as exigências da análise, dando-se ao verbo o seu verdadeiro sujeito ou o seu objeto. Cumpre por fim observar que tais orações latentes frequentemente ocorrem com as orações adjetivas, com as orações comparativas e com as orações condicionais.

4.6 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

Orações Subordinadas Adjetivas, Adverbiais e Reduzidas

Texto para as questões de 1 a 3.

[1] "Cada pessoa
[2] que chegava
[1] se punha na ponta dos pés,
[3] embora não pudesse ver".

1. (Faap-SP) Há no texto três orações, e estão numeradas. A primeira – **cada pessoa se punha na ponta dos pés** – chama-se:
   a) absoluta.
   b) principal.
   c) coordenada assindética.
   d) coordenada sindética.
   e) subordinada.

2. (Faap-SP) A segunda – **que chegava** – é subordinada:
   a) substantiva subjetiva.
   b) substantiva objetiva direta.
   c) adverbial causal.
   d) adverbial final.
   e) adjetiva.

3. (Faap-SP) A terceira – **embora não pudesse ver** – oferece uma ideia de:
   a) causa.
   b) fim.
   c) condição.
   d) concessão.
   e) consequência.

4. (Fuvest-SP) No período: "É possível **discernir no seu percurso momentos de rebeldia contra a estandardização e o consumo**", a oração destacada é:
   a) subordinada adverbial causal, reduzida de particípio.
   b) subordinada objetiva direta, reduzida de infinito.
   c) subordinada objetiva direta, reduzida de particípio.
   d) subordinada substantiva subjetiva, reduzida de infinito.
   e) subordinada substantiva predicativa, reduzida de infinito.

5. (UM-SP) Examine o período: "A soldadela invade o campo da disputa, **enquanto a grita aumenta em berros e assobios rudes**". A oração em destaque é:
   a) coordenada sindética temporal.
   b) coordenada adverbial temporal.
   c) subordinada substantiva temporal.

d) subordinada adjetiva temporal.
e) subordinada adverbial temporal.

6. (F. Cásper Líbero-SP)

"Já que não pude ser feliz, busquei a companhia dessas aves que nasceram livres".

No período há:

a) subordinada adverbial causal e subordinada adjetiva.
b) subordinada adverbial concessiva e subordinada adverbial consecutiva.
c) subordinada substantiva objetiva direta e subordinada adjetiva.
d) subordinada substantiva objetiva direta e coordenada sindética adversativa.

7. (FIT-SP) No período "Era tão pequena a cidade, **que um grito ou gargalhada forte a atravessava de ponta a ponta**", a oração em destaque é:

a) subordinada adverbial causal.
b) subordinada adverbial final.
c) subordinada adverbial consecutiva.
d) subordinada adverbial temporal.
e) n.d.a.

8. (Cesgranrio-RJ) Classifique a oração iniciada pela conjunção **que** no período abaixo.

"Era uma fada tão suave e pura que ao vê-la o coração me estremecia". (Francisco Otaviano)

a) oração subordinada adverbial temporal
b) oração subordinada adverbial consecutiva
c) oração coordenada sindética explicativa
d) oração independente
e) n.d.a.

9. (Fuvest-SP) Classifique as orações em destaque do período abaixo.

*"**Ao analisar o desempenho da economia brasileira,** os empresários afirmaram **que os resultados eram bastante razoáveis,** uma vez que a produção não aumentou, mas também não caiu".*

a) principal, subordinada adverbial final
b) subordinada adverbial temporal, subordinada adjetiva restritiva
c) subordinada adverbial temporal, subordinada substantiva objetiva direta
d) subordinada adverbial temporal, subordinada substantiva subjetiva
e) principal, subordinada substantiva objetiva direta

10. (FCMPA-MG) Nos períodos abaixo aparece, entre as orações, uma relação de concessão. Assinale a letra correspondente ao período em que a relação é outra.

a) Embora estivesse doente, fiz tudo o que me era possível.
b) Fiz tudo o que me era possível, apesar de estar doente.

c) Mesmo estando doente, fiz tudo o que me era possível.
d) Fiz tudo o que me era possível, conquanto estivesse doente.
e) Fiz tudo o que era possível, mas estava doente.

11. (UM-SP) Assinale o período que contenha uma oração reduzida com valor de adjetivo.

a) O ônibus parou na rua transversal para assustar passageiros.
b) Correndo assustado, o menino foi chamar o guarda.
c) Os garotos vestindo camisetas velhas reclamavam apenas uma penca de bananas meio amassadas.
d) Faça das entranhas coração para obter, um dia, a rara felicidade dos humanos.
e) Moleques de carrinho dirigiam-se a várias direções, atropelando-se uns aos outros.

12. (Faap-SP)

"Lá a existência é uma aventura
De tal modo inconseqüente
Que Joana a Louca de Espanha
Rainha e falsa demente
Vem a ser contraparente
***Da nora** que nunca tive"*

A oração destacada recebe o nome de oração subordinada adverbial:

a) causal.
b) final.
c) condicional.
d) concessiva.
e) consecutiva.

13. (Cesgranrio-RJ) Assinale o período em que ocorre a mesma relação significativa indicada pelos termos destacados em: "A atividade científica é tão natural **quanto qualquer outra atividade econômica**".

a) Ele era tão aplicado, que em pouco tempo foi promovido.
b) Quanto mais estuda, menos aprende.
c) Tenho tudo quanto quero.
d) Sabia a lição tão bem como eu.
e) Todos estavam exaustos, tanto que se recolheram logo.

14. (Uece) Em: "**Ao me deitar**, antes eu tinha posto uma caixa de fósforos num tamborete...", a oração destacada é reduzida:

a) causal.
b) final.
c) temporal.
d) concessiva.

15. (Fesp-SP) Observe:

I. Convém ***que todos participem.***

II. Fique quieto, ***pois está incomodando.***

III. Amou daquela vez ***como se fosse a última.***

IV. Machado de Assis, ***que escreveu Dom Casmurro,*** *fundou a Academia Brasileira de Letras.*

Assinale a alternativa que não corresponde à classificação das orações destacadas.

a) no item I, oração subordinada substantiva subjetiva
b) no item II, oração subordinada sindética explicativa
c) no item III, oração subordinada adverbial comparativa
d) no item IV, oração subordinada adjetiva explicativa
e) no item II, a primeira oração é coordenada assindética

16. (UM-SP)

A. Sua palavra foi a primeira ***a perder o significado naquele agitado contexto.***

B. Tenho necessidade ***de me apoiares nesta complicada situação.***

C. ***Antes de repelir seus mestres,*** *procure compreendê-los.*

Analisando os períodos A, B e C, concluímos que as frases neles destacadas são três orações reduzidas. Desdobrando-as, obteremos, respectivamente:

a) uma adjetiva, uma substantiva, uma adverbial.
b) uma adjetiva, uma adverbial, uma substantiva.
c) três adverbiais.
d) uma adjetiva, duas adverbiais.
e) uma adverbial, duas adjetivas.

17. (Faap-SP)

"Lá a existência é uma aventura

De tal modo inconseqüente

Que Joana a Louca de Espanha

Rainha e falsa demente

Vem a ser contraparente

Da nora que nunca tive".

A oração ***que nunca tive*** *é:*

a) principal.
b) coordenada.
c) subordinada substantiva.
d) subordinada adverbial.
e) subordinada adjetiva.

18. (Faap-SP) "Não compreendíamos a razão **por que o ladrão não montava a cavalo**".

A oração em destaque é:

a) subordinada adjetiva restritiva.
b) subordinada adjetiva explicativa.
c) subordinada adverbial causal.
d) substantiva objetiva indireta.
e) substantiva completiva nominal.

19. (Uni-Rio-RJ) Assinale o item em que há uma oração, quanto à classificação, idêntica à segunda do período "Pernoitamos depois junto a um açude lamacento, onde patos nadavam".

a) As virilhas suadas ardiam-me, o chouto do animal sacolejava-me...
b) De onde vinham as figuras desconhecidas para encontrar-nos?
c) Fiz o resto da viagem com um moço alegre, que tentou explicar-me as chaminés dos banguês...
d) Os mais graúdos percebiam que a viagem era alegre.
e) Surgiam regatos, cresceram tanto que se transformaram em rios...

20. (UFPA) Há no período uma oração subordinada adjetiva:

a) Ele falou que compraria a casa.
b) Não fale alto, que ela pode ouvir.
c) Vamos embora, que o dia está amanhecendo.
d) Em time que ganha não se mexe.
e) Parece que a prova não está difícil.

GABARITOS

Orações Coordenadas

1 – A	2 – D	3 – E
4 – D	5 – D	6 – E
7 – D	8 – C	9 – A
10 – A		

Orações Subordinadas Substantivas

1 – D	2 – B	3 – E
4 – D	5 – B	6 – D
7 – D	8 – D	9 – D
10 – E	11 – A	12 – A
13 – C	14 – C	15 – C
16 – B	17 – E	18 – B
19 – D	20 – A	

Orações Subordinadas Adjetivas, Adverbiais e Reduzidas

1 – B	2 – E	3 – D
4 – D	5 – E	6 – A
7 – C	8 – B	9 – C
10 – E	11 – C	12 – E
13 – D	14 – C	15 – B
16 – A	17 – E	18 – A
19 – C	20 – D	

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

CAPÍTULO 5

SINTAXE DE CONCORDÂNCIA

Teremos agora uma longa missão, uma missão extensa. Não será uma missão difícil. Mas para terminá-la com sucesso será preciso muita persistência. Uma dica: estude aos poucos. Nós vamos nos deparar com mais de trinta regrinhas de concordância verbal e nominal. É claro que algumas raramente são usadas; outras caem com mais frequência nas provas, porque são bastante usuais na Língua Portuguesa. Logo, procure uma estratégia que lhe seja mais conveniente. E leia! Releia! Leia de novo! Leia novamente! Leia mais uma vez! Observe os exemplos! Será a repetição que fará com que consiga bons resultados. Desejo sucesso para esta missão! Bons estudos!

De fato o assunto "CONCORDÂNCIA" é um dos mais explorados pelas bancas elaboradoras de provas. Portanto, deve sempre ser alvo de nossos estudos.

A "sintaxe de concordância" se preocupa com a perfeita harmonização das palavras dentro de um período. Sendo assim, buscam-se dois tipos de harmonização:

a) A harmonia sintática entre o verbo e o seu sujeito ⇨ **Concordância verbal**

b) A harmonia sintática entre o substantivo e os termos os quais a ele se referem ⇨ **Concordância nominal**

Nesta primeira etapa, trabalharemos a concordância entre o verbo e o seu sujeito. Antes, porém, convém conhecer os três tipos principais de concordância:

a) Concordância gramatical ⇨ é aquela feita com o núcleo do termo.

b) Concordância atrativa ⇨ é aquela efetuada com o núcleo semântico mais próximo.

c) Concordância ideológica ⇨ é aquela efetuada não com o termo, mas com a ideia passada pelo termo.

⇨ Observe:

núcleo do sujeito

› O **motivo** simples de tantos atos supostamente cruéis somente anos depois se **manifestou**.

verbo da concordância gramatical

Sujeito — verbo da concordância atrativa

› Um grupo de **pesquisadores** holandeses **iniciarão** um estudo sobre a febre aftosa no Brasil.

Sujeito — verbo da concordância ideológica

› **Uma multidão** avançou sobre o juiz. **Disseram** que já não mais aguentavam tanta roubalheira.

Perceba que neste caso, o sujeito do verbo "dizer" continua sendo "a multidão". Concorda-se com a ideia de que a multidão representa "vários indivíduos, várias pessoas".

› Encontrou um **bom** momento e hora para a realização da reunião.

concordância nominal com o substantivo mais próximo

À exceção de alguns casos, a concordância autorizada pela norma culta é a "gramatical". A nossa preocupação sempre será com o núcleo do termo.

5.1 CONCORDÂNCIA VERBAL

Dica: Não estude este capítulo antes de conhecer bem o sujeito de uma oração. Aqui o nosso objetivo é harmonizar em número (singular ou plural) e em pessoa (1.ª, 2.ª ou 3.ª) o sujeito com o seu verbo. Logo, se você não consegue identificar com segurança o sujeito de uma oração, ou tem dificuldades para fazê-lo, estude o sujeito da oração.

5.1.1 REGRA GERAL

O verbo concorda em número (singular ou plural) e em pessoa (1.ª, 2.ª ou 3.ª) com o seu sujeito simples.

Núcleo do sujeito – 3.ª p. do singular verbo na 3.ª p. do singular

- O **pensamento** dos novos filósofos contemporâneos não **se antepõe** ao pensamento grego.

Verbo na 3.ª p. do plural núcleo do sujeito núcleo do sujeito

- Grandes golpes **sofreram** nossos **antepassados** quando muitas **doenças** **assolaram** cidades inteiras.

verbo na 3.ª p. do plural

Verbo na 3.ª p. do plural

- Do Norte e Nordeste brasileiro, **advieram**, nas décadas de 60 e 70, muitos **imigrantes** para São Paulo.

núcleo do sujeito na 3.ª p. do plural

5.1.2 SUJEITO FORMADO POR PESSOAS GRAMATICAIS DIFERENTES

Regra: Quando o sujeito é formado por pessoas gramaticais diferentes, obedece-se à seguinte lei de prevalência:

- **1.ª pessoa + 2.ª pessoa** = 1.ª pessoa do plural (a primeira prevalece sobre a segunda) ⇨ NÓS
- **1.ª pessoa + 3.ª pessoa** = 1.ª pessoa do plural (a primeira prevalece sobre a terceira) ⇨ NÓS
- **2.ª pessoa + 3.ª pessoa** = 2.ª pessoa do plural (a segunda prevalece sobre a terceira) ⇨ VÓS

Resumindo: A primeira pessoa prevalece sobre as demais e a segunda pessoa prevalece sobre a terceira.

sujeito composto por pessoas gramaticais diferentes verbo na 1.ª pessoa do plural

- O **Ministro** dos Esportes e **eu**, na próxima semana, **inauguraremos** um novo estádio de futebol.

sujeito composto por pessoas gramaticais diferentes verbo na 2.ª pessoa do plural

- Vossa **tia** e **tu**, quando toda a comitiva chegar, **devíeis** providenciar imediatamente um local para descanso.

sujeito composto por pessoas gramaticais diferentes

- **Tu** e todos os outros **professores** presentes à cerimônia, após o lanche, **comporeis** uma mesa redonda.

verbo na 2.ª pessoa do plural

⇨ Observação importante:

Nos dois últimos exemplos, o verbo também poderia concordar na 3.ª pessoa do plural em virtude da possibilidade de se tratar o "tu" e o "ele" não por "vós", mas sim por "vocês". Logo:

- Tu e todos os outros **professores** presentes à cerimônia, após o lanche, **comporeis** / **comporão** uma mesa redonda.

- O **presidente** do Diretório Acadêmico e **tu**, Roberto, líder de nossa turma, **poderíeis** / **poderiam** reivindicar melhorias para a Universidade.

5.1.3 REGRAS ESPECIAIS DE CONCORDÂNCIA VERBAL COM O SUJEITO SIMPLES

1. Quando o sujeito é formado por expressões partitivas (uma parte de, a metade de, o grosso de, um grande número de, uma porção de, a maioria de etc.) o verbo poderá concordar, no singular, com o núcleo dessas expressões ou com o termo da expressão explicativa ou especificativa que as acompanha.

sujeito
- Boa **parte** dos **inscritos** no último concurso **irá** / **irão** realizar a prova no centro da cidade.

sujeito
- Grande **número** de **automóveis** **circula** / **circulam** nas principais capitais brasileiras.

sujeito
- Por incrível que pareça, a **maioria** dos **participantes** **anteviu** / **anteviram** o resultado da gincana.

2. Quando o sujeito é formado por numerais percentuais ou fracionários seguidos de uma especificação, o verbo poderá concordar tanto com o numeral quanto com a expressão especificativa.

Dica: Não se esqueça de que os numerais "zero" e "um" levam o verbo para o singular. Quanto aos numerais fracionários, para a concordância verbal, leva-se em conta o numerador.

- $\overset{\text{sujeito}}{\text{32\% de todo o } \textbf{dinheiro} \text{ arrecadado}}$ $\left\{\begin{array}{l}\text{será doado}\\ \text{serão doados}\end{array}\right.$ para instituições de caridade.

- $\underset{\text{sujeito}}{\text{8,6\% dos } \textbf{entrevistados}}$ **alegaram** que não gostam de comprar a prazo.

> Neste caso, só o plural para o verbo é possível, pois tanto o núcleo do sujeito quanto o termo da especificação se encontram no plural.

- $\overset{\text{sujeito}}{\text{1/4 dos } \textbf{alunos}}$ do ensino médio $\left\{\begin{array}{l}\text{prestará}\\ \text{prestarão}\end{array}\right.$ vestibular para Medicina.

- Parece que só 2/3 de todo o **grupamento** masculino $\left\{\begin{array}{l}\text{requereram}\\ \text{requereu}\end{array}\right.$ a dispensa para as festas natalinas.

Resumindo:

- Número no singular + nome no singular ⇛ Verbo no singular
- Número no singular + nome no plural ⇛ Verbo no singular ou no plural
- Número no plural + nome no singular ⇛ Verbo no singular ou no plural

⇛ Observação importante:

Se o numeral vier precedido de algum determinante, a concordância será feita com este determinante. Observe:

- $\overset{\text{sujeito}}{\textbf{Os} \text{ 15\% restantes do grupo pesquisado}}$ **serão** novamente entrevistados na próxima semana.

3. Quando o sujeito é formado por expressões que indicam quantidade aproximada (cerca de, perto de, mais de, menos de, coisa de, obra de, passante de etc.) seguidas de um numeral, o verbo concordará com este numeral que acompanha as expressões.

▹ Cerca de **duzentas** pessoas **intervieram** no protesto dos sem-terras.
sujeito

sujeito
▹ Perto de **quinze** manifestantes **se aglomeraram** em frente ao Palácio do Planalto.

▹ Mais de **vinte** alunos **foram** reprovados neste ano em nossa escola.
sujeito

4. Com a expressão "Mais de um" o verbo deverá ficar, portanto, no singular.

▹ A polícia percebeu que mais de **um** bandido **se escondia** na mata.
sujeito

sujeito
▹ Mais de **uma** criança **se entreteve** com o novo *brinquedo que fora colocado no salão de jogos.*

▹ "Mais de um coração de guerreiro **batia** apressado." (A. Herculano)

➩ Observação:

Caso a expressão "Mais de um" apareça repetida ou venha acompanhada de um verbo que indique reciprocidade, a concordância será feita no plural.

sujeito composto – expressão "mais de um" aparece repetida
▹ **Mais de um** interventor, **mais de um** advogado, **mais de um** engenheiro **compareceram** ao prédio que ruiu.

▹ Mais de um deputado **se agrediram** na última sessão plenária.
sujeito verbo indica reciprocidade

5. Quando o sujeito é um "pronome de tratamento", o verbo concordará obrigatoriamente na terceira pessoa.

- – $\underset{\text{sujeito}}{\underline{\text{Vossas Excelências}}}$ ainda não $\underset{\text{verbo na 3.ª pessoa do plural}}{\textbf{avaliaram}}$ o meu pedido?

- – Se $\overset{\text{sujeito}}{\underline{\text{Sua Majestade}}}$ **quiser**, eu posso lhe entregar todas as cópias do processo, disse o advogado à secretária do rei.

> Observe que toda a concordância é feita na terceira pessoa, inclusive os pronomes que se referem ao pronome de tratamento também são utilizados na terceira pessoa.

- – $\underset{\text{sujeito}}{\underline{\text{Vossa Senhoria}}}$ **gostaria** de que eu lavasse o seu carro?

6. Quando o sujeito é a expressão "um dos que", o verbo poderá concordar, na maioria dos casos, tanto no singular quanto no plural.

- Ele foi um dos alunos que mais $\left\{\begin{array}{l}\text{se destacou}\\ \text{se destacaram}\end{array}\right.$ neste ano.

- Certamente a ex-secretária será uma das pessoas que $\left\{\begin{array}{l}\text{se arrependerá}\\ \text{se arrependerão}\end{array}\right.$ dos erros cometidos.

- Aquele mestre foi um dos poucos que $\left\{\begin{array}{l}\text{anteviu}\\ \text{anteviram}\end{array}\right.$ o incidente com o metrô.

Observação:

Há casos, entretanto, que só o singular ou só o plural é possível. Geralmente, isso se dá em face da exclusão ou da inclusão perceptível no contexto do período. Observe o exemplo abaixo:

- Foi um dos filhos de Sr. João que me **telefonou** hoje pela manhã. (Não há aqui lógica que permita o plural, pois só um dos filhos dele fez a ação de telefonar.)

7. Quando o sujeito é um pronome interrogativo, demonstrativo ou indefinido no plural (quais, quantos, alguns, poucos, muitos, quaisquer etc.), seguido de uma das expressões "de nós" ou "de vós", o verbo poderá concordar tanto com o pronome interrogativo, indefinido ou demonstrativo quanto com os pronomes "nós" ou "vós".

- Certamente muitos de vós $-\left[\begin{array}{l}\text{proporão}\\ \text{proporeis}\end{array}\right.$ mudanças para a nossa administração.
- Eles perceberam que quaisquer de nós $-\left[\begin{array}{l}\text{comprávamos}\\ \text{compravam}\end{array}\right.$ resolver aquela situação.
- Quantos de vós, após o confisco das poupanças, não $-\left[\begin{array}{l}\text{interpuseram}\\ \text{interpusestes}\end{array}\right.$ recurso da decisão.

➾ Observação importante:

Se o pronome interrogativo, demonstrativo ou indefinido estiver no singular (qual, algum, qualquer etc.), o verbo obrigatoriamente ficará no singular.

- **Quem** de nós, na mesma situação, não **agiria** daquele jeito?
- **Qual** de vós **conhece** o segredo do cofre?
- **Algum** de nós certamente **entregou** o colega à direção da empresa.
- **Cada um** dos que ali estavam **tinha** um forte compromisso com o marxismo.

8. Quando o sujeito é o pronome relativo "QUE", o verbo concordará com o termo antecedente.

- De repente, apareceram muitos companheiros **que** apoiaram de imediato o protesto.

> Perceba que neste caso o pronome relativo retoma a palavra precedente e funciona como sujeito para a oração a qual ele mesmo introduz. Observe: Apareceram muitos companheiros. Companheiros apoiaram de imediato o protesto.

- Fomos nós **que** propiciamos todo aquele contratempo.
- Havia muitas indagações **que** nos deixavam confusos.

Observações:

a) Se houver predicativo na oração, é possível tanto a concordância com o antecedente imediato do relativo "que" quanto com o sujeito da oração antecedente:

▸ **Nós** sempre fomos os **homens** que $\left\{\begin{array}{l}\text{comprávamos}\\ \text{compravam}\end{array}\right.$ os materiais de limpeza da firma.

▸ "Tu és a flor que **despontaste** livre." (Gonçalves Dias)

▸ "Não sabeis que eu sou o que **ensinei** a dar benefícios por agravos e favores por injúrias?" (M. Bernardes)

▸ "Nós somos os galegos que **levamos** a barrica." (Camilo Castelo Branco)

b) Quando o relativo "que" exerce a função de sujeito e o termo que o antecede é formado por dois ou mais substantivos, o "que" pode retomar qualquer um desses substantivos, desde que a lógica da oração adjetiva o permita.

▸ O preço das ações que $\left\{\begin{array}{l}\text{se negociou (preço)}\\ \text{se negociaram (ações)}\end{array}\right.$ na bolsa de valores caiu em razão de uma interferência externa.

▸ Eles interromperam um processo de atitudes que $\left\{\begin{array}{l}\text{podia (processo)}\\ \text{podiam (atitudes)}\end{array}\right.$ resolver o problema.

pronome relativo "que" retoma "lei"

▸ A lei das sociedades anônimas **que foi promulgada** esta semana será objeto de impugnação.

c) Quando o pronome relativo "que" se referir a um vocativo, considera-se o pronome relativo como se de 2.ª pessoa fosse. Portanto, a concordância verbal deverá ser feita na 2.ª pessoa. Observe:

▸ "Alma minha gentil, que **te partiste**
tão cedo desta vida descontente." (Camões)

▸ "Homem, **que me pedes** amor, sabe que eu te detesto." (Epifânio da S. Dias)

d) Quando o pronome relativo "que" vem precedido de "um de, uma de, um dos, uma das", emprega-se hoje preferencialmente o verbo da oração adjetiva no plural. Entretanto, era comum, em muitas obras clássicas, o emprego do verbo no singular. Por isso, as duas formas de concordância são consideradas corretas.

- "Um dos gestos **que melhor exprimem** a minha essência foi a devoção com que corri no domingo próximo a ouvir missa em S. Antônio dos Pobres." (Machado de Assis)
- "E chegando a uma das portas **que davam** para a estalagem, gritou: — Vá de rumor! Não quero isto aqui! É safar!" (Aluízio Azevedo)
- "Uma das felicidades **que se contava** entre as do tempo presente era acabarem-se as comédias em Portugal; mas não foi assim." (Pe. Antonio Vieira)
- "Suspendeu-se a uma das palmeiras **que servia** de esteio à choça, e por um desses movimentos ágeis..." (José de Alencar)

9. Quando o sujeito é o pronome relativo "QUEM", o verbo concordará na 3.ª pessoa do singular com este pronome ou com o seu antecedente, desde que se trate dos pronomes pessoais do caso reto (eu, tu, ele, nós, vós, eles.).

- Foste tu quem $\left\{\begin{array}{l}\text{comprou}\\ \text{compraste}\end{array}\right.$ aquele livro ali?
- Parece que seremos nós quem $\left\{\begin{array}{l}\text{responderá}\\ \text{responderemos}\end{array}\right.$ pelos prejuízos causados.

☞ Observação:

Quando o antecedente do pronome "QUEM" não for um pronome do caso reto – repita-se –, só é lícita a concordância na 3.ª pessoa do singular. Veja:

- Foram os próprios colegas de trabalho quem **compôs** a música do aniversário dele.
- Porventura, seriam aqueles dois rapazes quem **promoveu** toda a bagunça?
- "Eu, o Silêncio e a Solidão éramos quem **estava** aí." (A. Herculano)

10. Quando o sujeito for formado por nomes próprios que só existem no plural (Estados Unidos, Andes, Patos, Minas Gerais, Alagoas, por exemplo), o verbo ficará no singular se estes nomes não vierem precedidos de artigo ou se o artigo estiver no singular. Caso apareça um artigo no plural, a concordância será feita no plural.

- Estados Unidos ainda não **encontrou** uma saída para o Iraque.
- Ilhéus sempre **foi** uma bela cidade para o turismo.

- **O** Marrocos sempre **encanta** os turistas que por lá passam.
- **As** Filipinas se **envolveram** numa sangrenta guerra há muitos anos.
- **Os** Emirados Árabes sempre **exportaram** petróleo.

⇨ Observação:

Caso o nome no plural se refira a uma obra artística ou literária, tanto o singular quanto o plural são corretos para o verbo da concordância.

- "Os Lusíadas" $\left\{\begin{array}{l}\text{imortalizaram}\\ \text{imortalizou}\end{array}\right.$ Luis Vaz de Camões.
- "Os Sertões" de Euclides da Cunhas $\left\{\begin{array}{l}\text{representaram}\\ \text{representou}\end{array}\right.$ um marco para a Literatura Brasileira.

11. Quando o sujeito for formado por um substantivo coletivo seguido de uma especificação, o verbo poderá concordar tanto com o coletivo quanto com a especificação.

- Um grupo de arruaceiros $\left\{\begin{array}{l}\text{invadiu}\\ \text{invadiram}\end{array}\right.$ várias lojas no centro da cidade.
- Um bando de aves selvagens $\left\{\begin{array}{l}\text{sobrevoava}\\ \text{sobrevoavam}\end{array}\right.$ a cidade naquele instante.

Os substantivos "milhão, bilhão, trilhão, quatrilhão" são denominados de "numerais coletivos". Seguem, portanto, a regra de concordância dos coletivos. Ademais, tais numerais coletivos só se flexionam em número. Não apresentam variação de gênero: são sempre masculinos.

- Um milhão de pessoas **foi** (ou **foram**) ao show.
- Cerca de um milhão de turistas **visitará** (ou **visitarão**) a Europa neste ano.
- Mais de um milhão de dólares **foi gasto** (ou **foram gastos**) para a reconstrução do templo.
- Um milhão e meio de chineses já se **adaptou** (ou **adaptaram**) às novas regras do mercado capitalista.

- Os 15 milhões de crianças brasileiras que se vacinaram hoje ficarão imunes à doença durante um ano.

12. Os verbos "dar, bater e soar", por serem pessoais, concordam com os seus respectivos sujeitos.

sujeito
- Já **bateram** nos relógios da cidade as horas necessárias para o início do evento.

- **Soou** uma hora da tarde no sino da igreja.
sujeito

- Já **vão dar** dez horas e o João ainda não chegou.
sujeito

⇨ Observações:

1. Não confunda esta regra com a regra dos verbos "estar, fazer, haver, ir" na indicação de tempo transcorrido. Estes verbos são impessoais e ficam na terceira pessoa do singular.
2. Quando o sujeito dos verbos "dar, bater e soar" for a palavra "sino, relógio ou carrilhão", o verbo concordará com esse sujeito.

- Já **bateu** onze horas o relógio da sala.
sujeito

- Ainda **vai dar** duas horas da tarde o carrilhão do quarto do meu avô.
sujeito

13. O pronome apassivador "**SE**" exige que o verbo (transitivo direto ou transitivo direto e indireto) concorde com o seu sujeito passivo.

VTDI sujeito passivo
- **Transmitiram**-se-lhe novas informações sobre o caso investigado pela Polícia Federal.

> Lembre-se de que, neste caso, é possível a transformação da passiva sintética em analítica. Veja: "Novas informações lhe foram transmitidas sobre...".

- **Desfizeram**-se todas as dúvidas quando se **apresentaram** as novas provas.
VTD sujeito passivo VTD sujeito passivo

- **Compraram**-se novas ferramentas para a construção do edifício.
  VTD sujeito passivo

  VTDI sujeito passivo
- **Entregou**-se a cada um dos formandos em Direito uma carta de apresentação para emprego.

> 14. Os verbos intransitivos, os transitivos indiretos e os de ligação associados a um pronome "SE" ficam na terceira pessoa do singular. O "SE" funcionará como "índice de indeterminação do sujeito".

- Nunca mais se **falou** do esfacelamento do império russo.
  IIS VTI
- **Assistiu-se** a muitos filmes nestas férias.
  VTI IIS
- Em alguns bairros da cidade de Recife, **mora-se** muito bem.
  VI IIS

  VTI IIS
- **Precisa-se** de novos jovens empreendedores que mudem a face do mercado de capitais.

> 15. Com a expressão "haja vista" – que significa 'tenha-se em vista, leve-se em conta, considere-se' – admitem-se as seguintes concordâncias:

  expressão invariável seguida de um artigo ↴
- O Presidente parece preocupado com a situação dos pobres, **haja vista os** inúmeros investimentos na saúde.

  expressão invariável seguida da preposição "a" ↴
- Aquele bairro está se tornando um dos mais violentos, **haja vista aos** inúmeros assaltos que lá ocorrem.

  o verbo "haver" varia para concordar com o substantivo posposto ↴
- Aquele prédio deve apresentar problemas na estrutura, **hajam vista as** inúmeras reformas que se fizeram.

➾ Observação:

Nunca se esqueça, porém, de que, com esta expressão, a palavra "vista" é sempre invariável.

5.1.4 REGRAS ESPECIAIS DE CONCORDÂNCIA VERBAL COM O SUJEITO COMPOSTO

Regra geral: O sujeito composto exige o verbo da concordância no plural.

sujeito composto — verbo na 3.ª pessoa do plural

▹ Todos os argumentos e todas as formas de intervenção **foram utilizados** para mudar o pensamento dele.

sujeito composto

▹ O líder comunitário e todas as mulheres ofendidas com a ação do marginal **deporão** na delegacia mais próxima.

↳ verbo na 3.ª pessoa do plural

> **Dica:** Deste ponto em diante, estudaremos as regras que, de alguma forma, fogem da regra geral. Não se afobe! Sugiro que, se estiver cansado, pare um pouco. Descanse e volte.
>
> Procure entender o porquê da regra, não se esquecendo de que a regra maior sempre exige o verbo no plural quando o sujeito é composto. Vamos lá!

> 1. Quando o sujeito composto vier posposto ao verbo, é lícito que se concorde com o núcleo mais próximo desse sujeito ou, como nos orienta a regra geral, com ambos os núcleos.

▹ Das indagações do novo funcionário **adveio / advieram** uma nova ideia para a equipe e uma nova forma de pensar a empresa.

sujeito composto posposto ao verbo

▹ Não **convém / convêm** aos iniciantes na carreira advocatícia nem a liberalidade dos anarquistas nem a seriedade dos monges.

sujeito composto posposto ao verbo

sujeito composto posposto ao verbo

▹ Nenhum resultado **obteve / obtiveram** a reclamação do pai e as advertências da mãe.

⇨ **Observação:**

Quando se exprime reciprocidade, o verbo vai sempre para o plural. Observe:

▹ "Eram olhos, onde lutavam amor profundo e cólera violenta." (A. Herculano)

▹ Falamos com a mulher em cujo coração estavam vida e morte.

2. Quando o sujeito composto é formado por núcleos sinônimos, ou quase sinônimos, ou ainda se tais núcleos constituem uma gradação, o verbo poderá concordar tanto no singular quanto no plural.

núcleos sinônimos ou quase sinônimos

- A fama, a glória, o reconhecimento do público **fez** / **fizeram** de Paulo um homem arrogante.

núcleos sinônimos ou quase sinônimos

- Morro, se a misericórdia, o perdão, a graça de Deus não me **acode** / **acodem**.

núcleos do sujeito formam uma gradação

- O desafeiçoado, o insensível, o empedernido nunca se **preocupa** / **preocupam** com a situação dos outros.

núcleos do sujeito formam uma gradação

- O fraco, o debilitado, o sem-forças se **rende** / **rendem** com facilidade às corrupções do mundo.

núcleos sinônimos ou quase sinônimos

- "A largueza e relaxação da vida **escurece** a consciência e **cega** a alma." (Pe. Antônio Vieira, *Sermões*).

⇨ **Observações:**

a) Tenha muito cuidado com esta regra. Não é qualquer tipo de sujeito composto que possibilitará o verbo no singular. A concordância no singular é possível pela unidade semântica que esses sujeitos representam.

b) Quando a gradação do sujeito for resumida por um termo, só com este termo se fará a concordância. Veja:

termo que resume a gradação

- Um mês, um ano, um século, **uma vida inteira** não **bastava** para esquecer a mágoa que ela me causou.

c) É fundamental também não se esquecer de que a concordância no singular, nesta regra, só é possível, porque há também uma unidade de singular entre os núcleos do sujeito. Basta um dos núcleos vir no plural para que só o plural seja admissível para o verbo da concordância. Veja:

- O rancor, a mágoa, a cólera, a ira, o ódio sempre **fazem** / **faz** mal ao homem.

sujeito formado por núcleos sinônimos ou quase sinônimos

Agora...

- O rancor, **as mágoas**, a cólera, a ira, o ódio sempre **fazem** mal ao homem.

3. Quando o sujeito composto é resumido por um pronome indefinido (tudo, toda, nada, ninguém, cada um etc.), o verbo concordará com este pronome resumitivo.

- O mar, os céus, a terra, **tudo apregoa** a glória de Deus.
  pronome resumitivo

- Doenças, desemprego, morte na família, **nada** o **fazia** pensar sobre a vida.
  pronome resumitivo

- "No quintal a aroeira e a pitangueira, o poço, a caçamba velha, e o lavadouro, **nada sabia** de mim". (M. Assis)

➾ Cuidado!! Não se deixe enganar:

OD VTD

- As bolas de sopro, as serpentinas, os confetes tudo **queriam** os organizadores da festa naquele instante.
  sujeito do verbo querer

4. Quando os núcleos do sujeito forem infinitivos não precedidos de determinante, o verbo concordará na terceira pessoa do singular.

Dica: Para aprofundar este conhecimento, confronte esta regra com a regra do sujeito oracional, estudado no final deste capítulo.

- **Fazer** exercícios regulares e **dormir** oito horas diárias **faz** bem à saúde.
  sujeito composto cujos núcleos são infinitivos

- **Fumar** e **beber** em ambiente de trabalho **é** terminantemente proibido.
  sujeito composto cujos núcleos são infinitivos

- **Viver** e **sonhar constitui** a alma de nossa existência.
  sujeito composto cujos núcleos são infinitivos

- "**Vê-la** e **amá-la** foi obra de um minuto." (Machado de Assis)
  sujeito composto cujos núcleos são infinitivos

➾ Observação:

Se os infinitivos vierem precedidos de determinantes ou se indicarem ideias contrárias, o verbo irá para o plural:

▹ **O** comer e **o** beber **exigem** de todos nós moderação.

▹ Nascer e **morrer** **constituem** os limites de nossa vida.

5. Quando os núcleos do sujeito são ligados por "OU", devem-se observar as seguintes orientações:

a) Se houver ideia de exclusão ou de sinonímia ➾ o verbo concordará com o núcleo do sujeito mais próximo

b) Se houver ideia de inclusão ➾ o verbo concordará com ambos os núcleos

c) Se houver ideia de retificação ➾ o verbo concordará com o núcleo do sujeito mais próximo

▹ Toda a empresa está certa de que ele **ou** tu **serás** o novo presidente.
↳ a partícula indica exclusão

▹ Guará **ou** Guaratinguetá sempre **foi** uma excelente cidade para o turismo.
↳ a partícula indica sinonímia

▹ João Paulo **ou** André **casará** com a filha do prefeito.
↳ a partícula indica exclusão

▹ Laranja **ou** abacaxi após o almoço fazem bem à digestão.
↳ a partícula indica inclusão

↱ A partícula indica retificação
▹ O vencedor **ou** vencedores do concurso **ganharão** também uma bolsa de estudos no exterior.

↱ a partícula indica exclusão
▹ O Presidente do grupo **ou** os seus vice-diretores terão aumento neste final de ano.

6. Quando o sujeito é formado pela expressão "um ou outro", o verbo da concordância fica obrigatoriamente no singular.

▹ Você não dá esmolas, mas um ou outro amigo seu **dá**.

- Acredito que uma ou outra camisa lhe **fica** muito bem.
- Para aquele deputado um ou outro ministério lhe **conviria**.

7. Quando o sujeito é formado pelas expressões "Um e outro" ou "Nem um nem outro", embora haja uma preferência para o plural, a concordância pode ser feita tanto no singular quanto no plural.

- Não adianta correr, pois nem um nem outro **escapará** / **escaparão**.
- Um e outro participante da maratona **alegou** / **alegaram** que houve fraude na competição.
- Paula e Joana foram reprovadas nos estudos. Nem uma nem outra **quis** / **quiseram** falar sobre o fato.
- Quando ele caiu em campo, um e outro jogador **tentou** / **tentaram** socorrê-lo, mas foi tarde demais.

Lembrete:

"A esta altura do campeonato", convém não esquecer: os verbos que indicam reciprocidade concordam no plural – 3.ª pessoa.

- Nem um nem outro **se cumprimentaram** à porta do evento.

↑ verbo indica reciprocidade. O plural é obrigatório.

verbo indica reciprocidade. O plural é obrigatório. ↴

- Na última sessão, um e outro parlamentar **se esbofetearam** em virtude da não aprovação da medida.

8. Quando os núcleos do sujeito são unidos por "Nem... nem...", o verbo da concordância poderá ficar tanto no singular quanto no plural.

- Nem o Sport nem o Náutico **ganhará** / **ganharão** o torneio este ano.
- Nem honra, nem desonra, nem alegria, nem tristeza o **faziam** / **fazia** chorar.

⇒ **Observação:**

Se houver pronomes pessoais indicando pessoais gramaticais diferentes, o verbo da concordância obedecerá à lei da primazia (1.ª pessoa prevalece sobre as demais; 2.ª pessoa prevalece sobre a terceira).

› Nem eu nem tu **iremos** para o show de rock.
1.ª + 2.ª └ 1.ª pessoa do plural prevalece

3.ª + 2.ª ┌ 2.ª ou 3.ª pessoa do plural prevalece
› Nem o tio João nem tu **deixastes** / **deixaram** o dinheiro para eu comprar a comida. Por que isso aconteceu?

9. Quando os núcleos do sujeito são unidos pela preposição "COM", o verbo da concordância poderá ficar no singular ou no plural.

› O amigo **com** os seus melhores colegas **foi** / **foram** tomar satisfações com o outro grupo em virtude do ocorrido.

› Ele ficou sabendo que o bandido **com** vários de seus comparsas **tentariam** / **tentaria** invadir a fábrica à noite.

› O empresariado brasileiro **com** toda a sua assessoria **poderá** / **poderão** perceber a qualquer momento que a economia não vai bem.

⇒ **Observação:**

Lembre-se de que se o verbo anteceder ao sujeito, ele só poderá concordar com o núcleo mais próximo.

› A nova diretora **com** todos os seus professores **participará** / **participarão** da inauguração do Grêmio acadêmico.

› **Participará** da inauguração do Grêmio acadêmico a nova diretora com todos os seus professores.

10. Quando os núcleos do sujeito vierem unidos pela conjunção "como", embora haja a preferência para o plural, o verbo da concordância poderá ficar no singular ou no plural.

sujeito

- A tarifa de energia elétrica **como** a da água e esgoto **subiu** / **subiram** de preço esta semana.

sujeito

- A criança **como** o adulto só **aprende** / **aprendem** na vida quando se está diante de uma dificuldade.

11. Quando os núcleos do sujeito vierem ligados por conjunções correlatas (Não só... mas também; Não só... bem como; Não só... mas também; Tanto... quanto; Tanto... como etc.), o verbo irá para o plural.

Sujeito

- **Não só** o Ministro da fazenda, **mas também** todo o seu séquito **irão** participar da inauguração das obras.

- **Tanto** a moça **quanto** o seu pai **homenagearão** os professores do curso.

Sujeito

⇨ **Observação:**

Há gramáticos que também admitem, para este caso, a concordância no singular. Para estas correlações aditivas – as quais literalmente indicam soma, adição, acréscimo – parece-nos mais lógica, entretanto, a concordância apenas no plural.

- Tanto o leite quanto o pão **subiu** / ou / **subiram** de preço

- Não só o amigo mais íntimo como também toda a parentela **foi** / ou / **foram** visitá-lo na enfermidade.

Ufa!! Quanta regra, hein??!! Sugiro que descanse um pouco antes de iniciar a próxima etapa. Nossa missão será estudar um verbo que, por suas características, possui uma concordância toda especial, toda particular: o verbo SER. O assunto não é difícil e não são muitas as regras. Mantenha a calma! Continue firme!

5.1.5 CONCORDÂNCIA DO VERBO "SER"

O verbo "SER" é, como já disse, um verbo especial. Para a gramática normativa ele é considerado, quando empregado na função de verbo de ligação, um verbo desprovido de significado, não nocional. Em virtude desse esvaziamento semântico e da busca por uma melhor eufonia, em muitos casos o verbo SER deixará de concordar com o seu sujeito e passará a concordar com o seu predicativo. Observe agora as regras mais comuns para o emprego correto desse verbo:

1. Quando o sujeito é representado pelos pronomes neutros "tudo, isto, aquilo, o", o verbo SER pode concordar tanto com o seu sujeito quanto com o seu predicativo:

- Como se sabe, nem tudo na vida **é** / **são** flores.
- **O** que ele mais admira em você **é** / **são** seus belos olhos verdes.

2. Quando o sujeito é formado por um substantivo e o predicativo também é um substantivo, ambos indicando coisas, o verbo SER poderá concordar tanto com o sujeito quanto com o predicativo:

- A maior parte de todo o problema **era** / **eram** fricotes da moça.
- A cama dele sempre **foi** / **foram** restos de jornais velhos.
- 20% dos alunos **foi** / **foram** o número escolhido para representar a escola nos jogos municipais.

3. Quando o sujeito for representado por uma pessoa – sujeito personativo –, o verbo SER deverá obrigatoriamente concordar com este sujeito.

- **Milena era** as alegrias de toda a família.
- A **criancinha** doente **é** as preocupações de seus pais.
- O **deputado foi** só alegrias quando soube que não ia ser cassado.

4. Quando o verbo SER fizer parte de uma expressão que indica quantidade (peso, medida, preço), ele sempre ficará no singular.

- Duzentos gramas de presunto **é pouco** para a lasanha.
- Dez mil reais **fora** o bastante para ele comprar um bom automóvel.
- As quarenta árvores plantadas **foi** muito para quem só dispõe de dois hectares de terras inférteis.

5. Quando o sujeito ou o predicativo é representado por um pronome do caso reto, o verbo SER obrigatoriamente concorda com esse pronome.

- **Ele** sempre **foi** os olhos da família.
- Nesta terra, o chefe **sois vós.**
- Neste setor da empresa, os responsáveis **somos nós.**
- Eles sabem que **eu serei** os pilares da organização.

➯ Observação:

Se tanto o sujeito quanto o predicativo forem representados por pronomes do caso reto, o verbo SER concordará obrigatoriamente com o sujeito. Veja:

- Já falei que **eu** não **sou** ele.
- **Nós**, meu senhor, não **somos** eles.

6. Quando o verbo SER fizer parte de locuções que indiquem tempo ou distância, ele obrigatoriamente concordará, embora seja impessoal, com a expressão numérica que acompanhar tais locuções:

- Entre 1964 e 1985 **foram vinte e um** anos de muita repressão.
- Já **devem ser**, pela posição do sol, **umas cinco horas** da tarde.
- **É meio-dia e meia** na cidade de São Paulo e o sol ainda não apareceu.

› Hoje **são dezesseis** de abril.

⇨ **Observação:**

Neste último exemplo também é lícita a concordância "Hoje é dezesseis de abril", fazendo o verbo concordar com a palavra implícita "dia". É óbvio que, se a palavra "dia" vier expressa na frase, o verbo obrigatoriamente concordará com ela. Veja:

› Hoje é **dia** dezesseis de abril.

7. Quando o verbo SER fizer parte da locução expletiva ou de realce "É QUE", ele permanecerá invariável.

› É nas horas difíceis **que** se conhecem os verdadeiros amigos.

› Na realidade os homens **é que** deveriam se amar mais uns aos outros.

8. Quando o sujeito é formado por um pronome interrogativo QUE ou QUEM, o verbo SER concorda obrigatoriamente com o seu predicativo.

› Quem **foram os culpados** por esta desordem?

› Que **horas são** agora, por favor?

› Que **poderiam** ser **aquelas luzes** ao longe?

Puxa!!! Você conseguiu chegar até aqui!! Parabéns!! Só faltam mais algumas regras para terminar o assunto "concordância verbal". Não desista!! Nossa próxima incumbência será entender a concordância com o sujeito oracional.

5.1.6 A CONCORDÂNCIA COM O SUJEITO ORACIONAL

Um dos pontos bastante explorados pelas bancas examinadoras é a concordância com o sujeito oracional. Acompanhe o desenvolvimento abaixo:

- **São** fundamentais **as assinaturas dos sócios no contrato.**
  Verbo concorda com o sujeito — sujeito simples

- **É** fundamental **que os sócios assinem o contrato.**
  Verbo concorda na 3.ª pessoa do singular — sujeito oracional

> **Regra geral:** O verbo sempre concordará na terceira pessoa do singular com o sujeito oracional.

Observe outros exemplos em que foi feito esse tipo de desdobramento (transformação do período simples em período composto com a formação de um sujeito oracional):

- Foram necessárias todas aquelas mudanças. (período simples)
  sujeito simples
  - Foi necessário **que se fizessem todas aquelas mudanças**. (período composto)
    sujeito oracional

- Espera-se o retorno dele o mais breve possível.
  sujeito simples
  - Espera-se **que ele retorne o mais breve possível**.
    sujeito oracional

- Foi anunciada a construção de uma nova ponte para a nossa cidade.
  sujeito simples
  - Foi anunciado **que uma nova ponte seria construída em nossa cidade**.
    sujeito oracional

➾ Observação:

Lembre-se de que, em português, os infinitivos e as orações representam o número singular e o gênero masculino. Por isso, o sujeito oracional – que não passa de uma oração que exerce a função sintática de sujeito – exige o verbo da concordância no singular. Ademais, se houver algum adjetivo, este irá para o masculino. Observe, no exemplo abaixo, que o adjetivo participial "considerada" não está concordando com o sujeito oracional.

- "**Vencer** a **sujeição ao acaso** pode ser considerada uma das errôneas preocupações do pensamento filosófico inaugurado na Grécia." (ESAF)

Corrija-se para...

- "Vencer a sujeição ao acaso pode ser **considerado** uma das errôneas..."

Como você já está mais familiarizado com o sujeito oracional, vamos abaixo listar as formas como o sujeito oracional se apresenta.

1.ª FORMA

O sujeito oracional é a oração subordinada substantiva subjetiva, desenvolvida e introduzida, geralmente, pelas conjunções integrantes "que" e "se". Observe os exemplos:

- É muito difícil que se cumpram os propósitos que, invariavelmente, se formulam a cada início de ano.
- Não se admite que hajam nascido, em quaisquer outras espécies, seres capazes de compor sinfonias.
- É imprescindível que se cumpram os acordos firmados em relação à oferta de energia e aos preços adequados, e que se atenda ao aumento da demanda.
- Urge que sejam definidas as metas de oferta de energia em quantidade suficiente e preço adequado, para impulsionar o desenvolvimento do país.

⇨ Observação:

O importante não é apenas identificar o sujeito oracional. Acima de tudo, é essencial perceber que o verbo (destacado em cor laranja) concorda na 3.ª pessoa do singular com o sujeito oracional.

2.ª FORMA

O sujeito oracional manifesta-se por meio de uma estrutura proverbial ou de uma assertiva categórica, introduzidas pelo pronome relativo condensado "QUEM", que equivalerá a "AQUELE QUE". Observe os exemplos abaixo:

- Quem canta seus males espanta.
  sujeito oracional para o verbo "espantar"
- Quem com porcos se mistura farelo come.
  sujeito oracional para o verbo "comer"
- Quem com ferro fere com ferro será ferido.
  sujeito oracional para a locução da voz passiva "será ferido"

- Como obterá aprovação em um concurso público **quem nunca estudou com seriedade**?
  sujeito oracional para o verbo "obter"

- **Quem quiser conhecer os detalhes da vida** estude Filosofia.
  sujeito oracional para o verbo "estudar"

➾ Observação:

Mais uma vez fique atento à concordância dos verbos "espantar, comer, ferir, obter e estudar", usados nos exemplos acima. Veja que todos estão flexionados na 3.ª pessoa do singular para concordar com seus respectivos sujeitos oracionais.

> Conselho de amigo: Fique muito atento!! O próximo caso é um dos mais explorados nos concursos públicos.

3.ª FORMA

O sujeito oracional é a oração subordinada substantiva subjetiva, reduzida de infinitivo. Observe os exemplos abaixo (destacamos o verbo – que concorda na 3.ª pessoa do singular – e o sujeito oracional):

- Não **convém** aos novos formandos em Direito **agir de forma contrária à Lei.**
  verbo na 3.ª pessoa do singular — sujeito oracional – oração reduzida de infinitivo

- verbo na 3.ª pessoa do singular — sujeito oracional
  Caso não nos **ocorresse**, naquelas horas, **buscar o auxílio de um guia**, jamais teríamos encontrado o caminho.

- verbo na 3.ª pessoa do singular — sujeito oracional
  Não **compete** aos historiadores **exercer a mera função de arquivistas públicos**.

- verbo na 3.ª pessoa do singular — sujeito oracional
  Não **aprouvesse** aos homens **criar instituições**, certamente viveríamos sob o signo da barbárie.

- verbo na 3.ª pessoa do singular — sujeito oracional
  Em muitos prédios do centro, ainda **resta**, nos andares mais altos, **vender muitas unidades**.

- **Faltava** **dar os últimos retoques** para que a festa ficasse pronta.
  verbo na 3.ª pessoa do singular — sujeito oracional

verbo na 3.ª pessoa do singular sujeito oracional

▷ Quanto aos nossos vizinhos, **cabe-nos** reconhecê-los como nossos semelhantes, pois, como nós, são seres únicos.

verbo na 3.ª pessoa do singular sujeito oracional

▷ Muitas pessoas, achando que não lhes **basta** ouvir os apelos da vocação, valorizam as vantagens pecuniárias de uma profissão.

verbo na 3.ª pessoa do singular sujeito oracional

▷ Em geral não nos **apetece** enfrentar os contornos duros do nosso rosto verdadeiro, mais desconfortáveis que os do construído.

> **Aviso aos navegantes:** O próximo caso será um pouco complicado. Sugiro que pare um pouco e descanse a mente (5 minutos é o bastante!). Estude mais de uma vez o caso abaixo; se não entender, consulte o seu professor, o seu orientador.

4.ª FORMA

O sujeito oracional é a oração subordinada substantiva subjetiva, reduzida de infinitivo, e que se encontra posposta e apresenta transitividade incompleta (geralmente o infinitivo é transitivo direto com objeto direto no plural). Observe o exemplo abaixo (destacamos o sujeito oracional em cor laranja):

▷ Os documentos que era preciso encontrar resolveriam o problema.

Observe a construção...

1.ª oração: Os documentos resolveriam o problema.

2.ª oração: que (os documentos) encontrar → sujeito oracional para a 3.ª oração

3.ª oração: era preciso

Algumas considerações sobre o exemplo acima:

a) Observe que o pronome relativo "que" é o objeto direto do verbo "encontrar". Como o relativo se refere a "Os documentos", teremos, então: "encontrar os documentos".

b) O verbo "ser" em "era preciso" concorda com o seu sujeito oracional "encontrar os documentos". Logo, teremos: "Encontrar os documentos era preciso". Ocorre que o termo "os documentos", no exemplo, está representado pelo pronome relativo "que".

Vejamos outros exemplos:

verbo "ser" concorda na 3.ª pessoa do singular
- Os navios que é essencial construir servirão para a defesa do nosso litoral.
sujeito oracional = que (os navios) construir

- O deputado estava preocupado com os votos que lhe convinha arranjar.
sujeito oracional = que (os votos) arranjar

- As medidas que seria oportuno decretar poderiam diminuir as exportações.
sujeito oracional = que (as medidas) decretar

verbo "tentar" concorda na 3.ª pessoa do singular com o sujeito oracional
- Fui de encontro às ações que se tentava implantar.
sujeito oracional passivo = que (as ações) implantar

verbo "caber" concorda na 3.ª pessoa do singular com o sujeito oracional
- Nunca lhe pesou nas costas a dificuldade das funções que lhe cabia desempenhar.
sujeito oracional = que (as funções) desempenhar

Observações sobre esse último caso:

a) Perceba que, em todos os exemplos, a função sintática do pronome relativo "que" é definida pelo infinitivo, o qual representa o núcleo do sujeito oracional.

b) Nos grandes concursos, algumas bancas exploram este tipo de sujeito oracional. É preciso ter muito cuidado para não se fazerem confusões. Veja abaixo uma análise errada de um período que apresenta sujeito oracional posposto com verbo transitivo direto e objeto direto no plural:

- As subvenções que são lícitas obter do governo atrapalham as importações.
O sujeito do verbo "ser" é a oração
"que (as subvenções) obter do governo"

Logo, é preciso corrigir o período acima para...

- As subvenções que é lícito obter do governo atrapalham as importações.

5.1.7 CONCORDÂNCIA DO VERBO "PARECER"

Outro caso bastante interessante diz respeito à concordância do verbo "parecer". Isto porque este verbo tem o condão de tanto poder funcionar como verbo auxiliar em uma locução verbal quanto de aparecer como verbo independente, geralmente empregado como intransitivo. Vejamos:

- Maria **está** doente. ⇒ Maria **parece** doente.
  Verbo de ligação — verbo de ligação

- Maria **deve estar** doente.
  Locução verbal

- Maria **parece estar** doente.
  - Maria estar doente PARECE. (Período composto. Verbos independentes.)
  - Maria parece estar doente. (Período simples. Locução verbal "parecer + estar").

A partir desses primeiros exemplos, chegamos a uma regra:

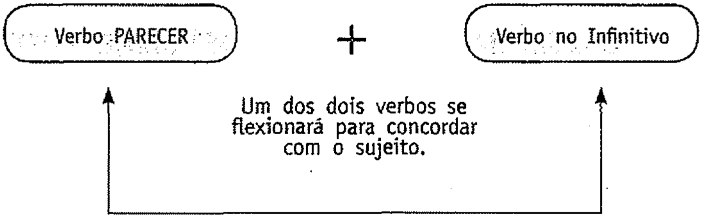
Verbo PARECER
+
Verbo no Infinitivo
Um dos dois verbos se flexionará para concordar com o sujeito.

Outros exemplos:

a)

- As estrelas **parecem brilhar**. (Período simples. Locução verbal. Sujeito simples: "As estrelas".)

OU

- As estrelas **parece brilharem**. (Período composto. Verbos independentes. Sujeito do verbo parecer é oracional: "Brilharem as estrelas".)

b)

- Alguns animais **parecem andar** como os pássaros, saltitando.

OU

- Alguns animais **parece andarem** como os pássaros, saltitando.

c)

- As lágrimas **pareciam** não a **deixar** viver a vida.

OU

- As lágrimas **parecia** não a **deixarem** viver a vida.

⇨ **Observação:**

A essa mesma regra obedecem os verbos "ver-se" e "ouvir-se" quando são seguidos de um infinitivo.

- Nunca mais **se ouviu** os acordes do hino de Pernambuco **tocarem.**

OU

- Nunca mais **se ouviram** os acordes do hino de Pernambuco **tocar.**

⇨ **Observação:**

Não se esqueça de que o sujeito oracional nada mais é do que uma oração subordinada substantiva subjetiva.

5.1.8 CONCORDÂNCIA DOS VERBOS "COSTUMAR, PODER, DEVER, PRECISAR"

Um último caso bastante intrigante de concordância se dá com os verbos "costumar, poder, dever, precisar" em construções passivas seguidas de um infinitivo transitivo direto. Tais verbos poderão tanto formar uma locução verbal com o infinitivo como poderão concordar na 3.ª pessoa do singular com o sujeito oracional formado a partir do infinitivo. Observe o diagrama:

VERBOS	PARTÍCULA	INFINITIVO TRANSITIVO DIRETO	NOME NO PLURAL
COSTUMAR PODER DEVER PRECISAR	SE		
Estes verbos poderão se flexionar, formando uma locução verbal com o infinitivo, ou ficar na 3.ª pessoa do singular para concordar com o sujeito oracional.	Funcionará como partícula apassivadora		

Exemplos:

- Em virtude da lei, não se $\begin{cases}\text{deve}\\ \text{devem}\end{cases}$ comprar produtos pirateados.
- Se se $\begin{cases}\text{pudesse}\\ \text{pudessem}\end{cases}$ aprovar mais leis em menos tempo, o país cresceria mais rápido.
- No Brasil, $\begin{cases}\text{costuma-se}\\ \text{costumam-se}\end{cases}$ vender carros usados para as pessoas mais pobres.
- "Concluo que não se **devem** abolir as loterias." (Machado de Assis)
- "Mas a V. Ex.ª **pode**-se dizer estas cousas, porque pertence à elite: a desgraça de Portugal é a falta de gente." (Eça de Queiroz)

Chegamos ao final!! Agora é o momento de praticar. Procure resolver todos os exercícios abaixo.

5.1.9 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

Concordância Verbal

1. (UM-SP) Já ... muitos anos que se alteraram algumas regras de acentuação, mas ... muitas pessoas que ainda ... ao grafar certas palavras.
   - a) deve fazer, há, hesitam.
   - b) devem fazer, tem, excitam.
   - c) deve fazerem, há, hesita.
   - d) deve fazer, tem, hesitam.
   - e) fazem, há, excitam.

2. (FCMSC-SP) Aponte a concordância menos aceitável.
   - a) Isto são sintomas menos sérios.
   - b) Aquilo são lembranças de um triste passado.
   - c) Paula foi os sonhos de toda a família.
   - d) Aquela jovem tinha duas personalidades.
   - e) Pedrinho eram as preocupações da família.

3. (TRF 5ª Região – Analista Judiciário – Judiciária) As normas de concordância verbal estão plenamente observadas na frase:

a) O que há de mais terrível nas cenas de violência transmitidas pela TV estão nas reações de indiferença de alguns espectadores.

b) Não se devem responder aos sacrifícios humanos com o cinismo de quem se julga superior.

c) Não se levante contra o pessimista as acusações de imobilismo moral e inconsequência política.

d) Ainda que não houvessem outras razões, o surdo idealismo dos pessimistas bastaria para os aceitarmos.

e) Os otimistas não julguem os pessimistas, nem estes àqueles, pois ambos convergem para alguma forma de idealismo.

4. (PUC-SP) Assinale a alternativa correspondente à frase em que a concordância verbal esteja correta.

a) Discutiu-se a semana toda os acordos que têm de ser assinados nos próximos dias.

b) Poderá haver novas reuniões, mas eles discutem agora sobre que produtos recairão, a partir de janeiro, a taxa de exportação.

c) Entre os dois diretores deveria existir sérias divergências, pois a maior parte dos funcionários nunca os tinha visto juntos.

d) Faltava ainda dez votos, e já se comemoravam os resultados.

e) Eles hão de decidir ainda hoje, pois faz mais de dez horas que estão reunidos naquela sala.

5. (UEL-PR) Já ... uns doze anos que ele não voltava à terra natal, por isso não sabia que lá ... ocorrido mudanças.

a) deviam fazerem, havia.

b) devia fazer, haviam.

c) devia fazer, havia.

d) deviam fazer, haviam.

e) deviam fazer, havia.

6. (FCC – TRT 23ª Região – Analista Judiciário) Quanto às normas de concordância verbal, a frase inteiramente correta é:

a) Mais gente, assim como o fez a juíza brasileira, deveriam ponderar as sábias palavras que escolheu Disraeli para convocar a ação dos justos.

b) A muitas pessoas incomodam reconhecer que sua omissão diante da barbárie as torna cúmplices silenciosas dos contraventores e criminosos.

c) É comum calarmos diante dos descalabros a que costumam dar destaque o noticiário da imprensa, e acabamos, assim, por consenti-los.

d) Quando não se opõem à ação do homem acanalhado, quando ocorre essa grave omissão, os homens justos deixam de fazer valer seu peso político.

e) Se tivessem havido firmes reações aos descalabros dos canalhas, estes não desfrutariam, com sua falta de escrúpulo, de um caminho já aplainado.

7. (UM-SP) Assinale a oração em que o verbo ***não*** concorda em número e pessoa com o sujeito, ferindo os princípios da concordância.

a) Faltam ainda alguns passos seguros para a aquisição de uma vida pacífica.
b) Existem criações sensatas capazes de superar até as mais espantosas maldades.
c) As desilusões que a perturbam hoje já passaram alguns dias comigo.
d) De sinceras intenções, as pessoas estão saturadas.
e) Exatamente irreais, suas palavras só contem valores supérfluos.

8. (FCC-BA) Os novos modelos trazem novidades que não ..., mas enfeites que todos ... .

a) se veem – vêm.
b) se vê – vêm.
c) se vêm – veem.
d) se vê – veem.
e) se veem – veem.

9. (FCC – TRT 23ª Região – Analista Judiciário) O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se numa forma do ***plural*** para preencher de modo correto a lacuna da frase:

a) Se a cada um de nós efetivamente .... (**perturbar**) os que agem mal, a impunidade seria impossível.
b) ....-se (**dever**) aos homens de ação o aperfeiçoamento estrutural de uma sociedade.
c) Nas palavras dos piores contraventores .... (**costumar**) haver insolentes alusões à moralidade.
d) Aos bons cidadãos não .... (**ocorrer**) que os maus contam com o silêncio da sociedade para seguirem sendo o que são.
e) Aqueles de quem não .... (**advir**) qualquer reação contra os desonestos acabam estimulando a corrupção.

10. (UEL-PR) Acredito que ... muitas enchentes, pois ... fatos que ... afirmá-lo.

a) haverão – ocorre – permitem.
b) haverá – ocorre – permitem.
c) haverá – ocorrem – permitem.
d) haverão – ocorre – permite.
e) haverão – ocorrem – permite.

11. (FCC – TRF 3ª Região – Analista Judiciário) As normas de concordância verbal estão plenamente respeitadas na frase:

a) Não se imputem aos adolescentes de hoje a exclusiva responsabilidade pelo fato, lastimável, de aspirarem a tão pouco.
b) A presença maciça, em nossas telas, de tantas ficções, não nos devem fazer crer que sejamos capazes de sonhar mais do que as gerações passadas.

c) Se aos jovens de hoje coubesse sonhar no ritmo das ficções projetadas em nossas telas, múltiplos e ágeis devaneios se processariam.

d) Ficaram como versões melhoradas da nossa vida acomodada de hoje o vestígio dos nossos sonhos de ontem.

e) Ao pretender que se mobilize os estudantes para as exigências do mercado de trabalho, o professor de nossas escolas impede-os de sonhar.

12. (FCC – TRF 3ª Região – Analista Judiciário) O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se numa forma do ***plural*** para preencher corretamente a lacuna da frase:

a) Para que não ...... (**restringir**) o sonho de um jovem, as imposições do mercado de trabalho devem ter sua importância relativizada.

b) Seria essencial que nunca ...... (**faltar**) aos adolescentes, mesmo em nossos dias pragmáticos, a liberdade inclusa nos sonhos.

c) Entre as duas hipóteses que ...... (**examinar**), considera o autor que o elemento comum é redução da capacidade de sonhar.

d) Não se ...... (**delegar**) às escolas a missão exclusiva de preparar os jovens para sua inserção no mercado de trabalho.

e) É pena que ...... (**faltar**) aos jovens a referência dos sonhos que seus pais já tenham alimentado em sua época de adolescentes.

13. (PUCC-SP) "O trabalho da Funai desenvolve-se em nove frentes, que ***permitiram***, até agora, a aproximação com cinco novos grupos indígenas".

A concordância do verbo com o sujeito na frase acima justifica-se pela mesma razão que determina a concordância verbal em:

a) A área que concentra o maior número de tribos isoladas é o Vale do Javari, na fronteira entre o Amazonas e o Peru.

b) Espero que o considerem o problema da demarcação das terras indígenas com a devida severidade.

c) Discutem-se diariamente questões acerca da posse da terra.

d) Fala-se muito sobre os conflitos entre fazendeiros e índios.

e) Alguns fazendeiros chegaram ao local com um grupo de índios cintas-largas.

14. (FCC – TRF 3ª Região– Analista Judiciário) Considerando-se as normas de concordância verbal, há uma ***incorreção*** na frase:

a) Tão rápidos quanto os "cliques" das mágicas maquininhas são o prazer e o enfado que caracterizam as modernas sessões de fotografia.

b) Não é de se crer que todos os produtos com alta tecnologia cheguem a se banalizar, já que a banalidade está nas circunstâncias em que se venham a utilizá-los.

c) Não compete nem aos cientistas nem aos produtores responsabilizar-se pelas consequências da utilização do que nos oferecem.

d) Quantos mais inventos haja, mais impulsivos hão de ser nossos desejos de os consumir, como vem sucedendo no caso dos engenhos eletrônicos.

e) Seria de se esperar que se associassem à moderna tecnologia apenas os benefícios reais, que a ela se tributassem tão somente vantagens inequívocas.

15. (Fatec-SP) Assinale a alternativa correta quanto à concordância verbal.

a) Devem haver outras razões para ele ter desistido.
b) Foi então que começou a chegar um pessoal estranho.
c) Queria voltar a estudar, mas faltava-lhe recursos.
d) Não se admitirá exceções.
e) Basta-lhe dois ou três dias para resolver isso.

16. (FCC – Técnico Legislativo – Câmara dos Deputados) A forma verbal de ***singular*** que também poderia ter sido empregada corretamente no ***plural*** está grifada na frase

a) *... a ordem social era imutável...*
b) *... e a Igreja, junto com o poder absolutista, tinha o monopólio da informação.*
c) *... num processo que também gerou a onda de inovação ...*
d) *... quando isso vai de encontro aos interesses da comunidade...*
e) *... em que ela está inserida.*

17. (UFCE-CE) Complete as seguintes frases observando a concordância verbal e, depois, assinale a opção ***certa***.

1. Como ... haver pessoas tão generosas. (poder – imperf. do ind.)

2. ...-se, muito longe, os sinos da igreja. (ouvir – imperf. do ind.)

3. ... muitos anos que ela não vai a festas. (fazer – pres. do ind.)

4. Eles sempre se ... com dignidade. (haver – perf. do ind.)

5. ...-se muitas pessoas dirigindo-se à matriz. (ver – pres. do ind.)

a) podia, ouviam, faz, houveram, veem.
b) podiam, ouvem, fazem, houveram, vêm.
c) podia, ouvia, faz, havia, veem.
d) pôde, ouve, fazem, houveram, veem.
e) n.d.a.

18. (FCC – Metrô/SP – Supervisor de Linha) Tendo em vista as normas de concordância verbal, é preciso ***corrigir*** a seguinte frase:

a) Podiam-se assistir com prazer às danças das chamas na lareira.
b) Mal haviam decorrido alguns minutos, o líder foi para junto da lareira.
c) Na lareira queimavam-se as achas e produzia-se a dança das chamas.
d) Nenhum dos gestos do líder deixava de ser analisado pelo dono da casa.
e) Não escapava ao liderado o sentido dos gestos produzidos pelo líder.

19. (Unibero-SP) Em todas as alternativas, ***exceto*** em uma, o verbo pode ir para o plural ou ficar no singular:

a) Mais de uma pessoa (atingir) a meta.
b) Um bando de andorinhas (pousar) no varal.
c) Pequena parte dos cantores (dar) um agudo.
d) Um grande número de maritacas (grasnar).

20. (FCC – PBGÁS/PB) As normas de concordância verbal e nominal estão inteiramente respeitadas na frase:

a) Diante das imagens que na tela se sucede, o usuário de um computador parece hipnotizado.

b) Principais responsáveis pelos primeiros meios de transporte, a tração animal veio a ser substituída pela dos motores.

c) Se fossem mais intensos por serem mais velozes, nossa reflexão e nossa emoção estariam hoje num invejável patamar.

d) Uma vez que passe a atrair toda a nossa atenção, bons romances e belas peças musicais afastam nossa obsessão pela velocidade.

e) Aos meninos diante das telas não costuma ocorrer que a velocidade que os preocupa acelera também a passagem da infância.

5.2 CONCORDÂNCIA NOMINAL

Deixamos para trás a concordância entre o verbo e o seu sujeito. A partir de agora, nossa preocupação será identificar o substantivo e os termos que a ele se referem. Mais uma vez receba meu apoio. Este assunto, à exceção de uma ou outra regra, é bastante fácil. É preciso, entretanto, ficar bastante atento para perceber a quem o termo está se referindo. Nosso sucesso dependerá desse conhecimento. Bons estudos!!

5.2.1 REGRA GERAL

Observe atentamente o exemplo abaixo:

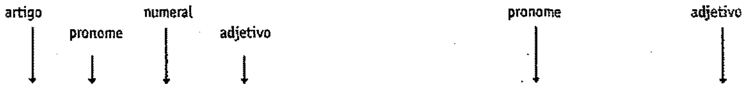

- Os meus dois melhores amigos deixaram aquelas regiões geladas da Suíça na noite de ontem.

Perceba que os dois substantivos (amigos e regiões) encontram-se cercados por outros termos que se flexionam no gênero e no número dos substantivos. Estamos, portanto, diante da regra geral da concordância nominal:

> O adjetivo, o artigo, o numeral e o pronome adjetivo concordam em gênero e número com o nome a que se referem.

Antes, porém, de iniciarmos as demais regras, convém relembrar:

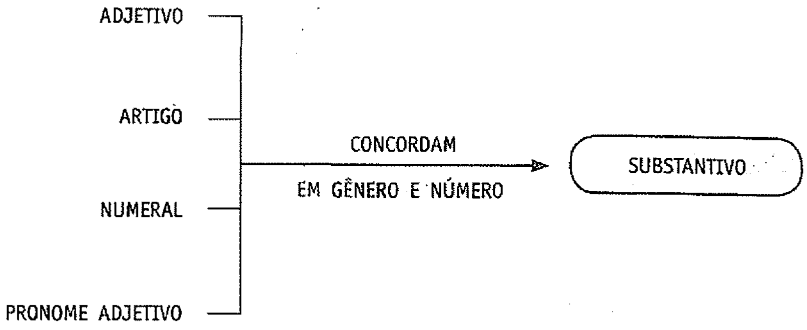
ADJETIVO
ARTIGO
NUMERAL
PRONOME ADJETIVO
CONCORDAM
EM GÊNERO E NÚMERO
SUBSTANTIVO

Não se esqueça também da seguinte orientação:

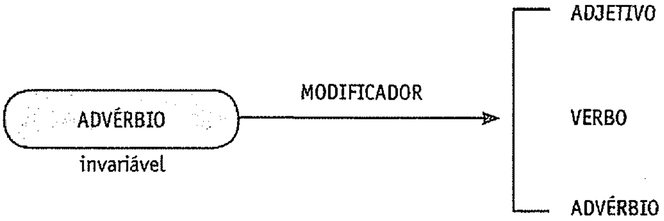
ADVÉRBIO
invariável
MODIFICADOR
ADJETIVO
VERBO
ADVÉRBIO

Veja:

- Havia **muito** barulho por causa das pessoas que falavam **muito** alto.
  pronome indefinido — advérbio

- adjetivo — advérbio
  Por sempre andar por **longes** terras sempre morou **longe** de seus familiares.

- Foi considerado o homem **certo** para o cargo porque sempre agiu **certo**.
  adjetivo — advérbio

Logo, nosso cuidado daqui para frente será não confundir um advérbio – classe de palavra invariável – com as classes morfológicas que concordam com o substantivo. Para tanto, observe a quem o termo se refere. Se ele fizer referência a um substantivo, deverá concordar com este; se, por outro lado,

ele se referir a um adjetivo, a um verbo ou mesmo a um advérbio, o termo em questão será um advérbio, portanto invariável.

Estudaremos agora as demais regras da concordância nominal. Você perceberá que boa parte das regras diz respeito à concordância do adjetivo. Lembre-se, portanto, de que o adjetivo exerce, basicamente, duas funções sintáticas: adjunto adnominal e predicativo.

5.2.2 PRINCIPAIS CASOS DE CONCORDÂNCIA NOMINAL

1. Com os adjetivos compostos, somente o último elemento varia para concordar com o substantivo a que se refere.

- Ele fez duas intervenções médico-**cirúrgicas**.
- Firmaram dois grandes acordos sino-franco-**lusitanos**.
- As condições sociopolítico-**econômicas** do país não condiziam com os princípios da cultura greco-**latina**.

⇨ **Observações:**

Lembre-se de que os adjetivos "azul-celeste" e "azul-marinho" são invariáveis.

Já com o adjetivo "surdo-mudo" ambos os elementos variam.

Não se esqueça também de que os adjetivos referentes a cor formados por adjetivo mais um substantivo são invariáveis.

- Compramos duas blusas azul-celeste.
- Falamos com dois surdos-mudos.
- Na formatura, usou duas blusas amarelo-canário.

2. Quando um único adjetivo, na função de adjunto adnominal, refere-se a mais de um substantivo, hão de se observar duas vertentes para a concordância:

a) Se o adjetivo vier anteposto, concordará obrigatoriamente com o substantivo mais próximo:

▹ Ele possuía **monstruosas** mãos e braços.

▹ O bufê servia **maravilhosas** tortas e salgados.

▹ Em sua viagem, passou muitas horas admirando as **magníficas** montanhas e mares do sul.

▹ **Recuperada** a saúde e o ânimo, ele voltou imediatamente ao seu posto de trabalho.

b) Se o adjetivo vier posposto, poderá concordar tanto com o substantivo mais próximo quanto com os dois substantivos no plural. Neste último caso, se os gêneros dos substantivos forem diferentes, prevalecerá o masculino plural para o adjetivo:

▹ Após o tsunami, caminhou pelos becos e pelas ruas $\left\{\begin{array}{l}\text{destruídas}\\ \text{destruídos}\end{array}\right.$ pela força das águas.

▹ Em um canto da sala, deixaram um sapato e uma sandália $\left\{\begin{array}{l}\text{velha.}\\ \text{velhos.}\end{array}\right.$

▹ Ontem à tarde encontrei o aluno e a aluna $\left\{\begin{array}{l}\text{estudiosa.}\\ \text{estudiosos.}\end{array}\right.$

▹ Divulgará uma notícia e uma nota $\left\{\begin{array}{l}\text{extraordinária}\\ \text{extraordinárias}\end{array}\right.$ para relatar o fato à população.

➾ **Observações:**

Se, pela lógica, o adjetivo só puder se referir a um substantivo, será com este substantivo que se efetuará a concordância:

▹ Em sua viagem, alimentou-se de peixe, ovos, saladas e carne **bovina**.

▹ A cidade sofria por causa do frio e da chuva **torrencial**.

Se o adjetivo, anteposto ou posposto, estiver se referindo a pessoas, obrigatoriamente deverá concordar no plural com ambos os substantivos:

▹ Ontem assistimos ao show dos **ilustres** Caetano Veloso e Gilberto Gil.

3. Quando, por outro lado, dois ou mais adjetivos estiverem se referindo a um único substantivo, admitem-se três possibilidades de concordância:

▹ **Sempre estudou profundamente**
- as línguas inglesa, francesa e italiana.
- a língua inglesa, a francesa e a italiana.
- a língua inglesa, francesa e italiana.

▹ **Ele analisava todos os dias**
- as leis federal, estadual e municipal.
- a lei federal, a estadual e a municipal.
- a lei federal, estadual e municipal.

▹ **Durante os estudos frequentou assiduamente**
- os cursos ginasial e pedagógico.
- o curso ginasial e o pedagógico.
- o curso ginasial e pedagógico.

➾ **Observação:**

Perceba que, no primeiro caso, o substantivo vai para o plural e omite-se o artigo antes dos adjetivos. No segundo exemplo, o substantivo permanece no singular e coloca-se o artigo a partir do segundo adjetivo. No último exemplo, o substantivo fica no singular e omite-se o artigo dos adjetivos.

4. Quando o adjetivo estiver na função de predicativo de um sujeito composto, há duas possibilidades de concordância:

a) Se vier posposto, o adjetivo concordará obrigatoriamente no plural, prevalecendo o masculino se os gêneros dos substantivos forem diferentes:

▹ A ideia e o pensamento tornaram-se **obsoletos** em virtude dos novos paradigmas.

▹ Quase todas as moças e todas as professoras mantiveram-se **caladas** ao longo da apresentação dos meninos.

▹ Se os prisioneiros e as sentinelas fossem mais **abertos** ao diálogo, os problemas do sistema prisional diminuiriam.

b) Se vier anteposto, o predicativo do sujeito poderá concordar com ambos os núcleos ou com o mais próximo.

- **Jogadas** ao vento estavam as cartas e todos os documentos do escritório.

  ou

- **Jogados** ao vento estavam as cartas e todos os documentos do escritório.

- **Satisfeita** com o a situação saiu da sala a secretária e o seu auxiliar.

  ou

- **Satisfeitos** com a situação saíram da sala a secretária e o seu auxiliar.

- **Constrangido** por causa do vexame ficou o presidente da empresa e dois dos seus secretários.

  ou

- **Constrangidos** por causa do vexame ficaram o presidente da empresa e dois dos seus secretários.

⇨ **Observação:**

Perceba que a concordância do adjetivo com o núcleo mais próximo exige, se este núcleo estiver no singular, que a concordância verbal também seja feita no singular.

5. Quando o adjetivo estiver na função de predicativo do objeto, devem-se observar as seguintes orientações:

a) O adjetivo predicativo concordará normalmente em gênero e número com o objeto quando este for simples:

- Encontraram todos os documentos do escritório **revirados** pelos bandidos.
- **Abandonadas** à própria sorte, os parentes mais próximos deixaram as filhas de D. Elza.
- Julgaram as moças **incapazes** de exercer o cargo para o qual elas se candidataram.

b) Quando posposto, o adjetivo predicativo concordará no plural e no gênero prevalente com o objeto formado por mais de um núcleo.

- Achou o monarca e a sua esposa **simpáticos**.
- Encontramos o pórtico e a antessala totalmente **sujos** pela poeira do desabamento do prédio vizinho.
- Os funcionários consideram o chefe-de-seção e a sua comitiva **incompetentes**.
- Dois dos reclamantes acusaram a advogada da empresa e o preposto de **omissos e parciais**.

Observação:

Para facilitar a concordância, transforme os núcleos do objeto direto em um pronome oblíquo átono (o, a, os, as) – observe o gênero de prevalência. Veja:

- Achou o monarca e a sua esposa simpáticos. = Achou-**os** simpáticos.
- Encontramos o pórtico e a antessala totalmente **sujos** pela poeira do desabamento do prédio vizinho. = Encontramo-**los** totalmente **sujos** pela poeira do desabamento do prédio vizinho.
- Os funcionários consideram o chefe-de-seção e a sua comitiva **incompetentes**. = Os funcionários consideram-**nos incompetentes**.
- Dois dos reclamantes acusaram a advogada da empresa e o preposto de **omissos** e **parciais**. = Dois dos reclamantes acusaram-**nos** de **omissos** e **parciais**.

c) Quando anteposto, o adjetivo predicativo do objeto poderá concordar tanto com o núcleo mais próximo quanto com todos os núcleos do objeto direto. Neste último caso, deve-se observar, é claro, o gênero prevalente.

- Ao sair, deixe bem $\left\{\begin{array}{l}\text{fechada}\\ \text{fechados}\end{array}\right.$ a porta do quarto e os postigos da sala.
- O falecimento da mãe deixou $\left\{\begin{array}{l}\text{insuportável}\\ \text{insuportáveis}\end{array}\right.$ o dia e, principalmente, as noites do rapaz.
- Encontrou $\left\{\begin{array}{l}\text{deitado}\\ \text{deitados}\end{array}\right.$ no sofá da sala principal o filho e a namorada.

6. Quando o substantivo vem acompanhado de numerais ordinais, ele pode ficar tanto no singular quanto no plural desde que os numerais venham acompanhados de artigo.

- O diretor falou para os alunos da primeira e da segunda $\left\{\begin{array}{l}\text{série.}\\ \text{séries.}\end{array}\right.$
- Escutamos o primeiro e o segundo $\left\{\begin{array}{l}\text{movimento}\\ \text{movimentos}\end{array}\right.$ da sinfonia.
- A empresa ocupava o terceiro, o quarto e o quinto $\left\{\begin{array}{l}\text{andar}\\ \text{andares}\end{array}\right.$ do edifício.

Observação:

Se os numerais ordinais vierem desacompanhados de artigo ou se estiverem pospostos, o substantivo obrigatoriamente irá para o plural.

- A empresa ocupava terceiro, quarto e quinto **andares** do edifício.
- A empresa ocupava **os andares** terceiro, quarto e quinto do edifício.

7. O particípio passivo concorda com o seu sujeito passivo em gênero e número.

- Foram **postas** em discussão todas as propostas do novo diretor.
- Novas bolas e alguns enfeites haviam sido **comprados** antecipadamente.
- **Passadas** duas semanas do acidente, eles ainda não estavam recuperados.
- As novas ideias do grupo foram imediatamente **rejeitadas** pelo líder da excursão.

5.2.3 CASOS ESPECIAIS DE CONCORDÂNCIA NOMINAL

1. As palavras "MESMO, PRÓPRIO, LESO, QUITE, OBRIGADO, INCLUSO, ANEXO, QUALQUER" concordam com a palavra a que se referem.

- Elas **próprias** irão resolver o conflito.

- As flores, elas **mesmas** desabrocham para si **próprias**.
- A moça respondeu muito **obrigada**.
- Seguem **anexas** ao processo todas as cópias dos relatórios solicitados.
- Em suas ações, ele cometeu um crime de **lesa**-pátria.
- Todos estavam **quites** com o serviço militar.
- Iam **inclusas** as radiografias que ele tirara numa clínica do interior.
- **Quaisquer** que sejam as suas intenções, nós as rejeitamos antecipadamente.

Observação:

A expressão "em anexo" é invariável.

2. As palavras "MEIO, BASTANTE, CARO, BARATO, MUITO, POUCO, LONGE" ora funcionam como advérbios – invariáveis, portanto –, ora funcionam como adjetivos, numeral – no caso da palavra "meio" – ou pronomes adjetivos, concordando com o termo a que se referem.

- Paris é uma cidade muito **cara** para quem dispõe de **poucos** recursos.
  adjetivo pronome adjetivo

- Havia **bastantes** questões **bastante** difíceis na prova de Português.
  pronome adjetivo advérbio

- Já andei por **longes** terras à procura de um amor que mora **longe**, **muito longe**.
  adjetivo advérbios

- advérbio
  Aquelas frutas custaram **caro**. Em feira livre, geralmente eu compro frutas **baratas**.
  adjetivo

- Segundo Drummond, há portas por que só passam **meias** pessoas.
  numeral

- advérbio
  A mãe permanecia **meio** irrequieta porque o filho ainda não tinha dado notícias.

- pronome adjetivo advérbio adjetivo
  Muitas pessoas ficaram **meio** irritadas, porque compraram passagens **caras**, mas não embarcaram.

- **Poucas** pessoas conseguem ficar em pé depois que bebem **muito**.
  pronome adjetivo advérbio

pronome adjetivo numeral
▸ Já falei **bastantes** vezes que, quando ele falasse, evitasse as **meias** palavras, os **meios** termos.
numeral

3. As palavras "MENOS, ALERTA e PSEUDO" são invariáveis. Veja:

▸ Todos os soldados permaneceram **alerta.**

▸ Havia **menos** pessoas do que se esperava.

▸ No exame, encontraram-se bactérias **pseudo**filamentadas.

Não confunda a palavra ALERTA invariável com o substantivo ALERTA. Quando invariável, a palavra ALERTA denota modo, posição, situação. Observe:

substantivo
▸ Soaram dois **alertas** no corpo de bombeiros. Como todos os bombeiros estavam **alerta**, o socorro saiu rápido.
palavra invariável

4. A palavra "SÓ" ora funciona como advérbio – invariável – na acepção de "somente, apenas", ora funciona como adjetivo, significando "sozinho". Como adjetivo, concorda com o termo a que se refere.

▸ Todos permaneceram **sós** na sala iluminada.
adjetivo

▸ Pelo que nós sabemos, ela **só** vai se for de carro.
advérbio

advérbio adjetivo
▸ Era **só** isso que Paula e André esperavam: a família saiu e eles ficaram **sós** no apartamento.

➾ **Observação:**

A expressão "a sós" é invariável. Significa "sozinho(s), sozinha(s).

▸ Ele preferiu ficar **a sós** na casa da prima.
expressão invariável

▸ As moças estiveram o tempo todo **a sós** no quarto.
expressão invariável

5. Expressões formadas pelo verbo SER mais um ADJETIVO (é bom, é preciso, é proibido, é permitido, é necessário etc.), obedecem às seguintes regras:

a) Quando o substantivo está empregado em sentido geral, abstrato, não específico – sempre aparece sem artigo, sem determinante – a expressão formada pelo verbo "ser" seguido de um adjetivo permanece invariável.

b) Quando o substantivo vem acompanhado por artigo ou por qualquer outro determinante, empregado em sentido específico, não geral, o adjetivo predicativo concorda com o seu sujeito.

adjetivo fica invariável

▹ Para quem gosta de cinema, é **necessário** presença de filmes nacionais.

↳ substantivo não precedido de artigo ou de determinante

adjetivo fica invariável

▹ Salsa, segundo os cozinheiros, é **bom** para tempero.

↳ substantivo não precedido de artigo ou de determinante

adjetivo fica invariável

▹ Na porta se lia o aviso: entrada é **proibido**.

↳ substantivo não precedido de artigo ou de determinante

adjetivo fica invariável

▹ É **preciso** cautela para abrir um pacote que não lhe pertence.

↳ substantivo não precedido de artigo ou de determinante

adjetivo concorda com o sujeito

▹ Em muitos países é **proibida** a entrada de cidadãos iraquianos.

↳ substantivo precedido de um determinante

adjetivo concorda com o sujeito ⌝ ⌜ Substantivo precedido de um determinante

▹ Como você diz que é **proibida** a reflexão sobre a relação entre os homens se reflexões é **necessário** à vida?

adjetivo fica invariável

6. Com as expressões "O MAIS POSSÍVEL / OS MAIS POSSÍVEIS, O MENOS POSSÍVEL / OS MENOS POSSÍVEIS, O PIOR POSSÍVEL / OS PIORES POSSÍVEIS", pode-se deixar o adjetivo e o artigo no singular ou flexionar-se no plural, simultaneamente, o artigo e o adjetivo.

- Eles trouxeram **as mais** geladas cervejas **possíveis.**
- Os argumentos apresentados eram **o mais** inverídicos **possível.**
- Sempre nos recebia com pratos **os** mais requintados **possíveis.**
- Em nossa viagem, passamos por ruas **o mais** esburacadas **possível.**

⇨ **Observação:**

Há uma terceira possibilidade de concordância em que se deixa apenas a palavra "possível" invariável. O artigo acompanhará o substantivo e o advérbio "mais" ficará posposto a este substantivo. Esta construção é, entretanto, pouco encontrada nos grandes escritores.

- Nós vimos **os** carros **mais** belos **possível** na última feira do automóvel.
- Na casa do tio João, podem-se colher **as** frutas **mais** saborosas **possível.**

7. Com as expressões ALGO DE / NADA DE / POUCO DE / MUITO DE/ UM QUÊ DE / QUE DE o adjetivo que as acompanha poderá tanto concordar com o sujeito quanto ficar invariável.

- Que de tão **sedutor** / **sedutoras** tinham aquelas garotas?
- As músicas tocadas tinham um quê de **melancólico** / **melancólicas.**
- Nossa vida nada tem de **trágico** / **trágica.**
- Os móveis adquiridos em um brechó pouco tinham de **antigo** / **antigos.**

8. Com a locução pronominal "tal qual", o "tal" concordará com o termo que o antecede enquanto o "qual" concordará com o termo que o sucede.

- Os filhos eram **tais qual** o pai.
- Os gramados da cidade pareciam **tais qual** um grande rio verde.

5.3 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

Concordância Nominal

1. (UM-SP)

I. Os brasileiros somos todos eternos sonhadores.

II. Muito obrigadas! Disseram as moças.

III. Sr. Deputado, V. Ex.ª está enganado.

IV. A pobre senhora ficou meia confusa.

V. São muito estudiosos os alunos e as alunas deste curso.

Há uma concordância inaceitável, de acordo com a gramática normativa:

a) em I e II.
b) em II, III e V.
c) apenas em II.
d) apenas em III.
e) apenas em IV.

2. (F. Cásper Liberto-SP) Faça a concordância.

"V.A. ... hoje, pois ... demais, caro Príncipe."

a) estais cansada, andou.
b) está cansado, andou.
c) estais cansado, andaste.
d) está cansado, andaste.

3. (FMIT-MG) Em todas as frases a concordância se fez corretamente, ***exceto*** em:

a) Os soldados, agora, estão todos atentos.
b) Ela possuía bastante recursos para viajar.
c) As roupas das moças eram as mais belas possíveis.
d) Rosa recebeu o livro e disse: "Muito obrigada".
e) Sairei de São Paulo hoje, ao meio-dia e meia.

4. (UFV-MG) Todas as alternativas abaixo estão corretas quanto à concordância nominal, **exceto:**

a) Foi acusado de crime de lesa-justiça.
b) As declarações devem seguir anexas ao processo.
c) Eram rapazes os mais elegantes possível.
d) É necessário cautela com os pseudolíderes.
e) Seguiram automóveis, cereais e geladeiras exportados.

5. (UEL-PR) "Ao esforço e à seriedade ... ao estudo é que ... os louvores que ele tem recebido ultimamente."

a) consagrado, devem ser atribuídos.
b) consagrada, deve ser atribuído.
c) consagrados, devem ser atribuídos.
d) consagradas, deve ser atribuído.
e) consagrados, deve ser atribuído.

6. (UFS-SE) "Já ... 8 horas quando se ... os debates sobre cinema e literatura..."

a) seria – iniciou – brasileira.
b) seria – iniciaram – brasileiras.
c) seria – iniciou – brasileiros.
d) seriam – iniciaram – brasileira.

7. (FCC-SP) Assinale a alternativa em que a concordância verbal e nominal está **correta**.

a) Já é meio-dia e meia; faltam poucos minutos para começar a reunião.
b) Comprei um óculos escuro nesta loja. Consegue-se bons descontos aqui.
c) Vão fazer dez anos que trabalho aqui e ainda é proibido a minha entrada na sala da Diretoria!
d) Duzentas gramas de queijo são demais para fazer torta.
e) A gente fomos ao cinema no domingo e lá haviam amigos nossos na fila.

8. (FFCLBH-MG) Em todas as alternativas há problemas de concordância segundo a norma culta da linguagem, **exceto**:

a) "O embarque de June surpreendeu a maioria das pessoas (aproximadamente 100) que foram ao Aeroporto Internacional do Rio, para a despedida do presidente." *(Folha de S. Paulo)*
b) Compra-se lotes e casas.
c) "... mesmo assim, ali está a vergonha escancarada da guerra, no quintal de todos que fazem questão de virar o rosto para o outro lado. O problema é este: não há o outro lado quando se domina as novas tecnologias." *(Folha de S. Paulo)*
d) É proibido a entrada de menores de 18 anos em motéis.

9. (Unisinos-RS) O caso de concordância nominal ***inaceitável*** aparece em:

a) Nunca houve divergências entre mim e ti.
b) Ela tinha o corpo e o rosto arranhados.
c) Recebeu o cravo e a rosa perfumado.
d) Tinha vãs esperanças e temores.
e) É necessário certeza.

10. (UFPel-RS) A alternativa em que são atendidas as normas de concordância da língua culta é:

a) Precisamos ser benevolentes para com nós mesmos.
b) Já tinham bastante motivos para voltar para casa.

c) Que houvesse ou não existido opiniões contraditórias não nos interessava naquele momento.
d) Sr. Ministro, V. Ex.ª sereis recebido com grande entusiasmo pela população.
e) Surgiu, na escuridão da noite, dois vultos enormes.

11. (UCS-RS)

a) Já **fazem** tantos anos assim?
b) Acho que **devem fazer** uns dez anos.
c) Vossas Excelências já **podeis** considerar o projeto aprovado.
d) Escolhe tu **mesmo** o que julgas ser melhor para **teu** futuro.
e) Escolhe você mesmo o que julgas ser melhor para o **teu** futuro.

12. (FEI-SP) Em qual declaração proibitória ocorre **incorreção** gramatical?

a) É proibida a entrada.
b) Proíbe-se a entrada de estranhos.
c) É proibido entrar.
d) A eles, foi-lhes proibida a entrada.
e) Proibir-se-á, fora do expediente, as entradas de todos os funcionários.

13. (UCS-RS) Nas questões que seguem, assinale a alternativa **correta**.

a) Às vezes **era solicitado** alguns trabalhos extraclasse.
b) Às vezes **era solicitados** alguns trabalhos extraclasse.
c) Às vezes **eram solicitados** alguns trabalhos extraclasse.
d) Às vezes **eram solicitados** alguns trabalhos extraclasse.
e) Às vezes **era solicitado** alguns trabalhos extraclasse.

14. (UFSCar-SP) Aponte a alternativa em que a concordância nominal **não** é adequada.

a) Obrigava sua corpulência e exercício e evolução forçada.
b) Obrigava sua corpulência a exercício e evolução forçados.
c) Obrigava sua corpulência a exercício e evolução forçadas.
d) Obrigava sua corpulência a forçado exercício e evolução.
e) Obrigava sua corpulência a forçada evolução e exercício.

15. (PUCC-SP) Assinale a alternativa em que **meio** funciona como advérbio.

a) Fica no meio do quarto.
b) Quero meio quilo.
c) Está meio triste.
d) Achei o meio de encontrar-te.
e) n.d.a.

16. (PUC-SP) Apenas uma alternativa preenche **corretamente** os espaços existentes na sentença abaixo.

"Não foi ... a pesada suspensão que lhe deram, porque você foi o que ... falhas apresentou; podiam ter pensado em outras penalidades mais ...".

a) justo, menas, cabível.
b) justa, menos, cabível.
c) justa, menos, cabíveis.
d) justo, menos, cabível.
e) justo, menas, cabíveis.

17. (ITA-SP) Assinale a alternativa **correta**.

"... muitos anos que compramos um compêndio e uma gramática ... para estudar a língua e a literatura ...".

a) Faz – volumoso – luso-brasileiras.
b) Deve fazer – volumosos – portuguesa.
c) Fazem – volumosos – portuguesa.
d) Devem fazer – volumosa – portuguesa.
e) Faz – volumosas – luso-brasileira.

18. (Fameca-SP) Observe a concordância:

1. Entrada proibida.

2. É proibido entrada.

3. A entrada é proibida.

4. Entrada é proibido.

5. Para quem a entrada é proibido?

a) A número 5 está incorreta.
b) A 4 e 5 estão erradas.
c) A 2 está errada.
d) Todas estão certas.
e) A 2 e 5 estão erradas.

19. (F. Objetivo-SP) Assinale a alternativa gramaticalmente **correta**.

a) O povo brasileiro anseia por uma constituição digna.
b) Era necessário a permanência do médico no hospital.
c) Aconteceu, durante a discussão do processo, graves distúrbios entre os parlamentares.
d) Sua discrição era digna de elogios, pois todos estavam ao par das dificuldades de se manter secreta a negociação.
e) Não mais se lê bons autores naquela escola.

20. (ITA-SP) Dadas as sentenças:

1. Reparem no que o conferencista está dizendo.

2. Devem haver muitas pessoas revoltadas naquele país.

3. Depois do que você me fez, acho que estamos quite.

Deduzimos que:

a) apenas a sentença n.º 1 está correta.
b) apenas a sentença n.º 2 está correta.
c) apenas a sentença n.º 3 está correta.
d) todas estão corretas.
e) n.d.a.

GABARITOS

Concordância Verbal

1 – A	2 – E	3 – E
4 – E	5 – B	6 – D
7 – E	8 – E	9 – A
10 – C	11 – C	12 – A
13 – A	14 – B	15 – B
16 – B	17 – A	18 – A
19 – A	20 – E	

Concordância Nominal

1 – E	2 – B	3 – B
4 – C	5 – C	6 – D
7 – A	8 – A	9 – C
10 – A	11 – D	12 – E
13 – D	14 – C	15 – C
16 – C	17 – B	18 – A
19 – A	20 – A	

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

CAPÍTULO 6

SINTAXE DE REGÊNCIA

Conversando: Ufa!! Creio que você já venceu a etapa da concordância. Se ainda não estudou o assunto "concordância", não se preocupe: pode estudar "regência" sem problemas, pois os assuntos não são interdependentes.

Teremos pela frente mais uma longa missão – entender as relações de dependência estabelecidas entre o verbo e o seu complemento e o nome e o seu complemento. Precisaremos compreender bem não só o aspecto sintático (função sintática), mas também o aspecto semântico (sentido), os quais envolvem as relações regenciais. Não se afobe! Dizem por aí, com frequência, ser o assunto de regência um dos mais difíceis da gramática. Discordo! Não confunda dificuldade com extensão – o nosso assunto é realmente longo, mas não é difícil. No entanto, para entender bem "regência verbal e nominal", você precisará de alguns outros conhecimentos: saber empregar bem os pronomes pessoais oblíquos, saber utilizar os pronomes relativos e, acima de tudo, conhecer "de cor e salteado" o assunto "transitividade verbal". Talvez por necessitar de outros assuntos, a regência tenha ganhado a fama de ser difícil. Portanto, uma sugestão: antes de continuar lendo o conteúdo abaixo, sugiro que revise os assuntos mencionados acima, se existirem dúvidas. E, então, mãos à obra! E não se esqueça de que a vitória é dos que persistem. Vamos lá!

6.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Inicialmente observe atentamente os exemplos abaixo:

- Após a cirurgia, o rapaz mostrava-se **apto** para todas as atividades.
  complemento para o adjetivo "apto"

- João **pegou** o dinheiro da indenização e **pagou** a todos os seus credores.
  complemento para o verbo "pegar" ⅃ ⅃ complemento para o verbo "pagar"

- Maria tinha grande **devoção** por aquele santo.
  Termo regente Termo regido

- Sempre **assistia** às apresentações do filho com grande emoção.
  Termo regente Termo regido

- O pai sempre **assistia** o filho em suas doenças típicas da infância.
  Termo regente ⅃ ⅃ Termo regido

Observe que alguns complementos são regidos por preposição e outros não. Nos dois últimos exemplos, houve mudança no sentido do verbo. Portanto, é este o objetivo da regência: estudar as relações de dependência estabelecidas entre um verbo ou um nome e os seus respectivos complementos.

6.2 REGÊNCIA VERBAL

Inicialmente vejamos outros exemplos para que possamos chegar a uma conclusão:

- Ele **cumpriu** o seu dever. (VTD)
- Ele **cumpriu** com o seu dever. (VTI)

Alteração da transitividade sem alteração do sentido

- Deus **perdoa** o pecado. (VTD)
- Deus **perdoa** ao pecador. (VTI)
- Deus **perdoa** o pecado ao pecador. (VTDI)

Alteração da transitividade sem alteração do sentido

- Eles não **procederam** bem na festa. (VI)
- As ideias deles não **procederam**. (VI)

Mesma transitividade, mas sentidos diferentes.

- Eles **precisarão** de ajuda para a confecção do bolo. (VTI)
- Eles não **precisaram** a hora da festa. (VTD)

Alteração da transitividade com alteração do sentido

Observando o comportamento dos verbos em suas transitividades, chegamos a uma conclusão: a regência verbal depende do contexto em que o verbo se encontra.

Uma das perguntas frequentes que recebo em aula é: "Professor, como vou distinguir uma regência da outra? Como saberei se o verbo estará em tal ou qual sentido?" A resposta está na conclusão acima: o contexto. Será o contexto que denunciará o sentido e consequentemente a regência que o verbo adotará.

Estude agora mais algumas informações importantes para facilitar o entendimento sobre este assunto.

a) Lembre-se de que os verbos transitivos diretos exigem um complemento sem auxílio de uma preposição obrigatória e de que o objeto direto é frequentemente representado pelos pronomes oblíquos "o, a, os, as". Tais pronomes assumirão as formas "lo, la, los, las", caso o verbo termine em "r, s, z", letras estas que serão suprimidas. Por outro lado, se o verbo terminar em ditongo nasal, os oblíquos assumirão as formas "no, na, nos, nas". Veja:

- Ainda não $\underset{\text{VTD}}{\textbf{encontrou}}$ $\underset{\text{OD}}{\underline{\text{a fórmula adequada}}}$. = Ainda não $\underset{\text{OD}}{\textbf{a}}$ encontrou.

- É fundamental $\underset{\text{VTD}}{\textbf{adquirir}}$ $\underset{\text{OD}}{\underline{\text{alguns livros novos}}}$. = É fundamental adquiri-$\underset{\text{OD}}{\textbf{los}}$.

- Ele $\underset{\text{VTD}}{\textbf{traz}}$ $\underset{\text{OD}}{\underline{\text{o cachorro}}}$ consigo. = Ele $\underset{\text{OD}}{\textbf{o}}$ traz consigo.

b) Lembre-se também de que os pronomes oblíquos "me, te, se, nos, vos" podem exercer tanto a função de objeto direto quanto de objeto indireto. A função sintática deles dependerá da transitividade do verbo.

- Ela $\underset{\text{OD}}{\textbf{me}}$ $\underset{\text{VTD}}{\underline{\text{ama}}}$ demasiadamente.

- Ela $\underset{\text{OI}}{\textbf{me}}$ $\underset{\text{VTDI}}{\underline{\text{pediu}}}$ um grande favor.

- Eles $\underset{\text{OD}}{\textbf{nos}}$ $\underset{\text{VTD}}{\underline{\text{procuraram}}}$ ontem para $\underset{\text{VTDI}}{\underline{\text{fazer}}}$-$\underset{\text{OI}}{\textbf{nos}}$ algumas reclamações.

- Era importante $\underset{\text{OD}}{\textbf{te}}$ $\underset{\text{VTD}}{\underline{\text{encontrar}}}$ ainda hoje.

- Quero $\underset{\text{VTD}}{\underline{\text{dizer}}}$-$\underset{\text{OI}}{\textbf{te}}$ tanta coisa, meu amor!

c) Não se esqueça de que os pronomes oblíquos "lhe, lhes", quando completam o sentido de um verbo, sempre serão objetos indiretos de verbos transitivos indiretos ou de verbos transitivos diretos e indiretos. O objeto indireto

pode ser substituído não só pelos pronomes "lhe, lhes", mas também pelas formas tônicas "a ele, a ela, a eles, a elas".

- Jamais $\overset{\text{VTDI}}{\textbf{entregarei}}$ $\overset{\text{OI}}{\underline{\text{ao comendador}}}$ os documentos. = Jamais $\left\{\begin{matrix}\text{lhe}\\ \text{a ele}\end{matrix}\right.$ entregarei os documentos.

- Ele $\underset{\text{VTI}}{\textbf{agradeceu}}$ $\underset{\text{OI}}{\underline{\text{aos familiares}}}$ pelo apoio. = Ele agradeceu $\left\{\begin{matrix}\text{-lhes}\\ \text{a eles}\end{matrix}\right.$ pelo apoio.

Observação:

No dia-a-dia, muitos são os erros em virtude do emprego inadequado dos oblíquos "lhe, lhes". Fique atento para não cometê-los. Veja:

- João, há quanto tempo não **lhe** $\overset{\text{VTD}}{\underline{\text{vejo}}}$! (O verbo "ver" é transitivo direto. **O correto é** "... não o vejo".)

- Ele **lhe** $\overset{\text{VTD}}{\underline{\text{ama}}}$ muito, Ana Cláudia. (O verbo "amar" é transitivo direto. **O correto é** "Ele a ama muito".)

- Ontem eu **lhe** $\overset{\text{VTD}}{\underline{\text{procurei}}}$ o dia todo. (O verbo "procurar" é transitivo direto. **O correto é** "Eu o procurei...".)

d) Cuidado!! À exceção de alguns verbos como "obedecer, desobedecer", a voz passiva só existe com "verbos transitivos diretos" e "verbos transitivos diretos e indiretos". Observe:

- Todas as tentações que o cargo propiciava **foram resistidas** por meu pai. (**Construção errada**)

O verbo "resistir" é transitivo indireto, não admite a voz passiva

- O jogo **está sendo assistido** por mais de um milhão de telespectadores. (**Construção errada**)

O verbo "assistir" é transitivo indireto, não admite a voz passiva.

Correções:

- Meu pai resistiu a todas as tentações que o cargo propiciava. (Voz ativa)
- Mais de um milhão de telespectadores estão assistindo ao jogo. (Voz ativa)

e) Lembre-se de que o fato de um verbo ser transitivo direto não impede que os nomes cognatos (de mesma raiz) exijam preposição. Portanto, fique atento e não confunda:

▹ É preciso **combater** a corrupção no Brasil.
VTD

▹ É preciso que se aumente o **combate** à corrupção no Brasil.
Substantivo cognato
com preposição

▹ Todos devem **amar** a Pátria.
VTD

▹ O **amor** à Pátria deve ser incondicional.
Substantivo cognato
com preposição

▹ O fogo **destruiu** todos os barracos da favela.
VTD

▹ A **destruição dos** barracos da favela entristeceu a população.
Substantivo cognato
com preposição

▹ "Começou [Basílio] imediatamente a **louvar** a sua devoção." (Eça de Queiroz)
VTD

▹ "... e entoar com ela hinos de **louvor ao** Todo-poderoso." (Bernardo Guimarães)
Substantivo cognato
com preposição

VTD
▹ "Não **compreendi** então aquelas palavras, nem o tom com que foram proferidas." (José de Alencar)

▹ "Mas este outro incidente não é radicalmente necessário à **compreensão do** capítulo passado e **dos** futuros." (Machado de Assis)
Substantivo cognato
com preposição

▹ "Mme. Brizard não se fartava de **elogiar** a boa qualidade das fazendas." (Aluísio Azevedo)
VTD

▹ "Com isso, e repetidos **elogios aos** outros jornalistas, adquiriu ele uma linda reputação." (Lima Barreto)
Substantivo cognato
com preposição

f) Em outras situações, é comum o nome cognato (de mesma raiz) apresentar regência idêntica à do verbo. Observe:

VERBO	NOME COGNATO
ir **a**	ida **a**
chegar a	chegada **a**
crer **em**	crente/crença **em**
depender **de**	dependência **de**
intervir **em**	intervenção **em**
cooperar **com**	cooperação **com**
coexistir **com**	coexistência **com**
inserir **em**	inserido/inserção **em**

g) Muitos verbos possuem formas pronominais (conjugadas com o auxílio de um pronome oblíquo) e não pronominais. Cumpre salientar que a forma pronominal, em muitas situações, exige um complemento com preposição. Observe:

VERBO NÃO PRONOMINAL	VERBO PRONOMINAL
aconselhar	aconselhar-se **com**
alegrar	alegrar-se **com**
aproveitar	aproveitar-se **de**
armar	armar-se **de**
carregar	carregar-se **de**
cercar	cercar-se **de**
comunicar	comunicar-se **com**
defender	defender-se **de, contra**
esquecer	esquecer-se **de**
lembrar	lembrar-se **de**
limitar	limitar-se **a**
recordar	recordar-se **de**

6.2.1 REGÊNCIA DE ALGUNS VERBOS – CASOS ESPECIAIS

> Em seguida você encontrará uma lista, em ordem alfabética, dos mais comuns verbos utilizados na língua portuguesa com suas respectivas particularidades. Procure estudá-los aos poucos. Prossigamos!!

1. Abraçar

Possui as seguintes regências:

a) É verbo transitivo direto no sentido de "cingir, apertar com os braços".

- A mãe abraçou o filho pequeno por alguns minutos.
- Quando encontrou o amigo, abraçou-o fortemente.

b) É verbo transitivo direto no sentido de "adotar, seguir, escolher".

- O advogado abraçou a causa com fervor.
- Os povos bárbaros abraçaram o cristianismo.

➾ **Observação:**

A forma verbal "abraçar-se" é pronominal transitiva indireta e admite as preposições "a, em, com, contra".

- A filha se abraçou $\left[\begin{array}{l}\text{à}\\ \text{com a}\\ \text{na}\\ \text{contra a}\end{array}\right.$ mãe.

2. Agradar

a) É transitivo direto na acepção de "acariciar, acarinhar, fazer carinho".

- Com as mãos calosas, a mãe agradava o filho.
- Enquanto conversava, a menina agradava o seu cãozinho.

b) É transitivo indireto, exigindo a preposição "a", na acepção de "satisfazer, contentar, fazer agrado a".

- Parece que os bares da cidade não agradaram aos turistas.
- As palavras dele não lhe agradaram?

- "Agradava-lhe também muito a vizinhança, aquela doce quietação de subúrbio adormecido ao sol." (Eça de Queiroz)

3. *Agradecer*

a) É transitivo direto quando possui objeto direto de "coisa". Caso o objeto direto seja representado por "pessoa", este verbo será transitivo indireto exigindo a preposição "a".

- Agradeci imensamente aos amigos por causa da atenção que me deram.
- Nós agradecemos os presentes aos presentes à festa.
- O diretor da empresa agradeceu o auxílio que recebeu naquela hora difícil.

➯ Observação:

Seguem essa mesma regência os verbos "pagar" e "perdoar", estudados mais à frente.

4. *Ajudar*

a) Com o sentido essencial de "auxiliar, prestar ajuda" é transitivo direto:

- Joana sempre procurou ajudar os mais próximos da família.
- Marcos, não se preocupe, todos vieram ajudá-lo.

b) Se ao verbo "ajudar" seguir-se um infinitivo transitivo precedido da preposição "a", regerá o verbo ajudar um objeto direto ou objeto indireto indiferentemente.

- Eu sempre $\left[\begin{array}{l}\text{o}\\ \text{lhe}\end{array}\right.$ ajudei a $\underset{\text{infinitivo transitivo}}{\underline{\text{comprar}}}$ os produtos de que precisava.
- Ajudaram $\left[\begin{array}{l}\text{- nas}\\ \text{- lhes}\end{array}\right.$ a $\underset{\text{infinitivo transitivo}}{\underline{\text{guardar}}}$ as roupas limpas?

c) Se, porém, ao verbo "ajudar" seguir-se um infinitivo intransitivo, só poderá o verbo ajudar reger objeto direto.

- Ninguém **o** ajudou a $\underset{\text{infinitivo intransitivo}}{\underline{\text{sair}}}$ do buraco em que caíra.
- Se eu **o** ajudar a $\underset{\text{infinitivo intransitivo}}{\underline{\text{viver}}}$ melhor, será que ele me entenderá?

5. Aspirar

Apresenta as seguintes regências:

a) É um verbo transitivo direto na acepção de "respirar, sorver ar, inalar."

▹ Na sala, aspirava a poeira dos carpetes imundos.

▹ O perfume que aspiro traz-me boas recordações.

▹ No período junino, é bom não aspirar a fumaça das fogueiras.

b) É um verbo transitivo indireto exigindo a preposição "a" na acepção de "desejar, pretender, almejar". Apesar de transitivo indireto, este verbo rejeita os pronomes "lhe, lhes" para o objeto indireto; aceita apenas as formas tônicas analíticas "a ele, a ela, a eles, a elas".

▹ Em sua jornada, sempre aspirou **ao cargo** de gerente da empresa.
= "... sempre aspirou **a ele**...".

▹ A oportunidade **à qual** ele aspirava finalmente chegou.

▹ Jamais aspirei a estas honrarias. = "Jamais aspirei a elas".

6. Assistir

Apresenta quatro regências distintas:

a) É verbo transitivo indireto na acepção de "ver, presenciar, estar atento a". O objeto indireto deve vir encabeçado pela preposição "a". À semelhança do verbo "aspirar" no sentido de "desejar", rejeita os oblíquos "lhe, lhes" para o objeto indireto; aceita apenas as formas "a ele, a ela, a eles, a elas".

▹ Nunca mais assisti a um bom jogo de futebol. = Nunca mais assisti a ele.

▹ A missa a que ela assistiu foi rezada pelo Pe. Paulo Campos.

▹ Ontem assistimos à inauguração da quadra de esportes.

⇨ Observações:

Este verbo, na linguagem coloquial, é quase sempre usado sem a preposição.

▹ Ontem eu assisti o jogo.

▹ Eles irão assistir os comícios em uma cidade vizinha.

Mais uma vez não se esqueça de que este verbo, para a linguagem formal – aquela exigida, por exemplo, para os concursos, as comunicações formais –, é transitivo indireto; não aceita a voz passiva e o objeto indireto de terceira pessoa deverá vir sob a forma dos pronomes "a ele, a ela, a eles, a elas". Veja:

- A aula será à tarde. Foi ótima a alteração, pois eu vou poder assisti-**la**. (Construção errada)

Corrija-se para...

- A aula será à tarde. Foi ótima a alteração, pois eu vou poder assistir **a ela**.

- O jogo **está sendo assistido** por vários espectadores. (Construção errada. Não admite voz passiva)

Corrija-se para...

- Vários espectadores estão assistindo ao jogo.

Vale ressaltar também que os verbos "VER, OLHAR, ESPIAR, ESPREITAR, ENXERGAR, OBSERVAR" são transitivos diretos.

- Ontem eu passei a tarde inteira lhe observando. (Construção errada)

Corrija-se para...

- Ontem eu passei a tarde inteira $\left[\begin{array}{l}\text{o}\\ \text{a}\end{array}\right.$ observando.

b) No sentido de "ajudar, prestar assistência, auxiliar, socorrer" é indistintamente verbo transitivo direto ou verbo transitivo indireto. Como transitivo indireto exige a preposição "a".

- Durante o resgate, alguns transeuntes assistiram $\left[\begin{array}{l}\text{os}\\ \text{aos}\end{array}\right.$ familiares das vítimas.
- Na cirurgia, ele foi assistido por um dos melhores cirurgiões da capital pernambucana.
- Deus é bom, porque assiste $\left[\begin{array}{l}\text{às}\\ \text{as}\end{array}\right.$ viúvas.

c) Na acepção de "caber, pertencer direito ou obrigação" é um verbo transitivo indireto e exige a preposição "a".

- Ao dono do estabelecimento não assiste o direito de reclamar dos clientes mais exigentes.
- Este é um direito que assiste a todos os consumidores. = Este é um direito que lhes assiste.

- A eles não devem assistir estas novas cláusulas.

d) No sentido de "morar, residir" (regência pouco usual), é um verbo intransitivo. Exige o acompanhamento de um adjunto adverbial encabeçado pela preposição "em".

- Hoje já não mais assisto no bairro da Boa Vista.
- A cidade em que ele assiste fica a poucos quilômetros da capital.

7. Atender

Possui as seguintes regências:

a) Com o sentido de "dar ou prestar atenção, ser atencioso, cuidar, servir" é indistintamente transitivo direto ou transitivo indireto. Neste último caso, exige a preposição "a".

- Ele sempre atende $-\left[\begin{array}{l}\text{os}\\ \text{aos}\end{array}\right.$ amigos em sua casa de praia.
- O melhor aluno da sala sempre atendia $-\left[\begin{array}{l}\text{às}\\ \text{as}\end{array}\right.$ explicações dos professores.
- Dr. João sempre atende $-\left[\begin{array}{l}\text{o}\\ \text{ao}\end{array}\right.$ telefone em seu escritório.

b) Quando significa "atentar, concentrar a atenção", é um verbo transitivo indireto e exige as preposições "a", "em" ou "para".

- Faleceu porque não atendeu aos sintomas iniciais da doença.
- Ele sempre atendia para os conselhos dos mais velhos.

➯ **Observação:**

Se o complemento desse verbo for um pronome oblíquo átono, obrigatoriamente assumirá a regência transitiva direta.

- O presidente atendeu $-\left[\begin{array}{l}\text{os}\\ \text{aos}\end{array}\right.$ grevistas.

Mas apenas...

- O presidente $\underset{\text{VTD}}{\underline{\text{atendeu}}}$-os.

8. Chamar

Apresenta as seguintes regências:

a) No sentido de "mandar vir, convocar" é um verbo transitivo direto.

▷ O diretor chamou os empregados para uma reunião de urgência.

▷ Os meninos, chamei-os, mas até agora não vieram.

b) No sentido de "invocar, clamar", é um verbo transitivo indireto. O objeto indireto requer a preposição "por".

▷ Nas horas difíceis, ele costuma chamar por Nossa Senhora das Dores.

▷ Naquele momento, chamei por Ele, e o Senhor Jesus me ouviu.

➪ **Observação:**

Alguns autores consideram a preposição "por" como um recurso de ênfase para o objeto direto que, nesse caso, seria preposicionado. Não nos parece a melhor análise, uma vez que o sentido do verbo é diferente da primeira regência (mandar vir, convocar).

c) Já na acepção de "cognominar, apelidar, alcunhar, qualificar, tachar", será, indistintamente, verbo transitivo direto ou verbo transitivo indireto. Vem sempre acompanhado de um predicativo do objeto que poderá ou não ser encabeçado por uma preposição. Observe as possibilidades de construção a partir de uma informação dada:

▷ Ninguém disse que ele é mentiroso. –
- Ninguém o chamou mentiroso.
- Ninguém o chamou de mentiroso.
- Ninguém lhe chamou mentiroso
- Ninguém lhe chamou de mentiroso.

▷ Na reunião, chamaram-no (de) incompetente.

OU

▷ Na reunião, chamaram-lhe (de) incompetente.

➪ **Observação:**

Esta é a única regência na Língua Portuguesa (verbo "chamar" na acepção de "cognominar, apelidar, tachar") que admite um predicativo para um objeto indireto.

9. Chegar / Ir / Dirigir-se

Esses verbos possuem regências idênticas:

No sentido de "atingir um determinado lugar, deslocar-se para" são, no padrão formal da língua, verbos intransitivos. Exigem a presença de um adjunto adverbial de lugar introduzido, obrigatoriamente, pela preposição "a".

▹ Os três rapazes chegaram a casa totalmente exaustos.

▹ O aeroporto a que ele chegou estava com vários voos atrasados.

▹ Aonde devo me dirigir para obter informações?

▹ Todos devem ir à festa do amigo hoje à noite.

➾ Observações:

Na linguagem coloquial, os verbos "chegar" e "ir" são usados com a preposição "em". Ressalte-se que esta construção não se amolda à linguagem padrão, formal.

▹ Parece que ele foi no banheiro.

Corrija-se para...

▹ Parece que ele foi ao banheiro.

▹ Quando chegar em casa, tomarei um banho.

Corrija-se para...

▹ Quando eu chegar a casa, tomarei um banho.

No emprego diário, usa-se o verbo "ir", indistintamente, com as preposições "a" ou "para". Para o padrão formal da língua, entretanto, "ir a" deve ser usado quando se denota a ideia de "lá não se demorar, de não estabelecer lá a residência". Já a regência "ir para" indica a intenção de "permanência definitiva, de estabelecer-se a residência no local".

Assemelham-se aos verbos acima os verbos que indicam estaticidade, já que requerem a presença de adjuntos adverbiais. Entretanto, enquanto os verbos de movimento (chegar, ir, dirigir-se) pedem a preposição "a", os verbos estáticos (morar, residir, habitar, viver etc.) exigem geralmente a preposição "em". Observe:

▹ Nunca mais chegou ninguém a esta cidade. (chegar a...)

▹ Ele reside em uma velha casa. (residir em...)

10. Custar

Apresenta as seguintes regências:

a) No sentido de "ter preço, valor ou custo" é geralmente um verbo intransitivo. É frequente que, nesta regência, ele venha acompanhado de um adjunto adverbial de preço ou de valor.

▹ A casa custou vinte mil reais.

▹ Este candelabro custou muito.

b) É um verbo transitivo direto e indireto na acepção de "trazer como consequência, acarretar" é um verbo transitivo direto e indireto.

▹ A imprudência custou-lhe lágrimas amargas.

▹ As vitórias custaram ao time meses e meses de treinamento.

c) Já no sentido de "ser custoso, ser difícil" é um verbo transitivo indireto. O sujeito deste verbo, para o padrão formal da língua, será uma oração subordinada subjetiva, reduzida de infinitivo que poderá ou não vir precedida de uma preposição. O objeto indireto requer a preposição "a". Observe atentamente os exemplos:

▹ Os antigos custaram a aceitar que o homem foi à lua. (Construção errada)

Corrija-se para...

▹ **Custou** aos antigos aceitar que o homem foi à lua.
VTI OI sujeito = oração reduzida

▹ Muitos alunos custam a entender a regência deste verbo. (Construção errada)

Corrija-se para...

▹ **Custa** aos alunos entender a regência deste verbo.
VTI OI sujeito = oração reduzida

▹ Já pensou em quanto lhe **custaria** estudar vários anos para concurso?
OI VTI sujeito = oração reduzida

11. Ensinar

Apresenta as seguintes regências:

a) No sentido de "educar, adestrar", é verbo transitivo direto.

▹ No colégio, ele sempre ensinou as crianças pequenas.

▹ Quando os ensinava, fazia o que sabia de melhor.

b) No sentido de "dar instrução a, transmitir conhecimento a", é um verbo transitivo direto e indireto; o objeto direto deverá ser "de coisa" e objeto indireto "de pessoa". Este virá precedido pela preposição "a".

▹ Sempre ensinou tudo o que sabia aos seus pupilos.

▹ Nas horas livres, ensinava-lhes composições clássicas.

▹ "O Vasques ensinava-lhe as declinações latinas, sobretudo a cartilha..." (Eça de Queiroz)

➩ Observação:

Quando a coisa ensinada vem expressa por meio de um infinitivo precedido da preposição "a", admitem-se as seguintes construções:

▹ Durante muito tempo, ensinou $\left\{\begin{array}{l}\text{-os}\\ \text{-lhes}\end{array}\right.$ $\underbrace{\text{a caminhar com as próprias pernas}}_{\text{infinitivo precedido da preposição "a"}}$.

12. Esquecer / Lembrar

a) Os verbos "esquecer" e "lembrar" são transitivos diretos na acepção de "sair da lembrança ou vir à lembrança" respectivamente. Nessa acepção, também podem aparecer como transitivos indiretos pronominais (esquecer-se, lembrar-se). O objeto indireto será precedido da preposição "de".

▹ Ele ainda não $\overset{\text{VTD}}{\textbf{esqueceu}}$ $\overset{\text{OD}}{\underline{\text{o acidente}}}$.

OU

▹ Ele ainda não se $\overset{\text{VTI}}{\textbf{esqueceu}}$ $\overset{\text{OI}}{\underline{\text{do acidente}}}$.

▹ Não $\overset{\text{VTD}}{\textbf{esqueça}}$, meu bem, $\overset{\text{OD}}{\underline{\text{o meu amor}}}$ por você.

OU

▹ Não se $\overset{\text{VTI}}{\textbf{esqueça}}$, meu bem, $\overset{\text{OI}}{\underline{\text{do meu amor}}}$ por você.

VTD OD
- Ele **lembrou** o meu aniversário na última hora.

OU

VTI OI
- Ele **se lembrou** do meu aniversário na última hora.

➪ **Observação:**

Quando transitivos indiretos pronominais, o pronome que acompanha o verbo não possui função sintática. Ele é parte integrante do verbo e acompanha o verbo em todas as conjugações.

- Jamais **nos esquecemos** dos conselhos dados por nosso pai.
- Acho que, quando vós **vos lembrardes** das ideias, já estaremos longe daqui.

b) No sentido de "cair no esquecimento" ou "vir à lembrança" estes verbos apresentam uma regência culta, literária e pouco usual. O que é objeto direto e indireto nos exemplos acima passa a ser o sujeito. Os verbos "esquecer" e "lembrar" serão usados como transitivos indiretos.

VTI OI SUJEITO
- **Esqueceram**-nos boa parte dos conselhos dados por nosso chefe. (Isto é ➪ Boa parte dos conselhos dados por nosso chefe caíram no nosso esquecimento.)

VTI OI SUJEITO
- No último instante, **lembraram**-me muitas das lições passadas pelo professor de Direito Constitucional.

Ufa!! Chegamos praticamente à metade de nossa lista de verbos. Sugiro que pare um pouco. Descanse alguns minutos (alguns minutos, viu?!?!) e retorne para sua jornada. Vamos lá... mais uma vez!

13. Haver

É, sem dúvida, um dos verbos mais interessantes da língua portuguesa. Várias são as suas regências. Vejamos:

a) O verbo "HAVER" no sentido de "existir, acontecer, ocorrer, realizar-se" é transitivo direto. Não possui sujeito, devendo ficar na terceira pessoa do singular.

- ▷ Houve muitos aventureiros naquela cidade. ➾ (Existiram muitos aventureiros...)
- ▷ Quando há tragédias, muitos setores da sociedade se mobilizam. ➾ (Quando acontecem tragédias...)
- ▷ Tem havido muitas invasões a prédios públicos abandonados nos últimos tempos. (Locução verbal ➾ perceba que o verbo auxiliar também se torna impessoal).
- ▷ Não pode haver honestos em terra de corruptos.
- ▷ Vai haver muitos inscritos para o Congresso de Direito de Família.
- ▷ Por ser noite, não deveria haver tantas crianças presentes no evento.

b) o verbo HAVER no sentido de "passar-se, ter decorrido (tempo)", é um verbo transitivo direto. Nesta acepção ele também é impessoal, ou seja, não possui sujeito e deve, por convenção, ficar na terceira pessoa do singular.

- ▷ Havia duas décadas que não ocorria aquele fenômeno.
- ▷ Há três horas que eu a espero.

c) O verbo HAVER é um verbo transitivo direto e indireto quando empregado no sentido de OBTER, CONSEGUIR.

- ▷ Os rapazes houveram da direção a autorização para o uso da quadra de esportes. (Leia-se: Os rapazes obtiveram / conseguiram da direção a autorização.)
- ▷ De quem houveram esses advogados aquelas terras? (Leia-se: Os advogados obtiveram / conseguiram aquelas terras de quem?)

Observe que o verbo HAVER, no caso acima e nos demais casos abaixo, flexiona-se normalmente para concordar com o seu sujeito.

d) O verbo HAVER empregado no sentido de "CONSIDERAR, JULGAR" é um verbo transitivo direto.

- ▷ A justiça não houve por verdadeira a confissão do réu. (Leia-se: A justiça não considerou...)
- ▷ Os professores haviam-no como o melhor da turma. (Leia-se: Os professores julgavam-no...)

e) O verbo HAVER-SE (pronominal) no sentido de "PORTAR-SE, PROCEDER, COMPORTAR-SE, SAIR-SE BEM OU MAL" é intransitivo. Pede acompanhamento de um adjunto adverbial de modo.

▹ Os candidatos não se houveram bem na prova. (Leia-se: Os candidatos não se saíram bem...)

▹ A filha do prefeito sempre se havia de modo inconveniente nas festas de que participava. (Leia-se: A filha do prefeito sempre se comportava de modo inconveniente...)

f) O verbo HAVER é também transitivo direto no sentido de "TER, POSSUIR".

▹ Hajamos paz e o mundo certamente melhorará. (Leia-se: Tenhamos paz e...)

▹ Se houvesses mais coragem, agirias de outra forma. (Leia-se: Se tivesses mais coragem...)

g) O verbo HAVER-SE (Pronominal) no sentido de "AJUSTAR CONTAS, ENTENDER-SE, ARRANJAR-SE" apresenta transitividade indireta – exige a preposição "com":

▹ Parece que ele já se houve com todos os credores. (Leia-se: Parece que ele já ajustou contas com...)

▹ Será complicado se tu não te houveres com aqueles que magoaste. (Leia-se: ...se tu não te entenderes...)

h) O verbo HAVER-SE (Pronominal) no sentido de "DEPARAR-SE, LIDAR, TRATAR" é transitivo indireto. Exige a preposição "com".

▹ Sempre que chegava ao escritório, havia-se com a secretária do presidente. (Leia-se:... lidava com...)

▹ Quando estagiava, havia-se com crianças excepcionais. (Leia-se: Quando estagiava, deparava-se com...)

14. *Implicar*

Este verbo apresenta as seguintes regências:

a) No sentido de "embirrar, ter implicância com", é transitivo indireto. O objeto indireto exige a preposição "com".

▹ Por que implicas tanto com a tua sogra?

▹ A pessoa com quem ele sempre implicou tornou-se seu chefe.

b) Será um verbo transitivo direto e indireto, exigindo a preposição "em" para o objeto indireto, na acepção de "envolver-se, comprometer-se, enredar-se, emaranhar-se".

▹ A CPI dos bingos implicou o ex-ministro em atividades criminosas.
▹ Implicaram-no em negócios escusos.

c) No sentido de "ocasionar, trazer como consequência, acarretar" consolidou-se como verbo transitivo direto.

▹ Cuidado, pois suas atitudes podem implicar sua demissão.
▹ Liberdade sempre implicou responsabilidade.
▹ Viver sempre implicará correr riscos.

➯ **Observação:**

Nesta acepção "ocasionar, trazer como consequência, acarretar", a evolução trouxe uma regência nova "implicar em", resultante da influência de verbos mais ou menos sinônimos, como "importar em", "redundar em", "reverter em" e "resultar em". Além do mais, é uma tendência da língua, como já vimos, repetir (uso pleonástico) a preposição cognata do prefixo (*assistir a, depender de, empregar em, incidir em, incorrer em*). Embora seja combatida por alguns conservadores, esta regência (usando as palavras do professor Rocha Lima) "está ganhando foros de cidade na língua culta". Logo, hoje são plenamente aceitas, como corretas, as construções abaixo:

▹ Sua forma de jogar implicou em sua dispensa do time.
▹ "... a dicionarização de um neologismo...implicará em nova ortografia para o termo enquadrado em tal caso." (Caldas Aulete, Dic. Contemp. da Língua Portuguesa)
▹ "Casamento implica em responsabilidade." (Celso Cunha, Dic. Prático de Regência Verbal)

15. Importar Eis um verbo bastante interessante, porque apresenta várias regências. Vamos estudar as principais:

a) No sentido de "fazer vir (mercadorias), trazer para dentro" é empregado como transitivo direto.

▹ Os noivos **importaram** óleos e essências naturais para usar durante a lua de mel.
▹ Neste ano, ainda pretende **importar** inúmeros objetos fabricados na China.
▹ No próximo ano, **importaremos** mais frutas frescas e menos carne bovina.

b) No sentido de "dar importância, fazer caso" é um verbo pronominal, transitivo indireto (importar-se) e exige comumente a preposição "com" para o seu complemento, embora as preposições "de" ou "em" também possam ser usadas.

- "... mas eu não me **importo** com isso." (Machado de Assis)
- "Lenita, apressada, correu sem se **importar** com os ramos que lhe açoitavam." (Júlio Ribeiro)

c) Já no sentido de "ser importante, útil ou necessário, ter importância" é empregado tanto como intransitivo quanto como transitivo indireto com a preposição "a". Cumpre salientar que, nesse sentido, o sujeito vem geralmente posposto ao verbo; por isso é importante não o confundir com um objeto direto.

- "Que lhe **importavam** os rios? Eram grandes? Pois que fossem..." (Lima Barreto)
  VTI sujeito
- "Decerto, decerto, pouco **importa** que um visionário se diga messias e filho de Deus." (Eça de Queiroz)
  VI sujeito
- "Isso pouco **importa**; estou agora bem satisfeita." (Bernardo Guimarães)
  sujeito VI

  VTI sujeito
- "Pouco **importavam** a ela os móveis cobertos de poeira e de fuligem das locomotivas." (Adolfo Caminha)

d) No sentido de "acarretar, implicar, resultar, trazer como consequência" pode hoje ser usado tanto como transitivo direto quanto como transitivo indireto com a preposição "em". Esta última regência foi combatida por muitos puristas da língua, mas hoje se consolidou, conforme se percebe nas palavras do mestre Rui Barbosa: "Esta construção [importar em] na língua viva de hoje se estende ao sentido de acarretar."

- "Sua imprudência **importou** em descrédito pessoal." (Celso P. Luft – Dic. Prático de Regência)
- "Toda a restrição à publicidade **importa**, logo, em embaraço de circulação." (Rui Barbosa)
- "Mas essa reconciliação **importava** a entrada triunfal do Cavaleiro na quieta casa do Barrolo..." (Camilo C. Branco)

e) Com o sentido de "atingir o custo de, redundar" deve ser empregado como transitivo indireto com a preposição "em" para o seu complemento.

▹ A construção da casa importou em vários milhões de dólares.

▹ "O total dos gastos importou em mil reais." (Dic. Eletrônico Houaiss)

16. Informar (Alertar / Notificar* / Avisar* / Cientificar* / Anunciar*)*

* Seguem a mesma regência do verbo informar.

a) No sentido de "comunicar, dar esclarecimento" é geralmente usado como verbo transitivo direto e indireto. Admite as seguintes construções:

Informar (VTDI)
- algo (OBJETO DIRETO) ——— a alguém (OBJETO INDIRETO)
- alguém (OBJETO DIRETO) ——— de / sobre algo (OBJETO INDIRETO)

▹ Nós sempre os informamos sobre os problemas.

OU

▹ Nós sempre lhes informamos os problemas.

▹ Avisaram ao dono do estabelecimento ontem à noite o assalto.

OU

▹ Avisaram o dono do / sobre o assalto.

▹ Notificaram-lhe que a audiência será na próxima semana.

OU

▹ Notificaram-no de que a audiência...

▹ Se ele os alertasse do / sobre o problema, talvez não tivesse tanto prejuízo.

▹ "Affonso assombrou Villaça anunciando-lhe que decidira vir habitar o Ramalhete!" (Eça de Queiroz)

b) O verbo informar também pode aparecer apenas como transitivo direto na acepção de "dar informações, dar notícias".

▹ Os jornais são o meio de comunicação que mais $\underset{\text{VTD}}{\textbf{informa}}$ $\underset{\text{OD}}{\underline{\text{o público em geral}}}$.

17. Namorar

a) Para a linguagem formal – mais clássica –, este verbo é transitivo direto na acepção de "cortejar, galantear, requestar". Na linguagem mais moderna, entretanto, este verbo tem se consolidado como transitivo indireto, exigindo a preposição "com" para o objeto indireto, à semelhança de "casar, noivar", conforme atestam grandes estudiosos da nossa língua, como os mestres Aurélio Buarque, Antônio Houaiss, Celso Pedro Luft e Antenor Nascentes. Ademais, o substantivo cognato "namoro" admite a preposição "com" para o seu complemento. Por isso, o verbo namorar pode ser usado, modernamente, tanto como transitivo direto quanto como transitivo indireto.

- Havia uma moça em nossa cidade que só namorava os (ou "com os") rapazes de dinheiro.
- A filha do prefeito, o Sr. Joaquim dos Santos namorou-a (ou "com ela") durante muito tempo.

➯ **Observação:**

O verbo "casar" pode ser usado com as seguintes regências:

a) Intransitivo → Maria casou na Europa.

b) Transitivo direto → "Casa o filho quando quiseres, e a filha quando puderes." (Dito popular)

c) Transitivo indireto com a preposição "com" → Se eu pudesse, eu casaria com Lúcia.

d) Transitivo direto e indireto (pronominal), exigindo a preposição "com" → Ele deve casar-se na próxima semana com Maria Joaquina.

18. Necessitar

No sentido de "ter ou sentir necessidade" é indistintamente transitivo direto ou transitivo indireto. Neste último caso, o objeto indireto virá encabeçado pela preposição "de".

- Ele sempre necessitou da ajuda dos amigos para obter as coisas na vida.

  ou

- Ele sempre necessitou a ajuda dos amigos para obter as coisas na vida.
- A ferramenta de que ele necessitou estava com um primo distante.

  ou

- A ferramenta que ele precisou estava com um primo distante.

➯ **Observação:**

No dia-a-dia, este verbo tem se consolidado com a regência transitiva indireta "NECESSITAR DE".

19. Obedecer / Desobedecer

Consolidaram-se em nossa Língua Portuguesa como verbos transitivos indiretos. O objeto indireto requer a preposição "a".

▹ Era um grande escritor, pois as palavras sempre lhe obedeciam.

▹ Nunca desobedeça às regras impostas por seus superiores.

▹ A pessoa a quem mais ele obedecia era a sua avó.

➯ **Observação:**

Embora transitivos indiretos, esses verbos admitem a voz passiva em virtude de seus antigos regimes transitivos diretos.

▹ Ele era obedecido por todos na empresa.

20. Pagar / Perdoar

Esses verbos possuem uma regência bastante interessante:

a) São transitivos diretos quando o objeto direto é representado por "coisa".

b) São transitivos indiretos, exigindo a preposição "a" para o objeto indireto, quando este é representado por "pessoa".

▹ Sempre $\underset{\text{VTD}}{\textbf{paguei}}$ $\underset{\text{OD de coisa}}{\underline{\text{os meus compromissos em dia}}}$. ➯ Sempre **os** paguei em dia.

▹ Jamais $\underset{\text{VTD}}{\textbf{perdoarei}}$ $\underset{\text{OD de coisa}}{\underline{\text{a sua displicência}}}$. ➯ Jamais **a** perdoarei.

▹ Sempre $\underset{\text{VTI}}{\textbf{paguei}}$ $\underset{\text{OI de pessoa}}{\underline{\text{aos meus credores}}}$ em dia. ➯ Sempre **lhes** paguei em dia.

▹ Jamais $\overset{\text{VTI}}{\textbf{perdoarei}}$ $\overset{\text{OI de pessoa}}{\underline{\text{a você}}}$, Jéssica Roberta. ➯ Jamais **lhe** perdoarei, Jéssica Roberta.

- Crimes de guerra, como posso perdoá-**los**? ⇒ Aos filhos, sempre se deve perdoar-lhes.

c) Também podem ser usados como transitivos diretos e indiretos.

OI VTDI OD
- Jamais lhe **perdoarei** aquela falta.

VTDI OD OI
- Não **pagarei** um tostão sequer àquele incompetente.

⇒ **Observações:**

a) Cuidado com esses verbos quando estiverem associados a um "SE". Observe:

Partícula apassivadora
- Não se **perdoam** com facilidade erros cometidos propositadamente.
VTD sujeito passivo

Índice de indeterminação do sujeito
- Não se **perdoa** com facilidade aos trabalhadores incompetentes e irresponsáveis.
VTI objeto indireto

Sujeito Partícula apassivadora
- As contas que ontem pela manhã se **pagaram** já foram remetidas para a contabilidade.
VTD

OI Índice de indeterminação do sujeito
- As pessoas às quais ontem pela manhã se **pagou** deixaram a empresa hoje.
VTI

b) O verbo "perdoar" admite a voz passiva.

- Eles foram perdoados pelo presidente da empresa.

21. Precisar

Este verbo apresenta duas regências:

a) No sentido de "ter precisão, carecer", tanto pode ser transitivo direto (regência pouco usual) quanto transitivo indireto com a preposição "de".

- Nunca mais ele precisou
  - dinheiro.
  - de dinheiro.

- Quem não tem farinha não precisa $\left[\begin{array}{l}\text{peneira.}\\ \text{de peneira.}\end{array}\right.$ (Dito popular).
- Os livros $\left[\begin{array}{l}\text{que}\\ \text{de que}\end{array}\right.$ ele precisava foram emprestados ao filho do Sr. Rubião.

b) É um verbo transitivo direto na acepção de "marcar com precisão, estipular tempo".

- Os noivos ainda não precisaram a data do casamento.
- O Banco Central ainda não precisou o montante de dinheiro roubado pelos ladrões.

22. *Preferir*

Apresenta as seguintes regências:

a) Na acepção de "dar preferência ou primazia a, gostar mais de, escolher ou querer antes" é transitivo direto e indireto, exige a preposição "a". Neste sentido, não admite a presença dos termos intensificadores "mais... (do) que...", por exemplo, já que a própria semântica do verbo, por si só, já indica essa intensificação.

- Aos domingos, Sr. João preferia ficar em casa a ir ao shopping com a família.
- Ele sempre prefere laranja a maçã para o café da manhã.

  OU
- Ele sempre prefere a laranja à maçã...
- Quando se trata de estudo, prefiro o dia à noite para fazer qualquer curso.
- Eu prefiro que critiquem a que se mantenham calados, inertes e indiferentes.

⇒ Observação:

As construções abaixo são consideradas erradas pela gramática normativa, embora sejam bastante usuais na linguagem cotidiana.

- Prefiro antes comer frutas a beber suco.
- Preferia muito mais estudar do que trabalhar.
- Ele prefere mil vezes arroz com feijão do que macarronada.
- Ele deve preferir correr do que nadar nos finais de semana.

b) Esse verbo também pode ser usado unicamente como transitivo direto também na acepção de "optar, escolher".

- ▹ Entre arroz e macarrão, já disse que prefiro macarrão.
- ▹ Ele prefere que todos fiquem até o final da festa.

23. Proceder

Apresenta as seguintes regências:

a) É um verbo intransitivo no sentido de "ter fundamento, mostrar-se verdadeiro".

- ▹ Todas as acusações dela não procediam.
- ▹ Como o boato não procedesse, ele foi desconsiderado por todos.

b) É intransitivo na acepção de "comportar-se, portar-se, conduzir-se". Sempre virá acompanhado de um adjunto adverbial de modo.

- ▹ A filha do prefeito não procedeu bem na festa.
- ▹ Sr. Joaquim sempre procede com honestidade.

c) É também intransitivo no sentido de "originar-se, provir, derivar". É sempre acompanhado de um adjunto adverbial de lugar.

- ▹ De onde o amigo procede?
- ▹ A língua portuguesa procede do latim.

d) É um verbo transitivo indireto, exigindo a preposição "a", quando empregado no sentido de "dar início, principiar, começar, realizar."

- ▹ O TRE procedeu aos trabalhos de apuração dos votos às 17h.
- ▹ O inquérito policial a que ele procedeu perfez 500 páginas.
- ▹ A professora procedeu à chamada dos alunos às 14h.

Cuidado com esta última regência do verbo proceder. Observe:

Partícula apassivadora

▹ **Iniciaram**-se os trabalhos de apuração dos votos.

VTD sujeito passivo

Mas...

Índice de indeterminação do sujeito

▹ Procedeu-se aos trabalhos de apuração dos votos.

VTI objeto indireto

24. Querer

Apresenta duas regências bastante comuns:

a) No sentido de "ter, possuir, desejar, pretender" é empregado como transitivo direto.

▹ Ele sempre quis um carro do ano e finalmente conseguiu.

▹ Manoel sempre queria uma oportunidade a mais, mas não lhe davam.

▹ Os patrões sempre a queriam de bom humor.

b) É um verbo transitivo indireto, exigindo a preposição "a", no sentido de "amar, gostar de, ter afeto".

▹ Ele tinha uma filha a quem muito queria.

▹ Eu muito lhe quero, minha mãe.

▹ Eu quero muito bem àquela moça.

25. Responder

Destacam-se as seguintes regências:

a) É transitivo direto e indireto no sentido de responder alguma coisa a alguém:

▹ Ao ser questionado, respondeu-lhes que aceitaria o contrato sem problemas.

▹ O professor certamente responderá aos alunos as eventuais dúvidas.

▹ "Quando perguntei por que motivo ninguém o via há um mês, respondeu-me que estava passando por uma transformação." (Machado de Assis)

b) É transitivo indireto no sentido de dar a resposta, de responder a uma carta, a uma pergunta, a um questionário etc. Neste caso, exigirá a preposição "a".

- Responde a todas as perguntas por mais difíceis que sejam.
- Fez-me uma série de perguntas a que não sei responder.
- "Começou São Domingos a levantar as questões, e o demônio ponto por ponto a responder a elas." (Pe. Antônio Vieira)

26. Simpatizar / Antipatizar

Esses verbos apresentam regências idênticas.

São verbos transitivos indiretos e exigem preposição "com", significando "ter ou sentir simpatia, agradar-se". Não são pronominais. Veja:

- Durante muito tempo, ele não simpatizou com o seu chefe.
- A pessoa com quem ele antipatizava foi transferida para outra empresa.
- Se eu simpatizasse com todos os alunos, seria uma professora mais alegre, mais verdadeira.

➾ **Observação:**

As construções abaixo são inadmissíveis para o padrão formal, porque tais verbos não são pronominais.

- Ele não se simpatizou com os colegas. (Errado)
- Eu me antipatizei logo com ela. (Errado)

27. Suceder

É um verbo pouco usado, que possui duas regências distintas:

a) É intransitivo no sentido de "ocorrer, acontecer, realizar-se".

- Durante a festa, sucedeu uma tremenda tromba d'água.
- Sucedeu que o novo governo não baixou os juros como era esperado.

b) É um verbo transitivo indireto na acepção de "seguir-se, sobrevir". Exige a preposição "a" para o objeto indireto.

- João sucedeu a Paulo na direção da empresa.
- Ao labor sucede o descanso.
- O dia sucede à noite.

28. *Visar*

É um verbo que apresenta várias regências. Veja:

a) É transitivo direto no sentido de "mirar, olhar para".

- Vise bem o alvo antes de atirar.
- A caça, visei-a com toda a minha precisão.

b) É também um verbo transitivo direto no sentido de "rubricar, pôr o visto".

- No banco, o gerente costumava não visar os cheques de terceiros.
- A diretora visou os diplomas de todos os formandos.

c) Já no sentido de "desejar, pretender, ter em vista" é largamente usado como transitivo indireto, exigindo a preposição "a". Como transitivo indireto, rejeita os pronomes "lhe, lhes" para o objeto indireto. Aceita apenas as formas analíticas tônicas "a ele, a ela, a eles, a elas". Entretanto, nesse sentido ("desejar, pretender, ter em vista") também pode ser empregado como transitivo direto, embora poucas referências se façam a esta última regência.

- Ele visou acima de tudo $\left[\begin{array}{l}\text{o}\\ \text{ao}\end{array}\right.$ bem de todos os presentes.
- O que eles sempre visaram é o crescimento da empresa.
  OU
- Aquilo a que eles sempre visaram é...
- O cargo $\left[\begin{array}{l}\text{que}\\ \text{a que}\end{array}\right.$ ele sempre visou foi preenchido por outro empregado.
- O presidente não visava $\left[\begin{array}{l}\text{–}\\ \text{a}\end{array}\right.$ outro interesse que não fosse o lucro da empresa.

Observação:

Quando o complemento do verbo "visar" é formado por uma oração reduzida de infinitivo é frequente a supressão da preposição. Veja:

▹ O contra-ataque visava derrubar as primeiras linhas do exército inimigo.

▹ Sempre visei alcançar objetivos difíceis para a maioria do povo.

Observação final em relação à regência verbal: Lembre-se de que há uma série de verbos na língua portuguesa que podem ser usados indistintamente como transitivos diretos ou transitivos indiretos sem que isso traga alterações de sentido. Abaixo listamos alguns desses verbos:

a) ABDICAR
- VTD = Ele abdicou o trono em 1890.
- VTI "de" = Ele abdicou do trono em 1890.

b) ALMEJAR
- VTD = Sempre almejou a vaga de gerente.
- VTI "por" = Sempre almejou pela vaga de gerente.

c) ANSIAR
- VTD = Ele anseia a volta do filho.
- VTI "por" = Ele anseia pela volta do filho.

d) ATENDER
- VTD = Ele já atendeu os clientes.
- VTI "a" = Ele já atendeu aos clientes.

e) CONSENTIR
- VTD = Eles consentiram a volta do aluno para a sala.
- VTI "em" = Eles consentiram na volta do aluno para a sala.

f) DEPARAR
- VTD = Deparamos uma bela paisagem em nosso passeio.
- VTI "com" = Deparamos com uma bela paisagem em nosso passeio.

g) GOZAR
- VTD = Todos devem gozar os seus direitos.
- VTI "de" = Todos devem gozar de seus direitos.

h) PRESIDIR
- VTD = Ele presidirá o encontro.
- VTI "a" = Ele presidirá ao encontro.

i) RENUNCIAR
VTD = Ele renunciou o cargo de diretor.
VTI "a" = Ele renunciou ao cargo de diretor.

j) SATISFAZER
VTD = Ele satisfez as exigências.
VTI "a" = Ele satisfez às exigências.

Outros exemplos:

- "... aquele ente atrofiado pela cobiça e que parecia ter **abdicado** dos seus privilégios e sentimentos de homem..." (Aluísio Azevedo)
- "A República sonhadora do Pacífico abandona, de improviso, os compromissos oriundos da sua existência autônoma e, **abdicando** a própria altitude política, volve, às recuadas, aos tempos em que ainda não existia." (Euclides da Cunha)
- "Subiu rápido a encosta de onde Roderico **atendia** aos sucessos da batalha." (A. Herculano)
- "Levou a carta do Coronel Carvalho ao deputado, que o **atendeu** muito bem." (Lima Barreto)
- "Mas o fato é que aí estava, que não dormia, e que, pela primeira vez, nos sessenta e sete anos de sua palrada existência, **consentiu** em estar em cena como pessoa muda." (A. Garret)
- "Sofia não **consentiu** que ela as trouxesse." (Machado de Assis)
- "Ó tu, que à mocidade sonhadora
  Do pálido poeta deste flores...
  Se vivi... foi por ti! e de esperança
  De na vida **gozar** de teus amores." (A. de Azevedo)
- "... muito pálida, muito séria, com uma crueldade a reluzir-lhe nos olhos, **gozando** uma alegria de desforra em fustigar aquela carne gorda." (Eça de Queiroz)
- "Outra ocasião **deparou** com o retrato da *cuja*. – "Sim senhor: uma mulher esplêndida! O Luís tinha gosto para mulheres..." (A. Caminha)
- "Além dos serventes de repartições, contínuos de escritórios, podemos **deparar** velhas fabricantes de rendas de bilros, compradores de garrafas vazias..." (Lima Barreto)

- "Enquanto deliberava o parlamento, e era possível conquistar o poder sem compromissos, e **presidir** as eleições gerais sem indisposições, ninguém lhe devassou o sigilo." (Rui Barbosa)
- "... outro **preside**, em 1850, ao festim oferecido aos comissários da exposição de 1851, ou à iniciação dos trabalhos de edificação da *Galeria Nacional* em Edimburgo..." (Rui Barbosa)
- "... era também agradecer o restabelecimento de minha mãe, e, visto que digo tudo, fazê-lo **renunciar** ao pagamento da minha promessa." (Machado de Assis)
- "... os grandes desprezando as riquezas e vaidades do Mundo; os reis **renunciando** os ceptros e as coroas;..." (Pe. Antônio Vieira)
- "Bentinho há de **satisfazer** os desejos de sua mãe e depois a igreja brasileira tem altos destinos." (Machado de Assis)
- "Entretanto vamos **satisfazer** ao leitor, que há de talvez ter curiosidade de saber onde se meteu o pequeno." (Manuel A. de Almeida)

Ufa!! Misericórdia!! Chegamos ao final do assunto "Regência Verbal". Cansativo, não!!?? Mantenha a calma! E não desanime, pois ainda vamos estudar a regência de alguns nomes. Não se desespere! Lembre-se de que o conhecimento vem aos poucos, mas sempre chega para os persistentes. Leia a relação abaixo mais de uma vez e parta para a resolução dos exercícios. Prossigamos!

6.3 REGÊNCIA NOMINAL

A regência nominal estuda as relações de dependência estabelecidas entre os nomes e os seus complementos. O termo que completa um nome é, por isso, denominado de "complemento nominal".

A complementação de um nome é sempre intermediada por uma preposição. Alguns nomes chegam a aceitar mais de uma preposição, como se verá.

Segue uma lista de substantivos e adjetivos com as respectivas regências:

Acessível **a**	difícil **de**	medo **a, de**
Acostumado **a, com**	digno **de**	misericordioso **com, para como**
Adaptado **a**	entendido **em**	natural **de**
Afável **a, com, para com**	equivalente **a**	necessário **a**
Aflito **com, por**	erudito **em**	negligente **em**
Agradável **a**	escasso **de**	nocivo **a**
Alheio **a, de**	essencial **a**	nocivo **a**
Alienado **de**	estranho **a**	ojeriza **a, por, contra**
Alusão **a**	fácil **de**	paralelo **a**
Amante **de**	falha **de, em**	parco **em, de**
Ambicioso **de**	falta **de**	passível **de**
Analogia **com, entre**	favorável **a**	perito **em**
Análogo **a**	fiel **a**	permissivo **a**
Ansioso **de, para, por**	firme **em**	perpendicular **a**
Apto **a, para**	generoso **com**	pertinaz **em**
Atento **a, em**	grato **a**	possível **de**
Aversão **a, para, por**	hábil **em**	possuído **de**
Ávido **de, por**	habituado **a**	posterior **a**
Benéfico **a**	horror **a**	preferível **a**
Capaz **de, para**	hostil **a**	prejudicial **a**
Certo **de**	idêntico **a**	prestes **a, para**
Compatível **com**	imbuído **em, de**	propenso **a, para**
Compreensível **a**	impossível **de**	propício **a**
Comum **a, de**	impróprio **para**	próximo **a, de**
Constante **de, em**	imune **a, de**	relacionado **com**
Constituído **de, por, com**	incompatível **com**	residente **em**
Contemporâneo **a, de**	inconsequente **com**	responsável **por**
Contíguo **a**	indeciso **em**	rico **de, em**
Contrário **a**	independente **de, em**	seguro **de, em**
Cuidadoso **com**	indiferente **a**	semelhante **a**
Curioso **de, a**	indigno **de**	sensível **a**
Desatento **a**	inepto **para**	sito **em, entre**
Descontente **com**	inerente **a**	suspeito **de, a**
Desejoso **de**	inexorável **a**	transversal **a**
Desfavorável **a**	leal **a**	útil **a, para**
Devoto **a, de**	lento **em**	versado **em**
Diferente **de**	liberal **com**	vizinho **a, de, com**

6.4 O EMPREGO DOS PRONOMES RELATIVOS E AS REGÊNCIAS VERBAL E NOMINAL

Um dos tópicos que mais assustam o estudante da Língua Portuguesa é o emprego dos pronomes relativos. Como se sabe, o pronome relativo substitui um termo da oração, evitando, assim, a repetição enfadonha de vocábulos. No entanto, um problema surge: dependendo da regência do verbo ou do nome com que se esteja trabalhando, o pronome relativo que encabeça a oração adjetiva virá precedido ou não de uma preposição. Logo, estruturas como...

- Os filmes a cujas estreias ele se referiu ontem foram indicados para o Oscar.
- O médico em quem ele mais confia viajou para Europa.
- A ponte sob a qual corriam águas poluídas era pênsil.
- Trouxe as frutas de que ele mais gosta.

...causam espanto e muitas vezes indignação a muitos estudantes do português.

Desconhecem, muitas vezes, nossos "aventureiros" do conhecimento que essas construções esdrúxulas nasceram justamente em virtude de uma regência verbal ou nominal.

Sugiro que você releia e correlacione este assunto com as funções sintáticas dos pronomes relativos.

Antes de darmos mais um passo, relacionarei abaixo os usos dos pronomes relativos. Leia atentamente antes de prosseguir neste ponto.

1. Que ➾ É denominado de "relativo universal", porque se refere tanto a coisas quanto a pessoas. Seus equivalentes variáveis são "a qual, o qual, as quais, os quais". O relativo "que" só deve ser substituído por outro relativo em casos específicos.
2. Quem ➾ É denominado de "relativo personativo", pois só se refere a pessoas. Sempre virá precedido de uma preposição.
3. Onde ➾ É denominado de "relativo locativo", pois só é utilizado para retomar e substituir termos que contenham a noção de "lugar". Equivale a "em que" e variações (na qual, no qual, nas quais, nos quais).
4. O qual, a qual, os quais, as quais ➾ São os relativos que possuem as variações em gênero e número correspondentes ao pronome relativo

"que". Esses relativos devem obrigatoriamente substituir o "que" quando este provocar ambiguidade, for precedido por uma preposição com mais de uma sílaba ou for eufonicamente melhor.

5. Cujo, cuja, cujos, cujas ⇨ São relativos utilizados para substituir termos que expressam noção de posse. Equivalem a "do qual, da qual, dos quais, das quais, seu, sua, seus, suas, dele, dela, deles, delas). Eles retomam um termo antecedente, mas concordam em gênero e número com o substantivo consequente (ou posposto). Não admitem a posposição de artigo e sempre exercem a função sintática de adjunto adnominal.
6. Quanto, quanta, quantos, quantas ⇨ Estas palavras só serão consideradas pronomes relativos quando vierem antecedidas por um dos seguintes pronomes indefinidos "tudo, todo (a), todos (as)":

Continuemos...

Vamos, para facilitar o entendimento, iniciar o nosso estudo construindo períodos compostos por subordinação a partir de dois períodos simples. Não podemos nos esquecer, entretanto, de que se algum nome, verbo ou termo da oração adjetiva (introduzida pelo pronome relativo) exigir preposição, esta será deslocada para preceder o pronome relativo. Veja:

1. Ele viu um homem. ~~O homem~~ tinha cabelos totalmente brancos.
QUE / O QUAL

Junção dos períodos: Ele viu um homem que tinha cabelos totalmente brancos.

Perceba que o pronome relativo entra no lugar do termo que ele substitui. O artigo não interessa para os pronomes relativos.

2. Ele mora na cidade. Ele trabalha ~~na cidade~~.
ONDE

Junção dos períodos: Ele mora na cidade **onde** trabalha.

Observe que todo o termo "na cidade" foi absorvido pelo pronome relativo "onde". Nessa frase, também estariam corretas as formas "em que" ou "na qual".

3. Comprei um livro. As páginas ~~do livro~~ são todas amarelas.
CUJAS

Junção dos períodos: Comprei um livro **cujas** páginas são todas amarelas.

Observe que o relativo "cujas" substitui toda a relação de posse "do livro". A relação de posse está presa ao substantivo "páginas" que vem antecedido apenas por um artigo, o qual é dispensado pelo relativo.

Observe:

Não se esqueça de que os relativos "cujo, cuja, cujos, cujas" não admitem a posposição de um artigo.

- Comprei um livro cujas as páginas são todas amarelas. (Errado)

4. Pedi o prato. Eu gosto muito do ~~prato.~~
DE + ~~O~~ QUE

Junção dos períodos: Pedi o prato de que mais gosto.

Perceba que neste exemplo a preposição "de" obrigatoriamente antecederá o pronome relativo porque ela faz parte da regência do verbo "gostar".

5. A pessoa é o meu pai. Eu dependo muito ~~da pessoa~~.
DE + ~~A~~ QUEM

Junção dos períodos: A pessoa **de quem** mais dependo é meu pai.

A preposição do verbo "depender" acompanhará o pronome relativo.

CONTRA
6. O deputado viajou para a Europa. Eu votei contra ~~as~~ ideias ~~do deputado~~ na última eleição.
CUJAS

Junção dos períodos: O deputado, contra cujas ideias eu votei na última eleição, viajou para a Europa.

A preposição "contra", solicitada pelo verbo "votar" antecede o pronome relativo.

7. A missa foi ministrada pelo Pe. João. Eu assisti ~~à missa~~.
A + ~~A~~ – QUE ou A QUAL

Junção dos períodos: A missa $\left\{\begin{array}{l}\text{a que}\\ \text{à qual}\end{array}\right.$ eu assisti foi ministrada pelo Pe. João.

8. Encontrei uma mochila velha. Havia cinco moedas de ouro ~~no~~ bolso ~~da mochila velha~~.
EM + ~~O~~ CUJO

Junção dos períodos: Encontrei uma mochila velha em cujo bolso havia cinco moedas de ouro.

9. A estrada foi interditada pela Defesa Social. Nós íamos passar ~~pela estrada~~ em nossa viagem.
POR + QUE

Junção dos períodos: A estrada, por que nós íamos passar em nossa viagem, foi interditada pela Defesa Social.

10. O juiz foi destituído do cargo. Aquele garoto havia ficado sob a tutela ~~do juiz.~~
SOB CUJA

Junção dos períodos: O juiz, sob cuja tutela aquele garoto havia ficado, foi destituído do cargo.

Não se pode esquecer de que a preposição que é solicitada pela regência de um verbo ou de um nome não pode ser retirada da estrutura oracional. Nos casos acima, a preposição precederá o pronome relativo.

Observe agora alguns **erros** – e suas devidas correções – em construções com os pronomes relativos:

a) A atleta norte-americana, cujo nome o autor não se lembrou, acabou sofrendo um ataque cardíaco.

O verbo "lembrar-se" exige a preposição "de".

A atleta norte-americana, de cujo nome o autor não se lembrou,....

b) A revelação proporcionou-lhe reflexões profundas através das quais compôs uma argumentação interessante.

Observe que ele compôs uma argumentação "com" as reflexões.

A revelação proporcionou-lhe reflexões profundas com as quais compôs uma argumentação interessante.

c) As notícias de que ele fez referências transtornaram aquela pequena cidadezinha do interior.

> Perceba que quem "faz referências" sempre as faz "a" alguém.

As notícias a que ele fez referências....

d) As peças teatrais que ele ontem assistiu transformaram-lhe o modo de pensar.

> O verbo "assistir" exige a preposição "a" neste sentido.

As peças teatrais a que (ou "às quais") ele ontem assistiu....

e) Para Hans Kelsen, de onde se citam vários exemplos, a norma jurídica é o objeto de estudo do Direito.

> O antecedente do pronome relativo "onde" não é um "lugar", mas um nome personativo. Só se emprega o "onde" relativo em referência a lugar.

Para Hans Kelsen, de quem (ou "do qual") se citam vários exemplos,....

f) Não falta aos juristas, a quem contamos para a proposição de leis, conhecimento técnico.

> O pronome relativo está bem empregado, porém a conjunção que o antecede é inadequada, uma vez que o verbo "contar" exige, neste contexto, a preposição "com".

Não falta aos jurista, com quem contamos para a proposição de leis,....

g) A desonestidade e o egoísmo são defeitos de cujos nenhum contraventor se envergonha.

> Emprego inadequado do relativo "cujos", já que não há na estrutura uma relação de "posse". A preposição está correta, pois é solicitada pelo verbo "envergonhar-se".

A desonestidade e o egoísmo são defeitos de que (ou "dos quais") nenhum....

h) As fogueiras de que todos testemunhamos nos noticiários da TV constituem um sinal a quem ninguém pode ser insensível.

Duas orações adjetivas com problemas em suas construções. Na primeira, inexiste a preposição "de" antecedendo o relativo "que", porquanto o verbo "testemunhar" é transitivo direto. Na segunda, emprega-se inadequadamente o relativo "quem" sem antecedente personativo.

As fogueiras que (ou "as quais") todos testemunhamos nos noticiários da TV constituem um sinal a que (ou "ao qual") ninguém pode ser insensível.

6.5 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

Regências Verbal e Nominal

1. (FCC) A frase em que a regência está totalmente de acordo com o padrão culto é:

a) Esperavam encontrar todos os documentos que os estudiosos se apoiaram para descrever a viagem de Colombo.
b) Estavam cientes de que teriam muito a fazer para conseguir os registros de que dependiam.
c) Encontraram-se referências à coerção que marinheiros mais experientes faziam contra os mais novos que trabalhassem mais arduamente.
d) Foram informados que esboços da inóspita região circundada com imensas pedras podiam ser consultados.
e) Havia registro de uma insatisfação em que os insurretos às atitudes arbitrárias de um navegante foram impedidos de lhe inquirir.

2. (FCC) Desde que passou a gozar de um prestígio absoluto, o fator velocidade impôs-se como parâmetro das ações humanas, sobrepondo-se a qualquer outro critério.

Substituem de modo adequado as expressões sublinhadas, respectivamente e sem prejuízo para o sentido da frase acima:

a) desfrutar de um - investiu como - destituindo a
b) a alçar-se num - investiu-se a um - preterindo
c) firmar-se como - determinou-se como – corroborando a
d) favorecer-se de um - consagrou-se a um - eximindo-se de
e) desfrutar de um - firmou-se como - sobrepujando

3. (FCC) *A crescente demanda por produtos agropecuários ...*

   Reproduz-se o mesmo tipo de regência que organiza o segmento assinalado acima no trecho também grifado em:

   a) *Produzir mais a custos menores ...*
   b) *Nos últimos dez anos ...*
   c) *Tal desempenho foi considerado inviável ou impossível ...*
   d) *Havendo limitada disponibilidade de recursos ...*
   e) *O setor agropecuário era estático ...*

4. (FCC) Está correta a forma de **ambos** os elementos sublinhados na frase:

   a) Ela não nos disse por que razão tornou-se uma otimista; e se ela tornar ao seu pessimismo, será que nos explicará por quê ?
   b) A razão porque muitos se tornam pessimistas está no mundo violento de hoje; por quê outra razão haveriam de se desenganar?
   c) "Por que sim": eis como respondem os mais impacientes, quando lhes perguntamos porque, de repente, se tornaram otimistas.
   d) Sem mais nem porquê, ele passou a ver o mundo com outros olhos, dizendo que isso aconteceu por que encontrara a verdade na religião.
   e) Não sei o por quê do seu pessimismo; porque você não me explica?

5. (FCC) O **New York Times** publicou uma galeria de rostos e nomes, expôs rostos e nomes ao longo de vários números, evocou esses rostos e nomes para que o público não olvidasse esses nomes e rostos.

   Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo- se os elementos sublinhados, na ordem dada, por:

   a) expôs a eles - evocou-lhes - lhes olvidasse
   b) expô-los - evocou a eles - olvidasse-os.
   c) expôs-lhes - evocou-os - os olvidasse
   d) expôs eles - evocou-lhes - olvidasse eles
   e) expô-los - evocou-os - os olvidasse

6. (FGV) Assinale a alternativa em que a regência verbal não siga o padrão culto de linguagem.

   a) A inscrição no concurso implica a aceitação das normas do edital.
   b) Todos os servidores devem obedecer às leis que os regem.
   c) Preferiu a poltrona à cadeira.
   d) Eu avisei-lhes da necessidade de se revisar o documento.
   e) Eles anuíram à decisão.

7. (FCC) Está correto o emprego do elemento sublinhado na frase:

   a) Há em nosso mundo paisagens belas, em cujas faz bem pousar os olhos.

b) São belas paisagens, cuja sedução nos leva a contemplá-las.
c) Há paisagens aonde nosso olhar se demora prazerosamente.
d) São belezas de um tempo onde o homem não tinha tanta pressa.
e) A reação de que toda beleza nos impõe é a calma da contemplação.

8. (FCC – Metrô/SP – Supervisor de Linha) Ao final do ano vêm as frustrações e, já que não podemos evitar as frustrações, descarregamos essas frustrações nas costas dos outros, atribuindo aos outros a responsabilidade por nossa decepção.

Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os elementos sublinhados, respectivamente, por:

a) podemos evitar-lhe – descarregamos elas – atribuindo-lhes
b) as podemos evitar – as descarregamos – atribuindo-os
c) as podemos evitar – descarregamo-las – atribuindo-lhes
d) podemos evitá-las – descarregamos-lhes – lhes atribuindo
e) podemos as evitar – as descarregamos – lhes atribuindo

9. (FCC) Está correto o emprego de **ambas** as expressões sublinhadas em:

a) As áreas aonde os homens se concentravam exibiam edifícios em cujos não havia arejamento.
b) Em cortiços de cimento, a que faltavam espaço e arejamento, comprimiam-se milhões de indivíduos para quem a natureza parecia representar uma ameaça.
c) Esse texto, de cujo o autor era também poeta, promove um típico exercício de imaginação em que muitos autores de ficção são tentados.
d) Os mistérios porque somos atraídos na ficção costumam impressionar os leitores em cujos também não falta a liberdade da imaginação.
e) Os espaços urbanos pelos quais se espanta o imaginário narrador seriam testemunho de uma civilização à qual eram frouxos os laços com a natureza.

10. (FCC) Considere as seguintes frases:

I. É muito restritivo o aspecto da "razoabilidade" dos sonhos, de que o autor do texto analisa no segundo parágrafo.

II. Talvez um dos "dragões" a que se deva dar combate em nossos dias seja o império dos interesses materiais.

III. Os sonhos em cuja perseguição efetivamente nos lançamos podem transformar-se em conquistas objetivas.

Está correto o emprego do elemento sublinhado APENAS em

a) I.
b) II.
c) III.
d) II e III.
e) I e III.

11. (FCC) Devaneios, quem não tem devaneios? Têm devaneios as crianças e os jovens, dão aos devaneios menos crédito os adultos, mas é impossível abolir os devaneios completamente.

Evitam-se as indesejáveis repetições da frase acima substituindo- se os elementos sublinhados, na ordem dada, por:

a) os tem - Têm-lhes - dão-lhes - abolir-lhes
b) tem eles - Têm-nos - dão-lhes - abolir-lhes
c) os tem - Têm eles - dão-nos - aboli-los
d) tem a eles - Os têm - dão a eles - abolir a eles
e) os tem - Têm-nos - dão-lhes - aboli-los

12. (FCC) Se há iniciativa e astúcia na ação do homem injusto, não há iniciativa e astúcia no bom cidadão que, apesar de indignado, não confere à iniciativa e à astúcia o mesmo valor que o mau reconhece na iniciativa e na astúcia.

Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os segmentos sublinhados por, respectivamente,

a) há elas - não as confere - reconhece nelas.
b) as há - não lhes confere - nelas reconhece.
c) as há - não confere-lhes - as reconhece.
d) há as mesmas - não lhes confere - reconhece-lhes.
e) há estas - não as confere - nelas reconhece.

13. (FCC) Está correto o emprego do elemento sublinhado na frase:

a) A relação significativa cuja se demonstrou na pesquisa se dá entre o comportamento violento e a audiência à TV.
b) A insubordinação básica em que se refere o autor do texto derivaria da insatisfação dos nossos recalcados desejos.
c) A invenção moderna mais astuciosa, de cujos efeitos trata o autor do texto, teria sido não a do cinema, mas a da TV.
d) O hábito do **zapping**, com cujo nos acostumamos, é um dos responsáveis pela abertura rápida de janelas sobre o nosso devaneio.
e) A conclusão de que nossa sala é uma jaula, com que chegou o autor do texto, não deixa de ser bastante provocadora e radical.

14. (FGV) Em *Você se lembra do rosto dela naquele instante?*, obedeceu-se às regras de regência verbal.

Assinale a alternativa em que isso não tenha ocorrido.

a) Prefiro questões de gramática do que de interpretação.
b) Aspiraram à vaga de piloto da companhia aérea.
c) Os médicos assistiram o paciente.
d) Perdoamos-lhes as dívidas.
e) Pagaram-lhe bem.

15. (FCC) Está correto o emprego de ambos os elementos sublinhados na frase:

a) Essa tendência obsessiva, cujo o preço é alto, consome muito dinheiro, além de inspirar um tipo de comportamento que o ridículo é frequente.

b) Essa obsessão é uma prática a que ninguém deveria se orgulhar, embora haja cada vez mais gente que dela se submeta.

c) É a frase de uma época onde os valores tendiam ao equilíbrio e à permanência, ao contrário da nossa, onde tudo é transitório.

d) Custam caro esses produtos e serviços, de cujos dependem os que vivem obcecados ao compromisso de atingirem a perfeição da forma física.

e) O quadro em que o valor da atividade intelectual se encontra em declínio é o mesmo em cujos estreitos limites impera a exaltação absoluta do corpo.

GABARITO

1 – B	2 – E	3 – D
4 – A	5 – E	6 – D
7 – B	8 – C	9 – B
10 – D	11 – E	12 – B
13 – C	14 – A	15 – E

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

CAPÍTULO 7

EMPREGO DO ACENTO GRAVE – CRASE

Em primeiro lugar, espero que você tenha feito bons estudos sobre o assunto "Regência". Espero também que tenha absorvido o "porquê" do assunto. Aconselho que, se possível, dê uma rápida olhada – novamente – nas regências dos principais verbos e nomes; afinal, o assunto que passaremos a abordar está diretamente relacionado à regência verbal e nominal. Caso você ainda não tenha estudado "regência", sugiro que o faça antes de iniciar o conteúdo abaixo. Vamos lá!

Primeiramente, convém não confundir o acento grave com a crase. Esta é fenômeno, ocorrência, fusão, contração, junção; já aquele é o índice, o acento com o qual se marca a existência da crase.

Crase, portanto, é a junção, a contração, a fusão de duas vogais idênticas. Na Língua Portuguesa, restringiu-se o termo à contração, à junção ou à fusão de dois "as", os quais serão representados por um único "a" sobre o qual se coloca o acento grave (`). Isso geralmente ocorre em função da contração, da junção, da fusão da:

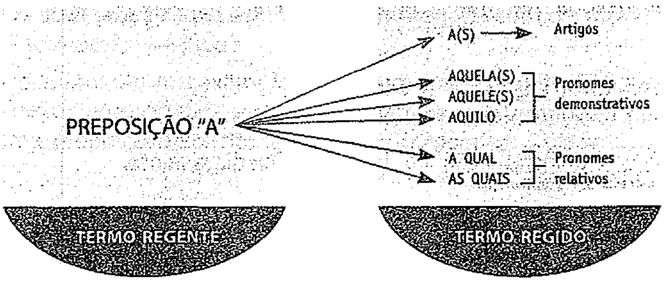
PREPOSIÇÃO "A"
A(S)
Artigos
AQUELA(S)
AQUELE(S)
AQUILO
Pronomes demonstrativos
A QUAL
AS QUAIS
Pronomes relativos
TERMO REGENTE
TERMO REGIDO

Observe os primeiros exemplos:

- Nunca mais eles se dirigiram à diretoria para fazer reclamações.
  dirigir-se a + a

- Devido à ocorrência de um sinistro, ele não pôde renovar o seguro.
  devido a + a

- referências a + aqueles
  O diretor da empresa fez referências àqueles funcionários que não batiam o ponto na hora certa.

- Eles assistiam àquilo sem nenhuma reação.
  assistir a + aquilo

- chegar a + a qual
  A pequena cidade, à qual eles chegaram ontem à noite, fica a cerca de 525 Km da capital pernambucana.

Após essas primeiras considerações, chegamos a duas importantes conclusões:

1.ª ➭ À exceção dos demonstrativos "aquele(s), aquilo", os quais acompanham termos masculinos, só haverá crase diante de nomes femininos. Esta, inclusive, é a principal regra: receberão o acento grave os nomes femininos determinados, cujos termos regentes exijam a preposição "a".

- Todas as crianças voltaram à piscina.
  voltar a + a piscina

- Ninguém deveria ser insensível à dor alheia.
  insensível a + a dor

- É imprescindível aliar-se a teoria à prática.
  aliar-se algo a + a prática

- Ele procedeu à instauração do inquérito imediatamente.
  proceder a + a instauração

2.ª ➾ Como os artigos e os pronomes demonstrativos exercem geralmente a função de determinantes, só haverá crase diante de um termo determinado, especificado. Portanto, não confunda:

▹ Ele nunca foi –
- a escola. ⇒ Qualquer escola.
  (substantivo empregado em sentido geral e abstrato)
- à escola. ⇒ Ele não foi àquela escola.
  (substantivo determinado, especificado)

▹ É um bom funcionário, mas não vai –
- a reunião. ⇒ Não vai a nenhuma reunião.
- à reunião. ⇒ Não vai àquela reunião.

▹ Ele sempre se empenhou no combate –
- a fome. ⇒ Qualquer fome; inespecífica, indefinida (sentido geral)
- à fome. ⇒ No combate àquela fome (específica, determinada)

▹ Todos os brasileiros têm direito –
- a saúde, a educação, a moradia.
  (Substantivos sem determinante)
- à saúde, à educação, à moradia.
  (Substantivos determinados)

➾ Observação:

Nos casos acima, só o contexto em que a expressão se encontra é que poderá nos dizer se a palavra está ou não empregada com o sentido "genérico" ou com o sentido "específico".

Nesses quatro últimos exemplos, o "a" (sem o acento grave) que acompanha os substantivos empregados em sentido geral e indeterminado nada mais é do que uma preposição solicitada pelo termo regente.

7.1 A OCORRÊNCIA DA CRASE E A SEMÂNTICA

Em muitos casos, o emprego ou não do acento grave promoverá bruscas alterações de sentido. A crase, portanto, desfará possíveis ambiguidades. É o que ocorre em:

- O frentista sempre cheira
  - a gasolina. ⇒ Inalar, respirar.
  - à gasolina. ⇒ Feder, catingar, exalar.

- Do seu quarto, ele percebeu que alguém bateu
  - a porta. ⇒ Trancou, empurrou com força.
  - à porta. ⇒ Bateu na porta, desferiu pancadas.

- Ao chegar ao local, corri imediatamente
  - a cidade. ⇒ Percorrer a cidade, rodear a cidade.
  - à cidade. ⇒ Ir até à cidade.

- Despediu-se
  - a francesa. ⇒ A francesa foi despedida. / OU / A francesa despediu-se, retirou-se.
  - à francesa. ⇒ Alguém se despediu à moda francesa, à maneira francesa.

- Enxergo
  - a distância. ⇒ Percebo o espaço que separa.
  - à distância. ⇒ Vejo distantemente.

Logo, em muitos casos, o emprego do acento grave se deve à necessidade de se conferir ao termo maior clareza, evitando, pois, possíveis ambiguidades.

7.2 MECANISMOS PRÁTICOS PARA VERIFICAÇÃO DA CRASE

Há alguns mecanismos que ajudam o estudante na verificação da ocorrência ou não da crase. Frise-se que eles nos fornecem algumas pistas. Como a crase é decorrente de uma regência, é salutar conhecer bem a regência do termo antes de se colocar o acento grave. Veja alguns desses mecanismos:

a) Deve-se trocar o termo regido feminino por um masculino correspondente:

SE APARECER
- O, OS (antes do masculino) ⇒ Não haverá crase diante do feminino.
- AO, AOS (antes do masculino) ⇒ Haverá crase diante do feminino.

Veja:

- Ele vai à praia todos os dias.
  ao rio
- Ele sempre visita a região encantada durante as férias.
  o local
- Ricardo nunca obedeceu às ordens de seu pai.
  aos mandamentos
- Chegou à sala e nada falou.
  ao salão

b) Deve-se trocar o termo regente por outro que exija preposição diversa de "a". Por exemplo, os verbos "vir" e "estar":

SE APARECER
- DE ou EM (antes do termo regido) ⇒ Não haverá crase no "a".
- DA ou NA (antes do termo regido) ⇒ Haverá crase no "à".

- Nunca mais ele foi à Europa.
  Veio da Europa / Esteve na Europa.
- Ele sempre se dirige à Argentina nos meses de novembro e de dezembro.
  vem da Argentina /...está na Argentina
- Nunca mais ele foi a Roma.
  veio de Roma / esteve em Roma

▷ Quando ele chegar a Florença, visitará muitos museus.
veio de Florença / esteve em Florença

c) Deve-se trocar o "a(s)" que antecede o termo regido pelo artigo indefinido feminino "uma(s)":

SE APARECER
- UMA ou UMAS (antes do termo regido) ⇒ Não haverá crase no "a".
- A UMA ou A UMAS (antes do termo regido) ⇒ Haverá crase no "à".

▷ Ele se referiu à tia com carinho.
a uma tia

▷ Ele não disse nada à sogra.
a uma sogra

▷ A encomenda, ele entregou-a à mulher que estava no balcão da esquerda.
a uma mulher

▷ Ele achou a mulher a que o amigo teceu bons elogios.
uma mulher

7.3 OCORRÊNCIA DA CRASE

7.3.1 CASOS OBRIGATÓRIOS

1. Recebe o acento grave o "a" inicial das locuções adverbiais (*à noite, à tarde, à beça, à revelia, à deriva, à farta, à vista, à primeira vista, à hora certa, à esquerda, à direita, à toa, à espanhola, à milanesa, à oriental, à ocidental, às vezes, às escondidas, às avessas, às claras, às pressas, à vontade, às ocultas etc.*), prepositivas (*à custa de, à força de, à beira de, à espera de, à vista de, à guisa de, à semelhança de, à frente de, à razão de, à cata de, à roda de, à mercê de, à base de, à moda de, à maneira de etc.*) e conjuntivas (*à medida que, à proporção que*), formadas com palavras femininas.

▷ "Estava à **toa** na vida, o meu amor me chamou..." (Chico Buarque)

▷ Ele permaneceu horas e horas **à espera de** um médico.

▷ **À medida que** estudava, aprendia todos os macetes da Língua Portuguesa.

▷ Saiu **às pressas**, porque estava **à beira de** um ataque cardíaco.

▷ Andamos várias horas **à procura de** um local para beber água.

▷ O processo foi julgado **à revelia**.

➪ Observações:

a) O "a" inicial das locuções adverbiais de instrumento não recebe o acento grave, exceto se a locução adverbial provocar ambiguidade.

- A sentinela feriu o inimigo a espada.
- Todos os seus trabalhos, ele sempre os fazia a máquina.
- Todo o atalho foi aberto a foice.

b) Lembre-se de que o acento grave empregado nas locuções adverbiais, prepositivas e conjuntivas não provém de uma relação regencial, mas sim pelo fato de essas locuções virem introduzidas por preposições – no caso, a preposição "A". Sendo assim, a preposição poderá auxiliar na indicação do valor semântico da locução e evitará que se confunda a locução com outro termo da estrutura oracional. Observe e não confunda:

- A noite chegou ao nosso rancho. ≠ ▹ À noite ele chegou ao nosso rancho.
  sujeito
  locução adverbial de tempo
- A medida que ele usou foi injusta. ≠ ▹ À medida que ele estuda, aprende mais.
  sujeito
  locução conjuntiva
- sujeito
  locução prepositiva
  A espera do trem deixou-nos tristes. ≠ ▹ À espera de João, nós ficamos várias horas.
- Impressionou-nos a moda de Vitor Hugo. ≠ ▹ Veste-se à moda de Vitor Hugo.
  sujeito
  locução prepositiva
- sujeito
  locução prepositiva
  A beira do abismo era um convite ao suicídio, pois ele estava à beira de um ataque de nervos.

2. Recebe o acento grave o "a" inicial dos pronomes demonstrativos "aquele(s), aquela(s), aquilo, a(s)" quando o termo regente exigir a preposição "a".

- Habituou-se àquela vida de solteiro sem maiores problemas.
  habituar-se a + aquela
- Jamais iremos àquele local sem a ajuda da polícia.
  Ir a + aquele

Dar algo a + aqueles

- Daremos outra chance àqueles alunos que obtiveram notas baixas nas últimas provas.

- Essa ideia é igual à que meu pai falou ontem.
  Igual a + aquela

- Darei conselhos apenas às que se dispuserem a esperar.
  dar conselhos — a + aquelas

➾ Observações:

a) Uma forma bastante prática para descobrir se há crase com os demonstrativos "aquela(s), aquele(s), aquilo" é substituí-los pelos também demonstrativos "esta(s), este(s), isto".

SE APARECER
- ESTA(S), ESTE(S), ISTO (apenas) ⇒ Não haverá crase no "aquela(s), aquele(s), aquilo".
- A ESTA(S), A ESTE(S), A ISTO ⇒ Haverá crase no "aquela(s), aquele(s), aquilo".

Veja:

- Jamais irás àquela festa.
  a esta

- Àquele comando, todos se levantaram rapidamente.
  a este

- O coronel preferia isto àquilo.
  a isto

- Todos compraram aquelas roupas bem satisfeitos.
  estas

b) Nas locuções adverbiais iniciadas pelos pronomes demonstrativos "aquela(s), aquele(s), aquilo", a crase é obrigatória. Veja:

- Àquela hora, ninguém o ajudaria. (= Naquela hora...)
  locução adverbial

3. Recebe acento grave o "a" das locuções adverbiais "à moda de" e "à maneira de". Frequentemente essas expressões aparecem subentendidas, mas, ainda assim, o acento grave será de rigor sobre o "a".

- Na festa, todos estavam vestidos à Luís XV.
  à moda / à maneira
- À maneira brasileira, ele preparava todos os apetrechos para os estrangeiros.
- Todos apreciavam pratos à japonesa.

Observação:

Não confunda:

- Fez um discurso
  - a **Fidel Castro.** (para Fidel Castro) ⇒ Sem crase.
  - à **Fidel Castro.** (à moda de Fidel Castro) ⇒ Com crase.

4. Haverá crase antes de numerais que expressem horas exatas.

- Todos chegaram às 9h30min.
- Às 8 horas ele chegou e somente às 10 horas começou a aula.
- Nosso jogo só terá início às 21h45min.
- O avião aterrará exatamente à uma hora e vinte minutos.

Observações:

a) Se houver indeterminação para as horas, não haverá crase.

- A mãe o esperava às 18 horas, mas ele só chegou após as 22 horas.
  Hora inexata
- Ele deverá chegar daqui a uma hora.
  Hora inexata

b) Nas correlações, o que determinará a existência ou não do acento grave será a presença de um artigo antecedendo cada termo da correlação. Veja:

- A casa de *shows* funcionará
  - de 8h30 a 11h30. (Aqui só há a presença das preposições.)
  - de + a a + as
    das 8h30 às 11h30. (Aqui cada termo vem antecedido por um artigo.)

c) Em muitas construções, a presença do acento grave alterará completamente o sentido do enunciado. Observe:

Advérbio de tempo
- Sairemos daqui a uma hora. (Sem crase ➾ A hora não está determinada, especificada.)

Advérbio de lugar
- Sairemos daqui à uma hora. (Com crase ➾ A hora foi especificada, determinada.)

d) Vale ressaltar que diante de numerais não ocorre a crase quando não expressarem hora exata. Logo:

- O número de aprovados no concurso não chega a vinte.
- O artista se apresentará de 8 a 12 de janeiro no Classic Hall.

5. Se o termo regente exigir a preposição "a", sempre haverá crase diante de nomes locativos (nomes de países, continentes e algumas cidades) que aceitarem a presença de um artigo. Para verificar a existência do artigo, basta substituir o termo regente pelos verbos "vir" ou "estar", por exemplo, conforme demonstrado no início deste capítulo.

- No próximo ano, faremos uma excursão à Argentina.
  vir da / estar na
- Quando ele chegou à Itália, imediatamente ligou para a mãe.
  vir da / estar na
- Você já foi à Bahia? Não?! Mas já foi a Teresina, no Piauí, não foi?
  vir da / estar na — vir de / estar em

➾ Observação:

Se o nome locativo vier acompanhado de algum adjunto adnominal (determinante), a crase será obrigatória. Perceba:

- Nunca mais eu fui a Roma.
  vir de / estar em

- Nunca mais eu fui à Roma dos grandes imperadores.

vir da / estar na termo determinante

vir de / estar em

- João sempre se dirige a Brasília quando quer resolver algum problema muito sério.

termo determinante termo determinante

- Sempre que pode, João vai à imponente Brasília dos arrojados projetos arquitetônicos.

7.3.2 CRASE FACULTATIVA

Para a gramática normativa, são três os casos em que a crase é facultativa. São eles:

1. Diante de pronomes possessivos femininos no singular quando o termo regente exigir a preposição "a".

- Ele desistiu de viajar devido $-\left[\begin{array}{l}\text{a}\\ \text{à}\end{array}\right.$ sua doença.
- Jamais ele fez referências $-\left[\begin{array}{l}\text{a}\\ \text{à}\end{array}\right.$ tua família.
- Era fundamental que o adolescente não desobedecesse $-\left[\begin{array}{l}\text{a}\\ \text{à}\end{array}\right.$ nossa ordem.

⇨ Observações:

a) Se o possessivo estiver no plural, não mais haverá um caso de crase facultativa. Existirão apenas duas formas para se construir a estrutura. Observe:

- Não foram dadas muitas oportunidades de emprego $-\left[\begin{array}{l}\text{a}\\ \text{às}\end{array}\right.$ nossas amigas de formatura.
- Ninguém ofendeu $-\left[\begin{array}{l}\text{a}\\ \text{às}\end{array}\right.$ vossas irmãs.

b) Caso o possessivo feminino se refira a um substantivo elíptico (oculto), a crase será obrigatória. Veja:

▸ Ele não se referiu $\left[\begin{array}{l}\text{a}\\\text{à}\end{array}\right.$ tua proposta, mas sim $\underset{\text{crase obrigatória}}{\underline{\text{à minha.}}}$

▸ Aludiram $\left[\begin{array}{l}\text{a}\\\text{à}\end{array}\right.$ sua opinião sobre o caso. Convém agora que eles façam alusão às nossas.

2. Diante da preposição "até", uma vez que esta preposição pode aparecer sob a forma da locução "até a".

▸ Emocionado, ele se comoveu $\left[\begin{array}{l}\text{até as lágrimas. (até + as lágrimas)}\\\text{até às lágrimas. (até a + as lágrimas)}\end{array}\right.$

▸ Ao ouvir a campainha, imediatamente foi $\left[\begin{array}{l}\text{até a porta. (até + a porta)}\\\text{até à porta. (até a + a porta)}\end{array}\right.$

▸ Dirigiu-se $\left[\begin{array}{l}\text{até as autoridades policiais para relatar o caso. (até + as autoridades)}\\\text{até às autoridades policiais para relatar o caso. (até a + as autoridades)}\end{array}\right.$

➯ Observações:

a) Não confunda as preposições "até / até a", as quais indicam "deslocamento, movimento, ação", com a palavra denotativa de inclusão "até", a qual tem o sentido de "inclusive". Veja:

▸ Na formatura, foi $\overset{\text{Preposição}}{\underline{\textbf{até}}}$ $\left[\begin{array}{l}\text{a}\\\text{à}\end{array}\right.$ plateia e prestou homenagens à mãe, às professoras, à diretora, $\underset{\text{inclusive (crase obrigatória)}}{\underline{\textbf{até}}}$ à zeladora.

b) Como se sabe, para que haja o fenômeno da crase, é indispensável a existência da preposição "a". Fique atento, pois esta preposição não ocorrerá se for usada outra preposição (*ante, após, com, conforme, contra, desde, durante, entre, mediante, para, perante, sob, sobre, segundo*, por exemplo), já que a existência de uma preposição exclui o aparecimento de outra. Traduzindo:

não ocorrerá a crase se outra preposição for usada que não seja a preposição "a" (lembre-se de que "até a" é uma locução prepositiva e não a junção de duas preposições). Observe os exemplos abaixo:

- "Não achava outra espécie em que, mediante a intenção, tudo se cumprisse..." (Machado de Assis)
  preposição + artigo

- "— Não admito! O incesto é contra a moral, gritou Lúcia." (José de Alencar)
  preposição + artigo

- preposição + artigo
  "Dominante sobre a várzea que se estende para sudeste, com a linha de cumeadas quase retilínea, o seu enorme paredão..." (Euclides da Cunha)

- "Desde a entrada dos dois, a casa de Rita esquentou." (Aluísio Azevedo)
  preposição + artigo

- "Custeou o tratamento de ambos; e, quando foi dispensado da comissão da avenida, pouco após a morte de ambos, pouco ou nada tinha." (Lima Barreto)
  preposição + artigo

3. Diante de nomes próprios femininos, quando o termo regente exigir a preposição "a". Como se sabe, os nomes de pessoas na Língua Portuguesa podem ou não vir antecedidos de um artigo. A colocação do artigo denota afetividade, proximidade, intimidade.

- Em seu discurso, ele fez referências
  - a Joana e a Maria.
  - à Joana e à Maria.

- A / À – Fernanda deixou minha gratidão por tudo que ela fez.

7.3.3 CASOS EM QUE NUNCA OCORRE A CRASE

1. Diante de verbos.

- Todos ficaram a observar o evento, a cerca de vinte metros do local.

- Muitos chegaram a comprar o carro, só porque a promoção falava de amor.
- Os advogados estavam dispostos a curtir o bom momento da carreira.

2. Diante de palavras masculinas.

- O quadro foi pintado a óleo.
- Ele sempre comprava a prazo.
- Aquele pacote cheirava a vinho.

3. Diante de pronomes pessoais retos, oblíquos e de tratamento, à exceção de "senhora, senhorita, dona e madame."

- Na solenidade, fizeram menção a ti e a mim, como os melhores alunos que a Universidade já teve.
- O Promotor de Justiça nada disse a Vossa Excelência sobre o problema do processo.
- Refiro-me a você, pois sempre foi o último da sala a cometer deslizes de concordância.
- Jamais convidarão a ele para a festa.
- Recorreram a Sua Majestade no momento de dificuldade.

Mas...

- Entregue tudo à senhora sua mãe, meu filho.
- Não me referi à senhorita, mas à dona Joana que sempre esteve presente aqui nesta escola.

4. Diante de artigos indefinidos.

- Eles chegaram a uma cidadezinha do interior de Pernambuco muito aconchegante.

- Os juízes estavam dispostos a uma nova avaliação do caso.

5. Diante dos pronomes indefinidos, dos interrogativos, dos demonstrativos "este, esta, estes, estas, esse, essa, esses, essas e isso" e dos relativos, à exceção de "a qual e as quais".

- A qual delas você se referiu ontem à noite?
- Esse caso não interessa a ninguém.
- Todos se dirigirem a este lugar quando querem orar.
- Ontem encontramos o João, a cuja esposa devemos muitos favores.
- A menina, a quem ele fez alusão na última reunião, viajou para a Europa.
- Jamais daremos crédito a qualquer criatura que por aqui chegue.
- A missa a que eu assisti foi ministrada pelo Pe. João Alberto.

➾ Observações:

a) Apesar de serem pronomes indefinidos, ocorrerá a crase diante de "outra e outras" sempre que o termo regente exigir a preposição "a". Veja:

- Foi uma apresentação igual à outra.
- Elas se abraçaram umas às outras.

b) Não confunda a preposição "a" que antecede o pronome relativo "que" com a fusão entre a preposição "a" e o pronome demonstrativo "a(s)" equivalente a "aquela(s)". Observe:

preposição "a" semelhante a + a(quela)

- Esta ideia a que ele se referiu é semelhante à que meu pai nos contou ontem.
- Aquela estrada é paralela à que corta esta cidade aqui.

paralela a + a(quela)

6. Diante de um "a" no singular o qual precede uma palavra no plural; palavra esta usada em sentido geral e indeterminado.

- A direção decidiu fechar, por duas semanas, o museu a visitas.
- Raramente ele vai a festas e a reuniões sociais.
- Não costumava se dirigir a pessoas estranhas.

Observação:

Fique atento para não confundir as estruturas. Observe:

- Ele nunca está atento $\underset{\text{preposição}}{\text{a}}$ reclamações. (sem acento grave)
- Ele nunca está atento $\underset{\text{preposição + artigo}}{\text{às}}$ reclamações. (com crase)
- O mesmo raciocínio estende-se $\underset{\text{preposição}}{\text{a}}$ relações pessoais e profissionais. (sem acento grave)
- O mesmo raciocínio estende-se $\underset{\text{preposição + artigo}}{\text{às}}$ relações pessoais e profissionais. (com crase)

7. Diante de substantivos femininos usados em sentido geral e indeterminado.

- Em minha viagem à Europa, fui apresentado a rei e a rainha.
- Na última festa, todos os alunos prestaram homenagens a mamãe e a papai.
- Ele nunca concorreu a vaga alguma na Universidade.
- Sr. João nunca foi a festa alguma, a reunião alguma.

Observações:

a) Note que, nos dois primeiros exemplos deste caso, os termos estão acompanhados meramente pela preposição "a". Não há a presença de artigo.

A crase só existirá diante do feminino se ambos os substantivos vierem determinados. Veja:

- Em minha viagem à Europa, fui apresentado $\underbrace{\text{ao rei e à rainha}}_{\text{substantivos determinados}}$.

b) Perceba também que nos dois últimos exemplos deste caso, o que promove o sentido geral e indeterminado dos substantivos é a presença do pronome indefinido. Por isso, inexiste o acento grave.

8. Diante de expressões formadas por palavras repetidas como, por exemplo, "gota a gota, ponta a ponta, dia a dia, frente a frente, uma a uma, cara a cara, corpo a corpo, lado a lado etc.".

- Toda a fazenda era, de ponta a ponta, um atoalhado branco, de uma neve espessa e muito gélida.
- Tomou o remédio gota a gota.

7.3.4 CASOS ESPECIAIS

1. Ocorrerá crase diante da palavra "casa" sempre que vier acompanhada de determinantes.

Veja:

- Ele se dirigiu à $\underbrace{\text{velha casa de seus avós}}_{\text{determinantes}}$.
- Voltei à casa $\underbrace{\text{de meu amigo}}_{\text{determinante}}$ correndo por causa de um mal-estar.
- Amanhã irei à casa $\underbrace{\text{que me será dada por herança.}}_{\text{determinante}}$

Observação:

Se não houver determinação, não haverá crase diante da palavra "casa".

- Voltei a casa triste e atirei-me sobre a cama.

- Menino que estuda, volta a casa todos os dias.

2. Ocorrerá crase diante da palavra "terra" quando vier determinada. Quando usada como antônimo de "bordo" a palavra "terra" dispensa determinantes, logo não ocorrerá a crase.

- Eles voltaram a terra totalmente exaustos.
  sem determinante.

- Depois de longa viagem, eles desceram a terra.
  sem determinante

- Eles foram à terra **dos seus antepassados**.
  determinante

- O casal chegou à terra **natal**.
  determinante

Observação:

No sentido de "chão, solo" a palavra "terra" admite o artigo. Se o termo regente exigir a preposição "a", a crase será obrigatória. Perceba:

- Nunca jogue lixo à terra. (Nunca jogue lixo **na** terra).
- Os agricultores sempre lançam à terra suas esperanças. (...sempre lançam **na** terra suas esperanças.)

3. Com a palavra "distância", ocorrerá crase sempre que vier acompanhada de determinantes.

- Todos ficaram à distância **de vinte metros do local do acidente**.
  determinante

- Por que você não ficou à distância **que eu te recomendei**?
  determinante

Observações:

a) A locução adverbial "a distância" geralmente é empregada sem o acento grave.

- "Teresa ouviu, a distância, o estrépito dum cavalo, quando passou ao patamar da escada." (Camilo C. Branco)
- "— Acudam, acudam! berrava Silvério a distância." (Eça de Queiroz)

b) Entretanto, o acento grave deverá ser empregado em "a distância" sempre que se quiser ressaltar o caráter adverbial da locução ou sempre que houver a possibilidade de a locução provocar ambiguidade.

- "Veladas por touceiras inextricáveis de macambiras ou lascas de pedra, não se revelavam à distância." (Euclides da Cunha)
- "Se a via, olhava muito para ela, detinha-se à distância, à porta de uma casa..." (Machado de Assis)

c) Quando a palavra distância vier modificada por pronomes indefinidos (pouca, certa, alguma etc.), a expressão não receberá o acento grave.

- "Já os três fugitivos iam a alguma distância, quando, como tomado de uma idéia súbita, um dos esculcas exclamou: ..." (A. Herculano)
- "Mariana estava agachada entre os pacotes da carga, a pouca distância de Simão." (Camilo C. Branco)

4. Ocorrerá crase com os pronomes relativos "a qual e as quais" sempre que o termo regente exigir a preposição "a".

- Esta é a pessoa à **qual** ele se referiu durante o café da manhã.
  referir-se a + a qual

  assistir a + as quais
- As apresentações teatrais **às quais** ele foi assistir renderam-lhe boas gargalhadas.

⇨ Observação:

Um recurso bastante simples para verificar a ocorrência da crase diante destes relativos é procurar substituí-los pelos masculinos (o qual, os quais) correspondentes:

SE APARECER
O QUAL, OS QUAIS (apenas) ⇒ Não haverá crase no "a qual, as quais".
AO QUAL, AOS QUAIS ⇒ Haverá crase no "à qual, às quais".

Observe:

- Esta é a professora **à qual** devo todos os meus conhecimentos. (Este é o professor **ao qual** devo...)

- Aquela é a clareira **à qual** foram ter por um atalho aberto a foice. (Aquele é o local **ao qual** foram...)

> 5. Como já mencionado, não há crase diante da maioria dos pronomes. Alguns pronomes, no entanto, como "mesma(s), própria(s) e tal" admitem artigo. Se o termo regente exigir a preposição "a", a crase será de rigor.

- Eles sempre vão à mesma lanchonete quando saem da escola. (Eles sempre vão **ao** mesmo bar...)
- Falaram à tal senhora sobre os desvios de conduta do filho dela. (Eles falaram **ao** tal senhor...)
- Algumas alunas atribuíram **às** próprias amigas a culpa pelo incidente. (Algumas alunas atribuíram **aos** próprios amigos...).

> **Ufa!!**
>
> Chegamos ao final de mais uma etapa. Para muitos, o acento grave ainda é um mistério. Provamos que não. Sugiro que, se possível, releia todas as regras para gravá-las melhor. Tenha sempre em mente os recursos para verificação ou não da ocorrência da crase, pois eles são muito úteis e nos permitem solucionar muitas dúvidas. Agora procure resolver os exercícios para consolidar o conhecimento. Prossigamos para a próxima etapa.

7.4 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (Unimep-SP) "A exposição .... inauguração assisti mostrou os lindos quadros .... me referi na nossa conversa do outro dia. Amanhã, haverá um leilão na mesma sala .... estão expostos." A alternativa que preenche corretamente é:

   a) a cuja, aos quais, em que.
   b) a cuja, os quais, na qual.
   c) cuja, a que, em que.
   d) a qual, aos quais, na qual.
   e) à qual, que, que.

2. (Unimep-SP) ".... dois meses que não vejo Paulo. Soube que ele esteve.... beira de uma crise nervosa.... menos de cinco dias do vestibular." A alternativa que preenche corretamente as lacunas é:

   a) Há, a, a.
   b) Há, à, a.
   c) Há, à, à.
   d) A, a, à.
   e) A, à, a.

3. (Fuvest-SP) De.... muito, ele se desinteressou de chegar a ocupar cargo tão importante,.... coisas mais simples na vida e que valem mais que a posse momentânea de certos postos de relevo.... que tantos ambicionam por amor.... ostentação."

   a) a, há, à, à.
   b) há, as, a, a.
   c) há, há, a, à.
   d) a, hão, a, à.
   e) há, a, a, a.

4. (Fuvest-SP) O progresso chegou inesperadamente.... subúrbio. Daqui.... poucos anos, nenhum de seus moradores se lembrará mais das casinhas que,.... tão pouco tempo, marcavam a paisagem familiar.

   a) aquele, a, a.
   b) àquele, à, há.
   c) àquele, à, à.
   d) àquele, a, há.
   e) aquele, à, há.

5. (UEL) .... contragosto, a comissão entregou.... imprensa.... listas dos aprovados.

   a) À, a, as.
   b) A, à, às.
   c) A, à, as.
   d) À, a, às.
   e) À, à, às.

6. (ITA) Analisando as sentenças:

   A vista disso, devemos tomar sérias medidas.

   Não fale tal coisa as outras.

   Dia a dia a empresa foi crescendo.

   Não digo aquilo que me disse.

   Deduzimos que:

   a) apenas a III não tem crase.

b) as sentenças III e IV não têm crase.
c) todas as sentenças têm crase.
d) nenhuma sentença tem crase.
e) apenas a IV não tem crase.

7. (FCC) O fenômeno .... que aludi é visível .... noite e .... olho nu.

a) a, a, a.
b) a, à, à.
c) a, à, a.
d) à, a, à.
e) à, à, a.

8. (FCC) Já estavam .... poucos metros da clareira, ... qual foram ter por um atalho aberto .... foice.

a) à, à, a.
b) a, à, a.
c) a, a, à.
d) à, a, à.
e) à, à, à.

9. (PUC-SP) .... hora, ... chegasse primeiro se entregaria .... condecoração .... fizera jus.

a) Àquela, à que, a, a qual.
b) Àquela, a que, à, a qual.
c) Aquela, à que, a, à qual.
d) Àquela, à que, a, à qual.
e) n. d. a.

10. (UM-SP) Dados os períodos:

I. À força de tanto emagrecer, acabou morrendo.
II. A assistente social prestou assistência as mais necessitadas pessoas.
III. Com a eloquência habitual, falava a qualquer pessoa, sempre disposta a aumentar o prestígio.

Deduz-se que o sinal indicativo da crase está corretamente empregado:

a) apenas no primeiro período.
b) nos períodos I e II.
c) nos períodos II e III.
d) em todos os períodos.
e) nos períodos I e III.

11. (Fuvest) Daqui .... vinte quilômetros, o viajante encontrará, logo .... entrada do grande bosque, uma estátua que .... séculos foi erigida em homenagem .... deusa da floresta.

a) a, à, há, à.
b) há, a, à, a.
c) à, há, à, à.
d) a, à, à, à.
e) há, a, há, a.

12. (PUC) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas:

Viu-se frente .... frente com o inimigo.

Observava, ... distância, o que estava acontecendo.

Não se referira .... nenhuma das presentes.

Desandou ....correr ladeira abaixo.

Chegou .... uma hora da madrugada.

a) à, à, à, à, à.
b) à, à, a, a, à.
c) à, à, à, a, à.
d) a, a, a, a, à.
e) a, a, a, a, a.

13. (FCMSC-SP) Estamos ... poucas horas da cidade ... que vieram ter, ... tempos, nossos avós.

a) a – a – há.
b) há – a – a.
c) há – à – há.
d) à – a – a.
e) a – à – há.

14. (FCC – Metrô/SP – Supervisor de Linha) O uso do sinal de crase justifica-se em **ambas** as ocorrências na seguinte frase:

a) Não tive acesso à carreira de biólogo porque você se dispôs à engravidar.
b) Não nos assiste à prerrogativa de responsabilizarmos justamente àqueles que não têm culpa.
c) Imputamos à culpa aos outros quando achamos inadmissível assumirmos à nossa.
d) Atribuamos à nossa incompetência o fracasso de nossos planos, em vez de associá-lo à responsabilidade alheia.
e) Quando se fica à espera de algo inalcançável, tudo o que se alcança se reduz à uma frustração.

15. (UEL-PR) Foi ... Brasília aprender ... artes políticas, mas retornou ... terra natal sem grandes conhecimentos.

a) a – as – à.
b) à – as – a.
c) a – às – à.
d) a – as – a.
e) à – às – à.

16. (FCC – Soldado PM/BA) O uso do sinal da crase é **injustificável** em:

a) Lembrem-se às autoridades de terem sempre em mente o valor da prevenção.
b) Não cabe às pessoas de boa fé repudiar medidas de prevenção ao crime.
c) É penoso assistir às cenas de violência que se multiplicam nas metrópoles.
d) Atribui-se às medidas preventivas uma eficácia maior que a da repressão.
e) À inteligência da prevenção opõem-se aqueles que preferem a força da repressão.

17. (FCMSC-SP) Dê ciência ... todos de que não mais se atenderá ... pedidos que não forem dirigidos ... diretoria.

a) a – a – a.
b) a – à – a.
c) a – a – à.
d) à – à – a.
e) à – a – à.

18. (PUCC-SP) Assinale a alternativa em que há uso **incorreto** do sinal da crase.

a) Toda essa situação se deve à instabilidade da taxa de inflação.
b) Referindo-se à salários do último mês, comentou a inviabilidade de se manter aquele número de funcionários na empresa.
c) Não é à toa que amealhou o dinheiro que tem.
d) Em clima de grande emoção, chegou a tecer elogios inclusive àqueles que sempre o criticaram.
e) Devemos incentivá-los a dar continuidade à sua tarefa de informar a verdade sobre a situação do país.

19. (Fafeod-MG) Indique a alternativa que permite preencher **corretamente** os vazios do texto abaixo.

Aguardava ... carta ... muito tempo e, como não chegasse, ele referia-se ... todo instante ... consequências desastrosas que ... demora tenderia ... provocar.

a) a – a – a – às – a – a.
b) a – há – a – às – a – a.
c) a – há – a – as – a – a.
d) a – à – a – as – a – a.

20. (UFV-MG) Indique a alternativa em que o sinal indicativo de crase é facultativo.

a) Voltou à casa do juiz.
b) Chegou às três horas.
c) Voltou à minha casa.
d) Devolveu as provas àquela aluna.
e) Voltou às pressas.

GABARITO

1 – A	2 – B	3 – C
4 – D	5 – C	6 – B
7 – C	8 – B	9 – D
10 – E	11 – A	12 – D
13 – A	14 – D	15 – A
16 – A	17 – C	18 – B
19 – B	20 – C	

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

CAPÍTULO 8

SINTAXE DE COLOCAÇÃO PRONOMINAL

Estudaremos agora um assunto bem fácil. Por ausência de força tônica, trabalharemos a correta disposição dos pronomes oblíquos átonos dentro da estrutura oracional. Aqui, procure ficar atento, principalmente, aos fatores que atraem o pronome átono, pois esse conhecimento é frequentemente cobrado nas provas. O assunto exigirá de nós um pouco de memória, afinal teremos de apreender as principais regras as quais levam o pronome a ficar em umas das três posições: antes do verbo (próclise), no meio do verbo (mesóclise) e depois do verbo (ênclise). Convém aqui salientar que as regras que estudaremos abaixo se prestam, na maioria das vezes, ao uso formal da língua. No dia a dia e na linguagem coloquial, elas são pouco observadas. Vamos lá!!

Em primeiro lugar, cumpre ressaltar que a colocação pronominal, na Língua Portuguesa, restringe-se praticamente à perfeita disposição dos pronomes oblíquos átonos: me, te, se, o, a, lhe, nos, vos, os, as, lhes.

Tais pronomes podem assumir uma das seguintes posições:

a) Próclise ⇨ pronome oblíquo colocado antes do verbo.

b) Mesóclise ⇨ pronome oblíquo colocado no meio do verbo.

c) Ênclise ⇨ pronome oblíquo colocado depois do verbo.

Primeiros exemplos:

- Ele me disse que amanhã faltará a aula.
  pronome proclítico

- Retirá-lo-ia do local se eu pudesse.
  pronome mesoclítico

- Entregaram-nos todos os documentos hoje pela manhã.
  pronome enclítico

8.1 MÁXIMAS DA COLOCAÇÃO PRONOMINAL

A topologia pronominal possui regras gerais que servem de norte para as demais regras. São elas:

1. Não se inicia período com pronome oblíquo átono.

Observe:

- Te disseram que o juiz julgou improcedente a nossa causa? (Construção errada)

Corrija-se para...

- Disseram-te que o juiz julgou...

- Lhe passo os documentos do processo hoje à tarde. (Construção errada)

Corrija-se para...

- Passo-lhe os documentos do processo hoje à tarde.

- Me falem a verdade ou serão expulsos da corporação. (Construção errada)

Corrija-se para...

- Falem-me a verdade ou serão expulsos da corporação.

2. Não se admite ênclise a um verbo no futuro ou no particípio.

Veja os exemplos:

verbo no futuro do subjuntivo
- Quando ele ajudar-te, não esqueças os demais parentes de tua família. (Construção errada)

Corrija-se para...

- Quando ele te ajudar, não esqueças os demais parentes de tua família.

- Certamente eles dariam-nos tudo se pudessem. (Construção errada)
verbo no futuro do pretérito do indicativo

Corrija-se para...

- Certamente eles nos dariam (ou "dar-nos-iam") tudo se pudessem.

- Tenho dedicado-me muito ao estudo da Língua Portuguesa. (Construção errada)
verbo no particípio

Corrija-se para...

- Tenho-me dedicado muito ao estudo da Língua Portuguesa.

3. Em geral, toda ênclise a um verbo no infinitivo é correta, ainda que exista um fator de próclise.

- A fim de não { o encontrar, ou encontrá-lo, } mudei o meu itinerário.

- Para não { as contrariar, ou contrariá-las } procurei resolver o problema imediatamente.

- Deixou sua sala para { me entregar ou entregar-me } o prêmio a que fiz jus pelo ótimo desempenho este mês.

- "Proponho firmemente com vossa graça **não ofender-vos** mais." (M. Bernardes)

- "Basta-lhe os olhos negros e a tristeza, a palidez e o nunca sorrir-se." (Camilo C. Branco)

- "Ela, encostada à poltrona, passava-lhe os dedos pelos cabelos, muito ao leve e caladinha para não perturbá-lo." (Machado de Assis, *Quincas Borba*)

8.2 REGRAS GERAIS

8.2.1 PRÓCLISE

O pronome oblíquo átono ficará proclítico ao verbo por causa dos seguintes fatores que o atraem:

1) Palavras de valor negativo (não, nunca, jamais, ninguém, nada, nem [= e nem] etc.).

- **Jamais** nos consideraremos melhores do que os outros.
- **Não** o permitiram a conversão de real para dólar.
- **Nunca** lhe entristeceu a situação dos pobres no mundo?

Observação:

Se houver pausa depois da palavra negativa, emprega-se a ênclise.

- **Não,** converta-se ao cristianismo urgentemente.

2) Advérbios e pronomes indefinidos.

- **Aqui** se faz, **aqui** se paga.
- Nem **sempre** se enxergam as disparidades do mundo contemporâneo.
- **Ninguém** nos falou sobre o problema da empresa.
- "Na natureza, **nada** se perde, **nada** se cria, **tudo** se transforma."

➯ Observação:

Se houver pausa depois do advérbio, o pronome ficará enclítico. Se o verbo estiver no futuro, emprega-se a mesóclise.

- **Enfim**, encontrei-**o** na Estação da Luz.
- **Amanhã**, encontrar-**me**-ei com o Luís Antônio para uma conversa de negócios.

3) Pronomes relativos (que, o qual, a qual, os quais, as quais, cujo, cuja, cujos, cujas, onde, quem etc.).

- As informações, **que** te deram, parece terem mexido com o teu íntimo.
- Aquele é o estádio de futebol **o qual** se fez e **o qual** se construiu em poucos meses.
- Este bar é lugar da cidade **onde** se encontram os melhores pratos da cidade.

4) Pronomes demonstrativos (este, esta, isto, aquele, aquela, aquilo etc.).

- Tudo **aquilo** lhe passou despercebido.
- **Esta** me contou uma versão esquisita do caso. **Aquele** nos disse totalmente o contrário desse aí.

5) Conjunções subordinativas (quando, se, já que, porque, embora, enquanto, como, à medida que etc.).

- **À medida que** se estuda, aprende-se mais.
- **Enquanto** me diziam aquilo, eu permanecia imóvel.
- É muito justo **que** o ampares na velhice.
- **Se** me pagar, farei o trabalho **assim que** me sobrar um tempinho.

6) Verbo no gerúndio precedido da preposição "em".

- **Em** se **tratando** de finanças, procure o sr. João Alberto.
- **Em** se **pensando** em viagens, é sempre bom procurar uma boa empresa de turismo.

7) Conjunção coordenativa alternativa.

- **Ou** se casa comigo, **ou** se casa com o meu primo.
- Deixem-me sair, **ou** me deem a vaga de emprego a qual vim à procura.

8.2.1.1 Outros fatores de próclise

Além desses fatores, a próclise é de rigor:

1) Nas orações exclamativas e nas optativas (orações que exprimem desejo):

- Que Deus te proteja.
- Bons ventos os levem em paz!
- Quanto nos é difícil falar a verdade!
- Que terrível revelação nos fizeste!

2) Nas orações interrogativas em que haja pronomes interrogativos:

- Quem vos falou sobre o problema dela?
- Quanto lhe custou o conserto do carro?

3) Com verbos no infinitivo pessoal precedido de preposição:

- Demiti os dois funcionários por se queixarem demais.
- Deixei-os à vontade para se relacionarem melhor com o professor.

8.2.2 MESÓCLISE

Como já se mencionou, a mesóclise consiste na colocação do pronome oblíquo átono no meio do verbo. Isso ocorre apenas com dois tempos do modo indicativo: o futuro do presente e o futuro do pretérito, pois se trata de dois tempos compostos. O futuro do presente é formado pelo INFINITIVO do verbo mais o PRESENTE DO INDICATIVO do verbo HAVER; já o futuro do pretérito é formado pelo INFINITIVO do verbo mais o pretérito imperfeito do verbo HAVER. Logo, o pronome oblíquo átono será colocado entre um INFINITIVO e o verbo HAVER. Observe:

FUTURO DO PRESENTE (Infinitivo + presente do indicativo do verbo "haver"):

Eu comprar + hei ⇨ comprarei = Hei de comprar
Tu comprar + hás ⇨ comprarás = Hás de comprar
Ele comprar + há ⇨ comprará = Há de comprar
Nós comprar + havemos ⇨ compraremos = Havemos de comprar
Vós comprar + haveis ⇨ comprareis = Haveis de comprar
Eles comprar + hão ⇨ comprarão = Hão de comprar

FUTURO DO PRETÉRITO (Infinitivo + pretérito imperfeito do verbo "haver"):

Eu comprar + havia ⇨ compraria = Havia de comprar
Tu comprar + havias ⇨ comprarias = Havias de comprar
Ele comprar + havia ⇨ compraria = Havia de comprar
Nós comprar + havíamos ⇨ compraríamos = Havíamos de comprar
Vós comprar + havíeis ⇨ compraríeis = Havíeis de comprar
Eles comprar + haviam ⇨ comprariam = Haviam de comprar

Dessa forma, teremos:

- Compraria o carro se eu pudesse. = **Comprá-lo-ia** se eu pudesse. (= Havia de comprá-lo se eu pudesse.)

- Encontrá-lo-á deitado numa rede bem vistosa à varanda da casa grande. (= Há de encontrá-lo deitado...)
- Conceder-lhe-íamos o emprego se ele tivesse competência. (= Havíamos de conceder-lhe o emprego...)
- Estabelecer-nos-emos aqui até que a tempestade passe. (= Havemos de estabelecer-nos aqui até...)
- Jogá-lo-ão na lixeira se todas as tentativas falharem. (= Hão de jogá-lo na lixeira se...)
- "Dir-me-eis que não tendes outro modo de vos sustentar". (Pe. Antônio Vieira)

⇛ Observações:

a) Não havendo palavra atrativa e estando o futuro do presente ou do pretérito no meio de uma oração, será indistinta tanto a próclise quanto a mesóclise. Observe:

- Ele { me entregará / ou / entregar-me-á } o pacote amanhã pela manhã.
- Ricardo { se retiraria / ou / retirar-se-ia } da reunião de qualquer jeito.

b) Se houver palavra atrativa antes do futuro, a próclise será obrigatória.

8.2.3 ÊNCLISE

O pronome oblíquo átono ficará enclítico ao verbo nas seguintes circunstâncias:

1) Quando o verbo iniciar o período.

- Conta-me logo tudo que sabes, Marcílio.
- Fazê-lo será um prazer para mim, d. Joana.
- Perceberam-nos assim que chegamos ao local.

2) Com o verbo no gerúndio, desde que não forme locução verbal ou que não esteja precedido da preposição "em" ou de qualquer elemento de atração.

- Não farei mais a reunião, disse ele, **levantando**-se rapidamente.
- Judas aproximou-se de Cristo; beijando-lhe o rosto, denunciou-o aos soldados de Pilatos.

Observação:

Se houver fator de próclise, esta será de rigor. Veja:

- João comprava demasiadamente, **pouco** se importando com o valor das coisas.

3) Com verbos no imperativo afirmativo.

- Deixe a sala agora e entregue-se aos estudos se quiser ser aprovado no final do ano.
- João, escuta-me por alguns minutos, por favor.

4) Com verbos no infinitivo regidos da preposição "a", em se tratando dos pronomes oblíquos vocálicos "o, a, os, as", os quais assumirão, obrigatoriamente, as formas "lo, la, los, las".

- Jamais me recusaria a recebê-los.
- Todos começaram a questioná-las sobre as ideias que defendiam.
- "Acudiu toda a cidade a acompanhá-lo." (Fr. L. de Sousa)

Observação:

Não se esqueça de que o infinitivo é uma forma verbal privilegiada. À exceção da regra acima e da próclise com o infinitivo flexionado, diante de

um verbo no infinitivo estão corretas tanto a próclise quanto a ênclise, mesmo com a existência de um fator de próclise. Veja:

▷ Não fizeram absolutamente nada para
  - os deter.
  - ou
  - detê-los.

▷ Tinha um grande desejo de
  - a pegar nos braços.
  - ou
  - pegá-la nos braços.

▷ Para não
  - te incomodar
  - ou
  - incomodar-te

  resolvi mudar todos os meus pensamentos.

8.3 COLOCAÇÃO DOS PRONOMES OBLÍQUOS NAS LOCUÇÕES VERBAIS

> A partir de agora, vamos usar o conhecimento acima para posicionar corretamente os pronomes oblíquos dentro das locuções verbais. O assunto não é difícil, mas você precisa estar bem atento às orientações abaixo. Vamos lá!

Primeiramente, vamos relembrar o que é uma locução verbal:

VERBO AUXILIAR + VERBO PRINCIPAL
- INFINITIVO
- GERÚNDIO
- PARTICÍPIO

Dentro de uma locução verbal, o pronome oblíquo poderá assumir uma das seguintes posições:

a) **Próclise ao verbo auxiliar** ➾ Colocação sempre possível, exceto se a locução iniciar o período.

b) **Ênclise ao verbo auxiliar** ➾ Colocação possível desde que não haja um fator de próclise ou o verbo esteja no futuro.

c) Ênclise ao verbo principal ➯ Colocação sempre possível em se tratando do infinitivo ou do gerúndio. Gramaticalmente, não se admite ênclise a um verbo no particípio.

d) Pronome oblíquo solto no meio da locução verbal (próclise ao verbo principal) ➯ Posição consolidada pelo uso. Já foi combatida por alguns gramáticos, mas hoje plenamente aceita pelo padrão mais formal da língua em virtude do largo emprego nas situações do dia-a-dia.

Observe agora, seguindo as orientações acima, as possíveis colocações dos oblíquos nas locuções verbais:

1. Verbo auxiliar + infinitivo:

a) Os homens devem amar uns aos outros. (se)

➯ Os homens se devem amar uns aos outros. (Próclise ao verbo auxiliar)

➯ Os homens devem-se amar uns aos outros. (Ênclise ao verbo auxiliar)

➯ Os homens devem amar-se uns aos outros. (Ênclise ao verbo principal – infinitivo)

➯ Os homens devem se amar uns aos outros. (Pronome solto no meio da locução)

b) Eu quero dizer muita coisa. (lhe)

➯ Eu lhe quero dizer muita coisa. (Próclise ao verbo auxiliar)

➯ Eu quero-lhe dizer muita coisa. (Ênclise ao verbo auxiliar)

➯ Eu quero dizer-lhe muita coisa. (Ênclise ao verbo principal – infinitivo)

➯ Eu quero lhe dizer muita coisa. (Pronome solto no meio da locução)

c) Não posso abater com essas calúnias. (me)

➯ Não me posso abater com essas calúnias. (Próclise ao verbo auxiliar)

➯ Não posso abater-me com essas calúnias. (Ênclise ao verbo principal – infinitivo)

➯ Não posso me abater com essas calúnias. (Pronome solto no meio da locução)

2. Verbo auxiliar + gerúndio:

a) Os olhos da personagem foram enchendo de lágrimas. (se)

➯ Os olhos da personagem se foram enchendo de lágrimas. (Próclise ao verbo auxiliar)

➯ Os olhos da personagem foram-se enchendo de lágrimas. (Ênclise ao verbo auxiliar)

➯ Os olhos da personagem foram enchendo-se de lágrimas. (Ênclise ao verbo principal – gerúndio)

➯ Os olhos da personagem foram se enchendo de lágrimas. (Pronome solto no meio da locução)

b) O empregado afirmou que não estava insultando. (me)

➯ O empregado afirmou que não me estava insultando. (Próclise ao verbo auxiliar)

➯ O empregado afirmou que não estava insultando-me. (Ênclise ao verbo principal – gerúndio)

➯ O empregado afirmou que não estava me insultando. (Pronome solto no meio da locução)

3. Verbo auxiliar + particípio:

a) O time tem dado muitas decepções. (nos)

➯ O time nos tem dado muitas decepções. (Próclise ao verbo auxiliar)

➯ O time tem-nos dado muitas decepções. (Ênclise ao verbo auxiliar)

➯ O time tem nos dado muitas decepções. (Pronome oblíquo solto no meio da locução)

b) E se ele tivesse enganado, o que você faria? (me)

➯ E se ele me tivesse enganado, o que você faria? (Próclise ao verbo auxiliar)

➯ E se ele tivesse-me enganado, o que você faria? (Ênclise ao verbo auxiliar)

➯ E se ele tivesse me enganado, o que você faria? (Pronome oblíquo solto no meio da locução)

c) Onde terá metido aquele menino? (se)

⇨ Onde se terá metido aquele menino? (Próclise ao verbo auxiliar)

⇨ Onde terá se metido aquele menino? (Pronome oblíquo solto no meio da locução)

⇨ **Observações:**

a) Lembre-se de que não se pospõe pronome oblíquo átono a um verbo no particípio.

b) Quando a locução verbal é formada por um verbo auxiliar mais uma preposição e mais o verbo principal, observam-se as mesmas posições elencadas acima à exceção da ênclise ao verbo auxiliar. Veja:

d) Ele há de acostumar em breve com a nova função na empresa. (se)

⇨ Ele se há de acostumar em breve com a nova função na empresa. (Próclise ao verbo auxiliar)

⇨ Ele há de acostumar-se em breve com a nova função na empresa. (Ênclise ao verbo principal – infinitivo)

⇨ Ele há de se acostumar em breve com a nova função na empresa. (Pronome solto entre a preposição e o verbo principal)

8.4 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (FCC) Quando ..... as provas, ... imediatamente.

a) lhes entregarem, corrijam-as.
b) lhes entregarem, corrijam.
c) lhes entregarem, corrijam-nas.
d) entregarem-lhes, corrijam-as.
e) entregarem-lhes, as corrijam.

2. (FCC) Acredito que todos ..... dizer que não ..... .

a) lhe irão, se precipite.
b) lhe irão, precipite-se.

c) irão-lhe, se precipite.
d) irão lhe, precipite-se.
e) ir-lhe-ão, se precipite.

3. (Santa Casa-SP) Devemos ..... da tempestade.

a) resguardar-mos-nos.
b) resguardar-nos.
c) resguardarmos-nos.
d) resguardarmo-nos.
e) resguarda-nos.

4. (Santa Casa-SP) Há um erro de colocação pronominal em:

a) Sempre a quis como namorada.
b) Os soldados não lhe obedeceram as ordens.
c) Todos me disseram o mesmo.
d) Recusei a ideia que apresentaram-me.
e) Quando a cumprimentaram, ela desmaiou.

5. (UFF-RJ) Numa das frases abaixo, a colocação do pronome pessoal átono não obedece às normas vigentes. Assinale-a.

a) Ter-lhe-iam falado a meu respeito?
b) Tenho prevenido-o várias vezes.
c) Quem nos dará as razões?
d) Nunca nos diriam inverdades.
e) Haviam-no procurado por toda parte.

6. (Faap-SP) Assinale a alternativa em que a colocação pronominal desobedece ao que preceitua a gramática:

a) Há muitas estrelas que nos atraem atenção.
b) Jamais dar-te-ia tantas explicações, se não fosse pessoa de tanto merecimento.
c) A este compete, em se tratando de corpo da pátria, revigorá-lo com o sangue do trabalho.
d) Não o realizaria, entretanto, se a árvore não se mantivesse verde sob a neve.
e) Nenhuma das anteriores.

7. (UM-SP) Assinale a alternativa que apresenta erro de colocação pronominal.

a) Você não devia calar-se.
b) Não lhe darei qualquer informação.
c) O filho não o entendeu.

d) Se apresentar-lhe os pêsames, faça-o discretamente.
e) Ninguém quer aconselhá-lo.

8. (Cesesp-PE) Assinale o único período em que há inadequação na colocação pronominal.

a) Nenhuma das questões lhe desagradou.
b) Que Deus me ajude!
c) Quanto nos custa manter a calma!
d) A prova, fi-la sem afobação.
e) Todos retirar-se-iam cedo.

9. (PUCC-SP) Sabendo-se que solecismos são desvios indevidos de regência, concordância e colocação, indique a alternativa que não apresenta nenhum desses desvios, segundo a norma culta:

a) Liliana, te amo perdidamente.
b) Quando saírem com nós, talvez nos contem o caso.
c) As meninas não devem se preocupar com a maquiagem.
d) Entre mim e você, sempre houve compreensão.
e) Esta revista é para mim ler.

10. (UM-SP) Assinale a alternativa em que o pronome pessoal oblíquo poderia ser colocado em duas outras posições:

a) Deixei de cumprimentá-lo.
b) Eles queriam-me enganar.
c) Não te prejudicarei nunca.
d) Os amigos tinham se retirado.
e) Creio que ele não me dará explicações.

GABARITO

1 – C	2 – A	3 – B
4 – D	5 – B	6 – B
7 – D	8 – E	9 – D
10 – B		

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

CAPÍTULO 9

EMPREGO DOS SINAIS DE PONTUAÇÃO

Em primeiro lugar, quero parabenizá-lo por ter chegado até aqui. Espero que você já tenha estudado os outros pontos deste livro, pois o assunto sobre o qual vamos a partir de agora discorrer depende bastante dos conhecimentos anteriores, principalmente do conhecimento sobre sintaxe de oração e de período. Do entendimento com profundidade da oração e dos seus termos, bem como da relação entre as orações, dependerá o sucesso no que diz respeito ao emprego dos sinais de pontuação, uma vez que esta é, na maioria dos casos, uma necessidade sintática. Por isso, convido-o a estudar – se ainda não o fez – aqueles dois assuntos. Adentrar o mundo da pontuação sem dominar os mecanismos básicos da sintaxe é semelhante a tentar resolver um problema de sistema de inequações do segundo grau sem antes ter estudado a resolução de equações do primeiro grau, ou seja, a possibilidade de insucesso é grande. Se já estudou, convido-o então a dar o próximo passo para o seu engrandecimento: vamos juntos entender a aplicação dos diversos sinais que marcam as pausas, a entonação, a mudança semântica e às vezes a melodia do discurso na nossa língua portuguesa.

9.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A princípio é preciso que se estudem as duas principais razões sobre as quais se assenta a pontuação na língua portuguesa. Chamo a essas razões de "bases" da pontuação.

1.ª BASE:

Pontuar é, no mais das vezes, uma necessidade sintática. Isto quer dizer que, para se pontuar bem, deve-se estar atento às funções sintáticas desempenhadas pelos termos e pelas orações, bem como à localização de tais termos e orações no período. Por isso, são inadmissíveis as seguintes pontuações:

a) O ex-presidente da empresa brasileira de correios e telégrafos, viajará na próxima semana.

Regra: Não se separa o sujeito do seu verbo.

b) Por fim, estudou-se o artigo 5.º da Constituição, que confere, aos brasileiros e aos estrangeiros, certos direitos.

Regra: Não se separa por vírgula o verbo do(s) seu(s) objeto(s).

c) A indignação, de muita gente, não transpõe na maioria dos casos o âmbito das conversas privadas.

Regra: Não se separa o nome do(s) seu(s) adjunto(s).

d) O fato que foi revelado nas investigações foi decisivo, para a elucidação do crime.

Regra: Não se separa por vírgula o nome do seu complemento.

Você perceberá que boa parte das regras sempre se refere às funções sintáticas. Daí afirmamos ser a pontuação uma necessidade sintática.

2.ª BASE:

O emprego dos sinais de pontuação pode alterar o sentido e a função sintática de um termo, ou seja, a pontuação, em muitos casos, implicará alterações semânticas e sintáticas. Observe as alterações de sentido e de função sintática entre os pares a seguir:

a) – Ninguém compreende Maria. ➯ Maria é uma pessoa difícil de se compreender. O termo "Maria" é o objeto direto.

– Ninguém compreende, Maria. ➯ Maria passa a ser a interlocutora com quem se fala. O termo "Maria" é agora o vocativo.

b) – O empregado falará brevemente com o novo diretor. ➯ O vocábulo "brevemente" funciona como advérbio de tempo.

– O empregado falará, brevemente, com o novo diretor. ➯ O vocábulo "brevemente" funciona como advérbio de modo.

c) – Quero ver o que você vai fazer agora, que o novo gerente é um casca-grossa. ➯ A oração iniciada pelo "que" possui sentido explicativo. O vocábulo "agora" é um advérbio de tempo.

– Quero ver o que você vai fazer, agora que o novo gerente é um casca-grossa. ➯ A oração iniciada pelo "agora que" possui valor temporal. A locução "agora que" é uma conjunção temporal.

d) Alguém joga uma moeda para cima, pega-a na mão e pergunta:

— É cara ou coroa?

— É coroa, cara.

— Não! Deu cara, coroa!

Observe as alterações semânticas e sintáticas provocadas pelo emprego da vírgula entre os vocábulos "cara" e "coroa".

e) – De fato, meu amigo não fala de medo. ➯ Aqui o amigo não fala sobre o "medo". "De medo" é objeto indireto.

– De fato, meu amigo não fala, de medo. ➯ Aqui o amigo não fala porque está com medo. "De medo" é um adjunto adverbial de causa.

f) – Todos foram até a mamãe. ➯ Aqui "todos" chegaram até a mamãe.

– Todos foram, até a mamãe. ➯ Aqui "todos" foram, partiram, inclusive "a mamãe".

g) – "Vota Brasil!" ➯ Aqui o "Brasil" – sujeito – faz a ação de votar. Observe que o verbo "votar" se encontra no presente do indicativo.

– "Vota, Brasil!" ➯ Aqui o vocábulo "Brasil" passa a exercer a função de "vocativo". O verbo "votar" se encontra agora na segunda pessoa do imperativo afirmativo.

Reiterando: O emprego dos sinais de pontuação – notadamente a vírgula – pode provocar alterações do sentido e da função sintática dos termos.

9.2 PRINCIPAIS SINAIS DE PONTUAÇÃO

Pontuar é, antes de mais nada, dividir o discurso, separar-lhe as partes quando for necessário. Clara definição para o que vem a ser "pontuar" nos deixou o ilustre mestre Celso Pedro Luft: "Pontuar bem é ter visão clara da estrutura do pensamento e da frase. Pontuar bem é governar as rédeas da frase. Pontuar bem é ter ordem no pensar e na expressão".

Para que bem se efetue esse domínio, empregam-se os sinais de pontuação os quais se dividem em sinais de pausa e sinais de entonação ou melódicos.

1. Sinais de pausa:

a) a vírgula (,);

b) o ponto (.);

c) o ponto-e-vírgula (;).

2. Sinais de entonação ou melódicos:

a) os dois-pontos (:);
b) o ponto de exclamação (!);
c) o ponto de interrogação (?);
d) as reticências (...);
e) as aspas (" ");
f) os parênteses (( ));
g) os colchetes ([ ]);
h) o travessão (–).

➾ Observações:

Outros sinais podem, em alguns contextos, ser empregados para a marcação de melodia e entonação (recursos expressivos), como o hífen, o parágrafo, o destaque de letras e palavras (emprego do negrito, por exemplo).

Abaixo passaremos a estudar detidamente todos os sinais de pontuação. Será um desafio para você. Procure entender a função de cada um. Alertamos, porém, que a melhor maneira para aprender a pontuar bem é ainda por meio das boas leituras. Procure, portanto, aliar o conteúdo abaixo à leitura de bons autores, que certamente o resultado será bastante satisfatório.

9.2.1 EMPREGO DA VÍRGULA (,)

Para estudar o emprego da vírgula, primeiro é preciso entender que ela pode ser usada tanto para isolar termos dentro das orações quanto para separar orações dentro de um período composto. Por isso, dividimos seu emprego em:

9.2.1.1 A vírgula entre os termos de uma oração

Emprega-se a vírgula:

a) Para separar termos coordenados assindéticos (sem ligação por conectivo), de mesma função sintática, que formam, muitas vezes, enumerações.

- Deparamo-nos em nossa viagem com uma paisagem paradisíaca na qual se viam o sol, algumas nuvens, o mar ao longe, alguns coqueiros e duas casas numa restinga.

- "Havia sermonários latinos, um Marco Marullo, três retóricas, muitas teologias morais, um Euclides, comentários de versões literais de Tito Livio e Virgílio." (Camilo Castelo Branco)

- A vida, o infinito, o sol, o mar, tudo é um louvor a Deus.

Observações:

Quando o último elemento de uma série enumerativa vier precedido da conjunção "e", a vírgula é dispensada. Neste caso, diz-se que se fez uma "enumeração fechada", pois o último elemento, introduzido pelo conectivo aditivo "e", finaliza o pensamento, o que não permite inferir que haja outros elementos não mencionados.

- Na festa, todos saltavam, riam, cantavam e dançavam freneticamente.

Não se deve empregar a vírgula antes das conjunções "e, ou, nem" quando estas ligarem palavras ou mesmo orações de pequena extensão.

- "Todo ele era atenção e interrogação." (Machado de Assis)
- Nem um nem outro lhe deve ficar obrigado." (A. Herculano)
- "Com ela ou sem ela, tenho por certa a nossa ida." (Machado de Assis)

Emprega-se a vírgula antes do "e" quando este vier repetido antes de cada um dos elementos (polissíndeto).

- "Tua irmã é carinhosa, e doce, e meiga, e casta, e consoladora." (Eça de Queiroz)

b) Para isolar vocativos.

- "Mas olha, meu Telmo, torno a dizer-to: eu não sei como hei de fazer para te dar conselhos." (A. Garrett)
- Que foi, Madalena, há algum problema na comida?
- "De maneira, cristãos, que temos hoje a maior tentação: queira Deus que tenhamos também a maior vitória." (Pe. Antonio Vieira)

c) Para separar adjuntos adverbiais locucionais deslocados dentro da estrutura oracional.

- "A morte de Afonso VI, quase no fim da primeira década do século XII, deu origem a acontecimentos ainda mais graves do que os por ele previstos..." (A. Herculano)
- "Desde as quatro horas da tarde, no calor e silêncio do domingo de junho, o Fidalgo da Torre (...) trabalhava." (Eça de Queiroz)
- "Depois das grandes dores e das lágrimas torrenciais, forma-se também no coração do homem um húmus poderoso..." (José de Alencar)
- "Diante dessa varanda, na claridade forte, pousava a mesa ... ." (Eça de Queiroz)

⇨ Observações essenciais:

Os adjuntos adverbiais formados por um só vocábulo – e mesmo os adjuntos adverbiais locucionais, de pequena extensão – dispensam a vírgula, salvo se se quiser conferir-lhes ênfase.

- Iremos hoje ao shopping.
- Todos em princípio discordam do que ele disse.
- Amanhã de manhã chegarão o Presidente da República e toda a sua comitiva.
- "Logo pela primeira vez o caso intrigou a vizinhança." (Lima Barreto)
- "Esta atitude de resto convém ao bacharel... ." (Eça de Queiroz)

Os adjuntos adverbiais terminados no sufixo "-mente" seguem a regra de pontuação dos adjuntos adverbiais simples: ou não se põe nenhuma vírgula, ou se isola o advérbio com vírgula(s) para conferir-lhe ênfase ou alterar-lhe a semântica.

- "É verdade que a guitarra vinha decentemente embrulhada em papel, mas o vestuário não lhe escondia inteiramente as formas." (Lima Barreto)
- "... uma flor consolaria aquela deserdada; mas na disposição dos seres, infelizmente, a Substância que lá devia ser rosa é aqui na Baixa homem de Estado..." (Eça de Queiroz)
- "Realmente, era graciosa e viva nos gestos, olhos cálidos, boca fina e interrogativa." (Machado de Assis)

d) Para isolar apostos explicativos.

- "Vós fostes o aio e amigo de meu senhor... de meu primeiro marido, o Senhor D. João de Portugal..." (A. Garrett)
- "O Dr. Camargo, médico e velho amigo da casa, foi ter com Estácio." (Machado de Assis)
- Recife, cidade cortada por rios, é conhecida como a Veneza brasileira.
- Salomão, filho de Davi, foi um rei sábio.

e) Para isolar o nome do lugar quando seguido de data.

▹ Palmares, 2 de fevereiro de 2004.

f) Para isolar alguns termos sintáticos – geralmente complementos verbais – postos no início do período (anástrofe), com o intuito de conferir-lhes ênfase, desde que sejam retomados de forma pleonástica por pronome oblíquo.

▹ As ideias do nosso presidente, já não mais as defendo.

▹ Aos amigos do alheio, difícil é perdoar-lhes os prejuízos que causam.

g) Para isolar o predicativo do sujeito deslocado dentro da estrutura oracional quando o verbo não é de ligação.

▹ Triste com a notícia, o rapaz deixou a sala em silêncio.

▹ O governo, contente com a redução da inflação, interveio junto ao Banco Central para que este diminua a taxa Selic.

▹ O professor, desesperado, deixou a sala.

h) Para indicar uma elipse (ocultação), geralmente, de um verbo.

▹ O Brasil sempre exportou carnes; a Argentina, sapatos e couro; a Venezuela, petróleo. (Elipse do verbo "exportar")

▹ "A moral legisla para o homem; o direito, para o cidadão." (Tomás Ribeiro apud Artur de A. Tôrres)

▹ Marcos estuda francês, e João, inglês.

i) Para separar expressões explicativas, conclusivas e retificativas, interpostas na oração, como "isto é, a saber, ou seja, por exemplo, ou melhor, outrossim, com efeito, assim, então, por assim dizer, além disso, ademais etc.".

▹ "Quaresma fez o "Tangolomango", isto é, vestiu uma velha sobrecasaca do general..." (Lima Barreto)

▹ "Esta singularidade era um símbolo da união, ou melhor, da comunhão que o dono da casa queria que houvesse durante a ceia..." (José de Alencar)

▹ "O calor úmido das paragens amazonenses, por exemplo, deprime e exaure." (Euclides da Cunha)

j) Para separar os elementos paralelos nas frases proverbiais.

- O velho a estirar, o diabo a enrugar.
- Dinheiro na mão, amigos no portão.

9.2.1.2 A vírgula entre as orações

a) Para separar orações coordenadas assindéticas.

- "Entregou a espingarda a sinhá Vitória, pôs o filho no cangote, levantou-se, agarrou os bracinhos..." (Graciliano Ramos)
- "Os juazeiros aproximaram-se, recuaram, sumiram-se." (Graciliano Ramos)
- "Deus quer, o homem sonha, a obra nasce." (Fernando Pessoa)
- "E agora, José?
  A festa acabou,
  a luz apagou,
  o povo sumiu,
  a noite esfriou." (C. Drummond)

b) Emprega-se a vírgula para separar as orações coordenadas sindéticas, exceto as introduzidas pelo conectivo aditivo "e".

- "... as duas janelas estavam cerradas, mas sentia-se fora o sol faiscar nas vidraças..." (Eça de Queiroz)
- "Não freqüentava botequins, nem fazia noitadas." (Eça de Queiroz)
- "... ora tinha trabalho que me obrigava a fechar o gabinete, ora saía ao domingo para ir passear pela cidade e arrabaldes o meu mal secreto." (Machado de Assis)
- "Note que é só para fazer mal, porque ele é tão religioso como este lampião." (Machado de Assis)
- Não estudas regularmente, logo és um mau aluno.

➪ **Observações:**

A vírgula é de rigor antes do "e" aditivo quando vem repetido antes de cada oração (polissíndeto), quando o "e" possui valor adversativo, ou quando

a oração introduzida pelo "e" apresenta sujeito diverso da oração assindética anteposta.

- Preparou-se profundamente para o concurso, e não conseguiu ser aprovado nem na primeira etapa.

O "e" possui valor adversativo.

- "Cumpriu-se o Mar, e o Império se desfez." (Fernando Pessoa)

Os sujeitos das orações são diferentes.

- "Rita tratou especialmente do coração, e ninguém o faria melhor." (Machado de Assis)

- *"Rondo-te, e arquejo, e choro, ó cidadela!"* (Olavo Bilac, apud Domingos Paschoal Cegalla)

Boa parte dos conectivos coordenativos admite o deslocamento dentro da oração coordenada de que eles fazem parte. Um bom paradigma nos dão as conjunções coordenativas adversativas (construções possíveis):

- As ideias construídas por ele têm fundamento, mas são inaplicáveis à realidade do dia a dia.

Posição mais comum – conectivo introduz a oração coordenada sindética.
A vírgula deve ser aplicada antes do conectivo.

- As ideias construídas por ele têm fundamento; entretanto, são inaplicáveis à realidade do dia a dia.

pontuação enfática para o conectivo

- As ideias construídas por ele têm fundamento; são inaplicáveis, porém, à realidade do dia a dia.

conectivo deslocado dentro da oração sindética

- As ideias construídas por ele têm fundamento; são inaplicáveis à realidade do dia a dia, no entanto.

conectivo deslocado dentro da oração sindética

Quando a oração assindética é de considerável extensão, pode-se finalizá-la com um ponto. Depois inicia-se a oração sindética com conectivo adequado, o qual poderá ou não ser isolado por uma vírgula.

- "Quis puxar as de Capitu, mas ainda agora a ação não respondeu à intenção. Contudo, achei-me forte e atrevido." (Machado de Assis)
- "A criação de gado é ali a sorte de trabalho menos imprópria ao homem e à terra. Entretanto não há vislumbrar nas fazendas do sertão a azáfama festiva das estâncias do Sul." (Euclides da Cunha)

c) Para separar orações subordinadas adjetivas explicativas.

- "Aquele olhar profundo, que parecia despedir os fogos surdos de uma labareda oculta, incutia nela um desassossego íntimo." (José de Alencar)
- O homem, que é mortal, julga-se às vezes eterno.
- "Eu, que já a achava lindíssima, bradaria que era a mais bela criatura do mundo se o receio me não fizesse discreto." (Machado de Assis)
- "Qualquer príncipe italiano, cujo principado é menos do que a sua capital, tem residências dez vezes mais magníficas do que esse bocó de Sanjon." (Lima Barreto)

d) Para separar orações subordinadas adverbiais desenvolvidas quando antepostas à oração principal ou intercaladas nela.

- "Logo que começou a revolver os papéis, a mão do médico tornou-se mais febril." (Machado de Assis)
- O conselheiro, embora não figurasse em nenhum grande cargo do Estado, ocupava elevado lugar na sociedade. (Machado de Assis)
- A audiência foi, conforme atestaram os advogados, bastante positiva para a defesa.
- "Como pregava gratuitamente, o vigário de Caldelas era chamado por todos os mordomos e confrarias festeiras." (Camilo Castelo Branco)

e) Para separar as orações reduzidas (de gerúndio, de infinitivo e de particípio) adverbiais e adjetivas quando antepostas à oração principal ou intercaladas nela.

- "Hoje, pensando melhor, acho que servi de alívio." (Machado de Assis)
- Acabada a balada, retiraram-se os convidados.
- "Provado o roubo, iremos haver a importância dos dois brilhantes ultimamente comprados ao ourives que no-los vendeu." (Camilo Castelo Branco)
- "A Serra do Grão-Mogol, raiando as lindes da Bahia, é o primeiro espécimen dessas esplêndidas chapadas imitando cordilheiras..." (Euclides da Cunha)
- A lagarta, paralisada pelo veneno da vespa, nada poderá fazer para evitar o seu martírio.

f) Para separar orações intercaladas.

- "Venha, acudiu ele, venha o grande o homem." (Machado de Assis)
- Cão que ladra, diz o dito popular, não morde.
- "Onde é que se viu, diziam eles, um imperador que só tem dois palácios?" (Lima Barreto)

9.2.1.3 Não se emprega a vírgula

O emprego da vírgula, como já vimos, obedece a critérios bem definidos. Pode ser empregada tanto entre termos de uma oração quanto entre orações. O interessante é notar que boa parte dos casos estudados se refere a estruturas nas quais existem inversões (ordem indireta). Por causa dessas inversões "pontua-se", emprega-se algum sinal de pontuação para evitar confusões. Logo, a ordem direta, em princípio, dispensa o emprego de sinais de pontuação. Portanto, o estudante da língua-mãe deve estar atento à estrutura do período se quiser empregar bem algum sinal de pontuação. Observe o exemplo abaixo:

- O ex-diretor licenciado da empresa brasileira de correios e telégrafos deverá viajar nas próximas duas semanas.

O período dispensa qualquer sinal de pontuação, porquanto se encontra na ordem direta.

Ademais, não se deve empregar a vírgula:

a) Entre o sujeito e o seu verbo quando juntos, ainda que um preceda ao outro.

- ▷ A indignação de muitos estudantes, não transpõe o âmbito das conversas privadas.
- ▷ Não é fácil, manter-se o equilíbrio entre o direito e o dever.
- ▷ O fato de ter cultivado tantos amigos e granjeado o respeito de todos, é prova suficiente de que ele teve uma vida digna.
- ▷ Fica claro, que deve ser pago ao reclamante o valor referente às horas suplementares.

b) Entre o verbo e o(s) seu(s) complemento(s) quando juntos, ainda que um preceda ao outro.

- ▷ O artigo 273 do CPC garante, ao autor, a antecipação dos efeitos da tutela.
- ▷ Deverão ser entregues ao auditor, todas as cópias, devidamente autenticadas.
- ▷ São vultosos os prejuízos causados pelos sonegadores e pelos corruptos ao povo brasileiro, com os quais, se indigna o motorista.
- ▷ Esclarece o reclamante, que a empresa jamais efetuou qualquer depósito em sua conta vinculada.

c) Entre o nome (substantivo, adjetivo ou advérbio) e o seu complemento quando estão juntos.

- ▷ Ele sempre exerceu uma forte influência, na investigação dos casos de corrupção no Brasil.
- ▷ Não havia mais dúvidas, de que a vida dele era uma questão de dias.
- ▷ Os homens têm-se tornado insensíveis, à dor alheira.

d) Entre o nome (substantivo) e o seu adjunto adnominal.

- ▷ A casa e todos os bens, de nossos avós, foram doados para abrigos de idosos.
- ▷ Ficou durante um bom tempo impressionado com o nome, do marido dela.

e) Entre o nome e a oração subordinada adjetiva restritiva.

vírgulas inadequadas - a oração adjetiva é restritiva

- O homem, que fuma, aumenta a probabilidade de desenvolver câncer de pulmão.

vírgulas inadequadas - a oração adjetiva é restritiva

- O deputado, que é honesto, possui mais facilidade para se reeleger em uma segunda eleição.

➯ Observação:

Quando a oração adjetiva restritiva é de certa extensão, é lícito empregar a vírgula ao final dela.

- "As famílias que se estabeleceram naquelas encostas meridionais das longas serranias chamadas pelos antigos Montes Marianos, conservaram por mais tempo os hábitos erradios dos povos pastores." (M. Said Ali - *Gramática Secundária da Língua Portuguesa*)

f) Entre a oração principal e a oração subordinada substantiva, salvo a oração subordinada substantiva apositiva.

- Mostrou-se bastante ansioso, por que o problema logo fosse resolvido.
- O deputado secretamente nos disse, que o Brasil certamente passará por uma crise financeira em breve.
- Nosso maior problema fora, que ele não admitia ser cuidado por ninguém.

➯ Observação:

Se a oração subordinada substantiva vier anteposta à oração principal, a vírgula é de rigor.

- Que ele é o presidente, já se sabia; que ele não tem competência, já se sabia também.
- Quando ocorrerá o evento, não se disse.

9.2.2 EMPREGO DO PONTO (.)

É o principal sinal de pontuação empregado para finalizar as proposições declarativas, simples ou compostas, de sentido completo.

- "Os pés do que entrara apenas faziam um rumor sumido no chão de mármore. Vinha descalço. A sua aljarabia ou túnica era de lã grosseiramente tecida, o cinto uma corda de esparto." (A. Herculano)
- "Estava Ângela na janela da sua casa na "rua do Bispo", quando o marido surdiu da esquina da "Praça nova". Reconheceu-o logo pela corpulência redonda." (Camilo Castelo Branco)

O ponto final também é empregado para:

a) Encerrar a oração adversativa assindética de certa extensão, principalmente quando a oração sindética posposta é aditiva ou adversativa e traz uma ideia nova, um pensamento novo em relação à oração assindética.

- "– Quando era mais jovem, em criança, era natural, ele podia passar por criado. Mas você está ficando moço e ele vai tomando confiança." (Machado de Assis)
- "O mistério que havia entre ambos ninguém o podia entender. E, todavia, a explicação era bem simples: estava no caráter extremamente religioso do califa, na sua velhice e no seu passado de príncipe absoluto." (A. Herculano)

b) Indicar a abreviatura de uma palavra. Neste caso, recebe o nome de "ponto abreviativo".

- pág. ou p.
- prof. (professor)
- Cel. (Coronel)
- Dr. (doutor)
- r. (rua)

9.2.3 EMPREGO DO PONTO-E-VÍRGULA (;)

O ponto-e-vírgula representa uma pausa maior que a vírgula e menor que o ponto final. Não há regras bem delimitadas para o seu emprego. É comum empregar:

a) Para separar os incisos de leis, decretos, portarias etc.

Art. 3.º Constituem objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil:

I – construir uma sociedade livre, justa e solidária;

II – garantir o desenvolvimento nacional;

III – erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir as desigualdades sociais e regionais;

IV – promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação.

b) Para separar orações coordenadas de sentidos opostos.

- A irmã odeia esportes; o irmão ama tudo que exige movimento.
- "O egoísmo vê na revolução um fato que destrói; o gênio contempla na revolução uma idéia que edifica." (Coelho Neto *apud* Jorge Miguel)
- João é um trabalhador; Pedro é um vadio.

c) Para separar orações coordenadas de considerável extensão, principalmente quando em qualquer destas proposições já existe pausa mais fraca assinalada por vírgula.

- A porta ficava à direita da grande coluna de entrada do templo budista; a sala do mestre localizava-se depois dessa porta.
- Nada se comparava ao devaneio sentido naquele momento da sessão de psicoterapia; e contava-me tudo sem restrições.
- À véspera do grande evento, o jovem pianista entregou-se, em seu quarto, ao silêncio e à meditação; e passou as últimas 24 horas em total solidão.
- O governo, depois do confronto com os manifestantes, resolveu negociar; mas os termos da negociação ainda serão analisados pela Procuradoria Regional do Trabalho.

9.2.4 EMPREGO DOS DOIS-PONTOS (:)

Os dois-pontos representam geralmente uma pausa repentina, instantânea, um pouco mais intensa que a vírgula, indicando, na maioria dos casos, uma estrutura incompleta. São empregados para:

a) Separar o verbo de dizer (*dicendi*) do discurso direto (fala) da personagem.

- E a filha, cingindo-lhe ao pescoço, exclamara:
  – E quando vamos? (Camilo Castelo Branco)

- "O romano Aécio teve, porém, piedade de Átila e aos filhos de Teodorico disse: – Ide-vos, porque o império está salvo." (A. Herculano)

b) Enunciar uma enumeração.

- Frequentemente lia os clássicos portugueses: Camões, Camilo, Herculano e Quental.
- Durante a aula, anote as seguintes coisas: principais pontos, as principais definições e as principais aplicações.

c) Separar expressões que explicam ou completam o que foi dito anteriormente.

- "Mal, porém, o marido lhe dava as costas, voltava-lhe a fraqueza: vinham-lhe as lágrimas, tornavam as agonias." (Lima Barreto)
- "Olhe que ambas elas têm nomes inspiradores: uma é Berta, a outra é Laura." (Camilo, apud Arthur de A. Torres)
- "Hoje, a *cobiça* assentou-se *no lugar da eqüidade*: o juiz vende a consciência no mercado dos poderosos, como as mulheres de Babilônia vendiam a pudicícia nas praças públicas aos que passavam, diante da luz do dia." (Camilo Castelo Branco)
- "A morte não extingue: transforma; não aniquila: renova; não divorcia: aproxima." (Rui Barbosa, apud Jorge Miguel)

d) Indicar uma citação, alheia ou própria.

- Pensamos como Pitágoras: "Educai as crianças e não será preciso castigar os homens".
- "Disse comigo: 'Que importa ao mundo a vida de um pobre truão'"? (A. Herculano)
- Às margens do Ipiranga, bradou D. Pedro I: "Independência ou morte!".

e) Marcar a supressão de uma conjunção (conectivo).

- Penso hoje que a vocação dele era, de fato, o serviço público: sentia-se suficientemente recompensado pela responsabilidade que lhe cabia.

Supressão de conjunção causal (porque, já que, visto que etc.)

- "Tereza não ouviu o remate da brutal apóstrofe: tinha fugido aturdida e envergonhada." (Camilo Castelo Branco)

Supressão de conjunção causal (porque, já que, visto que etc.).

9.2.5 PONTO DE EXCLAMAÇÃO (!)

É o sinal de pontuação empregado depois de interjeições, palavras ou frases com o intuito de expressar admiração, espanto, surpresa, afeto, cólera, ou seja, estados emotivos.

- "Espanta discrição tamanha na índole de Simão Botelho, e na presumível ignorância de Teresa em coisas materiais da vida, como são um patrimônio!" (Camilo Castelo Branco – Amor de perdição)

- "— O lacaio ficou-se de uma vez! disse o vestido roxo com um movimento de impaciência.

  — É verdade! respondeu distraidamente a companheira." (José de Alencar)

- "Ah! quem pode saber de que outras vidas veio?...

  Quantas vezes, fitando a Via-Láctea, creio

  Todo o mistério ver aberto ao meu olhar!" (Olavo Bilac)

Observação:

Às vezes, aparecem juntos o ponto de exclamação e o ponto de interrogação, imprimindo à frase tanto um caráter exclamativo quanto um caráter interrogativo.

- "É a história. E história assim poderá ouvi-la a olhos enxutos a mulher, a criatura mais bem formada das branduras da piedade, a que por vezes traz consigo do céu um reflexo da divina misericórdia?!" (Camilo Castelo Branco)

- "Como queres que eu vá, triste e sozinho,

  Casando a treva e o frio de meu peito

  Ao frio e à treva que há pelo caminho?!" (Olavo Bilac)

9.2.6 PONTO DE INTERROGAÇÃO (?)

É o sinal de pontuação usado depois de palavras e frases interrogativas.

- "Não haveria castigo que me tirasse semelhante remorso da consciência, fosse de que modo fosse, perpetrado o assassinato. Que acha você?

  — Eu também; mas você sabe o que dizem esses políticos que sobem às alturas com dezenas de assassinatos nas costas?" (Lima Barreto)

- "Não foi preciso romper o sobrescrito, porque vinha aberta.

  — É de meu pai... disse Amâncio.

  — Ah! é do velho Vasconcelos?... Como vai ele?" (Aluísio Azevedo)

- "Lembras-te? Um dia me disseste:

  "Tudo acabou!" E eu exclamei:

  "Se vais partir, por que vieste?" (Olavo Bilac)

➾ Observação:

Nas interrogativas indiretas, o ponto de interrogação é dispensado.

- "Perguntou ao arreeiro se conhecia alguma casa em Viseu onde ele pudesse estar escondido uma noite ou duas, sem receio de ser denunciado." (Camilo Castelo Branco)

- "Não ficaram estes contentes e procuraram indagar quem era o dono da casa." (Lima Barreto)

9.2.7 RETICÊNCIAS (...)

É o sinal de pontuação empregado para indicar a supressão de um pensamento, de uma ideia. O emprego das reticências – chamadas também de "pontos de reticência" – procura aproximar ao máximo o leitor do estado de espírito do falante.

- "No seu tempo, dizia o cônego, o pároco era um rapaz franzino, acanhado, cheio de espinhas carnais... " (Eça de Queiroz)

- "— Vamos, Eugênio. São horas... vamos apartar os bezerros e tocar as vacas para a outra banda." (Bernardo Guimarães)

- "E os senhores, a serem cá de Lisboa, hão de dizer que sim. Mas nós..." (A. Garret)

➪ Observação:

Às vezes as reticências aparecem combinadas com o ponto de exclamação ou com o ponto de interrogação.

- "És filho de teu pai!... Não importa." (A. Herculano)
- "Para que tornar-lhe a morte mais aflitiva pela certeza...?" (Machado de Assis)

9.2.8 ASPAS (" ")

As aspas são sinais de pontuação geralmente empregados nas citações ou transcrições para distingui-las da parte restante do discurso. As aspas, portanto, indicarão o início e o fim do discurso alheio.

- Depois de se conservar algum tempo em silêncio, exclamou:

  "Se os mensageiros dos levantados não chegarem até o anoitecer, não falemos mais nisso." (A. Herculano)
- A maçã parecia um creme! Até a mana Josefa disse: "Está tão boa que parece que foi cozida em água benta!" (Eça de Queiroz)
- Supôs-se naquele tempo um desgraçado, um caipora, quando a verdade era que "mais vale quem Deus ajuda, do que quem cedo madruga". (Machado de Assis)
- O *Times* dizia o ano passado: "Desorganizado está o partido cujo acordo reduz-se a reconhecer o princípio negativo de que *a função da oposição consiste em opor-se*". (Rui Barbosa)

Além desse emprego mais frequente das aspas, elas são também usadas para:

a) Enfatizar um termo, uma palavra ou uma expressão dentro da estrutura oracional.

- Os pais sorriam-se cheios de satisfação da ingenuidade do "mestrinho", como daí em diante o chamavam, e não lhe levavam a mal as suas longas e quotidianas ausências. (Bernardo Guimarães)
- Aprendeu a "artinha" musical na terra do seu nascimento, nos arredores de Diamantina, em cujas festas de igreja a sua flauta brilhara, e era tido por muitos como o primeiro flautista do lugar. (Lima Barreto)

- Margarida já está ficando uma senhora, e você não pode tratar "a ela" agora como no tempo em que brincavam juntos o "esconde-esconde". (Bernardo Guimarães)

b) Salientar palavras de outras línguas – estrangeirismos – usadas dentro de um período.

- "Diex le volt!" E, barão entre os barões primeiros
  Foste, através da Europa, ao Sepulcro ameaçado. (Olavo Bilac)

- Tenho que lá estar
  E acreditem, o cansaço antecipado é tão grande
  Que, se o "Sud Express" soubesse, descarrilava... (Fernando Pessoa)

- Deu-lhe dinheiro para voltar, um chapéu de cortiça, umas perneiras, um cachimbo e uma lata de fumo "Navy Cut"; ... (Lima Barreto)

c) Isolar o discurso de um personagem em textos narrativos. Geralmente isso ocorre quando se trata de discursos únicos, de pouca extensão.

- São retratos que valem por originais. O de minha mãe, estendendo a flor ao marido, parece dizer: "Sou toda sua, meu guapo cavalheiro!" (Machado de Assis)

- Não pude ouvir as palavras que tio Cosme entrou a dizer. Prima Justina exortava: "Prima Glória! Prima Glória!". José Dias desculpava-se: "Se soubesse, não teria falado, mas falei pela veneração, pela estima, pelo afeto, para cumprir um dever amargo, um dever amaríssimo..." (Machado de Assis)

d) Salientar gírias, arcaísmos e formas populares que fogem do nível da fala usada pelo autor do texto.

- Toda a província o aterrava: via-se lá obscuro, jogando a manilha na Assembleia, morrendo de caquexia. Por isso não "arredava pé"; e esperava, com a tenacidade do plebeu sôfrego, uma clientela rica, uma cadeira na escola, um cupê para as visitas, uma mulher loura com dote. (Eça de Queiroz)

- Passam as "chuvas do caju" em outubro, rápidas, em chuvisqueiros prestes delidos nos ares ardentes, sem deixarem traços; ... (Euclides da Cunha)

e) Indicar – algumas vezes de forma irônica – o emprego de palavras em sentido diverso do que lhe é habitual.

- Cruzamos a povoação em todos os sentidos, procurando rastrear algum vestígio. Confrontar algum sítio onde pudéssemos colocar, pela mais atrevida

suposição que fosse, a tenda do nosso Alfageme com as suas espadas bem "corrigidas", as suas armaduras luzentes e bem postas. (A. Garret)

- Um desses "oficiais" defensores da legalidade era o Capitão Virgulino Ferreira, o Lampião. (Raquel de Queiroz)

➯ **Observação:**

Quando se quer enfatizar um termo ou expressão que já se encontra entre aspas, devem ser usadas as aspas simples (' ').

- Uma manhã, depois de um grande silêncio de Basílio, recebeu da Bahia uma longa carta, que começava: "Tenho pensado muito e entendo que devemos considerar a nossa inclinação como uma 'criancice'..." (Eça de Queiroz)

9.2.9 PARÊNTESES (( ))

Os parênteses são frequentemente usados na escrita para isolar termos, palavras, expressões e orações intercalados na estrutura oracional e muitas vezes deslocados dentro dela. Por isso, são empregados para:

a) Isolar – à semelhança do emprego da vírgula e do travessão – termos, notas e orações acessórios, intercalados no período.

- "A entrada ao que me dizem (eu nunca entrei a barra) é um panorama grandioso, rival das Constantinoplas e das Nápoles." (Eça de Queiroz)
- "Se eu morrer – e ainda bem! – antes desse dia (dia, talvez, inevitável!), deixarei dito a Mafalda que seja sempre o que tua mãe e eu fomos para ti: o coração devotado sem condições." (Camilo Castelo Branco)
- "Posto que nascido na roça (donde vim com dous anos) e apesar dos costumes do tempo, eu não sabia montar, e tinha medo ao cavalo." (Machado de Assis)
- "Um criado (o espanhol) acendeu o gás. Os outros convivas seguiram o primeiro, escolheram charutos e os que ainda não conheciam o gabinete admiraram os móveis bem-feitos e bem dispostos." (Machado de Assis)

b) Isolar palavras e expressões de valor explicativo dentro do período à semelhança do emprego da vírgula e do travessão.

▹ "Chegamos ao Inn (estalagem), triste casa solitária no meio dos campos à borda da estrada." (A. Garret)

▹ "Olha para si, para as chinelas (umas chinelas de Túnis, que lhe deu recente amigo, Cristiano Palha), para a asa, para o jardim, para a enseada, para os morros e para o céu; e tudo, desde as chinelas até o céu, tudo entra na mesma sensação de propriedade." (Machado de Assis)

c) Isolar – à semelhança da vírgula e do travessão – a oração adjetiva explicativa:

▹ "Se os homens (que, em geral, são maus os homens todos)
Te insultarem a crença, e a cobrirem de apodos,
Que dirás, que farás contra essa gente inculta?" (Olavo Bilac)

▹ "O vaqueiro separa escrupulosamente a grande maioria de novas cabeças pertencentes ao patrão (nas quais imprime o sinal da fazenda) das poucas, um quarto, que lhe couberam por sorte." (Euclides da Cunha)

d) Indicar o comportamento da(s) personagem(ns) em textos narrativos ou peças escritas para o teatro.

▹ "Não tem outro defeito; é uma alma lavada, e amiga da sua amiga. Verdade, que, às vezes... (aqui a prelada ergueu-se a escutar nos dormitórios, e fechou por dentro a porta); ..." (Camilo Castelo Branco)

▹ "Ágata (caindo de joelhos aos pés de Júlio)

"— Mas mata-me! Mata-me, por piedade! Antes a morte, que ver, com esses desprezos, o coração rasgado fibra a fibra!" (Eça de Queiroz)

e) Isolar orações subordinadas reduzidas e desenvolvidas intercaladas.

▹ "Quando eu referi a Escobar aquela opinião de minha mãe (sem lhe contar as outras naturalmente) vi que o prazer dele foi extraordinário." (Machado de Assis)

▹ "— De resto, segundo ele, a fêmea era um ente subalterno; o homem deveria aproximar-se dela em certas épocas do ano (como fazem os animais, que compreendem estas coisas melhor que nós), fecundá-la, e afastar-se com tédio." (Eça de Queiroz)

- "O único expediente regular (para revogar uma lei que não se acha de acordo com as necessidades de uma nação) é o remédio que pode provir do Poder Legislativo." (Rui Barbosa)

f) **Isolar o advérbio latino "*sic*", que significa "assim", usado quando se quer atestar a fidelidade de um texto transcrito. Geralmente os escritores mais modernos o usam quando há desvio da norma culta no trecho transcrito.**

- Nessa altura, entrava em detalhes secretos da vida feminina e aduzia: "foi uma grande tristeza em saber que o doutor R. S. sabe de teus particulares moral" (*sic*). (Lima Barreto)

⇨ **Observação:**

Como se pode perceber pelas orientações acima, os parênteses também substituem a vírgula e o travessão, embora não seja comum na língua pátria essa substituição.

9.2.10 COLCHETES ([ ])

Os colchetes apresentam emprego semelhante ao dos parênteses. Aliás, os colchetes são considerados como "parênteses em forma angular" ou "parênteses quadrados". O emprego mais largo deste sinal ocorre na matemática, quando os colchetes precedem os parênteses numa equação.

9.2.11 TRAVESSÃO (–)

É o sinal de pontuação representado por um traço de certa extensão, um pouco mais longo que o hífen, que geralmente simboliza pausas dentro da estrutura oracional. Logo, emprega-se para:

a) **Substituir a vírgula e até mesmo os parênteses, indicando uma pausa mais extensa, mais profunda, mais enfática.**

- "Todo aquele dia lhe aparecia como enevoado, sem contornos, à maneira de um sonho antigo – onde destacava a cara balofa e amarelada do padre, e a figura medonha de uma velha, que estendia a mão adunca, com uma

sofreguidão colérica, empurrando, rogando pragas, quando, à porta da igreja, Jorge comovido distribuía patacos." (Eça de Queiroz)

- "Entre quarenta e oito liberais de um lado, que sustentam o projeto, e quarenta e um conservadores do outro, que o combatem, vós – *os nove* – preferis fundir-vos na minoria inimiga do vosso partido, para com essa aliança constituir maioria hostil ao gabinete." (Rui Barbosa)

- "Boas, ou más, justas, ou falsas, liberais, ou revolucionárias, dêem-lhes lá os qualificativos que quiserem (depois os discutiremos), – a verdade é que o que, precisamente, se não podia esperar do redator-chefe desta folha, eram outras opiniões, outras conclusões, outras atitudes, que não as mantidas por ele nestas colunas." (Rui Barbosa – *Obras seletas*)

➾ Observação:

Perceba que o emprego de um sinal de pontuação não elide o emprego de um outro. Prova disso é o último exemplo extraído de um discurso do mestre Rui Barbosa, cujos termos foram publicados em 2 de abril de 1889, em um diário de notícias daquele tempo.

- Quando ele chegou às 9h45min – ele sempre chegava atrasado –, o diretor já fizera os comentários iniciais.

b) Para indicar a mudança de interlocutor nos discursos narrativos.

- "Na varanda achei prima Justina, passeando de um lado para outro. Veio ao patamar e perguntou-me onde estivera.

  — Estive aqui ao pé, conversando com D. Fortunata, e distraí-me. É tarde, não é? Mamãe perguntou por mim?

  — Perguntou, mas eu disse que você já tinha vindo." (Machado de Assis)

9.3 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (Juiz de Direito – TJ/SP) Assinale a alternativa correta quanto à pontuação.

a) É certo que um acordo, embora, às vezes, possa haver condições não almejadas pelas partes, torna-se mais vantajoso, após anos de litigância, do que a expectativa de uma decisão desfavorável.

b) É certo, que um acordo, embora às vezes possa haver condições, não almejadas, pelas partes, torna-se mais vantajoso após anos de litigância, do que a expectativa de uma decisão, desfavorável.

c) É certo, que um acordo, embora, às vezes, possa haver, condições não almejadas pelas partes, torna-se, mais vantajoso, após anos de litigância, do que a expectativa de uma decisão desfavorável.

d) É certo que um acordo, embora, às vezes, possa haver, condições não almejadas, pelas partes, torna-se mais vantajoso após anos de litigância do que a expectativa de uma decisão desfavorável.

2. (UFRS) Assinale o texto de pontuação **correta**.

a) Eu, posto que creia no bem não sou daqueles que negam o mal.

b) Eu, posto que creia, no bem, não sou daqueles, que negam, o mal.

c) Eu, posto que creia, no bem, não sou daqueles, que negam o mal.

d) Eu, posto que creia no bem, não sou daqueles que negam o mal.

e) Eu, posto que creia no bem, não sou daqueles, que negam o mal.

3. (Fuvest-SP) Assinale a alternativa em que o texto esteja **corretamente** pontuado.

a) Enquanto eu fazia comigo mesmo aquela reflexão, entrou na loja um sujeito baixo sem chapéu trazendo pela mão, uma menina de quatro anos.

b) Enquanto eu fazia comigo mesmo aquela reflexão, entrou na loja, um sujeito baixo, sem chapéu, trazendo pela mão, uma menina de quatro anos.

c) Enquanto eu fazia comigo mesmo aquela reflexão, entrou na loja um sujeito baixo, sem chapéu, trazendo pela mão uma menina de quatro anos.

d) Enquanto eu, fazia comigo mesmo, aquela reflexão, entrou na loja um sujeito baixo sem chapéu, trazendo pela mão uma menina de quatro anos.

e) Enquanto eu fazia comigo mesmo, aquela reflexão, entrou na loja, um sujeito baixo, sem chapéu trazendo, pela mão, uma menina de quatro anos.

4. (Cefet-PR) Assinale o item em que o texto está **corretamente** pontuado.

a) Não nego, que ao avistar a cidade natal tive uma sensação nova.

b) Não nego que ao avistar, a cidade natal, tive uma sensação nova.

c) Não nego que, ao avistar, a cidade natal, tive uma sensação nova.

d) Não nego que ao avistar a cidade natal tive uma sensação nova.

e) Não nego que, ao avistar a cidade natal, tive uma sensação nova.

5. (FCC – Soldado PM/BA) Está inteiramente correta a pontuação da seguinte frase:

a) Ao longo do tempo, verificou-se que o homem é capaz de se valer de suas experiências, sobretudo as mais marcantes, para se prevenir contra tudo o que possa vir a representar uma ameaça para ele.

b) Ao longo do tempo verificou-se, que o homem, é capaz de se valer de suas experiências, sobretudo as mais marcantes para se prevenir contra tudo, o que possa vir a representar uma ameaça para ele.

c) Ao longo do tempo, verificou-se que o homem é capaz, de se valer de suas experiências, sobretudo, as mais marcantes, para se prevenir, contra tudo o que possa vir a representar, uma ameaça para ele.

d) Ao longo do tempo verificou-se que, o homem, é capaz de se valer, de suas experiências, sobretudo as mais marcantes para se prevenir contra tudo o que o que possa vir a representar: uma ameaça para ele.

e) Ao longo do tempo, verificou-se, que o homem é capaz de se valer de suas experiências, sobretudo as mais marcantes para se prevenir contra tudo o que possa vir a representar: uma ameaça para ele.

6. (FMU-SP) Em: "A menina, conforme as ordens recebidas, estudou":

a) há erro na colocação das vírgulas.

b) a primeira vírgula deve ser omitida.

c) a segunda vírgula deve ser omitida.

d) a forma de colocação das vírgulas está correta.

e) n.d.a.

7. (UM-SP) Os trechos a seguir tiveram sinais de pontuação suprimidos e alterados. Aponte aquele cuja pontuação permaneceu gramaticalmente **correta**.

a) A ideia do ministro extraordinário dos Esportes, Édson Arantes do Nascimento, o Pelé de colocar na cadeia "os meninos" que participam de brigas entre torcidas organizadas é para ficar no jargão esportivo, uma "bola fora".

b) Parece que, o Pelé do milésimo gol, que pedia escola para "esses meninos", também era bem mais sábio do que o que hoje lhes propõe "cadeia".

c) Os otimistas olham e dizem: Ah, está meio cheio. Mas os pessimistas, vêem o mesmo copo, a mesma quantidade de água e acham que está meio vazio.

d) A pesquisa, descrita na edição de hoje da revista científica britânica "Nature", é mais um dado na busca pelos cientistas de compreender os mecanismos moleculares da embriogênese, ou seja, a formação e o desenvolvimento dos seres vivos.

e) Como os bens públicos não podem ser penhorados os precatórios entram em ordem cronológica no orçamento do governo.

8. (FCC – Analista Judiciário – TRF 3.ª Região) É preciso **suprimir** uma ou mais vírgulas na seguinte frase:

a) É possível que, em vista da quantidade e de seu poder de sedução, as ficções de nossas telas influenciem nossa conduta de forma determinante.

b) Independentemente do mérito dos professores, as escolas devem, com denodo, estimular os sonhos dos alunos.

c) É uma pena que, hoje em dia, tantos e tantos jovens substituam os sonhos pela preocupação, compreensível, diga-se, de se inserir no mercado de trabalho.

d) O fato de serem, os adolescentes de hoje, tão "razoáveis", faz com que a decantada rebeldia da juventude dê lugar ao conformismo e à resignação.

e) Se cada época tem os adolescentes que merece, conforme opina o autor, há também os adolescentes que não merecem os adultos de sua época.

9. (Fesb-SP) Assinale a alternativa correspondente ao período de pontuação **correta**.

a) Na espessura do bosque, estava o leito da irara ausente.

b) Na espessura, do bosque; estava o leito, da irara ausente.

c) Na espessura do bosque; estava o leito, da irara, ausente.

d) Na espessura, do bosque estava o leito da irara ausente.

e) Na espessura, do bosque estava, o leito da irara ausente.

10. (Fuvest-SP) Assinale a alternativa em que o texto está pontuado **corretamente**.

a) Matias, cônego honorário e, pregador efetivo estava compondo um sermão quando começou o idílio psíquico.

b) Matias, cônego honorário e pregador efetivo, estava compondo um sermão, quando começou o idílio psíquico.

c) Matias cônego honorário e pregador efetivo estava compondo um sermão quando começou o idílio psíquico.

d) Matias cônego honorário e pregador efetivo, estava compondo um sermão quando começou o idílio psíquico.

e) Matias, cônego honorário e, pregador efetivo, estava compondo um sermão quando começou o idílio psíquico.

GABARITO

1 – A	2 – D	3 – C
4 – E	5 – A	6 – D
7 – D	8 – D	9 – A
10 – B		

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

IV

PARTE ESPECIAL

CAPÍTULO 1

EMPREGO DO INFINITIVO

1.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Sem dúvida nenhuma, estamos aqui diante de um dos assuntos mais complexos da língua portuguesa. Afinal, quem nunca teve dúvidas com estruturas do tipo: "Estas coisas estão aqui para SER (ou SEREM) organizadas pelos funcionários?".

Neste capítulo, estudaremos as regras que orientam o emprego do infinitivo em português — um assunto geralmente cobrado nos grandes concursos. Salientamos de antemão que aqui não conseguiremos exaurir todas as possíveis aplicações desta forma nominal.

Em primeiro lugar, cumpre dizer que o infinitivo é uma forma nominal do verbo, ou seja, é um nome (no caso, funciona como um "substantivo") que designa a ação ou estado de modo geral.

- Dançar faz bem aos músculos.

- É importante comer bem para evitar problemas cardíacos.

- É proibido vender bebidas alcoólicas a menores.

- Falar alto prejudica as pregas vocais.

Percebe-se, com os exemplos acima, que as ações verbais fazem abstração do sujeito e do tempo, ou seja, a ação verbal não apresenta o ser que as pratica e não se situa em nenhum tempo (passado, presente ou futuro).

Na língua portuguesa, o infinitivo apresenta-se tanto na forma impessoal (também chamada de "não flexionada") quanto na forma pessoal (também chamada de "flexionada").

O infinitivo impessoal é marcado pela desinência "-r". Já o infinitivo pessoal apresenta as seguintes desinências:

- 1.ª conjugação ⇨ -ar, -ares, -ar, -armos, -ardes, -arem.
- 2.ª conjugação ⇨ -er, -eres, -er, -ermos, -erdes, -erem.
- 3.ª conjugação ⇨ -ir, -ires, -ir, -irmos, -irdes, -irem.

1.ª conjugação	*2.ª conjugação*	*3.ª conjugação*
AMAR	**VENDER**	**PARTIR**
am**ar** (eu)	vend**er** (eu)	part**ir** (eu)
am**ares** (tu)	vend**eres** (tu)	part**ires** (eu)
am**ar** (ele)	vend**er** (ele)	part**ir** (ele)
am**armos** (nós)	vend**ermos** (nós)	part**irmos** (nós)
am**ardes** (vós)	vend**erdes** (vós)	part**irdes** (vós)
am**arem** (eles)	vend**erem** (eles)	part**irem** (eles)

⇨ Observações:

a) Os verbos regulares apresentam a mesma forma para o infinitivo pessoal e o futuro do subjuntivo. A distinção entre um e outro é perceptível no emprego. O futuro do subjuntivo, primeiramente, apresenta um fato duvidoso, eventual ou hipotético no futuro, enquanto o infinitivo não situa a ação no tempo. Ademais, o futuro do subjuntivo admite a anteposição de conjunções subordinadas, como "quando" e "se", ao passo que o infinitivo as rejeita — este admite apenas a anteposição de preposições. Observe abaixo:

▹ Se ganhar o prêmio, comprarei dois novos livros.
futuro do subjuntivo

- Adquiri dois bilhetes para ganhar o prêmio que será sorteado.
  infinitivo

- Quando comprarmos o carro, viajaremos para São Paulo.
  futuro do subjuntivo

- O banco liberou o empréstimo para comprarmos o apartamento.
  infinitivo

b) Quando o verbo é irregular, o infinitivo é distinto do futuro do subjuntivo.

infinitivo pessoal, 3.ª pessoa do plural
- A proporem um diálogo sem fundamentação teórica, prefiro contarem piadas sem graça.

futuro do subjuntivo, 3.ª pessoa do plural
- Se eles propuserem um diálogo sem fundamentação teórica, retirar-me-ei do recinto.

futuro do subjuntivo, 3.ª pessoa do plural
- "Um dia quando todos os livros forem queimados por inúteis, há de haver algum, ... , que ensine esta verdade aos homens." (Machado de Assis)

- "Não são só palavras, primo — retorquiu Teresa com gravidade — são sentimentos que merecem a sua estima, por serem verdadeiros." (Camilo Castelo Branco)
  infinitivo pessoal, 3.ª pessoa plural

1.2 AS DUAS MÁXIMAS PARA O EMPREGO DO INFINITIVO

Várias são as orientações para o emprego do infinitivo que se encontram nos manuais gramaticais portugueses. Muitas apresentam contradições; outras, verdadeiros equívocos; outras ainda são confusas, difíceis de entender. Em duas orientações, porém, todos são unânimes. Daí por que consideramos essas duas regras como "máximas" para o emprego do infinitivo, e por elas devem se guiar os que pretendem empregar corretamente essa forma nominal.

I – Emprega-se o INFINITIVO IMPESSOAL (NÃO FLEXIONADO) quando a ação por ele expressa não se refere a nenhum agente determinado, ou seja, o infinitivo é essencialmente impessoal.

- Querer é poder.
- Lutar pela pátria é um ato de coragem.

- O maior mandamento é este: amar a Deus sobre todas as coisas e amar o próximo como a si mesmo.
- "Não será aleive atribuir-lhe uma pouca de astúcia ou hipocrisia, se quiserem; perspicácia seria mais correto dizer." (Camilo Castelo Branco)
- "Voar! varrer o céu com as asas poderosas,
  Sobre as nuvens! correr o mar das nebulosas,
  Os continentes de ouro e fogo da amplidão!..." (Olavo Bilac)
- "No meio destas dissertações acadêmico-literárias vem o A. a descobrir que para tudo é preciso ter fé neste mundo." (A. Garrett)

II – Emprega-se o INFINITIVO PESSOAL (FLEXIONADO) quando o infinitivo possui sujeito próprio — expresso ou não —, ou seja, o infinitivo é essencialmente pessoal.

- O fazendeiro comprou dois novos cavalos para correrem no pátio da fazenda. (O sujeito do verbo "correr" é o termo elíptico "dois novos cavalos".)
- É fundamental partires agora, meu filho. (O sujeito do verbo "partir" é o pronome pessoal elíptico "tu".)
- "Em vez de com eles se animarem os soldados, antes se desanimam e desalentam." (Pe. Antônio Vieira *apud* Theodoro H. Maurer Jr.)
- "Endireitar Oza a arca do Testamento que ia descaindo, por causa dos bois recalcitrarem, não parecia grave irreverência." (Manuel Bernardes *apud* Theodoro H. Maurer Jr.)
- "Que os levasse o diabo os ingleses! Isto não ficava direito sem irem todos eles barra fora." (Machado de Assis)
- "Cerrai a porta, que há aí alguns vizinhos de andares altos, que já murmuram sermos nós ruins gastadores de tempo." (Castilho *apud* Souza da Silveira)

➯ Observação:

Quando o sujeito do infinitivo é o mesmo sujeito do verbo da oração antecedente, a flexão do infinitivo torna-se facultativa. Neste caso, deve-se dar preferência ao infinitivo não flexionado, por ser mais eufônico, mais elegante para o período.

- Tu não tens problemas apesar de **ESTAR** /ou/ **ESTARES** com o rosto turbado.

O sujeito do verbo "estar" é o mesmo sujeito
da oração que o antecede: "tu"

- Pedro e João foram acusados de **BOICOTAR** /ou/ **BOICOTAREM** a greve.
- Deixastes a sala para **FAZER** /ou/ **FAZERDES** um comentário com o chefe?
- Nós sempre fomos pontuais em **ELABORAR** /ou/ **ELABORARMOS** os relatórios do setor.
- Muitos jovens lutam bastante a fim de **CRIAR** /ou/ **CRIAREM** um mundo melhor.
- Os mais diversos países do planeta vêm buscando formas de **SE APROXIMAR** e **DE INCREMENTAR** /ou/ **SE APROXIMAREM** e **DE INCREMENTAREM** suas relações econômicas, sociais e culturais.

A partir dessas duas orientações, ficamos mais tranquilos quanto ao estudo dos demais casos em que se emprega um ou outro tipo de infinitivo, pois sabemos que os outros casos sempre comportam exceções, o que torna o emprego do infinitivo uma das mais difíceis tarefas para o estudioso da língua portuguesa.

Como tantos outros estudiosos, tentaremos sistematizar alguns outros empregos do infinitivo, sem a menor pretensão, entretanto, de exaurir o assunto.

Além das duas primeiras regras, acima estudadas, emprega-se também o infinitivo nos casos apresentados a seguir.

1.3 INFINITIVO IMPESSOAL

a) Quando apresenta sentido de imperativo.

- "Viver é lutar." (Gonçalves Dias *apud* M. Said Ali)
- "Caminhar! Caminhar!... O deserto primeiro,
  O mar depois... Areia e fogo... Foragida,
  A tua raça corre os desastres da vida,
  Insultada na pátria e odiada no estrangeiro!" (Olavo Bilac)

b) Quando vem regido das preposições "de" ou "em", com sentido passivo — embora apresente forma "ativa" —, completando certos adjetivos, tais como "fácil, difícil, duro, raro, capaz, bom, mau, digno, impossível" e outros.

- "Eu não sou muito difícil em admitir prodígios quando não sei explicar os fenômenos por outro modo." (A. Garrett)

- "O rapaz está caído por alguma das tais francesinhas; e elas que são umas jibóias!... Finas como um alhambre, mas capazes de engolir um homem!..." (José de Alencar)

- "Diante do jockey, sem chapéu, com a face a estoirar de sangue, gritava-lhe que era indigno de estar ali, entre gente decente!" (Eça de Queiroz)

c) Quando vem regido da preposição "para" e apresenta sentido indiscutivelmente passivo.

- "Foi ela que me recomendou aqueles dois quadrinhos, quando andávamos os três, a ver coisas para comprar." (Machado de Assis)

- "— Perderia a fala com o susto — aventou o cabo, e sacudiu-a pelos ombros para lhe desemperrar a língua." (Camilo Castelo Branco)

➯ Observação:

Nos dois últimos exemplos acima, as estruturas podem ser convertidas para "... coisas para ser compradas." e "... para ser desemperrada a língua dela.", respectivamente.

d) Quando, embora não preposicionado, apresenta sentido claramente passivo.

- "O mesmo dia os viu batizar." (Machado de Assis, apud Gladstone C. de Melo)

- "... nada mais fácil ao sr. professor do que fazer a demonstração prática de tudo isso, levando para a escola diversos frutos, anatomizando-os, e fazendo-os anatomizar pelos seus discípulos." (Castilho *apud* Sousa da Silveira)

➯ Observação:

Nos dois exemplos acima, os infinitivos podem ser claramente substituídos por "serem batizados" e "serem anatomizados".

e) Quando forma locução verbal (construção perifrástica). Neste caso, funcionarão, geralmente, como auxiliares do infinitivo, verbos do tipo "vir, ter, haver, dever, poder, costumar, começar, continuar, tornar, querer, estar, ficar". Muitas destas construções aparecem ligadas por preposições como "a, de, por".

- Afinal vim a saber o que acontecera.
- A construção da igreja está por acabar.
- Parece que vai chover hoje à tarde.
- Tenho de estudar para a prova de amanhã.
- Nada podia fazer sem que ele consentisse.
- Todos costumam sair aos sábados para as baladas.

f) Quando, regido da preposição "a", equivale a um gerúndio em locução verbal com os verbos auxiliares "estar, ficar" entre outros, construção esta muito usual em Portugal.

- Todos os passantes estavam a dormir naquele momento. (Isto é, "estavam dormindo")
- "— Bem dizia eu que aquela janela...
  — É a janela dos rouxinóis...
  — Que lá estão a cantar." (Camilo Castelo Branco)

g) Quando o infinitivo é dependente de verbos como "ver, ouvir, mandar, fazer, deixar" e análogos, numa estrutura em que se empregue um pronome pessoal oblíquo que seja ao mesmo tempo objeto do verbo regente e sujeito do verbo regido.

- E não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal.
- Até agora não me mandaram limpar nada aqui na empresa.
- "O erro de Capitu foi não deixá-los crescer infinitamente, antes diminuir até às dimensões normais, e dar-lhe o movimento do costume." (Machado de Assis)
- "Os mesmos olhos claros e atentos, a mesma boca cheia de graça, as mãos finas, e uma cor viva nas faces que as fazia crer pintadas de sangue." (Machado de Assis)
- "Assim pode ser, mas, ainda agora, neste solene momento, me domina a vontade de fazer-te sentir que eu não podia viver." (Camilo Castelo Branco)

1.4 INFINITIVO PESSOAL

a) Quando se emprega na 3.ª pessoa do plural para indicar a indeterminação do sujeito.

▹ "Nunca se pôde saber donde saíra aquela criança; como chegara até o terreiro sem darem por ela." (José de Alencar, apud Sousa da Siveira)

▹ Tenho a impressão de que deixaram o maçarico aqui para arrombarem a porta de ferro durante a madrugada.

b) Quando a clareza exige, para evitar uma possível ambiguidade, que se indique qual é o sujeito da oração.

▹ "Ó Netuno, lhe disse, não te espantes
De Baco nos teus reinos receberes,
Porque também cos grandes e passantes
Mostra a Fortuna injusta seus poderes."

(Camões — Os Lusíadas apud Gladstone C. de Melo)

▹ "Perdoe-te o céu o haveres-me obrigado a sacrificar aos pés desse orgulho o sentimento de amor que se alevantara neste coração." (A. Herculano, apud Gladstone C. de Melo)

c) Quando se quer enfatizar o sujeito da oração infinita.

▹ Os diretores afirmaram-nos estarem despreparados para participar da reunião naquele momento.

▹ "E talvez saia assim a flor mais bela, o meu jardineiro afirma que as violetas, para terem um cheiro superior, hão mister de estrume de porco." (Machado de Assis)

▹ "Ainda na borda do rochedo aprumado sobre a água se enxergavam alguns orifícios profundos, que mostravam terem servido para embeber as traves de ponte lançada para a outra margem, também elevada e penhascosa." (A. Herculano)

⇛ **Observação:**

Quando o infinitivo vier precedido do verbo PARECER, pode-se flexionar um ou outro verbo.

- "Ao menos, tu serás minha! — exclamou o amir, lançando a mão ao braço da donzela vestida de branco, a quem o terror desta cena rapidíssima tornara imóvel, como uma dessas estátuas que parecem orar sobre os sepulcros nas catedrais da Idade Média." (A. Herculano)

- "As vagas teorias do socialismo, os sonhos do comunismo não me parecem provar senão a impotência da forma contra o poder da matéria." (Almeida Garret)

- "... e no horizonte não se vêem senão os topos pardo-azulados das serras do Algarve, que parece fugirem tanto quanto os cavaleiros caminham." (A. Herculano)

- "... olhos desvairados parecia buscarem o vulto lúgubre e tétrico da força." (Rebêlo da Silva, apud Arthur A. Tôrres)

1.5 EMPREGO DO INFINITIVO EM LOCUÇÕES PASSIVAS COM O VERBO "SER"

Eis um ponto em que os alunos têm muitas dúvidas: o emprego correto do infinitivo passivo cuja estrutura apresenta o verbo SER, no infinitivo, e um PARTICÍPIO.

- Trouxe-nos livros com muitas histórias para ______??________ CONTADAS.
  SER /ou/ SEREM

Sem dúvida, nem sempre é fácil transmitir para o estudante da língua uma orientação consistente, uma vez que o emprego do infinitivo obedece, muitas vezes, a questões de ênfase, colocação etc. Sugerimos, entretanto, as seguintes orientações para o emprego do infinitivo passivo formado com o verbo SER:

a) Emprega-se frequentemente a forma flexionada do verbo SER passivo, quando o sujeito do infinitivo estiver no plural e vier à frente da preposição. Teremos, então, a estrutura: SUJEITO + PREPOSIÇÃO + SEREM + PARTICÍPIO.

- Ontem pegamos os livros a serem analisados durante as férias.
  sujeito + prep. + serem + particípio

- "O homem não tornou cá, nem as pelintronas das filhas, que hão de pôr a cara onde a Sr.ª D. Ângela põe os pés para serem afagados." (Camilo Castelo Branco)

- Todas as cidades a serem inspecionadas pelo auditor ficam na região Nordeste.

- Não concordamos com os métodos a serem usados na avaliação dos candidatos.

b) Emprega-se preferencialmente a forma flexionada SEREM quando, a despeito de o sujeito ser comum entre as orações, este for de número plural.

- "Fizeram bem em partir depressa, porque se se demorassem alguns minutos, corriam o risco de serem devorados pelos olhos dos vizinhos." (Manuel A. de Almeida)

- "No mesmo ano, os dois passam a viver juntos para serem presos dois anos depois, como adúlteros." (Camilo Castelo Branco)

- "As criadas, por escrúpulo, eram examinadas em doutrina antes de serem aceitas." (Eça de Queiroz)

- "Clara recebia aquelas cartas com uma emoção de quem recebe mensagens divinas. Entretanto, eram pessimamente escritas, a ponto de não serem, às vezes, entendidas, tão caprichosa era a ortografia delas." (Lima Barreto)

c) Emprega-se preferencialmente a forma não flexionada quando o infinitivo passivo do verbo "SER" servir de complemento nominal para adjetivos do tipo "fácil, difícil, capaz, raro, mau, digno etc."

- Foram questões fáceis de ser respondidas.

- Víamos, naquele local, muitas mulheres dignas de ser louvadas.

- Ensinei a muitos alunos capazes de ser aprovados em quaisquer concursos.

CAPÍTULO 2

FUNÇÕES MORFOLÓGICAS DAS PALAVRAS "QUE", "SE" E "COMO"

Eis aqui um assunto de fundamental importância, pois as bancas com muita frequência cobram este conhecimento. Aqui não trataremos da função sintática desses vocábulos, mas tão somente da função morfológica que desempenham numa determinada estrutura.

Sugiro que estude este ponto mais de uma vez. Preferencialmente, faça-o em dias diferentes para que o conhecimento se consolide mais. Se tiver dificuldades, consulte o seu professor. Vamos lá...

2.1 FUNÇÕES MORFOLÓGICAS PARA PALAVRA "QUE"

Sem dúvida, o vocábulo "QUE" é um dos mais versáteis da nossa língua, porquanto apresenta várias funções. Vejamos...

1. **Substantivo** → quando vem determinada por artigos ou outras classes de palavras, ou quando equivale a "qualquer coisa de". Neste caso, equivalerá a um monossílabo tônico, fato que exigirá o acento circunflexo.

- Ela hoje tem um **quê** de esquisito.
- Aquele **quê** foi mal empregado.
- Um **quê** de mistério cercava o ambiente.
- Pairava no ar um **quê** de tristeza.
- "Os **quês** tornam o estilo áspero e desagradável." (Silveira Bueno)

2. **Pronome indefinido** → quando, vindo antes de substantivos, equivale a "quanto, quanta, quantos, quantas". Por acompanhar substantivos, é também chamado genericamente de "pronome adjetivo".

- ▷ **Que** felicidade tremenda sentia no peito o nosso personagem.
- ▷ **Que** saudade eu tenho da minha infância!
- ▷ "**Que** gente será? em si diziam:
  Que costumes, **que** lei, **que** rei teriam?" (Camões)

3. **Pronome relativo** → quando for possível ser substituído por "o qual, a qual, os quais, as quais". Neste caso, o "que" apresentará um antecedente o qual retomará.

- ▷ Todos leram o livro $\underset{\textit{o qual}}{\underline{\textbf{que}}}$ tu escreveste.
- ▷ A casa em $\underset{\textit{na qual}}{\underline{\textbf{que}}}$ ele mora fica perto de uma área de risco.

➯ **Observação:**

Para aprofundar esta função morfológica, sugerimos que estude as orações adjetivas, em sintaxe do período composto.

4. **Pronome interrogativo** → quando aparece em orações interrogativas. Geralmente, nesta função, equivale a "que coisa".

- ▷ **Que** disseste naquele momento de raiva?
- ▷ "**Que** pretendia? A **que** vinha ali como um salteador noturno?" (A. Herculano)

5. **Advérbio de intensidade** → Quando, vindo antes de adjetivos ou advérbios, equivale a "quão, quanto".

- ▷ **Que** bela flor ele te deixou!
- ▷ **Que** admiráveis são os desígnios de Deus.
- ▷ **Que** perto moras da escola.

6. **Preposição** → quando equivale a "de" ou "para".

- ▷ Temos **que** cumprir o nosso dever.
- ▷ Ainda há muito **que** fazer para levantar a casa.

7. **Interjeição** → Quando revela admiração, espanto, surpresa e equivale a "oh!". Nesta função, é sempre exclamativo e acentuado.

- **Quê!** Ainda estás aí?
- **Quê!** Já são dez horas da noite!

8. **Partícula expletiva ou de realce** → É empregado para dar ênfase ou realce à estrutura oracional. Geralmente aparece sob a forma "é que". Pode ser retirado da oração sem prejuízo sintático nem semântico.

- "Bravo! que linda **que** está a senhora D. Lenita!" (Júlio Ribeiro)
- "O padre atirou, mas parece que desta vez **que** errou o tiro." (Mário Barreto)
- "Que teimoso **que** ele é." (José de Alencar)
- "**Que** me restituam os meus oficiais e obreiros portugueses..." (A. Herculano)

⇨ **Observações:**

a) O "que" expletivo geralmente vem acompanhado pelo verbo "ser", formando a expressão "é que", cujo objetivo é pôr em relevo um ou mais termos da enunciação. Veja alguns exemplos:

- "– Você fura o pano, nada mais; eu **é que** coso, prendo um pedaço ao outro, dou feição aos babados..." (Machado de Assis)
- "Feliz e esperto era o João Romão! esse, sim, senhor! Para esse **é que** havia de ser a vida!..." (Aluísio Azevedo)

b) Em algumas construções, o sujeito se coloca entre o "é" e o "que". Nesse caso, o verbo "ser" concordará com esse sujeito. Acompanhe o raciocínio:

- Os gandulas repunham a bola rapidamente. → **(Frase sem ênfase)**
- Os gandulas **é que** repunham a bola rapidamente. → **(Frase com ênfase para o sujeito)**

O verbo "ser" concorda com o sujeito
- **Eram** os gandulas **que** repunham a bola rapidamente. → (Frase com a partição da expressão "é que")
- "As rosas é **que** são belas,
  Os espinhos **é que** picam;
  Mas **são** as rosas **que** caem,
  São os espinhos **que** ficam." (Canção popular)

c) Se entre o verbo "ser" e o "que" se interpuser um termo introduzido por uma preposição, a expressão expletiva "é que" permanecerá invariável. Observe:

- É neles **que** você encontra o carinho necessário à sua sobrevivência emocional.
- É pelas ideias defendidas pela ministra **que** o povo votará nela.

9. Conjunção subordinativa → quando funciona como elemento conectivo entre uma oração principal e uma oração subordinada. Podem ser:

a) Conjunção subordinativa integrante → liga as orações substantivas às suas respectivas orações principais.

- "Custa-me dizer **que** saí de lá encantado." (Machado de Assis)
- "Há poucas esperanças de **que** venham tão cedo a admitir a paz." (Pe. Antônio Vieira)
- Era imprescindível **que** ele se mantivesse calado naquela ocasião.

b) Conjunção subordinativa causal → empregada com o sentido de "porque, porquanto, já que".

- Velho **que** ele era, evitava grandes emoções.
- Ceamos à lareira **que** a noite estava fria.

c) Conjunção subordinativa concessiva → empregada com o sentido de "ainda que, mesmo que".

- Verdadeira **que** fossem tuas palavras, ninguém lhes dará crédito.
- Teus ensinamentos, **que** sejam profundos e arraigados na história, não foram suficientes para aprovar o aluno no exame.

d) Conjunção subordinativa consecutiva → empregada com o sentido de "sem que, tal que, tanto que, de tal modo que" etc.

- Não vai a uma praia **que** não tome uma cerveja.
- Falou **que** ficou rouco.

e) Conjunção subordinativa final (emprego raro hoje em dia) → empregada com o sentido de "para que, a fim de que".

▹ "Deitou-vos Deus a bênção **que** crescêsseis e multiplicásseis." (Pe. Antônio Vieira)

▹ Fez-lhe sinal **que** se calasse.

▹ Andei devagar, **que** não me ouvissem os passos.

f) **Conjunção subordinativa temporal** → empregada com o sentido de "logo que, desde que".

▹ Chegados **que** fomos, todos ficaram em pé e nos aplaudiram freneticamente.

▹ "Porém já cinco sóis eram passados **que** dali nos partíramos." (Camões)

g) **Conjunção subordinativa comparativa** → seguida ou não de "nem" e empregada em estruturas de comparação de analogia - algumas vezes com o sentido de "como".

▹ Ensinas melhor **que** um mestre.

▹ A caridade é mais bela **que** a fé.

▹ Ele fala **que nem** papagaio.

▹ "E os gotejantes jiraus, cobertos de roupa molhada, cintilavam ao sol, **que nem** lagos de metal branco." (Aluísio Azevedo)

10. **Conjunção coordenativa** → Quando introduz orações sindéticas em um período coordenado. Podem ser:

a) **Conjunção coordenativa aditiva** → empregada com o sentido de "e".

▹ Rezava **que** rezava, mas as assombrações não o deixavam.

▹ Estuda **que** estuda, e não consegue aprovação.

b) **Conjunção coordenativa adversativa** → seguida de "não" e empregada com o sentido de "mas".

▹ Outra pessoa, **que** não eu, falará sobre o assunto.

▹ "De outras ovelhas cuidarei, **que** não de vós." (A. Garrett)

c) **Conjunção coordenativa explicativa** → Quando revela uma explicação, uma justificação para a oração assindética anteposta.

▹ Não chores, **que** fico triste.

▹ Abandone esse vício, **que** ele poderá levá-lo à morte.

2.2 FUNÇÕES MORFOSSINTÁTICAS DA PALAVRA "SE"

Mais uma vez, vamos nos deparar com um vocábulo bastante "largo" em nossa língua, pois possui inúmeras funções morfológicas e sintáticas. Vejamos:

1) **Pronome apassivador** → associado a um verbo transitivo direto ou a um verbo transitivo direto e indireto, forma a voz passiva sintética (também chamada de pronominal). Neste caso, o "se" é chamado de "partícula (ou pronome) apassivador ou apassivante". Veja:

▹ Ali não se alugavam outras coisas, senão roupas de frio.

▹ Durante as festas, construíram-se novas arquibancadas ao longo da avenida.

▹ Na fazenda, já **se** tinham vacinado vários bois quando o veterinário chegou.

2) **Índice de indeterminação do sujeito** → quando está associado a verbos intransitivos, transitivos indiretos ou relacionais (verbos de ligação). Vejamos alguns exemplos:

▹ De fato, não **se** devem assistir a filmes que atentem contra os bons costumes.

▹ "Entra-**se** na política por vocação legítima; não **se** entra por brincadeira." (Machado de Assis)

▹ De fato, na vida não se deve morrer por tão pouco.

3) **Sujeito de verbos no infinitivo** → é um caso raro; o "se" funciona como o sujeito de um infinitivo que é núcleo de uma oração reduzida. Veja:

▹ O cego deixava-se levar por seu guia.

▹ "E ele deixou-**se** estar a contemplá-la, mudo e tranquilo, como um faquir." (Machado de Assis)

⇨ **Observação:**

Este caso (pronome átono em função subjetiva – como sujeito) só ocorre com o infinitivo dependente de verbos causativos e sensitivos como "deixar, mandar, fazer, ver, ouvir", embora alguns gramáticos de renome,

como o professor Silveira Bueno, não aceitem a existência de um "se" na função de sujeito.

4) **Partícula expletiva ou de realce** → ocorre como mero elemento de realce. Neste caso, pode ser retirado da estrutura sem prejuízo gramatical.

- Ele está ansioso por amigo que **se** demora.
- Já **se** passaram tantas horas, e ele não dá notícias.
- Vão-**se** os últimos raios do sol, em um dia ensolarado.
- Naquele momento, o vinho acabou-**se** nos copos de todos.

5) **Parte integrante de verbos essencialmente pronominais** → neste caso, o "se" não apresentará função sintática.

- Todos **se** arrependeram dos atos praticados durante a festa.
- Elas ainda **se** lembram de todos os fatos em seus mínimos detalhes.
- Os alunos muito **se** alegraram com a chegada do novo professor.
- "Condoeu-**se** o juiz, e revelou ao colega as suas averiguações..." (Camilo C. Branco)

6) **Pronome reflexivo, objeto direto** → função bastante comum exercida pelo pronome "se". Neste caso, o "se" indica a reflexibilidade da ação, pois a ação recai sobre o sujeito, enunciado agora no pronome reflexivo "se".

- Hitler **se** matou quando não mais viu possibilidade de implementar suas ações.
- Ao ouvir os tiros, todos **se** esconderam nas proximidades do morro.
- Quando o namorado tocou a campainha, ela **se** vestiu num piscar de olhos.
- "Olhe, um conselho: – Faça-**se** forte aqui, faça-**se** homem." (Raul Pompéia)
- "Mas, espere, tomou o colchoeiro, o senhor feriu-**se**?" (Machado de Assis)

➾ **Observação:**

Convém citar preciosa lição colhida do insigne mestre Eduardo Carlos Pereira: "Para que haja voz reflexiva, expressa pelo pronome 'se', é indispensável que o núcleo do sujeito seja um substantivo que nomeie um ser capaz de agir: – Ele **se** feriu."

7) **Pronome reflexivo, objeto indireto** → função não muito comum, já que o "se" frequentemente exerce a função reflexiva como "objeto direto". Em tais construções, o "objeto direto" sempre vem claro na estrutura e se percebe nitidamente o "se" reflexivo funcionando como dativo, isto é, como objeto indireto.

▹ Ele arroga-**se** o direto de trocar a mercadoria além do prazo legal.

▹ Diante das reclamações, o gerente impôs-**se** a obrigação de nunca mais aceitar cheques de terceiros.

8) **Pronome reflexivo recíproco (morfologicamente), objeto direto** → neste caso, o "se" equivalerá a "um ao outro, uma à outra".

▹ Após o casamento, os noivos **se** abraçaram longamente.

▹ Na reunião, os diretores **se** esmurraram por causa de uma questão polêmica.

▹ Não sei como vocês **se** fizeram amigos.

9) **Pronome reflexivo recíproco (morfologicamente), objeto indireto.**

▹ Os noivos deram-**se** as mãos para o início da cerimônia.

▹ Os inimigos deram-**se** as costas.

▹ "Falar aos corações com o seu presumem,
Como aves que, piando, **se** respondem." (Camilo C. Branco)

10) **Conjunção subordinativa condicional** → quando introduz orações subordinadas condicionais.

▹ **Se** ele fosse conosco, as coisas seriam mais fáceis.

▹ Envie um e-mail para nossos atendentes **se** você quiser fazer parte da equipe de vendas.

11) **Conjunção subordinativa integrante** → introduz orações substantivas que traduzem ideia de hipótese, dúvida, incerteza.

▹ Até agora não sabemos **se** eles virão ou não.

▹ Só amanhã verei **se** posso ir para a confraternização.

▹ "Adelaide, meio triste, perguntou-lhe **se** queria jantar." (Adolfo Caminha)

12) **Conjunção subordinativa causal** → empregada em raras construções com o sentido de "já que, visto que".

▹ Se sabias que eu não tinha condições para a missão, por que me enviaste?

▹ "Se a morte sabes dar com fogo e ferro, sabe também dar vida com clemência." (Camões)

2.3 FUNÇÕES MORFOLÓGICAS DA PALAVRA "COMO"

Menos complexas que os empregos de "que" e "se" são as funções morfológicas da palavra "como". Vamos a elas:

1. **Conjunção subordinativa causal** → neste caso, introduzirá a oração causal e equivalerá a "porque, já que, visto que".

▹ **Como** não o deixaram entrar sem o convite, fez uso do telefone e ligou para um amigo de influência.

▹ "Entretanto, **como** tinha as suas presunções fidalgas, repugnava-lhe ver o filho casado com uma criada preta, ou com uma pobre mulata costureira, ou com uma moça branca lavadeira e analfabeta." (Lima Barreto)

▹ "Sucedeu, porém, que, **como** eu estava cansado, fechei os olhos três ou quatro vezes; tanto bastou para que ele interrompesse a leitura e metesse os versos no bolso." (Machado de Assis)

2. **Conjunção subordinativa conformativa** → neste caso, introduzirá um adjunto adverbial oracional de conformidade e equivalerá a "conforme, segundo, consoante".

▹ Eu falarei **como** prometi.

▹ "Ele não tinha, **como** diz o povo, malícia no coração." (Lima Barreto)

3. **Conjunção subordinativa comparativa** → nesse caso, introduzirá um adjunto adverbial oracional de comparação e equivalerá a "assim como, tal como".

▹ Ela era linda **como** as rosas da primavera.

▹ "Duas opulências, que se realçam **como** a flor em vaso de alabastro; dois esplendores que se refletem, **como** o raio de sol no prisma do diamante." (José de Alencar)

➯ **Observação:**

Não raro, em estruturas subordinadas, a conjunção comparativa "como" aparece junto à conjunção "se". Neste caso, as ideias adverbiais de "modo" e "condição" se condensam e nasce o nexo adverbial "como se". Observe:

- Trabalhavam arduamente, **como se** o mundo fosse acabar em poucos dias.

Entenda-se...

→ Trabalhavam arduamente **como (trabalhariam) se** o mundo fosse acabar em poucos dias.

Outros exemplos:

- "Também a abóbada estava firme, **como se** fora de bronze." (A. Herculano)
- "A voz da mãe era agora mais perto, **como se** viesse já da porta dos fundos." (Machado de Assis)
- "O velho parecia pensativo, **como se** adivinhasse que era chegada para ele a hora do martírio." (A. Herculano)
- "D. Firmina se aproximara. A moça, retribuindo com um afável cortejo ao cumprimento do Alfredo, passou **como se** não se apercebesse de Fernando, e subiu à segunda ordem." (José de Alencar)
- "Os móveis luziam, **como** se tivessem chegado na véspera da casa do marceneiro." (Aluísio Azevedo)

4. **Verbo** → neste caso, indicará uma ação e apresentará predicação completa (intransitivo) ou incompleta (transitivo direto).

- Eu sempre **como** frutas no café da manhã.
- "O mais do tempo é gasto em hortar, jardinar e ler; **como** bem e não durmo mal." (Machado de Assis)

5. **Preposição** → emprego bastante comum; neste caso, o "como" poderá:

a) introduzir termos qualificativos (apostos e predicativos), equivalendo a "por, para, de, na qualidade de".

- "Alistamo-nos $\overset{\text{preposição}}{\underline{\text{como}}}$ voluntários num regimento de cavalaria." (Arnaldo Gama *apud* Mário Barreto)

- "Mancebo, o numeroso clero das paróquias vizinhas considerava-o **como** o mais venerável entre os seus irmãos no sacerdócio." (A. Herculano)
- Sempre o tivemos como o mais sábio da turma.
  preposição

b) introduzir elementos exemplificativos e significará "por exemplo, a saber". Observe:

- "À medida que as ciências modernas, **como** a medicina, evoluem, damo-nos conta do quanto realmente ainda desconhecemos." (A. Houaiss)

6. **Pronome relativo** → quando equivale a "pelo qual, pela qual, segundo o qual, segundo a qual"; geralmente apresenta como antecedentes os substantivos "modo, maneira, forma".

- A maneira **como** ela lhes falava assustava a todos.
- Até agora a polícia não sabe o modo **como** o assassino saiu do quarto.
- Falei tudo a ele, menos a forma **como** eles me tratavam durante os finais de semana.

7. **Pronome interrogativo** → quando ao "como" se antepõe a preposição "a" para se saber "o preço, o valor" de determinada coisa ou produto; possui sentido equivalente a "por quanto dinheiro, por qual valor" – é uma forma coloquial e pouco usual nos dias de hoje. Observe:

- Os ovos **a como** são?
- **A como** vendes esses pêssegos aí?

8. **Advérbio interrogativo de modo** → quando equivale a "de que modo?, de que maneira?"

- **Como** chegaste aqui?
- **Como** está a menina?
- **Como** se chama isto aqui?

2.4 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. Determine a função do QUE nos exemplos a seguir:

a) Sentia-se humilhado com o papel avulso que exercia desde séculos.
b) Que queres tu, perguntou ele?
c) Mandai que as mais afinadas cítaras e alaúdes o recebam!
d) Por acaso, sabes o que ele fez?
e) Mas não quero parecer que me detenho em coisas miúdas.
f) Melhor é que te cales e te retires.
g) Dom Donzel, onde é que está el-rei?
h) Que doce a vida não era
Nessa rizonha manhã.
i) Era tão universal que dotou a poesia com nova metragem.
j) O outro era alfaiate, e ainda maior credor que o primeiro.
k) Que lhe parece tudo isso?
l) Eis as razões com que ele se defende.

2. Determine a função do SE nos exemplos a seguir:

a) A moça escondeu-se atrás da cortina.
b) O general deu-se ares de ditador.
c) Os lutadores esmurravam-se no palanque.
d) O cego deixava-se levar pelo guia.
e) Há coisas que melhor se dizem calando.
f) As crianças lavaram-se nas águas claras do riacho.
g) Dançou-se muito na festa de formatura.
h) Ele muito se arrependera do que fez.
i) Os dois homens cumprimentaram-se friamente.
j) Já se veem os primeiros raios do sol.
k) Todos se apiedaram do mendigo.
l) Depois o vento se foi também.

3. (FGV) Esposamos a ideia de que os sofrimentos atuais possuem uma significação que transcende a crise civilizacional.

Com relação à frase transcrita, analise as afirmativas a seguir:

I. O primeiro que é uma conjunção integrante e serve para articular um complemento oracional ao substantivo abstrato ideia.

II. O segundo que é um pronome interrogativo cujo uso se justifica em razão da seguinte pergunta: que significação transcende a crise civilizacional?

III. As duas ocorrências de que promovem a estruturação do período composto, já que introduzem a oração subordinada substantiva e a subordinada adjetiva, respectivamente.

Assinale:

a) se somente a afirmativa I estiver correta.
b) se somente a afirmativa II estiver correta.
c) se somente a afirmativa III estiver correta.
d) se somente as afirmativas I e III estiverem corretas.
e) se todas as afirmativas estiverem corretas.

4. (CESGRARIO) Na passagem "Os empresários que não se adequarem à lei em noventa dias poderão ser multados em até 3,2 milhões de reais.", o termo que apresenta a mesma classe gramatical que em

a) "A lei é tão rigorosa que mesmo ambientes com teto alto e sem paredes,"
b) "Ficou tão difícil fumar que até decidi parar,"
c) "Quem considera a lei exagerada deve saber que São Paulo apenas se alinha a uma tendência mundial."
d) "Os fumantes americanos têm outro problema com que se preocupar:"
e) "E a maioria não fumante não quer deixar que ela seja reavivada."

5. (FGV) "Ele percebeu _que_ as pessoas _que_ possuíam conexões ou relações distantes com outras fora círculo familiar tinham duas vezes mais chances de conseguir uma vaga do _que_ pessoas _que_ tinham mais conexões próximas apenas no âmbito da família e dos amigos próximos."

As ocorrências da palavra QUE grifadas no trecho acima classificam-se, respectivamente, como:

a) conjunção integrante, pronome relativo, conjunção subordinativa e pronome relativo.
b) conjunção subordinativa, pronome relativo, conjunção integrante e conjunção subordinativa.
c) pronome relativo, conjunção integrante, pronome relativo e conjunção subordinativa.
d) pronome relativo, conjunção subordinativa, conjunção integrante e pronome relativo.
e) conjunção integrante, conjunção subordinativa, conjunção subordinativa e conjunção subordinativa.

6. (FGV) "Mas não, é a ti _que_ vejo na colina"

Assinale a alternativa em que esteja corretamente classificada a palavra destacada nos versos acima.

a) conjunção integrante
b) parte de expressão expletiva
c) pronome relativo
d) conjunção subordinativa
e) pronome indefinido

7. (FGV) "E em que se vai trocando as pernas"

   A palavra se no verso acima destacado se classifica como:

   a) partícula apassivadora.
   b) parte integrante do verbo.
   c) índice de indeterminação do sujeito.
   d) pronome reflexivo.
   e) conjunção.

8. (FGV) "Mas porque na verdade não me queres mais" (verso 35)

   No verso acima, utilizou-se a forma correta porque. Assinale a alternativa em que não se tenha utilizado corretamente uma das quatro formas do porquê.

   a) É necessário avaliar por quê, ontem, fomos derrotados.
   b) Depois de entender por quê, prosseguiu.
   c) Não sei por quê nem como.
   d) Não entendemos as privações por que passamos.
   e) Deve haver um porquê para nossa derrota.

9. (FGV) "Percebe-se que os dois temas [a correlação entre metas e riscos fiscais e o impacto dos déficits públicos sobre as futuras gerações] se vinculam à função prospectiva da noção de responsabilidade fiscal. Enquanto o primeiro, normalmente, se adstringe a situações futuras próximas, o segundo vincula-se a situações futuras a longo prazo."

   As ocorrências da palavra SE grifadas no trecho acima classificam-se, respectivamente, como:

   a) indeterminador do sujeito - pronome reflexivo - parte integrante do verbo
   b) indeterminador do sujeito - parte integrante do verbo - pronome reflexivo
   c) partícula apassivadora - pronome reflexivo - pronome reflexivo
   d) partícula apassivadora - parte integrante do verbo - parte integrante do verbo
   e) parte integrante do verbo - partícula apassivadora - partícula apassivadora

GABARITO

1– a) pronome relativo b) pronome interrogativo c) conjunção integrante d) pronome relativo e) conjunção integrante f) conjunção integrante g) partícula expletiva ou de realce h) advérbio de intensidade i) conjunção consecutiva j) conjunção comparativa k) pronome interrogativo l) pronome relativo		2– a) pronome reflexivo, objeto direto b) pronome reflexivo, objeto indireto c) pronome reflexivo recíproco, objeto direto d) pronome reflexivo, sujeito do infinitivo e) pronome apassivador f) pronome reflexivo, objeto direto g) índice de indeterminação do sujeito h) parte integrante do verbo i) pronome reflexivo recíproco, objeto direto j) pronome apassivador k) parte integrante do verbo l) partícula expletiva ou de realce	
3 – D	4 – D	5 – A	6 – B
7 – C	8 – A	9 – C	

CAPÍTULO 3

PARTICULARIDADES LÉXICAS E GRAMATICAIS

Em nossa língua, muitos são os detalhes entre palavras e regras gramaticais. Não raro, os alunos se confundem em meio a tantas minúcias. Por isso, não são poucos os que, até hoje, conquanto tenham visto o assunto mais de uma vez, apresentam dúvidas, por exemplo, sobre o emprego dos "porquês". Quem nunca ficou em dúvida sobre a diferença entre "em vez de" e "ao invés de"? E o "bendito" emprego do relativo "onde"? Quantas vezes você já não ouviu – se não falou – "Maria, você viu aonde eu deixei meu livro?" Não seria "onde"? E o caso do "mal" (com "L")? Pergunte a alguém o que é o "mal" (com "L"), e ele dirá simplesmente que é o contrário de "bem". E os outros empregos do "mal" (com "L") são totalmente esquecidos!

Em virtude dessas dúvidas, resolvemos pôr, em um capítulo especial, algumas dessas particularidades para que o aluno possa melhorar no que diz respeito aos aspectos formais da nossa língua e possa empregar muitos vocábulos e locuções corretamente.

Mas, atenção!! Sugiro que estude o capítulo abaixo aos poucos. Não leia mais do que três particularidades de uma vez. Não tente decorar tudo em uma só vez – aliás, não gosto muito da palavra "decorar", quando se trata da nossa língua. Prefiro o verbo "entender". Isso!! Entenda! Compreenda o porquê de cada item e só assim seu estudo será completo.

Para facilitar a sua vida, decidi dividir o conteúdo abaixo em lições. É isso! Dividir em lições – lição 1, lição 2, lição 3, 4, 5 e, assim, sucessivamente. Por quê? Para que você possa acompanhar detidamente cada informação, cada detalhe. Sugiro que coloque ao lado de cada lição a data (dia, mês, ano e hora) em que você a estudou. Dessa maneira, você saberá – eu creio – o momento certo de revisar cada ensinamento. Mais uma vez, advirto: não tente

estudar tudo em um só momento - a não ser que esteja pressionado por um concurso. Acredito que o estudo deste capítulo será bem mais proveitoso se for feito aos poucos, gradativamente.

Então: mãos à obra!!

3.1 LIÇÃO 1

3.1.1 EMPREGO DOS PORQUÊS

A princípio, gostaria de fazer um alerta: esta lição é muito - repetimos "muito" - muito cobrada pelos concursos públicos. Leia mais de uma vez, portanto. Vamos às orientações:

1. **Em princípio, vamos fazer uma breve orientação - lembre-se de que sempre se acentuará o monossílabo tônico "que" quando este estiver em final de frase ou quando vier precedido de um determinante - neste último caso, será empregado como substantivo.** Observe:

▹ Você tem medo de **quê**?
pronome interrogativo tônico

▹ Menino, você gosta de **quê**?
pronome interrogativo tônico

▹ Ela hoje tem um **quê** de esquisito.

▹ Havia muitos **quês** no depoimento dela.

2. **Emprega-se o "por que" separado em duas situações básicas: quando puder ser substituído por "pelo qual, pela qual, pelos quais, pelas quais" - neste caso, teremos uma preposição "por" seguida do pronome relativo "que"; quando puder ser substituído por uma das expressões "por qual motivo" ou "por qual razão" - neste caso, teremos a preposição "por" seguida do pronome interrogativo "que".** Veja:

▹ Até agora não nos disse **por que** ela faltou à audiência.
por qual motivo, por qual razão

▹ Os caminhos **por que** ele sempre andou eram caminhos de morte.
pelos quais

▹ Amanhã o governo deve explicar **por que** aumentou a taxa Selic.
por qual motivo, por qual razão

▹ **Por que** agiu daquela forma tão arrogante?
por qual motivo, por qual razão

- Talvez só a miséria pudesse explicar **por que** os homens do século XX vivem aglomerados em cortiços. *por qual motivo, por qual razão*

- O documento **por que** buscávamos foi extraviado durante a mudança.
  pelo qual

- Alguém poderá perguntar: – O autor citou Braudel, **por quê**?
  por qual motivo, por qual razão (com acento por se encontrar em final de frase – monossílabo tônico)

- Diante de tudo isso, você ainda tem coragem de perguntar **por quê**?
  por qual motivo, por qual razão (com acento por se encontrar em final de frase – monossílabo tônico)

- Não elaboraste o pré-projeto até agora **por quê**?
  por qual motivo, por qual razão (com acento por se encontrar em final de frase – monossílabo tônico)

- *pelos quais*
  Os mistérios **por que** somos atraídos na ficção costumam impressionar os leitores de tenra idade.

- Tudo isso ajuda a esclarecer **por que** certas alterações foram positivas para o meio ambiente. *por qual motivo, por qual razão*

- "Mas **por que** não te metes tu logo por uma vez com o Firmo? **Por que** não te casas com ele?" (Aluísio Azevedo)

- "Foi nessa ocasião que ela perguntou a minha mãe **por que** é que já não usava as joias do retrato." (Machado de Assis)

- "E eis aqui **por que** o *Diário* é um monarquista exigente, ao passo que a *Gazeta* é um mau republicano." (Rui Barbosa)

Recapitulando:

POR QUE → **PELO QUAL, PELA QUAL, PELOS QUAIS, PELAS QUAIS**
(preposição "por" mais pronome relativo "que")

POR QUE → **POR QUAL MOTIVO, POR QUAL RAZÃO**
(preposição "por" mais pronome interrogativo "que")

⇒ Observações:

a) **A orientação acima resolve praticamente quase todos os casos. É preciso, porém, ficar atento a uma situação excepcional: orações subordinadas substantivas objetivas indiretas, cujo verbo transitivo indireto exige a preposição "por". Observe:**

- Todos anseiam pela volta de Maria Madalena.

→ Convertendo em oração: "Todos anseiam **por que** Maria Madalena volte".
Neste caso, a substituição, acima proposta, não funciona.

b) É bastante comum empregar-se o "por que" (separado) em interrogativas indiretas (sem o ponto de interrogação) ou interrogativas diretas, como já vimos em vários exemplos acima. Fique atento, pois, em algumas situações, o substantivo "razão, motivo" ou outro qualquer vem expresso na sentença logo após o "por que", situação em que o "por que" (separado) equivalerá a "por qual". Veja:

- Ela sempre quis saber **por que** motivo eu acabei nosso namoro.
  por qual
- Eles trocaram o nosso diretor **por que** funcionário?
  por qual
- Não disse com clareza **por que** razão não irá ao jogo.
  por qual
- Queria saber **por que** razão as estrelas brilham tão alto no céu.
  por qual

3. Emprega-se o "porque" junto quando este funciona como uma conjunção explicativa, causal ou final. Observe:

PORQUE
→ CONJUNÇÃO EXPLICATIVA → Equivale a "pois"
→ CONJUNÇÃO CAUSAL → Equivale a "já que, visto que, uma vez que"
→ CONJUNÇÃO FINAL → Equivale a "para que, a fim de que"

- Não apoio essas iniciativas, **porque** desconfio dos fins a que se destinam.
  conjunção explicativa → equivale a "pois"
- **Porque** não entregou o projeto no prazo, foi cortada da lista de formandos.
  conjunção causal → equivale a "já que, visto que"
- Estudai bastante, **porque** sejais logo aprovados em um concurso público.
  conjunção final → equivale a "para que, a fim de que"
- Deixe a sala agora, **porque** não admito falta de respeito.
  conjunção explicativa → equivale a "pois"
- Será **porque** ele está doente que não veio ao trabalho hoje?
- "Os princípios são invioláveis e imortais. Invioláveis, **porque** têm como asilo a consciência. Imortais, **porque** encerram em si, contra a ação corrosiva

dos preconceitos humanos, o caráter, a substância e a energia de uma lei invariável, absoluta e universal." (Rui Barbosa)

- "Não trouxera a navalha, **porque** tinha medo de ser preso, por causa do negócio da Nair e do suicídio da mãe dela." (Lima Barreto)
- "Na perspectiva do autor, as prática esotéricas desfrutam de grande popularidade **porque** satisfariam os interesses individuais de quem a elas recorre." (Fund. Carlos Chagas)
- "Nossas resoluções se perdem **porque** não temos um objetivo predeterminado." (Montaigne)
- "É o que te digo: vou e vou, **porque** devo, **porque** quero, **porque** é do meu direito." (Machado de Assis)

4. Emprega-se "porquê" (junto e com acento) quando este equivale a "motivo, razão". Neste caso, estaremos diante de uma palavra substantivada. Geralmente, este "porquê" vem acompanhado de determinantes (artigos, pronomes indefinidos etc.). Veja:

- Deve haver algum **porquê** para a saída dele do cargo de gerente.
  algum motivo
- Ainda não se sabe o **porquê** da morte da senhora Linda.
  o motivo
- Certamente há um **porquê** para ela ter abandonado o grupo sem dar satisfações.
  um motivo

Ufa!! Chegamos ao final da lição 1. Sugiro que a revise. Depois, descanse um pouco antes de estudar a próxima lição.

3.2 LIÇÃO 2

3.2.1 EMPREGO DE "ONDE" E "AONDE"

Mais uma vez, estamos diante de uma particularidade da nossa língua bastante cobrada em concursos públicos. Logo, é preciso estudar mais de uma vez. Vamos às orientações...

1. **Como já dissemos no capítulo sobre o emprego dos pronomes relativos preposicionados, o relativo "ONDE" é denominado de "pronome relativo locativo", pois só deve ser empregado em substituição a um lugar. Equivale a "em que" e variações – no qual, na qual, nos quais, nas quais. Observe (sublinhamos o antecedente do relativo "onde"):**

(em que, na qual)

- Dirigimo-nos à casa da D. Francisca, **onde** encontramos um grupo de mulheres em oração.
- Em São Paulo, há uma cafeteria **onde** se acham excelentes cafés importados.

(em que, na qual)

- Nossos projetos de vida dependem muito do futuro do país **onde** vivemos.

(em que, no qual)

- "Rememorava por vezes as mudanças, as alternativas fisiopsíquicas por que tinha passado na fazenda, **onde** não encontrara uma pessoa de sua idade." (Júlio Ribeiro)
- "Verdes mares bravios de minha terra natal, **onde** canta a jandaia nas frondes da carnaúba." (José de Alencar)
- "Correspondendo a pouco mais de um terço da largura total da casa, havia, nos fundos, um puxadito, **onde** estavam a cozinha e uma despensa minúscula." (Lima Barreto)
- "Nunca a sua mão benéfica deixou de estender-se para o lugar **onde** a aflição se assentava." (A. Herculano)

➯ **Observação importante:**

Estendem-se à noção de lugar os sentidos de "posição, situação, classe, parte de um livro ou obra, espaço ocupado, localidade, região". Por isso, são corretos também os seguintes empregos do relativo "onde":

- Fizemos o resumo do segundo parágrafo deste capítulo, **onde** havia bons exemplos de cidadania.
- Chegamos à parte final do continente, **onde** já encontramos grandes icebergs.
- "Num centro de civilização como este, **onde** a opulência intelectual da nossa pátria se reflete por tantas faces e tão brilhantemente no jornalismo, ..." (Rui Barbosa)
- "O reto espírito do nosso colega, que ora empunha a balança de Têmis, **onde** estão sendo pesadas oiro e fio as nossas humildes palavras, ponha-lhe numa concha os benefícios..." (Rui Barbosa)

2. Em muitas situações, o relativo "ONDE" é empregado sem antecedente explícito, isto é, seu antecedente estará latente, oculto. Neste caso, equivalerá a "em que lugar, no lugar em que". Veja:

- Sempre há boas pessoas onde a gente menos espera.
  no lugar em que
- Não sabemos onde ele se encontra agora.
  em que lugar
- Onde você mora? Onde você foi morar?
  em que lugar
- "Bem: mas **onde** estão os efeitos benéficos deste sistema? Nas finanças?" (Rui Barbosa)
- "Chove? Nenhuma chuva cai...
  Então **onde** é que eu sinto um dia
  Em que ruído da chuva atrai
  A minha inútil agonia?" (Fernando Pessoa)
- "Se lhe parede que não tenho razão! Esta agência indica **onde** há casas vazias por cinco mil-rêis." (Artur Azevedo)

➾ **Observação:**

Mesmo sem antecedente expresso, o "onde" só é empregado em situações que indicam lugar.

3. Emprega-se "AONDE" – regido por um nexo prepositivo – quando houver um verbo ou um nome que requeira a preposição "a". Geralmente, equivale a "para onde". Perceba:

- Nós iremos contigo ao lugar a que tu quiseres ir. → Nós iremos contigo ao lugar **aonde** quiseres ir.
  ir "a"
- Por favor, **aonde** eu posso me dirigir para obter informações?
  dirigir-se "a"
- Vocês pretendem chegar **aonde** com tais indagações?
  chegar "a"
- "Era este o costume herdado de seus maiores; que o hóspede mandava na taba **aonde** Tupã o conduzia." (José de Alencar)
- "Força tal não pode ser a do ministro, individualidade flácida, político invertebrado, espécie de medusa marinha, de fibras morais inconsistentes e diáfanas, que flutua à tona de todas as correntes, e vai dar nas praias, **aonde** o leva a ressaca." (Rui Barbosa)

- "– Quem lhe impede que vá a outras partes? Vá **aonde** quiser, mas fique morando conosco." (Machado de Assis)
- "Mas ainda a do semeador do nosso Evangelho não foi a maior. A maior é a que se tem experimentado na seara **aonde** eu fui." (Pe. Antônio Vieira)

⇨ Observações essenciais sobre o emprego de "onde" e de "aonde":

a) A maioria das nossas dificuldades vem do fato de, em nosso dia a dia, cometermos muitos erros no que diz respeito ao emprego do "aonde" em lugar do "onde" e vice-versa. Vejamos alguns desses problemas:

- Maria, você sabe **aonde** eu deixei meus óculos? (construção incorreta)
  Quem deixa, deixa algo EM algum lugar.

  → Logo... "Maria, você sabe **ONDE** eu deixei meus óculos?".
- Não sabemos **aonde** ele está nesse momento. (construção incorreta)
  Quem está, está EM algum lugar.

  → Logo... "Não sabemos **ONDE** ele está nesse momento."
- **Onde** você vai hoje à tarde? (construção incorreta)
  Quem vai, vai A algum lugar.

  → Logo... "**AONDE** você vai hoje à tarde?"

b) É preciso ter muito cuidado com o emprego do ONDE, pois, como sabemos, ele só deve ser usado para expressar uma noção de lugar. Portanto, para o padrão formal, é inadmissível o emprego do "ONDE" para relações que não sejam de lugar. Observe:

A relação que se transmite é a de posse.

- O Clube dos Oficiais, **onde** o diretor é João da Costa, passará por uma reforma. (Emprego inadequado)

  Correção: O Clube dos Oficiais, **cujo** diretor é João da Costa, passará por uma reforma.

A relação que se transmite é a de tempo.

- Em 1980, **onde** o presidente era João Batista Figueiredo, a inflação era galopante. (Emprego inadequado)

  Correção: Em 1980, **quando** o presidente era João Batista Figueiredo, a inflação era galopante.

A relação que se transmite é a de posse.

- Para Hans Kelsen, **de onde** se citam alguns exemplos, os homens deveriam honrar a justiça. (Emprego inadequado)

  Correção: Para Hans Kelsen, **de quem** (ou "**do qual**") se citam alguns exemplos,...

- É difícil lidar com adolescentes rebeldes, **onde** a causa nem para eles se explicita. (Emprego inadequado)

  Correção: É difícil lidar com adolescentes rebeldes, **cuja** causa nem para eles se explicita.

c) **Como já mencionamos, o relativo "onde" – à semelhança do "aonde" – pode vir antecedido por preposições. Lembre-se, entretanto, que o emprego de "aonde" implica a não existência de qualquer outra preposição antes dele. Observe:**

- Sem eles, não teríamos **de onde** sair, nem **para onde** nos projetar.
- Sem nossa história e nosso passado, não teríamos **por onde** começar, nem espaço para nos expandirmos.
- "Posto que nascido na roça (**donde** vim com dous anos) e apesar dos costumes do tempo, eu não sabia montar, e tinha medo ao cavalo." (Machado de Assis)
- "E na terra, **por onde** o sonhador passava,
  Iá a roxa corola espalhando as sementes." (Olavo Bilac)
- "... arbúsculos quase sem pega sobre a terra escassa, enredados de esgalhos **de onde** irrompem, solitários, cereus rígidos e silentes..." (Euclides da Cunha)
- "– Quero respirar o ar puro e fresco da tarde; mais nada repliquei. – Leva-me, **para onde** te aprouver." (A. Herculano)

3.3 LIÇÃO 3

3.3.1 EMPREGO DE "SE NÃO" E "SENÃO"

Eis outra particularidade bastante interessante e bastante longa. Embora não seja muito comum em provas, aparece aqui e acolá em certames, geralmente, de nível superior. Sugiro que a leia mais de uma vez, devido à quantidade de pormenores que ela apresenta. Vamos a ela...

a) **Emprega-se o "se" e depois o "não" quando estes funcionam, respectivamente, como "conjunção condicional" e "advérbio de negação". Nesse caso, equivalerão, literalmente, a "caso não" ou "quando não" e só devem ser usados em juízos que expressam hipótese, condição, probabilidade. Essa situação representa o emprego mais comum do "se não" separado.**

- Se não fizerem o dever logo, não receberão o prêmio que lhes prometi.
  caso não façam
- Que faremos amanhã, se não chegarem os mantimentos para os desabrigados?
  caso não cheguem
- A situação era difícil de resolver, se não impossível.
- "E o pobre Miranda, se não queria sofrer impertinências da mulher e ouvir sensaborias defronte dos criados, tinha de dar ao moleque toda a consideração e fazer-lhe humildemente todas as vontades." (Aluísio Azevedo)
- "Entretanto houve um tempo em que, se não me engano, tu eras feliz como eu do prazer que me davas." (José de Alencar)

b) Emprega-se "senão", junto, nas seguintes situações:

SENÃO
- (conjunção correlata aditiva) ⇔ **mas também**
- (conjunção de oposição adversativa) ⇔ **mas sim, do contrário**
- (preposição de exclusão) ⇔ **afora, exceto, salvo, a não ser**
- (substantivo) ⇔ **problema, mácula, defeito**

- Eram pessoas não só honestas, senão também caridosas, prestativas.
  mas também
- O diretor não fazia outra coisa, senão criticar.
  a não ser
- Ele nunca possuiu amigos, senão bajuladores.
  mas sim
- No processo, não encontramos senões.
  defeitos, problemas
- Não comeu o bolo que a esposa fez, senão um pedaço de pudim deixado pela sogra.
  mas sim
- Todos, senão você, contribuíram com a campanha.
  afora, salvo, exceto
- Ponham, por favor, a criança para dentro da casa, senão poderá adoecer severamente.
  do contrário, caso contrário
- Não havia um senão em sua produção textual.
  defeito, problema
- Da viagem nada trouxe de importante, senão um porta-retratos banhado a ouro.
  salvo, exceto, afora

- "De resto, a não ser de manhã para as aulas, que ia sempre com o Miranda, não arredava pé de casa senão em companhia da família." (Aluísio Azevedo)
- "Tinha o coração disposto a aceitar tudo, não por inclinação à harmonia, senão por tédio à controvérsia." (Machado de Assis)
- "Parecer-vos-á então que desse panorama indescritível não quis Deus que houvesse outros contempladores vivos, senão vós e o alado músico da alvorada." (Rui Barbosa)
- "A definição do pregador é a vida e o exemplo. Por isso Cristo no Evangelho não o comparou ao semeador, senão ao que semeia." (Pe. Antonio Vieira)

⇨ **Observações:**

a) Há uma situação em que a pontuação faz toda a diferença. Observe:

- Chegue cedo à empresa amanhã, senão será demitido.
  do contrário, caso contrário
- Chegue cedo à empresa amanhã; se não, será demitido.
  se não (chegar) → juízo hipotético

b) O mesmo procedimento ocorre em situações em que querem alguns autores associar o "se não" à conjunção alternativa "ou", quando, na realidade, tem-se a ocultação por zeugma de um verbo anteriormente mencionado. Veja:

- Ele comprará uma, se não duas camisas para as festas do fim de ano.
  se não (comprar) → zeugma do verbo "comprar"
- Levará a mãe, a sogra, as filhas, se não todos os membros da família para a festa.
  se não (levar) → zeugma do verbo "levar"
- Ele é muito sabido, se não o mais inteligente da turma.
  se não (for) → zeugma do verbo "ser"

3.4 LIÇÃO 4

Nesta lição, estudaremos mais de uma particularidade da nossa língua. Procure lê-las mais de uma vez para consolidar o conhecimento.

3.4.1 EMPREGO DE "TÃO POUCO" E "TAMPOUCO"

a) Emprega-se "tão pouco" quando for equivalente de "muito pouco". Nesse caso, teremos o advérbio de intensidade "tão" seguido do pronome indefinido ou do advérbio "pouco".

- Falaram $\underset{\textit{muito pouco}}{\underline{\textbf{tão pouco}}}$ durante a palestra que todos ficaram surpresos.
- No mês passado, a empresa recebeu $\underset{\textit{muito pouco}}{\underline{\textbf{tão pouco}}}$ dinheiro que teve de recorrer a empréstimos.
- Infelizmente, nosso filho dorme $\underset{\textit{muito pouco}}{\underline{\textbf{tão pouco}}}$.
- Parecia muito cuidadoso dos seus estudos e **tão pouco** extravagante e gastador, que não despendia um vintém fora das necessidades de primeira urgência.

b) "Tampouco" é morfologicamente um advérbio e equivale a "também não, muito menos, nem sequer". Funciona, na estrutura oracional, como um reforço para uma negação feita anteriormente, ou seja, o "tampouco" adicionará uma ideia negativa a uma ideia negativa precedente. Por isso, costuma-se associá-lo a "nem" com o sentido negativo. Como já representa uma negação, é erro grosseiro empregar-se "tampouco não".

- Os alunos não entregaram a prova, **tampouco** fizeram o trabalho que valia nota.
- Jamais irei àquele lugar, **tampouco** deixarei que algum familiar meu vá.
- "Mas os príncipes não aprendem, e **tampouco** aprendem os partidos." (Rui Barbosa)
- "Afinal, convencendo-se de que ela, sem ter ainda morrido, já não vivia para ninguém, nem **tampouco** para si, desabou num fundo entorpecimento apático." (Aluísio Azevedo)
- "... contudo, nunca houve entre eles uma separação profunda nem **tampouco** uma penetração perfeita." (Lima Barreto)

3.4.2 EMPREGO DE "DE ENCONTRO A" E "AO ENCONTRO DE"

Eis uma particularidade bastante simples. Vamos a ela...

a) **Emprega-se a expressão "de encontro a" quando se quer transmitir a ideia de "choque, oposição, contrário" – equivale a "contra".**

- O motorista perdeu o controle e o carro foi **de encontro ao** poste.
- A decisão do pai foi **de encontros aos** anseios da família.
- "A Serra do Mar tem um notável perfil em nossa história. **De encontro às** suas escarpas embatia, flagílima, a ânsia guerreira dos Cavendish e dos Fenton." (Euclides da Cunha)

b) **Já a expressão "ao encontro de" significa "em direção a, a favor de". É usada, geralmente, quando se quer dizer que algo "foi favorável a alguma coisa, foi a favor de".**

- Quando os vi de longe, parti ao encontro dos dois.
- Somos bons amigos, afinal minhas ideias sempre foram ao encontro das ideias dele.
- "Embarcou sozinha para os dez dias e noites de viagem, consciente de que podia estar indo **ao encontro da** morte. Tinha dezoito anos." (Rui Castro)

⇨ **Observação:**

Perceba que essas duas expressões dependem totalmente do contexto. Observe abaixo:

- Somos bons amigos, AFINAL minhas ideias sempre foram **ao encontro das** ideias dele.
- Somos bons amigos, MAS minhas ideias sempre foram **de encontro às** ideias dele.

3.5 LIÇÃO 5

3.5.1 EMPREGO DE "EM VEZ DE" E "AO INVÉS DE"

a) **Deve-se empregar a locução prepositiva "em vez de" quando se deseja indicar uma troca, uma substituição de uma coisa por outra. Ela significa, literalmente, "em lugar de", "em substituição a". Reitere-se que essa locução é aplicável à maioria das situações em que se deseja expressar troca, substituição, alteração de uma coisa por outra.**

- Na festa, resolveu beber cerveja **em vez de** vinho.

- **Em vez de** ir ao cinema, resolveu ir ao teatro.
- "**Em vez de** ficar abatida com a ameaça da larga separação, se vingasse a ideia da Europa, mostrou se satisfeita." *(Machado de Assis)*

b) **Por outro lado, a locução prepositiva "ao invés de" significa "ao inverso de", "ao contrário de" e só deve ser empregada quando houver na oração elementos ou ideias opostos, contrários.**

- O mergulhador imergiu **ao invés de** emergir por causa de um problema no equipamento.
- No velório, a prima do defunto ria **ao invés de** chorar.
- O remédio, **ao invés de** melhorar, piorou a situação do paciente.
- "E volveram rápidos, desapontados, tendo às mãos, **ao invés do** ganho apetecido, o ardor de muitas dúzias de palmatoadas, amargos bolos com que os presenteara aquela gente ingrata." (Euclides da Cunha)

3.5.2 EMPREGO DE "ACERCA DE", "A CERCA DE" E "HÁ CERCA DE"

Eis outra particularidade da gramática bastante simples. Vejamos...

a) A locução prepositiva mais usual das três é "acerca de"; significa "a respeito de, sobre, quanto a".

- Nada nos disse **acerca do** problema de saúde que vem enfrentando.
  sobre, a respeito de
- Os pesquisadores fizeram uma interessante descoberta **acerca da** criação de óvulos e espermatozoides a partir de células-tronco.
- "E o diálogo continuou animado, sem que D. Terezinha revelasse à amiga as suas suspeitas **acerca de** João da Mata e Maria do Carmo." (Adolfo Caminha)

b) Nas duas outras construções, temos a associação entre uma preposição ou um verbo e a expressão adverbial de aproximação "cerca de". Observe:

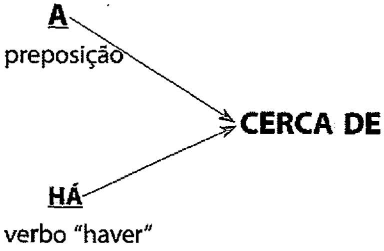

Logo, teremos...

A CERCA DE → a aproximadamente
HÁ CERCA DE → faz aproximadamente

- Quando nós a encontramos, estávamos a cerca de 20Km da fronteira com o Paraguai.
  a aproximadamente
- Os colonizadores chegaram aqui há cerca de 500 anos.
  faz aproximadamente
- Todos permaneceram a cerca de 20m do local do acidente.
  a aproximadamente
- Eles saíram há cerca de meia hora.
  faz aproximadamente

⇨ **Observação:**

Perceba que o "a" da expressão "a cerca de" não recebe o acento grave em virtude de ser tão somente uma preposição seguida de uma expressão adverbial "cerca de".

3.6 LIÇÃO 6

3.6.1 EMPREGO DE "MAU" E "MAL"

Vamos agora estudar uma lição bastante interessante. É bom ter cuidado para não fazer a simplificação "mau – bom" e "mal – bem". Observe as orientações a seguir.

a) O "mau" exerce a função de adjetivo e possui como antônimo o adjetivo "bom". Nesse caso, irá referir-se a substantivos. Como adjetivo que o é, o vocábulo "mau" apresenta todas as flexões típicas das classes variáveis. Veja:

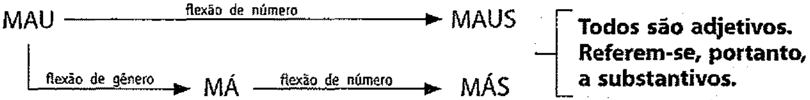
MAU
flexão de número
MAUS
flexão de gênero
MÁ
flexão de número
MÁS
Todos são adjetivos. Referem-se, portanto, a substantivos.

- O **mau** treinador efetuou **más** ações por causa da **má** conduta da coordenadora que reclamou do **mau** comportamento do time.
- Sempre o **mau** indivíduo colhe **maus** resultados em virtude de suas **más** atitudes.
- Toda **má** sorte tem por traz um **mau** sujeito.
- "... estava cansado de ensinar a meninos, era preciso fazer pela vida noutro meio mais vasto onde as suas qualidades, boas ou **más**, fossem aquilatadas com justiça." (Adolfo Caminha)

b) Emprega-se "mal" em três funções morfológicas: advérbio, cujo oposto é "bem"; conjunção temporal, equivalendo a "logo que, assim que"; e substantivo abstrato, equivalendo a "o mal", "a maldade". Observe:

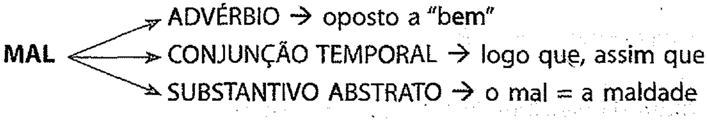
MAL
ADVÉRBIO → oposto a "bem"
CONJUNÇÃO TEMPORAL → logo que, assim que
SUBSTANTIVO ABSTRATO → o mal = a maldade

- O time jogou **mal** porque não treinou adequadamente.
  advérbio ↔ oposto a "bem"
- **Mal** ele chegou na sala, todos começaram a rir.
  conjunção temporal ↔ logo que, assim que
- O **mal** sempre atrai o **mal**.
  substantivos ↔ a maldade
- "... e entre os infortúnios que se desfecham tantos e tamanhos, uns após outros, como golpes de um acinte infatigável no **mal**, sobre este desventurado país, suave é o refúgio dessa consolação..." (Rui Barbosa)
- "Não obstante, a energia evolutiva do direito, cuja torrente a resistência **mal** aconselhada avolumou, represando, acaba por triunfar." (Rui Barbosa)

- "Mandava-os fazer de encomenda; mas assim mesmo, **mal** os punha hoje, no dia seguinte tinha que os retalhar a navalha." (Lima Barreto)
- "A viúva que **mal** resistira ao golpe da perda do filho, ainda mais se aterrava agora com o isolamento em que ia deixar Aurélia." (José de Alencar)

➾ **Observação:**

Fique atento à seguinte distinção:

- mau humor ≠ mal-humorado
- mau cheiro ≠ malcheiroso
- má educação ≠ mal-educado
- mau comportamento ≠ malcomportado
- mau ensinamento ≠ mal-ensinado
- mau entendimento ≠ mal-entendido
- má aventura ≠ mal-aventurado
- má assombração ≠ mal-assombrado

3.6.2 EMPREGO DE "MAS" E "MAIS"

Eis outra particularidade bastante elementar. Mas é sempre bom revisá-la ou, quem sabe, conhecê-la melhor. Vamos a ela...

a) O "mas" funciona, na maioria das vezes, como conjunção de oposição adversativa; por isso, pode ser tranquilamente trocada por "porém, contudo, todavia". Em outros casos – um pouco mais raros –, o "mas" fará parte da correlação aditiva "não só..., mas também". Veja:

- Todos participaram do evento, **mas** nem todos ficaram para a confraternização.
  porém, contudo
- Ele sempre foi o melhor da sala, **mas** sempre bagunçou muito.
  porém, contudo
- O governo não só baixou os juros para a casa própria, **mas também** facilitou o crédito.
  correlação aditiva
- "E os que leem o que escreve,
  Na dor lida sentem bem,
  Não as duas que ele teve,
  Mas só a que eles não têm." (Fernando Pessoa)

- "Lembrou-se da mulher, **mas** repeliu logo esta ideia com escrupulosa repugnância. Continuava a odiá-la." (Aluísio Azevedo)
- "Fique então sabendo de que não é só a ela que você faz o obséquio, **mas** também ao marido." (Aluísio Azevedo)

Observação:

Em algumas situações, o "mas" funciona tão somente como uma palavra denotativa de ênfase ou de situação. Não transmite o sentido de oposição adversativa, por isso não poderá ser substituída por "porém, contudo, todavia." Veja:

- **Mas** quem afinal chegou à nossa festa?
- **Mas** que "belos" políticos nós temos hoje em dia!

b) Já o "mais" funciona ora como advérbio de intensidade, quando modifica verbos, adjetivos ou outros advérbios, ora funciona como pronome indefinido, quando se refere a substantivos. Observe:

- Os Silvas sempre dispuseram de mais recursos e mais informações.
  pronomes indefinidos
- Aqueles alunos precisavam estudar mais para poder ingressar em um concurso.
  advérbio de intensidade
- Eles agora sentiram mais vontade de estudar do que antes.
  pronome indefinido
- Ele sempre quis trabalhar mais para melhorar a situação financeira da família.
  advérbio de intensidade
- "Desde o palácio até a taberna e o prostíbulo, desde o mais esplêndido viver até o vegetar do vulgacho mais rude, todos os lugares e todas as condições têm tido o seu romancista." (A. Herculano)
- "Não ficara ela incólume da ferida que fizera no coração do vizinho: amou-o também, e com mais seriedade que a usual nos seus anos." (Camilo C. Branco)

3.7 LIÇÃO 7

3.7.1 EMPREGO DE "A FIM" E "AFIM"

Eis, mais uma vez, um conhecimento básico, elementar. Vamos a ele...

a) Emprega-se "a fim", separado (na maioria das vezes você usará esta forma), quando este fizer parte da locução prepositiva "a fim de" ou da locução conjuntiva "a fim de que". Em ambos os casos, as locuções denotarão "finalidade, objetivo, meta". Veja:

- Na sala, ninguém estava **a fim de** fazer nada.
- **A fim de que** ela passasse no concurso, comprei novos livros.
- "Não tardam os cavaleiros zenetas que vêm ajuntar-se nas atalaias convosco, **a fim de que** nenhum infiel possa escapar." (A. Herculano)
- "De feito, a boa velha tentou por diversas vezes escrever seu testamento a **fim de** garantir o futuro de sua escravinha." (Bernardo Guimarães)

➯ **Observação:**

A locução prepositiva "a fim de" equivale a "para". Portanto, se tiver alguma dúvida, faça a substituição.

b) Por outro lado, a forma "afim" (junto) é morfologicamente um adjetivo e significa "algo que é semelhante, que é próximo, que possui afinidade".

- Na grade escolar, Biologia e Química são matérias **afins.**
- João e Pedro tinham temperamentos **afins.**
- Eles são parentes **afins**.

3.7.2 EMPREGO DE "SE QUER" E "SEQUER"

Eis outra particularidade simples da nossa língua, mas que merece toda a nossa atenção, pois de vez em quando aparece aqui e acolá nas provas de alguns certames. Vamos a ela...

a) A forma separada "se quer" é representada pela conjunção condicional "se" seguida do verbo "querer" flexionado na 3.ª pessoa do singular do futuro do subjuntivo. Nesse caso, a expressão "se quer" equivalerá a "se desejar" e ocorrerá em orações hipotéticas, condicionais. Veja:

- **Se quer** passar em um concurso, estude muito.
- "Diga ao cocheiro que pare; ou, **se quer,** pode apear-se no largo da Carioca." (Machado de Assis)
- "– Em porção, o senhor sabe que... É isso... Enfim, **se quer,** mande-os..." (Lima Barreto)

b) Já a forma "sequer" é um advérbio e significa "ao menos, pelo menos, nem mesmo". É frequentemente usado em frases negativas ou de sentido negativo.

- João não veio ao trabalho e nem **sequer** ligou para dizer o que aconteceu.
- "... como é que de um ano para o outro esta necessidade urgente e imediata torna-se tão secundária, tão indiferente, tão remota que nem **sequer** merece ser mencionada na fala do trono?" (Rui Barbosa)
- "Ninguém lhes regateia esse reconhecimento. Ninguém lhes recusaria, **sequer**, o esquecimento do seu passado de escravismo." (Rui Barbosa)
- "Por fim tudo se esgota e a situação não muda. Não há probabilidade **sequer** de chuvas." (Euclides da Cunha)

3.8 LIÇÃO 8

3.8.1 EMPREGO DE "SESSÃO", "SEÇÃO" E "CESSÃO"

Vamos a uma particularidade bastante simples... conhecimento elementar, básico, mas necessário. Estudemo-la, pois...

a) A forma "sessão" significa "espaço de tempo em que se realiza determinada atividade ou parte dela". Pode também ser usada com o sentido de "reunião, assembleia, encontro".

- Na última sessão do Congresso Nacional, votaram-se muitos projetos de lei.
- Eles começaram agora a nova sessão de fotos.
- Todos combinaram assistir a última sessão do cinema.
- O psiquiatra recomendou-lhe várias sessões de terapia.
- "Rubião assistira à sessão em que o ministério Itaboraí pediu os orçamentos." (Machado de Assis)

b) Já a forma "seção", que admite a grafia secção" significa "divisão, subdivisão, departamento, parte de um todo".

- Amanhã iremos à seção de obras e reformas da Prefeitura de Palmares.
- Nós votamos na 37.ª seção da 43.ª zona eleitoral.
- Na terceira seção do segundo capítulo do livro, encontramos vários processos descritivos.

- "O país não está mais adiantado que as vítimas desse maligno capricho, quanto às causas que possam justificar o açoite, a que se acha submetida aquela secção do exército brasileiro." (Rui Barbosa)

c) Por sua vez, a palavra "cessão" provém do verbo "ceder" e, logicamente, significa "ato de ceder, doação, transferência de posse ou de direito".

- João fará a cessão de seus bens para os seus dois irmãos mais velhos.
- O Dr. Pedro fez a cessão dos direitos autorais para uma organização não governamental.

3.9 LIÇÃO 9 – EMPREGO DE VÁRIAS EXPRESSÕES E CONEXÕES

Vamos a uma lição longa, mas bastante simples. Vejamos algumas expressões bastante correntes em nosso dia a dia. Fique atento a elas, pois com frequência são cobradas pelas bancas examinadoras.

3.9.1 DISTINÇÃO ENTRE "A PRINCÍPIO" E "EM PRINCÍPIO"

A PRINCÍPIO	≠	**EM PRINCÍPIO**
primeiramente, no início		*em tese, de forma geral*

- **A princípio**, quero esclarecer que minha palestra será meramente motivacional.
- "Capitu, **a princípio**, não disse nada. Recolheu os olhos, meteu-os em si e deixou-se estar com as pupilas vagas e surdas, a boca entreaberta, toda parada." (Machado de Assis)
- "**Em princípio**, o subsecretário suportou bem a tempestade; mas tendo adivinhado que o supunham insciente no tupi, irritou-se, encheu-se de uma raiva surda, que se continha dificilmente." (Lima Barreto)
- "De sorte que logo **em princípio** o comandante reconheceu inexequível dar à marcha uma norma capaz de poupar as forças das praças." (Euclides da Cunha)

3.9.2 DISTINÇÃO ENTRE OS CONECTIVOS "PORQUANTO" E "CONQUANTO"

Eis uma lição sobre a qual já falamos no capítulo sobre "sintaxe do período composto", mas é sempre bom relembrar. Leia com atenção, pois o conhecimento abaixo é bastante cobrado em certames pelo país afora.

PORQUANTO ≠ **CONQUANTO**

CONJUNÇÃO CAUSAL OU EXPLICATIVA
Equivale a "porque, visto que, pois, já que".

CONJUNÇÃO CONCESSIVA
Equivale a "embora, apesar de que, ainda que".

- O governo não reduzirá a taxa Selic, **porquanto** não deseja que haja o aumento do consumo.
  porque, já que, pois
- **Conquanto** seja bastante rico, veste-se como pobre.
  embora, ainda que
- "É possível, **conquanto** o não creiamos, que esse homem de Estado fosse um miserável, cuja desonra espadane ainda sobre aqueles que, iludidos, o sustentaram." (Rui Barbosa)
- "E aqui verás tal ou qual esperteza minha; **porquanto**, ao ler o que vais ler, é provável que o aches menos cru do que esperavas." (Machado de Assis)

3.9.3 DISTINÇÃO ENTRE OS CONECTIVOS "JÁ QUE" E "POSTO QUE"

Mais uma distinção sobre a qual já falamos no assunto "sintaxe de período". Mas nunca é tarde para relembrar, pois ela é bastante cobrada pelas bancas.

JÁ QUE ≠ **POSTO QUE**

CONJUNÇÃO CAUSAL
Equivale a "porque, visto que, pois, uma vez que".

CONJUNÇÃO CONCESSIVA
Equivale a "embora, apesar de que, ainda que".

- O reclamante deve ser reintegrado ao posto **já que** goza de estabilidade.
  porque, visto que
- **Posto que** fosse um dos homens mais ricos da cidade, vestia-se como pobre.
  embora, ainda que
- "Gênio político de esfera muito curta, **posto que** de brilhantes talentos jurídicos e parlamentares, o Visconde de Ouro Preto capacitou-se de que o melhor serviço que podia prestar à monarquia era alardear os recursos." (Rui Barbosa)
- "Pois essa que fui ontem continuarei a ser, **já que** Deus não quis que fosse a outra, que viu da primeira vez." (José de Alencar)

3.9.4 DISTINÇÃO ENTRE OS CONECTIVOS "À MEDIDA QUE" E "NA MEDIDA EM QUE"

Observe agora a distinção entre dois conectivos bastante parecidos. É preciso ficar atento, pois são empregados em situações bem distintas. Veja:

À MEDIDA QUE	≠	**NA MEDIDA EM QUE**
CONJUNÇÃO PROPORCIONAL Equivale a "à proporção que".		ARTICULADOR DE CAUSA Equivale a "já que, visto que, uma vez que".

- Desistiram de continuar a viagem, **na medida em que** as dificuldades para a consecução de uma nova estalagem aumentavam em virtude do evento previsto para a cidade.
- "**À medida que** engolia uma troça, uma pilhéria, vinha-lhe meditar sobre a sua lembrança, pesar-lhe todos os aspectos, examiná-la detidamente..." (Lima Barreto)
- "Os anos passaram depois, e **à medida que** vinham, ia-se Estêvão afundando no mar vasto e escuro da multidão anônima." (Machado de Assis)

➯ **Observação:**

Lembre-se de que as expressões "à medida em que" e "na medida que" não existem em nossa língua. São corruptelas da locução conjuntiva de proporcionalidade "**à medida que**".

3.10 LIÇÃO 10 – EMPREGO DE OUTRAS EXPRESSÕES QUE PROVOCAM DÚVIDAS

Vamos agora a outras lições bastante interessantes. Aqui veremos o emprego de várias expressões que frequentemente suscitam dúvidas. Leiamo-las...

3.10.1 DISTINÇÃO ENTRE "POR ORA" E "POR HORA"

Embora apresentem origem igual – a palavra "hora" –, as expressões apresentam significados diferentes. "Por ora" é equivalente a "por enquanto"; já "por hora" é empregada quando se deseja fazer referências a intervalos de 60 minutos – equivale a "a cada hora, a cada 60 minutos".

- Os benefícios, **por ora**, só serão concedidos aos trabalhadores noturnos.
- Eles ganham R$ 25,00 **por hora**.
- João conseguia ler, **por hora**, cinco capítulos do livro.
- "Nós somos, **por ora**, uma voz, que adverte, e aconselha, enquanto o desengano nos não converter em arma, que acomete, e destrói." (Rui Barbosa)
- "– Ele passou por aqui pondo dez léguas **por hora**." (Manuel A. de Almeida)

3.10.2 EMPREGO DE "O MAIS DAS VEZES" E "AS MAIS DAS VEZES"

Ambas as expressões são corretas para indicar a maioria das vezes que um fato se realiza. Neste contexto, a expressão "a mais das vezes" não existe. Para o professor Mário Barreto, a expressão "as mais das vezes" é mais usual.

- "Temo-las por adiáforas; no geral, suspeitas; **as mais das vezes**, incompletas; quase sempre, traiçoeiras; sempre disparatadas." (Euclides da Cunha)
- "Até nas próprias travessuras do menino, **as mais das vezes** malignas, achava o bom do homem muita graça." (Manuel A. de Almeida)
- "Elas passavam o serão na sala de jantar, em volta do candeeiro, que alumiava a tarefa noturna **o mais das vezes** solitárias." (José de Alencar)

3.10.3 DISTINÇÃO ENTRE "ABAIXO" E "A BAIXO"

Há um grupo de advérbios que são conhecidos pelas formas estranhas – e incoerentes muitas vezes – como são grafados. Não adianta reclamar: a ortografia oficial impõe que seja assim. Observe:

abaixo	acima
debaixo	de cima
embaixo	em cima
por baixo	por cima

Nesse grupo, encontramos uma distinção interessante entre o par "abaixo" e "a baixo". O primeiro é advérbio e significa "em local menos elevado, embaixo". Já o segundo é empregado na correlação "de... a...", em que a preposição "a" – equivalente à preposição "para" – fica separada da palavra "baixo". Observe:

- O leite está na prateleira **abaixo** dos pratos de sobremesa.
- Pintamos a parede **de** cima **a baixo**.
- "Nós descoroamos da liberdade aos que de Deus a houveram sacrossanta, e com isso os abatemos ao ínfimo grau da escala criada: até **abaixo** do reino vegetativo." (Rui Barbosa)

- "Há quase sempre alguma coisa impalpável e misteriosa no seio dos acontecimentos, que conspira contra as conspirações, mesmo quando essas vêm **de** cima **a baixo**." (Rui Barbosa)

3.10.4 DISTINÇÃO ENTRE "A PAR" E "AO PAR"

Eis duas expressões bastante interessantes, as quais provocam dúvidas no dia a dia. Emprega-se corretamente a locução prepositiva "**a par de**" quando se quer transmitir o sentido de "*estar ciente, estar informado*", ou ainda com o sentido de "*ao lado de, junto a, comparado com*". Já a expressão "**ao par**" só deve ser empregada com o sentido de "*equivalência monetária, cambial*". Observe:

- O diretor estava a par de toda a situação.
  ciente de
- João foi ao colégio a par do irmão.
  ao lado de
- "A par do último verão, até que este está ameno." (Dicionário Houaiss)
  comparado com
- "eis .... que a subida inesperada do partido conservador, firmando o crédito do Estado, elevou o papel-moeda, deixando o câmbio quase ao par". (Aluísio Azevedo *apud* Dicionário Aurélio)
- "Tem razão. Dizem que há lá muita coisa esplêndida; não admira, são mais velhos que nós; mas lá chegaremos; e há coisas em que estamos a par deles, e até acima." (Machado de Assis)

3.10.5 DISTINÇÃO ENTRE "NENHUM" E "NEM UM"

Eis uma dúvida frequente entre os operadores da nossa língua. Fique atento, pois ela apresenta vários detalhes.

O vocábulo "nenhum" (junção de "nem" mais "um") é um pronome indefinido e opõe-se a "algum". Já na construção "nem um", o vocábulo "um" é um numeral (seus equivalentes são, portanto, "dois, três, quatro etc.").

Lição bastante proveitosa nos deixou o ilustre gramático Napoleão Mendes de Almeida: "**Nenhum** provém da junção de 'nem + um', havendo entre aquela forma sintética (nenhum) e esta analítica (nem um) diferença de energia de expressão; a forma analítica é mais forte". Seguindo a lição do mestre, em muitos casos, pode-se usar tanto "nem um" quanto "nenhum" – o que vai diferir é a ênfase que se deseja conferir ao enunciado.

- Ao partir, João dos Anjos não deixou **nenhum** bem. (➔ ... não deixou bem algum.)
- Ao partir, João dos Anjos não deixou **nem um** bem. (➔ ... não deixou nem mesmo um bem.)

É preciso sinalizar, entretanto, que a forma analítica "nem um" individualiza o ser, define por unidade e apresenta frequentemente o sentido de "nem mesmo um, nem sequer um". Observe agora alguns exemplos extraídos de escritores de renome que empregaram a expressão "nem um".

- "Pois olhe que não é uma criança! Mas **nem um** cabelo branco, **nem um**, **nem um** só!" (Eça de Queiroz)
- "...mas tudo se passava lá dentro, não veio **nem um** suspiro à flor dos lábios." (A. Garrett)
- "Calma. A noite caiu. **Nem um** pássaro voa." (Olavo Bilac)
- "Rápido e violento devia ter sido o cometimento, numerosos os cavaleiros inimigos; porque **nem um** dos atalaias pudera escapar." (A. Herculano)

Veja agora outros exemplos com a utilização de "nenhum".

- "**Nenhum** milagre de engenharia lhos substituirá com vantagem." (Euclides da Cunha)
- "Anhangá turbou sem dúvida o sono de Irapuã, que o trouxe perdido ao bosque da jurema, onde **nenhum** guerreiro penetra sem a vontade de Araquém." (José de Alencar)
- "Para a cidade não trouxeram **nenhum** escravo. Venderam a maioria e os de estimação libertaram." (Lima Barreto)
- "Seguramente o alienista podia estar em erro, mas **nenhum** interesse alheio à ciência o instigava." (Machado de Assis)
- "**Nenhum** homem, por exemplo, de mais títulos a interpretar as opiniões desse partido, **nenhum** mais genuinamente representativo das suas disposições do que o Sr. Silveira Martins." (Rui Barbosa)

Vejamos agora alguns valores que o indefinido "nenhum(a)" pode adquirir em uma oração.

- Distribuiu-se o convite para muitos funcionários, mas **nenhum** foi à confraternização.
  sentido de "ninguém"
- É uma pessoa de **nenhuma** importância.
  sentido de "nulo, inexistente"
- "O cavalo dele, melhor que **nenhum** outro, ganhou a corrida." (Aurélio)
  sentido de "qualquer"

3.11 LIÇÃO 11 – EMPREGO DE "ESTÁ" E "ESTAR"

Eis um ponto que, por si só, merece uma lição à parte. Não raro, os candidatos sofrem com esta dúvida. De antemão, posso garantir que é

bastante fácil – o "grande" problema reside em nossa pronúncia defeituosa. Vamos lá...

Em primeiro lugar, cumpre fazermos as distinções iniciais:

ESTÁ ➔ 3.ª pessoa do singular, do presente do indicativo do verbo "estar". Logo, emprega-se esta forma quando na estrutura temos um sujeito da 3.ª pessoa do singular, explícito ou implícito (oculto). Observe:

- O governo ainda **está** na contramão do progresso.
- "– Há muito tempo que **está** no Rio de Janeiro? perguntou-me Lúcia depois de uma pausa." (José de Alencar)
- "A alcova **está** deserta, mas inda com o teu cheiro perfumada, do teu fulgor coberta..." (Olavo Bilac)
- "Se adoecem e a família **está** fora, não os confio a um correspondente... Trato-os aqui, em minha casa." (Raul Pompéia)

Dica: Se houver alguma dúvida, SUBSTITUA o verbo por outro. Certamente, você perceberá o emprego da 3.ª pessoa do singular. Veja:

- O governo ainda **está** na contramão do progresso.
  permanece, encontra-se, fica
- Não sei se ele **está** na igreja.
  permanece, encontra-se

ESTAR ➔ Infinitivo do verbo. Destacamos dois empregos que suscitam dúvidas:

a) Formação de locuções verbais (verbo auxiliar + infinitivo). Observe:

- O governo ainda **deve estar** na contramão do progresso. (substitua por *"se encontrar, permanecer"*).
- Não sei, mas acho que os meninos **podem estar** na igreja. (substitua por *"se encontrar, ficar"*)
- "Ele canta que **parece estar** num café concerto, no meio de mulheres de vida airada..." (Lima Barreto)
- "O que é certo é que, não obstante a sorte que tivera aquele seu apaniguado, **costumava estar** na vila." (Euclides da Cunha)

Dica: Lembre-se, mais uma vez, de que, em caso de dúvida, você deve substituir por outro verbo. Se a forma for da 3.ª pessoa do singular, empregar-se-á "está"; se a forma for de infinitivo (-r), empregue, sem medo, "estar".

b) Formação de orações reduzidas de infinitivo com o verbo "ESTAR". Veja:

- João Pedro fez o possível para ______________ conosco hoje.
  está ou estar?

Como preencher o espaço acima? Fácil, se perceber que é possível a substituição por *"ficar, permanecer"*, por exemplo. Traduzindo: com a substituição fica claro e notório que se trata do emprego de um verbo no infinitivo, o qual exerce o núcleo de uma oração circunstancial (adverbial), reduzida. Portanto, não tenha dúvida:

- João Pedro fez o possível para **ESTAR** conosco hoje.

Vejamos outros exemplos:

- "Eis o que eu vi nessa hora de agonia, depois de **estar** ali alguns não sei se instantes ou séculos." (A. Herculano)
- "Você, com uma filha quase mulher, não tem vergonha de **estar** aqui a servir de palhaço?!" (Aluísio Azevedo)
- "É preciso mesmo **estar** sob a ação exclusiva de uma ideia fixa, para acreditar que a indenização possa ainda sair a campo." (Rui Barbosa)
- "A verdade certa é que, às duas horas da tarde, aquele advogado andava atrás das moças, em vez de **estar** no foro." (Machado de Assis)

➯ **Observação:**

Vale a pena mencionar que esta dúvida (emprego de "está" ou "estar") também se estende a outras situações em nossa língua. Portanto, basta aplicar o conhecimento acima (e ter cuidado com a pronúncia) para resolver as pendências. Veja:

- No final do ano, a empresa vai ____________ uma grande festa para os funcionários.
  dá ou dar?

Comentário: Se podemos substituir por "conceder, oferecer", constatamos que se trata do emprego do infinitivo do verbo "dar" numa locução verbal – logo, "... a empresa vai **dar** uma grande festa...".

3.12 LIÇÃO 12 – EMPREGO DE "TER DE" E "TER QUE"

Mais uma lição bastante interessante sobre o emprego de duas expressões que, não raro, provocam dúvidas. Embora no dia a dia sejam usadas de forma indistinta, podemos, ainda assim, traçar algumas orientações. Vejamos:

Emprega-se TER DE (verbo + preposição), seguido de outro verbo no infinitivo, quando se deseja denotar "fato infalível, necessário, obrigatório ou jussivo (imperativo)". Observe os exemplos:

- O Brasil tem de ser um país menos desigual. (Equivale a ➔ "O Brasil tem a obrigação de ser um país...)
- Todos tiveram de sair por causa do fogo que já atingia os últimos andares do prédio.
- "... para se conhecerem os amigos, tinham os homens de morrer primeiro e daí a algum tempo ressuscitar..." (Pe. Antonio Vieira).
- "O Congresso ainda não se dissolveu. Tem de reunir-se ainda." (Rui Barbosa)

Emprega-se, por outro lado, TER QUE (verbo + conjunção integrante), seguido de um verbo no infinitivo, quando se deseja indicar simplesmente "algo para fazer", "algo que ainda não foi feito". Nesse sentido, transmite-se tão somente "mera informação" ou uma "ação facultativa". Vejamos:

- "Esses não têm que envenenar a alma de seus filhos com as misérias domésticas do cativeiro (...); não têm que dar, nas suas escolas, em vez da educação cívica, o ensino da opressão perpetuada, não têm que sentir a organização de sua pátria assentada na denegação eterna da liberdade a uma parte indefesa do gênero humano."
- "É uma mania de seu amigo, Senhor Ricardo, esta de só querer cousas nacionais, e a gente tem que ingerir cada droga, chi!" (Lima Barreto)
- "— O senhor... O senhor só tem que me agradecer uma coisa: é a minha paciência." (José de Alencar)

⇨ **Observações:**

a) Como já dissemos, no dia a dia, essas expressões são usadas quase indistintamente, uma vez que nem sempre é fácil se fazer a distinção entre o que é "obrigação" do que é "mera informação ou ação facultativa". De acordo com a professora Maria Helena de Moura Neves, a expressão "TER QUE" é hoje mais usual do que TER DE. Esta última é empregada com mais frequência, segunda a professora, na linguagem literária.

b) Alguns autores preconizam que, na expressão TER QUE, o "que" funciona como pronome relativo sem antecedente explícito. Preferimos, entretanto, a análise que atesta ser o "que" uma conjunção integrante, porquanto a classificação do "que" como pronome relativo soa-nos artificial. Para os que advogam a morfologia de "pronome relativo", deveríamos analisar o período da seguinte maneira:

- Não posso sair hoje, pois tenho que estudar. ➔ Equivale a "... tenho (algo) que estudar".

3.13 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (FCC) *...para entender por que a viagem de Colombo acabou e continua sendo uma metáfora...* No que se refere à grafia, para estar de acordo com o padrão culto, a frase que deve ser preenchida com forma idêntica à destacada acima é:

a) Alguém poderá perguntar: – O autor citou Braudel, ...?
b) Gostaria de saber ...... ele se interessou especificamente por essa obra de Braudel acerca do mar Mediterrâneo.
c) Quem sabe o ...... da citação da obra de Braudel?
d) Referências são sempre interessantes, ... despertam curiosidade acerca da obra.
e) – ... foi a obra que mais o teria impressionado sobre o assunto, respondeu alguém quando indagado sobre o motivo da citação.

2. (CESGRANRIO) É melhor começar a exercitar a linguagem, __________ o seu relacionamento pode acabar mal.

A pesquisa recentemente realizada pela empresa foi __________ do estresse emocional do trabalhador.

Expliquei-lhe as exigências do atual mercado __________ ele se adaptasse melhor.

A sequência que completa corretamente as frases acima é

a) se não – a cerca – a fim de que
b) se não – acerca – afim de que
c) se não – acerca – a fim de que
d) senão – acerca – a fim de que
e) senão – a cerca – afim de que

3. (CESGRANRIO) As razões __________ não simpatizo com você são muitas.

Não faça críticas negativas, __________ se arrependerá.

O que eu disser poderá ser __________ interpretado.

A opção cuja sequência completa, corretamente, as sentenças acima é

a) por quê – senão – mal
b) por que – senão – mal
c) porquê – se não – mal
d) porque – se não – mau
e) porque – senão – mau

4. (ESAF – Téc. Rec. Federal) Lê-se no Manual de Redação da Presidência da República:

onde
Como pronome relativo significa 'em que (lugar)': A cidade **onde** nasceu.

Com base nessa definição e nas demais funções morfossintáticas que o termo **onde** *pode desempenhar, aponte a frase na qual o emprego de tal termo está incorreto.*

a) (...) o método utilizado pode afastar os auditores, pela falta de estrutura, da descoberta dos grandes esquemas de corrupção. Porque ele está muito voltado a atender à grande novidade inventada por Waldir Pires, os sorteios dos municípios. Ali, faz-se uma auditoria por amostragem, onde pegar um grande esquema dependerá, como tudo num sorteio, da sorte.

b) O Portal de Transparência é até onde a CGU conseguiu tornar possível a sua ideia de tornar público o Sistema Integrado de Administração Financeira (...).

c) "Cultura" é um termo quase infinitamente maleável. (...). Sua origem ou, pelo menos, até onde se possa saber, seu sentido primitivo parece se relacionar com a criação, descoberta ou invenção da agricultra (...).

d) Passada a euforia da libertação, muitos ex-escravos regressaram a suas fazendas, ou a fazendas vizinhas; para retomar o trabalho por baixo salário. Dezenas de anos após a abolição, os decendentes de escravos ainda viviam, nas fazendas, uma vida pouco melhor do que a de seus antepassados escravos. Outros dirigiram-se às cidades, como o Rio de Janeiro, onde foram engrossar a grande parcela da população sem emprego fixo.

e) Onde havia dinamismo econômico provocado pela expansão do café, como em São Paulo, os novos empregos, tanto na agricultura como na indústria, foram ocupados por milhares de imigrantes italianos que o governo atraía para o país. Lá, os ex-escravos foram expulsos ou relegados aos trabalhos mais brutos e mais mal pagos.

(Fontes: Rudolfo Lago, Correio Braziliense, 24/10/2005; Nelson Archer, Relativismo cultural e multiculturalimo, FSP, 31/10/2005; José Murilo de Carvalho, Cidadania no Brasil: o longo caminho, pág. 52)

5. (FGV) Perguntei por que ele não tocava mais piano.

Assinale a alternativa correta acerca do uso do porquê na frase acima.

a) A forma está correta, pois corresponde à preposição POR + o pronome relativo QUE.

b) A forma está correta, pois é uma conjunção, sendo, nesse caso, sempre grafada como duas palavras.

c) A forma está correta, pois equivale a "por qual razão", caracterizando uma pergunta indireta.

d) A forma está incorreta, pois a forma com duas palavras só se usa em perguntas. O correto seria PORQUE.

e) A forma está incorreta, pois, embora seja grafada com duas palavras, a forma QUE deveria levar acento circunflexo.

6. (FGV) "Concluída a fusão dos mercados, em vez de rumar para a integração política e consolidar seu protagonismo na cena mundial, a Europa faz da integração um utensílio da exclusão. Claro está que Bruxelas não pode evitar a deriva à direita de certos Estados, mas tampouco necessita servir à regionalização da xenofobia."

A respeito do trecho acima, analise os itens a seguir:

I. A expressão em vez de não poderia ser substituída, no trecho, por ao invés de.

II. Ocorre alteração gramatical ou semântica ao se substituir "Claro está" por "Está claro".

III. Não ocorre alteração gramatical ou semântica ao se substituir "certos Estados" por "Estados certos".

Assinale:

a) se somente o item III estiver correto.
b) se somente o item I estiver correto.
c) se nenhum item estiver correto.
d) se todos os itens estiverem corretos.
e) se somente o item II estiver correto.

7. (FGV) O leitor já viu onde quero chegar.

Assinale a alternativa cuja estrutura seja equivalente semanticamente à apresentada acima, mas que dela se diferencie quanto à adequação da linguagem ao padrão normativo.

a) Já observou o leitor onde quero chegar.
b) O leitor já viu aonde quero chegar.
c) Quero chegar onde o leitor já viu.
d) Em que ponto quero chegar o leitor já viu.
e) O leitor já viu em cujo local quero chegar.

GABARITO

1 – B	2 – D	3 – B
4 – A	5 – C	6 – C
7 – B		

CAPÍTULO 4

A LINGUAGEM FIGURADA – AS FIGURAS DE LINGUAGEM

Em nosso dia a dia, usamos com frequência a denominada linguagem intelectiva para que nos comuniquemos. A linguagem intelectiva é aquela em que os termos geralmente vêm dispostos na sequência "sujeito + predicado + complementos + adjuntos" e trabalha o sentido real, denotativo dos vocábulos, das palavras.

Não basta, porém, que a linguagem seja puramente racional para que o homem se comunique. Em muitas situações comunicativas, lançamos mão de recursos para que a linguagem se torne mais atraente, mais simpática, contribuindo para formar a convicção do leitor ou do ouvinte – é a denominada "linguagem *afetiva*". O resultado desse uso é uma linguagem mais sensível, mais comparativa, mais emocional, menos racional. Para obter esse efeito, o comunicador lança mão das chamadas **figuras de estilo**, conhecidas também como **figuras de linguagem**.

Figuras são os modos de dizer, alguns dos quais alteram a forma regular das palavras ou das orações, e outros modificam ou omitem o sentido próprio da expressão.

4.1 CLASSIFICAÇÃO DAS FIGURAS DE LINGUAGEM

As figuras de estilo ou de linguagem se classificam em:

a) Figuras de palavras ou tropos;
b) Figuras de pensamento;
c) Figuras de construção ou de sintaxe.

4.1.1 FIGURAS DE PALAVRAS OU TROPOS

São figuras que se caracterizam por alterar o sentido próprio de uma palavra. São elas: metáfora, metonímia, catacrese, perífrase, sinestesia e comparação.

4.1.1.1 Metáfora

A metáfora (de um vocábulo grego que significa "transportar") é a translação do sentido próprio de uma palavra para outro, por analogia ou por semelhança, ou seja, consiste em usar uma palavra pela outra por força de uma comparação mental. É uma comparação – pelo fato de existirem características pertencentes a um objeto ou ser que se adapta a outro – sem a presença explícita de conectivo comparativo.

- Ela é um anjo de doçura, e ele é um cavalo de grosseria.
- É uma borboleta o coração daquela donzela.
- Muitos jovens perdem a razão quando vivem o fogo de uma paixão.
- O vício toma muitas vezes a máscara da virtude.
- "O Senhor é o meu Pastor e nada me faltará". (Sl. 23)
- "Coração bobo, coração bola, coração balão
  A gente se ilude dizendo
  Já não há mais coração" (Alceu Valença)
- "O mar é lago sereno
  O céu – um manto azulado
  O mundo – um sonho dourado
  A vida – um hino d'amor." (Casimiro de Abreu)
- "A vida é o dia de hoje
  A vida é ai que mal soa
  A vida é sombra que foge
  A vida é nuvem que voa." (João de Deus)

⇨ **Observação:**

Com a metáfora, buscam-se semelhanças, analogias, características comuns entre os seres postos numa relação comparativa.

4.1.1.2 Metonímia

A metonímia é a substituição do sentido de um vocábulo pelo de outro com o qual está intimamente relacionado. Com a metonímia, o operador da língua troca um vocábulo por outro pelo fato de ambos apresentarem uma contiguidade de sentido, uma coexistência semântica. Quando se diz, por exemplo, que se leu Camões, percebe-se nitidamente a relação entre "Camões" e "obra escrita". Na realidade, leu-se a "obra" que pertence ao escritor Camões. Observe outro exemplo abaixo:

- Durante a Idade Média, alguns defendiam o trono, outros, o altar.

⇨ **Observação:**

Perceba que os vocábulos "trono" e "altar" foram empregados em substituição aos vocábulos "realeza" e "religião", respectivamente.

Várias são as formas de substituição propostas pela metonímia. Vejamos algumas:

a) O autor pela obra:

- Ontem me deleitei com o Machado de Assis.
  a obra

  a obra
- Sempre viajava na companhia de José Saramago. Em casa, não abandonava Cecília Meireles.
  a obra

b) A causa pelo efeito, ou vice-versa:

- Sempre vivi do suor do meu rosto.
  trabalho
- A palidez tomou-lhe conta do rosto quando viu que o avião perdeu altura.
  medo

c) O abstrato pelo concreto e vice-versa:

- A mocidade de hoje parece que perdeu o encanto pela vida.
  os jovens
- Era difícil não se emocionar com aquela beleza trôpega.
  um velho, um idoso

d) O continente pelo conteúdo:

- Eles sempre foram amantes do copo.
  dos bebidas
- Eles comeram todo o prato com uma voracidade incrível.
  a comida, o alimento

e) A marca pelo produto:

- Fez a barba com uma gilete.
  lâmina de aço
- Por favor, limpe com uma coca.
  refrigerante à base de folha de coca

f) A parte pelo todo e vice-versa:

- Os ônibus passavam cheios de pernas.
  pessoas
- Muitas chaminés dominam São Paulo.
  fábricas, indústrias

g) O singular pelo plural:

- O homem vive há séculos sobre a terra.
  os homens
- O brasileiro é um povo de coragem, de luta, de determinação.
  os brasileiros

h) O objeto ou sinal pela coisa significada:

- Infelizmente a balança no Brasil não é tão justa quanto é em outros países.
  a justiça
- *os juízes, os magistrados*
  A toga brasileira ficou incomodada com as palavras do presidente da República.

i) O possuidor pela coisa possuída:

- Uma centena de fuzis apoiavam suas decisões.
  soldados
- Em toda guerra, as armas não dormem nem de dia nem de noite.
  os combatentes, os soldados

j) A matéria pelo objeto:

▹ Na festa, quebraram todos os cristais.
copos, pratos feitos de cristal

▹ A comida foi colocada em porcelanas chinesas.
pratos e recipientes feitos de porcelana chinesa

➾ **Observação:**

a) Não se preocupe tanto em decorar essas formas de substituição. Procure, sim, entender o que é uma metonímia. As bancas raramente (mas raramente mesmo) cobram as relações acima. Elas querem saber tão somente se o estudante sabe identificar o que é um processo metonímico.

b) Muitos autores classificam alguns casos de metonímia como **sinédoque**. Esta, segundo eles, caracteriza-se por substituir "o todo pela parte" ou "a parte pelo todo", isto é, teremos uma relação do tipo "continente e conteúdo" ou "gênero e espécie". Achamos a discussão menor, e preferimos englobar todos os casos sob a denominação genérica de metonímia, porquanto tem sido a figura predominante nos certames hoje.

4.1.1.3 Catacrese

A catacrese é o desvio do significado natural de um vocábulo. Consiste em se empregar um vocábulo já existente e com significação própria em outro sentido, por falta de vocábulo adequado. Em verdade, a catacrese é uma metáfora desgastada, porque busca semelhanças entre seres, objetos, coisas e passa a usar um vocábulo com uma extensão semântica maior do que ele possui – "é o esquecimento ou substituição definitiva do significado de uma palavra por outra", preconiza o ilustre mestre Cândido de Figueiredo.

▹ O **pé da cadeira** está quebrado.

➾ **Observação:**

Busca-se a semelhança entre o "pé humano" (sentido denotativo) e o objeto de madeira que sustenta a cadeira, pé da cadeira (sentido conotativo).

Observe agora outros exemplos:

▹ Já na terça-feira, todos tiveram de responder à **sabatina** feita pelo professor.

▹ Furou a **cabeça do dedo** com um alfinete.

▹ Todos **embarcaram** no avião precisamente às 16 horas.

- O boxeador levou um soco na **boca do estômago.**
- Ficamos passeando bem no **coração da cidade.**
- Colocaram vários **dentes de alho** na buchada que eles prepararam.
- A **asa do avião** ficou danificada por causa da colisão com um pássaro.

4.1.1.4 Perífrase ou antonomásia

É um tipo especial de metonímia que se caracteriza por substituir um ser ou um objeto por uma expressão que facilmente o identifica. Geralmente essa substituição é feita com uma característica marcante do ser ou do objeto. Observe:

- Faz anos que morreu o épico português.
  Camões
- Conheci a Veneza brasileira.
  Recife

Veja outras perífrases:

- **o rei do baião** → por Luís Gonzaga
- **a cidade luz** → por Paris
- **a Suíça pernambucana** → por Garanhuns
- **o poeta dos escravos** → por Castro Alves
- **o país do sol nascente** → por Japão
- **o grande poeta mineiro** → por Drummond
- **o grande orador grego** → por Demosthenes
- **o grande poeta grego** → por Homero
- **o águia de Haia** → por Rui Barbosa
- **o rei da selva** → por leão

4.1.1.5 Sinestesia

Consiste na mistura de sensações perceptíveis por órgãos do sentido diferentes. Busca-se, com isso, oferecer maior expressividade à sensação primitiva, mais forte. Quando se diz, por exemplo, "beijo doce", atribuiu-se à sensação tátil "beijo" uma sensação gustativa "doce" para indicar que a ação primitiva "beijo" é intensificada por uma sensação gustativa "doce". Observe outros exemplos:

- Ela usava um vestido de **cores berrantes.**

- Na reunião, ele usou **ásperas palavras.**
- O locutor do aeroporto possui uma **voz doce e aveludada.**
- O vinho apresentava um **gosto quente, áspero.**
- "Ó sonora **audição colorida** do aroma!" (Alphonsus de Guimaraens)

4.1.1.6 Comparação

É a analogia efetuada entre dois seres ou objetos por meio de conectivos comparativos explícitos a fim de ressaltar a(s) semelhança(s) entre eles. Geralmente são usados os conectivos subordinativos comparativos "como, tal qual, assim como, tão... quanto, tanto... quanto, mais... (do) que, menos... (do) que etc.".

- "Seria meia-noite quando o navio começou a mover-se lentamente, e uma hora depois a cidade, as praias, e as montanhas sumiam-se na distância, **como** se o mar as fosse engolindo com a voracidade de um monstro." (Adolfo Caminha)
- "E o escândalo, **como** um líquido derramado, ia escorrendo pelas ruas, pelos becos, penetrando por aqui e por ali, invadindo as repartições públicas, os escritórios comerciais, as redações das folhas e as casa particulares." (Aluísio Azevedo)

4.1.2 FIGURAS DE PENSAMENTO

São figuras que se processam no âmbito do pensamente, da ideia que se quer transmitir. São processos de expressão do pensamento, os quais introduzem ideia diferente da que realmente a palavra exprime. São elas:

4.1.2.1 Antítese

É a figura que consiste no emprego de termos ou pensamentos em oposição, de forma que faça sobressair um pelo outro. É um poderoso recurso estilístico, pois ressalta relações de contraste, de oposição entre os termos, entre as ideias. Veja alguns exemplos:

- "Estes edificam, aqueles destroem; estes sobem pelos degraus da honra, aqueles outros descem." (M. Bernardes)
- "Última flor do Lácio, inculta e bela,
  és, a um tempo, esplendor e sepultura." (Olavo Bilac)

- "Vejo um túmulo, entremos:
  Quem sempre a morte achou no lar da vida
  Deve a vida encontrar no lar da morte." (Laurindo Rabelo)
- "Ontem plena liberdade
  A vontade por poder
  Hoje... cum'lo de maldade
  Nem são livres... pra morrer." (Castro Alves)
- "Era o porvir – em frente do passado,
  A liberdade – em face à escravidão." (Castro Alves)

4.1.2.2 Paradoxo ou oximoro

É uma espécie de antítese mais radical, pois trabalha com termos em oposição colocados lado a lado. O contrassenso se dá dentro do mesmo termo, do mesmo verso. Veja:

- "O doutor falava **bobagens** conspícuas." (Manoel de Barros apud Domingos P. Cegalla)
- "Amor é fogo que **arde** sem se ver,
  É ferida que **dói**, e não se sente;
  É um **contentamento** descontente
  É dor que **desatina** sem doer." (Camões)
- "Menino do rio,
  calor que provoca arrepio." (Caetano Veloso)
- "Enfim, transpondo o **Inferno** e o Purgatório, Dante
  Chegara à extrema luz pela mão de Beatriz:
  Triste no sumo bem, **triste** no excelso instante,
  O poeta compreendera o **mal** de ser feliz." (Olavo Bilac)

4.1.2.3 Ironia

Conhecida também como "antífrase", é a alteração do sentido próprio de uma palavra ou de uma expressão para o sentido oposto, isto é, a ironia ocorre quando a palavra ou a sentença exprime normalmente o contrário daquilo que queremos dar a entender com ela. O emprego da ironia, em muitas situações, pode revelar sarcasmo, zombaria, chacota, escárnio. Observe:

- Bela coisa você fez, meu filho – conseguiu tirar nota baixa em todos os exames!

- "Moça linda bem tratada
  Três séculos de família
  burra como uma porta." (Mário de Andrade)
- "A excelente dona Inácia era mestra na arte de judiar das crianças." (Monteiro Lobato)

4.1.2.4 Eufemismo

Consiste no emprego de palavras ou expressões com o objetivo de diminuir o impacto da mensagem. Em outras palavras, é o abrandamento da força de uma ideia, de uma mensagem. Empregam-se palavras ou expressões mais amenas, mais suaves, mais sutis para evitar o impacto da ideia, da mensagem. Observe:

- **Os funcionários da limpeza pública** entraram em greve. (em vez de "garis, lixeiros")
- No depoimento, a testemunha **faltou com a verdade.** (em vez de "mentiu")
- Foi preso pela polícia, porque **enriqueceu por meios ilícitos.** (em vez de "roubou")
- Descobriram um **tumor maligno** no seio da mulher. (em vez de "câncer")
- Nossos amigos **não foram felizes** no concurso que fizeram. (em vez de "foram reprovados")
- "Alma minha gentil **que te partiste**
  Tão cedo desta vida descontente." (Camões)
- "Os amigos que me restam são de data recente; todos os antigos foram estudar **a geologia dos campos santos.**" (Machado de Assis *apud* Rocha Lima)

4.1.2.5 Hipérbole

Consiste no emprego de expressões ou palavras com o sentido exagerado, extrapolado. É um outro poderoso recurso expressivo, pois se baseia no exagero da mensagem. Observe:

- Naquele momento, todos nós já estávamos **mortos de fome.**
- Mulher, não te vejo **há séculos.**
- "Abram mais janelas do que todas as janelas que há no mundo." (Fernando Pessoa)

- "Queria gritar setecentas mil vezes..." (Cazuza)
- "Rios te correrão dos olhos, se chorares." (Olavo Bilac)

4.1.2.6 Gradação

Consiste no emprego de palavras ou ideias em progressão ascendente ou descendente a fim de obter um efeito estilístico. Quando apresenta ideias em gradação ascendente, chama-se "clímax"; quando apresenta ideias em gradação descendente, chama-se "anticlímax". Veja alguns exemplos:

- "Que **verbo mais eloquente**, que **eloquência mais sublime**, que **sublimidade mais angélica** do que a sua"? (Alves Mendes *apud* Jorge Miguel)
- "Oh, não aguardes que a madura idade
  Te converta essa flor, essa beleza,
  Em terra, em cinza, em pó, em sombra, em nada." (Gregório de Matos)
- "Parece-me que só neste país ainda não se observa nem se permite esse costume **tão natural, tão próprio, tão eficaz mesmo**, das senhoras pobres empregarem-se no comércio a retalho." (Adolfo Caminha)
- "E o escândalo, como um líquido derramado, ia escorrendo pelas ruas, pelos becos, penetrando por aqui e por ali, **invadindo as repartições públicas, os escritórios comerciais, as redações das folhas e as casa particulares.**" (Aluísio Azevedo)
- "Não já lutando, **mas rendido, enfermo, prostrado, desfalecido, morrendo, morto.**" (Pe. Antônio Vieira)

4.1.2.7 Prosopopeia, personificação ou animismo

Consiste em se atribuírem qualidades humanas a seres inanimados, personificando-os. É uma figura bastante comum nas histórias, nos contos infantis. Observe:

- "As estrelas foram chamadas e **disseram:** – Aqui estamos." (Pe. Antonio Vieira)
- "Debaixo do arco admirável da Ponte das Bandeiras **o rio murmurava** num banzeiro de água pesada e oleosa." (Mário de Andrade)
- "Dona Cômoda tem três gavetas. E um **ar confortável de senhora rica.** Nas gavetas guarda coisas de outros tempos, só para si. Foi sempre assim, dona Cômoda: gorda, fechada e egoísta." (Mário Quintana)

- "As rãs do charco **clamavam:**
  – Dai-nos sol! Dai-nos sol!
  Os ralos e a cigarra acompanhavam:
  – Solzinho! Solzinho! Solzinho!" (Aquilino Ribeiro *apud* Jorge Miguel)

4.1.2.8 Apóstrofe ou invocação

Consiste num chamamento, numa invocação, numa interpelação que se faz a alguém. Em outros termos, é uma interrupção que faz o orador ou escritor para dirigir-se, em tom de chamamento, em tom forte, a uma pessoa ou coisa. Representa a figura do vocativo em sintaxe. Veja alguns exemplos:

- "**Lua lua lua**
  por um momento
  meu canto contigo compactua." (Caetano Veloso)
- "**Deus!, ó Deus!** onde estás que não respondes?" (Castro Alves)
- "Até quando, **ó povo insensato**, haveis de manquejar na Fé, divididos e discordes de vós mesmos em duas partes." (Pe. Antonio Vieira)

4.1.2.9 Reticência

Consiste na supressão da ideia, do pensamento, deixando à outra pessoa a complementação dessa ideia ou desse pensamento. É também um poderoso recurso de estilo, representado pelos três pontos em sequência (...). Vejamos alguns exemplos:

- "Bem sabes que te não contrario... desejo este casamento, desejo... mas... em primeiro lugar, convém saber se ele é do teu gosto... Vamos..., fala!" (Aluísio Azevedo)
- "Estava ainda com a carta aberta nas mãos, quando viu aparecer o doutor, que vinha por notícias do enfermo; o agente do correio dissera-lhe haver chegado uma carta. Era aquela?
  – É esta, mas...
  – Tem alguma comunicação reservada...?" (Machado de Assis)
- "Na comédia o rei veste como rei, e fala como rei; o lacaio veste como lacaio, e fala como lacaio; o rústico veste como rústico, e fala como rústico; mas um pregador, vestir como religioso e falar como... não o quero dizer, por reverência do lugar." (Pe. Antonio Vieira)

4.1.3 FIGURAS DE CONSTRUÇÃO OU DE SINTAXE

São denominadas de figuras de construção porque alteram de alguma forma a construção regular da frase, da oração, do período, do verso. Buscam, com essa alteração, conferir maior expressividade, maior elegância à construção textual. São elas:

4.1.3.1 Elipse

É uma das figuras mais usuais na construção textual. Consiste na omissão de um vocábulo, de um verbo ou de uma oração inteira, os quais podem ser facilmente subentendidos no contexto.

Dependendo do termo elipsado, a elipse pode ser: **nominal** (de uma palavra), **verbal** (de um verbo) ou **frástica** (de uma oração, de uma frase). Vejamos alguns exemplos:

▷ "**Na terra tanta guerra, tanto engano,**
Tanta necessidade aborrecida!" (Camões)

→ **Nos versos de Camões, temos a elipse do verbo "haver" = "Na terra há tanta guerra, há tanto engano".**

▷ "Em Dina matou a formosura a Sichem; **em Dallila matou a Sansão; em Judith matou a Holophernes; em Helena, a toda a Troia; em Lucrecia, a toda a Roma; em Florença, a toda a Espanha.**" (Pe. Antonio Vieira)

→ **No excerto de Vieira, é latente a elipse (nominal, diga-se de passagem) do sujeito "a formosura" nas orações subsequentes: "...em Dallila, a formosura matou a Sansão; em Judith, a formosura matou a Holophernes;..."**

▷ "É por estas e outras que aborreço os políticos, os políticos sim, **não a política.**" (Rui Barbosa)

→ **Observe a elipse do verbo "aborrecer" na última oração: "..., os políticos sim, não aborreço a política".**

▷ "Enfim, ele pensava, **como eu,** que tudo que existe é bom." (Machado de Assis)

→ **Elipse do verbo da oração comparativa: "..., como eu pensava,...".**

4.1.3.2 Zeugma

É uma espécie de elipse. É uma figura pela qual uma palavra já exprimida numa oração se subentende na outra, que lhe é análoga ou ligada, isto é, é a ocultação que um termo anteriormente expresso - o termo aparece em uma oração e é ocultado na(s) outra(s). Observe:

▹ Cada criança escolheu um brinquedo; os meninos pegaram carrinhos, as meninas, bonecas.

→ **Perceba a zeugma do verbo "pegar" na última oração.**

▹ A um é dada a palavra de sabedoria, a outro, o dom de curar moléstias.

→ **Veja a zeugma da locução de passiva "é dado".**

▹ "A aurora é o riso do céu, a alegria dos campos, a respiração das flores, a harmonia das aves, a vida e o alento do mundo." (Pe. Antonio Vieira)

→ **Observe a zeugma tanto do sujeito "aurora" quanto do verbo ser "é".**

▹ "Nossos bosques têm mais vida
Nossa vida mais amores." (Gonçalves Dias)

→ **Temos no último verso a zeugma do verbo "ter": "... Nossas vidas têm mais amores".**

4.1.3.3 Polissíndeto

É a figura que consiste na repetição intencional de conectivos, geralmente, coordenativos a fim de conferir maior expressividade entre os elementos unidos pelos conectivos. Vejamos:

▹ Deus criou o sol e a lua e as estrelas. E fez o homem e deu-lhe inteligência e fê-lo chefe da natureza.

▹ "Uma procissão de rendas e sedas e leques e véus e diamantes e olhos de todas as cores e linguagens." (Machado de Assis)

▹ "Chego, pego-lhe do braço e o recolho e o enxugo e o aqueço e o agasalho no meu colo." (A. R. dos Santos *apud* Ernesto C. Ribeiro)

4.1.3.4 Assíndeto

É a figura oposta ao polissíndeto. Consiste na supressão dos conectivos entre os termos e orações a fim de tornar a mensagem mais concisa, mais enxuta. Vejamos alguns exemplos:

- Entram todos os fiéis. Louvam, cantam, batem palmas, choram, riem. Tudo em nome de Deus.
- "Range, ri, treme, devasta, insulta e vence." (Eça de Queiroz)
- "Luciana, inquieta, subia à janela da cozinha, sondava os arredores, bradava com desespero..." (Graciliano Ramos *apud* Rocha Lima)

4.1.3.5 Hipérbato

Consiste na alteração da ordem direta dos termos em uma oração. Em português, a oração geralmente segue a ordem "sujeito + verbo + complementos + adjuntos". O hipérbato quebra a ligação imediata que as palavras têm umas com as outras, a fim de conferir maior ênfase, maior destaque a determinadas partes da oração. Observe:

- "Ouviram do Ipiranga as margens plácidas
  De um povo heroico o brado retumbante." (Hino Nacional Brasileiro)

→ **Na ordem direta, teríamos: "As margens plácidas do Ipiranga ouviram um brado retumbante de um povo heroico."**

- "... aí se não ouvem essas alegres sinfonias." (Carneiro Ribeiro)
- "A quem o nascimento fez em Portugal, grande, o valor no Oriente." (J. Freire *apud* Carneiro Ribeiro)

⇨ **Observação:**

Quando o hipérbato altera tão profundamente a ordem dos termos na oração que chega a provocar certa confusão entre as partes desta, passa a ser chamado de "sínquise". Veja:

- "Por ver em que montanhas se dos mares
  Livrou, anda vagando, e em que lugares." (F. Barreto)
- "Enquanto manda as ninfas amorosas
  Grinaldas na cabeça pôr de rosas." (Camões)

4.1.3.6 Pleonasmo enfático ou estilístico

É uma figura pela qual se empregam palavras que, se bem não sejam necessárias para a perfeita expressão do pensamento, dão-lhe, todavia, mais força, mais energia. Consiste, literalmente, na repetição de uma ideia já contida em termos e expressões anteriores a fim de aumentar a força da mensagem. Observe:

- "Este crucifixo, vi-o eu com os meus olhos, e está hoje em dia naquele mosteiro." (H. Pinto)
- "Louvamos em Deus uma excelência, que é mais excelente de todas." (Pe. Antônio Vieira)
- "E rir meu riso
  E derramar meu pranto." (Vinícius de Moraes)
- "Tantos outros assombros da natureza e prodígios inauditos, vistos com os próprios olhos, palpados com as mãos e pisados com os pés." (Pe. Antônio Vieira)

⇛ **Observações:**

a) Em algumas situações, o pleonasmo é representado pela repetição, em forma de pronome oblíquo tônico, dos complementos verbais: objeto direto e objeto indireto. Observe:

- "Vi os teus companheiros, mas não te vi a ti." (M. Said Ali)
- "Ele perseguia as aves e alimárias inocentes: eu perseguia-o a ele." (A. Herculano)
- "E que me importa a mim isso? Virão um dia a esta nobre terra de Espanha gerações que compreendam as palavras do presbítero." (A. Herculano)

b) Não confunda este tipo de pleonasmo com o **pleonasmo vicioso.** Este, como o próprio nome já diz, torna a frase deselegante, pobre. Por isso, expressões do tipo "morreu uma morte; vi com os olhos; fui com os meus pés; pescou um peixe" são terríveis pleonasmos. Entretanto, se lhes acrescentarmos uma expressão explicativa, uma circunstância ou um modificativo, desfaremos o pleonasmo. Logo, em "morreu uma morte terrível, sofrida e solitária" não há mais pleonasmo, senão uma forma bastante expressiva de se enunciar um pensamento.

4.1.3.7 Anástrofe

Consiste numa inversão mais simples que o hipérbato – geralmente se inverte apenas sujeito e predicado. Em outras palavras, é uma inversão na sucessão analítica do pensamento, sem quebrar a ligação imediata que as palavras têm umas com as outras.

- "A Dário venceu Alexandre." (Carneiro Ribeiro)
- "Com papas e bolos se enganam os tolos." (Provérbio)
- "Clara era naquele tempo a fama de Dom Duarte de Menezes." (J. Freire)
- "Aberta em parte estava a porta." (A. Garrett)

4.1.3.8 Silepse ou concordância ideológica

Como o próprio nome já denuncia, é uma concordância efetuada não com o termo, mas com a ideia transmitida pelo termo. É preciso ter em mente que, em português, a concordância padrão se dá com o núcleo do sujeito expresso ou implícito. Na silepse, essa concordância é efetuada com o "espírito", com a ideia do termo. Há três tipos de silepse: de **gênero**, de **número** e de **pessoa**. Vamos a elas:

a) **Silepse de gênero:** a concordância é feita com o gênero do termo a que se refere e não com o termo em si. Observe:

- Vossa Excelência é muito justo e generoso.

⇨ **Observação:**

Perceba como os adjetivos não concordam com o pronome de tratamento "Vossa Excelência", mas sim com a ideia de que o pronome de tratamento se refere a um ser masculino.

- De longe, viu o seu **amor**, **vestida** de véu e grinalda. (amor = mulher, esposa)
- A **criança** voltou às aulas, mas a professora não podia com **ele**.
- A **testemunha** prestou depoimento e estava **preocupado** com a possibilidade de haver uma acareação entre **ele** e o réu do processo.

b) **Silepse de número:** a concordância é feita com o número (singular ou plural) que é transmitido pela ideia do termo, e não com o número (singular ou plural) real do termo.

- "Das ovelhas **a maior parte** ao desamparo dos pegureiros **se perderam.**" (Lobo *apud* Carneiro Ribeiro)
- "Estavam pegados com ele uma infinidade de homens." (Fr. Luís de Souza)
- "Logo outro dia ao romper da alva se abalou **o exército**, ao som de muitos instrumentos bélicos, e chegando aos muros, **começaram** em torno da fortaleza a arvorar escadas." (J. Freire)
- "**Povoavam** os degraus **muita sorte de gente.**" (Mário Barreto)

➾ **Observação:**

Haverá também silepse de número quando os pronomes "nós" e "vós" forem empregados por "eu" e "tu", isto é, quando se emprega o plural de modéstia. Nesse caso, o predicativo poderá concordar no singular com a ideia do singular. Veja:

- "Antes sejamos **breve** que **prolixo.**" (J. de Barros)
- "Apesar da benevolência com que fomos **acolhido**, disseram-nos que..." (J. de Castilho)
- "**Chegado**, porém, à conclusão deste livro, por-lhe-emos remate com uma reflexão." (A. Herculano *apud* Eduardo C. Pereira)

c) **Silepse de pessoa:** a concordância é feita com a pessoa que se tem em mente, e não com a pessoa (1.ª, 2.ª ou 3.ª) na qual o termo efetivamente se encontra.

- Os brasileiros em geral somos pessoas cordiais.
  3.ª pessoa *1.ª pessoa*
- "Dizem que os cariocas somos pouco dados aos jardins públicos." (Machado de Assis)
- "E os dois, ali no quarto, picamos em mil pedaços as trezentas páginas do livro." (Paulo Setúbal *apud* Jorge Miguel)
- "Senhor, os que somos de terra deixamos repouxar os navegantes." (Fr. Luís de Souza *apud* Artur de A. Torres)

4.1.3.9 Anáfora

Do ponto de vista da retórica, a anáfora consiste na repetição de uma mesma palavra, de um mesmo vocábulo no início de cada oração, de cada período ou de cada verso de uma composição.

- "Quem, senão ela, há de expulsar do templo o renegado, o blasfemo, o profanador, o simoníaco? Quem, senão ela, exterminar da ciência o apedeuta, o plagiário, o charlatão? Quem, senão ela, banir da sociedade o imoral, o corruptor, o libertino? Quem, senão ela, ..." (Rui Barbosa)
- "Com o tempo o prado verde reverdece,
  Com o tempo cai a folha ao bosque umbroso.
  Com o tempo pára o rio caudaloso,
  Com o tempo o campo pobre se enriquece." (Camões)
- "Vi os navios irem e voltarem.
  Vi os infelizes irem e voltarem.
  Vi os homens obesos dentro do fogo.
  Vi ziguezagues na escuridão." (Jorge de Lima *apud* Roberto M. Mesquita)

4.1.3.10 Anacoluto

Gramaticalmente falando, o anacoluto nada mais é do que "uma frase quebrada", isto é, uma construção interrompida e depois retomada com outra estrutura. Com esta quebra, um dos termos da estrutura oracional geralmente acaba sem função sintática.

Convém aqui reproduzir a definição de um dos nossos maiores mestres, o professor Augusto Epifânio da Silva Dias: "A anacolutia consiste em uma ou mais palavras do princípio de uma oração não se ligarem ao que vem depois, segundo as regras da sintaxe."

O tipo mais frequente de anacoluto é aquele em que um elemento parece que vai ser sujeito da oração e acaba sem função sintática.

Vamos aos exemplos (grifamos os termos que ficaram sem função sintática no período, o que reflete o anacoluto).

- O João Paulo, parece que as coisas não lhe correm bem.
- "As outras, que as asas do anjo Azrael se estendam sobre os seus cadáveres." (A. Herculano)
- "Tua mãe, não há idade nem desgraça que lhe amolde a índole rancorosa." (Camilo C. Branco)
- "A velha hipocrisia, recordo-me dela com vergonha." (Camilo C. Branco)
- A terra em que tu morreres, nessa morrerei." (Pe. Antônio Pereira *apud* Eduardo C. Pereira)
- Os três reis orientais, que vieram adorar o Filho de Deus recém-nascido em Belém, é tradição da igreja que um era preto." (Pe. Antônio Vieira *apud* Eduardo C. Pereira)

⇨ **Observação final sobre o anacoluto:**

Observe como os termos grifados encontram-se soltos dentro da estrutura oracional – nenhum deles se liga sintaticamente a outro. É justamente esse fenômeno, essa quebra que recebe o nome de anacoluto. Para o ilustre Gramático Carlos Góis, "o anacoluto é uma das belezas mais ornamentais da língua. De geração espontânea na linguagem do povo, como o provam os adágios e rifões, os escritores e poetas mais autorizados acharam-lhe tal graça, tal efusão, que o transportaram, de flor popular e anônima, a flor de gala e louçania".

4.1.3.11 Aliteração

Consiste na repetição intencional do mesmo som consonantal no início de dois ou mais vocábulos em imediata sucessão para imitar a realidade sonora de certos fenômenos ou para simplesmente conferir ênfase à estrutura. Observe:

- Em nossa viagem, passamos por uma terra feia, fria, mas farta.
- Fumo e fogo resfolga a férrea máquina.
- "Pedro pedreiro penseiro esperando o trem." (Chico Buarque)

4.1.3.12 Repetição

Consiste na repetição das mesmas palavras ou locuções. Esta figura revela que o espírito do escritor se encontra repleto da ideia que o absorve e fortemente o empolga.

- "Abri, abri estas entranhas, vede, vede este coração." (Pe. Antônio Vieira)
- "Fora, fora com essas velhices." (Fr. Luís de Souza)

4.2 VÍCIOS DE LINGUAGEM

Em contraposição às figuras de linguagem, que dão à fala e à escrita graça e elegância, encontramos os vícios de linguagem, os quais são deturpações que a língua sofre em sua pronúncia ou em sua escrita por desconhecimento ou descuido de quem fala.

Quem fala deve sempre prezar por uma linguagem pura, correta e clara. A **pureza** consiste no emprego de palavras e expressões autorizadas pela história da língua e pelo uso dos que melhor falam. Já a **correção** significa a elabo-

ração de construções oracionais e frásticas em conformidade com as regras da sintaxe. E finalmente a **clareza** consiste em empregar palavras e construir frases, cujo sentido facilmente se compreende. Aquele que desrespeita essas virtudes textuais incorre, portanto, nos vícios da linguagem.

Os principais vícios de linguagem são: barbarismo, solecismo, ambiguidade, cacofonia, estrangeirismo, colisão, eco, arcaísmo e hiato.

4.2.1 BARBARISMO

Barbarismo (também chamado de "peregrinismo") é o emprego de termos estranhos à língua, quer na forma, quer na sua ideia. Em outras palavras, ocorre barbarismo quando se escrevem ou se pronunciam, de forma incorreta, certos vocábulos, ou ainda quando se empregam vocábulos num sentido diverso do que realmente ele representa.

Vejamos alguns exemplos de barbarismos:

- advinhar → por "adivinhar"
- mendingo → por "mendigo"
- mantêga → por "manteiga"
- adevogado → por "advogado"
- sastifeito → por "satisfeito"
- abandonado → por "dissoluto"
- seje → por "seja"
- preguntar → por "perguntar"
- fácio → por "fácil"
- rúbrica → por "rubrica"
- bizarro → por "esquisito"
- brusco → por "precipitado"

4.2.2 SOLECISMO

Genericamente falando, solecismo é qualquer erro de sintaxe. Tal erro pode ser de concordância, de regência ou de colocação pronominal. Vejamos alguns solecismos comuns:

- Eu lhe vi ontem no shopping. → em vez de: "Eu o vi ontem no shopping."
- Vamos todos assistir o jogo agora. → em vez de: "Vamos todos assistir ao jogo agora."
- Não fazei mal aos animais. → em vez de: "Não façais mal aos animais."
- Houveram muitos problemas no processo. → em vez de: "Houve muitos problemas no processo".
- Incendiou-se a casa que eu morei nela. → em vez de: "Incendiou-se a casa em que eu morei."

- Me disseram que ela não virá hoje. → em vez de: "Disseram-me que ela não virá hoje."
- Fomos na cidade hoje pela manhã. → em vez de: "Fomos à cidade hoje pela manhã."

4.2.3 AMBIGUIDADE (ANFIBOLOGIA OU PLEONASMO VICIOSO)

Ocorre quando uma frase apresenta sentido duplo ou duvidoso, ou seja, quando não se consegue chegar ao sentido exato da frase por apresentar mais de uma interpretação, mais de um sentido. Vejamos alguns exemplos:

- Mãe procura filho sequestrado pela internet. → (Não se sabe se a mãe o procura pela internet ou se o filho foi sequestrado pela internet)
- Regressou a Brasília depois de uma cirurgia, com cerimonial de Chefe de Estado. → (Não se sabe se o cerimonial foi para a cirurgia ou para o regresso)
- O policial prendeu o ladrão em sua casa. → (Não se sabe se foi na casa do ladrão ou na casa do policial)
- O amor de minha mãe me fortalece. → (Não se sabe se a mãe é amada ou se ela ama, ou seja, não se sabe se ela é agente ou paciente do amor)
- O bom rei ama o povo. → (Não se sabe quem é o sujeito da oração: "o bom rei" ou "o povo")

4.2.4 CACOFONIA OU CACÓFATO

Consiste no encontro de palavras que formem outra de sentido torpe, ridículo ou desagradável. Em algumas situações, a cacofonia é resultante da junção da sílaba terminal de um vocábulo com a palavra ou parte da palavra imediata.

Convém aqui citar o mestre M. Said Ali, para quem "a cacofonia é o encontro de sílabas em que a malícia descobre um novo termo com sentido torpe ou ridículo".

Vejamos alguns exemplos:

- "Alma minha gentil que te partiste". (Camões)
- Por ser tão tarde, vou-me já.
- A boca dela está suja.
- Distribuiremos um por cada visitante.

- Meu coração por ti gela.
- Ele só possui uma mão.
- Ele nunca agiu como elas.

4.2.5 ESTRANGEIRISMO

Consiste no emprego abusivo de palavras estrangeiras quando há, no idioma pátrio, vocábulo próprio para a situação. Como os estrangeirismos provêm de línguas diversas, alguns autores preferem as denominações "galicismos (provenientes do francês), anglicismos (provenientes do inglês) e germanismos (provenientes do alemão)". Observe alguns:

- **delivery** → por "entrega"
- **meeting** → por "encontro"
- **pic-nic** → por "piquenique"
- **buquet** → por "buquê"
- **sale** → por "promoção"
- **feed back** → por "retorno"
- **chofer** → por "motorista"
- **performance** → por "desempenho"

4.2.6 COLISÃO

Consiste no emprego desagradável de um som consonantal idêntico.

- Vimos um jardim com ro**sas** **s**eca**s**, **s**erena**s** e **s**em **s**emente**s**.
- Não **s**abemos **s**e **s**erão **s**ervida**s** fruta**s** **s**eca**s** nas cerimônia**s**.
- O silêncio da noite era interrom**p**ido **p**elo **p**io do **p**into agourento.

4.2.7 ECO

É a repetição desagradável de fonemas vocálicos no final das palavras, fazendo-as rimar. Observe:

- Neste momento, eu tive um aumento no meu vencimento.
- O instrumento de casamento do sargento ficou no convento no largo de São Bento.
- É sempre válida a disposição para a criação de uma fundação que tenha por função a proteção do cidadão.

4.2.8 ARCAÍSMO

Consiste no emprego de vocábulos ou expressões que são antiquados ou que já caíram em desuso.

- vosmecê → em vez de "você"
- cachete → em vez de "comprimido"
- cristaleira → em vez de "estante"
- velida → em vez de "bela"
- coita → em vez de "dor, aflição"
- bofé → em vez de "boa-fé"

4.2.9 HIATO

Consiste na dissonância produzida pelo encontro de vogais idênticas e sucessivas, especialmente quando se trata de vogais abertas.

- Perdeu-**o o** homem que estava à beira da morte.
- Só vou **à au**la amanhã de manhã.
- Imperfeição como esta não **a há** nos clássicos.

⇨ **Observação:**

Cumpre dizer que "colisão", "eco" e "hiato" deixam de constituir vícios de linguagem quando intencionalmente empregados para efeito estilístico.

4.3 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (CESGRANRIO) "A política é a higiene dos países moralmente sadios. A politicalha, a malária dos povos de moralidade estragada."

   As figuras de estilo identificáveis nesse contexto são:

   a) hipérbole e anacoluto.
   b) metáfora e anacoluto.
   c) metonímia e zeugma.
   d) metonímia e hipérbole.
   e) metáfora e zeugma.

2. (UNITAU) Na frase "... consumo das significações no SEIO da comunicação social...", a palavra em destaque é, no plano semântico e estilístico,

a) denotação e paradoxo.
b) conotação e sinédoque.
c) denotação e pleonasmo.
d) conotação e catacrese.
e) conotação e antítese.

3. (CESGRANRIO) Observe os períodos abaixo:

1 – "Vontade de beijar os olhos de minha pátria
De niná-la, de passar-lhe a mão pelos cabelos".

2 – "Pátria, eu semente que nasci do vento
Eu que não vou e não venho, eu que permaneço".

A partir dos exemplos 1 e 2, indique as respectivas figuras de linguagem:

a) prosopopeia – aliteração.
b) metáfora – gradação.
c) hipérbole – antítese.
d) aliteração – personificação.
e) metonímia – assíndeto.

4. (FAAP) "De repente do riso fez-se o pranto".

Observe que as palavras RISO e PRANTO, nesse soneto, ultrapassam a simples representação mental correspondente a cada um dos signos; convertem-se na significação mesma da alegria ou da felicidade e da tristeza ou da situação infeliz. Trata-se de uma figura de linguagem que consiste na ampliação da área de significação de uma palavra usada em lugar de outra, com apoio numa relação de coexistência ou contiguidade, ou seja:

a) silepse
b) pleonasmo
c) anacoluto
d) metonímia
e) prosopopeia

5. (FAAP) "Silencioso e branco como a bruma".

À repetição das mesmas consoantes em BRANCO e BRUMA em busca da sonoridade, dá-se o nome:

a) assonância
b) aliteração
c) eco
d) trocadilho
e) pleonasmo

6. (FATEC) "Seus óculos eram imperiosos."

Assinale a alternativa onde aparece a mesma figura de linguagem que há na frase acima:

a) "As cidades vinham surgindo na ponte dos nomes."
b) "Nasci na sala do terceiro ano."
c) "O bonde passa cheio de pernas."
d) "O meu amor, paralisado, pula."
e) "Não serei o poeta de um mundo caduco."

7. (FEI) Assinalar a alternativa correta, correspondente às figuras de linguagem, presentes nos fragmentos a seguir:

I. "Não te esqueças daquele amor ardente que já nos olhos meus tão puro viste."

II. "A moral legisla para o homem; o direito, para o cidadão."

III. "A maioria concordava nos pontos essenciais; nos pormenores porém, discordavam."

IV. "Isaac a vinte passos, divisando o vulto de um, pára, ergue a mão em viseira, firma os olhos."

a) anacoluto, hipérbato, hipálage, pleonasmo
b) hipérbato, zeugma, silepse, assíndeto
c) anáfora, polissíndeto, elipse, hipérbato
d) pleonasmo, anacoluto, catacrese, eufemismo
e) hipálage, silepse, polissíndeto, zeugma

8. (FEI) Assinalar a alternativa que contém as figuras de linguagem correspondentes aos períodos a seguir:

I. "Está provado, quem espera nunca alcança".

II. "Onde queres o lobo sou o irmão".

III. Ele foi discriminado por sofrer de uma doença contagiosa muito falada atualmente.

IV. Ela quase morreu de tanto estudar para o vestibular.

a) ironia – antítese – eufemismo – hipérbole
b) eufemismo – ironia – hipérbole – antítese
c) antítese – hipérbole – ironia – eufemismo
d) hipérbole – eufemismo – antítese – ironia
e) ironia – hipérbole – eufemismo – antítese

9. (FEI) Assinalar a alternativa que apresenta o vício de linguagem conhecido como solecismo:

a) Não podemos adiar a viagem para depois.
b) Ele entrou de sócio no clube.

c) Fazem dois anos que trabalho aqui.
d) É louvável a fé de teu time.
e) Ele assistiu ao incêndio do prédio.

10. (FUVEST) A prosopopeia, figura que se observa no verso "Sinto o canto da noite na boca do vento", ocorre em:

a) "A vida é uma ópera e uma grande ópera."
b) "Ao cabo tão bem chamado, por Camões, de Tormentório, os portugueses apelidaram-no de Boa Esperança."
c) "Uma talhada de melancia, com seus alegres caroços."
d) "Oh! eu quero viver, beber perfumes,
Na flor silvestre, que embalsama os ares."
e) "A felicidade é como a pluma..."

GABARITO

1 – E	2 – D	3 – A
4 – D	5 – B	6 – C
7 – B	8 – A	9 – C
10 – C		

BIBLIOGRAFIA – CONTEÚDO GRAMATICAL

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa*. 5. ed. São Paulo: Global, 2009.

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Dicionário de questões vernáculas*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1996.

__________. *Gramática metódica da língua portuguesa*. 41. ed. São Paulo: Saraiva, 1997.

ALI, M. Said. *Dificuldades da língua portuguesa*. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora Livraria Acadêmica, 1957.

__________. *Gramática elementar da Língua Portuguesa*. 9. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1966.

__________. *Gramática secundária da Língua Portuguêsa*. 7. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1966.

__________. *Investigações filológicas*. 3. ed.. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

ALVES, Ieda Maria. *Neologismo* – Criação lexical. 2. ed. São Paulo: Ática, 1994.

AZEREDO, José Carlos de. *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*. 2. ed. São Paulo: Publifolha, 2008.

BARRETO, Mário. *Através do dicionário e da gramática*. 4. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1986.

__________. *De gramática e de linguagem*. 3. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1982.

__________. *Novíssimos estudos da Língua Portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1980.

__________. *Novos estudos da Língua Portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1980.

__________. *Últimos estudos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1986.

BECHARA, Evanildo. *Lições de português pela análise sintática*. 17. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

__________. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

__________ (org.) et al. *Na ponta da língua*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004. v. 5.

__________. *Na ponta da língua*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004. v. 6.

__________. *Na ponta da língua*. 1. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. v. 7.

BRANDÃO, Cláudio. *Sintaxe clássica portuguesa.* Belo Horizonte: Imprensa da Universidade de Minas Gerais, 1963.

BRUNO, Aníbal. *Língua Portuguesa – Gramática e Exercícios.* 28. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1948.

__________. *Nova Gramática da Língua Portuguesa.* 1. ed. Rio de Janeiro: Forense, 1971.

BUENO, Silveira. *Gramática normativa da Língua Portuguêsa.* 7. ed. São Paulo: Saraiva, 1968.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Dicionário de lingüística e gramática.* 18. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

CARONE, Flávia de Barros. *Morfossintaxe.* 5. ed. São Paulo: Ática, 1995.

__________. *Subordinação e coordenação.* 3. ed. São Paulo: Ática, 1993.

CARVALHO, Alfredo de. *Dicionário de regência nominal portuguesa.* 1. ed. Belo Horizonte: Garnier, 2007.

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Dicionário de dificuldades da língua portuguesa.* 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

__________. *Novíssima gramática da língua portuguesa.* 46. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2007.

CHEDIAK, Antônio J. *Análise sintática.* 1. ed. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1955.

CUNHA, Celso e CINTRA, Luís F. Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo.* 3. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2007.

CUNHA, J. Alcides. *Método de análise sintática.* 14. ed. Rio de Janeiro: Globo, 1955.

DIAS, Augusto Ephiphanio da Silva. *Syntaxe histórica portuguesa.* 1. ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1918.

ELIA, Hamilton. *Prática da análise sintática.* 9. ed. Rio de Janeiro: J. Ozon Editor, 1966.

ELIA, Hamilton e ELIA, Sílvio. *100 textos errados e corrigidos.* 26. ed. Francisco Alves, 1979.

ELIA, Silvio (org.) et al. *Na ponta da língua.* 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2000. v. 1.

FARACO, Carlos Emílio e MOURA, Francisco Marto. *Língua e literatura.* 18. ed. São Paulo: Ática, 1997. v. 3.

FERNANDES, Francisco. *Dicionário de regimes de substantivos e adjetivos.* 26. ed. São Paulo: Globo, 2001.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário de verbos e regimes.* 44. ed. São Paulo: Globo, 2003.

__________. *Novo Dicionário Eletrônico Aurélio.* 4. ed. Editora Positivo.

FIGUEIREDO, Cândido de. *Gramática sintética da língua portuguesa.* 8. ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1961.

__________. *O que se não deve dizer.* 7. ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1953. v. I.

______. *O que se não deve dizer.* 6. ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1953. v. II.

______. *O que se não deve dizer.* 3. ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1927. v. III.

GARCIA, Othon Moacyr. *Comunicação em prosa moderna.* 2. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1974.

GÓIS, Carlos. *Gramática expositiva primária.* 5. ed. Belo Horizonte: Oliveira, Costa e Cia Oficinas Gráficas, 1934.

______. *Methodo de analyse.* 9. ed. Rio de Janeiro: Oficina gráfica Renato Americano, 1936.

______. *Sintaxe de regência.* 4. ed. Belo Horizonte: Livraria Francisco Alves, 1938.

______. *Syntaxe de concordância.* 6. ed. Rio de Janeiro: Oficina gráfica Renato Americano, 1935.

GOMES, Dr. Alfredo. *Grammatica Portugueza.* 20. ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1930.

GOTARDELO, Augusto. *A crase nos bons escritores.* 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Dois Irmãos Ltda., 1983.

GRAÇA, Heráclito. *Fatos da linguagem.* 3. ed. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2005.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa.* 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

KURY, Adriano da Gama. *Novas lições de análise sintática.* 6. ed. São Paulo: Ática, 1993.

______ et al. *Gramática objetiva da língua portuguesa* – sintaxe. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1977.

LEME, Odilon Soares. *Tirando dúvidas de português.* 1. ed. São Paulo: Ática, 1992.

LIMA, Carlos Henrique da Rocha. *Gramática normativa da língua portuguesa.* 31. ed. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1992.

______. *Teoria da análise sintática.* 3. ed. Rio de Janeiro: Acquarone, 1956.

LUFT, Celso Pedro. *A vírgula.* 1. ed. São Paulo: Ática, 1996.

______. *Decifrando a crase.* São Paulo: Globo, 2005.

______. *Dicionário prático de regência nominal.* 4. ed. São Paulo: Ática, 2005.

______. *Dicionário prático de regência verbal.* 5. ed. São Paulo: Ática, 1997.

______. *Moderna gramática brasileira.* 1. ed. São Paulo: Globo, 2006.

______. *Novo guia ortográfico.* 1. ed. São Paulo: Globo, 1996.

MATEUS, Maria Helena Mira et al. *Gramática da Língua Portuguesa.* 7. ed. Lisboa: Editorial Caminho, 2003.

MAURER JR., Theodoro Henrique. *O infinito flexionado português.* São Paulo: Cia Editora Nacional, 1968.

MELO, Gladstone Chaves de. *Gramática fundamental da língua portuguesa.* 4. ed. Rio de Janeiro: Editora Ao Livro Técnico, 2001.

_________. *Novo manual de análise sintática*. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Livraria Acadêmica, 1971.

_________ (org.) et al. *Na ponta da língua*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2000. v. 2.

_________. *Na ponta da língua*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2000. v. 3.

MELO, J. Nelino. *Análise sintática*. 1. ed. Rio de Janeiro: Melso Soc. Anônima, 1964.

_________. *Estudos práticos de gramática normativa da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Bruno Buccini Editor, 1968.

MESQUITA, Roberto Melo. *Gramática da Língua Portuguesa*. 5. ed. São Paulo: Saraiva, 1996.

MIGUEL, Jorge. *Curso de língua portuguesa*. 1. ed. São Paulo: Harbra, 1989.

NASCENTES, Antenor. *Dicionário de dúvidas e dificuldades do idioma nacional*. 3. ed. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1952.

_________. *O idioma nacional*. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Livraria Acadêmica, 1960.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de usos do português*. 1. ed. São Paulo: Unesp, 2000.

_________. *Guia de uso do português*. 1. ed. São Paulo: Unesp, 2003.

OITICICA, José. *Manual de análise léxica e sintática*. 10. ed. refundida. Rio de Janeiro: Editora Paulo de Azevedo Ltda., 1953.

OLIVEIRA, Cândido de. *Análise sintática* – Manual prático. 7. ed. São Paulo: Editora Gráfica Biblos Ltda.

PEREIRA, Eduardo Carlos. *Gramática expositiva*. 109. ed. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1958.

PERINI, Mário A. *Gramática descritiva do português*. 3. ed. São Paulo; Ática, 1998.

RIBEIRO, Ernesto Carneiro. *Serões Grammaticaes*. 6. ed. Bahia: Livraria Progresso Editora, 1956.

RIBEIRO, João. *Grammatica Portugueza*. 34. ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1920.

SACCONI, Luiz Antonio. *Dicionário de dúvidas, dificuldades e curiosidades da língua portuguesa*. 1. ed. São Paulo, 2005.

_________. *Nossa gramática contemporânea*. 1. ed. São Paulo: Editora Escala Educacional, 2006.

SILVEIRA, Souza da. *Lições de português*. 9. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1983.

_________. *Sintaxe da preposição "de"*. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1951.

_________. *Trechos seletos*. 8. ed. Rio de Janeiro: F. Briguiet e Cia Editores, 1966.

SAVIOLI, Francisco Platão. *Gramática em 44 lições*. 14. ed. São Paulo: Ática, 1998.

TERRA, Ernani. *Curso prático de gramática*. 4. ed. São Paulo: Scipione, 2002.

TÔRRES, Artur de Almeida. *Moderna gramática expositiva da língua portuguesa*. 14. ed. Rio de Janeiro, Fundo de Cultura, 1962.

A-PDF Merger DEMO : Purchase from www.A-PDF.com to remove the watermark

Rosa Virgínia Mattos e Silva

ESTRUTURAS TRECENTISTAS

Elementos para uma gramática do Português Arcaico

IMPRENSA NACIONAL-CASA DA MOEDA

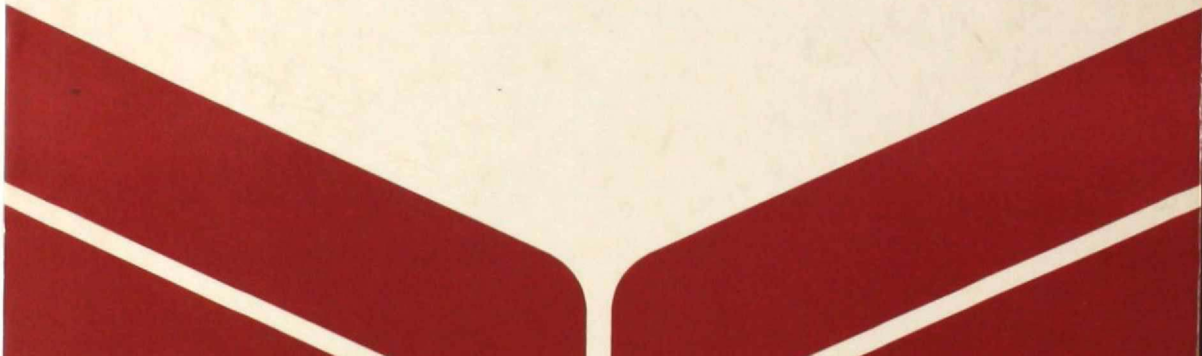

Estudos Gerais Série Universitária

Biblioteca Universitária
— UFSC —

Para a Biblioteca da
Pós-graduação em Lingüística
(Língua Portuguesa) da UFSC,
aos cuidados de Paulino Vandresen

Rosa Virgínia Mattos e Silva
Salvador, abril. 1990

Estudos Gerais Série Universitária

Rosa Virgínia Mattos e Silva

ESTRUTURAS TRECENTISTAS

Elementos para uma gramática do Português Arcaico

IMPRENSA NACIONAL-CASA DA MOEDA

Estudos Gerais Série Universitária

CEOR
806.90-316.2
S586e

SC-00003705-3

Tipo de Aquisição Doação
Adquirido de Autora
Data Aquisição 26-4.90
Preço
Registro 0.182.601-5
Data Reg. 17/08/90

BU/DPT
0.182.601-5

F6U
8/90

Dedico
estas *Estruturas Trecentistas*
aos estudantes de Língua Portuguesa

e ofereço
a meus mestres
NELSON ROSSI e L. F. LINDLEY CINTRA

a meus filhos
ORIANA MARIA, GEORGE OLAVO, JOÃO RODRIGO e LIANOR MARIA

e a PEDRO, companheiro.

AO LEITOR, A BREVE HISTÓRIA DESTE LIVRO

As origens deste estudo ultrapassam vinte anos. Em 1962 concluímos, um grupo de estudantes que terminava o curso de Letras na Universidade da Bahia, a edição crítica do Livro das Aves, *sob a orientação de Nelson Rossi. O convívio com o português anterior ao século XV continuou quando realizei, como dissertação de Mestrado em Brasília (1963-1965), a edição crítica da* Vida de São Bento, *que constitui o segundo dos quatro livros dos* Diálogos de São Gregório. *O estudo linguístico selectivo de factos reconhecidamente arcaicos que precedia a leitura crítica me despertou para a necessidade de um conhecimento mais estruturado e menos selectivo de sincronias linguísticas do passado, como base para uma história interna fundamentada da língua portuguesa.*

No projecto geral da edição crítica dos Quatro Livros dos Diálogos de São Gregório, *que veio a tornar-se minha tese de doutoramento na Universidade de São Paulo (1971), figurou um estudo linguístico descritivo e o mais exaustivo possível da gramática da sua versão trecentista. As dimensões da edição levaram o meu orientador, professor Isaac Nicolau Salum, a aconselhar que nela não se incluísse o estudo linguístico descritivo, já parcialmente pronto. A oportunidade de retomá-lo e refazê-lo surgiu oito anos depois.*

De 1979 a 1981 trabalhei, como pesquisa de pós-doutoramento na Universidade Federal do Rio de Janeiro, nestas Estruturas Trecentistas. *O professor Celso Ferreira da Cunha aceitou* *ser orientador da pesquisa. A já antiga convivência com o português arcaico voltou assim a ser nesses anos o meu trabalho principal.*

Valeu-se a análise desenvolvida neste livro da documentação organizada em listagens mecanográficas realizadas, em 1967-1968, no Centro de Cálculo Científico da Fundação Gulbenkian, durante o período em que, como bolsista da Gulbenkian e sob orientação do professor Lindley Cintra, estudei em Lisboa. Nessa época o entusiasmo e estímulo de Maria Helena Mira Mateus foram essenciais para que ousasse enfrentar os recursos que a aparelhagem do Centro poderia oferecer-me. Deste modo, os dados previamente organizados em 1968 se revelaram de extrema utilidade prática quando os retomei para elaborar o trabalho que agora se torna livro.

O objectivo inicial da pesquisa foi o de aplicar técnicas de análise descritiva a uma sincronia não-contemporânea, com vistas a ter-se sobre um corpus *da fase arcaica da língua uma gramática estruturada que contivesse uma informação sistemática e exaustiva, que poderia vir a servir como ponto de referência para estudos de história da Língua Portuguesa. Acredito que alguma coisa disso alcancei. À medida que o trabalho se construía foi adquirindo uma forma que, de certo modo, não intencionava: a de uma gramática-manual que poderá ser de utilidade prática para os actuais estudantes de Letras. Daí querer deixar aqui inscrito que os destinatários primeiros deste livro são os estudantes que se interessam pela história da Língua Portuguesa, e é meu desejo que o livro possa vir a tornar outros por ela também interessados. Se o conseguir, terá valido a pena.*

Mencionei, ao rememorar, meus mestres nestes vinte anos: o primeiro, e constante de 1958 a 1984, na Universidade Federal da Bahia e em Brasília, Nelson Rossi; depois, o professor L. F. Lindley Cintra, pelos livros desde antes e até hoje, pessoalmente, em 1967 e 1968, na Universidade de Lisboa; os professores Isaac Salum e Celso Cunha, que me incentivaram e me acompanharam, respectivamente, no doutoramento e no pós-doutoramento. Quero, contudo, citar ainda, em ordem alfabética, como amigas e colegas que acompanharam esse caminho na Bahia, em Brasília, no Rio: Ada Rodrigues, Carlota Ferreira, Celina Scheinowitz, Dinah Callou, Jacyra Mota, Maria del Rosário Albán, Maria Nazaré Soares, Myrian Silva, Nadja Andrade, Sônia Borba Costa, Suzana Cardoso, Vera Rollemberg. E Júlia Conceição Santos, que, em 1968, nos deixou. Companheiro constante, de encantos e também desencantos com o trabalho e com a vida, foi Pedro Agostinho da Silva, meu marido.

Ao Professor Lindley Cintra e a Maria da Saudade Cortesão devo a apresentação ao Doutor Vasco Graça Moura e a subse-

quente publicação desta pesquisa de longo curso que assim pôde, com facilidade surpreendente, transformar-se em livro.

Em ordem cronológica, o trabalho que aqui entrego ao Leitor só foi possível com o financiamento através de bolsas de estudos da Fundação Universidade de Brasília (1963-1965), do Centro Brasileiro de Estudos Portugueses de Brasília, dirigido por Agostinho da Silva (1965-1966), da Fundação Calouste Gulbenkian (1967-1968), de Mariana Alvim (1969-1970) e da CAPES, pelo Programa Institucional de Capacitação Docente (1979-1981), o que me permitiu, em interregnos no quotidiano trabalho docente, a oportunidade de dedicar muitas horas — diga-se que sempre com prazer — às Estruturas Trecentistas.

Salvador, Natal de 1984.

ROSA VIRGÍNIA MATTOS E SILVA

quente publicação desta pesquisa de longo curso que muito pôde, com facilidade surpreendente, transformar-se em livro.

Em ordem cronológica, o trabalho que aqui entrego ao leitor só foi possível com o financiamento através de bolsas de estudos da Fundação Universidade de Brasília (1961-1965), do Centro Brasileiro de Estudos Portugueses de Brasília, dirigido por Agostinho da Silva (1965-1967), da Fundação Calouste Gulbenkian (1967-1968), de Marinha Alves (1969-1970) e da CAPES, pelo Programa Institucional de Capacitação Docente (1975-1977), o que me permitiu, em interregnos no quotidiano trabalho docente, a oportunidade de dedicar muitas horas — diga-se que sempre com prazer — às Estruturas Trecentistas.

Salvador, Natal de 1984.

Rosa Virgínia Mattos e Silva

INTRODUÇÃO

Para uma gramática do português arcaico

1. Um corpus representativo para uma gramática do português arcaico

Em qualquer estudo que se volte para uma análise de manifestações linguísticas em uso, o corpus *sob análise, em geral, é constituído pelo linguista de acordo com os objectivos de sua pesquisa. O* corpus *será então, necessariamente, um corte intencional sobre a totalidade de uma língua; a sua data, o seu lugar, os seus informantes serão identificados e definidos. Quando tratamos de um estado de língua já passado, o* corpus *sobre que se desenvolverá a análise, por sua própria natureza, já está constituído. O filólogo, o linguista, o «poéticien» (P. ZUMTHOR 1979:75) determinarão os limites do seu campo de observação sobre documentação preexistente.*

No que se refere à chamada fase arcaica do português, esses limites cronológicos se situam entre os séculos XIII e XV, o lugar de produção coincide com os limites históricos em que o português era usado como língua escrita — e isso não se restringe aos limites da nação portuguesa, como se sabe — e os informantes são os produtores (autores, tradutores, copistas) dos documentos que, elaborados naqueles limites cronológicos, chegaram até o pesquisador actual.

Assim entendido, o corpus *perde seu carácter por definição unitário ou intencionalmente diversificado para ter antes um carácter necessariamente diversificado, já que atravessa séculos, se estende por amplo território e provém de emissores de natureza as mais distintas e, na maioria das vezes, desconhecidos.*

Queremos com isso deixar explícito que, ao utilizar aqui o termo corpus, *estamos conscientes de que extrapolamos o seu significado corrente na linguística contemporânea; estendemos portanto o seu âmbito de significação. Concordamos com o ponto de vista de B. Cerquiglini para o francês antigo, e que se aplica ao português antigo: «l'ancien français est pour nous une totalité conflictuelle d'écritures» (1979:86-87), «écriture» entendida como «qualité definissant concrètement le texte comme travail et comme object produit» (P. ZUMTHOR 1972: 506). Apesar de sabermos que cada documento da fase arcaica do português constitui em si uma totalidade, e que encerra em si sua peculiaridade histórica (cf. nesta Introdução 2.1.e e 2.2.3), não concordamos com aquele autor quando afirma que «le terme de* corpus *pour désigner un texte, un choix, ou une salade de textes de Moyen Age, s'il rafraîchit le vocabulaire, este donc fort malvenu» (B. CERQUIGLINI 1979:87, nota 13). Adoptamos o termo* corpus *e o consideramos como bem-vindo ,para definir o conjunto diversificado de documentos-informantes que poderão ser analisados para que deles, consideradas explicitamente as suas individualidades, se possa depreender uma gramática do português arcaico.*

Quando falamos de corpus *representativo, já partimos de um pressuposto que decorre da quase-impossibilidade prática que é a de abarcar toda a documentação remanescente em português arcaico, que seria o universo ideal a partir do qual se depreenderiam os dados para a construção dessa gramática.*

1.1 *O* corpus *medieval poético em confronto com o* corpus *medieval em prosa*

Para o estudioso tanto da lingua como da literatura medieval portuguesa a delimitação do corpus *poético é mais acessível do que a do* corpus *em prosa. Quis o destino que sobrevivessem os três cancioneiros galego-portugueses, e ainda os códices das* Cantigas de Santa Maria, *que, sem dúvida, não somam toda a produção poética trovadoresca, mas constituem um conjunto concreto sobre o qual o pesquisador tanto com interesse literário como com intenção de análise linguistica pode definir como sendo representativo da produção medieval poética portuguesa.*

Já em 1897 Carolina Michaëlis de Vasconcelos na Geschichte der portugiesischen Literatur, *sua contribuição para o* Grundriss der romanischen Sprache *de Groeber, apresenta o primeiro inventário desse legado. Não aspirando a um rigor matemático, indica: 600 cantigas de amor, 471 cantigas de amigo e cerca de 400 cantigas de escárnio e maldizer, que somadas perfazem um total de 1471 poemas, «y un resto misceláneo de 100 que abarca quejas sobre la decadencia del mundo, plantos de muertos ilustres, albas, pastorelas,* descorts, lais *de tema bretón y otras singularidades» (ASENSIO 1970:8).*

Dissemos que esses dados não aspiram a um rigor matemático e como exemplo disso nos ocorrem o facto de Rodrigues Lapa (1965a), na sua edição monumental das cantigas de escárnio e maldizer, indicar 428 cantigas desse género e não as 400 de C. Michaëlis (ASENSIO 1970:122) e os dados apresentados por A. J. Pimpão (1959:79) que totalizam 510 cantigas de amigo e 735 cantigas de amor, de acordo com as edições de J. J. Nunes, em face das 471 e 600 de Michaëlis.

Ao conjunto de cantigas acima referido, devem-se incluir as 420 cantigas de Afonso X, o Sábio, em louvor a Santa Maria. Embora produzidas na corte castelhana, *o «dialecto» literário das* Cantigas de Santa Maria *é o das cantigas de amigo, de amor e de escárnio e maldizer dos cancioneiros profanos.*

Em artigo recente, um dos maiores especialistas da actualidade em poética trovadoresca, Giuseppe Tavani, afirma que o «património poético galego-português se compõe de 1685 textos» (1974:8).

Sobre esse corpus, *com as variações de latitude entrevistas nos dados anteriores, se desenvolveu toda uma rica bibliografia que explora a produção poética trovadoresca a partir de focos diversos: especulações sobre autores, datas, temática, recursos poéticos, características linguísticas, etc.. Bibliografia que tem como marcos maiores extremos, a nosso ver, a edição crítica, e todos os seus complementos, do* Cancioneiro da Ajuda *de C. Michaëlis de 1904 e a edição antes referida de R. Lapa, da década de sessenta. Hoje, sobretudo, a escola de romanistas italianos continua explorando essa produção poética medieval, dedicando-se, principalmente, ao estudo de trovadores individuais. Um estudo de conjunto sobre as cantigas de amigo bastante recente é o ensaio de Asensio —* Poética y realidad en las Cantigas de Amigo *(1970:7-133).*

Foi graças à actividade intelectual de um contemporâneo, que se supõe tenha sido D. Pedro, Conde de Barcelos (nascido em 1289 e morto em 1354) que a posteridade pôde encontrar reunido grande parte desse acervo poético: admite-se que o Livro de Cantigas *doado no seu testamento a D. Afonso XI de Castela seja o arquétipo, directo ou indirecto, dos cancioneiros apógrafos italianos (da Vaticana e Colocci-Brancuti), uma vez que o* Cancioneiro da Ajuda *parece ter outra filiação e anterior.*

Contrapondo-se à facilidade histórica com que se pode delimitar o corpus *poético medieval português remanescente, avultam as dificuldades para a definição de um* corpus *representativo da produção medieval em prosa:*

a. Uma vez que se tem a intenção de definir um corpus *representativo em prosa, visando não ao estudo de carácter literário, mas linguístico, em função de uma gramática da fase arcaica da língua portuguesa, o primeiro ponto que se levanta é que o material que se tem de levar em consideração envolve não apenas a documentação considerada literária, mas também, e no mesmo nível de interesse linguístico, se tem de levar em conta a produção não-literária em prosa;*

b. No que concerne à produção literária, um problema se destaca: a datação dos remanescentes da prosa literária do que vamos denominar de primeira fase da prosa medieval portuguesa. Enquanto os documentos não-literários são datados e localizados, o que os torna de extrema importância para um estudo de carácter linguístico, os documentos literários em prosa, sobretudo os anteriores ao século XV, apresentam complexos problemas de datação, isto é, de situação cronológica no que a tradição filológica convencionou chamar de fase arcaica da língua portuguesa: do século XIII ao XV.

c. Outro problema de destaque que envolve os documentos literários diz respeito a uma tipologia que permita, na selecçao de um corpus *representativo desse tipo de documento, escolher aqueles representativos de tipos de obras literárias realizadas no período que a história da literatura convencionou denominar de medieval. Sobrepondo-se a uma classificação de natureza linguística que distinga textos traduzidos de textos originariamente escritos em português, deve-se estabelecer uma tipologia com base na temática das obras literárias.*

d. Enquanto se pode considerar como constituindo um inventário fechado a produção poética medieval portuguesa, sempre, no entanto, se admitindo a possibilidade do aparecimento de novos poemas ou de conjunto de poemas, o inventário da produção em prosa é, sem dúvida, aberto, não só pelos indícios filológicos da existência de versões outras das obras conhecidas, como pela informação histórica da existência de outras obras, hoje desaparecidas, mas que podem vir a aparecer, em bibliotecas ou arquivos, portugueses e estrangeiros, a depender ou do acaso ou de uma pesquisa sistemática ou de ambos.

1.2 A produção em prosa na Idade Média portuguesa e sua relação com a história de Portugal: esquema sumário.

Antes da discussão dos tópicos acima destacados, parece-nos conveniente situar no tempo histórico português a documentação em causa. Tal discussão envolve, necessariamente, dados da história de Portugal, da história externa da língua portuguesa e da história de suas manifestações escritas quer literárias, quer não-literárias.

Destaquemos os séculos XIII, XIV e XV que são aqueles em cujos limites se costuma situar o português arcaico e a documentação, em português, literária ou não, considerada medieval. Se é fácil decidir o início dessa fase da história da língua e também da literatura portuguesa, difícil se torna estabelecer o seu terminus ad quem.

Podendo-se situar no reinado de Sancho I, morto em 1211, as primeiras cantigas dos cancioneiros, e datar de antes de 1211 a Notícia de Torto e de 1214 o Testamento de Afonso II, os primeiros documentos jurídicos escritos em português (CINTRA 1963:50), não se pode deixar de propor o início do século XIII como o momento histórico a partir do qual a língua portuguesa e sua literatura podem ser estudadas empiricamente.

A datação precisa dos primeiros documentos literários e não-literários em português é, contudo, presentemente, um problema em debate. Em artigo recente o *historiador e paleógrafo Avelino de Jesus da Costa (1977:300) avança para 1214-1216 a data da* Notícia de Torto *e Giuseppe Tavani recua para os fins do século XII, 1196, a data do primeiro texto poético galego-português, «a 'cantiga d'escarnho', ou melhor, o sirventês político* Ora faz ost'o senhor de Navarra *de Johan Soares de Pavha» (1974:8-9). Apesar de defender com argumentos convincentes essa data para o mais antigo texto poético em português, Tavani, com sabedoria, afirma que a «datação de quase todos os textos galego-portugueses não tem sido sem controvérsia» (id.:8).*

Enquanto um facto da história externa da língua define o limite inicial dessa fase histórica do português — o aparecimento de documentos escritos — o seu término tem sido situado no fim do século XV, marcando-se com as históricas aventuras marítimas o encerramento da fase arcaica da língua e da literatura medieval. Os historiadores da língua são unânimes em notar mudanças linguísticas espelhadas nos códices quatrocentistas, que os opõem e caracterizam em relação à documentação anterior; e os historiadores da literatura também são unânimes em destacar todo o processo de mudança de atitude em face da literatura que se inicia com os infantes de Avis, sobretudo D. Duarte e D. Pedro, duque de Coimbra. Não só as fontes greco-latinas já em uso pelos infantes de Avis, como a educação do futuro rei Afonso V por mestres italianos (meados do século XV) são indícios dos primórdios do Renascimento em Portugal.

No século XIII confirmam-se os limites territoriais portugueses, o que culmina com a expulsão dos mouros do Algarve (1249). Até o fim desse século os limites do leste também estão definidos. É então que se situa o início da época chamada áurea do trovadorismo português, que engloba os reinados de Afonso III, o bolonhês (1245-1279) e de D. Dinis (1279-1325); o incremento do uso do vernáculo na documentação jurídica quer real quer privada; e, sem a segurança que se tem para datar a produção poética, pode-se propor, com certa margem *de acerto, que é também nessa fase que se inicia a produção em prosa literária. Consideramos esta como a primeira fase da prosa literária que pode ter como limite final histórico 1385, com a batalha de Aljubarrota.*

Aljubarrota não só encerra uma época histórica que denominamos de definição da nacionalidade, mas inicia com D. João I e seus descendentes a abertura de Portugal para o mundo e o incremento da produção escrita em prosa em função de um projecto político de definição de identidade étnica.

De 1385 a 1449 dominam no cenário político e cultural os infantes de Avis e é neste período que se situa a actividade de escritor de Fernão Lopes, a figura estelar da literatura medieval portuguesa. A partir de Alfarrobeira em 1449, os caminhos abertos pela primeira geração de Avis apontam para os feitos imperialistas de quinhentos que têm a ver com um novo tipo de produção literária e que expõe a língua portuguesa para além de suas fronteiras europeias, funcionando esse factor externo, certamente, para acelerar mudanças linguísticas in posse *no sistema linguístico português.*

Na discussão subsequente voltamos aos tópicos destacados como problemas que envolvem a definição de um corpus *medieval em prosa e os discutiremos sob os itens:*

1.3 A documentação não-literária medieval portuguesa.

1.4 A propósito do surgimento da prosa literária.

1.5 Elementos para uma tipologia de textos medievais literários em prosa.

1.3 *A documentação não-literária medieval portuguesa*

Para qualquer estudo de conjunto do portugpês arcaico a documentação remanescente não-literária avulta como de extrema e singular importância. Sobre essa documentação se pode ter uma visão de conjunto nos dois *estudos de Cintra,* Les anciens textes portugais non littéraires. Classement et bibliographie *e* Observations sur l' orthographe et la langue de quelques textes non littéraires galiciens-portugais de la seconde moitié du XIIIe siècle *(1963* a *e* b).

A importância linguistica fundamental dessa documentação decorre primeiramente do facto de esses documentos medievais provirem não só da chancelaria real, mas de notários de todo o reino. Isso põe o estudioso da lingua arcaica diante de um corpus *que deve reflectir não apenas o dialecto jurídico cortesão, mas também o dialecto jurídico com manifestações dialectais regionais e talvez sociais, graças aos documentos provenientes de vários pontos do reino e escritos por copistas de niveis distintos de instrução, além de proveniências geográficas diversas. É essa documentação a única de que se dispõe para depreender factos da dialectação do português na sua fase arcaica.*

No segundo dos estudos citados de Cintra há uma amostra dessa diferenciação, explorada a partir de particularidades gráficas de documentos de vários pontos de Portugal. Tais particularidades podem reflectir realizações fonéticas distintas conviventes em uma mesma época no território português. O facto de serem esses documentos seguramente datados e localizados facilita o trabalho do historiador da lingua portuguesa e fornece informações que não são hipotéticas quanto à data como em geral ocorre no estudo da documentação literária. Os documentos não-literários prestam certamente uma informação maior ao nivel da fonética (daí se pode partir para uma abstracção fonológica) e ao nivel do vocabulário, não sendo tão expressivos, por seu carácter formular, para o estudo da morfo-sintaxe e da sintaxe lato sensu.

Os tipos de documentos a serem explorados, segundo a classificação de Cintra (1963a:45) são: «cartas» reais; «cartas» privadas; leis locais de dois tipos — forais ou foros breves e foros ou costumes; e leis gerais.

Dentre eles, os foros ou costumes são os mais ricos em informação linguística, pela variedade de seu conteúdo e por sua extensão. A propósito de um conjunto desses foros há o estudo excepcional, pela qualidade e por ser único no âmbito do português medieval, de Cintra sobre os foros de Castelo Rodrigo (1959).

Os documentos não-literários começam a aparecer escritos em português a partir da primeira década do século XIII: a Notícia de Torto e o Testamento de Afonso II, *como vimos, são os primeiros; é a partir dos meados do século XIII, e num crescendo, para o fim desse século, que se multiplicam até que no reinado de D. Dinis (1279-1325) o português passa a ser língua oficial do reino em detrimento do latim.*

Cintra (1963a) destaca como documentos exarados em português na segunda metade do século XIII, além dos já nomeados: os foros de Garvão, 1267, os da Guarda, 1273 e 1282, os de Terena, 1280, os de Santarém, 1294; o cartulário de d. João de Portel, anterior a 1285, com cartas reais e privadas em latim, português e castelhano, escritas por diferentes notários, sendo a mais antiga, em português, de 1257; as Inquirições *de Afonso II, de 1220, cuja cópia remanescente é de 1289 e as* Inquirições *de Afonso III de 1258; o livro de* Inventários e contas *de D. Dinis, de 1278 a 1282 em latim e português; traduções de textos jurídicos originalmente castelhanos* (Flores de las leyes, *1273-1282 e* Fuero Real, *de 1255).*

Sem dúvida o estudo linguístico sistemático desse conjunto de documentos, seguramente do século XIII, é insubstituível para o conhecimento da primeira fase da língua portuguesa documentada na escrita.

Sabemos que, embora arcaizante o dialecto transcrito nos Cancioneiros, *os códices que a nós chegaram com esse* corpus *poético ou são quinhentistas, é o caso do CV e do CBN ou trecentista, talvez ducentista, o da Ajuda, sendo do século XIII, seguramente, as* Cantigas de Santa Maria. *Para o conhecimento linguístico do português do século XIII, será de igual interesse a análise* *daqueles documentos datados e localizados e a análise da produção poética medieval que espelha um dialecto literário, altamente formalizado, revelador de outra face do português de duzentos.*

Em outras palavras, para o conhecimento linguístico do português ducentista, o estudo dos textos poéticos e dos documentos não-literários datados são complementares e, no seu conjunto, permitirão uma visão mais global e completa dessa primeira fase histórica documentada da língua portuguesa.

Um grande passo em direcção a esse alvo seria ter-se o inventário completo dos mais antigos documentos datados. Isso em 1963 estava em processo: «... en ce moment je m'efforce de classer avec un groupe d'élèves, un inventaire aussi complet que possible des textes de ce genre, dont les éditions sont utilisables de point de vue linguistique» (CINTRA 1963 a:58).

1.4 *A propósito do surgimento da prosa literária*

Um lugar comum preconceituoso que ainda se difunde é o de que a prosa literária portuguesa é tardia em relação à poesia.

É óbvio que se deve admitir que, antes de ser codificada nos textos escritos, certo tipo de poesia seria recitado ou cantado; da mesma forma, certo tipo de texto posteriormente classificado como prosa novelesca podia ser narrado oralmente, antes de ser escrito; sabe-se que uma das fontes da prosa histórica hispânica são os cantares épicos dos jograis.

Com essa visão do problema não será ousado afirmar que, quando a produção poética medieval, nos meados do século XIII, atinge sua fase áurea no reinado de Afonso III, já se teria em curso, muito provavelmente na área palaciana, a produção de textos literários em prosa. Carolina Michaëlis, mais uma vez pioneira, em 1907, já *admitia que o português do original da* Demanda do Santo Graal *corresponde ao de Afonso X das* Cantigas de Santa Maria, *(LAPA 1965b:111). A hipótese de Carolina Michaëlis foi confirmada pelos estudos de Rodrigues Lapa (LAPA 1965b:106 e ss.; 134 e ss; 296 e ss.) que demonstrou ter sido a* Demanda *traduzida do original francês e não da tradução espanhola. Assim sendo, já no século XIII se produzia prosa literária em português.*

Se é correcta a hipótese ainda não devidamente demonstrada de o Amadis de Gaula *ser originalmente português e de ser seu autor João Lobeira, poeta dos cancioneiros e autor do famoso lais de* Leonoreta, *seria também do século XIII essa novela de cavalaria. Neste caso, estaríamos diante de uma produção originalmente portuguesa e não mais de uma tradução, como no caso da* Demanda. *A versão quinhentista espanhola do* Amadis *e que o fez tão conhecido no mundo nos séculos seguintes seria uma tradução de um texto autóctone português talvez da centúria de duzentos.*

Quanto a textos históricos, não se põe em dúvida que é no reinado de D. Dinis que se inicia a historiografia em língua portuguesa: o Nobiliário *ou* Livro de Linhagem *mais antigo é de 1270 e tudo indica que foi D. Dinis que mandou traduzir a história árabe do mouro Rasis.*

Essa historiografia assim iniciada no século XIII já atinge maturidade extraordinária nos meados do século XIV, com a Cronica Geral de Espanha de 1344. *cujo original ficou demonstrado ser português e da primeira metade do século XIV, tendo sido o responsável directo por essa compilação, à moda afonsina, o filho de D. Dinis e bisneto de Afonso X, D. Pedro, conde de Barcelos (1289-1354) (CINTRA 1951). É, sem dúvida, o conde de Barcelos a grande figura intelectual da primeira metade do século XIV, que além de seu trabalho como historiador pode ser o responsável pela compilação das cantigas trovadorescas em um cancioneiro, como já lembramos.*

Admitindo-se com Lapa a tradução da Demanda *em português no século XIII, admitindo-se a origem portuguesa do* Amadis *e sendo seu autor João Lobeira, poeta do século XIII, e admitindo-se ainda o início da historiografia portuguesa no reinado de D. Dinis, o que não são hipóteses inverossímeis, mas teses já confirmadas com argumentos válidos, não se pode dizer que a prosa medieval portuguesa é tardia em relação à produção poética dos cancioneiros, mas sim contemporânea. O que se deve dizer é que nao são do século XIII os códices em que essa produção antiga permaneceu para a posteridade, como aliás não o são os códices dos cancioneiros, com excepção dos afonsinos das* Cantigas de Santa Maria*: o códice remanescente da* Demanda *é do século XV; nenhum códice medieval português do* Amadis *subsistiu; os* Nobiliários *permaneceram em apógrafos posteriores e o códice mais antigo existente da* Crónica Geral de Espanha *é dos começos do século XV.*

Diante desses factos a documentação em prosa literária que se pode compulsar é que é tardia, não sendo portanto exacto dizer que a produção literária em prosa é de surgimento tardio em Portugal em relação à produção poética.

Se são palacianas essa prosa novelesca ou de ficção e a historiografia, pode-se admitir com certa margem de segurança que pelo século XIII já haveria em instituições religiosas, em Alcobaça, pelo menos, algum movimento de tradução de textos latinos. O ápice dessa actividade alcobacense se concentra nas primeiras décadas do século XV, quando era abade Estêvao Aguiar que não só aumentou o acervo alcobacense com novas compras, como mandou passar em nova leitura códices antigos.

Essa última informação é importante para o nosso ponto de vista. Já desde 1240 há notícias de compras de livros em Alcobaça e na segunda metade do século XIII o abade Estêvão Martins quebra a reserva claustral para abrir Alcobaça a quem quisesse aprender (PIMPÃO 1959:28). Diante de tais factos é possível que, apesar de *não chegadas até nós, já houvesse traduções alcobacenses anteriores aos fins do século XIV e ao século XV, época em que se concentra a maioria das obras remanescentes traduzidas no mosteiro cirterciense.*

1.5 *Elementos para uma tipologia de textos literários em prosa*

O estabelecimento de um corpus *representativo da prosa medieval literária em função de uma gramática do portugues arcaico deve levar em conta os documentos em sua origem escritos em português e aqueles que são traduções. Destes, há que determinar a língua de que são traduzidos. Considerando isso, reuniremos em três grandes grupos esses documentos e neles nomearemos, quando for o caso, o que é tradução e o que é originariamente português. É preciso ressaltar que consideramos «literários» os textos que assim são rotulados nas histórias da literatura portuguesa que tratam da época medieval.*

Em largas linhas podemos dizer que a prosa literária medieval apresenta: a. textos de ficção; b. textos históricos; c. textos pragmáticos, que visam a uma política de educação religiosa, moral e física.

Essa classificaçao em parte simplifica as tradicionais que se encontram nas histórias da literatura que tratam da época medieval, veja-se, por exemplo, Lapa (1977), Pimpão (1959) ou bibliografias de textos medievais, como a de S. da Silva Neto (1956) e a de M. A. Valle Cintra (1960).

a. Dos três grandes tipos de textos que destacamos, o primeiro, ou seja, a literatura de ficção, é pouco representado: os textos que compõem o ciclo do Graal e o Amadis de Gaula *são os dois representantes.*

Do ciclo do Graal, chegaram até nós a tradução da Demanda do Santo Graal, *em versão do século XV, muito* *possivelmente traduzida do original francês e o* José de Arimatéia, *em cópia que se situa entre 1527 e 1536, segundo I. Castro (1979). A outra obra que compõe o conjunto do Graal, o* Merlim, *existiu na Idade Média portuguesa, mas até hoje não se descobriu nenhum códice que a contivesse. Quanto ao* Amadis, *como já dissemos, teria sido escrito em português, mas dele só sobreviveu a versão quinhentista espanhola.*

Esses textos que constituíram a prosa de ficção medieval portuguesa se concentram, nas suas origens, muito provavelmente, no século XIII, mas os códices remanescentes são do século XV ou posteriores. Do José de Arimatéia *há um resumo no* Livro de Vespasiano, *traduzido do espanhol, divulgado em Portugal pelo menos desde o século XV. Os textos de ficção que acabamos de referir se situam, portanto, nas suas origens na primeira fase da prosa literária medieval.*

b. A produção histórica que se inicia nos fins do século XIV sob a direcção de D. Pedro, conde de Barcelos, vai atingir seu apogeu, embora com outra orientação e abrangendo apenas os limites históricos de Portugal, com Fernão Lopes, na primeira metade do século XV. Continuará sempre presente até os fins do período medieval com os cronistas que sucederam Fernão Lopes. Essa presença da prosa histórica desde o século XIII indica, sem dúvida, a necessidade política de criação de uma consciência nacional.

A selecção de um corpus *de textos históricos portugueses teria de partir das narrativas longas entremeadas no III e IV* Livros de Linhagens, *da primeira metade do século XIV, sobre todas destacando-se a narrativa da batalha do Salado, ocorrida em 1340. Na opinião de A. J. Saraiva (1964-1971) foi escrita por alguém que participou do evento. Aproximativamente datado, meados do século XIV, esse texto cujo autor não se pôde ainda determinar é elevado por Saraiva e Pimpão (1959) quase à altura das narrativas de Fernão Lopes.*

Ainda no século XIV, A Crónica Geral de Espanha de 1344, *maior monumento histórico do século, organizado pelo Conde de Barcelos, tem posição preponderante sobre todos os textos históricos medievais portugueses. Constituída de traduções de fontes latinas, árabes e hispânicas, apresenta também produção originariamente em português. Embora do século XIV, o códice mais antigo que a contém é dos começos do século XV (CINTRA 1951).*

A obra de Fernão Lopes, considerada unanimemente o marco maior da produção literária medieval portuguesa, pode situar-se entre 1418 e 1452. Em 1418 já exercia a função de guarda dos arquivos e das escrituras da Torre do Tombo. A última certidão conhecida, subscrita por Fernão Lopes é de 1452, e foi em 1434 que D. Duarte o nomeou para «poer em caronyca as estórias dos reys que antigamente foron até seu pai» (PIMPÃO 1959:236). Nenhuma das crónicas indubitavelmente de Fernão Lopes — a de D. Pedro, a de D. Fernando e a de D. João I — persistiu em autógrafos, mas em apógrafos posteriores, raros ainda dos finais do século XV (MACCHI 1966 e 1975).

Ainda se discute se as crónicas existentes dos primeiros reis de Portugal são de sua autoria. Fernão Lopes, contudo, ao que tudo faz crer, deve ter escrito as crónicas dos primeiros reis portugueses. No que diz respeito ao conteúdo, os textos históricos produzidos por Fernão Lopes se distinguem fundamentalmente da história do século XIV, por restringir seu campo histórico aos limites de Portugal, enquanto a produção anterior, na linha afonsina, preocupava-se em inserir Portugal no conjunto da história hispânica e universal, desde os seus primórdios, quer históricos, quer lendários. Essa redução do campo histórico coincide com as mudanças ocorridas em Portugal depois de Aljubarrota, quando, mais que antes, se fazia necessária a afirmação da nação portuguesa e de sua identidade na Península, sobretudo diante do imperialismo sempre potencial de Castela.

Na óptica valorativa dos historiadores da literatura, a obra de Fernão Lopes se destaca não apenas pelos seus méritos de historiador, mas como prosador. É essa a posição de Pimpão que coincide com a de outros historiadores da literatura: «O mérito de historiador jamais empanará a fama do prosador que de uma linguagem ainda mal desafogada da sua roupagem bárbara soube fazer um instrumento da mais alta qualidade literária» (PIMPÃO 1959:259).

Na óptica de um historiador da língua portuguesa, a produção histórica de Fernão Lopes deve ser colocada no mesmo nível de interesse linguístico dos primitivos documentos não-literários e de toda a produção remanescente em prosa medieval. No entanto, há dois aspectos de grande importância para o historiador da língua na obra de Fernão Lopes: o facto de se conhecer o seu autor, seu tempo e seu lugar, o que permite classificar essa obra datada e localizada, como representativa do dialecto literário de Lisboa na primeira metade do século XV, não se perdendo de vista o facto de as cópias remanescentes serem, as mais antigas, dos fins do século XV.

Em um corpus *representativo da prosa medieval portuguesa para uma gramática do português arcaico as crónicas indiscutivelmente consideradas de Fernão Lopes devem estar incluídas, como representantes do dialecto literário quatrocentista.*

O substituto de Fernão Lopes no seu cargo oficial foi Gomes Eanes de Zurara. Considerado ainda um prosador medieval, deixou um conjunto de crónicas — sobre a Tomada de Ceuta, a de D. Pedro de Menezes e a de D. Duarte de Menezes — representantes do dialecto literário cortesão posterior aos meados do século XV. Seu estilo distingue-se, marcadamente, do de seu antecessor pelo carácter retórico, enquanto o de Fernão Lopes é considerado mais espontâneo, mais vivaz, talvez mais próximo da fala comum, culta embora, da época.

Há ainda no conjunto de textos históricos quatrocentistas três biografias de vultos marcantes: do século XIV as duas primeiras, e da primeira metade do século XV, a última. São respectivamente: A vida e milagres de Dona Isabel, rainha de Portugal *(trata-se da mulher de D. Dinis), a* Crónica do Condestável *(o célebre D. Nuno Álvares Pereira) e a* Vida do Infante Santo *(o mártir de Ceuta, D. Fernando de Avis). As biografias da rainha e do condestável são anónimas e anteriores à do infante de Avis, de autoria de frei João Álvares que ainda vivia em 1484. A primeira dessas biografias permanece segundo apógrafo do século XVI, mas deve ter sido escrita no século XIV. As duas outras foram escritas, respectivamente, na primeira e na segunda metade do século XV.*

c. Enquanto a ficção só voltará depois do século XV, a história perdura por toda a Idade Média e os textos que denominamos pragmáticos surgem a partir de Aljubarrota, excluídas desse limite as traduções de textos religiosos em latim.

Ao que tudo indica, essas traduções se iniciaram antes, pelo século XIV e talvez até mesmo XIII, embora a grande maioria dos códices remanescentes sejam do século XV e, em menor número, dos fins do século XIV. Muitos deles são, sem dúvida, cópias de versões anteriores.

Um exemplo dessa situação são as traduções medievais portuguesas dos Diálogos de São Gregório: *há uma versão de 1416, alcobacense, uma outra talvez de Santa Cruz de Coimbra, possivelmente dos fins do século XIV ou inícios de XV e a mais antiga, sem indicações externas para datá-la, apresenta características linguísticas anteriores aos fins do século XIV. Todas essas versões, inclusive a mais antiga, são cópias de outras de que até o momento não se tem notícia (MATTOS E SILVA 1971a, vol. I: 33-47; cf. também, nesta Introdução, 3.1.1 e 3.1.2).*

0.182.601-5

Biblioteca Universitária
- UFSC -

Esse exemplo ilustra o que acima afirmamos: as traduções de textos religiosos latinos devem ter-se iniciado muito possivelmente pelos fins do século XIII, como as traduções de textos de ficção, e aos poucos vão sendo incrementadas para atingir o ápice no século XV com o incentivo dos infantes de Avis. Entre eles se destaca D. Duarte, que escolhe como seu esmoler-mor o abade de Alcobaça, D. Estêvão de Aguiar, um grande promotor do enriquecimento cultural de Alcobaça, de quem atrás falamos.

Na bibliografia de textos medievais portugueses de M. A. Valle Cintra (1960:26-31) estão arrolados todos os textos desse último tipo.

O conjunto de obras em prosa que provêm de D. Duarte e de D. Pedro, filhos de D. João I, de Avis, se caracteriza por seu carácter pedagogico e visa à educação moral e à educação do corpo.

Dentre as obras «morais» se destacam o Leal Conselheiro *elaborado por D. Duarte e as traduções realizadas ou mandadas fazer por D. Pedro: O* Livro dos Ofícios *(do* De Officiis *de Cícero) e o* Livro da Virtuosa Benfeitoria, *que tem como modelo o* De Beneficiis *de Séneca. Dessas, portanto, originalmente portuguesa, é a obra de D. Duarte.*

Dentre as obras de educação do corpo, mas que envolvem também uma educação psicológica, estão o Livro de Montaria *de D. João I, o* Livro de Ensinança de Bem Cavalgar Toda a Cela *de D. Duarte, que tratam do gosto medieval pelas caçadas e são escritas, de origem, em português.*

Nesse conjunto devem ser colocadas obras que não são de responsabilidade dos príncipes de Avis, que remontam a uma tradição a eles anterior, e tratam da caça às aves e de seu tratamento: O Livro de Falcoaria *de Pero Menino, do século XIV e os livros de alveitaria e cetraria (VALLE CINTRA 1960:66-68). São livros que se poderiam considerar «técnicos» sobre um dos desportos favoritos na corte.*

Com um sentido também pedagógico foram traduzidos possivelmente no século XIV um fabulário e um volucrário tradicionalmente conhecido como o Livro de Esopo, *de que existe uma versão do século XV e o* Livro das Aves *ou* História Natural das Aves, *de que existe uma versão anterior ao século XV. Tanto as fábulas como as aves servem de modelos ou exemplos para orientar o comportamento dos homens.*

Um corpus *representativo dessa prosa pragmática deve levar em conta toda a produção da dinastia de Avis, datável e localizável, de extrema importância para a história da língua. Dos textos religiosos, em geral traduções, devido ao seu carácter mais numeroso, uma selecção deve ser feita, segundo critérios a serem estabelecidos. Os textos que envolvem actividades físicas de caça são de extremo interesse, sobretudo ao nível do vocabulário, já que tratam de actividades especiais que não estão documentadas nas outras obras.*

Vale ainda notar que, ainda na segunda metade do século XV, textos religiosos foram traduzidos como a Imitação de Cristo, *de frei João Álvares, biógrafo do Infante Santo, como vimos. Também é dessa época um longo texto histórico, traduzido do francês* Li Fets de Romains *e intitulado em português* Vida e Feitos de Júlio César.

Com essa visão de conjunto da prosa literária portuguesa dos séculos XIII a XV se pode discutir com algum fundamento o que seria um corpus *representativo para uma gramática do português arcaico.*

Não queremos deixar de frisar que essa visão de conjunto sobre a prosa literária medieval não deve obscurecer o facto de que qualquer inventário dela é necessariamente incompleto, enquanto não se faça um levantamento exaustivo e completo de bibliotecas e arquivos portugueses e também estrangeiros em que haja possibilidade de existir documentos de origem portuguesa. Só então poder-se-ia afirmar com maior certeza que muito da prosa medieval portuguesa desapareceu ao *longo dos séculos por incúria dos homens ou por acidentes naturais.*

1.6 *A selecção de um* corpus *representativo para uma gramática do português arcaico.*

Há muitas gramáticas possíveis do português arcaico, tanto no que diz respeito ao corpus *sobre que se desenvolva a descrição, tanto no que diz respeito à orientação linguística escolhida como modelo para a análise do* corpus.

Neste ponto reflectiremos sobre gramáticas possíveis no que respeita ao corpus.

Uma gramática do português arcaico pode estar fundamentada em informações mais ou menos dispersas que o seu autor possua decorrentes do convívio com a documentação do português arcaico. Seria uma gramática impressionística, de elaboração relativamente pouco onerosa, mas que se constituiria apenas em uma aproximação pouco objectiva da realidade da «língua arcaica».

Outra possibilidade, mais fundamentada em dados concretos, seria a de uma gramática que aproveitasse os dados reunidos nas gramáticas históricas do português, em monografias existentes, raras, sobre aspectos da «língua arcaica» e em dados reunidos sobre a «língua» de textos editados que, em geral, precedem as edições críticas de obras medievais.

Uma gramática ideal deveria explorar em sua totalidade toda a documentação remanescente desde os primeiros documentos escritos em português até às últimas produções do século XV. Nesta gramática ideal extrema deveriam ser não só considerados os textos em suas melhores lições críticas, mas também os códices vários em que pode ter persistido uma mesma obra. Explorando as fontes manuscritas, eliminar-se-ia a interferência mediadora do editor crítico.

Entre os extremos de uma gramática impressionística e de uma gramática ideal se poderia pensar numa gra-

mática, que vimos denominando de representativa, que levasse em conta a produção poética medieval, a produção não-literária em prosa e a produção literária em prosa.

Constituindo a produção poética um corpus *que se pode considerar fechado (cf. 1.2) todo ele poderia ser analisado. A produção em prosa quer literaria quer não (cf. 1.3 e 1.5) deveria ser selectiva. Nessa selecção seriam levados em consideração prioritariamente os tipos de textos existentes, quer literários quer não-literários e a partir daí estabelecer-se-iam critérios para a selecção de representantes de cada tipo de texto. No que diz respeito à produção literária em prosa, os textos traduzidos deveriam ser considerados independentemente dos textos originariamente portugueses. Estabelecido isso se faria a escolha sobre os tipos de texto de acordo com a sua temática.*

Uma vez que seria quase impossível o trabalho com os códices medievais remanescentes, seria decisivo, necessariamente, para a selecção dos documentos representativos, uma avaliação, quanto à fidelidade aos originais, das edições críticas existentes de textos medievais portugueses.

Estabelecido esse corpus, *se processaria a análise linguística do conjunto da documentação seleccionada, segundo princípios que se aplicariam uniformemente a cada um dos componentes do* corpus. *Sendo impossível, talvez, por muito onerosa a exploração* in totum *desses materiais, dever-se-iam aplicar técnicas estatísticas de amostragem e sobre essa amostra estatisticamente válida se processaria a análise.*

Uma análise dessa natureza certamente levaria a realidades linguísticas diversificadas: os dados do corpus poético, *do* corpus em prosa não-literária, *do* corpus em prosa literária traduzida *e* não traduzida *seriam variáveis que representariam a diversidade neste conjunto que poderia parecer uno quando denominado de* português arcaico.

Tal diversidade não seria apenas diacrônica, já que se compulsariam documentos dos séculos XIII a XV, mas também de «registro», já que se trabalharia com documentos poéticos, literários em prosa e não-literários e ainda diatópica, uma vez que os documentos não-literários provêm de pontos diversos do território português e os literários, embora prioritariamente da corte, podem ter sido produzidos em outros locais, como sejam os mosteiros religiosos, sendo os mais representativos Alcobaça e Santa Cruz de Coimbra.

A depreensão da diversidade do português arcaico seria de extremo interesse, não só para se chegar a uma definição mais exacta de estágios históricos intermediários nessa fase arcaica da língua, como também para uma aproximação da diversidade horizontal ou geográfica nessa fase histórica.

Esse tipo de gramática, que chamamos representativa, envolveria, sem dúvida, um trabalho de equipa e poderia ser desenvolvido em etapas sucessivas que poderiam explorar a princípio independentemente o corpus *poético, o não-literário, o literário traduzido e o originariamente em português.*

Como correlato da diversidade depreendida da documentação analisada por tipo de corpus, *ter-se-ia, necessariamente, a partir dos dados, o denominador comum que definiria esses* corpora *como manifestações do português denominado arcaico.*

2. Especificidades de uma gramática do português arcaico

2.1 *Gramáticas parciais e gramática geral do português arcaico*

Partiremos do princípio de que o português arcaico se constitui hoje da documentação remanescente produzida em português do início do século XIII ao fim do *século XV. Esse entendimento é operacional para quem deseje construir uma gramática descritiva da primeira fase documentada da língua portuguesa.*

Como discutimos em 1., a documentação remanescente pode ser agrupada em quatro grandes tipos, pelo menos, que poderão compor corpora *distintos; e, como hipótese, a ser verificada a partir de uma exploração sistemática, pode-se admitir que cada um desses grandes tipos poderá fornecer, além das características linguísticas coincidentes e comuns, características linguísticas específicas que resultarão em gramáticas parcialmente distintas que, por um artifício, poderíamos considerar similares a gramáticas actuais de dialectos conviventes de uma mesma língua.*

Uma vez que a documentação arcaica se estende por três séculos, se pode também defender o princípio de que os documentos remanescentes desses três séculos testemunham reflexos das mudanças linguísticas que ocorreram na língua de comunicação oral nesse período histórico. Assim sendo, tudo leva a crer que no eixo diacrónico pode ser estabelecida mais de uma sincronia na fase arcaica do português.

Os filólogos conhecedores do português arcaico, pelo convívio com os textos medievais, mas sem uma exploração sistemática dos dados remanescentes, propõem, em geral, duas sincronias para a fase arcaica, que se limitam por uma data, a da batalha de Aljubarrota (SILVA NETO 1970:398).

Um facto histórico é aceitável para estabelecer sincronias na história de uma língua, enquanto não se tenha estabelecido a cronologia relativa de factos linguísticos que possam ser indicadores dessas sincronias. É o que ocorre com a língua portuguesa: a cronologia relativa dos fenómenos linguísticos está por ser feita. Nas gramáticas históricas apenas se encontram informações dispersas e determinadas assistematicamente de datação de certos fenómenos linguísticos.

Uma gramática representativa do português arcaico deverá levar em conta a diversidade diacrónica representada nos documentos de natureza distinta remanescentes da Idade Média. Uma gramática geral do português arcaico não deverá prescindir de gramáticas parciais e específicas de conjuntos de documentos de natureza similar. O esquema seguinte reflecte o nosso ponto de vista:

Gramáticas parciais do português arcaico

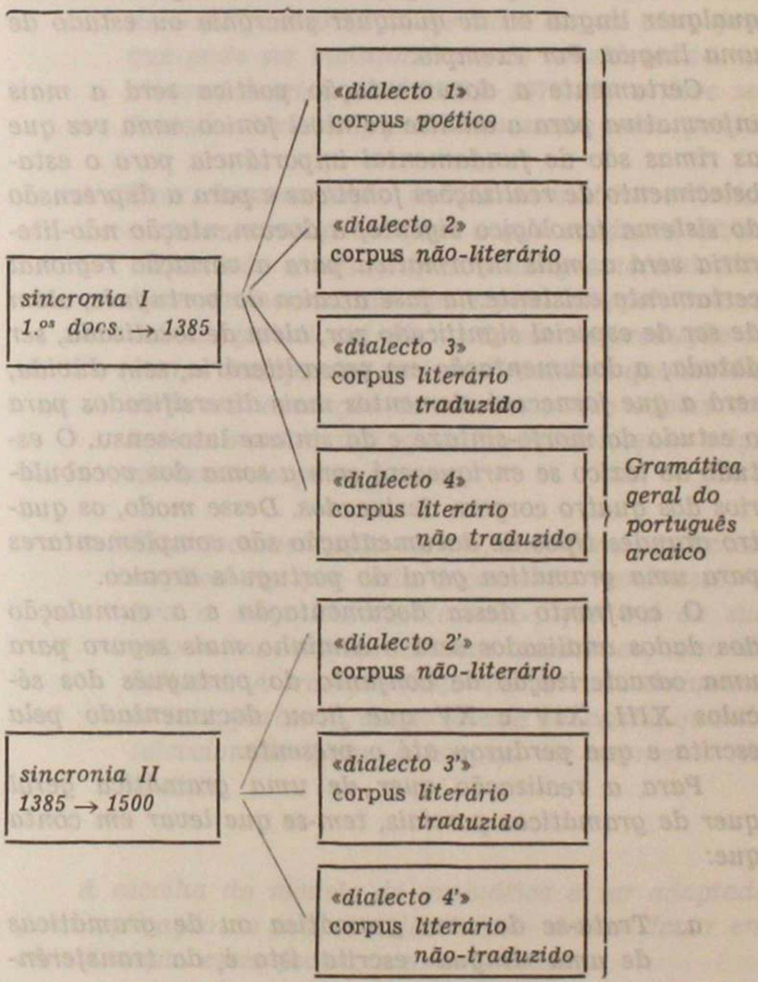
sincronia I
1.os docs. → 1385
sincronia II
1385 → 1500
«dialecto 1»
corpus *poético*
«dialecto 2»
corpus *não-literário*
«dialecto 3»
corpus *literário traduzido*
«dialecto 4»
corpus *literário não traduzido*
«dialecto 2'»
corpus *não-literário*
«dialecto 3'»
corpus *literário traduzido*
«dialecto 4'»
corpus *literário não-traduzido*
Gramática geral do português arcaico

Para que haja possibilidade de confronto entre essas gramáticas parciais e específicas do português arcaico, os princípios teóricos e as técnicas de análise aplicados na sua construção devem ser os mesmos, a fim de se alcançar uma uniformidade de tratamento dos dados que permita uma síntese coerente e adequada à documentação na sua totalidade.

É de notar que os quatro tipos de corpus *que propusemos não oferecerão documentação simétrica para os diversos níveis ou planos que constituem a gramática de qualquer língua ou de qualquer sincronia ou estado de uma língua. Por exemplo:*

Certamente a documentação poética será a mais informativa para a análise ao nível fónico, uma vez que as rimas são de fundamental importância para o estabelecimento de realizações fonéticas e para a depreensão do sistema fonológico vigente; a documentação não-literária será a mais informativa para a variação regional certamente existente na fase arcaica do português, além de ser de especial significado por, além de localizada, ser datada; a documentação em prosa literária, sem dúvida, será a que fornecerá elementos mais diversificados para o estudo da morfo-sintaxe e da sintaxe lato-sensu. *O estudo do léxico se enriquecerá com a soma dos vocabulários dos quatro* corpora *destacados. Desse modo, os quatro grandes tipos de documentação são complementares para uma gramática geral do português arcaico.*

O confronto dessa documentação e a cumulação dos dados analisados será o caminho mais seguro para uma caracterização de conjunto do português dos séculos XIII, XIV e XV que ficou documentado pela escrita e que perdurou até o presente.

Para a realização quer de uma gramática geral quer de gramáticas parciais, tem-se que levar em conta que:

a. Trata-se de uma gramática ou de gramáticas de uma «língua» escrita, isto é, da transferên-

ferência para o código escrito de um sistema linguístico de comunicação oral, em uso;

b. São esses documentos escritos os únicos «informantes» para depreensão dos dados. Só a partir do século XVI é que se começa a contar também com a reflexão de gramáticos, ortógrafos e dicionaristas;

c. Trata-se de uma gramática ou de gramáticas de uma fase passada de uma língua viva, fase que pode ser metaforicamente considerada uma «língua morta» (WAGNER 1974:29) e deve ser tratada como tal, pelo menos até certo ponto;

d. Essa documentação escrita é também anterior a uma «normativização» o que conduz à diversidade não só ortográfica como gramatical. Não havendo normas de uso explícitas (pelo menos não chegaram até nós), núcleos de produção de textos (scriptoria) teriam directrizes que conduziriam a execução da escrita e das cópias dos textos manuscritos, quer traduzidos, quer originariamente portugueses;

e. Essa documentação escrita, anterior à imprensa, implica em que cada documento remanescente tem a sua «história textual», que vai de sua origem às edições críticas modernas, quando existem. A tradição histórica de cada documento tem, portanto, de ser levada em conta, quando seleccionado para o corpus, no momento da análise.

A escolha do modelo de gramática a ser adoptado para aplicação ao corpus *seleccionado deverá levar em consideração esses factos, com prioridade.*

2.2 *Para um modelo de gramática do português arcaico*

2.2.1. **Uma gramática descritiva, indutiva**

Quando falamos na construção de uma gramática do português arcaico, entendemos por isso a depreensão, a partir da documentação disponível, das regras que governam a organização dos enunciados documentados. Uma vez que se trata da análise de factos do desempenho linguístico de uma sincronia do passado, entendemos que devemos partir dos dados empíricos do corpus *sob análise — quer se trate de uma gramática parcial, quer se trate de uma gramática geral — para, indutivamente, chegarmos aos mecanismos linguísticos vigentes.*

Já que não dispomos, nessa situação, do falante nativo e de sua intuição para discernir, por exemplo, enunciados gramaticais de enunciados agramaticais, ou sobre a equivalência semântica de estruturas sintácticas distintas ou sobre a ambiguidade em suas diversas manifestações, teremos que admitir que os enunciados reproduzidos na documentação disponível querem sempre transmitir um significado e que a estruturação do seu significante está de acordo com as regras vigentes na época. É claro que muitos enunciados podem ser considerados «suspeitos» e, para chegarmos à solução disso, o único recurso disponível é o carácter idiossincrático que possam ter em face dos usos correntes na documentação sob análise. Sendo assim, é apenas o próprio corpus *que pode fornecer elementos para o julgamento de enunciados que se ponha sob suspeição de agramaticalidade; e, para certas estruturas ambíguas, só o próprio* corpus *pode fornecer subsídio para a decisão interpretativa.*

Vejam-se, como exemplo, os casos seguintes, que ocorrem na versão trecentista dos Diálogos de São Gregório *(MATTOS E SILVA 1971):*

1. O numeral distributivo está documentado no corpus *por* senhos senhas; duas duas; doze doze, *signifi-*

cando respectivamente «um para cada», «dois para cada», «doze para cada». Em 2.3.67-68* ocorre:

> _«E en pouco tempo foron con el tantos frades juntados que fez naquel ermo en que morava doze moesteiros con ajuda de Deus. E en cada hũũ moesteiro pos seu abade que os regesse; e_ a cada hũũ dos abades dos doze moesteiros deu doze doze monges _e leixou poucos monges consigo porque lhi semelhou que avia mester de os ensinar el»._

Tudo indica que a passagem grifada é agramatical. A expressão redundante para o distributivo, a cada hũũ _e_ doze doze, _parece indicar o cruzamento da expressão que caiu em desuso com a que permaneceu na expressão do numeral distributivo (cf. Parte I, 3.1.2.)._

2. Construções do tipo:

2.1.23 _Aprendi-as de_ quatro seus _discipulos._
2.37.8 _En aquel dia_ dous seus _frades..._
2.29.1 _Avia hũũ homen de santa vida e morava_ con duas sas _irmããs._

parecem ambiguas, podendo indicar a totalidade dos entes enumerados ou parte da totalidade. O contexto maior em que se inserem esses exemplos favorece a segunda interpretação (cf. Parte I, 2.3.2.c).

Quanto maior for o corpus _com que se trabalhe, problemas dessa natureza podem ser mais frequentes, ao mesmo tempo em que as decisões quanto a sua solu-_

---

* Neste trabalho, os exemplos provenientes do texto dos _Diálogos de São Gregório_ estão acompanhados de três números separados por pontos: o primeiro corresponde ao Livro dos _Diálogos_, o segundo, à história do Livro e o terceiro, ao período da história.

ção se tornam mais facilitadas por se dispor de maior quantidade de dados para confronto e sobre que tomar decisões.

A nosso ver, uma gramática que pretenda estabelecer as regras de organização de enunciados de uma sincronia passada da língua deve partir da análise indutiva da documentação em causa para daí apresentar uma descrição organizada dos factos linguísticos. Esse ponto de vista afasta, portanto, o modelo ou os modelos gerativo-transformacionais que operam dedutivamente a partir de hipóteses a serem testadas pelo falante nativo, que pode ser o próprio analista. Com isso não queremos dizer que não se possa e mesmo se deva trabalhar com esse modelo para analisar factos específicos da estrutura linguística em sincronias sucessivas, estabelecendo-se processos de mudança ao longo da história da língua. É o que fez, por exemplo, Naro (1968) para a história das passivas em português.

Para uma sincronia passada da língua, uma gramática mais adequada em uma primeira etapa de conhecimento sistemático do objecto em estudo será portanto uma gramática descritiva, indutiva que opere sobre inventários que se definam como representativos. Somos de opinião que, na situação em que se encontra ainda hoje o conhecimento do português antigo, assistemático e atomizado, uma gramática descritiva a partir de documentação a mais exaustiva possível, inventariada segundo um modelo explícito e coerente, é uma etapa necessária que, além de descrever um quadro sincrónico, fornecerá elementos para trabalhos de outra natureza; entre eles destacamos os trabalhos de especulação teórica sobre mudanças linguísticas ocorridas no português, quer sejam de orientação estruturalista, gerativista, «tradicional» ou de outras.

Antes de terminar esse tópico, vale deixar claro o entendimento que temos de «sincronia» no âmbito de um estado passado de uma língua. Sabemos que o estabelecimento de qualquer sincronia no contínuo devir *de uma língua histórica é um artifício metodológico da linguística do século XX, pós-saussureana. Quando o aplicamos a um estado passado de uma língua, no caso o português medieval, esse artifício deve ser redimensionado, levando-se em conta as particularidades da documentação que são as manifestações concretas dessa sincronia e, a partir das quais, se pode propor um sistema, uma gramática. O que particulariza fundamentalmente essa documentação do passado é sua instabilidade natural, isto é: os textos em que se manifesta uma obra apresentam, pelo jogo de variantes remanescentes e dos seus remanejamentos, uma incessante instabilidade (cf. exemplo em 2.2.3).*

Sendo assim, cada documento pode enfeixar em si várias «sincronias», deduzindo-se disso que, quando situamos determinado documento como representante de uma determinada sincronia, já por natureza arbitrária — português arcaico ou, delimitando-o, século XIII ou XIV ou XV — estamos jogando com uma dupla arbitrariedade, a que advém da determinação de qualquer sincronia, em qualquer língua, e a que advém da própria natureza da documentação analisada.

Outro ponto que não queremos deixar ainda de ressaltar é o da validade de uma gramática indutiva, classificatória, como a que propomos para o português arcaico. Pelo que já se conhece hoje, por exemplo, sobre o francês antigo, são procedentes as críticas de B. Cerquiglini a esse tipo de gramática, por ele denominada de actividade de «archivage», enquanto se esperaria do linguista medievalista, que trabalha sobre um conjunto de textos manuscritos, que «discirna as formas e as leis, as restrições e os bloqueios, o que permite propor argumentos que levarão a um impossível dessa língua, ou ao funcionamento desses textos» (1978:87).

A nosso ver, uma gramática dedutiva, argumentativa desse tipo para o português arcaico só se tornará possível depois que se tenha uma informação o mais detalhada possível e organicamente analisada dos dados *fornecidos pela documentação remanescente, o que ainda não existe para o português antigo, como se sabe, mas que existe, até com certa abundância para o francês antigo — basta compulsar, pelo menos, os números 10 e 40 da revista* Langue Française *e observar as referências bibliográficas ali indicadas sobre essa fase da língua francesa.*

Portanto, diante da situação em que ainda se encontra o conhecimento do português na sua fase arcaica, estamos de acordo com J. Batany, quando afirma no seu artigo Ancien français, méthodes nouvelles *que a «pesquisa formal das distribuições de uma forma gramatical ou de um micro-sistema lexical é uma etapa metodológica antes de trabalhos que comportem uma verdadeira interpretação nos moldes tradicionais ou não» (1971:43).*

2.2.2 Os níveis da análise

Uma gramática descritiva do português arcaico deveria abranger, de acordo com a visão hierarquizante e prática, própria ao modelo descritivo, os níveis fónicos, mórficos, sintácticos, além do estudo do léxico.

Considerando os quatro tipos de corpus *que propusemos, nem todos os tipos de documentos classificados fornecerão dados de igual validade para a análise em todos esses níveis, como mencionamos em 2.1. A nosso ver, a exploração exclusiva da documentação em prosa é insuficiente para que se chegue a uma proposta segura do sistema fonológico ou dos sistemas fonológicos que operaram na fase arcaica do português. Desde que não se conta com a interpretação contemporânea de gramáticos, como passa a ocorrer a partir do século XVI, são os documentos em verso que estão em melhores condições para fornecer elementos: as rimas são um instrumento fundamental a partir de que se pode inferir alguma informação sobre a altura das vogais e pontos de* *articulação de consoantes, pelo menos em sílabas finais. Já a métrica é de suma importância para a definição dos encontros vocálicos. Os textos literários em prosa podem ser utilizados subsidiariamente, sobretudo depois de determinado o sistema ou os sistemas gráficos em uso. De importância maior seriam os documentos não-literários: analisadas as suas «scriptae» segundo as propostas da escriptologia (GOEBL 1975), dispor-se-ia de informação segura que funcionaria como substância básica para estabelecer possíveis variações fónicas para daí depreender-se o sistema ou os sistemas vigentes.*

Qualquer gramática, quer geral quer parcial do português arcaico que pretenda apresentar uma análise ao nível fonológico, tem de partir do estudo da grafia dos documentos que constituam o seu corpus. *Tal estudo é prévio não só para a posterior análise fónica como também para certos aspectos da análise mórfica e sintáctica. Por exemplo: Se, na documentação compulsada, só ocorrer a grafia* es *para expressão do plural dos paroxítonos terminados por sibilantes (cf.* simpleses*), pode-se inferir que muito possivelmente a marca do plural nesta etapa da língua não é ∅ (zero) para esse tipo de nome, como passa a ser a partir de um certo momento. Se, na documentação compulsada, só ocorre grafada a marca* -des *(cf.* amades*) para o morfena número-pessoal de 2.ª pessoa do plural dos verbos, muito possivelmente as regras de síncope do* -d- *intervocálico, e as regras seguintes de formação de* glide *e de ditongação (cf.* amais*) ainda não se aplicavam pelo menos na representação escrita. Quanto à sintaxe, veja-se, como exemplo, o item 1.1 da* Parte III, *em que se discute a variação na concordância verbo-nominal.*

Em nenhum momento na construção de uma gramática do português arcaico se pode perder de vista o facto de que se está trabalhando com documentação escrita, em uma fase histórica em que não havia normas ortográficas gerais e obrigatórias. É possível que se possam inferir normas ortográficas vigentes em certos *centros onde se produziam mais intensamente manuscritos. Um trabalho prévio e fundamental será a tentativa de depreensão de constantes ortográficas próprias a centros de cópia como Alcobaça, Santa Cruz de Coimbra, a diocese de Braga. Muito, no entanto, ficaria de fora, uma vez que grande parte da documentação literária medieval não se sabe onde foi escrita, isto é, não é claramente localizada.*

No que respeita à grafia, talvez se torne mais rendosa a exploração sistemática dos hábitos gráficos expressos na documentação não-literária, localizada e datada. As conclusões a que se chegue a partir desses dados podem não ser válidas, no entanto, para o conjunto da documentação que representa o português arcaico. A propósito das «scriptae» de documentos não-literários na Península Ibérica, vale lembrar que aí a situação é distinta em relação às «scriptae» da área galo-românica estudada, por exemplo, por Goebl no artigo referido anteriormente. Sobre esse problema há muito a fazer na área íbero-românica, sobretudo na sua parte galego-portuguesa; no entanto não se pode deixar de destacar como muito importantes as reflexões de Lindley Cintra no trabalho «Langue parlée et traditions écrites au Moyen-age (Peninsule Ibérique)» (1974), além de seus trabalhos pioneiros sobre os Foros de Castelo Rodrigo (1959) *e seu estudo sobre determinadas grafias em documentos não-literários do século XIII (1963b:59-77).*

Diante do que ficou dito, uma gramática dessa natureza deverá ter sempre um capítulo especial que explore a grafia dos documentos que constituem o corpus. *Essa será uma etapa essencial para qualquer análise fonémica, morfofonémica e morfossintáctica.*

A partir do estudo da grafia, alguns aspectos da representação dos morfemas quer nominais quer verbais podem ficar esclarecidos, como é o caso, por exemplo, das alomorfias na representação do plural e certos aspectos da morfologia número-pessoal dos verbos, como *exemplificamos anteriormente. Parece-nos, no entanto, que um inventário sistemático da morfologia nominal, aí incluídas as variações nas representações do género e do número e da morfologia verbal, aí incluídas as modo-temporais e número-pessoais, se faz necessário para que se tenha uma visão de conjunto do funcionamento desses mecanismos mórficos. Tratando-se do verbo, o estudo completo dos verbos chamados de padrão especial é fundamental e, uma vez que o inventário desses verbos é reduzido, apesar de sua alta frequência no discurso, deve-se empreender o estudo exaustivo de sua morfologia.*

Uma primeira análise dos constituintes básicos da frase — sintagma nominal e sintagma verbal — parece ser o caminho mais adequado para a depreensão dos elementos que constituem cada um desses sintagmas. Estabelecidos os paradigmas dos elementos constituintes de cada sintagma, pode-se, pelo confronto dos contextos, depreender o significado de cada elemento em cada paradigma e a articulação sintagmática dos elementos que constituem os diversos paradigmas que compõem o sintagma nominal e o sintagma verbal. Esse nível de análise intra-sintagmático, se acompanhado do número de ocorrências de cada elemento de cada paradigma, nos documentos seleccionados para o corpus, *será um indicador de vitalidade de cada forma nos contextos em que podem ocorrer.*

Esgotada a análise intra-sintagmática, ou seja, dos elementos componentes de cada sintagma, sua organização paradigmática e sua articulação sintagmática, se faz necessária uma análise inter-sintagmática e inter-frásica que, fundamentalmente, se exerceria no estudo dos mecanismos básicos de coordenação e subordinação.

Esse nível de análise é de complexidade maior e, praticamente, não explorado nos estudos sobre o português arcaico. O paradigma de elementos relacionantes quer inter-sintagmático (preposições) quer inter-frásico (conjunções, relativos) e a determinação do seu valor *são necessários e devem preceder uma análise da combinatória de sintagmas e frases, que compõem um enunciado complexo.*

Se se pode almejar uma exploração exaustiva e quantificada no estudo dos elementos constituintes dos sintagmas e de sua combinatória, isso se torna mais complexo no estudo da combinatória de sintagmas e frases, graças à extensão das possibilidades combinatórias e criativas, além da maior interferência estilística na construção de enunciados cujos limites ultrapassam o do enunciado simples, constituído de um único sintagma verbal. O estabelecimento de mecanismos básicos de subordinação e coordenação devem no entanto ser depreendidos e a incidência de ocorrência em cada documento pode ser um caracterizador estilístico fundamental, já que o seu emprego vai depender em muito da natureza do texto em que ocorrem e das peculiaridades criativas do autor.

Uma hipótese a ser verificada no estudo do enunciado complexo é a da existência de uma distinção marcada entre a estruturação de enunciados de documentos traduzidos do latim e de documentos originariamente escritos em português.

Essa proposta de análise em níveis ou em constituintes hierarquizados só ficará completa se acompanhada de um estudo do léxico do português arcaico. Vemos esse estudo como um trabalho complementar, mas indispensável, que pressupõe, a nosso ver, um inventário completo de elementos lexicais — aqui oposto a elementos gramaticais, de paradigmas fechados. Um inventário do léxico do corpus *seleccionado, embora o ideal fosse o inventário global de todos os remanescentes da documentação arcaica, implica em um levantamento exaustivo do vocabulário de cada documento em causa. Cada vocábulo acompanhado de seu contexto será o caminho mais seguro para chegar-se ao estabelecimento de estruturas básicas vigentes no léxico arcaico. Essas estruturas básicas, a nosso ver, teriam de ser conside-*

radas tanto no que respeita ao significante como ao significado, isto e, estruturas mórficas do léxico e estruturas semânticas.

O modelo de gramática do português arcaico que delineamos se enquadra em uma análise sincrónica e, sendo assim, a utilização do latim ou do português actual, sincronias entre as quais está o português arcaico, podem eventualmente servir de pontos de referência para facilitar, em certos casos, explicitações, mas não serão pressupostos básicos implícitos no processo de análise, daí não serem explorados sistematicamente em todos e em cada momento da análise. Para atingir um público mais amplo, e não apenas um público de eruditos, cada vez mais restrito, a referência ao português actual é mais operante do que a referência ao latim, já que cada vez são menos aqueles que possuem uma formação intelectual que inclua o conhecimento, mesmo superficial, da língua latina.

Fica assim definida a gramática que propomos para o português arcaico como essencialmente sincrónica. Compreendido o termo «sincronia» como procuramos defini-lo em 2.2.1 e que talvez melhor se esclareça com o exemplo do item seguinte. Para uma gramática diacrónica do português, são etapas preliminares gramáticas sincrónicas de estados passados da língua. Assim sendo, uma gramática sincrónica do português arcaico é um passo necessário a uma gramática diacrónica da língua portuguesa.

2.2.3 Onde linguística e filosofia se encontram

*Voltamos aqui a um ponto já aflorado nos itens 2.1.*e *e 2.1.1 que é fundamental não só na determinação do* corpus *a seleccionar como também na delimitação cronológica dos textos sob análise.*

Partiremos de um exemplo que bem elucida o problema em causa: em 1964, Lindley Cintra editou um segmento da Crónica Geral de Espanha de 1344; *a sua edição completa dessa* Crónica *foi publicada na década de cinquenta. Esse segmento —* A lenda do rei Rodrigo *— constitui o texto de uma novela completa que se encontra do capítulo 188 ao capítulo 202 da* Crónica Geral de 1344. *Como sabemos, essa* Crónica *é uma compilação, segundo os moldes historiográficos de Afonso X, de fontes latinas, árabes, hispânicas e com contribuição original de D. Pedro, Conde de Barcelos e, possivelmente, de seus colaboradores. A* Lenda do Rei Rodrigo *é de origem árabe, deve ter sido escrita por Ahmed Arrazi e faz parte da sua crónica, conhecida na literatura portuguesa como* Crónica do Mouro Rasis, *do século IX ou X. Parece que por ordem de D. Dinis é que se fez a tradução portuguesa da crónica de Rasis nos inícios do século XIV, antes de 1315, data da morte de Pero Anes de Portel, cujo capelão, Gil Peres, deve ter sido o tradutor. Do português a* Crónica de Rasis *foi vertida para o espanhol e transcrita de acordo com o original português na* Crónica Geral *de D. Pedro que estava sendo composta em 1344. O original português da* Crónica de 1344 *e o da* Crónica de Rasis *se perderam, deles ficando uma tradução espanhola e uma refundição em português da segunda metade do século XIV. O manuscrito mais antigo em português remanescente dessa refundição é dos princípios do século XV (entre 1410 e 1420). Esse manuscrito dos começos do século XV, hoje na Biblioteca da Academia de Ciências de Lisboa, foi escolhido por Cintra como texto base para a edição crítica completa da* Crónica Geral de Espanha *e para a edição da* Lenda do Rei Rodrigo.

Com esse exemplo queremos apenas ilustrar o facto de que cada documento medieval tem a sua história textual que deve ser conhecida para que se possa avaliar a sua documentação linguística. No caso especial da Lenda do Rei Rodrigo *vale transcrever as palavras do* *seu editor que pesam como afirmativa exemplar, podendo ser transferida para cada documento medieval, desde que se ajustem as suas palavras a cada caso:*

> *«Em princípio, não podemos efectivamente afirmar peremptoriamente que certa palavra ou forma de palavra das que se encontram no texto aqui publicado* [A lenda do rei Rodrigo] *remonta ao original de princípios do século XIV ou à versão de 1344; apenas sabemos que ela está num manuscrito de entre 1410 e 1420» (CINTRA 1964:26).*

É certo que nem todos os documentos medievais têm a complexíssima história textual da Crónica Geral de Espanha *e da* Lenda do Rei Rodrigo *aí incluída, mas de todos aqueles documentos que forem seleccionados para o* corpus *de uma gramática do português arcaico a sua história tem de ser conhecida.*

Uma vez que se torna quase inatingível a possibilidade de trabalhar com todos os manuscritos remanescentes, como almeja Wagner para uma gramática do francês antigo (WAGNER 1974:62), resta-nos conhecer a história de cada documento de sua origem às edições mais cuidadosas quer diplomáticas quer críticas, para que se possam avaliar e explicitar as características da documentação linguística de cada testemunho sobre que se desenvolverá a análise.

Nesse longo caminho histórico têm de ser levados em consideração, no exame dos textos, desde os possíveis erros dos copistas envolvidos na tradição manuscrita de cada obra e as suas inovações; às interferências de modelos mais antigos desconhecidos, que serviram de base a cópias posteriores remanescentes; até às interpretações adequadas e inadequadas e às convenções adoptadas nas edições críticas e mesmo nas edições diplomáticas. No caso de obras traduzidas, ainda há a acrescentar os possíveis reflexos da língua original da qual se fez a tradução.

Embora muito da documentação medieval portuguesa apresente como remanescente o codex unicus *e apógrafo, não são raros os casos de tradição textual mais complexa, sobretudo nos textos de carácter historiográfico. Enquanto diante de uma obra moderna impressa se pode aceitar, com certa margem de segurança, que se está diante do texto produzido pelo autor, para um texto medieval, o caminho do original às edições actuais é quase sempre não só dos menos fáceis a ser percorrido, como varia de documento para documento.*

Sendo assim, na determinação de um corpus *representativo para uma gramática do português e, na análise linguística desse* corpus, *o trabalho do linguista não se deve desvincular do trabalho do filólogo porque somadas as metodologias próprias a cada uma dessas especialidades haverá, sem dúvida, melhores condições para o trabalho pretendido: a análise sincrónica, segundo princípios teóricos e metodológicos da linguística descritiva, de documentação escrita de um estado linguístico passado, cuja história e interpretação só podem ser realizadas segundo os princípios teóricos e metodológicos da filologia.*

3. O corpus-base destas Estruturas trecentistas

3.1 *O* corpus: *Os Diálogos de São Gregório, versão trecentista*

3.1.1 **Informações preliminares**

Este estudo de estruturas do português trecentista, com vistas a fornecer elementos para uma gramática do português arcaico, se concentra na análise de um documento medieval português que baptizamos de A mais antiga versão portuguesa dos Quatro Livros dos Diálogos de São Gregório. *Desse documento preparamos uma edição crítica que constituiu a nossa tese de douto-*

ramento apresentada à Universidade de São Paulo em Dezembro de 1971, ainda inédita (MATTOS E SILVA 1971a). É sobre a nossa leitura crítica desse documento que desenvolvemos a análise linguística deste trabalho.

De acordo com o que apresentamos no item 1.5, a propósito de uma tipologia de textos literários medievais portugueses em prosa, Os Diálogos *se incluem entre os textos literários traduzidos que visam a educação religiosa. Não é, portanto, um texto historiográfico, ou de ficção, mas pragmático. E, de acordo com o que propusemos em 2.1, será este texto um representante da «sincronia I» do português arcaico, anterior, portanto, a 1385. Diante do que expusemos anteriormente, este trabalho constitui uma gramática parcial da primeira fase do português arcaico.*

Na Introdução *que compõe o volume primeiro de nossa edição crítica discutimos largamente sobre o original do papa Gregório I ou Gregorio Magno, escrito em latim nos fins do século VI, do qual é tradução este documento português que analisamos.*

São Gregório Magno e seus Diálogos *foram muito populares na Idade Média da Europa Ocidental, e neste caso, Portugal não faz excepção. De pesquisas em arquivos e bibliotecas portuguesas, identificamos a existência de pelo menos 29 manuscritos portugueses que continham, em português ou latim, escritos de São Gregório no Portugal medievo. Sabendo-se que o maior acervo de biblioteca medieval portuguesa, o de Alcobaça, era composto de 450 códices na primeira metade do século XV, não deixa de ser significativa a ocorrência de 29 códices em Portugal com escritos de São Gregório. Desses 29 manuscritos, 8 continham os* Diálogos *em latim ou português, como pudemos depreender do estudo de catálogos ou listas de livros de bibliotecas medievais.*

Actualmente, são remanescentes localizados dos Diálogos *três versões em português: o ms. Serafim da Silva Neto (A), o códice alcobacense XXXVI/181 (C) e o códice alcobacense XXXVII/182 (B); e duas em* *latim: o códice alcobacense XXXV/176 (x) e o códice 73 da Biblioteca Pública Municipal do Porto (y). Sobre a relação histórica existente entre esses códices remanescentes levantamos duas hipóteses sumarizadas nestes dois estemas, que pressupõem a existência de outros códices medievais dos* Diálogos:

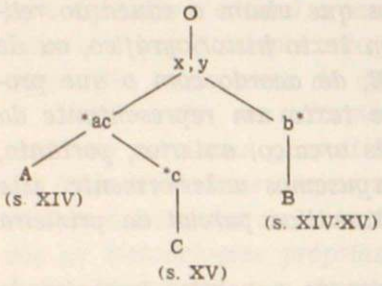

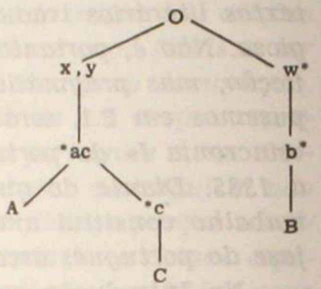

*Os itens asteriscados são hipotéticos; A, B e C correspondem às versões remanescentes em português; x, y aos códices também remanescentes em latim, e *w, a um códice também em latim, mas hipotético. A análise desenvolvida para chegarmos a essas alternativas apresentamos no capítulo 3 da* Introdução *à edição crítica já referida.*

3.1.2 **Origem e data**

O manuscrito que elegemos como base de nossa edição crítica foi o A, ou ms. Serafim da Silva Neto, porque a esse ilustre filólogo pertenceu.

Ao contrário das versões B e C, hoje na Biblioteca Nacional de Lisboa, vindas do acervo alcobacense, nada se sabe sobre sua história anterior ao século XX: nos começos desse século pertenceu a Jorge de Faria, bibliófilo português que adquiriu o códice em Vila do Conde, norte de Portugal e depois o depositou na Biblioteca

Nacional de Lisboa. Na década de cinquenta, Serafim da Silva Neto comprou em Portugal duzentas folhas pergamináceas manuscritas que continham não só os Diálogos como o Livro das Aves (ROSSI et alii 1965) e um Flos Sanctorum, ainda não editado. Do século XIV ao XX, nada conseguimos descobrir sobre a história do manuscrito da versão A dos Diálogos. Assim sendo, não se sabe em que scriptorium medieval foi escrita essa versão, nem se possui nenhuma informação histórica, externa ao texto, ou no corpo do próprio texto, que indique quando foi copiado.

Sobre a origem do texto se pode excluir, com certa margem de segurança, Alcobaça ou Santa Cruz de Coimbra, os scriptoria mais produtivos do Portugal medieval. Serafim da Silva Neto aceita a opinião de José Joaquim Nunes (NUNES 1925) de que seja «oriundo certamente do desbarato dalgum mosteiro ou casa religiosa, ou por causa da extinção das Ordens em 1834, ou por causa dos actos violentos que se seguiram aos acontecimentos de 1910» (SILVA NETO 1956:106). Tendo sido comprado em Vila do Conde, perto do Porto, e sendo numerosos os mosteiros medievais naquela área, talvez na história da versão A se possa admitir uma possível origem nortenha.

A versão C foi copiada em Alcobaça e é datada de 1416. A versão B apresenta em sua folha final a informação: «Este liuro he de Ffernan Affonso priol de Sancta Ma. de Arruda do arçobispado de Lixboa» e, em seguida, com outra letra: «E despoys ho vendeo a frey Estevam d'aguyar deo gras.» Descobrimos que em 1395 Fernan Afonso já se dedicava a trabalhos intelectuais pois traduzia então a Regra de Santo Agostinho e que em 1414 era ele o prior da Arruda. Um dado mais conhecido é o de que Estêvão de Aguiar foi abade de Alcobaça de 1431 a 1456. Com essas informações se pode situar aproximadamente a versão B entre os fins do século XIV e a primeira metade do século XV. É também no capítulo 3 da Introdução à edição crítica que discutimos detalha-

damente a história das três versões medievais em português dos Diálogos.

Para a versão A, a base do presente trabalho, nenhuma informação externa existe, como dissemos, para a datação do documento. Como muitos outros códices medievais portugueses, a sua situação no tempo só pode ser inferida por dados linguísticos e paleográficos. O gótico do códice é do século XIV, mas isso não é argumento suficiente para que o documento seja considerado trecentista. Pedro de Azevedo (1925), José Joaquim Nunes (1925) e Serafim da Silva Neto (1950 e 1956), grandes especialistas do português medieval, que, em momentos diversos, trabalharam com o códice, são de opinião que o documento apresenta características linguísticas próprias ao século XIV. Nenhum deles, no entanto, explorou sistematicamente o corpus *para chegar a essa conclusão, valeram-se, no entanto, de sua experiência de conhecedores do português arcaico.*

No capítulo 3 da Introdução *à edição crítica dos* Diálogos, *tentamos demonstrar, de forma mais sistemática, que o português da versão A apresenta características linguísticas anteriores às apresentadas nos documentos do século XV e propusemos, com fundamento no estudo feito, que seria possivelmente essa versão um testemunho do português arcaico anterior ao último quarto do século XIV. Se, com certa margem de segurança, propusemos esse* terminus ad quem, *o* terminus a quo *deixamos em aberto, mas não ousaríamos recuar ao século XIII. Assim, portanto, a versão A seria um representante escrito do português trecentista.*

Enquanto não existir uma cronologia relativa dos factos linguísticos do português, uma proposta de datação como a nossa se caracteriza como hipótese. Procuramos, contudo, fugir um tanto ao campo do hipotético em nossa proposta de datação. Para isso seleccionamos 8 indicadores linguísticos para os quais se encontram dispersas, nas gramáticas históricas e em estudos linguísticos que precedem edições de textos datados, infor-

mações sobre a sua vitalidade e o processo de seu desaparecimento no português arcaico. Os indicadores seleccionados foram:

1. *a representação gráfica de vogais idênticas postas em contacto pelo desaparecimento de uma consoante intervocálica;*
2. *as grafias variantes das sequências* -īo,-īa;-īho,-īha *e* -inho,-inha;
3. *as grafias variantes dos ditongos* ou/oi, *provenientes, respectivamente de* au, al e de -oct-,-ocs- *e da interversão do yod;*
4. *as grafias variantes das finais nasais, provenientes de* -one,-anu,-ane,-udine,-onu,-ant,-unt;
5. *a morfologia dos demonstrativos;*
6. *a morfologia dos possessivos;*
7. *a representação gráfica do morfema número-pessoal de 2.ª pessoa do plural,* -des/-es;
8. *a representação gráfica da vogal temática da 2.ª conjugação no particípio passado,* -u(do)/-i(do).

Além desses 8 indicadores consideramos traços gerais da morfologia arcaica do verbo, cuja sistematicidade na representação gráfica do texto pôde ser um indício de valor para a proposta de sua datação como documento anterior ao século XV.

Confrontamos a situação desses indicadores no texto completo da versão A com a de dois textos datados do último quarto do século XIV (o Orto do Esposo *(MALER 1964) e a* Vida de Barlaam e Josaphat *(ABRAHAM 1938)) e com a versão C dos* Diálogos, *datada de 1416, além de considerarmos um texto, não literário embora, do século XIII, os* Foros de Castelo Rodrigo *(CINTRA 1959)* *e ainda informações sobre a grafia em outros documentos também não-literários do século XIII (CINTRA 1963a).*

O resultado do confronto desses dados nos permitiu a conclusão, com bastante margem de certeza, de que a versão A dos Diálogos *apresenta características linguísticas próprias às de documentos anteriores ao século XV e, com menor margem de segurança, propusemos que o documento em causa pode representar um estado linguístico próprio a documentos anteriores ao último quarto de trezentos.*

Se a nossa proposta de datação não é tão impressionística quanto as de Pedro de Azevedo (1925), de J. J. Nunes (1925) e de Serafim da Silva Neto (1956), ela não pode, no entanto, jactar-se de segurança absoluta, uma vez que acreditamos que só uma cronologia relativa de factos linguísticos feita a partir de uma amostra estatisticamente válida da documentação remanescente do português arcaico seria a ideal e adequada, porventura a correcta, como caminho para proporem-se datas para documentos não-datados.

3.2 *A análise*

3.2.1 **Preliminares**

Nos itens 2.1.e e 2.2.3 desta Introdução *defendemos o ponto de vista de que se faz necessário o conhecimento prévio da história textual do documento a analisar-se, quando se trata da documentação medieval. De acordo com essa posição procuramos definir nos itens anteriores, 3.1.1 e 3.1.2, o tipo de texto e a história textual da versão A dos* Diálogos. *Se esse documento, por um lado, não é um testemunho ideal para o* corpus *de uma gramática do português arcaico, já que não se pode localizá-lo, nem datá-lo com exactidão — aliás é essa a problemática de muitos documentos literários remanescentes da produção escrita medieval portuguesa; por outro, é de gran-*

de interesse, a nosso ver, para uma gramática do português arcaico e para a história da língua portuguesa uma vez que é dos poucos textos literários remanescentes que podem ser situados como anteriores ao século XV. A grande maioria da documentação literária em prosa ou foi produzida no século XV ou, sendo anterior, permanece em cópias quatrocentistas, ou posteriores, como vimos, de um modo geral, nos itens 1.4 e 1.5 desta Introdução.

Inferida a sua data provável pelo processo descrito em 3.1.2 e levando-se em conta o facto de ser um texto traduzido, os dados linguísticos fornecidos por este corpus *só poderão ser avaliados adequadamente como representativo do português trecentista, quando se possuir um conjunto de textos analisados para a construção de uma gramática do português arcaico. Ao mesmo tempo em que uma avaliação adequada desse testemunho depende de análises de um conjunto representativo da documentação medieval portuguesa, a sua análise pode ser ponto de referência, como gramática parcial, para o estudo desse conjunto representativo para uma gramática geral do português arcaico.*

3.2.2 **Princípios adoptados**

Na análise deste corpus *levamos em conta o que expusemos nos itens 2.1.*a - e *e 2.2 desta Introdução. Partimos, para isso, dos seguintes princípios:*

1. Tratando-se de um documento escrito de uma fase passada da língua portuguesa em que ainda não havia uma normativização ortográfica e gramatical explícita, o primeiro passo da análise aborda o estudo de sua grafia. Em um capítulo que consideramos Preliminar, *intitulado «A representação gráfica n'*A mais antiga versão portuguesa dos Diálogos» *discutimos a variação gráfica de uma mesma base lexical e a sistematicidade na representação gráfica de certos elementos fónicos ou* *de certas sequências fónicas. Como declaramos na item 2.2.2 da* Introdução, *a exploração de um documento em prosa, sobretudo quando se trata de um único testemunho, não permite ilações seguras sobre o sistema fonológico vigente, mas apenas pode sugerir algumas questões sobre realizações fónicas. Em vários momentos da análise da representação gráfica levantamos perguntas sobre tais realizações que só poderão obter respostas em um estudo que aborde um* corpus *mais amplo e que inclua a documentação poética e não-literária.*

2. Tratando-se de um documento de um estado passado de uma língua, não contamos, portanto, com o testemunho do falante nativo e sua intuição, daí a impossibilidade de aplicações de testes para dirimirem dúvidas, quanto à ambiguidade, agramaticalidade, as relações sintácticas ou semânticas de enunciados que pareçam sintáctica e/ou semanticamente equivalentes. Assim sendo, optamos por um modelo descritivo que parte das realizações ou desempenhos documentados no corpus. *Excluímos propostas como a da gramática gerativo-transformacional e optamos pelo modelo descritivo que analisa as representações superficiais.*

3. Tratando-se de um corpus *delimitado, fechado, de um estado passado do português, são os enunciados documentados o objecto de análise indutiva que levará à determinação dos componentes dos diversos paradigmas que compõem um sistema linguístico e de sua combinatória nos sintagmas. Optamos assim por uma análise que segmenta os enunciados em níveis hierarquizados e para isso aproveitamos propostas de modelos estruturalistas: partimos do princípio de que qualquer frase é constituída pela relação que se estabelece entre sintagma nominal e verbal. Feita essa primeira segmentaçao, analisamos os elementos que compõem o sintagma nominal para depois analisar os elementos componentes do sintagma verbal. Procuramos nessa descrição dos* *componentes básicos da frase partir do estudo morfológico dos elementos que compõem cada sintagma. É de notar que nesse estudo mórfico não se podem perder de vista os dados fornecidos pela grafia do códice. Para cada elemento que constitui cada sintagma, exceptuados o nome e o verbo, núcleos, respectivamente, do sintagma nominal e verbal, que são entidades de inventário de grande extensão no* corpus, *já arroladas no* Índice geral de palavras lexicais *(MATTOS E SILVA 1971a), levantamos o número de ocorrências nas suas variantes, considerando o paradigma de que é parte. Pelo exame dos contextos sintácticos em que ocorrem essas variantes, procuramos determinar o seu valor nessa fase da língua. Vencida essa etapa de análise intra-sintagmática (cf.* Parte I *e* Parte II)*, determinamos as características da articulação dos sintagmas entre si e a articulação das frases em enunciados (cf.* Parte III)

4. Tratando-se do estudo de um estado passado da língua, uma abordagem que envolvesse explicações diacrónicas como ponto de partida para explicitações do funcionamento dos dados seria talvez a mais usual. Optamos, no entanto, por tratar o corpus *em sua sincronia, embora não tenhamos excluído informações diacrónicas sobretudo tomando como ponto de confronto o português actual (cf. FOULET 1930) e, eventualmente, o latim. Assim, este estudo é fundamentalmente sincrónico, como sincrónica deve ser, em nosso entender, uma gramática do português arcaico.*

5. Tratando-se de uma gramática de um texto de de uma fase passada, consideramos que as informações quanto à frequência dos elementos que compõem os sintagmas e os enunciados constituem dado importante não só para determinar o valor das variantes de uma mesma forma no corpus, *como também para avaliar a vitalidade maior ou menor dos tipos de combinações documentadas desses elementos. O facto de termos um* *levantamento mecanográfico dos elementos componentes deste* corpus *facilitou, sobremaneira, a informação quantificada que acompanha os dados analisados. Sobre o fichário mecanográfico que preparamos e do qual partimos para a descrição organizada dos dados desse documento trecentista remetemos para os nossos artigos* O fichário mecanográfico de um texto antigo *e* O estudo linguístico de um texto português do século XIV *(MATTOS E SILVA 1971b e 1973), em que informamos sobre a sua elaboração e processamento no conjunto mecanográfico clássico do Centro de Cálculo Científico da Fundação Calouste Gulbenkian em 1968.*

Para concluir, podemos dizer que a análise de estruturas linguísticas da versão vernácula mais antiga dos Quatro Livros dos Diálogos de São Gregório *pretende ser um estudo o mais possível exaustivo e sistemático do funcionamento sincrónico dos dados do* corpus. *Pretende assim evitar a informação selectiva e atomística que caracteriza a grande maioria dos estudos de* corpus *de fases passadas das línguas, orientação que sobremaneira caracteriza os estudos feitos sobre o português arcaico.*

Com isso julgamos fornecer uma base para a discussão de um modelo de gramática do português arcaico que se poderá valer dos nossos erros e dos nossos acertos. Independente do uso que essa análise descritiva venha a ter como ponto de referência para a construção de uma gramática geral do português arcaico, poderá ela ser ponto de referência para estudos de história de língua portuguesa podendo também ser útil à formação dos estudantes de Letras e à curiosidade dos estudiosos que, porventura, se interessem por essa fase da história da língua portuguesa.

PRELIMINAR

A representação gráfica n'*A mais antiga versão portuguesa dos Diálogos*

Nas observações seguintes sobre a representação gráfica na versão vernácula mais antiga dos *Diálogos de São Gregório* não pretendemos depreender as normas ortográficas em que se baseou o escriba do códice que denominamos manuscrito Serafim da Silva Neto ou manuscrito A. Esse manuscrito como o do *Livro das aves* (ROSSI et alli 1965) e o de um *Flos Sanstorum* (¹), ainda inédito, certamente se originam de um mesmo tempo e lugar, provavelmente de um mesmo *scriptorium*, até agora não identificado.

Retomaremos aqui alguns pontos já discutidos, em função da datação da versão A, na edição crítica (MATTOS E SILVA 1971a), mas aqui ampliados; incluiremos outros que marcam o códice como portador de uma grafia anterior à utilizada nos documentos quatrocentistas, além de organizarmos uma série de informações sobre a variação gráfica de um mesmo vocábulo, o que pode servir de indicador, somando-se a outras informações de outros documentos trecentistas, para inferências sobre o sistema fonológico e as variações

---

(¹) **Esse códice faz parte desde 1963 do acervo da Biblioteca da Universidade de Brasília, assim como o códice da versão *A* dos *Diálogos* e o do *Livro das Aves*.**

fonéticas vigentes no português do século XIV, pelo menos no dialecto ou nos dialectos transpostos para documentos escritos literários ou não-literários.

Centralizamos nossa análise em duas direcções:

1. na descrição da variação gráfica de um mesmo vocábulo;

2. no destaque à sistematicidade da representação escrita de certos elementos fónicos ou de certas sequências fónicas.

Para facilitar a explicitação do que descrevemos, por vezes, nos voltamos para a informação de carácter etimológico, ou então para factos linguísticos posteriores à fase arcaica do português.

Os dados não estão organizados segundo as duas direcções destacadas. Por questão de estruturação interna do capítulo preferimos tratar das observações concernentes à representação das vogais e das sequências vocálicas, para em seguida tratar da representação das consoantes e das sequências consonânticas.

Os factos descritos estão quantificados porque esse tipo de informação pode fornecer indícios da vitalidade ou não de determinado uso linguístico transferido, talvez, para o texto escrito.

Eximimo-nos, como não poderia deixar de ser, de concluir sobre o sistema fonológico do português arcaico, por estarmos tratando com um documento apenas.

A descrição da representação gráfica n'*A mais antiga versão portuguesa dos Diálogos* se processará fundamentalmente neste capítulo. No entanto, em momentos vários deste estudo sobre as estruturas linguísticas do *corpus* em causa, fizeram-se necessárias observações sobre a grafia, sobretudo quando tratamos de variação mórfica (cf. *Parte I*, 1. e *Parte II*, 1.).

1. A representação gráfica de segmentos e sequências vocálicas

1.1 *A variação gráfica de vogais em posição não-acentuada*

Enquanto a variação gráfica na representação das vogais acentuadas de um mesmo vocábulo se documenta excepcionalmente no *corpus*, há um caso de variação entre *e* e *i* e outro entre *o* e *u*

lengua (19)[*] ~ lingua (1)
fondo (7) ~ fundo (13)

a variação gráfica na representação vogais não-acentuadas é frequente, como veremos a seguir (2).

1.1.1 Variação entre os grafemas a e e em um mesmo vocábulo

a. em posição inicial absoluta de vocábulo, ocorrem:

apistola (1) ~ epistola (4)
avangelho (24) ~ evangelho (15)
alefante (2) ~ elefante (1)

---

[*] O número entre parêntesis indica a quantidade de ocorrências da forma.

(2) No conjunto da representação gráfica das vogais acentuadas é de notar a regularidade na grafia *fame* — 14 ocorrências — de acordo com o étimo *fame*. Não ocorre a grafia *fome*. É possível que o grafema *a* não corresponda à vogal baixa, já que nos cancioneiros *fame* rima com *ome* e *come*. Seria assim *fame* um arcaísmo gráfico. No entanto não se pode deixar de lado a hipótese de corresponder o grafema *a* à vogal baixa uma vez que assim ainda poderia ser no dialecto do copista do códice SSN ou no dialecto representado no códice que serviu de modelo ao copista. A par de *fame*, de acordo com o étimo, ocorre *estamago* e não *estômago* cujo étimo é *stŏmăchu*.

asperança (3) ~ esperança (4)
asperar (1) ~ esperar (3) e o derivado *desasperas* (3)
asteença (3) ~ esteença (3)

Note-se que o maior número de variação entre *a* e *e* em posição inicial absoluta ocorre quando esses grafemas estão seguidos de *s* que fecha a sílaba inicial. Em todo o *corpus* ocorre sempre *asconder* e flexões (60) e *ascondudamente* (11) (do lat. *abscōndĕre)* e nunca *esconder*.

b. Em sílaba inicial a variação gráfica entre *a* e *e* está documentada em:

jajũho (2) ~ jejũho (1) e no verbo correspondente
jajunhar (4) ~ jejũhar (1)

sarrar e flexões (4) ~ *serrar* e flexões (5)

c. Em sílaba interna antes da acentuada:

piadade (14) ~ piedade (4) e no adjectivo
piadoso (1) ~ piedoso (5)
sagrado (5) ~ segrado (2)

ensarramento (1) a par do verbo *enserrar* e flexões (5).

Em todo o *corpus* está sempre grafado com *a* e não *e: condanamento* (1), *condanado* (1), *condanar* (2), *arravatada* (1), *arravatadamente* (1) e *estarrado* (1) (nunca *condenar, arrebatar, esterrar)*.

A variação entre os grafemas *a* e *e* nunca está documentada em sílabas subsequentes à sílaba acentuada.

Que se pode depreender desses dados? Seriam uma variação livre gráfica? Seriam essas grafias variantes representações de variantes dialectais fónicas de um mesmo vocábulo? Ou seria essa variação resultado de uma indecisão diante de como grafar um segmento fónico que não seria exactamente o representado pelo *a* e pelo *e*, pelo menos na posição de articulação mais facilmente delineável que é a posição acentuada? As questões ficam, mas podem, somadas a outras informações de natureza semelhante em outros *corpora* colaborar para a inferência de um aspecto do sistema vocálico não-acentuado antes da sílaba acentuada no português arcaico (³).

Note-se que, na variação entre os grafemas *a* e *e*, há uma predominância quantitativa do grafema *a*.

1.1.2 Variação entre os grafemas e e i em um mesmo vocábulo

a. Em posiçao inicial absoluta de vocábulo, ocorrem:

enfinta (2) ~ infinta (1)
emaginar (3) e o substantivo correspondente *imaginaçon* (3).

Em ambos os casos a vogal inicial está precedendo uma nasal.

b. em sílaba inicial:

dereito (3) ~ direito (12)
dereitamente (4) ~ direitamente (1)

(³) A propósito da variação gráfica *a* e *e* não-acentuado em documentos medievais portugueses, veja-se a particularidade da versão *A* do *Orto do Esposo* (MALER 1964:25-26), em que essa variação é corrente e sistemática, inclusive em sílabas posteriores à sílaba acentuada.

meninice (1) ~ mininice (1)
vegiaron (1) ~ vigiava (1)
desplizel (2) ~ displizel (1)
veuva (2) ~ viuva (4)
vendita (2) ~ vindita (1)
menguar e flexões (6) ~ mingou (1)
menguar e flexões (6) ~ mingou (1)
lenguagem (7) ~ linguagem (1)

Em todas essas ocorrências está representada na sílaba seguinte uma vogal alta *(i,u)* ou uma semivogal que poderiam ser considerados elementos condicionadores do processo assimilatório de alteamento vocálico.

c. Em sílaba anterior à acentuada, mas não inicial:

enterido (1) ~ entirido (1)

Aqui também na sílaba seguinte está representada uma vogal alta (4).

d. Em sílaba final, portanto posterior à acentuada:

calez (1) ~ calix (5)
simplez (11) ~ simplis (1)
martires (15) ~ martiris (1)

---

(4) Sem nunca alternar com o grafema *i* ocorrem sempre com *e* (do lat. < ĭ, ē, ĕ) *creatura,-s* (15), *ſegura* (1), *ſegurar* (1), *ſegurado* (1), *homelias* (6), *mesturar* (1), *vertude,-s* (103), *vezīho,-a,s* (8), *enveja* (7), *tresteza* (151), *lecença* (14), *enteiro* (1), formas cuja grafia veio a ser consagrada com *i* nas normas ortográficas vigentes. Em muitos casos também na sílaba seguinte há uma vogal alta que poderia condicionar o alteamento da vogal em causa. Esses exemplos incluem vocábulos com vogal em inicial absoluta, na primeira ou outra sílaba antecedente à acentuada.

orden (11) ~ ordin (5)
outren (3) ~ outrin (2)

Em todos esses casos a consoante que fecha a sílaba está representada por *x,s,z* ou *n*, portanto grafemas que representam sibilantes ou nasal.

e. Em posição final absoluta há uma variação *e,i* rara em vocábulos não verbais:

tarde (1) ~ tardi (5)

além de sempre ocorrer *ameudi* (21), *sangui* (19) e *alti* (3), nunca com *e* final.

Na morfologia verbal, ao contrário, há uma marcante variação gráfica entre *e* e *i*:

O morfema número-pessoal da 2.ª pessoa do pretérito perfeito ocorre 88 vezes sempre grafado *-sti*, enquanto o seu correspondente plural ocorre sempre grafado *-stes (4)* (Cf. Parte II, 1.1.3.2.2). A grafia com *i* parece corresponder a uma articulação alta uma vez que nos verbos de vogal temática *e* (da segunda conjugação) ocorre sempre a grafia que indica uma harmonização vocálica entre a vogal temática e a vogal final do morfema número-pessoal:

ascondisti (2)
conhocisti (7)
criisti (1)
recebisti (3)
respondisti (2)

Por vezes essa harmonização se estende à vogal do radical:

quisisti (1) ~ quisesti (2) ~ quesisti (1)
tulhisti (2) (= "tolheste")
fusti (2) (= "foste")

O morfema número-pessoal de 3.ª pessoa do perfeito do indicativo da 2.ª e 3.ª conjugações apresenta a variação *e, i:*

soube (26) ~ soubi (11)
trouxe (1) ~ trouxi (1)
ouve (11) ~ ouvi (3)
——— ~ pudi (4)

A 2.ª pessoa do singular do imperativo dos verbos da 2.ª conjugação ocorre sempre grafada *i*: *ávi* (2), *bévi* (1), *cólhi* (1), *enténdi* (1), *escólhi* (1), *méti* (3), *recébi* (2), *scrévi* (1), *témi* (1), *vérti* (1), *vei* (1) *(=vee).*

Por vezes, a vogal do radical harmoniza-se em altura à final grafada *i*: *cúrri* (1), *miti* (1) a par de *méti* (3). A mesma situação se documenta uma vez para os verbos de terceira conjugação: *fúgi* (=foge).

Talvez esses factos queiram indicar que nesses morfemas verbais a representação gráfica *i* corresponde a uma articulação mais alta da vogal final da série anterior (5). Em muitos desses casos se poderia admitir que a grafia em *i* reflicta apenas a grafia latina de origem.

A variação *e,i* também se apresenta nos pronomes pessoais monossílabos em posição não acentuada no sintagma. Documentamos:

me (170) ~ mi (143)
te (109) ~ ti (69)
se (840) ~ si (01) ~ xi (05)
lhe (10) ~ lhi (676)
lhes (20) ~ lhis (144) (cf. Parte I, 4.1.2.1)

É de notar que a frequência dessas grafias se apresenta quase em equilíbrio no *corpus:* 1149 ocorrências de formas pronominais com a grafia *e* e 1038 com a grafia *i*. Como esses pronomes continuam ou formas pronominais do acusativo ou do dativo latino pode ser que essa variação gráfica reflicta as grafias em *e* do acusativo latino e as grafias em *i* do dativo latino. Por outro lado, tais grafias alternativas no códice podem também querer indicar uma articulação da vogal final que não seria nem a do *e* nem a do *i*, quando em posição acentuada. Essa especulação se torna impossível de ser comprovada, sobretudo tratando-se de um documento em prosa.

---

(5) Voltaremos a essas formas verbais e as estudaremos no conjunto geral da morfologia verbal (cf. Parte II, 1.1.1.2).

Considerando a variação gráfica *e,i* em posição não-acentuada se pode afirmar apenas que essa oscilação gráfica é muito mais frequente nas vogais antecedentes à sílaba acentuada, exceptuando-se aqui os casos de representação gráfica dos morfemas verbais. Quanto à significação dessa variação gráfica a nível do sistema nos parece arriscado afirmar que já então em certos contextos fónicos se processaria um alteamento da vogal. Parece-nos que as questões levantadas a propósito da variação *a,e* (cf. 1.1.1) também aqui caberiam.

1.1.3 Variação entre os grafemas o e u em um mesmo vocábulo

a. Em posição inicial absoluta de vocábulo:

homilde (1) ~ humilde (1) e o derivado
homildade (23) ~ humildade (10)
mas sempre:
homildosamente (3), homildado (13)

b. Em sílaba inicial:

bogia (2) ~ bugia (1)
costume (5) ~ custume (40)
fogueiras (1) ~ fugueiras (1)
moimento (4) ~ muimento (28)

c. Em sílaba anterior à acentuada, mas não inicial

cofon (1) ~ cofujon (7)
comol̃hon (1) ~ comul̃hon (2)
escomol̃hon (1) ~ scomul̃hon (1)
destroimento (1) ~ destruimento (1)
outoridade,-s (8) ~ outuridade (1)
recodir (1) ~ recudir (13)
testemol̃ho (29) ~ testemul̃ho (1) (6)

Em todas as ocorrências documentadas com excepção de *cofogon, cofugon* está representada na sílaba seguinte uma vogal alta ou uma semivogal que poderia ser considerada um elemento condicionador do processo assimilatório de alteamento vocálico (7).

d. Em sílaba posterior à acentuada, não final, ocorre:

discipolo (17) ~ discipulo (43)

e. Em sílaba final e final absoluta ocorrem apenas:

spiritos (23) ~ spiritus (3)
espirito (2) e spirito (3) ~ espiritu (26) e spiritu (31)

---

(6) Sem nunca alternar com o grafema *u*, mas sempre grafadas com *o* (< do lat. ŭ, ō, ŏ) *comprir* (e flexões, 51 ocorrências) *sojeito* (3), *somir* (3), *sospeitar* (3), *sospiro* (2), *soteleza* (3), *sotiis* (1) e também *logar* (168) ao lado de *logo* (95) e *molher* (85), formas cuja grafia veio a ser consagrada com o grafema *u*, nas normas ortográficas vigentes. Em quase todos esses exemplos consta na sílaba seguinte a representação de uma vogal alta que poderia condicionar o alteamento da vogal em causa.

(7) A propósito do fechamento do timbre do *o* pretónico condicionado pelo *i* na sílaba seguinte, cf. J. G. HERCULANO

Tanto no caso de *discipolo, discipulo* e de *espirito, espiritu*, a vogal acentuada que precede aquela em que incide a variação, é a vogal alta *i*.

A variação gráfica *o,u* também se apresenta nos pronomes pessoais, monossílabos em posição não-acentuada no sintagma. Os pronomes *o,os* ocorrem 602 e *u,us* 63 vezes. A variante representada pela vogal alta *u* alterna com *o* sempre depois da 3.ª pessoa do singular do pretérito perfeito dos verbos da 1.ª conjugação (cf. Parte I, 4.1.2.4.3).

1.1.4 Variação entre os grafemas o e e em um mesmo vocábulo

Documentamos essa variação em:

hortolan (2) ~ hortelan (1)
rodoma (1) ~ redoma (1)

Esses são exemplos típicos de dissimilação em que se evita repetir em sílabas sucessivas o mesmo segmento (8)

1.2 *A representação gráfica de sequências vocálicas*

1.2.1 Vogais idênticas contíguas

Vogais originalmente da mesma altura (maa <mala) ou cuja diferença, também originalmente, é de um ou

---

DE CARVALHO (1962-1963: 16). Nesse artigo o autor se refere à existência do fenómeno pelo menos no século XV. Se essas grafias correspondem de facto a um alteamento condicionado o fenómeno pode recuar para o século XIV, pelo menos.

(8) Mantêm-se não dissimilados na representação gráfica do *corpus* os vocábulos *assessegar* (10), *conhocer* (99), *reconhocer* (6).

dois graus (peego < pelăgu-, meestre < magĭster) postas em contacto pelo apagamento da consoante intervocálica, ocorrendo no processo de mudança a identificação das alturas vocálicas, por assimilação e, posteriormente, fundindo-se as vogais identificadas, por crase, se apresentam no *corpus*, quase exclusivamente, duplicadas na representação gráfica. Atestamos as sequências seguintes em que uma das vogais é acentuada:

A. á+a / a+á:

maa,-s (36)/assinaado (10), escaada (1), gaado,-s(2), paaço (1)

B. é+e / e+é:

pee,-s (37), peego (1), seeda,-s (2)/leer e flexões (15), seer e flexões (94)

C. í+i / i+í:

triigo (10), riir e flexões (2) / cobiiça (1)

D. ó+o / o+ó:

avoo (1),trisavoo (1), talhoos (2), poo-s (6)/coor (3)

E. ú+u / ———

cruu (1), muus (1), nuu (1).

Nos 905 casos em que ocorrem essas sequências há 0,3 % de excepções — *trigo* (1), *ver* (1) e *ves* (5) a par de *triigo* (10), *veer* (78) e *vees* (5). Tratando-se de um texto em prosa, é impossível decidir quanto à realização fónica dessa grafia duplicada de vogais. Vale lembrar que nas *Cantigas de Santa Maria*, do séc. XIII, *triigo* se apresenta com três ou duas sílabas (⁹).

Quando essas vogais estão ambas em sílabas não-acentuadas, ocorrem no *corpus* as sequências:

A. a + a:

paancada (1), braadando (1)

B. e + e:

preegasse (1), seelar e flexões (2)

C. i + i:

remiidor (12)

D. o + o:

perigoo (6), poboo (17), voontade,-s (38), arcediagoo (1), diaboo (1), oragoo (1), parvoo (4).

Nessa distribuição não acentuada há 7,2 % de casos em que a grafia apresenta uma única vogal.

Em resumo:

distribuição	V́+V ou V+V́	V+V
grafia não duplicada	0,3 %	7,2 %

(⁹) Sobre isso cf. R. RUBECAMP (1933:32, nota 6). Nesse estudo o autor trata detalhadamente do hiato românico no galego-português do século XIII.

São esses os indícios gráficos da assimilação completa ou fusão de vogais idênticas no *corpus*. (10)

Nesse conjunto de dados sobre vogais em contacto pelo apagamento de consoante intervocálica fazem-se notar as grafias de *acaecer* e flexões (117), *acaentava* (1), *escaecimento* (1), *escaecer* e flexões (5), *escaentado* (1), *caentura,-s* (7), *caentes* (1) em que as vogais em contacto, não-acentuada e acentuada em 18 formas de *acaecer* e ambas não-acentuadas nos outros casos arrolados, não apresentam na grafia indício de assimilação (11).

É comum em textos arcaicos portugueses o uso da duplicação gráfica da vogal para indicar a tonicidade da sílaba. Na versão *A* dos *Diálogos* documentamos esse recurso em apenas 238 casos: 124 vezes no vocábulo *enmiigo, -a, -s,* 101 vezes, em *maao,-s* (a par de 8 vezes *mao,-s)* e 13 vezes *taaes* (a par de 8 vezes *taes)*. É esse recurso de certo modo pouco comum no códice, se comparados esses casos de grafia dupla não etimológica com os casos de duplicação vocálica de base etimológica.

---

(10) Sobre o assunto diz E. WILLIAMS (1961: § 99.2.A): «Essa contracção, que principiou a realizar-se pelo fim do século XIII, se consumou pelo fim do século XV».

(11) A propósito do carácter arcaizante da forma *acaecer,* vale chamar a atenção para o que diz R. RUBECAMP, no estudo citado à nota 9: «Todos os outros derivados (referira-se antes a *aqueecer, aquecer, requeceren* ao lado de *acaecer*) mostram, no século XIII, quase o mesmo número de exemplos com *-ae-* e de exemplos com *-ee-* assimilado (raras vezes contraído *-e-*), forma esta que nas *Cantigas* constitui excepção; nos séculos XIV-XVI aparecem quase exclusivamente *-e-* e, mais raramente *-ee-*». De onde se conclui mais uma vez o carácter conservador da grafia da versão considerada por nós trecentista dos *Diálogos;* dizemos da grafia conservadora porque não temos como comprovar se essa grafia corresponde a uma pronúncia em acordo com os grafemas representados.

As formas em causa se apresentam na versão *C* e *B* dos *Diálogos* com carácter mais inovador. No texto de 1416 (C)

Nos casos de encontros vocálicos estudados nesse item, fica atestado que a grafia do *corpus* sob análise indica uma predominância marcante de formas em que a fusão de vogais idênticas não está representada, o que não quer dizer que essa grafia corresponda à realidade de um dialecto em que essas sequências vocálicas seriam ainda articuladas individualmente. Pode ser que essa situação indique antes uma servidão gráfica e não uma realidade fónica. Sem dúvida uma conclusão mais firme só poderia ser depreendida em um *corpus* que pudesse contar com os recursos da métrica e também da rima.

1.2.1.1 Vogais idênticas postas em contacto pelo apagamento de um *-n-* se apresentam também com a grafia duplicada

Recolhemos 655 casos em que essas vogais estão em sílaba acentuada e não-acentuada e 132 casos em que ambas as vogais estão em sílabas átonas.

A presença do til como indicador gráfico do traço de nasalização decorrente do apagamento da consoante nasal é generalizada, mas por vezes deixa de ocorrer. A assistematicidade da presença do til pode ser indício de uma desnasalização no dialecto, mas, por outro lado, pode ser considerada um descuido do copista. Vale, no entanto, ressaltar o carácter muito cuidado da versão A dos *Diálogos*. Por vezes, em lugar do til sobre as nasais contíguas, ocorre um leve traço inclinado sobre cada vogal.

---

encontramos 58 vezes as formas do verbo *aqueecer* (*-ee-*em sílabas acentuada e não acentuada ou só em sílaba não acentuada); 5 vezes *acaecer* em *A* corresponde a *acontecer* em C; e ainda: *aquentava* (1), *squeecimento* (4), *squeecer* (1), *squeentado* (1), *queentura* (1) e *queente* (1). *B*, possivelmente dos fins do século XIV ou começos do XV, prefere *acontecer* (41) e documentamos também *queentura* (3).

1.2.2 **Variação gráfica entre** -ĩo,-ĩho,-inho

Convivem no *corpus -ĩo,-ĩa/ĩho,-ĩha/-inho,-inha* (do latim *-inu,-ina)*. Ao todo documentamos 349 casos distribuídas as três possibilidades gráficas da seguinte forma:

-ĩo,-ĩa	-ĩho,-ĩha	-inho,-inha
17 %	73 %	10 %

Há vocábulos que apresentam as três grafias:

vinho (11), vĩho (25), vĩo (4)
aginha (6), agĩha (42), agĩa (1)

Ou duas:

menĩho,-a,-s (118), meninho (1)

Ou apenas uma: sobrĩo (9), manĩha (9)

A grafia que espelha plenamente a inserção da nasal palatal que desfez o hiato resultante do apagamento da nasal intervocálica é a menos frequente. Os vocábulos que apresentam a grafia mais moderna, além dos três acima são: *bainha* (3), *caminho* (a par de *camĩho* (11)), *campainhas* (2), *espinhas* (1), a par de *espĩhas* (4), *farinha* (1), a par de *farĩha* (1), *lousinhamento* (1), *ordinhado,-as* (4), a par de *ordĩar* e flexões (9), *ordinhaçon* (40), a par de *ordĩaçon* (1), *pouquetinho* (1), a par de *pouquetĩho* (19), *vezinho* (1), a par *de vezĩho,-a,-a* (61). Note-se que, com excepção de *bainha,* todos os casos em que se usa a grafia considerada a mais moderna ocorre também, alternativamente, outra grafia para a sequência.

Quanto à datação da realização da nasal palatal, representada por *-nh-* em sequências do tipo em causa, L. F. Lindley Cintra admite a hipótese de se situar nos fins do século XIII; e, quanto à expansão dessa grafia mais moderna, é de opinião que houve diferenças regionais dentro do domínio linguístico galego-português na sua expansão, iniciando-se o seu aparecimento em documentos reais nos meados do século XIII (¹²). Em nosso *corpus* essa variação gráfica indica que ainda não se tinha estabelecido, pelo menos no *scriptorium* em que foi copiado o códice, a norma gráfica de representação da nasal palatalizada inserida para desfazer o hiato.

Também convivem no *corpus* as grafias *-õio, õia, -oĩho,-oĩha* e *-oinho,-oinha*. O vocábulo *testemunho,-a,-s* aparece grafado *testemõio,-s* (15), *testemoĩho,-a* (19), *testemoinho,-a* (2) a par de *testemuinho* (2). É de notar as 4 ocorrências da grafia com *-nh* em relação às outras grafias, 34 vezes. No *corpus* também ocorrem *comũihon* (2) e *comoĩhon* (2); *escomoĩhon* (1) é *scomuĩhon* (1), mas não a grafia com *-nh-* para esses vocábulos.

1.2.3 **As sequências vocálicas** -eo,-ea

Das 297 ocorrências das sequências *eo, ea,-s*, 285 decorrem do apagamento de consoante nasal (por exemplo: *alhea, area, azeo, balea, cheo,-a,-s*. Nesses casos pode ou não estar presente no códice o til — *sẽo* ~ *seo*, *pẽa* ~ *pea*); os outros casos decorrem do desaparecimento de consoante não nasal (por exemulo: *creo*, *candea*, *feo*(=feio), etc.). A grafia dessas sequências não indica que o hiato esteja desfeito pela inserção de um *glide* ou semivogal palatal (¹³).

(¹²) Cf. L. F. LINDLEY CINTRA (1959:275 e ss.). Esse mesmo autor (1963:62-71) traça a expansão da grafia *-nh-* em documentos não-literários portugueses dos séculos XIII e XIV. Teria se difundido da Chancelaria Real por volta de 1260 e só nos fins do século XIII atingia documentos produzidos em mosteiros nortenhos.

(¹³) Cf. WILLIAMS (1961: § 35.7.A): «A modificação para *ei* não ocorreu até o início do século XVI». Em nosso *corpus*

Hiatos desse tipo que vieram a ser desfeitos pela epêntese ou inserção da consoante intervocálica etimológica e não pela inserção do *glide* estão sempre grafados sem indicação da inserção da consoante etimológica: *meos* (3), *meor* (6), *meores* (3), *feo* (6), *pea* (76), *zeo* (1) (= *menos, menor, menores, feno, pena, zelo).*

1.2.4 Os ditongos crescentes -io,ia

O ditongo crescente constituído da semivogal palatal seguida de *o* ou *a* ocorre em 60 casos grafados *-ho,-ha* (14); em formas verbais:

comha, comhas, comhades, comhan (pres. do subj. de *comer*),
sabha, sabhas, sabhan (pres. do subj. do verbo *saber*)
servho (presente do indicativo do verbo *servir*)
servhan (presente do subjuntivo do verbo *servir*)

em substantivos:

chuvha, gouvho, sobervha, termho (= término)
nervhos, ravha

em adjectivos:

limpho, ravhoso, sobervho, sobervhoso

Essa representação gráfica não indica a metátese da semivogal para a sílaba acentuada, como veio a ocorrer em *saiba, raiva, raivoso, goivo, coima* (depois *coma*), etc., ou o apagamento da semivogal acompanhado ou não do alteamento da vogal acentuada, como

---

ocorre *aldeia;* é de notar, contudo, que provém do árabe *ad-daia* (NUNES 1960: 186).

(14) Na Leitura Crítica da versão *A* dos *Diálogos* optamos pela grafia da semivogal com *i*.

veio a ocorrer em *sirvo, sirva, nervos, soberba, soberbo, termo, limpo.*

1.2.5 Ditongos decrescentes

1.2.5.1 Os ditongos *ai* e *ei*

Há variação gráfica *ai, ei*
raigado (3) ~ reigado (1)

O ditongo *ai* ocorre em:

aversairo (1), *contrairo,-a,-s* (10), *mansionairo* (1),*notairo* (2), posteriormente: *adversário, contrário, missionário, notário.*

Há variação *ei,e,en,i* em:

eixemplo (9) ~ exemplo (9) ~ enxemplo (1)
eigreja (187), eigrejelĩha (1) ~ egreja (2) ~ igreja (31) (15).

O ditongo *ei* ocorre ainda em: *marteiro,-s* (20) (=martírio), *marteirar* (6), *leison* (1), *leigion* (1) (=legião), *correiçon* (2), *eixalçamento* (1), *eixaminar* (1), *eixergava* (1), *eixufre* (2).

1.2.5.2 O ditongo *ui*

Ocorrem com o ditongo *ui*: *conduito* (2), *fruito,-s* (10), *juigar* (1), posteriormente *conduto, fruto, julgar.* Ao lado da única ocorrência de *juigar,* há 8 ocorrências de *julgar.* Essa ocorrência de *juigar* (< lat. *judicare),* forma «frequentíssima até fins do século XIII» (16) pode ser interpretada como excepcional e talvez como decorrência do contexto em que está a par de *juiz* e *juizes:*

---

(15) A semelhança de *eigreja* pode ocorrer em textos contemporâneos *eidade.* No *corpus* só está documentado *idade* (8).

(16) Cf. L. F. LINDLEY CINTRA (1959:321, nota 16).

> «Ca esta noite vi eu en sonho como eu estava ante hũs *juizes* que me aviam de *juigar* e aqueste homen siia antr'eles e era meu *juiz* e o poderio d'atormentar que eu avia tolheron-mh'o, por sentença daqueles *juizes* que deron contra min» 3.2.26.

1.2.5.3 Os ditongos *ou* e *oi*

No *corpus* não ocorre variação gráfica *ou/oi* em um mesmo vocábulo. A grafia *ou* e a grafia *oi* correspondem sistematicamente a seus étimos nas suas respectivas 1206 e 126 ocorrências. *Ou* é quase sempre um ditongo primário proveniente do latim *au*, ou é secundário em *outro,-a,-s, outren, fouce* (do latim *al* com vocalização do *l*) e em *dous* (< duus). *Oi*, ao contrário, é sempre secundário, resultado da semivocalização de [k] nos grupos [kt] e [ks] ou da metátese da semivogal como em *agoiro, casadoira, refertoiro.*

A altíssima frequência do ditongo *ou* decorre das ocorrências de vocábulos em que esse ditongo está documentado, por exemplo: *cousa,-s* (371), *ouvi* e flexões (264), as formas do perfeito de *haver* (199) cobrem 68 % das ocorrências de *ou*, enquanto entre as formas em *oi*, só *noite* é muito frequente (73), isto é, 58 % do total.

A propósito da variação, *ou, oi*, resultado da oscilação no uso dos dois ditongos etimologicamente distintos há um único vocábulo no *corpus* que nos levantou dúvida — *acoito:*

> «Muitas outras cousas, Pedro, foron pera contar dos feitos maravilhosos dos sanctos homẽẽs que Deus ten escolheitos pera si, mais ora calo-me

> deles e non-nos conto porque *me acoito* pera
> contar outros feitos de que ei gram prazer»
> 3.37.130

Estaríamos diante de um derivado de **cocta* (= «aflição, dor, angústia») ou de um derivado de *cautu* (= «acautelado», «seguro»)? Se estamos diante da primeira possibilidade, como parece ser o caso, no nosso *corpus* a correspondência etimológica ainda se mantinha em todos os casos em que ocorre o ditongo (17).

Sobre a cronologia da oscilação gráfica em pauta, a opinião mais generalizada é a que situa os mais antigos exemplos no século XIV (18). A propósito vale dizer que no *Orto do Esposo,* dos fins desse século, encontramos apenas a curiosa grafia *nouyte,* uma ocorrência, que pode ser indício da variação *ou/oi,* ao lado de seis ocorrências de *noyte;* em *Barlaam e Josaphat,* também do último quartel de trezentos, seu editor afirma, na introdução, só ocorrer um caso de variação *ou,oi* (19). L. F. Lindley Cintra já encontra, no entanto, duas ocorrências de oscilação gráfica *ou,oi* em documentos do século XIII (20). Pode-se, portanto, concluir que a variação gráfica se iniciou já no século XIII, mas só lentamente se foi expandindo na documentação escrita ao longo do século XIV (21). A situação do nosso *corpus* retrata, portanto, uma situação típica de documentos anteriores ao século XV.

---

(17) O que tratamos neste item repete, em parte, o que discutimos no item 5.3.3 da Introdução à edição crítica dos *Diálogos*. Aí desenvolvemos a discussão sobre o étimo de *acoito-me*.

(18) Cf. L. F. LINDLEY CINTRA (1959:75, nota 4).

(19) Cf. R. ABRAHAM (1938).

(20) Cf. op. cit. nota 18, pág. 45, nota 47.

(21) Sobre a origem e explicação da variação *ou/oi* cf. L. F. LINDLEY CINTRA (1958b).

1.3 *Os segmentos ou sequências nasalizadas em final de vocábulo*

No *corpus* ocorrem 3.550 finais nasalizadas, assim grafadas, em ordem de frequência:

— om (< lat. *-one,-unt* acentuado e não acentuado):
1.708:48 %

— am (< lat. *-ane,-ant* acentuado e não acentuado, e *-anu,* vocábulos de origem estrangeira):
1.404:39,5 %

— ão,-ãão (< lat. *-anu):*
121: 3,5 %

— oen (< lat. *-udine):*
17: 0,5 %

Acrescente-se ainda *-õõ,-om* (< lat. -onu): 300: 8,5 % (22).

Quase que sem excepção as sequências atestadas continuam regularmente as correspondentes latinas, ocorrendo rara variação gráfica.

São excepções: *agrilhan* (23) e 3 formas do perfeito do indicativo em *-an* (< lat. *-unt,* não acentuado).

Explicação especial se faz necessária para as formas em *-on* não-acentuadas que, indiferentemente, representam a 3.ª pessoa do plural do perfeito e do mais que perfeito do indicativo. Das 934 ocorrências dessas formas, examinamos 10 %, portanto 93, sendo que 69 % correspondiam ao pretérito perfeito (lat. *unt)* e 31 % ao pretérito mais que perfeito (lat. *ant)*. Nessa amostra a par dos 8 perfeitos em *an*, portanto em desacordo com a etimologia, ocorrem 9 mais que perfeitos etimológicos em *-an* (< lat. ant).

---

(22) Essas formas, diferentemente das anteriores, não convergiram nos dialectos mais difundidos do português para o ditongo nasal [ãũ].

(23) De acordo com MEYER-LUBKE, REW 126 e com J. M. PIEL (1953) *aguilhão* de que *agrilhan* deve ser variante provém de **aculeo, aculeone,* vocábulo de evolução singular, pouco significativa, portanto, para o problema em foco.

Nesse quadro conservador da representação gráfica das finais nasalizadas sobressai, sem dúvida, a não correspondência etimológica do mais que perfeito, apenas 9 vezes em *-an*, e também em *-an*, 8 formas do perfeito. Na variação gráfica, na representação do perfeito, reflexo talvez do facto de estar em posição não acentuada, pode influir a dificuldade semântica em distinguir, em certos contextos, os dois perfeitos (24).

Desses dados se pode depreender que a convergência para o ditongo nasal grafado *ão*, que é o característico nos dialectos padrão de Portugal e Brasil, não tivesse ocorrido, mas que já houvesse pelo menos uma indistinção na articulação da nasal final das formas verbais não acentuadas do perfeito, reflectida na grafia. Se essa interpretação corresponde à realidade, esse processo de convergência, pelo menos no dialecto representado neste *corpus*, ter-se-ia talvez iniciado por essas formas verbais.

As formas verbais tónicas do presente do indicativo, consideradas por especialistas (25) como prováveis móveis do processo de convergência dessas finais se apresentam regularmente conforme sua origem: *van* (14), *vaan* (pres. do subjuntivo, 2 vezes), *am* (65), *dam* (14), *estan* (2) e *som* (194). Também não deixa de sobressair a baixa frequência, ao contrário do que afirma Williams, das formas em *-ão* etimológico, para o qual se orientou a convergência nos dialectos mais difundidos do português: apenas 3,5 % do total, representado por palavras de frequência relativamente baixa — *cristão,-s, irmão,-s* e *mão,-s,* as mais frequentes, aparecem 26, 39 e 68 vezes, respectivamente, ao passo que *oraçon, coraçon, razon* e plurais ocorrem 138, 109 e 90 vezes. É verdade que não se pode considerar o vocabulário desse *corpus* como representativo do léxico em uso no português arcaico. Vale apenas como ilustração.

---

(24) Esse facto já foi destacado por R. LAPA (1959:172).

(25) Cf. E. WILLIAMS (1961:§157) e também G. TILANDER (1958-1959:10-21).

Tudo o que foi dito sobre a situação gráfica das nasais finais na versão A dos *Diálogos* delineia o *corpus* como representante de uma situação conservadora ou arcaizante na representação desses segmentos. A isso se acrescente que os continuadores do lat. *-udine* estão sempre grafados segundo a forma mais arcaizante *-oen* (17) e as palavras em *-anu* que chegaram ao português pelo provençal ou catalão ([26]) estão grafadas em *-an* *(ermitan* (6), *hortelan / hortolan* (6), *vulcan* (1), *afan* (3). E 8 ocorrências de *foan,* de origem árabe.

É de notar que os plurais dessas formas se apresentam sempre conforme sua origem: *-ãos,-ããos* (< *-anos)* (53 e 27, respectivamente), *-ões* (< *-ones)* (73), *-ães* (< *anes)* (3) e *-õõs* (< *-onos)* (84).

Essa situação gráfica das nasais finais coincide com a de documentos anteriores ao século XV; afirmamos isso com base no quadro clássico para a história das terminações nasais de L. de Vasconcelos (1959: 134-135) e no confronto com a situação gráfica de outros textos medievais trecentistas e quatrocentistas ([27]).

Não nos permitem os dados deste *corpus* concluir que a convergência para o ditongo nasal já era um facto consumado no século XIV, como o afirma peremptoriamente G. Tilander (28). O mais que os dados podem admitir, a nosso ver, é que a oposição distintiva /-õ/ : /-ã/ possivelmente não mais existia em posição não-acentuada final. É o que se pode depreender da grafia da 3.ª pessoa do plural dos perfeitos e mais que perfeitos.

---

[26] J. I. LOURO (1952:37-65) e G. TILANDER, op. cit. na nota anterior.

[27] No item 5.3.4 da Introdução à nossa edição discutimos amplamente a questão da convergência dessas finais e confrontamos a situação dos *Diálogos* com a de outros textos medievais dos séculos XIV e XV e com as versões *B e C,* quatrocentistas, dos *Diálogos.*

Vale lembrar que, se a convergência começou a ocorrer no século XIII, conforme os tão citados exemplos de rima, *-am/-ão* nas *Cantigas de Santa Maria*, não se pode ainda hoje afirmar em que regiões do domínio linguístico português ela começou a processar-se e que caminhos seguem. L. F. Lindley Cintra (1963: 75-77), chama a atenção para o facto de que essa unificação não se deu até hoje em certos dialectos ou se deu sob outra forma que não a característica dos dialectos mais generalizados de Portugal e do Brasil.

Tratando-se de um *corpus* em prosa, em que não se dispõe da rima para argumentar e não havendo oscilação gráfica de um mesmo vocábulo com as finais em causa, a não ser os destacados, além de ocorrer uma correspondência sistemática entre a representação gráfica e o étimo, muito pouco se pode concluir, a nosso ver, desses dados sobre a realidade fónica que eles revestem.

2. A representação gráfica de segmentos e sequências consonânticas

2.1 *A variação gráfica de segmentos consonânticos*

2.1.1 **Variação entre s,z e ç,z**

O *corpus* apresenta variação na grafia deses segmentos consonânticos, em posição intervocálica, apenas nos seguintes vocábulos:

---

(28) Cf. op. cit. à nota 25.

-s- ~ -z-:

1. aceso, acesos (2) ~ acezo, acezas (7)
2. cĩĩsa, cĩĩsas (2) ~ cĩĩza (1) (29)
3. bravesa (1) ~ braveza (2)

De acordo com a etimologia os dois primeiros casos deveriam estar grafados com *s*, mas o terceiro deveria estar com *z*.

A par desses poucos casos de variação gráfica, há todo o conjunto do *corpus* perfeitamente coerente com o latim de que provém. São exemplos significativos:

cozer (5), *fazer* e flexões (455) e as formas do perfeito de *querer* sempre com -*s*- (162).

De acordo com a etimologia a representação gráfica $c^{e,i}$, $ç^{a,o,u}$ corresponderia à predorso - dental surda (30) / ș/ e z à predorso-dental sonora / z̦ /; enquanto -s- e -*ss*- corresponderiam à ápico-alveolar surda / ṣ / e -s- à ápico-alveolar sonora / z̦ /:

	predorso-dentais	ápico-alveolares
su	/ ș / $c^{e,i}$,$ç^{a,o,u}$	/ ṣ / s-, -ss-
so	/ z̦ / z	/ ẓ / -s-

---

(29) A propósito do étimo de *cinza* cf. J. COROMINAS, s.v. *ceniza* (**cĭnīsĭa*) onde explica, por dilação, a conversão de *cenisa* em *ceniza*.

(30) Não se pode afirmar que já na época da versão *A* dos *Diálogos* fossem as predorso-dentais fricativas e não mais africadas, como devem ter sido, de acordo com a sua evolução histórica, uma vez que provenientes de oclusivas latinas seguidas de vogal ou semivogal palatal.

Esse sistema de 4 sibilantes, cada par de surda e sonora com um ponto de articulação distinto que a tradição linguística ibérica descreve como predorso-dental e ápico-alveolar, parece ter sido generalizado no português arcaico até meados do século XIII, já que os documentos mais antigos não confundem as representações correspondentes a esses quatro elementos. Documentam-se hoje em dialectos pelo menos da área transmontana portuguesa o sistema de 4 sibilantes (31).

A representação gráfica dos *Diálogos*, aceitando-se a interpretação acima descrita, indica variação entre -*s*- e -*z*- representantes das sonoras predorso-dental e ápico-alveolar, não havendo variação na representação das surdas correspondentes. É marcante, no entanto, a raridade dessa variação no conjunto dos dados. Se se admite que *c* e *z* correspondem a fonemas predorso-dentais, pode-se até explicar as grafias *acezo* e *cĩiza* como resultantes de uma assimilação à distância ou dilação que transferiu o traço predorso-dental do fonema da sílaba anterior para o da sílaba seguinte. Já no caso da variação *braveza* / *bravesa*, não nos ocorre nenhuma justificação, a não ser a de que talvez entre sonoras já existisse uma variação livre e não mais oposição distintiva.

No conjunto da representação dessas sibilantes se destaca ainda a grafia da sibilante final do adjectivo *simples*:

simples (2) ~ *simplez* (3), *simpliz* (1), *simprez* (6) ~ *simplex* (1) e o plural *simplezes* (1). A variação gráfica -*s* (2), -*z* (10), -*x* (1) parece indicar que nessa posição a oposição não se faria, o que parece se confirmar no plural *simplezes*, em que a grafia da sibilante não corresponde à etimologia. Confirma também o que se disse a grafia *preses* (1) (lat. *preces)* quando deveria ser *prezes*. Considera-se a forma actual — *preces* — culta, uma vez que não apresenta a sonorização intervocálica.

---

(31) Sobre a difusão dessa variação gráfica em documentos não-literários medievais portugueses do século XIII, cf. L. F. L. CINTRA (1963b.72-75); sobre os dialectos portugueses que apresentam o sistema em causa cf. também L. F. LINDLEY CINTRA (1958a:186-195) e (1964-1973:81-116).

Além dessa variação gráfica entre representantes das predorso-dentais e das ápico-alveolares sonoras, ocorrem alguns casos de variação entre as grafias representantes das surda e sonora predorso-dentais:

desfaçia (2) ~ desfazia (4)
oficio,-s (4) ~ ofizio (4)
façia (1) ~ fazia, faziam (126),

em posição intervocálica e em posição inicial ocorre a grafia *çeo* (lat. zelum), quanto deveria ser *zeo*.

Embora aqui esteja em causa não o ponto de articulação, mas a sonoridade, é possível que isso reflicta não que o copista não distinguisse as surdas das correspondentes sonoras, mas a sua incerteza na representação gráfica das sibilantes em conjunto, por talvez não se fazer já no seu dialecto a oposição entre os dois pares discutidos. É provável que neste momento e lugar da cópia dos *Diálogos* convivessem falantes portadores de dialectos distintos que apresentassem diferentes sistemas de sibilantes, como até hoje ocorre pelo menos no Nordeste de Portugal (32).

2.1.2 Variação entre j, g e s

Em geral, no códice da versão *A* dos *Diálogos,* ocorre o grafema *g* antes de *e* e *i;* e *i*, que na Leitura Crítica substituimos pelo *j*, diante de *a*, *o* e *u*, representando possivelmente uma palatal sonora. Documenta-se, no entanto, variação gráfica entre *g* e *j* antes de *a* e *o*:

---

(32) As grafias seguintes, que são coerentes com a etimologia, sempre assim ocorrem: *rezente* (2), *çapato* (2), *çapateira* (2), *çaga* (1), *çuja* (1), *çujos* (1), *çujar* (1), *serrar* (4) ou *sarrar* (5), hoje respectivamente: *recente, sapato, sapateiro, saga, suja, sujos, sujar, cerrar*.

rijamente (7) ~ rigamente (10)
rijo,-a (2) ~ riga,s (2)
monja (8) ~ monga (16)

Ocorrem ainda alternâncias gráficas entre *g*, *j*, *s*, embora em poucos casos:

cofogon (5) ~ confugon (4) ~ confuson (1) (lat. consusione)
leigion (1) ~ leison (1) (< lat. legione)
pugi (1) (<lat. *posui*), mas nunca *pus*, *puse*, embora sempre ocorra *quis*, *quise* (< lat. *quaesii* nunca *quigi*).

Sempre no *corpus* está *agĩha*, *aginha* (48) e *trager* e flexões (85) e nunca *asinha*, *trazer* que estão documentados no português arcaico (³³).

Talvez a variação gráfica *g* ~ *s* indique uma variação na articulação da palatal que poderia ser pronunciada como uma das sibilantes não palatalizadas, talvez a de articulação ápico-alveolar, não só por ter seu ponto de articulação mais próximo da palatalizada e pelo facto do *s* intervocálico no geral dever representar a ápico-alveolar e não a predorso-dental.

2.1.3 Variação entre gu,g e qu,c

No códice *g* antes de *a*, *o* e *u* e *gu* antes de *e* e *i* possivelmente representam uma velar sonora e *c* antes de *a*, *o* e *u* e *qu* antes de *e* e *i*, a correspondente surda.

(³³) Cf. J. J. NUNES (1960:186).

Ocorrem, excepcionalmente, no entanto, algumas variações gráficas, que fogem a essa sistemática:

— gu ~ g
gaanhar (e flexões, 26), ganho (4) ~ guaanhar (1)
roguemos (1) ~ rogemos (1)

— qu ~ c
cam (1) ~ quam (5)
canteas (1) ~ quantidade (1)

Nesses exemplos de *qu* ~ *c* se levanta a questão: será que nesses casos *qu* e *c* representam a mesma articulação ou representam variantes fônicas de um mesmo vocábulo, no caso de *cam, quam* ou de vocábulos com o mesmo lexema, no caso de *canteas, quantidade?*

2.1.4 Variação entre b, v, f

Os dados atestam a correspondência etimológica na selecção dos grafemas *u* e *b*. Na *Leitura Crítica* dos *Diálogos* substituímos *u* por *v*. Esquematicamente, essa correspondência etimológica pode ser sumarizada:

(português) v- < u- (latim)
b- < b-
-v- < -b-,-f-
-b- < -p- (34)

Essa correspondência gráfica sistemática parece indicar que no dialecto representado no códice havia oposição distintiva *b:v*, que veio a ser neutralizada em certos dialectos de Portugal, sendo esse um dos traços que opõe linguisticamente o norte ao sul dessa área de língua portuguesa (35). Para L. F. Lindley Cintra (1959: 363) a «confusão [b e v] surgiu em época muito antiga, e talvez, independentemente, em vários pontos da metade norte da Península Ibérica».

---

(34) Cf. J. J. NUNES (1960:88 e 101-102) e E. WILLIAMS 1961:§61.1 e 4.A,§72.1 e 1.A.3.4.)

São exemplos (36) dessa correspondência sistemática no *corpus*.

v- < u-
vodas (3) (=bodas)
verça (10) (37)
-v- < -b-
bever (e flexões, 40 vezes)
arravatada (1)
arravatadamente (2)
avissos (1) (=abismos)
avondamento (1)
avondança (4)
avorrecer (e flexões, 10)
avorrido, -a,-s (4)
tavoa,-s (5)
-b- < -p-
resteba (1) (= resteva) (38).

Ao lado de *proveito* (< profectu), 21 ocorrências, está no *corpus* *profeitar* (e flexões, 10 vezes) e *profeitamento* (1), que fogem à correspondência etimológica sistemática usual na grafia da versão A. Esses exemplos são os únicos casos de variação na representação f ~ v, não ocorrendo, como dissemos, variação no emprego de b ~ v (39).

---

(35) Sobre o assunto cf. L. F. L. Cintra, segundo e terceiro estudos citados à nota 31.

(36) Seleccionamos exemplos que divergem da grafia actual, que se afasta da correspondência etimológica.

(37) Do lat. *vĭrĭdia*. *Verça* é considerado por dicionaristas como C. de Figueiredo como provincianismo.

(38) Do lat. **restipa*, s. v. *resteva*, em J. P. MACHADO. *DELP*

2.2 *Variação gráfica de sequências de consoantes:*

2.2.1 **A variação entre s- e es- seguidos de consoante:**

O *e* que se desenvolveu como apoio (40) às sequências latinas *sc-,sf-,sm-,sp-,sq-, st-* caracteriza a grafia de *A*. Em 851 casos temos:

+e	−e
88 %	12 %

ou seja:

esc-	sc-	esf-	sf-	esm-	sm-	esp-	sp-	esq-	sq	est-	st-
113	28	11	—	25	—	128	71	5	—	465	5

É comum a variação gráfica de um mesmo vocábulo; por exemplo:

scarnio (1) ~ escarnio (6)
scomũihon (1) ~ escomõihon (4)

spirito,-s e derivados (67) ~ espirito,-s e derivados (34)
stevera (1) ~ estevera (1)

---

(39) Sempre está no *corpus: barvas* (2), *sobérvia* (15), *sobérvio* (3), *sobervioso* (7), *ensobervieceren* (1), em que *v* está precedido de *r*, e que a grafia padrão veio a consagrar o uso de *b*.

(40) Cf. J. J. NUNES (1960:97).

Essa preferência indica, a nosso ver, não só a realização de uma vogal de apoio inicial, no dialecto espelhado nesse *corpus*, como também uma característica do *scriptorium* onde foi elaborado o códice.

Na versão *C* dos *Diálogos*, dos começos do século XV, indiscutivelmente do *scriptorium* alcobacense se documenta situação inversa (+*e*:34 % e −*e*:66 %). Diante desses dados, vale dizer que a grafia com *e* de apoio não poderá ser tida como um estágio mais evoluído em face da grafia sem o *e*, como diz a editora da *Linguagem da Imitação de Cristo* (41).

Comparando a grafia da *Imitação* (2.ª metade do século XV), com o *Livro de Solilóquio de Santo Agostinho* (da 1.ª metade daquele século) (42), Maria Isabel Cepeda chega a essa conclusão. Uma vez que em nossa versão mais antiga predomina a grafia considerada «mais moderna», é lícito supor que se trate apenas de um uso ortográfico de determinado *scriptorium* medieval, ou de certos copistas, o emprego ou não do *e*-, da mesma forma que outras particularidades gráficas. Vale lembrar que a versão *C* dos *Diálogos* se aproxima assim do *Livro de Solilóquio*, ambas do *scriptorium* alcobacense. O códice da *Imitação* é de Tibães. No entanto, na versão *A* do *Orto do Esposo* (MALER 1964), que é também alcobacense, dos fins do século XIV, anterior portanto à versão *C* e ao *Livro de Solilóquio*, são mais correntes as formas com *e* de apoio do que as sem ele: há no glossário cerca de 140 entradas contra 20, respectivamente. No *Livro das Aves* (ROSSI et alli 1965)), possivelmente da mesma data e origem dos *Diálogos*, versão *A*, há 23 entradas no glossário com *e*, contra uma sem *e*, situação portanto paralela à do nosso *corpus*.

---

(41) Cf. M. I. VILARES CEPEDA (1962:47).

(42) M. A. VALLE CINTRA (1957).

2.2.2 A variação l e r precedidos de consoantes

Esse tipo de variação é relativamente raro no *corpus*. Em posição inicial ocorre:

gl ~ gr (lat. gl)
gloria,-s (53), glorioso,-a (18), glorificados (1) ~ grorioso,-s (5)

Em posição medial:

-gl- ~ -gr-
regla (1) ~ regra (7)
-pl- ~ -pr- (< lat. pl)
complidamente (1) ~ compridamente (29)
desplizel (1) ~ desprizil (1), desprizel (4)
simples (2), simplex (1), simpliz (1), simplezes (1) ~ simprez (6)
-bl- ~ -br- (lat. bl)
obligar (1), obligaron (1), obligada (5) ~ obrigagado,-a (2)

É de notar que todos os casos da variação gráfica em causa provêm de consoante latina seguida de *l* e não de *r*. Consideramos rara essa variação em comparação, por exemplo, com a sistematicidade documentada em, pelo menos, 800 ocorrências de *pr* (< pl, pr) e de 106 ocorrências de *gr*. (< gr), não incluídas aí as ocorrências de *gram, grande,-s* (532).

2.2.3 Variação gráfica de outras sequências de consoantes

Documentam-se:

-nst- ~ -st- :
demonstrava (1) ~ demostra (8)

-nf- ~ -f- :

confujon (4) ~ cofogon (5)

-rs- ~ -ss- :

perseguçon,-ões (5) ~ pesseguições (1)
perseguir (7) ~ pesseguir (1)
persevera (2) ~ pessevera (1)
pesseveradamente (1)

-sc- ~ -c- :

ocorre *discipolo,-a,-s* (61), mas *acrecentar* (e flexões, 20 vezes), *crecentar* (1), *crecer* (e flexões, 37), *decer* (e flexões 14), *nacer* (e flexões 28) (43).

-st- ~ -sch-:

bestos (1) ~ beschos (1) (44).

Essas duas grafias ocorrem numa mesma passagem, em que o referente das formas variantes é o mesmo:

1.21.4 e 6 «E pois entendeu que todalas verças do seu horto perecian per aqueles *bestos* que o comiam, disse-lhes: ...todolos aqueles *beschos* que na horta andavan e as verças comian partiron-se do horto.»

Essas variações acima enumeradas indicam uma oscilação entre formas não assimiladas, isto é, mais em acordo com o seu antecedente latino, e formas cuja grafia indica a assimilação, articulação menos onerosa, portanto.

---

(43) Considerando as formas seguintes: *amoestamentos* (1), *amoestar* (4), *asteença* (3), *aversairo* (1), *sustancia* (1) em nenhuma ocorre a grafia culta alatinada — *admoestamento*, *admoestar*, *abstinência*, *adversário*, *substância* — que vigora hoje. As grafias do *corpus* reflectem as mudanças fonéticas, também reflectidas nas formas: *sojeito* (3), *soteleza* (3), *sotiis* (1), *soterrar* (53).

(44) Essa sequência *-sch-* ocorre também em *San Savaschão* (5) (=São Sebastião).

-nf- ~ -f-:

confujon (4) — cofojon (5)

-rs- ~ -ss-:

perseguçon,-ões (5) — pesseguições (1)
perseguir (7) — pesseguir (1)
persevera (2) — pessevera (1)
perseveradamente (1)

-sc- ~ -c-:

ocorre discipolo,-a,-s (61), mas convencer (e flexões, 20 vezes), crecentar (1), crecer (e flexões, 37), decer (e flexões 14), nacer (e flexões 28) (⁴⁸).

-st- ~ -sch-:

bestos (1) ~ beschos (1) (⁴⁹).

Essas duas grafias ocorrem numa mesma passagem, em que o referente das formas variantes é o mesmo:

1.21.4 e 5 „E pois entendeo que todalas vervas do seu horto perecian per aquelas bestos que o comiam, disse-lhes: ...todolos aqueles beschos que na horta andavan e as vervas comian partiran-se do horto".

Essas variações acima enumeradas indicam uma oscilação entre formas não assimiladas, isto é, mais de acordo com o seu antecedente latino, e formas cuja grafia indica a assimilação, articulação menos marcada, portanto.

(⁴⁸) Considerando as formas seguintes: [illegible] (1), [illegible] (6), [illegible] (3), [illegible] (1), [illegible] (1) em nenhuma ocorre a grafia ainda assimilada — [illegible], adolecer, obedencia, [illegible], [illegible] — que ocorre hoje. As grafias do corpus reflectem as mudanças fonéticas também reflectidas nas formas: sejão (5), [illegible] (1), [illegible] (1), socorrer (53).

(⁴⁹) Essa sequência -sch- ocorre também em San [illegible] (5) (=São Sebastião).

PARTE I

SINTAGMA NOMINAL

Este estudo do sintagma nominal n'*A mais antiga versão portuguesa dos Quatro Livros dos Diálogos de São Gregório* trata da morfologia flexional do nome (1.), dos determinantes (2.), dos quantificadores (3.), dos substitutos (4.) e dos qualificadores (5.).

A análise desses itens se detém na representação superficial do sintagma nominal. Descrevemos assim os elementos componentes do sintagma nominal e aqueles que, como substitutos, funcionam como sucedâneo do sintagma nominal explícito.

Na análise do nome, núcleo do sintagma nominal, nos limitamos a estudar os mecanismos flexionais que expressam o género e o número, precedendo-os de uma análise da representação da vogal temática, classificador nominal. Desse modo, analisamos a estrutura mórfica do nome, sem entrarmos no estudo dos mecanismos mórficos de derivação e sem nos determos no estudo semântico dos lexemas nominais.

Na categoria funcional dos determinantes incluímos o estudo do artigo, dos demonstrativos e dos possessivos. Inventariamos os elementos que compõem essa categoria e organizamos os paradigmas constituídos pelos determinantes. Nos casos em que esses elementos apresentam alomorfia, procuramos explicar os condicionamentos que determinam a variação. Completamos o estudo de carácter morfológico com observações de natureza sintáctica e semântica quando nos pareceu que os dados do *corpus* poderiam indicar procedimentos característicos da gramática do português arcaico.

Inventariamos no estudo dos quantificadores todos os elementos gramaticais que portam a noção de quantificação e que incidem nos nomes substantivos, núcleo de sintagmas nominais ou nos nomes adjectivos qualificadores de substantivos. Ampliamos o estudo dos quantificadores para abranger aqueles que, além de quantificar nomes substantivos e adjectivos, quantificam também os qualificadores do verbo e o processo verbal. Nessa análise determinamos a distribuição dos quantificadores no sintagma e procuramos indicar a inter-relação semântica desses elementos.

Englobamos no estudo da categoria funcional dos substitutos os pronomes pessoais e os «pronominais adverbiais», sucedâneos léxicos de sintagmas nominais circunstanciais, que têm como núcleo nomes portadores das noções de lugar, tempo e modo. No estudo dos pronomes pessoais nos detivemos basicamente na análise de sua rica alomorfia e na explicação dos condicionamentos quer sintácticos quer morfofonémicos que a determinam. No estudo dos substitutos locativos, temporais e modais determinamos subsistemas constituídos de poucos elementos inter-relacionados e depreendemos não só a sua significação, relacionando-a com a de outros anafóricos e dêiticos, como a sua distribuição sintáctica, para chegar ao entendimento de seu funcionamento no *corpus*.

No estudo dos qualificadores, que constituem um inventário aberto, portanto não devem ser definidos como morfemas gramaticais independentes ou instrumentos gramaticais, como é o caso dos determinantes, quantificadores e substitutos, fizemos uma avaliação quantitativa e determinamos tipos de estruturas com qualificadores em sintagmas nominais no *corpus*. Nessa descrição consideramos como ponto de partida os qualificadores epítetos para, em seguida, confrontá-los com os qualificadores atributos.

Como se pode ver da explicação anterior, adoptamos um critério que envolve o inventário dos dados, a sua organização em paradigmas, a sua distribuição sintáctica, para daí compreender o seu funcionamento e significação. Essa atitude nos pareceu a mais condizente para um entendimento mais profícuo e abrangente da estruturação do sintagma nominal nesse *corpus* que pode ser considerado uma amostra do português trecentista.

1. Morfologia flexional do nome

O nome é o núcleo ou base do sintagma nominal e seu inventário é aberto em qualquer língua. No *corpus* em exame, o inventário dos nomes, quer em função substantiva, quer em função adjectiva, está esgotado no *Indice geral das palavras lexicais,* que constitui o IV volume da Edição Crítica d'*A mais antiga versão portuguesa dos Quatro Livros dos Diálogos de São Gregório.* Há nesse *corpus* 16.026 ocorrências de nomes substantivos e 3.195 ocorrências de nomes adjectivos.

Estudaremos a seguir a morfologia flexional desses nomes; não nos deteremos aqui no estudo da morfologia derivacional. O estudo dos lexemas, que são a base semântica dos nomes, ultrapassaria os limites da análise morfológica e envolveria o que se tem designado de semântica lexical.

Nesta descrição partimos do princípio de que a estrutura mórfica do nome em português é formada basicamente dos seguintes elementos: lexema, vogal temática, morfema de género e morfema de número, isto é:

$$N \rightarrow L\ VT\ MG\ MN$$

Esses quatro elementos ocorrem, nessa ordem, na estrutura do nome em português. (¹)

Os lexemas (L) constituem um inventário aberto de signos, cujo significado se refere ao mundo bio-social:

L → [amor-, poet-, filh-, amig-, pé ...... n]

Todos os nomes substantivos e nomes adjectivos que ocorrem no *corpus* dos *Diálogos* são evidentemente portadores de lexemas e a análise sémica desses lexemas poderá constituir parte do estudo de semântico lexical do *corpus*, aspecto em que não nos detivemos.

1.1 *Vogal temática*

A vogal temática é um classificador mórfico que permite agrupar os nomes por classes, da mesma forma que se agrupam os verbos. Segue-se a VT ao lexema, constituindo L+VT o que tradicionalmente se chama de tema da palavra.

1.1.1 **Nomes paroxítonos e proparoxítonos**

Nos nomes paroxítonos e proporaxítonos as vogais temáticas dos substantivos se apresentam no texto pelos grafemas *e,o,a;* e nos adjectivos pelos grafemas *e, o,* já que consideramos que o *a* final dos adjectivos representa o morfena de género feminino (Cf. 1.2. Morfologia do género):

VT → e, o, a

por exemplo: mont*e*, fac*e*, fouc*e*, host*e*, hósped*e*, grand*e*, trist*e*;

(¹) Seguiremos de perto a análise mórfica do nome proposta por J. MATTOSO CAMARA Jr. (1970), embora nem sempre utilizemos *ipsis litteris* as formulações propostas por esse autor e adaptemos o seu modelo à situação do nosso *corpus* trecentista.

fog*o*, forn*o*, góuvi*o*, lad*o*, clérig*o*, mã*o*,
alt*o*, led*o*, sã*o*;
eir*a*, fam*a*, forç*a*, lenh*a*, arismétic*a*, gramática.

Eventualmente ocorre variação gráfica da vogal temática:

o ~ u: espirito (2), spirito (3), espiritos (24), spiritos (23)
~ espiritu (26), spiritu (31), spiritus (3)

e ~ i: martires (15) ~ martiris (1)
sangui (19) (sempre assim grafado)

1.1.1.1 Nomes terminados por vogais idênticas.

Os substantivos e adjectivos seguintes ocorrem sempre grafados:

pee (13): pees (29)
poo (5): poos (1)
soo (5): soos (2)
doo (8)
cruu (1)
muus (1)
nuu (1)
talhoos (2)

Considerando-se essas grafias, a vogal final dessas palavras representaria a vogal temática: VT → e, o, u. Essas palavras correspondem às do português actual: *pé, pó, só, dó, cru, mu (=mulo), nu,* não tendo *talhoo* (2) correspondente hoje. Nesses casos, hoje, a vogal temática é $\emptyset$ e tais nomes são classificados como atemáticos por MATTOSO CÂMARA J.:

---

(2) Em dicionários do português contemporâneo não ocorre documentada a palavra *talhó*, nem nos dicionários etimológicos. Em MORAIS uma das acepções de *talho* é a seguinte: «banco pequeno e tosco», marcada dialectalmente e como «provincianis-

$VT \rightarrow \emptyset$

Examinando as grafias do *corpus* não se pode afirmar que essa regra ($VT \rightarrow \emptyset$) se aplicaria então, nesses casos. Vale, no entanto, tecer algumas considerações sobre o problema:

São constantes no texto as grafias com vogais duplicadas postas em contacto pelo desaparecimento por síncope de uma consoante sonora intervocálica. (Cf. A representação gráfica 1.2.1.). Esses encontros vocálicos podem ser de duas vogais não acentuadas ou de uma vogal acentuada e outra não acentuada. Desse segundo tipo há alguns casos isolados no *corpus* em que ocorrem grafias com vogais simples, fundidas por crase, quando, portanto, historicamente se poderia esperar vogais duplas — 0,3 % no total de 905 casos, *trigo* (1), *ver* (1), *ves* (1), ao lado de *triigo, veer, vees,* 10, 78 e 5 vezes, respectivamente. Em nenhum deles as vogais em causa estão no final do nome. Esses exemplos isolados poderão ser considerados como indício da crase na comunicação oral, mas ainda não generalizada no uso gráfico, pelo menos, desse códice da versão A dos *Diálogos*. Se assim fosse, a regra em discussão se aplicaria

---

mo de Trás-os-Montes». Nos DSG, se enquadra uma acepção como a acima descrita:

1.5.6 E porque non achou vara nen paao con que lhi desse, tomou as *talhoos* que tiinha ant'o leito e tan gram ferida lhi deu con elas na cabeça e no rostro que toda a face lhi inchou e encardeceu.

1.5.10 ... perguntavan-no homens nobres ... porque tragia a face tan inchada e tan cárdea. E el respondeu: — Polos maaos meus pecados o dia d'oonte empecei nas *talhoos* dos pees e feri-me tan mal como veedes.

Pode admitir-se *talhó* como oxítono, derivado de um diminutivo de **talyu-* (nome derivado regressivo do verbo lat. *taleare*), do tipo **talyolu-*.

na fala, mas não na escrita. Esse facto pode ser visto de outro prisma e admitir-se que a regra se aplicaria também na escrita, não representando então a 2.ª vogal a VT, mas em conjunto com a primeira indicaria a tonicidade da sílaba, recurso usado em textos medievais, mas que não é usual neste códice com que trabalhamos. Se uma hipótese ou outra é a correcta, o exame de um texto em prosa nada pode responder (3). Fica a questão: seria necessária ou não essa regra de apagamento de VT para os nomes terminados em vogal acentuada? Para os nomes acima arrolados não se pode decidir entre VT → Ø e VT → e,o,u, mas ocorre, por exemplo, *fé* (74), terminado em vogal acentuada, em que VT → Ø; é esse, indubitavelmente, um nome atemático da terminologia mattosiana.

1.1.2 VT → Ø

A vogal temática não está representada, é, portanto, Ø nas formas do singular dos nomes oxítonos e paroxitonos cujos lexemas terminam nos grafemas *-l*,*-r*,*-s* ou *-z* e *travamento nasal* (representado por ˜,*-n* ou *-m*) isto é:

VT → Ø /-l,-r,-s,-z,-x, nas.

por exemplo: — barri*l*, natura*l*, fro*l*
— emperado*r*, molhe*r*, márti*r*
— ve*z*, vo*z*, jui*z*, simple*s*, simple*x*
— home*n*, lúme*n*, baro*n*, pa*n*, oraço*n*

A vogal temática aparecerá grafada em *e* ou *i* nessas formas, quando no plural (cf. Morfologia do número 3.):

---

(3) Já nas *Cantigas de Santa Maria* (RÜBECAMP 1933: 32, nota 6), *triigo* se apresenta com três ou duas sílabas. Note-se que das ocorrências de grafia com uma única vogal nos DSG está uma ocorrência de *triigo*.

barri*is*, natura*es*, frol*es*, emperador*es*, molher*es*, marti*res*, vez*es*, voz*es*, juiz*es*, simples*es*, homẽ*ẽs*, bar*õ*es, pã*es*, oraçõ*es*.

É de notar que o inventário de lexemas terminados por esses elementos consonânticos inclui alguns que, pelo menos no português padrão de hoje, estão entre os nomes de VT explícita, por exemplo: *árvor* (6), *cález* (1) e *cálix* (5), *cárcer* (7), *féver* (13), *mármor* (3), hoje: *árvore, cálice, cárcere, febre, mármore.*

A vogal temática também pode não estar representada (VT → Ø) nos nomes de dois géneros de flexão redundante da classificação de Mattoso Câmara Jr., nos quais, ao acrescentar-se o morfema de género feminino, se apaga a VT (Cf. 1.2), por exemplo: *filha* (5), *amiga* (1), *monja* (4), *meestra* (4), cujos elementos constituintes são lexema seguido do morfema de género do feminino.

1.1.3 Sumário

Sumarizando, se pode dizer que a vogal temática neste *corpus* está geralmente representada pelos grafemas *e,a,o,* eventualmente por *i* e *u (cf.* 1.1.1 e 1.1.1.1) e em contextos determináveis (cf. 1.1.1.1, 1.1.1.2 e 1.1.1.3) não está representada, sendo portanto Ø.

1.2 *Morfologia do género*

1.2.1 Tipos de nomes quanto ao género

Partiremos do princípio de que os nomes substantivos em português podem ser classificados em três grandes grupos:

1. nomes de género único.
2. nomes de dois géneros com flexão redundante.
3. nomes de dois géneros sem flexão redundante.

A marca do género está sempre explicitada pelo artigo que precede o nome; quando além do artigo se apaga a vogal temática e se acrescenta o morfema *-a* indicador de género feminino, diz-se que o nome é de flexão redundante. Nesse tipo de análise do género se opõe ao morfema *-a*, marcador de feminino, o morfema ∅, para o masculino. Pela concordância com os nomes substantivos, os nomes adjectivos flexionáveis assumem a forma do masculino ou do feminino de acordo com os nomes substantivos com que concordam *(o menino alto: a menina alta)*. A par desses adjectivos flexionáveis, há os adjectivos uniformes, isto é, que apresentam sempre a mesma forma quer concordem com nomes substantivos masculinos quer femininos *(o menino grande: a menina grande)* (4).

1.2.1.1 Nomes de género único

No *corpus* ocorre uma série de exemplos de nomes de género único. A partir do *índice das palavras lexicais*, anotamos algumas ocorrências de nomes desse tipo: *o aar, as aas, a aaz, o acrecentamento, a adega, o ajantar, o afazimento, os agoiros, o agrilhan, a ajuda*, etc..

É interessante notar que substantivos de género único que hoje são [+masc] eram [−masc] e vice-versa:

como [+masc] ocorrem: lenguagen (8)
lĩagen (21)

---

(4) Essa é a análise proposta por J. Mattoso Câmara Jr. nas suas obras sobre a estrutura da língua portuguesa. Não cabe aqui discutir a adequação dessa análise; estamos utilizando-a como um ponto de partida para organizar os dados. Outras propostas de análise do género em português existem; lembramos a de J. G. HERCULANO DE CARVALHO (1973: 49-60) e a de J. MARTIN (1975: 38-39).

como [– masc] ocorrem: mármor (1)
fim (13)
como [±masc]: door [+masc] (1)
[– masc] (29)

As *Gramáticas Históricas* do português apresentam outros casos dessa natureza, além desses. Nas *Cantigas de Santa Maria (=CSM)* (METTMANN 1972) e nas *Cantigas de Escárnio e Maldizer* (= CEM) (LAPA 1965a), do século XIII, ocorrem, por exemplo *valor* e *planeta* [– masc]; no *Virgéu de Consolaçom* (=VC) (VEIGA 1959) do séc. XV, também ocorre como [– masc] *suor*.

Considerando tais factos, podemos afirmar que, do português arcaico para o actual, há uma diferença no inventário dos nomes que se enquadram entre os de género único da classificação aqui adoptada.

1.2.1.2 Nomes de dois géneros e flexão redundante

Como exemplo de nomes de dois géneros e flexão redundante, ocorrem no texto:

mancebo (21) : manceba (3)
filho (87) : filha (5)
amigo (26) : amiga (1)
monje (121) : monja (4)
meestre (2) : meestra (4)

Nesses casos se acrescenta o morfema de género *a* depois de elidir-se a vogal temática presente no correspondente masculino e que está representada por *o*, nos três primeiros exemplos, e por *e* nos dois últimos.

Os nomes de dois géneros, com flexão redundante, cujo lexema termina pelos grafemas *-r,-l,-s,-z,-x* e que são considerados, por M. Câmara Jr., nomes de tema teórico, representada a VT só no plural pelos grafemas *i* ou *e* (cf. *Vogal temática* 1.1.2) podem ocorrer no português arcaico sem flexão redundante.

No *corpus* dos *Diálogos* ocorrem sempre nomes substantivos terminado em *-r*, masculinos: *ajudador, criador, emperador, encantador, fiador, lavrador, outor, pecador, remiidor, sabedor, senhor.*

Seus correspondentes femininos não ocorrem, daí nada se poder dizer sobre a flexão redundante, neste *corpus.* Outros documentos arcaicos e as *Gramáticas Históricas* informam sobre isso; estão atestados nomes femininos desse tipo sem flexão redundante, por exemplo: [± masc.]

senhor (CSM, CEM)
pecador (CSM, CEM)
sabedor (CSM, CEM)
ajudador (CSM)
pastor (CEM)
burguês (CEM), são esses exemplos do século XIII.

No *Orto do Esposo*, do século XIV, ocorrem como [± masc.]: (5)

ajudador
enganador
fornigador
guiador
merecedor
profaçador
vẽcedor

J. J. Nunes, na sua gramática histórica, (1960:223 nota 2), chama a atenção para o facto de que ainda no século XVI, André de Rezende usa «*a boa* gente *espanhol*».

---

(5) Cf. B. MALER (1964: 27).

Nesse caso, de nomes de dois géneros com flexão redundante, como no anterior, de género único, o inventário do português arcaico diverge do inventário do português actual.

1.2.1.3 Nomes de dois géneros sem flexão redundante

Para os nomes de dois géneros sem flexão redundante há um exemplo no *corpus:* sergente [+masc.] (7): [−masc.] (1)

2.23.8 *este seu sergente*
1.6.2 *hũa sergente* de Deus

Em outros documentos arcaicos encontramos:

sergente : sergenta (CEM)
servente : serventa (CEM)
hereje : hereja(CSM), todos do século XIII.

É de notar que hoje, tanto *servente* como *hereje* não têm flexão redundante pelo menos no dialecto padrão e *sergente* não está mais em uso, segundo o testemunho dos dicionários modernos.

No *Orto do Esposo,* encontramos *servente, sergente* como femininos sem flexão redundante a par de *sergenta,* com flexão redundante. (⁶)

Há, portanto, uma flutuação no uso da flexão redundante, além de, aqui também, o inventário de nomes que se enquadram nessa classe divergir do português arcaico para o actual.

1.2.1.4 Sumário

Do que se expôs nos itens 1.2.1.1., 1.2.1.2, 1.2.1.3, se pode concluir que os três grandes grupos de nomes

---

(⁶) Cf. nota 5.

quanto ao gênero se aplicam ao português arcaico, havendo, no entanto, diferenças no inventário dos elementos que compõem cada.

1.2.2 Alomorfias na expressão do gênero

A regra geral para aplicação do gênero consiste, como vimos, no acréscimo do morfema de gênero, representado pelo grafema *a*, depois do apagamento da vogal temática. Vimos aplicar-se essa regra em 1.2.1.2, podendo deixar de ser aplicada, cf. 1.2.1.2.1 e em 1.2.1.3, tornando-se assim opcional.

Consideraremos a seguir três situações em que pode ocorrer alomorfia na expressão do gênero: (⁷)

1. *avoo* e seus derivados
2. nomes que poderiam apresentar alternância vocálica no radical, como marca submorfêmica de gênero, além da aplicação da regra geral
3. lexemas terminados em travamento nasal:
    a. lexemas em *-õ* ~ -on
    b. lexemas em *-ã* ~ -an

1.2.2.1 *Avoo* e derivados

Ocorre no *corpus*, *avoo* [+masc.] e *trisavoo* [+masc.]:

Hoje, *avô: avó* e seus derivados têm o gênero indicado pela alternância vocálica da vogal acentuada final do vocábulo. Esse recurso morfofonêmico para opor nomes de gênero diferentes só é utilizado, sem auxílios de outra marca, neste caso em português.

(⁷) Seguimos, de perto, aqui também, a análise de Mattoso Câmara, embora nem sempre formulemos da mesma maneira os problemas envolvidos.

No português arcaico, não nos *DSG*, ocorre o feminino *avoa*, documentado, por exemplo, no *Cancioneirc da Vaticana* (8); nas *Cantigas de Santa Maria:*

> «E sa *avoa* y era, filha del Rei d'Ingraterra»

que se opõe a *avoo:* «con Rei Don Affonso era, / seu *avoo*». (9)

Mas já no século XIV se documenta *avoo* [—masc.] (10). A grafia do tipo *avoa* reflecte a aplicação da regra geral de formação do feminino; poder-se-ia então dizer que numa fase recuada da história da língua portuguesa essa forma se integraria no inventário de nomes de flexão redundante. Possivelmente conviveram talvez em um mesmo dialecto ou em geodialectos distintos do português *avoa* e *avoo* [—masc.], vindo depois a desaparecer a forma marcada pelo morfema do feminino, pelo menos nos dialectos conhecidos do português, grafando-se então tanto para o masculino como para o feminino *avoo*, no português arcaico.

Teoricamente se pode inferir um provável processo histórico, aqui apresentado simplificadamente, que resultou no par «avô:avó», de hoje:

Latim	*avǫ̆lŭ	*avǫ̆la	(por avĭŏlu- /avĭŏla- dim. de *avus*)
R. 1: abaixamento de ŭ	avọ̆lo	———	
R. 2:-l- → ∅	avǫọ	avǫa	(grafia documentada no CV e nas CSM: *avoo, avoa*)

---

(8) Vive ainda no galego *aboà*, a par de *abó*, segundo J. J. NUNES (1960: 51, nota 3).

(9) Cf. W. METTMANN (1972: s. v. *avoa* e *avoo)*.

(10) Cf. J. J. NUNES (1960: 51, nota 9).

R. 3:	assim. vocálica	avọọ	avǫǫ	(grafia documentada: *avoo*, no século XIV)
R. 4:	simplificação de vogais idênticas	avọ	avǫ	

Desaparecendo dos documentos antigos portugueses a grafia *avoa*, substituída por *avoo* tanto para o masculino como para o feminino, talvez já se distinguisse na fala o masculino do feminino pela diferença de abertura da vogal final. Tal facto só poderia ser percebido em documentos escritos em verso. Como entre 1350 e 1450 é rara a documentação poética em português, não se pode fundamentar o facto de nessa época a alternância vocálica já ser utilizada como um marcador mórfico para distinguir o masculino do feminino de *avoo*.

1.2.2.2 Alternância vocálica

Ocorre no *corpus* dos DSG um conjunto de formas em que, hoje, a alternância é uma marca submorfémica e redundante na expressão da oposição masculino: feminino. Tudo indica não ser assim no português representado nos *DSG*. Os dados são os seguintes:

a. deleitosa (1) : deleitoso (2)
deleitosas (1) : deleitosos (1)
b. espantosa (6) : espantoso (3)
————— : espantosos (2)
c. fremosa (3) : fremoso (8)
fremosas (3) : —————
d. gloriosa (2) : glorioso (14)
————— : —————
e. homildosa (2) : homildoso (3)
homildosas (1) : homildosos (3)

f. maravilhosa (10) : maravilhoso (13)
maravilhosas (5) : maravilhosos (9)
g. religiosa (2) : religioso (8)
———————— : religiosos (5)
h. nova (3) : novo (1)
novas (3) : novos (3)

Para um exame desses dados temos de ver se o o̱ acentuado provém do lat. ō (caso A) ou do lat. ŏ (caso B). No caso A, sem aplicação da regra de assimilação vocálica do tipo metafónico o continuador em português seria ọ e no caso B, seria ǫ. De acordo com a etimologia estão no caso A os exemplos de *a* a *g*, do tipo *fremoso* < *formōsu*, todos adjectivos derivados de substantivo + sufixo *-ōsu*; no B, está *novo* < *nŏvu-*. A pergunta que se coloca é a seguinte: já seria então, na época em que se escreveu a versão mais antiga dos *Diálogos*, os casos do tipo A — *formǫsa* — por assimilação vocálica? e os do tipo B — *nọvo* — também por assimilação vocálica? No caso A é ao feminino que se aplica a regra de metafonia, fugindo à correspondência sistemática (ō>ọ) e no caso B é ao masculino que se aplica a metafonia (a correspondência sistemática seria ŏ > ǫ).

A propósito da datação desses factos, WILLIAMS (1961:126,8B) afirma, com base em Duarte Nunes de Lião (1576), que no século XVI já era *formoso, formǫsos, formǫsa, formǫsas* e continua «mas existe evidência de que *formọsos* se tornou *formǫsos* ainda mais cedo (Oliveira, cap. 8 e 18) (¹¹). Esse facto é explicado por Wil-

---

(¹¹) No cap. VIII de «A gramática da linguagem portuguesa», de 1536, F. de Oliveira diz: «temos *o* grande, como *formosos* e *o* pequeno, como *formoso*». Aí está claro que são distintas as aberturas das vogais acentuadas de *formoso* e *formosos*. No cap. XVIII está: «Das vogais, se trocam *o* e ω, ε e *e*, α e *a*. E assim outras, como *fermoso* e *fermωsos* e *fermosa*...»

liams (1961:126,7.) por analogia aos nomes do tipo *nọvo*, *nǫva*, etc. Para a metafonia em nǫ̆vu > nọvo não propõe data, mas pelo que está dito acima aceita que seja anterior aos casos do tipo A.

Se estivéssemos tratando de um *corpus* em verso, talvez pudéssemos concluir alguma coisa a respeito da abertura dessas vogais e da utilização ou não da alternância vocálica como submorfema redundante marcador de género. Pelo estudo gráfico do *corpus* nada além podemos afirmar do que o facto de essas palavras se incluírem entre as em que se aplica a regra geral de formação do feminino. Uma vez que ainda em Fernão de Oliveira, 1536, *fermoso* e *fermosa* tinham a sua vogal acentuada articulada como «vogal pequena» (cf. nota 11), isto é, fechada, é muito provável ou quase certo que o mesmo ocorresse com os adjectivos em *-oso* do nosso *corpus*.

1.2.2.3 Lexemas nominais terminados por travamento nasal

Quanto aos lexemas terminados por travamento nasal, ocorrem no *corpus* dois tipos que interessam à morfologia do género (cf. *Morfologia do número* 3.2.2.):

1. lexemas terminados em *-õ~on*, gráficos:

   Ocorre apenas *leon* (7), sem o feminino correspondente e amplamente documentado está o adjectivo *bõõ* (70) e o feminino, ora grafado *boa* (18) ora *bõa* (34);

Aí está indubitavelmente que *fermoso* e *fermosa*, ao contrário de *formosos*, eram pronunciados com a vogal fechada, isto é, a alternância vocálica não se realizava ainda entre o masculino e o feminino. Cf. págs. [48] e [64] da edição de M. L. C. BUESCU (1972).

2. lexemas terminados em *-ã* ~ *-an*, gráficos:

Ocorrem:	irmão (22) ~ irmãão (8)	:	irmãã (14)
	ermitan (5)	:	ermitãã (1)
	certãão (1)	:	certãã (1)
	chãão (1)	:	chãã (1)
	sãão (16)	:	sãã (10)
	vãão (2)	:	vãã (5)

O processo histórico que determinou as formas portuguesas do feminino desses nomes pode ser representado aproximadamente da seguinte forma:

	1		2	
LATIM	bonŭ	bona	vanŭ	vana
R. 1: abaixamento de ŭ	bono	——	vano	——
R. 2: nasalização de V/-nas.	bōno	bōna	vāno	vāna
R. 3: nas. → ∅	bōo	bōa	vāo	vāa
R. 4: nasaliz. secundária	bōõ	bōã	vāõ	vāã
R. 5: desnasalização	——	boa	——	——
R. 6: assim. de vogais idênticas	bō	——	——	vā

Pelo exame dos dados vemos que a grafia do nosso códice indica que a regra 5 se aplicava opcionalmente (ocorre *boa* e *bõa)* e a regra 6 não se aplicava (ocorre sempre: *certãã, chãã, sãã, vãã);* isso não quererá dizer, é claro, que fosse essa a situação nos dialectos falados do português de então. Aqui nos reportamos à situação gráfica do códice.

Nesses casos de nomes cujos lexemas terminam por travamento nasal não é apenas a aplicação da regra geral que conforma o feminino; a essa se acrescentam todas aquelas acima vistas, que envolvem a presença da nasal do lexema (cf. regras 2 a 5, acima indicadas).

1.2.3 Sumário

Sumarizando os dados analisados nos itens 1.2.1 e 1.2.2, podemos afirmar que os nomes então como agora podem ser classificados em três grandes grupos, não coincidindo o inventário dos nomes que compõem cada grupo hoje, com o inventário trecentista. A regra geral de formação do feminino já era a actual, sendo opcionalmente aplicada a determinados nomes, isto é, aqueles em cuja forma do singular não está explícita a vogal temática. Quanto às regras morfofonémicas necessárias à compreensão das alomorfias na expressão do género, seriam menos numerosas pelo menos naqueles casos em que a grafia pode dar alguma margem de segurança para a interpretação.

1.2.4 Observações sobre a oposição semântica masculino:feminino

Ocorrem no *corpus* os seguintes processos derivacionais que opõem pares de nomes que se distinguem semanticamente pelos traços sexo [± macho] e género [± masc.]:

sandeu (3) : sandia (3)

2.8.44 o poboo sandeu
2.38.1 molher sandia

abade (137) : abadessa (1)

1.5.51 o abade do moesteiro
1.5.57 a abadessa do moesteiro

Só ocorre o masculino *judeu* (9); em outros documentos arcaicos, como nas *Cantigas de Santa Maria*, ocorre o feminino *judea* (¹²); só o feminino ocorre no caso de *galĩha* (5).

O masculino como termo não-marcado da oposição privativa em causa é o termo extensivo. Sendo assim é para o masculino que vão as «substantivações do discurso». Esse processo é bastante corrente no texto, tanto para adjectivos, empregados como substantivos, referindo-se a seres animados sem especificação de sexo *(o bõõ, o maao,o pobre, o vivo, o morto)* como para verbos:

2.1.61 acabaram *seu comer*
4.10.17 hora *do comer*
4.46.14 *o teu haver* seja contigo
4.45.56 per ele an *o seer* e *o viver*
1.8.15 o temor e o *temer*

Ocorrência interessante que capta esse processo de escolha da forma não marcada da oposição na formação de novos substantivos é o que se documenta na lexicalização do sintagma *sô a borralha:*

1.30.1 pan que jazia *sô a borralha*

e, em seguida:

1.30.4 fezeran hũũ pan de *soborralho* (¹³).

Ocorrem também substantivos que se distinguem pelo género e vogal temática, mas com lexema comum,

---

(¹²) Cf. W. METTMANN (1972: s. v. *judea)*.

(¹³) No dicionário de CALDAS AULETE, *borralho, borralha* é «braseiro amortecido e coberto de cinzas» e *soborralho* «o calor concentrado debaixo do borralho; o que fica debaixo do borralho. *Pães de soborralho*, os pães cozidos debaixo do borralho».

em que o elemento masculino se opõe, semanticamente ao feminino, por algum traço determinável:

Nos dois pares seguintes o masculino é [+ abstracto] e o feminino [– abstracto]:

cárrego:cárrega

> As palavras, Pedro, que el dezia, quando el siia folgando con seus padres adur poderian seer sen gram *cárrego* de vertudes de gram bondade. 2.23.3
>
> ... vio-o viir pela carreira con hũa *cárrega* de feo sobre seu colo. 1.8.19

divido:divida

> 3.9.3 Aqueste bispo noutro dia, en tempo de papa Johan, que foi papa ante min, foi homen de vida santa e honrada, comprio o *divido* natural. Cf. também 3.18.35
>
> 2.27.2 XII soldos para pagar sa *divida*. Cf. também 2.24.4 e 7.

Nos casos de *fruito* (9): *fruita* (2) e *mato* (1): *mata* (5) nos parece que o elemento masculino tem o traço [+ genérico] enquanto o feminino [–genérico], portanto é mais particularizante:

2.3.3 creceu de vertude en vertude e deu *fruito* mais comprido que ante
2.3.3 a semente dá todo seu *fruito*
3.2.17 tragia-lhi a sa mesa da *fruita*
3.15.49 dous cestos cheos de pan e de *fruita*
2.6.4 pera alimpiar o logar das silvas e doutro *mato*
2.8.10 ... que está preto da *mata* do moesteiro
3.15.45 vai aaquela *mata*

1.3 *Morfologia do número*

Apesar de tradicionalmente o número ser tratado a par com o género, ambos como categorizadores ou identificadores do nome, não se pode deixar de marcar a sua natureza diversa. Enquanto o género é inerente ao nome, faz parte de sua caracterização lexical — um nome substantivo ou é masculino ou feminino e os adjectivos e determinantes serão masculinos ou femininos a depender do nome substantivo em que incidem, o número, singular ou plural, é o resultado de uma escolha do discurso, a depender do que se deseja comunicar (14). Qualquer nome pode estar no singular ou no plural; há, no entanto, um subconjunto do léxico normal que em geral ocorre no plural, os tradicionais *pluralia tantum* da gramática latina, embora, a qualquer momento do discurso, o emissor possa usá-los no singular. Contrariamente há um subconjunto do léxico normal que em geral ocorre no singular, os *colectivos*, embora, como os outros, a qualquer momento do discurso, o emissor possa usá-los no plural.

1.3.1 **A marca -s do plural**

Da mesma forma que a Ø [+ masc.] se opõe *-a* [− masc.], para o número Ø [+ singular] se opõe o

---

(14) Vale notar que na análise proposta pelo modelo gerativo de 1965 o número é uma categoria do SN e não um traço do núcleo do SN, isto é, do nome. Vale também chamar a atenção para o facto de que numa abordagem semântica da morfo-sintaxe, como propõe, por exemplo, B. Pottier, o número dos nomes é considerado um aspecto da categoria semântica «quantificação». Para esse autor é o número um quantificador interno — também são quantificadores internos para esse autor os «gramemas aumentos», ou morfemas derivacionais com valor quantificador como, por exemplo, os diminutivos e aumentativos — em oposição aos quantificadores externos, como os numerais, os indefinidos e os advérbios de quantidade da terminologia tradicional da gramática (Cf., por exemplo, B. POTTIER 1969: 57-62).

-s [− singular]. O morfema *-s* de plural se acrescenta à vogal temática dos nomes masculinos e femininos sem flexão redundante no singular ou ao morfema *-a* de feminino dos nomes de flexão redundante.

No *corpus* seguem a regra geral, isto é

$$\mathrm{N.}^{\circ} \rightarrow \mathrm{s} \; : \atop [-\mathrm{sing.}]$$

a. todos os nomes terminados por vogal temática grafada *a,o,e* e todos os nomes femininos que seguem a regra geral de acréscimo do morfema *a* de feminino;

b. todos os nomes que no singular não apresentam VT, porque o lexema termina pelos grafemas -s,-z, -r;

c. nomes atemáticos, cujo lexema termina por vogal acentuada; se admitimos que nos nomes do tipo *pee, poo, muu,* etc. (cf. *Vogal temática* 1.1.1) a vogal duplicada representa a tonicidade e não seja a representação de vogal do lexema seguida de VT, esses nomes estão aqui incluídos, se não, estariam incluídos em *a.*;

d. nomes terminados em ditongos não-nasais (cf. 1.3.2.2.5)

Exemplos:

a.: ajuda : ajudas
anjo : anjos
monte : montes
amiga : amigas
manceba : mancebas

b.: simples : simpleses
aaz : aazes

juiz : juizes
vez : vezes
door : doores
louvor : louvores
ajudador : ajudadores
maior : maiores
melhor : melhores
mártir : martires
árvor : avores

c.: maa : maas
soo : soos
pee : pees
muu : muus

d.: romeu : romeus
lei : leis

1.3.1.1 Plural de paroxítonos terminados em *-s*

Considerando-se os dados acima, veja-se no grupo de exemplos *b* o plural *simpleses* — son puros e *simpleses* 3.16.49; o singular *simples* (2) aparece também grafado no texto *simplex* (1), *simplez* (3), *simpliz* (1), *simprez* (6).

No portuguès actual não se aplica a regra geral a palavras desse tipo, podendo-se propor uma primeira regra de alomorfia

N.° → Ø / ´— s
[−sing.]

isto é, o morfema de plural é Ø em nomes paroxítonos terminados em *-s*.

Pelos dados do *corpus* nomes desse tipo fazem o plural segundo a regra geral. Neste *corpus* só ocorre esse exemplo, mas há outros dados, em textos trecentistas como no *Livro das Aves* (LA) e no *Orto do Esposo* (OE), que confirmam essa situação: *simpleses* (LA), *simplezes* (OE), *dóbrezes* (OE). J. J. NUNES (1960:230 nota 6), apresenta exemplos do século XVI em que ainda se documenta o plural desse tipo de nome, segundo a regra geral; em Camões: *alferezes;* em João de Barros: *arraezes, caezes, ourivezes.*

Assim sendo se pode afirmar que o inventário de nomes que seguem a regra geral de formação do plural é, em princípio, mais numeroso que o do português contemporâneo e que a regra de alomorfia acima referida não é necessária, pelas informações de que dispomos, no português trecentista e, se existisse, seria opcional.

1.3.2 Alomorfias na expressão do número:

Em 1.3.1 e 1.3.1.1 vimos os casos em que a oposição singular: plural se faz apenas seguindo a regra geral; as alomorfias para a expressão do plural incidem em:

1. nomes cujo lexema termina em -l;

2. nomes cujo lexema termina por travamento nasal.

1.3.2.1 Nomes cujo lexema termina em -l:

Nesse caso se faz necessário distinguir três tipos, de acordo com a vogal precedente ao -l:

1. -l precedido de vogal *a, e, o, u;*
2. -l precedido de *i* acentuado;
3. -l precedido de *i* não-acentuado.

1.3.2.1.1 -l *precedido de* a, e, o, u.

Do primeiro tipo ocorrem no *corpus:*

-l precedido de *a:*

curral (1) : curraes (2)
natural (6) : naturaes (1)
leal (1) : leaes (1)
mal (42) : maes (2), maaes (2)
carnal (4) : carnaes (31)
sinal (3) : sinaes (6)
temporal (5) : temporaes (10)
celestial (14) : celestiaes (5)
corporal (7) : corporaes (4)
venial (1) : veniaes (4)

-l precedido de *e:*

fiel (3) : fiees (1)
tonel (5) : tonees (1)

-l precedido de *o:*

ocorre apenas frol (1): froles (2).
Não ocorre *-l* precedido de *u.*

Considerando os dados vê-se que no plural a vogal temática está presente sob a grafia *e.* Em todos os casos, excepto o de *frol : froles* (de que trataremos adiante), há aplicação da regra geral, ou seja, do acréscimo de *-s,* depois do apagamento do *l* intervocálico. A sistematicidade na grafia desses plurais pode sugerir que não se aplicaria ainda a regra de ditongação que transformaria a vogal temática numa semivogal ou *glide,* constituindo assim o ditongo representado, por exemplo, em *naturais, tonéis.* É claro que se pode admitir a hipótese de que a grafia não reflicta a realidade oral em que já se aplicaria a regra de formação de ditongo. Vale dizer que no *corpus* a semivogal anterior está representada, em geral, por *y*, *i* ou *h*.

Dos dados recolhidos que obedecem à estrutura descrita em 1.3.2.1.1 é de notar que *mal* : *maes* segue o processo normal de pluralização das palavras do lexema terminado por *-l*, precedido de *a*, e não faz o plural excepcionalmente como hoje, *males*, pelo menos, nos dialectos padrão de Portugal e Brasil. Mais uma vez o inventário do português arcaico se distingue do inventário do português contemporâneo.

Quanto a *frol*, em vez do plural *froes*, como se poderia esperar, se se aplicassem as regras acima descritas (15), apresenta o plural *froles*, segundo o processo de pluralização das palavras cujo lexema termina em *-r*, *-s*, *-z*, em que a vogal temática não está presente no singular. Esse facto pode ser entendido, admitindo-se que o plural documentado está calcado sobre o singular *flor*, documentado também no português antigo. No *Orto do Esposo*, por exemplo, também do século XIV, ocorrem as duas grafias para o singular: *frol* e *flor* (16).

1.3.2.1.2 -l *precedido de* i *acentuado*

Do segundo tipo ocorrem no *corpus:*

barril (9) : bariis (1)
gentil (1) : gentiis (5)
vil (2) : viis (4)

Considerando os dados vê-se que no plural a vogal temática está representada por *i;* há a aplicação da

---

(15) Para alguns etimologistas o sobrenome ***Fróis*** se origina de *froles* (> *froes* > *frois*). Cf. A. NASCENTES (1952-55, s. v. *Fróis*).

(16) Cf. B. MALER (1964, s. v. *frol* e *flor*).

Biblioteca Universitária
- UFSC -

regra de apagamento do -l- intervocálico, além da aplicação da regra geral de pluralização. Pela grafia, a regra de crase ou de fusão de vogais idênticas ainda não se aplicaria. Vimos em 1.1.1 que no códice há uma sistematicidade quase absoluta na representação de vogais idênticas tornadas contíguas pelo desaparecimento de consoante intervocálica, de 905 ocorrências há apenas 0,3 % de excepções, quando uma das vogais é acentuada. Desses factos se pode admitir que a crase de vogais idênticas já poderia ser uma realidade na comunicação oral, pelo menos em alguns dialectos, mas a sua representação ainda não se generalizara na grafia do dódice em análise (cf. A representação gráfica 1.2.1).

1.3.2.1.3 -l *precedido de* i *não-acentuado*

Do terceiro tipo ocorrem no *corpus* apenas:

perduravil (25) : perduravis (1)
cruevil (1) : crueves (1)

Os dados apresentados no *corpus* são pouco representativos, mas levantam problemas que só seriam solucionados considerando outros documentos arcaicos.

Primeiro é de notar que *cruevil : crueves* não é uma forma usada nos dialectos padrão de hoje, pelo menos, tendo sido substituída por *cruel : cruéis*, que se enquadra no tipo 1 descrito. A grafia *crueves* para o singular *cruevil* é excepcional e por ela poderíamos interpretar *crueves* por **cruevees* no tipo 1; ou por **cruevis* no tipo 2, estando em ambas as interpretações uma admissibilidade da aplicação da regra de fusão de vogais idênticas representada na grafia.

Considerando *perduravil : perduravis* vemos que no *corpus* em análise essa forma se comporta como as do tipo 2 — *gentil/gentiis*, mas com a aplicação, representada na grafia, da regra de fusão de vogais idênticas.

notando-se, no entanto, que diferentemente das outras formas do tipo 2, o *i* que precede ao *l* é não-acentuado.

Por esses dados apenas poderíamos incluir *perduravil : perduravis* no tipo 2 e *cruevil : crueves* no tipo 1 ou 2. Mas não deve ser essa a realidade. Isso é apenas uma reflexão sobre esses parcos dados. O plural de lexemas terminados em *-l* precedido de *i* ou *e* não-acentuado deve ser estudado em um *corpus* mais amplo, para se chegar a alguma conclusão mais segura.

Daremos aqui alguns factos que podem ilustrar a complexidade do problema. Observando, não exaustivamente, outros textos medievais portugueses em prosa, encontramos no *Livro das Aves* (séc. XIV) e no *Solilóquio de Santo Agostinho* (séc. XV) (17):

estavil : estavis (LA, Sol.)
semelhavil : semelhaviis (LA, Sol.)
razoavil : razoaviis (Sol.)

As Gramáticas Históricas e dicionários etimológicos documentam plurais do tipo:

estavees
semelhavees
razoavees, que pressupõem um singular *estavel, semelhavel, razoável.*

Do ponto de vista etimológico as grafias do tipo *estaviis, estavis* pressupõem um étimo * *-bīle* > *-vil* e as do tipo *estavees,* um étimo *-bĭle* > *-vel.*

A partir desses factos poderíamos apenas sugerir que então talvez ocorressem em variação livre esses dois tipos de estrutura: — *vil : viis*
— *vel : vees*

---

(17) Cf. *Livro das Aves* (ROSSI et alii: 1965) e o *Livro de Solilóquio de Sancto Agostinho* (VALLE CINTRA: 1957).

Não encontramos grafias do tipo actual — *estáveis, semelháveis* nas fontes examinadas. O estudo do problema em um *corpus* mais abrangente do português arcaico possivelmente facilitaria a sua solução (18).

1.3.2.2 Nomes de lexema terminado por travamento nasal

No caso dos nomes cujo lexema termina por travamento nasal há a considerar três tipos, que assim descreveremos:

1. lexema terminado em *-a* + VT *o*
2. lexema terminado em *-ã* + VT *e*
3. lexema terminado em *-õ* + VT *e*

Os tipos 2 e 3 não apresentam a VT no singular, assim têm-se como exemplos de cada tipo:

1. irmão
2. pã ~ pan ~ pam
3. oraçõ ~ oraçon ~ oraçom

Acrescentando a essas estruturas o morfema de plural e transformando-se a vogal temática em semivogal pela mudança do traço silábico em assilábico, constituindo-se, portanto um ditongo nasal, tem-se os plurais respectivos:

1. irmãos
2. pães
3. orações

---

(18) **J. P. Machado no seu dicionário etimológico, s. v. *fácil* documenta ainda no século XVI o plural *fácis*, apresentando documentação para *fáceis* no séc. XVII.**

Pela grafia de um texto em prosa não se pode ter a certeza de a vogal temática já se ter tornado assilábica.

No *corpus* analisado se documentam os três tipos de estrutura:

1.3.2.2.1 *Lexema terminado em* -ã + *VT* o

Há 121 ocorrências (incluindo formas de singular e plural),

por exemplo:

cidadão (1) : cidadãos (9)
irmão (30) : irmãos (5)
mão (19) : mãos (10)

1.3.2.2.2 *Lexema terminado em* -ã + *VT* e

Há 75 ocorrências (incluindo formas de singular e plural),

por exemplo:

pan (53) : pães (3)
can (1)

1.3.2.2.3 *Lexema terminado em* -õ + *VT* e

Há 476 ocorrências (incluindo singular e plural) de formas do tipo 3, por exemplo:

baron (19) : barões (6)
coraçon (19) : corações (18)
galardon (13) : galardões (5)
oraçon (102) : orações (17)

Incluem-se, nesse terceiro grupo, formas que no singular se apresentam com a parte final do lexema grafada *-oen*. São nomes que se originam de derivados latinos com o sufixo *-tudine* (> *-dõe):*

mansidoen (5)
sobegidoen (3)
vermilhidoen (2)

Essas formas não ocorrem no plural nos *DSG*, mas estão assim documentadas em outros testemunhos arcaicos e, quanto à forma do plural, se enquadram entre as do tipo 3. Não se pode afirmar que a grafia para o singular acima indicada corresponderia a uma realidade fónica na época em que foi escrito o códice, mas, no entanto, se pode dizer que no século XV ela deixa de ser documentada em proveito de *-om*, convergindo assim para o tipo 3.

1.3.2.2.4 *Sobre a convergência em* -ão

No *corpus* não há indício gráfico da generalização do singular para uma estrutura que hoje, nos dialectos padrão de Portugal e Brasil é a de tipo 1, representada graficamente por *-ão* e foneticamente correspondente ao ditongo nasal [*ãũ*]. Nos documentos medievais esse processo de convergência aparece reflectido na grafia de textos sobretudo posteriores ao século XIV; no entanto, em documentos literários e não literários do século XIII já se pode rastrear os inícios desse processo (19). O facto de ser sistemática, isto é, de acordo com a etimologia (-an < -ane, -ant; -on < -one, -unt; -ão < anu), no documento sob análise, a representação gráfica desses lexemas terminados por nasal, é um indício para a datação do códice como anterior ao século XV (20), como também pode ser um indicador do conservadorismo do *scriptorium* em que foi escrito. No entanto, somada essa sistematicidade gráfica quanto à representação dos lexemas nasais, com a sistematicidade na representação de outros factos da língua para os quais sempre chamaremos atenção, pode-se postular com certa margem de segurança que este *corpus* é representativo do português escrito do século XIV (cf. A representação gráfica 1.3).

---

(19) Sobre o início do processo de convergência das nasais em ditongo nasal e sobre a cautela com que o assunto deve ser tratado, isto é, a interpretação dessas grafias, leia-se L. CINTRA (1963 b: 75-76).

1.3.2.2.5 *Lexemas terminados por nasais*

Além dos plurais nasais ditongados discutidos nos itens 1.3.2.2.1 a 4, ocorrem no *corpus* nomes de lexema nasal em que a representação gráfica do plural se pode descrever aplicando-se a regra geral à forma do singular:

-ā: irmãã (2) : irmããs (3)
campãã (1) : campããs (1)
-ē: homen (363) : homẽẽs (46) ~ homens (260)
ben (18) : bẽẽs (39)
—————— : vermẽẽs (5)
-ĩ: ordin (5) ~ orden (10) : ordĩĩs (5)
-õ: sõõ (6) : sõõs (47)
-ũ: hũũ (1) : hũũs (1) = *único* (não incluímos aqui
os indefinidos)

Note-se que na forma do singular nem sempre está grafada a vogal temática; enquanto na forma do plural está sempre grafada a vogal temática com marca de nasalidade, por causa da regra de nasalização secundária, isto é, expansão da nasalidade da vogal que termina o lexema, contígua à vogal temática. Sistematicamente, também aqui, a regra de fusão de vogais idênticas ou de crase não está reflectida na grafia, apresentando-se sempre a nasal duplicada. Uma vez que se trata de um texto em prosa, não se pode ter a certeza de essa representação gráfica corresponder à produção sonora; com isso queremos dizer que essa grafia pode reflectir duas vogais em hiato na fala, mas pode ser apenas um conservadorismo gráfico ou uma representação da tonicidade dessa vogal nasal final, quando na fala se produziria uma vogal nasal única.

---

(20) Sobre a datação do códice, cujo *corpus* analisamos, cf. capítulo 5. de nossa *Introdução* à edição crítica (1971a) e, na *Introdução* a este trabalho, 3.1.2.

1.3.3 **Sumário**

Sumarizando os dados analisados em 1.3.1 e 1.3.2, vimos que a regra geral de formação do plural é como a actual, incluindo-se no inventário dos nomes que seguem essa regra aqueles paroxitonos em *-s* (cf. 1.3.1.1); os nomes de lexema terminado em *-l*, do tipo 3, precisam de um estudo que abranja mais amplo *corpus* para que se chegue a uma descrição mais segura (cf. 1.3.2.1.3); pela representação gráfica se pode sugerir que as regras morfofonémicas necessárias para descrever a formação do plural dos lexemas terminados em *-l*, precedido de *a, e, o* não incluiria a regra de ditongação (cf. 1.3.2.1.1.) e para os lexemas terminados em *-l*, precedido de *i* acentuado não incluiria a regra de fusão de vogais idênticas (cf. 1.3.2.1.2); para os lexemas terminados em travamento nasal, ditongados no plural, a representação gráfica coincide com a actual, podendo-se admitir que as regras morfofonémicas de então já coincidiriam com as de hoje (cf. 1.3.2.2), desde que a vogal temática se tenha tornado assilábica; quanto aos lexemas nasais não-ditongados no plural a grafia não demonstra que já se tenha efectuado a regra de crase (cf. 1.3.2.2.5).

1.3.4 Observações sobre a oposição singular:plural

Algumas observações que não envolvem o mecanismo mórfico de formação do plural podem ser de interesse para uma aproximação da utilização no português trecentista da oposição singular: plural para além da sua função primeira que é a de marcar a oposição «um: mais de um». Para os rápidos comentários que seguem parece de interesse jogar com os traços [± singular] associados aos traços [± singularidade].

Ocorrem nomes que no texto estão no plural, mas não se referem a mais de um elemento, são portanto portadores dos traços $\begin{bmatrix} -\text{singular} \\ +\text{singularidade} \end{bmatrix}$ poderiam ser exemplo do tipo dos *pluralia tantum* da gramática latina:

narizes (2):	pose-lhe a orelha nos *narizes* para ver se bafegaria 4.9.10 em 4.12.19 nunca aquel odor maravilhoso se partiu dos *narizes* de quantos ali estavan
matīhas (3):	3.15.34 En aquela noite quando se levantou con seus frades pera dizer sas matīhas a louvor de Deus (a par de *véspera* (9) — 2.13.15 E aa hora de *vespera* chegou aa cela de San Beento.
agoiros (3):	4.44.11 E porque os *agoiros* son muito pera esquivar en esta Scritura

Já outros substantivos como *gente* (23), *poboo* (20), *gaado* (1) portam os traços $\begin{bmatrix} -\text{singularidade} \\ +\text{singular} \end{bmatrix}$ e quando ocorrem na forma do plural, *gaados* (1), *gentes* (3), *poboos* (2), com os traços $\begin{bmatrix} -\text{singular} \\ -\text{singularidade} \end{bmatrix}$ trazem implícito o sintagma «tipo de -» ou «espécie de -».

Por exemplo:

2. 1.63 os pastores do *gaado*
3.37.76 assi de vaca come de outros *gaados*

Nomes marcados pelo traço [− contável] só ocorrem no singular, $\begin{bmatrix} +\text{singular} \\ -\text{singularidade} \end{bmatrix}$: *chumbo* (2), *eixufre* (2), *ouro* (1), *prata* (1), *farĩha* (2), *triigo* (10), *feo* (6) (= feno).

Já outros nomes também marcados pelo traço [− contável] ocorrem no texto na forma do singular ou do plural, mas a selecção de uma forma ou de outra não implica no significado opositivo, *um: mais de um.*

$\begin{bmatrix} +\text{singular} \\ +\text{singularidade} \end{bmatrix}$	$\begin{bmatrix} -\text{singular} \\ +\text{singularidade} \end{bmatrix}$
banho (3) (= termas)	banhos (3) (= termas)
chúvia (9)	chúvias (1)
agua (56)	aguas (7)
ceo (46)	ceos (4)
fogo (70)	fogos (2)
teevra (2)	teevras (5)
poo (5)	poos (1)

Por exemplo:

4.45.7 Este serviço fazia cada que o *banho* viinha
4.38.12 Tornou aos *banhos* e non-no achou
2.33.17 … pola grande *chúvia* que vẽera
4.35.3 O rio … saia da madre quando fazia as *chúvias* mui grandes

2. Determinantes

No estudo a seguir faremos o inventário dos elementos que funcionam como determinantes do nome no *corpus* analisado; levaremos em conta a sua variação formal, procurando determinar as condições para a selecção dos alomorfes. Descreveremos a distribuição desses elementos e as combinações possíveis entre eles no interior do sintagma nominal, além de especificarmos o seu uso substantivo, ou seja, aqueles casos em que o determinante funciona como núcleo do sintagma nominal decorrente da possibilidade de construções em que o nome substantivo não está explícito.

2.1 *O artigo definido*

Enquanto os determinantes demonstrativos e os possessivos relacionam o nome que determinam às pessoas envolvidas no processo da comunicação — ou ao emissor ou ao receptor ou ao delocutivo (DUBOIS et alli 1973:s. v. *délocutif)* — o artigo definido situa o nome numa posição de que participam falante e ouvinte, uma vez que implica algo já antes nomeado (¹).

(¹) Compare-se: *Este livro e não aquele livro é bom / Meu*

A ausência do artigo definido antes do nome estabelece uma não-definição ou indeterminação do nome que pode expressar-se concretamente pelo que tradicionalmente se chama de artigo indefinido (2).

2.1.1 A forma do artigo definido

A forma geralmente assumida pelo artigo definido no *corpus* é:

o (<lat. ĭllŭ-) os (<lat. ĭllōs)

$$\begin{bmatrix} +\ \text{masc} \\ +\ \text{sing} \end{bmatrix} \qquad\qquad \begin{bmatrix} +\ \text{masc} \\ -\ \text{sing} \end{bmatrix}$$

a (<lat. ĭllă-) as (<lat. ĭllās)

$$\begin{bmatrix} -\ \text{masc} \\ -\ \text{sing} \end{bmatrix} \qquad\qquad \begin{bmatrix} -\ \text{masc} \\ +\ \text{sing} \end{bmatrix}$$

ocorrendo os alomorfes condicionados foneticamente:

-lo,-no -los,-nos
-la,-na -las,-nas

e o alomorfe *el* $\begin{bmatrix} +\ \text{masc} \\ +\ \text{sing} \end{bmatrix}$ na lexia *el rei*.

2.1.2 Os alomorfes -lo, -los, -la, -las

Podem ocorrer depois das consoantes /s/ e /r/ que fecham a sílaba final dos morfemas gramaticais independentes *após, depós, despós, ambas, todos, todas, per, por,* constituindo um único vocábulo fonético — e essa unidade fónica se revela na grafia em que não há espaço

---

livro e não teu livro é bom com *O livro é bom*, em que está implícito que falante e ouvinte já sabem de que livro se trata.

(2) Trataremos do artigo chamado indefinido quando analisarmos os quantificadores (cf. 3.)

entre o artigo e o morfema a que se aglutina — pelo processo fonético assimilatório em que uma consoante adquire parcial ou totalmente (é esse o caso aqui) os traços da consoante que a segue:

$$\left\{ \begin{matrix} /r/ \\ /s/ \end{matrix} \right\} \rightarrow /l/ \; / \; — \; /l/$$

2.1.2.1 Ocorrências desses alomorfes

Sobre a frequência dessas sequências no *corpus* (cf. *Parte I,* 4.1.2.4.1):

a. apolos (2): van *apolos* deleitos 4.4.3, 4.4.22

apolas (1): vai *apolas* cousas que non duran 4.4.25

Há outra ocorrência de *após,* mas não seguida de artigo definido: 2.7.3 *após ela*

b. depola (2): *depola* morte 2.8.37, 4.3.6

depolos (1): *depolos* bẽẽs do mundo 4.4.26

ao lado de três ocorrências de *depós* seguido do artigo *o, os, a:*

depós o abade don Honrado 1.4.2
depós os dous bispos 3.9.16
depós a morte 3.24.18

Depós pode ocorrer ainda:

— seguido de outro determinante que não o artigo definido:

depós sa morte: 1.16.4, 2.23.1, 3.16.63, 3.24.8, 3.32.22, 4.25.12
depós mha morte: 1.19.5

— seguido de um quantificador:

depós muitos anos 2.16.7
depós dous anos 2.27.6

— seguido directamente pelo nome substantivo:

depós morte 1.5.6, 1.5.6, 1.19.16, 2.16.7
depós espaço de três horas 3.31.19

c. despolo (1): *despolo* apostolo 2.7.7

despola (22): *despola* morte, 15 ocorrências 1.2.9, 1.2.24, 4.4.6, 4.4.30, 4.4.45, 4.18.3, 4.22.8, 4.26.8, 4.27.3, 4.36.57, 4.37.1, 4.38.13, 4.38.14, 4.39.1, 4.42.4, 4.45.12); *despola* resurreiçon, 6 ocorrências (4.3.10, 4.23.16, 4.23.17, 4.23.18, 4.23.24, 4.23.24); *despola* vison 3.25.13

despolos (2): *despolos* corpos 4.4.6
hũũs despolos outros 4.24.39 (3).

Nunca ocorre *despós* seguido da forma *o, a, os, as* do artigo.

d. ambalas (1): antr'*ambalas* candeas 4.11.4

Duas vezes ocorre esse quantificador seguido da forma *as* e *os* do artigo definido:

ambas as partes 2.1.32
ambos os irmãos 2.33.25

---

(3) Sobre os problemas etimológicos relacionados às formas *depós, despós, depois*, cf. Lindley Cintra (1959: 187-189, nota 71).

e. todolos (95) e todalas (82)

todolos homens 1.10.5
todalas cousas 1.2.27 (4)

A par dessa alta frequência da forma assimilada ocorre cinco vezes *todos os* seguido de nome substantivo precedido ou não de outros determinantes e quantificadores:

todos os poboos 3.3.9
todos os cidadãos 3.16.65
todos os padres ensembra 4.46.14
todos os seus enmiigos 3.16.65
todos os outros 2.28.6

Há ainda 119 outras ocorrências de *todos* sem ser seguido de artigo.

Todas ocorre 49 vezes também sem ser seguido do artigo.

f. pelo (23)	ao lado de	polo (32)
pelos (11)		polos (11)
pela (38)		pola (29)
pelas (11)		polas (7) (5)

---

(4) Ocorre uma vez o sintagma: *todalos lenguagẽẽs*. 4.24.53. É de notar que *lenguagen* no texto está sempre no masculino (cf. 1.2.1.1). A forma «sui generis» *todalos* e não *todolos* ou *todalas* talvez seja indício da consciência do escriba quanto à oscilação da palavra quanto ao género.

(5) As 83 ocorrências de *pelo,-a,-s* versus as 79 ocorrências de *polo,-a,-s* foram levantadas apenas nos dois primeiros livros, enquanto os casos anteriores (de *a* a *e)* foram levantados no texto completo. Na listagem de que dispomos do vocabulário do *corpus* adoptamos, entre outros, o seguinte critério: os instrumentos gramaticais que não se destacam na sua forma do uso moderno só levantamos nos dois primeiros livros. Esse critério de economja no momento inicial do trabalho se

g. Ocorrem no texto ainda as sequências:

sobrelo (21): — penedo 1.2.14, — moesteiro 1.2.15, — seu muimento 1.9.4, — fogo 1.12.5, — mar 1.31.34, 1.31.35, — peito 2.24.8, — entendimento 2.35.17, — corpo 3.15.21, — altar 3.31.13 etc.

sobrelos (7): — olhos 1.26.4, — seixos 2.28.1, — miragres 3.18.23, — montes 4.13.5 etc.

sobrela (9): — cabeça 1.27.4, — mesa 2.1.30, — agua 2.7.1, — pedra 2.9.5 etc.

sobrelas (12): — palavras 2.16.43, — peles 1.7.22, — aguas 2.7.1, — creaturas etc.

Para Williams (1961:§137, 6. e 6 A) essas formas resultam não de uma assimilação consonântica da mesma natureza das anteriormente tratadas (de *a* a *f*), mas de fusão de vogais idênticas: *sobre* + *elo;* assim sendo as formas combinadas resultantes, e hoje em desuso

---

revelou em certos momentos incoerente quando procedemos à análise dos materiais. Aqui está um desses momentos. Uma vez que *pelo,-a,-s* é forma normal hoje, consideramos a forma apenas nos dois primeiros livros. Estendemos tal atitude à variante *polo* hoje desusada pelo menos nos dialectos padrão de Portugal e Brasil. A par dessa incoerência revelou-se outra, o não termos levantado globalmente o uso das sequências *per* + *o, a,-s* e *por* + *o, a,-s*. Tudo isso deveu-se ao facto de no momento inicial da listagem não termos a intenção de avaliar a frequência no uso das variantes foneticamente condicionadas do artigo.

pelo menos no dialecto padrão de Portugal e Brasil, resultariam de processo fonético distinto do que ocorreu nos itens anteriores.

Ocorre também no *corpus sobre*, seguido da forma *o* do artigo definido, uma vez nos dois primeiros livros. Só levantamos esse tipo de sequência nos dois primeiros livros, pelas razões expostas na nota 5 De todo modo é expressiva a desproporção entre as 49 ocorrências das formas combinadas nos quatro livros para uma única ocorrência de sequência não combinada nos dois primeiros livros. *Sobre* se documenta ainda em outros sintagmas sem ser seguido de artigo, por exemplo:

sobre seu colo 1.8.20
sobre seus olhos 2.10.5

2.1.2.2 Sumário

—— + lo,los,la,las		—— + o,os,a,as	
apolos,-las	3	após + ——	—
depola,-los	3	depós + ——	3
despolo,-la,-los	25	despós + ——	—
todolos,-las	177	todos + ——	5
ambalas	1	ambos + ——	2
sobrelo,-los,-la-las	49	sobre + ——	1 (6)
TOTAL	258		11

Por esses dados, pode-se admitir que então as formas combinadas em desuso hoje no português padrão, pelo menos, eram as preferenciais no *corpus* analisado.

---

(6) Voltamos a chamar a atenção de que os dados para *sobre + o, a,-s* se referem apenas aos dois primeiros livros. Excluímos do quadro *pelo/polo* por não termos confrontado a forma combinada com as sequências *per + o, os, a, as/por + o, os, a, as* pelas razões referidas na nota anterior.

2.1.3 **Os alomorfes** -no,-nos-na,-nas

Esses alomorfes, quando ocorrem, estão em ambiente nasal e, nesse caso, a forma *-lo,-la,-los,-las* do artigo tem a sua consoante inicial assimilada ao elemento nasal que a precede (cf. 4.1.2.4.2):

a. Documenta-se no texto uma ocorrência de *atẽẽno:*

Estendia-se *atẽẽno* ceo 2.37.8

ao lado de duas ocorrências de *atẽẽs* seguida de *a* e *as:*

Atẽẽs a manhãã 3.23.10
Atẽẽs as tavoas 3.36.11

Ocorre mais uma vez a forma *atẽẽs* mas seguida de demonstrativo:

Atẽẽs aqueles tempos 3.16.64 ([7])

Partindo-se de uma forma portuguesa do tipo *atẽẽs+lo,* ter-se-á por assimilações sucessivas:

atẽẽs+lo
atẽẽllo
atẽẽlo
atẽẽno

b. No *corpus* ocorrem muito frequentemente as formas *no, nos, na, nas,* resultado do processo assimilatório acima explicitado:

([7]) Note-se que a par da pouca frequência dessa forma *atẽẽs* ocorre 57 vezes a forma *ata.* Sobre a história dessas preposições cf. o ensaio de Serafim da Silva Neto (1960: 175-191) e também a opinião de B. Pottier sobre o problema (1968b: 26).

en+lo
ẽllo
ẽlo
ẽno

no (pelo enfraquecimento da vogal inicial)

Documenta-se no texto ainda:

eno (2): ... que *eno* meu coraçon avia 1.1.7
eu ti mando *eno* nome de Jesu Cristo que... 1.5.53

enos (3): Vive *enos* bẽẽs e nos prazeres do mundo 1.1.19
Os pavios do papiro *enos* cambos das lampadas 1.10.6
Gloria vãã *enos* corações 1.10.12

enos (3): Tomaron *enas* mããos 1.12.6

Por esses dados se pode admitir que o alomorfe *-no,-na,-nos,-nas* ocorria, embora muito menos frequentemente, que o alomorfe *-lo,-la,-los,-las*.

c. Vale observar ainda que no *corpus* ocorrem sequências do tipo *con, sen, nen* + artigo e em geral estão grafados *sena* ou *sen a, cona* ou *con a e neno* ou *nen o*, mas não encontramos a grafia *sẽna, cõna, nẽna,* que poderia dar suporte mais sólido à hipótese de que o artigo nesses casos se realizaria combinado por assimilação à *sen, con, nen,* sob a forma *-no,-na,-nos,-nas* (8).

---

(8) Segundo Nunes (1960: 255) *cono* e *eno* desapareceram da língua literária no século XIV. Pelos dados que analisamos podemos dizer que ainda no século XIV, embora em nítido recesso, ocorrem, pelo menos, as formas *eno,-a,-s*.

2.1.4 O alomorfe el (9)

Ocorre sempre diante do substantivo *rei:* há 22 ocorrências de *el rei* e mais 8 em que *el* está precedido das preposições *a, de, ante (a el rei, del rei, ante el rei).* Documentamos também 6 ocorrências da forma *o* do artigo (podendo estar precedida da preposição *a* ou *de)* diante do substantivo *rei.* Para uma tentativa de entendimento do uso de *el* antes de *rei,* uma vez que não é exclusivo, considerem-se as quatro séries de exemplos, assim agrupadas porque, em cada uma delas, o referente do substantivo é o mesmo:

I. (1) 3. 2.24 E seendo *el-rei* comendo con seu genro, veo Paulino... e *el-rei* logo que o viu começou a tremer.

(2) 3. 2.28 E enton o genro *del-rei* chamou Paulino

(3) 3. 2.29 E o genro *del-rei* feze-os logo demandar per toda terra

(4) 3. 2.41 E a cabo de poucos dias acaeceu que *o rei dos vandalos* morreu e perdeu o senhorio que recebera

(5) 3. 2.42 E assi se compriu que a profecia do bispo Paulino, que dissera da morte *do rei dos vandalos,* foi verdadeira

II. (6) 3. 7. 5 Pera mostrar Deus a *el-rei* que o que cuidara...

---

(9) Sobre a etimologia de *el,* veja-se o artigo de B. Pottier, *Português «el rei»* (1968b: 214-216), em que o autor admite como étimo a forma *illu-* e não *ille,* usado na fala em emprego vocativo, em que o acento recairia na primeira sílaba e não na segunda como se faz necessário para explicar a forma *o, a, os, as.* Em geral, os autores que tratam da etimologia de *el* propõem *ille* (nominativo) como étimo, ou então consideram *el* uma forma tomada de empréstimo ao espanhol.

(7) 3. 7. 5 ... aquel que tragia a espada ante *el-rei*, no campo de Narnia, hu *el-rei* veera com toda sa hoste ...

(8) 3. 7. 7 E o santo homem fez sa oraçon, estando *el-rei* presente

(9) 3. 7. 8 E pois *o rei encreo* viu tan fremoso miragre

III. (10) 3.13. 5 e 4 Era mui perseguido de Totilo, *rei dos godos*...
E quando *el-rei* con sa hoste chegou aaquela terra

(11) 3.13. 5 Mais *el-rei* pois ouviu, deu pouco por ele

(12) 3.13. 9 E pois este miragre contaron *ao rei mui cruevil*

IV. (13) 3.32.30 E pois *o rei dos vandalos* vio que os non podia trager aa sa seita ...

(14) 3.32.31 E a eles semelhou-lhes que se se calassem da verdade que defendiam que consenterian aa heresia d'Arrio que o *rei dos vandalos* e os seus tiinham

(15) 3.32.32 E porque se non quiseron calar contra defendimento del, *el-rei* ficou mui sanhudo e muito irado contra aqueles bispos.

Nos exemplos (4), (5), (9), (12), (13), (14) *rei* está precedido de *o, do* e *ao.* São os únicos do *corpus* em que rei está precedido do artigo *o* e se opõem aos outros, como a todos os outros em que no texto *rei* está precedido de *el, del, a el* ou *ante el* (cf. além dos exemplos acima as outras ocorrências de *rei* precedido de *el* (2.14.6, 2.14.7, 2.15.10, 3.2.19, 3.2.20, 3.6.4, 3.6.5, 3.6.8, 3.7.3, 3.7.4, 3.7.5, 3.12.7, 3.12.11, 3.14.14, 3.19.12, 3.20.5; 2.15.5, 3.2.20, 3.12.7, 3.12.11, 3.14.14, 3.19.12, 3.20.5, 2.15.5, 3.2.20, 3.7.5, 3.13.5, 3.2.20, 3.2.39, 3.32.31, 4.14.10).

Nos casos em que *rei* está precedido do artigo *o*, vem seguido o substantivo de um adjectivo qualificador (exs. (9), (12)) ou de um sintagma também adjectivador (exs. (4), (5), (13), (14)), que reforça e explicita a determinação expressa pelo artigo *o*.

Em *o rei*, sempre seguido de um qualificativo delimitador de seu sentido, o artigo expressa regularmente o retorno a algo já anteriormente apresentado; por sua vez a lexia *el-rei* funciona como um substituto de uma expressão mais extensa, como uma espécie de pronome ou de nome próprio, que não exige mais nenhuma explicitação, e em nenhum caso comuta com *o rei*. Muito possivelmente *el* tem maior carga de informação que *o* e funciona por si só sem necessidade de adjectivação subsequente, o que seria redundante, referindo-se a alguém já antes apresentado e inambíguo. Não nos parece forçado aproximar o valor de *el* ao valor dêitico dos demonstrativos, de certo modo já não tão marcado no artigo definido *o, a, os, as*.

2.1.5 **Sumário**

Dos dados analisados podemos concluir que a morfologia do artigo definido se apresenta no *corpus* mais complexa do que, por exemplo, a actual, pelo menos no que diz respeito ao português padrão: *el* não é mais usado; o alomorfe *-lo, -los, -la, -las* permanece em *pelo, -a, -s* e *no* em *no, -a, -s*, se se analisar esse /n/ como a substância fónica que expressa o elemento consonântico final da preposição *em* e o elemento consonântico inicial do artigo.

2.2 *Os demonstrativos*

Os demonstrativos situam o nome em relação à posição das pessoas envolvidas no processo da comunicação. De acordo com essa função dêitica os demonstrativos podem ser classificados como situadores do nome em relação ao «campo mostrativo» dos locutores — emissor (E) ou primeira pessoa, receptor (R) ou segunda pessoa — ou ao «campo mostrativo» da chamada terceira pessoa, nem E nem R, ou delocutivo.

Além dessa função dêitica ou de situador do nome em referência ao «campo mostrativo» das pessoas envolvidas no processo da comunicação, distingue-se a chamada função anafórica dos demonstrativos, definida por Mattoso Câmara Jr. (1970:113) como consistindo «não numa referência ao mundo bio-social, mas ao que foi dito ou vai ser dito no contexto linguístico» (10). Aceita assim Mattoso Câmara Jr. a proposta de M. Said Ali (1964:103) em distinguir a função dêitica da anafórica e considera essa distinção válida uma vez que na anafórica não vigora o sistema tripartido (*este-esse-aquele*) da dêixis, deduzindo-se isso «até dos textos literários seleccionados pelas gramáticas» em que há oposição entre *este* e *aquele*, com o aparecimento de *esse* como variante livre para designar o ponto próximo no contexto básico. Essa posição de Mattoso Câmara Jr. (1971:327-331) se refere ao português actual. Discutiremos, mais adiante, esse problema no *corpus* analisado.

2.2.1 **A morfologia dos demonstrativos**

2.2.1.1 O paradigma

O quadro seguinte reune as formas e suas ocorrências documentadas, também aquelas em que os demonstrativos estão combinados às preposições *a, de, en*: (11)

---

(10) Adoptamos desse autor a designação «campo mostrativo», proposta por K. Bühler.

(11) O número de ocorrências para cada demonstrativo se refere aos dois primeiros livros dos *Diálogos*, excepto nos casos especificados no decorrer da análise.

forma / num. / referência		formas simples		formas reforçadas	
		singular	plural	singular	plural
1. campo do E (414)	m.	este (103) deste (25) (t. 128)	estes (12) destes (20) (t. 32)	aqueste (45) aaqueste (3) daqueste (17) naqueste (3) (t. 68)	aquestes (1) — daquestes (4) naquestes (2) (t. 7)
	f.	esta (26) desta (7) (t. 33)	estas (20) destas (3) (t. 23)	aquesta (7) daquesta (1) naquesta (4) (t. 12)	aquestas (1) — — (t. 1)
	n.	esto (89) desto (4) ~ isto (3) (t. 96)		aquesto (13) — — (t. 13)	
2. campo do R (34)	m.	esse (8) desse (5) (t. 13)	— — —	— — —	— — —
	f.	essa (2) dessa (1) (t. 3)	— — —	— — —	— — —
	n.	esso (18)		—	
3. campo nem de R nem de E (519)	m.	— — — — — — — —	— — — — — — — —	aquel (130) aaquel (21) daquel (45) naquel (35) (t. 231) ~ aquele (17) naquele (1) daquele (7) (t. 25)	aqueles (71) aaqueles (12) daqueles (22) naqueles (5) (t. 110) — — —
	f.	— — — —	— — — —	aquela (32) aaquela (5) daquela (12) naquela (24) (t. 73)	aquelas (46) — daquelas (4) naquelas (2) (t. 52)
	n.	— —		aquelo (24) daquelo (4) (t. 28)	

Nesse quadro ressalta de imediato a ausência da forma reforçada ou composta — são assim tradicionalmente denominadas as formas que têm como étimo os demonstrativos latinos *ist-*, *ips-*, *ill-* (¹²) precedido do reforço **accu- (<) eccum < ecce eum)* — para os de tipo 2 e a ausência de formas simples para os de tipo 3. Destaca-se também a alta frequência dos tipos 1 e 3 em detrimento do tipo 2 (414, 519 e 34 vezes, respectivamente).

Vimos que só os demonstrativos de tipo 1 apresentam as formas simples e reforçadas, que parecem ser variantes livres, havendo, no entanto, uma marcada preferência pela forma simples, que está na proporção de 75 % para 25 % (¹³).

(¹²) As gramáticas históricas e também Mattoso Câmara Jr. (1975) aceitam como étimo dos demonstrativos portugueses o nominativo latino. B. Pottier (1958: 33-35) propõe como étimo dos demonstrativos portugueses o acusativo latino. Fundamenta essa posição não só na associação que faz entre demonstrativo e artigo (esse originado indiscutivelmente do *illu-)*, mas sobretudo por ter levado em consideração o facto estrutural de o demonstrativo acompanhar sempre substantivo na forma do acusativo. A proposta de Pottier é lógica do ponto de vista sintáctico e também quanto à explicação fonética que propõe. A dificuldade que existe na explicação fonética a partir desse étimo está em como *istu-*, *ipsu-*, *illu-* deu origem a *este*, *esse*, *(aqu)ele*. Para ele isso é explicável pela posição proclítica fraca na «cadeia do discurso» desses demonstrativos, diferentemente da posição forte dos derivados de *istud*, *ipsud*, *illud (isto*, *isso*, *aquilo)*. Admitindo um relaxamento articulatório nas vogais átonas finais do português, propõe uma forma hipotética **est*, **ess*, não documentada, que deve ter precedido *este*, *esse*, e confronta-a à forma fartamente documentada no português arcaico *aquel*.

(¹³) J.J. Nunes (1960: 247-248) diz sobre o uso das formas simples e reforçadas: «No séc. XV [talvez possamos recuar isso ao século XIV] não havia diferença sensível entre os pronomes simples e compostos, é provável, porém, que nos primeiros tempos houvesse tal ou qual ênfase que os diferençasse no seu emprego, provavelmente, porque essa pequena

A forma reforçada para os demonstrativos de tipo 2 não ocorre no *corpus*, mas está documentada no português arcaico, embora pouco frequente (14).

Para os de tipo 3, só a forma longa mantém-se pela razão talvez de ter sido a forma simples integrada no sistema gramatical do português como expressão do pronome pessoal de terceira pessoa. Pode-se, no entanto, aceitar como elemento a preencher essa «casa vazia» do sistema dos demonstrativos do português arcaico a série *o, os, a, as* (< *illum* ou *illud, -a, -os,- as)* quando precedida de *que* e comutável com *aquelo, aquele, aquela, -s*. Talvez também se pudesse considerar como um elemento a ocupar essa posição o alomorfe *el* do artigo definido, na lexia *el-rei*, uma vez que esse alomorfe *el* parece ter uma função semelhante à dos demonstrativos, como ressaltamos em 2.1.4.

Por esses dados se pode admitir que, excepto a forma reforçada do tipo 3, que se firmou no sistema,

---

distinção se perdeu pouco a pouco e as duas formas se tornaram sinónimas, é que as últimas desapareceram do uso, não sucedendo, todavia, nem podendo suceder o mesmo ao pronome de terceira pessoa». É interessante notar que na versão quatrocentista dos *Diálogos* (1416) a predominância de *este* sobre *aqueste* ainda é maior.

Como bom exemplo dessa variação livre entre formas simples e reforçadas do tipo 1 cf. 2.2.2- exemplo 1.4-2.4. Veja-se também:

2.8.12 — Leva *este pan* e deita-o em tal lugar que o non possa homem do mundo achar.

2.8.15 — Leva, leva seguro *aqueste pan* e deita-o en tal lugar hu o non possan achar.

Confrontando esses dois exemplos, a selecção de *aqueste* parece confirmar a hipótese de ênfase de Nunes, acima transcrita.

(14) Cf. J. J. Nunes (1960: 247-248) e Williams (1961: §145. 1.) onde afirmam que raros exemplos têm sido anotados da combinação **accu-ipse*.

parecem já estar em declínio as outras, não só pela frequência de *este, -a, -s* em relação à de *aqueste, -a, -s,* mas também pela ausência da forma *aquesse, -a, -s.*

Considerando ainda os dados, ressaltam também as 152 ocorrências das formas *esto* (89), *desto* (4), *aquesto* (13), *esso* (18), *aquelo* (29), *daquelo* (4) em face das três ocorrências da forma *isto,* em que na grafia se marca o fechamento total da vogal acentuada por assimilação à vogal final, pelo processo da metafonia:

1.5.71 E o padre santo Equicio depois que *isto* ouvio ...
4.36.20 — Que he, irmão, que é *isto* que dizes?
4.41.4 E *isto* lhe acaece dementre a alma he no corpo.

A desproporção ainda se torna mais significativa pelo facto de *isto* ter sido levantada nos quatro livros dos *Diálogos* enquanto as outras apenas nos dois primeiros livros (15).

---

(15) J. J. Nunes (1961: 248 nota 3) e Huber (1933: §87) apresentam epemplos de *isto* e *isso* no século XIII. Nos *Foros de Castelo Rodrigo* (CINTRA 1959: 417), também do século XIII ocorrem *isto* e *isso* apenas três vezes, em face de oitenta ocorrências de *esto* e *esso.* No *Orto do Esposo,* texto dos fins do século XIV, há dois casos de inflexão da vogal tónica, *isso* (MALER 1964: 28).

A propósito das explicações apresentadas para o fechamento da tónica dos demonstrativos neutros, cf. Williams (1961: §145.1.A) que apresenta um resumo de teorias diversas.

Acrescentamos a interpretação estruturalista de B. Pottier (1958: 33-35) em que demonstra que a «condição permissiva» da passagem e > i está no sistema dos demonstrativos: a articulação relaxada das finais em português contrariamente ao castelhano, não permitia a distinção da forma masculina *(este)* e neutra *(esto),* «ce *bésoin latent* de différenciation admetra l'occasion de la manifestation de la métaphonie elle aussi latente».

Destaca-se também nos dados reunidos a preferência pela forma apocopada *aquel:* há 90 % de ocorrências de *aquel* contra 10 % de *aquele.* Pelo exame dos contextos em que ocorrem parece que não há um condicionamento para a escolha de uma ou outra forma, havendo portanto uma variação livre entre elas; por exemplo:

1. 1. 4	aquel amor	1.31.9	aquele homen
2.22. 9	aquel moesteiro	1. 9.9	aquele moesteiro
1. 7.16	aquel a que adora	1. 8.7	aquele a poderia sããr
1. 5. 6	aquel que fezeron abade	1. 9.4	aquele que ali jazia

Tanto *aquel* como *aquele* ocorrem antes de vogal e de consoante e ambos também podem ocorrer seguidos imediatamente pelo nome substantivo, ou sem ser seguido desse, numa função de substantivo, sendo portanto o núcleo do sintagma nominal.

Arrolamos no quadro as ocorrências dos demonstrativos combinados às preposições *a, de, en.* De acordo com Williams (1961:145.2) os demonstrativos do tipo 3, precedidos da preposição *en,* atingiram o estágio final da combinação *(naquel, naquele, naquela* etc.) mais cedo que os de tipo 1 e 2. Pelos dados em análise podemos admitir que não só *en+aquele* atingiu esse estágio mais cedo —ocorrem *naquel* (35), *naquele* (1), *naquela* (24), *naqueles* (5), *naquelas* (2) — mas, em geral, as formas chamadas reforçadas. No *corpus* nunca ocorre *neste, -a, -s,* ou *nesse, -a,-s,* mas sempre *en este, en esse, en esto* e *en esso* e flexões, a par de *naqueste* (3), *naquesta* (4), *naquestes* (2).

2.2.2 **Os demonstrativos no sintagma nominal**

Os demonstrativos podem ocorrer tanto seguidos do nome substantivo, núcleo do sintagma nominal, como eles próprios sendo o núcleo do sintagma nominal, em função substantiva, portanto.

Cumprem sempre essa última função no *corpus* os demonstrativos originados da forma neutra do latim — *esto* (89), ou *isto* (3) (< istud), *aquesto* (13) (< *accu + istud), *esso* (18) (< ipsum), *aquelo* (28) (< *accu + illud) — e ainda *o* (< illud) e *os* (< illos) (16). Essas formas podem ser interpretadas como substitutos do sintagma nominal. Os demonstrativos masculinos e femininos, quer no singular ou no plural, podem deixar de ser seguidos do nome substantivo que determinam, pela elipse desse na formulação superficial do discurso.

As formas *o* e *os*, em função substantiva, são seguidas de relativas e comutam livremente no texto respectivamente com *aquelo* e *aqueles.*

Há 24 ocorrências de *aquelo que* e 34 de *o que*, por exemplo:

1.17.13 E pois o menĩho fez *o que* lhe mandaron, acolheu o bispo en hũũ vaso aquele pouquetĩho de vĩo que das uvas saio e en cada hũa taalha deitou daquel pouquetĩho daquel vĩho que tiinha no vaso, en guisa que adur parecia *aquelo* que el lhi deitara.

Uma vez ocorre *aquelo* sem a relativa subsequente.

2.13.18 *Aquelo* desejava el pera te meter en pecado

Para 34 ocorrências de *o* (=*aquelo*) há 5 ocorrências de *os* (=aqueles), substituindo um substantivo masculino plural, por exemplo:

---

(16) É o que B. Pottier (1960: 60-61) chama de função pronominal do artigo e Mattoso Câmara Jr. (1970: 113) descreve como «emprego isolado [do artigo] como pronome substantivo» e acrescenta «particularmente frequente diante da partícula *que*».

1. 2.28 *Os que* esto fazen non son pera seguir

2.23.25 *Aqueles que* o aman

Exceptuando-se o uso frequente de estrutura como a descrita e exemplificada acima, isto é, demonstrativos de tipo 3 seguido de relativa, é surpreendente a baixa incidência no *corpus* das formas masculinas e femininas, no singular ou no plural, dos demonstrativos em função substantiva. Observe-se o seguinte (17):

a. Os demonstrativos de tipo 2 *(esse, -a, -s)* nunca ocorrem na função substantiva;

b. Os de tipo 1 *(este, aqueste, -a, -s)*, enquanto seguidos de nome substantivo, ocorrem 331 vezes, e só se documentam vinte vezes em função substantiva, por exemplo:

1.2.19 Non ouvi que *aqueste* fosse discipolo de nengũũ

1.2.24 E *este* non ha mester de seer primeiramente discípulo

1.10.9 Gram maravilha é *aquesta* que ouço

1.17.3 *Daqueste* conta hũũ clerigo

2.3.72 Era hũũ *daquestes* per que se regia a cidade de Roma

c. Os de tipo 3, que em função substantiva em geral estão seguidos de relativas, como vimos, podem ocorrer seguidos imediatamente pelo verbo, por exemplo:

2.14.6 *Aquele* era rei Totila

---

(17) Os dados seguintes também se referem aos dois primeiros livros.

Como consequência do parco uso dos demonstrativos masculinos e femininos, em função substantiva, marca o leitor contemporâneo a frequência no uso dos demonstrativos seguidos de nomes substantivos, onde antes se esperaria o artigo. Observe-se, por exemplo, nas duas passagens seguintes — que são exemplos escolhidos ao acaso, mas facilmente multiplicáveis — a repetição de *aquel* e *aquele,* o demonstrativo mais genérico uma vez que não se refere ao campo do falante nem do ouvinte, mas ao que está para além desse eixo, onde o artigo supriria suficientemente a informação a ser transmitida:

2.8.21 E pois o honrado padre San Beento vio que *aquel* mal lhi viinha per *aquel* prelado Florencio pela grande enveja que lh'avia, partiu-se *daquel* logar en que era seu vezĩho...

2.22.8 E na noite d'ante *aquel* dia em que prometera de vĩir pareceu San Beento en sonhos *aaquel* monge que enviara hi pera teer sas vezes e *aaquel* que enviara hi pera seer preposto do moesteiro. E amostrou a cada hũũ deles todos *aqueles* logares en que se deverian a fazer as casas que comprian pera *aquel* moesteiro.

Também marca o leitor de hoje o uso frequente do demonstrativo seguido de um nome próprio, quando um ou outro, demonstrativo ou nome próprio, seria suficiente para indicar o que se quer designar.

No exame de 40 ocorrências de *este* seguido de substantivo no livro primeiro encontramos 9 sintagmas desse tipo (cf. 1.3.3, 1.3.4, 1.5.6, 1.10.7, 1.22.6, 1.24.4, 1.29.29). Por exemplo:

1.3.3 No moesteiro en que morava *este* santo homen Libertino avia mui grande aver, entraron os franceses en gram felonia pela eigreja

> en que *este* Libertino jazia fazendo sa oraçon e foi mui gram maravilha que, andando braadando por el os franceses, empeçavan en el hu el jazia e non-no podian veer.

(seguem-se os feitos de Libertino e o seu nome ou vem precedido de *este* ou *aqueste*):

> 1.4.2-4 Acaeceu en outro tempo que *aqueste* Libertino, seendo preposto do moesteiro de Fondon de que suso falamos ia aa cidade de Ravena per mandado dũũ seu abade que fezeron naquel moesteiro depós o abade don Onrado que fora meestre *deste* Libertino assi como de suso dito he. E hu quer que ia *aqueste* Libertino, sempre levava en seu seo hũa calça que fora do santo servo de Deus o abade don Onrado, de que primeiramente falamos en este livro. E, indo *este* Libertino hũa vegada per seu camĩho, achou hũa molher e levava hũũ corpo dũũ seu filho que lhi morrera.

O trecho acima exemplifica uma característica do texto analisado em que o uso do demonstrativo se torna redundante uma vez que o substantivo próprio, individualizador por definição, seria suficiente ou, quando muito, se esperaria, na óptica actual, o artigo. Ao todo, nos quatro livros dos *Diálogos*, ocorrem 41 vezes o demonstrativo seguido imediatamente de substantivo próprio e nunca o artigo nessa posição (cf., por exemplo, aqueste Amonio 4.24.44, aqueste Anastasio 1.16.4, aqueste Basilio 1.5.79, este Bonifacio 1.22.6, daqueste Colimberto 3.26.3 e 1.10.5, 1. 10.7, 1.11.3, 4.36.30, 3.33.3, 3.33.5, 1.5.53, 1.9.4, 1.5.52, 1.29.29, 3.15.4, 1.24.4, 1.2.34, 1.2.35, 1.3.3, 1.4.2^{2}, 1.4.3, 1.4.4, 1.5.6, 1.29.5, 2.22.4, 4.36.30, 4.13.6, 4.29.9, 2.14.8, 4.13.16, 3.18.37, 3.18.39, 3.6.5, 3.25.4, 3.25.5, 4.36.8, 4.29.7, 4.29.8, 2.31.8 (18). Nesses casos, que são todos os que ocorrem no texto, os demonstrativos reforçam a referência intrínseca e particular ao nome próprio e não opõem o denominado a outro.

O demonstrativo como antecedente do substantivo próprio ocorre também em sintagmas mais complexos do tipo:

a. Demonstrativo + *don* ou *dona* + nome próprio: aquel don Andre 3.8.8, aquel don Joane 3.20.6. aquel don Lourenço 4.38.18, aqueste don Lourenço 4.38.4, aqueste don Pasqual 4.38.5, este don Pasqual 4.38.5, 4.38.6, aquel don Pasqual 4.38.5.

b. Demonstrativo + nome comum + nome próprio: este profeta Abacuc 2.22.27, aquel monge Bonifacio 3.30.5, esse seu irmão Copioso 4.46.7, aqueste abade Equicio 1.7.11, cf. também 2.8.2, 2.8.21, 2.8.25, 1.28.2, 4.24.25, 1.4.16, 1.4.19, 1.13.8, 3.2.1, 4.13.22, 1.31.20, 4.17.4, 4.28.4, 2.15.2, 4.32.13.

c. Demonstrativo + adjectivo + nome comum + nome próprio:
este honrado baron Anastasio 1.16.11, este santo bispo Bonifacio 1.19.2, aqueste santo homem Constancio 1.11.19, cf. também 3.16.68, 1.28.3, 3.15.9, 3.15.10, 3.15.11, 4.28.3, 1.3.3, 1.2.11, 1.2.34, 2.8.30, 2.34.3.

A alta frequência do demonstrativo seguido de nome substantivo, a constância no uso do demonstrativo seguido de nome próprio, relacionadas à rara frequência do demonstrativo como núcleo do sintagma nominal sugerem uma antieconomia sintáctica no texto em análise, decorrente da escolha de processos expressivos redundantes (19).

---

(18) A ordem dos exemplos segue a ordenação alfabética dos nomes próprios que seguem os demonstrativos.

2.2.3 Sobre a oposição entre as formas de tipo 1, 2, 3

Observando-se o emprego dos demonstrativos em sua função anafórica, se pode afirmar que já então os demonstrativos de tipo 1 e de tipo 2 eram usados como variantes; desse modo ocorria a neutralização da oposição entre essas formas, hoje generalizada, também quando em função dêitica nos dialectos falados no Brasil, pelo menos (20).

Embora tenhamos encontrado ocorrências dos demonstrativos de tipo 2 no emprego anafórico relacionados ao já referido no contexto, por exemplo:

1.1. 1 Ca este livro foi feito pelo nobre San Gregorio, que veo do lĩagen dos senadores de Roma e foi depois papa *dessa* meesma cidade.

1.1.17-18 E quando me nembro do estado en que primeiramente vivi quando era monge, semelha-mi que estou en Manna ena riba do mar. E quando er cuido ora o estado en que vivo, semelha-me que me vou per *esse* mar ao desdado hu me Deus levar.

2.12.2 Sam Gregorio contou depois que costume era da cela de San Beento que cada que os frades ian fora pera recadar algũa cousa e avian de tornar logo en *esse* dia, non devian comer nen bever fora de seu moesteiro.

---

(19) Em outros momentos deste estudo chamaremos a atenção para factos da mesma natureza desse.

(20) Cf. Mattoso Câmara Jr. (1970: 113-114) e (1971: 327-331).

pode-se inferir a variação e uma preferência para as formas de tipo 1 — as 414 ocorrências das formas de tipo 1 em face das 34 das formas de tipo 2 já é um indício dessa preferência — dos dados seguintes:

a. Consideradas todas as ocorrências dos demonstrativos de tipo 2 (cf. 1.20.4, 2.35.12, 1.1.18, 1.1.19, 1.5.26, 2.1.64, 2.4.2, 2.12.2, 3.1.3, 1.7.5, 1.1.26, 1.8.9, 1.11.8, 1.11.17, 1.15.4, 1.16.24, 2.16.28, 1.25.14, 2.2.22, 2.3.26, 2.3.55, 2.8.23, 2.8.25, 2.8.28, 2.10.25, 2.16.40, 2.21.15, 2.35.23, 1.1.2, 1.5.26, 1.5.28, 1.6.2, 2.4.15, 2.15.1) há um caso em que se esperaria o demonstrativo de tipo 1 e ocorre o de tipo 2:

2.16.28 Se aaqueste apostolo foron mostradas as cousas que de Deus son polo spirito de Deus, por que disse o apostolo en *esse* logar: «á hi altidoen das requezas...»

b. Considerados 10 % das 217 ocorrências dos demonstrativos de tipo 1, simples, masculinos, femininos e plural, seguidos de nome substantivo, há pelo menos quatro casos em que se esperaria o demonstrativo de tipo 2:

1.2.11 E o nobe homen Venancio, cuja era a vila, pois ouvio *este* miragre ... feze-o livre.

1.22.6 Assin conta hũũ clerigo velho que a min veo: e *este* clerigo mi contou que este Bonifacio, seendo menĩho e vivendo con sa madre, quando saia da casa e achava algũũ pobre andando nuu, desvestia-se aas vegadas da saia e dava-lha.

1.22.15 E pois a madre de Bonifacio vio *este* miragre quebrou-lhe o coraçon por aquelo que fezera.

1.31.3 Contou ainda San Gregorio que naquele meesmo logar avia hũũ vale a que dezian Interiorina. En *este* vale morava hũũ homen de vida maravilhosa e avia nome Severo.

c. Em função substantiva encontramos o uso das formas de tipo 1, quando seria de esperar as de tipo 2:

1.2.24 E *este* non ha mester de seer primeiramente discipulo ca meestre.

1.5.72 E non vos dixi eu que *este* era enmiigo e non monge?

1.5.71 E o padre santo Equicio depois que *isto* ouvio ...

d. São usados indiferentemente as sequências *por esso* e *por esto,* quando seria de esperar, pela teoria, a primeira (cf. *por esso:* 1.8.9, 1.11.8, 1.11.17, 1.15.4, 1.16.24, 1.25.14, 2.2.22, 2.3.26, 2.3.55, 2.8.23, 2.8.28, 2.10.25, 2.16.40, 2.21.15, 2.35.23 e *por esto:* 1.8.44, 1.9.6, 1.13.17, 1.11.7, 1.17.27, 1.17.28, 1.17.29, 2.1.46, 2.1.60, 2.8.34, 2.9.5). A passagem seguinte é ilustrativa da variação livre nesse contexto:

1.11.6-8 Ca os homẽẽs de mao recado queren sempre julgar que do corpo pequeno non poden sair obras grandes e graadas. E *por esto* aqueste lavrador, homen de pequeno recado e de pequeno entendi-

> mento, non poderia creer que aquel homen tan pequeno fosse Constancio de que tan grandes cousas ouvira. E *por esso* despreçô-o e riia-se del e disse alta voz.

Quanto à validade de se propor um sistema tricotómico para o uso dêitico dos demonstrativos em que haja nítida oposição na selecção das formas de tipo 1, 2 e 3, o exame dos livros primeiro e segundo dos *Diálogos* permitem supor que nesse caso, como no anafórico, a oposição se fazia entre os demonstrativos de tipo 1 e 3.

Pode-se inferir isso do seguinte:

a. As 34 ocorrências de demonstrativos de tipo 2 estão em emprego anafórico e aí vimos que há indício de variação livre entre formas de tipo 1 e 2. Ao contrário, o uso de formas de tipo 1 e 3 é abundante na função dêitica, em que se opõem *este, aqueste,-a,-s* a *aquel, aquele,-a-s*, por exemplo:

1. 1. 4 — Apartei-me en hũũ logar, o mais ascondudo que eu pudi achar, en que podesse chorar todas *aquelas* cousas, en que non avia prazer da vida que fazia ora, quando era papa, e en que er podesse chorar todos *aqueles* prazeres e todos *aqueles* confortos que soia a aver, quando era monge, de que ora ja non ei nemigalha per razon do trabalho que ei en *este* estado en que sôõ.

1.16.15 — Rogo-te por *aquel* a que tu vaas que me non leixes en *este* mundo sete dias.

1.28.38 — Vai e deita *desta* agua beenta sobrelo corpo *daquel* que jaz enfermo.

1.29.31 — E outrossi quando me trages a *esta* terra contando as vidas santas e honradas *daqueles* que hi naceron e viveron.

b. Quando os demonstrativos estão correlacionados aos substitutos locativos (21), também dêiticos que relacionam o que se diz ao falante, ouvinte ou ao delocutivo, as formas de tipo 1 se associam a locativos que se referem ao campo mostrativo do falante *(acá, acó, aqui)* e as de tipo 3 se associam a locativos que se referem ao campo mostrativo do delocutivo *(alá, aló, ali)* (Cf. *Parte I,* 4.2.1.1.3 e 4.2.1.1.4). Exemplos:

2.31.14 — E dá *acá* todalas cousas *deste* homen que tomasti.

1.5. 33 — Eu ti mando eno nome de Jesu Cristo que guarde *esta* entrada e non leixes *acó* entrar homen que no mundo seja.

2.14. 3 — Conven, Pedro, que te cales entramente se moores cousas *deste* santo homen ca ouvisti ata *aqui*.

3.35.16 — Muito val ao homen pera fazer vida boa e santa veer os homens santos fazer miragres e vivendo na terra veer a cidade de Jherusalem celestial nos seus cidadãos que conosco viven e fazen ja obras *daqueles* que *aló* som.

---

(21) Estamos denominando aqui substitutos locativos os substitutos de sintagmas circunstanciais de lugar. Em outro ponto deste estudo trataremos do sistema dos substitutos de circunstância de lugar, isto é, os *Locativos* (cf. Parte I, 4.2.1 e ss).

1. 5.69 — Mais quen seeria ousado de ir ao moesteiro *daquelas* virgẽẽs quando o abade Equicio hi non era presente, por santo monge que fosse e, moormente, como iria *alá* hũũ homen que novamente veera ao moesteiro e cuja vida os monges non provaron?

1.9. 4 ... non metemdo mentes en como fora santo *aquele* que *ali* jazia nen na honra que lhe devia fazer.

Examinando 10 % (12 em 124) das ocorrências de *hi* (*= aí*) nos quatro livros, esse substituto locativo ou não está correlacionado a demonstrativos ou está correlacionado a um demonstrativo de tipo 3.

1.3.4 E assi se partiron do moesteiro cegos e sen dano *daqueles* que *hi* moravan.

1.9.9 Contou ainda San Gregorio que na provincia de Valeria en que era o moesteiro de Santo Equicio entraron os lombardos pera destroir *aquele* moesteiro e os monges que *hi* moravan fugiron pera o moimento de Santo Equicio.

3.5.14 E acaeceu assi que per hũa vez que o santo homen *naquela* casa pousou, des ali en deante moraron *hi* todolos outros que cristãos eran.

Nunca *hi* está correlacionado ao demonstrativo de tipo 2 e uma vez aparece correlacionado ao demonstrativo de tipo 1:

1.29.31-32 — Fala, padre, de quaes quiseres ca prazer grande ei quando me levas a outra

> terra contando os bẽẽs e as maravilhas dos homens que *hi* viven. E outrossi quando me trages a *esta* terra contando as vidas santas e honradas daqueles que *hi* naceron.

Note-se que o segundo *hi* está correlacionado a *esta terra;* seria de esperar antes *aqui;* o primeiro, por sua vez, correlaciona-se a *outra terra.* No exemplo 1.5.69, note-se, ao referir-se ao mesmo mosteiro ora ocorre *hi*, ora *ala*. *Hi*, portanto, partilha da distribuição de «acá, acó, aqui» e de «alá, aló, ali».

Os dados discutidos permitem admitir que, também na função dêitica, há a selecção de demonstrativo de tipo 1 para indicar o campo mostrativo do falante e do ouvinte em oposição às formas de tipo 3, que se referem ao delocutivo.

2.2.4 Meesmo e medês como reforço enfático do demonstrativo

Ocorrem em sintagmas com demonstrativos, quer seguido de nome quer em função substantiva, as formas *meesmo* (< *metĭpsĭmu* < *metĭpsissĭmu*) e *medês* (< metĭpse). Parece que essas duas formas variam livremente, uma vez que ocorrem nas mesmas distribuições:

a. Demonstrativo + *meesmo* (23) ou *medês* (3) + nome substantivo

1.1. 2 dessa *meesma* cidade
1.24.6 aquela *meesma* noite
2.21.2 naquela *meesma* cidade
3.12.14 daqueste *medês* bispo
4.40.35 aquela *medês* razon

b. Demonstrativo + substantivo + *meesmo* (5) ou *medês* (3)

3.6.16 en aquela hora *meesma*
3.16.3 naquela terra *meesma*
4.25.3 naquela cidade *meesma*
4.29.8 daquela eigreja *meesma*
3.17.22 aquel dia *meesmo*
2.1.63 e 3.7.3 naquel tempo *medês*
3.12.14 aqueste miragre *medês*

c. Demonstrativo + *meesmo* (2) ou *medês* (2)

3.15.63 aquel *meesmo* que fiel non he
4.4. 72 este *meesmo* veemos
3.12.13 daqueste *medês* dá testemõio
3.8. 34 per aquele *medês* trouve o judeu en corregimento

No conjunto de ocorrências de *meesmo/medês*, nota-se a maior frequência de *meesmo* nos casos em que ao demonstrativo antecede ou segue o substantivo: 28 para 6 ocorrências de *medês*, havendo no entanto proporção igual no uso das duas formas quando o demonstrativo está em função substantiva: 2: 2 (22).

2.2.5 Sumário

Dos dados analisados se depreende:

a. Há uma diferença de inventário do português arcaico para o actual, sendo então o inventário dos demonstrativos mais complexo. Os demonstrativos de cada tipo apresentam alomorfes que variam, ao que parece, sem condicionamentos predizíveis. Desses alomorfes as chamadas formas reforçadas já parecem estar em declínio na época em que o texto foi escrito; o alomorfe *isto,* generalizado no português padrão, apresenta-se ainda em franca minoria; a forma apocopada do demonstrativo de tipo 3 é a mais usual no *corpus.*

---

(22) *Meesmo* e *medês* reforçam os pronomes pessoais (32 e 7 ocorrências), como veremos em outro ponto desse estudo (cf. Parte I, 4.1.2.5.3) e 3 vezes ocorre reforçando *hũũ*.

b. Os dados indicam uma preferência pelo demonstrativo seguido de nome substantivo em detrimento de seu uso como núcleo do sintagma nominal, excepto nas formas derivadas do neutro latino, que funcionam sempre como substituto do sintagma nominal.

c. Na sua função anafórica se pode inferir dos dados que havia uma variação livre entre os dedemonstrativos de tipo 1 e 2, sendo de preferência escolhidos os de tipo 1. Ao que parece, também na sua função dêitica, a oposição se fazia nitidamente entre os demonstrativos de tipo 1 e 3. Sendo assim se poderia levantar a hipótese de que então o sistema de demonstrativos seria antes dicotómico e não tricotómico. Tal facto, no entanto, deverá ser testado em um *corpus* mais abrangente do português do séc. XIV que permitisse tirar essa conclusão com maior segurança.

d. Os demonstrativos aparecem reforçados enfaticamente por *meesmo* e *medês.* O exame dos contextos em que essas formas ocorrem indica que eram variantes não condicionadas.

2.3 *Os possessivos*

Consideramos nesta descrição os possessivos como um dos determinantes actualizadores do nome no sintagma. Essa actualização expressa uma relação de posse estabelecida pelos possessivos entre o nome que actualiza e as pessoas envolvidas no processo da comunicação: E, R, nem E nem R.

Uma vez que desenvolvemos uma análise da forma superficial do sintagma, não tratamos os possessivos como o resultado da transformação de uma base do tipo *de + pronome pessoal* (por exemplo: o livro que é de mim —→ o livro é de min —→ o livro de mim —→ meu livro). Essa interpretação gerativa dos possessivos([23]) de certa forma coincide com a de Mattoso Câmara Jr. (1970: 110) que vê nos possessivos os «adjectivos correspondentes» aos pronomes pessoais que são «funcionalmente substantivos».

2.3.1 A morfologia dos possessivos: paradigma

O quadro seguinte resume as formas assumidas pelos possessivos no *corpus* ([24]):

possuidor		um		mais de um	
referência	num. gen.	singular	plural	singular	plural
E (84)	masc. fem.	meu (28) mha (12)	meus (8) mhas (3)	nosso (21) nossa (5)	nossos (5) nossas (2)
R (34)	masc fem.	teu (21) ta (8)	teus (1) ——	vosso (1) ——	vossos (3) ——
nem E nem R (773)	masc. fem.		singular	plural	
			seu (371) sa (224) sua (4)	seus (137) sas (37) ——	

---

[23] Cf. A. Natal Rodrigues (1974: 133-135).

[24] Os dados se referem aos dois primeiros livros.

Nesse quadro ressalta de imediato a assimetria decorrente de as formas do delocutivo apresentarem, no singular, os alomorfes *sa* (224) e *sua* (4) *(<sua)* (25) enquanto as de primeira e segunda pessoas apresentam, respectivamente, uma forma *mha* (12) *(<mea)* e *ta* (8) *(<tua)*, quando estão documentados no português arcaico além de *mha* (=miá), *ma* e *minha* para a primeira pessoa, e também *tua* para a segunda pessoa.

As gramáticas históricas (26) fazem uma distinção entre as chamadas formas tónicas dos possessivos femininos (*mia* depois *minha, tua* e *sua* e respectivos plurais) e as átonas (*mha (=miá)* ou *ma, ta* e *sa* e respectivos (plurais). Essa distinção se baseia na distribuição do possessivo no sintagma: são átonas quando precedem o nome e tonicas ou quando sucedem o nome ou quando ao possessivo não se segue o nome (cf. 2.3.2). No entanto, como observa Nunes (1960: 224) «essa distinção entre formas tónicas e átonas não era rigorosamente observada na antiga língua».

No *corpus* sob análise, a forma *sa* (224), *sas* (37), sempre precedem o nome e a forma *sua* (4), muito pouco frequente em relação às outras, segue o nome:

1.4.20 Non tirara a calça *sua*

2.2.8 Sen ajuda *sua*

ou não vem seguida pelo nome substantivo:

2.3.36 A terra muito alongada da *sua*

2.3.35 Nen avia de compartir sen entendimento
pelas fazendas dos outros senon pela *sua*

---

(25) As formas masculinas *teu,-s, seu,-s* se estabeleceram a partir de *meu* (< *meu* —), já no latim vulgar enquanto as formas latinas *tuus, suus* no acusativo originaram *tou* e *sou* documentados no século XIII, segundo Nunes (1960: 242).

(26) Cf. J. J. Nunes (1960: 243-244).

As formas *mha* (12), *mhas* (3) e *ta* (8) ocorrem sempre na chamada posição átona, confirmando assim a teoria.

Segundo Nunes (1960: 224) as formas *mha, ma, ta, sa* ainda persistiram até o século XV. O *corpus* em análise apresenta assim uma situação tipicamente anterior à do século XV quanto à morfologia dos possessivos, uma vez que não ocorre nunca *minha,* nem *tua* e só há quatro vezes *sua* em face das 261 ocorrências de *sa* e *sas.* Ismael de Lima Coutinho (1967: 303) afirma que já no século XIV ocorre *minha.* É interessante observar que na versão C dos *Diálogos,* datada de 1416, *minha* está já documentada 13 vezes, *tua,* três vezes em lugar de *ta* e há 146 ocorrências de *sua* por *sa.* No *Leal Conselheiro* (27), escrito por volta de 1433, *sa* tem mais ou menos a mesma frequência de *sua* e *ta* ocorre em transcrição de documento mais antigo. Na *Imitação de Cristo,* de 1468, não ocorrem mais as chamadas formas átonas (28). Esses dados informam sobre o recesso até o desuso dessas formas.

Os possessivos de primeira e segunda pessoa têm um referente implícito, inequívoco — *quem fala* e *com que se fala* —, não necessitam de um contexto para explicitá-lo. Os da chamada terceira pessoa, no entanto, não se explicitam senão com um contexto precedente e, como podem referir-se a um possuidor ou a mais de um possuidor, podem dar margem a ambiguidade. Em alguns casos, embora raros, se documentam recursos fornecidos pelo sistema para desfazer possíveis ambiguidades do discurso.

Documentamos algumas ocorrências da utilização da preposição *de* seguida do pronome pessoal de 3.ª pessoa flexionada de acordo com o género e o número do nome que designa o possuidor:

---

(27) Cf. H. S. RUSSO (1942: 7-8).

(28) Cf. I. V. Cepeda (1962: 78).

2.14.4 En tempo dos *godos*, acaeceu que hũũ *seu* rei *deles* que avia nome Totila ...

1.5.56 ... foi depois abade de muitos monges mais morou con muitas *monjas* e foi *seu* abade *delas*.

2.19.4 E avẽo hũũ dia que hũũ monge que hi veo pera lhis preegar, assi como era custume, depois que preegou tomou hũas toalhas que lhi *elas* deron a *seu* rogo *delas* en seu sẽo.

2.23.15 E hũa *sa* ama *delas* que *as* criara vira-as cada dia sair dos seus moimentos.

Documentamos também a preposição *de* seguida do sintagma nominal cujo núcleo se refere ao possuidor:

1.16.29 E aquel que del saiu en que he per quen Deus ordĩara, ante que o mundo fosse feito, e prometera depois a Abrãão que acrescentaria e beezeria o lĩagen dos homens, este foi Isaac, *seu* filho *d'Abrão*.

2.31.20 ... aqueles que serven a Nosso Senhor estremadamente come *seus de sa casa* fazen aas vezes miragres.

Nas 74 ocorrências de *del, dele, dela, deles, delas* nenhuma funciona como possessivo (por exemplo: o livro dela = seu livro), o que não é necessário uma vez que o possessivo referente a um possuidor e de 2.ª pessoa é sempre *teu, tua,-s,* não havendo ainda ambiguidade em *seu, sua,—s* quanto à pessoa a quem se refere (2.ª ou 3.ª) como hoje em certos dialectos do português (²⁹).

(²⁹) Cf. sobre isso J. Mattoso Câmara Jr. (1970: 111).

Teu, tua,-s, vosso,-a,-s estão sempre relacionados aos pronomes pessoais *tu* e *vós:*

2.22.19 — Ide-*vos* ora pera *vosso* lugar

2.3.17 — E non *vos* dix'eu da primeira que os meus custumes non convinhan con os *vossos.*

2.3.18 — E poren dês aqui en deante tomade tal abade que convenha con *vossos* custumes.

2.38.22 — Se eu non tirar este meu corpo diante os *vossos* olhos nunca *vos* mostrarei...

1.8.5 — E porende seja *teu* prazer, senhor, que o tragan ante *ti* e que lhi faças entender cam gram poderio he o da eigreja, ca sen *ti* nengũũ non pode fazer as cousas que el faz.

1.28.23 — E non ouves o rogo que *ti* fez teu padre padre espirital?

2.14.8 — Leixa, filho, leixa o que trages, ca non é *teu.*

No ms. A, base do *corpus* que analisamos, ocorre a abreviatura *ntr* e algumas vezes o possessivo *nostro* na lexia *Nosso Senhor*. Como há, no entanto, 5 casos da forma *nosso,* na mesma lexia, optamos por desenvolver a abreviatura sob a forma *nosso.* Excluímos por isso *nostro* do rol dos possessivos desta análise.

2.3.2 O possessivo no sintagma nominal

Os possessivos podem ocorrer tanto seguidos ou precedidos do nome, núcleo do sintagma nominal, como sendo eles próprios núcleo do sintagma nominal em função substantiva portanto, pela elipse do nome substantivo.

É desproporcional no entanto, no *corpus*, o uso dessas possibilidades sintácticas. Há 1 % apenas de ocorrências do possessivo como núcleo do sintagma nominal. No quadro seguinte estão as ocorrências dos possessivos nessas distribuições. Note-se que as formas *mha*, *ta*, *sa* só podem ocorrer antes do nome substantivo:

distribuição / pessoas	posses. + nome	nome + posses.	posses. + ∅
1.ª meu, mha,-s	51	—	—
nosso, nossa ,-s	32	—	1
2.ª teu,ta,-s	28	1	1
vosso, vossa, -s	3	—	1
3.ª seu, sa,-s	762	—	7
sua		2	2
Total	876	3	12
%	99 %		1 %

São os seguintes os contextos em que ocorrem os possessivos em função substantiva:

2.32.13 Tan altas obras non son *nossas*.

2.14.9 Leixa o que trages ca non he *teu*.

2.3.17 Os meus custumes non conviinham con os *vossos*.

1.22.16 ... desse aos pobres do *seu* quanto el quisesse.

1.2.47 Cada hũũ recebeu o *seu*.

1.8.45 E en quanta honra ten dentro e ascondudamente con aqueles que dos *seus* son apartados e non son conheçudos do mundo.

2.3.7 Taaes custumes avian eles que non poderian conviir con os *seus*.

2.3.23 Avian custumes mui contrairos aos *seus*.

2.10.4 Fazia o enmiigo parecer ant'os olhos dos frades mais nos *seus* non parecia nemigalha.

2.31.20 Aqueles que serven a Nosso Senhor estremadamente come *seus* de sa casa fazen aas vezes miragres.

2.3.26 A terra muito alongada da *sua*.

2.3.35 ... pelas fazendas dos outros senon pela *sua*.

Como consequência do parco uso dos possessivos em função substantiva, marca o leitor contemporâneo a alta frequência do emprego dos possessivos seguidos de nomes substantivos, quando muitas vezes o artigo poderia substituí-lo sem perda de informação e com maior economia, não havendo risco de ambiguidade. A repetição, no entanto, é preferida à economia da frase. Enquanto o possessivo especifica com maior carga de informação o nome que determina, o artigo simplesmente remete o nome substantivo a outro já referido e do conhecimento dos elementos envolvidos na comunicação. Esse facto tem paralelo na preferência marcada no emprego dos demonstrativos também seguidos de nome substantivo (cf. 2.2.2). Nos exemplos seguintes, escolhidos ao acaso e que se multiplicam no texto, se pode observar o uso redundante do possessivo:

2.31.16 E o enmiigo da fe deceu de *seu* cavalo e britou en si toda *sa* sobérvia e toda *sa* felonia.

2.32.2 e 3 … hũũ homen vẽo-se a demandar ao *seu* moesteiro con gram coita dũũ filho que tragia en *seus* braços … e pois lhi disseron que San Beento era con *seus* frades no agro, deitou o corpo do filho morto ant'a porta do moesteiro e foi demandar muit'agĩha con gram door de *seu* coraçon o santo homen.

1.8.19 E maravilhando-se Juiãão, mandadeiro do papa, porque o *seu* homen tanto tardara, alçou os *seus* olhos e vio-o viir pola carreira con hũa cárrega de feo sobre *seu* colo.

1.8.25 E a cabo de pouco veo o homen de Deus calçado de *sas* calças que tragian solas de coiro con *seus* cravos ben ferrados e tragia a fouce en que segara o feo a *seu* colo e, ante que chegasse a don Juiãão, mandadeiro do papa, o *seu* homen lhi disse e lhi mostrou quen era o abade.

Quando junto ao nome há uma preferência marcada pelo possessivo antecedendo o nome, uma vez que só há 3 ocorrências do possessivo posposto. Além das duas ocorrências de *sua* nessa posição, cf. exemplos 1.4.20 e 2.2.8 em 2.3.1, há uma ocorrência de *teus* nessa posição:

2.16.33 Todolos juizos *teus* eu dixi.

O possessivo pode ocorrer precedido do artigo. Nesse caso também há uma preferência em termos quantitativos: há 69 % de casos em que o possessivo nao está precedido do artigo em face de 31 % de casos em que o possessivo está precedido pelo artigo.

O artigo pode preceder o possessivo quer esse esteja seguido de nome substantivo, quer esteja como núcleo do sintagma nominal. Ao que parece, pelo exame dos dados, (cf. exemplos anteriormente apresentados de ocorrências do possessivo em função substantiva,) o possessivo precedido de artigo é aí mais frequente. Quando o possessivo está seguido de nome substantivo, não observamos nenhuma razão para a escolha ou não do artigo, a não ser a de melhor definir o objecto designado pelo nome. Veja-se como exemplo as passagens 2.32.2-3, 1.8.19 e 1.8.25.

Para alguns autores, a preferência pelo emprego do possessivo precedido de artigo é mais recente (30). A maior frequência no *corpus* do possessivo sem o artigo pode ser um dado a favor desse ponto de vista.

Os possessivos podem vir precedidos também de outros actualizadores do nome no sintagma nominal:

a. Documentamos onze vezes o possessivo precedido de demonstrativo: este meu corpo 2.38.22, esta mha alma 1.31.40, estas mhas lagrimas 1.1.21, desta nossa eigreja 1.24.3, daquesta nossa eigreja 1.24.3, daquesta nossa eigreja 1.24.3, dessa nossa terra 3.2.2, este teu clerigo 1.28.35, daquele seu sobrĩho 1.19.14, este seu sergente 2.23.8, aquel seu amigo 2.17.8, esta sa madre 1.22.8.

---

(30) Cf. Harri Meier (1948b: 175-190).

b. Documentamos 24 sintagmas nominais em que o possessivo está precedido de um quantificador indefinido: 1.1.2 hũũ nosso menĩho, 2.23.15 hũa sa ama delas, 1.1.2 hũũ seu clerigo d'avangelho, 1.4.2 dũũ seu abade, 1.13.6 hũũ seu amigo, 1.13.8 hũũ seu abade, 1.17.8 hũũ seu sobrĩho, 1.19.2 hũũ seu cavalo, 1.19.2 hũũ seu sobrĩho, 1.21.3 hũũ seu orto, 2.3.70 hũũ seu filho, 2.37.2 hũũ seu filho, 2.8.23 en hũũ seu sobrado, 2.14.4 hũũ seu rei deles, 2.22.4 hũũ seu grande logar, 2.23.6 hũũ seu logar, 2.25.2 hũũ seu monge, 2.27.3 hũũ seu discipolo, 2.27.8 hũũ seu aversairo, 1.2.35 algũũ seu discipolo, 1.5.44 sen nen hũũ seu dano, 2.37.2 algũũs seus discipolos, 1.9.11 outros seus companheiros, 2.1.52 outros seus bẽẽs.

Nos três últimos exemplos, podemos observar que hoje, em casos desse tipo, em que o quantificador indefinido no plural indica parte de uma totalidade se prefere pospor ao nome o possessivo — *alguns discipulos seus, outros companheiros seus, outros bens seus* — ou então se segue ao quantificador a preposição *de*, para reforçar a noção de parte da totalidade do objecto possuído expressa pelo quantificador indefinido.

c. Os possessivos também podem ser precedidos de um quantificador definido, ou seja, um numeral:

2.1.23 Aprendi-as de *quatro seus discipulos*

2.37.8 En aquel dia *dous seus* frades ...

2.29.1 Avia hũũ homen de santa vida e morava con *duas sas irmããs*.

Esse tipo de construção pode dar margem a duas interpretações: ou o numeral se refere à totalidade do que é designado pelo nome ou a parte dessa totalidade Nestes casos, para nós, só o contexto desfaz essa ambiguidade: no primeiro exemplo, *quatro seus discipulos* se refere, como se pode verificar, a uma parte da totalidade dos *discípulos* e corresponde portanto ao actual *quatro de seus discípulos;* no segundo caso também, *dous seus frades* corresponde a *dous de seus frades;* no terceiro, o contexto não esclarece se se trata de um caso ou de outro: pode corresponder a *duas de suas irmãs* (= o homem tinha outras irmãs) ou *suas duas irmãs* (= o homem não tinha outras irmãs além das duas). Há um indício a favor de que essa estrutura — numeral + possessivo + nome — se refira a uma parte da totalidade do que e designado pelo nome. No texto, um pouco mais adiante ocorre — «as sas duas irmããs que eran mui coitadas pela sa morte» 2.29.7. Aí as duas irmãs do homem são aquelas antes referidas em 2.29.1. O facto de ser possível uma estrutura do tipo — possessivo + numeral + nome — em que o numeral se refere à totalidade real ou à totalidade necessária para esclarecer a informação que se quer transmitir leva a admitir a possibilidade de que a estrutura — numeral + possessivo + nome — seja utilizada para expressar uma parte da totalidade do que é designado pelo nome.

2.3.3 **Sumário**

Dos dados analisados depreende-se:

a. Há diferença no inventário dos possessivos do português arcaico para o actual sendo então mais numerosos os itens possessivos, uma vez que era possível uma forma distinta a depender da posição forte ou fraca do possessivo no sintagma. Enquanto as formas do masculino coincidem com as do português actual, as formas do feminino frequentes no *corpus* são as que vieram a desaparecer *(mha, ta, sa)*.

b. Há uma preferência bem marcada pelo uso do possessivo seguido do nome substantivo em detrimento do possessivo posposto ao nome ou na chamada função substantiva, quando não vem expresso o nome que o possessivo determina.

c. Há também preferência pelo uso do possessivo sem artigo, embora em função substantiva mais usual seja o possessivo precedido de artigo.

d. Considerada a distribuição do possessivo em relação a outros actualizadores do nome, quer determinantes, quer quantificadores, nota-se que, como hoje, o artigo e o demonstrativo se excluem diante do possessivo, como também diante do nome.

e. Quanto aos quantificadores em relação aos possessivos, pudemos observar que parece preferir-se então, para referir-se a uma parte da totalidade da coisa possuída e designada pelo nome, o quantificador (quer definido, quer indefinido) antecedendo o possessivo e ambos antes do nome quando hoje se prefere pospor o possessivo ao nome ou usar a preposição *de* antes do possessivo, anteposto ao nome.

3. Quantificadores

Os quantificadores são actualizadores do nome que não estabelecem relação entre o que é designado pelo nome e as pessoas envolvidas no processo da comunicação, como os demonstrativos e possessivos, mas que acrescentam ao que é designado alguma informação sobre a quantidade.

Organizaremos esses elementos assim conceituados como quantificadores indefinidos e definidos, com base no facto de a quantidade poder ser expressa de modo aproximado ou com precisão, em um contínuo que pode ser representado em um eixo do tipo seguinte:

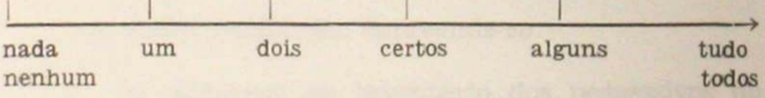

Os quantificadores do nome substantivo podem indicar ou a multiplicidade ou a intensidade do que é designado pelo nome a depender do facto de o nome apresentar na sua matriz semântica o traço [− contínuo] ou [+ contínuo], respectivamente, devendo-se isso à noção de continuidade não ser passível de enumeração.

Extrapolando a análise dos quantificadores do nome como núcleo do sintagma nominal, analisaremos dados que exemplificam a aplicação dos quantificadores intensificadores a adjectivos e verbos, que são categorias de vocábulos que apresentam na sua matriz lexical o traço continuidade. Essa atitude se justifica por uma razão de economia interna do trabalho, evitando assim uma volta ao tópico «quantificação».

Procuraremos também informar sobre a «ligação quantitativa» em que se estabelece uma relação de grau entre dois elementos em confronto. Não analisaremos, no entanto, os mecanismos de quantificação expressos por morfemas gramaticais dependentes, quer sejam derivacionais ou flexionais. A quantificação realizada por um morfema dependente flexional, expressa o número, ou seja a oposição singular/plural que pode ser considerado o quantificador genérico ou não específico (¹).

3.1 *Quantificadores específicos do nome substantivo*

3.1.1 **Quantificadores indefinidos**

Os quantificadores indefinidos podem referir-se ou à totalidade dos elementos de um conjunto designado pelo nome quantificado ou a uma parte dos elementos desse conjunto ou ainda podem referir-se a um outro conjunto complementar.

Examinaremos esses quantificadores quando determinam um nome que está explícito no sintagma nominal ou quando estão em função substantiva, como núcleo do sintagma nominal.

(¹) A nossa descrição dos quantificadores no *corpus* se inspira em propostas para análise dos mecanismos de quantificação de B. Pottier, mas não segue à risca nenhuma delas Cf. 1968b: 217-231, 1968a: 89-91, 1969: 57-62 e 83-86, 1974: 212-214.

3.1.1.1 Quantificadores indefinidos que se referem à totalidade dos elementos do conjunto

Considerando-se um conjunto (E) constituído dos elementos *a, b* e *c* essa totalidade pode ser formulada de quatro maneiras distintas:

1. a e b e $c \in E$
2. nem a nem b nem $c \in E$
3. a depois b depois $c \in E$
4. ou a ou b ou $c \in E$ (2)

Essas formulações se realizam no *corpus* da maneira seguinte:

A formulação «a e b e $c \in E$» se realiza pelo quantificador *todo, toda, todos, todas* (485) imediatamente seguido pelo nome:

2.31.21	toda felonia
3.2.39	toda terra
3.16.25	todo tempo
3.16.50	todo dia
3.28.9	todo merecimento

ou seguido o quantificador do artigo:

1.5.6	toda a face
1.27.4	toda a rávia
1.13.10	todo o logar
1.24.14	todo o poboo

Sobre *todos, todas,* cf. Parte I, 2.1.2.1.e.

Comutando com o artigo pode ocorrer o demonstrativo ou o possessivo:

2.13.3	todo aquel dia
2.37.15	todo seu ofício

---

(2) Cf. B. Pottier (1969: 59).

Excepcionalmente ocorre esse quantificador depois do nome substantivo:

3.16.44 Alimpiaron o logar *todo.*

Como substituto do sintagma nominal *todas as cousas,* sob a forma *todalas cousas* (23), ocorre trinta vezes a forma *todo,* nenhuma vez ocorrendo a forma metafonizada *tudo* (3):

2.30.9 Contou-lhis *todo*
2.29.9 *Todo* se compria
1.8.58 *Todo* he verdade quanto disse

A formulação «nem *a* nem *b* nem *c* ∈ E» é expressa pelo quantificador *nen hũũ, nen hũa, nen hũũs, nen hũas* (8) seguido de nome substantivo:

1.24.25 Come se nunca *nen hũũ* enmiigo entrasse...
3.8.4. Con *nen hũa molher*

ou, menos frequentemente, sucedendo ao nome substativo:

1.8.4 Sen outoridade e sen lecença *nen hũa*
2.17.4 Nen fazia chanto *nen hũũ*
3.27.11 Lançadas *nen hũas*

Ocorre *nen hũũ,* quatro vezes, comutando com *nengũũ,* 36 vezes, como substituto do sintagma nominal *nenhuma pessoa,* que não é documentado no texto:

2.16.23 Non conhosce *nen hũũ* as cousas
2.1.44 *Nem hũũ* non podia viir

---

(3) Cf. Nunes (1960: 262) em que afirma que até começo do século XVI só era utilizada a forma *todo.*

2.37.9 ... que o non poderia *nen hũũ* dizer
e
1.2.27 Non ouve mester de seer discipolo de *nengũũ*
1.5.78 *Nengũũ* de todos aqueles
1.8.5 *Nengũũ* non pode fazer as cousas que el faz
1.16.21 Non pode *nengũũ* ganhar

Não ocorre no *corpus* a forma *ninguém* (4).

Como substituto do sintagma nominal *nenhuma cousa* (11 ocorrências) há *nemigalha* (27), *rem, ren* (13) e *nada* (2) (5):

1.31.31 Non duvido *nemigalha*
1.1.5 Ja non ei *nemigalha*
4.40.36 Non val *nemigalha*
1.10.5 Non dava *rem* por nem hũa cousa temporal
5.6.17 Non se asconde *ren* que do mundo seja
2.2.8 Non podemos *ren* de ben fazer
2.21.9 Non duvidaron *nada*
3.2.7 Non duvidasse *nada*

A formulação «*a* depois *b* depois *c* ∈ E» é expressa pelo quantificador *cada* (60 vezes) seguido imediatamente do nome substantivo, e nessa posição só ocorrem *dia* (31 vezes), *ano* (2 vezes), *vez* (uma ocorrência), *parte* (7) ou seguindo-se a *cada* e precedendo o nome *hũũ, hũa* (20 vezes):

1.8.55 O coraçon de *cada hũũ* prelado
1.8.57 *Cada hũa* cousa de per si
2.3.49 *Cada hũũ* homen

---

(4) Sobre esses indefinidos cf. Nunes (1960: 264) e Williams (1961: § 147 A. B e C.)

(5) Sobre essas formas cf. J. J. Nunes (1960: 266-267).

Sem ser seguido de nome substantivo ocorre *cada* antecedendo *que* (9 vezes) por *cada vez que:*

1.7.21 E *cada que* avia d'ir a algũũ logar, tomava a mais displizel besta
1.29.3 Eu queria de boa mente sempre ouvir *cada que* ouvesse vagar
2.1.43 E *cada* que pudia vĩir a San Beento tragia--lhi da sa raçon do pan
3.29.8 Morrerian pola fe *cada que* fosse mester.

A formulação «ou *a* ou *b* ou *c* ∈ E» se expressa por *qualquer* (12), *quaesquer* (3) antes ou depois do nome e também sem esse estar explícito:

4.4.34 Assi como os spiritos das outras animalhas *quaesquer*
4.12.17 Outra cousa *qualquer* que fosse
4.21.10 Scrito he que o justo e o bõõ *qualquer* morte que moira quer a ferro quer a fogo quer a agua ou outra *qualquer*.

É interessante notar que há uma ocorrência em que os elementos que compõem *qualquer* estão intercalados pelo nome:

3.31.27 … ouvir os feitos maravilhosos de Deus en *qual* terra *quer* que acaescan (8).

3.1.1.2 Quantificadores indefinidos que se referem a parte dos elementos do conjunto

Algũũ,-a,-s (122) seguido de nome substantivo

1.7.21 *algũũ* logar
2.36.4 *algũũs* livros

---

(8) A propósito dessa possibilidade sintáctica, cf. L. F. L Cintra (1959: 425).

3.33.32 *algũa* vianda
4.4.77 *algũas* façanhas

e, excepcionalmente, depois do nome substantivo

3.33.12 Non achan vianda *algũa* que cómia

Como substituto do sintagma nominal *alguma pessoa,* que não está documentado no texto, ocorre *alguen,* 16 vezes, para uma ocorrência de *algũũ:*

1.7.20 Se o *alguen* non conhocesse
1.18.16 Quando *alguen* o homen santo move
4.33.2 Dar tormentos a *alguen*
3.37.138 Se *algũũ* hi ha que podesse profeitar

Como substituto do sintagma *alguma coisa* (12 ocorrências) e *algũa ren* (2), ocorre uma vez *algo:*

3.37.12 E andando dũa parte e da outra catando se achava *algũa ren* que lhis desse
4.16.12 E pois o padre vio que o menĩho tremia com medo que avia, preguntoo-u se vira *algũa ren*
3.6.9 E peitou *algo* aaquel que escançava o vĩho

Note-se que *algo* ocorre ainda uma vez na lexia *filhos d'algo,* em 3.15.22.

Hũũ, hũũs, hũa, hũas podem referir-se a uma parte imprecisa de uma totalidade seguido do nome substantivo:

1.2.36 Ia a *hũũ* logar

ou em função substantiva

3.15.43 Veeron *hũũs* que semelhavan romeus além de indicar a quantidade definida, a unidade:

1.17.23 He *hũa* das tres pessoas

Referindo-se também à parte de um conjunto há o quantificador *tal* ou *atal*, *taes* ou *taaes* (55), que, à semelhança dos demonstrativos anafóricos, remetem a algo já mencionado antes:

1.4.7 E ele, porque non avia en costume de fazer *tal* miragre, espantou-se muito daquela petiçon que lhi fezera
3.5.12 E tu que quisesti sen teu merecimento semelhar-te a Deus, veesti a *atal* estado que semelhas as bestas mudas que arremedas
1.7.11 — Queria de boa mente, padre, saber que obras fazia aqueste abade Equicio que *taes* dões recebeo de Nosso Senhor
1.31.22 — Muito me maravilho, padre, de todas estas cousas que mi contas, mais que podemos dizer que no tempo d'ora *taaes* homens non podemos achar no mundo.

3.1.1.3 Quantificadores indefinidos que indicam a complementação de conjunto

Outro,-a,-s (352) seguido de nome substantivo:

1.24.12 Foi en *outro* dia aa consagraçon
1.26.3 En *outro* tempo acaeceu que o homen perdeu o lume dos seus olhos

Pode ocorrer como núcleo do sintagma nominal, correlacionado a *hũũ, hũa,-s* em lexias descontínuas de carácter distributivo:

1.7.23 *Hũũ* do lado deestro *outro* do lado seestro

Nesses casos tanto *hũũ* como *outro* ou ambos podem vir determinados pelo artigo:

1.13.4 *Hũũ* foi bispo e *o outro* foi monge
1.14.6 *Hũũ* ouve nome Gregorio e *o outro* ouve nome ...
1.5.29 *Hũas* achava meos e *outras* trilhadas e *as outras* arrigadas
1.1.35 ... duas ajudas: *a hũa* he ca se bõõ non he, correge e enmenda seu estado, *a outra* he ca se bõõ he ...
1.1.16 As ondas me deitan *da hũa* parte e *da outra*.

Como substituto do sintagma nominal *outra pessoa*, que não se documenta no *corpus*, ocorre *outren* (3), variando con *outrin* (2) (7):

1.1.35 Se bõõ he, homilda-se mais porque ouve mais bẽẽs *d'outren* ca de si
1.18.16 E quando alguen o homen santo move, pera sanha que ven, *outren* se non move pera asanhar senon aquel ...
3.29.11 Eran martires polo gram marteiro que aos seus corpos davan como quer que fossen marteirados per *outren*
2.3.35 Porque non avia de guardar *outrin* senon si medês
2.16.35 Meor cousa he entender ca ensinar e dizer a *outrin*.

Como substituto do sintagma *outra cousa* (10 vezes), ocorre 6 vezes *al* (< *aliud*) (8):

1.16.19 ... que podemos nós *al* entender
2. 3. 8 Non pode *al* fazer

---

(7) Sobre essas formas cf. a documentação apresentada por Cintra (1959: 426).

(8) Sobre a história dessa forma cf. J. J. Nunes (1960: 261) e Williams (1961: § 147).

4.36.41 — Treguas, se *al* non, ata a manhãã! Treguas se *al* non, ata a manhã!
4.40.38 Non queren *al* senon aquelo.

3.1.1.4 Quadro resumo dos quantificadores indefinidos:

referência	totalidade do conjunto		parte do conjunto		complementação do conjunto	
distribuição	Q+nome nome+Q	núcleo do SN	Q+nome nome+Q	núcleo do SN	Q+nome nome+Q	núcleo do SN
Quantificadores indefinidos	todo,-a,-s (485)	todo(30) (=todalas cousas (23))	tal, atal, taes, taaes (55)	—	outro, -a,-s (352)	outren(3), outrin(2) (=«outra pessoa») (⁹) al(6) (=outra cousa (10))
	nenhũũ,-a, -s (80)	nenhũũ(4) nengũũ(36) (=«nenhuma pessoa») nemigalha (27) rem(13) nada(2) (=nenhũa cousa (11))	algũũ,-a, -s(122)	alguen(16) algũũ(1) (=«alguma pessoa») algo(1) (=algũa cousa (12) ou algũa rem (2))	—	—
	cada (60)	cada (+que) (9)	hũũ,-a,-s	hũũ (¹⁰)	—	—
	qualquer (12) quaesquer (3)	—	—	—	—	—

(⁹) As sequências entre aspas não ocorrem no texto, como no decorrer da análise anotamos.

(¹⁰) O número de ocorrências de *hũũ* não está marcado, porque ao fazermos a listagem dos dados a serem tabulados

3.1.1.5 Lexias com valor de quantificador indefinido

As lexias *hũũs poucos de, hua pouca de, hũũs pouquetĩohos de, pouquetĩho de, hũũ pequeno de, hũa pequena de, hũũ pequenĩho de, hũũ bocado de* ocorrem antecedendo um nome substantivo, referindo-se a uma parte do designado pelo nome.

1.2.35 *hũũs poucos de* miragres
1.16.19 *hũũs poucos de* dias
1.17.7 e 11 *hũũs poucos d'*azeos d'uvas
3.37.11 *hũa pouca d'*azeite
1.17.13 aquele *pouquetĩho d*aquel vĩho
1.15.8 aquele *pouquetĩho d'*azeite
1.16.13 *hũũ pequeno de* tempo
4.21.11 *hũũ pequenĩho* de tempo
1.31.20 *hũa pequena de* tresteza
1.2.40 Como se non ouvesse *bocado d'*agua

Ocorre também no *corpus* como quantificador de substantivo, mas antes referindo-se à intensidade do que é designado pelo nome e não à multiplicidade, a lexia *tamanho, tamanha* (11).

3.18.31 *tamanho* amor lhis avia
3.18.31 *tamanho* mal lhis queria
2.38.2 quando a fraqueza era *tamanha*

Note-se que nesses casos o substantivo traz sempre traço [+ contínuo].

---

apresentamos apenas as ocorrências iniciais do chamado artigo indefinido assim como do artigo definido nas suas formas básicas *o, a, os, as.*

(11) Cf. Nunes (1961: 123) a propósito do étimo dessa forma, que, no português arcaico, varia com *camanho.* Do latim *tam* ou *quam magnus.*

3.1.2 Quantificadores definidos

Em oposição aos quantificadores de que tratamos anteriormente (3.1.1) que expressam a quantidade de modo indeterminado, os de que trataremos se referem a um número determinado, daí denominados numerais. Podem estar seguidos do nome substantivo ou como núcleo do sintagma nominal, pela elipse do nome.

Os quantificadores que se referem ao número exacto de elementos designados pelo nome documentados no texto são:

> hũũ, hũa; dous, duas; tres; quatro; cinque; seis ou seix; sete; oito; nove; dez; doze; quatorze; quinze; viinte e cinque; triinta; quareenta; cincoenta; sasseenta e seis; duzentos; quatrocentos; seis mil e VI centos e sassenta; seis mil e VI centos e sassenta e VI.

Hũũ, hũa, além de funcionar como quantificador indefinido (cf. 3.1.1.2) indica explicitamente como cardinal a unidade:

> 1.17.23 He *hũa* das tres pessoas

Note-se, a propósito da grafia desses elementos, que sempre se apresentam sem aplicação da regra de fusão de vogais idênticas: *viinte, triinta, quareenta, sasseenta.*

Os quantificadores definidos, que se referem à ordem de ocorrência do que é designado pelo nome, documentados no *corpus,* e que se relacionam aos cardinais são: primeiro, primeira; segundo, segunda; tercer ou terceiro, terceira; quarto, quarta; sexta; seitimo ou septima; quadragesimo.

Note-se que *terceiro* (3 vezes) e *tercer* (14) parecem variar livremente, sendo, no entanto, o segundo mais frequente (12).

---

(12) Sobre a evolução dos numerais latinos ao português cf. Nunes (1960: 209-216) e Williams (1961: § 129-136).

1.17.16, 2.8.37, 2.34.2 *tercer dia*
4.24.55 *terceiro dia*

O quantificador definido que se refere à correspondência elemento a elemento de dois conjuntos, ou seja, o numeral distributivo pode ser expresso no *corpus* pelas lexias:

senhos, senhas (6) (13): «um para cada»
duas duas (1): «dois para cada»
doze doze (1): «doze para cada»

1.15.10 E eles sarraron as taalhas vazias en que non jazian se non *senhas* gotas d'azeite ou *duas duas* ou pouquetĩho mais.
1.28.30 E fez muitos poer en *senhos* cavalos
4.19.4 Enforcaron dous monges en *senhos* ramos dũa árvor
4.23.23 Diz a Escritura das almas dos santos: dade-lhis *senhas* stolas
4.23.24 E, porende, Pedro, aqueles que ora receberon *senhas* stolas e despola resureiçon receberán *duas duas* non quer al dizer senon que os justos que ja son en paraiso receben ja *senhas* stolas, ca receberon solamente gloria nas almas e despola ressurreiçon receberán *duas duas* ca receberán gloria nas almas e nos corpos

Na passagem seguinte nota-se a escolha redundante das duas formas de expressar o distributivo: o uso de *cada hũũ* (como hoje) e a repetição do cardinal:

2.3.67-68 E en pouco tempo foron con el tantos frades juntados que fez naquel ermo en

---

(13) Sobre essa forma, do lat. *singulos, singulas* cf. Said Ali (1964: 88).

> que morava doze moesteiros con ajuda de Deus. E en cada hũũ moesteiro pos seu abade que os regesse; *e a cada hũũ dos abades dos doze moesteiros deu doze doze monges* e leixou poucos monges consigo porque lhi semelhou que avia mester de os ensinar el.

Uma visão global da dualidade, em oposição à visão analítica do cardinal *dous* e *duas* (65 ocorrências) se expressa por *ambos, ambas,* que ocorre três vezes seguido do nome substantivo e precedido do artigo (cf. *Parte I,* 2.1.2.1d) e doze vezes como núcleo do sintagma nominal pela elipse do nome substantivo:

2.7.9 Estando *ambos* en tan boa entençon
2.22.10 Quando se *ambos* espertaron

3.2 *Quantificadores não-específicos do nome substantivo*

Os quantificadores não-específicos do nome substantivo quando actualizam um nome substantivo podem referir-se à multiplicidade do que é designado pelo nome ou à intensidade, a depender de que sejam seleccionados na matriz semântica desse nome respectivamente os traços [– contínuo], portanto contável ou [+ contínuo] portanto não-contável. Quando actualizam adjectivos ou verbos expressam sempre esses quantificadores a intensidade, uma vez que tanto verbos como adjectivos são sempre marcados pelo traço [+ contínuo] (POTTIER 1969: 61). Estamos aqui entendendo o adjectivo não só como o qualificador do nome, mas tambem como o qualificador do processo verbal. Incluímos assim entre os adjectivos os tradicionalmente chamados advérbios de modo (POTTIER 1968b: 217-231).

Em face de o quantificador poder incidir directamente no nome substantivo e no verbo ou indirectamente através dos adjectivos, se podem distinguir os quantificadores de tipo I e quantificadores de tipo II, segundo o esquema proposto por B. Pottier (1968b: 217-231):

$$\begin{tikzcd}
\text{SUBSTANTIVO} & \text{QI} \arrow[l] \arrow[r] & \text{VERBO} \\
\text{ADJECTIVO} \arrow[u] & \text{QII} \arrow[l] \arrow[r] & \text{ADJECTIVO} \arrow[u]
\end{tikzcd}$$

Classificaremos esses quantificadores a partir da sua distribuição, isto é, de acordo com o tipo de vocábulo que quantificam.

3.2.1 Quadro resumo

<table>
<tr><th>Vocábulo quantificado</th><th>SUBSTANTIVO</th><th>VERBO</th><th>ADJECTIVO < de substantivo
de verbo</th></tr>
<tr><td rowspan="10">Quantificadores I e II</td><td colspan="3">mui (135) ~ muit' (10) ~ muito (360)</td></tr>
<tr><td colspan="2">tanto (63)</td><td></td></tr>
<tr><td colspan="2">quanto (43)</td><td></td></tr>
<tr><td colspan="2">pouco (54)</td><td></td></tr>
<tr><td colspan="2">pouquetĩho (7)</td><td></td></tr>
<tr><td></td><td colspan="2">mais (116)</td></tr>
<tr><td></td><td>assaz (4)</td><td></td></tr>
<tr><td></td><td>meos (3)</td><td></td></tr>
<tr><td></td><td></td><td>tan (127)</td></tr>
<tr><td></td><td></td><td>can (2) ~ quan (3)</td></tr>
</table>

3.2.1.1 Mui ~ muit' ~ muito

Desses quantificadores *mui ~ muit' ~ muito* é o mais generalizado porque pode quantificar tanto substantivos como verbos e adjectivos e decorrente disso é o mais frequente.

Muito,-a,-s (269) pode estar antes ou depois do nome substantivo que quantifica, concordando com ele em género e número. Mais usualmente se coloca antes do nome.

muita gente 2.19.2
muita messe 3.32.26
muitas cousas 1.5.25
muitas vertudes 1.2.11
muito tempo 2.23.8
muitos castelos 1.7.19
discípulos *muitos* 1.2.25

Há duas ocorrências da forma *mui* seguida de nome substantivo:

1.1.16	Ha *mui* tempestade
3.33.37	Roguei com *mui* humildade

Como quantificador de verbo ocorre sempre a forma *muito,* antes ou depois do verbo que quantifica:

1.8.39	Ca *muito* cansarias
1.2.10	Maravilharon-se *muito*
1.2.31	*Muito* me praz do que dizes

Como quantificador do tipo II, seguido portanto de adjectivo, quer de substantivo quer de verbo, *mui* (133) ocorre antes de consoante com uma única excepção (4.5.11 começou a dizer *mui* abertamente), e *muit'* (10), *muito* (91) antes de vogal, sendo, como se pode ver, *muito* a forma mais usual.

4.9.5 Vozes *mui* claras e *muito* abertas
1.13.8 Abade *muito* aspero e *muito* esquivo
4.36.30 *Mui* grande avarento
2.1.29 Homens *muito* honestos e *mui* bõos e *muito* amigos de Deus
2.1.37 Logar *muit'*ascondudo
2.24.12 Cavaron *muito* altamente
2.24.12 Fazes *muit'*abertamente
1.18.4 Rogou o bispo *muit'*aficadamente

A selecção dessas três variantes pode resumir-se do seguinte modo:

quantificador / elemento quantif. e contexto fónico	mui (135)	muit' (10)	muito(360)
subs. com. por V	+ (1)	—	+
subs. com. por C	+ (1)	—	+
verbo com. por V	—	—	+
verbo com. por C	—	—	+
adject. com. por V	+ (1)	+ (10)	+
adject. comp. por C	+ (132)	—	—

Por esses dados se pode inferir que a forma menos marcada é *muito* que só não ocorre antes de adjectivo começado por consoante, preferindo-se nesses casos *mui*. Parece assim que essas formas estão em distribuição complementar e que as outras ocorrências de *mui* (3) e as 10 ocorrências de *muit'* são excepcionais.

3.2.1.2 Quantificadores de tipo I

Ocorrem como quantificador de tipo I, isto é, directamente actualizando o nome substantivo ou o verbo: *tanto* (63), *quanto* (43), *pouco* (54) e *pouquetĩho* (7). *Tanto* e *pouco* quando quantificador do nome substantivo podem, embora raramente, seguir-se ao nome quantificado:

3.29.16 *tanta* crueza
1.2.17 *tantos* monges
3.17.5 Agua *tanta* que abastava
3.16.68 *Quanta* vertude
3.15.35 *Quantos* alferces
2.15.5 Palavras *poucas*
1.18.2 *Poucas* cousas
2.3.60 *Pouco* fruito
2.3.68 *Poucos* monges
1.15.3, 1.15.6 *Pouquetĩhas* olivas

Das ocorrências das formas *tanto, quanto, pouco, pouquetĩho* há respectivamente 10, 5, 30 e 5 em que quantificam o processo verbal:

1.18.9 O homen *tanto* tardava
2.13.5 Non cansaremos *tanto*
1.22.11 Confortô-a *quanto* pode
3.17.5 Abastava o serviço de Deus cada dia *quanto* avia mester
4.43.4 Disse *pouco* pelas cousas
4.40.7 Vão tirando *pouco* e *pouco*
2.2.16 Já entendo, padre, sequer *pouquetĩho*
2.35.9 Non vio senon *pouquetĩho*

Mais (116) pode funcionar como quantificador de tipo I, relacionado ao processo verbal e como quantificador II, relacionando-se aos adjectivos quer de substantivos quer de verbo:

1.1.6 Pera acrescentar *mais* mha tresteza
1.1.21 Creceu cada dia *mais*
1.7.19 Se queres tu *mais* saber
1.17.3 Ele foi *mais* presente
1.17.8 Pera seer o outro *mais* são
1.17.28 Seerán *mais* homildosos
1.31.43 *Mais* livremente os poderemos depois contar

Meos, diversamente de *mais*, está documentado apenas três vezes no *corpus* e sempre quantificando o processo verbal:

1.1.19 Tanto mais andando per esse mar a posso *meos* aver
1.5.29 E hũas achava *meos* e as outras achava trilhadas
3.16.56 Nossa boca tanto a *meos* exouve Nosso Senhor no rogo que lhi fez quanto ela he mais çuja.

Note-se o uso de *meos* alternativo com o de *mais pouco:*

1.1.19 Quanto a mais desejo tanto mais andando per esse mar a posso *meos* aver, ca do ben que perdeu aquel que en religion vivia tan toste *mais pouco* acorda quanto moor tempo vive enos bẽẽs e nos prazeres do mundo.

Quantificando também apenas o processo verbal há quatro ocorrências de *assaz:*

2.2.18 — Pedro, *assaz* parece que a tentaçon da carne mais he na mancebia que en outro tempo
4.4.11 — Tirou hũa correa do seu corpo, da cabeça ata os calcanhares, assi que *assaz* aparecia a mengua do coiro que no seu corpo avia.

4.25.22 — Mui ben entendo, padre, que *assaz* respondisti compridamente aa demanda que eu figi.
4.34.7 — *Assaz* mi respondisti, padre, sa demanda que figi das moradas que no outro mundo fazen.

3.2.1.3 Quantificadores de tipo II

Como quantificador II, quer de adjectivos de substantivo quer de adjectivo de verbo, ocorrem *tan* (127) e *cam* (1) ~ *can* (1) ~ *quam* (3):

1.1.14 *Tan* fremoso soia seer
1.1.15 Cousa que *tan* maas son
1.2.46 *Tan* agĩha o passaron come se hi non ouvesse bocado d'agua
1.24.15 Viu que o enmiigo o atormentava *tan* fortetemente
1.27.7 O rogo que o cavaleiro *tan* aficadamente...
1.27.5 Aquel cavalo que vira *tan* agĩha de *tan* gran rávia e de *tan* gram braveza en *tan* gran mansidoen per *tan* gram miragre mudado.

Can, cam e *quam* ocorrem sempre no chamado discurso indirecto:

1.10.7 — Ora enténdi, Pedro, de *quam* gram merecimento foi este Constancio
1.8.5 ... lhi façes entender *cam* gram poderio he o da eigreja
2.14.12 Contaron-lhi con gram temor *quam* agĩha foron compreendudos no escárnio que quiseron
3.37.101 Non cuida *can* gram mengua fez aos que fican ... e non ha hi nen hũũ que entenda *quam* gram dano recebe.

3.2.1.4 Lexias com quantificadores do tipo I e II

Ja quanto e *ja que* quantificam nomes, verbos, adjectivos e mesmo outro quantificador:

1.8.42 Reteve *ja quantos* dias.
2.11.2 Fazian hũa parede *ja quanto* alta
2.13.9 Andaron *ja quanto* hũũ espaço
3.19.11 Desassemelha-se *ja que* deste
1.15.6 Apareceron *ja que* pouquetĩhas olivas
1.22.12 Ficaron *ja que* poucos grãos

3.3 *A ênfase da quantificação intensificadora*

Além desses recursos para a quantificação intensificadora documentam-se no texto a combinação de quantificadores, o que se poderia classificar como quantificador de tipo III, isto é, quantificadores que incidem directamente em outro quantificador; e também a coordenação de quantificadores distintos ou de um mesmo quantificador repetido.

1.15.3 Non aparecian nas oliveiras olivas nen hũas que fossen, se non hũas *mui pouquetĩhas*
1.15.10 Non jazian se non senhas gotas d'azeite ou duas duas ou *pouquetĩho mais*
3.37.60 Deitou-se en terra e fez sa oraçan e pois orou *hũũ pouquetĩho mais* perlongadamente ca eles quiseron ... acendeu-se o fogo.
1.12.5 E *quanto mais* agua deitavan os homens... *tanto* se mais acendia
1.1.14 Leixa-se cada dia *mais e mais*
2.1.22 Creceu cada dia *mais e mais*
2.15.13 Ir-s'á destroindo *pouco e pouco*
4.13.29 Foi se tirando *pouquetĩho e pouco*

3.3.1 A superlativização

O mais alto grau de uma qualidade expressa por um adjectivo nunca é no texto realizado por recursos estritamente mórficos, como era de esperar, uma vez que o chamado superlativo absoluto sintético, realizado por morfemas dependentes *(issim-, -illim-, -errim-)* parece só estar documentado a partir do século XV. As primeiras atestações conhecidas estão na *Cronica de D. João I*, de Fernão Lopes e no *Leal Conselheiro* de D. Duarte (CRUZEIRO 1973: 13). Também não estão documentados no *corpus* os superlativos dos adjectivos *bom, ruim, grande, pequeno*, formados de outra base lexical, respectivamente *óptimo, péssimo, máximo, mínimo*. A ausência do superlativo mórfico leva à utilização, para a expressão da superlativização, além do uso dos quantificadores já arrolados que incidem em adjectivos, a repetição de um mesmo quantificador intensificando dois adjectivos coordenados, que se poderiam considerar parassinónimos (14):

4.19.5 Vozes *mui claras* e *muito abertas*
1.13.8 Abade *muito áspero* e *muito esquivo*
1.8.13 Homen *mui bravo* e *mui felon*
1.11.5 *Tan altas* cousas e *tan santas*
4.13.21 Odor *tan maravilhoso* e *tan bõõ*
1.5.17 Face *tan* inchada e *tan cárdea*
3.2.47 *Quam maa* e *quam danĩha* heresia

Também para expressão da superlativização de uma qualidade são usados sintagmas intensificadores que sucedem os adjectivos já quantificados:

4.20.7 Mata mui grande e *mui* basta *a maravilha*
3.37.18 Hũũ pan *mui* grande *a maravilha* e mui branco

---

(14) A propósito da cumulação de adjectivos quantificados cf. Qualificadores, *Parte I*, 5.

Uma vez se documenta uma lexia quantificadora na mesma posição do sintagma *a maravilha:*

4.32.16 Acharon os outros frades *mui* tristes *a demais.*

Como manifestação da superlativização relativa em que «em comparação à totalidade dos seres que apresentam a mesma qualidade, um se sobressai por possuí-la em grau maior ou menor que os demais» (15) ocorrem no *corpus:*

2.1.17 Do *mais* alto monte no *mais* fundo poço *que no mundo podesse seer.*
1.7.21 A *mais* desplizel besta *que el podia achar* e a *mais* enata sela *que el podesse aver.*
1.31.32 *Mais* pequeno *de todolos*

3.4 *A ligação quantitativa*

O confronto entre duas qualidades ou entre uma mesma qualidade em dois indivíduos em que se quer estabelecer a superioridade de um dos elementos é expresso pelo quantificador *mais* seguido de *que* ou *ca,* mas nunca por *do que.*

3.22.20 *Mais poderosos ca* nossos enmiigos
4.23.6 Verdade firme e *mais clara que* a luz

São documentados como as formas comparativas de base lexical distinta dos adjectivos *bom, ruim* (não documentado no *corpus), grande* e *pequeno,* respectivamente:

---

(15) É essa a definição do «superlativo relativo» proposta por Celso F. da Cunha (1970: 176).

melhor (10), melhores (3)
peior (1), peiores (1)
maior (21) ou moor (18), maiores (8)
meor (5), meores (3).

Note-se que não ocorre a forma *menor, menores,* mas se documenta uma vez *mais pequeno:*

1.31.32 Como quer que se chamasse *mais pequeno* de todolos apostolos

A expressão da inferioridade de um dos elementos confrontados não está documentada. *Meos* ocorre três vezes como quantificador de verbo e nunca como quantificador de adjectivo (cf. 3.2.1.1).
A igualdade entre duas qualidades, ou de uma mesma qualidade entre dois indivíduos, ou de uma mesma qualidade em épocas distintas é expressa por *assi* ou *tan* seguidos de *come.*

3.37.135 Cousas que fezeron os homẽẽs *assi* bõas *come* maas
2.15.9 Foi *tan* cruevil *come* ante
1.14.1 Tornou *tan* sãã *come* ante
4.25.13 ... os pees *tan* ben sããos *come* se nunca ouvessen nen hũa enfermidade.

4. Substitutos

Na análise dos substitutos do sintagma nominal incluímos além dos pronomes pessoais, os locativos, temporais e modais, equivalentes de sintagmas nominais.

Embora os chamados pronomes pessoais de primeira e segunda pessoas não sejam substitutos «stricto sensu» de sintagmas nominais, porque têm a sua referência própria e individual, ou seja, o emissor e o receptor de cada mensagem, essa referência os une aos pronomes que não são nem de primeira e nem de segunda pessoa, que se reportam a algo já enunciado no discurso e que em termos de expressão linguística são sucedâneos sintéticos e económicos de sintagmas nominais analíticos.

Além dos pronomes pessoais, há uma série de elementos de natureza pronominal, tradicionalmente classificados como advérbios, que funcionam como sucedâneos sintéticos e económicos de sintagmas nominais analíticos e que indicam circunstâncias do discurso. Denominamos aqui de locativos, temporais e modais esses substitutos de sintagmas nominais circunstanciais e analisamos a sua organização no *corpus*.

Ampliamos o estudo dos locativos e temporais, abrangendo expressões indicadoras de lugar e tempo, que não funcionam como substitutos de sintagma nominal, mas antes como introdutor de sintagmas nominais locativos e temporais que, no entanto, estão semanticamente relacionadas aos substitutos locativos e temporais. Justificamos essa atitude por uma razão de economia interna do trabalho, assim evitando voltar a esses elementos em outro momento da análise do *corpus*.

Quando analisamos os determinantes e os quantificadores que são actualizadores do nome, núcleo do sintagma nominal, destacamos todos os casos em que esses elementos, tanto determinantes como quantificadores, funcionam como substitutos de sintagmas nominais, e não apenas como componentes desses sintagmas, estando explícito o nome que actualizam.

4.1 *Pronomes pessoais*

Os pronomes pessoais, indicadores das pessoas do discurso — os de 1.ª pessoa referentes ao emissor, os de 2.ª pessoa referentes ao receptor e os de 3.ª pessoa, substitutos de sintagmas nominais que se reportam nem ao emissor nem ao receptor — têm formas distintas, não só para cada pessoa, mas também podem ter formas distintas de acordo com a sua distribuição no enunciado. Essa distribuição diversa corresponde em linhas gerais a uma diferença de função. Nesta descrição chamamos 1 à distribuição correspondente aos pronomes que funcionam como sintagma nominal sujeito; chamamos 2 à distribuição correspondente aos pronomes que funcionam como sintagma nominal complemento e 3 à distribuição correspondente aos pronomes que funcionam como sintagma nominal complemento, precedidos de preposição por exigência sintáctica do verbo do enunciado.

Complementar a esta análise mórfica é o item 2.2.7 da Parte III.

4.1.1. Morfologia: quadro dos dados (¹)

Referência	Distribuição	Número	
		singular	plural
+ E (619)	1	eu(135)	nós(33)
	2	me(170) ~ mi(143) m'(4) mh'(3)	nos(50)
	3	(prep +) mim (29) ~ migo (2) comigo(12)	(prep +)nós(1) ~ nosco(5) conosco(32)
+ R (278)	1	tu(42)	vós (7)
	2	te(109) ~ ti(69) t'(2) ch'(2)	vos(32)
	3	(prep+) ti(9) ~ tigo(1) contigo(5)	———
— E-R (3335)	1	ele(42) ~ el(236) ela(36)	eles (53) elas (9)
		homen (75)	
	2	o(489) ~ u(62) lo(28) no(97) a(106) ~ la(7) na(22) lhe(10) ~ lhi(676) lh'(13)	os(113) ~ us(1) los (6) nos(7) as(70) ~ las(4) nas(15) lhes(20) ~ lhis(144)
		se (840) ~ si (1) s' (3) xi (5) x' (1)	
	3	(prep+)ele(12) ~ el(15) ela(12)	(prep +) eles (12)
		(prep +) si (71) ~ consigo (22)	

(¹) No códice não há nenhuma distinção entre *nos/nós* e *vos/vós* nas três posições que podem ocupar. O sinal de acento é nosso, da mesma forma que o apóstrofo, em outros casos, para facilitar o leitor.

Considerando as formas apresentadas no quadro anterior vemos que em determinados casos as mesmas formas ocupam distribuições distintas.

a. Os pronomes referentes ao emissor singular mantêm sempre formas distintas para cada uma das três posições.

b. Os pronomes referentes ao receptor apresentam a forma *ti*, 69 vezes, na 2.ª distribuição e 9 vezes, na 3.ª, sempre precedido de preposição:

1.8.4 que *de ti* aja
1.8.5 tangeu *ante ti*
1.8.5 ca *sen* ti
1.8.18 van *depós ti*
1.23.5 praz *a ti*
3.26.12 me livrou *a ti*
3.33.4 aprender *de ti*
4.4.75 trouxi *contra ti*
4.11.23 irá *depós ti*

c. *El, ele, ela, eles* ocorrem 376 vezes na posição 1 e 51 vezes na terceira distribuição, sempre precedidos de preposição: *de, a, contra, por, sobre, en*. Quando precedidos da preposição *en* apresenta-se *sempre* no texto a grafia *en el, en ele*, etc., sem indicação gráfica, pelo menos, de que tenham atingido o estágio final de assimilação representado na grafia, *nel, nele* etc. Essa situação é paralela à que ocorre no *corpus* com as sequências *en este, en esse, en esto* e *en esso* (cf. Demonstrativos 2.2.1.1.). Essa grafia confirma a proposta de E. WILLIAMS (2) a propósito da assimilação mais tardia e mais complexa dessas formas em relação a outras de formação semelhante como *no, na* etc., *naquele, naquela*, etc.

---

(2) Cf. (1961: §140.4), a propósito das mudanças fônicas das formas aqui estudadas.

d. Os pronomes referentes a mais de um emissor e a mais de um receptor têm a mesma grafia — *nos* e *vos* — nas três posições (3), excepto quando na terceira distribuição a preposição em causa é *com*, documentando-se, então, *nosco* e *conosco*. Sobretudo por tratar-se de um texto em prosa se torna impossível determinar qual a abertura do elemento vocálico de *nos e vos*.

4.1.2 **Alomorfia**

4.1.2.1 Variação na vogal final: e ~ i

me (170) ~ mi (143)
te (109) ~ ti (69)
se (840) ~ si (01) ~ xi (05)
lhe (10) ~ lhi (676)
lhes (20) ~ lhis (144)

Destaca-se a alta frequência das grafias *lhi* e *lhis* face a *lhe, lhes;* 820 ocorrências para 30. A representação gráfica com a vogal *i* pode ser um reflexo do étimo latino *illī* ou um indício de que a pronúncia seria a correspondente à vogal alta representada pelo grafema *i* (4).

---

(3) Tanto o pronome sujeito como o complemento vêm de nōs e vōs, sobre o timbre correspondente ao *o* dos pronomes sujeitos cf. WILLIAMS (1961: §140.1 e 2.), onde recorre à analogia com *nosso, vosso;* cf. também § 142.C, em que se refere ao fechamento de *o* dos pronomes complementos devido à sua posição átona.

(4) Segundo L. F. LINDLEY CINTRA (1959: 398) as formas em *i* predominam em todo o século XIII.

Nas 10 ocorrências de *lhe*, a sua posição é sempre proclítica ao verbo; das 20 ocorrências de *lhes*, em apenas 4 está enclítico (1.15.6, 2.23.9, 3.32.31, 3.32.32). Isso nos levou a pensar que à diferença gráfica correspondesse uma distribuição diversa; no entanto, examinando 10 % das 820 ocorrências de *lhi/lhis* — 82 ocorrências, portanto — há 17 casos de ênclise e 65 de próclise. Confirmou-se assim o uso proclítico como o mais frequente para ambas as grafias, estando essas grafias em variação livre, uma vez que não parece haver um condicionamento para a selecção de uma ou outra.

Quanto a *me/mi* e *te/ti*, as grafias com *e* predominam: 279 para 112. As formas *mi* e *ti* ocorrem quase que exclusivamente correspondendo ao dativo latino (mihī, tibī > mī, tī) com verbos tais como: *dizer, rogar, contar, falar, demonstrar, demandar, dar, enviar, prazer, semelhar;* no entanto *me* e *te* também ocorrem com esses verbos, em variação livre (5):

4.4.37	muito *me* praz	muito *mi* praz 3.15.70
4.3.12	rogo-te que *me* digas	rogo-te que *mi* digas 3.37.96
3.34.34	praz-*me* o que dizes	praz-*mi* que ti demande 3.34.34
1.8.39	roga-*te* nosso padre	digo-*ti* en verdade 3.37.81
1.5.38	o que *te* mandei	o que *ti* demandam 3.8.25

Tanto as formas *me/te* como *mi/ti* ocorrem em posição enclítica e proclítica ao verbo, como se pode ver nos exemplos acima.

---

(5) Cf. WILLIAMS (1961: §140.2): «no início *mi* era apenas usado como dativo, mas nos cancioneiros primitivos encontra-se gradualmente tomando a função de dativo e acusativo conjuntivo».

Como complemento directo, contudo, a grafia escolhida é *me, te* (< lat. *mē, tē* e nunca *mi, ti*). Fica bem clara essa selecção nos casos de reflexivização em que a forma escolhida é sempre *me, te* e nunca *mi, ti,* com verbos como: *maravilhar-se, nembrar-se, calar-se, converter-se, atormentar-se, afastar-se,* etc. Ao que parece, nesse caso há um condicionamento sintáctico para a selecção dessa grafia.

Assim as grafias *me/mi* e *te/ti* estão parcialmente em distribuição complementar porque variam livremente em determinado contexto sintáctico, mas em outro *me, te* são exclusivos. De todo modo a última grafia é a mais generalizada e portanto menos marcada. A esses factos se acrescente as 840 ocorrências de *se* face a uma ocorrência de *si,* na distribuição 2, que parece condicionada pelo contexto em que ocorre, decorrente do que se poderia chamar de «assimilação gráfica»:

2.3.51 Leixou-*si sô si*

A variante *xi* (cf. 4.1.2.2.1) ocorre apenas 5 vezes. Tem um valor explectivo (6) nas duas seguintes passagens:

3.37.96 certas son *xi* mui poucas
4.13.7 non sei como *xi* ha nome

Nas outras é complemento verbal reflexivo:

2.8.9 non *xi* lhi ascondeu
4.16.6 onde *xi* lhi atou morte
4.46.19 ... que *xi* lhis comendasse

Nenhuma vez ocorre a grafia *xe.*

---

(6) Segundo NUNES (1960: 242) essa é uma forma ainda viva no galego. Esse mesmo autor chama a atenção para o uso expletivo da forma. Para WILLIAMS (1960: §143.7) *xi* e *x'* são formas regressivas de **si+o,* como *che,ch'* seriam de *cho* (< **ti+o*).

Quanto à articulação fónica das vogais finais correspondentes a essas grafias variantes de pronomes de segunda posição — *lhe, lhi; lhes, lhis; me, mi; te, ti; se, si, xi* — não se pode concluir pelos dados desse texto em prosa que a cada tipo de grafia corresponderia um tipo de vogal mais ou menos alto. A articulação desses segmentos fónicos, devido à sua posição na frase, em geral não acentuada, quer enclítica, quer proclítica era, certamente, de pouca intensidade, e não seria uma articulação correspondente ao /e/ ou ao /i/ em posição tónica. Como as grafias *mi* e *ti* historicamente correspondem aos dativos latinos *mihī* e *tibī* talvez se possa interpretar essa escolha gráfica como reflexo do latim, o mesmo ocorrendo com a preferência pela grafia *lhi, lhis* que tem como base o *illī* latino.

Vale chamar a atenção para o facto de que na distribuição 3 (Prep+pronome) não há alternância gráfica, ocorrendo sempre *ti* (9), *si* (72) e *mi(n)* (29); isso talvez indique que devido à posição de maior intensidade articulatória no sintagma, a realização fónica dessa vogal final correspondesse à vogal mais alta da série anterior, representada sistematicamente pelo grafema *i*.

4.1.2.2 Variantes apocopadas

4.1.2.2.1 M', mh', t', ch', lh', s', x':

Ocorrem no *corpus* as formas *m'* (4), *mh'* (2), *t'* (2), *ch'* (2), *lh'* (13), *s'* (3) e *x'* (1) em que a vogal final não está grafada, indicando-se assim a elisão ou apagamento dessa vogal diante da vogal inicial da palavra seguinte; trataremos no item 4.1.2.3. dos casos de elisão em que há fusão de dois pronomes na distribuição 2. Aqui consideraremos a elisão da vogal final em outros contextos:

m': se *m'* eu non for 2.38.20 (7)
logo *m'* eu devo ir 3.24.14
miragre que *m'* el a mim confessou 3.33.6
logo *m'* eu vou 4.9.15

mh': que *mh'* á feitos 4.32.8
que *mh'* ora dissisti 1.7.5
disseron-*mh'* os frades 2.15.6

t': rogo *t'*eu que 2.2.16
rogo *t'*eu que 3.2.27

ch': contar-*ch'*ei eu 1.2.35
dar-*ch'*emos 3.37.53

s': ir-*s'*a destroindo 2.15.13
ir-*s'*a pera casa 3.37.9
guardar-*s'*ian de caer 4.46.17

x': quando *x'*el quisesse 3.15.12

lh': que *lh'* ende acaeceu 1.25.21
rogo que *lh'*o cavaleiro fazia 1.27.7
enveja que *lh'*avia 2.8.21
o que *lh'* el mandara 2.28.2
muimento que *lh'*el tiinha 2.34.2
que *lh'* el dava 3.6.10
perdoar-*lh'*ia 3.32.11
que *lh'* el deu 3.32.15
que *lh'* eu perguntei 3.37.109
dar-*lh'*ia Deus lume 4.8.11
prol *lh'*ouve a el 4.36.44
aquelo que *lh'* el dava 5.45.9
todo *lh'*era prazer 1.13.8

---

(7) Lembramos que no códice o pronome está unido à palavra seguinte; na Leitura Crítica é que usamos o apóstrofo.

Considerando o conjunto total de dados exposto no Quadro (cf. 4.1.1.) vê-se que esses casos de grafia de pronomes com final elidida são pouco frequentes: a esses 27 casos — excluídos aqui os de fusão com outros pronomes de distribuição 2 — contrapõem-se às 2.024 ocorrências desses pronomes sem elisão vocálica.

Note-se que em um mesmo contexto pode ocorrer tanto a grafia em causa como a outra, por exemplo:

2.2.27 rogo-*t'eu*	2.33.23 roguei-*te eu*
2.38.20 logo *m'eu* devo ir	1.1.22 quando *me eu* nembro

havendo portanto uma variação livre na selecção de uma ou outra grafia.

Embora, em mais de 50 % dos casos (15 das 27 ocorrências), a forma apocopada ocorra antes de palavra iniciada por vogal grafada da mesma maneira que a vogal final do pronome, indicando assim a grafia a fusão de vogais idênticas, essa elisão ocorre também diante de outros grafemas vocálicos, *a, o, i.*

No emprego de *m'* e *mh'*, embora sejam poucas as ocorrências, 4 e 3, respectivamente, *m'* está sempre diante de palavra iniciada por *e* e *mh'* diante de palavra iniciada por outra vogal que não *e*. *T'* e *ch'* ocorrem sempre seguidos de *e*. O grafema *h* indica possivelmente uma realização semivocálica que permitiria interpretar nessas sequências uma realização de ditongo crescente e não uma fusão de vogais vizinhas, não havendo portanto aqui um apagamento total da vogal, mas a formação de um *glide* (8). É de lembrar que em outras situações ocorre no códice o grafema *h* indicando a semivogal palatal. É o caso, por exemplo, das formas verbais, *sabha* (hoje *saiba*), *comha* (hoje *coma*), *servho* (hoje *sirvo*) e de nomes substantivos e adjectivos como *sobervha, sobervhoso, limpho, chuvha,* etc. (*cf. Representação gráfica* 1.2.4.).

---

(8) Historicamente, para WILLIAMS (cf nota 6) e NUNES (1960: 239) *che* é uma forma regressiva de *cho* (te+o > ti+o > ty+o > cho); essa explicação é paralela à de NUNES (1961: 238-239) para a formação de *lhe*, regressiva de *lho* (li+o; li < lat. illi).

4.1.2.2 El/ele:

A forma apocopada *el* ultrapassa de muito a forma *ele:* há uma proporção de 82 % para 28 %. Essa preferência pela forma apocopada é paralela à preferência por *aquel* à *aquele,* em que há uma proporção de 90 % para 10 % (cf. *Demonstrativos* 2.2.1.1). Parece não haver condicionamento contextual para a escolha de uma ou outra forma: ambas, por exemplo, ocorrem diante de consoante e de vogal, em posição não-acentuada, e acentuada na frase:

2.18.5 que en *ele* anda 1.21.1 que en *el* andava
1.5.18 e *el* respondeu 1.17.19 que dementre *ele* vivesse
1.5.31 mandou-lhi que veesse *con el*
1.5.56 E tanta foi des ali en diante a vertude de Deus *en ele.*

4.1.2.3 Combinações de pronomes na distribuição 2:

O quadro seguinte apresenta os casos em que dois pronomes na distribuição 2 estão grafados como uma sequência única. Essas sequências decorrem de fenómenos de elisão da vogal final ou de sua semivocalização e de assimilação consonântica:

mo (1) ~ mh'o (10)	mh'os (5) (9)	nolo(1)
mh'a (1)	mh'as (2)	
ch'o (4)		volo (3)
——	ch'as (2)	
lho (39) ~ lhillo (2)	lhos (3)	
lha (18) ~ lhilla (2)	lhas (6)	

---

(9) Adoptamos na Leitura Crítica a grafia com apóstrofo para aquelas formas que hoje não mais aparecem grafadas.

Enquanto há 26 ocorrências apenas de elisão ou semivocalização da vogal final do pronome nos contextos já estudados (cf. 4.1.2.2.1), no encontro de dois pronomes na distribuição 2 esses fenómenos ocorrem muito mais frequentemente.

Nos pronomes de 1.ª e 2.ª pessoas no singular há apenas uma ocorrência do apagamento completo da vogal final:

3.35.4 aqueste *mo* contou a min.

Em todos os outros casos está presente o *h* indicador de que possivelmente se articularia nesses casos um ditongo crescente: nas ocorrências de *mh'* + *o, a, os, as,* essa combinação pode ocorrer enclítica (8 vezes) ou proclítica (10 vezes) ao verbo) ao verbo:

2.8.40 ensina-mh'o; 2.8.40 mostra-mh'o; 4.29.6 venha-mh'o dizer; 3.2.27 tolheron-mh'o; 1.7.6 posmh'os; 3.15.45 trage-mh'os; 3.37.77 dade-mh'os; 3.37.134 di-mh'os.

2.21.17 e non mh'o quis mostrar; 2.21.17 Nostro Senhor mh'o descobriu; 2.1.23 pois mh'o a min disseron; 1.14.12 quero que mh'o digas; 1.16.40 peço-ti que mh'o contes; 3.37.81 cada que mh'os contas; 3.2.23 direi que mh'as leve; 2.1.23 que mh'as disseron; 2.2.16 rogo t'eu que mh'o declares; 1.29.20 e mh'a levaron;

Das 6 ocorrências de *ch'* + *o, a, os, as,* em 4 está proclítico; há uma ocorrência enclítico e outra mesoclítica. É de notar que a forma verbal em 5 das 6 ocorrências está no futuro e as três posições do pronome aí ocorrem:

3.17.11 non *ch'o* darei; 1.5.47 eu *ch'o* darei; 1.28.20 non *ch'as* daremos; 3.6.14 vai aquel que *ch'o* deu.

1.7.5 direi-*ch'o* eu
1.1.37 contar-*ch'as*-ei

São mais frequentes no texto as combinações de *lho*, *lha, lhos, lhas:*

$$\begin{Bmatrix} \text{lhe} \\ \text{lhes} \end{Bmatrix} + \begin{Bmatrix} \text{o} \\ \text{a} \\ \text{os} \\ \text{as} \end{Bmatrix}$$

Das 39 ocorrências de *lho* e 3 de *lhos*, das 18 de *lha* e 6 de *lhas* apenas uma corresponde a *lhes+o* e duas a *lhes+as*, as outras são combinações de *lhe+o, a, os, as:*

3.25.8 E que se entendia per tal vison senon que o glorioso apostolo dava a entender que o serviço e a honra que lhi os homens fazen sempre o ela vee e está aparelhado para *lho* agalardoar quando vir que lhi faz mester? *(lhes o)*

4.36.6 E algũũs outros non-nas veen por seu proveito, ca non enmendam sa vida per aquelo que viron, mais veen-nas a proveito daqueles que *lhas* ouven contar. *(lhes as)*

2.21.18 E esto faz Nosso Senhor aos profetas que lhis asconde aas vezes as cousas que an de vĩir e aas vezes *lhas* mostra por sa piadade mui grande. *(lhes as)*

Ainda se documentam no *corpus*, embora parcamente, as formas *lhillo* (uma vez) e *lhila* (duas vezes) < lhis+lo e lhis+la.

Essas grafias atestam uma fase anterior à de *lho* e *lha* (=lhes+o, a). Nelas está explicitada uma fase anterior no processo assimilatório do *-s* final de *lhis* ao *l* inicial do pronome *lo* (cf. 4.1.2.4). É de notar que estão convivendo no mesmo *corpus* três grafias que correspondem a três momentos do processo de mudança da sequência *(lhillo, lhila* e *lho, lha).*

Lhillo e *lhila* ocorrem nas passagens seguintes:

3.38.15 Aquelas santas molheres rogaron-no ... que o levasse consigo pera seu moesteiro. E o homen bõõ *lhillo* outorgou e levou o meniho consigo.

4.40.9 Se a ameaça que el faz aos pecadores non he verdadeira e non *lhila* faz senon pera constrengeren-se dos pecados outrossi a promessa que lhis faz da vida perduravil he falsa e non *lhila* faz senon pera fazeren boas obras.

Essas sequências arcaizantes estão também documentadas, por exemplo, na *Cancioneiro da Ajuda* (10) e no *Livro das Aves* (11).

Os pronomes de 1.ª e 2.ª pessoas do plural — *nos* e *vos* — ocorrem, embora pouco frequentemente, combinados à forma mais antiga do pronome *o: lo* (cf. 4.1.2.4).

4.43.25 assi como *nolo* Johane depois contou
1.28.18 e eu *volo* gracirei
2.4.13 roguemos que *volo* mostre
3.15.40 e dar-*volo*-am

Essa grafia indica uma assimilação total da consoante final de *vos* ao *l* inicial do pronome *lo*.

4.1.2.4 As variantes de *o, a, os, as*

4.1.2.4.1 *As variantes* -lo, -la, -los, -las (12)

---

(10) Cf. WILLIAMS (1960: § 143).

(11) *O Livro das Aves* é texto muito possivelmente contemporâneo à essa versão mais antiga dos *Diálogos*. E a sequência pronominal ocorre na seguinte passagem:

«tira os corações aas aves e da-lhe-los a comer». (cf. ROSSI: 1965: 22, linha 14).

(12) O hifen, separando os pronomes das formas a que estão encliticos, é um recurso da Leitura Critica, como o após-

Essas variantes ocorrem depois de *-r* ou *-s* (13) final de palavra e resultam do processo assimilatório em que a consoante final adquire os traços da consoante seguinte, no caso, o *l* inicial da forma mais antiga do pronome (Cf. Artigo, 2.1.2)

A. Ocorrem depois de *-r:*

— Em posição enclítica ao infinito dos verbos, como em: trage-lo 1.8.14, vee-lo 1.11.3, entrega-lo 1.19.11, etc.;

— Em posição mesoclítica, com as formas verbais do futuro e do futuro do pretérito, como em: escomunga-la-ia 2.23.9, recebe-lo-ia 3.32.11, contá-lo-ei 4.14.4, vee-los-ia 4.3.11.

É de notar a ocorrência única da forma *lo* em posição intervocálica, numa sequência que talvez se pudesse interpretar como hipercorrecta:

2.18.5 Méti mentes, filho, que non bevas daquel barril que a min enviavan que tu ascondisti na carreira pera *bevere-lo* depois.

A par dessa forma excepcional ocorre a forma normal, *beve-lo:*

3.6.13 E, levando já o vaso do vĩho en que a poçonha andava aa boca pera *beve-lo* ...

B. Ocorrem depois de *-s:*

— Depois de formas verbais da 1.ª pessoa do plural, como em: faremo-lo 1.28.20, soterramo-lo 4.43.23, podemo-lo entender 4.24.14.

---

trofo; no códice esses pronomes aparecem constituindo unidade com a forma a que estão assimilados.

(13) Cf. WILLIAMS (1960: §143.3).

— Depois de *pois:*

Ocorre uma vez a forma *poila:*

4.11.9 *Poila* o seu esposo non leixasse d'amar.

Nas outras ocorrências a grafia não indica a assimilação do *s* ao *l-:*

2.14.8 *pois lo* viu viir
2.28.5 *pois lo* San Beento preguntou
3.4.70 *pois lo* todo poboo viu
3.12.11 *pois lo* honrava
4.10.8 *pois lo* o menĩho vio

— Depois de *eis:*

2.32.20 *Ei-lo,* seu corpo jaz aa porta.

— Depois dos pronomes *lhes, nós* e *vós* (cf. item 4.1.2.3).

4.1.2.4.2 *As variantes* -no, -na, -nos, -nas *(141 ocorrências)*

Esses alomorfes ocorrem sempre em ambiente nasal e se pode admitir que a forma *lo, la, los, las* do artigo tem a sua consoante inicial assimilada ao elemento nasal que a precede (cf. Artigo 2.1.2.3):

A. Ocorrem com os verbos na 3.ª pessoa do plural. No códice essas formas verbais com o pronome enclítico aparecem grafadas de duas maneiras, por exemplo: *perguntavano* ou *perguntavãno*. Essa última grafia favorece a interpretação assimilada: *perguntavan-no.*

B. Ocorrem depois da negativa *non.* No códice essas sequências estão grafadas de três maneiras: *non o /nono/ nõno.* Essa última grafia reforça a interpretação *non-no.*

A ocorrência desse alomorfe poderia ser estendida a outros contextos. Por exemplo, na passagem correspondente a 3.33.5 da Leitura Crítica «Aqueste Eleuterio foi homen mui simples e de gram devoçon e de muitas lagrimas e *quen o* a el visse chorar ...» ocorre no códice a forma abreviada *qño*, que poderia ser lida como o fizemos — *quen o* — ou *quen-no* ou *queno*. Em grafias como *seno* e *cono* (= *sem o, com o)*, em que não está marcado o til, se torna difícil decidir se haveria ou não, nesse caso, assimilação entre a nasal final da preposição e a consoante inicial do pronome.

Por esses factos, vale observar que nem sempre é fácil decidir sobre a forma assumida pelo pronome nesses ambientes nasais. Contudo a variante *-no, -na, nos, -nas* estava em uso, já que ocorrem grafias em que a nasal final do vocábulo ao qual está enclítico o pronome está marcada pelo til e a isso segue o pronome grafado com a nasal inicial. Talvez se possa admitir, com certa margem de segurança, que poderia variar a pronúncia dos pronomes nesses contextos nasais, apresentando-se ora na forma nasalizada, ora não.

4.1.2.4.3 *As variantes* u *(62 ocorrências) e* us *(uma ocorrência)*

Essas grafias dos pronomes *o, os* ocorrem sempre depois da 3.ª pessoa do singular do pretérito perfeito dos verbos da 1.ª conjugação. A 3.ª pessoa do singular do pretérito perfeito dos verbos em *-ar*, seguida do pronome enclítico *o, os* se apresenta na versão A dos *Diálogos* com três tipos de grafia:

Tipo *a:* como em: *achoo*, que lemos na Edição Crítica *achô-o;*

Tipo *b:* como em: *achoou*, que lemos na Edição Crítica *achoo-u;*

Tipo *c:* excepcionalmente ocorre no códice a grafia do tipo da actual, *achouo,* que lemos na Edição Crítica *achou-o.*

Quando à 3.ª pessoa do singular do perfeito dos verbos em *-ar* não se segue o pronome em causa a grafia dessa forma é sempre em *-ou (achou)* ocorre, por exemplo: *despreçou* (6 vezes), *enviou* (1 vez), *perguntou* (17 vezes), *rogou* (19 vezes), *deitou* (49 vezes), *achou* (50 vezes) etc.. Exemplos das grafias variantes do tipo *a* e *b* com os mesmos verbos:

Tipo *a*	Tipo *b*
achô-o, achô-os (5)	achoo-u (3)
despreçô-o (2)	despreçoo-u (2)
enviô-o (1)	envioou-u (1)
perguntô-o, perguntô-os (3)	perguntoo-u, us (7)
rogô-os (2)	rogoo-u (3)
deitô-o (2)	deitoo-u (2)

As grafias do *tipo a* e do *tipo b* se equivalem, aproximadamente, em ocorrências. É excepcional a grafia como a de hoje — *ou-o.* Pelo menos uma vez ocorre: «1.29.12: *chamou-o* pera a gloria». Esporadicamente também ocorre uma grafia que consideramos hipercorrecta do tipo *-oou-o:*

1.28.30 envioou-os
2.30.16 deostoou-os

É de notar que na 3.ª pessoa do pretérito perfeito dos verbos em *-ar,* quando seguida dos pronomes *a, as,* a redução do ditongo está também representada, embora menos frequentemente; por exemplo:

1.22.12 rogô-a, 3.37.11 deitô-a

Uma vez, pelo menos, documentamos a redução de *-ou* não seguido de pronome, mas de preposição:

1.19.12 começô a rogar.

Nas *Gramáticas Históricas* do português e em textos arcaicos consultados, não encontramos documentação dessa variante *u,us* do pronome enclítico. Somos de opinião que essa multiplicidade de grafias para uma mesma sequência:

-ô-o; -oo-u; -oou-o; -ou-o

parece indicar a insegurança do escriba face a uma determinada realidade fônica difícil de representar, uma vez que não se dispunha de uma norma ortográfica rígida, como a de hoje, que obriga a grafia *-ou-o*. Como interpretar a razão dessa insegurança?

O ditongo, possivelmente, se reduziria por assimilação quando seguido de outra vogal; essa vogal corresponderia em geral ao pronome complemento, podendo corresponder, por exemplo, à preposição *a*, como no exemplo 1.19.12; a grafia do códice permite admitir que em outras condições essa redução talvez não se realizasse. Quando a vogal associada ao ditongo, reduzido, era o *o* ou *os*, articulados como vogal alta, o ditongo se refazia, porque nesse contexto a vogal átona do pronome passaria a semivogal. Diante dessa nova situação ao escriba surgiria a dúvida quanto à forma de grafar uma sequência de três vogais de alturas semelhantes, que, muito possivelmente, se reduziria na sua articulação fônica normal a um ditongo decrescente. Consciente, entretanto, da grafia da 3.ª pessoa do perfeito quando não seguida do pronome, oscilava entre *-oo,-oou,-ouo* e até *-oouo*. A nosso ver essas grafias corresponderiam, aproximadamente, pelo menos, ao ditongo [ou̯], simplificação por assimilação de [ou̯ u], que ao nível do significado indicava o morfema de 3.ª pessoa do singular do pretérito perfeito dos verbos em *-ar*, seguido do pronome pessoal masculino.

4.1.2.5 As variantes precedidas de preposição (cf. 4.1.1 *a* e *b*)

Nessa posição os pronomes estão sempre numa distribuição forte quanto ao acento da frase, e podem vir precedidos de qualquer preposição. Exceptuando o pronome referente ao emissor que tem uma forma exclusiva para esse contexto — *min* —, os pronomes referentes às outras pessoas do discurso adoptam, respectivamente, a forma *ti*, que também pode ocorrer na distribuição 2, e as formas *el, ele, ela,-s,* que também podem ocorrer na distribuição 1 (14), e a forma *si* que, excepcionalmente, se documenta na distribuição 2 (cf. 4.1.2.1).

Os pronomes precedidos de preposição ocorrem, às vezes, como reforço enfático dos pronomes átonos na distribuição 2:

2.7.10 Quando me a min tiravan
3.37.5 Que me ele a min disse
4.4.12 O que me a min semelha ben
1.1.10 Sempre me a min son velhas
2.17.11 Mi semelha a min
3.18.4 Aqueste mi contou a min
3.20.4 Aqueste mi contou a min
4.24.44 Amonio mi contou a min
1.5.57 Que lhi a el Deus dera
2.1.43 Que lhi a el davan pera comer.

---

(14) Documentamos uma vez no *corpus* o pronome *ele* na distribuição 2, como é normalmente usado hoje, sobretudo na comunicação oral, no português do Brasil:

4.28.7 E o ermitan servo de Deus, pois *vio ele* e seus companheiros, e falou con eles muitas cousas, preguntou-os.

Biblioteca — UFSC —

É de notar que no *corpus* esse tipo de reforço não ocorre com o pronome de 2.ª pessoa.

Segundo NUNES (1960: 246) é comum no português arcaico o uso de *mi* e *ti* em posição tónica como sujeito. Sobre o assunto diz o mesmo CINTRA (1959: 392). Referem-se também ao uso dessas formas depois de *ca* (= do que). Desse último emprego documentamos uma ocorrência no *corpus:*

3.19.13 He moor *ca min* de dias.

Nesse contexto *min* funciona como sujeito de um sintagma verbal não explícito.

Si: A forma tónica do reflexivo *se* muitas vezes está reforçada por *meesma* e *medês* (cf. *Demonstrativos* 2.2.1.4).

2.3.10 Aquestes padres ... acusavan *si meesmos* e assanhavan-se contra si.

3.27.41 Sacrificando *si meesmo* a Deus.

Esses enunciados como os seguintes parecem uma expressão simplificada de: verbo + se (reflexivo) *a si*...

1.2.20 pera lhi ensinar como rega *si* e os outros (=como reja-*se a si* e os outros)

3.24.3 tirou *si* e muitos

Em alguns casos ocorre o *si* quando se esperaria *ela, ele:*

4.13.6 Aquesta Redempta avia duas discipolas que avian havito de religion come *si.*

2.1.48 E porende apareceu hũũ dia de Pasqua Nosso Senhor a hũũ clerigo de missa que morava longe do logar de San Beento e mandava guisar pera *si* (=pera S. Bento) que comesse.

À semelhança de *min* (cf. 1.2.5.2), a forma *si* no exemplo 4.13.6. funciona como sujeito de um sintagma verbal não explícito.

Em combinação com a preposição *com* convivem no *corpus* as formas redundantes e as não redundantes, em que não se perdera ainda a consciência de que a sílaba final *-go* ou *-co* correspondia ao *cum* do latim. Estão documentadas: *migo* (2), *comigo* (12); *tigo* (1), *contigo* (5); *consigo* (22); *nosco* (5), *conosco* (32). A forma redundante é marcadamente majoritária (71 para 8 ocorrências). Não ocorre *sigo*, mas uma vez documentamos *com si*:

2.3.50 O ben aventurado San Beento morava *con si* meesmo.

4.1.3 Homem: **expressão da indeterminação do sujeito**

Anotamos 75 ocorrências da forma *homen*, gramaticalizado, como indicador da indeterminação do sujeito (cf. Parte III 1.2.2.2.b).

Por exemplo:

4.37.6 a 8. E, como quer que se esto entenda do fogo do purgatorio, en que se purgan os pecados meores, pero pode-se entender do fogo da tribulaçon que *homen* en este mundo sofre per que se poden purgar estes pecados pequenos que *homen* chama veniaes. Ca se pela tribulaçon que *homen* en este mundo se non purgou, purgou-se depois pelo fogo do purgatorio. E esto he verdade se *homen* mereceu ante, dementre no mundo vivia, per bõas obras que fez que se purgassen os seus pecados veniaes pelo fogo do purgatório e no outro mundo.

Cremos que podemos dizer que *homen* cobre a distribuição de um pronome sujeito cujo referente é indeterminado, pode referir-se a um sintagma masculino ou feminino, singular ou plural sem as marcas correspondentes.

Segundo E. da SILVA DIAS (1959: 94) ainda no século XVI *homen* e *pessoa* eram até certo ponto equivalentes ao *on* francês. E explica porque «até certo ponto»: «taes expressões têm lugar, por via de regra, quando se fala do que acontece geralmente». Na passagem exemplificadora se nota que o emprego da forma se enquadra no que E. DIAS chama de «O que acontece geralmente», portanto quando se emite uma generalização. Nota-se também na passagem em causa, em que ocorre *se*, como indicador de passiva, além do *se* condicional, que a escolha de *homen* poderia ser uma alternativa estilística para a excessiva repetição de *se*.

4.2 *Locativos*

4.2.1 **Locativos dêiticos:** (15)

4.2.1.1 Pode-se depreender do *corpus* os dêiticos locativos

aqui (22)	ali (35)
acá (1)	alá (4)
acó (1)	aló (1)

Duas séries simétricas e dicotómicas, correlacionáveis, como vimos no estudo dos demonstrativos (2.2.1.3.2)

---

(15) As formas que permaneceram no português actual como *aqui, ali,* foram colhidas nos dois primeiros livros dos *Diálogos* e as outras que se modificaram — *acá:cá; alá:lá; hi:aí,* ou desapareceram — *acó,aló,ende* foram colhidas nos *Quatro Livros.*

Biblioteca Universitária
— UFSC —

com os dêiticos demonstrativos do tipo *este*, a primeira série, e com os dêiticos demonstrativos do tipo *aquele*, a segunda. Cada série está constituída por três tipos, caracterizados por vogais distintas.

Uma vez que a frequência é extremamente reduzida para *acá* (hoje *cá*), *acó* e *aló*, que deixaram de ser documentados nos séculos subsequentes, é impossível discernir distinções semânticas entre os itens que indicam o espaço do falante *(aqui, acá, acó)* e aqueles que indicam o que está para além deste espaço *(ali, alá, aló)*. Talvez razões de ordem estilística, quem sabe baseadas em factos de eufonia, estejam no motivo da escolha de uma das três alternativas de cada série; podendo também a selecção de uma ou outra forma depender da compatibilização com verbos, preposições ou outros elementos contextuais.

Esses dêiticos podem ocorrer como anafóricos, isto é, referirem-se a algo já enunciado no discurso.

4.2.1.1.1 Aqui

No *corpus*, nas ocorrências analisadas de *aqui* (50 % do total), em todas elas, *aqui* ocorre como dêitico:

1.1.1 *Aqui* se começa hũũ livro que dizen Dialago...

1.5.47 — Vai-te e des aqui adeante non venhas *aqui* a furtar, mais o que mester ouveres demanda-o a mim e eu ch'o darei.

1.8.10 — Eu vim *aqui* pera comer e ainda non abri mha boca pera louvar Deus e ja aquele ven con sa bogia pera tanger sas campãã.

Em outros casos o *aqui* refere-se a um ponto no tempo e não no espaço; expressa portanto a dêixis temporal:

1.5.49 — Assi como ora eu ouvi ata *aqui* ...

1.5.73 — Non curedes, ca des *aqui* en deante non averá féver, nen Basilio demandarás.

1.5.47 — Vai-te e des *aqui* adeante non venhas aqui.

4.2.1.1.2 Acá

Acá, na sua única ocorrência, é um dêitico locativo.

2.31.14 — E dá *acá* todalas cousas deste homen que tomasti.

4.2.1.1.3 Ali

Ali, examinadas 50 % das ocorrências, em duas está como dêitico locativo:

2.8.44 *Ali* en aquel castelo estava hũũ templo mui velho do tempo antigo dos gentios en que havia hũũ idolo a que dezian Apolo.

2.8.49 En aquel templo jaz hũa eigreja a honra de San Martĩho e *ali* hu estava o idolo d'Apolo, que quer dizer Sol, fez hũũ oragoo de San Joane.

Em três outras ocorre como dêitico temporal:

1.5.55 E pois que acordou, achou-se des *ali* adeante sen nenhũa tentaçon da carne.

1.6.9 E o santo homen de Deus lhi disse con gran desdenho que se fosse daquele corpo — e o enmiigo logo se partio dela — des *ali* en deante nunca ouvesse posse nem poderio sobr'ele.

2.4.17 ... mais ficou en sa oraçon des *ali* en deante continuadamente come seus companheiros.

Nas demais como anafórico.

1.2.14 Hũũ dia caeu hũũ grande penedo de cima dũũ monte sô que estava o seu moesteiro e, vindo mui teso pera destroir todo o moesteiro e pera matar quantos *ali* moravan... (=no moesteiro)

1.9.4 Aqueste contava que o corpo daqueste Equicio abade jazia soterrado na eigreja de San Lourenço mártir e hũũ homen bõõ simprez pos hũa arca de triigo sobrelo seu muimento, non metendo mentes en como fora santo aquele que *ali* jazia (=no muimẽto)

4.2.1.1.4 Acó, aló, alá

Nas suas únicas ocorrências, *acó* e *aló* estão como anafóricos da mesma forma que *alá* nas suas quatro ocorrências.

1.5.33 — Eu ti mando eno nome de Jesu Cristo que guardes esta entrada e non leixes *acó* entrar homen que no mundo seja (=nesta entrada)

3.35.16 — Muito val ao homen pera fazer vida boa e santa veer os homens santos fazer miragres e vivendo na terra veer a cidade de Jherusalém celestial nos seus cidadãos que conosco viven e fazen já obras daqueles que *aló* som (=na Jherusalém celestial)

1.5.13 E o dia d'oonte prometi que hoje parecesse ant' o juiz e ora proponho d'ir *alá* se me Deus quiser aderençar (= na presença do juiz)

1.5.69 Mais quen seeria ousado de ir ao moesteiro daquelas virgẽẽs quando o abade Equicio hi non era presente, por santo monge que fosse e, moormente, como iria *alá* hũũ homen que novamente veera ao mosteiro e cuja vida os monges non provaron? (= no moesteiro)

1.15.5 E pois o preposto do moesteiro, amigo e servo de Deus Nonnoso, soube o que mandara o abade, rogou os monges con grande homildade que non fossen *alá*, cá se temeu que o gaanho do azeite se tornaria en danos das sas almas (= no moesteiro)

4.24.48 — E pera saberes que ti digo verdade, afirmando que fui no ceo, sábi que me deron *alá* don pera poder falar todolos lenguagẽẽs (= no ceo).

O facto de *acó*, *aló* e *alá* só estarem documentados como anafóricos não nos permite concluir que esses elementos não funcionavam como dêiticos no português arcaico. A exiguidade das ocorrências impede essa generalização. Também o facto de sabermos que os dêiticos podem funcionar como anafóricos permite que se suponha que esses itens possam ocorrer como dêiticos locativos ou temporais em documentos contemporâneos aos *Diálogos*.

4.2.1.2 *Hi* e *ende*

Ao lado desses locativos que se associam a demonstrativos e que compõem um conjunto dêitico, ocorrem no *corpus*

hi ~ i (124 e 7)
ende ~ en (54 e 5)

Examinadas 20 % das ocorrências de *hi*, *i* (= *aí*) e 20 % das ocorrências de *ende* (= daí, disso), pudemos observar que esses elementos funcionam sempre como anafóricos, referindo-se a algo já enunciado antes (16).

Hi:

1.2.46 E quando chegaron ao rio que primeiramente non poderon passar, tan agĩha o passaron come se *hi* non ouvesse bocado d'agua (= no rio)

1.3.4 E assi se partiron do moesteiro cegos e sen dano daqueles que *hi* moravan (= no moesteiro)

2.3.19 Enton foi-se pera o logar do ermo en que el soia morar e que el muito amava e morou *hi* consigo ante os olhos daquel que todo vee (= no logar do ermo)

Ende:

1.8.39 — Roga-te nosso padre o papa de Roma que folgues en teu moesteiro e non queiras tomar trabalho en ir a Roma hu el he, ca muito cansarias e gram nojo receberias *ende* (= disso)

2.7.7 E pois vio o que fezera, maravilhou-se *ende* muito ca despolo apostolo San Pedro non ouvira que tal cousa fosse feita (= disso)

3.15.33 — Deitade tantos alferces no horto e viinde vós *ende* agĩha (=daí)

---

(16) Ocorrem no *corpus* os compostos *poren* (12 vezes) e *porende* (83 vezes, com o valor conclusivo - explicativo cf. Parte III, 2.1.2.4). Das 7 ocorrências de *i* três delas na sequência, parece que lexicalizada, *per i*, equivalente, aproximativamente ao actual «por isso» e uma vez *des i*, com valor temporal ou espacial de «depois»:

4.36.5 E algũũs as veen por seu proveito, ca melhoran *per i* sa vida depois.

2.15.19 E el-rei a cabo de pouco vẽo a Roma e *des i* foi a Cezilia.

4.2.1.3 Sobre o sistema de dêiticos e anafóricos

Pelo exame dos dados relativos aos locativos analisados, talvez se possa levantar a hipótese de que nesse estado do português havia ao lado dos dêiticos locativos propriamente ditos um sistema exclusivamente de anafóricos constituído por *hi* e *ende,* semelhante ao que ocorre ainda hoje em outras línguas românicas como o francês *(y, en).* O facto de *aqui, acá, acó* estarem sempre relacionados aos demonstrativos de tipo 1 *(este),* portanto pertencerem ao campo mostrativo do falante, e *ali, alá, aló* estarem sempre relacionados a demonstrativos do tipo 3 *(aquel),* portanto pertencerem ao campo mostrativo daquele ou daqueles de que se fala, somado ao facto de que *hi,* quando está relacionado a um demonstrativo pode ser esse do tipo 3 ou, embora raramente, do tipo 1 (cf. Parte I, 2.2.3) permite supor, com certa margem de segurança, que o sistema dêitico locativo era do tipo dicotómico como há indício de ser o dos dêiticos demonstrativos. As formas de tipo 2 *(esse),* além de menos frequentes que as outras, ocorrem sempre em função anafórica como o *hi* e o *ende* que acabamos de analisar e nunca estão correlacionadas com o *hi,* como deveria ocorrer em um sistema do tipo

este ◄——► aqui, cá
esse ◄——► aí
aquele ◄——► ali, lá (17)

---

(17) É essa a opinião de Paul Teyssier, expressa em seminários realizados em Setembro de 1979, no Instituto de Letras da UFRJ. Esse especialista na história da língua portuguesa propõe que, com o desaparecimento do *ende* no século XV (não documentado, por exemplo na *Crónica de D. Pedro* de Fernão Lopes (MACCHI: 1966), da primeira metade do século XV) o *hi* venha a encaixar-se no sistema locativo antes binário, sob a forma de *aí,* ao mesmo tempo em que o *esse* dêitico e não apenas anafórico. Essa mudança estrutural Paul Teyssier ilustrou em três sincronias do português: séculos XIV, XV e XVI. Vide TEYSSIER 1981.

Não queremos deixar de chamar atenção para a natureza do discurso dos *Diálogos de São Gregório* em relação ao uso dos dêiticos. Embora ocorram no texto muitas situações de diálogos, como o próprio título o indica, um *corpus* que espelhe mais caracterizadamente a situação de discurso típica da comunicação oral será, sem dúvida, de mais significação para a análise de factos que expressam a dêixis. Nada impediria de considerar a possibilidade de, em um *corpus* dessa natureza, ocorrer *hi* como dêitico, já no português arcaico, que, entre *aqui (acá, acó)* e *ali (alá, aló)*, indicasse uma organização espacial que levasse em conta não só o âmbito do emissor e o daquilo ou daquele de que ou de quem se fala, mas também o âmbito do receptor e que pudesse relacionar-se a um *esse* dêitico, entre *este* e *aquele*. (18)

O quadro seguinte resume os dados apresentados nos itens anteriores:

LOCATIVOS / Características	aqui (22)	acá (1)	acó (1)	ali (35)	alá (4)	aló (1)	hi ~ i (131)	ende ~ en (59)
campo do emissor	+	+	+	—	—	—	—	—
campo do receptor	—	—	—	—	—	—	(+)?	—
campo nem do emissor nem do receptor	—	—	—	+	+	+	—	—
dêitico	+	+	(+)	+	(+)	(+)	(+)?	—
anafórico	(+)	(+)	+	+	+	+	+	+

(19)

---

(18) No seminário atrás referido P. Teyssier apresentou um exemplo de *esse* dessa natureza documentado nas *Cantigas de Escárnio e Maldizer*, século XIII: (LAPA: 1965):

«— *Essa* saia que vos tragedes».

(19) O sinal entre parênteses indica que não está assim documentado nos *Diálogos;* lembramos que *aqui* e *ali* levantamos apenas nos dois primeiros livros e as outras formas no total da obra.

4.2.2 **Locativos interrogativos:**

4.2.2.1 *Hu* e *onde*:

Depreende-se do *corpus* um sistema em que basicamente se pode interrogar sobre:

a. o ponto em que algo ou alguém se encontra;

b. o ponto a que ou para que algo ou alguém se destina;

c. o ponto de que algo ou alguém provém.

As expressões para essas três possibilidades semânticas são:

a. 'ponto em que'	hu
b. 'ponto a que'	
c. 'ponto de que'	onde

A forma *hu* ocorre 86 vezes e *onde*, 30 vezes (20).

O lugar sobre que se questiona pode ocorrer em interrogativas directas ou em estruturas interrogativas indirectas: *hu* (a), 4 vezes; *hu* (b), 3 vezes e *onde*, 2 vezes:

Hu (a):

— *Hu* he ora o Deus de Elias? 1.4.23
— *Hu* comestes? 2.12.7
— *Hu* é o seu filho? 2.32.18-20
— ... e preguntô-os *hu* era o abade 1.8.10

---

(20) As ocorrências foram levantadas no total da obra. De *onde* examinamos todos os contextos e de *hu* examinamos 46, isto é, as ocorrências dessa forma nos dois primeiros livros.

Hu (b):

— *Hu* te queres ir? 1.5.10
— *Hu* vas? 2.30.4-6
— ... e preguntoo-u *hu* ia? 2.1.39

Onde:

— *Onde* lhi poderia vĩĩr que adevĩasse as cousas que avian de vĩĩr, depós sa morte, se non porque a alma he de tanta vertude e de tanta soteleza que vio que avian de vĩĩr ao seu corpo? 4.24.13

... preguntei-o mui de coraçon *onde* era e el mi respondeu que era da cidade de Tuderte 1.28.4.

As 9 passagens acima transcritas são o total das ocorrências de *hu* e *onde* como introdutor de interrogativas. Esses 9 casos permitem a síntese apresentada no quadro anterior: *hu* equivalente aos actuais *onde* e *para onde*, enquanto *onde*, equivalente ao actual *de onde*, dos dialectos considerados padrão.

Das 46 ocorrências examinadas de *hu*, 38 apresentam o valor *a*, e 8, o valor b.

HU	
a.	b.
38	8

Não encontramos documentado no corpus; *a hu*, *para hu*, nem *de hu* (²¹) ou *de onde*. Portanto *hu*, *onde*

(²¹) Nas *Cantigas de Santa Maria* está documentada a forma *dhu* cf. METTMANN (1972: s. v. *dhu*) e *du* no *Orto do Esposo*, cf. MALER (1964: s. v. *hu*); em ambos está documentado *onde*, equivalente a *donde*.

não ocorrem precedidos dessas preposições, nem de outras. É de notar que há 4 ocorrências de *u*, ao lado das 86 de *hu;* nesses três casos *u* está sempre precedido de *per*, correspondendo ao actual *por onde*. Serão *hu, u* não apenas variantes gráficas, mas variantes contextuais?

1:5.30 Achou a carreira *per u* o ladron soia a vĩĩr?
1.5.32 E pois veo ao logar *per u* o ladron soia a entrar, disse aa serpente:...
3.20.8 ... estava ante as portas da eigreja come muro forte e firme e non come agua que corre segundo sa natura *per u* quer que non acha embargo.
3.20.9 E a gente muita que estava na eigreja e querian fugir e non avian *per u* e temian que ...

Em nenhum desses casos *u* funciona como introdutor de interrogação, mas como relacionante relativo de uma afirmativa.

4.2.2.2 *Hu* e *onde relativos*

Hu (a), *hu* (b) *e onde* são empregados na maioria das vezes como relativos em frases afirmativas (cf. Parte III, 2.1.3.3.1).

Hu(a)	hu(b)	onde
$\frac{33}{38}$	$\frac{5}{8}$	$\frac{15}{30}$

Hu (a):

1.3.3 ... andando braadando por el os franceses, empeçavan em el *hu* el jazia.

1.8.39 … e non queiras tomar trabalho en ir a a Roma *hu* el he.

1.12.6 … tomaron o santo bispo Marcelino enas mãos e levaron-no pera aquel logar *hu* ardia a cidade.

1.12.9 Ca o poseron naquel logar *hu* viron que era moor forteleza do fogo

1.13.11 Acaeceu hũũ dia que andando cuidando aquel preposto Nonnoso *hu* poderia semear verças …

1.13.12 … foi-se pera aquel logar *hu* estava o penedo.

1.28.39 … e entrou ali *hu* jazia o enfermo

1.29.26 Pois nós veemos que Nosso Senhor fez tantos miragres polo seu corpo ali *hu* jaz

2.38.7 … os santos fazen maiores miragres naqueles logares *hu* á as sas religas ca naqueles outros *hu* jazen os seus corpos

2.38.16 … assi como o Filho sempre he ali *hu* o Padre he.

Note-se que *hu* pode ter como antecedente explícito a palavra *lugar* ou não, ou então pode estar precedido do substituto locativo *ali*.

Dessas 33 ocorrências de *hu* (a) como relacionante relativo há uma em que *hu* assume valor temporal e não locativo:

1.2.20 Ca, como quer que aqueles que ordĩada vida fazen non queiran seer meestres *hu* primeiramente non foron discipulos.

Hu (b):

1.1.18 … semelha-me que me vou per esse mar ao desdado *hu* me Deus levar.

1.7.3 Como ousas a preegar e propoer a paravoa de Deus *hu* quer que vaas …?

1.12.4 … non podia andar e os seus homens o levavan *hu* quer que queria ir en sas mããos

1.28.30 … e enviou-os con seus homens pera a cidade de Ravena *hu* el queria ir.

2.1.6 E seu padre e sa madre enviaron-no pera Roma *hu* enviavan todolos filhos dos outros homens bõõs naquel tempo.

Onde:

1.5.54 … lhi talhava aquela parte do corpo *onde* lhi aquele mal nacia

1.28.4 — Tornade este homen a seu logar *onde* o tirastes…

2.22.26 O profeta Habacuc foi levado de terra de Judea a terra de Caldea … e tan toste se achou longe da terra de Judea *onde* o anjo o levara

3.12.6 … e era oito milhas da cidade *onde* o bispo avia de vĩĩr.

3.27.7 Todolos daquel logar *onde* el era guardavan-se de seu mal.

4.34.21 E pelo deleito que a alma recebe da carne que está en fundo, *onde* dece o fedor…

3.35.13 E pois o enfermo foi são, trouve-o pera seu leito *onde* o levava e des enton non braadou jamais.

Note-se que em todos esses casos *o ponto de que algo* procede é definível no espaço. Há casos em que esse é um ponto abstracto ou nocional, como, por exemplo, nos casos seguintes:

1.1.6 E pera crecentar mais mha tresteza todas aquelas cousas *onde* mi door e desprazer algũũ podia nacer.

1.19.12 … começô a rogar que lhi desse *onde* podesse amansar a sanha do clerigo.

4.16.6 Veo a hũa enfermidade *onde* xi lhi atou morte

4.8.7 Deus dá … paceença pera sofrer as pẽas en que os leixa viver, *onde* e per que aja de que se amercee dele.

3.37.77 — Se mi quiserdes outorgar todolos cativos que tragedes, dade-mh'os e averei *onde* rogue Deus por nós

Há três casos em que *onde,* também equivalente a *de que,* indica uma relação de *posse,* e não de procedência:

1.5.24 Fiiz … que foi noutro dia preposto naquel moesteiro *onde o fora Libertino,* contou a mim (= Libertino foi abade do moesteiro)

3.2.38 — Rogo-te que mi des todolos cativos que aqui tẽẽs da cidade *onde eu sõõ bispo* (=eu sou bispo da cidade)

3.9.4 Estando os homens bõõs da cidade *onde el era bispo* fez chanto sobre ele (= ele era bispo da cidade)

Essas ocorrências poderiam ser interpretadas com um valor locativo de *em que,* e nesse caso o uso de *hu* seria o esperável neste sistema; parece-nos no entanto que se pode interpretar como *de que,* portanto, o *onde* do sistema, embora não com o valor locativo espacial ou nocional, mas em que *onde* estabelece uma relação possessiva.

4.2.2.3 *Onde* temporal.

Há dois casos em que *onde* funciona como um relativo do valor temporal:

4.8.8 Acaecer-lhis-ia que *onde* homen cuidava que a culpa menguasse, ende creceria e faria-se maior.

3.5.11 E era gram maravilha ca *onde* huum avia mal, ende os outros todos avian peior.

Observando-se o *ende* (=-daí) com que está relacionado, pode-se propor para *onde* nesses contextos uma equivalência do tipo: «a partir do momento em que» portanto um valor temporal, mas em que se expressa um ponto de partida no tempo, e não no espaço, que é o valor mais frequente e usual de *onde.*

4.2.2.4 *Onde* conclusivo

Ao lado das 15 ocorrências de *onde* como introdutor relativo, quer indicando um ponto de partida local, nocional, temporal, ou uma relação de posse, há 11 ocorrências de *onde,* sem referir-se a um antecedente, que expressa uma conclusão decorrente da argumentação desenvolvida no discurso, equivalente ao actual *donde, logo:*

1.17.26 *Onde* porque o miragre que fez quando os cegos alumeou quis que jouvesse ascondudo e pero non se pôde asconder.

1.17.30 *Onde,* Pedro, non quis Nosso Senhor que se fezesse algũa cousa e non se pôde fazer, mais quis dar a entender...

2.3.61 *Onde,* Pedro, podes conhocer ora muit'agĩha se o quiseres ouvir de bõa mente, que ...

3.18.40 *Onde* parece que ress̃uscitar alguén en corpo e non en alma ... muito he moor miragre

4.12.14 *Onde* sofre Nosso Senhor que os maaos ajam poderio contra os bõõs dementre viven.

4.4.55 *Onde* pelas razões que de suso ditas son entendemos que ... (cf. ainda: 4.4 66, 4.5.5, 4.12.4, 4.14.4, 4.18.4)

4.2.2.5 Conclusões

Da análise desses dados se pode concluir que o sistema analisado é constituído basicamente de dois termos: *hu: onde,* sendo o elemento semanticamente não marcado *hu,* que expressa tanto o *ponto em que* como o *ponto a que* e associado à preposição *per* indica o *ponto através de que;* e *onde,* o elemento marcado, que tem como traço semântico básico o *ponto a partir de que,* quer espacial, quer nocional, quer temporal, quer possessivo, quer contextual. É de notar também que, tanto um como outro elemento do sistema, embora basicamente locativos, podem funcionar como temporais. Do ponto de vista sintáctico a distribuição mais comum desses elementos é a de relativo, o que é explicável pelo tipo de narrativa, da mesma forma que a marcante incidência de *onde* conclusivo decorre do discurso de tipo argumentativo de certas passagens da obra.

O quadro abaixo sintetiza os dados discutidos nos itens anteriores:

	LOCATIVOS	hu (a)	hu(b)	u	onde
	Caracteristicas				
SINTÁCTICAS	interrogativo	+ (4)	+ (3)	—	+ (2)
	relativo - locativo	+ (33)	+ (5)	+ (4)	+ (15)
	relativo - temporal	+ (1)	—	—	+ (2)
	relativo - conclusivo	—	—	—	+ (11)
	TOTAL	38	8	4	30
SEMÂNTICAS	ponto em que				
	espacial	+ (37)			
	temporal	+ (1)	—	—	—
	ponto a que	—	+ (8)	—	—
	ponto através de que	—	—	+ (4)	—
	ponto de que				
	espacial	—	—	—	+ } (14)
	nocional				+
	possessivo				+ (3)
	temporal				+ (2)
	contextual				+ (11)

4.2.3 **Locativos especificadores:**

4.2.3.1 Definição

Estamos denominando *locativos especificadores* aqueles que marcam explicitamente uma relação de posição no espaço entre dois elementos. Enquanto os locativos dêiticos se referem aos elementos envolvidos no circuito da comunicação (falante, ouvinte, nem falante, nem ouvinte) e os locativos tratados em 4.2.2., os interrogativos, questionam sobre a posição ou direcção de algo ou alguma coisa no espaço, os locativos especificadores precisam a posição ou direcção ocupada por algo ou alguém.

Esses locativos podem ocorrer como circunstancial de lugar, portanto sem serem seguidos de sintagmas nominais ou podem ocorrer como relacionantes de um sintagma nominal locativo, relacionador intersintagmático, portanto. Na terminologia tradicional os primeiros seriam considerados advérbios de lugar e os segundos locuções prepositivas. (cf. Parte III, 1.4.3.1.5).

Os locativos especificadores podem ser organizados em micro-sistemas, em geral constituídos por pares semanticamente contrários.

4.2.3.2 Quadro dos dados

O quadro seguinte engloba os locativos especificadores documentados no *corpus:*

FUNÇÃO	circunstancial locativo	relacionador locativo de sintagma nominal
LOC. ESPECIFICADORES		
SUSO (56) ~ DE SUSO (8) (22)	+	—
NENLHUR (1)	+	—
FONDO (5) ~ FUNDO (1)	a-(1), pera -(1), en-(2)	no — de + SN (1)
CIMA (14) (23)	a-(2), de-(1), pera-(1), en-(2)	en — de + SN (3), per — de + SN (1) pera — de + SN (2) a — de + SN (2)

---

(22) Das 56 ocorrências de *suso* nos *Quatro Livros*, examinamos 28 contextos, em 8 deles ocorre *de suso*.

(23) Ocorre no *corpus aa cima*, pelo menos 5 vezes, com o valor de *por fim, finalmente:*

FUNÇÃO	circunstancial locativo	relacionador locativo de sintagma nominal
LOC. ESPECIFICADORES		
SÔ (20)	—	— + SN (20)
SOBRE (94)	—	— + SN (94)
DENTRO (12)	— (2), aa de — (2)	— em + SN (6), — a + SN (2)
FORA (30)	a — (1), aa de — (2)	— de + SN (27)
LONGE (12)	— (2), a — (1), de — (2)	— de + SN (7)
PERTO (8)	— (1)	— de + SN (7)
DERREDOR (19)	— (10)	— de + SN (9)
~ ARREDOR (2)		— de + SN (2)

4.2.3.2.1 *Observações sobre os dados:*

O par opositivo *suso* (< sursum): *juso* (< deorsum) não está documentado no *corpus*. *Suso* e *de suso* parecem ser sinónimos, equivalem a *acima*, com valor locativo contextual, isto é, remetendo a algo antes dito no discurso. Aparecem em sequências que poderíamos considerar lexicalizadas: 1.2.34 *de que suso falamos*, 1.2.35 *de que suso falei*, 2.2.22 *como suso dito he*, 2.5.8 *de que suso fiz mençon*, 2.16.36 *já ti eu respondera suso*. Parece, no entanto, que há uma selecção estilística na escolha entre *suso* e *de suso*: quando na frase ocorre outro *de* próprio ao sintagma verbal se prefere *suso*, assim: «*de* que *suso* falamos, *de* que *suso* falei, *de* que suso fiz mençon», mas: 1.6.2 moesteiro de *suso* dito, 2.35.8 como *de suso* dissemos, 2.23.18 palavras *de suso* ditas, 2.35.8

1.4.11 E *aa cima* a piedade venceu a homildade.

2.1.51 E andando per muitos montes e per muitos vales e per outros muitos logares covos e ascondudos *aa cima* achoo-u jazer en hũa cova.

como *de suso* dito he, 1.18.2 fezemos *de suso* renembrança.

Nenlhur ocorre uma única vez:

2.12.7-9 — Hu comestes?
— *Nenlhur*, padre.

As formas afirmativas correspondentes *algur*, *alhur* não estão documentadas no corpus (24). *Nenlhur* aqui equivale a *em nenhum lugar* ou *em lugar algum*.

Não ocorrem no *corpus* os locativos que têm *baixo* como base; contrapondo-se a *cima* ocorre *fondo*, *fundo*:

1.2.38 Como temerian se as quisessen esfalfar dũu mui gram monte *a fondo*
1.5.36 Jouve assi con a cabeça *pera fondo*
3.34.25 Terra ... que está *en fondo*

Nos exemplos seguintes a oposição *fondo*: *cima* fica explícita:

4.34.21 Enton esta alma á a terra *de cima* que se rega per si
e
4.34.23 Dizemos ainda que enton a filha de Caleph tomou a terra que está *en fondo* que se rega per si.
4.34.19 E seu padre lhi deu por herdamento duas terras que se regavan per si: hũa estava *en cima* e a outra *en fondo*.

Nunca ocorre no texto a forma actual *sob*, mas *so* (< sub), de acordo com a regra geral de apagamento de consoante oclusiva, implosiva. A propósito das formas assumidas por *sobre* quando seguido de artigo — *sobrelo, sobrelos, sobrela, sobrelas* — cf. 2. 1. 2.1c.

---

(24) A propósito desse conjunto de locativos cf. J. J. NUNES (1961: 344, nota 3).

É de notar que, enquanto os outros locativos arrolados ocorrem como circunstanciais, *sô* e *sobre* só como relacionador de um sintagma nominal circunstancial Os exemplos seguintes demonstram bem o valor semântico oposto desses locativos:

1.30.1 Como Martirio fez o sinal da cruz *sobrelo pan* que jazia *sô a borralha*.
2.3.43 ... ou cuidando nas cousas vããs e deleitosas do mundo e enton imos *sô nós* e non *sobre nós*.

Dentro ocorre apenas duas vezes como circunstancial locativo:

1.18.7 E, ante que nunca beezessem a mesa, fez tanger as campããs aa bogia pera se pagarem del que o recebessen *dentro* pera comer.
3.15.36 Mais foron *dentro*, mudou-lhis Nosso Senhor a voontade do furto.

Dentro é acompanhado de *en* ou *a* e nunca de *de*, como hoje:

1.24.19 *Dentro na* sa alma
1.28.31 *Dentro na* cidade
3.20.8 *Dentro na* eigreja
2.31.17 *Dentro ao* moesteiro
2.35.23 e 3.37.20 *dentro en* sa alma ~ *dentro a* sa alma 3.16.68.

Parece que a escolha entre uma e outra possibilidade era independente do contexto, como se pode observar pelo último exemplo.

Em 1.11.19 está um excelente exemplo em que fica explícita a oposição *dentro: fora:*

— Ora conhosco, padre, que aqueste santo homen Contancio foi grande *d' aa de fora* polos miragres que feze, mais foi maior *aa de dentro* per homildade que houve.

Longe: perto se apresentam já como hoje; mas no texto ocorre sempre *a longe* e não *ao longe*

2.19.10 Deitou *a longe* os mantees
2.28.7 E que a deitassen *a longe*

Em 1.2.12, *perto* perde o valor locativo espacial e equivale a *aproximadamente:* «*moesteiro* que avía *perto de 200 monges.*»

Enquanto *derredor* ocorre nas duas distribuiçoes sintácticas, *arredor + de* ocorre introduzindo um sintagma nominal locativo, representado por um subtituto:

2.2.6 A mérloa andava *arredor del*
2.2.8 E vio *arredor de si* crecer grandes mouteiras

Nas ocorrências de *derredor de,* este vem seguido de sintagma nominal ou de substituto:

3.16.41 jazian derredor daquel logar
3.17.12 ———————— do monte
3.19.5 ———————— da cela
3.20.7 ———————— da eigreja
3.29.3 andando correndo *derredor dela*
4.9.17 ... *derredor del*

Confrontando-se 2.2.6 com 2.8.13 «começou a *andar derredor do pan*», vemos com o verbo *andar* tanto *arredor* como *derredor*.

Esses dados porém não dão para concluir sobre um condicionamento ou sua ausência na escolha de uma ou outra forma. De todo modo há uma preferência pela forma pleonástica *de + arredor + de* (19) à sua variante *arredor + de* (2 vezes, apenas).

4.2.3.3 Locativos espaço-temporais.

Dos locativos especificadores há um sub-conjunto, de que em seguida trataremos, em que a noção de posição no espaço e posição no tempo estão interligadas; de todo o modo se pode depreender uma organização na selecção desses locativos espaço-temporais:

Valor semântico		LOCATIVOS		TEMPORAIS	
Formas	Função	circunstancial	relac.te de SN	circunstancial	relac.te de SN
APÓS (4)		—	(4)	—	—
EMPÓS (3)		—	(2)	—	(1)
DEPOIS (35) ~ DESPOIS (26) ~ DEPÓS (45)	(106)	—	depós + SN (3)	depois (19)	(84) (78) despois+SN (26) depois+SN (10) depós+SN (42) depois de+SN (5) depois a+SN (1)
TOTAL P. 113		0	9	19	85
ANTE (78) ~ ANT' (23)	(101)	—	(79) ante a +SN(1) ante de+SN(1) ante+SN(77)	—	ante + SN (22)
DEANTE (19)		(3)		(16) en deante (5) a deante (11)	—
TOTAL P. 120		3	79	16	22
TOTAL G.		91		142	

4.2.3.3.1 *Observações sobre esses locativos*

Em primeiro lugar, é de notar que não ocorre no *corpus* nenhum circunstancial locativo ou relacionador de sintagma nominal locativo que tenha como base o par opositivo *frente: trás*. Essas noções estão expressas pelas formas apresentadas no quadro anterior. No total dos dados aí apresentados (113 para a noção básica *em frente* e 120 para *atrás)* ressalta o facto de essas expressões locativas, na sua maioria, expressarem uma noção locativo-temporal (142) e não apenas locativa (91).

Enquanto as ocorrências de *após* e *empós* marcadas como locativas nos parecem indubitáveis, as três ocorrências que marcamos como locativas em *depós* poderiam talvez serem interpretadas como temporais:

APÓS: (25)

2.7.3 Metendo a quarta na agua saiu-lhe das mãos e el indo-se *após* ela levoo-u a onda.
4.4.25 Vai *apolas* cousas que non duran
4.4.3 e 4.4.22 Van *apolos* deleitos

(Nos dois últimos exemplos os locativos são antes nocionais que tópicos.)

EMPÓS:

1.5.30 Querendo tirar o pé *empós* si, empeçou-lhi o çapato.
1.28.31 E el subio en seu cavalo e, indo-se *empós* eles quando foi ant' a eigreja do apostolo San Pedro que era dentro na cidade, escorregou o pé.

---

(25) **Sobre as formas assumidas por *depois, despois* e *depós*, *após* e *empós* seguidas de artigo cf. Parte, I, 2.1.2.1 a.b.c.**

A outra ocorrência de *empós,*

1.1.19 E quando torno mentes *empós* mim... marcamos como temporal (equivale aproximadamente: «e quando lembro-me do meu passado»...)

DEPÓS:

4.4.26 ... anda devaneando *depolos* bẽẽs do mundo
1.8.18 E eu depois que acabar a obra que ei de fazer, ca ja pouca per he, logo me vou *depós* ti.
3.26.4 Ca hũa meniha paralitica, que siia naquela eigreja e jorrava-se pelas mããos e tirava o corpo per terra *depós* si...

Diante dessas três ocorrências discutíveis de *depois* locativo e em face das 104 ocorrências temporais de *depois,* pode-se adiantar com certa margem de segurança que nesse sistema *depois* e suas variantes mórficas marcam antes o tempo e não o lugar.

A noção oposta está expressa fundamentalmente por *ante,* 101 ocorrências, para 19 ocorrências de *deante.* Há três ocorrências de *deante* locativo:

2.2.13 e el tan toste enviou polos menihos, que já fezera ir *deante* e, quando chegaron...
2.20.2 San Beento seendo comendo a hora de vespera ja tardi, hũũ monge que lhi tiinha a candea *deante,* disse en seu coraçon:
2.20.3 —Quen he este a que eu tenho a candea *deante* quando come?

Essas se opõem às 16 ocorrências temporais em que *deante* ocorre na maioria das vezes nas lexias *des aqui adeante* 1.5.47, *des ali adeante* 2.2.9, *des aquel dia adeante* 2.4.17 que variam com *des aqui en deante* 2.3.18, *des ali en deante* 1.6.9.

Ante parece ser basicamente locativo já que assim ocorre 79 vezes para 22 vezes como temporal. *Ante* e *ant'* não estão em distribuição complementar já que ocorrem em contextos da mesma natureza:

2.35.15	*ant' os seus* olhos	1.1.6	*ante os meus* olhos
2.32.3	*ant' a* porta	2.31.8	*ante a* porta
2.11.15	*ant' el*	2.13.16	*ante el*

Simetricamente a *despois, depois* e *depós* que ocorrem 78 vezes seguidos directamente de sintagma nominal e apenas uma vez com o sintagma nominal precedido de *a* e 5 vezes com o sintagma nominal precedido de *de, ante* e *ant'* ocorrem 99 vezes seguido directamente de sintagma nominal e apenas uma vez como sintagma nominal precedido de *a* e outra precedido de *de.* Assim o normal no *corpus* é *despois, depois, depós* e *ante, ant'* + sintagma nominal sem o relaccionador *de* da actualidade (26).

Nunca ocorre a forma *antes.*

4.3 *Temporais*

4.3.1 **Observação inicial.**

Quando tratamos dos locativos destacamos em alguns pontos a interrelação das noções de espaço e tempo, cf. 4.2.1.1.1, 4.2.2.3 e, sobretudo, 4.2.3.3 Analisamos então elementos fundamentalmente portadores de indicações espaciais, mas que, a depender do contexto, devem ser interpretados como temporais. Nos itens seguintes analisaremos um conjunto de elementos que são basicamente temporais.

---

(26) Seguidos de *que, ante* (21 vezes), *depois* (100 vezes) e *despois* (3 vezes) introduzem orações como subordinante temporal; com a mesma função de subordinante temporal, com o valor de *quando* e *logo que*, ocorrem *pois* e *pois que* cf. Parte III, 2.1.3.1.

4.3.2 Temporais dêiticos

Denominamos *temporais dêiticos* um conjunto de expressões que indicam posições no eixo temporal a partir de um momento específico que se refere ao emissor e ao presente. São esses elementos: *ora, enton, ja, ainda* (27).

4.3.2.1 *Ora* e *enton*

Correlacionável aos locativos dêiticos *aqui* e *ali* e aos demonstrativos *este* e *aquele* é o par:

Ora (62) : enton (95)

Ora indica o momento presente do enunciado, é, portanto, substituto do sintagma nominal *neste momento*. Compatibiliza-se com o verbo no presente e, excepcionalmente, com o verbo no perfeito, que expressa um facto há pouco acabado, um passado recente, portanto.

1.4.23 Hu *he ora* o Deus de Elias?
1.1.16 Cuidando eu no bem que perdi e no mal que *ora sofro*...
1.5.39 *Ora* te *vai*.
1.7.5 Cuidei en esso que mh'*ora dissisti*

---

(27) O número de ocorrências desses dêiticos se refere aos dois primeiros livros dos *Diálogos*. Para a análise, examinamos 50 % das ocorrências de cada um desses elementos.

1.5.52 Mui conhoçudo deste abade Fortunado de que *ora* eu *falei*

Na maioria de suas ocorrências está explicitamente relacionado aos demonstrativos do tipo *este/aqueste:*

1.1.13 E *ora,* per razon *deste* oficio en que estou

1.1.41 *Aquesto* que *ora* eu conto

1.2.40 *Este* embargo e *este* nojo que nós *ora* sofremos

1.7.2 Padre *daqueste* bispo Castório que *ora* nosco mora na cidade de Roma.

1.9.7 *Esto,* Pedro, que ti eu *ora* quero contar

1.28.11 *Aqueste* homen muito alonjado he *daquestes* que nós *ora* veemos

Ao lado das 62 ocorrências de *ora,* documentamos uma única de *agora,* com o mesmo valor; compare-se:

1.2.28 ... alonjados daquestes homẽẽs de que *agora falamos*

1.2.29 ... e estes de que *ora* falamos

Enton se opõe a *ora* por reportar-se ao não-presente, quer passado quer futuro, sendo assim um substituto do sintagma nominal *noutro momento,* isto é, *não neste momento.*

Na passagem seguinte se opõe claramente ao *ora* e se reporta ao passado:

1.22.4 Pois el, seendo menĩho, era tan chegado a Nosso Senhor per bõa vida e per bõõs custumes que fazia Deus por el *enton* tan grandes maravilhas como estas de que *ora* falamos.

Nesta, reporta-se ao futuro, e está explicitamente relacionado ao demonstrativo do tipo *aquele.*

1.1.24 Direi-ti os nomes dalgũũs a que algũũs feitos de que falo acaeceron e *enton poderás entender* a verdade de todas *aquelas* cousas que ti eu conto.

A par das 95 ocorrências de *enton* documentamos duas ocorrências de *entanto,* que parecem equivalentes a *enton,* referente ao passado:

2.1.29 Fezeron-no ficar consigo hũũs homens... e pousando *entanto* en hũa eigreja que hi avia...

3.17.29 Mandou-lhi que fezesse todo seu poder e que el estaria *entanto* na prestumeira parte de sa cela.

Na maioria de suas ocorrências *enton* funciona sintacticamente como «adicionador» de enunciados, muitas vezes precedido de *e,* referindo-se a factos do passado que estão sendo narrados. Nesses contextos se pode dizer que basicamente equivale ao sintagma nominal *naquele momento;* momento esse referente ao facto enquanto narrado.

1.8.40 *Enton* o servo de Deus pois que esto ouvio ficou triste e disse:

1.8.33 *E enton* respondeu o abade santo e disse.

Ao longo dos *Quatro Livros dos Diálogos* as falas de Gregório e de Pedro são muitas vezes introduzidas por *enton;* por exemplo:

1.16.37 *Enton* disse San Gregório

1.16.35 *Enton* don Pedro seu clerigo disse

Algumas vezes o *enton* se desloca para o fim do enunciado:

1.23.13 E don Pedro seu clerigo disse *enton*

4.3.2.2 *Já e ainda*

Consideramos dêiticos temporais, ao lado de *ora* e *enton*, o par

ja (71) : ainda (69)

Paralelamente a *ora* substituto de *neste momento* e de *enton, noutro momento,* podemos, aproximativamente, considerar a existência de *ja*^{1} e ja^2, substitutos, respectivamente, de *antes deste momento* e de *a partir deste momento;* equivale *ainda* a *antes e para além deste momento.*

Para uma interpretação semântica desses temporais, poderíamos utilizar os traços: *punctual,* que se opõe a *contínuo; presente,* que se opõe a *não-presente* (quer passado, quer futuro); *prospectivo,* que se volta para o futuro, vindo do presente se opõe ao *não-prospectivo* e *perfectivo,* que se opõe a *imperfectivo, não-acabado.*

temporais traços	ORA	ENTON^1	ENTON^2	JA^1	JA^2	AINDA
PUNCTUAL	+	+	+	—	—	—
PRESENTE	+	—	—	—	—	—
PROSPECTIVO	—	—	—	—	+	—
PERFECTIVO	+	+	—	+	—	—

Já^1 equivale ao sintagma nominal «antes deste momento» e se compatibiliza com verbos no passado que indicam um facto já acabado, realizado, perfectivo portanto.

1.1.8 *Acaeceu,* padre, *ja* algũa cousa nova por que choras mais que sooes?

1.11.6 E pois que *ardera ja* hũa peça da cidade e nengũũ non se ousava a poer ante o fogo, tomaron o santo bispo Marcelino...

1.16.3 ... de que *ja* suso *falamos*

1.16.4 ... de que *ja* suso *falei.*

1.28.33 E el tan toste enviou polos menĩhos, que *ja fezera* ir deante

1.29.23 E pero non he pera creer que o bõõ logar a que o *ja levaron* que o perdesse.

2.1.4 *Despreçou* o mundo que estava con toda sa frol, ben come se *fosse ja* seco.

2.2.12 Ca, pois ele *ja vencera* as tentações dos pecados, dereito era que Deus o fezesse meestre das vertudes.

2.3.53 — Rogo-te que me respondas se devera leixar os frades que *ja* hũa vez en sa encomenda *recebera.*

2.5.12 E eles foron a cima do monte e *acharon ja* suar o penedo

2.8.12 E quando vẽo a hora de comer, el *seendo ja* aa mesa, vẽo hũũ corvo dũa mata ...

2.12.3 E tal custume guardado por regra muito *já* avia, *acaeceu* hũũ dia ...

Já^2 equivale ao sintagma nominal *a partir deste momento* e se compatibiliza com verbos que indicam um facto não acabado, imperfectivo portanto:

1.4.25 E *ja podes entender,* Pedro, quanto val a homildade pera fazer vertudes e miragres.

1.12.12 *Ja* ora, Pedro, *entendes* de que santidade foi aqueste homen.

1.16.6 Acaeceu hũa noite, quando *ja* Deus *queria* galardoar o santo Anastasio os trabalhos que por el en este mundo sofrera...

1.17.16 E pois entendeu que os pobres *avian ja* sa parte, mandou ao menĩho que se partisse do logar e sairon ...

1.25.2 *Chegando-se ja* a noite, tomou semelhança dũũ romeu.

1.29.23 … per razon do ofizio en que soon e *era ja* mui tardi, non pudi ouvir os feitos do santo bispo Fortunado.

1.31.8 E pois acabou e se *viinha ja* pera o enfermo, sairon contra ele

2.1.47 E, *querendo ja* Deus poderoso que Romãão folgasse de seu trabalho …

2.2.16 — *Ja entendo,* padre, sequer pouquetĩho que testemõio deve aver.

2.2.23 E, porque de cincoenta anos adeante *vai ja* homen *folgando* e assessegando … porque a caentura maa da carne *vai ja menguando*

Já^2 ocorre duas vezes em frases negativas:

1.1.5 Todos aqueles confortos que soia a aver quando era monge, de que ora *ja non ei nemigalha (ja non ei=ja não tenho* ou *não tenho mais)…*

1.31.8 — Padre, porque tardasti, *non queiras já cansar.*

No exemplo seguinte ocorre o *já* prospectivo (*já* 2) e o não-prospectivo (*já* 1):

1.31.7-8 E pois acabou e se vinha *ja* (2) pera o enfermo, sairon contra ele os mandadeiros que primeiramente veeron e disseron-lhi:

— Padre, porque tardasti non queiras *ja* (2) cansar, ca o enfermo a que ias *ja* (1) morto he (28).

---

(28) *Ja* ocorre associado a *quanto* e *que* funcionando como quantificadores (cf. Quantificadores 3.2.1.6), por exemplo:

Ainda pode ser considerado como equivalente a *antes e para além deste momento,* uma vez que se reporta a algo que se situa antes do momento do enunciado e que continua para além desse momento. *Ainda* e *já* [2] se reportam ao futuro embora de maneiras diversas. Enquanto *já* [2] expressa um tempo a partir do presente, *ainda* indica o passado e ultrapassa o presente. A passagem seguinte marca bem a distinção semântica entre esses dois temporais:

1.8.10 Eu vim aqui pera comer e *ainda* non abri mha boca pera louvar Deus e *ja* aquele ven con sa bogia.

A passagem seguinte marca o carácter não-punctual, continuativo de *ainda* em oposição ao carácter punctual de *ora:*

1.29.3 O velho que mi contou aquesto que *ora* dito he, queria *ainda* contar outras cousas.

O reportar-se ao passado e indicar algo não-acabado no presente, continuando, portanto, para o futuro, permite a compatibilização desse temporal em construções com o verbo no presente e no passado, a depender do enfoque temporal dado ao facto narrado:

1.2.15 E porque non achou logar en que se retevesse *está ainda* en si.
1.2.35 Homen religioso que *ainda* vivo *he.*
1.4.27 Mais rogo-te se *sabes ainda* algũa cousa deste santo homen.

1.8.42 Reteve o mandadeiro do papa no moesteiro *ja quantos* dias.
1.15 6 Mais porque nas oliveiras do mosteiro aparecian *ja que* pouquetĩhas olivas.

1.13.4 … e cada hũũ deles *ainda* he vivo.

1.5.3 Ben *sei* eu *ainda* algũa cousa deste santo homen.

1.31.24 Eu cuido, Pedro, que muitos taaes *ha ainda* no mundo.

1.28.3 Non me devo calar dũa cousa que aprendi dos miragres deste santo bispo Fortunado non *ha ainda* 12 dias.

1.17.6 *Acrecentou ainda* outra pobreza e outra coita maior.

1.5.69 Como iria alá hũũ homen que novamente veera ao moesteiro e cuja vida *ainda* os monges non *provaron?*

1.17.20 En aquesto que lhi mandava fazer *ainda seguia* o enxemplo de Nosso Senhor.

1.24.12 … a vergonha dos homens venceu a vergonha de Deus e *foi* en outro dia aa consagraçon do santo martir, a que prometera a ir, *ainda* con sa consciencia, por non caer na vergonha do mundo, e en esto pecava *ainda* mortalmente.

1.25.7 E pois ouvio o queixume que o romeu fazia do bispo, e *ainda*, pera seer onde mais certo, *preguntô-o* e *convidô-o* pera sa pousada.

1.29.3 O velho que mi contou aquesto que ora dito he, *queria ainda* contar outras cousas.

Ainda ocorre muito frequentemente no *corpus* não como temporal mas com o valor semântico de *além disso*, funcionando como um anafórico que remete ao já antes narrado e dá seguimento à narrativa, por exemplo:

1.6.2 Contou *ainda* San Gregorio que… (cf. também 1.8.2, 1.9.9., 1.10.2 etc.).

1.12.3 Deve *ainda* saber, don Pedro, que …

1.13.2 E disse *ainda* que…

4.3.2.3 *Entramente.*

Documentado apenas duas vezes no *corpus* ocorre *entramente* que pode ser considerado um substituto temporal de um sintagma do tipo *entre este momento* (presente) *e aquele momento* (futuro). Pode ser incluído no conjunto dos dêiticos temporais, mas com um rendimento funcional mínimo em confronto com os outros dêiticos já que ocorre apenas duas vezes em relação às numerosas ocorrências de *ora, enton, já* e *ainda:*

2.14.3 — Conven, Pedro, que te cales *entramente* se moores cousas quiseres ouvir deste santo homen ca ouvisti ata aqui.

2.38.29 — Quedemos ja hũũ pouquetĩho de falar se quisermos contar os miragres que os outros padres fezeron. E *entramente* cobraremos nossa força pera contar depois mais atrevudamente os bẽẽs que dos outros santos quisermos dizer.

É de notar que no *corpus* não ocorre *entretanto* e *entrementes* que podem ser considerados equivalentes actuais de *entramente* (²⁹).

4.3.3 Ontem, hoje, cras.

O conjunto de temporais que se organiza não a partir de um momento específico no tempo, mas a partir da noção temporal de «espaço de 24 horas» ou seja o «tempo de um dia» está expresso por (³⁰):

oonte (5) ~ oonten (1) : hoje (10) ~ hoge (1) : cras (2)

---

(29) No *corpus* nunca ocorre *entre* que é a base de *entramente, entretanto* e *entrementes,* mas sempre *antre.*

(30) Esses temporais foram levantados nos Quatro Livros dos *Diálogos.*

que equivalem aos sintagmas: *neste dia* (hoje < lat. hodie), *no dia anterior* (oonte < lat. a(d) nocte), *no dia seguinte* (cras < lat. cras). Não ocorre nem uma vez *amanhã* (< lat. ad*maniana) que substituiu *cras*, ao longo da história do português; não ocorrendo também *eire* (< lat. *heri)*, documentado no português arcaico e que veio a ser substituído por *ontem* (31). O sistema que se consolidou no português (ontem: hoje: amanhã) «partiu de uma perspectiva em que se focalizava a noite do dia anterior e a manhã do dia seguinte» (32). Poderemos assim dizer que o *corpus* se apresenta inovador, quando selecciona *ontem* e não *eire* e é arcaizante ao seleccionar *cras*, e não *amanhã*.

Ontem: Das suas seis ocorrências, apenas uma não está precedida de *o dia d':*

1.8.41 — Eu non ti dixi *oonten* que se nos logo non fossemos, hoje non nos poderíamos ir?

nas outras:

1.5.13 E *o dia d'oonte* prometi que hoje parecesse ant'o juiz e *ora* proponho d'ir alá.

1.5.19 — Polos maos meus pecados *o dia d'oonte* empecei nas talhoos dos pees.

3.8.12 Assi que *o dia d'oonte* a hora de vespera...

3.8.26 Ca *o dia d'oonte* aa vespera.

1.29.21 — Dous veeron *o dia d'oonten* que me tiravan a alma do corpo e mh' levaron para o bõõ logar e hoje enviaron hũũ que disse ...

---

(31) Cf. J. J. NUNES (1960: 344).

(32) Cf. J. M. CAMARA Jr. (1975: 122-123).

Hoje: Das 11 ocorrências de hoje, em uma apenas ocorre precedido de *o dia d':*

1.31.43 Mais porque todo o tempo *do dia d'hoje* non nos abastaria pera os contar.

Em 2.21.8 *hoje* aparece reforçado redundantemente pelo sintagma *este dia*: «Mais ainda *hoje este dia* non son conhoçudos os mandadeiros».

Cras: uma vez ocorre precedido de *o dia de:* (³³)

2.21.6 — Se hoje pouco pan avedes, *o dia de cras* averedes avondamento

e outra, não:

1.8.34 — Se nós hoje non formos, *cras* non poderemos ir.

Os sintagmas *o dia de oonte/hoje/cras* são redundantes e talvez indiquem que os substitutos temporais *ontem, hoje, cras* ainda seriam sentidos como um correspondente lexicalizado dos sintagmas: *neste dia, no dia anterior* e *no dia seguinte.*

Observe-se também que esses sintagmas nominais circunstanciais — *o dia d'hoje, o dia d'ontem, o dia de cras* — nunca estão precedidos de preposição.

É de notar que em várias passagens a oposição *oonte: hoje: cras* está explícita, cf., nos exemplos anteriores, 1.8.41, 1.5.13, 1.29.21 e 2.21.6.

(³³) Embora não ocorra *amanhã* no *corpus* o substantivo *manhãã* «parte do dia» ocorre doze vezes.

4.3.4 Nunca e sempre

A frequência absoluta, quer negativa quer positiva, de acontecimentos realizados está sempre expressa pelo par antinómico:

nunca (42) : sempre (41)

equivalentes respectivamente a *em nenhum momento* e a *em todos os momentos:*

1.1.21 Leixaron o mundo de todo seu coraçon e *nunca* a el per nen hũa maneira tornaron.
1.1.23 Ca atal foi San Joane Babtista de que *nunca* leemos que meestre nen hũũ ouvesse.
1.2.40 Assi aquelas que se faran come aquelas que se *nunca* faran.
1.5.55 E pois que acordou, achou-se des ali adeante sen nen hũa tentaçon da carne, assi como se *nunca* ouvesse en seu corpo aquelo per que os homens poden geerar.
1.1.7 E des sa mancebia *sempre* meu amigo.
1.1.10 As lagrimas ... *sempre* me a min son velhas e pera acrecentamento *sempre* me son novas
1.1.12 Prazer que avia en cuidar *sempre* nas cousas celestiaes
1.1.14 Bẽẽs celestiaes en que *sempre* cuidara.

O exemplo seguinte deixa explícita a oposição *nunca: sempre:*

1.1.23 Ca algũũs deles de que me eu nembro, depois que os Deus apartou do mundo *sempre* os teve límpios e sããos e sen velhice da alma no estado a que os chamou e *nunca* lhis quis dar nem hũa honra no mundo.

Ocorre no *corpus jamais non,* uma vez, como equivalente a *nunca mais.*

2.3.18 Poren des aqui en deante tomade tal abade que convenha con nossos custumes ca min *jamais* non me podedes aver.

Nas suas outras ocorrências *jamais* está documentado na lexia enfática *pera/por todo sempre jamais:*

4.26.3 ... dando-lhis gloria en que sempre vivan en prazer *pera todo sempre jamais*
4.34.20 ... assi que lhi faz perder a graça de Deus e obligá-lo aas pẽas do inferno *pera todo sempre jamais*
4.37.9 ... recebeu tormenta por eles no fogo do inferno en que viven *por todo sempre jamais*
4.40.14 ... como o manda Deus atormentar sen cima *pera todo sempre jamais?*

A frequência relativa entre os extremos absolutos *nunca* e *sempre* está expressa por *ameudi* (20):

2.35.17 Vee Deus tan *ameudi*
3.37.69 Alça o braço muit' *ameudi*
2.25.4 Rogava-o muito *ameudi*
3.2.16 Entrando este genro del-rei en seu horto muito *ameudi,* avia prazer de falar con el *ameudi*

estando também expressa pelos sintagmas nominais: *hũa vez* ou *hũa vegada,*

$$\left.\begin{array}{l}\text{duas}\\ \text{tres}\\ \text{algumas}\\ \text{muitas}\\ \text{aas}\end{array}\right\}\ \textit{vezes}\text{ ou }\textit{vegadas}\ (34)$$

---

(34) As ocorrências de *vez* (16), *vezes* (35), *vegada* (22) e *vegadas* (36) estão indicadas no *Indice Geral das Palavras*

4.3.5 Cedo e tarde, toste, logo

Uma modalidade temporal, sem especificação de limites cronológicos definidos, mas antinómicos por expressarem extremos opostos, em um contínuo temporal, se consubstanciam em:

cedo (6) : tarde (1) ~ tardi (5)

2.35.5 Levantou-se pera sa oraçon mais *cedo* que soia.

3.24.7 Foi mostrado por Deus que *cedo* sairia deste mundo.

3.16.59 E poren que maravilha he se nos Deus *tarde* ouve nas cousas que lhi demandamos, se he porque nós *tardi* ou nunca ouvimos os seus mandados.

2.20.2 … seendo comendo a hora de vespera já *tardi*, hũũ monje…

Há 15 ocorrências, em todo o *corpus*, da forma *toste*, sempre precedida do quantificador *tan*. Considerada a forma *toste* empréstimo do francês (³⁵), por vezes parece equivaler a *cedo* e outras vezes parece antes equivaler a *logo* (= «no mesmo instante ou de modo imediato»).

Lexicais que acompanha a edição crítica da ***Mais antiga versão portuguesa dos Quatro Livros dos Diálogos*** (MATTOS E SILVA 1971a).

(35) Cf. J.J. NUNES (1960: 345, nota 4). Nunes, embora não explicitamente, considera *toste* equivalente de *cedo*. HUBER 1933: §157) considera *toste* antónimo de *tarde;* o mesmo se pode depreender em WILLIAMS (1961: §48.6.A). No glossário das *Cantigas de Santa Maria* (METTMANN 1972, s. v. *toste)* se propõe para *toste* as equivalências «cedo, depressa» e para *tan toste* «imediatamente».

Nas passagens seguintes em que ocorre combinada a *logo*, parece equivaler a *cedo:*

2.22.26 E nós sabemos ben pela Santa Scritura que o profeta Abacuc foi levado de terra de Judea a terra de Caldea en tan pequeno tempo e *tan toste* se achou *logo* en terra de Judea onde o anjo o levara.

1.16.3 E o outro frade prestumeiro a que se calou a voz hũũ pequeno de tempo ante que o chamasse non morreu *logo tan toste*.

Nos subsequentes, comparando-se *tan toste* com *logo*, que engloba um valor modal e temporal, parecem ser essas expressões sinónimas:

1.2.14 E *logo* o penedo esteve en si e não foi mais.
1.2.45 E foron-se logo muit'agĩha
1.5.7 Tornou-se *logo* pera seu leito
1.5.40 E a serpente *logo* se foi
1.5.34 E a serpente obedeceu *tan toste* e deitou-se toda atravessada
1.31.15 E *tan toste* apareceu hũũ mancebo mui fremoso e disse
3.16.44 E *tan toste* pois esta palavra disse, veeron tantas aves ...
3.16.60 E que maravilha ha se o santo homen Florencio Deus *tan toste* ouvio no rogo que lhi fez.
3.24.22 E aaquestas vozes *tan toste* — o corpo do abade volve-se en hũũ lado.

4.4 *Modais*

Paralelamente aos locativos tratados em 4.2 e aos temporais tratados em 4.3 há um pequeno conjunto de elementos que substituem sintagmas nominais que têm como núcleo substantivos do tipo *modo, maneira,* da mesma forma que aqueles locativos e temporais substituem sintagmas nominais que podem ter como núcleo substantivos do tipo *lugar* e *momento,* respectivamente.

4.4.1 Substitutos modais

4.4.1.1 *Assi* e *outrossi.*

Depreendemos no *corpus* dois elementos que podem ser assim classificados:

assi (64) : outrossi (14) (36)

Assi e *outrossi* parecem equivaler, respectivamente, aos sintagmas *(d)esta ou (d)essa maneira* e *(da)a mesma maneira.* Esses sintagmas podem vir precedidos de outras preposições. Preferimos desenvolver o sintagma tendo como núcleo o substantivo *maneira,* porque assim aparece explícito no *corpus.* Não ocorrem, por exemplo, no *corpus* os substantivos *forma* ou *modo* que poderiam ser comutáveis com *maneira.* Ocorre *guisa,* 12 vezes, mas como subordinante nas locuções *en guisa de* (11) e *de tal guisa que* (1).

Assi equivalente a *dessa maneira:*

1.1.7 Seendo eu *assi* chorando sen corforto nenhũũ.

---

(36) As ocorrências de *assi* foram documentadas nos dois primeiros livros dos *Diálogos* e as de *outrossi* no texto completo. Foram examinados todos os contextos em que ocorrem essas duas formas.

1.1.37 Ca *assi* o fala a Santa Eigreja.
1.2.38 E pois que *assi* fezeron.
1.3.4 E *assi* se partiron do moesteiro cegos e sen dano.
1.5.16 E assi acaeceu que a homildade foi meestra.
1.5.56 E jouve *assi* con a cabeça pera fondo
1.8.52 Como quer que *assi* fezesse David.
1.9.13 E *assi* o santo homen defendeu os seus dispulos.
1.12.8 E eles *assi* o fezeron.
2.1.66 E *assi* a sa fama cresceu.

Em todos esses exemplos *assi* refere-se a algo já anunciado, funcionando portanto como um anafórico; nos exemplos seguintes, também como anafórico, equivale antes a *desta maneira* e remete a algo que vai ser dito em seguida:

1.28.35 — Vai e di *assi* a meu senhor.
2.12.11 — Por que mentides *ora assi?*

O sintagma nominal que *assi* substitui ocorre no texto duas vezes, introduzido pelas preposições *en* e *per:*

1.16.32 — Ja ora podes entender, Pedro, que aquelas cousas que Deus ordĩou e soube ante que o mundo fosse feito compriron-se pelas orações dos santos homens ca *en esta maneira* (= assi) as ordĩhou ele.
3.32.7 E porque entendeu que nen *per esta maneira (= assi)* non podia quebrantar a vertude e o atrevimento daquele seu filho ben aventurado.

Assi, 19 vezes, ocorre no *corpus,* em estruturas comparativas, associado a *como* ou *come* (cf. *Quantificadores* 3.4.3) ou como subordinante modal também associado a *como/come,* nas lexias *assi como* ou *come.*

A expressão oposta a *assi*, que seria *noutra maneira* não ocorre lexicalizada no *corpus*, mas se documenta, algumas vezes o sintagma *en outra maneira:*

1.7.15 Pedro, a bõa obra que o homen faz nasce do don do Spiritu Santo que Deus ao homen dá. E o don non nasce da obra. *En outra maneira*, a graça non será graça, se o don do Spiritu Santo nace da obra que homen faz de sa vontade com ajuda das vertudes naturaes que no homen ha (cf. também 2.3.44, 2.11.9, 4.27.24).

Outrossi ocorre 14 vezes no *corpus* e parece equivaler a *da mesma maneira*. No primeiro exemplo se pode perceber bem o seu valor em contraposição a *assi*.

2.21.14 Ca assi como scrito he do Spiritu Santo que spira hu quer e hu lhi praz, *assi* pode homen entender que *outrossi* spira e ven quando lhi praz.

1.2.26 Ca atal foi San Joane Babtista de que nunca leemos que meestre nen hũũ ouvesse, como quer que muitos discipolos depois ensinasse. E *outrossi* Moises no deserto polo anjo aprendeu aquelas cousas que depois amostrou aos filhos d'Israel, e non per homen.

1.5.15 Enton o abade ... deitou-se aos pees do monge Libertino ... e o monge Libertino *outrossi* deitou-se ante os pees de seu abade.

1.8.31 Portanto mandou aos seus monges que guisassen besta pera o camĩho, ca el logo se queria ir. E mandou dizer *outrossi* ao messejeiro do papa que se guisasse pera o caminho.

1.15.14 «Meu padre obra ata ora e eu *outrossi* obro»

1.29.32 Fala, padre, de quaes quiseres ca prazer grande ei quando me levas a outra terra contando os bẽẽs e as maravilhas dos homens que hi viven. E *outrossi* quando me trages a esta terra contando as vidas santas e honradas daqueles que hi naceron e viveron.

2.8.5 Foi hi preto do moesteiro de San Beento hũũ prelado dũa eigreja que avia nome Florencio e foi avoo deste nosso clerigo d'avangelho que *outrossi* há nome Florencio.

2.16.23 Quen sabe as cousas que no homen son senon o seu spiritu que en ele ha? E *outrossi* non conhosce nen hũũ as cousas que de Deus son senon o espiritu de Deus

3.12.16 E deu-lhi hũa doença e, seendo enfermo pera morte, mandou dizer a seus clerigos e disse *outrossi* a todos aqueles que estavan con el.

3.32.4 E pois aquesto soube seu padre que era *outrossi* daquela heresia, trabalhou-se quanto pôde per promessas de grandes dões e per grandes ameaças de o fazer volver aa heresia que ante leixou.

4.1.11. … aquel menĩho que no cárcer naceu e criou e que non sabe nen hũa cousa … e ben *outrossi* acaece aos homens que nacem naquesta seguidade daqueste mundo.

4.41.5 Hũa maneira dizemos que o homen vive quando se move e sente e entende … e *outrossi* dizemos que o corpo que primeiramente vivia pela alma he morto depós que se a alma parte…

4.41.7 Ca se o homen está sen pecado mortal dizen-lhe que faz ben aventurada vida … e *outrossi* quando se a graça de Deus parte dele e cae en pecado mortal dizen-lhi que morre.

Em muitos, se não em todos os contextos de *outrossi*, um leitor moderno substituiria a forma por *também*. No *corpus*, entretanto, *também* não ocorre; nem aparece entre os advérbios, nem no índice geral, do manual de Huber sobre o português arcaico (37).

4.4.1.2 *Er*.

Ao lado de *assi* e *outrossi* ocorre no *corpus* treze vezes (38), a forma *er*. *Er* veio a ser desusado e tanto gramáticas históricas como glossários de textos medievais a fazem equivaler a diferentes adverbiais. Vejamos alguns exemplos: Huber (1933) no seu manual a faz equivaler a «yetzt, noch, auch» *(agora, ainda, também,* respectivamente), cf. §40; no §290 a faz equivaler a «wieder, wiederum» *(novamente);* Nunes (1960: 356) diz: «*er, ar* ... prefixos separáveis acompanham por vezes o verbo ou o advérbio, a fim de lhe reforçar o sentido». W. Mettmann (1972), no seu *Glossário das Cantigas de Santa Maria*, s. v. *ar* propõe como valor de *er* «*também, igualmente, ainda, novamente, outra vez, posteriormente*» e em outros contextos diz que «exprime contraposição» e «reforço pleonástico».

Examinando os contextos em que ocorre *er*, talvez com uma única excepção (de que falaremos adiante), parece equivaler a *outrossi*, portanto, a *da mesma maneira* e, sendo assim, poderia ser incluído entre os substitutos modais. Para um leitor moderno poderia equivaler, como *outrossi*, a *também*.

---

(37) Cf. J. HUBER (1933: 423). É interessante observar que também não está documentado nas *Cantigas de Santa Maria* (METTMAN 1972); nem no *Livro das Aves* (ROSSI et alii 1965) muito provavelmente contemporâneo à versão *A* dos *Diálogos*, nem no *Orto do Esposo* (MALER 1964), que se situa entre 1380-1390, mas já aparece na *Imitação de Cristo* (CEPEDA 1962) de 1468.

(38) Essa forma foi examinada em todas as suas ocorrências.

Nos dois primeiros exemplos *assi* e *er* se apresentam em relação semelhante a *assi* e *outrossi:*

4.45.1 Ca se *assi* non fosse non verrian os spiritos dos mortos demandar os vivos que cantassen por eles missas e non lhis *er* darian signaes per que pelos seus sacrifiços eran quites dos pecados

3.9.15 E *assi* non acharon nengũũ que podessem fazer bispo, nen *er* ficou gente nen hũa na cidade de que fosse bispo. E *assi* se comprio a sentença do santo homen Constancio.

1.1.5 Apartei-me en hũũ logar, en que podesse chorar todas aquelas cousas en que non avia prazer da vida que fazia ora quando era papa, e en que *er* podesse chorar todas aqueles prazeres e todos aqueles confortos que soia a aver, quando era monge.

1.1.18 E quando me nembro do estado en que primeiramente vivi quando era monge, semelha-mi que estou en Manna ena riba do mar. E quando *er* cuido ora o estado en que vivo, semelha-me que me vou per esse mar ...

1.4.22 Quando chegou ao flume Jordan e vio que non podia passar, como quer que metesse hũã vegada o manto de Elias, seu meestre, que tragia ena agua e non-na partio de si, na segunda vegada *er* meteu o manto en aquela agua e disse

1.27.7 E o bispo santo non querendo tomar preço polo miragre que Deus por el fezera, nen *er* querendo despreçar o rogo que lh'o tan aficadamente fazia ...

3.17.15 A agua tanta que abastava o servo de Deus cada dia quanto avia mester e non lhi menguava nen lhi *er* sobejava

3.20.11 ... e pero non queimou sas vestiduras que tragian vestidas nen *er* empeeceu en nen hũa cousa que fosse aos seus corpos.

3.33.39 Ca quando me nembrava da enfermidade nen sabia nen entendia nemigalha daquelas cousas de que ante nembrava quando as sofria. E quando *er* metia mentes en enderençar feito de meu moesteiro, escaecia-me a mha enfermidade que ante ouvera.

4.9.6 Aqueste depois que foi ordinhado de missa nunca quis que sa molher se chegasse a el ... nen *er* sofreu que ouvesse con ele nen hũu afazimento.

4.13.28 Ata que se alonjaron tanto de nós que nen ouvimos o sõõ dos salmos que cantavan, nen *er* sentimos o maravilhoso e de gram conforto odor que ante sentiramos.

4.17.4 Aqueles todos disseron e davan testemõiho que aqueste padre don Stevan non avia nemigalha no mundo, nen-no *er* demandava.

Na passagem seguinte *er* parece antes equivaler a *de novo, novamente* ou *outra vez.*

4.38.11 E esto podes provar que Deus ouvio a ta oraçon se me achares aqui depois que aqui *er* veeres.

Se assim é, nesse último caso, *er* não seria um substituto de um sintagma nominal, mas um modal que consideramos neste estudo adjectivador de verbo como *agĩha, adur, ensembra, ben, mal, soo,* e todos os derivados com o sufixo *-mente* (cf. Parte II, *4. Qualificadores do verbo*).

5. Qualificadores

Consideramos aqui como qualificadores não só os tradicionais «adjectivos qualificativos» que precedem ou sucedem os substantivos no sintagma nominal (por exemplo: o *bom* homem / o homem *bom*), mas também os que se referem a um substantivo ou a um seu substituto, mas incidem indirectamente nele por intermédio de um verbo (por exemplo: o homem *é bom*).

Nesta análise das manifestações superficiais do discurso, não levaremos em consideração o facto de o adjectivo ser interpretável como resultado de transformações de oração subjacente. Uma vez que estamos fazendo uma descrição dos componentes do sintagma nominal também não consideraremos a qualificação quando expressa por sintagmas nominais qualificadores precedidos de preposição ou orações qualificadoras ou adjectivas, equivalentes funcionais dos qualificadores lexicalizados propriamente ditos (por exemplo: homem *de saúde* / homem *que tem saúde* / homem *saudável).*

As informações quantitativas a seguir nos parecem de interesse não só para a caracterização estilística deste *corpus,* que é um dos poucos representantes da prosa trecentista portuguesa, mas também como informação parcial sobre a disponibilidade de adjectivos nessa fase da história da língua portuguesa (¹).

Documentam-se nos *Quatro Livros dos Diálogos de São Gregório* 3.195 ocorrências de qualificadores de substantivos, ou seja, de adjectivos propriamente ditos, enquanto há 16.026 ocorrências de nomes substantivos. A esse N (= número de ocorrências) se relaciona V (= cada vocábulo adjectivo seleccionado) que é igual a 329 (²). Das 3.195 ocorrências de adjectivos, 1.525 se repartem entre os 5 adjectivos mais frequentes no texto:

gram, grande,-s	(532)
santo,-a,-s	(413)
muito,-a,-s	(269) (³)
bõõ,-a,-s	(202)
honrado,-a,-s	(109)

Os que se seguem em frequência são: *maao,-a,* (81) *sããо,-a,-s* (44), *pequeno,-a-s* (42), *presente,-s* (39). Todos de N inferior a 100.

(¹) No *Indice geral das palavras lexicais* que constitui o IV volume da edição crítica *d'A mais antiga versão portuguesa dos Quatro Livros dos Diálogos de São Gregório* (MATTOS E SILVA 1971a) estão arroladas todas as ocorrências de qualificadores de substantivos e também todos os qualificadores do processo verbal de inventário aberto no léxico da língua, ou seja, os «advérbios em *-mente*».

(²) Veja-se N (= *étendue du texte)* e V *(= étendue du vocabulaire)*. Cf. MÜLLER (1968: 136).

(³) Incluímos *muito,-a,-s* entre os 5 adjectivos mais frequentes, embora o consideremos um quantificador, o quantificador mais generalizado porque pode ocorrer não só antes de substantivo e com ele concorda, funcionando como um adjectivo portanto, como é o caso aqui, mas antes de verbo e de outro adjectivo, quer seja qualificador de substantivo ou do processo verbal (cf. Quantificadores 2.1.1.) Essa incoerência decorre do facto de que na listagem mecanográfica dos dados classificamos *muito* como adjectivo.

Assim, 47 % das ocorrências de adjectivos está coberta por apenas 5 dos 329 adjectivos distintos que se encontram no *corpus*.

Trataremos primeiro dos qualificadores de substantivo que incidem directamente no substantivo sem o intermédio verbal e, em seguida, dos qualificadores que incidem no substantivo por intermédio de um verbo. Nomearemos os primeiros de adjectivo epíteto e os segundos de adjectivos atributos, para facilitar a referência a uma ou a outra distribuição do qualificador de substantivos (4).

5.1 *Adjectivo epíteto*

Trataremos do adjectivo epíteto quanto a sua distribuição em relação ao substantivo que qualifica, a sua cumulação em um mesmo sintagma e quanto aos processos de quantificá-lo.

5.1.1 **Tipos de distribuição**

Ocorrem três tipos de distribuição do adjectivo (A) epíteto em relação ao substantivo (S) em que incide:

TI : SA
TII : AS
TIII: ASA

O tipo I, ou adjectivação externa, descritiva, padrão mais provável, não marcado, em relação ao tipo II, adjectivação interna, enfática (5) não é o mais frequente no texto, como seria de prever:

---

(4) Chamamos a atenção para o facto de que essas designações escolhidas (epíteto: atributo) não são as únicas na bibliografia sobre o tema; por exemplo, no clássico de H. MEIER (1948a: 80) sobre adjectivos e advérbios, esse autor denomina de atributo o que baptizamos de epíteto e de predicativo o que baptizamos de atributo; já C. F. CUNHA (1970: 182) denomina-os, respectivamente, de adjectivo em função adnominal e e adjectivo em função predicativa.

TI:SA: 1012 vezes
TII:AS: 1369 vezes
TIII:ASA: 16 vezes

Não levamos em conta aqui o número de epitetos que podem incidir em um mesmo substantivo (cf. 5.1.1.1, 5.1.1.2 e 5.1.1.3).

Aprofundando os dados globais apresentados, observamos que das 1369 ocorrências de AS, facto surpreendente, à primeira vista, em face das 1012 ocorrências de SA, em 993 (72 %) casos o adjectivo epíteto que precede o substantivo é dos 5 mais frequentes, restando apenas 378 (28 %) casos de TII com outros adjectivos. Contrária e significativamente, considerando-se TI, apenas 243 (24 %) de suas ocorrências apresentam os 5 adejectivos mais frequentes e 769 (76 %) os outros adjectivos:

TIPOS	TI		TII	
ADJECTIVOS	N	%	N	%
5 adj. mais frequentes	243	24 %	993	72 %
Outros adjectivos	769	76 %	376	28 %
TOTAL	1012	100 %	1369	100 %

De tais dados se pode inferir que a anteposição do epíteto (TII), ficando assim mais destacado o qualificador, deve ser a mais adequada aos adjectivos mais

---

(5) Essa distinção encontramos, por exemplo, em B. POTTIER (1969 : 78).

frequentes, que serão portadores de carga semântica mais baixa. Partimos aí do princípio de que quanto maior a frequência de um segmento, menor a informação nele contida. Antepostos os adjectivos mais inexpressivos por mais previsíveis, fica sintacticamente ressaltado o seu valor. A simplicidade dessa interpretação pode não condizer com a realidade. Deste modo, algumas observações de detalhe parecem dever ser levadas em consideração a propósito da preferência no *corpus* por TII para os epítetos mais frequentes.

a. *gram, grande,-s* (532 ocorrências):

A forma apocopada (294) ocorre sempre anteposta; é a sua posição normal; a sua forma condiciona portanto a sua posição.

A forma não-apocopada, no entanto, se distribui entre AS e SA, 133 e 67 vezes, respectivamente, ressaltando a distribuição equilibrada entre TI e TII dessa forma no singular, 54 e 55 vezes, respectivamente.

Comparando-se os sintagmas seguintes no contexto em que ocorrem; *grande homildade: homildade grande*

1.5.14 Enton o abade, metendo mentes na gram crueza e na gram dureza de seu coraçon e na *grande homildade* e mansidoen do seu santo monge Libertino, saiu do leito e deitou-se aos pees de Libertino.

1.17.31 Ca a *homildade grande* he do homen bõõ, que queria que os seus bõõs feitos sejan ascondudos e esto deven a querer, e proveito grande he dos outros que sejan sabudos ainda que eles non queiran.

medo grande: grande medo

4.13.20 Mais pero o *medo grande* que avian e o lume grande que lhis dava nos olhos pera fundo, en guisa que os non podian veer.

4.19.5 … aqueles que os mataron quando ouviron as vozes daqueles que cantavan, ouveron mui *grande medo* e mui grande espanto é possível que se confirme o que afirmamos anteriormente, isto é, que a anteposição valoriza o adjectivo muito frequente, tornando-o estilisticamente mais enfático na distribuição do tipo II. Não é sempre fácil, no entanto, decidir sobre o valor marcado da anteposição do adjectivo epíteto em relação ao seu substantivo, embora seja um dado concreto e marcante o facto de os adjectivos mais usados serem os que ocorrem mais frequentemente no tipo II.

b. Outro aspecto a ser observado quanto aos epitetos de alta frequência no texto em posição anteposta é o facto de ocorrerem em sequências que parecem estereotipadas, à semelhança de lexias. Essas sequências colhidas nos *Quatro Livros dos Diálogos* deverão ser exploradas em outros textos arcaicos para avaliar com segurança o seu carácter de *lexia* nessa etapa da história da língua portuguesa (6). Estão nesse caso:

gram maravilha

… entraron os franceses con gram felonia pela eigreja en que este Libertino jazia fazendo sa oraçon e foi mui *gram maravilha* que, andando braadando por el os franceses, empeçavan en el hu el jazia e non-no podian veer (idem: 1.10.8, 1.16.14, 1.23.9, 1.28.39, 2.11.12, 2.55.7^2, 3.12.11, 3.25.4, 3.30.13, 3.32.33, 3.35.10)

---

(6) O conceito de *lexia* nos parece aplicável nesses casos. Na hierarquia *morfema/lexia/sintagma*, as lexias (excluímos as simples que podem se identificar com os vocábulos) compostas e complexas pressupõem uma combinação frequentemente realizada no discurso e que, por isso, passa a funcionar como uma unidade léxica memorizada. Baseamo-nos aqui em B. POTTIER, (1969: 16 e 17) e (1968d: 2-4).

de boa mente

— Queria, *de boa mente,* padre, saber que obras fazia aqueste abade Equício que taes dões recebera de Nosso Senhor 1.7.11 (idem: 1.28.20, 1.29.3, 2.3.61, 2.6.2, 3.15.40)

bõa vida

Pera saber homen a bondade d'alguen, non deve demandar solamente os miragres que faz, mais a *boa vida* que vive. 1.31.39 (idem: 1.2.33, 1.22.4, 2.3.66, 2.8.3, 2.8.6, 2.15.11, 2.17.13, 3.8.34, 3.11.4, 3.2.2, 3.21.3, 4.38.8).

bõas obras

Ca non he duvida que aquele que ante sa morte fez muitas *boas obras* per que prouguesse a Deus ... 1.29.24 (idem: 2.3.4, 3.18.41, 3.27.3, 4.4.33, 4.25.4, 4.32.3, 4.34.15, 4.37.3, 4.37.8, 4.40.9, 4.40.34).

Uma série de expressões também estereotipadas se documentam em sintagmas do tipo AS, em que A está representado pelo epíteto *santo,-a,-s.* A mais frequente é *santo homen* (172). Por exemplo:

1.2.9. E dementre todos encarnecian do *santo homen* (O *santo homen* é sempre aquele de quem São Gregório conta ao clérigo Pedro os feitos «maravilhosos» edificantes).

Menos frequentes são *santa vida, santa eigreja, santa religion, santa virgen, santo padre, santo sacerdote, santos profetas, santos mártires.*

Embora uma maior integração do adjectivo ao substantivo se verifique quando aquele antecede o substantivo (⁷), ocorrem também sequências estereotipadas

---

(⁷) Cf. op. cit. nota 5.

quando o epíteto está posposto ao substantivo. É o caso de *homen bõõ/homens bõõs* (39 vezes).

1.9.4 Aqueste contava que o corpo daqueste Equicio abade jazia soterrado na eigreja de San Lourenço e hũũ *homen bõõ* simprez pos hũa arca de triigo sobrelo seu muimento.

Também o epíteto *honrado,* um dos 5 mais frequentes do texto, está em geral associado a um nome que designa alguém pertencente à hierarquia eclesiástica, constituindo clichés, em sintagmas do tipo AS e SA:

honrado clérigo / clérigo honrado
honrado padre / padre honrado
honrado preste / preste honrado

além dos genéricos:

homen honrado / honrado homen
baron honrado / honrado baron.

O *honrado homen* se refere a indivíduos de vida exemplar e como do *santo homem* seus feitos são narrados para servirem de modelo de vida cristã.

Com o adjectivo *maao,* na distribuição SA, ocorre a lexia *espiritu* ou *spiritu maao* (17 vezes), equivalente a *demonio. Maao* é o sexto adjectivo em frequência.

Outros estereótipos de sequências AS ou SA podem ser encontrados no texto, com epítetos que não se destacam por sua alta frequência. É o caso de *direito* e *antigo,* em *direito juiz/juiz direito* (4 ocorrências equivalente a *Deus* e *enmiigo antigo* (14 ocorrências) equivalente a *demónio.*

Com essas observações quisemos esclarecer que, em muitos casos, a anteposição do epíteto não é apenas uma forma de valorização estilística de um adjectivo muito frequente, mas decorre de, nessa posição, alguns epítetos de alta frequência constituírem expressões feitas, semi-lexicalizadas e não mais uma escolha livre em função do discurso. Isso, em parte, esclarece a mais alta frequência do tipo AS em relação ao tipo menos marcado SA.

5.1.1.1 Tipo I:

Do tipo básico SA encontramos 705 casos. Por exemplo: *rei encreo, esforço grande, cousa espantosa, homen espavorentado, estados bõõs, feitos gloriosos, crença firme*, etc.

O tipo básico SA deve ser ampliado para abranger subtipos menos frequentes. Trataremos primeiro dos subtipos «SA» A e SAA, que são raros, três e duas ocorrências, respectivamente:

Confrontem-se os exemplos:

«SA» A: homen bõõ simprez 1.9.4
homen bõõ velho 1.21.2 e 4.43.20
SAA : barris grandes cheos de vĩho 2.18.2
cativos pobres cristãos 4.20.4

Distinguimos esses dois tipos por considerarmos *homen bõõ* uma lexia (cf. 5.1.1.1.), em que a significação do substantivo não se realiza senão com o concurso do adjectivo e, assim sendo, não incluimos os sintagmas em que ocorre *homen bõõ* no tipo SAA. Os dois exemplos seguintes ilustram o carácter lexical de *homen bõõ:*

2.32.8 —Como, *homen bõõ*, eu ti tolhi teu filho?
2.32.16 E o *homen bõõ* que andava com gram coita de seu filho pesseverou en sa demanda.

A esses dois subtipos pouco frequentes se acrescentam numerosas ocorrências, 93, de SArA, sendo *r* um relacionante intranssintagmático como *e*, *nem*. Por exemplo: *homens maaos e encreos, estado fremoso e limpio, morte espantosa e estranha, feitos velhos e antigos, cousa dura e grave, vida honrada e santa, pessoas honradas e dignas, desejo lixoso e ávol, enmiigos medonhos e avorridos, espirito mentireiro e desleal*, etc.

Subtipos de SArA, pouco frequentes, são:

«SA»rAA, uma ocorrência:

3.1.4 homens bõõs e antigos dignos de fe

«SA»ArA, uma ocorrência:

1.28.4 Homen bõõ velho e pobre

Outro subtipo de SA que só ocorre uma vez é:

SArArA

4.35.3 amor desguisado e avorrido e defedorento

A cumulação dos epítetos que seguem o substantivo (ou o antecedem, como veremos, cf. 5.1.1.1.2) recurso frequente no texto tem, sem dúvida, um carácter enfático, de reforço significativo, uma vez que, na maioria dos casos, os epítetos não somam qualidades daquele ou daquilo que o substantivo designa, mas as superpõem, isto é, repetem com variação semanticamente determinável uma mesma qualidade, são parcialmente sinónimos ou parassinónimos. Os epítetos adicionais têm, em geral, algum sema comum em seus sememas (3). Vejam-se os exemplos já fornecidos para os subtipos ASrA e SArArA. Até aqui tratamos do tipo básico SA e dos subtipos:

---

(3) Usamos *sema/semema* como os empregam na semântica estrutural francesa; cf. por exemplo, os trabalhos de semântica de B. POTTIER.

«SA»A	(3)
SAA	(2)
SArA	(93)
«SA»rAA	(1)
«SA»ArA	(1)
SArArA	(1).

Em face desses dados se pode dizer que ao lado do tipo básico SA (705) é SArA (93) o menos marcado, já que mais frequente, de todos esses tipos em que o epíteto sucede o substantivo. É de notar a desproporção entre os sintagmas constituídos de substantivo seguido de um epíteto, dois e três, respectivamente, 708, 97 e 1 ocorrências.

Consideraremos agora os subtipos em que o epíteto está precedido de quantificador, *q* (⁹) *mui, muit', muito; tan, quam, todo, ja quanto.*

Podem então ocorrer:

A. SqA (125)
B. SqArA (6)
C. SArqA (14)
D. «SA» ArqA (1)
E. SqArqA (32)
F. «SA»qAqA (1)
G. SqArArA (1)
H. SqArqArqA (2)

(⁹) A propósito de quantificadores de adjectivo, cf. *Quantificadores* 2. e seguintes.

Por exemplo:

A. cousa muito espantosa 3.21.11
tempo muito esquivo 2.33.18
baron muito honrado 4.9.4
rei mui cruevil 3.13.9

B. latin muito aberto e desempeçado 2.36.5

C. imagen negra e muito avorrida 4.36.40
enmiigos avorridos e tan medonhos 4.36.40
vestiduras brancas e mui claras 4.24.16

D. homen bõõ velho e muito honesto 4.29.3

E. razon tan aberta e tan conhoçuda 3.16.62
vozes mui claras e muito abertas 4.19.5
vison tan nova e tan alta 4.10.10
feitos tan altos e tan grandes 3.20.13
oraçon muito apartada e mui devota 1.5.53

F. spiritos maaos tan negros e tan avorridos 4.36.44 (10)

G. alma mui segura e assessegada e firme 3.32.12

H. homens muito honestos e muito bõõs e muito amigo de Deus 2.1.29
lĩagen mais fram e mais livre e mais rica 2.1 5

Nesse conjunto de sintagmas constituídos de substantivos seguidos de um a três epítetos quantificados as sequências mais usuais, portanto menos marcadas são

---

(10) Como vimos, *spiritos maaos* consideramos como lexia, semelhante a *homen bõõ*, uma vez que equivale no texto a espécie de *demónios*.

SqA, AqArqA, SArqA, 125, 32 e 14, respectivamente, em relação às outras quase raras. Também aqui se faz notar a desproporção entre os sintagmas com um, dois e três epítetos: 125, 54 e 3.

5.1.1.1.3 *Como subtipos do básico SA ocorrem os sintagmas que descrevemos como:*

A: S«A» r A (3)
B: SAr«A» (13)
C. S«A»rqA (7)
D. SqAr«A» (1)

em que «A» representa um sintagma preposicional em função adjectiva, que é constituído de:

preposição + substantivo
ou
preposição + epíteto + substantivo

Por exemplo:

A. homen de boa palavra e ensinado 3.7.7
homen de santa vida e antigo 4.32.14

B. monjas santas e de boa vida 2.19.3

C. manceba de gran lĩagen e mui rica 1.24.4
homen de gram religion e mui simples 3.16.9
dona de gram religion e muito honesta 2.33.9

D. homens mui crueves e mui sen piedade 4.19.4

Em geral entre A e «A» nestes tipos, como nos anteriores, em que há mais de um epíteto, há uma ligação semântica entre o sintagma que funciona como qualificador e o epíteto propriamente dito que vai até uma equivalência semântica em 4.19.4 — *mui crueves e mui sen piedade*. (cf. 5.1.1.1. e os exemplos em 5.1.1.1.2).

Documentamos uma única vez uma sequência do tipo:

S [A] r A, em que [A] equivale a uma oração de valor adjectivo:

3.34.10 hũa terra *que he escontra o ávrego* e seca.

5.1.1.2 Tipo II

Do tipo básico AS encontramos 1.195 ocorrências. Por exemplo: *pequeno aazo, alto conhocimento, alto monte, alto sangui, altos barões, maravilhosa cousa, desvairados lugares, glorioso mártir*, etc..

Quanto à maior frequência do tipo II, em relação a TI, vejam-se as observações em 5.1.1.1. Sendo a anteposição do qualificador a posição marcada estilisticamente, é de admirar a sua maior frequência, que procuramos entender no item acima referido. Além da relação anteposição / alta frequência dos adjectivos antepostos, outro facto favorece o ponto de vista geralmente aceito de que o adjectivo anteposto tem mais relevância estilística no português: os subtipos que partem de AS, com cumulação de A e quantificadores opcionais, de valor claramente enfático, ocorrem com muito menos frequência que os subtipos de SA. Esse dado nos pode levar a concluir que, excepção feita aos adjectivos de alta frequência, a anteposição do adjectivo ao substantivo é a posição marcada, menos previsível, tendo assim maior valor expressivo.

Do tipo básico AS se desenvolvem os subtipos:

A. AAS (3)
B. ArAS (11)

e as sequências acrescidas de quantificador:

C. qAS (154)
D. ArqAS (2)
E. qArqAS (3)
F. ArArqAS (1)

Exemplos:

A. muitas boas obras 1.29.24
muitas maas palavras 4.16.5
muitos bõõs castigos 2.1.67 (11)

B. bõõ e sããо entendimento 4.27.22
boa e doce palavra 4.43.19
grandes e maravilhosas vertudes 3.20.14
saborosa e deleitosa vida 4.19.7

C. muito alta noite 3.5.6
mui bõõ sembrante 3.37.6
mui grave enfermidade 4.10.4
tan pequeno tempo 2.22.5

D. honrado e mui santo bispo 4.24.30
grande e mui bõõ logar 2.22.3

E. tan alto e tan glorioso mandado 3.37.90
nunca tan grande nen tan bõõ odor 4.25.19
quam doce e quam saboroso amor 3.23.15

F. mansa e donda e tan piadosa voontade 3.12.91

---

(11) Outra interpretação pode ser dada a essa série: qAS e não AAS; no entanto, devido à concordância do primeiro elemento do sintagma, preferimos classificá-lo como adjectivo (cf. Nota 3).

Aqui também as sequências coordenadas de qualificadores confirmam a observação a propósito da semelhança semântica entre eles, anteriormente feita (cf. 5.1.1.1, 2 e 3).

5.1.1.3 Tipo III

Do terceiro tipo básico ASA há 16 ocorrências.

Por exemplo:

boa dona viuva, boas ervas verdes.

Esse tipo básico também ocorre ampliado:

A. ASrA (6)
B. AASrA (1)

e as sequências acrescidas de quantificador:

C. ASrqA (5)
D. qASrqA (1)
E. qASrq«A» (1)

em que «A» é o sintagma qualificador precedido de preposição.

Exemplos:

A. boa pessoa e honrada 3.2.11
nova voontade e cruevil 3.13.9
B. mao escomungado herege e partido dos bẽẽs 3.32.11
C. gram crueza e muito estranha 3.12.7
grandes feitos e muit'altos 1.7.27
D. tan altas cousas e tan santas 1.11.5
E. muito honrado padre e de muito alto lĩagen 2.26.3

O recurso do qualificador «contornando» o substantivo é mais expressivo que os tipos anteriores, ressalta a qualificação seleccionada, dá maior movimento ao sintagma nominal porque atenua o carácter monótono da enunciação sucessiva de qualificadores, quer antes, quer depois do substantivo.

O baixo índice de frequência do Tipo III o valoriza e torna o seu emprego marcado, ocorrendo com menos frequência, como em TII, os subtipos enfatizadores com cumulação de epítetos e quantificadores.

5.1.1.4 Quadro sumário dos tipos de distribuição do adjectivo epíteto

TI	Total 1012	TII	Total 1369	TIII	Total 16
SA	705	AS	1195	ASA	2
«SA»A	3	——	——	——	——
SAA	2	AAS	3	——	——
SArA	93	ArAS	11	ASrA	6
«SA»rAA	1	——	——	——	——
«SA»ArA	1	——	——	——	——
SArArA	1	——	——	AASrA	1
SqA	125	qAS	154	——	——
SqArA	6	——	——	——	——
SArqA	14	ArqAS	2	ASrqA	5
«SA»ArqA	1	——	——	——	——
SqArqA	32	qArqAS	3	qASrqA	1
«SA»qAqA	1	——	——	——	——
SqArArA	1	ArArqAS	1	——	——
SqArqArqA	2	——	——	——	——
S«A»rA	3	——	——	——	——
SAr«A»	13	——	——	——	——
S«A»rqA	7	——	——	——	——
SqAr«A»	1	——	——	qASrq«A»	1

Legenda: S: substantivo; A: adjectivo; q: quantificador; r: relacionante; «SA»: substantivo + adjectivo que se pode considerar lexia; «A»: sintagma em função adjectiva, composto de prep + A + S ou prep + S.

O qualificador quando epíteto ocorre nos três tipos básicos vistos e nos subtipos descritos. Esses padrões podem ser modificados eventualmente por introdução de um sintagma ou mesmo de uma oração entre o substantivo e seu qualificador.

Por exemplo:

1.24.21 E o *juizo* de Deus *maravilhoso* e *ascondudo* foi contra ela.

1.14.5 E assi en dous *miragres* que fez *novos,* semelhou dous padres santos que ante el foron.

Em casos de possível ambiguidade é a concordância tanto em género como em número no sintagma nominal, que se apresenta sempre como regra categórica no *corpus,* que indicará a que substantivo o adjectivo qualifica:

1.16.6 Ouviron hũ *voz* daquel penedo muito *alta* que disse mui claramente ...

No exemplo seguinte, o hipérbato poderia favorecer a ambiguidade se não fossem as marcas redundantes de concordância:

3.30.10 O *bispo* da seita d'Arrio veo con gram poderio de *gente guisado* e *aparelhada.*

(bispo ←→ guisado / gente ←→ aparelhada)

5.2 *Adjectivo atributo*

Os adjectivos que ocorrem como epíteto podem ocorrer como atributo. Enquanto no primeiro caso o adjectivo incide no substantivo, no segundo o adjectivo incide no substantivo ou em um seu substituto pronominal por intermédio de um verbo. (12)

5.2.1 **Adjectivos atributos com verbo-cópula:**

Interessa-nos aqui confrontar a estruturação dos sintagmas com adjectivo atributo com a estruturação dos sintagmas com adjectivo epíteto, antes analisados. O adjectivo atributo incide no elemento a que qualifica, substantivo ou um seu substituto, por um dos seguintes verbos: *ser, estar, andar, jazer, ficar, parecer.*

4.40.9 *A promessa* he *falsa*
4.36.16 *Vós* que estades *presentes*
2.27.7 *Aquele que* andava *coitado* per razon da dívida que devia
4.13.26 Leito *daquela que* jazia *enferma*
3.30.11 O *bispo* ficou *cego*
3.31.13 A *eigreja* ficou *chea* de um odor
2.8.52 *Aquel enmiigo* parecia-lhi muito *espantoso*

5.2.1.1 Cumulação e quantificação do adjectivo atributo

Como o adjectivo epíteto, o atributo pode ser usado cumulativamente; com mais frequência dois qualificadores emparelhados e, menos usualmente, mais de dois:

3.16.25 *Ele* era *homecida* e *cruevil*
4.3.3 *Os* que fiees non son, se razon ouvessen non serian *encreos* e *non fiees*·

---

(12) A relação atributiva será estudada no seu conjunto no capítulo em que analisaremos o sintagma verbal; aqui nos limitaremos a fazer algumas observações sobre o atributo apenas quando representado por um adjectivo (cf. Parte III, 1.3.2.2, 1.3.2.3 e 1.3.2.4).

4.21.14 *Aqueles* que eran *mansos* e *homildosos* e *bõõs*

4.38.6 *Hũũ demoniado* ficou *são* e *salvo* e *livre*

O adjectivo atributo ocorre quantificado como o epíteto, sendo o quantificador *mui, muito* o mais frequente nessa distribuição.

2.6.6 *A lagoa* era *muit'alta*

2.5.4 *O monte* era *muito alto*

2.13.14 *O logar* era *mui deleitoso*

1.19.14 *O clerigo* da missa... estava *mui felon*

3.28.4 *Quareenta homens* ... estavan *mui rigos* e *mui fortes.*

3.32.33 *El-rei* ficou *mui sanhudo* e *muito irado*

1.11.4 *El* era *mui pequeno* de corpo e *mui somido* e *mui displizel.*

3.15.43 *Romeus* ... andando *desnuados* e mui *méselos* e *mui menguados.*

Com outros quantificadores:

3.37.64 *Aquel escabeçador* ... ficou logo todo *enterido.*

2.8.52 *Aquel* enmiigo lhi parecia *muito espantoso* e *todo acendudo.*

4.25.19 ... de que [*eles*] ficassen *tan confortados* nen *tan assaborados.*

1.19.12 *Clerigo* que era *tan bravo* e tan *felon.*

4.32.18 Por que [*vós*] andades *tan tristes* e *tan chorosos?*

Como observamos para o adjectivo epíteto (cf. 5.1.1.1, 2 e 3) as sequências coordenadas de qualificadores aqui também são constituídas de parassinónimos ou de adjectivos que têm algum traço sêmico em comum.

Biblioteca UFSC

5.2.1.2 Posição do adjectivo atributo em relação ao verbo cópula:

Em geral o adjectivo atributo sucede o verbo cópula, mas pode também antecedê-lo; nesse caso, como no outro, pode ocorrer mais de um adjectivo:

3.5.14 *outros* que *cristãos* eran.
4.2.3 *o que fiel* non he
3.31.25 *maa e dañha* foi a *heresia d'Arrio*
2.11.4 *fraco* e *pequeno* era *seu poder*

É possível também um atributo preceder a cópula verbal e outro segui-la, à semelhança do tipo III do epíteto, sendo muito pouco frequente essa distribuição:

1.2.22 *Enfermos* somos e *muito alonjados* daquestes homẽẽs.

Essas duas últimas distribuições são estilisticamente marcadas em relação à primeira que é a usual no *corpus*.

5.2.2 Adjectivos atributos com verbos não-cópula:

Com alguns verbos intransitivos nocionais, não classificados tradicionalmente como verbo cópula ou de ligação, ocorrem adjectivos atributos do substantivo ou de um seu substituto que como nos casos anteriores (5.2.1., 5.2.1.1 e 5.2.1.2) funcionam como sintagma nominal sujeito da oração. Também aqui o qualificador não incide directamente no elemento substantivo, mas através de um elemento verbal, mas com ele concorda em número e género como os epítetos e os atributos em estruturas com verbos-cópula. Os verbos do *corpus* que se incluem nessa estrutura descrita são: *ir, vir, entrar, sair* e *viver*.

2.16.29 *Requezas* que van *ascondudas*
3.17.2 Hũũ *homen* viveu *enserrado* en hũa cova

3.37.57 Todolos *lombardos* veeron *mui ledos*
2.8.36 *Jonas* saio *sãão* e *salvo*
3.36.12 *Aqueles* sairon delas *sãos* e *salvos*
3.5.5 *Ele* entrou hi muito *seguro, guisado* e *aparelhado.*

Como com os epítetos e os atributos anteriormente tratados, ocorre a cumulação desses qualificadores que podem estar opcionalmente quantificados, como se pode ver nos exemplos acima.

A nosso ver, nesses casos, o qualificador do substantivo está em limite com os qualificadores do processo verbal; no entanto, a concordância do qualificador com o substantivo que qualifica nos fez considerá-los como qualificador do elemento nominal, núcleo do sintagma nominal e não como qualificador do processo verbal (13).

Em todos os casos analisados até agora em 5.2 o atributo qualifica o elemento nuclear do sintagma nominal que funciona como sujeito; nos seguintes, o atributo qualifica um substantivo ou um seu substituto que constitui um sintagma nominal complemento.

Os verbos do *corpus* que se incluem na estrutura acima descrita são: *ver, achar, teer, alçar, leixar, fazer, levantar, tornar, dar.*

Por exemplo:

3.18.25 *Homen* que ante [el] vio *morto.*
4.15.8 Os seus parentes *a* viron assi *mudada.*
1.13.9 Quando o preposto *o* viia *sanhudo.*
1.1.34 Pelos *que* [eles] veen *perfeitos.*
3.37.64 Aquel escabeçador tiinha-*o* assi *ereito.*
3.26.15 [ele] alçou-*a* *ereita*

---

(13) Trataremos dos qualificadores do processo verbal no capítulo dedicado ao sintagma verbal (cf. Parte II, 4.).

1.28.22 e 1.28.29 [tu] *me* leixas *triste*
1.2.11 o nobre homen feze-*o livre*

Também aqui o atributo pode ser cumulativo e quantificado:

2.32.24 Deu-*o vivo e sãão.*
3.14.20 Acharon-*no são e entregue*
3.14.18 O corpo acharon-*no tan fresco e tan rezente.*

Há casos em que alguns desses verbos ocorrem como reflexivos, sendo então sujeito e complemento co-referentes, o atributo sintacticamente se reporta ao complemento, mas semanticamente também qualifica o sujeito.

Por exemplo:

3.17.21 A molher sen vergonha *se* vio *cansada*
4.46.16 Depois que [o morto] *se* visse *desamparado.*
4.36.40 *Se* el vio tan *apretado.*
4.14.15 O coiro fezera-*se duro*
1.31.11 O morto levantou-*se* logo *vivo* e *sãão*
3.33.40 Eu, passando assi esse dia, ... achei-*me tan forte* e *tan esforçado.*

PARTE II

SINTAGMA VERBAL

Organizamos o estudo do sintagma verbal em quatro itens: 1. Morfologia verbal; 2. Observações sobre o valor dos morfemas verbais; 3. Verbos de inventário restrito seguidos de particípio passado, gerúndio e infinitivo; 4. Qualificadores de verbos.

No estudo da morfologia verbal analisamos detalhadamente a representação da vogal temática, dos morfemas modo-temporais e número-pessoais. Apresentamos todos os casos de variação manifestados no *corpus* não só para a depreensão das alomorfias, mas também para a documentação de variação gráfica que possa informar sobre possíveis realizações fônicas. Descrevemos a variação atestada nos elementos mórficos gramaticais e também nos lexemas, embora não nos tenhamos detido no estudo da semântica lexical, da mesma forma que não nos detivemos no estudo semântico dos lexemas nominais. Independentemente da análise do verbo de padrão geral, descrevemos exaustivamente todos os verbos de padrão especial documentados.

O item 2. ultrapassa os limites teóricos do sintagma verbal e envolve o enunciado, mas não vimos outro caminho possível para explicitar o valor básico dos morfemas modo-temporais e número-pessoais. Neste item documen-

BIBLIOTECA - UFSC -

tamos, embora sem pretensão de esgotar o problema, a polissemia de determinados modo-tempo verbais.

No item 3., sem entrarmos na discussão do problema do «auxiliar» no sintagma verbal, apresentamos os verbos de inventário restrito que no *corpus* estão seguidos das formas nominais de verbos de inventário amplo e que poderão ou não ser classificados de verbos auxiliares. Como no item anterior, os factos tratados neste por vezes ultrapassam os limites teóricos do sintagma verbal e alcançam a estrutura do enunciado, mais especificamente, a análise da subordinação.

O item 4., simétrico ao item 5. do sintagma nominal, trata dos quanlificadores de verbo. Descrevemos aí os elementos que ocorrem como qualificador do processo verbal. Nessa categoria incluímos os derivados de qualificadores de nome na sua forma curta ou longa com o sufixo *-mente*, e os «advérbios de modo» da terminologia da tradição gramatical.

Como no estudo do sintagma nominal, a análise dos dados do sintagma verbal se desenvolve sobre a sua manifestação de superfície; no entanto, em alguns momentos da análise, no item 2. e sobretudo no item 3., a reflexão para uma avaliação dos dados leva em conta factores que estão subjacentes às manifestações superficiais. A preocupação fundamental, nesta 2.ª parte, como de resto em todo o trabalho, é a de documentar, segundo critérios explícitos no início de cada item, o mais completamente possível os dados fornecidos pelo *corpus*.

1. Morfologia verbal

O verbo é o núcleo ou base do sintagma verbal e seu inventário é aberto em qualquer língua. No *corpus* em exame, o inventário dos verbos está esgotado no *Índice geral das palavras lexicais* que constitui o IV volume da edição crítica d'*A mais antiga versão portuguesa dos Quatro Livros dos Diálogos de São Gregório*. Há nesse *corpus* 17.429 ocorrências de formas verbais.

Estudaremos a seguir a morfologia desses verbos. A análise sêmica dos lexemas verbais, que são a base semântica desses verbos, ultrapassaria os limites da análise morfológica e envolveria o que se tem designado de semântica lexical.

Nesta descrição partimos do princípio de que a estrutura mórfica do verbo é formada basicamente dos seguintes elementos: lexema, vogal temática, morfema modo-temporal e morfema número-pessoal, isto é:

V → L VT MMT MNP

Esses quatro elementos ocorrem, nessa ordem, na estrutura do verbo em português (¹). Uma vez que L

(¹) **Seguiremos de perto a análise mórfica do verbo pro-**

constitui um inventário aberto de signos referentes ao mundo bio-social, o seu estudo não cabe na análise da morfologia flexional do verbo, mas poderá constituir parte de um estudo de semântica lexical do *corpus*, aspecto em que não nos detivemos.

Dividiremos o estudo da morfologia verbal em duas secções: trataremos primeiramente dos verbos de padrão regular para, em seguida, tratar dos chamados verbos de padrões especiais, tradicionalmente denominados verbos irregulares.

1.1 *Verbos de padrão regular: Modelos*

Os verbos de padrão regular ou de padrão geral, isto é, «aqueles que apresentam radical imutável» (²) podem ser classificados em três grupos: C I, C II e C III. Essa agrupação parte do classificador mórfico, vogal temática (VT).

A seguir apresentamos o padrão regular das três conjugações de acordo com a organização tradicional em modo-tempo e número-pessoa: abreviadas se encontram as designações para o modo-tempo; em maiúsculas estão os morfemas flexionais, destacados VT, MMT e MNP; em minúsculas, lexemas que no *corpus* actualizam cada modo-tempo e número-pessoa. Se em todos os casos não estão manifestados VT, MMT e MNP é que esses elementos podem corresponder a Ø em certas formas verbais; isso ficará esclarecido confrontando o modelo de cada grupo com o estudo que se fará em seguida de cada um desses elementos mórficos. Quando ocorre um traço, em lugar do lexema, é que, nesses casos, no

---

posta por J. Mattoso Câmara Jr. (1970: 94-100), embora nem sempre utilizemos *ipsis litteris* as formulações propostas por esse autor devido às necessidades de nosso *corpus*.

(²) Cf. J. Mattoso Câmara Jr. (1970: 101). Note-se que radical equivale ao que designamos lexema.

corpus não está actualizada a forma verbal em causa, mas pode ser inferida pelas outras formas modo-temporais do mesmo paradigma. As chaves reunem variantes de uma mesma forma, documentadas no *corpus* e os parênteses indicam casos de variantes pouco documentadas.

Seguindo ao padrão de cada conjugação arrolamos em ordem alfabética os itens verbais que no *corpus* se incluem em cada um dos três grupos. O grupo CI é o mais numeroso: enquanto apresenta 338 itens, CII apresenta 137 e CIII, 42 itens (3).

Em 1.1.1 trataremos da variação na representação da vogal temática que em CI basicamente está representada por *a*, em CII, por *e* e em CIII, por *i*. Em 1.1.2 trataremos da representação dos morfemas modo-temporais e suas variantes e em 1.1.3 trataremos da representação dos morfemas número-pessoais e suas variantes. Em 1.1.4 trataremos da variação na representação de lexemas de verbos de padrão regular ou geral.

C I: modelo

	INDICATIVO PRESENTE (IdPr)	IMPERFEITO (IdPtl)	PERFEITO (IdPt2)
P1	ach+O	cuid+A+VA	am+E+I
P2	afirm+A+S	——+A+VA+S	tir+A+STI
P3	am+A	am +A+VA	ach+Ô~ach+O+O~ ach+O+U
P4	asper+A+MOS	——+A+VA+MOS	acab+A+MOS
P5	and+A+DES	cuid+A+VA+DES	entr+A+STES
P6	am+A+N	ach +A+VA+N	ach+A+RO+N~ ach+A+RA+N

---

(3) Estão arrolados nestas listas não só os verbos de padrão geral, mas também os de padrão especial de acordo com a sua vogal temática, que terão estudo à parte no item 1.2.

	MAIS QUE PERFEITO (IdPT3)	FUTURO DO PRESENTE (IdFt1)
P1	nembr+A+RA	cal+A+RE+I
P2	duvid+A+RA+S	acab+A+RÁ+S
P3	acab+A+RA	am+A+RÁ
P4	——+A+RA+MOS	cans+A+RE+MOS
P5	——+A+RA+DES	ach+A+RE+DES
P6	ach+A+RO+N ~ tir+A+RA+N	entr+A+RÁ+N

	FUTURO DO PRETÉRITO (IdFt2)
P1	desej+A+RIA
P2	cans+A+RIA+S
P3	abast+A+RIA
P4	——+A+RIA+MOS
P5	——+A+RIA+DES
P6	ach+A+RIA+N

	IMPERATIVO (Imp.)
P2	alegr+A
P2	alegr+A+DE

	SUBJUNTIVO PRESENTE (SbPr)	IMPERFEITO (SbPT)	FUTURO (SbFt)
P1	cont+E	apart+A+SSE	cont+A+R
P2	acab+E+S	cont+A+SSE+S	consiir+A+RE+S
P3	ach+E	am+A+SSE	——+A+R
P4	am+E+MOS	—+A+SSE+MOS	consiir+A+R+MOS
P5	am+E+DES	—+A+SSE+DES	leix+A+R+DES
P6	and+E+N	am+A+SSE+N	——+A+RE+N

	INFINITO FLEXIONADO (Inf. fl)
P1	——+A+R
P2	maravilh+A+RE+S
P3	ensin+A+R

INFINITO NÃO-FLEXIONADO (Inf.)
am+A+R

GERÚNDIO (Ger.)
ach+A+ND+O

		PARTICÍPIO PASSADO (PaPT)
P4	cont+A+R+MOS	abal+A+D+O abal+A+D+A
P5	——A+R+DES	ach+A+D+O+S ajunt+A+D+A+S
P6	confort+A+RE+N	

C II: Modelo

INDICATIVO

	PRESENTE	IMPERFEITO	PERFEITO
P1	dev+O	——+IA	acend+I
P2	dev+E+S	——+IA+S	ascond+I+STI
P3	dev+E	dev+IA	acaec +E+U ~ acaec +E+O
P4	dev+E+MOS	dev+IA+MOS	——+E+MOS
P5	dev+E+DES	dev+IA+DES	com+E+STES
P6	dev+E+N	dev+IA+N	acaec+E+RO+N ~ morr+É+RA+N

	MAIS QUE PERFEITO	FUTURO DO PRESENTE
P1	——+E+RA	morr+E+RE+I
P2	——+E+RA+S	entend+E+RÁ+S
P3	dev+E+RA	morr+E+RÁ
P4	dev+E+RA+MOS	receb+E+RE+MOS
P5	dev+E+RA+DES	aprend+E+RE+DES
P6	dev+E+RO+N ~ receb+É+RA+N	aparec+E+RÁ+N

	FUTURO DO PRETÉRITO
P1	——+E+RIA
P2	——+E+RIA+S
P3	bev+E+RIA
P4	——+E+RIA+MOS
P5	——+E+RIA+DES
P6	dev+E+RIA+N

	IMPERATIVO
P2	bév+I
P5	corr+E+DE

UFSC

SUBJUNTIVO

	PRESENTE	IMPERFEITO	FUTURO
P1	——+A ~ (cóm+I+A)	——+E+SSE	——+E+R
P2	dev+A+S ~ (cóm+I+A+S)	——+E+SSE+S	viv+E+RE+S
P3	dev+A ~ (/ +I+A)	dev+E+SSE	——+E+R
P4	——+A+MOS ~ (/ +I+Á+MOS)	——+E+SSE+MOS	met+E+R+MOS
P5	ench+A+DES ~ (com+I+Á+DES)	——+E+SSE+DES	——+E+R+DES
P6	dev+A+N ~ (cóm+I+A+N)	dev+E+SSE+N	viv+E+RE+N

INFINITO FLEXIONADO

P1	——+E+R
P2	conhoc+E+RE+S
P3	promet+E+R
P4	——+E+R+MOS
P5	acaec+E+R+DES
P6	——+E+RE+N

INFINITO NÃO-FLEXIONADO

acaec+E+R

GERÚNDIO

acaec+E+ND+O

PARTICÍPIO PASSADO

ascon+U+D+O
ascond+U+D+O+S
ascond+U+D+A
ascond+U+D+A+S

C III: modelo

	PRESENTE	IMPERFEITO	PERFEITO
P1	consento ~ (sérv+I+O)	——+IA	part+I
P2	part+E+S	——+IA+S	compr+I+STI
P3	compr+E	part+IA	part+I+U ~ part+I+O
P4	——+I+MOS	——+IA+MOS	part+I+MOS
P5	ment+I+DES	——+IA+DES	——+I+STES
P6	part+E+N	——+IA+N	sa+I+RO+N ~ sa+í+RA+N

	MAIS QUE PERFEITO	FUTURO DO PRESENTE	FUTURO DO PRETÉRITO
P1	——+I+RA	——+RE+I	——+I+RIA
P2	——+I+RA+S	part+I+RÁ+S	——+I+RIA+S
P3	part+I+RA	part+I+RÁ	part+I+RIA ~ part+E+RIA
P4	sent+I+RA+M	——+I+RE+MOS	——+I+RIA+MOS
P5	—+I+RA+DES	——+I+RE+DES	——+I+RIA+DES
P	—+I+RO+N ~ —+Í+RA+N	posso+I+RÁ+N	resurg+I+RIA+N consent+E+RIA+N

IMPERATIVO

P2	part+E ~ ábr+I
P5	part+I+DE

SUBJUNTIVO

	PRESENTE	IMPERFEITO	FUTURO
P1	——+A ~ (/ +I+A)	——+I+SSE	——+I+R
P2	——A+S ~ (/ +I+A+S)	——+I+SSE+S	ouv+I+RE+S
P3	encobr+A ~ (/ +I+A)	part+I+SSE	——+I+R
P4	——+A+MOS ~ (——+I+Á+MOS)	——+I+SSE+MOS	——+I+R+MOS
P5	(——+A+DES (——+I+Á+DES)	——I+SSE+DES	——+I+R+DES
P6	——+A+N ~ (sérv+I+A+N)	compr+I+SSE+N	part+I+RE+N

UFSC

INFINITO FLEXIONADO

P1 ——+I+R

P2 +I+RE+S

P3 ——+I+R

P4 compr+I+R+MOS

P5 ——+I+R+DES

P6 ouv+I+RE+N

INFINITO NAO-FLEXIONADO

part+I+R

GERÚNDIO
fer+I+ND+O

PARTICÍPIO PASSADO

part+I+D+O
part+I+D+O+S
——+I+D+A
vest+I+D+A+S

Itens verbais de VT= *a* documentados no *corpus:*

Abaixar
abalar
abastar
abraçar
acabar
acertar
achar
achegar
acoitar
acompanhar
acordar
acrecentar
acusar
aderençar
adestrar
adevĩar
adubar
afagar
afedorentar
afejuntar
afirmar
afortelegar
afundar
agalardoar
ajudar
ajuntar
alagar
alamarar
alçar
alegrar
alhear
alimpiar
alonjar
alumear
amar
amansar
ameaçar
amercear
amoestar
amoorar
amostrar
andar
apagar
apanhar
aparelhar
apartar
apasquar
apertar
aportar
apregoar
apresentar
aproezar
arraigar
arredar
arrefeentar
arremedar
arrigar
arrincar
asanhar
asseentar
assemelhar
assessegar
asseviar
asiinaar
atestar
atormentar
atar
aviventar

babtizar
bafejar
baixar
banhar
berregar
braadar
bravejar
britar
bucegear

calar
cansar
cantar
carregar
casar
castigar
catar
cavar
cavalgar
cegar
cercar
chamar
chegar
cheirar
chorar
cobiiçar
cobrar
coitar
começar
comendar
comprar
comungar
concordar
condanar
confessar
confiar
confirmar
confortar
consagrar
conselhar
consiirar

convidar
cortar
criar
crucificar
cuidar
çujar

dar
danar
dançar
declarar
degolar
deitar
demandar
demonstrar
demorar
deostar
dependorar
derribar
desabrigar
desasperar
desassemelhar
desatar
descalçar
desconfortar
desejar
desembargar
desemparar
desfechar
desjuntar
deslegar
desnuar
desonrar
despobrar
despreçar
durar
duvidar

eixaminar
eixergar
emaginar
embargar
emparedear
empeçar
emprestar
empuxar
encantar
encomendar
enderençar
enfermar
enforcar
enmendar
enserrar
ensinar
entolhar
entrar
envergonhar
enviar
escabeçar
escançar
escapar
escomungar
escorregar
escurentar
escusar
esfalfar
esforçar
esmigalhar
espantar
espedaçar
espeitar
esperar ~ as-
perar
espertar
espumar
esquivar
estar
estarrar
estorvar
estudar
exerdar

falar
fartar
fechar
fegurar
ferrar
ficar
filhar

folgar
formar
fregar
furtar

gaanhar
~ guaanhar
galardoar
geerar
glorificar
gostar
governar
gravar
guardar
guisar

homildar
honrar

iguar
inchar

jajunhar
jogar
juigar
~ julgar
juntar
jurar

lavar
legar
leixar
levar
levantar
lidar
limar
livrar
lograr
louvar
luxar

magoar
mandar
maravilhar
marteirar
matar
meezĩhar
melhorar
menguar
~ minguar
mesturar
mesurar
molhar
morar
matar
mostrar
mudar

nadar
negar
nembrar
nomear

obligar
obrar
orar
ordĩar
ousar
outorgar

pagar
parar
passar
pecar
pegar
peitar
pendorar
pensar
perdoar
perlongar
perseverar
pesar
pisar
podar

portar
pousar
preçar
preegar
preguntar
presentar
prestar
privar
procurar
profeitar
pronunciar
provar
purgar

quebrar
quebrantar
quedar
queimar
queixar
quitar

razõar
recadar
recear
refeentar
refrear
reinar
renegar
representar
ressucitar
~ resuscitar
rezar
rinchar
rogar
rosnar
roubar

saar
~ sããr
sacrificar
saltar
salvar
sangrar
sarrar
scomungar
secar
seelar
segar
semear
semelhar
serrar
sinar
sobejar
sobrepojar
soldar
soltar
sonhar
soprar
sospeitar
sospirar
soterrar
spirar
suar

talhar
tapar
tardar
tentar
tirar
tomar
tornar
traspassar
travar
trebelhar

usar

vaguejar
vegiar
~ vigiar
viltar
vingar
visitar
voar

Itens verbais de VT= *e* documentados no *corpus:*

Aver
acaecer
acender
acolher
afazer
amadurecer
amerger
aparecer
apodrecer
apremer
aprender
arder
asconder
atanger
atender
atrever
avorrecer

beenzer
bever

caber
caer
colher
comer
cometer
compoer
compreender
conceber
confonder
conhocer
conromper
contradizer
converter
correr
correger
cozer
creer
crecer

decer
defalecer
defender
desaparecer
desaprender
desenvolver
desfazer
despender
deteer
dever
dizer
doer

eleger
empeecer
empoer
enader
encardecer
encher
encolher
ensoberviecer
entender
entrestecer
envelhecer
envolver

escaecer
escarnecer
escolher
escrever
esplandecer
estender
estorcer

fazer
falecer
fĩĩcer

gemer
guarecer

jazer

lamber
leer

mãer

maldizer
maltrager
manteer
merecer
meter
morrer
morder
mover

nacer

obedeecer
oferecer

padecer
pascer
perder
perecer
perfazer
pertẽẽcer
poder
prazer

premer
prender
prometer
propoer
proveer
punger

querer

receber
reconhecer
refazer
reger
render
repeender
repreender
responder
reteer
revolver
roer

saber

seer
socorrer
soer
sofrer

tanger
teer
temer
tender
tolher
torcer
trager
trasverter
tremer

valer
veer
vencer
vender
verter
viver
volver

Itens verbais de VT= *i* documentados no *corpus:*

Abrir
arreferir

bramir

carpir
cobrir
compartir
comprir
consentir
convĩĩr

departir
descobrir
destroir

desvestir
dormir

encobrir
envestir
exouvir

ferir
fugir

gracir
grunir

ir

luzir

mentir

ouvir

partir
pedir
percudir
perseguir
~ pesseguir
possoir

recodir
~ recudir

remiir
resurgir
riir

sair
seguir
sentir
servir
sobir
sorriir

vestir
~-vistir
viir ~ vĩĩr ~ vir

1.1.1 A representação da vogal temática (VT).

Quando em sílaba acentuada, a VT em geral está representada pelo *a* nos verbos do grupo I, pelo *e* nos verbos do grupo II e pelo *i* nos verbos do grupo III.

No quadro seguinte apresentamos as outras representações documentadas de VT nos três grupos de verbos. Consideramos na organização desses dados a representação de VT de acordo com a sua posição em relação à sílaba acentuada. Indicamos também no quadro, de maneira abreviada, os modo-tempos verbais e as pessoas em que se actualizam as representações de VT.

QUADRO

Representação gráfica da TV nos três grupos

C	tipo sílaba	VARIAÇÃO da VT				
	VT	sil. acent.	sil. preton.	sil. poston.	sil. átona final	VT Ø
I	-a-	-e-IdPt2- P1 -o-IdPt2- P3	-a- IdFt1-P1 a P6 IdFt2-P1 a P6		Im. -P2 -a- IdPr -P2, P3 e P6	IdPr -P1 SbPr -P1 a P6
II	-e-	-i-IdPt2 -P1 IdPt2 -P2 -u- PaPt	-e-IdFt1-P1 a P6 IdFt2-P1 a P6 *-i̯-SbPr-P4 e P5	*-i̯- SbPr-P1,2,3 e 6	-i- Imp.-P2 -e- IdPr-P2, 3 e 6	IdPr-P1 IdPt1-P1 a P6 SbPr -P1 a P6
III	-i-		-i- IdFt1-P1 a P6 (-e-) IdFt2-P1 a P6 *-i̯-SbPr-P4 e P5	IdPr -P1 SbPr -P1, *-i̯- P,2,3 e 6	-e- Imp. -P2 (-i-) -e- IdPr -P2, 3 e 6	IdPr -P1 IdPt1-P1 a P6 SbPr -P1 a P6

OBS.: As indicações entre parêntesis marcam variantes pouco frequentes. As representações de VT precedidas de asterisco indicam que nesses casos a VT, com valor semivocálico, está documentada no *corpus* dos verbos de padrão geral apenas em raros itens verbais, aqueles que estão utilizados como exemplo no modelo de CII e CIII.

1.1.1.1 A representação de VT nos verbos do grupo I (CI):

Nos verbos de CI a vogal temática está representada por *a* na sílaba acentuada; é a regra mais generalizada, mas também está representada por *a* em outras posições·

a. Na sílaba pretónica em:

IdFt1 — P1 a P6: calArei
acabArás
amArá
cansAremos
achAredes
entrArán

IdFt2 — P1 a P6: desejAria
cansArias
abastAria
———Aríamos (4)
———Aríades
achArian

b. Na sílaba átona final em:

Imp. — P2: alegrA

Id. Pr. — P2, 3 e 6: afirmAs
amA
amAn

---

(4) Como dissemos em 1.1. o traço em lugar do lexema indica que no *corpus* tal forma não está documentada, mas pode ser inferida pelo confronto com as outras formas pessoais do paradigma.

A VT de CI em sílaba acentuada não está representada por *a* em dois casos:

a. está representada por *e* em IdPt2 — P1 amEi

b. está representada por *o* em IdPt2 — P3 achOu

Há apagamento da VT, isto é, corresponde a Ø em:

a. IdPr — P1: achØo

b. SbPr — P1 a P6: contØe
acabØes
achØe
amØemos
amØedes
andØen

1.1.1.2 A representação de VT nos verbos do grupo II (CII):

Nos verbos de CII, a vogal temática está representada por *e*, na sílaba acentuada, e é essa a regra mais generalizada para a representação de VT neste grupo; também está representada por *e* em sílaba pretónica em:

IdFt1 — P1 a P6: morrErei
entendErás
morrErá
recebEremos
aprendEredes
aparecErán

IdFt2 — P1 a P6: ———Eria
———Erias
bevEria
———Eriamos
———Eriades
devErian

UFSC

Em sílaba pretónica está representada por *i*, com valor semivocálico em:

SbPr — P4 e P5 (de alguns verbos):

———Iamos
comIádes (5)

A VT de CII, em sílaba acentuada, não está representada por *e*, mas por *i* ou *u*, nos seguintes casos:

a. Está representada por *i* em:

IdPt2 — P1: acendI
e em
IdPt2 — P2: ascondIsti

No *corpus*, todos os verbos de padrão geral do grupo II apresentam em P2 de IdPt2 a VT representada por *I* (17 ocorrências ao todo):

ascondIsti(2), conhocIsti(7), criIsti(1), recebIsti(3), respondIsti (2). Ocorre também ***tulhIsti*** (2) em que o provável alteamento de VT se reflecte no lexema (Cf. 1.1.4.c).

Nos verbos de padrão especial, como veremos adiante, essa representação alta da VT também ocorre, mas não é categórica. A propósito da representação com vogal alta de VT em IdPt2, cf. 1.1.3.2.2.b *A representação dos morfemas número pessoais.*

---

(5) O acento agudo é de nossa responsabilidade na Leitura Crítica para evitar uma possível ambiguidade de interpretação entre o SbPr e o IdPt1 (*comiádes : comiades*, por exemplo). Vale notar que a semivogal, no códice, está representada por *h*, em casos como esses. Sobre essa representação da semivogal cf. *Capítulo Preliminar*. A representação gráfica 1.2.4.

b. Está representada por *u* em:

PaPt.

Todos os verbos de padrão geral do grupo II apresentam no *corpus* a VT U no particípio passado. Documentamos 90 ocorrências desse facto:

apremudas (1), asconduto,-a,-s (35), compreendudos (1), concebudo (1), confondudo (1), conhoçudo,-a,-s (14), constrenjuda (2), convertudo (4), entendudo,-s (2), estendudos (2), manteudos (1), metudo,-a (2), movudo (1), perdudo (1), prometudo (1), recebudo (1), reteudo,-a,-s (7), sabudo,-a,-s (13), temudo,-a (3), teudo (2), vençudo (5) (6)

Em sílaba átona final a VT está representada por *e* ou por *i*.

a. Ocorre *e* em:

IdPr — P2,3 e 6: devEs
devE
devEn

b. Ocorre *i* em:

Imp — P2: bévI (7)

---

(6) Na versão C, de 1416, há uma predominância dessas formas com VT representada por *i*: 69 ocorrências. No *Orto do Esposo* (MALER 1964: 30) de 1380 já ocorrem particípios passados em *Ido*. Segundo Piel (1944: 400) um dos últimos exemplos de *Udo* é *creçudo* que ocorre no *Juiz da Beira* de Gil Vicente. Sobre a origem e desaparecimento dos particípios em *-Udo* cf. Mattoso Câmara Jr. (1975: 161-162).

(7) O acento agudo é de nossa responsabilidade na *Leitura Crítica* para evitar uma possível ambiguidade de interpretação entre Imp.-P2 e Id Pt2-P1.

No *corpus*, todos os verbos do grupo II que ocorrem na forma do imperativo têm a VT assim representada:

bévI (1), cólhI (I), cúrrI (1), enténdI (1), escólhI (1), leeI (1), méti (3) ~ míti (1), recébI (2), scrévI (1), témi (1), vértI (1).

Há um total de 15 ocorrências, às quais se podem somar as de *ávI* (2) *e vel* (1), imperativo de *aver* e *veer* de que trataremos nos verbos de padrão especial. A representação de VT pela vogal alta, indicando possivelmente o alteamento de VT, se reflecte na vogal do lexema, em *cúrri* e *míti* (cf. 1.1.4.1b *Variação na representação do lexema)*.

Em sílaba postónica a VT esta representada pelo *i* semivocálico em:

SbPr — P1, 2, 3 e 6: cómIa
cómIas
—´—Ia
—´—Ian (8)

Embora não ocorra no *corpus*, vale notar que essa representação de VT poderia estender-se a P1 de IdPr — *cómio*, uma vez que ao lado de *coimo*, é uma forma documentada no português arcaico para o actual *como* (9).

Há apagamento da VT, isto é, corresponde Ø em:

a. IdPr — P1: devØo

---

(8) Cf. Nota 5.
(9) Cf. WILLIAMS (1961: § 176.5)

b. SbPr — P1 a P6: ——Øa
devØas
devØa
——Øamos
enchØades
devØan

c. IdPt1 — P1 a P6: ——Øia
——Øias
devØia
devØiamos
devØiades
devØian

1.1.1.3 A representação de VT nos verbos do grupo III (CIII)

Nos verbos de CIII, em sílaba acentuada, a VT está representada por *i*, não apresentando variação nesta posição como ocorre em CI e CII.

Em sílaba pretónica a VT está também representada por *i*.

Excepcionalmente aparece grafada *e* em IdFt2, como, por exemplo, em: *partEria* que alterna com *partIria* e em *consentErian* que alterna com *resurgIrian*. Essa variação gráfica reflecte, ao que parece, a insegurança do copista na representação das vogais da série anterior em posição não-acentuada. A propósito desse facto cf. neste estudo o *Capítulo Preliminar*, a representação gráfica 1.1.2.

Também em posição pretónica estaria representada por *i*, semivocálico, a VT em SbPr — P4 e P5 do verbo *servir* — *servIámos, servIádes,* como em *comIádes* (cf. 1.1.1.2). No *corpus* ocorrem documentadas as formas de P6 do Subjuntivo Presente (sérvIan) e de P1 do Indicativo Presente (sérvIo), com VT representada por *i* semivocálico, que permitem inferir as formas referidas de P4 e P5 do presente do subjuntivo (¹⁰). Sendo assim, VT *i* semivocálico, embora não apareça documentada no *corpus* em posição pretónica, ocorre em posição postónica nessas formas do verbo *servir*.

Em posição átona final VT está representada por *e* em:

a. IdPr — P2, 3 e 6: partEs
comprE (verbo *comprir)*
partEn

b. Imp — P2: partE — 4.9.12 — Parte de min, molher!

Essa representação pode variar com a grafia *i*, como em:

3.37.29 — *Óuvi* e apréndi.
4.24.35 — *Ábri* e leei.

Nesses exemplos, os verbos de CIII — *óuvi* e *ábri* — estão coordenados a verbos de CII — *apréndi* e *leei*. É de notar que no *corpus* a VT do Imp P2 de CII está sempre grafada com *i;* poderiam ser esses exemplos casos de «assimilação gráfica». Já em 3.37.37 ocorre o imperativo *fúgi*, coordenado a um verbo de CI:

— Levanta-te e *fúgi* muit' agĩha.

Ao que parece há uma variação livre na escolha da representação gráfica, da VT da forma em causa.

Há apagamento de VT, isto é, corresponde a Ø nos mesmos casos em que CII:

a. IdPr — P1: consentØo

b. SbPr — P1 a 6: ———Øa
———Øa
encobrØa

---

(10) Cf. WILLIAMS (1961: § 176.1)

——Øamos
——Øades
——Øen

c. IdPt1 — P1 a 6: ——Øia
——Øias
partØia
——Øiamos
——Øiades
——Øian

1.1.1.-4 Observações finais.

Considerando-se os verbos inventariados no *corpus*, alguns deles se enquadram em CII quando hoje se incluem no paradigma de CIII. Estão nesse caso: *caer, correger, punger*, que ocorrem no infinito 11,7 e uma vez, respectivamente. Poderão também ser incluídos em CII *confonder* e *apremer* que se apresentam no *corpus* com a Vt *u*, típica do particípio passado de CII: *confondudo* e *apremudas*. Assim sendo, o inventário de verbos de CII e CIII não coincide do português arcaico para o actual, não só pelo facto de muitos verbos terem caído em desuso e outros itens verbais terem sido criados, mas por terem passado ao padrão de CIII alguns verbos que seguiam o padrão de CII, como é o caso dos verbos acima enumerados.

Confrontando-se os dados apresentados sobre a representação da VT neste *corpus* trecentista e a representação de VT no português contemporâneo (11) destacam-se como diferenças fundamentais:

a. a representação da vogal temática do particípio passado dos verbos de CII: *U* geral no *corpus* e *i* geral no português contemporâneo, mudança que pode ser seguida pelo menos a partir de documentos escritos dos fins do século XIV. Para Mattoso Câmara Jr. (1975: 161-162) o português elimina «as formas em *-udo*, provavelmente por dois motivos: 1) a falta de apoio estrutural no resto do verbo para a vogal *-u-* do particípio; 2) a homonímia com o sufixo nominal *-udo-* para derivar adjectivos de substantivos como em *sanhudo* de *sanha*, *barbudo* de *barba*, *membrudo* de *membro*.»

---

(11) A análise de Mattoso Câmara (1970: 96-98) para o português oral contemporâneo pode ser sumarizada no quadro seguinte:

b. a representação da vogal temática como *i* semivocálico em alguns verbos de CII e CIII na primeira pessoas do indicativo presente e nas seis pessoas do subjuntivo presente, documentada no *corpus* em posição pretónica e postónica. Apagando-se essa VT já semivocálica no curso da história da língua, veio também nesses casos a ser ∅, como já ocorria na maioria dos verbos de CI e CII nesses tempo-modo e pessoas, deixando, no entanto, a sua marca no alteamento da vogal do lexema (por exemplo: sérvio > sirvo; sérvia > sirva).

c. a representação da VT acentuada da 2.ª pessoa do singular do pretérito perfeito, sempre *i* no *corpus* para os verbos de CII e *e* no português contemporâneo, também assim em documentos outros medievais portugueses.

---

ac- VT	síl. acent.	síl. pret.	síl. at. fin.	∅
CI /a/	/e/ Idpt$_2$P1 /o/ IdPt$_2$P3	/α/ IdFt$_1$ P1-6 IdFt$_2$	/ α / Imp P2 IdPr P2,3,6	IdPr P1 SbjPr 1 a 6
CII /e/	/i/ IdPt$_2$P1 PaPt		/I/ Imp P2 IdPr P2,3,6	IdPrP1 SBJ 1 a 6 IdFt$_1$1 a 6
CIII /i/			/I/ Imp P2 IdPr P2,3,6	IdPr P1 SbjPr P1 a 6 IdPt$_1$ P1 a 6

d. os casos de variação gráfica e ~ i documentados, em posição não acentuada, tanto para formas verbais de CII como de CIII podem ser explicáveis, com certa margem de segurança, como exemplos da insegurança na representação gráfica das vogais da série anterior, quando em posição não-acentuada (Cf. *Capítulo Preliminar*, 1.1.2).

1.1.2 A representação dos morfemas modo-temporais (MMT)

No quadro seguinte apresentamos os MMT, organizados de acordo com o modo-tempo que expressam. Indicamos as suas variantes quer sejam decorrentes do grupo de verbo a que se aplicam, quer sejam decorrentes da pessoa verbal em que ocorrem.

QUADRO

Representação gráfica dos morfemas modo-temporais (MMT)

MODO-TEMPO	MMT	C
IdPr	Ø	I, II e III
IdPt1	-VA-	I
	-IA-	II e III
IdPt2	-Ø- P1 a P5 ~ -RO- ~ -RA- P6	I, II e III
IdPt3	-RA- P1 a P5 -RA- ~ -RO- P6	I, II e III
IdFt1	-RE- P1, P4, P5 ~ -RA- P2, P3, P6	I, II e III
IdFt2	-RIA-	I, II e III
SbPr	-E-	I
	-A-	II e III

MODO-TEMPO	MMT	C
SbPt	-SSE-	I, II e III
SbFt	-R- P1, P3, P4, P5 ~ -RE-P2 e P6	I, II e III
Imp.	-Ø-	I, II e III
Inf. fl	-R- P1, P3, P4, P5 ~ -RE- P2 e P6	I, II e III
Inf.	-R-	I, II e III
PaPt	-D-	I, II e III
Ger.	-ND-	I, II e III

1.1.2.1 MMT distinto segundo o grupo do verbo.

Em geral o MMT é o mesmo para CI, CII e CIII. Na proposta de análise mórfica que vimos seguindo na descrição dos dados de nosso *corpus* (12), há variação de MMT entre os grupos verbais apenas em 2 casos, em que CI se opõe a CII e CIII:

a. No IdPt1 em que o MMT é -VA- para CI e -IA- para CII e CIII:

CI	CII	CIII
cuidaVA	——IA	——IA
——aVAs	——IAs	——IAs
amaVA	partIA	devIA
——aVAmos	——IAmos	devIAmos
cuidaVAdes	——IAdes	devIAdes
achaVAn	devIAn	partIAn

---

(12) Cf. MATTOSO CÂMARA Jr. (1970: 99)

b. No SbPr em que o MMT é -E- para CI e -A- para CII e CIII:

CI	CII	CIII
contE	———A	———A
acabEs	devAs	———As
achE	devA	encobrA
amEmos	———Amos	———Amos
amEdes	enchAdes	———Ades
andEn	devAn	———An

1.1.2.2 MMT idêntico para os 3 grupos verbais: alomorfias segundo as pessoas verbais.

Com excepção de IdPt1 e SbPr, em todos os outros modo-tempos o morfema caracterizador e seus alomorfes, quando ocorrem, são os mesmos nos três grupos verbais. A partir do Quadro que sumariza os dados observamos os seguintes factos:

a. O morfema modo temporal é Ø em:

	CI	CII	CIII	
IdPr.	achØØo	devØØo	consentØØo	(Ø=VT e MMT
P1 a P6	afirmaØs	deveØs	parteØs	
	amaØØ	deveØØ	compreØØ	(Ø=MMT e MNP)
	asperaØmos	deveØmos	——iØmos	
	andaØdes	deveØdes	mentiØdes	
	amaØn	deveØn	parteØn	
Imp.	alegraØØ	béviØØ	parteØØ	(Ø=MMT e MNP)
P2 e P5	alegraØde	correØde	partiØde	
IdPt1	ameØi	acendiØØ	partiØØ	(Ø=MMT e MNP)
P1 a P5	tiraØsti	acendiØsti	compriØsti	
	achoØu	acaeceØu	partiØu	
	acabaØmos	——eØmos	partiØmos	
	entraØstes	comeØstes	partiØdes	

b. O morfema modo temporal não apresenta alomorfia em:

	CI	CII	CIII
IdFt2=-RIA-			
P1 a P6	desejaRIA	——eRIA	——iRIA
	cansaRIAs	——eRIAs	——iRIA
	abastaRIA	beveRIA	partiRIA
	abastaRIAmos	——eRIAmos	partiRIAmos
	——aRIAdes	——eRIAdes	partiRIAdes
	achaRIAn	deveRIAn	resurgiRIAn
SbPt=-SSE-			
P1 a P6	apartaSSE	——eSSE	——iSSE
	contaSSEs	——eSSEs	——iSSEs
	amaSSE	deveSSE	partiSSE
	——aSSEmos	——eSSEmos	——iSSEmos
	——aSSEdes	——eSSEdes	——iSSEdes
	amaSSEn	deveSSEn	compriSSEn
Inf.=-R	amaR	acaeceR	partiR
Ger = -ND-	achaNDo	acaeceNDo	feriNDo
PaPt = -D-	abalaDo	asconduDo	partiDo
	abalaDa	asconduDa	——iDa
	achaDos	asconduDos	partiDos
	ajuntaDas	asconduDas	vestiDas

c. Os morfemas modo-temporais com alomorfes fonologicamente condicionados:

SbFt e Inf fl., que são homónimos nos verbos de padrão geral apresentam como MMT -R- ~ -RE-.

A forma -R- ocorre em P1, P3, P4 e P5, nos contextos:

-R Ø — P1 e P3
-Rmos — P4
-Rdes — P5

Biblioteca Universitária
-UFSC-

Nesses contextos o MMT fecha a sílaba. Nos contextos em que inicia uma nova sílaba, o MMT ocorre sobre a forma -RE-:

-REs -P2
-REn -P6

Exemplo:

CI	CII	CIII
contaR	——eR	——iR
consiiraREs	viveREs	ouviREs
——aR	——eR	——iR
consiiraRmos	meteRmos	——iRmos
leixaRdes	——eRdes	——iRdes
leixaREn	viveREn	partiREn

d. A alomorfia de IdFt1:

IdFt1 apresenta como MMT -RE- ~ -RA- respectivamente para P1, P4 e P5 e para P2, P3 e P6. A etimologia de IdFt1 explica essa alomorfia: originado da locução verbal latina constituída de infinito seguido de presente do indicativo de *habēre*, o *R* do MMT é a marca do infinito latino e o *e* ou *a* que lhe segue é o continuador da vogal acentuada do presente de *habēre* (hábeo, hábes, hábet, habémus, habétis, hábent) que permaneceu no português depois das várias mudanças fônicas por que passaram as formas do presente de *habēre*, o que pode ser sumarizado no modelo:

amar(e) á(b)e(o) > *amarai > amaREi (a > e, por assimilação de altura ao *i*)

amar(e) á(be)s > amaRÁs
amar(e) á(be)(t) > amaRÁ
amar(e) (ab)émus > amaREmos

amar(e) (ab)étis > amaREdes
amar(e) á(be)n(t) > amarRán (13)

Exemplos do *corpus:*

CI	CII	CIII
calaREi	morreREi	————iREi
acabaRAs	entendeRAs	partiRAs
amaRA	morreRA	partiRA
cansaREmos	recebeREmos	partiREmos
achaREdes	aprendeREdes	partiREdes
entraRÁn (14)	apareceRÁn	possoiRÁn

e. A variação na representação gráfica de P6 de IdPt2 e IdPt3:

P6 de IdPt2 e IdPt3 têm no *corpus* variação na representação do MMT: -RA- ~ -RO-.

Vimos que IdPt2 de P1 a P5 apresenta MMT = Ø (cf. 1.1.2.2.a). IdPt3 de P1 a P5 têm como MMT -RA- sem variação. Em P6, IdPt2 e IdPt3 são homónimos, e com a variação acima descrita.

Exemplo:

	CI	CII	CIII
IdPt2 P6	achaROn acháRAn (15)	acaeceROn morréRAn	saiROn saíRAn

---

(13) A propósito da formação histórica de IdFt1, cf. J. MATTOSO CÂMARA Jr. (1975: 131-132) e J. J. NUNES (1960: 317-319).

(14) Adoptamos em nossa Leitura Crítica do texto o acento agudo para marcar a sílaba acentuada de P6 de IdFt1 para evitar possível ambiguidade com uma das formas de P6 de IdPt2 e de IdPt3.

(15) Adoptamos o acento agudo para evitar a homonímia com P6 de IdFt1 (cf. Nota anterior).

IdPt3	nembraRA	———eRA	——iRA
	duvidaRAs	———eRAs	——iRAs
	acabaRA	deveRA	partiRA
	——aRAmos	deveRAmos	sentiRAmos
	——aRAdes	deveRAdes	——iRAdes
	{ achaROn	{ deveROn	{ ——iROn
	{ tiráRAn	{ recebéRAn	{ ——íRAn

De acordo com a etimologia, IdPt2 -P6 deveria esr grafada *-ro-* (< lat. ru(nt)) e IdPt3-P6 deveria ser grafada *-ra-* (< lat. ra(nt)). Associados *-ro-* e *-ra-* ao morfema número pessoal -n- (<lat. -nt) resultam as formas *-ron, -ran*. Esses segmentos nasalizados em posição final de vocábulo são os únicos que, no *corpus*, nem sempre estão de acordo com o étimo, uma vez que *-ron* e *-ran* alternam em IdPt2 e IdPt3. Em todos os outros casos de sequências nasais finais, o *corpus* sistematicamente representa o continuador etimológico esperável. A variação em P6 de IdPt2 e IdPt3 talvez decorra do facto de nessas terminações verbais não acentuadas já haver uma neutralização da oposição *-on:-an* em posição final. Discutimos esse problema com maiores detalhes no *Capítulo Preliminar*, 1.3.

1.1.2.3 Observações finais.

Confrontando-se os dados apresentados sobre a representação de MMT neste *corpus* e a representação de MMT no português contemporâneo (16) se destacam como diferenças fundamentais:

a. O MMT de IdPt1, IdPt3 e IdFt2 não apresentam variação no *corpus* trecentista, enquanto no português contemporâneo há a variação de P5 em oposição às outras pessoas:

---

(16) A análise do MMT de Mattoso Câmara Jr. (1970: 99) para o português oral contemporâneo pode ser sumarizada no quadro seguinte:

	P1,2,3,4,6		P5	P1,2,3,4,6	P5
para IdPt1:	-VA-	~	-VE-(CI) e	-IA- ~	-IE-(CII e III)
para IdPt3:	-RA-	~	-RE-(CI, II e III)		
para IdFt2:	-RIA-		-RIE-(CI, II e III)		

---

modo-tempo	MMT e alomorfes
IdPr	Ø
IdPT1	-va- (P1,2,3,4,6) ~ -ve (P5) CI -ia- ~ -ie- CII e III
IdPt2	Ø (P1-5) ~ -ra-(P6)
IdPt3	-ra-(P1,2,3,4,6) ~ -re-(P5)
IdFt1	-re-(P1,4,5) ~ -ra-(P2,3,6)
IdFt2	-ria-(P1,2,3,4,6) ~ -rie-(P5)
SbjPr	-e- CI -a- CII e III
SbjPt	-sse-
SbjFt	-r-(P1,3,4,5) ~ -re-(P2,6)
Imp.	Ø
Inf. fl.	-r-(P1,3,4,5) ~ -re-(P2,6)
Inf.	-r-
PaPt	-d-
Ger.	-nd-

Observando-se os exemplos de P5 nos modo-tempos destacados no português trecentista e no português contemporâneo

Séc. XIV

	IdPt1 - P5	IdPt3 - P5	IdFt2 - P5
CI	amáVAdes	amáRAdes	amaRÍAdes
CII	devÍAdes	devêRAdes	deveRÍAdes
CIII	partÍAdes	partíRAdes	partiRÍAdes

port. contemp.

CI	amáVEis	amáREis	amaRÍEis
CII	devÍEis	devêREis	deveRÍEis
CIII	partÍEis	partíREis	partiRÍEis

a variação no português contemporâneo decorre da aplicação de regras de mudança fonológica que ainda não se aplicavam:

a.) regra de apagamento do *d* intervocálico:

/d/ → Ø / V—V

b.) regra de assimilação:

/a/ → /e/ / — /e/

c.) regra de ditongação:

/e/ → /i/
[— silábico]

Concretizáveis nas formas:

IdPt1	R.a	R.b	R.c
amáVAdes	→ amáVAes	→ amaVEes	→ amáVEis
devÍAdes	→ deVÍAes	→ devÍEes	→ devÍEis
partÍAdes	→ partÍAes	→ partÍEes	→ partÍEis
IdPt3			
amáRAdes	→ amáRAes	→ amáREes	→ amáREis
devêRAdes	→ devêRAes	→ devêREes	→ devêREis
partíRAdes	→ partíRAes	→ partíREes	→ partíREis
IdFt2			
amaRÍAdes	→ amaRÍAes	→ amaRÍEis	→ amaRÍEis
deveRÍAdes	→ deveRÍAes	→ deveRÍEes	→ deveRÍEis
partiRÍAdes	→ partiRÍAes	→ partiRÍEes	→ partiRÍEes

b. P6 de IdPt2 e de IdPt3 apresentam uma variação gráfica (discutida mais acima em 1.1.2.2e) que possivelmente já indica uma neutralização na oposição *-ro(n) : -ra(n)*; dessa variação gráfica não se pode determinar com segurança a realização fónica correspondente. Já seria o ditongo nasal ou apenas uma mesma vogal nasal final para os dois perfeitos? No português contemporâneo, tanto no dialecto *standard* de Portugal como no dialecto *standard* do Brasil a realização de P6 de IdPt2 e de IdPt3 é um ditongo nasal [ãũ], embora a norma ortográfica mantenha para P6 dos dois perfeitos a grafia *-ram (amaram, deveram, partiram,* por exemplo).

1.1.3 A representação dos morfemas número-pessoas (MNP)

No quadro seguinte apresentamos os morfemas número pessoais básicos às 6 pessoas verbais e os casos de alomorfia documentados para cada pessoa a depender do modo-tempo verbal e do grupo verbal.

QUADRO
A representação dos morfemas número-pessoais (MNP)

P	MNP	VARIAÇÃO	
1	Ø	-o Id. Pr (CI, CII e III)	-i IdPt2 (CI) IdFt1 (CI, II e III)
2	-s	-sti IdPt2 (CI, CII e III)	Ø Imp. (CI, II e III)
3	Ø	-u ~ o ~Ø IdPt2 (CI) -u ~ o IdPt2 (CII e CIII)	
4	-mos		
5	-des	-stes IdPt2 (CI, II e III)	-de Imp. (CI, II e III)
6	-n		

1.1.3.1 Morfemas número pessoais que não apresentam alomorfia:

a. Em todos os modo-tempos dos três grupos verbais o MNP de P4 está sempre representado por *-mos* (Cf. *Os modelos* em 1.1).

b. O MNP de P6 está sempre indicado no *corpus* por uma das três marcas gráficas possíveis para indicar o traço de nasalidade: o til, o *m* e o *n* (16a). Escolhemos o *n* para indicar o MNP de P6 por ser o sinal gráfico mais generalizado para marcar a nasalidade em posição final de vocábulo (Cf. *Modelos* em 1.1).

1.1.3.2 Morfemas número pessoais que apresentam alomorfia:

1.1.3.2.1 *MNP ∅ e alomorfes:*

O MNP de P1 e de P3 é ∅ em quase todos os modo-tempos, com as seguintes alomorfias:

a. As alomorfias de MNP-P1 são:

— *-O* para IdPr de CI, II e III:

CI	CII	CIII
achO	devO	partO

— *-I* assilábico em IdFt1 de CI, II e III e em IdPt2 de CI:

IdFt1	CI	CII	CIII
	calareI	morrereI	———reI

IdPt2 de CI: ameI

(16a) A par de 2 ocorrências da forma *creen*, há uma da forma *creein* (1.1.37 Evangelhos que *creein* a San Marcos e a San Lucas). É o único caso, entre todas as ocorrências de P6 no *corpus*, em que a grafia poderia levar a uma interpretação de realização ditongada em P6 das formas verbais.

b. A alomorfia de MNP de P3 ocorre no IdPt2 de CI, II e III:

CI	CII
achoU ~ achoO ~ achô (17)	acaeceU ~ acaeceO

CIII
partiU ~ partiO

Em geral a marca de MNP-P3 de IdPt2 é *U* assilábico nos três grupos de verbos, mas na grafia do *corpus* ocorre também esse morfema grafado *O*.

Nos verbos de CI, por vezes, se pode admitir que esse morfema não está representado *(achô,* por exemplo) quando a essa forma verbal se associa o pronome complemento masculino singular. Discutimos a relação entre essa variação gráfica e possíveis realizações fónicas em *Pronomes Pessoais,* (Parte I, 4.1.2.4.3.).

Nos verbos de CII e de CIII há 663 ocorrências da grafia U para 173 ocorrências da grafia O. Note-se que, dessas 173 ocorrências em O, 89 são da forma verbal *vio* (também grafada *viu,* 41 vezes) e 38 de *ouvio* (também grafada *ouviu,* 9 vezes). Dos 41 verbos que ocorrem em P3 de IdPt1 de CII só 8 apresentam a variação U/O, sendo sempre muito mais numerosa a grafia em U (140 vezes) em relação à grafia O (11 vezes). Dos 11 verbos que ocorrem em P3 de IdPt1 de CIII, 8 apresentam a variaçao U/O, sendo que há 129 ocorrências da grafia em U para 157 da grafia O. Depreende-se disso a preferência, no geral, pela grafia U (663:173); sendo que para os verbos de CIII a variação em uma mesma forma verbal é muito mais usual (8 verbos sobre 11) e neles predomina a grafia O. (157 : 129). Vale acrescentar que os verbos de CII

---

(17) O circunflexo foi por nós adoptado na *Leitura Crítica* para indicar não só a tonicidade da sílaba mas também o fechamento da vogal pela redução do ditongo.

(33 verbos) que não apresentam variação em P3 de IdPt1 estão sempre com U (390 ocorrências) enquanto os três verbos de CIII que não apresentam variação ocorrem com U ou O *seguio* (5 vezes), *somiu* (1) e *fugiu* (3). Em resumo, a grafia em U é prioritária, entretanto para os verbos de CIII predomina a grafia em O, embora ainda seja muito usada a grafia U (162 : 133) enquanto para os verbos de CII a predominância seja para a grafia em U (530 : 11).

1.1.3.2.2 *Morfemas de P2 e P5 e seus alomorfes.*

O MNP de P2 é *-s*, para todos os modo-tempos, excepto em:

a. É ∅ em Imp. de CI, CII e CIII:

CI	CII	CIII
alegra∅	bévi∅	parte∅

b. É *-STI* em IdPt2 de CI, CII e CIII:

CI	CII	CIII
tiraSTI	ascondiSTI	compriSTI

A grafia — STI está atestada no *corpus* em todas as ocorrências de IdPt2 — P2 (88 ao todo, aí incluídos verbos de padrão geral e de padrão especial), embora, como veremos, a forma correspondente de P5 esteja grafada com *e (-stes)*. Essa grafia não é geral na documentação do português arcaico, alterna com *-ste* (18). As ocorrências de -STI são: começasti (4), contasti (5), demandasti (3), falasti (3), mandasti (1), provasti (1), queixasti (1), tardasti (1), tomasti (3), tirasti (1), desti (2);

---

(18) A propósito dessa grafia cf. J. J. NUNES (1960: 280-281).

compristi (1), ouvisti (3), veesti (4); ascondisti (2), conhocisti (7), criisti (1), recebisti (3), respondisti (2), dissesti (1á), dissisti (3), fezesti (1), quisesti (2), quesisti (1), quisisti (1), ouvesti (1), soubesti (1), trouvesti (1), fusti (1).

O MNP de P5 é *-des* para todos os modo-tempos, excepto em:

a. Imp. de CI, CII e CIII: *-DE*

CI	CII	CIII
alegraDE	correDE	partiDE

b. IdPt2 de CI, CII e CIII: -STES

CI	CII	CIII
entraSTES	comeSTES	——iSTES

1.1.3.3 Observações finais:

Confrontando os dados de MNP neste *corpus* trecentista com a representação de MNP no português contemporâneo (¹⁹), a distinção fundamental ocorre em MNP de

---

(¹⁹) A análise de J. MATTOSO CÂMARA Jr. (1970; 98-99) dos MNP do português oral contemporâneo pode ser sumarizada no seguinte quadro:

P	MNP	ALOMORFIA				
1	Ø	/U/ IdPr	/i/ ∩ IdPt2 CI IdFt1			
2	/S/	/STI/ IdPt2	Ø Imp			
3	Ø	/u/ ∩ IdPt2				
4	/mUS/					
5	/iS/ ∩	/S/IdPr CIII	/dIS/ /Sbj Ft inf. fl.	/ i / CI,II ∩ Imp	Ø Imp CIII	StIS/ IdPt2
6	/N/					

P5. Essa diferença decorre da ausência de aplicação da regra de supressão ou apagamento do *-d-* e das outras dessa decorrentes que não estão indicadas em nenhuma das formas de P5 do *corpus*. Os MNP *-des* e *-de* ocorrem sempre em P5 com excepção de IdPt2.

Há 31 ocorrências de *-des* no *corpus:* amedes, avedes (2), averedes (4), confortedes, curedes, dedes, devedes (2), deviades, dizedes, enchades, estades (2), mandedes, mentides, ouvides (2), podedes (2), queredes, sabedes, tragedes, vaades, veedes (3), e 40 ocorrências de *-de:* abride, cavade, cobride, correde, dade (5), dizede (3), enviade, fazede (3), folgade, ide (14), partide (2), rogade (1), tomade (1), tornade (3), veede (2).

Da situação apresentada no *corpus* para o português actual aplicaram-se além da regra de supressão do *-d-* intervocálico (A), a regra de ditongação (B) e a depender do contexto a regra de crase (C), por exemplo:

IdPr: R.A R.B R.C
amaDES → amaES → amaIs ——
deveDES → deveES → deveIS ——
partiDES → partiES → partiIS → partiS

Imp:
amaDE → amaE → amaI ——
deveDE → deveE → deveI ——
partiDE → partiE → partiI → partI

Dessas mudanças fónicas decorre o maior número de alomorfes para MNP no português contemporâneo em relação ao português arcaico. Vale lembrar que *-des* manteve-se quando está em contextos fónicos não inter-vocálicos e em alguns casos enumeráveis, como *ledes, credes, vedes, ides, rides.*

A propósito do desaparecimento de *-d-* no morfema *-des* em contextos intervocálicos, entre 1418 e 1434 cf. Williams (1961: §155,3 e 3A) e Piel (1944367-368).

1.1.4 Variações na representação do lexema:

Define os verbos de padrão geral o lexema invariável. Pode, no entanto, ocorrer variação no lexema decorrente de regras fonológicas que não são típicas do verbo, mas gerais sempre que apareçam os contextos fónicos que determinam as variações (20).

Pela grafia do *corpus* podemos observar os seguintes casos de variação do lexema nos verbos de padrão geral:

1.1.4.1 Variações gráficas reflexos prováveis de variações fónicas por condicionamento vocálico:

a. Com verbos de CI:

— a par da forma VEGIaron ocorrem VIGIando e VIGIava;

— a par de MENGUando, MENGUava, MENGUasse, MENGUassen, MENGUava, MENGUen ocorre uma vez a forma MINGou.

A grafia variável nesses dois casos talvez indique uma insegurança na representação da vogal não acentuada que não seria articulada como a vogal na sílaba acentuada. Possivelmente a vogal alta da sílaba subsequente favorece a articulação alta da vogal da sílaba precedente.

---

(20) Cf. J. MATTOSO CÂMARA Jr. 1975: 151-155).

b. Com verbos de CII:

— o verbo CRER apresenta as formas CREamos, CREer, CREede, CREen, CREemos, CREen, CREendo, CREer, CREeran, CREendo, CREer, CREeran, CREermos, CREeren, CREeron, CREes, CREo, CRia a par de CRIi, CRIiam, CRIisti em que a vogal do lexema está representada por vogal mais alta *(i)*, quando na sílaba acentuada está presente uma vogal alta.

— o verbo TOLHER apresenta sempre no lexema a vogal *o* (TOLHan, TOLHas, TOLHe, TOLHede, TOLHeito, TOLHer, TOLHera, TOLHeren, TOLHeron, TOLHesse, TOLHen, TOLHia excepto em duas ocorrências de TULHisti.

3.27.22 Tu tulhisti a sa oferta

3.27.23 Porque tulhisti tu a Deus a tua oferta

em que a vogal do lexema se apresenta representada por *u* certamente indicador de uma vogal alta, em decorrência do contexto vocálico subsequente.

— o verbo CORRER apresenta no lexema a vogal *o* (CORRede, CORRen, CORRendo, CORRer, CORReron, CORResse, CORReu, CORRia, excepto em uma ocorrência do imperativo — CÚRRi

2.7.5 Cúrri ca aquel meñho caeu.

— o verbo METER apresenta no lexema a vogal *e* (METendo, METeo, METer, METera, METermos, METeron, METesse, METessem, METen, MÉTi, excepto em uma ocorrência do do imperativo — MÍTi

3.37.74 — Míti ta espada na bainha.

Tanto no caso de *cúrri* como de *míti*, a VT está representada pelo *i*, o que possivelmente reflecte uma articulação alta que condicionaria a articulação alta, representada por *u* em *cúrri* e por *i* em *míti*, da vogal do lexema. Note-se que alternando com *míti* ocorre no *corpus* a forma *méti* para o imperativo, 3 vezes:

2.18.5 -Méti mentes, filho, que non beva

2.32.22 -Méti en este corpo a alma que ende tirasti

3.2.23 -Méti tu mentes en aquel

Note-se também que ocorrem no *corpus* as formas *tolhia* e *corria*, em que na sílaba seguinte está representado um *i*, mas a vogal do lexema permanece representada por *o*.

Esses dados analisados da variação do lexema em verbos de CI e CII quererão indicar que haveria uma variação na articulação do lexema, ora com vogal alta ora com vogal média, ou quererão dizer que a articulação seria alta por condicionamento, mas nem sempre estava representada na grafia?

c. Com verbos de CIII:

Os verbos de CIII que apresentam no lexema *o*, *u* ou *e*, *i* são: *cobrir, comprir, consentir, descobrir, destroir, desvestir, dormir, encobrir, envestir, fugir, percudir, possoir, recudir, sobir, vestir*. Apresentamos nessa lista a grafia da vogal do lexema que ocorre no *corpus* para as formas do infinitivo ou, quando este não ocorre, a grafia que se depreende das outras formas verbais. Trataremos em seguida daqueles dentre esses verbos que apresentam variação gráfica no lexema. Os que não apresentam variação, estão em todas as formas com a grafia do lexema como a do lexema do infinitivo.

Desses verbos de CIII, apresentam variação gráfica no lexema:

—e ~ i: apenas *vestir*: VESTidos, VESTido, VESTIR, VESTisse e VESTiu ~ VISTio, uma ocorrência de cada forma.

— o ~ u: *cobrir*: CUBerto (4), CUBertos (2) ~ COBerto (1) além de COBRia, COBRide, COBRio

fugir: FOGia (1) ~ FUGia (1), FUGian (1)
FOGindo (1), FOGisse (1)

Nos outros casos sempre com *u*:

FUGen (1), FÚGI (1), FUGidos (1), FUGir (7), FUGira (2), FUGiron (7), FUGin (3)

recudir: RECODio (1) ~ RECUDio (3)
RECODir (1) ~ RECUDir (1)

nos outros casos sempre com *u*:

RECUDe (1), RECUDia (5), RECUDIan (1)

A variação gráfica do lexema em CIII não é muito frequente, mas mais numerosa que em CI e CII. Essa variação sugere um alteamento da vogal do lexema por condicionamento da VT: isso está indicado claramente no caso de *vistio*. No caso das variações das formas de *fugir* e de *recudir* as grafias menos frequentes com *o* parecem indicar mais a indecisão em como representar vogal mais alta em sílaba não acentuada. Esse facto parece esclarecer-se com as formas CUBerto, CUBertos, em que não há a condição para o alteamento, grafadas com *u;* onde, no entanto, há a condição — *cobria, cobride, cobrio* — a vogal do lexema está representada por *o*.

Os casos aqui discutidos já foram tratados no Capítulo Preliminar (cf. 1.1.2 e 1.1.3) quando descrevemos a variação entre os grafemas *e, i* e *o, u.* Com isso queremos lembrar que essa variação não é específica da morfologia do verbo, mas ocorre em outros itens do léxico.

Os outros verbos de CIII que têm *o, u* ou *e, i* no lexema não apresentam variação gráfica no *corpus* e ocorrem sob as formas seguintes:

— *comprir:* 57 ocorrências, sempre com *o* no lexema

— *consentir:* nas formas: consento (2), consenten (1), consenterian (1), consentio (1)

— *descobrir:* descobrir (1), descobertos (1)

— *desvestir:* desvestia (1)

— *dormir:* 17 ocorrências, sempre com *o;* é de notar que não ocorrem as formas de IdPr-P1 e de SbPr-P1 a P6

— *encobrir:* encobrir (1), encobriu (1), encobra (1)

— *envestir:* envestida (4)

— *ferir:* 10 ocorrências sempre com *e;* é de notar que não ocorrem as formas de IdPr-P1 e de SbPr-P1 a P6.

— *percudir:* percudia (1)

— *possoir:* possoirán (1)

— *sobir:* sobia (1), sobian (2), sobio (2), sobir (1)

Embora a grande maioria das grafias dos lexemas de verbos de CIII aqui discutidos seja com *o* e *e,* os casos em que há variação o~u, e~i podem significar uma variação na articulação do lexema ou um fechamento já generalizado, mas nem sempre transposto na representação gráfica.

1.1.4.2 Variações gráficas reflexos de fenómenos fonéticos diversos:

a. ASPERamos (1) ~ ESPERo (1)
ESPERa (1)
ESPERar (1)

Tratamos da variação *a* ~ *e* em posição inicial absoluta no *Capítulo Preliminar* 1.1.1.

b. PESSEGUian (1) ~ PERSEGUian (1)
PERSEGUia (2)
PERSEGUes (1)
PERSEGUido (1)
PERSEGUisse (1)

Dessa variação entre formas que apresentam assimilação consonântica *(pesseguian)* e as não assimiladas tratamos no Capítulo Preliminar 2.2.3.

c. JUIGar (1) ~ JULGado (1)
JULGar (4)
JULGava (1)
JULGaron (1)

Dessa variação tratamos no *Capítulo Preliminar* 1.2.5.2.

1.1.4.3 Variações estritamente gráficas:

a. GUAANHar (1) ~ GAANHar (com 26 ocorrências de formas flexionadas)

Tratamos dessa variação no Capítulo Preliminar 2.1.3.

b. O verbo *ressuscitar* ora apresenta o lexema grafado *ressuscit-* (4 vezes) ora *resuscit-* (23 vezes).

Dessa variação tratamos no *Capítulo Preliminar* 2.1.1.

1.1.4.4 Observações finais

Os casos de variação gráfica do lexema de verbos do padrão geral tratados em 1.1.4.1 e 1.1.4.2 indicam não só a ausência então de normalização ortográfica, mas também possivelmente regras fonológicas que não são específicas do verbo, como atrás dissemos; os casos tratados em 1.1.4.3. parecem apenas indicar uma variação de grafia reflexo da ausência de normalização ortográfica própria ao português arcaico.

O exame dos dados gráficos do *corpus* nada permite dizer sobre a variação de altura entre vogais médias do lexema, quer a anterior quer a posterior, sempre representadas por *e* ou *o*, sem distinção da diferença [-alto-baixo] e [-alto + baixo] ou seja média fechada e média aberta.

Vale notar que no *corpus* a variação do lexema decorrente de ditongação da vogal do lexema nas formas ditas rizotónicas (IdPr. P1, P2, P3 e P6, Imp. P2 e SbPr de P1 a P6) nunca está indicada. Ocorre, por exemplo, *alum$\overset{(,)}{e}$a*, *alum$\overset{(,)}{e}$as*, a par de *alum$\overset{(,)}{e}$ou*, *alum$\overset{(,)}{e}$ados*, *alum$\overset{(,)}{e}$ado*, *alum$\overset{(,)}{e}$ando*, *alum$\overset{(,)}{e}$ar*; *nom$\overset{(,)}{e}$a* a par de *nom$\overset{(,)}{e}$ados*, *nom$\overset{(,)}{e}$ar* e ainda *amerc$\overset{(,)}{e}$e-se*, *cr$\overset{(,)}{e}$o*.

A propósito dessas sequências não ditongadas cf. *Capítulo Preliminar* sobre a grafia, 1.2.3. Para J. J. Nunes (1960 : 294-296) ainda no *Cancioneiro Geral* — coligido no início do século XVI — predominam as grafias não-ditongadas e E. Williams (1961: § 37.7) afirma que «a modificação para *ei* [nesses casos] não ocorreu até início do século XVI».

1.2 *Verbos de padrão especial* (21)

Partimos do princípio de que os verbos de padrão especial, tradicionalmente chamados irregulares, obedecem a determinadas regularidades que permitem classificá-los em subgrupos que apresentam características mórficas semelhantes. Destacando nesta descrição o que caracteriza esses verbos como de padrão especial, excluímos os elementos mórficos que têm em comum com os verbos de padrão geral, já analisados.

Apresentaremos uma classificação (22) dos verbos de padrão especial do *corpus* (1.2.1), seguida da documentação de todas as formas de cada verbo atestadas de acordo com o tipo de especificidade que apresente (1.2.1 a 4). Nesta documentação, entre parênteses, estão formas inferidas do paradigma, mas não documentadas. Em 1.2.2 apresentamos um sumário dos dados, a que se seguem considerações sobre a variação nesses verbos (1.2.3).

1.2.1 **Classificação dos verbos de padrão especial**

Nesta classificação partiremos dos tipos de verbos de padrão especial que apresentem maior complexidade mórfica para os que apresentem menor complexidade.

A especificidade desses verbos se insere basicamente na forma variável do lexema. Essa variação não é da mesma natureza daquelas discutidas em 1.1.4, que decorrem, como dissemos, muito provavelmente de variações fônicas — quando não são apenas variações gráficas — não específicas à morfologia verbal. Destacamos 4 tipos de verbos de padrão especial:

---

(21) Optamos pela designação verbos de padrão especial por considerarmos mais condizente com os factos do que a designação «verbos irregulares».

(22) Levamos em consideração na descrição as análises dos verbos de padrão especial no português actual propostas por J. Mattoso Câmara Jr. (1970: 101 e 1975: 155-161), mas tivemos de nos afastar delas em muitos pontos, uma vez que os dados deste *corpus* trecentista a isso nos conduziram.

Tipo 1: Verbos que apresentam variação no lexema das formas do não-perfeito e lexemas específicos para as formas do perfeito (23).

Tipo 2: Verbos que apresentam lexema invariável para as formas do não-perfeito que se opõe ao lexema específico das formas do perfeito.

Tipo 3: Verbos que apresentam variação no lexema das formas do não-perfeito e o lexema das formas do perfeito é idêntico ao lexema mais generalizado das formas do não-perfeito.

Tipo 4: Verbos que apresentam particípio passado especial.

1.2.1.1 Verbos do tipo 1:

São aqueles que apresentam o lexema dos tempos do não-perfeito com uma grande variação na sua representação além de apresentarem lexema específico para os tempos do perfeito. São portanto dos verbos de padrão especial aqueles que têm mais numerosas especificidades. Estão nesse caso: *dizer, trager, fazer, aver, teer (~ tẽẽr), viir (~ vĩĩr), poer (— põer), veer, poder, jazer, querer, ir, seer.*

---

(23) Chamaremos aqui formas do «não-perfeito» a IdPr., IdPt1, IdFt1, IdFt2, SbPr, Imp. Inf., Inf. fl., Ger. e formas do «perfeito» a: IdPt2, IdPt3, SbPt, SbFt.

1.2.1.1.1 *Variação no lexema dos tempos do não-perfeito.*

Trataremos em primeiro lugar da subagrupação desses verbos de tipo 1 de acordo com a variação do lexema dos tempos do não-perfeito. Delimitamos os seguintes subgrupos:

a. Variação na consoante final do lexema e apagamento dessa consoante: verbos *dizer, trager, fazer, aver.*

Dizer: DIG-
DIZ-, DEZ- (24)
DI-

DIG-: IdPr P1; SbPr P1 a P6

DIZ-: IdPr P2 a P6; IdPt1 P1 a P6; Imp. P5; Inf. fl. P1 a P6; Inf.; Ger.

DI-: IdFt1; IdFt2; Imp. P2

Documentação:

IdPr.: Digo, dizes, diz, dizemos, dizedes, dizen

IdPt1: (dizia), dezias, dezia ~ dizia, (diziamos), (diziades), dizian

IdFt1: direi, (dirás), dirá, diremos, (diredes), (dirán)

IdFt2: (diria), (dirias), diria, (diriamos), (diriades), (dirian).

---

(24) Essa variação DIZ-, DEZ- se insere na variação da representação da pretónica anterior que não é especifica das formas verbais, mas ocorre em vocábulos de outra natureza, como vimos no Capítulo Preliminar sobre a representação gráfica, 1 1.2.

Imp.: di, dizede

SbPr.: (diga), digas, diga, digamos, (digades), digan

Inf. fl.: (dizer), (dizeres), (dizes), dizermos, (dizerdes), dizeren

Inf.: dizer

Ger.: dizendo

Trager: TRAG- [velar]

TRAG- [palatal]

TRA-

TRAG- [velar] : IdPr P1; SbPr P1 a P6

TRAG- [palatal] : IdPr P2 a P6; IdPt1 P1 a P6; Imp. P2 e P5; Inf. fl P1 a P6; Inf.; Ger

(TRA- : IdFt1 e IdFt2)

Documentação:

IdPr: (trago), trages, trage, (tragemos), tragedes, tragen

IdPt1: (tragia), (tragias), tragia, (tragiamos), (tragiades), tragian

IdFt1: ....

IdFt2: ....

Imp.: Trági, (tragede)

SbPr.: (traga), (tragas), traga, tragamos, (tragades), tragan

Inf. fl.: ....

Inf.: trager

Ger.: tragendo

Fazer: FAÇ-
FAZ-
FA-

FAÇ-: IdPr P1; SbPr. P1 a P6

FAZ-: IdPr P2 a P6; IdPt1 P1 a P6; Imp. P2 e P5;
Inf. fl. P1 a P6; Inf.; Ger.

FA-: IdFt1; IdFt2

Documentação:

IdPr.: faço, fazes, faz ~ faze, (fazemos), (fazedes),
fazen

IdPt1: (fazia), façias (25), fazia, (faziamos), fazian

IdFt1: farei, (farás), fará, faremos, (faredes), farén

IdFt2: (faria), (farias), faria, (fariamos), (faríades), (fariam)

Imp.: Fázi, (fazede)

SbPr.: (faça), façàs, (faça), (façamos), (façades),
(façan)

Inf. fl: (fazer), fazeres, (fazer), (fazermos), (fazerdes), fazeren

Inf.: fazer

Ger.: fazendo

---

(25) A forma *façias* ocorre uma única vez ao lado de 132 ocorrências de formas com -z- do IdPt1. Essa grafia excepcional está discutida no Capítulo Preliminar, 2.1.1.

Aver: AV-
AJ-
A-

Av-: IdPr P5 e P6; IdPt1; IdFt1; IdFt2; Imp. P2 e P5, Inf. fl; Inf.; Ger.

AJ- : SbPr P1 a P6

A- : IdPr P1 (26), P2, P3 e P6

Documentação:

IdPr: ei, ás, ha, avemos, avedes, an

IdPt1: (avia), (avias), avia, (avíamos), (avíades), avian

IdFt1: averei, (averás), averá, averemos, averedes, averán

IdFt2: (averia), (averias), averia, (averiamos), (averiades), averian

Imp. ávi, (avede)

SbPr.: (aja), (ajas), aja, (ajamos), ajades, ajan

Inf.: ....

Inf.: aver

Ger.: avendo

b. Variação no travamento nasal do lexema ou lexema fechado por *-r*, além de variação na vogal do lexema: verbos teer ~ tẽẽr, viir ~ vĩĩr, poer ~ põer (27).

---

(26) Adoptamos, por simplicidade na descrição, confirmada pela história da palavra, que a forma *ei* de IdPr P1 resulta da assimilação do *a* do lexema à vogal anterior seguinte, que é o remanescente da VT etimológica.

Teer ~ tẽẽr: TEN-, TẼ-
TENH-
TIINH-
TER-

TEN-, TẼ- (28): IdPr P2 a P6, Inf. fl., Inf., Ger.

TENH-: IdPr 1,SbPr P1 a P6

TIINH-: IdPt1, P1 a P6

TER-: IdFt1 P1 a P6, IdFt2 P1 a P6

Documentação:

IdPr.: Tenho, tẽẽs, tẽẽ, tẽẽmos ~ teemos, (tendes), teen

IdPt1: (tiinha), (tiinhas), tiinha, (tiinhamos), (tiinhades), tiinham

IdFt1: ....

IdFt2: (terria), (terrias), terria, (terríamos), (terriades), (terrian)

Imp.: ....

SbPr: (tenha), (tenhas), tenha, (tenhamos), (tenhades), (tenhan)

---

(27) Há formas desses verbos em que a nasalidade está marcada pelo til sobre a vogal. Nesses casos, como sempre em textos medievais, o diacrítico indicador da nasalidade pode estar grafado ou não no códice, ou para indicar uma desnasalização, ou por lapso do escriba. Cf. Capítulo Preliminar 1.2.1.1.

(28) Nesse caso, o traço nasal que encerra o lexema está representado ou pelo *n* ou pelo til, cf. também *VEN-*, *VẼ*, e *PON-*, *PÕ-*.

Inf. f1: ....

Inf.: teer ~ tẽẽr

Ger.: teedo ~ teendo

Viir ~ vĩĩr: VEN-, VẼ-
VIIN-
VENH-
VIINH
VER-

VEN-, VẼ-: IdPr P2 a P6, Imp P2

VIIN-: IdPr P4 e P5, Imp P5, Inf1 P1 a P6, Inf., Ger

VENH-: IdPr P1 e SbPr P1 a P6

VER-: IdFt1 e IdFt 2

Documentação:

IdPr.: Venho, (vees), vee ~ ven, (viimos), (viindes), veen ~ vẽẽ

IdPt1: (viinha), (viinhas), viinha, (viinhamos), (viinhades), viinhan

IdFt1: (verrei), (verrás), verrá, (verremos), (verredes), (verrán)

IdFt2: (verria), (verrias), verria, (verríamos), (verríades), verrian

Imp. : ven, viinde

SbPr: (venha), venhas, venha, venhamos, (venhades), venhan

Inf. f1: ....

Inf.: viir ~ vĩĩr

Ger.: viindo

Põer ~ poer: PON-, PÕ-, PO-
PONH-
POINH-
POR-

PON-, PÕ-,PO- (29) : IdPr P2 a P5, IMP P2 e P5, Infl, Inf., Ger.

PONH-: IdPr P1, SbPr P1 a P6

POINH-: IdPt1, P1 a P6

POR-: IdFt1 e IdFt2

Documentação:

Id.Pr.: Ponha, (pões), põe ~ pon, (pomos), (poendes), (põen)

IdPt1: (poinha), (poinhas), poĩa ~ poinha (30), (poinhamos), (poinhades), poinhan

IdFt1: porrei, (porrás), (porrá), (porremos), (porredes), (porrán)

IdFt2: ……………………………………………

Imp.: (põe), poende

SbPr: (ponha), (ponhas), (ponha), ponhamos, (ponhades), (ponhan)

Inf.fl: ……………………………………………

Inf.: poer ~ põer

Ger.: poendo

---

(29) Cf. nota 27.

(30) Tratamos no Capítulo Preliminar 1.2.2. da variação *-ĩo, ĩho, -inho* que não é própria às formas verbais mas a lexemas que se actualizam em outras classes de palavras.

c. Variação por mudança de vogal do lexema e por alongamento do lexema por consoante: verbo *veer*.

Veer: VE-
VI-
VEJ-

VE-: IdPr P2 a P6, IdFt1, IdFt2, Imp P2 e P5, Inf. fl., Inf., Ger.

VI-: IdPt1 P1 a P6

VEJ-: IdPr P1, SbPr P1 a P6

Documentação:

Id. Pr: Vejo, vees ~ ves ([31]), vee, veemos, veedes, veen

IdPt1: (viia), viias, viia, (viiamos), (viiades), (viiam)

IdFt1: (veerei), veerás, veerá, veeremos, (veeredes), veerán

IdFt2: (veeria), (veerias), (veeria), (veeriamos), (veeriades), veerian

Imp: vei, veede

SbPr.: (veja), (vejas), veja, (vejamos), (vejades), vejan

Inf. fl: (veer), (veeres), (veer), (veermos), (veerdes), veeren

Inf.: veer

Ger.: veendo

---

[31] É esse um dos poucos casos em que a grafia pode querer indicar a fusão de vogais idênticas, quando uma das vogais está em sílaba acentuada. Cf. Capítulo Preliminar 1.2.1.

d. Variação no travamento consonântico do lexema: verbos *poder*, *jazer*.

Poder: POS-
POD-

POS-: IdPr P1 e SbPr P1 a P6

POD-: IdPr P2 a P6, IdFt1 P1 a P6, IdFt2 P1 a P6, Imp. P2 e P5, Inf. f1. P1 a P6, Inf., ger.

Documentação:

IdPr.: Posso, podes, pode, podemos, podedes, poden

IdPt1: (podia), (podias), podia ~ pudia (32), podiades, podian

IdFt1: poderei, poderás, poderá, poderemos, (poderedes), poderán

IdFt2: (poderia), (poderias), poderia, poderíamos, (poderiades), poderian

Imp.: ....

SbPr.: (possa), possas, possa, (possamos), (possades), possan

Inf. f1: (poder), poderes, (poder), (podermos), (poderdes), poderen

Inf.: poder

Ger.: podendo

Jazer: JASC-
JAZ-

---

(32) Essa variação POD-, PUD- se insere na variação da representação da pretónica posterior; não é específica das formas verbais, mas ocorre em lexemas que se actualizam em outras classes de palavra, como vimos no Capítulo Preliminar 1.1.3.

JASC-: IdPr P1 e SbPr P1 a P6

JAZ-: IdPt1, IdFt1, IdFt2 (33), Imp., Inf., f1, Inf. Ger.

Documentação:

IdPr.: jasco, jazes, jaz, (jazemos), (jazedes), jazen

IdPt1: (jazia), (jazias), jazia, (jaziamos), jaziades, jazian

IdFt1: ....

IdFt2: ....

Imp.: ....

SbPr: (jasca), (jascas), jasca, (jascamos), (jascades), jascan

Inf. f1: ....

Inf.: jazer

Ger.: jazendo

e. Variação por ditongação da vogal do lexema: verbo *querer*.

Querer: QUER-
QUEIR-

QUER-: IdPr P1 a P6, IdPr P1 a P6, IdFt2, IdFt2, Imp., Inf. f1, Inf., Ger.

QUEIR-: SbPr. P1 a P6

---

(33) Ocorre no português arcaico o IdFt1 e o IdFt2 como *jarei* e *jaria*, depois substituído por *jazerei*, *jazeria* (WILLIAMS 1961: 188.§4). Se ocorresse no *corpus* as formas do tipo *jarei*, *jaria* a descrição dos lexemas das formas do não-perfeito deveria ser: JASC- JAZ- JA-. Se assim estivesse documentado esse verbo se incluiria entre os do grupo *a*., como *dizer*, *fazer*, *trager*, *aver*.

Documentação:

IdPr.: Quero, queres, quer, queremos, queredes, queren

IdPt1: (queria), (querias), queria, (queriamos), (queríades), querian.

IdFt1: .... (34)

IdFt2: ....

Imp.: ....

SbPr.: (Queira), queiras, queira, queiramos, queirades, (queiran)

Inf. fl: ....

Inf.: querer

Ger.: querendo

f. Heteronímia do lexema: verbo *ir*.

Ir: VA-
I-

VA-: IdPr P1 (35), P2, P3 e P6, Imp. P2, SbPr P1 a P6

I-: IdPr P4 e P5, IdPt1 P1 a P6, IdFt1, IdFt2, Inf. fl. Inf., Ger.

---

(34) No português arcaico ocorrem documentadas as formas *querrei*, *querria* para IdFt1 e IdFt2 (WILLIAMS 1961: § 194.6 e J. J. NUNES 1960: 320), depois substituida por *quererei* e *quereria*.

(35) Adoptamos, por simplicidade, essa descrição porque a forma *vou* de IdPr P1 resulta da assimilação do *A* de *VA* à vogal posterior seguinte.

Documentação:

IdPr.: vou, (vais), vai, imos, (ides), van

IdPt1: (ia), ias, ia, (iamos), (iades), ian

IdFt1: irei, (irás), irá, (iremos), (iredes), (irán)

IdFt2: (iria), (irias), iria, (iriamos), (iriades), (iriam)

Imp.: (vai), ide

SbPr.: (vaa), vaas, (vaa), (vaamos), vaades, vaan

Inf. fl.: ....

Inf.: ir

Ger.: indo

g. Heteronímia do lexema e variações vocálicas ou consonânticas em cada lexema heterónimo: verbo *seer*.

Seer:	SE-	E-
	SEJ-	ER-
	SI-	
	SON-	
	SO-	

SE-: IdPr P3 e P6, IdFt1 P1 a P6. IdFt2 P1 a P6, Inf. fl, Inf., Ger.

SEJ-: SbPr P1 a P6

SI-: IdPt1 P1 a P6

SON-: IdPr P1 e P6

SO-: IdPr P4 e P5

E-: IdPr P2 e P3

ER-: IdPt1 P1 a P6

Documentação:

IdPr.: sõõ ~ soon, es, he ~ se (36), somos, (sodes), son ~ seen

IdPt1: (era), (eras), era ~ siia, (eramos), (erades), eran ~ siian

IdFt1: seerei, seerás, seerá ~ será (37), (seeremos), (seeredes)

IdFt2: (seeria), (seerias), seeria, (seeriamos), (seeriades), seerian

Imp.: ....

SbPr.: (seja), sejas, seja, sejamos, (sejades), sejan

Inf. fl.: (seer), seeres, (seer), (seermos), (seerdes), seeren

Inf.: seer

Ger.: seendo

1.2.1.1.2 *Lexemas dos tempos do perfeito*

Os verbos do Tipo 1 podem ser reagrupados considerando o lexema dos tempos do perfeito que se opõe ao lexema variável dos tempos do não-perfeito. Segundo os dados, são os seguintes os subgrupos:

---

(36) As formas SE e SEEN do IdPr e *siia, siian* do IdPt1 não são sinónimos absolutos de *he, son, era* e *eran*, respectivamente. Trataremos disso mais adiante em 3., quando tratarmos das locuções verbais e na Parte III. 1.3.2.4.2.

(37) É esse e o de *SERÁN* um dos casos em que a grafia pode querer indicar a fusão de vogais idênticas, quando ambas as vogais estão em sílaba não acentuada. Cf. Capítulo Preliminar 1.2.1.

a. Verbos que têm o mesmo lexema para P1 e P3 de IdPt2 e para todos os tempos do perfeito. São os verbos *dizer, querer, aver, trager, jazer.* Os lexemas são respectivamente:

DIS-, DIX-
QUIS-
OUV-
TROUV-, TROUX-
JOUV-

Documentação:

Dizer:

IdPt2: (disse), dissesti ~ dissisti (37a), disse ~ dixi (38), dissemos, (dissestes)), disseron

IdPt3: (dissera), (disseras), dissera, (disseramos), (disserades), (disseran)

SbPt: (dissesse), (dissesses), dissesse, dissessemos, (dissessedes), dissessen

SbFt: (disser), (disseres), disser, (dissermos), (disserdes), disseren

Querer:

IdPt2: (quis), quesisti ~ quisisti (39), quis ~ quise (40), quisemos, quisestes, quiseron

---

(37a) Sobre o fechamento de VT nos verbos de CII em P2 de IdPt2 cf. Verbos de padrão regular 1.1.1.2 e, mais adiante, 1.2.3.2.c.

(38) Essa grafia que se pode considerar excepcional no conjunto dos *Diálogos* pode ser apenas um reflexo da grafia latina ou indicar uma realização palatalizada.

(39) V. Nota 37a.

(40) A forma com VT é menos frequente que a apocopada (5:65).

IdPt3: (quisera), (quiseras), quisera, (quiseramos), (quiserades), (quiseran)

SbPt: (quisesse), (quisesses), quisesse, (quisessemos), (quisessedes), quisessen

SbFt: (quiser), quiseres, quiser, quisermos, quiserdes, quiseren

Aver:

IdPt2: (ouve), ouvesti, ouve ~ óuvi (41), (ouvemos), (ouvestes), ouveron

IdPt3: (ouvera), (ouveras), ouvera, (ouverámos), (ouverádes), ouveran

SbPt: (ouvesse), (ouvesses), ouvesse, (ouvéssemos), (ouvéssedes) ouvessen

SbFt: (ouver), ouveres, (ouver), ouvermos, ouverdes, (ouveren)

Trager:

IdPt2: (trouve), trouvesti, trouve ~-trouxe ~ trouxi (42), (trouvemos), (trouvestes), trouveron ~ trouxeron

IdPt3: trouxera, (trouveras), (trouvera), (trouveramos), (trouverades), trouveran

SbPt: (trouvesse), trouvesses), trouvesse, (trouvessemos), (trouvessedes), trouvessen

SbFt: (trouver); (trouveres), trouver, (trouvermos), (trouverdes), (trouveren)

---

(41) A forma *ouvi* ocorre apenas 3 vezes no *corpus* face a alta frequência de *ouve*. Cf. Verbos de padrão regular 1.1.1.2.

(42) As variantes *trouxi*, *trouxe* ocorrem apenas uma vez cada em relação às formas com o lexema *trouv-*.

Jazer:

IdPt2: (jouve), (jouvesti), jouve, (jouvemos), (jouvestes), (jouveron)

IdPt3: ....

SbPt: (jouvesse), (jouvesses), jouvesse, (jouvessemos), (jouvessedes), (jouvessen)

SbFt: ....

b. Verbos que opõem P1 e P3 de IdPt2 pela alternância *i:e,* seguindo as outras pessoas de IdPt2 e os outros tempos do perfeito a forma em *e*. São os verbos: *fazer, tẽẽr ~ teer, vĩĩr ~ viir.*

Os lexemas são respectivamente:

FIZ-, FIG-:	FEZ-
TIV-:	TEV-
VIN-:	VEN-, VE-

Documentação:

Fazer:

IdPt2: fiz ~ fizi ~ figi (43), fezesti ~ fezisti, fez ~ feze (44), fezemos, (fezedes), fezeron

IdPt3: ....

SbPt: (fezesse), (fezesses), fezesse, (fezessemos), (fezessedes), fezessen

---

(43) Aqui a forma apocopada é menos frequente (2 ocorrências) para 11 com VT representada por *i*. O lexema com a consoante *g*, palatal, é também menos frequente que o lexema com a sibilante *s* em IdPt2 P1; nos outros tempos só ocorre o lexema fechado pela sibilante *z*. A representação com *g* é excepcional portanto no conjunto dos perfeitos do verbo *fazer*.

(44) A forma com VT é menos frequente (26: 62).

SbFt: (fezer), (fezeres), fezer, fezermos, (fezerdes), (fezeren)

Teer:

IdPt2: (tive), (tevesti), teve, (tevemos), (tevestes), (teveron)

IdPt3: (tevera), (teveras), tevera, (teveramos), (teverades), (teveran)

SbPt: (tevesse), (tevesses), tevesse, (tevessemos), (tevessedes), tevessen

SbFt: ....

Viir:

IdPt2: viim, vẽẽsti ~ veesti (45), vẽo ~ veo, veestes, veeron ~ vẽẽron

idPt3: (vẽẽra), (vẽẽras), vẽẽra, (vẽẽramos), (vẽẽra-veeron ~ vẽẽron

SbPt: (vẽẽsse), (vẽẽsses), vẽẽsse ~ veesse, (veessemos), (veessedes), veessen

SbFt. (veer), veeres, veer, (veermos), (veerdes), (veeren)

c. Verbos que opõem P1 e P3 de IdPt2 pela alternância *u:o*, seguindo as outras pessoas de IdPt2 e os outros tempos do perfeito a forma em *o*. São os verbos *poder, poer, ir.*

---

(45) As variantes sem marcas gráficas de nasalidade podem indicar uma pronúncia variável desnasalizada ou podem apenas indicar lapso na grafia dessa marca, sendo portanto sempre nasal a vogal do lexema ou ainda pode indicar que a marca de nasalidade não reflecte uma realidade fónica, mas um traço arcaizante da grafia.

Os lexemas são respectivamente:

PUD-: POD-
PUG-: POS-
FU-: FO-

Documentação:

Poder:

IdPt2: pudi (46), (podesti), (pode), (podemos), (podestes), (poderon)

IdPt3: (podera), (poderas), podera, (poderamos), (poderades), (poderan)

SbPt: (podesse), (podesses), podesse, (podessemos), (podessedes), podessen

SbFt: ....

Poer:

IdPt2: pugi (47), (posesti), pos ~ pose (48), posemos, posestes, poseron

IdPt3: (posera), (poseras), posera, (poseramos), (poserades), (poseran).

SbFt: ....

---

(46) Sobre o fechamento de Vt cf. nota 42. Não ocorre a forma *pude* e a *pudi* ocorre 4 vezes no *corpus*.

(47) Não ocorre a forma com lexema travado por sibilante em IdPt2 P1, que também só está documentado uma vez com o lexema travado por consoante palatal *-g-;* em todas as outras formas do perfeito do verbo *poer* o lexema aparece travado pelo *s* e não pelo *g*. A grafia *pugi* no conjunto das formas em causa é portanto excepcional.

(48) Cf. notas 40, 43 e 44. As formas *pos* e *pose* ocorrem ambas 9 vezes, não demonstrando os dados preferência por uma ou outra grafia. (Cf., mais adiante, 1.2.3.2a).

Ir:

IdPt2: fui, fusti (49), foi, (fomos), (fostes), foron

IdPt3: ....

SbPt: (fosse), (fosses), fosse, fossemos, (fossedes), fossen

SbFt: (for), (fores), for, (formos), (fordes), (foren)

d. Verbo que opõe P1 e P3 de IdPt2 pela alternância *u:o* e apresenta lexema heterónimo com alternância *e:i* Verbo *seer*.

Os lexemas são:

FU-: FO- e (SIV-) (50): SEV-

Documentação:

IdPt2: fui, fusti (51), foi ~ seve, (fomos), (fostes), foron ~ severon

IdPt3: fora, (foras), fora, foramos, (forades), foran

SbPt: (fosse), (fosses), fosse ~ sevesse, fossemos, (fossedes), fossen

---

(49) A propósito do fechamento da vogal do lexema possivelmente por interferência de *sti*, cf. Verbos de padrão geral 1.1.1.2.

(50) Mantivemos a forma SIV-, entre parênteses, na descrição por estar documentada no português arcaico, embora não ocorra no *corpus* (cf. Williams 1961 § 167.3 e § 198.8).

(51) Cf. nota 49.

e. O verbo *veer* que se apresenta com VT *i* em todos os tempos do perfeito.

Documentação:

IdPt2: vi, visti, vio ~ viu (52), vimos, vistes, viron

IdPt3: (vira), viras, (vira), (viramos), (virades), (viran)

SbPt: (visse), (visses), visse, (vissemos), (vissedes), vissen

SdFt: (vir), (vires), vir, (virmos), (virdes), viren

1.2.1.2 Verbos do tipo 2:

São aqueles que apresentam lexema invariável para os tempos do não-perfeito que se opõe ao lexema específico para os tempos do perfeito. São os verbos: *saber, prazer, estar, dar.*

Podem ser subagrupados de acordo com o tipo de lexema dos tempos do perfeito em:

a. O lexema dos tempos do perfeito se caracteriza pela ditongação em oposição ao lexema dos tempos do não-perfeito. Estão neste caso os verbos *saber* e *prazer*. Os lexemas são respectivamente:

SAB-: SOUB-

PRAZ-: PROUG- (52a)

---

(52) Sobre a alomorfia *-o, -u* do MNP de P3 de IdPt 2 cf. Verbos de padrão geral 1.1.3.2.1.

(52a) Possivelmente o verbo *caber*, que ocorre no *corpus* se incluiria neste caso; mas os dados disponíveis na documentação não permitem tal inclusão. Desse verbo estão documentadas apenas as formas *cabia* (IdPt P1) e *caber* (inf.)

Documentação:

Saber:

IdPr.: sei (53), sabes, sabe ~ sábi, sabemos, saben

IdPt1: (sabia), (sabias), sabia, (sabiamos), (sabiades), sabiam

IdFt1: (saberei), (saberás), (saberá), (saberemos), (saberedes), saberán

IdFt2: (saberia), (saberias), saberia, (saberiamos), (saberíades), (saberian)

Imp.: ....

SbPr.: (sábia), sábias, sábia, (sabiámos), (sabiádes), (sábian)

InfF1: ....

Inf.: saber

Ger.: sabendo

IdPt2: (soube), soubesti, soube ~ soubi (54), (soubemos), (soubestes), souberon

IdPt3: (soubera), (souberas), soubera, (souberamos), (souberades), (souberan)

---

(53) Admitimos por simplicidade de descrição uma forma reduzida do lexema que teria uma base **sabi* > *saib*, que por processos de mudança fónica resultaria em *sei* (cf. Mattoso Câmara Jr. 1970: 103). Outra possibilidade de análise, a nosso ver menos económica, seria criar mais uma categoria de verbos do tipo 1, devido ao facto do lexema de IdPr P1 divergir na sua forma do lexema de todos os outros tempos do não-perfeito. Note-se que no *corpus* o lexema de SbPr é ainda *sab-*, por não estar representada a metátese de VT*i* que tornará o lexema de SbPr diferente do lexema dos outros tempos do não-perfeito.

(54) Cf. nota 41. A forma *soube* ocorre 29 vezes, enquanto *soubi* ocorre 10 vezes.

SbPt: (soubesse), (soubesses), soubesse, (soubessemos), (souvessedes), soubessen

SbFt.: ....

Prazer:

IdPr.: (prazo?), (prazes), praz, (prazemos), (prazedes), prazen

IdPt1: (prazia), (prazias), prazia, (prazíamos), (praziades), (prazian)

IdFt1: ....

IdFt2: (prazeria), (prazerias), prazeria, (prazeriamos), (prazeriades), (prazerian)

Imp.: ....

SbPr: (praza), (prazas), praza, (prazamos). (prazades), (prazan)

Imp.: ....

Inf. F1: ....

Inf.: ....

Ger.: ....

IdPt2: (prougue), (prouguesti), prougue, (prouguemos), (prouguestes), (prougueron).

IdPt3: ....

SbPt: (prouguesse), (prouguesses), prouguesse, (prouguessemos), (prouguessedes), (prouguessen).

SbFt: (prouguer), (prougueres), prouguer, (prouguermos), (prouguerdes), (prougueren).

b. O verbo *estar* (55) que apresenta o lexema EST- para os tempos do não-perfeito e para os tempos do perfeito apresenta lexema específico com alternância *i:e* — ESTIV-: ESTEV- — que opõe P1 a P3, seguindo as outras formas do perfeito a forma em *e*.

IdPr: estou, (estas), está, (estamos), (estades), estan

IdPt2: (estaria), (estarias), estaria, (estaríamos), (estavades), estavan

IdFt1: ....

IdFt2: (estaria), (estarias), estaria, (estaríamos), estaríades, estarian

Imp. ....

Inf. f1 ....

Inf.: estar

Ger.: estando

IdPt2: (estive), (esteveste), esteve, (estevemos), (estevestes), esteveron

IdPt3: (estevera), (esteveras), estevera ~ stevera, (esteveramos), esteverades, esteveran

SbPt: (estevesse), (estevesses), estevesse, (estevessemos), (estevessedes), estevessen

---

(55) No corpus não está documentado o subjuntivo presente de *estar*. Sabe-se que convivem no português arcaico as formas *este, estes* etc. com as formas *esteja, estejas* que vieram a substituir as primeiras, mas que ainda são documentadas no século XVI (cf. Williams 1961: § 184.3 e Huber § 375.2). Se no *corpus* estivessem as formas *esteja*, etc. o verbo *estar* deveria ser descrito entre os verbos de tipo 1 e não aqui, entre os de tipo 2. Os dados, no entanto, nos levam a incluir esse verbo neste último tipo.

SbFt: (estever), (esteveres), estever, estevermos, esteverdes, esteveren

c. O verbo dar, que apresenta o lexema *D-* seguido de VT*a* nos tempos do não-perfeito e de VT*e* nos tempos do perfeito.

Documentação:

IdPr.: dou (36), das, da, damos, (dades), dan

IdPt1: (dava), (davas), dava, (davamos), (davades), davan

IdFt1: darei, (darás), dará, daremos, (daredes), darán

IdFt2: (daria), (darias), daria, (daríamos), (daríades), darian

Imp.: (da), dade

SbPr: (de), des, de, (demos), (dedes), dem

Inf. fl: (dar), (dares), (dar), (darmos), (dardes), daren

Inf.: dar

Ger.: dando

IdPt2: (dei), desti, deu, (demos), (destes), deron

IdPt3: (dera), (deras), dera, (deramos), (derades), (deran)

SbPt: (desse), (desses), desse (dessemos), (dessemos), (dessedes), dessen

SbFt: (der), (deres), der, (dermos), (derdes), deren

---

(36) Em IdPr P1 a Vt*a* assimila-se ao *u*, passando a *o* e em SbPr P1 a P6 a VT é Ø como em todos os verbos de CI (cf. Verbos de padrão geral 1.1.1.1.).

1.2.1.3 Verbos do tipo 3

São aqueles que apresentam variação no lexema em tempos do não-perfeito e o lexema dos tempos do perfeito é o mais generalizado para os tempos do não-perfeito. São os verbos *ouvir, pedir, morrer, soer, sair* e verbos terminados em *-cer*. Podem ser subagrupados em:

a. A variação do lexema opõe IdPr P1 e SbPr P1 a P6 aos outros tempos do não-perfeito e do perfeito. São os verbos *ouvir, pedir, morrer* e os verbos em *-cer*.

Ouvir:

Lexemas: OUÇ-: IdPr P1 e SbPr P1 a P6
OUV-: dos outros tempos

Documentação:

IdPr.: ouço, ouves, ouvi, ouvimos, ouvides, ouven

IdPt1: (ouvia), (ouvias), ouvia, (ouviamos), (ouviades), ouvian

IdFt1: ....

IdFt2: ....

Imp.: ....

SbPr.: (ouça), (ouças), (ouça), ouçamos, (ouçades), (ouçan)

Inf. fl: (ouvir), ouvires, (ouvir), (ouvirmos), (ouvirdes), ouviren

Inf.: ouvir

Ger.: ouvindo

IdPt2: (ouvi), ouvisti, ouvio ~ ouviu, (ouvimos), (ouvistes), ouviron

IdPt3: (ouvira), (ouviras), ouvira, (ouvimos), (ouvirades), (ouviran)

SbPt.: (ouvisse), (ouvisses), ouvisse, (ouvissemos). (ouvissedes), ouvissen

SbFt.: ....

Pedir:

Lexemas: PEÇ-: IdPr P1 e SbPr P1 a P6

PED-: dos outros tempos

Documentação:

IdPr: peço (pedes), (pede), (pedimos), (pedides), (peden)

IdPt1: (pedia), (pedias), pedia, (pediamos), (pediades), (pedian)

IdFt1: ....

IdFt2: ....

Imp.: (pédi), pedide

SbPr. ....

Inf. f1: ....

Ger.: ....

IdPt2: (pedi), (pedisti), pediu, (pedimos), (pedistes), pediron

IdPt3: ....

SbPt.: (pedisse), pedisses, pedisse, (pedissemos), (pedissedes), (pedissen)

SbFt.: ....

Morrer:

Lexemas: MOIR-: IdPr. P1 e SbPr P1 a P6
MORR-: dos outros tempos

IdPr.: moiro, (morres), morre, (morremos), (morredes), morren

IdPt1: (morria), (morrias), morria, (morriamos), (morríades), morrian

IdFt1: morrerei, morrerás, morrerá, (morreremos), (morreredes), (morrerán)

IdFt2: (morreria), (morrerias), morreria, morreríamos, morreriades, morrerian

Imp.: ....

SbPr.: (moira), (moiras), moira, (moiramos), (moirades), (moiran)

Inf. F1.: ....

Inf.: morrer
Ger.: morrendo

IdPt2: (morri), (morresti), morreu, (morremos), (morrestes), morreron

IdPt3: (morrera), (morreras), morrera, (morréramos), (morrérades), morreran

SnPt: (morresse), (morresses), morresse, (morressemos), (morressedes), morressen

Verbos terminados em *-cer*, como: *acaecer, conhocer, crecer, empeecer, nacer, parecer, reconhocer*

Lexemas:

ACAEC-, CONHOSC-, CRESC-, EMPEESC-, PARESC-, RECONHOSC-, NASC-:

IdPr P1 e SBPr P1 a P6

ACAEC-, CONHOC-, CREC-, EMPEEC-, PAREC-, RECONHOC-, NAC-: todos os outros tempos

Documentação: (exemplos com *acaecer* e *reconhocer)*

IdPr: ....
reconhosco, (reconhoces), (reconhoce), (reconhocemos), (reconhocedes), (reconhocen)

IdPt1: (acaecia), (acaecias), acaecia, (acaeciamos), (acaeciades), (acaecian)
....

IdFt1: ....
reconhocerei (reconhocerás), (reconhocerá), (reconheceremos), (reconhocerедes), (reconhocerán)

IdFt2: (acaeceria), (acaecerias), acaeceria, (acaeceriamos), (acaeceriades), (acaecerian)

Imp: ....
....

SbPr.: (acaesca), (acaescas), (acaesca), acaescamos, (acaescades), acaescan

Inf. fl.: (acaecer), (acaeceres), (acaecer), (acaecermos), (acaecerdes), acaeceren
....

Inf. acaecer
....

Ger.: acaecendo
....

IdPt2: (acaeci), (acaecisti), acaeceo, (acaecemos), (acaecestes), acaeceron
(reconhoci), (reconhocisti), (reconheceo), (reconhecemos), reconhoceron

IdPt3: (acaecera), (acaeceras), acaecera, (acaeceramos), (acaecerades), (acaeceran)

....

SbPt: (acaecesse), (acaecesses), acaecesse, (acaecessemos), (acaecessedes), (acaecessen).

....

SbFt: ....

....

b. Variação no lexema de IdPr P3, sendo que uma das variantes é o lexema de todos os outros tempos do verbo. São os verbos *soer* e *sair*.

Lexemas: *soer:*
SOL-: IdPr P3
SO-: todos os tempos

sair:
SAL-: Id Pr P3
SA-: todos os tempos (57)

Documentação:

Soer:

IdPr: soio, soes, sol ~ soe, (soemos), (soedes), soen

---

(57) O lexema *sal-* está documentado no português arcaico não só no IdPrP3, mas também no Imp P2 e no IdFt1 (cf. WILLIAMS § 197.4). Também *sal-* ocorre em IdFt2 (cf. HUBER 1933: § 393).

IdPt1: (soia), (soias), soia, (soiamos), (soades), soain.

Sair:

IdPr.: (saio), (sais), sal ~ sae, saimos, (saides), saen

IdPt1: (saia), (saias), saia, (saiamos), (saíades), saian

IdFt1: ....

IdFt2: (sairia), (sairias), sairia, (sairiamos), (sairiades), (sairian)

Imp.: ....

SbPr.: (saia), (saias), saia, (saiamos), (saiades), (saian)

Inf. ll.: (sair), (saires), sair, (sairmos), (sairdes), sairen

Inf.: sair

Ger.: saindo

IdPt2: (saí), (saisti), saio, saiu, (saimos), (saistes), sairon

IdPt3: (saira), (sairas), saira, (sairamos), (sairades), sairan

SbPt: (saisse), (saisses), saisse (saissemos), (saissedes), saissen

SbFt.: ....

1.2.1.4 Verbos do tipo 4

São aqueles que apresentam particípio passado especial. Esses particípios fogem ao padrão geral em que ao lexema invariante se acrescenta a VT seguida do MMT *-d-*, marca de PaPt, ao qual se somam os morfemas nominais de género e de número.

Há dois tipos de PaPt de padrão especial:

a. Verbos que apresentam o lexema de PaPt distinto do lexema do inf., ao qual se acrescentam os morfemas nominais de género e de número (58). Ocorrem no *corpus:*

ABRir ABERTo

4.24.36 depois que as cartas foron *abertas*

ACENDer ACESo

3.30.13 as lampadas foron *acesas* per razon daquele bispo (58a)

COBRir COBERTo

3.18.12 o pano de que a face era *coberta*

COZer COITo

1.30.6 foi *coito* e tirado do fogo

---

(58) Em uma análise diacrónica, a consoante final dos lexemas de PaPt corresponde a marcas latinas de particípio passado.

(58a) Ocorrem ao lado de *aceso, -a, -s* as formas regulares *acendudo, -a, -s*, mas sempre em contextos em que a forma em causa funciona como adjectivo epíteto:

DEFENDer	DEFESa
3.28.7	aquela carne que lhis era *defesa*
DIZer	DITo
3.31.9	missas foron *ditas*
ESCOLHer	ESCOLHEITo
2.8.33	foron *escolheitos* pera gloria (59)
FAZer	FEITo
1.1.2	este livro foi *feito* pelo nobre San Gregorio
MATar	MORTo
3.28.1	foron *mortos* dos lombardos
MORRer	MORTo
4.45.2	almas daqueles que já *mortos* son

3.32.16 lampadas acendudas
2.8.52 enmiigo ... muito espantoso e todo acendudo

Nesse tipo de contexto, alternando com *acendudo* ocorre também *aceso, -a, -s:*

1.10.6 candea *acesa*
3.31.18 lampadas *acezas*

(59) Com estrutura semelhante a *escolheito* ocorrem no *corpus encolheito* (=encolhido) e *ereito* (=erecto), mas em contextos de adjectivo epiteto ou de atributo de um complemento nominal:

1.12.4 tinha os nérvios dos pees *encolheitos*
3.26.15 alçô-a assi *ereita*
3.37.64 tiinha-o assi *ereito*

NACer NADo

4.24.53 o menĩho fora *nado* e criado en Itália

POer POSTo

2.33.6 fora dada e *posta* em serviço de Deus

PRENDer PRESo

2.31.1 homen que era *preso* e se desataron as prisões (⁶⁰)

TOLHer TOLHEITo

3.33.27 o que lhi foi *tolheito* per pequena sobérvia

TRAZer TREITo

2.16.2 era mal *treito* do enmiigo

VEer VISTo

4.15.7 depois que todas estas cousas foron *vistas* e ditas

b. Verbos que apresentam o mesmo lexema para PaPt e para o Inf., constituindo-se o PaPt apenas

---

(⁶⁰) Ocorre a variante *apreso:*

1.5.44 sebe a que estava *apreso*

pelo acréscimo dos morfemas nominais de gênero e de número. Ocorrem no *corpus:*

JUNTar JUNTo

2.16.38 aqueles que son *juntos* con el per amor mais non aqueles que son partidos del per pecado (61)

SALVar SALVo

2.32.25 pela sa morte soo son todolos outros *salvos*

SOLTar SOLTo

2.23.1 Das servas de Deus que morreron scomungadas e foron *soltas* pela oferta que San Beento fez

Os verbos aqui tratados como de PaPt de padrão especial apresentam especificidade apenas na estrutura do PaPt, como é o caso dos que se incluem no tipo b. *(juntar, salvar, soltar)* e alguns do tipo a., como: *abrir, acender, cobrir, cozer, defender, escolher, matar, prender*

---

(61) Ocorre *juntado* alternando com *junto*:

2.35.22 todo o mundo foi *juntado* e apanhado ant' os seus olhos.

Junto e *juntado* alternam também em contextos em que funcionam como atributo de um complemento nominal:

2.35.23 por isso as vira todas *juntas*

2.35.1 vira todo o mundo *juntado*

e *tolher* ou apresentam outras especificidades tratadas nos itens 1.2.1.1 a 3, como *dizer, fazer, morrer, nacer, poer, trager* e *veer*.

Excluímos dessa descrição outras formas que poderiam em outros contextos serem consideradas particípios passados, mas que só ocorrem no *corpus* em função de adjectivo epíteto, isto é, qualificando directamente um nome substantivo, ou em função de adjectivo, atributo, isto é, qualificando indirectamente, como predicativo, um nome substantivo, em função de sujeito ou de complemento.

Delimitamos, portanto, aqui o particípio passado em função verbal quando elemento da construção passiva ou quando constituindo locuções verbais com o verbo *ser* e verbos intransitivos como *nacer* e *morrer* ([62]). Nos chamados tempos compostos com *ter* ou *haver* — se é que se pode falar na existência de tempos compostos nesse *corpus* (cf. mais adiante 3.) — não ocorrem particípios passados de padrão especial outros senão os documentados em construções passivas.

1.2.2 Sumário dos dados.

Os verbos de padrão especial dos tipos 1 e 2 se caracterizam, basicamente, pela oposição dos lexemas dos tempos do não-perfeito e dos tempos do perfeito; os do tipo 3 apresentam variação apenas no lexema do indicativo presente; os do tipo 4 não apresentam vogal temática no particípio passado e, na maioria, opõem o lexema desse tempo ao lexema do infinito.

A seguir apresentamos os quadros que sumarizam os dados analisados dos verbos de padrão especial.

([62]) Para Epiphanio Dias (1959: 250) estas «combinações representam literalmente os tempos compostos dos depoentes latinos».

Quadro sumário dos lexemas dos verbos do tipo 1

VERBOS	Lexemas dos tempos do não-perfeito
a. DIZER	DIG- DIZ-,DEZ- DI (63)
TRAGER	TRAG- [vel] TRAG- [pal] TRA-
FAZER	FAÇ- FAZ- FA-
AVER	AV- AJ- A-
b. TEER	TEN-,TĒ TENH- TIINH- TER-
VIIR	VEN-,VĒ VIIN- VENH- VIINH- VER-
PÕER	PON-,PÕ-,PO- PONH- POINH- POR-
c. VEER	VE- VI- VEJ-
d. PODER	POS- POD-
JAZER	JASC- JAZ-

VERBOS	Lexemas dos tempos do perfeito	
	IdPt2 P1	IdPt2 P3 e todos os outros
a. DIZER QUERER AVER TRAGER JAZER	DIS-,DIX- QUIS- OUV- TROUV~TROUX-(64) JOUV-	
b. FAZER TĒĒR VĪĪR	FIZ-,FIG- TIV- VIN-	FEZ TEV- VEN-,VE-
c. PODER PÕER IR	PUD- PUG- FU-	POD- POS- FO-
d. SEER	FU-~(SIV-)	FO~SEV-
e. VEER	VI-	

---

(63) As variantes separadas por vírgulas indicam uma variação gráfica em um mesmo tempo e pessoa que podem reflectir variação de articulação, que não é específica dos lexemas verbais. As chaves englobam variantes que se distribuem por tempos e pessoas específicas.

(64) As variantes separadas pelo sinal ~ indicam para um mesmo tempo e pessoa variantes que têm lexemas com histórias distintas.

VERBOS	Lexemas dos tempos do perfeito	VERBOS	Lexemas dos tempos do perfeito	
			IdPt2 P1	IdPt2 P3 e todos os outros
e. QUERER	QUER- QUEIR-			
f. IR	VA- I-			
g. SEER	SE- ~ E- SEJ- SI- ~ ER- SO- SON-			

Quadro sumário dos lexemas dos verbos do tipo 2

Lexemas dos tempos do não perfeito	VERBOS	Lexemas dos tempos do perfeito	
		IdPt2 P1	IdPt2 P3 e todos os outros
SAB- PRAZ-	a. SABER PRAZER	SOUB- PROUG-	
EST-	b. ESTAR	ESTIV-	ESTEV-
D- + VT*a*	c. DAR	D- + VT*e*	

Quadro sumário dos lexemas dos verbos do tipo 3

a. Lexemas de IdPr P1 e de SbPr P1 a P6	VERBOS	Lexemas dos outros tempos
OUÇ- PEÇ- MOIR-	OUVIR PEDIR MORRER	OUV- PED- MORR-
	verbos em *-cer:*	
ACAESC- CONHOSC- CRESC- EMPEESC- PARESC- RECONHOSC-	ACAECER CONHOCER CRECER EMPEECER PARECER RECONHOCER	ACAEC- CONHOC- CREC- EMPEEC- PAREC- RECONHOC-
b. Lexemas de IdPr P3	**VERBOS**	**Lexemas dos outros tempos**
SO- ~ SOL- SA- ~ SAL-	SOER SAIR	SO- SA-

Quadro sumario dos lexemas dos verbos do tipo 4

Lexemas do Inf.	VERBOS	Lexemas do PaPt.
a. ABR-	ABRIR	ABERT-
ACEND-	ACENDER	ACES-
COBR-	COBRIR	COBERT-
COZ-	COZER	COIT-
DEFEND-	DEFENDER	DEFES-
DIZ	DIZER	DIT-
ESCOLH-	ESCOLHER	ESCOLHEIT-
ESCREV-	ESCREVER	ESCRIT-
FAZ-	FAZER	FEIT-
MAT-	MATAR	MORT-
MORR-	MORRER	MORT-
NAC-	NACER	NAD-
PÕ-	PÕER	POST-
PREND-	PRENDER	PRES-
TOLH-	TOLHER	TOLHEIT-
TRAZ-	TRAZER	TREIT-
VE-	VEER	VIST-
b. JUNT-	JUNTAR	JUNT-
SALV-	SALVAR	SALV-
SOLT-	SOLTAR	SOLT-

1.2.3 Observações sobre a variação nos verbos de padrão especial

1.2.3.1 Variação gráfica possível reflexo de realizações fónicas distintas.

Na documentação apresentada dos verbos de padrão especial, estão atestados vários casos de variação que não são específicos da morfologia verbal, mas ocorrem em outros itens lexicais que não são verbos. É o caso, por exemplo, da variação na representação de segmentos ora nasalizados, ora não-nasalizados nos verbos *teer* ~ *tẽẽr*, *viir* ~ *vĩĩr*, *poer* ~ *põer*. Para esse facto chamamos a atenção em notas que acompanham a descrição do conjunto de verbos de padrão especial. Também não específica da morfologia verbal é a variação na representação das pretónicas anteriores (i ~ e) e nas posteriores (u ~ o) em IdPt P1 dos verbos *dizer (dizia ~ dezia)* e *poder (podia ~ pudia)*; dessa variação tratamos no Capítulo Preliminar (1.1.2 e 1.1.3) e também no item 1.1.4.1 do estudo dos verbos de padrão geral ou regular.

Da variação na representação gráfica da consoante que fecha o lexema dos tempos do não-perfeito do verbo *fazer (fac- ~ faz-)* — embora rara a representação correspondente à surda — tratamos no Capítulo Preliminar (2.1.1). Outra variação que incide na representação da consoante que fecha o lexema é a dos tempos do perfeito dos verbos *dizer* e *fazer;* essa consoante ora ocorre representada pela sibilante anterior ora pela posterior (diss- ~ dix- (65); *fiz- ~ fig-)*. Nesses casos a representação gráfica corespondente à realização não-palatalizada é a mais comum. Sobre essa variação tratamos no Capítulo Preliminar (2.1.2)

1.2.3.2 Variação na representação gráfica de VT.

a. Ocorre uma variação *e ~ i* na representação do segmento correspondente sincronicamente a VT de alguns verbos de padrão especial, quase todos eles de VT*e:* na 1.ª e 3.ª pessoas de IdPt2 dos verbos *saber, trager* e *aver* a vogal final correspondente à VT está ora representada por *e* ora por *i*, sendo que a primeira grafia é a mais usual e a 2.ª só ocorre com P1:

soubE (29) ~ soubI (10)
trouxE (1) ~ trouxI (1)
ouvE (111) ~ ouvI (3)

---

(65) A forma *dixi* é considerada dialectal, de origem nortenha, (NUNES 1960: 325), ocorre 17 vezes a par de 71 ocorrências de *disse*. É minoritária, e, em todas as outras formas dos tempos do perfeito se documenta a grafia que representa a sibilante não-palatizada *-ss-*.

e quatro vezes *pudI*, em P1 do IdPt2, do verbo *poder*. Com o verbo *saber* ocorre essa variação também em IdPr P3 — *sabI* (4) ~ sabE (17).

Note-se que nos verbos de padrão regular a VT dos verbos de CII só está representada por *i*, em sílaba átona final, no Imperativo (cf. Verbos de padrão regular 1.1.1.2). Quanto aos verbos de padrão especial documentados em em Imp. P2, a grafia de VT também é *i*: *trágI*, *fázI*, *veI* e *ávI* de *trager*, *fazer*, *veer*, *aver*. Já o verbo *dizer* apresenta o imperativo *di*, com apócope da VT e o apagamento da consoante que fecha o lexema. Correspondente a *di*, ocorre no português arcaico a par de *faze* ~ *fázi* ~ *faz* o Imp. P2 *fa*, como a par de *di* ocorre *dize* ou *diz* (Williams 1961:§171.2A). É interessante que no *corpus* seleccionou-se em um caso a forma apocopada *(di* (6)) e no outro a forma com VT (*fázi* (6)).

b. Quanto à representação de VT nesses verbos de padrão especial há ainda a notar a variação na representação das formas verbais em que a VT está precedida por uma consoante que pode fechar sílaba. Ocorre a variação:

faz (73) ~ fazE (3)
fez (164) ~ fezE (27)
fiz (2) ~ fizI (1)
~ figI (10)
pos (9) ~ posE (9)
quis (65) ~ quisE (5)

As formas com apócope de VT são mais frequentes. Verbos de estrutura semelhante como *jazer* e *dizer* só apresentam a forma com VT = ∅.

Observando-se os contextos em que essas formas ocorrem se depreende que sempre é escolhida a forma com VT quando a ela se seguem os pronomes átonos *o, os, a, as*. Nunca ocorre a forma apocopada com esses pronomes. Em outros contextos, tanto pode ocorrer uma forma como a outra.

Exemplos das formas não apocopadas em contextos com os pronomes átonos:

3.13.11	*faze-os* homildosos
3.34.13	*faze-o* chorar
3.34.13	*faze-o* desejar
1.2.11	*feze-o* livre
1.25.7	*feze-o* seer consigo
3.35.8	*fizi-o* trager a min
1.14.3	*pose-os* todos ante o altar
3.23.6	*quise-o* leixar

Exemplos dessas formas em outros contextos:

1.11.19	miragres que *feze*
1.16.26	ordinhaçon que Deus *feze* dos feitos
1.17.14	pois que esto *feze*
2.23.5	*quise* gaanhar
2.33.4	gaanhar o que *quise*
3.3.9	*pose*-lhi a mão

Os verbos *jazer* e *dizer* que não apresentam as formas *jaze* ou *dize* não ocorrem em contextos seguidos dos pronomes referidos. A propósito da manutenção do *-e* seguido dos pronomes átonos há referências em Nunes (1960 : 283-284) e em Cintra (1959 : 437).

Desses factos se conclui que a presença de um pronome átono do tipo *o, os, a, as* condiciona a escolha da variante não-apocopada, que alterna livremente com a variante apocopada em outros contextos.

A presença ou ausência de VT também se documenta em outras formas verbais cujo lexema termina por consoante que pode travar sílaba.

É o caso da variação *pon ~ põE; sol ~ soE; sal ~ saE.* *Pon* ocorre duas vezes e é considerada a forma mais arcaica (Nunes 1960: 283 e Williams 1961: § 193.A) e *põe* ocorre três vezes:

1.25.18 ta entençon *pon* nome a ta obra
4.4.30 naquel livro *pon* Salomon razões
4.37.3 Jesu Cristo sobre aqueste fundamento *põe* algũũ ouro
4.37.3 ... e con esto *põe* ainda sobre este fundamento lenha
4.37.9 Jesu Cristo *põe* ferro

É possível que iniciando-se a palavra seguinte por vogal se preferisse a forma com VT à forma terminada pela nasal para evitar uma fusão da nasal final à vogal inicial da palavra seguinte.

As variantes sem VT *sol* e *sal* são mais frequentes que *soe* e *sae*, ocorrendo, respectivamente, 13 e 11 vezes e 3 e 2 vezes:

1.1.32 *soe* a aver das boas cousas
1.1.32 *soe* a cuidar e a fazer
4.12.9 *soe* a contar

2.35.15 *sae* raio dũũ sol
4.41.4 a alma *sae* do corpo

1.8.6 *sol* acaecer aos grandes senhores
1.2.8 *sol* homen ouvir falar
1.2.8 *sol* veer etc.
2.38.19 assi como *sal* hũũ amor
2.38.2 e *sal* deste homen
4.4.26 quando deste mundo *sal*

Não parece haver um condicionamento para a escolha das formas com VT e sem VT nesses verbos; a ambas as formas sucedem segmentos vocálicos ou consonânticos.

c. A VT em sílaba acentuada está representada por *e* ou por *i* em P2 de IdPt2 em alguns verbos de padrão especial, embora nos verbos de CII, nessa pessoa e tempo, esteja sempre representada pelo *i* (cf. Verbos de padrão regular 1.1.1.2). A variação descrita ocorre nos seguintes casos:

dissEsti (15) ~ dissIsti (3)
fezEsti (3) ~ fezIsti (7)
quisEsti (2) ~ quisIsti (1) ~ quesIsti (1)

Em outros verbos de padrão especial essa variação não ocorre, estando VT sempre representada por *e:*

ouvEsti (1)
soubEsti (1)
trouvEsti (1)

É de notar que em todos os casos o MNP de IdPt2-P2 está sempre grafado com vogal final *-i*.

1.2.3.3. Variação de lexemas decorrente de étimos distintos.

a. O verbo *trager* apresenta nos tempos do perfeito os lexemas variantes TROUV- e TROUX-. O primeiro tipo é o mais usual, ocorre em 41 formas dos tempos do perfeito, enquanto TROUX- está documentado 4 vezes *(trouxe, trouxi, trouxeron e trouxera)*. O português arcaico ainda apresenta para esse verbo o lexema TROUG-, não documentado no *corpus*. Há dois outros verbos — *jazer* e *prazer* — que apresentam também lexema variável para os tempos do perfeito na fase arcaica da língua: JOUV- ~ JOUG- e PROUV- ~ PROUG-. No *corpus* ocorre para os tempos do perfeito de *jazer* sempre o lexema JOUV- (11 vezes) e para *prazer* sempre o lexema PROUG- (15 vezes). Essa variação poderia indicar que houvesse para esses verbos em disponibilidade no latim hispânico três bases lexemáticas do tipo: *-*ouu*-, *-*auc*- *-*aux*- que resultariam nos lexemas portugueses:

JOUV-, JOUG- ————
TROUV-, TROUG- TROUX-
PROUV-, PROUG- ————

Williams (1961, § 188.5, § 167.3 e §200.6) propõe como étimos de JOUG- e PROUG- a forma clássica do latim *jacui* e *placui* e considera analógica com *houve* do verbo *haver* as formas *jouve* e também *trouve*. Já para *trougue* e *trouxe* propõe dois étimos distintos **tracui* e **traxui*. Piel (1944 : §§ 50 e 51) além das variantes aqui arroladas indica outra de base *treix*- para as formas do perfeito de *trazer*.

b. De todos os verbos de padrão especial, aquele que apresenta maior complexidade mórfica é o verbo *seer*. Esse facto decorre de as formas conviventes desse verbo provirem da fusão de dois verbos distintos *esse* (='ser') e *sedere* (= 'sentar') (NUNES 1960: 332; WILLIAMS 1961: § 198 e Mattoso Câmara Jr. 1975: 160-161).

Provêm de *esse*, que por sua vez já fundia em si verbos distintos, os lexemas dos tempos do perfeito FU- ~-FO-(66) e os dos tempos do não-perfeito SO-, SON-, E-, ER-, originando-se de *sedere* os lexemas dos tempos do não-perfeito SE-, SEJ- e SI-.

Em outro momento desta descrição discutiremos a distinção semântica ainda depreensível entre as formas variantes dos tempos do perfeito — FU- ~ FO- e

---

(66) As formas do perfeito do verbo *ir* provêm dessa mesma base FU- ~ FO originários do verbo *esse*; enquanto as formas do não-perfeito apresentam os lexemas I- e VA- que, por sua vez, provêm dos verbos latinos *ire* e *vadere* (WILLIAMS 1961: § 187).

SIV- ~ SEV- e as formas variantes dos tempos do não perfeito — E-, e SE- (IdPr.), ER- e SI- (IdPt1), documentadas no *corpus* (cf. Parte III, 1.3.2.4.2).

1.2.4 Observações finais

Confrontando em grandes linhas os dados fornecidos pelo *corpus* com os verbos de padrão especial no uso mais geral do português contemporâneo, destacamos os seguintes pontos em que divergem.

Considerados os casos de variação tratados em 1.2.3.2 e 1.2.3.3. vemos que as formas sem VT dos verbos com lexema travado por sibilante suplantaram as outras; nos casos dos verbos de lexema terminado em nasal ou lateral, ao contrário, foram as formas com VT que se fixaram; a vogal temática de IdPt2 não varia e é realizada como a média anterior e não como a alta anterior; para os verbos *trazer* e *prazer* o lexema dos tempos do perfeito seleccionado foi, respectivamente, TROUX- e PROUV-, enquanto *jazer* seguiu o padrão regular; o verbo *ser* simplificou a sua morfologia eliminando lexemas derivados de *sedere*, SIV-, SEV- (IdPt2), SE- (IdPr) e SI- (IdPt1).

Além dessas simplificações nos casos de formas verbais que apresentaram variação no *corpus*, vale notar ainda algumas diferenças fundamentais entre o que se documentou e o uso actual:

a. Os verbos que apresentam na vogal do lexema alternância vocálica *(i/e* e *u/o)* entre P1 e P3 de IdPt2 (*fazer, tẽẽr, vĩĩr, estar, poder, põer*) têm todas as outras formas dos tempos do perfeito grafada como P3 de IdPt2, isto é, ou com *e (fazer, tẽẽr, vĩĩr, estar)* ou com *o (poder, põer)*. A grafia não indica que a forma metafonizada de P1 já era o modelo pelo qual vieram a pautar-se as outras formas do perfeito (Williams 1961: §§ 167.3; 192.6 e 193.9).

Os verbos *seer* e *ir* que apresentam também alternância vocálica *(u/o)* entre P1 e P3 de IdPt2 e que hoje seguem em todas as formas do perfeito a forma do lexema de IdPt2 — P3 (ao contrário dos anteriores) têm no *corpus* todas as formas do perfeito com *o* na vogal do lexema, excepto em IdPt-P2 em que está documentada para os dois verbos a forma *fusti,* que ocorre uma vez como do verbo *seer* e outra como do verbo *ir:*

3.2.32 Que homen *fusti* en ta terra? (v. *seer)*
2.19.9 A que *fusti* preegar? (v. *ir)*

As formas do perfeito do verbo *vĩĩr* apresentam alternância *i/e* para P1 e P3 de IdPt2 (VIN- ~ VEN-, VÊ-) e todas as outras formas do perfeito seguem P3, como vimos. É de notar, contudo, que nas outras formas de IdPt2 e em todas as outras formas do perfeito se segue à vogal *e* do lexema a vogal *e* correspondente à vogal temática etimológica, apresentando-se todas as formas do perfeito, excepto, é claro, IdPt2-P1 e P3, grafadas VEE- ou VÊÊ-, sem indicação da dissimilação que originou a forma actual VIE- (WILLIAMS 1961: § 99.5).

b. IdFt1 e IdFt3 dos verbos *tẽẽr, põer* e *vĩĩr* se apresentam no *corpus* na sua forma etimológica — *terria, porrei, verrá, verria* (cf. WILLIAMS 1961: §§ 172.2; 193.8; 203.8). A forma actual — *terei, teria; porei, poria; virei, viria,* considerada analógica, já aparece documentada no Cancioneiro da Vaticana — *teerei,* segundo WILLIAMS (1961: 199.7).

c. IdPt1 do verbo *poer* se apresenta nas formas variantes *poĩa* ~ *poinha* em que já se documenta a grafia com a nasal palatalizada, mas não ainda as assimilações que levam à forma actual *punha.*

Vĩĩr e *tẽẽr* se apresentam no IdPt1 sob as formas *viinha* e *tiinha* sempre com a nasal palatizada, mas sem indicação da assimilação que levou à fusão das vogais idênticas das formas actuais *vinha* e *tinha* (WILLIAMS 1961: § 78.4B)

Sempre que há vogais idênticas postas em contacto por síncope de consoante intervocálica nas formas desses verbos de padrão especial, as duas vogais estão grafadas. Veja-se a documentação apresentada anteriormente para os verbos *tẽẽr, vĩĩr, veer, ir, seer*. As únicas excepções documentadas são uma ocorrência de *ves* e não *vees*, que ocorre cinco vezes, e as ocorrências de *será* (2), *serán* (1), *seria* (3), *serian* (2) *a* par de 16 formas do IdFt1 e do IdFt2 com a dupla vogal. Note-se que nesses casos de simplificação de vogais idênticas do verbo *seer* as vogais em contacto estão em sílaba não acentuada (cf. Capítulo Preliminar 1.2.1).

d. Os verbos *saber* e *estar* classificamos no tipo 2 por apresentarem um único lexema para as formas do não-perfeito — SAB — e EST-, respectivamente. Na documentação o SbPr do verbo *saber* se apresenta grafado *sabha, sabhas* (h=semivogal anterior), sem indicação, portanto, da metátese da semivogal, para a sílaba do lexema, o que permitiria descrever dois lexemas (SAB — e SAIB-) para as formas do não-perfeito como ocorre hoje.

Quanto ao verbo *estar*, não ocorrem documentadas no *corpus* as formas do subjuntivo que no português arcaico poderiam ter ou o lexema EST-, de acordo com a etimologia — e que vieram a desaparecer — ou o lexema ESTEJ-, analógico ao de *seja* (WILLIAMS 1961: § 184.3). Diante dos dados colocamos na descrição EST- como o lexema único de *estar* para as formas do não-perfeito, enquanto hoje ter-se-ia de propor os lexemas EST e ESTEJ- para essas formas.

e. Em todas as suas ocorrências o verbo *trazer* se apresenta com o lexema TRAG- (o *g* representando a velar antes de *a, o-* e *u* ou a palatal, antes de *e, i*). Esse lexema veio a desaparecer do uso do português padrão em proveito do lexema TRAZ-, que no português arcaico seria considerado mais popular segundo Williams (1961: § 200.1).

f. O verbo *morrer* está entre os verbos de padrão especial porque apresenta os lexemas variáveis MOIR- e MORR-; o lexema do primeiro tipo que ocorre em IdPr P1 e SbPr P1 a P6 *(moiro, moira)* posteriormente veio a desaparecer, regularizando-se a conjugação do verbo *morrer* de acordo com o padrão CII (WILLIAMS 1961: § 190.3) É de notar que ocorre no português arcaico para esse verbo o IdFt1 e o IdFt2 *morrei* e *morria*, etimológicos, que vieram a ser substituídos pelo analógico *morrerei* e *morreria*. No *corpus* já ocorre assim, embora ocorram os futuros etimológicos para *vĩĩr*, *tẽẽr* e *põer* (cf. letra b.).

Também como verbos de padrão especial estão *nacer* e outros verbos em *-cer* por apresentarem um lexema específico para IdPr P1 e SbPr P1 a P6 e outro para os outros tempos. O lexema específico é fechado pela sequência de consoantes representada graficamente por *-sc-* e está sempre seguido de *a* ou *o* enquanto o lexema mais geral é fechado pela sibilante surda representada por *-c-* e está sempre seguido de *e* ou *i*. Posteriormente desapareceu essa variação regularizando-se o lexema pelo de terminação sibilante.

O verbo *jazer* também apresenta para IdPr P1 e SbPr P1 a P6 o lexema fechado por*-sc-* *(jasco; jasca, jascan)*, ao lado do lexema JAZ-, para as outras formas do não-perfeito, que veio a substituir o lexema JASC- É de notar que no português arcaico conviviam com *jasco*, *jasca*, etc. as formas *jaço*, *jaças*, etc. para IdPr P1 e SbPr P1 a P6 (HUBER 1933: 378.12), que não ocorrem no *corpus*.

2. O valor dos morfemas verbais.

No estudo da morfologia verbal (cf. 1.) nos detivemos apenas na estruturação mórfica, depreendendo separadamente as unidades mórficas e suas alomorfias, constituintes do vocábulo verbal. Não destacamos então o valor (¹) que as unidades depreendidas possuem no conjunto do sistema verbal.

Partimos da análise da vogal temática (VT) que, como nos nomes (cf. Morfologia flexional dos nomes 1.1), é apenas um classificador mórfico cuja função é agrupar os verbos em três classes ou conjugações que reunem grande número de itens verbais sob um mesmo modelo ou paradigma flexional. Embora tenha a VT um valor intrínseco ao sistema verbal, se distingue dos morfemas modo-temporais (MMT) e número pessoais (MNP). A VT é imposta pelo sistema: se escolhemos um verbo x para a mensagem que vamos comunicar não escolhemos a VT a aplicar a esse verbo. Os MMT e os MNP, também fornecidos pelo sistema, vão ser escolhidos — dentro das pos-

---

(¹) Entendemos aqui *valor* como o «sentido de uma unidade definida pelas posições relativas dessa unidade no interior do sistema» (DUBOIS et alii 1973, s. v. *valeur)*.

sibilidades do sistema — de acordo com a significação da mensagem a ser expressa.

No Item 2.1 consideramos o valor dos morfemas modo-temporais. Procuraremos determinar o valor básico dos modos e dos tempos em um estudo que se completará, embora não se esgote, na terceira parte deste trabalho quando analisarmos o enunciado complexo (cf. Parte III, 2.), com seus mecanismos de coordenação e subordinação. No item 2.2 determinamos o valor dos morfemas número-pessoais.

2.1 *O modo e o tempo expressos pelos morfemas modo-temporais.*

Morficamente é impossível separar o modo e o tempo em português: ambos estão cumulativamente representados por um único elemento significante, o morfema modo-temporal. Esses dois categorizadores verbais têm valores distintos, funcionando diversamente no sistema.

Pode-se definir o modo verbal como «a atitude do falante em relação ao *status* factual do que está dizendo, isto é, sua certeza e ênfase, sua incerteza ou dúvida, etc.» (LYONS 1979: 322); e o tempo verbal como a expressão da «relação que se estabelece entre o tempo da acção, do acontecimento ou do estado referidos na frase e o momento do enunciado» (LYONS 1979: 320).

O modo e o tempo, como o número e a pessoa, são categorias obrigatórias do verbo em português e são expressas pelos mecanismos flexionais descritos em 1.1.2 e 1.1.3. Há categorias verbais que se podem considerar facultativas, como o «desenvolvimento» e a «modalidade» (POTTIER 1969: 35), ou, na terminologia tradicional, o aspecto, que não são expressas por mecanismos flexionais, mas por sequências ou locuções verbais que estudaremos no item 3.

2.1.1 Sobre o modo verbal

2.1.1.1 Indicativo, subjuntivo, imperativo em uma conceituação semântica.

Partindo da definição de modo acima apresentada e considerando a sua expressão por mecanismos flexionais em português, pode-se admitir que uma situação não-marcada em relação à atitude do falante ao que está dizendo é expressa pelo modo indicativo ou declarativo, opondo-se a este o modo imperativo em que se expressam basicamente atitudes de ordem ou instruções e o modo subjuntivo em que se expressam atitudes de desejo, exortação, incerteza, etc.

No *corpus* há valores do indicativo, do imperativo e do subjuntivo que se enquadram nas conceituações acima dadas e que são conceituações tradicionais para o indicativo, o imperativo e o subjuntivo em português.

Exemplos do indicativo como modo da declaração objectiva ou da asserção não-marcada pela atitude subjectiva do falante:

(1) 1.1.1 Aqui se começa *hũũ* livro que dizen Dialago.

(2) 1.1.13 E ora, per razon deste oficio en que *estou*, *conten*-se o meu coraçon pelos cuidados grandes que *ei* dos negocios dos homens.

(3) 1.1.37 Aquelas cousas, Pedro, que ti eu contar, *contar*-ch'as-*ei* por testemõio d'homẽẽs bõõs e honrados de que as eu *ouvi*, ca assi o *fala* a Santa Eigreja nos Evangelhos que creein a San Marcos e a San Luchas, os Evangelhos que *escreveron* e que *aprenderon* non per vista, mais per ouvida.

(4) 1.1.40 E algũas cousas ti *contarei* per razon dos feitos que *acaeceron*.

— Exemplos do imperativo como o modo que expressa atitudes de ordem ou de instruções:

(5) 1.1.42 — Homen bõõ, *levanta*-te e *toma* teu cavalo.

(6) 2.16.26 — Por doo nem por ira nen hũa que aja, non *deite* palavra de maldiçon sobre nen hũũ.

(7) 4.32.8 — *Abride*-me as portas.

(8) 4.4.6-12 — *Vai* e *di* aos frades que se non achegue nen hũũ aaquel frade que jaz pera morrer e non receba palavra de conforto de nen hũũ deles, mais quando se chegar aa morte e demandar os frades que venham a ele, *diga*-lhi seu irmãão carnal que os frades o avorrecen e non se queren chegar a ele polos III soldos em ouro que ouve ascondudamente.

(9) 4.25.10 — *Non chores*, molher!

— Exemplos do subjuntivo como o modo que expressa atitudes subjectivas de desejo, exortação, incerteza, etc. em oposição à asserção objectiva expressa pelo indicativo e às atitudes de instruções ou ordens expressas pelo imperativo:

(10) 2.3.16 — Frades, *amercee*-se de vós Deus poderoso.

(11) 2.8.58 Mais des aqui adeante *vejamos* as lides novas que o santo homen ouve com o enmiigo.

(12) 4.4.68 *Emaginemos* ainda e *ponhamos* ant'os olhos da nossa alma muitos homens que fazen cousas...

(13) 3.37.91 — E se ti praz, Pedro, *assemelhemos* dous homens en saber e en fazer e *digamos* que hũũ sabe muito ben e fala mui compridamente.

(14) 3.37.37 — Deus poderoso *seja* aquele que te livre.

Partindo da definição semântica desses três modos vemos que o subjuntivo e o imperativo se superpõem do ponto de vista da forma: excepto P2 e P5, as outras pessoas do imperativo e todo o imperativo negativo são homónimos ou homomórficos às formas do subjuntivo. Veja-se, por exemplo, nas frases imperativas (6) *non deite*, (8) *diga* e na (9) *non chores*, que têm as formas do subjuntivo negativo e do subjuntivo sem negação. Do ponto de vista semântico, nas frases em situação de elocução directa ou interlocução — que é a situação típica do uso do imperativo — a frase (10) e a (14) exemplificam uma situação limite entre imperativo e subjuntivo em que se optou pela classificação como subjuntivo porque se admitiu como implícita à frase não uma ordem ou instrução, mas um voto ou desejo. Diante desses factos se pode dizer que numa classificação semântica desses três modos a oposição básica se faz entre o indicativo e o imperativo-subjuntivo.

2.1.1.2 Indicativo, subjuntivo, imperativo em uma conceituação semântico-sintáctica.

Nos casos discutidos no item anterior podemos observar que as formas do imperativo e do subjuntivo não estão em frases explicitamente subordinadas, embora, implicitamente, se possa estabelecer a existência de uma dependência sintáctica de verbos do tipo de *ordenar*, *mandar*, para as frases com verbos no imperativo e de verbos do tipo *desejar*, *exortar*, *pedir* para as frases com verbos no subjuntivo. Nas frases apresentadas com verbos no indicativo não há nem explícita nem implicitamente uma dependência sintáctica a verbos ou outras expressões.

Há, contudo, situações de dependência sintáctica em que há possibilidade de uma escolha alternativa entre formas do subjuntivo e do indicativo. Nessa superposição dos valores do subjuntivo e do indicativo em situações de dependência sintáctica explícita, pode-se depreender, em teoria, mas nem sempre na prática, que a escolha do subjuntivo ou do indicativo vai depender do menor ou maior grau de aproximação da realidade ou de certeza sobre o que se queira expressar. Daí B. Pottier (1969:36) dizer que do subjuntivo ao indicativo há uma sucessividade progressiva do grau de realização.

Nos exemplos seguintes, apresentamos pares de frases estruturalmente análogos, em que estao documentados ora o indicativo ora o subjuntivo:

I: 2.1.7 A primeira he a Gramatica que *mostra en como* homen *pode* falar ben e mal.

S: 2.1.13 A sexta he a Musica que *fala en como* se *devan* mudar e mesurar as vozes dos cantos.

I: 3.16.26 E *creemos que* Deus *faz* tan gram vendita.

S: 3.34.34 Praz-mi que ti demande se podemos *creer que* ora no mundo *haja* taes homens.

I: 1.24.26 E *quis* a vertude e o poder de Deus *que,* a cabo de poucos dias, assi *ficou* a manceba sãã e salva do poder do enmiigo.

S: 3.31.8 *Quis* a piedade de Deus *que* se *mostrasse* pera entenderen.

I: 3.17.25 *Quis* Deus *que acharon* o menĩho vivo e sãão pela oraçon do seu servo Martinho.

S: 1.17.26 *Quis que jouvesse* ascondudo.

I: 2.19.9 *Cuidas* tu *que* non *era* presente.

S: 3.21.9 *Cuidas que* o non *seja* mais nos feitos spirituaes.

I: 3.37.84 Hu *cuidas que foi* o seu coraçon?

S: 1.2.7 Que pescado *cuidas* que *tragamos* naquestes montes?

I: 1.30.4 Assiinan-no [o pan] con hũũ madeiro que *semelha que* se *pode* partir per quatro quartos en semelhança de cruz.

S: 4.4.47 E cousa mui dura e mui grave, padre, *semelha que crea* homen tal cousa que nengũũ non possa creer.

Todos os exemplos arrolados apresentam orações subordinadas completivas, semelhantes àquelas com subjuntivo ou imperativo em que não estão explícitos os verbos que exigem a complementação *(ordenar, mandar* para orações no imperativo e *desejar, exortar, pedir*, etc. para orações no subjuntivo). Voltaremos à escolha alternativa do subjuntivo ou do indicativo quando estudarmos no item 3. locuções verbais com verbos no infinitivo que pode ser substituído por completivas com verbos no subjuntivo ou no indicativo e também quando, na terceira parte deste trabalho, tratarmos da subordinação em geral e, especialmente, quando analisarmos as orações subordinadas iniciadas por subordinantes outros que não sejam o *que* introdutor de completivas. (Cf. Parte III, 2.1.3.1 e 2.1.3.2).

A partir dos dados analisados neste item podemos ver que neste caso em que há explícito um elemento subordinador, criando uma dependência sintáctica explícita, a oposição básica se faz entre o imperativo e o indicativo-subjuntivo, ao contrário do que vimos antes, em que imperativo-subjuntivo se opunham ao indicativo. Assim sendo vemos que em certos enunciados não são nítidos os limites dos valores das formas do imperativo em relação às do subjuntivo e em outros não são nítidos os limites dos valores das formas do indicativo em relação às do subjuntivo. Disso se pode admitir como conclusão que os modos que se opõem são o imperativo e o indicativo e o subjuntivo se agrupa ora com o imperativo ora com o indicativo.

Os factos descritos podem ser representados no quadro seguinte, em que se consideram os três modos da tradição gramatical e as características que seleccionamos para defini-los. Note-se neste quadro que indicativo e imperativo se opõem em todas as características definidoras e que o subjuntivo em três delas se associa ao indicativo e em três outras ao imperativo.

modos características	indicativo	subjuntivo	imperativo
atitude subjectiva do locutor	—	+	+
ausência de atitude subjectiva	+	+	—
dependência sintáctica implícita	—	+	+
dependência sintáctica explícita	+	+	—
situação de elocução directa	—	+	+
situação de elocução não-directa	+	+	—

2.1.1.3 O infinitivo: modo genérico

Adoptamos a designação de modo genérico para o infinitivo (Pottier 1969: 35) porque bem conceitua o valor básico do infinitivo no sistema verbal do português e é válida para a análise dos nossos dados.

UFSC

O infinitivo, modo genérico, não apresenta as oposições temporais que estudaremos no item 2.2, como as formas do modo indicativo e do subjuntivo; é, portanto, não-marcado quanto ao tempo verbal. Pode substituir não só o modo imperativo (E. DIAS 1959: § 309) (²) em frases indicadoras de ordens ou instruções, sem dependência sintáctica explícita, como pode substituir o indicativo ou o subjuntivo tanto em certas orações completivas (como veremos no item 3., quando analisarmos as sequências verbais) quanto em subordinadas adverbiais e adjectivas, que estudaremos na terceira parte deste trabalho.

Além de poder, portanto, comutar com os três modos verbais, neutralizando as oposições vistas anteriormente, é a forma seleccionada quando se quer expressar apenas o conteúdo lexical do vocábulo verbal, cumprindo assim uma função substantiva (MATTOSO CÂMARA 1975:140), típica de sintagmas nominais, o que lhe permite funcionar como um nome substantivo, identificado por determinantes nominais.

— Exemplos do infinitivo em função substantiva:

1.15.3 Tempo de *colher* o novo azeite

1.17.1 Tempo de *colher* o vinho

2.8.10 Quando vẽo a hora de *comer*, veo hũũ corvo dũa mata que está preto do moesteiro.

2.35.3 Tempo de *dormir*

2.16.33 Meor cousa he *entender* ca *ensinar*

(²) Não encontramos no *corpus* ocorrência do infinitivo em frases imperativas.

3.2.27 E o poderio d'*atormentar* que eu avia tolheron-mh'o

3.15.54 Como quer que esse homen fosse comprido de muitas bõas vertudes, assi en *jajunhar* come en *catar* pouco polas cousas temporaes

3.21.11 Gram trabalho he *meter* sempre mentes

4.9.6 Nen er sofreu que ouvesse com ele nem hũũ afazimento nen en *comer* nen en *bever* nen en *seer* nen estar hu el sevesse ou estevesse.

4.14.15 He custume de o corpo *lavar* dos mortos

— Exemplos de infinitivo funcionando como nomes substantivos:

2.1.61 Acabaron *seu comer*

4.10.7 Hora *do comer*

4.16.14 *O teu haver* seja contigo

4.4.56 Per ele an *o seer* e *o viver*

1.8.15 O temor e *o temer*

Na sua função substantiva é sempre, como não poderia deixar de ser, o infinitivo impessoal ou não-flexionado que se aplica, assim como quando substitui o imperativo. Quando analisarmos as estruturas subordinadas com verbos no infinitivo trataremos do emprego do infinitivo pessoal ou flexionado no *corpus*.

2.1.2 Sobre o tempo verbal.

Como vimos em 2.1, o tempo verbal expressa a relação que se estabelece entre o tempo da acção, do acontecimento referido na frase e o momento do enunciado. Essa relação entre o momento do enunciado e o tempo da acção expressa pelo tempo verbal da frase só existe nitidamente nas formas verbais do indicativo no chamado discurso directo ou actual não no discurso indirecto ou inactual (³), nem nas formas verbais do subjuntivo. Em face disso analisaremos primeiramente o tempo verbal nas formas verbais do indicativo, para depois considerarmos o tempo nas frases com verbo no subjuntivo e, por fim, descreveremos a correspondência entre os tempos verbais no discurso directo ou actual e no discurso indirecto ou inactual e casos em que se anulam as distinções modo-temporais básicas.

2.1.2.1 O tempo verbal no modo indicativo.

Podemos dizer que em sentenças não subordinadas, isto é, sem dependência sintáctica, em que se expressam asserções em que não estão envolvidas atitudes de julgamento subjectivo do locutor, que é a situação típica atrás definida como a do modo indicativo, os tempos verbais expressam, basicamente:

a. uma relação de coincidência entre o momento do enunciado e o tempo do evento expresso na frase: presente do indicativo (IdPr);

b. uma relação de anterioridade entre o momento do enunciado e o tempo do evento ainda não terminado expresso na frase: pretérito imperfeito do indicativo (IdPt1);

(³) Sobre a *actualidade/inactualidade* como caracterizador ou identificador verbal cf. B. Pottier (1969: 35, 37-38).

c. uma relação de anterioridade entre o momento do enunciado e o tempo do evento terminado expresso na frase: pretérito perfeito do indicativo (IdPt2);

d. uma relação de dupla anterioridade entre o momento do enunciado e o tempo do evento já terminado expresso na frase que, por sua vez, se relaciona a outro evento a ele posterior, mas também anterior e também terminado em relação ao momento do enunciado: pretérito mais que perfeito (IdPt3);

e. uma relação de posterioridade entre o momento do enunciado e o tempo do evento a realizar-se expresso na frase: futuro do indicativo (IdFt1) (4);

f. uma relação de posterioridade entre o momento do enunciado e o tempo do evento que não se realizou e, portanto, já passado, expresso na frase: futuro do pretérito do indicativo (IdFt2) (5).

Na definição desses tempos verbais consideramos características estritamente cronológicas (coincidência, anterioridade, posterioridade) em relação ao momento do enunciado, mas também utilizamos traços tradicionalmente considerados aspectuais (término, realização) que não nos parecem poder ser eliminados em uma análise do sistema dos chamados tempos verbais do português.

---

(4) A expressão do futuro por sequências verbais será tratada no item 3.3.2.2c. desta descrição.

(5) A propósito de IdFt2 diz Mattoso Câmara (1970: 91): o futuro do pretérito «visualiza um momento, já passado, como futuro em relação a outro momento que lhe foi anterior», que está expresso na frase que se associa àquela que contem o IdFt2.

Os factos acima descritos podem ser representados no quadro seguinte em que se consideram os seis tempos do indicativo da tradição gramatical e as características seleccionadas para defini-los em relação ao momento do enunciado.

tempos verbais do indicativo	IdPr	IdPt1	IdPt2	IdPt3	IdFT1	IdFT2
relação com o momento do enunciado						
coincidência	+	—	—	—	—	—
anterioridade	—	+	+	—	—	+
dupla anterioridade	—	—	—	+	—	—
término	—	—	+	+	—	—
em realização	+	+	—	—	—	—
a realizar-se	—	—	—	—	+	—
não realização	—	—	—	—	—	+

Exemplos de enunciados em que estão expressos os valores básicos dos tempos verbais acima conceituados:

IdPr:

1.1.13 E ora, per razon deste oficio en que *estou*, *conten*-se o meu coraçon pelos cuidados grandes que *ei* dos negocios dos homens.

IdPt1 e IdPt2

1.1.5 *Apartei*-me (IdPt2) en hũũ logar, o mais ascondudo que eu *pudi* (IdPt2) achar en que podesse chorar todas aquelas cousas en que non *avia* (IdPt1) prazer da vida que *fazia* (IdPt1).

IdPt2 e IdPt3

1.22.15 E pois a madre de Bonifacio vio este miragre, *quebrou* (IdPt2) o coraçon por aquelo que *fezera* (IdPt3) e *ouve* (IdPt2) gram devoçon.

IdFt1 e IdPt2

1.1.40 E algũãs cousas ti *contarei* (IdFt1) per razon dos feitos que *acaeceron* (IdPt2).

IdFt1 e IdFt2

1.17.28 Ca per esto *aparecerán* (IdFt1) e *seerán* (IdFt1) mais homildosos e non *averán* (IdFt1) a gloria do mundo que *averian* (IdFt2) se o soubessen.

IdPr, IdPt2 e IdFt2

3.24.21 — Ai, don abade, hu *he* (IdPr) a palavra que vós *dissestes* (IdPt2) que aqueste muimento *receberia* (IdFt2) nós ambos?

2.1.2.2 O tempo verbal no modo subjuntivo.

Como dissemos em 2.1.2, a relação entre o tempo verbal e o momento do enunciado não se estabelece quando o modo verbal é o subjuntivo. A selecção do presente, do pretérito ou do futuro do subjuntivo decorre da existência formal de determináveis padrões sintácticos que ocorrem no enunciado e a que se subordina a oração com o verbo no modo subjuntivo. Há assim uma correlação entre a forma seleccionada do subjuntivo e o tempo do verbo da oração subordinante.

Nas correlações condicionais, basicamente, o futuro ou o pretérito do subjuntivo ocorre na prótase (ou condição) se na apódose (consequência) estiverem, respectivamente, o futuro do indicativo ou o futuro pretérito do indicativo.

IdFt1 e SbFt / IdFt2 e SbPt

1.1.31 Quando *contar* (SbFt) algũas cousas d'ouvida *porrei* (IdFt1) certos nomes daqueles de que o ouvi e, se de vista *foren* (SbFt), *porrei* (IdFt1) toda a verdade.

1.1.29 Si ti eu, Pedro, *contasse* (SbPt) aquelas cousas que sei dos homẽẽs perfeitos e acabados, ante se *acabaria* (IdPt2) o dia.

3.32.31 E a eles semelhou-lhes que, se se *calassen* (SbPt) da verdade que defendian, *consenterian* aa heresia d'Arrio.

Nessas correlações o subjuntivo pretérito indica a irrealidade enquanto o subjuntivo futuro é indiferente a esse modo de encarar a comunicação (MATTOSO CÂMARA 1970: 92).

A selecção do presente ou do pretérito do subjuntivo, em outras estruturas, está na dependência do tempo presente ou passado da oração a que se subordina. Essa correlação fica bem clara em orações completivas:

IdPr e SbPt

1.1.26 — Non *cuido* (IdPr) en que en toda terra de Italia *aja* (SbPr) homens de grandes vertudes.

1.5.33 — Eu ti *mando* (IdPr) eno nome de Jesu Cristo que *guardes* (SbPr) esta entrada e non *leixes* acá entrar homen que no mundo seja. (SbPr)

1.2.31 — *Rogo*-ti (IdPr) que mi *digas* (SbPr)

IdPt2 e SbPt

1.5.60 O bispo Castorio *veo* (IdPt2) ao moesteiro e *rogou* (IdPt2) o abade don Equicio que *recebesse* (SbPt).

1.5.80 Ca o amor que o poboo dos cristãos avia a Jesu Cristo non *pode* sofrer (IdPt2) que o non *queimassen* (SbPt) pola maldade grande que ende avia.

1.8.8 E porque ao papa prougue o queixume que lhi fezeron os clerigos alousinhadores, *mandou* (IdPt2) logo que lhi *trouvessen* (SbPt) ante si aa cidade de Roma o abade Equicio.

Decorre desse condicionamento sintáctico, que torna predizível o tempo do subjuntivo a ser seleccionado, a afirmação de Mattoso Câmara Jr. (1975: 135) que «em português o uso das formas de subjuntivo vem a ser uma pura servidão gramatical, isto é, um padrão formal, apenas, e não a marcação de certos valores semânticos». Excluem-se dessa conceituação as frases desiderativas, exortativas, volitivas descritas em 2.1.1.1 em que o valor modal do subjuntivo está em limite com o valor do imperativo. Voltaremos, na terceira parte deste trabalho, quando tratarmos da subordinação mais detalhadamente ao emprego das formas do subjuntivo.

A passagem seguinte, que marca um facto passado, ilustra quase todas as distinções temporais descritas: IdPr, IdPt1, IdPt2, IdFt1 e ainda o IdFt2 e SbPt em correlações condicionais, além do SbPt em subordinadas, no passado, uma vez que a narrativa se processa no passado:

> 1.2.27 E Nosso Senhor Jesu Cristo porque en el *era* (IdPt1) comprido o Espiritu Santo, enquanto *era* (IdPt1) homen, non *ouve* (IdPt2) mester en seer discipulo de nengũũ, ante que *fosse* (SbPt) meestre dos apostolos e dos outros discipulos que *ensinou* (IdPt2); como quer que enquanto *fosse* (SbPt) Deus *soubesse* (SbPt) todalas cousas que *son* (IdPr) e *foron* (IdPt2) e an de seer, assi aquelas que se nunca *farán* (IdFt1), pero que se *poderian* (IdFt2) fazer se el *quisesse* (SbPt).

Na passagem que segue vemos nítida a distinção presente e passado concluído no modo indicativo e, em subordinadas, o presente do subjuntivo decorrente da narrativa processar-se no presente:

> 1.7.3 — Tu que non *ás* (IdPr) nen hũas ordĩĩs sagradas, nen *ás* (IdPr) lecença do papa sô cuja mercee e sô cujo poderio *vives* (IdPr), como *ousas* (IdPr) a preegar e propoer a paravra de Deus hu quer que *vaas* (SbPr), pois lecença do papa non *ás* (IdPr) nen *recebisti* (IdPt2) nen hũa orden sagrada en que *possas* (SbPr) o fazer?

2.1.3 Contextos em que não se aplicam as distinções modo-temporais básicas (6)

2.1.3.1 Correlações entre os tempos verbais no discurso directo e indirecto.

As distinções temporais básicas definidas no item 2.1.2 se realizam, como conceituadas, no discurso directo ou actual. No indirecto, em geral, há uma reestruturação da sistemática observada para o directo nos casos sumarizados abaixo e exemplificados a seguir:

modo	discurso	tempos		
Ind.	I	Pt3	Pt1	FtPt
	D	Pt2	Pr	FtPr

modo	discurso	tempos	
Subj	I	Pt	
	D	Pr	Ft

Exemplificação:

a. IdPr: IdPt1

D: 1.19.6 Braadava e dezia: todos aqui *viven* e eu soo non *posso* viver.

2.8.56 Dezia: Maldito, non bẽẽto! Que *ás* comigo? Por que me *persegues?*

---

(6) Esses factos foram observados exaustivamente no 1.º Livro dos *Diálogos* e assistematicamente nos outros três.

-UFSC-

I : 1.22.8 Dezia que *era* guisado que, pois ele pobre *era,* as vestiduras que *tragia* desse aos pobres.

2.26.4 Ele dezia que hũũ menĩho de seu padre *avia* hũa enfermidade.

b. IdPt2: IdPt3

D: 1.2.37 San Gregorio disse: En tempo do rei Totilo *foi* hũũ homen muito honrado per bõa vida e per bõõs custumes e *ouve* nome Libertino e *foi* preposto do moesteiro.

2.32.33 E San Gregorio respondeu e disse: Depois que a tentaçon se *partiu* do homen de Deus, *creceu* de vertude en vertude e *deu* fruito mais comprido que ante.

I : 2.7.9 E dizendo o monge que aquel miragre non *fezera* por el pois el sabedor non *fora,* e o abade San Beento dizendo o contrairo que Deus que o *fezera* por el ...

2.8.50 E dezia con grandes vozes a San Beento que lhi *fezera* força porque o *deitara* de seu logar.

Na amostra observada encontramos uma única ocorrência do pretérito mais que perfeito composto *(avia perdudo)* no discurso indirecto correspondente ao pretérito perfeito do directo:

1.22.10 Dezia que *avia perdudo* todo aquelo per que se avia de manter todo o ano.

Dos chamados tempos compostos trataremos no item 3. e veremos que são raras as ocorrências de sequências verbais que poderiam ser assim denominadas no *corpus*.

c. IdFt1: IdFt2

D: 1.1.36 E pois disse San Gregorio: Aquelas cousas, Pedro, que ti eu contar, *contar*-ch' *as*-ci per testemõio d' homẽẽs bõõs.

1.7.5 — Como ei lecença de preegar *direi-ch'o* eu.

I : 4.24.56 Ele dissera que *morrerian*.

3.24.21 Dissestes que aqueste muimento *receberia* nos ambos.

d. SbPr e SbFt: SbPt

D: 1.31.8 Disseron-lhi: Pedro, non *queiras* ja cansar, ca o enfermo a que ias ja morto he.

1.25.15 Disse o filho de Deus: Se o teu olho *for* maao, todo o seu corpo seerá cheo de tẽẽvra.

I : 2.8.6 Dezia aos homẽẽs bõõs que non *fossen* veer ca non era tan bõõ homen como eles.

4.13.22 Dezia que se non lhi *enviassen* Basilio que logo morreria.

2.1.3.2 Outros casos em que se anulam as distinções modo temporais básicas

2.1.3.2.1 *A extensão do presente para a expressão do futuro.*

A forma do presente do indicativo (IdPr) pode expressar o conteúdo básico do futuro do indicativo (IdFt1); encontramos pouco frequentemente esse emprego do IdPr na documentação examinada, em que a forma flexional do futuro ou sequências verbais (cf. 3.) são os mecanismos usuais de expressar um facto a realizar-se, posterior portanto ao momento do enunciado.

Observe-se na passagem seguinte a escolha alternativa do IdPr e de IdFt1, com o mesmo valor. Vale chamar a atenção que é a partir desse momento da narrativa que São Gregório começará a narrar as suas estórias edificantes:

1.1.24 E pera seeres certo, Pedro meu amigo, destas cousas que ti eu *conto* (IdPr), *direi*-ti (IdFt1) os nomes dalgũũs a que algũũs feitos de que eu *falo* (IdPr) acaeceron e enton *poderás* (IdFt1) entender de todas aquelas cousas que ti eu *conto* (IdPr).

1.1.41 Aquesto que ora eu *conto* (IdPr) aprendi-o per testemõio d' homẽẽs muito honrados.

Essa passagem antecede o início do facto que vai ser narrado.

Nas correlações condicionais em que na prótase se emprega o futuro do subjuntivo, encontramos alguns exemplos em que é selecionado não o SbFt, mas o presente do indicativo.

Nos dois primeiros exemplos o uso alternativo de uma ou outra forma fica bem claro:

3.2.51 Porende se te *prouguer* (SbFt), Pedro, venhamos a contar os miragres.

3.37.91 E se ti *praz* (IdPr), Pedro, assemelhemos dous homens en saber e en fazer.

1.31.40 Rogo-te que *se te nembras* (IdPr) d'algũũs que mh'os digas.

1.8.54 Pois que maravilhas tẽẽs, Pedro, que he se nós, que profetas non somos, per testemõio de muitos mentireiros non *fazemos* o que devemos?

Na passagem seguinte, em duas correlações condicionais no futuro, há alternância das formas do presente e do futuro. Primeiro ocorre o IdPr na apódose quando seria de esperar o IdFt1 e em seguida ocorre o IdPr na prótase quando seria de esperar o SbFt.:

1.7.18 e 19 E outros son ainda vivos, homens da fé, per que *podes* (IdPr e não IdFt1) seer certo se *quiseres* (SbFt), se *queres* (IdPr e não SbFT) tu mais saber da obra que el fazia, como quer que fosse abade de muitos moesteiros, andava per muitas cidades e per muitas vilas e per muitos castelos e pelas ruas e pelas eigrejas e pelas casas dos homens, dizendo muitas santas paravoas.

2.1.3.2.2 *O imperfeito do indicativo (IdPt1) expressando contemporaneidade ao momento do enunciado.*

Em uma situação específica de discurso que poderíamos denominar de «discurso polido ou respeitoso» (⁷), portanto marcadamente formal, emprega-se sempre o IdPt1 pelo IdPr.

Nos exemplos seguintes, o diácono Pedro ao solicitar algo ao papa Gregório faz uso do recurso descrito:

1.10.9 — Gram maravilha he aquesta que ouço, pero *queria* (IdPt1) saber que homildade ouve dentro na sa alma.

1.7.11 — *Queria* (IdPt1) de boa mente, padre, saber que obras fazia aqueste abade Equicio que taes dões recebeo de Nosso Senhor. (Note-se que nessa passagem há *fazia*, em que o IdPt1 expressa o seu valor básico).

1.1.31 — *Queria* (IdPt1), padre, que mi contasses algũas cousas daqueles bẽẽs que visti ou ouvisti.

2.30.11 — *Queria* (IdPt1) saber, padre, se tan grandes miragres se fazian solamente polo talan que avia.

Enquanto o clerigo Pedro solicita a S. Gregório que lhe conte algo utilizando o verbo *querer* no IdPt1, São Gregório quando anuncia o que quer contar utiliza o presente do indicativo.

1.13.3 — *Quero*-ti (IdPr) eu contar, Pedro, o que me contaron dous homens muito honrados.

É interessante notar que, quando o papa pergunta a Pedro se quer que lhe conte algo e é utilizado o IdPr,

---

(⁷) Para B. Pottier (1969: 38) nesses casos se passa do *actual* para o *inactual*.

Pedro afirma, nessa situação, utilizando não o IdPt1, como costuma, mas o IdPr, como o papa:

1.4.10 — *Queres* (IdPr), Pedro, saber como aqueste santo homen seguio o profeta Eliseo en seus miragres?

Responde Pedro:

1.4.11 — *Quero* (IdPr e não IdPt1) que mh'o digas e *desejo* mui de coraçon a saber.

A mesma situação se repete e é do mesmo modo expressa em: 1.16.38 e 40:

— *Queres* (IdPr), Pedro, que ti conte quegendos foron algũũs que moravan en terra de Toscana e quam chegados foron a Deus?

— *Quero* (IdPr), padre, e *peço*-ti por mercee que mh'o contes.

2.1.3.2.3 *A extensão do imperfeito do indicativo para a expressão do futuro do pretérito.*

1.4.22 Quando chegou ao flume Jordan e vio que non *podia* (IdPt1 por IdFt2) passar, como quer que metesse hũa vegada o manto de Elias, seu meestre, que tragia ena agua e nonno partio de si, na segunda vegada er meteu o manto en aquela agua e disse.
(Note-se nesse exemplo *tragia* em que se expressa o valor básico do IdPt1).

1.20.3-4 E ele lhes deu con sa mãão hũũ barril pequeno de madeiro cheo de vĩho, que bevessen pela carreira, que os *podia* (IdPt1 por IdFt2)

UFSC

abastar a hũũ jantar. E pero beveron sempre dele ata que chegaron aa cidade de Ravena e ficaron en essa cidade e bevian sempre daquele vĩho.

1.31.42-43 — *Queria*-te (IdPt1 por IdFt2) contar, a louvor de nosso remiidor, algũũs dos miragres do honrado San Beento. Mais porque todo o tempo do dia d'hoje non nos abastaria pera os contar compridamente, mais livremente os poderemos depois contar e faremos en eles começo do Segundo Livro.
(Note-se que nessa passagem ocorre a forma do IdFt2 — *abastaria* — no seu valor temporal básico).

Nos três exemplos acima se pode admitir que a selecção do IdPt1 pelo IdFt2 poderia decorrer da semelhança fonética dos significantes das formas verbais em causa *(podia/poderia; queria/quereria)* (8). No exemplo seguinte uma interpretação da mesma natureza fica excluída:

3.16.38 E San Gregório contou ainda daqueste santo homen Florencio hũũ miragre que non *era* (IdPt1 por IdFt2) pera calar.

Encontramos uma ocorrência em que a forma do IdPt1, coordenada a uma forma do SbPt, parece também ter o valor do IdFt2:

1.7.21 E, cada que avia d'ir a algũũ logar, tomava a mais desplizel besta que el *podia* achar e a mais enata sela que el *podesse* aver, naquela cavalgava.

---

(8) Cf. nota 34 à morfologia verbal.

Como veremos adiante que os valores de IdFt2 e SbPt por vezes se anulam poderíamos admitir que nesse último exemplo o uso coordenado de IdPt1 e de SbPt foi possível através da reinterpretação de IdPt1 como IdFt2, no seu valor discutido a seguir (Cf. Parte III, 2.1.2.3.)

2.1.3.2.4 *IdFt2: expressão da irrealidade e seu uso alternativo com SbPt.*

O IdFt2 pode expressar não o seu valor temporal básico, mas dúvida, incerteza, a irrealidade ou possibilidade, portanto. Mattoso Câmara (1970: 91) chama a esse valor de IdFt2 de «metafórico». Por exemplo:

1.5.69 Mais quen *seria* ousado d'ir ao moesteiro daquelas virgêës quando o abade Equicio hi non era presente, por santo monge que fosse, e, moormente, como *iria* alá hũũ homen que novamente veera ao moesteiro e cuja vida ainda os monges non provaron?

O facto de o IdFt2 poder expressar a irrealidade o aproxima do SbPt2 que em orações subordinadas no passado pode também expressá-la, e não apenas em correlações condicionais como vimos em 2.1.2.2; decorre disso a possibilidade da escolha alternativa das duas formas:

1.13.10 Andando *cuidando* aquel abade Nonnoso *hu poderia* (IdFt2) semear verças pera seus frades e *cuidava* en seu coraçon — e era verdade — *que* cincoenta jugos de bois non *poderian* (IdFt2) mover aquel penedo daquel logar en que siia, tanto era de grande...

1.5.31 E, andando *cuidando se acharia* algũa malfeitoria maior, achou hũa serpente.

UFSC

4.8.8 Onde *cuidava que* a culpa *menguasse* (SbPt), ende creceria.

Nessas sequências, em um mesmo contexto sintáctico (orações completivas) e semântico (a expressão da incerteza) ora foi seleccionado o IdFt2 ora o SbPt.

Em outros contextos sintácticos também ocorre a escolha alternativa dessas duas formas verbais:

1.16.31 Por que lhi leixou molher manīha de que non *podesse* aver filho? (SbPt)

3.37.96 Por que se van os bõõs deste mundo tan agīha e os que *poderian* (IdFt2) viver a proveito das almas de muitos ou os non achan ja no mundo ou certas son-xi mui poucos?

Nessas sequências os contextos em que ocorrem as formas em causa são orações relativas e não expressam factos reais mais questionamentos.

Nesses cinco últimos exemplos, substituindo-se uma forma pela outra (IdFt2/SbPt), a significação do enunciado continuaria a mesma.

2.1.3.2.5 *O IdPt3 uma forma alternativa para o IdFt2 e para o SbPt.*

Com frequência ocorre no *corpus* a forma do IdPt3 não com seu valor básico (relação de dupla anterioridade entre o momento do enunciado e o facto narrado), mas em contextos em que podem ser seleccionados o IdFt2 e o SbPt.

É de interesse para a história do português que nos detenhamos no IdPt3 em seu valor temporal básico, não só por ser a forma que Rodrigues Lapa (1959: 172) considerou banida da língua, como por ser de opinião o mesmo autor que já no português arcaico era substituída livremente pelo IdPt2.

Das 550 ocorrências no *corpus* das formas temporais marcadas pelo morfema modo-temporal -RA, estudamos uma amostra de 20 % de ocorrências, portanto 110 contextos em que essa forma aparece. Em 86,4 % dos casos esse morfema apresenta o seu valor temporal básico e em 13,6 % dos casos examinados apresenta valores outros de que falaremos adiante.

Em enunciados de menor complexidade sintáctica vê-se bem a exactidão na escolha das três formas do perfeito do indicativo:

— IdPt3 relacionado com IdPt2:

2.7.8 E pois *tornou* (IdPt2) a San Beento *contou-lhi* (IdPt2) quanto lhi *acaecera* (IdPt3).

3.33.19 Adur o abade *acabara* (IdPt3) as paravoas e logo o enmiigo *entrou* (IdPt2) no menĩho.

— IdPt3 relacionado com IdPt1:

2.23.15 E hũa sa ama delas que as *criara* (IdPt3), *viia*-as (IdPt1) cada dia sair dos seus moimentos.

— A relação entre IdPt1, IdPt2 e IdPt3:

3.37.88 E guardava polo amor que dentro na sa alma *avia* (IdPt1) aquelo que nunca aa de fora per outro homen *aprendera* (IdPt3)

3.18.12 E porque *tragia* (IdPt1) o poo que *colhera* (IdPt3) no altar na mãão destra *tolheu* (IdPt2) con a mãão seestra o pano.

UFSC

Em enunciados de maior complexidade sintáctica em que estão em causa subordinações e coordenações mais numerosas que nos exemplos anteriores se comprova a exactidão na selecção do IdPt3:

1.5.31 E, andando catando mais pelo horto, se acharia algũa malfeitoria maior que aquela que *achara* (IdPt3), *achou* (IdPt2) hũa serpente andar pelo horto e mandou-lhi que se veesse con el.

3.15.53 Como quer que per sas palavras fosse guardado de morte, ca pois se tornou e foi ao cesto que *ascondera* (IdPt3), *achou* (IdPt2) dentro a serpente assi como lhi o santo homen *dissera* (IdPt3).

2.29.4 E o santo homen estando en sa oraçon, *começou* (IdPt2) de se alçar a cobertura do tonel porque se *enchera* (IdPt3) ja o tonel d'azeite e *crecera* (IdPt3) tanto o azeite que *tolhera* (IdPt3) a cobertura.

4.36.32 E porque aquel don Pasqual non *pecara* (IdPt3) por maldade, mais per erro de non falar, cuidando que aquel don Lourenço que el *elegera* (IdPt3) por apostoligo era melhor e de mais santa vida ca don Simaco que todolos elegian, porende *pôde* (IdPt2) purgar despola morte o seu pecado pela oraçon do santo bispo don German que el *fezera* (IdPt3).

Vistos os exemplos acima e todos os que compulsamos (86,4 % dos 110 examinados) cremos poder afirmar que então o IdPt2 e o IdPt3 eram seleccionados de acordo com o seu valor básico. Apesar da identidade formal possível em P6 de IdPt2 e de IdPt3 (cf. Morfologia verbal

1.1.2.2e), geradora de ambiguidades, a diferenciação semântica mantém-se desde que o contexto ajude à interpretação:

Por exemplo:

1.26.3 Pedro, en outro tempo *acaeceu* (IdPt2) que hũũ homen *perdeu* (IdPt2) lume de seus olhos e *trouveran-no* (IdPt2) a este santo bispo Fortunato que rogasse a Deus por el.

1.27.3 E *juntaron*-se (IdPt2) muitos homẽẽs e *trouveran*-no (IdPt2) ao santo bispo.

Na passagem seguinte a não distinção formal entre IdPt2 e IdPt3 -P6 pode levar à dúvida quanto ao tempo em causa:

4.10.11 E *veo* (IdPt2) dizer a seu padre do bispo e aos fisicos que con eles eran quem eran aqueles que *veeron* (IdPt2 ou IdPt3?) veer o bispo. E os padres e os físicos *veeran* (IdPt2) muit' agĩha, mais o bispo que *leixaran* (IdPt3) enfermo *acharon*-no (IdPt2) ja morto, ca aqueles o *levaran* (IdPt3) consigo cuja vista o menĩho non pôde sofrer.

O exame desse conjunto de dados permite que consideremos com certa cautela a opinião de Rodrigues Lapa (1959: 171) de que os escritores antigos da Idade Média empregavam muitas vezes o perfeito pelo mais que perfeito. Quanto ao texto em estudo, isso não se confirma, talvez por ser traduzido. Se a identificação formal da terceira pessoa do plural do IdPt3 e do IdPt2 não nos permite decidir com certeza absoluta, em certos casos, se se trata de um ou outro perfeito, o uso de IdPt3 nas outras pessoas não parece deixar margem a dúvidas quanto à selecção cuidadosa e precisa das duas formas do perfeito (⁹).

Independente do uso temporal básico descrito e exemplificado, a forma do IdPt3 adquire novos valores:

— nas correlações condicionais, em geral construídas com IdFT2 e SbPt;

— em orações que expressam a irrealidade, em geral construídas com o IdPt1 ou com o SbPt;

— em orações subordinadas em que alterna com o SbPt.

O IdPt3 nas correlações condicionais:

Vimos em 2.1.2.2 que nas correlações condicionais são seleccionados, em geral, o IdFt2 na apódose e o SbPt na prótase:

1.2.38 Ca assi temiam todalas bestas a agua que viiam, como *temerian* (IdFt2) se as *quisessen* (SbPt) esfalfar dũũ mui gram monte a fondo.

1.7.20 Se o alguen non *conhocesse* (SbPt), *terria*-se (IdFt2) por despreçado en o salvar.

3.37.105 ... ca nunca os pecadores *verriam* (IdFt2) a peendença se non *achassen* (SbPt) algũũs bõõs de que tomassem eixemplo.

(⁹) No item 3.1.1 do estudo do verbo, trataremos de sequências verbais, e, entre essas, dos chamados tempos compostos. Desses veremos que, relativamente, é frequente o uso da sequência *ter/haver* + particípio passado, estando *ter/haver* no imperfeito. Essa sequência é que veio a substituir o IdPt3.

Essa mesma estrutura pode ser expressa pelas formas de IdPt3 tanto na prótase como na apódose:

1.4.20 Ca se ele non *confiara* mais do homen santo don Onrado ca de si, non *tirara* a calça sua que tragia por religas e a *posera* sobelo corpo do morto.

2.2.3 Ca hũa ave pequena e negra que chaman mérloa começou a voar ante seu rostro e andar tan pesseveradamente derredor dele que a *podera* tomar con sa mããо se *quisera*.

3.27.26 Sospeito, padre, que muito daquestes homens santos *receberon* marteiro por amor de Deus se *acharon* o tempo da perseguçon.

3.28.8 E por ventura se o tempo assi non *acertara* nunca eles morte pola fe *receberon*.

3.33.40 E en passando assi esse dia veo hora de vespera e achei-me tan forte e tan esforçado que *podera* perlongar o jajunho ata outro dia se en *quisera*.

4.30.5 Ca Abrããо lhe disse: «Tu que recebisti muitos bẽẽs en ta vida». E non lho *dissera* se o non *conhocera*.

O IdPt3 nas orações que expressam a irrealidade:

Vimos em 2.1.3.2.4 que a irrealidade podia estar expressa nos mesmos contextos por formas do IdFt1 e do SbPt. Em contextos do mesmo tipo encontramos o mesmo conteúdo expresso pelo IdPt3:

3.17.25 E porque cuidaron todos mil vegadas que *devera* a seer todo espedaçado, ante que ao vale chegasse polos penedos muitos que entre o vale e o monte avian ...

3.34.25 E portanto cuidaria alguen que primeiramente *devera* a falar a Escritura da terra que se rega per si que está en fondo.

Confronte-se esses exemplos com os do item 2.1.3.2.4: 1.13.10, 1.5.31 e 4.8.8.

Na passagem seguinte a selecção da forma de IdPt3 ocorre em um contexto em que se expressa a dúvida e que poderia ser expresso pelo IdFt2, não no seu valor temporal básico, mas no seu uso «metafórico» de que atrás falamos (cf. 2.1.3.2.4):

2.3.53 — Rogo-te que me respondas se *devera* leixar os frades que já hũa vez en sa encomenda recebera.
(Note-se nesse exemplo que *recebera* está no seu valor temporal básico).

O IdPt3 ainda pode ser empregado em orações subordinadas que não expressam a irrealidade, hipótese ou dúvida, mas afirmativas sobre um facto realizado e neste caso alterna com o SbPt.

Confronte-se as duas séries de exemplos em que as duas formas ocorrem em contextos do mesmo tipo:

A. 3.15.25 *Quis* Deus que *acharon* o meniho vivo e são pela oraçon.

4.45.16 E pois tornou ao banho, non-no achou e assi entendeu polo sinal que lhi el dera que *quis* Deus que o *tirara* daquelas pẽas en que andava.

B. 1.17.26 O miragre que fez *quis* o nosso remiiidor que *jouvesse* ascondudo.

3.31.8 Esto *quis* a piedade de Deus que se *mostrasse* pera entenderen.

4.9.5 Nunca *quis* que sa molher *chegasse* a ele.

Os factos descritos em 2.1.3.2 podem ser sumarizados da seguinte forma:

— a distinção presente (IdPr) e futuro (IdFt1) pode anular-se no modo indicativo; e no modo subjuntivo, em correlações condicionais;

— a distinção presente (IdPr) e passado não-concluído (IdPt1) se anula em situações formais, no discurso directo;

— a distinção passado não-realizado (IdPt1) e futuro do passado (IdFt2) se anula em enunciados que expressam a irrealidade; também nesse tipo de enunciado se anula a distinção IdPt1 e passado do subjuntivo (SbPt);

— em enunciados que expressam *lato sensu* a irrealidade também se anulam as distinções existentes entre IdFt2, SbPt e IdPt3: na expressão da dúvida se anula a distinção existente entre passado do subjuntivo (SbPt) e futuro do passado (IdFt2); em correlações condicionais se desfaz a distinção entre passado do subjuntivo (SbPt) e passado anterior do indicativo (IdPt3) e entre futuro do passado (IdFt2) e passado anterior do indicativo (IdPt3);

— a distinção entre IdPt3 e SbPt também se desfaz em contextos de orações completivas que expressam factos já realizados.

Disso se pode concluir que a maior complexidade de valores expressos pelos morfemas modo-temporais no *corpus* se encontra em enunciados que expressam a irrealidade e, em ordem decrescente de complexidade, no IdPt3 (-RA), IdFt2 (-RIA), SbPt (-SSE) e IdPt- (-IA).

2.2 *O número e a pessoa expressos pelos morfemas número-pessoais.*

Da mesma forma que o modo e o tempo, a pessoa e o número estão expressos cumulativamente por um único elemento significante o morfema número-pessoal. A pessoa e o número, ao contrário do modo e do tempo, não são categorizadores específicos do verbo. Os morfemas número-pessoais repetem por mecanismos sintácticos de concordância o sujeito da frase, sendo portanto elementos redundantes do sistema.

Esquematicamente, os morfemas número-pessoais expressam no *corpus* as relações seguintes:

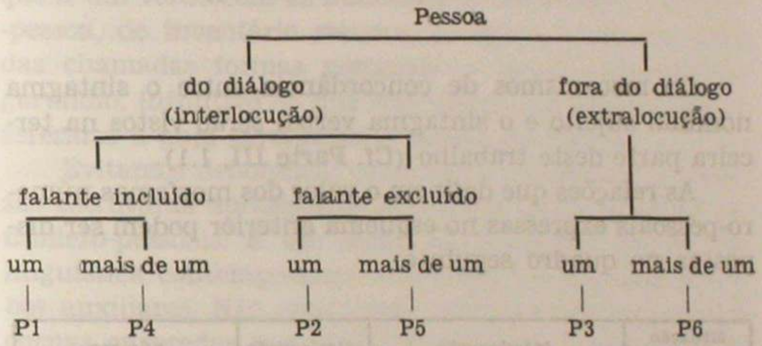
Pessoa
do diálogo
(interlocução)
fora do diálogo
(extralocução)
falante incluído
falante excluído
um
mais de um
um
mais de um
um
mais de um
P1
P4
P2
P5
P3
P6

Exemplificação:

P1:

1.2.19 — Non *ouvi* que aqueste fosse discipolo de nengũũ.

P2:

1.2.31 — Padre, muito me praz do que *dizes*.

P3:

1.2.32 Sam Gregório *respondeu* aa demanda que *fezera* don Pedro e *disse*.

P4:

1.2.40 — Este embargo e este nojo que nós ora *sofremos*, nunca nos aveo senon polo torto que *fezemos* ao abade servo de Deus.

P5:

2.5.11 — *Ide* e *cavade* hũũ pouco naquel penedo en que *acharedes* tres pedras postas hũas sobr'ũas.

P6:

1.2.35 Como quer que os homens convenhavilmente *conten* muitas vertudes, pero contar-ch'ei eu, Pedro, hũũs poucos de miragres.

Os mecanismos de concordância entre o sintagma nominal sujeito e o sintagma verbal serão vistos na terceira parte deste trabalho (Cf. Parte III, 1.1).

As relações que definem o valor dos morfemas número-pessoais expressas no esquema anterior podem ser dispostas no quadro seguinte:

situação da elocução	interlocução		extralocução	número	
pessoas	fal. incluído	excluído		um	mais de um
P1	+	—	—	+	—
P2	—	+	—	+	—
P3	—	—	+	+	—
P4	+	—	—	—	+
P5	—	+	—	—	+
P6	—	—	+	—	+

3. Verbos de inventário restrito seguidos de particípio passado, gerúndio e infinitivo.

Sob este título descritivo analisaremos estruturas em que a um verbo com as marcas de modo-tempo, número-pessoa, de inventário restrito, se segue outro em uma das chamadas formas nominais — particípio passado, gerúndio, infinitivo — que não trazem as marcas acima referidas e cujo inventário é aberto na língua.

Evitamos denominar «auxiliares» os verbos que nessas estruturas apresentam as marcas modo-temporais e número-pessoais. É um ponto de discussão teórica na linguística contemporânea a questão dos chamados verbos auxiliares. Não cabe nesta análise descritiva de um *corpus* enveredar por esse caminho; em outro trabalho (Mattos e Silva 1977) discutimos várias posições teóricas existentes sobre o estatuto dos verbos auxiliares e mais detidamente aí reflectimos sobre a situação de *ter* e *haver* como verbos auxiliares em português, considerando a história da língua. Uma vez que não é ponto pacífico a categoria «auxiliar» e, aceitando-a, determinar quais são os auxiliares em português, optamos aqui por descrever as estruturas que no *corpus* se enquadram na definição apresentada no parágrafo inicial dessa explicação. Em alguns momentos da descrição oferecemos informação que pode favorecer à classificação desses verbos de inventário restrito como auxiliares ou plenos.

3.1 *Verbos de inventário restrito seguidos de particípio passado.*

3.1.1 **Aver e ter**

3.1.1.1 Observação preliminar

A estrutura *haver, ter* + particípio, que a tradição gramatical portuguesa analisa como tempo composto (ou locução verbal ou conjugação perifrástica), só aparece documentada sob a forma que se pode assim rotular a partir de um determinado momento da história da língua portuguesa. Autores que se detiveram nesse problema, como, por exemplo, Said Ali (1957: 126) e Mattoso Câmara Jr. (1956: 82), admitem que, enquanto se documenta a flexão do particípio passado de acordo com o complemento directo desse particípio, essa sequência não é de se considerar como tempo composto ou locução verbal, por não ter ocorrido ainda a fusão semântica e sintáctica que está implícita na construção do tempo composto, constituído de *ter* ou *haver* nas suas formas flexionadas mais o particípio passado invariável, isto é, não está em causa ainda a relação auxiliante/auxiliado necessária a essa construção. É Mattoso Câmara que afirma: «enquanto a forma verbal adjectiva se mantém articulada com o objecto da acção, não há a rigor uma conjugação verbal composta, mas uma construção frasal que põe em evidência um estado de posse» (cf. 1956: 82 e 1975: 166).

Para Naro e Lemle (1977: 264 e 265) a construção denominada tempo composto resulta de uma reanálise da construção historicamente precedente em que ao *ter* se segue um complemento com particípio de *status* adjectivo. Quando essa reanálise se opera, tem-se então a construção *ter* + particípio passado em tempo composto, desempenhando esse verbo o papel de auxiliar.

Assim entendido o problema, só a partir de determinado momento da história do português é que *ter* e *haver* podem ser considerados como auxiliar, se se aceitar a categoria auxiliar. Esse momento tem sido imprecisamente situado pelos historiadores da língua como posterior ao que se convencionou chamar de português arcaico, enquanto Naro e Lemle (1977: 266) recuam bastante essa data, propondo que, já tendo havido a reanálise de *haver* como auxiliar, a de *ter* se situaria à volta da segunda metade do século XIV.

3.1.1.2 Exame dos dados.

No *corpus*, que consideramos como anterior ao último quarto do século XIV, há 803 ocorrências do verbo *aver* e 119 do verbo *teer*. Dessas há apenas 5 ocorrências de *aver* e 34 de *teer* seguidos de particípio passado. Nas 39 ocorrências dessas estruturas o particípio passado apresenta sempre o traço transitivo e concorda em género e número com o grupo nominal a que se associa e que funciona como complemento directo. Essas estruturas, portanto, a partir do que se expôs em 3.1.1.1., não devem ser consideradas tempo composto no *corpus* analisado.

Os particípios passados transitivos a que se associam os verbos *aver* e *teer* no *corpus* são os seguintes:

> *perdudo, cercado, legado, estendudo, aberto, pendorado, encolheito, coberto, alçado, obligado, tendudo* (= estendudo), *feito, ascondudo, ordīhado, aparelhado, assinaado, guardado, semeado, chantado, preso, metudo, chegado* (= achegado).

Os elementos que compõem essa estrutura — *aver/teer*+PaPt+GN — se apresentam, no *corpus*, nos 5 tipos seguintes de distribuição:

Tipos	1. aver/teer+ PaPt+GN	2. GN+aver/ /teer+PaPt	3. aver+teer+ GN+PaPt	4. PaPt+aver/ teer+GN	5. GN+PaPt+ aver/teer
Ocorrências	4	26	7	1	1

Esses 5 tipos de distribuição são de interesse porque indicam a liberdade de estruturação desses elementos, o que é um indicador favorável à não interpretação dessas estruturas como tempo composto, que pressupõe uma sequência fixa *ter/haver*+PaPt e sem a concordância do PaPt com o grupo nominal complemento directo.

No *corpus* a maior incidência da estruturação do tipo 2 decorre do facto de o grupo nominal complemento directo estar representado por um substituto do tipo relativo *que*, sempre iniciador de oração encaixada, ou, em menor escala, por um substituto pronominal que deve anteceder a *aver/teer*+PaPt.

Das 26 ocorrências desse tipo no *corpus*, em 22 o grupo nominal complemento está representado por *que*, por exemplo:

(1) 4.32.8 Todolos bẽẽs *que* mh'*á* *feitos*.

(2) 1.19.13 Manto *que tiinha tendudo*.

(3) 2.9.2 Pedra *que tiinha guardada*.

(4) 2.16.26 Aquelas cousas *que ten aparelhadas*.

Em 3 ocorrências o grupo nominal complemento está representado por um pronome:

(5) 3.32.11 *Quanto avia feito*.

(6) 4.36.17 Ja *a* el *ten metuda*.

(7) 3.11.35 Mandou que *o tevessen guardado*.

-UFSC-

Em um caso representado pelo grupo nominal explícito.

(8) 2.31.7 Aquel San Beento que *aqueles bẽẽs tiinha guardados*.

As quatro ocorrências do tipo 1 são as seguintes:

(9) 1.22.10 *Avia perdudo todo aquelo.*

(10) 3.14.58 *Teve cercada aquela meesma cidade.*

(11) 3.37.65 Homen que *tevera* no aar *legado o braço* e *estendudo.*

(12) 4.36.53 El *ten*-mi ja *legados os pees* e *os geolhos.*

Nos exemplos (11) e (12) ressalta a intercalação entre *teer* e o PaPt de complementos outros que não o grupo nominal complemento directo.

São as seguintes as ocorrências do tipo 3:

(13) 1.11.12 *Ouvesti os olhos abertos* en min.

(14) 1.5.78 *Tevera a cela* toda *pendorada* no aar.

(15) 1.12.4 *Tiinha os nérvios dos pees encolheitos* dũa enfermidade.

(16) 1.13.10 *Tiinha todo o logar coberto.*

(17) 1.19.12 *Tẽẽdo as mããos alçadas.*

(18) 3.18.39 *Tiinha* ja *a sa alma obligada*

(19) 3.37.62 *Tẽẽdo* el o colo *tendudo.*

A única ocorrência do tipo 4 é a seguinte:

(20) 3.16.46 Este homen que tan *chegado tiinha Nosso Senhor* aa sa boca.

Do tipo 5 é a seguinte a única ocorrência:

(21) 1.16.24 Aquelo *que ordĩhado tiinha.*

Na reanálise que permitiu considerar *ter/aver* como auxiliar de tempo composto, a sequência fixa *ter/aver* + PaPt ou PaPt + *ter/aver* é um factor a seu favor. Nos dados do *corpus,* somando-se as ocorrências dos 5 tipos de distribuição, vê-se que há 32 ocorrências para os tipos 1, 2, 4 e 5 e apenas 7 do tipo 3, em que o grupo nominal complemento está intercalado entre *aver/teer* e o particípio passado.

Embora se tenha afirmado (NARO e LEMLE 1977: 265) que, desde os primeiros testemunhos escritos da língua, *aver,* nas construções em causa, é auxiliar, consideramos que os dados do *corpus* sob análise desconfirmam esse ponto de vista (cf. MATTOS E SILVA 1981b): o que podemos observar é que *aver* é muito menos documentado que *teer* (5: 34) e que podem ser considerados como em variação livre as estruturas com *aver* e com *teer;* veja-se, por exemplo, o confronto das cinco ocorrências de *aver* com algumas de *teer* em que ambos os verbos se apresentam no mesmo contexto modo-temporal:

4.32.8 Todolos bẽẽs que mh'*a feitos*

2.16.26 Aquelas cousas que *ten aparelhadas.*

3.32.11 Quanto *avia feito.*

1.22.10 *Avia perdudo* todo aquelo.

1.5.9 Torto que lhi *avia feito.*

1.19.13 Manto que *tinha tendudo.*

1.11.12 *Ouvesti* os olhos *abertos* en min.

3.14.5 *Teve cercada* aquela cidade.

-UFSC-

Os dados com o verbo *aver* são poucos, mas há sempre a concordância do particípio passado e o grupo nominal complemento pode estar entre *aver* e o particípio passado.

Considerando o tempo verbal de *aver/teer* na estrutura em discussão tem-se o quadro seguinte:

TEMPO VERBAL VERBOS	IdPr	IdPt1	IdPt2	IdPt3	SbPt	Ger	Total
aver	1	3	1	—	—	—	5
teer	11	15	2	3	1	2	34
total	12	18	3	3	1	2	39

Desses dados ressalta a maior incidência da estrutura discutida quando *aver/teer* estão no IdPt1. Note-se que ao longo da história da língua a forma IdPt1 de *haver/ter* seguida de particípio passado veio a ser seleccionada como substituto de IdPt3, que se pode considerar hoje inusual em certos dialectos coloquiais do português (cf. 2.1.3.2.5). Esse facto isolado maior interesse não apresenta, mas pode ser um dado a ser levado em conta em um estudo de mudança linguística que envolva as reestruturações do sistema verbal do português ao longo de sua história.

3.1.1.3 Observações finais

Dos dados analisados se pode concluir:

a. o elemento participial sempre apresenta o traço transitivo, o que permite aparecer um grupo nominal complemento com o qual concorda o particípio. Essa concordância no *corpus* é categórica;

b. há liberdade na distribuição dos elementos que constituem a estrutura, embora haja preferência pela contiguidade entre *teer/aver* e PaPt;

c. não há indício de que se possa tratar *aver* de modo diverso do tratamento dado a *teer*, os dois verbos parecem estar em variação livre e a preferência por *teer* é marcante;

d. o *corpus* representa uma fase da língua em que não há «a rigor uma conjugação verbal composta, mas uma construção frasal que põe em evidência um estado de posse» (MATOSO CÂMARA Jr. 1956: 82 e 1975: 166) (¹).

3.1.2 Seer

Com um número restrito de verbos intransitivos no particípio passado ocorrem formas flexionadas do verbo *seer* constituindo sequências verbais que indicam uma acção realizada, ou «acto consumado» nas palavras de Epiphanio Dias (1959: 250 § 326).

Os verbos intransitivos que ocorrem nesse contexto são:

morrer (o mais frequente), *partir* e *passar* (ambos como parassinónimos ou mesmo sinónimos de *mor-*

(¹) Em nossa comunicação ao XV Congresso de Linguística e Filologia Românicas-1977, «Um aspecto do auxiliar no português arcaico» em que consideramos os dados deste *corpus* e de outros documentos arcaicos, interpretamos a estrutura que descrevemos como constituída de duas orações na estrutura profunda, sendo a estrutura superficial representada pelo PaPt e seu complemento resultado de transformações (Cf. MATTOS E SILVA 1981b).

rer), nacer, chegar. E também o verbo *criar*, que não é intransitivo, coordenado a *nacer*.

Exemplos:

(1) 1.18.12 Ide e por amor de Deus dade-lhi que cómia e que beva pero sabe Deus que *morto he*.

(2) 2.32.10 O meu filho *he morto*. Ven tu e resuscita-o.

(3) 4.22.7 E aquele que ouve lecença de o matar non ouve lecença de comer dele depois que *morto foi*.

(4) 2.8.37 Foron certos como o seu senhor, que *morto fora*, resurgio ao tercer dia.

(5) 4.28.8-13 Sabedes se rei Theodorico *he morto?* Eu vos digo por certo que *he morto*, ca ... levaran-no descinto e descalço e con sas mãos legadas e deitaran-no na ola do vulcan... Acharon por certo que rei Theodorico *fora morto* (2).

(6) 2.34.4 E disse logo aos frades que sa irmãã *era passada* deste mundo.

(7) 3.37.3 Aquel meu amigo *era passado* deste mundo.

---

(2) Uma vez que não ocorre no *corpus* os particípios *morrido* e *matado* para *morrer* e *matar*, respectivamente, por vezes torna-se ambígua a interpretação de *morto*. É o caso de *fora morto*, mas não o de *he morto* (=morreu), neste exemplo. Já em 2.38.1 De quareenta homens que *foron mortos* dos lombardos... *mortos* é indubitavelmente particípio passado de *matar*.

(8) 4.36.13 A alma non *era partida* ainda do corpo.

(9) 4.12.13 E quando vio já de todo em todo que *era chegado*...

(10) 4.24.29 Aqueste *foi chegado* aa morte per aquela pestelença geral que veo sobr'ele.

(11) 2.1.36 Pera saberen os que *nados eran* e os que avian ainda de nacer.

(12) 3.11.3 En esta cidade ten logo d'adeantado e *foi nado* e *criado* na cidade de Plazença.

Epiphanio Dias (1959: 250 § 326) apresenta correspondência entre essas sequências e as formas simples dos verbos que poderemos resumir assim:

a. IdPr *seer*+PaPt=IdPt2

b. IdPt1 *seer*+PaPt=IdPt3

c. IdPt2 *seer*+PaPt=IdPt2

d. IdFt2 *seer*+PaPt=IdFt2

Os exemplos (1), (2), (5) confirmam a correspondência *a;* os exemplos (6), (7), (8), (9) e (11) confirmam a *b;* o (3), (10) e (12) a *c.* O exemplo (4) — IdPt3 *seer*+PaPt — apresenta um tipo não considerado por Epiphanio Dias e corresponde a IdPt3.

Nos exemplos seguintes vemos em orações coordenadas as situações descritas em *b.* e *c.*, o que reforça as correspondências propostas:

2.35.13 E o mandadeiro quando chegou aa cidade achou novas que o bispo da cidade *era morto* e achou que *morrera* en aquela hora.

4.15.6 E nós que de sa carne *nacemos* e *fomos nados* na ceguidade e no esterramento.

Para o autor que vimos citando «estas combinações representam literalmente os tempos compostos dos depoentes latinos». Said Ali (1964: 160) considera o verbo *seer* nos casos descritos auxiliar «devendo-se contudo entender que o particípio passado nestas combinações resulta de um anexo referido ao sujeito da oração». E possível que apenas esses casos de *seer*+PaPt de verbos intransitivos possam ser considerados tempos compostos no *corpus*.

3.2 *Verbos de inventário restrito seguidos de gerúndio.*

3.2.1 **Observação preliminar.**

Os verbos que no *corpus* ocorrem seguidos de gerúndio são, em ordem decrescente de frequência:

andar (19), *seer* (12), *jazer* (9), *estar* (8), *ir* (8).

A estrutura em causa pode ser interpretada ou como constituindo um grupo ou locução verbal em que expressa um acto único em seu aspecto durativo ou dois actos independentes, embora concomitantes ou simultâneos, constituindo duas orações. No primeiro caso, os verbos enumerados acima funcionariam como auxiliares, não expressando assim a sua significação lexical como verbo pleno; no segundo, funcionariam como verbos plenos, constituindo duas orações.

No *corpus* esses verbos, quando plenos, podem ser definidos pelos traços semânticos seguintes:

Andar: deslocamento no espaço; com os pés.

Seer: não-deslocamento; posição sentada (3).

Estar: não-deslocamento; posição de pé.

Jazer: não-deslocamento; posição deitada.

Ir: deslocamento no espaço: direcção oposta a um ponto determinado

Do ponto de vista sintáctico, todos eles exigem, não havendo transferência de sentido, um sujeito animado e, opcionalmente, um complemento circunstancial.

Considerando esses factores semânticos e sintácticos analisaremos os dados do *corpus* com o objectivo de fornecer elementos para uma definição desses verbos como auxiliares ou plenos nessa estrutura. Nem sempre é fácil decidir, diante dos dados, qual o estatuto desses verbos. Essas distinções são difíceis de estabelecer em um *corpus* dessa natureza, em que não se pode contar com o testemunho directo do falante nativo e sua intuição (4); de todo modo fica a documentação assim organizada, como resultado de uma reflexão sobre o problema, que talvez um maior número de dados e/ou outra abordagem poderão vir a definir com mais precisão.

---

(3) Na terceira parte deste trabalho quando tratarmos de tipos de frase (Parte III, 1.3), abordaremos o problema da significação de *seer*. Simplificadamente podemos dizer que, convivem no *corpus* dois verbos *seer*: *seer* do latim *sedēre* 'estar sentado' e *seer* do latim *esse*, o chamado 'ser existencial'. Parece-nos que nas estruturas com gerúndio trata-se do *seer* 'estar sentado'; favorece essa interpretação, não apenas o sentido da frase, mas as formas em que ocorrem o verbo *seer* nas estruturas com gerúndio: IdPt1 *(siia)* e ger. *(seendo)*, que etimologicamente provêm do *sedēre* latino e não do *esse*.

(4) Sobre a dificuldade de definição dessas estruturas também no português contemporâneo cf. Eunice Pontes (1973: 57-59).

3.2.2 Exame dos dados.

Consideraremos primeiro os verbos seguidos de gerúndio que nos parecem oferecer menos dúvidas quanto à interpretação; são eles *jazer* (=estar deitado) e *seer* (= estar sentado). Trataremos em seguida aqueles que parecem permitir mais de uma interpretação.

3.2.2.1 *Jazer*

Jazer, nas suas 9 ocorrências seguidas de gerúndio, parece manter a sua significação lexical, apresenta sempre um sujeito animado e as passagens em que ocorre a estrutura em causa parecem indicar dois actos simultâneos, constituindo portanto duas orações: a oração com o verbo no gerúndio seria então uma subordinada temporal reduzida que indica simultaneidade ao acto expresso pelo verbo *jazer;* quando o verbo *jazer* também está no gerúndio (exs. 5, 6, 9), são expressas duas acções simultâneas, subordinadas a uma outra, expressa na oração principal.

(1) 1.3.3 [ele] *jazia fazendo* sa oraçon.
(é de notar que ao longo do texto se esclarece que uma posição comum para orar é a deitada)

(2) 2.1.4 [ele] *jaz morrendo*.

(3) 2.25.8 [ele] *jazia tremendo* e *ferindo* a terra.

(4) 1.5.35 E o monge se tornou pera sa cela e no tempo em que os frades *jazian folgando* ao meio dia...

(5) 2.35.5 Naquela noite, *jazendo* ja *dormindo* os frades, San Beento levantou-se.

(6) 3.5.6 E el *jazendo dormindo* muito alta noite, o enmiigo antigo começou a dar braados.

(7) 3.8.16 E pois o judeu, que esperto jazia, ouviu aquesto e *jouvesse tremendo,* aquel spirito mao fez demandar...

(8) 2.22.18 Non vos apareci enquanto *jaziades dormindo* e amostrei-vos...

No exemplo seguinte, em que o sujeito se intercala entre os dois verbos tem-se um indício que pode favorecer a nossa interpretação dessa estrutura com o verbo *jazer*.

(9) E, acaecendo hũũ tempo que *jazendo* os frades *dormindo* de noite, veeron os lombardos.

3.2.2.2 *Seer*

Seer, nas suas 12 ocorrências seguidas de gerúndio, apresenta a mesma situação de *jazer:* sempre com sujeito animado e as passagens em que ocorre parecem indicar dois actos simultâneos:

(10) 1.2.9 ... ante aqueles que hi *siiam comendo.*

(11) 1.8.9 Achou monges que *siiam leendo* e *escrevendo.*

Biblioteca Universitária
-UFSC-

(12) 1.12.12 Aqueste homen enfermo que, *seendo orando,* fez quedar o fogo.

(13) 2.20.2 Hũũ dia o honrado padre San Beento *seendo comendo* a hora de vespera, hũũ monge disse en seu coraçon.

(14) 3.2.24 E *seendo* el-rei *comendo* con seu genro, veo Paulino aa mesa.

(15) 4.6.6 Seu irmãão Gregorio *seendo* hũũ dia *comendo,* viu a alma de seu irmao.

(16) 2.31.21 Ca este San Beento que, *seendo leendo* per seu livro, fez aquel enmiigo ...

Vemos dos exemplos (10) a (16) que o acto expresso pelo gerúndio que segue *seer* favorece a interpretação semântica de *seer* como «estar sentado». Nos 5 exemplos seguintes *seer* vem seguido do gerúndio de *falar;* nessas passagens já não nos parece tão segura essa interpretação para *seer.* No entanto, na passagem seguinte

(17) 4.25.17 ... e *seendo* (ele) en hũũ dia con muitos homens bõõs *falando,* veeron os meestres ...

a intercalação entre *seer* e o gerúndio de *falar* de dois complementos circunstanciais, que parecem estar relacionados a *seer,* favorece a interpretação da passagem como constituindo duas orações e não como locução verbal; o exemplo (17) favorece, portanto, a interpretação dos seguintes como constituindo duas orações, que expressam actos simultâneos:

(18) 1.25.8 E eles assi *seendo falando* hũũs outros, o espiritu maao entrou no filho.

(19) 3.22.8 E *seendo* assi *falando* comigo a louvor de Deus...

(20) 3.30.5 Miragre que me ele a min disse, *seendo falando* comigo a louvor de Deus.

(21) 4.4.45 E, *seendo* el *falando* comigo e con outros, saiu-lhi a alma do corpo.

(Parece também que nos exemplos (18), (19), (20) e (21) o complemento *hũũs outros* se refere a *falar*, apenas, da mesma forma que *comigo* (em 19, 20 e 21).

3.2.2.3 *Andar*

De todos os verbos que ocorrem seguidos de gerúndio é *andar* o mais frequente (19). Há três situações em que o significado lexical de *andar* ('deslocamento no espaço, com os pés') desaparece:

(22) 8.6.1 Do ferro que jazia en o fundo do peego e tornou-se ao mango que *andava nadando*.

(23) 3.31.10 Como se alguén *andasse correndo* sobre ela.

(24) 3.26.4 Ca hũa meniña paralitica, que siia naquela eigreja e jorrava-se pelas mããos, *andou demandando* naquela eigreja.

No exemplo (22) o sujeito de *andar*, impede o seu significado de «deslocar-se com os pés» e a associação a *nadar*, também impede a interpretação de duas acções simultâneas, uma vez que é impossível *andar* e *nadar* ao mesmo tempo; no exemplo (23) as duas acções simultâ-

Biblioteca Universitária
-UFSC-

neas são impossíveis, *andar* e *correr* e no (24) o referente do sujeito está impedido de deslocar-se no espaço com os pés. Diante desses factos, tudo parece indicar que nessas passagens *andar* indica o aspecto durativo de um único acto expresso pelo grupo verbal *andar*+gerúndio.

No exemplo (25) se apresenta uma situação extrema às três anteriores em que o facto sintáctico de entre *andar* e o gerúndio estarem intercalados vários circunstanciais é um argumento que favorece a interpretação de *andar* como um verbo pleno:

(25) 1.7.19 E, como quer que fosse abade, *andava* per muitas cidades e per muitas vilas e per muitos castelos e pelas ruas e pelas eigrejas e pelas casas dos homens *dizendo* muitas santas paravoas.

Entre esses quatro exemplos que oferecem indícios para uma definição segura do verbo *andar*, há todas as outras ocorrências de *andar* seguido imediatamente de gerúndio em que poderia ser interpretado como a expressão de dois actos simultâneos. Em todas elas o referente do sujeito de *andar* não só é animado, mas pode deslocar-se com os pés, e o acto expresso pelo gerúndio é compatível com o acto de andar. Nos exemplos (26), (27), (28), (29) o acto expresso pelo gerúndio corresponde a uma actividade mental *(devanear)* passível de realizar-se enquanto se anda, e em todos os demais é uma actividade que poderíamos generalizar como física *(pascer, envolver, cavar, demandar, vaguejar, segar, alumear, podar, trabalhar, fazer)*, que pode ser simultânea ao acto de andar:

(26) 4.4.26 O sandeu que *anda devaneando* depolos bẽẽs do mundo.

(27) 2.4.2 Aquele monge saia-se fora da eigreja e *andava devaneando* per esse moesteiro.

(28) 2.4.4 Mais saiu-se fora da eigreja (o monge) e *andava devaneando* come ante.

(29) 2.4.16 Saiu fora e achou aquel monge *andar devaneando* pelo moesteiro.

(30) 3.22.22 Porcos que ali *andavan pascendo.*

(31) 2.2.8 E ele *andou* se *envolvendo* desnuado nas espīhas.

(32) 3.15.41 Os ladrões que toda a noite *andaron cavando* no seu horto.

(33) 4.46.8 Os frades *andaron demandando* todos aqueles logares en que tiinha sas meezīhas...

(34) 2.25.3 Amoestou que ele non *andasse vaguejando* polo mundo mais *estevesse* assessegado en sa cela.

(35) 2.34.3 Aquele que *andava vaguejando* con seu coraçon pelas mesquīīdades do mundo.

(36) 1.8.11 E eles lhe disseron que *andavan segando* seu feo en hũũ vale.

(37) 1.11.10 Deceu-se dos degraaos en que (ele) *andava alumeando* as lampadas.

(38) 1.31.5 E o sacerdote *andava podando* sa vinha e disse.

(39) 1.11.3 Outra vez que os frades fazian hũa parede ... e disse-lhe (o enmiigo) que ia aos frades que *andavan trabalhando.*

(40) 2.11.6 Derribou aquela parede que os frades *andavan fazendo.*

Dos dados analisados da estrutura «andar seguida de gerúndio» se pode concluir que, admitindo-se a categoria auxiliar, em certas situações sintáctico-semânticas como a dos exemplos (22), (23) e (24), esse verbo expressa um aspecto durativo e tem anulada a sua significação de verbo pleno. Na grande maioria de suas ocorrências, no entanto, ele pode ser interpretado como verbo pleno seguido de gerúndio que expressa uma acção simultânea à expressa pelo verbo *andar*.

3.2.2.4 *Estar*

Das 8 ocorrências de *estar* seguido de gerúndio há três (41), (42) e (43) em que o verbo no gerúndio associado a *estar* expressa uma sucessão de acções ou acção continuada *(servir, maravilhar-se)*, incompatível com a significação básica de *estar* como verbo pleno («não deslocamento, posição de pé»). Nesses três casos o verbo *estar* seguido de gerúndio parece constituir um grupo verbal e indica o aspecto durativo, a «duração estática», que se opõe à «duração dinâmica» expressa por *andar* e *ir* no mesmo contexto (MATTOSO CÂMARA Jr. 1975: 171):

(41) 1.16.3 Eigreja en que ora eu *estou servindo* pela outoridade de Deus.

(42) 4.38.8 Achou aquel don Pasqual que era morto *estar servindo* naqueles banhos.

(43) 2.35.8 Dementre (ele) se *estava maravilhando* de tan gram lume come viia.

Das outras cinco ocorrências de *estar* e gerúndio, cremos que em todas elas se pode depreender a significação de estar como verbo pleno enquanto o verbo no gerúndio expressa um acto simultâneo ao de *estar*. Essa interpretação está mais transparente nos exemplos (44) e (45):

(44) 2.35.5 E, *estando* (ele) a hũa fẽẽstra *rogando* Nosso Senhor e *louvando-o* mui de coraçon, viu hũa luz vĩĩr...
(nesse exemplo *estando a hũa feestra* equivale a «estar de pé junto a uma janela»)

(45) No dia de sa morte ... *estando* os homens bõõs da cidade onde el era bispo *fazendo* gram chanto sobre ele.
(Nessa situação de velório parece claro que *estando* aí mantém o seu significado de *estar de pé*).

Nesses exemplos favorece ainda a interpretação como dois verbos independentes o facto de estarem intercalados entre *estar* e gerúndio sintagmas nominais de funções diversas.

Em (46), (47) e (48) o verbo, no gerúndio, expressa um acto compatível ao de «estar de pé», significado que pode ser depreensível nesses contextos no verbo *estar;* nesses três casos, como nos dois anteriores, se poderia interpretar a estrutura em causa como expressando dois actos simultâneos:

(46) 2.11.10 Na cela en que (ele) *estava orando* sobr'ũa esteira.

(47) 4.32.10 E *estando* os frades *cantando* ante ele e dando graças a Deus alçou ele muit'agĩha a voz.

(48) 2.30.8 E o spiritu mao achou hũũ monge velho *estar tirando* sa agua e entrou logo en el.

Esses três últimos exemplos, ao contrário dos dois anteriores (44 e 45), podem, no entanto, admitir uma interpretação como grupo verbal. São, portanto, a nosso ver, ambíguos. Diante da natureza dos dados essa ambiguidade não parece poder ser desfeita.

Dos dados analisados se pode concluir que «estar seguido de gerúndio» pode expressar um aspecto durativo (41), (42) e (43), mas, em outras situações, a interpretação como verbo pleno é possível, embora nem sempre os dados permitam decisão segura.

3.2.2.5 *Ir*

Das 8 ocorrências de *ir* seguido de gerúndio, em 5 parece ocorrer a expressão do aspecto «durativo dinâmico»:

(49) 2.2.19 A caentura maa da carne *vai escaecendo* e morrendo no homen.

(50) 2.15.13 Mais Roma *ir-s'á destroindo* pouco e pouco.

(51) 4.13.23-24 — Non temas, madre, ca non morrerei ora eu. E dizendo-lhi esto muitas vegadas *foi-se tirando* o lume pouquetĩho e pouco ... e quando veo a quarta noite ... disse-lhi que lhi fezesse dar a comuĩhon.

(52) 2.2.23 E porque de cincoente anos adeante *vai* ja homen *folgando* e *assessegando* e *quedando* das tentações.

(53) 4.32.4 Almas dalgũũs justos non van aa gloria do paraiso mais *van* lhi *perlongando,* en que as fazen deteer muito contra sas voontades.

Nessas passagens não se encontra a significação de *ir* como verbo pleno («deslocamento no espaço, em direcção oposta a um ponto determinado»), em todas elas, com excepção de (53), em que o sujeito é indeterminado, o sujeito não é animado; assim sendo, não se pode admitir que nesses casos se trate da expressão de dois actos simultâneos expressos, respectivamente, por *ir* e pelo verbo no gerúndio.

Já os três outros exemplos poderiam ser interpretados como a expressão de dois actos simultâneos em que se pode admitir que *ir* mantem a sua significação de verbo pleno.

(54) 2.7.6 El tomou aginha a beençon e *foi correndo* per cima da agua ben como se *fosse correndo* per sobre terra.

(55) 4.13.28 E quando aqueles que levavan a alma e *ian cantando* con ele

(56) 3.27.11 E eles fugian e *iam braadando* polas feridas.

A observação que fizemos para os exemplos (46), (47) e (48) com o verbo *estar* também caberia a esses três últimos exemplos com *ir:* não seria de se excluir a interpretação como um grupo verbal indicador de aspecto durativo para os exemplos (54), (55) e (56), mas a natureza dos dados não permite decidir diante dessa ambiguidade.

3.2.3 Observações finais

Da análise dos dados de verbos de inventário finito seguido de gerúndio se pode depreender que:

— *jazer* e *seer* seguidos de gerúndio expressam duas acções simultâneas e que esses verbos parecem, nesse contexto, funcionar como verbos plenos;

— da análise do verbo *andar*, se se admitir a categoria auxiliar, em três das 19 ocorrências *andar* nao expressa o seu valor de verbo pleno e apenas indica o aspecto durativo; enquanto nas outras ocorrências indicaria um acto simultâneo ao expresso pelo gerúndio;

— da análise do verbo *estar*, em três ocorrências parece expressar o aspecto durativo, enquanto nas 5 restantes a interpretação como duas orações é bastante favorável em dois casos e passível de dupla interpretaçao em três outros;

— da análise do verbo *ir*, há cinco ocorrências em que ele indica o aspecto durativo; as três outras podem permitir as duas interpretações, ambiguidade que os dados não permitem desfazer.

Esses factos em resumo são:

V+*-ndo*	*jazer*	*seer*	*andar*	*estar*	*ir*	total
interpretação						
2 orações	9	12	16	2	—	39
1 oração	—	—	3	3	5	11
situações ambíguas	—	—	—	3	3	6
total	9	12	19	8	8	56

Desses dados se pode concluir que o aspecto durativo expresso por um verbo que pode ser considerado «auxiliar» é realizado no *corpus* principalmente pelo verbo *ir* (8 ocorrências, sendo 3 ambíguas), na expressão do «aspecto durativo dinâmico», muito menos frequentemente expresso pelo verbo *andar* (3 ocorrências); «o aspecto durativo estático» pode ser expresso apenas pelo verbo *estar*, notando-se que a documentação do *corpus* nesse caso é bastante reduzida; sem dúvida de interpretação há apenas três ocorrências de *estar* seguido de gerúndio para a expressão desse aspecto verbal. Se quisermos considerar esses verbos seguidos de gerúndio de auxiliares, só poderíamos assim classificar, dos cinquenta e seis casos examinados, onze casos e seis outros, passíveis de duas interpretações, ao tempo em que há trinta e nove ocorrências dessa estrutura que parecem dever ser interpretadas como duas orações (5).

3.3 *Verbos de inventário restrito seguidos de infinitivo.*

3.3.1 **Observação preliminar.**

Em relação ao inventário dos verbos que estão seguidos de particípio passado no *corpus (teer, aver, seer)* e de gerúndio *(jazer, seer, andar, estar, ir)*, o inventário de verbos seguidos de infinitivo é numeroso, incluindo-se nele todos aqueles verbos que permitem como sujeito ou como complemento uma oração infinitiva. Esses factos estariam mais adequadameite descritos na terceira parte deste trabalho, quando tratarmos da complementação oracional, ou seja, das orações tradicionalmente denominadas de completivas (cf. Parte III, 2.1.3.2). No entanto, consideraremos aqui aqueles verbos que seguidos de infinitivo vêm sendo tradicionalmente interpretados como expressão de modalidades ou de aspectos do acto expresso pelo verbo do infinitivo. Estudos recentes sobre o problema, com base na teoria gerativa, não classificam esses verbos como auxiliares (E. PONTES 1973: 124-125). Informaremos neste item apenas sobre essas formas verbais, destacando a variação então existente no uso ou não de preposições que podem ligar tais verbos ao infinitivo e também a possibilidade de alternar, em alguns casos, essa estrutura com verbo no infinitivo com a estrutura em que, em lugar do infinitivo, está uma oração iniciada por *que*.

---

(5) Chamamos a atenção para o facto de não ocorrer no *corpus* estruturas do tipo *estar a + infinitivo* e *andar a + infinitivo*, semanticamente, hoje, equivalentes na expressão do aspecto durativo. A estrutura com gerúndio, já existente no latim vulgar, marca hoje o português do Brasil em oposição ao português europeu, pelo menos no seu dialecto de Lisboa (MATTOSO CAMARA Jr. 1975: 171).

Como ponto de partida para a organização desses dados, utilizamos a classificação de E. Pontes (1973), que segue de perto várias propostas de gramáticos do português que se detiveram nesse problema, mas a partir daí os reagrupa do ponto de vista da sintaxe transformacional, em dois grandes tipos: os que apresentam oração infinitiva como complemento directo e os que apresentam oração infinitiva como sujeito, não os considerando, portanto, verbos auxiliares.

3.3.2 Os dados.

3.3.2.1 Verbos que apresentam oração infinitiva como complemento directo.

a. Verbos «causativos»: *fazer* (79), *mandar* (70), *enviar* (3), *leixar* (16).

Exemplos:

Fazer:

2.3.9 E el vivendo con eles naquel moesteiro *fazia*-lhis *guardar* regra de vida.

4.12.9 E el *fazia*-os *leer* ante si.

4.21.4 *Faz tomar* grave vindita.

Mandar:

2.37.5 *Mandou abrir* a cova.

4.40.21 E portanto *manda ferir* o seu servo.

3.32.32 *Mandou*-lhi *cortar* as lenguas pelas raigadas.

Enviar:

1.5.70 *Enviara dizer* ao servo.

2.11.4 *Envioo*-u logo *dizer*.

2.8.28 Con grande prazer lhi *enviou dizer* a morte de seu enmiigo.

Leixar:

3.2.10 — *Leixa*-me *levar* meu filho.

3.18.15 *Leixou*-a *acabar* sa obra.

3.18.43 Non *leixemos passar* nen hũa hora.

b. Verbos «sensitivos»; *ouvir* (29), *veer* (45).

Exemplos:

Ouvir:

4.13.12 Como quer que os *ouça louvar*.

1.2.35 *Ouvi dizer* a d. Lourenço.

3.12.14 *Ouvi*-a *contar* a don Venancio.

Veer:

1.17.3 Quando lhas *viia fazer*.

2.23.15 *Viia*-as *sair*.

3.37.10 Non *viian* nen hũũ azeite *correr*.

c. Verbos «modais»: *querer* (240), *desejar* (5) ~ *desejar a* (11), *ousar* (6) ~ *ousar a* (9), *cuidar a* (5), *atrever a* (2), *entender a* (2), *saber* (11), *vīīr (27)* ~ *vīīr a* (17).

Exemplos:

Querer:

3.34.3 *Queren fazer* peendença.

3.37.87 *Querendo* este sancto *morrer*

1.17.11 *Queria saber* que obras fazia.

Desejar ~ desejar a:

3.15.60 *Desejan vencer*.

4.40.18 *Desejan viver*.

2.24.3 *Desejando veer* seu padre.

3.15.59 *Desejan a seer* perfeitos.

2.1.19 *Desejando a fazer* prazer.

3.33.44 *Desejaria a aprender*.

Ousar ~ ousar a:

2.14.12 Non se *ousaron chegar*

2.15.5 Non se *ousava levantar*.

2.3.9 Non *ousavan fazer.*

1.8.4 *Ousa a preegar* a todolos poboos

1.7.3 *Ousas a preegar* e propoer a paravoa.

4.22.6 *Ousou a matar.*

Cuidar a:

1.2.22 *Cuidar a ensinar* a verdade.

2.31.10 *Cuidoo-u a espantar.*

4.43.20 *Cuidava* ja *a morrer.*

Atrever a:

2.22.10 Non se *atreveron a obrar.*

1.5.52 ... que se non *atrevessen a morar* con molheres.

Entender a:

1.25.20 Obra que lhi el *entendesse a fazer.*

1.5.25 *Entendo a dizer* outras cousas.

Saber:

3.37.92 Nen *sabe falar* ante os homens.

4.24.54 *Sabia* aqueles dous lenguagẽẽs *falar.*

Vĩĩr — *vĩĩr* a (6):

4.9.23 ... que os *veen acompanhar.*

---

(6) *Vĩĩr* a, em certas passagens, equivale a «acabar por»:
4.24.45 *Veo* depois *a morrer*
4.46.5 e 9. Aquel monge *veo a morrer.*

1.28.36 Hũũ deles que era maioral *veo veer* o bispo.

2.37.16 Quando primeiramente leixou o mundo e *vẽo morar* ao ermo.

3.22.7 Don Libertino *veera a veer* aquela menĩha.

4.4.16 *Venho* ora pera força das razões que mi tu dissesti *a outorgar* e *a dizer*.

2.3.33 Depois que *vẽo a cuidar* en sa fazenda.

Nas duas passagens seguintes *vĩir* e *vĩir a* aparecem no mesmo contexto:

1.28.26 Hũũ deles que era maioral *veo veer* o bispo.

2.35.2 Liberio *veo a veer* San Beento assi como soia a fazer.

3.3.2.1.1 *Verbos com que alternam a oração infinitiva e a completiva iniciada por* que:

Dos verbos seguidos de oração no infinitivo como complemento directo, apresentam documentação em que a oração completiva se inicia por *que*, com verbo no subjuntivo ou indicativo, quando são diferentes os sujeitos das duas orações, os verbos *querer, desejar, mandar, leixar, saber* e *veer*.

O verbo *querer* apresenta a completiva com o verbo no subjuntivo ou no indicativo:

3.31.4 *Queres que volvamos* nosso conto.

2.22.22 *Queria que* me *ensinasses*.

3.31.8 *Quis* a piedade *que* se *mostrasse.*

mas: 3.17.25 *Quis* Deus *que* a *acharon.*

Os verbos *mandar, desejar, leixar* apresentam a completiva sempre no subjuntivo:

1.8.36 *Mandara que* lhi *levassen.*

2.30.13 *Mandan que* se *façan.*

4.3.3 *Mandasse* Deus *que ouvessen* razon.

3.8.4 *Desejo* muito *que se guarden.*

4.23.9 *Desejava que* a alma se *saisse.*

3.37.55 *Leixar que* mi *dedes.*

Os verbos *saber* e *veer* apresentam a completiva no indicativo:

4.4.53 *Sabemos que* a alma *anda* en ele.

4.30.11 *Saben que pensa* maldade.

4.24.48 Pera *saberes que* ti *digo* verdade.

1.14.8 *Veemos que* os sanctos *fazen* miragres

2.3.10 *Veendo* que non *podian...*

2.17.5 *Veendo* que non *quedava...*

3.3.2.2 Verbos que apresentam oração infinitiva como sujeito.

a. Verbos «modais»: *aver de* (179) (7), *dever* (61) ~ *dever a* (47), *poder* (480).

---

(7) Não ocorre nenhuma vez *ter de.* Sobre seu aparecimento tardio cf. Said Ali (1975: 123).

Biblioteca - UFSC -

Aver de:

1.8.18 *Ei de fazer* a obra.

1.5.8 *Avia de perecer.*

2.12.2 *Avian de tomar* logo.

Dever ~ dever a:

1.31.39 Non *deve demandar* os miragres.

3.18.35 *Deve dar* seu divedo aa molher.

4.8.15 *Devemos* creer que a alma ...

1.18.17 *Deve a temer* a ira dos bõõs

2.3.35 *Deve* homen *a leixar.*

3.5.4 *Devemos* nós *a pousar.*

Poder:

1.5.53 Non *pode aver* nenhũũ remedio.

1.5.78 Non *podera empeecer* a nengũũ

2.38.17 ... eu que se *podesse veer.*

b. Verbos «acurativos»: *começar a* (65) ~ *começar* (2) ~ *começar de* (3), *tornar a* (4), *soer* (29) ~ *soer a* (57), *usar a* (1), *quedar-se de* (8), *leixar de* (9).

Começar a ~ começar ~ começar de:

3.22.6 *Começaron tomar* havito.

2.2.11 *Começaron* muitos *leixar* o mundo.

1.2.10 *Começaron a louvar* a esteença.

2.2.25 *Começasti a falar* e *a dar* testemoĩho.

3.12.9 *Começou*-lhi *a lamber* os pees.

4.24.26 *Começaron de morrer.*

3.33.37 *Comecei de* me *maravilhar.*

2.29.4 *Começan de* se *alçar.*

Tornar a:

3.1.2 *Tornemos a contar.*

2.3.64 *Tornes a contar.*

3.31.25 *Tornaremos a contar.*

Soer ~ soer a:

4.32.2 *Sol* muitas vezes *acaecer.*
3.16.17 *Soen viir* aa gloria do paraiso.
2.2.21 *Soen seer* tentados.
1.1.32 *Soe a aver* das boas cousas.
1.5.28 *Soia a sobir* per hũa sebe.
4.34.14 *Sol a apodrecer* e *criar* vermeens.

Usar a:

3.16.55 *Usan a* falar.

Quedar-se de:

2.33.17 Nunca se *quedou de chorar.*

4.43.12 Nunca *quedava de rezar.*

2.38.22 *Quedemos de falar*·

Leixar de:

4.4.56 Pero non *leixa de seer.*

3.1.2 Queria *leixar de contar.*

2.1.46 Non-no *leixou de servir.*

c. Verbo que indica o futuro: *ir* (13) (8)

2.3.57 *Van demandar* outro logar.

2.1.45 *Ia tomar* o pan.

2.32.3 *Foi demandar* muit'agiha.

---

(8) A expressão de uma intenção a realizar-se pelo verbo *ir* seguido de infinitivo é pouco usada no *corpus.* Isso contrasta com o seu uso frequente no português contemporâneo, o que é justificado por Mattoso Câmara (1975: 172-173) a propósito do emprego do presente de *ir* com o infinitivo; «As locuções com o presente de *ir* tiram sua motivação e sua frequência de emprego da significação modal e aspectual que contêm. Assim o que elas substituem é o presente simples para assinalar a mais a atitude psiquica de intenção e expectativa.»

3.3.3 Sumário dos dados:

O quadro seguinte sumariza os verbos classificados nos itens 3.3.2.1 e 3.3.2.2:

Verbos c/ or. infinitiva c. directo			Verbos c/ or. infinitiva sujeito		
«causativos»	«sensitivos»	«modais»	«modais»	«acurativos»	«indicação de futuro»
fazer (79)	ouvir (29)	querer (240)	aver de (79)	começar a (61) ~	ir (13)
mandar (70)	veer (45)	desejar ~ (5)	dever (61)	começar de (3) ~	
enviar (3)		desejar a (11)	~ dever a (47)	começar (2)	
leixar (16)		ousar (6) ~	poder (480)	tornar a (4)	
		ousar a (9)		soer (29) ~	
		cuidar a (5)		soer a (57)	
		atrever a (2)			
		entender a (2)		usar a (1)	
		saber (11)		quedar-se de (8)	
		vĩir (27) ~		leixar de (9)	
		vĩir a (17)			

Biblioteca - UFSC -

3.4 *Observação final.*

Dos factos expostos em 3.1, 3.2 e 3.3 se pode concluir que os verbos *seer* seguido de particípio passado de alguns verbos intransitivos e o verbo *ir* seguido de gerúndio, também os verbos *estar* e *andar* seguidos de gerúndio. em alguns contextos, poderiam ser classificados de verbos auxiliares, se se admitir essa categoria. Os verbos *teer* e *aver* seguidos de particípio passado, os verbos *jazer* e *seer* seguidos de gerúndio, os verbos *estar* e *andar* seguidos de gerúndio, em outros contextos, e todos os verbos considerados seguidos de infinitivo não deveriam ser tidos como verbos auxiliares, mas verbos plenos constituindo oração independente das orações de particípio passado, de gerúndio e de infinitivo que lhes seguem na cadeia do enunciado.

Diante dessa análise, alguns dos factos discutidos neste item 3. da análise do sintagma verbal estariam mais adequadamente situados na terceira parte deste trabalho em que se estuda a estrutura do enunciado e aqui caberiam aquelas situações que poderiam ser definidas como de verbo auxiliar seguido de uma das formas nominais do verbo. Preferimos reunir todos esses factos neste item 3. e deixar explícito que uma análise mais adequada deles envolve uma problemática teórica que extrapola os limites desta descrição.

4. Qualificadores de verbo.

Trataremos aqui dos elementos que qualificam o processo verbal. Para B. Pottier (1968b: 217-231) são estes adjectivos de verbo, enquanto a terminologia gramatical tradicional prefere denominá-los advérbios de modo. Esses adjectivos de verbos mais frequentemente se apresentam como derivados de adjectivos de nome na sua forma feminina, quando o adjectivo não é uniforme, através do morfema *-mente*, ou se apresentam em sua forma «curta», por vezes idêntica à forma masculina singular do adjectivo do nome (1).

4.1 *A forma «curta» e a derivada.*

Nas seguintes passagens estão documentados o uso alternativo das formas, longas e curtas, dos qualificadores de verbo:

UFSC -

---

(1) A propósito da classificação tradicional cf. a crítica e a proposta de Pottier (1968h: 217-231) no artigo intitulado «Problemas relativos a los advérbios en-*mente*» e também o ensaio clássico de Harri Meier (1948a; 55-113), intitulado «Adjectivo e advérbio». Da categoria da gramática tradicional «advérbio», tratamos em momentos diversos desta descrição: neste item, em alguns sub-itens do estudo dos quantificadores (cf. Parte I, 3.) e em alguns sub-itens do estudo dos substitutos (cf. Parte I, 4.).

(1) 4.36.17 Porque (o dragon) me *atormenta* mui *forte*.

(1a) 1.24.14 E o (espiritu mao) *atormentô-a* mui *fortemente*.

(2) 2.8.15 *Leva seguro* aqueste pan.

(2a) 3.12.20 *Levade*-me vós *seguramente*.

(3) 3.17.27 Pera poder el hi *morar* mais *seguro*.

(3a) 3.5.4 Possan hi depois *seguramente morar*.

No *corpus* ocorre em distribuição complementar a forma *alto* e flexões para o qualificador de nome e a forma *alti* para a qualificador curto de verbo: a par de

O monte era muito alto 2.5.4

A lagoa era muit'alta 2.6.6

ocorre

(4) 2.35.17 *Vee* Deus tan *alti*

3.37.64 *Alçou* o braço muit'*alti*

4.13.28 Mais *alti sobian*.

E uma vez:

(4a) Cavaron muit'*altamente*

(5) 1.5.19 *Feri*-me tan *mal*.

2.3.26 *Despendeu mal* aquelo.

4.36.35 *Mal* figi

(5a) 1.5.14 E que lhi fezera gram torto e que lhi *errara* mui *malamente*.

1.8.20 *Assanhou*-se mui *malamente*

(Enquanto *mal* ocorre 22 vezes, *malamente* só ocorre 2 vezes).

Ocorrem, como era de esperar, qualificadores «curtos» sem o correspondente derivado em *-mente*.

(6) 2.1.9 ... que possa falar *ben* e *aposto*.

(7) 2.1.9 He falar *mal* e *desaposto*.

Note-se que *aposto* e *desaposto* nos exemplos (6) e (7) correspondem à forma masculina singular do qualificador do nome.

Outros qualificadores de verbo, que sempre se apresentam na sua forma curta, são: *adur, aginha, ensembra* e *envidos* (1 ocorrência).

(8) 1.8.15 *Adur podia mover* seus pees.
1.8.27 *Adur* lhi *pode dizer* aquel.
(9) 3.21.6 Obedecera-lhi *aginha*.
1.2.38 *Veeron* muit'*aginha*
(10) 2.1.60 Comiamos *ensembra* os dois.
2.1.61 Comeron *ensembra*.
2.3.55 Son muitos ajuntados *ensembra*.
2.8.31 Ouve *ensembra* todalas graças.
(11) 3.31.8 O spiritu lixoso que ali morava partia-se a *envidos* daquel logo que ante fora dele (2).

Os correspondentes semânticos em *-mente* de *adur* (17), *aginha* (14), *ensembra* (17), respectivamente, *dificilmente, rapidamente* e *juntamente* não ocorrem no *corpus*.

---

(2) Sobre *envidos* ou *anvidos* no português arcaico cf. Huber (1933: 65) e Nunes (1960: 130 e 345); sobre outras variantes dessa forma cf. Michaëlis (1922: s. v. *anvidos)*.

Biblioteca
- UFSC -

4.2 *Frequência das formas derivadas em* -mente:

Muito mais frequentes que os qualificadores «curtos» do tipo *aposto, desaposto, forte* e dos qualificadores tradicionalmente denominados advérbios de modo *(ben, mal, adur, agĩha, ensembra)* são os derivados com o morfema *-mente*. Ao todo, no *corpus*, o número de ocorrências de qualificadores em *-mente* é 218; sendo 52 o número de itens vocabulares em *-mente*. A propósito da frequência desses qualificadores no português arcaico, Rodrigues Lapa (1959: 201) diz que «eram ao princípio pouco frequentes na língua». Com o conhecimento assistemático que se tem do português arcaico não se pode afirmar se a frequência dessas formas é alta ou baixa no *corpus*. Os dados que aqui apresentamos podem funcionar como informação para um futuro confronto com os dados completos de outros documentos, se essa possibilidade vier um dia a ocorrer.

Dos qualificadores em *-mente* os mais frequentes no *corpus* são:

compridamente (26)
abertamente (17)
rijamente (16)
continuadamente (14)
fortemente (11)
ascondudamente (10)

Entre 5 e 10 ocorrências estão:

aficadamente
atrevudamente
verdadeiramente

Entre 2 e 5 ocorrências há 23 itens e uma única vez ocorrem 20 qualificadores em *-mente*. Assim 43 % das ocorrências desses qualificadores está coberta pelos seis mais frequentes, sendo que 57 % das ocorrências se distribuem pelos outros 46 qualificadores.

É necessário notar que no *corpus* ocorrem outras formas em *-mente* mas que não são classificáveis como qualificadores do verbo:

a. *solamente*, que varia com *soo*, com o valor de «apenas», «somente» que não estão documentados. Funciona associado a um substantivo ou seu substituto reforçando seu carácter exclusivo:

3.18.41 O pecador que non recebe senon vida da alma *solamente*.

3.38.9 ... non recebessen senon en sas voontades *solamente*.

4.23.18 Avia gloria na alma *solamente*.

b. *primeiramente* e *entramente* (= entrementes), que tem carácter temporal (cf. na Parte I, 4.3.2.3).

c. *certamente* e *verdadeiramente* em alguns contextos e *maiormente* variando com *moormente* parecem modalizadores (J. DUBOIS, 109: 205) que marcam uma relação particular entre o enunciado e o seu sujeito e têm uma distribuição marcadamente independente:

1.16.16 E, *certamente*, assi acaeceu.

2.38.9 *Certamente*, assi o fazen.

3.16.54 Ca, *certamente*, mui cara cousa per he.

4.1.19 Aquele que non cree ... *certamente* non he fiel.

Certamente variando com *certãamente* estão documentados uma vez cada como qualificador do verbo:

3.37.86 Sabemos nós *certamente* que.

4.18.3 O merecimento da alma despola morte se demostra mais *certãamente*.

- UFSC -

O mesmo ocorre com *verdadeiramente:* nos três primeiros exemplos parece um modalizador, já no último é um qualificador do processo verbal:

2.1.59 *Verdadeiramente,* hoje he dia de Pasqua.

2.15.14 *Verdadeiramente,* a verdade daquesta profecia mais claramente veemos.

4.1.10 *Verdadeiramente,* pode duvidar.

Mas:

4.9.22 Deu testemunho como o viia *verdadeiramente* e assi se ficou con eles e os seguio *verdadeiramente.*

d. Nas suas 6 ocorrências *maiormente* e *moormente* são modalizadores:

3.15.4 Conhoceron muitos destes e, *maiormente,* a santa virgen Gregoria.

3.37.137 Obra de mui gram trabalho he, ... e, *maiormente,* quando o coraçon he embaegado.

4.4.56 Entre o senhor e aqueles que o serven, *maiormente,* aqueles que mais chegados son a ele.

1.1.33 Pera ouvir contar os bẽẽs que os outros fezeron, *moormente,* quando sabe ...

1.5.69 Quen seeria ousado de ir ao moesteiro ... e, *moormente,* como iria alá hũũ homen que ...

2.3.55 E, *mormente,* se homen pode logo aver aprestidados logares.

Não computamos, é óbvio, como qualificador de verbo essas formas em *-mente* que classificamos como *modalizador.*

4.3 *Distribuição dos qualificadores em* -mente *no sintagma verbal.*

A forma em *-mente* pode estar antes ou depois do verbo que qualifica. Há, no entanto, uma nítida preferência pela posposição do advérbio longo ao verbo; consideremos os 6 mais frequentes:

distribuição qualificador	Tipo I (V + Q)	Tipo II (Q + V)
compridamente	22	4
abertamente	15	2
rijamente	16	—
continuadamente	14	—
fortemente	10	1
ascondudamente	10	—

1.1.4 En como o *servisse compridamente*...

1.2.21 Tan *compridamente ensina* o Espiritu Santo.

1.11.10 Veo *abraçar* aquel lavrador mui *fortemente.*

3.37.65 Tan *fortemente tevera* no aar legado o braço.

A distribuição menos marcada parece ser a do Tipo I. Já o que interpretamos como modalizador apresenta uma nítida preferência pela sua anteposição ao verbo da frase, sendo possível destacá-lo por vírgulas (cf. exemplos em 4.2).

Muitas vezes o qualificador «longo» se encontra entre um verbo «modal» e o infinitivo que o segue.

2.16.29 ... que se non *poden compridamente entender.*

4.24.62 Non *podemos compridamente saber* todalas cousas.

da mesma forma que pode suceder aos dois verbos:

4.4.61 *Podemos dizer ousadamente* que ...

2.38.24 Se me non *leixardes de veer* corporalmente.

Esse qualificador pode afastar-se do verbo que qualifica, situando-se mais próximo dos seus complementos:

3.27.19 Trabalhou-se de *conhocer* todalas ofertas *estremadamente* hũas das outras.

1.11.1 Veo *abraçar* aquel lavrador mui *fortemente*.

Os qualificadores não se sucedem em série no sintagma verbal, nem na sua forma longa, nem na curta seguida da longa ou vice-versa, como já se encontra no *Leal Conselheiro* (HARRI MEIER 1948: 113): «en todas averssidades e nojos te ajas *pacientemente* e *humildosa*, e ssejas en ellas ledo ou contente».

Encontram-se, no entanto, sucessivos o qualificador longo seguido ou precedido de outro qualificador de verbo, por exemplo, um qualificador «curto» do tipo tradicionalmente denominado «advérbio de modo» ou um sintagma qualificador:

3.14.116 Pera soterra-lo *ben* e *honradamente* na eigreja.

1.8.14 Trage-lo *mal* e *desonradamente*.

2.35.23 Creaturas que *ligeiramente* e *sen nen hũũ afan* via todas aquelas cousas.

3.35.12 Fez sa oraçon mais *livremente* e *de maior vagar* pelo enfermo.

4.4 *Os quantificadores dos qualificadores em* -mente:

Os quantificadores que ocorrem com os qualificadores de nomes substantivos são documentados com os qualificadores de verbo (cf. na Parte I, 3.2.1): *muito, muit', mui, mais, tan, quam*. Exemplos podem ser vistos em frases já apresentadas e nas seguintes:

1.27.7 O rogo que ch' o cavaleiro *tan aficadamente* fazia.

1.2.11 *Tan compridamente* ensina o Espiritu Santo.

1.5.78 Tevera a cela *toda entregamente* pendorada no aar.

3.16.31 Logo entenderon *quam gravemente* peca.

2.38.29 Pera contar depois *mais atrevudamente* os bẽẽs.

2.10.2 Cavaron *muito altamente*.

2.24.12 Dizes *muit'abertamente*.

4.15.11 Começou a dizer *mui abertamente*.

1.18.4 Rogou o bispo *muito aficadamente*.

É grande a frequência do quantificador diante de certos qualificadores em *-mente*, por exemplo: em 15 das 16 ocorrências de *rijamente*, aparece este precedido de *tan* ou *mui; aficadamente* nas suas 7 ocorrências está sempre quantificado. Já as formas em *-mente* que funcionam como modalizadores, também *entramente* e *primeiramente*, nunca estão quantificados.

Como acontece com os qualificadores de nomes substantivos, podem ocorrer os qualificadores longos de verbo numa relação comparativa (a) ou superlativa (b):

a. 2.11.11 Deitou-se en sa oraçon *mais fortemente que* soia.

2.15.14 Verdade daquesta profecia *mais claramente* a veemos *ca* a luz.

b. 3.1.2 Contaremos o *mais brevemente que* se poder.

O superlativo absoluto do qualificador de verbo está sempre representado numa sequência do tipo «muito + qualificador». O comparativo de inferioridade («menos + *-mente* + que») não está documentado.

4.5 *Formas em* -mente *como qualificador de qualificador de nome substantivo*

É de notar, primeiramente, que todos os qualificadores de substantivo em causa são de natureza verbal, se apresentam na forma participial e em estruturas atributivas:

2.37.10 Andava muito *honradamente vestido.*

1.7.20 Tan *vilmente* andava *vestido.*

Não encontramos exemplo paralelo para o qualificador do substantivo na sua posição de epíteto, em sequência do tipo

«o homen honradamente vestido» ou «o homen vilmente vestido» como se atesta com os qualificadores de verbo do tipo *ben, mal:*

4.13.11 Homens mui *ben feitos* e acabados.

1.8.25 Solas de coiro con seus cravos *ben ferradas.*

3.2.48 Casa mui *ben fundada.*

Em alguns casos como esses ocorrem sequências que se podem considerar lexias; é o caso de *ben aventurado,-a,-s* ou *mal aventurado,-a,-s* e *mal treito.*

PARTE III

ASPECTOS DO ENUNCIADO

- UFSC -

UFSC

O conjunto de enunciados que constitui o *corpus* d' *A mais antiga versão portuguesa dos Diálogos de São Gregório* é a matéria da terceira parte deste trabalho. Definimos o enunciado como a estrutura basicamente constituída do sintagma verbal, em geral explícito, associado ao sintagma nominal sujeito explícito ou não, ou representado por um substituto pronominal (cf. Parte I, 4.1). A esse núcleo do enunciado, que denominaremos de frase, podem associar-se sintagmas nomimais circunstanciais facultativos ou seus substitutos adverbiais (cf. Parte I, 4.2, 4.3 e 4.4), a depender das circunstâncias expressas. Ao enunciado constituído de um único sintagma verbal, do sintagma nominal sujeito e de outros sintagmas nominais eventuais, complementos do verbo núcleo do sintagma verbal ou circunstanciais, denominamos enunciados simples. Consideramos enunciados complexos aqueles que apresentam mais de um núcleo; são constituídos, portanto, de mais de um enunciado simples, que se associam por processos sintácticos de vários tipos.

Na descrição já realizada, apresentamos a caracterização dos elementos básicos constituintes do enunciado: o sintagma nominal (Parte I) e o sintagma verbal (Parte II). Nesta terceira parte começamos de observações sobre a articulação do sintagma verbal com o sintagma nominal sujeito pela concordância (1.1), para depois descrevermos os tipos de sintagmas nominais que funcionam como sujeito (1.2) e estruturas de vários tipos a depender da natureza do sintagma verbal e de sua relação com o sintagma nominal sujeito (1.3); em seguida tratamos dos elementos circunstanciais facultativos que podem enriquecer em informação o enunciado simples (1.4). Trataremos depois da estruturação do enunciado complexo que pode ser compreendido como uma composição constituída de enunciados simples conectados por elementos relacionantes de vários tipos que introduzem mecanismos de coordenação de enunciados simples e de subordinação de enunciados àquele que é matriz ou ponto de partida do enunciado complexo (2.1). Partiremos, portanto, das estruturas do enunciado menos complexas para as mais complexas. Concluiremos com um estudo da ordem dos constituintes no enunciado (2.2).

De acordo com a conceituação de enunciado aqui apresentada, essa designação, com os adjectivos «simples» ou «complexo», coincide com as definições tradicionais de período simples ou composto. Como abordaremos os enunciados simples e complexos e os tipos de estruturação desses documentados no *corpus*, preferimos adoptar o termo enunciado por mais adequado à terminologia adoptada ao longo do trabalho, como baptismo desta terceira parte.

Queremos deixar claro que analisaremos os enunciados produzidos, isto é, documentados, uma vez que estamos fazendo uma descrição dos dados fornecidos pelo texto-*corpus;* não pretendemos, portanto, predizer enunciados possíveis já que não estamos fazendo uma gramática segundo o modelo gerativo. Eventualmente, quando parecer esclarecedor à nossa descrição, adoptaremos termos e explicações que foram introduzidos ou divulgados, sistematicamente, na análise linguística, a partir das propostas da gramática gerativo-transformacional.

Uma vez que se trata da análise de um *corpus* medieval, originariamente manuscrito, a nossa análise partirá dos enunciados já de certa forma interpretados na *Leitura Crítica* (MATTOS E SILVA 1971ª: vol. II). Essa observação decorre do facto de no manuscrito base da edição crítica só estarem indicados por sinais de pontuação os parágrafos (por sinais denominados *caldeirões);* interrogações e eventualmente pontos que não indicam parágrafos, e nunca vírgulas, ponto-e-vírgulas, dois pontos, reticências e exclamações, que, em qualquer *corpus* escrito, são indicadores para a análise de enunciados. Diante desse facto, ressaltamos que, de certa forma, a análise do enunciado complexo reflectirá antes a realidade interpretada pelo editor e não a realidade expressa pelo autor (tradutor) do texto original. É de notar que a interpretação de pontuação feita pelo editor crítico procurou, a partir do conteúdo veiculado no texto, espelhar a intenção do escriba medieval responsável pelo manuscrito que serviu de base à edição crítica (no caso o ms. *A* ou ms. SSN, cf. Introdução 3.1.2).

1. O enunciado simples.

Na análise do enunciado simples abordaremos a articulação entre o sintagma nominal sujeito e o sintagma verbal pela concordância de número (1.1.); apresentaremos algumas observações sobre o sintagma nominal sujeito, explícito, elíptico ou representado por um elemento substituto (1.2). No item 1.3 nos deteremos nos tipos de sintagma verbal, a depender da relação entre sujeito e predicado, que constituem as frases, núcleo do enunciado. No item 1.4 trataremos dos sintagmas nominais circunstanciais e dos relacionantes (preposições) que os introduzem.

1.1 *A articulação do sintagma nominal sujeito e do sintagma verbal: concordância.*

1.1.1 **Observação inicial.**

Embora não tenhamos dedicado nenhum item de nossa descrição à concordância intra-sintagmática no sintagma nominal, em vários momentos da análise do sintagma nominal ficou clara a aplicação do mecanismo sintáctico da concordância em género e número entre o nome que é o núcleo do sintagma nominal e seus determinantes (Parte I, 2.), quantificadores (Parte I, 3.) e qualificadores (Parte I, 5.). É uma regra categórica no *corpus* as repetições das marcas de género e de número nos determinantes, quantificadores e qualificadores do nome seleccionado como núcleo do sintagma nominal. São numerosos os exemplos desse facto sintáctico nos itens 2., 3. e 5. do estudo do sintagma nominal. No item 5.1.4 do estudo dos qualificadores do nome chamamos a atenção para o facto de que, em casos de ambiguidade possível na interpretação da relação entre qualificador e nome qualificado, é a concordância um indício para a interpretaçao adequada. Repetimos aqui dois exemplos já arrolados que demonstram esse facto:

1.16.6 Ouviron hũa *voz* daquel penedo muito *alta* que disse claramente. (A marca do feminino em *alta* relaciona o qualificador a *voz* e não a *penedo*, nome ao qual caberia o qualificador *alto)*.

3.30.10 O *bispo* da seita d'Arrio veo con gram poderio de *gente guisado* e *aparelhada*. (A marca de masculino associa *guisado* a *bispo* e a marca do feminino associa *aparelhada* a *gente)*.

Também é categórica e não variável no *corpus* a concordância em género e número do qualificador atributo que se associa ao sintagma nominal sujeito através de um elemento verbal. Numerosos exemplos desse facto estão no item 5. 2 da Parte I.

Outro ponto em que a concordância é categórica no *corpus* é a que se exerce entre a forma do particípio passado precedido de *aver/teer* e o sintagma nominal a ele associado. Vimos no item 3.1.1.2 da Parte II que, nas 39 ocorrências dessa estrutura, em todas elas, o particípio passado, que em uma análise de superfície funciona como adjectivo, leva as marcas de género e de número do nome a ele associado; interpretando-se esse particípio como um verbo em forma nominal, portanto em oração reduzida, distinta da oração de *aver/teer,* o sintagma nominal a ele associado é um complemento directo. De acordo com essa interpretação ocorre uma concordância verbo-nominal, em que o elemento nominal que concorda com o verbo não é o sujeito, mas o complemento do verbo (1).

1.1.2 A concordância entre o sintagma nominal sujeito e o sintagma verbal.

O comportamento sintáctico mais generalizado no *corpus* é o de que estando no singular o sintagma nominal sujeito estará no singular o verbo, núcleo do sintagma verbal; se for plural o sujeito, estará no plural o verbo. Há casos, contudo, em que tal simetria não se verifica. Não é essa, portanto, uma regra categórica.

1.1.2.1 Concordância verbo-nominal quando o núcleo do SN sujeito é um nome [+ singular, – singularidade]

Ocorrem no *corpus* alguns nomes portadores dos traços [+ singular,-singularidade], tradicionalmente denominados colectivos. Com tais nomes em posição de sujeito a concordância verbo-nominal não se apresenta como uma regra categórica. Por vezes o verbo, núcleo do SV, está no singular, concordando com o significante singular, em outros casos o verbo está no plural, concordando com o significado plural do nome.

Os nomes desse tipo que ocorrem no *corpus* em posição de sujeito são: *poboo, gente, companha* (2).

---

(1) A propósito do desaparecimento desse tipo de concordância que permitiu a análise dessas estruturas como tempo composto cf. Naro e Lemle (1977: 264-266). Apresentamos uma análise da estrutura profunda dessas sequências, para concluir que nelas *aver/teer* não são verbos auxiliares, em uma comunicação ao Congresso de Filologia e Linguísticas Românicas de 1977, (cf. MATTOS e SILVA 1981b).

(2) Outros nomes desse tipo que ocorrem no *corpus,* mas não em posição de sujeito são: *mesnada* e *gaado:*

Huber (1933: § 447) afirma que com nomes desse tipo o verbo fica no plural e considera «interessante» um caso em que com o sujeito *gente* o verbo está no singular em uma oração e no plural em outra.

Examinamos a seguir todos os casos com sujeitos dessa natureza que estão documentados no *corpus*. Partimos da observação dessa concordância em situações sintácticas mais simples para depois considerarmos estruturas mais complexas, embora tenhamos de extrapolar os limites do enunciado simples. É, sem dúvida, no entanto mais económico tratar do problema como um todo, nos enunciados simples e em casos de orações encaixadas, em enunciados complexos.

a. SN suj.+SV:

São os seguintes os dados do *corpus:*

(1) 3.4.7 E pois lo todo *o poboo viu* andar...

(2) 3.12.7 E todo *o poboo* se *ajuntou* pera veer.

(3) 3.31.6 E *o poboo era* grande.

(4) 4.13.20 *Gram companha entrava* con eles na casa.

(5) 4.36.37 E *toda a companha sua recudio* ali con gram choro.

b. SV + SNsuj:

(6) 3.9.15 Nen er *ficou gente nen hũa*.

(7) 4.13.9 *Entrava gram companha* de gente.

1.2.36 Chegando aaquel logar o conde dos godos, que avia nome Darido, con sa *mesnada* grande os seus homens derribaron o abade don Libertino.

2.1.63 Naquel tempo medês os pastores do *gaado* acharon-no jazer muitas vezes ascondudo en sa cova.

São essas as ocorrências de N [+ singular,-singularidade] contíguos ao verbo. Em todas elas o verbo se apresenta na forma de P3; no singular, portanto.

É de notar que os casos exemplificados apresentam formas verbais em que a distinção entre P3 e P6 não se faz apenas pelo traço de nasalidade característico de P6 (observem-se os exemplos (3), (4) e (7) em oposição aos exemplos (1), (2), (5) e (6)). Destacamos isso pelo facto de que, tratando-se de um texto originalmente manuscrito, a marca de nasalidade representada muitas vezes pelo til pode não estar grafada. O facto em discussão, no entanto, também ocorre com formas verbais em que P3 e P6 se opõem por outras marcas (como nos exs. (1), (2), (5) e (6)); com isso não ficará a dúvida que poderia levantar-se quanto aos exemplos (3), (4) e (7).

c. Nsuj + Qualif. + SV:

Em estruturas em que entre o Nsuj. e o SV estão qualificadores, quer representados por nomes adjectivos quer por sintagmas nominais adjectivos, a concordância é variável:

(8) 2.8.44 Ídolo a que o *poboo sandeu* de toda aquela terra *fazian* honra come a Deus.

(9) 1.5.80 Ca o amor que o *poboo* dos cristãos *avia* a Jesu Cristo.

(10) 3.8.21 Toda aquela *companha* dos spiritos maaos *desapareceu*.

A partir desses exemplos se poderia concluir que uma maior distância do verbo em relação ao sujeito poderia levar a uma concordância com o significado e não com a forma do significante, é o caso de (8) em relação a (9) e (10). É claro que são poucos os exemplos para uma conclusão a esse respeito.

d. N] + [QUE + SV]

$$\begin{bmatrix} +\text{sg} \\ -\text{sgde} \end{bmatrix} \qquad \begin{bmatrix} +\text{suj} \\ +\text{sg} \\ -\text{sgde} \end{bmatrix}$$

Em estruturas em que os nomes em causa são referentes de um relativo sujeito da oração seguinte, o verbo da relativa pode estar em P3 ou em P6, embora na maioria dos exemplos os verbos estejam em P3:

(11) 3.12.13 E daquesto medês dá testemõio todo o *poboo que* enton *era* naquela cidade.

(12) 3.16.5 Eu moro en meio do *poboo que ha* beiços lixosos.

(13) 3.31.4 Dá testemõio o *poboo que sentio.*

(14) 2.9.4 *Tanta gente quanta* se ali *juntara.*

(15) 3.5.2 Hũũ gram paaço en que podesse caber con muita *gente* do seu condado que *ia* con ele.

mas:

(16) 8.19.2 Hũa mui gram rua en que morava muita *gente que* primeiramente *oráran* os ídolos.

Há no *corpus* um exemplo de concordância do tipo documentado em (16) em que a oração subordinada é iniciada por *quando* (que na tradição gramatical não é considerada relativa), mas o sujeito elíptico, é o mesmo da oração principal:

(17) 3.17.6 Como no tempo antigo deu ao *poboo* d'Israel quando *andavan* pelo deserto.

e. N + SN] + [QUE + SV] + SV

$$\begin{bmatrix}+\text{sg}\\-\text{sgde}\end{bmatrix}\quad\begin{bmatrix}+\text{qualif}\\-\text{sg}\end{bmatrix}\quad\begin{bmatrix}+\text{suj}\\+\text{sg}\\-\text{sgde}\end{bmatrix}$$

Em estruturas relativas em que o QUE sujeito tem como referente um dos nomes em causa seguido de um sintagma qualificador no plural o verbo da relativa ou está em P3 ou em P6. Neste caso, ao contrário do *d*, P6 é mais frequente:

(18) 1.24.26 E tanto rogou de moor coraçon e de moor vontade quanto a *companha dos enmiigos que* en hũũ corpo *jazian* foi maior.

(19) 3.37.65 Enton a *companha grande dos lombardos que veeron* veer a morte do santo homen maravilharon-se muito do que viron.

mas:

(20) 3.37.123 E a *gente dos lombardos que era* mui cruevil usou de toda sa crueza e de toda sa maldade contra os cristãos.

f. N + SN] [relativa] [+ SV...]

$$\begin{bmatrix}+\text{sg}\\-\text{sgde}\end{bmatrix}\quad\begin{bmatrix}+\text{qualif}\\+\text{sg}\end{bmatrix}$$

Considerando-se os exemplos (18), (19) e (20), excluindo da análise a relativa encaixada, considerada em e., vê-se que também é variável a concordância entre N + SN e SV da oração matriz:

(18) ... a *companha dos enmiigos* ... *foi* maior

- UFSC -

(19) ... a *companha grande dos lombardos* ... *maravilharon-se* muito do que *viron*.

(20) ... a *gente dos lombardos* ... *usou* de toda sa crueza e de toda sa maldade contra os cristãos.

g. $$\underset{\begin{bmatrix} +\text{suj} \\ +\text{sg} \\ -\text{sgde} \end{bmatrix}}{\text{N]}} \; + \; \underset{\begin{bmatrix} +\text{suj} \\ +\text{sg} \\ -\text{sgde} \end{bmatrix}}{\text{[QUE...}} \; + \; \text{SV]}^{n} + \text{[SV...]}$$

Em estruturas em que o N do SN suj da principal está separado por mais de uma oração encaixada, a concordância também é variável. Nos dois exemplos seguintes (21) e (22) tanto o verbo da matriz como o da encaixada está em P3, no (23) ambos estão em P6:

(21) 3.12.10 Enton o *poboo que veera* pera veer a morte do santo *deu* grandes braados e maravilhando-se muito *começou* a honrar o santo bispo.

Nos exemplos (22) e (23) a situação é mais complexa. Em (22):

(22) 2.14.7 E mandou que toda a outra *gente que soia* andar con el que *fossen* con el e *levassen* boas vestiduras.

O verbo da encaixada relativa está em P3 e o das encaixadas substantivas, que apresentam o mesmo sujeito da relativa está em P6.

(23) 3.20.9 E a *gente* muita *que estava* na eigreja e *querian* fugir e non *avian* per u e *temian* que durasse ali tanto aquela agua que

morressen de fame e de sede, mais pero *viinhan* ata a porta da eigreja e *bevian* daquela agua.

Esta passagem apresenta um enunciado de maior complexidade sintáctica e vale observar-se a concordância variável em que o verbo da relativa encaixada que é o mais próximo do sujeito *muita gente* está em P3 *(estava)*; todos os outros que têm o mesmo sujeito estão em P6, tanto os coordenados a *estava* — os verbos *querian, avian, temian* — como o verbo da oração matriz — *viinham* — e *bevian* cooordenado a *viinhan*.

Neste exemplo e no (22) as coordenadas apresentam o verbo na mesma pessoa, mas pode ocorrer que orações coordenadas com o mesmo sujeito apresentem verbos em pessoas diferentes:

(24) 4.36.37 E toda a *companha* sua *recudio* ali com gram choro e non *podian* veer aqueles spiritos maaos.

Não se pode deixar de observar que *podian* já está bastante distanciado de seu sujeito *companha*, o que talvez tenha determinado a concordância distinta.

h. Há dois casos no *corpus* em que nomes [+ sg,-sgde] não são o núcleo do SN, mas pertencem ao SN como sintagma preposicionado. Em ambos os casos o núcleo do SN está no singular, mas o verbo está em P6:

(25) 1.2.38 E o *conde con sa companha veeron* muit'agĩha e, querendo passar hũũ rio, que avia nome Vulturno, non se *poderon* mudar as bestas que tragiam, nem per esporas que lhis *dessen*.

- UFSC -

(26) 4.7.3 Viindo hũa *peça de gente* de terra de Cecilia en hũa nave a Roma, andando em meiogoo do mar, *viron* a alma dũũ servo de Deus.

No exemplo (25) o *conde con sa companha* funciona como um sujeito composto e no (26) é possível que a distância entre o sujeito e o verbo leve este para P6, concordando assim com o significado e não com a forma do significante.

Nos raros casos em que esses nomes ocorrem na sua forma plural, o verbo está em P6, de acordo com a regra geral de concordância verbo-nominal:

(27) 3.3.9 Ante todos os *poboos* que hi *estavan*.

(28) 3.16.65 E as *gentes braadavan* a Deus por chúvia.

(29) 4.13.26 *Veeron duas companhas* d'homẽẽs.

(30) 4.13.27 E pois aquelas *companhas* que *foron* do ceo enviadas.

Huber (1933: § 448) apresenta um exemplo do português arcaico em que *grandes gentes*, sujeito, ocorre com o verbo no singular: «E hi morreo grandes gentes»; chama esse autor atenção para o facto de que isso pode dever-se à posposição do sujeito ao verbo. Note-se que no exemplo (29) o sujeito posposto está no plural, o que discorda da interpretação de Huber que pode ser reformulada: P3 ou P6 podem ocorrer quando o verbo está posposto.

Dos dados aqui apresentados, considerados os diversos contextos sintácticos documentados no *corpus*, se pode depreender que os factos de concordância verbo-

-nominal quando o nome é [+ singular,-singularidade] não são tão simples como enunciou Huber (1933: § 447).

Do que foi analisado se pode sumarizar:

— A contiguidade e maior proximidade do nome sujeito [+ sg.-sgde] favorece a selecção da forma verbal de P3 (cf. *a., b., c., d.).*

— Quando o nome sujeito apresenta um sintagma nominal qualificador no plural o verbo da relativa seguinte com o *que* referente a N + SN qualificador da oração matriz alterna entre P3 e P6, embora as estruturas desse tipo no *corpus* sejam raras (cf. *e* e *f).*

— Na relativa subsequente ao N [+ sg,-sgde] há uma preferência no *corpus* pelo verbo em P3 (cf. g. (21)); em enunciados de maior complexidade sintáctica a encaixada mais próxima do SN de núcleo N [+ sg,-sgde] se apresenta com o verbo em P3, e para as mais distanciadas parece haver uma preferência pelo verbo em P6 (cf. g (22) e (23)).

— As coordenadas com o mesmo sujeito do tipo SN de núcleo N [+ sg,-sgde] em geral apresentam o verbo na mesma pessoa (cf. (22) e (23)), mas podem ocorrer coordenadas de sujeito idêntico com o verbo em pessoas distintas; nesse caso é possível que uma maior distância na cadeia do enunciado entre o sujeito e o verbo favoreça a selecção do verbo em P6 (cf. (24)).

De todos esses factos ressalta como um factor que parece determinar o verbo em P3 ou em P6 — concordância variável —, quando o núcleo do sujeito é um nome do tipo em causa, a maior ou menor distância do verbo em relação ao sujeito.

1.1.2.2 A concordância verbo-nominal quando o sujeito é constituído de um SN ou de mais de um SN:

Em geral, no *corpus*, quando o sujeito é constituído de um único SN o verbo do SV estará no singular se o SN é singular e no plural se o SN é plural. Quando o sujeito é constituído de mais de um SN, em geral, o verbo do SV estará no plural.

Os dois enunciados seguintes apresentam as situações sintácticas descritas. Em (1) há sempre sujeitos constituídos de um SN singular ou plural e o verbo no singular ou no plural de acordo com o sujeito; em (2) há sujeitos constituídos de mais de um SN e o verbo no plural e sujeitos com um único SN no singular ou no plural e de acordo com eles os verbos.

(1) 1.1.23 Ca algũũs deles de que me eu nembro, depois que os Deus apartou no mundo sempre os teve límpios e sããos e sen velhice da alma e no estado a que os chamou e nunca lhis quir dar nen hũa honra no mundo per que os tirasse do estado fremoso e límpio pera que os chamara, que envelhecessen vivendo con os homens do mundo, nas bulras e nos enganos per que os que no mundo viven soen a passar.

(2) 1.2.6 Acaeceu hũũ dia que seus padre e sa madre fezeron gram jantar a seus vezĩhos fora da vila e fezeron-lhis aparelhar muitas maneiras de carnes e, non querendo el comer as carnes que os outros comian pera atormentar seu corpo por amor de Deus, o padre e a madre escarnecian del e dezian:

Há alguns dados no *corpus* que permitem afirmar que podem ocorrer variações em relação às duas regras acima enunciadas (³).

1.1.2.2.1 *Variação na concordância com o sujeito constituído de um único SN singular ou plural.*

a. SN suj. + SV:

Encontramos um caso em que o sujeito simples está no singular e o verbo no plural de acordo com o qualificador oracional plural do sujeito.

(3) 3.37.98 A *maldade dos que fican no mundo mereceron* que aqueles que poderian profeitar aos outros saian-se do mundo.

Com o sujeito simples, também no singular, encontramos uma passagem em que na oração mais próxima o verbo está no singular e em outra coordenada à anterior, mais distante, o verbo está no plural concordando com o conteúdo genérico do referente do sujeito simples singular:

(4) 1.17.31 Ca a homildade grande do *homen bõõ*, que *queira* que os seus bõõs feitos sejan ascondudos, e esto *deven* a querer, e proveito grande he dos outros que sejan sabudos ainda que eles non queiran.

(É interessante observar que na última oração do enunciado «que eles non queiran» fica esclarecido o

---

(³) No exame do problema discutido não analisamos todo o *corpus*, mas 30 %, aproximadamente: todo o *Livro Primeiro*, que cobre cerca de 20 % do *corpus* e os 10 % restantes distribuímos aleatoriamente pelos outros três livros.

UFSC

entendimento de que o *deven* anterior concorda por sínese (SAID ALI 1964: 280) com *eles* (= os homens bons)).

Com o sujeito simples no plural os primeiros verbos de um enunciado ocorrem no plural e o último no singular.

(5) 3.37.15 *Começaron todos estes* que *trabalhavan* muito aficadamente a demandar que *comessen* e *dezian* ca se non *comessen* ca non *averia* força pera trabalhar. (4).

Poderia argumentar-se neste caso que *todos estes* não é o sujeito de *averia;* no *corpus,* no entanto, o verbo *aver* aparece sempre flexionado quando pode ser semanticamente comutável com *ter* actual. No exemplo seguinte há várias ocorrências de *aver,* com o valor descrito em que se apresenta concordando com o sujeito plural *os que:*

(6) 4.6.62 E porende *os que* son na gloria do paraíso porque *an* ja conhecimento e veen os bẽẽs que atendian e que criian quando no mundo eran, dizemos deles que ja non *an* fe nen crença daquelas cousas que *an* e en que se deleitan, mais *an* sabença e conhocimento comprido do que primeiramente creeron quando no mundo vivian.

---

(4) Em todos os casos em que a distinção singular/plural do verbo é marcada apenas pela nasalidade da vogal final fica sempre a dúvida se o plural não está marcado por ter havido um lapso na representação gráfica da nasalidade pelo til. Embora, repetimos, o códice seja cuidado e raros sejam os lapsos do copista (cf. o *Aparato Critico* à edição (MATTOS e SILVA 1971a: vol. III)).

b. SV + SNsuj:

Embora Huber (1933: § 448) tenha observado que o verbo pode estar no singular e o sujeito posposto no plural, em todas as ocorrências observadas de sujeito constituído de um único SN plural com o SV anteposto, não encontramos nenhum caso em que o verbo núcleo do SV estivesse no singular. É verdade que nos casos documentados o SV anteposto está sempre imediatamente antes do SN sujeito, com excepção do exemplo (7); o mesmo não ocorre quando está posposto o sujeito composto de mais de um SN como veremos em: 1.1.2.2.2.

(7) 1.31.7 E pois acabou e se viinha ja pera o enfermo, *sairon* contra ele *os mandadeiros.*

(8) 1.17.30 Mais quis dar aa entender per seu exemplo que *deven os seus discipulos* querer os seus bõõs feitos asconder.

(9) 1.19.3 Acaeceu depois que *veeron pobres* ao bispo que lhis desse algũa esmolna.

(10) 1.27.3 E *juntaron-se muitos homẽẽs* e trouveran-no legado ao santo.

(11) 1.28.31 Hũũ dia *veeron os godos* cabo da cidade de Tuderte.

(12) 1.29.27 Ali hu *jazen os seus ossos mortos.*

1.1.2.2.2 *Variação na concordância com o sujeito constituído de mais de um SN.*

a. SN's coordenados, parassinónimos:

Quando os SN's coordenados são parassinónimos o verbo do SV se apresenta em geral no singular. Já Huber

(1933: § 446) chamou atenção para esse facto; pode, contudo, também estar no plural. Nos exemplos 13, 14, 15 o verbo está na mesma oração do sujeito composto e nos exemplos 17, 18 está na relativa em que o *que* representa o sujeito composto. Nos exemplos 16 e 19 o verbo está distanciado do sujeito.

(13) 1.1.6 Aquelas cousas onde mi *door e desprazer* algũũ *podia* nacer.

(14) 4.34.18 *O sabor* do luxurioso e *o prazer* he vermen e fedor.

(15) 4.34.20 *O deleito* e *o prazer* da carne *cega* e *escurenta* o entendimento do homen.

(16) 1.2.40 *Este embargo* e *este nojo* que nós ora sofremos nunca nos *aveo* senon polo torto que fazemos ao abade servo de Deus.

(17) 1.8.15 E, estando ainda muito alonjado del, tan grande foi *o temor* e *o tremer* e *a lassidoen* que *veo* sobr'el que adur podia mover seus pees.

(18) 1.8.27 Tanto foi o *temor* e o *tremor* que *caeu* en don Juiãão que adur lhi pode dizer aquelo

(19) 3.1.4 E porque *o nome* e *a fama* do honrado bispo Paulino, de que suso falamos, *he* muito apregoada (5).

---

(5) A concordância feminina do adjectivo atributo *apregoada* leva a crer que o verbo no singular está apenas relacionando-se à *fama*.

Ao lado dessas ocorrências com o verbo no singular, documentamos as seguintes com o verbo no plural:

(20) 4.4.21 A *mancebia* e *o deleito son* cousas vããs (compare-se com 14, de contexto semelhante).

(21) 1.11.5 Assi *o bõõ* e *o santo* se *deleitan* quando se vee dos outros despreçar.

(Note-se que o verbo da subordinada está no singular e não no plural, como o da matriz; é esse, contudo, um caso em que poderia ter havido um lapso na representação da marca nasal de P6).

Quando o verbo está anteposto aos sujeitos parassinónimos também é variável a concordância; comparem-se os exemplos (22) e (23) e os exemplos (24) e (25) em confronto com o (26).

(22) 1.1.22 Ei razon de me creceren *lagrimas* e *door* e *choro* e *amargura*

(23) 1.4.18 Obraron pera *se mostrar a vertude* e *o poderio* de Deus

(24) 4.34.8 Mais rogo-te que me digas porque as moradas dalgũũs *tangian o fedor* e *a nevoa* que *recudia* do rio.

(25) 4.34.15 E pelas moradas dalgũũs a que *sobia* e que *tangia a nevoa* e *o fedor* que do rio *recudia.*

(26) 4.34.19 E pelas moradas daqueles outros a que non *podia* atanger *a nevoa* e o *fedor* que do rio *recudian,* entendemos os corações daqueles que se partiron ja compridamente dos prazeres e dos deleitos da carne.

(Nesta passagem o verbo que antecede está no singular e o que sucede, na relativa, no plural, embora isso não ocorra em (24) e (25) em que a mesma situação sintáctica se repete).

Considerando-se os exemplos de (13) a (26) vê-se que há preferência marcada para o verbo singular com sujeito composto de SN's parassinónimos: há apenas 4 ocorrências de verbo no plural com esse tipo de sujeito. Considerando-se, por exemplo, a frase (23) em relação à (22) poderia se pensar que quando vêm determinados os parassinónimos coordenados são vistos como independentes e o verbo se refere ao último; as frases (13), (20) e (21) desconfirmam, contudo, essa interpretação; a determinação dos sujeitos parassinónimos não parece interferir na escolha singular/plural do verbo.

b. SN' coordenados, não-parassinónimos.

Os SN's sujeitos coordenados pelo relacionante *e*, em geral, apresentam o verbo do sintagma verbal no plural. Veja-se, por exemplo, a frase (2) acima documentada e a seguinte:

(26) 1.24.14 E pois a *nora* e a *sogra entraron* pela eigreja de San Savaschãão mártir o espiritu maao entrou no corpo da nora desta boa dona.

Tanto em (2) como em (26) os sujeitos coordenados antecedem o verbo. Na documentação explorada há uma ocorrência em que o verbo no singular antecede os SN's coordenados sujeitos:

(27) 1.19.8 E aos seus braados *veo o bispo* e *todos aqueles* que hi eran presentes com o bispo.

Há dois casos de sujeito composto relacionado por *com* e não por *e;* em um (28) o verbo está no plural, no outro (29) o verbo está no singular.

(28) 1.2.11 Ca *ele con todolos outros* que con el *moravan* na vila *eran* seus servos.

(29) 1.24.5 *Aquesta manceba con sa sogra foi* convidada pera ir aa consagraçon da eigreja de San Savashão martir.

Confrontando-se a frase (29) com a (26) e com a (28) se pode interpretar que o verbo parece estar no plural neste tipo de estrutura quando o SN precedido de *com* é sentido também como núcleo do sujeito e não apenas como complemento do primeiro SN sujeito que ocorre na cadeia sintáctica: veja-se que em (28) o predicativo está no plural e em (29) no singular.

Dos factos apresentados em 1.1.2.2 as seguintes conclusões podem ser tiradas:

— Excepcionalmente ocorre o verbo em P6 concordando com um único SN singular, cf. (3) e (4); em ambos os casos o verbo não está contíguo ao SN sujeito. Em (4) se pode admitir, também, a interpretação de concordância por sínese;

— Em um enunciado complexo (5) o verbo da última oração, a mais distante do SN sujeito, está no singular, embora esteja o sujeito simples no plural;

— Quando o sujeito é composto de dois SN's parassinónimos o verbo ocorre, em geral, no singular (13 a 19), mas também pode ocorrer no plural (20). Com esse tipo de sujeito, mas posposto ao verbo, também tanto ocorre o verbo no singular (23, 25, 26) como no plural (24).

O mais frequente, portanto, nesse caso, é estar o verbo no singular e não parece interferir na selecção da forma verbal o facto de estarem ou não determinados os nomes núcleo dos sujeitos;

— Quando o sujeito é composto de dois SN's não parassinónimos coordenados por *e* o verbo está no plural (2 e 26); estando o sujeito posposto ao verbo há uma ocorrência de forma verbal no singular (27). Em duas ocorrências de SN's coordenados pelo relacionante *com*, em uma o verbo está no singular (29) e em outra no plural (28).

Desses factos se pode concluir que com o SN simples a não contiguidade do verbo a seu sujeito pode determinar a não obediência à regra geral. Também a concordância sinética pode impedir a aplicação da regra geral. Com SN's sujeitos compostos de parassinónimos é variável a concordância sendo mais frequente estar o verbo no singular. Com SN's sujeitos coordenados não-parassinónimos, o mais frequente é estar o verbo no plural, podendo-se admitir que a anteposição do verbo aos sujeitos permita a variação na concordância.

1.2 *Representações do sujeito do enunciado*

1.2.1 **Sujeito determinado**

O sujeito determinado pode estar representado por um sintagma nominal explícito (a), por um substituto pronominal de um sintagma nominal (b), por um substituto pronominal referente ao emissor ou emissores, ao receptor ou receptores da mensagem expressa no enunciado (c). Em todos esses três casos o sujeito pode não estar explícito, por economia interna do discurso, mas pode ser depreendido sintacticamente pela marca morfológica número-pessoal do verbo (d), núcleo do sintagma verbal, que é o predicado a que se relaciona o sujeito e, semanticamente, pelo contexto.

A grande maioria dos enunciados do *corpus* tem o sujeito representado por uma das quatro formas acima descritas (¹).

a. Como vimos na Parte I deste trabalho o sintagma nominal explícito tem como núcleo um nome e pode apresentar como elementos constituintes facultativos os determinantes, os quantificadores e os qualificadores, que estão analisados, respectivamente nos itens 2., 3. e 5. da Parte I.

Exemplos:

1.5.43 *Deus* ti me deu porque quesisti fazer furto.

1.5.35 *O monge* se tornou pera sa cela.

1.5.40 *A serpente* logo se foi.

1.24.26 *O enmiigo* entrou no corpo do clerigo.

1.5.28 *Hũũ ladron* soia a sobir per hua sebe.

1.31.14 *Homens negros* levavan-me per hũũs logares muito escuros.

1.29.25 Disse *aquel velho* a San Gregorio.

1.25.18 *A ta entençon* pon nome a ta obra.

Biblioteca [illegible] – UFSC –

(¹) Trataremos do sujeito representado por uma oração quando, no estudo do enunciado complexo, tratarmos das estruturas subordinadas completivas.

1.1.21 *Estas mhas lagrimas* crecen cada dia mais.

1.2.11 *O nobre homen Venancio* faze-o livre.

1.21.6 *Todos aqueles beschos* partiron-se do horto.

1.24.2 *Outro homen muito honrado* foi bispo da eigreja de Tuderte.

1.5.52 *Hũũ homen mui santo* avia nome Equicio.

1.19.2 E tanto os atormentou que o souberon *os outros seus companheiros.*

O sujeito pode estar constituído de mais de um sintagma nominal explícito, coordenados (cf. Parte III, 1.1.2.2.2).

1.2.6 *O padre e a madre* escarnecian dele.

1.2.40 *Este embargo e este nojo* nunca nos aveo senon pelo torto que fezemos.

No estudo dos determinantes demonstrativos e possessivos e dos quantificadores vimos que tais elementos ocorrem em função substantiva (cf. Parte I, 2.2.1.2.; 2.3.2.; 3.1.1.4), constituindo assim o núcleo do sintagma nominal, dispensando portanto a presença do nome, que, ou já foi antes referido, ou pode ser subentendido pelo contexto.

Exemplos:

1.2.19 Non ouvi que *aqueste* fosse discipolo de nengũũ.

1.2.24 E *este* non ha mester de seer primeiramente discipulo.

2.14.6 *Aqueste* era rei Totila.

1.1.20 E *esto* he o que eu dixi primeiramente.

1.2.21 Como quer que *alguen* tenha ou cuide que á graça do Spiritu Santo.

1.2.47 *Cada hũũ* recebeu o seu.

1.7.18 E *outros* son ainda vivos.

1.8.5 Ca sen ti *nengũũ* non pode fazer as cousas que el faz.

b. O substituto pronominal de um sintagma nominal já antes referido no texto é representado pelos pronomes pessoais *el* ou *ele, ela, eles, elas*. As marcas de género e de número repetem o género e o número do nome, núcleo do sintagma nominal, antes referido, que esses pronomes substituem.

Exemplos:

1.8.12 E enton *aquel mesejeiro* que avia nome Juiãão enviou hũũ seu homen, que era tan sobervioso que *el* non podia con el.

1.8.10-11 Achou *monges antigos* que siiam leendo e escrevendo e preguntô-os hu era o abade e *eles* lhi disseron.

1.24.22 O espiritu maao entrou no corpo da *nora* desta boa dona ... e *ela* começou a braadar e a dar tantas vozes e a mover-se por atantas maneiras quantos eran os spiritos maaos que no seu corpo jazian.

2.19.4 Ali moravan *hũas monjas santas*... e avẽo hũũ dia que hũũ monge que hi vẽo pera lhis preegar ... depois que preegou tomou hũas toalhas que lhi *elas* deron a seu rogo grande delas.

c. O substituto pronominal que representa o emissor na posição de sujeito do enunciado é o pronome *eu*, se o emissor inclui outros como sujeito de sua mensagem, o pronome pessoal que representa esse conjunto é *nós*. O substituto pronominal que representa o receptor na posição de sujeito é *tu;* se se trata de mais um receptor é *vós* o pronome pessoal que os representa.

Exemplos:

1.1.7 E seendo *eu* assi chorando ... meu companheiro nos livros da Escritura Santa que *eu* escrivi ... disse-mi:

1.2.7 — Que pescado cuidas *tu* ora que ti *nós* tragamos naquestes montes?

1.2.40 — Este embargo e este nojo que *nós* ora sofremos, nunca nos aveo senon polo torto que fezemos ao abade servo de Deus.

1.21.5 — Eu vos mando en nome de Nosso Senhor Jesu Cristo que *vós* vaades daqui e non mi queirades comer mhas verças.

d. Por razões de economia interna da narrativa as representações do sujeito descritas em *a*, *b* e *c* não se actualizam, uma vez que o próprio contexto e as marcas número-pessoais do verbo a que se relaciona o sujeito são suficientes para indicarem o sujeito do enunciado, desde que não haja possibilidade de ambiguidade na interpretação. Assim sendo, no encadeamento do discurso narrativo grande parte dos enunciados não apresenta um sujeito representado explicitamente ou por sintagmas nominais explícitos ou por substitutos pronominais que seriam redundantes já que o verbo e o contexto são suficientes para a indicação do sujeito.

Exemplos:

1.25.6 (E enton *hũũ homen* siia en sa pousada con sa molher e con seu filhezĩo pequeno) e *tiinha* seu fogo ante si a que se *acaentava* con sa molher e con seu filho.

1.27.3 (E juntaron-se *muitos homens)* e *trouveran*-no legado ao santo bispo.

1.28.28 (E *ele* non lhos quis dar) e *ficou* ende o bispo muito triste.

3.17.40 (E *eles* juntaron-na con a corda) e *legaron* a canada na corda e tiravan assi a agua de cada dia.

1.29.8 (— Mais nós sabemos que *tu* tẽẽs *a* vida dos apostolos), *alimpias* os gafos e *alumeas* os cegos.

1.31.31 (— Sei *eu* chããmente) e non *duvido* nemigalha.

2.3.42-43 (— En duas maneiras, Pedro, saimos *nós* de nós meesmos: ou cuidando nas cousas vããs e deleitosas do mundo) e enton *imos* sô nós e non sobre nós ...

3.12.20 (— Levade-me *vós* seguramente) e non *ajades* nen hũũ medo, mais *soterrade*-me muit'agĩha.

1.2.2 **Sujeito não-determinado.**

Consideramos dois tipos de estrutura: 1. estruturas em que o sujeito é ∅; 2. estruturas em que o sujeito é genérico, não-especificado.

1.2.2.1 Estruturas com sujeito ∅.

a. Estruturas em que o predicado está representado pelos verbos *aver* e *seer*, com valor existencial (2).

Exemplos com o verbo *aver*.

2.1.38 *Á* hi aguas mui frias.

2.16.29 *Á* hi altidoen das requezas.

4.1.10 *Á* no mundo aquelas cousas.

4.4.25 E que *á* hi mais?

4.36.57 *Á* hi fogo.

1.1.26 Non cuido que *aja* homens.

3.34.34 Praz-mi que ti demande se podemos creer que ora no mundo *aja* taes homẽẽs come ele.

1.2.12 *Avia* preto de duzentos monges.

1.5.49 Non *avia* padres santo.

4.16.6 Aqueste menĩho ante tres anos, per hũa tempestade que *ouve* na terra, veo a hũa enfermidade.

---

(2) É de notar que no *corpus* não está documentado o verbo *existir*.

Exemplos com *seer:*

4.25.5 Quando acaeceu a morte daqueste conde, *foi* hũa tempestade tan grande no aar.

(confronte-se este com o exemplo 4.16.6 e observe-se que *ouve/foi* comutam em um mesmo contexto).

1.2.1 En terra de Sania *foi* hũa vila dũũ homen muito honrado.

1.12.3 Na cidade d'Anconha *foi hũũ* bispo de gram santidade.

1.30.3 Naquela provinvia de Valeria *foi* hũũ homen santo.

3.11.4 E diz que naquela cidade de Prazença *foi* hũũ bispo que avia nome Sabino.

3.17.2 En terra de Campanha *foi* hũũ homen muito honrado.

b. Estruturas com o verbo *aver,* indicando tempo decorrido (³).

Exemplos:

3.30.4 No *ha tres anos.*

3.31.2 Non *ha dous anos.*

4.9.9 *Ha quareenta anos* depois que se ordĩou.

(³) No *corpus* não ocorre o verbo *fazer* em estruturas deste tipo, como acontece, por exemplo, no português actual (C. CUNHA 1971: 92).

4.24.15 Non *ha* ainda *quareenta anos.*

4.33.1 Non *avia quareenta dias.*

3.14.17 Ja *avia quareenta dias.*

3.37.3 Non *ha quareenta dias,* Pedro.

c. Estruturas com verbos ou com lexias com o verbo *fazer* que expressam fenómenos naturais.

Exemplos:

3.12.24 Mandou que *chovesse*

(É essa a única ocorrência com verbo que expressa fenómeno natural no *corpus)*

2.33.18 E pois seu irmão viu que pelo *tempo* muito esquivo que *fazia.*

2.33.24 E el non podia sair da casa pola gram tempestade do *tempo* que *fazia.*

3.10.5 O rio saia da madre quando *fazia* as *chúvias* mui grandes.

4.25.7 — Que farei, senhor, ca pois eu non posso sair desta casa pola *tempestade* grande que vejo que *faz* e *fará.*

1.2.2.2 Estruturas com sujeito genérico, não-especificado.

a. A expressão do sujeito não-determinado, genérico é realizada pelo verbo em P6; é essa a forma mais frequente no *corpus* de indicar o sujeito não-especificado.

Exemplos:

1.1.1 Aqui se começa hũũ livro que *dizen* Dialago.

1.2.12 E fez fazer naquel logar a que *dezian* Fundos.

1.5.80 Ca o amor que o poboo dos cristãos avia a Jesu Cristo non pôde sofrer que o non *queimassen* pola maldade grande que en ele avia.

1.8.4 — Que homen he este, senhor, de que *dizen* que sen outoridade ousa a preegar.

1.8.5 E porende seja teu prazer, senhor, que o *tragan* ante ti.

1.8.51 ... por hũas paravoas mentideiras que lhi *disseron* contra o filho de Jonata.

1.25.20 Fazia-o mais pera defamar o bispo que *dezian* que deitava os pobres da cidade.

1.26.3 Acaeceu que hũũ homen perdeu lume de seus olhos e *trouveran*-no a este santo bispo Fortunado.

1.27.2 Acaeceu ainda que hũũ cavalo dũũ cavaleiro foi ravioso e adur o *podian* teer.

1.16.26 Queria, padre, que me *provassen* mais abertamente.

2.1.6 ... pera aprenderen as sete arte que *chaman* liberaes.

2.1.9 Hũa alfaia que avia mester, que *chaman* criva ou jueira.

2.2.13 Assim como serven os levitas que *chaman* clerigos d'avangelho.

2.4.14 E o monge a que *dezian* Mauro vio o que vira San Beento.

2.8.48 Veo aaquel templo e derribou o altar en que *fazian* os sacrifiços.

2.27.4 Este Peregrino soia a dizer que hũũ dia vẽo a el hũũ homen de gram fe porque o *constrengian* muito per razon de divida que devia.

b. Outra realização do sujeito não-especificado é expressa por *homen*, gramaticalizado, desprovido dos seus semas característicos enquanto vocábulo lexical (cf. Parte I, 4.1.3), funcionando como um pronome genérico. Em todo o *corpus* há 75 ocorrências desse uso de *homen* como sujeito, com referência não-determinada.

Exemplos:

1.1.32 Ca, en se nembrando *homen* dos feitos e das vertudes que os homens en este mundo fezeron.

1.1.33 Ca se esforça *homen* pera fazer ben.

1.2.8 Ca naquel logar sol *homen* ouvir falar de pescado.

1.17.3 E portanto as *homen* cree por mais verdadeiras quanto el foi mais presente.

2.2.19 E depois que *homen* passa per cincoenta anos a caentura maa da carne vai escaecendo e morrendo no homen.

2.2.23 E, porque de cincoenta anos adeante vai ja *homen* folgando e assessegando e quedando das tentações porque a caentura maa da carne vai ja men-

> guando, mandou Nosso Senhor na Lei que aquestes taaes fossen guardas dos vasos santos que no templo eran.

Esse uso de *homen* como pronome genérico ou impessoal veio a desaparecer no decorrer da história da língua portuguesa (cf. E. DIAS 1959: 22 e SAID ALI 1964: 269) em proveito do pronome *se*.

No *corpus* sob análise se documenta com alto índice de ocorrência (cerca de 50 nos dois primeiros livros dos *Diálogos* que constituem 37 % aproximadamente do total da obra) a estrutura passiva pronominal em que o sujeito lógico do enunciado pode estar expresso ou não sintacticamente pelo complemento denominado de agente da passiva e o objecto lógico concorda com o verbo que é sempre transitivo. Esse tipo de estrutura alterna com a estrutura de sujeito não-determinado expresso por *homen* e pode ser considerada também um tipo de estrutura em que o sujeito sintáctico é não-especificado, não-determinado.

Transcrevemos a seguir um longo trecho em que, em contexto análogo, se expressa, alternativamente, o sujeito não-determinado pelo pronome *homen* ou pela passiva pronominal:

2.1.7 a 14 A primeira he a Gramatica que mostra en como *homen* pode falar ben e mal; a segunda he a Logica que mostra per que carreiras *homen* pode vĩir mais agĩha aa verdade e partir-se da falsidade; a terceira he a Reitorica que mostra carreiras per que *homen* possa falar ben e aposto; a quarta he Arismetica que fala dos contos en geeral; a quinta he Geometria que fala dos contos e das medidas per que *homen* pode saber as canteas e os espaços da terra; a sexta he a Musica que fala en como *se devan mudar* e mesurar as vozes dos cantos pera fazeren

> prazer ou desprazer aaqueles que as ouven; a septima he a Astrologia que fala dos espaços per quanto se hũa estrela parte da outra e como se moven e que vertudes an.

Outro excelente exemplo da alternância de *homen* e passiva pronominal se encontra na Parte I, 4.1.3.

O que observamos no exame das estruturas de sujeito não-determinado nos dois primeiros livros dos *Diálogos* confirma o que A. Naro apresenta na sua tese sobre a história das estruturas passivas e impessoais no português (1968: especialmente as páginas 97 e 106).

No *corpus* sob análise, muito possivelmente anterior aos fins do século XIV, a estrutura com *se* apassivador, portanto com verbo transitivo, ocorre sempre com a concordância do verbo com o objecto lógico e não se documenta a construção com *se* e verbo intransitivo, que se afirma ter começado a difundir-se nos começos do século XVI (NARO 1968: 105-106).

No exame da estrutura de *se apassivador* ou passiva pronominal nos *Diálogos* ocorrem pelo menos vinte casos em que o objecto lógico está no plural e o verbo sempre com ele concorda.

Alguns exemplos em que, em um mesmo período, ocorrem mais de uma estrutura desse tipo:

1.2.27 Todalas cousas que son e foron e an de seer, assi *aquelas* que *se farán* come *aquelas* que *se* nunca *farán* pero se *poderian fazer*.

2.16.29 Son *os seus juizos* que *se* non *poden* compridamente *entender* e *as sas carreiras* tan escuras que *se* non *poden achar?*

2.16.34 Disse que *os juizos* de Deus non *se podian compreender* que val tanto come se dissesse, non *se podian* compridamente *entender*.

2.30.11 — Queria saber, padre, se tan *grandes miragres se faziam* solamente polo talan que el avia que *se fezessen* ou porque gaanhava ante Nosso Senhor pera *se fazeren*.

2.30.13 Fazen *miragres* aas vezes porque os peden ante a Nosso Senhor per sa oraçon que *se façam* e aas vezes porque mandan que *se façan* como quen ha poder.

No exemplo seguinte, em um mesmo período, está o verbo no singular e no plural de acordo com o seu objecto lógico:

1.17.30 Onde, Pedro, non quis Nosso Senhor que *se fezesse algũa cousa* e non *se pôde fazer*, mais quis dar aa entender per seu exemplo que deven os seus discipulos querer *os seus bõõs feitos* asconder e, contra sas voontades, por proveito dos outros, *se deven a descobrir*.

Há duas ocorrências nos dados examinados em que não ocorre a concordância, mas em ambos os casos o objecto lógico é composto de sintagmas coordenados; pode-se admitir que em ambos os casos o verbo está no singular concordando apenas com o complemento lógico mais próximo:

1.16.26 — Queria, padre, que mi provassen mais abertamente se *a ordinhaçon* que Deus feze dos feitos que se fazen no mundo, ou *a sabença* que ouve desses feitos ante que o mundo fosse feito, se *se pode ajudar* per orações dos santos homens.

(Neste caso se poderia pensar na ausência da marca de nasalidade em *pode;* não me parece ser esse o caso, uma vez que o singular é explicável pelo que se disse no parágrafo anterior e pelo facto de não ser comum a ausência da marca de nasalidade nas estruturas analisadas).

2.17.11 Ouve mui gram tempestade no mar e San Beento rogou Nosso Senhor... mais *perdeu-se a nave* e *todalas outras cousas* que en ela ian, tirado os homens que Deus quis salvar por seu rogo, pera conforta-lo.

c. Cf. 1.3.2.4.1.1.c, em que analisamos a passiva analítica sem agente explícito que consideramos uma das formas de expressão do sujeito não-determinado no *corpus*.

1.3. *Tipos de frase: o sintagma verbal e sua relação com o sintagma nominal sujeito.*

1.3.1 **Observações iniciais.**

Na análise que apresentaremos nos baseamos nas propostas teóricas de B. Pottier em seus estudos sobre a relação de voz, ou seja, em termos tradicionais, a relação entre o predicado e seu sujeito, que resulta em uma tipologia de frases, aqui entendida frase como a combinação de um sintagma verbal predicado e de um sintagma nominal sujeito, que constituem o núcleo do enunciado. Distinguimos aqui frase de enunciado simples: enquanto neste são levados em consideração os sintagmas nominais circunstanciais, facultativos, além do sintagma verbal e do sintagma nominal sujeito, obrigatórios; naquela consideramos o sintagma verbal e o sintagma nominal sujeito, apenas.

Com base em B. Pottier (1969: 62-69; 1974: 106-118; 1978: 3-39; 1980: 8-10) classificamos em seis tipos as frases do *corpus*, ou seja, em 6 tipos de sintagma verbal em relação com o sintagma nominal sujeito. Essa tipologia parte de uma classificação de base semântica, e isso está indicado na designação de cada tipo. mas se refere a estruturas ou módulos sintácticos. São os seguintes os tipos de relação e os módulos sintácticos apresentados são os dominantes de cada relação:

1. Existencial
   SN suj ∅ ← V existencial + SN atributo
   (classe AVER^1) (1)

2. Equativa
   SN suj ← V cópula + SN atributo
   (classe SEER^2)

3. Situativa
   1. SN suj ← V cópula + SN locativo
      (classe SEER^3)
   2. SN suj ← V movimento + SN locativo

4. Descritiva
   1. SN suj. ← V cópula + SA atributo + (SN agente)
      (classe SEER^4)
   2. SN suj. ← V $\left\{\begin{array}{l}\text{intransitivo}\\ \text{pronominal}\end{array}\right\}$

5. Possessiva
   SN suj. ↔ V posse + SN complemento
   (classe AVER^2)

---

(1) As setas em direcções opostas indicam a relação atributiva, ou seja, uma relação endocêntrica (←) e a relação activa ou exocêntrica (→) (POTTIER 1974: 106). A seta nas duas direcções (←→) indica a relação possessiva que expressa uma relação de dependência entre o predicado e o sujeito dessa estrutura (POTTIER 1978: 29).

6. Subjectiva

$$\text{SN suj} \rightarrow \text{V subjectivo} +$$

$$+ \left\{ \begin{array}{l} \text{SN complemento}^1 \\ \text{F} \end{array} \right\} + (\text{SN complemento}^2)$$

Embora tenhamos adoptado a classificação de B. Pottier (1978 e 1980) para os seis tipos básicos de relação sujeito/predicado, nos afastamos desse autor em muitos pontos na forma de descrição de cada tipo. Assim sendo, adaptamos à nossa descrição, por coerência com a parte anterior deste trabalho, a proposta teórica que nos guiou na análise dos dados; limitamo-nos, sobretudo, aos seis tipos básicos de relação apresentados por Pottier, não consideramos sistematicamente o que ele classifica como «estatutos estativos, evolutivos e causativos» (Pottier 1978: 12) para cada tipo. Mencionaremos esses estatutos quando nos pareceu depreender essas situações nos dados.

Em suas propostas de 1969 e de 1974 propõe B. Pottier dois grandes tipos de relação entre o sujeito e o predicado: a relação endocêntrica, do predicado para o sujeito, ou voz atributiva e a relação exocêntrica, do sujeito para o predicado, ou voz activa. Estão no primeiro caso as relações existencial, equativa, situativa, descritiva e possessiva e no segundo a subjectiva.

O que se classifica tradicionalmente como passiva analítica é incluída por B. Pottier na relação descritiva 1 e considera «soluções médias» (1976: 118) aquelas em que se neutralizam a oposição atributivo/activo e que se realizam ou por estruturas de sujeito não-determinado representado por pronome impessoal com verbos transitivos e intransitivos, ou por estruturas reflexivas em que sujeito e objecto são co-referentes, ou pela passiva pronominal; na proposta de 1969 o autor denomina de médio-activas as primeiras e de médio-passiva a última.

Com esses esclarecimentos queremos deixar explícito que levamos em consideração, em nossa análise, não só aspectos das últimas formulações do autor sobre as relações entre predicado e sujeito (1978 e 1980), mas também aspectos das anteriores (1969 e 1976), não nos fixando completamente em nenhuma delas, o que define, portanto, um comportamento heterodoxo em relação à teoria e seu autor sobretudo porque introduzimos algumas modificações. Esse comportamento nos parece contudo justificável uma vez que julgamos que descreve com simplicidade e, pretendemos, com coerência os dados sob análise.

1.3.2 **Análise dos dados.**

1.3.2.1 Relação existencial.

A estrutura sintáctica ou módulo dominante é:

SN suj ∅ ← V existencial + SN atributo.

Na relação existencial há a apresentação do predicado, sendo ∅ o sujeito. Os verbos que categorizamos como *existencial* que ocorrem no predicado nesta estrutura são:

a. AVER^1 (= «existir», não documentado no *corpus)*

b. SEER^1 (= «haver»)

c. FAZER^1 (seguido de sintagmas nominais atributos que expressam fenómenos atmosféricos)

d. CHOVER (único verbo que expressa fenómeno atmosférico que ocorre no *corpus)*

Exemplos:

a. 2.1.38 *Á* hi *aguas mui frias.*

1.5.49 Non *avia padres santos.*

3.30.4 Non *ha tres anos.*

3.14.17 Ja *avia quareenta dias.*

4.16.6 Aqueste menĩho, per hũa *tempestade* que *ouve,* veo a hũa enfermidade.

b. 4.25.5 Quando acaeceu a morte daqueste conde, *foi hũa tempestade* tan grande no aar.

1.2.1 En terra de Sania *foi hũa vila dũũ homen.*

3.17.2 En terra de Campanha *foi hũũ homen muito honrado.*

c. 2.33.24 E el non podia sair da casa pola gram *tempestade* que *fazia.*

2.33.18 *Tempo* muito esquivo que *fazia.*

d. 3.12.24 Mandou que *chovesse.*

Note-se que FAZER^1 em estrutura existencial só ocorre com sintagma nominal referente a fenómenos atmosféricos, enquanto SEER^1 e AVER^1 ocorrem com sintagma nominal atributo desse tipo e de outros tipos, são, portanto, mais generalizados. Outros exemplos de estruturas existenciais se encontram em 1.2.2.1, quando tratamos do sujeito não-determinado.

Observação final: Em estrutura existencial o verbo SEER^1 deixou de ser usual no português, sendo, nesse caso, comum o verbo *haver* e *existir,* este não-documentado no *corpus.* Também não está documentado no *corpus* o verbo *fazer* com sintagma nominal referente a tempo, mas apenas o verbo *aver (há tres anos,* mas não *faz três anos),* usual hoje.

1.3.2.2 Relação equativa.

A estrutura ou módulo sintáctico dominante é:

SNsuj ← V cópula + SN atributo
(classe SEER^2)

Na relação equativa há uma equivalência semântica entre o sujeito e o predicado. Tal equivalência pode chegar à identidade ou tratar-se apenas de semelhança ou evocação (POTTIER 1978: 21). O verbo cópula usual nesta estrutura é SEER^2 (a), mas para a expressão de uma relação equativa não de identidade, mas de semelhança ou evocação além do verbo SEER^2 ocorrem no *corpus* o verbo *semelhar* (b), menos frequentemente nesta estrutura *parecer* (c) e *representar* (d) (uma única ocorrência) (2).

Exemplos:

a. 1.10.3 Esto *he* verdade.

1.17.23 O filho de Deus Nosso Senhor Jesu Cristo *he hũa das tres pessoas da trindade.*

2.1.8-14 A primeira *he a Gramatica* ... a segunda *he a Logica* ... a terceira *he a Reitorica* ... a quarta *he Arismetica* ... a quinta *he Geometria* ... a sexta *he a Musica* ... a septima *he a Astrologia.*

2.31.9 Aqueste *he o padre San Beento.*

3.2.22 Aquel homen *he meu hortolan.*

---

(2) Em geral, no *corpus*, o verbo *parecer* muitas vezes equivale a *aparecer, surgir*, não sendo portanto sinónimo de *semelhar*, e deve ser analisado na relação descritiva 2.

3.34.12 Esta (= a esperança quando lho perlongan) *he a segunda maneira da door.*

3.34.20 A asna *he animalha sen razon.*

4.2.4 Foam *he meu padre.*

4.4.60 Fe *he fundamento das cousas.*

4.45.12 Este pan *santo he.*

1.8.4 — *Que homen* he este?

3.37.53 Tu *es homen bõõ.*

3.5.9 Tu *es aquel.*

b. 3.5.11 Tu *semelhas as bestas mudas.*

3.15.43 Hũũs *semelhavan romeus.*

3.15.47 Aqueles *semelhavan pelegrĩĩs.*

3.15.48 Aqueles *semelhavan pobres.*

1.14.5 Ele *semelhou dous frades santos.*

c. 2.16.34 O que escreveu o apostolo non *pareceu verdade.*

4.27.30 Esto *parece*, padre, *a razon* daquelo.

d. 2.1.59 *Representa* a eigreja *a resurreiçon.*

Sem dúvida, no *corpus,* é o verbo SEER² o representante típico do verbo na estrutura equativa. As ocorrências dessa estrutura com os outros verbos relacionados são muito menos usadas e são, evidentemente, muito mais marcadas do ponto de vista semântico. Enquanto a estrutura com SEER² pode expressar identidade, semelhança ou evocação, as estruturas com *semelhar* ou *parecer* e *representar* expressam, respectivamente *semelhança* e *evocação,* mas nunca identidade.

Vale acrescentar que o verbo *seer* predomina no *corpus* na estrutura equativa, embora seja usado na existencial, como vimos e, com muita frequência nas estruturas situativa 1 (cf. 1.3.2.3.1) e descritiva 1 (cf. 1.3.2.4.1), comutando com um conjunto restrito de verbos, como veremos a seguir.

1.3.2.3 Relação situativa.

Distinguiremos a relação situativa em que o verbo do sintagma verbal é uma cópula que chamaremos da classe SEER^3 da relação situativa em que o verbo do predicado é um verbo de movimento (POTTIER 1980: 8).

1.3.2.3.1 *Relação situativa do tipo 1.*

A estrutura ou módulo sintáctico dominante nesta relação é:

SNsuj. ← V cópula + SN locativo.
(classe SEER^3)

Na relação situativa 1 o predicado localiza o sujeito no espaço, no tempo ou em qualquer domínio nocional: LE, localização espacial, («estamos no jardim»), LT, localização temporal («estamos na primavera») e LN, localização nocional («estamos na luta»). Para melhor descrever os dados subdividimos LE em LEA, localização espacial absoluta e em LER, localização espacial relativa. Os verbos-cópula que ocupam a classe que denominamos SEER^3 que ocorrem no *corpus* são: SEER^3, ESTAR^1, JAZER^1 e ANDAR^1. Desse conjunto de verbos tratamos na Parte II, 3.2, em contextos em que estão seguidos de gerúndio, e nem sempre poderiam ser considerados verbos auxiliares, mas verbos intransitivos plenos com um valor nocional próprio a cada um, de acordo com o seu antecedente latino. Repetimos a seguir o valor nocional desses verbos. Os semas que compõem o significado de cada um deles por vezes ainda se depreendem, nem sempre com muita segurança — eventualmente a eles faremos referência — nas estruturas situativas 1 e também nas descritivas 1 (cf. 1.3.2.4.1):

SEER: não-deslocamento; posição sentada (lat. *sedēre*)

ESTAR: não-deslocamento; posição de pé (lat. *stare)*

JAZER: não-deslocamento; posição deitada (lat. *jacēre*)

ANDAR: deslocamento no espaço; com os pés (lat. *amoitare)*

A frequência desses verbos em todas as estruturas em que podem ocorrer (*Seer* — existencial, equativa, situativa 1, descritiva 1, descritiva 2; *estar* — situativa 1, descritiva 1, descritiva 2; *jazer* — situativa 1, descritiva 1, descritiva 2; *andar*, situativa 1, situativa 2, descritiva 1) em relação a sua frequência na estrutura situativa 1 é a seguinte:

QUADRO 1

FREQUENCIA / VERBOS	total no corpus	total em estruturas situativas 1	% em estruturas situativas 1
Seer	1648	169	10,3 % (SEER^{3})
Estar	238	151	63,4 % (ESTAR^{1})
Jazer	154	76	50,9 % (JAZER^{1})
Andar	136	26	19 % (ANDAR^{1})

Considerando o percentual de ocorrência desses verbos na estrutura situativa 1 verificamos que desse conjunto de verbos-cópula da classe SEER^3 são os verbos ESTAR^1 e JAZER^1 os mais frequentes no *corpus* na estrutura em análise, seguidos pelos verbos ANDAR^1 e SEER^3.

Considerando a frequência desses verbos de acordo com os diferentes conteúdos de localização antes enumerados (LEA, LER, LT e LN) verificamos a seguinte distribuição:

QUADRO 2

Conteúdos de localiz. Verbos	LEA	LER	LT	LN	TOTAL
SEER^3	53	56	14	46	169
ESTAR^1	2	135	0	14	151
JAZER^1	16	57	0	3	76
ANDAR^1	9	6	0	11	26
TOTAL	80	254	14	74	422
%	18,9 %	60,1 %	3,3 %	17,5 %	100 %

De acordo com esses dados o verbo SEER^3 é o único que preenche os quatro conteúdos de localização considerados, além disso é o único que ocorre em estrutura situativa do tipo LT e, em suas outras ocorrências, se distribui equilibradamente entre LEA, LER e LN; o verbo ANDAR^1 também se distribui equilibradamente entre LEA, LER e LN, mas não ocorre em LT; ESTAR^1 e JAZER^1 ocupam bem definidamente a estrutura do tipo

LER; sendo inexpressivo, respectivamente, o uso de ESTAR^1 em LN e de JAZER^1 em LEA.

De importância capital nesses dados são:

a. a altíssima frequência de LER, 60 % do total, o que indica ser LER o valor básico da estrutura situativa no *corpus;*

b. o uso mais generalizado e equilibrado em termos de frequência de SEER^3 nos quatro tipos de localização, o que indica ser esse o menos marcado semanticamente desses verbos, seguido de ANDAR^1;

c. o uso marcado de ESTAR^1, seguido de JAZER^1 como verbo típico da estrutura situativa do tipo LER, que, como vimos, é o conteúdo de localização mais usado no *corpus.*

Disso se pode concluir que ESTAR^1 e JAZER^1 são os verbos que predominantemente caracterizam a estrutura situativa 1.

Contextos em que ocorre a relação situativa 1:

a. LT: localização temporal.

É a localização menos frequente, 3,3 % do total, e só ocorre com o verbo SEER^3. Exemplos:

3.32.8 No começo *era* paravoa e paravoa era con Deus.

1.13.14 E pois (=quando) *foi* manhãã veeron os frades.

3.8.11 Quando *foi* a noite meada, meteu mentes e viu consigo.

3.30.9 Quando *foi* hora de vespera, apagou todalas lampadas.

3.33.12 E depois que *foi* manhãã preguntaron as monjas.

b. LN: localização nocional.

Seguindo-se a LT é a LN a menos frequente (17,5%): ocorre com os verbos SEER[3] (46 vezes), ESTAR[1] (14 vezes), ANDAR[1] (11 vezes) e JAZER[1], apenas três vezes. A LN estabelece entre o predicado e o sujeito uma relação de localização que cobre qualquer domínio nocional (POTTIER 1978: 23), excluídos os domínios espacial e temporal.

Com JAZER[1] ocorre apenas nos contextos «em oração» e «em penas»:

(1) 1.2.41 *Jazen* en sa oraçon.

(2) 4.33.2 Achou-o *jazer* en tan grandes pẽas.

(3) 4.30.7 Achou-o *jazer* nas pẽas.

Parece que no contexto «em oração» o mais comum é o verbo ESTAR[1] já que das 14 ocorrências em LN sete estão nesse contexto:

(4) 3.17.9 Quando *estava* en oraçon.

(5) 2.29.4 *Estando* en sa oraçon.

(6) 2.4.4 Non quis *estar* na oraçon.

(7) 4.13.9 *Estar* en oraçon.

(8) 2.29.3 *Estava* en oraçon.

(9) 4.8.14 *Estava* en sa oraçon.

(10) 2.4.14 *Estiveron* en oraçon dous dias.

Neste contexto JAZER[1] comuta com ESTAR[1] e no contexto «em penas» comuta com ANDAR[1]:

(11) 4.45.16 Pẽas en que *andava*.

Biblioteca Universitária
-UFSC-

Enquanto no contexto «em oração» se poderia ainda depreender o sema «posição deitada» para *jazer* e o de «posição de pé» para *estar*, já que eram duas posições possíveis para a oração, no caso do segundo contexto JAZER^1 e ANDAR^1 parecem estar como cópula, desprovido do seu conteúdo nocional etimológico.

ESTAR^1, embora seja mais frequente que ANDAR^1 nesta estrutura, se apresenta em menor variedade de contextos. Vimos que sete de suas quatorze ocorrências estão no mesmo contexto («em oração»); as outras sete se distribuem em:

(12) 1.24.23 Perfia en que *estavan*.

(13) 3.16.6 *Estava* en pecado mortal.

(14) 2.1.4 *Estava* com toda sa frol (= em plena juventude).

(15) 1.1.13 Oficio en que *estou*.

Nas outras três ocorrências se apresenta seguido da preposição *com* ou *em* e pronome pessoal:

(16) 1.2.15 *Está* ainda en si.

(17) 4.36.17 Dementre vós comigo *estades*.

(18) 2.35.6 Pera qual deles guardar *estaria* con eles.

En contexto desse tipo ocorrem tanto ANDAR^1 como SEER^3:

(19) 2.3.40 Sempre consigo *andava*.

(20) 1.8.13 Muitos monges *andavan* con el.

(21) 2.3.32 Se el ante consigo *era*, onde tornou a si senon porque ante non *era consigo?*

(22) 2.33.16 Seus frades que *eran* con el.

(23) 4.9.12 Eu *son* en mim.

Assim, ESTAR^1, LN, tanto comuta com JAZER^1, como com ANDAR^1 e SEER^3.

ANDAR^1, embora menos frequente que ESTAR^1, se apresenta em contextos mais variados; vimos que comuta com JAZER^1 («em penas»), com ESTAR^1 e SEER^1 («*em/com* pronome») e ainda se apresenta nos contextos locativos nocionais seguintes:

(24) 1.5.62 Seu coraçon *anda* con os enmiigos.

(25) 2.21.17 Ele *anda* con grande amargura.

(26) 2.31.8 Felonia e braveza en que *andava*.

(27) 2.32.16 *Andava* con gram coita.

(28) 2.38.4^2 Ensandeceu e *andava* assi.

(29) 4.4.50 *Ando* eu sen alma?

Dentre JAZER^1, ESTAR^1 e ANDAR^1 é este que em estruturas do tipo LN tem uma distribuição contextual mais diversificada. Pelos dados não se pode afirmar que esses três verbos em estruturas LN fossem comutáveis em qualquer contexto, mas os próprios dados mostram que no contexto teórico LN eles são comutáveis entre si.

SEER^3 é o que ocorre com maior incidência na estrutura LN. Vimos que comuta com ANDAR^1 e ESTAR^1 no contexto «preposição *em/com* seguidas de pronome» (cf. exs. (16) a (23)). Em contexto idêntico e análogo comuta com ESTAR^1 em:

(30) 1.1.1 Oficio en que *sõõ.*

(31) 1.29.3 Ofizio en que *soon* (cf. ex. (15)).

(32) 1.1.5 En este estado en que eu *sõõ*.

(33) 3.32.24 Estando en que primeiramente *era*.

Como ANDAR^1, SEER^3 ocorre em contextos bastante diversificados, por exemplo:

(34) 3.12.6 Ele *era* con toda sa hoste.

(35) 4.29.9 Ele *era* en seu sen.

(36) 2.3.50 Seus cuidos non *eran* nas fazendas alheas.

(37) 4.34.8 As moradas dos outros *eran* sen este fedor.

(38) 4.41.9 *He* sen graça.

Observe-se que alguns contextos são análogos àqueles em que ocorre ANDAR^1, por exemplo: (35), (38) e (25), (26), (27), (29); já (34) é análogo a (24). Diante desses factos SEER^3 comuta com ANDAR^1 e ESTAR^1 em LN; embora as ocorrências de JAZER sejam poucas, se pode dizer que *jazer en pẽas* (exs. (2), (3)) é análogo a *seer en seu sen* (ex. 35).

Diante de tais factos se pode afirmar que em estruturas situativas do tipo LN os quatro verbos em causa são intercambiáveis. Há, no entanto, dois tipos de locativos nocionais que portam claramente valor de *posse* ou *origem* que são realizados apenas pelo SEER^3; consideramos *posse* e *origem* como LN de acordo com Pottier (1974: 112).

Exemplos do tipo LN, expressão de posse:

1.9.6 El *era* de mui gram merecimento.

3.11.4 El *era* de boa vida.

4.11.4 *Era* de alto sangui.

4.13.9 *Era* de maiores merecimentos.

2.23.9 *Eran* de maas linguas.

3.22.6 El *era* da mais nobre lĩagen.

3.30.3 *Eran* da seita d'Arrio.

2.36.4 Como quer que *fossen* de gram fama.

2.23.7 *Son* de tan alto sangui.

Poderíamos ter analisado essa estrutura de posse na relação possessiva (cf. 1.3.2.5), com base no valor semântico da expressão *seer de,* optamos por analisá-la aqui por tornar mais simples a descrição do ponto de vista sintáctico.

Exemplos do tipo LN, expressão de origem, proveniência:

1.28.4 *Era* da cidade de Tuderte.

1.28.4 Preguntei-o *onde* (= donde) era.

4.24.52 *Era* d'Ungria.

1.5.24 Foi preposto daquele moesteiro *onde* (= donde) *fora* Libertino.

c. LE: localização espacial.

Focalizamos a localização espacial levando em consideração o aspecto absoluto ou relativo dessa localização. Enquanto na localização espacial absoluta (LEA) a relação locativa entre o predicado e o sujeito expressa um facto absoluto, por ser permanente, não-transitório e imutável, na localização espacial relativa (LER) a relação locativa entre o predicado e o sujeito expressa um facto relativo, que pode ser transitório ou mutável, portanto não permanente.

Trataremos primeiro da LEA, para deixar para último lugar a LER que consideramos a relação situativa 1 dominante no *corpus*.

LEA ocorre em 18,9 % dos casos de relação situativa 1, quase a mesma frequência de LN (17,5 %). Há uma distribuição desigual entre os verbos que ocupam esta posição: SEER^3 ocorre 53 vezes, enquanto JAZER^1, ANDAR^1 e ESTAR^1 16,9 e 2 vezes, respectivamente. Para a classificação e análise das estruturas situativas do tipo LEA achamos conveniente subdividir os contextos em que se apresenta em dois tipos: expressão de localização geográfica e expressão de atributo permanente. O primeiro tipo pode ser expresso por SEER^3, JAZER^1 e ESTAR^1 e o segundo por SEER^3, JAZER^1 e ANDAR^1.

A expressão da localização geográfica:

Considerando os dados do QUADRO 2, ESTAR^1 só ocorre duas vezes na estrutura LEA e essas duas ocorrências expressam localização geográfica:

3.24.24 Moesteiro do ben aventurado San Pedro apostolo que *está* cabo da cidade de Preneste.

2.1.37 Hũa lagoa que *está* de Roma quareenta milhas.

JAZER^1 ocorre quatro vezes expressando localização geográfica (portanto sem o sema «posição deitada»).

1.13.5 Subpentoma *jaz* cabo da cidade de Neposina.

4.8.4 Caplem *jaz* sex milhas da cidade antiga de Nursia.

1.8.11 Hũũ vale que *jazia* so aquel moesteiro.

2.10.2 Terra que hi *jazia*.

O verbo SEER³ ocorre 5 vezes na localização geográfica:

1.28.31 A eigreja *era* dentro na cidade.

2.1.42 O moesteiro de Adeusdado *era* preto daquel moesteiro en que morava San Beento.

3.12.6 Logar que *era* oito milhas da cidade.

1.13.1 Moesteiro que *he* no monte Seracutis.

3.34.16 Terra que *he* escontra o ávrego.

Por esses dados vê-se que SEER³, JAZER¹ e ESTAR¹ são comutáveis na expressão da localização geográfica. É explicável a não selecção de ANDAR¹ na localização geográfica uma vez que neste caso qualquer matiz do sema movimento seria contraditório com a expressão de uma localização por excelência estável, como a geográfica.

A expressão do atributo permanente:

O atributo permanente nos contextos em que se apresenta com JAZER¹ e ANDAR¹ decorre sempre da doutrina religiosa do texto. Já com SEER³ esse tipo de atributo permanente também ocorre em outros contextos em que o carácter não transitório do atributo não tem a ver com a doutrina.

Com o verbo ANDAR¹, em todas as suas ocorrências, em estruturas do tipo LEA, o sujeito é sempre *alma* e o sintagma locativo é sempre *no corpo,* por exemplo:

(1) 4.36.4 As almas *andan* no corpo.

(2) 4.14.14 Corpo en que *andava* a alma.

Enquanto o corpo está vivo é esta a localização da alma; segundo a doutrina, é uma situação permanente que deixará de ser para transitar para outra situação permanente: «estar no ceo ou no inferno». Não ocorre no *corpus* «a alma anda no ceo, ou no inferno», mas ocorrem esses contextos com os verbos JAZER^1 e SEER^3, como veremos mais adiante.

Tanto JAZER^1 como SEER^3 ocorrem em contexto idêntico ao dos exemplos (1) e (2):

(3) 4.26.10 A alma *jaz* no corpo.

(4) 4.4.81 e 87 A alma *he* no corpo.

Os outros contextos que expressam atributo permanente com o verbo JAZER^1 são *no inferno, no paraiso,* podendo ser o sujeito *a alma* ou outro.

(5) 4.26.8 Fogo en que *jaz* a alma.

(6) 4.30.8, 4.40.37 e 38 Os maaos *jazen* no inferno.

(7) 4.30.8 Os bõõs *jazen* no paraiso.

(8) 3.8.33 Inferno en que *jazia* o judeu.

(9) 4.30.1 Nas pẽas do inferno en que *jazia* o rico.

(10) 4.30.3 e 6 O rico maao *jazia* no inferno.

Em contextos do mesmo tipo ocorre o verbo SEER^3:

(11) 4.41.1 A alma que *é* no inferno.

(12) 4.26.3 ... que as almas *sejam* no inferno.

(13) 4.30.2 Os bõõs que *son* no paraiso conhocen os maaos que *son* no inferno e os maaos que *son* no inferno conhocen os bõõs que *son* no paraiso.

E logo em seguida:

Ca Abraham que era bõõ e *jazia* no paraiso conhoceu o rico que era mao que *jazia* no inferno.

Por esses dados vê-se que nesses contextos ANDAR^1, JAZER^1 e SEER^3 comutam livremente, o que estabelece distinção entre ANDAR^1 e JAZER^1 em relação a SEER^3 é que na localização absoluta expressão de um atributo permanente SEER^3 é mais generalizado uma vez que ocorre em contextos mais diversificados. Alguns equivalentes aos analisados anteriormente (cf. exs. (14), (15) e (16)).

(14) 2.23.21 As almas que *eran* en juizo.

(15) 2.23.26 Almas que *son* no outro mundo.

(16) 4.1.3 Anjos que *son* na gloria.

E em outros:

(17) 3.37.65 Gram santidade *era* no homen.

(18) 2.2.18 A tentaçon mais *he* na mancebia.

(19) 2.2.21 Aqueles que Deus escolhe dementre *son* en idade de mancebia.

(20) 2.38.16 O Filho sempre *he* ali hu o padre he.

(21) 2.16.22 Cousas que no homen *son*.

A localização espacial relativa (LER) é realizada por qualquer um dos quatro verbos, sendo que o verbo ESTAR^1 é o mais generalizado: das suas 151 ocorrências em estruturas situativas 1, 135 estão em LER; JAZER^1 e SEER^3 ocorrem neste caso 57 e 56 vezes, respectivamente e ANDAR^1 em apenas 6 das suas 26 ocorrências em estruturas situativas 1.

Analisando os contextos vemos que ANDAR^1 ocorre em contextos restritos em que o sujeito é sempre *poçonha* ou *vĩho* e o sintagma locativo é realizado por *no vĩho, no vaso, no barril*. Note-se que em ambos os contextos o sema «movimento» pode ser depreensível, mas não se pode dizer que se trate do verbo ANDAR^2, verbo de movimento que analisaremos em 1.3.2.3.2.

(1) 2.28.5 O vĩho que en ele (no barril) *andava*.

(2) 3.6.10 e 3.6.12 Vĩho en que a poçonha *andava*.

(3) 3.6.15 Vĩho em que *andava* a poçonha.

(4) 2.3.12 Vaso en que aquela poçonha *andava*.

(5) 3.6.13 Vaso en que a poçonha *andava*.

Considerando os contextos em que ocorrem JAZER^1, ESTAR^1 e SEER^3 vamos observar que em muitos casos esses verbos aparecem em contextos idênticos. JAZER^1, no entanto, ocorre, em muitos casos, em situações em que os sema «posição deitada» pode ser depreendido e, nesses casos, não é comutável com ESTAR^1 e SEER^3:

(6) 4.4.83 Eles *jazen* en passamento.

(7) 4.29.3 *Jazendo* en seu leito de noite.

(8) 4.29.3 s 1.28.39 *Jazendo* en seu leito de enfermo.

(9) 2.1.51 Achôo-u *jazer* en hũa cova.

(10) 3.19.5 Acharon-no *jazer* en sa cela.

(11) 3.24.22 Viram o seu corpo *jazer* no muimento.

(12) 1.5.14 Leito en que *jazia*.

(13) 1.31.10 Logar hu *jazia* o corpo.

(14) 3.2.48 Cama en que o corpo *jazia*.

(15) 3.18.16 Chumaço en que *jazia*.

(16) 3.25.7 Strado en que *jazia*.

(17) 4.11.14 *Jazia* en seu leito coitada.

Nos exemplos acima (de 6 a 17) talvez se devesse analisar o verbo *jazer* não como cópula, mas como verbo intransitivo significando «estar deitado» e, assim sendo, melhor seria incluí-lo entre os intransitivos da estrutura do tipo descritivo 2 (cf. 1.3.2.4.2). Estamos aqui diante de uma situação em que sem dúvida faz falta o esclarecimento do falante nativo para tomar uma decisão. Já em outras ocorrências de JAZER^1 ele é cópula e o sema em causa não é depreensível:

(18) 3.37.18 Vio dentro no forno *jazer* hũũ pan.

(19) 1.30.1 (O pan) *jazia* sô hũa borralha.

(20) 2.6.1 O ferro *jazia* en o fundo do peego.

(21) 2.6.8 O mango *jazia* en o fundo da lagoa.

(22) 2.22.6 Daniel *jazia* en o logo dos leões.

(23) 3.32.10 Prison en que ele *jazia*.

(24) 1.15.10 Nas taalhas vazias non *jazian* senon pouquetĩhas olivas.

(25) 3.22.23 Os espiritos sairon do homen en que *jazian*.

Observando as ocorrências de ESTAR^1 vemos que ele se encontra em contextos idênticos a JAZER^1 pelo menos em duas passagens:

(26) 2.11.3 O servo de Deus *estando* en sa cela.

(26a) 3.19.5 Acharon-no *jazer* en sa cela.

(26b) 2.7.2 *Seendo* o honrado padre en sa cela.

(27) 4.12.7 Nunca podia *estar* en seu leito.

(27a) 1.5.14 Leito en que *jazia*.

Se em (26) o sema «estar de pé» é admissível, se admitirmos o sema «estar deitado» em (26a) e «estar sentado» em (26b), parece difícil admitir aquele sema em (27), embora em (27a) seja depreensível «estar deitado». Assim (27) parece constituir uma cópula situativa do tipo LER, como nos casos seguintes:

(28) 2.25.6 Achou hũũ dragon *estar* na carreira.

(29) 1.2.14 Monte sô que *estava* o penedo.

(30) 1.8.1 O mandadeiro do papa *estava* no moesteiro.

(31) 2.7.3 Terra en que *estava* a quarta.

(32) 2.11.6 Hũũ homen nobre que hi *estava*.

(33) 2.84.9 Ali hu o idolo *estava*.

(34) 3.20.9 Gente muita que *estava* na eigreja.

(35) 3.35.12 O oratório *estava* en hũa casa.

(36) 3.8.16 Naquel templo en que os espiritos maaos *estavan*.

(37) 3.19.5 Cousas que derredor *estavan*.

Em contextos semelhantes ocorre o verbo SEER^{1}. Confronte-se, por exemplo:

(34) e (38) 3.12.13 Poboo que enton *era* naquela cidade.

(30) e (39) 4.7.3 Quando (el) *era* no moesteiro.

(40) 4.20.3 Quando ainda eu *era* no moesteiro.

(36) e (41) 2.2.23 Vasos que no templo *eran*.

Em muitos outros casos a localização espacial relativa é expressa por SEER^{3} onde hoje esperaríamos antes ESTAR^{1}:

(42) 2.1.4 Dementre no mundo *era*.

(43) 3.16.23 Dementre en este mundo *foren*.

(44) 2.3.35 En que primeiramente *fora*.

(45) 3.32.28 Homens que ora *son* en nosso tempo.

(46) 1.5.33 Homen que no mundo *seja*.

(47) 3.37.55 En mão de Deus *sõõ*.

(48) 3.17.33 Aqueles que no mundo *son*.

(49) 2.8.34 Todo homen que *he* en este mundo.

(50) 1.8.39 Hu el *he?*

(51) 1.4.23 Hu *he* o Deus de Elias?

(52) 4.13.4 Naquel tempo Redenta *era* naquesta cidade e morava cabo da eigreja.

(53) 3.37.57 Todolos lombardos que en aquel logar *eran*.

Considerando os exemplos (18) a (25), (28) a (37) e (38) a (53) se pode afirmar que JAZER^3, ESTAR^1 e SEER^3 comutam, livremente, no situativo do tipo localização espacial relativa, não se podendo o mesmo afirmar de ANDAR^1, uma vez que ocorre em contextos muito restritos nesse tipo de localização.

No QUADRO 3, sumarizamos os factos analisados na expressão da relação situativa 1. Apresentamos os diversos tipos de localização e os verbos cópula da classe SEER^3 que preenchem cada predicado de localização. A ordem em que apresentamos os verbos em cada coluna indica a maior ou menor diversificação dos contextos em que ocorrem esses verbos do *corpus* nesta estrutura.

QUADRO 3

Tipos de localização	LT	LN			LEA		LER
		LN	LN posse	LN origem	LEA lg	LEA ap	
verbos da classe SEER^3	SEER^3	SEER^3	SEER^3	SEER^3	SEER^3	SEER^3	ESTAR
	——	ANDAR^1	——	——	JAZER^1	JAZER^1	SEER^3
	——	ESTAR^1	——	——	ESTAR^1	ANDAR	JAZER^3
	——	JAZER^1	——	——	——	——	ANDAR^1

Tratando-se de um facto semântico e sintáctico que distingue de modo marcante o português arcaico do actual, vale, a título de hipótese a ser verificada sistematicamente em um *corpus* contemporâneo, confrontar a informação acima com a situação que intuimos como usuário do português de hoje: reduziu-se o inventário dos verbos da classe SEER^{3}, eliminando-se JAZER^{1} nesta estrutura; ESTAR^{1} se expandiu e esse facto está relacionado directamente ao recesso de SEER^{3}: eliminou-se SEER^{3} na localização espacial relativa, há uma supremacia de ESTAR^{1} na localização nocional. Esses pontos de vista podem ser dispostos da seguinte maneira em quadro semelhante ao Quadro 3.

QUADRO 3a

Tipos de localização	LT	LN			LEA		LER
		LN	LN posse	LN origem	LEA lg	LEA ap	
verbos da classe SEER^{3}	SER	SER	SER	SER	ESTAR	ESTAR	ESTAR
	—	ESTAR	—	—	SER	SER	ANDAR
	—	ANDAR	—	—	—	ANDAR	—

De acordo com a proposta de B. Pottier (1978: 12), cada tipo de relação entre predicado e sujeito, ou seja, em cada tipo de voz (como ele denomina essa relação) se podem reconhecer três estatutos ao acontecimento: o estativo, o evolutivo e o causativo, com o valor respectivo de estado, mudança de estado e causa de mudança de estado. No exame dos dados de nosso *corpus* consideraríamos o «estatuto evolutivo» da relação situativa 1 como representado pelo verbo FICAR^{1}, e em uma única ocorrência o verbo MAER.

Na estrutura situativa 1, o verbo FICAR^{1} pode ocorrer expressando a localização espacial relativa (LER) e a localização nocional (LN), não ocorrendo na expressão da localização espacial absoluta nem na localização temporal.

Das 123 ocorrências de *ficar,* vinte e cinco expressam a relação situativa 1. Veremos, em 1.3.2.4.1, *ficar* na relação descritiva 1; ocorre ainda o significante *ficur* com o valor do moderno *fixar* ou *fazer ficar,* representante do causativo do situativo 1.

Exemplos de FICAR^1 em LER:

3.37.98 Maldade dos que *fican* no mundo.

3.36.14 Non pode *ficar* sobrelas aguas.

1.17.14 Non pode *ficar* sobrelas aguas.

3.2.7 El *ficara* en seu logar.

1.20.4 (El) *ficara* en essa cidade.

4.6.5 (El) *ficara* no moesteiro.

1.17.11 Hũũ menīho que hi *ficou.*

Exemplos de FICAR^1 em LN:

2.1.29 Fezeron-no *ficar* consigo.

3.2.15 En cuja servidoen *ficara.*

2.33.23 Roguei-te que *ficasses* comigo.

4.29.4 *Ficava* o corpo sen alma.

2.4.17 *Ficou* en oraçon.

2.33.24 *Ficou* con sa irmã.

O verbo MÃER, na sua ocorrência única, parece sinónimo de FICAR^1 e está em uma estrutura situativa 1 do tipo LER.

2.33.13 Non posso eu *mãer* nen ficar fora da mha cela.

Exemplos de FICAR^2, representante do estatuto causativo da relação situativa 1, cujo módulo sintáctico é:

SNsuj. → V transitivo + SN comp. + SNloc.

3.37.61 — Levanta-te e *fica* os geolhos en terra.

1.4.12 O santo homen deceu-se de sa besta en que andava e *ficou* seus geolhos en terra.

1.5.61 E o abade pois *ficou* os olhos en ele, disse ao bispo.

1.3.2.3.2 *Relação situativa do tipo 2.*

A estrutura sintáctica ou módulo dominante é:

SN ← V movimento + SN locativo

A relação situativa do tipo 2 tem o predicado representado por um verbo de movimento e um sintagma nominal locativo; entre o predicado e seu sujeito se estabelece uma relação situativa que implica numa mudança de posição espacial, portanto em deslocamento. Em sua proposta de 1978, B. Pottier considera esta estrutura como um tipo de estatuto evolutivo do situativo 1 e na de 1976 está incluída na situativa espacial. Já na proposta de 1980 distingue o situativo 1, que vimos de analisar, do situativo 2. Optamos por nova atitude por considerá-la mais de acordo com os factos linguísticos analisados.

Os verbos que incluímos na classe «verbo de movimento» que ocorrem no *corpus* são os que arrolamos a seguir. Para seleccioná-los partimos do princípio semântico de que todos têm como traço semântico ou sema comum «deslocamento no espaço» e como traço sintáctico comum exigem um sintagma nominal locativo. O valor de cada um desses verbos decorre dos semas específicos que com o sema comum a todos compõem o seu significado (³).

Por ordem de frequência são os seguintes os verbos de movimento que ocorrem na relação situativa 2:

VĨĨR ~ VĨĨR-SE: 377
IR ~ IR-SE: 186
SAIR ~ SAIR-SE: 161
PARTIR^1 ~ PARTIR-SE: 100
ENTRAR: 73
CHEGAR ~ CHEGAR-SE: 71
CAER: 63
ANDAR^2: 49
CORRER: 34
FUGIR: 30
TORNAR ~ TORNAR-SE: 24 (= «voltar, retornar»)
RECUDIR: 13 (= «sair»)
CAVALGAR: 12
ACHEGAR-SE 12
SOBIR: 11
DECER: 11
VOLVER: 11

Com menos de 10 ocorrências estão:

PASSAR^1: 8
APARTAR-SE: 6
ESFALFAR-SE: 3
SALTAR: 3
VAGUEJAR: 2

(³) Não descreveremos os semas específicos de cada um desses verbos. Isso cabe a um estudo de semântica lexical, de que não nos ocuparemos aqui.

NADAR:	2
PASCER:	2 (= pastar)
VOAR:	2
JORRAR:	1
APORTAR:	1
ALONJAR-SE:	1

Note-se que alguns desses verbos podem ocorrer no *corpus* seguidos ou não de um pronome que tem o mesmo referente do sujeito, portanto um reflexivo. São os verbos VĨIR, IR, PARTIR, CHEGAR, TORNAR^1. Outros só ocorrem com o reflexivo como ACHEGAR-SE, APARTAR-SE, ALONJAR-SE, ESFALFAR-SE e outros não ocorrem com o reflexivo: ENTRAR, CAER, CORRER, FUGIR, CAVALGAR, RECUDIR, SOBIR, DECER, VOLVER, PASSAR^1, SALTAR, VAGUEJAR, NADAR, PASCER, PORTAR, JORRAR, APORTAR. A expressão com o verbo seguido do reflexivo indica nas palavras de Mattoso Câmara Jr. (1975: 173) uma «participação intensa do sujeito no que o verbo expressa a que os «os gramáticos gregos chamaram de voz medial». Para B. Pottier (1969: 68), estruturas pronominais desse tipo representam a voz médio-activa.

Os verbos que se apresentam com índice numérico ocorrem em relações de outro tipo como *andar*, que está na relação situativa 1, como vimos, e na descritiva 1; *tornar* ocorre na descritiva 1 e *passar*, na descritiva 2. Esses verbos são portantos polissêmicos.

Contextos em que ocorrem a relação situativa 2:

Seleccionamos exemplos dos diversos verbos que ocorrem na relação situativa 2. A relação de localização que se estabelece entre o predicado e o sujeito pode ser do tipo LER ou LN, sendo menos frequente a última. Quando no *corpus* ocorrerem os dois tipos de localização para um mesmo verbo exemplificaremos ambos, se não for assim, apresentaremos exemplo do tipo de localização documentada.

— VĨĨR ~ VĨĨR-SE:

2.1.29 *Vẽẽron* a hũũ logar (LER)

3.5.11, 3.8.26 Tu *vẽẽsti* a tal estado (LN)

1.18.6 *Veo-se* pera casa (LER)

— IR ~ IR-SE: (4)

1.28.38 *Vai-te* pera teu moesteiro (LER)

4.4.22 Aqueles que *van* apolos deleitos da carne (LN)

2.8.43 Disse que *se ia* pera o ceo (LER)

2.4.7 Os monges *se foron* pera sa oraçon (LN)

— SAIR ~ SAIR-SE:

1.22.6 Quando *saia* da casa (LER)

2.3.42 *Saimos* nós de nós (LN)

2.23.13 *Saia-se* da eigreja (LER)

4.17.14 Para comendar as sas almas ant'a santa alma que *se saia* do corpo (LN)

— PARTIR ~ PARTIR-SE:

4.9.12 *Parte* de min, molher! (LER) (5)

---

(4) O verbo *ir*, como *seer*, *jazer*, *estar*, *andar*, ocorre seguido de gerúndio e como *vĩĩr* ocorre seguido de completiva com verbo no infinito. Disso tratamos na Parte II. 3.2 e 3.3.

(5) Ao contrário de IR, VIIR e SAIR, PARTIR^1, verbo de movimento, quase só ocorre como reflexivo. Quando ocorre sem

2.8.23 *Partira-se* daquel logar (LER)

4.33.8 Porque el non *se partira* dos deleitos (LN)

— ENTRAR

3.31.6 Quando todos *entramos* na eigreja (LER)

4.6.5 Ambos quando *entraron* en ordin deron quanto avian aos pobres (LN)

— CAER:

4.41.7 Se a graça de Deus parte dele e *cae* en pecado mortal dizen-lho que morre (LN)

2.3.49 E porque este *cae* en entendimento de cada homen, diz a Escritura que tornou a si meesmo (LN)

3.32.26 Polos seus merecimentos, dũũ grãão que *cae* sô a terra se levanta muita messe (LER)

2.11.9 Seixos que *caeron* da parede derribada non solamente os membros mais todolos ossos esmigalharon (LER)

— CHEGAR ~ CHEGAR-SE:

1.2.46 *Chegaron* a terra d'Africa (LER) (6)

---

reflexivo em geral se trata de PARTIR^2 (= «repartir»). Por exemplo:

4.23.17 As almas dos justos *parten* con eles os deleitos e os prazeres.

(6) Vale notar que é muito menos usual o verbo CHEGAR que CHEGAR-SE.

3.29.7 Ca (aqueles) non *chegaron* ao tempo en que os os princepes marteiravan os cristãos (LN)

3.33.15 Non *se chegando* o enmiigo a el (LER)

4.24.14 Aqueles que *se chegan* aa morte saben as cousas (LN)

— ANDAR^2 (7):

3.16.66 E tomavan sa saia e tragian-na ... *andando* pelos agros e rogando a Nosso Senhor (LER)

1.31.36 E assi en hũũ meesmo elemento en que San Pedro *andava* con seus pees, San Paulo non podia ir, nen *andar* con nave pola tormenta grande que avia (LER)

— CORRER:

4.1.110 Cavalos que *corren* pela terra (LER)

4.34.13 Aqueles que *corren* aos deleitos e aos prazeres da carne (LN)

— FOGIR:

3.35.8 A serpente *fogia* pera algũa cova (LER)

3.20.4 Outros *fugiron* da prea dos lombardos (LN)

---

(7) No *corpus* há 136 ocorrências do verbo *andar:* na estrutura situativa 2, em que significa «deslocar-se no espaço com os pés» ou com algo associável a pés por transferência de sentido (por exemplo: 3.36.8 A vela que *andava* ja pelas ondas do mar) ocorre 49 vezes. Nos outros casos *andar* ocorre ou seguido de gerúndio como vimos na Parte II, 3.2 ou na estrutura situativa 1 ou na descritiva 1.

— TORNAR^1 ~ TORNAR-SE (8):

2.33.18 Non podia *tornar* a seu moesteiro (LER)

2.3.40 *Tornava* a si medês quen sempre consigo andava (LN)

2.14.15 Os cidadãos que fugiron *tornaron-se* aa cidade (LER)

1.12.9 E o fogo *tornou-se* en si (LN)

— CAVALGAR

1.7.22 *Cavalgava* sobrelas peles dos carneiros.

— RECUDIR:

4.34.8 O fedor e a nevoa que *recudian* do rio (LER)

4.13.21 Tan gran prazer qual non poderia *recudir* de nenhũa cousa temporal (LN)

— ACHEGAR-SE:

1.19.5 *Achegou-se* o senhor bispo aa arca (LER)

4.46.12 Que *se* non *achegue* nen hũũ aaquel frade (LER)

— SOBIR:

3.17.23 *Sobian* ao monte (LER)

2.16.26 Aquelas cousas que nunca vio olho, nen orelha ouvio, nen *subiu* en coraçon d'homen (LN)

---

(8) Em 24 das 119 ocorrências de *tornar*, esse verbo está no situativo e no *corpus* é sinónimo de «volver»; de TORNAR^2 trataremos no descritivo 2 e aí ele equivale a «transformar-se em».

— DECER:

2.1.38 *Decen* do monte (LER)

4.34.13 *Decen* dos estados bõõs (LN)

— VOLVER:

1.13.1 Fez per sa oraçon *volver* hũũ gram penedo duum logar que os monges avian mester (LER)

3.32.4 Trabalhou-se de o fazer *volver* aa heresia d'Arrio que ante leixara (LN)

— PASSAR^1 (9):

3.12.3 Cavaleiros que *passavan* pela cidade (LER)

1.1.23 Enganos per que os que no mundo viven soen a *passar* (LN)

— APARTAR-SE:

2.4.7 *Apartavan-se* dele

— ESFALFAR-SE:

2.1.17 Tanto lhi semelhava come se *se esfalfasse* do mais alto monte ao mais fundo poço (LER)

— SALTAR:

3.22.11 — *Salte* dele (LER)

---

(9) O verbo PASSAR^2 ocorre no texto na estrutura descritiva 2, como intransitivo e sinónimo de «morrer»:

3.37.109 Ele *passou* ja daqueste mũdo.
4.11.1 De como *passou* dona Gala.

— VAGUEJAR:

2.25.3 San Beento o amoestou que non andasse *vaguejando* pelo mundo (LER)

— NADAR:

2.6.1 Mango que andava *nadando* na agua (LER)

— PASCER:

3.22.14 Enton andando hũũ porco *pascendo* ante a cela, disse-lhe a monja (LER)

— VOAR:

4.1.10 *Voan* pelo aar (LER)

— JORRAR:

3.26.6 A menĩha paralitica começou-se a *jorrar* d'hũa parte e da outra (LER)

— APORTAR:

4.28.5 Veo *aportar* a hũa insoa (LER)

— ALONJAR-SE:

4.13.28 Ata que se alonjaron de nós (LER).

De acordo com Pottier (1978) poderíamos considerar os verbos TRAGER e LEVAR como verbos de estrutura situativa 2, no estatuto causativo, admitindo-se como significado de TRAGER «fazer vĩĩr» e de LEVAR «fazer ir».

No causativo do situativo 2 o módulo sintáctico é:

SN suj → V transitivo + SN complemento + SN locativo

— TRAGER: (127 ocorrências):

1.29.32 Quando me *trages* a esta terra (LER)

4.4.85 Os mortos que ali *tragen* tornan vivos (LER)

1.17.11 *Trouve*-os pera o lagar (LER)

3.32.15 Amor que *tragen* na sa alma (LN)

3.8.33 *Trouve*-o aa gloria (LN)

— LEVAR (103 ocorrências):

3.16.45 Quen as *levará* daqui? (LER)

1.24.19 *Levaron*-na a hũũ rio (LER)

3.24.20 *Levaron* o corpo ao muimento (LER)

3.55.12 *Levô-o* pera o oratorio (LER)

1.3.2.4 **Relação descritiva.**

Distinguiremos a relação descritiva 1, em que o verbo do sintagma verbal é uma cópula que chamaremos da classe SEER[4], da relação descritiva 2, em que o verbo do predicado é, no estatuto estativo, intransitivo ou pronominal (POTTIER 1978. 24-29; 1980: 9).

1.3.2.4.1 *Relação descritiva do tipo 1.*

A estrutura sintáctica ou módulo dominante é:

SN ← V cópula + SA atributo + (SN agente)
(classe SEER[4])

Na relação descritiva 1 o predicado atribui uma característica ao sujeito e esta característica se realiza por um sintagma adjectivador. O sintagma adjectivador pode ser expresso por um adjectivo ou por um particípio passado; neste último caso, se, além do actante sujeito sintáctico ocorre um outro actante agente, estamos diante da estrutura tradicionalmente denominada «passiva analítica» que assim fica incluída na relação descritiva 1. Portanto, na «passiva analítica» se expressa uma relação descritiva biactancial, enquanto na descritiva 1 não-passiva há uma relação monoactancial (POTTIER 1975: 110).

Os verbos-cópula que ocupam a classe SEER^4 são no *corpus:* SEER^4, JAZER^2, ESTAR^2, ANDAR^3. É esse o mesmo conjunto de verbos que ocorre na estrutura situativa 1 (cf. 1.3.2.3.1), e também seguidos de gerúndio (cf. Parte II, 3.2).

A frequência desses verbos da classe SEER^4 na estrutura descritiva 1, em relação à frequência total deles no *corpus* em todas as estruturas em que podem ocorrer, é a representada no quadro seguinte:

QUADRO 4

Frequência Verbos	total no *corpus*	total na descritiva 1	% na descritiva 1
SEER	1648	423	25,6 % (SEER^4)
ESTAR	238	36	15,1 % (ESTAR^2)
JAZER	154	49	31,8 % (JAZER^2)
ANDAR	136	20	14,7 % (ANDAR^3)

Considerando o percentual de frequência desses verbos na estrutura descritiva 1 em relação a todas as estruturas em que podem ocorrer, verificamos que desse conjunto de verbos-cópula da classe SEER^{4} são os verbos JAZER^{1} e SEER^{4} os mais frequentes na estrutura sob análise, seguidos de ESTAR^{2} e ANDAR^{2}. Considerando o total de ocorrências da estrutura descritiva 1 — 528 — e o percentual desses verbos em relação a esse total verificamos que essa ordem de frequência se modifica:

QUADRO 5

Verbos	% na descritiva 1
SEER^{4}	80 %
JAZER^{2}	9 %
ESTAR^{2}	7 %
ANDAR^{3}	4 %

Excluímos desses dados a estrutura descritiva 1 do tipo «passiva analítica» de que trataremos depois, cujo verbo cópula é sempre SEER^{4}, não comutando com os outros. De acordo com o QUADRO 5 é o verbo SEER^{4} de longe o mais usual na estrutura descritiva 1.

Considerando o Quadro 4 acima e o Quadro 1, da análise da estrutura situativa 1 (1.3.2.3.1) veremos que *seer* é muito mais frequente na descritiva 1 que na situativa 1 (25 %: 10,3 %), enquanto *jazer, estar, andar* são mais frequentes na estrutura situativa 1 que na descritiva 1 (respectivamente: 50,9 %: 31,8 % *(jazer)*; 63,4 %: 15,1 % *(estar)*; 19 %: 14,7 % *(andar))*. Dissemos em 1.3.2.3.1 que ESTAR^{1} é o verbo-típico da estrutura situativa 1, o mesmo podemos dizer do verbo SEER^{4} para a estrutura descritiva 1.

Análise de contextos em que ocorre a relação descritiva 1:

Nesta análise procuraremos demonstrar a comutação dos quatro verbos da classe SEER^4 em contextos semelhantes, isto é, em que o mesmo atributo, quer expresso por um particípio passado, quer expresso por um adjectivo propriamente dito, ocorre com esses quatro verbos, que nesses casos são sinónimos. Não são frequentes os exemplos em que os quatro verbos ocorrem com o mesmo atributo; mas o mesmo atributo pode ocorrer com três ou com dois desses verbos:

— Atributo *coitado* com os verbos SEER^4, ESTAR^2, ANDAR^3 e JAZER^2:

(1) 2.27.9 E eles mi contaron que hũu homen *era* mui *coitado* com muito mal que lhi demandava hũu seu aversario.

(2) 1.29.7 A sas duas irmããs, que *eran* mui *coitadas* pola sa morte, veeron muit'agĩha ao bispo Fortunado con muitas lagrimas.

(3) 4.10.56 *Estando* hũu dia seu padre e os fisĩcos mui *coitados* con eles disse-lhis o bispo que fossen comer.

(4) 3.37.16 E o sancto homen de Deus confortava-os per sas palavras, prometendo-lhis o que non tiinha e porende *andava* ele mui *coitado* en sa alma porque non podia aver aquelo que prometera.

(5) 2.27.7 E ao terceiro dia vẽo aquel que *andava* *coitado* per razon da divida que devĩa.

(6) 3.16.39 — Servo de Nosso Senhor, ora que ti tolha Deus esta tempestade de que *jazes coitado*.

Os exemplos de (1) a (6) indicam que os quatro verbos da classe SEER[4] nessa estrutura sintáctica perdem os seus semas distintivos (de que já falámos em 1.3.2.3.1) e funcionam como cópula que realiza uma relação atributiva do tipo descritivo 1. Nos exemplos seguintes comutam em contextos semelhantes três ou dois desses verbos da classe SEER[4].

— Atributo *ascondudo* com os verbos SEER[4], JAZER[2] e ANDAR[3]:

(7) 2.2.26 Mais porque começasti a falar e a dar testemõiho dos bẽẽs que *eran ascondudos* do glorioso San Beento, rogo-te que acabes o que começasti a dizer daqueste santo glorioso.

(8) 3.18.23 Mais eu cuido que o maior de todolos miragres he fazer o morto viver e a alma que *jazia asconduda* faze-la tornar ao corpo.

(9) 2.8.9 E pois o santo homen deu muitas graças pelo pan que lhi enviaron non xi lhi ascondeu a poçonha que dentro *andava asconduda*.

— Atributo *preso* com os verbos SEER[4], ESTAR[2] e JAZER[2]:

(10) 2.31.1 Do homen que *era preso* e aa vista de San Bento se desataron as prisões.

(11) 3.23.13 Gaanharon que o ladron que ali *estevera* tan gram peça *preso* fosse livre.

(12) 4.40.33 Laços do enmiigo en que *jazen presos*.

Os atributos seguintes se apresentam em estruturas em que dois dos quatro verbos da classe SEER^1 comutam:

Com SEER^4 e ESTAR^2 estão documentados os atributos *presente* e *alonjado:*

(13) 3.37.6 Fez sa oraçon *estando* el-rei *presente.*

(14) 4.11.27 Ca as donas que enton *presentes foron,* contaron-no aas outras que depós elas veeron.

(15) 3.27.24 Tan verdadeiro juizo dera daqueles que tan *alonjados eran* dele.

(16) 2.37.14 Enton os seus discipulos assi os que eran presentes come os que *estavan alonjados.*

Com JAZER^2 e ANDAR^3 estão documentados os atributos *seguro* e *carregado.*

(17) 3.17.14 De quam gram merecimento foi ante Deus que con serpente per tres anos *jouve seguro.*

(18) 3.15.29 E assi temia de perder a pobreza que avia con que *andava seguro.*

Com SEER^4 e ANDAR^3 está documentado o atributo *triste:*

(19) 2.21.4 E pois o honrado San Beento viu que os frades *eran* mui *tristes* pola mengua que avia no moesteiro.

(20) 4.32.18 Que avedes? Por que *andades* tan *tristes* e chorosos?

Com ESTAR^2 e JAZER^2 está documentado o atributo *espantado:*

(21) 4.13.21 Os seus corações que *estavan espantados* pelo gram lume que viron, ficaron mui confortados.

(22) 4.24.46 E porque ela *jazia* muito *espantada* e fora de si, aqueles que hi estavan alçaron-no muit'agĩha e fezeron-no seer e tornou a si.

Se nos exemplos (6), (8), (12) e (17) não se pode duvidar de que se trate da cópula da classe SEER^4, no exemplo (22) *JAZER* pode ser interpretado como portador do sema «estar deitado». O confronto com os predicados seguintes — «alçaran-no» e «fezeron-no seer» parecem permitir a interpretação de que o sujeito em foco antes «jazia», isto é, «estava deitado». Há algumas outras ocorrências de *jazer* em que o sema «estar deitado» faz, sem dúvida, parte do significado do verbo, o que se pode depreender pelo contexto em que ocorre, por exemplo:

(23) 4.11.14 *Jazia en seu leito coitada.*

(24) 2.8.36 Jonas *jouve* tres dias *ascondudo no ventre da baleia.*

(25) 1.5.36 Hũa serpente *jazia tenduda* na carreira.

Em outros contextos é impossível admitir o sema em causa, como ocorre nos citados exs. (6), (8), (12), (17) e em muitos outros como:

(26) 1.5.26 Achô-o *jazer dependorado.*

(27) 3.37.11 As olivas *jazian apremudas.*

Com o atributo enfermo que ocorre no *corpus* com SEER^4 (exs. 28 e 29) e JAZER^2, por vezes *jazer* significa «estar deitado» (exs. 30 e 31) e por vezes pode ser que não (exs. 32 e 33).

(28) 3.12.16 E deu-lhi hua doença e, *seendo enfermo* pera morte, mandoo-u a dizer a seus clerigos.

(29) 3.2.48 A camara en que ele jazia quando *era enfermo* tremeu.

(30) 4.13.26 O leito daquela que *jazia* enferma.

(31) 4.29.3 *Jaz enfermo* en seu leito.

(32) 1.28.38 — Vai e deita desta agua beenta sobrelo corpo daquel que *jaz enfermo.*

(33) 4.43.20 Aqueste, *jazendo enfermo* dũa enfermidade de que cuidava ja a morrer, vio de noite en vison hũũ homen bõõ.

Nos exs. (32) e (33) *jazer* parece ser comutável com *seer* dos exemplos (28) e (29). Será nesses casos em que não traz sem dúvida valor de «estar deitado» um verbo-cópula da classe SEER^4 e não um verbo do tipo que será analisado na relação descritiva 2.

Em alguns casos, em *andar* também ainda se pode depreender o sema específico «deslocamento no espaço»; é o caso do exemplo 34:

(34) 1.7.19-20 Como quer que fosse abade de muitos moesteiros, andava per muitas cidades e per muitas vilas ... tan vilmente *andava vestido* que se alguen non o conhocesse terria-se por despreçado en o salvar, ainda que o el primeiramente salvasse.

Já em outros, como vimos (cf. exs. (4), (5), (9), (18), (20)), ANDAR^3 comuta com SEER^4, ESTAR^2 e JAZER^2 como cópula da classe SEER^3. O exemplo seguinte confirma isso:

(35) 2.31.15 Quando pos os olhos nas mããos que *andavam legadas,* tan agĩha se desataron elas per si que ...

Com esses dados queremos chamar a atenção para o facto de que ANDAR^3 e JAZER^2 podem ser, em alguns contextos, analisados como portadores de um sema específico que os impede de comutar livremente nestes casos com SEER^4 e ESTAR^2; sendo assim podem estar aqueles dois verbos mais marcados semanticamente que os outros dois que podemos considerar sempre como verbo-cópula na estrutura descritiva 1.

Na relação descritiva do tipo 1 o atributo pode ser visto como não-transitório, permanente ou, contrariamente, pode ser visto como relativo, transitório (cf. POTTIER 1974: 110 e CHARAUDEAU 1971: 31-39). Em todos os exemplos já apresentados o atributo é do segundo tipo e qualquer um dos quatro verbos-cópula pode ocorrer neste caso.

Quando o atributo é não-transitório, permanente, independente portanto de uma circunstância, o verbo SEER^4 é a cópula empregada. Deste modo o verbo SEER^4 tanto pode expressar um atributo permanente como um atributo transitório, diferentemente do que ocorre hoje em que o atributo transitório é expresso em geral por *estar* ou por *andar* já que *jazer* deixou de ser usado em estruturas deste tipo. O facto de SEER^4 poder ser empregado com atributo de qualquer tipo é um argumento a favor para considerá-lo o verbo típico da relação descritiva 1.

Exemplos de SEER^4 com atributo permanente:

(36) 1.16.30 Sa melhor Rabeca que *era manĩha.*

(37) 1.17.4 A eigreja daqueste bispo *era* mui *pobre*, ca non avia nen hũa cousa en que se podesse manteer senon hũa vinha soo.

(38) 2.5.4 E porque o monte *era* mui *alto* quando decian aa costa do monte avian mui tarragido.

(39) 2.13.5 Non cansaremos tanto en esta carreira, que *he* tan *grande*.

(40) 1.26.4 Seu padre avia hũa enfermidade a que chaman alefante e *era* tan *perigosa* que ...

(41) 1.25.19 Ca se a entençon que homen ha na obra que faz *he* bõa, a obra *seerá* bõa; e se *maa he* a entençon que o homen ha, a obra *seerá* maa.

Os exemplos (1), (2), (7), (10), (14), (15) e (19) ilustram bem o emprego de SEER^4 com atributos transitórios, em contextos em que hoje se usaria antes ESTAR^2. Confrontando-se, por exemplo, (13) e (14) em que o atributo é o mesmo vê-se a variação livre no uso de *ser/estar* com um atributo transitório; os exemplos (42) e (43) também ilustram a variação entre SEER^4 e ESTAR^2 com um mesmo atributo:

(42) 1.19.12 Entrou o bispo na eigreja de Santa Maria e começô a rogar que lhi desse onde podesse amansar a sanha do clerigo, que *era* tam *bravo* e tan *felon* contra ele polos dinheiros que lhi tomara.

e, mais adiante:

(43) 1.19.14 E pois se o bispo saio da eigreja, deitou aqueles soldos d'ouro no regaço daquele

seu sobrío clerigo de missa que *estava* mui *felon* e disse-lhi:

SEER^4 é mais frequente que ESTAR^2 na expressão do atributo transitório, relativo. Embora não tenhamos destacado, na contagem, as ocorrências de SEER^4 com atributo transitório das ocorrências de SEER^4 com atributo permanente basta notar que ESTAR^2 ocorre ao todo apenas 36 vezes em estruturas descritivas (7 % do total) e em todas com atributo transitório, enquanto SEER^4 ocorre 423, 80 % do total das estruturas descritivas do tipo 1; antes apresentamos 8 exemplos de SEER^4 com atributo transitório, facilmente se poderia alcançar e ultrapassar as 36 ocorrências de ESTAR^2. Acrescentaremos, no entanto, a seguir apenas alguns exemplos para documentar melhor esse facto que é de grande interesse por ser esse uso de *ser* com atributo de natureza relativa ou transitória uma das características que mais marcam o português antigo para um leitor de hoje:

(44) 3.37.111 E hi se deitou a folgar porque *era* mui *cansado* do trabalho que ouvera.

(45) 3.11.5 O rio saira da madre e enchera todolos campos assi que non ficara nen hũũs logares en que podessen semear, ca todolos logares *eram cheos* d'agua do rio, que se estendera per toda aquela terra en que soian semear.

(46) 1.30.4 He custume naquela proença que o pan quando *he cruu* assiinan-no com hũũ madeiro que semelha que se pode partir per quatro quartos en semelhança de cruz.

(47) 1.1.7 E seendo eu assi chorando sen conforto nen hũũ que do mundo fosse, o meu

filho muito amado Pedro, clerigo d'avangelho, e des sa mancebia sempre meu amigo e meu companheiro, veendo-me *seer* tan *desconfortado* e chorar con tanto prazer as amarguras grandes que eno meu coraçon avia, disse-mi...

(48) 1.1.14 E o coraçon que tan *fremoso* soia *seer* pelos bẽẽs celestiaes en que sempre cuidava, luxa-se cada dia mais e mais pelo cuido dos feitos terreaes.

(49) 4.12.17 E depós esto, tanto foi o bõõ odor que naquela casa ficou que todos aqueles que *presentes foron* nunca tan *ledos* poderan *seer* per odor de nen hũa outra cousa qualquer que fosse.

(50) 4.35.6 — Reconhosco, padre, que de todas aquelas cousas en que duvidava *soon certãão* per aquelo que mi dissesti.

Os factos descritos podem ser sumarizados no seguinte quadro:

QUADRO 6

Tipo de atributo	permanente	transitório
Verbos da classe SEER^{4}	SEER^{4}	SEER^{4}
	——	ESTAR^{2}
	——	JAZER^{2}
		ANDAR^{3}

À semelhança do que fizemos na análise do situativo 1, podemos confrontar o Quadro 6 com 6a que indica a situação no português actual; embora não se tenha feito uma pesquisa sistemática do problema no português contemporâneo, como usuário desse dialecto podemos representar a situação actual da seguinte forma:

QUADRO 6a

Tipos de atributo	permanente	transitório
Verbos da classe SEER^4	SER ——	ESTAR ANDAR

Isso demonstra a exclusão de *jazer* do inventário e a expansão de *estar*, eliminando *ser* na expressão do atributo transitório. Tanto na estrutura situativa como na descritiva ocorreu ao longo da história da língua a expansão de *estar* sobre *ser* e o desaparecimento de *jazer*.

O «estatuto evolutivo» da relação descritiva do tipo 1 pode ser expresso também pelo verbo *seer*, *SEER*^{5}, além dos verbos TORNAR^2 e FICAR^3.

Exemplos com o verbo SEER^5:

(51) 4.22.8 Ca aquele que dementre era vivo caera en pecado de desobedeencia *foi limpio* de pecado pela pẽa da morte que sofreu e assi despola morte ficou justo.

(52) 4.24.25 E aquele frade Jeruncio que esto vira *foi certo* de quanto ouvio per tan certa vison que vira.

(53) 3.4.3 O santo homen de Deus lhis fez pregunta se avian fe que este enfermo podia *seer são* per vertude de Deus ou non.

(54) 1.5.74 E pois se tornou o monge que estas novas trouxera, achou que naquela hora *foi* a monja *sãã* da féver, en que o abade que estava ende muito alonjado dissera que *seeria* sãã.

(55) Do monje que *foi livre* do enmiigo.

Os verbos TORNAR^2 e FICAR^3 são os outros representantes do «estatuto evolutivo» da relação descritiva 1. Vimos que TORNAR^1 ocorre na estrutura situativa 2 e FICAR^1 na situativa 1 e FICAR^2 no causativo da situativa 1. TORNAR^2 está documentado 9 vezes em estruturas descritivas, dentre as 119 de suas ocorrências no *corpus* e FICAR^3 está documentado 48 vezes na descritiva, enquanto o seu total no *corpus* é 123. FICAR^3 é portanto mais frequente que TORNAR^2 na expressao do estatuto evolutivo da estrutura descritiva 1.

O emprego de *ser* no estatuto evolutivo da relação descritiva 1 veio a desaparecer ao longo da história da língua portuguesa, permanecendo, no entanto, *ficar* e *tornar*.

Exemplos de FICAR^3:

(56) 3.8.23 Ele lhi disse que *ficara namorado* dela a gram dano de sa alma.

(57) 3.2.50 Todos aqueles que viron a morte de Paulino *ficaron* muito *envergonhados*.

(58) 3.6.8 El rei mui *ledo ficou*.

(59) 3.22.5 Seu padre *ficou* mui *sanhudo*.

(60) 4.38.6 E pois que tangeu a dalmatica logo *ficou sãão* e salvo e livre e quite do mal.

Exemplos de TORNAR²:

(61) 4.4.85 Os mortos que ali tragen *tornan vivos.*

(62) 3.19.6 E os godos pois esto viron *tornaron* mui *sanhudos.*

(63) 3.7.8 E a voontade que ante tragia inchada contra el con sobérvia *tornou mansa* e *homildosa.*

(64) 1.41.1 Como Nonoso juntou os pedaços da lampada do vidro que lhi caera das mãos e *tornou* tan *sãã* come ante.

Confrontando os exemplos (53), (54), (60) e (64) em que SEER⁵, FICAR¹ e TORNAR² estão em contextos idênticos isto é, com o mesmo atributo, se verifica que esses três verbos são comutáveis nesta estrutura.

1.3.2.4.1.1 A passiva analítica: relação descritiva 1, biactancial.

A relação descritiva 1 biactancial é sempre expressa pelo verbo SEER⁴ seguido de atributo expresso por particípio passado de um verbo transitivo o que permite a presença do chamado agente da passiva, sujeito lógico, segundo actante nessa estrutura, já que nas estruturas descritivas até agora analisadas o único actante era o sujeito sintáctico e lógico da frase. Esse tipo de relação descritiva 1 é tradicionalmente denominado de passiva analítica ou passiva perifrástica em face da chamada passiva pronominal ou passiva reflexiva. O agente, sujeito lógico, está representado por um sintagma nominal introduzido pela preposição *per*(a) ou pela preposição *de*(b), podendo também ser omitido(c), mas pelo contexto se pode inferi-lo.

Exemplos:

a. (65) 1.13.10 Hũũ mui pequenĩho logar *era embargado per hũũ gram penedo.*

(66) 1.28.41 Aquel que non quis obedecer ao santo bispo *foi atormentado polo juizo de Deus* que veo sobr'ele pela oraçon do santo bispo.

(67) 1.1.2 Este livro *foi feito pelo nobre San Gregorio.*

(68) 1.4.16 Aqueste miragre *foi feito pelos merecimentos do abade santo.*

(69) 4.24.45 E quando *per esta tempestade geeral* aqueles *foron feridos* a morte, aqueste antre eles outrossi foi ferido tan mal que veo depois a morrer.

(70) 1.17.5 Aquesta vila *foi destroida per pedra* que veo sobre ela.

b. (71) 1.5.75 Nosso Salvador quando *foi convidado do rei* que fosse veer seu filho lhi disse que era sãão.

(72) 2.21.15 O profeta Natan quando lho outrogou non *era alumeado do Spiritu Santo.*

(73) 3.32.47 *He condenada de Deus e dos homẽẽs* a heresia d'Arrio.

(74) 4.26.8 A alma *he atormentada daquel fogo* en que jaz e *de que he retheuda*.

(75) 1.24.6 Aquesta manceba *foi vençuda do deleito da carne*.

(76) 3.17.3 Aqueste *foi conhoçudo de muitos destes nossos clerigos*.

c. (77) 1.5.78 E depois que *Basílio foi deitado* do moesteiro.

(78) 1.16.19 Este prestumeiro non *foi chamado* antr'os outros.

(79) 1.3.1 De Libertino como seendo presente non *foi achado*.

(80) 1.24.5 Aquesta manceba con sa sogra *foi convidada* para ir aa consagraçon da eigreja de San Savaschããо.

(81) 2.7.4 E o servo de Deus vio todo esto que *foi feito* e chamou agĩlha o seu monge.

(82) 2.24.1 Do monge pequenĩho que deitou a terra de si depós que *foi soterrado*.

(83) 2.32.1 Do filho do homen bõõ que *foi resuscitado* de morte a vida.

(84) 3.18.32 Depois que *foi convertudo*, tan grande foi o amor que ouve a Jesu Cristo que sofreu por ele muita fame.

(85) 4.22.5 Podes entender que o pecado da desobedeença lhi *foi perdoado*.

(86) 4.46.18 E assi como don abade mandou fazer, assi *foi feito* todo.

De (77) a (86) tem-se exemplos de «passiva analítica» de agente ∅. Embora não tenhamos feito um levantamento exaustivo no *corpus* das estruturas *a, b* e *c* acima exemplificadas, se destaca a frequência de *c*. A ausência do agente implica na não-determinação do sujeito lógico da frase; é esse sem dúvida um dos mecanismos utilizados para expressar a não-determinação do sujeito. Sobre outros mecanismos utilizados para isso no *corpus* cf. 1.2.2.2.

A propósito da preferência pelo agente introduzido por *de* ou por *per* no português medieval diz Epifânio Dias (1959: 129) que se prefere *de* com verbos que «exprimem sentimentos e manifestações de sentimentos», exceptuando-se o seu uso com verbos que «exprimem a ideia de *construir* e *fabricar*». Os exemplos apresentados mostram o uso do agente *de* com verbos de valores semânticos diversificados e, com o mesmo verbo, *atormentar*, ora ocorre o agente com *per* ora com *de*, cf. os exs. (66) e (74).

Para verificar a afirmação citada observamos sistematicamente todas as ocorrências de passiva analítica no Livro I, cerca de 18 % do *corpus*. Nesta amostra ocorrem 38 casos de passiva analítica; em 10 deles o agente explícito é introduzido por *per* e em 9 o agente é introduzido por *de*. Há portanto uma escolha equilibrada entre *per* e *de* e, por outro lado, há 19 ocorrências da estrutura sem o agente explícito, equivalendo a estruturas de sujeito não-determinado.

Observando os verbos que ocorrem com *per* e os verbos que ocorrem com *de*, encontramos os seguintes dados: com *per* estão os verbos *fazer, queimar, embargar, acrecentar, acabar, destroir, atormentar* e com *de* os verbos *saber, ordĩhar, conhocer, enganar, guardar, criar, vencer, convidar, atormentar*.

Se *fazer* se pode incluir entre os verbos de «construir e fabricar» de E. Dias (e nesta amostra ocorre três vezes e só com o agente precedido de *per)*, o mesmo não se pode dizer dos outros que apresentam agente precedido de *per*. Se *saber*, *ordīhar* e *conhocer*, embora não sendo verbos que «exprimem sentimentos» são verbos que exprimem *lato sensu* conhecimento, portanto próximo aos verbos de sentimento (na amostra, ocorrem 4 vezes e só com o agente precedido de *de)*, o mesmo, no entanto, não se pode dizer dos outros verbos que ocorrem com o agente *de*, excepto talvez o verbo *enganar*,

Com esses dados do Primeiro Livro dos *Diálogos* não se pode negar a afirmação de E. Dias, mas tudo indica que, se aquela preferência havia, também parece que havia certa liberdade na escolha da preposição introdutória do agente, independente do conteúdo semântico do verbo.

1.3.2.4.2 *Relação descritiva do tipo 2.*

Na estrutura descritiva 2 o predicado atribui uma característica (POTTIER 1978: 25) ao sujeito, expressa pelo próprio verbo. A estrutura sintáctica ou módulo dominante nesta relação é:

SNsuj. ← V intransitivo.

Ao contrário das estruturas até aqui estudadas, a classe de verbos que ocupa essa posição não apresenta inventário tão restrito como o dos verbos das estruturas já analisadas. Assim sendo, não levantaremos todos os verbos que no *corpus* ocorrem na relação descritiva 2, apresentaremos alguns deles em seus contextos.

Destacamos inicialmente os verbos que já ocorreram em outras estruturas e que também podem ocorrer nesta. São eles: SEER^{6}, JAZER^{3}, ESTAR^{3}. Em momentos anteriores desta descrição (cf. Parte II, 3.2 e na Parte III, 1.3.2.3.1 e 1.3.2.4.1) mencionamos que esses verbos podem ocorrer no *corpus* com o seu valor semântico etimológico de, respectivamente, «estar sentado», «estar deitado», «estar de pé». Desses três verbos é JAZER^3 o mais frequente e em 1.3.2.3.1 discutimos a dificuldade de classificar esse verbo como JAZER^1 ou como verbo da relação descritiva 2. Optamos então por considerar verbo da relação descritiva 2 o *jazer* que ocorre em exemplos como os seguintes já mencionados em 1.3.2.3.1 e que repetimos aqui:

4.4.83 Eles *jazen* en passamento.

4.29.3 *Jazendo* en seu leito de morte.

1.28.39 *Jazendo* en seu leito de enfermo.

1.5.1 Achôo-u *jazer* en hũa cova.

1.9.5 Acharon-no *jazer* en sa cela.

2.4.22 Viram o seu corpo *jazer* no muimento.

1.5.14 Leito en que *jazia*.

1.31.10 Logar hu *jazia* o corpo.

3.2.48 Cama en que o corpo *jazia*.

3.18.16 Chumaço en que *jazia*.

3.25.7 Strado en que *jazia*.

4.11.14 *Jazia* en seu leito coitada.

SEER^6 e ESTAR^3 não são tão usados na descritiva 2. Vimos que *seer* é o verbo típico da estrutura equativa (SEER^2) e da estrutura descritiva 1 (SEER^4) e que o verbo *estar* é o verbo típico da situativa 1 (ESTAR^1).

É interessante notar que o verbo *seer* quando na descritiva 2, com valor de «estar sentado» ou «estar assentado», ocorre sempre nas formas historicamente derivadas do *sedēre* latino e não do *esse: seve* (3 vezes), *severon* (1 vez), *sevesse* (2 vezes), *siia* (20 vezes), *siiam* (6 vezes), *se* (1 vez) e *seen* (2 vezes), formas essas que vieram a desaparecer e outras que persistiram como *seer, seendo,* etc. (cf. MICHAËLIS 1920; s. v. *seer).*

3.8.11 E todos davan razon a hũũ seu maioral que *siia* en hũa cadeira.

3.34.20 Per esta filha de Caleph que *siia* en cima da asna que he animalha sen razon.

2.1.48 Candea que *sê* sobrelo candeeiro.

3.34.14 *Seendo* en cima de seu asno.

4.12.7 Ele non se podia levantar nen *seer.*

2.1.52 E pois fezeron sa oraçon, *severon* e contaron muitas boas cousas.

2.33.7 O abade San Beento vẽo a ela con seus discipolos e *seve* con ela todo o dia.

3.18.16 Abrio os olhos e alçou a cabeça e as costas do chumaço en que jazia e *seve* no leito e maravilhou-se come se se espertasse de gram sonho.

3.27.30 Fala Nosso Senhor quando preguntou aos filhos de Zebedeu per razon de sa madre deles que o rogava que quando fosse no seu reino hũũ de seus filhos *sevesse* aa parte destra e o outro aa seestra.

O verbo ESTAR^{3} é menos frequente que SEER^{6} e JAZER^{3}, mas seu valor etimológico de «estar de pé» ou «estar em posição vertical» e seu emprego como verbo intransitivo numa estrutura descritiva do tipo 2 pode ser depreendido em algumas passagens do texto, por exemplo:

4.9.6 Nen er sofreu que ouvesse con el ne hũũ afazimento nen en comer nem en bever nen en falar nen en seer nen en *estar* hu el sevesse ou *estevesse*.

3.15.66 Assi como hũũs caeron per sobérvia assi os outros *esteveron* per homildade.

1.2.14 Hũũ gram penedo ... viindo mui teso pera destroir todo o moesteiro ... o santo Onrrado ... fez o sinal da cruz sobrelo penedo e logo o penedo *esteve* en si e non foi mais.

Como era de esperar, muitos verbos intransitivos ocorrem no *corpus* na estrutura descritiva do tipo 2. Seguem-se alguns exemplos:

— ARDER:

1.10.6 *Ardia* a agua nas lampadas.

1.12.6 *Ardera* ja hũa peça da cidade.

4.40.22 Eles *arderán* por sempre.

— BAFEJAR:

4.9.10 Sa companheira pose-lhi a orelha nos narizes pera ver se *bafejaria* ainda.

— BRAMIR, BERREGAR, ROSNAR, ASSEVIAR, GRUNIR:

3.5.9 O enmiigo antigo começou a dar braados e grandes vozes *bramindo* come leon, *berregando* come boi, *rosnando* come asno, *asseviando* como serpe, *grunindo* come porco.

— TORCER, ESPUMAR:

3.22.9 E estando ante eles entrou o enmiigo en ele e e fazia-o *torcer* e *espumar* e braadar mui rijamente.

— BUCEGEAR:

3.18.16 E pois lha fregou hũa gram peça, tornou a alma ao corpo e *bucegeou* e abrio os olhos.

— CARPIR:

4.10.8 O menĩho que *carpia* e braadava come leon.

— ESPLANDECER:

1.19.13 Achou XII soldos en ouro e *esplandecian* tan muito come se naquela hora saissen da fravega.

— FOLGAR:

2.38.4 Vẽo aaquela cova e hi *folgou* toda aquela noite.

— JAJUNHAR, CHORAR, FALECER:

3.33.35 E esta enfermidade avendo, chegava-se a festa de Pasqua e porque no Sabado Santo en que todolos membros *jajunhavan* e eu non podia jajũhar comecei a *chorar* mui rijamente e *falecia* ja mais polo choro, tan sobejo era, ca pela enfermidade.

— RIIR, JOGAR:

4.15.16 E a Virgen lhi mandou logo que des aqui en deante se guardasse de *riir* e de *jogar*.

Outro módulo sintáctico da relação descritiva 2 é o que tem os verbos pronominais como núcleo do sintagma verbal:

SN suj. ← V pronominal

O pronome reflexivo que complementa o verbo tem o mesmo referente do sujeito, o que segundo Mattoso Câmara Jr. (1969: 68) indica uma «participação intensa do sujeito no que o verbo expressa». Há muitos verbos deste tipo no *corpus*, seguem alguns exemplos:

— ACAENTAR-SE:

1.25.6 Hũũ homen ... tiinha seu fogo ante si a que *se acaentava* con sa molher e con seu filho.

— ALEGRAR-SE:

4.4.18 *Alegra-te*, mancebo.

4.4.21 Conselhou que *se alegrasse*.

— ASSEENTAR-SE:

3.37.12 E pois *se asseentaron* a comer pose-lhis aquel pan deante.

3.6.4 El-rei non quis comer, mais *asseentou-se* na destra parte do honrado bispo Sabino.

— BANHAR-SE:

4.45.4 Aqueste sacerdote soia ir a hũas caldas pera *se banhar* en elas.

4.45.5 E pois *se* o clerigo *banhou* deu aaquel que o servia aquelas obradas.

— DESNUAR-SE, DEITAR-SE (¹⁰)

2.2.8 *Desnuou-se* da vestidura que tragia e *deitou-se* ora antr'as espĩhas ora antr'as ortigas.

— DESVESTIR-SE:

1.22.6 Quando saia da casa e achava algum pobre andando nuu, *desvestia-se* aas vegadas da saia e dava-lha.

— DOER-SE

4.40.37 Mais pouco *se doerán* aqueles justos que son no paraiso.

— EIXERGAR-SE:

4.9.11 Como quer que ouvesse o sopro mui somido e que adur *se eixergava*, colheu o espiritu.

— HOMILDAR-SE:

1.1.35 Se bõõ he, *homilda-se* mais porque ouve mais bẽẽs d'outros ca de si.

Parece ser adequado considerar verbos como esses como representantes em forma sintética do «estatuto evolutivo» ou seja de um «mudança de estado» da relação descritiva do tipo 2. Pode-se aceitar que *acaentar-se, alegrar-se, asseentar-se* etc. sejam equivalentes a «FICAR quente, alegre, assentado, etc.».

(¹⁰) Cf. DEITAR¹ e DEITAR² no estudo da relação possessiva, 1.3.2.5.

O «estatuto evolutivo» da relação descritiva 2 também pode ser expresso por verbos intransitivos, não-pronominais portanto, como nos exemplos seguintes:

— AMADURECER:

1.17.7 Aqueles poucos d'azeos d'uvas *amadureceron*.

— ASSESSEGAR:

2.25.2 Hũũ seu monje non podia *assessegar* en seu moesteiro.

— ENFERMAR, ENFRAQUECER:

3.25.14 Eu *enfraqueci* e *enfermei* per muitos dias.

— ENSANDECER:

1.17.9 Cuidou que seu tio *ensandeceu*.

2.38.3 Hũa molher *ensandeceu*.

— ENVELHECER:

1.1.23 Nunca lhis quis dar nen hũa honra no mundo que *envelhecessen* vivendo con os homens do mundo.

— CEGAR:

3.30.1 D'Arriano bispo como *cegou* per vertude de Deus.

Em todos esses casos, pode-se considerar que a expressão sintética do evolutivo por meio desses verbos intransitivos corresponde à expressão analítica do tipo «FICAR *amadurecido, assessegado, enfermo, enfraquecido, sandeu, velho, cego*», correspondente ao módulo

SN suj ← V cópula + SA

analisado em 1.3.2.4.1; esse mesmo módulo representa a expressão analítica correspondente à sintética expressa pelos verbos pronominais antes analisados.

O «estatuto causativo» da relação descritiva 2 é expresso pelo módulo:

SN suj → V transitivo + SN complemento

e pode ser exemplificado pelos verbos seguintes:

— AMANSAR:

1.13.9 En este moesteiro en que era preposto *amansava* per homildade *a sanha* do abade.

— AFEDORENTAR:

4.34.20 O deleito e o prazer *afedorentan o entendimento* do homen.

— ALUMEAR:

1.10.6 Faleceu o azeite pera *alumear as lampadas.*

2.12.3 (Ele) nen sempre *alumea as mentes.*

— APREMER:

4.13.19 Hũũs *apremian os outros.*

— ALIMPIAR, APROEZAR:

2.3.3 A terra depois que *a alimpian* das espĩhas e dos cardos e das ervas maas que en ela ha crece e *aproeza a semente.*

— ARREFEENTAR:

4.27.14 Envia Lazaro que molhe a cabeça dũũ dedo pera mi *arrefeentar mha lengua.*

— ASSANHAR:

3.28.7 Por que non *assanhassen o seu criador* ante quiseron morrer.

— ATORMENTAR:

4.24.44 A tempestade *atormentou esta cidade.*

1.9.11 O espiritu maao tanto tempo *os atormentou* que o souberon os outros.

— AVIVAR:

3.27.12 Pera trabalhar d'*avivar todos* aqueles que a el viinham.

— AVIVENTAR:

4.26.11 Non *aviventa* assi *o fogo.*

— BEENZER:

1.16.29 Ele *bẽẽzeria o lĩagen* dos homens.

2.9.6 *Bẽẽzeu a pedra.*

— CEGAR (¹¹), ESCURENTAR:

4.34.20 O prazer da carne *cega* e *escurenta* o entendimento do homen.

(¹¹) *Cegar* ocorre como verbo intransitivo no «estatuto evolutivo», como exemplificamos anteriormente. O mesmo pode ocorrer com outros verbos que se apresentam na relação descritiva 2: ora são usados em um módulo sintáctico, ora noutro.

— CONFORTAR:

2.5.70 O homen de Deus *o confortou* (12)

— CONSAGRAR:

4.45.12 Pan e vinho de que *consagres o corpo.*

3.31.5 Prougue aos cristãos que *a consegrassen* e posessen hi as religas de San Savaschãão.

— COZER:

3.37.18 Molheres que *o* hi *cozeron.*

3.19.6 Querian *cozer o pan.*

— ÇUJAR:

3.16.49 Guardan-se de *çujar sas mentes.*

— DEFAMAR:

1.25.20 Fazia-o pera *defamar o bispo.*

— DEOSTAR:

4.16.5 Avia encostume de *deostar Deus.*

4.16.15 E pois esto disse *deostou o nome* e o poderio de Deus.

---

(12) *Confortar*, como outros verbos dentre os aqui exemplificados, pode ocorrer como reflexivo, expressando o «estatuto evolutivo» da relação descritiva 2:

1.29.29 Fortunado contava-mi algũũs feitos velhos e antigos e assi *se confortava* e deleitava.

— DESCALÇAR:

3.21.5 — *Descalça-me.*

3.21.6 ... pera lhi *descalçar as calças.*

— DESATAR:

3.21.6 Pera *desatar os cintazes.*

— DESEMPARAR:

2.33.10 — Non *me desempares.*

2.3.61 Monges *que* el *desemparou.*

— DESLEGAR:

3.17.37 *Deslegou* logo *a cadea.*

— DESPOBRAR:

3.2.2 Os vandalos *despobraron maior parte da Campanha.*

— ELEGER:

4.38.13 Don Simaco *que* todolos outros *elegian.*

— ENCOBRIR:

3.2.20 Non-no quis *encobrir* a el-rei.

— ESCABEÇAR:

4.20.8 Hũũ daqueles lombardos tirou a espada da bainha e *escabeçou aquele abade santo.*

— ESMIGALHAR:

2.11.6 Os seixos *todolos ossos esmigalharon.*

— ESPANTAR:

3.36.11 O poder de Deus que *as sas mentes* maravilhomente *espantava.*

— ESTERRAR:

4.1.8 Depois que *o esterrara* do Paraiso terreal.

Em todos esses casos, pode-se considerar que a expressão sintáctica do causativo por meio desses verbos transitivos corresponde à expressão analítica representável no módulo:

SN suj. → V transitivo + SN compl. + SA atributo

Por exemplo:

amansar a sanha / tornar a sanha mansa
alumear as lampadas / tornar as lampadas alumeadas
atormentar a cidade / tornar a cidade atormentada
bẽẽzer a lĩagen / tornar o lĩagen beento, etc.

O verbo desta estrutura é TORNAR[3]. Embora não se documente essa estrutura analítica com muita frequência no *corpus,* ela ocorre, por exemplo:

3.16.13 O santo homen *tornara mansa a besta.*

3.7.8 E *a voontade* que ante tragia inchada contra el con sobérvia *tornou mansa.*

1.3.2.5 Relação possessiva.

A relação possessiva expressa uma dependência entre o predicado e o sujeito que pode ser representada pelo módulo:

SN suj ↔ V posse + SN complemento 1

No *corpus* o verbo típico como núcleo do sintagma verbal na relação possessiva no «estatuto estativo» é AVER² que pode comutar com TEER¹ em determinados contextos, como veremos. Vimos em 1.3.2.1 que AVER¹ como SEER¹ são núcleo do sintagma verbal na relação existencial. É *aver,* depois de *seer,* o verbo mais frequente no *corpus:* ocorre 803 vezes (13) e seus valores básicos são os expressos no predicado existencial e no possessivo. O verbo *teer* ocorre, ao todo, 119 vezes, é, portanto, muito menos frequente que *aver* (14).

Uma vez que são AVER² e TEER¹ os representantes do núcleo do predicado na relação de posse, poderiam, à primeira vista. ser considerados variantes livres. Para precisar a extensão dessa variação pareceu-nos necessário distinguir no predicado de posse três aspectos de natureza semântica:

a. a posse como aquisição de bens materiais, de objectos exteriores ao possuidor (= AM);

b. a posse como aquisição de bens ou qualidades imateriais, intrínsecos ao possuidor (bens ou qualidades morais, espirituais, intelectuais, afectivos, sociais) (= AI);

---

(13) Discutimos na Parte II, 3.1.1.2 o uso (raro) de *aver* seguido de particípio passado, 5 ocorrências, e de *teer,* nesse mesmo contexto, 34 ocorrências, e procuramos aí demonstrar que esses verbos não constituem no *corpus* tempos compostos. Também na Parte II, 3.3.2.2. analisamos *aver de* seguido de infinitivo (179 ocorrências). Nas suas outras ocorrências *aver* se distribui entre as estruturas existencial e possessiva.

(14) Além de ocorrer seguido de particípio passado, ocorre uma vez *teer de* seguido de infinitivo (cf. Parte II, 3.3.2.2 e aí também a nota 7) e, como veremos, vai ocorrer no «estatuto evolutivo» da relação possessiva, TEER², equivalendo a «passar a ter», «obter», e TEER³, equivalendo a «continuar a ter» como DETEER, RETEER e MANTEER (os três documentados); com o valor aproximado de «considerar» ocorre *teer por,* com muita frequência.

c. a posse de qualidades inerentes ao possuidor, não adquiríveis (características ou estados físicos) (= QI).

TEER^{1}, em 82 % de casos, ocorre na expressão da posse do tipo *a* e em 18 % na posse do tipo *b* e nunca na do tipo *c*.

AVER^{2}, contrariamente, ocorre em 20% dos casos na expressão da posse do tipo *a* e em 80 % dos casos na expressão da posse dos tipos *b* e *c*. O que pode ser representado no quadro seguinte:

QUADRO 7

Tipos de posse	AM	AI	QI
Verbos de posse	AVER^{2} (20 %) TEER^{1} (82 %)	AVER^{2} (80 %) TEER^{1} (18 %)	AVER^{2} ——

Esses dados numéricos poderiam levar à interpretação de que esses verbos estariam em distribuição complementar. De facto, na observação dos contextos em que ocorre TEER^{1} na expressão da posse do tipo AI verificamos que nesse caso só ocorre quando o objecto possuído é *fe*, enquanto que com AVER^{2} a gama de itens lexicais que representam o objecto possuído é muito ampla, por exemplo: *fe, graça, poder, poderio, ira, medo, voontade, door, galardon, deleito, razon, prazeres, asperança, avondança, entendimento, puras mentes, semelhança, sabença, góuvio, vergonha, pavor paceença,* etc. Diante disso podemos dizer que é restrito o uso de TEER^{1} na expressão da posse do tipo AI.

Dissemos que TEER^1 não ocorre na expressão da posse do tipo QI, mas apenas AVER^2 *(barvas, seguidade, enfermidade, idade)*.

É na expressão da posse do tipo AM que se concentra o uso de TEER^1; no entanto, embora baixa a frequência de AVER^2 na expressão desse tipo de posse (20 %), ela também está documentada com uma ampla gama de itens lexicais que representam a coisa possuída. Na expressão da posse do tipo AM ocorre TEER^1 com: *cireos, espada, cavalo, candea, meezinha, arca, vĩho, logares, cubas, tonees, carneiro* e AVER^2 com: *pan, remedio, horto, bispado, logares, morada, casa, cubas, ovelhas, eigreja.*

Diante desses factos talvez se deva reformular a interpretação de que esses verbos estejam em distribuição complementar e admitir que eles variam livremente em determinado contexto, na expressão da posse do tipo AM e que a ocorrência restrita de TEER^1 na expressão de AI *(teer fe)* aponta para um processo de mudança que se incrementará ao longo da história da língua, no qual TEER^1 irá substituir AVER^2 em todos esses contextos, eliminando-o como verbo típico da relação possessiva.

Um quadro correspondente ao Quadro 7 para o português contemporâneo representará o seguinte:

QUADRO 7A

Tipos de posse	AM	AI	QI
Verbo de posse	TER	TER	TER

Vale lembrar que *ter*, destituindo *haver* na expressão da relação possessiva ao longo da história, continua seu processo de substituição de *haver* também na relação existencial em dialectos do português contemporâneo («*ha* casas bonitas aqui ~ *tem* casas bonitas aqui», «*há* três anos que ele não viaja ~ *tem* três anos que ele não viaja»).

É de notar também que, ao lado de *ter*, é hoje o verbo *possuir* um representante típico do predicado de posse e que no *corpus* só ocorre uma vez. Será interessante observar em um *corpus* representativo do português arcaico como um todo a incidência de uso do verbo *possuir* em relação a *haver* e a *ter*, na relação possesiva.

Exemplos de AVER^2 e TEER^1 nos contextos destacados:

a. A expressão da posse de bens materiais adquiridos (AM) em que AVER^2 e TEER^1 comutam ou variam livremente:

AVER^2:

(1) 2.21.6 Se pouco *pan avedes* ...

(2) 2.3.55 Pode logo *aver aprestilados logares*

(3) 4.32.3 *Aver hũa morada.*

(4) 4.23.11 *Averemos outra casa.*

(5) 1.17.9 *Cubas* que el *avia.*

(6) 3.16.3 *Ovelhas* que ele *avia.*

(7) 3.31.5 *Avian* hũa *eigreja*

(8) 4.6.5 *Avian* hũa *eigreja*

(9) 1.2.25 Nunca leemos que el *meestre* nen hũũ *ouvesse.*

(10) 1.5.53 Ele non pôde *aver remedio.*

TEER^1:

(11) 4.11.13 *Tẽẽdo dous cireos* mui grandes.

(12) 3.12.18 Todos aqueles *logares teem* os lombardos. (cf. (2) em que ocorre *aver logares)*

(13) 1.17.8 Pera *teer o vinho* mais sããо.

(14) 3.23.11 Acharon hũũ homen *ter hũũ carneiro*. (cf. (6) em que ocorre *aver ovelhas*, contexto análogo ao de (14))

(15) 1.25.6 *Tiinha* seu *fogo*.

(16) 4.12.9 *Livros* que *tiinha*.

(17) 4.46.8 Ele *tinha sas meezĩhas*. (cf. (10) em que ocorre *aver remedio* contexto análogo ao de (17)).

(18) 3.37.12 Encheron quantos *tonees tiinhan*.

b. A expressão da posse de bens ou qualidades imateriais adquiridos, intrínsecos ao possuidor (AI). Esses bens ou qualidades podem ser de natureza espiritual, moral, intelectual, afectiva, social.

TEER^1:

(19) 3.18.35 Amor que ouve aaqueles que *tẽẽ a fé* de Jesu Cristo.

(20) 3.38.15 Sabuda cousa he pela *fe* que *temos*.

AVER^2:

— Posse de bens ou qualidades espirituais:

(21) 1.2.21 *A graça*.

(22) 1.23.9 *An esperança* en el.

(23) 3.32.25 *An* sa *fe.*

(24) 4.4.62 *Non* am fe.

— Posse de bens ou qualidades morais:

(25) 2.1.14 *An vertudes.*

(26) 2.38.9 *An puras mentes.*

(27) 4.30.10 *An seu galardon.*

(28) 4.3.10 *Avendo grandes galardões.*

(29) 1.24.23 *Ouveron conselho.*

— Posse de bens ou qualidades intelectuais:

(30) 4.3.12 *Razon* non *am*

(31) 1.8.53 *Entendimento an.*

(32) 4.4.62 *An sabença.*

— Posse de bens ou qualidades afectivas:

(33) 3.16.26 Nen por *ira* que *aja.*

(34) 3.12.20 Non *ajades medo.*

(35) 1.24.10 *Deleito* que *am.*

(36) 4.4.14 Casa em que *am prazeres.*

(37) 4.26.4 *An góuvio.*

(38) 3.16.28 *Sanha* que *avemos* del.

(39) 3.16.38 *Avendo* gram *pavor.*

(40) 4.8.7 Pera *aver paceença.*

(41) 4.34.15 *An* muitas *cuidações.*

— Bens ou qualidades sociais:

(42) 1.17.23 *Á* tan *gram poder.*

(43) 1.25.5 *Á poderio*

(44) 1.19.17 Aquel *bispado* que cuidava a *aver.*

(45) 1.7.3 Non *ás* nen hũas *ordĩis sagradas.*

c. A expressão da posse de qualidades inerentes, não adquiridas externamente pelo possuidor (QI), sempre com o verbo AVER^2:

(46) 1.5.73 *Á* da *féver.*

(47) 2.2.20 *An cincoenta anos.*

(48) 4.4.81 *An algũas enfermidades.*

(49) 2.1.3 *Idade* que *avia.*

(50) 2.4.16 *Ceguidade* que *avia.*

(51) 4.11.8 *Averia barvas.*

Note-se que o verbo TEER^1 ocorre expressando a posse de uma qualidade inerente quando essa qualidade está adjectivada, adquirindo o valor de uma qualidade não inerente ou intrínseca, mas adquirida:

(52) 4.44.4 *Ten* o *ventre ben cheo.*

(53) 4.45.5 *Ten* o *ventre vazio.*

(54) 4.36.13 *Tiinha* os *peitos caentes.*

Outro verbo que representa o «estatuto estativo» da relação de posse é POSSOIR, que só ocorre uma vez; tem, portanto, um uso restrito no *corpus:*

(55) 3.16.30 Non *possoirán o reino de Deus.*

De acordo com B. Pottier (1978: 32) podemos incluir entre os verbos que representam o «estatuto estativo» na relação de posse de verbos do tipo PESAR (= «ter peso») e VALER (= ter valor»), em que as propriedades de *peso* e de *valor* estão implicadas no sujeito e o predicado é expresso por um verbo específico:

(56) 2.9.6 E pois fez sa oraçon e bẽẽzeu a pedra, alçaran-no tan agĩha ben come se non *pesasse* nemigalha.

(57) 1.27.7 Cuidou quanto o cavalo podia *valer* e deu-o ao cavaleiro.

No «estatuto evolutivo» a relação de posse pode expressar: (a) «passar a ter», (b) «continuar a ter», (c) «deixar de ter».

a. Expressam no *corpus* «passar a ter» verbos como: TEER[2] (= «obter»), TOMAR[1], FILHAR[1], PRENDER, COBRAR, FURTAR, GAANHAR.

Exemplos:

— TEER[2]:

4.37.10 E assi aparece que no outro mundo no fogo do purgatorio por que se purgan os pecados veniaes e en que homen *ten* as peendenças que en este mundo non *teve* polos pecados que fez.

— TOMAR^{1}:

1.2.42 — Levanta-te e *toma* teu cavalo.

3.2.5 — *Toma*-me por servo.

1.8.39 Non queiras *tomar* trabalho.

— FILHAR^{1}:

3.14.6 *Filharon* os godos a cidade.

1.27.8 E assi fez rogo do cavaleiro, *filhando* o cavalho

— PRENDER:

4.4.77 Non pode *prender* duvida.

3.5.13 Tan gram vergonha *prendeu*...

— COBRAR (= «recuperar»)

2.38.2 *Cobraremos* nossa força.

2.27.11 *Cobrou* a coor.

3.18.41 *Cobrou* vida do corpo.

— FURTAR:

1.5.28 *Furtava* as couves e as outras ervas boas.

1.22.1 *Furtou* o triigo.

— GAANHAR:

1.15.4 Mandou que *gaanhassen* azeite.

3.18.30 *Gaanhou* muitas vertudes.

b. Expressam «continuar a ter» verbos como: TEER^3 (= «deter», «reter», «manter»), DETEER, RETEER, MANTEER, GUARDAR.

— TEER^3

3.2.28 Cativos que aqui *tēēs.*

2.20.3 Eu *tenho* a candea deante.

3.14.5 *Teve* o ladron ao seu muimento.

3.26.5 *Teve*-a pela mão.

1.17.13 Vinho que *tiinha* no vaso.

3.2.3 *Tiinha* seu filho cativo.

3.12.9 Cova en que o *tiinha.*

— DETEER

4.23.4 As (as almas) fazen *deteer* mui contra sas voontades.

4.25.20 Vos non quero *deteer.*

— RETEER

1.8.42 *Reteve* o mandadeiro do papa.

2.24.9 *Reteve*-o en si

3.11.7 Te *retenhas* en ti

— MANTEER

4.4.73 — *Manten* e rege todalas creaturas.

2.22.28 Andou tan gram terra pera *manteer* o corpo de Daniel.

— GUARDAR

3.15.6 Queria *guardar* vida santa.

3.15.26 Avia gram cuidado de *guardar* a pobreza.

4.6.3 *Guardar* a santa regla.

c. O verbo que expressa «deixar de ter» é PERDER:

1.25.20 *Perdeu* o filho.

4.34.20 Faz *perder* a graça.

2.3.23 *Perdera* o deleito e o prazer.

2.26.4 *Perdera* todolos cabelos do corpo.

3.6.3 *Perdera* o lume dos olhos.

4.30.11 *Perderon* os bẽẽs.

O «estatuto causativo» da relação de posse equivale a: a) «fazer ter» e b) «fazer deixar de ter». O módulo sintáctico neste caso pode ser:

$$\text{SNsujeito} \rightarrow \underset{\text{trans.}}{\text{V}} + (\text{SNcompl.}^1) + (\text{SNcompl.}^2)$$

em que o complemento^2 pode ser um complemento indirecto ou um locativo.

a. Expressam, no *corpus*, «fazer ter» verbos como: DAR, OFERECER e VENDER e seus «substitutos lexicais inversos» (POTTIER 1978: 30), respectivamente RECEBER e COMPRAR; e também OUTORGAR, GALARDOAR, ENTREGAR, POER, METER, DEITAR^1 (= «pôr»).

Exemplos:

— DAR:

4.40.28 Pẽas que *dan* aos pecadores.

3.27.11 Feridas que lhis el *dava*

4.34.4 *Dava*-o aos pobres.

2.31.6 Tormentos que lhi *davan*.

— OFERECER:

4.45.15 *Oferecendo* o filho de Deus a seu Padre.

3.4.2 *Ofereceron*-lhi hũũ homen surdo e çopo.

— RECEBER:

4.27.10 *Receban* pẽas e tormentos.

4.1.15 *Recebemos* a graça.

1.1.12 *Receber* galardon do seu trabalho.

2.31.21 Poderio que de Deus *recebera*.

— OFERECER:

4.44.12 *Oferéci* a Deus pan e vĩho.

3.37.76 Querian lhi *oferecer* toda prea.

— VENDER:

1.27.8 *Vendendo* o miragre e a vertude.

3.2.3 Se lho quisesse *vender*.

1.19.4 *Vendeu* hũũ seu cavalo por XII soldos.

— COMPRAR:

3.31.22 Sangue justo per que vos *comprou*.

4.12.9 *Comprava* os livros.

— OUTORGAR:

3.22.18 *Outorgando* o porco ao spiritu lixoso.

3.37.77 Se mi quiserdes *outorgar* todolos cativos.

3.33.15 O homen bõõ lhillo *outorgou*.

— GALARDOAR

4.26.3 *Galardoa* aos bõõs.

1.16.6 Queria *galardoar* o Santo Anastasio.

4.26.3 ... *galardoe* aos maaos.

— ENTREGAR:

1.19.1 Pera *entrega*-lo aaquel.

1.4.14 *Entregô*-o a sa madre.

— POER:

1.25.18 Ta entençon *pon* nome a ta obra.

4.9.10 *Pose*-lhi a orelha nos narizes.

1.7.6 *Pos*-mh'os na lengua.

— METER:

1.24.19 Os frades *meteron* o corpo en hũũ saco.

3.33.43 Come se lhi *metessen* agulhadas.

2.4.17 Nen lhi *meteu* nen hũũ mal en seu coraçon.

— DEITAR[1]:

2.8.12 — *Deita-o* en tal logar.

3.15.32 — *Deitade* tantos alferces no horto.

3.32.6 *Deitou*-lhi grandes cadeas.

1.12.5 *Deitavan* agua sobrelo fogo.

b. Expressam, no *corpus*, «fazer deixar de ter». verbos como: TOMAR[2], TIRAR, FILHAR[2], TOLHER, DEITAR[2] (= «tirar»)

— TOMAR[2]:

1.19.12 Dinheiros que lhi *tomara*.

1.19.11 Soldos que mi *tomasti*.

1.2.36 *Tomaron*-lho.

— TIRAR:

2.20.8 … que lhi *tirassen* a candea da mãão.

2.16.8 … ata que lhi *tirou* a alma.

3.14.20 Coiro que lhi *tiraron* d'antr'as espadoas.

— FILHAR^2:

4.20.5 Sas vestiduras que lhi *filharon*.

— TOLHER:

4.40.41 Rogo-te que mi *tolhas* hũa gram duvida.

2.8.7 El trabalhava de hi *tolher* a fama.

2.33.4 ... que lhi *tolhessen* a tentaçon.

— DEITAR^2:

1.5.72 — *Deitade*-o da cela.

1.24.19 ... que *deitasse* o enmiigo do seu corpo.

1.25.20 *Deitava* os pobres da cidade.

3.5.4 *Deitemos* dele o espiritu maao.

1.3.2.6 Relação subjectiva.

A relação subjectiva apresenta como módulo sintáctico dominante:

$$\text{SNsuj.} \rightarrow \text{V subjectivo} + \left\{ \begin{matrix} \text{SNcompl1} \\ \text{F} \end{matrix} \right\} + (\text{SN compl.2})$$

De acordo com B. Pottier (1978: 32 e 1980: 9) subjectivo é o verbo que expressa «modalidade», «sentido», «intelecto», ou seja, aqueles verbos que expressam «intenção», «percepção» e «cognição». Na análise desses verbos nos distanciaremos em parte dessa proposta pois não tratamos aqui dos verbos de modalidade, que são, basicamente, *poder, dever, querer* que já analisamos na

Parte II, 3.3.2.1, quando discutimos os verbos de inventário restrito seguidos de infinitivo e incluiremos como verbos subjectivos os verbos «de dizer» que B. Pottier (1978: 35) parece considerar entre os verbos de «intelecto».

Assim sendo, analisaremos aqui verbos de percepção (a), de cognição (b) e de expressão (c). Consideraremos esses verbos no «estatuto estativo», chamando sempre a atenção para o facto de o complemento poder ser preenchido ou por um SN ou por uma frase. Por vezes o SN complemento pode não estar explícito e, quando o complemento é frase (F), esta pode ser expressa pelo verbo no infinitivo ou iniciada pelo *que* seguido de verbo na forma finita. Representaremos essas duas possibilidades como F *inf.* e F *que.* Quando o complemento é frasal, ultrapassamos o enunciado simples e já estamos diante de um enunciado complexo (cf. Parte III, 2.1:3.2)

Quando nos pareceu adequado destacamos esses verbos no «estatuto evolutivo» e no «estatuto causativo». Este último caso é expresso pelo módulo sintáctico:

SNsuj. → V subjectivo + SN complemento 1 + SN complemento 2.

a. Verbos de percepção.

São verbos de percepção que ocorrem no *corpus*, no «estatuto estativo»: CHEIRAR, GOSTAR, OUVIR, TANGER[1], VEER.

— CHEIRAR, compl. SN:

3.31.16 *Cheiravan* o odor maravilhoso.

— GOSTAR, compl. SN:

3.37.93 Non pode *gostar* as cousas que lhi cheiran.

— OUVIR, comp. SN e F *inf.*:

1.28.23 Non *ouves* o rogo que te fez.

2.7.12 Enquanto mais *ouço* os miragres ...

4.13.19 *Ouviran* abalar as portas.

4.13.12 Como quer que os *ouça* louvar.

— TANGER^1, compl. SN (15):

1.28.39 *Tangeu* a coixa.

4.22.6 Nen *tangeu* o corpo do santo.

4.4.52 Quando o homen vee e ouve e gosta e maiormente quando *tange*, que he fundamento de todolos outros sentidos.

— VEER, compl. SN. F *que* e F *inf.*:

4.24.41 *Veen* muitos segredos de Deus.

1.4.5 *Vio* o servo de Deus.

3.37.10 Non *viian* nen hũũ azeite correr.

4.40.30 *Veerán* arder os seus amigos.

1.25.4 *Veede* que fez o bispo.

1.29.26 *Veemos* que fez muitos miragres.

---

(15) TANGER^2 equivale a «fazer soar» que pode ser descritivo como verbo da relação descritiva 2, no estatuto causativo:

1.18.8 Vio *tanger* as campaas.

1.18.10 Pera *tanger* sas campaas.

Consideramos o verbo EXOUVIR «deixar de ouvir» como representante dos verbos de percepção no «estatuto evolutivo»:

3.16.25 E temeu des ali en deante de maldizer seus padres e todo tempo de sa vida chorava porque o *exouvira* Deus e dezia de si que era homecida e cruevil por tan gram vingança que Deus por el fezera.

3.15.56 A nossa boca tanto a meos *exouve* Nosso Senhor no rogo que lhi faz quanto ela he mais çuja pela palavra sandia e desaguisada.

Os verbos MOSTRAR, AMOSTRAR, DEMOSTRAR são verbos de percepção no «estatuto causativo», equivalentes a «fazer ver»:

— MOSTRAR:

2.8.40 *Mostra*-mh'o.

3.13.11 Poderio que lhis *mostra*.

4.14.6 *Mostrou-lhi* hũũ logar.

— AMOSTRAR:

4.24.4 *Amostra*-lhis Deus as cousas.

2.22.9 *Amostrou* a cada hũũ todos aqueles logares.

— DEMOSTRAR ~ DEMONSTRAR:

1.10.9 Tanta vertude fora aos homens *demonstrava*.

2.3.29 Rogo que mi *demostres*.

b. Verbos de cognição.

São verbos de cognição que ocorrem no *corpus* no «estatuto estativo»: ADEVĨAR, APARECER (= «parecer»), ATENDER (= «esperar»), CONHOCER, CONSIIRAR, CREER, CUIDAR, DUVIDAR, EMAGINAR, ENTENDER, LEER, LOUVAR, MALDIZER, OSMAR, PENSAR, SABER.

— ADEVĨAR, compl. SN:

4.24.13 *Adevĩasse* as cousas que avian de vĩĩr.

— APARECER^1, compl. F *que* (16):

1.17.23 E assi *aparece* que o filho de Deus Nosso Senhor Jesu Cristo algũa cousa quer que se faça.

— ATENDER, compl. F *que:*

2.22.12 *Atendemos* que veesses.

2.22.10 *Atendian* que o santo padre veesse.

— CONHOCER, compl. SN e compl. F *que:*

4.24.6 *Conhoceu* as cousas que an de vĩĩr.

1.11.19 *Conhosco* que aqueste santo homen Constancio foi grande.

---

(16) APARECER^2, muito mais usual que APARECER^1, equivale a «surgir» e pode ser descrito na relação descritiva 2 no «estatuto evolutivo»:

4.15.4 Hũa noite lhi *aparecera* a santa.

2.22.17 Non vos *apareci* quando jaziades dormindo.

— CONSIIRAR, compl. SN e compl. F *que:*

3.2.11 *Consiirou* a face daquele homen.

3.18.25 Se *consiirarmos* as cousas.

2.8.31 *Consiiro* eu que este santo ouve ensembra todalas graças.

— CREER, compl. SN e compl. F *que:*

4.3.5 Non *creeran* aquelas cousas muit'altas.

4.1.17 ,... que non quisesse *creer* a sa madre.

3.32.17 En Cristo *crian* (17)

4.27.1 Devemos *creer* que o fogo he corporal.

1.5.4 *Creo* en que a vertude da paceença he melhor.

— CUIDAR, comp. SN, compl. *F que* e compl. F *inf.:*

1.1.18 *Cuido* o estado en que vivo.

4.45.7 *Cuidou* en seu coraçon algũũ ben.

2.1.64 *Cuidaron* que era algũa beesta.

3.29.10 *Cuidava* que morreria.

3.43.20 *Cuidava* ja a morrer.

1.2.22 *Cuido* a ensinar verdade (18)

---

(17) Quando o SN complemento de CREER apresenta o traço semântico animado vem precedido de preposição que pode ser *a* ou *en*.

(18) CUIDAR complementado por F *inf.* está sempre seguido da preposição *a*.

— DUVIDAR, compl. SN e F *que:*

3.2.51 Non posso *duvidar* nemigalha.

4.35.25 Aquelo que primeiramente *duvidaron* ([19])

4.3.5 *Duvida* que as almas não viven.

3.33.5 Non *duvidaria* que non podesse gaanhar.

— EMAGINAR, compl. SN:

4.4.71 Vee e *emagina* as cousas.

— ENTENDER, compl. SN e F *que:*

1.1.24 Poderás *entender* a verdade.

2.20.10 Viia e *entendia* os cuidados.

1.17.16 *Entenden* que os pobres avian ja sa parte.

2.18.3 *Entendeu* que o non poderia achar.

— LEER, compl. SN e compl. F *que:*

3.37.92 Nunca *leeu* Teologia.

1.2.25 Nunca *leemos* que meestre ouvesse.

1.4.21 *Leemos* que fez outra vegada Eliseo.

([19]) DUVIDAR+SN alterna com DUVIDAR DE+SN:
3.16.4 Non *duvidarás* do feito.
4.1.15 Non *duvidamos* da vida.

— LOUVAR, compl. SN:

1.2.10 Começaron a *louvar* a esteença.

2.35.5 *Louvando*-o mui de coraçon.

3.9.12 Achô-os leedos e *louvando* Deus.

— MALDIZER, compl. SN:

3.16.31 *Maldiz* alguen.

3.16.25 Temeu de *maldizer* seus frades.

— OSMAR, compl. F *que:*

1.1.29 *Osmo* que ante acabaria o dia que eu leixasse de contar o que vi e ouvi.

3.9.11 Eu *osmo,* Pedro, que o miragre dos tres menĩhos desassemelha-se ja que deste.

— PENSAR, compl. F *que:*

4.4.86 *Pensa* e cuida como viven ali as almas.

1.18.15 E por tal cousa como esta, deve homen *pensar* quanto temor temos.

— SABER, compl. SN, compl. F *que,* compl. *F* inf:

2.16.22 *Sabe* as cousas.

4.24.61 Podes *saber* os juizos.

4.4.53 *Sabemos* que a alma anda en ele.

4.30.11 *Saben* que pensa maldade.

3.37.92 Nen *sabe* falar ante os homens.

4.24.34 *Sabia* aqueles dous lenguagẽẽs falar.

Podem ser considerados como representantes do «estatuto evolutivo» os verbos de cognição APRENDER, RECONHOCER, NEMBRAR-SE, equivalentes *lato sensu* a «vir a saber» e ESCAECER-SE, antónimo de NEMBRAR-SE, equivalente a «deixar de saber».

— APRENDER, compl. SN:

3.23.2 *Aprendi*-o dũũ santo homen.

4.12.10 *Aprendeu* muitas cousas.

1.8.4 ... que nunca de nengũũ *aprendeu* a paravra

— RECONHOCER, compl. SN e compl. F *que:*

2.12.13 *Reconhoceron* todalas cousas.

4.32.8 Confessarei e *reconhocerei* a Nosso Senhor todolos bẽẽs.

4.35.6 — *Reconhosco,* padre, que de todas aquelas cousas en que duvidava soon certãão.

2.22.30 — Confesso, padre. e *reconhosco* que a alteza da ta palavra mi tolheu quanta duvida avia no meu coraçon.

— NEMBRAR-SE, compl. SN e F *que:*

3.33.38 Ca me *nembrava* da enfermidade.

2.18.6 *Nembrou*-se da ameaça.

1.19.4 *Nembrou-se* que seu sobrīo vendera.

2.18.6 *Nembrou-se* do que lhi dissera.

— ESCAECER-SE, compl. SN:

3.35.39 *Escaecia*-mi a mha enfermidade.

3.12.9 *Escaeceu*-lhi toda a crueza.

Os verbos ENSINAR e CONSELHAR são verbos de cognição no «estatuto causativo», equivalentes a «fazer saber»:

— ENSINAR:

2.8.40 — *Ensina*-mh'o

2.3.9 Carreira da religion que lhis *ensinara*.

— CONSELHAR:

4.4.32 Salomon *conselha* a cada hũũ homen e diz: ...

4.4.21 Quando *conselhou* o mancebo que se achegasse.

1.28.24 *Conselho*-ti que me non des tan gram tresteza.

b. Verbos de expressão.

São verbos de expressão que ocorrem no *corpus:* AFIRMAR, APREGOAR, ATESTAR, BRAADAR, CANTAR, CALAR, CHAMAR, CONFESSAR, DECLARAR, DEMANDAR, DIZER, ESCREVER, FALAR, JURAR, NEGAR, NOMEAR, ORAR, PEDIR, PREEGAR, PREGUNTAR, PRONUNCIAR, RESPONDER, REZAR, ROGAR.

— AFIRMAR, compl. SN e compl. F *que:*

2.32.28 Todas estas cousas assi como *afirmas.*

4.13.26 Ca *afirmavam* que os homens dezian.

— APREGOAR, compl. SN:

1.17.22 Eles o *apregoaron* per toda parte.

— ATESTAR, compl. F *que:*

4.2.7 *Atesta* que aquel foam he seu padre.

1.31.9 Começou a tremer mui rijamente e dar grandes vozes e braadar e *atestar* que el matara aquele homen.

— BRAADAR, compl. SN:

3.37.120 O que nos diz ou que *braada* per todo esto.

1.3.3. *Braadando* por eles os franceses (20)

— CANTAR, comp. SN:,

4.45.12 *Canta* algũas missas por mim.

3.32.16 Ouviron *cantar* cantos.

4.32.6 *Cantou* hũa *antifãã* de si meesmo.

---

(20) Muitas frases com os verbos de «dizer» ocorrem com o SN complemento Ø, embora implícito no significado do próprio verbo.

— CALAR ~ CALAR-SE, compl. SN:

1.5.25 Me *calarei* d'algũas cousas.

4.11.2 Nos cuido que he pera *calar* hũa cousa.

4.25.20 Feitos de que me ora eu *calo.*

— CHAMAR^1, compl. SN (21):

1.16.8 *Chamaron* outros sete frades per seu nome.

1.8.10 Santo abade que o papa mandava *chamar.*

1.1.23 Estado fermoso pera que os *chamara.*

— CONFESSAR, compl. SN e compl. F. *que:*

1.24.23 *Confessaron* a perfia.

1.24.17 *Confessou*-o per sa boca.

4.27.24 *Confessas* que o fogo...

— DECLARAR, compl. SN:

2.2.16 — *Declares*-mh'o.

4.25.16 Homelias que *declarei.*

---

(21) CHAMAR^2 e DIZER^2 equivalem a «denominar», «dar nome» ou «fazer ter nome» e é possível que devessem ser descritos na relação possessiva, estatuto causativo:

4.37.6 Pecados que *chaman* veniaes.
1.5.51 Moesteiro que *chaman* Banho de Ciceron.
1.3.2 Principe que *dezian* Becelino.
3.11.5 Rio que *dizen* Pado.

— DEMANDAR (= «pedir»), compl. SN e compl. F *que* (22):

3.2.2 *Demandavan* esmolna.

3.37.127 *Demandemos* as cousas que para sempre an de durar.

4.38.8 *Demandou*-lhi que estava hi fazendo.

3.2.32 Non ti *demando* quen ora es:

— DIZER, compl. SN e compl. F *que:*

2.14.4 *Dezia* as cousas que avian de vĩir.

2.23.16 *Dezian* aquelas palavras.

3.6.14 *Di*-lhi que eu bevo.

1.5.74 *Dissera* que seeria boa.

— ESCREVER, compl. SN:

2.36.5 *Escreveu* a regra dos monges.

4.24.14 Aquelas cousas que nós *escrevemos* nos nossos moesteiros.

---

(22) *Demandar* pode também equivaler a «procurar», e, em geral, é difícil afirmar quando se trata de um ou outro significado. No exemplo seguinte parece tratar-se de «procurar»:

4.13.4 *Demandei* moesteiro en que mi afastasse.

3.37.127 *Demandemos* as cousas que para sempre an de durar.

No último, pode equivaler a «pedir» ou a «procurar».

— FALAR^1. compl. SN (23):

2.21.20 *Falan* das cousas.

4.1.12 Quando lhis *falan* das cousas.

4.1.17 Quando lhi do lume *falasse*.

— JURAR, compl. SN e compl. F *que:*

4.36.9 Assanhava-se e *jurava*.

3.30.7 *Jurou* que lhi dissesse verdade.

— NEGAR, compl. SN:

3.8.24 *Negara*-lho.

3.8.27 Confessou o que lhi primeiramente *negara*.

— NOMEAR, compl. SN:

1.29.14 Ouviu *nomear* o seu nome.

1.1.33 E lhi *nomea* as pessoas certas.

— ORAR, compl. SN:

3.27.42 Se non quisessen *orar* os idolos.

3.29.1 Non quiseron *orar* a cabeça da cabra.

---

(23) Consideramos FALAR^2 = «falar uma língua»:

4.24.54 Sabia aqueles dous lenguagẽẽs *falar*.

4.24.53 *Falava* todalas *lenguagẽẽs*.

Para B. Pottier (1978: 35) *falar* neste caso apresenta o que chama de «objecto interno» e seria um verbo da relação descritiva.

— PEDIR. compl. SN e compl. F *que:*

4.36.33 *Pedia* treguas.

3.37.13 *Veera* pedir o azeite.

3.15.40 *Pedian* que lhis fezesse mercee.

— PREEGAR, compl. SN:

1.7.3 Ousas a *preegar* e *propõer* a paravoa.

4.8.12 *Preegou*-lhis os mandados.

1.7.8 Salte e *preega.*

— PREGUNTAR, compl. SN e compl. F *que:*

4.4.10 Aquelas cousas que me tu *preguntas.*

4.8.13 *Perguntou* qual deles era o abade.

— PRONUNCIAR, compl. SN:

2.16.40 Aqueles juizos *pronunciara* el.

— RESPONDER, compl. SN:

1.19.9 *Respondia* as palavras.

2.4.10 Eles *responderon* e *disseron.*

2.16.30 Ja ti eu *respondera* a esta ta demanda.

— REZAR, compl. SN:

4.43.12 Nunca quedava de *rezar* seu salteiro.

— ROGAR, compl. SN e compl. F *que:*

3.16.50 Pera nos comprir o que lhi *rogamos.*

1.5.53 *Rogava* a Nosso Senhor que lhi posesse.

2.3.6 O veeron *rogar* que quisesse seer seu padre e seu abade.

1.3.2.7 Sumário dos dados.

A análise dos tipos de frase desenvolvida no item 1.3 levou a uma taxionomia de verbos documentados no *corpus*. Não esgotamos todos os verbos do texto, nem era esse nosso objectivo.

Arrolamos a seguir, de acordo com cada uma das relações semântico-sintácticas analisadas de 1.3.2.1 a 1.3.2.6, os verbos estudados; esse não atingem os 517 verbos do *corpus* e apresentados no *Índice Geral das Lexicais* (cf. MATTOS E SILVA 1971: vol. IV). Isso decorre de não termos esgotado a exemplificação para os tipos de relação em que o inventário de verbos que constituem o núcleo do predicado não é restrito, mas amplo.

a. Relação existencial:

AVER^1, SEER^1, FAZER^1, CHOVER.

b. Relação equativa:

SEER^2. SEMELHAR, PARECER, REPRESENTAR.

c. Relação situativa 1:

SEER^3, ESTAR^1, JAZER^1, ANDAR^1, FICAR^1, MÃER, FICAR^2.

Relação situativa 2:

VĨIR ~ VĨIR-SE, IR ~ IR-SE, SAIR ~ SAIR-SE, PARTIR ~ PARTIR-SE, CAER, ENTRAR, CHEGAR ~ CHEGAR-SE, ANDAR^2 CORRER, FUGIR, TORNAR ~ TORNAR-SE^1, CAVALGAR, ACHEGAR-SE, RECUDIR, SOBIR, DECER, VOLVER, PASSAR^1, APARTAR-SE, ESFALFAR-SE, SALTAR, VAGUEJAR, NADAR, PASCER, VOAR, JORRAR, APORTAR, ALONJAR-SE, TRAGER, LEVAR.

d. Relação descritiva 1:

SEER^4, JAZER^2, ESTAR^2, ANDAR^3, TORNAR^2, FICAR^3.

Relação descritiva 2:

SEER^6, JAZER^3, ESTAR^3, ARDER, BAFEJAR, TORCER, ESPUMAR, BRAMIR, BERREGAR, ROSNAR, ASSEVIAR, GRUNIR, BUCEGEAR, ESPLANDECER, FOLGAR, JAJUNHAR, CHORAR, FALECER, RIIR, JOGAR, ACAENTAR-SE, ALEGRAR-SE, ASSEENTAR-SE, BANHAR-SE, DESNUAR-SE, DEITAR-SE, DESVESTIR - SE, DOER - SE, EIXERGAR - SE, HOMILDAR - SE, AMADURECER, ASSESSEGAR, ENFERMAR, ENFRAQUECER, ENSANDECER, ENVELHECER, CEGAR, AMANSAR, AFEDORENTAR, ALUMEAR, APREMER, ALIMPIAR, APROEZAR, ARREFEENTAR, ASSANHAR, ATORMENTAR, AVIVAR, AVIVENTAR, BEENZER, CEGAR, ESCURENTAR, CONFORTAR, CONSAGRAR, COZER, ÇUJAR, DEFAMAR, DEOSTAR, DESCALÇAR, DESATAR, DESEMPARAR, DESLEGAR, DESPOBRAR, ELEGER, ENCOBRIR, ESCABEÇAR, ESMIGALHAR, ESPANTAR, ESTERRAR, TORNAR^3.

e. Relação possessiva:

AVER^2, TEER^1, TEER^2, TOMAR^1, FILHAR^1, PRENDER, COBRAR, FURTAR, GAANHAR, TEER^3, DETEER, RETEER, MANTEER, GUARDAR, PERDER, DAR, OFERECER, RECEBER, VENDER, COMPRAR, OUTORGAR, GALARDOAR, ENTREGAR, POER, METER, DEITAR^1, TOMAR^2, TIRAR, FILHAR^2, TOLHER, DEITAR^2.

f. Relação subjectiva:

CHEIRAR, GOSTAR, OUVIR, TANGER^1, VEER, EXOUVIR, MOSTRAR, AMOSTRAR, DEMOSTRAR, ADEVĨAR, APARECER, ATENDER, CONHOCER, CONSIIRAR, CREER, CUIDAR, DUVIDAR, EMAGINAR, ENTENDER, LEER, LOUVAR, MALDIZER, OSMAR, PENSAR, SABER, APRENDER, RECONHOCER, NEMBRAR-SE, ESCAECER-SE, ENSINAR, CONSELHAR, AFIRMAR, APREGOAR, ATESTAR, BRAADAR, CANTAR, CALAR, CHAMAR, CONFESSAR, DECLARAR, DEMANDAR, DIZER, ESCREVER, FALAR, JURAR, NEGAR, NOMEAR, ORAR, PEDIR, PREEGAR, PREGUNTAR, PRONUNCIAR, RESPONDER, ROGAR.

Esse levantamento funciona como um índice interno ao item 1.3 e assim facilitará a recuperação da informação sobre o(s) verbo(s) dentre os tratados de que se deseje saber o comportamento semântico-sintáctico no *corpus*. Os verbos acima listados se apresentam na ordem em que aparecem no item 1.3.

1.4 *O sintagma nominal circunstancial.*

1.4.1 Observações iniciais.

A designação sintagma nominal circunstancial é de carácter sintáctico e semântico. O sintagma nominal que expressa uma circunstância é sintacticamente marcado, regra geral, por um relacionante do tipo preposição que o introduz e o relaciona com algo já antes expresso no enunciado. O facto de ser introduzido por uma preposição não o distingue dos sintagmas nominais precedidos de preposição e que são requeridos pela predicação do verbo que constitui o núcleo do sintagma verbal. Desses sintagmas nominais preposicionados constituintes do sintagma verbal tratamos anteriormente (cf. 1.3.2.3.1, SN locativo da relação situativa 1; 1.3.2.3.2, SN locativo da relação situativa 2; 1.3.2.4.1, SN agente da relação descritiva 1; 1.3.2.5, SN complemento 2 da relação de posse no estatuto causativo e 1.3.2.6, SN complemento 2 da relação subjectiva). São em número reduzido, como se pode verificar nos itens mencionados, as preposições que ocorrem nas situações sintácticas citadas: *en, de, per, a* e *pera*. Enquanto esses sintagmas nominais preposicionados são estruturalmente obrigatórios, embora possam deixar de vir expressos no enunciado, os sintagmas nominais circunstanciais são estruturalmente facultativos e decorrem de necessidades do dicurso, para a expressão de circunstâncias eventuais que enriquecem de informação o enunciado.

1.4.2 Preposições.

1.4.2.1 Preposições documentadas no *corpus*.

Do ponto de vista mórfico as preposições podem apresentar-se constituídas de um só elemento, tradicionalmente denominadas de preposições simples, ou constituídas de mais de um elemento, tradicionalmente denominadas de locuções prepositivas. As locuções prepositivas são iniciadas e/ou terminadas por uma das preposições simples mais frequentes.

As preposições simples mais frequentes no *corpus* são: *de, en, a, pera, per* (em combinações com o artigo: *pelo, pela, pelos, pelas), por* (em combinações com o artigo: *polo, pola, polos, polas)*. As outras preposições simples documentadas são: *ata* ~ *atẽẽs* (1); após ~ *empós; antre; con; contra* ~ *escontra* (2); *des; salvo; segundo; sen; sô; sobre; tirado.*

Vale notar que dessas preposições não estão documentadas as formas que vieram a fixar-se no português: *até, entre, desde, para, sob* para, respectivamente, *ata* ~ *atẽẽs, antre* (3), *des, pera* e *sô.*

As locuções prepositivas documentadas são: *ante a* ~ *de; a preto de* ~ *preto de; arredor de* ~ *derredor de; a cabo de* ~ *cabo de; cerca de; de/ en/ per/ a cima de; depós* ~ *despois* ~ *depois de; dentro en/a; fora de; en fundo de; longe de.*

Remetemos aos itens 4.2.3.2 e 4.2.3.3 da Parte II deste trabalho em que consideramos o emprego de muitos desses elementos como substitutos em função de sintagma nominal circunstanciais. Como substitutos circunstanciais as locuções perdem sempre a preposição simples que as fecha.

---

(1) Sobre as formas arcaicas de *até* cf. Silva Neto (1960: 175-191), onde o autor discute o étimo dessa preposição e B. Pottier (1968: 26) que refuta a proposta de origem árabe para *ata*. No *corpus ata* está documentado 57 vezes e *atẽẽs* apenas três vezes, podendo, por isso, ser considerada de uso excepcional.

(2) Veremos mais adiante que *contra* parece ter uma distribuição mais geral que *escontra*.

(3) Além de *antre* se documenta no português arcaico *ontre*, cf. Nunes (1960: 351).

1.4.2.2 Análise das relações expressas pelas preposições.

G. Moignet, na sua «Grammaire de l'ancien français» (1976: 292-293), ao estudar as preposições afirma que o número de relações expressas pelas preposições é muito elevado, decorrendo isso não só do facto de serem numerosas, mas também pela tenuidade de sua substância sémica que favorece a polissemia, sobretudo nas preposições mais frequentes. Muitas vezes, afirma Moignet, a relação expressa pela preposição está condicionada também pela natureza semântica do sintagma nominal circunstancial que introduz ou do elemento do enunciado a que se relaciona a circunstância expressa. Pode-se, portanto, concluir que essa marcante polissemia decorre de usos do discurso; a partir deles, contudo, se pode determinar um conjunto de relações básicas expressas pelas preposições documentadas.

Na análise das relações expressas pelas preposições denominamos as relações básicas de: 1. origem; 2. direcção; 3. percurso; 4. associação (4); 5. situação e 6. adequação. As relações de associação e de situação permitem especificações que analisaremos mais adiante.

As relações básicas podem ter três classes de significação tradicionalmente denominadas de espacial (E), temporal (T) e figurada ou metafórica que, com B. Pottier (1968: 144), preferimos denominar nocional (N).

Entrecruzando as relações básicas com as classes de significação podemos chegar a uma análise das preposições documentadas no *corpus*.

---

(4) Adoptamos as designações *percurso* e *associação* de J. Mattoso Câmara Jr. (1975: 179-180) no estudo que faz das preposições

1.4.2.2.1 *Classificação das preposições documentadas de acordo com as relações que expressam.*

a. Relações básicas e preposições que as expressam:

1. Origem: *de, des*
2. Direcção: *a, pera, ata ~ atẽẽs*
3. Percurso: *per (pelo,-a,-s), por (polo,-a,-s)*
4. Associação: *con*
5. Situação: *en*
6. Adequação: *segundo*

b. Especificações da relação de associação e preposições que as expressam:

— Negação da associação: *sen*

— Associação parcial: *salvo, tirado* (5)

c. Especificações da relação de situação e preposições que as expressam:

— Situação anterior: posterior — *ante a/de: depós*
~ despois ~ depois de/a
após ~ empós
cabo de ~ a cabo de

---

(5) Preferimos considerar *sen, salvo* e *tirado* como especificações da relação de associação. J. Mattoso Câmara Jr. (1975: 180 e 183) considera *sen* como a expressão do «isolamento» e *salvo* e *excepto*, não arrola *tirado*, como expressão de «exclusão».

— Situação próxima: distante — *preto de ~a preto de cerca de : longe de*

— Situação interior: exterior — *dentro en/a: fora de*

— Situação superior: inferior — *sobre : sô de/en/per/a cima de: en fundo de*

— Situação circundante — *arredor de ~ derredor de*

— Situação intermédia — *antre*

— Situação de confronto (⁶) — *contra ~ escontra*

1.4.3 Documentação

1.4.3.1 Sintagmas nominais circunstanciais introduzidas por preposições.

Documentaremos as diversas relações expressas pelas preposições que introduzem sintagmas nominais circunstanciais e, quando o *corpus* fornece elementos, apresentaremos dados para os três tipos de significação — espaço (E), tempo (T) e noção (N) — que podem ser veiculados por elas. Queremos ressaltar aqui o que dissemos em 1.4.2.2, repetindo G. Moignet, que, muitas vezes, a relação expressa pela preposição está condicionada pela natureza semântica dos elementos que relaciona.

1.4.3.1.1 *Origem.*

É a preposição *de* que expressa a relação de origem no seu sentido mais amplo: desde o ponto de partida espacial, concreto e determinado, passando por todo o

---

(⁶) Adoptamos essa designação de J. Mattoso Câmara Jr. (1975: 180).

campo nocional ou metafórico de ponto de partida ou proveniência até à expressão da posse. Essa gama semântica expressa por *de* fica esclarecida quando se leva em conta o facto de para essa forma de expressão terem convergido diversas formas de expressão do latim. Transcreveremos uma esclarecedora passagem de Mattoso Câmara Jr. (1975: 180) a propósito da origem de *de:*

«A noção de 'afastamento' em *de* estava limitada ao 'movimento de cima para baixo'. A ideia de 'proveniência' cabia a *ab* (com as suas variantes morfofonémicas *a* e *abs)* e a de um 'movimento de dentro para fora' se expressava por *ex* (ou *e* diante de consoante oclusiva). A preposição *de*, oriunda de *dē*, passou em português a todas as três funções, e a própria ideia de posse, que está na base do seu emprego na relação de subordinação de um substantivo a outro, firmou-se para *de* como uma extensão da noção de 'proveniência'.»

Embora não tenhamos feito o levantamento de todas as ocorrências de todas as preposições no *corpus*, por razão de economia no processamento mecanográfico dos dados (7), podemos afirmar que *de* é a proposição mais frequente.

O enunciado seguinte documenta bem a cumulação da preposição *de* em acepções correlatas descritas na transcrição acima:

---

(7) Só eventualmente apresentamos o número de ocorrências das preposições. Isso decorre do tratamento que demos a esse item no processamento dos dados, pelas razões já expressas no texto. Das preposições de altíssimo índice de ocorrência, como é o caso de *de, en, a, pera* só documentamos as primeiras ocorrências; as formas que são típicas do português arcaico documentamos nos quatro livros, é o caso de: *ata, atēēs, escontra, des, depós, sô;* as outras nos dois primeiros livros. Assim, para a presente análise consideramos dados que levantamos sistematicamente nos dois primeiros livros e eventualmente consideramos as listagens mecanográficas e os outros dois livros, quando os elementos fornecidos pelos dois primeiros não foram suficientes.

1.31.44 Aqui se acaba o Primeiro Livro *do* (1) Dialogo de (2) San Gregorio papa *da* (3) cidade *de* (4) Roma *da* (5) vida e *dos* (6) miragres *dos* (7) santos.

As ocorrências (1), (3), (4) expressam a «subordinação de um substantivo a outro», as ocorrências (2), (4) e (7) expressam a «posse» e (5) e (6) «proveniência», equivalendo a «a partir de», «de acordo com». Poderão todas essas ocorrências ser consideradas «origem» do tipo «nocional».

Outros exemplos de *de* expressando origem, quer nocional, quer espacial, quer temporal:

1.1.2 Veo *do* (E) lĩagen *dos* (N) senadores *de* (N) Roma.

1.25.11 — Que podemos, dizer, padre, *da* (N) ousança que o enmiigo antigo tomava na casa *do* homen bõõ (N)

2.1.5 Naceu *do* (E) lĩagen mais fram e mais livre e mais rico que hi avia.

2.1.66 E assi se fez que *d*aquel tempo viinhan muitos pera vee-lo (T).

2.2.25 *De* cincoenta anos adeante vai ja homen folgando (T).

A outra preposição que expressa a origem é *des*. Seu campo de aplicação é marcadamente mais restrito que o de *de*, mas na expressão da origem temporal é mais usado que *de:*

1.1.7 E *des* sa mancebia sempre meu amigo.

1.2.4 Aqueste *des* sa meninice sempre fez mui grande asteença.

2.1.3. Aqueste *des* sa meninice ouve coraçõn de velho.

2.15.9 E *des* aquel tempo non foi tan cruevil come ante.

Também ocorre na expressão da origem espacial:

3.14.8 E rei Totila lhi mandou dizer que ao bispo tirasse hũa corda *des* a cabeça ata os calcanhares.

Na grande maioria de suas ocorrências *des* ocorre em sequências do tipo: *des aqui adeante, des ali adeante, des ali en deante,* que podem expressar um ponto de partida no espaço ou no tempo. Ocorre também, como temporal, *des enton:*

3.5.15 E o spiritu mentireiro e desleal *des* enton partiu-se ende pera todo sempre.

Ocorre ainda *des i* (cf. Parte II, 4.2.1.2):

2.15.11 E el-rei a cabo de pouco vẽo a Roma e *des i* foi a Cezilia.

Nessa sequência pode ser interpretado como temporal ou espacial.

1.4.3.1.2 *Direcção*

A preposição que expressa em seu sentido mais genérico a relação de direcção é *a*. Daí ser ela amplamente utilizada para a expressão da direcção não só no espaço, mas também no tempo e em sentidos nocionais diversificados:

2.37.6 Mandou-se levar *a* sexto dia (T) *aa* eigreja (E).

1.5.35 E no tempo em que os frades jazian folgando *ao* meio do dia... (T).

2.1.8 Per que carreiras homen pode vĩĩr agĩha *aa* verdade (N).

1.4.27 Algũa cousa que nos possas contar *a* conforto de nossas almas (N).

Pode-se notar que no último exemplo o *a* nocional transporta a noção de direcção para um fim, o que — veremos mais adiante — é, em geral, expresso no *corpus* pela preposição *pera*.

Por vezes, ocorre no *corpus* a preposição *a* expressando a permanência ou a situação resultante de um movimento para um ponto de chegada, o que também poderia ser expresso pela preposição *en*. Na expressão do «lugar onde, isto é, denotando, não a direcção em que se encaminha o movimento, e sim o ponto terminal, já se usava *ad* (étimo de *a)* no latim vulgar» (SAID ALI 1964: 211).

2.32.20 — Ei-lo, seu corpo jaz *aa* porta do moesteiro.

2.35.5 San Beento estando *a* hũa fẽẽstra viu hũa luz vĩĩr.

2.1.28 Propos en coraçon d'ir morar *ao* deserto.

A preposição *pera* alterna com *a* na expressão da direcção. De formação tardia no latim vulgar, resulta da aglutinação de *per+ad,* «marcava um percurso com direcção definida» (MATTOSO CÂMARA 1975: 179). A intençao de marcar o ponto de chegada e não apenas a direcção, mais própria a *a,* parece estar presente quando se selecciona *pera* e não *a*.

1.5.37 E o monge se tornou *pera* sa cela (E).

1.25.7 Convidô-o *pera* sa pousada (E).

1.28.25 Querendo-se ir aqueles godos *pera* a cidade de Ravena (E).

2.1.6 Enviaron-no *pera* Roma (E).

2.30.7 Foi-se logo *pera* oraçon (N).

Na expressão de noções *pera* é usual para indicar a finalidade. Veremos, no estudo da subordinação (cf. 2.1.3.1.2), que o fim é muitas vezes expresso pela preposição *pera* seguida da forma verbal no infinitivo. Encontram-se também sintagmas nominais precedidos de *pera*, para a expressão desse mesmo conteúdo. O exemplo seguinte ilustra esse uso de *pera*, expressando o fim nos dois contextos sintácticos descritos:

2.34.5 E assi se fez per voontade de Deus que aqueles que sempre ouveron hũa voontade *pera servir* Deus mui dereitamente, ouveron hũa sopultura en que os seus corpos fossen ensembra *pera serviço* de Deus.

Na expressão da direcção, o limite final está sempre em causa quando se selecciona a preposição *ata* que varia com *atẽẽs*. Pode-se dizer que há um crescendo na intenção de indicar o limite final ou o ponto de chegada na selecção de *a*, *pera* e *ata* ou *atẽẽs*.

No *corpus* não ocorre a forma moderna *até* e *atẽẽs* é excepcional, ocorre apenas três vezes, em relação a *ata*, 57 ocorrências (cf. nota 1 a este item). As duas formas expressam um ponto terminal tanto no espaço como no tempo.

As ocorrências de *atẽẽs:*

2.37.8 Viron hũa carreira *escontra* ouriente e começava-se na cela e estendia-se *atẽẽ* no ceo (E) (⁵)

(⁵) Sobre a aglutinação do artigo definido com as preposições *de, a, atẽẽs, per, por, con, en, após, depós, sobre*, cf. Parte I, 2.1.2 e 2.1.3.

3.36.11 A nave foi chea d'agua *atẽẽs* as tavoas que estavan en cima (E).

3.16.64 Mui gram miragre que Deus fazia pola sa vestidura *atẽẽs* aqueles tempos que os lombardos veeron en esta terra (T).

Exemplos de *ata:*

1.31.10 E viindo assi con grandes choros *ata* o logar hu jazia o corpo (E).

1.31.22 Cousas que mi contas que *ata* qui sempre mi foron ascondudas (T).

2.23.10 — Rogo-te, irmão, que esta noite sejamos falando *ata* a manhãã (T).

1.4.3.1.3 *Percurso.*

As preposições que expressam no *corpus* o que denominamos com Mattoso Câmara Jr. (1975: 181) de percurso sao *per* e *por* e suas formas aglutinadas ao artigo *pelo,-a,-s* e *polo,-a,-s.*

Os dados do *corpus* permitem inferir a seguinte distribuição para *per* e *por;* enquanto o «percurso espacial» e «temporal» são expressos por *per* e suas formas aglutinadas ao artigo, com o valor aproximado de «através de» e «durante», que não estão documentados; o «percurso nocional» pode ser expresso tanto por *per* como por *por* (e suas formas aglutinadas) portadores de noções como meio ou instrumento e causa, distinções essas que, em muitos casos, são difíceis de estabelecer. *Per* tem assim uma distribuição mais ampla e generalizada.

Embora originados de étimos distintos, *per* do latim *per* «através de» e *por,* latim *pro* «posição dianteira», «em favor de» (MATTOSO CAMARA Jr. 1975: 181 e

SAID ALI 1964: 215) entrecruzaram-se ao longo da história da língua portuguesa a forma e o sentido dessas preposições. Convivendo ambas no português, veio a desaparecer a forma *per*, permanecendo apenas em lexias arcaizantes, em proveito de *por*, ao tempo em que, das formas aglutinadas, foram as derivadas de *per* que se mantiveram — *pelo,-a-s*.

Per (pelo,-a,-s):

E: 1.3.3 E porque dezian *pela* terra que no moesteiro avia mui grande aver ...

1.4.4 Indo este Libertino hũ vegada *per* seu caminho

1.5.28 E hũũ ladron soia a sobir *per* hũa sebe

1.5.30 Achou a carreira *per* u o ladron soia a vĩĩr.

2.15.2 Entrou *pelo* moesteiro.

T: 1.22.14 Quanto triigo despendeu *per* todo o ano (9).

2.1.25 Foi prelado *per* muitos anos.

Per e *por* nocional:

Observamos que para expressar o meio ou o instrumento pelo qual se atinge algo *per* é a preposição preferencialmente escolhida.

---

(9) Note-se que não está documentado no *corpus durante*, que equivale semânticamente ao *per* temporal.

1.5.75 E lhi disse *per* palavra que seu filho era sãão.

1.6.4 Começou a dizer e a braadar *per* boca da monja.

1.25.1 Como o spiritu mao saiu dũũ homen demoniado *per* San Fortunado.

2.15.2 Aquel rei Totilo veo *per* si meesmo ao homen de Deus.

1.31.1 Como Severo preste resuscitou *per* sa oraçon hũũ monje.

Eventualmente documentamos *por* para expressar o meio pelo qual algo é atingido:

1.2.26 Moises no deserto *polo* anjo aprendeu aquelas cousas.

Para a expressão da causa que determina que algo aconteça, ora ocorre *por* ora *per:*

Exemplos de por:

1.2.40 Este embargo e este nojo nunca nos aveo senon *polo* torto que fezemos ao abade servo de Deus.

1.4.10 Madre que fazia tan gram chanto *por* seu filho.

1.5.80 Non pode sofrer que o non queimassen *pola* maldade grande que en ele avia.

1.1.2 E *por* esto dialago quer dizer paravra de dous.

Exemplos de *per:*

1.5.15 Aquele mal non fora *per* sa crueza do abade, mais fora *per* sa culpa del meesmo.

Biblioteca Universitária
- UFSC -

2.3.11 E *per* conselho de todos deitaron poçonha.

1.1.11 E a meu coraçon desaventurado *pela* carreira grande dos feitos dos homens con que ei de fazer, per razon do ofizio en que sõõ, nembra-se ...

2.1.3 Aqueste des sa meninice ouve coraçon de velho *per* manhas e *per* custumes.

1.2.33 En tempo do rei Totilo foi hũũ homen muito honrado *per* boa *vida* e per *bõõs* custumes.

O exemplo seguinte é interessante porque ora seleccionou-se *por* ora *per* para a expressão de uma circunstância causal:

1.11.19 — Conhosco, padre, que aqueste santo homen Constancio foi grande d'aa de fora *polos* miragres que feze, mais foi maior aa de dentro *per* homildade que ouve.

Não podemos deixar de chamar a atenção para o facto de nem sempre ser fácil determinar a distinção entre meio e causa, veja-se, por exemplo:

2.15.13 Roma secará *per* tempestades e *per* coriscos e *per* grandes árvores e *per* muitos tremores.

Sentimos hoje essa dificuldade como descodificador, certamente como codificador o produtor do texto deveria sentir dificuldade semelhante para seleccionar a forma *per* ou *por* de acordo com o conteúdo a expressar. Está possivelmente na semelhança fónica entre essas duas preposições e na proximidade semântica dos dois conteúdos que veiculam a causa da convergência das duas preposições arcaicas para uma única preposição. Não se pode, no entanto, deixar de chamar a atenção para o facto de que já dispunha o codificador de recursos para desfazer, quando desejasse, as possíveis ambiguidades de *per/por* para a expressão do meio e da causa. No *corpus*, embora não ocorram as locuções *por meio de*, já se apresenta fartamente documentada a locução *per razon de*. Veja-se como exemplo a passagem 1.1.11, anteriormente citada, em que em vez de seleccionar-se «pelo ofizio» ou «polo ofizio» se selecciona «per razon do ofizio en que sõõ», embora antes, no mesmo enunciado, tenha seleccionado «pela carreira» e não «per razon da carreira». Na passagem seguinte sempre se optou por *por razon de* quando *por* e também *per* poderiam expressar a noção causal:

1.9.7 Homen muito honrado con que eu avia gram prazer *per razon* da idade que avia e *per razon* das obras que fazia e *per razon* da simplicidade en que vivia.

A propósito do mecanismo românico de substituição de preposições simples por perífrases que têm como núcleo um nome, enquadrado por preposições simples, podendo-se assim enunciar circunstâncias várias, cf. Mattoso Câmara Jr. (1975: 184), que, no seu estudo sobre a história das preposições no português, destaca esse mecanismo enriquecedor do quadro das locuções prepositivas do português.

1.4.3.1.4 *Associação*

Reunimos como expressão da relação de associação a preposição *con* e as preposições *sen*, *tirado* e *salvo*. Partindo do princípio que *con* expressa a associação de elementos, *sen* é o seu oposto negativo, *tirado* e *salvo* expressam parte de um todo, uma vez que indicam a exclusão de elementos que o constituem. Não podemos deixar de ver laços semânticos comuns a essas preposições, daí a sua agrupação como expressão de uma relação da mesma natureza, embora, na tradição gramatical, essas preposições não costumem ser apresentadas como de um mesmo grupo (cf. nota 6 a este item 1.4).

O exemplo seguinte documenta a oposição *con* : *sen*.

1.1.7 Veendo-me seer tan desconfortado e chorar *con* tanto *prazer* as amarguras e seendo eu assi chorando *sen* conforto nen hũũ...

1.3.2 Veo hũũ principe que dezian Becelino *con* poderio grande de franceses.

1.3.3. Entraron os franceses *con* gram felonia pela eigreja.

2.8.16 E o corvo demorou muito e pero aa cima tomou o pan e levoo-u e foi-se *con* el e fez como lhi mandou o santo homen.

1.1.4 Mais toda era junta *con* todolos poderes que en ela ha.

1.31.34 Diz a Escritura que San Pedro apostolo andou sobrelo mar *con* seus pees. E o apostolo San Paulo, andando sobrelo mar *con* sa nave.

2.8.10 Veo hũũ corvo a qual el sempre dava pan *con* sa mãão.

Apresentamos os dois últimos exemplos como expressão da relação de associação, generalizando essa noção para o que na tradição gramatical se denomina de «meio» ou «maneira» (cf. por exemplo SAID ALI 1964: 208-210).

Sen:

1.1.12 Ca sabia que *sen ela* (= a morte) aa vida perduravil non podia vĩĩr.

1.1.23 Sempre os teve limpios e sããos e *sen* velhice da alma.

1.2.29 E estes de que ora falamos, que son *sen* térmio alonjados de nós pelos dões do Spiritu Santo.

1.3.4 E assi se partiron do moesteiro cegos e *sen* dano daqueles que hi moravan.

1.4.24 Enton per vertude do profeta Elias partiron-se as aguas e passou *sen* embargo.

Tirado:

1.13.10 ... fazer horta de verças para os frades que comessen, *tirado* huum mui pequenĩho logar.

1.17.11 Mandou que se fossen todos ende, *tirado* ende hũũ menĩho pequeno que hi ficou.

2.1.41 Jouve hi tres anos que nunca o homen do mundo conhoceu, *tirado* aquel monge que avia nome Romããо.

4.43.12 Aqueste nunca quedava de rezar seu salteiro *tirado* quando comia ou dormia.

Salvo:

4.1.8 Hi non avia outras cousas, *salvo* aquelas que veemos pelos olhos do corpo.

4.34.4 Achou por verdade que de quanto lhi ficava daquele que gaanhava en cada dia, *salvo* aquelo que despendia en vestir e en comer e en manteença de seu corpo, todo o levava aa igreja.

Pelos dados podemos ver que *tirado* e *salvo* são equivalentes; *excepto*, que também expressa a mesma relação não está documentado no *corpus*. Essas preposições portuguesas não provêm de preposições, mas de formas nominais latinas.

1.4.3.1.5 *Situação*

É a preposição *en* que expressa a situação em geral, que pode ser especificada por uma série de preposições como veremos adiante. *En* com *de* e *a* são as preposições mais usadas; como *de* e *a*, *en* é empregado tanto para expressar o tipo de significação espacial, como o temporal e o nocional:

E: 1.1.4 Quando vivia *en* meu moesteiro.

1.1.17 Semelha-mi que estou *en* Manna *ena* riba do mar.

1.1.26 Non cuido eu que *en* toda terra de Italia aja homens de gram vertudes.

T: 1.1.4 Andand'eu mui triste *en* hũũ dia pelos preitos dos homens...

1.5.8 E porque *en* outro dia avia de parecer ante o juiz sobre feito do moesteiro...

1.16.3 Deves saber, Pedro, que *n*aquel meesmo tempo en que creceu o azeite pelas orações do preposto Nonnoso...

N: 1.1.1 Ca «dias» *en* grego quer dizer *en* nosso linguagen dous e «lagos» *en* grego quer dizer *en* nosso rimanço paravra.

1.1.19 Aquel que *en* religion vivia.

2.1.17 Vio muitos envoltos *en* muitos pecados.

Da mesma forma que *a* pode expressar a situação resultante de um movimento (cf. 1.4.3.1.2), *en* pode ser usado para a expressão de um movimento que resulta numa situação estática. Veja-se, por exemplo, o seu emprego com o verbo *alçar* que em geral é usado com a preposição *a:*

2.34.2 Alçou os olhos *no* aar, mas:

1.4.12 Alçoo as mãos *ao* ceo.

De todas as relações expressas é a de situação que apresenta mais possibilidades de especificações. Em 1.4.2.2 c vimos as preposições que expressam as especificações da situação. A seguir apresentamos exemplificação de cada uma delas; quando tivermos dados para tanto, apresentaremos exemplos do emprego de cada preposição nos três tipos de significação: E, T e N.

Nos itens 4.2.3.2 e 4.2.3.3 da Parte II deste trabalho, quando tratamos de substitutos locativos de sintagmas nominais, apresentamos dados que interessam a este item já que ali demonstramos a distribuição de certos locativos e locativos temporais ora como substitutos de um sintagma nominal circunstancial ora como relacionante de preposição introdutora de sintagma nominal circunstancial.

A especificação da relação de situação:

— Situação anterior: posterior

Anterior:

Ante ~ ante a/de:

1.1.6 Poinha-o *ante* os meus olhos (E).

2.37.5 E *ante* seis dias que morresse (T).

Como dissemos em 4.2.3.3.1 da Parte II, *ante* ou *ant'* ocorre 99 vezes seguida de sintagma nominal e apenas uma vez se documenta *ante a* e *ante de* seguidos de sintagma nominal. *Ante* é usado tanto para a localização espacial como temporal.

Posterior:

Depós ~ despois ~ depois de/a:

Como vimos também em 4.2.3.3 e 4.2.3.3.1 da Parte II, essas formas aparecem prioritariamente sem as preposições *de* ou *a:* para 78 ocorrências desses relacionantes sem *a* ou *de* há 5 ocorrências seguidas de *de* e uma seguida de *a*. Vimos também no item 4.2.3.3 que parece geral o uso dessas formas para a localização temporal e excepcional para a expressão da localização no espaço.

Exemplos:

2.1.24 Constatim foi abade *depós* ele.

1.16.8 E *depois de*sto chamaron outros sete frades e cada hũũ per seu nome, hũũ *depós* outro.

2.27.2 ... que *depós* dous dias veesse a el.

1.5.41 E o monge veo *depois* ao ladron.

É possível interpretar-se, no último exemplo, *depois* não como relacionante mas como substituto circunstancial o que eliminaria a variante *depois a*.

Após ~ empós:

Embora pouco frequentes em relação a *depós* e suas variantes, 7 ocorrências ao todo, parecem ser empregadas preferencialmente na situação locativa e nocional e não temporal, ao contrário de *depós*. (Cf. exemplos na Parte II, 4.2.2.3.1). (10)

Cabo de ~ a cabo de:

Equivalendo a *ao fim de*, essa locução ocorre tanto na localização espacial como temporal:

1.5.79 E aqueste Basilio monge falso *a cabo de* longo tempo ... (T).

2.22.3 ... fazer hũũ moesteiro *cabo da* cidade de Teracina (E).

1.28.13 Hũũ dia veeron os godos *cabo da* cidade de Tuderte (E).

— Situação próxima: distante

Próxima:

Preto de ~ a preto de:

2.19.2 Contou ainda San Gregorio que *preto de* seu moesteiro avia hũa mui gram rua (E).

2.23.6 *A preto do* seu moesteiro moravan hũas monjas d'alto lĩagen (E).

2.3.5 Moesteiro que estava *preto da*quel logar (E).

---

(10) É interessante destacar que o exame dos dados do *corpus* em relação ao uso locativo e temporal de *depós, após* e *empós* confirma a observação de Said Ali (1964: 214) de que «com referência a tempo ou a um sucesso ulterior, usava-se de preferência *depós*».

1.2.12 Moesteiro en que avia *preto de* duzentos monges (N).

Com pouca frequência ocorre *cerca de:*

4.36.45 Ainda aqui *cerca de* nós ha hũũ clerigo que ha nome Anastasio (E).

Distante:

Longe de:

2.1.48 Hũũ clerigo de missa que morava *longe do* logar de San Beento (E).

2.37.2 Algũũs outros que moravan *longe del* (E).

2.37.4 E aaqueles outros que moravan *longe del* disse que lhis daria sinal certo (E).

— Situação interior: exterior

Interior:

Dentro en/a:

1.28.30 Era *dentro na* cidade (E).

2.31.17 Chamou os frades que o levassen *dentro ao* moesteiro (E).

1.10.19 Queria saber que homildade ouve *dentro na* sa alma (N).

3.16.68 Quanto merecimento este santo homen Euticio *dentro a* sa alma avia (N).

Dentro en ocorre 6 vezes, enquanto *dentro a,* 2 vezes. Pelos exemplos 1.10.19 e 3.16.68 parecem ser variantes livres as duas formas. *Dentro de* não está documentado.

Exterior:

Fora de:

1.2.6 Fezeron gram jantar *fora* da vila (E).

1.5.77 Deitaron Basilio *fora do* moesteiro (E).

2.3.33 Andava *fora de* si (N).

— Situação superior: inferior

Superior:

Sobre:

2.1.3 E leixando-a *sobrela mesa,* partiu-se (E).

2.1.47 A candea que sê *sobelo* candeeiro (E).

1.5.8 E porque en outro dia avia de parecer ante o juiz *sobre* feito do moesteiro (N).

1.5.12 Dia assinaado he ant'o o juiz a que non podemos fugir *sobre* hũũ gram preito (N).

Sobre nocional equivale a *a respeito de, a propósito de* que não ocorrem no *corpus.*

De/en/ per/ a cima de:

2.5.5 Decer cada dia aa lagoa *de cima da*quel monte (E).

2.5.2 Estavan *en cima d*ũũ monte (E).

2.7.6 Foi correndo *per cima d*a agua (E).

2.5.8 En aquesta noite sobiu San Beento *a cima do* monte (E).

Inferior:

Sô:

2.1.37 Sublacos, porque está *sô* hũa lagoa (E).

2.1.44 Morava *sô* hũũ penedo (E).

1.8.11 Hũũ vale que jazia *sô* aquel moesteiro (E).

1.7.3 Nem ás lecença do papa *sô* cuja mercee e *sô* cujo poderio vivia (N).

En fundo de:

2.6.8 E o ferro que jazia *en fundo d*a lagoa (E).

Situação circundante:

Arredor de ~ derredor de:

Essas duas preposições parecem estar em variação livre como demonstram as passagens seguintes:

2.2.3 Hũa mérloa começou a andar *derredor d*ele (E).

2.2.6 A mérloa andava *arredor d*el (E).

Situação intermédia:

Antre:

2.2.8 Deitou-se ora *antr'*as espĩhas ora *antr'*as ortigas (E).

2.37.7 E pois tomou o sagramento *antr'*as mãos de seus discipulos (E).

2.7.9 O menĩho foi juiz alvidro *antre* ambos (N).

Situação de confronto:

Contra ~ *escontra:*

Escontra ocorre 5 vezes no *corpus*, enquanto *contra* ocorre 33 vezes. A primeira forma veio a desaparecer. Pelos dados *escontra* expressa tanto a situação espacial como temporal, mas não a nocional, enquanto *contra* expressa, preferencialmente, a situação de confronto nocional, podendo ocorrer também na situação espacial.

Escontra:

2.37.8 Dous seus frades viron hũa vison *escontra* ouriente e começava-se na cela e estendia-se atẽẽ-no ceo (E).

3.34.16 Terra que he *escontra* o ávrego (E).

4.14.10 E alçou ela os olhos *escontra* o ceo e vio Jesu Cristo vĩĩr (E).

3.15.31 E hũũ dia o homen santo fez deitar em hũũ horto do moesteiro *escontra* a vespera muitos alferces (T).

3.18.6 Ca o non poderon soterrar de diia porque morreu *escontra* a vespera (T).

Contra:

E: 1.12.1 Como o bispo Marcelino poseron *contra* o fogo.

N: 1.5.1 Da paceença de Libertino que ouve *contra* seu abade.

1.12.6 Levaron-no pera aquel logar e disse *contra* os seus homees:
— Poende-me *contra* o fogo (E).

1.2.45 Poseron-no *contra* sa voontade en cima de seu cavalo.

1.8.52 A sentença que *contra* el deron foi direita.

2.3.23 Se juntaron *contra* el pera matá-lo.

2.8.18 Era tam acezo en mal *contra* sa vida e *contra* seu estado.

2.20.9 Contou-lhis quanta sobérvia cuidara en seu coraçon *contra* o servo de Deus.

2.1.3 Ca *contra* a idade de meninice que avia nunca foi prazer nen deleito do mundo.

Os dois primeiros exemplos de *contra* nocional expressam o confronto não «contrário», mas aproximativo, na direcção de algo. Sobre esse uso de *contra* diz Said Ali (1964: 210): «usou-se esta preposição a princípio com o sentido de 'face a face', 'frente a frente'... Da era camoniana para cá substitui-se sempre em tais frases a preposiçao por outra *(para, a)*, entendendo-se que *contra* denotaria sentimentos de inimizade ou actos de ameaça e resistência». Os outros exemplos acima se enquadram nessa acepção, com excepção do último que expressa uma situação apenas contrária a que se esperaria.

1.4.3.1.6 *Adequação*

Ocorre a preposição *segundo* introduzindo sintagmas nominais para expressar a relação de «adequação» do que foi enunciado;

1.5.68 Era mui fremosa *segundo* a fremosura do mundo.

2.23.14 E esto fazia cada dia *segundo* o custume que naquel tempo era.

3.29.7 Viveron a gram prazer e a gram sabor de seus corpos *segundo* a vida deste mundo.

1.17.25 Foron exemplo a nós de o seguir *segundo* nosso poder.

4.23.5 E aquela bondade comprida *segundo* o juízo de Deus.

A preposição *segundo* hoje forma um conjunto com *consoante* e *conforme*, não documentadas no *corpus;* esse conjunto de preposições diz Mattoso Câmara Jr. (1975: 183) que «assinala uma adequação». É desse autor, portanto, que aceitamos a designação para essa relação.

1.4.3.2 Sintagmas nominais circunstanciais não precedidos de preposições.

Os sintagmas nominais que expressam circunstância temporal podem ocorrer sem preposição que o introduza quando indicam um momento dado, expresso por um nome relativo a divisão temporal ou quando indicam a duração; no primeiro caso variam com sintagmas nominais circunstanciais iniciados pela preposição *en* e no segundo com sintagmas iniciados por *per* (¹¹).

O nome que veicula o conceito temporal nesses sintagmas está sempre precedido de um determinante que pode ser o artigo indefinido, mais raramente o artigo definido, um demonstrativo ou um quantificador. Nos

---

(¹¹) A propósito desse uso no português contemporâneo cf. Mattoso Câmara Jr. (1975: 177-178).

dois primeiros livros dos *Diálogos* documentamos: *hũũ dia, hũa noite, hũũ tempo, hũa vegada, o dia d'oonte* sem variar com *en hũũ dia/noite* etc.; com o determinante demonstrativo encontramos a variação: *esta noite, aquel ano* com *naquel dia, naquela hora;* com quantificador documentamos *outro tempo, outra vegada* variando com *en outro tempo, en outro dia* ou *noutro dia*, mas *tantas vegadas, cada ano* sem variar com *en tantas vegadas, en cada ano*. Indicando a duração se encontra a variação *todo o ano, todo aquel dia* com *per todo ano.*

Exemplos:

1.2.6 Acaeceu *hũũ dia* que seu padre e sa madre fezeron gram jantar a seus vezĩhos.

1.2.14 Ca *hũũ dia* caeu hũũ grande penedo.

1.5.54 E *hũa noite* jazendo dormindo ...

1.18.3 Acaeceu *hũũ tempo* que veo a festa de San Paulo mártir.

1.14.2 Contou depós esto San Gregorio que *hũũ tempo*, lavando este santo homen Nonnoso as lampadas do vidro ...

2.33.10 Rogo-te, irmão, que *esta noite* que me non desempares.

1.15.4 Azeito per que podessen passar *aquel ano* que tan menguado era.

mas:

1.5.24 Achou que *naquela hora* foi a monja sãã da féver.

1.2.9 … quanto pode comer *naquel dia*.

1.20.2 *Outro tempo* acaeceu que Bonifacio recebeu por hospedes dous homens.

1.4.21 Ca assi leemos que fez *outra vegada* Eliseo, o profeta.

mas:

1.4.1 Acaeceu *en outro tempo* …

1.5.24 … que foi *noutro dia* preposto naquel moesteiro.

1.8.35 E *en outro dia* veo hũũ cavaleiro en cima dũũ cavalo.

1.21.2 Contou ainda San Gregorio que *noutro dia*…

1.28.6 *En outro dia*, querendo-se ir …

1.5.43 Por que quesisti fazer *tantas vegadas* furto.

2.13.2 Viinha *cada ano* do logar en que morava ao moesteiro.

1.22.9 Achou todo o triigo per que se avia de governar *todo o ano*.

1.22.10 Avia perdudo todo aquelo per que se avia de manteer *todo o ano*.

2.13.3 E nen comia nen bevia *todo aquel dia*.

mas:

1.22.14 … quanto triigo despendia *per todo o ano*.

Uma passagem como a seguinte:

2.22.8 E *a noite d'*ante aquel dia pareceu San Beento en sonhos.

pode ser interpretada como um sintagma nominal circunstancial sem preposição, mas pode também ser interpretada como um lapso da escrita que não representa a preposição, que no caso seria *a,* por «assimilação gráfica» à representação do artigo feminino, podendo ser esse lapso gráfico um reflexo de articulação fónica correspondente. Veja-se, no exemplo seguinte, que os dois *a* estão representados:

2.13.15 E *aa hora de* vespera chegou aa cela de San Beento.

É de notar que se se tratar da hipótese do lapso da escrita é um caso excepcional no *corpus* em que, regra geral os dois *a* (preposição e artigo) vêm sempre representados.

1.4.3.3 A repetição redundante de sintagmas nominais circunstanciais da mesma natureza.

Em vários momentos da análise deste *corpus* chamamos a atenção para o recurso estilístico da reiteração redundante de elementos da mesma natureza no sintagma nominal e no sintagma verbal. Relembramos que observamos esse facto no uso iterativo de determinantes demonstrativos, possessivos, de quantificadores, de qualificadores coordenados, tanto de adjectivos como de verbos. Na análise do enunciado também chamamos a atenção para a coordenação de sintagmas nominais sujeitos parassinónimos. No que se refere aos sintagmas nominais circunstanciais é, do mesmo modo, frequente a repetição de sintagmas nominais que expressam a mesma circunstância coordenados, como reforço expressivo. É a redundância, sem dúvida, um traço estilístico do texto, traço esse que poderá ser considerado em outros representantes da prosa medieval para avaliar até que ponto é generalizado.

Exemplos de cumulação de sintagmas nominais circunstanciais:

2.1.51 E andando *per muitos montes* e *per muitos vales* e *per outros muitos logares* covos e ascondudos.

2.3.3 A terra depois que a alimpian *pela chúvia* e *pelo sol* e *pelas outras vertudes.*

2.15.13 Roma secará en si meesma *per tempestades* e *per coriscos* e *per grandes torvões* e *per muitos tremores de terra.*

2.38.3 Hũa molher ensandeceu e andava assi de dia come de noite *per montes* e *per vales, per matos* e *per campos.*

Há muitas ocorrências de sintagmas nominais circunstanciais cujos nomes que constituem seu núcleo são parassinónimos:

2.1.3 Aqueste des sa meninice ouve coraçon de velho *per manhas* e *per custumes.*

1.2.33 En tempo de rei Totilo foi hũũ homen honrado *per boa vida* e *per bõõs custumes.*

2.8.18 Era tam acezo en mal *contra sa vida* e *contra seu estado.*

3.29.2 Viveron *a gram prazer* e *a gram sabor* de seus corpos segundo a vida deste mundo.

2. O enunciado complexo

Na análise do enunciado complexo trataremos basicamente de dois aspectos: dos mecanismos de conexão de enunciados simples para a constituição dos enunciados complexos (2.1) e da ordem dos sintagmas constituintes dos enunciados (2.2).

Em 2.1 desenvolveremos o estudo dos mecanismos de coordenação e de subordinação a partir da análise dos relacionantes coordenadores e subordinadores documentados. No estudo da subordinação consideraremos as subordinadas expressas por enunciados com verbos em suas formas finitas e com verbos em suas formas nominais, tanto as circunstanciais como as completivas e relativas. Já tratamos, em parte, das estruturas com verbos em suas formas nominais quando estudamos os chamados verbos auxiliares (cf. Parte II, 3.). Segue-se ao estudo das relativas uma análise das estruturas interrogativas quer directas quer indirectas. Concluiremos o item 2.1 com uma avaliação quantitativa das ocorrências dos diversos tipos de enunciados nele analisados.

Em 2.2 consideraremos a disposição dos constituintes do enunciado. Observaremos as possíveis ordenações do sujeito, verbo e complemento, levando em consideração as diversas formas de manifestação do sujeito e do complemento. A disposição desses constituintes será analisada em enunciados principais afirmativos e negativos, em enunciados interrogativos e nos subordinados, relativos, completivos e circunstanciais. Completa essa análise um estudo suplementar sobre a posição do pronome complemento não-acentuado.

2.1 *Mecanismos de coordenação e de subordinação de enunciados.*

2.1.1 **Observações introdutórias.**

A coordenação é o mecanismo sintáctico pelo qual se associam enunciados ou elementos constituintes do enunciado que exercem uma mesma função sintáctica: sintagmas nominais sujeitos ou complementos ou circunstanciais, por exemplo, podem ser coordenados, da mesma forma que os enunciados. Fundamentalmente a coordenação se opõe à subordinação por esta aplicar-se a enunciados e, sobretudo, por esses enunciados, que se denominam subordinados, dependerem de um enunciado básico ou matriz ou principal, ou de algum elemento constituinte desse enunciado. Assim na coordenação há uma soma de comunicados expressos por cada constituinte coordenado, enquanto na subordinação há enunciados que são constituintes de outro enunciado que os determina; o enunciado subordinado, portanto, ao contrário do coordenado, só se completa quando entendido, em conjunto, com o enunciado de que é dependente ou no qual está inserido.

Não pretendemos entrar na discussão teórica dos conceitos de coordenação ou de subordinação; para contudo analisar os dados fornecidos pelo *corpus* temos de partir de uma definição inicial que oriente a exploração do factos. Podemos afirmar que os conceitos de coordenação e de subordinação como acima delineamos se aplicam sem margem para discussão nas situações extremas da coordenação e da subordinação, isto é, na coordenação aditiva e disjuntiva, por um lado e nas subordinadas completivas e relativas, por outro. Poderíamos dizer que os outros tipos tradicionais de coordenação assim como a subordinação adverbial ou circunstancial se apresentam numa extensa faixa limítrofe que iria de um mínimo a um máximo de dependência semântica e sintáctica, zona por onde passará uma fronteira mais ou menos aleatória que separará enunciados coordenados de enunciados subordinados — é o caso, por exemplo, das coordenadas explicativas e das subordinadas causais. (Cf. 2.1.3 e 2.1.3.1.3).

Hoje, quando analisamos um *corpus* do português contemporâneo, condicionados pela tradição de ensino gramatical, em geral não vacilamos muito em classificar coordenadas e subordinadas circunstanciais. Fixamos de memória um rol de relacionantes coordenadores e outro de relacionantes subordinadores e, a partir dessa directriz que não é indiscutível, enfrentamos os factos. Diante de um *corpus* trecentista a situação é diversa, como seria de esperar, e mais complexa, em muitas situações: ou por nos encontrarmos diante de relacionantes que vieram a desaparecer (é o caso de *pero*, de *ca*, por exemplo) e cujo valor só podemos depreender dos dados fornecidos pelo *corpus;* ou diante de relacionantes que permaneceram, mas com um valor que ora corresponde ao actual ora não (é o caso, por exemplo, de *pois*, de *porém)* ou diante de elementos que hoje são relacionantes, mas então parece que ainda não eram (é o caso, por exemplo, de *porém, portanto)*. Tendo em mente tal situação, tentamos organizar os dados com que nos defrontamos, colocando-os em discussão, sem que cheguemos, no entanto, a conclusões indiscutíveis.

2.1.2 **A coordenação**

Seguindo Mattoso Câmara Jr. (1975: 188) é *e* «a partícula coordenativa, por excelência». Exprimindo a adição ou cópula de enunciados, pode, além disso, associar quaisquer elementos constituintes do enunciado desde que tenham a mesma função sintáctica. Sem dúvida é entre os coordenantes e subordinantes o de mais alta frequência, não só pelo exposto acima mas, como veremos adiante, por repetir-se iterativamente como uma espécie de apoio da narração e por preceder outros elementos que poderão ser eles próprios considerados coordenantes.

À coordenação copulativa ou aditiva simples pode acrescentar-se, segundo a tradição gramatical, a coordenação que expressa a disjunção, a oposição, a conclusão e a explicação introduzidas pelos coordenantes:

— disjuntivos ou alternativos: na afirmativa *ou* e menos frequentemente *quer;* na negativa *nen;*

— adversativos: *mais ~ mas, mais que, pero ~ empero, mais pero, pero que, e pero;*

— conclusivos: *ergo* e, possivelmente, como discutiremos adiante, *e porende ~ e poren, e portanto, e pero;*

— explicativo: *ca.*

2.1.2.1 Coordenação aditiva ou copulativa.

Os enunciados seguintes exemplificam a coordenação aditiva de enunciados simples:

1.2.3 — Direi-ti os nomes dalgũũs *e* enton poderás entender a verdade de todas aquelas cousas.

1.2.14 O santo don Onrado, abade do moesteiro, fez o sinal da cruz sobrelo penedo *e* chamou o nome de Jesu Cristo mui grandes braados que lhi socorresse *e* logo o penedo esteve en si *e* non foi mais.

Nos exemplos seguintes o *e* coordena também elementos constituintes de um mesmo enunciado, além de coordenar enunciados:

1.11.14 Ca, segundo como homen sofre as viltanças *e* os deostos, assi pode homen entender a homildade ou a sobérvia que no seu coraçon ten asconduda.

(Coordenação de sintagmas nominais complementos).

1.2.6-13 Acaeceu hũũ dia que seu padre *e* sa madre madre fezeron gram jantar a seus vezĩhos fora da vila *e* fezeron-lhis aparelhar muitas maneiras de carnes *e*, non querendo el comer as carnes que os outros comiam pera atormentar seu corpo por amor de Deus, o padre *e* a madre escarnecian del *e* dezian: ...

(Coordenação de sintagmas nominais sujeitos e de enunciados).

O *e*, além de expressar a cópula de enunciados e de constituintes do enunciado, é profusamente usado no *corpus* como uma espécie de encadeador da narração, equivalente, poderíamos dizer, ao *aí* hoje tão comum em narrativas orais informais. Do ponto de vista da estruturação sintáctica esse elo formal seria dispensável, assim como do ponto de vista semântico.

Por exemplo:

1.2.44-45 — Ide-vos a bõa ventura, ca non ei eu mester cavalo. *E* eles deceron das bestas e poseron-no contra sa voontade en cima de seu cavalo de que o primeiramente derribaron en cima e foran-se logo muit'agĩha.

(O primeiro *e* corresponde ao «elo» acima descrito enquanto os dois outros são coordenadores de enunciados).

1.2.40 — Este embargo e este nojo que nós ora sofremos, nunca nos aveo senon polo torto que fezemos ao abade servo de Deus. *E* tornaron-se muit'agĩha e acharon-no jazer en sa oraçon e disseron-lhi: ...

(Como no exemplo anterior o *e* grifado é um «elo» narrativo enquanto os dois seguintes adicionam enunciados).

É muito comum no *corpus* o uso do *e* encadeador da narrativa nas conclusões das pequenas histórias exemplares que constituem a obra, por exemplo:

1.2.47 *E* assi o fez o poder de Deus que, por hũũ cavalo que deron ao servo cada hũũ daqueles que ena companha do conde andavan recebeu o seu, que se primeiramente non pudia mudar polo torto que ao santo homen fezeron.

1.3.4 *E* assi se partiron do moesteiro cegos e sen dano daqueles que hi moravan.

Pode-se afirmar que nos dois casos acima o *e* seria dispensável do ponto de vista semântico e sintáctico para a conclusão da narrativa.

Apresentamos, em seguida, uma narrativa completa que exemplifica o que se poderia considerar uma constante estilística dos *Diálogos* que é o emprego profuso do *e* encadeador da narrativa, ao mesmo tempo em que exemplifica o uso aditivo do *e*, associando enunciados ou constituintes do enunciado. Em grifo está sempre o *e* que denominamos elo ou encadeador da narrativa; note-se que ele sempre se apresenta depois de um ponto, iniciando o enunciado. Vale ressaltar que esse sinal de pontuação não é de responsabilidade do editor crítico, portanto de nossa responsabilidade, mas está presente no manuscrito que é base da edição crítica. Acrescente-se que o *e* seguindo esse ponto está sempre em maiúscula no códice. Queremos com isso chamar a atenção para o facto de que o *e* em causa não deve ser considerado um conectivo aditivo de enunciados simples ou de constituintes menores do enunciado, mas inicia um enunciado:

1.4.2-14. «Acaeceu en outro tempo que aqueste Libertino, seendo preposto do moesteiro de Fondon de que suso falamos, ia aa cidade de Ravena per mandado hũũ seu abade que fezeron naquel moesteiro, depós o abade don Onrado que fora meestre deste Libertino assi como de suso dito he. *E* hu quer que ia aqueste Libertino sempre levava en seu seo hũa calça que fora do santo servo de Deus o abade don Onrado, de que primeiramente falamos en este livro. *E,* indo este Libertino hũa vegada per seu camĩho, achou hũa molher e levava hũũ corpo dũũ seu filho que lhi morrera. *E* tanto foi o amor do filho que ouve que, quando vio o servo de Deus, tomou o cavalo en que andava pelo freo e disse-lhi con gram juramento:

— Tu non te partirás daqui ata que resuscites o meu filho.

E ele, porque non avia en costume de fazer tal miragre, espantou-se muito daquela petiçon que lhi fezera aquela molher con tan gram juramento. El quisera-lhi fugir de boa mente, mais non pôde. *E*, duvidando en seu coraçon que faria, homildade o tirava que non pedisse a Deus tan gram don come aquele, ca se non tiinha por tan bõõ que Deus por el nen hũũ morto devesse resuscitar. Doutra parte, piedade e doo que avia da madre que fazia tan gram chanto por seu filho movia-o pera pedir a Nosso Senhor que socorresse aaquela molher tan coitada. *E* aacima a piedade venceu a homildade. *E* porende o santo homen deceu-se da sa besta en que andava e ficou seus geolhos en terra e alçou as mãos ao ceo e tirou a calça que tragia en seu seo, que fora do santo abade don Onrado, e pose-lha sobrelo corpo do menĩho morto. *E* pois fez sa oraçon, tornou a alma ao corpo do menĩho e viveu. El tomou o menĩho con sa mãão e entregô-o a sa madre e acabou a carreira que começara».

Nessa pequena narrativa, a par de 10 ocorrências do *e* conectivo *stricto sensu,* há 8 ocorrências do *e* encadeador da narrativa. Esse processo sintáctico de desenvolvimento do texto multiplica-se pelos quatro livros dos *Diálogos*. Veremos, mais adiante (cf. 2.1.2.5), que parece ser uma alternativa para o emprego deste *e* a selecção de *ca,* também coordenativa, mas explicativa.

Voltaremos ainda ao *e* em 2.1.2.3 e 2.1.2.4 quando tratarmos de enunciados adversativos iniciados por *e pero* e de enunciados conclusivos iniciados por essa aditiva e elementos que expressam uma explicação conclusiva.

O emprego muito frequente do *e* como elo narrativo, iniciando portanto enunciados quer simples quer complexos, aponta para o desprestígio do assíndeto que é o encadeamento de enunciados sem a presença de coordenantes. Na narrativa completa acima transcrita se pode observar que não ocorrem enunciados assindéticos e quando, em um enunciado, há mais de duas coordenações aditivas está sempre presente o *e* copulativo; veja-se, por exemplo, o fim da narrativa tomada como exemplo: «El tomou o menĩho con sa mãão *e* entregô-o a sa madre *e* acabou a carreira que começara». Essa coordenação explicitada pelo conectivo se multiplica por todo o *corpus,* por exemplo:

1.2.10 E todos aqueles que esto viron maravilharon-se muito *e* quedou o escárnio do padre e da madre *e* começaron a louvar a esteença de que ante escarnecian (3 coordenações sindéticas)

2.10.5 E por esso deitou-se logo en oraçon *e* chamou aqueles frades a que semelhava que a cozinha ardia *e* disse-lhis que fezessen o sinal da cruz sobre seus olhos (3 coordenações sindéticas)

3.2.14 E ao gentil prougue muito, pois lhi ouvio dizer que avia sabença per que lavrasse *e* enderençasse ben qualquer horto en que o posessen *e* recebeu-o por servo *e* deu aa viuva seu filho *e* veo-se logo con el d'Africa pera sa terra (4 coordenações sindéticas).

4.6.7 E disse-o logo aos frades con que siia comendo *e* levantou-se logo da mesa *e* foi aaquel logar hu o irmão vira morrer *e* achô-o ja soterrado *e* soube logo por certo que en aquela hora morrera (5 coordenações sindéticas).

Da mesma forma que o assíndeto não é comum no encadeamento de enunciados, também não o é na coordenação de constituintes do enunciado. É constante a ocorrência de mais de dois constituintes coordenados pela aditiva *e:*

2.1.51 E andando per muitos montes *e* per muitos vales *e* per outros muitos logares covos e ascondudos...

2.15.13 Roma secarà en si meesma per tempestades *e* per coriscos *e* per grandes torvões *e* per muitos tremores de terra.

1.8.5 E, estando ainda muito alonjado del, tan grande foi o temor *e* o tremer *e* a lassidoen que veio sobr'el que adur podia mover seus pees.

2.1.2.2 Coordenação disjuntiva ou alternativa

A coordenação disjuntiva ou alternativa vem expressa em geral por *ou*. Excepcionalmente documentamos o uso de *quer* para a expressão da alternativa:

4.21.20 — Porque, Pedro, scrito he que o justo e o bõõ, qualquer morte que moira *quer* que a ferro *quer* a fogo *quer* a agua *ou* outro qualquer...

Note-se que depois de empregar três alternativas indicadas por *quer* na última selecciona o *ou* que é a expressão comum para esse conteúdo.

A alternativa *ou*, como a copulativa *e*, tanto pode ocorrer encadeando enunciados como constituintes do enunciado.

Encadeando enunciados:

1.2.21 Pero, como quer que alguen tenha *ou* cuide que á graça do Spiritu Santo, non deve tanto confiar de si que ante queira seer meestre ca discipulo.

2.20.3 — Quen he este a que eu tenho a candea deante quando come, *ou* filho de qual pai é ele?

2.8.40 — Rogo-te, padre, que mi digas a que logares foi este santo depois morar, *ou* se algũas vertudes Deus por el fez?

Em todos os casos a alternativa *ou* está unindo enunciados subordinados e só precedendo o segundo é expresso o conectivo *ou*. No exemplo seguinte o *ou* precede os dois enunciados alternativos, também subordinados:

2.8.27 Fez mui gram chanto *ou* porque o seu enmiigo morrera tan maa morte *ou* porque o seu discipulo ouve prazer da morte de seu enmiigo.

Ou como conectivo de constituintes do enunciado:

— sintagmas nominais complementos:

1.1.29 Se ti eu, Pedro, contasse que soon homecĩho de pouco proveito, *daquelas cousas* que sei dos homẽẽs perfeitos e acabados *ou aquelas cousas* que eu aprendi per min meesmo, osmo que se acabaria o dia.

— sintagmas nominais agentes da passiva:

1.4.16 — Diremos nós ora, padre, que aqueste miragre foi feito *pelos merecimentos* do abade santo don Onrado *ou pela oraçon* deste monge Libertino que foi seu discipulo?

— sintagmas nominais sujeitos:

2.9.3 E pois se juntaron *dous homens ou tres* e viron que a non podian mover.

— substituto circunstancial de tempo e sintagma nominal circunstancial de tempo:

2.21.11 — Rogo-te, padre, que mi digas se este honrado padre San Beento avia *sempre* spiritu de profecia *ou per algũũs tempos* assinaados?

Na passagem seguinte o primeiro *ou* coordena dois sintagmas nominais complementos e o seguinte coordena dois enunciados interrogativos:

2.16.16 Quen souber *o siso ou entendimento* de Nosso Senhor *ou* quen foi seu conselheiro?

A alternativa negativa é expressa por *nen*. Nos exemplos seguintes a negação do primeiro enunciado está expressa por *non* ou por *nunca* e a do segundo por *nen:*

1.2.5 E tan comprida era a vida que fazia que non solamente d'obras maas e desaguisadas, mais de de palavra sobeja, que non presta *nen* empeece a nengũũ, a que chama a escritura ociosa se guardava.

1.5.73 E da virgen vassala de Nosso Senhor que jaz coitada da févver que á, non curedes, ca des aqui en deante *non* averá févver *nen* Basilio demandará.

2.16.26 Ca a nós mostrou pelo seu espiritu aquelas cousas que ten aparelhadas pera seus amigos, que *nunca* viu olho *nen* orelha ouvio, *nen* subiu en coraçon d'homen.

1.7.3 — Tu que *non* ás nen hũas ordĩĩs sagradas *nen* ás lecença do papa sô cuja mercee e sô cujo poderio vives.

1.28.41 — Depois que aquel que *non* quis obedeecer ao santo bispo *nen* lhi dar os menĩhos polo preço que lhi dava, deu-lhos sen preço.

No exemplo seguinte as duas alternativas negativas não estão expressas por *non* ou *nunca* seguidas de *nen*, mas por *nen* ... *nen*:

2.13.3 E *nen* comia *nen* bevia todo aquel dia que o camĩho andava.

Como *e* e *ou*, *nen* pode coordenar constituintes do enunciado:

— Sintagmas nominais complementos:

1.8.9 ... disse que lhi non fezesse *nen hũa cousa nen torto nen hũũ.*

— Sintagmas circunstanciais:

2.8.50 Mais o enmiigo do lĩagen d'Adam non pôde esto e, *non per sonho nen ascondudamente,* mais abertamente se parava ant' os seus olhos.

1.2.38 Non se poderon mudar as bestas que tragian *nen per esporas* que lhis dessen, *nen* per paancadas, *nen per feridas* outras nen hũas.

Nesse último exemplo já a primeira alternativa está expressa por *nen,* ao contrário dos outros em que o primeiro constituinte em causa está precedido de *non.*

— Sintagmas nominais sujeitos:

2.8.46 Ca sen el *nen* homen *nen* molher *nen* árvor nen hũa, *nen* nen hũa outra cousa non poderia nacer.

2.33.16 *Nen* San Beento *nen* seus frades non podian tirar o pee fora daquel logar en que siiam.

Note-se nesses dois exemplos que, ao contrário da norma aceita como culta hoje, a expressão da negação se repete também antes do verbo.

2.1.2.3 Coordenação adversativa

A coordenada adversativa expressa uma noção contrastiva ou mesmo oposta à do enunciado a que vem coordenada. É introduzida fundamentalmente pela conjunção *mais* que ocorre 82 vezes nos dois Primeiros Livros dos *Diálogos* (¹) e uma ocorrência de *mais que,* ao lado de três ocorrências da forma *mas,* que se iden-

---

(¹) Adoptamos aqui também, como em outros pontos explicitados desta análise, a atitude de explorar os instrumentos gramaticais nos 4 *Livros dos Diálogos* apenas quando o elemento em causa diverge do uso actual, ou quando veio a ser desusado.

tifica com a grafia moderna. Além dessa conjunção, originariamente um advérbio latino *(magis)*, que já no latim vulgar se encaminha para a expressão de estruturas semelhantes às adversativas (MATTOSO CÂMARA Jr. 1975: 188), pode ser considerada uma conjunção adversativa *pero*, proveniente de um sintagma adverbial ou circunstancial latino *per hōc* (HUBER 1933: § 215.2; SAID ALI 1964: 225-226; WILLIAMS 1961: § 145.4). *Pero* ocorre 93 vezes nos quatro *Livros dos Diálogos*, incluídas nesse total locuções que têm por base *pero: empero* (3 vezes), *mais pero* (17 vezes), *pero que* (1 vez), *e pero* (27 vezes).

Ao contrário das conjunções já analisadas — *e, ou, nen* — as adversativas do português não provêm das adversativas latinas (MATTOSO CÂMARA Jr. 1975: 188). As conjunções hoje em muitos manuais classificadas como adversativas — *contudo, todavia, entretanto* — não estão documentadas no *corpus*. A propósito desses elementos vale transcrever Said Ali (1964: 223) que coloca bem a questão do que deverá ser considerado para um rol de adversativas em português: «À tendência de incluí-los [*contudo, todavia, entretanto, entanto*] na categoria das partículas adversativas em atenção a terem sentido semelhante ao da palavra *mas*, objecta-se que a sinonímia é imperfeita, e tanto que se usam ou se podem usar, concomitantemente com essa partícula. Parece antes acharem-se na fronteira indecisa que medeia entre o advérbio e a conjunção». Valeremo-nos desse ponto de vista para discutir o valor de *pero* em *mais pero* e *e pero*, também de outros elementos que estudaremos em 2.1.2.4.

Mais e *mas* ocorrem como variantes, embora seja excepcional a segunda forma (82 para 3 ocorrências).

Mais:

1.1.4 ... quando viera en meu moesteiro e non se partia a mha alma per desvairados cuidados das cousas temporaes e vããs daqueste mundo, *mais* toda era junta con todolos poderes que en ela ha...

1.2.8 Ca naquel logar sol homen ouvir falar de pescado, *mais* non-no sol veer.

1.2.31 — Padre, muito me praz do que dizes, *mais* rogo-te que mi digas se aqueste tan santo padre de que suso falasti leixou depós si algũũ seu discipolo que o seguisse.

1.4.8 El quisera-lhi fugir de boa mente, *mais* non pôde.

1.5.47 — Vai-te e des aqui adeante non venhas aqui a furtar, *mais* o que mester ouverdes manda-o a min e eu ch'o darei.

Mas:

1.29.3 O velho que mi contou aquesto que ora dito he queria ainda contar outras cousas daquel bispo que as sabia, *mas,* porque eu — diz San Gregorio — era embargado... non pudi ouvir os feitos do santo bispo.

2.2.25 — Confesso e conhosco, padre, que mi praz muito o que dizes, *mas* porque começasti a falar e a dar testemoĩho dos bẽẽs que eran ascondudos do glorioso San Beento, rogo-te que acabes o que começasti a dizer daqueste santo glorioso.

Na sua outra ocorrência *mas* funciona como um encadeador da narração, como ocorre com *e* e como veremos também ocorrer com *ca:*

1.29.78 As sas duas irmããs que eran mui coitadas pola sa morte começaron a braadar:

> — *Mas* nós sabemos que tu tẽẽs a vida dos apostolos, alímpias os gafos e alumeas os cegos, ven-te e resuscita o nosso morto.

No *Cancioneiro da Ajuda* (MICHAËLIS: 1922) ocorrem *mais* e *mas*, esta última forma bastante frequente; nas *Cantigas de Santa Maria* (METTMANN: 1972) estão as duas formas documentadas. Já na *Cronica de D. Pedro* de Fernão Lopes (MACCHI 1066), da primeira metade do século XV, só ocorre *mas*, da mesma forma que na *Imitação de Cristo* da segunda metade do século XV (CEPEDA 1962).

Uma única vez ocorre *mais que*, nos dois primeiros livros dos *Diálogos:*

2.30.17 E non conta a Escritura que San Pedro gaanhou de Deus que morressen per sa oraçon, *mais que* os deostou porque lhi mentiron e mandou-lhis que morressen per pẽa de culpa en que caéran.

Talvez seja mais adequado eliminar *mais que* do rol das adversativas e interpretar esse enunciado como «mais conta a Escritura que ...», em que haveria uma adversativa iniciada por *mais* e uma subordinada completiva iniciada por *que*. É claro que uma interpretação dessa natureza não está levando em consideração apenas os dados realizados no discurso.

A adversativa *mais* também pode coordenar constituintes do enunciado como ocorre com *e, ou, nem.*

Por exemplo:

1.1.37 ... Os Evangelhos que escreveron e que aprenderon non *per vista mais per ouvida.*

2.8.50 O enmiigo do lĩagen d'Adam non pôde esto e, non per sonho nen *ascondudamente, mais* abertamente se parava ant'os seus olhos.

Mais ocorre em correlação com *non solamente* pelo menos 15 vezes nos quatro livros:

1.5.56 *Non solamente* foi depois abade de muitos monges *mais* morou con muitas monjas.

3.25.10 *Non solamente* me parece maravilha *mais* maravilha-me porque...

4.30.15 *Non solamente* conhoceu aqueles *mais* conhoceu todolos bõõs.

4.36.8 *Non solamente* non-no queria fazer *mais* non-no podia ouvir.

Embora ocorra a forma *soo* no *corpus*, nele não se documenta a forma *soomente* ou *somente*. Sobre *solamente* em outro contexto cf. Parte II, 4.2a.

Pero:

Examinamos todas as 93 ocorrências de *pero* (²) e das locuções com *pero* porque nos pareceu necessário para determinar o valor dessas formas hoje desaparecidas e já arcaizantes no século XVI (SAID ALI 1964: 225). Para avaliar a polissemia de *pero* proposta por especialistas no português antigo é suficiente consultar como exemplo o verbete *pero* do glossário do *Cancioneiro da Ajuda* (MICHAËLIS 1922).

As 93 ocorrências de *pero* quer sob essa forma individualizada quer nas locuções estão distribuídas da seguinte maneira:

— 23 ocorrências de *pero* iniciando enunciados adversativos e uma em que adquire valor concessivo;

(²) Said Ali (1964: 225) grafa *peró, em peró, peró que* de acordo com a etimologia. Na edição crítica não marcamos o acento como é, aliás, o procedimento corrente em editores de textos medievais portugueses. Nas gramáticas históricas ocorre sempre a grafia *pero* (WILLIAMS 1961: 145.4; HUBER 1933: § 215.2; NUNES 1960: 354), mas J. J. Nunes documenta as variantes *perol* e *emperol* que favorecem uma interpretação oxítona para *pero* e *empero*. A propósito da acentuação oxítona ou paroxítona em pontos da Romania em que a forma se manteve cf. Corominas (1954: sv *pero)*.

— 21 ocorrências de *pero* também iniciando enunciados adversativos, mas correlacionado a um enunciado anterior introduzido por *como quer que*, equivalente ao actual *embora*. Note-se que no *corpus como quer que* é a expressão mais frequente da subordinada tradicionalmente denominada concessiva;

— 17 ocorrências de *mais pero;*

— 1 ocorrência de *pero que;*

— 3 ocorrências de *empero;*

— 27 ocorrências de *e pero.*

Tanto Said Ali (1964: 225) como Carolina Michaëlis (1922: s. v. *pero)* afirmam que *pero* pode ocorrer com o verbo no indicativo como com o verbo no subjuntivo. No primeiro caso terá um valor adversativo e no segundo um valor concessivo. Das 93 ocorrências de *pero*, em 24 ele inicia um enunciado, excluídas aqui as 21 ocorrências de *pero* correlacionado a *como quer que*. Dessas 24 ocorrências, em 23 é essa partícula uma adversativa com verbo no indicativo e em uma única ocorre uma situação singular em que *pero* introduz dois enunciados coordenados um com verbo no indicativo e outro com verbo no subjuntivo, com o valor não de adversativa mas de concessiva. Em todas as outras estruturas com *pero*, como veremos, em todas elas, o verbo que segue a *pero* está no indicativo.

Exemplos de *pero* iniciando um enunciado com verbo no indicativo e com valor adversativo que poderíamos considerar equivalente ao de *mais:*

1.5.53 Aqueste Equicio, pola gram santidade que avia, fora abade naquela proença, *pero* no tempo de sa mancebia tan grandes tentações *ouve* en sa carne que non pôde aver nen hũũ remedio que do mundo fosse.

1.5.78 Basilio tevera a cela de Equicio per seus encantamentos toda entregamente pendorada no aar, *pero* non *podera* empeecer a nengũũ de todos aqueles que no moesteiro viviam.

1.10.9 Gram maravilha he aquesta que ouço, *pero queria* saber que homildade ouve dentro na sa alma.

1.17.23 Ca o miragre que se fez naquestes cegos quis que fosse calado e non fosse sabudo, *pero* non se *pôde* asconder.

1.18.12 Ide e por amor de Deus dade-lhi que cómia e que beva, *pero sabe* Deus que morto he.

2.1.46 Deitou hũa pedra e britou a campãã, *pero* Romãão non-no *leixou* de servir.

3.37.92 E o outro nunca leeu Teolegia, *pero* per obra *mostra* todas aquelas cousas.

4.4.65 E vee i como o olho do teu corpo vee as cousas que corpo am, *pero* esto non *poderia* veer senon pela alma.

4.27.11 E por esso dizemos que a alma, que corpo non ha, recebe pẽas, *pero podemos* nós aver pela palavra do Evangelho que non solamente a alma recebe pẽa daquel fogo.

O enunciado a que atrás nos referimos e em que dissemos ocorrer uma situação singular em que *pero* assume um valor concessivo introduzindo dois enunciados coordenados um com verbo no indicativo outro com verbo no subjuntivo é o seguinte:

3.20.3 E tanto creceu a agua derredor da eigreja que chegou ata as feestras que estavan ao teito da eigreja e, *pero* as portas da eigreja *estavan* aber-

> tas e a agua *corresse* derredor, non entrou dentro na eigreja.

É essa a única ocorrência de uma estrutura em que se depreende um valor concessivo em *pero,* apesar de ser um uso frequente no português arcaico pelo que se lê em Said Ali, Carolina Michaëlis, antes referidos, e pelo que se pode constatar observando outros textos medievais como por exemplo, as *Cantigas de Santa Maria* (METTMANN 1972: s. v. *pero),* do século XIII e a *Crónica de D. Pedro* (MACCHI: s. v. *pero)* da 1.ª metade do século XV. Neste último texto estão documentadas 21 ocorrências de *pero;* onze delas como adversativa com verbo no indicativo e dez como concessiva, seis com verbo no imperfeito do subjuntivo e quatro com verbo no imperfeito do indicativo. Os dados da crónica de Fernão Lopes se tornam muito interessantes porque parecem indicar um uso sedimentado de *pero* como adversativa e como concessiva, além de confirmar a possibilidade da variação subjuntivo/indicativo para a expressão da concessiva iniciada por *pero,* como se pressente da única ocorrência de *pero* concessivo nos *Diálogos.* Essa coordenação de imperfeito do indicativo (IdPt1) e de imperfeito do subjuntivo (SbPt) não é de estranhar. É suficiente verificar os dados analisados na Parte II, 2. em que classificamos neutralizações de valores de morfemas modo-temporais e em que, em outros contextos sintácticos, vimos que são alternativos IdPt1 e SbPt (cf. Parte II, 2.1.3.2.3).

Do exposto se pode concluir que no *corpus* sob análise não é usual o emprego de *pero* para a expressão da concessiva, e com verbo no subjuntivo. Vamos ver, em seguida, que, em outros contextos, *pero* e as locuções que têm essa forma como base ocorrem sempre com verbo no indicativo e para a expressão da adversativa.

Muito frequentes como uso de *pero* no *corpus,* 21 ocorrências, são as estruturas em que o enunciado introduzido por *pero* vem precedido por um enunciado introduzido por *como quer que*, que é a conjunção mais comum para a expressão da concessiva. Nessas estruturas, *mais* nunca ocorre em lugar de *pero*.

Procurando-se uma equivalência actual para *pero* no caso descrito, é possível que ele corresponda a *contudo*, que não é documentado ou, num enunciado menos enfático, seria possível nesse caso não ocorrer nenhum elemento adversativo.

Em todas as ocorrências de *como quer que ... pero*, o enunciado introduzido por *pero* está com o verbo no indicativo e o iniciado por *como quer que* está no subjuntivo.

Exemplos:

1.2.19-21 *Como quer que* aqueles que ordĩada vida fazen non *queiran* seer meestres hu primeiramente non foron discipulos nen prelados se primeiramente non foron sojeitos nen mandar se non souberon primeiramente obedeecer, *pero* aquel que o Spiritu Santo ensina non *ha* mester homen nen hũũ que seja seu meestre.

1.2.35 Daqueste Libertino, *como quer que* os homens convenhavilmente conten muitas vertudes, *pero* contar-ch'ei eu, Pedro, hũũs poucos de miragres.

1.16.33 *Como quer que* [Deus] prometesse a Abrão que o seu lĩagen avia a seer acrecentado, *pero quis* dar a seu filho molher manĩha.

1.31.25 Ca muitos son que *como quer que* miragres non *façan*, *pero* non *son* de meor merecimento ca aqueles que os fazen.

2.8.42 *Como quer*, Pedro, *que* este santo *fosse* a outros logares morar, *pero* non pôde fugir aas perseguições.

2.36.4 Este santo de Deus San Beento, *como quer que fosse de* gram fama por muitos miragres que fez, *pero,* apareceu leterado comunalmente.

3.6.17 E *como quer que* o arcediagoo non bevesse a poçonha que metera no vĩho pera matar o bispo, *pero matoo-u* a poçonha da sa maldade.

3.18.35 E *como quer que* este San Paulo *fosse* ao terceiro ceo e ouvisse hi muitos segredos de Deus, *pero* tanto *foi* o amor que ouve aaqueles que tẽẽ a fe de Jesu Cristo que...

3.31.24 *Como quer,* Pedro, *que* eu *proposesse* contar solamente os feitos maravilhosos que acaeceron en terra d'Italia, *pero queres* que volvamos nosso conto ...

4.16.1 *Como quer que* nós *creamos,* Pedro, que os menĩhos ante que sábian pecar, se morren, van aa gloria do paraiso, *pero* non podemos crer que todolos parvoos que ja saben falar deven a entrar no reino celestial.

4.41.12 *Como quer que sábia* as obras que fez, *pero* ainda não *sabe* que solamente há de julgar os seus feitos aquel juiz a que se ren non asconde.

Note-se o exemplo seguinte em que *pero* não está iniciando o enunciado que introduz, mas deslocado para o começo do enunciado complexo que apresenta a estrutura que exemplificamos:

1.19.21 *Pero, como quer que* alguen *cuide* que á graça do Spiritu Santo, non *deve* tanto confiar de si.

Essa liberdade de posição sintáctica de *pero* nessa estrutura, embora rara, é um indicador interessante que pode favorecer a interpretação desse *pero* correlacionado à concessiva *como quer que* como uma partícula adverbial ou circunstancial de reforço e não como um conectivo de coordenação. Essa interpretação se fortalece se lembrarmos não só a origem adverbial das adversativas, atrás referida, como interpretações recentes (MATTOSO CÂMARA Jr. 1975: 189) e mais antigas (SAID ALI 1964: 223) esta anteriormente transcrita, em que se destaca o carácter adverbial de elementos tradicionalmente considerados conjunções adversativas. Said Ali cita *contudo, todavia, entretanto, entanto,* Mattoso Câmara Jr. enumera *entretanto, todavia, contudo, não obstante, apesar disso.* Esses itens destacados não ocorrem no *corpus,* mas é possível que na estrutura descrita e em outras que descreveremos a seguir *pero* seja antes um reforço de «carácter adverbial», para usar a designação de Said Ali, e não uma conjunção adversativa, como é no primeiro caso estudado em que equivale a *mais/mas.*

Há 17 ocorrências de *mais pero,* em que *pero* se apresenta sem dúvida como um reforço da adversativa, equivalente a *contudo, apesar disso,* uma vez que a noção adversativa já está expressa pelo *mais.* Como seria de esperar, o verbo, nesse caso, também, está sempre no indicativo:

1.1.27 En esta terra de Roma ha bõõs homens, *mais pero* non fazen miragres nen vertudes nen hũas.

1.13.8 Aqueste monge Nonnoso avia hũũ abade muito áspero e muito esquivo con que vivia, *mais pero* tan ben sabia el sofrer os seus custumes que todo lh'era prazer quanto lhi o abade fazia.

2.3.8 Taaes custumes aviam eles que non poderian convĩĩr con os seus, *mais pero* porque o rogaron mui aficadamente, non pode el al fazer.

3.6.19 Maravilhosas son estas cousas que contas ... *mais pero* quen a vida deste santo bispo ben conhocesse non se devia a maravilhar.

3.24.10 — Ante morrerei eu ca tu, *mais pero* vai e fázi guisar teu muimento.

3.32.19 E pois seu padre entendeu e vio os miragres que Deus por seu filho fazia ... entendeu que a fe catolica ca era verdadeira, *mais pero* non se fez cristão porque se temeu de sa gente.

4.2.7 Obra de mui gram trabalho he, Pedro, o que demandas, *mais pero* se algũũ hi ha a que possa profeitar leixo a mha voontade por proveito das almas dos meus cristãos.

4.13.8 Aquestas tres moravan en hũa casa compridas de requezas de bõõs custumes, *mais pero* mui pobres dos bẽẽs temporaes.

Pero que, como *mais que* ocorre raramente e equivale também a mais:

1.2.35 ... todalas cousas que son e foron e an de seer, assi aquelas que se faram come aquelas que se nunca faran, *pero que* se poderian fazer se el [Jesu Cristo] quisesse.

À semelhança do que dissemos para *mais que*, poder-se-ia interpretar esse enunciado como «... aquelas que se nunca farán *pero* aquelas cousas *que* se poderian fazer...», em que *pero* coordenaria sintagmas adversativos e o *que* introduziria a relativa. É essa uma interpretação que não levaria em conta apenas os dados realizados no discurso. Aceitando-se tal interpretação, *pero que* seria excluído do rol das adversativas.

Há três ocorrências de *empero*. Nas duas seguintes ocorre como variante de *pero*, em correlação com *como quer que* e como reforço de *mais:*

1.31.27 — Que mi pode, padre, mostrar que, *como quer que* algũũs sejan que miragres non façan, *empero* non son de meor galardon ante Deus ca aqueles que os fazem?

2.2.16 — Ja entendo, padre, sequer pouquetĩho que testemõio deve aver o prelado daqueles con que vive, *mais empero* rogo-t'eu que mh'o declares compridamente.

Na outra ocorrência, em uma situação de diálogo intercalado entre duas falas, torna-se de difícil interpretação; talvez corresponda aí também a um adverbial de valor adversativo, como *contudo, apesar disso:*

1.18.9-12 — Ai eu! Ai eu! Morto he aquel mesquinho! Morto he aquel mesquinho! Eu viim aqui pera comer e ainda non abri mha boca pera louvar Deus e ja aquele veo con sa bogia pera tanger sas campããs e pera fazer seus escarnios de que riam os homens.

Empero disse:

— Ide e por amor de Deus dade-lhi que cómia e que beva, pero sabe Deus que morto he.

Embora tenha sido usado no português arcaico com o verbo no subjuntivo e valor concessivo (SAID ALI 1964: 225), não encontramos documentado no *corpus* esse uso de *empero* que, também neste caso, funcionaria como variante de *pero*, no primeiro caso discutido deste item.

É precedido de *e* que *pero* é mais frequente no *corpus*, 27 vezes. Interpretamos, observando as suas ocorrências, *e pero* como expressão de uma coordenação aditiva indicada pelo *e* em que *pero* funciona como um elemento adverbial ou circunstancial em geral portando um conteúdo adversativo como o *pero* em *mais pero*, equivalente a *apesar disso, contudo:*

1.17.22 A materia de que falamos demanda que te pregunte porque nosso remiidor quando alumeou os dous cegos mandou que o non dissessen a nengũũ *e pero* eles o apregoaron per toda a terra.

1.17.26 Onde porque o miragre que fez quando os cegos alumeou quis que jouvesse ascondudo *e pero* non se pode asconder.

1.20.4 E ele lhis deu con sa mãão hũũ barril pequeno de madeiro cheo de vĩho, que bevessen pela carreira, que os podia abastar a hũũ jantar. *E pero* beveron sempre dele, ata que chegaron e ficaron en essa cidade de Ravena per algũũs dias e bevian sempre daquele vĩho (3).

2.8.16 — Leva, leva seguro aqueste pan ... e o corvo demorou muito *e pero* aa cima tomou o pan e levoo-u.

2.29.3 En aquel logar hu estava en oraçon con os frades avia hi hũũ tonel en que soiam meter azeite, mas enton era vazio *e pero* estava coberto.

2.33.4 — Quen será, Pedro, en esta vida de maiores merecimentos ca San Paulo? *E pero* este rogou Nosso Senhor tres vezes que lhi tolhesse a tentaçon da carne que avia ... *e pero* non pode gaanhar o que quise.

---

(3) Note-se que *e pero* ora segue-se a um ponto, ora não. Mantivemos nesses casos a pontuação do códice, daí a variação de procedimento.

3.8.38 O cedro do paraiso que he árvor que nunca apodrece abalada foi *e pero* non foi arrigada.

3.20.11 Miragre do fogo que queimou aquelas prisões *e pero* non queimou sas vestiduras.

4.4.52 Confessará e dirá que non vio nemigalha. *E pero* cree o que non vee.

4.13.10 E assim como muitas vegadas os homens cuidan por algũũs que son ja perfeitos e acabados *e pero*, ante os olhos de Nosso Senhor a que se ren non asconde, non he assi como julgan os homens.

Em 6 ocorrências, *e pero* equivale não a *apesar disso*, mas apresenta um valor contrário, não adversativo portanto, o de *por isso:*

1.7.16 A graça non será graça se o don do Spiritu Santo nace da obra que homen faz de sa voontade con ajuda das vertudes naturaes que no homen ha. *E pero* acaece que polas boas obras que o homen faz pela graça que lhi Deus ante dera, acrecenta Deus depois a sa graça e os seus dões porque usa dela ben aquel a que a dera.

2.3.25 Ca todas aquelas vezes que nós per muito cuidar saimos fora de nós caemos en tan grandes cuidados que non sabemos hu nós somos. *E pero* nós somos os que cuidamos e non somos conosco.

2.16.18 Non sabe nengũũ o que Deus quer fazer, nen ha mester que se reja per conselho de nengũũ *e pero* semelha cousa mui sen razon de non saber homen o entendimento daquel con que que he hũa cousa.

2.22.10 E quando se ambos espertaron contou cada hũũ ao outro o que vira per sonho *e pero* non se atreveron a obrar per aquelo que viron.

3.19.13 Achô-os andar na fogueira e non queimou o fogo os seus corpos *e pero* porque os achou andando e ante foron legados, entenderemos que o fogo queimou aquelas cousas.

4.18.4 Onde os santos martires muitos tormentos e muitas cruezas sofreron dos encreos *e pero* non logo, mais non depois, aos seus santos ossos faz Nosso Senhor cada dia muitos sinaes e muitas maravilhas.

São essas as ocorrências em que nos pareceu, sem hesitação, equivaler *pero* a *por isso*. Causa estranheza que um mesmo significante apresente ao mesmo tempo dois valores opostos. Com o valor de *por isso* é óbvio que *pero* não deve ser classificado entre os segmentos adversativos quer conjunções quer adverbiais, incluir-se-á, com mais precisão entre outros elementos que analisaremos no item seguinte e que nomearemos de conclusivos-explicativos. Esse valor de *pero* não é uma idiossincrasia desse texto. Nas acepções de *pero* propostas por C. Michaëlis no glossário do *Cancioneiro da Ajuda* (1922: s. v. *pero)* constam *por isso* e *portanto*, a par de *apesar disso, não obstante*, entre outras; Huber (1933: § 430) no rol das coordenadas do português arcaico inclui *pero* entre as adversativas e entre as que ele chama de «konsecutive», ao lado de *pois, por ende, porén, por esto*. Nas *Cantigas de Santa Maria* (METTMANN 1972: s. v. *pero)* e na *Crónica de D. Pedro* (MACCHI 1966: s. v. *pero)* estão documentadas apenas as acepções adversativas e concessivas de *pero*.

Pela sua composição etimológica, *per hōc, pero* equivale antes a *por isso* que a *apesar disso;* o valor adversativo e concessivo pode ser considerado uma transferência semântica mais recente que seu valor conclusivo-explicativo original. No *corpus* da versão A dos *Diálogos* está, sem dúvida, em recesso esse valor etimológico que se documenta no século XIII, de acordo com os dados do *Cancioneiro da Ajuda,* em que essa acepção não é prioritária, mas não se documenta nas *Cantigas de Santa Maria* também do século XIII e, como seria de prever, não ocorre na *Crónica de Dom Pedro.* Carolina Michaëlis propõe que estruturas negativas com *pero,* equivalentes a *não por isso,* permitiriam a transição semântica de *pero* equivalente a *por isso* para *pero, apesar disso,* que parece ser o valor mais generalizado dessa forma no português arcaico, como informa a amostra considerada: a versão A dos *Diálogos,* o *Cancioneiro da Ajuda,* as *Cantigas de Santa Maria* e a *Crónica de Dom Pedro.* Estruturas negativas do tipo proposto por C. Michaëlis não aparecem documentadas em nosso *corpus.*

De todo modo *pero* teve uma vida relativamente curta na história do português, já que é considerado elemento arcaizante no século XVI (SAID ALI 1964: 225).

Voltaremos ainda a *pero,* no próximo item, ao discutirmos as formas *poren, porende,* que, etimologicamente, se aproximam de *pero (= por isso)* e também como *pero* vão transitar para um valor adversativo. Sobre a mudança semântica de *pero* e *poren* e posterior desaparecimento de *pero* cf. Mattos e Silva 1981a.

2.1.2.4 Coordenação conclusiva.

Parece-nos que a expressão mais claramente definida da conclusão no *corpus* indicada por uma conjunção é a representada por *ergo,* a conclusiva latina que se manteve no português arcaico (NUNES 1960: 354). É, no entanto, pouco frequente:

2.3.40 Ca non podemos dizer de San Pedro que non cuidava sempre na sa fazenda e nos seus feitos, deleitando-se sempre en Deus nas orações que fazia. *Ergo* tornava a si medês quen sempre consigo andava, cuidando en Deus e desejando-o e amando-o? (⁴)

2.38.17 E pois o Padre e o Filho e o Spiritu Santo son hũũ Deus e hũa sustança ... *Ergo,* por que o filho de Deus disse que se se partisse dos discipulos que verria a eles o Espiritu Santo?

4.4.30 E per estas palavras dá a entender abertamente que a vida pera que o homen he feito non he en este mundo, mais no outro. *Ergo* parece que o homen ha mais ca as outras bestas, ca os spiritos das outras bestas morren logo con seus corpos.

4.4.67 Onde os olhos per si viiam, por que non veen quando se a alma do corpo parte? *Ergo* parece, Pedro, que as cousas que se poden veer non se veen senon per aquelas que se non poden veer.

A par de *ergo* ocorrem *e portanto, e poren* ~ *e porende, e pero* (equivalente a *por isso)* que poderiam ser considerados não conjunções conclusivas, mas a expressão de uma coordenação aditiva, expressa pelo *e,* que contém em si uma explicação conclusiva, expressa por *portanto, poren* ou *porende* e *pero (= por isso).* Daí propormos a classificação de conclusiva-explicativa para *portanto, poren* ou *porende* como antes propusemos para

---

(⁴) No manuscrito o enunciado que precede *ergo* está sempre marcado pelo ponto. Mantivemos essa pontuação na Leitura Crítica (MATTOS E SILVA 1971: vol. II). Vale lembrar que nesse manuscrito não ocorre a vírgula entre os sinais de pontuação.

pero. Esses elementos parecem dever ser considerados, de acordo com a conceituação de Said Ali já mencionada, de natureza adverbial. São sintagmas circunstanciais constituídos etimologicamente de uma preposição *por* e de um substituto pronominal *tanto*, *en* ou *ende* em processo de fusão morfo-semântica, já ocorrida em *pero*, mas não constituem ainda, a nosso ver, as futuras conjunções *portanto* e *porém*, essa última vindo a consolidar-se na língua portuguesa com valor adversativo como veremos adiante (cf. Parte I, 4.2.2.4 em que se estuda o valor conclusivo de *onde)*.

Portanto:

Há 18 ocorrências de *portanto* nos quatro livros dos *Diálogos*. De todas elas, só em duas *portanto* inicia o enunciado, nas outras ele é precedido pelo *e:*

1.8.30 E o santo homen deu muitas graças a Deus porque metera en coraçon ao papa de o querer veer. *Portanto* mandou aos seus monges que guisassen bestas pera o camĩho...

2.38.10 Mais porque aqueles que son de pequena fe poden duvidar que os santos non lhi socorrerán ali hu os seus corpos non jazen, *portanto* faz mester aas vegadas pera tolher a duvida destes taes que façan maiores maravilhas (⁵).

A par dessas duas ocorrências em que *portanto* poderia ser considerado uma conjunção como *ergo*, iniciando o enunciado, ocorre *portanto* como um adverbial no interior de um enunciado explicativo iniciado por *ca:*

(⁵) Mantivemos a pontuação do *corpus* nas estruturas com *portanto* quando este vem precedido de ponto e usamos a vírgula quando no códice não há sinal de pontuação.

4.40.16 — Aquesto, Pedro, que tu dizes diria-se dereitamente se o juiz que nos ha de julgar non metesse mentes nos corações dos homens quando pecan, mais nas obras e nos feitos que fazen, ca os homens *portanto* pecan con cima porque viven con cima.

Nas suas outras ocorrências *portanto* está precedido de *e:*

2.3.50 E porque esto cae en entendimento de cada hũũ homen, diz a Escritura que tornou a si meesmo. E *portanto* o ben aventurado San Beento quando vivia no ermo morava con si meesmo.

2.5.6 Gram trabalho nos he de decer cada dia aa lagoa de cima daquel monte pola agua que avemos mester. *E portanto* conven de todo en todo que se muden aqueles moesteiros daquel logar.

3.22.26 ... ca nen nos porcos non pode entrar senon per seu mandado. *E portanto* conven a que obedeescamos e sejamos sojeitos de nosso grado aaquele a que os enmiigos obedeecen contra sa voontade.

4.32.17 Ca, ... ouviron derredor do seu corpo os anjos cantar cantos de mui grandes sabores... *E portanto* todos aqueles que en Cristo criiam viinham sempre fazer muita honra ao corpo daquel rei que ali jazia soterrado.

Há uma ocorrência de *portanto* precedido de *mais* adversativo, em que *portanto* equivale não a *por isso* mas à expressão também adversativa *apesar disso.* É interessante esse caso porque nele se repete, embora como excepção, a mesma situação que ocorre com *pero,* ora equivalente a *por isso*, ora equivalente a *apesar disso*. É interessante notar que logo em seguida a *mais portanto* ocorre *e portanto* com o valor de *e por isso:*

4.33.19-20 — Quen bõõ he e são entendimento ha non entende que na vida do outro mundo non dam a nengũũ casa feita d'ouro nen de prata, *mais portanto* dizen que a casa que lhi dan he feita d'ouro porque muitas esmolnas que fez enquanto no mundo vive, merecen no outro mundo morada de lume e de claridade perduravil. *E portanto* dezia aquel cavaleiro de que suso falamos que vira muitos velhos e muitos mancebos e muitas menĩhas e muitos menĩhos trager muitos tegelos d'ouro pera fazer aquela casa que el vira no outro mundo.

Porende ~ poren:

São derivados da «locução latina *per ĭnde* ou *pro ĭnde*» (MATTOSO CÂMARA 1975: 189). *Poren*, a forma sincopada, veio a substituir completamente *porende*, que ainda é documentado no «português literário clássico» (MATTOSO CÂMARA Jr. 1975: 189). Em nosso *corpus porende* ocorre 83 vezes enquanto *poren* apenas 12 vezes. Examinamos todas as ocorrências das duas formas: comportam-se como variantes e se apresentam nas mesmas condições sintácticas e semânticas de *portanto:* em geral iniciam o enunciado precedidas de *e*, podem ocorrer no interior do enunciado e sempre têm o valor conclusivo-explicativo equivalente a *por isso*.

Das 12 ocorrências de *poren*, em uma única inicia o enunciado sem ser precedido de *e;* das 83 de *porende*, em cinco apenas ocorre em inicial absoluta. Nesses casos tanto *poren* como *porende* poderiam ser considerados uma conjunção e, pelo conteúdo expresso, do tipo conclusiva-explicativa:

2.3.18 E non vos dix'eu da primeira que os meus custumes non convinhan com os vossos? *Poren* des aqui en deante tomade tal abade que convenha con vossos custumes.

1.24.8 E porque se non achegou a seu marido senon come a outro homen qualquer, *porende* caeu en pecado mortal.

3.1.4 E porque o nome e a fama do honrado bispo Paulino he muito apregoada, *porende* contaremos primeiro hũũ feito maravilhoso que fez esse bispo Paulino.

3.18.27 Ca assĩ como a alma he melhor ca o corpo e a vida pera que o converteron, porque ha sempre de durar, he melhor ca a vida pera que resuscitan o corpo porque ha ainda outra vez de morrer, *porende* o miragre per que converten a alma do pecador he maior ca o miragre per que resuscitan o corpo daquel que ja morreu.

3.34.27 E todo o contrairo faz a Escritura en que se feguran estas duas maneiras da door. *Porende* devedes saber que o amor he melhor e mais digno ca o temor.

4.4.50 E cuidas que dementre ora tu falas comigo porque tu non podes veer en min a mha alma, *porende* crees que ando eu sen alma?

Não iniciando o enunciado, funcionando antes como um adverbial conclusivo-explicativo e não como conectivo de enunciados, *poren* ocorre três vezes e *porende* seis vezes.

1.31.24 — Eu cuido, Pedro, que muitos taaes ha ainda no mundo e non leixan *poren* de seer taaes e tan bõõs ...

4.13.13 E con tanta paceença sofria ela esta enfermidade que *poren* lhi deu Deus muitas vertudes e acrecentamento de bondade.

4.4.56 Mais, porque o senhor que todalas creaturas fez e a que todos deven servir, non he cousa que se possa veer pelos olhos do corpo ... e pero non leixa *poren* de seer e de viver ...

1.2.4 Aqueste des sa meninice sempre fez mui grande esteença pera aver depois *porende* a gloria do paraiso.

1.2.13 E, seendo este don Onrado abade de todos estes monges naquel moesteiro, tantas foron as vertudes e os bẽẽs que Deus por el fazia que o ceo e a terra davan *porende* louvores e grandes graças a Deus.

1.22.8 E sa madre o soia a trager mal *porende*, ca dezia que non era guisado que, pois ele pobre era, as vestiduras que tragia desse aos outros pobres e ficasse desnuado.

2.28.4 E o homen de Deus, que firmara en seu coraçon pera dar todalas cousas temporaes que ouvesse en este mundo pera receber depois galardon *porende* na terra celestial, mandou que o azeite que lhi ficara que o dessen ao clerigo.

Nas outras 5 ocorrências de *poren* e nas outras 75 de *porende*, ambos vêm precedidos de *e*, em enunciados coordenados, em que o valor conclusivo-explicativo se depreende de *poren*/*porende* adverbial.

Por exemplo:

2.21.5 En outra parte prometeu-lhis ascondudamente que toda aquela mengua se tornaria en avondança. *E poren* non aviam razon de seer tristes pola mengua de pan que avian.

2.35.26 — Ora mi semelha, padre, que meu proveito foi porque eu non entendi tan agīha... *E poren* te rogo que tornes a contar a vida do santo homen de que primeiramente falaremos.

3.1.2 Porque ata aqui contei eu os feitos groriosos e maravilhosos dos padres santos nossos vezīhos, *e poren* cuidaria alguen que queria leixar de contar os feitos dos outros padres... tornemos a contar...

3.32.24 Quis que pelos merecimentos de Hermenegildo ... fosse salva tan gram gente como a dos godos. *E poren* diz a Escritura que se o grãão de triigo que meteu sô a terra non for morto ...

2.3.58 E muitas vezes acaece, Pedro, aos homens perfeitos que quando veen que o seu trabalho he sen fruito van demandar outro logar ... *e porende* o meu nobre preegador don San Paulo ... foi-se de noite pera o muro da cidade.

2.33.9 E, seendo ainda aa mesa, porque se deleitavan en falar de Deus perlongou-se o tempo muito. *E porende* Santa Scolastica sa irmãã, dona de gram religion... disse-lhi:...

3.24.8 E pois aquele monge foi ordinhado, foi mostrado per Deus que cedo sairia deste mundo. *E porende* rogou o abade do moesteiro que o criara que lhi desse lecença pera mandar fazer hũũ muimento en que o soterrassen depós sa morte.

3.37.53 — Tu es homen bõõ *e porende* non ti queremos dar muitos tormentos, mais escólhi tu hũa morte qual quiseres e dar-ch'a-emos.

4.22.3 ... porque comeu na carreira contra o mandamento daquel que o enviara, pecou per desobedeença *e porende* achoo-u hũũ leon na carreira e matoo-u.

Em nenhuma das 95 ocorrências de *poren/porende* encontramos o valor adversativo, que veio a substituir completamente o seu significado etimológico. Embora não ocorra como adversativa no *Cancioneiro da Ajuda* (MICHAËLIS 1922: s. v. *porén* e *porende)* já aparece nessa acepção no século XIII, veja-se como exemplo as *Cantigas de Santa Maria* (METTMANN 1972: s. v. *porén, porende);* pelo que se lê no glossário de W. Mettmann, nessa obra de Afonso X, o valor adversativo é menos comum que o equivalente a *por isso*. Na *Crónica de D. Pedro*, da 1.ª metade do século XV, *porén* adversativo ainda é minoritário: há 25 ocorrências de *porén* e uma única de *porende,* correspondendo a *por isso* e 14 de *porén* com valor adversativo. É no «português clássico» (MATTOSO CÂMARA Jr. 1975: 189), na «linguagem da Renascença» (SAID ALI 1964: 187) que se difunde o valor adversativo de *porén,* em detrimento do seu uso no valor etimológico de *por isso.*

Não queremos deixar de destacar o curioso percurso paralelo na história semântica e sintáctica de *pero* e *porén/porende*. Originalmente adverbiais e significando *por isso,* passam a funcionar como conjunções e, de um valor que baptizamos como conclusivo-explicativo, ambos passam a um valor adversativo. Esse processo não é simultâneo no tempo, como vimos (a mudança de *pero* ocorre no português arcaico e a de *porém* transita do português arcaico para o século XVI) e talvez não estejamos longe da verdade se afirmamos que as histórias de *pero* e *porém* estão interligadas. Pelo testemunho da versão A dos *Diálogos*, reforçado pelas indicações das balizas históricas que seleccionamos — o *Cancioneiro da Ajuda* e as *Cantigas de Santa Maria* do século XIII e a *Crónica de Dom Pedro* da primeira metade do século XV — quando *pero* no seu valor adversativo suplanta o conclusivo-explicativo original, *porém* predomina no seu valor etimológico e, pelo século XVI, quando *pero* adversativo já é considerado arcaismo, *porém* difunde-se como adversativa e não é mais empregado como *por isso*.

Vale também chamar atenção para o facto de serem da mesma natureza a explicação, atrás mencionada, que Carolina Michaëlis de Vasconcellos apresenta para a mudança semântica de *pero* e a que Said Ali (1964: 187) apresenta para a mesma mudança ocorrida com *porém*: «ponto de contacto entre situações tão diversas está nas frases negativas, e foi naturalmente por elas que principiou a transição semântica [por isso → apesar disso]».

Como no caso de *pero*, já discutido, no *corpus* sob análise não ocorrem as «frases negativas» do tipo «não porém» equivalente a «não por isso» que teriam aberto caminho para a mudança semântica de *porém*. Discutimos esse problema em comunicação ao VI Encontro de Linguística de PUC, intitulada «*Pero-porém*: mudanças em curso no português arcaico» (MATTOS E SILVA 1981a).

Não devemos terminar esse item sem chamar a atenção para o facto de que a conclusão explicativa é frequentemente expressa no *corpus* pelo sintagma *por esso/ /por esto*, a par de *e pero, portanto, poren/porende*. *Por esso/por esto* em geral vêm precedidos de *e*, são variantes livres como vimos na Parte I, 2.2.1.3.d. Não parece funcionar como conjunção, mas como um adverbial conclusivo-explicativo em uma coordenada aditiva.

Por exemplo:

1.11.6-8 Ca os homẽẽs de mao recado queren sempre julgar que do corpo pequeno non poden sair obras grandes e graadas. *E por esto* aqueste lavrador, homen de pequeno recado e de pequeno entendimento, non poderia creer que aquel homen tan pequeno fosse Constancio de que tan grandes cousas ouvira. *E por esso* despreçô-o e riia-se del e disse alta voz:...

No exemplo seguinte *por esto* alterna com *porende,* com o mesmo significado e com a mesma função:

4.4.84-87 Os gafos que ali vẽẽ fican límpios. Os mortos que ali tragen tornan vivos. *E por esto,* Pedro, pensa e cuida como viven ali as almas daqueles e en quanto prazer por cujos ossos Deus tantos miragres faz. *E porende* se tu entendes que a alma dementre he no corpo vive polo mover e polo sentir do corpo que vees, por que non entenderás assi que a alma depois que he fora do corpo ha vida de mui gram deleito?

2.1.2.5 Coordenação explicativa.

O coordenante que inicia um enunciado explicativo é *ca,* que veio a desaparecer do inventário das conjunções do português e é característico da fase arcaica da língua. Veremos que esse significante é também subordinante e pode, na fase antiga da língua, equivaler ao *que* integrante e ao *do que* ou *que* de enunciados comparativos e consecutivos. É possível que a sua polissemia tenha dado margem a seu desuso; desse ponto de vista teria ocorrido portanto com *ca* o que dissemos poder ter havido com *pero.*

Propõe-se como étimo de *ca* explicativo ou o *quia* latino (NUNES 1961: 353; MICHAËLIS 1922: s. v. *ca*²) ou *qua* (SAID ALI 1964: 221).

O emprego de *ca* que baptizamos de explicativo é muito frequente na documentação arcaica. No *corpus* analisado ocorre 444 vezes; entre as conjunções só é menos frequente que o *que,* em todos os seus valores como conectivo de subordinação, e *e*. Estudiosos do português antigo se dividem quanto à sua classificação, por exemplo: Huber (1933: § 430.4) o classifica como coordenativa causal, Epiphanio Dias (1959: 277) como subordinativa causal; Carolina Michaëlis (1922: s. v. *ca*²), Said Ali (1964: 221), Mettmann (1972: s. v. *ca),* sem discutirem se é subordinativa ou coordenativa, o classificam, respectivamente, de *consecutiva, causal, explicativa.*

A dificuldade da classificação de *ca* não está, como ocorreu com adversativas e conclusivas-explicativas, em considerá-lo conjunção ou adverbial, mas em considerá-lo subordinante ou coordenante e, optando-se por uma dessas duas possibilidades, que tipo de subordinante ou de coordenante: *causal* (classificação mais generalizada), *consecutiva, explicativa.* A dificuldade é de natureza sintáctica e semântica.

Em 2.1.1 chamamos atenção para o facto de que em muitas situações é difícil estabelecer o limite entre coordenação e subordinação. A dependência semântica e sintáctica seriam as marcas típicas das subordinadas indiscutíveis como é o caso das completivas e relativas em oposição às coordenadas indiscutíveis, isto é, aditivas e disjuntivas. Os enunciados introduzidos por *ca* estão naquela duvidosa zona limítrofe da coordenação e da subordinação.

Optamos por considerar esse segmento como coordenante e explicativo. Encontramos um argumento sintáctico que favorece a sua classificação como coordenante: o enunciado introduzido por *ca* sempre sucede, como em qualquer coordenada, ao enunciado a que se liga, no caso explicitando-o ou justificando-o, ao contrário do que ocorre com os enunciados subordinados circunstanciais; neste caso interessam as causais iniciadas sobretudo por *porque* (semanticamente afins aos iniciados por *ca)* cuja causa veiculada pode estar expressa por um enunciado que pode anteceder ou suceder o enunciado básico. Há ainda uma indicação secundária, mas importante no manuscrito: os enunciados introduzidos por *ca* ocorrem frequentemente precedidos de ponto, o que indica a independência sintáctica e semântica desses enunciados que não se encontra nas estruturas causais, que se sente bem mais integradas à estrutura básica, o que se reflecte na pontuação. Consideramos mais adequado classificar *ca* como explicativo e não causal, como é mais comum entre especialistas do português arcaico, porque o valor semântico de *ca* nos parece mais amplo e abrangente por expressar uma justificação, uma motivação ou mesmo uma exemplificação e não estritamente uma causa, embora em certos contextos expresse a causa; em situações desse último tipo, ou seja, causal, faz falta o falante nativo para informar se o *ca* e o *porque* teriam nesses contextos valor idêntico, se seriam, portanto, intercambiáveis.

É interessante observar também que, à semelhança de *e* (cf. 2.1.2.1), o *ca*, despojado de seu valor explicativo, ocorre como um «elo narrativo», encadeador de histórias. Embora menos frequente que *e* nessa função, é marcante esse seu emprego e não favorece a interpretação de *ca* como elemento subordinante.

Exemplos de *ca* precedidos ou não de ponto — é de notar que mantivemos na Leitura Crítica (MATTOS E SILVA 1971: vol. II), nesses casos, o ponto do códice; a vírgula é de nossa responsabilidade:

1.2.21-25 — Non ouvi que aqueste fosse discipolo de nengũũ. *Ca* tan compridamente ensina o Spiritu Santo quen quer ensinar que non ha mester ensinança doutro homen que do mundo seja. Pero, como quer que alguen tenha ou cuide que á graça do Spiritu Santo, non deve tanto confiar de si que ante queira seer meestre ca discipulo. *Ca* ali hu cuida a ensinar verdade ensinaria muitos errores. Mais aquel en que anda a graça do Spiritu Santo ha estes sinaes consigo: homildade comprida e todalas outras vertudes. E este non ha mester de seer primeiramente discipulo ca meestre. *Ca* atal foi San Joane Babtista de que nunca leemos que meestre nen hũũ ouvesse, como quer que muitos discipulos depois ensinasse.

1.2.28 Mais nós outros que enfermos somos e muito alonjados daquestes homẽẽs de que agora falamos, non devemos tanto confiar de nós que ante queiramos ensinar ca aprender, *ca* os que esto fazen non son pera seguir.

1.2.38 E pois que o assi fezeron e se foron con o cavalo, deitou-se el en sa oraçon e o conde con sa companha veeron muit'agĩha e, querendo passar hũũ rio non se poderon mudar as bestas que tragiam, *ca* assi temian todalas bestas a agua que viiam, como temerian se as quisessen esfalfar dũũ mui gram monte a fondo.

1.2.44 — Ide-vos a boa ventura, *ca* non ei eu mester cavalo.

1.4.20 E por aquesto tenho eu que valeu muito pera se comprir este miragre a homildade daqueste monge Libertino. *Ca,* se el non confiara mais do homen santo don Onrado ca de si, non tirara a calça.

1.5.57 E pero con tod'esto castigava seus discipulos e dizia-lhis que se non atrevessen per seu exemplo a morar con nen hũas molheres que no mundo fossen pera seeren seus abades, *ca* se non receberon o don do Spiritu Santo que lhi a el Deus dera, ligeiramente poderian caer en pecado e perder o bõõ preço que aviam.

1.5.61 Padre, aqueste por que me tu rogas vejo eu que non he monje, *ca* o seu coraçon junto anda con os enmiigos do linhagem d'Adam.

1.5.73 E da virgen vassala de Nosso Senhor que jaz coitada da féver que á, non curedes, *ca* des aqui en deante non averá féver.

1.5.80 E aqueste Basilio monge falso, depois, a cabo de longo tempo, foi queimado naquesta cidade de Roma polas maldades que fazia contra a fe de Jesu Cristo. *Ca* o amor que o poboo dos cristãos avia a Jesu Cristo non pode sofrer que o non queimassen pola maldade grande que en el avia.

Nos exemplos seguintes *ca* e *porque* causal ocorrem em um mesmo enunciado complexo e, por eles, se pode observar a distribuição sintáctica distinta desses dois conectivos de valor semântico, senão idênticos, bastante aproximados.

1.5.8 E *porque* en outro dia avia de parecer ante o juiz sobre feito do moesteiro, depois que disse sas matĩhas veo-se pera o leito do abade e pedio-lhi con grande humildade que o bẽẽzesse. *Ca* queria ir desembargar algũas cousas que era proveito do moesteiro.

1.8.8 E, *porque* o papa prougue o queixume que lhi fezeron os clerigos alousinhadores, mandou logo que lhi trouvessen ante si aa cidade de Roma o abade Equicio, *ca* lhi semelhava que era mui gram desonra da eigreja de Roma de querer nengũũ preegar sen seu mandado.

1.8.30 E o santo homen deu muitas graças a Deus *porque* metera en coraçon ao papa de o querer veer, portanto mandou aos seus monges que guisassen bestas pera o camĩho, *ca* el logo se queria ir.

2.30.15 Aqueles que se a Nosso Senhor per devoçon e per amor chegan quando faz mester, fazen miragres aas vezes *porque* os peden ante Nosso Senhor per sa oraçon que se façan e aas vezes *porque* mandan que se façan como quen ha poder. *Ca* diz San Joane no seu Evangelho que todos aqueles que Jesu Cristo receberon e creeron que era filho de Deus, deu-lhis el poderio pera seeren filhos de Deus.

Como dissemos em 2.1.2.1, *ca* pode ocorrer iniciando uma história, como elo da narrativa à semelhança de *e*.

Por exemplo:

1.2.14 *Ca* hũũ dia caeu hũũ grande penedo de cima dũũ monte sô que estava o seu moesteiro e, viindo mui teso destroir todo o moesteiro e pera matar quantos ali moravan, o santo don Onrado, abade do moesteiro, fez o sinal da cruz sobrelo penedo e chamou o nome de Jesu Cristo mui grandes braados que lhi socorresse, e logo o penedo esteve en si e non foi mais.

1.5.6 *Ca* hũũ dia acaeceu que aquel que fezeron abade depós morte do abade don Onrado, naquel moesteiro en que este Libertino era preposto, tan mal foi o abade sanhudo contra este santo Libertino que meteu a el mão e, porque non achou vara nen paao con que lhi desse, tomou as talhoos que tiinha ant'o leito e tan gram ferida lhi deu con elas na cabeça e no rosto que toda a face lhi inchou e encardeceu.

2.33.6 *Ca* hũa irmãã deste abade San Beento que avia nome Scolastica e des sa meninice fora dada e posta en serviço de Deus, cada ano viinha veer seu irmão hũa vez e seu irmão saia a ela a hũũ logar da clastra, a huum logar honesto que avia ant'a porta do moesteiro en que falava con ela.

4.1.10 *Ca*, se hũa molher prenhe metessen en hũũ cárcer muito escuro e hi jouvesse tanto ata que fezesse seu filho, se aquele meñho que no cárcer foi criado e crecesse ata que ouvesse entendimento naquele meesmo cárcer, se sa madre lhi falasse algũs vegadas do sol e da lũha e das estrelas e dos montes e dos campos e das aves que voan pelo aar e dos cavalos que corren pela terra, quando aquel meñho que no cárcer naceu e criou e que non sabe nen hũa outra cousa senon as teevras do cárcer en que naceu, quando taes cousas ouvir dizer a sa madre que nunca provou nen conhoceu per vista de seus olhos, verdadeiramente pode duvidar se á no mundo aquelas cousas de que lhi falou sa madre.

4.24.15 *Ca* no meu moesteiro foi hũũ frade, non ha ainda dez anos e avia nome Jeruncio que jazia con grande enfermidade que en seu corpo avia. Vio de meiaa noite viir do ceo homens vestidos de vestiduras brancas e mui claras e decer naquele meesmo moesteiro. E eles estando ant' o leito daquele enfermo, hũũ disse contra o outro:...

Observe-se que nos enunciados acima o *ca* poderia deixar de estar presente sem prejudicar a informação transmitida pela narrativa; do ponto de vista sintáctico, da mesma forma, parece ser dispensável já que não está coordenando enunciados, mas em início absoluto de uma narrativa.

2.1.3 A subordinação.

A subordinação de um enunciado a outro se realiza por um enunciado introduzido por conectivo subordinante e com verbo em uma de suas formas finitas ou por um enunciado que se apresenta com o verbo em uma de suas formas nominais — infinitivo, gerúndio, particípio passado —, podendo, eventualmente, serem precedidos esses verbos de relacionante preposição ou conjunção; são estas últimas as subordinadas denominadas tradicionalmente de reduzidas.

O enunciado subordinado integra o que se comunica no enunciado subordinante por expressar um facto circunstancial complementar; ou por expressar um facto exigido por um dos componentes do enunciado subordinante; ou por expressar uma qualificação de algum elemento desse enunciado. Assim funciona a subordinada, respectivamente: como equivalente de sintagma nominal circunstancial, são as circunstanciais; de sintagma nominal sujeito ou complemento, são as completivas; ou de sintagma nominal qualificador, são as relativas.

De acordo com o exposto analisaremos os enunciados subordinados, quer na sua forma plena ou reduzida, quando funcionam como circunstanciais, completivas e relativas.

Partimos das subordinadas circunstanciais por serem estas as menos integradas ou dependentes do enunciado matriz, estando esse tipo de subordinação, em alguns casos, em limite com a coordenação e, por vezes, com esta confundindo-se como destacamos em 2.1. Se considerarmos a coordenação e a subordinação como um *continuum* de processos de concatenação de enunciados que vai de uma independência sintáctica e semântica a uma total dependência, estarão nos extremos as coordenadas aditivas e as subordinadas completivas.

Se se pode considerar *e* como o coordenante típico, *que* será o subordinante por excelência. Nas subordinadas não-reduzidas é o *que* e um restrito paradigma constituído de variantes condicionadas sintacticamente que iniciam as relativas e, em geral, é o *que*, isolado ou em várias locuções, que introduz as circunstâncias, sendo ainda o *que*, quase exclusivamente, que introduz as completivas.

2.1.3.1 Subordinadas circunstanciais.

2.1.3.1.1 *Circunstanciais com verbos nas formas finitas.*

De acordo com o valor semântico que expressam e indicado no subordinante que as introduz, as subordinadas circunstanciais documentadas podem ser classificadas como: *causais, temporais, modais, finais, concessivas, condicionais, comparativas* e *consecutivas.*

Causais:

O subordinante causal mais frequente no *corpus* é *porque:* 128 ocorrências nos dois primeiros *Livros* (⁶). Há pelo menos uma ocorrência de *que* com valor causal; *pois*, que em geral é temporal, como veremos, ocorre por vezes com um valor causal que nos parece indubitável e por vezes com um valor que pode ser interpretado como causal ou temporal.

Em 2.1.2.5, quando discutimos a coordenação explicativa, apresentamos alguns exemplos de *porque* causal em enunciados complexos em que ocorre a par de *ca* por nós classificado como explicativo (cf. exemplos 1.5.8, 1.8.8., 1.8.30 e 2.30.15 do item 2.1.2.5.). Nesse item justi-

---

(⁶) Em geral os subordinantes foram levantados nos dois primeiros *Livros.* Só exploramos nos *Quatro Livros dos Diálogos* quando é ele típico do português arcaico (cf. nota 1).

ficamos porque classificamos *porque* de subordinante causal, enquanto optamos por classificar *ca* como coordenante e explicativo.

Outros exemplos de enunciados introduzidos por *porque:*

1.1.21 E digo-ti, Pedro, meu amigo, que estas mhas lagrimas de que me preguntas crecen cada dia mais *porque* parei mentes en vida dalgũũs que leixaron o mundo de todo seu coraçon e nunca a el per nen hũa maneira tornaron.

1.1.35 E recebe ende homen duas ajudas quando lhi contan o ben que alguen fez: a hũa he ca, se bõõ non he, correge e enmenda seu estado; a outra he ca, se bõõ he, homilda-se mais *porque* ouve mais bẽẽs d'outrem ca de si.

1.2.15 E *porque* non achou logar en que se retevesse, pera seer o miragre mais comprido, está ainda en si come se semelhasse que quisesse caer sobrelo moesteiro, assi como nos contou don Lourenço, homen religioso e de gram santidade.

A ocorrência de *que* com um valor causal é a seguinte:

2.33.29 E non é maravilha se sa irmãã mais agĩha gaanhou de Nosso Senhor o que cobiiçou ca seu irmão, ca, se Deus he amor, assi como diz San Joane, dereito juizo de Deus foi que aquela podesse mais *que* mais amou.

Pois, de acordo com sua origem latina — *post* — é fundamentalmente no *corpus* um subordinante temporal. Contudo, em algumas ocorrências, se pode depreender um valor causal que é aquele que veio a manter, em detrimento do etimológico, na língua portuguesa.

Por exemplo:

1.22.8 E sa madre o soia a trager mal porende, ca dezia que non era guisado que, *pois* ele pobre era, as vestiduras que tragia desse aos outros pobres e ficasse desnuado.

2.12.14 E el perdoou-lhis logo, porque entendeu que eles non farian des ali adeante nen hũa maldade ali hu el non fosse presente, *pois* el tod'aquelo que eles fazian sabia, assi come se estevesse deante.

(Note-se a selecção alternativa de *porque* e *pois* nesse enunciado.)

2.13.22 — Eu vejo que este religioso padre ouve a graça do Spiritu Santo que Deus dera a Eliseu, *pois* foi presente per alma e non ali hu o seu discipulo estava.

2.24.10 Entendes ora, Pedro — disse San Gregorio — de quam gram merecimento foi este San Beento, *pois* a terra non quis receber en si o corpo daquel monje que a sa graça non avia.

3.15.38 — Folgade já irmããos e alegrade-vos ca, *pois* muito trabalhastes, faz mester que comhades e que vos confortedes.

(Note-se a selecção do *ca* explicativo e do *pois* causal.)

Os exemplos seguintes documentam o uso de *pois* em enunciados que podem ser interpretados, a nosso ver, como causal ou como temporal. Em casos desse tipo, o documento analisado não é suficiente para solucionar a dúvida. É essa uma das situações em que faz falta o falante nativo como árbitro da questão: será o *pois* equivalente a *porque* ou a *depois que* ou *quando?*

1.10.15 — *Pois* mi tu contasti, padre, tan gram miragre que el fez e que foi tan apregoado, direito he que mi contes e que me fales de sa humildade que tragia asconduda en sa alma.

2.3.56 E portanto o homen santo *pois* vira que todos o pesseguian e se trabalhavan de seu mal e de sa morte, pera qual deles guardar estaria con eles, pois todos maaos eran?

(O segundo *pois* nos parece equivaler a *porque*.)

2.1.56 — Sei que Pasqua he *pois* eu mereci que te visse.

3.11.15 — Non ti semelhas, Pedro, que deven a aver gram vergonha os homẽẽs que Deus faz con razon e con entendimento que son desobedientes aos mandados de Deus, *pois* o rio que he creatura sen razon obedeceu tan agĩha aos mandados de Deus?

Das 250 ocorrências de *pois* no *corpus* há 49 que podemos interpretar como causal ou que levantam a referida dúvida de interpretação. Diante desses dados podemos afirmar que o *corpus* exemplifica uma fase da língua portuguesa em que começa a esboçar-se uma transição semântica no valor de *pois*, originariamente temporal. No glossário da *Crónica de D. Pedro* (MACCHI: 1966), das 35 ocorrências de *pois*, apenas duas estão indicadas com valor temporal.

Temporais:

Dos subordinantes que introduzem enunciados circunstanciais são os temporais os mais variados: *quando;*

pois ~ pois que ~ depois que; despois que; ante que; dementre ~ dementres ~ enquanto; sol que ~ logo que; cada que; ata que (⁷).

Em geral tanto os temporais como os causais ocorrem em enunciados com verbo no modo indicativo. Fogem a isso as temporais encaixadas em enunciados completivos com verbos do tipo *dizer, mandar, ordenar* etc. ou em enunciados que podemos interpretar como expressão de algo possível de realizar-se e todos os enunciados temporais iniciados por *ante que*. Esses dados coincidem com a análise de Huber (1933: § 482).

Quando ocorre 117 vezes nos dois primeiros *Livros* (cf. nota 6), indica o tempo em que ocorre um evento sem especificações, diferentemente dos outros temporais, e é o mais frequente:

1.1.4 Achando-me sen aquela devoçon e sen aquel amor de Deus que soia a aver *quando* vivia en meu moesteiro.

1.1.5 Todas aquelas cousas en que non avia prazer da vida que fazia ora, *quando* era papa e en que er podesse chorar todos aqueles prazeres e todos aqueles confortos que soia a aver, *quando* era monge.

1.1.17-19 E *quando* me nembro do estado en que primeiramente vivi *quando* era monge semelha-mi que estou en Manna ena riba do mar. E *quando* er cuido ora o estado en que vivo, semelha-me que me vou per esse mar ao desdado hu me Deus levar. E *quando* torno mentes empós min, vejo a riba do mar de que me parti.

(⁷) Sobre o valor temporal, embora raro, de *hu* e *onde* cf. Parte I, 4.2.2.2, 4.2.2.3 e Parte III, 2.1.3.3.1.

1.1.33 Ca se esforça homen pera fazer ben en ouvir contar os bẽẽs que os outros fezeron moormente *quando* sabe que lhi conta verdade e lhi nomea as pessoas certas.

Pois ~ pois que ~ depois que ~ despois que:

Esse conjunto de formas indica o evento do enunciado subordinante como posterior ao expresso no enunciado subordinado. *Pois* é a forma mais frequente, ocorre 201 vezes como temporal, enquanto *pois que* ocorre 43 vezes. A forma que veio a estabelecer-se na língua portuguesa — *depois que* — ocorre 93 vezes. A variante *despois que* só está documentada 3 vezes. Como preposição ou circunstancial é *depois* também mais frequente que *despois,* sendo que *depós,* a forma mais frequente como preposição, nunca ocorre como subordinante (cf. Parte II, 4.2.3.3 e 4.2.3.3.1 e Parte III, 1.4.3.1.5.)

Pelos exemplos seguintes se pode observar que têm o mesmo valor essas quatro formas.

Pois:

2.1.32-33 E *pois* o meniho piedoso e religioso San Beento vio a sa ama chorar, doeu-se dela muito e tomou ambas as partes da alfaia que lhe emprestaron partida en duas partes, deitou-se en oraçon con muitas lagrimas. E *pois* se levantou da oraçon achou a alfaia que emprestaron a sa ama sãã e salva come se nunca fosse britada.

2.1.40 Quando aaqueste logar veo fogindo o glorioso meniho San Beento pera morar hi ascondudamente, achou hũũ monge que avia nome Romããо e preguntoo-o hu ia. E *pois* soube todo seu desejo e todo seu talan, teve-lhi puridade.

3.2.6 E a molher pobre *pois* ouvio o que dezia Paulino, que era bispo tan honrado, cuidou que lho dezia mais por escarnecer dela ca por door que dela ouvesse.

3.2.8 E *pois* ambos chegaron a terra d'Africa viu a molher pobre en hũa cidade d'Africa passar pela rua aquel que tiinha seu filho e rogoo-u primeiramente que lhi desse seu filho.

4.10.4 E *pois* foron juntados, viron-lhi o pulso e julgaron que mui cedo devia morrer daquela enfermidade.

No próximo exemplo o enunciado introduzido por *pois* apresenta o verbo no SbPt, em correlação com o pretérito do indicativo, IdPt2, do verbo *dizer*, do enunciado ao qual está subordinado aquele iniciado por *pois:*

4.8.11 E disse-lhi que se parelhasse pera sa morte, ca preto a tiinha e amoestoo-u que andasse per todos aqueles moesteiros que fezera e que lhis preegasse a vida perduravil e enton *pois* os todos visitasse, dar-lh'ia Deus lume de seus olhos.

Pois que:

Nos dois primeiros exemplos, em um mesmo enunciado, ora foi seleccionado *pois* ora *pois que:*

2.4.7 E *pois* San Beento vẽo ao moesteiro e os monges se foron pera sa oraçon *pois que* disseron sas horas, como era de custume, vio San Beento que hũũ meniho negro o tirava.

3.16.12 E *pois que* o usso vio o santo homen Florencio, amergeu a cabeça a terra e *pois* o santo homen vio que a besta que ante fora brava tolhera de si toda sa felonia, entendeu que lha enviara Deus pera o servir.

2.8.23 E *pois que* o santo homen mudou seu logar pola maldade daquel prelado, ouve ende mui gram prazer.

3.9.12 E *pois que* este bispo morreu, fezeron outro bispo que avia nome Jovino.

4.11.24 E *pois que* todo esto foi dito, desapareceu o apostolo.

4.32.22 E *pois que* os preguntaron en que hora morrera, acharon por verdade que morrera quando fora chamado per aquel Johane que morrera no seu moesteiro.

Depois que:

1.1.23 Ca algũũs deles de que me eu nembro *depois que* os Deus apartou do mundo sempre os teve límpios e sããos.

1.5.68 E acaeceu, *depois que* se o abade partiu do moesteiro, que hũa dona que morava en hũũ moesteiro de virgẽẽs ...

1.5.71 E o padre san Equicio *depois que* esto ouvio, con gram desdenho, começou a sorrir.

No exemplo seguinte, o enunciado introduzido por *depois que* expressa algo que deverá ocorrer ou realizar-se, a forma verbal seleccionada é o SbFt:

1.8.18 — Leva deste feo pera as bestas en que veestes e eu *depois que* acabar a obra que ei de fazer, ca ja pouca per he, logo me vou depós ti.

Despois que:

No primeiro exemplo *depois que* e *despois que* ocorrem em enunciados vizinhos:

4.26.11-12 He hi reteuda porque aviventa o corpo e non aviventa assi o fogo que a reten *depois que* do corpo sal. E assi non semelha que porende o fogo deva a reteer a alma *despois que* se parte do corpo.

3.37.139 En aqueste Quarto Livro que eu ora quero começar mostrarei eu pola graça que mi Deus deu que as almas viven *despois que* se parten dos corpos.

4.27.28 Que maravilha he se as almas *despois que* sairon dos corpos per si meesmos, ante que os corpos tornen, poden receber tormentos do fogo que he corporal?

O relacionante que indica o evento do enunciado subordinante como anterior ao expresso no subordinado é *ante que;* ocorre sempre com o verbo no subjuntivo. Da mesma forma que quando funciona como preposição, *ante* como subordinante não se apresenta na forma actual *antes* (cf. Parte II, 4.2.3.3 e 4.2.3.3.1 e Parte III, 1.4.3.1.5).

1.2.27 Non ouve mester de seer discipulo de nengũũ *ante que* fosse meestre dos apostolos.

1.8.25 E, *ante que* chegasse a don Juiãão, mandadeiro do papa, o seu homen lhi disse e lhi mostrou quen era o abade.

1.8.35 E en outro dia, logo *ante que* quebrasse o alvor, veo hũũ cavaleiro.

1.16.13 E o outro padre prestumeiro a que se calou a voz hũũ pequeno de tempo *ante que* o chamasse non morreu logo tan toste.

No exemplo seguinte não ocorre o SbPt como era de esperar, mas IdPt3; esse facto confirma o que se expôs na Parte II, 2.1.3.2.5 em que se discutiram os casos em que o IdPt3 se apresenta como forma alternativa para SbPt e IdFt2.

4.24.54 E todos aqueles que o ouviron e provaron que aquel menĩho sabia aqueles dous lenguagẽẽs falar eran certos que *ante que* os non *soubera*, creeron que assi falaria todolos outros como ele dezia.

Dementre ~ dementres ~ enquanto:

A expressão da duração de um evento é expressa por um enunciado introduzido, em geral, por *dementre*. Há 60 ocorrências desse subordinante, a par de uma única de *dementres*. *Enquanto*, que é a forma que veio a suplantar as outras na língua portuguesa, ocorre 6 vezes, mas nem sempre com esse valor como veremos ([8]).

Dementre:

2.16.6 Guardou aquelas duas cousas que lhi mandou o servo de Deus *dementre* se nembrou da pẽa e da coita que lhi o enmiigo soia a fazer en seu corpo.

2.16.7 E desto se nembrou el *dementre* a sa pẽa foi rezente e nova.

([8]) No português arcaico, ocorrem com esse mesmo valor as formas *mentre, mentres que, em mentre, entrementes que* (SAID ALI 1964: 225 e HUBER, 1933: § 482). É de notar que esses dois autores não documentam *dementre* e *dementres*. Carolina Michaëlis no glossário do Cancioneiro da Ajuda (1922: s. v. *mentre)* propõe como étimo de *mentre, dum interim* «que deu *domentre, dementre, de mentre* etc.) Considera o *-s* de *mentres* como «adverbial analógico».

3.29.7 Ca non chegaron ao tempo en que os princepes marteiravam os cristãos e *dementre* viveron fezeron vida muito estreita.

3.29.8 Marteiraron seus corpos *dementre* viveron.

4.1.3 Ca, *dementre* no paraiso foi, deleitava-se nas palavras que ouvira dizer a Deus.

No exemplo seguinte, o enunciado introduzido por *dementre* está encaixado em subordinada completiva requerida pelo verbo *mandar:*

1.17.19 E enton mandou que *dementre* ele vivesse nunca este miragre contasse.

Dementres:

4.14.4 E *dementres* ela metia mentes de gram coraçon no seu senhor que vira, partiu-se aquela santa alma do corpo.

Enquanto:

1.2.27 E Nosso Senhor Jesu Cristo porque en el era comprido o Espiritu Santo *enquanto* era homen non ouve mester de seer discipulo de nengũũ ... como quer que *enquanto* fosse Deus soubesse todalas cousas.

2.16.20 Os homẽẽs santos *enquanto* son hũa cousa con Nosso Senhor entenden e saben o entendimento de Nosso Senhor.

4.33.19 Porque muitas esmolnas que fez *enquanto* no mundo viveu, mereceu no outro mundo morada de lume.

Parece-nos que no primeiro exemplo o uso do indicativo no primeiro enunciado iniciado por *enquanto* e do subjuntivo no segundo se explica por desejar-se expressar pelo indicativo uma realidade e no subjuntivo algo em realização.

Na seguinte é um temporal mas parece equivaler a *quando:*

3.8.11-12 Viu consigo no templo gram companha de spiritus maos e todos davan razon a hũũ seu maioral, que siia en hũa cadeira, dos feitos maaos que fezeron. E *enquanto* os acabaron antr'os outros levantou-se hũũ que disse que tentava o bispo da cidade de Funda.

Em 2.7.12 parece equivaler a *quanto* em correlação a tanto do enunciado seguinte:

> E *enquanto* mais ouço os miragres deste homen santo *tanto* mais desejo a ouvir.

Esses dados apontam para um uso ainda insólito de *enquanto* como temporal de valor durativo, que, ao longo da história, veio a expandir-se até excluir do rol dos subordinantes temporais *dementre* e o conjunto de formas a ele relacionadas *(dementres, mentre, mentres* etc.). Na *Crónica de Dom Pedro* (MACCHI 1966: s. v. *enquanto)* nenhuma dessas formas está documentada; há, no entanto, 15 ocorrências de *enquanto.*

Sol que ~ logo que:

Esses são temporais de carácter punctual; enquanto *sol que* ocorre 12 vezes em todo o *corpus, logo que* ocorre uma vez:

3.21.5 E *sol que* esta palavra disse, começaron-se a desatar os cintazes das calças.

4.11.10 E porende *sol que* lhi morreu o marido, tirou de si as vestiduras do segre.

4.23.4 Ca ha i almas d'algũũs justos *sol que* saaen dos corpos non van logo aa gloria do paraiso.

4.25.11 E *sol que* esto disse, morreu.

4.25.13 *Sol que* o desnuaron e lavaron seu corpo. acharon as sas mããos e os seus pees tan ben sãos come se nunca ouvessen nen hũa enfermidade.

Nos exemplos seguintes os enunciados iniciados por *sol que* têm o verbo no subjuntivo porque estão encaixados em subordinadas substantivas requeridas pelos verbos *mandar*, *dizer* e *entender*:

2.16.5 E pois foi são mandou-lhi que nunca comesse carne e que nunca recebesse orden sagrada, assi come d'epistola ou d'avangelho ou de missa ca *sol que* algũa destas ordiĩs recebesse averia o enmiigo tan gram poder en ele come da primeira.

3.8.15 E disse que lhi daria a coroa de vitoria sobre todolos outros seus companheiros, *sol que* o santo bispo don Andre fezesse caer da castidade em que sempre vivera.

3.12.27 E pela sa viinda entenderon os homẽẽs que o santo bispo avia spirito de profecia ca ele, seendo vivo, dissera aos seus clerigos que *sol que* o soterrassen logo se en partissen sen nen hũa demorança.

Logo que:

3.2.24 E el-rei *logo que* o viu começou a tremer e a aver guarda e disse logo a seu genro.

A circunstância temporal introduzida por *cada que* expressa um evento que se repete. Esse subordinante que veio a ser substituído por *cada vez que* ocorre oito vezes:

1.7.21 E *cada que* avia d'ir a algũũ logar tomava a mais displizel besta que el podia achar.

2.1.43 E *cada que* pudia vĩĩr a San Beento tragia-lhe da sa raçon do pan que lhi a el davan pera comer.

2.3.51 E *cada que* o seu entendimento se alçou pera contemplar e pera cuidar nas puridades de Deus ... naturalmente leixou-se sô si.

2.12.2 San Gregorio contou depois que costume era da cela de San Beento que *cada que* os frades ian fora pera recadar algũa cousa non devian comer nen bever fora.

3.34.9 E porende faz chanto sobre eles continuadamente *cada que* pode.

O enunciado introduzido por *cada que* está com o verbo no subjuntivo se inserido em subordinanda substantiva como em:

3.3.7 Mandou-lhi pedir que recebesse aquel cavalo por seu e que cavalgasse en el *cada que* lhe *fosse* mester.

Na passagem seguinte o verbo está no subjuntivo porque o enunciado complexo em que se encontra *cada que* expressa um desejo:

1.29.3 Eu queria de boa mente sempre ouvir *cada que* ouvesse vagar.

O limite temporal do evento expresso no enunciado subordinante leva o subordinado a ser introduzido por *ata que* (22 nos quatro *Livros)*. Sobre a forma *ata* como relacionante de sintagma nominal cf. Parte III, 1.4.3.1.2 e também Parte I, 2.1.3.

1.5.36 Jouve assi con a cabeça pera fondo, *ata que* veo o hortelan.

2.33.17 Nen alçou a sa cabeça das mãos que tinha sobrela mesa *ata que* Deus aquel tempo tan esquivo fez fazer.

4.13.28 ... tanto mais pouco ouvimos nós os cantos dos salmos e dos louvores que cantavan *ata que* se alonjaron tanto de nós que nen ouvimos o sõõ dos salmos que cantavan.

Enunciados introduzidos por *ata que* estão no subjuntivo ou por estarem inseridos em subordinadas substantivas ou por expressarem algo passível de realizar-se:

1.17.20 Mandou que non-no dissessen a nengũũ *ata que* el resurgisse de morte.

4.12.13 Disse aos romeus que se levantassen e que cantassen con ele e dessen graças a Deus *ata que* lhi a alma saisse do corpo.

1.4.6 — Tu non te partirás daqui *ata que* resuscites o meu filho.

3.3.3 Fez-lhi presentear hũũ cavalo en que soia cavalgar *ata que* veessen a algũũ logar en que podessen achar outro.

Modais:

Os subordinantes modais documentados no *corpus* são: *assi como ~ assi come ~ como; assi que; en guisa* *que; en tal que; segundo como.* Há ainda pelo menos duas ocorrências de *que* interpretável como modal.

Assi como é o modal mais frequente; ocorre 132 vezes e alterna com *assi come* (9) e *como ~ come:*

1.4.2 Equeste Libertino ia aa cidade de Ravena per mandado dũũ seu abade que fezeron naquel moesteiro, depós o abade don Onrado que fora meestre deste Libertino *assi como* de suso dito he.

1.5.22 Cuidas, padre Gregorio, que aqueste Libertino leixou alguen entre tantos monges que o seguisse en fazer vertudes e maravilhas *assi como* el fazia.

1.5.49 *Assi como* ora eu ouvi ata aqui, a min semelha que en vãão cuidava eu que en terra de Italia non avia padres santos.

1.7.6 Hũa noite veo a min hũũ mancebo mui fremoso, *assi como* a min semelhava.

2.1.46 Hũũ dia quando vio que lhi enviava Romão o pan pela corda *assim como* soia, deitou hũa pedra e britou a campãã.

2.37.14 Enton os seus discipolos assi os que eran presentes come os que estavan alonjados dele souberon e foron certos da morte do santo homen pelo sinal que viron, *assi como* lhis el prometera.

---

(9) No manuscrito da versão A dos *Diálogos*, base de nosso *corpus*, ocorrem as formas *como*, *come* e *co̅m̅*, esta última abreviada. Adoptamos na Leitura Crítica (MATTOS E SILVA 1971a) o critério de desenvolver essa abreviatura para *como*, já que entre as duas formas não abreviadas era essa a mais frequente. Na listagem mecanográfica feita sobre nossa Leitura Crítica há 164 ocorrências de *como* e 83 de *come;* estão aí incluídas não só as ocorrências de *como* e *come* em locuções modais, mas em todos os tipos de subordinante que essas formas podem expressar.

Assi come:

3.25.15 Ca a carne, Pedro, do homen non pode sofrer nen receber en si aquelas cousas que son do Spiritu Santo *assi come* as puridades do anjo.

4.4.52 … dementre nós veemos que o corpo se move e ha os sentidos que Deus ao corpo deu pela alma *assi come* quando o homen vee e ouve e gosta e cheira e maiormente quando tange.

4.21.15 Onde sofre Nosso Senhor que os maaos ajam poderio contra os bõõs *assi come* aqueste lombardo cruevil a que sofreu Nosso Senhor que escabeçasse o honrado clerigo.

Em todos esses exemplos o enunciado introduzido por *assi como* apresenta elementos elípticos.

Como:

2.8.16-17 E fez *como* lhi mandou o santo homen.

3.27.16 Castorio fugiu con hũa monja e vivia con ela *como* vive marido con molher.

No exemplo seguinte *assi como* alterna com *como*, que, com valor modal, é menos usado que *assi como*.

3.35.12 E *assi como* eu aprendi do muito honrado bispo Florido que jazia enton ensembra ali con o dito Martirio e *como* ouvi outrossi do meñho que naquela noite servia os enfermos.

Assi que ocorre 8 vezes:

2.28.2 O honrado padre San Beento deu todalas cousas... *assi que* no seu celeiro non ficou nen hũa cousa per que homen podesse viver.

3.3.5 O cavalo começou a bravejar e soprar e rinchar e mover-se dũa parte aa outra e alçar as pernas mui rijamente, *assi que* a dona non pôde cavalgar en ele.

4.13.21-22 E depós este gram lume sentiron hũũ odor tan maravilhoso ... *assi que* os seus corações que estavan espantados polo gram lume que viron, ficaron mui confortados polo odor maravilhoso que sentiron.

No exemplo seguinte o enunciado introduzido por *assi que* traz o verbo no subjuntivo por expressar algo possível:

2.14.7 E mandou que toda a outra gente que soia andar con el que fossen con el e levassen bõas vestiduras e bõos cavalos, *assi que* pola nobreza das vestiduras entendessen que aquel era elrei.

En guisa que ocorre 11 vezes:

1.17.5 Acaeceu hũũ dia que aquesta vinha foi destroida per pedra que veo sobre ela, *en guisa que* en hũas pouquetĩhas de videiras ficaron hũũs pouquetĩhos d'azeos d'uva.

1.28.31 Caeu con el e logo lhi quebrou a perna *en guisa que* o osso se partiu en duas partes.

2.21.2 Foi hũũ tempo de gram fame *en guisa que* todos eran muito apertados pela fame que era mui grande.

4.13.20 Baixavan os olhos pera fundo *en guisa que* os non podian veer.

No exemplo seguinte o subjuntivo decorre de estar o enunciado modal inserido em outro subordinado que complementa o verbo *mandar:*

3.15.34 Mandou-lhis que guisassen de comer pera os obreiros, assi que fosse todo guisado *en guisa que* podessen comer de gram manhãã.

En tal que:

1.16.33 E porende, como quer que prometesse a Abrãão que o seu lĩagen avia a seer acrecentado como as estrelas do ceo per seu filho Isaaque, pero quis dar a seu filho molher manĩha *en tal que* pela oraçon que seu marido Isaaque avia de fazer fosse acabada a promissa que Nosso Senhor prometera a seu padre.

Segundo como ocorre 4 vezes:

1.9.3 Non me devo calar, Pedro, que non diga o que ouvi daqueste homen bõõ Equicio, *segundo como* mi contou hũũ muito honrado baron que avia nome Valencio.

1.11.14 Ca, *segundo como* homen sofre as viltanças que lhi fazen e os deostos que lhi dizen en pessoa, assi pode entender a homildade ou a sobérvia que no seu coraçon ten asconduda.

3.33.30 Ca, *segundo como* dizen os fisicos, esta enfermidade he que chaman en grego «sincopen».

4.14.9 E *segundo como* he custume que muitos vẽẽ aas molheres nobres e aos homens de gram sangui quando jazen en passamento.

As duas ocorrências de *que* interpretáveis como modal estão em frases negativas e no subjuntivo por que expressam uma possibilidade:

2.3.58 Pois vio que non podia escapar *que* non sofresse muitas pesseguições en Damasco sen gram serviço de Deus, foi-se de noite pera o muro da cidade.

2.31.3 Aqueste era mui cruevil contra os cristãos assi ant'el viinha algũũ clerigo ou algũũ monge non lhi podia escapar *que* o non matasse.

Finais:

Ocorrem no *corpus* enunciados finais com o verbo em forma finita sempre iniciados por *que* com valor de «*para que, a fim de que*», não documentados. São mais frequentes, no entanto, enunciados subordinados finais expressos pelo verbo na forma do infinito precedido de *pera*. Os enunciados reduzidos são, portanto, mais usuais para a expressão das subordinadas finais do que os enunciados plenos, cf. 2.1.3.1.2. Nos dois primeiros *Livros* há 23 ocorrências de *que* como subordinante final.

1.5.20 E assi o homen santo pela resposta que deu disse verdade e guardou a seu abade *que* non caesse em maa fama do mal que lhi fezera.

1.5.68 E dezia que se lhi non enviassen Basilio monge *que* a saasse que logo morreria.

1.5.75 A este miragre foi feito en vertude de Nosso Salvador e de nosso meestre que quando foi convidado do rei *que* fosse veer seu filho ...

1.20.3 E ele lhis deu con sa mãão hũũ barril pequeno de madeiro cheio de vĩho que bevessen pela carreira.

2.1.48 Mandara guisar pera si *que* comesse.

2.3.69 Davan-lhi seus filhos *que* os criasse pera serviço de Deus.

2.23.17 E pois este feito foi dito con gram choro a San Beento, el con sa mão deu a oferta *que* oferecessen por elas.

Em todas as suas ocorrências os enunciados introduzidos por *que* final apresentam o verbo no sujuntivo já que neles o que se expressa é um evento que se deseja ver realizado; expressam, portanto, uma possibilidade e não uma realidade.

Concessivas:

Os subordinantes concessivos são pouco variados no *corpus* embora o seu inventário no português arcaico seja rico; veja-se, por exemplo, o rol apresentado por Huber (1933: § 431.8). Os conectivos que estão documentados no *corpus* são: *como quer que, ainda que* e, excepcionalmente, *pero.*

Analisamos em 2.1.2.3 os valores de *pero;* vimos que em apenas uma de suas 93 ocorrências equivale a uma concessiva.

Ainda que ocorre três vezes nos dois primeiros *Livros:*

1.7.9 E daquel dia adeante *ainda que* me queira calar de falar de Deus non posso.

1.7.20 E tan vilmente andava vestido e tan desprizil era en si meesmo que se o alguen non conhocesse terria-se por despreçado en o salvar, *ainda que* o el primeiramente salvasse.

1.17.31 Ca a homildade grande he do homen bõõ que queria que os seus bõõs feitos sejam ascondudos e esto deven a querer e proveito grande he dos outros que sejan sabudos *ainda que* eles non queiran.

Como quer que é o subordinante concessivo mais usado no *corpus*. Ocorre 76 vezes nos quatro *Livros*. De *como quer que* correlacionado *a pero* (21 ocorrências) já tratamos em 2.1.2.3. Nas suas outras ocorrências *como quer que* introduz a subordinada sem estar correlacionado a enunciados iniciados pela adversativa *pero*.

Por exemplo:

1.2.25 Ca atal foi San Joane Babtista de que nunca leemos que meestre nen hũũ ouvesse, *como quer que* muitos discipulos ensinasse.

1.5.25 E *como quer que* a min nembren mũitas cousas que me disse, d'algũas cousas me calarei porque entendo a dizer outras.

1.7.19 *Como quer que* fosse abade de muitos moesteiros, andava per muitas cidades e per muitas vilas e per muitos castelos e pelas ruas e pelas eigrejas e pelas casas dos homens dizendo muitas santas paravoas.

2.25.10 Pois viu o enmiigo que o perseguia en semelhança de dragon, mais o temeu que ante, quando o non viia, *como quer que* o perseguisse e o quisesse trager a mao estado.

2.28.5 Mais o monge que tiinha o celeiro, *como quer que* o ouvisse, perlongoo-u e non comprio logo o mandato do santo homen.

2.38.11 E acaece ainda esto aas vegadas pola gram fe que algũũs an que tragen as sas voontades ficadas en Deus por que son certos que, *como quer que* en algũũs logares os corpos dos santos non jascan, assi he.

2.38.16 E pois o Padre e o Filho e o Spiritu Santo son hũũ Deus e hũa sustança, *como quer que* sejan tres pessoas, assi come o Filho sempre he ali hu o Padre he, assi o Espiritu Santo sempre he con o Padre e con o Filho.

As concessivas podem ocorrer com o verbo no indicativo no português arcaico (HUBER 1933: § 501); neste *corpus* estão sempre com o verbo no subjuntivo. Apesar de as concessivas expressarem um evento real, pelo que se expressa no enunciado a que está subordinada se esperaria que esse evento não se tornasse realidade. Talvez seja essa, em geral, a razão da selecção do modo subjuntivo nos enunciados classificados como concessivos.

Condicionais:

A condição é expressa no *corpus* pelo subordinante *se* (74 ocorrências nos dois primeiros *Livros)* que introduz a prótase da correlação condicional.

Dessas correlações tratamos, quando analisamos o valor dos morfemas modo-temporais. No item 2.1.2.2 da Parte II apresentamos exemplos das correlações condicionais com os verbos no futuro (SbFt) ou no perfeito do subjuntivo (SbPt) na prótase enquanto a apódose apresenta, respectivamente, os verbos no futuro do presente (IdFt1) ou no futuro do pretérito (IdFt2). Em 2.1.3.2.5, também da Parte II, analisamos essas correlações quando apresentam tanto na prótase como na apódose o verbo no pretérito mais que perfeito (IdPt3). Os exemplos apresentados nesses dois itens já ilustram as subordinadas condicionais.

Comparativas:

As subordinadas que expressam comparação de superioridade ou de inferioridade são introduzidas em geral por *ca* (57 ocorrências em todo o *corpus)* ou por *que* (10 ocorrências dos dois primeiros *Livros);* no enunciado subordinante a marca da comparação é *mais* ou *meos* ou algum dos chamados comparativos sintácticos (por exemplo: *maior* ou *moor, melhor, meor,* etc.). A comparação de igualdade é expressa por *como* ~ *come* e *assi* que seguem ao enunciado subordinante em que se encontra respectivamente *tan* ou *assi,* ou seja nas correlações: *tan* ... *como* ~ *come, assi* ... *como* ~ *come.*

Os enunciados comparativos podem ser explícitos ou apresentar elipse do sintagma verbal ou de parte do sintagma verbal.

Exemplos de enunciados comparativos explícitos:

1.5.67 *Mais* desejavan amor de Deus *ca* aviam.

2.14.3 — Conven, Pedro, que te cales entramente se *moores* cousas quiseres ouvir deste santo homen *ca* ouvisti ata aqui.

2.15.14 A verdade daquesta profecia *mais* claramente a veemos cada dia a luz do sol que cada dia nace *ca* veemos a olhos abertos.

2.35.27 Non entendemos poren que o ceo e a terra e as outras creaturas fossem porende *meores que* eran ou menguassen de sa quantidade.

2.12.3 Vẽẽron *mais* tarde *ca* cuidaron.

Exemplos de enunciados comparativos em que há elipse do sintagma verbal ou de parte dele:

2.11.11 Deitou-se en sa oraçõn *mais* fortemente *que* soia.

1.4.20 Ca, se el non confiara *mais* do homen santo *ca* de si, non tirara a calça sua que tragia por religas.

1.19.17 Mais a sentença do bispo santo valeu *mais* ante Deus *ca* aquel bispado que o seu sobrĩo don Constancio cuidava a aver.

1.25.20 Fazia-o *mais* pera defamar o bispo, que dezian que deitava os pobres da cidade, *ca* por obra de piedade que lhi el entendesse a fazer.

1.31.27 Empero non son de *meor* galardon ante Deus *ca* aqueles que os fazen.

2.1.37 E porque o ben aventurado San Beento menĩho desejava *mais* sofrer trabalho e coitas por amor do Salvador *ca* o vil louvor da gloria vãã.

2.8.18 Ouve del *moor* doo *ca* de si.

2.33.5 Quen será, Pedro, en esta vida de *maiores* merecimentos ca San Paulo?

1.24.19 O enmiigo a atormentava continuadamente amando *mais* o seu corpo *que* a sa alma.

1.25.24 Fezera *melhor* obra *que* o bispo.

2.2.18 A tentaçon da carne *mais* he na mancebia *que* en outro tempo.

2.25.10 Pois viu o enmiigo que o perseguia en semelhança de dragon, *mais* o temeu *que* ante.

A comparação de igualdade:

2.37.14 Enton os seus discipulos *assi* os que eran presentes *come* os que estavan alonjados dele souberon.

3.37.133 Recebeu seus galardões *assi* en ben *come* en mal.

1.17.23 O filho de Deus á *tan* gram poder *come* o Padre e *come* o Espiritu Santo.

2.16.5 Averia o enmiigo *tan* gram poder en ele *come* o Espiritu Santo.

Enunciados comparativos hipotéticos são introduzidos por: *como se ~ come se,* o mais frequente com 43 ocorrências; *ben come se* ocorre 8 vezes. Como era de esperar, na comparação hipotética, o verbo está no subjuntivo.

4.5.7 E vio todo o mundo *como se* o visse per hũũ raio de sol verdadeiro que veo sobr'ele.

2.1.17 Tanto lhi semelhava *come se* se esfalfasse do mais alto monte no mais fundo poço que no mundo podesse seer.

1.2.46 E quando chegaron ao rio que primeiramente non poderon passar, tan agĩha o passaron *come se* hi non ouvesse bocado d'agua.

1.7.6 E tragia hũũs ferros pera meezĩhar e pos-mh'os na lengua *come se* me quisesse sangrar.

1.9.5 E enton levantou-se huum vento *come se* veesse do ceo.

1.10.6 E ardia a água nas lampadas *ben come se* fosse azeite.

1.29.29 E contava-mi algũũs feitos velhos e antigos e assi se comportava e deleitava en eles a mha alma *ben come se* fossen novos.

A comparação que poderíamos denominar de proporcional se apresenta nas correlações com *tan, tanto, quanto* relacionáveis com quantificadores comparativos de superioridade ou de inferioridade, do tipo:

quanto mais ... tanto mais
quanto mais ... meos
tan mais pouco ... quanto moor
quanto mais ... tanto mais pouco
quanto mais ... tanto meor

Por exemplo:

1.1.19 E quando torno mentes empós min, vejo a riba do mar de que me parti e sospiro por ela e *quanto* a *mais* desejo *tanto mais* andando per esse mar a posso *meos* aver; ca do ben que perdeu aquel que en religion vivia *tan* toste *mais pouco* acorda *quanto moor* tempo vive enos bẽẽs e nos prazeres do mundo.

1.1.20 E este he o que eu dixi primeiramente: que aqueles que andamos pelo mar, *quanto mais* andamos *tanto mais pouco* veemos o porto de que nos partimos, se nos pera el non queremos tornar.

1.12.5 E *quanto mais* agua deitavan os homens sobrelo fogo pera apaga-lo *tanto* se *mais* acendia.

1.1.15 E *quanto* se *mais* estende aas cousas que tan maas son pela mesquĩĩdade dos homens que no mundo viven, *tanto* se *meor* acha e *mais* sen amor de Deus.

Note-se nos exemplos dados o uso alternante de *meos* e *mais pouco*.

Consecutivas:

O subordinante *que* funciona como consecutiva correlacionado aos quantificadores *tan, tanto, tal* e *tamanho*. Nos dois primeiros *Livros* o *que* consecutivo ocorre 27 vezes:

1.4.9 Ca se non tiinha por *tan* bõõ *que* Deus por el hũũ morto devesse resuscitar.

1.5.6 *Tan* mal foi o abade sanhudo contra este santo Libertino *que* meteu a el mão.

2.26.4 E el dezia que hũũ meninho de seu padre avia hũa enfermidade a que chaman alefante e era *tan* perigosa *que* ja todolos cabelos do corpo perdera e o corpo inchara *tan* rijamente *que* a enfermidade que avia non-no podia ja asconder.

1.4.5 E *tanto* foi o amor do filho que ouve *que*, quando vio o servo de Deus, tomou o cavalo en que andava pelo freo e disse-lhi:

1.8.2 *Tanta* era a fama da santa preegaçon que fazia *que* veo aas orelhas do papa.

1.9.11 E *tan* fortemente e *tanto* tempo os atormentou *que* o souberon os outros seus companheiros.

2.27.10 Tornou o seu corpo a *tal* estado e mudou-lhi a coor en *tal* maneira *que* todos cuidavan que era gafo.

1.13.14 E pois foi manhãã veeron os frades e acharon o penedo alonjado daquel logar que eles avian mester en *tal* maneira *que* ouveron o logar desembargado.

2.33.25 E feze-se en *tal* maneira *que* toda aquela noite vegiaron ambos os irmãos.

2.38.3 A fraquesa era *tamanha que* non podia já mais andar.

2.1.3.1.2 *Circunstanciais com verbos nas formas nominais.*

As subordinadas circunstanciais que se apresentam com verbos em formais nominais ocorrem com o gerúndio ou com o infinitivo. Analisamos essas estruturas em 20 % do *corpus* (10). Na amostra seleccionada documentamos um total de 170 subordinadas circunstanciais reduzidas; dessas, 99 apresentam o verbo no gerúndio e 71, no infinitivo. Nessa amostra não ocorrem circunstanciais com particípio passado (11).

No item 3.2 da Parte II tratamos de sequências verbais constituídas dos verbos *seer, jazer, estar, andar* e *ir* seguidos de gerúndio. Então discutimos as possibilidades de análise dessas sequências e vimos que algumas delas deveriam ser interpretadas não como locuções verbais indicadoras de aspecto durativo, mas como dois enunciados em que o gerúndio expressaria uma concomitância temporal ao que se expressa no enunciado que traz os verbos enumerados. Eliminamos dos dados agora examinados os enunciados com verbo no gerúndio já tratados no item referido. Assim, portanto, nos 99 enunciados subordinados circunstanciais com verbo no gerúndio não estão incluídos os considerados no item 3.2 da Parte II.

---

(10) Esses 20 % do *corpus* corresponde a 48 das 244 páginas dactilografadas que constituem o total do documento sob análise. Distribuímos pelos quatro *Livros* a amostra e para isso escolhemos as 12 páginas iniciais de cada *Livro*.

(11) Huber (1933: § 483) indica temporais reduzidas com o verbo no particípio passado. Não apresenta, no entanto, nenhum outro tipo de circunstancial reduzida com verbo no particípio passado (cf. §§ 485, 487, 490, 492, 500, 503).

As subordinadas circunstanciais com verbo no gerúndio na sua grande maioria são temporais — 76 ocorrências e mais 7 que poderão ser interpretadas, a nosso ver, como temporais ou como causais; há 15 ocorrências de causais e uma concessiva.

Das 76 temporais, em uma única, o gerúndio vem precedido de preposição:

1.1.32 Ca, *en* se *nembrando* homen dos feitos e das vertudes que os homens en este mundo fezeron per ajuda do Senhor Jesu Cristo, non se embarga porende o bõõ estudo.

Nos outros 75 casos o gerúndio não vem precedido de preposição, por exemplo:

1.1.4 *Andand'*eu mui triste en hũũ dia polos preitos dos homens e *achando*-me sen aquela devoçon e sen aquel amor de Deus ... apartei-me en hũũ logar en que podesse chorar.

1.2.9 E quando se tornou o mancebo, *deitando* a agua da canada, caeu o peixe en terra.

2.1.29-30 E, *pousando* entanto en hũa eigreja de San Pedro que hi avia, aquela sa ama pediu aas molheres que moravan derredor hũa alfaia. E, *leixando-a* sobrela mesa en que comeron per escaecimento, quebrou e partiu-se en duas partes.

3.12.16 E *entrando* este genro del-rei en seu horto muito ameudi e *fazendo* algũas demandas de que se pagava a seu hortolan e *veendo* que el lhi respondia, começou a leixar seus amigos.

3.5.6 O enmiigo antigo começou a dar braados e grandes vozes *bramindo* come leon, *berregando* come porco e *ferindo* os dentes come rato.

4.1.7 E esta duvida nunca ouve nosso padre don Adan, ca *vivendo* no paraiso terreal conhocia os anjos.

4.7.3 Hũũ homen mui religioso e mui fiel contou a min quando ainda era no meu moesteiro que, *viindo* hũa peça de gente de terra de Cecília en hũa nave a Roma, *andando* en meiogoo do mar, viron a alma dũũ servo de Deus que jazia emparedeado en hũũ logo que dizen Sanio levar ao ceo.

As 7 ocorrências que nos parecem permitir interpretação temporal ou causal são as seguintes:

1.2.39 E *veendo* todas aquelas bestas que se non querian mover disse hũũ de sa companhia: ...

2.3.40 Ergo, tornava a si medês quen sempre consigo andava, *cuidando* en Deus e *desejando*-o e *amando*-o?

2.3.44 En outra maneira saimos nós ainda de nós *contemplando* e *cuidando* no ben que nos Deus fez.

3.8.27 E o bispo *veendo*-se vençudo polas palavras que lh'el disse confessou.

Das 15 causais, em uma o gerúndio vem precedido de preposição:

2.3.23 *En querendo* carregar estes que correiçon avorrecian leixava e despreçava pela ventuira si meesmo e os outros que correger queria non gaanhava.

Nas outras ocorrências o gerúndio não vem precedido de preposição, por exemplo:

1.2.6 E non *querendo* el comer as carnes que os outros comian, o padre e a madre escarnecian del.

2.1.19 E *desejando* a fazer prazer a Deus de todo seu coraçon, tomou hávito de santa religion en que vivesse.

2.1.47 E *querendo* ja Deus poderoso que Romãão folgasse de seu trabalho, apareceu hũũ dia de Pasqua Nosso Senhor a hũũ clerigo de missa e disse-lhi.

3.8.33 E assi se compriu per graça de Deus que aquel judeu *querendo* procurar saude da alma alhea vẽo a sua.

Na passagem seguinte, em um mesmo enunciado complexo, ocorre uma temporal e uma causal, com verbo no gerúndio:

3.8.9 Huum dia acaeceu que hũũ judeu *viindo* de Campanha aa cidade de Roma e *querendo* filhar seu camĩho pela carreira que dizen d'Apia, vẽo ao termio da cidade de Funda.

O exemplo seguinte documenta um enunciado com gerúndio que pode ser interpretado como concessivo:

1.3.1 De Libertino como *seendo* presente non foi achado. (= De Libertino, como non foi achado embora fosse presente).

No seu estudo das circunstanciais no português arcaico, Huber (1933: §§ 481 a 503) indica que podem ocorrer circunstanciais reduzidas de gerúndio não só com valor temporal, causal, concessiva, como vimos, mas ainda como modal, condicional (cf. § 487. 3 e § 500.2).

As subordinadas circunstanciais com verbo no infinitivo são, na sua quase totalidade, finais: 68 das 71 ocorrências da amostra; as outras são causais.

Nas finais, em todas as ocorrências o infinitivo está precedido de *pera;* vimos em 1.4.3.1.2, Parte III que *pera* relaciona sintagmas nominais que expressam finalidade.

1.1.6 E *pera crecentar* mais mha tresteza, todas aquelas cousas onde mi door e desprazer algũũ podia nacer, poinha-o ante os meus olhos.

1.1.24 E *pera seeres* certo, Pedro meu amigo, destas cousas que ti eu conto, direi-ti:...

1.2.28-29 Os que esto fazen non son *pera seguir* ... e estes de que ora falamos son mais *pera honrar* e *pera louvar*.

1.5.57 Dezia-lhis que se non atrevessen a morar con nen hũas molheres *pera seeren* seus abades.

1.5.64 Non dizes tu esto senon *pera* non *fazeres* o que te homen roga.

2.1.36 *Pera saberen* os que nados eran en quanta graça Deus começava o estado de religion.

4.1.15 E *pera creeren* e *saberen* que á hi outras cousas que se non poden veer pelos olhos do corpo.

4.3.4 E porende en parte os devemos a repreender porque son perfiosos *pera receberen* a graça da fe de Cristo.

As causais, duas estão precedidas das preposição *per*. Em 1.4.3.1.3 da Parte III analisamos as preposições *per* e *por* e vimos que ambos podem introduzir sintagmas nominais que expressam noção de causa.

3.1.2 E *por non cuidar* nen hũũ que nos non nembramos nós dos seus feitos, tornemos a contar taaes cousas quaes primeiramente contamos.

3.2.6 Cuidou que lho dezia mais *por escarnecer* dela ca por doo que dela ouvesse.

2.3.24 Ca todas aquelas vezes que nós *per* muito *cuidar* saimos fora de nós caemos en tan grandes cuidados que non sabemos hu nós somos.

Huber (1933) indica exemplos de circunstanciais infinitivas temporais, modais, comparativas e condicionais (§§ 483.2; 485.1 e 2; 500.1), além das finais e causais (cf. §§ 492 e 490.1) aqui documentadas.

Em geral, nas circunstanciais infinitivas, o sujeito determina a forma do infinitivo. No entanto pode ocorrer o infinitivo não-flexionado, apesar de o sujeito exigir flexão verbal, por exemplo:

2.3.24 Ca todas aquelas vezes que *nós* per muito *cuidar* (acima transcrito o exemplo completo).

2.1.3.1.3 *Observações sobre coordenadas e subordinadas circunstanciais.*

Em 2.1 e em 2.1.3 chamamos atenção para o *continuum* constituído por determinadas estruturas coordenadas e subordinadas circunstanciais. Terminada a sua análise, queremos destacar, em conjunto, factos disso ilustrativos que ressaltaram da análise dos dados do *corpus*. Tais factos deverão ser levados em conta em um estudo diacrónico da coordenação e da subordinação em português que ultrapassa os limites da análise sincrónica que desenvolvemos sobre a versão vernácula mais antiga, entre as conhecidas, dos *Diálogos* de São Gregório.

O primeiro ponto sobre que chamamos atenção é o que se refere às estruturas adversativas. Vê-se claramente nos dados que o documento sob análise representa um estágio da língua portuguesa em que as chamadas conjunções adversativas estão em constituição (se é que já se constituiram). Exceptuando *mas*, representado graficamente por *mais*, o único segmento que poderá ser classificado como conectivo adversativo é *pero* e, assim mesmo, como vimos, na maioria de suas ocorrências esse item tem um valor adverbial e não de conectivo; além disso, com menor frequência, o seu valor etimológico explicativo ainda pode ser depreendido, ao mesmo tempo em que em determinadas estruturas, minoritárias no *corpus* embora usuais em outros documentos arcaicos, o segmento em causa pode ser interpretado como concessivo. Outro elemento a *pero* relacionado, *poren/porende*, adversativo a partir do século XVI, ainda é exclusivamente explicativo, de acordo com seu étimo e, como *portanto*, na maioria das ocorrências não funciona como conectivo mas antes como expressão adverbial conclusivo-explicativa em estruturas aditivas, o que vimos também ocorrer com *pero*.

Outro ponto a ressaltar é o interrelacionamento semântico de *ca* e *porque*. Embora *ca* seja fundamentalmente explicativo e *porque* seja a expressão de uma explicação causal, há ocorrências em que *porque* é claramente explicativo; como sabemos, *ca* veio a ser desusado e *porque* assumiu os contextos de *ca*, tornando-se a expressão da explicação *lato sensu* e de uma explicação *stricto sensu* ou seja a causa.

Observando-se *ca* não se pode deixar de marcar ainda o seu interrelacionamento sintáctico com *e*, nos casos em que o denominamos de «elo narrativo», desprovido de seu conteúdo explicativo. Seria esse um *ca*^{2}

de valor apenas aditivo, talvez o representante em português não do *quia* causal latino, mas de um uso latino em que o «relativo» ligava «uma oração independente ou principal a outra oração de igual valor e significação, por vezes mesmo iniciando outro período» (E. FARIA 1958: 401).

É possível que não estivéssemos longe de uma interpretação muito distante da realidade se afirmássemos que os processos de expressão da coordenação sejam o da adição e da disjunção; no caso da adição de enunciados expressa-se pelo *e*, simplesmente, ou por *ca*, ou então do *e* aditivo seguido de um reforço adverbial que se poderia designar de adversativo *(e pero)*, conclusivo ou conclusivo-explicativo *(e porén, e portanto, e por esso* e também *e pero)*.

Ao mesmo tempo em que *porque* recobre contextos em que *ca*, como explicativa, é mais usual, *pois*, que, no *corpus*, é fundamentalmente temporal, de acordo com seu étimo, é também usado em contextos causais em que antes se esperaria *porque*. Assim enquanto *porque* avança para o campo de *ca*, com *pois* ocorre o mesmo em relação a *porque*.

Observe-se também que *pois* é o temporal mais frequente de uma série sinonímica — *pois que, depois que* e *despois que*. As duas últimas formas já estão, no entanto, em uso, permitindo a *pois* a assumir um valor explicativo ou apenas causal, acepção com que veio a fixar-se ao longo da história da língua.

Com esses factos depreende-se uma situação em que, não estabelecida, ao que se saiba, uma norma gramatical explícita para o uso linguístico, as possibilidades de polissemia dos conectivos é bastante livre, o que sem dúvida gera contextos ambíguos, dando margem, portanto, a mais de uma interpretação, ao leitor actual, como demonstramos na análise realizada.

Talvez sejam os casos nomeados — interrelação adversativa/explicativa, explicativa/causal, causal/temporal e adversativa/concessiva, a par da amplitude do

Biblioteca Universitária
-UFSC-

uso de aditiva sob a expressão *e* ou *ca* — os mais marcantes do *corpus* como demonstrativo de uma etapa da língua portuguesa em que o sistema de conectivos que expressam mecanismos de coordenação e subordinação circunstancial seja instável, pelo menos, na expressão escrita da língua, que é, no caso, a única que pode ser observada.

Vale ainda ressaltar, como significativo para um entendimento global das subordinadas circunstanciais, que nas circunstanciais reduzidas as noções expressas com maior frequência, depois da temporal (note-se que de todas as circunstanciais a expressão da circunstancial temporal é a mais rica em recursos expressivos) são a causal e a final, que, nas estruturas não reduzidas, apresentam um elenco restrito de conectivos introdutores: *porque* e *pois* para as causais e *que* apenas nas finais.

Esses pontos destacados pretendem apenas reunir dos dados analisados nos itens 2.1.2 e 2.1.3.1 aqueles que, com prioridade, numa interpretação diacrónica da coordenação e da subordinação circunstancial, devem, a nosso ver, ser considerados em suas interrelações.

2.1.3.2 Subordinadas completivas.

2.1.3.2.1 *Subordinantes de completivas.*

O subordinante por excelência das completivas é o *que* denominado integrante. Nos dois primeiros *Livros dos Diálogos* o *que* ocorre 453 vezes introduzindo completivas. O conectivo *ca* que varia com o *que* integrante no português arcaico (cf. HUBER 1933: § 431 e EPIPHANIO DIAS 1959: 254) é em relação ao *que* de emprego raro no *corpus:* ocorre 18 vezes nos quatro *Livros*. Outros subordinantes podem ocorrer introduzindo completivas, são eles: *se, como, porque, quanto, hu, quen.*

Analisamos as completivas em 20 % do *corpus* (cf. nota 10). Nessa amostra ocorrem 697 enunciados completivos, sendo que desses, 266 se apresentam com o verbo na forma finita e iniciados por conectivos subordinantes, enquanto 431 se apresentam na sua forma reduzida, com o verbo no infinitivo.

Na amostra há 234 ocorrências de *que* introduzindo completivas, enquanto que os outros subordinantes referidos ocorrem muito menos frequentemente: *ca*, 6 vezes; *se*, 7; *como*, 12; *porque*, 1; *quanto*, 2; *hu*, 1; *quen*, 3 (cf. Parte III, 2.1.4.1 e 2.1.4.2).

Enquanto *que* e *ca* têm um valor apenas decorrente do seu papel na sintaxe, os outros, além desse, mantêm traços semânticos específicos: «dúvida» *(se)*, «modo» *(«como)*, «causa» *(porque)*, «quantidade» *(quando)*, «lugar» *(hu)*, «pessoa» *(quen)*.

Que introduz completivas que exercem diferentes funções sintácticas, como veremos adiante, enquanto que os outros subordinantes quase que exclusivamente introduzem enunciados que são complementos verbais. Assim são raros os casos exemplificados em (1), completiva predicativa, e (21) e (22), completivas nominais.

Seguem-se as ocorrências da amostra em que as completivas estão iniciadas pelos subordinantes pouco frequentes:

Ca:

(1) 1.1.35 A hũa he *ca*, se bõõ non he, correge e enmenda seu estado; a outra he *ca*, se bõõ he, homilda-se mais.

(2) 1.5.9 Cuidou-se *ca* se queria ir do moesteiro.

(3) 3.2.48 Ca disse *ca* por hũa door grande que ouvera vẽo a morte.

(4) 3.6.14 Di-lhi *ca* eu bevo a poçonha

(5) 4.1.17 ... creendo *ca* non avia lume.

Se:

(6) 1.2.31 Mais rogo-te que mi digas *se* aqueste tan santo padre leixou algũũ seu discipolo.

(7) 1.4.27 Rogo-te *se* sabes ainda algũa cousa.

(8) 2.3.53 Mais rogo-te que me respondas *se* devera leixar os padres.

(9) 3.2.11 Preguntoo-u *se* sabia algũa arte per que podesse viver.

(10) 3.3.4 Demandaron *se* poderian achar outro cavalo.

(11) 4.4.46 Mais non vi *se* a alma lhi saio do corpo ou se *hi* non saio.

(12) 4.4.49 Que te maravilha *se* non viste a alma.

Os enunciados (8) e (10) documentam mais uma estrutura — a completiva que corresponde a uma interrogação indirecta — em que alternam o IdPt3 e o IdFT2, facto analisado na Parte II, 2.1.3.25.

Como:

(13) 1.2.34 Aprendeu del *como* podesse fazer prazer.

(14) 4.4.54 Non vejo *como* se move.

(15) 4.4.86 Pensa e cuida *como* viven ali as almas daqueles.

Nos enunciados (16) e (17), segue-se ao verbo *cuidar* não *como* (cf. 15), introduzindo a subordinada, mas *en como:*

(16) 1.1.33 ... en cuidar sen outra prova e sen outra certidoen *en como* se poderian fazer.

(17) 2.3.11 Começaron a cuidar *en como* matassen seu abade.

En como ocorre ainda seguindo-se aos verbos *falar, mostrar, temer:*

(18) 2.1.13 A sexta he a musica que fala *en como* se devan mudar e mesurar as vozes.

(19) 3.8.27 Mostrou-lhi *en como* soubera seu feito.

(20) 3.8.39 Ca devemos temer *en como* o bispo de tan santa vida per tentaçon do enmiigo foi abalado.

Com a lexia *meter mentes* alterna o uso de *en como/ /como* em enunciados coordenados:

(21) 2.3.48 Meteu mentes *en como* o Deus livrara da da prison e *como* o trouvera sen perigoo.

En como ocorre ainda em uma completiva nominal requerida pelo substantivo *cuidado,* na lexia *aver cuidado:*

(22) 3.2.19 Ávi cuidado *en como* se deve reger.

De como ocorre seguindo ao verbo *nembrar-se:*

(23) 1.1.22 E quando me nembro eu *de como* algũũs deles son achegados a Deus e *de como* eu sõõ arredado dele ...

Porque:

(24) 1.5.17 Perguntavan-no *porque* tragia a face tan inchada e tan cárdea.

Quanto:

(25) 1.4.25 E podes entender, Pedro, *quanto* val a homildade.

(26) 4.4.58 Todo dizes *quanto* se deve dizer.

Hu:

(27) 2.3.24 Non sabemos *hu* nós somos.

Quen:

(28) 1.5.3 Non sei *quen* o queria seguir.

(29) 2.4.9 Non veedes vós *quen* he aquel.

(30) 3.2.23 E assi podes conhocer *quen* he aquel.

Como veremos, os verbos que ocorrem com completivas iniciadas por esses subordinantes pouco frequentes podem ocorrer com a subordinada iniciada pelo *que* ou podem ser completados por enunciados com infinitivo.

2.1.3.2.2 *Completivas com verbo no infinito* e com verbo na forma finita.

Na Parte II, 3.3.2.1, 3.3.2.2. e 3.3.3 analisamos os verbos aos quais se seguem infinitivos interpretáveis como verbos de enunciados completivos. Destacamos então os verbos, e seu número de ocorrência no *corpus*, que requeriam complementos directos dos que requeriam sujeitos expressos por enunciados completivos com verbo no infinitivo. No item 3.3.2.1.1, também da Parte II, arrolamos os verbos que podiam ocorrer tanto com completivas infinitivas como com completivas introduzidas por subordinantes e verbos nas formas finitas.

Remetemos por isso para os itens enumerados que completam a informação aqui analisada sobre as completivas. O facto de termos ali analisado essas estruturas decorre de estarmos então discutindo a questão dos chamados verbos auxiliares seguidos de particípio passado, gerúndio e infinitivo (cf. tambem na Parte II, 3., 3.3.1 e 3.4).

Analisaremos aqui os verbos ou outros elementos do enunciado subordinante que requerem enunciados introduzidos pelo conectivo integrante e que trazem o seu verbo na forma finita. Os dados que apresentaremos a seguir se baseiam na amostra seleccionada e já utilizada para os exemplos de 2.1.3.2.1. Na selecção dos exemplos seguintes eliminamos aqueles enunciados introduzidos pelos conectivos já apresentados; assim, em todos os exemplos, a completiva estará iniciada pelo *que* (¹²). Com isso ver-se-á que não só *que* e *ca* podem seguir-se a um mesmo elemento que requeira completiva, mas também outros conectivos que podem funcionar como integrantes.

Os verbos que na amostra só ocorrem com completivas, introduzidas por conectivo, que exercem função sintáctica de complemento verbal podem ser agrupados em três tipos, de acordo com a sua significação básica: a. verbos de expressão; b. verbos de cognição (¹³); c. verbos de sentimentos.

a. Os verbos de expressão documentados na amostra são: *rogar, dizer, contar, pedir, prometer, preguntar,*

(¹²) Os exemplos 16, 22, 25 e 26 extrapolam a amostra porque os verbos *nembrar-se, aprender, maravilhar-se* e *mostrar* ocorreram na amostra apenas com os conectivos *como* e *se*, cf. exemplos 12, 13, 19 e 23 do item 2.1.3.2.1.

(¹³) De alguns desses verbos de expressão e de cognição tratamos na análise da relação subjectiva cf. Parte III, 1.3.2.6

confessar, demandar, jurar, responder, atestar, conselhar, dar a entender. Exemplos:

(1) 2.2.26 *Rogo*-te *que* acabes o que começasti.

(2) 1.2.37 *Disse*-lhis *que* tomassen os azorragues.

(3) 1.3.2 *Conta* San Gregorio *que* veo hũ princepe.

(4) 1.5.8 *Pedio*-lhi con grande humildade *que* o bẽẽzesse.

(5) 1.5.12 *Prometi que* hoje parecesse ant'o juiz.

(6) 3.2.27 *Preguntoo*-u *que* lhi dissesse que homen era.

(7) 2.2.26 *Confesso* e conhosco, padre, *que* mi praz muito o que dizes.

(8) 3.2.32 Non ti *demando* eu *que* mi digas que ora es, mais que fusti en ta terra.

(9) 3.2.33 *Jurou que* lhi dissesse verdade.

(10) 3.4.4 E pois eles *responderon que* aviam esperança.

(11) 4.2.7 E pero cree o que non vee ca *atesta* sen duvida nen hũa *que* aquel foan he seu padre e foaan he sa madre.

(12) 4.4.29 E per estas palavras *dá a entender* abertamente *que* a vida non he en este mundo.

(13) 4.4.21 *Conselhou* o mancebo *que* se alegrasse e *que* se deleitasse.

b. Os verbos de cognição documentados na amostra são: *conhocer, reconhocer, nembrar-se, osmar, duvidar, leer, achar, creer, aprender.*

(14) 1.5.14 *Conhoceu que* lhi fezera mui gram torto e que lhi errara mui malamente.

(15) 4.2.9 Confesso e *reconhosco,* padre, *que* ata ora non soubi que o que non he fiel avia fe.

(16) 1.19.4 *Nembrou-se* que seu sobrĩho vendera.

(17) 1.1.29 *Osmo que* ante se acabaria o dia que eu leixasse de contar.

(18) 1.4.21 Ca assi *leemos que* fez outra vegada Eliseo o profeta.

(19) 1.4.9 E *duvidando que* faria...

(20) 1.5.74 *Achou que* naquela hora foi a monja sãã da féver.

(21) 1.5.4 *Creo* eu *que a* verdade da paceença he melhor.

(22) 2.21.9 *Aprenderon* e foron certos *que* na gram mengua Deus pode fazer grande avondança.

c. Os verbos de sentimento que acorrem na amostra são: *temer-se, assessegar, maravilhar-se.*

(23) 3.8.10 E porque se *temeu que* os enmiigos lhi fezessen mal ... fez o sinal da cruz.

(24) 4.4.10 E porque convida todos pera ouvir a cima das razões, pera *assessega*-los *que* non queira nen huum tirar per seu freo ...

(25) 3.18.16 *Maravilhou*-se *que* era aquelo que fazia e assi acordou come se se espertasse de gram sono.

Na amostra analisada ocorrem ainda os verbos *mostrar* e *merecer*, que não se enquadram nos três tipos descritos, com completiva introduzida por conectivo como complemento de verbo:

(26) 1.25.21 *Mostrou que* sen culpa non foi.

(27) 2.1.56 Sei que Pasqua he pois eu *mereci que* te visse.

Outros verbos seguidos de completivas objectivas iniciadas por *que* documentados na amostra não estão aqui arrolados porque já aparecem na Parte II, 3.3.2.1 e 3.3.2.1.1, uma vez que tais verbos podem ocorrer também com completiva de infinitivo.

Nos enunciados apresentados acima se pode observar a variação no uso de formas do subjuntivo e do indicativo nas subordinadas completivas. Aqueles com verbos no subjuntivo expressam algo a tornar-se realidade ou não (cf. 2, 4, 5, 6, 8, 9, 13, 23, 24), ou um desejo de que algo se realize (cf. ex. 1), ou uma suposição (cf. 27); expressam portanto a não-realidade. O (17) e o (19) se apresentam no IdFt2 por veicularem, respectivamente, hipótese e dúvida. O passado ou o presente no subordinado correlaciona-se com o passado ou o presente do enunciado subordinante. Sobre a selecção do modo e do tempo verbal nas completivas cf. também o que se analisou na Parte II, 2.1.1.2 e 2.1.2.2, quando tratamos dos valores dos morfemas modo-temporais.

Os verbos que na amostra ocorrem com completivas subjectivas introduzidas por conectivo são: *semelhar*, *parecer*, *acaecer*, *comprir*.

(28) 1.1.16 Ca mi *semelha que* a mha alma anda per hũũ mar.

(29) 1.2.15 Come se *semelhasse que* quisesse caer.

(30) 1.5.49 A min *semelha que* en vão cuidava.

(31) 1.5.54 *Semelhou*-lhi *que* hũũ anjo lhi talhava aquela parte.

(32) 4.4.12 Aquesto he o que a min *semelha* ben en este mundo, *que* cada hũũ cómia ben e beva ben e aja prazer.

(33) 2.2.18 Assaz *parece que* a tentaçon da carne mais he na mancebia.

(34) 4.4.30 Ergo *parece que* o homen ha mais ca as outras bestas.

(35) 4.4.27 E per esto *parece que* aquela sentença que disse Salomon ... diz que ...

(36) 4.4.34 E por todo esto *parece*, Pedro, *que* todas aquelas palavras ... sen razon foron ditas.

(37) 1.2.6 *Acaeceu* hũũ dia *que* seu padre e sa madre fezeron gram jantar.

(38) 1.4.2 *Acaeceu* en outro tempo *que* aqueste Libertino ia a cidade de Ravena.

(39) 1.5.68 E *acaeceu* que hũa dona que el avia de veer...

(40) 2.6.2 *Acaeceu* hũũ tempo *que* hũũ do lĩagen dos godos vẽo rogar San Beento.

(41) 2.3.57 *Acaece que* van demandar outro logar.

(42) 3.2.42 E assi se *compriu que* a profecia do bispo Paulino foi verdadeira.

Em 3.3.2.2 da Parte II indicamos os verbos que ocorrem no *corpus* com completivas subjectivas de verbo no infinitivo. Na amostra além dos verbos acima enumerados e exemplificados nos enunciados (28) a (42) ocorrem ainda *prazer* e *convĩir* que podem apresentar completivas subjectivas introduzidas por *que* ou no infinitivo:

(43) 3.8.7 *Prougue*-lhi *que* morasse consigo.

(44) 2.5.6 E portanto *conven* de todo en todo *que* se muden aqueles moesteiros.

(45) 3.17.3 *Conveo*-lhi *que* dissesse.

mas:

(46) 2.36.3 Muito me *prazeria* de *contar*.

(47) 3.2.46 Mais me *praz* de *calar* ca de *falar*.

(48) 2.1.60 Non ti *conven* de *jejunhar*.

(49) 4.9.37 Non *conven* a *fazer*.

(50) 3.26.16 Non *converria* a *leixar* as santas vidas (14).

Note-se nos exemplos (43), (44) e (45) que os verbos *prazer* e *convĩir* seguidos de completivas de *que* ocorrem sem as preposições *a* e *de;* quando, no entanto, vêm seguidos de infinitivo, a *prazer* segue-se a preposição *de* e a *convĩir* a preposição *de* ou *a*.

---

(14) Alguns desses exemplos (45, 46, 49 e 50) extrapolam a amostra, mas nos pareceram úteis para ilustrar a variação sintáctica documentada com os verbos *prazer* e *convĩir*.

Vale destacar que no *corpus* as completivas iniciadas por *que*, contrariamente ao que preconiza a norma culta actual, nunca estão precedidas das preposições próprias aos verbos que as requerem, ao contrário do que ocorre com as completivas de infinito e as introduzidas por *como* — vejam-se os exs. (16) a (23) de 2.1.3.2.1 —, em que os verbos *cuidar, falar, mostrar, temer, nembrar-se* estão seguidos de *en como* ou *de como;* são esses, verbos que podem ocorrer seguidos de *que* ou *ca* sempre sem preposição como se pode ver em exemplos já apresentados (cf. (2) de 2.1.3.2.1 e (16), (23), (26) de 2.1.3.2.2).

As completivas predicativas e nominais que são pouco frequentes em relação às subjectivas e às objectivas — das 697 completivas da amostra, apenas 5 são predicativas e 23 são nominais, enquanto há 299 subjectivas e 370 objectivas — podem estar introduzidas por subordinante ou podem ser infinitivas.

Das 5 predicativas, duas são iniciadas por subordinante e três são infinitivas:

(51) 1.1.35^2 A hũa *he ca,* se bõõ non he, correge e enmenda seu estado; a outra he *ca*, se bõõ he, homilda-se mais.

(52) 4.4.51 Natureza da alma, Pedro, *he que* se non possa veer.

(53) 2.1.9 E pera se saber guardar do contrário que *he falar* mal e desaposto.

(54) 2.5.5 Gram trabalho nos *he* de *decer* cada dia aa lagoa.

Das 23 completivas nominais apenas 6 são introduzidas por subordinantes e 17 são infinitivas. As iniciadas por subordinantes seguem-se a *aver esperança, aver cuidado, aver fe, seer certo, meter mentes:*

(55) 2.6.5 Non *ouveron esperança que* nunca o ferro podesse aver.

(56) 3.2.19 — *Ávi cuidado en como* se deve reger o reino dos vandalos.

(57) 3.4.2 ... *aviam fe que* este enfermo podia seer são.

(58) 4.1.16 E *son certos que* á hi outra vida dos anjos e das almas.

(59) 2.3.48^{2} *Meteu mentes en como* o Deus livrara da prison e *como* o trouvera sen perigoo.

Observem-se os exemplos (55), (57) e (58) em que as completivas introduzidas pelo *que* não vêm precedidas de preposição como se requer hoje, pelo menos, no dialecto culto escrito.

As nominais infinitivas seguem-se a: *aver cuidado, aver en custume, aver mester, aver prazer, aver poderio, aver razon, fazer ben,* e a *ousado, poderoso, poder* e *entendimento.*

(60) 3.2.15 E Paulino *ouve cuidado* de *lavrar* o horto.

(Confronte-se com o exemplo 56 em que *aver cuidado* ocorre com a preposicão *en* seguida de *como,* mas com a preposição *de* seguida de infinitivo).

(61) 1.4.7 E ele, porque non *avia en costume* de *fazer* tal miragre espantou-se muito daquela petiçon.

(62) 1.2.27 Nosso Senhor Jesu Cristo non *ouve mester* de *seer* primeiramente discipulo ca meestre.

(63) 1.2.24 E este non *ha mester* de *seer* primeiramente discipulo ca meestre.

(64) 2.3.68 E *avia* ainda *mester* de os *ensinar* el.

(65) 1.1.12 E esto lhi fazia o *prazer* que *avia* en *cuidar* sempre nas cousas celestiaes.

(66) 3.2.16 E *avia prazer* de *falar*.

(67) 3.2.26 E o *poderio d'atormentar* que eu avia tolheron-mh'o.

(68) 1.1.22 *Ei razon* de me *creceren* lagrimas e door.

(69) 1.1.33^2 Ca se esforça homen pera *fazer ben* en *ouvir* contar os bẽẽs ca *en cuidar* sen outra prova e sen outra certidoen en como se poderiam fazer.

(70) 1.5.69 Quen seeria *ousado de ir* ao moesteiro daquelas virgẽẽs.

(71) 3.8.16 Quen era aquel que fora *ousado d'entrar*.

(72) 2.5.11^2 Ca *poderoso* he Deus *de* vos *dar* agua e *de* vos *tolher* tan gram trabalho.

(73) 4.4.51 Assi como anda no corpo sen *poder de* se *veer*.

(74) 4.4.63 Avorrece ao *entendimento de creer* o que pelos olhos non se pode veer.

2.1.3.2.3 *Outras observações sobre as completivas*

a. Em mais de um momento neste item chamamos a atenção para o emprego nas completivas da preposição própria ao verbo ou a outro elemento que exige complementação no enunciado subordinante. Reunindo aqui as observações já referidas podemos sumarizá-las da seguinte forma: nunca ocorre a preposição antes da completiva introduzida por *que;* mais de uma preposição pode ocorrer para o mesmo elemento complementado seguido de *como,* do mesmo modo que pode deixar de ocorrer a preposição; e diante de completiva infinitiva, sempre ocorre a preposição quando é ela requerida pelo elemento do enunciado subordinante que é complementado pelo completivo.

Os dados, portanto, permitem afirmar que no *corpus* não há uma norma geral para o emprego de preposições requeridas pelo elemento complementado, antecedendo os enunciados completivos: seu emprego varia a depender da estrutura sintáctica da completiva — as infinitivas, se for o caso, apresentam-se precedidas pela preposição, as iniciadas por subordinantes podem apresentar-se precedidas de preposição se o subordinante não for *que.*

b. Huber (1933: § 476) chama a atenção para a «repetição pleonástica» *(pleonastische Wiederholung)* do *que* introdutor de completiva quando nessa vem encaixado outro enunciado. Na amostra analisada ocorrem apenas dois casos dessa natureza (¹⁵).

1.5.22 Cuidas, padre Gregorio, *que* aqueste homen tan santo Libertino, de que tantas maravilhas e vertudes contaste, *que* leixou alguen ante tantos monges que o seguisse?

2.3.35 Dixi eu primeiro, Pedro, *que* este santo homen quando se partiu dos monges de que avia cura e en cujos feitos cuidava e veo-se pera o ermo morar na cela en que primeiramente fora, *que*

(¹⁵) Esse mesmo recurso utiliza o francês antigo (MOIGNET 1976: 339).

> vẽẽra a morar consigo, porque non avia de compartir seu entendimento pelas fazendas dos outros senon pela sua.

No primeiro exemplo entre o sintagma nominal e o sintagma verbal que constituem a completiva se encaixa apenas uma relativa; no segunda, entre aqueles componentes do enunciado completivo se encaixam duas circunstanciais temporais coordenadas e quatro relativas. Neste último caso, mais que no primeiro, devido à distância entre os componentes básicos do enunciado completivo, a repetição do *que* funciona como uma chamada rememorativa para facilitar a ligação entre os componentes separados pelo hipérbaton violento.

A repetição do *que*, ao que parece por ênfase, no enunciado seguinte ocorre sem que haja encaixe de outro enunciado no completivo:

2.14.4 Foi o seu moesteiro e ante que chegasse a el mandou-lhi dizer *que* el *que* a ia veer.

Já no exemplo seguinte, em que há duas completivas coordenadas, intercaladas por outro enunciado, não se repete o segundo *que* integrante que seria de esperar:

1.6.9 E o santo homen de Deus lhi disse con gram desdenho *que* se fosse daquele corpo — e o enmiigo logo se partio dela — *e* des ali en deante nunca ouvesse posse nen poderio sobr'ela.

Esses dois exemplos extrapolam a amostra analisada, mas exemplificam estruturações possíveis de completivas, embora raras.

c. Há na amostra a ocorrência singular de uma redundância esclarecedora, expressa por uma completiva, do conteúdo de um indefinido que poderia ser considerado um anacoluto:

3.6.9-10 E porque este bispo honrado e amigo de Deus era ja mui velho, como quer que desse de si bõõ exemplo aaqueles que o queriam seguir, hũũ seu arcediagoo, desejando a seer bispo após el, trabalhou-se de o matar con poçonha e peitou *algo* aaquel que escançava o vinho ante el: *que* desse ao bispo, quando comesse, aquel vĩho que lh'el dava en que andava a poçonha.

Numa interpretação sintáctica que considere dois níveis de análise, o *algo* poderia ser considerado um elemento da estrutura subjacente aflorado na realização de superfície. Na terminologia gramatical tradicional seria esse um caso em que se classificaria a completiva como apositiva.

d. Independente desses casos excepcionais citados em *b* e *c* em que há evidentes desvios ou excepções (justificáveis por clareza ou ênfase) da norma por que se pautou o tradutor, a qual se depreende apenas a partir da análise sistemática dos dados, há inumeráveis casos de enunciados complexos em que se multiplicam sucessivas completivas sem necessidade de adoptar-se recursos excepcionais, disponíveis na língua. Essa reflexão nos ocorre em defesa racional da prosa medieval portuguesa que é muitas vezes avaliada como plena de solecismos.

Apresentamos a seguir uma série de enunciados complexos que apresentam de 5 a 14 completivas estruturadas com admirável rigor gramatical:

1.5.70 Enton *enviaron dizer* ao servo de Deus *que* aquela monja avia gram féver e que *mandava* dizer ao servo de Deus *que* lhi enviassen tan toste

Basilio, ca aquele a poderia saar de sa enfermidade.

2.3.58 E porende o mui nobre preegador don San Paulo que *cobiiçava a morrer* e *seer* con Cristo, porque Jesu Cristo era sa vida e a morte tiinha por gaanho, pois viu *que* non *podia escapar* que non sofresse muitas pesseguições en Damasco, sen gram serviço de Deus, foi-se de noite pera o muro da cidade e *feze-se deitar* de cima asconduda-mente en hũũ cesto en que legou hũa corda e saiu-se da cidade.

3.2.19 Vei *que devas a fazer* e ávi cuidado *en como* se *deve reger* o reino dos vandalos, ca por certo sabi *que* el-rei morrerá mui cedo e muito arravatadamente.

4.4.63 E pera ti trager eu, Pedro, aa demanda que primeiramente fezesti en que dezias *que* avorrece ao entendimento *de creer* o que pelos olhos do corpo non se *pode veer, deves saber que* todalas cousas que se *poden veer* nunca se veen senon por aquelas que se non *poden veer*.

4.4.53 Quando todo esto nós veemos no homen que se *pode mover* e *pode sentir*, sabemos *que* a alma anda en ele como quer que a per nossos olhos non vejamos, ca depois que se a alma parte do corpo fica o corpo cepo feito, ca non *pode sentir* nen se *mover*.

4.4.61 Ca a fe nos *faz creer* as cousas que non veemos nen aparecem a olho, *podemos dizer* ousadamente *que* aquela cousa se *deve creer* que se non *pode veer*, ca o que homen ja vee non *devemos dizer que* cree mais *que* o sabe.

4.4.56 Mais porque o senhor que todalas creaturas fez e a que todos *deven servir* non he cousa que se *possa veer* pelos olhos do corpo, e antre o senhor e aqueles que o serven, maiormente aqueles que mais chegados son a ele, *deve aver* algũa semelhança, razon *semelha que* assi como o senhor se non *pode veer* porque non ha corpo e pero non *leixa* poren de *seer* e de *viver*, assi aquelas creaturas que ele fez sen corpo, come os anjos e as almas, que, como quer que as fezesse no corpo pero non son con corpo, pois corpo non am, e pero non *leixarán* poren *de seer* e *de viver* e *de servir* a seu senhor naquelas cousas que el quiser, ca per ele an o seer e o viver.

4.4.76 Eu que primeiramente duvidando das cousas que se non *poden veer* fazia mhas razões en pessoa daqueles que non creen senon as cousas que se *poden veer*, venho ora per força das razões que me tu dissesti a *outorgar* e a *dizer que* os corpos que se *poden veer* son de pequena vertude e de pequeno valor, pois non *poden seer*, nen se *mover*, nen *sentir*, senon per aquelas cousas que se non *poden veer*, assi como per Deus e pelos anjos e pelos outros spiritos que morren con os corpos e pelas almas e *poden viver* por sempre.

2.1.3.3 Subordinadas relativas.

2.1.3.3.1 *Subordinantes de relativas*

O subordinante que introduz enunciados subordinados relativos é denominado tradicionalmente de pronome relativo. É o relativo um anafórico que se reporta a um sintagma nominal ou a um substituto pronominal de sintagma nominal explícito ou implícito em enunciado anterior, o antecedente do pronome relativo.

Nas palavras de Mattoso Câmara Jr. (1975: 114) o *que* é «o pronome relativo primário em português. Representa, historicamente, um nivelamento do nominativo *que,* masc., *quae,* fem., *quod,* neutro, e dos acusativos *quem, quam, quod* também.»

Os subordinantes pronomes relativos diferentemente dos subordinantes conjunções que introduzem circunstanciais e completivas têm uma função sintáctica no enunciado a que pertencem, além de, como os outros subordinantes, introduzirem enunciados subordinados; assim os relativos podem funcionar como sintagmas nominais sujeito, complemento de verbo, complemento de nome ou complemento circunstancial.

Analisamos as subordinadas relativas em 20 % do *corpus* (16). Nessa amostra ocorreram 788 subordinadas relativas. Dessas, 758 são introduzidas pelo *que.* Além do *que* ocorrem: *quen:* (5 vezes) e *quen quer que* (1 vez), cujo antecedente pode estar implícito no discurso e traz sempre o traço semântico humano; *qual* (1 vez) e *quaes* (3 vezes) (17); *cujo (cujos, cuja, cujas)* que ocorre seis vezes na amostra e representa um sintagma nominal com valor semântico de posse. Além desses consideramos as ocorrências dos relativos locativos *hu* (7 vezes), *hu quer que* (3 vezes), *onde* (1 vez), do relativo modal *como* (1 vez) e do relativo de quantidade *quanto* (3 vezes).

---

(16) Essa amostra de 20 % corresponde a 48 páginas do texto distribuídas pelos *Quatro Livros dos Diálogos.* Consideramos aqui não as 12 primeiras páginas de cada *Livro,* como o fizemos para a análise das completivas, mas as 12 páginas subsequentes às 12 primeiras; essas últimas levamos em consideração para controle dos dados da amostra seleccionada e, eventualmente, faremos menção a exemplos delas retirados com o fim de enriquecer a informação sobre as relativas no *corpus*

(17) Note-se que na amostra, e também no *corpus* total, não ocorrem as chamadas formas desenvolvidas do relativo *que* — *o qual, a qual, os quais, as quais* — em que o relativo está precedido do artigo que flexiona de acordo com o antecedente nominal a que se refere.

Seguem-se ocorrências de subordinadas relativas iniciadas pelos relativos pouco frequentes em relação ao *que*.

Quen e *quen quer que:*

Nas 5 ocorrências de *quen* o seu antecedente não está expresso. Em contextos desse tipo é que Said Ali (1964: 109-110) denomina *quem* de relativo indefinido equivalente a «alguém que».

1.10.11 Muito fezesti boa demanda, porque me demandasti que coraçon avia se sobervioso se homildoso *quen* tantas vertudes fazia.

2.16.13 *Quen* se achega a Nosso Senhor hũũ spiritu he con el.

4.17.13 En quam alto monte de vertudes siia *quen* tan pouco dava por perder.

1.12.5 Per culpa ja de *quen* foi, acendeu-se o fogo.

1.10.9 Gram maravilha he aquesta que ouço, pero queria saber que homildade ouve dentro na sa alma de *quen* tanta vertude fora aos homens demonstrava.

Quen quer que, como *quen,* não tem um antecedente explícito; tem, portanto, também carácter indefinido e nas palavras de Said Ali (1964: e 110) é «expressão ampliativa do mesmo pronome *quem*».

3.15.54 Pera tanto era a lediça que avia *quen quer que* o visse cada dia.

Qual e *quaes:*

4.13.21 E depós este gram sabor e de tan gram prazer *qual* non poderia recudir de nen hũa cousa temporal.

4.14.10 E começou a dizer con grandes braados *quaaes* os ela ja podia dar.

Note-se nessas duas ocorrências que, de acordo com o uso actual, esperar-se-ia como mais provável no primeiro exemplo *o qual* e no segundo *os quais;* no entanto, como vimos, não ocorrem as chamadas formas desenvolvidas do relativo. Nesses exemplos o antecedente é [– animado]; na ocorrência seguinte o antecedente não está explícito, mas se pode subentender o pronome *aqueles* referente a nome que traz o traço [+ humano];

4.13.26 ... departian pelas vozes dos que cantavan *quaes* eran os homens e *quaes* eran as molheres.

Por esses dados se depreende que enquanto *quem* se reporta sempre a nome cujo referente é [+ humano], *qual/quaes* pode reportar-se a nomes desse tipo e também a nomes que tenham referente [– animado] portanto [– humano].

Cujo, cuja:

O relativo *cujo* nos exemplos seguintes antecede um nome e concorda com ele em género e número; está, portanto, na posição de um adjectivo epíteto (cf. Parte I, 5.1) e exerce a função de complemento adnominal de posse, representando no enunciado relativo o «possuidor» expresso por sintagma nominal no enunciado anterior.

1.7.3 — Tu que non ás nen hũas ordĩis sagradas, nem ás lecença do papa sô *cuja* mercee e sô *cujo* poderio ouves, como ousas a preegar e propoer a paravoa de Deus?

(cuja mercee/cujo poderio ←→ mercee/poderio do papa).

3.15.20 E o nome do santo homen por *cujo* rogo o enmiigo devia sair do corpo en que entrara.
(cujo rogo ←→ rogo do santo homen)

3.14.4 Homen de mui santa vida *cujo* criado eu fui.

(cuja criado ←→ criado do homem)

4.10.11 E o padre e os físicos veeran muit'agĩha, mais o bispo que leixaran enfermo, acharan-no ja morto ca aqueles o levaran consigo *cuja* vista o menĩho non pode sofrer.

(cuja vista ←→ vista daqueles)

4.17.17 E per esto se dava a entender abertamente que vertude e que poderio aquele que aquela alma recebera *cuja* saida do corpo nen hũũ homen non podia sofrer.

(cuja saida ←→ saida daquela alma)

Nos exemplos seguintes que extrapolam a amostra se documenta uma estrutura relativa em que *cujo* se apresenta em enunciados com o verbo cópula *ser* e em que funciona como sintagma nominal predicativo com valor semântico de posse (cf. Parte II, 1.3.2.3.1.b):

1.2.11 E o nobre Venancio *cuja* era a vila.

(←→ A vila era do nobre Venancio)

3.16.66 Daquel *cuja* fora aquela saia.

(←→ Aquela saia fora daquele)

1.4.24 Per vertude do profeta Elias *cujo* fora o manto.

(←→ O manto fora do profeta Elias).

Nessa estrutura *cujo* não está na posição de adjectivo epíteto, elemento portanto do sintagma nominal, como nos exemplos anteriores, mas é elemento do sintagma verbal cujo núcleo é a cópula *ser*. Também nessa estrutura concorda em género e número com os constituintes do sintagma nominal a que está ligado pela cópula.

A propósito desse uso de *cujo,* que veio a desaparecer no curso da história da língua, veja-se J.J. Nunes (1960: 259-260). Note-se que Said Ali (1964: 106) e E. Williams (1961: 46) não mencionam essa estrutura típica do português arcaico; J. Huber (1933: § 347.4) não distingue as duas estruturas que descrevemos, embora apresente exemplos de ambas: «A melhor... de *cujo loor* non se pode per dizer acabar» e «A cadela *cuja* era a casa».

A segunda estrutura de que tratamos, em que *cujo* é complemento do verbo cópula, também está documentada em enunciados interrogativos directos e indirectos (cf. Parte III, 2.1.4.1 e 2.1.4.2b), por exemplo:

4.29.12 *Cuja* he esta fugueira?

2.37.10 *Preguntou* aaqueles que esta carreira viiam *cuja* era aquela carreira.

Também está documentada a estrutura em causa em enunciados completivos, mas dela não tratamos em 2.1.3.2 porque não ocorreu na amostra analisada para as completivas e é rara no *corpus;* atestamos a seguinte ocorrência:

4.33.20 Vira muitos velhos e muitos mancebos e muitos meniħos e muitas meniħas trager tegelos d'ouro pera fazer aquela casa que el vira no outro mundo como quer que non *soubesse cuja* devia seer.

Hu, hu quer que e *onde:*

A propósito das estruturas em que ocorrem *hu* e *onde,* inclusive as relativas, veja-se Parte I, 4.2.2 em que analisamos os substitutos locativos no *corpus.* Aqui arrolamos as ocorrências desses locativos documentadas na amostra:

1.12.6 Levaron-no pera aquel logar *hu* ardia a cidade.

1.13.12 Foi-se de noite pera aquel logar *hu* estava o penedo.

2.12.14 Eles non farian des ali adeante nen hũa maldade ali *hu* el non fosse presente.

2.13.22 Pois foi presente per alma e non ali *hu* o seu discipulo estava.

3.12.26 Veo logo aaquel logar *hu* o santo bispo soterraron.

3.16.8 Preto daquel logar *hu* estes dous homens bõõs vivian.

4.13.12 O meestre que os fez ali *hu* entende que faz mester.

Para usar a expressão de Said Ali (1964: 110) *hu quer que* pode ser considerado um relativo locativo «indefinido ampliativo», de estruturação simétrica à de *quen quer que,* refere-se a um lugar indefinido e genérico:

1.7.3 Como ousas a preegar e propoer a paravoa de Deus *hu quer que* vaas, pois lecença do papa non has, nen recebisti nen hũa orden sagrada en que possas a fazer!

1.12.4 Tiinha os nérvios dos pees encolheitos dũa enfermidade que dizen «podagra» en latin, non podia andar e os seus homens o levavan *hu quer que* queria ir en sas mããos.

3.15.29 ... andava seguro *hu quer que* ia.

Onde ocorre uma única vez na amostra e, como é comum no *corpus,* com valor de «de onde», cf. Parte I, 4.2.2.3 em que analisamos outros valores de *onde.*

3.12.6 E era oito milhas da cidade *onde* o bispo avia de vĩĩr, que fazen quatro leguas.

Embora na amostra analisada para as relativas *hu* e *onde* não ocorram com valor temporal há no *corpus* uma ocorrência de *hu* e duas de *onde* referindo-se não a lugar mas antes a tempo (cf. Parte I, 4.2.2.2 e 4.2.2.3):

1.2.20 Ca, como quer que aqueles que ordĩava vida fazen non queiran seer meestres *hu* primeiramente non foron discipulos.

4.8.8. Acaecer-lhes-ia que *onde* homen cuidava que a culpa menguasse, ende creceria e faria-se maior.

3.5.11 E era gram maravilha ca *onde* huum avia mal, ende os outros todos avian peior.

Note-se que nas ocorrências de *hu* e *onde* com valor temporal não há antecedente explícito como ocorre nos exemplos em que *hu* e *onde* são locativos. Para admiti-los como relativos, temos de aceitar um sintagma nominal implícito com valor semântico de tempo que seja seu antecedente.

Como:

Na amostra há uma ocorrência de *como* que pode ser analisado como relativo, referindo-se ao sintagma nominal que tem por núcleo o nome «maneira».

2.8.58 Vejamos as lides novas que o santo homen ouve con o enmiigo e a maneira *como* o venceu.

Quanto:

Denominamos *quanto* de relativo de quantidade por associação aos relativos que chamamos de locativos e modais. Ocorre três vezes na amostra e tem como antecedente *todo* e *tanta gente:*

1.8.58 Todo he verdade *quanto* dizes.

1.13.8 Todo lh'era prazer *quanto* lhi o abade fazia.

2.9.4 O enmiigo per si siia na pedra que non podian mover tanta gente *quanta* se ali ajuntara.

O *que* relativo:

Como já vimos, *que* é o relativo mais usual no *corpus,* só não ocorre em 30 dos 788 enunciados relativos analisados. Pode referir-se a antecedente nominal [+ humano] ou [+ animado − humano] ou [− animado]. A depender da função sintáctica que exerça no enunciado pode vir ou não precedido de preposição.

Se o *que* equivale ao sintagma nominal sujeito ou ao sintagma nominal complemento directo não ocorre precedido de preposição.

— Equivalente a SN sujeito:

1.6.1 Da virgen *que* mordeu a alfaça.

1.6.2 Hũa sergente de Deus *que* vivia no moesteiro.

1.6.4 O enmiigo *que* entrara na monja.

— Equivalente a SN complemento directo:

1.7.13^2 — Pedro, a boa obra *que* o homen faz nasce do don do Spiritu Santo *que* Deus ao homen dá.

1.7.15 Vertudes naturaes *que* no homen ha.

Precedido de preposição:

— Equivalente a SN complemento verbal preposicionado:

A preposição que antecede o relativo, neste caso, é aquela requerida pelo verbo núcleo do sintagma verbal do enunciado relativo:

1.7.16 Acrecenta Deus a sa graça e os seus dões porque usou dela ben aquel *a que* a dera.

1.8.4 — Que homen he este, senhor, tan enato e sen apostura nen hũa *de que* dizen que ousa a preegar a todolos poboos sen letradura nen hũa?

1.11.7 Non podia creer que aquel homen tan pequeno fosse Constancio *de que* el tan grandes cousas ouve.

2.10.5 E por esso deitou-se logo en oraçon e chamou aqueles frades *a que* semelhara que a cozinha ardia.

2.15.16 Discipulo do bispo *de que* falamos.

3.16.35 Pela palavra *de que* non recebe proveito.

— Equivalente a SN complemento nominal:

1.8.36 Vio hũa vison de noite *de que* ficara muito espantado.

— Equivalente a SN complemento circunstancial:

A preposição que antecede o relativo é a requerida pela relação expressa no sintagma circunstancial (cf. Parte III, 1.4.2.2.1):

— Situação:

1.7.23 Per si meesmo levava os livros santos *en que* estudava.

1.10.4 Eigreja *en que* servia hũũ homen de santa vida.

2.8.44 Hũũ templo mui velho do tempo antigo dos gentiis *en que* avia hũũ idolo.

(Note-se que *en que* equivale ao *hu*, relativo locativo, atrás analisado).

— Direcção:

2.8.52 — Con sa boca aberta *de que* saian grandes fogueiras.

— Percurso espacial:

3.11.11 Corren per aqueles logares *per que* soia en que non fazia dano.

Percurso nocional — meio:

1.7.19 Muitas santas paravoas *per que* acendia os corações.

2.8.33 Deu tanta graça *per que* podesse comprir os corações de todos aqueles que foron escolheitos pera a gloria do paraiso.

Percurso nocional — causa:

3.16.24 Enfermidade que chaman elefante *per que* lhis apodrecian todolos nembros.

Confronto:

3.15.62 Pero guardou-lhis per muito tempo os filisteus e os cananeus *contra que* lidassen.

Os dois exemplos seguintes ilustram enunciados complexos em que ocorrem relativas iniciadas por *que*, precedido ou não de preposição, desempenhando funções sintácticas várias:

1.9.7 Esto, Pedro, *que* [*compl. dir.*] ti eu ora quero cantar, aprendi-o dũũ homen muito honrado *a que* [compl. verbal prep.] dezian Fortunado, *con que* [comp. circ.] eu avia gram prazer per razon da idade *que* [compl. dir.] avia e per razon das obras *que* [comp. dir.] fazia e per razon da simplicidade *en que* [comp. circ.] vivia.

2.16.3 E o seu bispo daquela eigreja, *que* [sujeito] avia nome Constancio, feze-o trager per todalas eigrejas dos martires *que* [sujeito] eran en seu bispado pera ganhar saude daquel mal *que* [compl. dir.] avia, mais os santos martires non lhi quiseron dar este don desta saude *que* [compl. dir.] lhis el demandara, ca o leixavan a San Beento pera entender todo mundo quanta era a graça *que* [compl. dir.] Deus en este santo posera.

O *que* pode ter uma antecedente pronominal, substituto de um sintagma nominal, que pode trazer o traço [+ humano] ou [+ animado − humano] ou [− animado]. Por exemplo:

2.16.37 E todos *aqueles que* o seguen devotadamente son juntos con el per devoçon, mais *aqueles que* en pecado mortal viven son partidos de Deus.

2.16.18 E pero semelha cousa mui sen razon de non saber homen o entendimento *daquel con que* he hũa cousa.

3.16.17 E porque o enmiigo antigo per *aquelo per que* os bõõs soen a viir aa gloria do paraiso...

1.2.5 Muitas vegadas cuidei en *esso que* mh'ora dissesti.

2.8.51 E *os que* hi estavan ouvian os seus padres.

1.8.50 Que te maravilha, Pedro, ca ligeiramente *os que* homens somos ficamos enganados?

3.16.31 Grave culpa he *a que* parte o homen do reino de Deus.

Muito frequente é a estrutura em que o relativo está precedido do pronome *o* «forma substantiva neutra correspondente na série *o, a, os, as* a *aquilo* na série de *aquele*. É um relativo neutro, só referente ao mundo das 'coisas'». (MATTOSO CÂMARA Jr. 1975: 115). Por exemplo:

1.8.54 Non fazemos *o que* devemos.

2.8.13 Non podia comprir *o que* lhi mandara.

2.16.34 Non pareceu verdade *o que* escreveu o apostolo.

3.15.46 E o seu discipolo fez *o que* lhi mandaron.

4.9.3 — Non me calarei mais *o que* mi contou o abade don Stevan.

2.1.3.3.2 *Distância entre a relativa e seu antecedente.*

Em geral a subordinada relativa segue imediatamente o seu antecedente, como se pode ver na maioria das passagens anteriormente apresentadas. Segue-se mais uma:

1.7.19 Se queres tu mais saber da *obra que* el fazia, pois a sa vida límpia concorda con *aquelo que* preegava, ca tanto era o amor de Deus no seu coraçon pera lhis apanhar as *almas que* andavan deserradas trage-las aa carreira da verdade que, como quer que fosse abade de muitos moesteiros, andava per muitas cidades e per muitas vilas e per muitos castelos e pelas ruas e pelas eigrejas e pelas casas dos homens, dizendo muitas santas *paravoas per que* acendia os corações dos homens pera o amor da terra celestia.

É frequente também, entre o núcleo do sintagma nominal a que se refere o relativo e o relativo, ocorrerem adjuntos adnominais representados por adjectivos ou por sintagmas nominais qualificadores, que pertencem ao sintagma nominal a que se refere o relativo. Por exemplo:

1.8.26 *Hávito* vil e ávol *que* tragia.

1.13.4^2 Foi *monge* velho *que* tu ben conhocisti.

1.6.2 Hũa *sergente* de Deus *que* vivia no moesteiro.

1.7.2 Hũũ nobre *homen* da provincia de Nursia *que* avia nome Fiiz.

1.4.1 *Pedaços* da lampada do vidro *que* lhi caera.

1.14.2 *Lampadas* do vidro *que* estavan na eigreja.

2.13.13 *A pousada* da molher *en que* entraron.

3.12.26 Hũũ *duc* dos lombardos mui cruevil *que* avia nome Gumar.

2.16.29 Á hi *altidoen* das requezas da sabença e do conhocimento de Deus *que* van ascondudas.

Quando o antecedente não é o último constituinte do enunciado, em geral a(s) relativas(s) se encaixa(m) seguindo o seu antecedente, intercalando-se assim no enunciado matriz:

3.12.12 Daqueste miragre / *que* enton acaeceu / diz San Gregorio que ainda muitos viven.

1.8.9^2 E por esso disse ao seu messejeiro, / *que* avia nome Juiãão, *que* foi depois bispo na eigreja de Sabina / que o trouvesse.

2.14.10^2 E enton aquele / *que* era guarda del-rei, *a que* dezian Rigo / caeu logo muito agĩha en terra.

4.13.7 Hũa avia nome Romola e a outra / *que* ainda he viva, *que* conhosco per face / non sei como xi ha nome.

Menos comum é a relativa encaixar-se depois de expresso todo o enunciado matriz, distanciando-se assim do seu antecedente:

4.10.11 Acharon-no ja morto, ca *aqueles* o levaron consigo / *cuja vista* o menĩho non pode sofrer.

2.16.40 E por esso diss'el que *aqueles juizos* de Deus pronunciara el / *que* saíran ja da sa boca.

De acordo com o uso mais comum no *corpus* esses dois últimos exemplos ocorreriam da seguinte forma, colocando-se o antecedente como último constituinte do enunciado a que pertence:

«Acharon-no ja morto, ca o levaron consigo *aqueles cuja* vista o menĩho non pôde sofrer».

«E por esso diss'el que pronunciara el *aqueles juizos* de Deus *que* saíran ja da sa boca».

Outra possibilidade, de acordo com uso também frequente no *corpus,* seria intercalar a relativa no enunciado matriz:

«Acharon-no ja morto, ca *aqueles* / cuja vista o menĩho non pôde sofrer / o levaron consigo».

«E por esso diss'el que *aqueles juizos* de Deus / *que* saíran ja da sa boca / pronunciara el».

Os dois exemplos seguintes extrapolam a amostra mas ilustram esse uso pouco frequente em que a relativa só ocorre depois de concluído o enunciado matriz:

1.5.76 E o padre achou por verdade depois que *naquela hora* o seu filho ficara sen a féver *en que* lhi o nosso Salvador e nosso meestre Jesu Cristo dissera que era são.

4.6.7 E soube logo por certo que *en aquela hora* morrera *en que* el vira estando longe dele que lhi saíra a alma do corpo.

Mais de uma subordinada relativa pode seguir um mesmo antecedente, conectadas ou não pelo *e,* estando obrigatoriamente presente o pronome relativo apenas na primeira:

— Duas relativas coordenadas assindéticas:

1.8.9[2] E por esso disse ao seu *messejeiro que* avia nome Juiãão, *que* foi depois bispo na eigreja de Sabina, que o trouvesse.

1.13.4[2] Foi *monge* velho *que* tu ben conhocisti *a que* chaman Laurio.

2.8.5 O *ben que* os outros fazen *que* eles non queren fazer.

3.10.9 Todalas *cousas per que* se mantiinhan *que* tiinhan semeadas.

3.11.5 *O rio que* dizen Pado *que* corria pela cidade.

3.11.15 Deven a aver gram vergonha *os homẽẽs que* Deus fez con razon e con entendimento *que* son desobedientes aos mandados de Deus.

— Duas relativas coordenadas sindéticas:

1.10.15 Pois mi tu contasti, padre, tan gram miragre *que* el fez *e que* foi tan apregoado.

— Duas relativas sindéticas, com elipse do segundo pronome relativo:

1.8.10[2] Achou monges antigos *que* siiam leendo *e* screvendo.

— Três relativas duas coordenadas assindéticas seguidas de uma sindética:

4.12.9 E o monge *que* foi a todo esto presente, *que* ainda vivo he e *que* mi esto sol a contar.

— Três relativas, as duas primeiras sindéticas, havendo elipse do segundo relativo, seguidas de outra assindética:

2.14.6 Fez trager tres escudeiros *que* con el sempre andaron *e* ian ante el *a que* dezian Vult, Ruderique e Bliidin.

— Três relativas, as duas primeiras assindéticas, havendo elipse do terceiro pronome relativo:

3.12.64 Mandou logo que lho trouvessen a hũũ logar *en que* ele ia con toda sa hoste *que* avia nome Gerulo e era oito milhas da cidade.

Esses exemplos ilustram a variação na estruturação de enunciados complexos em que mais de uma relativa se reporta a um mesmo antecedente.

2.1.3.3.3 *Relativas reduzidas*

Ao contrário do que ocorre com as completivas e com as circunstanciais, não são frequentes enunciados reduzidos que se possam analisar como subordinadas relativas.

a. Na amostra documentamos os dois enunciados seguintes, com verbo no gerúndio, que podem ser interpretados como subordinadas relativas, mas também podem ser interpretados como circunstanciais: o primeiro como temporal e o segundo como causal.

2.13.4 E hũũ dia *viindo* el ao moesteiro de San Beento veer seu irmãão ajuntou-se a el no caminho hũũ companheiro.

(Viindo ←→ «em que vinha» ou «quando vinha»)

3.14.4 Homen mui de santa vida cujo criado eu fui e *vivendo* en religion fezeron-no bispo.

(vivendo ←→ «que vivia» ou «porque vivia»)

Em ambos os casos o códice, como era de esperar, não apresenta vírgulas; se entre vírgulas, a interpretação mais adequada para os enunciados de gerúndio seria a de circunstanciais e não de relativas.

b. Ocorre na amostra:

3.16.11 Achou ant'a porta *estar* hũũ usso.

Interpretando-se o enunciado como «Achou hũũ usso que estava ant'a porta» se poderá considerar «estar ant'a porta» como uma relativa.

Extrapolando a amostra analisada para as relativas encontramos com certa frequência enunciados semelhantes a esse último que podem ser interpretados como relativas reduzidas com verbo no infinitivo.

Por exemplo:

1.2.41 E tornaron-se muit'agĩha e acharon-no *jazer* en sa oraçon.

1.5.31 Achou hũa serpente *andar* pelo horto.

1.5.36 E achô-o *jazer* dependorado pelo pee dũũ paao.

2.1.51 Achoou-o *jazer* en hũa cova.

2.1.63 Acharon-no *jazer* muitas vezes ascondudo en sa cova.

2.4.16 Achou aquel monge *andar* devaneando.

2.5.12 E eles foron acima do monte e acharon ja *suar* o penedo.

Note-se que *achar* equivale no *corpus* a «encontrar» (forma esta não documentada), e não a *cuidar*, signicando «pensar» (também não documentada). Se assim fora, o enunciado com o verbo no infinitivo poderia ser interpretado como uma subordinada completiva reduzida.

c. Ocorre na amostra o enunciado:

1.6.2 Hũa sergente de Deus que vivia no moesteiro daquelas virgẽẽs *de suso dito* que ele avia de veer entrou na horta.

O enunciado grifado pode ser interpretado como uma relativa reduzida com verbo no particípio passado, equivalendo a «de que se disse suso». Pelo menos mais uma vez ocorre essa estrutura com verbo no particípio passado no *corpus:*

2.23.17 Palavras *de suso ditas* (←→ Palavras de que se disse suso).

É frequente no *corpus* a estrutura relativa agora discutida com verbo em forma finita: «de que suso falamos», «de que suso falei», «de que suso fiz mençon» (cf. Parte I, 4.2.3.2.1).

Os casos estudados em *a, b* e *c* deste item nos pareceram os únicos da amostra, que se poderiam interpretar como subordinadas relativas reduzidas.

2.1.4 Estruturas interrogativas

Optamos por analisar as estruturas interrogativas depois das completivas e relativas para estabelecer entre estas e aquelas as relações semânticas existentes nessas três formas de expressão.

2.1.4.1 A interrogação indirecta.

A interrogação indirecta do ponto de vista sintáctico em nada se distingue das subordinadas completivas que funcionam como complemento directo. São, de certo modo, um sub-conjunto delas caracterizado pela dependência de verbos de valor semântico específico, nas palavras de Said Ali, «denotador de desconhecimento ou desejo de ser informado, enunciando-se sob a forma de subordinada, iniciada por partícula dubitativa ou expressão interrogativa, aquilo sobre que se deseja ter informação ou conhecimento» (1964: 274).

Exemplos de interrogativas indirectas são os de número 6, 7, 8, 9, 10 e 24 apresentados anteriormente no estudo das completivas (cf. 2.1.3.2.1). Os cinco primeiros introduzidos pelo *se*, o último por *por que;* também os exemplos 1, 6 e 8 de 2.1.3.2.2, esses introduzidos pelo *que*. Na amostra analisada para as completivas não ocorreram interrogativas introduzidas por *qual* e *cujo* que também são documentadas no *corpus*.

1.8.13 Perguntou *qual* deles era o abade.

3.37.7 Preguntou aaqueles que esta carreira viiam *cuja* era aquela carreira ou *quen* avia d'ir per ela.

Tanto Said Ali (1964: 274) como Epiphanio Dias (1959: 265) se referem a uma «construção antiga segundo a qual a *perguntar* e a *dizer* com a acepção de «perguntar» se seguia a conjunção *que*, mencionando-se depois a subordinada iniciada por expressão interrogativa» (cf. SAID ALI 1964: 274). Esse tipo de construção não ocorreu na amostra analisada das completivas, aí incluídas as interrogativas indirectas, mas sim a passagem seguinte em que ao verbo *perguntar* se segue a conjunção *que* seguida do enunciado completo a ele somando-se a outra «subordinada iniciada por expressão interrogativa»:

3.2.27 Preguntôo-u *que* lhi dissesse *que* homen era.

Segundo o uso mais normal no *corpus* esse enunciado poderia ser expresso por: «Preguntoo-u que homem era».

Pode-se afirmar que no *corpus* é excepcional essa construção redundante, mas sem dúvida é esse tipo de estrutura que está na base da «construção antiga» (¹⁸) mencionada por Said Ali e Epiphanio Dias.

2.1.4.2 A interrogação directa.

a. A interrogação directa, em um texto escrito, pode estar indicada apenas pelo sinal gráfico convencionado para marcar que se trata de uma formulação interrogativa. Entre os poucos sinais de pontuação indicados no *corpus* está o de interrogação que, portanto, na *Leitura Crítica* d'*A mais antiga versão portuguesa dos Diálogos* (MATTOS E SILVA 1971: vol. II) não é de responsabilidade do editor. Essa marca gráfica indica ao leitor uma entonação própria à expressão de uma pergunta e dá ao enunciado o valor interrogativo.

No *Livro Primeiro* dos *Diálogos* há pelo menos oito ocorrências de interrogação directa indicada apenas pelo sinal de interrogação. Não parece ser obrigatória uma ordem específica para os constituintes do enunciado interrogativo já que o sujeito pode ocorrer tanto antes como depois do verbo, como pode estar apenas indicado no morfema número-pessoal da forma verbal (cf. 2.2.3).

1.8.41 — Eu non ti dixi onten que se nós logo non fossemos hoje non nos poderiamos ir?

(¹⁸) Exemplo dessa construção retirado de Said Ali (1964: 274): «Perguntou-lhe ... que como trazia armas» (Barros, Déc. 2, 10. 5). Note-se que nenhum dos exemplos apresentados por Said Ali é de documento anterior ao século XVI.

1.4.16 Diremos nós ora, padre, que aqueste miragre foi feito pelos merecimentos do abade santo don Onrado ou pela oraçon deste monge Libertino que foi seu discipulo?

1.2.17 — Cuidas, padre, que este homen ouve algũũ meestre que o ensinasse?

1.5.22 — Cuidas, padre Gregorio, que aqueste homen leixou alguén que o seguisse en fazer vertudes e maravilhas assi como el fazia?

1.28.22 — E non ouves o rogo que ti fez teu padre espiritual?

1.1.8 — Acaeceu, padre, ja algũa cousa nova por que choras mais que sooes?

1.23.5 — Praz a ti, senhor, que da criança de mha madre nunca eu possa comer?

1.16.38 — Queres, Pedro, que ti contes quegendos foron algũũs que moravan en terra de Toscana e quam chegados foran a Deus?

Nesse último exemplo ocorre introduzindo a completiva requerida pelo verbo *contar* a forma *quegendos* que não incluímos entre os introdutores pouco frequentes de completivas (cf. 2.1.3.2.1). Essa forma ocorre mais uma vez no *corpus:*

3.37.29 Óuvi e aprende *quegendo* foi per vertude de Deus dentro en sa alma.

Ambas as ocorrências extrapolam a amostra analisada para as completivas e em ambas *quegendo* não está na posição de um interrogativo, nem de interrogação directa, mas como um subordinante integrante. Essa forma que não foi muito frequente na fase antiga da língua, veio a desaparecer depois. Segundo Nunes (1960: 260), que o documenta entre os relativos e interrogativos, «era tido por interrogativo, mas passou a uso restrito» Ele o considera proveniente de «*qui (d) genitu-*, o qual se referia às propriedades existentes nas pessoas ou cousas». Williams (1961: § 146) não o inclui entre os relativos e interrogativos, nem o documenta na sua obra; já Huber (1933: § 347) inclui «quejando» e «quejendo» entre os interrogativos, mas o exemplifica em um enunciado apenas completivo: «Cedo mi per fez saber *quejandas* noites faz aver Amor a quen el preso ten», exemplo tirado do *Cancioneiro da Ajuda*. É muito provável, embora não documentado no *corpus*, nem em Nunes, Williams e Huber que *quegendo*, da mesma forma que *que*, *qual*, *quen*, *cujo*, *como*, *quanto*, *hu*, *onde* pudesse introduzir não só completivas como interrogativas indirectas, directas e também relativas.

b. A interrogativa directa pode ainda ser expressa por um enunciado que se inicie por qualquer um dos elementos que introduzem estruturas relativas e que são aqueles acima enumerados também como introdutores de completivas quer interrogativas indirectas quer não, requeridas pelo verbo do enunciado matriz.

Define esses elementos como relativos ou como interrogativos o facto de os relativos substituírem um sintagma nominal antes expresso enquanto os interrogativos antecipam sobre um sintagma nominal, permitindo, como também os relativos, a construção de uma frase. B. Pottier (1968: 89) caracteriza os interrogativos como uma busca do identificado a partir de um infinito de possibilidades e os relativos, opostamente, partem do identificado (o antecedente) para a generalização.

Dos introdutores de interrogativas directas é o *que* o mais frequente, como o foi nas completivas e nas relativas. Em 20 % do *corpus* (19) há 17 ocorrências de interrogativas directas iniciadas pelo *que* precedido ou não de preposição, 5 ocorrências de *quen*, uma ocorrência de *hu* e outra de *como*.

Por exemplo:

1.6.5[2] — *Que* he o que eu figi? *Que* he o que eu figi?

4.11.15[2] — *Que* he meu Senhor? *Que* he?

4.17.12 — Ca a min, *que* me acaeceu?

1.6.6[2] — *En que* sõõ eu culpado? *En que* soon eu culpado?

2.12.11 — *Por que* mentides ora assim?

2.16.12-13 — *Por que* non saberia as puridades de Deus, Pedro, quen guardava compridamente os seus mandados?

2.16.15-16 — *Quen* soube o siso ou entendimento de Nosso Senhor ou *quen* foi seu conselheiro?

2.16.22 — *Quen* sabe as cousas que no homen son senon o seu spiritu que en ele he?

3.14.21 — *Quen* se non maravilha de tantas maravilhas?

2.12.7 — *Hu* comestes?

1.7.3 — *Como* ousas a preegar e propoer a paravoa de Deus hu quer que vaas?

---

(19) A amostra utilizada para as interrogativas directas é a mesma que utilizamos para as relativas, cf. nota 16.

Ocorrem ainda no *corpus,* mas fora da amostra, como introdutor de interrogação directa: *cujo, onde* e *qual* que pode vir precedido ou não de preposição.

4.29.12 *Cuja* he esta fugueira?

2.3.32 Se el ante consigo non era, *onde* tornou a si senon porque ante cuidando os feitos alheos non era consigo?

2.3.56 Pera *qual* deles guardar estaria con eles pois todos maos eran?

Desses introdutores de interrogação directa *que* e *qual* «são de emprego quer substantivo quer adjectivo» (MATTOSO CÂMARA Jr. 1975: 114). Nos exemplos acima *que* e *qual* estão em «emprego substantivo», nos seguintes em «emprego adjectivo»:

1.8.4 — *Que homen* he este, senhor, tan enato e sen apostura?

1.8.54 — *Que maravilha têês,* Pedro, que he se nós, que profetas non somos, per testemoîho de muitos mentireiros non fazemos o que devemos?

2.13.13 — Ves, amigo, *que boa agua* e *que bõõ prado* e *que saboroso logar* he aqueste en que podemos comer e folgar?

2.20.3 — Quen he este a que eu tenho a candea deante quando come ou filho de *qual pai* é ele que lho eu deva a teer, e quen sõõ eu que tal homen come este deve a servir?

2.1.5 **Observações finais.**

No quadro seguinte pomos em destaque o facto estrutural de serem quase sempre os mesmos os introdutores de enunciados completivos, quer interrogativos indirectos quer não, relativos e interrogativos directos. O contexto sintáctico-semântico em que se apresentam esses elementos faz com que os analisemos ora como introdutores de completivas ora de relativas ou de interrogativas indirectas ou directas.

estruturas introdutores	completivas (inclusive interrogativas indirectas)	relativas	interrogativas directas
que	+	+	+
~ca	+	–	–
qual	+	+	+
quen	+	+	+
cujo	+	+	+
como	+		+
quejendo	+	–	–
hu	+	+	+
onde	–	+	+
quanto	+	+	–
se	+	–	–

Se o *corpus* sob análise fosse mais extenso provavelmente apareceriam ocorrências de *quanto* em interrogativas directas, de *onde* em completivas e, possivelmente, *quegendo* em relativas e interrogativas directas. *Ca,* que não ocorre nas relativas e interrogativas, é uma variante formal, pouco frequente, do *que* integrante. Foge ao esquema geral o *se* introdutor de completivas e que por sua forma e seu significado se associa antes ao *se* de subordinadas circunstanciais condicionais, mas dessas se distingue por ocorrer em contexto sintáctico de outra natureza, como vimos.

Se se admitir que na base de uma interrogação directa está uma interrogação indirecta, as interrogativas no geral seriam um tipo de completivas requerido por verbo com traço semântico [+ interrogação]; e se o interrogativo se relaciona sintáctica e semanticamente ao relativo por representar um sintagma nominal sobre que se inquire na interrogativa e que se repete na relativa, por já estar explícito ou implícito antes, se pode admitir que as subordinadas completivas, relativas e interrogativas no seu todo formam um conjunto, no total da subordinação, que exclui as circunstanciais. Como indicamos em 2.1.1, em 2.1.3 é difícil também traçar o limite entre coordenadas, excluídas as aditivas e disjuntivas, e as subordinadas circunstanciais (essa dificuldade fica muito clara, por exemplo, na análise das chamadas explicativas e causais, das adversativas e concessivas, cf. 2.1.3.1.3).

Diante desses factos temos que afirmar que a classificação adoptada no item 2.1 é um recorte metodológico que nos pareceu útil para descrever os factos documentados no *corpus*.

2.1.6 Sobre a ocorrência de coordenadas e subordinadas

Para finalizar as observações feitas sobre a coordenação e a subordinação no *corpus* segue-se uma informação a propósito da ocorrência dessas estruturas. Como se pode ver no decorrer dos itens dedicados às formas de coordenação e de subordinação, os dados numéricos apresentados não se prestam a uma avaliação de conjunto: a) em certos casos consideramos o número de ocorrência em todo o *corpus* (quando o introdutor do enunciado é uma forma típica do português arcaico e depois veio a desaparecer); b) em outros, consideramos as ocorrências nos dois primeiros *Livros dos Diálogos* (quando o introdutor não é uma forma típica do português arcaico); c) no caso das completivas, das relativas, das interrogativas e das subordinadas reduzidas examinamos sempre 20 % do *corpus* distribuídos pelos *Quatro Livros*. Essa diversidade de critérios está explícita ou no desenvolvimento da análise ou em nota e decorre de termos utilizado dados da listagem mecanográfica inicial *(a* e *b)* e levantamentos posteriores, feitos para a análise deste tópico *(c)*.

Diante disso, para fazer uma avaliação da ocorrência dessas estruturas, que pode servir como uma informação estilística sobre o texto, obtivemos as conclusões a seguir apresentadas pela contagem do total de ocorrências em um universo constituído como amostra intencional para, na descrição dos processos de coordenação e de subordinação, exemplificar coordenadas e subordinadas existentes no *corpus*. Os segmentos do texto, ou, se quisermos, os enunciados simples e, na maioria, complexos, apresentados como exemplos nos itens de análise da coordenação e da subordinação constituem o corpo de dados sobre que fizemos a avaliação de ocorrências. Esse conjunto perfaz um total de 621 segmentos de texto que, analisados de acordo com a classificação adoptada, deram origem a 2747 enunciados simples.

Este total é constituído de:

Enunciados principais:	558
Coordenados:	341
Subordinados:	1848
Total:	2747

Coordenados por frequência decrescente.

Aditivos: 173
Adversativos: 75
Explicativos: 61
Conclusivos: 17
Disjuntivos: 15
Total: 341

Subordinados:

— Circunstanciais por frequência decrescente:

Temporais: 136
Causais: 72
Condicionais: 49
Comparativos: 49
Finais: 44
Concessivos: 40
Modais: 40
Consecutivos: 40
Total: 470

— Circunstanciais não-reduzidos e reduzidos:

Não-reduzidos: 470
Reduzidos: 101
Total: 571

— Completivos não-reduzidos e reduzidos:

Não-reduzidos: 372
Reduzidos: 286
Total: 658

— Relativos não-reduzidos e reduzidos:

Não-reduzidos: 557
Reduzidos: 9
Total: 566

— Interrogativos directos e indirectos:

Directos:	34
Indirectos:	19
Total:	53

— Subordinados em ordem decrescente:

Completivos:	658
Circunstanciais:	571
Relativos:	566
Interrogativos:	53
Total:	1848

Desses dados se destacam a preferência pela subordinação; a pouca frequência das interrogativas; o equilíbrio entre subordinadas completivas, circunstanciais e relativas, fazendo-se notar que o processo de relativização é quase exclusivamente expresso pela relativa não-reduzida, enquanto nos dois outros processos de subordinação as reduzidas não são raras; entre as circunstanciais, a predominância das temporais; e, entre as coordenadas, a predominância das aditivas.

2.2 *A ordem dos constituintes no enunciado.*

2.2.1 **Observações introdutórias.**

Em outros pontos desta descrição tratamos de factos relacionados à disposição dos elementos constituintes dos sintagmas: dos demonstrativos e possessivos no sintagma nominal (cf. Parte I, 2.2.1.2 e 2.3.2), do qualificador em relação ao substantivo qualificado (cf. Parte I, 5.1.1 e 5.2.1.2), dos qualificadores de verbo no sintagma verbal (cf. Parte II, 4.3). Neste item trataremos da disposição dos sintagmas no enunciado.

Este aspecto da sintaxe no português arcaico é dos raros estudados em monografias específicas (PÁDUA 1960). No seu livro, Maria Piedade de Pádua analisa minuciosamente a posição do sujeito, do verbo e do complemento em frases de verbo transitivo — principais, subordinadas e intercaladas — e utiliza dados de textos arcaicos variados sobretudo dos séculos XIV e XV, confrontados com o latim e o português contemporâneo. É um estudo diacrónico, no âmbito da língua portuguesa, e de comparação, embora assistemática, com o francês antigo.

Partiremos da análise de enunciados principais afirmativos e, nesse contexto, consideraremos enunciados com verbos transitivos, que podem apresentar, por isso, sintagma nominal sujeito e sintagma nominal complemento; enunciados com verbos-cópula, e aí consideraremos o sujeito e o complemento predicativo; enunciados com verbos intransitivos, em que os elementos observados são o verbo e o sujeito; e estruturas existenciais em que os elementos sob observação são o verbo e o complemento. Em seguida analisaremos a disposição dos sintagmas nas principais negativas, nas interrogativas e nas subordinadas.

Partiremos de um dado já afirmado e confirmado por Pádua (1960) e Huber (1933: § 451): a possibilidade de ocorrer no português arcaico as seis disposições seguintes em estruturas com verbos transitivos — SVC, SCV, VSC, VCS, CVS e CSV — considerada a primeira como a «ordem directa» por Pádua e como a «ordem normal» por Huber. O uso menos ou mais comum dessas possibilidades são indicados na monografia de Pádua, sem que forneça dados quantificados sobre a frequência.

A amostra dos *Quatro Livros dos Diálogos* que analisaremos neste tópico é a mesma utilizada no item 2.1.6, anterior a este.

2.2.2 A ordem dos sintagmas em enunciados principais afirmativos.

Levaremos em consideração seis tipos de estrutura em que estão presentes o verbo e, pelo menos, um sintagma nominal, representado este pelo SN propriamente dito ou por um enunciado completivo sujeito ou complemento ou por um substituto pronominal, sujeito ou complemento. Note-se, de antemão, que, quando o sintagma nominal está representado por um enunciado completivo, ocorre este sempre depois do verbo. Na amostra analisada ocorreram 289 enunciados que preenchem essas condições.

Tipo I: sujeito e complemento representados por sintagmas nominais ou por subordinadas completivas.

1. Com verbo transitivo:

SVC: 23 ocorrências, sendo o complemento representado por sintagma nominal ou por enunciado completivo.

Exs.: 1.13.8 *Aqueste monge Nonnoso* avia *hũũ abade muito aspero e muito esquivo.*

2.28.2 *O honrado padre San Beento* deu *todalas cousas.*

1.17.22 *A materia* demanda *que* te pregunte...

1.11.68 *Os homens de mao recado* queren sempre *julgar...*

VSC: 9 ocorrências, sendo o complemento representado por sintagma nominal ou por enunciado completivo.

Exs.: 1.2.38 Assi temian *todalas bestas a agua.*

4.18.4 ... aos seus santos ossos faz *Nosso Senhor* cada dia *muitos sinaes e muitas maravilhas.*

3.12.12 Daqueste miragre diz *San Gregorio que...*

3.12.27 E pela sa viinda entenderon *os homẽẽs que ...*

CVS: 1 ocorrência.

Ex.: 3.34.27 E *todo o contrairo* fez *a Escritura.*

2. Com verbo cópula:

SVC: 10 ocorrências.

Exs.: 1.5.53 *Aqueste Equicio* fora *abade naquela proença.*

2.38.17 *O Padre e o Filho e o Spiritu Santo* son *hũũ Deus.*

CVS: 3 ocorrências.

Exs.: 1.5.6 *Tan mal* foi *o abade sanhudo.*

3.6.19 *Maravilhosas* son *estas cousas.*

SCV: 1 ocorrência.

4.2.77 *Obra de mui gram trabalho* he.

3. Com verbo intransitivo:

SV: 8 ocorrências.

Exs.: 2.15.13 *Roma* secará en si meesma.

4.13.8 *Aquestes tres* moravan en hũa casa.

VS: 32 ocorrências, sendo o complemento representado por sintagma nominal ou por enunciado completivo.

Exs.: 9.20.3 E tanto creceu *a agua* derredor da eigreja

1.2.14 Ca hũũ dia caeu *huu grande penedo* de cima dũũ monte.

2.14.3 Conven, Pedro, *que te cales.*

2.2.18 Assaz parece *que...*

4. Com verbo em estrutura existencial (cf. Parte III, 1.3.2.1):

VC: 4 ocorrências.

Exs.: 2.29.3 Em aquel logar ... avia *hũũ tonel*

4.24.15 No meu moesteiro foi *hũũ frade.*

Tipo II: Sujeito marcado no morfema número pessoal do verbo e o complemento representado por sintagma nominal ou por subordinada completiva.

1. Com verbo transitivo:

VC: 109 ocorrências, sendo o complemento representado por sintagma nominal ou por subordinada completiva.

Exs.: 2.8.27 *Fez mui gram chanto.*

4.25.13 *Acharon as sas mããos e os seus pees* tan ben sãos.

1.1.29 *Osmo que se* acabaria o dia.

2.21.11 *Rogo-te que* me digas.

CV: 4 ocorrências.

Exs.: 2.15.14 *A verdade daquesta profecia* mais claramente a veemos cada dia a luz do sol.

1.1.6 *Todas aquelas cousas... poinha*-o ante os meus olhos.

3.2.26 E *o poderio* ... *tolheron*-mh'o ante os meus olhos.

1.9.7 *Esto,* Pedro, que ... *aprendi*-o dũũ homen.

Esta posição enfática do complemento, observe-se, é reforçada por sua repetição pleonástica sob forma pronominal logo após o verbo. Sobre essa construção cf. Huber (1933: § 452) e Pádua (1960: 69-70), que a consideram mais usual na prosa quatrocentista.

2. Com verbo cópula.

VC: 8 ocorrências.

Exs.: 3.15.29 *Andava seguro* hu quer que ia.

3.12.6 E *era oito milhas da cidade.*

3.5.11 E *era gram maravilha.*

TIPO III: Sujeito representado por pronome e complemento representado por sintagma nominal ou subordinada completiva.

1. Com verbo transitivo:

SVC: 10 ocorrências, sendo o complemento representado por sintagma nominal ou por subordinada completiva.

Exs.: 2.23.17 *El* con sa mão deu *a oferta.*

1.20.3 E *el* lhis deu con sa mããõ *hũũ barril pequeno.*

1.29.3 *Eu* queria de boa mente sempre *ouvir.*

1.31.24 *Eu* cuido, Pedro, *que...*

VSC: 10 ocorrências, sendo o complemento representado por sintagma nominal ou por subordinada completiva.

Exs.: 4.13.13 Com tanta paceença sofre *ela esta enfermidade.*

4.13.28 … tanto mais pouco ouvimos *nós os cantos* dos salmos e dos louvores.

1.4.6 — Diremos *nós* ora, padre, *que*…

1.2.8 Ca naquel logar sol *homen ouvir*…

CVS: 2 ocorrências

Exs.: 2.3.8 *Taaes custumes* aviam *eles*.

4.40.6 *Aquesto*, Pedro, … diria-se dereitamente…

2. Com verbo-cópula:

SVC: 5 ocorrências.

Exs.: 3.37.53 — *Tu* es *homen bõõ*.

1.8.58 *Todo* he *verdade*.

3. Com verbo intransitivo:

VS: 2 ocorrências.

Exs.: 3.24.10 Ante morrerei *eu* ca tu.

Tipo IV: Sujeito representado por sintagma nominal e complemento por pronome.

1. Com verbo transitivo:

SVC: 6 ocorrências.

Exs.: 2.16.3 E *o seu bispo* daquela eigreja … feze-*o* fazer.

VCS: 6 ocorrências.

Ex.: 2.33.9 E perlongou-*se o tempo* muito.

CVS: 2 ocorrências.

Exs.: 1.2.47 E assi *o* fez o *poder de Deus*.

2.9.3 E pois *se* juntaron *dois homens ou tres*.

SCV: 2 ocorrências.

Ex.: 1.24.19 *O enmiigo a* atormentava continuadamente.

2. Com verbo-cópula:

SCV: 2 ocorrências.

Ex.: 2.5.5 *Gram trabalho nos* he de decer.

Tipo V: Sujeito e complemento representados por pronome.

1. Com verbo transitivo:

CVS: 3 ocorrências.

Exs.: 1.1.33 Ca *se* esforça *homen*.

2.16.7 E desto *se* nembrou *el*.

Tipo VI: Sujeito marcado no morfema número-pessoal e complemento representado por pronome.

1. Com verbo transitivo:

VC: 24 ocorrências.

Exs.: 1.12.6 *Levaron-no* pera aquel logar.

2.10.5 E por esso *deitou-se* logo en oraçon.

1.2.44 — *Ide-vos* a boa ventura.

CV: 3 ocorrências.

Exs.: 1.5.25 D'algũas cousas *me calarei*.

1.2.46 Tan aginha *o passaron*.

4.3.4 E porende en parte *o devemos*.

Quadros-sumários dos dados apresentados:

a. Ocorrências em estruturas com sujeito, verbo e complemento presentes:

Ordem dos sintagmas	Tipos de estrutura							Total
	I.1	I.2	III.1	III.2	IV.1	IV.2	V.1	
SVC	23	10	10	5	6	—	7	54
VSC	9	—	10	—	—	—	—	19
CVS	1	3	2	—	2	—	3	11
SCV	—	1	—	—	2	2	—	5
VCS	—	—	—	—	6	—	—	6

b. Ocorrências em estruturas com sujeito e verbo presentes:

Ordem dos sintagmas	Tipos de estrutura		Total
	I.3	III.3	
SV	8	—	8
VS	32	2	34

c. Ocorrências em estruturas com verbo e complemento presentes:

Ordem dos sintagmas	Tipos de estrutura				Total
	I.4	II.1	II.2	VI.1	
VC	4	109	8	24	145
CV	—	4	—	3	7

Os dados do Quadro *a* se referem a estruturas com verbos transitivos e verbos-cópula; os do *b* a verbos intransitivos e os do *c* a verbos transitivos, cópula e existenciais.

O primeiro facto que ressalta desses dados é a não ocorrência da ordem CSV. Isso confirma o que diz M. P. Pádua (1960: 84): «Esta construção é muito pouco usada no português arcaico ... o emprego da ordem complemento + sujeito + verbo é raríssimo em orações principais». Apresenta um exemplo do *Leal Conselheiro* — «Todas estas cousas as gentes demandam» — em que sujeito e complemento estão expressos por sintagmas nominais e considera esse tipo como reflexo da construção latina, em que os morfemas indicadores de caso desfazem as ambiguidades que tal construção em português pode permitir. Não é ambíguo o exemplo dado porque «as gentes» tendo o traço [+animado] é o sujeito provável. Se sujeito e complemento apresentassem ambos o traço [+ animado] a ambiguidade estaria presente. Em geral, diz Pádua, «a colocação do complemento em posição inicial arrasta a inversão do sujeito». Isso se confirma em nossos dados em que há onze ocorrências de CVS, com complemento representado por sintagma nominal. Nesses casos, quando o complemento não é pronominal, o destaque inicial do complemento torna o enunciado mais marcado quanto à ênfase; por exemplo:

3.34.27 E todo o contrairo fez a Escritura.

2.3.8 Taaes custumes avian eles.

3.6.19 Maravilhosas son estas cousas.

Ocorrendo os três elementos, a ordem mais frequente é SVC (54 ocorrências), a chamada «ordem directa» ou «normal». Somando-se essas 54 ocorrências às de VC (145) em que o sujeito ou não está presente por tratar-se de estrutura existencial (cf. I, 4) ou por estar marcado no morfema número pessoal da forma verbal (cf. II, 1 e 2 e VI. 1) vê-se que (S) VC é a ordem não marcada nos enunciados principais.

A par dessa predominância de (S) VC, destaca-se a preferência do sujeito junto ao verbo, quer antes quer depois, quer marcado morfologicamente no verbo, sendo esta última a situação mais frequente entre todas (cf. Quadro c). Confrontando-se as ocorrências seguintes:

Ordem dos sintagmas	Total parcial
SVC + SV + VC	207
VSC + VS	53
CVS + CV	18
Total geral	278

com as de SCV e VCS

Ordem dos sintagmas	Total parcial
SCV	5
VCS	6
Total geral	11

tem-se que do total dos enunciados examinados (289), apenas em 11 o complemento se interpõe entre o sujeito e o verbo: em I.2 está a única ocorrência do verbo em final absoluto de enunciado principal

4.2.7 Obra de mui gram trabalho *he*.

em IV. 1 e 2 é o pronome pessoal átono que se interpõe entre sujeito e verbo.

O deslocamento do sujeito para depois do verbo, que também é frequente (64 ocorrências), decorre ou do deslocamento do complemento para a 1.ª posição, como vimos anteriormente, para pô-lo em destaque; ou de haver, no início do enunciado, circunstanciais: «advérbios», sintagmas circunstanciais, subordinadas circunstanciais (cf. exs. de VS(C) em I. 1 e 3; III. 1 e 3). Embora um circunstancial iniciando o enunciado principal seja uma condição que favorece, na maioria das vezes, o deslocamento do sujeito para depois do verbo, há casos em que, ocorrendo o circunstancial, o sujeito não se desloca:

2.14.10 E enton aquele caeu muito agĩha

Em outros casos, raros, o sujeito está depois do verbo muito possivelmente para pô-lo em realce:

1.10.6 E ardia a agua nas lampadas.

No seu trabalho, Pádua (1960: 118-128) demonstra a significação dos adverbiais como condicionadores da inversão do sujeito.

Em geral, quando o complemento é pronome átono, está enclítico ao verbo; no entanto pode ocorrer nos enunciados principais o deslocamento do complemento pronominal para antes do verbo (cf. tipos IV, V e VI).

Essa próclise, em alguns casos, poderia ser explicada pela presença do «adverbial» no enunciado:

4.3.4 E *porende en parte* o devemos

1.2.46 *Tan aginha* o passaron

No exemplo seguinte, contrariamente, apesar do «adverbial», o pronome complemento continua depois do verbo:

2.10.5 E *por esso* deitou-se logo en oraçon

Em síntese, nos enunciados principais afirmativos da amostra analisada não ocorre a ordem CSV; SVC é a mais usada; VSC e CVS são também frequentes e têm em comum com SVC o facto de o sujeito estar junto ao verbo; a posposição do sujeito ao verbo decorre ou do deslocamento do complemento, por ênfase, ou da presença de um circunstancial antes do verbo; SCV e VCS, com o complemento entre o sujeito e o verbo, são as menos usuais; o complemento pode anteceder o verbo quando é pronominal, embora ocorra frequentemente depois do verbo nas principais; pouco usual também é estar o verbo depois dos outros dois componentes aqui considerados.

2.2.3 A ordem dos sintagmas em enunciados principais negativos.

Na amostra analisada ocorreram 57 enunciados principais negativos. Observamos a disposição dos sintagmas em estruturas com verbos transitivos, cópula e intransitivos, em que sujeito e complemento podem estar representados ou por sintagmas nominais, ou por enunciados completivos ou por substitutos pronominais; e, ainda, no caso do sujeito, a sua representação pode estar no morfema número pessoal da forma verbal.

O elemento novo nessas estruturas em relação às de 2.2.2 é a negação. Regra geral a negação está expressa por *non* e vem imediatamente antes do verbo. No entanto, sendo o complemento, quer directo quer indirecto, um pronome átono, a negação o antecede e este se coloca em próclise imediata ao verbo. Há 10 exemplos desse tipo na amostra:

4.36.8 Non-*no* queria fazer.

2.3.18 E non *vos* dix'eu da primeira.

1.4.6 Tu non *te* partirás daqui.

4.30.5 E non *lho* dissera.

1.1.32 Non *se* embarga.

3.2.37 Non *ti* demando eu que ...

2.1.60 Non *ti* conven de jejunhar.

4.9.3 Non *me* calarei mais.

3.11.15 — Non *ti* semelha, Pedro, que ...

1.9.3 Non *me* devo calar.

Há quatro ocorrências da negativa *nunca*, que apresenta um comportamento variado, apesar dos poucos dados:

— antes do verbo em uma estrutura SVC:

3.37.92 E o outro *nunca* leeu Teolegia.

— antes do verbo em uma estrutura CVS:

4.1.7 E esta duvida *nunca* ouve nosso padre don Adam.

— antes do sujeito em estrutura SVC:

3.37.105 Ca *nunca* os pecadores verrian a peendença.

— antes do sujeito em estrutura SCV:

3.28.8 *Nunca* eles morte pola fe receberon.

Note-se que este último exemplo apresenta a única ocorrência de verbo em final absoluto de enunciado principal negativo; quanto aos afirmativos, vimos que só em um único caso também o verbo ocupa essa posição.

Dos poucos dados de enunciados com a negação expressa por *nunca*, a conclusão a que se pode chegar é a de que o elemento negativo *nunca* ocorre sempre antes do verbo, não importando o que esteja entre este e a negação, ou imediatamente antes; enquanto a negativa *non* só deixa de estar imediatamente antes quando o complemento é o pronome átono que ficará então proclítico.

Quanto à distribuição do sujeito, do complemento e do verbo em enunciados principais negativos, os dados fornecem as informações seguintes. Note-se que como em 2.2.2 não ocorre a ordem CSV.

Ordem dos sintagmas	Total parcial
SVC	11
VSC	5
CVS	3
SCV	3
VCS	4
Total geral	26

Ordem dos sintagmas	Total parcial
SV	1
VS	3
Total geral	4

Ordem dos sintagmas	Total parcial
VC	25
CV	2
Total geral	27

Como nos afirmativos, estando presente sujeito, verbo e complemento, a ordem mais frequente é SVC. Se unirmos as estruturas em que o sujeito está contíguo ao verbo, antes ou depois, ou marcado morficamente na forma verbal veremos que aqui também a situação de 2.2.2 se repete:

Ordem dos sintagmas	Total parcial
SVC + SV + VC	37
VSC + VS	8
CVS + CV	5
Total geral	50

Ordem dos sintagmas	Total parcial
SCV	3
VCS	4
Total geral	7

para 50 ocorrências de sujeito contíguo junto ao verbo há apenas 7 em que o complemento se intercala entre o verbo e o sujeito.

Vimos que, no enunciado principal negativo com *non,* este elemento determina a próclise do complemento pronominal átono, assim *non* interfere na ordem mais usual que é aquela em que o complemento sucede ao verbo e que é a mais comum quando o complemento é pronominal nos enunciados principais afirmativos.

Quanto à inversão do sujeito, parece que a negativa favorece a inversão quando está o sujeito representado; nos enunciados afirmativos vimos que, em geral, ou é um circunstancial ou alguma razão enfática que determina essa inversão. Nas ocorrências de enunciados principais negativos com sujeito posposto, ou este é um completivo subjectivo, que sempre sucede ao verbo, ou é um pronome ou sintagma nominal em enunciados que não apresentam circunstanciais antecedendo sujeito e verbo:

2.30.17 E non conta *a Escritura* que ...

4.1.7 E esta duvida nunca ouve *nosso padre don Adam*

2.16.18 Non sabe *nengũũ.*

1.5.64 Non dizes *tu* esto senon ...

2.4.9 Non veedes *vós* quen...

3.23.2 Non ti demando *eu* que ...

Na amostra a par de 10 ocorrências de sujeito posposto há 15 de sujeito antes do verbo, por exemplo:

2.12.14 *Eles* non farian des ali adeante nen hũa maldade.

1.4.6 *Tu* non te partirás daqui.

1.2.24 E *este* non ha mester.

1.2.28 Mais *nós outros* non devemos.

2.8.50 *O enmiigo do lĩagen d'Adam* non pode estar...

1.2.27 E *Nosso Senhor Jesu Cristo...* non ouve mester ...

1.7.16 *A graça* non será graça...

2.2.4 A ordem dos sintagmas em enunciados interrogativos.

Os dados para as observações que seguem sobre a ordem dos sintagmas nas interrogativas são os mesmos utilizados em 2.1.4.2a e 2.1.4.2b, quando analisámos as estruturas interrogativas.

Segundo Pádua (1960: 94) «nestas orações encontramos o verbo no início, seguido do sujeito e do complemento. É esta colocação de palavras o grande recurso para indicar a interrogação».

Em um conjunto de 28 enunciados interrogativos encontramos 5 exemplos em que a posposição do sujeito está documentada. Três deles em enunciados introduzidos por um pronome interrogativo, que já é uma marca da pergunta, e dois outros em enunciados interrogativos não introduzidos por esses pronomes, em que a inversão do sujeito indica a interrogação:

1.6.6^2 — *En que sõõ eu* culpado? En que *soon eu* culpado?

4.29.12 — *Cuja he esta fogueira?*

1.4.16 — *Diremos nós* ora, padre, que aqueste miragre que foi feito pelos merecimentos do abade santo don Onrado ou pela oraçon deste monge Libertino que foi seu discípulo?

1.1.18 — *Acaeceu,* padre, ja *algũa cousa* por que choras mais que sooes?

O sujeito da interrogativa está obrigatoriamente depois do seu verbo quando é representado por um enunciado; há duas ocorrências nos dados analisados:

1.23.5 — *Praz* a ti, senhor, *que* da criança de mha madre nunca eu possa comer?

2.16.12-13 — Por que non saberia as puridades de Deus, Pedro, *quen* guardava compridamente os seus mandados?

Na maioria das ocorrências (11 vezes), o sujeito é o pronome interrogativo que está sempre na posição inicial do enunciado, por exemplo:

1.6.5^2 — *Que* he o que eu figi? *Que* he o que eu figi?

4.11.5^2 — *Que* he meu senhor? *Que* he?

4.17.12 — Ca a min, *que* me acaeceu?

2.16.15-16 — *Quen* soube o siso ou entendimento de Nosso Senhor ou *quen* foi seu conselheiro?

A ocorrência do sujeito marcado no morfema número pessoal do verbo é comum tanto nas interrogativas introduzidas pelo interrogativo, como nas outras. Aparece 9 vezes na amostra, por exemplo:

2.12.11 — Por que *mentides* ora assi?

2.12.17 — Hu *comestes?*

1.7.3 — Como *ousas* a preegar e propoer a paravoa de Deus?

1.2.17 — *Cuidas,* padre, que este homen ouve algũũ meestre que o ensinasse?

1.28.22 — E non *ouves* o rogo que ti fez teu padre espirital?

Nos dois últimos exemplos, a única marca da frase interrogativa é a indicação gráfica pelo sinal de interrogaçao.

Há uma única ocorrência de interrogativa não introduzida por pronome interrogativo em que o sujeito precede o verbo:

1.8.41 — *Eu* non ti *dixi* onten que se nos logo non fossemos hoje non nos poderiamos ir?

Pádua (1960: 102) apresenta um exemplo deste tipo na *Cronica de d. João I* de Fernão Lopes: «Oo senhor, disse Rui Pereira, vos non sabees como isto he?» e observa que «esta construção sem inversão do sujeito dá um contraste especial à frase. Podemos dizer que ela não é absolutamente interrogativa ... esta interrogativa psicologicamente implica uma certeza». Essa interpretação se aplica à ocorrência documentada na amostra.

Pelas observações anteriores, talvez se possa reformular a afirmativa de Pádua, citada ao iniciar-se este item: o verbo seguido do sujeito não é o «grande recurso» para indicar a interrogação. Parece-nos que já no português arcaico o «grande recurso» seria a entonação da frase reflectida na escrita pelo sinal de interrogação, já que tanto nas interrogativas introduzidas por pronomes interrogativos, como nas outras, a presença do sintagma nominal sujeito ou de um seu substituto pronominal não é obrigatório, pelo contrário, o recurso de marcar-se o sujeito apenas no morfema número-pessoal do verbo é mais usual. Nesta pequena amostra, para 4 ocorrências de sujeito explícito posposto ao verbo, há 9 de sujeito expresso apenas no morfema flexional que encerra a forma verbal.

2.2.5 A ordem dos sintagmas em enunciados subordinados.

2.2.5.1 A ordem dos sintagmas em enunciados relativos.

A análise que segue sobre a disposição dos sintagmas em enunciados relativos baseia-se na amostra indicada em 2.2.1. Observamos esse facto em contextos em que o relativo funciona como o sujeito do enunciado, como complemento de verbos transitivos e complemento de verbos-cópula e também quando o relativo exerce outra função sintáctica que exige a presença de um relacionamento preposicional que o antecede. Na amostra considerada ocorreram 454 enunciados relativos que preenchem essas condições e apresentam, como núcleo do sintagma verbal, verbos transitivos, intransitivos e cópula. Nesse conjunto de relativas há 160 ocorrências de relativas em que o relativo é o sujeito, 181 em que é o complemento e 113 em que o relativo não é nem sujeito nem complemento.

Tipo I: Enunciados em que o relativo é o sujeito:

Sendo o relativo o sujeito e, por natureza, introdutor do enunciado, estará sempre o sujeito na posição inicial. Constante a posição do sujeito, variam de posição o verbo e o complemento, nos casos de verbos transitivos e verbos-cópula.

a. Dos 160 enunciados em que o relativo é sujeito, consideraremos em primeiro lugar os enunciados com verbos intransitivos, por serem os de estrutura menos complexa, uma vez que neles só estão em causa o sujeito representado pelo relativo e o verbo, apenas sendo possível portanto a disposição SV. Há 43 enunciados deste tipo. Por exemplo:

1.5.78 Aqueles *que* no moesteiro *vivian.*

3.31.24 Os feitos maravilhosos *que acaeceron* en terra d'Italia.

4.4.84 Os gafos *que* ali vẽẽ.

1.17.5 Pedra *que veo* sobre ela.

b. Nas estruturas em que ocorre, além do sujeito-relativo e do verbo, um complemento, as disposições possíveis são SVC e SCV.

1. SVC:

Com verbo transitivo: há 34 ocorrências, sendo o complemento representado pelo sintagma nominal e apenas uma com o complemento pronominal:

3.20.11 Do fogo *que* queimou *aquelas prisões.*

4.30.5 Tu *que* recebisti muitos bẽẽs en ta vida.

2.38.11 Algũũs *que* tragen *as sas voontades ficadas* en Deus.

3.6.9-10 Aquel *que* escançava o vĩho ant'el.

e

1.29.3 O velho *que* mi contou *aquesto*.

Com o verbo-cópula: há 34 ocorrências sendo o complemento expresso sempre pelo sintagma nominal:

1.29.78 Irmããs *que* eran *mui coitadas*.

3.11.15 O rio *que* he *creatura sen razon*.

3.25.15 Cousas *que* son *do Spiritu Santo*.

2.14.10 Aquele *que* era *guarda del-rei*.

2. SCV

Com verbo transitivo: há 26 ocorrências com o complemento representado pelo substituto pronominal e 15 ocorrências, quando o complemento é o sintagma nominal:

1.2.31 Algũũ seu discipulo *que o* seguisse.

1.29.3 Bispo *que as* sabia.

1.31.27 Aqueles *que os* fazen.

4.22.3 Daquel *que o* enviara.

4.4.65 Cousas *que corpo* am.

1.2.19-21 Aqueles *que ordĩada vida* fazen.

4.4.56 O senhor *que todalas creaturas* fez.

2.30.15 Aqueles *que Jesu Cristo* receberon.

Com verbo-cópula: há 7 ocorrências em que o complemento é o sintagma nominal:

1.2.28 Nós outros *que enfermos* somos.

1.1.15 Cousas *que tan maas* son.

1.5.57 Molheres *que no mundo* fossen.

Sumário dos dados do Tipo I:

Ordem dos sintagmas	SVi	SVC^{SN}	SVC^{Pro}	$SC^{SN}V$	$SC^{Pro}V$	Total geral
Total parcial	43	68	1	22	26	160

Embora Pádua (1960: 72) considere que nessas estruturas há «uma forte tendência para colocar o verbo no fim da frase», nos dados analisados a preferência recai para o verbo contíguo ao sujeito, embora não seja pouco frequente a presença do verbo na última posição (48 ocorrências). Ressalta nos dados a preferência pelo complemento antes do verbo, quando é ele representado pelo pronome pessoal (26 ocorrências). Note-se que a única ocorrência na amostra em que o complemento pronominal sucede ao verbo trata-se de um demonstrativo. Se o complemento é um sintagma nominal, há preferência pela sua posposição ao verbo (68), embora não seja rara a sua anteposição (22).

Tipo II: Enunciados em que o relativo é o complemento:

Uma vez que o relativo introduz o enunciado e sendo ele agora o complemento, é constante nessas estruturas a posição do complemento enquanto variam de posição o verbo e o sujeito. Deste tipo estão eliminados os verbos intransitivos já que o complemento nele é uma constante. Consideramos verbos transitivos e verbos-cópula e a natureza do sujeito — sintagma nominal, substituto pronominal ou a sua marca no morfema número-pessoal do verbo.

a. Das 181 ocorrências em que o relativo é o complemento, consideraremos, em primeiro lugar, aquelas em que o sujeito está marcado no morfema número-pessoal do verbo: CV. É essa estrutura a mais frequente e a menos complexa uma vez que só estão em causa o complemento representado pelo relativo e o verbo. Há 100 ocorrências de CV.

Por exemplo:

1.1.37 Evangelhos *que* escreveron e *que* aprenderon.

2.2.25 O *que começasti.*

1.10.9 Aquesto *que ouço.*

3.6.17 Poçonha *que metera* no vĩho.

b. Nas estruturas em que ocorre, além do complemento-relativo e do verbo, o sujeito, as disposições possíveis são CSV e CVS.

1. CSV:

Com verbo transitivo: há 25 ocorrências com o sujeito representado pelo sintagma nominal e 46 com o sujeito representado pelo substituto pronominal. Não há aqui ocorrências de complemento do verbo-cópula representado pelo *que*.

1.16.33 A promessa *que Nosso Senhor* prometera.

1.19.17 Aquel bispado *que o seu sobrīo don Constancio* cuidava.

1.1.32 Vertudes *que os homens* en este mundo fezeron.

1.7.13 Boa obra *que o homen* faz.

4.40.16 Aquesto *que tu* dizes.

4.33.19 Aquela casa *que el* vira no outro mundo.

2.12.14 Tod'aquelo *que* eles fazian.

1.1.20 O *que eu* dixi primeiramente

2. CVS:

Com verbo transitivo: há 8 ocorrências com o sujeito representado pelo sintagma nominal e uma com o sujeito representado pelo pronome.

3.1.4 Feito maravilhoso *que* fez *esse bispo Paulino*.

2.16.34 O *que* escreveu *o apostolo*.

4.9.3 O *que* mi contou *o abade*.

1.1.19 Ben *que* perdeu *aquel*.

Com verbo cópula: há uma ocorrência e o sujeito está representado pelo sintagma nominal.

1.5.8 Algũas cousas *que* era proveito do moesteiro.

Sumário dos dados do Tipo II:

Ordem dos sintagmas	CV	$CS^{SN}V$	$CS^{Pro}V$	CVS^{SN}	CVS^{Pro}	Total geral
Total parcial	100	25	46	9	1	181

Vimos em 2.2.2 e 2.2.3 que nos enunciados principais não se documentou a ordem CSV, impossível é essa ordem nas relativas de Tipo I. Nas estruturas relativas em que o complemento é o relativo é esta, como se pode ver, a ordem mais frequente: 71 ocorrências para 10 de CVS. Neste caso os dados analisados confirmam a afirmativa de Pádua (1960: 86): «Nesta ordem [CSV] ... são elas [as relativas] que apresentam maior número de casos, provocados pelo próprio pronome relativo que, desempenhando a função de regime, é colocado no início da frase. À semelhança do francês antigo, as relativas pedem geralmente o sujeito antes do verbo, apesar da posição inicial do complemento». Nos dados analisados, a ordem com a inversão do sujeito, CVS, é pouco frequente, o que coincide com a afirmativa acima de que o sujeito, nestes casos, «geralmente» está antes do verbo. Os dados são aqui poucos para que se procurem estabelecer condicionamentos para a inversão do sujeito nessas estruturas relativas. Pádua (1960: 153-156) apresenta, no entanto, alguns factores que podem favorecer essa inversão. Entre eles está o facto de ser «declarativo» o verbo. Nos exemplos dados acima para CVS podemos ver a inversão com tais verbos (cf. 2.16.34 e 4.9.3).

Tipo III: Enunciados em que o relativo não é sujeito nem complemento:

Trataremos de enunciados com verbos intransitivos, transitivos e cópula, levando em consideração a natureza do sujeito, se sintagma nominal, pronome ou se se apresenta marcado no morfema número-pessoal da forma verbal; e do complemento, se pronominal ou nominal.

a. Das 113 ocorrências dessas estruturas, 48 apresentam-se com verbo intransitivo: dessas, 37 apresentam a marca do sujeito no verbo; 4, apresentam-se na ordem SV; e, 7, VS. Havendo sujeito presente, há uma preferência neste caso pela inversão; em todos eles está o sujeito representado pelo sintagma nominal. Em SV, há duas ocorrências de sujeito pronominal.

Exemplos:

Vi: 3.2.14 Avia sabença *per que lavrasse* e *enderençasse.*

1.13.8 Abade esquivo *con que vivia.*

4.1.10 Cárcer *en que creceu.*

SVi: 1.5.76 Naquela hora *en que* o *Nosso Senhor e Nosso Meestre Jesu Cristo* dissera.

3.12.64 Logar *en que ele ia.*

4.6.7 Hora *en que ele vira.*

ViS: 1.18.9 ... escárnio *de que riam os homens.*

2.8.52 ... *de que* saian *grandes fogueiras.*

2.8.44 ... *en que* avia *hũũ idolo.*

b. Com verbos transitivos e cópula, além do sujeito e do verbo ocorre o complemento. As disposições desses elementos documentados no *corpus* nessas estruturas são as seguintes, por ordem de frequência:

SVC (aí incluída VC, com sujeito marcado no verbo), SCV (aí incluída CV, com sujeito marcado no verbo), CSV e CVS.

1. SVC e VC, 40 ocorrências:

— Com verbo transitivo:

11 ocorrências de VC, sendo o complemento sintagma nominal:

3.18.27 O miragre *per que* converten *a alma.*

3.18.27 O milagre *per que* resuscitan *o corpo.*

1.1.5 Cousas *en que* non avia *prazer.*

3.37.105 Algũũs bõõs *de que* tomassen *eixemplo.*

8 ocorrências em que o sujeito está representado por SN ou pronome e o complemento ou por sintagma nominal ou por completiva:

2.20.3 Este *a que eu* tenho *a candea* deante.

4.4.56 ... *a que todos* deven *servir.*

2.28.2 Nen hũa cousa *per que homen* podesse *viver.*

3.15.20 Por cujo rogo *o enmiigo* devia *sair* do corpo.

— Com verbo-cópula:

20 ocorrências de VC, sendo o complemento sintagma nominal:

2.16.18 Daqueles *con que* he *hũa cousa.*

2.29.3 Logar *hu* estava *en oraçon*.

1.2.19-21 Seer mestre *hu* primeiramente non foron *discipulos*.

1.8.36 ... *de que* ficara *muito espantado*.

Uma ocorrência de SVC em que o sujeito é pronome:

2.12.4 Ali *hu el* non fosse *presente*.

2. SCV e CV, 18 ocorrências:

Só ocorre com verbo transitivo:

— 14 de CV, em que em 8 o complemento é pronominal e 6, em que o complemento é o sintagma nominal:

3.12.14 Horto *en que o* posessen.

3.24.8 Muimento *en que o* soterrassen.

1.1.21 Lagrimas *de que me* preguntas.

1.1.19 Mar *de que me* parti.

1.11.6 Constancio *de que tan grandes cousas* ouvera.

2.3.35 ... *en cujos feitos* cuidava.

1.5.22 Libertino *de que tantas maravilhas* contaste.

3.12.26 Logar *hu* o santo bispo *soterraron*.

— 4 ocorrências em que sujeito e complemento estão representados por pronome ou sintagma nominal.

4.4.84-87 ... aqueles *per cujos* ossos *Deus tantos miragres* faz.

1.11.7 Constancio *de que el tan grandes cousas* ouve.

4.41.12 Juiz *a que se ren* non asconde.

3. CSV:

— 5 ocorrências com verbo transitivo, duas em que complemento e sujeito são sintagmas nominais e três em que um ou ambos são pronomes.

4.10.11 ... *cuja vista* o *menĩho* non pode sofrer.

4.17.17 Aquela *cuja saida* do corpo *nen hũũ homen* non podia sofrer.

1.5.61 Aqueste *per que me tu* rogas.

1.1.17-19 ... *per hu me Deus* levar.

1.1.23 Algũũs deles *de que me eu* nembro.

4. CVS:

— duas ocorrências com verbo transitivo em que o complemento é pronominal e o sujeito é um sintagma nominal:

1.16.13 Padre prestumeiro *a que se* calou *a voz* hũũ pequeno de tempo.

3.12.16 Algũas demandas *de que se* pagava *o seu hortolan*.

Sumário dos dados do Tipo III:

Tipos de estrutura cf. o verbo	Vi			$\text{SV}\begin{Bmatrix}\text{t}\\\text{cop}\end{Bmatrix}\text{C}$		SCVt		CSVt	CVtS	Total geral
Ordem dos sintagmas	V	SV	VS	VC	SVC	CV	SCV	CSV	CVS	—
Total por ordem	37	4	7	11	29	14	4	5	2	113
Total por tipo	48			40		18		5	2	113

Na amostra analisada para o Tipo III não ocorreram as ordens VSC e VCS em que o verbo precede sujeito e complemento. Essas ordens não ocorreram portanto em enunciados relativos já que no Tipo I só ocorre SCV e SCV e no Tipo II CSV e CVS. Como nos enunciados principais, SVC é a ordem mais usual quando estão presentes sujeito e complemento (40 ocorrências).

A contiguidade do sujeito ao verbo é marcante também nessas relativas, como o foi nas principais e no Tipo I das relativas (no Tipo II das relativas não poderia deixar de estar contíguo já que o complemento não pode estar interposto entre sujeito e verbo). O sujeito precedendo o verbo é aqui também preferencial, como ocorreu no Tipo II (38 para 9 ocorrências):

Ordem dos sintagmas	Total parcial
SV	4
SVC	29
CSV	5
Total geral	38

Ordem dos sintagmas	Total parcial
VS	7
CVS	2
Total geral	9

No conjunto, no entanto, o mais frequente é o sujeito marcado no verbo (62 ocorrências):

Ordem dos sintagmas	Total parcial
V	37
VC	11
CV	14
Total geral	62

Essa situação identifica-se com a do Tipo II e a dos enunciados principais.

O complemento, se pronome pessoal, sempre antecede o verbo nessas estruturas relativas, como também ocorreu nas de Tipo I. Sendo o complemento um sintagma nominal, em geral está posposto ao verbo, mas pode também vir anteposto, cf. dados de SVC (b. 1), complemento posposto, em relação a SCV, CSV e CVS (b. 2 a 4), em que o complemento é anteposto. Nas principais há preferência pelo complemento pronominal depois do verbo (cf. 2.2.2), embora essa distribuição não seja obrigatória.

Neste terceiro tipo de relativas o verbo depois do sujeito e do complemento não é tão comum como no Tipo I e, sobretudo, no Tipo II.

2.2.5.2 A ordem dos sintagmas em enunciados completivos.

A análise que surge baseia-se na mesma amostra indicada em 2.2.1. Observamos enunciados com verbos intransitivos, transitivos e cópula. Levamos em consideração a natureza do sujeito, se marcado no verbo, representado por sintagma nominal ou por pronome e a natureza do complemento dos verbos transitivos e dos verbos-cópula, se pronominal ou representado pelo sintagma nominal. Na amostra considerada ocorreram 199 enunciados que preenchem essas condições.

a. Das 199 ocorrências dessas estruturas completivas, 38 apresentam-se com verbos intransitivos: em 20, o sujeito está marcado no verbo; em 17 o sujeito é um sintagma nominal que precede o verbo e, em 1, o sujeito está posposto ao verbo e é sintagma nominal.

Vi: 4.6.7 Soube que en aquela hora *morrera*.

3.3.7 Mandou que *cavalgasse* en el.

3.8.7 Prougue-lhi que *morasse* comigo.

4.12.13 Disse que *cantassen*.

SV: 4.4.84-87 Entendes que *a alma vive*.

1.5.68 Acaeceu que *hũa dona morava* en hũũ moesteiro.

1.1.16 Ca mi semelha que *a mha alma anda*.

2.6.2 *Hũũ do lĩagen dos godos vẽo* a rogar San Beento.

VS: 1.3.2 Conta San Gregorio que *veo hũũ principe*.

Ao contrário do que ocorreu com as relativas de Tipo III, aqui, sendo o sujeito independente do verbo, há uma marcada preferência por sua anteposição.

b. Com verbos transitivos e cópula, além do sujeito e do verbo, ocorre o complemento. As disposições desses elementos documentadas nessas estruturas preenchem as seis possibilidades que, por ordem decrescente de frequência, são: SVC (aí incluída VC), SCV (aí incluída CV), CVS, VSC, CSV, VCS.

1. SVC e VC, 109 ocorrências:

Com verbos transitivos, 84 ocorrências:

VC: 50 ocorrências; em 38 o complemento é o sintagma nominal, em 10 é uma completiva e em 2 é pronome.

Exemplos:

2.10.5 Disse-lhis que *fezessen o sinal da cruz.*

1.2.21 Cuide que *há graça* do Spiritu Santo.

1.8.8 Mandou que lhi *trouvessen o abade Equicio.*

1.8.3 Mandou que *guisassen bestas.*

2.8.40 Rogo-te que mi *digas a que logares foi este santo.*

2.35.26 Rogo-te que *tornes a contar a vida do santo homen.*

4.10.4 Julgaron que mui cedo *devia morrer daquela enfermidade.*

1.2.34 Aprendeu el como *podesse fazer.*

2.2.25 Rogo-te que *acabes o* que começasti.

1.9.3 Non devo calar que non *diga o* que ouvi

Note-se que nos dois únicos casos em que o complemento é pronominal trata-se do *o,* antecedente de uma relativa.

SVC: 34 ocorrências, em 28 o complemento é o sintagma nominal; em 5 é uma completiva e apenas em uma é pronominal. Quanto ao sujeito, das 34, apenas 8 apresentam o sujeito representado pelo pronome, em todas as outras é sintagma nominal.

1.2.6-13 Acaeceu que *seu padre e sa madre fezeron gram jantar.*

4.27.11 Dizemos *que a alma recebe pēas.*

3.19.13 Entendemos que *o fogo queimou aquelas cousas.*

1.5.6 Acaeceu que *aquel tornou as talhoos.*

1.16.31 ... prometesse a Abrão que o *seu līagen avia a seer acrecentado.*

4.16.1 Non podemos creer que *todolos parvoos deven a entrar no ceo*

2.21.9 Aprenderon que na gram mengua *Deus pode fazer grande avondança.*

1.5.22 Cuidas que *aqueste Libertino leixou alguen.*

Com verbos-cópula, 25 ocorrências:

VC: 11 ocorrências em que o complemento é sempre o sintagma nominal.

1.1.29 ... contasse que *soon homecīho de pouco proveito.*

1.17.26 Quis que *jouvesse ascondudo.*

1.22.8 Dezia que non *era guisado.*

1.8.8 Semelhava que *era mui gram desonra da eigreja*

SVC: 14 ocorrências em que o complemento e o sujeito são sintagmas nominais, com excepção de uma, em que o sujeito é pronome.

3.32.19 Entendeu que *a fe catolica* era *verdadeira.*

2.3.58 Veen que *o seu trabalho* he *sen fruito.*

1.11.6-8 Non poderia creer que *aquel homen tan pequeno fosse Constancio.*

1.2.21-25 Non ouvi que *aqueste fosse discipolo* de nengũũ.

2. SCV e CV, 34 ocorrências.

Com verbos transitivos, 33 ocorrências:

CV: 27 ocorrências; em 19 o complemento é pronominal e em 8 é o sintagma nominal.

Exemplos:

2.16.18 Nen ha mester que *se reja* per conselho de nengũũ.

1.5.8 Non pode sofrer que *o* non *queimassen.*

3.2.6 Cuidou que *lho dezia.*

1.5.8 Pedio-lhi que o *bẽẽzesse.*

1.2.21-25 Nunca leemos que *meestre nenhũũ ouvesse.*

1.22.8 Dezia que *as vestiduras* que *tragia* desse aos outros.

2.6.5 Nunca ouveron esperança que nunca *o ferro podesse* aver.

1.10.11 Demandasti que *coraçon* avia.

SCV: 6 ocorrências com verbos transitivos; em todas o complemento é pronominal. O sujeito pronominal só ocorre uma vez.

4.4.67 Parece que *as cousas* non *se* veen.

2.21.5 Prometeu-lhis que *toda aquela mengua se tornaria* en avondança.

4.4.52 Dementre nós veemos que *o corpo se* move.

3.12.16 Veendo que *el lhi* respondia.

Com verbo-cópula, uma ocorrência:

CV: 1.18.12 Sabe Deus que *morto he.*

3. CVS: 9 ocorrências:

Com verbo transitivo, 8 ocorrências, sendo que em 6 o complemento é pronominal e em duas é sintagma nominal. Também aqui o sujeito representado por sintagma nominal é mais usual que o sujeito pronominal (6 e 2 vezes, respectivamente).

1.1.29 Osmo que *se* acabaria *o dia.*

2.5.6 Conven que *se* muden *aqueles moesteiros.*

3.16.12 Entendeu que *lhe* enviara *Deus.*

2.16.40 E por esso diss'el que *aqueles juizos de Deus* pronunciara *el* que sairan ja de sa boca.

Com verbo-cópula uma ocorrência, com complemento representado por sintagma nominal:

2.24.10 Entendes de *quam gram merecimento* foi *este San Beento.*

4. VSC, 4 ocorrências:

Duas com verbo transitivo e duas com verbo cópula, em que sempre o complemento é sintagma nominal:

1.7.16 Acaece que polas boas obras que o homen fez acrescenta *Deus* depois a *sa graça e os seus dões.*

2.30.15 Diz San Joane no seu evangelho que todos aqueles que Jesu Cristo receberon deu-lhis *el poderio.*

1.5.14 Achou que naquela hora foi *a monja sãã* da féver.

4.4.50 Crees que ando *eu sen alma?*

5. CSV, 3 ocorrências:

Duas com verbo transitivo e uma com verbo-cópula:

2.3.48 Meteu mentes en como *o Deus* livrara da prison.

4.4.61 Podemos dizer que *aquela cousa se* deve creer.

2.3.25 Non sabemos *hu nós* somos.

6. VCS, duas ocorrências:

Ambas com verbo transitivo em que o complemento é uma completiva.

3.11.15 Non ti semelha, Pedro, que deven a haver *gram vergonha* os homens.

4.41.12 Sabe que solamente ha de julgar *os seus feitos aquel juiz* a que se ren non asconde.

Sumário dos dados:

Tipos de estrutura cf. o verbo	Vl			$SV\begin{Bmatrix}t\\ cop\end{Bmatrix}C$		$SCV\begin{Bmatrix}t\\ cop\end{Bmatrix}S$		$CV\begin{Bmatrix}t\\ cop\end{Bmatrix}S$	$V\begin{Bmatrix}t\\ cop\end{Bmatrix}SC$	$CSV\begin{Bmatrix}t\\ cop\end{Bmatrix}$	VtCS	Total geral
Ordem dos sintagmas	V	SV	VS	VC	SVC	CV	SCV	CVS	VSC	CSV	VCS	—
Total por ordem	20	17	1	61	48	28	6	9	4	3	2	199
Total por tipo	38			109		34		9	4	3	2	199

Na amostra analisada dos enunciados completivos estão documentadas as seis ordens possíveis, o que não ocorreu nas relativas e também nas principais. Aqui também a ordem mais frequente é a SVC.

A contiguidade do sujeito é preferencial: há apenas 8 casos em que o complemento se interpõe entre ele e o verbo (cf. SCV e VCS); a sua anteposição é aqui também preferida à posposição:

Ordem dos sintagmas	Total parcial
SV	17
SVC	48
CSV	3
Total geral	68

Ordem dos sintagmas	Total parcial
VS	1
CVS	9
VSC	4
Total geral	14

A inversão em um caso se explica por estar em um enunciado complexo interrogativo (4.4.50 Crees que ando eu sen alma?); em dois outros talvez se explique por ser completiva de um verbo declarativo que está na principal com o sujeito também posposto; em três das

4 ocorrências de VSC há circunstanciais precedendo o verbo.

Mais usual que o sujeito contíguo é ainda o sujeito marcado no morfema número-pessoal do verbo, o que também ocorre nas principais e relativas:

Ordem dos sintagmas	Total parcial
V	20
VC	61
CV	28
Total geral	109

Se o complemento é um pronome pessoal está sempre antes do verbo (cf. b. 2, b. 3, b. 5). O complemento quando sintagma nominal ocorre em geral depois do verbo (b. 1., b. 4); pode ocorrer antes do verbo, mas é pouco frequente: 12 vezes em toda a amostra (cf. b. 2, b. 3 e b. 5) enquanto o complemento não pronominal quer de verbo transitivo quer de verbo-cópula ocorre 115 vezes depois do verbo (cf. b. 1, b. 2 e b. 6). A posição marcada do complemento não-pronominal anteposto resulta em realce para esse constituinte.

A posição final do verbo em relação aos outros dois componentes observados é nas completivas pouco usual (9 ocorrências cf. SCV e CSV) diferentemente do que vimos ocorrer nas relativas de tipo II e I.

2.2.5.3 A ordem dos sintagmas em enunciados circunstanciais.

Os dados analisados partem da mesma amostra utilizada nos itens anteriores. Aqui também levamos em consideração verbos intransitivos, transitivos e cópula; a natureza do sujeito — marcado no verbo, representado por sintagma nominal ou por pronome; e a natureza do complemento dos verbos transitivos e dos verbos-cópula, pronominal ou representado pelo sintagma nominal ou por completivas. Na amostra considerada ocorreram 251 enunciados circunstanciais que preenchem essas condições.

a. Das 251 ocorrências dessas estruturas, 43 apresentam-se com verbo intransitivo: em 22 o sujeito está marcado no verbo, em 14 o sujeito é um sintagma nominal ou um pronome (8 e 6 ocorrências, respectivamente) que precede o verbo, e em 7 o sujeito está posposto; em 6 delas é um sintagma nominal e apenas em uma é um pronome.

Exemplos:

Vi: 1.1.4 ... *quando viera* en meu moesteiro.

4.40.16 Pecan con cima *porque viven* con cima.

4.22.3 *Porque comeu* na carreira contra o mandamento daquel pecou...

1.8.2 Tanta era a fama *que veo* aas orelhas do papa.

SVi: 2.8.27 Fez mui gram chanto *porque o seu enmiigo morrera.*

3.8.35 E *como quer que este San Pedro fosse* ao terceiro ceo ...

1.17.20 ... *ata que el resurgisse* de morte.

4.4.50 E cuidas que *dementre tu* falas comigo...

ViS: 1.8.35 … *ante que quebrasse a álvor.*

1.5.36 … *ata que veo o hortolan.*

2.31.3 … *assi que* ant'el *viinha algũũ clerigo ou algũũ monge.*

3.20.3 E tanto creceu a agua derredor da eigreja *que chegou ela* aas feestras.

Aqui, como nas completivas, estando independente o sujeito do verbo, há preferência marcada por sua anteposição.

b. Com verbos transitivos e com verbos-cópula, além do sujeito e do verbo, ocorre o complemento. As disposições desses elementos documentadas nessas estruturas preenchem as seis possibilidades que, por ordem de frequência, são: SVC (aí incluída VC), SCV (aí incluída CV), CVS, CSV, VSC e VCS.

1. SVC e VC, 129 ocorrências.

Com verbo transitivo, 100 ocorrências:

VC: 64 ocorrências; em 41 o complemento é o sintagma nominal, em 23, uma completiva.

Exemplos:

1.17.22 … porque nosso remiidor *quando* alumeou *os dous cegos.*

4.1.10 … *ata que* fezesse *seu filho.*

1.1.21 … *porque* parei *mentes* en vida dalgũũs.

1.1.35 … *porque* ouve *mais bẽẽs d'outren.*

2.2.25 ... *porque* começasti *a falar*.

1.8.5 Tan grande foi o temor *que* adur podia *mover* seus pees.

2.30.15 Fazen miragres ... *porque* mandan *que* se façan.

2.12.14 ... perdoou-lhi *porque* entendeu *que* ...

SVC: 36 ocorrências; em 20 o complemento é um sintagma nominal; em 16 é uma completiva. Quanto ao sujeito, em 24 é pronominal e em 12 é o sintagma nominal.

Exemplos:

1.11.14 *Segundo como homen* sofre *as viltanças e os deostos*...

2.8.47 Fez mui gram chanto *porque o seu filho* ouve *prazer*.

4.4.65 E vee i *como o olho* do teu corpo vee *as cousas*.

1.2.35 *Como quer*, Pedro, *que os homens* convenhavilmeite conten *muitas vertudes* ...

1.2.21 *Como quer que alguen* tenha *que á graça*

1.2.19-21 *Como quer que aqueles* non queiran *seer meestres*.

1.17.22 A materia demanda que te pregunte *porque* nosso remiidor mandou *que* ...

3.8.5 ... *sol que o santo bispo don Andre* fezesse *caer*.

Com verbo-cópula, 29 ocorrências:

VC: 16 ocorrências em que o complemento é sempre o sintagma nominal.

2.36.4 Este santo de Deus, *como quer que* fosse *de gram fama*.

4.4.84-87 ... *depois que* he *fora do corpo*.

2.12.14 ... *assi como se* estevesse *doente*.

2.13.22 ... *pois foi presente* per alma.

SVC: 13 ocorrências em que o complemento é também sempre o sintagma nominal. Quanto ao sujeito, em 10 é um sintagma nominal e em 3 é um pronome.

3.1.4 ...porque *o nome e a fama* do santo bispo Paulino he *muito apregoada*.

2.23.29 ... se *Deus* he *amor*.

1.29.3 Porque *eu* era *embargado* non pudi ouvir.

4.4.56 ... porque *o Senhor* non he *cousa* que ...

2. SCV: CV, 61 ocorrências:

Com verbo transitivo, 52 ocorrências:

CV: 49 ocorrências, em 42 o complemento é pronominal e em 7 é sintagma nominal:

1.2.5 E tan comprida era a vida *que* non solamente d'obras maas e desaguisadas *se* guardava.

3.18.27 ... *pera que o converteron*.

1.2.38 E *pois que o* assi *fezeron*.

1.5.8 Veo-se ... *que o bẽẽzesse*.

1.17.26 ... *quando os cegos alumeou*.

1.2.21-25 ... *como quer que muitos discipulos* depois *ensinasse*.

3.21.5 ... *sol que esta palavra disse* ...

4.1.10 *Se hũa molher prenhe metessen* en hũũ cárcer.

SCV: 3 ocorrências em que o complemento é sintagma, em duas; e pronome em uma; quanto ao sujeito ou é pronome ou sintagma nominal.

2.12.14 ... *pois el todo aquelo* sabia.

1.28.31 ... *porque o osso se partiu* en duas partes.

Com verbo cópula, 9 ocorrências:

CV: 5 ocorrências. em que o complemento é sintagma nominal.

1.1.35 ... *se bõõ* non *he*.

1.1.35 ... *se bõõ he*.

4.1.3 ... *dementre no paraiso foi*.

1.4.2 ... assi como de suso *dito he*.

SCV: 4 ocorrências, em que o complemento também é o sintagma nominal e o sujeito é pronominal.

1.22.8 ... *pois ele pobre* era.

2.3.56 ... *pois todos maaos* eran.

2.3.32 Se *el* ante *consigo* non *era*.

3. CVS: 8 ocorrências:

Com verbo transitivo, 7 ocorrências em que o complemento sempre é pronominal, excepto em uma:

1.8.8 *Porque o papa prougue o queixume*...

1.2.15 Está ainda en si *assi como nos contou don Lourenço*.

1.9.3 *Segundo como me contou hũũ muito honrado baron*.

1.2.9 E *quando se tornou o mancebo*...

1.9.11 Tan fortemente *que o souberon os outros seus companheiros*.

Há duas ocorrências com verbo de «declarar» em que o complemento não está presente:

2.33.19 ... *assi como diz San Joane*.

3.33.30 *Segundo como dizen os fisicos*.

Uma ocorrência com verbo-cópula, em que sujeito e complemento são sintagmas nominais:

1.17.5 *En guisa que en hũas pouquetĩlhas de videiras ficaron hũũs pouquetĩhos d'uva*.

4. CSV: 6 ocorrências:

Todas com verbo transitivo. Em 5 o complemento é pronominal e o sujeito, em 4, é o sintagma nominal.

4.4.53 *Quando todo esto nós veemos* no homen...

2.22.10 *Quando se ambos espertaron* contou cada hũũ ao outro.

1.1.23 *Depois que os Deus apartou.*

1.5.68 ...*depois que se o abade partiu* do moesteiro.

4.4.53 *Depois que se a alma parte* do corpo.

1.7.20 ... se *o alguen* non conhocesse.

5. VSC: 3 ocorrências:

Todas com verbo transitivo em que o complemento é sintagma nominal em duas e completiva em uma. O sujeito é pronominal em duas e sintagma nominal em uma.

3.1.2 Porque *ata aqui contei eu os feitos groriosos* ...

4.13.13 E con tanta paceença sofria *que* poren lhi *deu Deus muitas vertudes.*

1.7.19 *Se queres tu* mais *saber da obra*...

6. VCS: uma ocorrência, com verbo cópula, em que complemento e sujeito são sintagmas nominais.

1.16.33 ... fosse *acabada a promissa.*

Sumário dos dados:

Tipos de estrutura cf. o verbo	Vi			$SV\left\{\begin{matrix}t\\ cop\end{matrix}\right\}C$		$SCV\left\{\begin{matrix}t\\ cop\end{matrix}\right\}$		$CV\left\{\begin{matrix}t\\ cop\end{matrix}\right\}S$	CSVt	VtSC	V CS cop.	Total geral
Ordem dos sintagmas	Vi	SV	VS	VC	SVC	CV	SCV	CVS	CSV	VSC	VCS	—
Total por ordem	22	14	7	80	49	54	7	8	6	3	1	251
Total por tipos	43			129		61		8	6	3	1	251

Biblioteca Universitária
- UFSC -

Como nas completivas, estão documentadas as seis ordens possíveis. Também neste caso a ordem mais frequente é a SVC.

A contiguidade do sujeito é preferencial: há apenas 8 casos em que o complemento se interpõe entre ele e o verbo (cf. SCV e VCS); a sua anteposição também aqui é preferida à posposição:

Ordem dos sintagmas	Total parcial
SV	14
SVC	49
CSV	6
Total geral	69

Ordem dos sintagmas	Total parcial
VS	7
CVS	8
VSC	3
Total geral	18

A inversão em alguns casos explica-se provavelmente pela presença de um circunstancial antes do verbo (cf. em a.: exs. 2.31.3 e 3.20.3; em b. 5 cf. exs. 4.13.13); em outras pelo verbo «declarativo» do enunciado (cf. exs. 1.2.15, 1.9.3, 2.33.19 e 3.33.30 de b. 3). Esses factores que favorecem a inversão do sujeito são destacados entre outros por Pádua (1960: 129-133).

Mais usual que o sujeito contíguo é ainda o sujeito marcado no morfema número-pessoal do verbo, o que vimos ocorrer em todos os tipos de enunciados analisados:

Ordem dos sintagmas	Total parcial
V	22
VC	80
CV	54
Total geral	156

Se o complemento é um pronome pessoal está sempre antes do verbo (cf. b. 2, b. 3, b. 4): há 48 ocorrências; se é sintagma nominal, contrariamente, a preferência é pela posposição (cf. b. 1, b. 5, b. 6): há 93 ocorrências, para apenas 11 do complemento anteposto representado pelo sintagma nominal. Pádua (1960: 77) chama a atenção para a preferência pelo complemento anteposto expresso pelo pronome. Estando anteposto o complemento representado pelo sintagma nominal, torna-se claramente realçado. Veja-se, por exemplo:

1.17.26 ... quando *os cegos* alumeou.

3.21.5 ... sol que *esta palavra* disse

4.4.53 ... quando *todo esto* nós veemos no homen.

1.8.8 Porque *o papa* prougue o queixume.

A posição final do verbo em relação aos outros constituintes observados é, como nas completivas, pouco usual, cf. SCV e CSV, com apenas 13 casos.

2.2.6 Conclusões sobre os dados analisados de 2.2.2 a 2.2.5.

A análise da amostra seleccionada para observação da disposição dos constituintes no enunciado permite-nos as seguintes conclusões:

a. A ocorrência das seis ordens possíveis, considerando-se sujeito, verbo e complemento, só documentamos nas completivas e circunstanciais. É necessário destacar que são mais frequentes nos diversos tipos de enunciados analisados as ordens SVC, SCV, quando o complemento é pronominal, e CSV, típica das relativas de Tipo II.

b. Quando o sujeito está presente, representado por pronome ou por sintagma nominal, ressalta a constante predominância da ordem chamada «normal» ou «lógica», SVC.

c. Em todos os tipos de enunciados analisados é constante a predominância do sujeito marcado no morfema número-pessoal do verbo núcleo do sintagma verbal.

d. Estando o sujeito representado por pronome ou sintagma nominal, predomina a sua contiguidade ao verbo e a preferência marcante por sua anteposição. O sujeito posposto, em geral, pode ser explicado por factores sintácticos, como seja a presença de circunstanciais antes do verbo, ou por factores semânticos, como seja o tipo de verbo: é o caso dos verbos «de declarar» que em geral levam para depois o seu sujeito. Em qualquer caso, entretanto, o sujeito posposto torna-se, sem dúvida, destacado ou mais realçado no enunciado.

e. É constante a anteposição do complemento nas subordinadas quando representado por pronome; nas principais afirmativas a posição do complemento pronominal é variável, embora mais usual a sua posposição ao verbo, enquanto nas principais negativas o complemento pronominal é anteposto.

f. Quando o complemento está representado pelo sintagma nominal a sua posposição ao verbo é mais constante; quando ocorre anteposto, quer nas principais quer nas subordinadas, nota-se que adquire maior destaque no enunciado, tornando-se mais marcado que o sujeito.

g. A posição do verbo depois do sujeito e do complemento é pouco frequente, excepto no Tipo II das relativas, em que o complemento é o próprio relativo, e o sujeito, em geral, a ele segue; e, com menor frequência, no Tipo I das relativas em que o sujeito é o pronome relativo.

h. Diante desses factos vê-se que a disposição menos marcada é SVC, que é também a mais frequente, sendo mais marcadas aquelas disposições em que o sujeito sucede o verbo e/ou o complemento representado por sintagma nominal antecede o verbo.

i. Os dados analisados estão sumarizados no quadro seguinte que demonstra a sequência decrescente de frequência das ordens, SVC, SCV, CVS, CSV, VSC e VCS:

Ordem	SVC				SCV		CVS		CSV	VSC	VCS	T. p/ tipo
Tipos de En.	SVC	V	SV	VC	SCV	CV	CVS	VS	CSV	VSC	VCS	—
En. Pr.	54	—	8	145	5	7	11	34	—	19	6	289
En. Pr. Neg.	11	—	1	25	3	2	3	3	—	5	4	57
En. Int.	—	9	11	—	—	—	—	7	—	—	—	27
Sub. Rel. I	69	—	43	—	48	—	—	—	—	—	—	160
Sub. Rel. II	—	—	—	—	—	100	10	—	71	—	—	181
Sub. Rel. III	29	37	4	11	4	14	2	7	5	—	—	113
Sub. Compl.	48	20	17	61	6	28	9	1	3	4	2	199
Sub. Circ.	49	22	14	80	7	54	8	7	6	3	1	251
T. parcial	260	88	98	322	73	205	43	59	85	31	13	—
T. geral	768				278		102		85	31	13	1277
%	60,14				21,77		7,99		6,66	2,43	1,01	100,00

2.2.7 A posição do complemento pronominal não-acentuado: análise suplementar.

Na alínea *e* do item 2.2.6 apresentamos, em linhas gerais, informação sobre a posição do complemento pronominal nos enunciados subordinados e nos principais afirmativos e negativos. Aqui detalharemos aquela informação a partir da análise de enunciados em que o complemento é representado pelo pronome.

A amostra considerada é a mesma dos itens 2.1.6 e 2.2; nela ocorreram 489 enunciados em que o complemento é pronominal:

236:	subordinados não-reduzidos.
101:	principais.
81:	coordenados.
59:	negativos.
12:	subordinados reduzidos de gerúndio e de infinitivo precedido de preposição.

Na análise estabeleceremos o emprego da próclise, da ênclise e da mesóclise nesses 5 tipos de estrutura. Sobre a morfologia dos substitutos pronominais cf. Parte I, 4.1.

2.2.7.1 Em enunciados subordinados.

Nos 236 enunciados subordinados analisados a anteposição do pronome complemento é a regra geral, por exemplo:

3.2.14 Horto en que *o* posessen.

2.2.25 Confesso que *mi* praz muito.

2.3.8 … porque *o* rogaron mui aficadamente.

2.2.16 Rogo-t'eu que *mh'o* declares.

3.2.6 Cuidou que *lho* dezia.

4.4.21 Conselhou que *se* alegrasse e que *se* deleitasse.

2.1.17 Como se *se* esfalfasse do mais alto monte.

Ocorreram dois casos, excepcionais, de ênclise:

2.30.15 Diz que *todos aqueles* que Jesu Cristo receberon e creeron que era filho de Deus, deu-*lhis* el poderio.

1.1.35 A outra *he ca,* se bõõ he, homilda-*se* mais.

No primeiro caso o pronome repete o complemento anteriormente expresso — *todos aqueles;* essa redundância torna o enunciado marcado como enfático. O segundo caso é o de uma estrutura clivada pelo *he ca* que pode ser considerada como uma estrutura enfática.

Observados os enunciados em que o verbo está no futuro do presente ou no futuro do pretérito, casos em que poderia ocorrer a mesóclise, esta não é utilizada, mas sim a próclise:

1.2.38 Aquelas que *se* faran.

1.2.35 … pero que *se* poderian fazer.

3.8.15 E disse que *lhi* daria.

1.1.35 … en como *se* poderian fazer.

De acordo com esses dados, a próclise é sistematicamente escolhida nos enunciados subordinados. A variação que pode ocorrer em enunciados desse tipo está no facto de nem sempre o pronome estar imediatamente antes do verbo, como vimos nos exemplos acima; entre o pronome complemento e o verbo podem estar intercalados outros elementos. Dos 236 enunciados estudados há 24 casos do tipo descrito.

Entre o pronome e o verbo pode ocorrer:

a. O sujeito representado por pronome:

1.5.61 Aqueste por que *me tu* rogas.

2.37.14 Assi como *lhis el* prometera.

1.1.23 Ca algũũs deles de que *me eu* nembro.

1.25.20 Obra de piedade que *lhi el* entendesse a fazer.

3.6.9-10 Aquel vĩho que *lh'el* dera.

1.10.15 Pois *mi tu* contasti.

b. O sujeito representado por elemento não-pronominal:

4.12.13 ... ata que *lhi a alma* saisse do corpo.

1.13.8 ... quanto *lhi o* abade feze.

1.5.76 ... en que *lhi o Nosso Senhor e nosso meestre Jesu Cristo* dissera.

2.22.10 quando *se ambos* espertaron.

c. Um circunstancial:

1.2.44-45 ... de seu cavalo de que *o primeiramente* derribaron.

1.1.15 E quando *se mais* estende...

2.9.4 Quanto *se ali* ajuntara.

1.2.5 ... que *mh'ora* dissesti.

d. Sujeito e circunstancial:

1.17.16 Graça que *lhi Deus ante* dera.

1.7.20 ... ainda que o *el primeiramente* salvasse.

4.14.10 Braados quaes *os ela ja* podia dar.

1.9.7 Esto que *ti eu ora* quero contar.

e. Complemento preposicionado:

2.30.15 Aqueles que *se a Nosso Senhor* chegan.

f. Complemento preposicionado e sujeito:

1.5.57 Don que *lhi a el Deus* dera.

4.4.67 ... quando *se a alma do corpo* parte.

g. Complemento não-preposionado:

4.12.9 E que *mi esto* sol a contar.

Sendo a próclise constante nos enunciados subordinados, é a liberdade de intercalar, entre o pronome complemento e o seu verbo, elementos diversos que torna variada a estruturação dos enunciados subordinados com complemento pronominal.

Note-se que na amostra analisada a estrutura mais usual é aquela constituída do relacionante subordinador seguido do pronome complemento e do verbo. Quando ocorrem outros elementos antecedendo o verbo em geral eles se intercalam entre pronome e verbo, como vimos nos exemplos anteriores. Há apenas dois casos, na amostra, em que entre o relacionante e o pronome complemento ocorrem outros elementos:

2.3.56 Vira que *todos os* pesseguian.

4.1.10 Se *sa madre* lhi falasse.

Considerando os factos descritos, pode-se afirmar que nos enunciados subordinados, além da próclise constante, os caracteriza a contiguidade do pronome complemento ao elemento subordinante.

Sumário:

Pos. de Pro.	%	Distribuição	Total parcial
Próclise	99,15	Sub. + Pro. + V	208
		Sub. + Pro. + ... + V	24
		Sub. + ... + Pro. + V	2
Ênclise	0,84	Sub. + ... + V + Pro.	2
Total Geral	99,99	———	236

2.2.7.2 Em enunciados principais.

Ao contrário do que ocorre nos enunciados subordinados, nos principais há o predomínio da ênclise.

Em 101 enunciados principais documentados na amostra, há 82 casos de ênclise para 18 de próclise e apenas um de mesóclise.

A ênclise ocorre sempre:

a. Quando o verbo está em posição inicial absoluta no enunciado, por exemplo:

1.2.44.45 — Ide-*vos* a boa ventura.

2.8.40 — Rogo-*te*, padre, que mi digas.

1.5.47 — Vai-*te*.

2.11.11 — Deitou-*se* en sa oraçon.

1.13.12 — Foi-*se* de noite per aquel logar.

b. Quando o verbo está em posição inicial do enunciado principal, embora não em inicial absoluta porque o precede um enunciado subordinado, por exemplo:

1.28.41 ... polo preço que lhi dava, deu-*lhos* sen preço.

2.33.9 Porque se deleitavan en falar de Deus, perlongou-*se* o tempo muito.

1.5.8 Depois que disse sas matĩlhas, veo-*se* pera o leito.

2.1.40 E pois soube todo seu desejo, teve-*lhi* puridade.

4.1.3 Dementre no paraiso foi, deleitava-*se* nas palavras que ouvira.

2.13.4 E hũũ dia viindo ... ajuntou-*se* a el no caminho hũũ companheiro.

A ênclise deixa de ser obrigatória quando o verbo não inicia o enunciado principal, pois está precedido de outros componentes: sujeito explícito, complemento ou circunstanciais. Nesses casos, na documentação analisada, há 10 casos de ênclise para os 18 casos de próclise documentados nos enunciados principais.

Nos exemplos seguintes pode parecer estranho que muitos dos enunciados principais estejam iniciados por *e*. Lembramos que na análise da coordenação aditiva (cf. Parte III, 2.1.2.1) chamamos a atenção para o *e* iniciando enunciados principais, como elo da narrativa, e não como coordenador aditivo.

a. Ênclise ou próclise nos enunciados principais em que o sujeito precede o verbo:

2.12.14 E el perdoo-*lhis* logo.

1.4.7 E ele espantou-*se* muito daquela petiçon.

3.6.9-10 Hũũ seu arcediagoo trabalhou-*se* de ...

1.22.8 E sa madre *o* soia a trager mal porende.

1.8.25 O seu homen *lhi* disse.

1.24.19 O enmiigo *a* atormentava.

2.5.5 Gram trabalho *nos* he de decer.

1.6.9 E o santo homen de Deus *lhi* disse con gram desdenho.

1.13.8 Todo *lh'* era prazer.

b. Ênclise ou próclise quando um complemento precede o verbo.

3.2.26 E o poderio tolheron-*mh'o*.

1.9.7 Esto, Pedro, aprendi-*o* dũũ homen.

2.16.3 E o seu bispo feze-*o* trager per todalas eigrejas dos martires.

3.14.4 Homen mui de santa vida — fezeron-*no* bispo.

2.15.14 A verdade daquesta profecia mais claramente *a* veemos.

1.5.25 D'algũas cousas *me* calarei.

1.1.12 E esto *lhi* fazia o prazer.

Nos cinco primeiros exemplos, note-se que o pronome repete o complemento expresso pelo sintagma nominal.

c. Ènclise ou próclise quando um circunstancial precede o verbo:

2.10.5 E por esso deitou-*se* logo en oraçon.

2.3.51 Naturalmente leixou-*se* sô si.

1.9.5 E enton levantou-*se* huum vento.

1.2.47 E assi *o* fez o poder de Deus.

2.35.26 — Ora *mi* semelha, padre, que...

2.1.17 Tanto *lhi* semelhara.

1.2.46 E quando chegaron ao rio, tan aginha *o* passaron.

1.9.11 E tan fortemente e tanto tempo *os* atormentou.

3.2.42 E assi *se* compriu.

2.36.3 Muito *me* prazeria.

1.1.29 Ante *se* acabaria o dia.

Note-se que, quando há próclise nos enunciados principais, o pronome ocorre sempre contíguo ao verbo, diversamente do que pode ocorrer nos enunciados subordinados.

A mesóclise ocorre apenas uma vez nos enunciados principais:

4.8.8 Se... non ouvessen paceença, acaecer-*lhis*-ia que onde homen cuidava que a culpa menguasse, ende creceria.

Nas outras 6 ocorrências de verbos no futuro do presente e no futuro do pretérito, de acordo com o uso descrito anteriormente, há 3 casos de ênclise (em inicial absoluta ou seguindo o principal a um enunciado subordinado) e três de próclise (precedido o pronome ou por circunstancial ou por complemento):

1.2.3 — Direi-*ti* os nomes d'algũũs.

4.40.16 Aquesto, Pedro, que tu dizes diria-*se* dereitamente.

1.7.20 Se o alguen non conhocesse terria-*se* por despreçado.

2.36.3 Muito *me* prazeria.

1.1.29 Ante *se* acabaria o dia.

1.5.25 E como quer que a min nembrem muitas cousas d'algũas cousas *me* calarei.

Considerados os factos descritos se pode afirmar que, nos enunciados principais, a ênclise é predominante;

há variação quanto à posposição ou anteposição do pronome, quando o verbo não inicia o enunciado principal; a mesóclise é excepcional. Ocorrendo a próclise, o pronome fica contíguo ao verbo.

Sumário:

Pos. do Pro.	%	Distribuição	Total parcial
Ênclise	81,18	V + Pro.	
		En. sub. + V + Pro.	72
		... + V + Pro.	10
Não-ênclise	18,81	... + Pro. + V	18
		V + Pro. + V	1
Total geral	99,99	———	101

2.2.7.3 Em enunciados coordenados.

Aqui, como nos enunciados principais, há o predomínio da ênclise. Em 81 enunciados coordenados, há 58 casos de ênclise para 20 de próclise e 3 de mesóclise.

Ocorre sempre a ênclise quando o coordenante é *e*, *mais* e *pero*. Há 57 exemplos dessa situação:

1.2.44-45 Deceron das bestas e poseron-*no* contra sa vontade en cima de seu cavalo.

1.2.40 E tornaron-se muit'agĩha e acharon-*no* jazer en sa oraçon e disseron-*lhi*.

1.2.31 Mais rogo-*te* que mi digas.

3.25.10 Non solamente me parece maravilha *mais* maravilho-*me*.

1.5.47 Mais o que mester ouverdes manda-*o* a min.

3.6.17 Pero matoo-*u* a poçonha da sa maldade.

3.15.62 Pero guardou-*lhis* per muito tempo os filisteus.

Nos casos de ênclise o verbo segue imediatamente o coordenante. Há uma ocorrência da ênclise quando depois do coordenante há outro componente:

2.28.5 Mais o monge perlongoo-*u*.

Como nos enunciados principais a próclise é preferencial quando ocorrem outros componentes no mesmo enunciado depois do coordenante: sujeito, complemento e circunstanciais; há 13 ocorrências desse tipo:

a. O sujeito segue o coordenante:

1.17.26 E pero eles *o* apregoaron per toda a terra.

2.4.7 E os monges *se* foron pera sa oraçon.

1.8.25 E o seu homen *lhi* disse e *lhi* mostrou.

1.20.4 E ele *lhis* deu con sa mãão hũũ barril.

b. O complemento segue o coordenante:

1.5.6 E tan gram ferida *lhi* deu.

2.16.7 E desto *se* nembrou el.

c. Circunstanciais seguem o coordenante.

1.8.31 Caeu con el e logo *lhi* quebrou a perna.

1.29.29 E assi *se* comportava.

3.8.33 E assi *se* compriu per graça de Deus.

2.8.50 Mais abertamente *se* parava ant'os seus olhos.

2.35.26 E poren *te* rogo que...

Sobre *poren*, equivalente a *por* isso, e antes como «adverbial» e não conjunção cf. 2.1.2.4.

d. Sujeito e circunstanciais seguem o coordenante:

1.8.18 E eu logo *me* vou depós ti.

1.6.9 E o enmiigo logo *se* partio dela.

As outras 7 ocorrências de próclise em enunciados coordenados ocorrem quando *ca* inicia o enunciado. Tanto quando a ele segue imediatamente o pronome

1.8.8 Ca *lhi* semelhava que...

2.16.3 Ca *o* leixava a San Beento.

1.1.33 Ca *se* esforça homen pera fazer ben en ouvir contar.

como quando, entre *ca* e o pronome, ocorrem outros outros componentes:

1.8.30 Ca el logo *se* queria ir.

1.5.70 Ca aquele *a* poderia saar de sa enfermidade.

4.4.61 Ca a fe *nos* faz creer as cousas.

4.10.11 Ca aqueles *o* levaron consigo.

Na amostra todos os enunciados introduzidos por *ca* ocorrem com o pronome proclítico, como nos enunciados subordinados. Esse facto é um argumento que deverá ser levado em conta em um estudo que vise a decidir se *ca* deverá ser considerado um elemento coordenante ou subordinante. Em 2.1.1 e 2.1.3.1.3 chamamos a atenção para a dificuldade de estabelecer o limite entre certos tipos de coordenação e de subordinação. Dentre esses casos liminares está, sem dúvida, o de *ca*.

A mesóclise ocorre três vezes. Em duas delas seguindo o coordenante e na outra depois de um circunstancial:

1.2.35 Pero contar-*ch'*ei eu, Pedro, hũũs poucos de miragres.

3.37.53 Escólhi tu hũa monte qual quiseres e dar-*ch'*a-emos.

4.8.11 E enton dar-*lh'*ia Deus lume de seus olhos.

Na amostra há duas outras ocorrências de verbo no futuro do pretérito que seguem o uso geral das coordenadas, antes descrito: a ênclise, quando o verbo segue imediatamente o coordenante e a próclise quando ao coordenante segue outro componente, fortalecida a escolha da próclise, no caso, por ser *ca* o coordenante.

4.8.8 ... ende creceria e faria-*se* maior.

1.5.70 Ca aquele *a* poderia saar de sa enfermidade.

Considerando os factos descritos se pode afirmar que, nos enunciados coordenados, a ênclise é também predominante. Há próclise quando entre o coordenante e o pronome ocorrem outros componentes ou então quando *ca* introduz o enunciado. A mesóclise é excepcional. Ocorrendo a próclise, como nas principais, o pronome fica contíguo ao verbo.

Sumário:

Pos. de Pro.	%	Distribuição	Total parcial
Ênclise	71,60	Coord. + V + Pro. [*e, mais, pero*]	57
		Coord. + ... + Pro	1
Não-ênclise	28,39	Coord. + ... + Pro. + V	13
		Coord. + Pro. + V [*ca*]	7
		Coord. + V + Pro. + V	3
Total geral	99,99	———	81

2.2.7.4 Em enunciados negativos.

Nos 56 enunciados negativos da amostra, não ocorre nem a ênclise nem a mesóclise, a próclise é constante. Desses, 27 são constituídos de enunciados principais e coordenados (11 e 16, respectivamente), em que a negativa precede sempre o pronome:

1.4.6 — Tu *non te* partirás.

1.2.38 *Non se* poderon mudar as bestas.

3.11.15 — *Non ti* semelha, Pedro.

2.3.18 E *non vos* dix'eu da primeira que...

2.22.10 E pero *non se* atreveron...

3.22.19 Mais pro *non se* fez cristão.

1.2.38 Querendo passar hũũ rio, *non se* poderon mudar as bestas.

2.16.3 Mais os santos martires *non lhi* quiseron dar este don desta saude.

Em 22 dos enunciados subordinados negativos a negativa sucede o pronome, ao contrário do que ocorre nos coordenados e principais; deste modo, o pronome proclítico fica contíguo ao subordinante. Os dois primeiros exemplos a seguir demonstram bem a distribuição oposta da negativa nesses enunciados de natureza distinta.

4.30.9 E *non lho* dissera se *o non* conhocera.

4.4.67 As cousas que se poden veer *non se* veen senon per aquelas que *se non* poden veer.

1.7.22 Mandou que *o non* dissessen.

1.24.8 E porque *se non* achegou a seu marido.

1.5.80 Non pode sofrer que *o non* queimassen pola maldade grande.

4.13.20 ... en guisa que *os non* podiam veer.

1.5.68 E dezia que *se lhi* non enviassen Basilio.

4.1.15 Outras cousas que *se non* poden veer.

4.4.63 Aquelas que *se non* poden veer.

Quando, além do pronome e da negativa, ocorre outro componente antes do verbo há duas possibilidades:

a. Há três ocorrências em que o pronome antecede a negativa, mantém-se, portanto, contíguo ao subordinante, já que o outro componente se intercala entre o pronome e a negativa:

1.2.47 Recebeu o seu que *se* primeiramente *non* pudera mudar.

4.41.12 ... a que *se* ren *non* asconde.

1.7.20 Se *o* alguen *non* conhocesse.

b. Há 4 ocorrências em que o componente novo, contíguo ao subordinante, inverte a ordem pronome/ /negativa que é a mais usual nas subordinadas negativas.

2.38.10 Duvidan que os santos *non lhi* socorrerian ali

1.8.41 Disse que hoje *non nos* poderíamos ir.

1.7.20 Mandou que algũũs miragres *non-no* dissessen

4.4.63 ... creer o que pelos olhos *non* se pode veer.

Confrontem-se esses dois últimos exemplos com os dois seguintes, em que, em contextos análogos, mantém-se a ordem pronome/negativa já que não há outro componente em causa:

1.17.22 Mandou que *o non* dissessen e nengũũ

4.4.63 Aquelas que *se non* poden veer

Na amostra há uma única ocorrência em que, presente um outro componente e contíguo ao subordinante, se mantém a ordem pronome/negativa.

4.4.56 Assi como o senhor *se non* pode veer.

Pelos dados analisados seria de esperar «assi como o senhor non se pode veer».

Na amostra há três ocorrências da negativa *nunca:* em duas delas de acordo com o uso que vimos de *non* nas principais e coordenadas e nas subordinadas:

1.2.40 Este embargo e este nojo *nunca nos* aveo.

1.2.35 ... aquelas que *se nunca* farán.

Na terceira o enunciado subordinado com a negativa *nunca* foge ao uso geral:

4.4.63: ... deves saber que *nunca* se veen.

Nos enunciados negativos só ocorre a próclise. Nos principais e coordenados a negativa precede o pronome; nos subordinados a negativa sucede o pronome, ficando este contíguo ao subordinante, excepto quando ocorre algum componente que segue o subordinante, invertendo-se então a ordem pronome/negativa das subordinadas.

Sumário:

Pos. de Pro.	%	Tipo de enunciado	Distribuição	Total parcial
Pró-clise	100,00	En. Pr.	Neg. + Pro. + V	11
		En. Coord.	Coord. + Neg. + Pro. + V	16
		En. Sub.	Sub. + Pro. + Neg. + V	22
			Sub. + Pro. + ... + Neg. + V	3
			Sub. + ... + Neg. + Pro. + V	4
Total geral	100,00	——	——	56

2.2.7.5 Em enunciados reduzidos.

Na amostra ocorreram apenas 12 enunciados circunstanciais reduzidos. Em 6 o verbo está no gerúndio e o pronome sempre enclítico:

2.3.40 Deleitando-*se* sempre en Deus nas orações... cuidando en Deus e desejando-*o* e amando-*o*.

1.1.4 Achando-*me* sen aquela devoçon...

2.1.29-30 E leixando-*a* sobrela mesa ...

3.8.27 Veendo-*se* vençudo polas palavras...

Nas outras 6 o verbo está no infinitivo precedido de preposição e há três casos de ênclise e três de próclise. Nos três casos de ênclise o pronome por razões morfo-fonémicas (cf. Parte I, 4.1.2.4.1.) pode assimilar-se ao infinitivo:

1.12.5 ... pera apaga-*lo* tanto se mais acendia.

4.4.10 ... pera assessegá-*los*.

1.7.19 ... pera trage-*las*.

Nos 3 casos de próclise, em 2 deles, ocorre o mesmo contexto dos exemplos acima, mas não se dá a assimilação do pronome ao verbo, estando proclítico o pronome:

3.16.12 Entendeu que lha enviara Deus pera *a* servir.

1.7.20 Despreçado en *o* salvar.

1.7.9 Pera *lhis* apanhar as almas.

Por esses dados se pode afirmar que com o gerúndio a ênclise é geral e com o infinitivo tanto a ênclise quanto a próclise podem ocorrer quando o infinitivo está precedido de preposição.

Sumário:

Pos. de Pro.	%	Distribuição	Total parcial
Ênclise	75,00	Ger. + Pro. Prep. + Inf. + Pro.	6 3
Próclise	25,00	Prep. + Pro. + Inf.	3
Total geral	100,00	———————	12

Na amostra há 61 ocorrências de enunciados reduzidos de infinitivo que funcionam como completivas de outro verbo (cf. Parte II, 3.3). Nesses contextos, quando ocorre pronome complemento, ele ficará enclítico ou proclítico ao verbo que o infinitivo complementa de acordo com os princípios estabelecidos de 2.2.7.1 a 2.2.7.4. Os exemplos seguintes demonstram essa situação em enunciados subordinados, principais, coordenados e negativos:

Subordinados:

1.20.40 Barril que *os podia abastar*.

1.7.9 Ainda que *me queira calar*.

1.5.9 Cuidou-se ca *se queria ir* do moesteiro.

2.20.3 Candea que *lho* eu *deva a teer*.

Principais:

3.3.7 *Mandou-lhi pedir* que recebesse.

2.1.51 *Achoo-u jazer* en hũa cova.

2.14.4 E ante que chegasse *mandou-lhi dizer*.

1.22.8 E sa madre *o soia a trager*.

Coordenados:

2.3.50 Foi-se e *feze-se deitar* de cima en hũũ cesto.

1.2.40 E tornara-se muit'agĩha e *acharon-no jazer* en sa oraçon e disseron-lhis.

4.4.61 *Ca* a fe *nos faz creer* as cousas.

Negativos:

1.2.41 ... que *se* primeiramente *non puãia mudar*.

4.4.67 Aaquelas que *se non poden veer*.

1.9.3 *Non me devo calar*.

1.17.23 ... pero *non se pode asconder*.

Na amostra há uma única ocorrência de enunciados com completivas infinitivas em que o pronome esta enclítico ao infinitivo:

3.3.56 O cavalo começou a bravejar e soprar e *mover-se* dũa parte e da outra.

Observando os infinitivos no *Indice Geral das Palavras Lexicais* (MATTOS E SILVA 1981), já que a amostra oferecia esse exemplo de ênclise, encontramos algumas ocorrências do pronome enclítico ao infinitivo em enunciados completivos de verbos:

2.14.8 ... pois lo viu vĩĩr e *achegar-se* a el.

2.31.10 Cuidoo-u a espantar a metê-*lo* en medo.

2.1.8 ...per que carreiras homen pode viir mais agĩha aa verdade e *partir-se* de falsidade.

3.18.12 Começou a chorar e *dizer-lhi.*

Note-se que em todas essas ocorrências o verbo que deveria preceder o infinitivo está elíptico, sendo esse possivelmente o facto que levou o pronome a ocupar a posição enclítica ao infinitivo.

2.2.7.6 Conclusões sobre os dados analisados do item 2.2.7.1 a 2.2.7.5.

a. Nos enunciados subordinados a próclise é constante e o pronome se apresenta contíguo ao elemento subordinante, uma vez que, ocorrendo outros elementos além do pronome complemento e do verbo, se situam eles entre o pronome e o verbo. A ênclise ocorreu excepcionalmente em enunciados que podem ser considerados enfáticos;

b. Nos enunciados principais o pronome enclítico ao verbo é constante, se o verbo está em posição inicial absoluta do enunciado. Se ocorrem outros elementos antes do verbo ocorre a próclise, mas o pronome continua contíguo ao verbo;

c. Nos enunciados coordenados o pronome enclítico ao verbo é constante, se antes do verbo ocorrem apenas os coordenantes *e, mais, e pero.* Se ocorrem ourtos elementos entre o coordenante e o verbo o pronome fica proclítico, mas continua contíguo ao verbo, no entanto não é impossível ocorrer a ênclise, atestada em um único caso. Com o coordenante *ca* ocorre a próclise como nas subordinadas;

d. Nos enunciados negativos, quer subordinados, quer principais, quer coordenados, só ocorre a próclise.

Distinguem-se os subordinados dos principais e coordenados porque naqueles o pronome antecede a negação (continuando contíguo ao subordinante como nas afirmativas) enquanto nesses a negação antecede o pronome. Nos subordinados, se algum outro elemento vem imediatamente depois do subordinante, inverte-se a ordem pronome/negação e ocorre negação/pronome como nos principais e coordenados. É este o único caso em que nos subordinados o pronome fica contíguo ao verbo e não ao subordinante.

e. Nos enunciados reduzidos a ênclise é constante quando o verbo está no gerúndio e, estando o verbo no infinitivo precedido de preposição, pode ocorrer a ênclise ou a próclise. Quando o infinitivo é completivo de um verbo, o pronome complemento que pode ocorrer nessas estruturas estará em próclise ou ênclise ao verbo que o infinitivo complementa, de acordo com as normas antes descritas.

f. A mesóclise é rara, ocorreu apenas 4 vezes (0,81 %) nos 489 enunciados analisados.

g. Desses factos se pode inferir que a próclise é típica dos enunciados negativos (100 %) e subordinados (99,15 %); enquanto nos principais e coordenados a ênclise é mais frequente (81,18 % nos principais e 71,60 % nos coordenados), embora a próclise possa ocorrer (18,81 % nos principais e 28,39 % nos coordenados) a depender da composição sintáctica desses enunciados. Apesar dos poucos dados da amostra, se pode afirmar que a ênclise é preferencial nos enunciados reduzidos (75 % para 25 %).

BIBLIOGRAFIA CITADA

Distinguem-se os subordinados dos principais e coordenados porque naqueles o pronome antecede a negação (continuando contíguo ao subordinante como nas afirmativas) enquanto nesses a negação antecede o pronome. Nos subordinados, se algum outro elemento vem imediatamente depois do subordinante, inverte-se a ordem pronome/negação e ocorre negação/pronome como nos principais e coordenados. É este o único caso em que nos subordinados o pronome fica contíguo ao verbo e não ao subordinante.

e. Nos enunciados reduzidos a ênclise é constante quando o verbo está no gerúndio e, estando o verbo no infinitivo precedido de preposição, pode ocorrer a ênclise ou a próclise. Quando o infinitivo é completivo de um verbo, o pronome complemento que pode ocorrer nessas estruturas estará em próclise ou ênclise ao verbo que o infinitivo complementa, de acordo com as normas antes descritas.

f. A mesóclise é rara, ocorreu apenas 4 vezes (0,81 %) nos 489 enunciados analisados.

g) Desses factos se pode inferir que a próclise é típica dos enunciados negativos (100 %) e subordinados (90,18 %); enquanto nos principais e coordenados a ênclise é mais frequente (81,18 % nos principais e 71,50 % nos coordenados), embora a próclise possa ocorrer (18,81 % nos principais e 28,39 % nos coordenados) a depender da composição sintáctica desses enunciados. Apesar dos poucos dados da amostra, se pode afirmar que a ênclise é preferencial nos enunciados reduzidos (75 % para 25 %).

ABRAHAM, R. 1938, *A portuguese version of the life of Barlaam and Josaphat*. Paleographical edition and linguistic study. Philadelphia.

ASENSIO, E., 1970, *Poética y realidad en el cancionero peninsular de la Edad Media*. Madrid, Gredos.

AULETE, C., 1958, *Dicionário contemporâneo da lingua portuguesa*. Rio de Janeiro, Delta.

AZEVEDO, P. de, 1925, Uma versão portuguesa da história natural das aves do séc. XIV. *Revista Lusitana*, Lisboa, *25* (1-4): 128-147.

BATANY, J., 1971, Ancien français, méthodes nouvelles. *Langue Française*. Histoire de la langue, Paris, *10*, Mai: 31-56.

BUESCU, M. L. C., 1975, *A gramática da linguagem portuguesa de Fernão de Oliveira*. Lisboa, Imprensa Nacional.

CARVALHO, J. G. H. de, 1962-3, Nota sobre o vocalismo antigo português: valor dos grafemas *e* e *o* em sílaba átona. *Revista Portuguesa de Filologia*, Coimbra, *12* (1): 16-39.

1973, Actualizadores léxicos. *Revista de Cultura Vozes*, Petrópolis, 5: 49-60.

CASTRO, I., 1979, Quando foi copiado o «Livro de José de Arimatéia»? *Boletim de Filologia*, Lisboa, *25* (1-4): 173-183.

CEPEDA, M. I. V, 1962, *A linguagem da Imitação de Cristo*, Lisboa, Centro de Estudos Filológicos.

CERQUIGLINI, B., 1978, La parole étrange, *Langue Française.* Grammaires du texte médiéval, Paris, *40*, Dec.: 75-82.

CHARAUDEAU, P., 1971, Ser-estar. In: *Cours de linguistique. Description sémantique de quelques systèmes grammaticaux de l'espagnol actuel.* Paris, Centre de Documentation Universitaire-Sorbonne: 31-39.

CINTRA, L. F. L., 1951, *Crónica geral de Espanha de 1344.* Introdução. Lisboa, Academia de Ciências.

1958a, Alguns estudos de fonética com base no Atlas Linguístico da Península Ibérica. In: *Anais do Primeiro Congresso Brasileiro de Lingua Falada no Teatro,* Rio de Janeiro, p. 186-195.

1958b, Os ditongos decrescentes *ou* e *ei:* esquema de um estudo sincrónico e diacrónico. Comunicação ao Simpósio de Filologia Românica, Rio de Janeiro.

1959, *A linguagem dos Foros de Castelo Rodrigo.* Seu confronto com a dos foros de Alfaiates, Castelo Bom, Castelo Melhor, Coria, Cáceres e Usagre. Contribuição para o estudo do leonês e do galego-português do séc. XIII. Lisboa, Centro de Estudos Filológicos.

1963a, Les anciens textes non-littéraires. Classement et bibliographie. In: *Apport des anciens textes romans non-littéraires a la connaissance de la langue du Moyen Age* Révue de Linguistique Romane, Paris, *27:* 40-58.

1963b Observations sur l'orthographe et la langue de quelques textes non-littéraires galiciens-portugais de la seconde moitié du XIIIe siècle. In: *Apport des anciens textes romans non-littéraires a la connaissance de la langue du Moyen Age.* Révue de Linguistique Romane, Paris, *27:* 59-77.

1964, *A lenda do rei Rodrigo.* Lisboa, Verbo, 1964.

1964-73, Nova proposta de classificação dos dialectos galego--portugueses. *Boletim de Filologia,* Lisboa: *22* (1-2): 81-116.

1974, Langue parlée et traditions écrites au Moyen-age (Peninsule Ibérique). *In: Atti,* XIV Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza. Napoli, Gaetano Macchiareli, p. 463-472.

COROMINAS, J., 1954-7, *Diccionario critico etimológico de la lengua castellana.,* Madrid, Gredos.

COSTA, A. de J. da, 1977, Os mais antigos documentos escritos em português; revisão de um problema histórico-linguístico. *Revista Portuguesa de História*, Coimbra, *17:* 263-340.

COUTINHO, I de L., 1976, *Pontos de gramática histórica.* 7.ª ed. rev. Rio de Janeiro, Livraria Académica.

CUNHA, C. F. da, 1971, *Gramática do português contemporâneo.* 2.ª edª Belo Horizonte, Bernardo Alves.

CRUZEIRO, M. E., 1973, *Processos de intensificação no português dos séculos XIII a XV.* Lisboa, Centro de Estudos Filológicos.

DIAS, A. E. da S., 1959, *Syntaxe historica portuguesa.* 6.ª ed. Lisboa, Livraria Clássica Editora.

DOMINCOVICH, R., 1948, *Portuguese orthography to 1500.* Philadelphia, University of Pennsylvania.

DUBOIS, J., 1967, *Grammaire structurale du français. Le verbe.* Paris, Larousse.

DUBOIS, J. et alii, 1973, *Dictionnaire de linguistique.* Paris. Larousse.

FARIA, E., 1958, *Gramática superior da lingua latina.* Rio de Janeiro, Livraria Académica.

FOULET, L., 1930, *Petite syntaxe de l'ancien français.* 3.ª ed. Paris, Librairie Ancienne Honoré Champion.

GOEBL, H., 1975,Le *Rey* est mort, vive le *Roy!* Nouveaux regards sur la scriptologie. *Travaux de Linguistique et de Littérature,* Strasbourg, 13 (1): 145-210.

HAMMARSTRÖM, G., 1959, Graphème, son et phonème dans la description des vieux textes. *Studia Neophilologica,* Uppsala, *31* (1): 5-18.

HUBER. J., 1933, *Altportugiesisches Elementarbuch.* Heidelberg, Carl Winters Universitätsbuchhandlung.

LAPA, M. R., 1955, *Lições de literatura portuguesa. Época medieval.* Coimbra Editora.

1959, *Estilistica da lingua portuguesa.* Rio de Janeiro, Livraria Académica.

1965a *Cantigas d'escarnho e de maldizer dos cancioneiros medievais galego-portugueses*. Edição crítica. Vigo, Galáxia.

1965b *Miscelânea de lingua e literatura portuguesa medieval*. Rio de Janeiro, INL.

1977, *Lições de literatura portuguesa. Época medieval*. 9.ª ed. rev. e acresc. Coimbra, Coimbra Editora.

LOBATO, L. M., 1975, Os verbos auxiliares em português contemporâneo. In: — et alii. *Análises linguísticas*. Petrópolis, Vozes, p. 27-91.

LORENZO, R., 1975-7, *La traducción gallega de la Cronica General y de la Cronica de Castilla*. Edición crítica anotada, con introducción, índice onomástico y glosário. Orense, Instituto de Estudios Orensanos «Padre Feijóo». 2 vols.

LYONS, J., 1979, *Introdução à linguística teórica* [Introduction to theoretical linguistics]. Trad. Rosa Virginia Mattos e Silva e Hélio Pimentel, rev. e superv. de I. N. Salum. São Paulo, Companhia Editora Nacional.

MACCHI, G., 1966, *Crónica de d. Pedro de Fernão Lopes*. Edizione critica, con introduzione e glossario. Roma, Edizioni dell'Ateneo.
1975, *Crónica de d. Fernando*. Edição crítica. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

MACHADO, J. P., 1967, *Dicionário etimológico da lingua portuguesa*. 2.ª ed. Lisboa, Confluência.

MALER, B., 1964, *Orto do Esposo*. Glossário. Stokholm, Almqvist & Wiksell.

MARTIN, J., 1975, Género? *Revista Brasileira de Linguística*, São Paulo, *2:* 38-39.

MATTOS E SILVA, R. V., 1971a, *A mais antiga versão portuguesa dos «Quatro livros dos diálogos de São Gregório»*. Edição crítica com Introdução e Índice geral das palavras lexicais. Tese de doutoramento inédita. Universidade de São Paulo, São Paulo. 4 vols. mimeo.

1971b, O fichário mecanográfico de um texto antigo. *Universitas*, Salvador, *8-9:* 73-82.

1973, O estudo linguístico de um texto português do séc. XIV. *Boletim de Filologia*, Lisboa, *22* (3-4): 263-280.

1981a, *Pero-porém*: mudanças em curso no português arcaico. Comunicação ao VI Encontro de Linguística da PUC, Rio de Janeiro.

1981b Um aspecto do auxiliar no português arcaico. *Tulane Studies in Romance Languages and Literature*, Tulane, *10*: 93-109.

MATTOSO CAMARA Jr., 1956, *Uma forma verbal portuguesa*. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica.

1964, *Dicionário de filologia e gramática*. São Paulo, J. Ozon Editor.

1970, *Estrutura da lingua portuguesa*. Petrópolis, Vozes.

1971, Uma evolução em marcha: a relação entre êste e êsse. In: *Sprache und Geschichte*. Festschrift für Harri Meier. München, Wilhelm Fink Verlag, p. 327-331.

1975, *História e estrutura da lingua portuguesa*. Rio de Janeiro, Padrão.

MEIER, H., 1948a, *Ensaios de filologia romântica*. Lisboa, Revista de Portugal.

1948b, Meu pai — o meu pai. *Boletim de Filologia*, Lisboa *9*: 175-190.

MEYER-LÜBKE, W., 1931, *Romanisches etymologisches Wörterbuch*. Heidelberg, Carl Winters Universitätsbuchhandlung.

MICHAËLLIS DE VASCONCELOS, C., 1920, Glossário do Cancioneiro da Ajuda. *Revista Lusitana*, Lisboa, *23* (1-4): 1-96.

MOIGNET, G., 1976, *Grammaire de l'ancien français*. Morphologie-Syntaxe. Paris, Klincksieck.

MORAIS SILVA, A. de, 1949-58, *Grande dicionário da lingua portuguesa*. Lisboa, Confluência.

MÜLLER, Ch., 1968, *Initiation à la statistique linguistique*. Paris, Larousse.

NARO, A. J., 1968, *History of portuguese passives and impersonals*. Tese de doutoramento inédita. Massachussets, MIT.

NARO, A. J. e M. LEMLE, 1977, Syntactic diffusion. *Ciência e Cultura*, São Paulo, *29* (3): 259-268.

NASCENTES, A., 1952-5, *Dicionário etimológico da lingua portuguesa*. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica.

NUNES, J. J., 1925, Textos antigos portugueses. *Revista Lusitana*, Lisboa, *25* (1-4): 231-250.

1960, *Compêndio de gramática histórica portuguesa*. 6.ª ed. Lisboa, Livraria Clássica Editora.

PADUA, M. P. de, 1960, *A ordem das palavras no português arcaico*. Frases de verbo transitivo. Coimbra, Universidade de Coimbra.

PIEL, J. M., 1944, A flexão verbal portuguesa. *Biblos*, Coimbra, *20:* 359-404.

1953, *Miscelânea de etimologia portuguesa e galega*. Coimbra, Universidade de Coimbra.

PIMPÃO, A. J. da C., 1959, *História da literatura portuguesa. portuguesa. Idade Média*. Coimbra, Atlântida.

PONTES, E., 1973, *Verbos auxiliares em português*. Petrópolis, Vozes.

POTTIER, B., 1958, Les démonstratifs portugais. *Revista Brasileira de Filologia*, Rio, *4, (1-2):* 33-35.

1960, *Introduction à l'étude de la philologie hispanique I e II*. Paris, Ed. Hispano-americanas.

1968a, *Introduction à l'étude des structures grammaticales fondamentales*. Nancy, Publications Linguistiques de la Faculté des Lettres et des Sciences Humaines.

1968b, *Linguistica moderna e filologia hispânica*. Madrid, Gredos.

1968c, *Presentación de la linguistica*. Madrid, Romania.

1969, *Grammaire de l'espagnol*. Paris, PUF.

1974, *Linguistique générale. Théorie et description*. Paris, Klincksieck.

1978, Les voix du français. Sémantique et syntaxe. *Cahiers de Lexicologie*, Besançon, *33* (2): 3-39.

1980, Préalables pour une grammaire fondamentale du français. *L'information grammaticale*, Paris, *6* mai: 2-9.

RODRIGUES, A. N., 1974, *O dialecto caipira de Piracicaba*. São Paulo, Ática

ROSSI, N. et alii, 1965, *Livro das aves*. Edição crítica. Rio de Janeiro INL.

RÜBECAMP, R., 1932-4, A linguagem das Cantigas de Santa Maria de Afonso X, o Sábio. *Boletim de Filologia*, Lisboa, *1:* 273-356 e *2:* 141-152.

RUSSO, H. S., 1942, *Morphology and syntax of the Leal Conselheiro*. Philadelphia, University of Pennsylvania.

SARAIVA, A. J., 1971, O autor da narrativa da Batalha do Salado e a refundição do Livro do Conde D. Pedro. *Boletim de Filologia*, Lisboa, *22* (1-2): 1-16.

SAID ALI, M., 1957, *Dificuldades da lingua portuguesa*. Rio de Janeiro, Livraria Académica.

1964, *Gramática histórica da lingua portuguesa*. 3.ª ed. melhorada e aumentada de Lexeologia e Formação de Palavras e Sintaxe do Português Histórico. São Paulo, Melhoramentos.

SILVA NETO, S. da, 1956, *Textos medievais portugueses e seus problemas*. Rio de Janeiro, Casa de Rui Barbosa.

1960, História da preposição *até*. In: *Lingua, cultura e civilização*. Estudos de filologia portuguesa. Rio de Janeiro, Livraria Académica, p. 175-191.

1970, *História da lingua portuguesa*. 2.ª ed. Rio de Janeiro, Livros de Portugal.

TAVANI, G., 1974, Problèmes de la poésie lyrique galego-portugaise. *Colóquio-Letras*, Lisboa *17;* 7-18.

TEYSSIER, P., 1981, Le système des déictiques spatiaux en portugais aux XIVe, XVe et XVIe siècles. *Cahiers de linguistique hispanique médiévale*, Paris, *6*, mars: 5-39.

TILANDER, G., 1958-9, Pourquoi *-am, -om* sont ils devenus *-ão* portugais? *Archivo de Filologia Aragonesa*, Zaragosa, *10-11:* 10-21.

TOGEBY, K., 1966, Relatifs et les conjunctions de subordination. In: *Méthodes de la grammaire. Tradition et nouveautés*. Actes du Colloque tenu à Liège du 18 au 20 Nov. 1964. Paris, Les Belles Lettres.

VALLE CINTRA, M. A., 1955, *Bibliografia de textos medievais portugueses*. Lisboa, Centro de Estudos Filológicos.

1957, *Livro de solilóquio de Sancto Agostinho*. Edição crítica. Lisboa, Centro de Estudos Filológicos.

VASCONCELOS, J. L. de, 1959, *Lições de filologia portuguesa*. Rio de Janeiro, Livros de Portugal.

VEIGA, A. de B., 1959, *Virgéu de consolaçom*. Edição crítica. Salvador, Universidade da Bahia.

WAGNER, R. L., 1974, *L'ancien français*. Points de vue, programmes. Paris, Larousse.

WILLIAMS, E. B., 1961, *Do latim ao português* [From latin to portuguese]. Trad. A. Houaiss. Rio de Janeiro, INL.

ZUMTHOR, P., 1972, *Essai de poétique médiévale*. Paris, Seuil.
1978, Le texte-fragment. *Langue Française*. Grammaires du texte médiéval. Paris, 40, Déc.: 75-82.

ÍNDICE GERAL

Ao leitor, a breve história deste livro 9

INTRODUÇÃO: Para uma gramática do português arcaico 13

1. Um *corpus* representativo para uma gramática do português arcaico 15

1.1 O *corpus* medieval poético em confronto com o *corpus* medieval em prosa 17
1.2 A produção em prosa na Idade Média portuguesa e sua relação com a história de Portugal: esquema sumário 20
1.3 A documentação não-literária medieval portuguesa 22
1.4 A propósito do surgimento da prosa literária 25
1.5 Elementos para uma tipologia de textos literários em prosa 28
1.6 A selecção de um *corpus* representativo para uma gramática do português arcaico 35

2. Especificidades de uma gramática do português arcaico 37

2.1 Gramáticas parciais e gramática geral do português arcaico 37
2.2 Para um modelo de gramática do português arcaico 42
2.2.1 Uma gramática descritiva, indutiva 42
2.2.2 Os níveis da análise 46
2.2.3 Onde linguística e filologia se encontram ... 51

3. O *corpus*-base destas *Estruturas trecentistas* ... .

3.1 O *corpus*: Os *Diálogos de São Gregório*, versão trecentista ... ...
3.1.1 Informações preliminares ... ...
3.1.2 Origem e data ... ...
3.2 A análise .. ..
3.2.1 Preliminares ... ...
3.2.2 Princípios adoptados ... ...

PRELIMINAR: A representação gráfica n'*A mais antiga versão portuguesa dos Diálogos* ... ...

1. A representação gráfica de segmentos e sequências vocálicas ... ...

1.1 A variação gráfica de vogais em posição não-acentuada ... ...
1.1.1 Variação entre os grafemas *a* e *e* em um mesmo vocábulo ... ...
1.1.2 Variação entre os grafemas *e* e *i* em um mesmo vocábulo ... ...
1.1.3 Variação entre os grafemas *o* e *u* em um mesmo vocábulo ... ...
1.1.4 Variação entre os grafemas *o* e *e* em um mesmo vocábulo ... ...
1.2 A representação gráfica de sequências vocálicas . ...
1.2.1 Vogais idênticas contíguas ... ...
1.2.1.1 Vogais idênticas postas em contacto pelo apagamento de um *-n-* se apresentam também com a grafia duplicada ... ...
1.2.2 Variação entre *-ĩo,-ĩho,-inho* ... ...
1.2.3 As sequências vocálicas *-eo,-ea* ... ...
1.2.4 Os ditongos crescentes *-io,-ia* ... ...
1.2.5 Ditongos decrescentes ... ...
1.2.5.1 Os ditongos *ai* e *ei* ... ...
1.2.5.2 O ditongo *ui* ... ...
1.2.5.3 Os ditongos *ou* e *oi* ... ...
1.3 Os segmentos ou sequências nasalizadas em final de vocábulo ... ...

2. A representação gráfica de segmentos e sequências consonânticas ... 91

2.1 A variação gráfica de segmentos e sequências consonânticas ... 91
2.1.1 Variação entre *s,z* e *ç,z* ... 91
2.1 2 Variação entre *j,g* e *s* ... 94
2.1.3 Variação entre *gu,g* e *qu,c* ... 95
2.1.4 Variação entre *b,v* e *f* ... 96
2.2 Variação gráfica de sequências de consoantes 98
2.2.1 A variação entre *s-* e *es-* seguidos de consoante 98
2 2.2 A variação *l* e *r* precedidos de consoantes ... 100
2.2.3 Variação gráfica de outras sequências de consoantes ... 100

PARTE I: Sintagma nominal ... 101

1. Morfologia flexional do nome ... 108

1.1 Vogal temática (VT) ... 109
1.1.1 Nomes paroxítomos e proparoxítonos ... 109
1.1.1.1 Nomes terminados por vogais idênticas ... 110
1.1.2 VT=∅ ... 112
1.1.3 Sumário ... 113
1.2 Morfologia do género ... 113
1.2.1 Tipos de nomes quanto ao género ... 113
1 2.1.1 Nomes de género único ... 114
1.2.1.2 Nomes de dois géneros e flexão redundante 115
1.2.1.3 Nomes de dois géneros sem flexão redundante 117
1.2.1.4 Sumário ... 117
1 2.2 Alomorfias na expressão do género ... 118
1.2.2.1 *Avoo* e derivados ... 118
1.2.2.2 Alternância vocálica ... 120
1.2.2.3 Lexemas nominais terminados por travamente nasal ... 122
1 2.3 Sumário ... 124
1.2.4 Observações sobre a oposição semântica masculino/feminino ... 124
1.3 Morfologia do número ... 127
1.3.1 A marca *-s* do plural ... 127
1.3.1.1 Plural de paroxítonos terminados em *-s* ... 129
1.3 2 Alomorfias na expressão do número ... 130
1.3.2.1 Nomes de lexema terminado em *-l* ... 130
1.3.2.1.1 *-l* precedido de *a,e,o,u* ... 131

1.3.2.1.2 *-l* precedido de *i* acentuado 132
1.3.2.1.3 *-l* precedido de *i* não-acentuado 133
1.3.2.2 Nomes de lexema terminado por travamento nasal 135
1.3.2.2.1 Lexema terminado em *-ã+VTo* 136
1.3.2.2.2 Lexema terminado em *-ã+VTe* 136
1.3.2.2.3 Lexema terminado em *-õ+VTe* 136
1.3.2.2.4 Sobre a convergência em *-ão* 137
1.3.2.2.5 Lexemas terminados por nasais 138
1.3.3 Sumário 139
1.3.4 Observações sobre a oposição singular/plural 140

2. Determinantes 142

2.1 O artigo definido 142
2.1.1 A forma do artigo definido 143
2.1.2 Os alomorfes *lo,los,la,las* 143
2.1.2.1 Ocorrências desses alomorfes 144
2.1.2.2 Sumário 148
2.1.3 Os alomorfes *no,nos, na,nas* 149
2.1.4 O alomorfe *el* 151
2.1.5 Sumário 153
2.2 Os demonstrativos 153
2.2.1 A morfologia dos demonstrativos 154
2.2.1.1 O paradigma 154
2.2.2 Os demonstrativos no sintagma nominal ... 159
2.2.3 Sobre a oposição das formas do tipo 1, 2 e 3 165
2.2.4 *Meesmo* e *medês* 171
2.2.5 Sumário 172
2.3 Os possessivos 173
2.3.1 A morfologia dos possessivos: paradigma ... 174
2.3.2 O possessivo no sintagma nominal 178
2.3.3 Sumário 184

3. Quantificadores 186

3.1 Quantificadores específicos do nome substantivo 187
3.1.1 Quantificadores indefinidos 187
3.1.1.1 Quantificadores indefinidos que se referem à totalidade dos elementos do conjunto 187
3.1.1.2 Quantificadores indefinidos que se referem à parte dos elementos do conjunto 191

3.1.1.3 Quantificadores indefinidos que indicam a complementação de um conjunto ... 193
3 1.1.4 Quadro-resumo ... 195
3.1.1.5 Lexias com valor de quantificador indefinido 196
3.1.2 Quantificadores definidos ... 197
3.2 Quantificadores não-específicos do nome substantivo ... 199
3.2.1 Quadro-resumo ... 200
3.2 1.1 *Mui ~ muit ~ muito* ... 201
3.2.1.2 Quantificadores de tipo I ... 203
3.2.1.3 Quantificadores de tipo II ... 205
3.2.1 4 Lexias como quantificadores do tipo I e II ... 206
3.3 A ênfase da quantificação intensificadora ... 206
3.3.1 A superlativização ... 207
3.4 A ligação quantitativa ... 208

4. Substitutos ... 210

4.1 Pronomes pessoais ... 211
4.1.1 Morfologia: quadro dos dados ... 212
4.2.2 Alomorfia ... 214
4.1.2.1 Variação na vogal final: e~i ... 214
4.1 2.2 Variantes apocopadas ... 217
4.1.2.2.1 M', mh', t', ch', lh', s', x' ... 217
4.1.2.2.2 *El~ele* ... 220
4.1.2.3 Combinação de pronomes na distribuição 2 220
4.1.2.4 As variantes *o,a,os,as* ... 223
4.1 2.4.1 As variantes *-lo,-la,-los,-las* ... 223
4.1.2.4.2 As variantes *-no,-na,-nos,-nas* ... 225
4.1.2.4.3 As variantes *u* e *us* ... 226
4 1.2.5 As variantes precedidas de preposição ... 229
4.1.3 *Homem:* expressão da indeterminação do sujeito ... 231
4.2 Locativos ... 232
4.2.1 Locativos dêiticos ... 232
4.2.1.1 Quadro dos dados ... 232
4 2.1.1.1 *Aqui* ... 233
4.2.1.1.2 *Acá* ... 234
4.2.1.1.3 *Ali* ... 234
4.2.1.1.4 *Acó* e *aló* ... 235
4.2.1.2 *Hi* e *ende* ... 236
4.2.1.3 Sobre o sistema dos dêiticos e anafóricos ... 238
4.2.2 Locativos interrogativos ... 240
4.2.2.1 *Hu* e *onde* ... 240

4.2.2.2 *Hu* e *onde* como relativos ... 242
4.2.2.3 *Onde* temporal ... 246
4.2.2.4 *Onde* conclusivo ... 246
4.2.2.5 Conclusões ... 247
4.2.3 Locativos especificadores ... 248
4.2.3.1 Definição ... 248
4.2.3.2 Quadro dos dados ... 249
4.2.3.2.1 Observações sobre os dados ... 250
4.2.3.3 Locativos espaço-temporais ... 254
4.2.3.3.1 Observações sobre esses locativos ... 255
4.3 Temporais ... 257
4.3.1 Observação inicial ... 257
4.3.2 Temporais dêiticos ... 258
4.3.2.1 *Ora* e *enton* ... 258
4.3.2.2 *Já* e *ainda* ... 261
4.3.2.3 *Entramente* ... 266
4.3.3 *Oonte: hoje: cras* ... 266
4.3.4 *Nunca: sempre* ... 269
4.3.5 *Cedo: tarde, toste, logo* ... 271
4.4 Modais ... 272
4.4.1 Substitutos modais ... 273
4.4.1.1 *Assi* e *outrossi* ... 273
4.4.1.2 *Er* ... 277

5. Qualificadores ... 280

5.1 Adjectivo epíteto ... 282
5.1.1 Distribuição: tipos ... 282
5.1.1.1 Tipo I ... 288
5.1.1.1.3 Como subtipos do básico SA ocorrem os sintagmas que descrevemos como: ... 292
5.1.1.2 Tipo II ... 293
5.1.1.3 Tipo III ... 295
5.1.1.4 Quadro sumário da distribuição do epíteto ... 296
5.2 Adjectivo atributo ... 297
5.2.1 Adjectivos atributos com verbo-cópula ... 298
5.2.1.1 Cumulação e quantificação do adjectivo atributo ... 298
5.2.1.2 Posição do adjectivo atributo em relação ao verbo cópula ... 300
5.2.2 Adjectivos atributos com verbos não-cópula ... 300

PARTE II: Sintagma verbal ... 303

1. Morfologia verbal ... 307

1.1 Verbos de padrão regular: Modelos ... 308
1.1.1 A representação da vogal temática (VT) ... 318
1.1.1.1 A representação de VT nos verbos do grupo I (CI) ... 320
1.1.1.2 A representação de VT nos verbos do grupo I (CII) ... 321
1.1.1.3 A representação de VT nos verbos do grupo III (CIII) ... 325
1.1.1.4 Observações finais ... 327
1.1.2 A representação dos morfemas modo-temporais (MMT) ... 329
1.1.2.1 MMT distintos segundo o grupo do verbo ... 330
1.1.2.2 MMT idênticos para os três grupos verbais: alomorfias segundo as pessoas verbais ... 331
1.1.2.3 Observações finais ... 335
1.1.3 A representação dos morfemas número-pessoais (MNP) ... 338
1.1.3.1 Morfemas número-pessoais que não apresentam alomorfia ... 339
1.1.3.2 Morfemas número-pessoais que apresentam alomorfia ... 339
1.1.3.2.1 MNP=Ø e alomorfes ... 339
1.1.3.2.2 MNP de P2 e P5 e seus alomorfes ... 341
1.1.3.3 Observações finais ... 342
1.1.4 Variações na representação do lexema ... 344
1.1.4.1 Variações gráficas, reflexos prováveis de variações fónicas por condicionamento vocálico ... 344
1.1.4.2 Variações gráficas, reflexos de fenómenos fonéticos diversos ... 349
1.1.4.3 Variações estritamente gráficas ... 349
1.1.4.4 Observações ... 350
1.2 Verbos de padrão especial ... 351
1.2.1 Classificação dos verbos de padrão especial ... 351
1.2.1.1 Verbos de tipo 1 ... 352
1.2.1.1.1 Variação no lexema dos tempos do não-perfeito 353
1.2.1.1.2 Lexemas dos tempos do perfeito ... 365
1.2.1.2 Verbos do tipo 2 ... 372
1.2.1.3 Verbos do tipo 3 ... 377
1.2.1.4 Verbos do tipo 4 ... 383
1.2.2 Sumário dos dados ... 387

1.2.3 Observações sobre a variação nos verbos de pedrão especial ... 390
1.2.3.1 Variação gráfica possível reflexo de realizações fónicas distintas ... 390
1.2.3.2 Variação na representação gráfica de VT ... 391
1.2.3.3 Variação de lexemas decorrente de étimos distintos ... 395
1.2.4 Observações finais ... 397

2. O valor dos morfemas verbais ... 401

2.1 O modo e o tempo expressos pelos morfemas modo-temporais ... 402
2.1.1 Sobre o modo verbal ... 403
2.1.1.1 Indicativo, subjuntivo, imperativo em uma conceituação semântica ... 403
2.1.1.2 Indicativo, subjuntivo, imperativo em uma conceituação sintáctica ... 405
2.1.1.3 O infinitivo: modo genérico ... 408
2.1.2 Sobre o tempo verbal ... 411
2.1.2.1 O tempo verbal no modo indicativo ... 411
2.1.2.2 O tempo verbal no modo subjuntivo ... 414
2.1.3 Contextos em que não se aplicam as distinções modo-temporais básicas ... 418
2.1.3.1 Correlações entre os tempos verbais no discurso directo e indirecto ... 418
2.1.3.2 Outros casos em que se anulam as distinções modo-temporais básicas ... 421
2.1.3.2.1 A extensão do presente para a expressão do futuro ... 421
2.1.3.2.2 O imperfeito do indicativo (IdPtl) expressando contemporaneidade ao momento do enunciado 422
2.1.3.2.3 A extensão do imperfeito do indicativo para a expressão do futuro do pretérito ... 424
2.1.3.2.4 IdFt2: expressão da irrealidade e seu uso alternativo com SbPt ... 426
2.1.3.2.5 O IdPt3, uma forma alternativa para o IdFt2 e para o SbPt ... 427
2.2 O número e a pessoa expressos pelos morfemas número-pessoais ... 435

3. Verbos de inventário restrito seguidos de particípio passado, gerúndio e infinitivo ... 437

3.1 Verbos de inventário restrito seguidos de particípio passado ... 438
3.1.1 *Aver* e *teer* ... 438
3.1.1.1 Observação preliminar ... 438
3.1.1.2 Exame dos dados ... 439
3.1.1.3 Observações finais ... 443
3.1.2 *Seer* ... 444
3.2 Verbos de inventário restrito seguidos do gerúndio ... 447
3.2.1 Observação preliminar ... 447
3.2.2 Exames dos dados ... 449
3.2.2.1 *Jazer* ... 449
3.2.2.2 *Seer* ... 450
3.2.2.3 *Andar* ... 452
3.2.2.4 *Estar* ... 455
3.2.2.5 *Ir* ... 457
3.2.3 Observações finais ... 458
3.3 Verbos de inventário restrito seguidos de infinitivo ... 460
3.3.1 Observação preliminar ... 460
3.3.2 Os dados ... 461
3.3.2.1 Verbos que apresentam oração infinitiva como complemento directo ... 461
3.3.2.1.1 Verbos que alternam a oração infinitiva com a completiva iniciada por *que* ... 465
3.3.2.2 Verbos que apresentam oração infinitiva como sujeito ... 466
3.3.3 Sumário dos dados ... 470
3.4 Observação final ... 471

4. Qualificadores de verbo ... 472

4.1 A forma «curta» e a derivada em *-mente* ... 472
4.2 Frequência das formas derivadas em *-mente* ... 474
4.3 Distribuição dos qualificadores em *-mente* no sintagma verbal ... 478
4.4 Os quantificadores dos qualificadores em *-mente* ... 479
4.5 Formas em *-mente* como qualificador de qualificador de nome substantivo ... 481

PARTE III: Aspectos do enunciado 483

1. O enunciado simples 488

1.1 A articulação do sintagma nominal sujeito e do sintagma verbal: concordância 488
1.1.1 Observação inicial 488
1.1.2 A concordância entre o sintagma nominal sujeito e o sintagma verbal 490
1.1.2.1 A concordância verbo-nominal quando o núcleo do SN sujeito é um nome [+singular−singularidade] 490
1.1.2.2 A concordância verbo-nominal quando o sujeito é constituído de um SN ou de mais de um SN 499
1.1.2.2.1 Variação na concordância com o sujeito constituído de um único SN singular ou plural ... 500
1.1.2.2.2 Variação na concordância com o sujeito constituído de mais de um SN 502
1.2 Representações do sujeito do enunciado 507
1.2.1 Sujeito determinado 507
1.2.2 Sujeito não-determinado 513
1.2.2.1 Estruturas com sujeito Ø 513
1.2.2.2 Estruturas com sujeito genérico, não-especificado 516
1.3 Tipos de frase: o sintagma verbal e sua relação com o sintagma nominal sujeito 521
1.3.1 Observações iniciais 521
1.3.2 Análise dos dados 524
1.3.2.1 Relação existencial 524
1.3.2.2 Relação equativa 526
1.3.2.3 Relação situativa 528
1.3.2.3.1 Relação situativa do tipo 1 528
1.3.2.3.2 Relação situativa do tipo 2 548
1.3.2.4 Relação descritiva 557
1.3.2.4.1 Relação descritiva do tipo 1 557
1.3.2.4.1.1 A passiva analítica: relação descritiva 1, biactancial 571
1.3.2.4.2 Relação descritiva do tipo 2 575
1.3.2.5 Relação possessiva 587
1.3.2.6 Relação subjectiva 602
1.3.2.7 Sumário dos dados 617
1.4 O sintagma nominal circunstancial 620
1.4.1 Observações iniciais 620
1.4.2 Preposições 620

1.4.2.1 Preposições documentadas no *corpus* 620
1.4.2.2 Análise das relações expressas pelas preposições 622
1.4.2.2.1 Classificação das preposições documentadas de acordo com as relações que expressam 623
1.4.3 Documentação 624
1.4.3.1 Sintagmas nominais circunstanciais introduzidas por preposições 624
1.4.3.1.1 Origem 624
1.4.3.1.2 Direcção 627
1.4.3.1.3 Percurso 630
1.4.3.1.4 Associação 634
1.4.3.1.5 Situação 637
1.4.3.1.6 Adequação 645
1.4.3.2 Sintagmas nominais circunstanciais não precedidos de preposições 646
1.4.3.3 A repetição redundante de sintagmas nominais circunstanciais da mesma natureza 649

2. O enunciado complexo 651

2.1 Mecanismos de coordenação e de subordinação de enunciados 652
2.1.1 Observações introdutórias 652
2.1.2 A coordenação 653
2.1.2.1 Coordenação aditiva ou copulativa 654
2.1.2.2 Coordenação disjuntiva ou alternativa 660
2.1.2.3 Coordenação adversativa 663
2.1.2.4 Coordenação conclusiva 679
2.1.2.5 Coordenação explicativa 689
2.1.3 A subordinação 696
2.1.3.1 Subordinadas circunstanciais 697
2.1.3.1.1 Circunstanciais com verbos nas formas finitas 697
2.1.3.1.2 Circunstanciais com verbos nas formas nominais 725
2.1.3.1.3 Observações sobre coordenadas e subordinadas circunstanciais 730
2.1.3.2 Subordinadas completivas 733
2.1.3.2.1 Subordinantes de completivas 733
2.1.3.2.2 Completivas com verbo no infinitivo e com verbo na forma finita 737
2.1.3.2.3 Outras observações sobre as completivas ... 746
2.1.3.3 Subordinadas relativas 751
2.1.3.3.1 Subordinantes de relativas 751

2.1.3.3.2 Distância entre a relativa e seu antecedente ... 764
2.1.3.3.3 Relativas reduzidas 768
2.1.4 Estruturas interrogativas 770
2.1.4.1 A interrogação indirecta 771
2.1.4.2 A interrogação directa 772
2.1.5 Observações finais 776
2.1.6 Sobre a ocorrência de coordenadas e subordinadas 778
2.2 A ordem dos constituintes no enunciado 781
2.2.1 Observações introdutórias 781
2.2.2 A ordem dos sintagmas em enunciados principais afirmativos 783
2.2.3 A ordem dos sintagmas em enunciados principais negativos 794
2.2.4 A ordem dos sintagmas em enunciados interrogativos 799
2.2.5 A ordem dos sintagmas em enunciados subordinados 802
2.2.5.1 A ordem dos sintagmas em enunciados relativos 802
2.2.5.2 A ordem dos sintagmas em enunciados completivos 815
2.2.5.3 A ordem dos sintagmas em enunciados circunstanciais 824
2.2.6 Conclusões sobre os dados analisados de 2.2.2 a 2.2.5 835
2.2.7 A posição do complemento pronominal não-acentuado: análise suplementar 838
2.2.7.1 Em enunciados subordinados 838
2.2.7.2 Em enunciados principais 842
2.2.7.3 Em enunciados coordenados 847
2.2.7.4 Em enunciados negativos 851
2.2.7.5 Em enunciados reduzidos 854
2.2.7.6 Conclusões sobre os dados analisados de 2.2.7.1 a 2.2.7.5 858

BIBLIOGRAFIA CITADA 861

Estudos Gerais Série Universitária

José Medeiros Ferreira
ESTUDOS DE ESTRATÉGIA
E RELAÇÕES INTERNACIONAIS

José Enes
LINGUAGEM E SER

António Bracinha Vieira
ETOLOGIA E CIÊNCIAS HUMANAS

Adolfo Casais Monteiro
ESTRUTURA E AUTENTICIDADE
NA TEORIA E NA CRÍTICA LITERÁRIAS

Fernando Gil
MIMÉSIS E NEGAÇÃO

João Paulo Monteiro
HUME E A EPISTEMOLOGIA

Eduardo Paz Ferreira
AS FINANÇAS REGIONAIS

João Carlos Gomes Pedro
A RELAÇÃO MÃE-FILHO
Influência do contacto precoce no comportamento da díade

Maria Carrilho
FORÇAS ARMADAS E MUDANÇA POLÍTICA
EM PORTUGAL NO SÉCULO XX
Para uma explicação sociológica do papel dos militares

Fernando Gil
PROVAS

Joaquim Feio / Maria Adelaide Duarte
Alfredo Marques / José Reis / João de Sousa Andrade
Henrique Milheiro de Oliveira / Augusto Rogério Leitão
Maria Manuela Leitão Marques
ESTUDOS ECONÓMICOS E JURÍDICOS

Demóstenes
A ORAÇÃO DA COROA
Precedida de um estudo sobre «A civilização da Grécia»
por J. M. Latino Coelho.
Prefácio de Maria Helena da Rocha Pereira

M. S. Lourenço
ESPONTANEIDADE DA RAZÃO
A análise conceptual da refutação do empirismo
na filosofia de Wittgenstein

Maria de Lourdes A. Ferraz
A IRONIA ROMÂNTICA
Estudo de um processo comunicativo

Manuel Maria Carrilho
RAZÃO E TRANSMISSÃO DA FILOSOFIA

Miguel Tamen
HERMENÊUTICA E MAL-ESTAR

Maria Alzira Seixo
PARA UM ESTUDO DA EXPRESSÃO DO TEMPO
NO ROMANCE PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO

Bento José Ferreira Murteira
ESTATÍSTICA: Inferência e Decisão

Joseph-Maria Piel
Estudos de Linguística: HISTÓRICA GALEGO-PORTUGUESA

Maria Helena da Cruz Coelho
O BAIXO MONDEGO NOS FINAIS DA IDADE MÉDIA
(Vol. I e II)

Rosa Virgínia Mattos e Silva
ESTRUTURAS TRECENTISTAS
Elementos para uma Gramática do Português Arcaico

Composto e impresso
para
Imprensa Nacional - Casa da Moeda
por Gráfica Maiadouro, Maia
com uma tiragem de dois mil exemplares.
orientação gráfica do Gabinete Editorial da INCM.
Acabou de imprimir-se
em Julho de mil novecentos e oitenta e nove.

CÓDIGO 215024000
EDIÇÃO 21.110.054

DEP. LEGAL N.º 28554/89

Silva, Rosa Virginia Mattos e

Estruturas trecentistas elementos para uma gramatica do portugues arcaico
806.90-316.2/S586e
(182601-5/90)

1002150240007

ISBN 978-85-909417-2-9

Sérgio Simões

Regência nominal e verbal sem segredo

Série **Palavra Final**, v. 2

UNINOVE
Universidade Nove de Julho
A UNINOVE É SEMPRE 10

ISBN 978-85-909417-2-9

Sérgio Simões

Regência nominal e verbal sem segredo

Série Palavra Final, v. 2

UNINOVE
Universidade Nove de Julho
A UNINOVE É SEMPRE 10

© 2009 – Universidade Nove de Julho (Uninove)

Capa e projeto gráfico: João Ricardo M. Oliveira

SIMÕES, Sérgio Lourenço. Regência nominal e verbal sem
segredo.
São Paulo : UNINOVE, 2009. (Série Palavra final,
v. 2)

ISBN 978-85-909417-2-9

1. Língua portuguesa – Regência

CDU 811.134.3’367.625

Autorizada a reprodução desde que citada a fonte.

Sumário

Caro leitor, ...5
Acreditar, pensar 5
Agradar 6
Agradecer 6
Apelar 7
Atender 7
Chegar 8
Comentar(-se) 9
Comemorar 9
Comunicar 10
Comparecer 10
Custar 11
Debater 12
Desfrutar, usufruir, gozar 12
Empatar, ganhar, perder, vencer (no futebol) 13
Favorecer 13
Impedir 13
Implicar 13
Inaugurar(-se) 14
Informar 14
Iniciar(-se) 14
Inteirar-se 15
Interferir e intervir 15
Lembrar e esquecer 15
Morar 16
Namorar 16
Pagar e Perdoar 16
Pedir 17
Preferir 18

Recomendar 19

Recorrer 19

Refletir 19

Responder 20

Servir 20

Observe agora estes verbos 21

- Confraternizar 21
- Simpatizar 21
- Sobressair 21

Alguns verbos pronominais 21

- Ajoelhar-se 21
- Aposentar-se 21
- Arrepender-se 21
- Deitar-se 21
- Levantar-se 22
- Queixar-se 22
- Sentar-se 22
- Classificar-se 22
- Complicar-se 22
- Desvalorizar-se 22
- Espalhar-se 22
- Estragar-se 22
- Romper-se 22
- Valorizar-se 23

Regência de alguns nomes 23

- A 23
- B, C 26
- D 28
- E 30
- F, G, H 31
- I 32
- J, L, M 35
- N, O, P 36
- Q, R 38
- S 39
- T, U, V 40

Referências 41

Caro leitor,

Você tem energia de sobra e sabe canalizá-la para o desenvolvimento de tudo o que é bom. Tanto é verdade que, neste momento, você está participando de mais uma sessão de aprendizagem da língua.

Queremos que nos ajude a fazer sempre mais em seu benefício. Para isso, contamos com suas sugestões, perguntas e, principalmente, com a determinação que o impele a avançar na construção do conhecimento.

Continue a buscar e a produzir; incentive seus amigos a fazerem o mesmo. Fale da série *Palavra Final*, mostre-lhes que é uma fonte importantíssima para quem precisa da palavra.

Neste volume, trataremos da regência de alguns verbos e nomes (substantivos e adjetivos).

A regência cuida das relações de dependência que se estabelecem entre os termos na frase. Tais relações se dão direta ou indiretamente entre os termos regentes (que pedem complemento) e os regidos (que os completam).

Quando a dependência é direta, o verbo é transitivo direto, pois exige que a ele se ligue um objeto direto (sem o auxílio de uma preposição). Se indireta, o verbo é transitivo indireto, o que nos obriga a completá-lo com um objeto indireto (com o auxílio de uma preposição).

Acreditar, pensar

Estes verbos são transitivos indiretos, pois exigem complementos que a eles se ligam com o auxílio de uma preposição:

Acredite e **pense** **em** mim, **em** nós, **em** todos aqueles que gostam de você e, principalmente, **em** si mesmo.

Acredite **em** sua capacidade de resolver todos os problemas.

Pense sempre **no** recebimento de boas notícias, resultado de seu esforço e dedicação.

No entanto, quando recebem uma oração como complemento, dispensam a preposição.

Assim,

Acredite que você possa resolver todos os problemas.

Pense que você receberá uma boa notícia,
resultado de seu esforço e dedicação.

Agradar

No sentido de **mimar**, **acariciar**, **afagar**, use-o sem preposição:

Os avós sempre **agradam** os netos.

Como **contentar**, **satisfazer**, utilize-o com a preposição **a**:

O *show* de Roberto Carlos **agradou a** todos os presentes.

O discurso de Obama **agradou a**os empresários da construção civil.

Sua coerência sempre **nos agrada**. (a nós).

Agradecer

Indica gratidão:

Agradeça sempre alguma coisa **a** alguém.

Nesta construção, a coisa é sempre o objeto direto, e a pessoa, o indireto. Assim,

Agradeça o convite que o presidente lhe fez.

Agradeça ao presidente.

Agradeça a ele.

Agradeça-lhe.

Agradeça-lhe o convite.

Evite a construção com os pronomes oblíquos **o** e **a**:

Agradeço-o; **agradeço**-a.

Se quiser, você poderá omitir o complemento:

Recebeu o convite e **agradeceu**.

Obs.: também é possível usar a forma **agradecer a** alguém **por algo,** em que o verbo recebe o complemento indireto (pessoa) acompanhado de adjunto adverbial da causa (o motivo pelo qual se agradece):

Agradeça a Deus **por estar vivo**.

Apelar

Pode-se **apelar a** ou **para**:

Ele **apelou aos** amigos quando precisou de ajuda. (pedir auxílio)

Quando está em apuros, **apela para** os irmãos. (valer-se)

Na área jurídica, no sentido de **recorrer por apelação a**, **interpor recurso**, usa-se **apelar de, para**; **de…para**:

O advogado **apelou da** sentença **para** a instância superior.

O réu **apelou para** o juiz.

Temos certeza de que o advogado **apelaria da** decisão em primeira instância, se a pronúncia do juiz não fosse favorável…

Atender

No sentido de **recepcionar**, **receber**, **acolher** ou **ouvir com atenção**, use a construção direta para pessoas, e indireta, para objetos, coisas (chamadas, exigências, intimações, pedidos, reivindicações etc.):

O prefeito **atendeu a população**.

O médico **atendeu o paciente**.

O prefeito **atendeu aos clamores** da população.

As escolas públicas não **atendem às necessidades** dos jovens.

Quando se tratar de campainha, telefone, bairro, cidade etc., prefira a forma direta, pois está implícito na frase que alguém atendeu quem tocou a campainha ou fez a ligação, e alguma pessoa deu atendimento aos moradores de uma dada região:

Paulo, **atenda** **o telefone**.

Alguém está tocando a campainha. Você pode **atendê-la** (ou **atendê-lo**, concordando com alguém)?

Neste caso, pode-se usar o verbo sem o complemento pessoa (está subentendido):

Alguém está tocando a campainha. Você pode **atender**?

O prefeito **atenderá** **o bairro da Mooca** e **a Vila Sônia**. (os moradores)

Chegar

Se tiver vontade de **chegar** bem, **chegue** sempre **a**.

O verbo **chegar** indica movimento, pressupõe que houve deslocamento de um lugar para outro (permita-nos a redundância, pois não há deslocamento se ficarmos no mesmo lugar). E por falar nisso, estamos preparando um prato de redundâncias deliciosas. Você poderá saboreá-lo em um dos próximos volumes da série.

Mas voltemos ao que nos interessa:

Chegue sempre **à** praia.

Chegue **à** empresa para trabalhar.

Chegue **à** conclusão de que tudo é maravilhoso.

Portanto,

Chegar em é nunca sair do ponto de partida. **Evite**.

Comentar(-se)

Sempre **comente algo** com alguém (se você quiser, é claro), mas jamais **comente sobre** um assunto, pois o verbo não admite tal preposição:

Assim,

Comentamos o golpe militar ocorrido em Honduras. (correto)

Comentamos sobre o golpe militar ocorrido em Honduras. (errado)

Comentou-se a morte de Michael Jackson. (correto)

Comentou-se sobre a morte de Michael Jackson. (errado)

No entanto, se substituirmos **comentar** por **comentários**, o **sobre** aparecerá:

Podemos **fazer comentários sobre** o golpe militar ocorrido em Honduras.

Houve **comentários sobre** o desaparecimento do médico de Michael Jackson.

Comemorar

Obs.: Sempre se comemoram fatos positivos:
Comemora-se o nascimento de alguém, mas não a morte.

No dia 25 de dezembro, **comemora-se o nascimento de Cristo**.

Os brasileiros **comemoraram**, no dia 13 de maio, **os 121 anos de abolição dos escravos**.

Em outras situações, utilize **assinalar**, **lembrar**, **marcar, relembrar, reviver** etc.:

No dia 16 de julho, **relembramos** (e não comemoramos) **a derrota do Brasil** para o Uruguai na Copa de 1950.

11 de setembro será sempre **lembrado** como um dos dias mais trágicos da história moderna dos EUA.

Obs.: Com o substantivo **comemoração**, devemos agir da mesma forma:
No dia 28 de junho, houve grande festa em **comemoração da vitória do Brasil** na Copa das Nações.

Comunicar

Sempre **comunique** algo **a** alguém**,** mas nunca **comunique** alguém **sobre** ou **de** alguma coisa:

Assim,

O diretor **comunicou as decisões do conselho** aos professores. (correto)

O diretor **comunicou-lhes as decisões do conselho**. (correto)

Comunicou-se a decisão **aos** professores. (correto)

O diretor **comunicou** os professores sobre as ou das decisões do conselho. (errado)

Em hipótese alguma diga:

Os professores **foram comunicados das** decisões do conselho.

Lembre-se de que ninguém pode **ser comunicado** (e sim **informado**, **cientificado**, **avisado**) de algo.

Portanto,

Os professores **foram informados**, **avisados das** decisões do conselho.

A comunidade **foi cientificada** ou **avisada de** que as enchentes seriam inevitáveis.

Comparecer

Prefira **comparecer a**:

Jorge **comparecerá ao evento**.

O advogado de defesa não **compareceu à audiência**.

Usa-se **em** e não **a** neste tipo de construção:

Fidel Castro não tem **comparecido em** público faz algum tempo.

No sentido de **ir a juízo**, **prestar depoimento**, **prestar contas**, pode-se usar **ante**, **diante**, **perante**:

Os indiciados **compareceram perante o** Tribunal.

O réu **compareceu ante o** juiz.

Custar

Tome cuidado com o emprego de **custar** no sentido de **ser difícil**, **custoso**, **moroso**, pois o que se vê no emprego desse verbo são as marcas da oralidade:

Paulo custou a entender a matéria.

Ele custa para resolver os problemas propostos pelo professor.

Para evitar esse desvio normativo, siga estes passos:

a) O que foi difícil, custoso a Paulo?

Entender a matéria.

Portanto,

Custou a Paulo entender a matéria;

Custou a ele entender a matéria;

Custou-lhe entender a matéria.

b) O que é difícil, custoso a ele?

Resolver os problemas propostos pelo professor.

Portanto, custa-lhe resolver os problemas propostos pelo professor.

Veja mais estes:

Custa-lhe enxergar o bom caminho.

Não **me custa lutar** por uma boa causa.

Debater

É bom evitar **debater** sobre ou a respeito de **algum assunto**. O verbo debater, em sua regência direta, exige que o objeto do debate seja ligado a ele sem preposição:

Os membros da comissão **debateram as propostas** de mudança no Código Civil.

Debate-se (analisa-se, discute-se, examina-se) algo **com** alguém:

Os professores **debateram a nova proposta** de avaliação **com** os coordenadores.

Obs.: Com o substantivo **debate**, pode-se utilizar **sobre** (e sinônimos), **entre** e **com**:
Houve uma série de **debates entre** os concorrentes.
Não existe a necessidade de **debate sobre** os motivos que levaram à suspensão das buscas pelos corpos das vítimas do voo AF 447.
Hoje à noite, haverá **debates com** os líderes do governo **sobre** as novas propostas de desoneração dos salários.

Desfrutar, usufruir, gozar

Prefira **desfrutar**, **usufruir** e **gozar** os bons momentos que o viver lhe proporciona. (Sem a preposição **de**)

E agora, mais alguns exemplos para você:

Rosivalda **usufrui o que o pai lhe deixou como herança**.

Desfrute as delícias desta cidade.

Goze; **goze**, sem medo, **os prazeres da vida**.

Empatar, ganhar, perder, vencer (no futebol)

Um time **empata**, **perde** ou **ganha** **por:**

O Corinthians **empatou** com o Internacional **por** 2 a 2.

A Paraná **perdeu** **por** 1 a 0 para a Portuguesa.

O Brasil **ganhou** dos Estados Unidos **por** 3 a 2.

Roger Federer **venceu** Andy Roddick **por** 3 *sets* a 2.

Favorecer

Sempre se **favorece** **alguém** ou **alguma coisa**:

No jogo do Palmeiras contra o Santos, o juiz **favoreceu** **o Santos**.

No Brasil, os deputados, senadores e vereadores se valem da posição que ocupam para **favorecer** **parentes e aliados políticos**.

Impedir

Pode-se **impedir** alguém **de** alguma coisa ou **impedir** algo a alguém:

Impeça-o de agir intempestivamente.

Impedimos **que todos saíssem**.

Impedimos **a saída de todos**.

Impeça-lhes a entrada.

Impeça **a entrada deles**.

Impeça **que eles entrem**.

Implicar

No sentido de **acarretar**, **envolver**, **pressupor**, utiliza-se a forma direta (sem a preposição **em**):

A isenção do IPI **implicará** **perda de receita** para a União.

Ser bom profissional **implica** **agir** com responsabilidade e competência.

Obs.: Usa-se preposição nestes casos:
Indivíduos inescrupulosos **implicaram** o adolescente **em** crime de tráfico de drogas. (envolver alguém **em** algo)
Jeremias **implica com** os colegas de turma. (ter implicância)

Inaugurar(-se)

Alguém **inaugura** alguma coisa (sem o pronome):

O presidente **inaugurou** a plataforma de Campos.

Mas algo sempre **se inaugura**:

A plataforma **se inaugurou** ontem (foi inaugurada).

Informar

Pode-se **informar** algo **a** alguém:

O gerente **informou aos funcionários** o horário de trabalho.

O gerente **informou-lhes** o horário de trabalho.

Ou **informar** alguém **de** algo:

O gerente **informou** os funcionários **do** horário de trabalho.

O gerente **informou**-os **do** horário que deveriam cumprir.

O médico **informou** a paciente **de** que ela não poderia dar à luz.

Iniciar(-se)

Pode-se escrever que alguém **inicia** (principia, começa) alguma coisa:

Paulo **iniciou** as atividades às 15 horas.

Ou alguém **inicia** (dá as primeiras noções) outrem em algo:

O Grão-mestre **iniciou**-o na maçonaria.

Ou **se inicia** (busca conhecimento) em algo:

Paulo **iniciou-se** em filosofia.

Em se tratando de evento (coisa), use sempre **iniciar-se**:

As comemorações **se iniciarão** no dia 1º de setembro.

Inteirar-se

Procure **inteirar-se** (tomar ciência) **de** todos os assuntos.

O advogado **inteirou-se dos** fatos.

No sentido de tornar ciente, informar, deve-se utilizar inteirar alguém de algo:

O diretor **inteirou** os professores da situação provocada pela gripe H1N1.

O diretor **inteirou**-os da situação.

Interferir e intervir

Interfira ou **intervenha** sempre **em**:

Interfira em todos os assuntos.

Interveio no debate para apaziguar os ânimos.

Lembrar e esquecer

Você deve sempre **lembrar** ou **esquecer** alguma coisa ou alguém (sem preposição):

Lembre os bons tempos.

Amigos, **lembremos que** manter a unidade linguística é reforçar os valores do cidadão.

"**Esqueça que** ele não 'te' ama".

Entretanto, quando **lembrar** e **esquecer** estiverem acompanhados de pronome, a preposição **de** se imporá:

Lembre-se de que é preciso reconhecer-se no outro.

Não **se esqueça de que** só existe crescimento, se houver comprometimento, vontade e competência.

Lembremo-nos de nosso **compromisso** maior: amar.

Esqueci-me de que estarias à porta na esperança de conquistar novos amigos.

Morar

Se você quiser morar bem, **more, resida, situe-se** sempre **em**, sem medo de errar:

Moro na Rua Jacarandá, 12.

A UNINOVE **está situada na** Rua Diamantina, 310.

Você **reside na** Avenida Cruzeiro do Sul?

Namorar

Não se atreva a **namorar com** alguém; namore **sem a preposição**, pois só assim você poderá desfrutar bons momentos ao lado de quem lhe dedica amor, sem nenhuma interferência (mesmo que seja a da **preposição**):

Paula **namora** Marcos.

Quero **namorá-la**.

Hermengarda **namorava** Eurico.

Pagar e Perdoar

Obs.: Lembre-se de que devemos **pagar** e **perdoar** sempre alguma coisa.

Assim,

Pagamos a dívida.

Perdoamos os erros.

Obs.: Com referência à pessoa – destinatário do pagamento ou do perdão –, sempre **pague** ou **perdoe** **a alguém**:

Pagamos a dívida **ao credor**.

Pagamos **a ele**.

Pagamos-lhe a dívida.

Perdoa-lhe os erros.

Perdoamos **aos culpados**.

Perdoaram-lhes as faltas.

Não se esqueça de que Cristo, antes de expiar, implorou ao Pai que **perdoasse** **àqueles** que o crucificaram.

A célebre frase do apelo foi: “Pai, **perdoai-lhes**, porque não sabem o que fazem”.

E por ser perfeito, deixou-nos uma frase impecável. Por isso, sigamos seu exemplo.

Pedir

Sempre **peça** alguma coisa **a** ou **para** alguém.

Peça-lhe que empreste o dinheiro para uma boa causa.

Peço-lhe que me desculpe.

Peço-lhe desculpas.

Acompanhe os seguintes passos:

Pedimos a quem?

Pedimos **ao diretor**.

Pedimos o quê?

Pedimos que justificasse sua decisão.

Portanto,

Pedimos ao diretor que justificasse sua decisão.

Pedimos-lhe que justificasse sua decisão.

Obs.: Peça sempre **a** alguém que faça algo, mas nunca **para** que o faça (a preposição é inadmissível neste caso).

Pedimos para que fosse embora. (errado)

Pedimos que fosse embora. (correto)

Pedi-lhe para que saísse imediatamente. (errado)

Pedi-lhe que saísse imediatamente. (correto)

No entanto,

Pedi para ir ao banheiro.

Neste caso a frase está correta, pois o que se pediu foi **permissão, licença** para ir ao banheiro.

Preferir

É muito comum o uso de do que ou que e, às vezes, mais do que com o verbo **preferir** e seus derivados, o que demonstra a falta de intimidade do falante com a língua.

É lamentável ouvirmos ou lermos "Prefiro mais estudar do que trabalhar".

Por isso, aconselhamos que você evite esse tipo de construção. **Prefira** sempre uma coisa **a** outra:

Prefira doce **a** salgado.

Prefira ficar em casa **a** andar solitariamente.

Prefiro estar nua **a** usar peles. (protesto de uma ecologista)

É **preferível** ódio **a** compaixão.

Recomendar

Deve-se **recomendar** algo **a** alguém (aconselhar, indicar):

O cirurgião **recomendou** repouso **ao** paciente.

O cirurgião **recomendou-lhe** repouso.

Recomendo-lhes a leitura do Código Civil.

Recomendei o profissional **ao** diretor.

Recorrer

No sentido de **pedir socorro** ou **lançar mão de, valer-se**, utilize **recorrer a:**

Recorra a Deus quando for necessário.

Não devemos **recorrer a** expedientes "escusos"
para concretização de nossos ideais.

Na área jurídica, indicando **interpor recurso**, **apelar**, deve-se usar **recorrer de**, **para**; **de**…**para**:

Recorreu para o Supremo Tribunal Federal.

Paulo **recorreu da** decisão.

Cristiane **recorrerá da** pronúncia em primeira instância **para** a segunda.

Refletir

Admite as seguintes construções:

O espelho **refletia** tua beleza.

Tua beleza **refletia-se no** espelho.

A crise econômica dos Estados Unidos **refletiu(-se)**
em todos os mercados.

Reflita bem **sobre** as conseqüências desse ato tresloucado.

Responder

Nos textos formais, prefira a forma indireta do verbo (com a preposição **a**), quando o sentido do verbo for **dar resposta a** alguma coisa ou **a** alguém:

Responda às questões abaixo…

Você **deve responder às** cartas dos leitores.

Respondi-lhe que iria.

Para exprimir a resposta (teor), a regência direta se impõe:

Respondi o que tive vontade.

Você só consegue **responder essas asneiras**?

Servir

Serviu-se do que estava na mesa.

Sirva-lhe o jantar.

Pedro **servirá no** 5º batalhão.

As informações **serviram de** pretexto para
Paulo não continuar o trabalho.

Obs.: O verbo **servir** não admite **como**. Em seu lugar utilize a preposição **de**:
Sua honestidade **serve de** (e não como) exemplo para todos.

Observe agora estes verbos

Para consulta rápida:

Confraternizar

Não aceita o pronome **SE**:

Eles **confraternizaram** no fim de semana.

Paulo **confraterniza com** os colegas de trabalho.

Simpatizar

Não aceita o pronome **SE**:

Glória **simpatiza com** todos os alunos da sala.

Sobressair

Sempre sem o **SE**:

Ele é um dos que mais **sobressaem** durante o debate.

Alguns verbos pronominais

Sempre acompanhados de pronome oblíquo

Ajoelhar-se

Ajoelhe-se para que eu possa coroá-lo, grande cavaleiro!

Aposentar-se

Flávia **se aposentará** com 45 anos de idade.

Arrepender-se

Arrepende-te de todo o mal que causaste ao país.

Deitar-se

Deitei-me às 23h30 e levantei-me às 6 horas.

Ela **se deitou** às 21 horas.

Levantar-se

Se você não se levantar, continuarei sentado.

Queixar-se

Sempre com a preposição de:

Queixa-se de todos os amigos.

Queixa-se de que não lhe dão a devida atenção.

Sentar-se

Sente-se à mesa, que **me sentarei** no banco.

Nas construções como as que seguem, os verbos relacionados devem vir acompanhados de pronome oblíquo

Classificar-se

O Cruzeiro **classificou-se** para disputar a próxima fase da Libertadores.

Complicar-se

A situação de Sarney **complicou-se** com as denúncias de improbidade administrativa.

Desvalorizar-se

As ações da GM foram as que mais **se desvalorizaram** no primeiro semestre de 2009.

Espalhar-se

A notícia de que ele chegaria cedo **espalhou-se** pela cidade.

Estragar-se

Se você deixar as frutas fora da geladeira, elas **se estragarão**.

Romper-se

A barragem **rompeu-se** deixando a cidade submersa.

Valorizar-se

As ações da Petrobrás **se valorizaram** em junho.

Regência de alguns nomes

A

Abaixo-assinado a favor de, **contra** ou **por** (pelo, pela)

Abalado com ou **por**

Abastecido de ou **com**

Abatido de, **em** ou **por**

Ab-rogado de

Abuso de ou **contra**

Ação contra, **em**, **para** ou **sobre**

Acessível a

Acesso a, **para** ou **por**

Acordo com; **com…para**; **sobre**; **com…sobre**; **para**, **entre**; **entre…para**

Acostumado a ou **com**

Acusação de, **contra** ou **sobre**

Acusado de; **de…contra**

Adaptado a ou **de**

Adepto de

Adequado a

Aderência a ou **com**

Aderente a ou **com**

Adesão a

Aditamento de, **a**; **de…a**

Aditivo a

Adjudicação de, **a**; **de…a**

Advertido contra, **de** ou **sobre**

Advogado contra, **de**; **de…contra**; **de…em**

Afetado em, **de** ou **por**

Aficionado a

Afiliação a, **de**; **de…a**

Afiliado a

Afinado com ou **por**

Afinidade com, **entre** ou **em**

Afixado em

Afluência a, **de…a**, **de…para**

Afronta a

Aglutinação de…a; **de…com**

Aglutinado a ou **com**

Agraciado com

Agradecimento a, **de**, **por**; **a…por**; **de…a…por**

Agregado a

Agressão a ou **contra**

Agressividade com ou **contra**

Agressivo com ou **contra**

Ajuda a, **contra**, **em**, **para**; **a…em**; **a…contra**

Ajudado por

Ajustado a, **com**, **em** ou **entre**

Ajustável a

Alerta a, **contra**, **para**, **sobre**; **a…contra**; **a…sobre**

Alertado contra, **de**, **para** ou **sobre**

Alheio a

Alienação de

Alienado a ou **de**

Alinhado a ou **com**

Alinhamento de…a; **com** ou **por**

Alocação de…a; **de…para**; **de…em**

Alocado a, **em** ou **para**

Alusão a

Alusivo a

Análogo a

Anexação a; de…a

Anexado a

Anexo a

Ansioso por

Apaniguado a, de ou **por**

Apegado a

Apego a ou **por**

Apelação de; de…para

Apelo a, para; em favor de

Apenso a

Apoiado a, contra, em ou **sobre**

Apoio a; a…contra; de…a…contra; de…a favor de

Apologia de

Apreciação de ou **sobre**

Aptidão a, para; de…para

Apto a ou **para**

Articulação de…com; com ou **entre**

Articulado a, com ou **entre**

Ascensão a; de…a; para

Assentado em ou **sobre**

Assistência a ou **de**

Assistido de ou **por**

Atenção a ou **para**

Atencioso com

Atendido por

Atendimento a; de

Atento a ou **em**

Ato a favor de, contra ou **por**

Atração por

Atraído a, para ou **por**

Atribuição de…a

Atribuído a, por; a…por

Aumentado de…para; em

Aumento de…para; a, em ou **para**

Autorizado a, para ou **por**

Auxiliado em ou **por**

Auxílio a, para, em ou **contra**

Avesso a

Ávido de ou **por**

B

Bacharel em ou **por**

Baseado em (com base em)

Bem-disposto para

Bem-dotado para

Bem-sucedido em

Bem-vindo a

Beneficiado com ou **por**

Benefício a ou **para** (loc. em benefício de)

Benéfico a ou **para**

Benevolente com

Busca a, de ou **por**

C

Candidato a; a…por

Capacidade de ou **para**

Capacitado a ou **para**

Capaz de

Cauteloso com ou **em**

Cindido de ou **em**

Cioso de

Cisão de, em, entre; de…em

Coagido a, por; a…por

Coberto de, com ou por

Coerção para, sobre; sobre…para

Coerência com; em; entre

Coesão com ou entre

Coexistência com ou entre

Coincidente com ou em

Colaboração com, em, para; com…em; em…para

Comemoração de ou com

Comentário de…sobre; sobre

Comparado a, com, entre ou por

Compatível com

Compelido a ou por

Composto de ou por

Comprometido com ou em

Compromisso com, entre, para, diante de ou perante

Comum a, em ou entre

Comunicado a, por ou sobre

Concedido a

Conciliação de, com, entre; de…com

Conclusão de, por ou sobre

Concorrência com ou entre

Condenação de, a; de…a

Condenado a ou por

Condição de ou para

Condizente com

Conducente a

Conexão com ou entre

Conferido a ou por

Confiado a

Confiança em

Conflito em ou entre

Conforme a ou com

Conformidade a, **com** ou **entre**

Conhecimento de, **em** ou **sobre**

Conivente com; **com…em**

Consciência de ou **sobre**

Consciente de

Cônscio de

Consenso em, **entre** ou **sobre**

Considerado como ou **por** (ou apenas **considerado…**)

Constituído de ou **por**

Consulta a

Consultado sobre

Conversão de…em

Convicto de

Convocação a, **para**; **de…a**

Convocado a, **para** ou **por**

Correlação com ou **entre**

Correlacionado a, **com**, **entre** ou **por**

Culpado de, **em** ou **por**

Curioso de

D

Dano a ou **para**

Danoso a ou **para**

Debate com, **entre** ou **sobre**

Decidido a

Decisão sobre

Decisivo a ou **para**

Dedicação a ou **por**

Dedicado a

Defendido de ou **contra**

Defensor de

Defesa a, **de** ou **contra**

Defrontado com

Deliberação de ou **sobre**

Delimitado a

Demanda com, **de** ou **por**

Denúncia de, **contra** ou **sobre**

Dependência de ou **entre**

Dependente de

Derrogação a ou **de**

Desabituado a

Desacordo com, **entre** ou **sobre**

Desacostumado a ou **com**

Desagradável a ou **para**

Desapego a, **com** ou **por**

Desapontado com

Desaprovação a

Desaprovado por

Desatenção a ou **com**

Desatento a

Desavença com ou **entre**

Descompromisso com

Desconfiança de, **contra** ou **sobre**

Desejoso de

Desentendimento com, **entre** ou **sobre**

Deserdado de ou **por**

Desfavorável a

Desinteressado de ou **por**

Desobediência a

Desobediente a

Desobrigado de

Despojado de

Despreocupação com ou **por**

Desrespeito a, **com** ou **por**

Desserviço a

Destaque a, **de** ou **para**

Detenção de; **de…em**

Dica de ou **sobre**

Dicotomia entre

Difícil a, **de** ou **para**

Dificuldade de, **em** ou **para**

Diligência sobre…para; **para** ou **por**

Direcionado a ou **para**

Dirigido a, **contra** ou **para**

Dispensado a, **de**, **para**, **por**; **de…para**

Dividido em, **entre**, **por** ou **sobre**

Domiciliado em

Dúvida de ou **sobre**

E

Educação em ou **para**

Efeito contra, **em** ou **sobre**

Eficácia contra ou **sobre**

Eficaz contra, **em**, **para** ou **sobre**

Eficiência em ou **para**

Eficiente em ou **para**

Egresso de

Elevado a; **de…para**

Emenda a, **de** ou **sobre**

Emergente de

Empenhado em

Empenho de, **contra**, **em**; **de…contra**; **de…em**

Endereçado a

Ênfase em ou **sobre**

Equiparação de, **com**, **em**; **de…com**

Equivalência entre; de…com

Equivalente a ou **em**

Esclarecimento a ou **sobre**

Especialista em

Especializado em

Específico a

Essencial a, em ou **para**

Estudo de ou **sobre**

Exceção a ou **de**

Excedido em

F

Facilidade de, em ou **para**

Facultado a

Falta a

Favorável a ou **para**

Favoravelmente a

Favorecimento de

Fiel a

Formado em, por ou **para**

Fundamental a ou **para**

G

Gerado em ou **por**

Graduado em, por; de…a

Grato a ou **por**

Grudado a

Guerra a ou **contra**

H

Habeas-corpus **de; em favor de**

Habeas-data **contra**

Hábil em

Habilidade de, **em** ou **para**
Habitante de ou **em**
Habituado a ou **com**
Hegemonia de ou **sobre**
Hipótese sobre
Hostil a
Hostilidade a ou **contra**

I

Ida a
Idêntico a ou **em**
Imersão de, **em**; **de…em**
Impacto em ou **sobre**
Impasse entre ou **sobre**
Impelido a, **contra** ou **para**
Implicado com ou **em**
Importância de…em; **de…para**; **para** ou **sobre**
Importante a ou **para**
Impotente contra ou **para**
Impregnado de ou **em**
Impróprio para
Imputação de…a
Imputado a
Imputável a
Imune a
Imunidade a ou **contra**
Imunizado contra
Inábil para
Inacessível a ou **para**
Inadequado a ou **para**
Inaplicável a

Inaptidão a ou **para**

Inapto a ou **para**

Incapaz de ou **para**

Incitação a; de…a

Incitado a

Incitamento a; de…a

Inclinação a, para ou **por**

Incompatibilidade com ou **entre**

Incompatível com

Inconciliável com ou **entre**

Inconformado com

Inconformidade com

Incorporado a ou **em**

Indagado sobre

Indenizado de ou **por**

Independentemente de

Indevassável a

Indicado a ou **para**

Indicativo de

Indiciado como…em; em

Indiferente a, com ou **para**

Indignação com ou **por**

Indignado com, contra ou **por**

Indispensável a, em ou **para**

Indulgente a, para; com…em

Indulto a ou **para**

Induzido a

Ineficácia contra ou **para**

Ineficaz contra, em ou **para**

Ineficiente para

Inepto para

Inerente a

Infenso a

Inferior a ou **em**

Inferioridade em

Infidelidade a

Infiel a

Inflexível em ou **para**

Infligido a

Influência em ou **sobre**

Influenciado por

Ingrato com

Inserção em; de…em

Inserido em, entre ou **por**

Inspirado de, em, para ou **por**

Instrução a, para, sobre; a...para; a...sobre

Instruído a, de, em, para ou **sobre**

Insuspeito a

Integrado a ou **em**

Interdição de

Interessado em ou **por**

Interessante a

Interesse de, em ou **por**

Interrogado por ou **sobre**

Interrogatório sobre

Intervenção em

Intimação de, para; de…para

Intimado a, para ou **por**

Intolerante a ou **com**

Invasão de

Investido de ou **em**

Investigação de ou **sobre**

Isonomia entre

J

Julgamento de ou **sobre**

Juntada de; de…a

Junto a ou **de**

L

Leal a ou **com**

Lealdade a, com ou **em**

Legislação sobre

Legitimação de, para; de…para

Lesado em

Lesão a, de ou **em**

Lesivo a ou **de**

Lícito a

Ligado a, com ou **entre**

Liminar contra

Litígio com, entre ou **sobre**

M

Magnanimidade com ou **em**

Magnânimo com ou **em**

Maior de

Majoração de, em; de…em

Mandado a, contra, para; de…a; de…para

Mandato para

Manifestação de, contra, a favor de ou **sobre**

Manifesto a, contra, por ou **sobre**

Manobra contra, a favor de ou **para**

Manutenção de; de…em

Mediação entre

Medida contra, a favor de ou **para**

Moção a, contra; de…a; de…contra;

Morador em

N

Nascido de ou **em**

Natural de

Necessário a ou **para**

Necessidade de

Negociação com, entre; de…com

Nocivo a

Nomeado para

Notificação de…a; para

O

Obcecado em, para ou **por**

Obediência a

Obediente a

Objeção a

Oblíquo a

Obrigação a, de ou **com**

Obrigado a

Obrigatório a ou **para**

Observância a ou **de**

Ódio a ou **contra**

Odioso a ou **para**

Onerado com ou **por**

Oneroso a ou **para**

Opção a ou **por**

Opinião de ou **sobre**

Oposição a ou **entre**

Oposto a

P

Paralelamente a

Paralelo a (em paralelo **com**)

Parecer sobre

Parecido a ou com

Pari passu com

Participação em

Partícipe de ou em

Passível de

Pautado em ou por

Penalizado por

Pendência com ou entre

Penhora de ou sobre

Percepção de ou sobre

Perceptível a ou por

Perpendicular a

Perquirição sobre

Persistência em

Persistente em

Persuadido a

Possibilidade de

Possível a ou de

Postulante a

Precedente a

Predisposição para

Predisposto a ou para

Preferência a ou por

Preferível a

Prejudicial a

Prestes a ou para

Procedente de

Pronto para

Propensão a ou para

Propenso a

Proporcional a

Proporcionalmente a

Próprio de ou **para**

Prosseguimento de ou **em**

Próximo a ou **de**

Prudência com ou **em**

Punição a, **de** ou **contra**

Punido de ou **por**

Q

Qualificação de...para; para

Qualificado como, **de** ou **para**

Queixa a...sobre; contra ou **de**

Querido de ou **por**

Questionado sobre

R

Rapidez em

Rápido em

Recluso em

Recomendação a; a...para; de...para

Recomendado a ou **por**

Recondução de...a; para

Reconversão de...em

Recusa a, **de** ou **em**

Referendo sobre

Refletido em

Reflexão em ou **sobre**

Regulamentação de ou **para**

Reinserido em

Reintegração de...em; de...a

Relativamente a

Relevante a ou **para**

Reparação a ou **de**

Residente **em**

Resistência **a** ou **contra**

Resistente **a**

Respeito **a** ou **por**

S

Sanção **a**, **contra** ou **para**

Satisfação **com**, **de**, **em** ou **por**

Satisfatório **para**

Satisfeito **com** ou **de**

Segurado **contra**

Semelhante **a**; **a…em**

Sensibilidade **a** ou **para**

Sensível **a** ou **para**

Sentença **contra** ou **a (em) favor de**

Sentenciado **a**, **com** ou **em**

Simpatia **por**

Simpático **a**

Sito **em**

Situado **em**

Subjacente **a**

Subjugado **a**

Sublocação **de…a**

Sublocado **a**

Sub-rogado **a** ou **em**

Subserviente **a**

Subsidiário **a** ou **de**

Substitutivo **a**, **de** ou **sobre**

Superior **a**

Suspeição **de…contra**; **contra** ou **sobre**

T

Tendência **a**, **de**, **em** ou **para**

Tendente **a** ou **para**

Tentativa **contra**, **de** ou **para**

Tolerância **a**; **de…com**; **para**

Transcrito **em** ou **para**

Tributação **de** ou **sobre**

Tributário **a** ou **de**

U

Ulterior **a**

Ultrajante **a** ou **para**

Unânime **em**

Único **a** ou **em**

Uniforme **em**

Urgência **em** ou **para**

União **com** ou **entre**

Útil **a** ou **para**

Utilidade **para**

Utilizado **em** ou **para**

V

Válido **para**

Valioso **a** ou **para**

Vantagem **a**, **de**, **em** ou **sobre**

Vazio **de**

Versado **em**

Vertido **de…a**; **de…para**; **em**

Vigente **em** ou **entre**

Vinculado **a**, **com** ou **entre**

Visível **a**

Vital **a** ou **para**

Voltado **a**, **contra** ou **para**

Referências

FERNANDES. F. *Dicionário de regimes de substantivos e adjetivos*. 28. ed. Porto Alegre: Globo, 2005.

______. *Dicionário de verbos e regimes*. 44. ed. Porto Alegre: Globo, 2003.

LUFT, C. P. *Dicionário prático de regência nominal*. 4. ed. 7ª impr. São Paulo: Ática, 2007

______. *Dicionário prático de regência verbal*. 8. ed. 11ª impr. São Paulo: Ática, 2007.

ISBN 978-85-909417-4-3

Sérgio Simões

Concordância **nominal** e **verbal** sem segredo

Série **Palavra Final**, v. 4

UNINOVE
Universidade Nove de Julho
A UNINOVE É SEMPRE 10

ISBN 978-85-909417-4-3

Sérgio Simões

Concordância nominal e verbal sem segredo

Série **Palavra Final**, v. 4

UNINOVE
Universidade Nove de Julho
A UNINOVE É SEMPRE 10

© 2010 – Universidade Nove de Julho (Uninove)

Capa e projeto gráfico: João Ricardo M. Oliveira

SIMÕES, Sérgio Lourenço. Concordância Nominal e verbal
sem segredo.
São Paulo : UNINOVE, 2010. (Série Palavra final,
v. 4)

ISBN 978-85-909417-4-3

1. Língua portuguesa – Concondância nominal e
verbal
CDU 811.134.3’367

Autorizada a reprodução desde que citada a fonte.

Sumário

Apresentação..5

Concordância nominal...5

- Adjetivo na referência a um substantivo 5
- Adjetivo na referência a dois ou mais substantivos.. 6
  - O plural se imporá se o adjetivo 7
- Um substantivo com dois ou mais adjetivos a referenciá-lo 9
- Concordância com numerais ordinais 10
- Concordância dos adjetivos compostos de dois ou mais elementos 11
  - Exceção..11
- Adjetivo na indicação de cor 11
- Casos especiais.. 12
  - Bastante 12
  - Alerta 13
  - Melhor...13
  - Mesmo e próprio...13
  - Só...14
  - Extra e quite 14
  - Junto...14
  - Pseudo (prefixo)..16
  - De forma que, de maneira que, de modo que 16
  - Um e outro, um ou outro, nem um nem outro.................................16
  - Todo..17
  - Caro e barato 17
  - Meio e meia 17
  - Adjetivos na função de advérbios 18
  - É bom, é necessário, é preciso, é proibido e assemelhados 18
  - Anexo 19
  - Obrigado...19
  - Menos e **menas** 19
  - Milhão e milhar 20
  - Possível 20

CONCORDÂNCIA VERBAL..20

- Um dos que 21
- Mais de um.. 23
- Menos de, cerca de, perto de e assemelhados.................................... 23
- Nem um nem outro.. 23
- Um e outro... 24
- Um ou outro... 24

Que ... 24
Quem ... 25
Coletivos partitivos ... 25
Porcentagem ... 26
Um milhão, um bilhão, um trilhão etc. ... 26
Sujeito formado por pronome interrogativo ou indefinido acompanhado pelas expressões de nós, de vós, de vocês ... 27
Pronomes de tratamento ... 27
Como, inclusive, exceto, menos, bem como, assim como e assemelhados ... 28
Bater, dar, soar ... 28
Ser ... 28
É bastante, é muito, é pouco, é suficiente, é tudo, é nada, é mais, é menos e assemelhados ... 29
Sujeito no singular e predicativo no plural ... 29
Predicativo é o pronome demonstrativo **O** ... 30
Substantivos próprios ou comuns terminados em **S** ... 30
Títulos de obras terminados em **S** ... 31
Sujeito oracional ou constituído de verbos no infinitivo ... 32
Sujeito composto resumido por pronome indefinido ... 32
Sujeitos precedidos de **cada** ou **nenhum** ... 32
Sujeitos ligados por não só...mas também; tanto...como; tanto...quanto ... 33
Verbo acompanhado do pronome SE ... 33

VERBOS IMPESSOAIS ... 36
Haver ... 36
Estar, fazer, ser ... 37

INFINITIVO ... 38
Impessoal (sem flexão) ... 38
Pessoal (flexionado) ... 40

VERBO SER NO INFINITIVO ... 42

ESTUDO COMPLEMENTAR ... 42
Haver ... 42
HÁ e A ... 43
Há menos de, a menos de ... 44
Haja vista ... 44
Fazer ... 45

Apresentação

Neste volume, apresentamos os principais casos de concordância nominal e verbal para auxiliar nossos amigos a redigir um texto sem erros banais que, por falta de domínio dos rudimentos da língua, tiram o brilho da comunicação.

Não é nossa pretensão esgotar o assunto, mas, sim, facilitar a vida de quem faz da Língua Portuguesa seu instrumento de trabalho.

Boa leitura!

Concordância nominal

Dá-se em gênero – feminino e masculino – e em número – singular e plural – entre nomes e pares nominais (substantivos, adjetivos, artigos, pronomes e palavras que pertençam, na relação semântica, ao universo nominal).

Adjetivo na referência a um substantivo

Faça-o concordar em gênero e número com o substantivo:

Os jurados indicados pelas partes tomaram assento no tribunal.

As mães aflitas devem ser **consoladas**.

A punição dada ao réu foi **merecida**.

Os argumentos fortes e **coerentes** acarretam **bons resultados** e satisfazem **as partes envolvidas**.

Alguns homens justos e **generosos** granjeiam **a admiração** de **todos os** (indivíduos) que se dedicam ao bem-estar da comunidade.

O centro velho de São Paulo carece de **reformas substanciais**.

A beleza feminina é **ditada** pela sensibilidade.

Inconformado com os últimos acontecimentos, **um grupo** de moradores exigiu providências do governo.

Inconformadas com a falta de segurança, **várias mães** exigiram providências do governo.

Adjetivo na referência a dois ou mais substantivos

Acerte sempre, pondo-o no plural e no gênero dos substantivos:

Gostamos de **mamão** e **abacate** **maduros**.

A **porta** e a **janela** da sala estão **emperradas**.

Obs.: com substantivos de gêneros diferentes, o adjetivo fica no masculino:

Paulo e **Cláudia**, **comprometidos** com o projeto, apresentaram soluções para a construção do viaduto.
Homens e **mulheres** **honestos**.
Comprei **uma moto** e **dois carros** **novos**.
Comprei **dois carros** e **uma moto** **novos**.
Indignados, **promotor** e **juíza** deixaram o tribunal.
Prezados **diretor** e **assistente**, …

Importante

Se o adjetivo vier anteposto aos substantivos, poderá concordar com o mais próximo (atração):

Trabalhamos numa **ótima** **instituição** e curso.

Temos **ótima** **direção**, coordenação e professores nesta universidade.

Quando o mais próximo estiver no plural masculino, a concordância passará a ser lógica:

Nesta universidade, temos **excelentes** **professores, direção** e **coordenação**.

Se o adjetivo vier posposto aos substantivos, poderá também concordar com o mais próximo (atração):

Naquele antiquário, encontramos uma escultura, um vaso e uma **tela** **valiosa**.

Naquele antiquário, encontramos uma escultura, uma tela e **um vaso valioso**.

Naquele antiquário, encontramos telas, vasos e **esculturas valiosas**.

Obs.: Mas não se esqueça de que, ao fazê-lo concordar com o grupo de substantivos, no plural e no gênero prevalente, você acertará sempre.

No entanto, quando o sentido exigir, será obrigatório fazer o adjetivo concordar com o mais próximo:

Comi arroz, feijão e **mamão maduro**.

Analisemos os mapas e **a área cultivada**.

Se os substantivos forem sinônimos ou indicarem gradação, a concordância se fará preferencialmente (mas não exclusivamente como querem alguns gramáticos) com o mais próximo:

Meu amigo, para ficarmos convencidos de sua cumplicidade, uma palavra, um gesto, **um olhar carinhoso** basta.

Seu esforço, empenho e **dedicação extrema** é suficiente para o sucesso de nossa parceria.

O plural se imporá se o adjetivo

1. for predicativo do objeto:

O juiz considerou **culpados o chefe** e **o subchefe** da quadrilha.

Quem considerou?

O juiz (sujeito).

O juiz considerou a quem?

O chefe e **o subchefe** da quadrilha (objeto de considerar).

Qual a situação imputada a eles?

A culpa (representada pelo adjetivo **culpados**, que passa a caracterizar a situação imposta pelo juiz, sendo, portanto, predicativo do objeto).

2. caracterizar nomes próprios:

Os preguiçosos Alex e **Gumercindo** não concluíram o trabalho a eles confiado.

Os amigos Carla e **Mauro** estavam dispostos a colaborar.

Assim se procederá também com relação aos pronomes de tratamento:

Os senhores Manuel e **José** devem permanecer calados.

Cabe ressaltar que o adjetivo na função de predicativo (seja ele do sujeito ou do objeto) deve sempre concordar em gênero e número com os substantivos a que se refere:

Portanto,

O quadro e **a sala** estavam **sujos**.

O deputado ameaçou tornar **públicos o nome** e **o endereço** dos desafetos.

São **insuportáveis o calor** e **o frio** nesta cidade.

Andavam **tristes o cunhado** e **a mulher** do falecido.

Foram **conclusivos o laudo pericial** e **os depoimentos das testemunhas.**

O promotor e **o advogado de defesa** mantiveram-se **calados** durante a leitura da sentença.

Obs.: O adjetivo predicativo permanecerá no singular (invariável) se estiver representado por substantivo abstrato ou tratado de forma genérica:
Os alunos são **o alvo** principal de nosso trabalho.
Os resultados do Enade foram **o ponto chave** da discussão.
Os traficantes são **a escória** da sociedade.

Um substantivo com dois ou mais adjetivos a referenciá-lo

Admitem-se as seguintes concordâncias:

Os setores público e **privado** devem ser parceiros nas causas sociais.

Os governos paraguaio e **brasileiro** assinaram acordo para geração de energia elétrica.

As bandeiras brasileira e **francesa** tremularam durante as comemorações.

As polícias civil e **militar** contiveram os manifestantes.

O setor público e **o privado** devem ser parceiros nas causas sociais.

O governo paraguaio e **o brasileiro** assinaram acordo para geração de energia elétrica.

A bandeira brasileira e **a francesa** tremularam durante as comemorações.

A polícia civil e **a militar** contiveram os manifestantes.

Obs.: Prefira esta construção, que apresenta o segundo adjetivo precedido de **o** ou **a** – por soar melhor em alguns contextos:
O setor público e **o privado** devem ser parceiros nas causas sociais.
O governo paraguaio e **o brasileiro** assinaram acordo para geração de energia elétrica.
A bandeira brasileira e **a francesa** tremularam durante as comemorações.
A polícia civil e **a militar** contiveram os manifestantes.

Atenção!

Embora alguns gramáticos defendam também como correta a concordância com o substantivo no singular sem a anteposição de **o** ou **a** ao segundo adjetivo, **EVITE**-a:

O setor público e privado devem ser parceiros nas causas sociais.

O governo paraguaio e brasileiro assinaram acordo para geração de energia elétrica.

A bandeira brasileira e francesa tremularam durante as comemorações.

A polícia civil e militar contiveram os manifestantes.

Cuidado com algumas construções

Os governos estaduais, municipais e **federal** não pouparão esforços para a realização da Copa em 2014.

Note que **federal** é um só governo; por isso, não deve fazer parte do grupo cujo referente é **governos**. Para resolver o problema, anteponha o artigo ao adjetivo:

Os governos estaduais, municipais e **o federal** não pouparão esforços para a realização da Copa em 2014.

Concordância com numerais ordinais

Embora se admitam as seguintes construções:

Primeiro e **segundo graus**…

O primeiro e **o segundo grau**…

O primeiro e **segundo graus**…

O primeiro e **segundo grau**…

O primeiro e **o segundo graus**…

Obs.: Prefira estas:
Primeiro e **segundo graus**…
O primeiro e **o segundo grau**…
O primeiro e **segundo graus**…

Concordância dos adjetivos compostos de dois ou mais elementos

Só há variação do último elemento, que concorda com o substantivo a que se refere:

Os **acordos** luso-**brasileiros** trouxeram benefícios à população.

As **festividades** teuto-franco-**libanesas** agradaram a todos.

Ele goza de boas **condições** socio**econômicas**.

Os jovens devem ler **publicações** infanto-**juvenis**.

Gosto de participar das **discussões** histórico-**filosóficas**.

O **acordo** franco-**brasileiro** envolve produção e compra de aviões.

Exceção

Surdo-mudo (os dois elementos variam):

Ela é **surda-muda**.

Paulo e **Priscila** são **surdos-mudos**.

A meningite deixou-**os surdos-mudos**.

Adjetivo na indicação de cor

O adjetivo também colore nossa vida, o ambiente, as coisas:

Compramos **calças verdes** e **camisas amarelas**.

Quando tivermos um substantivo a indicar a cor, não haverá variação. Neste caso, subentende-se **cor de**:

Sobre a cama havia **anáguas** (cor de) **manga**, **sutiãs rosa**, **lençóis creme** e **travesseiros turquesa**.

Compramos dois **carros vinho** e três **motos cinza**.

Para indicar **a cor**, quando composto de:

Adjetivo+adjetivo

Só o último elemento varia (concorda com o substantivo):

Teus **olhos** azul-**escuros** me seduzem.

Você fica bem de **camisa** verde-**amarela**.

Obs.: Os adjetivos azul-celeste, azul-marinho e furta-cor são invariáveis.

Adjetivo+substantivo

Não há variação dos elementos:

Os militares usam **calças verde-oliva**, e você, **vestidos amarelo-canário**.

Cor+de+substantivo

Será sempre invariável:

Nossa vida é e sempre será **cor-de-rosa**.

Casos especiais

Bastante

Quando tiver valor de advérbio de intensidade (equivalente a **muito**, **suficientemente**), será invariável:

Comi **bastante** (muito).

Estes exercícios são **bastante** fáceis. (Neste caso, prefira **muito** fáceis).

Ele é **bastante** inteligente para aceitar propostas sem fundamento. (Dê preferência a **muito** inteligente...)

Como pronome indefinido (acompanhando o substantivo), deverá concordar com ele:

Comemos **bastantes frutas**. Entretanto, devemos evitar o uso.

Será melhor escrever "**muitas frutas**".

Nesta sala, cabem **bastantes alunos**. (Prefira **muitos alunos**)

Alerta

Mantenha-o invariável:

As sentinelas estão sempre **alerta**.

As pessoas devem manter-se sempre **alerta** às decisões do governo.

Melhor

Só se pluraliza como adjetivo (equivale a **mais bom**):

Ronaldo e **Felipe** são, atualmente, os **melhores** jogadores do Corinthians.

Com muita luta, vocês conseguirão **melhores resultados**.

Como advérbio, torna-se invariável (equivale a **mais bem**):

Os deputados devem analisar **melhor** os projetos.

Os computadores nos permitem conhecer **melhor** os fatos.

Obs.: com particípios verbais, o uso de melhor é proibido.
Em seu lugar, deve-se empregar mais bem:
Os suprimentos devem ser **mais bem distribuídos**.
(o advérbio **bem** indica **modo**, **maneira de**, e o **mais** funciona como intensificador.)
As avaliações deveriam ser mais **bem analisadas**.
As argumentações (mais) **bem fundamentadas** serão aceitas pela promotoria.

Mesmo e próprio

Como demonstrativos, concordam com o termo (substantivo ou pronome) a que se referem:

Eu mesma (própria) comprei o barco, disse **Esmeralda**.

"A cidade ainda está em uma UTI", disse a prefeita, apesar de **ela mesma** (própria) ter mencionado…

A ré mesma desistiu de enfrentar o júri.

Aenção!

Mesmo é invariável:

a) como advérbio – equivale a **de fato**, **realmente**:

Eles vão **mesmo** (de fato, realmente) à praia?

Paula e Márcia gostam **mesmo** (de fato, realmente) de mim?

b) **como conjunção subordinativa** – equivale a **embora**:

Mesmo que faça sol, ficarei em casa.

Só

É variável quando significa **sozinho** ou equivale ao demonstrativo **mesmo**:

Eles vivem **sós** (sozinhos)

As imagens não falam por si **sós** (mesmas).

Como advérbio, o **só** não sofre variação (equivale a **somente**, **apenas**):

Só (somente, apenas) ele votou no deputado.

O juiz **só** (somente, apenas) deferiu o processo após ouvir as alegações das partes.

Extra e quite

Sempre concordarão em número (singular e plural) com o substantivo:

Nesta empresa, não se pagam **horas extras**.

Peço-lhe que faça **atividade extra**.

(**Nós**) Estamos **quites** com nossas obrigações militares.

Os sócios estão quites com a Receita Federal.

Junto

Como adjetivo, concorda com o substantivo ou com o pronome substantivo:

As meninas almoçaram **juntas**.

Todos estavam **juntos**.

Sentamo-**nos** **juntos** à mesa.

Como advérbio, fica invariável (modifica o verbo):

Junto encaminho os cálculos que você me pediu.

Observação

As locuções **junto a** e **junto de** significam **perto de** e são invariáveis:

Estavam **junto ao** poste.

Durante a discussão, a advogada ficou **junto do** cliente.

Cuidado!

Não utilize **junto a** indevidamente:

Errado: Exigiu providências **junto à** polícia.

Correto: Exigiu providências **da** polícia.

Errado: Pediu dinheiro emprestado **junto ao** Banco Real.

Correto: Pediu dinheiro emprestado **no** Banco Real.

Errado: O vereador quer promover atividades **junto à** comunidade.

Correto: O vereador quer promover atividades **com a** comunidade.

Evite o uso de **junto com**, pois é redundante:

O advogado de defesa entrou no tribunal **junto com** o cliente.

Ele foi **junto com** o pai ao hospital.

Diga ou escreva:

O advogado de defesa entrou no tribunal **com** o cliente.

O advogado e seu cliente entraram **juntos** no tribunal.

Advogado e cliente entraram **juntos** no tribunal.

Ele foi **com** o pai ao hospital.

Pai e filho foram **juntos** ao hospital.

Pseudo (prefixo)

É sempre invariável. É elemento de composição de palavras:

As **pseudoverdades** destroem a boa argumentação.

A **pseudoeducação** deforma o desenvolvimento dos jovens.

Observação

O prefixo **pseudo** liga-se com hífen a palavras iniciadas pela mesma **vogal** ou por **h**:

Pseudo-hérnia; pseudo-hipertrofia; pseudo-hiperparatireoidismo; pseudo-história; pseudo-organização; pseudo-orgasmo; pseudo-osteose.

Nos demais casos, o hífen desaparece:

Pseudoconformismo; pseudodemocracia; pseudofilosofia; pseudointeligência; pseudorrepública; pseudossindicato.

De forma que, de maneira que, de modo que

São sempre invariáveis:

Preparou o projeto **de modo que** atendesse às exigências da banca examinadora.

Ronaldo posicionou-se na grande área **de forma que** pudesse cabecear a bola com precisão.

Responda às questões **de maneira que** fiquem bem claros seus argumentos.

Evite **de forma a**, **de maneira a**, **de modo a**.

Um e outro, um ou outro, nem um nem outro

Com estas expressões, se houver substantivo posposto, este ficará no singular:

Um e outro deputado abstiveram-se de votar no plenário.

Um e outro amigo confraternizaram no Ano Novo.

Um ou outro caso de quebra de decoro parlamentar foi analisado pela Comissão de Ética.

Nem um nem outro ato de corrupção foram punidos exemplarmente.

Todo

Pode ter função adverbial, modificando um adjetivo (equivale a completamente, inteiramente, totalmente). Como tal, mantém-se invariável:

Os manifestantes ficaram **todo** (totalmente) **interessados** no resultado do discurso do governador.

As chuvas deixaram-nos **todo** (completamente) **molhados**.

Ou pode funcionar como pronome indefinido, concordando, por atração, com o substantivo ou pronome:

Os manifestantes ficaram **todos** interessados no resultado do discurso do governador.

As chuvas deixaram-**nos todos** molhados.

Caro e barato

Como advérbios, não variam (modificam o verbo):

A energia elétrica custa **caro**.

As frutas natalinas custam **barato**.

Como adjetivos, concordam com o substantivo:

A energia elétrica é **cara**.

As frutas natalinas são **baratas**.

Meio e meia

MEIO, significando **um tanto**, **um pouco**, **mais ou menos**, mantém-se invariável. Acompanha particípio adjetivado ou adjetivo:

Carla anda **meio** triste.

A porta está **meio** aberta.

As professorinhas continuam **meio** insatisfeitas.

Patricinha está **meio** cansada.

MEIO, significando **metade**, é variável.
Concorda com o substantivo a que se refere.
Assim,

É meio-dia e **meia** (**hora**).

Tomaram **meia** **dose** de uísque.

Compramos **meio** **quilo** de farinha.

Adjetivos na função de advérbios

Modificam o verbo e não variam:

A Skol desce **redondo** (redondamente).

Você fala **gostoso** (gostosamente).

“Doutor fala **bonito**.”

O medo o fez suar **frio**.

Andem **rápido** (rapidamente).

É bom, é necessário, é preciso, é proibido e assemelhados

Quando se referem a substantivo (sujeito) tomado no sentido genérico, indeterminado, ficam invariáveis:

Água **é bom** para evitar doenças.

Entrada **é proibido**.

Calma ao volante **é necessário**.

É permitido saída.

Se o substantivo (sujeito) estiver determinado por artigo ou pronome, a concordância se fará com o determinante:

Esta água é **boa** para consumo.

A entrada é **proibida**.

A calma ao volante é **necessária**.

É **permitida** **a** saída.

Anexo

É apenas adjetivo e, como tal, concorda com o substantivo a que se refere:

Seguem **anexas** **as cartas**.

Seguem **anexos** **os documentos**.

Evite o uso da expressão invariável **em anexo.**

Obrigado

Concorda com o termo a que se refere:

Quando agradece, **ela** diz muito **obrigada**, e **ele**, muito **obrigado**.

Quando o agradecimento é coletivo, **elas** dizem muito **obrigadas**, e **eles**, muito **obrigados**.

Obs.: Quando se mesclam os elementos que agradecem, a concordância se faz no masculino:
Elas e **ele** dizem muito **obrigados**.

Menos e **menas**

Em hipótese alguma use **menas**, pois esta palavra não existe em Língua Portuguesa.

Em qualquer situação, utilize **MENOS**:

Estou cansado; por isso, darei **menos** aulas hoje.

Mais amor e **menos** confiança.

Quero comer **menos** verdura.

Milhão e milhar

São substantivos masculinos; por isso, os elementos que os determinam devem permanecer no mesmo gênero, concordando com essas palavras:

Dois milhões de pessoas compareceram à passeata.

Foram **vendidos** seis **milhões** de revistas.

Foram **destruídos os** três **milhões** de cópias piratas que estavam no depósito da Polícia Federal.

Recuperamos **dois dos** sete **milhões** de libras esterlinas.

Dois milhões de crianças desapareceram.

Possível

Fica invariável nas expressões compostas de **o menos**, **o mais**, **o melhor**, **o pior**:

O programa social atingiu **o maior** número de pessoas **possível**.

As instruções devem ser **o mais** legíveis **possível**.

Com o artigo no plural, o adjetivo também vai para o plural:

Nos últimos jogos, os resultados do Palmeiras foram **os** piores **possíveis**, e os do Flamengo, **os** melhores.

Obs.: Prefira a construção invariável.

CONCORDÂNCIA VERBAL

Relação de número (singular e plural) e pessoa (1ª, 2ª e 3ª) que se estabelece entre verbo e sujeito na frase:

Siga sempre o esquema:

a) Sujeito simples no singular, verbo no singular;
b) Sujeito simples no plural, verbo no plural;
c) Sujeito composto, verbo sempre no plural.

Obs.: o que está entre parênteses, nos exemplos abaixo, não deve aparecer na frase. Foi posto apenas para orientar o leitor.

Márcia se **comunica** muito bem com **todas as pessoas** que **conversam** com ela.

O amor e a virtude (**eles**) **são** essenciais para as boas relações humanas.

Eu e você (**nós**) **concordamos** com a necessidade de escrever bem.

A humildade e a boa ignorância **são** os primeiros passos para alcançar a sabedoria.

Nunca **nos esqueçamos** (**nós**) de que **a boa comunicação** **contribui** para o sucesso do indivíduo.

Você **encontrará**, a seguir, todos os exemplos de que (**você**) **precisa** para falar e escrever corretamente.

Um dos que

Carlos é **um dos que** **defendem** (ou defende) a ética nas empresas.

Embora alguns gramáticos defendam, com a expressão **um dos que**, o uso do verbo no singular ou no plural, indiferentemente, justificando o singular pelo destaque que se quer dar a **um**, **aconselhamos seja empregado o verbo apenas no plural**. Assim,

Carlos é **um dos que** **defendem** a ética nas empresas.

João foi **um dos que** **enfrentaram** todos os problemas, vencendo-os com dignidade.

Obs.: Um dos motivos que nos levam a justificar a concordância no plural é a construção com expressões de sentido contrário. Nestes casos, é impossível deixar o verbo no singular:

Nenhum dos que **defendem** a ética nas empresas esteve

presente à reunião.
Nem um dos que defendem a ética nas empresas compareceu à reunião.
Nenhum dos que enfrentaram todos os problemas soube vencê-los com dignidade.
Nem um dos que enfrentaram todos os problemas soube vencê-los com dignidade.

Se você quiser enfatizar apenas o elemento, atribuindo-lhe a ideia, utilize-se dos mecanismos que a língua lhe oferece:

Carlos é que **defende** a ética nas empresas.

Quem defende a ética nas empresas **é Carlos**.

Importante

Se antes **do que** vier um substantivo e a ideia expressa pelo verbo for atribuída a um ser apenas, o verbo ficará, obrigatoriamente, no singular:

A Lua é um dos corpos celestes que desperta o suspiro dos namorados.

(Neste caso, só a Lua tem essa característica.)

Caso a ideia se refira a dois ou mais seres, o verbo vai para o plural:

A Lua é **um dos corpos celestes que circundam** a Terra.

(Neste caso, há outros corpos celestes que circundam a Terra, e não só a Lua.)

Obs.: No entanto, para evitar estranheza na concordância, sugerimos que se altere a frase (o primeiro exemplo) para:
A Lua é o corpo celeste que **desperta** o suspiro dos namorados.
Entre os corpos celestes, **a Lua** é que **desperta** o suspiro dos namorados.
A Lua, um dos corpos celestes, **desperta** o suspiro dos namorados.

Mais de um

Com a expressão **mais de um**, mantenha o verbo no singular:

Mais de um concorrente **abandonou** a prova.

Mais de um policial **conteve** a fúria dos torcedores.

Obs.: Deve-se usar o plural se houver reciprocidade de ideias (ação recíproca):

Mais de um concorrente **se cumprimentaram** antes da competição.

(A ideia expressa pelo verbo exige, no mínimo, duas pessoas.)

Mais de um oponente **bateram-se** em duelo.

Menos de, cerca de, perto de e assemelhados

Com estas expressões, o verbo concorda com o numeral que as acompanha:

Menos de **dez** profissionais **compareceram** à cerimônia.

Cerca de **cinquenta** carros **ficaram destruídos**.

Nem um nem outro

Dê preferência ao verbo no plural:

Nem um nem outro contribuíram para a concretização do plano.

Estenda a observação para:

Nem seu pai nem seu irmão irão ao congresso.

Singular só se o contexto determinar a exclusão de um dos elementos:

Nem um nem outro será considerado vencedor da maratona.

Nem um nem outro parlamentar acusado de corrupção **assumirá** a presidência da Casa.

Um e outro

Dê preferência ao verbo no plural:

Um e outro merecem nossa consideração.

Um e outro estavam discutindo o assunto,…

Um e outro jornalista **receberão** o prêmio.

Um ou outro

Deixe o verbo no singular:

Meu caro amigo, **um ou outro** advogado **defenderá** nossa causa.

Um ou outro amigo **saberá** recompensá-lo.

Que

Com o relativo **que**, a concordância com o antecedente se impõe:

Fomos **nós que pagamos** a conta.

São **eles que se entregam** a tais propósitos.

Sou **eu que preciso** de carinho.

Obs.: a expressão de realce (enfática) **é que** é invariável.
A concordância se mantém entre os elementos que se relacionam na frase:
Nós é que pagamos a conta.
Eles é que se entregam a tais propósitos.
Eu é que preciso de carinho.

Quem

Com o pronome quem, aconselhamos que se faça a concordância com ele:

Sou eu **quem aprecia** os bons momentos.

És tu **quem usufrui** as delícias da cidade.

É ele **quem goza** os prazeres da vida.

Lembre-se de que o **quem** significa **aquele que.** Por isso, a concordância se justifica.

Coletivos partitivos

Com expressões partitivas seguidas de adjunto no plural, **aconselha-se a concordância no singular**, embora os gramáticos aceitem, indiferentemente, singular e plural:

A maioria dos acadêmicos **deixou** (deixaram) o recinto.

A minoria dos cientistas **concordou** (concordaram) com as novas diretrizes do CNPq.

Grande parte dos acadêmicos **compareceu** (compareceram) ao debate.

A maior parte dos espectadores **assistiu** (assistiram) às comemorações.

A menor parte dos cientistas **concordou** (concordaram) com as novas diretrizes do CNPq.

Parte dos pesquisadores **saiu** (saíram) do laboratório.

Metade dos deputados **absteve**-se (abstiveram-se) de votar.

Um grupo de torcedores do Coritiba, além de **depredar** (depredarem) o estádio, **agrediu** (agrediram) juiz, bandeirinhas, policiais e jogadores depois do jogo.

O cardume de piranhas **tem** (têm) provocado grandes prejuízos aos pecuaristas.

Porcentagem

Quando se trata de porcentagem seguida de elemento no plural, a concordância se faz com ela:

35% dos recursos **se destinam** a projetos sociais.

2% dos acadêmicos **compareceram** ao debate.

1% dos acadêmicos **compareceu** à conferência.

50% dos jovens **estão trabalhando** em projetos sociais, **mas a metade** deles não **colabora** com os mais necessitados.

Se o elemento a que a porcentagem se refere estiver no singular, será melhor concordar com ele:

30% **do povo rejeitou** a proposta do governo.

50% **do viaduto precisa** de reparos.

Caso se particularize (determine) a porcentagem, a concordância se faz com ela:

Os 20% da dívida **serão pagos** no dia 15 de janeiro.

Aqueles 30% da comissão **foram descontados** do preço total do imóvel?

Se o nome vier anteposto à porcentagem, o verbo concordará com ela:

Da população, **30% rejeitaram** a proposta do governo.

Dos candidatos, apenas **1%** não **foi aprovado**.

Se o verbo estiver antes do número da porcentagem, concordará com ele:

Foram destruídos 35% da plantação de café.

Estão alagados 25% dos municípios gaúchos.

Um milhão, um bilhão, um trilhão etc.

Embora a ideia seja plural, conservam o verbo no singular:

Um milhão de pessoas **compareceu** ao evento.

Um bilhão de dólares **foi gasto** na construção do metrô.

No entanto, se a um milhão, um bilhão, um trilhão seguir-se um termo para indicar quantidade exata, levaremos o verbo para o plural:

Um milhão e trezentas mil pessoas **compareceram** ao evento.

Um bilhão, duzentos e cinquenta milhões e trezentos mil dólares **foram gastos** na construção do metrô.

Sujeito formado por pronome interrogativo ou indefinido acompanhado pelas expressões de nós, de vós, de vocês

Com o pronome no singular, o verbo deve concordar no mesmo número:

Qual de nós será eleito presidente?

Qual de vocês deixará o tribunal?

Com o pronome no plural, o verbo deve ir para o plural e concordar, preferencialmente, com o pronome ou com a expressão:

Quais de vocês permanecerão nesta sala?

Quais de vós preferem que o julgamento seja adiado?

Quais **de vós preferis** que o julgamento seja adiado?

Quantos de nós estarão dispostos a abraçar a causa?

Quantos **de nós** estaremos dispostos a abraçar a causa?

Pronomes de tratamento

Verbo sempre na terceira pessoa:

Vossa Senhoria deve acompanhar-me.

Sua Santidade esteve no Brasil.

Vossa alteza comportou-se como um verdadeiro líder.

Como, inclusive, exceto, menos, bem como, assim como e assemelhados

Com estas expressões entre o sujeito e o verbo, faça a concordância com o primeiro elemento (sujeito-núcleo):

A primeira dama, assim como seus assistentes, **deixou** a reunião.

Vocês, como eu, **precisam** de paz.

Os integrantes da mesa, menos (exceto) o presidente, **votaram** a favor da emenda.

Os policiais, bem como nós, **ficaram indignados** com a perversidade do meliante.

Bater, dar, soar

Na indicação de horas, concordam normalmente com o sujeito:

Bateram três horas no relógio da catedral.

Deram duas horas no relógio da catedral.

Soaram cinco horas no relógio da catedral.

O relógio bateu 23 horas.

O relógio deu 24 horas.

O relógio soou 22 horas.

Ser

Na indicação de horas, datas e distância, o verbo concorda com a expressão numérica:

– Que horas **são?**

– **São dez** horas.

– **É uma** hora.

De São Paulo ao Rio de Janeiro **são 420** km.

Hoje **são 25** de dezembro de 2009.

Obs.: Se houver a palavra **dia**, o verbo ficará no singular:
Hoje **é dia** 25 de janeiro de 2010.

É bastante, é muito, é pouco, é suficiente, é tudo, é nada, é mais, é menos e assemelhados

São expressões invariáveis em frases como:

Dez milhões **é muito** (é bastante).

Cinquenta metros de cetim **é pouco** para revestir a parede.

Seiscentos reais **é suficiente** para cobrir as despesas.

Vinte dias **é mais** do que precisamos para completar o trabalho.

Amores de infância **é tudo** que nos resta na vida.

Sujeito no singular e predicativo no plural

Independentemente de o sujeito ser oração, pronome demonstrativo, indefinido ou um substantivo, a concordância se faz por atração com o predicativo:

O que me seduziu **foram os gestos de afeição daqueles seres**.

O apoio mais importante **são as palavras de nossos amigos**.

A maior alegria dos pais **são os filhos bem criados**.

Sua maior decepção **continuam sendo as contradições de seus familiares**.

Tudo **são delícias** em nossa vida.

Aquilo **foram brincadeiras** de mau gosto.

Isto **são histórias** interessantes.

Caso o sujeito seja pessoa ou nome de pessoa, a concordância se faz com ele:

Cláudia é as delícias de sua família.

O garoto é só travessuras.

Obs.: Se quisermos fazer prevalecer o sujeito sobre o predicativo, o verbo ficará no singular:
O Senado é tudo, **é** só desmandos.
Minha vida é as alegrias infantis.

Predicativo é o pronome demonstrativo O

Amores **é o** que tem de sobra.

Mais empregos **é o** que o povo mais deseja em 2010.

Substantivos próprios ou comuns terminados em S

Se vierem sem determinante (artigo ou pronome), o verbo ficará no singular:

Vassouras é uma bela cidade fluminense.

Alagoas fica no Nordeste.

Minas Gerais é um dos maiores colégios eleitorais do País.

Santos está localizado no litoral sul de São Paulo.

Hifens não **deve** ser acentuado.

Pires acompanha a xícara.

Pelos perdeu o acento.

Armazéns está no plural.

Caso haja determinante no singular, o verbo permanece no singular:

O Amazonas é o maior estado do Brasil.

O pires acompanha a xícara.

Aquele lápis foi usado indevidamente; por isso,…

Se vierem acompanhados de determinante no plural, o verbo irá, obrigatoriamente, para o plural:

Os Estados Unidos discutiram a crise palestina.

Os Estados Unidos são um grande país.

Os Alpes ficam na Suíça.

Os Andes formam uma das mais belas paisagens da América do Sul.

Aqueles ônibus não **circularão** hoje.

E mais, mesmo que você encontre nos jornais:

EUA se **mobilizam** para guerra", não estranhe. Lembre-se de que o nome **EUA** traz embutido o artigo **OS**, o que justifica o plural.

Atenção!

Títulos de obras terminados em S

Mesmo que antecedidos de determinante no plural, prefira o verbo no singular:

Os Lusíadas é uma das obras mais importantes da literatura.

Os Sertões trata da batalha de Canudos.

Os pensadores foi publicado pela editora Abril. (nome da coleção)

Os três mosqueteiros é um clássico da literatura.

Os imigrantes foi ao ar pela TV Bandeirantes. (título de novela)

Para justificar o verbo no singular e evitar o estranhamento e a crítica de alguns autores que preferem a concordância no plural com os títulos de obras que trazem o artigo **OS**, apresentamos estes exemplos com a obra de Dionélio Machado, utilizando o verbo no plural:

Os ratos são de Dionélio Machado.

Os ratos não **podem** faltar na biblioteca dos apreciadores da literatura brasileira.

(Soa estranho, não? Talvez precisemos de alguns gatos para espantar esses bichinhos da biblioteca!)

Sujeito oracional ou constituído de verbos no infinitivo

O verbo deve fica no singular:

Quem permanecer no recinto participará do sorteio.

Beber e comer nos **satisfaz**.

Ser feliz e compreender o semelhante é inerente ao ser humano.

Obs.: Se os infinitivos estiverem substantivados ou indicarem contraste, o verbo irá para o plural:
O viver e **o sonhar bastam** a uma vida feliz.
Subir e descer fazem parte da caminhada.
Nascer e **morrer compõem** o ciclo existencial.

Sujeito composto resumido por pronome indefinido

Ponha sempre o verbo no singular:

Verduras, legumes e frutas, **tudo contribui** para a saúde do homem.

Jogadores, técnico e preparador físico, **ninguém seguiu** a determinação do juiz.

Móveis, eletrodomésticos, roupas, carros, **nada sobrou** depois do temporal.

Sujeitos precedidos de cada ou nenhum

O verbo fica no singular:

Cada senador, **cada** deputado, **cada** vereador, no exercício do cargo, **deveria** cuidar da coisa pública com honestidade e esmero.

Nenhum padre, **nenhum** pastor, **nenhum** pai de santo **pode** fazer uso da fé em benefício próprio.

Sujeitos ligados por não só…mas também; tanto…como; tanto… quanto

Levam o verbo para o plural:

Não só eu, **mas também** você **participaremos** das comemorações.

Tanto a teoria **como a prática são** essenciais ao conhecimento.

Tanto a promotoria **quanto** o advogado de defesa **mostraram** inabilidade na condução do caso.

Verbo acompanhado do pronome SE

Para não errar a concordância, é necessário conhecer a regência verbal.

Explicação:

Sempre que, na voz ativa, tivermos

Sujeito agente (SA) **+ verbo transitivo direto** (VTD) **+ objeto direto** (OD**)**

Paulo e Roberto **compraram carros novos**

(SA) (VTD) (OD)

Na voz passiva analítica (verbo principal no particípio acompanhado pelo auxiliar **ser**), o sujeito passará a agente da passiva (AP), e o objeto, a sujeito paciente (SP), com o qual o verbo sempre concordará:

Carros novos foram comprados por Paulo e Roberto.

(**SP**) **(AP)**

Por isso,

Na voz passiva sintética (verbo acompanhado de **SE**), o verbo concorda obrigatoriamente com o sujeito paciente (aquele que recebe a ação expressa pelo verbo). A única diferença é a posição do sujeito, que, agora, aparece posposto à forma verbal:

Compram-se carros novos. (**Carros novos são comprados**.)

Observe mais estes exemplos:

Aluga-se quarto. (**Quarto é alugado.**)

Alugam-se quartos. (**Quartos são alugados.**)

Vendem-se apartamentos. (**Apartamentos são vendidos.**)

Deram-se muitos conselhos. (**Muitos conselhos foram dados.**)

Quando tivermos uma frase com
Sujeito (S) + **verbo intransitivo** (VI) + **adjunto adverbial** (AA)

Paulo **morreu** de inanição **no sertão pernambucano**.
(S) (VI) (AA) (AA)

Se o sujeito desaparecer e o verbo vier acompanhado de **SE**, este será índice de indeterminação do sujeito, o que deixará obrigatoriamente o verbo no singular:

Morre-se de inanição no sertão pernambucano.
(Não se pode precisar o sujeito.)

O mesmo processo se dá com verbo de ligação (VL):

As pessoas **são** felizes na infância.
(VL)

Quem é feliz na infância?
As pessoas (sujeito).

Se eliminarmos o sujeito e acrescentarmos o **SE** ao verbo, teremos, na frase, apenas a ideia de felicidade na infância sem o conhecimento da pessoa a quem se atribui tal fato, o que caracterizará a indeterminação do sujeito. Por isso, o verbo ficará obrigatoriamente no singular:

É-se feliz na infância.
(Quem é feliz na infância? Alguém o é, mas não podemos precisá-lo.)

Se o verbo for transitivo indireto (VTI), vier acompanhado de seu objeto indireto (OI) e não houver sujeito expresso, em aparecendo o **SE** (índice de indeterminação do sujeito) ao lado do verbo, o singular se imporá:

Vejamos a transformação:

As empresas **precisam** de bons colaboradores.

(VTI) **(OI)**

Para você relembrar:

Quem precisa de bons colaboradores?

As empresas (sujeito).

Quem precisa, precisa **de**... (verbo transitivo indireto).

(Observe a necessidade da preposição **de**)

Portanto,

Elas precisam de quê?

De bons colaboradores (objeto indireto).

Se retirarmos o sujeito e acrescentarmos o **SE** ao verbo, teremos a indeterminação caracterizada; por isso, o verbo ficará no singular:

Precisa-se de bons colaboradores.

(Quem precisa? Alguém, mas não podemos defini-lo.)

Observe mais estes exemplos:

Assiste-se a bons filmes.

Trata-se de doentes mentais.

Cuida-se de crianças.

Comprometeu-se com os organizadores do evento.

VERBOS IMPESSOAIS

Não se referem a uma pessoa específica, em razão do sentido expresso por eles na frase, e devem ficar na 3ª pessoa do singular. Neste caso, a oração é sem sujeito.

São exemplos de verbos impessoais os que expressam fenômeno da natureza:

Chove torrencialmente em São Paulo.

Trovejou muito na noite passada.

Ventou durante a madrugada.

Geia durante o inverno em São Joaquim.

No verão, **escurece** mais tarde.

Obs.: Quando se usa o verbo no sentido figurado, pode-se fazê-lo concordar com o sujeito:
Amanheci de bom humor. (sujeito EU)

Outros verbos impessoais

Haver

Como sinônimo de acontecer, existir, ocorrer, realizar-se:

Houve grandes conflitos no Irã. (= Aconteceram, ocorreram)

Havia muitas pessoas no desfile. (= Existiam)

Há muitas inconsistências nas declarações no réu. (= Existem)

Haverá muitas comemorações na passagem do ano. (= Realizar-se-ão)

Atenção!

Com verbo no imperfeito ou no mais-que-perfeito do indicativo a acompanhar **haver**, deve-se usar **havia** (= fazia):

Os jurados **estavam** no tribunal **havia** (fazia) duas horas.

Paulo **estivera** ali **havia** (fazia) muito tempo.

Havia (Fazia) anos os réus não **se envolviam** com os crimes a eles imputados.

O advogado **entregara** o cargo **havia** (fazia) dois meses, quando…

O avião **tinha aterrissado havia** (fazia) duas horas.

Na indicação de tempo:

Iniciei o tratamento **há** duas semanas. (= faz)

Obs.: Na oralidade, é comum o uso de **ter** como impessoal em lugar de **haver**:
Tinha muitas pessoas no desfile.
Tem muitas inconsistências na declaração do réu.
Terá muitas comemorações na passagem do ano.
Porém, **na linguagem escrita**, **é condenável**.

Estar, fazer, ser

Na indicação de tempo:

Está muito frio aqui.

Chegamos à França **faz** dez dias.

Era tarde quando chegamos à praia.

Obs.: Não se esgota aqui o assunto impessoalidade dos verbos, pois frases há em que o sentido de alguns verbos transforma-os em impessoais. Se você tiver interesse em aprofundar o estudo, entre em contato com o autor pelo endereço eletrônico professorsimoes@uninove.br ou professorsimoes@uol.com.br.

INFINITIVO

Há séculos, o infinitivo vem despertando o interesse de estudiosos. No entanto, o assunto continua a tirar o sono daqueles que se veem às voltas com seu emprego. Para colaborar, comentaremos, de forma simplificada, o seu uso.

Impessoal (sem flexão)

a) Nas locuções verbais (verbo auxiliar + principal), mesmo que distanciado do auxiliar:

Devemos apreciar um bom vinho.

Eles **costumam comparecer** aos encontros.

Os senadores **querem vetar** a proposta do governo.

Devemos, sempre que nos for pedido, **fornecer** os dados para análise da diretoria.

Eles **podem**, se assim o desejarem, **ajudar** os menos favorecidos.

b) Como sujeito ou predicativo do sujeito:

Viver é **ter** a oportunidade de amar.

É proibido **fumar**.

É importante **sanar** os problemas.

Amar é **respeitar** o outro.

c) Com valor de imperativo:

"Não **roubar**."

"Não **cobiçar** a mulher do próximo."

"**Amar** a Deus sobre todas as coisas."

"Meia-volta, **volver**!"

d) Com preposição (funciona como complemento de substantivo, adjetivo ou verbo.):

Exercício difícil **de fazer**.

Foram convidados **a se retirar**.

Batatas gostosas **de comer**.

Ossos duros **de roer**.

Temos o dever **de comunicar** que…

Internacional e São Paulo perderam a chance **de ganhar** o campeonato.

e) Posposto a verbo na voz passiva:

Os brasileiros foram forçados **a deixar** o Suriname.

Os manifestantes foram convencidos **a desistir** de seus propósitos.

Fomos impedidos **de entrar** no tribunal.

f) Com valor de gerúndio:

Os deputados estavam **a colaborar** com o líder do governo na Câmara. (colaborando)

As crianças estão **a encantar** o público. (encantando)

g) Com valor de adjetivo (vem regido da preposição **de**.):

Estes fatos são **de desanimar**. (desanimadores)

Tais argumentos eram **de louvar**. (louváveis)

h) Com os verbos **deixar**, **fazer**, **mandar**, **ouvir**, **sentir** e **ver** acompanhados de pronome oblíquo que funciona como sujeito do infinitivo:

“Não **nos** deixeis **cair** em tentação.”

Os senadores fizeram-**nos** **desacreditar** na política brasileira.

Mandei-**os** **calar** a boca.

Não **as** ouça **lamentar** o resultado, pois motivos elas não têm.

Sinta-**os** **vibrar** pela conquista, meu amigo!

Vê-**los receber** o prêmio foi compensador.

Obs.: Se o sujeito do infinitivo for um substantivo, pode-se flexioná-lo ou não:
Mandei **os estudantes calarem** (**calar**) a boca.
Não ouça **as atletas lamentarem** (**lamentar**) o resultado, pois motivos elas não têm.
Sinta **os atletas vibrarem** (**vibrar**) pela conquista, meu amigo!
Ver **os alunos receberem** (**receber**) o prêmio foi compensador.

---

i) Nas orações reduzidas de infinitivo pospostas à principal, prefira a forma não flexionada quando houver um único sujeito:

Estamos aqui para **dar** nossa opinião.

(**Nós** é o sujeito de ambas as orações.)

Eles vieram para **comemorar** o Natal conosco.

(**Eles** é o sujeito de ambas as orações.)

Paulo e Márcia aceitaram nosso convite sem **hesitar**.

(**Paulo e Márcia** é o sujeito de ambas as orações.)

Os suspeitos fugiram para **sair** do flagrante.

(**Os suspeitos** é o sujeito de ambas as orações.)

Pessoal (flexionado)

a) Com sujeito diferente do da principal:

Não é conveniente **contestarem** a decisão do juiz.

Explicação:

Oração principal: Não é conveniente.

O que não é conveniente?

Contestarem a decisão do juiz. (sujeito da principal)

Qual é o sujeito de **contestar**?

Eles ou **elas**. (indeterminado)

Pedimos-lhes a gentileza **de permanecerem** sentados.

(Sujeito da primeira oração – **nós** –, e da segunda, **vocês**.)

O juiz sugeriu **estarem** os réus mentindo.

(**O juiz** é o sujeito da primeira oração, e **os réus**, o da segunda.)

O promotor utilizou-se de argumentos irrefutáveis para os réus **confessarem** o crime.

(Em que **o promotor** é o sujeito de "utilizou-se", e **os réus**, o de "confessarem".)

b) Nas orações reduzidas de infinitivo (regido de preposição) antepostas à principal, quando o sujeito for o mesmo nas duas orações e estiver no plural, prefira a forma flexionada:

Para **conseguirem** bons resultados, os atletas treinaram intensamente.

(**Os atletas** é o sujeito de ambas as orações.)

Para **comemorarem** o Natal conosco, eles chegaram cedo.

(**Eles** é o sujeito de ambas as orações.)

Para **saírem** do flagrante, os suspeitos deixaram o local do crime.

(**Os suspeitos** é o sujeito de ambas as orações.)

Por **desrespeitarem** as leis, foram punidos com severidade.

(**Eles** é o sujeito de ambas as orações.)

c) Nas orações reduzidas de infinitivo (regido de preposição) intercaladas entre o sujeito e o verbo da principal, quando o sujeito for o mesmo e estiver no plural, prefira a forma flexionada:

Os atletas, para **conseguirem** bons resultados, treinaram intensamente.

Eles, para **comemorarem** o Natal conosco, chegaram cedo.

Os suspeitos, para **saírem** do flagrante, deixaram o local do crime.

Os torcedores, por **desrespeitarem** as leis, foram punidos com severidade.

VERBO SER NO INFINITIVO

Sempre que vier acompanhado da preposição **A**, poderemos usar **a ser** e **a serem**. No entanto, sugerimos que você se valha da coerência para utilizá-lo:

> O caixa separou os produtos **a ser** (**a serem**) substituídos.
>
> Os filmes **a ser** (**a serem**) exibidos foram retirados da programação.
>
> Levou as obras **a ser** (**a serem**) utilizadas no exame da OAB.

ESTUDO COMPLEMENTAR

Haver

Observe esta frase retirada de um texto publicado em jornal de grande circulação em São Paulo (1º de dezembro de 2001):

> "Quando **haviam** vários textos de um autor, a escolha se baseava na importância do assunto ou no inusitado da abordagem".

Apesar de a matéria tratar do lançamento de um livro que "reúne textos de expoentes da cultura brasileira", houve descuido de quem a revisou. Para que isso não aconteça com você, observe, com atenção, as informações a seguir sobre o emprego de **HAVER**:

Se você utilizá-lo como sinônimo de **existir**, **acontecer**, **ocorrer**, **suceder**, **fazer**, deixe-o na 3ª pessoa do singular (é o que o revisor do texto deveria ter feito):

> "Quando **havia** (e não **haviam**) vários textos de um autor [...]"
>
> **Houve** (e não **houveram**) muitas brigas na Câmara.
>
> Não **há** (e não **hão**) vagas na construção civil.
>
> Nunca **houve** (e não **houveram**) tantos crimes como agora.
>
> Se **houvesse** (e não **houvessem**) mais pessoas comprometidas ética e moralmente, todos lucrariam.
>
> **Havia** (e não **haviam**) tantas coisas a dizer; no entanto, ninguém lhe deu crédito.

Obs.: Se **haver** estiver acompanhado de outro **verbo** (locução verbal), este também ficará no singular:

Deveria (e não deveriam) haver muitas mensagens em sua caixa postal.

Pode (e não podem) haver muitas razões para tal atitude, mas isso não justifica o desrespeito às regras de nossa sociedade.

Agora, vamos apreciar outros empregos de **haver** para que você possa analisá-los.

Se, na frase, o verbo **haver** estiver auxiliando outro verbo (neste caso pode ser substituído por **ter**), caberá a você manter a concordância normal:

Eles ainda **haverão** (terão) de cumprir o que prometeram à população.

Os presidentes haviam (tinham) concordado com a proposta de paz.

Os orientais hão (terão) de seguir os ensinamentos de Buda.

HÁ e A

Há - indica tempo transcorrido (você pode substituí-lo por **faz**):

Há (Faz) dez anos, tudo era diferente.

Isso aconteceu **há** (faz) meses.

Obs.: Evite redundância: **há** dez anos **atrás**, **há** muito tempo **atrás**.

Diga, apenas, **há** dez anos; dez anos **atrás**; **há** muito tempo ou muito tempo **atrás**.

A - Você deverá usá-lo para exprimir tempo futuro ou distância:

Daqui **a** dez minutos, sairemos.

João estava **a** um passo do abismo.

Colocou-se **a** dois metros do inimigo.

Estamos **a** 230 km de Belo Horizonte.

Ou na referência a um espaço temporal que nos separa de um fato, de um acontecimento:

Estamos **a** dez minutos do início da sessão.

Estamos **a** cinco anos da realização da Copa do Mundo no Brasil.

Há menos de, a menos de

Seguem a regra de **HÁ** e **A**.

Compare os exemplos abaixo:

O Brasil tornou-se independente **há** (faz) **menos de** dois séculos.

Partiram **há** (faz) **menos de** quatro horas.

Estava **a menos de** duas horas da cidade.

Encontrava-se **a menos de** vinte metros dos assaltantes.

Estamos **a menos de** cinco minutos do início da competição.

Haja vista

É invariável (equivale a **veja**):

Haja vista o resultado das eleições…

Haja vista os meus amores de infância…

Obs.: Embora haja quem pluralize o verbo **haver**, fazendo-o concordar com o elemento que vem depois da expressão: **Hajam** vista **os problemas** gerados pela burocracia…, aconselha-se o uso da forma invariável, pois estará correta em qualquer circunstância.

Fazer

E para reforçar, nada melhor do que voltar ao verbo **FAZER,** que estará presente nas expressões de tempo, mantendo-se no singular tal como **haver**:

Fez (e não fizeram) dez anos que nos conhecemos.

Vai fazer (e não vão fazer) dez anos que ele se despediu do mundo.

Nos demais casos, concordará com o sujeito:

As meninas farão dez anos amanhã.

Para o Natal, **faremos** compras pela internet. (**nós**).

Façam os exercícios com atenção. (**vocês**).

ISBN 978-85-909417-3-6

Sérgio Simões

Crase sem segredo

Série **Palavra Final**, v. 3

UNINOVE
Universidade Nove de Julho
A UNINOVE É SEMPRE 10

ISBN 978-85-909417-3-6

Sérgio Simões

Crase sem segredo

Série Palavra Final, v. 3

UNINOVE
Universidade Nove de Julho
A UNINOVE É SEMPRE 10

© 2009 – Universidade Nove de Julho (Uninove)

Capa e projeto gráfico: João Ricardo M. Oliveira

SIMÕES, Sérgio Lourenço. Crase sem segredo.

São Paulo : UNINOVE, 2009. (Série Palavra final, v. 3)

ISBN 978-85-909417-3-6

1. Língua portuguesa – Crase
CDU 811.134.3’36

Autorizada a reprodução desde que citada a fonte.

Sumário

Introdução 5

Cuidado com certos usos do sinal indicativo da crase 5

O acento 6

- Dicas valiosas 7

Locuções adverbiais 9

Acento indiacativo da crase proibido 9

- Palavras masculinas 9
- Verbos 10
- Pronomes demonstrativos 10
- Pronomes pessoais e de tratamento 10
- Pronomes indefinidos 10
- Pronomes relativos 11
- Artigos indefinidos 12
- Palavras femininas tomadas no sentido amplo, genérico 12

A crase é facultativa 12

- Com possessivos no singular: 12
- Com **até**: 13

Casa e terra e o sinal indicativo da crase 13

Crase diante de nomes de pessoas 14

Resumo 15

- Sinal indicativo da crase proibido em: 15
- Sinal indicativo da crase obrigatório em: 15

Consulta rápida 16

Algumas dicas para o dia a dia 17

Introdução

Quantas vezes deparamos com placas e cartazes orientadores que nos deixam perplexos com as ‘sutilezas’ linguísticas **lamentááááveis** que agridem nossos olhos e nossa inteligência, não é mesmo?

Sabemos que nossos amigos não seriam capazes de produzir essas pérolas da língua; no entanto, não nos custa alertar para esse saboroso “caldo” da displicência linguística ou ignorância no que se refere ao uso do sinal indicativo da crase.

Bom entretenimento!

Cuidado com certos usos do sinal indicativo da crase

Muito se tem escrito sobre **ensino à distância**, mas sem o devido cuidado com a língua. O correto é falar de **ensino a distância** sem o acento indicativo da crase. Lembre-se de que a palavra **distância** só o admitirá se estiver determinada:

> O inimigo estava **a distância**; no entanto, para que pudessem observá-lo melhor, aproximou-se, colocando-se **à distância de dois metros**.

Não use **à partir de**, pois não se coloca o sinal indicativo da crase antes de verbo. Escreva, simplesmente, **a partir de**:

> As inscrições para o processo seletivo estarão abertas **a partir de** 1º de junho.

Observe mais algumas construções que também não admitem o acento da crase:

> De **segunda a sexta**, não estaremos funcionando.
>
> As inscrições poderão ser feitas de **23.6 a 31.7** na secretaria da universidade.
>
> Moramos na Lapa de **1952 a 1974**, e em Santana, de **1997 a 2002**.

O acento

O acento indicativo da crase só existe diante de palavras femininas que o exigirem em razão da regência.

Atenção!

Não nos referimos **à** garota. **A** garota estava no trem.

(Temos preposição **a** exigida por referir-se + artigo definido **a** de garota)

Assim,

Não nos referimos **à** garota que estava no trem.

Reportou-se **à** união de seus pais. **A** união de seus pais foi duradoura.

(Temos preposição **a** exigida por reportar-se + artigo definido **a** de união)

Assim,

Reportou-se **à** união de seus pais, que fora duradoura.

Exceções:

Demonstrativos **aquele**, **aquilo**, desde que a regência o exija:

Assim,

Não se refira **àquele** que não inspira confiança.

(Temos preposição **a** exigida por referir-se + **a** de aquele)

Não se dedique **àquilo** que não lhe interessa.

Não podemos dedicar-nos a isto, mas, sim, **àquilo** que sempre satisfará nossa curiosidade.

(Temos preposição **a** exigida por dedicar-se + **a** de aquilo)

Comprei **a**quele carro.

(Temos apenas o **a** de aquilo, pois o verbo comprar não exige preposição)

Devolveu-me **a**quilo que me pertencia.

(Temos apenas o **a** de aquilo, pois o verbo devolver não exige preposição)

Diante de palavra masculina que subentenda **à moda de, ao estilo de**:

Não redija **à José de Alencar**, pois o discurso se tornará enfadonho.

(**ao** estilo de)

Hermenegildo veste-se **à Luís XV**.

(**à** moda de)

Dicas valiosas

Substitua a palavra feminina precedida de **a(s)** por um termo masculino que pertença à mesma classe ou categoria gramatical. Caso apareça **ao(s)**, o acento será obrigatório; se o **a** se mantiver inalterado ou aparecer apenas **o(s)**, não haverá acento:

Entregamos flores **à garotinha**.

(**ao garotinho**)

Compareceu **à comemoração**.

(**ao desfile**)

Obedeça **às leis**.

(**aos regulamentos**)

Não me refiro **a todas as mulheres**, e sim **às** que me dedicaram amor.
(**a todos os homens**) (**aos** que)

Dirigi-me **a ela** durante o jantar.
(**a ele**)

Ônibus movido **a gasolina**.
(**a álcool**)

Não se entregue **a qualquer** pessoa.
(**a qualquer** indivíduo)

Joel fez referência **a todas** as pessoas.
(**a todos** os homens)

Organizamos **a conferência**.
(**o evento**)

Os candidatos cumpriram **as normas** da instituição.
(**os regulamentos**)

Substitua o verbo pelo **antônimo**, por **passar**, **estar** ou **ficar**. Se aparecerem as preposições **de**, **por** ou **em**, não haverá crase. Caso apareçam as contrações **da**, **pela** ou **na**, o acento será obrigatório.

Fomos **à praia** e, depois, **a Santa Catarina**.

Os exemplos que seguem ilustram a explicação e justificam a acentuação na frase:

Voltamos (viemos) **da praia** e, depois, **de Santa Catarina**.

Passamos **pela praia** e, depois, **por Santa Catarina**.

Estivemos **na praia** e, depois, **em Santa Catarina**.

Locuções adverbiais

Elementos que estabelecem o aspecto circunstancial da frase, ou seja, o momento, a causa, o modo, o lugar, a consequência, e exigem o sinal indicativo da crase:

À noite, tudo se concretiza.

Não vire **à direita**.

O juiz julgou o réu **à revelia**.

Ele vive **à custa** da família.

Esta casa está **à venda**.

Matou o sequestrador **à bala**.

Estava **à beira** do riacho.

Gosto de comer filé **à milanesa**.

Obs.: Na indicação de horas definidas, o acento será obrigatório:
Sairemos **às 10 horas**.
Horário desta loja: das **8h às 22h**. (ou das **8 às 22 horas**)

Acento indiacativo da crase proibido

Diante de:

Palavras masculinas

Gosto de andar **a pé**.

Envie o documento **a Paulo**.

Foi ao Rio de Janeiro **a serviço** do Tribunal de Contas da União.

Comprei um belo quadro pintado **a óleo**.

Verbos

Temos algo **a** **resolver**.

Estamos **a** **esperar** por você.

Pronomes demonstrativos

este, **esta**, **esse**, **essa**, **isto** e **isso**:

Veio **a** **esta** cidade ontem.

Não me refiro **a** **isto**, e sim **a** **isso** que está em seu bolso.

Pronomes pessoais e de tratamento

"Vinde **a** **mim** as criancinhas…"

Dei um presente **a** **ela**, **a** **Vossa Senhoria** e **a** **você**.

Obs.:
a) Diante de **senhora**, **senhorita** e **madame**, pode-se utilizar o acento:
Entregamos o perfume **à** **senhora**. (ao senhor)
…**à** **senhorita** Valéria.
…à **madame**.

b) A palavra **dona** não aceita artigo definido; por isso, é proibido o uso do sinal da crase:
Dei um presente **a** **dona** Maria. (para dona Maria)
Apresentamos o gerente **a** **dona** Ester. (para dona Ester)

Pronomes indefinidos

Não conte os segredos **a** **qualquer** pessoa, **a** **alguém** que não mereça confiança.

Você pode assistir **a** **alguma** comédia.

Pronomes relativos

Observe a correspondência entre feminino e masculino:

A que pessoas você entregou o dinheiro?
A **que** indivíduos você entregou o dinheiro?

A poesia **a que** me refiro é de João Cabral de Melo Neto.
O poema **a que** me refiro é de João Cabral de Melo Neto.

Não conheço a garota **a quem** você se reporta com suas observações.
Não conheço o garoto **a quem** você se reporta com suas observações.

A mulher **a cuja** situação ele se referiu esteve aqui há pouco.
A mulher **a cujo** filho ele se referiu esteve aqui há pouco.

A qual das pessoas você solicitou paciência?
A qual dos meninos você solicitou paciência?

Não leve em consideração as atividades **às quais** todos se entregam imotivadamente.
Não leve em consideração os projetos **aos quais** todos se entregam imotivadamente.

Mas, cuidado!

Quando o **a**, diante do **que**, for equivalente aos demonstrativos **aquele**, **aquela** ou **aquilo**, o sinal indicador da crase poderá ou não ser utilizado, dependendo da regência:

Não me refiro a esta norma, mas **à** (àquela) **que** foi objeto de repúdio.

(Temos referir-se **a** alguém ou **a** alguma coisa, ou seja, referir-se **à** norma, objeto de repúdio)

Note que ao substituirmos o termo feminino – ao qual o **que** se refere – por uma palavra masculina, a combinação **ao** aparecerá:

> Não me refiro a este regulamento, mas **ao** (àquele) **que** foi objeto de repúdio.

Artigos indefinidos

Chegaremos **a uma** pequena aldeia.

Vá **a uma** farmácia de manipulação e verifique se é possível preparar a fórmula para amanhã.

Palavras femininas tomadas no sentido amplo, genérico

Não divulgue seus projetos **a pessoas** que não mereçam confiança.

A diretora atribuiu o insucesso dos alunos **a professores** mal preparados.

Obs.: Não se utiliza o acento indicativo da crase na ligação de palavras repetidas:

Cara **a** cara
Corpo **a** corpo
Frente **a** frente
Gota **a** gota
Uma **a** uma

Mais algumas orientações para você

A crase é facultativa

Com possessivos no singular:

> Venha **a nossa** casa (ou **à nossa** casa).
>
> Recorri **a sua** irmã (ou **à sua** irmã).

No plural, o acento se imporá se houver preposição **a** + artigo definido **as**:

As imposições são inúteis **às** nossas aspirações.

Caso haja apenas preposição **a**, não se põe o sinal da crase:

As normas da instituição dão garantias **a** suas colaboradoras.

Com **até**:

Estaremos aqui das 20 **até as** (ou **até às**) 22 horas.

Neste caso, o melhor é omitir o **até**, pois a expressão em si estabelece o limite:

Estaremos aqui das 20 **às** 22 horas.

Iremos **até a** cidade. (ou **até à** cidade)

Obs.: Apesar de os gramáticos admitirem as duas formas, aconselhamos seja omitido o acento, por ser desnecessário. Veja exemplo a seguir:
Iremos **até a** cidade. (ou **até à** cidade)

Se substituirmos **cidade** por **teatro**, teremos:
Iremos **até o** teatro (ou **até ao** teatro). Parece-nos que o primeiro é mais interessante; por isso, prefira-o.

Casa e terra e o sinal indicativo da crase

Encerraremos este momento cultural precioso com o acento grave na **CASA** (não na nossa, e sim na do outro). Aliás, é muito simples.

Se você estiver fazendo referência à palavra **casa** (lar, domicílio próprio), não ponha o acento:

Voltamos **a casa** ontem.

Paulo chegou **a** **casa** às 2 horas.

Note que, nos dois exemplos, a palavra **casa** aparece sem determinante, isto é, sozinha.

Se a **casa** for determinada, o acento será obrigatório:

Voltamos **à** **casa de Paulo** ontem.

Paulo chegou **à** **Casa Rosada** às 2 horas.

E com a palavra **terra**?

Quando utilizada como **terra firme**, **solo** (em oposição "a bordo"), proíbe-se o sinal indicativo da crase:

Os marinheiros desceram **a** **terra**.

O avião chegou **a** **terra**.

Nos demais casos, o acento grave se imporá:

Às 18h34, os astronautas chegarão **à** **Terra**. (planeta)

José voltará **à** **terra natal** quando tiver dinheiro para pagar a passagem.

Crase diante de nomes de pessoas

Quando nos referimos a pessoas de nosso círculo de amizades (por afinidade, intimidade), acentuamos o **à**:

Durante a festa, referimo-nos **à** Cláudia como nossa melhor amiga.

Valeu a pena dedicar-se **à** Elisabete?

Se as pessoas não fizerem parte de nosso relacionamento (por intimidade, amizade), não haverá acento:

Pediram-me que entregasse o cheque **a** Cláudia. (alguém de nome Cláudia)

Dirija-se **a** Luísa, a recepcionista.

Em se tratando de santas ou pessoas célebres, a acentuação será proibida:

Neste livro, não encontramos referência **a** Anita Garibaldi nem **a** Ana Nery.

Oremos **a** Maria e **a** Santa Rita de Cássia.

Resumo

Agora, deguste estas contribuições que reforçarão o que você aprendeu.

Sinal indicativo da crase proibido em:

De **segunda a sexta**; de **terça a domingo**.

As inscrições para o processo seletivo estarão abertas de **22.9 a 20.12.2009**.

A partir de segunda-feira, estaremos abertos até as 22 horas.

Educação **a distância**.

Hotel **a 400 metros**.

Saída **a 2 km**.

Estamos **a duas horas** de Gramado.

Observe mais este exemplo:

Se você preferir **entregas a domicílio**, faça-as sem crase no **a**, pois seria **lamentááável** usá-la neste caso. No entanto, aconselhamos que as faça sempre **EM domicílio**, pois dessa forma nada teremos que lamentar.

Lembre-se de que se entrega a mercadoria **no** domicílio da pessoa.

Sinal indicativo da crase obrigatório em:

Abriremos das **10h às 22h**.

Às segundas e terças, abriremos **às 14 horas**, e aos sábados**, às 8h30**.

Às vezes, fechamos **às 24 horas**.

Consulta rápida

Algumas locuções com e sem o acento grave

a álcool
à baila
à bala
à base de
à beça
à beira de
à beira-mar
a bel-prazer
à bomba
a bordo
a bordoadas
à brasileira
à busca de
a cântaros
a caráter
à carga
a cargo de
à cata de
a cavalo
à chave
a curto prazo
à custa de
à deriva
à direita
a distância
à distância de
a esmo
à esquerda
à exaustão
à exceção de
à fantasia
a ferro e fogo
à força
à francesa
à frente de
a frio
a galope
a gasolina
a granel
à guisa de
à inglesa
à italiana
à janela
a jato
a juros
a jusante
a lápis
a lenha
à livre escolha
a longo prazo
à luz
à mão
à mão armada
à máquina
à margem
a marteladas
à medida que
à meia luz
à mercê de
à mesa
a meu ver
à milanesa
à mineira
à míngua
à moda de
à mostra
a nado
à noite
a óleo
a olho nu
a ouro
à paisana
à parte
à passarinho
a passos largos

à paulista
a pé
a pedidos
à porta
à primeira vista
à procura de
à proporção que
à prova
a quatro mãos
à queima-roupa
a querosene
a respeito de
à revelia
a rigor
à risca
à saída
a seco
a seguir
à semelhança de
a sério
a serviço
a socos
à solta
à sombra de
a sós
à sua saúde
à tarde
a termo
à tinta
à toa
à tona
à unha
a vapor
à vela
às vezes
à vista
à vontade
à zero hora
ao volante
às avessas
às cegas
às claras
às escondidas
às favas
às mil maravilhas
às moscas
às ocultas
às ordens
às pressas
às terças-feiras
às voltas com

Algumas dicas para o dia a dia

Sente-se sempre **à** (e não **na**) mesa para almoçar.

Sente-se **ao** (e não **no**) piano para brindar-nos com um belo recital.

Sentemo-nos **ao** (e não **no**) volante para dirigir, e não para dormir.

Portanto, cuidado!
Não durma **ao** volante, que você põe sua vida em risco, e muito menos **no** volante, pois, além de prejudicar a saúde, faz mal à língua portuguesa.

Fale sempre **ao** (e não **no**) telefone.

Converse **ao** (e não **no**) telefone.

Fiquemos **à** (e não **na**) janela.

Fiquemos **à** (e não **na**) porta.

Descansemos **à** (e não **na**) sombra.

Não durma **ao** (e não **no**) relento.

Márcia deu **à** luz um menino (fê-lo vir ao mundo).

Márcia deu **à** luz uma menina (fê-la vir ao mundo).

Mas cuidado com as redundâncias:

É **deploraááável** ouvir que alguém deu à luz um menino homem ou uma menina mulher.

Observe as diferenças semânticas nas frases abaixo:

Nunca bata **na** porta, pois ela não lhe fez nada.

Faça-se anunciar, batendo **à** porta.
Bata **a** porta para fechá-la.

A noite chegou
Ele chegou **à** noite.

A base da pirâmide é bem sólida.
Ele vive **à** base de medicamentos.

A procura de compreensão leva-nos a acreditar no outro.
Estamos **à** procura de compreensão.

Dê-lhe **a** mão para levantar-se.
Isabela escreve suas cartas **à** mão.

ISBN 978-85-909417-0-5

Sérgio Simões

O novo acordo ortográfico sem segredo

Série **Palavra Final**, v. 1

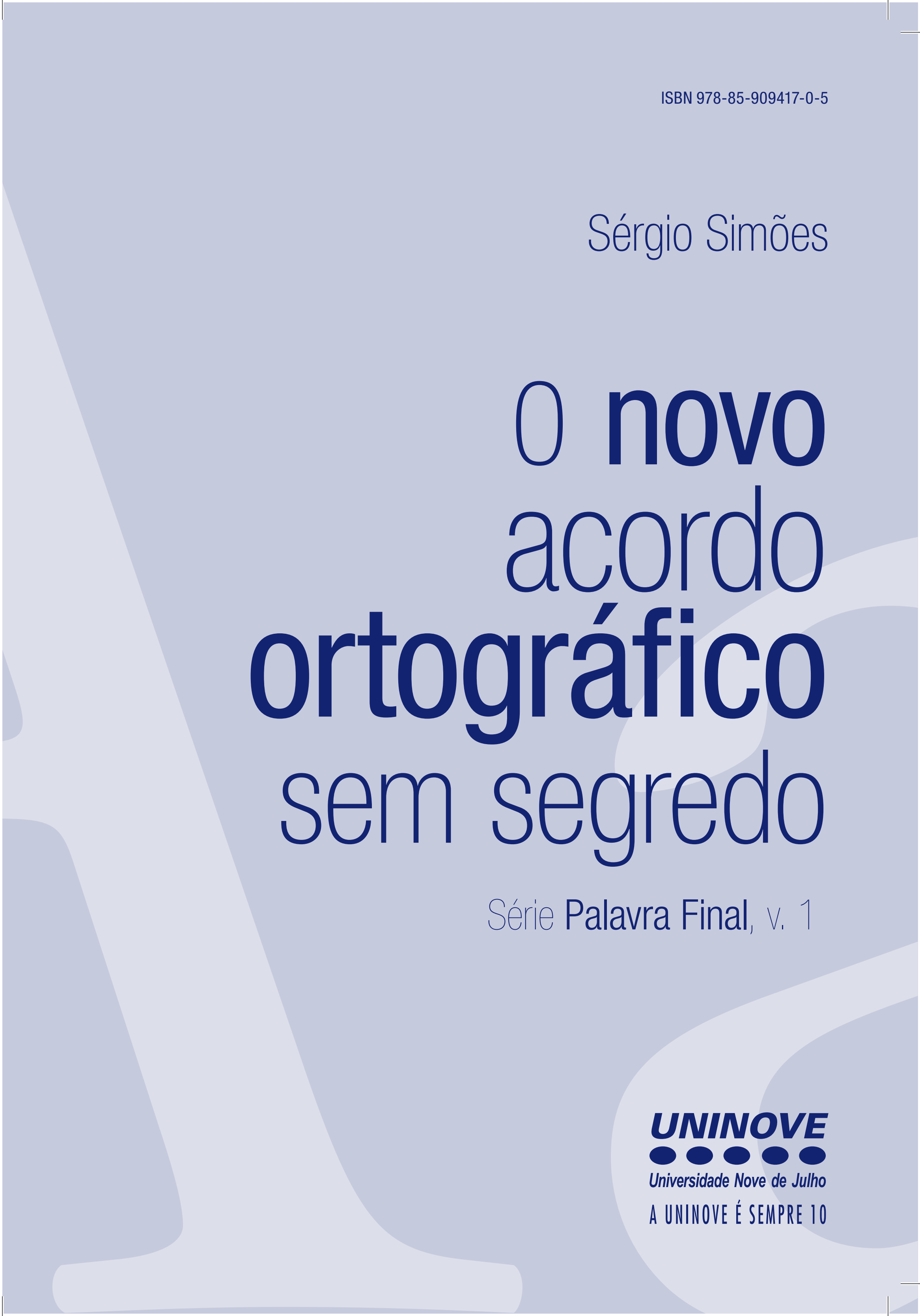

UNINOVE
Universidade Nove de Julho
A UNINOVE É SEMPRE 10

ISBN 978-85-909417-0-5

Sérgio Simões

O novo acordo ortográfico sem segredo

Série Palavra Final, v. 1

UNINOVE
Universidade Nove de Julho
A UNINOVE É SEMPRE 10

© 2009 – Universidade Nove de Julho (Uninove)

Capa e projeto gráfico: João Ricardo M. Oliveira

SIMÕES, Sérgio Lourenço. O novo acordo ortográfico sem segredo.
São Paulo : UNINOVE, 2009. (Série Palavra final, v.1)

ISBN 978-85-909417-0-5

1. Língua portuguesa – Ortografia e soletração
2. Reforma ortográfica
CDU 811.134.3’354

Autorizada a reprodução desde que citada a fonte.

Sumário

Introdução 5

Alfabeto..5

Trema 5

Mudanças nas regras de acentuação................................6

Emprego do hífen 8

Algumas formações com a respectiva grafia: 10

- ab-, ante-, anti-..10
- arqui-, auto-, bem-, bi-..11
- bio-, circum-, co-, contra-, entre-, ex-, extra-......................12
- foto-, gastro-, hipo-, hiper-, infra- 13
- inter-, intra-, macro- , maxi-, mega-, meta-.........................14
- micro-, mini-, multi-, neo-, pan-, peri- 15
- pós-, pré-, pró-, proto-, pseudo- 16
- re-, recém-, retro-, semi-, sobre-......................................17
- sub-, super-, supra-, tele-, trans-, ultra-, vídeo- 19

Relação de algumas palavras e sua grafia 19

- A, B, C...19
- D, E, F 20
- G, H, I, J, M, N 21
- O, P, Q, R...22
- S, T..23
- U, V...24

Introdução

Neste volume, trataremos das alterações ortográficas determinadas pelo Acordo Ortográfico de Língua Portuguesa, assinado em Lisboa, em 16 de dezembro de 1990, por Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe e, posteriormente, por Timor Leste.

No Brasil, o Acordo foi aprovado pelo Decreto Legislativo nº 54, de 18 de abril de 1995, e entrou em vigor no dia 1º de janeiro de 2009.

Alfabeto

Nosso alfabeto passa a ter 26 letras, com a reintrodução das letras **K**, **W** e **Y**. É bom lembrar que elas não haviam desaparecido dos dicionários, pois permaneceram nos símbolos e palavras que representam unidades de medida: kg (quilograma), km (quilômetro), kW (kilowatt), W (watt), yd (jarda), e em siglas como TWA (Trans World Airlines). Usam-se também em topônimos e antropônimos originários de outras línguas e seus derivados: Kuwait, kuwaitiano. Kant, kantiano; Byron, byroniano.

Trema

Desaparece o sinal (¨) posto sobre a letra **u** para indicar sua pronúncia nos grupos **gue**, **gui**; **que**, **qui**:

Como era	Como fica
arg**ü**ir	arg**u**ir
bilíng**ü**e	bilíng**u**e
cinq**ü**enta	cinq**u**enta
delinq**ü**ente	delinq**u**ente
freq**ü**ência	freq**u**ência
ling**ü**iça	ling**u**iça
qüinq**ü**ênio	q**u**inq**u**ênio
sag**ü**i	sag**u**i
tranq**ü**ilo	tranq**u**ilo
ung**ü**ento	ung**u**ento

Obs.: Continua-se a pronunciar o **u**.
O trema permanece nas palavras estrangeiras:
Jürgen, Müller, mülleriano.

Mudanças nas regras de acentuação

Desaparece o acento dos ditongos abertos **éi** e **ói** das palavras paroxítonas (aquelas que recebem acento tônico na penúltima sílaba).

Como era	Como fica	
alcat**é**ia	alcat**e**ia	
colm**é**ia	colm**e**ia	
Cor**é**ia	Cor**e**ia	
epop**é**ia	epop**e**ia	
estr**é**ia	estr**e**ia	
estr**é**io	estr**e**io	(verbo estrear)
europ**é**ia	europ**e**ia	
gel**é**ia	gel**e**ia	
id**é**ia	id**e**ia	
odiss**é**ia	odiss**e**ia	
panac**é**ia	panac**e**ia	
plat**é**ia	plat**e**ia	
alcal**ó**ide	alcal**o**ide	
andr**ó**ide	andr**o**ide	
ap**ó**ia	ap**o**ia	(verbo apoiar)
ap**ó**io	ap**o**io	(verbo apoiar)
b**ó**ia	b**o**ia	
cenoz**ó**ico	cenoz**o**ico	
est**ó**ico	est**o**ico	
her**ó**ico	her**o**ico	
paran**ó**ia	paran**o**ia	
tram**ó**ia	tram**o**ia	

Obs.: Continuam acentuadas as oxítonas terminadas em **éis**, **éu**, **éus**, **ói**, **óis**.

Exemplos:

an**éis**, pap**éis**, chap**éu**, trof**éus**, anz**óis**, her**ói**.

Elimina-se o acento agudo das vogais tônicas **i** e **u** das palavras paroxítonas, quando vierem precedidas de ditongo:

Como era	Como fica
bai**ú**ca	bai**u**ca
boi**ú**no	boi**u**no
cau**í**ra	cau**i**ra
fei**ú**ra	fei**u**ra

Obs.: Nas palavras oxítonas, mantém-se o acento no **i** e **u** tônicos (em posição final), seguidos ou não de **s** , quando precedidos de vogal ou ditongo:

Exemplos:

Ba**ús**, Ita**ú**, Piraju**í**, Piau**í**, Tatu**í**, tuiui**ús**.

Deixa de ser acentuada a forma **êem** dos verbos **crer**, **dar**, **ler**, **ver** e derivados:

Assim,

Eles cr**eem**, d**eem**, l**eem**, v**eem**, descr**eem**, rel**eem**, prev**eem**.

O mesmo ocorre com o hiato **ôo**, quando no final da palavra, mesmo que no plural ou em formas reduzidas: abenç**oo**, c**oo**, enj**oo**, v**oo**, v**oos**, z**oo**.

As formas verbais oxítonas em **gúe**, **gúem**, **gúes**, **qúi**, **gúis**, **qúe**, **qúem** e **qúes** passam a ser escritas sem o acento agudo no **u**: apazi**gue**, averi**guem**, averi**gues**, ar**gui**, ar**guis**, obli**que**, obli**quem**, obli**ques**.

Desaparece o acento diferencial das seguintes palavras paroxítonas:

Como era	Como fica	
c**ô**a, c**ô**as	c**o**a, c**o**as	(verbo coar)
p**á**ra	p**a**ra	(verbo parar)
p**é**la e p**é**las	p**e**la e p**e**las	(verbo pelar)
p**ê**lo, p**ê**los	p**e**lo, p**e**los	(substantivo)
p**ê**ra	p**e**ra	(substantivo)
p**ó**lo, p**ó**los	p**o**lo, p**o**los	(substantivo)

Assim,

Ela coa o leite

Ele não p**a**ra de falar.

Ela p**e**la o frango.

O impúbere não tem p**e**los.

Quero suco de p**e**ra.

Paulo foi ao p**o**lo Norte.

Gosto de jogar p**o**lo.

Obs.: Continua acentuada a 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito de indicativo do verbo **poder**, que estabelece a diferença com a 3ª pessoa do singular do presente do indicativo.

Exemplo:

Ontem ele não **pôde** comparecer à festa, mas hoje **pode**.

Emprego do hífen

Com prefixo, usa-se o hífen diante de palavras iniciadas por **h**.

Exemplos

anti-**h**igiênico, anti-**h**erói, mini-**h**otel,
sobre-**h**umano, super-**h**omem, sub-**h**umano.

Não se utiliza o hífen quando a vogal final do prefixo ou falso prefixo e a inicial do segundo elemento forem diferentes.

Exemplos:

ant**ia**éreo, aut**oa**prendizagem, aut**oe**scola, c**oa**utor, extr**ae**scolar, hidr**oe**létrico, infr**ae**strutura, plur**ia**nual, sem**ia**nalfabeto.

Obs.: Sempre que a vogal final do prefixo e a inicial do segundo elemento forem iguais, deveremos usar o hífen.

Exemplos:

ant**i-i**nflacionário, aut**o-o**bservação, contr**a-a**taque, infr**a-a**xililar, micr**o-o**rganismo, micr**o-o**ndas, sem**i-i**nternato.

Exceção: o prefixo **co** justapõe-se, em geral, ao segundo elemento, mesmo que este se inicie por **o**: c**oo**peração, c**oo**rdenar, c**oo**ptar etc.

Escrevem-se sem hífen as palavras formadas por prefixo ou falso prefixo terminado em vogal, tendo o segundo elemento começado por consoante:

Exemplos:

aut**op**eças, c**op**rodução, micr**oc**omputador, min**im**ercado, pseud**op**ensador, sem**ic**írculo, sem**in**ovo, ultr**av**ioleta

Não se emprega o hífen nas formações que tenham o prefixo ou falso prefixo terminado em vogal e o segundo elemento iniciado por **r** ou **s**. Nesse caso, duplicam-se essas consoantes.

Exemplos:

ant**irr**eligioso, contr**ass**enso, macr**orr**egião, micr**orr**egião, macr**oss**istema, micr**oss**aia, min**iss**aia, ne**orr**ealismo, ultr**ass**onografia.

Usa-se hífen com os prefixos **hiper**, **inter** e **super** quando o segundo elemento começa com **r**.

Exemplos:

hipe**r-r**ealista, inte**r-r**egional, supe**r-r**esistente.

Nos demais casos, escreve-se sem hífen.

Exemplos:

hiperacidez, hipermercado, interestadual, intermunicipal, superaquecimento, superexigente, superinteressante, supermercado.

Com o prefixo **sub**, o hífen se impõe diante de palavras iniciada por **b**, **h** ou **r**.

Exemplos:

su**b-b**ase, su**b-b**ibliotecário, su**b-h**umanidade, su**b-r**egião, su**b-r**aça.

Nos demais casos, escreve-se sem hífen.

Exemplos:

subárea, subitem, subprefeitura.

Usa-se hífen nos compostos com **além**, **aquém**, **recém** e **sem**.

Exemplos:

alé**m-m**ar, alé**m-m**undo; aqué**m-m**ar, aqué**m-p**irineus; recé**m-na**scido; recé**m-n**omeado; se**m-c**asa, se**m-c**erimônia.

Com **circum** e **pan**, o hífen se impõe diante de palavras iniciadas por **h**, **m**, **n** ou **vogal**.

Exemplos:

circu**m-h**ospitalar, circu**m-m**editerrâneo, circu**m-n**avegação, vircu**m-u**retral; pa**n-a**mericano, pa**n-h**elenista, pa**n-n**egritude.

Algumas formações com a respectiva grafia:

ab-

ab-rogação
ab-rogante
ab-rogar
ab-rogatório
ab-rupto
abrupto

ante-

antebraço
antebraquial
antecâmara
ante-hipófise
anteislâmico
antenupcial
anteontem
anteprojeto
antessala

anti-

antiácido
antiaderente
antiaéreo
antiamericano
antibacteriano
anticlímax
anticonstitucional
anticomunismo
antidemocrático
antidisentérico
antidistônico
antidoping

antieconômico
antiespasmódico
antiesportivo
antiético
anti-herói
anti-higiênico
anti-histamínico
anti-horário
anti-imperialismo
anti-inflamatório
antiofídico
antirrábico
antirrugas
antirruído
antissecretório
antissegregacionista
antissemita
antisséptico
antissísmico
antissocial
antitérmico

arqui-

arquicéfalo
arquichanceler
arquiepiscopal
arqui-hipérbole
arqui-inimigo
arqui-irmandade
arquimilionário
arquiministro
arquirrival
arquisseguro

auto-

autoadesivo
autoanálise
autocensura
autodefesa
autoescola
autoestima
autoestrada
autoexame
autoimunidade
automedicar-se
autopeças
autopista
autorretrato
autosserviço
autossuficiente
autossugestão
autossustentável

bem-

bem-apessoado
bem-aventurado
bem-disposto
bem-dotado
bem-educado
bem-estar
bem-humorado
bem-nascido
bem-posto
bem-vestido
bem-vindo
bem-visto

bi-

bicama
bicampeão
bicentenário
bimotor
biovular
bipartidário
bipolar
birradial
birrefração
birrefringência
birrelatividade
bisseção
bissetriz
bissextil
bissexto
bissexual
bissimétrico
bissulfeto

bio-

biociência
biocombustível
biodiesel
bioengenharia
bioética
biomolecular
biopirataria
biorreologia
biorritmo
biossistema
biossociológico
biossurfactante

circum-

circum-adjacente
circum-escolar
circum-hospitalar
circum-navegação
circumpercorrer
circum-uretral

co-

coabitar
coautor
coautoria
coedição
coeditar
coerdeiro
coexistir
coordenar
cosseno
comorbidade

contra-

contrabaixo
contracapa
contracheque
contracorrente
contragosto
contraindicação
contraindicar
contraofensiva
contraoferta
contraordem
contraproducente
contraprova
contrarrevolução
contrassenso

entre-

entreato
entrecesa
entreguerras
entre-hostil
entrenublar-se
entreposto
entrerriano
entrerriense
entressafra
entresseio
entressemear
entressola

ex-

ex-aluno
ex-marido
ex-mulher
ex-noiva
ex-patrão
ex-prefeito
ex-presidente

extra-

extra-abdominal
extra-axilar
extraclasse
extraescolar
extralinguístico
extraoficial
extraordinário
extrarregulamentar
extrasseco
extrassensorial
extrassístole
extraterrestre

foto-

fotoalergia
fotocartográfico
fotocatálise
fotocelular
fotodispositivo
fotodissociação
fotoelasticidade
fotoelétron
fotofobia
fotograma
fotointerpretação
fotoionização
fotojornalismo
fotomacrográfico
fotomicrografia
fotomontagem
fotonovela
fotorreceptor
fotorreportagem
fotossensível
fotossíntese
fotossistema

gastro-

gastrenterite
gastrenterologia
gastroduodenal
gastroduodenostômico
gastroenterite
gastroenterocolite
gastroenterologia
gastrointestinal
gastroparalisia
grastrenterocolite
grastrintestinal
gastrorreia

hipo-

hipoalergênico
hipoalérgico
hipobranquial
hipocalemia
hipoderme
hipodesenvolvimento
hipoglicemia
hipoinosemia
hipoparatireoidismo
hipoparatiroidismo
hipopatológico
hipossensibilidade
hipossuficiente
hipossulfito
hipotireoidismo

hiper-

hiperacidez
hiperacústico
hiperagressividade
hiperbraquicefalia
hipercorreção
hiperespacial
hiperestesia
hiperexcitabilidade
hiperfibrinogenemia
hiperglicemia
hiper-hedonismo
hiper-hidrose
hiperinflação
hiperirritabilidade
hipermenorreia
hipermercado
hipermetropia
hipermobilidade
hipernuclear
hiper-realismo
hiper-rugoso
hipersaturado
hipersecreção
hipersensível
hiperurbanismo

infra-

infra-assinado
infra-axilar
infradotado
infraestrutura
infraglótico
infra-hepático
infra-hioide
inframandibular
inframencionado
inframolecular
infraorbitário
infrarrenal

infrassom
infratemporal
infraumbilical
infravermelho

inter-

interclube
intercomunicar-se
interestadual
interface
interinstitucional
interpartidário
inter-racial
interregno
inter-relação
inter-relacionar

intra-

intracraniano
intraespecífico
intra-hepático
intramedular
intramuros
intramuscular
intraocular
intraósseo
intraperitoneal
intrapulmonar
intrarracial
intrassocial
intrauterino
intravascular
intravenoso

macro-

macroanálise
macrobiótico
macrocefalia
macrocosmo
macroeconomia
macrorregião
macrossaia
macrossegmento
macrossocial
macrovisão

maxi-

maxidesvalorização
maxissaia
maxivestido
maxirreação

mega-

megabyte
megaciclo
megaempresa
megaesôfago
megaevento
megafone
megagametófito
mega-hertz
megainvestidor
megaoperação
megarregião
megassalário
megassena
megassistema
megassucesso

meta-

meta-análise
metacronismo
metaeurística
meta-heurística
metalinguagem
metapsíquico
metarreportagem
metarrodopsina
metassemia
metassíncrise

micro-

microbiologia
microcirurgia
microcosmo
microeconomia
microempresa
microenergia
micro-história
micro-ondas
micro-ônibus
micro-organismo
microprocessador
microrganismo
microrregião
microrreprodução
microssaia
microssérie
microssistema

mini-

miniauditório
minicalculadora
minidicionário
mini-homem
minijardim
minirreforma
minirregião
minissaia
minissérie
minissubmarino

multi-

multiarticulado
multiembrionário
multifuncional
multi-intencionalidade
multilateral
multinacional
multipartidário
multirracial
multissecular

neo-

neocapitalismo
neoformativo
neo-hegeliano
neo-helênico
neoimperialista
neolatino
neo-ortodoxo
neorrealismo
neossimbolista
neossocialismo

pan-

pan-americano
pan-blástico
pandemoníaco
pangermanista
pan-helenista
pan-mítico
pan-oftálmico
pan-urbanismo

peri-

perianal
periápice
perilinfa
perimedular
perinasal
perinatal
perineural
perineuro
periodontal
periodontite
periodontoclasia
periodontose
perioftálmico
perioftálmico
periorbital
periósseo
perirradicular
perirrenal
perissístole
perissomático

pós-

pós-abdômen
pós-adolescência
pós-alveolar
pós-auricular
poscefálico
pós-comunismo
pós-cranial
pós-datado
pós-diluviano
pós-dorsal
pós-doutorado
pós-eleitoral
pós-embrionário
pós-escrito
pós-estruturalismo
posfácio
pós-graduação
pós-guerra
pós-hipnótico
poslúdio
pós-moderno
pós-operatório
pós-parto
posponto
pospor
pós-socrático
postônico

pré-

pré-classificado
preconceito
pré-datar
predestinar
predispor
predisposição
predizer
pré-eleitoral
pré-escolar
preestabelecer
pré-estreia
preexistir
prefixação
pré-história
premeditar
pré-menstrual
pré-moldar
pré-natal
pré-nupcial
pré-olímpico
pré-operação
pré-operatório
pré-molar
pré-parto
pré-socrático

pró-

pró-americano
proatividade
proativo
pró-cassação
procônsul
pró-diretas
proeminente
progenitora
pró-labore
pró-socialismo

proto-

protoariano
protoeslavo
proto-história
proto-histórico
protoindustrialização
protolíngua
protonefrídeo
proto-oncogene
proto-organismo
protoplasma
protoplasmático
protoporfirina
protorrevolução
protorromântico
protossatélite
protossolar
prototipográfico
prototraqueado

pseudo-

pseudoartrite
pseudocultura
pseudoefedrina
pseudoestrela
pseudo-hemofilia
pseudo-hermafrodita

pseudo-história
pseudo-histórico
pseudoimunização
pseudomorfismo
pseudo-occipital
pseudo-ortorrômbico
pseudoparênquima
pseudorrevelação
pseudorrubi
pseudossábio
pseudossigla
pseudossufixo

re-

reabastecer
recorrigir
reeditar
reeducar
reelaborar
reeleger
reembolsar
reencarnar
reengenharia
reenviar
refilmar
remexer
repassar
ressecção
ressignificar
ressocializar

recém-

recém-aberto
recém-casado
recém-chegado
recém-convertido
recém-descoberto
recém-formado
recém-nascido
recém-nomeado
recém-saído
recém-talhado

retro-

retroagir
retroalimentação
retroativo
retrocognição
retrocognitivo
retroesternal
retrofoguete
retrogradação
retroinjeção
retromandibular
retro-ocular
retroperitoneal
retroperitonial
retroperitônio
retroposição
retroprojetor
retropropulsão
retrorreflexão
retroviral
retrovírus

semi-

semianalfabeto
semiárido
semiautomático
semicerrar
semicírculo
semideus
semieixo
semifinal
semi-hidrato
semi-internato
semimorto
semiprecioso
semirreta
semissintético
semivogal

sobre-

sobreaviso
sobre-humano
sobreimpressão
sobreloja
sobremaneira
sobrepasso
sobressair
sobressalente

sub-

subaquático
sub-base
subchefe
subclasse
subdelegado
subdiretor
subemprego
sub-humano
subitem
sublingual
sublixar
suboficial
subprefeitura
sub-regional
sub-reptício
sub-rogar
subtenente
subtropical
subutilizar

super-

supercampeão
superdotado
superespecial
superestrutura
superexposição
superfaturamento
super-herói
super-homem
supermercado
superocupado
superprodução
superquadra
super-reação
super-realismo
supersônico
supervalorizado

supra-

supra-atmosférico
supracelestial
supraesofágico
supraestrutura
supra-hepático
supra-humano
suprainguinal
supranatural
supraorbital
suprapartidário
suprarregional
suprarrenal
suprassensível
suprassumo
supraumbilical

tele-

teleaula
telecine
telecomunicação
teleconferência
tele-educação
telemarketing
teleobjetiva
telessala
telessena

trans-

transalpino
Transamazônica
transatlântico
transcodificador
transnacional
transpassar (traspassar)
transplantar

ultra-

ultra-aquecido
ultracentrifugação
ultracorreção
ultrademocrático
ultraelegante
ultraenergético
ultra-humano
ultraindependente
ultraleve
ultramar
ultraobscuro
ultraortodoxia

ultrapassagem
ultrarradical
ultrassom
ultrassonografia
ultravioleta

vídeo-

Videoarte
videoaula
videocassete
videoclube
videoconferência
videogame
videojogo
videolaparoscopia
videolocadora

Relação de algumas palavras e sua grafia

A

adenocarcinoma
adeno-hipófise
adenoipófise
adenopatia
adenossarcoma
aerogamaespectrometria
aeroneurose
aeroperitônio
aerossol
aerossonda
agroaçucareiro
agrobiologia
agroindústria
agronegócio
agropecuária
agropastoril
agroquímica
agrossocial
agrotóxico
ambidestro
ambiesquerdo
ambissinistro
aminoácido
aminodontídeo
aminoetano
aminossalicílico
anatomocirurgia
anatomofuncional
anatomopatológico
anemografia
anteroabdominal
anteroesquelético
anteroexterior
anteroinferior
anteroposterior
anteroventral
aterosclerose
arteriosclerose

B

bem-me-quer
bem-te-vi
broncopneumonia
bucofaringe
bucolabial
bucomaxilofacial

C

carcinomatose
carcinossarcoma
carciossínfise
cardioesclerose
cardiorrenal
cardiorrespiratório
cardiovascular
cefaloauricular
cefaloespinhal
cefalo-hematoma
cefalo-hidrocele
cefaloidrocele
cefalorraquidiano
cefalotomia
cerebrometria
cerebrorraquidiano
cerebrovascular
corticoide
cortisona
corticosteroide
cranioencefalograma

craniofacial
craniomandibular
craniorreia
craniossacral
cromodiagnóstico
cromorradiometria
cromossomático
cromoterapia

D

desonra
dessanilizar
desserviço
desumanizar
desumano
dissabor
dissecar
dissentir

E

ectocraniano
ectoparasita
ectoplasma
ectorraquidiano
ectossomático
endoartéria
endocardiografia
endocraniano
endorradiografia
endossimbiose
endovenoso
enterobactéria
enterogastrite
enterorrenal
enterossarcocele
epissintético
epissômico
epitálamo
equissonante
eritrocatálise
eritrorretina
eritrossedimentação
esclerênquima
escleroproteína
esternoclavicular
esternoclidomastoideo
esternocostal
esternopericárdico
esternorrinco
esternossuboccipital
esternotireoideo
esteroide
exteroanterior
exteroceptivo
exteroceptor
exteroinferior
exterointerior
exteroposterior
exterossuperior

F

farmacodimâmica
farmacoeconomia
farmacorrictologia
farmacossiderita
femorocutâneo
femorogenital
femoronutritivo
femoropretibial
femororrotuliano
femorossinovial
femorotibial
femorovascular
fibrocartilagem
fibrocartilaginoso
fibrocimento
fibrocístico
fibrocisto
fibromatoide
fibromatoso
fibromioma
fibromuscular
fibrorradiado
fibrossarcoma
fibrotraqueíde
fibrotraqueideo
fibrovascular
fisioculturismo
fisiomecânico
fisiopatologia
fito-hemoaglutinina
fito-hormonal
fitoparasitológico
fitossanidade
fitossociológico
fonoaudiologia
fonocardiografia
fonocardiograma
fonofobia
fonometria
fronto-horizontal
frontomaxilar
frontossupraciliar

G

glicocorticoide
glicogênico
glicolipídeo
gliconeogênese
glicoproteico
glicoproteína

H

hematoencefálico
hematopatologia
hematorreia
hemianestesia
hemi-hidrato
hemi-hipertrofia
hemissimetria
hemoaglutinação
hidroavião
hidrossulfato

I

ictiobatráquio
ictiossauro
ielofemoral
ileomesentérico
ileorrectostomia
ileorrotuliano
ileossigmoideo
ílio-hipogástrico
iliossacro
inderoposterior
infectocontagioso
infectologista
inferoanterior
inferoaxilar
inferointerior
inferossúpero

J

jurisconsulto
jurisfilosófico
jurispositivismo
jurisprudência

M

má-criação
má-formação
mal-acabado
mal-agradecido
mal-apessoado
mal-assombrado
mal-aventurado
malcriação
mal-encarado
mal-entendido
mal-estar
malpassado
malquerença
marca-passo
mau-caráter
meia-entrada
meia-idade
meia-lua
meia-noite
meia-sola
meia-volta
meio-campo
meio-dia
meio-fio
meio-irmão
meio-tempo
meio-termo
metalorradiografia
morbimortalidade
musculotendínea

N

neuroanatomia
neurocirurgia
neurocirurgião
neuro-hipnótico
neuro-hormonal
neuromuscular
neurossecreção
neurossifilítico

O

osteoesclerose
osteoide
osteomielite
osteonecrose
osteoporósico
osteossarcoma
osteossíntese

P

para-brisa
para-choque
paraestatal
para-lama
paraquedas
paraquedismo
paraquedista
para-raios
para-sol
parassimpático
paratireoide
perineocele
perineocélico
perineoclitoridiano
perineoplastia
perineorráfico
perineoscópico
perineostomia
perineostômico
perineotomia
perineotômico
persecução
persecutório
pleurobrânquio
pleurocele
pleuropneumonia
pleuropulmonar
pleurorragia
pleurossômico
plurianual
pluripartidário
plurirracial
plurirreligioso
plurissetorial
pneumoalérgeno
pneumoenterite
pneumo-hidrometria
pneumo-hipodermia
pneumoidrometria
pneumoipodermia
pneumorradiografia
pneumorretroperitônio
pneumosserosa
pneumotórax
polimetileno
polissacarídeo
politécnico
posteroexterior
posteroinferior
posterossuperior
proteica
pública-forma

Q

quimioanalítico
quimioprofilaxia
quimiorreceptor
quimiorresistência
quimiossíntese

R

radioamador
radioatividade
radioator
radiocomunicação
radiodermatite
radiodermite
radiodiagnóstico
radiodifusão
radioemissão
radioespectrograma
radioestelar
radioestesia
radiofarol
radiofotografia
radiojornalismo
radionecrose
radionuclídeo
radiorreceptor
radiorreportagem
radiorrepórter
radiossensível
radiossonda
radiotáxi
radioteatro

radiotoxemia
radiotransmissor
retoestenose
retossigmoide
retossigmoidoscópio
retouterino
rinobronquite
rinocefalia
rinofaringe
rinofônico
rinologia
rinoplastia
rinorragia
rinorreação
rinoscleroma
rinossinusite
rinovírus

S

sacarobacilar
sacaroglicótico
sacarometabólico
sacaromicose
sacarorreia
sacrocervical
sacrociático
sacrococcígeo
sacrocostal
sacroespinhal
sacrofemoral
sacrogenital
sacroilíaco
sacrolombar
sacroprofano
sacrorraquidiano
sacrossantidade
sacrossanto
sacrouterino
sem-amor
sem-casa
sem-cerimônia
sem-nome
sem-número
sem-pudor
sem-razão
sem-sal
sem-terra
sem-teto
sem-trabalho
sem-vergonha
sem-vergonhice
socieconômico
sociocultural
socioeconômico
sócio-histórico
sociolinguista
sociolinguística
sociopolítico
sociorreligioso
somatoagnóstico
somatopsíquico
somatossensorial
superoanterior
superoexterior
superoinferior
superolateral
superomedial
superoposterior
superovariado

T

toracoacromial
toracofacial
toracografia
toracolombar
toracometria
toracoplastia
toracopneumia
toracoscopia
toracostomia
toracotomia
traqueobrônquico
traqueobronquite
traqueocele
traqueofonia
traqueoide
traqueorragia
traqueoscopia
traqueostomia
traqueotomia
trombocisto
trombocitopenia
trombocitose
tromboembolia
trombofilia
tromboflebite
trombogênico
tromboplastina
trombossinusite

U

umerocubital
umerodimetacárpico
umeroindimetacárpico
umerolecraniano
umerorradial
uretrocele
uretrocistite
uretrografia
uretrometria
uretropeniano
uretroprostático
uretrorragia
uretrorreico
uretrovaginal
uteróceps
uterocervical
uterocistotomia
uterolombar
uteroparietal
uteropático
uteropélvico
uterorragia
uterorretal
uterossacral
uterotomia
uterovaginal
uteroventral

V

vaginoplastia
vaginorragia
vaginorretal
vaginoscópico
vaginotomia
vaginouterino
vaginovesical
vaginovulvar
vasculogênese
vasculolinfático
vasculomotor
vasculonervoso
vasculossanguíneo
vasoconstrição
vasoconstritor
vasodilatação
vasodilatador
vaso-hipertônico
vasoinibidor
vasoipertônico
vasomotor
vasoneuropatia
vasopressor
vasospasmo
vasossensitivo
vasovasostomia
vertebrocostal
vertebrofemoral
vertebroilíaco
vertebropericárdico
vertebropleural
vertebrossacro

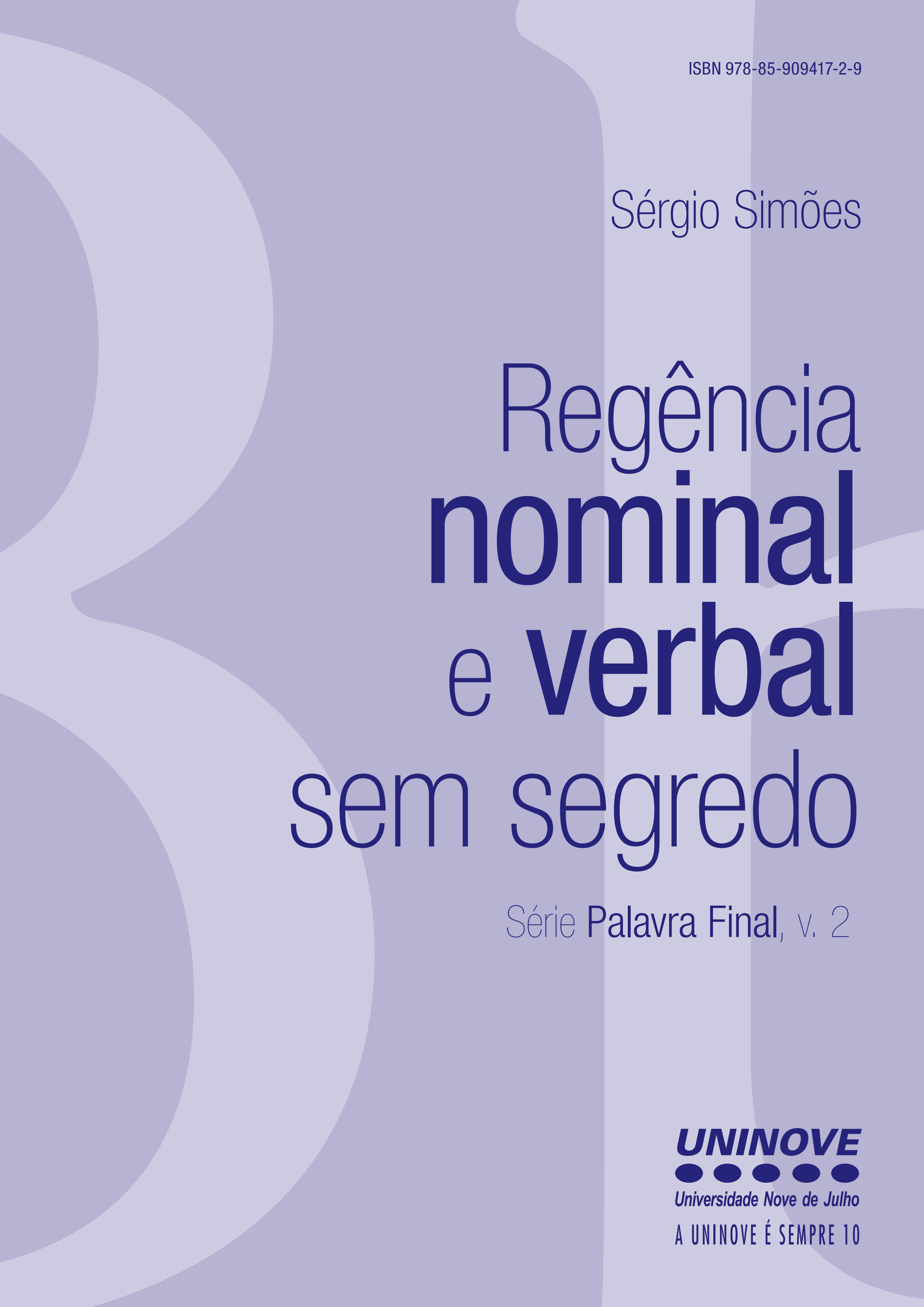

ISBN 978-85-909417-2-9

Sérgio Simões

Regência **nominal** e **verbal** sem segredo

Série **Palavra Final**, v. 2

UNINOVE
Universidade Nove de Julho
A UNINOVE É SEMPRE 10

ISBN 978-85-909417-2-9

Sérgio Simões

Regência nominal e verbal sem segredo

Série Palavra Final, v. 2

UNINOVE
Universidade Nove de Julho
A UNINOVE É SEMPRE 10

© 2009 – Universidade Nove de Julho (Uninove)

Capa e projeto gráfico: João Ricardo M. Oliveira

SIMÕES, Sérgio Lourenço. Regência nominal e verbal sem
segredo.
São Paulo : UNINOVE, 2009. (Série Palavra final,
v. 2)

ISBN 978-85-909417-2-9

1. Língua portuguesa – Regência

CDU 811.134.3’367.625

Autorizada a reprodução desde que citada a fonte.

Sumário

Caro leitor, ...5
Acreditar, pensar 5
Agradar 6
Agradecer 6
Apelar 7
Atender 7
Chegar 8
Comentar(-se) 9
Comemorar 9
Comunicar 10
Comparecer 10
Custar 11
Debater 12
Desfrutar, usufruir, gozar 12
Empatar, ganhar, perder, vencer (no futebol) 13
Favorecer 13
Impedir 13
Implicar 13
Inaugurar(-se) 14
Informar 14
Iniciar(-se) 14
Inteirar-se 15
Interferir e intervir 15
Lembrar e esquecer 15
Morar 16
Namorar 16
Pagar e Perdoar 16
Pedir 17
Preferir 18

Recomendar 19
Recorrer 19
Refletir 19
Responder 20
Servir 20
Observe agora estes verbos 21
  Confraternizar 21
  Simpatizar 21
  Sobressair 21
Alguns verbos pronominais 21
  Ajoelhar-se 21
  Aposentar-se 21
  Arrepender-se 21
  Deitar-se 21
  Levantar-se 22
  Queixar-se 22
  Sentar-se 22
  Classificar-se 22
  Complicar-se 22
  Desvalorizar-se 22
  Espalhar-se 22
  Estragar-se 22
  Romper-se 22
  Valorizar-se 23
Regência de alguns nomes 23
  A 23
  B, C 26
  D 28
  E 30
  F, G, H 31
  I 32
  J, L, M 35
  N, O, P 36
  Q, R 38
  S 39
  T, U, V 40
Referências 41

Caro leitor,

Você tem energia de sobra e sabe canalizá-la para o desenvolvimento de tudo o que é bom. Tanto é verdade que, neste momento, você está participando de mais uma sessão de aprendizagem da língua.

Queremos que nos ajude a fazer sempre mais em seu benefício. Para isso, contamos com suas sugestões, perguntas e, principalmente, com a determinação que o impele a avançar na construção do conhecimento.

Continue a buscar e a produzir; incentive seus amigos a fazerem o mesmo. Fale da série *Palavra Final*, mostre-lhes que é uma fonte importantíssima para quem precisa da palavra.

Neste volume, trataremos da regência de alguns verbos e nomes (substantivos e adjetivos).

A regência cuida das relações de dependência que se estabelecem entre os termos na frase. Tais relações se dão direta ou indiretamente entre os termos regentes (que pedem complemento) e os regidos (que os completam).

Quando a dependência é direta, o verbo é transitivo direto, pois exige que a ele se ligue um objeto direto (sem o auxílio de uma preposição). Se indireta, o verbo é transitivo indireto, o que nos obriga a completá-lo com um objeto indireto (com o auxílio de uma preposição).

Acreditar, pensar

Estes verbos são transitivos indiretos, pois exigem complementos que a eles se ligam com o auxílio de uma preposição:

Acredite e **pense** **em** mim, **em** nós, **em** todos aqueles que gostam de você e, principalmente, **em** si mesmo.

Acredite **em** sua capacidade de resolver todos os problemas.

Pense sempre **no** recebimento de boas notícias, resultado de seu esforço e dedicação.

No entanto, quando recebem uma oração como complemento, dispensam a preposição.

Assim,

Acredite que você possa resolver todos os problemas.

Pense que você receberá uma boa notícia,
resultado de seu esforço e dedicação.

Agradar

No sentido de **mimar**, **acariciar**, **afagar**, use-o sem preposição:

Os avós sempre **agradam** os netos.

Como **contentar**, **satisfazer**, utilize-o com a preposição **a**:

O *show* de Roberto Carlos **agradou a** todos os presentes.

O discurso de Obama **agradou a**os empresários da construção civil.

Sua coerência sempre **nos agrada**. (a nós).

Agradecer

Indica gratidão:

Agradeça sempre alguma coisa **a** alguém.

Nesta construção, a coisa é sempre o objeto direto, e a pessoa, o indireto. Assim,

Agradeça o convite que o presidente lhe fez.

Agradeça ao presidente.

Agradeça a ele.

Agradeça-lhe.

Agradeça-lhe o convite.

Evite a construção com os pronomes oblíquos **o** e **a**:

Agradeço-o; **agradeço**-a.

Se quiser, você poderá omitir o complemento:

Recebeu o convite e **agradeceu**.

Obs.: também é possível usar a forma **agradecer a** alguém **por algo,** em que o verbo recebe o complemento indireto (pessoa) acompanhado de adjunto adverbial da causa (o motivo pelo qual se agradece):
Agradeça a Deus **por estar vivo**.

Apelar

Pode-se **apelar a** ou **para**:

Ele **apelou aos** amigos quando precisou de ajuda. (pedir auxílio)

Quando está em apuros, **apela para** os irmãos. (valer-se)

Na área jurídica, no sentido de **recorrer por apelação a**, **interpor recurso**, usa-se **apelar de, para**; **de…para**:

O advogado **apelou da** sentença **para** a instância superior.

O réu **apelou para** o juiz.

Temos certeza de que o advogado **apelaria da** decisão em primeira instância, se a pronúncia do juiz não fosse favorável…

Atender

No sentido de **recepcionar**, **receber**, **acolher** ou **ouvir com atenção**, use a construção direta para pessoas, e indireta, para objetos, coisas (chamadas, exigências, intimações, pedidos, reivindicações etc.):

O prefeito **atendeu a população**.

O médico **atendeu o paciente**.

O prefeito **atendeu aos clamores** da população.

As escolas públicas não **atendem às necessidades** dos jovens.

Quando se tratar de campainha, telefone, bairro, cidade etc., prefira a forma direta, pois está implícito na frase que alguém atendeu quem tocou a campainha ou fez a ligação, e alguma pessoa deu atendimento aos moradores de uma dada região:

Paulo, **atenda o telefone**.

Alguém está tocando a campainha. Você pode **atendê-la** (ou **atendê-lo**, concordando com alguém)?

Neste caso, pode-se usar o verbo sem o complemento pessoa (está subentendido):

Alguém está tocando a campainha. Você pode **atender**?

O prefeito **atenderá o bairro da Mooca** e **a Vila Sônia**. (os moradores)

Chegar

Se tiver vontade de **chegar** bem, **chegue** sempre **a**.

O verbo **chegar** indica movimento, pressupõe que houve deslocamento de um lugar para outro (permita-nos a redundância, pois não há deslocamento se ficarmos no mesmo lugar). E por falar nisso, estamos preparando um prato de redundâncias deliciosas. Você poderá saboreá-lo em um dos próximos volumes da série.

Mas voltemos ao que nos interessa:

Chegue sempre **à** praia.

Chegue à empresa para trabalhar.

Chegue à conclusão de que tudo é maravilhoso.

Portanto,

Chegar em é nunca sair do ponto de partida. **Evite**.

Comentar(-se)

Sempre **comente algo** com alguém (se você quiser, é claro), mas jamais **comente sobre** um assunto, pois o verbo não admite tal preposição:

Assim,

Comentamos o golpe militar ocorrido em Honduras. (correto)

Comentamos sobre o golpe militar ocorrido em Honduras. (errado)

Comentou-se a morte de Michael Jackson. (correto)

Comentou-se sobre a morte de Michael Jackson. (errado)

No entanto, se substituirmos **comentar** por **comentários**, o **sobre** aparecerá:

Podemos **fazer comentários sobre** o golpe militar ocorrido em Honduras.

Houve **comentários sobre** o desaparecimento do médico de Michael Jackson.

Comemorar

Obs.: Sempre se comemoram fatos positivos:
Comemora-se o nascimento de alguém, mas não a morte.

No dia 25 de dezembro, **comemora-se o nascimento de Cristo**.

Os brasileiros **comemoraram**, no dia 13 de maio, **os 121 anos de abolição dos escravos**.

Em outras situações, utilize **assinalar**, **lembrar**, **marcar, relembrar, reviver** etc.:

No dia 16 de julho, **relembramos** (e não comemoramos) **a derrota do Brasil** para o Uruguai na Copa de 1950.

11 de setembro será sempre **lembrado** como um dos dias mais trágicos da história moderna dos EUA.

Obs.: Com o substantivo **comemoração**, devemos agir da mesma forma:
No dia 28 de junho, houve grande festa em **comemoração da vitória do Brasil** na Copa das Nações.

Comunicar

Sempre **comunique** algo **a** alguém**,** mas nunca **comunique** alguém **sobre** ou **de** alguma coisa:

Assim,

O diretor **comunicou** **as decisões do conselho** aos professores. (correto)

O diretor **comunicou-lhes** **as decisões do conselho**. (correto)

Comunicou-se a decisão **aos** professores. (correto)

O diretor **comunicou** os professores sobre as ou das decisões do conselho. (errado)

Em hipótese alguma diga:

Os professores **foram comunicados das** decisões do conselho.

Lembre-se de que ninguém pode **ser comunicado** (e sim **informado**, **cientificado**, **avisado**) de algo.

Portanto,

Os professores **foram informados**, **avisados** **das** decisões do conselho.

A comunidade **foi cientificada** ou **avisada** **de** que as enchentes seriam inevitáveis.

Comparecer

Prefira **comparecer** **a**:

Jorge **comparecerá** **ao evento**.

O advogado de defesa não **compareceu** **à audiência**.

Usa-se **em** e não **a** neste tipo de construção:

Fidel Castro não tem **comparecido em** público faz algum tempo.

No sentido de **ir a juízo**, **prestar depoimento**, **prestar contas**, pode-se usar **ante**, **diante**, **perante**:

Os indiciados **compareceram perante o** Tribunal.

O réu **compareceu ante o** juiz.

Custar

Tome cuidado com o emprego de **custar** no sentido de **ser difícil**, **custoso**, **moroso**, pois o que se vê no emprego desse verbo são as marcas da oralidade:

Paulo custou a entender a matéria.

Ele custa para resolver os problemas propostos pelo professor.

Para evitar esse desvio normativo, siga estes passos:

a) O que foi difícil, custoso a Paulo?

Entender a matéria.

Portanto,

Custou a Paulo entender a matéria;

Custou a ele entender a matéria;

Custou-lhe entender a matéria.

b) O que é difícil, custoso a ele?

Resolver os problemas propostos pelo professor.

Portanto, custa-lhe resolver os problemas propostos pelo professor.

Veja mais estes:

Custa-lhe enxergar o bom caminho.

Não **me custa lutar** por uma boa causa.

Debater

É bom evitar **debater** sobre ou a respeito de **algum assunto**. O verbo debater, em sua regência direta, exige que o objeto do debate seja ligado a ele sem preposição:

Os membros da comissão **debateram as propostas** de mudança no Código Civil.

Debate-se (analisa-se, discute-se, examina-se) algo **com** alguém:

Os professores **debateram a nova proposta** de avaliação **com** os coordenadores.

Obs.: Com o substantivo **debate**, pode-se utilizar **sobre** (e sinônimos), **entre** e **com**:
Houve uma série de **debates entre** os concorrentes.
Não existe a necessidade de **debate sobre** os motivos que levaram à suspensão das buscas pelos corpos das vítimas do voo AF 447.
Hoje à noite, haverá **debates com** os líderes do governo **sobre** as novas propostas de desoneração dos salários.

Desfrutar, usufruir, gozar

Prefira **desfrutar**, **usufruir** e **gozar** os bons momentos que o viver lhe proporciona. (Sem a preposição **de**)

E agora, mais alguns exemplos para você:

Rosivalda **usufrui o que o pai lhe deixou como herança**.

Desfrute as delícias desta cidade.

Goze; **goze**, sem medo, **os prazeres da vida**.

Empatar, ganhar, perder, vencer (no futebol)

Um time **empata**, **perde** ou **ganha** **por:**

O Corinthians **empatou** com o Internacional **por** 2 a 2.

A Paraná **perdeu** **por** 1 a 0 para a Portuguesa.

O Brasil **ganhou** dos Estados Unidos **por** 3 a 2.

Roger Federer **venceu** Andy Roddick **por** 3 *sets* a 2.

Favorecer

Sempre se **favorece** **alguém** ou **alguma coisa**:

No jogo do Palmeiras contra o Santos, o juiz **favoreceu** **o Santos**.

No Brasil, os deputados, senadores e vereadores se valem da posição que ocupam para **favorecer** **parentes e aliados políticos**.

Impedir

Pode-se **impedir** alguém **de** alguma coisa ou **impedir** algo a alguém:

Impeça-o de agir intempestivamente.

Impedimos **que todos saíssem**.

Impedimos **a saída de todos**.

Impeça-lhes a entrada.

Impeça **a entrada deles**.

Impeça **que eles entrem**.

Implicar

No sentido de **acarretar**, **envolver**, **pressupor**, utiliza-se a forma direta (sem a preposição **em**):

A isenção do IPI **implicará** **perda de receita** para a União.

Ser bom profissional **implica** **agir** com responsabilidade e competência.

Obs.: Usa-se preposição nestes casos:
Indivíduos inescrupulosos **implicaram** o adolescente **em** crime de tráfico de drogas. (envolver alguém **em** algo)
Jeremias **implica com** os colegas de turma. (ter implicância)

Inaugurar(-se)

Alguém **inaugura** alguma coisa (sem o pronome):

O presidente **inaugurou** a plataforma de Campos.

Mas algo sempre **se inaugura**:

A plataforma **se inaugurou** ontem (foi inaugurada).

Informar

Pode-se **informar** algo **a** alguém:

O gerente **informou aos funcionários** o horário de trabalho.

O gerente **informou-lhes** o horário de trabalho.

Ou **informar** alguém **de** algo:

O gerente **informou** os funcionários **do** horário de trabalho.

O gerente **informou**-os **do** horário que deveriam cumprir.

O médico **informou** a paciente **de** que ela não poderia dar à luz.

Iniciar(-se)

Pode-se escrever que alguém **inicia** (principia, começa) alguma coisa:

Paulo **iniciou** as atividades às 15 horas.

Ou alguém **inicia** (dá as primeiras noções) outrem em algo:

O Grão-mestre **iniciou**-o na maçonaria.

Ou **se inicia** (busca conhecimento) em algo:

Paulo **iniciou-se** em filosofia.

Em se tratando de evento (coisa), use sempre **iniciar-se**:

As comemorações **se iniciarão** no dia 1º de setembro.

Inteirar-se

Procure **inteirar-se** (tomar ciência) **de** todos os assuntos.

O advogado **inteirou-se** **dos** fatos.

No sentido de tornar ciente, informar, deve-se utilizar inteirar alguém de algo:

O diretor **inteirou** os professores da situação
provocada pela gripe H1N1.

O diretor **inteirou**-os da situação.

Interferir e intervir

Interfira ou **intervenha** sempre **em**:

Interfira **em** todos os assuntos.

Interveio **no** debate para apaziguar os ânimos.

Lembrar e esquecer

Você deve sempre **lembrar** ou **esquecer** alguma coisa ou alguém (sem preposição):

Lembre **os bons tempos**.

Amigos, **lembremos** **que** manter a unidade
linguística é reforçar os valores do cidadão.

“**Esqueça** **que** ele não ‘te’ ama”.

Entretanto, quando **lembrar** e **esquecer** estiverem acompanhados de pronome, a preposição **de** se imporá:

Lembre-se de que é preciso reconhecer-se no outro.

Não **se esqueça de que** só existe crescimento, se houver comprometimento, vontade e competência.

Lembremo-nos de nosso **compromisso** maior: amar.

Esqueci-me de que estarias à porta na esperança de conquistar novos amigos.

Morar

Se você quiser morar bem, **more**, **resida**, **situe-se** sempre **em**, sem medo de errar:

Moro na Rua Jacarandá, 12.

A UNINOVE **está situada na** Rua Diamantina, 310.

Você **reside na** Avenida Cruzeiro do Sul?

Namorar

Não se atreva a **namorar com** alguém; namore **sem a preposição**, pois só assim você poderá desfrutar bons momentos ao lado de quem lhe dedica amor, sem nenhuma interferência (mesmo que seja a da **preposição**):

Paula **namora** Marcos.

Quero **namorá-la**.

Hermengarda **namorava** Eurico.

Pagar e Perdoar

Obs.: Lembre-se de que devemos **pagar** e **perdoar** sempre alguma coisa.

Assim,

Pagamos a dívida.

Perdoamos os erros.

Obs.: Com referência à pessoa – destinatário do pagamento ou do perdão –, sempre **pague** ou **perdoe** **a alguém**:

Pagamos a dívida **ao credor**.

Pagamos **a ele**.

Pagamos-**lhe** a dívida.

Perdoa-**lhe** os erros.

Perdoamos **aos culpados**.

Perdoaram-**lhes** as faltas.

Não se esqueça de que Cristo, antes de expiar, implorou ao Pai que **perdoasse** **àqueles** que o crucificaram.

A célebre frase do apelo foi: “Pai, **perdoai-lhes**, porque não sabem o que fazem”.

E por ser perfeito, deixou-nos uma frase impecável. Por isso, sigamos seu exemplo.

Pedir

Sempre **peça** alguma coisa **a** ou **para** alguém.

Peça-**lhe** que empreste o dinheiro para uma boa causa.

Peço-**lhe** que me desculpe.

Peço-**lhe** desculpas.

Acompanhe os seguintes passos:

Pedimos a quem?

Pedimos **ao diretor**.

Pedimos o quê?

Pedimos que justificasse sua decisão.

Portanto,

Pedimos ao diretor que justificasse sua decisão.

Pedimos-lhe que justificasse sua decisão.

Obs.: Peça sempre **a** alguém que faça algo, mas nunca **para** que o faça (a preposição é inadmissível neste caso).

Pedimos para que fosse embora. (errado)

Pedimos que fosse embora. (correto)

Pedi-lhe para que saísse imediatamente. (errado)

Pedi-lhe que saísse imediatamente. (correto)

No entanto,

Pedi para ir ao banheiro.

Neste caso a frase está correta, pois o que se pediu foi **permissão, licença** para ir ao banheiro.

Preferir

É muito comum o uso de do que ou que e, às vezes, mais do que com o verbo **preferir** e seus derivados, o que demonstra a falta de intimidade do falante com a língua.

É lamentável ouvirmos ou lermos “Prefiro mais estudar do que trabalhar”.

Por isso, aconselhamos que você evite esse tipo de construção. **Prefira** sempre uma coisa **a** outra:

Prefira doce **a** salgado.

Prefira ficar em casa **a** andar solitariamente.

Prefiro estar nua **a** usar peles. (protesto de uma ecologista)

É **preferível** ódio **a** compaixão.

Recomendar

Deve-se **recomendar** algo **a** alguém (aconselhar, indicar):

O cirurgião **recomendou** repouso **ao** paciente.

O cirurgião **recomendou-lhe** repouso.

Recomendo-lhes a leitura do Código Civil.

Recomendei o profissional **ao** diretor.

Recorrer

No sentido de **pedir socorro** ou **lançar mão de, valer-se**, utilize **recorrer a:**

Recorra a Deus quando for necessário.

Não devemos **recorrer a** expedientes "escusos"
para concretização de nossos ideais.

Na área jurídica, indicando **interpor recurso**, **apelar**, deve-se usar **recorrer de**, **para**; **de**…**para**:

Recorreu para o Supremo Tribunal Federal.

Paulo **recorreu da** decisão.

Cristiane **recorrerá da** pronúncia em primeira instância **para** a segunda.

Refletir

Admite as seguintes construções:

O espelho **refletia** tua beleza.

Tua beleza **refletia-se no** espelho.

A crise econômica dos Estados Unidos **refletiu(-se)**
em todos os mercados.

Reflita bem **sobre** as consequências desse ato tresloucado.

Responder

Nos textos formais, prefira a forma indireta do verbo (com a preposição **a**), quando o sentido do verbo for **dar resposta a** alguma coisa ou **a** alguém:

Responda às questões abaixo…

Você **deve responder às** cartas dos leitores.

Respondi-lhe que iria.

Para exprimir a resposta (teor), a regência direta se impõe:

Respondi o que tive vontade.

Você só consegue **responder essas asneiras**?

Servir

Serviu-se do que estava na mesa.

Sirva-lhe o jantar.

Pedro **servirá no** 5º batalhão.

As informações **serviram de** pretexto para
Paulo não continuar o trabalho.

Obs.: O verbo **servir** não admite **como**. Em seu lugar utilize a preposição **de**:
Sua honestidade **serve de** (e não como) exemplo para todos.

Observe agora estes verbos

Para consulta rápida:

Confraternizar

Não aceita o pronome **SE**:

Eles **confraternizaram** no fim de semana.

Paulo **confraterniza com** os colegas de trabalho.

Simpatizar

Não aceita o pronome **SE**:

Glória **simpatiza com** todos os alunos da sala.

Sobressair

Sempre sem o **SE**:

Ele é um dos que mais **sobressaem** durante o debate.

Alguns verbos pronominais

Sempre acompanhados de pronome oblíquo

Ajoelhar-se

Ajoelhe-se para que eu possa coroá-lo, grande cavaleiro!

Aposentar-se

Flávia **se aposentará** com 45 anos de idade.

Arrepender-se

Arrepende-te de todo o mal que causaste ao país.

Deitar-se

Deitei-me às 23h30 e levantei-me às 6 horas.

Ela **se deitou** às 21 horas.

Levantar-se

Se você não se levantar, continuarei sentado.

Queixar-se

Sempre com a preposição de:

Queixa-se de todos os amigos.

Queixa-se de que não lhe dão a devida atenção.

Sentar-se

Sente-se à mesa, que **me sentarei** no banco.

Nas construções como as que seguem, os verbos relacionados devem vir acompanhados de pronome oblíquo

Classificar-se

O Cruzeiro **classificou-se** para disputar a próxima fase da Libertadores.

Complicar-se

A situação de Sarney **complicou-se** com as denúncias de improbidade administrativa.

Desvalorizar-se

As ações da GM foram as que mais **se desvalorizaram** no primeiro semestre de 2009.

Espalhar-se

A notícia de que ele chegaria cedo **espalhou-se** pela cidade.

Estragar-se

Se você deixar as frutas fora da geladeira, elas **se estragarão**.

Romper-se

A barragem **rompeu-se** deixando a cidade submersa.

Valorizar-se

As ações da Petrobrás **se valorizaram** em junho.

Regência de alguns nomes

A

Abaixo-assinado a favor de, **contra** ou **por** (pelo, pela)

Abalado com ou **por**

Abastecido de ou **com**

Abatido de, **em** ou **por**

Ab-rogado de

Abuso de ou **contra**

Ação contra, **em**, **para** ou **sobre**

Acessível a

Acesso a, **para** ou **por**

Acordo com; **com...para**; **sobre**; **com...sobre**; **para**, **entre**; **entre...para**

Acostumado a ou **com**

Acusação de, **contra** ou **sobre**

Acusado de; **de...contra**

Adaptado a ou **de**

Adepto de

Adequado a

Aderência a ou **com**

Aderente a ou **com**

Adesão a

Aditamento de, **a**; **de...a**

Aditivo a

Adjudicação de, **a**; **de...a**

Advertido contra, **de** ou **sobre**

Advogado contra, de; de…contra; de…em

Afetado em, de ou **por**

Aficionado a

Afiliação a, de; de…a

Afiliado a

Afinado com ou **por**

Afinidade com, entre ou **em**

Afixado em

Afluência a, de…a, de…para

Afronta a

Aglutinação de…a; de…com

Aglutinado a ou **com**

Agraciado com

Agradecimento a, de, por; a…por; de…a…por

Agregado a

Agressão a ou **contra**

Agressividade com ou **contra**

Agressivo com ou **contra**

Ajuda a, contra, em, para; a…em; a…contra

Ajudado por

Ajustado a, com, em ou **entre**

Ajustável a

Alerta a, contra, para, sobre; a…contra; a…sobre

Alertado contra, de, para ou **sobre**

Alheio a

Alienação de

Alienado a ou **de**

Alinhado a ou **com**

Alinhamento de…a; com ou **por**

Alocação de…a; de…para; de…em

Alocado a, em ou **para**

Alusão a

Alusivo a

Análogo a

Anexação a; de...a

Anexado a

Anexo a

Ansioso por

Apaniguado a, de ou por

Apegado a

Apego a ou por

Apelação de; de...para

Apelo a, para; em favor de

Apenso a

Apoiado a, contra, em ou sobre

Apoio a; a...contra; de...a...contra; de...a favor de

Apologia de

Apreciação de ou sobre

Aptidão a, para; de...para

Apto a ou para

Articulação de...com; com ou entre

Articulado a, com ou entre

Ascensão a; de...a; para

Assentado em ou sobre

Assistência a ou de

Assistido de ou por

Atenção a ou para

Atencioso com

Atendido por

Atendimento a; de

Atento a ou em

Ato a favor de, contra ou por

Atração por

Atraído a, para ou por

Atribuição **de…a**
Atribuído **a, por; a…por**
Aumentado **de…para; em**
Aumento **de…para; a, em** ou **para**
Autorizado **a, para** ou **por**
Auxiliado **em** ou **por**
Auxílio **a, para, em** ou **contra**
Avesso **a**
Ávido **de** ou **por**

B

Bacharel **em** ou **por**
Baseado **em** (com base em)
Bem-disposto **para**
Bem-dotado **para**
Bem-sucedido **em**
Bem-vindo **a**
Beneficiado **com** ou **por**
Benefício **a** ou **para** (loc. em benefício de)
Benéfico **a** ou **para**
Benevolente **com**
Busca **a, de** ou **por**

C

Candidato **a; a…por**
Capacidade **de** ou **para**
Capacitado **a** ou **para**
Capaz **de**
Cauteloso **com** ou **em**
Cindido **de** ou **em**
Cioso **de**
Cisão **de, em, entre; de…em**
Coagido **a, por; a…por**

Coberto **de**, **com** ou **por**

Coerção **para**, **sobre**; **sobre…para**

Coerência **com; em; entre**

Coesão **com** ou **entre**

Coexistência **com** ou **entre**

Coincidente **com** ou **em**

Colaboração **com**, **em**, **para**; **com…em**; **em…para**

Comemoração **de** ou **com**

Comentário **de…sobre**; **sobre**

Comparado **a**, **com**, **entre** ou **por**

Compatível **com**

Compelido **a** ou **por**

Composto **de** ou **por**

Comprometido **com** ou **em**

Compromisso **com**, **entre**, **para**, **diante de** ou **perante**

Comum **a**, **em** ou **entre**

Comunicado **a**, **por** ou **sobre**

Concedido **a**

Conciliação **de**, **com**, **entre**; **de…com**

Conclusão **de**, **por** ou **sobre**

Concorrência **com** ou **entre**

Condenação **de**, **a**; **de…a**

Condenado **a** ou **por**

Condição **de** ou **para**

Condizente **com**

Conducente **a**

Conexão **com** ou **entre**

Conferido **a** ou **por**

Confiado **a**

Confiança **em**

Conflito **em** ou **entre**

Conforme **a** ou **com**

Conformidade **a**, **com** ou **entre**

Conhecimento **de**, **em** ou **sobre**

Conivente **com**; **com…em**

Consciência **de** ou **sobre**

Consciente **de**

Cônscio **de**

Consenso **em**, **entre** ou **sobre**

Considerado **como** ou **por** (ou apenas **considerado…**)

Constituído **de** ou **por**

Consulta **a**

Consultado **sobre**

Conversão **de…em**

Convicto **de**

Convocação **a**, **para**; **de…a**

Convocado **a**, **para** ou **por**

Correlação **com** ou **entre**

Correlacionado **a**, **com**, **entre** ou **por**

Culpado **de**, **em** ou **por**

Curioso **de**

D

Dano **a** ou **para**

Danoso **a** ou **para**

Debate **com**, **entre** ou **sobre**

Decidido **a**

Decisão **sobre**

Decisivo **a** ou **para**

Dedicação **a** ou **por**

Dedicado **a**

Defendido **de** ou **contra**

Defensor **de**

Defesa **a**, **de** ou **contra**

Defrontado com

Deliberação de ou **sobre**

Delimitado a

Demanda com, **de** ou **por**

Denúncia de, **contra** ou **sobre**

Dependência de ou **entre**

Dependente de

Derrogação a ou **de**

Desabituado a

Desacordo com, **entre** ou **sobre**

Desacostumado a ou **com**

Desagradável a ou **para**

Desapego a, **com** ou **por**

Desapontado com

Desaprovação a

Desaprovado por

Desatenção a ou **com**

Desatento a

Desavença com ou **entre**

Descompromisso com

Desconfiança de, **contra** ou **sobre**

Desejoso de

Desentendimento com, **entre** ou **sobre**

Deserdado de ou **por**

Desfavorável a

Desinteressado de ou **por**

Desobediência a

Desobediente a

Desobrigado de

Despojado de

Despreocupação com ou **por**

Desrespeito a, **com** ou **por**

Desserviço a

Destaque a, **de** ou **para**

Detenção de; **de…em**

Dica de ou **sobre**

Dicotomia entre

Difícil a, **de** ou **para**

Dificuldade de, **em** ou **para**

Diligência sobre…para; **para** ou **por**

Direcionado a ou **para**

Dirigido a, **contra** ou **para**

Dispensado a, **de**, **para**, **por**; **de…para**

Dividido em, **entre**, **por** ou **sobre**

Domiciliado em

Dúvida de ou **sobre**

E

Educação em ou **para**

Efeito contra, **em** ou **sobre**

Eficácia contra ou **sobre**

Eficaz contra, **em**, **para** ou **sobre**

Eficiência em ou **para**

Eficiente em ou **para**

Egresso de

Elevado a; **de…para**

Emenda a, **de** ou **sobre**

Emergente de

Empenhado em

Empenho de, **contra**, **em**; **de…contra**; **de…em**

Endereçado a

Ênfase em ou **sobre**

Equiparação de, **com**, **em**; **de…com**

Equivalência entre; de…com

Equivalente a ou **em**

Esclarecimento a ou **sobre**

Especialista em

Especializado em

Específico a

Essencial a, em ou **para**

Estudo de ou **sobre**

Exceção a ou **de**

Excedido em

F

Facilidade de, em ou **para**

Facultado a

Falta a

Favorável a ou **para**

Favoravelmente a

Favorecimento de

Fiel a

Formado em, por ou **para**

Fundamental a ou **para**

G

Gerado em ou **por**

Graduado em, por; de…a

Grato a ou **por**

Grudado a

Guerra a ou **contra**

H

Habeas-corpus **de; em favor de**

Habeas-data **contra**

Hábil em

Habilidade de, **em** ou **para**

Habitante de ou **em**

Habituado a ou **com**

Hegemonia de ou **sobre**

Hipótese sobre

Hostil a

Hostilidade a ou **contra**

I

Ida a

Idêntico a ou **em**

Imersão de, **em**; **de…em**

Impacto em ou **sobre**

Impasse entre ou **sobre**

Impelido a, **contra** ou **para**

Implicado com ou **em**

Importância de…em; **de…para**; **para** ou **sobre**

Importante a ou **para**

Impotente contra ou **para**

Impregnado de ou **em**

Impróprio para

Imputação de…a

Imputado a

Imputável a

Imune a

Imunidade a ou **contra**

Imunizado contra

Inábil para

Inacessível a ou **para**

Inadequado a ou **para**

Inaplicável a

Inaptidão a ou **para**

Inapto a ou **para**

Incapaz de ou **para**

Incitação a; de…a

Incitado a

Incitamento a; de…a

Inclinação a, para ou **por**

Incompatibilidade com ou **entre**

Incompatível com

Inconciliável com ou **entre**

Inconformado com

Inconformidade com

Incorporado a ou **em**

Indagado sobre

Indenizado de ou **por**

Independentemente de

Indevassável a

Indicado a ou **para**

Indicativo de

Indiciado como…em; em

Indiferente a, com ou **para**

Indignação com ou **por**

Indignado com, contra ou **por**

Indispensável a, em ou **para**

Indulgente a, para; com…em

Indulto a ou **para**

Induzido a

Ineficácia contra ou **para**

Ineficaz contra, em ou **para**

Ineficiente para

Inepto para

Inerente a

Infenso a

Inferior a ou **em**

Inferioridade em

Infidelidade a

Infiel a

Inflexível em ou **para**

Infligido a

Influência em ou **sobre**

Influenciado por

Ingrato com

Inserção em; de…em

Inserido em, entre ou **por**

Inspirado de, em, para ou **por**

Instrução a, para, sobre; a…para; a…sobre

Instruído a, de, em, para ou **sobre**

Insuspeito a

Integrado a ou **em**

Interdição de

Interessado em ou **por**

Interessante a

Interesse de, em ou **por**

Interrogado por ou **sobre**

Interrogatório sobre

Intervenção em

Intimação de, para; de…para

Intimado a, para ou **por**

Intolerante a ou **com**

Invasão de

Investido de ou **em**

Investigação de ou **sobre**

Isonomia entre

J

Julgamento **de** ou **sobre**

Juntada **de; de…a**

Junto **a** ou **de**

L

Leal **a** ou **com**

Lealdade **a, com** ou **em**

Legislação **sobre**

Legitimação **de, para; de…para**

Lesado **em**

Lesão **a, de** ou **em**

Lesivo **a** ou **de**

Lícito **a**

Ligado **a, com** ou **entre**

Liminar **contra**

Litígio **com, entre** ou **sobre**

M

Magnanimidade **com** ou **em**

Magnânimo **com** ou **em**

Maior **de**

Majoração **de, em; de…em**

Mandado **a, contra, para; de…a; de…para**

Mandato **para**

Manifestação **de, contra, a favor de** ou **sobre**

Manifesto **a, contra, por** ou **sobre**

Manobra **contra, a favor de** ou **para**

Manutenção **de; de…em**

Mediação **entre**

Medida **contra, a favor de** ou **para**

Moção **a, contra; de…a; de…contra;**

Morador **em**

N

Nascido de ou **em**

Natural de

Necessário a ou **para**

Necessidade de

Negociação com, entre; de…com

Nocivo a

Nomeado para

Notificação de…a; para

O

Obcecado em, para ou **por**

Obediência a

Obediente a

Objeção a

Oblíquo a

Obrigação a, de ou **com**

Obrigado a

Obrigatório a ou **para**

Observância a ou **de**

Ódio a ou **contra**

Odioso a ou **para**

Onerado com ou **por**

Oneroso a ou **para**

Opção a ou **por**

Opinião de ou **sobre**

Oposição a ou **entre**

Oposto a

P

Paralelamente a

Paralelo a (em paralelo **com**)

Parecer sobre

Parecido a ou **com**

Pari passu **com**

Participação em

Partícipe de ou **em**

Passível de

Pautado em ou **por**

Penalizado por

Pendência com ou **entre**

Penhora de ou **sobre**

Percepção de ou **sobre**

Perceptível a ou **por**

Perpendicular a

Perquirição sobre

Persistência em

Persistente em

Persuadido a

Possibilidade de

Possível a ou **de**

Postulante a

Precedente a

Predisposição para

Predisposto a ou **para**

Preferência a ou **por**

Preferível a

Prejudicial a

Prestes a ou **para**

Procedente de

Pronto para

Propensão a ou **para**

Propenso a

Proporcional a

Proporcionalmente a

Próprio de ou **para**
Prosseguimento de ou **em**
Próximo a ou **de**
Prudência com ou **em**
Punição a, **de** ou **contra**
Punido de ou **por**

Q

Qualificação de…para; para
Qualificado como, **de** ou **para**
Queixa a…sobre; contra ou **de**
Querido de ou **por**
Questionado sobre

R

Rapidez em
Rápido em
Recluso em
Recomendação a; a…para; de…para
Recomendado a ou **por**
Recondução de…a; para
Reconversão de…em
Recusa a, **de** ou **em**
Referendo sobre
Refletido em
Reflexão em ou **sobre**
Regulamentação de ou **para**
Reinserido em
Reintegração de…em; de…a
Relativamente a
Relevante a ou **para**
Reparação a ou **de**

Residente em

Resistência a ou **contra**

Resistente a

Respeito a ou **por**

S

Sanção a, contra ou **para**

Satisfação com, de, em ou **por**

Satisfatório para

Satisfeito com ou **de**

Segurado contra

Semelhante a; a…em

Sensibilidade a ou **para**

Sensível a ou **para**

Sentença contra ou **a (em) favor de**

Sentenciado a, com ou **em**

Simpatia por

Simpático a

Sito em

Situado em

Subjacente a

Subjugado a

Sublocação de…a

Sublocado a

Sub-rogado a ou **em**

Subserviente a

Subsidiário a ou **de**

Substitutivo a, de ou **sobre**

Superior a

Suspeição de…contra; contra ou **sobre**

T

Tendência **a**, **de**, **em** ou **para**

Tendente **a** ou **para**

Tentativa **contra**, **de** ou **para**

Tolerância **a**; **de…com**; **para**

Transcrito **em** ou **para**

Tributação **de** ou **sobre**

Tributário **a** ou **de**

U

Ulterior **a**

Ultrajante **a** ou **para**

Unânime **em**

Único **a** ou **em**

Uniforme **em**

Urgência **em** ou **para**

União **com** ou **entre**

Útil **a** ou **para**

Utilidade **para**

Utilizado **em** ou **para**

V

Válido **para**

Valioso **a** ou **para**

Vantagem **a**, **de**, **em** ou **sobre**

Vazio **de**

Versado **em**

Vertido **de…a**; **de…para**; **em**

Vigente **em** ou **entre**

Vinculado **a**, **com** ou **entre**

Visível **a**

Vital **a** ou **para**

Voltado **a**, **contra** ou **para**

Referências

FERNANDES. F. *Dicionário de regimes de substantivos e adjetivos*. 28. ed. Porto Alegre: Globo, 2005.

______. *Dicionário de verbos e regimes*. 44. ed. Porto Alegre: Globo, 2003.

LUFT, C. P. *Dicionário prático de regência nominal*. 4. ed. 7ª impr. São Paulo: Ática, 2007

______. *Dicionário prático de regência verbal*. 8. ed. 11ª impr. São Paulo: Ática, 2007.

SIMULADO

1. Ano: 2018 **Banca:** CESPE

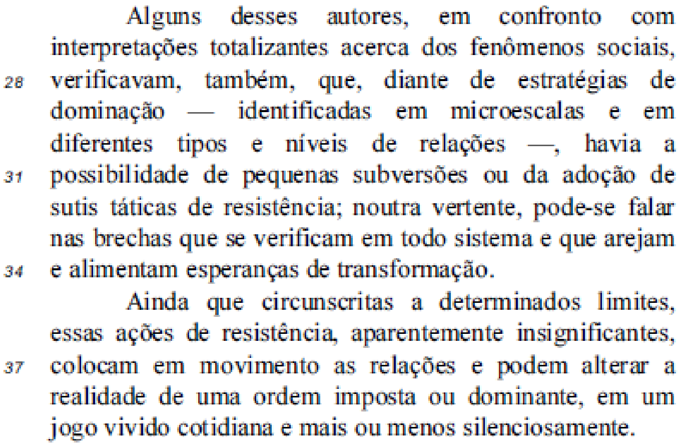

Alguns desses autores, em confronto com interpretações totalizantes acerca dos fenômenos sociais, verificavam, também, que, diante de estratégias de dominação — identificadas em microescalas e em diferentes tipos e níveis de relações —, havia a possibilidade de pequenas subversões ou da adoção de sutis táticas de resistência; noutra vertente, pode-se falar nas brechas que se verificam em todo sistema e que arejam e alimentam esperanças de transformação.

Ainda que circunscritas a determinados limites, essas ações de resistência, aparentemente insignificantes, colocam em movimento as relações e podem alterar a realidade de uma ordem imposta ou dominante, em um jogo vivido cotidiana e mais ou menos silenciosamente.

A expressão “Ainda que” (ℓ.35) poderia ser substituída por **Embora**, sem prejuízo das relações de coesão e dos sentidos originais do texto.

2. Ano: 2018 **Banca:** CESPE

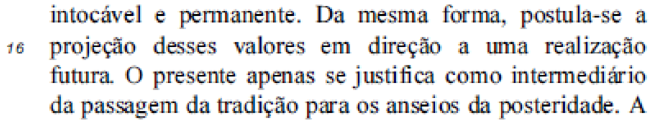

intocável e permanente. Da mesma forma, postula-se a projeção desses valores em direção a uma realização futura. O presente apenas se justifica como intermediário da passagem da tradição para os anseios da posteridade. A

O deslocamento do termo “apenas” (ℓ.17) para imediatamente após “intermediário” (ℓ.17) não alteraria a correção gramatical nem os sentidos originais do texto.

3. Ano: 2018 **Banca:** CESPE

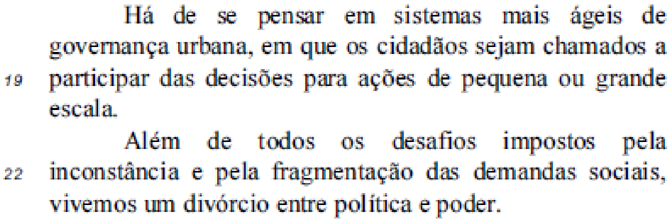

Há de se pensar em sistemas mais ágeis de governança urbana, em que os cidadãos sejam chamados a participar das decisões para ações de pequena ou grande escala.

Além de todos os desafios impostos pela inconstância e pela fragmentação das demandas sociais, vivemos um divórcio entre política e poder.

A substituição da expressão “Além de” (ℓ.21) por **Apesar de** não alteraria os sentidos originais do texto.

4. Ano: 2018 **Banca:** CESPE

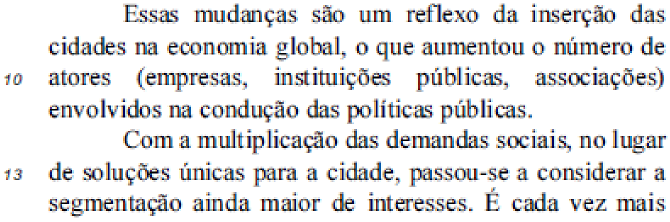

Essas mudanças são um reflexo da inserção das cidades na economia global, o que aumentou o número de atores (empresas, instituições públicas, associações) envolvidos na condução das políticas públicas.

Com a multiplicação das demandas sociais, no lugar de soluções únicas para a cidade, passou-se a considerar a segmentação ainda maior de interesses. É cada vez mais

Mantendo-se a correção gramatical e a coerência do texto, a expressão “Com a” (ℓ.12) poderia ser substituída pela expressão **Devido à**.

5. Ano: 2018 **Banca:** CESPE

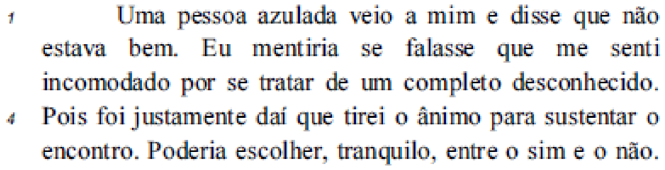

Uma pessoa azulada veio a mim e disse que não estava bem. Eu mentiria se falasse que me senti incomodado por se tratar de um completo desconhecido. Pois foi justamente daí que tirei o ânimo para sustentar o encontro. Poderia escolher, tranquilo, entre o sim e o não.

A substituição do vocábulo “daí” (ℓ.4) por **donde** manteria a coesão e a correção gramatical do texto.

6. Ano: 2018 **Banca:** CESPE

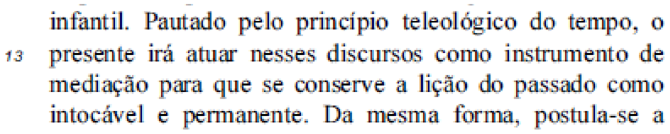

infantil. Pautado pelo princípio teleológico do tempo, o presente irá atuar nesses discursos como instrumento de mediação para que se conserve a lição do passado como intocável e permanente. Da mesma forma, postula-se a

Sem prejuízo da correção gramatical e dos sentidos originais do texto, o trecho “para que se conserve a lição do passado como intocável e permanente” (ℓ. 14 e 15) poderia ser reescrito da seguinte forma: afim de conservar, intocável e permanentemente, a lição do passado.

7. Ano: 2018 **Banca:** CESPE

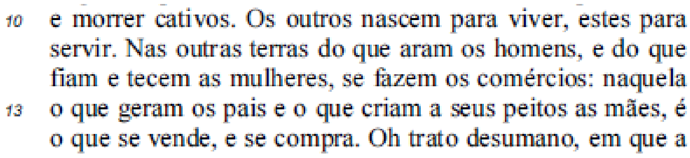

e morrer cativos. Os outros nascem para viver, estes para servir. Nas outras terras do que aram os homens, e do que fiam e tecem as mulheres, se fazem os comércios: naquela o que geram os pais e o que criam a seus peitos as mães, é o que se vende, e se compra. Oh trato desumano, em que a

A correção gramatical do texto seria prejudicada caso o trecho “se fazem os comércios” (ℓ.12) fosse assim reescrito: são feitos os comércios.

8. Ano: 2018 **Banca:** CESPE

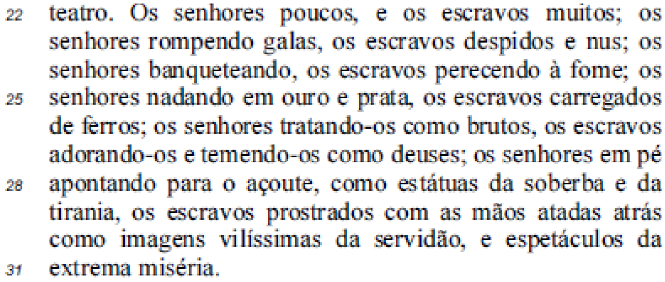

teatro. Os senhores poucos, e os escravos muitos; os senhores rompendo galas, os escravos despidos e nus; os senhores banqueteando, os escravos perecendo à fome; os senhores nadando em ouro e prata, os escravos carregados de ferros; os senhores tratando-os como brutos, os escravos adorando-os e temendo-os como deuses; os senhores em pé apontando para o açoute, como estátuas da soberba e da tirania, os escravos prostrados com as mãos atadas atrás como imagens vilíssimas da servidão, e espetáculos da extrema miséria.

A forma verbal “nadando” (ℓ.25) exprime um evento com duração no tempo.

9. Ano: 2018 **Banca:** CESPE

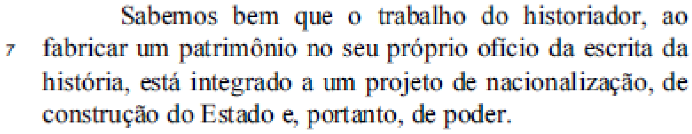

Sabemos bem que o trabalho do historiador, ao fabricar um patrimônio no seu próprio ofício da escrita da história, está integrado a um projeto de nacionalização, de construção do Estado e, portanto, de poder.

Os sentidos originais e as relações de coesão do texto seriam preservados caso se substituísse a palavra “portanto” (ℓ.9) por **também**, uma vez que ambas exprimem uma ideia de conclusão.

10. Ano: 2018 **Banca:** CESPE

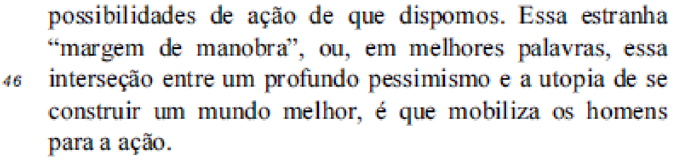

possibilidades de ação de que dispomos. Essa estranha “margem de manobra”, ou, em melhores palavras, essa interseção entre um profundo pessimismo e a utopia de se construir um mundo melhor, é que mobiliza os homens para a ação.

Seria mantida a correção gramatical do último período do texto caso o trecho “é que” (ℓ.47) fosse suprimido.

11. Ano: 2018 **Banca:** CESPE

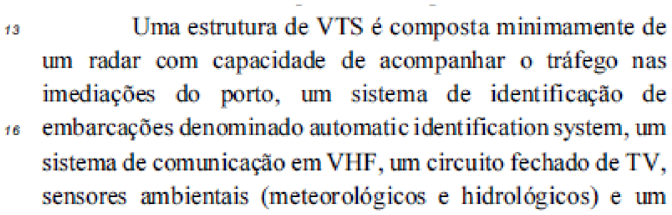

Uma estrutura de VTS é composta minimamente de um radar com capacidade de acompanhar o tráfego nas imediações do porto, um sistema de identificação de embarcações denominado automatic identification system, um sistema de comunicação em VHF, um circuito fechado de TV, sensores ambientais (meteorológicos e hidrológicos) e um

Seria preservada a correção gramatical do texto se, no trecho “composta minimamente de um radar” (l. 13 e 14), fosse empregada a preposição **por**, em vez da preposição “de”.

12. Ano: 2018 **Banca:** CESPE

Estavam-lhe ministrando a extrema-unção. E, quando o sacerdote lhe fez a tremenda pergunta, chamando-o pelo nome: "Juca, queres arrepender-te dos teus pecados?", vi que, na sua face devastada pela erosão da morte, a Dúvida começava a redesenhar, reanimando-a, aqueles seus trejeitos e caretas, numa espécie de ridícula ressurreição. E a resposta não

Em "reanimando-a" (l.18), o pronome "a" refere-se a "Dúvida" (l.17).

13. Ano: 2018 **Banca:** CESPE

É curioso notar que a ideia de porto está presente nas sociedades humanas desde o aparecimento das cidades. Isso porque uma das características das primeiras estruturas urbanas existentes na região do Oriente Próximo foi a presença do porto.

O pronome "Isso" (l.3) retoma toda a ideia expressa no primeiro período do texto.

14. Ano: 2018 **Banca:** CESPE

A abordagem desse tipo de comércio, inevitavelmente, passa pela concorrência, visto que é por meio da garantia e da possibilidade de entrar no mercado internacional, de estabelecer permanência ou de engendrar saída, que se consubstancia a plena expansão das atividades comerciais e se alcança o resultado último dessa interatuação: o preço eficiente dos bens e serviços.

A oração introduzida pela locução "visto que" (l.8) explica o porquê de ser necessário considerar a concorrência na abordagem do comércio internacional.

15. Ano: 2018 **Banca:** CESPE

Não se trata, portanto, de uma criação aleatória apenas vinculada à atividade comercial. O porto aparece como mais um elemento de uma forte mudança civilizacional que marcou o contexto do surgimento das cidades e da escrita. O comportamento fundamental dessa mudança

A palavra "portanto" (l.18) introduz, no período em que ocorre, uma ideia de conclusão.

16. Ano: 2018 **Banca:** CESPE

ouvindo... Porque as pessoas sensíveis são as criaturas mais egoístas, mais coriáceas, mais impenetráveis do reino animal. Pois, meus amigos, da última vez que vi o Juca, o impasse continuava... E que impasse!

No trecho "Pois, meus amigos, da última vez que vi o Juca, o impasse continuava..." (l. 12 e 13), o elemento "Pois" introduz uma concessão.

17. Ano: 2018 **Banca:** CESPE

não era assim tão simples. Primeiro fazia uma cara de indecisão, depois um sorriso triste contrabalançado por um olhar heroicamente exultante, até que esse exame de consciência era cortado pela voz do interlocutor, que começava a falar chãmente em outras coisas, que, aliás, o Juca não estava ouvindo... Porque as pessoas sensíveis são as criaturas mais

É correto estabelecer a referência do pronome "que" (l.9) tanto com "voz do interlocutor" (l.8) quanto com "outras coisas" (l.9).

18. Ano: 2018 **Banca:** CESPE

E eu imagino o Juca a indagar, até hoje:
— Mas o senhor acha mesmo, sargento Gabriel, que ele poderia ter-me absolvido?

Sem prejuízo para a correção gramatical e para o sentido do texto, o trecho "que ele poderia ter-me absolvido" (l. 24 e 25) poderia ser assim reescrito: que ele poderia ter absolvido-me.

19. Ano: 2018 **Banca:** CESPE

O Juca era da categoria das chamadas pessoas sensíveis, dessas a que tudo lhes toca e tange. Se a gente lhe perguntasse: "Como vais, Juca?", ao que qualquer pessoa normal responderia "Bem, obrigado!" — com o Juca a coisa não era assim tão simples. Primeiro fazia uma cara de

Caso seja suprimido o pronome "lhes" (l.2), a correção gramatical do texto será mantida, embora o trecho se torne menos enfático.

20. Ano: 2018 **Banca:** CESPE

não era assim tão simples. Primeiro fazia uma cara de indecisão, depois um sorriso triste contrabalançado por um olhar heroicamente exultante, até que esse exame de consciência era cortado pela voz do interlocutor, que começava a falar chãmente em outras coisas, que, aliás, o Juca não estava ouvindo... Porque as pessoas sensíveis são as criaturas mais

Caso o advérbio "heroicamente" (l.7) fosse deslocado para logo após "contrabalançado" (l.6), haveria alteração de sentido do texto, embora fosse preservada sua correção gramatical.

21. Ano: 2018 **Banca:** CESPE

O Juca era da categoria das chamadas pessoas sensíveis, dessas a que tudo lhes toca e tange. Se a gente lhe perguntasse: "Como vais, Juca?", ao que qualquer pessoa normal responderia "Bem, obrigado!" — com o Juca a coisa não era assim tão simples. Primeiro fazia uma cara de indecisão, depois um sorriso triste contrabalançado por um olhar heroicamente exultante, até que esse exame de

Na linha 5, caso a forma verbal "era" fosse substituída por **seria**, a respectiva afirmação sobre o comportamento de Juca seria mais categórica que a que se verifica no texto.

22. Ano: 2018 **Banca:** CESPE

e as células dos futuros palácios reais; uma espécie de subúrbio, extramuros, local que agrupava residências e instalações para criação de animais e plantio; e o porto fluvial, espaço destinado à prática do comércio e que era utilizado como local de instalação dos estrangeiros, cuja admissão, em regra, era vedada nos muros da cidade.

Sem prejuízo dos sentidos e da correção gramatical do texto, o trecho "local que agrupava residências e instalações para criação de animais e plantio" (l. 13 e 14) poderia ser reescrito da seguinte forma: onde se agrupavam residências e instalações destinadas à criação de animais e ao plantio.

23. Ano: 2018 **Banca:** CESPE

e as células dos futuros palácios reais; uma espécie de subúrbio, extramuros, local que agrupava residências e instalações para criação de animais e plantio; e o porto fluvial, espaço destinado à prática do comércio e que era utilizado como local de instalação dos estrangeiros, cuja admissão, em regra, era vedada nos muros da cidade.

A correção gramatical e os sentidos do texto seriam mantidos caso fosse suprimido o trecho "que era" (l.15).

24. Ano: 2018 **Banca:** CESPE

Já houve quem dissesse por aí que o Rio de Janeiro é a cidade das explosões. Na verdade, não há semana em que os jornais não registrem uma aqui e ali, na parte rural.

Feitas as devidas alterações nas letras maiúsculas e minúsculas e retirada a vírgula após "Na verdade" (ℓ.2), esta expressão poderia ser deslocada para o final do período, logo após "rural", sem prejuízo para a correção gramatical e para os sentidos do texto.

25. Ano: 2018 **Banca:** CESPE

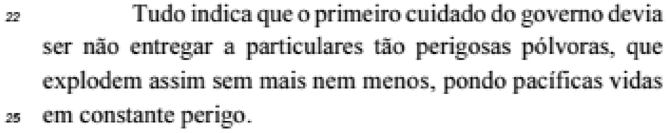

22 Tudo indica que o primeiro cuidado do governo devia
ser não entregar a particulares tão perigosas pólvoras, que
explodem assim sem mais nem menos, pondo pacíficas vidas
25 em constante perigo.

A correção gramatical do penúltimo parágrafo do texto seria preservada, embora seu sentido fosse alterado, caso o advérbio “não” (ℓ.23) fosse deslocado para imediatamente após “governo” (ℓ.22).

26.

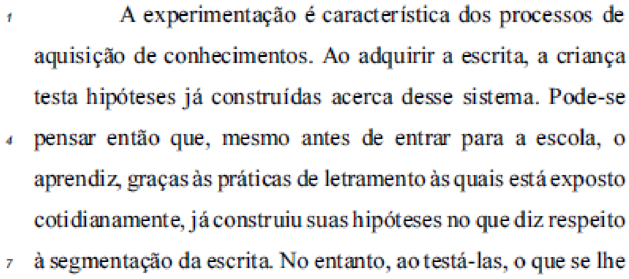

1 A experimentação é característica dos processos de
aquisição de conhecimentos. Ao adquirir a escrita, a criança
testa hipóteses já construídas acerca desse sistema. Pode-se
4 pensar então que, mesmo antes de entrar para a escola, o
aprendiz, graças às práticas de letramento às quais está exposto
cotidianamente, já construiu suas hipóteses no que diz respeito
7 à segmentação da escrita. No entanto, ao testá-las, o que se lhe

O emprego das vírgulas no terceiro período do texto justifica-se pela mesma regra de pontuação.

27.

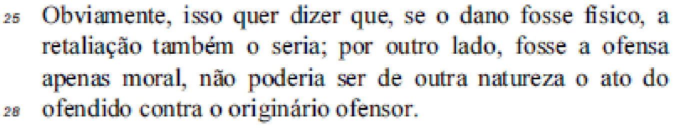

25 Obviamente, isso quer dizer que, se o dano fosse físico, a
retaliação também o seria; por outro lado, fosse a ofensa
apenas moral, não poderia ser de outra natureza o ato do
28 ofendido contra o originário ofensor.

Do ponto de vista sintático, as vírgulas que isolam a frase “se o dano fosse físico" (l.25) são de emprego facultativo, razão por que a correção do texto seria preservada caso se eliminassem ambas ou se apenas uma delas — seja a primeira, seja a segunda — fosse eliminada.

28.

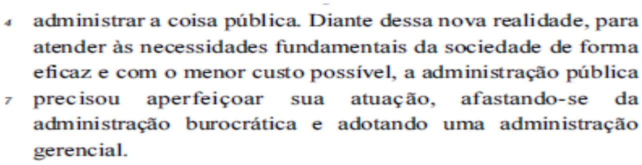

4 administrar a coisa pública. Diante dessa nova realidade, para
atender às necessidades fundamentais da sociedade de forma
eficaz e com o menor custo possível, a administração pública
7 precisou aperfeiçoar sua atuação, afastando-se da
administração burocrática e adotando uma administração
gerencial.

As vírgulas empregadas nas linhas 4 e 6 isolam segmento de natureza adverbial: “para atender (...) custo possível”.

29.

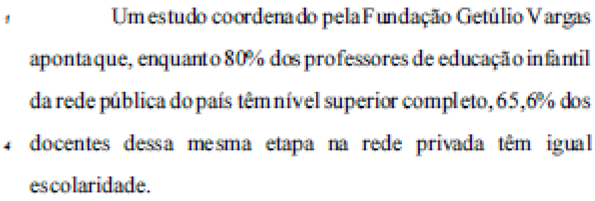

1 Um estudo coordenado pela Fundação Getúlio Vargas
aponta que, enquanto 80% dos professores de educação infantil
da rede pública do país têm nível superior completo, 65,6% dos
4 docentes dessa mesma etapa na rede privada têm igual
escolaridade.

A correção gramatical do texto seria mantida caso a vírgula empregada logo depois de “que” (l.2) fosse suprimida.

30.

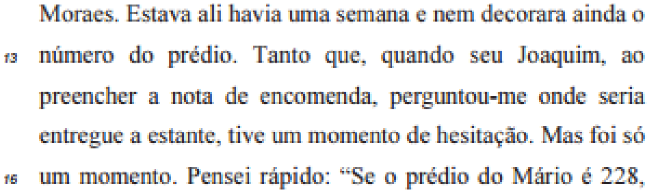

Moraes. Estava ali havia uma semana e nem decorara ainda o
13 número do prédio. Tanto que, quando seu Joaquim, ao
preencher a nota de encomenda, perguntou-me onde seria
entregue a estante, tive um momento de hesitação. Mas foi só
16 um momento. Pensei rápido: “Se o prédio do Mário é 228,

No período “Tanto que, quando (...) momento de hesitação” (l. 13 a l. 15), o emprego de todas as vírgulas deve-se à mesma regra de pontuação.

31.

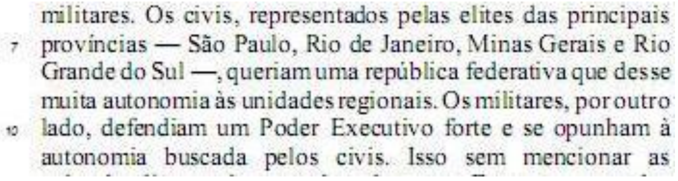

militares. Os civis, representados pelas elites das principais
7 províncias — São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Rio
Grande do Sul —, queriam uma república federativa que desse
muita autonomia às unidades regionais. Os militares, por outro
10 lado, defendiam um Poder Executivo forte e se opunham à
autonomia buscada pelos civis. Isso sem mencionar as

Caso as vírgulas que isolam o trecho “representados (...) do Sul — " (L. de 6 a 8) fossem suprimidas, a correção gramatical do texto seria mantida, mas o seu sentido original seria alterado.

32.

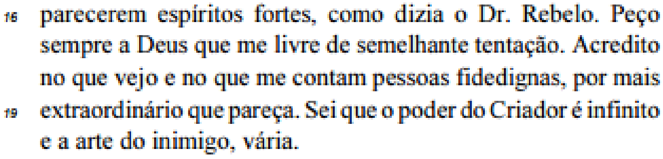

16 parecerem espíritos fortes, como dizia o Dr. Rebelo. Peço
sempre a Deus que me livre de semelhante tentação. Acredito
no que vejo e no que me contam pessoas fidedignas, por mais
19 extraordinário que pareça. Sei que o poder do Criador é infinito
e a arte do inimigo, vária.

A supressão da vírgula empregada no trecho “a arte do inimigo, vária” (l.20) prejudicaria o sentido original do texto.

33.

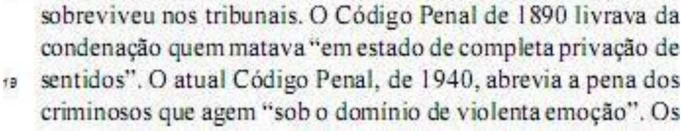

sobreviveu nos tribunais. O Código Penal de 1890 livrava da
condenação quem matava “em estado de completa privação de
19 sentidos”. O atual Código Penal, de 1940, abrevia a pena dos
criminosos que agem “sob o domínio de violenta emoção”. Os

O emprego das vírgulas que isolam “de 1940” (l. 19) é facultativo, de modo que a supressão dessas vírgulas não prejudicaria o sentido original ou a correção gramatical do texto.

34.

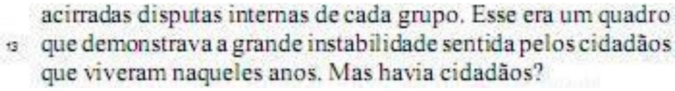

acirradas disputas internas de cada grupo. Esse era um quadro
13 que demonstrava a grande instabilidade sentida pelos cidadãos
que viveram naqueles anos. Mas havia cidadãos?

A inserção de vírgula logo após “Mas" (L.14) não prejudicaria a correção gramatical do texto, pois, nesse caso, a utilização da vírgula é de caráter facultativo.

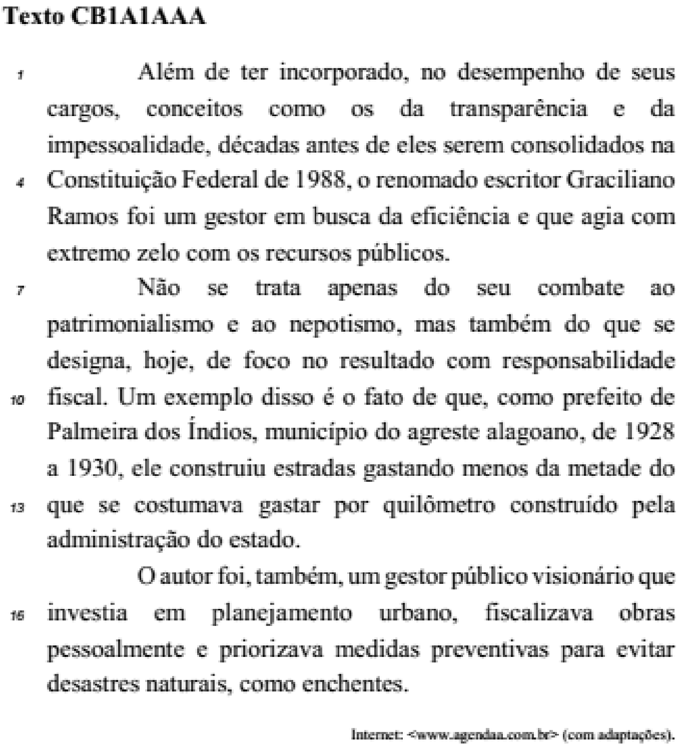

Texto CB1A1AAA

1 Além de ter incorporado, no desempenho de seus
cargos, conceitos como os da transparência e da
impessoalidade, décadas antes de eles serem consolidados na
4 Constituição Federal de 1988, o renomado escritor Graciliano
Ramos foi um gestor em busca da eficiência e que agia com
extremo zelo com os recursos públicos.
7 Não se trata apenas do seu combate ao
patrimonialismo e ao nepotismo, mas também do que se
designa, hoje, de foco no resultado com responsabilidade
10 fiscal. Um exemplo disso é o fato de que, como prefeito de
Palmeira dos Índios, município do agreste alagoano, de 1928
a 1930, ele construiu estradas gastando menos da metade do
13 que se costumava gastar por quilômetro construído pela
administração do estado.
O autor foi, também, um gestor público visionário que
16 investia em planejamento urbano, fiscalizava obras
pessoalmente e priorizava medidas preventivas para evitar
desastres naturais, como enchentes.

Internet: <www.agendaa.com.br> (com adaptações).

35. A locução “Além de” (R.1) estabelece uma relação de adição no período em que ocorre.

36. O referente da forma pronominal “eles” (R.3) é o termo “cargos” (R.2).

37. Sem prejuízo dos sentidos originais e da correção gramatical do texto, o trecho “Não se trata apenas do seu combate ao patrimonialismo e ao nepotismo” (R. 7 e 8) poderia ser assim reescrito: Isso não se trata somente do combate do escritor contrário ao patrimonialismo e ao nepotismo.

38. Depreende-se do texto que Graciliano Ramos, além de literato, foi um administrador público cujo estilo de trabalho pode ser atualmente considerado modelo em gestão pública.

39. O texto trata da biografia de Graciliano Ramos e informa os motivos que o levaram a abandonar o ofício de escritor para se dedicar à política.

40. Infere-se que na oração introduzida por “mas também” (R.8) está elíptico o verbo tratar-se.

41. A correção gramatical e os sentidos originais do texto seriam mantidos caso o trecho “se designa” (R. 8 e 9) fosse alterado para vem designar.

42. O elemento “disso” (R.10) retoma “foco no resultado com responsabilidade fiscal” (R. 9 e 10).

43. O elemento “ele” (R.12) refere-se a “prefeito” (R.10).

44. A oração introduzida pela expressão “mas também” (R.8) introduz uma ideia que complementa e reforça a ideia contida na oração imediatamente anterior a ela.

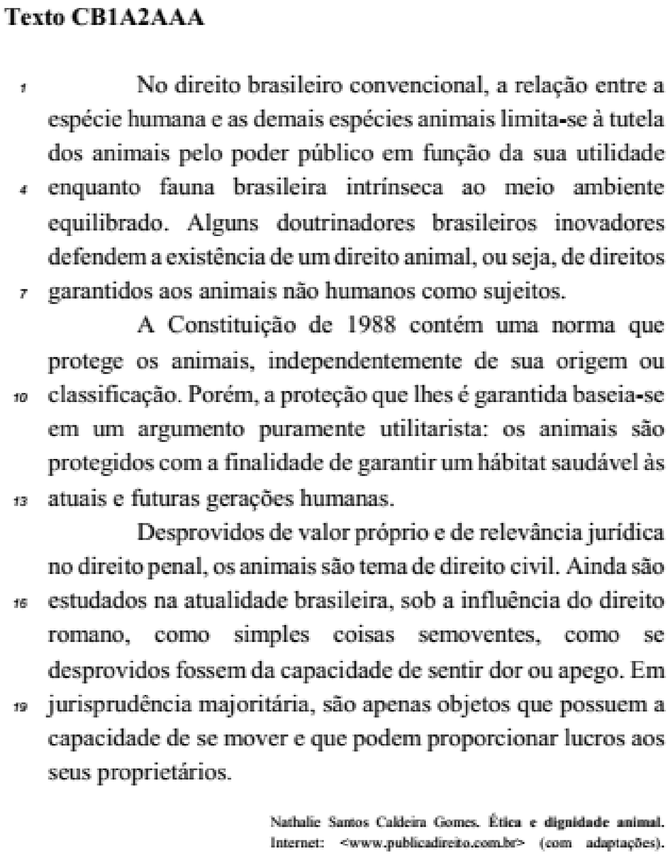

Texto CB1A2AAA

No direito brasileiro convencional, a relação entre a espécie humana e as demais espécies animais limita-se à tutela dos animais pelo poder público em função da sua utilidade enquanto fauna brasileira intrínseca ao meio ambiente equilibrado. Alguns doutrinadores brasileiros inovadores defendem a existência de um direito animal, ou seja, de direitos garantidos aos animais não humanos como sujeitos.

A Constituição de 1988 contém uma norma que protege os animais, independentemente de sua origem ou classificação. Porém, a proteção que lhes é garantida baseia-se em um argumento puramente utilitarista: os animais são protegidos com a finalidade de garantir um hábitat saudável às atuais e futuras gerações humanas.

Desprovidos de valor próprio e de relevância jurídica no direito penal, os animais são tema de direito civil. Ainda são estudados na atualidade brasileira, sob a influência do direito romano, como simples coisas semoventes, como se desprovidos fossem da capacidade de sentir dor ou apego. Em jurisprudência majoritária, são apenas objetos que possuem a capacidade de se mover e que podem proporcionar lucros aos seus proprietários.

Nathalie Santos Caldeira Gomes. *Ética e dignidade animal*. Internet: <www.publicadireito.com.br> (com adaptações).

45. Sem prejuízo da correção gramatical e do sentido original do texto, o trecho “são protegidos” (R. 11 e 12) poderia ser substituído por protegem-se.

46. A correção gramatical e a coerência do texto seriam mantidas caso o vocábulo “inovadores” (R.5) fosse isolado por vírgulas.

47. A oração “que protege os animais” (R. 8 e 9) delimita o sentido do termo “norma” (R.8).

48. Caso fosse inserida vírgula após “poder público” (R.3), a correção gramatical do texto seria mantida.

49. A inserção de uma vírgula imediatamente após “objetos” (R.19) manteria a correção gramatical e o sentido original do período.

50. No segundo parágrafo, o trecho que se segue aos dois-pontos descreve aquilo em que consiste o “argumento puramente utilitarista” (R. 11).

51. A oração “Desprovidos de valor próprio e de relevância jurídica no direito penal” (R. 14 e 15) introduz no período uma ideia de concessão, razão por que poderia ser corretamente introduzida por Embora, feito o devido ajuste na inicial maiúscula da palavra “Desprovidos”.

52. Caso os termos “coisas semoventes” (R.17) e “objetos que possuem a capacidade de se mover” (R. 19 e 20) fossem intercambiados, a correção e o sentido do texto seriam mantidos.

SINAIS DE PONTUAÇÃO

Grupo Materiais
Pedagógicos

INTERROGAÇÃO

INDICA UMA PERGUNTA

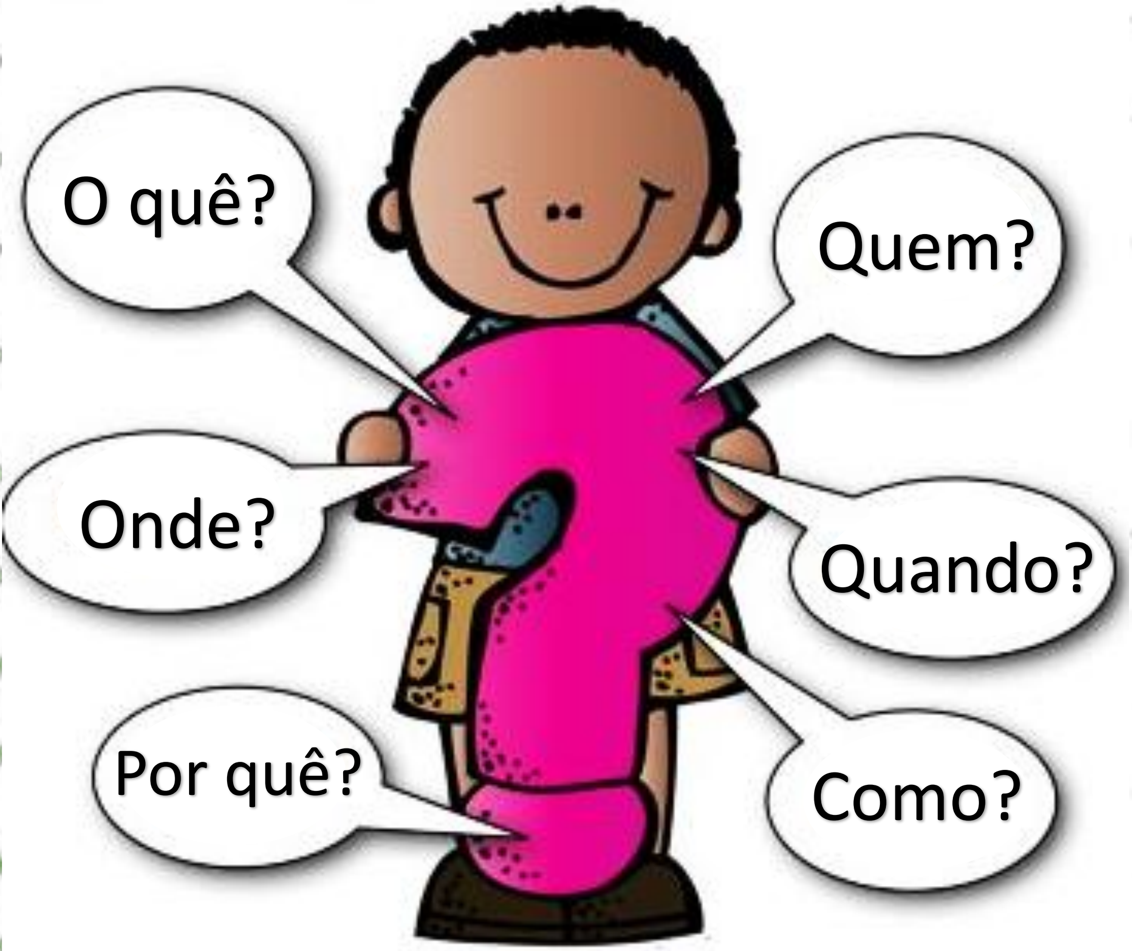
O quê?
Quem?
Onde?
Quando?
Por quê?
Como?

Qual o seu nome?

DOIS PONTOS

INDICA UMA ENUMERAÇÃO OU
QUANDO ALGUÉM VAI DIZER ALGO

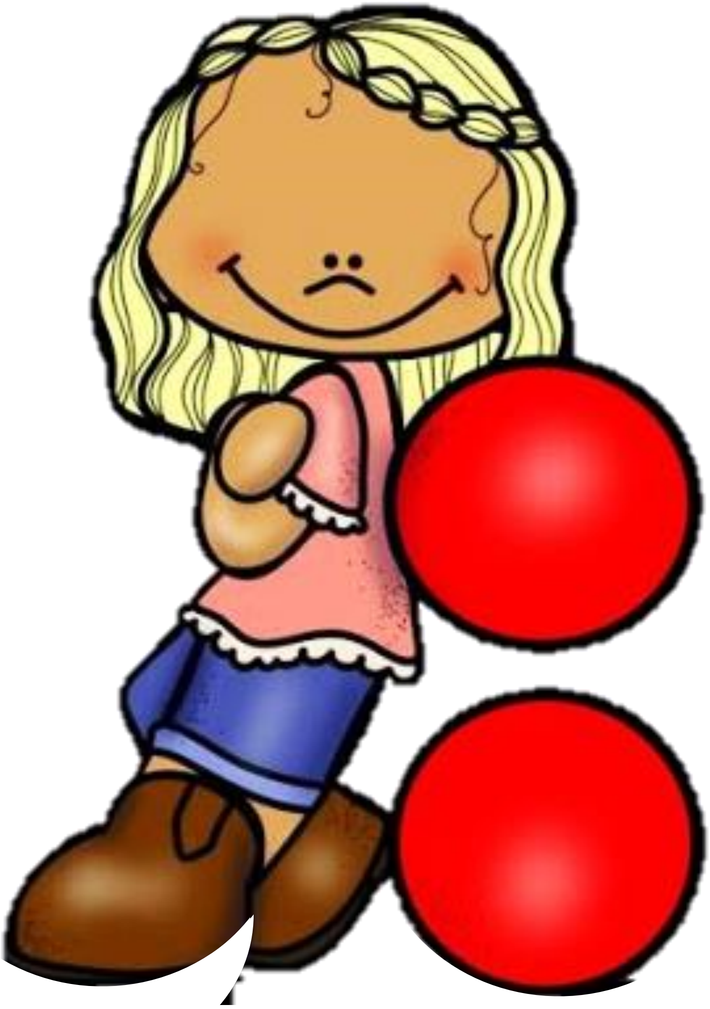

Hoje eu trouxe no meu estojo:
lápis, borracha e apontador

EXCLAMAÇÃO

USADO EM FRASES EXCLAMATIVAS PARA INDICAR ADMIRAÇÃO, ESPANTO, ALEGRIA, ADVERTÊNCIA...

Que belo sapato!

PONTO FINAL

INDICA O FIM DE UMA FRASE

A estrela brilha no céu.

VÍRGULA

INDICA UMA PEQUENA PAUSA NA FRASE. USADA NAS DATAS, ENDEREÇOS E SEQUÊNCIAS.

Mamãe comprou muitas frutas: laranja, mamão, uva...

TRAVESSÃO

INDICA A FALA DE ALGÉM EM UM DIÁLOGO

A professora falou:

— Crianças, abram o livro na página 12.

ASPAS

INDICA A CÓPIA DE UM TEXTO OU UMA FRASE, O QUE ALGUÉM PENSA OU FALA.

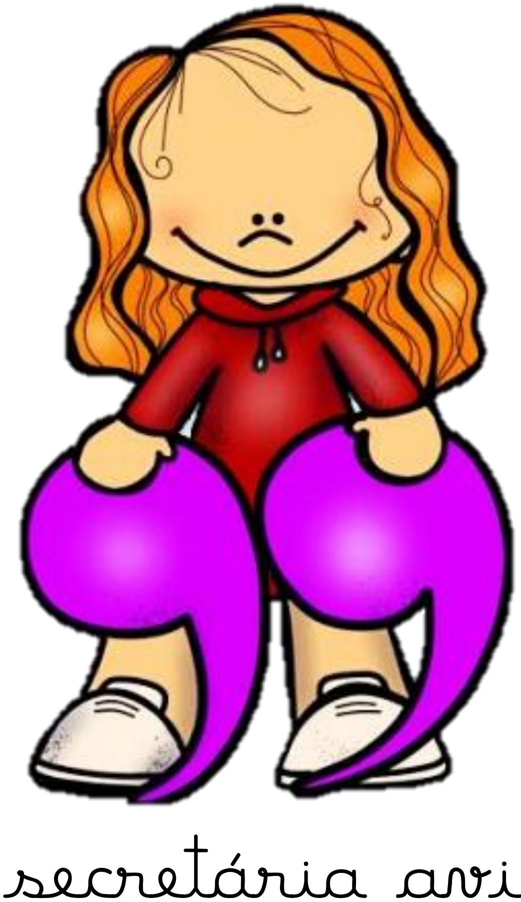

A secretária avisou:

" matrículas reabertas a partir de hoje'

PONTO E VÍRGULA

INDICA UMA PAUSA MAIOR QUE A VÍRGULA, MAS NÃO O FIM DA FRASE

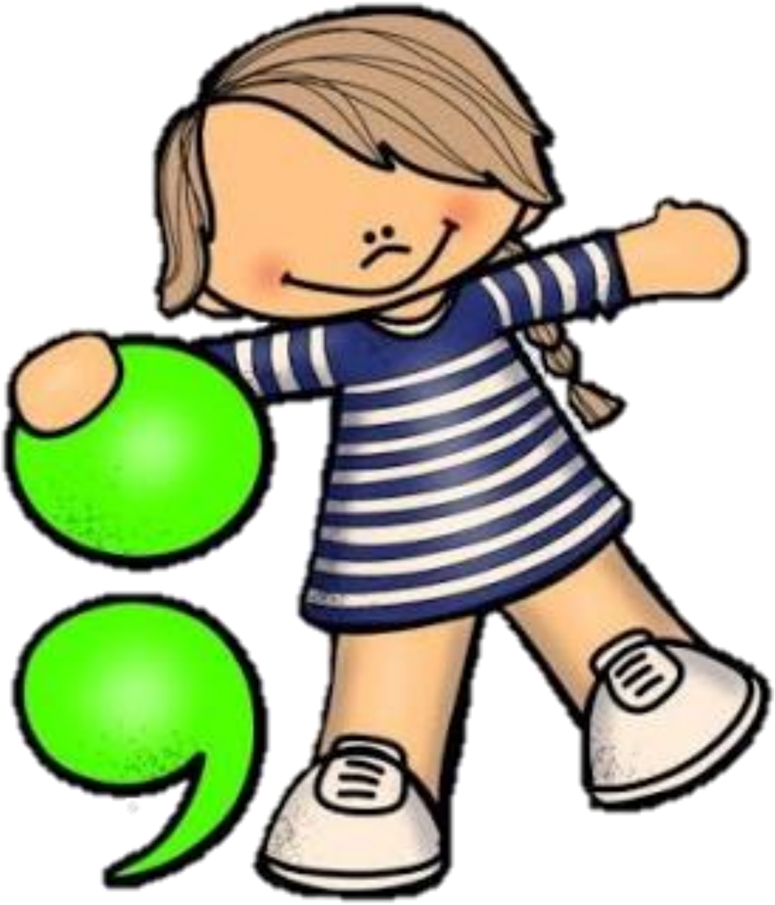

Mariane foi ao parque;
Ricardo, ao cinema.

CRASE

- Trata-se da contração da preposição *a* com um artigo ou um pronome.
- Indicada pelo acento grave

✓ Método prático:

trocar a palavra feminina por outra masculina.

Se no masculino aparecer obrigatoriamente *ao* ou *aos*, haverá crase no feminino.

Exemplo:

Ela foi à igreja. / Ela foi ao teatro.
Refiro-me a meninas. / Refiro-me a meninos.

CRASE

1- Com a expressão “ à moda de”, mesmo que subtendida - sempre se usa crase.

Fez uma jogada à **Ronaldinho Gaúcho.**

Vestia-se **à Luis XIV.**

Cantava **à Caetano.**

CRASE

2- Crase Facultativa

Fui **até a casa .** / Fui **até à casa**.

Respondi **a sua** irmã . / Respondi **à sua** irmã

Entreguei a carta **a Joana**. / Entreguei a carta **à Joana**.

CRASE

3 – Crase em lugares:

Vou **à** Bahia. (Volto da Bahia)

Fui **a** Roma (volto de Roma)

CRASE

4 – Crase proibida:

Refiro-me a **Carlos.** / Pinto a **óleo.**
Refiro-me a **pessoas** que estão aqui./ Volto daqui a **três** dias.
Estava a **estudar.** / Estou disposta **a passar.**
Estavam **cara a cara.** / Fiquei **frente a frente** com ele.
Referia-me a **uma** valsa.

CRASE

5- Com as palavras distância, casa e terra – crase obrigatória apenas se elas vierem determinadas.

Estava **a distância** do grupo. / Estava **à distância** de **50 metros**.
Cheguei **a casa** hoje./ Cheguei **à casa** de **meus pais**.
Os marinheiros chegaram **a terra**./ Chegaram **à Terra**. /
Chegaram **à terra** em **que nasceram**.

CRASE

6- Exceções:

Eis a moça **à qual** me referi./ Eis a moça **à que** me referi.
Refiro-me **àquele** menino.
Refiro-me **àquele** menina.
Refiro-me **àquilo** que vi.

CRASE

7- Com os pronomes de tratamento

Senhora, senhorita, madame , dona – crase facultativa.

Refiro-me **a Dona** Mariana. / Refiro-me **à Dona** Mariana.
Refiro-me **a Senhora** Mariana./ Refiro-me **à Senhora** Mariana.

CRASE

8- Com as horas:

Chegarei **às três** horas.

Sairei daqui **a uma hora.**

CRASE

9- Obedecer ao paralelismo:

Se tem artigo de um lado, tem do outro – por isso a crase.

Prefiro maça **a** torta. / Prefiro **a** maçã **à** torta.

Ficarei **de** 8 **a** 13./ Ficarei **das** 8 **às** 13.

PORTUGUÊS

RAFAELA MOTTA

www.facebook.com/rafaelamotta.professora

MÓDULO 4:

Análise sintática

Conceitos Iniciais

- **Frase: enunciado de sentido completo.**

Nominal - Bom-dia, gente!

Verbal – Vamos estudar!

- **Oração: estrutura organizada em torno de um verbo. (Não precisa ter sentido completo).**
- Eu sei que você é bom aluno.

- **Período: enunciado de sentido completo que possui oração(ões) e termina com . ! ? ...**
- Eu sei que você é bom aluno.

Análise Sintática x Análise Morfológica

Sintaxe: **papel / função de uma palavra em determinada frase, oração ou período.**

- **Sujeito, predicado, OD, OI, adjunto adverbial, agente da passiva, adjunto adnominal, aposto, predicativo, complemento nominal.**

Morfologia: **classe da palavra, classe gramatical, forma (10 classes)**

- Substantivo, adjetivo, artigo, numeral, advérbio, pronome, interjeição, conjunção, verbo, preposição.

Análise Sintática x Análise Morfológica

Semântica: significado das palavras dentro do contexto.

- A **casa** foi incendiada.
- Juliana comprou a **casa**.

Termos Essenciais da Oração

Essencial: absolutamente necessário, indispensável, que não pode faltar.

Toda oração tem sujeito e predicado. (V ou F?)

- SUJEITO:
- PREDICADO:

Termos Essenciais da Oração

- SUJEITO: trata-se de uma estrutura determinada pelo verbo, que, quando vem expresso, é representado por alguma classe gramatical que possa exercer o papel de sujeito.
  - Tais classes são: substantivo, pronome e palavra substantivada.

- PREDICADO: tudo aquilo que não faz parte do sujeito.

Período Simples – Termos da Oração

1) SUJEITO:

O leão fugiu do mercado.

O cabelo dela era vermelho.

- **Tipos de Sujeito**

  A) **Simples – Ana** quebrou a unha.

  B) **Composto –** As **saias**, as **blusas** e os **ternos** vieram trocados.

  C) **Elíptico, desinencial ou oculto –** Fui ao cinema.

Período Simples – Termos da Oração

- **Tipos de Sujeito**

  D) **Indeterminado**

- **Verbo na 3ª do plural – sem sujeito expresso anteriormente.**

Quebraram toda a sala.

- **VTI**

  VI + **SE**

  VL

- Precisa – se de empregados.
- Vive - se bem aqui.
- Não se é feliz neste lugar.

Transitividade ou predicação verbal

Transitividade = trânsito = movimento.
Movimento parte de uma origem e chega a um alvo.
Só podem ser alvo = **coisa** ou **pessoa / ser**.

A transitividade de um verbo não é fixa.
Depende do contexto.

Verbos transitivos: há movimentação de uma ação.

Verbos intransitivos: não há movimentação ou a movimentação é incompleta (chega a algo que **não é alvo**).

Verbos de ligação: semântica fraca, servem apenas para ligar dois termos. Não indicam ação, indicam **estado**.

Prática - Transitividade

1 – Os moços carregaram o móvel.

2 – Os moços chegaram.

3- Pedro aprendeu o exercício.

4- Jurisvaldo anda cansado.

5 – Josequildo gosta de cinema.

6- Katarinésia deu o livro a Kim.

7 – Eu fui à praia.

Período Simples – Termos da Oração

- **Tipos de Sujeito**

E) **Inexistente**

- **Verbo ‘haver’ – sentido de ‘existir’**

Havia muitas pessoas no lugar.

Existiam muitas pessoas no lugar. (tem sujeito = muitas pessoas)

- **Verbos que indicam fenômenos da natureza**

Choveu muito ontem.

Período Simples – Termos da Oração

- **Tipos de Sujeito**

  E) **Inexistente**

* **Verbos que fazem referência a tempo + verbo *ser* (data, hora e distância)**

Faz dez anos que não te vejo.

São dez horas.

Há três semanas eu cheguei de viagem.

* **Com as expressões “Chega de...”, “Basta de...”**

Chega de bagunça!

Basta de mentiras!

ATENÇÃO

- Advérbio não pode ser sujeito.
- Sujeito não começa com preposição.

- **Identifique e classifique o sujeito das orações abaixo:**

1. Elogiaram o Roberto.

2. Joaquim é brasiliense desde que Brasília foi inaugurada.

1. Os irmãos metralha voltaram a atacar. Assaltaram o tio Patinhas.

2. Faz quatro noites que você voltou.

Período Simples – Termos da Oração

2) PREDICADO: tudo aquilo que não faz parte do sujeito.

O leão fugiu do mercado.

O cabelo dela era vermelho.

Período Simples – Termos da Oração

- **Tipos de Predicado**

A) **Nominal (núcleo = nome)**

verbo de ligação / possui predicativo

Ela **estava** **cansada**.

Ela **anda** **cansada**.

B) **Verbal (núcleo = verbo)**

verbo de ação / não possui predicativo

Ela **comprou** a blusa ontem.

C) **Verbo-nominal (núcleos = verbo + nome)**

verbo de ação / possui predicativo

Ele **chegou** **cansado**.

Ele **encontrou** o caderno, **rasgado**.

Período Simples – Termos da Oração

- **Tipos de Predicado**

  A) **Nominal (núcleo = nome)**

verbo de ligação / possui predicativo

  B) **Verbal (núcleo = verbo)**

verbo de ação / não possui predicativo

  C) **Verbo-nominal (núcleos = verbo + nome)**

verbo de ação / possui predicativo

P.S. Predicativo: indica

- **Identifique e classifique o predicado:**

1. Encontrei rasgadas as folhas de caderno.
2. João foi ao barbeiro.
3. Ela está bem.

COMPLEMENTOS DE VERBOS

1 – Objeto direto

2 – Objeto indireto

3 – Adjunto adverbial

4 – Agente da passiva

Objeto Direto

- Se é objeto, é alvo, certo?
- Se é alvo, houve trânsito (movimento), certo?
- Definição: complemento de um verbo transitivo que se liga a ele sem preposição obrigatória.
- Atenção: pode ser representado por __________ ou por _______________________.

- Ex.1: Ele disse doces palavras.
- Ex.2: Ele as disse.
- Ex.3: Ele disse que a amava.

Casos de Objeto Direto Preposicionado

1 – **Evitando duplo sentido**

- ✓ O filho o pai esperou.

2 – **Indicando valor partitivo**

- ✓ Comi **d**a torta. Bebi **d**o vinho.

3- **OD – pronome pessoal tônico ou pronome relativo quem**

- ✓ Nem ele entende **a** nós, nem nós **a** ele.
- ✓ Ele pensava na namorada, **a** quem amava sobremaneira.

Pausa! Sobre os pronomes pessoais!

	Pronomes Pessoais		
Pessoa discurso	**Reto**	**Oblíquo átono**	**Oblíquo tônico**
1ª singular	**Eu**	**Me**	**Mim, comigo**
2ª singular	**Tu**	**Te**	**Ti, contigo**
3ª singular	**Ela**	**O, a, se, lhe**	**Si, consigo, ela (ele)**
1ª plural	**Nós**	**Nos**	**Nós, conosco**
2ª plural	**Vós**	**Vos**	**Vós, convosco**
3ª plural	**Elas**	**Os, as, se, lhes**	**Si, consigo, elas (eles)**

Casos de Objeto Direto Preposicionado

4 – **OD for a palavra Deus ou pessoa com verbos que indicam sentimento**

- ✓ Amo **a** Deus, **a** meus pais e **a** você.

- ✓ Amo **o** cachorro.

Cuidado!

- ✓ Eu amo você!

Casos de Objeto Direto Pleonástico

- Pleonasmo: trata-se da repetição desnecessária de um termo.
- Atenção: em Língua Portuguesa, nem sempre o que é desnecessário, significa que está errado. Logo, o objeto pleonástico, não é um erro.

- ✓ Aquela blusa maravilhosa, comprei – **a**.

- ✓ O casaco vermelho, rasguei-**o**.

Objeto Indireto

- Se é objeto, é alvo, certo?
- Se é alvo, houve trânsito (movimento), certo?
- Se é indireto, é porque liga-se ao verbo de forma indireta.
- Definição: complemento de um verbo transitivo que se liga a ele com preposição obrigatória.
- Atenção: pode ser representado por __________ ou por ______________________.

- Ex.1: Ele precisa de carinho.
- Ex.2: Ele precisa disso.
- Ex.3: Entregou a Roberto. / Entregou-lhe.
- Ex.4: Ele precisa de que o amem.

Casos de Objeto Indireto Pleonástico

- ✓ A mim, isto não **me** agrada.

Cuidado:

- ✓ A mim, ele **me** beijou.

- ✓ Ele **me** ofereceu o emprego.
- ✓ Ele **me** abraçou.

Adjunto Adverbial

- ✓ Ad – "junto" – junto do verbo, advérbio ou adjetivo.
- ➢ Definição: termo que indica **circunstância em que ocorre a ação verbal. Não pode ser o alvo, lembram?**
- ➢ **Morfossintaxe:** trata-se de uma função sintática exercida pela classe morfológica advérbio ou locução adverbial.

- ◉ **Advérbio/ locução adverbial** – classe morfológica.
- ◉ **Adjunto adverbial** – função sintática dessa classe.

Adjunto Adverbial

- Advérbio/ locução adverbial: classe morfológica.
- Satélite de: verbo, advérbio ou adjetivo.

- ✓ Ela chegou rapidamente.

- ✓ Ela está muito cansada.

- ✓ Ela está realmente muito cansada.

Adjunto Adverbial ≠ Objeto

Adjunto Adverbial	Objeto
Termo acessório.	Termo obrigatório para o verbo transitivo.
Complementa VI	Complementa VT – VTD, VTI ou VTDI
Indica circunstância	Representa o alvo
Função da classe advérbio	Função com núcleo substantivo

Agente da passiva

- Definição: trata-se quem praticou a ação verbal, só que na voz passiva analítica.
- Termo preposicionado (**por** ou **de**).

- ✓ A compra foi feita **pelos pais**.
- ✓ O ator estava cercado **de fãs**.
- ✓ Ele é amado **de todos**.

Voz passiva

- Definição: trata-se de uma estrutura oracional que possui sujeito paciente.
- Sujeito paciente: sofre / recebe a ação verbal.
- Analítica: estrutura composta.

✓ Os engenheiros construíram o prédio.

✓

Pausa! Sobre os pronomes pessoais!

	Pronomes Pessoais		
Pessoa discurso	**Reto**	**Oblíquo átono**	**Oblíquo tônico**
1ª singular	Eu	Me	Mim, comigo
2ª singular	Tu	Te	Ti, contigo
3ª singular	Ela	O, a, se, lhe	Si, consigo, ela (ele)
1ª plural	Nós	Nos	Nós, conosco
2ª plural	Vós	Vos	Vós, convosco
3ª plural	Elas	Os, as, se, lhes	Si, consigo, elas (eles)

Pronomes Oblíquos Átonos – Complementos de verbos

- o, a, os, as: OD
- lhe, lhes: OI, AA, CN
- me, te, se, nos, vos: OD, OI, AA, CN

- ✓ Encontrei-me com ele e levei-**o** ao aeroporto.

- ✓ Encontrei contigo e levei-**te** ao aeroporto.

- ✓ Entreguei-**lhe** o seu presente de Natal em janeiro.

COMPLEMENTOS DE NOMES

1 – Adjunto adnominal

2 – Complemento nominal

3 – Aposto

4 – Predicativo

Adjunto Adnominal

- Termo de **valor adjetivo** que marca as características de um termo (de valor substantivo).

- Não é o núcleo da função sintática.
- São os satélites deste núcleo.

Adjetivo, artigo, numeral, pronome – classes morfológicas.

Adjunto adnominal – função sintática dessas classes.

Adjunto Adnominal

ADJUNTO ADNOMINAL (JUNTO, JUNTO, JUNTO AO NOME)
Possui valor adjetivo.
Exerce o papel de satélite do que é núcleo.
Classes gramaticais: adjetivos, numerais, pronomes, artigos.
Não se separa do termo a que se refere.

Adjunto Adnominal

- ✓ A minha casa era de madeira.
- ✓ O meu livro...
- ✓ Uma casa, qualquer casa...
- ✓ As casas de ontem...

Predicativo

- Termo de **valor adjetivo** que marca as características de um termo (de valor substantivo).
- Pode ser do sujeito ou do objeto.

- Não é o núcleo da função sintática.
- É o satélite deste núcleo.

Adjetivo – classe morfológica.

Predicativo – possível função sintática dessa classe.

Predicativo

Predicativo
Possui valor adjetivo.
Exerce o papel de satélite do que é núcleo.
Classe gramatical: adjetivo.
Separa-se do termo a que se refere (verbo ou vírgula).

Predicativo

- ✓ Juliana estava doente.
- ✓ Marcos andava apressado.
- ✓ Roberto encontrou o caderno, rasgado.

Adjunto Adnominal x Predicativo

Adjunto Adnominal	**Predicativo**
Classe gramatical: adjetivo, artigo, numeral e pronome	Classe gramatical: adjetivo
Não se separa do termo a que se refere (junto, junto, junto ao nome)	Separa-se do termo a que se refere quase sempre por: * vírgula * verbo
Semântica: característica permanente, intrínseca.	Semântica: característica momentânea, circunstancial.

Análise

1- João vendeu o casaco manchado.

2 – João vendeu o casaco, manchado.

Complemento Nominal

- Complementa um nome (substantivo abstrato, adjetivo ou advérbio).

- ✓ O juiz agiu favoravelmente ao réu.
- ✓ Ele é fiel à namorada.
- ✓ Não tenho mais lembrança de você.

Objeto Indireto ≠ Complemento Nominal

OBJETO INDIRETO	COMPLEMENTO NOMINAL
Preposição obrigatória	Preposição obrigatória
Complemento de verbo	**Complemento de nome**
Eu me referi a você.	Eu falei referentemente a você.
Lembro-me de você.	Tenho lembrança de você.
Eu necessitei de você.	Eu tive necessidade de você.

Adjunto Adnominal ≠ Complemento Nominal

Adjunto adnominal	**Complemento nominal**
Satélite de substantivo ou equivalente.	Alvo de substantivo, adjetivo ou advérbio.
Natureza ativa	Natureza passiva
A compra de meus pais foi cara.	A mordida do domingo foi cara.
O chute de Renato foi ruim.	O chute da bola foi para fora.

Aposto

- Termo de natureza substantiva (associem-no a um nome de alguma coisa)

- Função: explicar, resumir, enumerar, distribuir ou especificar um outro termo também de valor substantivo.

Aposto

1- Em dezembro, último mês do ano, viajarei para Minas.

2- A reunião será na cidade do Rio de Janeiro, especificamente na Avenida Presidente Vargas.

Aposto

3 - Jóias, jantares e viagens: tudo me conquista.

4 - Quero que você compre três frutas: banana, maçã e uva.

5 - Messi e Neymar são dois grandes jogadores: este no Brasil e aquele na Espanha.

Aposto ≠ Predicativo

APOSTO	PREDICATIVO
Refere-se a substantivo.	Refere-se a substantivo.
Natureza **substantiva.**	Natureza **adjetiva.**
Substantivo exerce essa função.	Adjetivo exerce essa função.

Aposto ≠ Adjunto Adnominal ≠ Complemento Nominal

- ✓ A casa de madeira foi completamente incendiada.
- ✓ O mês do Natal me gera expectativas.
- ✓ A escolha do nome baseou-se em estratégias de marketing.
- ✓ A escolha de Sophia foi feita depois que ela muito refletiu.

Análise Sintática x Análise Morfológica

Sintaxe: **papel / função de uma palavra em determinada frase, oração ou período.**

- **Sujeito, predicado, OD, OI, adjunto adverbial, agente da passiva, adjunto adnominal, aposto, predicativo, complemento nominal.**

Morfologia: **classe da palavra, classe gramatical, forma (11 classes)**

- Substantivo, adjetivo, artigo, numeral, advérbio, pronome, interjeição, conjunção, verbo, preposição.

Relação Morfossintática

CLASSE GRAMATICAL	FUNÇÃO SINTÁTICA
Substantivo	Núcleo de função sintática nominal
Adjetivo	Adjunto adnominal / predicativo
Artigo	Adjunto adnominal
Numeral	Adjunto adnominal
Pronome	Adjunto adnominal / núcleo de F.S. nominal
Advérbio	Adjunto adverbial
Verbo	V. Ação (núcleo do predicado)
Interjeição	Não exerce
Preposição	Não exerce
Conjunção	Não exerce

FUJB/2011 – MPE/RJ

A alternativa em que o termo destacado funciona como agente (e não como paciente) do termo anterior é:

a) “combate **AO TRABALHO INFANTIL**” – texto 1;

b) “necessidade **DE CUMPRIMENTO DAS NORMAS**” – texto 1;

c) “Erradicação **DO TRABALHO INFANTIL**” – texto 2;

d) “responsáveis **PELOS SEUS SUSTENTOS**” – texto 2;

e) “A Convenção **DA OIT**” – texto 3.

CESPE/2011 – CBM/DF

“ A situação mundial é agravada pelo aquecimento global, pelo processo de desertificação e pela destruição dos mananciais”

O trecho “pelo aquecimento global, pelo processo de

CESPE/2012 – Banco da Amazônia

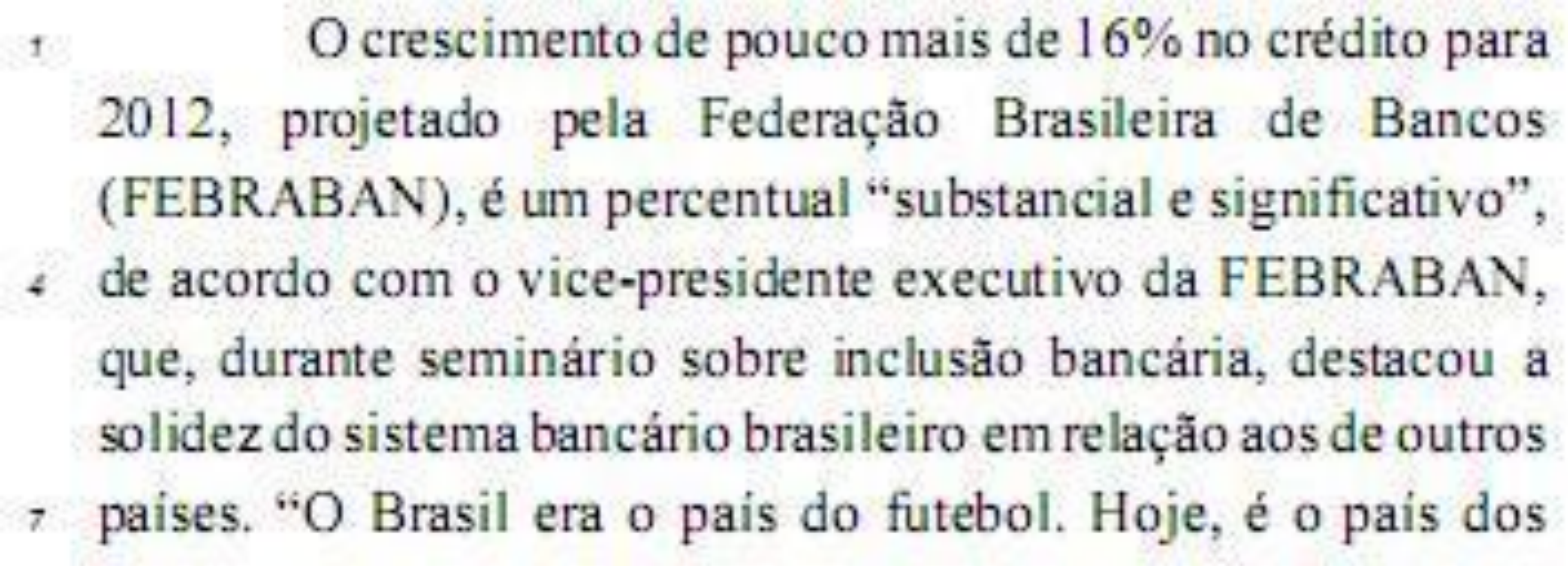

O crescimento de pouco mais de 16% no crédito para 2012, projetado pela Federação Brasileira de Bancos (FEBRABAN), é um percentual “substancial e significativo”, de acordo com o vice-presidente executivo da FEBRABAN, que, durante seminário sobre inclusão bancária, destacou a solidez do sistema bancário brasileiro em relação aos de outros paises. “O Brasil era o país do futebol. Hoje, é o país dos

Em relação às ideias e às estruturas linguísticas do texto acima, julgue os itens a seguir.

O sujeito da forma verbal “destacou” (L.5), cujo referente é

FCC/2013 – TRT/9ª região (PR) – Analista Judiciário

... tinham nascido para usar coroas. Ele trouxe estabilidade e prosperidade a todos ... ... que inspirou as revoluções do século XIX ...

A substituição dos elementos sublinhados pelo pronome correspondente, com os necessários ajustes, tem como resultado correto, na ordem dada:

a) tinham nascido para as usar - Ele lhes trouxe estabilidade e prosperidade - que lhes inspirou
b) tinham nascido para lhes usar - Ele trouxe-os estabilidade e prosperidade - que inspirou-as
c) tinham nascido para usá-las - Ele lhes trouxe estabilidade e prosperidade - que as inspirou
d) tinham nascido para usá-las - Ele os trouxe estabilidade e prosperidade - que lhes inspirou
e) tinham nascido para as usar - Ele trouxe-os estabilidade e prosperidade - que as inspirou

PORTUGUÊS

RAFAELA MOTTA

www.facebook.com/rafaelamotta.professora

MÓDULO:

Pontuação

A vírgula

1) Separando **vocativo**

- ✓ Anda, meu amor, que temos que chegar logo.

2) Separando **aposto explicativo**

- ✓ Nós, brasileiros, consideramo-nos espertos.

A vírgula

3) Separando palavras ou expressões explicativas, conclusivas, retificativas, repetidas

- ✓ Fui ao show, isto é, diverti-me muito.
- ✓ Os seus conselhos, aliás, resolveram o problema.
- ✓ Portanto, tudo tem limites.
- ✓ Dancei a noite toda, ou melhor, tentei dançar.
- ✓ O mar estava calmo, calmo.

A vírgula

4) Separando **termos assindéticos coordenados**

- ✓ Era uma rapariga bonita, corada, forte.
- ✓ Dispensava festas, visitas, passeios e bailes.
- ✓ Ana, Andreia e Adriana foram estudar.

A vírgula

5) Separando **termos antepostos desde que pleonásticos**

- ✓ Aos amigos, ofereci-lhes meu endereço.
- ✓ Aquele homem, sempre o desejei.

6) Separando **conjunções deslocadas**

- ✓ Ele é o chefe; obedeça, pois, suas ordens.

A vírgula

7) Separando **locuções adverbiais antepostas ao verbo**

- ✓ No aeroporto, esperavam-se as autoridades.
- ✓ O povo, no ano passado, elegeu seus deputados.

Atenção: **será facultativa**

- **Se a locução estiver posposta ao verbo**
- ✓ O povo elegeu, no ano passado, seus deputados.
- ✓ O povo elegeu no ano passado seus deputados.

- **Em relação a advérbios**
- ✓ Amanhã, visitaremos várias comunidades.
- ✓ Amanhã visitaremos várias comunidades.

A vírgula

8) Separando **predicativo do sujeito**

- ✓ Carlos, entusiasmado, corria e gritava.

9) Separando **datas**

- ✓ Rio de Janeiro, 18 de abril de 2013.
- ✓ A Lei 314, de 18 de maio de 1987.

A vírgula

10) Indicando **zeugma do verbo**

- ✓ A vida é efêmera; o amor, fugaz.

11) Separando **as antíteses dos provérbios**

- ✓ Pai ganhador, filho gastador.

A vírgula

12) Separando **or. coordenadas assindéticas e sindéticas (exceto as aditivas ligadas pela conjunção *e, nem;* e as ligadas pela conjunção *ou*)**

- ✓ Estudas muito, logo tua aprovação é certa.
- ✓ Estava perplexo, ora mexia-se na cadeira, ora olhava para a janela.
- ✓ O dia estava quente, fora muito cansativo.
- ✓ O dia estava quente e fora muito cansativo.

A vírgula

13) Usa-se com a conjunção **e – nos seguintes casos:**

- ➢ Em orações com sujeitos diferentes
- ✓ Chegaram os livros, e senti-me melhor.
- ✓ Veio o verão, e as chuvas minguaram.

- ➢ Com conjunção adversativa (e=mas)
- ✓ Comprou passagens, e desistiu da viagem.

- ➢ No polissíndeto
- ✓ Passaram os anos, e os amores, e a vida, e a felicidade.

A vírgula

14) Separando **orações adverbiais**

- ➢ Obrigatoriamente, quando deslocadas
- ✓ Quando os tiranos caem, os povos se levantam.

- ➢ Facultativamente, quando pospostas (para dar ênfase)
- ✓ Farei meu trabalho, conforme prometi.

15) Separando **orações adjetivas explicativas**

- ✓ Os homens, que mentem sempre, são todos iguais.

A vírgula

16) Separando **orações interferentes**

- ✓ Ideias, como dizia Silveira Martins, não são metais que se fundem.

17) Separando **orações adverbiais reduzidas**

- ✓ Sem saber de nada, corremos para casa.
- ✓ Atraídos pela luxúria, entregaram-se ao prazer.

A vírgula e os sete pecados capitais

- A vírgula é proibida para separar:

1) Sujeito e verbo

- ✓ Os deputados amanhã votarão o projeto.

P.S. Uma vírgula separa; vírgulas intercalam.

- ✓ Os deputados, amanhã, votarão o projeto.

A vírgula e os sete pecados capitais

2) Verbo transitivo e complemento obrigatório (OD ou OI)

✓ Alguns analistas não conferiram todos os dados.

✓ Os eleitores já desconfiam de tantas promessas.

A vírgula e os sete pecados capitais

- A vírgula é proibida para separar:

3) OD e OI

- ✓ Os resultados deram um enorme trabalho aos analistas.

A vírgula e os sete pecados capitais

4) Nome e adjunto adnominal

✓ A economia brasileira é muito vulnerável.

5) Nome e complemento nominal

✓ Tenho esperança de que tudo volte ao normal.

A vírgula e os sete pecados capitais

- A vírgula é proibida para separar:

6) Verbo de ligação e predicativo do sujeito

- ✓ Ninguém mais parece entusiasmado com o jogo.

7) Nome e aposto nominativo, especificativo

- ✓ O Rio São Francisco está cada dia mais poluído.

O ponto-e-vírgula

- Emprega-se nos seguintes casos:

1) Separar as partes principais de um período, cujas secundárias já tenham vírgula (s):

- ✓ À noite, após o jantar, saímos ambos a caminhar; a lua, quase cheia, iluminava nossos passos.

2) Separar os termos de uma enumeração:

- ✓ A turma de Português estudou: a) morfologia; b) sintaxe; c) semântica.

O ponto-e-vírgula

- Emprega-se nos seguintes casos:

3) Separar orações com conjunções deslocadas:

- ✓ O jogo terminou; vamos, portanto, sair logo.

4) Separar orações com conjunção adversativa subentendida:

- ✓ Há muitos modos de afirmar; há um só de negar.

Os dois-pontos

- Assinalam uma pausa suspensiva para indicar que a frase não está concluída.
- Empregam-se os **dois-pontos** nos seguintes casos:

1) Antes de citações

- ✓ Diz um velho provérbio: "A agulha veste os outros, e anda nua".

2) Antes de aposto enumerativo

- ✓ O homem, para ver a si mesmo, precisa de três coisas: olhos, luz e espelho.

Os dois-pontos

- Empregam-se os **dois-pontos** nos seguintes casos:

3) Explicações com a conjunção subentendida

- ✓ Você fez tudo errado: gritou quando não podia e calou quando não devia.

4) Antes de algumas orações apositivas

- ✓ Só te peço uma coisa: honra tua palavra.

Julgue os itens relativos à pontuação.

1- O diretor não diz não nem diz sim.
2- Espero, que nos encontremos mais tarde.
3- Quando estamos com saúde, facilmente damos bons conselhos aos doentes.
4- Sê breve e agradarás.

Julgue os itens relativos à pontuação.

5- Comunico que a funcionária, teve se suspender as férias.

6- Agradecendo a pronta resposta, enviamos cordiais saudações.

7- Nesta oportunidade; encaminhamos o material solicitado.

8- Vimos solicitar, que nos informe, a data da reunião.

9- O documento em anexo, deve ser analisado pelo Sr. Gerente.

Julgue os itens abaixo referentes à pontuação.

1- A mediação traz um novo conceito à prática do Direito, uma vez que não tem caráter adversarial.

2- Pelo contrário, opta, pelo diálogo e pelo entendimento entre as partes, mediado por um especialista neutro.

3- Pode ser utilizada por pessoas físicas, jurídicas e públicas e envolve técnicas de negociação processualizada, em que os interesses e a igualdade entre as partes devem ser amplamente respeitados.

Julgue os itens abaixo referentes à pontuação.

4- Se na Justiça comum os litigantes buscam a solução de um terceiro, na mediação a solução está ao alcance das partes, que se dispõem, previamente, a chegar a um entendimento.

5- O conflito é atenuado a partir dessa predisposição em negociar, comum aos dois lados, que anseiam por encontrar acordo satisfatório para todos os envolvidos.

Deslocamento significativo

- **Inversão de significado**

Não odiamos políticos.

Não, odiamos políticos.

Não, espere pelo juízo final .

Não espere pelo juízo final .

- **Mudança de sentido da preposição**

Eles foram até você.

Eles foram, até você.

- **Interlocutor ou agente da ação**

Esse, pastor, é corrupto. (falando com o pastor)
Esse pastor é corrupto. (falando do pastor)

- **Deslocamento de vocábulo nas orações**

Vamos todos para o inferno, nada foi resolvido.
Vamos todos para o inferno nada, foi resolvido.

- **Alteração de semântica vocabular**

Aceito Jesus, obrigado.

Aceito Jesus obrigado.

CBM – DF/ 2011

“Entre esses dois tipos não há, em verdade, tanto uma oposição absoluta quanto uma incompreensão radical.”

①Na linha 36, o emprego de vírgulas justifica-se por separar elementos de mesma função sintática.

PC - ES/ 2011

“No dia 3 de julho de 1950, a Coreia do Norte atacou e tomou Seul, a capital do Sul. (...) O conflito durou cerca de três anos e terminou com o país ainda dividido ao meio. O saldo? Três milhões e meio de mortos.”

①O emprego da vírgula logo após “1950” justifica-se por isolar adjunto adverbial anteposto.

② A expressão “a capital do Sul” vem antecedida de vírgula porque se trata de um vocativo.

③O emprego da interrogação é um recurso estilístico e retórico que confere ênfase à informação subsequente.

PORTUGUÊS

RAFAELA MOTTA

CEO

Canal Exame de ordem

MÓDULO 2:

Classes Gramaticais

ESTUDO DA GRAMÁTICA

1) Saber o conceito (definição) de cada classe e a relação com sua função sintática
2) Saber quem se relaciona com quem (classes gramaticais)
3) Conceito da ideia de núcleo e de satélite
4) Definição de locução em língua portuguesa
5) Definição de morfologia, sintaxe, semântica
    A) Morfologia: estudo da estrutura (forma) e da formação das palavras, dividindo-as em classes. (classes)
    B) Sintaxe: disposição das palavras em frases, orações ou períodos, estabelecendo relações lógicas entre si para a sua formação e para o sei funcionamento. (função de uma palavra em um contexto)
    C) Semântica: estudo da significação das palavras. (significado)
6) Conceitos de emocional (juízo de valor) e neutro (objetividade) para as palavras
7) Saber quais classes variam e quais não variam
8) Conceito de analítico (composto) e sintético (contraído)
9) Conceito de estilística: expressividade, capacidade de sugestionar e emocionar mediante processos e efeitos de estilo
10) Conceito de derivação imprópria

CLASSES GRAMATICAIS - SUBSTANTIVO

A) Definição:

B) Relação:

C) Função sintática:

D) Variação:

Exs:

CONSIDERAÇÕES IMPORTANTES SUBSTANTIVO

A) Concreto ≠ Abstrato

Ex: “Suas vergonhas eram tão saradinhas que de muito a olharmos não tínhamos nenhuma vergonha.”

CONSIDERAÇÕES IMPORTANTES SUBSTANTIVO

B) Próprio ≠ Comum

Ex: São tantos rodolfos em minha vida.

E o Sabiá cantou!

CONSIDERAÇÕES IMPORTANTES SUBSTANTIVO

C) Plural dos Diminutivos

Colher → colheres → colherezinhas → colherzinhas

CONSIDERAÇÕES IMPORTANTES

Na flexão dos diminutivos, o uso coloquial, com frequência, se diferencia do uso prescrito pela gramática normativa. Assinale o par de palavras em que os dois usos ocorrem:

a) colherzinhas – florzinhas
b) mulherzinhas – coraçõezinhos
c) florezinhas – mulherezinhas
d) mulherzinhas – coraçãozinhos
e) colherezinhas - floreszinhas

CONSIDERAÇÕES IMPORTANTES

D) Alguns aparecem só no plural

Férias – núpcias – fezes – óculos - brócolis

E) Particularidades de alguns que terminam com “s”

ônibus – pires

CONSIDERAÇÕES IMPORTANTES SUBSTANTIVO

F) Semântica da flexão de grau

Vi um filminho ontem à noite...

Ele é um maridão!

CLASSES GRAMATICAIS - ADJETIVO

A) Definição:

B) Relação:

C) Função sintática:

D) Variação:

Exs:

CONSIDERAÇÕES IMPORTANTES ADJETIVO

A) Locução adjetiva

Amor de mãe

Menina de óculos

CONSIDERAÇÕES IMPORTANTES ADJETIVO

B) Substantivo ≠ Adjetivo

estudantes jovens jovens estudantes

autor defunto defunto autor

CONSIDERAÇÕES IMPORTANTES ADJETIVO

C) Estilística

mulher bonita	bonita mulher
criança pobre	pobre criança

CONSIDERAÇÕES IMPORTANTES ADJETIVO

C) **Grau Superlativo:** indica qualidade em grau muito elevado ou intenso.

Ex: João é o aluno mais feliz da turma. / Manuel é muito feliz.

C.1) Superlativo Absoluto

1) **Analítico:** quando o adjetivo é modificado por um advérbio.
2) **Sintético:** adjetivo + sufixo.

C.2) Superlativo Relativo

1) **De superioridade:** Ela foi a dançarina mais bela do baile.
2) **De inferioridade:** Ele foi o namorado menos fiel da turma.

CLASSES GRAMATICAIS - ARTIGO

A) Definição:

B) Relação:

C) Função sintática:

D) Variação:

Exs:

ARTIGO DEFINIDO x ARTIGO INDEFINIDO

Estilística e variações semânticas

Artigo definido	**Artigo indefinido ou ausência de artigo**
Familiaridade (proximidade)	Distanciamento
Grandeza	Insignificância
Exclusividade	Generalização
Intensificação (ênfase)	Indefinição

ARTIGO DEFINIDO X ARTIGO INDEFINIDO ESTILÍSTICA E VARIAÇÕES SEMÂNTICAS

Vi os gols do Rogério Ceni. / Vi os gols de Rogério Ceni.

Ele meu deu o beijo. / Ele me deu uns beijinhos ontem.

Comprei a casa de Angra. / Comprei casa em Angra.

Aquela menina é a chata! / Falo com você um dia desses.

EXERCÍCIO

Não há vagas (fragmento)

Só cabe no poema
o homem sem estômago
a mulher de nuvens
a fruta sem preço
O poema, senhores,
não fede
nem cheira

(Ferreira Gullar)

O uso de artigos definidos explica-se em função do(a):

a) Propósito de generalizar o significado dos substantivos, indefindo-os.
b) Necessidade de delimitar os termos subsequentes, especificando-os.
c) Desejo de substantivar palavras que, em outro contexto, teriam outra classificação.
d) Intenção de enfatizar os substantivos comuns como indicadores de tipo.

CLASSES GRAMATICAIS - NUMERAL

A) Definição:

B) Relação:

C) Função sintática:

D) Variação:

Exs:

CLASSES GRAMATICAIS - NUMERAL

Eu comprei duas bolsas; você comprou quatro.

Ele é o primeiro aluno da fila.

Tomei meia xícara de café.

CLASSES GRAMATICAIS - NUMERAL

Ele é o último garoto da fila.

Ele é o último da fila.

Ele deu o último suspiro.

CLASSES GRAMATICAIS - ADVÉRBIO

A) Definição:

B) Relação:

C) Função sintática:

D) Variação:

Exs:

CLASSES GRAMATICAIS - ADVÉRBIO

Algumas circunstâncias:

Ele morreu – em casa.
- de fome.
- lentamente.
- pelo partido.
- com a esposa.
- hoje.
- certamente.
- talvez.

ANÁLISE

1 – Marcos andava apressado.

2 – Marcos andava apressadamente.

CLASSES GRAMATICAIS - PRONOME

A) Definição:

B) Relação:

C) Função sintática:

D) Variação:

E) Classificação: pessoais, possessivos, interrogativos, demonstrativos, indefinidos, relativos e de tratamento.

	Pronomes Pessoais			P.Possessivos
Pessoa discurso	Reto	Oblíquo átono	Oblíquo tônico	possessivos
1ª singular	Eu	Me	Mim, comigo	Meu, minha, meus, minhas
2ª singular	Tu	Te	Ti, contigo	Teu, tua, teus, tuas
3ª singular	Ela	O, a, se, lhe	Si, consigo, ela (e)	Seu, sua, seus, suas
1ª plural	Nós	Nos	Nós, conosco	Nosso, nossa, nossos, nossas
2ª plural	Vós	Vos	Vós, convosco	Vosso, vossa, vossos, vossas
3ª plural	Elas	Os, as, se, lhes	Si, consigo, elas (es)	Seu, sua, seus, suas

CLASSES GRAMATICAIS - PRONOME

Ela trouxe o livro para eu ler.

Ela trouxe o livro para mim.

Ela trouxe o livro para ele ler.

Ela levou-o ao aeroporto.

PRONOMES INTERROGATIVOS

A) Quem são: que, quem, qual, quanto e flexões.

B) Quando são usados: em orações interrogativas diretas e indiretas.

Exs: Quem fez isso? Diga-me quem fez isso.

Que dia é hoje? Quero saber que dia é hoje.

Quanto dinheiro eu posso levar?

Qual irmão é o seu?

Atenção: quando não é pronome. É advérbio interrogativo.

Ex: Quando você vai voltar?

Não lembro quando eu conheci você.

PRONOMES INDEFINIDOS

A) Quem são: algo, algum, cada, mais, muitas, nada, nenhum, outras, qualquer, todo, um, umas, vários etc.

Exs: Outra vez você ganhou.

Qualquer homem é canalha.

Todo homem é canalha.

Das várias vezes em que nos encontramos, ...

PRONOMES INDEFINIDOS

B) Atenção à semântica

Toda mulher é igual.

Toda a mulher era linda.

Todas as mulheres eram lindas.

PRONOMES DE TRATAMENTO

A) Alguns: Vossa Alteza, Vossa Eminência,
Vossa Excelência, Vossa Majestade, Vossa Senhoria,
Você etc.

Atenção para a diferença:

Vossa Alteza está cansada. /Sua Alteza está cansada.

Vossa Alteza está cansada. /Vossa Alteza está cansado.

PRONOMES DEMONSTRATIVOS

Pronome	Espaço	Tempo	Texto	Referência anafórica
este esta isto				
esse essa isso				
aquele aquela aquilo				

PRONOMES DEMONSTRATIVOS

Peguei livro. (emissor com o livro na mão)

Peguei livro. (receptor com o livro na mão)

Peguei livro. (livro na mesa)

Passarei no concurso ano. (2013)

Passarei no concurso ano. (2020)

Passarei no concurso ano. (2011)

Já disse : Eu vou passar.

Eu vou passar. Já disse .

PRONOMES DEMONSTRATIVOS

Comprei maçãs e bananas. Estas ( ) estavam amassadas, aquelas ( ) não.

Gosto de uvas, bananas e jabuticabas. Aquelas ( ) mais do que estas ( ) e menos do que essas ( ).

Gosto de praias, montanhas, fazendas e cidades grandes.

PRONOMES DEMONSTRATIVOS

A) São também demonstrativos:

1) mesmo: O delegado chamou a mesma testemunha.

1) próprio: O próprio partido escolherá os candidatos.

2) tal: Não admitirei tal comportamento.

3) semelhante: Não aceito semelhante resposta.

4) O, a, os, as: Os que não estudam costumam se dar mal.

PRONOMES RELATIVOS

Coisa	**Pessoa**	**Lugar**	**Posse**	**Quantidade**
Que	Que	Onde	Cujo	Quanto
O qual	Quem	Em que		
	O qual			

EXERCÍCIOS - CESPE

A ordem das palavras nos sintagmas nominais “timidez excessiva” (L.10), “cartas virtuais” (L.17) e “obras literárias” (L.30) confirma a regra de que, em geral, no português, o adjetivo vem posposto ao substantivo, principalmente quando restritivo.

- Na frase "Outras palavras da língua portuguesa costumam despertar esse mesmo tipo de dúvida.", a palavra sublinhada funciona como um substantivo, porque pode aceitar o artigo definido, como no exemplo: "o despertar da dúvida".
- O vocábulo "jovens" em “Isso não implica

EXERCÍCIOS – ADVÉRBIO

“Hoje em dia é muito mais fácil, mais simples e mais barato fazer tudo errado.”

“errado” em “mais barato fazer tudo errado” (linha 17) é um adjetivo que funciona como advérbio.

- Na frase "Outras palavras da língua portuguesa costumam despertar esse mesmo tipo de dúvida.", a palavra sublinhada funciona como um substantivo, porque pode aceitar o artigo definido, como no exemplo: "o despertar da dúvida".
- O vocábulo "jovens" em “Isso não implica

EXERCÍCIOS – ADVÉRBIO - CESGRANRIO

- A relação entre o vocábulo destacado e a categoria gramatical a ele atribuída está correta em:

- a) "... com a roupa **mal** passada," (l. 2) – adjetivo.
- b) "... **que** era esposa descuidada." (l. 3) – pronome relativo.
- c) "começou sub-repticiamente **a** marcar..." (l. 10-11) – preposição.
- d) "... um leve **afrouxar-**se das pálpebras." (l. 12-13) – verbo.
- e) "... só **muitos** meses ..." (l. 15) – advérbio.

EXERCÍCIOS – CESPE

- Considerando-se as duas ocorrências do advérbio “onde”, primeiro e terceiro parágrafos do documento, apenas na primeira respeitam-se as normas do padrão escrito formal da língua portuguesa para o emprego desse advérbio.

EXERCÍCIOS – CESPE

- “Sucesso não é o objetivo final da vida: na verdade, é apenas o começo. Se a partir daí a trajetória pessoal não for muito bem gerenciada, o sucesso pode virar fracasso.”

- Textualmente, o advérbio "daí" (L.2) estabelece uma referência temporal para a obtenção do sucesso.

EXERCÍCIOS - CESPE

“A formação de novos quadros profissionais e técnicos, ...”

O vocábulo "técnicos" (l.6), no texto, classifica-se como substantivo.

EXERCÍCIOS - CESPE

“A atividade fundamental da universidade é o educar, em todos os sentidos.”

- A palavra "educar" (l.11) foi empregada como substantivo.

EXERCÍCIOS - CESPE

“Esse processo resulta não apenas na capacitação dos alunos técnica e formalmente para desempenhar suas atividades no seio da sociedade,...”

- A expressão "técnica e formalmente" (l.22) poderia ser substituída, sem prejuízo à coerência e à correção gramatical do período, **por formal e técnicamente**.

EXERCÍCIOS - ESAF

- “Como todo mundo sabe, trata-se de uma história em que pessoas – um soberano, um povo - , ignorando uma certa verdade, conseguem, por uma série de técnicas, descobrir uma verdade que coloca em questão a própria soberania do soberano.”

- Seria mantida a correção gramatical, mas haveria mudança do sentido original do texto, caso as palavras "certa" e "própria" estivessem pospostas ao substantivo a que estão relacionadas.

EXERCÍCIOS - FGV

- No título do texto “A era do sustentável” ocorre o seguinte fato gramatical:

- a) a modificação de classe gramatical do vocábulo sustentável.
- b) o uso indevido de uma forma verbal como substantivo.
- c) a utilização de um substantivo por outro.
- d) o emprego inadequado de um adjetivo.
- e) um erro de concordância nominal.

EXERCÍCIOS - FUNCAB

- Em: "...as seguradoras obrigam o cliente a fazer um check-up médico que pode detectar, entre outros males, o tabagismo. " , as palavras grifadas pertencem, respectivamente, às seguintes classes gramaticais:

- a) preposição - substantivo - pronome relativo - conjunção - adjetivo.
- b) preposição - substantivo - conjunção integrante - preposição - adjetivo.
- c) preposição - adjetivo - pronome relativo - preposição - substantivo.
- d) artigo - substantivo - conjunção integrante - conjunção - adjetivo.
- e) artigo - adjetivo - pronome relativo - preposição - substantivo.

EXERCÍCIOS - VUNESP

- Analise as afirmações:

  I. Em - ... *galões de água expostos sobre carros*... - a preposição *sobre* poderia ser substituída por sob, sem prejuízo de sentido.

  II. Fazem o plural da mesma forma que o substantivo *galões* as palavras *cidadão, mamão e órfão.*

  III. O feminino de *chefe* se faz da mesma forma que *presidente* em - *A presidente argentina*...

  Está correto o que se afirma em

- a) I, apenas.
- b) III, apenas.
- c) I e II, apenas.
- d) II e III, apenas.
- e) I, II e III.

SEFAZ/SC – AUDITOR DA RECEITA ESTADUAL

- Analisando morfologicamente cada uma das palavras da frase "Muita gente acha que as pessoas nascem com limitações inatas", temos, sequencialmente:
- a) advérbio de intensidade; substantivo próprio; verbo; pronome relativo; artigo definido; substantivo próprio; verbo; preposição; substantivo próprio; adjetivo.
- b) pronome indefinido; substantivo comum; verbo; conjunção subordinativa integrante; artigo definido; substantivo comum; verbo; preposição; substantivo comum; adjetivo.
- c) pronome indefinido; substantivo abstrato; verbo; conjunção coordenativa aditiva; artigo definido; substantivo coletivo; verbo; preposição; verbo substantivado comum; advérbio.
- d) numeral cardinal; substantivo coletivo; verbo; conjunção coordenativa explicativa; artigo definido; substantivo abstrato; verbo; conjunção coordenativa aditiva; substantivo comum; adjetivo.
- e) adjetivo; substantivo comum; verbo; conjunção subordinativa consecutiva; contração da preposição **a** com o artigo **as;** substantivo concreto; verbo; preposição; substantivo concreto; adjetivo.

EXERCÍCIOS - ADVISE

- As palavras destacadas na frase abaixo pertencem, respectivamente, as seguintes classes de palavras: O material **didático mais barato que** existe na **praça** é o **professor**.
- a) adjetivo; advérbio; adjetivo; conjunção; advérbio; e substantivo.
- b) adjetivo; advérbio; adjetivo; pronome relativo; substantivo; e substantivo.
- c) substantivo; advérbio; adjetivo; conjunção; substantivo; e substantivo.
- d) adjetivo; conjunção; substantivo; pronome relativo; e advérbio.
- e) adjetivo; advérbio; adjetivo; conjunção; substantivo e substantivo.

EXERCÍCIOS

- "O Código Civil também trouxe duas regras referentes à área usada pelo morador." (linha 33)
  Segundo gramáticas da língua portuguesa, o substantivo pode ser funcionalmente definido como o **núcleo** do sujeito, do objeto direto, do objeto indireto, do complemento nominal e do agente da passiva.
  Considerando essa definição, assinale a alternativa que indica o número de palavras que, na frase transcrita do texto, podem ser analisadas como substantivo.

- a) Apenas uma palavra
- b) Duas palavras
- c) Três palavras
- d) Mais de três palavras

EXERCÍCIOS - CESGRANRIO

- As palavras em destaque em "... que, apesar do **olhar** profissional **crítico**, analítico," (L. 35-36) são classificadas, respectivamente, como:

- a) substantivo e adjetivo.
- b) substantivo e substantivo.
- c) adjetivo e substantivo.
- d) verbo e adjetivo.
- e) verbo e substantivo.

PORTUGUÊS

RAFAELA MOTTA

MÓDULO 3:

Classes Gramaticais

CLASSES GRAMATICAIS - PRONOME

A) Definição:

B) Relação:

C) Função sintática:

D) Variação:

E) Classificação: pessoais, possessivos, interrogativos, demonstrativos, indefinidos, relativos e de tratamento.

	Pronomes Pessoais			P.Possessivos
Pessoa discurso	Reto	Oblíquo átono	Oblíquo tônico	possessivos
1ª singular	Eu	Me	Mim, comigo	Meu, minha, meus, minhas
2ª singular	Tu	Te	Ti, contigo	Teu, tua, teus, tuas
3ª singular	Ela	O, a, se, lhe	Si, consigo, ela (e)	Seu, sua, seus, suas
1ª plural	Nós	Nos	Nós, conosco	Nosso, nossa, nossos, nossas
2ª plural	Vós	Vos	Vós, convosco	Vosso, vossa, vossos, vossas
3ª plural	Elas	Os, as, se, lhes	Si, consigo, elas (es)	Seu, sua, seus, suas

CLASSES GRAMATICAIS - PRONOME

Ela trouxe o livro para eu ler.

Ela trouxe o livro para mim.

Ela trouxe o livro para ele ler.

Ela levou-o ao aeroporto.

PRONOMES INTERROGATIVOS

A) Quem são: que, quem, qual, quanto e flexões.

B) Quando são usados: em orações interrogativas diretas e indiretas.

Exs: Quem fez isso? Diga-me quem fez isso.

Que dia é hoje? Quero saber que dia é hoje.

Quanto dinheiro eu posso levar?

Qual irmão é o seu?

Atenção: quando não é pronome. É advérbio interrogativo.

Ex: Quando você vai voltar?

Não lembro quando eu conheci você.

PRONOMES INDEFINIDOS

A) Quem são: algo, algum, cada, mais, muitas, nada, nenhum, outras, qualquer, todo, um, umas, vários etc.

Exs: Outra vez você ganhou.

Qualquer homem é canalha.

Todo homem é canalha.

Das várias vezes em que nos encontramos, ...

PRONOMES INDEFINIDOS

B) Atenção à semântica

Toda mulher é igual.

Toda a mulher era linda.

Todas as mulheres eram lindas.

PRONOMES DE TRATAMENTO

A) Alguns: Vossa Alteza, Vossa Eminência,
Vossa Excelência, Vossa Majestade, Vossa Senhoria,
Você etc.

Atenção para a diferença:

Vossa Alteza está cansada. /Sua Alteza está cansada.

Vossa Alteza está cansada. /Vossa Alteza está cansado.

PRONOMES DEMONSTRATIVOS

Pronome	Espaço	Tempo	Texto	Referência anafórica
este esta isto				
esse essa isso				
aquele aquela aquilo				

PRONOMES DEMONSTRATIVOS

Peguei livro. (emissor com o livro na mão)

Peguei livro. (receptor com o livro na mão)

Peguei livro. (livro na mesa)

Passarei no concurso ano. (2013)

Passarei no concurso ano. (2020)

Passarei no concurso ano. (2011)

Já disse : Eu vou passar.

Eu vou passar. Já disse .

PRONOMES DEMONSTRATIVOS

Comprei maçãs e bananas. Estas ( ) estavam amassadas, aquelas ( ) não.

Gosto de uvas, bananas e jabuticabas. Aquelas ( ) mais do que estas ( ) e menos do que essas ( ).

Gosto de praias, montanhas, fazendas e cidades grandes.

PRONOMES DEMONSTRATIVOS

A) São também demonstrativos:

1) mesmo: O delegado chamou a mesma testemunha.

1) próprio: O próprio partido escolherá os candidatos.

2) tal: Não admitirei tal comportamento.

3) semelhante: Não aceito semelhante resposta.

4) O, a, os, as: Os que não estudam costumam se dar mal.

PRONOMES RELATIVOS

Coisa	**Pessoa**	**Lugar**	**Posse**	**Quantidade**
Que	Que	Onde	Cujo	Quanto
O qual	Quem	Em que		
	O qual			

CLASSES GRAMATICAIS - VERBO

A) Definição: palavra que INDICA AÇÃO, ESTADO ou FENÔMENO DA NATUREZA.

B) Relação: núcleo que recebe

C) Função sintática: núcleo de PV (verbo de ação).

D) Flexão: Número, pessoa, tempo, modo e voz.

CLASSES GRAMATICAIS - VERBO

Ele **chegou** à fazenda de madrugada.

Eles **permaneceram calados** durante o interrogatório.

Choverá hoje à tarde.

Os pais de Mariana **são** morenos; os de Renata, loiros.

Questão – CESPE

Lundum de Pai João

Baranco dize
Preto fruta
Preto fruta com razão
Sinhõ baranco também fruta
Quando panha casião

Preto fruta galinha e saco de feijão
Mas sinhõ baranco fruta prata e patacão

FORMAS VERBAIS NOMINAIS

1) Infinitivo: R – “substantivo”

Dá **NOME** ao processo verbal.

2) Gerúndio: NDO – “advérbio”

Indica **CIRCUNSTÂNCIA** da ação ocorrendo no momento.

3) Particípio: ADO/IDO (regular) – “adjetivo”

Indica resultado / **CARACTERÍSTICA** do processo verbal concluído.

Infinitivo	Particípio regular	Particípio irregular
aceitar	aceitado	aceito
entregar	entregado	entregue
enxugar	enxugado	enxuto
limpar	limpado	limpo
salvar	salvado	salvo
acender	acendido	aceso
ganhar	ganhado	ganho
gastar	gastado	gasto
pagar	pagado	pago

FORMAS COMPOSTAS DOS VERBOS

- Eu estou lendo “Dom Casmurro”.
- O bolo foi feito com ingredientes vencidos.
- Lula foi eleito em primeiro turno.

Locução verbal: ser/estar

Particípio irregular

- Ele havia dito que não viria.
- Nós havíamos elegido o presidente com fé.
- Eu tinha imprimido o documento ontem.

Tempo composto: ter/haver

Particípio regular

ALGUMAS FLEXÕES - MODO

- INDICATIVO:
- Exprime certeza, convicção.

Já **é** noite. Uma pequena brisa **substitui** o calor.

A Terra **gira** em torno do próprio eixo.

ALGUMAS FLEXÕES - MODO

- SUBJUNTIVO:
- Expressa possibilidade, dúvida.

Quer que eu **vá** com você?

Que vocês **passem** é o desejo dos professores.

ALGUMAS FLEXÕES - MODO

- IMPERATIVO:
- Denota pedido, súplica ou imposição.

Fique comigo esta noite.

Jamais **faça** isso de novo.

MODO IMPERATIVO - PRESENTE

- O modo imperativo exprime uma ordem, um desejo, uma vontade, uma advertência
- Não se conjuga em primeira pessoa do singular

- Exceções: verbo SER
- Sê tu (e não É tu)
- Sede vós (e não Soi vós)

- Quando o verbo terminar em ZE (na 2ª pessoa do singular) pode-se conjugá-lo sem o E
- Ex: Dize tu ou Diz tu (ambos são corretos)

FORMAÇÃO DO IMPERATIVO AFIRMATIVO

PRESENTE DO SUBJUNTIVO

FORMAÇÃO DO IMPERATIVO AFIRMATIVO

PRESENTE DO INDICATIVO	IMPERATIVO AFIRMATIVO	PRESENTE DO SUBJUNTIVO
EU VENDO	NÃO É CONJUGADO	QUE EU VENDA
TU VENDES (-S)	VENDE TU	QUE TU VENDAS
ELE VENDE	VENDA VOCÊ	QUE ELE VENDA
NÓS VENDEMOS	VENDAMOS NÓS	QUE NÓS VENDAMOS
VÓS VENDEIS (-S)	VENDEI VÓS	QUE VÓS VENDAIS
ELES VENDEM	VENDAM VOCÊS	QUE ELES VENDAM

IMPERATIVO NEGATIVO

IMPERATIVO NEGATIVO	PRESENTE DO SUBJUNTIVO
NÃO É CONJUGADO	QUE EU CANTE
NÃO VENDAS TU	QUE TU VENDAS
NÃO VENDA VOCÊ	QUE ELE VENDA
NÃO VENDAMOS NÓS	QUE NÓS VENDAMOS
NÃO VENDAIS VÓS	QUE VÓS VENDAIS
NÃO VENDAM VOCÊS	QUE ELES VENDAM

MODO INDICATIVO - PRESENTE

- **Fato que ocorre no momento em que se fala**
- Ex: Eles **estudam** silenciosamente.
- **Forma composta**
- Ex: Eu **estou estudando.** (ênfase exato momento)
- **Verdade universal (ou tida como tal)**
- Ex: O homem **é** mortal.
- Ex: As mulheres **são** mais evoluídas do que os homens.
- **Fatos já passados (presente narrativo ou histórico)**
- Ex: Em 1748, Mostequieu **publica** a obra *O espírito das leis*...

MODO INDICATIVO - PRESENTE

- Ação habitual
- Ex: Eu corro todas as manhãs. (presente simples)
- Fato futuro
- Ex: Amanhã eu viajo para Flórida.
- Atenuação de tom do imperativo
- Ex: Você me traz um copo d'água, por favor?
- Cuidado com o gerundismo
- Ex: O senhor vai estar entrando à direita.
- Ex: Hoje à tarde eu vou estar colocando a carta no correio.
- Ex: Quando eu estiver entrando na sua quadra eu te ligo.

MODO INDICATIVO - PRESENTE

PESSOA	CANTAR	VENDER	PARTIR
EU	CANTO	VENDO	PARTO
TU	CANTAS	VENDES	PARTES
ELE	CANTA	VENDE	PARTE
NÓS	CANTAMOS	VENDEMOS	PARTIMOS
VÓS	CANTAIS	VENDEIS	PARTIS
ELES	CANTAM	VENDEM	PARTEM

MODO INDICATIVO – PRETÉRITO IMPERFEITO

- Fato passado que era contínuo, permanente
- Ex: Nós estudávamos sempre juntos.
- Fato passado que era presente
- Ex: Ele cozinhava enquanto sua mãe reclamava da vida.
- Sugere cortesia quando usado no lugar do presente
- Ex: Eu queria sair com vocês hoje.
- Substitui o futuro do pretérito (valor enfático)
- Ex: Se eu não trabalhasse, estudava o dia inteiro.
- Fato passado na incerteza de localização do tempo
- Ex: Era uma vez...
- Fato presente em relação a outro passado
- Ex: Eu lia quando ele chegou.

MODO INDICATIVO - PRETÉRITO IMPERFEITO

PESSOA	CANTAR	VENDER	PARTIR
EU	CANT**AVA**	VEND**IA**	PART**IA**
TU	CANT**AVAS**	VEND**IAS**	PART**IAS**
ELE	CANT**AVA**	VEND**IA**	PART**IA**
NÓS	CANT**ÁVAMOS**	VEND**ÍAMOS**	PART**ÍAMOS**
VÓS	CANT**ÁVEIS**	VEND**ÍEIS**	PART**ÍEIS**
ELES	CANT**AVAM**	VEND**IAM**	PART**IAM**

MODO INDICATIVO - PRETERITO PERFEITO

- **Fato já ocorrido, concluído em um passado definido**
- Ex: Estudei a noite inteira.

- **Forma composta – indicar uma ação iniciada no passado que se prolonga até o presente**
- Ex: Tenho estudado todas as noites.

MODO INDICATIVO - PRETERITO PERFEITO

PESSOA	CANTAR	VENDER	PARTIR
EU	CANTEI	VENDI	PARTI
TU	CANTASTE	VENDESTE	PARTISTE
ELE	CANTOU	VENDEU	PARTIU
NÓS	CANTAMOS	VENDEMOS	PARTIMOS
VÓS	CANTASTES	VENDESTES	PARTISTES
ELES	CANTARAM	VENDERAM	PARTIRAM

MODO INDICATIVO - PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO

- **Ação passada em relação a outro fato passado**
- Ou seja, é o passado do passado

- Ex: A bola já ultrapassara a linha quando o jogador a alcançou.

MODO INDICATIVO - PRETERITO MAIS-QUE-PERFEITO

PESSOA	CANTAR	VENDER	PARTIR
EU	CANTA**RA**	VENDE**RA**	PARTI**RA**
TU	CANTA**RAS**	VENDE**RAS**	PARTI**RAS**
ELE	CANTA**RA**	VENDE**RA**	PARTI**RA**
NÓS	CANTÁ**RAMOS**	VENDÊ**RAMOS**	PARTÍ**RAMOS**
VÓS	CANTÁ**REIS**	VENDÊ**REIS**	PARTÍ**REIS**
ELES	CANTA**RAM**	VENDE**RAM**	PARTI**RAM**

MODO INDICATIVO

FUTURO DO PRESENTE

- **Apontar um fato futuro em relação ao momento em que se fala**
- Ex: Irei ao cursinho hoje.

- **Substitui o imperativo**
- Ex: Não faremos isso.

MODO INDICATIVO

- FUTURO DO PRESENTE

PESSOA	CANTAR	VENDER	PARTIR
EU	CANTA**REI**	VENDE**REI**	PARTI**REI**
TU	CANTA**RÁS**	VENDE**RÁS**	PARTI**RÁS**
ELE	CANTA**RÁ**	VENDE**RÁ**	PARTI**RÁ**
NÓS	CANTA**REMOS**	VENDE**REMOS**	PARTI**REMOS**
VÓS	CANTA**REIS**	VENDE**REIS**	PARTI**REIS**
ELES	CANTA**RÃO**	VENDE**RÃO**	PARTI**RÃO**

MODO INDICATIVO - FUTURO DO PRETÉRITO

- **Algo não realizado no futuro em relação a outro fato passado**

- Ex: Eu jogaria se não tivesse chovido.

- **Algo presente – Nesse caso, indica ironia**

- Ex: Daria para vocês fazerem silêncio?!

- **Indica polidez de um pedido**

- Ex: Eu gostaria de um belo jantar às vezes.

MODO INDICATIVO

- FUTURO DO PRETÉRITO

PESSOA	CANTAR	VENDER	PARTIR
EU	CANTA**RIA**	VENDE**RIA**	PARTI**RIA**
TU	CANTA**RIAS**	VENDE**RIAS**	PARTI**RIAS**
ELE	CANTA**RIA**	VENDE**RIA**	PARTI**RIA**
NÓS	CANTA**RÍAMOS**	VENDE**RÍAMOS**	PARTI**RÍAMOS**
VÓS	CANTA**RÍEIS**	VENDE**RÍEIS**	PARTI**RÍEIS**
ELES	CANTA**RIAM**	VENDE**RIAM**	PARTI**RIAM**

MODO SUBJUNTIVO

- PRESENTE

- **O modo subjuntivo expressa incerteza, dúvida, condição, possibilidade**

- **Um fato presente, mas duvidoso, incerto**
- Ex: Talvez eles **estudem** hoje, não sei...

- **Um desejo, uma vontade**
- Ex: Que eles **passem**, este é o desejo dos pais e professores.

MODO SUBJUNTIVO

- PRESENTE

PESSOA	CANTAR	VENDER	PARTIR
QUE EU	CANT**E**	VEND**A**	PART**A**
QUE TU	CANT**ES**	VEND**AS**	PART**AS**
QUE ELE	CANT**E**	VEND**A**	PART**A**
QUE NÓS	CANT**EMOS**	VEND**AMOS**	PART**AMOS**
QUE VÓS	CANT**EIS**	VEND**AIS**	PART**AIS**
QUE ELES	CANT**EM**	VEND**AM**	PART**AM**

MODO SUBJUNTIVO

- PRETÉRITO IMPERFEITO

PESSOA	CANTAR	VENDER	PARTIR
SE EU	CANTA**SSE**	VENDE**SSE**	PARTI**SSE**
SE TU	CANTA**SSES**	VENDE**SSES**	PARTI**SSES**
SE ELE	CANTA**SSE**	VENDE**SSE**	PARTI**SSE**
SE NÓS	CANTÁ**SSEMOS**	VENDÊ**SSEMOS**	PARTÍ**SSEMOS**
SE VÓS	CANTÁ**SSEIS**	VENDÊ**SSEIS**	PARTÍ**SSEIS**
SE ELES	CANTA**SSEM**	VENDE**SSEM**	PARTI**SSEM**

MODO SUBJUNTIVO

- PRETÉRITO PERFEITO

PESSOA	CANTAR	VENDER	PARTIR
QUE EU TINHA	CANTADO	VENDIDO	PARTIDO
QUE TU TINHAS	CANTADO	VENDIDO	PARTIDO
QUE ELE TINHA	CANTADO	VENDIDO	PARTIDO
QUE NÓS TÍNHAMOS	CANTADO	VENDIDO	PARTIDO
QUE VÓS TÍNHEIS	CANTADO	VENDIDO	PARTIDO
QUE ELES TINHAM	CANTADO	VENDIDO	PARTIDO

MODO SUBJUNTIVO

- PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO

PESSOA	CANTAR	VENDER	PARTIR
SE EU TIVESSE	CANTADO	VENDIDO	PARTIDO
SE TU TIVESSES	CANTADO	VENDIDO	PARTIDO
SE ELE TIVESSE	CANTADO	VENDIDO	PARTIDO
SE NÓS TIVÉSSEMOS	CANTADO	VENDIDO	PARTIDO
SE VÓS TIVÉSSEIS	CANTADO	VENDIDO	PARTIDO
SE ELES TIVESSEM	CANTADO	VENDIDO	PARTIDO

MODO SUBJUNTIVO

- FUTURO

- **Exprime possibilidade futura**
- Ex: Quando eu **voltar**, saberei o que fazer.
- Ex: Quando eu **passar** no vestibular, saberei exatamente como comemorar.

MODO SUBJUNTIVO

- FUTURO

PESSOA	CANTAR	VENDER	PARTIR
QUANDO EU	CANTA**R**	VENDE**R**	PARTI**R**
QUANDO TU	CANTA**RES**	VENDE**RES**	PARTI**RES**
QUANDO ELE	CANTA**R**	VENDE**R**	PARTI**R**
QUANDO NÓS	CANTA**RMOS**	VENDE**RMOS**	PARTI**RMOS**
QUANDO VÓS	CANTA**RDES**	VENDE**RDES**	PARTI**RDES**
QUANDO ELES	CANTA**REM**	VENDE**REM**	PARTI**REM**

Infinitivo Pessoal

Eu amar
Tu amar**es**
Ela amar
Nós amar**mos**
Vós amar**des**
Elas amar**em**

Eu partir
Tu partir**es**
Ela partir
Nós partir**mos**
Vós partir**des**
Elas parti**rem**

Eu beber
Tu beber**es**
Ela beber
Nós beber**mos**
Vós beber**des**
Elas beber**em**

Eu compor
Tu compor**es**
Ela compor
Nós compor**mos**
Vós compor**des**
Eles compor**em**

Voz Ativa

Sujeito ativo = pratica a ação verbal

Os engenheiros **construíram** o prédio.

Os alunos **estudavam** a matéria d aprova.

Ana **esperará** o amigo.

Voz Passiva

Sujeito passivo = recebe a ação verbal

O prédio **foi construído** pelos engenheiros.

A matéria da prova **era estudada** pelos alunos.

O amigo **será esperado** por Ana.

Esperar-se-á o amigo.

Voz Reflexiva

Sujeito ativo e passivo = pratica e recebe a ação verbal

Juliana **se cortou.**

Exercícios

Complete a sentença com a forma verbal **correta.**

O governo pede que a população...

(A) economiza água todos os dias.
(B) esteje atenta ao desperdício.
(C) propõe modos de poupar água.
(D) não despeje dejetos em rios.
(E) não consome água em excesso.

Exercícios

“Ela o abandonara”. Sobre o verbo destacado é **correto** afirmar:

(A) indica um fato passado interrompido.
(B) indica uma verdade universal.
(C) indica uma ação contínua no passado.
(D) indica uma ação concluída no passado.
(E) indica um fato passado anterior a outro fato passado.

CLASSES GRAMATICAIS - PREPOSIÇÃO

A) Definição: Palavra que LIGA DOIS TERMOS QUAISQUER, com exceção das orações desenvolvidas e dos termos de mesma função sintática.

B) Relação: não há.

C) Função Sintática: não exercem.

D) Variação: não têm (palavras invariáveis)

Preposições essenciais: a, ante, até, após, com, contra, de, desde, em, entre, para, por, per, perante, sem, sob, sobre, trás.

Locuções: além de, antes de, até a, apesar de, acerca de, em vez de, dentro de, depois de, junto a.

CLASSES GRAMATICAIS - PREPOSIÇÃO

Preposições acidentais: podem ligar termos de uma oração ou ter outras funções.

Ele a trouxe para estudar.

Ele a trouxe para que estudasse.

PREPOSIÇÃO – VALORES SEMÂNTICOS

Ela está em casa.

Estou com ela.

Ela está de cama.

O vaso está sob a mesa.

O vaso está sobre o fogão.

PREPOSIÇÃO - POLISSEMIA

- Ando a pé. (meio)
- Fui a praias. (lugar)
- Nasci a 5 de março. (tempo)
- Escrevi a lápis. (instrumento)
- Vendi a dez reais. (preço)

- Agi com raiva. (modo)
- Fui com ele. (companhia)
- Bati com o rolo de macarrão. (instrumento)

CLASSES GRAMATICIAS - INTERJEIÇÃO

A) Definição: palavra que EXPRESSA EMOÇÃO.

B) Relação: não há.

C) Função Sintática: não exercem.

D) Variação: não há.

Atenção: lembrar das locuções interjetivas: Nossa senhora! Meu Deus! Puxa vida!

Psiu!
Ai! Ui!
Ora!
Nossa! Puxa!
Bravo!

CLASSES GRAMATICAIS - CONJUNÇÃO

A) Definição: palavra que LIGA DUAS ORAÇÕES ou dois TERMOS DE MESMA FUNÇÃO SINTÁTICA

B) Relação: não possui

C) Função Sintática: não exerce

D) Variação: não possui (palavra invariável)

E) Classificação: COORDENADAS e SUBORDINADAS

Exercícios

A) Liga termos de uma oração (é preposição)

B) Liga orações com verbo flexionado (é conjunção)

C) Acompanha verbo, advérbio ou adjetivo (é advérbio)

1. Montou o aparelho **conforme** as especificações.
2. O trabalho será feito **conforme** você pediu.
3. As pessoas agem **conforme** seus impulsos.
4. O aparelho será montado amanhã, **segundo** disseram os técnicos.
5. Irá toda minha família, **menos** eu.
6. Os inquilinos estavam **menos** preocupados após a reunião.

EXERCÍCIOS - CESPE

A ordem das palavras nos sintagmas nominais “timidez excessiva” (L.10), “cartas virtuais” (L.17) e “obras literárias” (L.30) confirma a regra de que, em geral, no português, o adjetivo vem posposto ao substantivo, principalmente quando restritivo.

- Na frase "Outras palavras da língua portuguesa costumam despertar esse mesmo tipo de dúvida.", a palavra sublinhada funciona como um substantivo, porque pode aceitar o artigo definido, como no exemplo: "o despertar da dúvida".
- O vocábulo "jovens" em “Isso não implica

EXERCÍCIOS – ADVÉRBIO

“Hoje em dia é muito mais fácil, mais simples e mais barato fazer tudo errado.”

“errado” em “mais barato fazer tudo errado” (linha 17) é um adjetivo que funciona como advérbio.

- Na frase "Outras palavras da língua portuguesa costumam despertar esse mesmo tipo de dúvida.", a palavra sublinhada funciona como um substantivo, porque pode aceitar o artigo definido, como no exemplo: "o despertar da dúvida".
- O vocábulo "jovens" em “Isso não implica

EXERCÍCIOS – ADVÉRBIO - CESGRANRIO

- A relação entre o vocábulo destacado e a categoria gramatical a ele atribuída está correta em:
- a) "... com a roupa **mal** passada," (l. 2) – adjetivo.
- b) "... **que** era esposa descuidada." (l. 3) – pronome relativo.
- c) "começou sub-repticiamente **a** marcar..." (l. 10-11) – preposição.
- d) "... um leve **afrouxar-**se das pálpebras." (l. 12-13) – verbo.
- e) "... só **muitos** meses ..." (l. 15) – advérbio.

EXERCÍCIOS – CESPE

- Considerando-se as duas ocorrências do advérbio “onde”, primeiro e terceiro parágrafos do documento, apenas na primeira respeitam-se as normas do padrão escrito formal da língua portuguesa para o emprego desse advérbio.

EXERCÍCIOS – CESPE

- “Sucesso não é o objetivo final da vida: na verdade, é apenas o começo. Se a partir daí a trajetória pessoal não for muito bem gerenciada, o sucesso pode virar fracasso.”

- Textualmente, o advérbio "daí" (L.2) estabelece uma referência temporal para a obtenção do sucesso.

EXERCÍCIOS - CESPE

“A formação de novos quadros profissionais e técnicos, ...”

O vocábulo "técnicos" (l.6), no texto, classifica-se como substantivo.

EXERCÍCIOS - CESPE

“A atividade fundamental da universidade é o educar, em todos os sentidos.”

- A palavra "educar" (l.11) foi empregada como substantivo.

EXERCÍCIOS - CESPE

“Esse processo resulta não apenas na capacitação dos alunos técnica e formalmente para desempenhar suas atividades no seio da sociedade,...”

- A expressão "técnica e formalmente" (l.22) poderia ser substituída, sem prejuízo à coerência e à correção gramatical do período, **por formal e técnicamente**.

EXERCÍCIOS - ESAF

- “Como todo mundo sabe, trata-se de uma história em que pessoas – um soberano, um povo - , ignorando uma certa verdade, conseguem, por uma série de técnicas, descobrir uma verdade que coloca em questão a própria soberania do soberano.”

- Seria mantida a correção gramatical, mas haveria mudança do sentido original do texto, caso as palavras "certa" e "própria" estivessem pospostas ao substantivo a que estão relacionadas.

EXERCÍCIOS - FGV

- No título do texto “A era do sustentável” ocorre o seguinte fato gramatical:

- a) a modificação de classe gramatical do vocábulo sustentável.
- b) o uso indevido de uma forma verbal como substantivo.
- c) a utilização de um substantivo por outro.
- d) o emprego inadequado de um adjetivo.
- e) um erro de concordância nominal.

EXERCÍCIOS - FUNCAB

- Em: "...as seguradoras obrigam o cliente a fazer um check-up médico que pode detectar, entre outros males, o tabagismo. " , as palavras grifadas pertencem, respectivamente, às seguintes classes gramaticais:
- a) preposição - substantivo - pronome relativo - conjunção - adjetivo.
- b) preposição - substantivo - conjunção integrante - preposição - adjetivo.
- c) preposição - adjetivo - pronome relativo - preposição - substantivo.
- d) artigo - substantivo - conjunção integrante - conjunção - adjetivo.
- e) artigo - adjetivo - pronome relativo - preposição - substantivo.

EXERCÍCIOS - VUNESP

- Analise as afirmações: I. Em - ... *galões de água expostos sobre carros*... - a preposição *sobre* poderia ser substituída por sob, sem prejuízo de sentido. II. Fazem o plural da mesma forma que o substantivo *galões* as palavras *cidadão, mamão e órfão.* III. O feminino de *chefe* se faz da mesma forma que *presidente* em - *A presidente argentina*... Está correto o que se afirma em

- a) I, apenas.
- b) III, apenas.
- c) I e II, apenas.
- d) II e III, apenas.
- e) I, II e III.

SEFAZ/SC – AUDITOR DA RECEITA ESTADUAL

- Analisando morfologicamente cada uma das palavras da frase "Muita gente acha que as pessoas nascem com limitações inatas", temos, sequencialmente:
- a) advérbio de intensidade; substantivo próprio; verbo; pronome relativo; artigo definido; substantivo próprio; verbo; preposição; substantivo próprio; adjetivo.
- b) pronome indefinido; substantivo comum; verbo; conjunção subordinativa integrante; artigo definido; substantivo comum; verbo; preposição; substantivo comum; adjetivo.
- c) pronome indefinido; substantivo abstrato; verbo; conjunção coordenativa aditiva; artigo definido; substantivo coletivo; verbo; preposição; verbo substantivado comum; advérbio.
- d) numeral cardinal; substantivo coletivo; verbo; conjunção coordenativa explicativa; artigo definido; substantivo abstrato; verbo; conjunção coordenativa aditiva; substantivo comum; adjetivo.
- e) adjetivo; substantivo comum; verbo; conjunção subordinativa consecutiva; contração da preposição **a** com o artigo **as;** substantivo concreto; verbo; preposição; substantivo concreto; adjetivo.

EXERCÍCIOS - ADVISE

- As palavras destacadas na frase abaixo pertencem, respectivamente, as seguintes classes de palavras: O material **didático mais barato que** existe na **praça** é o **professor**.

- a) adjetivo; advérbio; adjetivo; conjunção; advérbio; e substantivo.
- b) adjetivo; advérbio; adjetivo; pronome relativo; substantivo; e substantivo.
- c) substantivo; advérbio; adjetivo; conjunção; substantivo; e substantivo.
- d) adjetivo; conjunção; substantivo; pronome relativo; e advérbio.
- e) adjetivo; advérbio; adjetivo; conjunção; substantivo e substantivo.

EXERCÍCIOS

- "O Código Civil também trouxe duas regras referentes à área usada pelo morador." (linha 33)
  Segundo gramáticas da língua portuguesa, o substantivo pode ser funcionalmente definido como o **núcleo** do sujeito, do objeto direto, do objeto indireto, do complemento nominal e do agente da passiva.
  Considerando essa definição, assinale a alternativa que indica o número de palavras que, na frase transcrita do texto, podem ser analisadas como substantivo.

- a) Apenas uma palavra
- b) Duas palavras
- c) Três palavras
- d) Mais de três palavras

EXERCÍCIOS - CESGRANRIO

- As palavras em destaque em "... que, apesar do **olhar** profissional **crítico**, analítico," (L. 35-36) são classificadas, respectivamente, como:

- a) substantivo e adjetivo.
- b) substantivo e substantivo.
- c) adjetivo e substantivo.
- d) verbo e adjetivo.
- e) verbo e substantivo.

PORTUGUÊS

RAFAELA MOTTA

MÓDULO 3:

Classes Gramaticais

CLASSES GRAMATICAIS - PRONOME

A) Definição:

B) Relação:

C) Função sintática:

D) Variação:

E) Classificação: pessoais, possessivos, interrogativos, demonstrativos, indefinidos, relativos e de tratamento.

	Pronomes Pessoais			P.Possessivos
Pessoa discurso	Reto	Oblíquo átono	Oblíquo tônico	possessivos
1ª singular	Eu	Me	Mim, comigo	Meu, minha, meus, minhas
2ª singular	Tu	Te	Ti, contigo	Teu, tua, teus, tuas
3ª singular	Ela	O, a, se, lhe	Si, consigo, ela (e)	Seu, sua, seus, suas
1ª plural	Nós	Nos	Nós, conosco	Nosso, nossa, nossos, nossas
2ª plural	Vós	Vos	Vós, convosco	Vosso, vossa, vossos, vossas
3ª plural	Elas	Os, as, se, lhes	Si, consigo, elas (es)	Seu, sua, seus, suas

CLASSES GRAMATICAIS - PRONOME

Ela trouxe o livro para eu ler.

Ela trouxe o livro para mim.

Ela trouxe o livro para ele ler.

Ela levou-o ao aeroporto.

PRONOMES INTERROGATIVOS

A) Quem são: que, quem, qual, quanto e flexões.

B) Quando são usados: em orações interrogativas diretas e indiretas.

Exs: Quem fez isso? Diga-me quem fez isso.

Que dia é hoje? Quero saber que dia é hoje.

Quanto dinheiro eu posso levar?

Qual irmão é o seu?

Atenção: quando não é pronome. É advérbio interrogativo.

Ex: Quando você vai voltar?

Não lembro quando eu conheci você.

PRONOMES INDEFINIDOS

A) Quem são: algo, algum, cada, mais, muitas, nada, nenhum, outras, qualquer, todo, um, umas, vários etc.

Exs: Outra vez você ganhou.

Qualquer homem é canalha.

Todo homem é canalha.

Das várias vezes em que nos encontramos, ...

PRONOMES INDEFINIDOS

B) Atenção à semântica

Toda mulher é igual.

Toda a mulher era linda.

Todas as mulheres eram lindas.

PRONOMES DE TRATAMENTO

A) Alguns: Vossa Alteza, Vossa Eminência, Vossa Excelência, Vossa Majestade, Vossa Senhoria, Você etc.

Atenção para a diferença:

Vossa Alteza está cansada. /Sua Alteza está cansada.

Vossa Alteza está cansada. /Vossa Alteza está cansado.

PRONOMES DEMONSTRATIVOS

Pronome	Espaço	Tempo	Texto	Referência anafórica
este esta isto				
esse essa isso				
aquele aquela aquilo				

PRONOMES DEMONSTRATIVOS

Peguei livro. (emissor com o livro na mão)

Peguei livro. (receptor com o livro na mão)

Peguei livro. (livro na mesa)

Passarei no concurso ano. (2013)

Passarei no concurso ano. (2020)

Passarei no concurso ano. (2011)

Já disse : Eu vou passar.

Eu vou passar. Já disse .

PRONOMES DEMONSTRATIVOS

Comprei maçãs e bananas. Estas ( ) estavam amassadas, aquelas ( ) não.

Gosto de uvas, bananas e jabuticabas. Aquelas ( ) mais do que estas ( ) e menos do que essas ( ).

Gosto de praias, montanhas, fazendas e cidades grandes.

PRONOMES DEMONSTRATIVOS

A) São também demonstrativos:

1) mesmo: O delegado chamou a mesma testemunha.

1) próprio: O próprio partido escolherá os candidatos.

2) tal: Não admitirei tal comportamento.

3) semelhante: Não aceito semelhante resposta.

4) O, a, os, as: Os que não estudam costumam se dar mal.

PRONOMES RELATIVOS

Coisa	**Pessoa**	**Lugar**	**Posse**	**Quantidade**
Que	Que	Onde	Cujo	Quanto
O qual	Quem	Em que		
	O qual			

CLASSES GRAMATICAIS - VERBO

A) Definição: palavra que INDICA AÇÃO, ESTADO ou FENÔMENO DA NATUREZA.

B) Relação: núcleo que recebe

C) Função sintática: núcleo de PV (verbo de ação).

D) Flexão: Número, pessoa, tempo, modo e voz.

CLASSES GRAMATICAIS - VERBO

Ele **chegou** à fazenda de madrugada.

Eles **permaneceram calados** durante o interrogatório.

Choverá hoje à tarde.

Os pais de Mariana **são** morenos; os de Renata, loiros.

Questão – CESPE

Lundum de Pai João

Baranco dize
Preto fruta
Preto fruta com razão
Sinhõ baranco também fruta
Quando panha casião

Preto fruta galinha e saco de feijão
Mas sinhõ baranco fruta prata e patacão

FORMAS VERBAIS NOMINAIS

1) Infinitivo: R – “substantivo”

Dá **NOME** ao processo verbal.

2) Gerúndio: NDO – “advérbio”

Indica **CIRCUNSTÂNCIA** da ação ocorrendo no momento.

3) Particípio: ADO/IDO (regular) – “adjetivo”

Indica resultado / **CARACTERÍSTICA** do processo verbal concluído.

Infinitivo	Particípio regular	Particípio irregular
aceitar	aceitado	aceito
entregar	entregado	entregue
enxugar	enxugado	enxuto
limpar	limpado	limpo
salvar	salvado	salvo
acender	acendido	aceso
ganhar	ganhado	ganho
gastar	gastado	gasto
pagar	pagado	pago

FORMAS COMPOSTAS DOS VERBOS

- Eu estou lendo “Dom Casmurro”.
- O bolo foi feito com ingredientes vencidos.
- Lula foi eleito em primeiro turno.

Locução verbal: ser/estar

Particípio irregular

- Ele havia dito que não viria.
- Nós havíamos elegido o presidente com fé.
- Eu tinha imprimido o documento ontem.

Tempo composto: ter/haver

Particípio regular

ALGUMAS FLEXÕES - MODO

- INDICATIVO:
- Exprime certeza, convicção.

Já **é** noite. Uma pequena brisa **substitui** o calor.

A Terra **gira** em torno do próprio eixo.

ALGUMAS FLEXÕES - MODO

- SUBJUNTIVO:
- Expressa possibilidade, dúvida.

Quer que eu **vá** com você?

Que vocês **passem** é o desejo dos professores.

ALGUMAS FLEXÕES - MODO

- IMPERATIVO:
- Denota pedido, súplica ou imposição.

Fique comigo esta noite.

Jamais faça isso de novo.

MODO IMPERATIVO - PRESENTE

- O modo imperativo exprime uma ordem, um desejo, uma vontade, uma advertência
- Não se conjuga em primeira pessoa do singular

- Exceções: verbo SER
- Sê tu (e não É tu)
- Sede vós (e não Soi vós)

- Quando o verbo terminar em ZE (na 2ª pessoa do singular) pode-se conjugá-lo sem o E
- Ex: Dize tu ou Diz tu (ambos são corretos)

FORMAÇÃO DO IMPERATIVO AFIRMATIVO

PRESENTE DO SUBJUNTIVO

FORMAÇÃO DO IMPERATIVO AFIRMATIVO

PRESENTE DO INDICATIVO	IMPERATIVO AFIRMATIVO	PRESENTE DO SUBJUNTIVO
EU VENDO	NÃO É CONJUGADO	QUE EU VENDA
TU VENDES (-S)	VENDE TU	QUE TU VENDAS
ELE VENDE	VENDA VOCÊ	QUE ELE VENDA
NÓS VENDEMOS	VENDAMOS NÓS	QUE NÓS VENDAMOS
VÓS VENDEIS (-S)	VENDEI VÓS	QUE VÓS VENDAIS
ELES VENDEM	VENDAM VOCÊS	QUE ELES VENDAM

IMPERATIVO NEGATIVO

IMPERATIVO NEGATIVO	PRESENTE DO SUBJUNTIVO
NÃO É CONJUGADO	QUE EU CANTE
NÃO VENDAS TU	QUE TU VENDAS
NÃO VENDA VOCÊ	QUE ELE VENDA
NÃO VENDAMOS NÓS	QUE NÓS VENDAMOS
NÃO VENDAIS VÓS	QUE VÓS VENDAIS
NÃO VENDAM VOCÊS	QUE ELES VENDAM

MODO INDICATIVO - PRESENTE

- **Fato que ocorre no momento em que se fala**
- Ex: Eles **estudam** silenciosamente.
- **Forma composta**
- Ex: Eu **estou estudando.** (ênfase exato momento)
- **Verdade universal (ou tida como tal)**
- Ex: O homem **é** mortal.
- Ex: As mulheres **são** mais evoluídas do que os homens.
- **Fatos já passados (presente narrativo ou histórico)**
- Ex: Em 1748, Mostequieu **publica** a obra *O espírito das leis...*

MODO INDICATIVO - PRESENTE

- Ação habitual
- Ex: Eu corro todas as manhãs. (presente simples)
- Fato futuro
- Ex: Amanhã eu viajo para Flórida.
- Atenuação de tom do imperativo
- Ex: Você me traz um copo d’água, por favor?
- Cuidado com o gerundismo
- Ex: O senhor vai estar entrando à direita.
- Ex: Hoje à tarde eu vou estar colocando a carta no correio.
- Ex: Quando eu estiver entrando na sua quadra eu te ligo.

MODO INDICATIVO - PRESENTE

PESSOA	CANTAR	VENDER	PARTIR
EU	CANTO	VENDO	PARTO
TU	CANTAS	VENDES	PARTES
ELE	CANTA	VENDE	PARTE
NÓS	CANTAMOS	VENDEMOS	PARTIMOS
VÓS	CANTAIS	VENDEIS	PARTIS
ELES	CANTAM	VENDEM	PARTEM

MODO INDICATIVO – PRETÉRITO IMPERFEITO

- **Fato passado que era contínuo, permanente**
- Ex: Nós **estudávamos** sempre juntos.
- **Fato passado que era presente**
- Ex: Ele **cozinhava** enquanto sua mãe **reclamava** da vida.
- **Sugere cortesia quando usado no lugar do presente**
- Ex: Eu **queria** sair com vocês hoje.
- **Substitui o futuro do pretérito (valor enfático)**
- Ex: Se eu não trabalhasse, **estudava** o dia inteiro.
- **Fato passado na incerteza de localização do tempo**
- Ex: **Era** uma vez...
- **Fato presente em relação a outro passado**
- Ex: Eu **lia** quando ele chegou.

MODO INDICATIVO - PRETÉRITO IMPERFEITO

PESSOA	CANTAR	VENDER	PARTIR
EU	CANTAVA	VENDIA	PARTIA
TU	CANTAVAS	VENDIAS	PARTIAS
ELE	CANTAVA	VENDIA	PARTIA
NÓS	CANTÁVAMOS	VENDÍAMOS	PARTÍAMOS
VÓS	CANTÁVEIS	VENDÍEIS	PARTÍEIS
ELES	CANTAVAM	VENDIAM	PARTIAM

MODO INDICATIVO - PRETERITO PERFEITO

- Fato já ocorrido, concluído em um passado definido
- Ex: Estudei a noite inteira.

- Forma composta – indicar uma ação iniciada no passado que se prolonga até o presente
- Ex: Tenho estudado todas as noites.

MODO INDICATIVO - PRETÉRITO PERFEITO

PESSOA	CANTAR	VENDER	PARTIR
EU	CANTEI	VENDI	PARTI
TU	CANTASTE	VENDESTE	PARTISTE
ELE	CANTOU	VENDEU	PARTIU
NÓS	CANTAMOS	VENDEMOS	PARTIMOS
VÓS	CANTASTES	VENDESTES	PARTISTES
ELES	CANTARAM	VENDERAM	PARTIRAM

MODO INDICATIVO - PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO

- **Ação passada em relação a outro fato passado**
- Ou seja, é o passado do passado

- Ex: A bola já ultrapassara a linha quando o jogador a alcançou.

MODO INDICATIVO - PRETERITO MAIS-QUE-PERFEITO

PESSOA	CANTAR	VENDER	PARTIR
EU	CANTA**RA**	VENDE**RA**	PARTI**RA**
TU	CANTA**RAS**	VENDE**RAS**	PARTI**RAS**
ELE	CANTA**RA**	VENDE**RA**	PARTI**RA**
NÓS	CANTÁ**RAMOS**	VENDÊ**RAMOS**	PARTÍ**RAMOS**
VÓS	CANTÁ**REIS**	VENDÊ**REIS**	PARTÍ**REIS**
ELES	CANTA**RAM**	VENDE**RAM**	PARTI**RAM**

MODO INDICATIVO

- FUTURO DO PRESENTE
- **Apontar um fato futuro em relação ao momento em que se fala**
- Ex: Irei ao cursinho hoje.

- **Substitui o imperativo**
- Ex: Não faremos isso.

MODO INDICATIVO

- FUTURO DO PRESENTE

PESSOA	CANTAR	VENDER	PARTIR
EU	CANTA**REI**	VENDE**REI**	PARTI**REI**
TU	CANTA**RÁS**	VENDE**RÁS**	PARTI**RÁS**
ELE	CANTA**RÁ**	VENDE**RÁ**	PARTI**RÁ**
NÓS	CANTA**REMOS**	VENDE**REMOS**	PARTI**REMOS**
VÓS	CANTA**REIS**	VENDE**REIS**	PARTI**REIS**
ELES	CANTA**RÃO**	VENDE**RÃO**	PARTI**RÃO**

MODO INDICATIVO - FUTURO DO PRETÉRITO

- **Algo não realizado no futuro em relação a outro fato passado**

◉ Ex: Eu jogaria se não tivesse chovido.

- **Algo presente – Nesse caso, indica ironia**

◉ Ex: Daria para vocês fazerem silêncio?!

- **Indica polidez de um pedido**

◉ Ex: Eu gostaria de um belo jantar às vezes.

MODO INDICATIVO

- FUTURO DO PRETÉRITO

PESSOA	CANTAR	VENDER	PARTIR
EU	CANTA**RIA**	VENDE**RIA**	PARTI**RIA**
TU	CANTA**RIAS**	VENDE**RIAS**	PARTI**RIAS**
ELE	CANTA**RIA**	VENDE**RIA**	PARTI**RIA**
NÓS	CANTA**RÍAMOS**	VENDE**RÍAMOS**	PARTI**RÍAMOS**
VÓS	CANTA**RÍEIS**	VENDE**RÍEIS**	PARTI**RÍEIS**
ELES	CANTA**RIAM**	VENDE**RIAM**	PARTI**RIAM**

MODO SUBJUNTIVO

- PRESENTE

- **O modo subjuntivo expressa incerteza, dúvida, condição, possibilidade**

- **Um fato presente, mas duvidoso, incerto**
- Ex: Talvez eles **estudem** hoje, não sei...

- **Um desejo, uma vontade**
- Ex: Que eles **passem**, este é o desejo dos pais e professores.

MODO SUBJUNTIVO

- PRESENTE

PESSOA	CANTAR	VENDER	PARTIR
QUE EU	CANT**E**	VEND**A**	PART**A**
QUE TU	CANT**ES**	VEND**AS**	PART**AS**
QUE ELE	CANT**E**	VEND**A**	PART**A**
QUE NÓS	CANT**EMOS**	VEND**AMOS**	PART**AMOS**
QUE VÓS	CANT**EIS**	VEND**AIS**	PART**AIS**
QUE ELES	CANT**EM**	VEND**AM**	PART**AM**

MODO SUBJUNTIVO

- PRETÉRITO IMPERFEITO

PESSOA	CANTAR	VENDER	PARTIR
SE EU	CANTA**SSE**	VENDE**SSE**	PARTI**SSE**
SE TU	CANTA**SSES**	VENDE**SSES**	PARTI**SSES**
SE ELE	CANTA**SSE**	VENDE**SSE**	PARTI**SSE**
SE NÓS	CANTÁ**SSEMOS**	VENDÊ**SSEMOS**	PARTÍ**SSEMOS**
SE VÓS	CANTÁ**SSEIS**	VENDÊ**SSEIS**	PARTÍ**SSEIS**
SE ELES	CANTA**SSEM**	VENDE**SSEM**	PARTI**SSEM**

MODO SUBJUNTIVO

- PRETÉRITO PERFEITO

PESSOA	CANTAR	VENDER	PARTIR
QUE EU TINHA	CANTADO	VENDIDO	PARTIDO
QUE TU TINHAS	CANTADO	VENDIDO	PARTIDO
QUE ELE TINHA	CANTADO	VENDIDO	PARTIDO
QUE NÓS TÍNHAMOS	CANTADO	VENDIDO	PARTIDO
QUE VÓS TÍNHEIS	CANTADO	VENDIDO	PARTIDO
QUE ELES TINHAM	CANTADO	VENDIDO	PARTIDO

MODO SUBJUNTIVO

- PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO

PESSOA	CANTAR	VENDER	PARTIR
SE EU TIVESSE	CANTADO	VENDIDO	PARTIDO
SE TU TIVESSES	CANTADO	VENDIDO	PARTIDO
SE ELE TIVESSE	CANTADO	VENDIDO	PARTIDO
SE NÓS TIVÉSSEMOS	CANTADO	VENDIDO	PARTIDO
SE VÓS TIVÉSSEIS	CANTADO	VENDIDO	PARTIDO
SE ELES TIVESSEM	CANTADO	VENDIDO	PARTIDO

MODO SUBJUNTIVO

- FUTURO

- **Exprime possibilidade futura**
- Ex: Quando eu **voltar**, saberei o que fazer.
- Ex: Quando eu **passar** no vestibular, saberei exatamente como comemorar.

MODO SUBJUNTIVO

- FUTURO

PESSOA	CANTAR	VENDER	PARTIR
QUANDO EU	CANTA**R**	VENDE**R**	PARTI**R**
QUANDO TU	CANTA**RES**	VENDE**RES**	PARTI**RES**
QUANDO ELE	CANTA**R**	VENDE**R**	PARTI**R**
QUANDO NÓS	CANTA**RMOS**	VENDE**RMOS**	PARTI**RMOS**
QUANDO VÓS	CANTA**RDES**	VENDE**RDES**	PARTI**RDES**
QUANDO ELES	CANTA**REM**	VENDE**REM**	PARTI**REM**

Infinitivo Pessoal

Eu amar
Tu amar**es**
Ela amar
Nós amar**mos**
Vós amar**des**
Elas amar**em**

Eu partir
Tu partir**es**
Ela partir
Nós partir**mos**
Vós partir**des**
Elas parti**rem**

Eu beber
Tu beber**es**
Ela beber
Nós beber**mos**
Vós beber**des**
Elas beber**em**

Eu compor
Tu compor**es**
Ela compor
Nós compor**mos**
Vós compor**des**
Eles compor**em**

Voz Ativa

Sujeito ativo = pratica a ação verbal

Os engenheiros **construíram** o prédio.

Os alunos **estudavam** a matéria d aprova.

Ana **esperará** o amigo.

Voz Passiva

Sujeito passivo = recebe a ação verbal

O prédio **foi** **construído** pelos engenheiros.

A matéria da prova **era** **estudada** pelos alunos.

O amigo **será** **esperado** por Ana.

Esperar-se-á o amigo.

Voz Reflexiva

Sujeito ativo e passivo = pratica e recebe a ação verbal

Juliana **se cortou.**

Exercícios

Complete a sentença com a forma verbal **correta.**

O governo pede que a população...

(A) economiza água todos os dias.
(B) esteje atenta ao desperdício.
(C) propõe modos de poupar água.
(D) não despeje dejetos em rios.
(E) não consome água em excesso.

Exercícios

“Ela o abandonara”. Sobre o verbo destacado é **correto** afirmar:

(A) indica um fato passado interrompido.
(B) indica uma verdade universal.
(C) indica uma ação contínua no passado.
(D) indica uma ação concluída no passado.
(E) indica um fato passado anterior a outro fato passado.

CLASSES GRAMATICAIS - PREPOSIÇÃO

A) Definição: Palavra que LIGA DOIS TERMOS QUAISQUER, com exceção das orações desenvolvidas e dos termos de mesma função sintática.

B) Relação: não há.

C) Função Sintática: não exercem.

D) Variação: não têm (palavras invariáveis)

Preposições essenciais: a, ante, até, após, com, contra, de, desde, em, entre, para, por, per, perante, sem, sob, sobre, trás.

Locuções: além de, antes de, até a, apesar de, acerca de, em vez de, dentro de, depois de, junto a.

CLASSES GRAMATICAIS - PREPOSIÇÃO

Preposições acidentais: podem ligar termos de uma oração ou ter outras funções.

Ele a trouxe para estudar.

Ele a trouxe para que estudasse.

PREPOSIÇÃO – VALORES SEMÂNTICOS

Ela está em casa.

Estou com ela.

Ela está de cama.

O vaso está sob a mesa.

O vaso está sobre o fogão.

PREPOSIÇÃO - POLISSEMIA

- Ando a pé. (meio)
- Fui a praias. (lugar)
- Nasci a 5 de março. (tempo)
- Escrevi a lápis. (instrumento)
- Vendi a dez reais. (preço)

- Agi com raiva. (modo)
- Fui com ele. (companhia)
- Bati com o rolo de macarrão. (instrumento)

CLASSES GRAMATICIAS - INTERJEIÇÃO

A) Definição: palavra que EXPRESSA EMOÇÃO.

B) Relação: não há.

C) Função Sintática: não exercem.

D) Variação: não há.

Atenção: lembrar das locuções interjetivas: Nossa senhora! Meu Deus! Puxa vida!

Psiu!
Ai! Ui!
Ora!
Nossa! Puxa!
Bravo!

CLASSES GRAMATICAIS - CONJUNÇÃO

A) Definição: palavra que LIGA DUAS ORAÇÕES ou dois TERMOS DE MESMA FUNÇÃO SINTÁTICA

B) Relação: não possui

C) Função Sintática: não exerce

D) Variação: não possui (palavra invariável)

E) Classificação: COORDENADAS e SUBORDINADAS

Exercícios

A) Liga termos de uma oração (é preposição)

B) Liga orações com verbo flexionado (é conjunção)

C) Acompanha verbo, advérbio ou adjetivo (é advérbio)

1. Montou o aparelho **conforme** as especificações.
2. O trabalho será feito **conforme** você pediu.
3. As pessoas agem **conforme** seus impulsos.
4. O aparelho será montado amanhã, **segundo** disseram os técnicos.
5. Irá toda minha família, **menos** eu.
6. Os inquilinos estavam **menos** preocupados após a reunião.

EXERCÍCIOS - CESPE

A ordem das palavras nos sintagmas nominais “timidez excessiva” (L.10), “cartas virtuais” (L.17) e “obras literárias” (L.30) confirma a regra de que, em geral, no português, o adjetivo vem posposto ao substantivo, principalmente quando restritivo.

- Na frase "Outras palavras da língua portuguesa costumam despertar esse mesmo tipo de dúvida.", a palavra sublinhada funciona como um substantivo, porque pode aceitar o artigo definido, como no exemplo: "o despertar da dúvida".
- O vocábulo "jovens" em “Isso não implica

EXERCÍCIOS – ADVÉRBIO

“Hoje em dia é muito mais fácil, mais simples e mais barato fazer tudo errado.”

“errado” em “mais barato fazer tudo errado” (linha 17) é um adjetivo que funciona como advérbio.

- Na frase "Outras palavras da língua portuguesa costumam despertar esse mesmo tipo de dúvida.", a palavra sublinhada funciona como um substantivo, porque pode aceitar o artigo definido, como no exemplo: "o despertar da dúvida".
- O vocábulo "jovens" em “Isso não implica

EXERCÍCIOS – ADVÉRBIO - CESGRANRIO

- A relação entre o vocábulo destacado e a categoria gramatical a ele atribuída está correta em:
- a) "... com a roupa **mal** passada," (l. 2) – adjetivo.
- b) "... **que** era esposa descuidada." (l. 3) – pronome relativo.
- c) "começou sub-repticiamente **a** marcar..." (l. 10-11) – preposição.
- d) "... um leve **afrouxar-**se das pálpebras." (l. 12-13) – verbo.
- e) "... só **muitos** meses ..." (l. 15) – advérbio.

EXERCÍCIOS – CESPE

- Considerando-se as duas ocorrências do advérbio “onde”, primeiro e terceiro parágrafos do documento, apenas na primeira respeitam-se as normas do padrão escrito formal da língua portuguesa para o emprego desse advérbio.

EXERCÍCIOS – CESPE

- “Sucesso não é o objetivo final da vida: na verdade, é apenas o começo. Se a partir daí a trajetória pessoal não for muito bem gerenciada, o sucesso pode virar fracasso.”
- Textualmente, o advérbio "daí" (L.2) estabelece uma referência temporal para a obtenção do sucesso.

EXERCÍCIOS - CESPE

“A formação de novos quadros profissionais e técnicos, ...”

O vocábulo "técnicos" (l.6), no texto, classifica-se como substantivo.

EXERCÍCIOS - CESPE

“A atividade fundamental da universidade é o educar, em todos os sentidos.”

- A palavra "educar" (l.11) foi empregada como substantivo.

EXERCÍCIOS - CESPE

“Esse processo resulta não apenas na capacitação dos alunos técnica e formalmente para desempenhar suas atividades no seio da sociedade,...”

- A expressão "técnica e formalmente" (l.22) poderia ser substituída, sem prejuízo à coerência e à correção gramatical do período, **por formal e técnicamente**.

EXERCÍCIOS - ESAF

- “Como todo mundo sabe, trata-se de uma história em que pessoas – um soberano, um povo - , ignorando uma certa verdade, conseguem, por uma série de técnicas, descobrir uma verdade que coloca em questão a própria soberania do soberano.”

- Seria mantida a correção gramatical, mas haveria mudança do sentido original do texto, caso as palavras "certa" e "própria" estivessem pospostas ao substantivo a que estão relacionadas.

EXERCÍCIOS - FGV

- No título do texto “A era do sustentável” ocorre o seguinte fato gramatical:

- a) a modificação de classe gramatical do vocábulo sustentável.
- b) o uso indevido de uma forma verbal como substantivo.
- c) a utilização de um substantivo por outro.
- d) o emprego inadequado de um adjetivo.
- e) um erro de concordância nominal.

EXERCÍCIOS - FUNCAB

- Em: "...as seguradoras obrigam o cliente a fazer um check-up médico que pode detectar, entre outros males, o tabagismo. " , as palavras grifadas pertencem, respectivamente, às seguintes classes gramaticais:

- a) preposição - substantivo - pronome relativo - conjunção - adjetivo.
- b) preposição - substantivo - conjunção integrante - preposição - adjetivo.
- c) preposição - adjetivo - pronome relativo - preposição - substantivo.
- d) artigo - substantivo - conjunção integrante - conjunção - adjetivo.
- e) artigo - adjetivo - pronome relativo - preposição - substantivo.

EXERCÍCIOS - VUNESP

- Analise as afirmações: I. Em - ... *galões de água expostos sobre carros*... - a preposição *sobre* poderia ser substituída por sob, sem prejuízo de sentido. II. Fazem o plural da mesma forma que o substantivo *galões* as palavras *cidadão, mamão e órfão.* III. O feminino de *chefe* se faz da mesma forma que *presidente* em - *A presidente argentina*... Está correto o que se afirma em
- a) I, apenas.
- b) III, apenas.
- c) I e II, apenas.
- d) II e III, apenas.
- e) I, II e III.

SEFAZ/SC – AUDITOR DA RECEITA ESTADUAL

- Analisando morfologicamente cada uma das palavras da frase "Muita gente acha que as pessoas nascem com limitações inatas", temos, sequencialmente:
- a) advérbio de intensidade; substantivo próprio; verbo; pronome relativo; artigo definido; substantivo próprio; verbo; preposição; substantivo próprio; adjetivo.
- b) pronome indefinido; substantivo comum; verbo; conjunção subordinativa integrante; artigo definido; substantivo comum; verbo; preposição; substantivo comum; adjetivo.
- c) pronome indefinido; substantivo abstrato; verbo; conjunção coordenativa aditiva; artigo definido; substantivo coletivo; verbo; preposição; verbo substantivado comum; advérbio.
- d) numeral cardinal; substantivo coletivo; verbo; conjunção coordenativa explicativa; artigo definido; substantivo abstrato; verbo; conjunção coordenativa aditiva; substantivo comum; adjetivo.
- e) adjetivo; substantivo comum; verbo; conjunção subordinativa consecutiva; contração da preposição **a** com o artigo **as;** substantivo concreto; verbo; preposição; substantivo concreto; adjetivo.

EXERCÍCIOS - ADVISE

- As palavras destacadas na frase abaixo pertencem, respectivamente, as seguintes classes de palavras: O material **didático mais barato que** existe na **praça** é o **professor**.

- a) adjetivo; advérbio; adjetivo; conjunção; advérbio; e substantivo.
- b) adjetivo; advérbio; adjetivo; pronome relativo; substantivo; e substantivo.
- c) substantivo; advérbio; adjetivo; conjunção; substantivo; e substantivo.
- d) adjetivo; conjunção; substantivo; pronome relativo; e advérbio.
- e) adjetivo; advérbio; adjetivo; conjunção; substantivo e substantivo.

EXERCÍCIOS

- "O Código Civil também trouxe duas regras referentes à área usada pelo morador." (linha 33)
  Segundo gramáticas da língua portuguesa, o substantivo pode ser funcionalmente definido como o **núcleo** do sujeito, do objeto direto, do objeto indireto, do complemento nominal e do agente da passiva.
  Considerando essa definição, assinale a alternativa que indica o número de palavras que, na frase transcrita do texto, podem ser analisadas como substantivo.

- a) Apenas uma palavra
- b) Duas palavras
- c) Três palavras
- d) Mais de três palavras

EXERCÍCIOS - CESGRANRIO

- As palavras em destaque em "... que, apesar do **olhar** profissional **crítico**, analítico," (L. 35-36) são classificadas, respectivamente, como:

- a) substantivo e adjetivo.
- b) substantivo e substantivo.
- c) adjetivo e substantivo.
- d) verbo e adjetivo.
- e) verbo e substantivo.

PORTUGUÊS

RAFAELA MOTTA

www.facebook.com/rafaelamotta.professora

MÓDULO 5:

Período Composto

PERÍODO COMPOSTO

1 – Coordenação e subordinação
2 - Período misto
3 – Conjunções
4 – Orações coordenadas
5 – Orações subordinadas
6 – Orações reduzidas

Análise do Período Composto

- **Período:** enunciado de sentido completo formado por oração(ões) que termina com . ! ? ...

- **Composto:** formado por mais de uma oração.

- **Oração:** estrutura formada por um verbo.

Análise do Período Composto

- Período composto por coordenação:
  - formado por orações
  - conjunções

- Período composto por subordinação:
  - formado por orações
  - conjunções

- Período misto:
  - formado por orações

Análise do Período Composto

- **Coordenação:** independência ou equivalência sintática.
  - ✓ Estudei e passei na prova.

    VI VI Adj. Adv.
  - ✓ Gosto de bananas e de maçãs.

    VTI OI OI
- **Subordinação:** dependência sintática.
  - ✓ O Brasil quis que o Japão assinasse o acordo.

    SUJ. VTD OD

GRAMÁTICA - CONJUNÇÃO

A) Definição: palavra que liga orações ou termos de mesma função sintática.
B) Relação: trata-se de um termo ligante (não é núcleo nem satélite)
C) Função sintática: não.
D) Variação: não.
E) Classificação: coordenativas e subordinativas
F) Divisão das coordenativas: aditiva, alternativa, adversativa, explicativa, conclusiva (critério semântico)
G) Divisão das subordinativas: integrantes, adverbiais (critério sintático)

Oração Coordenada Sindética Aditiva

1- Fui ao banco **e** depois, à feira.

(Fui ao banco **e** depois fui à feira.)

VI ADJ. ADV ADJ. VI ADJ. ADV

- ADIÇÃO = soma de eventos.
- ✓ Principais conjunções: e, nem (= e não), não só... mas também, não só... mas até.

Oração Coordenada Sindética Adversativa

2- Ela namorou nove anos, **e** não se casou.

SUJ VI ADJ. ADV ADJ.ADV VI

- ADVERSIDADE = ideia contrária à anterior, quebra de expectativa.
- Principais conjunções: e (=mas), mas, porém, todavia, contudo, no entanto, entretanto, outrossim.
- Atenção: “e” adversativo – precedido de vírgula.
- Introduz o argumento mais forte da enunciação.

Oração Coordenada Sindética Alternativa

3- Case-se comigo **ou** suma da minha vida.

VTI OI VI ADJ. ADV

- ALTERNÂNCIA = eventos excludentes.
- ✓ Principais conjunções: ou, ou...ou, já...já, ora...ora, quer...quer, seja...seja.
- ✓ Atenção ao paralelismo.

Oração Coordenada Sindética Explicativa

4- Você deveria estudar, **pois** corre o risco de repetir de ano.

Saia da minha frente, **que** estou mandando.

Você chorou, **porque** seus olhos estão vermelhos.

- ➢ EXPLICAÇÃO: acrescenta uma explicação à anterior.
- ✓ Principais conjunções: porque, pois (antes do verbo), que, já que, uma vez que, visto que.
- ✓ Atenção: não confundir com as causais. Explicação indica:

S ugestão

O rdem

S uposição **SOS**

Oração Coordenada Sindética Conclusiva

5- Os homens sempre mentem; não merecem, **pois**, crédito algum de nossa parte.

Os homens sempre mentem

SUJ ADJ.ADV VI

não merecem crédito algum de nossa parte.

ADJ. ADV VTDI OD OI

- CONCLUSÃO: acrescenta uma conclusão à anterior.
- Principais conjunções: logo, portanto, pois (depois do verbo), por isso, assim, então.

A conjunção “pois” e sua polissemia

Valor de explicação	**Valor de conclusão**
Vier antes do verbo (anteposta)	Vier depois do verbo (posposta)
Puder ser substituída pela palavra “porque”	Puder ser substituída pela palavra “portanto”

Oração Coordenada Sindética Conclusiva

5- Os homens sempre mentem; não merecem, **pois**, crédito algum de nossa parte.

- CONCLUSÃO: acrescenta uma conclusão à anterior.
- ✓ Principais conjunções: logo, portanto, pois (depois do verbo), por isso, assim, então.

Orações Subordinadas Substantivas

- Recebem o nome de substantivas porque exercem funções sintáticas tipicamente exercidas por substantivos.
- Podem ser substituídas por um pronome substantivo: isso, disso, nisso, esse, desse, essa, essas...
- São introduzidas, quando desenvolvidas, por uma conjunção integrante ou, mais raramente, por um pronome.
- Tal conjunção não possui valor semântico.
- Sua classificação obedece a critérios sintáticos.
- Tipos: subjetiva, objetiva direta, objetiva indireta, predicativa, apositiva, completiva nominal, agente da passiva.
- Podem ser reduzidas.

Orações Reduzidas

Características
Possuem verbo reduzido – forma nominal: infinitivo, gerúndio ou particípio
Não possuem conjunção – são ligadas por preposição
Somente as subordinadas podem ser reduzidas

Oração Subordinada Substantiva Subjetiva

1 – É necessário **que** se tenha paciência.

- SUBJETIVA: exerce a função sintática de SUJEITO.

Oração Subordinada Substantiva Objetiva Direta

2 – Eu não sei **se** ele irá à festa.

2- Ele disse **que** me ama.

- OBJETIVA DIRETA: exerce a função sintática de OBJETO DIRETO.

Oração Subordinada Substantiva Objetiva Indireta

3 – Eu preciso **que** você me ame.

3 – Tenho necessidade de **que** me fale a verdade.

- OBJETIVA INDIRETA: exerce a função sintática de OBJETO INDIRETO.
- Atenção: A preposição é facultativa.

Oração Subordinada Substantiva Objetiva Indireta

No meio do caminho tinha uma pedra.
Tinha uma pedra no meio do caminho.
(...)
Nunca me esquecerei desse acontecimento.
Na vida de minhas retinas tão fatigadas.
Nunca me esquecerei que no meio do caminho tinha uma pedra.

Carlos Drummond de Andrade

Oração Subordinada Substantiva Predicativa

4 - O interessante na vida é **que** se tenha precaução.

4 – É interessante **que** se tenha precaução.

- PREDICATIVA: exerce a função sintática de PREDICATIVO.

Oração Subordinada Substantiva Completiva Nominal

5 – Ele tinha necessidade de **que** o amassem.

5 – Ainda tenho lembrança do **que** vivemos.

- COMPLETIVA NOMINAL: exerce a função sintática de COMPLEMENTO NOMINAL.

Oração Subordinada Substantiva Apositiva

6 – Tinha certeza de uma coisa: que era ainda egoísta.

- APOSITIVA: exerce a função sintática de APOSTO.

Oração Subordinada Substantiva Agente da Passiva

7 – A ponte foi construída por quem tinha dinheiro.

A ponte foi construída pelos engenheiros.

- AGENTE DE PASSIVA: exerce a função sintática de AGENTE DA PASSIVA.

Colocando em prática

- ✓ O aluno estudou bastante, todavia não passou na prova.
- ✓ Ele tem necessidade de que o amem.
- ✓ Ele tem desejo de que o levem embora.
- ✓ João cantou, dançou, gritou, pulou.

Colocando em prática

- ✓ Beije-me que eu quero.
- ✓ Eu tenho estudado muito.
- ✓ Ela não estava bem porque estava vomitando o tempo todo.
- ✓ Ora me ama intensamente, ora me trata como estranho.

Colocando em prática

- ✓ Saia agora porque estou mandando.
- ✓ Estudou muito, portanto passou.
- ✓ Só lhe interessava uma coisa: que ele a amasse.
- ✓ A garota não disse não nem disse sim.

Orações Subordinadas Adjetivas

- Recebem o nome de adjetivas porque exercem funções sintáticas tipicamente exercidas por adjetivos.
- Exercem função sintática de adjunto adnominal.
- São introduzidas por pronome relativo.
- Tipos: restritiva e explicativa.
- Podem ser reduzidas.

Oração Subordinada Adjetiva Restritiva

1 – Meu irmão que mora em Brasília chegou hoje.

- ➢ Não vem separada por vírgula.
- ✓ Delimita de forma mais precisa o seu referente.

Oração Subordinada Adjetiva Explicativa

2 – Meu irmão, que mora em Brasília, chegou hoje.

- ➢ Vem separada por vírgula.
- ✓ Qualifica o seu referente de forma mais genérica, portanto, a informação não restringe.

Orações Subordinadas Adverbiais

- Recebem o nome de adverbiais porque exercem funções sintáticas tipicamente exercidas por advérbios.
- Função sintática: adjunto adverbial
- São introduzidas, quando desenvolvidas, por uma conjunção subordinativa adverbial.
- Tal conjunção/locução conjuntiva possui valor semântico.
- Tipos: causal, consecutiva, concessiva, conformativa, condicional, comparativa, final, proporcional, temporal, modal, locativa.
- Podem ser reduzidas.

Orações Subordinadas Adverbiais - Valores Semânticos

Causal (causa)	Indicam a causa de um fato.
Consecutiva (consequência)	Indicam a consequência de um fato.
Concessiva (concessão)	Indicam a concessão, uma exceção.
Comparativa (comparação)	Fazem uma comparação entre elementos.
Condicional (condição)	Indicam uma condição de algo.
Conformativa (conformidade)	Indicam algo que é conforme.
Proporcional (proporção)	Expressam uma proporção.
Final (finalidade)	Indicam a finalidade de algo.
Temporal (tempo)	Mostram o tempo de ocorrência de algo.
Modal (modo)	Indicam a circunstância de modo de uma ocorrência.
Locativa (lugar)	Fazem referência a lugar.

Oração Subordinada Adverbial Causal

1 – **Como** não choveu, o poço secou.

1 - Eu bati o carro **porque** dirigia a 100 por hora.

- CAUSAL: ideia de causa, ligada a um **FATO**.
- Atenção para a diferenciá-las das explicativas: **SOS**
- **Causal # explicativa**

Oração Subordinada Adverbial Consecutiva

2 – Falava tanto **que** o marido fugiu.

- CONSECUTIVA: ideia de consequência.
- Conjunções: tal

  tão ... que

  tanto

  tamanho

  de ... que
- **Consecutiva # conclusiva**

Oração Subordinada Adverbial Concessiva

3 – **Embora** tenha economizado, não pagou a dívida.

- CONCESSIVA: ideia de concessão, exceção.
- Enfatiza o argumento mais fraco.
- **Concessiva # adversativa**

Orações Subordinadas Adverbiais - Tipos

Orações Subordinadas Adverbiais - Valores Semânticos	
Causal (causa)	Indicam a causa de um fato.
Consecutiva (consequência)	Indicam a consequência de um fato.
Concessiva (concessão)	Indicam a concessão, uma exceção.
Comparativa (comparação)	Fazem uma comparação entre elementos.
Condicional (condição)	Indicam uma condição de algo.
Conformativa (conformidade)	Indicam algo que é conforme.
Proporcional (proporção)	Expressam uma proporção.
Final (finalidade)	Indicam a finalidade de algo.
Temporal (tempo)	Mostram o tempo de ocorrência de algo.
Modal (modo)	Indicam a circunstância de modo de uma ocorrência.
Locativa (lugar)	Fazem referência a lugar.

Colocando em prática

- ✓ Estudou para passar.
- ✓ É bom estudar.
- ✓ Ela foi a primeira a falar.
- ✓ Pagou caro por falar demais.

Colocando em prática

- ✓ Assinaram uma lei proibindo comércio ali.
- ✓ Não sairá sem vestir o paletó.
- ✓ Depois de discutido o assunto, votou-se.
- ✓ Recebeu os documentos enviados por seu irmão.

Orações Coordenadas

Oração coordenada assindética

Não possui síndeto (conjunção)

Sindética

- **Conjunção coordenativa**
- Síndeto possui valor semântico

Valores semânticos

- **Aditiva**
- **Adversativa**
- **Alternativa**
- **Explicativa**
- **Conclusiva**

Orações Subordinadas

Oração principal

Substantivas

- **Conjunção integrante**

- Funções sintáticas
  - Sujeito
  - OD / OI
  - CN
  - Aposto
  - Predicativo
  - Agente da passiva

Adjetivas

- **Pronome relativo**

- Adjunto adnominal

Adverbiais

- **Conjunção subordinativa adverbial**

- Adjunto adverbial

Relações Importantes

1ª relação
- Coordenada Sindética Adversativa
- Subordinada Adverbial Concessiva

2ª relação
- Coordenada Sindética Explicativa
- Subordinada Adverbial Causal

3ª relação
- Coordenada Sindética Conclusiva
- Subordinada Adverbial Consecutiva

Primeira Relação

Coordenada Sindética Adversativa

- Enfatiza o argumento mais forte.
- O São Paulo empatou, **mas** continua líder.

Subordinada Adverbial Concessiva

- Enfatiza o argumento mais fraco.
- **Embora** o São Paulo tenha empatado, continua líder.

Segunda Relação

Coordenada Sindética Explicativa

Indica: **(SOS)**

Sugestão

Ordem

Suposição

1- Estude **que** você vai passar.

2 - Saia agora **porque** estou mandando.

3 - Você chorou **pois** seus olhos estão vermelhos.

Subordinada Adverbial Causal

Indica:

Fato

1 – Bati o carro **porque** dirigia a 100 por hora.

Terceira Relação

Coordenada Sindética Conclusiva

Conjunções:

“o resto”

1- Ele era lindo, logo não resisti.

2 – Falou muito; assim, ficou rouca.

3- Estudou muito, portanto passou.

Subordinada Adverbial Consecutiva

Conjunções:

(Tão/tal/tanto/tamanho) ... que

De ... que

1 – Ele era **tão** lindo **que** não resisti.

2 – Falou **tanto que** ficou rouca.

3 – Sua disciplina era **tamanha que** passou no concurso.

4 – Estudo muito **de modo que** passou.

PORTUGUÊS

RAFAELA MOTTA

www.facebook.com/
rafaelamotta.professora

MÓDULO 8 e 9:

Concordância

Concordância Verbal

Sujeito Composto

1) Anteposto: verbo no plural

- ✓ Paulo e Tereza chegaram.

2) Posposto: verbo plural / concorda com o mais próximo.

- ✓ Chegaram Paulo e Tereza.
- ✓ Chegou Paulo e Tereza.

3) Com pessoas gramaticais diferentes:

- ➢ 1ª + qualquer outra = 1ª pessoa plural
- ➢ 2ª + 3ª = verbo na 2ª ou 3ª pessoa plural
- ✓ Eu e tu chegamos bem.
- ✓ Tu e ele chegastes / chegaram bem.

Concordância Verbal

Sujeito Composto

4) Núcleos sinônimos: verbo plural / núcleo mais próximo

- ✓ Dor e sofrimento me acompanham / acompanha.

5) Núcleos em gradação: verbo plural / concorda com o mais próximo.

- ✓ Um ano, um mês, um dia pouco importam / importa.

6) Núcleos ligados por **ou**:

- ➢ Com exclusão = verbo – núcleo mais próximo
- ➢ Sem exclusão = verbo plural
- ✓ Os gaúchos ou nós venceremos a corrida.
- ✓ O rico ou o pobre morrerão um dia.

Concordância Verbal

Sujeito Composto

7) Núcleos infinitivos: verbo 3ª do singular

- ✓ Caminhar e correr faz bem à saúde.
- ➢ Infinitivos antônimos ou determinados = verbo plural
- ✓ Amar e odiar fazem parte do ser humano.
- ✓ O caminhar e o correr fazem bem à saúde.

8) Núcleos ligados por **com** ou **como**:

- ➢ Sem vírgula = verbo plural
- ➢ Com vírgula = verbo singular
- ✓ O capitão com o sargento organizaram o evento.
- ✓ O capitão, com o sargento, organizou o evento.

Concordância Verbal

Sujeito Composto

9) Seguido de aposto resumitivo: verbo concorda com aposto

- ✓ Vinho, dinheiro, mulheres, nada o alegrava mais.

10) Com as locuções **um e outro / nem um nem outro / nem ... nem**: verbo no singular ou no plural

- ✓ Um e outro assunto será / serão visto(s).
- ✓ Nem um nem outro aluno saiu / saíram.
- ✓ Nem livro nem apostila basta / bastam.

11) Com a locução **um ou outro**: verbo singular

- ✓ Um ou outro assessor viajará a serviço.

Concordância Verbal

Casos especiais

12) Com a locução **mais de um**: verbo singular

- ✓ Mais de um jogador será convocado.
- ➢ Havendo reciprocidade ou repetição: verbo plural
- ✓ Mais de um carro se chocaram na pista.
- ✓ Mais de um carro, mais de um caminhão derraparam na pista.

13) Com locução pronominal + pronome pessoal

- ➢ Núcleo singular: verbo singular
- ➢ Núcleo plural: verbo 3ª plural / concorda com pronome.
- ✓ Qual de nós sobreviverá?
- ✓ Quais de nós vencerão / venceremos?

Concordância Verbal

Casos especiais

14) Com a locução **um dos que**: verbo singular / plural

- ✓ Ele foi um dos escritores que me fascinou .
- ✓ Ele foi um dos escritores que me fascinaram.

15) Sujeito **coletivo, partitivo** ou **percentual**

- ➢ Concorda com o núcleo / com o determinante
- ✓ A maioria dos alunos passará / passarão.
- ✓ Um bando de pássaros pousou / pousaram.
- ✓ Um por cento dos alunos já passou / passaram.

16) Sujeito **que:** concorda com o antecedente

- ✓ Sou eu que pago a conta.

Concordância Verbal

Casos especiais

17) Sujeito **quem**: verbo 3ªsingular / com o antecedente

- ✓ Não sou eu quem pagará / pagarei a conta.

18) Concordância facultativa verbo **ser**

- ➢ Sujeito **tudo, nada, isto, isso, aquilo**
- ➢ Sujeito título pluralício de obras
- ➢ Sujeito singular e predicativo coisas
- ✓ Na juventude, tudo são / é flores.
- ✓ Os Lusíadas são / é uma epopeia.
- ✓ A casa eram / era só palhas velhas.

Julgue os itens de acordo com as regras de concordância verbal.

①A invenção da roda é frequentemente descrita como um dos fatos fundamentais que permitiram ao homem construir sua civilização.

②A roda, ao lado de outras importantes invenções como a alavanca e o guindaste, inaugurou uma era tecnológica que hoje nos permitem construir todas as espécies de veículos.

③Um dos mais populares é, sem dúvida alguma, o carro, que facilita a vida de milhões de pessoas em todo o planeta.

④Há, porém, um grande inconveniente quando muitos carros procuram passar pelo mesmo local ao mesmo tempo.

Julgue os itens de acordo com as regras de concordância verbal.

①Os veículos deixam de cumprir a finalidade para a qual foram criados.

②Os encarregados de coibir a violência contra a população não cumpre a lei.

③João Paulo, um dos melhores advogados da cidade, defenderam a vítima.

Julgue os itens de acordo com as regras de concordância verbal.

① Diríamos que há importantes distinções a fazer entre discurso e história.

② Haveremos de refletir sobre o lugar particular do índio na cultura.

③ Os missionários já haviam amansado o índio e o tornado submisso.

④ Há vários séculos as línguas indígenas têm tradição apenas oral.

Julgue os itens de acordo com as regras de concordância verbal.

① Devem haver vantagens para o índio no contato com a civilização.

②Tem domicílio em comarcas diferentes os dois réus.

③Não é permitido que estacionem os carros sem cartão.

④Foi publicada em abril as leis necessárias à punição do criminoso.

Concordância Nominal

Casos especiais

1) Adjetivo **posposto** a mais de um substantivo

- ➢ Adjunto: plural, gênero predominante / concorda com o mais próximo
- ➢ Predicativo: plural, gênero predominante

- ✓ Carro e moto importados / importada.
- ✓ A janela e o portão estavam abertos.

Concordância Nominal

Casos especiais

2) Adjetivo **anteposto** a mais de um substantivo

- Adjunto adnominal: concorda com o mais próximo
- Predicativo: plural (preferência) / mais próximo

- ✓ Compramos cheirosas ervas e cravos.
- ✓ Julgo satisfatórios a pesquisa e o estudo.
- ✓ Julgo satisfatória a pesquisa e o estudo.

Concordância Nominal

Casos especiais

3) Alerta / menos / pseudo – advérbios (invariáveis) e a palavra **monstro** quando usada como adjetivo

- ✓ Tenho menos fãs na TV que no teatro.
- ✓ Por precaução, vivemos alerta.
- ✓ Os pseudo-meninos não se entendiam.
- ✓ Assistimos a comícios-monstro na Alemanha.

Concordância Nominal

Casos especiais

4) Bastante / muito / meio / mesmo

- ➢ Advérbios: invariáveis
- ➢ Classes variáveis: variáveis

- ✓ Todos pareciam bastante / muito felizes.
- ✓ Façam bastantes / muitos exercícios.
- ✓ Ela está meio confusa.
- ✓ Ela tomou meia taça de vinho.
- ✓ Ela faz mesmo muitas promessas.
- ✓ Elas mesmas confeccionaram o vestido.

Concordância Nominal

Casos especiais

5) Só / sós / a sós

- ➢ Só: sozinho (adjetivo/variável)
- ➢ Só: somente (advérbio / invariável)
- ➢ A sós: locução adverbial
- ✓ Mesmo na multidão, eles vivem sós.
- ✓ Ele estava só tentando a sorte.
- ✓ Quero uma conversa a sós contigo.

6) Anexo / incluso / apenso / separado (adjetivo: variáveis)

- ✓ Remeteu anexas / inclusas / apensas / separadas as folhas.
- ➢ Em anexo / em separado (locuções adverbiais)
- ✓ Seguem, em anexo, as folhas do relatório.

Concordância Nominal

Casos especiais

7) O mais possível / os mais possíveis

- ➢ Concorda com **o, a, os, as** que o antedece
- ✓ Vi peças o mais belas possível.
- ✓ Vi peças as mais belas possíveis.

8) É bom/é proibido/é necessário/é preciso

- ➢ Varia se possuir artigo antecedendo
- ✓ É necesssário paciência.
- ✓ É necessária a paciência.
- ✓ É proibido entrada de animais.
- ✓ É proibida a entrada de animais.

Concordância Nominal

Casos especiais

9) Leso – concorda com o segundo vocábulo

- ✓ Leso-caráter / lesos-caracteres
- ✓ Lesa-pátria / lesas-pátrias

10) Com as locuções **um e outro/nem um nem outro/ um ou outro**

- ➢ Substantivo no singular, adjetivo no plural
- ✓ Um e outro jovem estudiosos passarão.

Concordância Nominal

Casos especiais

11) **Tal** e **qual** se referem a substantivos e com eles concordam.

- ➢ Verbos de ligação: mesma regra
- ➢ Demais verbos: conjunção comparativa - invariável
- ✓ _______ pai, _______ filho. / _______ pai, _______ filhos.
- ✓ ___ ordem, ___ respostas. Os frutos são _____ as árvores.
- ✓ Os filhos falaram _________ os pais.

Concordância Nominal

Casos especiais

12) A expressão **a olhos vistos** pode ser considerada expressão fixa ou ter o particípio (visto) variável, concordando com o núcleo substantivo a que se refere

- ✓ José foi se recuperando a olhos vistos / visto.
- ✓ Paula está se transformando a olhos _______________.
- ✓ José e Paula estão mudando a olhos _______________ .
- ✓ Elas estão mudando a olhos ________________ .

Concordância Nominal

Casos especiais

13) Termos antepostos e pospostos

- Diversas pessoas participaram do evento.
- Pessoas diversas participaram do evento.

- Ele sempre foi um grande homem.
- Ele sempre foi um homem grande.

- Certos trabalhadores não ligam para dinheiro.
- Trabalhadores certos não ligam para dinheiro.

Indique a frase com concordância incorreta

(A) Sempre digo que não estamos só.
(B) É meio-dia e meia, disse o locutor.
(C) A convidada chegou com sapatos e bolsas escuros.
(D) Choveu na sala, mesmo com a janela meio aberta.
(E) Durante meu curso, pude adquirir bastantes conhecimentos.

Assinale a frase em que há **erro** de concordância:

(A) Todo homem deve estar quite com suas obrigações.
(B) As crianças não devem ficar descalças.
(C) Anexas seguem as informações pedidas.
(D) Os policiais estavam alertas.
(E) O divórcio é sempre um mal.

Assinale a alternativa errada quanto à concordância:

(A) Gostava de usar roupas meio desbotadas.
(B) Resolvemos questões as mais difíceis possível.
(C) Estejam alerta, pois os ladrões são perigosos.
(D) Todos foram aprovados, salvo João e Maria.
(E) Ela mesma digitou o requerimento.

Uma das frases abaixo possui erro de concordância. Indique-a:

(A) Havia menos flores no jardim.
(B) Recebeu bastante elogios.
(C) Permanecemos alerta.
(D) Comprou caro os papéis.
(E) As casas custam barato.

Assinale o erro de concordância nominal.

(A) – Muito obrigada, disse ela.
(B) Só as mulheres foram interrogadas.
(C) Eles estavam só.
(D) Já era meio-dia e meia.
(E) Sós, ficaram tristes.

Em qual frase abaixo não se cometeu erro de concordância nominal?

(A) Seriam verdades o mais duras possíveis.
(B) As crianças estavam bastantes cansadas.
(C) Não me venha com meias palavras.
(D) Carlos está quites com o colégio.
(E) Montanhas quanto possíveis belas.

Todos os períodos abaixo foram extraídos de propagandas veiculadas nos mais diversos meios de comunicação. Assinale aquela que está de acordo com a norma padrão.

(A) Se você não se cuidar, a AIDS vai te pegar.
(B) Vem pra CAIXA, você também.
(C) COLGATE é a proteção que a gente precisa.
(D) SKOL, a cerveja que desce redondo.
(E) PAULO SILVA é o candidato que o povo confia.

Só não há erro de concordância nominal em:

(A)Motocicleta é perigosa.
(B)Haverá bastante oportunidades.
(C)Cometeu crime de lesa-patriotismo.
(D)Nós mesmo faremos o requerimento.
(E)Obrigados, responderam eles.

Aponte o erro de concordância.

(A) Péssimo lugar e ocasião escolheste.
(B) Escolheste lugar e ocasião péssimos.
(C) Precisamos de rapaz e moça altos.
(D) Anexo ao processo, encaminhamos duas fotos.
(E) Seguem, em anexo, alguns documentos.

PORTUGUÊS

RAFAELA MOTTA

MÓDULO 6:

Regência

Regência

- É a relação existente entre um termo subordinante e um subordinado.

- Os termos regentes podem ser verbos (regência verbal) ou nomes (adjetivos, substantivos e advérbios – regência nominal).

- A regência nominal é sempre preposicionada. A verbal, nem sempre.

- Ansioso por algo.
- Necessidade de algo.
- Referentemente a algo.
- Gostar de alguém.
- Vencer o obstáculo.

Regência Verbal

- ✓ Regência dos verbos mais comuns.

- ➢ Agradar:
- ❖ VTD = fazer carinho
- ❖ VTI = ser agradável a alguém, cair no seu agrado

- Ela agradou o namorado.
- Ela agradou ao namorado.

Regência Verbal

- ✓ Regência dos verbos mais comuns.

- ➢ Ansiar:
- ❖ VTD = alguém, provocar angústia em alguém
- ❖ VTI = por algo, almejar

- As fotos do crime ansiaram a delegada.
- Ela ansiava por um emprego melhor.

Regência Verbal

- ✓ Regência dos verbos mais comuns.

- ➢ Aspirar:
- ❖ VTD = algo, sorver, respirar
- ❖ VTI = a algo, desejar, almejar (não aceita *lhe*)

- ▪ Ele aspirou o ar poluído.
- ▪ Ela aspirava ao cargo de gerente.

Regência Verbal

- ✓ Regência dos verbos mais comuns.

- ➢ Assistir:
- ❖ VTD = alguém, dar assistência, prestar socorro
- ❖ VTI = a algo, ver, presenciar (não aceita *lhe*)
- ❖ VTI = a alguém, caber direito
- ❖ VI = em algum lugar, morar

- ▪ O médico assistiu os doentes.
- ▪ O médico assistiu ao filme.
- ▪ O direito ao voto assiste ao povo.
- ▪ O médico assiste em São Paulo.

Regência Verbal

- ✓ Regência dos verbos mais comuns.

- Chamar:
- VTD = alguém, convocar
- VTI = por alguém, invocar
- VTD ou VTI = alguém de ou a alguém de, atribuir qualidade

- O médico chamou os residentes para uma reunião.
- A mídia chamou os artistas de esnobes.
- A mídia chamou aos artistas de esnobes.
- Os fiéis chamaram pela Santa.

Regência Verbal

- Regência dos verbos mais comuns.

- Chegar:
- VI = a um lugar, de um lugar
- VI = em um meio de transporte, de um meio de transporte

- Ela chegou de ônibus.
- Ela chegou em um ônibus.
- Ela chegou a casa.
- Ela chegou de Paris.

Regência Verbal

- ✓ Regência dos verbos mais comuns.

- Custar:
- VTD = tanto, atribuir valor
- VTI = a alguém, ser difícil, ser custoso

- Custou a ela dizer a verdade.
- Custou-lhe dizer a verdade.
- Pagou os cem reais que custou a bolsa.
- A atitude custou muito a ela.

Regência Verbal

- ✓ Regência dos verbos mais comuns.

- ➢ Lembrar / Esquecer:
- ❖ VTD = algo, alguém

- ➢ Lembrar-se / Esquecer-se:
- ❖ VTI = de algo, de alguém

- Ele se esqueceu da chave. / Ele esqueceu a chave.

Regência Verbal

- ✓ Regência dos verbos mais comuns.

- ➢ Implicar:
- ❖ VTI = com algo, ter implicância
- ❖ VTI = em algo, envolver-se
- ❖ VTD = algo, acarretar

- ▪ Ela implicou com o namorado.
- ▪ O juiz implicou-se em corrupção.
- ▪ A assinatura do contrato implicou o pagamento da multa.

Regência Verbal

- ✓ Regência dos verbos mais comuns.

- Ir / Vir:
- VI = a um lugar (temporariamente)
- VI = para um lugar (definitivamente)
- VI = de um lugar, por um lugar
- VI = em um meio de transporte, de um meio de transporte

- Ela foi a Paris.
- Ela foi para Paris.
- Ela veio de Paris.
- Ela veio de trem.

Regência Verbal

- ✓ Regência dos verbos mais comuns.

- Namorar:
- VTD = alguém
- VI = com alguém (na companhia de)

- Ela namora o Roberto.
- Na época da namoradeira, namorava-se com os pais.

Regência Verbal

- ✓ Regência dos verbos mais comuns.

- ➢ Obedecer, desobedecer, suceder, obstar:
- ❖ VTI = a algo, a alguém

- Ela obedeceu aos pais.
- Ela desobedeceu aos pais.
- Ela sucedeu ao presidente.
- O mau tempo poderia obstar ao passeio na praia.

Regência Verbal

- ✓ Regência dos verbos mais comuns.

- ➢ Pagar / Perdoar:
- ❖ VTD = algo
- ❖ VTI = a alguém
- ❖ VTDI = algo a alguém

- ▪ Não conseguiu pagar a prestação.
- ▪ Não conseguiu pagar ao banco.
- ▪ Ela pagou a dívida aos credores.

Regência Verbal

- ✓ Regência dos verbos mais comuns.

- ➢ Preferir:
- ❖ VTDI = isto a aquilo

- Prefiro carro a moto.
- Preferiu a casa à viagem.
- Preferi o chocolate ao sorvete.

Regência Verbal

- ✓ Regência dos verbos mais comuns.

- ➢ Presidir:
- ❖ VTD = uma reunião
- ❖ VTI = a uma reunião

- ▪ Ela presidiu a reunião.
- ▪ Ela presidiu à reunião.

Regência Verbal

- ✓ Regência dos verbos mais comuns.

- ➢ Querer:
- ❖ VTD = algo, alguém, desejar
- ❖ VTI = a alguém, gostar

- Ela quer aquele garoto.
- Ela quer o seu bem.
- Quero aos que me querem bem.

Regência Verbal

- ✓ Regência dos verbos mais comuns.

- Responder:
- VTD = algo, dar como resposta
- VTI = a algo, a alguém, dar uma resposta a...

- Ela respondeu que viria.
- Ela respondeu a questão.
- Ela respondeu ao convite.

Regência Verbal

- ✓ Regência dos verbos mais comuns.

- ➢ Visar:
- ❖ VTD = algo, mirar
- ❖ VTD = algo, pôr visto em
- ❖ VTI = a algo, ter em vista, almejar

- Ela visou o alvo.
- O diplomata visou o passaporte.
- Ela visa ao cargo de servidora pública.

- ✓ A proposta dos patrões não agradou _______ trabalhadores.
- ✓ A traição do rapaz não agradou ______ namorada.
- ✓ Ele não ______ agradou o suficiente para namorarmos.
- ✓ Com mãos de luva, ela agradava _____ criança em seu colo.
- ✓ De tanto cansaço, ela ansiava _____ um lugar de descanso.
- ✓ O gesto ríspido do namorado ansiou _____ garota.
- ✓ Ela aspirava _____ um mundo melhor.
- ✓ Tenho meu apartamento e assisto ______.
- ✓ As instituições de caridade assistem _____ necessitados.
- ✓ Reclamar disso não _____ assiste.
- ✓ Na hora do desespero, chamava _____ Deus.
- ✓ Ele se esqueceu ______ que tinha dinheiro no bolso.
- ✓ Ela implicou ____ Mauro.

- ✓ Não se esqueça _____ nossa amizade.
- ✓ Não esqueça ____ minha Caloi.
- ✓ Ela obedeceu _____ vozes do coração.
- ✓ Ela obedeceu ______ ordens do chefe.
- ✓ A pessoa _____ que ele sucederia já fora avisada.
- ✓ A seguradora _____ pagamos o seguro do carro faliu.
- ✓ Ela perdoou _____ seus erros, mais uma vez.
- ✓ Perdoar ____ inimigos é o que está escrito no Evangelho.
- ✓ Ela prefere botas _____ sandálias.
- ✓ Ela quer ____ melhores notas.
- ✓ Ela visa ____ vários passaportes por dia.
- ✓ Os atiradores visaram ____ alvo com precisão.
- ✓ Ela visava _____ vaga na empresa.

Regência Nominal

- ✓ Regência dos substantivos e adjetivos mais frequentes

- Adequado a
- Afável com, para com
- Alheio a
- Amoroso com, para com
- Análogo a
- Ansioso de, por
- Anterior a
- Apto a, para
- Atento a, em
- Aversão a, em para, por
- Avesso a, de, em

Regência Nominal

- ✓ Regência dos substantivos e adjetivos mais frequentes

- Ávido de
- Bacharel em
- Benéfico a
- Bom para
- Capaz de, para
- Cego a
- Certo de
- Cheiro a, de
- Cobiçoso de
- Comum a, de
- Conforme a, com

Regência Nominal

- ✓ Regência dos substantivos e adjetivos mais frequentes

- Constante em
- Contente com, de, em, por
- Contemporânea a, de
- Contrário a
- Cruel com, para com
- Cuidadoso com
- Cúmplice de, em
- Curioso a, de, para
- Desatento a
- Descontente com
- Desejoso de

Regência Nominal

- ✓ Regência dos substantivos e adjetivos mais frequentes

- Desfavorável a
- Desleal a
- Devoto a, de
- Devoção a, com, para com, por
- Ditoso com
- Dotado de
- Empenho de, em, por
- Essencial a, para
- Estranho a
- Fácil a, de, para
- Favorável a

Regência Nominal

- ✓ Regência dos substantivos e adjetivos mais frequentes

- Firme em
- Fraco com, de, em, para, por
- Furioso com, de
- Grato a
- Hábil em
- Habituado a, com, em
- Horror a
- Hostil a, contra, para com
- Idêntico a
- Imediato a
- Impaciente com

Regência Nominal

- ✓ Regência dos substantivos e adjetivos mais frequentes

- Imune a, de
- Impotente contra, para
- Impróprio para
- Inábil para
- Inacessível a, para
- Incapaz de, para
- Incompatível com
- Inconstante em
- Incrível a, para
- Indeciso em
- Indiferente a

Regência Nominal

- ✓ Regência dos substantivos e adjetivos mais frequentes

- Indigno de
- Insensível a
- Intolerante com, para com
- Liberal com
- Natural de
- Nocivo a
- Obediente a
- Orgulhoso com, de, para com
- Parecido a, com
- Possível de
- Posterior a

Regência Nominal

- ✓ Regência dos substantivos e adjetivos mais frequentes

- Querido de, por
- Rente a, com, de
- Respeito a, com, de, por
- Rico de, em
- Sábio em, para
- Sedento de, por
- Temível a
- União a, com, entre
- Útil a, para
- Vazio de
- Visível a
- Vizinho a, de

Regência Nominal - Praticando

- ✓ Analise as sentenças e marque verdadeiro ou falso:

- O delegado tinha certeza que tudo fora explicado.
- O delegado tinha certeza de que tudo fora explicado.
- Eu preciso que a encontrem.
- Eu preciso de que a encontrem.
- Estava receoso que tudo desse errado.
- Estava receoso de que tudo desse errado.
- Tinha confiança que tudo sairia certo.
- Tinha confiança de que tudo sairia certo.

Crase

- ✓ Trata-se da contração da preposição *a* com um artigo ou pronome.
- ✓ É indicada pelo acento grave.

- ➢ Método prático:

  Trocar a palavra feminina por outra que seja masculina.

  Se no masculino aparecer obrigatoriamente **ao** ou **aos**, haverá crase no feminino.

Ela foi à Igreja. / Ela foi ao teatro.

Refiro-me a meninas. / Refiro-me a meninos.

Crase

1- Com a expressão "à moda de", mesmo que subentendida – sempre se usa crase.

Fez uma jogada **à Ronaldinho Gaúcho**.

Vestia-se **à Luis XIV**.

Cantava **à Caetano**.

2 - Crase facultativa:

Fui **até a** casa. / Fui **até à** casa.

Respondi **a sua** irmã. / Respondi **à sua** irmã.

Entreguei a carta **a Joana**. / Entreguei a carta **à Joana**.

Crase

3 - Crase em lugares:

Vou **à** Bahia. (Volto **da** Bahia)

Fui **a** Roma. (Volto **de** Roma)

Crase

4 - Crase proibida:

Refiro-me a **Carlos**. / Pinto a **óleo**.

Refiro-me a **pessoas** que estão aqui. / Volto daqui a **três** dias.

Estava a **estudar**. / Estou disposta a **passar**.

Estavam **cara a cara**. / Fiquei **frente a frente** com ele.

Referia-me a **uma** valsa.

4 – Crase Proibida - Com os pronomes

Dirigi-me a **ela**. Fui até **ele**. Fui a **ti**. Dirigi-me a **vós**.

Refiro-me a **esta** casa. Refiro-me a **essa** casa.

Refiro-me a **certa** valsa, a **nenhuma** / a **alguma** dança.

Falei a **Vossa Santidade**. / Refiro-me a **Dom Joaquim**.

Conheço a moça **cuja** mãe faleceu.

Crase

5 – Com as palavras distância, casa e terra – crase obrigatória apenas se elas vierem determinadas.

Estava **a distância** do grupo. / Estava **à distância** de **50 metros**.

Cheguei **a casa** hoje. / Cheguei **à casa** de **meus pais**.

Os marinheiros chegaram **a terra**. / Chegaram **à Terra**. /

Chegaram **à terra** em **que nasceram**.

6 - Exceções:

Eis a moça **à qual** me referi. / Eis a moça **à que** me referi.

Refiro-me **àquele** menino.

Refiro-me **àquela** menina.

Refiro-me **àquilo** que vi.

Crase

7 – Com os pronomes de tratamento

Senhora, **senhorita**, **madame**, **dona –** crase facultativa

Refiro-me **a Dona** Mariana. / Refiro-me **à Dona** Mariana.

Refiro-me **a Senhora** Mariana. / Refiro-me **à Senhora** Mariana.

8 – Com as horas:

Chegarei **às três** horas.

Sairei daqui **a uma hora**.

9 – Obedecer ao paralelismo:

Se tem artigo de um lado, tem do outro – por isso a crase

Prefiro maçã **a** torta. / Prefiro **a** maçã **à** torta.

Ficarei **de** 8 **a** 13. / Ficarei **das** 8 **às** 13.

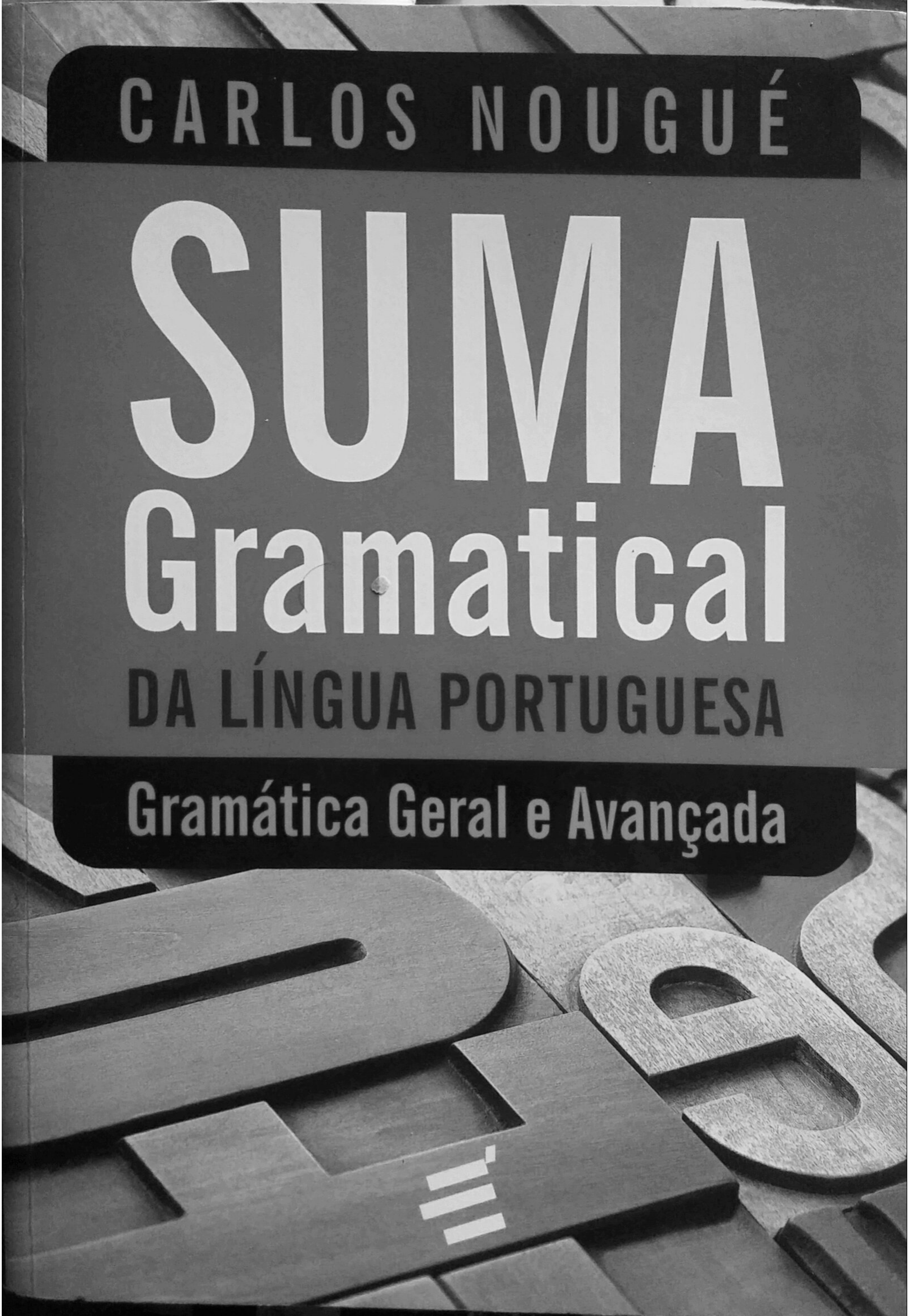

CARLOS NOUGUÉ

SUMA Gramatical
DA LÍNGUA PORTUGUESA

Gramática Geral e Avançada

SUMA
Gramatical
DA LÍNGUA PORTUGUESA

Copyright © 2015 Carlos Nougué
Copyright desta edição © 2015 É Realizações

EDITOR
Edson Manoel de Oliveira Filho

PRODUÇÃO EDITORIAL, CAPA E PROJETO GRÁFICO
É Realizações Editora

PREPARAÇÃO DE TEXTO E REVISÃO
William C. Cruz

Reservados todos os direitos desta obra. Proibida toda e qualquer reprodução desta edição por qualquer meio ou forma, seja ela eletrônica ou mecânica, fotocópia, gravação ou qualquer outro meio de reprodução, sem permissão expressa do editor.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

N699s
Nougué, Carlos, 1952-
Suma gramatical da língua portuguesa : gramática geral e avançada / Carlos Nougué. - 1. ed. - São Paulo : É-Realizações, 2015.
608 p. ; 23 cm.

ISBN 978-85-8033-203-2

1. Língua portuguesa - Gramática. I. Título.

15-23998

CDD: 469.5
CDU: 811.134.3'36

23/06/2015 25/06/2015

É Realizações Editora, Livraria e Distribuidora Ltda.
Rua França Pinto, 498 · São Paulo SP · 04016-002
Caixa Postal: 45321 · 04010-970 · Telefax: (5511) 5572 5363
atendimento@erealizacoes.com.br · www.erealizacoes.com.br

Este livro foi impresso pela Gráfica Corprint em julho de 2015. Os tipos são da família Adobe Garamond e News Gothic. O papel do miolo é o alta alvura 90g, e o da capa, cartão ningbo star 250g.

A Paulo Sérgio e a Rosa Clara,
e a Maria Augusta.

¡Cuántas veces el ángel me decía:
"Alma, asómate ahora a la ventana,
verás con cuánto amor llamar porfía"!
Lope de Vega

Não é coisa de qualquer homem impor nomes, mas de um "nominador". E este é, ao que parece, o legislador, que naturalmente é entre os homens o mais raro dos artesãos.

SÓCRATES / PLATÃO

A linguagem é figura do entendimento: e assim é verdade que a boca diz quanto lhe manda o coração e não outra coisa.

FERNÃO DE OLIVEIRA

A pena é língua da alma; quais forem os conceitos que nela se engendraram, tais serão seus escritos.

DOM QUIXOTE

A gramática de uma língua é a arte de [escrever e pois de] falar corretamente, isto é, conforme ao bom uso.

ANDRÉS BELLO

A prevenção mais desfavorável [...] é a daqueles que julgam que em gramática as definições inadequadas, as classificações malfeitas, os conceitos falsos carecem de inconveniente, desde que, por outro lado, se exponham com fidelidade as regras a que se conforma o bom uso. Eu creio, contudo, que essas duas coisas são inconciliáveis; que o uso não pode expor-se com exatidão e fidelidade senão analisando os princípios verdadeiros que o dirigem, porque uma lógica severa é indispensável requisito de todo e qualquer ensino.

ANDRÉS BELLO

A gramática é a arte de levantar as dificuldades de uma língua; mas é preciso que a alavanca não seja mais pesada que o fardo.

ANTOINE RIVAROL

Amo-te, ó rude e doloroso idioma, / Em que da voz materna ouvi: "meu filho!"

OLAVO BILAC

Sumário

Apresentação
Desembargador Ricardo Dip......19
Prólogo......25

PRIMEIRA PARTE: LÍNGUA, LINGUAGEM, GRAMÁTICA

I. Fala e linguagem......35
II. A diversidade de línguas......36
III. Definição de língua......40
IV. A escrita......43
V. Se a arte da Gramática o é só da escrita ou também pode vir a sê-lo da fala......44
VI. O sujeito da Gramática e a definição desta......47
VII. A que serve imediatamente e reflexamente a Gramática......62
VIII. A que serve mediatamente a Gramática......63
IX. A que serve ultimamente a Gramática......65

SEGUNDA PARTE: NOTÍCIA HISTÓRICA DA LÍNGUA PORTUGUESA

I. Origem próxima......69
II. A chegada do latim à Península Ibérica......69
III. A romanização da Península......70
IV. A época visigótica......70
V. A dominação moura......71
VI. A formação do primeiro português......71
VII. As etapas do português......72
VIII. A língua portuguesa no mundo atual......72

TERCEIRA PARTE: FONEMAS E LETRAS NA LÍNGUA PORTUGUESA ATUAL

I. Fonema e letra......77
II. O aparelho fonador e os fonemas......83
O aparelho fonador, 83

III. Visão mais sistemática dos fonemas da língua portuguesa 85

As vogais, as consoantes e as semivogais, 85; As vogais, 85; As consoantes, 86; Os fonemas e sua representação escrita, 90; As semivogais, 92

IV. A sílaba 93

V. Os encontros 94

O hiato, 94; O ditongo e o tritongo, 95; O ditongo, 95; O tritongo, 95; Encontros instáveis, 96; Os encontros consonantais, 96

VI. Tonicidade e atonicidade 97

VII. Palavras de acentuação viciosa 99

VIII. Grupo acentual e palavras essencialmente átonas 101

IX. Posição das palavras essencialmente átonas 102

As três posições das palavras essencialmente átonas, 102; Em próclise, 102; Em ênclise, 102; Em mesóclise, 102

X. Os vários sistemas ortográficos da língua portuguesa 103

A história da ortografia portuguesa, 103; A fase fonética, 103; A fase etimológica, 104; A fase da chamada nova ortografia, 104

XI. O que pensar das reformas ortográficas 105

XII. O atual sistema ortográfico 106

O alfabeto português, 106; Letra inicial maiúscula, 108; A divisão silábica, 110; Notações léxicas, 111; Os três acentos, 111; O acento agudo, 111; O acento circunflexo, 111; O acento grave, 112; O til, 112; O trema, 112; O apóstrofo, 113; A cedilha, 113; O hífen, 113; Os sinais de pontuação, 113; As regras da acentuação gráfica, 114; Das palavras monossilábicas (essencialmente) tônicas, 114; Das palavras oxítonas, 114; Da palavras paroxítonas, 115; Dos hiatos, 115; Dos seguintes verbos: aguar, averiguar, enxaguar, apaziguar; delinquir; etc., 116; Os acentos diferenciais, 116

QUARTA PARTE: MORFOLOGIA, OU TRATADO DA FORMA DAS PALAVRAS (NA LÍNGUA PORTUGUESA)

.... 121

I. O que é morfologia em gramática 126

II. As classes gramaticais 135

III. A palavra, unidade significativa mínima 140

IV. Como se formam as palavras ....

Como diz Sócrates a Hermógenes..., 140; As partes de que se compõem as palavras em português, 141; A sílaba, 141; A raiz, 141; O radical, 141; Os acidentes das palavras, 142; A vogal temática, 142; Os sufixos flexionais

(ou desinências), 144; Os nominais, 144; Os verbais, 150; O tema, 155; As vogais e as consoantes de ligação, 156

V. A formação de novas palavras 157

A formação de novas palavras por composição, 158; Prefixos de origem latina, 158; Prefixos de origem grega, 161; A justaposição, 163; A aglutinação, 164; Principais radicais de origem latina que funcionam como primeira parte na aglutinação, 164; Principais radicais de origem latina que funcionam como segunda parte na aglutinação, 165; Principais radicais de origem grega que funcionam como primeira parte na aglutinação, 166; Principais radicais de origem grega que funcionam como segunda parte na aglutinação, 169; A formação de novas palavras por derivação, 175; Os sufixos nominais do português, 176; Os sufixos verbais do português, 182; O sufixo adverbial da língua portuguesa, 184; A parassíntese, 185; O hibridismo, 186; A derivação regressiva, 186; As onomatopeias, 187; Outros modos de formação de palavras, 187; A abreviação, 187; A sigla, 187; Os hipocorísticos, 187; A metáfora, 190; A metonímia, 190; A extensão ou ampliação do significado, 191; O uso do hífen, 192

QUINTA PARTE: OUTROS PARADIGMAS E PRIMEIROS EMPREGOS DAS CLASSES GRAMATICAIS

NOTA PRÉVIA: Um primeiro quadro das classes gramaticais e suas funções sintáticas 201

I. O substantivo 203

Para que usamos os substantivos, 203; Classificação dos substantivos, 203; Os concretos, 203; Os abstratos, 203; Os concretos podem ser comuns ou próprios, 203; Os comuns, 203; Os próprios, 203; Os substantivos coletivos, 203; As flexões dos substantivos, 204; Gênero e flexão de gênero, 204; O plural, 211; A desinência universal de plural, 211; O plural dos substantivos terminados em vogal ou em ditongo oral, 211; O plural dos substantivos terminados em *-ão*, 212; O plural dos substantivos terminados em consoante, 213; O plural dos diminutivos sufixados com *-zinho* e *-zito*, 214; O plural dos substantivos compostos (ou das locuções substantivas), 215; Os substantivos não numeráveis, 218; Os substantivos que ou só se empregam ou mais usualmente se empregam no plural, 218; O grau, 219; Desinências de grau dimensivo e desinências de grau intensivo, 219; A classificação dos sufixos de grau dimensivo, 219; Notas prévias sobre a relação entre o substantivo e o adjetivo, 219

II. O adjetivo 221

Os adjetivos determinam ou modificam os substantivos, 221; Os adjetivos qualificativos, 222; A flexão de gênero, 224; O adjetivo não tem de si um gênero, 224; Mas concorda com o substantivo, 225; Os adjetivos uniformes passam a apresentar as desinências *-o* e *-a* quando postos no superlativo absoluto sintético, 225; Como se forma o feminino dos adjetivos, 225; Dos biformes, 225; Os adjetivos uniformes permanecem invariáveis, 226; A flexão de número, 227; Dos adjetivos primitivos (ou simples), 227; Dos adjetivos compostos cujas partes morfológicas se ligam por hífen, 227; A flexão de grau, 228; Dos adjetivos qualificativos, 228; A de grau dimensivo, 228; A de grau intensivo, 228; Os sufixos de grau superlativo, 229; Os modos morfossintáticos de indicação de grau intensivo, 230; O comparativo, 230; O superlativo, 231; Comparativos e superlativos especiais, 232

III. Os pronomes 233

Os pronomes pessoais, 233; Os pronomes pessoais são sempre substantivos, 233; Os pronomes retos, 234; Os pronomes oblíquos, 234; Os pronomes pessoais oblíquos dividem-se em átonos e tônicos, 234; Os átonos, 235; Os tônicos, 236; Alterações na figura dos pronomes oblíquos, 239; *Comigo, contigo, consigo, conosco, convosco, consigo* e *outros, todos, mesmos* e *próprios*, 241; Empregos dos pronomes pessoais, 241; Dos retos, 241; Dos oblíquos, 244; Os pronomes demonstrativos, 248; Os pronomes demonstrativos reduzem-se a substantivos e a adjetivos, 248; Primeiro paradigma (*isto, isso, aquilo*, etc.), 248; Empregos desta espécie de pronomes demonstrativos, 248; Os demonstrativos *o(s) e a(s)*, 252; Os demonstrativos *tal / tais* e *semelhante / semelhantes*, 253; Os pronomes possessivos, 255; Os pronomes possessivos reduzem-se essencialmente e quase sempre a adjetivos (determinativos), 255; Quando usados em referência a substantivo apenas elíptico e não em lugar dele, 255; Os poucos casos em que o possessivo pode dizer-se substantivo, 256; Os possessivos coexpressam outras noções, 256; Possessivo e artigo, 257; Colocação do possessivo, 258; O possessivo de terceira pessoa não raro implica grave ambiguidade, 258; O *nosso* de modéstia e o *nosso* de majestade, 259; Evite-se o uso constante dos possessivos, 259; Os pronomes indefinidos, 259; Os pronomes indefindos reduzem-se majoritariamente a substantivos de caráter neutro, mas também a adjetivos (determinativos), e então melhor se dizem indefinidores, 260; O paradigma destes pronomes, 260; As locuções pronominais indefinidas, 261; Os pronomes enquanto substantivos e enquanto adjetivos, 261; Especial: O uso de todo, 264; Os pronomes relativos, 270; Os pronomes relativos

constituem um dos capítulos mais espinhosos da Gramática, 270; Por que se chamam relativos, 270; Os relativos são pronomes impropriamente ditos, 271; Alguns relativos são variáveis em gênero e em número, 271; O antecedente do pronome relativo, 273; São várias as funções sintáticas exercidas pelos relativos, 274; Os empregos dos relativos, 274; Que, 274; O qual (a qual, os quais, as quais), 275; Quem, 276; Cujo, 278; Quanto, 278; Onde e aonde, 278

IV. Os numerais 280

Para que se empregam os numerais, 280; Os numerais adjetivos, 281; Os numerais substantivos, 281; Os numerais cardinais, 281; Os numerais ordinais, 281; Os numerais multiplicativos, 282; Os numerais fracionários, 282; Os numerais coletivos, 283; A flexão dos numerais, 283; Os cardinais, 283; Os ordinais, 283; Os multiplicativos, 284; Os fracionários, 284; Os coletivos, 284; Emprego dos cardinais, 284; Emprego dos ordinais, 285; Emprego dos cardinais pelos ordinais, 286; Emprego dos multiplicativos, 287; Emprego dos fracionários, 287; Quadro de numerais cardinais e de numerais ordinais, 288

V. Os artigos 289

Os artigos reduzem-se a adjetivos determinativos (ou pronomes adjetivos), 289; Os artigos não podem colocar-se senão antes do substantivo, 290; As duas espécies de artigos, 290; O artigo definidor, 290; O artigo indefinidor, 290; Contrações entre algumas preposições e os artigos, 291; As principais notas morfossintáticas dos artigos, 292; Outros empregos dos artigos, 292; O nome próprio deveria dispensar o artigo, 298; Os topônimos e o artigo definidor no português atual, 298; Generalizou-se o uso do artigo definidor antes de nome próprio de pessoa, 299; Antes dos nomes especialmente de obra literária ou dramática, 301; Com as palavras *senhor*, *senhora* e *senhorita*, 301; O artigo definidor e o adjetivo *santo / santa*, 301; Antes de *outro* ou depois de *ambos* e de *todo*, 301; Artigo definidor e sequência de substantivos, 301; Artigo definidor e sequência de adjetivos, 302; Omissão do artigo definidor, 302; Outros empregos dos artigos indefinidores, 303; Omissão do artigo indefinidor, 304

VI. O verbo 306

Os verbos constituem a classe mais complexa, 306; Os paradigmas verbais, 307; Os paradigmas dos verbos regulares, 307; Os verbos irregulares (incluídos os anômalos), 312; Da primeira conjugação, 312; Da segunda conjugação, 316; Da terceira conjugação, 321; Os verbos defectivos, 325; Os verbos abundantes, 327; Verbos unipessoais e verbos "impessoais", 329; Os modos e os tempos verbais: estudo semantossintático, 331; O modo indicativo, 331; O modo subjuntivo, 338; O imperativo, 347; As formas nominais, 350;

Onde se estudará o infinitivo, 350; O gerúndio, 350; O chamado particípio “passado”, 354; O particípio “presente”, 355; O gerundismo e um erro de paralelismo, 356; As vozes verbais, 359; Locução verbal e tempo composto, 364; A conjugação da voz passiva, 366;

VII. **O advérbio** 369

Os advérbios são a classe de mais difícil definição, 369; As subclasses do advérbio, 370; Os advérbios modificadores tão somente de verbos, 370; Os advérbios modificadores tanto de verbos como de adjetivos e/ou de advérbios, 370; As notas do advérbio, 370; Classificação dos advérbios, 372; Os advérbios de tempo, 372; Os advérbios de lugar, 373; Os advérbios de modo, 373; Os advérbios de intensidade, 373; Os advérbios de ordem, 373; Os advérbios de exclusão, 373; Os advérbios de inclusão, 374; O advérbio de designação, 374; O advérbio de retificação, de esclarecimento; locuções, 374; Os advérbios de afirmação, 374; Os advérbios de dúvida, possibilidade, probabilidade, 374; Os advérbios de negação, 374; Advérbios interrogativos, 375; Colocação dos advérbios, 376; Os advérbios em *-mente*, 377; Já e mais, 379

VIII. **A preposição** 381

As preposições são conectivos absolutos, 381; As preposições e a subordinação, 381; As preposições podem ser simples ou compostas, 383; As preposições simples, 383; As principais locuções prepositivas, 384; Carga semântica relacional das preposições simples, 385; A, 385; Ante, 386; Após, 386; Até, 386; Com, 387; Contra, 387; De, 388; Desde, 388; Em, 389; Entre, 389; Para, 390; Perante, 391; Por/per, 393; Sem, 393; Sob, 393; Sobre, 393; Trás, 394

SEXTA PARTE: SINTAXE GERAL

I. **Oração e frase** 397

II. **Os termos da oração: as funções sintáticas** 402

O que são termos da oração, 402; O sujeito e o predicado, 403; Um “circuito fechado”, 404; O chamado “sujeito indeterminado”, 405; Quadro geral da função sintática de sujeito, 407; O predicado, 412; As espécies de predicado segundo a tradição gramatical, 412; A posição de Evanildo Bechara, 414; O justo meio, 415; O predicado tradicionalmente chamado verbo-nominal ou misto, 421; Os demais termos da oração: as demais funções sintáticas, 424; O que são os demais termos da oração, 424; O que é ser parte integrante de um nome ou de um verbo, 424; Acréscimo de outros termos, 425; O complemento

nominal e o complemento verbal, 425; O complemento nominal, termo integrante da significação de um nome, 425; A espécies de complemento verbal, 427; O objeto direto, 427; O chamado "objeto direto interno", 433; O complemento indireto, 434; O complemento dativo ou objeto indireto, 434; O complemento indireto relativo, 440; O complemento circunstancial, 442; O agente da passiva, 445; A classificação dos verbos, 446; As três espécies de termos adjuntos, 449; O adjunto adnominal, 449; O aposto, 454; O adjunto adverbial, 460; O vocativo, 462

III. As espécies de orações 464

A posição da tradição gramatical e a nossa, 464; As espécie das orações comumente ditas "coordenadas", 472; As aditivas, 472; As alternativas ou disjuntivas, 473; As adversativas, 474; As explicativas, 475; As conclusivas ou ilativas, 476; As continuativas, 476; O que são as orações tradicionalmente ditas "coordenadas", 477; As outras espécies de subordinadas, 478; As orações subordinadas substantivas, 479; A subjetiva, 480; A predicativa, 481; A objetiva direta, 481; A completiva relativa, 482; A completiva nominal, 482; A apositiva, 482; O pronome *quem* e a objetiva indireta, 482; A oração adjetiva e a predicativa explicativa, 484; Os relativos e suas funções sintáticas, 485; A segunda espécie de subordinadas (adjuntivas) adverbiais, 487; As causais, 488; As concessivas, 489; As condicionais (ou hipotéticas), 490; As conformativas, 492; As comparativas, 492; As consecutivas, 494; As finais, 495; As modais, 495; As proporcionais, 495; As temporais, 496

SÉTIMA PARTE: REGÊNCIA VERBAL E CRASE

I. Definição de regência 501

II. Regência de alguns verbos 503

Acreditar, crer, 503; Agradar, 504; Aspirar, 504; Assistir, 504; Avisar, certificar, informar, notificar e outros que tais, 505; Chamar, 505; Chegar e ir, 506; Custar, 506; Ensinar, 507; Esquecer e olvidar, 507; Implicar, 508; Interessar, 508; Lembrar, recordar, 508; Obedecer/desobedecer e responder, 509; Pagar e perdoar, 510; Pedir, 510; Preferir, 511; Proceder, 511; Visar, 511; A sintaxe do verbo *haver*, 512

III. A crase 513

Sentidos do termo crase na Gramática portuguesa, 513; Há uma só regra da crase, 514; Atenção: não se enquadram na regra os seguintes casos, 514; Não se dá crase nos seguintes casos, 517; Uso especial do acento grave. Casos, 517

OITAVA PARTE: CONCORDÂNCIA NOMINAL E CONCORDÂNCIA VERBAL

I. Definição de concordância 523

II. Concordância Nominal 523

A concordância nominal tem apenas uma regra, 523; Os adjetivos podem exercer dupla função sintática, 523; O adjetivo referido a um ou a mais de um substantivo, anteposto ou posposto a este. A posição de outros gramáticos e a nossa, 524

III. Concordância verbal 532

A concordância verbal é mais complexa que a nominal: regra geral, regra especial, exceções, 532; A posição de Rocha Lima e a nossa, 534; "Voz passiva" e a "partícula" *se*, 537; Ainda Rocha Lima, 538; Os chamados "casos particulares", 538; Um e outro, 538; Um ou outro, 539; Nem um, nem outro, 540; Um dos que, 541; Mais de um, 541; Expressões de sentido quantitativo acompanhadas de complemento no plural, 542; Quais, quantos, alguns, muitos, poucos, vários + de nós, de vós, dentre nós, dentre vós, 545; Qual de nós ou de vós, dentre nós ou dentre vós, 545; Sujeitos unidos por com, 546; Tanto... como, assim... como, não só... mas também, etc., 547; Sujeitos unidos por *e*, 548; Sujeitos oracionais, 550; Sujeitos unidos por *nem*, 551; Cerca de, perto de, mais de, menos de, obra de..., 554; Dar, bater, soar (horas), 555; Sujeitos unidos por *ou*, 556; Concordância com os nomes próprios plurais, 558; *Haja vista*, 559; A regra especial: a concordância do verbo *ser* enquanto verbo de cópula, 560; As silepses, 565

IV. A flexão do infinitivo 569

Não flexão obrigatória, 571; Flexão obrigatória, 574

NONA PARTE: COLOCAÇÃO DOS PRONOMES PESSOAIS ÁTONOS

I. Preâmbulos 579

II. A colocação dos pronomes pessoais átonos 580

A tripla posição dos pronomes pessoais átonos, 580; Em ênclise, 580; Em mesóclise, 580; Em próclise, 580; As regras de colocação dos pronomes pessoais átonos, 581; Primeira regra: não começar frase nem oração por pronome átono, 581; Segunda regra: não usar próclise a nenhuma forma de imperativo, nem em orações deprecativas, 581; Terceira regra: usar próclise ao verbo em orações optativas, 582; Quarta regra: usar próclise ao verbo quando este se antecede, a qualquer distância – ou seja, ainda que haja intercalação entre eles –, de palavra negativa, 582; Quinta regra: usar próclise ao verbo quando este se antecede, a qualquer distância – ou seja,

ainda que haja intercalação entre eles –, de conectivo (menos as conjunções subordinativas da primeira espécie), 582; Sexta regra: usar próclise ao verbo quando este se antecede, a qualquer distância – ou seja, ainda que haja intercalação entre eles –, de pronome interrogativo (ou exclamativo) ou de advérbio interrogativo (ou exclamativo), 583; Sétima regra: usar próclise ao verbo quando este se antecede de advérbio, 583; Observação geral 1. Brasileiros e portugueses, 583; Observação geral 2. Ainda Brasil e Portugal, 584; Observação geral 3. O infinitivo sem flexão e o gerúndio e a ênclise, 584; Observação geral 4. O pronome átono com respeito às locuções verbais ou aos "grupos verbais" que se comportam como locuções, 585

DÉCIMA PARTE: PONTUAÇÃO

I. Definição de pontuação 589
II. Os sinais de pontuação 590

O ponto final, 590; O ponto de interrogação, 591; O ponto de exclamação, 591; As reticências, 592; A vírgula, 592; Emprega-se a vírgula para separar núcleos ou predicativos ligados assindeticamente, 592; Para separar núcleo (de complemento) ligado pela aditiva *e*, 593; Para separar orações ligadas pela aditiva *e* se tiverem sujeito diferente, 593; Para separar orações ligadas pela aditiva *e* ainda que tenham o mesmo sujeito, 593; Para separar orações ligadas por par aditivo, 593; Para separar orações ou núcleos (de sujeito ou de complemento) ligados por conjunção disjuntiva ou por par alternativo, 594; Em princípio, para separar orações ligadas por conjunção adversativa, 594; Tratamento global do caso das orações ligadas por adversativa (*mas* e *porém*), 594; As demais adversativas (*todavia*, *contudo*, *no entanto*, etc.), 596; Em princípio, para separar orações ligadas por conjunção conclusiva (*logo*, *portanto*, *por conseguinte*, *por isso*, etc.), 598; Mas o caso das orações ligadas por conclusiva também requer tratamento global, 598; Para separar as orações explicativas, 599; Para separar da subordinante a oração adverbial antecipada, 599; Da vírgula obrigatória que separa as orações predicativas explicativas, 600; Para separar o vocativo, 601; Para separar o aposto, excluído o de individualização, 601; Para separar nas datas o nome do lugar, 601; Para indicar a elipse do verbo, 601; Para separar etc., 601; O ponto e vírgula, 602; O travessão, 602; Os dois-pontos, 602; Os parênteses, 603; Os colchetes, 603; As aspas (duplas) e as aspas simples, 604; A chave, 604; O asterisco, 604

Agradecimentos 607

Apresentação

Desembargador Ricardo Dip[1]

Há uma cena no filme *Life of Brian* (1979), dirigido por Terry Jones, em que a personagem central, Brian (vivido por Graham Chapman), se põe a pichar os muros de Jerusalém: "*Romanes eunt domus*" (o que se pretendia era escrever "Romanos, ide para casa"). Um centurião surpreende Brian e coage-o a corrigir, passo a passo, o mau uso do latim, concluindo-se com a sentença "*Romani ite domum*", que o centurião impõe a Brian escreva cem vezes sobre os muros da cidade. Menos evidente do que o objetivo de espancar a pedagogia contemporânea do latim e, segundo alguns críticos, desfiar uma sequência de blasfêmias, calha que a cena retrata uma liberdade expressiva entre os romanos, que, sem embargo, não implica a transigência com a perversão do idioma, porque isso importaria na ruptura de uma relação cara aos romanos – e cara até porque se revestia de um suposto caráter divino –, qual a que se dá entre o *nomen* e o *numen*. Ou seja, na essência de cada coisa entendiam os romanos encontrar-se um *numen* (traduza-se livremente: "o mistério", o "ignoto") – e Cícero dirá que "tudo está regido e governado pelo *numen* dos deuses" –, *numen* que se descobre mediante o proferimento do *nomen*. Por isso, conhecer o *nomen* de dada coisa, entre os romanos, é descobrir-lhe o *mysterium*, é revelar – diz Alfredo Di Pietro, em *Verbum Iuris* – "*el secreto divino ínsito en la cosa*".

Essa relação *nomen-numen* explica em larga medida o cuidadoso formalismo romano. Estar na posse do *nomen* (desvelador do *numen*) do deus impetrado por seu próprio e misterioso nome era condição para o êxito das invocações. A certo Valerius Soranus, por exemplo, consta imposta a pena de crucifixão ao ter proferido, em alta voz, o *nomen urbis* atrativo da proteção dos romanos, o que permitira sua impiedosa *evocatio* pelos inimigos de Roma. Noutro exemplo, S. Agostinho, na *Cidade de Deus*, refere-se ao episódio de Marcus Attilius Regulus, prisioneiro dos cartagineses, que morreu para ser atentamente fiel à palavra que empenhara: fidelidade ao *nomen* é fidelidade ao *numen*, fidelidade não apenas à realidade das coisas desveladas de seu mistério, mas fidelidade ainda ao próprio homem que,

exatamente pelo *nomen*, chega à revelação do *mysterium*. O *numen* de cada coisa, assim, corresponde a um *nomen*, a um *canto numinoso* ou *encanto* que lhe é próprio, de tal sorte que se possa compreender a profundidade metafísica e epistêmica desta sentença de Afonso Botelho: "ser, em canto ser".

---

[1] Ricardo Dip é Desembargador do Tribunal de Justiça de São Paulo, acadêmico de honra da Real Academia de Jurisprudencia y Legislación de Madrid e membro fundador do Instituto Interdisciplinar da Universidade do Porto.

Essa verdadeira garantia de integridade da relação *nomen-numen* exige-se quer num plano psicológico – para o qual basta referir as lições de Robert Brennan, em sua *Psicologia Geral*: "todo aquele que inventa ou emprega uma linguagem deve estar conscientemente inteirado da significação de fatos, situações, relações e, assim, sucessivamente, antes de poder usar um meio, falado ou escrito, para expressar seus estados mentais" –, quer noutro, de domínio social, porque a linguagem não é só, nem primeiramente, uma atividade humana isolada, senão que um meio informativo, *re*-presentativo e de expressão na vida humana política (*i.e.*, na *polis*).

A linguagem não está a serviço do *pensamento solitário* – a que já aludira Paul Bourget, nos *Ensaios de Psicologia Contemporânea*. A decadência da literatura, dizia Bourget, não é mais do que um aspecto análogo ao da decadência social, uma e outra provenientes de uma anarquia egótica – ou, agora, melhor acaso se diga: de um niilismo –, em que uma radical independência dos indivíduos destrói o conjunto: "a unidade do livro decompõe-se, para dar lugar à independência da página; a página decompõe-se, para dar turno à independência da frase; e a frase, para dar vez à independência da palavra". Se com Aristóteles, no livro da *Política*, pode admitir-se que a linguagem existe para fazer manifesto o bem e o mal, o justo e o injusto, e que é a comunidade dessas coisas o que constitui a família e o Estado, corre-se grave perigo social quando a linguagem se torna "independente de normas", anárquica, niilista, meio azótica, meio hebraica – para remontar aos tempos de Neemias (Neemias 13,24). O caos do *nomen* é o caos do *numen*: "*words are symbols of ideas about reality*" (Miriam Joseph), e a ruptura do liame nome-coisas, entregue a linguagem a uma suposta liberdade do falante, parece acusar que a razão está posta em agonia, tal a diagnose, referindo-se à *information déformante*, de um valoroso libelo de Marcel de Corte (*L'Intelligence en Péril de Mort*).

À realidade das coisas – em certo sentido, uma realidade fechada, enquanto assim proposta ao conhecimento humano – dirige-se a realidade aberta da pessoa humana, uma realidade que, inacabada, tem de construir-se em meio (ou melhor, com apoio) da realidade de todas as coisas e das pessoas com que é vocacionada a conviver: nenhuma construção pessoal pode marginar-se da informação, da representação e da expressão do real também no domínio político (*vide*, a propósito,

Xosé Manoel Domínguez, *Psicología de la Persona*). Mas, no ambiente da *polis*, o niilismo de regras – incluído o egotismo no uso das palavras, ou seja, uma *babelização* – é a negação do próprio contacto com o real.

Nesse estado de coisas, é um marco de justificável esperança ler, já ao princípio desta *Suma Gramatical da Língua Portuguesa*, de Carlos Nougué, que não se haja de abandonar as palavras à solta, que não caiba conformar-se com o caos da *lingua derelicta*, com que *les mots sont les maux*:

> DEIXADA À DERIVA, sem regras que a dirijam, como hoje querem muitos que, porém, o mais das vezes defendem sua tese sem nenhuma deriva, a língua seria como as águas de um rio, puro fluxo, ao ponto de não poder falar-se duas vezes como a mesma língua.

A Gramática é conhecimento regulativo (ou normativo), bem por isso uma arte (em sentido analógico) mais diretamente voltada à produção do literal e, de algum modo limitado, ainda à da linguagem falada: dirá Nougué, "arte estritamente normativa da escrita"; "a Gramática, com efeito, ou há de ser antes de tudo a arte da língua escrita, ou não será propriamente Gramática", averbando que "a escrita é a parte das línguas que de si mais capacidade tem não só de conservar-se, mas de conservá-las".

Arte por semelhança, em virtude de sua analogia com as artes em sentido próprio (os hábitos produtivos de índole racional), a Gramática é uma das sete artes ditas liberais, um saber – a exemplo da Lógica, saber este que a subalterna proximamente –, por certo aspecto, *especulativo* (na medida, bem o observou Leopoldo Eulogio Palacios, em que apenas se produz diretamente pela razão), mas, por outro, *prático* (*secundum quid speculativum, secundum quid practicum*), e que, à vista de seu fim (*quantum ad finem*), prepondera como saber prático (*magis practicum quam speculativum*). Porque, como arte que é, prossegue Nougué, a Gramática "não há de ter corpo teórico senão para servir estritamente a seus fins (artísticos), assim como a teoria musical não pode servir senão à prática da composição e à da execução musicais".

Contando-se ao lado da Lógica (ou Dialética) e da Retórica entre as chamadas *artes sermocinales* – as artes lógicas ou do *trivium* –, a Gramática é um saber intimamente ligado à Lógica, porque não é possível o discurso humano sem a palavra. Poderia pensar-se numa linguagem própria da Lógica (e ela, com efeito, permeia as várias Lógicas simbólicas), mas o desenrolar natural do pensamento exige uma linguagem ordinária, por meio de palavras que informem, representem e expressem o mundo interior não apenas aos especialistas em determinada metalinguagem lógica.

A Gramática é um saber (sobretudo o da escrita, que é signo da fala, observa Nougué) que comunga dos fins da Lógica, quais sejam a retidão (ou consequência) e a verdade do pensamento. Os efeitos da Gramática são, de pronto, imanentes ao próprio intelecto, e estão voltados a realizar os fins fruídos da Lógica, na medida em que, como visto, bem escrever e, mais limitadamente, bem falar importam em bem julgar e bem discursar, equivale a dizer, em ser formalmente reto e materialmente veraz nas proposições e argumentações.

Essa comunidade teleológica não implica, todavia, absorção da Gramática pela Lógica (ou, por outra, a identificação de seus objetos: a palavra e o pensamento). Isso já se avista de aquela, a Gramática, servir também, e de algum modo, à Poética e à Retórica (o que bem assinalou Nougué), e pode pôr-se em evidência com o ingresso no que José Miguel Gambra designou como “câmara sagrada da analogia”: o árduo tema dos conceitos análogos. É que as palavras – e as sentenças, inclusive – padecem, senão de uma equivocidade tendencial, de uma irresistível vocação analógica (que o uso e abuso das metáforas mostra amplamente). Só por meio de uma pouco menos do que inimaginável linguagem analítica absoluta seria possível sonhar – mas, acaso, ao modo de um pesadelo (o inferno é o reino da monotonia) – o conforto de conceitos sempre unívocos. A Gramática tem aí seu papel de crisol, discriminando, no uso recolhido, as acepções das palavras.

A subalternação próxima de um saber a outro não inibe a subordinação remota ou indireta que provenha de um primeiro saber subalternante subpor-se a outro. E é assim, para que a Lógica – e com ela a Gramática – não se destrua de irrealismo, que a Metafísica deve constituir-se por ciência primeira e subalternante de ambas: da Lógica, diretamente, da Gramática, de modo remoto. E nisso está Nougué.

Carlos Nougué completou sua *Suma.* Obra de gramático. Obra de consagrado lexicógrafo. Obra teórico-prática de um professor experienciado, que nos indica deva a Gramática ensinar-se:

- normativamente, tendo sempre em vista aquilo a que se ordena;
- desde a infância (com a necessária gradação no decorrer do tempo);
- paralelamente à leitura dos melhores autores;
- e ao exercício constante da escrita;

mas obra também de um filósofo prudente, de alguém acostumado a leituras árduas e que não se deixa abater pelas tempestades periféricas: vai às profundezas, em busca de fundamentos últimos aos quais possa discretamente arrimar sua arte regulativa, a da palavra.

Estamos, enfim, diante de um pensador.

SUMA GRAMATICAL

DA LÍNGUA PORTUGUESA

Gramática Geral e Avançada

Prólogo

I

Deixada à deriva, sem regras que a dirijam, como hoje querem muitos que, porém, o mais das vezes defendem sua tese sem nenhuma deriva, a língua seria como as águas de um rio, puro fluxo, ao ponto de não poder falar-se duas vezes como a mesma língua.

Isso, no entanto, é pura negação do óbvio: é *parte intrínseca* de toda e qualquer língua *ter regras*; é o dique ou comporta sem a qual ela de fato fluiria e fluiria sem nenhuma permanência. E, com efeito, pai algum, mãe alguma, se dotados ao menos do ínfimo senso natural de cuidado e educação da prole, deixarão de corrigir o filho se ele disser algo *errado*. Se o pequeno disser, por exemplo, "zinza" em vez de "cinza", tal pai e tal mãe não haverão de calar-se nem, muito menos, de deleitar-se com mais essa novidade de uma permanente deriva linguística.

E de fato os propugnadores da tese da língua sem regras não conseguem ver que sem esta nem sequer se poderia propor sua tese – simplesmente porque nem sequer haveria nenhuma língua. Bem sabemos que se retrucará: "Mas as línguas mudam constantemente..." Impossível negá-lo. Todavia, mudam em duplo sentido: no primeiro, corrompendo-se, não raro até ao desaparecimento; no segundo, progredindo.

Corrompem-se mais aceleradamente quando, entre fiapos de civilização, há apenas as regras *intrínsecas* da Linguagem: essa é a razão por que as línguas ágrafas tendiam (e tendem) incessantemente à desordem de seus próprios paradigmas e de seu quadro fonético. Menos impetuosamente quando, em meio a uma verdadeira civilização universal (ou tendente à universalidade), se tem a escrita com sua arte própria e especial, a Gramática. – Mais ainda, neste último caso podem tender até a grande estabilidade: foi o que se deu com o latim ao tornar-se língua altamente normatizada e ordenada à Ciência e à Sabedoria.[1]

---

[1] Há em verdade um caso intermédio: o da chamada "tradição de estilo global-oral", ou seja, a fundada sobre a memorização de textos longos como a Bíblia, os Vedas, a epopeia finlandesa *Kaleava*, as epopeias homéricas, etc. Cf. especialmente os trabalhos do diretor do Institut de Mimopédagogie Yves Beaupérin (como *Rabbi Iéshoua de Nazareth: une Pédagogie de Style Global*, t. 1: "Du Text Écrit au Geste Global". Paris, Éd. Désiris, 2000, e *Anthropologie du Geste Symbolique*. Paris, l'Harmattan, 2002);

Progridem, por outro lado, mediante sobretudo a escrita e sua Gramática, já quando fecham um novo paradigma,[2] já quando criam e incorporam a seu léxico palavras que expressem novas concepções da realidade.[3] E tanto mais progredirão quanto mais cultivadas forem, ou seja, quanto mais se valerem delas e as aprimorarem verdadeiros mestres. Foi o caso, por exemplo, de Platão e de Aristóteles com respeito ao grego antigo: não só lhe deram todo um conjunto de novas palavras para significar os mais profundos conceitos científicos, mas, pela necessidade mesma de fazer servir a língua à Filosofia, contribuíram ainda para o aprimoramento de seus paradigmas casuais.[4]

Naturalmente, o conceito de "Linguagem" e o de "língua", bem como muitos outros implicados ou supostos na arte da Gramática, requerem um aprofundamento científico impossível de dar-se nos marcos de um prólogo.[5] Fique já estabelecido aqui, contudo, que sem fatores que se sobrepusessem às regras implícitas da Linguagem, sairíamos do sul do Brasil com uma língua e, ao chegar ao norte dele, depararíamos com outra – para não falar dos países lusófonos de além-mar.

Limitemo-nos ainda, aqui, ao estado da língua em nosso país. Por um lado, sim, é verdade que ao menos os gaúchos e os nortistas com algum grau de escolaridade se entendem uns aos outros. Isso porém não implica que sejam, propriamente falando, senhores da Gramática da língua portuguesa, porque tal mútuo entendimento não resulta senão das regras implícitas da Linguagem reforçadas pelos meios de comunicação modernos e por meros rudimentos gramaticais escolares. Explique-se.

Antes de tudo, um apanhado histórico. Com a consolidação, entre o século XIV e o XVI, dos estados absolutistas e o consequente fim da exclusividade do latim

---

e os de Marcel Jousse (como "Études de Pychologie Linguistique. Le Style Oral Rythmique et Mnémotechnique chez les Verbo-moteurs". In: *Revue Archives de Philosophie*, vol. II, cahier IV. Paris, Gabriel Beauchesne, Éditeur, 1925). – Parece-nos inegável, todavia, que tal efetiva e nobre tradição sempre foi para poucos, enquanto a escrita é para maior número, razão por que, conquanto defendendo aquela tradição contra a escrita, Platão se viu obrigado a plasmar por escrito grande parte de seu pensamento, assim como os poemas homéricos acabaram por transcrever-se, e como o Novo Testamento foi *imediatamente* escrito. O assunto, porém, requer lugar próprio.

[2] Tome-se *paradigma* em sentido lato, ou seja, quer como conjunto de formas que servem de modelo de derivação ou de flexão – como as das conjugações verbais –, quer como toda e qualquer regra gramatical – como a da concordância nominal.

[3] Usamos indiferentemente *palavra*, *vocábulo* ou ainda *termo* para denominar a unidade significativa mínima da linguagem.

[4] Cf. Émile Boutroux, *Aristóteles*. Rio de Janeiro, Record, 2000.

[5] O qual, porém, se dará ao longo desta *Suma*, porque, com efeito, sem tratamento teórico todo o normativo gramatical ficaria como que suspenso no vazio. Por isso mesmo, aliás, é que esta *Suma* se diz gramática geral *avançada*.

como língua de civilização, as antigas línguas locais da Europa viram-se progressivamente na necessidade de contar com gramática própria. Não contavam, contudo, ao contrário do latim, com tradição escrita (nem falada) de serviço à Ciência e à Sabedoria. Cingiam-se a servir, havia dois ou três séculos, à Literatura e à Retórica (e aqui e ali ao Direito), razão por que as diversas gramáticas que iam surgindo não só se erguiam exclusivamente sobre a Literatura e, em menor grau, sobre a Retórica – no sentido de extrair suas regras dos textos dos melhores literatos e dos melhores oradores –, mas, consequentemente, se ordenavam sobretudo a elas – no sentido de preparar os moços em particular para a arte poética e para a arte oratória.

Isto teve um preço: o beletrismo, o atrelamento da Gramática ao carro da Literatura, ou seja, às necessidades dos literatos.[6] Resultado: as gramáticas que iam surgindo e aperfeiçoando-se não buscavam com suficiente empenho fechar quanto possível paradigmas, e compraziam-se na multiplicação das exceções. Não podia ser diferente, uma vez que o reino do literário e ainda o do oratório não são de todo normatizáveis pelo gramatical.

Pois bem, esta situação perdurou, quase inalteravelmente, até meados do século XX, quando começou a transtornar-se pelo surgimento da Sociologia e, sobretudo, da Linguística. A partir de então, os gramáticos, com as defesas já minadas por seu próprio beletrismo, foram sucumbindo de algum modo ao lema de que as línguas deveriam ser deixadas à deriva, como dissemos no início. Podemos constatá-lo, em algum grau, em parte considerável das gramáticas da segunda metade do século passado para cá; e agora já se passa de atrelar a gramática ao carro do literário e do oratório a atrelá-la ao carro dos falares do "povo". Mas dispor de uma arte gramatical falha, como o era a beletrista, é patentemente menos daninho que não dispor de nenhuma arte gramatical, porque, como visto, sem esta a língua tende mais impetuosamente à corrupção e ao desaparecimento.

No Brasil, a situação agravou-se, ainda, com o surto desenvolvimentista da década de 1970. Mediante uma reforma do ensino[7] que não visava senão a atender a tal surto, separou-se a faculdade de Filosofia da de Letras (com o que se tirou totalmente à Gramática as luzes superiores da Lógica),[8] suprimiu-se o curso clássico, eliminaram-

---

[6] E não raro dos próprios literatos latinos ou latinizantes.

[7] A promovida pelo ministro Jarbas Passarinho.

[8] Não se trata de empreender uma Gramática "filosófica" ou "lógica", equívoco que igualmente não raro se deu (desde a gramática nominalista de fins do Medievo até a gramática racionalista de Port-Royal); a relação entre a Gramática e a Lógica, como se verá mais adiante, é tão só de

-se do currículo escolar o Latim e o Francês, privilegiaram-se umas Ciências ditas "exatas"[9] e um Inglês ordenados estritamente ao técnico-comercial – e restringiu-se o ensino da Gramática à transmissão de regrinhas e "macetes" que capacitassem para a aprovação em concursos e vestibulares. Passados tais exames, com aprovação ou sem ela, nada mais natural que se deixassem para trás tais "artinhas" atormentadoras.

Estamos ainda no bojo desse processo, que parece já atinge patamares alarmantes. E dizemos "alarmantes" porque, se tão precário ensino da Gramática, aliado aos efeitos dos *media* modernos, é capaz de ao menos momentaneamente assegurar que gaúchos e nortistas se compreendam uns aos outros na fala, não é nem de longe, porém, capaz de efetivamente formar ninguém para a escrita – o que com tristeza se pode verificar, em larga escala, em nosso próprio meio acadêmico. E a Gramática, com efeito, ou há de ser antes de tudo a arte da língua escrita, ou não será propriamente Gramática. Ademais, a escrita é a parte das línguas que de si mais capacidade tem não só de conservar-se, *mas de conservá-las.* É fato *evidentíssimo* que, por exemplo, o grego ático de um Platão ou o latim romano de um Cícero não nos teriam chegado se não fora a escrita; assim como também é fato evidente que não é senão em razão da escrita que podemos dizer, *com toda a propriedade*, que o português do Brasil e o de certas regiões dos demais países lusófonos são a mesma língua.

Mais que isso, todavia: o que, combinado com a ação dos *media*, o ensino gramatical rudimentar propicia nos dias de hoje não é mais que uma *trivial* compreensão entre gaúchos e nortistas, porque de fato não só desaparece em geral a capacidade de escrita, mas a mesma capacidade de discurso mais articulado e mais profundo – o que, ainda infelizmente, também se manifesta em ampla escala no mesmo meio acadêmico. Pois o que por reflexo propicia mais cabalmente o bem falar é o ler bons autores e o bem escrever, tudo o que, por sua vez, não é propiciado senão pelo ensino não rudimentar da Gramática.

II

Mesmo porém no limitado âmbito deste PRÓLOGO, não basta apontar determinado estado calamitoso e suas causas: é preciso dizer ainda, ao menos sumariamente,

---

subalternação daquela a esta. Mas, como veremos também, um gramático sem suficiente conhecimento da Lógica perde, por isso mesmo, consistência teórica e portanto normativa.

[9] Destas, com efeito, só a Matemática e em parte a Física podem dizer-se *de algum modo* exatas.

a) a que se ordena a Gramática; e, em razão disso, **b**) em que deve fundar-se, **c**) como deve considerar-se, **d**) como deve fazer-se, **e**) como deve ensinar-se.

a. A GRAMÁTICA ORDENA-SE:

- antes de tudo, a constituir-se justamente como a arte da escrita;
- como porém a escrita é signo da fala, a normatizar (dentro de certos limites) a esta, servindo assim à sua arte, a Linguagem;[10]
- superiormente, a servir à arte-ciência da Lógica e pois à Ciência e à Sabedoria;
- e também, afinal, à Poética e à Retórica, as quais, todavia, por sua mesma índole e por seus mesmos princípios e fins, só se cingirão mais ou menos estritamente a ela e suas regras.[11]

b. DEVE FUNDAR-SE:

- antes de tudo, nos melhores escritores não literários (filósofos, jurisconsultos, historiadores...) e, naturalmente, nos gramáticos enquanto são bons escritores;
- mas também, em justa medida, nos melhores oradores e nos melhores literatos;
- e ainda nas melhores traduções ao português.

c. DEVE CONSIDERAR-SE:

- como arte, que, como toda e qualquer arte, tem seu corpo teórico, dotado de princípios próprios, mas iluminado por princípios de outras ciências, superiores;
- como arte que é, todavia, não há de ter corpo teórico senão para servir estritamente a seus fins (artísticos), assim como a teoria musical não pode servir senão à prática da composição e à da execução musicais.

d. DEVE FAZER-SE:

- como arte estritamente normativa da escrita e, insista-se, dentro de certos limites, também da fala;
- para tal, deve ter sempre em vista a manutenção e o fechamento de paradigmas;
- consequentemente, deve formular regras as mais simples e de abrangência o mais ampla possível – o que implica esquivar, ainda quanto possível, as exceções;
- e, por razões metodológico-didáticas, deve expor-se em espiral ou, mais propriamente, em hélice. Explique-se.

---

[10] "Sendo a língua o meio de que se valem os homens para comunicar uns aos outros quanto sabem, pensam e sentem, não pode ser menos que grande a utilidade da Gramática, já para falar de maneira que se compreenda bem o que dizemos (seja de viva voz, seja por escrito), já para fixar com exatidão o sentido do que outros disseram" (Andrés Bello & Rufino J. Cuervo, *Gramática de la Lengua Castellana*. Argentina, Editorial Sopena, 1973, p. 27).

[11] Voltaremos adiante, mais aprofundadamente, a tudo quanto se acaba de dizer.

A Gramática tem de ocupar-se, por exemplo, das letras, das demais partes formadoras das palavras e das palavras enquanto divididas em classes gramaticais; e, em princípio, as letras deveriam anteceder na exposição às demais partes das palavras, e tais partes às classes destas. Todavia, não é conveniente falar, na seção do uso do hífen, de prefixos antes que se saiba o que estes são, ou de locuções antes que se estude como se formam as palavras; assim como tampouco o é falar de sufixos nominais ou de sufixos verbais se ainda não se sabe o que são os nomes e os verbos. Por isso, o uso do hífen, que comumente se expõe antes do estudo da formação das palavras, seguir-se-á aqui a este. Por sua vez, a definição e as principais propriedades das diversas classes gramaticais se exporão antes do estudo da formação das palavras, mas tornarão a tratar-se depois deste: antes de tudo, para a ordenação das palavras de tais classes em paradigmas tanto segundo sua respectiva significação como segundo as partes de que se compõem; e, depois, para sua ordenação a um correto uso. E assim para todos os demais casos.

e. DEVE ENSINAR-SE:

- normativamente, tendo sempre em vista aquilo a que se ordena;
- desde a infância (com a necessária gradação no decorrer do tempo);
- paralelamente à leitura dos melhores autores;
- e ao exercício constante da escrita.

Pois bem, nunca nos esqueceremos de ter ouvido certa vez, com estupor, uma professora universitária de Língua Portuguesa perguntar aos alunos: "Para que a Gramática?" Era pergunta retórica, que trazia implícita sua resposta: "Para nada. Deixemos a língua seguir sua deriva". Não é essa, obviamente, a nossa resposta, senão esta: Para fazer que nossa língua seja rio, sim, mas rio que graças aos diques e ao curso que lhe demos ajude a atingir a foz da Sabedoria.

III

Não obstante, a *Suma Gramatical da Língua Portuguesa* não deixará de topar com árduos obstáculos para o atingimento de seus fins.

- Antes de tudo, não só o já referido descrédito em que vem caindo a Gramática, mas o próprio e crescente desuso, entre as mesmas camadas mais instruídas, da leitura dos melhores autores.
- Depois, e em decorrência do dito anteriormente, a imensa pressão das derivas coloquiais, que tomam cada vez mais o falar da própria gente mais

instruída e, com isso, abrem um abismo cada vez mais largo entre este falar e as normas gramaticais.

- Também a já muito difundida concepção de que a Gramática deve nivelar-se, digamos, "por baixo", ao contrário de destinar-se a um público culto ou que queira e possa sê-lo e que, portanto, possa valer-se cabalmente dela, seja para a própria escrita, seja para estudos superiores, seja para o magistério em qualquer grau (com as devidas adaptações).[12]

Apraz-nos muito certa passagem do gramático Napoleão Mendes de Almeida. Conta nela, pouco mais ou menos, que certa vez viu um pedreiro sair à procura de trabalho. À volta, provavelmente algo entristecido, disse-lhe este que não encontrara nada: "Não *há* vagas". Perguntou-lhe o gramático onde aprendera a dizer o castiço *haver* em lugar do corrente *ter*. Resposta: "Estava escrito num cartaz".

Pois nesta historieta se cifra, esplendidamente, algo implícito à afirmação de que a Gramática deve destinar-se a um público culto ou que o queira e possa ser: assim como só se fala bem graças ao estudo da Gramática, à leitura dos bons autores e ao exercício da boa escrita, assim também os que não queiram ou não possam fazê-lo falarão tão mais corretamente quanto mais o fizerem os que o queiram e possam.[13]

- O último obstáculo é a chamada Nomenclatura Gramatical Brasileira (a N.G.B.), instituída em 1959 pelo então governo da República mediante portaria. Seu texto foi integralmente elaborado por uma comissão composta de gramáticos e filólogos de gabarito: Antenor Nascentes, Clóvis do Rêgo Monteiro, Cândido Jucá (filho), Carlos Henrique da Rocha Lima e Celso Ferreira da Cunha, os quais por sua vez contaram com a assessoria dos igualmente competentes Antônio José Chediak, Serafim Silva Neto e Sílvio Edmundo Elia. Leia-se o preâmbulo da portaria:

> ➢ "Portaria nº 36, de 28 de janeiro de 1959
>
> O Ministro do Estado da Educação e Cultura, tendo em vista as razões que determinaram a expedição da Portaria nº 152, de 24 de abril de 1957, e considerando que o trabalho proposto pela Comissão resultou de minucioso exame das contribuições apresentadas por filólogos e

---

[12] E é exatamente a tal público e em ordem a tais fins que escrevemos esta *Suma*.

[13] Sirva ademais esta referência a Napoleão Mendes de Almeida de indicador de nossa postura ante os melhores gramáticos: como em tudo na vida, e em especial na vida intelectual, não podemos elevar-nos senão sobre os ombros de nossos melhores antecessores – ainda que divirjamos grandemente deles.

> linguistas, de todo o País, ao Anteprojeto de Simplificação e Unificação da Nomenclatura Gramatical Brasileira, resolve:
>
> Art. 1º – Recomendar a adoção da Nomenclatura Gramatical Brasileira, que segue anexa à presente Portaria, no ensino programático da Língua Portuguesa e nas atividades que visem à verificação do aprendizado, nos estabelecimentos de ensino.
>
> Art. 2º – Aconselhar que entre em vigor:
>
> a. para o ensino programático e atividades dele decorrentes, a partir do início do primeiro período do ano letivo de 1959;
>
> b. para os exames de admissão, adaptação, habilitação, seleção e do art. 91, a partir dos que se realizarem em primeira época para o período letivo de 1960."

Veja-se pois que não se tratava de lei imperativa, mas de ato que antes recomendava e aconselhava. E, conquanto seja inegável que já há meio século ela se vem impondo algo consuetudinariamente, também o é que peca ao menos por simplismo e insuficiência, o que foi dito, posteriormente, até por alguns de seus mesmos signatários – todos os quais, por outro lado, em grau variado, nunca a seguiram de todo. Pois bem, não a seguimos sempre que insuperavelmente implique equívoco, conquanto tampouco deixemos de segui-la sempre que se coadune com os justos princípios ou possa de algum modo adaptar-se a eles – porque assim procedendo evitamos o mais possível rupturas com o já tradicional.[14]

IV

Seria ocioso dizer, por fim, que nenhuma gramática tem o condão de esgotar os assuntos relativos à normatização de uma língua. Por isso, nossa *Suma Gramatical da Língua Portuguesa* deverá ter permanente continuidade em outros lugares.

---

[14] Tenham-se sempre em mente, todavia, estas palavras de Andrés Bello: "A prevenção mais desfavorável, pelo império que tem mesmo sobre pessoas suficientemente instruídas, é a daqueles que figuram que na gramática as definições inadequadas, as classificações malfeitas, os conceitos falsos não têm inconveniente, desde que por outro lado se exponham com fidelidade as regras a que se conforma o bom uso. Eu creio, contudo, que essas duas coisas são inconciliáveis; que o uso não pode expor-se com exatidão e fidelidade senão analisando, desenvolvendo os princípios verdadeiros que o dirigem, porque uma lógica severa é indispensável requisito de todo e qualquer ensino..." (*op. cit.*, p. 19). – Quanto à validade de instituir legalmente, de qualquer modo, nomenclatura e classificação científicas, não é assunto para esta obra.

PRIMEIRA
PARTE

LÍNGUA, LINGUAGEM,
GRAMÁTICA

I

FALA E LINGUAGEM

1.1. Fosse o homem por natureza um animal solitário, bastar-lhe-ia pensar para ter notícia ou conhecimento intelectual das coisas. Mas não o é, senão que, *em decorrência de sua mesma natureza intelectual*, é também um animal POLÍTICO OU SOCIAL, razão por que seus conceitos, seus juízos, seus raciocínios – tudo isso mediante o qual ele conhece e compreende a realidade ou pode ordená-la na medida de suas possibilidades – hão de ensinar-se ou manifestar-se aos demais e aprender-se ou receber-se deles. Tal se dá mediante SIGNOS de tais concepções, de tais juízos, de tais raciocínios – são as PALAVRAS ORAIS, as PROPOSIÇÕES ORAIS, as ARGUMENTAÇÕES ORAIS, tudo isso que, precisamente, permite aos homens conviver entre si. Trata-se da necessidade da FALA, que resulta, assim, de uma *intenção* significativa e comunicativa.

> ➢ Pelo que se acaba de dizer, já pode aquilatar-se o problema que a variedade de línguas implica.

1.2. Mas, para que alcance os fins para os quais é necessária, a fala requer uma *arte* que a ordene a eles – e esta arte é a Linguagem.[1]

---

[1] O homem, animal racional, vive de ciências e de artes. – Há que assinalar, porém, desde já, que a arte não se reduz às chamadas "artes do belo" (Música, Pintura, Escultura, etc.). Toda e qualquer ciência e toda e qualquer arte são hábitos intelectuais. Ora, o próprio do intelecto é a *ordem*, é *ordenar*. Mas pode ordenar-se de dois modos: especulativa ou teoricamente, quer dizer, enquanto se considera a ordem natural das coisas – e temos as ciências –, ou artisticamente, quer dizer, enquanto se dá ordem artificial a uma matéria preexistente e já informada – e temos as artes. Pois bem, as artes dividem-se em dois subgêneros: as *servis* (as que se exercem mediante atos corporais e/ou para alguma utilidade corporal, como, por exemplo, a Marcenaria, a Náutica e a Equitação) e as *liberais* (as que dirigem os atos da razão e/ou têm alguma finalidade significativa, como, por exemplo, a Lógica, a Gramática e a Retórica). Como se vê pelos exemplos, estes dois subgêneros se dividem, por sua vez, em espécies. O que porém ainda importa assinalar aqui é que:

- quando falarmos de *artificial*, falaremos no sentido de "feito com arte" (artefato < *arte factus*);
- e, quando falarmos de algo *essencial* ou de algo *acidental* com respeito à língua, falaremos *em abstrato*, porque, com efeito, a fala mesma é forma acidental da voz – assim como a mesa é forma acidental da madeira.

1.3. A Linguagem, ademais, tende a refletir em suas construções a própria constituição da realidade.[2] É o que se dá com as diversas classes de palavras, as quais expressam *de alguma maneira* as DEZ CATEGORIAS ou GÊNEROS MÁXIMOS DO ENTE,[3] a saber: a *substância* e seus nove acidentes: *quantidade, qualidade, relação, lugar* (ou *onde*), *tempo* (ou *quando*), *situação* (ou *posição*), *hábito* (ou *posse*, etc.), *ação* e *paixão* (ou *ser paciente de uma ação*).[4] Não é difícil notar que a classe do *substantivo* exprime as "substâncias" ou os "acidentes tratados como substância"; que o *adjetivo* corresponde à "qualidade" – e à "relação", à "situação", à "posse", etc., entendidas a modo de qualidade; que o *verbo* expressa, propriamente, a "ação" e a "paixão", mas também a "posse" entendida como ação de possuir, etc.; e que o *advérbio* não só se ocupa do "tempo" e do "lugar", mas se aplica a qualquer forma passível de receber mais ou menos, ou seja, de ter certas modalidades.

II
A DIVERSIDADE DE LÍNGUAS

2.1. Não é este o espaço para investigar aprofundadamente por que há diversidade de línguas, a qual porém resulta de uma como incapacidade da Linguagem de sustentar, de algum modo, a unidade de sua obra.[5] E, se aderimos firmemente à tese da monogênese não só da Humanidade mas da mesma linguagem,[6] deve partir-se aqui, não obstante, da evidência de que há tal diversidade – e de que se perde no tempo o momento em que começou a dar-se.

---

[2] E, como vimos no Prólogo, tanto mais se atualizará esta tendência quanto mais cultivada for a língua, ou seja, quanto mais se valerem dela e a aprimorarem verdadeiros mestres.

[3] São as DEZ CATEGORIAS descobertas por Aristóteles.

[4] Olhe-se para qualquer homem, que é uma *substância* assim como o é qualquer cisne ou qualquer laranjeira, e constatar-se-á, por exemplo, que tem determinada altura e determinado peso (*quantidade*); que é branco ou negro (*qualidade*); que é pai ou filho de alguém (*relação*); que está numa fazenda ou numa cidade (*lugar* ou *onde*); que vive em tal ou qual década de dado século (*tempo* ou *quando*); que está de pé ou sentado (*situação*); que está calçado ou se cobre com um sobretudo (*hábito*); que caminha ou toca um trompete (*ação*); e que é molhado pela chuva ou queimado pelo sol (*paixão*).

[5] Note-se, antes de tudo, que *língua* é a própria *fala* enquanto ordenada ou regrada pela Linguagem. – Mas note-se também que qualquer língua pode vir a completar-se com a escrita e sua Gramática, razão por que há línguas que se dizem ágrafas e outras que se dizem não ágrafas.

[6] Sempre que usarmos LINGUAGEM, com inicial maiúscula, a palavra terá o sentido de *arte da fala*; sempre porém que usarmos LINGUAGEM, com inicial minúscula, a palavra ou será sinônima de *fala* (como compreendida em **1.1** desta Parte) ou englobará a *fala* e a *escrita*.

2.2. Como antecipado, a diversidade das línguas vai a contrapelo da finalidade precípua da fala. Sim, porque, se a fala decorre da natureza intelecto-social do homem e, pois, de sua necessidade de intercomunicação, a diversidade linguística pelo menos dificulta o atendimento desta; mas o mais das vezes o impede – se não se conta com a atuação de intérpretes (outrora chamados "línguas") ou tradutores. Com efeito, entre línguas de um mesmo ramo linguístico, ainda pode dar-se *alguma* compreensibilidade mútua, como de fato se dá entre as línguas do ramo latino, entre as do germânico ou entre as do eslavo. Não assim, porém, entre línguas de ramos remotos nem, muito menos, entre línguas de troncos distintos.

- ➢ Desse modo, por exemplo, alguma compreensibilidade mútua se dá entre os falantes do português, os do espanhol e os do italiano – e, conquanto menos, os do francês, em verdade uma língua neolatina que, todavia, conservou muito de seu substrato germânico, o frâncico. Ainda alguma compreensibilidade mútua (ínfima) pode dar-se entre os falantes das línguas neolatinas e os do inglês, mas isso porque este não é puramente do ramo germânico: tem longa história de influência do latim e, sobretudo, do francês.
- ➢ Tal compreensibilidade mútua, todavia, é *de todo* impossível se se trata de línguas de troncos diferentes, como o são, por exemplo, o português – do tronco indo-europeu[7] e do sub-ramo latino –, o húngaro – do tronco uraliano e do ramo fino-ugriano –, o árabe – do tronco camito-semítico e, ele mesmo, ramo deste – e o chinês – do tronco sino-tibetano e, ele mesmo, ramo deste. Entre os falantes destas línguas não haverá alguma compreensibilidade senão mediante gestos e sinais, o que *em certo sentido* faz recuar a linguagem um pouco na direção do animal.

---

[7] Indo-europeu é tronco de línguas aparentadas e faladas em parte da Ásia e em grande parte da Europa. Divide-se nos seguintes ramos: indo-iraniano, anatólio (desaparecido), báltico, eslavo, itálico (de que faz parte o sub-ramo latino), germânico e celta – com suas respectivas protolínguas e as línguas derivadas destas –, além do grego, do albanês e do armênio, línguas isoladas. – Também se dá o nome de indo-europeu a uma hipotética língua pré-histórica, conjecturada a partir da comparação das mais antigas línguas indo-europeias conhecidas, e que teria sido a protolíngua do tronco indo-europeu.

2.3. E tal mútua incompreensibilidade se deve não somente a que as mesmas coisas se nomeiem diferentemente nas diversas línguas, mas também, e em alguns casos sobretudo, às seguintes razões.

2.3.1. O homem pode articular grandíssimo número de fonemas; entre eles, as línguas selecionam alguns, mas nem sempre os mesmos. Assim, para começar pelo mais próximo, o espanhol tem um *j* que o português não tem, enquanto o português tem ditongos nasais não presentes em nenhuma outra língua neolatina. O árabe, por sua vez, é dotado de fonemas faringais com que nem sonham os neolatinos, enquanto o italiano mantém consoantes geminadas, de todo ausentes do âmbito ibérico e do âmbito gálico. Já os falantes das línguas boxímanes, da África meridional, convertem estalos da língua em fonemas. E assim por diante.

2.3.2. Do ângulo das partes das palavras e das construções sintáticas, a variedade é ainda maior, muito maior.

2.3.2.a. Enquanto algumas línguas se valem abundante e pleonasticamente de desinências nominais[8] (port. "a menina morena", "os livros importantes", etc.), outras, que em geral as perderam, são obrigadas a recorrer à altura: são as línguas *tonais*, como o chinês e até algumas variantes populares do espanhol, as quais, pela perda geral da desinência de plural *s*, têm de recorrer à altura ou tom para distinguir *las puertas* de *la puerta*.

➢ E veja-se o curioso de certo modo de falar do interior brasileiro: nele, em vez de dizer-se "Que animais bem cuidados!" ou "Oi, minhas filhas", indica-se já de início o plural geral: "Ques animal bem cuidado!" e "Ois, minha filha".

2.3.2.b. Por outro lado, enquanto nas línguas latinas há para os verbos desinências modo-temporais e número-pessoais (*eu estudava, tu estudava**s**, ele estudava, nós estudáva**mos**, vós estudáve**is**, eles estudava**m***), não assim em numerosíssimas línguas.

---

[8] Ou seja, como se verá mais adiante, valem-se de flexões para determinar-lhes já o gênero, já o número, já o grau. – As flexões de grau, aliás, como igualmente se verá, também podem aplicar-se a certos advérbios.

> ➢ E dá-se até o caso, no inglês moderno, de o mesmo *s* que serve de desinência nominal de plural servir também de desinência verbal de terceira pessoa do singular do presente, enquanto as demais pessoas, incluídas as do plural, perderam a sua (exemplo: *I sing, you sing, he sings; we sing, you sing, they sing*).

2.3.2.c. Ademais, enquanto algumas línguas indicam a função sintática das palavras mediante terminações casuais – são as línguas declináveis, como o grego clássico, o latim, o alemão, etc. –, outras – como a maioria das neolatinas e o inglês – o fazem grandemente por meio da ordem frasal.

2.3.2.d. Aos lusófonos nada nos parece mais natural que a concordância do verbo com o sujeito (e, como veremos no devido lugar, devem limitar-se hoje os casos admissíveis de silepse). Em grego, não obstante, era não só permitido mas usual fazer concordar o singular das formas verbais com o plural dos nomes neutros.

2.3.2.e. E não nos deixa de surpreender a seguinte palavra do nootka, língua indígena aglutinante da ilha de Vancouver: *inikw-ihl-’minih-’is-it-’i*, isto é, ‘os antigos lumezinhos em casa’ ou ‘os lumezinhos que antes ardiam em casa’.[9] Ou esta do fox, língua algonquina do vale do Mississipi: *eh-kiwi-n-a-m-oht-ati-wa-ch* (*i*), isto é, ‘então eles todos fizeram(-no) fugir deles’.[10]

2.4. E, com efeito, línguas há que têm artigos, enquanto outras não os têm; umas há que têm advérbios separados, enquanto outras os têm prefixados ao verbo; umas há que dependem sintaticamente de conectivos (preposições e conjunções), enquanto outras, em geral declináveis, as dispensam ao menos parcialmente. Mas nada disso implica dizer que as línguas não são essencialmente o mesmo. São-no

- porque todas são obras da Linguagem, ou seja, todas são igualmente fala ordenada artisticamente a seu fim significativo-comunicativo;

---

[9] Exemplo tomado de Edward Sapir, *A Linguagem – Introdução ao Estudo da Fala*. Trad. J. Mattoso Câmara Jr. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1954, p. 136.

[10] *Ibidem*, p. 77. – Ainda restaria ver, todavia, com respeito a tais línguas indígenas, se tão complexas construções, perfeitamente adaptadas, ao que parece, às necessidades imediatas dessas tribos, são capazes de servir às elaborações mais altas do espírito. Estamos certo de que não, assim como com certeza podemos dizer que a Filosofia não poderia ter-se desenvolvido plenamente com uma língua a que faltasse o verbo *ser*, como o chinês (ao menos o atual).

- porque todas hão de contar não só com palavras, mas com orações perfeitas, que se compõem forçosamente de duas partes: sujeito e predicado;[11]
- e porque todas hão de expressar *de alguma maneira*, como vimos, os dez gêneros máximos do ente.

III

DEFINIÇÃO DE LÍNGUA

3.1. Já temos condições a esta altura de dar a definição de língua. Mas, em decorrência, também é este o lugar de investigar o que faz que o falado nos diversos países lusófonos se digam a mesma língua, ou se o são apenas em certo sentido; e se o que se fala no nordeste do Brasil e o que se fala no sul deste são pura e simplesmente a mesma língua, ou dialetos seus. E façam-se as mesmas perguntas a respeito do inglês, do russo, do espanhol, do francês... É questão em torno da qual muito já se escreveu e se debateu, e à qual, a nosso ver, só rara vez se respondeu satisfatoriamente.

3.2. LÍNGUA é, propriamente, como obra da Linguagem, *um todo composto de determinados fonemas e de determinadas palavras que se combinam segundo certas regras para significar nossas concepções mentais e comunicá-las aos demais*, **o que implica compreensibilidade geral**. É pois acidental que a Linguagem não tenha podido manter a unidade de sua obra, e é ainda de algum modo acidental que as línguas sigam variando. Não há impedimento essencial de que houvesse uma só e mesma língua.

⇨ **OBSERVAÇÃO.** Disse-se acima que a língua é um TODO. Mas há diversas espécies de todos; e, quanto ao que nos interessa aqui, note-se que num todo substancial (como o é, por exemplo, qualquer animal) as partes (órgãos, membros, etc.) não têm nenhuma operação independente do mesmo todo, porque o todo substancial é absolutamente algo uno. Mas num todo como o universo – que é um todo de ordem e de harmonia, e que não constitui algo pura e simplesmente uno – as partes têm, sim, operações próprias, ainda que ordenadas entre si: posso agora mesmo continuar a digitar ou deixar de digitar este texto independentemente do movimento dos astros, ainda que sem este movimento não pudesse haver vida em nosso planeta. Pois bem, a língua compara-se antes ao universo que ao animal, isto é, antes a um todo de ordem e de harmonia que a um todo substancial. Com uma grande diferença, porém: o universo é um todo natural, enquanto a língua é um todo artificial, como dito já e como se repetirá ao longo de toda esta *Suma.*

---

[11] Como se verá em seu momento, e ao contrário do que comumente se diz, não há oração perfeita sem sujeito; as que não parecem tê-lo reduzem-se, de fato, a orações integrais. E note-se desde já que é contraditório afirmar que a oração consta de duas partes *essenciais* – sujeito e predicado, o que é verdade – e depois dizer que há, também, orações "sem sujeito". O que é essencial numa coisa não lhe pode faltar, porque, se lhe falta, ela deixa de ser precisamente esta coisa. Ver-se-á no momento próprio que, sim, *oração* não se diz somente da oração composta de sujeito e de predicado; o que porém se afirma aqui, desde já, é que se há sujeito há de haver predicado – e vice-versa. São como dois coprincípios.

3.3. Mas, levando em conta a mesma definição acima, podemos dizer que o falado no Brasil pelas classes com certo grau de escolaridade e pelas influídas por estas é a mesma língua, e que a pequena diversidade fonética, vocabular e sintática que se dá pelo país afora, entre essas classes, constitui FALARES.

⇗ **OBSERVAÇÃO.** Naturalmente, também o falado no Brasil e o falado em Portugal por essas classes é a mesma língua, e a diversidade fonética, vocabular e sintática entre eles também constitui falares – ainda que, quanto ao fonético, a diferença já não seja tão pequena: por exemplo, algum escolho *inicial* oferece aos brasileiros o alto grau de consonantização ou redução vocálica do português lusitano.[12]

3.4. Tratar-se-á PURA E SIMPLESMENTE de *línguas* diversas se implicarem incompreensibilidade mútua. Podem todavia dar-se línguas que não o sejam pura e simplesmente, mas só SEGUNDO ALGO ou ENQUANTO ALGO.

3.4.1. Se se dá incompreensibilidade na fala em algum grau em razão de mudanças fonéticas mais acentuadas, mas a língua escrita permanece substancialmente a mesma – o que sucede, por exemplo, entre certas zonas lusófonas –, então há de dizer-se que só SEGUNDO A ESCRITA se trata propriamente d*a mesma língua*, língua de que tais falas distintas e em algum grau mutuamente incompreensíveis podem ter-se como *dialetos.*

3.4.2. No interior de umas mesmas fronteiras pode haver não só diversidade de falas em algum grau mutuamente incompreensíveis, mas também uma espécie de *língua franca*, que alguns ou todos falam e todos entendem e talvez escrevam.

---

[12] Como seja, grande deve ser nosso esforço por manter a unidade da língua portuguesa. Escrevia o venezuelano Andrés Bello: "Julgo importante a conservação da língua de nossos pais [os espanhóis] em sua possível pureza, como um meio providencial de comunicação e um vínculo de fraternidade entre as várias nações de origem espanhola espalhadas pelos dois continentes" (*ibidem*, p. 24). Não podemos senão concordar com ele, e esforçar-nos por conservar *em sua possível pureza* o idioma de nossos pais.

Em situações assim, tais falas são comumente considerados *dialetos* COM RESPEITO À LÍNGUA FRANCA, que não se diz *língua* senão precisamente ENQUANTO É FRANCA.

3.4.3. Pode dar-se, ainda, e dá-se de fato, que falantes de línguas em algum grau mutuamente incompreensíveis as considerem ou dialetos de uma mesma língua, ou até absolutamente a mesma língua – e isso sem língua franca nem escrita que as unifiquem, mas por quaisquer razões raciais, históricas, políticas, etc. Neste caso, portanto, tratar-se-á de *dialetos* ou de *língua* tão somente SEGUNDO ALGUMA(S) DE TAIS RAZÕES.

3.4.4. O caso mais complexo é o das chamadas "várias etapas" de uma mesma língua. Com efeito, se se considera o português medieval, ver-se-á que não só sua escrita não é para nós, falantes atuais do português, muito mais compreensível que a do espanhol de hoje, mas também sua fala, provável ou presumivelmente, não nos seria muito mais compreensível que a do espanhol contemporâneo. E não poderia ser de outro modo, se, além de conter palavras que não contém o português atual, mas sim o espanhol contemporâneo,[13] continha outros vocábulos, outras desinências e outros torneios sintáticos também de todo desaparecidos do português de hoje, neste às vezes substituídos por outros mais razoavelmente semelhantes a seus correlatos atuais do espanhol.[14] Em verdade, fases linguísticas tão diversas não podem considerar-se propriamente *a e da mesma língua* senão SEGUNDO ALGUM SENTIMENTO DE CONTINUIDADE DA PARTE DOS FALANTES ATUAIS, sentimento devido a razões históricas.

⇗ **OBSERVAÇÃO 1.** Como vimos mais acima, alguma compreensibilidade mútua se dá entre línguas diversas, às vezes até entre línguas de ramos diferentes. Mas para passar dessa compreensibilidade limitada a uma compreensibilidade constante é necessário que se dê uma atividade tradutória igualmente constante, o que

---

[13] Por exemplo, "lo" (neutro) = *lo*, "elo" = *ello* ('isso'), "esto" = *esto* ('isto'), "mentre" = *mientras* ('enquanto'), "pero" = *pero* ('mas'), etc.

[14] A título de exemplo, vejam-se os escolhos que uma cantiga cortesã do português medieval nos apresenta a nós, falantes e leitores do português hodierno: "Ai, mia senhor, veen-me conselhar / meus amigos, como vos eu disser: / que vos non servia, ca non m'é mester, / ca nunca ren por mí quisestes dar; / pero, senhor, non m'én quer'eu quitar / de vos servir e vos chamar senhor; / e vós faredes depoi-lo melhor. // E todos dizen que fiz i mal sén, / ai mia senhor, des quando comecei / de vos servir; e non os crerei / mentr'eu viver, nunca, por ũa ren: / ca, mia senhor, non me quitarei én / de vos servir e vos chamar senhor; / e vós faredes depoi-lo melhor. // E máis me dizen do que me vos deu / por mia senhor: que mi fez i gran mal. / Pois m'esto dizen, dizen-m'assí al: 'Non a serviades, nen sejades seu'. Por tod'esto non me partirei eu / de vos servir e vos chamar senhor; / e vós faredes depoi-lo melhor. // E, mia senhor, conselha-me mui mal / quen mi o conselha; mais farei-m'eu al". Observem-se, ademais, não só palavras como *mentre* e *pero*, que como já vimos perduram de algum modo em espanhol (*mientras* e *pero*), mas palavras como *i*, *ca*, *non* e *ren*, que perduram de algum modo em francês (*y*, *car*, *non* e *rien*).

Em situações assim, tais falas são comumente considerados *dialetos* COM RESPEITO À LÍNGUA FRANCA, que não se diz *língua* senão precisamente ENQUANTO É FRANCA.

3.4.3. Pode dar-se, ainda, e dá-se de fato, que falantes de línguas em algum grau mutuamente incompreensíveis as considerem ou dialetos de uma mesma língua, ou até absolutamente a mesma língua – e isso sem língua franca nem escrita que as unifiquem, mas por quaisquer razões raciais, históricas, políticas, etc. Neste caso, portanto, tratar-se-á de *dialetos* ou de *língua* tão somente SEGUNDO ALGUMA(S) DE TAIS RAZÕES.

3.4.4. O caso mais complexo é o das chamadas "várias etapas" de uma mesma língua. Com efeito, se se considera o português medieval, ver-se-á que não só sua escrita não é para nós, falantes atuais do português, muito mais compreensível que a do espanhol de hoje, mas também sua fala, provável ou presumivelmente, não nos seria muito mais compreensível que a do espanhol contemporâneo. E não poderia ser de outro modo, se, além de conter palavras que não contém o português atual, mas sim o espanhol contemporâneo,[13] continha outros vocábulos, outras desinências e outros torneios sintáticos também de todo desaparecidos do português de hoje, neste às vezes substituídos por outros mais razoavelmente semelhantes a seus correlatos atuais do espanhol.[14] Em verdade, fases linguísticas tão diversas não podem considerar-se propriamente *a e da mesma língua* senão SEGUNDO ALGUM SENTIMENTO DE CONTINUIDADE DA PARTE DOS FALANTES ATUAIS, sentimento devido a razões históricas.

☞ **OBSERVAÇÃO 1.** Como vimos mais acima, alguma compreensibilidade mútua se dá entre línguas diversas, às vezes até entre línguas de ramos diferentes. Mas para passar dessa compreensibilidade limitada a uma compreensibilidade constante é necessário que se dê uma atividade tradutória igualmente constante, o que caracteriza o bilinguismo, tão comum em áreas fronteiriças. E do bilinguismo não raro se constituem "línguas" híbridas e instáveis, sem sequer regras implícitas de todo dignas deste nome: são os *pidgins*, os crioulos, etc., de que são exemplo o macaísta, o portunhol da fronteira uruguaio-brasileira e o *spanglish* (dos hispano-americanos que vivem nos Estados Unidos).

---

[13] Por exemplo, "lo" (neutro) = *lo*, "elo" = *ello* ('isso'), "esto" = *esto* ('isto'), "mentre" = *mientras* ('enquanto'), "pero" = *pero* ('mas'), etc.

[14] A título de exemplo, vejam-se os escolhos que uma cantiga cortesã do português medieval nos apresenta a nós, falantes e leitores do português hodierno: "Ai, mia senhor, veen-me conselhar / meus amigos, como vos eu disser: / que vos non servia, ca non m'é mester, / ca nunca ren por mí quisestes dar; / pero, senhor, non m'én quer'eu quitar / de vos servir e vos chamar senhor; / e vós faredes depoi-lo melhor. // E todos dizen que fiz i mal sén, / ai mia senhor, des quando comecei / de vos servir; e non os crerei / mentr'eu viver, nunca, por ũa ren: / ca, mia senhor, non me quitarei én / de vos servir e vos chamar senhor; / e vós faredes depoi-lo melhor. // E máis me dizen do que me vos deu / por mia senhor: que mi fez i gran mal. / Pois m'esto dizen, dizen-m'assí al: 'Non a serviades, nen sejades seu'. Por tod'esto non me partirei eu / de vos servir e vos chamar senhor; / e vós faredes depoi-lo melhor. // E, mia senhor, conselha-me mui mal / quen mi o conselha; mais farei-m'eu al". Observem-se, ademais, não só palavras como *mentre* e *pero*, que como já vimos perduram de algum modo em espanhol (*mientras* e *pero*), mas palavras como *i*, *ca*, *non* e *ren*, que perduram de algum modo em francês (*y*, *car*, *non* e *rien*).

⇗ **OBSERVAÇÃO 2.** Na definição de língua, dissemos que seus fonemas e suas palavras se combinam segundo certas regras. Trata-se das regras implícitas da Linguagem; qualquer língua, ainda a somente falada, ou se normatiza por elas, ou não seria língua propriamente dita. Seria aquele fluxo permanente de que falámos no PRÓLOGO. Mas, como também dito ali, tais regras implícitas não são capazes de evitar por muito tempo a desordem e corrupção da língua: estão aí para prová-lo todos os casos de línguas tribais ou de sociedades algo mais avançadas mas sem escrita. Como já mostrámos também no mesmo lugar, podem dar-se casos como o do Brasil, em que um rudimento de escrita, propiciado por um rudimento de Gramática escolar e como que sustentado pela difusão dos *media* modernos, assegura a permanência de uma fala compreensível por numerosas parcelas da população. Ainda porém que tal se dê por longo espaço de tempo, não se dará senão à custa do que verdadeiramente importa – o que nos remete aos últimos pontos desta Primeira Parte. Antes, porém, ainda temos alguns passos que dar.

IV

A ESCRITA

4.1. O homem não é como os animais, a que bastam o conhecimento sensitivo e uma intercomunicação por gestos e por sons, tudo isso com que atendem ao aqui e agora. Por sua mesma natureza intelectual e social, ele abstrai-se do aqui e agora e preocupa-se também com o distante e com o futuro. Pois foi precisamente para transmitir seus pensamentos, seus códigos, suas doutrinas e seus poemas aos que estavam afastados no espaço e aos que haviam de vir no futuro – para o que, como é óbvio, não lhe bastava a fala – que ele inventou e desenvolveu a escrita. E, ainda por razões evidentes, foi graças à escrita que pôde o homem constituir-se em civilização propriamente dita.

4.2. Há mais, porém. A própria fala, para além de seu fim significativo e comunicativo, tem já uma segunda finalidade: como todo e qualquer homem, por uma série de motivos complexos, tem dificuldade para permanecer em contemplação intelectual sem se deixar distrair pela multidão de apelos sensíveis, a palavra vocal serve de apoio ou sustentação material para o pensamento. Para precisar uma ideia ou uma proposição, para dar-lhes mais rigor, é conveniente dizê-las, expressá-las oralmente. Mas tampouco isto é o bastante, porque também a palavra vocal tem muito de fugaz, e por isso, para que alguém fixe para si mesmo uma ideia ou uma proposição e para que siga um raciocínio sem solução de continuidade, convém ESCREVÊ-LAS. A escrita, com efeito, é como que a memória da língua, e faz que ela se beneficie grandemente de fixidez e de economia de esforços, além de permitir-lhe os mais finos aprimoramentos.

4.3. Para valer-se da fala, a razão conta com um conjunto de órgãos ou instrumentos corpóreos potencialmente dispostos para ela; mas não assim ou não totalmente assim com respeito à escrita. Para esta, não basta a mão; é preciso dar-lhe uma extensão, um instrumento: cunha, cálamo, pena, lápis, caneta, máquina de escrever, teclado de computador; e um suporte em que possa inscrever-se: tabuinha de argila, mármore, papiro, pergaminho, papel, computador.

4.4. Por tudo isso é que a escrita requer uma arte especial: a Gramática.

V

SE A ARTE DA GRAMÁTICA O É SÓ DA ESCRITA OU TAMBÉM PODE VIR A SÊ-LO DA FALA

5.1. Como a Linguagem é uma arte – a arte diretiva da fala –, forçosamente há de ter regras, assim como a arte da Arquitetura tem suas regras, e assim como a da Equitação tem as suas.

5.2. Ora, como o próprio da arte da Linguagem é compor palavras e orações e combiná-las sintaticamente, suas regras ordenam-se a tal composição e a tal combinação. Mas, como vimos, a Linguagem não pôde nem pode impedir a deriva e corrupção de sua obra, razão por que esta se multiplica numa diversidade de línguas. Se porém assim é, das línguas singulares também se pode dizer que contêm já por si tais regras: tem-nas a Linguagem como causa, e as línguas como efeito. E, tanto para a Linguagem como para a língua ou línguas, podemos com propriedade, como vimos fazendo desde o início, chamar IMPLÍCITAS a essas regras, porque de fato, ao menos até à altura da história que nos é dado ver retrospectivamente, nem os fazedores nem os usuários das línguas ágrafas as trataram nunca *ex professo*.

5.3. Já vimos, ademais, não só que as línguas tendem à desordem e corrupção, mas também que em sua mera oralidade são insuficientes tanto para comunicação com os que estão distantes ou com os que hão de nascer como até para suporte ou apoio das operações mentais. E vimos que, em razão de tal tendência e de tal insuficiência, a escrita não é uma simples opção que se oferece ao homem, mas efetiva necessidade sua.

5.4. Pois bem, se assim são as línguas, é porque suas regras implícitas não são capazes de evitar-lhes a desordem e corrupção nem de propiciar-lhes suficiência para suportar materialmente as concepções intelectuais. E, se é a escrita a que supre aquilo de que carece a fala, é porque conta com um conjunto eficiente de regras próprias, as quais, por isso mesmo, se constituem em uma e por uma arte especial: a GRAMÁTICA.[15]

5.5. Mas, se se pergunta se a Gramática também normatiza completamente e/ou diretamente a fala, há que responder que não, e por vários motivos.

5.5.1. O primeiro é que, enquanto signo de signo – enquanto signo da fala, posições próprias e distintas das daquela:

a. é, por assim dizer e pelos motivos já vistos, duplamente artificial;

b. tem a fixidez que lhe permite seu suporte material;

c. permite muito maior distanciamento e reflexão crítica: não é automática, ou melhor, quase automática como a fala;

d. não pode valer-se, ao contrário da fala, de gestos corporais e de expressões faciais, o que, obviamente, lhe dá muito maior precisão na expressão do conceptual.

5.5.2. O segundo é que, ante a complexa mescla de causas da deriva das línguas – entre as quais se contam, certamente, tanto a distância no espaço e no tempo como a diversidade de classes segundo o grau de instrução –, a escrita não é capaz de evitá-la de todo, conquanto exista, sim, também para remediá-la. Só pode fazê-lo, todavia, *em terreno próprio*.

5.6. Ademais, aquele que escreve é o mesmo que fala – e que lê. Ora, se a escrita conta com uma arte especial que não só a ordena e ensina suficientemente, mas, em decorrência disso, também permite que se leia bem; e, se a escrita e sua arte visam justamente a prover a suficiência e a fixidez que não tem a fala, temos então uma consequência clara: aquele que lê constantemente os melhores autores e os lê bem, e que escreve regularmente e o faz bem, esse *tenderá* a falar bem, porque *tenderá* a falar como escreve.

---

[15] E que a Gramática seja propriamente a arte da escrita, reforça-o o próprio étimo da palavra: o gr. *grammatikḗ*, ou seja, "ciência dos caracteres gravados, da escrita". – Para o étimo das palavras, teremos sempre diante dos olhos o *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, de Antônio Geraldo da Cunha (Rio de Janeiro, Lexicon, 2010), e o *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*.

5.7. Dissemos "tenderá" e dissemo-lo corretamente, porque, com efeito, nunca a fala perderá seu quase automatismo, sua possibilidade de combinar-se com expressões ou gestos, etc. Pode e deve a Gramática, sim, ensinar minimamente a melhor expressar-se na fala, a evitar certas derivas ortoépicas ou prosódicas (vê-lo-emos em seu devido momento). Mas não tem força própria para fazer frente à tendência da fala à desordem senão, como vimos, de modo reflexo. Insista-se: ler constantemente os bons autores e escrever constante e gramaticalmente pode permitir, e não raro permite, que em algum grau – às vezes altíssimo – se fale como se escreve, se fale pois gramaticalmente, se fale bem, enfim. Mas pela própria natureza das coisas jamais haverá idêntico grau de perfeição na fala e na escrita.

- ➢ Maior perfeição formal na fala não se dá senão quando é normatizada por outra arte especial: a ORATÓRIA, que porém se ordena à RETÓRICA.
- ➢ Por outro lado, como decorre de todo o já visto, a escrita tem muito menos poder de expressar o emocional. Mas num adulto a "linguagem" emocional deve estar devidamente fundida, sob as palavras, na linguagem conceptual. Se assim é, do uso – não só escrito, também oral – da "linguagem" emocional *com finalidade superior* há de ocupar-se, particularmente, outra arte: a arte especial da POÉTICA.

5.8. Ademais, se se tem uma visão realista das coisas, não se há de imaginar uma sociedade em que não haja diversas classes – e o dizemos no preciso sentido de diversidade de educação, de cultura, de cultivo. Pois bem, uma sociedade que tenha uma classe efetivamente culta e, portanto, sabedora da Gramática, boa leitora e bem-falante, esta naturalmente influirá sobre o conjunto das demais classes, e o efeito será como o da historieta de Napoleão Mendes de Almeida reproduzida em nosso PRÓLOGO.

VI

O SUJEITO DA GRAMÁTICA E A DEFINIÇÃO DESTA

6.1. Toda e qualquer arte, como toda e qualquer ciência, se especifica por seu SUJEITO, ou seja, por aquilo que a arte, como a ciência, trata *própria e formalmente*. Diz-se sujeito porque, como se dá numa oração linguística, é dele que se predicam todas as demais coisas que a arte ou a ciência consideram, a saber, suas partes, suas propriedades, suas causas e seus efeitos. Pois bem, o sujeito da Gramática são as formas linguísticas e suas relações sintáticas em toda a formalidade com que se dão na escrita, ou seja, em seu padrão ou norma culta.[16]

6.2. Mas, diferentemente agora da ciência, toda e qualquer arte se define também por seu FIM e pela MATÉRIA que ela ordena a tal fim; e o fim da Gramática não pode ser senão, como dito já, a comunicação com outros homens distantes no espaço e no tempo, enquanto sua matéria não pode ser senão o ato mesmo da escrita.

6.3. Pois bem, a *Gramática é a arte diretiva da escrita segundo regras morfossintáticas cultas, para que o homem possa transmitir suas concepções e argumentações com ordem, com facilidade e sem erro a outros homens distantes no espaço ou no tempo.*

- ➢ Como toda e qualquer arte, a Gramática necessita de um corpo teórico que fundamente suas mesmas normas e regras, e, enquanto o possui e desenvolve – como vimos fazendo exclusivamente até aqui e como não deixaremos de fazê-lo de algum modo ao longo de toda esta obra –, tem sua parte de CIÊNCIA.
- ➢ Ademais, assim como a Música recebe princípios e luzes de uma *ciência superior* (a Matemática, ou a Acústica), a Gramática recebe princípios e luzes da LÓGICA, "a arte diretiva do próprio ato da razão segundo as regras da universalidade, para que o homem alcance a ciência com ordem, com facilidade e sem erro".[17] É graças

---

[16] O que seja este padrão ou norma culta, vê-lo-emos pouco adiante. – Mas são de formalidade tão distinta a fala e a escrita, e pois a Linguagem e a Gramática, que o grego moderno possui uma variante coloquial, a *demótica*, e uma cultivada, a *catarévussa*, que é o idioma escrito (por vezes também de uso oral, em situações de maior solenidade).

[17] Pe. Álvaro Calderón, *Umbrales de la Filosofía*. Mendoza, edição do autor, 2012, p. 230. – Tal subalternação da Gramática aos princípios da Lógica se explica, em particular, pelo fato de a escrita (de cujo ato a Gramática é arte) ser signo (mediato) das concepções da razão (de cujo ato a Lógica é arte), motivo por que a Gramática está para a escrita assim como a Lógica está para a razão.

à Lógica que a Gramática pode entender mais perfeitamente coisas que ela, de si, não pode senão captar como que intuitivamente: a oração é uma dessas coisas; também sua divisão essencial em sujeito e em predicado; ainda o caráter do significado com respeito à palavra e à própria oração; o caráter mesmo da escrita, como agora o vemos; *et reliqua.*[18]

- Por outro lado, a Gramática também participa dos princípios comuns a todas as ciências – os primeiros princípios da razão especulativa –, os quais são os princípios próprios da Metafísica porque esta é justamente a ciência que trata do mais universal: o ente em si.
- Mas, assim como a Música tem, ademais, de si, princípios próprios, sem o que nem sequer seria arte à parte, assim também a Gramática tem, de si, princípios próprios, como o são o de correção ou o de erro morfossintáticos.

6.3.1. Pois bem, para que a Gramática permita ao homem alcançar *sem erro* o fim da escrita, é preciso antes ter definido o que é o ERRO em língua e, mais formalmente, na escrita. É o mais árduo de nossa arte. Quando um gramático começa seu ofício, depara já com dado estado da língua. Esta tem uma história e seus escritores; é partilhada *de algum modo* por classes distintas, mais ou menos afastadas entre si em termos de instrução e de leitura, e por povos ou por nações mais ou menos distantes entre si no espaço e de convivência mútua mais ou menos estreita. Ora, tudo isso implica falares diversos não só foneticamente, ortoepicamente e prosodicamente – o que, como vimos, pode implicar algum grau de incompreensibilidade recíproca – mas também flexionalmente e sintaticamente.

- Quanto à DIVERSIDADE FONÉTICA, atenhamo-nos, para exemplos, a alguns poucos fatos que se dão agora mesmo dentro das fronteiras brasileiras.
  - O *rr* em fim de sílaba se diz no Sul como alveolar, no Rio de Janeiro como velar ou como uvular, e em grande parte do interior do Brasil como retroflexo.

---

[18] Tais princípios e luzes vindos da Lógica para a Gramática se verão aplicados ao longo de toda esta obra, sem que tornemos a insistir em sua origem.

- A consoante *t* antes de *i* pronuncia-se na maioria de nosso país de modo palatalizado (*t'* ou *tch*: /t̲'ia/ ou /tchia/), mas em outras largas áreas como *tè* mesmo (/t̲ia/).[19]
- Quanto ao *l* em final de sílaba, temos a maneira do Sul, em que é dito integramente, e a maneira da maioria do país, em que é dito velar e relaxadamente, com o imenso inconveniente de igualar-se à semivogal *u* e fazer, assim, que se anule foneticamente a distinção entre *mal̲* e *mau̲*, *al̲to* e *au̲to*.

➢ Quanto à DIVERSIDADE ORTOÉPICA, mantenhamo-nos no interior das mesmas fronteiras.

- A imensa maioria dos brasileiros diz "fe̲cha [é]", apesar de a norma culta determinar que se diga "fe̲cha [ê]".
- Os cariocas dizem "po̲ça [ô]", mas o natural é que seu *o* tônico se pronunciasse aberto [ó], exatamente porque a palavra é o feminino de um masculino, "po̲ço [ô]", que tem por plural "po̲ços [ó]", tal como se dá em "po̲rco [ô] – po̲rcos [ó] – po̲rca [ó]", "o̲vo [ô] – o̲vos [ó] – o̲va [ó]", etc.
- Considera-se errado dizer "inex̲orável [cs]" porque "inex̲orável [z]" se firmou um dia como a pronúncia culta da palavra, apesar de esta derivar de um latino *inex̲orabĭlis* em que o *x* certamente se dizia *cs*.
- Quanto à DIVERSIDADE PROSÓDICA, cinjamo-nos ainda ao Brasil.
- Se se opta por *boê̲mia*, atende-se ao étimo e ao padrão culto; se por *boemia*, ao uso mais geral.
- *Ínterim* também atende ao étimo e ao padrão culto; mas é igualmente extenso o uso de "interi̲m̲".
- E, no âmbito mesmo do *corpus* conceptual da Gramática, hesita-se quanto a admitir "ortoepi̲a", porque contraria a original *ortoé̲pia*.

➢ Quanto à DIVERSIDADE FLEXIONAL E SINTÁTICA, o quadro agrava-se grandemente.

- Não é só que nos falares populares já se tenham perdido ou se estejam perdendo a desinência de plural e desinências verbais: "os homem", "nós vai", etc.

---

[19] Não seguiremos rigorosamente aqui nenhum dos sistemas usuais de transcrição fonética, senão que usaremos livremente de todos com o fim de tornar cada transcrição, em cada caso, o mais evidente possível.

- Também nos meios mais escolarizados, e até universitários, já têm assento infrações a regras obrigantes e vigentes não só em nossos melhores escritores, mas ainda em línguas próximas. Para darmos exemplos mais radicais: "Ouvi ele" ou "Mandou ela estudar" (ou seja, o uso de um pronome reto em lugar de um oblíquo, no caso, respectivamente, *o* e *a*); e "Não faz isso" (em que se rompe todo um paradigma verbal: corretamente se diria "Não faças isso", se se tratasse a outra pessoa de *tu*, ou "Não faça isso", se se tratasse a outra pessoa de *você*).
- Muito surpreendente é o mau uso do FUTURO CONTÍNUO (*future continuous*) inglês – ao que parece, iniciado pelos operadores de *telemarketing* – em construções como "Amanhã vamos estar providenciando o conserto". É uso já corrente em largas parcelas da população (incluindo a universitária), talvez por uma espécie de ULTRACORREÇÃO: julga-se acaso construção mais elegante ou mais culta.
- Pode ainda lembrar-se o uso, também muito surpreendente, do *si* – pronome oblíquo de TERCEIRA PESSOA exclusivamente REFLEXIVO – com relação à pessoa com quem se fala: "Gosto muito de si" (quando o normal seria "de ti", ou "de você", ou "do senhor", etc.); "Queremos falar consigo" (quando o normal seria "contigo", ou "com você", ou "com o senhor", etc.). Este uso é ainda mais comum no português lusitano, mesmo em suas camadas mais letradas. É outra quebra radical de paradigma.

6.3.2. Responda-se, pois, primeiramente, à questão de O QUE É **ERRO** e de COMO DEVE POSICIONAR-SE A GRAMÁTICA DIANTE DELE para cumprir seu papel precípuo. E diga-se antes de tudo que, dado o quadro, de extrema complexidade, indicado já pelos poucos exemplos acima, está o gramático ante um verdadeiro DILEMA:

- ou se rende ao argumento de grande parte dos linguistas de que as línguas são assim mesmo, de que qualquer "normativismo" com que se lhes queira deter a deriva será algo de todo postiço, e renuncia assim, nessa mesma rendição, a ser gramático;
- ou, tendo em conta a importância decisiva da Gramática não só para a mesma língua escrita, mas também, reflexamente, para a fala, para as próprias operações mentais e, até, para a própria civilização na medida em que de algum

modo sirva às ciências superiores, tendo em conta pois tudo isso, deve concluir da seguinte maneira.

6.3.2.a. Por tudo quanto vimos até agora, com respeito à língua, e ainda à escrita, um ERRO nunca o é em termos absolutos; mas é-o, sim, *segundo algo*: mais precisamente, segundo CERTO PADRÃO CONVENCIONAL ESTABELECIDO DURANTE DADO ESPAÇO DE TEMPO. E este padrão não é senão o que se conhece por NORMA CULTA, e o explicaremos pouco abaixo.

6.3.2.b. No entanto, consideramos mais ou menos espontaneamente que um erro gramatical o é por infringir algum princípio lógico. Tomemos o caso da *separação por vírgula de sujeito e de verbo*. Com efeito, como o diz a Lógica, sujeito e predicado são os termos essenciais da oração perfeita: sujeito é aquilo a que se atribui um predicado, e predicado é aquilo que se atribui a um sujeito. Sem estes dois termos não há tal oração. Mas sem verbo não se constitui o predicado. Ora, a vírgula usa-se em português, como veremos com profundidade em seu devido momento,

- ou (muitas vezes) para indicar pausa;
- ou para separar termos que sintaticamente devem separar-se;
- ou, enfim, para evitar uma anfibologia, uma confusão sintática, etc.

Em princípio, pois, em razão de sua essencial interdependência, não hão de separar-se na escrita aqueles dois termos (assim como na fala, aliás, tampouco se dá pausa entre eles), conquanto os possamos separar por vírgula, sim, extraordinariamente, para evitar o dito no terceiro item acima. Se porém não se tiver esta última razão, será erro a separação por vírgula de sujeito e de verbo, e tal separação nos parece erro, insista-se, porque nos parece ferir um princípio lógico.[20]

6.3.2.c. Pode dar-se um sem-número de exemplos de erros considerados erros lógicos: o uso de pronomes retos em lugar de oblíquos; o uso de pronomes reflexivos em lugar de pronomes de segunda pessoa ou de tratamento; etc. Veja-se, no entanto, que pode haver e há línguas em que não há pronomes oblíquos materialmente distintos, os quais, como veremos na devida altura, são CASOS dos pronomes retos. Em francês, ademais, como em outras línguas, dá-se o aparente uso de pronomes oblíquos em lugar de retos: por exemplo,

---

[20] Não se consideram aqui, obviamente, os casos de intercalação posta entre vírgulas entre o sujeito e o verbo. Vê-lo-emos no momento oportuno.

C'est moi (literalmente, "Isto é mim", ou seja, *Sou eu*). Não parece válido, portanto, considerar infrações de princípios lógicos aqueles erros. Mas é-o, sim, se isso se entende corretamente, isto é, dentro dos marcos do critério já posto acima: CERTO PADRÃO CONVENCIONAL ESTABELECIDO DURANTE DADO ESPAÇO DE TEMPO. Trata-se, em verdade, de *reduções analógicas* de princípios lógicos que, enquanto são tais reduções, só adquirem validade se tiverem lugar no referido padrão convencional.[21] Por exemplo: como de fato durante dado espaço de tempo nossos melhores escritores vêm usando, material e sintaticamente, os pronomes retos e os oblíquos de determinada maneira, constituindo assim um paradigma; e como há a regra lógica de que o sujeito é sempre reto e nunca oblíquo; então dizer "para *mim* ler" há de aparecer-nos como infração a essa regra lógica. Sucede porém que, quando o francês diz *C'est moi*, não o sente como tal infração; e assim é porque durante dado espaço de tempo seus melhores escritores também vêm usando, material e sintaticamente, os pronomes retos e os oblíquos de determinada maneira, distinta da nossa, mas constituindo ainda um paradigma. E, se se disser em francês "Faites comme 'je'" em vez de *Faites comme moi* ("Fazei como eu"), isso, sim, é que se sentirá como infração de princípio lógico.

6.3.2.d. Com efeito, sendo as regras da Lógica as únicas válidas para *todas* as línguas, elas porém não se aplicam a cada uma senão, repita-se, por certas *reduções analógicas* – perfeitamente válidas nos marcos daquele PADRÃO CONVENCIONAL ESTABELECIDO DURANTE DADO ESPAÇO DE TEMPO.[22] E, conquanto o estabelecimento de qualquer padrão gramatical normativo tenha muito de arbitrário, porque normalmente se dá ao cabo de um conjunto de derivas linguísticas, são aquelas reduções analógicas as que, por seu lado, lhe dão consistência; são como seu cimento. Sem elas, o padrão ruiria. E, afinal, é esse mesmo padrão o gramaticalmente decisivo – sem ele não existiria Gramática, nem pois a língua escrita poderia cumprir o importantíssimo papel que, como vimos, lhe cabe. Por conseguinte, há de considerar-se ERRO não só o dito acima, o que se sente como infração lógica, mas até, se aceito pelos melhores, o que contrarie o que haja de mais "lógico" na escrita. É o caso, por exemplo, da colocação dos "pronomes átonos", como veremos na Nona Parte, ou de concordâncias como "mais de um saiu", como veremos na Oitava Parte.

---

[21] Mesmo porém que houvesse uma só língua, ainda seus padrões morfossintáticos seriam reduções convencionais e analógicas de princípios lógicos, o que é tema para outro escrito.

[22] Por isso mesmo, aliás, ou seja, pela multiplicidade não só de línguas mas de fases em cada língua, é que não pode haver gramática universal – contrariamente ao que pretenderam o nominalismo e o racionalismo, e como pretende Noam Chomsky.

⇗ **OBSERVAÇÃO 1.** A determinação do espaço de tempo em que se há de inserir a Gramática não pode ser senão aproximativa. Podemos porém estabelecer que há de inserir-se em espaço de tempo em que o escrito pelos melhores seja sempre perfeitamente aceitável para seus pares. Assim, considerando Camões entre os melhores (e abstraindo, por ora, o que diremos acerca da relação entre Gramática e Literatura), não o podemos incluir, todavia, no espaço de tempo em que a Gramática há de inserir-se hoje – com efeito, seus poemas não são perfeitamente aceitáveis em termos morfossintáticos para os melhores de hoje. Por isso, seus usos linguísticos não hão de contar-se totalmente entre os que devem compor o padrão da Gramática atual.

⇗ **OBSERVAÇÃO 2.** Quanto à deriva fonético-ortoépico-prosódica, é relativamente pouco o que a Gramática pode fazer de modo mais direto. Pode indicar, como faremos, alguns padrões por seguir, especialmente quanto ao fonético e ao ortoépico. Exemplo: evite-se na fala a confusão entre o *l* em final de sílaba e a semivogal *u*; e, *sobretudo*, não se diga "interim", senão "ínterim", até porque assim se há de escrever; mas tampouco se diga "inexorável [cs]", senão "inexorável" [z], porque já desde há muito tempo assim o registram as gramáticas e os dicionários. É que, como visto já, a Gramática não é propriamente a arte da fala, e nela não influi em grande parte senão de modo reflexo. Mais formalmente há de ocupar-se dela a Oratória, mas, como já dito e como se repetirá, em ordem à Retórica; e a Poética, em especial se se trata da arte dramática.

6.3.2.e. Mas, além do ERRO propriamente dito, há que considerar em Gramática algo aparentado a ele: o **INDEVIDO**. Vejamos algumas de suas espécies.[23]

- O **PRECIOSISMO** OU ABUSO DE PALAVRAS OU DE CONSTRUÇÕES INUSUAIS, não raro porque equivocadamente se julgam pobres ou deselegantes o uso de palavras correntes ou a simples repetição de palavras. Imaginemos que certo escritor tivesse de usar 50 vezes num texto a palavra "chicote", mas, receoso daquela pobreza ou deselegância, fosse pescar nos dicionários 49 sinônimos de sua palavra-tema e, encontrando-os, pusesse: "açoite, açoiteira, arreador, azorrague, bacalhau, baraço, buranhém, chabuco, chambrié, chibata, chico das dores, chiqueirá, chiqueirador, cipó, cipó de boi, cnute, estafim, frança, gurinhém, habena, jangoto, jingoto, látego, macaca, mango, mangual, manjola, muxinga, nagaica, peia, peia-boi, pingalim, piraí, preaca, rebém, rebenque, relho, ripeiro, sardinheta, soiteira, tabica, taca, tagante, tala, verdasca, vergalho, vergasta, vergueiro, zeribando". Patentemente, seu texto pecaria por afetação e perderia força comunicativa e expressiva.

---

[23] Ao apontarmos, a seguir, as diversas classes de indevido, não prejulgamos a validade ou a invalidade de seu uso na Literatura ou na Retórica.

- Pode reduzir-se à espécie anterior o **USO DE ARCAÍSMOS**. Ponhamos um exemplo: "Elo não, ca ele chove muito", em que "elo" é um antigo e desusado pronome equivalente a "isso" (como o espanhol *ello*); "ca", uma antiga e desusada conjunção equivalente a "pois" (como o francês *car*); e "ele chove", uma ainda antiga e desusada construção equivalente a "chove" (como o inglês *it rains* ou o francês *il pleut*).[24]

- ➢ O ABSOLUTAMENTE ININTELIGÍVEL – como, por exemplo, se se escrevesse "Avisas os isto de homem verdes" – é antes um problema *lógico* ou *psicológico* que gramatical.
- ➢ Os NEOLOGISMOS, que em certo sentido são o contrário dos arcaísmos, devem qualificar-se duplamente:
  - se atendem à necessidade de significar novas concepções não significáveis de modo algum por palavras já existentes, são plenamente justificáveis – sobretudo se se trata de línguas como o português e o inglês, cujo *corpus* léxico é tradicionalmente muito menos fechado do que, por exemplo, o do espanhol ou o do francês;
  - se porém decorrem da ignorância de palavras já existentes para significar antigas concepções, então devem rechaçar-se por desnecessários e bastardos.
- ➢ Diga-se algo semelhante dos ESTRANGEIRISMOS:
  - se atendem à necessidade de significar concepções que não podem ser significadas mais perfeitamente por palavras vernáculas antigas ou por palavras neológicas, são, mais que plenamente justificáveis, indispensáveis: é o caso, por exemplo, de certas expressões filosóficas latinas, como *per se* e *per accidens*, *simpliciter* e *secundum quid*;

---

[24] Naturalmente, tais palavras e tais construções desusadas não são desconhecidas dos próprios gramáticos, nem dos etimólogos, dos filólogos, dos lexicógrafos. Mas, ainda naturalmente, a língua escrita deve normatizar-se antes *por* eles que *para* eles.

  - ▫ se porém decorrem de mero pernosticismo, devem evitar-se por desnecessários e por corruptores do idioma.

⇗ **Observação 1.** Naturalmente, há grandíssimo número de casos intermediários entre esses extremos (dizemo-lo tanto quanto aos neologismos como quanto aos estrangeirismos), os quais serão mais ou menos aceitáveis segundo critérios sempre difíceis de precisar.

⇗ **Observação 2.** Mas tampouco será vicioso o ESTRANGEIRISMO usado *tradicionalmente* no jargão de alguma ciência ou de alguma arte (o Direito, por exemplo), ainda que tenha perfeito equivalente em nossa língua.

- O *de algum modo* **ANFIBOLÓGICO** ou AMBÍGUO, como nos seguintes exemplos:
  - ✓ "O caçador o leão matou" (o caçador foi morto pelo leão, ou o leão é que foi morto pelo caçador?);
  - ✓ "Viu-os correndo" (enquanto corria os viu a eles, ou os viu enquanto eles corriam?);
  - ✓ "Considerou o ato doloso" (meditou num ato doloso, ou considerou que tal ato fosse doloso?).
- O *de algum modo* **INTRICADO** ou EMARANHADO, como no seguinte exemplo:
  - ✓ "Lícias, pastor – enquanto o sol recebe, / Mugindo, o manso armento e ao largo espraia, / Em sede abrasa, qual de amor por Febe / – Sede também, sede maior, desmaia".[25]
- À espécie anterior reduz-se a **FRASE LABIRÍNTICA**, ou seja, a que não só é demasiado longa mas é repleta de intercalações, como no seguinte exemplo:
  - ✓ "Hoje, quando no seio de uma família numerosa há um jovem que, por falta de certa vivacidade de espírito e de outros predicados naturais, ou dos que se adquirem pelo esforço e pelo trabalho, não pode granjear os meios de subsistência, e menos ainda de obter qualquer colocação saliente, ou um ancião, vencido na vida, para quem a fortuna foi descaroável madrasta nas profissões que tentou, sem disposição alguma para o exercício de qualquer mister conhecido e lícito; dá-se não raro uma

---

[25] Trata-se aqui da chamada SÍNQUISE (do grego *sýgchysis*, "confusão", "mistura"): a inversão violenta da ordem frasal. O exemplo, clássico, é do soneto "Taça de Coral", de Alberto de Oliveira. – Insista-se, todavia: não prejulgamos aqui o uso de recursos como a sínquise na arte literária. Como dito, a Poética, por sua própria natureza, não se cinge de todo às normas gramaticais.

> espontânea conspiração entre os conjuntos por parentescos de um ou de outro, os políticos militantes e os detentores do poder, para elevar o inclassificável às várias posições políticas, então, com o mais bem-aventurado júbilo dos chefes das agremiações assim enriquecidos, esse vai ser o legislador, esse vai ser o estadista".[26]

6.4. Dissemos mais acima, no entanto, que a Gramática se institui para permitir alcançar COM ORDEM, COM FACILIDADE e SEM ERRO o ato próprio da escrita. Como tratámos já o erro, restam-nos a *ordem* e a *facilidade*.

6.4.1. Em Gramática, dizer *ordem* é dizer PARADIGMA. Os paradigmas são os quadros formais em que se podem ordenar os elementos e as outras partes da língua: com efeito, estes estão para aqueles assim como as partes estão para o todo. Vimos já que o erro o é com respeito a determinado *padrão convencional*; mas esse padrão não o seria se não fosse composto, justamente, por paradigmas. Se assim é, cabe à Gramática mantê-los firmemente por quanto tempo seja possível; o limite desta manutenção é seu desuso geral entre os melhores escritores. Ora, mantê-los firmemente supõe contra-arrestar a deriva linguística temporal, espacial, social, porque tal deriva pressiona constantemente o dique da escrita e de sua arte, a Gramática.

➢ Mas, como decorre do que já vimos, a manutenção de tais paradigmas tem ou pode ter efeito reflexo na linguagem oral e nas próprias operações do intelecto, ao menos entre os mais letrados e mais lidos, e sobretudo entre os que se ocupam das ciências superiores ou as estudam; mas também entre os poetas e os oradores, e entre os que os leem ou os escutam. Donde poder dizer-se que a Gramática é não só a arte da escrita mas verdadeiro princípio geral de civilização.

6.4.2. Não basta contudo ao gramático a sustentação dos paradigmas já vigentes entre os melhores escritores. É-lhe preciso mais, ou seja, fechar novos paradigmas. E isso é assim, antes de tudo, não só porque de tempo em tempo, "derrotada" pontualmente a Gramática pela deriva linguística, é preciso fechar um paradigma para ocupar o lugar do que se rompeu,[27] mas também e sobretudo porque nunca em nenhum padrão convencional da língua todos os seus fatos estão inclusos em paradigmas fechados. Veja-se, por exemplo, o caso no português atual (sobretudo o brasileiro) do uso ou não uso de artigo antes de possessivo; ou, ainda, o da concordância com o verbo *ser*. Veremos os dois casos, e muitos outros, no devido momento. O que aqui, sim, importa dizer é que, com respeito a casos que tais, é parte do ofício do gramático tentar fechar paradigmas o mais possível, quer mais determinantemente, quer mais sugestivamente; quer totalmente, quer parcialmente.[28] Trata-se da busca de ORDEM e de sua propiciação.

---

[26] Texto de Pedro Lessa, apud Othon M. Garcia, *Comunicação em Prosa Moderna*. Rio de Janeiro, FGV, 1978, p. 112. – Repita-se para este caso a observação em que se insiste na nota anterior.

[27] Relembre-se o caso, citado acima, dos pronomes oblíquos tônicos em francês.

6.4.3. Pois bem, ordem implica FACILIDADE. O leitor ou o escritor que têm diante de si uma escrita e uma Gramática ordenadas segundo paradigmas estáveis terão, obviamente, muito mais facilidade para ler e para escrever. Mas a facilidade, naturalmente, não decorre só daí. Decorre também, antes de tudo, da maneira mesma como o escritor tece e entretece as orações e as frases. Em outras palavras, importa muito que as frases e as orações, ainda que componham texto de tema profundo e árduo, e sem nunca deixar de atendê-lo, sejam claras, agradáveis e fluentes; e que o texto composto por tais frases e por tais orações também seja, em conjunto, dotado de harmonia, ritmo e clareza – isto é, não apresente escolhos.[29]

6.4.3.a. Se o leitor tiver de desandar uma frase para entendê-la cabalmente, e se tal não se dever a uma dificuldade relativa ao tema mesmo do texto, é porque de algum modo está mal escrita ou, ao menos, não escrita da melhor maneira *possível*. E dizer este POSSÍVEL é supor aquele PADRÃO CONVENCIONAL CULTO em que se estabelece a Gramática. Veja-se um caso em português. O padrão culto atual de nossa língua inclui o INFINITIVO PESSOAL OU FLEXIONADO. *Dada a existência deste*, escrever "Ao virar-se, viram a cena" não é escrevê-lo da melhor maneira *possível*. Com efeito, assim se obriga o leitor a desandar a leitura para enfim dar a "virar-se" seu sujeito plural. Se todavia se puser "Ao se virarem", o leitor imediatamente se inteirará do caráter plural do sujeito e não necessitará desandar o lido nem por uma fração de segundo. Aprofundaremos este caso particular, o do infinitivo pessoal, em momento próprio. Por ora, vejamos outros requisitos para a devida facilidade do texto.

---

[28] Naturalmente, não se trata de fechar paradigmas segundo o mero gosto do gramático, mas de eleger entre usos já presentes entre os melhores escritores aquilo que mais condiz com o padrão culto geral da língua, com o padrão culto geral de línguas próximas, etc. E em princípio, porém, o gramático pode contar-se entre os melhores escritores, razão por que ele também já é parte atuante na constituição do referido padrão convencional. – Ao nos referirmos ao "padrão culto geral das línguas próximas", naturalmente não queremos dizer que devam substituir-se padrões cultos vernáculos e já perfeitamente estabelecidos por outros de línguas próximas, mas sim que, entre uma duplicidade oscilante de padrões vernáculos, deve o gramático, se possível, optar por aquele que mais condiga com o referido padrão dos idiomas próximos. Neste preciso sentido, não podemos senão discrepar ao menos em parte do dito por Andrés Bello nas páginas 21-22 de sua referida obra.

[29] Suposto, como é natural, um grau suficiente de cultura por parte do leitor.

6.4.3.b. Evitem-se:

- procedimentos indevidos como os ditos acima: o *preciosismo*, incluído o *abuso de palavras inusuais*; o *anfibológico* ou *ambíguo*; o *intricado* ou *emaranhado*, incluída a *frase labiríntica*;
- recursos que visem a esquivar, por exemplo, um eco – sucessão ou proximidade de palavras que rimam entre si – ou um cacófato – sugestão de palavra inconveniente resultante do encontro de sílabas de palavras contíguas –, *mas acabem por tirar clareza ou espontaneidade ao texto.*

> ➢ Sobretudo em textos filosóficos e afins, mas ainda de modo geral, antes um eco que permita ao texto a devida clareza do que um recurso que lha tire. E diga-se o mesmo com respeito aos cacófatos. Particularmente contra estes se encarniça certa aparência de Gramática, de fundo beletrista e, sim, de muita antiguidade, mas de alto grau de arbitrariedade: com efeito, por que considerar malsonantes formações como "por cada" (que, em verdade, não raro se pronuncia "purcada" e não "porcada"), "se se" (que, em verdade, quase sempre se pronuncia "sissi" e não "cecê"), "uma mão", "alma minha", etc., e não, por exemplo, certas palavras cultas mas homófonas de orações obscenas ou, ainda, um prosaico "ela tinha"? Poder-se-ia citar quantidade de casos assim. E que não se argua, nestes casos, o contexto, porque podemos argui-lo para todos os demais. – Uma maior preocupação com os ecos e os cacófatos não pode ter lugar senão na Poética e na Oratória.

6.4.3.c. Depois, busque-se escrever com harmonia e com ritmo. A linguagem tem algo de musical, o que não só é potencializado na Literatura e na Oratória, mas também o pode ser na escrita mais científica. Trata-se de usar da pontuação, da extensão das frases, da anteposição, da intercalação e da posposição das orações, de certos vocábulos continuativos ("ora", "com efeito", "pois bem", "em verdade", etc.) em ordem a obter harmonia entre as partes do texto e, consequentemente, a imprimir-lhe ritmo adequado. E, se se pergunta como consegui-lo, ou antes, como aprendê-lo, a resposta não pode ser senão esta: pela leitura assídua dos melhores; como que "por osmose". É possível, sim, até certo ponto, ensiná-lo; mas, no âmbito deste livro, não podemos dar a este respeito senão algumas indicações.[30]

6.4.3.d. Mais estrita e precisamente, no entanto, pode a Gramática propiciar facilidade com REGRAS DE FORMULAÇÃO O MAIS SIMPLES POSSÍVEL E DE ABRANGÊNCIA O MAIS AMPLA POSSÍVEL. A primeira parte desta formulação não requer explicações; mas a segunda, sim. Pois bem, se se busca, como buscaremos, não só manter mas fechar paradigmas, poupa-se com isso às regras a maior quantidade possível de exceções.[31] Se assim é, ou seja, se quanto mais fechados estiverem os paradigmas menos exceções às regras haverá, então estas serão de abrangência o mais ampla possível. Ademais, não se pode negar que regras formuladas complexamente e/ou obscuramente, a que não raro se segue multidão de exceções, são causa de que o estudante rechace a Gramática. Buscaremos evitá-lo e proceder inversamente.

- ➢ Ressalve-se sempre, porém: simplicidade de formulação não quer dizer falta da necessária complexidade. Aquela facilita; esta priva e impede.

⬀ **OBSERVAÇÃO GERAL.** Como dissemos um pouco mais acima, e como diz seu título mesmo, esta *Suma* é gramática GERAL. Há porém que explicá-lo.

α. Antes de tudo, é GERAL não no sentido que davam ao termo os propugnadores de uma Gramática "filosófica" ou "lógica", aplicável pois a todas as línguas: como dissemos, a todas as línguas não se aplicam senão os princípios gerais da Lógica. Dizemo-la tal para distingui-la das gramáticas atuais, influídas todas em algum grau pela Linguística e sua carência de método científico:[32] nossa *Suma* não é *ou* descritiva *ou* normativa, mas as duas coisas ordenadamente, porque, com efeito, como dito, na arte e pois na Gramática o teórico é parte sua em ordem ao artefato.

---

[30] Diga-se porém que de seguir é certo exemplo medieval: na Faculdade de Artes de Paris, que antecedia ao ingresso na Universidade, aprendia-se, por exemplo, o *cursus*, estilo de prosa ritmada – herdado da Oratória – com que depois se poderia escrever até o mais árduo tratado filosófico. Fique seu estudo para outro lugar e oportunidade.

[31] É esta, aliás, a função precípua dos paradigmas.

[32] É por carência de *sujeito* que a Linguística não pode dizer-se científica: o que seria "seu" sujeito é-o já ou da Gramática, ou da Lógica, ou ainda da Metafísica. Mas nenhuma ciência pode carecer

β. Mas comparemos a Gramática a outra arte, a Arquitetura, quanto às partes de que se constituem.[33]

◆ A Alvenaria, a Carpintaria, a Eletricidade, a Pintura são *partes subjetivas* ou *espécies* do gênero das artes de edificação, razão por que todas se dizem igualmente artes, requerendo cada uma artífice próprio. – Mas a descrição fonética, a descrição morfológica, a descrição sintática da língua não são artes específicas de um gênero gramatical, senão que são capítulos ou tratados da parte teórica da Gramática, ao passo que o normativo é seu capítulo mais propriamente artístico: aqueles se ordenam a este. A Lexicografia, a Gramática Comparada ou Comparativa e outras é que, sim, podem dizer-se de algum modo *partes subjetivas* da Gramática, que delas se serve sempre que necessário.

◆ Ademais, a arte do engenheiro civil e a do construtor são *partes potenciais* da arte do arquiteto: o primeiro tem função deliberativa na determinação dos meios pelo quais a obra há de levar-se a efeito, enquanto o segundo tem função executiva e conclusiva do projeto; nem um nem outro, todavia, se dizem artífices gerais da construção em sentido pleno como o arquiteto. – Mas o escritor não delibera nem executa nenhum projeto do gramático, senão que antes este seleciona, ordena e transmite o já projetado, deliberado e executado pelos melhores escritores, entre os quais, aliás, como dito, ele mesmo se inclui ou poderia incluir-se. Por outro lado, todavia, o fim da Gramática são os textos mesmos, ou seja, bens singulares e contingentes, que não podem constituir-se em autêntico hábito intelectual senão enquanto são considerados de maneira abstrata e universal pelo gramático. Assim, pois, como a experiência do camponês não se faz arte propriamente dita senão quando informada pela disciplina do agrônomo, assim tampouco a experiência

---

de sujeito, porque toda e qualquer ciência se especifica por seu sujeito. Por conseguinte, em sentido estrito a Linguística não é ciência, apesar de desde sempre ter querido substituir-se de algum modo àquelas três. No entanto, como tantas outras "ciências" modernas, a Linguística pode servir de base de dados, aqui para indução do gramático. – Reconheça-se, todavia, que este é assunto demasiado complexo para esgotar-se numa nota de rodapé; requer espaço próprio. Pretendemos dar-lho.

[33] São três os modos como o todo pode dividir-se em partes: como a casa se divide em alicerces, em paredes e em teto, e então tanto o todo como as partes se dizem *integrais*; como o animal se divide em cão e em cisne, e então o todo se diz *universal* e as partes se dizem *subjetivas*; e como a alma animal se divide em nutritivo e em sensitivo, e então tanto o todo como as partes se dizem *potenciais*. – Para um estudo completo do assunto, cf. Santiago Ramírez, *De Analogia*, tomo II. Madri, CSIC, n. 525-39, p. 989-1039.

do escritor – adquirida, por exemplo, tão só pela leitura – se faz arte propriamente dita senão quando informada pela disciplina do gramático. E este é o motivo por que a arte do gramático e a experiência do escritor se conjugam em uma mesma disciplina, isto é, a Gramática, estando a arte do gramático para a experiência do escritor assim como a forma está para a matéria.

◆ Por fim, a arte da ortografia, a da composição das palavras, a da conjugação, a da concordância nominal ou verbal são tão *partes integrais* da Gramática como o são da Arquitetura a arte de dispor os cômodos, ou as casas de uma cidade, ou os edifícios segundo sejam familiares ou hospitalares, etc; e, assim como estas não podem dizer-se artes especiais, tampouco aquelas.

γ. Por tudo isso e nesse preciso sentido, portanto, é que a Gramática deve dizer-se GERAL, e não fragmentar-se ou compartimentar-se segundo os pressupostos da Linguística. E obviamente não obsta a isso que nem todos os capítulos teóricos nem todas as regras gramaticais se possam tratar de modo exaustivo em um só livro ou por um só gramático. – No entanto, efetivamente ainda há lugar para insistir na seguinte objeção: como o fim da Gramática são os textos escritos, parece que, apesar do dito, quem os escreve é que antes deveria chamar-se artista. Tratemo-la.

◆ As artes são, como dito, hábitos intelectuais, razão por que tratam antes do universal. Diferentemente porém das ciências – que também são hábitos intelectuais –, devem ter continuidade em certa experiência com respeito ao singular e concreto, justo porque se ordenam a obras materiais.

◆ Portanto, haverá arte perfeita se se conjugarem em uma mesma pessoa aquele hábito e esta experiência. Isto contudo não impede que aquele hábito e esta experiência de fato se distingam, porque, com efeito, e por exemplo, pode haver gramático que não tenha suficiente experiência de escrita, e escritor que só tenha conhecimento empírico e imperfeito de sua mesma obra.

◆ E, se, como diria Aristóteles,[34] para a vida prática a experiência não parece em nada inferior ao hábito intelectual, muito pelo contrário – com efeito, por vezes antes um prático com "olho clínico" que um catedrático em medicina mas sem experiência alguma, porque o que se cura é antes o homem singular que o homem universal –, também é verdade, como diria ainda o mesmo filósofo,[35] que chamamos sábio antes ao médico catedrático e ao gramático que ao prático e ao escritor, porque, diferentemente destes, aqueles sabem o porquê das coisas, e porque, por isso mesmo, podem ensinar a estes. Mas aquele que nas ciências ou nas artes ensina é mais cientista ou mais artista que o que aprende. Se assim é, há de chamar-se artista antes ao gramático que ao escritor.

---

[34] Cf. sua *Metafísica*, livro I, c. 1, 981 a 13-24.

[35] Cf. *ibidem*, 981 a 25-29.

◆ Enquanto todavia permanece no âmbito do universal, o gramático deve dizer-se, por este mesmo ângulo, mais que artista, cientista, ao passo que, enquanto plasma um texto singular e concreto, o escritor não se alça do plano do artístico mais ou menos pleno.[36]

◆ Permanece porém o dito acima: só haverá arte perfeita se se conjugarem em uma mesma pessoa hábito intelectual e experiência, razão por que só haverá Gramática perfeita se se reunirem em uma mesma pessoa o gramático e o escritor – o que sempre pode dar-se neste âmbito, mas não, por exemplo, no da Música. Com efeito, Johann Sebastian Bach podia compor e executar suas peças para órgão, mas não podia executar, ao menos integralmente, suas peças para orquestra.

VII

A QUE SERVE IMEDIATAMENTE E REFLEXAMENTE A GRAMÁTICA

7.1. A fala tem, como vimos, duplo objeto: a significação dos conceitos mentais e o destinatário (o ouvidor). A escrita tem também duplo objeto: a significação da fala e o destinatário (o leitor, ou seja, o distante no tempo e/ou no espaço).

7.2. Como dissemos ao longo desta Primeira Parte, a Gramática é antes de tudo e mais propriamente a arte não só da escrita mas também da leitura, razão por que, ainda que de maneira antes reflexa, acaba por ter efeito benéfico e normativo também na fala. Logo, pode dizer-se, A GRAMÁTICA SERVE, JÁ IMEDIATAMENTE JÁ REFLEXAMENTE, À LÍNGUA COMO UM TODO.

7.3. Considerando-se pois globalmente, a Gramática ordena-se à manutenção e ao aprimoramento da LÍNGUA CULTA, o que se pode facilmente concluir de todo o dito até aqui. Para reforçá-lo, porém, leiam-se as seguintes e justíssimas palavras de Andrés Bello:

---

[36] Não se confunda a distinção que se acaba de fazer com a distinção entre *arte factiva* e *arte usual*, entre, por exemplo, a arte de fabricar navios e a arte de pilotá-los.

> A gramática de uma língua é [...] conforme ao bom uso, que é o da gente educada. Prefere-se este uso porque é o mais uniforme nas várias províncias e povoados que falam uma mesma língua, e portanto [*é*] o que faz que mais fácil e geralmente se entenda o que se diz; ao passo que as palavras e as frases próprias da gente ignorante variam muito de uns povoados e províncias a outros, e não são facilmente entendidas fora daquele estreito âmbito em que as usa o vulgo.[37]

7.4. Em se tratando da língua portuguesa culta, a Gramática só o será propriamente se normatizá-la em toda a sua extensão, que não pode ser senão a de todos os países lusófonos. Para tal, deve assimilar todas as variantes legítimas (ou seja, cultas), ainda que não raro, e quando possível, deva indicar preferências, dando-lhe sempre as respectivas razões. – Não é outro o nosso fim aqui.

VIII
A QUE SERVE MEDIATAMENTE A GRAMÁTICA

8.1. A língua como um todo serve ao pensamento: significa materialmente as concepções que o intelecto forma como semelhanças da realidade; e, assim como o intelecto, ao conceber a realidade, *naturalmente* se faz semelhante a ela – na medida do possível, é claro –, assim também a Linguagem busca *artificialmente* assemelhar-se à estrutura daquelas concepções – ainda na medida do possível.

8.2. Os povos que aprenderam a bem pensar – como o grego antigo – desenvolveram correlativamente sua língua, e a língua, como visto, não se consolida mais perfeitamente senão quando registrada na escrita e lida por muitos. Por isso, eles tiveram também de aperfeiçoar sua escrita refinando a arte da Gramática. Ora, como inversamente a Gramática, ao normatizar e aperfeiçoar a escrita, acaba por beneficiar a fala, a qual, por sua vez, é o primeiro suporte material sem o qual as concepções mentais tendem a interromper-se e a perder-se, então a Gramática acaba por servir também ao pensamento.

8.3. Sucede porém que, como visto já reiteradamente, o próprio pensamento tem sua arte-ciência: a Lógica, que nos permite chegar com ordem, com facilidade e sem erro à ciência. Se a Gramática, por seu lado, é a arte que nos permite chegar com ordem, com facilidade e sem erro aos fins da escrita, e se como tal beneficia não só à fala mas ao mesmo pensamento, então, por conseguinte, há de servir mediatamente à arte mesma do pensamento: a Lógica. Com efeito, é justamente porque se apoia na linguagem e mantém relação estreita com ela que a Lógica nem sequer poderia constituir-se sem língua cultivada.

---

[37] *Op. cit.*, p. 27.

8.4. Mas a própria Lógica tem partes ditas *potenciais* ou *anexas*. Assim, se a Lógica propriamente dita se ordena à consecução da Ciência, tais partes se ordenam:

- ou à consecução de uma opinião cada vez mais provável ou verossímil – é a DIALÉTICA;
- ou a preparar a opinião fazendo amar o verossímil e odiar o inverossímil – é a RETÓRICA;
- ou a inclinar ao verdadeiro mediante o belo ou afastar do falso mediante o feio – é a POÉTICA.

Tais partes são em verdade artes formalmente distintas, e só em sentido lato se podem dizer Lógica.[38]

8.5. Pois bem, como avançado várias vezes no Prólogo e nesta Primeira Parte, a Gramática há de servir menos à Retórica e à Poética que à Lógica propriamente dita e à Dialética. Isso, pela simples razão de que, como aquelas, por seu próprio e respectivo fim, buscam convencer o ouvinte ou o leitor *também* mediante recursos ou alheios à escrita ou alheios ao gramatical – a eloquência, no primeiro caso, e o sentimento, no segundo –, são por isso mesmo não de todo normatizáveis pela Gramática. Contam também com normas próprias, que não raro se sobrepõem a regras gramaticais e até podem vir a contrariá-las *de certo modo*. Até que ponto, todavia, podem ou devem a Retórica e a Poética infringir as normas gramaticais é assunto de que não nos ocuparemos *nesta* obra, porque é do âmbito da mesma Retórica e da mesma Poética.[39] E das chamadas "figuras de retórica" – de largo uso não só na Retórica mas na Poética – trataremos aqui apenas das mais usadas em geral e enquanto interessam à Gramática.[40]

---

[38] Ainda se há de considerar parte potencial da Lógica a SOFÍSTICA, que se ordena a evitar as falácias.

[39] Diga-se o mesmo de até que ponto podem a Oratória ou a Literatura fazer uso de recursos como os vistos em 6.3.2.e *supra*.

[40] Distinto é o caso das chamadas "figuras de sintaxe", de que nos ocuparemos ao longo das lições justamente de Sintaxe.

- ➢ Pelo que se acaba de dizer ou repetir – ou seja, que a Retórica e sobretudo a Poética não são de todo normatizáveis pela Gramática –, é que esta, como vimos dizendo desde o início, não pode atrelar-se à arte dos literatos e à dos oradores. Ela não pode esquecer, naturalmente, os melhores entre eles; mas tão somente enquanto não contrariem as necessidades estritas da escrita não literária e o vigente entre os melhores escritores de filosofia, de história, de direito, etc. É da unanimidade ou quase unanimidade de todos estes no escrever que decorre, justamente, como vimos, o padrão convencional da língua.

IX

A QUE SERVE ULTIMAMENTE A GRAMÁTICA

§ Na justa ordenação das coisas, a Gramática serve imediatamente à escrita, mas também à fala; estas servem à Lógica; a Lógica serve à Ciência; e esta, à Sabedoria propriamente dita. Sim, porque, assim como a alimentação se ordena à saúde do corpo e o corpo sadio se ordena à vida intelectual, razão por que a primeira se ordena afinal à terceira, assim também tudo quanto há não pode senão ordenar-se ao que é o Fim dos fins.

OBSERVAÇÕES PRÉVIAS AO RESTANTE DA GRAMÁTICA. ⬂

- Cada língua tem seus IDIOTISMOS ou IDIOMATISMOS, ou seja, traços, expressões, construções exclusivos dela ou não encontráveis em nenhuma ou em grande parte das demais. Também tem o português os seus: por exemplo, entre os idiomas neolatinos é o único, com o galego,[41] em que se dá a *mesóclise* (ou seja, a colocação de pronome oblíquo entre o radical e a terminação de verbos no futuro do presente e no futuro do pretérito); é ainda o único, ainda com o galego, que no âmbito latino conta com o *infinitivo pessoal* (ou seja, o infinitivo flexionado, que recebe desinências número-pessoais).[42]

---

[41] Continua disputada a questão de se o galego é língua à parte ou dialeto do português.

[42] Sabe-se hoje, porém, que o infinitivo pessoal também se deu no leonês, no napolitano e no sardo entre o século XIII e o XVI, aproximadamente. – Fora do âmbito latino, parece que só o húngaro conta com infinitivo pessoal.

- Não devemos, porém, estender demasiada e indiscriminadamente a noção de idiotismo, em especial a nomes de concepção ou de sentimento que necessariamente todos os humanos hão de ter ou sentir – exatamente por sê-lo. Assim, ao contrário do que se costuma pensar entre nós, a palavra portuguesa "saudade" tem equivalente, *de uma forma ou de outra*, em todas as línguas, porque o sentimento que ela expressa não pode não ser sentido por nenhum povo, e há de ser expresso por ele *de algum modo*. Por exemplo: no espanhol, os substantivos *añoranza* e *nostalgia*, além dos verbos *añorar* e *extrañar* e da expressão *echar de menos*;[43] no inglês, o adjetivo *homesick*, além do verbo *to miss*; no polonês, o substantivo *tęsknię*. O que diferencia a lusitana "saudade" de seus equivalentes nas demais línguas é o fato de provir da latina *solĭtas, ātis*, "soledade", "solidão", pelo antigo *soydade, suydade*, possivelmente com influência de *saúde*, tudo o que lhe dá talvez uma carga maior de pesadume. Não por nada, aliás, "saudade" vincula-se intimamente à tradição marítima portuguesa e à espera, sempre algo tristonha ou melancólica, do retorno de quem partiu.[44]
- Ademais, não devemos comprazer-nos em idiotismos a ponto de querer cristalizar o que ainda não passa de tendência. Isso porque, se a diversidade de línguas, como se disse, vai a contrapelo da finalidade da linguagem, devemos empenhar-nos em manter quanto possível o que é comum ou possa sê-lo à nossa língua e a outras, sobretudo as do mesmo ramo ou de ramos próximos, em razão, quanto mais não seja, de maior facilidade de intertradução.

---

[43] Que, aliás, deriva de um port. "achar de menos".

[44] Mostrar-se-á mais adiante que o que diferencia nomes equivalentes de línguas diversas, mas oriundos de étimos distintos, não é propriamente a concepção que significam (como acabamos de ver para o caso de *saudade*), mas o aspecto ou aspectos pelos quais se considera (como acabamos de ver ainda para o mesmo caso).

SEGUNDA PARTE

NOTÍCIA HISTÓRICA DA LÍNGUA PORTUGUESA

I

ORIGEM PRÓXIMA

§ O ancestral mais próximo do que podemos chamar em conjunto língua portuguesa é o latim, língua do tronco indo-europeu.[1] Nossa língua nasceu na antiga Galécia (o território hoje ocupado pela Galiza e pelo norte de Portugal), no noroeste da Península Ibérica, e desenvolveu-se na faixa ocidental desta. É atualmente a quinta língua mais falada no mundo e a terceira mais falada no Ocidente:[2] tem cerca de 270 milhões de falantes em cinco continentes, a maioria dos quais no Brasil.

II

A CHEGADA DO LATIM À PENÍNSULA IBÉRICA

2.1. Os exércitos romanos pisaram a Península Ibérica no século III a.C., durante a Segunda Guerra Púnica, mas levaram muito tempo para dominá-la. Para tal, foram necessárias lutas duras, sangrentas, prolongadas, que, por fim, terminaram com a vitória de Augusto em 19 a.C. contra a resistência dos povos guerreiros da Cantábria e das Astúrias.

2.2. Levavam consigo aquelas hostes o latim, outrora o simples falar de um povo rústico que habitava o centro da Península Itálica, o Lácio, agora já a língua literária de uma civilização destinada a dominar grande parte do orbe. Encontraram os romanos ali populações de origem e de raça variadas: celtas, iberas, lígures, púnico-fenícias e gregas, além de outras de mais difícil identificação.

2.3. Dos idiomas dessas populações, muito pouco se conservou nas línguas peninsulares, e em particular na portuguesa: certa quantidade de palavras, como *arroio*, *barro*, *lança* ou *manteiga*, todas de caráter concreto, e alguns poucos sufixos, como *-arra* (em, por exemplo, *bocarra*), *-asco* (em, por exemplo, *carrasco*) ou *-ego* (em, por exemplo, *borrego*).

---

[1] Para toda esta Segunda Parte, considere-se pressuposto todo o dito na Primeira Parte, III.

[2] É superada, numericamente, apenas pelo chinês, pelo inglês, pelo russo e pelo espanhol, nesta ordem. Mas nem de longe tem prestígio internacional proporcional ao do inglês ou ao do espanhol, senão muito inferior. Mais ainda: igualmente nem de longe tem o prestígio do francês, língua materna, todavia, de número muito menor de falantes.

III
A ROMANIZAÇÃO DA PENÍNSULA

3.1. Também lenta, além de nada uniforme, foi a assimilação da cultura e da língua latinas por aquelas populações. Das três províncias em que, em 27 a.C., foi dividida a Península, ou seja, a Terraconense, a Lusitânia e a Bética, foi esta a que primeiramente se deixou permear pela civilização dos invasores. A última foi, precisamente, a Lusitânia.

3.2. Muitos séculos depois, em 409 d.C., quando a Península já estava totalmente romanizada graças em parte à reforma administrativa de Diocleciano, de súbito irrompe ali uma mescla de povos germânicos conhecidos como bárbaros.

- O geógrafo e historiador grego Estrabão (63/64 a.C.-c. 24 a.C.) passou a maior parte da vida viajando. Em sua principal obra, *Memórias Históricas,* dedica um capítulo à Lusitânia. Diz ele: "Ao norte do Tejo fica a Lusitânia, ocupada pelo povo mais poderoso entre todos os iberos, aquele que manteve por mais tempo a guerra contra os romanos".

IV
A ÉPOCA VISIGÓTICA

4.1. Desses diversos povos, os alanos logo desapareceram, os vândalos foram-se para a África, e os suevos foram assimilados pelos únicos que, de fato, permaneceram: os visigodos. Mais civilizados que os demais, e já com uma história de relações com os romanos, os visigodos acabariam por fundir-se com as populações românicas locais; mas dominariam a Península por quase três séculos.

4.2. Se excetuamos, porém, os abundantes antropônimos e os abundantes topônimos de origem germânica, é pequena a contribuição visigoda para o léxico português: não mais que uma quarentena de palavras, cerca de trinta das quais também presentes em outros idiomas neolatinos. Entre os termos deixados pelos visigodos, estão: *agasalhar* e *arrear*; *bando* e *brotar*; *elmo* e *estaca*; *ganso* e *guerra*; *mofino* e *mofo*; *rapar* e *roupa*; *taco* e *tascar.*

V
A DOMINAÇÃO MOURA

5.1. Em 711, o rei godo Rodrigo não conseguiu deter a invasão árabe, e caía com ele o regime romano-visigótico. Pouco depois, quase toda a Península Ibérica estava sob domínio muçulmano.

5.2. Os mouros levaram para a Península não só novas técnicas e artes, mas também palavras para designá-las a elas e aos conhecimentos relativos a elas. Tampouco é muito grande, contudo, o legado lexical dos mouros para as línguas ibéricas: cerca de quatro mil palavras no espanhol, e cerca de oitocentas no português, quase todas substantivos. Referem-se, sobretudo, à arte da guerra (*acicate*, *adarga*, *aljava*, *arrebatar*, *atalaia*, etc.); à agricultura (*açafrão*, *açúcar*, *alface*, *algodão*, *berinjela*, etc.); ao comércio (*aduana*, *armazém*, *arroba*, *quilate*, *quintal*, etc.); a certas ciências (*álcali*, *álgebra*, *cifra*, *nadir*, *zênite*, etc.); à música (*alaúde*, *anafil*, *arrabil*, *tambor*, etc.); e a cargos e ofícios (*alfaiate*, *almocreve*, *almoxarife*, *califa*, *emir*, etc.).

- Na Península Ibérica do século X os muçulmanos atingiam o auge de seu domínio, enquanto os cristãos, impelidos para o norte, se viam confinados a três reinos, Leão, Castela e Navarra, e a dois condados, Urgel e Barcelona.

VI
A FORMAÇÃO DO PRIMEIRO PORTUGUÊS

6.1. No século XIII, a reconquista cristã da Península só deixava aos mouros o pequeno reino de Granada, no extremo sul da Espanha (de onde seriam expulsos apenas em 1492). Mas foi durante o mesmo domínio mouro que se configuraram as características próprias das primevas línguas neolatinas da Península.

6.2. E foi no território que incluía a Galiza e a faixa entre o Douro e o Minho que se consolidou e desenvolveu o idioma conhecido como galego-português. De existência provável desde o século VI, só o reconhecemos com certeza, porém, a partir do século IX, por meio de palavras de seu léxico encontradas em textos forenses ou notariais escritos em latim bárbaro.

6.3. Os primeiros documentos totalmente escritos em galego-português que nos chegaram datam do século XIII, quando começa a fase propriamente histórica de nosso idioma.

VII
AS ETAPAS DO PORTUGUÊS

§ Podemos periodizar a língua portuguesa, *grosso modo*, da seguinte maneira:

7.a. O português "pré-histórico", conhecido como "romance lusitânico" – a língua falada na Lusitânia do século VI ao século IX.

7.b. O português "proto-histórico" – a língua falada na Lusitânia do século IX a inícios do XIII, à qual pertencem as referidas palavras encontradas nos textos forenses ou notariais.

7.c. O português "arcaico" – a língua falada do início do século XIII a meados do século XVI, período em que o galego e o português acabam por separar-se por razões geopolíticas, e em cujo final se publica (em 1516) o *Cancioneiro Geral de Garcia de Resende* e (em 1536) nossa primeira gramática: a *Grammatica da Lingoagem Portuguesa*, de Fernão de Oliveira.

7.d. O português "moderno" – a língua falada de meados do século XVI aos dias atuais.

> ➢ Relembre-se, todavia, que só é possível incluir Camões no português "moderno" ao mesmo título que, por exemplo, a Carlos de Laet se se deixa de lado a grave divergência de PADRÃO CONVENCIONAL entre eles, para atender a um critério de periodização que tem muito de arbitrário. E, com efeito, para a periodização acima exposta, deixamo-nos seguir de todo pelo tradicionalmente aceito.

VIII
A LÍNGUA PORTUGUESA NO MUNDO ATUAL

8.1. Com a expansão do Império lusitano, o português deitou raízes em várias partes do mundo, e hoje tem falantes em cinco continentes:

- EUROPA: no Portugal continental; nos Açores; na Ilha da Madeira; em algumas localidades da Espanha;
- ÁFRICA: em Angola; em Cabo Verde; na Guiné-Bissau; na Guiné Equatorial; em Moçambique; em São Tomé e Príncipe;
- AMÉRICA DO SUL: no Brasil;
- ÁSIA: em Macau; em antigos territórios da Índia portuguesa (Goa, Damão, Diu e Dadrá e Nagar-Aveli);
- OCEANIA: no Timor Leste.

8.2. Podem citar-se, também, a título de parentesco mais próximo:

- os falantes dos dialetos galego-portugueses;
- os do crioulo do Suriname;
- os das "línguas" mistas português-espanhol de alguns departamentos do Uruguai;
- os do mirandês, língua de Miranda do Douro TRM (cidade portuguesa limítrofe da Espanha) e parente próxima também do ásturo-leonês;
- e os do papiamento de Curaçau.

TERCEIRA
PARTE

FONEMAS E LETRAS NA
LÍNGUA PORTUGUESA ATUAL

I

FONEMA E LETRA

1.1. Não podemos prosseguir nesta Parte sem antes proceder a uma crítica da visão da Linguística com respeito ao fonético. De fato, para esta – e isto desde seu fundador, Ferdinand de Saussure – distinguem-se “som da fala” e fonema, e a letra é um como corpo estranho ao propriamente linguístico.

1.2. Com efeito, para a Linguística – e ainda para a maioria dos gramáticos pós-saussurrianos, que com isso se deixa levar por uma visão, como veremos, não científica –, os “usuários” de cada língua selecionam, dentre a multidão de possíveis “sons da fala”, certa quantidade deles: são os *fonemas*, que se utilizarão como elementos ou traços capazes de fazer as palavras distinguir-se entre si. E não importa que os fonemas sejam “realizados” diferentemente pelos mesmos falantes. Exemplifiquemos o que se quer dizer com isso.

1.2.1. Há em português, por exemplo, o fonema /t/, que é o que permite distinguir, ainda por exemplo, *cata* de *cada* ou *tia* de *pia* (e o mesmo pode dizer-se, neste caso, de /d/ e de /p/ com respeito a /t/). Isso, independentemente de como cada falante do português “realize” ou pronuncie o fonema /t/ nestas palavras. E de fato em grande parte do Brasil /t/ se diz pouco mais ou menos /tch/ em *tia*, mas em outra grande parte se diz /tê/ na mesma palavra, sem que por isso os brasileiros todos deixem de entender-se mutuamente. Estaria aí a prova da tese da Linguística com relação a este ponto: se os brasileiros que dizem pouco mais ou menos /tchia/ entendem perfeitamente o que querem dizer os brasileiros que dizem /tia/, e vice-versa, é porque os dois lados têm de alguma forma ciência de que as duas maneiras de dizer o “som” inicial da palavra são expressões de um modelo único.

1.2.2. Dêmos, ainda, outro exemplo. Tomemos o último fonema da palavra *dorme*, /i/, fonema vocálico átono, pós-tônico e final. Pois bem, na maior parte do Brasil este fonema se diz /i/; na parte restante (no Paraná, por exemplo) se diz /e/; e em Portugal se diz de um modo ausente no Brasil, como /ɨ/, “som”, digamos, “morrediço”. Tratar-se-ia, com efeito, de realizações múltiplas do mesmo fonema /i/. Mas havemos de perguntar-nos por que se trata do fonema /i/ e não do fonema /e/ ou do fonema /ɨ/. Ou então se se trataria em Portugal do fonema /ɨ/, e no Paraná do fonema /e/. Sim, porque para que determinados “sons” sejam "realizações" de um mesmo fonema é preciso que este possa *potencialmente* ter tais "realizações". Não se diria, por exemplo, que a "realização" /tch/ em *tia* fosse "realização" de um /m/, ou que a "realização" /i/ em *dorme* o fosse de um /u/. Pois bem, insista-se e pergunte-se qual entre aquele /tch/ e aquele /t/ é o fonema ou "modelo". E pergunte-se o mesmo com respeito a /i/, a /e/ e a /i/, ou seja, qual é o "modelo", e quais são as "realizações" ou variações. Dada tal variedade de "realizações", há que saber como se pode designar para "modelo" uma delas.

1.2.3. Recorramos antes de tudo ao galego, que, língua à parte ou dialeto do português, trazemos à baila aqui porque importa sobremaneira quanto ao que queremos demonstrar. Pois bem, em galego o /ç/ de "afeiçoada" diz-se /θ/ [afejθo'aða], ou seja, como o *zeta* usado em grande parte da Espanha para dizer, por exemplo, *zorro*. É fonema de articulação interdental, fricativo e surdo, o mesmo que também é representado, ainda em espanhol, pela letra *c* quando seguida de *e* ou de *i* – exatamente como no galego (embora em certas regiões da Galiza também se diga, como em português, como /s/). Pois bem, o que hoje é o fonema /θ/ no galego era dito provavelmente /ts/ não só no galego-português (como vimos, o que se considera a primeira etapa do português), mas também ao menos em parte da etapa seguinte, a do português "arcaico", na qual o galego e o português acabaram por separar-se por razões geopolíticas. O fonema /ts/ era representado pela letra *ç*. Pois bem, como se julga sejam etapas da mesma língua o galego-português, o português "arcaico" e o "moderno", pergunte-se se /θ/ é o fonema de que o antigo /ts/ era "realização", ou, inversamente, se /θ/ é que é "realização" de um antigo fonema /ts/. Com efeito, ambos têm potência ou possibilidade de converter-se um no outro. Mas não parece conveniente que uma coisa seja "modelo" de algo desaparecido antes de seu surgimento, ou, o que é o mesmo, que algo seja "realização" de uma coisa inexistente no momento em que se dá. Ademais, se alguém dissesse hoje entre nós /tsorro/ para significar *zorro* (raposo), provavelmente não seria de imediato entendido. Somos capazes de entender que /tchia/ e /tia/ são a mesma palavra; mas não que o sejam /tsorro/ e /zorro/. Importa pois resolver o impasse.

1.3. Mas tal resolução há de ser outra que a da Linguística. Vejamo-la passo a passo, a começar do mesmo exemplo acima, o de *zorro*.

1.3.1. Suponhamos que a certa altura do século XV já coexistissem, na Galiza, /tsorro/ e /θorro/, e, em Portugal, /tsorro/ e /zorro/, escritos sempre "çorro". Transcorreu o tempo, porém, e na Galiza desapareceram tanto /tsorro/ como o *ç* para representar na escrita o /θ/ de /θorro/; passou-se a usar em seu lugar o *z*. Agora, porém, na mesma Galiza, *zorro* passou-se a dizer tanto /θorro/ como /sorro/, sendo este /s/ também representado, na escrita, por *z*. Em Portugal, por seu lado, ainda naquela altura do século XV, desapareceram igualmente /tsorro/ e a letra *ç* nesta posição, e passou-se a dizer exclusivamente a palavra como /zorro/ e a escrever *zorro*. Vejamos o que sucedeu.

1.3.2. Na Galiza, suposta certa baliza fincada algo arbitrariamente no tempo, havia um fonema único para dizer o fonema inicial de *zorro*: /ts/, escrito *ç*. Passou o tempo, e por razões complexas /ts/ se transformou em /θ/ em parte da região galega; mas chegou o momento em que /θ/ veio a substitur /ts/ de todo, ao passo que o *ç* com que se escrevia também foi substituído de todo por *z*. É patente: neste caso, o "modelo" é /ts/, e /θ/ é uma variação ou transformação – não "realização" – daquele "modelo", transformação que, se por certo tempo conviveu com o "modelo", acabou porém por substituí-lo completamente. Quanto à substituição de *ç* por *z* neste caso, deve-se a razões históricas: já estava a Galiza integrada à Espanha. Mas veja-se o mais importante aqui: agora, sempre na Galiza, a mesma letra *z* serve de representação tanto para /θ/ como para /s/, sendo /s/ uma transformação do "modelo" /θ/.

1.3.3. Ponhamos agora, hipoteticamente, que a certa altura da história da língua portuguesa[1] a vogal átona, pós-tônica e final de *dorme* se dissesse /i/ por todos os lusófonos, e que depois tenha passado a dizer-se, *concomitantemente*, também /i/ (em Portugal) e /e/ (no Paraná, talvez por influência do espanhol). Que se passou? Passou-se que /i/ se transformou tanto em /i/ como em /e/, mas não desapareceu, e permaneceu na boca da maioria dos brasileiros. Coexistem, assim, o "modelo" e duas de suas transformações, todas três escritas como sempre o fora /i/: *e*.

1.3.4. É que os "modelos" fonéticos não são ideias platônicas, sem existência material, das quais participassem umas "realizações"; mas são, eles mesmos, fonemas materialmente realizados, enquanto aquelas "realizações" têm, do ângulo fonético mais concreto, o mesmo estatuto que seus "modelos". Com isso, no entanto, ainda não se responde à interrogação de como é possível, então, que não só os lusófonos brasileiros que dizem pouco mais ou menos /tchia/ entendam perfeitamente os que dizem /tia/, e vice-versa, mas ainda todos considerem as duas formas de dizer variações de um mesmo fonema. É preciso saber se se pode responder a esta interrogação diferentemente de como o faz a Linguística, ou seja, sem recorrer a um "modelo" equidistante de todas as suas "realizações".

---

[1] Língua portuguesa e sua história consideradas sempre como na Primeira Parte, III.

1.3.5. Pode-se, sim, e é a única resposta correta: fatos como este sempre se devem a uma mescla de diversas razões. No caso de *tia*, há três razões principais para dar-se o que acabamos de ver. Com efeito, os lusófonos brasileiros entendem-se perfeitamente aqui:

a. porque /t'ia/ ou /tchia/, que são transformações de /tia/, coexistem com seu "modelo";

b. porque sempre se usam concomitantemente a seu "modelo" em contextos fonéticos idênticos: pouco mais ou menos /tchia/ e /tia/, pouco mais ou menos /Tchiago/ e /Tiago/, pouco mais ou menos /tchimbre/ e /timbre/ – é a parte de razão que cabe à Linguística, o que, porém, sempre esteve de algum modo suposto nas gramáticas anteriores ao surgimento daquela;

c. porque os dois fonemas se dizem no mesmo país, nos *media* deste, na constante comunicação entre os falantes das duas maneiras;

d. e importantíssimo: porque são ambos representados na escrita pela mesma letra *t*, o que é a CAUSA PRINCIPAL do que se diz em **b** *supra*.

1.3.6. E agora temos condições para responder com segurança a outra pergunta, subjacente desde o início: por que /t'/ ou /tch/ e /t/ não só podem ser entendidos, pela mesma Linguística, como "realizações" de *um* /t/, mas são representados igualmente por *t* na escrita. Precisamente, porque /t'/ ou /tch/ são transformações de /t/ – e, como se sabe, "antiguidade é posto"; e porque /t/ não desapareceu no tempo nem no espaço.

1.3.7. Pois bem, o que distingue *concretamente*, na fala, *t̲ia* de *p̲ia* não é um fonema ideal, mas alternadamente o fonema /tch/ e o fonema /t/, que servem para o mesmo, como assinalado acima, por diversas razões combinadas, das quais resulta certo senso de que /tch/ deriva de /t/. Daí que, se em um sentido /tch/ e /t/ são por igual fonemas e servem para distinguir (por exemplo, de /p/), em outro sentido o fonema /t/ é aqui, digamos, *mais fonema* que /tch/, porque é sempre de algum modo em referência a ele que este cumpre seu papel. Ou seja: /tch/ e /t/ são analogamente fonemas, mas é antes a /t/ que se atribui o termo fonema. E é por isso, e somente por isso, que os que interessam à Gramática são os que se dizem *anterior e mais propriamente* fonemas.

1.3.8. Imaginemos agora, porém, que num dia futuro o /t/ desapareça da fala do português, e vejamos o que pode acontecer. Se estivermos num tempo em que a

Gramática e o ensino formal da língua estiverem ausentes, perder-se-á a referência de /tch/ a /t/, e provavelmente este fonema desaparecerá em benefício de outro para os mesmos contextos fonéticos. Mas em tal dia futuro provavelmente não haverá essa ausência, senão que se estará numa época prolongamento da atual, quando o latim já deixou de ser, há muito, a língua de cultura, e o português o substituiu *totalmente* no âmbito lusofalante e é ensinado, ou bem ou mal, segundo determinada gramática. Logo, se tal se der, se vier a desaparecer totalmente da fala o /t/ de *tia*, etc., então provavelmente permanecerá a letra *t* para representar, na escrita, tão somente o fonema /tch/, como uma espécie de memória do fonema de que foi transformação o fonema que agora o substitui de todo. Continuará assim o /tch/, de certo modo, a referir-se ao /t/, e este, de certo modo, ainda será *mais propriamente* fonema que /tch/.

1.3.9. Aí está mais um exemplo da importância da escrita. Mas de modo algum o concluímos tão só de uma mera hipótese como a do desaparecimento do fonema /t/. Veja-se que é tão somente pela escrita que podemos dizer, por exemplo, que certas regiões lusófonas são a mesma língua.

1.3.10. Por todo o dito com respeito à importância da escrita também no âmbito do fonético, é que, como sempre o fizera a Gramática pré-saussiriana, pode chamar-se letra ao fonema (considerado no sentido *analógico* exposto acima). Di-lo perfeitamente Andrés Bello: "Embora *letras* signifique propriamente os caracteres escritos de que se compõe o alfabeto, costuma dar-se este nome não só aos signos alfabéticos, mas aos sons [ou seja, aos fonemas] denotados por eles. Daí que digamos em um e em outro sentido *as vogais, as consoantes*, subentendendo *letras*".[2]

1.4. Mas a Linguística diz mais: para ela, os fonemas existem antes de tudo para servir de traço distintivo entre as palavras, e secundariamente para formá-las. A verdade é o contrário: os fonemas servem antes de tudo para formar as palavras, e secundariamente para distingui-las. Pois é claro que quem forma palavras não as quererá formar iguais, porque se o fizesse já não formaria senão uma só e única palavra. Mas quem forma palavras quer antes de tudo formar signos de seus conceitos mentais, e a distinção entre tais signos não é senão decorrência disso.

1.4.1. Se porém isto parece certo do ângulo dos que formam as palavras, há que ver ainda se o é do ângulo dos que as usam. Pois o é mais ainda, porque, se assim não fosse, não haveria os *homófonos*, ou seja, palavras que, conquanto sejam signos de conceitos ou ideias diversas, são ditas todavia de modo exatamente igual. Exemplo corrente: *são* – terceira pessoa do plural do presente do indicativo do verbo *ser*; *são* – adjetivo sinônimo de "sadio"; e *são* – apócope de "santo". Há mais, porém, e comecemos por um exemplo: também se tornaram homófonas, em grande parte do Brasil, *mal* e *mau*. Este exemplo é posto em geral por linguistas e por gramáticos entre os casos de "realizações" diversas de um mesmo fonema. Como vimos, contudo, ambos são analogamente fonemas, embora o /l/, pelas razões indicadas, seja neste caso mais propriamente fonema que o /u/. E, se dizer /cau/ em lugar de /cal/ não é contrário à função fonêmica de distinguir palavras, dizer /mau/ em vez de /mal/, sim, é-o, e de fato gera não pouca confusão.

---

[2] *Op. cit.*, p. 29.

1.4.2. É ademais em casos como este – no qual as duas palavras podem aparecer exatamente no mesmo contexto (pense-se em "Ele é um mal" e em "Ele é um mau", ou seja, um entre vários homens maus) – que a distinção se mantém fundamentalmente graças à escrita e suas letras. E até de maneira geral pode dizer-se que são antes de tudo as letras o que, atuando como dique da deriva fonética, sustenta na língua a distinção entre as palavras. Basta ver, para certificar-se disso, quanto mais deriva fonética houve e há em todas as línguas antes da escrita, e especialmente antes de escrever-se sua primeira gramática. Mas tal dique só se dá mais perfeitamente se se tem um bom ensino da Gramática e um bom nível de leitura, porque, como se pode facilmente constatar no Brasil, à falta deles até a mesma escrita é levada de roldão pelo rio da língua. E, com efeito, é evidente que mesmo entre os brasileiros mais escolarizados reina na própria escrita grande confusão entre *mal* e *mau*.

1.4.3. Tudo o que acima se disse vale também, *mutatis mutandis*, para as diferenças que em geral se consideram meramente *posicionais*, como a existente entre o /s/ de *casto* e o de *sala*.

1.5. E com isso já podemos pisar terreno seguro para estudar os fonemas e as letras da língua portuguesa atual. Mas insista-se: sempre que doravante falarmos de fonemas, estar-nos-emos referindo a:

- fonemas *mais propriamente ditos*,
- sejam-no como fonemas e como letras, sejam-no tão só como letras,
- e que valham como tais para *todo* o âmbito da língua portuguesa.

⇗ **Observações gerais** ⇘.

α. Elemento é aquilo de que *primeiramente* se compõe uma coisa permanecendo nela.[3] Pois bem, os fonemas em geral e as letras é que são os elementos

---

[3] Cf. Aristóteles, *Metafísica*, l. v.

- 1

das palavras (e pois da linguagem), e não as sílabas nem as demais partes das palavras ou das orações.

β. Os FONEMAS são os mesmos "sons da fala", ou, falando com mais propriedade, são elementos das FORMAS ARTIFICIAIS DA VOZ, isto é, as palavras.

II

O APARELHO FONADOR E OS FONEMAS

2.1. O homem, animal racional e pois político ou social, por isso mesmo também é naturalmente falante. Dotou-o a natureza de um conjunto de órgãos fonadores e de potência para expressar-se por signos, de tudo o que ele se vale para, mediante a razão, constituir a linguagem.

2.2. É verdade que outros animais, como o papagaio, têm um conjunto de órgãos fonadores mediante os quais são capazes de imitar a fala do homem. Mas, além do fato evidente de que o fazem sem compreendê-la intelectivamente, também é fato que o "instrumento musical" de que é dotado o homem é muito mais fino e produz "música" muito mais perfeita que o de qualquer outro animal. Aliás, é precisamente porque no homem está tal instrumento não só ordenado mas submetido à razão que seu uso é o mais rico e o mais sutil.

O APARELHO FONADOR[4]

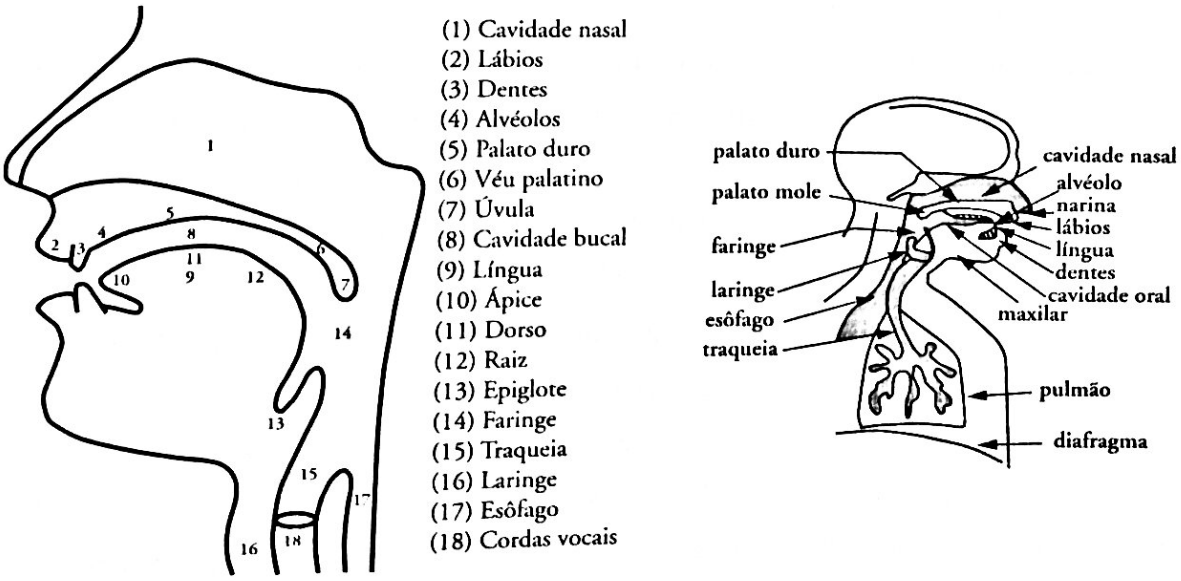
1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
(1) Cavidade nasal
(2) Lábios
(3) Dentes
(4) Alvéolos
(5) Palato duro
(6) Véu palatino
(7) Úvula
(8) Cavidade bucal
(9) Língua
(10) Ápice
(11) Dorso
(12) Raiz
(13) Epiglote
(14) Faringe
(15) Traqueia
(16) Laringe
(17) Esôfago
(18) Cordas vocais
palato duro
palato mole
faringe
laringe
esôfago
traqueia
cavidade nasal
alvéolo
narina
lábios
língua
dentes
cavidade oral
maxilar
pulmão
diafragma

---

[4] Imagem tomada de < musicaplena.com > e adaptada.

2.3. Os fonemas resultam de modificações que a corrente de ar expirada sofre em seu trajeto pelo aparelho fonador. Na maior parte das línguas, este trajeto pode dividir-se em três etapas.

2.3.1. Na ETAPA RESPIRATÓRIA, os pulmões e o diafragma são, como já se disse, "os foles do órgão da fala"; são eles que propiciam a força capaz de produzir a vibração sonora. No ato da fala, porém, os pulmões nunca expiram todo o ar que contêm; usa-se tão só de um quarto de sua capacidade nas conversas correntes, e de um pouco mais quando se trata de falar em público.

- ➢ Lembre-se, todavia, o dito mais acima: algumas línguas se utilizam de fonemas cuja origem não é o ar dos pulmões. É o caso das línguas boxímanes, da África meridional, que convertem estalos de língua em fonemas.

2.3.2. Na ETAPA FONATÓRIA, o ar dos pulmões transforma-se em som ao fazer vibrar as cordas vocais, essas faixas de tecido muscular localizadas na laringe. Esta é constituída por cartilagens, por ligamentos e por membranas que servem de suporte às cordas vocais. Pois bem, o homem tem capacidade de variar a tensão, a elasticidade e as próprias dimensões das cordas vocais para produzir grande variedade de efeitos sonoros. Quando as cordas vocais vibram, temos os *fonemas sonoros* – por exemplo, as vogais e consoantes como o /b/, o /d/, o /m/, etc. Quando não vibram, temos os *fonemas surdos* – por exemplo, consoantes como o /p/, o /s/, o /t/, etc.

2.3.3. Na ETAPA ARTICULATÓRIA, por fim, o som proveniente da laringe é articulado por órgãos ativos ou móveis (a faringe, o palato mole [ou véu palatino], a língua e os lábios) ao atuarem sobre órgãos passivos ou fixos (o palato duro, os dentes e os alvéolos); e por duas cavidades, a bucal e a nasal, e a própria faringe, que funcionam como caixas de ressonância. Por exemplo, o palato mole pode adotar três posições: alta, com o que impede a passagem do fluxo de ar pela cavidade nasal e produz, assim, os fonemas orais; média, com o que deixa que o ar saia tanto pela boca como pelo nariz e produz, assim, as sílabas oronasais (como /má/); e baixa, com o que impede a passagem do fluxo de ar pela cavidade bucal e produz, assim, os fonemas nasais. Também os lábios podem adotar diversas posições: se abertos, produzem-se as vogais; se semiabertos, consoantes como o /b/; e, se fechados, consoantes como o /p/.

III

VISÃO MAIS SISTEMÁTICA DOS FONEMAS DA LÍNGUA PORTUGUESA

3.1. Temos, EM PORTUGUÊS, três espécies de fonemas: as *vogais*, as *consoantes* e as *semivogais*.

3.1.1. AS VOGAIS, como visto, são *fonemas sonoros*, que se produzem pela saída de ar pela boca. Classificam-se de acordo com quatro critérios:

a. quanto à ZONA DE ARTICULAÇÃO, em *anteriores*, em *posteriores* e em *média*;

b. quanto ao TIMBRE, em *abertas* e em *fechadas*;

c. quanto à RESSONÂNCIA NA CAVIDADE BUCAL OU NA NASAL, em *orais* e em *nasais*;

d. quanto à INTENSIDADE, em *tônicas* e em *átonas*.

3.1.1.a. Ao pronunciarmos a vogal /a/, a boca alcança sua maior abertura fonética; o palato mole levanta-se e, com isso, impede a passagem do ar pelas fossas nasais; e a língua mantém-se em posição relativamente plana.

- Se, partindo do /a/, pronunciamos a série /é/, /ê/ e /i/, a parte *anterior* da língua arqueia-se e avança gradativamente para o pré-palato, ao mesmo tempo que se contraem, também gradativamente, as comissuras labiais. É por isso que estas vogais se chamam *anteriores* (ou *palatais*).

- Se, ainda a partir de /a/, pronunciamos a série /ó/, /ô/ e /u/, a parte *posterior* da língua vai gradativamente recuando na direção do palato mole, ao mesmo tempo que os lábios, ainda gradativamente, se arredondam e se projetam para diante. É por isso que estas vogais se chamam *posteriores* (ou *velares*).

- O /a/, que é o ponto de referência ou de partida das duas séries, chama-se vogal *média* (ou *central*).

3.1.1.b. Dentro de cada série, as vogais podem ser *abertas* ou *fechadas*. O grau de abertura ou de fechamento – justamente o que as faz ser de diferente *timbre* – depende da distância que se der entre a língua e o palato, e que é máxima para o /a/, a mais aberta das vogais, e mínima para o /i/ e para o /u/, as mais fechadas delas. O /e/ e o /o/, por sua vez, são tão mais abertos quanto mais perto do /a/ se articulem, e tão mais fechados quanto mais perto de /i/ e de /u/ se articulem.

3.1.1.c. As sete vogais *orais* – /a/, /é/, /ê/, /i/, /ó/, /ô/ e /u/ – são-no porque se produzem com o palato mole levantado, razão por que o ar escapa todo pela boca. Se porém se abaixa o palato mole, a coluna de ar divide-se entre a boca e as fossas nasais, com o que se produz uma ressonância nasal. São as sete vogais *nasais*: /ã/, /ẽ/, /ĩ/, /õ/ e /ũ/, as quais são representadas, na escrita, pelas letras *a*, *e*, *i*, *o* e *u* seguidas de *m* ou *n* na mesma sílaba, caso em que estas últimas não se pronunciam [*tempo*, *capim*, *cúmplice*], ou na sílaba seguinte, em que, obviamente, se pronunciam [*ca-ma*, *Ro-ma*]); ou, no caso de *a* e de *o* em sílaba final, pela sobreposição de um til (*rom-ã*, *ladrões*).

3.1.1.d. A vogal será *tônica* quando constituir ou fizer parte da sílaba igualmente *tônica*, e podem sê-lo as sete vogais orais e as cinco nasais. Será *átona* quando constituir ou fizer parte de sílaba ou de palavra igualmente átonas, e podem sê-lo apenas cinco vogais orais: /a/, /ê/, /i/, /ô/ e /u/ e as cinco nasais.[5]

> ➢ Observe-se que dizemos *preza* (com /é/ tônico), mas *prezado* (com /ê/), porque, aqui, o *e* passou a átono.

3.1.2. Na definição de cada vogal de qualquer palavra, conjugam-se tais critérios. Por exemplo: em *irmã*, *i* é vogal anterior, fechada, oral e átona; e *ã* é vogal média, fechada, nasal e tônica.

⇗ **Observação 1.** Alguns são da opinião de que as vogais nasais não podem ser senão fechadas, razão por que seria redundante dar-lhes tal classificação. Não é fato: especialmente em Portugal se dão vogais nasais ao menos *semiabertas*, assim como, *mutatis mutandis*, no francês há quatro vogais nasais, todas arredondadas e ao menos *semiabertas*.

⇗ **Observação 2.** Assinale-se, ademais, que, enquanto as vogais orais se dividem, quanto à zona de articulação, em três anteriores e em três posteriores, as nasais, segundo o mesmo critério, dividem-se em duas anteriores e em duas posteriores.

3.2. As CONSOANTES são fonemas resultantes de um *fechamento momentâneo* ou de um *estreitamento* do canal bucal que ofereçam algum obstáculo à saída do ar (sonorizado ou não por vibração das cordas vocais). Classificam-se segundo quatro critérios:

a. quanto ao TIPO DE OBSTÁCULO QUE SE OPÕE À CORRENTE DE AR, em *oclusivas*, em *fricativas*, em *laterais* e em *vibrantes*;

b. quanto à ZONA DE ARTICULAÇÃO, em *bilabiais*, em *labiodentais*, em *linguodentais*, em *alveolares*, em *palatais* e em *velares*;

---

[5] Para *sílaba*, *vide* mais adiante.

c. quanto à AÇÃO DAS CORDAS VOCAIS, em *surdas* e em *sonoras*;

d. quanto à RESSONÂNCIA NA CAVIDADE BUCAL OU NA NASAL, em *orais* e em *nasais*.

3.2.1. Antes de tudo, consideremos as consoantes segundo os critérios **a** e **b** conjugados.

3.2.1.a. São *oclusivas* as consoantes cuja emissão se dá mediante uma aproximação completa de dois órgãos da boca, de modo que a corrente de ar vinda dos pulmões se interrompe momentaneamente; com o pronto afastamento de tais órgãos, ou seja, com a pronta cessação do obstáculo, o ar acumulado na boca sai súbita e fortemente, ocasionando um ruído seco e explosivo.

Segundo a zona em que se dá o obstáculo, as consoantes oclusivas podem ser:

- *bilabiais* (ou seja, quando o obstáculo é oferecido pela aproximação completa de lábio contra lábio): /b/, /m/ e /p/, como em *bota*, em *mula*, em *pata*;
- *linguodentais* (ou seja, quando o obstáculo é oferecido pela aproximação completa da ponta da língua com a arcada dentária superior): /d/, /n/ e /t/, como em *dedo*, em *nota*, em *teto*;
- *palatais* (ou seja, quando o obstáculo é oferecido pela aproximação completa do dorso da língua com o palato duro): /nh/, como em *cenho* e em *linho*;
- *velares* (ou seja, quando o obstáculo é oferecido pela aproximação completa da raiz da língua com o palato mole): /g/ e /k/, como em *gato*, em *coisa*.

3.2.1.b. São *fricativas* as consoantes cuja emissão se dá mediante uma aproximação incompleta dos lábios, o que força a corrente de ar a comprimir-se para passar pela fenda estreita formada; então, o ar escoa ininterruptamente e roçando os lábios, o que produz ruído semelhante ao de uma fricção.

Segundo a zona em que se dá o obstáculo, as consoantes fricativas podem ser:

- *labiodentais* (ou seja, quando o contato parcial se dá entre o lábio inferior e a arcada dentária superior): /f/ e /v/, como em *fala*, em *verdade*;
- *alveolares* (ou seja, quando o contato parcial se dá entre a ponta da língua e os alvéolos): /s/ e /z/, como em *sede*, em *zelo*;
- *palatais* (ou seja, quando o contato parcial se dá entre o dorso da língua e o palato duro): /j/ e /x/, como em *já* e em *xis*.

3.2.1.c. São *laterais* as consoantes quando, apesar de haver obstrução da corrente de ar em determinada área da boca, aquela ao mesmo tempo escoa livremente pelos *lados* do canal bucal. São as seguintes as consoantes laterais: /l/ e /lh/.

Segundo a zona em que se dá o obstáculo, as consoantes laterais podem ser:

- *alveolares* (ou seja, quando a obstrução se dá pelo contato entre a ponta da língua e os alvéolos): /l/, como em *calar*, em *louvor*;
- *palatais* (ou seja, quando a obstrução se dá pelo contato entre o dorso da língua e o palato duro): /lh/, como em *coelho*, em *folha*.

3.2.1.d. São *vibrantes* as consoantes quando implicam *vibração* ou *vibrações* da língua, decorrente(s) de seu contato intermitente com uma de duas zonas da boca.

Segundo a zona em que se dá o obstáculo, as duas consoantes vibrantes são sempre *alveolares*:

- uma é *alveolar simples* (ou seja, se se trata de vibração simples e frouxa da língua, cuja ponta toca levemente os alvéolos): /r/, como em *rara*, em *queremos*, em *feroz*, em *filtro*, em *brasa*;
- a outra é *alveolar múltipla* (ou seja, se se trata de vibrações múltiplas e intensas junto aos alvéolos): /rr/, como em *resto*, em *carta*, em *guelra*, em *casar*, em *ferro*, em *jarro*.

3.2.2. Consideremos agora os dois critérios restantes.

3.2.2.a. Segundo A AÇÃO DAS CORDAS VOCAIS, as consoantes podem ser:

- *sonoras* (ou seja, quando se produzem com vibração das cordas vocais): /b/, /d/, /g/, /l/, /m/, /n/, /r/, /v/, /z/, etc., como em *banda*, em *gosto*, em *lar*, em *mãe*, em *neto*, em *véu*, em *zarpar*;
- *surdas* (ou seja, quando se produzem sem vibração das cordas vocais): /f/, /k/, /p/, /s/, /t/, etc., como em *fato*, em *cor*, em *pai*, em *sal*.

⇗ **OBSERVAÇÃO.** Todas as vogais, lembremo-nos, são *sonoras*.

3.2.2.b. Segundo O LUGAR EM QUE SE DÁ A RESSONÂNCIA, as consoantes podem ser:

- *orais*, se a ressonância se dá na cavidade bucal: todas as consoantes menos as três nasais, como em *casa*, em *lago*, em *retirado*;
- *nasais*, se a ressonância se dá na cavidade nasal: /m/, /n/ e /nh/, como em *metro*, em *nariz*, em *canhestro*.

3.2.3. Já se pode dar, agora, o seguinte quadro geral das consoantes:[6]

1. OCLUSIVAS	2. FRICATIVAS
a) ***Bilabiais***: surda: /p/ sonora: /b/ nasal: /m/	a) ***Labiodentais***: surda: /f/ sonora: /v/

---

[6] Este quadro repete em parte o dado por Rocha Lima em sua *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 2010, p. 52.

b) ***Linguodentais***: surda: /t/ sonora: /d/ nasal: /n/ c) ***Palatal***: nasal: /nh/ d) ***Velares***: surda: /k/ sonora: /g/	b) ***Alveolares***: surda: /s/ sonora: /z/ c) ***Palatais***: surda: /x/ sonora: /j/
3. LATERAIS	4. VIBRANTES
a) ***Alveolar***: /l/ b) ***Palatal***: /lh/	a) ***Alveolar simples***: /r/ b) ***Alveolar múltipla***: /rr/

OBSERVAÇÃO 1. Quando se encontram com a vogal inicial de palavra seguinte, o /rr/ final converte-se em /r/, e o /s/ final converte-se em /z/: com efeito, *caráter efetivo* pronuncia-se /caraterefetivo/; *casas alegres*, /casazalegres/; etc.

OBSERVAÇÃO 2. Insista-se em que tudo o que acabamos de dizer sobre as vogais e as consoantes portuguesas se funda sobre o princípio, enunciado mais acima, de que os fonemas que interessam à Gramática são os que se dizem *anterior e mais propriamente* tais. Dêmos aqui alguns exemplos de notáveis diferenças fonéticas que, porém, não importam essencialmente à Gramática.

- No âmbito das vogais:
  - ✓ Lisboa: /lai, rai/ x Brasil: /lei, rei/;
  - ✓ Portugal: /câda, mâs/ x Brasil: /cáda, más/;
  - ✓ Portugal: /sidento, corri/ x Brasil: /sedento, corri (*corre*)/;
  - ✓ Portugal: /currer, murar/ x Brasil: /correr, morar/;
  - ✓ ademais, em Portugal ocorre um fonema médio /ɑ/, algo entre o /ã/ e o /a/, como em *cama* ou em *amámos* (pretérito perfeito do indicativo, distinto foneticamente do presente do indicativo *amamos*). No Brasil, nos três exemplos se diz majoritariamente /ã/. – Mas em Lisboa tal fonema se dá também, por exemplo, em *tenho* [tɑnho] ou em *lenho* [lɑnho], as quais no Brasil não se dizem senão /tênho/ e /lênho/.
- No âmbito das consoantes:
  - ✓ Brasil: /boi, abrir/ x Portugal: /βoi, aβrir/ (como o espanhol /beβe/ [*bebe*]);
  - ✓ Nordeste do Brasil /tia, sete/ x Rio de Janeiro: /t'ia ou tchia, set'e/;
  - ✓ Sul do Brasil: /porrta [vibrante alveolar múltiplo]/ x Rio de Janeiro: /poʀta [vibrante velar forte]/ ou /poʁta [fricativo uvular sonoro]/ ou

/poh̲ta [aspirado ou gutural]/ x Interior do Brasil: /poɹta [retroflexo ou cacuminal]/;

- ✓ Minas Gerais: /dois̲, es̲te/ x Portugal e Rio de Janeiro: /doiʃ, eʃte/;
- ✓ etc.[7]

⇗ **OBSERVAÇÃO 3**. Para um exemplo mais abrangente do que dissemos, observe-se o seguinte quadro, em que podem ver-se as muitas e acentuadas diferenças entre a pronúncia lisboeta, a paulistana e a compostelana atuais – as duas primeiras no âmbito da língua portuguesa, e a última no âmbito do galego – na leitura de uma passagem (I, 33) d'*Os Lusíadas*, de Luís de Camões.[8]

ORIGINAL	(LISBOA)	(SÃO PAULO)	(SANTIAGO DE COMPOSTELA)
Sustentava contra ele Vénus bela,	suʃtẽ'tavɐ 'kõtrɐ 'eli 'vɛnuʒ 'βɛlɐ	sustẽ'tavɐ 'kõtrɐ 'eli 'venuz 'bɛlɐ	susten'taβa 'kontra 'el 'βɛnuz 'βɛla
Afeiçoada à gente Lusitana,	ɐfɐjsu'aða: 'ʒẽti luzi'tɐnɐ	afejsu'ada: 'ʒẽtʃi luzi'tɐnɐ	afejθo'aða: 'ʃente lusi'tana
Por quantas qualidades via nela	pur 'kwɐ̃tɐʃ kwɐli'ðaðiʒ 'viɐ 'nɛlɐ	pur 'kwɐ̃tɐs kwali'dadʒiz 'viɐ 'nɛlɐ	por 'kantas kwali'ðaðez 'βia 'nɛla
Da antiga tão amada sua Romana;	dɐ̃'tiɣɐ 'tɐ̃w̃ ɐ'maðɐ 'suɐ ʁu'mɐnɐ	dã:'tʃigɐ 'tɐ̃w̃ ɐ'madɐ 'suɐ ho'mɐnɐ	dan'tiɣa 'taŋ a'maða 'sua ro'mana
Nos fortes corações, na grande estrela,	nuʃ 'fɔrtiʃ kurɐ'sõȷ̃ʃ nɐ 'ɣrɐ̃diʃ'trelɐ	nus 'fɔrtʃis kora'sõȷ̃s na 'grɐ̃dʒis'trelɐ	nos 'fɔrtes kora'θons na 'ɣrandes'trela
Que mostraram na terra Tingitana,	ki muʃ'trarɐ̃w̃ nɐ 'tɛʁɐ tĩʒi'tɐnɐ	ki mos'trarɐ̃w̃ na 'tɛhɐ tʃĩʒi'tɐnɐ	ke mos'traraŋ na 'tɛra tinʃi'tana
E na língua, na qual quando imagina,	i nɐ 'lĩgwɐ nɐ 'kwaɫ 'kwɐ̃du jmɐ'ʒinɐ	i na 'lĩgwɐ na 'kwaw 'kwɐ̃dima'ʒinɐ	e na 'liŋgwa na 'kal 'kando jma'ʃina
Com pouca corrupção crê que é a Latina.	kõ 'pokɐ kuʁup'sɐ̃w̃ 'kre ki'ɛ ɐ lɐ'tinɐ	kũ 'pokɐ kohup(i)'sɐ̃w̃ 'kre ki'ɛ a la'tʃinɐ	kom 'powka korup'θoŋ 'kre 'ke 'ɛ a la'tina

3.3. Os fonemas consonantais da língua portuguesa atual podem ser representados, na escrita:

- ou por apenas UMA LETRA (é o caso da maioria);

---

[7] Para um quadro mais completo das diferenças de pronúncia no âmbito lusófono, cf. Celso Cunha & Lindley Cintra, A *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 5. ed. Rio de Janeiro, Lexicon, 2008.

[8] Extraído de Landeg White, *The Lusiads – English Translation*. Oxford, Oxford University Press, (Oxford World's Classics), 1977.

- ou por um DÍGRAFO (grupo de duas letras usado para representar um único fonema): *ch*, *lh*, *nh*, *rr*, *ss*, e *gu* e *qu* antes de *e* e de *i* (quando, obviamente, o *u* não soe);
- ou, enfim, por MAIS DE UMA LETRA.

OBSERVAÇÃO 1. Podem reduzir-se de algum modo a dígrafos os seguintes encontros gráficos:

- *am*, *an*, *em*, *en*, *im*, *in*, *on*, *om*, *um*, *un*, que representam, como vimos, vogais nasais;[9]
- *ha*, *he*, *hi*, *ho*, *hu*, em que o *h*, antes de vogais orais, nunca soa (como em *haja*, em *herpes*, em *hino*, em *hoje*, em *húmus*);
- *ah*, *eh*, *oh*, nas respectivas interjeições, em que o *h* serve para representar o esforço particular com que pronunciamos a vogal que o precede;
- e *sc*, *sç*, *xc*, em que o *s* e o *x* não soam (como em *nascer*, *cresça*, *exceção*).[10] Atente-se, todavia, a que estes encontros, ao contrário dos anteriores, se separam na escrita: *nas-cer*, *cres-ça*, *ex-ce-ção*.

OBSERVAÇÃO 2. Reconhecê-los como redutíveis a dígrafos, como se vê pelo próprio último caso referido, não tem nenhuma implicação ortográfica. Aliás, diga-se desde já, incorre o próprio VOLP (Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa), da Academia Brasileira de Letras, em equívoco resultante precisamente de confusão entre fonema e letra: tentando interpretar a regra de acentuação do hiato segundo o Novo Acordo Ortográfico, manda que se tire o acento de *maoísmo*, de *taoísmo* e de semelhantes, porque dizemos /mau-is-mo/, /tau-is-mo/, etc. Mas SEGUNDO A LETRA não há aí esse ditongo /au/, e sim o hiato *a-o* (*ma-o-ís-mo*). Tais palavras, ademais, também podem dizer-se assim mesmo, com este hiato.

OBSERVAÇÃO 3. Dígrafos como *th*, *ph*, *nn*, *dd*, *ck*, *oo*, etc., só os usamos para transcrever palavras estrangeiras ou para criar derivados portugueses seus.

Eis pois o quadro dos fonemas consonantais que são representados por diversas letras (ou por diversas letras ou dígrafos):[11]

---

[9] E que por vezes podem representar um *ditongo nasal*, como em *tem* (/tẽĩ/), *vêm* (/vẽĩ/), *devém* (/devẽĩ/), etc., maneira majoritária de pronunciá-lo.

[10] Em falares menos cultivados do Brasil, pronuncia-se este *s* ou este *x* como /s/; em muitos falares de Portugal, pronunciam-se as duas letras como se se tratasse de /ch/.

[11] Este quadro se baseia em parte no dado por Rocha Lima em *op. cit.*, p. 53-54.

Consoantes	Letras
1. A oclusiva velar surda /k/	***c*** (antes de *a*, de *o*, de *u*): *caso*, *cola*, *curso* ***k*** (em nomes próprios de pessoas ou de lugares, originários de língua estrangeira, bem como em seus derivados): *Kant*, *kantismo* ***qu*** (antes de *e* e de *i*): *queixo*, *quilo* ***q*** (antes de *u* semivogal):[12] *quase*
2. A oclusiva velar sonora /g/	***g*** (antes de *a*, de *o* e de *u*): *galho*, *gorro*, *gume* ***gu*** (antes de *e* e *i*): *gueto*, *guincho* ***g*** (antes de *u* semivogal): *sagui*
3. A fricativa labiodental sonora /v/	***v:*** *vidro* ***w*** (em nomes próprios de pessoas ou de lugares, originários de língua estrangeira, bem como em seus derivados): *Wagner*, *wagneriano*
4.A fricativa alveolar surda /s/	***s***: *sina*, *ânsia*, *peixes* ***ss*** (entre vogais): *missa*, *crasso* ***c*** (antes de *e* e de *i*): *céu*, *ciclo*, *macio* ***ç*** (antes de *a*, de *o* e de *u*): *raça*, *março*, *beiço* ***x***: *máximo*, *sintaxe*, *próximo* ***z***: *cabaz*, *polidez*
5. A fricativa alveolar sonora /z/	***z***: *zanzar*, *zero*, *vizinho* ***s*** (entre vogais): *casa*, *presépio*, *vasilha*, *inusual* ***x***: *exame*, *exemplar*, *eximir*
6. A fricativa palatal surda /x/	***x***: *rixa*, *peixe*, *caixote* ***ch***: *chave*, *flecha*, *chuva*
7. A fricativa palatal sonora /j/	***j***: *jazigo*, *hoje*, *jiló* ***g*** (antes de *e* e de *i*): *gente*, *ginásio*
8. A vibrante velar sonora /rr/	***r***: *rastro*, *forte*, *genro*, *rezar* ***rr*** (entre vogais): *erro*, *jarro*, *espirro*

3.4. Entre as vogais e as consoantes, encontram-se as **semivogais**, ou seja, os fonemas /i/ e /u/ quando, juntos a uma vogal, formam com ela um ditongo ou um tritongo.[13] Num ditongo ou num tritongo, a semivogal sempre soa mais debilmente que a vogal. Assim, em *sei*, em *fui* ou em *uruguaio* o /i/ é semivogal (mas não o é em *rio*, onde é a primeira vogal, tônica, de um hiato, nem em *viu*, onde é a vogal de um ditongo); e em *saiu* ou em *Uruguai* o /u/ também é semivogal (mas não o é em *Saul*, onde é a segunda vogal, tônica, de um hiato, nem em *rui*, onde é a vogal de um ditongo).

---

[12] *Vide* abaixo a definição de semivogal.

[13] Para ditongo, para tritongo e também para hiato, *vide* mais adiante.

- Alguns preferem ao termo semivogal o termo *semiconsoante.*
- Não raro as semivogais são representadas diferentemente: por /y/ (em vez de /i/) e por /w/ (em vez de /u/).

IV

A SÍLABA

4.1. Sílaba é o grupo fonético que se pronuncia de um só golpe ou esforço de voz. Sonoramente e graficamente, os fonemas e as letras estão para as palavras assim como os tijolos estão para a casa, enquanto as *sílabas* estão para as palavras assim como as paredes já feitas estão para a mesma casa. Exemplos: *ah* compõe-se de uma só sílaba; *alma*, de duas (*al-ma*); *atracar*, de três (*a-tra-car*); etc.

Observação . Como veremos imediatamente, porém, as sílabas podem constituir-se de um só fonema.

4.2. As sílabas podem ser incomplexas, quando se compõem de uma só vogal ou de um ditongo ou de um tritongo: *oh, ei, eu, uai.* Ou complexas, quando se compõem de vogal ou de ditongo ou de tritongo e consoante(s): *Bra-sil, ju-deu, U-ru-guai.*

- Em nossa língua, como nas demais neolatinas, o tipo mais geral de sílaba é o formado por consoante e por vogal: *re-to, pu-si-lâ-ni-me.*
- A vogal é o elemento fundamental, o fonema que ressalta numa sílaba. As vogais é que propriamente *soam*, enquanto as consoantes *consoam.* As semivogais ou semiconsoantes, como é natural, *semissoam* ou *semiconsoam.*
- Pode uma vogal, como se viu, constituir sozinha uma sílaba. Por outro lado, todavia, em uma sílaba só pode haver uma vogal.

4.3. As sílabas complexas, ademais, podem ser classificadas segundo duplo critério.

4.3.1. Conforme ao primeiro critério, são:

- *diretas* se começam por consoante (*boi, ma-ça, re-ben-to*);
- *inversas* se começam por vogal (*ás, is, os*);
- *mistas* se começam e terminam por consoante (*sol, três, rol*).

4.3.2. Conforme ao segundo critério, são:

- *abertas* se terminam por vogal (*cá*, *pé*, *pó*);
- *fechadas* se terminam por consoante (*mar*, *ser*, *pôr*).

4.3.3. Veja-se, pois, que às abertas correspondem as diretas, enquanto às fechadas correspondem tanto as inversas como as mistas.

4.4. Em português, as sílabas podem constar de um fonema ou letra, ou de várias, até cinco (*trans-*, por exemplo).

> ➢ Como dito mais acima, as sílabas estão para as palavras assim como as paredes já feitas estão para a casa. E cada palavra é essa única sílaba ou esse conjunto de sílabas com que se expressa uma só ideia ou conceito. As palavras são, por conseguinte, as unidades de significação da linguagem, o que implica dizer que suas partes, enquanto partes, não têm significação própria. Vê-lo-emos mais aprofundadamente na Quarta Parte.

4.5. Majoritariamente as palavras portuguesas têm de uma a sete sílabas. Raras são as que têm oito ou mais. Por este ângulo, classificam-se:

- em *monossílabas* quando constituídas de uma sílaba;
- em *dissílabas* quando constituídas de duas sílabas;
- em *trissílabas* quando constituídas de três sílabas;
- em *polissílabas* quando constituídas de mais de três sílabas.

V

OS ENCONTROS

5.1. O HIATO.

5.1.1. Quando a uma sílaba terminada por vogal se segue outra também começada por vogal, dá-se um HIATO. Pode definir-se, pois, o hiato como *grupo de duas vogais contíguas que pertencem a sílabas diferentes*.

5.1.2. Por conseguinte, ocorrerá *necessariamente* hiato sempre que duas VOGAIS, iguais ou diferentes, se encontrarem: *reexaminar*, *niilismo*, *magoo*, etc.; *aéreo*, *saeta*, *caol*, etc.; *oboé*, *feérico*, *coorte*, etc.; *traidor*, *apaular*, etc.; *tia*, *raízes*, *rua*, *Raul*, *ruína*, *enviúvam*, etc.

- Em palavras como *fortuito*, *gratuito*, *reviu*, não há encontro de duas vogais, mas de uma vogal e de uma semivogal, ou seja, há *ditongo* (/úi/ e /íu/) e não hiato.

5.2. O DITONGO E O TRITONGO.

5.2.1. DITONGO é o encontro de uma vogal e de uma semivogal em uma mesma sílaba. Os ditongos podem classificar-se de modo múltiplo.

5.2.1.a. Podem ser *orais* ou *nasais*: *pai*, *teu*, *dói* (orais); *muito*, *falam*, *anões* (nasais).

- *Muito* (e *mui*) é o único caso, em português, em que a nasalidade vocal não é indicada graficamente de modo algum.
- Atente-se a que de fato, na fala, há ditongos nasais em *calam* e em *anões*. Na escrita, porém, trata-se de *vogal* + *consoante*, no primeiro caso; e de *duas vogais*, no segundo. E importará muito esta distinção quando se tratar de ortografia.

5.2.1.b. Podem ser, ademais, *abertos* ou *fechados*: *réu*, *apoio* [1ª. pessoa do presente do indicativo] (abertos); *seio*, *boi* (fechados).

5.2.1.c. Também *tônicos* ou *átonos*: *infiéis*, *heroico* (tônicos); *fáceis*, *eufonia* (átonos).

5.2.1.d. Ainda *crescentes*, quando começam pela semivogal, ou *decrescentes*, quando começam pela vogal: *quase*, *série* (crescentes); *cai*, *roupa* (decrescentes).

- Em português, e em especial o do Brasil, os ditongos crescentes finais átonos /ia/, /ie/ e /io/ (como em *família*, em *cárie*, em *Mário*) podem pronunciar-se também como hiatos: *famíli-a*, *séri-e*, *Mári-o*. Veremos no devido momento como este fato duplo é tratado pelo regime ortográfico oficial.

5.2.2. TRITONGO é o encontro, em uma mesma sílaba, de uma vogal com (e entre) duas semivogais: *guaiaco*, *averiguei*, etc.

- Obviamente, não há tritongo em *queima*, porque o *qu* é aqui um dígrafo. Nesta palavra há, portanto, apenas o ditongo /ei/ (/keima/).

5.3. Há ENCONTROS INSTÁVEIS, ou seja, aqueles com respeito aos quais, por diversidade de motivos, se dá certa flutuação de pronúncia. Acham-se neste caso:

5.3.1. os encontros finais átonos, que podem cumprir-se já como ditongos crescentes, já como hiatos (como visto acima);

5.3.2. de modo geral, os encontros de /i/ e de /u/ átonos com a vogal seguinte, seja esta tônica ou átona, os quais também ora se emitem como ditongos crescentes, ora (o mais das vezes) como hiatos: *fiel*, *violento*, *persuadir*, etc.

5.4. Há, ainda, os **ENCONTROS CONSONANTAIS**, que podem dar-se *em uma mesma sílaba* ou *em sílabas consecutivas.*

5.4.1. Os da primeira classe, inseparáveis, são comumente chamados GRUPOS CONSONANTAIS, e têm quase sempre /l/ ou /r/ por segunda consoante. Exemplos:

- /bl/ – *bloco*, *Bíblia*;
- /br/ – *abraço*, *febricitante*;
- /cl/ – *clima*, *bicicleta*;
- /cr/ – *cravar*, *lacre*;
- /fl/ – *flâmula*, *flor*;
- /fr/ – *fraco*, *sofrimento*;
- /gl/ – *glória*, *Inglaterra*;
- /gr/ – *grande*, *onagro*.

E ainda estes, menos frequentes:

- /pn/ – *pneu*;
- /gn/ – *gnosiologia.*

5.4.2. Nos da segunda classe – os separáveis, chamados ENCONTROS CONSONANTAIS DISJUNTOS –, cada consoante pertence a uma sílaba:

- /b-s/ – *sub-sumir*;
- /c-c/ – *evic-ção*;
- /c-t/ – *aspec-to*;
- /d-v/ – *ad-vogado*;
- /f-t/ – *Naf-talina*;
- /t-m/ – *rit-mo.*

> ➢ Insista-se em que os DÍGRAFOS não são verdadeiros grupos consonantais.
>
> ➢ Certas combinações podem constituir ora grupos consonantais, ora encontros disjuntos. É o que se dá, por exemplo, com *bl*: é grupo consonantal em *ablativo* (*a-bla-ti-vo*) e encontro disjunto

em *sublinhar* (*sub-li-nhar*); ou, ainda, com *br:* é grupo consonantal em *Brasil* (*Bra-sil*) e encontro disjunto em *ab-rogar* (*ab-ro-gar*).

➢ Desde o início vimos falando de uma tríplice divisão, a FONÉTICA, a ORTOÉPIA e a PROSÓDIA: a primeira enquanto relativa à emissão geral dos fonemas; a segunda, ao timbre dos fonemas; e a terceira, à acentuação dos fonemas. É divisão algo arbitrária, de intuito antes didático. Mas importa insistir aqui em algo já dito reiteradamente:

▫ à Gramática não compete solucionar e normatizar *todas* as questões relativas à boa dicção dos fonemas, das palavras, das frases, dos discursos;

▫ mas algo, sim, ela pode fazer mais diretamente: por exemplo, dizer que o *rr velar* contribui mais para a didática de um professor ou para a eficácia de um orador que o *rr uvular* e que o *retroflexo*; que professores e oradores em geral devem evitar, ao menos em público, a perda de traços distintivos, razão por que devem sempre dizer *mal* com /l/ e não com /u/, deixando este reservado exclusivamente para *mau*; que no falar cultivado não se devem cometer os erros mais estritamente prosódicos, como veremos um pouco mais abaixo.

➢ E, em se tratando de *encontros consonantais* (disjuntos ou não), evite-se o erro tão estendido no Brasil de acrescer à sua primeira consoante um /i/ ou até um /e/: "ade-vogado" (por *ad-vogado*), "capi-tar" (por *cap-tar*), "ríti-mo" (por *rit-mo*); "pe-neu" (por *pneu*); etc. É acréscimo desfigurador. A primeira consoante destes encontros não consoa, senão que SOA TRAVADAMENTE – donde chamar-se *muda*.

VI

TONICIDADE E ATONICIDADE

6.1. ACENTUAÇÃO, em sentido geral, é o relevo dado a determinada parte fonética, isto é, a alguma sílaba de palavra ou de grupo de palavras; e denomina-se PROSÓDIA o estudo da acentuação.

OBSERVAÇÃO. Mas também se denomina PROSÓDIA a mesma boa acentuação das palavras.

6.2. O acento das palavras e/ou dos grupos de palavras pode ser de diferentes espécies, relativas a diversas qualidades físicas dos fonemas: a INTENSIDADE (maior ou menor força expiratória com que se proferem os fonemas); o TIMBRE (característica acústica resultante de certos harmônicos produzidos na laringe pelas cordas vocais); a QUANTIDADE (maior ou menor duração com que são emitidos); e a ALTURA (maior ou menor frequência com que vibram as cordas vocais para a emissão dos fonemas). Enquanto a quantidade interessa particularmente à Gramática de línguas como o latim e o grego antigo, e a altura à de línguas como o chinês, interessa particularmente à Gramática do português o *timbre* e a *intensidade*: aquele no âmbito da ORTOÉPIA, e esta no da PROSÓDIA.

6.3. Mais precisamente, entende-se por ACENTO DE INTENSIDADE a maior força expiratória com que uma sílaba se opõe às que lhe são contíguas no corpo das palavras. Aquela pois se dirá SÍLABA TÔNICA; e estas, SÍLABAS ÁTONAS ou SUBTÔNICAS.[14] E de fato, insista-se, o acento característico da língua portuguesa é o de *intensidade*, que, regular e fixo, destaca determinada sílaba de cada vocábulo (conquanto, como veremos, haja tanto monossílabos tônicos como monossílabos e dissílabos átonos); e é capaz até de servir de certo traço distintivo. Isto último se dá quando se têm, em determinadas e distintas palavras, os mesmos fonemas distribuídos na mesma sequência, como nos seguintes exemplos:

- ✓ *edito* (substantivo e verbo) / *édito* (substantivo);
- ✓ *amálgama* (substantivo) / *amalgama* (verbo);
- ✓ *sábia* (adjetivo) / *sabiá* (substantivo) / *sabia* (verbo).

6.4. Nas palavras de duas ou de mais sílabas, quase sempre há uma que se destaca da(s) outra(s) – justamente por ser proferida com maior intensidade. Aquela é, como dissemos, a *sílaba tônica*, enquanto esta(s) é(são) *átonas*. Pois bem, de acordo com a posição da sílaba tônica, as palavras classificam-se:

6.4.1. em OXÍTONAS – quando o acento recai na ÚLTIMA SÍLABA: *a-nis, ca-já, ci-pó*;

6.4.2. em PAROXÍTONAS – quando o acento recai na PENÚLTIMA SÍLABA: *a-cór-dão, bair-ro, ca-dei-ra*;

6.4.3. em PROPAROXÍTONAS – quando o acento recai na ANTEPENÚLTIMA SÍLABA: *pró-fu-go, sâns-cri-to, té-tri-co*.

---

[14] Em verdade, tais sílabas não deveriam chamar-se "tônicas" ou "átonas", porque, com efeito, *tônico* e *átono* dizem respeito antes ao acento tonal, característico especialmente, como visto, do chinês, mas também de várias outras línguas asiáticas e, de algum modo, do sueco, do sérvio, do lituano. Trata-se, todavia, de denominação já muito tradicional entre nós.

6.5. As palavras de mais de três sílabas, todavia, sobretudo as derivadas, quase sempre têm, além do acento principal, um ou mais acentos secundários; e é à mais perceptível das sílabas com acento secundário que a Gramática chama *subtônica*. Tenham-se os seguintes exemplos:

✓ *confortável* + *MENte* = *confortavelMENte* (sílaba tônica: *-MEN*; subtônica: *-ta*);
✓ *atual* + *i* + *DAde* = *atualiDAde* (sílaba tônica: *-DA*; subtônica: *-a*).

VII
PALAVRAS DE ACENTUAÇÃO VICIOSA

§ Esta é a parte propriamente normativa da PROSÓDIA que pode atribuir-se à Gramática. E, com efeito, o erro prosódico deforma a figura dos vocábulos, razão óbvia por que devemos evitá-lo. Eis algumas das palavras em que, mesmo nos meios mais escolarizados, comumente se comete erro prosódico:

7.1. São **OXÍTONAS:**

cateter[15]
refém
ureter
condor
ruim
novel
sutil

7.2. São **PAROXÍTONAS:**

ambrosia[16]
aziago
boêmia[17]
diatribe
estalido
gratuito (úi)
ímã[18]
matula
alano
barbaria
ciclope
edito (lei)
êxul
hosana
inaudito
misantropo
avaro
batavo
decano
efebo
grácil
ibero
maquinaria[19]
mercancia

---

[15] Embora no próprio meio médico se diga, mais comumente, "catéter".

[16] *Ambrosia* é o alimento; *ambrósia*, a árvore.

[17] Também pode dizer-se como proparoxítona: *bo-ê-mi-a*. Menos conveniente, no entanto, é a popular *bo-e-mi-a*.

[18] Já está fixada, nos dias de hoje, a prosódia paroxítona da palavra. Se se seguisse o étimo, porém, seria oxítona (vem do francês *aimant*; e o *t* final do vocábulo francês reaparece, ainda em português, em *imantar*).

[19] Sinônimo: *maquinário*.

nenúfar
Normandia
Oceania
onagro
orquídea
pegada
opimo
ortoépia[20]
pletora
policromo[21]
pudico[22]
quíchua[23]
quiromancia
refrega
rubrica[24]
sinonímia[25]
têxtil
ubíquo

- ➢ São corretas ambas as prosódias *projétil* e *projetil*, *réptil* e *reptil*, *sóror* e *soror*, *zangão* e *zângão*. Mas *projétil*, *réptil*, *sóror* e *zangão* dominam amplamente.

7.3. São **PROPAROXÍTONAS:**

ádvena
aeródromo
ágape
álacre
álcali
alcíone
alcoólatra
amálgama
andrógino
anêmona
anídrido
antífona
antífrase
antístrofe
areópago
aríete
arquétipo[26]
azáfama
bávaro
bímano
biótipo[27]
bólido (-e)
brâmane
Cérbero
cotilédone
crisântemo
égide
etíope
êxodo
fagócito
férula
gárrulo
hégira
idólatra
ímprobo
ínclito

---

[20] Também pode dizer-se como proparoxítona: *or-to-é-pi-a.*

[21] *Policromo*: 'que tem muitas cores, multicor'. Não confundir com *polícrono*: 'que é duradouro'.

[22] Com efeito, é esta a prosódia que segue o étimo: a palavra vem do latino *pudīcus, a, um.* O espanhol não segue o étimo: diz e escreve *púdico, impúdico.*

[23] Também pode dizer-se como proparoxítona: *quí-chu-a.* Diz-se ainda *quéchua.*

[24] Aqui também, é esta a prosódia que segue o étimo: a palavra vem do latino *rubrīca, ae.* Tampouco aqui o espanhol segue o étimo: diz e escreve *rúbrica.*

[25] Também pode dizer-se como proparoxítona: *si-no-ní-mi-a.*

[26] A prosódia portuguesa segue o gr. *archétypon* > lat. *archetȳpum, i*; como, porém, a palavra chega à Península Ibérica através do fr. *architipe* (1º. terço do século XIII, hoje *archétype*), o espanhol diz e escreve *arquetipo.*

[27] Palavra moderna, vem-nos do ing. *biotype* e/ou do fr. *biotype.* Talvez seja para seguir o modelo de *arquétipo* (*vide supra*) e *protótipo* (*vide infra*) que se prefere *biótipo* a *biotipo.*

ínterim
Niágara
plêiade
quadrúmano
Tâmisa
leucócito
ômega
prófugo
revérbero
zéfiro
lêvedo
périplo
protótipo[28]
sátrapa
zênite

VIII

GRUPO ACENTUAL E PALAVRAS ESSENCIALMENTE ÁTONAS

8.1. Chama-se **GRUPO ACENTUAL** ao segmento da fala formado de duas ou de mais palavras subordinadas a um único acento.[29] São como *palavras estendidas* (em português, apenas foneticamente).[30]

8.2. E é sobretudo por isso que se pode falar de **PALAVRAS ESSENCIALMENTE ÁTONAS**. Veja-se o exemplo:

Ao vê-lo, / enterneceu-se.

Pode notar-se, com certa facilidade, que nesses grupos acentuais apenas as palavras sublinadas têm efetiva tonicidade, sendo *ao* e *lo* como sílabas fonéticas de *vê*, e *se* de *enterneceu*.

8.3. São **ESSENCIALMENTE ÁTONOS** em grupos acentuais:

8.3.1. ENTRE OS MONOSSÍLABOS,

- os pronomes pessoais oblíquos *me, te, se, nos, vos*; *o*(*s*), *a*(*s*); *lhe*(*s*);
- os artigos: *o*(*s*), *a*(*s*); *um*(*ns*), *uma*(*s*);
- os pronomes relativos *que* e *quem*;
- as preposições e as conjunções;

8.3.2. ENTRE OS DISSÍLABOS,

- a preposição *para*;
- as conjunções *como* e *porque*;
- as contrações *pelo*(*s*), *pela*(*s*), etc.

---

[28] A prosódia portuguesa segue o gr. *prōtótypos, os, on* > lat. *prototy̆pus, a, um*. Mas diz-se e escreve-se em espanhol: *prototipo*.

[29] Não podemos concordar com que também as palavras possam considerar-se, em si mesmas, grupos acentuais.

[30] Vê-se, porém, que em espanhol se sentem um pouco mais integradas à palavra tais sílabas fonéticas. Com efeito, em vez de usar o hífen como em *vê-lo*, o espanhol escreverá *verlo*; e essa mesma ausência de hífen como que "funde" mais o pronome na palavra a que está foneticamente subordinado.

8.4. Substantivem-se porém tais palavras: tornam-se ACIDENTALMENTE TÔNICAS. É o que se dá, por exemplo, em

✓ *O "o" é um artigo definido,*

onde "*o*" passa a núcleo do grupo acentual *O "o"*.

8.5. Ao contrário, palavras TÔNICAS podem passar a ACIDENTALMENTE ÁTONAS em grupos acentuais. Assim, em *nosso pai* as duas sílabas de *nosso* são como sílabas de *pai*; mas em *pai nosso* se dá o inverso: aqui *pai* se torna como sílaba de *nosso*.

8.6. E, como se vê já pelo último exemplo, nem todos os monossílabos são átonos. Grande número é TÔNICO. São substantivos, pronomes, verbos, advérbios: *eu, tu, dor, mês, pé, pó, sou, sai, cá, já*, etc. Nos exemplos a seguir, podemos ver tais monossílabos funcionar como centro de grupo acentual:

✓ *deu-lhe*; *um mês*; *de eu* (+ infinitivo); *e já*; etc.

IX

POSIÇÃO DAS PALAVRAS ESSENCIALMENTE ÁTONAS

9.1. As palavras ESSENCIALMENTE ÁTONAS podem adotar, com respeito ao núcleo de um grupo acentual, *três posições*. Podem estar:

- em **PRÓCLISE**, quando aparecem como sílaba inicial de palavra tônica: *se CHOVER*; *onde o ENCONTRASTE*; *quando lhes DEU o DIPLOMA*; etc.;
- em **ÊNCLISE**, quando aparecem como sílaba final de palavra tônica: *FIZERAM-se*; *OBSERVARAM-no*; *SITUÁ-la*; *DIZER-vos*; etc.;
- em **MESÓCLISE**, quando aparecem como sílaba medial de palavra tônica (tão somente em verbos no futuro do presente ou no futuro do pretérito): *FAR-se-IA*; *AGRADAR-lhe-IAS*; *OCUPÁ-lo-EMOS*; etc.

⇨ **OBSERVAÇÃO 1.** Somente os pronomes pessoais oblíquos *me, te, se, nos, vos*; *o*(*s*), *a*(*s*), *lhe*(*s*) podem estar – sozinhos ou, como veremos em seu momento, combinados com algum outro deles –, nas três posições: *próclise*, *ênclise* e *mesóclise*. Da colocação deles nos grupos acentuais ocupar-nos-emos na Nona Parte.

⇨ **OBSERVAÇÃO 2.** As demais PALAVRAS ÁTONAS só se colocam em *próclise*.

9.2. Pode dar-se, ainda na fala do português hodierno, prosódia monossilábica tanto dos possessivos femininos *tua*(*s*) *e sua*(*s*) como do numeral *duas* quando proclíticos. Então, o ditongo decrescente /úa/ converte-se num crescente /uà/.

9.3. Mais importante para nossos fins é a possibilidade de redução do corpo de *certas palavras essencialmente tônicas* quando em *próclise*: são as APÓCOPES. É o caso

- de SÃO (*santo*) antes de nomes próprios começados por consoante: *SÃO José, SÃO Paulo* (mas *SANTO Agostinho, Santo Estêvão*);[31]
- de FREI (*freire*) antes de nomes próprios: *FREI Damião, FREI Vicente de Salvador*;
- de QUÃO (*quanto*): *QUÃO belos são estes poemas!*;
- das atualmente pouco usadas MUI (*muito*) e GRÃO, GRÃ (*grande*): *MUI apressadamente*; *GRÃO problema*; *uma GRÃ cidade*.

X

OS VÁRIOS SISTEMAS ORTOGRÁFICOS DA LÍNGUA PORTUGUESA

§ Pode dividir-se a história da ortografia portuguesa em três fases:[32]

a. a FONÉTICA, que coincide com a chamada etapa arcaica de nossa língua;

b. a ETIMOLÓGICA, que se estende do Renascimento até à primeira década do século XX;

c. a da chamada NOVA ORTOGRAFIA, iniciada em 1911.

10.1. Na FASE FONÉTICA, tentava-se escrever *exatamente* como se falava, donde o nome da fase. Como não podia deixar de ser, todavia, imperava a mais absoluta arbitrariedade – justamente porque a ortografia ou representará de modo sistemático os fonemas *anterior e mais propriamente* ditos fonemas e não todos e quaisquer fonemas da língua,[33] ou nem haverá ortografia propriamente dita, mas modos mais ou menos incoerentes de TRANSCRIÇÃO fonética. Basta um lance de vista numa crestomatia crítica de poemas medievais para constatá-lo. Veja-se o caso do *h*:[34] ele então servia ora para indicar a tonicidade da vogal (*he* = é); ora para assinalar a presença de um hiato (*trahedor* = traidor); ora para representar o fonema /i/ (*sabha* = sabia); ora para algo que hoje dificilmente podemos compreender, razão por que parecia por vezes instalar-se sem função definida (*hũa* = ũa [uma]), *hidade* = idade). Ademais, a mesma palavra aparecia escrita com *h* ou sem ele: por exemplo, *havia* e *avia*, *hoje e oje*, *homem e omem* (ou ainda *ome*).

---

[31] Constituem exceção *SANTO Tomás de Aquino* e poucos mais, como *SANTO Tirso*. É uso antigo. Diga-se, porém, *SÃO Tomás* (ou *Thomas*) *Becket*, etc.

[32] Ainda aqui tenhamos suposto o dito na Primeira Parte, I.

[33] Como dito nesta mesma Terceira Parte.

[34] Quanto ao uso do *h* na FASE FONÉTICA, valemo-nos de Rocha Lima, *op. cit.*, p. 77.

10.2. Na FASE ETIMOLÓGICA, por sua vez, diretamente resultante do humanismo renascentista e sua obcecação pelo mundo clássico, buscou-se dar sistematicidade à ortografia portuguesa fazendo-a aproximar-se o mais possível da greco-romana. Mas, como hoje sabemos, nem sempre os gramáticos do século XVI ao XVIII foram felizes em seu intento, e por dupla razão: pelo artificial mesmo que era dar feição estrangeira à ortografia; e pelos próprios equívocos cometidos em sua empresa. Por isto muitos preferem chamar PSEUDOETIMOLÓGICA a esta fase. Não estamos acordes nisso, antes de tudo porque não se há de definir algo pelo acidental (e os erros cometidos então foram acidentais). Ademais, esta espécie de ortografia ainda é a vigente, por exemplo, no francês, e em parte também no inglês, sem que tenha havido no âmbito destes idiomas muitas tentativas de reformá-la.[35] Já daremos nosso parecer sobre as reformas ortográficas em geral, e sobre a última entre nós em especial. Fiquemos, por enquanto, com exemplos de dígrafos e de letras da ORTOGRAFIA ETIMOLÓGICA portuguesa:[36] o *ph* (*nympha*, *philosophia*, *typho*); o *th* (*Athenas*, *estheta*, *theatro*), o *rh* (*rheumatismo*, *rhombo*), o *ch* (*cherubim*, *chimica*, *technico*), o *y* (*hydrophobia*, *martyr*, *pyramide*); consoantes geminadas intervocálicas como *bb*, *cc*, *pp*, *tt* (*abbade*, *bocca*, *approximar*, *gatto*); *et reliqua*.

10.3. Enquanto a ortografia etimológica resultara do espírito humanista, a chamada NOVA ORTOGRAFIA resultou do espírito positivista-cientificista. É inegável, todavia, que foi benéfica para nossa escrita. Sem abandonar de todo o etimológico (veja-se, muito por exemplo, o caso do *h* de *hoje*, de *homem*, etc.), mas buscando sobretudo representar os fonemas *anterior e mais propriamente* ditos fonemas, simplificou a ortografia e deu-lhe ainda mais sistemacidade. Seu marco inicial é o ano de 1911, quando foi oficializada pelo governo português. Em 1931, foi estendida ao Brasil por um Acordo firmado entre a Academia das Ciências de Lisboa e a Academia Brasileira de Letras, com aprovação dos dois governos. A Constituição brasileira de 1934, no entanto, determinou a volta ao sistema etimológico; e não foi senão após novo entendimento entre os dois governos que o Acordo de 1931 tornou a vigorar no Brasil. Adotou-se em Portugal, em 1946, um novo sistema ortográfico, que porém não foi adotado entre nós; continou vigente aqui o sistema de 1931. Em 1971, de conformidade com parecer conjunto da Academia Brasileira de Letras e da Academia das Ciências de Lisboa, o Congresso Nacional brasileiro aprovou e o Presidente da República sancionou projeto de lei em que se introduziam pequenas alterações na acentuação gráfica. Finalmente, agora com a ratificação e assinatura dos membros da Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP) – Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste –, entrou em vigor em 10 de janeiro de 2009 um novo Acordo Ortográfico, a cuja versão final se chegara em 1990.[37]

---

[35] Uma de tais tentativas foi a do escritor inglês Bernard Shaw (1856-1950), autor do romance *Pigmaleão* (*Pygmalion*), no qual precisamente se satiriza a ortografia inglesa.

[36] Valemo-nos dos exemplos dados, ainda, em Rocha Lima, *op. cit.*, p. 78.

XI

O QUE PENSAR DAS REFORMAS ORTOGRÁFICAS

11.1. Dizia Aristóteles, pouco mais ou menos, que é preferível uma constituição imperfeita mas duradoura a uma sucessão de constituições melhores mas efêmeras: porque, explicava ele, é impossível educar ético-politicamente os cidadãos sem o aprendizado de uma legislação estável.[38] Conquanto se tenha de matizar tal afirmação (o que, porém, é assunto para outro lugar), podemos todavia aplicá-la proficuamente à ortografia. Com efeito, uma ortografia estável no tempo torna-se um *éthos*, um costume: o pai a ensina ao filho, que a ensina ao filho, que a ensina ao filho, e assim sucessivamente. Fácil é concluir o que sucede se se perde tal permanência, tal estabilidade no tempo, a alguém que aos 60 anos tem de experimentar, com desgosto, a terceira ortografia de sua vida, ou a uma criança recém-alfabetizada que de súbito tem de aprender uma nova ortografia.

11.2. Sem dúvida, como já dissemos, embora o francês, por exemplo, siga adotando a *ortografia etimológica* sem maiores percalços, é inegável o ganho de simplicidade, de sistematicidade e de coerência proporcionado pela *nova ortografia*, a iniciada em 1911. O que não convém de modo algum é uma sucessão de reformas como as empreendidas após aquela; veja-se em **10.3** *supra* que tal sucessão se aproxima do vertiginoso. Além disso, por mais que se reforme um sistema ortográfico, nunca se atingirá a perfeição; tentá-lo é vão, dada a própria falta de correspondência precisa entre os fonemas e as letras, e também a mesma história da língua. Não obstante tudo isso, opomo-nos todavia às tentativas de revogar legalmente o novo sistema ortográfico, e até a que não seja acatado ou aplicado. Pois tal revogação ou tal não aplicação só fariam ou fazem agravar aquele quadro vertiginoso e as consequências apontadas acima. Nem sequer debateremos as razões aludidas para que se desse a nova reforma (o que, no entanto, cabe fazer em outro lugar); tão somente exporemos o novo sistema ortográfico do modo que nos parece mais claro e simples, dando a par disso alguma solução para certas obscuridades.[39]

---

[37] Note-se, todavia, que a obrigatoriedade do uso do novo Acordo Ortográfico, que deveria entrar em vigor no Brasil em 31 de dezembro de 2012, foi adiada para 1º de janeiro de 2016. Ajustou-se assim o prazo brasileiro ao de Portugal.

[38] Cf. Aristóteles, *Política*, II, 8, 1269 a 4.

XII

O ATUAL SISTEMA ORTOGRÁFICO

12.1. O ALFABETO PORTUGUÊS.

12.1.1. Valemos-nos na escrita das seguintes 26 LETRAS: *a, b, c, d, e, f, g, h, i, j, k, l, m, n, o, p, q, r, s, t, u, v, w, x, y, z.*

12.1.2. As letras *k, w* e *y* – acrescentadas ao alfabeto pelo novo Acordo Ortográfico – só se usam nos seguintes casos:

- em abreviaturas e em siglas de nomes e de títulos estrangeiros;
- como símbolos de termos técnicos de uso internacional:
  - ✓ K – *potássio*; *kelvin*;
  - ✓ kA – *quiloampere*;
  - ✓ Kr – *criptônio*;
  - ✓ kg – *quilograma*;
  - ✓ km – *quilômetro*;
  - ✓ kW – *quilowatt*;
  - ✓ kWh – *quilowatt-hora*;
  - ✓ W – *tungstênio*; *oeste*
  - ✓ w – *watt*;
  - ✓ Y – *ítrio*; *hipercarga*;
  - ✓ yd – *jarda*;
  - ✓ etc.;
- em estrangeirismos: *Kyrie*, *western*, *hobby*, etc.;[40]

---

[39] Estamos cientes de que, ao expor o novo sistema ortográfico, nossa *Suma Gramatical* se expõe ao risco de caducar prematuramente neste ponto, porque, com efeito, a falta de responsabilidade quanto à permanência da língua se vai acentuando assustadoramente. Mas tampouco poderíamos deixar de ensinar parte tão fundamental de todo e qualquer idioma como o é a ortografia.

[40] Os estrangeirismos desta classe devem pôr-se sempre em itálico.

- em nomes próprios estrangeiros: *Kuwait*, *Walter*, *Yvonette*, etc.;
- em palavras derivadas de nomes estrangeiros: *kantismo*, *wagneriano*, *taylorismo*, etc.

➢ O novo Acordo Ortográfico recomenda que, quando possível, os topônimos estrangeiros se aportuguesem:

✓ *Genebra* (em lugar de Genève);
✓ *Madri* (em lugar de Madrid);
✓ *Munique* (em lugar de Munich);
✓ etc.

Observação. O preferível neste ponto, parece-nos, é seguir o usado majoritariamente. Por exemplo, no Brasil já de há muito se usa, preferentemente, o híbrido *Nova York* (e não New York nem Nova Iorque); sigamo-lo pois os brasileiros. Ainda por exemplo, no Brasil usamos *Moscou*, enquanto em Portugal se usa *Moscovo*; siga-se usando em cada país, portanto, o que já lhe é tradicional. E assim sucessivamente.

12.1.3. Quanto às CONSOANTES MUDAS,

- não se escrevem as que não se pronunciam em parte alguma: assim, por exemplo, *asma*, *diretor*, *salmo* (e não "asthma", "director", "psalmo");
- conservam-se as constantemente pronunciadas: *cooptar*, *dicção*, *eucalipto*, etc.;
- quando se trata de dicções diversas segundo os diferentes países lusófonos, a escrita das consoantes mudas é facultativa: *contacto* ou *contato*; *subtil* ou *sutil*; *sumptuoso* ou *suntuoso*; etc.[41]
- As consoantes dobradas *rr* e *ss* – que representam, respectivamente, o fonema vibrante alveolar múltiplo /rr/ e o fricativo alveolar surdo /s/ – só se escrevem entre vogais: *correr*, *correlacionar*, *antessala*, *sacrossanto*, etc. Para representarem os mesmos fonemas quando em início de palavra, usam-se o *r* e o *s* simples (*rezar*, *saúde*, etc.); se em outra posição, o segundo destes dois fonemas também pode ser representado por *c*, por *ç*, por *x* ou por *z* (*cedo*, *caça*, *máximo*, *vez*, etc.).

12.1.4. A LETRA *H*, que em português não representa fonema algum, pode encontrar-se em três posições:

---

[41] Atenção, porém: em *óptico*, em *óptica* e em derivadas, o *p* não é opcional, mas obrigatório. – Ademais, ainda que sejamos brasileiro, preferimos *intacto*, *veredicto* e *céptico*/*cepticismo* por diversas razões, entre as quais a tradição.

- INICIAL, onde permanece por tradição e por etimologia: *honra*, *hóstia*, *humilde*, etc.;
- MEDIAL, de onde é suprimida se não se seguir a hífen: assim, *desarmonia* (e não "desharmonia"), *inabitado* (e não "inhabitado"), *reaver* (e não "rehaver"), etc.; mas *anti-horário*, *pré-história*, *sub-humano*, etc.;[42]
- FINAL, em algumas interjeições: *ah!*, *eh!*, *oh!*, etc.

> ➢ Não se confunda a interjeição *oh!* com *ó*, interjeição que só se usa antes de vocativo, para reforçá-lo: *Ergue-te, ó homem, de tua prostração.*
>
> ➢ Ademais, não se deve grafar a interjeição *ó* como "ô", apesar de ser esta a pronúncia corrente em grande parte do Brasil de hoje.

12.1.5. O *h* ainda se encontra em *ch*, *lh* e *nh*, os quais, no entanto, são DÍGRAFOS propriamente ditos: representam fonemas simples.

- O primeiro representa o fonema fricativo palatal surdo /x/ (que porém também pode ser representado pela letra *x*): *chamamento*, *cachecol*, *chegar*, etc.
- O segundo representa o fonema lateral palatal /lh/ (que não é representado por nenhuma letra simples): *calhar*, *melhor*, *rilheira*, etc.
- O terceiro representa o fonema oclusivo palatal nasal /nh/ (que tampouco é representado por nenhuma letra simples): *ganho*, *ninho*, *sanha*, etc.

> ➢ Diz o novo Acordo que os nomes próprios bíblicos podem conservar ou não os dígrafos finais de origem hebraica (*ch*, *ph*, *th*): *Baruch* ou *Baruc*, *Loth* ou *Lot*, etc. Mas também diz que, quando os dígrafos não são se pronunciam, devem então eliminar-se: *José* (em lugar de "Joseph"), *Nazaré* (em lugar de *Nazareth*), etc. Recomendamos sejam sempre eliminados tais dígrafos: *Baruc*, *Lot*, *José*, *Nazaré*. Há, porém, nomes bíblicos que tradicionalmente já estão adaptados ao português: por exemplo, *Judite* (de "Judith"); mantenha-se a adaptação e evite-se, ainda, o dígrafo final.

12.2. Letra inicial maiúscula.

Emprega-se LETRA MAIÚSCULA:

- no início de qualquer frase;

---

[42] Quanto ao prefixo *co-* + palavra começada por *h*, *vide*, na Quarta Parte, as Regras do Uso do Hífen.

- no início de qualquer verso;[43]
- no início de citação direta (quando corresponde ao original):
    - ✓ *Lê-se n'*Os Sertões*: "O sertanejo é antes de tudo um forte"*;
- como primeira letra de nome próprio, seja este: prenome, sobrenome, alcunha, hipocorístico, antonomástico, etc., nome de ente divino, de ente fabuloso, de personagem ficcional, de corpo celeste, de lugar (topônimo), de logradouro, de empresa, de repartição, de estabelecimento ou de edifício públicos, de embarcação, *et reliqua*:
    - ✓ *Inês, Paulo, Sócrates*;
    - ✓ *Cunha, Silva, Soares*;
    - ✓ *Cid, o Campeador*; *Ivã, o Terrível*;
    - ✓ *Aleijadinho*; *o Salvador*;
    - ✓ *Deus, Júpiter, Zeus*;
    - ✓ *Cérbero, Medusa, Pégaso*;
    - ✓ *Espanha, América Central, Cracóvia*;
    - ✓ *Avenida Paulista, Rua do Rosário, Praça Central*;
    - ✓ *Estreito de Magalhães, Morro da Conceição, Rio Amazonas*;[44]
    - ✓ *a Lua, a Terra, Vesúvio*;
    - ✓ etc.;
- como primeira letra de título (sempre em *itálico*) de obra filosófica, ou literária, etc., (*idem*) de peça musical, de peça teatral, de filme, de quadro, etc., (*idem*) de periódico, etc.
    - ✓ *História da Literatura Ocidental* (de Otto Maria Carpeaux), *Suma Teológica* (de Santo Tomás de Aquino);
    - ✓ *Prelúdio, Coral e Fuga* (de César Franck), *Tabula Rasa* (de Arvo Pärt);
    - ✓ *Antígona* (de Sófocles), *A Tempestade* (de William Shakespeare);
    - ✓ *O Dinheiro* (de Robert Bresson), *Céu e Inferno* (de Akira Kurosawa);
    - ✓ etc.;[45]
- como primeira letra de nome de era histórica, de data religiosa ou histórica, de fato religioso ou histórico, de grande empreendimento, etc.:

---

[43] Há poetas, porém, que preferem começar seus versos com minúscula, à espanhola.

[44] Veja-se que pomos maiúscula não só no início do nome de logradouros e de acidentes geográficos, mas também no início do nome comum que o antecede: *Rua do Rosário, Estreito de Magalhães*. Procedendo assim, inclui-se o nome comum no próprio. As duas maneiras são aceitas pelo Acordo: *Rio Amazonas* ou *rio Amazonas*, etc. Preferimos e usamos sempre a primeira.

[45] Quanto a usar maiúscula em todas as palavras (excetuados os artigos e os conectivos absolutos postos no meio) de cada título, ou usá-la tão só em sua primeira palavra, há inteira liberdade. A maneira como acima o exemplificamos é, naturalmente, a que preferimos.

✓ *Medievo, Natal, Onze de Setembro, Páscoa, Acordo Ortográfico,* etc.;[46]

- como primeira letra de substantivo comum quando individuado ou quando usado elevada ou simbolicamente:

✓ *a Academia* (platônica), *o Liceu* (aristotélico), *a Igreja, a Teologia, o Direito, a Poética, o Amor,* etc.;

- como primeira letra de qualquer palavra referente a nome sagrado:

✓ "E recebeste-O nos teus braços. Vinha
Do alto do Lenho onde estivera exposto
Ao ímpio olhar, tão ímpio! da mesquinha
Multidão que insultava o santo Rosto..."
(ALPHONSUS DE GUIMARAENS);[47]

- como primeira letra dos chamados pronomes de tratamento:

✓ *Senhor* (*Sr.*), *Senhora* (*Sra.*), *Dom* ou *Dona* (*D.*); *Vossa Majestade* (*V. M.*), *Vossa Excelência* (*V. Ex.ª*), *Meritíssimo* (*MM.* ou *M.*^{mo}), etc.

12.3. A divisão silábica.

- A SEPARAÇÃO DAS SÍLABAS faz-se pela silabação, não pelo étimo das partes constitutivas das palavras: *bis-ne-to*, mas *bi-sa-vô*; *trans-fun-dir*, mas *tran-sal-pino*; etc.
- Separam-se sempre:

a. Os HIATOS: *pa-ís, sa-ú-de, situ-a-ção, en-vi-u-var*;

b. Os DÍGRAFOS *rr, ss, sc* e *xc*: *mor-rer, pas-sar, nas-cer, ex-ce-ção*;

c. Os ENCONTROS CONSONANTAIS DISJUNTOS:

▫ de *uma* consoante mais *uma* consoante: *cap-tar*;
▫ de *uma* consoante mais *duas* consoantes: *es-tra-ga-do*;
▫ de *duas* consoantes mais *uma* consoante: *feld-ma-re-chal*;
▫ de *duas* consoantes mais *duas* consoantes: *pers-cru-tar*;
▫ de *três* consoantes mais *uma* consoante: *felds-pa-to*.

- Não se separam nunca:

a. os DITONGOS: *dói, goi-a-ba, pai-nei-ra*;

b. os TRITONGOS: *a-ve-ri-guei, Pa-ra-guai, sa-guão*;

c. os DÍGRAFOS *ch, lh, nh, qu* e *gu*: *ca-cho, ca-lha, ma-nha, que-rer, guel-ra*;

---

[46] Afora casos como o citado acima (*Onze de Setembro*), o nome de *mês* e o de *dia da semana* devem grafar-se com minúscula: *março, junho, outubro,* etc.; *segunda-feira, sábado, domingo,* etc.

[47] Também neste caso se trata de maiúscula facultativa. – Quando citemos qualquer escritor, não o faremos necessariamente por apreciá-lo, mas sempre por julgar adequado a algum propósito gramatical este ou aquele passo seu.

d. os grupos consonantais: *bra-si-lei-ro, psi-co-lo-gi-a, gnós-ti-co*;

- Especialmente no português do Brasil, como dito, os ditongos crescentes finais átonos (como *série, família, Mário*) podem pronunciar-se também como hiatos: *séri-e, famíli-a, Mári-o*. Por isso mesmo podem separar-se ou não (na escrita).

> ➢ *Sugestão* do novo Acordo: evite-se, na divisão silábica, deixar uma só letra em qualquer das duas linhas.

- Estabelece o Acordo que os sufixos *-iano* e *-iense* devem manter o *i* inicial em substantivos e em adjetivos ainda que estes apresentem primitivamente um *e* (átono) na sílaba final. Exemplos:

  ✓ *acriano* (de Acre), e não “acreano”;
  ✓ *shakespeariano* (de Shakespeare), e não “shakespeareano”;
  ✓ *torriense* (de Torres), e não “torreense”.

⇗ **Observação.** Se, porém, se tratar de *e* tônico (por exemplo, *Daomé*) ou de ditongo tônico com base *e* (por exemplo, *Arqueu*), ou até de *e* átono seguido de vogal átona (por exemplo, *cúneo*), devem manter-se, com a consequente queda do *i* do sufixo: *daomeano, arqueano, cuneano.*

12.4. Notações léxicas.

- Além das letras do alfabeto, temos em português também as chamadas notações léxicas, que servem para diversos fins. São as seguintes.

12.4.1. Os três **acentos**, dois dos quais – o *agudo* (´) e o *circunflexo* (^) – servem para indicar, quando necessário, a correta pronúncia das palavras. O terceiro é o *grave* (`).

▫ O **acento agudo** é empregado para assinalar, em condições que se verão adiante:

  ✓ as vogais tônicas fechadas *i* e *u*: *saí, sensível, visível*; *baú, saúde, lúgubre*; etc.;
  ✓ as vogais tônicas abertas *a*, *e* e *o*: *recitá-lo, saudável, cálido*; *fé, tivésseis, sestércio*; *Jó, dói, inóspito*; etc.;
  ✓ mas às vezes serve o acento agudo para indicar a tonicidade de uma vogal nasal: *contém, sobrevém*, etc.

▫ O **acento circunflexo** é empregado para assinalar, nas mesmas condições que o acento *agudo*:

  ✓ as vogais tônicas fechadas *a*, *e* e *o*: *câmara, crisântemo, frâncico*; *mês, lêmure, têxtil*; *avô, compôs, cômoro*; etc.

> ➢ Se no Brasil grafamos *Antônio, ônix, fêmur,* etc., e em Portugal e em outros países *António, ónix, fémur,* etc., tal se deve a uma diferença de timbre. No Brasil, o timbre da vogal tônica de palavras como as referidas é fechado; em Portugal, aberto. O novo Acordo Ortográfico admite a dupla acentuação nestes casos.

□ O ACENTO GRAVE é empregado para assinalar a *crase* da preposição *a* com o artigo feminino *a(s)*, com o pronome demonstrativo *a(s)* e com a primeira letra dos pronomes demonstrativos *aquele(s), aquela(s), aquilo, aqueloutro(s), aqueloutra(s)*:

✓ *à(s), àquele(s), àquela(s), àquilo, àqueloutro(s), àqueloutra(s)*.[48]

12.4.2. O TIL (˜) serve para indicar, em certos casos, a nasalização das vogais. Emprega-se:

- sobre o *a* e sobre o *o* nasais tônicos, em fim de palavra ou em fim de parte (de palavra) seguida de hífen: *lã, chão, Grã-Bretanha*; *põe, soluções, visões*, etc.;
- sobre o *o* nasal tônico da terceira pessoa do plural do presente do indicativo do verbo *pôr* e de seus derivados: *põem, dispõem, repõem*, etc.;
- ou sobre o *a* nasal subtônico a que se seguem o sufixo *-mente* ou algum sufixo iniciado por *z*: *cristãMENTE, irmãMENTE, sãMENTE*; *lãzudo, manhãzinha, romãzeira*; etc.

> ➢ Nos demais casos, a nasalidade das vogais é indicada por *m* ou por *n*. Aceita-se um *cãibra*, que, porém, a nosso ver, melhor se grafa *câimbra*.

12.4.3. O TREMA (¨), que atualmente (ou seja, segundo o novo Acordo Ortográfico) só se usa nas palavras estrangeiras que já o tenham e em seus derivados portugueses: *Stürmer*; *Königsberg, Günter, Müller*; *günteriano, mülleriano*; etc.

> ➢ Desse modo, deixa de pôr-se o trema sobre o *u* que, ao contrário do que sucede nos dígrafos homógrafos, soa nos encontros *gu* e *qu*: *aguentar, consequência*; *equidade, tranquilo*; etc. Parece-nos o pior do novo Acordo. Sem ele, torna-se muito mais difícil fazer que os falantes, e em especial as crianças, memorizem se soa ou não soa o *u* após *g* e após *q* (e lembre-se, ademais, que mesmo com o trema já muito se errava nestes casos). Tampouco há, agora, sem tal suporte gráfico, maneira de ensiná-lo perfeitamente aos estrangeiros.

---

[48] Tratar-se-á deste tipo de acentuação na seção da CRASE.

12.4.4. O **APÓSTROFO** serve para assinalar:

- a supressão do *e* de *de* em palavras compostas ligadas por esta parte de origem prepositiva: *fios-d'ovos, galinha-d'água, pau-d'alho,* etc.;
- a supressão de vogais em poesia: *c'roa* (coroa), *esp'rança* (esperança), *p'lo* (pelo), etc.;
- a supressão de fonemas na reprodução do falar coloquial ou popular: *'tá bem,* etc.;
- a contração ou aglutinação de preposições em diversos grupos vocabulares: *d'*Os Lusíadas (de *Os Lusíadas*), *n'*Os Sertões (em *Os Sertões*), *n'Ele* (em Deus), etc.;[49]
- a elisão da vogal final da palavra *santo/santa,* quando seguida do nome próprio aposto: *Sant'Ana,* etc.

> ➢ Se porém as ligações desta espécie constituem unidade morfológica, então suas partes se aglutinam: *Jorge Santana,* etc.

12.4.5. A **CEDILHA** coloca-se debaixo de *c* antes de *a*, de *o* e de *u* para representar a fricativa linguodental surda /s/: *caçA, maciçO, açÚcar,* etc.

12.4.6. O **HÍFEN** serve:

12.4.6.a. para ligar as partes de palavras "compostas ou derivadas por prefixação":[50] *bem-te-vi, mais-que-perfeito, quartel-general; ex-presidente, pré-escolar, sub-humano;* etc.;

12.4.6.b. para unir pronomes átonos a formas verbais: *chamar-te, forneceram--lhe, revisar-se-ão,* etc.;

12.4.6.c. no fim da linha, para separar uma palavra em duas partes, indo a segunda para a linha seguinte: *resultan- / te; resul- / tante; re- / sultante.*

12.4.7. Além das *letras* e das *notações léxicas,* contamos para a escrita da língua portuguesa com os **SINAIS DE PONTUAÇÃO**: a *vírgula* [,], o *ponto e vírgula* [;], o *ponto final* [.], o *ponto de interrogação* [?], o *ponto de exclamação* [!], as *reticências* [...], os *dois pontos* [:], as *aspas simples* [' '], as *aspas duplas* [" "], o *travessão* [–], os *parênteses* [( )] e os *colchetes* [[ ]]; além de sinais que, embora não sejam propriamente de pontuação, podem de algum modo reduzir-se a eles: as *chaves* [{ }], a *barra* [/], etc. Trataremos detida e extensamente da pontuação no momento devido.

---

[49] As duas maneiras, com apóstrofo ou sem ele, são consideradas corretas. Preferimos e empregamos sempre a primeira. – É impossível, porém, a crase de *a* + *a* em casos assim: escreva-se "O prêmio foi concedido a *A Cidade Nua*", em vez de "à *Cidade Nua*", porque esta maneira mutila o próprio título da obra.

[50] As aspas são nossas. Para a razão delas, *vide* a Quarta Parte.

12.5. As regras da acentuação gráfica.[51]

12.5.1. Acentuam-se as palavras monossilábicas (essencialmente) tônicas terminadas:

- em *a*(*s*) – *cá*, *já*, *hás*, *trás*, etc.;
- em *e*(*s*) – *pé*, *ré*, *três*, *vê-lo*, etc.;
- em *o*(*s*) – *pó*, *só*, *nós*, *pôs*, etc.;
- em *eis* (*aberto*) – *féis*, *réis*, etc.;
- em *eu*(*s*) (*aberto*) – *céu*, *réu*, *véus*, etc.;
- em *oi*(*s*) (*aberto*) – *dói*, *mói*, *sóis*, etc.

⇗ **Observação 1**. Veja-se que as formas verbais monossilábicas que perdem o *r*, o *s* ou o *z* finais pela presença ligada de pronome átono incluem-se nas regras de acentuação como qualquer outra palavra: *recitá-lo-á*, *vê-lo*, *pô-lo*, etc.

⇗ **Observação 2**. Se se acentuam as monossilábicas terminadas em ditongo *eis* aberto ou em ditongo *oi* aberto, não assim, porém, as terminadas em ditongo *ei* fechado ou em ditongo *oi* fechado: *réis*, mas *sei*; *dói*, mas *boi*.

⇗ **Observação 3**. Porque em português nunca se usa acento sobre nenhuma outra notação léxica, não se acentuam as monossilábicas terminadas em *ã*(*s*), *ão*(*s*) e *ãe*(*s*), *õe*(*s*): por exemplo, *cã*, *mão*, *pães*, *pões*.

12.5.2. Acentuam-se as palavras oxítonas terminadas:

- em *a*(*s*) – *cajá*, *rajá*, *amarás*, *atrás*, etc.;
- em *e*(*s*) – *até*, *jacaré*, *francês*, *revê-lo*, etc.;
- em *o*(*s*) – *cipó*, *após*, *avô*, *pôs*, etc.;
- em *em* – *alguém*, *retém*, *também*, etc.;
- em *ens* – *deténs*, *parabéns*, *vinténs*, etc.;
- em *eis* (*aberto*) – *papéis*, *pincéis*, *tonéis*, etc.;
- em *eu*(*s*) (*aberto*) – *sobrecéu*, *incréu*, *chapéus*, etc.;
- em *oi*(*s*) (*aberto*) – *destrói*, *remói*, *rouxinóis*, etc.

---

[51] Quanto à acentuação gráfica, damos ordenação e explicação *muito distintas* das encontradas no texto do Acordo.

⇗ **Observação 1**. Se se acentuam as oxítonas terminadas em ditongo *eis* ABERTO, não assim, porém, as terminadas em ditongo *ei* FECHADO: *papéis*, mas *rezei*.

⇗ **Observação 2**. Veja-se que as formas verbais oxítonas que perdem o *r*, o *s* ou o *z* finais pela presença ligada de pronome átono incluem-se nas regras de acentuação como qualquer outra palavra: *recitá-lo-á*, *perdê-lo*, *repô-lo*, etc.

⇗ **Observação 3**. Porque em português nunca se usa acento sobre nenhuma outra notação léxica, não se acentuam as oxítonas terminadas em *ã*(*s*), *ão*(*s*), *ães* e *õe*(*s*): por exemplo, *irmã*, *cação*, *Magalhães*, *portões*.

12.5.3. Acentuam-se as PALAVRAS PAROXÍTONAS **NÃO** terminadas em *a*(*s*), em *e*(*s*), em *o*(*s*), em *em*(*ns*), em *am*:

- ✓ *júri*, *lápis*, *bônus*, *álbum*, *amável*, *útil*, *aljôfar*, *cadáver*, *éter*, *abdômen*, *elétron*, *Éden* (mas *ed*ENS) etc.;
- ✓ *bênção*, *sótãos*, *ímã*; *pênseis*, *renegásseis*; *vácuo*, *imundície*, *ignorância*; etc.

⇗ **Observação 1**. Note-se, pela segunda sequência de exemplos, que se incluem nesta regra as paroxítonas terminadas em *vogal nasal com til*, em *ditongo nasal com til* e em *ditongo oral*.

⇗ **Observação 2**. O novo Acordo eliminou o acento dos ditongos abertos *ei* e *oi* quando se encontram na sílaba tônica de palavras paroxítonas: *ideia* (e já não "idéia"), *heroico* (e já não "heróico"). Mas a vogal tônica destes ditongos se acentuará, sim, se a palavra se enquadrar na regra geral da acentuação das paroxítonas. Assim, *Méier* e *destróier* acentuam-se não por terem na sílaba tônica um destes dois ditongos abertos, mas porque NÃO terminam em *a*(*s*), *e*(*s*), *o*(*s*), etc., segundo o dito acima.

12.5.4. A regra da acentuação dos HIATOS, por seu lado, é demasiado complexa. Vejamo-la por partes.

12.5.4.a. Acentua-se a *segunda vogal do hiato* quando for *i* ou *u* tônicos, seguidos ou não de *s* na mesma sílaba: *sa-í*, *dis-tri-bu-í-lo*; *ra-í-zes*, *pa-ís*; *re-ú-so*, *sa-ú-de*, *ba-la-ús-tre*; etc. (mas não *ra-iz*, *Ra-ul*, etc.);

12.5.4.b. desde que não haja *nh* na sílaba subsequente: *mo-i-nho*, *ra-i-nha*, *ta-i-nha*, etc.;

12.5.4.c. nem *ditongo decrescente* na sílaba antecedente, se a palavra for *paroxítona*: *bo-cai-u-va*, *fei-u-ra*, etc. (mas *Pi-au-í*, *tui-ui-ú*, etc.).

⇗ **Observação**. O novo Acordo eliminou o acento dos hiatos *o-o* e *e-e*(*m*) em que são tônicos, respectivamente, o primeiro *o* e o primeiro *e*: *vo-o*, *en-jo-o*, *ma-go-o*; *cre-em*, *de-em*, *le-em*, *ve-em*; etc. (e já não "vôo", "dêem", etc.).

> ➢ Como já dissemos, devemos seguir estritamente o Acordo Ortográfico. Não podemos, todavia, deixar de manifestar nosso desgosto por complexidades desnecessárias como esta, a da regra de acentuação dos hiatos. E, conquanto saibamos das óbvias diferenças entre a língua portuguesa e a espanhola, pomos contudo por termo de comparação a regra de acentuação dos hiatos neste idioma, tão afim ao nosso: "Acentuam-se o *i* e o *u* tônicos de qualquer hiato".

12.5.5. Caso especial constitui a acentuação de verbos como AGUAR, AVERIGUAR, ENXAGUAR, APAZIGUAR; DELINQUIR; etc. Seguem eles dois paradigmas:

12.5.5.a. com *u* tônico em formas rizotônicas[52] sem acento gráfico: *averiguo, averiguas, averigue*; *delinquo, delinques*; etc. – este paradigma é o da norma lusitana;

12.5.5.b. com o *a* e o *i* do radical tônicos e acentuados graficamente: *averíguo, averígue*; *enxáguo, enxáguas*; *delínques, delínque*; etc. – este é o que se emprega majoritariamente no Brasil.

⇨ **OBSERVAÇÃO.** Importante: nos verbos em *-inguir* (*distinguir, extinguir*, etc.), nunca se pronuncia este *u*.

12.5.6. OS ACENTOS DIFERENCIAIS.

12.5.6.a. Nossos atuais ACENTOS DIFERENCIAIS OBRIGATÓRIOS servem para distinguir:

- as seguintes palavras tônicas de suas homógrafas átonas:
  - ✓ *pôr* (verbo) de *por* (preposição);
  - ✓ *quê* (substantivo, ou em fim de frase, etc.) de *que* (pronome, conjunção, etc.);[53]
  - ✓ *porquê* (substantivo) de *porque* (conjunção);
- este par de formas verbais de timbre diverso:
  - ✓ *pôde* (pretérito perfeito) de *pode* (presente do indicativo);
- as seguintes terceiras pessoas verbais:
  - ✓ *têm* (plural) de *tem* (singular);
  - ✓ *atêm, contêm, detêm, retêm* e semelhantes (plural) de *atém, contém, detém, retém* e semelhantes (singular);

---

[52] Para *formas rizotônicas* ou *arrizotônicas*, *vide* a Quinta Parte.

[53] *Vide* a primeira **Observação** abaixo.

✓ *vêm* (verbo *vir*, plural) de *vem* (verbo *vir*, singular);

✓ *devêm, revêm, sobrevêm* e semelhantes (plural) de *devém, revém, sobrevém* e semelhantes (singular).

⇗ **OBSERVAÇÃO.** A regra da acentuação do *que* é das mais intricadas ou obscuras. Tentemos dar-lhe alguma clareza.

→ Acentua-se o *que* sempre que seja substantivo: *Este é o quê da questão.* – Esta parte da regra procede e não constitui escolho.

→ Acentua-se ainda o *que* sempre que esteja:

- EM FIM DE FRASE:
  - ✓ *Gosta sabe-se lá de quê;*
  - ✓ *Por quê?;*
  - ✓ *Quê!;*
  - ✓ etc.;
- EM FIM DE ORAÇÃO:
  - ✓ *Sua atitude resulta não se sabe de quê: se de prudência ou de covardia;*
  - ✓ etc.;
- ANTES DE VOCATIVO A QUE SE SIGA O FIM DA FRASE OU O DA ORAÇÃO:
  - ✓ *Sabemos por quê, Maria;*
  - ✓ *Sabemos por quê, Maria: porque o move a prudência;*
  - ✓ etc.

→ Mas já não se acentuará se não se seguir ao vocativo o fim da frase ou o da oração:

✓ *Não sabemos por que, José, ela não aceitou a incumbência;*

✓ etc.

12.5.6.b. Assinalam-se **FACULTATIVAMENTE** com acento diferencial as seguintes palavras:

- *fôrma*, para que se distinga de *forma* (substantivo, ou presente do indicativo, ou ainda imperativo);
- *louvámos, amámos*, etc. (pretérito perfeito), para que se distingam de *louvamos, amamos*, etc. (presente do indicativo);
- *dêmos* (presente do subjuntivo), para que se distinga de *demos* (pretérito perfeito).[54]

---

[54] Parecem-nos de grande utilidade estes três acentos diferenciais, razão por que consideramos improcedente o argumento de que os dois últimos não se devem usar senão em Portugal. Nós mesmo usamo-los sempre.

- Pelo novo Acordo Ortográfico, já não se assinalam com acento diferencial as seguintes palavras ou partes de palavra: *coa* (verbo); *para* (verbo ou parte de substantivo); *pela* (verbo); *pera* (substantivo ou parte de substantivo); *pelo* (substantivo ou verbo); *polo* (dois substantivos).

QUARTA
PARTE

MORFOLOGIA, OU TRATADO DA FORMA DAS PALAVRAS (NA LÍNGUA PORTUGUESA)

I

O QUE É MORFOLOGIA EM GRAMÁTICA

1.1. Em Gramática (como dito já pelo título mesmo desta Quarta Parte), MORFOLOGIA É O ESTUDO OU TRATADO DA FORMA DAS PALAVRAS. As palavras, todavia, têm partes e figura, e também cabe à Morfologia estudá-las – mas segundo se ordenem por sua forma. Explique-se.

1.1.1. A SIGNIFICAÇÃO OU SIGNIFICADO é como a *forma* da palavra, assim como o é a alma para qualquer vivente: com efeito, tire-se a significação de uma palavra, e ela, de certo modo, tornar-se-á tão cadáver como o corpo de um animal já sem alma.

1.1.2. Se assim é, os elementos (os fonemas) e as demais partes de que se compõem as palavras (sílabas, radical, prefixo, sufixo, etc.) estão para elas assim como a parte está para o todo, ou como a matéria para a forma.

1.1.3. Mas estas partes materiais se reúnem no corpo da palavra, ou seja, em sua figura; e, com efeito, o corpo das palavras é para elas o que é o corpo para qualquer animal: o conjunto de suas partes constitutivas ordenadas segundo a alma e para a própria alma. Tome-se uma palavra de outra língua: o vocábulo espanhol *boato*, por exemplo. Logo vemos, pelo contexto em que se usa, que não pode tratar-se do mesmo que o português *boato*: é, com respeito a este, um heterossemântico (e vice-versa). O que temos então diante de nós é um corpo linguístico, sim, com figura de palavra; como porém não sabemos o que significa, mostra-se-nos como algo morto, sem vida. Apenas lhe sabemos, todavia, a significação – 'pompa, magnificência' –, é como se prontamente adquirisse vida. E de fato é a significação o que lhe insufla "vida", justamente por ser sua forma. Por ser sua "alma".[1]

1.1.4. Há que saber, no entanto, como significam as palavras. Vimos já que significam nossas concepções mentais. Mas conceber algo é enquadrá-lo já, por isso mesmo, em uma das dez categorias do ente, porque não há nada que se possa conceber e definir que não se inclua nelas. Por isso toda e qualquer palavra significa por si[2] alguma concepção e, ao mesmo tempo, expressa de *algum modo* a categoria do ente que tal conceito traz suposta.[3]

---

[1] Naturalmente, também pode chamar-se forma à figura ou configuração externa, desde que se saiba, todavia, que a figura ou configuração é resultado da informação da matéria pela forma mais propriamente dita. Não obstante, preferimos o mais das vezes não fazê-lo, em prol da clareza – Note-se, ademais, que o dito até aqui se disse analogicamente, porque, com efeito, no animal e no vegetal a forma substancial ou alma se encontra de modo essencial, enquanto o significado não só está como forma já para formas acidentais ou artificiais da voz – as palavras –, mas se encontra antes na mente dos que as criam e/ou falam, razão por que, aliás, as palavras podem mudar de significado no tempo.

1.1.5. Se, pois, como dito, a disposição das partes e a figura das palavras se dão segundo sua significação, então não são gratuitas. Assim, por exemplo, *em português* as partes componentes de uma forma verbal hão de combinar-se numa figura final tal, que sirva tanto para significar determinada ação como para expressar a mesma categoria *ação* (além, naturalmente, de cossignificar tanto o tempo pelo qual esta se mede como a pessoa que a realiza).[4] Desse modo, se as palavras não são signos naturais, como o é um gemido de dor ou a palidez de uma face, e se impõem convencionalmente, isso não quer dizer que sejam "*anti*naturais", razão por que quem forma as palavras não as forma de qualquer maneira, mas de alguma maneira que sirva à significação para as quais são formadas – assim como um fazedor de bigornas não as faz de qualquer modo, mas em ordem ao fim para o qual são feitas. E, com efeito, nenhuma bigorna pode deixar de ser um bloco de metal duro (geralmente ferro revestido de aço), de corpo central apoiado sobre um cepo e em forma de paralelepípedo com extremidades que se afilam em cone ou em pirâmide, sem deixar por isso mesmo de servir para que se malhem sobre ela diferentes metais, a quente ou a frio, a fim de que se moldem. Pois tampouco pode um verbo, *em português*, servir para significar determinada ação e para expressar a categoria *ação* se não se formar de determinada maneira e não tiver determinada figura.

1.1.6. Acabamos todavia de dizer "em português", porque com efeito línguas há em que os verbos, destituídos completamente de flexões, não são capazes de indicar, por exemplo, o tempo e o modo da ação. Mas os indicam essas línguas de algum outro modo, mediante, por exemplo, certos advérbios. Diga-se disto, portanto, algo análogo ao dito da diversidade de palavras nas várias línguas para significar um mesmo conceito: assim como qualquer ente é dotado de multiplicidade de aspectos e, pois, cada uma de tais palavras pode, em seu mesmo desenho, expressar *um* deles, assim também as diversas línguas podem expressar as dez categorias do ente de maneira diversa, pela figura mesma das palavras e/ou pela ordenação de suas relações sintáticas.

---

[2] Mas esta afirmação há de matizar-se com respeito às palavras ditas *conectivas*, como veremos na Quinta Parte.

[3] Dizemos "de algum modo" não só porque as diversas línguas expressam a mesma realidade mas, não raro, de ângulos diversos, como porque as línguas, ainda as mais cultivadas, não podem ter a precisão da Filosofia. Porque esta, porém, não é propriamente uma ruptura com o modo comum de pensar, mas é este mesmo modo de pensar sobre-elevado a ciência, erigido em ciência, tudo quanto ela descobre ou ordena há de estar em germe no modo comum de pensar, e as palavras hão de refleti-lo. Este germe, todavia, estará mais ou menos desenvolvido segundo a cultura de quem pensa, e as palavras ainda hão de refleti-lo. Se assim é, as palavras de determinada língua expressam com mais ou menos precisão as dez categorias do ente, descoberta de Aristóteles, segundo essa língua e seus usuários sejam mais ou menos cultivados.

[4] Para darmos certa leveza ao texto, doravante nem sempre insistiremos em que as palavras são signos de concepções mentais, que, por sua vez, são certa semelhança da essência das coisas. Esteja porém suposto, sempre que dissermos que dada palavra significa, designa ou expressa determinada coisa, que ela não o faz imediatamente, senão que é signo da semelhança mental desta.

1.2. Não é assim, porém, que os gramáticos nem os linguistas costumam entender a Morfologia. Todos, sim, se fundam no étimo da palavra (*morf[o]-* < gr. *morphḗ, ês* ['forma'] + *-logia* < gr. *-logía* ['tratado']) para repetir que a Morfologia é o *tratado da* FORMA *das palavras*. O problema, todavia, está em como entendem *forma*. Com efeito, repare-se antes de tudo em que parte dos conceitos usados há cerca de dois séculos em Morfologia gramatical advém da Morfologia botânica: raiz, radical, etc. Mas a Morfologia gramatical tem sido grandemente caudatária da Morfologia botânica não só quanto aos termos com que nomeia os conceitos, mas também quanto a suas imprecisões. Pois, assim como a Morfologia botânica se tem definido a si mesma como estudo da configuração e das partes dos vegetais, assim também a Morfologia gramatical se tem definido a si mesma como estudo da constituição das palavras e dos processos pelos quais se formam a partir de suas partes componentes. No máximo, assim como a Morfologia botânica classifica, taxinomicamente, os vegetais pela configuração externa e por suas partes, assim também a Morfologia ordena as palavras em classes e as estuda segundo os paradigmas de suas partes componentes. Mas tudo isso, em ambas as morfologias, supõe entender que a *configuração externa* ou *figura* é que é propriamente a "forma" tanto dos vegetais como das palavras, quando, em verdade e como visto, não é senão resultado da organização das partes segundo a forma propriamente dita. Daí o caráter não propriamente científico desses tratados. Com efeito, considerar no tratado dos vegetais ou no tratado das palavras que a configuração externa ou figura é a forma propriamente dita é como reduzir-se ao estudo de seu cadáver. É antes uma "necrologia".[5]

1.3. Desse modo, a Morfologia gramatical não pode ser *propriamente* tal se não estudar as palavras, suas partes e sua figura pelo ângulo da significação dos conceitos em geral e pelo da expressão das categorias do ente. Naturalmente, em toda e qualquer ciência deve começar-se, sim, pelo mais material, pelas partes e pela configuração – desde que, todavia, se saiba de que e em ordem a que são partes e configuração. Por isso, antes de estudarmos a formação das palavras em português, havemos de antecipar precisamente para que se formam, ou seja, antecipar quais são as classes gramaticais e que categorias do ente expressam.

---

[5] Por razões que não podemos tratar aqui, muitas vezes não é possível distinguir as espécies vegetais e outras senão por sua configuração externa e por suas partes; mas deve manter-se sempre que sua forma mais propriamente dita – a substancial – é sua *alma*.

Observação 1. Enquanto estuda as partes e a figura das palavras, ou seja, seu processo de formação, a Morfologia tem uma área de interseção com a Etimologia. Com efeito, a formação de algo é afim à sua origem. Por isso, se abreviarmos Etimologia em **E** e Morfologia em **M**, teremos: **E ∩ M**.[6] Enquanto porém estuda a *forma* mesma das palavras, sobretudo pelo ângulo da expressão das categorias do ente, a Morfologia tem uma área de interseção com a Semântica.[7] Com efeito, a expressão das categorias do ente sempre suporá a significação dos conceitos dos entes mesmos.[8] Por isso, se abreviarmos Morfologia em **M** e Semântica em **S**, teremos: **M ∩ S**. Temos, assim, **E ∩ M ∩ S**, razão por que, naturalmente, o tratado da Morfologia deve combinar-se com o tratado da Etimologia e com o da Semântica.

Observação 2. Igualmente, porém, ainda que por outro ângulo, a Morfologia tem uma área de interseção com a Sintaxe. Em verdade, elas superpõem-se, recobrem-se grandemente. Assim, algumas das mesmas classes gramaticais só o são, de certo modo, sintaticamente.[9] Com efeito, o ADJETIVO não seria tal se não se atribuísse a um nome ou substantivo, razão por que, se se diz *adjetivo* enquanto designa determinados acidentes do significado pelo nome, se diz *ADjunto ADnominal* precisamente enquanto se atribui a um nome. Do mesmo modo, o VERBO não o seria se não se atribuísse a um substantivo, razão por que, se se diz *verbo* enquanto nomeia com tempo as ações, se diz *predicado* ou *núcleo do predi-*

---

[6] Mais porém que tratado ou capítulo da Gramática, a Etimologia pode vir a ser, *de certo modo*, parte subjetiva ou anexa da Gramática, como a Lexografia, a Gramática Comparativa, etc. E, com efeito, nesta *Suma* nos valemos grandemente do trabalho de etimologistas como Antônio Geraldo da Cunha (cf. nota 15 da Primeira Parte *supra*).

[7] A Semântica, por seu lado, nunca deixará de ser simples capítulo ou tratado da Gramática. Mas vale-se grandemente da Lexicografia.

[8] Razão por que compete propriamente à Semântica o estudo da sinonímia, da antonímia, etc.

[9] Veja-se que *sintaxe* vem do grego *sýntaksis, eōs*, 'arranjo, disposição, organização, composição, etc.; construção gramatical', do verbo *syntássō*, 'dispor num todo, ordenar', pelo latino *syntaxis, is*, 'ordem, disposição das palavras, construção gramatical, sintaxe'.

cado precisamente enquanto se atribui a um substantivo ou *sujeito*. E diga-se algo semelhante do ADVÉRBIO: diz-se *advérbio* enquanto significa alguma modalidade do verbo, do adjetivo, de outro advérbio, e diz-se *adjunto adverbial* enquanto se atribui a uma destas classes. É parte da definição das classes gramaticais: só são morfologicamente tais porque assim se exercem sintaticamente. Ademais, todavia, o SUBSTANTIVO pode exercer diversas funções tanto na oração sem verbo (como núcleo de um adjunto adnominal ou de um adjunto adverbial) como na com verbo: a de todo própria (a de *sujeito*); a que compartilha com o adjetivo e até com o advérbio (a de *predicativo*); e muitas que são partes do sujeito ou do predicado, não raro "só" como núcleo.[10]

> - Mostre-se desde já por que se diz que ser *sujeito* é a função própria do substantivo na oração com verbo. Ora, o *sub*stantivo é a classe que expressa a categoria da *sub*stância; se a *sub*stância é o que é *su*jeito dos acidentes, e se não se pode atribuir nada numa oração com verbo senão ao que é *su*jeito, então isso quer dizer que o *sub*stantivo (ou, como já se antecipará neste mesmo quadro, qualquer palavra *sub*stantivada ou com caráter de *sub*stantivo) é a única classe gramatical que pode exercer a função de *su*jeito.
> - O próprio étimo destas três palavras acusa seu íntimo parentesco. Com efeito, *substância* vem do latino *substantĭa, ae*, que por sua vez deriva de *substāre*, 'estar *sob*, *sub*sistir'; *sujeito* procede do latino *subjectus, a, um*, 'posto, colocado, situado *sob*', particípio de *subjicio, is, ēci, ectum, subjicĕre*, 'lançar ou pôr *sob*'; e *substantivo* provém do também latino *substantīvus, a, um*, 'substancial', que por seu turno, enfim, deriva ainda de *substantĭa, ae*.
> - Como veremos em seu momento, o que pode exercer a função de *sujeito* é o *substantivo* e qualquer palavra ou qualquer oração *substantivadas*, além do *infinitivo*, forma nominal do verbo de caráter precisamente *substantivo*.

OBSERVAÇÃO 3. Como se verá mais abaixo, e ao contrário do que dizem a Linguística e ao menos a quase totalidade dos gramáticos dos últimos tempos,

---

[10] A tudo isso voltar-se-á na Sexta Parte.

A PALAVRA É QUE É A UNIDADE SIGNIFICATIVA MÍNIMA DA LINGUAGEM. Pois bem, enquanto estuda a palavra como unidade significativa mínima da *linguagem*, a Morfologia em verdade não faz senão repetir as conclusões da Lógica. Enquanto, todavia, estuda a palavra como unidade significativa mínima da *língua*, a Morfologia está em terreno próprio – ainda que sempre de algum modo subalternado ao da Lógica.

II

AS CLASSES GRAMATICAIS[11]

2.1. Repita-se: a linguagem reflete de algum modo em suas construções a própria constituição da realidade. É o que se dá com as diversas classes de palavras, as quais expressam *de alguma maneira* as DEZ CATEGORIAS OU GÊNEROS MÁXIMOS DO ENTE,[12] a saber: a *substância* e seus nove acidentes: *quantidade*, *qualidade*, *relação*, *lugar* (ou *onde*), *tempo* (ou *quando*), *situação* (ou *posição*), *hábito* (ou *posse*, etc.), *ação* e *paixão* (ou *ser paciente de uma ação*). Com efeito, olhe-se para qualquer homem, que é uma *substância* assim como o é qualquer laranjeira ou qualquer cisne, e constatar-se-á, por exemplo, que tem determinada altura e determinado peso (*quantidade*); que é branco ou negro (*qualidade*); que é pai ou filho de alguém (*relação*); que está numa fazenda ou numa cidade (*lugar* ou *onde*); que vive em tal ou qual década de dado século (*tempo* ou *quando*); que está de pé ou sentado (*situação*); que está calçado ou se cobre com um sobretudo (*hábito*); que caminha ou toca um violino (*ação*); e que é molhado pela chuva ou queimado pelo sol (*paixão*).

Não é difícil concluir que a classe do SUBSTANTIVO exprime as *substâncias* ou os *acidentes tratados como substância*; que o ADJETIVO corresponde à *qualidade* – e à *relação*, à *situação*, à *posse*, etc., atribuídas ao modo da qualidade; que o VERBO expressa, propriamente, a *ação* e a *paixão*, mas também a *posse* entendida como ação de possuir, etc.; e que o ADVÉRBIO se ocupa do *tempo* e do *lugar* (além, naturalmente, de aplicar-se à indicação do modo, etc.).

2.2. Segundo o que se acaba de dizer, são as seguintes as CLASSES GRAMATICAIS:

---

[11] Como antecipado, este é apenas um tratamento prévio das classes gramaticais, necessário para o estudo – subsequente – da formação das palavras.

[12] São, repita-se, as DEZ CATEGORIAS descobertas por Aristóteles.

2.2.1. A dos **SUBSTANTIVOS**. Valemo-nos do SUBSTANTIVO ou NOME para significar substâncias ou coisas entendidas, de algum modo, como substâncias. Assim, quando dizemos *rio, cão, homem, alma*, etc., significamos verdadeiras substâncias, ou seja, entes completos que existem ou subsistem por si (ou que ao menos assim são pensados); e, quando dizemos *negrura, alegria, saudade, suavidade, decisão*, etc., significamos acidentes, ou seja, entes que não existem por si mas somente nas substâncias – os quais, porém, são aqui pensados separadamente, como se se tratasse de efetivas substâncias. Pois bem, os substantivos ou nomes com que significamos *verdadeiras substâncias* são os CONCRETOS, enquanto aqueles com que significamos *acidentes entendidos ao modo de substâncias* são os ABSTRATOS.

2.2.1.a. Os SUBSTANTIVOS CONCRETOS podem ser **COMUNS**, se nomeiam uma espécie de substâncias ou uma substância de qualquer espécie por algum aspecto essencial (*mar, vegetal, árvore, animal, urso*, etc.) ou ainda por algum aspecto acidental (*professor, aluno, tio, sobrinho*, etc.);[13] ou **PRÓPRIOS**, se só podem dizer-se de *uma* e *determinada* coisa: *Alagoas, Pedro, Medievo*, etc.

2.2.1.b Os SUBSTANTIVOS ABSTRATOS, por sua vez, dividem-se em várias espécies: de sentimento, de ação, etc.

⇗ **OBSERVAÇÃO.** Para indicar o GÊNERO, o NÚMERO e o GRAU dos substantivos, usam-se ao final destes certas FLEXÕES: *menina, livros, casinha*, etc.[14]

2.2.2. Os **ADJETIVOS** (que também se dizem *nomes*) são as palavras que *determinam ou modificam os substantivos.* E fazem-no porque significam acidentes ou aspectos acidentais das substâncias exatamente enquanto *acidentes* – ou que ao menos são considerados tais.[15] Subdividem-se duplamente:

2.2.2.a. se significam algo que modifique *intrinsecamente* a substância, ou seja, uma *qualidade*, chamam-se **QUALIFICATIVOS**: *obra profunda, mar azul, gato gordo, longa estrada, comportamento filial, pessoa sentada*, etc.;[16]

2.2.2.b. se significam algo que modifique *extrinsecamente* a substância, ou seja, como *certa medida*, chamam-se **DETERMINATIVOS**. Tal medida pode dar-se em razão de diversas coisas: da *posse*, e teremos os adjetivos **possessivos** (*nossa criança*); do *lugar* ou do *tempo*, e teremos os adjetivos **demonstrativos** (*essa criança*); da *quantidade indeterminada*, e teremos os adjetivos **indefinidores** ou **indeterminadores** (*algumas crianças*, *muitas crianças*); e do *número*, e teremos os adjetivos **numerais**, que indicam quantidade PRECISA (*quatro crianças*).

---

[13] Com efeito, não se é *professor* senão com relação a um *aluno*, e vice-versa, nem se é *tio* senão com relação a um *sobrinho*, e vice-versa.

[14] Como se verá, todavia, em português o *absolutamente* indicativo do gênero dos substantivos são os ARTIGOS.

[15] Ou seja, trata-se do contrário do que temos com os substantivos abstratos, que significam conceitos de acidentes ao modo de substâncias.

[16] Como se vê, trata-se ou de qualidade propriamente dita, ou de qualquer outro acidente que possa considerar-se como modificação intrínseca – a quantidade contínua, a relação, a posição.

OBSERVAÇÃO 1. Os adjetivos determinativos também são propriamente chamados *pronomes adjetivos*, como se verá abaixo.

OBSERVAÇÃO 2. O adjetivo ou se atribui diretamente ao substantivo, pondo-se-lhe adjunto (antes ou depois dele), ou se lhe atribui ao modo predicativo, função sintática também exercida não só por outro substantivo, mas ainda por algum advérbio: *Este rio é caudaloso* (adjetivo); *Sócrates é homem* (substantivo); *A vida é assim* (advérbio). Estudá-lo-emos no devido momento.

OBSERVAÇÃO 3. Para indicar o GÊNERO, o NÚMERO e o GRAU dos adjetivos, usam-se ao final destes as mesmas FLEXÕES que se usam, para o mesmo fim, ao final dos substantivos: *bela*, *altos*, *pequenininho*, etc., além de alguns que lhe são próprios: *cultíssimo*, etc.

§ Os **PRONOMES** não podem dizer-se classe senão por certo ângulo ou aspecto, ou seja, porque compõem paradigmas; mas reduzem-se a *substantivos* ou a *adjetivos*. Como indica seu mesmo nome,[17] com efeito, podem comutar-se por algum substantivo ou por algum adjetivo, ou, ainda, por algum grupo substantivo ou por algum grupo adjetivo, por alguma oração substantiva ou por alguma oração adjetiva.[18]

a. Os **PRONOMES SUBSTANTIVOS** subdividem-se, por sua vez, em:

- PESSOAIS (*eu*, *tu*, *ele*, *me te*, *se*, *lhe*, etc.);
- DEMONSTRATIVOS (*isto*, *isso*, *aquilo*);
- INDEFINIDOS (*algo*, *alguém*, etc.).

b. Os **PRONOMES ADJETIVOS** (que, insista-se, são adjetivos determinativos) subdividem-se como exposto mais acima.

---

[17] Do lat. *pronomen*, *ĭnis*, de *pro-*, "em lugar de", + *nomen*, "nome", modelado por sua vez sobre o gr. *anthṓnymos*, de *antí*, "em lugar de", + *ónoma*, *atos*, "nome".

[18] Chamamos GRUPO SUBSTANTIVO ao conjunto de duas ou mais palavras, excluídos os verbos, que tenha caráter substantivo mas não constitua locução: por exemplo, *a minha pessoa* (que pode comutar-se pelo pronome pessoal *seu*). E chamamos GRUPO ADJETIVO ao conjunto de duas ou mais palavras, excluídos os verbos, que tenha caráter adjetivo mas não constitua locução: por exemplo, *a estátua de Maria* (que pode comutar-se pelo pronome possessivo *sua*). – Eis, ademais, um exemplo de oração substantiva: *Disse que viajaria* (que pode comutar-se pelo pronome *isso* ou pelo pronome *o*); e um exemplo de oração adjetiva: *O livro que é de João* (que pode substituir-se pelo pronome adjetivo *seu*).

➢ Quando usados em referência a substantivo apenas elíptico e não em lugar dele, os pronomes não podem dizer-se propriamente pronomes substantivos; seguem sendo propriamente pronomes adjetivos. Vejam-se exemplos: *Meu filho já entrou para a escola – e o teu* (*filho*)?; *Consideremos este assunto, não aquele* (*assunto*); *Ontem vieram alguns representantes, hoje não virá nenhum* (*representante*), etc.

c. Os **PRONOMES IMPROPRIAMENTE DITOS**, ou seja:

→ os RELATIVOS (*que*, *quem*; *quanto*, *quanta*, *quantos*, *quantas*; *cujo*, *cuja*, *cujos*, *cujas*; além das locuções *o qual*, *a qual*, *os quais*, *as quais*), os quais só podem dizer-se pronomes *de certo modo*, por representarem o antecedente para servirem de elo subordinante da oração que iniciam, razão por que são cumulativamente conectivos;

→ e o "pronome apassivador" *se*, que só pode dizer-se pronome *muito de certo modo*: ou seja, porque indica uma significação passiva para uma figura ativa (*Alugaram-se as casas*) em lugar da própria figura passiva (*As casas foram alugadas*).

⇗ **OBSERVAÇÃO 1.** O "pronome indeterminador" *se*, por sua vez, merecerá tratamento à parte (não só ao estudarmos os pronomes, mas ainda ao estudarmos as vozes verbais).

⇗ **OBSERVAÇÃO 2.** Os por vezes chamados "advérbios relativos" (*onde* e *aonde*) compartilham, com efeito, caracteres com os pronomes relativos, como veremos no devido momento.

§§ Os **ARTIGOS** reduzem-se, por sua vez, a adjetivos determinativos ou pronomes adjetivos. Às vezes não é senão por eles que sabemos o GÊNERO e o NÚMERO de alguns substantivos: *o amálgama*, *uns leva e traz*, etc. Neste caso, sua função é de mera ordenação paradigmática. Mas também são DEFINIDORES, por indicar que o substantivo se refere a algo preciso que se supõe conhecido: *o*(*s*) e *a*(*s*); ou INDEFINIDORES, por indicar que o substantivo designa algo vago, impreciso ou ainda desconhecido: *um*(*ns*), *uma*(*s*).[19]

---

[19] Somos forçados, aqui também, a discrepar da terminologia tradicional: os ARTIGOS não podem ser "definidos" ou "indefinidos", porque o que fazem, como adjetivos determinativos que de fato são, é justamente *definir* ou *determinar* e *indefinir* ou *indeterminar* os substantivos – donde a nossa maneira de chamá-los.

§§§ Os **NUMERAIS**, como os pronomes, compõem paradigmas, mas, diferentemente dos paradigmas pronominais, temos aqui *paradigmas potencialmente infinitos*; e, como os pronomes, são ou adjetivos (determinativos) ou substantivos.

a. Os **NUMERAIS ADJETIVOS** subdividem-se:

- em CARDINAIS: *três cães, cento e cinco livros*, etc.;
- em ORDINAIS: *a segunda porta, o centésimo colocado*, etc.;
- em FRACIONÁRIOS: *Compre meio quilo de carne*, etc.

b. Os **NUMERAIS SUBSTANTIVOS**, por sua vez, subdividem-se:

- em MULTIPLICATIVOS: *Ganhamos o dobro do que esperávamos*, etc.;
- em FRACIONÁRIOS: *Três quartos do romance são bons*, etc.

⇖ **Observação 1.** “Três quartos” também pode entender-se como locução numeral.

⇖ **Observação 2.** Naturalmente, o nome dos algarismos é substantivo: *o três*, *o trinta e quatro*, etc.

2.2.3. Os **VERBOS** constituem a classe mais complexa, e por diversas razões.

2.2.3.a. Antes de tudo, como os adjetivos, atribuem-se a substantivos. Diferentemente dos adjetivos, todavia, atribuem-se a substantivos enquanto estes exercem a função sintática de sujeito e enquanto eles mesmos, os verbos, são o predicado (ou núcleo do predicado) que se atribui ao sujeito.[20]

2.2.3.b. Depois, mediante o verbo não só se atribui a um substantivo (pessoa ou coisa) antes de tudo ação ou paixão,[21] mas ainda se SIGNIFICA COM TEMPO, ao passo que o substantivo ou nome significa *sem tempo*. O que quer dizer *significar com tempo* pode entender-se facilmente pela diferença entre um nome de ação – (*a*) *luta*, por exemplo – e um verbo conjugado – *lutam*, por exemplo. Ambos significam *ação*, mas só a forma verbal o faz *significando com tempo*. E, porque o verbo, ainda quando não indica estrita ação ou estrita paixão, o faz como se se tratasse de ação, e porque a ação é medida pelo tempo, nada mais consequente, portanto, que o verbo sempre signifique com tempo: é o que se dá, de certa maneira, até com os mesmos verbos de cópula ou ligação.[22]

---

[20] Naturalmente, *oração*, *sujeito* e *predicado* estudar-se-ão na Sexta Parte.

[21] Como aliás se verá, é elástica a noção de ação implicada no verbo. Assim, por exemplo, a *posse* pode ser significada pelo verbo ao modo de ação (*Têm uma vasta biblioteca*). Mais ainda, porém: a própria *paixão* pode, em alguns poucos casos, ser expressa ao modo de *ação*: é o que se dá, por exemplo, em *O enfermo padece muitas dores*, em que se tem o verbo em figura de *voz ativa* conquanto pelo significado do mesmo verbo o sujeito seja *paciente*. Por outro lado, a própria *ação* pode ser expressa ao modo de *paixão*: *É chegado o rei*, em que se tem o verbo em figura de *voz passiva* conquanto pelo significado do mesmo verbo o sujeito seja *agente*. Estamos em fronteira de tensão extrema entre forma e figura, como explicaremos ao tratar as vozes verbais.

2.2.3.c. Ademais, enquanto, como visto, o substantivo e o adjetivo têm três tipos de ACIDENTES (gênero, número e grau), o verbo tem quatro: *modo* e *tempo*, *número* e *pessoa*. Estes dois pares, todavia, são muito distintos entre si (por razões que se estudarão ainda neste capítulo).

2.2.3.d. Por outro lado, já é complexo por si o próprio quadro dos MODOS do verbo. O modo INDICATIVO expressa antes a *realidade* da ação verbal (embora, como veremos, ação perfeitamente atual e pois perfeitamente real só a dê o presente do indicativo); o modo SUBJUNTIVO empresta à ação caráter não de realidade, mas antes de *possibilidade*, de *potencial*, de *desejo*, de *condição*, etc.; e o modo IMPERATIVO expressa *o ser devido*. O que há pelo menos um século nossas gramáticas vêm chamando FUTURO DO PRETÉRITO (*dormiria*, *dormirias*, *dormiria*, etc.) faz parte de fato do modo indicativo enquanto significa ação ou paixão levadas a efeito em tempo posterior a dado pretérito (*Chegou à cidade de noite e ainda daria aula*); mas, quando empresta à ação caráter de possibilidade condicionada (*Ele o faria, se pudesse*), então "poderia" considerar-se modo à parte.

2.2.3.e. Conta o verbo português, além disso, com modos chamados *nominais*: o INFINITIVO, de caráter antes substantivo; o GERÚNDIO, de caráter ora adverbial ora adjetivo; e o PARTICÍPIO, sempre de caráter adjetivo. Nenhum destes modos conta com desinências modo-temporais; e, se o gerúndio e o particípio tampouco contam com desinências número-pessoais, não assim o infinitivo em português (e em galego), onde se pessoaliza. – Estudar-se-ão, no devido lugar, três problemas relativos a estas formas: o primeiro, se podem de fato ser nominais e verbais ao mesmo tempo; o segundo, se o infinitivo flexionado ainda pode dizer-se nominal; o terceiro, se o particípio, como as outras formas nominais, de fato não significa com tempo.

2.2.3.f. Por fim, ordenam-se os verbos portugueses em TRÊS PARADIGMAS OU CONJUGAÇÕES (a primeira em *-ar*, a segunda em *-er* e a terceira em *-ir*: *louvar*, *ceder*, *partir*).[23] O verbo *pôr*, que pareceria constituir uma quarta conjugação, reduz-se porém à segunda (por provir do latino *ponĕre*). Todas as conjugações têm seus verbos IRREGULARES, que o podem ser, como veremos, por irregularidade na desinência (*est-ou*) ou por irregularidade no radical (*troux-e*). E alguns verbos, mais que irregulares, são ANÔMALOS.

---

[22] Caso à parte, como já veremos, constituem os modos nominais do verbo. – Diga-se ademais que, nas línguas em que perdeu (ou nunca teve) flexões modo-temporais, o verbo passa a significar por si a pura ação, e caberá a um advérbio ou a um prefixo emprestar-lhe as noções que lhe faltam.

[23] O latim e o italiano contam com quatro conjugações; o espanhol com três; o francês também com três, a terceira das quais, porém, de grande irregularidade, subdivide-se em outras três.

2.2.4. Os **ADVÉRBIOS**, conquanto não sejam da complexidade dos verbos, são porém de mais difícil definição. Por e a princípio invariáveis, modificam antes de tudo o verbo (*meditam intensamente*), e estão para este assim como os adjetivos estão para o substantivo. Mas também podem modificar o adjetivo (*muito forte*) e outro advérbio (*muito bem*), e até, de certo modo, uma oração inteira (*Infelizmente não foi possível deter-lhe o desvario*). Mais ainda: parece que podem modificar ainda um substantivo ou um pronome substantivo (*muito homem*, *quase major*, *até ele*). Quanto a isto, a N.G.B. optou por uma fórmula de compromisso que de fato não o explica.[24] Alguns poucos gramáticos, por seu lado, consideram tal *muito*, tal *quase* e tal *até* como efetivos adjetivos (de origem adverbial), porque não caberia senão ao adjetivo modificar o substantivo. Outros poucos, ainda, consideram porém que os advérbios podem aplicar-se a toda forma passível de receber mais ou menos ou certa modalidade, o que incluiria o substantivo. Trataremos tudo isto em seu lugar próprio. – Por ora, todavia, o que nos interessa mostrar é que o advérbio se divide em subclasses:

2.2.4.a. a dos ADVÉRBIOS MODIFICADORES TÃO SOMENTE DE VERBOS, os quais por sua vez se subdividem: de LUGAR (*aqui*, *ali*, *atrás*, etc.), de TEMPO (*hoje*, *amanhã*, *logo*, etc.), de ORDEM (*antes*, *depois*, etc.), de MODO (*bem*, *mal*, *devagar*, etc.), etc.;

2.2.4.b. a dos ADVÉRBIOS MODIFICADORES TANTO DE VERBOS COMO DE ADJETIVOS E/OU DE ADVÉRBIOS (E/OU DE SUBSTANTIVOS E/OU DE ORAÇÕES, TALVEZ), os quais por sua vez se subdividem: de INTENSIDADE (*pouco*, *muito*, *mais*, etc.), de MODO (muitos terminados em *-mente*, etc.), etc.

⇗ **OBSERVAÇÃO 1.** Em português, com efeito, como se verá, há um modo universal de formação de advérbios: pelo acréscimo do sufixo *-mente* ao adjetivo (*sãmente*, *tenazmente*, *belamente*, etc.).

⇗ **OBSERVAÇÃO 2.** Nem sempre é de todo nítida a fronteira entre adjetivo e advérbio, como se verá também no devido momento. E, como no advérbio "lateja" de algum modo o adjetivo, passam alguns advérbios a admitir, igualmente, flexões de grau (*pertinho*, etc.).[25] Por isso podem dizer-se *nominais* certos fatos relativos não só aos substantivos e ainda aos adjetivos, mas até a estes mesmos advérbios.

---

[24] Com efeito, foi por considerar impossível que o advérbio determine de algum modo também um substantivo (e ainda uma oração inteira) que a N.G.B. classificou os advérbios que aparentemente o fazem como "palavras denotativas". Isto não faz senão tornar ainda mais obscuro o assunto; mas a maioria dos gramáticos segue-o.

OBSERVAÇÃO 3. Ademais, há formas que nos parece necessitam de tratamento especial. É o caso sobretudo das NEGATIVAS *não*, *nem*, *tampouco*, *nunca*, *jamais* (estas duas últimas com superposição de aspecto temporal), mas também das AFIRMATIVAS *sim*, *certamente*, etc., das DUBITATIVAS *talvez*, *acaso*, etc. Também se estudarão no momento devido.

2.2.5. Há porém palavras que, por sua própria natureza, são distintas das vistas até agora: têm, sim, carga semântica – sem o que não seriam palavras –, a qual todavia não se atualiza senão enquanto elas servem de conectar duas palavras ou duas orações.[26] Dividem-se duplamente.

2.2.5.a. Temos antes de tudo os **CONECTIVOS ABSOLUTOS**, ou seja, as PREPOSIÇÕES e as CONJUNÇÕES.

- As **PREPOSIÇÕES**, como o próprio nome indica, põem-se sobretudo antes de palavras que expressem ideia subordinada a outra: *ficou* [subordinante] *EM casa* [subordinada]; *feito* [subordinante] *POR Maria* [subordinada]; *útil* [subordinante] *A todos* [subordinada]; etc. Mas põem-se também antes de verbo em forma nominal justamente para subordinar sua *oração* a outra: *POR rejeitar a proposta indecorosa* [subordinada], *passaram a persegui-lo* [subordinante]; *EM chegando à cidade* [subordinada], *telefone-nos* [subordinante]; etc. Há PREPOSIÇÕES que só o são (*a*, *ante*, *após*, *até*, *com*, *contra*, *de*, *desde*, *diante*, *em*, *entre*, *para*, *perante*, *por*, *sem*, *sob*, *sobre*, *trás*); mas há palavras oriundas de outras classes gramaticais, em geral adjetivos ou particípios, que, por contiguidade semântica, podem usar-se como preposições (*conforme*, *consoante*, *tirante*, etc.).

- As **CONJUNÇÕES**, por sua vez, são enlaces de subordinação entre orações e dividem-se em duas espécies.[27] Na primeira, estão as **copulativas** ou **aditivas** (cujo modelo é *e*), as **disjuntivas** ou **alternativas** (cujo modelo é *ou*), as **adversativas** (cujo modelo é *mas*). Na segunda, as **integrantes** (cujo modelo é *que*), as **condicionais** (cujo modelo é *se*), as **causais** (cujo modelo é *porque*), as **finais** (cujo modelo é a locução *para que*), as **comparativas** (cujo modelo é *como*), as **concessivas** (cujo modelo ora é *embora* ora é a locução *ainda que*), as **temporais** (cujo modelo é *quando*), as **proporcionais** (cujo modelo é a locução *à medida que*), as **correlativas** ou **consecutivas** (sempre em par com certos advérbios de intensidade, e cujo modelo é *tão ... que*). De mais difícil classificação são as conjunções **conclusivas** ou **ilativas** (cujo modelo é *portanto*) e as **continuativas** (cujo modelo é *pois* ou *ora*), enquanto as **explicativas** (cujo modelo pode ser *pois*) e as **modais ou conformativas** (cujo modelo podem ser *como* ou *conforme*) têm sua mesma existência não raro negada.

---

[25] E note-se ainda que muitos adjetivos podem tornar-se advérbios (*Trabalham rápido*) ou usar-se como advérbios impróprios (*As águas fluíam tranquilas*).

[26] Como se verá, o tratamento que damos aos conectivos discrepa grandemente do das gramáticas correntes.

[27] Como se dirá na Sexta Parte, negamos que as orações chamadas "coordenadas" o sejam propriamente – outro ponto em que divergimos em profundidade das gramáticas correntes.

→ Mas as conjunções também podem ligar palavras (*moça boa* E *bela*, *pessoa bela* MAS *fútil*, *livro bom* AINDA QUE *árduo*, etc.), razão por que podem ligar *partes* da oração, ou seja, *núcleos* do sujeito (*Pedro* E *Paulo chegaram a Roma*, por exemplo), de um complemento (*Trouxe canetas* E *lápis*, por exemplo), etc.

2.2.5.b. Depois, os **CONECTIVOS NÃO ABSOLUTOS**: são os PRONOMES RELATIVOS. A diferença entre a conjunção e o relativo é que a conjunção se interpõe entre duas orações tão somente para manter entre elas uma relação de subordinação, ao passo que o pronome relativo, que se refere sempre a um nome antecedente, também *representa* de algum modo a ideia deste na oração seguinte – é como um traço de continuidade semântica entre as duas orações. Por isso, diferentemente dos conectivos absolutos, *os relativos exercem função sintática*: podem ser sujeito, objeto, etc., como se verá em seu momento. Insista-se por ora, todavia, em que o relativo também funciona sempre como uma juntura, como um engaste, como uma "dobradiça" de duas orações – o que o faz identificar-se com todo e qualquer conectivo.

2.2.6. Tem-se por fim a classe à parte das **INTERJEIÇÕES**: *ah!*, *oh!*, etc. As interjeições expressam tão somente um afeto ou uma impressão súbita da alma, razão por que se aproximam de signos naturais como um gemido de dor ou como um rosto lívido. Não são, porém, signos naturais, porque, diferentemente destes, se impõem convencionalmente na linguagem.

⇖ **OBSERVAÇÃO.** Há ainda interjeições como *adiante!*, *força!*, *coragem!*, etc., que são originalmente advérbios modificadores de verbo ou nomes complementares deste: *Siga adiante!*, *Tenha força!*, *Encha-se de coragem!*, etc. Trata-se de caso análogo ao de formas de agradecimento como *Obrigado*: *Estou obrigado a retribuir o favor que me fez*, que resultam de elipse de quase toda a oração.

- ➢ Como se há de ter notado, vimo-nos obrigado a romper com muitos modos tradicionais de classificação das palavras. Por outro lado, porém, tivemos a permanente preocupação de aproveitar todo o possível da classificação tradicional, pelo fato mesmo de ser tradicional.
- ➢ Como também se há de ter notado, já várias vezes fizemos classificações duplas ou triplas. E não o pudemos fazer senão porque, assim como em Química se diz que um composto é polifuncional quando participa de mais de uma função, assim também, *analogamente*, deve dizer-se em Gramática que certas partes de palavra, certas palavras ou certas classes ou subclasses de palavras são POLIFUNCIONAIS por participar de mais de uma função morfológica ou de mais de uma função sintática.

III

A PALAVRA, UNIDADE SIGNIFICATIVA MÍNIMA

3.1. Já vimos que as palavras são signos de conceitos mentais. Devemos agora demonstrar algo que temos repetido, sem maiores explicações, ao longo desta gramática: A PALAVRA É A UNIDADE SIGNIFICATIVA MÍNIMA DA LINGUAGEM E, POIS, DE TODA E QUALQUER LÍNGUA.

3.2. O assunto só veio a obscurecer-se com a noção de "morfema", oriunda da Linguística, mas adotada por vários gramáticos. Define-se "morfema" como a menor unidade linguística com significação, incluindo raízes e afixos, formas livres e formas presas, etc. Vejamos se tal procede. Tomemos a forma verbal *circum-navegavam* e o substantivo feminino *preamar*, e decomponhamo-los:

α. circum-navegavam compõe-se de:

circum-, PREFIXO < lat. *circum-* < preposição latina *circum*, 'em torno de, em volta de' (e *circum* é o acusativo de *circus, i*, 'círculo', tomado adverbialmente),

+

-naveg-, RADICAL < lat. *navĭgo, as, āvi, ātum, āre* (*nav[is]-* + *-ĭg* < **-ăg-*, raiz de *agĕre*), 'percorrer o mar ou qualquer superfície líquida',[28]

---

[28] O asterisco antes de *-ăg-* é sinal convencional, usado diante de vocábulo não atestado ou de raiz ou de forma hipotéticas.

+

-a-, VOGAL TEMÁTICA dos verbos portugueses de primeira conjugação,

+

-va-, DESINÊNCIA MODO-TEMPORAL do pretérito imperfeito do indicativo,

+

-m, DESINÊNCIA NÚMERO-PESSOAL de terceira pessoa do plural;

β. preamares compõe-se de:

-prea- TEMA (português antigo < lat. *plena*, feminino do adjetivo *plēnus, a, um*, 'pleno, cheio'),

+

-mar-, RADICAL ou TEMA (de *mar*, substantivo feminino [hoje masculino] < lat. *maris, e*, 'mar').[29]

+

-es, DESINÊNCIA DE PLURAL (ou [como se verá mais adiante] VOGAL TEMÁTICA RECOMPOSTA [*-e-*] + DESINÊNCIA DE PLURAL).

3.2.2. Pois bem, as partes em que se decompõem estas duas palavras podem dividir-se, QUANTO AO ÉTIMO, em três classes:

3.2.2.a. as que provêm de palavras não conectivas: no caso de α, *-naveg-*; no de β, *prea-* e *-mar-*;

3.2.2.b. uma que provém mais imediatamente de palavra conectiva, mas mais remotamente de palavra não conectiva: em α, *circum-*;

3.2.2.c. as que desde sempre são desinências, ou seja, *flexões gramaticais* sem existência autônoma na língua: no caso de **α**, *-a-*, *-va-*, *-m*; no caso de **β**, *-es* ou *-e-* + *-s*.

3.2.3. QUANTO AO QUE ATUALMENTE SÃO NESTAS DUAS PALAVRAS, tais partes não são mais que o expresso acima em versalete: no caso de **α**, *prefixo*, *radical*, *vogal temática*, *desinência modo-temporal*, *desinência número-pessoal*; no de **β**, *tema*, *radical* ou *tema*, *desinência de gênero* ou *vogal temática* + *desinência de gênero* – contribuindo cada qual, naturalmente, ou com sua carga semântica (para o significado da palavra de que é parte) ou com sua função meramente material (para classificá-la).[30]

3.2.4. Pois bem, se se deixa de lado o étimo de cada uma de tais partes, vejamos se podem *atualmente*, justo enquanto são partes, ser *unidades* linguísticas mínimas com significação. Ora, para que algo se diga *propriamente* unidade, ou seja, para que algo se diga *propriamente* UNO, é preciso que possa ser *por si*. Vejamos se o podem as partes das palavras que acima decompusemos.

---

[29] Todos estes conceitos – radical, tema, prefixo, vogal temática, desinência – se explicarão na próxima seção.

[30] O segundo caso é o da *vogal temática*.

→ No caso de **α**,

- *circum-*, obviamente, não o pode;
- *-naveg-* tampouco;
- *-a-* não só não o pode atualmente, mas nem sequer pode, nunca, ter significado senão intralinguístico: toda e qualquer *vogal temática* é sempre mero instrumento gramatical classificatório com que se compõem certos paradigmas morfológicos;
- *-va-* e *-m* tampouco o podem.

→ No caso de **β**,

- *prea-* não o pode hodiernamente, ainda que já o tenha podido, no português antigo;
- *-mar-* pode-o (desde porém que não se considere parte de um tema *-mare*);
- *-es-* ou *-e-* + *-s*, obviamente, não o podem.

Mas parece que *alguma* parte é dotada de significação, o que contraria nossa afirmação de que é a palavra a unidade significativa mínima.

3.2.5. Aprofundemos a questão mediante analogias. Dissemos que, pela decomposição daquelas duas palavras (*circum-navegavam* e *preamares*), encontramos suas *partes*, a maioria das quais não pode ter vida autônoma na língua, enquanto algumas, sim, o podem. Mas, se são partes, são partes de um todo.

3.2.5.a. Ora, uma *oração* é um TODO; e suas partes, justamente as palavras, como unidades significativas mínimas, também são todos. Há porém diversas espécies de *todos*. Um exército é um todo, mas cada uma de suas partes – um homem – também é um todo.[31] Pois bem, a *oração* pode comparar-se *analogicamente*, NESTE PRECISO SENTIDO, a um exército.

3.2.5.b. Mas há outras espécies de *todos*. Simplifiquemos todavia nossa exposição, e limitemo-nos a comparar *analogicamente* a palavra a um ACORDE MUSICAL. Em Música, ACORDE é um conjunto de notas que soam não sucessivamente, como num intervalo, por exemplo, de dó-sol-dó, mas *simultaneamente*. Pois bem, ponhamos o acorde de SI MENOR e o de RÉ MAIOR. O primeiro é composto das notas SI, RÉ e FÁ SUSTENIDO; o segundo, de RÉ, FÁ SUSTENIDO e LÁ. Veja-se que os dois acordes só diferem em uma nota; e no entanto o primeiro soará triste ou melancólico, enquanto o segundo soará radiante. Devemos entendê-lo. Naturalmente o RÉ e o FÁ SUSTENIDO, presentes nos dois acordes, soam cada um por si sempre iguais; basta tocar as correspondentes teclas do piano para sabê-lo. Não obstante, combinados diferentemente nos dois referidos acordes, em um caso com o SI e no outro com o LÁ, e *consoando* com estes, deixam de soar como soavam isoladamente para ser partes, agora, da unidade do acorde. Dá-se o mesmo, *mutatis mutandis*, com algumas das partes de que se formam as palavras: originalmente, são unidades significativas mínimas – são *palavras* –, mas, quando entram a compor outra palavra, deixam de sê-lo para ser *unicamente* partes desta.

---

[31] Um exército em batalha é um TODO DE ORDEM, enquanto um homem é um TODO SUBSTANCIAL.

3.2.5.c. Poder-se-á objetar, ainda, que a analogia com o acorde musical é precária porque entre ele e a palavra há, com efeito, uma grande diferença: no ACORDE as notas *soam simultaneamente*, enquanto na PALAVRA as partes *soam sucessivamente*. Pois bem, tomemos então uma peça musical de canto gregoriano,[32] monódica e diatônica. Com efeito, quem compõe uma peça musical assim tem à sua disposição as diversas notas da escala diatônica, com seus tons e seus semitons; e cada uma dessas notas é, de per si, inequivocamente, uma unidade musical. Basta tocar qualquer tecla do piano para sabê-lo. Mas quem compõe uma peça de canto gregoriano toma aquelas notas e as dispõe em determinada ordem sucessiva. Suponhamos que, para compor dado intervalo, o compositor disponha em sequência um DÓ, um FÁ SUSTENIDO e um DÓ,[33] mas, desagradando-lhe o resultado, compõe outro, dispondo agora um DÓ, um SOL e um DÓ. Vê-se, assim, que os dós destes intervalos deixaram de ser puros dós para ser *dós DE um intervalo* – onde a oitava é dividida em partes iguais – que, enquanto tais, DIFEREM dos dós *DO outro intervalo* – onde a oitava se divide numa quinta e numa quarta. Uma coisa é ser dó puro e simples; outra é ser um dó ordenado a um fá sustenido que se ordena a um dó, e outra, ainda, é ser um dó ordenado a um sol que se ordena a um dó. Pois bem, originalmente os dós de quaisquer cantos gregorianos são a mesma nota dó; dado, porém, que entram em um cantochão em disposição diferente da disposição em que entram em outro cantochão, diga-se deles algo análogo ao que se disse dos dós daqueles dois intervalos: já não são dós puros, mas PARTES DA UNIDADE MUSICAL QUE É A MELODIA INTEIRA DE UM CANTOCHÃO. É ainda o que se dá, *mutatis mutandis*, com algumas das partes formadoras de palavras: originalmente são unidades significativas mínimas – são *palavras* –, mas, quando entram a compor outra palavra, deixam de sê-lo para ser *unicamente* PARTES DESTA E EM FUNÇÃO DESTA.[34]

---

[32] Também conhecido como *cantochão* ou *canto plano*.

[33] Trata-se de um *trítono*, intervalo de maior dificuldade para o canto e sempre evitado no cantochão.

3.3. Definitivamente, as partes em que pode decompor-se a palavra não são, justamente enquanto partes suas, unidades significativas mínimas, conquanto contribuam com sua carga semântica original para significação da palavra. E isto é assim porque, como já vimos detidamente, a significação é como a FORMA da palavra; e a palavra significa um conceito *simples*: o de *substância*, o de *vivente*, o de *sensível*, o de *racional*, etc., e também o de um grego *tragélaphos* (literalmente, *capricervo*),[35] ou seja, ainda um conceito *simples* conquanto de coisa composta. Por isso é que a palavra também há de ser SIMPLES, ou seja, **unidade significativa mínima**.

⬀ **Observação.** Aproveite-se o ensejo para outro aprofundamento, que será de grande valia para os próximos capítulos desta gramática. Como se acaba de ver, a palavra significa algum conceito simples de alguma coisa simples ou composta. Mas o conceito de "homem" é a mesma definição "animal racional" ou, mais precisamente, "substância vivente sensível racional". Trata-se já de uma *oratio*, de uma *oração*, que em primeira acepção quer dizer, precisamente, *reunião significativa de duas ou mais palavras*. E o que mais nos importa aqui: em qualquer oração, as palavras são tão unidades significativas mínimas como cada soldado de um exército é por si um todo. Obviamente, porém, há efetiva diferença entre a oração "substância vivente sensível racional" e estas duas orações: "Que é o homem?" e "O homem *é* uma substância vivente sensível racional".

α. Antes de tudo, a primeira ainda está no âmbito da primeira operação do intelecto, enquanto as outras já estão no da segunda operação do intelecto.[36]

β. A primeira é uma DEFINIÇÃO, enquanto a segunda é uma ORAÇÃO INTERROGATIVA e a terceira uma PROPOSIÇÃO. A primeira, como dito, identifica-se com o conceito de *homem*. A segunda é uma oração que, conquanto se componha de sujeito (*o homem*) e de predicado (*Que é*), está para a proposição como a matéria para a forma: justo porque é a proposição a que, julgando, responde ao problema ou questão posta.

---

[34] Assinale-se, contudo, que em verdade as notas musicais isoladas são antes os ELEMENTOS da música. Para a diferença entre ELEMENTO e PARTE, *vide* o dito na Terceira Parte.

[35] Exemplo de Aristóteles em *Da Interpretação* (16 a 16). – Em Zoologia, *Tragelaphus* é o nome de um grupo de mamíferos bovídeos da família dos antílopes. O espanhol e o italiano têm *tragelafo*, enquanto em português ainda não temos nome dicionarizado senão para as espécies de *Tragelaphus*: bauala, cudo, sitatunga, etc.

[36] São três as operações do intelecto. A primeira, chamada *simples apreensão*, tem por obra o CONCEITO OU DEFINIÇÃO. A segunda, chamada *juízo*, tem por obra a PROPOSIÇÃO. E a terceira, chamada *raciocínio*, tem por obra a ARGUMENTAÇÃO.

γ. Pois bem, o estudo das palavras é o que nos ocupa nesta primeira parte da Morfologia; o das orações não compostas de sujeito e de predicado (ou seja, as IMPERFEITAS) e o das compostas de sujeito e de predicado (ou seja, as PERFEITAS) far-se-ão em outras partes. Mas diga-se desde já que para a Gramática – ou antes, para a Sintaxe – é indiferente que as orações compostas de sujeito e de predicado encerrem ou não um juízo (o que, todavia, não é indiferente para a Lógica).

IV

COMO SE FORMAM AS PALAVRAS

4.1. "Como diz Sócrates a Hermógenes,[37] não convém dar às coisas qualquer nome, porque muitas coisas têm que ver com outras que já foram devidamente nomeadas, e o bom legislador da linguagem saberá fazer refletir nos nomes estas relações. Assim como convém dar um nome comum ao cavalo e ao que nasce do cavalo, assim também convém dar nome semelhante ao que o monta, chamando-o *cavaleiro*, e à ação de montá-lo, chamando-a *caval[g]ar* ('cavalar'). Já o nome *cavalo* fora bem dado a este animal de carga, uma vez que *cabāllus* (cavalo castrado, de carga ou de moinho) vem do grego καβάλλης (*kabállēs*), composto de κατα βάλλω (*katá ballō*), que significa '[animal] de tiro'. *Equus* é pura e simplesmente o cavalo, que vem de ἴκκος (*íkkos*), que por sua vez vem de ἵππος (*hippos*), termo grego que permanece em *hipocampo* (cavalo-marinho), *hipopótamo* (cavalo da água [ou de rio]), *hipódromo* (lugar de corridas de cavalos), e que não se hão de confundir com as palavras que se formam com ὑπός (*hypós*), que significa 'sob': *hipótese* ('sob posição' [donde 'suposição']), *hipoteca* ('sob caixa'). Portanto, para não multiplicar indiscriminadamente os vocábulos, mas antes para que eles mesmos nos fossem revelando as realidades significadas, convinha, na medida do possível, formar a multidão de palavras de que os homens cultos necessitam para falar a partir de poucas palavras primitivas."

---

[37] No *Crátilo* platônico. Todo este **4.1** é citação, *in extenso*, de Pe. Álvaro Calderón, *op. cit.*, p. 230.

4.2. AS PARTES DE QUE SE COMPÕEM AS PALAVRAS *EM PORTUGUÊS* podem classificar-se em:

1. *sílaba*;

2. *raiz*;

3. *radical*;

4. *acidentes da palavra*:

a. *vogal temática* (*nominal* ou *verbal*);

b. *sufixo flexional* (*nominal* ou *verbal*);

5. *prefixo*;

6. *sufixo derivacional*.

4.2.1. A **SÍLABA** já a tratamos em seu âmbito próprio, ou seja, no dos fonemas e das letras.

OBSERVAÇÃO ☞. Todas as demais partes de que se compõem as palavras são do âmbito morfológico, razão por que doravante assim as chamaremos: PARTES MORFOLÓGICAS.

4.2.2. RAIZ é a parte morfológica *etimologicamente* irredutível de uma palavra. Ponhamos um exemplo: a raiz hipotética **sed-*, do também hipotético indo-europeu, da qual se teriam originado: *sĕdeo*, *es*, *ēre*, *sēdi*, etc. ('estar sentado'), em latim; *sedere* ('sentar') em italiano; *to sit* ('sentar') em inglês; *sidet'* ('estar sentado') em russo; *sedentário* em português; *et reliqua*. Ou ainda **ed-*, da qual se teriam derivado: *ĕdo*, *ĕdis*, *ĕdere*, etc. ('comer'), em latim; *comĕdo*, *is*, *comedĕre*, etc., ainda em latim; *to eat* em inglês; *eten* em holandês; *et reliqua*. Como se vê, o conceito de *raiz* pertence propriamente à Etimologia.

4.2.3. RADICAL é o mesmo NÚCLEO LEXICAL da palavra. Mais que isso, porém, nas seguintes séries:

✓ *pedr-a*, *pedr-inh-a*, *pedr-ada*, *pedr-eir-o*, *pedr-e-g-ulh-o*, *a-pedr-ej-ar*, etc.;

✓ *bel-a*, *bel-íssim-o*, *bel-eza*, *bel-a-mente*, *em-bel-ez-ar*, *em-bel-ez-a-mento*, etc.,

podem ver-se os radicais *-pedr-* e *-bel-* em sua função de núcleo lexical a que se filiam uma FAMÍLIA DE PALAVRAS. Nem sempre, todavia, o radical se mantém intacto como nas séries acima. Não raro, em razão de alterações fonéticas de diferente tipo, apresenta uma ou mais variantes. Tome-se o caso do radical *-faz-*, a que se filiam, por exemplo:

✓ *faz-e-r*, *fác-il*, *in-fec-to*, *di-fic-il*, *per-fei-to*, etc.

Como se vê, RADICAL é a *raiz* ATUAL de uma família de palavras em determinada língua.

4.2.4. Ser masculino, feminino ou neutro, singular ou plural, de primeira ou de segunda pessoa, deste ou daquele tempo, e pertencer a este ou àquele paradigma gramatical, nada disso constitui diferença essencial entre as coisas. Por essa razão é que, para significá-lo, convinha manter a *mesma* palavra com *variações* ao fim do radical. São os **ACIDENTES** das palavras, e dividem-se em *sufixos flexionais* (ou desinências) e em *vogais temáticas.*

4.2.4.a. A **VOGAL TEMÁTICA** serve precipuamente para dividir os substantivos e os verbos portugueses em distintos grupos. É mero *instrumento gramatical.*

- Os **SUBSTANTIVOS** distribuem-se por três destes grupos, cada um dos quais, como dito, identificado por uma *vogal temática:*[38]
  - ◆ ***-a***: *grama, marmota, rosa*, etc.;
  - ◆ ***-e***: *dente, morte, veste*, etc.;
  - ◆ ***-o***: *gato, livro, palco*, etc.

⇨ **OBSERVAÇÃO 1.** Contrariamente a certa opinião talvez majoritária no meio linguístico-gramatical, este ***-o*** não é mera vogal temática. É, sim, tão vogal temática como, por exemplo, ***-e***: com efeito, o ***-o*** de *gato* cumpre a mesma função que o ***-e*** – VOGAL TEMÁTICA – de *mestre*, enquanto o ***-a*** de *gata* – DESINÊNCIA DE FEMININO – cumpre a mesma função que o ***a*** de *mestra*. Mas não há negar que o ***-o*** de *raposo* seja também desinência de masculino, se aí está precisamente para indicar o masculino de *raposa*. É que o NOME do animal é originalmente *feminino*;[39] e sempre que queremos tornar masculino um substantivo feminino terminado em ***-a*** não hesitamos: substituímos este ***-a*** pelo ***-o***, como em (subst.) *bolo* (< *bola*), *coiso* (< *coisa*), etc.

⇨ **OBSERVAÇÃO 2.** Tampouco podemos concordar com que ***-o*** final seja nos ADJETIVOS antes de tudo vogal temática. Nestes são antes de tudo DESINÊNCIA DE GÊNERO MASCULINO, porque a grande maioria deles *assume* a desinência correspondente ao gênero (não à vogal temática) do substantivo a que se refere: *livro grosso, mar profundo, poucos gramas*; *casa ampla, cor vermelha, veste larga*; etc. Mas polifuncionalmente, conquanto agora secundariamente, este ***-o*** também é VOGAL TEMÁTICA nos adjetivos, por poder comutar-se:

---

[38] A vogal temática dos substantivos é sempre uma vogal átona final.

[39] Deriva, provavelmente, do espanhol já feminino *raposa* (< do espanhol antigo e dialetal *rabosa*, proveniente de *rabo*, mas com influxo do *-p-* de *rapiega*, nome nas Astúrias do macho da raposa). Há quem sustente, no entanto, que vem por via direta do asturiano ou do leonês.

▫ ou pelo ***-a*** dos raríssimos adjetivos que a têm, os quais ou são aglutinações cuja segunda parte morfológica era já um adjetivo com desinência de feminino (*pernalta* < *perna alta*; etc.) ou são estrangeirismos aportuguesados (*janota* < francês *janot*, "parvo"; etc.);

▫ ou pelo ***-e*** final dos adjetivos provenientes de algum particípio latino (*patente* < lat. *pătens, ēntis*, *recente* < *rĕcens, ēntis*, etc.); ou já criados em português com o sufixo *-nte* (ainda de fundo participial, como se verá mais adiante) e, pois, já como parte de um sufixo;

▫ ou ainda pelo ***-e*** final de adjetivos não participiais provindos também do latim, e pouquíssimo numerosos: por exemplo, *triste* (< lat. *tristis, e*).

⇗ **Observação 3.** Não possuem vogal temática os nomes terminados em consoante (*atol*, *mar*, etc.) ou em vogal tônica (*bambu*, *trenó*) – e por isso se chamam ATEMÁTICOS.[40]

• Os **VERBOS**, por sua vez, agrupam-se em três conjugações, cada uma das quais indicada por uma vogal temática:

◆ a PRIMEIRA por ***-a-***: *falar*, *julgar*, *pensar*, etc;

◆ a SEGUNDA por ***-e-***: *escrever*, *ler*, *suceder*, etc.;

◆ e a TERCEIRA por ***-i-***: *influir*, *partir*, *resistir*, etc.

⇗ **Observação 1.** Quase sempre estas *vogais temáticas* aparecem nas diversas formas verbais, sempre ENTRE O RADICAL E AS DESINÊNCIAS:

✓ *fal{a}ste*, *julg{a}rias*, *port{a}res*, etc.;

✓ *escrev{e}ras*, *receb{e}rão*, *receb{ê}ssemos*, etc.;

✓ *deduz{i}am*, *part{i}ssemos*, *segu{i}rdes*, etc.

⇗ **Observação 2.** Nem todas as formas verbais, porém, possuem vogal temática. Na 1ª. pessoa do singular do presente do indicativo e em todo o presente do subjuntivo, a desinência adere diretamente ao radical: *fal-o* (este ***o*** é desinência número-pessoal); *pens-e-m*, *escrev-a*, *part-a-mos* (estes ***as*** e aquele ***e*** são desinências modo-temporais).

⇗ **Observação 3.** Em português, somente o verbo PÔR, da segunda conjugação e demasiado irregular, não traz vogal temática no infinitivo. Apresentava-a, todavia, na língua arcaica (*po-e-r*), e mantém-na em diversas de suas formas atuais: *pus{e}era*, *pus{é}ssemos*, *pus{e}rdes*, etc.

---

[40] Veja-se, porém, o que mais abaixo se dirá de *mar*.

4.2.4.b. Os SUFIXOS FLEXIONAIS (ou DESINÊNCIAS) são as partes morfológicas que se apõem AO RADICAL OU AO TEMA[41] das palavras para assinalar-lhes o *gênero* e o *número* – no caso dos substantivos e dos adjetivos –, o *grau* – no caso dos substantivos, dos adjetivos e de alguns advérbios – ou o *modo* E o *tempo* e a *pessoa* E o *número* – no caso dos verbos. Ou seja, os sufixos flexionais podem ser NOMINAIS ou VERBAIS.

> ➢ Relembre-se que NOMINAL também pode dizer-se muitas vezes de traços referentes aos adjetivos, e, conquanto só rara vez, ainda de traços referentes aos advérbios.

α. Os **NOMINAIS** são:

→ de GÊNERO:

◆ ***-o*** (masculino): *garoto*, *moço*, *raposo*;

◆ ***-a*** (feminino): *gata*; *raposa*; *mestra*; *doutora*; etc.;

→ de NÚMERO:

◆ ***-s*** (com uma variante ***es***, depois de consoante): *gatas*; *mares*; etc.;

→ de GRAU (dimensivo ou intensivo):

◆ nos substantivos, nos adjetivos e, mais coloquialmente, em certos advérbios, os de *grau dimensivo*:

▫ aumentativos: ***-ão*** [o sufixo aumentativo português por excelência]; ***-aço***, ***-albão***, ***-alhaz***, ***-anzil***, ***-aréu***, ***-(z)arrão***, ***-arra***, ***-arraz***, ***-astro***, ***-az***, ***-ázio***, ***-eirão***, ***-orra***, ***-uço***, etc.:

✓ *abelhão*, *amigaço*, *barcaça*, *grandalhão*, *facalhaz*, *corpanzil*, *fogaréu*, *homenzarrão*, *bocarra*, *pratarraz*, *poetastro*, *lobaz*, *copázio*, *vozeirão*, *cabeçorra*, *magruço*; *tempão*; etc.;

▫ diminutivos: ***-(z)inho*** [o sufixo diminutivo português por excelência], ***-ato***, ***-acho***, ***-ebre***, ***-eco***, ***-ejo***, ***-ela***, ***-elho***, ***-ete***, ***-eto***, ***-icho***, ***-ico***, ***-ilho***, ***-im***, ***-ino***, ***-isco***, ***-(z)ito***, ***-ola***, ***-ote***, ***-oto***, ***-ucho***, ***-usco***, e os mais cultos ***-ulo*** **/** ***-ula*** e ***-culo*** **/** ***-cula*** (com as variantes ***-áculo*** **/** ***-ácula***), ***-ículo*** **/** ***-ícula***, ***-úsculo*** **/** ***-úscula***, ***-únculo*** **/** ***-úncula***:

✓ *pedacinho*; *lobato*, *riacho*, *casebre*, *livreco*/*soneca*, *animalejo*, *viela*, *rapazelho*, *lembrete*, *saleta*, *governicho*/ *barbicha*, *burrico*, *pecadilho*, *espadim*, *pequenino*, *chuvisco*, *casita*/ *cãozito*, *fazendola*, *fracote*, *lebroto*, *papelucho*, *velhusco*; *agorinha*, *pertinho*; *glóbulo*, *nótula*, *montículo*, *febrícula*, *corpúsculo*, *homúnculo*, *questiúncula*; etc.;

---

[41] Para tema, *vide* mais abaixo.

◆ nos adjetivos, as de *grau intensivo*:

▫ superlativos: ***-íssimo*** [o sufixo superlativo português por excelência] e ***-imo***: *inteligent-íssimo*; *humílimo*, *facílimo*, *nigérrimo*; etc.

⇗ **OBSERVAÇÃO 1.** O ***-es*** de plural pode conceber-se de duplo modo: ou como variante da desinência ***-s*** depois de consoante, a qual assim se adaptaria a nossos hábitos fonéticos (com efeito, são *raríssimos* os casos de ***-s*** de plural depois de consoante – por exemplo, o barbarismo consagrado pelo uso *gol*, *gols*, certamente por influxo do inglês); ou como recomposta vogal temática, como em *mar*, *mares* (< lat. *mare*, *maris*). Aliás, as duas concepções não se anulam.

⇗ **OBSERVAÇÃO 2.** Temos perfeita ciência de que, ao reintroduzirmos na Gramática da língua portuguesa a noção de que há DESINÊNCIAS DE GRAU ou *dimensivo* ou *intensivo*, vamos a contrapelo da grande maioria dos gramáticos. Estabeleceu-se já desde há muito que os sufixos indicadores de grau ou gradação se juntam à palavra em processo de "derivação". Mas não podemos atinar a que razões atende tal consideração. Mostremos passo a passo não só por que não o podemos, mas por que sustentamos que os sufixos aumentativos, os sufixos diminutivos e os sufixos superlativos são desinenciais ou flexionais e não derivacionais.

▫ Antes de tudo, SUFIXO[42] só é antônimo de *prefixo*[43] porque, ao contrário deste, se põe ao final da palavra: *entreolhar-se* (prefixo *entre-* + *-olhar-se*) *vs. menininho* (radical *menin-* + sufixo *-inho*). Neste sentido, toda e qualquer desinência – e até a mesma vogal temática – é sufixal: *gat-a*, *navio-s*, *olh-a-rá-s*; *ros-a*, *verd-e*, *tomb-o*; ainda que a vogal temática verbal seja sempre penúltima.[44]

▫ Depois, como voltaremos a ver, é por dois processos principais que se formam novas palavras: *composição* e *derivação*. Com efeito, as novas palavras constituídas por derivação formam-se de antiga palavra mediante o acréscimo a esta de um sufixo: *are-al* (*areia* + *al*); *viceja-nte* (*vecejar* + *nte*); *bela-mente*; *azul-ar*; etc. Obviamente, trata-se de **novas palavras**: *areal* não é a mesma palavra que *areia*; *vicejante* não é a mesma que *vicejar*; *belamente* não é a mesma que *bela*; *azular* não é a mesma que *azul* – embora sejam da mesma família que a palavra de que derivam. Se porém se pergunta se *rapos-o*, *bel-a*, *areia-s*, *gat-inho*, *frent-e*, *fal-a-rá-s* são palavras diversas de *raposa*, *belo*, *areia*, *gato*, ou do radical nominal *frent-*, ou do radical verbal *fal-*, ou se são simples variações daquelas palavras e destes radicais, a resposta é evidente.

---

[42] < lat. *suffixus*, *a*, *um*, "pregado; suspenso, pendurado", particípio de *suffigo*, *is*, *fixi*, *fixum*, *gĕre*, "pregar por baixo, cravar, fincar".

[43] < lat. *praefixus*, *a*, *um*, "fixado na frente ou na ponta", particípio de *praefigo*, *is*, *īxi*, *īum*, *igĕre*, "fixar, fincar na frente ou na ponta".

[44] Em verdade, as desinências modo-temporais e as número-pessoais também podem tomar-se, quando conjuntamente presentes, como um só sufixo complexo.

□ É bem verdade que os sufixos aumentativos e os diminutivos não raro não expressam tão somente gradação. Assim, são pejorativos um *sabichão*, um *poetastro*, e um *professorzinho*, um *padreco*. Por estes mesmos exemplos, no entanto, pode ver-se que não se trata de coisas idênticas.

◆ Um *professorzinho* (*professor* + *-[z]inho*) é antes de tudo um professor de baixa estatura; e só posteriormente é que a palavra com o sufixo flexional se usa de modo pejorativo. Diga-se o mesmo de padreco (*padr[e]-* + *-eco*), que é antes de tudo um padre de baixa estatura; e não é senão depois que a palavra com o sufixo flexional se usa pejorativamente. Portanto, *professorzinho* não é palavra distinta de *professor*, ou seja, não temos aí derivação sufixal; seu uso pejorativo, posterior, é-lhe ACIDENTAL. Mas pergunte-se ainda, para uma última confirmação, se *professorzinho*, usada ou não pejorativamente, é palavra outra que *professor*, e se *padreco*, usada ou não pejorativamente, é palavra outra que *padre*. Não o são, evidentemente.

◆ Já o sufixo de *poetastro* (*poet[a]* + *-astro*) *nunca* é usado propriamente como aumentativo, e tem sempre caráter pejorativo. Pareceria, pois, que fosse autêntico sufixo flexional. Mas em verdade estamos em FRONTEIRA TURVA, porque a carga pejorativo-irônica que este sufixo porta deriva justamente de ser *sufixo aumentativo* sempre aplicado, porém, a algo de *pouca* ou *pequena* qualidade (no caso, um poeta). Pergunte-se ainda, portanto, se *poetrastro* é palavra outra que *poeta*. Pois bem, se se atende a que se trata de sufixo *efetivamente* aumentativo, não; se se atende a como este se aplica, sim.

◆ Quanto a *sabichão* (*sab-* + *-ichão* [< *-icho* + *-ão*]), não o pomos em tela senão para mostrar quão inextricáveis podem ser as palavras. Os melhores dicionários registram que originalmente, ao dizer-se *sabichão*, se pensava de fato num '*grande* sábio', e que só posteriormente passou o vocábulo a ter o sentido pejorativo com que hodiernamente o usamos. Repare-se, todavia, no *-icho* com que se forma *-ichão*: é ele mesmo um sufixo diminutivo. Se pois se pergunta se se trata de sufixo flexional aumentativo ou de sufixo derivacional, deve dizer-se que derivacional não o é, pela mesma razão por que não o é o *-astro* de *poetastro*; é sufixo flexional. Quanto a se foi usado ou não inicialmente como puro e simples sufixo flexional aumentativo, é questão insolúvel. Há sempre uma faixa de sombra ou de mistério mesmo nas realidades mais ínfimas.

▫ Não terminam aí, no entanto, as dificuldades. Observem-se os seguintes três grupos de palavras:

- ✓ o das que, sendo derivadas de palavras estrangeiras, herdaram sufixo apenas materialmente idêntico a sufixos aumentativos e diminutivos nossos: por exemplo, *cartaz* (gr. *khārtēs*, pelo ár. *qartāz*, ou *qirtās*, 'folha de papel, escritos, livros');
- ✓ o das que parecem derivar de palavras estrangeiras efetivamente diminutivas, cujo sufixo adaptamos usando algum de nossa língua: *flautim* (< it. *flautino*, 'flauta *pequena*'), *corpúsculo* (< lat. *corpuscŭlum*, *i*, 'corpo pequeno, átomo, corpo definhado', dim. de *corpus*, *ŏris*, 'corpo'), etc.;
- ✓ o das de fato portuguesas que parecem ter sido criadas para significar uma coisa particular, levando embora em conta algum grau desta: *papelão* (de *papel* + *ão*), ou seja, 'certo tipo de papel *grosso* e rígido'; *folhinha* (de *folha* + *inha*), ou seja, 'calendário impresso em uma *única* folha ou em *pequenas* folhas destacáveis'; etc.

Vejamos como entendê-los.

◆ No *primeiro* caso, trata-se simplesmente de formação de novas palavras pela naturalização de vocábulos estrangeiros. Ou seja: não se trata de sufixação flexional nem de sufixação derivacional.

◆ No *segundo*, encontramo-nos outra vez em zona fronteiriça. Trata-se, com efeito, como no primeiro caso, de formação de novas palavras pela naturalização de vocábulos estrangeiros. Essa mesma naturalização, porém, pode dar-se duplamente.

¶ De um modo, a palavra naturalizada foi-o tão somente para nomear algo particular: é o caso de *flautim*, e também é o caso de *cartilha* (carta + *-ilha*, pelo esp. *cartilla*, 'pequeno caderno que contém as letras do alfabeto e as primeiras lições para aprender a ler'), de *cavalete* (< it. *cavalletto*, 'instrumento de tortura', 'espécie de suporte', 'pequeno cavalo'), de *versículo* (lat. *versicŭlus*, *a*, *um*, 'pequena linha escrita; verso pequeno', mas usada em português apenas com sentidos particulares: 'parágrafo numerado da Bíblia', 'cada subdivisão de artigo ou de parágrafo', etc.), *et reliqua*. O caso de tais palavras pareceria poder reduzir-se ao das palavras como *cartaz*, mas há uma importante diferença: aqui se mantém, mais ou menos e de alguma maneira, o sentido diminutivo.

¶ De outro modo, a palavra aparentemente resultante de naturalização usa-se como flexionada em português para indicar gradação: é o caso de *questiúncula* (< lat. *quaestiuncŭla, ae*, 'questão *pequena*, de pouca importância'), que pode comutar-se, em qualquer situação, por *questãozinha*; e, afinal, também o do próprio *corpúsculo*, que pode comutar-se, ainda que mais dificilmente, por *corpinho*. Aqui, embora etimologicamente possa tratar-se de naturalização de palavra estrangeira, e ainda que o seja efetivamente, o falante da língua a sente como dotada de sufixação flexional para indicar grau. E isto não só porque pode dar-se aquela comutação, mas porque o sufixo flexional *-culo* (e suas variantes) é perfeitamente vivo em português.[45] De fato, usamo-lo como tal: por exemplo, para uma gota pequena, qualquer gota pequena, podemos dizer *gotícula* (*got-* + *-í-* + *-cula*), do mesmo modo que podemos dizer *cãozito* (*cão-* + *-z-* + *-ito*) para um cão pequeno, para qualquer cão pequeno. Não pode haver dúvida, todavia, de que estamos outra vez em fronteira turva, até porque temos palavras como *crepúsculo* (< lat. *crepuscŭlum, i*, 'luz fraca, crepúsculo (em especial o da noite)', etc.

◆ De complexidade análoga são muitas palavras do *terceiro* caso. Com efeito, não se pode saber com certeza se *folhinha* e *papelão* foram usadas primeiramente para designar alguma coisa particular e só depois passaram a indicar grau, ou se se deu o inverso. Veja-se, aliás, que usamos *papelão* como aumentativo pejorativo para 'procedimento reprovável ou ridículo', sem nenhuma relação aparente com 'certo tipo de papel grosso e rígido'. Por outro lado, porém, palavras como *roupão* ('certo tipo de veste doméstica') ou *mastaréu* ('cada um dos suplementos ou das vergônteas dos mastros') parecem inequivocamente já ter sido criadas para nomear uma coisa particular, e nem sequer implicam noção de grau dimensivo. Aqui, por conseguinte, trata-se essencialmente de criação de novas palavras por *derivação*, mediante o uso acidental, todavia, de sufixos flexionais.

➢ Podemos CLASSIFICAR agora os diversos *sufixos de grau dimensivo* SEGUNDO O USO.

▫ Entre os aumentativos:

✓ ***-ão*** é o usado mais geralmente e antes neutramente (ou até apreciativamente);

---

[45] E que não se argua que *-culo* é sufixo já derivado de sufixo estrangeiro: todos os sufixos portugueses o são (por exemplo, *-ão*, que deriva ao menos em parte do sufixo latino vulgar *-one*, e *-inho*, que provém do sufixo latino vulgar *-īnu*), como aliás o são todos os de todas as línguas atuais.

  - ✓ ***aço***, ***-albão***, ***-albaz***, ***-anzil***, ***-aréu***, ***-arra***, -(z)***arrão***, ***-arraz***, ***-az***, ***-ázio*** são usados mais ou menos raramente, mas comumente de modo neutro (ou até apreciativo);
  - ✓ ***-eirão***, ***-orra***, ***-uço*** usam-se não raro com caráter pejorativo;
  - ✓ e ***-astro*** é sempre usado pejorativamente.
- Entre os diminutivos:
  - ✓ -(z)***inho*** é o mais usado, e é-o antes neutramente;
  - ✓ ***acho***, ***-ejo***, ***-ela***, ***-elho***, ***-ete***, ***-eto***, ***-ilho***, ***-im***, ***-ino***, -(z)***ito***, ***-ola***, ***-ote*** e ***-usco*** são usados antes neutramente, mas mais ou menos raramente;
  - ✓ ***-eco***, ***-icho***, ***-ico*** e ***-ucho*** usam-se ora neutramente, ora pejorativamente, ora carinhosamente, etc.;
  - ✓ ***-ebre*** só se usa em *casebre*;
  - ✓ ***-ato*** e ***-oto*** igualmente se situam em fronteira turva: com efeito, hoje são antes usados para formar nomes de filhote de certos animais: *lebroto* (de lebre), *perdigoto* (de perdiz); *chibato* (cabrito com mais de seis meses e menos de um ano); etc.; mas, em contrapartida, um lebroto não deixa de ser uma lebre pequena;
  - ✓ ***-isco*** rara vez é efetivo sufixo diminutivo: em *chuvisco*, por exemplo; o mais das vezes ou é sufixo derivacional (em *mourisco*, ponha-se), ou já nos chega como parte de palavra estrangeira (*obelisco* é uma delas), ou é falso sufixo, como em palavras formadas por derivação regressiva[46] (é o caso, entre outros, de *aprisco* < *apriscar*), etc.;
  - ✓ ***-ulo***/***-ula*** e ***-culo***/***-cula*** (com as variantes ***-áculo***/***-ácula***), ***-ículo***/***-ícula***, ***-úsculo***/***-úscula***, ***-únculo***/***-úncula*** são de uso mais estritamente culto.

Observação 3. Insista-se em que, entre os sufixos flexionais de *grau intensivo*, ou seja, os que indicam sinteticamente o grau SUPERLATIVO, ***-íssimo*** é de longe o mais usado.

Observação 4. Nem sempre a língua se vale de sufixos flexionais para significar o que não seja diferença essencial entre as coisas. Muitas vezes, por exemplo, o feminino é indicado por substantivo aposto: *o jacaré fêmea*, a *garça macho*; o plural e o grau por adjetivo quantitativo: *muita gente*, *quanta preocupação*, *sala grande*, *pequeno barco*; ou ainda o grau por advérbio: *excepcionalmente difícil*, *demasiadamente rápido*, etc.

---

[46] Para DERIVAÇÃO REGRESSIVA, *vide* mais abaixo.

β. Há duas espécies de desinências **VERBAIS**, cada uma das quais expressa dupla e cumulativamente.

→ Da primeira espécie são as MODO-TEMPORAIS, que indicam, obviamente, o *modo* e o *tempo* do verbo:

- ◆ ***-va-*** (***-ve-***), DO IMPERFEITO DO INDICATIVO DA 1ª. CONJUGAÇÃO: *fala-va*, *falá-ve-is*, etc.;
- ◆ ***-a-*** (***-e-***), do IMPERFEITO DO INDICATIVO DA 2ª. CONJUGAÇÃO e DA 3ª.: *escrevi-a*, *escreví-e-is*; *parti-a*, *partí-e-is*; etc.;
- ◆ ***-ra-*** (***-re-***), do MAIS-QUE-PERFEITO DO INDICATIVO DAS TRÊS CONJUGAÇÕES: *fala-ra*; *escrevê-ra-mos*; *partí-re-is*, etc.;
- ◆ ***-rá-*** (***-rã-***; ***-re-***), DO FUTURO DO PRESENTE DAS TRÊS CONJUGAÇÕES: *fala-re-i*; *escreve-rá-s*; *parti-rã-o*; etc.;
- ◆ ***-ria-*** (***-rie-***), DO FUTURO DO PRETÉRITO DAS TRÊS CONJUGAÇÕES: *fala-ria-s*; *escreve-ríe-is*; *parti-ria-m*; etc.;
- ◆ ***-e-***, DO PRESENTE DO SUBJUNTIVO DA 1ª. CONJUGAÇÃO: *fal-e*, *fal-e-mos*, etc.;
- ◆ ***-a-***, DO PRESENTE DO SUBJUNTIVO DA 2ª. CONJUGAÇÃO e DA 3ª.: *escrev-a*; *part-a-is*; etc.;
- ◆ ***-sse-***, do IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO DAS TRÊS CONJUGAÇÕES: *fala-sse*; *escrevê-sse-mos*; *parti-sse-m*; etc.;
- ◆ ***-r-***, DO FUTURO DO SUBJUNTIVO DAS TRÊS CONJUGAÇÕES: *canta-r-es*; *escreve-r-mos*; *parti-r-em*.

Observação 1. Como se vê, nem todos os tempos verbais têm desinência modo-temporal: carece dela o *pretérito perfeito do indicativo*. Também carece dela o PRESENTE DO INDICATIVO, mas por razão de todo diversa – e por isto é que se prova mais cabalmente que os modos e os tempos verbais estão para o presente do indicativo assim como o vocativo, o genitivo, o dativo, o acusativo e o ablativo estão para o nominativo, por exemplo, em latim, e assim como os pronomes oblíquos estão para os retos, por exemplo, em português (*eu* [nominativo] – *me* [acusativo], *mim*, *ti* [dativo ou ablativo], etc.). Em outras palavras, os modos e os tempos verbais são como CASOS *do presente do indicativo*, assim como o vocativo, o genitivo, o dativo, o acusativo e o ablativo são casos *do nominativo*, e assim como os pronomes oblíquos o são *dos retos*.[47] Por isso é que, enquanto o pretérito perfeito do indicativo carece de desinência modo-temporal mas a poderia ter, o presente do indicativo, definitivamente, não só carece de tal desinência mas NÃO A PODE TER. Bem sabemos que quanto se acaba de dizer contraria tanto a gramática e a linguística atuais como, até, a bimilenar tradição gramatical latina.[48] Não obstante, assim é.

⬀ **Observação 2.** Como mostrado, as desinências modo-temporais terminadas em ***a*** apresentam uma variante em ***e***, o que sucede sistematicamente na 2ª pessoa do plural devido ao contato com a desinência número-pessoal ***-is***. Forma-se então o ditongo *ei* (*s*): *falava* – *faláveis*; *escrevia* – *escrevíeis*; *partira* – *partíreis*. Tal variante, todavia, também se dá em duas outras pessoas do futuro do presente: *cantarei* e *cantaremos*.

⬀ **Observação 3.** Para assinalar as FORMAS NOMINAIS DO VERBO, dispõe o português de quatro desinências:

◆ ***-r*** – para o INFINITIVO (impessoal): *fala-r*, *escreve-r*, *parti-r*, etc.;
◆ ***-ndo*** – para o GERÚNDIO: *fala-ndo*, *escreve-ndo*, *parti-ndo*, etc.;
◆ ***-do*** – para o PARTICÍPIO: *fala-do*, *devi-do*, *parti-do*, etc.;
◆ ***-nte*** – para o PARTICÍPIO MODAL: *passa-nte*, *corre-nte*, *conduce-nte*, etc.

➢ Conquanto quase sempre a desinência ***-nte*** seja formadora, no português atual, de adjetivos e/ou de substantivos (*canta-nte*, *urge-nte*, *ouvi-nte*, etc.), não perdeu de todo, no entanto, o vigor participial. Estudá-lo-emos na Quinta Parte.

➢ A razão de chamarmos *modal* ao particípio comumente chamado "presente", damo-la na mesma Quinta Parte.

⬀ **Observação 4.** Como veremos no devido momento, há verbos cujo particípio é irregular, e há verbos que, abudantemente, têm o particípio regular e um particípio irregular: no primeiro caso, por exemplo, *escrever* – ESCRITO; e no segundo, ainda por exemplo, *eleger* – ELEGIDO e ELEITO.

---

[47] Desse modo, insista-se, o *nominativo* e os *pronomes retos* não são casos; e a flexão do nominativo não é desinência casual, mas *vogal temática*, ao mesmo título que as vogais temáticas nominais em português.

[48] Esta tradição teve por expoente, entre outros, João Filopono de Alexandria (Joannes Philoponus, c. 490-c. 570), também chamado JOÃO, O GRAMÁTICO (Joannes Grammaticus), filósofo neoplatônico cristão que, influído ademais pelo estoicismo, combateu boa parte das teses aristotélicas.

→ Da segunda espécie são as NÚMERO-PESSOAIS, que indicam, naturalmente, a *pessoa* e o *número* da forma verbal:[49]

- do PRESENTE DO INDICATIVO: ***-o***, ***-s***, ***-mos***, ***-is*** (***-des***), ***-m***:
  - ✓ *fal-o; escreve-s; deve-mos; part-is; segue-m;* etc.;
- do PRETÉRITO IMPERFEITO DO INDICATIVO, do PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO DO INDICATIVO, do FUTURO DO PRETÉRITO, do PRESENTE DO SUBJUNTIVO e do IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO: ***-s***, ***-mos***, ***-is***, ***-m***:
  - ✓ *falava-s; escrevíamo-s; partíe-is; seguia-m;* etc.;
  - ✓ *falara-s; escrevêra-mos; partíre-is; seguira-m;* etc.;
  - ✓ *falaria-s; escreveria-mos; partirie-is; seguiria-m;* etc.;
  - ✓ *fale-s; escreva-mos; parta-is; siga-m;* etc.;
  - ✓ *falasse-s; escrevêsse-mos; partísse-is; seguisse-m;* etc.;
- do FUTURO DO PRESENTE: ***-i***, ***-s***, ***-mos***, ***-is***, ***-o***:
  - ✓ *falare-i; escreverá-s; devere-mos; partirei-is; seguirã-o;* etc.;
- do FUTURO DO SUBJUNTIVO e do INFINITIVO PESSOAL: ***-es***, ***-mos***, ***-des***, ***-em***:
  - ✓ *falar-es; escrever-mos; dever-des; partir-em;* etc.;

⇗ **OBSERVAÇÃO 1.** Carecem pois de desinência número-pessoal:

- a terceira pessoa do singular do presente do indicativo;
- a primeira pessoa e a terceira pessoa do singular do pretérito imperfeito do indicativo, do pretérito mais-que-perfeito do indicativo, do futuro do pretérito, do presente do subjuntivo e do imperfeito do subjuntivo;
- a terceira pessoa do singular do futuro do presente;
- a primeira pessoa e a terceira pessoa do singular do futuro do subjuntivo e do infinitivo pessoal.

⇗ **OBSERVAÇÃO 2.** Observe-se que, se o *presente do indicativo* não só carece mas não pode ter desinência modo-temporal, pode todavia ter e de fato tem, em algumas pessoas, desinência número-pessoal.

⇗ **OBSERVAÇÃO 3.** Observe-se ainda que a desinência número-pessoal ***-des***, de segunda pessoa do plural do presente do indicativo, só aparece em alguns poucos verbos: *i-des*, *vin-des*, etc.

⇗ **OBSERVAÇÃO 4.** A letra ***m*** com que grafamos a desinência número-pessoal de terceira pessoa do plural do presente do indicativo representa hoje, na escrita, a nasalização (vocal) do ***a*** que a antecede imediatamente. No entanto, a desinência

---

[49] As que se arrolam a seguir valem para as três conjugações.

-m é propriamente desinência não só porque se grafa, mas porque, se assim não fosse, tampouco o seria a desinência ***-o*** de terceira pessoa do plural do futuro do presente, nem desinências como ***-i*** e ***-is***, todas as quais na fala são semivogais, ou seja, fonemas pronunciados em *uma só emissão vocal* com a vogal que os antecede. Afirmar, enfim, que aquele ***-m*** não é propriamente desinência é, uma vez mais, deixar-se levar pelo desprezo da escrita.

⇗ **Observação 5.** Caso particularmente intricado é o do PRETÉRITO PERFEITO. Se consideramos a primeira conjugação, este tempo verbal aparece com desinência número-pessoal em todas as pessoas: ***-i***, ***-ste***, ***-u***, ***-mos***, ***-stes***, ***-ram***:

✓ *fale-i*, *tenta-ste*, *trabalho-u*, etc.

Na segunda conjugação e na terceira, porém, já perdemos toda a certeza. Com efeito, em *escrevi* parece, à primeira vista, que o ***-i*** seja desinência número-pessoal ligada diretamente ao radical, sem mediação da vogal temática; mas pode ser que este ***-i*** resulte de crase entre a vogal temática (***-e-***) reduzida a ***-i-*** e o ***-i*** desinencial, ou não passe, pura e simplesmente, da vogal temática reduzida a ***-i-***.[50] Diga-se algo semelhante de *parti*: este ***-i*** pode ser ou a desinência número-pessoal aderida diretamente ao radical, ou crase da vogal temática com a desinência-número pessoal, ou ainda a pura desinência número-pessoal. Irresolúvel.

⇗ **Observação 6.** Quanto às desinências número-pessoais, o IMPERATIVO é caso à parte. Se se trata das pessoas mais próprias deste modo, a saber, a segunda do singular e a segunda do plural, as quais são, justamente, as segundas pessoas do presente do indicativo sem seu *-s* final, então temos apenas uma desinência número-pessoal residual: um ***-i*** na segunda do plural:

✓ PRESENTE DO INDICATIVO, *falas*, *falais*; IMPERATIVO, *fala*; *fala-i*.

Se porém se consideram as demais pessoas, todas menos próprias do imperativo e todas tomadas do presente do subjuntivo, diga-se de sua respectiva desinência número-pessoal o mesmo que se disse, acima, das do *presente do subjuntivo*.

4.2.4.c. Como acabamos de ver, não é incomum a mutação dos acidentes das palavras, como a da vogal temática da segunda conjugação, ***-e-***, em ***-i-***. Pudemos, de algum modo, incluir as "mais regulares" nos paradigmas. Sucede, porém, que não só as demais alterações dos acidentes não têm "regularidade" alguma, mas tampouco é incomum a mutação dos radicais. Estamos diante dos VERBOS IRREGULARES e dos VERBOS ANÔMALOS. No capítulo próprio dos verbos, ver-se-á como se conjugam. Explique-se ainda aqui, todavia, em que consistem mais precisamente tal irregularidade e tal anomalidade, e a diferença entre elas.

---

[50] Lembremos que em espanhol a vogal temática de segunda conjugação não raro se reduz a ***-i-*** em muitas das pessoas do *pretérito indefinido* (ou *perfecto simple*): por exemplo, *pude*, *pudiste*, *pudo*, *pudimos*, *pudisteis*, *pudieron*. Há em português, ademais, o fato indiscutível de que no imperfeito do indicativo e no particípio a vogal temática da segunda conjugação se converte precisamente em ***-i-***: *escrev-**i**-a*; *det-**i**-do*; etc.

- No verbo REGULAR, ou não se alteram o radical e os acidentes, ou as variantes destes, como dissemos, podem incluir-se nos paradigmas.
- No IRREGULAR, ou se altera o radical, ou a alteração dos acidentes, por demasiado singulares, não pode incluir-se nos paradigmas. 1) "Assim", mostra-nos J. Mattoso Câmara Jr.,[51] "a 1ª. pessoa do singular do presente do indicativo de *estAR* é *irregular* – *estOU*, porque a terminação *-OU* difere [singularmente] da da 1ª. pessoa do singular do presente do indicativo no correspondente paradigma – *amO*. 2) Porque o seu radical é mais ou menos diferente do radical do infinitivo impessoal. Assim, a 1ª. pessoa do singular do presente do indicativo de *pedIR* é *irregular* – *peçO*, porque o radical *peç-* é diferente do do infinitivo impessoal – *ped*".

→ Os verbos IRREGULARES costumam classificar-se em:

◆ FORTES, se *sofrem* alteração no radical do PRETÉRITO PERFEITO: *fazer* – *fiz*, *trazer* – *trouxe*, etc.; ou

◆ FRACOS, se *não sofrem* alteração no radical do PRETÉRITO PERFEITO: *ouvir* – *ouvi*, *pedir* – *pedi*, etc.

✓ Nos *irregulares fortes* **não** há identidade de formas entre o INFINITIVO PESSOAL e o FUTURO DO SUBJUNTIVO: *dar* – *der*, *caber* – *couber*, *querer* – *quiser*, *saber* – *souber*, etc.

✓ Nos *irregulares fracos* há identidade de formas entre o INFINITIVO PESSOAL e o FUTURO DO SUBJUNTIVO: *passear* – *passear*, *crer* – *crer*, *ler* – *ler*, *sentir* – *sentir*, etc.

→ Nem todas as formas dos irregulares, todavia, são irregulares. "Assim", escreve ainda J. Mattoso Câmara Jr.,[52] "o verbo *estar*, da 1ª. conjugação, é irregular, mas são regulares várias de suas formas, como o pretérito imperfeito do indicativo (estAVA, etc.) e as 1ª. e 2ª. pessoas do plural do presente do indicativo (estAMOS, estAIS)".

---

[51] *Gramática* (1ª. e 2ª. série ginasial), Rio de Janeiro, F. Briguiet, 1955, p. 100, *apud* Rocha Lima, *op. cit.*, p. 208.

[52] *Ibidem*, p. 207.

- Falando mais propriamente, verbo ANÔMALO é o verbo irregular que conta em sua conjugação com *duas ou três raízes*.[53] Neste sentido, há tão somente dois verbos anômalos:
    - o verbo *SER*, para cuja conjugação concorrem dois verbos latinos, *sedēre* e *esse*;
    - e o verbo *IR*, para cuja conjugação concorrem três verbos latinos, *īre*, *vadĕre* e *esse* (mais precisamente seu *perfectum* – *fui*).

⇗ **OBSERVAÇÃO.** Também pode considerar-se anômalo, todavia, qualquer verbo cujo radical sofra alterações muito profundas, o que é o caso dos seguintes: *caber*, *dar*, *dizer*, *estar*, *haver*, *poder*, *saber*, *ter*, *ver*, *vir*, etc., e especialmente *pôr* (além, é claro, dos mais propriamente anômalos, *ser* e *ir*).

4.3. TEMA é o segmento da palavra formado de *radical* mais *vogal temática*. Assim, do radical *cas-* mais a vogal temática nominal *a* se obterá o tema *casa*. Outros exemplos:

- do radical *braç-* + a vogal temática *-o* temos o tema *braço*;
- do radical *trabalh-* + a vogal temática da 1ª conjugação, *-a-*, temos o tema *trabalha*.

Pois bem, ao tema acrescentam-se não só os outros acidentes da palavra: *braço-s*, *trabalha-rá*, etc., mas também sufixos derivacionais. Exemplo: do tema verbal *casa-* + o sufixo *-mento* temos *casamento*.

⇗ **OBSERVAÇÃO 1.** Com os sufixos de grau e na derivação sufixal, no entanto, muito comumente a vogal temática cai ou se transforma. Exemplos:

- *ros-inha* e *ros-eira*, onde o sufixo se junta imediatamente ao radical;
- *afet-u-oso*, onde o sufixo se junta ao tema, mas com a vogal temática mudada de ***-o-*** em ***-u-***.

⇗ **OBSERVAÇÃO 2.** Como já indicamos, dizem-se **ATEMÁTICAS** as palavras sem vogal temática; são as terminadas em consoante ou em vogal tônica (seguida ou não de *-s* [*aloés*, variante de *aloé*]).

- Nestes casos, o radical identifica-se com o tema, e muitas vezes é a ele que pura e simplesmente se juntam tanto os acidentes da palavra como os sufixos: *pés*; *tambor-im*, etc.
- Mas nas atemáticas terminadas em consoante não raro reaparece uma vogal etimológica: *mar-es*, *mar-e-moto*; etc.[54]

---

[53] Para RAIZ, *vide* **4.2.2** *supra*.

[54] Veja-se, porém, o dito mais acima a este respeito.

- As partes morfológicas da palavra vistas até aqui ou têm alguma carga semântica, ou são instumentos classificatórios. Há, todavia, partes que não cumprem nenhuma dessas funções, e servem tão somente para evitar certos hiatos ou certos encontros consonantais sentidos como dissonâncias. São as VOGAIS e as CONSOANTES DE LIGAÇÃO.
  - A palavra *gasômetro* é formada de *gás* + *o* + *metro*, e a vogal **-o-** que se interpõe entre as partes extremas não está aí senão para evitar um encontro consonantal "sm"; é uma VOGAL DE LIGAÇÃO.
  - A palavra *cafezal*, por seu turno, é formada de *café* + *z* + *al*, e a consoante **-z-** que se interpõe entre as partes extremas não está aí senão para evitar um hiato "é-a"; é uma CONSOANTE DE LIGAÇÃO.
  - De notar é o uso da consoante de ligação **-z-** antes da desinência de diminutivo *-inho*. Alternam-se os modos de dizer: *baldinho* e *baldezinho*, *salinha* e *salazinha*; *colherinha* e *colherzinha*, *florinha* e *florzinha*; etc. As razões para tal alternância são de difícil precisão: podem ter que ver com ritmo, ou com eufonia, ou com clareza, ou com integridade, etc. De fato, por exemplo, pela manutenção da INTEGRIDADE do tema, *baldezinho* soa-nos melhor que *baldinho*, enquanto, por razão de EUFONIA, *salinha* se nos afigura melhor que *salazinha*; mas *florzinha* parece indicar com mais CLAREZA que se trata da mesma palavra *flor*; e assim por diante.
- Não se confunda com vogal de ligação ou com consoante de ligação, nem, muito menos, com alteração de radical, o que não passa de mera adaptação gráfica: *franquear* forma-se de *franc*(*o*) + *ear*, e seu *qu* não é senão o mesmo *c* de *franco* quando antes de *e* ou de *i*; ou, o que é o mesmo por outro ângulo, *qu* e *c* são, aqui, duas representações gráficas do mesmo fonema /k/.
- Na Quinta Parte, já não trataremos dos radicais e dos acidentes das palavras senão enquanto têm implicação no correto uso morfológico do substantivo, no do adjetivo e no do verbo, e na constituição de paradigmas seus.

V

A FORMAÇÃO DE NOVAS PALAVRAS

§ Para a formação de NOVAS PALAVRAS, contamos antes de tudo com duas possibilidades gerais:

1. ou se junta a um radical ou a um tema

a. um prefixo,

b. um radical

c. ou um tema;

2. ou se junta a um radical ou a um tema um sufixo derivacional.

São 1) a **COMPOSIÇÃO** e 2) a **DERIVAÇÃO PRÓPRIA** (ou **SUFIXAL**).

- Se se trata de COMPOSIÇÃO, a palavra *derivada* pode continuar ou não na mesma família que o radical ou que o tema *primitivos*.
- Se se trata de DERIVAÇÃO, a palavra *derivada* continua na mesma família que o radical ou que o tema *primitivos*.

> ➢ Chama-se FAMÍLIA DE PALAVRAS, insista-se, ao conjunto de palavras que se agrupam em torno de um radical comum: *olho*, *olhadela*, *entreolhar-se*, etc.

Há ainda, todavia, outros modos de formar novas palavras:

3. a PARASSÍNTESE, em que a palavra é formada ao mesmo tempo por composição e por derivação própria (ou sufixal);

4. a DERIVAÇÃO REGRESSIVA, que é o exato contrário da *derivação própria*;

5. a ONOMATOPEIA, em que se fomam palavras imitativas de som ou de ruído;

6. outros ainda.

⇗ **NOTA PRÉVIA** ⇘. Muitos gramáticos, e dos melhores, consideram a PREFIXAÇÃO uma espécie de derivação ao mesmo título que a sufixação. Outros, entre os quais nos incluímos, a consideram uma espécie de *composição*. A nossa razão dá-a Said Ali, que todavia se inclui no primeiro grupo: "[...] os prefixos são, na maior parte, preposições e advérbios, isto é, vocábulos de existência independente, combináveis com outras palavras".[55] Ora, O QUE MAIS PROPRIAMENTE DIFERENCIA

---

[55] Said Ali, *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. 3ª. ed. São Paulo, Melhoramentos, 1964, p. 229. – Note-se todavia que para Said Ali as preposições, os advérbios, etc., quando entram na composição de outra palavra, não se mudam em meras partes morfológicas.

A COMPOSIÇÃO DA DERIVAÇÃO PRÓPRIA (OU SUFIXAL) É O FATO DE NAQUELA CONCORRER PARA A FORMAÇÃO DA NOVA PALAVRA *MAIS DE UM RADICAL*. Mas, obviamente, tanto os advérbios como as preposições contam com radical. Se assim é, e como os prefixos são partes morfológicas de origem ou prepositiva e ou adverbial (como o diz, de outro modo, o mesmo Said Ali), segue-se que a prefixação é uma espécie de composição.[56] Como quer que seja, todavia, como se trata, uma vez mais, de zona fronteiriça tênue, nem sempre nossa posição pode sustentar-se de todo inequivocamente.[57] Ademais, ao contrário do que se dá na composição mais propriamente lexical, a nova palavra formada por prefixação permanece na mesma família que a palavra prefixada, o que constitui um traço de identidade com a derivação sufixal.

5.1. A FORMAÇÃO DE NOVAS PALAVRAS POR COMPOSIÇÃO.

5.1.1. A primeira espécie de *composição* é, pois, a **PREFIXAÇÃO**. Os *prefixos*, que de modo geral são partes morfológicas de origem ou prepositiva ou adverbial (as quais podem ou não ter vida própria na língua atual como preposições ou como advérbios), modificam com sua carga semântica mais ou menos precisa o sentido do tema primitivo, para assim formar a nova palavra: *leal* → *desleal* (prefixo *des-* + tema *-leal*), *pôr* → *impor* (prefixo *in-* + tema *-por*), etc.

☞ **OBSERVAÇÃO.** Não raro não se sente claramente a relação entre a carga semântica do prefixo e a do tema, justamente a relação que na prefixação dá a significação à nova palavra. Em *exceder*, *preceder*, *proceder*, por exemplo, não vemos nitidamente a ideia de *ceder*, nem se sente de todo que relação se estabelece entre este tema e os prefixos *ex-*, *pre-* e *pro-*. Por outra parte, nem sempre os temas a que se juntam os prefixos têm vida própria em português. Pode tratar-se de radicais latinos ou de radicais gregos transpostos e meramente adaptados à nossa língua, como nestes exemplos: *aduzir*, *conduzir*, *deduzir*, *eduzir*, *induzir*, *produzir*, *reduzir* (do radical de *ducĕre*); *afonia*, *apofonia*, *eufonia*, *metafonia*, *protofonia* (do radical de *phónē*).[58]

→ São os seguintes OS PREFIXOS MAIS USADOS em palavras portuguesas:

- **Prefixos de origem latina:**

◆ **AB-**, **ABS-**, **A-** (afastamento, separação):

✓ *abdicar*, *abjurar*, *abuso*; *abster*, *abstrair*; *amovível*, *aversão*; etc.;

---

[56] Incluem-se no primeiro grupo também os autores do novo Acordo Ortográfico. Assim, onde neste se lê "derivação prefixal", lemos nós COMPOSIÇÃO POR PREFIXAÇÃO.

[57] *Vide*, por exemplo, o dito na próxima **OBSERVAÇÃO**.

[58] As séries de exemplos, excelentes, que se seguem nesta OBSERVAÇÃO foram extraídas de Rocha Lima, *op. cit.*, p. 251, embora lhes tenhamos feito um que outro acréscimo.

- **AD-, A-** [**AR-, AS-**] (movimento para, aproximação, direção):
  - ✓ *adjacente, adjunto, adorar; afirmar, arrendar, assimilar,* etc.;
- **ANTE-** [**ANT-**] (anterioridade, precedência):
  - ✓ *antebraço, anteontem, antessala; antolhos;* etc.;
- **CIRCUM-** [**CIRCUN-**] (movimento em torno):
  - ✓ *circum-adjacente, circum-navegar, circum-murado; circuncírculo, circunlóquio, circunscrito;* etc.
- **CIS-** (posição aquém):
  - ✓ *cisalpino, cisatlântico, cisplatino,* etc.;
- **COM-** [**CON-**], **CO-** [**COR-**] (contiguidade, companhia):
  - ✓ *combater, compor; conjurar, consoante; coirmão, comover; correlacionar, correligionário;*
- **CONTRA-** (oposição, aposição):
  - ✓ *contradizer, contraprova, contrasselo,* etc.;
- **DE-** (movimento de cima para baixo):
  - ✓ *decapitar, decrescer, depor,* etc.;
- **DES-** (separação, ação contrária, privação, negação):
  - ✓ *desfazer, desfolhar, desmascarar, desverde, desumano,* etc.;
- **DIS-, DI-** [**DIR-**] (separação, movimento para diversos lados, negação):
  - ✓ *dissidente, distender, discordar; difícil* (*dis* + *fácil*); *dilacerar, dirimir;* etc.
- **ENTRE-, INTER-** (posição intermediária, relação entre):
  - ✓ *entreabrir, entreato, entrever; interromper, intervir, internacional,* etc.;
- **EX-, ES-, E-** (movimento para fora, estado anterior):
  - ✓ *excêntrico, expatriar, extrair; esburacar, escorrer, estender; efusão, emigrar;* etc.;[59]
- **EXTRA-** (posição exterior, excesso):
  - ✓ *extralinguístico, extramuros, extraordinário,* etc.;
- **IN-** [**IM-**], **I-** [**IR-**], **EM-** [**EN-**] (movimento para dentro):
  - ✓ *incorrer, incrustar, importar; iluminar, irromper; embarcar, enterrar;* etc.;
- **IN-** [**IM-**], **I-** [**IR-**] (negação, privação):
  - ✓ *inativo, imperdoável, impossível; ilegal, imutável, irrestrito;* etc.;
- **INTRA-** (posição interior):
  - ✓ *intramuscular, intraverbal, intravenoso,* etc.;

---

[59] É comum *es-* alternar-se com *des-*: *esfarelar* ou *desfarelar, estripar* ou *destripar,* etc.

- **INTRO-** (movimento para dentro):
  - ✓ *introjetar, intrometer, introspectivo*, etc.;
- **OB-, O-** (posição em frente, oposição):
  - ✓ *objeto, obstar, obter; ocorrer, opor*; etc.;
- **PER-** (movimento através de):
  - ✓ *percorrer, perdurar, perfurar*, etc.;
- **POS-** [**PÓS-**] (posterioridade):
  - ✓ *pospor, postônico, pós-homérico*, etc.;
- **PRE-** [**PRÉ-**] (anterioridade):
  - ✓ *prefácio, prefixo, preliminar, pré-fabricado*, etc.;
- **PRO-** (movimento para frente):
  - ✓ *promover, prometer, prorromper, prosseguir*, etc.;
- **RE-** (movimento para trás, repetição):
  - ✓ *refluir, redizer, refazer, renascer*, etc.;
- **RETRO-** (movimento mais para trás):
  - ✓ *retroagir, retrocesso, retrotrair, retrospectivo*, etc.;
- **SEMI-** (metade, quase):
  - ✓ *semicírculo, semideus, semimorto*, etc.;
- **SOTO-, SOTA-** (posição inferior):
  - ✓ *soto-mestre, sotopor; sota-vento, sota-voga*; etc.;
- **SUB-, SUS-, SU-, SOB-, SO-** [**SOR-**] (movimento de baixo para cima, inferioridade):
  - ✓ *subalterno, subir; suspender, suster; suceder, supor; sobestar, sobpor, soerguer, soterrar, sorrir*; etc.;
- **SUPER-, SOBRE-** (posição em cima, excesso):
  - ✓ *supercílio, superpor, super-hidratação; sobrescrito, sobreviver, sobrepor*; etc.;
- **SUPRA-** (posição acima, excesso):
  - ✓ *supracitado, suprarrenal, suprassumo*, etc.;
- **TRANS-, TRAS-** [**TRA-**], **TRES-** (movimento e posição para além de):
  - ✓ *transbordar, transluzir, transalpino; trasladar, tradição, traduzir, tresmalhar, tresnoitado*; etc.;[60]
- **ULTRA-** (posição além do limite):
  - ✓ *ultramarino, ultrapassar, ultrarrealista*, etc.;
- **VICE-, VIS-** [**VIZO-**] (substituição, em lugar de):
  - ✓ *vice-reitor, visconde, vizo-rei*; etc.

---

[60] Em algumas palavras, alternam-se estes prefixos: *transpassar, traspassar* ou *trespassar*, etc.

- **Prefixos de origem grega:**

◆ **AN-** [**A-**]:
  ✓ *anarquia*, *anônimo*; *afonia*, *ateu*; etc.;

◆ **ANÁ-** (de baixo para cima, inversão, repetição, progressão):
  ✓ *anagrama*, *analogia*, *anástrofe*, *anábase*, etc.;

◆ **ANFI-** (de um e de outro lado):
  ✓ *anfíbio*, *anfibologia*, *anfiteatro*, etc.;

◆ **ANTI-** (oposição, ação contrária):
  ✓ *antídoto*, *antípoda*, *antítese*, *antiaéreo*, etc.;

◆ **APÓ-** (afastamento, separação):
  ✓ *apogeu*, *apóstata*, *apoteose*, etc.;

◆ **ARQUI-** [**ARC-**, **ARQUE-**, **ARCE-**] (superioridade):
  ✓ *arquipélago*, *arquiteto*, *arcanjo*, *arquétipo*, *arcebispo*, etc.;

◆ **CATÁ-** (de cima para baixo, oposição):
  ✓ *cataclismo*, *catacumba*, *catadupa*, *catacrese*, etc.;

◆ **DIÁ-** [**DI-**] (movimento através de):
  ✓ *diáfano*, *diagnóstico*, *diagonal*, *diocese*, etc.;

◆ **DIS-** (dificuldade, mau estado):
  ✓ *dispneia*, *dispepsia*, *disenteria*, etc.;

◆ **EC-** [**EX-**] (movimento para fora):
  ✓ *eclipse*, *écloga*, *exegese*, *exorcismo*, etc.;

◆ **EN-** [**EM-**, **E-**] (posição interior):
  ✓ *encéfalo*, *energia*, *embrião*, *elipse*, etc.;

◆ **ENDO-** [**END-**] (posição interior, movimento para dentro):
  ✓ *endotérmico*, *endosmose*, etc.;

◆ **EPI-** (posição superior; movimento para, posterioridade):
  ✓ *epidemia*, *epitáfio*, *epístola*, etc.;

◆ **EU-** [**EV-**] (bem, bom):
  ✓ *eucaristia*, *eufemismo*, *evangelho*; etc.;

◆ **HIPER-** (sobre, além de, excesso):
  ✓ *hipérbole*, *hipertrofia*, *hipertensão*, etc.

◆ **HIPÓ-** (posição inferior, escassez):
  ✓ *hipótese*, *hipotensão*, *hipoglosso*, etc.;

◆ **META-** [**MET-**] (posterioridade, mudança):
  ✓ *metamorfose*, *metáfora*, *metonímia*, etc.;

- **PARÁ-** [**PAR-**] (proximidade, ao lado de):
  - ✓ *paradigma*, *paradoxo*, *paralogismo*, *parônimo*, etc.;
- **PERI-** (em torno de):
  - ✓ *perífrase*, *perímetro*, *período*, *peripécia*, etc.;
- **PRÓ-** (posição em frente; movimento para frente, anterior):
  - ✓ *problema*, *pródromo*, *prognóstico*, *prólogo*, etc.;
- **SIN-** [**SIM-**, **SI-**] (simultaneidade, reunião, companhia):
  - ✓ *sincrônico*, *sinfonia*, *simpatia*, *sílaba*, etc.

➢ Observe-se que há correspondência algo numerosa entre prefixos gregos e prefixos latinos: *an-* e *des-*, *en-* e *in-*, *catá-* e *de-*, etc.

OBSERVAÇÃO GERAL. Respondamos à seguinte objeção: não é possível considerar muitos de tais prefixos como da língua portuguesa, porque, com efeito, nela não têm curso próprio. Deve dizer-se porém que, se não têm curso próprio na língua coloquial, podem servir, e servem, sim, de partes morfológicas formadoras de novas palavras no âmbito da Ciência em geral – e também no da Poética. Ou seja, ainda quando não tenham curso próprio atual nestes âmbitos, estão *em potência* para tê-lo. Por exemplo, é o que se deu em francês com *synchronie* (*syn-* + *chron-* + *ie*). E diga-se o mesmo com respeito aos radicais e aos sufixos provenientes do grego e do latim (ou de outras línguas). Prova disso é o chamado HIBRIDISMO, ou seja, o modo linguístico em que se formam palavras mediante a junção de um radical grego e de um latino, por exemplo. Não se trata, portanto, tão só de que tenhamos tomado emprestado daquelas línguas tais partes morfológicas: mais que isso, naturalizamo-las, tornamo-las nossas. Pode dizer-se, analogicamente, que tal naturalização está para a língua assim como a nutrição está para o ser vivo.

5.1.2. A segunda espécie de composição é a que se dá pela junção de um radical ou de um tema nominais ou verbais e de outro radical ou de outro tema nominais ou verbais. É a esta espécie que pode chamar-se **COMPOSIÇÃO MAIS PROPRIAMENTE LEXICAL.**

➢ A fronteira entre a composição por prefixação e a composição mais propriamente lexical, há que reconhecê-lo ainda uma vez, nem sempre é de todo nítida, porque, com efeito, em ambos os casos se trata sempre de radical ou de tema que se juntam a outro radical ou a outro tema. Sucede apenas que o radical ou o tema de preposições e de certos advérbios têm menor carga semântica que os de substantivos, de adjetivos, de verbos e de outros advérbios – em suma, são "menos" *lexicais* que estes. Daí a distinção, e daí o nome dado à espécie de composição que nos ocupa agora.

- Pois bem, as partes morfológicas de uma palavra formada por composição mais propriamente lexical podem apenas *justapor-se*, conservando cada qual sua integridade temática (*guarda-chuva, vaivém*); ou *aglutinar-se*, com o que ao menos uma delas perde a integridade temática (*agricultura, pernilongo*). No primeiro caso temos JUSTAPOSIÇÃO; no segundo, AGLUTINAÇÃO.

→ A **JUSTAPOSIÇÃO** pode ser:

- ◆ de SUBSTANTIVO + SUBSTANTIVO(S):
  - ✓ *arco-íris, parede-cega, peixe-espada, porta-bandeira, mico-leão-dourado*, etc.;
- ◆ de SUBSTANTIVO E PREPOSIÇÃO + SUBSTANTIVO:
  - ✓ *queda-d'água, pé de vento, pé-de-cabra* (planta), *pé de cabra* (alavanca), *pé-de-meia* (pecúlio), etc.;
- ◆ de ADJETIVO + SUBSTANTIVO:
  - ✓ com o adjetivo como *segunda parte morfológica*: *água-forte, amor-perfeito, fogo-fátuo, mão-morta, vitória-régia*, etc.;
  - ✓ com o adjetivo como *primeira parte morfológica*: *baixa-mar, belas-artes, bom-nome, gentil-homem, meio-dia*, etc.
- ◆ de ADJETIVO QUALIFICATIVO + ADJETIVO QUALIFICATIVO:
  - ✓ *azul-marinho, claro-escuro, hispano-americano, luso-brasileiro, verde-escuro*, etc.;
- ◆ de ADJETIVO DETERMINATIVO[61] + SUBSTANTIVO:
  - ✓ *meu-bem, Nosso Senhor, Vossa Excelência, segunda-feira, três-marias*, etc.;
- ◆ de VERBO + SUBSTANTIVO:
  - ✓ *beija-flor, ganha-pão, mandachuva, pica-pau, quebra-nozes*, etc.;
- ◆ de VERBO + VERBO (ou de VERBO E PREPOSIÇÃO + VERBO):
  - ✓ *corre-corre, vaivém, leva e traz*, etc.;
- ◆ de ADVÉRBIO + ADJETIVO:
  - ✓ *sempre-viva*, etc.;
- ◆ outros casos:
  - ✓ *bem-te-vi, louva-a-deus, não-te-esqueças-de-mim*, etc.

---

[61] Para a distinção entre ADJETIVO QUALIFICATIVO e ADJETIVO DETERMINATIVO, *vide* o dito mais acima.

→ Quanto à origem de temas e de radicais, a **AGLUTINAÇÃO** pode dar-se diversamente.

α. A AGLUTINAÇÃO pela qual se formam nossas PALAVRAS DE USO MAIS CORRENTE dá-se mais geralmente entre radicais ou temas já de todo portugueses: *embora* (*em* + *boa* + *hora*), *malograr* (*mal* + *lograr*), *pernalta* (*perna* + *alta*), etc.

β. Mas na AGLUTINAÇÃO pela qual se formam nossas PALAVRAS DE USO ANTES CIENTÍFICO, ANTES ARTÍSTICO OU ANTES TÉCNICO entram geralmente um radical de origem latina ou um radical de origem grega.

- Entre os principais **RADICAIS DE ORIGEM LATINA** que funcionam como **PRIMEIRA PARTE MORFOLÓGICA** na aglutinação, e que majoritariamente terminam em *-i*, temos:[62]
  - **AMBI-** [< *ambi-*] (ambos):
    - ✓ *ambicídio*, *ambidestro*, *ambivalente*, etc.;
  - **ARBORI-** [< *arbor*, *ŏris*] (árvore):
    - ✓ *arborícola*, *arboricultor*, *arboriforme*, etc.;
  - **AVI-** [< *avis*, *is*] (ave):
    - ✓ *avícola*, *avicultura*, *avifauna*, etc.;
  - **BIS-**, **BI-** [< *bis*] (duas vezes):
    - ✓ *bisavô*, *bisneto*, *bípede*, etc.;
  - **CALORI-** [< *calor*, *ōris*] (calor):
    - ✓ *calorífero*, *calorífico*, *calorígero*, etc.;
  - **CRUCI-** [< *crux*, *crŭcis*] (cruz):
    - ✓ *crucifixo*, *cruciforme*, *crucígero*, etc.;
  - **CURVI-** [< *curvus*, *a*, *um*] (curvo):
    - ✓ *curvicórneo*, *curvilíneo*, *curvinérveo*, etc.;
  - **EQUI-** [< *aeqŭus*, *a*, *um*] (igual):
    - ✓ *equiângulo*, *equicalórico*, *equilátero*, etc.;
  - **FERRI-**, **FERRO-** [< *ferrum*, *ī*] (ferro):
    - ✓ *ferricianeto*, *ferrífero*, *ferrovia*, etc.;
  - **OLEI-**, **OLEO-** [< *olĕum*, *ī*] (óleo, azeite):
    - ✓ *oleígeno*, *oleoduto*, *oleorresina*, etc.;
  - **ONI-** [< *omnis*, *e*] (todo):
    - ✓ *onisciente*, *onipotente*, *onipresente*, etc.;

---

[62] As relações de radicais latinos e de radicais gregos que se seguirão foram em grande parte extraídas de Celso Cunha & Lindley Cintra, *op. cit.*, p. 122-29. Não assim os étimos de radical nem os exemplos de palavra formada por aglutinação.

- ◆ **PEDI-** [< *pēs, pĕdis*] (pé):
  - ✓ *pedialgia, pedilúvio*, etc.;
- ◆ **PISCI-** [< *pĭscis, -is*] (peixe):
  - ✓ *piscicultura, pisciforme, piscívoro*, etc.;
- ◆ **QUADRI-, QUADRU-** [< *quattŭor*] (quatro):
  - ✓ *quadrimotor, quadrúmano, quadrúpede*, etc.;
- ◆ **RETI-** [< *rectus, a, um*] (reto):
  - ✓ *reticórneo, retifloro, retilíneo*, etc.;
- ◆ **SESQUI-** [< *sesqui-*] (um e meio):
  - ✓ *sesquicentenário, sesquióxido, sesquipedal*, etc.;
- ◆ **TRI-** [*trēs, trĭa*] (três):
  - ✓ *triângulo, tricolor, tricorne*, etc.;
- ◆ **UNI-** [< *unus, a, um*] (um, uno):
  - ✓ *unilabiado, uníloquo, uníssono*, etc.;
- ◆ **VERMI-** [< *vermis, is*] (verme):
  - ✓ *vermiculura, vermiforme, vermífugo*, etc.

- Entre os principais **RADICAIS DE ORIGEM LATINA** que funcionam como **SEGUNDA PARTE MORFOLÓGICA** na aglutinação, temos:
  - ◆ **-CIDA** [< *-cīda*] (que mata):
    - ✓ *fratricida, regicida, tiranicida*, etc.;
  - ◆ **-COLA** [< *-cola*] (que habita ou cultiva):
    - ✓ *aerícola, arborícola, vitícola*, etc.;
  - ◆ **-CULTURA** [< *cultūra*] (ato de cultivar):
    - ✓ *agricultura, apicultura, ovicultura*, etc.;
  - ◆ **-FERO** [< *-fĕrō*] (que contém ou produz):
    - ✓ *aurífero, flamífero, lanífero*, etc.;
  - ◆ **-FICO** [< *facĭō, is, fēcī, factum, ĕre*] (que faz ou produz):
    - ✓ *benéfico, frigorífico, terrífico*, etc.;
  - ◆ **-FORME** [< *-formis*] (que tem forma de):
    - ✓ *cuneiforme, falciforme, uniforme*, etc.;
  - ◆ **-FUGO** [< *-fugo*] (que foge ou faz fugir):
    - ✓ *centrífugo, febrífugo, vermífugo*, etc.;
  - ◆ **-GERO** [< *-ger* (*-gĕrus*), *a, um*] (que contém ou produz):
    - ✓ *armígero, belígero, flamígero*, etc.;
  - ◆ **-PARO** [< *parĭo, is, pepĕri, partum, ĕre*] (que produz):
    - ✓ *cissíparo, multíparo, ovíparo*, etc.;

- **-PEDE** [< *pēs, pĕdis*] (pé):
  - ✓ *bípede, palmípede, velocípede*, etc.;
- **-SONO** [< *-sonus* < *sŏnus, i*] (que soa):
  - ✓ *cônsono, horríssono, uníssono*, etc.;
- **-VOMO** [< *fūmus, i*] (que expele ou expulsa):
  - ✓ *fulminívomo, fumívomo, ignívomo*, etc.;
- **-VORO** [< *vŏro, as, āvi, ātum, āre*] (que come):
  - ✓ *carnívoro, frugívoro, herbívoro*, etc.

- Entre os principais **RADICAIS DE ORIGEM GREGA** que funcionam como **PRIMEIRA PARTE MORFOLÓGICA** na aglutinação, temos:
  - **ANEMO-** [< *ánemos, ou*] (vento):
    - ✓ *anemocórdio, anemógrafo, anemômetro*, etc.;
  - **ANTROPO-** [< *ánthrōpos, ou*] (homem):
    - ✓ *antropocentrismo, antropologia, antropomorfia*, etc.;
  - **ARQUEO-** [<*arkhḗ, ês*] (antigo):
    - ✓ *arqueobactéria, arqueografia, arqueologia*, etc.;
  - **BIBLIO-** [< *biblíon, ou*] (livro):
    - ✓ *bibliofilia, bibliografia, biblioteca*, etc.;
  - **CACO-** [< *kákkē, ēs*] (mau):
    - ✓ *cacoépia, cacofonia, cacografia*, etc.;
  - **COSMO-** [< *kósmos, ou*] (mundo):
    - ✓ *cosmógrafo, cosmogonia, cosmologia*, etc.;
  - **CROMO-** [< *khrôma, atos*] (cor):
    - ✓ *cromófilo, cromolitografia, cromossomo*, etc.;
  - **CRONO-** [< *khrónos, ou*] (tempo):
    - ✓ *cronogeologia, cronologia, cronômetro*, etc.;
  - **DA(C)TILO-** [< *dáktylos, ou*] (dedo):
    - ✓ *dactilospasmo, datilografia, datiloscopia*, etc.;
  - **DECA-** [< *dekás, ádos*] (dez):
    - ✓ *decabráquido, decaedro, decalitro*, etc.;
  - **DI-** [< *di-* < gr. *dís-*] (dois):
    - ✓ *dipétalo, dípilo, dissílabo*, etc.;
  - **ENEA-** [< *ennéa*] (nove):
    - ✓ *eneaédrico, eneágono, eneassílabo*, etc.;
  - **FARMACO-** [< *phármakon, ou*] (medicamento):
    - ✓ *farmacocinética, farmacologia, farmacopeia*, etc.;

- FISIO- [< *phýsis, eōs*] (natureza):
  - ✓ *fisiogênese, fisiologia, fisionomia*, etc.;
- HELIO- [<*hḗlios, ou*] (sol):
  - ✓ *heliocentrismo, heliografia, helioscópio*, etc.;
- HEMI- [< *hḗmi-*] (metade):
  - ✓ *hemiciclo, hemisfério, hemistíquio*, etc.;
- HEMO-, HEMATO- [< *haîma, atos*] (sangue):
  - ✓ *hemo(a)glutinina, hemoglobina, hematócrito*, etc.;
- HEPTA- [< *heptá*] (sete):
  - ✓ *heptadáctilo, heptágono, heptassílabo*, etc.;
- HOM(E)O- [< *hómoios, a, on*; *homós, ḗ, ón*] (semelhante):
  - ✓ *homeografia, homeomorfismo, homógrafo*, etc.;
- ICTIO- [< *ikhthýs, yos*] (peixe):
  - ✓ *ictiodonte, ictiófago, ictiologia*, etc.;
- ISO- [< *-ísos, os, on*] (igual):
  - ✓ *isócrono, isonomia, isósceles*, etc.;
- LITO- [< *líthos, ou*] (pedra):
  - ✓ *litocarpo, litografia, litogravura*, etc.;
- MEGA(LO)- [< *megal(o)*] (grande):
  - ✓ *megalópole, megatério, megalomania*, etc.;
- MELO- [< *mélos, eos-ous*] (canto):
  - ✓ *melodia, melomania, melopeia*, etc.;
- MESO- [< *mésos, ē, on*] (meio):
  - ✓ *mesóclise, mesoderma, Mesopotâmia*, etc.;
- MIRIA- [< *myríos, a, on*] (dez mil):
  - ✓ *miriagrama, miriâmetro, miríade*, etc.;
- MITO- [< *mýthos, ou*] (fábula):
  - ✓ *mitologia, mitômano, mitonímia*, etc.;
- NECRO- [< *nekrós, oû*] (morto):
  - ✓ *necrópole, necropsia, necrotério*, etc.;
- NEO- [< *néos, a, on*] (novo):
  - ✓ *neobarroquismo, neolatino, neologismo*, etc.;
- NEURO-, NEVRO- [< *neûron, ou*] (nervo):
  - ✓ *neuroanatomia, neurologia, nevrogenia*, etc.;
- ODONTO- [< *odoús, odóntos*] (dente):
  - ✓ *odontoblasto, odontologia, odontólito*, etc.;

◆ **OFTALMO-** [< *ophthalmós, oû*] (olho):
✓ *oftalmoblápton, oftalmologia, oftalmoscópio*, etc.;
◆ **ONOMATO-** [< *ónoma, atos*] (nome):
✓ *onomatofobia, onomatologia, onomatopeia*, etc.;
◆ **ORTO-** [< *orthós, é, ón*] (reto, justo):
✓ *ortobiose, ortografia, ortodoxo*, etc.;
◆ **PALEO-** [< *palaiós, á, ón*] (antigo):
✓ *paleoártico, paleografia, paleontologia*, etc.;
◆ **PAN-** [< *pâs, pâsa, pân*, genit. *pantós, pásēs, pantós*] (todos, tudo):
✓ *panaceia, panteísmo, pan-africanismo*, etc.;
◆ **PATO-** [< *páthos, eos-ous*] ([sentimento] doença):
✓ *patofobia, patogenia, patologia*, etc.;
◆ **PEDO-** [< *paîs, paidós*] (criança):
✓ *pedodontia, pedologia, pedotrofia*, etc.;
◆ **POTAMO-** [< *potamós, oû*] (rio):
✓ *potamofobia, potamografia, potamologia*, etc.;
◆ **PSICO-** [< *psychḗ, ês*] (alma):
✓ *psicofarmacologia, psicologia, psicopatia*, etc.;
◆ **QUILO-** [< *khílioi, ai, a*] (mil):
✓ *quilocaloria, quilograma, quilômetro*, etc.;
◆ **QUIRO-** [< *kheír, kheirós*] (mão):
✓ *quiromancia, quiroplasto, quiróptero*, etc.;
◆ **RINO-** [< *rhís, rhinós*] (nariz):
✓ *rinoceronte, rinofaringe, rinofima*, etc.;
◆ **RIZO-** [< *rhíza, ēs*] (raiz):
✓ *rizófilo, rizófito, rizotônico*, etc.;
◆ **SIDERO-** [< *sídēros, ou*] (ferro):
✓ *siderofilia, siderografia, siderólita*, etc.;
◆ **TAQUI-** [< *tákhos, eos*] (rápido):
✓ *taquiarritmia, taquicardia, taquigrafia*, etc.;
◆ **TELEO-** [*téleios, a* ou *os, on*] (acabado, perfeito):
✓ *teleologia, teleonomia, teleósteo*, etc.;
◆ **TEO-** [< *Theós, oû*] (Deus):
✓ *teocentrismo, teofania, teologia*, etc.;
◆ **TETRA-** [< *téttares, es, a*] (quatro):
✓ *tetracloreto, tetrarca, tetraedro*, etc.;

  - **TIPO-** [< *týpos, ou*] (figura, marca):
    ✓ *tipofonia, tipografia, tipologia*, etc.;
  - **TOPO-** [< *tópos, ou*] (lugar):
    ✓ *topografia, toponímia, toponomástica*, etc.;
  - **XENO-** [< *xénos, ē, on*] (estrangeiro):
    ✓ *xenofobia, xenofonia, xenômano*, etc.;
  - **XILO-** [< *xýlon, ou*] (madeira):
    ✓ *xilocarpo, xilofagia, xilogravura*, etc.;
  - **ZOO-** [< *zôion, ou*] (animal):
    ✓ *zoóforo, zoografia, zoologia*, etc.
- Entre os principais **RADICAIS DE ORIGEM GREGA** que funcionam como **SEGUNDA PARTE MORFOLÓGICA** na aglutinação, temos:
  - **-AGOGO** [< *-agogos* < *agōgós, ós, ón*] (que conduz):
    ✓ *demagogo, epagogo, pedagogo*, etc.;
  - **-ALGIA** [< *-algía* < *alg(o)* + *-ia*] (dor):
    ✓ *cefalalgia, fibralgia, nevralgia*, etc.;
  - **-ARCA** [< *-árkhēs* ou *-arkhos* < *árkhō*] (que comanda ou governa):
    ✓ *heresiarca, monarca, patriarca*, etc.;
  - **-ARQUIA** [< *arkhḗ, ês*] (comando, governo):
    ✓ *autarquia, diarquia, monarquia*, etc.;
  - **-ASTENIA** [< *sthénos, eos-ous* + *-ia*] (debilidade, fraqueza):
    ✓ *amiastenia, neurastenia, psicastenia*, etc.;
  - **-CÉFALO** [< *kephalḗ, ēs*] (cabeça):
    ✓ *abraquiocéfalo, dolicocéfalo, microcéfalo*, etc;
  - **-CRACIA** [< *krátos, eos, ous* + *-ia*] (poder):
    ✓ *aristocracia, autocracia, plutocracia*, etc.;
  - **-DOXO** [< *-dóxos* < *dóxa*] (que opina):
    ✓ *filodoxo, heterodoxo, ortodoxo*, etc.;
  - **-EDRO** [< *drómos, ou*] (base, face):
    ✓ *pentaedro, poliedro, triedro*, etc.;
  - **-FAGIA** [< *-phagos* < *phageín*, + *-ia*] (ato de comer):
    ✓ *aerofagia, creofagia, disfagia*, etc.;
  - **-FAGO** [< *phagos* < *phageín*] (que come):
    ✓ *acridófago, ictiófago, zoófago*, etc.;
  - **-FILIA** [< *phílos, ē, on* + *ia*] (amizade):
    ✓ *anglofilia, bibliofilia, lusofilia*, etc.;

- **-FOBIA** [< *phóbos, ou* + ia] (inimizade, ódio, temor):
  - ✓ *fotofobia, hispanofobia, hidrofobia*, etc.;
- **-GAMIA** [< *gámos, ou* + *-ia*] (casamento):
  - ✓ *exogamia, isogamia, monogamia*, etc.;
- **-GÊNEO** [< depreendido do gr. *homogenḗs, és*] (que gera):
  - ✓ *heterogêneo, homogêneo, paleogêneo*, etc.;
- **-GLOTA, -GLOSSA** [< *glôtta, glôssa, ēs*] (língua):
  - ✓ *diglota, poliglota, hipoglossa*, etc.;
- **-GONO** [< *-gōnos* < *gōnía, as*] (ângulo):
  - ✓ *hexágono, pentágono, polígono*, etc.;
- **-GRAFIA** [< *graphḗ, ês*] (escrita, descrição):
  - ✓ *estenografia, ortografia, geografia*, etc.;
- **-GRAMA** [< *grámma, atos*] (escrito, peso):
  - ✓ *telegrama, miligrama, quilograma*, etc.;
- **-LOGIA** [< *-logo* + *-ia*] (discurso, tratado, ciência):
  - ✓ *filologia, genealogia, oncologia*, etc.;
- **-MANCIA** [< *-manteía*] (adivinhação):
  - ✓ *necromancia, piromancia, quiromancia*, etc.;
- **-MANIA** [< *manía, as*] (loucura, tendência):
  - ✓ *cleptomania, megalomania, monomania*, etc.;
- **-MAQUIA** [< *-makhía* < *mákhē, ēs*] (combate):
  - ✓ *heteromaquia, logomaquia, naumaquia*, etc.;
- **-METRIA** [< *-metro* + *ia*] (medida):
  - ✓ *antropometria, biometria, pluviometria*, etc.;
- **-METRO** [< *metro* < *métron*] (que mede):
  - ✓ *diâmetro, hidrômetro, pentâmetro*, etc.;
- **-MORFO** [< *morphḗ*] (que tem forma [de]):
  - ✓ *antropomorfo, isomorfo, polimorfo*, etc.;
- **-PEIA** [< *poiéō*] (ato de fazer):
  - ✓ *etopeia, melopeia, onomatopeia*, etc.;
- **-PÓLIS, -POLE** [< *pólis, eōs*] (cidade):
  - ✓ *Teresópolis, metrópole, megalópole*, etc.;
- **-PTERO** [< *pterón, oû*] (asa):
  - ✓ *coleóptero, díptero, helicóptero*, etc.;
- **-SCOPIA** [< *skopéō* + *-ia*] (ato de ver):
  - ✓ *endoscopia, microscopia, otoscopia*, etc.;

- **-SOFIA** [< *sophía, as*] (sabedoria):
  - ✓ *acrosofia, filosofia, pansofia*, etc.;
- **-STICO** [< *stíkhos, ou*] (verso):
  - ✓ *acróstico, dístico, monóstico*, etc.;
- **-TECA** [< *thḗkē, ēs*] (lugar onde se guarda):
  - ✓ *biblioteca, fitoteca, gliptoteca*, etc.;
- **-TERAPIA** [< *therapeía < therapeýō*] (cura, tratamento):
  - ✓ *fisioterapia, hidroterapia, quimioterapia*, etc.;
- **-TOMIA** [< *tomḗ, ês + -ia*] (corte, divisão):
  - ✓ *dicotomia, mastectomia, nevrotomia*, etc.;
- **-TONO** [< *tónos, ou*] (tensão, tom):
  - ✓ *átono, barítono, monótono*, etc.

⇗ Observações finais sobre a composição.

α. Costumou-se chamar "pseudoprefixos", "falsos prefixos" ou "prefixoides" a certos radicais de origem latina ou de origem grega que adquiriram sentido especial nas línguas modernas; e "recomposição" ao modo de formação de novas palavras em que aqueles concorrem.[63] Não podemos concordar com isso, e as razões dos que o sustentam não só são insuficientes, mas padecem de obscuridade. Vejam-se os seguintes exemplos dados comumente como de "pseudoprefixo":

- **AERO-** [< lat. *aer, aĕris* < gr. *aḗr, aḗros*] (ar, atmosfera):
  - ✓ *aerofagia, aeromoça, aeroplâncton*, etc.;
- **AGRO-** [< gr. *agrós, ou*] (campo):
  - ✓ *agrologia, agrometria, agropecuária*, etc.;
- **ASTRO-** [< gr. *ástron, ou*] (astro, constelação):
  - ✓ *astrócito, astronomia, astronauta*, etc.;
- **BIO-** [< gr. *bíos, ou*] (vida):
  - ✓ *bioatividade, biodegradável, biologia*, etc.;
- **GEO-** [< gr. *gê, ês*] (terra [em todos os sentidos]):
  - ✓ *geocêntrico, geografia, geopolítico*, etc.;
- **HETERO-** [< gr. *héteros, a, on*] (outro, diferente):
  - ✓ *heteroátomo, heterobafia, heteróclise*, etc.;
- **HIDRO-** [< gr. *hýdōr, hýdatos*] (água):
  - ✓ *hidroavião, hidroelética, hidrofobia*, etc.;

---

[63] Leia-se para a defesa da tese Celso Cunha & Lindley Cintra, *op. cit.*, p. 128. – Os autores do novo Acordo Ortográfico compartilham esta tese (*vide*, ademais, o Apêndice desta Parte).

- **MACRO-** [< gr. *makrós, á, ón*] (longo, grande):
  - ✓ *macroeconomia, macrografia, macromelia,* etc.;
- **MAXI-** [< lat. *maxĭmus, a, um*] (grandíssimo, máximo):
  - ✓ *maxicasaco, maxidesvalorização,* etc.;
- **MICRO-** [< gr. *mikrós, á, ón*] (pequeno, curto; parco; pouco importante):
  - ✓ *microfilme, microgranito, micro-onda,* etc.;
- **MINI-** [< lat. *minĭmus, a, um*] (pequeníssimo, mínimo):
  - ✓ *minibiblioteca, minifúndio,* etc.;
- **MONO-** [< gr. *mónos, ē, on*] (único, só, solitário, isolado):
  - ✓ *monólogo, monocultura, monolinguismo,* etc.;
- **MULTI-** [< lat. *multus, a, um*] (abundante, numeroso):
  - ✓ *multiangular, multiface, multinacional,* etc.;
- **PLURI-** [< lat. *plus, plūris*] (muitos):
  - ✓ *plurianualidade, plurifloro, plurilíngue,* etc.;
- **PROTO-** [< gr. *prôtos, ē, on*] (primeiro, principal, primitivo):
  - ✓ *protógeno, protolíngua, protomártir,* etc.;
- **PSEUDO-** [< gr. *pseudḗs, ḗ, és,* e *pseûdos, eos-ous*] (mentiroso, falso / mentira, falsidade):
  - ✓ *pseudociência, pseudônimo, pseudorreligião,* etc.;
- **TERMO-** [< gr. *thermós, ḗ, ón*] (quente, ardente):
  - ✓ *termodinâmica, termólise, termonuclear,* etc.

Pois bem, não há nada aí que os distingua de verdadeiros radicais de origem latina ou de origem grega. Atente-se a que pusemos lado a lado palavras mais eruditas e palavras mais atualmente correntes em que concorre algum de tais "pseudoprefixos"; e em todas permanece de algum modo a carga semântica original destes. E dizer "de algum modo" em nada contraria o que sustentamos: com efeito, não se pode dizer que é o mesmo o radical usado em palavras diversas senão de maneira *analógica.* Mas em *aerofagia, aeromoça, aeroplâncton* não deixa de estar presente a carga semântica original do radical: 'ar, atmosfera'.

Ademais, por que "prefixos" ainda que "falsos"? Como vimos, os prefixos caracterizam-se por ser partes mofológicas de origem ou prepositiva ou adverbial em que a carga semântica original mais ou menos se "degradou", mais ou menos esmaeceu. Ora, de nenhum dos exemplos acima pode dizer-se isso. São todos verdadeiros radicais.

Mas um "fundo" de verdade contém, sim, a tese combatida. Vejam-se antes de tudo os seguintes exemplos:

- **AUTO-** [< gr. *autós, ḗ, ó*] (de si, por si mesmo, espontaneamente):
  - ✓ *autoaprendizagem, autobigrafia, automóvel*, etc.;
- **CINE-** [< gr. *kínēsis, eōs > kínēma, atos*, 'movimento', *kinētós, ḗ, ón*, 'movível', *kinētikós, ḗ, ón*, 'motor, promotor, cinético']:
  - ✓ *cinemática, cinesia, cinestesia*, etc.;
- **RADIO-** [< lat. *radĭus, ī*] (raio [de roda, círculo, luz, etc.]); rádio (osso do antebraço):
  - ✓ *radiodifusão, radiografia, radioestesia*, etc.;
- **TELE-** [< gr. *têle*] (longe, ao longe, de longe):
  - ✓ *telegrama, teleguiar, televisão*, etc.

Ora, verdadeiros radicais, todos se prendem ainda de *algum modo* ao sentido original: *automóvel* é 'o que se move por si mesmo'; *radiodifusão* é 'o serviço de transmissão de sinais, sons ou imagens, por meio de ondas eletromagnéticas'; *televisão* é 'o sistema de transmissão de imagens à distância' ou 'o aparelho receptor dessas imagens'. Há que ver, todavia, se palavras como *autoescola* se enquadram no que acabamos de dizer. E deve dizer-se que não, porque o *auto-* de *autoescola* já não é o mesmo radical que o *auto-* de *automóvel*: é palavra *sinônima* da mesma *automóvel*, e formada por modo de *abreviação*, que veremos mais adiante. O "cine-" de *cinema*, ademais, nem sequer é radical, mas parte do radical *cinemato-*; em verdade, também é *abreviação*, de *cinematógrafo*, por influência da palavra francesa *cinéma* (1899), que por sua vez também é abreviação de *cinématographe*. Quanto ao "radio-" de *radiojornal*, tampouco é o radical de origem latina *radio-*, mas o próprio nome do meio de comunicação que funciona por radiodifusão. E diga-se o mesmo do "tele-" de *telejornal*, de *teledramaturgia* e de outras do mesmo jaez. Ou seja, são novas palavras que se vão cristalizando; são pois potencial e tendencialmente novos radicais, ainda que mantenham parentesco mais ou menos distante com os ancestrais ilustres. De modo algum, porém, insista-se, são prefixos, nem verdadeiros nem "falsos".

Resta um só caso, mais complexo: o de ELE(C)TRO- (< gr. *ḗlektron, ou*, 'âmbar amarelo'). A partir do século XIX, o radical encontra-se em numerosíssimos vocábulos científicos ou técnicos (*eletróforo, eletrólito, eletromagnético*, etc.) com a noção de eletricidade. E tal só é possível em razão da propriedade do âmbar de atrair pequenos corpos que lhe estão próximos, propriedade que, se no século XVII se atribuiu a um fluido, posteriormente todavia se identificou com a energia elétrica. Ou seja, este radical sempre se usou com a noção de algo que, porém, só pouco a pouco se compreendeu mais perfeitamente.

β. Mas há casos como o de *vinagre*, vindo provavelmente do catalão, e o de *bancarrota*, oriundo certamente do italiano. Ora, em ambos os casos as partes morfológicas podem decompor-se claramente em português: *vinagre* em *vinho* + *agre*, e *bancarrota* em *banca* + *rota* ('quebrada'); no primeiro temos composição por aglutinação, e no segundo por justaposição. E o podem pela perfeita familiaridade destas palavras e suas partes com o português. Se pois há esta familiaridade, razão por que tais palavras se podem decompor como se fossem portuguesas, então nada mais natural que os lusófonos as considerem de todo suas. Não podemos fazê-lo com, por exemplo, *Leimotiv*, ou com *slump-test*, ou ainda com *imbróglio* (mera adaptação gráfica e fonética). *Vinagre* e *bancarrota* (e suas partes morfológicas) são lidimamente portuguesas, ao mesmo título que o são nossas palavras (e suas partes morfológicas) provindas do latim ou do grego.

γ. Tentemos resolver uma questão árdua e que está na origem de diversas contradições ou de diversas obscuridades, sobretudo ortográficas: se há distinção entre *palavra composta por justaposição* e *locução*, e, se houver, de que ordem é. Pois bem, antes de tudo a DEFINIÇÃO DE LOCUÇÃO segundo as próprias gramáticas e segundo os próprios dicionários: "sequência de duas ou mais palavras que equivalem a um só vocábulo, por terem significado **CONJUNTO** próprio e função gramatical ÚNICA (a de substantivo, donde *locução substantiva*; a de adjetivo, donde *locução adjetiva*; a de pronome, donde *locução pronominal*; a de verbo, donde *locução verbal*; a de advérbio, donde *locução adverbial*; a de preposição, donde *locução prepositiva*; e a de conjunção, donde *locução prepositiva*)". Tomemos agora o que diz, por exemplo, o novo Acordo Ortográfico: para ele, *decreto-lei*, *médico-cirurgião*, *fava-de-santo-inácio* e *andorinha-do-mar* são palavras compostas por justaposição, enquanto *cor de abóbora*, *jardim de infância*, *mão de obra*, *Maria vai com as outras* seriam locuções. Olhe-se bem, todavia, e não se verá a razão da distinção. Com efeito, não se vê por que *andorinha-do-mar* e *mão de obra* seriam essencialmente distintas se ambas atendem à definição de locução. Talvez todavia se trate do número de partes morfológicas que entram na composição. Impossível: ainda *andorinha-do-mar* e *mão de obra* têm o mesmo número de tais partes, e de quase perfeita identidade morfológica original: *andorinha* e *mão*; *de* (+ *o*) e *de*; *mar* e *obra*. Na verdade, LOCUÇÃO É *ESSENCIALMENTE* O MESMO QUE PALAVRA COMPOSTA POR JUSTAPOSIÇÃO. Afinal – se se entende que "duas ou mais 'palavras' que equivalem a um só vocábulo" não podem, sob pena de contradição de termos, ser senão duas partes morfológicas deste mesmo vocábulo – afinal, aplica-se perfeitamente a definição de locução (dada acima) à palavra composta por justaposição. A diferença, não essencial, que possa encontrar-se entre as duas coisas é tripla:

- ou certa "lembrança" mais viva das partes morfológicas antes de o serem na locução;
- ou certa dificuldade, fonética ou morfológica, de composição material: assim, em espanhol *aun* + *que* resulta facilmente em *aunque*, mas não assim em português *ainda* + *que*; é muito difícil pôr em um mesmo corpo de palavra, mesmo com hífen, uma locução verbal, até porque é a primeira parte, o auxiliar, o que se conjuga; etc.;
- ou qualquer diferença estabelecida ortograficamente, segundo a qual tais partes morfológicas ou se escrevem juntas (com hífen ou sem ele) ou se escrevem separadas – o que, obviamente, pende de algum modo de todo o anterior.

Se assim não fosse, *peixe-espada* seria em português essencialmente substantivo composto por justaposição, enquanto *pez espada* seria essencialmente locução substantiva em espanhol; *mão de obra* e *mano de obra* seriam em português e em espanhol essencialmente locuções substantivas, enquanto *main-d'œvre* seria em francês essencialmente substantivo composto por justaposição; e *pourquoi* seria em francês essencialmente pronome interrogativo composto por justaposição, enquanto *por que* e *por qué* seriam essencialmente locuções pronominais interrogativas nas respectivas línguas ibéricas. E, se não se julga suficientemente probatório o apelo a comparações com palavras de outras línguas, temos então o caso do *porque* interrogativo lusitano. Não se vê diferença essencial entre ele e o *por que* interrogativo brasileiro, e não pode ser senão evidente a resposta a se são ou não essencialmente o mesmo do ângulo morfológico. Sua distinção reside antes no ortográfico.

Apesar disso, porém, e atendendo a que de fato, pelas razões apontadas, pode haver diferença acidental entre palavra composta por justaposição e locução, devemos até por comodidade seguir usando este último termo para os casos em que ortograficamente não se dê junção (com hífen ou sem ele) das partes morfológicas.

5.2. A formação de novas palavras por derivação.

§ São os seguintes as principais notas da DERIVAÇÃO PRÓPRIA, ou seja, a *sufixal*:

- os sufixos sempre se *pospõem* ao radical ou ao tema, ou seja, sempre se encontram ao final do vocábulo;
- trazem menos carga semântica ao radical ou ao tema do que o fazem tanto os prefixos como, sobretudo, na composição mais propriamente lexical, os radicais;

- a palavra *derivada* continua na mesma família que o radical ou o tema *primitivos*;
- são os instrumentos próprios para constituir famílias vocabulares com presença nas classes fundamentais. Com efeito,
  - pelos chamados SUFIXOS NOMINAIS criam-se novos substantivos e novos adjetivos: por exemplo, de *barba* (substantivo) criam-se *barb-eiro* (substantivo) e *barb-udo* (adjetivo);
  - pelos chamados SUFIXOS VERBAIS criam-se novos verbos: por exemplo, de *arca*, *arqu-ejar*; de *ameno*, *amen-izar*; de *noite*, *anoit-ecer*;
  - pelo único SUFIXO ADVERBIAL, *-mente*, criam-se novos advérbios: por exemplo, de *bela*, *bela-mente*; de *caridosa*, *caridosa-mente*; de *tranquila*, *tranquila-mente*.

OBSERVAÇÃO ⮷. Dá-se a seguir boa parte dos principais sufixos portugueses, com algumas das respectivas noções que emprestam ao radical ou ao tema primitivos.[64]

5.2.1. OS *SUFIXOS NOMINAIS* DO PORTUGUÊS.

5.2.1.a. FORMAM SUBSTANTIVOS DE OUTRO SUBSTANTIVO:

◆ s -ada:

✓ (multidão, coleção): *boiada*, *papelada*, etc.;
✓ (porção contida em algo): *colherada*, *garfada*, etc.;
✓ (marca de instrumento): *penada*, *pincelada*, etc.;
✓ (ferimento ou golpe): *dentada*, *facada*, etc.;
✓ (alimento, bebida): *goiabada*, *laranjada*, etc.;
✓ (duração prolongada): *invernada*, *temporada*, etc.;
✓ (ato ou movimento enérgico): *cortada*, *saraivada*, etc.;

◆ **-ADO:**

✓ (território sob titular): *condado*, *episcopado*, etc.;
✓ (instituição, título): *almirantado*, *doutorado*, etc.;

◆ **-AGEM:**

✓ (coletivo): *folhagem*, *plumagem*, etc.;
✓ (ato ou prática): *ajustagem*, *aprendizagem*, etc.;

◆ **-AL:**

✓ (cultura de vegetais): *arrozal*, *laranjal*, etc.;
✓ (coletivo ou quantidade): *areal*, *lamaçal*, etc.;

---

[64] E de fato não podemos dar aqui senão *pouquíssimas* dessas noções. Para uma visão mais exaustiva, *vide* os melhores dicionários.

- **-ALHA:**
  - ✓ (coletivo pejorativo): *canalha*, *gentalha*, etc.;
- **-AMA, -AME:**
  - ✓ (coletivo e quantidade): *mourama*, *raizama*; *vasilhame*, *velame*; etc.;
- **-ÂNEO:**
  - ✓ (tempo): *instantâneo*, *momentâneo*, etc.;
- **-ÃO:**
  - ✓ (proveniência, origem): *alemão*, *beirão*, etc.;[65]
- **-ARIA:**
  - ✓ (atividade, ramo de negócio): *ourivesaria*, *livraria*, etc.;
  - ✓ (coletivo): *gritaria*, *pedraria*, etc.;
  - ✓ (ação própria de certos indivíduos): *fidalgaria*, *pirataria*, etc.;
- **-ARIO:**
  - ✓ (ocupação, profissão): *operário*, *secretário*, etc.;
  - ✓ (lugar onde se conserva ou guarda algo): *herbário*, *vestiário*, etc.;
- **-ATO:**
  - ✓ (instituição, título): *baronato*, *cardinalato*, etc.;
  - ✓ (sal, éster [em química]): *carbonato*, *nitrato*, etc.;
- **-EDO:**
  - ✓ (lugar onde crescem vegetais): *olmedo*, *vinhedo*, etc.;
  - ✓ (coletivo): *lajedo*, *passaredo*, etc.;
- **-EIRO (-A):**
  - ✓ (ocupação, ofício, profissão): *barbeiro*, *cozinheira*, etc.;
  - ✓ (lugar onde se guarda algo): *galinheiro*, *leiteira*, etc.;
  - ✓ (árvore, arbusto): *mangueira*, *craveiro*, etc.;
  - ✓ (intensidade): *nevoeiro*, *poeira*, etc.;
  - ✓ (coletivo): *berreiro*, *formigueiro*, etc.;
- **-ETO, -ITO:**
  - ✓ (sal [em química], rocha, etc.): *cloreto*, *granito*, etc.;
- **-IA:**
  - ✓ (profissão, título): *advocacia*, *baronia*, etc.;
  - ✓ (lugar onde se exerce uma atividade): *padaria*, *reitoria*, etc.;
  - ✓ (coletivo): *cavalaria*, *clerezia*, etc.;

---

[65] Com este sufixo, a derivação dá-se quase sempre de nomes próprios de lugar.

- ◆ **-INA:**
  - ✓ (alcaloide e álcali artificiais): *cafeína*, *anilina*, etc.;
- ◆ **-IO:**
  - ✓ (coletivo, reunião): *gentio*, *penedio*, etc.;
  - ✓ (elemento químico): *potássio*, *sódio*, etc.;
- ◆ **-ITA:**
  - ✓ (espécie mineral): *azurita*, *pirita*, etc.;
  - ✓ (gentílico, etc.): *israelita*, *sibarita*, etc.;
- ◆ **-ITE:**
  - ✓ (inflamação): *bronquite*, *otite*, etc.;
  - ✓ (fóssil): *amonite*, *helicite*, etc.;
- ◆ **-OL:**
  - ✓ (derivado de hidrocarboneto): *fenol*, *naftol*, etc.;
- ◆ **-UGEM:**
  - ✓ (semelhança [por vezes pejorativo]): *ferrugem*, *lanugem*, etc.;
- ◆ **-UME:**
  - ✓ (coletivo, quantidade, intensidade): *cardume*, *pesadume*, etc.

5.2.1.b. FORMAM SUBSTANTIVOS DE ADJETIVO:

OBSERVAÇÃO ⬂. Os substantivos formados mediante algum dos sufixos seguintes são geralmente abstratos e indicam qualidade, estado, modo de ser.

- ◆ **-DADE:** *bondade*, *dignidade*, etc.;
- ◆ **-(I)DÃO:** *gratidão*, *retidão*, etc.;
- ◆ **-EZ:** *honradez*, *intrepidez*, etc.;
- ◆ **-EZA:** *beleza*, *nobreza*, etc.;
- ◆ **-IA:** *alegria*, *valentia*, etc.;
- ◆ **-ICE:** *tolice*, *velhice*, etc.;
- ◆ **-ÍCIE:** *calvície*, *imundície*, etc.;
- ◆ **-OR:** *amargor*, *verdor*, etc.;
- ◆ **-(I)TUDE:** *altitude*, *finitude*, etc.;
- ◆ **-URA:** *assadura*, *doçura*, etc.

⬀ **OBSERVAÇÃO.** Ao receberem o sufixo *-dade*, os adjetivos terminados em *-az*, *-iz*, *-oz* e *-vel* retornam à forma latina em *-ac*(*i*), *-ic*(*i*), *-oc*(*i*) ou *-bil*(*i*): *rapaz* > *rapacidade*; *feliz* > *felicidade*; *atroz* > *atrocidade*; *inesgotável* > *inesgotabilidade*.

5.2.1.c. FORMAM SUBSTANTIVOS DE SUBSTANTIVO E DE ADJETIVO:

- ◆ **-ISMO:**

- ✓ (doutrina ou sistema filosófico): *platonismo*, *aristotelismo*, etc.;
- ✓ (doutrina ou sistema artístico): *classicismo*, *simbolismo*, etc.;
- ✓ (doutrina ou sistema político): *federalismo*, *monarquismo*, etc.;
- ✓ (religião): *catolicismo*, *judaísmo*, etc.;
- ✓ (modo de agir): *cinismo*, *heroísmo*, etc.;
- ✓ (defeito, doença): *daltonismo*, *reumatismo*, etc.;

5.2.1.d. FORMA SUBSTANTIVOS E ADJETIVOS DE OUTRO SUBSTANTIVO E DE OUTRO ADJETIVO:

- **-ISTA:**
  - ✓ (seguidor de doutrina ou sistema filosófico): *kantista*, *tomista*, etc.;
  - ✓ (seguidor de doutrina ou sistema artístico): *classicista*, *simbolista*, etc.;
  - ✓ (seguidor de doutrina ou sistema político): *federalista*, *monarquista*, etc.;
  - ✓ (seguidor de religião): *budista*, *hinduísta*, etc.;
  - ✓ (ocupação, ofício): *oftalmologista*, *pianista*, etc.

5.2.1.e. FORMAM SUBSTANTIVOS DE VERBO:

- **-ANÇA, -ÂNCIA:**
  - ✓ (ação ou resultado de ação): *vingança*, *lembrança*; *relutância*, *tolerância*, etc.;
- **-ANTE, -ENTE, -INTE:**
  - ✓ (lugar de onde, ofício): *mirante*, *cliente*, *gerente*; etc.;
- **-ÇÃO, -SÃO:**
  - ✓ (ação ou resultado de ação): *indicação*, *traição*; *divisão*, *extensão*; etc.;
- **-DOURO, -TÓRIO:**
  - ✓ (lugar ou meio de ação): *bebedouro*, *matadouro*; *lavatório*, *vomitório*, etc.;
- **-ENÇA, -ÊNCIA:**
  - ✓ (ação ou resultado de ação, condição): *descrença*, *pertença*; *concorrência*, *insistência*, etc.;
- **-MENTO:**
  - ✓ (ação ou resultado de ação): *acolhimento*, *ferimento*, etc.;
  - ✓ (meio): *ornamento*, *instrumento*, etc.;
  - ✓ (coletivo): *armamento*, *fardamento*, etc.
- **-(D)OR, -(S)OR, -(T)OR:**
  - ✓ (agente, instrumento): *contendor*, *regador*; *agressor*, *ascensor*; *inspetor*, *interruptor*; etc.;
- **-(D)URA, -(S)URA, -(T)URA:**
  - ✓ (ação ou resultado de ação, exercício, qualidade): *andadura*, *queimadura*; *clausura*, *tonsura*; *magistratura*, *manufatura*; etc.;

Observação 1. Os sufixos *-ante*, *-ente* e *-inte* provêm das terminações do particípio "presente" latino (*-ns*, *-ntis*), às quais se junta a vogal temática da conjugação correspondente.

Observação 2. Em *-dor*, *-sor* e *-tor*, e em *-dura*, *-sura* e *-tura*, os respectivos sufixos são propriamente *-or* e *-ura*. As consoantes *-d-*, *-s-* e *-t-* pertencem ao tema do particípio latino.

5.2.1.f. Formam adjetivos de substantivo:

- **-ECO:**
  - ✓ (propriedade, pertinência, origem): *paradisíaco*, *ilíaco*, *austríaco*, etc.;
- **-ADO:**
  - ✓ (provido ou cheio de): *barbado*, *denteado*, *penado*, etc.;
  - ✓ (com forma ou com qualidade de, que as apresenta): *abaulado*, *acinzentado*, *eusporongiado*, etc.;
- **-AICO:**
  - ✓ (referência, pertinência): *judaico*, *prosaico*, *ptolemaico*, etc.;
- **-AL, -AR:**
  - ✓ (relação, pertinência): *campal*, *conjugal*; *escolar*, *familiar*; etc.;
- **-ANO:**
  - ✓ (proveniência, origem, pertença): *lituano*, *romano*, *serrano*, etc.;
  - ✓ (seguidor ou partidário de): *luterano*, *parnasiano*, *pelagiano*, etc.;
- **-ÃO:**
  - ✓ (proveniência, origem): *alemão*, *bretão*, *gascão*, etc.;
- **-ÁRIO**
  - ✓ (coleção, lugar próprio para): *fabulário*, *berçário*, *confessionário*; etc.;
- **-EIRO:**
  - ✓ (origem, ofício, objeto para guardar): *mineiro*, *sapateiro*, *tinteiro*, etc.;
- **-ENGO:**
  - ✓ (relação, pertinência, posse): *avoengo*, *realengo*, *solarengo*, etc.;
- **-ENHO:**
  - ✓ (relativo a, natural de): *ferrenho*, *estremenho*, *panamenho*, etc.;
- **-ENO, -ENSE, -ÊS:**
  - ✓ (referência, origem): *terreno*, *chileno*, *romeno*, etc.;
  - ✓ (relação, procedência, origem): *forense*, *parisiense*; *cortês*, *finlandês*; etc.;
- **-(L)ENTO:**
  - ✓ (provido ou cheio de): *ciumento*, *corpulento*, *fumarento*, etc.;

- **-EO:**
  - ✓ (relação, semelhança, matéria): *argênteo*, *férreo*, *ósseo*, etc.;
- **-ESCO:**
  - ✓ (relação, referência, qualidade): *grotesco*, *quixotesco*, *romanesco*, etc.;
- **-ESTE, -ESTRE:**
  - ✓ (situação, relação): *agreste*, *celeste*; *campestre*, *terrestre*; etc.;
- **-EU:**
  - ✓ (procedência, origem): *europeu*, *hebreu*, *pigmeu*, etc.;
- **-ÍCIO:**
  - ✓ (proveniência, referência): *adventício*, *alimentício*, *natalício*, etc.;
- **-ICO:**
  - ✓ (pertinência, referência): *biológico*, *metálico*, *típico*, etc.;
- **-IL:**
  - ✓ (referência): *pastoril*, *primaveril*, *senhoril*, etc.;
- **-INO:**
  - ✓ (relação, origem, natureza): *albino*, *cristalino*, *londrino*, etc.;
- **-ITA:**
  - ✓ (pertinência, origem): *iemenita*, *ismaelita*, *israelita*, etc.;
- **-ONHO:**
  - ✓ (causador, hábito, estado): *enfadonho*, *medonho*, *risonho*, etc.;
- **-OSO:**
  - ✓ (provido ou cheio de) *afetuoso*, *brioso*, *venenoso*, etc.;
- **-UDO:**
  - ✓ (provido ou cheio de): *barbudo*, *felpudo*, *pontudo*, etc.

✎ **OBSERVAÇÃO.** Alguns destes sufixos servem também para formar ADJETIVOS DE OUTRO ADJETIVO: *angélic(o)* + *-al* = *angelical*; *trist(e)* + *-onho* + *tristonho*; etc.

5.2.1.g. FORMAM ADJETIVOS DE VERBO:

- **-ANTE, -ENTE, -INTE:**
  - ✓ (ação, qualidade, estado): *semelhante*, *tolerante*; *doente*, *resistente*; *constituinte*, *seguinte*; etc.;
- **-(Á)VEL, -(Í)VEL:**
  - ✓ (possibilidade de ou de ser alvo de): *lavável*, *louvável*; *perecível*, *punível*; etc.;
- **-(D)IÇO, -(T)ÍCIO:**
  - ✓ (possibilidade de, referência): *movediço*, *quebradiço*; *acomodatício*, *factício*; etc.;

- **-IO, -IVO:**

  ✓ (ação, referência, modo de ser): *fugidio, tardio; afirmativo, pensativo;* etc.;

☞ **Observação.** Como visto pouco acima, os sufixos *-ante*, *-ente* e *-inte* provêm das terminações do particípio "presente" latino (*-ns*, *-ntis*), às quais se junta a vogal temática da conjugação correspondente. Ademais, não só estes sufixos formam substantivos (menos frequentemente) e adjetivos (abundantemente), mas estes mesmos adjetivos se substantivam com certa facilidade.

5.2.2. Os *sufixos verbais* do português.

5.2.2.a. Os novos verbos da língua portuguesa formam-se majoritariamente pela junção da terminação *-ar* a substantivos e a adjetivos: *conceptu-ar, pactu-ar, (a)fin-ar, espanhol-ar;* etc. A terminação *-ar*, como dito, é constituída da vogal temática *-a-* (a da 1ª. conjugação) e do sufixo *-r* (o do infinitivo impessoal). Por vezes, todavia, esta terminação se junta não ao radical primitivo, mas a este mesmo radical acrescido de:

1. *-e-* (*folh-e-ar*);
2. *-iz-* (*util-iz-ar*);
3. *-ent-* (*amol-ent-ar*);
4. *-isc-* (*mord-isc-ar*);
5. *-ej* (*esbrav-ej-ar*);
6. ou ainda *-ic-*, *-ilh-*, *-(z)inh-*, *-it*, etc. (*depen-ic-ar, ferv-ilh-ar, escrev-inh-ar, espe-zinh-ar, salt-it-ar*, etc.).

- No primeiro caso, a vogal *-e-* deriva do *-i-* do sufixo verbal *-idiāre*, do latim tardio, com provável influência do sufixo verbal *-eier-*, do francês antigo. Para sua difusão, hão de ter contribuído verbos como *golpear, nortear*, etc., cujo *-e-* já era vogal temática da forma derivante (*golpe, norte*, etc.). Como quer que seja, porém, podemos ver a terminação *-ear-* de três ângulos:

  ✓ ou etimologicamente, como derivada justamente de *-idiāre*, etc.;

  ✓ ou em suas partes atuais, e então seu *-e-* será uma como "vogal de ligação";

  ✓ ou como sufixo íntegro com uma parte que fornece ASPECTO[66] a certos verbos.

---

[66] O ASPECTO é parte da significação global de dada palavra. Assim, *saltitar* é 'saltar repetidas vezes em saltos pequeninos', e *repetidas vezes em saltos pequeninos* é justamente o aspecto fornecido pelo sufixo ao radical *salt-* e o que faz *saltitar* distinguir-se de *saltar*. Contrariamente, todavia, ao que diz talvez a maioria das gramáticas atuais, o sufixo que fornece aspecto não é acidente ou desinência verbal, senão que é isto mesmo: *sufixo*. *Saltou* e *saltavam* são a mesma palavra, apesar das distintas desinências;

◆ No caso da terminação *-izar*, o *-iz-* deriva do *-iz-* de *-izāre* (< gr. *-ízein*), sufixo latino. Pois bem, se se quer decompor atualmente o sufixo *-izar*, há que reconhecer a impossibilidade de dar a *-iz* definição mais precisa. Devemos pois considerar *-izar* já como sufixo íntegro que fornece aspecto a certos verbos.

◆ No terceiro caso, *-entar* formou-se por analogia com a terminação *-entar* de verbos como *aquentar*, *violentar*, etc., nos quais *-ent-* era parte do radical. Pois bem, se se quer decompor atualmente o sufixo *-entar*, há que reconhecer a impossibilidade de dar a *-ent-* definição mais precisa. Devemos pois considerar *-entar* já como sufixo íntegro que fornece aspecto a certos verbos.

◆ Aparentemente algo fugidio é o quarto caso; mas é possível entendê-lo de modo suficiente. A terminação *-iscar*, semelhantemente ao que se deu com *-entar*, formou-se por analogia com a terminação *-iscar* de verbos como *chuviscar*, *petiscar*, etc., nos quais o *-isc-* era parte do radical. Desse modo, também devemos considerar *-entar* já como sufixo íntegro que fornece aspecto a certos verbos.

◆ A terminação *-ejar*, por sua vez, deriva do mesmo *-idiāre* de que deriva o *-ear-* do primeiro caso. Sucede, porém, que seu *-ej-* se identifica com o *-ej-* do sufixo flexional diminutivo *-ejo*, razão por que podemos ver a terminação *-ejar-* de três ângulos:

✓ ou etimologicamente, como derivada justamente de *-idiāre*, etc.;
✓ ou em suas partes atuais, e então seu *-ej-* será um sufixo flexional diminutivo usado, porém, acidentalmente, na formação de novos verbos;
✓ ou ainda como sufixo íntegro que fornece aspecto a certos verbos.

◆ Por fim, no caso das demais terminações, podemos vê-las de dois ângulos:

✓ ou em seus componentes originais e nos atuais, e então *-ic-*, *-ilh-*, *-(z)inh-*, *-it-* e outros serão sufixos flexionais diminutivos usados, porém, na formação de novos verbos;
✓ ou como sufixos íntegros que fornecem aspecto a certos verbos.

• Tais sufixos, com efeito, fornecem a certos verbos algum dos seguintes aspectos:[67]

◆ *diminutivo*;
◆ *durativo*;
◆ *factitivo*;

---

mas *saltar* e *saltitar* são palavras distintas. É que, como dito, toda e qualquer desinência é, por certo ângulo, sufixal, mas nem por isso os sufixos são desinenciais.

[67] A relação não é exaustiva.

- *frequentativo*;
- *pejorativo*.

5.2.2.b. Eis os principais SUFIXOS VERBAIS DE PRIMEIRA CONJUGAÇÃO, com algumas de suas respectivas noções aspectuais:

- **-EAR, -EJAR:**
  ✓ (frequentativo, durativo): *cabecear*, *folhear*; *forcejar*, *velejar*; etc.;
- **-ENTAR:**
  ✓ (frequentativo, factitivo): *aformosentar*, *apoquentar*, *amolentar*, etc.;
- **-ICAR, -ILHAR:**
  ✓ (frequentativo-diminutivo): *bebericar*, *depenicar*; *dedilhar*, *fervilhar*; etc.
- **-(Z)INHAR:**
  ✓ (frequentativo-diminutivo-pejorativo): *definhar*, *escrevinhar*, *espezinhar*, etc.;
- **-ISCAR, -ITAR:**
  ✓ (frequentativo-diminutivo): *mord-isc-ar*, *nev-isc-ar*; *dormitar*, *saltitar*; etc.;
- **-IZAR:**
  ✓ (durativo, frequentativo, factitivo): *agonizar*, *civilizar*, *suavizar*, etc.

5.2.2.c. Resta um ÚLTIMO SUFIXO VERBAL, DA 2ª. CONJUGAÇÃO: *-ecer* (ou *-escer*), característico de verbos INCOATIVOS OU INCEPTIVOS, isto é, verbos que indicam o começo de um estado e, às vezes, seu desdobramento: *amanh-ecer*, *enobr-ecer*, *cr-escer*, *flor-escer*; etc. A terminação provém do latino *-escĕre*. Se assim é, conclua-se a seu respeito identicamente a como se concluiu a respeito de *-izar* e de *-entar*.

⇗ **OBSERVAÇÃO.** Chamar *sufixo* a todas essas terminações não nos deve fazer perder de vista que, decompostas em suas últimas partes, *sufixo flexional verbal* de fato será sempre o ***r***.

➢ Análise como a que acabamos de fazer dos sufixos verbais poderia, em verdade, *de algum modo*, fazer-se também dos sufixos nominais; mas deixamo-lo para outro lugar. Se o fizemos com respeito a certos "sufixos verbais", não foi senão para mostrar que a compreensão de tema tão complexo sempre se malogra, em algum grau, com qualquer espécie de simplismo.

5.2.3. O *SUFIXO ADVERBIAL* DA LÍNGUA PORTUGUESA.

5.2.3.1. O único sufixo adverbial existente em português é *-mente*, que provém do substantivo latino *mens, mentis* ('mente, espírito, intento'). De início com a noção de "intenção" e, depois, com a de "modo", passou a aglutinar-se a ADJETIVOS para indicar exatamente a circunstância de modo. Com efeito, *boa-mente* = com boa intenção; mas ter boa intenção é um modo bom. Por conseguinte, agir *boamente* é agir de modo bom.

5.2.3.2. Porque tanto o substantivo latino *mens, mentis* como o português *mente* são femininos, o sufixo adverbial mais geralmente se junta a ADJETIVO NO FEMININO: *aplicada-mente, bondosa-mente, corajosa-mente,* etc. – isso, como é óbvio, se não se tratar de adjetivo UNIFORME[68] (como *inteligente*).

⬀ **OBSERVAÇÃO.** Desta norma excetuam-se os advérbios derivados de adjetivo em *-ês*: *cortes-mente, portugues-mente,* etc. Tem explicação histórica: estes adjetivos foram um dia UNIFORMES, traço, aliás, que se conserva até hoje em alguns deles, como *montês, pedrês,* etc.: um *bode montês,* uma *cabra montês,* diferentemente de *inglês/inglesa* e tantos outros. Mas a formação adverbial segue ainda, DE MODO ABSOLUTAMENTE GERAL, o antigo modelo: *inglesmente, francesmente,* etc. Constitui ERRO, portanto, dizer e escrever "portuguesamente", "francesamente", etc.

5.2.4. A PARASSÍNTESE.

5.2.4.a Em português, a PARASSÍNTESE consiste na simultaneidade de *composição por prefixação* e de *derivação própria* (*ou sufixal*) sobretudo para formação de novos verbos, quer de base substantiva, quer de base adjetiva: *acorrentar* (*a* + *corrente*(*s*) + *ar*); *enternecer* (*en* + *tern[o]* + *ecer*). Outros exemplos:

- DE BASE SUBSTANTIVA: *ajoelhar, amanhecer, desalmar, embarcar, enraizar, despedaçar, esburacar,* etc.;
- DE BASE ADJETIVA: *afear, afrancesar, emudecer, enegrecer, endireitar, esclarecer, esfriar,* etc.

5.2.4.b. Parassintéticos de outras classes, como *subterrâneo, desnaturado,* etc., não se formam com igual facilidade nos domínios da língua portuguesa. Mas aqui não deixa de ter alguma produtividade o sufixo *-âneo*: *conterrâneo, contemporâneo, extemporâneo,* etc., além de *subterrâneo*.

5.2.4.c. Também é possível dar-se parassíntese mediante a simutaneidade de *composição mais propriamente lexical* e de *derivação própria* (ou *sufixal*). Tal é raríssimo em português, e dá-se um pouco mais, por exemplo, em espanhol: *misacantano* (*misa-* + *-cant-* + *-ano*), ou seja, 'padre, sacerdote'; *quinceañero* (*quince-* + *-añ-* + *-ero*), ou seja, 'que tem quinze anos'; etc.

---

[68] Chama-se UNIFORME ao adjetivo aplicável igualmente – ou seja, sem variação flexional – tanto a nomes masculinos como a nomes femininos.

⇗ **OBSERVAÇÃO.** Note-se que não pode haver parassíntese sem tais simultaneidades. Não são parassinteticamente formadas palavras como *deslealdade*, *espreguiçamento*, *injustiça*, etc. Nelas, a análise descobre, sim, prefixo e sufixo; cada uma destas palavras, no entanto, já possuía ou o prefixo ou o sufixo quando se lhe juntou a outra parte constitutiva. Veja-se o exemplo de *injustiça*: há autonomamente em português tanto *injusto* como *justiça*. Não pode dizer-se o mesmo de *desalmar* ou *enraizado*: com efeito, não há na língua portuguesa "desalma" nem "almar", "enraiz" nem "raizado".[69]

➢ Chama-se HIBRIDISMO, insista-se, à formação de novas palavras com partes morfológicas de procedência diversa: *monóculo* (grego e latim); *sociologia* (latim e grego); *alcaloide* (árabe e grego); *burocracia* (francês e grego); *zincografia* (alemão e grego); *moscardo* (latim e germânico); *caferana* (árabe e tupi); *bananal* (africano e latim); etc. E a mais acumulada das formações híbridas em português é talvez *macadamização*: *mac-* (radical celta); *-adam-* (radical hebraico); *-iz-* (sufixo grego); *-a-* (vogal temática da primeira conjugação portuguesa); *-ção* (sufixo latino).[70]

5.2.5. Na chamada **DERIVAÇÃO REGRESSIVA** ocorre o exato oposto do que se dá na derivação flexional: o vocábulo derivado resulta não da ampliação do derivante, mas de sua *redução* por subtração de um segmento qualquer de seu final. Assim, *rosmano* deriva regressivamente de *rosmaninho*, *sarampo* de *sarampão*, etc.

5.2.5.a. Pela *derivação regressiva* forma-se de verbos grande quantidade de substantivos: é a também chamada DERIVAÇÃO DEVERBAL. Segundo a lição de Said Ali, que se tornou clássica, podem distribuir-se os *deverbais* por quatro grupos:

- os MASCULINOS em ***-o***: *castigo*, *choro*, *embargo*, *erro*, *recuo*, *repouso*, *voo*, *vozeio*, etc.;
- os MASCULINOS em ***-e***: *corte*, *debate*, *destaque*, *embarque*, *levante*, *rebate*, *toque*, etc.;
- os FEMININOS em ***-a***: *apanha*, *denúncia*, *disputa*, *dúvida*, *lavra*, *perda*, *réplica*, *visita*, etc.;

---

[69] Em verdade, há um *raizado* (= *barbado*); mas é substantivo de uso exclusivo da Viticultura ('bacelo radiculado, pronto para o plantio').

[70] Cf. Rocha Lima, *op. cit.*, p. 279.

- OS TANTO MASCULINOS COMO FEMININOS: *achego* e *achega*, *ameaço* e *ameaça*, *grito* e *grita*, *pago* e *paga*, etc.

5.2.5.b. Como pode ver-se por todos os exemplos acima, os *substantivos deverbais* nomeiam alguma *ação* despida dos acidentes de modo e de tempo, de número e de pessoa, próprios do verbo. De sua parte, os *substantivos concretos* são primitivos sempre: deles é que derivam verbos, como *escudar* de *escudo* e *sacolejar* de *sacola*.

5.2.6. As **ONOMATOPEIAS** são palavras que, em sua mesma configuração sonora, buscam reproduzir ou o som ou o ruído feito por aquilo mesmo que nomeiam. Assim, *tique-taque*, que nomeia e ao mesmo tempo reproduz, de algum modo, o som cadenciado e repetitivo do relógio; *catraca*, que nomeia e ao mesmo tempo reproduz, de algum modo, o ruído produzido por esse dispositivo ao ser acionado; etc. De notar algumas coisas mais:

5.2.6.a. as onomatopeias sempre nomeiam o som ou o ruído de algo em movimento ou em ação;

5.2.6.b. há línguas, como o inglês, nas quais as onomatopeias são muito mais numerosas;

5.2.6.c. como qualquer palavra, as onomatopeias são signos convencionais, e não naturais.

5.2.7. De certa maneira, podem considerar-se modos de formação de palavras ainda os seguintes.

5.2.7.a. A **ABREVIAÇÃO**: *auto* (por *automóvel*), *foto* (por *fotografia*), *moto* (por *motocicleta*), etc.

⬀ **OBSERVAÇÃO.** A *abreviação* é apenas uma espécie de BRAQUISSEMIA (ou mudança de uma palavra em outra mais curta). Também o são a *derivação regressiva* (vista acima), a *apócope*, a *contração*, etc.; e de todas também pode dizer-se, de certa maneira, que são modos de formação de palavras.

5.2.7.b. A **SIGLA** (ou redução de títulos a suas letras iniciais) e o **ACRÔNIMO** (ou redução de títulos a suas sílabas e/ou letras iniciais): *FAB* (de *Força Aérea Brasileira*); *Sudam* (de *Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia*); etc.

5.2.7.c. Os **HIPOCORÍSTICOS** há-os de duas espécies:

- os nomes de tratamento intrafamiliar: *papai*, *mamãe*, *titia*, *vovô*, etc.;
- as simplificações ou modificações de nome próprio usadas em trato mais íntimo: *Dudu* (por *Eduardo*), *Toninho* (por *Antônio*), *Zeca* (por *José*), etc.

⬀ **OBSERVAÇÃO 1.** Costumou-se incluir entre os modos de formação de novas palavras uma chamada "derivação imprópria". Nomeia-se assim a simples mudança de classe ou categoria gramatical sem alteração material: desse modo, como basta antepor o artigo a qualquer palavra (ou até a qualquer frase) para transformá-la em substantivo (como se dá em ***o*** *célere*), ter-se-ia uma nova palavra por "derivação imprópria". E de fato são muitos os casos de mera mudança de classe ou de subclasse gramatical: de substantivos comuns em próprios (*castelo* > *Castelo*, *pinheiro* > *Pinheiro*, etc.); de substantivos próprios em comuns (*Damasco* > *damasco*, *Hércules* > *hércules*); de adjetivos em substantivos (*circular*, *veneziana*, etc.); de verbos (no infinitivo) em substantivos (*andar* > *o andar*, *jantar* > *o jantar*, etc.); de adjetivos em advérbios ([*falar*] *alto*, [trabalhar] *rápido*, etc.); de particípios em substantivos, em adjetivos e em preposições (*corrente*; [*livro*] *lido*; *mediante*; etc.); de verbos e de advérbios em conjunções (*seja ... seja*, *ora ... ora*, etc.); *et reliqua*.

Sucede, porém, que tais palavras não se transformam em outras ao mudar de classe ou categoria gramatical: *seguem sendo as mesmas*. Para que se entenda, recorramos uma vez mais à analogia. Imagine-se que o artífice da primeira mesa a tenha pensado como artefato para comer, razão por que a fez segundo determinadas disposições: de material rígido, plana, com pés. Após todavia um tempo de usá-la tão só para comer, viu que também servia tanto para reuniões em torno dela como para escrever sobre ela – e passou a usá-la igualmente para estes fins. Pois bem, se se pergunta se já não se trata da mesma mesa, deve responder-se: é claro que se trata, ainda, da mesma mesa. Pois algo análogo se dá com as palavras: alguma (como *branco*) foi criada para ser adjetivo, mas logo se viu que poderia usar-se também como substantivo com sentido contíguo ao original, e assim sucessivamente. Note-se porém que, assim como uma mesa não pode servir para, por exemplo, dormir, assim tampouco um advérbio em *-mente*, por exemplo, pode servir para usar-se como substantivo, ou adjetivo, ou verbo, etc. O uso da mesa para comer, seu uso para reunir-se e seu uso para escrever são tão contíguos entre si como o são o uso de *branco* como adjetivo e seu uso como substantivo – e assim *branco* será propriamente tão adjetivo quão substantivo.

Mas por vezes algo criado para determinado fim é usado para um fim a que não se ordena por suas disposições próprias. Pois bem, assim como se pode usar acidentalmente ou impropriamente um livro grosso para pôr sobre ele um prato de comida e comer, assim também determinada palavra criada para ser, por exemplo, adjetivo pode usar-se acidentalmente ou impropriamente como substantivo ou como advérbio: *trabalhadores céleres* (adjetivo); *o célere* (substantivo acidental) *de seu trabalho*; *trabalhavam céleres* (advérbio impróprio, com manutenção da desinência de plural).

Como quer que seja, não se trata aqui de *derivação* própria nem de imprópria, mas de *uso categorial múltiplo* das palavras, seja ele próprio ou impróprio.

☞ **Observação 2.** Mas palavras não são mesas. Antes de tudo, sua forma original e propriamente dita, o significado, pode perder-se – é o que se chama *catacrese* –, para dar lugar a outra forma, ou seja, a outro significado. É como se outra "alma" o informasse. Tal porém é resultado ainda de corrupção linguística, e se dá, antes de tudo, porque as palavras são faladas por muitos por espaço mais ou menos amplo e nem sempre contínuo e por tempo mais ou menos longo e tampouco sempre contínuo; mas, *afinal*, POR AUSÊNCIA DA DEVIDA GRAMÁTICA E DA DEVIDA LEXICOGRAFIA. Dá-se abundância de perdas significativas quando se passa de uma língua a outra: com efeito, é grandíssimo o número de palavras latinas que passaram a nosso idioma sem o sentido original. Dê-se um exemplo: o latino *bajŭlo, as, āvi, ātum, āre* tinha o sentido de 'levar (especialmente alguém) nos braços ou às costas', e, já mudada em *bajular*, adquiriu entre nós o sentido de 'adular'. Mas também é grande o número de tais perdas de uma etapa de dada língua para outra etapa. É o caso, em português, de *cor* (ó): significava, como em latim (*cor, cordis*), 'coração', mas hoje não se usa senão na expressão *de cor* com o sentido de 'memória'.[71] E vemos, agora mesmo, diante de nossos olhos, repetir-se tais corrupções semânticas: por exemplo, *falaz* ('que engana, que ilude') usa-se equivocadamente com o sentido de 'falastrão' (pela semelhança material de radical [*fal-*]). Pois bem, em todos estes casos surge – por corrupção, insista-se – uma NOVA PALAVRA, ainda que materialmente idêntica à anterior, assim como, *mutatis mutandis*, são distintas a palavra *boato* portuguesa e a palavra *boato* espanhola. E é acidental, quanto ao que se acaba de dizer, que tal nova palavra se incorpore (como *cor* = memória) ou não (como *falaz* = falastrão) ao padrão culto.

Note-se, porém, que em algo diferem o caso de *cor* e o caso de *falaz*: no segundo, trata-se de pura *falsa etimologia*, enquanto no primeiro, conquanto tenha havido esquecimento do sentido original, havia de algum modo, como dito, contiguidade semântica entre coração e memória. Pois bem, quando, *sem que se esqueça o sentido original*, dada palavra adquire novos significados de algum modo análogos ou contíguos ao original, então não se dá corrupção – mas progresso linguístico. É algo semelhante ao visto na Observação anterior; e, por tal aquisição de novos significados análogos ou contíguos, as palavras vão-se adequando ao esforço mental de representar a realidade em seus múltiplos aspectos e em suas múltiplas interrelações.

---

[71] Lembre-se que a memória era *popularmente* associada ao coração.

São muitas as maneiras pelas quais as palavras adquirem novos significados análogos ou contíguos ao original e se tornam, assim, polissêmicas. Eis três delas.

□ A METÁFORA, ou seja, a designação de coisa ou de qualidade mediante palavra significativa originalmente de outra coisa ou de outra qualidade que, todavia, podem ter com aquelas certa relação analógica.[72] Note-se porém que a metáfora só passa a interessar à Gramática quando se torna, segundo a magnífica expressão de Susanne Langer,[73] *fossilizada*, ou seja, corrente na língua – ao ponto de já nem sequer sentir-se como metáfora. Se o poeta escreve "o incêndio de seus cabelos", está-se ainda no âmbito da Poética.

Exemplos de *metáforas fossilizadas*:

✓ *os dentes do garfo* (por *as pontas do garfo*);
✓ *os pés da mesa* (por *as partes terminais sobre as quais se assenta a mesa*);
✓ *vontade férrea* (por *vontade forte*);
✓ *O rio corre* (por *O rio flui*);
✓ *O tempo voa* (por *O tempo passa rapidamente*);
✓ etc.

□ A METONÍMIA, que de certo modo se reduz à metáfora. Mas, enquanto esta se dá por relação ou comparação analógica, a metonímia dá-se mais propriamente em razão de contiguidade semântica. Do mesmo modo que a metáfora, porém, a metonímia não interessa à Gramática senão quando de algum modo *fossilizada*. Pode dar-se:

¶ se se toma O EFEITO PELA CAUSA:
✓ *um Murillo* (por *um quadro de Murillo*);
✓ *ganhar a vida* (por *ganhar os meios de sustentação da vida*);
✓ etc.;

¶ se se tomam O TEMPO OU O LUGAR PELOS ENTES QUE SE ENCONTRAM NELES:
✓ *escrever para a posteridade* (por *escrever para os pósteros*);
✓ *trabalhar pela cidade* (por *trabalhar pelos cidadãos*);
✓ etc.;

---

[72] A *metáfora* também se diz ANALOGIA DE PROPORCIONALIDADE IMPRÓPRIA, e é nela que mais propriamente se dá sentido translato ou figurado.

[73] Em *Philosophy in a New Key: A Study in the Symbolism of Reason, Rite, and Art*. Cambridge, Harvard University Press, 1957.

- ¶ se se toma O LUGAR PELO PRODUTO:
  - ✓ *um havana* (por *um charuto da cidade de Havana*);
  - ✓ etc.;
- ¶ se se toma O CONTINENTE PELO CONTEÚDO:
  - ✓ *Comeu um bom prato* (por *Comeu a boa quantidade de comida que estava no prato*);
  - ✓ etc.;
- ¶ se se toma A MATÉRIA PELA COISA FEITA DE TAL MATÉRIA:
  - ✓ *um níquel* (por *uma moeda de níquel*);
  - ✓ etc.;
- ¶ se se toma O ABSTRATO PELO CONCRETO:
  - ✓ *praticar a caridade* (por *praticar atos de caridade*);
  - ✓ etc.;
- ¶ se se toma A PARTE PELO TODO:[74]
  - ✓ *Necessita-se de muito braços para a colheita* (por *Necessita-se de muitos trabalhadores para a colheita*);
  - ✓ etc.;
- ¶ se se toma O QUALIFICATIVO PELO QUALIFICADO:[75]
  - ✓ *um borgonha* (por *um vinho da Borgonha*);
  - ✓ etc.;
- ¶ *et reliqua.*

- ▫ A EXTENSÃO OU AMPLIAÇÃO DO SIGNIFICADO. Exemplos:
  - ✓ *aliviar*, que de 'diminuir o peso de' passa a significar também 'diminuir qualquer coisa (culpa, dor, tristeza, etc.)';
  - ✓ *embarcar*, que de 'entrar ou colocar em embarcação' passa a significar também 'entrar ou colocar em qualquer veículo';
  - ✓ *espraiar*, que de 'lançar (algo) à praia' passa a significar também 'derramar, estender pela praia', e 'estender-se por vasta área', e 'estender-se no discurso, num assunto';
  - ✓ etc.

⇗ **OBSERVAÇÃO 3.** Se porém se criam *sinônimos* ou *antônimos* de dada palavra, sem dúvida se criam NOVAS PALAVRAS. Na ANTONÍMIA, tal é evidente: *belo* x *feio*;

---

[74] Chama-se SINÉDOQUE a esta espécie de metonímia.

[75] Chama-se ANTONOMÁSIA a esta espécie.

bom x *mau*; *grande* x *pequeno*; etc. Mas a SINONÍMIA pode dar-se duplamente. Ou propositadamente, para expressar aspectos diversos da mesma coisa (como na série *casa, residência, morada, lar*) – e neste sentido a sinonímia de modo algum é absoluta. Ou por acaso ou deriva linguística, e assim a sinonímia pode ser absoluta de algum modo. É o que se dá com *cachorro* no Brasil, que não se tornou sinônimo perfeito de *cão* senão por *catracrese*: esqueceu-se aqui, com efeito, o significado original de *cachorro* ('filhote de cão' < talvez de um lat. vulgar **cattŭlus*, por *catŭlu* ['filhote de cão']). A única diferença, acidental, que pode dar-se no Brasil entre uma e outra palavra diz respeito ao uso; mas nós mesmo preferimos usar sempre *cão*.

⇗ **OBSERVAÇÃO 4.** No âmbito da chamada HOMONÍMIA, por fim, obviamente se trata sempre de palavras de todo distintas: *cão* (animal), *cão* ('certo tipo de estalagem pública no Oriente Médio'), *cão* (= cã, cabelo branco; ou 'que tem cãs'), *Cão* (constelação), etc.[76]

APÊNDICE
O USO DO HÍFEN

NOTA PRÉVIA ⇘. Devem expor-se agora as regras do uso do hífen segundo o novo Acordo. Mas diga-se que, além de altamente complexo, este seu capítulo não prima pela coerência nem pela clareza. Por isso mesmo, se o reproduzimos na totalidade, não deixamos porém de proceder às devidas adaptações e aos devidos comentários.

«**a.** DO HÍFEN EM COMPOSTOS, LOCUÇÕES E ENCADEAMENTOS VOCABULARES

a1. Emprega-se o hífen nas palavras compostas por justaposição que não contêm formas de ligação e cujos elementos,[77] de natureza nominal, adjetival, numeral ou verbal, constituem uma unidade sintagmática e semântica e mantêm acento próprio, podendo dar-se o caso de o primeiro elemento estar reduzido: *ano-luz, arco-íris, decreto-lei, és-sueste, médico-cirurgião, rainha-cláudia, tenente-coronel, tio-*

---

[76] São palavras EQUÍVOCAS, ou seja, idênticas na figura, mas distintas segundo o significado ou forma. – Por outro lado, chamam-se UNÍVOCAS as palavras que se dizem igualmente de vários: por exemplo, *animal*, que se diz igualmente do homem, do cão, do tigre, do cisne, etc. E chamam-se ANÁLOGAS as que se dizem de vários mas mais perfeitamente de um primeiro e por referência a ele: assim, tanto a comida como o exercício se dizem *sãos*, mas sempre em referência à saúde do animal, que *é* o que mais propriamente se diz *são* ou *sadio*.

[77] Sempre que o texto do novo Acordo Ortográfico fale de "elemento", trata-se de *parte morfológica*, porque, como já se disse, os elementos das palavras e pois da linguagem são os *fonemas* e as *letras*.

-avô, turma-piloto; alcaide-mor, guarda-noturno, mato-grossense, norte-americano, porto-alegrense, sul-africano; afro-asiático, afro-luso-brasileiro, azul-escuro, marrom--claro, primeiro-ministro, primeiro-sargento, segunda-feira; conta-gotas, finca-pé, guarda-chuva»; grão-duque, grão-vizir, grã-cruz.

Observação [do Acordo]: Certos compostos, em relação aos quais se perdeu, em certa medida, a noção de composição, grafam-se aglutinadamente: *girassol, madressilva, mandachuva, pontapé, paraquedas, paraquedista*, etc.»

⬀ **Observação 1.** Pode e deve resumir-se esta regra da seguinte maneira: levam hífen os substantivos (comuns) e os adjetivos compostos de duas partes morfológicas justapostas (ou seja, ligam-se por hífen estas mesmas duas partes).

⬀ **Observação 2.** Veja-se que se arrola nesta regra uma série de gentílicos: *norte-americano, porto-alegrense, sul-africano; afro-asiático, afro-luso-brasileiro.* Não se considerem, porém, gentílicas palavras compostas como as seguintes, em que não se usa hífen: *lusofilia, germanófobo*, etc.

⬀ **Observação 3.** Não nos é possível, de modo algum, concordar com o exposto na Observação do Acordo. Antes de tudo, não estão no mesmo caso, por um lado, *madressilva* (que já deriva de uma latina *matrisilva* medieval), *girassol* (de origem e de composição controversas) e *pontapé* (em que "ponta" pende *semanticamente* do vocábulo tardo-latino *puncta, ae*, 'estocada, golpe') e, por outro lado, *mandachuva* e *paraquedas*. Estas últimas, em que as duas partes da composição ("manda" e "chuva", e "para" e "quedas") são claríssimas, em nada se diferenciam composicionalmente de, por exemplo, *guarda-chuva* e *para-raios*. É ainda o velho e mau hábito de prodigalizar exceções e não fechar paradigmas.[78] Como já dissemos, porém, siga-se o Acordo.

«**a2.** Emprega-se o hífen nos topônimos compostos que se iniciam pelos adjetivos *grã* e *grão* ou por forma verbal, ou cujos elementos estejam ligados por artigo: *Grã-Bretanha, Grão-Pará; Abre-Campo; Passa-Quatro, Quebra-Costas, Quebra-Dentes, Traga-Mouros, Trinca-Fortes; Albergaria-a-Velha*, Baía de *Todos-os--Santos, Entre-os-Rios, Montemor-o-Novo, Trás-os-Montes.*

Observação [do Acordo]: Os outros topônimos compostos se escrevem com os elementos separados, sem hífen: América do Sul, Belo Horizonte, Cabo Verde,

---

[78] Lembre-se que usamos *paradigma* em sentido lato.

Castelo Branco, Freixo de Espada à Cinta, etc. O topônimo Guiné-Bissau é, contudo, uma exceção consagrada pelo uso.

a3. Emprega-se o hífen nas palavras compostas que designam espécies botânicas e zoológicas, estejam ou não ligadas por preposição ou qualquer outro elemento: *abóbora-menina, couve-flor, erva-doce, feijão-verde*; *bênção-de-deus, erva-do-chá, ervilha-de-cheiro, fava-de-santo-inácio, bem-me-quer* (nome de planta que também se dá à "margarida" e ao "malmequer"); *andorinha-grande, cobra-capelo, formiga-branca*; *andorinha-do-mar, cobra-d'água, lesma-de-conchinha*; *bem-te-vi*.»

Observação. Note-se que tais palavras podem compor-se por justaposição de duas, de três ou de mais partes morfológicas. Em outros termos: palavras compostas por justaposição que nomeiem espécie animal ou espécie vegetal têm sempre suas partes morfológicas ligadas por hífen.

«**a4.** Emprega-se o hífen nos compostos com os advérbios BEM e MAL, quando estes formam com o elemento que se lhes segue uma unidade sintagmática e semântica e tal elemento começa por *vogal* ou *h*. No entanto, o advérbio *bem*, ao contrário de *mal*, pode não aglutinar-se com palavras começadas por consoante. Eis alguns exemplos das várias situações: *bem-aventurado, bem-estar, bem-humorado*; *mal-afortunado, mal-estar, mal-humorado*; *bem-criado* (cf. malcriado), *bem-ditoso* (cf. malditoso), *bem-falante* (cf. malfalante), *bem-mandado* (cf. malmandado), *bem-nascido* (cf. malnascido), *bem-soante* (cf. malsoante), *bem-visto* (cf. malvisto).

Observação [do Acordo]: Em muitos compostos, o advérbio *bem* aparece aglutinado com o segundo elemento, quer este tenha ou não vida à parte: *benfazejo, benfeito, benfeitor, benquerença*, etc.»

Observação 1. Regra demasiado confusa e arbitrária. Recomendamos, por isso, se recorra sempre a um bom dicionário quando se tratar de *bem* e de *mal* como prefixos.

Observação 2. Ademais, *benfeito* não é o mesmo que *bem-feito*: o primeiro pode ser adjetivo, com o sentido de "que se benfez; beneficiado", ou substantivo, com o sentido de 'benefício, benfeitoria'; o segundo, muito mais usual, só pode ser adjetivo, em duas acepções: 'feito com esmero; bem-acabado'; 'de figura harmoniosa; bem-composto, bem-conformado'.

«**a5.** Emprega-se o hífen nos compostos com os elementos *além*, *aquém*, *recém* e *sem*: *além-Atlântico*, *além-mar*, *além-fronteiras*; *aquém-mar*, *aquém-Pireneus*; *recém-casado*, *recém-nascido*; *sem-cerimônia*, *sem-número*, *sem-vergonha*.»

⇗ **Observação.** Esta regra poderia incluir-se, facilmente, na regra de **a1** *supra*.

«**a6.** Nas locuções de qualquer tipo, sejam elas substantivas, adjetivas, pronominais, adverbiais, prepositivas ou conjuncionais, não se emprega em geral o hífen, salvo algumas exceções já consagradas pelo uso (como é o caso de *água-de-colônia*, *arco-da-velha*, *cor-de-rosa*, *mais-que-perfeito*, *pé-de-meia*, *ao deus-dará*, *à queima-roupa*). Sirvam, pois, de exemplo de emprego sem hífen as seguintes locuções:

a. SUBSTANTIVAS: *cão de guarda*, *fim de semana*, *sala de jantar*;

b. ADJETIVAS: *cor de açafrão*, *cor de café com leite*, *cor de vinho*;

c. PRONOMINAIS: *cada um*, *ele próprio*, *nós mesmos*, *quem quer que seja*;

d. ADVERBIAIS: *à parte* (note-se o substantivo "aparte"), *à vontade*, *de mais* (locução que se contrapõe a "de menos"; note-se "demais", advérbio, conjunção, etc.), *depois de amanhã*, *em cima*, *por isso*;

e. PREPOSITIVAS: *abaixo de*, *acerca de*, *acima de*, *a fim de*, *a par de*, *à parte de*, *apesar de*, *debaixo de*, *por baixo de*, *por cima de*, *quanto a*;

f. CONJUNCIONAIS: *a fim de que*, *ao passo que*, *contanto que*, *assim que*, *por conseguinte*, *dado que*.»

⇗ **Observação 1.** Passam a chamar-se "locuções substantivas" e "locuções adjetivas" os substantivos e os adjetivos que, antes do novo Acordo, por levarem hífen, se chamavam "substantivos e adjetivos formados por justaposição de três ou mais elementos". Trata-se, obviamente, de classificação arbitrária.

⇗ **Observação 2.** Outra vez, não há razão para tais exceções. Antes de tudo, se suas partes morfológicas continuam a ligar-se por hífen, não se vê por que chamá-las "locuções" e não, como antes, "substantivos compostos". Depois, tampouco se vê por que seria "consagrada pelo uso" *cor-de-rosa* e não *cor de abóbora*, *mais-que-perfeito* e não *ponto e vírgula*, *pé-de-meia* e não *pé de moleque* (doce), etc.

⇗ **Observação 3.** Ademais, *ao deus-dará* e *à queima-roupa* não deveriam estar no rol de exceções em que estão *água-de-colônia*, *arco-da-velha*, etc., pela simples razão de que não são de modo algum exceções: o que nelas está hifenizado (*deus-dará* e *queima-roupa*) rege-se pela regra exposta em **a1**.

«**a7.** Emprega-se o hífen para ligar duas ou mais palavras que ocasionalmente se combinam, formando, não propriamente vocábulos, mas encadeamentos vocabulares (como a divisa *Liberdade-Igualdade-Fraternidade*, a *Ponte Rio-Niterói*, o percurso *Lisboa-Coimbra-Porto*, a ligação *Angola-Moçambique*, e bem assim nas combinações históricas ou ocasionais de topônimos (como *Áustria-Hungria*, *Alsácia-Lorena*, *Angola-Brasil*, *Tóquio-Rio de Janeiro*, etc.).

b. Do hífen nas formações por prefixação, “recomposição” e sufixação

§ Nas formações com prefixos (como, por exemplo: *ante-*, *anti-*, *circum-*, *co-*, *contra-*, *entre-*, *extra-*, *hiper-*, *infra-*, *intra-*, *pós-*, *pré-*, *pró-*, *sobre-*, *sub-*, *super-*, *supra-*, *ultra-*, etc.) e em formações por recomposição, isto é, com elementos não autônomos ou “falsos prefixos”,[79] de origem grega e latina (tais como: *aero-*, *agro-*, *arqui-*, *auto-*, *bio-*, *eletro-*, *geo-*, *hidro-*, *inter-*, *macro-*, *maxi-*, *micro-*, *mini-*, *multi-*, *neo-*, *pan-*, *pluri-*, *proto-*, *pseudo-*, *retro-*, *semi-*, *tele-*, etc.), só se emprega o hífen nos seguintes casos:

b1. Nas formações em que o segundo elemento começa por *h*: *anti-higiênico*, *circum-hospitalar*, *co-herdeiro*, *contra-harmônico*, *extra-humano*, *pré-história*, *sub-hepático*, *super-homem*, *ultra-hiperbólico*; *arqui-hipérbole*, *eletro-higrômetro*, *geo-história*, *neo-helênico*, *pan-helenismo*, *semi-hospitalar*.

Observação [do Acordo]: Não se usa, no entanto, o hífen em formações que contêm em geral os prefixos *des-* e *in-* e nas quais o segundo elemento perdeu o *h* inicial: *desumano*, *desumidificar*, *inábil*, *inumano*, etc.»

⇗ **Observação.** Em atitude surpreendente, a Academia Brasileira de Letras, imediatamente após a assinatura do Acordo, sugeriu o descumprimento de um item desta regra: mandou grafar, por exemplo, *coerança* e *coerdeiro* (em vez de *co-herança* e *co-herdeiro*). Criava assim uma regra única para o prefixo *co-*: este nunca se liga por hífen, e para tal, se preciso for, suprima-se o *h*. Não deixa de ter sua razão, dado até que tradicionalmente já escrevemos, por exemplo, *coabitar* (< *cohabitāre*). Mas preferimos seguir a letra do Acordo.

---

[79] Para “falso prefixo”, *vide* mais acima, nesta mesma Quarta Parte.

«**b2.** Nas formações em que o prefixo ou "pseudoprefixo" [aspas nossas] terminam na mesma vogal com que se inicia o segundo elemento: *anti-ibérico, contra-almirante, infra-axilar, supra-auricular; arqui-irmandade, auto-observação, eletro-óptica, micro-onda, semi-interno.*

Observação [do Acordo]: Nas formações com o prefixo *co-*, este se aglutina em geral com o segundo elemento mesmo quando iniciado por *o*: *coobrigação, coocupante, coordenar, cooperação, cooperar*, etc.»

⬀ **Observação.** Esta regra infringe um dos propalados fins do Acordo: a simplificação. Com efeito, muitas das palavras acima arroladas como exemplos não levavam hífen no sistema ortográfico anterior.

«**b3.** Nas formações com os prefixos *circum-* e *pan-*, quando o segundo elemento começa por *vogal, m* ou *n* (além de *h*, caso já considerado atrás): *circum-escolar, circum-murado, circum-navegação; pan-africano, pan-mágico, pan-negritude.*

b4. Nas formações com os prefixos *hiper-*, *inter-* e *super-*, quando combinados com elementos iniciados por *r*: *hiper-requintado, inter-resistente, super-revista.*

b5. Nas formações com os prefixos *ex-* (com o sentido de estado anterior ou cessamento), *sota-*, *soto-*, *vice-* e *vizo-*: *ex-almirante, ex-diretor, ex-hospedeira, ex-presidente, ex-primeiro-ministro, ex-rei; sota-piloto, soto-mestre, vice-presidente, vice-reitor, vizo-rei.*

b6. Nas formações com os prefixos tônicos acentuados graficamente *pós-*, *pré-* e *pró-*, quando o segundo elemento tem vida à parte (ao contrário do que acontece com as correspondentes formas átonas, que se aglutinam com o elemento seguinte): *pós-graduação, pós-tônico* (mas "pospor"); *pré-escolar, pré-natal* (mas "prever"); *pró-africano, pró-europeu* (mas "promover").»

⬀ **Observação.** Tampouco em **b6** *supra* pisamos terreno seguro. Para nos limitarmos a um só caso: no Brasil se tenderia a escrever "pré-existir" (em razão da pronúncia aberta do prefixo), e não *preexistir* como preceitua o Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (VOLP). Recomendamos, uma vez mais, portanto, que se recorra aos dicionários para os três prefixos *pós-*, *pré-*, *pró-*.

«**b7.** Não se emprega, pois, o hífen:

- Nas formações em que o prefixo ou falso prefixo termina em *vogal* e o segundo elemento começa por *r* ou *s*, devendo estas consoantes duplicar-se, prática aliás já generalizada em palavras deste tipo pertencentes aos domínios científico e técnico. Assim: *antirreligioso, antissemita, contrarregra, contrassenha, cosseno, extrarregular, infrassom, minissaia*, tal como *biorritmo, biossatélite, eletrossiderurgia, microssistema, microrradiografia*.

- Nas formações em que o prefixo ou pseudoprefixo termina em *vogal* e o segundo elemento começa por *vogal diferente*, prática esta em geral já adotada também para os termos técnicos e científicos. Assim: *antiaéreo, coeducação, extraescolar, aeroespacial, autoestrada, autoaprendizagem, agroindustrial, hidroelétrico, plurianual*.

- Nas formações por SUFIXAÇÃO apenas se emprega o hífen nos vocábulos terminados por sufixos de origem tupi-guarani que representam formas adjetivas, como *açu, guaçu* e *mirim*, quando o primeiro elemento acaba em *vogal acentuada graficamente* ou quando a pronúncia exige a distinção gráfica dos dois elementos: *amoré-guaçu, anajá-mirim, andá-açu, capim-açu, Ceará-Mirim*.»

Observação. Há que acrescentar os casos em que a primeira parte morfológica termina com *b* e a segunda começa com *r*, sempre ligadas por hífen: *ab-rogar, sub-região*, etc.

«**c.** DO HÍFEN NA ÊNCLISE, NA TMESE (OU MESÓCLISE) E COM O VERBO *HAVER*

c1. Emprega-se o hífen na ÊNCLISE e na TMESE: *amá-lo, dá-se, deixa-o, partir-lhe; amá-lo-ei, enviar-lhe-emos*.

c2. Não se emprega o hífen nas ligações da preposição *de* às formas monossilábicas do presente do indicativo do verbo *haver*: *hei de, hás de, hão de*, etc.

OBSERVAÇÃO [do Acordo]: Embora estejam consagradas pelo uso as formas verbais *quer* e *requer*, dos verbos *querer* e *requerer*, em vez de *quere* e *requere*, estas últimas formas se conservam, no entanto, nos casos de ênclise: *quere-o*(*s*), *requere-o*(*s*). Nestes contextos, as formas (legítimas, aliás) *qué-lo* e *requé-lo* são pouco usadas.

c3. Usa-se também o hífen nas ligações de formas pronominais enclíticas ao advérbio *eis* (*eis-me, ei-lo*) e ainda nas combinações de formas pronominais do tipo *no-lo, vo-las*, quando em próclise (por ex.: *esperamos que* NO-LO *comprem*).»

Observação final. Insista-se: apenas a leitura constante e a frequência constante aos dicionários permitirão que se memorize mais plenamente em que palavras deve usar-se ou não o hífen segundo o novo Acordo Ortográfico.

QUINTA PARTE

OUTROS PARADIGMAS E PRIMEIROS EMPREGOS DAS CLASSES GRAMATICAIS

NOTA PRÉVIA ⇘

UM PRIMEIRO QUADRO DAS CLASSES GRAMATICAIS E SUAS FUNÇÕES SINTÁTICAS

§ Não é possível compreender mais perfeitamente tudo quanto se seguirá nesta Quinta Parte sem conhecer previamente, ainda que de modo simplificado e esquemático, que funções sintáticas as diversas classes gramaticais exercem. E isso é assim pela razão apontada na Quarta Parte: a Morfologia e a Sintaxe superpõem-se, recobrem-se grandemente.

1. O **SUBSTANTIVO** (ou seja, o substantivo isolado – incluídos o pronome e o numeral substantivos –, a locução substantiva, o grupo substantivo e a oração substantiva) pode exercer as seguintes funções sintáticas:

- SUJEITO:
  - ✓ *O homem é um animal racional*;
  - ✓ *Urge que partamos*;
  - ✓ etc.;
- COMPLEMENTO VERBAL (OBJETO DIRETO, OBJETO INDIRETO OU DATIVO, COMPLEMENTO RELATIVO):
  - ✓ *Deu o livro à filha*;
  - ✓ *Necessita de ti*;
  - ✓ etc.;
- COMPLEMENTO NOMINAL:
  - ✓ *Tem necessidade de ti*;
  - ✓ *O descobrimento do Brasil*;
  - ✓ etc.;
- APOSTO:
  - ✓ *O tio Ricardo*;
  - ✓ *Parece impossível, o que nos faz repensá-lo*;
  - ✓ etc.;
- PREDICATIVO:
  - ✓ *O predicativo é uma função sintática*;
  - ✓ etc.;

2. O **ADJETIVO** (ou seja, o adjetivo isolado – incluídos o pronome e o numeral adjetivos –, a locução adjetiva, o grupo adjetivo e a oração adjetiva) pode exercer as seguintes funções sintáticas:

- ADJUNTO ADNOMINAL:
  - ✓ *Um cão peludo*;
  - ✓ *Pediu que lêssemos três livros da época clássica*;
  - ✓ *A orquestra não executará a peça que preferimos*;
- PREDICATIVO:
  - ✓ *Este quadro é belo*;
  - ✓ *Sua tese, profunda, não teve porém repercussão*;
  - ✓ etc.

3. O **VERBO** é o próprio predicado, ou ao menos seu núcleo:

- ✓ *Isso existe*;
- ✓ *O jovem* INTERESSA-SE *por diversas áreas do saber*;
- ✓ *Chove*;
- ✓ etc.

4. O **ADVÉRBIO** (ou seja, o advérbio isolado, a locução adverbial, o grupo adverbial e a oração adverbial) pode exercer as seguintes funções:

- ADJUNTO ADVERBIAL:
  - ✓ *Hoje não iremos ao concerto*;
  - ✓ *Saiu às pressas*;
  - ✓ *A explosão foi tal, que as janelas se quebraram*;
  - ✓ etc.;
- PREDICATIVO:
  - ✓ *A vida é assim*;
  - ✓ etc.

OBSERVAÇÃO 1. Os CONECTIVOS ABSOLUTOS (a **PREPOSIÇÃO** e a **CONJUNÇÃO**) não exercem função sintática, ou melhor, exercem justamente a função sintática de *conectar subordinando*: o que requer as explicações que se darão em momento próprio, e que vão muito a contrapelo da tradição gramatical e da Linguística.

OBSERVAÇÃO 2. Dê-se aqui, ademais, uma primeira e simplificada definição de oração (perfeita): DIZ-SE ORAÇÃO TODA E QUALQUER REUNIÃO DE PALAVRAS QUE CONTENHA UM VERBO.

I

O SUBSTANTIVO

1.1. Como dito na Quarta Parte, valemo-nos do **SUBSTANTIVO** ou **NOME** para significar substâncias ou acidentes tomados como substâncias.

1.2. CLASSIFICAÇÃO DOS SUBSTANTIVOS.

1.2.1. Os substantivos com que significamos *substâncias* chamam-se **CONCRETOS**. Exemplos: *homem, animal, cavalo, árvore, limoeiro, Maria, Pernambuco, armamento, sacerdote, máquina, armamento, ciclope, tio*, etc.

1.2.2. Os substantivos com que significamos *acidentes entendidos a modo de substâncias* são os **ABSTRATOS**: *justiça, colheita, juventude, amplidão, verdade, bondade, doença, pessimismo, brandura, limpeza, caridade, ira*, etc.

OBSERVAÇÃO. O *substantivo abstrato*, como se vê, divide-se em certo número de espécies: os nomes DE QUALIDADE, os DE AÇÃO, os DE SENTIMENTO, etc.

1.2.3. Os CONCRETOS, ademais, podem ser COMUNS ou PRÓPRIOS.

1.2.3.a. São **COMUNS** os que *de algum modo* nomeiam espécies ou indivíduos segundo aspectos essenciais (ou, como dito, por algum aspecto acidental, mas tomado como essencial): *criança, vegetal, tigre, macieira, oceano, espírito*, etc.; *sobrinho, papelão*, etc.

1.2.3.b. São **PRÓPRIOS** se só podem dizer-se de *uma* e *determinada* coisa: *Brasil*, (*a*) *Igreja, Simão*, etc.

OBSERVAÇÃO. O SUBSTANTIVO CONCRETO divide-se em várias subespécies. Aqui só se tratarão duas delas: o COLETIVO, e a outra tão só no atinente ao acidente de plural: a dos substantivos NÃO NUMERÁVEIS.

1.2.4. OS SUBSTANTIVOS COLETIVOS.

1.2.4.a. COLETIVOS *propriamente ditos* são os substantivos comuns que, no singular, designam um conjunto de entes (pessoas, animais ou coisas) da mesma espécie. Comparem-se, por exemplo, *Viu dez lobos rondar a fazenda* e *Viu uma alcateia rondar a fazenda*. No primeiro caso se designa *numericamente*, mediante um *adjetivo determinativo* (ou *numeral adjetivo*), certa multiplicidade de lobos, o que é reforçado pela desinência *-s*, enquanto no segundo se designa uma multiplicidade *indeterminada* de lobos pelo substantivo singular que nomeia qualquer multidão lupina. É justamente o COLETIVO ESPECÍFICO.

1.2.4.b. Eis uma relação de COLETIVOS ESPECÍFICOS: *alcateia*: de lobos; *arquipélago*, de ilhas; *boana*, de peixes miúdos; *cáfila*, de camelos; *cardume*, de peixes; *constelação*, de estrelas; *corja*, de vadios; *fato*, de cabras; *matilha*, de cães de caça; *ninhada*, de filhotes; *pinhal*, de pinheiros; *súcia*, de pessoas desonestas; *vara*, de porcos; etc.

Observação. O coletivo específico, precisamente por ser *específico*, dispensa de todo a enunciação dos entes a que se refere. Com efeito, seria redundância viciosa dizer "alcateia de lobos" ou "pinhal de pinheiros". Não se diga o mesmo, porém, com respeito a certos coletivos, justamente porque podem dizer-se de mais de uma espécie de entes. Assim, se digo *penca* ou *cacho*, hei de dizer de quê: *de bananas*, *de uvas*, etc.; se digo *molho*, hei de dizer se *de folhas*, ou *de gravetos*, ou *de chaves*, etc.; se digo *bando*, hei de dizer se *de aves*, ou *de salteadores*, etc. – *et reliqua*.

1.2.4.c. Também podem considerar-se de algum modo COLETIVOS, entre outros, os seguintes tipos de substantivos: o que indica um TODO DE ORDEM: *exército*, *orquestra*, *pólis*, etc.; o que indica PARTE ORGANIZADA de um todo de ordem: *regimento*, *batalhão*, *companhia* (partes do *exército*), etc.; o que indica MULTIDÃO ACIDENTAL: *animalada*, *estrangeirada*, *meninada*, etc.; o que indica MULTIDÃO ENQUANTO É MULTIDÃO: *grupo* (*de pintores*), *magote* (*de coisas*), *multidão* (*de livros*), etc.

Observação. Reduzem-se ainda a *coletivos* NUMERAIS SUBSTANTIVOS como *novena*, *dezena*, *centena*, *lustro* (= quinquênio), *milheiro*, *par*, etc. Uns nomeiam quantidade precisa (*dezena* = quantidade de *dez*) mas *não determinada* de entes, razão por que também requerem se especifique de que são quantidade: *uma dúzia de ovos*, *um milhar de cadernos*, etc. Os outros, todavia, designam espaço de tempo não só preciso mas determinado, razão por que não necessitam de especificação: *decênio* (= dez anos), *século* (= cem anos), *milênio* (= *mil anos*), etc.

1.3. As flexões dos substantivos.

§ Os substantivos podem flexionar-se em GÊNERO, NÚMERO e GRAU.

1.3.1. Gênero e flexão de gênero.

1.3.1.a. Em Gramática, o GÊNERO refere-se *anteriormente* à DIFERENÇA SEXUAL: ao masculino ou ao feminino, ou ao neutro, ou seja, o não masculino nem feminino. É bem verdade que já quase nenhum ou nenhum gramático, dada a influência da Linguística, o considera assim. Como o expressam Amado Alonso e Pedro Henrique Ureña, gênero "é uma classificação puramente gramatical dos substantivos em dois grupos, masculinos e femininos, segundo a terminação do adjetivo acompanhante".[1] Há porém vários equívocos no dito. Antes de tudo, em espanhol, como em português, muitas vezes não podemos saber o gênero de algum substantivo senão pelo artigo, não pela terminação do adjetivo: por exemplo, em *el enigma insoluble* (*o enigma insolúvel*). Depois, seria preciso dizer que só em parte das línguas se dão apenas dois gêneros, o masculino e o feminino, porque, com efeito, em muitas delas se lhes acrescenta o neutro. Sobretudo, no entanto, peca o dito por desatender ao óbvio: não se vê por que, afinal, a noções puramente classificatórias se dariam nomes relativos à diferença sexual.

---

[1] *Gramática Castellana*. 4ª. ed. Buenos Aires, Losada, 1943, vol. 1, p. 64, apud Rocha Lima, *op. cit.*, p. 115.

1.3.1.b. Quando, todavia, dizemos que o gênero se refere *anteriormente* à diferença sexual não queremos dizer que necessariamente assim se tenha dado no tempo. Podem propor-se numerosas hipóteses quanto a como tudo se deu temporalmente. Talvez, numa língua primeva, os nomes que designavam os entes sexuados só se dissessem masculinos ou femininos justamente porque o cossignificassem, assim como o verbo cossignifica tempo, de modo que nem eles nem os nomes de coisas não sexuadas se considerassem de gênero algum em razão de acidentes gramaticais. Pode ser, porém, que na mesma língua desde sempre as palavras que designavam os entes sexuados não só cossignificassem a diferença sexual, mas já se classificassem mediante acidentes gramaticais segundo essa diferença e em contraposição às palavras que designavam entes não sexuados, as quais também se classificariam mediante acidentes gramaticais. Como quer que tudo se tenha passado, pode ser ainda que, posteriormente no tempo, por alguma razão psicolinguística praticamente impossível de precisar, o gênero masculino segundo acidente e o gênero feminino segundo acidente tenham começado a invadir o âmbito do neutro, com o que, por exemplo, os minerais passaram a classificar-se no gênero masculino e as flores no gênero feminino – até a extinção do mesmo gênero neutro ou sua conservação em áreas restritas, como no espanhol, no próprio português, etc. Tenha sido assim ou não, porém, o que não se pode negar, sob pena de paralogismo, é que masculino e feminino, e o mesmo neutro, se dizem *anterior e mais propriamente* com respeito à diferença sexual. Se assim não fosse, repita-se, não se vê por que se diriam justamente masculino, feminino e neutro.

1.3.1.c. Como em qualquer língua, portanto, em português são *anterior e mais propriamente* masculinos os substantivos que designam entes do sexo masculino, e são *anterior e mais propriamente* femininos os substantivos que designam entes do sexo feminino – isto sem que importe, por ora, a maneira de indicar o gênero: *bode/cabra, homem/mulher, menino/menina.* – Quanto ao neutro em referência à diferença sexual, quase nada nos resta: tão somente *isto* com respeito a *este/esta*, *isso* a *esse/essa*, e *aquilo* a *aquele/aquela*.

✎ **Observação.** Note-se que, para saber o gênero de *homem/mulher*, *bode/cabra*, etc., não se necessita de artigo nem de desinência de gênero.

1.3.1.d. Ademais, porém, em português TODAS as palavras (excetuados os referidos remanescentes neutros) se classificam *paradigmaticamente* segundo o gênero masculino e segundo o gênero feminino. Mostremo-lo morfologicamente.

- Pertencem ao gênero masculino *todos* os substantivos a que se pode antepor exclusivamente o artigo ***o***: *o homem*, *o gato*, *o galo*, *o camponês*, *o maestro*, *o enigma*, etc.; e pertencem ao gênero feminino todos os substantivos a que se pode antepor exclusivamente o artigo ***a***: *a mulher*, *a gata*, *a galinha*, *a camponesa*, *a maestrina*, *a juriti*.

- Quanto a esta mesma classificação, quase sempre não se podem apontar senão tendências.

→ São geralmente masculinos:

▫ os nomes próprios de rio, de oceano, de lago, de monte e de vento, que são masculinos justo porque se subentendem antes deles, respectivamente, as palavras masculinas RIO, MAR, OCEANO, LAGO, MONTE e VENTO: *o* (*rio*) *Amazonas*, *o* (*mar*) *Mediterrâneo*, *o* (*oceano*) *Pacífico*, *o* (*lago*) *Titicaca*, *os* (*montes*) *Alpes*, *o* (*vento*) *Minuano*;

▫ os nomes de mês e os de ponto cardeal: *março chuvoso*, *um outubro feliz*, *o norte*, *o sul*.

→ São majoritariamente femininos:

▫ os nomes de cidade, que são femininos justo porque se subentendem antes deles ou a palavra feminina CIDADE ou a palavra feminina ILHA: *a bela* (*cidade* [*de*]) *Ouro Preto*, *a* (*cidade* [*de*]) *Praga de sua infância*, *o calor das* (*ilhas*) *Antilhas*.

✎ **Observação.** Alguns nomes de cidades, como *Rio de Janeiro*, *Porto*, *Cairo*, *Havre*, são masculinos por razões que se verão ao tratarmos o ARTIGO.

- Quanto à TERMINAÇÃO,

→ tendem a ser masculinos os substantivos terminados em *-o* átono (ou seja, a vogal temática *-o*, que, como visto, pode ser *cumulativamente* desinência de masculino): *o banco*, *o limoeiro*, *o livro*, etc.;

→ e tendem a ser femininos os nomes terminados em *-a* átono: *a caneta*, *a mesa*, *a mangueira*, etc.

✎ **Observação 1.** Não confundir, porém, este *-a*, que é vogal temática, com a desinência genérica geral *-a*, mediante a qual convertemos palavras masculinas em palavras femininas: *menina* (de *menino*), *gata* (de *gato*), etc. Para tal conversão, basta que se substitua a desinência *-o* (que, como se acaba de dizer, é nestes casos, *cumulativamente*, vogal temática e desinência de gênero masculino) pela desinência de gênero feminino *-a*. Esta maneira de conversão é quase universal.

✐ **Observação 2.** Há, ademais, razoável número de substantivos masculinos terminados em *-a*, a maioria dos quais pode classificar-se. Assim, terminam normalmente em *-a* os seguintes grupos de substantivos masculinos:

▫ os que designam cargo, ofício ou atividade exclusiva dos homens: *jesuíta, monarca, nauta, papa, patriarca, pirata, heresiarca, tetrarca*, etc.;

▫ os que designam coisas e terminam em *-ema* (< gr. *-ēmea, -ēmatos*) e *-oma* (< terminação da palavra gr. *ógkōma*): *anátema, carcinoma, cinema, diadema, dilema, emblema, edema, estratagema, fonema, morfema, poema, problema, sistema, telefonema, tema, teorema, trema*; *aroma, axioma, coma, diploma, idioma*; etc.

> ➢ Outros que designam coisas, porém, já não se podem agrupar facilmente: *clima, cometa, dia, fantasma, mapa, planeta*, etc. Os demais se estudarão ao longo das páginas seguintes.
>
> ➢ O substantivo *grama* que é nome de erva (< lat. **gramma* [< **gramna*], de *gramĭna*, nom. pl. de *gramen, ĭnis* ['erva, relva']) é feminino; mas o substantivo *grama* que é nome da unidade de certa medida de massa (< gr. *grámma, atos* ['sinal gravado, letra, 24ª. parte da onça'], pelo lat. *gramma, ātis*) é masculino: *duzentos gramas de queijo*, etc. São, pois, palavras distintas.

- Dos substantivos terminados em *-ão*,

→ os CONCRETOS são masculinos: *o algodão, o balcão, o roupão*, etc.;

→ e os ABSTRATOS são femininos: *a decisão, a recordação, a saudação*, etc.

✐ **Observação.** Excetua-se *mão*, que, apesar de concreto, é feminino.

- Os substantivos masculinos terminados em *-o*[2] imerso no ditongo nasal *-ão* tornam-se flexionalmente femininos de três maneiras gerais.

→ Antes de tudo, pela substituição do ditongo nasal pelo hiato *-oa*, cujo *-a* é a mesma DESINÊNCIA GERAL DE FEMININO. Exemplos: *ermitão/ermitoa, hortelão/horteloa, leitão/leitoa, patrão/patroa*.

---

[2] Insista-se em que ainda neste caso a vogal átona final *-o* pode ser, *cumulativa* ou *polifuncionalmente*, vogal temática e desinência de gênero masculino.

→ Depois, pela substituição do ditongo nasal pela terminação *-ona*, cujo *-a* é ainda a mesma desinência geral de feminino.[3] Exemplos: *bonachão/bonachona, comilão/comilona, pobretão/pobretona, sabichão/sabichona, solteirão/solteirona.*

→ Por fim, pela eliminação da semivogal do ditongo nasal, com o que permanece a vogal *ã*, que acaba por fazer também, *cumulativamente*, as vezes da desinência *-a* de feminino. Exemplos: *aldeão/aldeã, anão/anã, ancião/anciã, anfitrião/anfitriã, castelão/castelã, cidadão/cidadã, cirurgião/cirurgiã, cortesão/cortesã, irmão/irmã.*

⇗ **Observação 1.** Constituem exceções a estas três maneiras os seguintes substantivos: *barão/baronesa, ladrão/ladra, sultão/sultana.*

⇗ **Observação 2.** Atente-se, no entanto, a que *lebre* não é o feminino de *lebrão*, nem *perdiz* o é de *perdigão*. Trata-se do contrário: *lebrão* é que é o masculino de *lebre*, e *perdigão* o de *perdiz*. São casos semelhantes ao de *raposa/raposo.*

⇗ **Observação 3.** Disse-se acima que é *quase* universal o modo de tornar feminino um substantivo de vogal temática *-o*. Pois bem, escapam a esta universalidade não só os que se acabam de ver, mas também, entre outros, *diácono/diaconisa* e *maestro/maestrina*. Aliás, os nomes de um que outro cargo, de dignidade, de título nobiliárquico e semelhantes têm seu feminino formado mediante algum sufixo que quase sempre já por si também implica sexo: por exemplo, *abade/abadessa, frade/freira, profeta/profetisa, sacerdote/sacerdotisa*; *barão/baronesa, conde/condessa, cônsul/consulesa, duque/duquesa, imperador/imperatriz, príncipe/princesa, rei/rainha, tsar/tsarina* (ou *czar/czarina*).[4] Note-se, todavia, que em todos os exemplos postos após o ponto e vírgula o feminino ou é próprio, no sentido de que o cargo é de fato exercido por mulher, ou apenas indica que se trata da esposa do cônsul, ou do rei, etc. Por outro lado, *embaixatriz* é a esposa do embaixador (enquanto *embaixadora* nomeia de fato a mulher que ocupa o cargo), ao passo que de *prior* temos tanto *prioresa* (de fato a superiora de certas ordens) como *priora* (irmã de ordem terceira).

- Quanto aos substantivos masculinos que terminam em vogal temática *-e*, incluídos os de terminação em *-nte*,[5] são majoritariamente **comuns de dois gêneros** (ou seja, possuem a mesma forma para o masculino e para o feminino, razão por que só se lhes sabe o gênero mediante o artigo): *o estudante/a estudante*, *o gerente/a gerente*, etc. Alguns, porém, por analogia com a formação do feminino dos substantivos terminados em vogal temática *-o*, trocam o *-e* pelo *-a*. Exemplos: *elefante/elefanta* (a par do asiaticismo *aliá*), *mestre/mestra*, *monge/monja*.

---

[3] Veja-se, contudo, que neste caso se recompõe o *n* intervocálico latino.

[4] Mas *pitonisa* (sacerdotisa na Grécia antiga) não é feminino de *píton* (serpente), e as duas formas não convergem senão etimologicamente. – Por outro lado, *rani*, feminino de *rajá*, não se forma por acréscimo de sufixo que de si também implicasse sexo, senão que vem já formado do sânscrito.

[5] De regra originários de particípios "presentes" ou de adjetivos uniformes latinos.

Observação 1. Outros são ainda hesitantes: *o parente/a parente* ou *a parenta*; *o presidente/a presidente* ou *a presidenta* (tanto a mulher que preside como a esposa de um presidente); *o gigante/a gigante* ou *a giganta*; *o chefe/a chefe* ou *a chefa*; etc.

Observação 2. Por outro lado, *governanta* não significa "mulher que governa", e sim "mulher que administra casa alheia e/ou que cuida das crianças de família alheia"); é caso semelhante ao de *priora*.

Observação 3. Além dos terminados em vogal temática *-e* e no sufixo *-nte*, há outro razoável número de substantivos **comuns de dois gêneros**. Exemplos: *o artista/a artista*, *o colega/a colega*, *o colegial/a colegial*, *o cliente/a cliente*, *o compatriota/a compatriota*, *o dentista/a dentista*, *o herege/a herege*, *o imigrante/a imigrante*, *o indígena/a indígena*, *o intérprete/a intérprete*, *o jovem/a jovem*, *o jornalista/a jornalista*, *o mártir/a mártir*, *o selvagem/a selvagem*, *o servente/a servente*.

- São comuns de dois gêneros todos os substantivos e todos os adjetivos substantivados terminados em *-ista*: *o pianista/a pianista*, *o plantonista/a plantonista*, etc.
- Diz-se indiferentemente *o personagem* ou *a personagem* para personagens dos dois sexos. Mas preferimos manter sempre a forma feminina, porque, com efeito, todas as demais palavras portuguesas terminadas em *-gem* são femininas (*caligem*, *fuligem*, *garagem*, etc.)

- Quanto aos substantivos masculinos que terminam em consoante, ou seja, que não têm vogal temática nem podem receber desinência de gênero masculino, tornam-se femininos, majoritariamente, pelo simples acréscimo da desinência *-a*. Exemplos: *camponês/camponesa*, *freguês/freguesa*, *doutor/doutora*, *leitor/leitora*, *pintor/pintora*.

Observação. Alguns, porém, escapam ao paradigma e têm o feminino formado mediante sufixo que já também implica sexo. Além dos já vistos, deem-se os seguintes exemplos: *cerzidor/cerzideira*, *ator/atriz*, *jogral/jogralesa*, *rapaz/rapariga*.[6]

---

[6] Em certas regiões do Brasil, *rapariga* passou a palavra grosseira ou obscena, razão por que nelas se usa exclusivamente *moça* por feminino de *rapaz*.

- Quanto aos substantivos masculinos que terminam ou em vogal tônica ou em semivogal de certos ditongos tônicos, têm o feminino formado sempre de maneira singular. Além dos já mencionados, deem-se exemplos de notar: *avô/avó, felá/felaína, grou/grua, herói/heroína, réu/ré.*

- Há ainda os nomes de animal que se classificam sempre em um só gênero: são os substantivos **EPICENOS**. Exemplos: *o besouro, o condor, o gavião, o jacaré, o polvo, o rouxinol, o tatu; a águia, a baleia, a borboleta, a cobra, a juriti, a mosca, a onça, a pulga, a tainha.*

→ A maneira mais corrente de atualizar sua cossignificação sexual é pospor-lhe ou a palavra *macho* ou a palavra *fêmea*: *o besouro fêmea, o jacaré fêmea, o tigre fêmea; a baleia macho, a mosca macho, a tainha macho*, etc. Mas alguns gramáticos preferem, por exemplo, *o polvo fêmeo* e *a onça macha, o tigre fêmeo* e *a tainha macha*: é a maneira universal de concordar o adjetivo com o substantivo. – As duas maneiras são de usar, embora a primeira tenha a seu favor a ampla preferência de nossos melhores escritores.

- E há os nomes designativos de *pessoa* que se classificam sempre em *um só gênero*: são os substantivos **SOBRECOMUNS**. Exemplos: *o cônjuge, o indivíduo; a criança, a criatura, a pessoa, a testemunha, a vítima.*

→ A única maneira de atualizar sua cossignificação sexual é pospor-lhe ou (*do sexo*) *masculino* ou (*do sexo*) *feminino*: *o cônjuge feminino, um indivíduo do sexo masculino*, etc.

1.3.1.e. Há certa quantidade de substantivos que quanto ao gênero apresentam certa vacilação. Enquadremos paradigmaticamente alguns deles.

- Devem considerar-se antes do GÊNERO MASCULINO: *ágape, antílope, caudal, clã, diabetes, gengibre, sanduíche, suéter.*
- Devem considerar-se antes do GÊNERO FEMININO: *abusão, alcíone, aluvião, áspide, (as) fácies, filoxera, jaçanã, omoplata, ordenança, sentinela, sucuri.*
- Os substantivos como *barítono, contralto*, etc.,
  - são MASCULINOS se nomeiam a própria voz segundo seu registro: *baixo, barítono, contralto, mezzo-soprano, sopranino* [voz infantil], *soprano* (*ou tiple*), *tenor*;
  - são MASCULINOS se nomeiam cantor dotado de uma destas vozes: *baixo, barítono, tenor*;
  - são FEMININOS se nomeiam cantora dotada de uma destas vozes: *contralto, meio-soprano* (ou *mezzo soprano*), *soprano.*

☞ **Observação 1.** Também se admite ***o*** *contralto*, ***o*** *soprano*, etc., para cantora.

Observação 2. Mediante certa técnica de falsete, alguns cantores líricos ainda se especializam em papéis de soprano: são *os sopranistas*.

1.3.1.f. E há, ainda, certa quantidade de substantivos que mudam de sentido com a mudança de gênero. Eis alguns deles: *a cabeça/o cabeça*; *a caixa/o caixa*; *a capital/o capital*; *a corneta/o corneta*; *a cura/o cura*; *a guia/o guia*; *a língua/o língua*; *a moral/o moral*; *a voga/o voga*.

1.3.2. O PLURAL.

1.3.2.a. A desinência universal de plural em português é ***-s***.

1.3.2.b. E, com efeito, o plural dos substantivos terminados em *vogal* (oral ou nasal) ou em *ditongo oral* forma-se pelo simples acréscimo da desinência *-s* ao fim deles:

- ✓ *livro/livros*, *carpinteiro/carpinteiros*, *avó/avós*, *cipó/cipós*, *casa/casas*, *regra/regras*, *estante/estantes*, *André/Andrés*, *javali/javalis*, *bambu/bambus*, *ímã/ímãs*, *irmã/irmãs*;
- ✓ *pai/pais*, *pau/paus*, *lei/leis*, *véu/véus*, *camafeu/camafeus*, *herói/heróis*, *boi/bois*.

Observação 1. Também assim se forma o plural do único substantivo terminado em ditongo nasal outro que *-ão*: *mãe/mães*.

Observação 2. Como se acaba de indicar, os nomes próprios em geral, e os sobrenomes[7] em particular, pluralizam-se normalmente: *Brasil/Brasis Antônio/Antônios*, *Barbosa/Barbosas*, *Sêneca/Sênecas*. E diga-se o mesmo de nomes estrangeiros, desde que a língua de onde provêm o aceite: o espanhol *Ignacio = os Ignacios*, por exemplo. Se se tratar de nome próprio composto, segue a maneira como se pluralizam os nomes comuns compostos por justaposição. Ver-se-á pouco adiante.

Observação 3. A nasalidade das vogais /e/, /i/, /o/ e /u/ finais representa-se majoritariamente pela letra *m* e muito minoritariamente pela letra *n*. Assim se forma o plural dos substantivos terminados nestas letras:

- ▫ se se trata de *m*, muda-se em *n* e acrescenta-se-lhe o *-s*: *bem/bens*, *flautim/flautins*, *som/sons*, *jejum/jejuns*, etc.;
- ▫ se se trata de *n*, ou apenas se lhe acrescenta o *-s*: *abdômen/abdomens*, *dólmen/dolmens*, *hífen/hifens*, *líquen/liquens*, *elétron/elétrons*, *próton/prótons*; ou se interpõe entre o *n* e o *-s* um *e*: *abdômenEs*, *dólmenEs*, *hífenEs*, *líquenEs*, *elétronEs*, *prótonEs*.

---

[7] *Sobrenome* como nome de família diz-se em Portugal *apelido*. Lá, *sobrenome* só se usa com o sentido de alcunha apreciativa.

- Já *espécimen* forma *espécimens* no Brasil e, com deslocamento do acento tônico, *especímenes* em Portugal.
- *Cânon* pluraliza-se em *cânones*, tanto em Portugal como no Brasil.

1.3.2.c. Se se trata, porém, de substantivos terminados em *-ão*, o plural forma-se de três modos.

- A maioria muda o ditongo nasal em *-õe* para que se lhe aponha o *-s*: *balão/balÕES, botão/botÕES, confissão/confissÕES, coração/coraçÕES, estação/estaçÕES, fração/fraçÕES, gavião/gaviÕES, leão/leÕES, nação/naçÕES, operação/operaçÕES, opinião/opiniÕES, questão/questÕES, tubarão/tubarÕES, vulcão/vulcÕES*, etc.

Observação. Assim também se pluralizam as palavras com a desinência aumentativa *-ão*: *casarão/casarÕES, chapelão/chapelÕES, facão/facÕES, homenzarrão/homenzarrÕES, narigão/narigÕES, sabichão/sabichÕES, vozeirão/vozeirÕES*, etc.

- Não são numerosos os substantivos em que o ditongo nasal *-ão*, para receber a desinência de plural, tem o *o* mudado em *e*: *alemão/alemãES, bastião/bastiãES, cão/cãES, capelão/capelãES, capitão/capitãES, catalão/catalãES, charlatão/charlatãES, escrivão/escrivãES, pão/pãES, sacristão/sacristãES, tabelião/tabeliãES*, etc.
- Tampouco são numerosos os substantivos em que ao ditongo nasal *-ão* simplesmente se apõe a desinência de plural. São, além de alguns poucos oxítonos, todos os paroxítonos e quase todos os monossílabos assim terminados:
  - ✓ *chão/chãos, grão/grãos, mão/mãos, vão/vãos*;
  - ✓ *cidadão/cidadãos, cortesão/cortesãos, cristão/cristãos, desvão/desvãos, irmão/irmãos, pagão/pagãos*;
  - ✓ *acórdão/acórdãos, bênção/bênçãos, gólfão/gólfãos, órfão/órfãos, órgão/órgãos, sótão/sótãos*.

Observação. O substantivo *artesão* (< it. *artigiano*) que significa 'artífice' faz o plural em *artesãos*. Mas o substantivo *artesão* (< prov. esp. *artesón*) que significa 'certo adorno arquitetônico' fá-lo em *artesÕES* (ainda que os dicionários deem também *artesãos*, forma que julgamos não preferível).

- Também há certa hesitação com respeito ao plural de alguns substantivos terminados em *-ão*. Cabe-nos, porém, como gramático, o esforço de fechar paradigmas. Façamo-lo pois aqui tomando o étimo por critério decisório.
  - ✓ *alão* (provável adaptação do esp. *alano*, 'cão lebréu') */alãos*;
  - ✓ *alazão* (provavelmente do hisp.-ár. *al-ʿazâ ar*) */alazãES* (espanhol atual: *alazán/alazanes*);

- ✓ *aldeão* (aldeia + *-ão*; var. *aldeano*) / *aldeãos*;
- ✓ *ancião* (< lat. vulg. **antianus*, der. do lat. vulg. **antius*, de *ante*; existe ainda a forma arcaica *anciano*) / *anciãos*;
- ✓ *castelão* (< lat. *castellānus, a, um*) / *castelãos*;
- ✓ *corrimão* (*corri-* + *mão*) / *corrimãos*;
- ✓ *ermitão* (< b.-lat. **eremitānus*) / *ermitãos*;[8]
- ✓ *hortelão* (< lat. *hortulānus, i*) / *hortelãos*;
- ✓ *refrão* (< esp. *refrán*) / *refrãEs* (espanhol: *refranes*);
- ✓ *vilão* (< lat. vulg. **villānus*) / *vilãos*.

⇗ **Observação 1.** Havemos todavia de deixar flutuantes certos casos.

▫ Antes de tudo, casos como *anão* (< lat. *nānus, i*, do gr. *nánnos, ou* ou *nânos*) / *anãos-anÕEs*; *verão* (< lat. vulg. *veranum*) / *verãos-verÕEs*; *vulcão* (< lat. *Vulcānus, i*, ‘Vulcano, deus do fogo’, donde ‘fogo, incêndio’) / *vulcãos-vulcÕEs*. É que não só *anão*, *verão* e *vulcão* são palavras de todo correntes, mas os plurais não etimológicos *anÕEs*, *verÕEs* e *vulcÕEs* já estão demasiado arraigados mesmo entre os melhores escritores. – Nós, porém, preferimos e sempre usamos *anãos*, *verãos* e *vulcãos*.

▫ Depois, casos como *deão* (< fr. ant. *deiien*, hoje *doyen*) / *deãEs-deãos*; *sultão* (< ár. *sulṭān*) / *sultãEs-sultãos-sultõES*; *truão* (< fr. *truand*) / *truãEs-truÕES*. É que nestes casos nem sequer o étimo serve de referência certa. – Nós, porém, preferimos e sempre usamos *deães*, *sultães* e *truães*.

⇗ **Observação 2.** A outros casos anômalos, completamente arraigados, temos de conformar-nos completamente: por exemplo, *guardiÕEs* ou *guardiãEs* por plural de *guardião* (< lat. dv.med. *guardiānus* < **wardiānus*, romanização do ac. gótico *wardjan* < *warda* [‘sentinela’]; *cirurgiÕEs* ou *cirurgiãEs* por plural de *cirurgião* (< lat. **chirurgiānus, a, um*); etc.

1.3.2.d. Vejamos agora como se dá o plural dos substantivos terminados em CONSOANTE.

⇗ **Observação.** Já vimos o caso de *m* e *n* depois de /e/, /i/, /o/ e /u/ em sílaba final.

- Os substantivos terminados em *-r* e *-z* têm o plural formado pelo acréscimo de ***-es*** ao singular ou tema:
  - ✓ *mar / mares*, *açúcar / açúcares*, *colher / colheres*, *reitor / reitores*;
  - ✓ *rapaz / rapazes*, *xadrez / xadrezes*, *raiz / raízes*, *cruz / cruzes*.

---

[8] Antenor Nascentes dá como étimo um **er(e)mitāne*. Ficamos com o outro étimo, até porque em espanhol

⇗ **OBSERVAÇÃO 1.** Quando pluralizados, *Júpiter* e *Lúcifer* fazem *Jupíteres* e *Lucíferes*, com deslocamento do acento tônico.

⇗ **OBSERVAÇÃO 2.** O plural de *caráter* (Brasil) / *carácter* (Portugal) é, em ambos os países, *caracteres*, também com deslocamento do acento tônico.

- Os substantivos terminados em *s*, quando oxítonos, também têm o plural formado pelo acréscimo de ***-es*** ao singular; quando paroxítonos, no entanto, são sempre invariáveis:

  ✓ *o ananás / os ananases, o inglês / os ingleses, o país / os países, o retrós / os retroses*, etc.;

  ✓ *o atlas / os atlas, o oásis / os oásis, o pires / os pires, lápis amarelo / lápis amarelos, ônibus lotado / ônibus lotados*, etc.

⇗ **OBSERVAÇÃO.** Os monossílabos *cais* e *cós* também são invariáveis.

- Os substantivos terminados em *-al*, *-el*, *-ol* e *-ul* recebem a desinência de plural mudando o *l* em *i*. Exemplos: *animal / animais, tonel / tonéis, móvel / móveis, níquel / níqueis, farol / faróis, álcool / álcoois, sol / sóis, paul / pauis*, etc.

⇗ **OBSERVAÇÃO.** Constituem exceção a esta regra: *mal*, que faz *males*; *real* (antiga moeda), que faz *réis*; e *cônsul* (e derivados), que faz *cônsules* (*idem* os derivados).

- Os substantivos OXÍTONOS terminados em *-il* perdem o *l* ao receber a desinência de plural. Exemplos: *ardil / ardis, barril / barris, covil / covis, funil / funis, fuzil / fuzis, redil / redis*, etc.

- Os substantivos PAROXÍTONOS terminados em *-il* têm a terminação transformada em *-ei* ao receber a desinência de plural: *fóssil / fósSEIS, projétil / projétEIS, réptil / réptEIS*.

⇗ **OBSERVAÇÃO.** Os plurais *projetis*, *reptis* são-no de *projetil*, *reptil*, formas que julgamos não preferíveis.

- Os poucos substantivos terminados em *-x*:
  - ◆ ou admitem a flexão de plural, e então se lhes altera o *-x* em *-c* e se lhes recompõe um *-e*: *cálix / cáliCES, fênix / fêniCES*;
  - ◆ ou não a admitem e são invariáveis: *o ônix / os ônix, tórax ferido / tórax feridos*.

1.3.2.e. Nos diminutivos sufixados com *-zinho* e *-zito*, tanto o substantivo primitivo como o sufixo vão para o plural, mas desaparece o *-s* de plural do substantivo primitivo. Exemplos: *balde > balde(s) + zinhos = baldezinhos*; *balão > balõe(s) + zinhos = balõezinhos*; *papel > papéi(s) + zinhos = papeizinhos*; *cão > cãe(s) + zitos = cãezitos*.

- Certos substantivos cuja vogal tônica é um *o* fechado, ao receberem a desinência *-s*, têm esse *o* mudado em *o* aberto. Eis os mais importantes: *abrolho*; *caroço*, *corcovo*, *coro*, *corno*, *corpo*, *corvo*; *despojo*, *destroço*; *escolho*, *esforço*; *fogo*, *forno*, *foro*, *fosso*; *imposto*; *jogo*; *miolo*; *osso*, *ovo*; *poço*, *porco*, *porto*, *posto*, *povo*; *reforço*, *renovo*, *rogo*; *socorro*; *tijolo*, *tojo*, *tordo* (= sabiá), *tremoço*.

↗ **Observação.** Admite-se em geral que o *o* tônico de *forros*, *tornos* e *trocos* tenha, indiferentemente, timbre aberto ou timbre fechado.
→ Note-se que, quando estes substantivos admitem feminino, quase sempre a tônica deste também é de timbre aberto: *ovo* (fechada) / *ova* e *ovos* (aberta); *porco* (fechada) / *porca* e *porcos* (aberta); *sogro* (fechada) / *sogra* e *sogros* (aberta);[9] etc.

↗ **Observação.** *Poça* forma-se por feminização de *poço* (fechada) / *poços* (aberta), razão por que também deveria ter a tônica aberta.[10]

- Mas muitos substantivos conservam no plural o *o* fechado do singular. Exemplos: *acordo*, *adorno*; *bojo*, *bolso*;[11] *cachorro*, *coco*, *colmo*, *consolo*; *dorso*; *encosto*, *engodo*, *esposo*, *estojo*; *ferrolho*; *globo*, *golfo*, *gosto*; *lobo*, *logro*; *moço*, *morro*, *mosto*; *pescoço*, *piloto*, *piolho*, *poldro*, *polvo*, *potro*; *reboco*, *rebojo*, *repolho*, *restolho*, *rolo*, *rosto*; *sogro*, *sopro*, *soro*, *suborno*; *topo*.

→ A palavra *molho* que designa 'feixe ou conjunto de objetos seguros juntos' diz-se com o *o* tônico aberto, e a palavra molho que designa 'condimento em caldo' diz-se com o *o* tônico fechado. São em verdade palavras distintas, o que se pode comprovar por seu étimo: a primeira deriva do latino **manucŭlus* ou *manŭclus* (alteração de *manupŭlus*, por *manipŭlus* ou *manĭplus*, 'punhado, feixe'), enquanto a segunda se formou por derivação regressiva de *molhar*. Pois bem, no plural as duas mantêm o timbre do respectivo singular.

1.3.2.f. O PLURAL DOS SUBSTANTIVOS COMPOSTOS (OU DAS LOCUÇÕES SUBSTANTIVAS) é terreno onde campeia certa arbitrariedade. Tentemos, na medida do possível, fechar-lhe um pouco mais o paradigma.

---

[9] Só em Portugal se diz *sogros* como a devida tônica aberta.

[10] Mas em boa parte do Brasil *poça* se diz com a tônica fechada.

[11] No entanto, *bolsos* diz-se em Portugal com a tônica aberta.

- Pluralizam-se segundo a regra geral tanto os substantivos compostos por prefixação ou por aglutinação, o que é óbvio, como os compostos por justaposição que se escrevem ligadamente mas sem hífen. Exemplos: *ferrovia, malmequer, vaivém, varapau – ferrovias, malmequeres, vaivéns, varapaus.*

- Entre os compostos por justaposição de duas partes morfológicas que se escrevem ligadamente mas com hífen, recebe a flexão de plural apenas a segunda parte quando se trata:
  - de PARTE INVARIÁVEL + PARTE VARIÁVEL: *abaixo-assinado, sempre-viva, beija-flor, guarda-chuva – abaixo-assinados, sempre-vivas, beija-flores, guarda-chuvas;*
  - de BEL e GRÃO (ou GRÃ) + PARTE DE ORIGEM SUBSTANTIVA: *bel-prazer, grã(o)-duque, grão-ducado – bel-prazeres, grã(o)-duques, grão-ducados;*
  - de NOMES DE ORAÇÃO: *ave-maria, salve-regina, pai-nosso – ave-marias, salve-reginas, pai-nossos;*[12]
  - de PARTES REPETIDAS ou ONOMATOPEICAS: *pega-pega, teco-teco, tico-tico, tique-taque – pega-pegas, teco-tecos, tico-ticos, tique-taques.*

> ➢ Os dicionários costumam dar duplo plural para palavras compostas por duas partes de origem verbal repetidas: *bules-bules* ou *bule-bules, corres-corres* ou *corre-corres, pegas-pegas* ou *pega-pegas.* Não vemos a razão, se podemos reduzi-las ao caso geral de repetição de partes. Pluralize-se-lhes sempre, portanto, apenas a segunda: *bule-bules, corre-corres, pega-pegas.*

- Nos compostos de PARTE DE ORIGEM SUBSTANTIVA + PARTE DE ORIGEM ADJETIVA (OU VICE-VERSA) ligadas por hífen, ambas recebem a flexão de plural: *fogo-fátuo, vitória-régia; gentil-homem, segunda-feira – fogos-fátuos, vitórias-régias, gentis-homens, segundas-feiras.*

> ➢ *Manga-rosa* faz *mangas-rosa* por razão especial: *rosa,* antes de ser adjetivo de cor, é nome de coisa, e em casos assim o adjetivo nunca recebe a desinência de plural. Estudá-lo-emos quando se trate do plural dos adjetivos compostos ligados por hífen.

---

[12] Note-se que as duas primeiras se enquadram no paradigma de PARTE INVARIÁVEL + PARTE VARIÁVEL, mas não a terceira.

- Quanto aos compostos de DUAS PARTES DE ORIGEM SUBSTANTIVA ligadas por hífen, tem-se dupla regra.
  - Se a segunda parte *não especifica* de algum modo a primeira, ambas recebem a desinência de plural: *cirurgião-dentista, tenente-coronel* – *cirurgiões-dentistas, tenentes-coronéis*.
  - Se a segunda parte *especifica* de algum modo a primeira, então só esta recebe a desinência de plural: *ano-luz, banana-maçã, caneta-tinteiro, palavra-chave* – *anos-luz, bananas-maçã, canetas-tinteiro, palavras-chave.*[13]

Observação 1. Como dito acima a respeito das palavras formadas por duas partes de origem verbal repetidas, tampouco concedemos razão aos dicionaristas e aos gramáticos que como por princípio dão duas formas de plural ao caso que tratamos aqui, até porque não são coerentes: admitem *bananas-maçã* e "bananas-maçãs", *frutas-pão* e "frutas-pães", *palavras-chave* e "palavras-chaves", mas só admitem *anos-luz*; admitem *peixes-espada* e "peixes-espadas", mas só admitem *peixes-boi*.

Observação 2. Não se há de ver superioridade "lógica" em dar flexão de plural somente à parte *especificadora*; mas tampouco se há de vê-la em dá-la às duas partes. Trata-se apenas de fechar o mais possível um paradigma segundo o mais constante entre os melhores escritores.

> ➢ Quanto a *guarda-marinha*, admitem-se correntemente até três plurais: *guardas-marinhas, guardas-marinha* e *guarda-marinhas*. Tampouco vemos a razão: não há nada que diferencie a palavra de, por exemplo, *tenente-coronel*. Prefira-se, pois, *guardas-marinhas*. – Quanto a *lugar-tenente*, ademais, pluraliza-se como *lugar-tenentes* porque, em verdade, *lugar* faz as vezes aqui de locução prepositiva: "*em lugar de* tenente".

- Nos compostos de DUAS OU MAIS PARTES DE ORIGEM SUBSTANTIVA MEDIADAS POR PREPOSIÇÃO, só a primeira recebe a desinência de plural: *chapéu de sol, pé de cabra, peroba-do-campo, tigre-dentes-de-sabre* – *chapéus de sol, pés de cabra, perobas-do-campo, tigres-dentes-de-sabre.*

---

[13] Entenda-se "especificar" aqui de maneira lata: a segunda parte morfológica pode não só dar de fato a espécie do primeiro (*banana-maçã*), mas também indicar seu fim (*navio-escola*) ou alguma semelhança (*peixe-boi*), etc.

- Constituem caso particular palavras como *mico-leão-dourado* e *mico-leão-preto*, que se pluralizam mais perfeitamente em *micos-leão-dourados* e em *micos-leão-pretos*: a segunda parte permanece no singular por ser especificadora da primeira, enquanto a terceira se pluraliza porque, de caráter adjetivo, determina o conjunto dos dois primeiros.

- Ficam invariáveis, ou seja, são substantivos DE DOIS NÚMEROS (singular e plural), os compostos:
  - de UMA ORAÇÃO: *a estou-fraca, o disse me disse – as estou-fraca, os disse me disse*;
  - de PARTE DE ORIGEM VERBAL (a primeira) + PARTE INVARIÁVEL (não verbal), mediadas ou não por preposição: *o bota-abaixo, o louva-a-Deus – os bota-abaixo, os louva-a-Deus*;
  - de DUAS PARTES DE ORIGEM VERBAL DE SIGNIFICADO MUTUAMENTE OPOSTO: *o leva e traz, o vai-volta – os leva e traz, os vai-volta*;
  - por razões óbvias, de PARTE SINGULAR (a primeira) + PARTE JÁ PLURAL: *o borra-tintas, o salta-pocinhas – os borra-tintas, os salta-pocinhas*;
  - de PARTE INVARIÁVEL + PARTE DE ORIGEM SUBSTANTIVA USADA COMO NÃO NUMERÁVEL:[14] *o sem-par, o sem-número – os sem-par, os sem-número*.

1.3.2.g. Há substantivos que, em seu sentido primeiro, normalmente não comportam plural: são os NÃO NUMERÁVEIS, entre os quais se contam os nomes de metal (*cobre, ferro, ouro*), os nomes abstratos de sentimento (*amor, ira, saudade*), os nomes de qualidade (*bondade, luminosidade, verdor*), etc. Por vezes se usam no plural por mero efeito intensificador, o que se dá sobretudo com os nomes de sentimento (*saudades*, por exemplo); por vezes, porém, adquirem outro sentido quando pluralizados: *os cobres* (dinheiro), *os ferros* (armas), *os bens* (posses), etc.

1.3.2.h. Por outro lado, há substantivos que ou só se empregam ou mais usualmente se empregam no plural. Eis alguns deles:

- ✓ *anais, belas-artes, calendas, condolências* (pêsames), *esponsais, exéquias, férias* (período), *matinas* (hora canônica), *núpcias, óculos* (lunetas), *primícias, víveres*;
- ✓ *antolho(s), arredor(es), cã(s), fasto(s), fez(es), olheira(s), pêsame(s)*.

---

[14] Para substantivos não numeráveis, *vide* imediatamente abaixo.

> ➤ Contrariamente ao que se dá em espanhol e em outras línguas próximas do português, este tende grandemente ao singular não coletivo para nomear coisas plurais. Assim, não nos repugna dizer "uma plantação de *batata* (por 'batatas')", "onde está *minha meia* (por 'minhas meias')?", "comprou *um sapato novo* (por 'sapatos novos' ou 'um par de sapatos novos')" e outras que tais. E, embora isso não seja sempre de imitar ao menos na escrita mais cultivada, é do melhor estilo português, porém, deixar no singular o substantivo referente *por igual* A MAIS DE UM: assim, "sua mensagem encheu-nos o coração de esperança" (e não "encheu nossos corações", porque, com efeito, todos nós temos um e apenas um coração); "saíram com sua pasta debaixo do braço" (e não "com suas pastas", porque, com efeito, cada um saiu com sua única pasta); *et reliqua*.

1.3.3. O GRAU.

1.3.3.a. Como dito, temos perfeita ciência de que, ao reintroduzirmos na Gramática da língua portuguesa a noção de que há DESINÊNCIAS DE GRAU *DIMENSIVO* E DESINÊNCIAS DE GRAU *INTENSIVO* (estas para os adjetivos: *-íssimo*, *-imo*), vamos a contrapelo das gramáticas correntes. Estabeleceu-se já desde há muito que os sufixos indicadores de grau ou gradação dimensiva se juntam à palavra em processo de "derivação". Mas, como dito ainda, não podemos atinar a que razões atende tal consideração: já mostramos que os sufixos aumentativos e os diminutivos (além dos superlativos) são desinenciais ou flexionais e não derivacionais.

1.3.3.b. Para a classificação dos diversos *sufixos de grau dimensivo* SEGUNDO O USO E SEGUNDO A MESMA CARGA OU ASPECTO SEMÂNTICO QUE SE LHES ACRESCENTA, *vide supra*, na Quarte Parte, o quadro final de **4.2.4.b – α**.

⇗ **OBSERVAÇÃO.** Grande parte dos sufixos de grau dimensivo empresta ao substantivo caráter de afetividade próprio antes da fala e da Literatura que da escrita científica, jurídica, etc.

1.4. NOTAS PRÉVIAS SOBRE A RELAÇÃO ENTRE O SUBSTANTIVO E O ADJETIVO.

1.4.1. Quando o substantivo se usa em lugar de um adjetivo, deve entender-se precisamente como ADJETIVO IMPRÓPRIO. Com efeito, em "um ar província", "uma atitude povo" e outras que tais, o substantivo aposto é facilmente substituível pelo adjetivo de que faz as vezes: "um ar provinciano", "uma atitude popular". É recurso antes literário, e não se deve abusar dele em escritos de outro âmbito. – Por outro lado, de tanto usar-se impropriamente como adjetivo, pode um substantivo acabar por cristalizar-se como adjetivo próprio: é o que se passou, por exemplo, com *gigante* (*uma multidão gigante*, em vez de "gigantesca").

OBSERVAÇÃO. Não se confunda o que acaba de referir-se com o uso de certos nomes de cor: *calças café*, *olhos cinza*, *blusas rosa*, etc. Na verdade, não se trata de substantivos em função adjetiva nem de adjetivos de origem substantiva, mas de substantivos em função *própria* de parte de grupo adjetivo: *calças da cor do café*, *olhos da cor da cinza*, *blusas da cor da rosa*. E esta é a razão primeira por que *neste caso* não admitem flexão de plural: elíptico o restante do grupo adjetivo, permanece invariável, como devido, esta parte sua.

- Se, como dissemos, *palavra composta por justaposição* e *locução* são essencialmente o mesmo, distinguem-se todavia de GRUPO enquanto este, ao contrário delas, não pode comutar-se nunca por uma palavra simples, nem jamais tem estabilidade lexical (razão por que, aliás, nunca é dicionarizável). Mas o grupo será ou substantivo, ou adjetivo, ou adverbial, e exercerá, portanto, as mesmas funções sintáticas que o substantivo, que o adjetivo, que o advérbio.

1.4.2. Em construções como *o pobre do rapaz*, em lugar de *o pobre rapaz*, tem-se curiosa inversão de papéis: o que era adjetivo (*pobre*) passa a substantivo (*o pobre*), enquanto o que era substantivo (*rapaz*) passa a constituir com a preposição (*de*) um *como* grupo adjetivo. Talvez esta inversão se calque em exclamações como *pobre de mim*, *ai de mim*, etc. O que porém importa ressaltar é que, conquanto expressivo sobretudo na oralidade e em Literatura, é tipo anômalo de construção – reduz-se propriamente a *o pobre rapaz*, etc.

1.4.3. É de todo próprio do substantivo, contudo, ser NÚCLEO DE LOCUÇÃO ADJETIVA: *mesa de MÁRMORE* (= *mesa marmórea*), *a arquitetura de GRANADA* (= *arquitetura granadina*), *o descobrimento de CABRAL* (= *descobrimento cabralino*), etc. Mas também pode sê-lo de LOCUÇÃO ADVERBIAL: *às PRESSAS* (= *apressadamente*), *com CUIDADO* (= *cuidadosamente*), etc.

1.4.4. Por fim, o adjetivo pode vir antes ou depois do substantivo: *uma obra profunda* ou *certo dia* (o primeiro é ADJETIVO QUALIFICATIVO, o segundo ADJETIVO DETERMINATIVO OU PRONOME ADJETIVO). Devemos, porém, fazer algumas precisões.

1.4.4.a. Por vezes, a mudança de posição implica mudança de sentido no adjetivo: de fato, *belo* não quer dizer o mesmo em *um belo dia* e em *um dia belo*. E isto é assunto para o ponto do adjetivo (e para o do pronome).

1.4.4.b. Pertence ainda ao ponto do substantivo, todavia, o seguinte: em *um inglês velho* e em *um velho inglês*, se não se dão precisões contextuais, não se sabe o que é substantivo e o que é adjetivo senão pela COLOCAÇÃO: o que vier antes será substantivo, e o que vier depois adjetivo. Aprofudar-se-á o tema na Nona Parte.

> ➤ Se se lhe antepõe explícita ou implicitamente um artigo (ou, afinal, qualquer adjetivo, como se verá em momento próprio), toda e qualquer palavra, bem como todo e qualquer grupo e toda e qualquer oração (imperfeita ou perfeita), passa a *substantivo acidental*: *o bom neste livro…*, *o amar*, *o aqui e agora*, *o mas*, *o difundir a bondade*; *Este "nós" está bem usado*; etc.

II

O ADJETIVO

2.1. Os **ADJETIVOS** (que, como os substantivos ainda que menos propriamente, também se dizem *nomes*) são as palavras que *determinam ou modificam os substantivos*. E fazem-no porque significam acidentes ou aspectos acidentais das substâncias exatamente enquanto *acidentes* – ou que ao menos são tomados como tais.[15] Subdividem-se duplamente:

- se significam algo que modifique *intrinsecamente* a substância, ou seja, uma *qualidade*, chamam-se **QUALIFICATIVOS**: *obra profunda*, *mar azul*, *gato gordo*, *longa estrada*, *comportamento filial*, *pessoa sentada*, etc.;[16]
- se significam algo que modifique *extrinsecamente* a substância, ou seja, como *certa medida*, chamam-se **DETERMINATIVOS**. Tal medida pode dar-se em razão de diversas coisas: da *posse*, e teremos os adjetivos **possessivos** (*nossa criança*); do *lugar*, e teremos os adjetivos **demonstrativos** (*essa criança*); da *quantidade indeterminada*,

---

[15] Ao contrário dos substantivos abstratos, que significam conceitos de acidentes ao modo de substâncias.

[16] Trata-se, pois, ou de qualidade propriamente dita, ou de qualquer outro acidente que possa considerar-se como modificação intrínseca – a quantidade contínua, a relação, a posição.

e teremos os adjetivos **indefinidores** ou **indeterminadores** (*algumas crianças, muitas crianças*); e do *número*, e teremos os adjetivos **numerais**, que indicam quantidade PRECISA (*quatro crianças*).

⇗ **Observação 1.** Os adjetivos determinativos também se dizem *pronomes adjetivos*, como já visto. Como visto também, os pronomes (que, insista-se, se reduzem propriamente a substantivos e a adjetivos) não podem dizer-se classe senão por certo ângulo ou aspecto, ou seja, porque compõem de algum modo paradigmas. Mas justamente porque compõem paradigmas é que os estudamos em seção à parte.

⇗ **Observação 2.** O adjetivo ou se atribui diretamente ao substantivo, pondo-se-lhe adjunto (antes ou depois dele), ou se lhe atribui ao modo predicativo, função sintática também exercida não só por outro substantivo, mas ainda por algum advérbio: *Este rio é caudaloso* (adjetivo); *Sócrates é homem* (substantivo); *A vida é assim* (advérbio). Estudá-lo-emos em seu devido momento.

⇗ **Observação 3.** Como visto também, para indicar o GÊNERO, o NÚMERO e o GRAU DIMENSIVO dos adjetivos, usam-se ao final deles as mesmas FLEXÕES que se usam, para o mesmo fim, ao final dos substantivos: *bela, altos, pequenininho*, etc. Boa parte dos adjetivos qualificativos, todavia, tem sufixos desinenciais próprios, para indicar o GRAU INTENSIVO: *cultíssimo*, etc.

2.2. Os **ADJETIVOS QUALIFICATIVOS** podem dividir-se em dois grandes grupos.

2.2.1. Os que significam *qualidades* propriamente ditas: *inteligência brilhante, maus pensamentos*,[17] *palavras gentis, prado verde, águas cristalinas, cidade arborizada*, etc.[18]

2.2.2. Os que significam *outros acidentes*, considerados porém ao modo das qualidades (ou seja, como modificadores intrínsecos): *renda anual, preocupações magisteriais, terra familiar, autores franceses*, etc.

⇗ **Observação 1.** Muitos adjetivos do primeiro grupo admitem correntemente sua anteposição ao substantivo; outros, todavia, só poeticamente: *verdes prados*, por exemplo. Mas todos comportam grau intensivo: *brilhantíssimo, malíssima, gentilíssimos, verdíssimos*, etc.

⇗ **Observação 2.** Os do segundo grupo, por sua vez, não comportam grau intensivo, e de maneira geral só poeticamente admitem que se anteponham ao verbo. – Sim, poderia dizer-se, por exemplo, *autor francesíssimo*; mas já não se trata, aqui, de indicar-lhe a nacionalidade: indica-se-lhe a qualidade da perfeita francesia.

---

[17] Como se vê, aqui não se há de confundir *qualidade* com *qualidade boa*.

[18] Por vezes, o adjetivo qualificativo é mera redundância para efeitos poéticos: *neve fria, rubro sangue*, etc.

2.3. Equivalem propriamente a adjetivos qualificativos singulares:

2.3.1. LOCUÇÕES formadas por PREPOSIÇÃO + PARTE MORFOLÓGICA DE ORIGEM SUBSTANTIVA: *mesa de mármore* (= marmórea), *pessoa sem coragem* (= medrosa, timorata), *raios de sol* (= solares), etc.;[19]

2.3.2. LOCUÇÕES formadas por PREPOSIÇÃO + PARTE MORFOLÓGICA DE ORIGEM ADVERBIAL: *parte de trás* (= traseira);

2.3.3. as ORAÇÕES ADJETIVAS ("restritivas" ou "explicativas")[20] DESENVOLVIDAS: *O cavaleiro que se via ao longe era nosso primo*; *O cavaleiro cervantesco, que se chama D. Quixote, é personagem universal*;

2.3.4. as ORAÇÕES ADJETIVAS REDUZIDAS DE GERÚNDIO: *Com o corpo ARDENDO de febre...*; ... *a brisa REFRESCANDO-nos o rosto*.[21]

2.4. Equivalem mais ou menos impropriamente a adjetivos qualificativos singulares:

2.4.1. os SUBSTANTIVOS USADOS ADJETIVAMENTE: *um ar província* (= provinciano), etc.;

2.4.2. os SUBSTANTIVOS USADOS APOSITIVAMENTE, como em, por exemplo, *O avô José*. Note-se que, ao contrário de *província* no exemplo anterior, *José* aqui não especifica o substantivo, senão que o individualiza.

2.5. Os adjetivos qualificativos ou são PRIMITIVOS, quer dizer, não se formam de nenhuma palavra de outra classe, ou são DERIVADOS, a saber, de um *substantivo* ou de um *verbo*, com os quais constituem famílias de palavras. Os da segunda espécie são, de longe, os mais numerosos.

- Exemplos de adjetivos primitivos: *alegre, claro, grande, livre, longo, terno*.
- Exemplos de adjetivos derivados: *brasileiro, guineense, pensável, movediço*.

2.6. Entre os adjetivos DERIVADOS, temos os *pátrios* e alguns dos *gentílicos* (aqueles se referem a continente, a país, a região, a cidade, etc.: *africano, espanhol, paulista*, etc., enquanto estes se referem a raça ou a povo: *céltico, ariano*, etc.).

---

[19] Por vezes, ainda, *acidentalmente*, não equivale à locução adjetiva nenhum adjetivo singular: é o caso, por exemplo, de *móvel de madeira*.

[20] As orações, naturalmente, são assunto para a Sexta Parte; e a razão das aspas em "restritivas" e em "explicativas" ver-se-á no mesmo lugar.

[21] Quanto a se se devem considerar corretas construções como *gaveta contendo roupa*, vê-lo-emos ainda no referido lugar.

§ Os adjetivos pátrios e tais gentílicos podem formar-se por composição em que as partes morfológicas se liguem por hífen: *cabo-verdiano, sino-soviético, mato-grossense-do-sul; indo-europeu;* etc. Em boa parte destes casos, usa-se como primeira parte uma forma alatinada, reduzida e invariável. Exemplos:

- ✓ **afro-** (= africano): *palavras afro-brasileiras;*
- ✓ **anglo-** (= inglês): *relações anglo-francesas;*
- ✓ **austro-** (= austríaco): *Império austro-húngaro;*
- ✓ **euro-** (= europeu): *povo euro-asiático* (diz-se mais comumente *eurasiano,* e também *eurásio* e *eurasiático*);
- ✓ **franco-** (= francês): *dialeto franco-provençal;*
- ✓ **galaico-** (= galego): *língua galaico-portuguesa* (ou *galego-portuguesa*);
- ✓ **greco-** (= grego): *arte greco-romana;*
- ✓ **hispano-** (= ibérico; hispânico; espanhol): *literatura hispano-americana;*
- ✓ **ibero-** (= ibérico): *tribos ibero-gaulesas;*
- ✓ **indo-** (= indiano; das estepes da Ásia central ou dos planaltos iranianos): *tronco indo-europeu;*
- ✓ **ítalo-** (= italiano): *fronteira ítalo-suíça;*
- ✓ **luso-** (= lusitano; português): *cidadãos luso-brasileiros;*
- ✓ **nipo-** (= nipônico, japonês): *conflitos nipo-chineses;*
- ✓ **sino-** (= chinês): *faixa sino-japonesa;*
- ✓ **teuto-** (= teutônico; alemão): *guerra teuto-russa.*

2.7. Como o substantivo, o adjetivo tem acidentes de *gênero,* de *número* e de *grau.*

⇗ **OBSERVAÇÃO 1.** Alguns adjetivos qualificativos, no entanto, são invariáveis em gênero e em número, como veremos e nas condições em que veremos.

⇗ **OBSERVAÇÃO 2.** Recorde-se, ademais, que nem todos os ajetivos admitem flexão de grau intensivo.

⇗ **OBSERVAÇÃO 3.** Recorde-se ainda que, se o substantivo tem sufixos desinenciais de grau dimensivo (aumentativo e diminutivo), o adjetivo, além destes, tem ou pode ter sufixos desinenciais de grau *intensivo* (*-íssimo,* etc.), como já veremos.

2.7.1. A FLEXÃO DE GÊNERO.

2.7.1.a. O substantivo tem sempre *de si* um *gênero* (trate-se de gênero segundo o sexo e/ou segundo o paradigma gramatical), o que não sucede com o adjetivo, que só o tem porque assume o gênero do substantivo com que concorda. Em outras palavras, o adjetivo tem a forma de masculino ou a de feminino segundo o substantivo que ele determine seja de si masculino ou feminino.

2.7.1.b. Não obstante, porque é concordante com o substantivo, e como não só este tem vogal temática mas esta pode ser cumulativa e polifuncionalmente desinência de gênero masculino, então por isso mesmo os adjetivos não só também têm vogal temática mas esta pode ser cumulativa e polifuncionalmente a mesma desinência masculina do adjetivo.

2.7.1.c. Assinale-se, aliás, para mostrar a justeza do dito em **a** e **b** acima, que os mesmos ADJETIVOS UNIFORMES (ou seja, os que têm uma só forma para os dois gêneros) passam a apresentar as desinências *-o* e *-a* quando postos no superlativo absoluto sintético (que já estudaremos):

✓ *livro fácil – livro facilíssimo; questão fácil – questão facilíssima;*
✓ *resultado feliz – resultado felicíssimo; coincidência feliz – coincidência felicíssima.*

2.7.1.d. COMO SE FORMA O FEMININO DOS ADJETIVOS.

- Como dito e no sentido do dito, os adjetivos são majoritariamente BIFORMES, quer dizer, podem receber ou a vogal temática/desinência de masculino (*-o* ou Ø) ou a desinência de feminino (*-a*):

✓ *bom*(Ø)*/boa;*
✓ *caloroso/calorosa;*
✓ *lindo/linda;*
✓ *português*(Ø)*/portuguesa.*

✎ **OBSERVAÇÃO.** Há casos mais complexos, como *mau*, que faz *má*.

- Pois bem, podemos dividir assim a formação do feminino nos adjetivos.

→ Os terminados em *-o* átono tornam-se femininos pela simples comutação de *-o* por *-a*: *ligeiro/ligeira;*

→ Os terminados em *-u* e *-ês* majoritariamente se tornam femininos pelo acréscimo de *-a* ao masculino, assim como parte dos terminados em *-or*: *cru/crua; norueguês/norueguesa; cantor/cantora.*

Escapam, porém, a esta regra:

- *mau*, que, como vimos, faz *má* (mas seu *u* final é, em verdade, uma semivogal);
- os gentílicos *hindu* e *zulu*, que são invariáveis;
- *cortês*, *descortês*, *montês* e *pedrês*, que também são invariáveis;
- o grupo que inclui *incolor*, *multicor/multicolor*, *sensabor* e poucos mais, invariáveis ainda;

▫ os comparativos *melhor, pior, maior, menor, superior, inferior, anterior, posterior, ulterior, citerior*, além de *interior* e de *exterior*;

▫ *gerador, motor* e outros terminados em *-dor* e em *-tor*, que mudam estas terminações em *-triz*: *geratriz* (a par de *geradora*), *motriz* (a par de *motora*), etc.;

▫ um pequeno número em que *-or* é substituído por *-eira: trabalhador/trabalhadeira* (a par de *trabalhadora*), etc.

→ Os terminados em *-ão* formam o feminino em *-ã* ou em *-ona*: *são/sã*; *chorão/chorona*; etc.; à exceção de *beirão*, que faz *beiroa*, e de *leitão*, que faz *leitoa*.

→ Os terminados em *-eu* (fechado) têm o feminino em *-eia*: *hebreu/hebreia*, *pigmeu/pigmeia*, etc.; à exceção de *judeu* e de *sandeu*, que se feminizam, respectivamente, em *judia* e em *sandia*.

→ Os terminados em *-éu*, por sua vez, constituem seu feminino mediante a terminação *-oa* ou mediante a terminação *-eia*: *ilhéu/ilhoa*; *incréu/increia*; etc.; mas *réu/ré*.

⇗ **Observação.** Certos adjetivos que na forma masculina têm *o* tônico fechado mudam-no, ao receberem a desinência de feminino *-a*, para *o* aberto: *brioso/briosa*, *formoso/formosa*, *grosso/grossa*, etc.

- Os **adjetivos uniformes** permanecem invariáveis ante os dois gêneros dos substantivos. São *uniformes* os adjetivos:

▫ cuja vogal temática é *-a*, grande parte dos quais também funciona como substantivo: *celta, israelita, persa*; *hipócrita, homicida*; *silvícola, cosmopolita*; etc;

▫ cuja vogal temática é *-e*: *árabe, breve, doce, humilde, torpe*, etc., entre os quais todos os formados com algum dos sufixos *-ante, -ente, -inte* e *-ense*: *constante, crescente, pedinte, fluminense*, etc;

▫ cujo radical termina em *-l*: *cordial, fiel, amável, pueril, reinol, azul*, etc. (mas *espanhol/espanhola*);

▫ cujo radical termina em *-ar*: *exemplar, ímpar*, etc.;

▫ cujo radical termina em *-z*: *audaz, feliz, atroz*, etc. (mas *andaluz/andaluza*);

▫ cujo radical termina em *-m*: *virgem, ruim, comum*, etc. (mas *bom/boa*);

→ além dos paroxítonos terminados em *-s*: *reles, simples*, etc.;

▫ e dos comparativos e de outros em *-or*: *maior, superior, interior*, etc.;

- Nos adjetivos formados por composição cujas partes morfológicas se ligam por hífen (são os chamados "adjetivos compostos"), apenas a segunda parte pode receber a desinência de feminino: *literatura anglo-americana, formação médico-cirúrgica, capa amarelo-clara*, etc.

OBSERVAÇÃO 1. E se se disse imediatamente acima que a segunda parte morfológica de tais adjetivos *pode* receber a desinência de feminino não é senão porque esta mesma parte pode ser de si invariável quanto ao feminino: *tradição afro-árabe*, *calças verde-musgo*, etc. – Todos os substantivos usados impropriamente como adjetivos, assim como todas as segundas partes morfológicas de origem substantiva formadoras quer de substantivos quer de adjetivos, permanecem invariáveis – e não só em gênero, mas ainda em número, como se verá. Exemplos: *olhos cinza*, *vegetações violeta*, *mangas-rosa*, *panos azul-piscina*, *tintas verde-esmeralda*, etc.

OBSERVAÇÃO 2. Constituem exceções a todo o dito os seguintes casos:

- quanto à flexão de gênero: *surdo-mudo*, que deveria fazer "surdo-muda", tradicionalmente faz, porém, *surda-muda*, como em *criança surda-muda*;
- quanto à flexão de gênero e à de número: *azul-marinho* e *celeste* (este como adjetivo primitivo ou como segunda parte morfológica de adjetivo composto): *roupas azul-marinho*, *águas celeste*, *porcelanas azul-celeste*, etc.

2.7.2. A FLEXÃO DE NÚMERO.

§ O adjetivo permanece no singular ou se pluraliza de acordo com o substantivo que ele determina: *cão manso/cães mansos*, *mulher hindu/mulheres hindus*, *terra plana/terras planas*, etc.

2.7.2.a. Quanto ao plural, os ADJETIVOS PRIMITIVOS (OU SIMPLES) seguem geralmente as mesmas regras que regem os substantivos.

2.7.2.b. De sua parte, os ADJETIVOS COMPOSTOS CUJAS PARTES MORFOLÓGICAS SE LIGAM POR HÍFEN pluralizam-se de forma análoga a como se feminizam: apenas a segunda parte recebe a desinência *-s*, ao passo que a primeira permanece invariável: *alimentos agro-doces* (= *agridoces*), *características tardo-medievais*, *mantas marrom-escuras*, etc.

OBSERVAÇÃO 1. Não se regem por esta regra os adjetivos compostos que significam cor e cuja segunda parte morfológica é de origem substantiva: *canários amarelo-ouro*, *objetos verde-cré*, *peças azul-ferrete*, *toalhas azul-turquesa*, *uniformes verde-oliva*, etc. – Uma vez mais não há a menor razão para abrigar, como fazem muitos dicionários, exceções a esta sub-regra.

OBSERVAÇÃO 2. Tampouco os três adjetivos seguintes seguem a regra geral do plural dos compostos cujas partes morfológicas se ligam por hífen: *surdo-mudo*, que deveria fazer "surdo-mudos", mas tradicionalmente faz *surdos-mudos*, como em *meninos surdos-mudos*; e *azul-marinho* e *azul-celeste*: *cortinados azul-marinho*, *olhos azul-celeste*, etc.

2.7.3. A flexão de grau.

2.7.3.a. Os adjetivos qualificativos têm duas espécies de flexão de grau.

- A primeira é de grau ***dimensivo***, e faz-se mediante alguns dos mesmos sufixos aumentativos que se agregam aos substantivos para emprestar-lhes grau dimensivo: *pequenininho*, *lerdaço*, etc. Estes sufixos se agregam aos adjetivos da mesma maneira que aos substantivos.

Observação. Se os sufixos flexionais de grau dimensivo quase sempre emprestam aos substantivos alguma carga afetiva, muito mais o fazem aos adjetivos, razão por que, ainda mais que com respeito a seu uso nos substantivos, seu uso nos adjetivos é próprio da fala e da Literatura.

- A segunda é de grau ***intensivo***, e faz-se unicamente mediante os sufixos chamados de "grau superlativo sintético": *finíssimo*, *nigérrimo*, etc.

2.7.3.b. Os sufixos de grau superlativo, ademais, contrariamente ao que dizem quase todas as gramáticas contemporâneas, podem fazer que o adjetivo expresse não só "grau *elevado*", mas ainda "grau *sumo* ou *sobre-elevado*". Com efeito, se se diz que "alguém é inteligentíssimo", provavelmente se quer dizer que o é em grau elevado ou muito elevado; quando porém em Metafísica, por exemplo, se diz que "o Ente divino é perfeitíssimo", quer-se então dizer que o é em grau não só sumo, mas sobre-elevado ou sobre-eminente – e isto sem incorrer em pleonasmo vicioso.

- Além de *-íssimo*, o mais corrente, temos outro sufixo superlativo: *-imo*. Vejamos, antes de tudo, como os adjetivos qualificativos portugueses recebem o sufixo *-íssimo*.

→ Se se trata de adjetivo terminado em consoante outra que *z* ou que *m*, ou que o *l* final de *-vel*, somente se lhe acrescenta o sufixo: *difícil/dificilíssimo* (ou *dificílimo*) *fácil/facilíssimo* (ou *facílimo*), *fértil/fertilíssimo*, *original/originalíssimo*, *vulgar/vulgaríssimo*, etc.

→ Se se trata de adjetivo terminado em vogal temática, esta desaparece para que o sufixo se junte ao radical: *belo/belíssimo*, *frívolo/frivolíssimo*, *severo/severíssimo*; *grande/grandíssimo*, *triste/tristíssimo*; etc.

→ Se se trata de adjetivo terminado em ditongo crescente com semivogal *i*, cai a vogal para que o sufixo se junte ao mesmo *i*: *necessário/necessariíssimo*, *sério/seriíssimo*, etc.

Observação. Nenhuma razão têm os gramáticos que pretendem esteja ultrapassada esta regra.

→ Não raro o adjetivo, para receber o sufixo *-íssimo*, retoma a primitiva forma latina, de modo que:

▫ os adjetivos terminados em *-vel* têm esta terminação transformada em *-bil* para que se lhes acrescente o sufixo:

✓ *amável/amaBILíssimo*;
✓ *indelével/indeleBILíssimo*;
✓ *móvel/moBILíssimo*;
✓ *notável/notaBILíssimo*;
✓ *terrível/terriBILíssimo*;
✓ *volúvel/voluBILíssimo*;
✓ etc.;

▫ os adjetivos terminados em *-z* têm-no transformado em *-c* para que se lhes acrescente o sufixo: *capaz/capaCíssimo*, *feliz/feliCíssimo*, *atroz/atroCíssimo*, etc.;

▫ os adjetivos terminados em *m* têm-no transformado em *n* para que se lhes acrescente o sufixo: *bom/boNíssimo*, *comum/comuNíssimo*, *ruim/ruiNíssimo*, etc.;

▫ os adjetivos terminados no ditongo nasal *-ão* têm a semivogal deste transformada em *n* para que se lhes acrescente o sufixo: *pagão/pagaNíssimo*, *são/saNíssimo*, *vão/vaNíssimo*, etc.

⬀ **Observação 1.** *Mau* faz *maLíssimo*.

⬀ **Observação 2.** Muitas vezes o radical português do adjetivo difere grandemente do latino a que se acrescenta o sufixo superlativo. Exemplos:

✓ *amargo/amaríssimo*;
✓ *amigo/amicíssimo*;
✓ *antigo/antiquíssimo*;
✓ *benéfico/beneficentíssimo*;
✓ *benévolo/benevolentíssimo*;
✓ *cristão/cristianíssimo*;
✓ *cruel/crudelíssimo*;
✓ *doce/dulcíssimo*;
✓ *fiel/fidelíssimo*;
✓ *frio/frigidíssimo*;
✓ *geral/generalíssimo*;
✓ *inimigo/inimicíssimo*;
✓ *magnífico/magnificentíssimo*;
✓ *maléfico/maleficentíssimo*;

- ✓ *malévolo/malevolentíssimo*;
- ✓ *miúdo/minutíssimo*;
- ✓ *nobre/nobilíssimo*;
- ✓ *pessoal/personalíssimo*;
- ✓ *pródigo/prodigalíssimo*;
- ✓ *sábio/sapientíssimo*;
- ✓ *sagrado/sacratíssimo*;
- ✓ *simples/simplicíssimo* (ou *simplíssimo*);
- ✓ *soberbo/superbíssimo*.

- Vejam-se agora exemplos de formação com o outro sufixo de grau intensivo (*-imo*):
  - ✓ *acre/acérrimo*;
  - ✓ *célebre/celebérrimo*;
  - ✓ *humilde/humílimo* (ou *humilíssimo, humildíssimo*);
  - ✓ *íntegro/integérrimo*;
  - ✓ *livre/libérrimo*;
  - ✓ *magro/macérrimo* (ou *magríssimo*);
  - ✓ *negro/nigérrimo* (ou *negríssimo*);
  - ✓ *pobre/paupérrimo* (ou *pobríssimo*);
  - ✓ *salubre/salubérrimo*.

⇨ **Observação.** Contrariamente ao que se diz, o sufixo é *-imo* e não "-érrimo". Em todos os exemplos dados, o *ér* é parte do radical latino. O segundo *r* aparece por clara razão de fonética portuguesa. – É verdade que, por analogia, se dizem "chiquérrimo" e formações semelhantes, as quais, naturalmente, todavia, não devem nada ao latim. Trata-se de criação popular e afetada, sem lugar no padrão culto.

2.7.3.c. OS MODOS MORFOSSINTÁTICOS DE INDICAÇÃO DE GRAU INTENSIVO.

§ Afora o modo morfológico (sufixal) de indicar grau intensivo (superlativo) nos adjetivos, há os modos *morfossintáticos* de indicar grau intensivo (*grau comparativo* e *grau superlativo*). Vejamo-los.

- Antes de tudo, o COMPARATIVO.

→ O comparativo indica que um ente possui determinada qualidade em grau *superior*, em grau *igual* ou em grau *inferior* ao grau em que a tem outro ente:

- ✓ Maria é ***mais*** *esforçada* [*do*] ***que*** Sônia;
- ✓ Paulo é ***tão*** *esforçado* ***como*** [ou *quanto*] Pedro;
- ✓ Ricardo é ***menos*** *esforçado* [*do*] ***que*** Álvaro.

✎ **Observação.** Note-se que usar o “do” antes de *que* no comparativo de superioridade e no de inferioridade é opcional. Nós mesmo não usamos este “do” senão em função diacrítica, ou seja, apenas quando não usá-lo implica alguma anfibologia ou alguma dificuldade.[22] – E pode usar-se indiferentemente *como* ou *quanto* no comparativo de igualdade.

→ Indica ainda que em um mesmo ente certa qualidade é *superior*, *igual* ou *inferior* a outra neste mesmo ente:

✓ Este livro é ***mais bom*** [*do*] ***que*** *agradável*;

✓ Este livro é ***tão bom como*** [*quanto*] *agradável*;

✓ Álvaro é ***menos bom*** [*do*] ***que*** *agradável*.

✎ **Observação 1.** A construção do primeiro exemplo (o do comparativo de superioridade) é corretíssima. Não podemos dizer Paulo é “mais bom” que José, mas porque se trata de comparação entre dois entes. No exemplo acima, trata-se de comparação entre duas qualidades em um mesmo ente, e neste caso não há outra maneira de dizê-lo.

✎ **Observação 2.** Insista-se, pois: há um COMPARATIVO DE SUPERIORIDADE, um COMPARATIVO DE IGUALDADE e um COMPARATIVO DE INFERIORIDADE.

- Agora, o SUPERLATIVO (morfossintático, insista-se).

→ O superlativo indica que um ente possui certa qualidade em *1*) grau elevado ou *2*) em grau sumo ou sobre-eminente: trata-se do chamado SUPERLATIVO ABSOLUTO:

1) Tomás é ***muito*** (ou ***grandemente***, etc.) prudente;

2) Tomás é ***sumamente*** (ou ***sobre-eminentemente***) prudente.

→ O superlativo indica ainda que um ente tem determinada qualidade em grau superior com respeito a um grupo de entes de que faz parte: trata-se do chamado SUPERLATIVO RELATIVO, que também pode ser *1*) DE SUPERIORIDADE E *2*) DE INFERIORIDADE:

1) Rodrigo é ***o*** (aluno) ***mais*** *estudioso* ***de*** *sua classe*;

2) Rodrigo é ***o*** (aluno) ***menos*** *estudioso* ***de*** *sua classe*.

✎ **Observação 1.** Em vez deste *de* para introduzir o complemento nominal que serve de termo da comparação, pode usar-se, alterando a construção, *entre* (“Rodrigo é o *mais estudioso* ***entre*** *os alunos de sua classe*”).

---

[22] Note-se que usamos *diacrítico* segundo seu étimo: gr. *diakritikós, é, ón* (‘capaz de distinguir, de separar’), do v. gr. *diakrínō* (‘separar um do outro’), formado por sua vez de *diá* (‘por meio de’) + *krínō* (‘separar, distinguir, discernir; decidir’).

⇗ **Observação 2.** Há outras maneiras de indicar o grau *superlativo absoluto.*

- A primeira é ainda morfológica: trata-se do acréscimo de um prefixo, como *arqui-*, *extra-*, *hiper-*, *super-*, *ultra-*, etc. (*arqui-inimigo*, *extraduro*, *hipersapiente*, etc.).
- A segunda vale-se de uma comparação para expressar o superlativo: *O que ele diz é claro como água.*
- As demais são de cunho antes popular e/ou poético.

⇗ **Observação 3.** O *superlativo relativo* também pode expressar *limites ou campo de possibilidade*: por exemplo, *Ele diz palavras o mais claras possível.* – Note-se que "o (mais)" e "possível" são sempre invariáveis neste tipo de construção, até porque a ordem original da oração é *Diz palavras o mais possível claras.*

➤ COMPARATIVOS E SUPERLATIVOS ESPECIAIS

Quatro adjetivos – *bom*, *mau*, *grande* e *pequeno* – formam já o comparativo já o superlativo de modo especial:

ADJETIVO	COMPARATIVO	SUPERLATIVO	
	DE SUPERIORIDADE	ABSOLUTO	RELATIVO
bom	*melhor*	*ótimo*	*o melhor*
mau	*pior*	*péssimo*	*o pior*
grande	*maior*	*máximo*	*o maior*
pequeno	*menor*	*mínimo*	*o menor*

⇗ **Observação 1.** Insista-se em que, quando se compara uma qualidade de dois entes, não se deve dizer "mais bom", "mais mau" nem "mais grande"; deve dizer-se: *melhor*, *pior* e *maior* (não "Este teatro é 'mais bom' que aquele", mas *Este teatro é **melhor** que aquele*; etc.). Quando porém se comparam duas qualidades em um mesmo ente, há que usar o modo morfossintático indicado mais acima: Esta casa é ***mais má que feia***. – Mas em Portugal é abonado e muito corrente o uso de mais pequeno em lugar de menor.

§ Diga-se antecipadamente, aliás, algo que se aprofundará na seção sobre os verbos. Semelhantemente ao dito acima, conquanto não se possa dizer senão *Esta cantora canta **melhor** que aquela*, não se deve porém dizer "Esta ária foi 'melhor' cantada que aquela". Quando se trata de PARTICÍPIO, não deve usar-se "melhor" nem "pior", mas *mais bem* e *mais mal*: *Livro mais bem* ESCRITO; *Escultura mais mal* CINZELADA; *A criança está mais bem* ALIMENTADA; *A casa está mais mal* CONSERVADA, etc.

Observação 2. A par de *ótimo*, *péssimo*, *máximo* e *mínimo*, temos *boníssimo*, *malíssimo*, *grandíssimo* e *pequeníssimo*.

OBSERVAÇÃO 3. Às vezes não há complementaridade comparativo-superlativo. Assim, se o superlativo correspondente ao comparativo *superior* é *supremo* (ou *sumo*); se o correspondente a *inferior* é *ínfimo*; se o correspondente a *posterior* é *póstumo*; e se o correspondente a *ulterior* é *último*; *anterior*, no entanto, não encontra superlativo que lhe corresponda.

OBSERVAÇÃO 4. *Superior* e *inferior*, *sumo* (ou *supremo*) e *ínfimo* podem empregar-se, respectivamente, como comparativo e como superlativo de *alto* e de *baixo*.

III

OS PRONOMES

3.1. Os PRONOMES não podem dizer-se classe senão por certo ângulo ou aspecto, ou seja, porque compõem paradigmas fechados; mas reduzem-se a ***substantivos*** ou a ***adjetivos*** (***determinativos***). E, com efeito, de acordo com seu mesmo nome, a maioria deles pode, por um lado, substituir um substantivo (ou uma locução substantiva), um grupo substantivo ou uma oração substantiva, e, por outro lado, um adjetivo (ou uma locução adjetiva), um grupo adjetivo ou uma oração adjetiva.

Aos que o podem fazer, chamamos-lhes PRONOMES PROPRIAMENTE DITOS; aos que não o podem, PRONOMES IMPROPRIAMENTE DITOS.

A. OS PRONOMES PESSOAIS

3.a.1. Os **PRONOMES PESSOAIS** são sempre *substantivos*, e, como indica seu próprio nome, representam as *três pessoas* do discurso: *a pessoa que fala*, *a pessoa com que se fala*, *a pessoa ou coisa de que se fala*, estejam estas pessoas ou coisas no singular ou no plural. Ademais, dividem-se estes pronomes em *retos* e *oblíquos*.

3.α.1.a. São os seguintes os **PRONOMES RETOS:**

- primeira pessoa do singular: **eu**; segunda pessoa do singular: **tu**; terceira pessoa do singular: **ele/ela**;
- primeira pessoa do plural: **nós**; segunda pessoa do plural: **vós**; terceira pessoa do plural: **eles/elas**.

§ Os PRONOMES RETOS não podem estar senão em orações com verbo explícito ou implícito, nas quais exercem principalmente a função de *sujeito*, ou seja, do que está lançado ou posto *sob* o que diz o predicado (de que, como antecipado, o verbo é pelo menos o núcleo), mas ainda a de *predicativo*. – Aliás, como veremos em parte própria, é precisamente para concordar em número e pessoa com estes pronomes ou com os substantivos ou grupos substantivos pelos quais aqueles podem comutar-se que os verbos têm desinências número-pessoais: ***eu*** *estudo*, ***tu*** *estudas*, ***ele/ela*** *estuda(ø)*; ***nós*** *estudamos*, ***vós*** *estudais*, ***eles/elas*** *estudam*. Exemplos de orações com pronomes retos:

✓ *Eu* (sujeito) / *falarei de arte* (predicado);

✓ *Tu* (sujeito) / *falarás de arte* (predicado);

✓ *Ele*/*Ela* (sujeito) / *falará de arte* (predicado);

✓ [Falemos de arte, porque] *ela* (sujeito) / *é hoje o centro de nossos estudos* (predicado);

✓ *Nós* (sujeito) / *falaremos de arte* (predicado);

✓ *Vós* (sujeito) / *falareis de arte* (predicado);

✓ *Eles*/*Elas* (sujeito) / *falarão de arte* (predicado);

✓ [São quatro as notas principais da arte:] *elas* (sujeito) / *não podem faltar a nenhuma espécie sua* (predicado).

OBSERVAÇÃO. Também são formalmente de segunda pessoa (ou seja, usam-se para representar a pessoa com que se fala) certos pronomes que, todavia, são materialmente de terceira (ou seja, levam o verbo para terceira pessoa): *você(s)*, os *pronomes de respeito ou cerimônia* e os *pronomes de reverência*. Ver-se-ão mais adiante.

3.α.1.b. Mas aos pronomes retos contrapõem-se outros que são *casos* seus: são os pronomes pessoais justamente chamados **OBLÍQUOS**, porque caem ou decaem dos retos por certa declinação.

- Segundo o acento, os pronomes pessoais oblíquos dividem-se em ÁTONOS e TÔNICOS:

◆ 1ª. PESSOA:

Singular: *me* (átono); (*a*, *de*, *em*, *para*, *por*, etc.) *mim* (tônico);
Plural: *nos* (átono); (*a*, etc.) *nós* (tônico);

- 2ª. PESSOA:

Singular: *te* (átono); (*a*, etc.) *ti* (tônico);
Plural: *vos* (átono); (*a*, etc.) *vós* (tônico);

- 3ª. PESSOA:

Singular: *o*, *a*, *lhe*, *se* (átonos); (*a*, etc.) *ele*/*ela*, (*a*, etc.) *si* (tônicos);
Plural: *os*, *as*, *lhes*, *se* (átonos); (*a*) *eles*/*elas*, (*a*, etc.) *si* (tônicos).

→ Há ainda cinco antigas formas tônicas (*migo*, *tigo*, *sigo*, *nosco*, *vosco*) que hoje só se usam aglutinadas com a preposição *com*: *comigo*, *contigo*, *consigo*, *conosco* e *convosco*.

✎ **OBSERVAÇÃO.** Note-se que as formas tônicas sempre se empregam (ou se deveriam empregar) antecedidas de preposição. Mais abaixo, ver-se-ão duas supostas exceções a esta regra.

- Segundo o que substituem e segundo a função sintática que exercem, especializam-se.

- Primeiramente, OS ÁTONOS.

→ *O*, *a*, *os*, *as* só se empregam em lugar de substantivos (ou locuções substantivas), de grupos substantivos ou de orações substantivas não precedidos de preposição:

✓ *O estudante leu* *os livros de Física* – *O estudante leu-OS*;
✓ *Escrevi* *as cartas* – *Escrevi-AS*;
✓ *Disse* *que não o lera* – *Disse-O*.

✎ **OBSERVAÇÃO.** Estes pronomes exercem sempre, como veremos na Sexta Parte, a função de *objeto direto*.

→ *Lhe*, *lhes* só se empregam em lugar de substantivos antecedidos da preposição *a* ou da preposição *para*:

✓ *Deu o tratado de Física* *ao estudante* – *Deu-LHE o tratado de Física*;
✓ *Os reis magos levaram presentes* *para o Menino Jesus* – *Os reis magos levaram-LHE presentes.*

✎ **OBSERVAÇÃO.** Nem sempre, todavia, estes pronomes podem usar-se em lugar de substantivos ou de grupos substantivos antecedidos da preposição *a* ou da preposição *para*: não o podem, por exemplo, em *Atentem* *à partitura* nem em *Para José*(,) *este tratado de Física é falho.* Na verdade, como o veremos em Sintaxe, *lhe* e *lhes* só se usam na função de *objeto indireto ou dativo* (como nos exemplos acima) ou, muitas vezes, na de *dativo livre* (como em *Não LHE frustres as esperanças*).

→ *Me, te, se, nos, vos, se* podem empregar-se em lugar de substantivos/locuções substantivas ou de grupos substantivos, na função de objeto direto; ou em lugar de substantivos antecedidos de preposição, na função de objeto indireto. Exemplos:

- ✓ *Viu-me ontem* (OBJETO DIRETO);
- ✓ *Deu-te o endereço?* (OBJETO INDIRETO OU DATIVO);
- ✓ *A menina penteava-se diante do espelho* (OBJETO DIRETO [REFLEXIVO]);
- ✓ *A enfermeira assistiu-nos na cirurgia* (OBJETO DIRETO);
- ✓ *Escrever-vos-á uma carta* (OBJETO INDIRETO OU DATIVO);
- ✓ *Buscam agradar-se uns aos outros* (OBJETO INDIRETO OU DATIVO [DE MUTUALIDADE]).

OBSERVAÇÃO 1. Em orações como *Necessita-SE de empregados, Estudou-SE muito ontem* e *Estava-SE muito contente*, comumente conhecidas como "de sujeito indeterminado", o pronome *se* é INDEFINIDO e equivale a outro pronome indefinido, *alguém* (ou *alguns*), que por sua vez equivale ao grupo substantivo *alguma pessoa* (ou *algumas pessoas*).

OBSERVAÇÃO 2. *Me/nos, te/vos* e *se*, além de usar-se como visto acima, usam-se ainda de maneira diversa:

- ✓ *Lembrei-ME da palavra*;
- ✓ *O cão assustou-SE*;
- ✓ *Feristes-VOS na explosão?*;
- ✓ *Vendem-SE casas*;
- ✓ *Não TE queixes de tuas penas*;
- ✓ *Fomo-NOS daquele antro.*

Note-se que em todos os exemplos o pronome não equivale a nenhum substantivo nem a nenhum grupo substantivo, razão por que só podem dizer-se pronomes impropriamente ou por certo ângulo. Trata-se de assunto complexo que se tratará no capítulo das vozes verbais.

- Depois, os TÔNICOS.

→ Os tônicos só se usam antecedidos de preposição e, com mais propriedade, na função sintática de *complemento relativo*, na de *complemento nominal* ou, mais raramente, na de *predicativo* e na de *adjunto adnominal*. Nestas funções, são diversas as preposições de que os tônicos se antecedem:

- ✓ *Falaram de* MIM, *sobre* VÓS, *con*VOSCO, etc. (COMPLEMENTO RELATIVO);
- ✓ *Pensava em* TI, *em* SI *mesmo*, etc. (COMPLEMENTO RELATIVO; o segundo é, ademais, REFLEXIVO);

- ✓ – *Assististe à peça? – Não assisti A ELA*, etc. (COMPLEMENTO RELATIVO);
- ✓ *É grande seu carinho por NÓS*, etc. (COMPLEMENTO NOMINAL);
- ✓ *Estamos CONTIGO* (PREDICATIVO);
- ✓ *A descoberta DELE* (de Pasteur, por exemplo), etc. (ADJUNTO ADNOMINAL).[23]

→ Usam-se ainda na função de *objeto direto* e na de *objeto indireto ou dativo.* Atente-se, porém, às seguintes e complexas distinções.

• Se se têm por marco de referência os melhores escritores, não se usam com toda a propriedade e elegância os tônicos nestas funções, a não ser que se trate de *objeto direto pleonástico* e de *objeto direto não pleonástico* que se siga a este de algum modo, ou ainda de *objeto indireto (ou dativo) pleonástico* ou de *objeto indireto (ou dativo)* que se siga a este de algum modo. Deem-se exemplos:

- ✓ Construção recomendável: *Viu-ME.* – Evite-se, pois, “Viu ‘a mim’”, conquanto se possa com toda a propriedade e elegância escrever *Viu-me A MIM* (OBJETO DIRETO PLEONÁSTICO) *e A ELE* (OBJETO DIRETO NÃO PLEONÁSTICO QUE SE SEGUE A PLEONÁSTICO);
- ✓ Construção recomendável: *Escutaram-NA.* – Evite-se, pois, “Escutaram ‘a ela’”, conquanto se possa com toda a propriedade e elegância escrever *Escutaram-na A ELA* (OBJETO DIRETO PLEONÁSTICO) *e A NÓS* (OBJETO DIRETO NÃO PLEONÁSTICO QUE SE SEGUE A PLEONÁSTICO);
- ✓ Construção recomendável: *Feriu-SE sem querer.* – Evite-se, pois, “Feriu ‘a si [mesmo]’”, conquanto se possa com toda a propriedade e elegância escrever *Feriu-se A SI [mesmo]* (OBJETO DIRETO [REFLEXIVO] PLEONÁSTICO) *e A MIM* (OBJETO DIRETO NÃO PLEONÁSTICO QUE SE SEGUE A PLEONÁSTICO) *sem querer*;
- ✓ Construção recomendável: *Deu-LHE o livro.* – Evite-se, pois, “Deu o livro ‘a ela’”, conquanto se possa com toda a propriedade e elegância escrever *Deu-lhe o livro A ELA* (OBJETO INDIRETO [OU DATIVO] PLEONÁSTICO), *não A NÓS* (OBJETO INDIRETO [OU DATIVO] NÃO PLEONÁSTICO QUE SE SEGUE A PLEONÁSTICO);
- ✓ Construção recomendável: *Falamos-TE.* – Evite-se, pois, “Falamos ‘a ti’”, conquanto se possa perfeitamente escrever *Falamos-te A TI* (OBJETO INDIRETO [OU DATIVO] PLEONÁSTICO) *e A ELA* (OBJETO INDIRETO [OU DATIVO] NÃO PLEONÁSTICO QUE SE SEGUE A PLEONÁSTICO);

---

[23] Considere-se porém que o melhor em casos como este é usar o pronome possessivo: *sua descoberta* – a não ser que se use *dele(s)* ou *dela(s)* em função diacrítica.

- ✓ Construção recomendável: *Responderam-NOS*. – Evite-se, pois, “Responderam ‘a nós’”, conquanto se possa perfeitamente escrever *Responderam-nos A NÓS* (OBJETO INDIRETO [OU DATIVO] PLEONÁSTICO) *e A VÓS* (OBJETO INDIRETO [OU DATIVO] NÃO PLEONÁSTICO QUE SE SEGUE A PLEONÁSTICO);
- ✓ Construção recomendável: *Obedeçam-LHES*. – Evite-se, pois, “Obedeçam ‘a eles’”, conquanto se possa perfeitamente escrever *Obedeçam-lhes A ELES* (OBJETO INDIRETO [OU DATIVO] PLEONÁSTICO), *não A NÓS* (OBJETO INDIRETO [DATIVO] NÃO PLEONÁSTICO QUE SE SEGUE A PLEONÁSTICO).

⇗ **OBSERVAÇÃO 1.** *Consigo* usa-se unicamente de modo REFLEXIVO: *Falava CONSIGO* (ou seja, falava com sua própria pessoa).

▫ Naturalmente, há exemplos em bons escritores do uso que dizemos menos apropriado e menos elegante:

- ✓ “Nem ele entende *a nós*, nem nós a ele” (CAMÕES), quando o melhor seria “Nem ele *nos* entende *a nós*, nem nós a ele”;[24]
- ✓ “E, como estivessem medrosas e com os olhos no chão, disseram *para elas* [em vez do mais apropriado “disseram-*lhes*” ou “disseram-*lhes a elas*”]: Por que buscais entre os mortos o que vive?” (PE. ANTÓNIO PEREIRA DE FIGUEIREDO).

Basta porém uma consulta ao indispensável *Dicionário de Verbos e Regimes* de Francisco Fernandes para constatar a justeza do dito aqui: são parquíssimos os exemplos em que se usam oblíquos tônicos da maneira que dizemos menos recomendável.

⇗ **OBSERVAÇÃO 2.** Considere-se apropriado e elegante ainda o seguinte uso dos seguintes oblíquos tônicos: “A quem cuidas que venceram os godos? *a mim*? Não por certo, senão *a ti*” (PE. MANUEL BERNARDES). O *a mim* solitário supõe a oração elíptica *Que me venceram (a mim)?*, enquanto o *a ti* supõe (*senão*) *que te venceram* (*a ti*).

⇗ **OBSERVAÇÃO 3.** Em “No latim eram quatro os pronomes demonstrativos. *Todos eles* conserva o português” (PACHECO DA SILVA JR. & LAMEIRA DE ANDRADE), o pronome oblíquo tônico *ele* se usa não antecedido de preposição (e na função de objeto direto). Preferiríamos dar outro torneio à oração: *O português conserva-os a todos*; *Conserva-os a todos o português*; *A todos conserva-os o português*; *A todos o português os conserva*; *Todos se conservam em português*; *Conservam-se todos em português*; etc. – Diga-se o mesmo do uso de pronome tônico sem preposição regido do adjetivo *só*: “Quero estes dois cadernos, *SÓ eles*”. Preferiríamos dar outro torneio à oração: *Quero apenas/somente/tão somente estes dois cadernos*; *Quero estes dois cadernos, mais nenhum/nenhum mais*; etc.

---

[24] Talvez, todavia, Camões tenha sido levado a este uso pela necessidade métrica: com efeito, o elegante *nos* levaria o verso a 12 sílabas, em vez das 10 de rigor aqui.

3.a.2. ALTERAÇÕES NA FIGURA DOS PRONOMES OBLÍQUOS.

3.a.2.a. Os pronomes *o, a, os, as* podem ter a figura alterada segundo sua posição com respeito ao verbo.

- Se estão em PRÓCLISE, ou seja, antes do verbo, mantêm a figura original:

✓ *Não* O *entendemos. As crianças* AS *leram*; etc.

- Se estão em ÊNCLISE, ou seja, depois do verbo, ligam-se a este por hífen, e sua figura depende da terminação do mesmo verbo.

→ Se a forma verbal terminar em *vogal* ou em *ditongo oral*, estes pronomes ainda mantêm a figura original:

✓ *Lê-*O; *Apregoei-*AS; etc.

→ Se porém a forma verbal terminar em *-r*, em *-s* ou em *-z*, suprimem-se estas consoantes, e o pronome assume uma das figuras *lo, la, los, las*:

✓ *Vê-*LO (ver + O); *Encontramo-*LA (encontramos + A); *Fê-*LOS (fez + OS).

OBSERVAÇÃO. Dá-se o mesmo quando vêm enclíticos ao designativo *eis* e aos pronomes *nos* e *vos*:

✓ *Ei-*LO (eis + O); *Não no-*LO *disse* (nos + O); *Há de explicar-vo-*LO (vos + O).

→ Se, por fim, a forma verbal terminar em *m* ou em *ditongo nasal*, o pronome assume uma das figuras *no, na, nos, nas*:

✓ *Leem-*NO (leem + O); *Trouxeram-*NAS (trouxeram + AS); *São-*NO (são + O); *Põe-*NOS (põe + OS).[25]

- Ao *futuro do presente* e ao *futuro do pretérito* o pronome oblíquo não pode vir enclítico, ou seja, não pode pôr-se depois do verbo. Pode dar-se, então, a MESÓCLISE do pronome, ou seja, sua colocação no *meio* do verbo: *dar-*LHE*-ei*, *far-*NOS*-á*, etc. E, se se trata dos pronomes *o, a, os, as*, sempre se converterão em *lo, la, los, las* porque, no meio destas duas formas verbais, sempre estarão enclíticos à desinência *-r* de infinitivo:

✓ *Pesquisá-*LO*-á* (pesquisar + O); *Convertê-*LAS*-emos* (converter + AS); etc.

3.a.2.b. Quando em uma mesma oração aparecem dois pronomes átonos, um substituindo substantivo não antecedido de preposição e outro substituindo substantivo antecedido da preposição *a* ou da preposição *para*, tais pronomes SE AGLUTINAM ou simplesmente SE ASSOCIAM, conforme a regras precisas.

---

[25] Neste caso, dá-se identidade material entre *dão-*NOS (dão + O) e *dão-*NOS (dão + NOS), a qual pode ser fonte de ambiguidade. Se o for, evite-se esta de maneira adequada.

- *Me, te, nos, vos, lhe* e *lhes* aglutinam-se com *o, a, os, as* ou justapõem-se a estes:
  - ✓ *mo* (me + o), *ma* (me + a), *mos* (me + os), *mas* (me +as): *Entregou-te as partituras? – Entregou-MAS*;
  - ✓ *to* (te + o), *ta* (te +a), *tos* (te + os), *tas* (te +as): *Dir-me-ás o endereço? – Dir-TO-ei*;
  - ✓ *lho* (lhe + o), *lha* (lhe +a): *Obedeçam à sua ordem – Obedecer-LHA-emos*;
  - ✓ *no-lo* (nos + [l]o), *no-la* (nos + [l]a), *no-los* (nos + [l]os), *no-las* (nos + [l]as): *Mostrou-vos o projeto? – NO-LO mostrou*;
  - ✓ *vo-lo* (vos + [l]o), *vo-la* (vos + [l]a), *vo-los* (vos + [l]os), *vo-las* (vos + [l]as): *O projeto, ele VO-LO mostrará*;
  - ✓ *lhos* (lhes + os), *lhas* (lhes + as): *Outorgaram-lhes os prêmios? – Sim, outorgaram-LHOS.*

⇗ **OBSERVAÇÃO 1.** As combinações *lho*(*s*) e *lha*(*s*) como equivalentes de *lhes* + *o*(*s*) e *lhes* + *a*(*s*) são conservações da língua antiga: nesta, com efeito, o pronome *lhe* empregava-se tanto para o singular como para o plural.

⇗ **OBSERVAÇÃO 2.** O pronome *se* não se aglutina com os pronomes *me, te, nos, vos, lhe, lhes*, senão que SE ASSOCIA a eles. Quando antepostos ao verbo, mantêm-se separados; quando pospostos, juntam-se por hífen:

- ✓ *Por isso mesmo a proposta* SE NOS *afigurou satisfatória*;
- ✓ *A proposta, por isso mesmo, afigurou-SE-NOS satisfatória*;
- ✓ *Dado que o recato* SE LHES *foi impondo pouco a pouco* [...];
- ✓ "[...] o banditismo franco impôs-SE-LHES como derivativo à vida desmandada" (EUCLIDES DA CUNHA).

⇗ **OBSERVAÇÃO 3.** Atente-se porém a que o pronome *se*, diferentemente do que ocorre, *mutatis mutandis*, em espanhol, nunca se associa em português aos pronomes *o, a, os, as*. Não se escreva, portanto, "Viu-se-o passar", mas simplesmente *Viu-se passar*, ou *Viu-se o homem passar*, ou *Viu-se aquilo passar*, etc.

⇗ **OBSERVAÇÃO 4.** Os pronomes *me, te, nos* e *vos* não podem dar-se juntamente. Nestes casos, usa-se a forma tônica correspondente:

- ✓ *Recomendou-TE A MIM* (e não um "recomendou-te-me"); *referiram-VOS A NÓS* (e não um "referiram-vos-nos"); etc.

Note-se, aliás, a insuperável ambiguidade das formas vetadas.

3.a.2.c. Quando os oblíquos tônicos *ele*(*s*) e *ela*(*s*) se antecedem das preposições *de* e *em*, com estas se aglutinam:

- *dele*(*s*) [de + ele(s)], *dela*(*s*) [de + ela(s)]: *a casa* DELA, etc.;

- *nele(s)* [em + ele(s)], *nela(s)* [em + ela(s)]: *Bela casa:* NELA *nos sentimos a gosto*, etc.

> Constitui erro, todavia, aglutinar a preposição *de* e os pronomes *ele(s)* e *ela(s)* quando estes forem retos: o correto é *Está na hora de as crianças irem para a cama* (e não um "Está na hora *das* crianças irem para a escola"). Esclarecer-se-á no momento oportuno.

3.α.3. Hoje, como vimos, de ordinário já não podem decompor-se para uso as formas aglutinadas *comigo, contigo, consigo, conosco, convosco, consigo* (este exclusivamente reflexivo). Se, porém, a *conosco* e *convosco* se pospuser um dos determinativos *outros, todos, mesmos* e *próprios*, aqueles se substituirão pelas respectivas formas *nós* e *vós*:

✓ *com nós outros, com nós todos, com vós mesmos*, etc. (e não "conosco outros", "conosco todos", "convosco mesmos", etc.).

3.α.4. EMPREGOS DOS PRONOMES PESSOAIS.

3.α.4.a. Antes de tudo, dos RETOS.

- Há já mais de um século, estendeu-se no Brasil o uso do antigo pronome de reverência *você* (< *vosmecê* < *vossemecê* < *vossa mercê*), materialmente de terceira pessoa do singular, em lugar de *tu*; e o de *vocês* em lugar de *vós*. Parece-nos perda lastimável, porque desordena não só o paradigma dos pronomes retos, mas também os relacionados a ele: com efeito, na escrita os possessivos *seu(s)* / *sua(s)* tornaram-se radicalmente ambíguos, e precisam não raro ser substituídos por *dele(s)* / *dela(s)*; e, como se perderam as desinências de segunda pessoa para indicar a pessoa com que se fala, passaram a abundar *você* e *vocês* onde antes, por economia de meios e pois por elegância de estilo, podiam ficar elípticos ou ocultos *tu* e *vós*. Naturalmente, também estes últimos sempre se usaram, mas por ênfase, ou por paralelismo, ou por alguma necessidade eventual de clareza. Pois bem, usem-se *tu* e *vós* sempre que possível, sobretudo na escrita, e especialmente na tradução de obras clássicas.

OBSERVAÇÃO 1. E, de maneira geral, não se usem os pronomes retos senão, insista-se, por necessidade de clareza (sobretudo quando se tratar de formas verbais atribuíveis a mais de uma pessoa),[26] de ênfase ou de paralelismo.[27]

---

[26] É o que se dá entre a primeira pessoa e a terceira do singular no imperfeito e no mais-que-perfeito do indicativo (*eu falava, ele falava; eu falara, ele falara*) e entre essas mesmas pessoas em todos os tempos do subjuntivo e no infinitivo pessoal (*eu fale, ele fale; eu falasse, ele falasse; eu falar, ele falar*), além de outros casos isolados (*eu disse, ele disse*).

[27] Um caso de paralelismo: *Enquanto tu dormias, ele trabalhava.*

⇗ **Observação 2.** Além de *você(s)*, usam-se correntemente outros pronomes formalmente de segunda pessoa, porque servem para que nos dirijamos a alguém, mas materialmente de terceira, porque a forma verbal que lhes corresponde também o é. São os **PRONOMES**

- **DE RESPEITO OU CERIMÔNIA:**
  - ✓ *o(s) Senhor(es)* [*Sr. / Srs.*];
  - ✓ *a(s) Senhora(s)* [*Sra. / Sras.*];
  - ✓ *a(s) senhorita(s)* [*Srta. / Srtas.*][28] e
- **DE REVERÊNCIA:**
  - ✓ *Vossa Alteza* [V.A.] (para os príncipes, para os arquiduques, para os duques);
  - ✓ *Vossa Eminência* [V. Em.ª] (para os cardeais);
  - ✓ *Vossa Excelência* [V. Ex.ª] (para altas autoridades e para os generais das Forças Armadas; mas em Portugal para qualquer pessoa a quem se queira manifestar grande respeito);
  - ✓ *Vossa Excelência Reverendíssima* [V. Ex.ª Rev.ᵐᵃ] (para os arcebispos e para os bispos);
  - ✓ *Vossa Magnificência* [V. Mag.ª] (para os reitores de Universidade);
  - ✓ *Vossa Majestade* [V. M.] (para os imperadores e para os reis);
  - ✓ *Vossa Paternidade* [V. M.] (para os abades e para os superiores de convento em geral);
  - ✓ *Vossa Reverendíssima* [V. Rev.ª / V. Rev.ᵐᵃ] (para os sacerdotes em geral);
  - ✓ *Vossa Santidade* [V. S.] (para o Papa);
  - ✓ *Vossa Senhoria* [V. S.ª] (para os funcionários públicos graduados e para os oficiais até coronel; na linguagem escrita do Brasil, para quaisquer pessoas de cerimônia).

→ Quando porém não nos dirigimos *a* estas autoridades, mas falamos *d*elas, então mais convenientemente se substitui *vossa* por *sua*: *Sua Alteza*, *Sua Eminência*, *Sua Excelência*, e assim sucessivamente.

➢ No colóquio brasileiro, usa-se comumente *a gente* tanto por *nós* como por *eu*. Evite-se na escrita quando não se tratar de reproduzir, literariamente, o mesmo falar coloquial.

---

[28] Correspondem aos espanhóis *usted* e *ustedes*.

- Pode realçar-se o pronome reto mediante o reforço de *mesmo* ou de *próprio*:

✓ *Vós* MESMOS *deveis dizer-lho*; *Ele* PRÓPRIO *deu-nos a notícia*; etc.

Outra maneira de fazê-lo é pospor-lhe a expressão É QUE:

✓ *Vós (mesmos)* É QUE *devíeis dizer-lho*; *Ele (próprio)* É QUE *nos deu a notícia*; etc.

✎ **Observação.** Aliás, *é que* pode usar-se até em início de frase, onde é polifuncional: é realçador, é continuativo e é, de certo modo, explicativo. – Quanto à função continuativa, assemelha-se a *E* e a *Pois* em início de frase (ou até de texto): *E o vento levou*, etc. Se assim é, fique desde já a lição: pode-se, sim, por este e por outros motivos, começar frase por *É*, por *É que*, por *E*, por *Pois* e por *Mas*. Aprofundar-se-á o assunto na Décima Parte.

- Quanto se tem um *pronome de primeira pessoa* num sujeito composto (ou seja, constituído por mais de um núcleo), convém civilmente pô-lo em último lugar:

✓ *O reitor, o professor e eu fomos falar com o aluno.*

Proceda-se inversamente, todavia, se o que se predica do sujeito implica responsabilidade em algo mau:

✓ *Eu, o professor e o reitor havemos de reconhecer que erramos com o aluno.*

→ É regra infelizmente esquecida em nossa língua, conquanto (ainda) se mantenha viva em inglês, em espanhol, etc. Reavivemo-la.

- O pronome reto *nós*, por sua vez, pode usar-se *pela primeira pessoa do singular* de duplo modo.

◆ Como PLURAL DE MODÉSTIA. Com efeito, referindo-se a si mesmo como a um nós, o escritor ou o orador evita o desagradável da autorreferência repetida.

→ Não obstante, quando *nós* é PLURAL DE MODÉSTIA, convém deixar no singular os adjetivos que o determinam. Retoma assim seu posto, de algum modo, o eu. Exemplo:

✓ *Estamos certo da necessidade da Gramática.*

◆ Como PLURAL DE MAJESTADE. Aqui o fim é o contrário do fim do anterior: quando um papa ou um rei se referem a si mesmos como a um nós, querem justamente luzir a excelsitude de seu cargo e poder.

- Por outro lado, como FÓRMULA DE CORTESIA E DE DEFERÊNCIA para com a autoridade a que nos dirigimos, usamos a *terceira pessoa pela primeira* ao fazer um requerimento.

✎ **Observação geral 1.** Por todo o dito a respeito dos pronomes retos, é erro grave, ou seja, infringe o padrão culto atual, o uso destes pronomes em outra função que a de sujeito ou a de predicativo: diga-se *ouvi-*O e não "ouvi ele", *mandei-*A *sair* e não "mandei ela sair", *leva-*ME e não "leva eu", etc.

✎ **Observação geral 2.** Deve relembrar-se ainda o uso, também muito surpreendente, de *si* – pronome oblíquo de TERCEIRA PESSOA exclusivamente REFLEXIVO – como pronome formalmente de segunda pessoa: "Gosto muito de si" (quando o normal seria "de ti", ou "de você", ou "do senhor", etc.); "Queremos falar consigo" (quando o normal seria "contigo", ou "com você", ou "com o senhor", etc.). Trata-se de outra quebra radical de paradigma, razão por que deve evitar-se com afinco tanto na escrita como na fala.

✎ **Observação 3.** É licitíssimo, ao contrário, insista-se, o uso dos retos *ele(s)* e *ela(s)* para substituir nome de coisa, contrariamente ao que, talvez por influência do inglês (que tem o neutro *it* só para coisas), não raro se pensa: *É de uma mesa assim que necessitaria:* ELA *me facilitaria o trabalho.* Tenha-se tão só o cuidado de não usar tais pronomes para substituir substantivo que, cristalizado, se usa com sentido indeterminado em certas expressões fixas: *dizer verdade, pedir perdão*, etc. Podem porém usar-se para fazê-lo se tais substantivos perdem a indeterminação: *Pediu-me o perdão, e* ELE *foi-lhe dado.*

3.α.4.b. Empregos, agora, dos OBLÍQUOS.

- Para realçar um substantivo ou um grupo substantivo na função de COMPLEMENTO VERBAL, costuma usar-se PLEONÁSTICA ou ENFATICAMENTE o pronome oblíquo.[29]

→ Se se trata de substantivo ou de grupo substantivo não antecedidos de preposição, ou seja, na função de OBJETO DIRETO, temos dois recursos:

▫ ou pô-los no início da oração e substituí-los depois por uma das formas pronominais *o, a, os, as*:

✓ "Árvore, filho e livro, queria-OS perfeitos" (VIANNA MOOG, *Toia*);
✓ *Embusteiros dessa estirpe(,) há-*OS *em profusão*;
✓ etc.;

▫ ou pô-los antecedidos de preposição (*a*) de reforço também no início da oração e substituí-los depois ainda por uma das formas pronominais *o, a, os, as*:

✓ *A Pedro(,) não* O *vimos ontem*;
✓ *Às galáxias mais distantes(,) é difícil captá-*LAS;
✓ etc.

---

[29] Já vimos, ademais, o caso dos oblíquos tônicos usados pleonasticamente com respeito a pronomes oblíquos átonos.

OBSERVAÇÃO. Com este último recurso, preposicionamos o objeto direto antecipado.

→ Se se trata de substantivo ou de grupo substantivo naturalmente antecedidos de preposição *a*, ou seja, na função de OBJETO INDIRETO OU DATIVO, podemos pô-los no início da oração e substituí-los depois por *lhe* ou *lhes*:

✓ *A seus pais(,) diga-LHES sempre a verdade.*

→ Se, porém, como vimos, se trata já de pronome oblíquo átono, podemos fazer que o acompanhe sua correspondente forma tônica antecedida de *a*:

✓ *Ouviu-**se** A SI (mesmo) na gravação*;

✓ *Vimo-**la** A ELA no documentário*;

✓ *Falou-**nos** A NÓS, não (vos) falou A VÓS*;

✓ *Perguntei-**me** A MIM (mesmo) sobre o tema*;

✓ *Deu-**lhes** razão A ELES*;

✓ "Não ***te*** mirou A TI, A TI também sem cor" (ALPHONSUS DE GUIMARAENS).

- Apesar da tendência coloquial em contrário, a preposição *entre* não pode reger forma reta. Como *até*, *entre* requer *mim* e *ti*:

✓ *Entre a sabedoria e MIM medeia grande esforço*;

✓ *Hão de fortalecer-se os laços entre TI e MIM*;

✓ *Tragam até MIM a postulante*;

✓ *Também até TI chegará o mau rumor.*

→ Não se diga, pois, em exemplos como os postos acima, "entre tu e eu", "trouxeram até eu", etc. Não se confunda porém este caso com o caso em que *entre* rege não dois pronomes, mas duas orações: ***Entre*** *TU apresentares tua tese e EU (apresentar) a minha, decorrerá um tempo*; nem com o caso em que *até* é, em verdade, advérbio: ***Até*** *(mesmo, ainda) TU já o pudeste confirmar*. Nestes não há erro, senão que é a única maneira correta.

- Semelhantemente ao caso anterior, e contrariamente ao que se dá na linguagem popular do Brasil, *mim* e *ti* não podem ser sujeito de infinitivo. Escreva-se e diga-se, pois, *para eu ler*, *para tu dormires* (e não "para mim ler", "para ti dormir", que ferem ainda o padrão culto). (*Para*) *eu ler* é redução a infinitivo da oração desenvolvida (*para que*) *eu leia*, e (*para*) *tu dormires* é-o da oração desenvolvida (*para que*) *tu durmas*. Se assim é, em ambos os casos a preposição *para* não rege o pronome (*eu* e *tu*), mas a oração inteira (*eu ler* e *tu dormires*). Já outro é o caso quando a preposição *para* rege unicamente o pronome: então este se declina e se torna oblíquo (*Leu a carta só para mim* [e não "para eu"]; *Cantou para ti* [e não "para tu"]; *Para ti, que texto convém traduzir agora?*).

> ➢ A ambos estes casos voltaremos na parte de SINTAXE DE CONCORDÂNCIA.
>
> ➢ As únicas preposições que *exigem* os pronomes retos *eu* e *tu* são primitivos advérbios (*afora, fora*) ou primitivos adjetivos (*exceto, menos, salvo, tirante*):
>
> ✓ *afora eu, exceto tu, tirante tu*, etc.
>
> ➢ Por outro lado, como se verá em momento próprio, os pronomes oblíquos átonos podem desempenhar em certas construções, cumulativamente, a função de *complemento do verbo* e a de *sujeito*: *mandou-*-OS *meditar*; *Ele viu-*SE *ceder ao indevido*; etc. É herança do latim.

- Para os pronomes *me, te, se, nos, vos, se* serem de fato reflexivos, é preciso que a ação designada pelo verbo que eles complementam possa aplicar-se também a outrem:

✓ *Maria cobre-*SE/*Maria cobre a filha*;

✓ *Protegemo-*NOS/*Protegemos nossa filha*.

→ Mas nem sempre a recíproca é verdadeira: com efeito, embora possamos ter um *O gato assustou o rato*, onde o *gato* é formal ou significativamente o agente da ação verbal, em *O gato assustou-se* não se dá verdadeiramente ação reflexiva, porque aqui o *gato*, formal ou significativamente falando, é antes paciente que agente da ação verbal. Ademais, note-se a diferença entre *alguém ferir-se voluntária ou involuntariamente a si mesmo* e *alguém ferir-se num acidente*: trata-se de identidade meramente material. Tudo isso tem que ver com as vozes verbais e se estudará quando as estudarmos.

→ Tais distinções, todavia, são a razão para usar o pleonástico *a si mesmo* quando se tratar de efetiva AÇÃO REFLEXIVA: escrever *ferir-se a si mesmo* distingue-o inequivocamente não só de *ferir-se* (num acidente), mas de *ferir-se* enquanto "ser ferido". Ainda há, porém, a possível confusão entre o *se* REFLEXIVO e o *se* de RECIPROCIDADE ou MUTUALIDADE: em *Felicitaram-se pelo êxito*, não se pode ter certeza de se cada pessoa do sujeito plural se felicitou a si mesma ou, ponha-se, se duas pessoas desse mesmo sujeito se felicitaram uma à outra. Fiquem pois como regras:

- sempre, insista-se, que houver o MENOR risco de ambiguidade ao usar o *se* REFLEXIVO, acrescente-se-lhe *a si mesmo*(*s*) (ou *a si mesma[s]*): *Feriu-se* A SI MESMO;
- sempre que houver o MENOR risco de ambiguidade ao usar o *se* de RECIPROCIDADE ou MUTUALIDADE, acrescente-se-lhe *entre si*, ou *um*(*s*) *ao outro*(*s*), ou *reciprocamente*, ou *mutuamente*: *Convenceram-se* UM AO OUTRO;

a e, sempre que se tratar de *se* REFLEXIVO com possibilidade de confundir-se com o *se* de reciprocidade ou mutualidade, acrescente-se-lhe *cada um a si mesmo*: *Felicitaram-se* CADA UM A SI MESMO *pelo êxito*.

OBSERVAÇÃO 1. Ainda porém que não haja risco de ambiguidade, mas se se dá alguma necessidade de ênfase, não constitui erro lançar mão de tais recursos pleonásticos: por exemplo, em *Viu-se* A SI MESMO *no espelho*.

OBSERVAÇÃO 2. Já se tornou tópico entre os gramáticos o afirmar que os pronomes átonos podem usar-se como possessivos: assim, em *Tremiam-te as mãos* ou em *Ruiu-lhe a hipótese*, o *te* e o *lhe* estariam respectivamente por *tuas* e *sua*. Mas parece que se deve dizer melhor. Que nestes casos o pronome átono cossignifique ou também expresse *posse*, não há negá-lo. Que porém seja aí possessivo, com função sintática, portanto, de adjunto adnominal, sim, negamo-lo. Como veremos em seu momento, trata-se em verdade de DATIVO DE POSSE: "Tremiam as mãos a ti" e "Ruiu a hipótese a ele". Como seja, porém, *sempre que possível* e pois *sem abuso*, usem-se tais pronomes dativos em lugar de possessivos: imprimem vigor e elegância à frase. Voltaremos ao assunto ao tratar os pronomes possessivos.

- Antecipe-se por fim algo atinente à regência verbal: o uso dos pronomes oblíquos com verbos de regência diversa. Explique-se. Se se trata de dois verbos de mesma regência, pode usar-se de diferente maneira, segundo o caso, o pronome oblíquo em referência a uma mesma pessoa ou a uma mesma coisa. Ponham-se os verbos *apresentar* e *ensinar*:

✓ *Ele me apresentou e ensinou a Filosofia*;
✓ *Ele me apresentou e me ensinou a Filosofia* (repetição enfática);
✓ *Ele apresentou-me e ensinou-me a Filosofia* (a única possível se se recorre à ênclise).

Diga-se o mesmo se se trata de qualquer outro tempo verbal, como o futuro do presente:

✓ *Ele me apresentará e ensinará a Filosofia*;
✓ *Ele me apresentará e me ensinará a Filosofia* (repetição enfática);
✓ *Ele apresentar-me-á e ensinar-me-á a Filosofia* (a única possível se se recorre à mesóclise).

Já nada disso valerá, todavia, se se tratar de verbos de regência diferente. Se se escrevesse "Márcia amiúde pensa e fala de nós", incorrer-se-ia em erro, porque, se de fato o verbo *falar* requer a preposição *de* (*fala* DE *nós*), não assim o verbo *pensar*, que *aqui* requer a preposição *em*. Mas o exemplo dado não exibe esta preposição, e nele este último verbo fica sem a correspondente e devida preposição – razão por que a oração não está bem construída. Trata-se de cânone da Gramática portuguesa segundo o padrão culto atual. Escreva-se, pois:

✓ *Márcia amiúde pensa* EM *nós e fala* DE *nós.*

→ Se todavia não se trata de pronome oblíquo, mas de substantivo, pode escrever-se de duplo modo:

✓ ou *Márcia amiúde pensa* NO *assunto e fala* DELE*,*

✓ ou *Márcia amiúde pensa* NO *assunto e fala* DO *assunto* (repetição enfática).

B. Os Pronomes Demonstrativos

3.β.1. Os chamados PRONOMES DEMONSTRATIVOS reduzem-se tanto a ***substantivos*** como a ***adjetivos*** (***determinativos***) e são sempre pronomes propriamente ditos. São de diversas espécies: *este, esse, aquele,* etc.; *o* e *a*; *semelhante* e *tal*. Há ainda o complexo caso de *mesmo* e de *próprio*: vê-lo-emos mais adiante.

3.β.1.a. Primeiramente, os que compõem o seguinte paradigma:

Masculino	Feminino	NEUTRO
Este	Esta	Isto
Esse	Essa	Isso
Aquele	Aquela	Aquilo

→ Os NEUTROS são **sempre** *substantivos*, enquanto os MASCULINOS e os FEMININOS são *adjetivos* (*determinativos*), na maioria das vezes, ou *substantivos* (mas como substantivos, como se verá, por vezes adquirem o caráter de indefinidos).

⇗ **OBSERVAÇÃO.** Os demonstrativos masculinos e os femininos não podem dizer-se propriamente substantivos quando usados em referência a substantivo elíptico, porque, para que fossem de fato substantivos, haveriam de pôr-se em *lugar dele*. Não é o que se dá neste exemplo: *Consideremos este assunto, não aquele* (*assunto*). Fica-se algo indeciso diante de, por exemplo, *Meu livro é este*; mas ainda aqui nos parece possível supor o substantivo *livro* elíptico. – Sem dúvida alguma, todavia, tais pronomes são *substantivos* em casos como este: *Aquele que despreza o saber, esse está fadado a não progredir.*

§ EMPREGOS DESTA ESPÉCIE DE PRONOMES DEMONSTRATIVOS.

- Em seu PRIMEIRO USO, os da primeira linha (*este, esta, isto*) referem-se de *algum modo* à primeira pessoa do discurso (*eu/nós*). Os da segunda linha (*esse, essa, isso*), à segunda pessoa do discurso (*tu/vós*). Os da terceira linha (*aquele, aquela, aquilo*), à terceira pessoa do discurso (*ele-ela/eles-elas*). Referem-se a elas, porém, de modo vário.

◆ Neste uso, os NEUTROS, como substitutos de substantivos, obviamente designam substâncias, mas fazem-no considerando-as por sua localização com respeito às pessoas do discurso.

→ Por PROXIMIDADE ou AFASTAMENTO:

✓ *Isto me chegou ontem*; *Isto que me acompanha*... (1ª. pessoa);

✓ *Isso que tens nas mãos*...; *Isso que está diante de ti*... (2ª. pessoa);

✓ *Aquilo que está nas mãos de seu filho*...; *Aquilo* (*que está longe de ti e de mim*)... (3ª. pessoa).

→ Por LUGAR OU COISA EM QUE SE ESTÁ:

✓ *Isto* (*em que estou sentado*) *é um escabelo* (1ª. pessoa);

✓ *Isso* (*em que estás sentado*) *é um escabelo* (2ª. pessoa);

✓ *Aquilo* (*em que seu filho está sentado*) *é um escabelo* (3ª. pessoa).

◆ Neste uso, os MASCULINOS E OS FEMININOS, como adjetivos determinativos, modificam um substantivo, mas fazem-no dando-lhe como certa medida a localização com respeito às pessoas do discurso.

→ Por PROXIMIDADE ou por AFASTAMENTO:

✓ *Este livro* (*que tenho nas mãos*)...; *Este quadro* (*que está atrás de mim*)... (1ª. pessoa);

✓ *Essa carta* (*que tens nas mãos*)...; *Essa janela* (*que está diante de ti*)... (2ª. pessoa);

✓ *Aquele brinquedo* (*que está nas mãos de teu filho*)...; *Aquele cãozinho* (*que está distante de ti e de mim*)... (3ª. pessoa).

→ Por LUGAR OU COISA EM QUE SE ESTÁ:

✓ *Este país* (*o país em que vivo ou estou*)... (1ª. pessoa);

✓ *Esse escabelo* (*o escabelo em que estás sentado*)... (2ª. pessoa);

✓ *Aquela casa* (*a casa em que mora teu sobrinho*)... (3ª. pessoa).

→ Por POSSE (que não deixa de ser uma maneira de proximidade):

✓ *Estas mãos* (*as minhas*) (1ª. pessoa);

✓ *Essa caneta* (*a tua*) (2ª. pessoa);

✓ *Aquele sorriso* (*o de teu filho*)... (3ª. pessoa).

⇨ **OBSERVAÇÃO 1.** Dá-se comumente cruzamento de referência e de medida espacial. Por exemplo, a caneta de outrem pode estar em minhas mãos, razão por que usarei *esta* (*caneta*) com respeito a ela.

⇗ **Observação 2.** Por vezes, tem-se referência a uma ou a mais pessoas do discurso segundo, porém, tripla localização: *este prédio* (o prédio em que estou eu, ou em que estamos nós, ou em que estamos nós e ele[s], etc.); *esse prédio* (o prédio que está mais próximo do prédio em que estou eu, ou em que estamos nós, ou em que estamos nós e ele[s], etc.); *aquele prédio* (o prédio que está mais distante do prédio em que estou eu, ou em que estamos nós, ou em que estamos nós e ele[s], etc.). – Se todavia se trata apenas de dupla localização, então desaparece ou o termo médio (*esse*) ou o termo último (*aquele*): *este prédio* (o prédio em que estou eu, ou em que estamos nós, ou em que estamos nós e ele[s], etc.); *esse* ou *aquele prédio* (o prédio que está, segundo a perspectiva, mais ou menos próximo ou mais ou menos distante do prédio em que estou eu, ou em que estamos nós, ou em que estamos nós e ele[s], etc.).

- Mas estes DEMONSTRATIVOS ADJETIVOS também significam algo que modifica a substância por uma *medida temporal*, e já não em referência senão à primeira pessoa do discurso (a que fala ou escreve ou é personagem).

→ Neste **SEGUNDO USO**, empregam-se *este* e *esta* para tempo atual (a hora, o dia, a semana, o mês, o ano, o século, o milênio em que se está) e para tempo futuro ou para tempo passado mais imediatos:

✓ *Este* (*o dia de hoje*) *é um belo dia*; *Este* (*o século em que estamos*) *é um século de acontecimentos dramáticos*;

✓ *Esta noite* (*a noite de ontem*) *foi chuvosa*;

✓ *Estes dias* (*os próximos dias*) *serão decisivos.*

→ Empregam-se *esse* e *essa*, por outro lado, para tempo passado mais imediato (razão por que podem comutar-se por *este* e por *esta*) ou para tempo passado mais remoto (razão por que, como se verá, podem comutar-se por *aquele* e por *aquela*):

✓ *Essa noite* (*a noite de ontem*) *foi de muita alegria*;

✓ *Esse ano* (*em certa altura do passado*) *foi de poucas conquistas.*

→ E empregam-se *aquele* e *aquela*, por fim, para tempo passado mais remoto (razão por que, como visto, podem comutar-se por *esse* e por *essa*).

✓ *Aquele foi um tempo de estudos intensos.*

⇗ **Observação.** Nós, particularmente, damos preferência a *aquele*(*s*) e a *aquela*(*s*) para tempo passado mais remoto, a não ser que se sobreponha outra referência.

- Por fim, há um **TERCEIRO USO**, em que todos estes demonstrativos se empregam como substantivos e *anaforicamente*,[30] ou seja, com referência a partes do próprio discurso ou do próprio texto. Neste uso,

---

[30] *Anáfora* vem do lat. tardio *anafŏra* ("repetição de uma palavra"), do gr. *anaphorá* (ação de repetir).

→ *isto*, *este* e *esta* referem-se ou ao já dito mais proximamente, ou ao que se está dizendo ou tratando, ou ao que ainda se vai dizer:

✓ *Isto* (*que se acabou de dizer*) *não é verdade*;

✓ *Isto* (*de que estou tratando*) *é assunto que pertence à Gramática*;

✓ *Digo-vos isto: estudem e estudem*;

✓ *A prudência não impede a coragem, nem esta* (*a coragem*) *anula aquela*.

→ *isso* refere-se ao já dito mais proximamente (caso em que, como visto, pode comutar-se por *isto*), enquanto o mesmo *isso* (e *esse* e *essa*) se refere ao dito entre um último e um antepenúltimo:

✓ *Isso* (*dito*) *não se deveria pôr em questão*;

✓ *Pedro, PAULO e José: este tem 21 anos, esse* (*Paulo*) *tem 19, e aquele tem 17.*

→ *aquilo*, *aquele* e *aquela* referem-se, por fim, ao dito mais remotamente:

✓ *PEDRO, Paulo e José: este tem 21 anos, esse tem 19, e aquele* (*Pedro*) *tem 17*;

✓ *A PRUDÊNCIA não impede a coragem, nem esta anula aquela* (*a prudência*).

⇖ **Observação 1.** Note-se que aqui também temos uso segundo o grau de afastamento ou de proximidade: *este* (*mais próximo*), *esse* (*termo médio*) *e aquele* (*mais distante*); ou, na ausência de termo médio, *este* (*mais próximo*) *e aquele* (*mais distante*). – E note-se ainda que, mesmo usados anaforicamente, estes demonstrativos não deixam de impor certa medida espacial ou ainda temporal, porque, com efeito, afastamento e proximidade podem dizer-se com respeito ao espaço ou ao tempo.

⇖ **Observação 2.** Todos estes demonstrativos se aglutinam com duas preposições: *de* e *em*, enquanto o *a* inicial de *aquele*, de *aquela* e de *aquilo* se funde ou craseia com a preposição *a*:

→ *deste, desta, disto*; *neste, nesta, nisto*;

→ *desse, dessa, disso*; *nesse, nessa, nisso*;

→ *daquele, daquela, daquilo*; *naquele, naquela, naquilo*;

→ *àquele, àquela, àquilo*.

⇖ **Observação 3.** Na oralidade e em Literatura, usa-se *nisto* no sentido de "então" ou "nesse momento":

✓ *Nisto*(,) *bateram à porta.*

⇖ **Observação 4.** Há certas expressões em que alguns destes demonstrativos se usam de modo fixo: *isto de* (e nunca "isso de"), *isto é* (e nunca "isso é"), *além disso*, *nem por isso*. Mas *por isso* pode comutar-se por *por isto*, especialmente em texto não literário, e sobretudo se se refere a algo dito mais proximamente que outro.

⇗ **Observação 5**. Quando adjetivos, os pronomes *este(s)/esta(s)*, *esse(s)/essa(s)* e *aquele(s)/aquela(s)* usam-se ordinariamente antepostos ao substantivo que determinam: *esta casa, essa árvore, aquelas citações*, etc. *Esse(s)* e *essa(s)*, no entanto, podem usar-se pospostos a ele, mas com função distinta: nesta posição, ou emprestam ênfase ao substantivo determinado, ou ampliam o aspecto de recapitulação que um substantivo repetido encerra:

- ✓ *Frequentávamos concertos, peças teatrais, exposições de pintura, momentos esses inesquecíveis;*
- ✓ *Ontem se realizou o batizado de seu filho Marcos, filho esse que nasceu prematuramente.*

⇗ **Observação 6**. *Esse(s)* e *essa(s)* empregam-se ainda adjetivamente com função de realce ou ênfase: *"D. Quixote", esse livro admirável de Cervantes.* Mas podem usar-se, com a mesma função, também substantivamente: *Aquele que despreza o saber, esse está fadado a não progredir.*

⇗ **Observação 7**. *Aquele(s)* e *aquela(s)* servem, por seu lado, para introduzir predicativo cuja função é identificar, recapitulando, um sujeito determinado por *este(s)/esta(as)* ou *esse(s)/essa(s)*: *ESSES ATOS* são **aqueles** *(atos) que mais se podem dizer virtuosos.* Neste emprego, em que sempre se seguem de substantivo elíptico seguido, por sua vez, de oração adjetiva, *aquele(s)* e *aquela(s)*, como se verá, comutam-se por *o(s)* e por *a(s)*. – Mas *aquele* também se comuta por *o* na função de núcleo do sujeito seguido, ainda, de oração adjetiva: como em *Aquele (= O) que despreza o saber está fadado a não progredir.* Adquire, nestes casos, cunho NEUTRO e caráter de INDEFINIDO SUBSTANTIVO.

⇗ **Observação 8**. Também o adquirem às vezes não só os demonstrativos masculinos deste paradigma mas ainda os femininos, como neste exemplo: *As mulheres da família rodeavam o doente: estas choravam em silêncio, aquelas rezavam.*

⇗ **Observação 9**. Para que se precise inequivocamente, *isto* em função anafórica pode acompanhar-se de *último*: *Isto ÚLTIMO é a conclusão a que se deve chegar.*

3.β.1.b. Estudem-se agora os demonstrativos ***o(s)*** e ***a(s)***, que são ou substantivos ou adjetivos.

- Como substantivo, *o(s)* pode ser determinado já por uma oração adjetiva já por um grupo adjetivo e pode quase sempre comutar-se por *aquele(s)* ou por *aquilo*:
  - ✓ *O (= aquele) que despreza o saber não progride;*
  - ✓ *A sabedoria é o (= aquilo) que importa;*
  - ✓ *Boa notícia para os da terra.*

- Exclusivamente no singular e como substantivo neutro, *o* pode comutar-se por *isto*, por *isso* e por *aquilo*, e usa-se não raro em função pleonástico-enfática:
  - ✓ *Não é possível evitá-lo;*
  - ✓ *Não penses que não era mentira: era-o;*
  - ✓ *O preço da irresponsabilidade, aprendeu-o duramente.*
- Como adjetivos, *o(s)* e *a(s)* sempre têm elíptico o substantivo que determinam, e, se não fosse tal elipse, identificar-se-iam com os artigos *o(s)* e *a(s)*:[31]
  - ✓ *O homem que estuda progride, o (homem) que não o faz estaciona ou regride;*
  - ✓ *Já apareceram diversas senhoras, mas não as (senhoras) que espero.*
- *O* equivale a *coisa* em, por exemplo, *Era preciso vencer sua resistência, o* (= COISA) *que parecia quase impossível.* Note-se a invencível ambiguidade que resultaria de não pôr-se este *o* ou *coisa* antes do relativo *que.*
- Pode estranhar de início a presença do demonstrativo *o* em *É isso o que importa*, porque com ela se dão aí dois demonstrativos seguidos (*isso o*). Mas isto não se dá senão porque se trata de inversão: a ordem normal da oração pode ser ou *Isso é o que importa* (assim como também dizemos *Este homem foi aquele que disse...* ou *Esses atos são aqueles que...*) ou ainda *O que importa é isso.* – Mais ainda, é preferível escrever com tal sequência de demonstrativos a fazer do *que* relativo de *isso* ("É ISSO 'que' importa"), e não só porque, como dizem alguns gramáticos, aquela sequência melhor esclarece o sujeito *isso*, senão que sem a presença do segundo demonstrativo se torna impossível a colocação *normal* do verbo depois do sujeito ("Isso é que importa" é construção destituída de sentido).
- Do mesmo modo, é preferível escrever *tudo o que* a escrever "tudo que": *Tudo o que queremos é a paz na ordem.* Ou pode escrever-se, com igual propriedade, *tudo quanto*: *Tudo quanto queremos é a paz na ordem.*

3.β.1.c. Vejam-se ainda os demonstrativos ***tal/tais*** e ***semelhante/semelhantes***. Os primeiros podem ser, ainda, substantivos ou adetivos, enquanto os segundos não são senão adjetivos.

- Como substantivo e exclusivamente no singular, *tal* equivale a *isto*, a *isso*, a *aquilo* ou a *o*:
  - ✓ *Quando ouviu tal, assombrou-se;*
  - ✓ *Era tido por tal;*
  - ✓ *Pensava-se que fosse criminoso: não era tal.*

---

[31] Outra prova de que os artigos se reduzem a pronomes adjetivos e, pois, a adjetivos.

- Como adjetivos, *tal* e *tais* equivalem a *este(s)* e *esta(s)*, a *esse(s)* e *essa(s)* ou a *aquele(s)* e *aquela(s)*:
  - ✓ *Tal resposta foi sua primeira reação;*
  - ✓ *A causa de tal confusão, não a sabíamos;*
  - ✓ *Tal questão era demasiado complexa.*

⇨ **Observação.** *O tal estudante* ou *o tal João* equivalem a *o referido estudante* e *o referido João*. ("O tal *de* João" é construção coloquial.) – Por seu lado, *um tal* (*de*) é sinônimo de *um certo*: *Um tal João esteve aqui.*

→ EXPRESSÕES EM QUE ENTRA *TAL*:

- ✓ *Tal qual* ou *tal e qual* (= idêntico, sem diferença alguma): *É tal qual o pai; As peças saíram tais e quais ele as havia pensado*; etc.
- ✓ *Tal ou tal* ou *tal ou qual* (= este ou aquele, um ou outro): *Não sabemos o que se passa em tal ou tal espírito diante desta situação*; etc.
- ✓ *Que tal/que tais* (= semelhante[s], da mesma natureza, etc.): *Não se trata dessa figura de retórica, mas de outra que tal; Uma cidade repleta de rufiães e de outros que tais.*
- ✓ *Que tal?* (= *Que te/vos parece?*).

- Quando usado como demonstrativo, *semelhante(s)* é sempre adjetivo e pode comutar-se por qualquer demonstrativo adjetivo do primeiro paradigma, mas, em decorrência de seu sentido original, é o único que encerra o aspecto de *similitude* ou *similaridade*:
  - ✓ *Não podíamos assentir a semelhante despropósito;*
  - ✓ *É em semelhantes situações que mais é preciso manter a calma.*

⇨ **Observação.** Note-se que, como demonstrativo, *semelhante(s)* não pode vir senão anteposto ao substantivo que ele determina.

- Por fim, ao contrário do que dizem as gramáticas correntes em geral, não é evidente que *mesmo(s)/mesma(s)* e *próprio(s)/própria(s)* sejam pronomes demonstrativos; parecem-nos antes pronomes ou puros adjetivos de realce ou de precisão. Mas o que importa mostrar aqui a respeito destas palavras é o relativo a suas possibilidades de colocação, para o que nos bastarão os seguintes exemplos:

- "a *própria* Carmélia fez o convite", "a *mesma* Carmélia fez o convite" e "Carmélia *mesma* fez o convite" (note-se que nos dois primeiros casos, justo pela maneira de construir a oração, tem de dar-se o artigo);
- "ela *própria*/ela *mesma* fez o convite";
- "a *própria* natureza o requer/a *mesma* natureza o requer/a natureza *mesma* o requer";

- "ele é a *própria* inocência / ele é a *mesma* inocência / ele é a inocência *mesma*".

☞ **Observação.** Nunca em português culto teve grande acolhida o uso de *mesmo*(*s*) / *mesma*(*s*) em lugar de *este*(*s*)/*esta*(*s*) ou de *ele*(*s*)/*ela*(*s*). Evitem-se pois dizeres como "Interrogou-se o acusado, e o 'mesmo' disse que era inocente". Use-se *este* ou *ele* em vez deste "mesmo". E ainda com respeito a coisa, insista-se, pode dizer-se *ele*/*a*: "Cuidado ao abrir-se a porta do elevador: verifique se *ele* (ou *este*, e não o 'mesmo') está de fato no andar".

Γ. Os Pronomes Possessivos

3.γ.1. Os pronomes possessivos reduzem-se essencialmente e quase sempre a ***adjetivos*** (***determinativos***), e são sempre pronomes propriamente ditos. Modificam o substantivo significando certa medida – a posse – das substâncias significadas por aquele. Fazem-no sempre em referências às três pessoas do discurso, mas de maneira muito particular, como se vê por sua maneira complexa de flexionar-se em gênero e em número: *concordam em gênero e em número com a coisa possuída, e em pessoa com o possuidor*. Daí as três séries de formas que compõem seu paradigma:

	UM POSSUIDOR		MAIS DE UM POSSUIDOR	
	Uma coisa possuída	**Mais de uma coisa possuída**	**Uma coisa possuída**	**Mais de uma coisa possuída**
1ª. pessoa masc.	meu	meus	nosso	nossos
fem.	minha	minhas	nossa	nossas
2ª. pessoa masc.	teu	teus	vosso	vossos
fem	tua	tuas	vossa	vossas
3ª. pessoa masc.	seu	seus	seu	seus
fem.	sua	suas	sua	suas

3.γ.2. Quando usados em referência a substantivo apenas elíptico e não em lugar dele, os pronomes não podem dizer-se propriamente pronomes substantivos; seguem sendo propriamente pronomes adjetivos. Exemplos: *Meu filho já entrou para a escola – e* ***o*** *teu* (*filho*)?; *Ricardo já apresentou seu projeto. Quando apresentareis* ***o*** *vosso* (*projeto*)? Note-se que, quando, na função de adjunto adnominal, determina substantivo elíptico, o possessivo obrigatoriamente se acompanha de artigo. Não assim quando exerce a função de predicativo: então obrigatoriamente não se acompanha de artigo. E tal diferença é de caráter semanticamente distintivo: uma coisa é *Este livro é meu* (predicativo), e outra *Este livro é* **o** *meu* (adjunto adnominal de substantivo elíptico). No primeiro caso, tão somente se indica que um livro pertence à primeira pessoa do singular; no segundo, que um livro *entre vários outros* pertence à primeira pessoa do singular.[32]

3.γ.3. Em apenas poucos casos o possessivo pode dizer-se substantivo. Eis dois destes casos:

3.γ.3.a. Quando indica *substantivamente*, ou seja, sem determinar nenhum substantivo, o conjunto das posses do sujeito da oração: *Não tenho quase nada* DE *meu*; *Não tem um momento* DE *seu*; etc.

✎ **Observação**. Note-se que, com este sentido, o possessivo sempre se antecede da preposição *de*. Ademais, como se vê pelos exemplos, é muito mais comumente usado em orações negativas.

3.γ.3.b. Quando indica *substantivamente*, ou seja, sem determinar nenhum substantivo, o conjunto de parentes, ou de companheiros, ou de conterrâneos de alguém: *Transmita minhas lembranças a todos* OS *seus*; *Reunamos urgentemente* OS *nossos*; etc.

3.γ.4. Algumas vezes, além de expressarem posse ou pertinência, os possessivos coexpressam outras noções.

3.γ.4.a. Certa indefinição de medida: *Tem as suas dificuldades*; *Tivemos os nossos acertos*; etc. – Note-se que poderíamos dizer, com quase identidade: *Tem certas dificuldades*, *Tivemos alguns acertos*, etc. E note-se, ademais, que o mais comum neste caso é usar o possessivo antecedido de artigo.

3.γ.4.b. Aproximação de cálculo: *Aquela senhora tem seus sessenta anos*; *Tem seu um metro e oitenta de altura*. – Note-se que poderíamos dizer, com quase identidade: *Aquela senhora tem cerca de sessenta anos*; *Tem cerca de um metro e oitenta de altura*. E note-se, ademais, que o mais comum neste caso é não antepor artigo ao possessivo.

→ Outras vezes, porém, os possessivos expressam algum sentimento ou consideração com respeito a algo – o que, por outro lado, não deixa de ser certa maneira de posse, porque, por exemplo, *ter* a alguém em alta conta é afinal *tê-lo* de certo modo. Dão-se, a seguir, alguns destes casos.

- O possessivo pode expressar que de alguém ou de algo é que se está tratando num texto ou numa alocução: *Diz o nosso filósofo...*, etc. Ainda aqui, o mais corrente é fazer o possessivo anteceder-se de artigo.

---

[32] Insista-se em que, em *Este livro é* **o** *meu*, o artigo determina o elíptico *livro*, o que se pode talvez provar pelo fato mesmo de que como predicativo o possessivo não admite artigo: *Este livro é meu*.

- Pode expressar ainda amizade, bem-querer, familiaridade: *Meu caro André*, etc.
- Também pode expressar interesse ou simpatia: *O seu Cervantes, caríssimo, foi um romancista sem igual*, etc. Também aqui, o mais comum é fazer o possessivo anteceder-se de artigo.
- Pode, por fim, expressar polidez, respeito, deferência, ou ainda subserviência: com efeito, em *Meus senhores e minhas senhoras* indica polidez ou deferência; mas, se um escravo diz a seu senhor *Meu senhor*, então indicará subserviência.

→ Mais surpreendente, e demonstrativo da grande elasticidade ou plasticidade da linguagem, é o fato de que a preposição de certas locuções prepositivas e o pronome oblíquo tônico que forma com aquela um complemento nominal são muito correntemente substituídos pelo possessivo correspondente, que, obviamente, já não exerce a função de complemento, mas a de adjunto nominal. Exemplos:

✓ ao lado *de ti* = a *teu* lado;
✓ à frente *de nós* = à *nossa* frente;
✓ a favor *de vós* = a *vosso* favor;
✓ por causa *de mim* = por *minha* causa.

E atenção: uma coisa é *teu ódio* (= ódio que tu nutres por outrem), e outra, inversa, *ódio teu* (= ódio de ti, ódio que alguém nutre por ti).

⇗ **Observação.** Não se julgue, no entanto, que *de mim, de ti, de nós...* possam expressar posse da mesma maneira que *meu, teu, nosso...* em seu significado próprio. E efetivamente não se pode dizer "a casa de mim" por *minha casa*, "a biblioteca de nós" por *nossa biblioteca*, etc. Não é senão a terceira pessoa, pelos motivos que se explicarão adiante, que admite *dele*(*s*) / *delas*(*s*), *do*(*s*) *senhor* / *da*(*s*) *senhora*(*s*)... como possessivos.

3.γ.5. Se em espanhol e em francês o possessivo anteposto ao substantivo expresso que ele determina nunca vem antecedido de artigo, em português, todavia, não é possível estabelecer regra pétrea. Em Portugal, generalizou-se o uso de artigo antes de possessivo; no Brasil, porém, correntemente se oscila entre usá-lo e não usá-lo aí, mesmo entre nossos melhores escritores – e isto não raro em um mesmo parágrafo ou até em uma mesma frase.

No entanto, a nós não nos parece indiferente usá-lo ou não usá-lo aí. Recorde-se o merecidamente tão citado e tão gabado exemplo do Padre Antônio Vieira: "Os outros também eram seus filhos, não o negara Jacó; mas ***o*** seu filho era José. Vai muito de ser filho a ser ***o*** seu filho". Por isso mesmo é que nós, particularmente, não usamos o artigo antes de possessivo referente a substantivo não elíptico senão para efeitos como o alcançado por Vieira ou para fins diacríticos, ou ainda para fins de realce, dando-nos assim, a nós mesmo, regra pétrea quanto a isto.

E, se não a podemos dar senão a nós mesmo, podemos porém insistir na recomendação de outros gramáticos: evite-se o artigo ao menos antes de possessivo referente a partes do corpo, a familiares e a casa. Assim, *minha perna* e não "a minha perna"; *meu marido* e não "o meu marido", *a reunião será em sua casa* e não "na sua casa", etc.

Observação. Como dito na seção sobre os demonstrativos, é caso anômalo o admitirem os possessivos a anteposição de artigo, e ainda pode entender-se que tal artigo determina o substantivo e não o possessivo: *o seu carro = o carro seu.*

3.γ.6. Quanto à COLOCAÇÃO na oração, o possessivo ordinariamente precede o substantivo que ele determina: *teu cão, sua escola, nossa casa,* etc. Pode, no entanto, pospor-se a ele em algumas situações:

3.γ.6.a. quando o substantivo vem, ele mesmo, desacompanhado de artigo definidor: *Há de ser impressão minha*; *Chegou de repente multidão de cartas suas*; etc. – aqui a posposição é obrigatória;

3.γ.6.b. quando o substantivo já está determinado por artigo indefinidor ou por numeral, por pronome demonstrativo ou por pronome indefinido: *um telegrama meu*; *dois erros teus*; *essas ideias vossas*; *certas conclusões suas*; etc. – aqui a posposição é muitas vezes obrigatória;

3.γ.6.c. por necessidade de ênfase, nos vocativos: *Não me sais do coração, filho meu*; etc. – aqui obviamente a posposição é de todo facultativa.

Observação 1. Algumas vezes a colocação do possessivo não é significativamente indiferente, como visto mais acima. E, com efeito, há diferença semântica entre *Gostaria de ter notícias tuas* (= notícias sobre ti) e *Gostaria de ter tuas notícias* (= notícias dadas por ti sobre quaisquer coisas).

Observação 2. Fora desses casos, a posposição do possessivo não se usa senão poeticamente; e então o substantivo vem precedido de artigo: *o desejo teu, os sonhos seus,* etc.

3.γ.7. O possessivo de terceira pessoa não raro implica grave ambiguidade ou anfibologia tanto com respeito ao número do possuidor como com respeito a seu gênero: é que *seu, sua, seus, suas* se aplicam indistintamente a possuidor singular ou a possuidor plural, e a possuidor masculino ou a possuidor feminino. Com efeito, se digo *Estava com João e Maria e vi seus livros,* não dou a saber se os livros são tanto de João como de Maria ou se são só de João ou só de Maria. No Brasil, o quadro agrava-se pelo uso de *você* em lugar de *tu* e de *vocês* em lugar de *vós*, uso cujos efeitos daninhos para a escrita já se apontaram. Mas o problema já decorre de nossas próprias formas respeitosas de tratamento: de fato, se trato a Marcos marido de Sandra por *senhor*, disto resultará a mesma ambiguidade que se o trato por *você* e lhe faço a mesma pergunta posta acima. Por isso mesmo, isto é, para evitar tal ambiguidade radical, é que quando cabível usamos em lugar de *seu*(*s*) e *sua*(*s*) as formas *dele*(*s*), *dela*(*s*), *do*(*s*) *senhor*(*es*), *da*(*s*) *senhora*(*s*), etc.

⇗ **Observação.** Insista-se, porém, antes de tudo, em que não devemos recorrer a tal substituição senão para evitar anfibologia e, depois, em que devemos usar *tu* e *vós* sempre que possível, sobretudo na escrita, e especialmente na tradução de obras clássicas.

3.γ.8. Já vimos o uso de *nós* como plural de modéstia ou como plural de majestade. Pois é em decorrência desse mesmo uso que também há um *nosso* de modéstia e outro de majestade: *Nossa gramática* – escreve seu único autor – *tem por fim...*; *Nossos reinos e senhorios...* – diz o rei; etc.

3.γ.9. Tão diferentemente de línguas como o francês e o inglês, o português cultivado sempre repeliu o uso constante dos possessivos. Vejamos quando devemos evitá-los, ou seja, *sempre que possível*.

3.γ.9.a. Antes de nomes de parte do corpo, de coisa do espírito e de familiar: diga-se e escreva-se *Quebrei o braço* (e não "meu braço"), *Cortou o cabelo* (e não "seu cabelo"), *Perdeu o juízo* (e não "seu juízo"), *Passeava com a esposa* (e não "com sua esposa"), *Gosta muito da prima* (e não "de sua prima"). – Mas, naturalmente: *Meu braço está dolorido*, *Seus cabelos são lisos*, *Está em seu juízo perfeito*, *Referiu-se à sua esposa, não à minha*, *Nossa prima nos presenteou com um CD*. Não há outra maneira de construir estas orações.

3.γ.9.b. Antes da palavra *casa* como residência do sujeito da oração: *Saiu de casa há já um tempo* (e não "de sua casa"); *Cheguei a casa cedo* (e não "à minha casa"). – Mas, naturalmente: *Como um rei em sua casa*; *Estou em minha casa* (= nela faço o que quero); *Vou à tua casa, não à sua*. Tampouco há outra maneira de construir estas orações.

3.γ.9.c. Quando sua repetição ou, afinal, seu simples uso são dispensáveis. Com efeito, *Já no prédio, atravessei seu corredor que dá para seu pátio interno...* mais elegantemente se escreveria *Já no prédio, atravessei seu corredor que dá para o pátio interno...* ou, ainda, *Já no prédio, atravessei o corredor que dá para o pátio interno...*

→ Exatamente para escapar ao "abuso" do possesivo é que, com grande ganho de elegância, podem usar-se em seu lugar os pronomes oblíquos de dativo: *Educaram-te bem o filho na escola* (em vez de "Educaram bem teu filho na escola"), *Tremem-lhe as mãos* (em vez de "Tremem suas mãos"), *Quero atrair-vos o interesse* (em vez de "Quero atrair vosso interesse"), etc. Trata-se, como já se disse e como se explicará mais profundamente na Sexta Parte, dos chamados *dativos livres*. – Não se abuse, porém, por seu lado, destes mesmos pronomes dativos. Uma oração como "Abusaste-me da confiança", além de afetada, peca por certa obscuridade.

Δ. OS PRONOMES INDEFINIDOS

3.δ.1. OS PRONOMES INDEFINDOS reduzem-se majoritariamente a ***substantivos*** de caráter neutro, e então se chamam com toda a propriedade ***indefinidos***, ou a ***adjetivos*** (***determinativos***), e então melhor se dizem ***indefinidores***, porque, com efeito, o que fazem é indefinir os substantivos que eles determinam. São todos, porém, de terceira pessoa, ou antes, todos se aplicam à terceira pessoa.

3.δ.2. Parte deles compõe muito claramente um paradigma, ainda que de modo diverso do paradigma dos pronomes pessoais e do paradigma dos pronomes possessivos. Outra parte deles, todavia, só mais dificilmente os podemos incluir no mesmo paradigma. Como quer que seja, façamos tal esforço e demos o paradigma possível dos pronomes indefinidos:

a. algo – alguém – algum;
b. nada – ninguém – nenhum;
c. outro – outrem;
d. tudo – todo;
e. tanto – quanto;
f. muito – pouco;
g. certo / determinado / dado – qualquer.[33]

OBSERVAÇÃO. Como se vê, nas quatro primeiras linhas se trata de paradigma mais propriamente morfológico (o que implica, como é claro, o semântico), enquanto nas demais se trata de oposições apenas semânticas (ainda que sistemáticas e cruzadas, ou seja, dentro de cada linha e entre algumas linhas). Por seu lado, *cada* pode entrar de algum modo tanto na quarta como na sétima linha, enquanto

---

[33] Quanto a *quem* como pronome indefinido, discuti-lo-emos ao estudar os pronomes relativos.

vários e o *se* dito "indeterminador do sujeito", ainda que por razões distintas, são casos à parte – e mais ainda o é *qual*.

3.δ.3. Temos ainda as LOCUÇÕES PRONOMINAIS INDEFINIDAS, que, naturalmente, equivalem a pronomes indefinidos simples: *quem quer que, o que quer que*. Por seu lado, *cada um* e *cada qual* encontram-se também em fronteira turva, entre locuções pronominais indefinidas e grupos pronominais de cunho indefinido, como se verá. As demais locuções tradicionalmente incluídas entre as locuções pronominais indefinidas, estudá-los-emos mais adiante.

3.δ.4. Consideremos agora os pronomes indefinidos segundo sejam substantivos ou adjetivos.

3.δ.4.a. Os indefinidos *alguém, ninguém, outrem, algo, nada, um, qual* e *se* (indeterminador) são sempre substantivos:

- ALGUÉM:
  - ✓ (= alguma pessoa): *Alguém há de aparecer*;
  - ✓ (= uma pessoa): *Escreveu-o a alguém muito especial*;[34]
- NINGUÉM:
  - ✓ (= nenhuma pessoa): *Ninguém a quis escutar*;
- OUTREM:
  - ✓ (= outra pessoa): *Estes versos não são de Camões, mas de outrem*;
- ALGO:
  - ✓ (= alguma coisa): *Interroguemo-nos se o mal é algo*;
- NADA:
  - ✓ (= nenhuma coisa ou coisa nenhuma): *Não lhe trouxe nada*;
  - ✓ (= alguma coisa): *Não quer comer nada?*;
- UM:
  - ✓ *Cada um deve buscar o êxito da empresa*;
  - ✓ *Os pães pesam 50 gramas cada um*;
  - ✓ "Quanto um é mais pobre, tanto tem menos parentes" (PE. MANUEL BERNARDES).

OBSERVAÇÃO 1. *Cada um* pode considerar-se locução pronominal indefinida ou grupo pronominal de cunho indefinido. Se se considera locução, então *cada* e *um* entram aí como partes morfológicas. Se se considera grupo, então aí *um* é pronome indefinido e *cada* é pronome indefinidor e determinante de *um*. – Tendemos à segunda solução, porque, com efeito, pode comutar-se com muita facilidade este *um* por qualquer substantivo: *Cada* *um* *faça seu trabalho* = *Cada* *pessoa* *faça seu trabalho*.

---

[34] Se se trata de PESSOA, *ninguém* é a negação de *alguém*; e, se se trata de COISA, *nada* opõe-se tanto a *algo* como a *tudo*.

⇨ **Observação 2.** Na frase de Bernardes, *um* está em lugar do medieval *homem* ou do *se* chamado "indeterminador do sujeito". Mas *um* com tal papel sempre foi de uso restrito, e, se se encontra algo abundantemente no Padre Manuel Bernardes (em especial em *Nova Floresta*), aí está, ao que parece, na qualidade de estrangeirismo (talvez o *uno* espanhol).

- QUAL:
  - ✓ *Que cada qual dê seu parecer.*

⇨ **Observação.** Bem sabemos ainda que quase nunca se inclui *qual* entre os pronomes indefinidos. Se o fazemos, é porque, se se considera *cada um* grupo pronominal de cunho indefinido, então também o será, por perfeito sinônimo daquele, *cada qual*. E, se assim é, então, obviamente, *qual* será tão pronome indefinido como *um*.

- SE:
  - ✓ (= alguma pessoa, uma empresa, etc.; a pessoa; pessoas): *Necessita-se de tradutores*; *Dorme-se bem no campo*; *É-se feliz aqui.*

⇨ **Observação 1.** Todos estes pronomes são invariáveis não só em número, mas também em gênero e grau. Se todavia se lhes apõe o artigo definidor, o artigo indefinidor ou algum adjetivo determinativo, caem os mesmos pronomes em fronteira turva, e por certo ângulo podem agora dizer-se substantivos (impróprios ou próprios).

▫ *Alguém* e *ninguém* comportam-se então desigualmente, apesar de constituírem par de opostos:

✓ *certo alguém* (= pessoa);

✓ *Nunca se deve considerar a ninguém um ninguém* (= pessoa de pouca ou nenhuma importância).

▫ Veja-se, porém:

→ que não se pode dizer "'certo' ninguém";

→ que, se o antônimo do *ninguém* da segunda oração acima é *alguém* (*Esse rapaz já se considera alguém*), não se lhe pode porém antepor artigo ("já se considera 'um' alguém").

⇨ **Observação 2.** Sucede o mesmo a *algo*:

✓ *Tem aquele algo* (= atributo, qualidade) *que o ofício requer*;

✓ *Esse rapaz já se considera algo* (= *alguém*).

Observação 3. *Nada*, por sua vez, comporta-se então da seguinte maneira:

✓ *Havia um nada de* gente; *Custa um nada*; etc.;

✓ *O nada é incognoscível*; *Somos nadas diante do Ente*; etc.

3.6.4.b. *Tudo* é o mais das vezes pronome substantivo:

✓ *Ele fez tudo* (= todas as coisas) *sozinho*;

✓ *Tem tudo* (= todos os atributos ou qualidades) *para tornar-se um grande escritor*;

✓ *A saúde não é tudo* (= o [mais] importante).

Mas *tudo* pode converter-se em adjetivo determinativo (de pronome demonstrativo ou do substantivo *mais*):

✓ *Estas coleções, estes livros, tudo* ISTO *será teu, meu filho*;

✓ *Tudo* O *que disserdes será levado em consideração*;

✓ *Entendemos tudo* O MAIS;

✓ etc.

Observação 1. O artigo entre *tudo* e *mais* é obrigatório, porque *mais* como substantivo o requer.

Observação 2. Como dito, são locuções pronominais substantivas e indefinidas *quem quer que* e *o que quer que*. De *cada um* e *cada qual* já tratamos. Quanto a *seja quem for*, *seja o que for* e que tais, e assim como *cada um* e *cada qual*, estamos ainda em fronteira turva: pode tratar-se de locuções pronominais indefinidas ou de grupos pronominais indefinidos.

Observação 3. Por outro lado, têm autêntico caráter pronominal indefinido os PARES DISTRIBUTIVOS *este ... este*, *qual ... qual*, *quem ... quem*, *um ... outro*, alguns dos quais usados também no plural. Exemplos:

✓ *Um* (*este*, *qual*, *quem*, etc.) *se alegra*, *outro* (*quem*, *qual*, *este*, etc.) *se entristece*;

✓ *Uns se vão*, *outros ficam*.

→ Curioso é o par *um ... outro*, em que o segundo dos dois membros pode determinar-se por artigo (*Um o elogiou*, **o** *outro o criticou*), enquanto o primeiro o rejeita. Tem-se, pois, um desequilíbrio. Mas em português mesmo não era assim: dizia-se *o um ... o outro*, como, aliás, em espanhol e em francês até hoje: *el uno ... el otro*; *l'un ... l'autre*. – Atente-se porém a que tal determinação não é necessária e depende tão somente da intenção de quem fala ou de quem escreve: as expressões *Um o elogiou*, *outro o criticou*, *Uns o elogiaram*, *outros o criticaram* são sempre legítimas – e perfeitamente *neutras*.

3.δ.4.c. *Algum, nenhum, todo, outro, muito, pouco, tanto, quanto* e *qualquer* são pronomes antes adjetivos que por vezes se empregam como pronomes substantivos.

- ALGUM:
  - ✓ *Alguns homens são antes contemplativos* (pronome adjetivo);
  - ✓ *Alguns deles se opuseram ao projeto* (pronome substantivo);

⇗ **OBSERVAÇÃO.** No português atual, *algum* adquire sentido negativo se posposto ao substantivo: *Nunca pensei coisa alguma com respeito a isso.* É então sinônimo de *nenhum.*

- NENHUM:
  - ✓ *Nenhum(ns) livro(s) seu(s) me pareceu(ram) bom(ns)* (pronome adjetivo);
  - ✓ *Nenhum deles virá* (pronome substantivo).

⇗ **OBSERVAÇÃO 1.** Como visto, *nenhum* como pronome adjetivo pode pluralizar-se.

⇗ **OBSERVAÇÃO 2.** Há diferença entre *nenhum* e *nem um*: no segundo, *um* mantém o caráter de numeral independente.

⇗ **OBSERVAÇÃO 3.** *Nenhum* pode, indiferentemente, antepor-se ou pospor-se ao substantivo: *Não encontramos nenhum ERRO em sua tese* ou *Não encontramos ERRO nenhum em sua tese.*

- TODO:
  - ✓ *Todo cão é doméstico* (pronome adjetivo);
  - ✓ *Todo **o** cão é doméstico* (pronome adjetivo);
  - ✓ *Restaurou-se todo **o** velho bairro* (pronome adjetivo);
  - ✓ ***A** obra toda é perfeita* (pronome adjetivo);
  - ✓ *Todos **os** presentes a aplaudiram* (pronome adjetivo);
  - ✓ *Toda **a** nossa busca...* (pronome adjetivo);
  - ✓ *Todo **o** mundo* (= todos) *o prefere* (pronome adjetivo);
  - ✓ *Trabalham a todo **o** vapor* (pronome adjetivo);
  - ✓ *Provê-os de todo **o** necessário* (pronome adjetivo);
  - ✓ *Encontra-o em toda parte* (pronome adjetivo);
  - ✓ *Encontra-o em toda **a** parte* (pronome adjetivo);
  - ✓ *Encontra-o em toda **e qualquer** parte* (pronome adjetivo);
  - ✓ *Todos **os** que o quiserem* (pronome adjetivo);
  - ✓ *Todos **os** três meninos apareceram* (pronome adjetivo);
  - ✓ *Todos três apareceram* (pronome adjetivo);
  - ✓ *Todas (elas) estavam admiradas* (pronome adjetivo);

- ✓ *Todos eles estavam admirados* (pronome adjetivo);
- ✓ *Todos estavam admirados* (pronome adjetivo ou substantivo).

⇗ **OBSERVAÇÃO 1.** No Brasil se escreve, ao modo espanhol ou francês, *Todo cão é doméstico*, enquanto, no mesmo contexto, em Portugal se escreve *Todo o cão é doméstico*. Explica-se a diferença. Em Portugal, *Todo o cão é doméstico* entende-se como *todos os cães são domésticos*: trata-se de tomar o singular pelo plural, o que se faz comumente em nossa língua. No Brasil, porém, justo porque *todo* determina substantivo singular, este pronome tendeu a afigurar-se-nos como sinônimo de *cada* ou de *qualquer*, e, como estes não aceitam artigo depois de si, passamos, no português brasileiro (como em espanhol e em francês), a não usá-lo também depois de *todo*. Atente-se todavia a que o *o* usado em Portugal determina o mesmo substantivo determinado por *todo*. – Pois bem, não podemos estar de acordo com os gramáticos que propugnam escrevamos no Brasil como em Portugal: *Todo o cão é doméstico*. Insista-se em que não compete ao gramático inventar língua. Ora, não é possível reverter este modo de escrever no Brasil, assim como não o é em espanhol nem em francês. Ademais, basta uma passada d'olhos pela história literária de nossa língua para ver que as duas maneiras pelejaram por séculos sob a pena dos mesmos escritores portugueses e dos mesmos escritores brasileiros, até que se cristalizaram como vimos nos dois países.

⇗ **OBSERVAÇÃO 2.** Devemos, porém, dar caráter pétreo no Brasil ao uso de *todo* segundo nossa cristalização, assim: se *todo* se usa como sinônimo de *cada* ou de *qualquer*, então não se use artigo depois dele. Se todavia *todo* se usa com o sentido de totalidade ou de conjunto, então use-se obrigadamente o artigo depois dele. É o que se vê nos seguintes exemplos dados acima: *Restaurou-se todo* ***o*** *velho bairro* e ***A*** *obra toda é perfeita*. Note-se, ademais, que é indiferente que *todo* com este sentido venha anteposto ao artigo ou posposto ao substantivo. – E, se tal é assim, então com mais razão ainda não pode faltar o artigo entre *todos* e o substantivo: *Todos* ***os*** *presentes a aplaudiram*.

⇗ **OBSERVAÇÃO 3.** Indicação prática: sempre que *todo* determine substantivo também determinado por possessivo, e que aquele não esteja posposto a este, use-se obrigadamente então o artigo entre *todo* e o possessivo. Exemplos: *toda* ***a*** *nossa busca...*; *todos* ***os*** *nossos intentos*; etc. É que ainda nestes casos damos a *todo* a noção de totalidade.

⇗ **OBSERVAÇÃO 4.** A tão usada locução *todo o mundo* há de vir sempre com o artigo, pela simples razão de que expressa totalidade: *Todo o mundo o prefere* é hiperbolicamente o mesmo que *Todos o preferem*. Nenhuma razão têm, portanto, os gramáticos e os lexicógrafos que ao menos toleram "todo mundo"; e, se a tendência nacional é escrevê-la sem artigo, tal não se dá senão pelo pouco hábito da mesma gramática e da leitura dos melhores: como se ouve "todo mundo" por crase entre a vogal átona final de *todo* e o artigo *o*, acaba-se por reproduzi-lo também na escrita. É deriva ou corrupção linguística.[35] – Pode reduzir-se a esta regra a obrigatoriedade do artigo em expressões como *todo o restante*, etc.

Observação 5. Em locuções como *a toda **a** brida, a todo **o** galope, a todo **o** pano, a toda **a** pressa, a todo **o** vapor, a toda **a** velocidade*, etc., ou seja, que expressam velocidade ou potência máxima, também é obrigado o artigo, e isso porque ainda aqui se trata, de certo modo, de totalidade. Com efeito, a velocidade máxima e a potência máxima são *toda* a velocidade e *toda* a potência que se podem alcançar.

Observação 6. Outra indicação prática: sempre que *todo* determinar adjetivo substantivado, ponha-se o artigo entre eles: *Provê-os de todo **o** necessário, Elimine-se todo **o** supérfluo*, etc. Trata-se ainda de totalidade.

Observação 7. Hesitam gramáticas e dicionários quanto a expressões como *toda* (*a*) *parte*, *todo* (*o*) *lugar*, etc.: ora põem aí o artigo, ora não. Por todo o dito acima, no entanto, no uso brasileiro tem pleno direito a ausência de artigo: *Encontra-o em toda* (= cada ou qualquer) *parte, Parece que está em todo* (= cada ou qualquer) *lugar*, etc. Se se quer dar outro torneio à oração, diga-se então *Encontra-o em todas **as** partes, Parece que está em todos **os** lugarES*, etc.; ou ainda *Encontra-o em toda **e qualquer** parte, Parece que está em todo **e qualquer** lugar*. Aliás, a possibilidade de uso de *todo e qualquer* é universal em casos que tais: *todo e qualquer cão é doméstico, toda e qualquer sugestão será bem-vinda*, etc.

Observação 8. Em *Todos* OS *que o quiserem...*, *os* não é artigo, mas pronome demonstrativo (= *Todos* AQUELES *que o quiserem...*). – E ainda o é se se põe esta oração no singular: *Todo* O *que o quiser...* = *Todo* AQUELE *que o quiser...*

Observação 9. Se *todos* determina substantivo determinado também por numeral, então será de regra usar o artigo antes do numeral se o substantivo não estiver elíptico, e não usá-lo se este estiver elíptico:

✓ *Todos **os** três* MENINOS *apareceram* (pronome adjetivo);

✓ *Todos três* (*meninos*) *apareceram*.

Não se diga, porém, "todos os dois": use-se ou *ambos* ou *os dois*, segundo o contexto.

---

[35] Ademais, é com artigo que se diz a expressão nas línguas românicas mais próximas da nossa: em espanhol, *todo el mundo*; em italiano, *tutto il mondo*; em francês, *tout le monde*. – Em Portugal, diz-se antes *toda a gente*.

Observação 10. Como dito, nem sempre é de todo nítida a fronteira entre adjetivo e advérbio. E *todo* também por vezes se encontra em tal fronteira turva. Assim, quando dizemos, por exemplo, *Ela está todA molhada*, parece que *toda* é advérbio impróprio: equivale a *totalmente*, mas flexiona-se como adjetivo.[36] Mas neste caso *toda* pode ver-se também, ainda que com menos probabilidade, como adjetivo próprio, se o entendemos como determinante deslocado de *ela*: *Ela toda* (ou *Toda ela*) *está molhada*, onde *toda* = *inteira*. – Quanto porém ao substantivo e adjetivo *todo-poderoso*, é errado flexionar-lhe a primeira parte morfológica, razão por que há de pôr-se obrigadamente *Ela é todO-poderosa*.[37]

- Outro:
  - ✓ *Temos necessidade de outras contribuições* (pronome adjetivo);
  - ✓ *Outro dia fomos à exposição* (pronome adjetivo);
  - ✓ *Outro dia vamos à exposição* (pronome adjetivo);
  - ✓ *No outro dia fomos à exposição* (pronome adjetivo);
  - ✓ *Outro o teria feito melhor* (pronome substantivo);
  - ✓ *Que outros o façam* (pronome substantivo);
  - ✓ *José e Maria amam-se um ao outro* (pronome substantivo);

Observação 1. *Outro dia* pode ter o sentido de 'dia passado próximo' (*Outro* DIA *fomos à exposição*) ou de 'dia vindouro próximo' (*Outro* DIA *vamos à exposição*). *No outro dia*, no entanto, tem o sentido de 'no dia seguinte' (*No outro* DIA *fomos à exposição*).

Observação 2. São corretas e elegantes construções como *outro que eu*. Errado é escrever "outro que 'não' eu". – Aliás, igualmente correta e elegante é a construção *Não há outra saída que esta* (= além desta), e igualmente errado é escrever "Não há outra saída que 'não' esta".

Observação 3. Não é unanimemente aceito, longe disso, que *outro* seja regido do artigo indefinidor *um*; nós mesmo não o fazemos. Escreva-se, portanto, *Outro chegou* (e não "'Um' outro chegou"), *Prefere outra peça* (e não "Prefere 'uma' outra peça"), etc.

- Muito:
  - ✓ *Plantaram-se muitos laranjais* (pronome adjetivo);
  - ✓ *Havia muito carro na rua* (pronome adjetivo);
  - ✓ *Não temos muita apreensão quanto a isto* (pronome adjetivo);

---

[36] Lembre-se que o advérbio, ao contrário do adjetivo, é *essencialmente* invariável em gênero e em número.

[37] Por fim, a locução *de todo* comuta-se de modo perfeito por *totalmente*.

  - ✓ *Muitos não o aceitaram* (pronome substantivo);
  - ✓ *Não necessitamos de muito* (pronome substantivo).

Observação 1. Veja-se que o singular *muito* pode usar-se com o mesmo sentido de *muitos*, como em *Havia muito carro na rua*, justamente porque em construções assim a palavra determinada, com que a determinante tem de concordar, pode usar-se no singular pelo plural. – Não obstante, prefira-se a forma plural pelo menos na escrita não literária, até porque não se pode dizer nem escrever "havia carro na rua", mas tão somente *Havia carros na rua.*

Observação 2. Em *o muito que lhe quero*, *muito* é substantivo acidental.

- Pouco:
  - ✓ *Poucas leituras edificaram-me mais que esta* (pronome adjetivo);
  - ✓ *Havia pouco carro na rua* (pronome adjetivo);
  - ✓ *Poucos o rejeitaram* (pronome substantivo);
  - ✓ *Necessitamos de pouco* (pronome substantivo).

Observação. Diga-se de *pouco* o mesmo que se acaba de dizer de *muito*: *Havia pouco carro na rua.* Igualmente, porém, prefira-se a forma plural pelo menos na escrita não literária.

- Tanto:
  - ✓ *Tínhamos tantos problemas por resolver, que não viajamos* (pronome adjetivo);[38]
  - ✓ *Tínhamos tanto por resolver, que não viajamos* (pronome substantivo);
  - ✓ *Foram tantos os que rejeitaram a proposta, que desistimos dela* (pronome substantivo).
- Quanto:
  - ✓ *Há quantos dias o espera!...* (pronome adjetivo);
  - ✓ *Lê tantas obras quantas possa* (pronome adjetivo);
  - ✓ *Lê tanto quanto possa* (pronome substantivo);
  - ✓ *Quanto custa a casa?* (pronome substantivo);
  - ✓ *Quantos virão?* (pronome substantivo);
- Qualquer (pl. quaisquer):
  - ✓ *Aponte-me quaisquer erros que encontrar* (pronome adjetivo);
  - ✓ *Nunca leu qualquer livro* (pronome adjetivo);
  - ✓ *Qualquer (pessoa) o pode fazer* (pronome adjetivo);
  - ✓ *Assine em qualquer destas duas linhas* (pronome substantivo).

---

[38] Prefira-se *há muitos problemas por* (ou *que*) *resolver* a "há muitos problemas 'a' resolver", *tenho muitas coisas por* (ou *que*) *dizer* a "tenho muitas coisas 'a' dizer", etc.

⇗ **Observação 1.** O *qualquer* de *Nunca leu qualquer livro* não é sinônimo de *nenhum*. Seu sentido de 'exclusão' não é absoluto como o é o de *nenhum*, mas parcial: 'Nunca leu livro de má qualidade' ou 'Nunca leu livro que não fosse de seu interesse'. Por isso mesmo, não se use *qualquer* em lugar de *nenhum* para dar sentido de exclusão absoluta: para isto, escreva-se *Nunca leu nenhum livro*. – Ademais, em português não há o menor problema em multiplicar as negativas numa oração: *Não leu nunca nenhum livro* é construção legítima e perfeitamente afim à índole de nossa língua e das demais línguas latinas. Não se confunda tal multiplicação de negativas com a possibilidade de *afirmar* mediante duas negativas: *Não pode não ser bom* quer dizer *Só pode ser bom*. São construções diversas.

⇗ **Observação 2.** O *qualquer* de *Qualquer o pode fazer* é determinante de *pessoa*, substantivo elíptico. – Aliás, não se use a expressão "qualquer um" em lugar de *qualquer* ou *qualquer pessoa*, porque está longe de ser unanimemente aceita pelos melhores escritores, pelos gramáticos, pelos lexicógrafos (não nos recordamos, aliás, de nenhum dicionário que a registre).

3.δ.4.d. *Cada* e *certo/determinado/dado* são sempre pronomes indefinidores ou adjetivos. *Cada*, ademais, é invariável em gênero e em número.

- Cada:
    - ✓ *Plantou ele mesmo cada árvore do pomar*;
    - ✓ *De cada duas dúzias, uma veio estragada*;
    - ✓ *Vinha ver-nos cada três dias*;
    - ✓ *Enjoava a cada curva*.

⇗ **Observação 1.** Se *cada* determina grupo substantivo numeralizado, como em *Vinha ver-nos cada três dias*, então é preferível que não se lhe anteponha a preposição *a*. Se de tal não se trata, então deve antepor-se-lhe esta preposição, como em *Enjoava* A *cada curva*.

⇗ **Observação 2.** Não se deve usar *cada* como se fora pronome substantivo. Por isso não se diga "Os pães pesam 50 gramas *cada*", mas *Os pães pesam 50 gramas cada um*.

- Certo / determinado / dado:
    - ✓ *Certo dia chegou toda a família*;
    - ✓ *Um certo Capitão Rodrigo*;
    - ✓ *Certas pessoas erguem-se acima de seu tempo*;
    - ✓ *Forneceu-lhe determinadas informações*;
    - ✓ *Em dado momento*...

✎ **Observação 1.** Não se use artigo indefinidor antes de *certo*: trata-se de redundância viciosa, porque, com efeito, aqui *um* e *certo* são por certo ângulo sinônimos (*certo dia* = *um dia*).

✎ **Observação 2.** Se porém *certo* determinar nome próprio, admite-se a anteposição de *um*, porque, como dito, aqui *um certo* equivale a *um tal* – como em *Um Certo Capitão Rodrigo*.

✎ **Observação 3.** Tampouco se use artigo indefinidor antes de *determinado* e de *dado* como pronomes indefinidores, pelas mesmas razões aduzidas para *certo* na Observação 1 imediatamente acima: por certo ângulo, *um* e *determinado* ou *dado* COMO PRONOMES são sinônimos.[39]

3.δ.4.e. Finalmente, *vários* usa-se unicamente como pronome indefinidor ou adjetivo, e como tal não se singulariza nem se pospõe ao substantivo.

✓ *Adquirimos vários CDs de música barroca*;

✓ *Tive de ler várias vezes o mesmo ponto para entendê-lo.*

✎ **Observação.** *Vário* não é pronome indefinidor, mas adjetivo qualificativo (*um terreno de vegetação vária* = *variada*). Pode pluralizar-se: *um terreno de árvores várias*. E note-se que *um terreno de árvores várias* (= *variadas*) não é o mesmo que *um terreno de várias* (= *muitas*) *árvores*, em que *várias* é pronome indefinidor. Por isso mesmo, ou seja, para evitar confusão, é que *vários* qualificativo vem sempre posposto ao substantivo, enquanto *vários* indefinidor vem sempre anteposto a este.

E. Os Pronomes Relativos

3.ε.1. Os PRONOMES RELATIVOS, ao contrário do que talvez façam crer as mesmas gramáticas – ou talvez por isso mesmo –, constituem um dos capítulos mais espinhosos da Gramática.

3.ε.2. Chamam-se RELATIVOS porque se referem a um termo anterior ou antecedente. Trata-se todavia de maneira de referência muito particular: os relativos representam o antecedente para servir de elo subordinante da oração que iniciam; para o fazerem, no entanto, têm eles mesmos de exercer função sintática nesta oração. Por tudo isso os relativos se distinguem das conjunções, que são meros conectivos sem função sintática.

---

[39] Mas *determinado* não é pronome em *um dia determinado* se oposto a *um dia indeterminado*: é adjetivo qualificativo.

3.ε.3. Os relativos, ademais, são PRONOMES IMPROPRIAMENTE DITOS: não podem comutar-se por nenhum substantivo, e não podem dizer-se pronomes senão por reunir-se em paradigma fechado e por representar como dito o antecedente, ou seja, enquanto *despidos* ***em si*** *de toda e qualquer significação*. É o que se dá, por exemplo, em *Cervantes, que nasceu no século XVI, foi o fundador do romance moderno*, onde o pronome relativo *que* não pode substituir-se por nenhum substantivo isolado nem por nenhum grupo substantivo.

3.ε.4. Alguns relativos são variáveis em gênero e em número:

a. CUJO, CUJOS; CUJA, CUJAS;

b. QUANTO, QUANTOS; –, QUANTAS;

c. O QUAL, OS QUAIS; A QUAL, AS QUAIS.

QUE e *QUEM*, por seu lado, são invariáveis tanto em gênero como em número.

§ Invariáveis são ainda *ONDE* e *AONDE*, por um lado, e *COMO*, por outro – e já diremos por que e de que modo a estes três vocábulos podemos considerá-los *relativos*.

✐ **OBSERVAÇÃO 1.** Grande número de gramáticos chama a *quem* e a *quanto* RELATIVOS INDEFINIDOS quando empregados sem "antecedente explícito". Devemos porém aprofundar o assunto: é que *quanto* pode empregar-se de fato "sem antecedente *explícito*" (*Isto é* [*TUDO*] *quanto quero*), ao passo que, propriamente falando, *quem* nunca se emprega "sem antecedente", conquanto possa comutar-se por *antecedente* (substantivo ou pronome demonstrativo) + pronome relativo *que* (*Quem* [= *A pessoa QUE*] *tiver paciência*...; *Quem* [= *Aquele/O QUE*] *tiver paciência*...; etc.). Por isso é que nós preferimos chamar a *quanto*, quando usado sem antecedente "explícito", puro e simples *pronome relativo*, e a *quem*, quando usado sem "antecedente", *indefinido relativo* (*indefinido*, como gênero, e *relativo*, como diferença específica, porque na comutação indicada está presente o mesmo relativo *que*). Não obstante isso, *quem* como indefinido deve estudar-se entre os relativos, antes de tudo, porque não o podemos dizer tal senão no capítulo destes e, depois, porque, como se verá, *quem* não raro se usa pelo relativo *que* e vice-versa. – Alguns gramáticos, todavia, nem sequer procedem a nenhuma comutação ou resolução de *quem*: é o caso de Said Ali, que julga sejam óbice a isto construções como *quem quer que seja*. A nosso ver, porém, o máximo que se pode dizer aqui é que *neste caso*, ou seja, no caso d*estas* construções ou de outras que tais, já não é possível nenhuma comutação ou resolução (como aliás tampouco o é nas latinas *quisquis* ou *quicumque* ou na francesa *quiconque*), o que resulta do modo como se compõem. – Quanto às implicações mais propriamente sintáticas do uso de *quanto* sem antecedente explícito e de *quem* como indefinido relativo, estudá-las-emos no devido momento.

Observação 2. Alguns gramáticos consideram *onde* e *aonde* como pronomes *relativos* em orações como *Esteja* NO LUGAR *onde*..., *Ali,* O LUGAR *aonde vamos*..., etc., porque, com efeito, podem comutar-se aí por *em que* e por *a que*, respectivamente. Podem usar-se, ademais, sem antecedente explícito, como em *Esteja* [NO LUGAR] *onde estiver*..., *Não sei* [O LUGAR] *aonde vamos*, etc. – Mas muitos gramáticos chamam a *onde* e *aonde* em todos estes casos "advérbios relativos", antes de tudo porque aí sempre exercem a função de adjunto adverbial, e depois por sua mesma carga semântica adverbial (de [*lugar*] *em que* ou de [*lugar*] *a que*). Não deixam de ter razão. Parece-nos mais conveniente, todavia, considerar que se trata de fronteira turva, até porque, assim como *nominal* se diz de fatos morfossintáticos relativos não só a substantivos e a adjetivos mas ainda a advérbios, assim também *pronominal* há de dizer-se igualmente – e, com efeito, *onde* e *aonde* parecem cumprir nos exemplos acima a função de pronome relativo. Se assim é, não parecem contraditórias a classificação de *onde* e *aonde* como *pronomes relativos* e sua classificação como *advérbios relativos*. Tudo dependerá do ângulo por que se observem. – O uso ou emprego de *onde* e *aonde*, tratá-lo-emos nesta mesma seção (ou seja, a dos pronomes relativos).

Observação 3. Se porém alguns gramáticos podem chamar *pronomes relativos* a *onde* e *aonde*, então *analogamente* também deveriam chamar *pronome relativo* a *como* em determinadas construções, quer com antecedente explícito, quer com antecedente implícito: *Esta foi a* MANEIRA *como* [= *pela qual*] *arranjamos a situação*; *Agradou-me* [O MODO] *como* [= *pelo qual*] *nos tratou*; etc. Mais ainda, *como* pode usar-se de modo *análogo* a *quem* indefinido relativo: *Agiu como* [= *do modo que*] *quis*; *O trabalho não ficou como* [= *da maneira que*] *queriam*; *Lutou como* [= *do modo que*] [*luta*] *um leão*;[40] etc. – Mas a maneira como as gramáticas e os dicionários sempre classificaram *como* nestes casos, ou seja, ou como *advérbio* ou como *conjunção*, funda-se em razões seriíssimas. Antes de tudo, nos exemplos dados aqui, *como* indica *modo*, e significar modo ou modalidade é o próprio do advérbio; depois, nos mesmos exemplos, *como* serve para ligar uma oração subordinada à sua principal, o que é o próprio da conjunção. – Não se trata, porém, de contradição ou de aporia, mas tanto de fronteira turva como de polifuncionalidade. Quanto todavia ao emprego ou uso de *como*, tratá-lo-emos tanto na seção sobre o advérbio como na seção sobre a conjunção.

---

[40] Neste último caso, porém, pode entender-se *Lutou como* [*ao modo de*] *um leão*, e então *como* se encontrará em outra fronteira turva, ou seja, entre conjunção e preposição.

OBSERVAÇÃO 4. *Quando*, como ainda se dá em espanhol, já se usou em português como relativo: "o ano quando nasceu". Hoje porém se evita entre nós tal construção, e usa-se *o ano em que nasceu.*

3.ε.5. O PRONOME RELATIVO pode ter por ANTECEDENTE:

a. um SUBSTANTIVO ou UM GRUPO SUBSTANTIVO:

✓ "Deem-me AS CIGARRAS *que* eu ouvi menino" (MANUEL BANDEIRA);

✓ *O ESCRITOR ESPANHOL CERVANTES, cuja personagem D. Quixote é universal...*;

b. um PRONOME:

✓ *Era preciso vencer sua resistência,* O *que parecia quase impossível.*

OBSERVAÇÃO 1. Muitos gramáticos consideram que o antecedente do relativo em frases como *Era preciso vencer sua resistência,* O *que parecia quase impossível* é a oração *Era preciso vencer sua resistência*, e que *o que* constitui em conjunto o relativo. Não estamos de acordo, porque este *o* parece-nos, como dito, pronome demonstrativo na função de aposto da referida oração. É bem verdade que em outras fases do português não se usava este *o* em construções como esta, o que, porém, como há de estar claro, resultava o mais das vezes em anfibologia: com efeito, ambígua é a construção "Era preciso vencer sua resistência, *que* parecia quase impossível". Fica-se sem saber qual é aí o antecedente de *que*, se a oração inteira ou *resistência*. Pois bem, passou-se a usar aquele *o* precisamente para evitar tal sorte de ambiguidade – e passou a usar-se justamente como o que é, ou seja, como *pronome demonstrativo* que não pode exercer aí senão a função de *aposto*.

OBSERVAÇÃO 2. Muitos gramáticos consideram que, em de *De ácidos que são antes da madureza, certos frutos mudam-se em doces*, o *que* é relativo e tem por antecedente o adjetivo *ácidos*. Mas, além de não parecer possível que um adjetivo seja antecedente de relativo, parece ainda que construções como esta resultam de determinada inversão expressiva:

- *Certos frutos, que são ácidos antes da madureza, mudam-se em doces* (*com a madureza*) > *De ácidos que são antes da madureza, certos frutos mudam-se em doces* (*com a madureza*).

Se assim é, então tal *que* é relativo de *frutos*, que, porém, para o efeito expressivo intentado, se deslocou para a oração seguinte. Ter-se-ia assim um caso excepcional de relativo não de um antecedente, mas de um subsequente.

3.ε.6. São várias as funções sintáticas que os relativos podem exercer: sujeito, objeto direto, objeto indireto (relativo e dativo), complemento nominal, adjunto adnominal, agente da passiva e adjunto adverbial (esta última, como dito, no caso de *onde* e *aonde*). Tratá-lo-emos na Sexta Parte. Diga-se desde já, todavia, que *cujo* funciona unicamente como adjunto adnominal.

3.ε.7. O que importa aqui são os empregos dos relativos.

3.ε.7.a. QUE.

- *Que* é o relativo fundamental. Refere-se a pessoa ou a coisa singulares ou plurais e pode iniciar orações ADJETIVAS "RESTRITIVAS" e orações "ADJETIVAS EXPLICATIVAS":[41]

✓ *As palavras que* ESCREVEU *emocionaram-nos*;

✓ *Seu marido, que* SE CHAMA RENATO, *ofereceu-nos hospedagem.*

⇗ **OBSERVAÇÃO.** Diga-se desde já que as orações "adjetivas explicativas" sempre se antecedem de vírgula (ou travessão ou, ainda, parêntese), ao passo que as "restritivas" nunca se antecedem de nenhum sinal de pontuação. Mas este é assunto tanto para a Sexta Parte como para a Décima Parte.

- O *que* pode ter por antecedente não só um substantivo, mas um grupo substantivo ou um pronome:

✓ *As* BELAS PALAVRAS *que escreveu emocionaram-nos*;

✓ *Era preciso vencer sua resistência,* O *que parecia quase impossível.*

⇗ **OBSERVAÇÃO 1.** Insista-se em que este demonstrativo *o*, que, como dito, aí exerce a função de aposto, pode comutar-se por *coisa*: *Era preciso vencer sua resistência,* COISA *que parecia quase impossível.*

⇗ **OBSERVAÇÃO 2.** Por vezes, sim, o antecedente de *que* pode estar elíptico: *Aquilo deu* (MUITO) *que falar*, *Isto dá* (MUITO) *que pensar*, etc. Mas não nos parece que se trate do mesmo em *Não sabia que responder*. Aqui, ao contrário, parece-nos que o que está elíptico é o subsequente: *Não sabia que* (COISA) *responder*. – Como quer que seja, não se use *o* antes de *que* em orações como *Aquilo deu* (MUITO) *que falar*, *Isto dá* (MUITO) *que pensar*, nas quais, com efeito, tal *o* não teria nenhum sentido nem exerceria nenhuma função.

⇗ **OBSERVAÇÃO 3.** Muitos gramáticos assinalam que o antecedente do relativo pode ser uma oração inteira. Sem o negarmos, dizemos porém que se trata de recurso antes literário, não usável pois em outro âmbito, justamente porque sempre traz consigo algum grau de ambiguidade ou ao menos de dificuldade de compreensão imediata. Para mostrá-lo, basta que se reproduza o exemplo dado por Celso Cunha e Lindley Cintra:

---

[41] Uma vez mais, diga-se que a razão de tais aspas dar-se-á no momento devido.

✓ "E seu cabelo em cachos, cachos d'uvas, / E negro como a capa das viúvas... / (À maneira o trará das virgens de Belém / *Que* a Nossa Senhora ficava tão bem!)" (ANTÓNIO NOBRE).

3.ε.7.b. O QUAL (A QUAL, OS QUAIS, AS QUAIS).

- Nas orações "adjetivas explicativas", o *que* pode substituir-se pela locução *o qual* (*a qual*, *os quais*, *as quais*):[42]

✓ *O autor desta obra, o qual só obteve reconhecimento tardio...*

Atente-se porém à razão por que se usa aqui tão corretamente *o qual* em lugar de *que*: se se pusesse *que*, hesitar-se-ia quanto ao antecedente: *esta obra* ou *o autor*? Por isso julgamos de todo procedente a seguinte regra: reserve-se *o qual* (*a qual*, *os quais*, *as quais*) para os casos em que possa dar-se o *menor* grau de ambiguidade (em especial quando o relativo se refere a antecedente distante), a *menor* dificuldade de compreensão imediata ou ainda *qualquer* necessidade de ênfase, e use-se o *que* nos demais casos:

✓ *CERVANTES, que nasceu no século XVI...*;

✓ *Multiplicavam-se as corruptelas NO LATIM VULGAR falado na península, o qual já havia muito vinha diversificando-se em vários dialetos*;

✓ *Era HERANÇA dos avós, a qual era preciso salvar*;

✓ *Mas os poetas têm "direitos" próprios, decorrentes de sua mesma arte, na qual não se cingem necessariamente às regras gramaticais* [aqui se trata de pura necessidade de ênfase];

✓ etc.

⇨ **OBSERVAÇÃO.** Quando se trata de orações adjetivas "restritivas", como não se pode recorrer a *o qual* para resolver a dificuldade, muitas vezes se faz necessário dar outro torneio à frase. Ponha-se o seguinte exemplo: "Estive na escola da cidade que fora fundada no início do século". Se o antecedente pretendido é *cidade* e esta não tem senão uma escola, então a frase está corretamente construída. Se porém o antecedente pretendido é *escola* e esta não é a única da cidade, escreva-se então algo como *Na cidade, estive na* ESCOLA *que* *fora fundada no início do século*. Cada caso, todavia, será singular e, portanto, haverá de resolver-se singularmente.

- Casos há, no entanto, em que *o qual* é exigido por razões outras que a solução de ambiguidade ou a ênfase.

---

[42] O *o* desta locução é, ele mesmo, diacrítico: surgiu para evitar ambiguidade com respeito a gênero.

- Assim, *que* emprega-se preferentemente, ou seja, com mais propriedade e elegância, depois das preposições monossilábicas *a, com, de* e *em*:
  - ✓ *Este é um lugar* A *que a ninguém ocorre vir*;
  - ✓ *Os recursos* COM *que contamos são suficientes*;
  - ✓ *Os meios* DE *que dispomos são insuficientes*;
  - ✓ *Houve dias* EM *que nos parecia não encontraríamos solução para isto.*
- *Por*, por sua vez, emprega-se variadamennte:
  - ✓ *Foram estes os meios* PEL*os quais agiu*;
  - ✓ *... razão* POR *que não nos devemos preocupar.*
- As demais preposições simples, bem como as locuções prepositivas, requerem obrigatoriamente ou muito preferentemente *o qual:*
  - ✓ *Este é o tema* SOBRE *o qual deu a conferência*;
  - ✓ *Foi um tempo* DURANTE *o qual se acumularam as penúrias*;
  - ✓ *Impressionante mulher,* ANTE *(ou* PERANTE*, ou* DIANTE D*)* *a qual todos se curvavam*;
  - ✓ *Era uma obra* AO LADO D*a qual todas as demais empalideciam.*

Observação. Deixou de usar-se *sem quem*, a que se substitui *sem o qual* (*os quais, a qual, as quais*): *É ele o professor sem o qual nos teria sido impossível penetrar esta doutrina.*

- *O qual* também se usa em certas construções partitivas:
  - ✓ *Vieram muitos candidatos,* ALGUNS D*os quais completamente despreparados*;
  - ✓ *Podíamos escolher entre uns 20 livros,* UM D*os quais de Filosofia*;
  - ✓ *Eram cinco moças,* A MAIS JOVEM D*as quais havia de ter uns 15 anos.*

Observação. Como visto, *qual* também pode ser pronome indefinido, quer como determinado de CADA (*CADA qual*), quer no par *qual ... qual*:

- ✓ "Imagine uma cachoeira de ideias e imagens, *qual* mais original, *qual* mais bela, às vezes extravagante, às vezes sublime" (Machado de Assis).

3.ε.7.c. Quem.

§ No português atual, *quem* só se emprega com referência a pessoa ou a algo personificado:

- ✓ *Foi a menina quem o fez*;
- ✓ *Fomos nós quem o fez.*
- ✓ *A pessoa de quem falaram...*
- ✓ *O homem a quem cumprimentamos...*;
- ✓ *Quem me converteu foi o sofrimento.*

Observação 1. Em *Foi a menina quem o fez*, o *quem* resolve-se em *a* (= *aquela*) *que*. Pode escrever-se sem erro *Foi a menina que o fez*, até porque tal maneira já desde há muito se tornou convencional entre os melhores escritores; mas desta maneira se torna impossível a colocação normal do verbo ("Ela foi que o fez" é construção destituída de sentido). É que, em verdade, falta aqui o devido demonstrativo, o que requer explicação. *Foi ela quem o fez* responde à pergunta *Quem o fez?*, ou seja, *Que pessoa o fez?*. Por seu lado, uma oração como *Foi uma pedra o que rolou pela ladeira* responde à pergunta *Que rolou pela ladeira?*. Veja-se que, se a pergunta fosse *Que foi isso?*, a resposta seria *Foi uma pedra que rolou pela ladeira*, ou seja, sem o demonstrativo. Pois, semelhantemente, posso responder *Foi ela que rolou pela ladeira*, sem, uma vez mais, o demonstrativo. É que em *Foi a menina a* (ou *o*) *que o fez* equivale a *Foi uma pedra o que rolou pela ladeira* e nela se pode comutar *a que* por *quem*, ao passo que *Foi a menina que rolou pela ladeira* equivale a *Foi uma pedra que rolou pela ladeira* e nela não se pode comutar o *que* por *quem*.

Observação 2. *Fui eu quem o fez, Foste tu quem o fez, Foi ele quem o fez, Fomos nós quem o fez, Fostes vós quem o fez, Foram eles quem o fez*: é esta a única maneira unânime entre os melhores do português atual. Para nos certificarmos da justeza da construção, basta-nos inverter a ordem das orações: *Quem o fez fui eu, Quem o fez foste tu, Quem o fez foi ele, Quem o fez fomos nós, Quem o fez fostes vós, Quem o fez foram eles*. Se todavia se preferir dar o outro torneio à frase e com correção segundo ainda o padrão culto atual, use-se então *que* em vez de *quem*: *Fui eu que o fiz, Foste tu que o fizeste, Foi ele que o fez, Fomos nós que o fizemos, Fostes vós que o fizestes, Foram eles que o fizeram*. Insista-se porém em que, pelo dito na **Observação 1** imediatamente acima, preferimos e sempre usamos *Fui eu quem o fez* ou *Fui eu o que o fez*, etc.

Observação 3. Em *A pessoa de quem falaram...* e *O homem a quem cumprimentamos...*, *quem* já se usa como simples relativo com antecedente explícito. E, embora *quem* não se possa usar senão em referência a pessoa ou a coisa personificada, *que* pode usar-se, por seu lado, em referência tanto a coisa como a pessoa: *A pessoa de que falaram...* e *O homem que cumprimentamos...* – Note-se, ademais, que a preposição *a* aparece em *O homem a quem cumprimentamos...* (e não em *O homem que cumprimentamos...*) porque, quando introduz oração subordinada, *quem* vem sempre preposicionado no português contemporâneo. Não se trata pois de fato de regência verbal, porque, com efeito, o verbo *cumprimentar* é transitivo direto e não requer de si preposição.

Observação 4. O *quem* de *Quem me converteu foi o sofrimento* refere-se, obviamente, a algo não pessoal mas personificado. Observe-se, ademais, todavia, o *quem* em toda a plenitude de seu caráter indefinido: *Quem* (= *Aquilo/O que*) *me converteu foi o sofrimento.*

⇖ **Observação 5.** Como visto, *quem* no par distributivo *quem* ... *quem* é puro pronome indefinido:

- ✓ "*Quem* no Rostro pasmando se extasia; / *Quem* pelo cúneo aos redobrados vivas / Da plebe e dos patrícios embasbaca; / Outro em sangue de irmãos folga ensopar-se..." (Odorico Mendes).

3.ε.7.d. Cujo.

§ O relativo *cujo* expressa noção de posse, de pertença, etc., e com efeito equivale a *do qual, de quem, de que*; pode por isso dizer-se o mais "significativo" dos relativos. Emprega-se tão somente, como dito, na função de adjunto adnominal, e concorda em gênero e número com a coisa "possuída":

- ✓ *É este o autor cujo* PRIMEIRO LIVRO *tanto me agradou*;
- ✓ *Era mulher cuja* ARTE *todos admiravam*;
- ✓ *Eis o exame cujos* RESULTADOS *o preocuparam*;
- ✓ *É esta a moça de cujas* PENAS *nos falaste?*

⇖ **Observação 1.** Note-se que a coisa "possuída" pode sê-lo plenamente, como em *Era mulher cuja* ARTE *todos admiravam*, ou pode sê-lo apenas em certo sentido. Em *É esta a moça de cujas* PENAS *nos falaste?*, com efeito, as *penas* só podem dizer-se "possuídas" enquanto são padecidas; e em *Eis o exame cujo* RESULTADO *o preocupava*, semelhantemente, o *resultado* só pode dizer-se "possuído" enquanto é justamente "resultado".

⇖ **Observação 2.** Note-se ainda que a preposição *de* de *É esta a moça de cujas penas nos falaste?* é requerida pelo verbo *falar* (*quem fala, fala de algo ou de alguém*), não pelo pronome *cujas*. Não pô-lo aí, em casos semelhantes, constitui solecismo. Semelhantemente: *Eis o senhor* COM *cujos filhos convivemos um tempo*; *Paulo é aquele* POR *cujo socorro a menina se salvou*; *Aquele livro,* SOBRE *cujos defeitos tanto se discutiu...*; *José,* EM *cujos domínios vivem muitos...*; etc.

3.ε.7.e. Quanto.

§ Como relativo, *quanto* tem por antecedente um dos pronomes indefinidos *tudo, todos/todas*, os quais, todavia, como visto, podem omitir-se:

- ✓ *É afável com* TODOS *quantos*/TODAS *quantas o rodeiam*;
- ✓ *Já dispõe de* TUDO *quanto pediu*;
- ✓ *Já dispõe de* [*tudo*] *quanto pediu.*

→ Onde e aonde.

- *Onde* e *aonde* usam-se quer com antecedente expresso, quer com antecedente elíptico.

- ✓ *Permaneceremos* NO LUGAR *onde estamos;*
- ✓ *Não conheço* [O LUGAR] *onde estamos;*
- ✓ *Esse é* O LUGAR *aonde vamos;*
- ✓ *Ainda não escolheram* [O LUGAR] *aonde irão.*

Observação 1. Discrepamos, pois, dos *pouquíssimos* gramáticos que tacham de errado o uso de *onde* e de *aonde* sem antecedente explícito, uso tradicional de muitos séculos não só na fala, mas ainda entre os melhores escritores – e ainda no espanhol popular e no culto. Por isso havemos de insistir em que toda e qualquer regra gramatical deve fundar-se no que seja unanimemente ou *quase* unanimente aceito pelos melhores escritores, pelo melhores gramáticos e pelos melhores lexicógrafos.

Observação 2. Não discrepamos, porém, dos gramáticos que impugnam construções como “Vá ‘aonde’ estivermos”, justamente porque aqui não se pode dar a *aonde* antecedente algum (com efeito, “Vá ao lugar ‘aonde’ estivermos” é destituída de sentido) e porque, como já se verá, *aonde* se usa tão somente com verbo de movimento, o que não é o caso aqui. Diga-se e escreva-se tão somente, portanto, *Vá* AO LUGAR *onde estivermos.*

- *Onde* se comuta por *em que* e é requerido pelos verbos de estada ou estância (*estar, permanecer, encontrar-se, descansar, pernoitar*, etc.), enquanto *aonde* se comuta por *a que* e é requerido pelos verbos de movimento *ir, chegar, vir, voltar*, etc.:
  - ✓ *Estamos/Permanecemos/Encontramo-nos/Descansamos/Pernoitamos...* [*no lugar*] *onde...*;
  - ✓ *O lugar aonde fomos/chegamos/viemos/voltamos, ...*

Observação 1. *Onde* e *aonde* devem usar-se justamente como acabamos de dizer, apesar da tendência corruptora da oralidade brasileira (“ir em/onde”, “chegar em/onde”, etc.). – Mas assinale-se que alguns verbos de movimento, como *entrar*, requerem mais comumente *em* (*Entrar em algum lugar*), ainda que, mais raramente, também admitam *a* (*Entrar a algum lugar*).

Observação 2. Ademais, não deve o gramático assentir à deriva no uso destes pronomes-advérbios (deriva da oralidade com profundo reflexo nos escritores) e esquivar-se de normatizar seu uso, razão por que deve qualificar de erradas construções como “Aonde estou?”, “Este é o lugar aonde quero viver”, etc., ou como “Onde vamos”, “Chegamos onde quisemos”, etc. Nem devem obstar a isto certos exemplos de grandes escritores ou poetas, alguns dos quais exemplos[43] já se tornaram célebres:

---

[43] Atente-se a este uso diacrítico, corretíssimo e comum entre os melhores escritores: *Nem devem obstar a isto certos exemplos de grandes poetas, alguns dos quais exemplos já se tornaram célebres.* Se aqui

✓ "Mas *aonde* te vais agora, / *onde* vais, esposo meu?" (MACHADO DE ASSIS).

✓ "Ela quem é, meu coração? Responde! / Nada me dizes. *Onde mora?* *Aonde*? (TEIXEIRA DE PASCOAES).

Nenhum poeta, nenhum gramático, nenhum lexicógrafo está isento de erros gramaticais. E, se não é atividade sã nem lícita viver a buscá-los em texto alheio (que sempre pode ser grande apesar de, dentro de certa medida, conter tais erros), tampouco é digno da Gramática não fornecer aos escritores regras simples, de formulação clara e de abrangência o mais ampla possível que os possam ajudar a evitá-los.

⇗ **OBSERVAÇÃO 3.** Insista-se porém em que os poetas e os demais literatos têm, digamos, "direitos" próprios, decorrentes de sua mesma arte, na qual não se cingem necessariamente às regras gramaticais. Por exemplo, porque necessitava de uma rima em *-ax*, não hesitou Camões em pôr "Ajax" em vez do correto *Ájax*, e de modo semelhante procedeu muitas outras vezes, e não só quanto à rima, mas quanto ao metro, etc. Até que ponto porém podem ir os poetas e os demais literatos na infração às regras gramaticais, esse não é assunto que compita à Gramática, senão à mesma Poética.

- O quadro complica-se se atentamos a que pode dizer-se ou *Vou buscar minha filha* ***na*** *(em + a) escola* ou *Vou buscar minha filha* ***à*** *(a + a) escola*: para a regência do primeiro caso, tem-se antes em conta que se vai buscar alguém que está **na** (EM + a) escola, enquanto no segundo que se vai **à** (A + a) escola [para] buscar alguém. Pois bem, nas interrogações ordenadas ao primeiro caso se usará *onde*, enquanto nas ordenadas ao segundo se usará *aonde*: respectivamente, *Onde vais buscar tua filha?* e *Aonde vais buscar tua filha?*. – Diga-se algo análogo com respeito a orações com *entrar* (*Onde entrou teu amigo?* e *Aonde entrou teu amigo?*), etc.

IV
OS NUMERAIS

4.1. Os NUMERAIS empregam-se quer para indicar o número em si, quer para designar determinada quantidade de coisas ou de pessoas, quer ainda para assinalar o lugar de algo ou de alguém em dada série.

---

não se pusesse *exemplos* como subquente de *quais*, não se poderia saber com certeza se este relativo o é de *certos exemplos* ou de *grandes escritores ou poetas*.

Observação. Como dito, os numerais, como os pronomes, compõem paradigmas, mas, diferentemente dos paradigmas pronominais, trata-se aqui de *paradigmas potencialmente infinitos*; e, como os pronomes, são ou adjetivos determinativos ou substantivos.

4.2. Os **NUMERAIS ADJETIVOS** subdividem-se:

- em CARDINAIS: *três cães, cento e cinco livros*, etc.;
- em ORDINAIS: *a segunda porta, o centésimo colocado*, etc.;
- em MULTIPLICATIVOS: *um café duplo*, etc.;
- em FRACIONÁRIOS: *Compre meio quilo de carne*, etc.

4.3. Os **NUMERAIS SUBSTANTIVOS**, por sua vez, subdividem-se:

- em CARDINAIS: *Dois e dois são quatro*, etc.;
- em MULTIPLICATIVOS: *Ganhamos o dobro do que esperávamos*, etc.;
- em FRACIONÁRIOS: *Três quartos do romance são bons*, etc.

4.4. Os **NUMERAIS CARDINAIS** designam ou o número em si mesmo, ou determinada quantidade.

4.4.1. Antes de tudo, designam o número em si mesmo, e serão então substantivos:

✓ *um, dois, três, quatro, cinco*...;
✓ *quatorze* (ou *catorze*) *menos dois* = *doze*;
✓ etc.

Observação 1. No Brasil, 16, 17 e 19 dizem-se e escrevem-se *dezesseis, dezessete* e *dezenove*; em Portugal, *dezasseis, dezassete* e *dezanove*.

Observação 2. Naturalmente, em Matemática os numerais se escrevem por números (1, 2, 3, 4, 5...). Fora da Matemática, escrever-se-ão por números ou por letras segundo o padrão *editorial* adotado.

4.4.2. Depois, designam quantidade determinada de coisas ou de pessoas, e serão então adjetivos determinativos:

✓ *Possui mais de cinco mil* LIVROS;
✓ *Daqui à sua cidade são trezentos* QUILÔMETROS;
✓ etc.

4.5. Os **NUMERAIS ORDINAIS** indicam a posição ou ordem de qualquer ente em dada série. Reduzem-se antes a adjetivos:

✓ *A primeira* EDIÇÃO *de seu livro*...;
✓ *Foi a nona* COLOCADA *no concurso*;
✓ etc.

Observação. Em construções como *Foi o nono no concurso*, o numeral não deixa de ser adjetivo, porque facilmente se pode supor o substantivo que ele determina (*Foi o nono* [COLOCADO] *no concurso*). Não raro, porém, os ordinais encontram-se em fronteira turva: em *Os últimos serão os primeiros*, pode ver-se em *primeiros* ou um adjetivo substantivado ou um numeral substantivo; se todavia se considera numeral substantivo, então também se haveria de considerar tal a *últimos*, o que não deixam de fazer alguns gramáticos. Não obstante, insista-se, preferimos considerar que uma vez mais se trata de fronteira turva. – Mas atenção: em *Primeiro foi ao dentista e depois à escola*, *primeiro* é advérbio.

4.5. Os chamados **NUMERAIS MULTIPLICATIVOS** indicam aumento proporcional da quantidade. Reduzem-se antes de tudo a substantivos (sempre antecedidos de artigo), e por vezes a adjetivos:

✓ *Sua casa é* O *triplo da nossa*;
✓ "É UM duplo receber, que é UM duplo dar" (J. M. de Macedo);
✓ *Peça um* CAFÉ *duplo*;
✓ *Há uma dupla maneira de dizê-lo*;
✓ etc.

Observação 1. É de notar que, em verdade, os multiplicativos substantivos também se encontram em fronteira turva: podem considerar-se também puros e simples substantivos, o que se mostra pelo obrigado artigo que os antecede.

Observação 2. Em *via de mão dupla*, em *dupla personalidade*, etc., a maioria dos gramáticos e dos lexicógrafos considera que *dupla* seja o que chamamos adjetivo qualificativo. Não podemos dar-lhes nosso acordo, porque, com efeito, ainda aqui *duplo, triplo*... indicam multiplicação: *dupla* em *dupla personalidade* expressa que há DUAS VEZES *uma personalidade*, ou seja, o DOBRO de uma. – E, ainda que de maneira não tão clara, tal é assim até em *cama dupla*, porque, com efeito, ainda que se trate de apenas *um* móvel, este se desdobra justamente em *duas* camas. Pode conceder-se, porém, que neste último caso estamos outra vez em fronteira incerta.

4.6. Os **NUMERAIS FRACIONÁRIOS** designam, por sua vez, a diminuição proporcional da quantidade:

✓ *Metade de sua casa ocupa-a a biblioteca*;
✓ *Já estudou três quintos da matéria.*

Observação 1. *Metade* pode anteceder-se ou não de artigo: *Metade* ou *A metade de sua casa*.

Observação 2. Fracionários como *três quintos, seis sétimos*... são, em verdade, locuções numerais.

4.7. Temos ainda os chamados **NUMERAIS COLETIVOS**, que se reduzem a substantivos coletivos. Uns nomeiam quantidade precisa (*dezena* = quantidade de *dez*) mas *não determinada* de entes, razão por que requerem se especifique de que são quantidade: *uma dúzia de ovos, um milhar de cadernos*, etc. Os outros, todavia, designam espaço de tempo não só preciso mas determinado, razão por que não necessitam de especificação: *decênio* (= dez anos), *século* (= cem anos), *milênio* (= *mil anos*), etc.

4.8. A FLEXÃO DOS NUMERAIS.

4.8.1. OS CARDINAIS.

4.8.1.a. Os **CARDINAIS ADJETIVOS** *um* e *dois* e as centenas a partir de *duzentos* flexionam-se em gênero: *um/uma, dois/duas, duzentos/duzentas, trezentos/trezentas*, etc.

4.8.1.b. *Milhão, bilhão* (ou *bilião*), *trilhão* (ou *trilião*), etc., sempre substantivos, flexionam-se em número: *vinte trilhões, dois quatrilhões*, etc.

4.8.1.c. *Ambos* flexiona-se em gênero: *ambas as mãos*, etc.

Observação 1. *Ambos* (que equivale a *os dois*) é resquício, em línguas latinas, da categoria chamada *dual*, que se encontra no grego antigo, no hebreu, no sânscrito, etc.

Observação 2. *Ambos* pode ser adjetivo (em *ambos os braços*, por exemplo) ou substantivo (em *Ambas vivem no campo*). Note-se que, quando adjetivo e ao contrário do que se dá em espanhol, *ambos* nunca exclui o artigo do substantivo a que se refere: *ambos os homens*, e não "ambos homens" (*ambos hombres*, em espanhol), etc.

Observação 3. Não se pode usar *ambos* com respeito a pessoas ou a coisas que se oponham. Assim, diga-se *As duas partes chegaram a um acordo amigável* (e não "'Ambas' as partes..."). Constitui erro a maneira posta entre parênteses.

Observação 4. Outrora se dizia "ambos de dois". Hoje se evita tanto este dizer como o dizer "todos os dois". Em ambos os casos, diga-se "os dois".

4.8.1.d. Todos os demais cardinais são invariáveis tanto em gênero como em número.

4.8.2. OS ORDINAIS.

§ Os **ORDINAIS** flexionam-se em gênero e em número: *primeira, trigésimos/trigésimas*, etc.

4.8.3. Os multiplicativos.

§ Quando substantivos, os **multiplicativos** são invariáveis tanto em gênero como em número: *o triplo de tua idade, o quádruplo da área de sua casa*, etc. Quando porém são adjetivos, variam em gênero e em número: *dose duplA, modos duplos*, etc.

☞ **Observação.** *Dúplice* (= duplo), *tríplice* (= triplo)... flexionam-se apenas em número: *atitudes dúplices*, etc.

4.8.4. Os fracionários.

§ Nos **fracionários**, a segunda parte morfológica concorda com a primeira, ou seja, com a parte morfológica (cardinal) que indica o número das partes: *Em* UM *terço da fazenda planta, em* DOIS *terços cria gado*, etc.

☞ **Observação 1.** *Meio* concorda em gênero com o substantivo designativo da quantidade de que é fração: *uma* TONELADA *e meiA de minério, quatro* QUILOS *e meiO de carne*, etc.

☞ **Observação 2.** É solecismo dizer "meio-dia e meio", em lugar do correto *meio-dia e meia*. Nas horas, *meia* refere-se à palavra *hora* elíptica (*meio-dia e meia* [*hora*], *três e meia* [*hora*], etc.).

4.8.5. Os coletivos.

§ Todos os **numerais coletivos** variam em número: *três decênios, seis dúzias, dois milhares* (ou *milheiros*), *quatro lustros* (= quinquênio), etc.

☞ **Observação.** Não se escreva "'duas' milhares de pessoas", mas *dois* MILHARES *de pessoas*, porque os coletivos, como *milhar*, são sempre masculinos e o cardinal que os determine, como aqui *dois*, há de concordar com ele também em gênero.

4.9. Emprego dos cardinais.

4.9.1. *Cem* (forma reduzida de *cento*) usa-se como adjetivo invariável: *cem cães, cem galinhas*, etc.

4.9.2. Mas *cento* também é invariável. Hodiernamente, usa-se tão só:

4.9.2.a. nos números entre *cem* e *duzentos*: CENTO *e trinta soldados*, CENTO *e oitenta ovelhas*, etc.;

4.9.2.b. como equivalente de *centena* (e sempre precedido de artigo): UM *cento de folhas de papel*, O *cento de maçãs*, etc.;

4.9.2.c. na expressão de porcentagem: *nove por cento, cem por cento*, etc.

4.9.3. *Bilhão* ou *bilião* designava outrora, no Brasil, "um milhão de milhões", e segue designando-o em Portugal, na Grã-Bretanha, na Alemanha e em todo o mundo de língua espanhola. No Brasil, na França, nos Estados Unidos e em outros países, designa hoje "mil milhões".

4.9.4. Os cardinais podem usar-se indefinidamente: *UNS vinte passos adiante*, *Tenho de dizer-lhe duas ou três coisas*, etc. Por vezes, tal indeterminação é hiperbólica: *Tem milhares de preocupações*, *Estamos lendo um milhão de livros*, *Tenho mil projetos* (ou *Projetos mil passam por minha cabeça*), etc.

4.9.5. Costuma-se contar *zero* entre os cardinais, o que suscita não poucos problemas. Como quer que seja, *zero* normalmente se reduz a substantivo e se usa em aposição: *desinência zero*, *grau zero*, etc. Mas é amplo seu uso como adjetivo: "Ontem fez 'zero' grau".

4.9.6. Algo mais complexo é o uso da conjunção *e* com os cardinais. Vejamo-lo passo a passo.

4.9.6.a. A conjunção *e* sempre se intercala entre as centenas, as dezenas e as unidades: *quarenta e oito*, *quinhentos e setenta e sete*, etc.

4.9.6.b. Mas a mesma conjunção não se emprega entre os milhares e as centenas, a não ser quando o número termina em centena com dois zeros: 1972 = *mil novecentos e setenta e dois*; 1600 = *mil e seiscentos*; etc.

4.9.6.c. Em números muito grandes, emprega-se *e* entre os membros da mesma ordem de unidades, mas omite-se quando se passa de uma ordem para outra:

- ✓ 392.632 = *trezentos e noventa e dois mil, seiscentos e trinta e dois*;
- ✓ 437.816.244.311 = *quatrocentos e trinta e sete bilhões, oitocentos e dezesseis milhões, duzentos e quarenta e quatro mil, trezentos e onze*;
- ✓ etc.

4.10. EMPREGO DOS ORDINAIS.

4.10.1. A par de *primeiro*, empregamos o latinismo *primo/a* em, por exemplo, *matéria prima*,[44] *números primos*, etc.

⇖ **OBSERVAÇÃO 1.** Em *obra-prima* e *matéria-prima*, *prima* não é palavra adjetiva, mas *parte morfológica de origem adjetiva*.

⇖ **OBSERVAÇÃO 2.** *Primo* substantivou-se para significar variamente:

- certo grau de parentesco, a saber, o filho de tio e/ou de tia: *nossos primos*, *minha prima*, etc.;
- a primeira das horas canônicas diurnas (do ofício divino);
- a primeira e a mais fina corda de certos instrumentos (guitarra, viola, etc.);
- a nota geradora da série harmônica superior ou inferior;
- etc.

---

[44] *Matéria prima* é conceito filosófico e significa o princípio material potencial, enquanto *matéria-prima* significa "substância de que se produz ou faz algo (material ou intelectual)".

4.10.2. Em expressões como *de primeira categoria* (ou apenas *de primeira* = de categoria superior) e *de segunda categoria* (ou apenas de segunda = de categoria inferior), o cardinal recai, uma vez mais, em fronteira turva.

4.11. EMPREGO DOS CARDINAIS PELOS ORDINAIS. Não raro o ordinal é substituído pelo correspondente cardinal, o que se dá nos seguintes casos.

4.11.1. Para designação de papas e de soberanos, de séculos e de partes de obra literária, ou teatral, etc., usam-se ORDINAIS até *décimo* e CARDINAIS daí por diante – sempre que o numeral vier posposto ao substantivo:

Inocêncio III (terceiro)
Pedro II (segundo)
Século IX (nono)
Ato III (terceiro)
Canto V (quinto)

Pio XII (doze)
Luís XV (quinze)
Século XIX (dezenove)
Capítulo XI (onze)
Tomo XVII (dezessete)

Quando todavia o numeral antecede ao substantivo, usa-se *sempre* o ORDINAL:

Décimo terceiro século
Sexto ato
Terceiro Canto

Vigésimo primeiro século
Décimo primeiro (ou undécimo) capítulo
Décimo segundo (ou duodécimo) volume

4.11.2. Com respeito a artigos de leis, decretos, portarias, etc., usam-se os ORDINAIS até *nono* e os CARDINAIS de *dez* em diante:

Artigo 2°. (segundo)
Artigo 9°. (nono)

Artigo 10 (dez)
Artigo 48 (quarenta e oito)

4.11.3. Em referência aos dias do mês salvo o primeiro, usam-se CARDINAIS (*Hoje é 18* ou *dezoito de fevereiro*, etc.). Para o primeiro dia dos meses, emprega-se mais comumente o ORDINAL (1°. ou *primeiro* de setembro, etc.).

➢ Não podemos compreender nem aceitar a “regra” que impugna construções como *Hoje é 18* ou *dezoito de fevereiro*. Obviamente está elíptico aí “o dia” (*Hoje é* [*o dia*] *18* ou *dezoito de fevereiro*). A recomendação de que se diga e escreva “Hoje ‘são’ dezoito de fevereiro” parece-nos não só desnecessária, mas pernóstica. – São “regras” assim, desse jaez, as que contribuem para o descrédito da Gramática.

4.11.4. Usam-se ainda CARDINAIS para indicar os anos e as horas: *Nasceu às oito horas de dois mil e vinte e três*, etc.

4.11.5. Na enumeração de páginas ou de folhas de um livro, na de casas, de apartamentos, de quartos de hotel, de cabines ou camarotes de navio ou de trem, na de poltronas de teatro ou de cinema, etc., também empregamos CARDINAIS.

Página 4 (quatro)
Folha 12 (doze)
Camarote 3 (três)

Casa 108 (cento e oito)
Apartamento 11 (onze)
Quarto 1015 (mil e quinze)

Se porém o numeral vier anteposto ao substantivo, emprega-se o ORDINAL:

Terceira página
Sétima folha

Quinta cabine
Trigésima oitava casa

☞ **OBSERVAÇÃO.** Em alguns dos casos de uso do cardinal pelo ordinal, sente-se a omissão da palavra NÚMERO: *casa* [*número* ou *de número 8*]. Nos demais, no entanto, tal uso resulta quer da própria dificuldade popular de memorizar e dizer ordinais a partir de décimo primeiro, quer da preguiça dos lábios, quer das duas coisas conjugadas.

4.12. EMPREGO DOS MULTIPLICATIVOS. Não devemos ceder à tese de que dos MULTIPLICATIVOS apenas *dobro*, *duplo* e *triplo* são de usar correntemente, enquanto os demais se hão de reservar para a "linguagem erudita". Como nosso intento é justamente ensinar o mais largamente possível a língua culta, digamos e escrevamos sem escrúpulos: *quádruplo, quíntuplo, sêxtuplo, sétuplo, óctuplo, nônuplo, décuplo, undécuplo, duodécuplo, cêntuplo.* (Há ainda *dúplice* [= *duplo*] e *tríplice* [= *triplo*].) – E diga-se e escreva-se: *sêxtuplo de três* (= 18); *quádruplo de vinte e um* (= 84); *duodécuplo de cento e vinte e um* (= 1.452); etc.

4.13. EMPREGO DOS FRACIONÁRIOS. Há duas modalidades de fracionários: os FRACIONÁRIOS ORDINÁRIOS (que correspondem às frações ordinárias) e os FRACIONÁRIOS DECIMAIS (que correspondem às frações decimais).

4.13.1. Para 1/2, 1/3, 1/4, 1/5, 1/6, 1/7, 1/8, 1/9, 1/10, os fracionários ordinários são, respectivamente, (*um*) *meio, um terço, um quarto, um quinto, um sexto, um sétimo, um oitavo, um nono, um décimo.* Com variação no numerador: para 2/3, 3/4, 2/5, por exemplo, temos *dois terços, três quartos, dois quintos*, respectivamente.

4.13.2. Os denominadores de 11 em diante expressam-se em forma CARDINAL seguida de *avos* (palavra constituída regressivamente de *oitavo*): assim, para 5/12, 7/33, 11/245, temos, respectivamente, *cinco doze avos*, *sete trinta e três avos*, *onze duzentos e quarenta e cinco avos*.

4.13.3. Se porém o denominador for de dezenas, de centenas, de milhares "redondos", a fração ordinária pode expressar-se de dois modos: por exemplo, para 23/10, para 34/100 e para 123/1.000, temos, respectivamente: *vinte e três dez avos* ou *vinte e três décimos*; *trinta e quatro cem avos* ou *trinta e quatro centésimos*; *cento e vinte e três mil avos* ou *cento e vinte e três milésimos* – segundo se queira (com avos) ou não se queira (com o ordinal) sugerir plasticamente a mesma fração.

4.13.4. Os FRACIONÁRIOS DECIMAIS recorrem aos ordinais: para 12,7, para 15,73, para 5,741 e para 37,7471, por exemplo, temos respectivamente: *doze e sete décimos*; *quinze e setenta e três centésimos*; *cinco e setecentos e quarenta e um milésimos*; e *trinta e sete e sete mil quatrocentos e setenta e um décimos milésimos*.[45]

✐ **OBSERVAÇÃO.** No Brasil, a expressão *meia dúzia* substitui correntemente o cardinal *seis*, enquanto sua redução a *meia* se usa em lugar do mesmo cardinal para enunciar números de telefone, etc. Não usemos na escrita tal redução.

QUADRO DE NUMERAIS CARDINAIS E DE NUMERAIS ORDINAIS[46]

ALGARISMOS		CARDINAIS	ORDINAIS
ROMANOS	ARÁBICOS		
I	1	um	primeiro
II	2	dois	segundo
III	3	três	terceiro
IV	4	quatro	quarto
V	5	cinco	quinto
VI	6	seis	sexto
VII	7	sete	sétimo
VIII	8	oito	oitavo
IX	9	nove	nono
X	10	dez	décimo
XI	11	onze	undécimo ou décimo primeiro
XII	12	doze	duodécimo ou décimo segundo
XIII	13	treze	décimo terceiro
XIV	14	quatorze	décimo quarto
XV	15	quinze	décimo quinto
XVI	16	dezesseis	décimo sexto
XVII	17	dezessete	décimo sétimo

---

[45] Os exemplos de fracionários são tomados do *Dicionário Houaiss*.

[46] Quadro extraído de Celso Cunha & Lindley Cintra, *op. cit.*, p. 390-91.

XVIII	18	dezoito	décimo oitavo
XIX	19	dezenove	décimo nono
XX	20	vinte	vigésimo
XXI	21	vinte e um	vigésimo primeiro
XXX	30	trinta	trigésimo
XL	40	quarenta	quadragésimo
L	50	cinquenta	quinquagésimo
LX	60	sessenta	sexagésimo
LXX	70	setenta	septuagésimo
LXXX	80	oitenta	octogésimo
XC	90	noventa	nonagésimo
C	100	cem	centésimo
CC	200	duzentos	ducentésimo
CCC	300	trezentos	trecentésimo
CD	400	quatrocentos	quadringentésimo
D	500	quinhentos	quingentésimo
DC	600	seiscentos	seiscentésimo ou sexcentésimo
DCC	700	setecentos	septingentésimo
DCCC	800	oitocentos	octingentésimo
CM	900	novecentos	nongentésimo
M	1.000	mil	milésimo
X	10.000	dez mil	dez milésimos
C	100.000	cem mil	cem milésimos
M	1.000.000	um milhão	milionésimo
M	1.000.000. 000	um bilhão	bilionésimo

V

OS ARTIGOS

5.1. Os **ARTIGOS** reduzem-se, como dito, a adjetivos determinativos (ou pronomes adjetivos). Às vezes não é senão por eles que sabemos o GÊNERO e o NÚMERO de alguns substantivos: *o amálgama, uns leva e traz*, etc. Nestes exemplos, sua função é ordenar paradigmaticamente. Mas também são DEFINIDORES, por indicar que o substantivo se refere a algo preciso que se supõe conhecido: *o*(*s*) e *a*(*s*); ou INDEFINIDORES, por indicar que o substantivo designa algo vago, impreciso ou ainda desconhecido: *um*(*ns*), *uma*(*s*).[47]

---

[47] Relembre-se que somos forçados, aqui também, a discrepar da terminologia tradicional: os ARTIGOS não podem ser "definidos" ou "indefinidos", porque o que fazem, como adjetivos determinativos que

5.2. Em português, como na maioria das línguas que os têm, os artigos, tanto os definidores como os indefinidores, não podem colocar-se senão antes do substantivo que eles definem ou indefinem.

5.3. AS DUAS ESPÉCIES DE ARTIGOS.

5.3.1. Mediante o uso do **ARTIGO DEFINIDOR**, precisemo-lo, indica-se antes de tudo que o substantivo por ele determinado significa algo ou alguém já conhecido de algum modo (por referência ou por experiência prévias) do leitor ou do ouvinte. Deem-se exemplos:

- ✓ *Deixou o jornal sobre a mesa e saiu;*
- ✓ *Atravessaram a rua;*
- ✓ *Compraziam-no as macieiras de sua terra;*
- ✓ *Apreciei os livros que me deste.*

5.3.2. Mediante o uso do **ARTIGO INDEFINIDOR**, precisemo-lo também, indica-se antes de tudo que substantivo por ele determinado significa algo ou alguém a que anteriormente não se fez nenhuma referência ou de que tampouco se teve experiência prévia. Vejam-se exemplos:

- ✓ *Deparamos com uma praça que não conhecíamos;*
- ✓ *Estiveram aqui uns senhores a procurar-te;*
- ✓ *Pediu-lhe que fizesse um laudo preciso;*
- ✓ *Umas crianças brincavam no pátio.*

→ Note-se no exemplo seguinte a passagem de indefinição a definição mediante o uso das duas espécies de artigo:

- ✓ *Um ladrão roubou-nos a casa, e ninguém no-lo soube descrever. Após certo tempo, porém, a polícia acabou por encontrar e prender o ladrão.*

OBSERVAÇÃO 1. Os acusativos *illu*(*m*) e *illa*(*m*), do pronome demonstrativo latino *ille, illa, illud* ("aquele, aquela, aquilo, ele, ela"), deram origem, no português arcaico, a *lo* e a *la*, cujo *l*-, por sua constante posição intervocálica (entre outras razões), tendeu desde o início a sincopar-se, donde nossas atuais formas *o, a, os, as.* – Recorde-se que estas formas são não só as do artigo definidor, mas ainda as do pronome oblíquo acusativo e as de um dos pronomes demonstrativos; e, com efeito, é grandíssimo o parentesco morfossemântico entre estas espécies de vocábulos.

---

de fato são, é justamente *definir* ou *determinar* e *indefinir* ou *indeterminar* os substantivos – donde a nossa maneira de chamá-los. – Lembre-se, ademais, que nem todas as línguas têm artigos: não os tinha o latim, por exemplo, mas tinha-os o grego antigo, ainda por exemplo.

⇗ **OBSERVAÇÃO 2.** As formas arcaicas sobrevivem em alguns falares especialmente de Portugal. Mas entre as formas arcaicas do artigo estava *el* (= o), o qual se fossilizou no título *el-rei*, que permanece especialmente em topônimos: *São João del-Rei*, por exemplo.

⇗ **OBSERVAÇÃO 3.** Por seu lado, o artigo indefinidor tem origem numeral: o lat. *ūnus, a, um* (“um, uma”), e, com efeito, nem sempre é fácil ou imediata a distinção entre o artigo *um* e o numeral *um*.

5.4. CONTRAÇÕES ENTRE ALGUMAS PREPOSIÇÕES E OS ARTIGOS.

5.4.1. Quando o substantivo exerce a FUNÇÃO DE COMPLEMENTO OU DE ADJUNTO e inclui uma das preposições *a, de, em* ou *per* (= *por*), esta se contrai com o **artigo definidor** que antecede àquele:

- *ao* (= a + o), *à* (= a + a), *aos* (= a + os), *às* (= a + as);
- *do* (= de + o), *da* (= de + a), *dos* (= de + os), *das* (= de + as);
- *no* (= em + o), *na* (= em + a), *nos* (= em + os), *nas* (= em + as);
- *pelo* (= per + o), *pela* (= per + a), *pelos* (= per + os), *pelas* (= per + a).[48]

⇗ **OBSERVAÇÃO 1.** Quando porém o substantivo exerce a função de SUJEITO e o artigo que o antecede é antecedido, por sua vez, de alguma destas mesmas preposições, então não se dá tal contração:

✓ *Está na hora de o MENINO* (sujeito) *dormir.*

Voltaremos a vê-lo.

⇗ **OBSERVAÇÃO 2.** Se numa sequência de substantivos antecedidos de artigo o primeiro está contraído com alguma de tais preposições, então a contração *necessariamente* há de repetir-se antes de todos os demais:

✓ *Deixou-se levar pela ambição, pela moda e pelo clamor dos interessados* (e não “Deixou-se levar pela ambição, ‘a’ moda e ‘o’ clamor dos interessados”).

⇗ **OBSERVAÇÃO 3.** A contração ou fusão da preposição *a* com o artigo *a/as*, conhecida como CRASE, estudar-se-á em momento próprio.

⇗ **OBSERVAÇÃO 4.** Como visto no estudo da Ortografia, quando uma destas preposições antecede o artigo definidor que faz parte do título de obras (livros, contos, poemas, revistas, jornais, etc.), devemos na escrita usar de um destes dois recursos:

- ou evitar a contração:

✓ *Camões é o autor de* Os Lusíadas;

---

[48] No português antigo, usava-se *polo* (= por + o) em vez de *pelo*. Vejam-se exemplos d'*Os Lusíadas*: “Pois polos doze pares dar-vos quero / Os doze de Inglaterra, e o seu Magriço” (L, I, 12); “Da Lua os claros raios rutilavam / Polas argênteas ondas Neptuninas” (L, I, 58).

- ou indicar mediante apóstrofo a supressão da vogal da preposição:
  ✓ *Camões é o autor d'*Os Lusíadas.

→ Nós preferimos e usamos sempre a segunda maneira.

5.4.2. Quando o substantivo exerce a FUNÇÃO DE COMPLEMENTO OU DE ADJUNTO e inclui uma das preposições *de* e *em*, esta *pode* contrair-se com o **artigo indefinidor** que antecede àquele:

- *dum* (= de + um), *duma* (= de + uma), *duns* (= de + uns), *dumas* (= de + umas);
- *num* (= em + um), *numa* (= em + uma), *nuns* (= em + uns), *numas* (= em + umas).

☞ **OBSERVAÇÃO 1.** Nós, cremos que de acordo com a índole do português oral culto brasileiro, nunca usamos a primeira contração (de *de* + indefinidor), mas usamos sempre a segunda (de *em* + indefinidor), sempre que sintaticamente lícito, como se verá a seguir, ou quando não queremos dar realce ao artigo. – Não confundir, porém, *em um = preposição + artigo* com *em um = preposição + numeral.* No primeiro caso, pode dar-se a contração: *Viajaram num dia de sol.* No segundo caso, não pode dar-se: *Fez o trabalho em um dia* (ou seja, não em dois ou em três, etc.).

☞ **OBSERVAÇÃO 2.** Quando o substantivo exerce a função de SUJEITO e o artigo que o antecede é antecedido, por sua vez, de alguma destas duas mesmas preposições, então constituem erro tais contrações:

✓ *Chega o momento de um FILHO* (sujeito) *ajudar os pais* (e não "... dum filho ajudar os pais").

Também o estudaremos mais profundamente no devido momento.

☞ **OBSERVAÇÃO 3.** As preposições *em* e *de*, quando antepostas ao artigo indefinidor que integra o título de obras, escrevem-se separadamente dele:

✓ *Essa atriz trabalha em* Um Domingo no Campo.

5.5. AS PRINCIPAIS NOTAS MORFOSSINTÁTICAS DOS ARTIGOS.

5.5.1. Insista-se, antes de tudo, em que é pelo artigo que *em última instância* se pode saber tanto o gênero como o número do substantivo. Com efeito, sem o artigo não se saberia o gênero de *estudante* em *a estudante indócil* nem o número de *leva e traz* em *uns leva e traz.*

5.5.2. E insista-se, demais, em que a simples anteposição de um artigo a qualquer palavra ou a qualquer oração é suficiente para substantivá-las: *o belo, o sim, o andar, um não sei quê, o ser estudioso*, etc.

5.6. OUTROS EMPREGOS DOS ARTIGOS.

5.6.1. Mediante o ARTIGO DEFINIDOR, pode assinalar-se o caráter único, ou universal ou de *primus inter pares* do que se significa pelo substantivo. Quando empregado para isto, o artigo chama-se DE NOTORIEDADE. Exemplo:

✓ *Não era um livro qualquer: era o livro.*

5.6.2. O ARTIGO DEFINIDOR mantém sempre, de algum modo, certo traço de demonstrativo, decorrente de sua mesma origem. Pode, porém, fazer *de fato* as vezes de demonstrativo, como nestes exemplos:

✓ *Permaneceu a* [= aquela] *semana toda no* [= NAQUELE] *país*;

✓ *Levo boas lembranças da* [= DESTA] *cidade.*

5.6.3. Ainda mais comum, e elegantíssimo, é o emprego do artigo pelo possessivo, o que mais ordinariamente se dá:

5.6.3.a. antes de nome de parte do corpo:

✓ *Passou a* [por *sua*] *MÃO nos* [por *seus*] *cabelos*;

✓ *Quebrou a* [por *sua*] *perna*;

✓ *Operou o* [por *seu*] *coração*;

✓ *Abri os* [por *meus*] *olhos*;

✓ etc.

5.6.3.b. antes de nome de parentesco:

✓ *Respeita muito a* [por *sua*] *mãe*;

✓ *Foi visitar a* [por *sua*] *prima*;

✓ *Tiveram de consultar os* [por *seus*] *irmãos*;

✓ *Todos devemos amar os* [por *nossos*] *pais*;

✓ etc.

5.6.3.c. antes de nome de peça de vestuário ou de objeto de uso pessoal:

✓ *Vestiu o* [por *seu*] *casaco e saiu*;

✓ *A* [por *Sua*] *saia ficou-lhe apertada*;

✓ *Perderam as* [por *suas*] *chaves*;

✓ *Onde estão os* [por *meus*] *óculos?*;

✓ etc.

5.6.3.d. antes de nome de faculdade ou ato da alma:

✓ *Entregou-se às* [por *suas*] *habituais considerações*;

✓ *Pôs a* [por *sua*] *imaginação a funcionar*;

✓ *Agucei o* [por *meu*] *ouvido*;

✓ etc.

OBSERVAÇÃO. Deixa-se todavia de usar o artigo quando todos esses mesmos nomes formam LOCUÇÃO ADVERBIAL com a preposição *de* ou com a preposição *a*:

- ✓ *Pusemo-nos* DE JOELHOS;
- ✓ *Cantou* A PLENOS PULMÕES;
- ✓ *Progridem* A OLHOS VISTOS;
- ✓ etc.

5.6.4. Quanto ao emprego do ARTIGO DEFINIDOR antes dos possessivos, já o estudamos. Resta-nos dizer que por regra não se usa o artigo antes de possessivo quando este:

5.6.4.a. é parte integrante de fórmula de tratamento (*Sua Excelência, Vossa Magnificência*, etc.) ou de expressões como *Nosso Senhor* e *Nossa Senhora*;

5.6.4.b. faz parte de um vocativo: *Como vai,* MEU PADRINHO; *Entendido,* MEU SENHOR; etc.;

5.6.4.c. pertence a certas expressões feitas: *a seu bel-prazer, em minha opinião, em meu poder, por minha vontade*, etc.;

5.6.4.d. vem precedido de demonstrativo:

- ✓ *Admiro essa sua sinceridade*;
- ✓ *Como está aquele teu amigo?*;
- ✓ *Este seu criado...*;
- ✓ etc.

⇗ **OBSERVAÇÃO.** Se porém o possessivo vier posposto ao substantivo, este em regra se precederá de artigo (se não se preceder de demonstrativo): *Os olhos teus...* Se, porém, ainda que o possessivo esteja posposto ao substantivo, este designa algo de modo vago ou impreciso, então em regra não se usa o artigo:

- ✓ *Esperamos notícias tuas*;
- ✓ *Mande-lhe lembranças minhas*;
- ✓ etc.

5.6.5. O ARTIGO DEFINIDOR está ordinariamente presente antes de substantivo no singular que designe um gênero, uma espécie, uma classe, um povo, etc.:

- ✓ *O animal* [= o gênero animal] *conhece sensivelmente*;
- ✓ *O homem* [= a espécie humana] *é bípede*;
- ✓ *O livro* [= os livros] *é a porta do saber*;
- ✓ *O soldado* [= a classe dos militares ou dos combatentes] *morre pela pátria*;
- ✓ "O guarani [= *os guaranis, o povo guarani*] fez-se aliado do espanhol [= *os espanhóis*]" (JAIME CORTESÃO);
- ✓ etc.

5.6.6. Pode dispensar-se o ARTIGO DEFINIDOR ou quando o substantivo é abstrato, ou quando faz parte de provérbios, de comparações e de outras frases que tais:

- ✓ *Tristeza é coisa que dá e passa*;
- ✓ *Cão que ladra não morde*;
- ✓ *Homem não é bicho*;
- ✓ *Negro como azeviche*;
- ✓ etc.

5.6.7. Em EXPRESSÕES DE TEMPO, emprega-se ou não o ARTIGO DEFINIDOR de modo variado.

5.6.7.a. Se não vier acompanhado de qualificativo, ou se não se tratar de mês célebre, seu nome não admite artigo:

- ✓ *De julho a agosto não estaremos no país*; mas
- ✓ *O agosto* DE NOSSA CIDADE *é sempre muito frio*;
- ✓ *o Maio* DE *68* FRANCÊS;
- ✓ etc.

5.6.7.b. Se não se trata de dia, ordinariamente não se lhe antepõe artigo:

- ✓ *Nasceu em 14 de outubro*; mas
- ✓ *o 11 de Setembro*;
- ✓ etc.

⇗ **OBSERVAÇÃO 1.** O nome de mês célebre e o de dia ou data célebre são nomes próprios compostos (de parte morfológica de origem numeral + parte morfológica de origem prepositiva + parte morfológica de origem substantiva).

⇗ **OBSERVAÇÃO 2.** Ainda que menos usualmente, encontram-se exemplos literários de data não célebre antecedida de artigo, como neste passo de Manuel Bandeira:

- ✓ "Constituiu-se assim livremente a Academia e a primeira sessão se realizou aos 15 DE DEZEMBRO DE 1896, aclamados presidente Machado de Assis e secretários Rodrigo Otávio e Pedro Rabelo."

Trata-se antes, todavia, de uso notarial, ou policial, ou jurídico.

5.6.8. Os nomes de dia da semana *podem* anteceder-se no singular de ARTIGO DEFINIDOR, e *sempre* se antecedem deste artigo quando no plural:

- ✓ *Ela vai ao médico na* SEGUNDA-FEIRA;
- ✓ "Aos DOMINGOS saíam cedo para a missa" (COELHO NETTO);
- ✓ etc.

Mas, insista-se, igualmente *podem* dispensar o artigo (e a preposição a que se aglutina) quando no singular:

- ✓ QUINTA-FEIRA *fomos a um concerto*;

- ✓ *DOMINGO é dia de descanso*;
- ✓ etc.

5.6.9. Não se usa ARTIGO DEFINIDOR nas expressões de hora do dia (incluídas *meio-dia* e *meia-noite*) quando não antecedidas de preposição:

- ✓ *O relógio marcava ONZE E QUINZE*;
- ✓ *É MEIA-NOITE*;
- ✓ etc.

É de regra porém o artigo quando tais expressões se antecedem de preposição, ou seja, quando empregadas adverbialmente:

- ✓ *Partirá às OITO HORAS*;
- ✓ "Ao MEIO-DIA já as águas do porto eram prata fundida" (U. TAVARES RODRIGUES);
- ✓ etc.

5.6.10. Ordinariamente, os nomes de estação do ano antecedem-se de artigo:

✓ "Será goivo no OUTONO, assim como era,
Eternamente mal-aventurada,
A alma, que lírio foi na PRIMAVERA..."
(ALPHONSUS DE GUIMARAENS).

Podem todavia dispensá-lo quando, antecedidos da preposição *de*, exercem a função ou de ADJUNTO ADNOMINAL ou de COMPLEMENTO NOMINAL:

- ✓ *Belos dias de OUTONO.*

5.6.11. Os nomes de dia de festa antecedem-se de ARTIGO DEFINIDOR: *o Natal*, *a Páscoa*, *o ano-novo*, etc.

→ Necessariamente, no entanto, deixa de usar-se o artigo quando estes mesmos nomes exercem a função de ADJUNTO ADNOMINAL de *dia*, de *noite*, de *semana*, de *presente* e de outras que tais: *a NOITE de Natal*; *a SEMANA de Páscoa*; *um PRESENTE de Reis*; etc.

5.6.12. O ARTIGO DEFINIDOR é usado com função distributiva em expressões de peso e de medida:

- ✓ A laranja custa dois reais o QUILO (= cada QUILO);
- ✓ Este piso sai a dez reais o METRO QUADRADO (= cada METRO QUADRADO);
- ✓ etc.

→ O artigo assume então o caráter de *indefinido adjetivo*.

5.6.13. Com *casa*, de regra não se usa ARTIGO DEFINIDOR quando aquela palavra:

5.6.13.a. tem o sentido de "residência" ou de "lar" e vem desacompanhada de qualquer qualificação:

✓ *Chegou a* CASA *cedo*;

✓ *Já era noite quando entramos em* CASA;

✓ *Voltou para casa porque não se sentia bem*;

5.6.13.b. é dita em sentido vago, ainda que se acompanhe de qualificação:

✓ *Em* CASA *de enforcado, não se fala de corda.*

5.6.14. De regra, porém, a palavra *casa* antecede-se de artigo:

5.6.14.a. quando usada na acepção genérica de 'edifício', de 'prédio', de 'estabelecimento comercial', de 'empresa', etc.: *Ele mesmo dirige a* CASA *editorial*; etc.

5.6.14.b. quando qualificada por adjunto adnominal e não dita em sentido vago:

✓ *Correu à* CASA *do amigo*;

✓ *Está na* CASA *de Maria*;

✓ etc.

☞ **OBSERVAÇÃO.** Em várias regiões lusófonas, diz-se também *Está em* CASA *de Maria*, etc.

5.6.15. Normalmente, a palavra *palácio* antecede-se de ARTIGO DEFINIDOR. Quando, porém, ao designar a residência ou o local de despacho de chefe de nação ou de estado, a palavra vem desacompanhada de qualquer qualificação e funciona como ADJUNTO ADVERBIAL OU COMPLEMENTO RELATIVO, então dispensa o artigo:

✓ *Hoje não dormirá em* PALÁCIO;

✓ *Chegou a* PALÁCIO *para despachar*;

✓ etc.[49]

☞ **OBSERVAÇÃO.** Mas sempre se antecederá de artigo quando qualificada de qualquer modo: *O governador está no* PALÁCIO *das Laranjeiras*; etc.

5.6.16. O ARTIGO DEFINIDOR é de uso obrigatório com o *superlativo relativo*. Pode, porém, ou preceder o substantivo: *Era o* ALUNO *mais promissor da classe*; ou o mesmo superlativo, de duplo modo:

✓ ou *Era o* MAIS PROMISSOR *aluno da classe*;

✓ ou *Era aluno o* MAIS PROMISSOR *da classe.*

☞ **OBSERVAÇÃO 1.** Não podemos, todavia, de modo algum, usar duplamente o artigo, ou seja, tanto antes do substantivo como antes do superlativo: "Era o ALUNO o MAIS ESTUDIOSO da turma". Assim se diz e escreve em francês; mas constitui erro em nossa língua.

☞ **OBSERVAÇÃO 2.** Muitos e importantes gramáticos admitem esse duplo uso quando se trata de superlativo determinado por *ainda*, como neste exemplo:

---

[49] Dá-se o mesmo em espanhol.

"Essa façanha os marinheiros AINDA os [marinheiros] mais audazes não ousariam cometê-la". Não o podemos aceitar: ainda se trata do galicismo apontado acima. Diferente e correto será, no entanto, se, pondo entre vírgulas o superlativo com *ainda*, se lhe der caráter concessivo:

- ✓ *Essa façanha os marinheiros,* AINDA *os* [*marinheiros*] *mais audazes, não ousariam cometê-la.*

5.6.17. Os nomes de ponto cardeal (*norte, sul, leste* e *oeste*) ou de ponto colateral (*nordeste, sueste* ou *sudeste, sudoeste* e *noroeste*) antecedem-se de ARTIGO DEFINIDOR quando usados em sentido primário ou para significar região. Quando porém indicam apenas direção, *podem* dispensá-lo:

- ✓ *Vegetação do* SUL *da Austrália*;
- ✓ *Nasceu no* NORDESTE;
- ✓ *Marcha para* OESTE (ou *para o* OESTE);
- ✓ etc.

5.6.18. Dizem Celso Cunha e Lindley Cintra: "Sendo por definição individualizante, o NOME PRÓPRIO deveria dispensar o ARTIGO".[50] Não podemos senão concordar com isso, e tenhamo-lo sempre em mente no que se segue.

5.6.18.a. OS TOPÔNIMOS E O ARTIGO DEFINIDOR NO PORTUGUÊS ATUAL.[51]

- Cumpre, antes de tudo, distinguir o efetivo uso do artigo antes de topônimo do uso do artigo antes de nome comum implícito seguido de aposto de individualização. Este segundo uso é o que se dá em, por exemplo, *o* [*RIO*] *Nilo, o* [*OCEANO*] *Pacífico, o* [*MAR*] *Mediterrâneo, as* [*ILHAS*] *Baamas, o* [*LAGO*] *Titicaca, o* [*VULCÃO*] *Vesúvio, o* [*DESERTO DO*] *Saara, o* [*VENTO*] *Setentrião.* – Mas em outros casos a razão do gênero do artigo é mais complexa ou de todo obscura: *os Açores* (arquipélago; o nome provém talvez de *açor*), *o Himalaia* (cordilheira do), *os Alpes* (maciço), etc.

- Se se trata do primeiro uso, emprega-se normalmente o artigo definidor antes de nome de país, de região, de continente, de constelação, e isso, como dito, por razões nem sempre fáceis de precisar: *a Guiné, os Estados Unidos, a Europa, a Ásia, o Aquário,* etc.

⇙ **OBSERVAÇÃO 1.** Alguns nomes de país ou de região rejeitam o artigo: *Angola, Cabo Verde, Israel, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe, São Salvador, Timor*; *Andorra, Aragão, Castela, Leão, Macau*; etc.

---

[50] Celso Cunha & Lindley Cintra, *op. cit.*, p. 237.

[51] Ou seja, o que se estende do século XIX aos dias atuais.

⇗ **Observação 2.** Alguns nomes de país podem anteceder-se ou não anteceder-se de artigo. *Podem* não fazê-lo quando regidos de preposição: *Espanha, França, Inglaterra, Itália* e poucos mais: *Vive em Espanha, o rei de França,* etc.

- Não se emprega o artigo antes da maioria dos nomes de cidade, de localidade e de ilha (incluídas as ilhas-país): *Campo Grande, Creta, Lisboa, Paris*; *Cuba, Malta, Paquetá*; etc.
- Não se emprega o artigo antes dos nomes de planeta (excluída a Terra) ou de estrela: *Júpiter, Vênus*; *Canópus, Sírius*; etc.

⇗ **Observação.** Alguns nomes de cidade ou de ilha formados de substantivos comuns mantêm o artigo: *a Guarda, o Porto, o Rio de Janeiro, a Figueira da Foz*; *o Cairo* (árabe *El-Kahira* = a vitoriosa), *o Havre* (francês *Le Havre* = o porto); *a Madeira*; etc.

- Não é uniforme o emprego do artigo antes dos nomes de estado brasileiro e de província portuguesa, ainda que a maioria o requeira:

→ *o Acre, o Amazonas, o Ceará, o Espírito Santo, o Maranhão, o Mato Grosso do Sul, o Pará, a Paraíba, o Paraná, o Piauí, o Rio de Janeiro, o Rio Grande do Norte, o Rio Grande do Sul*; *o Alentejo, o Algarve, a Beira, o Douro, a Estremadura, o Minho, o Ribatejo*;

→ *Alagoas, Goiás, Mato Grosso, Minas Gerais, Pernambuco, Rondônia, Santa Catarina, São Paulo, Sergipe*; *Trás-os-Montes.*

⇗ **Observação.** Podemos dizer, ainda, *as Alagoas* e *as Minas Gerais.*

- Todos os topônimos que rejeitam de si o artigo passam a admiti-lo, porém, quando qualificados de qualquer maneira:

✓ "Ai canta, canta ao luar, minha guitarra,
A Lisboa dos Poetas Cavaleiros!"
(António Nobre);

✓ "Gosto da Ouro Preto de Guignard"
(Manuel Bandeira);

✓ A Roma de meus antepassados;

✓ O Portugal de Camões;

✓ etc.

5.6.18.b. Sobretudo em Portugal, mas também no Brasil, generalizou-se o uso do artigo definidor antes de nome próprio de pessoa, o que acabou por refletir-se na escrita.[52] Este é o fato. Mas devemos, como gramático, tentar limitar ao menos na escrita tal uso, por tripla razão: antes de tudo, pela palavra de

---

[52] Curiosamente, porém, em parte do Nordeste brasileiro e em parte do estado do Rio de Janeiro, por exemplo, ainda o corrente é dizer "o livro de José", "a casa de Joana", etc.

Cunha e Cintra transcrita mais acima; depois, porque não se trata ainda de fato irreversível; por fim, para evitar que também neste ponto o português se distancie grandemente não só das línguas indo-europeias em geral, mas em particular das neolatinas mais próximas, como o espanhol. A arte da tradução, por exemplo, no-lo agradecerá. Levem-se pois em conta as seguintes regras ou sugestões normativas relativas ao uso do artigo definidor antes de nomes próprios de pessoa.

- Se se trata de texto literário em que se busque reproduzir a fala, use-se o artigo antes destes nomes.[53]
- Se se trata de texto não literário ou de texto literário (ou de sua tradução) em que não se busque reproduzir a fala, não se use o artigo antes destes nomes.
- Particularmente, não se use o artigo antes de nome próprio de personagem histórica ou de personagem ficcional, de político, de artista, etc.: *Constantino* (não “o Constantino”), *Bush* (não “o Bush”), *Putin* (não “o Putin”), *Chesterton* (não “o Chesterton”), Sancho Pança (não “o Sancho Pança”), etc.

⬀ **Observação 1.** Naturalmente, deve usar-se o artigo antes de nome próprio de pessoa se este estiver qualificado de qualquer maneira:

✓ *A Sônia QUE CONHEÇO não é essa*;
✓ *O Sancho Pança DE NOSSO IMAGINÁRIO*;
✓ *o Marcelo DE OUTRORA*;
✓ *o ROMÂNTICO Schubert*;
✓ etc.

⬀ **Observação 2.** *Pode* usar-se o artigo[54] também quando o nome de pessoa está no plural:

- quer para indicar indivíduos de mesmo nome:
  ✓ *os dois Josés*, *as Marias*, etc.;
- quer para designar uma família:
  ✓ *os Braganças*, *os Silveiras*, etc.;
- quer, usando nome de personagem célebre, para representar determinada classe ou tipo de pessoas, e neste caso, apesar de iniciar-se por letra maiúscula, equivale a um nome comum:
  ✓ *os Cipiões*, *as Penélopes*, *os Hércules*, etc.;[55]

---

[53] Não nos parece adequado, porém, usar de tal artigo na tradução de texto de tom coloquial: com efeito, a combinação de artigo mais nome próprio em “o John” ou em “a Mary” soa a hibridismo vicioso.

[54] Ou, em seu lugar, um demonstrativo, um indefinidor, um possessivo.

[55] Alguns destes nomes, porém, também se usam com inicial minúscula, e assim se dicionarizam. É o caso de *hércules*.

- quer, enfim, para designar pelo nome de um artista (especialmente pintor) uma ou mais obras suas:

✓ *os ZurbaranES da coleção*, etc.

5.6.18.c. Antes dos NOMES ESPECIALMENTE DE OBRA LITERÁRIA OU DRAMÁTICA, etc., pode usar-se ou não o ARTIGO DEFINIDOR:[56]

✓ *Acaba de ler* (*o*) Crime e Castigo;

✓ *Encenarão* (*o*) Macbeth;

✓ etc.

5.6.19. As palavras *senhor*, *senhora* e *senhorita* antecedem-se de artigo quando mencionamos uma pessoa por seu nome ou por seu título:

✓ *O SENHOR Ricardo não virá à reunião*;

✓ *A SENHORA Baronesa que se conta entre seus antepassados*;

✓ etc.

Não se antecedem todavia de artigo quando nos dirigimos à pessoa:

✓ *Adeus, SENHORA Teresa*;

✓ *Como anda, SENHOR Tomás?*;

✓ etc.

5.6.20. Não se antecede de ARTIGO DEFINIDOR o adjetivo *santo/santa* (ou, por apócope, *são*) quando se lhe segue aposto individualizador. Isso porém só é assim porque ambos (o nome *santo* e o aposto) são sentidos como partes de um só nome próprio: *Santa Clara, Santo Tomás de Aquino, São Roberto Belarmino...*

⇗ **OBSERVAÇÃO.** Usa-se o artigo, no entanto, quando com o nome composto do santo se designa a época em que ele se festeja, uma imagem sua, etc.:

✓ *o SÃO PEDRO de Aleijadinho*;

✓ "Ainda há um ano precisamente, assistia eu no Porto ao SÃO JOÃO mais fantástico deste mundo" (AUGUSTO FREDERICO SCHMIDT).

5.6.21. Do uso ou não uso do ARTIGO DEFINIDOR antes de *outro* ou depois de *ambos* e de *todo*, tratamos já em seções anteriores.

5.6.22. Contrariamente ao que se dá em inglês, se numa sequência de substantivos o primeiro estiver antecedido de ARTIGO DEFINIDOR, todos os demais também o haverão de estar – e isso ainda que sejam todos do mesmo gênero e do mesmo número:

✓ *Comprou os livros, a caneta, o caderno e tudo o mais de que necessitava*;

✓ *Comprou os livros, os cadernos e os lápis de que necessitava*;

---

[56] Naturalmente, não se usará se o título da obra já contiver artigo (definidor ou indefinidor).

✓ "Para ganhar[es] o céu, vendeste a ira, a luxúria,
A gula, a inveja, o orgulho, a preguiça e a avareza"
(OLAVO BILAC).

Aplique-se a regra, ainda necessariamente, também a qualquer sequência de topônimos:

✓ *Visitou a Áustria, a Hungria, a Rússia* (e não "Visitou a Áustria, Hungria, Rússia").

⇗ **OBSERVAÇÃO.** Não se deve, todavia, repetir o artigo:

- quando o segundo substantivo significa a mesma pessoa ou a mesma coisa que o primeiro, ou se refere a eles:

✓ *A tangerina ou mexerica é uma espécie de laranja*;

✓ *O soldado e escritor Miguel de Cervantes...*;

- quando os substantivos constituem entre si algo uno ou um todo:

✓ "O estudo [do folclore] era necessitado pela existência das histórias, contos de fadas, fábulas, apólogos, superstições, provérbios, poesia e mitos recolhidos da tradição oral" (I. RIBEIRO).

5.6.23. Em sequências de adjetivos referentes a um mesmo substantivo, não se repete o ARTIGO DEFINIDOR antes daqueles, ainda que se liguem por *e*, por *ou* ou por *mas*:

✓ *A boa e velha Filosofia*;

✓ *A árdua mas prazerosa Filosofia*;

✓ etc.

⇗ **OBSERVAÇÃO 1.** Se se repete o artigo em, por exemplo, *Conhecia o novo* E *o velho Testamento* ou em *A boa* OU *a má fortuna não o alteraram*, não é porque, como dizem em geral as gramáticas, tais adjetivos acentuem "qualidades opostas de um mesmo substantivo", mas simplesmente porque se trata de *dois* substantivos, um dos quais está elíptico:

✓ *Conhecia o novo [Testamento]* E *o velho Testamento*;

✓ *A boa [fortuna]* OU *a má fortuna não o alteraram.*

⇗ **OBSERVAÇÃO 2.** Se os adjetivos se referem a um mesmo substantivo e não estão ligados por *e* ou por *ou*, em princípio não se há de repetir o artigo. Mas pode repetir-se se se quer emprestar ênfase à expressão:

✓ *Era aquela a verdadeira, (a) justa, (a) precisa resposta à questão.*

⇗ **OBSERVAÇÃO 3.** Se porém dado substantivo vier determinado por uma série de superlativos relativos e não estiver, ele mesmo, anteposto de artigo, deve cada superlativo antepor-se de artigo:

✓ "Que O MAIS BELO, O MAIS FORTE, O MAIS ARDENTE
Destes sujeitos é precisamente
O MAIS TRISTE, O MAIS PÁLIDO, O MAIS FEIO"
(EUCLIDES DA CUNHA).

O que porém não se pode, de modo algum, é omitir o *mais* antes de nenhum adjetivo da série:

✓ *É o cineasta mais talentoso, (o) mais profundo e (o) mais coerente das últimas décadas* (e não "É o cineasta mais talentoso, profundo e coerente das últimas décadas").

5.6.24. Omite-se de regra o ARTIGO DEFINIDOR:

- nos vocativos;

✓ "Oh! dias da minha infância!" (CASEMIRO DE ABREU).

- antes de substantivo que designe sujeito ou matéria de estudo quando empregado com os verbos *aprender, cursar, ensinar, estudar* e sinônimos: *aprender francês; cursar medicina; ensinar música; estudar gramática*; etc.
- antes de substantivo que designe idioma que se fala ou se lê: *falar russo, ler grego*, etc.
- antes de *ânimo, coragem, força, valor, ocasião, oportunidade, tempo, motivo, razão, licença, permissão*, etc. (para algo), quando complementam *ter, dar, pedir* e sinônimos:

✓ *Não* TEVE *ânimo/coragem/força/valor* ***para prosseguir***;
✓ *Não lhe* DEU *ocasião/oportunidade* ***para questioná-lo***;
✓ PEDIU-*lhes licença/permissão* ***para falar***;
✓ *Não* TENS *razão/motivo* ***para queixar-te***;
✓ etc.

5.6.25. Como dito, os ARTIGOS INDEFINIDORES sempre mantêm algo de sua origem numeral. E, como já falamos de seu principal emprego (justamente como indefinidor do substantivo a que se referem), limitemo-nos agora a tratar de seus outros principais empregos – sempre variantes daquele.

5.6.25.a. Para qualificar um substantivo já determinado por artigo definidor, costuma-se repeti-lo, em aposição, com o ARTIGO INDEFINIDOR:

✓ "A chuva continuava, uma CHUVA **mansa e igual**, quase lenta, sem interesse em tombar" (M. J. DE CARVALHO).

5.6.25.b. Costuma usar-se ainda o ARTIGO INDEFINIDOR antes de substantivo qualificado pelo adjetivo *verdadeiro* elíptico:

✓ *Pasteur é um* [*VERDADEIRO*] ***cientista.***

5.6.25.c. Mediante **artigo indefinidor** anteposto a cardinais, indica-se APROXIMAÇÃO QUANTITATIVO-NUMÉRICA:

✓ *Tem uns QUARENTA anos*;

✓ *Apareceram umas CINCO pessoas*;

✓ Caminhamos uma MEIA-HORA.

5.6.25.d. Também se usam *uns* e *umas* antes de nomes de parte dupla do corpo ou de objetos parelhos:

✓ *Tens uns OLHOS tranquilos*;

✓ *Calçava uns* [= *um par de*] *SAPATOS lustrosos.*

5.6.25.e. Usa-se o ARTIGO INDEFINIDOR antes de nome de pessoa:

- para indicar semelhança ou conformidade de determinada pessoa com personagem célebre, e neste caso o mesmo nome próprio, ainda que grafado com inicial maiúscula, adquire caráter de nome comum:

✓ *Aquele homem era um HÉRCULES*;

✓ *Essa moça é uma JOANA D'ARC*;

- para indicar que dado indivíduo é exemplar de sua classe ou de sua espécie:

✓ *O problema é que já não há um CÍCERO*;

- para designar que dado indivíduo pertence a determinada família:

✓ *D. Pedro I era um BRAGANÇA*;

- para designar que dada obra é de determinado artista, mais amiúde pintor:

✓ *Apreciei na exposição especialmente um REMBRANDT.*

➩ **OBSERVAÇÃO.** Como os artigos definidores, os INDEFINIDORES podem antepor-se aos topônimos quando estes estão qualificados:

✓ *Encontramos uma EUROPA em crise.*

5.6.26. De regra ou de preferência, não se emprega o ARTIGO INDEFINIDOR nos seguintes principais casos.

5.6.26.a. Como dito já, antes dos pronomes indefinidores *qualquer, outro, certo, determinado* e *dado*:

✓ *Visitar-te-ei a QUALQUER hora* (e não "a uma qualquer hora").

5.6.26.b. Antes ainda do pronome demonstrativo *tal* (excetuado o caso, já tratado, da expressão fixa *um tal*):

✓ *TAL assunto não nos diz respeito* (e não "Um tal assunto...").

5.6.26.c. Antes de *semelhante* como PRONOME DEMONSTRATIVO:

✓ *Nunca faria SEMELHANTE coisa* (e não "uma semelhante...").

5.6.26.d. Em muitas COMPARAÇÕES:

- ✓ *Não poderia dar-me pior notícia que esta* (e não "uma pior notícia...");
- ✓ *Nunca passara por lugar tão perigoso como este* (e não "por um lugar...");
- ✓ *Não poderias ter melhor conselho nesta situação* (e não "um melhor conselho...");
- ✓ *Passou qual furação* (e não "qual um furacão").

⇗ **OBSERVAÇÃO.** Mas diz-se *Luta como* *um* *leão.*

5.6.26.e. Antes de EXPRESSÕES PARTITIVAS OU DE QUANTIDADE INDETERMINADA:

- ✓ *GRANDE PARTE do público não o aplaudiu* (e não "Uma grande parte...");
- ✓ *Havia GRANDE NÚMERO de pessoas na solenidade* (e não "um grande número...");
- ✓ *Comprou MULTIDÃO de livros* e não "uma multidão...");
- ✓ *Disponho de ESCASSA reserva de dinheiro* (e não "uma escassa...");
- ✓ *Não há SUFICIENTE espaço para todos* (e não "um suficiente...");
- ✓ etc.

5.6.26.f. Antes de substantivos de adágios:

- ✓ *CÃO que ladra não morde*;
- ✓ *ESPADA na mão de SANDEU, PERIGO de quem lha deu.*

5.6.26.g. Em enumerações, em apostos e em predicativos da segunda espécie:[57]

- ✓ "CASAS, ÁRVORES, NUVENS desagregavam-se numa melancólica paisagem de Outono" (FERNANDO NAMORA);
- ✓ "Desde aí, os campos-santos não cessaram de recolher os mortos meus: AVÔ, TIOS, AMIGOS DE INFÂNCIA, COMPANHEIROS QUERIDOS – a lista é aterradora..." (AUGUSTO FREDERICO SCHMIDT);
- ✓ *Akira Kurosawa, O DIRETOR DE* DERZU UZALA...;
- ✓ *Meu pai, HOMEM DE CORAGEM...*

⇗ **OBSERVAÇÃO.** Os demais casos de não emprego do artigo indefinidor são antes do âmbito da estilística. Tenha-se sempre o cuidado, todavia, de não impedir por efeitos estilísticos a perfeita e imediata apreensão do sentido do texto.

---

[57] Para *predicativo da segunda espécie, vide* a Sexta Parte.

VI
OS VERBOS

6.1. Como dito, os **VERBOS** constituem a classe mais complexa, e por muitas razões. Relembremos a modo de preâmbulo o já dito acerca deles, para depois retomá-lo aprofundando-o.

6.1.1. Antes de tudo, como os adjetivos, os VERBOS atribuem-se a substantivos. Diferentemente dos adjetivos, contudo, atribuem-se a substantivos enquanto estes são o sujeito da oração e enquanto eles mesmos, os verbos, são o predicado (ou núcleo do predicado) que se atribui ao sujeito.

6.1.2. Depois, mediante o VERBO não só se atribui a um substantivo (pessoa ou coisa) antes de tudo ação ou paixão, mas ainda se SIGNIFICA COM TEMPO, enquanto o substantivo ou nome significa *sem tempo*. A diferença entre *significar sem tempo* e *significar com tempo* pode entender-se facilmente pelo contraste entre um nome de ação – (*a*) *corrida*, por exemplo – e um verbo conjugado – *correm*, por exemplo. Ambos significam *ação*, mas só a forma verbal o faz *significando com tempo*. Além disso, como o verbo, ainda quando não indica estrita ação ou estrita paixão, o faz como se se tratasse de ação,[58] e como a ação é medida pelo tempo, nada mais consequente, portanto, que o verbo sempre signifique com tempo: é o que se dá, de certa maneira, até com os mesmos verbos de cópula ou ligação.[59]

6.1.3. Ademais, enquanto, como visto, o substantivo e o adjetivo têm três tipos de ACIDENTES (gênero, número e grau), o verbo tem quatro: *modo* e *tempo*, *número* e *pessoa*. Estes dois pares, todavia, como visto já, são muito distintos entre si.[60]

6.1.4. Por outro lado, já é complexo o próprio quadro dos MODOS do verbo. O modo INDICATIVO expressa antes a *realidade* da ação verbal (embora ação perfeitamente atual e pois perfeitamente real só a dê o presente do indicativo), ou seja, *o próprio ser*; o modo SUBJUNTIVO empresta à ação caráter não de realidade, mas antes de *possibilidade*, de *potencial*, de *desejo*, de *condição*, etc., ou seja, expressa *o ser possível*; e o modo IMPERATIVO expressa *o ser devido*. O que há pelo menos um século nossas gramáticas vêm chamando FUTURO DO PRETÉRITO (*dormiria, dormirias, dormiria,* etc.) faz parte de fato do modo indicativo enquanto significa ação ou paixão sucedidas em tempo posterior a dado pretérito (*Chegou à cidade já de noite, mas ainda daria a palestra*); quando todavia empresta à ação caráter de possibilidade condicionada (*Lê-lo-ia, se tivesse tempo*), então "poderia" considerar-se modo à parte.

---

[58] Assim, por exemplo, a *posse* pode ser significada pelo verbo ao modo de ação (*Têm uma vasta biblioteca*). Lembre-se, porém, que mais ainda: a própria *paixão* pode, em alguns poucos casos, ser expressa ao modo de *ação*: como em *O enfermo padece muitas dores*, em que se tem o verbo na *voz ativa* conquanto pelo significado do mesmo verbo o sujeito seja *paciente*. Por outro lado, a própria *ação* pode ser expressa ao modo de *paixão*: *São chegados os viajantes*, em que se tem o verbo na *voz passiva* conquanto pelo significado do mesmo verbo o sujeito seja *agente*. Estamos em fronteira de tensão extrema entre forma e figura. Voltaremos a vê-lo.

[59] Nas línguas em que perdeu (ou nunca teve) flexões modo-temporais, o verbo passa a significar por si a pura ação, e caberá a um advérbio ou a um prefixo emprestar-lhe a noção que lhe falta.

[60] Para OS ACIDENTES DO VERBO (OU DESINÊNCIAS VERBAIS), *vide* a Quarta Parte, **4.2.4.b – β**.

6.1.5. Conta o VERBO português, além disso, com modos ou formas chamadas *nominais*: o INFINITIVO, de caráter antes substantivo; o GERÚNDIO, de caráter ora adverbial, ora adjetivo; e o PARTICÍPIO, sempre de caráter adjetivo. Nenhuma destas formas conta com desinências modo-temporais; e, se o gerúndio e os particípios tampouco contam com desinências número-pessoais, não assim em português (e em galego) o infinitivo, que se pessoaliza.

6.1.6. Por fim, ordenam-se os verbos portugueses em TRÊS PARADIGMAS OU CONJUGAÇÕES (a primeira em ***-ar***, a segunda em ***-er*** e a terceira em ***-ir***: *louvar, aprender, partir*).[61] O verbo *pôr*, que pareceria constituir uma quarta conjugação, reduz-se porém à segunda (por derivar do latino *ponĕre*). Todas as conjugações têm seus verbos IRREGULARES, que o podem ser por irregularidade na desinência flexional (*est-ou*) ou por irregularidade no radical (*troux-e*). E alguns verbos, mais que irregulares, são ANÔMALOS.[62]

6.2. Os paradigmas verbais.[63]

6.2.1. Os paradigmas dos verbos regulares.

Primeira conjugação	**Segunda conjugação**	**Terceira conjugação**
Louvar	**Aprender**	**Partir**
	MODO INDICATIVO	
	Presente	
Louvo	Aprendo	Parto
Louvas	Aprendes	Partes
Louva	Aprende	Parte
Louvamos	Aprendemos	Partimos
Louvais	Aprendeis	Partis
Louvam	Aprendem	Partem

---

[61] Lembre-se ainda que o latim e o italiano contam com quatro conjugações; o espanhol com três; o francês também com três, a terceira das quais, porém, de grande irregularidade, subdivide-se em outras três.

[62] Para a razão de tais irregularidades e de tais anomalias, *vide* ainda a Quarta Parte, **4.2.4.b – β**.

[63] Dar-se-ão a seguir somente os paradigmas da *voz ativa*.

Pretérito		
1. Imperfeito		
Louvava	Aprendia	Partia
Louvavas	Aprendias	Partias
Louvava	Aprendia	Partia
Louvávamos	Aprendíamos	Partíamos
Louváveis	Aprendíeis	Partíeis
Louvavam	Aprendiam	Partiam
2.A. Perfeito Simples		
Louvei	Aprendi	Parti
Louvaste	Aprendeste	Partiste
Louvou	Aprendeu	Partiu
Louvámos[64]	Aprendemos	Partiram
Louvastes	Aprendestes	Partistes
Louvaram	Aprenderam	Partiram
2.B. Perfeito Composto		
Tenho ou Hei louvado, aprendido, partido Tens ou Hás louvado, aprendido, partido Tem ou Há louvado, aprendido, partido Temos ou Havemos/Hemos louvado, aprendido, partido Tendes ou Haveis louvado, aprendido, partido Têm ou Hão louvado, aprendido, partido		
3.A. Mais-que-Perfeito Simples		
Louvara	Aprendera	Partira
Louvaras	Aprenderas	Partiras
Louvara	Aprendera	Partira
Louváramos	Aprendêramos	Partíramos
Louváreis	Aprendêreis	Partíreis
Louvaram	Aprenderam	Partiram
3.B. Mais-que-Perfeito Composto		
Tinha ou Havia louvado, aprendido, partido Tinhas ou Havias louvado, aprendido, partido Tinha ou Havia louvado, aprendido, partido Tínhamos ou Havíamos louvado, aprendido, partido Tínheis ou Havíeis louvado, aprendido, partido Tinham ou Haviam louvado, aprendido, partido		

---

[64] Ou *louvamos*, como visto na Terceira Parte.

Futuro do Presente

1. SIMPLES

Louvarei	Aprenderei	Partirei
Louvarás	Aprenderás	Partirás
Louvará	Aprenderá	Partirá
Louvaremos	Aprenderemos	Partiremos
Louvareis	Aprendereis	Partireis
Louvarão	Aprenderão	Partirão

2. COMPOSTO

Terei ou Haverei louvado, aprendido, partido
Terás ou Haverás louvado, aprendido, partido
Terá ou Haverá louvado, aprendido, partido
Teremos ou Haveremos louvado, aprendido, partido
Tereis ou Havereis louvado, aprendido, partido
Terão ou Haverão louvado, aprendido, partido

Futuro do Pretérito

1. SIMPLES

Louvaria	Aprenderia	Partiria
Louvarias	Aprenderias	Partirias
Louvaria	Aprenderia	Partiria
Louvaríamos	Aprenderíamos	Partiríamos
Louvaríeis	Aprenderíeis	Partiríeis
Louvariam	Aprenderiam	Partiriam

2. COMPOSTO

Teria ou Haveria louvado, aprendido, partido
Terias ou Haverias louvado, aprendido, partido
Teria ou Haveria louvado, aprendido, partido
Teríamos ou Haveríamos louvado, aprendido, partido
Teríeis ou Haveríeis louvado, aprendido, partido
Teriam ou Haveriam louvado, aprendido, partido[65]

MODO SUBJUNTIVO

Presente

Louve	Aprenda	Parta
Louves	Aprendas	Partas

---

[65] O FUTURO DO PRETÉRITO COMPOSTO tem uma segunda forma, antes literária, com a primeira parte morfológica no mais-que-perfeito do indicativo: *tivera ou houvera feito, tiveras ou houveras feito, tivera ou houvera feito, tivéramos ou houvéramos feito, tivéreis ou houvéreis feito, tiveram ou houveram feito.*

Louve	Aprenda	Parta
Louvemos	Aprendamos	Partamos
Louveis	Aprendais	Partais
Louvem	Aprendam	Partam
Pretérito		
1. Imperfeito		
Louvasse	Aprendesse	Partisse
Louvasses	Aprendesses	Partisses
Louvasse	Aprendesse	Partisse
Louvássemos	Aprendêssemos	Partíssemos
Louvásseis	Aprendêsseis	Partísseis
Louvassem	Aprendessem	Partissem
2. Perfeito		
Tenha ou Haja louvado, aprendido, partido Tenhas ou Hajas louvado, aprendido, partido Tenha ou Haja louvado, aprendido, partido Tenhamos ou Hajamos louvado, aprendido, partido Tenhais ou Hajais louvado, aprendido, partido Tenham ou Hajam louvado, aprendido, partido		
3. Mais-que-Perfeito		
Tivesse ou Houvesse louvado, aprendido, partido Tivesses ou Houvesses louvado, aprendido, partido Tivesse ou Houvesse louvado, aprendido, partido Tivéssemos ou Houvéssemos louvado, aprendido, partido Tivésseis ou Houvésseis louvado, aprendido, partido Tivessem ou Houvessem louvado, aprendido, partido		
Futuro		
1. Simples		
Louvar	Aprender	Partir
Louvares	Aprenderes	Partires
Louvar	Aprender	Partir
Louvarmos	Aprendermos	Partirmos
Louvardes	Aprenderdes	Partirdes
Louvarem	Aprenderem	Partirem
2. Composto		
Tiver ou Houver louvado, aprendido, partido Tiveres ou Houveres louvado, aprendido, partido Tiver ou Houver louvado, aprendido, partido		

Tivermos ou Houvermos louvado, aprendido, partido Tiverdes ou Houverdes louvado, aprendido, partido Tiverem ou Houverem louvado, aprendido, partido		
Modo Imperativo		
1. Afirmativo		
–	–	–
Louva (tu)	Aprende (tu)	Parte (tu)
Louve (você, etc.)	Aprenda (você, etc.)	Parta (você, etc.)
Louvemos (nós)	Aprendamos (nós)	Partamos (nós)
Louvai (vós)	Aprendei (vós)	Parti (vós)
Louvem (vocês, etc.)	Aprendam (vocês, etc.)	Partam (vocês, etc.)
2. Negativo		
–	–	–
Não louves (tu)	Não aprendas (tu)	Não parta (tu)
Não louve (você, etc.)	Não aprenda (você, etc.)	Não parta (você, etc.)
Não louvemos (nós)	Não aprendamos (nós)	Não partamos (nós)
Não louveis (vós)	Não aprendais (vós)	Não partais (vós)
Não louvem (vocês, etc.)	Não aprendam (vocês, etc.)	Não partam (vocês, etc.)
Modos ou Formas Nominais		
Infinitivo		
1. Impessoal		
Louvar	Aprender	Partir
2.A. Pessoal Simples		
Louvar	Aprender	Partir
Louvares	Aprenderes	Partires
Louvar	Aprender	Partir
Louvarmos	Aprendermos	Partirmos
Louvardes	Aprenderdes	Partirdes
Louvarem	Aprenderem	Partirem
2.B. Pessoal Composto		
Ter ou Haver louvado, aprendido, partido Teres ou Haveres louvado, aprendido, partido Ter ou Haver louvado, aprendido, partido Termos ou Havermos louvado, aprendido, partido Terdes ou Haverdes louvado, aprendido, partido Terem ou Haverem louvado, aprendido, partido		

Gerúndio		
A. Simples		
Louvando	Aprendendo	Partindo
B. Composto		
Tendo ou Havendo louvado, aprendido, partido		
Particípio		
Louvado	Aprendido	Partido[66]

6.2.2. Os verbos irregulares (incluídos os anômalos).[67]

6.2.2.a. Da primeira conjugação.

α. São muito poucos os verbos irregulares desta conjugação: *dar, estar,* os terminados em *-ear* e alguns dos terminados em *-iar.*

- Dar.
  - Presente do indicativo: *dou, dás, dá, damos, dais, dão.*
  - Pretérito perfeito do indicativo: *dei, deste, deu, demos, destes, deram.*
  - Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: *dera, deras, dera, déramos, déreis, deram.*
  - Presente do subjuntivo: *dê, dês, dê, dêmos,*[68] *deis, deem.*
  - Imperfeito do subjuntivo: *desse, desses, desse, déssemos, désseis, dessem.*
  - Futuro do subjuntivo: *der, deres, der, dermos, derdes, derem.*
  - Imperativo afirmativo: *dê, dêmos,*[69] *dai, deem.*
  - Imperativo negativo: *não dês, não dê, não dêmos,*[69] *não deis, não deem.*
- Estar.
  - Presente do indicativo: *estou, estás, está, estamos, estais, estão.*
  - Pretérito perfeito do indicativo: *estive, estiveste, esteve, estivemos, estivestes, estiveram.*
  - Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: *estivera, estiveras, estivera, estivéramos, estivéreis, estiveram.*
  - Presente do subjuntivo: *esteja, estejas, esteja, estejamos, estejais, estejam.*

---

[66] Trataremos mais adiante o particípio “presente”, que chamamos modal.

[67] Para os verbos irregulares, *vide* ainda a Quarta Parte, **4.2.4.b – β**. – Não se darão a seguir senão os tempos em que aparecem formas irregulares. Ademais, deixamos para o final deste ponto as alterações ou alternâncias apenas vocais, sem correspondência na escrita.

[68] Ou *demos,* como visto na Terceira Parte.

[69] *Idem.*

▫ Imperfeito do subjuntivo: *estivesse, estivesses, estivesse, estivéssemos, estivésseis, estivessem.*

▫ Futuro do subjuntivo: *estiver, estiveres, estiver, estivermos, estiverdes, estiverem.*

▫ Imperativo afirmativo: *está, esteja, estejamos, estai, estejam.*

▫ Imperativo negativo: *não estejas, não esteja, não estejamos, não estejais, não estejam.*

• Os TERMINADOS EM *-EAR* recebem *i* depois do *e* do radical nas três pessoas do singular e na terceira pessoa do plural do presente do indicativo e do presente do subjuntivo, e, consequentemente, nas formas do imperativo correspondentes a estas pessoas.[70] Tome-se por modelo o verbo *passear.*

✓ Presente do indicativo: *passeio, passeias, passeia, passeamos, passeais, passeiam.*

✓ Presente do subjuntivo: *passeie, passeies, passeie, passeemos, passeeis, passeiem.*

▫ Imperativo afirmativo: *passeia, passeie, passeemos, passeai, passeiem.*

▫ Imperativo negativo: *não passeies, não passeie, não passeemos, não passeeis, não passeiem.*

• Os TERMINADOS EM *-IAR* conjugam-se regularmente, salvo cinco, que se conjugam como os terminados em *-ear*, ou seja, têm *ei* nas mesmas pessoas que estes: *ansiar, incendiar, mediar, odiar* e *remediar.* Tome-se o primeiro por modelo.

▫ Presente do indicativo: *anseio, anseias, anseia, ansiamos, ansiais, anseiam.*

▫ Presente do subjuntivo: *anseie, anseies, anseie, ansiemos, ansieis, anseiem.*

▫ Imperativo afirmativo: *anseia, anseie, ansiemos, ansiai, anseiem.*

▫ Imperativo negativo: *não anseies, não anseie, não ansiemos, não ansieis, não anseiem.*

§ Como dito, todos os demais verbos da primeira conjugação são regulares. Mas alguns deles merecem atenção especial.

• MOBILIAR, cujas formas rizotônicas têm o acento tônico na sílaba *bi.*

▫ Presente do indicativo: *mobílio, mobílias, mobília, mobiliamos, mobiliais, mobíliam.*

▫ Presente do subjuntivo: *mobílie, mobílies, mobílie, mobiliemos, mobilieis, mobíliem.*

▫ Imperativo afirmativo: *mobília, mobílie, mobiliemos, mobiliai, mobíliem.*

---

[70] Ou seja, nas formas RIZOTÔNICAS. – Dizem-se *rizotônicas* as formas cujo acento tônico recai em sílaba do radical (*cant-o, beb-o,* por exemplo); e *arrizotônicas* as formas cujo acento tônico não recai ao menos inteiramente no radical (*am-amos,* por exemplo) ou recai em sufixo (livr-*eiro,* por exemplo).

  - ▫ Imperativo negativo: *não mobílies, não mobílie, não mobiliemos, não mobilieis, não mobíliem.*[71]
- AGUAR, APROPINQUAR, DESAGUAR, ENXAGUAR, MINGUAR, que, como visto ao tratarmos o novo Acordo Ortográfico, podem pronunciar-se e escrever-se duplamente (tome-se *enxaguar* por modelo):
  - ▫ ou com o *a* ou com o *i* do radical ditos tonicamente e acentuados graficamente nas seguintes pessoas:
    - ▫ presente do indicativo: *enxáguo, enxáguas, enxágua, enxaguamos, enxaguais, enxáguam;*
    - ▫ presente do subjuntivo: *enxágue, enxágues, enxágue, enxaguemos, enxagueis, enxáguem;*
    - ▫ imperativo afirmativo: *enxágua;*
  - ▫ ou com o *u* dito tonicamente e não acentuado graficamente nas seguintes pessoas ou formas rizotônicas:
    - ▫ presente do indicativo: *enxaguo, enxaguas, enxagua, enxaguamos, enxaguais, enxaguam;*
    - ▫ presente do subjuntivo: *enxague, enxagues, enxague, enxaguemos, enxagueis, enxaguem;*
    - ▫ imperativo afirmativo: *enxagua.*
- PUGNAR, IMPUGNAR, DIGNAR-SE, INDIGNAR-SE – atente-se à dicção e escrita das seguintes formas, cuja sílaba tônica vai sublinhada.
  - ▫ Presente do indicativo: *pugno, pugnas, pugna, pugnamos, pugnais, pugnam.*
  - ▫ Presente do subjuntivo: *pugne, pugnes, pugne, pugnemos, pugnais, pugnem.*
  - ▫ Imperativo afirmativo: *pugna, pugne, pugnemos, pugnai, pugnem.*
  - ▫ Imperativo negativo: *não pugnes, não pugne, não pugnemos, não pugneis, não pugnem.*
  - ▫ Presente do indicativo: *impugno, impugnas, impugna, impugnamos, impugnais, impugnam.*
  - ▫ Presente do subjuntivo: *impugne, impugnes, impugne, impugnemos, impugnais, impugnem.*
  - ▫ Imperativo afirmativo: *impugna, impugne, impugnemos, impugnai, impugnem.*
  - ▫ Imperativo negativo: *não impugnes, não impugne, não impugnemos, não impugneis, não impugnem.*

---

[71] A variante lusitana *mobilar* conjuga-se regularmente: *mobilo, mobilas; mobilava; mobilei; mobilaria;* etc.

- Presente do indicativo: *digno-me, dignas-te, digna-se, dignamo-nos, dignais-vos, dignam-se.*
- Presente do subjuntivo: *digne-me, dignes-te, digne-se, dignemo-nos, digneis-vos, dignem-se.*
- Imperativo afirmativo: *digna-te, digne-se, dignemo-nos, dignai-vos, dignem-se.*
- Imperativo negativo: *não te dignes, não se digne, não nos dignemos, não vos digneis, não se dignem.*
- Presente do indicativo: *indigno-me, indignas-te, indigna-se, indignamo-nos, indignais-vos, indignam-se.*
- Presente do subjuntivo: *indigne-me, indignes-te, indigne-se, indignemo-nos, indigneis-vos, indignem-se.*
- Imperativo afirmativo: *indigna-te, indigne-se, indignemo-nos, indignai-vos, indignem-se.*
- Imperativo negativo: *não te indignes, não se indigne, não nos indignemos, não vos indigneis, não se indignem.*

• CAPTAR, OPTAR, OBSTAR, RITMAR – atente-se também à dicção e escrita das seguintes formas, cuja sílaba tônica vai sublinhada.

- Presente do indicativo: *capto, captas, capta, captamos, captais, captam.*
- Presente do subjuntivo: *capte, captes, capte, captemos, capteis, captem.*
- Imperativo afirmativo: *capta, capte, captemos, captai, captem.*
- Imperativo negativo: *não captes, não capte, não captemos, não capteis, não captem.*
- Presente do indicativo: *opto, optas, opta, optamos, optais, optam.*
- Presente do subjuntivo: *opte, optes, opte, optemos, opteis, optem.*
- Imperativo afirmativo: *opta, opte, optemos, optai, optem.*
- Imperativo negativo: *não optes, não opte, não optemos, não opteis, não optem.*
- Presente do indicativo: *obsto, obstas, obsta, obstamos, obstais, obstam.*
- Presente do subjuntivo: *obste, obstes, obste, obstemos, obsteis, obstem.*
- Imperativo afirmativo: *obsta, obste, obstemos, obstai, obstem.*
- Imperativo negativo: *não obstes, não obste, não obstemos, não obsteis, não obstem.*
- Presente do indicativo: *ritmo, ritmas, ritma, ritmamos, ritmais, ritmam.*
- Presente do subjuntivo: *ritme, ritmes, ritme, ritmemos, ritmeis, ritmem.*
- Imperativo afirmativo: *ritma, ritme, ritmemos, ritmai, ritmem.*
- Imperativo negativo: *não ritme, não ritmes, não ritme, não ritmemos, não ritmeis, não ritmem.*

- OBVIAR – atente-se ainda à dicção e escrita das seguintes formas, cuja sílaba tônica vai sublinhada.
  - Presente do indicativo: *obvio, obvias, obvia, obviamos, obviais, obviam.*
  - Presente do subjuntivo: *obvie, obvies, obvie, obviemos, obvieis, obviem.*
  - Imperativo afirmativo: *obvia, obvie, obviemos, obviai, obviem.*
  - Imperativo negativo: *não obvies, não obvie, não obviemos, não obvieis, não obviem.*
- AFROUXAR, ESTOURAR, ROUBAR; INTEIRAR, PENEIRAR – os verbos que trazem ditongo no radical mantêm-nos em toda a conjugação:
  - *afrouxo, afrouxas, afrouxa, afrouxamos, afrouxais, afrouxam;*
  - *estouro, estouras, estoura, estouramos, estourais, estouram;*
  - *roube, roubes, roube, roubemos, roubeis, roubem;*
  - *inteiro, inteiras, inteira, inteiramos, inteirais, inteiram;*
  - *peneire, peneires, peneire, peneiremos, peneireis, peneirem;*
  - etc.

6.2.2.b. DA SEGUNDA CONJUGAÇÃO.

- CABER.
  - Presente do indicativo: *caibo, cabes, cabe, cabemos, cabeis, cabem.*
  - Pretérito perfeito do indicativo: *coube, coubeste, coube, coubemos, coubestes, couberam.*
  - Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: *coubera, couberas, coubera, coubéramos, coubéreis, couberam.*
  - Presente do subjuntivo: *caiba, caibas, caiba, caibamos, caibais, caibam.*
  - Pretérito imperfeito do subjuntivo: *coubesse, coubesses, coubesse, coubéssemos, coubésseis, coubessem.*
  - Futuro do subjuntivo: *couber, couberes, couber, coubermos, couberdes, couberem.*

☞ **OBSERVAÇÃO.** *Caber* não se usa no imperativo.

- CRER.
  - Presente do indicativo: *creio, crês, crê, cremos, credes, creem.*
  - Presente do subjuntivo: *creia, creias, creia, creiamos, creiais, creiam.*
  - Imperativo afirmativo: *crê, creia, creiamos, crede, creiam.*
  - Imperativo negativo: *não creias, não creia, não creiamos, não creiais, não creiam.*
- DIZER.
  - Presente do indicativo: *digo, dizes, diz, dizemos, dizeis, dizem.*

- Pretérito perfeito do indicativo: *disse, disseste, disse, dissemos, dissestes, disseram.*
- Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: *dissera, disseras, dissera, disséramos, disséreis, disseram.*
- Futuro do presente: *direi, dirás, dirá, diremos, direis, dirão.*
- Futuro do pretérito: *diria, dirias, diria, diríamos, diríeis, diriam.*
- Presente do subjuntivo: *diga, digas, diga, digamos, digais, digam.*
- Pretérito imperfeito do subjuntivo: *dissesse, dissesses, dissesse, disséssemos, dissésseis, dissessem.*
- Futuro: *disser, disseres, disser, dissermos, disserdes, disserem.*
- Imperativo afirmativo: *diz* ou *dize, diga, digamos, dizei, digam.*
- Imperativo negativo: *não digas, não diga, não digamos, não digais, não digam.*
- Particípio: *dito.*
- FAZER.
- Presente do indicativo: *faço, fazes, faz, fazemos, fazeis, fazem.*
- Pretérito perfeito do indicativo: *fiz, fizeste, fez, fizemos, fizestes, fizeram.*
- Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: *fizera, fizeras, fizera, fizéramos, fizéreis, fizeram.*
- Futuro do presente: *farei, farás, fará, faremos, fareis, farão.*
- Futuro do pretérito: *faria, farias, faria, faríamos, faríeis, fariam.*
- Presente do subjuntivo: *faça, faças, faça, façamos, façais, façam.*
- Pretérito imperfeito do subjuntivo: *fizesse, fizesses, fizesse, fizéssemos, fizésseis, fizessem.*
- Futuro do subjuntivo: *fizer, fizeres, fizer, fizermos, fizerdes, fizerem.*
- Imperativo afirmativo: *faz* ou *faze, faça, façamos, fazei, façam.*
- Imperativo negativo: *não faças, não faça, não façamos, não façais, não façam.*
- HAVER.
- Presente do indicativo: *hei, hás, há, havemos ou hemos, haveis, hão.*
- Pretérito perfeito do indicativo: *houve, houveste, houve, houvemos, houvestes, houveram.*
- Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: *houvera, houveras, houvera, houvéramos, houvéreis, houveram.*
- Presente do subjuntivo: *haja, hajas, haja, hajamos, hajais, hajam.*
- Pretérito imperfeito do subjuntivo: *houvesse, houvesses, houvesse, houvéssemos, houvésseis, houvessem.*
- Futuro do subjuntivo: *houver, houveres, houver, houvermos, houverdes, houverem.*

- ▫ Imperativo afirmativo: *há, haja, hajamos, havei, hajam.*
- ▫ Imperativo negativo: *não hajas, não haja, não hajamos, não hajais, não hajam.*
- Ler.
- ▫ Presente do indicativo: *leio, lês, lê, lemos, ledes, leem.*
- ▫ Presente do subjuntivo: *leia, leias, leia, leiamos, leiais, leiam.*
- ▫ Imperativo afirmativo: *lê, leia, leiamos, lede, leiam.*
- ▫ Imperativo negativo: *não leias, não leia, não leiamos, não leiais, não leiam.*
- Perder.
- ▫ Presente do indicativo: *perco, perdes, perde, perdemos, perdeis, perdem.*
- ▫ Presente do subjuntivo: *perca, percas, perca, percamos, percais, percam.*
- ▫ Imperativo afirmativo: *perde, perca, percamos, perdei, percam.*
- ▫ Imperativo negativo: *não percas, não perca, não percamos, não percais, não percam.*
- Poder.
- ▫ Presente do indicativo: *posso, podes, pode, podemos, podeis, podem.*
- ▫ Pretérito perfeito do indicativo: *pude, pudeste, pôde, pudemos, pudestes, puderam.*
- ▫ Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: *pudera, puderas, pudera, pudéramos, pudéreis, puderam.*
- ▫ Presente do subjuntivo: *possa, possas, possa, possamos, possais, possam.*
- ▫ Pretérito imperfeito do subjuntivo: *pudesse, pudesses, pudesse, pudéssemos, pudésseis, pudessem.*
- ▫ Futuro do subjuntivo: *puder, puderes, puder, pudermos, puderdes, puderem.*
- ▫ Imperativo afirmativo: *pode, possa, possamos, podei, possam.*
- ▫ Imperativo negativo: *não possas, não possa, não possamos, não possais, não possam.*
- Pôr.[72]
- ▫ Presente do indicativo: *ponho, pões, põe, pomos, pondes, põem.*
- ▫ Pretérito imperfeito do indicativo: *punha, punhas, punha, púnhamos, púnheis, punham.*
- ▫ Pretérito perfeito do indicativo: *pus, puseste, pôs, pusemos, pusestes, puseram.*
- ▫ Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: *pusera, puseras, pusera, puséramos, puséreis, puseram.*
- ▫ Futuro do presente: *porei, porás, porá, poremos, poreis, porão.*

---

[72] O verbo *pôr* é de si inteiramente irregular.

- ▫ Futuro do pretérito: *poria, porias, poria, poríamos, poríeis, poríamos.*
- ▫ Presente do subjuntivo: *ponha, ponhas, ponha, ponhamos, ponhais, ponham.*
- ▫ Pretérito imperfeito do subjuntivo: *pusesse, pusesses, pusesse, puséssemos, pusésseis, pusessem.*
- ▫ Futuro do subjuntivo: *puser, puseres, puser, pusermos, puserdes, puserem.*
- ▫ Imperativo afirmativo: *põe, ponha, ponhamos, ponde, ponham.*
- ▫ Imperativo negativo: *não ponhas, não ponha, não ponhamos, não ponhais, não ponham.*
- ▫ Infinitivo pessoal: *pôr, pores, pôr, pormos, pordes, porem.*
- ▫ Gerúndio: pondo.
- ▫ Particípio: *posto.*

☞ **Observação.** Pelo verbo *pôr* conjugam-se seus derivados atuais ou etimológicos, ressalvada a diferença quanto ao acento gráfico no infinitivo: *compor, depor, dispor, repor,* etc.

- Querer.
  - ▫ Presente do indicativo: *quero, queres, quer, queremos, quereis, querem.*
  - ▫ Pretérito perfeito do indicativo: *quis, quiseste, quis, quisemos, quisestes, quiseram.*
  - ▫ Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: *quisera, quiseras, quisera, quiséramos, quiséreis, quiseram.*
  - ▫ Presente do subjuntivo: *queira, queiras, queira, queiramos, queirais, queiram.*
  - ▫ Pretérito imperfeito do subjuntivo: *quisesse, quisesses, quisesse, quiséssemos, quisésseis, quisessem.*
  - ▫ Futuro do subjuntivo: *quiser, quiseres, quiser, quisermos, quiserdes, quiserem.*
  - ▫ Imperativo afirmativo: *quer* ou *quere, queira, queiramos, querei, queiram.*
  - ▫ Imperativo negativo: *não queiras, não queira, não queiramos, não queirais, não queiram.*
- Saber.
  - ▫ Presente do indicativo: *sei, sabes, sabe, sabemos, sabeis, sabem.*
  - ▫ Pretérito perfeito do indicativo: *soube, soubeste, soube, soubemos, soubestes, souberam.*
  - ▫ Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: *soubera, souberas, soubera, soubéramos, soubéreis, souberam.*
  - ▫ Presente do subjuntivo: *saiba, saibas, saiba, saibamos, saibais, saibam.*
  - ▫ Pretérito imperfeito do subjuntivo: *soubesse, soubesses, soubesse, soubéssemos, soubésseis, soubessem.*

- Futuro do subjuntivo: *souber, souberes, souber, soubermos, souberdes, souberem.*
- Imperativo afirmativo: *sabe, saiba, saibamos, sabei, saibamos.*
- Imperativo negativo: *não saibas, não saiba, não saibamos, não saibais, não saibam.*

- Ser.
  - Presente do indicativo: *sou, és, é, somos, sois, são.*
  - Pretérito imperfeito do indicativo: *era, eras, era, éramos, éreis, eram.*
  - Pretérito perfeito do indicativo: *fui, foste, foi, fomos, fostes, foram.*
  - Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: *fora, foras, fora, fôramos, fôreis, foram.*
  - Presente do subjuntivo: *seja, sejas, seja, sejamos, sejais, sejam.*
  - Pretérito imperfeito do subjuntivo: *fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem.*
  - Futuro do subjuntivo: *for, fores, for, formos, fordes, forem.*
  - Imperativo afirmativo: *sê, seja, sejamos, sede, sejam.*
  - Imperativo negativo: *não sejas, não seja, não sejamos, não sejais, não sejam.*
- Ter.
  - Presente do indicativo: *tenho, tens, tem, temos, tendes, têm.*
  - Pretérito imperfeito do indicativo: *tinha, tinhas, tinha, tínhamos, tínheis, tinham.*
  - Pretérito perfeito do indicativo: *tive, tiveste, teve, tivemos, tivestes, tiveram.*
  - Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: *tivera, tiveras, tivera, tivéramos, tivéreis, tiveram.*
  - Presente do subjuntivo: *tenha, tenhas, tenha, tenhamos, tenhais, tenham.*
  - Pretérito imperfeito do subjuntivo: *tivesse, tivesses, tivesse, tivéssemos, tivésseis, tivessem.*
  - Futuro do subjuntivo: *tiver, tiveres, tiver, tivermos, tiverdes, tiverem.*
  - Imperativo afirmativo: *tem, tenha, tenhamos, tende, tenham.*
  - Imperativo negativo: *não tenhas, não tenha, não tenhamos, não tenhais, não tenham.*

Observação. Pelo verbo *ter* conjugam-se seus derivados e outros verbos com que tem parentesco etimológico, ressalvada a diferença quanto a acento gráfico (*ele tem*, mas *ele contém*, etc.): *abster-se, ater-se, conter, deter, manter, obter, reter,* etc.

- Trazer.
  - Presente do indicativo: *trago, trazes, traz, trazemos, trazeis, trazem.*
  - Pretérito perfeito do indicativo: *trouxe, trouxeste, trouxe, trouxemos, trouxestes, trouxeram.*

▫ Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: *trouxera, trouxeras, trouxera, trouxéramos, trouxéreis, trouxeram.*

▫ Futuro do presente: *trarei, trarás, trará, traremos, trareis, trarão.*

▫ Futuro do pretérito: *traria, trarias, traria, traríamos, traríeis, trariam.*

▫ Presente do subjuntivo: *traga, tragas, traga, tragamos, tragais, tragam.*

▫ Pretérito imperfeito do subjuntivo: *trouxesse, trouxesses, trouxesse, trouxéssemos, trouxésseis, trouxessem.*

▫ Futuro do subjuntivo: *trouxer, trouxeres, trouxer, trouxermos, trouxerdes, trouxerem.*

▫ Imperativo afirmativo: *traz* ou *traze, traga, tragamos, trazei, tragam.*

▫ Imperativo negativo: *não tragas, não traga, não tragamos, não tragais, não tragam.*

- VALER.

▫ Presente do indicativo: *valho, vales, vale, valemos, valeis, valem.*

▫ Presente do subjuntivo: *valha, valhas, valha, valhamos, valhais, valham.*

▫ Imperativo afirmativo: *vale, valha, valhamos, valei, valham.*

▫ Imperativo negativo: *não valhas, não valha, não valhamos, não valhais, não valham.*

- VER.

▫ Presente do indicativo: *vejo, vês, vê, vemos, vedes, veem.*

▫ Pretérito perfeito do indicativo: *vi, viste, viu, vimos, vistes, viram.*

▫ Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: *vira, viras, vira, víramos, víreis, viram.*

▫ Presente do subjuntivo: *veja, vejas, veja, vejamos, vejais, vejam.*

▫ Pretérito imperfeito: *visse, visses, visse, víssemos, vísseis, vissem.*

▫ Futuro do subjuntivo: *vir, vires, vir, virmos, virdes, virem.*

▫ Imperativo afirmativo: *vê, veja, vejamos, vede, vejam.*

▫ Imperativo negativo: *não vejas, não veja, não vejamos, não vejais, não vejam.*

▫ Particípio: *visto.*

⇨ **OBSERVAÇÃO.** Pelo verbo *ver* conjugam-se seus derivados atuais ou etimológicos: *antever, entrever, prever* e *rever.*

6.2.2.c. DA TERCEIRA CONJUGAÇÃO.

α. Verbos com MUTAÇÃO VOCÁLICA no radical. Podem agrupar-se do modo seguinte.

- MODELO: AGREDIR.

▫ Presente do indicativo: *agrido, agrides, agride, agredimos, agredis, agridem.*

▫ Presente do subjuntivo: *agrida, agridas, agrida, agridamos, agridais, agridam.*

▫ Imperativo afirmativo: *agride, agrida, agridamos, agredi, agridam.*

▫ Imperativo negativo: *não agridas, não agrida, não agridamos, não agridais, não agridam.*

⇗ **Observação.** Por *agredir* conjugam-se *denegrir, prevenir, progredir, regredir* e *transgredir.*

- Modelo: cuspir.

▫ Presente do indicativo: *cuspo, cospes, cospe, cuspimos, cuspis, cospem.*

▫ Imperativo afirmativo: *cospe, cuspa, cuspamos, cuspi, cuspam.*

⇗ **Observação.** Por *cuspir* conjugam-se *acudir, bulir, fugir, sacudir, subir,* etc.

- Modelo: frigir.

▫ Presente do indicativo: *frijo, freges, frege, frigimos, frigis, fregem.*

▫ Imperativo afirmativo: *frege, frija, frijamos, frigi, frijam.*

- Modelo: tossir.

▫ Presente do indicativo: *tusso, tosses, tosse, tossimos, tossis, tossem.*

▫ Presente do subjuntivo: *tussa, tussas, tussa, tussamos, tussais, tussam.*

▫ Imperativo afirmativo: *tosse, tussa, tussamos, tossi, tussam.*

▫ Imperativo negativo: *não tussas, não tussa, não tussamos, não tussais, não tussam.*

⇗ **Observação.** Por *tossir* conjugam-se *cobrir* (e derivados: *descobrir, encobrir, recobrir*), *dormir, engolir.*

- Modelo: vestir.

▫ Presente do indicativo: *visto, vestes, veste, vestimos, vestis, vestem.*

▫ Presente do subjuntivo: *vista, vistas, vista, vistamos, vistais, vistam.*

▫ Imperativo afirmativo: *veste, vista, vistamos, vesti, vistam.*

▫ Imperativo negativo: *não vistas, não vista, não vistamos, não vistais, não vistam.*

⇗ **Observação.** Por *vestir* conjugam-se *aderir, advertir, deferir, despir, ferir, preferir, refletir, repetir, seguir, servir.*

β. Verbos com mutação consonantal no radical.

- Medir, pedir e ouvir, que têm modificado o radical na primeira pessoa do singular do presente do indicativo; em todo o presente do subjuntivo; e nas pessoas do imperativo tomadas do presente do subjuntivo. Os radicais *med-, ped-* e *ouv-* mudam-se, respectivamente, em *meç-, peç-* e *ouç-*.

▫ Presente do indicativo: *meço, medes, mede, medimos, medis, medem; peço, pedes, pede, pedimos, pedis, pedem; ouço, ouves, ouve, ouvimos, ouvis, ouvem.*

▫ Presente do subjuntivo: *meça, meças, meça, meçamos, meçais, meçam; peça, peças, peça, peçamos, peçais, peçam; ouça, ouças, ouça, ouçamos, ouçais, ouçam.*

▫ Imperativo afirmativo: *mede, meça, meçamos, medi, meçam; pede, peça, peçamos, pedi, peçam; ouve, ouça, ouçamos, ouvi, ouçam.*

▫ Imperativo negativo: *não meças, não meça, não meçamos, não meçais, não meçam; não peças, não peça, não peçamos, não peçais, não peçam; não ouças, não ouça, não ouçamos, não ouçais, não ouçam.*

⇗ **Observação.** Por *pedir* conjugam-se *despedir, expedir, impedir,* conquanto não derivem dele.

γ. Ir.

▫ Presente do indicativo: *vou, vais, vai, vamos, ides, vão.*

▫ Pretérito perfeito do indicativo: *fui, foste, foi, fomos, fostes, foram.*

▫ Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: *fora, foras, fora, fôramos, fôreis, foram.*

▫ Presente do subjuntivo: *vá, vás, vá, vamos, vades, vão.*

▫ Pretérito imperfeito do subjuntivo: *fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem.*

▫ Futuro do subjuntivo: *for, fores, for, formos, fordes, forem.*

▫ Imperativo afirmativo: *vai, vá, vamos, ide, vão.*

▫ Imperativo negativo: *não vás, não vá, não vamos, não vades, não vão.*

δ. Vir.

▫ Presente do indicativo: *venho, vens, vem, vimos, vindes, vêm.*

▫ Pretérito imperfeito do indicativo: *vinha, vinhas, vinha, vínhamos, vínheis, vinham.*

▫ Pretérito perfeito do indicativo: *vim, vieste, veio, viemos, viestes, vieram.*

▫ Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: *viera, vieras, viera, viéramos, viéreis, vieram.*

▫ Presente do subjuntivo: *venha, venhas, venha, venhamos, venhais, venham.*

▫ Pretérito imperfeito do subjuntivo: *viesse, viesses, viesse, viéssemos, viésseis, viessem.*

▫ Futuro do subjuntivo: *vier, vieres, vier, viermos, vierdes, vierem.*

▫ Imperativo afirmativo: *vem, venha, venhamos, vinde, venham.*

▫ Imperativo negativo: *não venhas, não venha, não venhamos, não venhais, não venham.*

▫ Gerúndio e particípio: *vindo.*

⇗ **Observação.** Conjugam-se por *vir* seus derivados etimológicos: *convir, intervir, provir, sobrevir,* etc.

ε. Rir.

▫ Presente do indicativo: *rio, ris, ri, rimos, rides, riem.*

▫ Imperativo afirmativo: *ri, ria, riamos, ride, riam.*

⇗ **Observação.** Por *rir* conjuga-se *sorrir*, menos na segunda pessoa do plural do presente do indicativo: (*vós*) *sorris.*

➢ Muitos verbos portugueses apresentam alternância vocálica no radical de várias pessoas sem, todavia, tê-la representada ortograficamente.

• Na PRIMEIRA CONJUGAÇÃO, tal sucede com os verbos que têm *e* ou *o* no radical, como *rezar* e *rogar*, respectivamente.

▫ Em REZAR, com efeito, a vogal *e* pronuncia-se aberta nas três pessoas do singular e na terceira pessoa do plural do presente do indicativo e nas do subjuntivo, e, consequentemente, nas formas do imperativo correspondentes a essas mesmas pessoas.

⇗ **Observação.** Entre os verbos da primeira conjugação que têm *e* no radical, só não se conjugam como *rezar* aqueles:

→ em que o *e* figure no ditongo *ei: inteirar, peneirar*, etc.;

→ em que o *e* se segue de *m*, de *n* ou de *nh*: *remar, penar, empenhar*, etc.;

→ em que o *e* se segue de *ch*, de *lh*, de *j* ou de *x*: *fechar, espelhar, vexar*, etc.

¶ Há todavia alternância vocálica no verbo *invejar.*

▫ Em ROGAR, a vogal *o* pronuncia-se aberta nas três pessoas do singular e na terceira pessoa do plural do presente do indicativo e nas do subjuntivo, e, consequentemente, nas formas do imperativo correspondentes a essas mesmas pessoas.

⇗ **Observação.** Entre os verbos da primeira conjugação que têm *o* no radical, só não se conjugam como *rogar* aqueles:

→ em que o *o* faz parte dos ditongos *ou* e *oi*: *roubar, estourar, noivar*, etc.;

→ Em que o *o* se segue de *m*, de *n* ou de *nh*: *domar, lecionar, sonhar*, etc.;

→ Em que o *o* antecede imediatamente à terminação *-ar*: *perdoar, voar*, etc.

- Na SEGUNDA CONJUGAÇÃO, tal sucede também com os verbos que têm *e* ou *o* no radical, como *dever* e *morder*, respectivamente.

□ Em DEVER, com efeito, a vogal *e* pronuncia-se aberta na segunda e na terceira pessoa do singular e na terceira pessoa do plural do presente do indicativo, e ainda, portanto, na segunda pessoa do singular do imperativo afirmativo.

⇗ **OBSERVAÇÃO.** Entre os verbos da segunda conjugação que têm *e* no radical, só não se conjugam como *dever*:

→ *querer*, cujo *e* do radical também se diz aberto na primeira pessoa do singular do presente do indicativo;

→ e aqueles em que o *e* se segue de *m*, de *n* ou de *nh*: *tremer*, *encher*, etc.

□ Em MORDER, a vogal *e* pronuncia-se aberta na segunda e na terceira pessoa do singular e na terceira pessoa do plural do presente do indicativo, e ainda, portanto, na segunda pessoa do singular do imperativo afirmativo.

⇗ **OBSERVAÇÃO.** Entre os verbos da segunda conjugação que têm *o* no radical, só não se conjugam como *morder*:

→ *poder*;

→ e aqueles em que o *o* se segue de consoante nasal, como em *comer*.

6.3.2. OS VERBOS DEFECTIVOS.

6.3.2.a. Chamam-se **DEFECTIVOS** os verbos que não se conjugam em determinada pessoa de dado tempo, ou a que falta um ou mais tempos. A razão disso é múltipla, e nem sempre de todo clara. Pode aceitar-se a explicação tradicional: o desuso de tais formas verbais é o mais das vezes ocasionado ou por falta de eufonia ou por confusão com alguma forma de outro verbo, de emprego mais frequente.

- No primeiro caso, está a falta da primeira pessoa do singular do presente do indicativo e, consequentemente, de todas as pessoas do presente do subjuntivo do verbo *abolir*.
- No segundo, ou seja, em razão da homofonia com formas do verbo *falar*, está a falta das formas rizotônicas do verbo *falir*.

⇗ **OBSERVAÇÃO 1.** Especialmente porque o que é ou não é eufônico pende sempre do gosto, e porque o gosto não pode deixar de ser individual, amiúde discordam gramáticos e lexicógrafos quanto ao estabelecimento dos casos de lacuna verbal. Veja-se um caso de discrepância atual: muitos gramáticos e lexicógrafos dão *adequar* entre os defectivos, enquanto outros (por exemplo, o dicionário Houaiss) o conjugam inteiramente.

⇗ **Observação 2.** De nossa parte, alinhamo-nos com os que suspendem a defectibilidade do verbo *adequar*, que conjugamos integramente. Nos demais casos, julgamos conveniente seguir o mais tradicional.

6.3.2.b. Os defectivos pertencem majoritariamente à terceira conjugação e podem dividir-se em dois grupos principais:

- **Primeiro grupo**: verbos destituídos da primeira pessoa do singular do presente do indicativo, de todas as pessoas do presente do subjuntivo e das formas do imperativo que destas derivam (ou seja, todas as do imperativo negativo e três do afirmativo: a terceira do singular e a primeira e a terceira do plural). O modelo deste grupo é *banir*:

→ Presente do indicativo: –, *banes*, *bane*, *banimos*, *banis*, *banem*;

→ Presente do subjuntivo: –, –, –, –, –, –;

→ Imperativo afirmativo: *bane*, –, –, *bani*, –;

→ Imperativo negativo: –, –, –, –, –.

⇗ **Observação.** Conjugam-se pelo modelo de *banir* os seguintes verbos, entre outros: *abolir*, *brandir*, *carpir*, *colorir*, *demolir*, *exaurir*, *fremir*, *haurir*, *imergir*, *jungir* (e *desjungir*), *retorquir*, além de *soer*.

- **Segundo grupo**: verbos que, no presente do indicativo, não se conjugam senão nas formas arrizotônicas e portanto não possuem nenhuma das pessoas do presente do subjuntivo nem nenhuma das do imperativo negativo, além de que no imperativo afirmativo só possuem a segunda do plural. Podemos tomar *falir* como modelo deste grupo:

→ Presente do indicativo: –, –, –, *falimos*, *falis*, –;

→ Presente do subjuntivo: –, –, –, –, –, –;

→ Imperativo afirmativo: –, –, –, *fali*, –;

→ Imperativo negativo: –, –, –, –, –.

⇗ **Observação 1.** Conjugam-se pelo modelo de *falir* os seguintes verbos, entre outros: *aguerrir*, *combalir*, *comedir-se*, *delinquir*, *descomedir-se*, *embair*, *empedernir*, *foragir-se*, *fornir*, *puir*, *remir*, *renhir* (todos da terceira conjugação) e *precaver-se* e *reaver* (ambos da segunda conjugação).

⇗ **Observação 2.** *Precaver-se* é verbo regular, e não pende de *ver* nem de *vir*. Faz *precavi-me*, *precaveste-te*, *precaveu-se*, etc., no pretérito perfeito do indicativo, e *precavesse-me*, *precavesses-te*, *precavesse-se*, etc., no imperfeito do subjuntivo, segundo o paradigma dos verbos da segunda conjugação.

- *Concernir*, por seu lado, só se usa nas terceiras pessoas (mas em nenhuma do imperativo) e nas formas nominais (mas apenas nas terceiras pessoas do infinitivo flexionado).

Observação geral. As lacunas de um verbo defectivo podem ser supridas por formas de outros verbos ou por determinadas perífrases: por exemplo, *redimo* e *abro falência* em lugar da primeira pessoa do presente do indicativo, respectivamente, do verbo *remir* e do verbo *falir*; *precato-me* ou *acautelo-me* em lugar da pessoa faltante de *precaver-se*; *et reliqua*.

6.3.3. Os verbos abundantes.

6.3.3.a. Chamam-se **abundantes** os verbos que em dado modo nominal ou em dada pessoa possuem duas ou mais formas equivalentes: é o caso, por exemplo, da primeira pessoa do plural do presente do indicativo do verbo *haver* (*havemos* e *hemos*), ou o da segunda pessoa do singular do imperativo afirmativo do verbo *fazer* ou do verbo *dizer* (*faz* e *faze*; *diz* e *dize*). Mas quase todos os casos de tal abundância sucedem tão só no particípio: é que alguns verbos, a par da forma regular em *-ado* (da primeira conjugação) ou em *-ido* (da segunda e da terceira conjugação), contêm uma forma irregular ou reduzida.

6.3.3.b. Quando há as duas formas, a regular emprega-se normalmente na constituição dos tempos compostos, ou seja, acompanhada de *ter* ou de *haver*, enquanto a irregular se emprega acompanhada de *ser* (na formação da voz passiva), de *estar*, de *andar*, de *ir*, de *vir*, etc.

Observação 1. Por vezes não há a forma regular, como é o caso de *abrir*, *cobrir*, *dizer*, *escrever* e *fazer*: com efeito, *aberto* (e nunca "abrido"), *coberto* (e nunca "cobrido"), *dito* (e nunca "dizido"), *escrito* (e nunca "escrevido") e *feito* (e nunca "fazido") usam-se quer nos tempos compostos, quer acompanhados de *ser*, de *estar*, de *andar*, etc. Quando, grandemente desconhecedoras ainda do estado atual da língua, as crianças dizem "escrevido" ou "fazido", não fazem senão aplicar a analogia linguística, fundamento primevo das regras da linguagem, mas fonte também, como vimos vendo ao longo desta *Suma*, de muitas corruptelas.

Observação 2. O particípio tem sempre caráter adjetivo. Este caráter, todavia, acentua-se grandemente quando se trata de particípio irregular. Por isso mesmo é que discrepam gramáticos e lexicógrafos quanto a se são adjetivos ou particípios os seguintes casos, entre outros: *incluso*, *incurso*, *inserto*, *omisso*, *roto* e *vago*. Nós outro consideramos que, *na língua atual*, são adjetivos, justamente porque na língua atual nunca se usam como parte morfológica na voz passiva, mas tão só com *estar*, com *andar*, com *ir*, etc.

Observação 3. No Brasil é muito estendido o uso de *bebo, chego, falo, trago* em lugar de *bebido, chegado, falado, trazido.* Trata-se de pura deriva corruptora da língua, razão por que não deve usar-se na escrita nem na fala.

6.3.3.c. São os seguintes os principais casos de abundância participial:

- Da PRIMEIRA CONJUGAÇÃO:
    - ACEITAR: *aceitado* e *aceito* (em Portugal, *aceite*);
    - ENTREGAR: *entregado* e *entregue*;
    - ENXUGAR: *enxugado* e *enxuto*;
    - EXPRESSAR: *expressado* e *expresso*;
    - EXPULSAR: *expulsado* e *expulso*;
    - ISENTAR: *isentado* e *isento*;
    - LIBERTAR: *libertado* e *liberto*;
    - MATAR: *matado* e *morto*;
    - PAGAR: *pagado* e *pago*;
    - PEGAR: *pegado* e *pego*;
    - SALVAR: *salvado* e *salvo*;
    - SOLTAR: *soltado* e *solto.*

Observação 1. De regra constitui erro o uso de uma forma participial por outra. Mas entre os mesmos melhores escritores é tão comum o uso de *libertado* por *liberto*, por um lado, e de *pago* e de *pego* por *pagado* e por *pegado*, por outro, que não se pode taxar de erro seu uso. Mas insista-se em que o mais adequado, em vários sentidos, é o uso paradigmático destas formas.

Observação 2. A forma participial irregular de *matar* só se usa na voz passiva: *O leão FOI MORTO pelo caçador.*

- Da SEGUNDA CONJUGAÇÃO:
    - ACENDER: *acendido* e *aceso*;
    - BENZER: *benzido* e *bento*;
    - ELEGER: *elegido* e *eleito*;
    - ENVOLVER: *envolvido* e *envolto*;
    - MORRER: *morrido* e *morto*;
    - PRENDER: *prendido* e *preso*;
    - SUSPENDER: *suspendido* e *suspenso.*

Observação 1. Note-se que *morto* é particípio irregular tanto de *matar* como de *morrer.*

Observação 2. Com *ser*, com *estar*, etc., *envolto* só se usa quando se trata de coisas físicas: *Foi envolto pela FUMAÇA*, etc. Quando se trata de ações, usa-se sempre *envolvido.*

Foi envolvido num CRIME, etc. – Nos tempos compostos, porém, seria ocioso dizê-lo, só se usa *envolvido*: *A fumaça* TINHA-O ENVOLVIDO; TINHAM-*na* ENVOLVIDO *num crime*, etc.

- Da TERCEIRA CONJUGAÇÃO:
  - EMERGIR: *emergido* e *emerso*;
  - EXPRIMIR: *exprimido* e *expresso*;
  - EXTINGUIR: *extinguido* e *extinto*;
  - FRIGIR: *frigido* e *frito*;
  - IMERGIR: *imergido* e *imerso*;
  - IMPRIMIR: *imprimido* e *impresso*;
  - SUBMERGIR: *submergido* e *submerso*.

⇗ **OBSERVAÇÃO 1.** *Frito*, como visto, é particípio de *frigir*, não de *fritar*, que tem particípio único: *fritado*. Normalmente, todavia, usa-se *frito* e nunca *fritado* com *ser*, com *estar*, com *andar*, com *ir*, etc.

⇗ **OBSERVAÇÃO 2.** *Imprimir* só possui dupla forma participial quando significa ‘gravar’ ou ‘estampar’. Quando significa ‘infundir’ ou ‘produzir movimento’, emprega-se tão somente *imprimido*. Assim, *Seu livro será impresso em Portugal*; mas *Foi imprimida pelo professor na alma dos alunos a vontade de estudar*. Se porém o verbo está em sua forma pronominal, obviamente não pode dizer-se senão *Imprimiu-se na alma dos alunos a vontade de estudar*.

§ Caíram em desuso muitos particípios irregulares: entre outros, *cinto*, do verbo *cingir*; *colheito*, do verbo *colher*; *despeso*, do verbo *despender*. Outros, como *absoluto*, de *absolver*, e *resoluto*, de *resolver*, seguem usando-se, mas como puros adjetivos.

6.3.4. VERBOS UNIPESSOAIS E VERBOS “IMPESSOAIS”.

6.3.4.a. São UNIPESSOAIS os verbos que, em razão de seu significado próprio, normalmente não se usam senão na terceira pessoa do singular ou do plural. São os seguintes.

- Os que significam ação própria de determinado animal, como *balir*, *cacarejar*, *chirriar*, *coaxar*, *grasnar*, *grazinar* (os periquitos, por exemplo), *ladrar*, *miar*, *piar* ou *pipilar*, *rosnar*, *zumbir*, *zurrar*, *esvoaçar* (borboletas, mariposas, etc.), *galopar*, *trotar* e outros que tais.

⇗ **OBSERVAÇÃO 1.** Em sentido *translato* ou *metafórico*, os verbos que significam ação própria de determinado animal podem usar-se em todas as pessoas. Exemplo:

✓ “Tanto *ladras*, *rosnei* com os meus botões, que trincas a língua” (ANTÓNIO RIBEIRO).

⇗ **Observação 2.** Nas fábulas e em outros casos de personificação, tais verbos podem empregar-se em sentido próprio em todas as pessoas.

- Os que expressam necessidade, conveniência, parecer, sensação, etc., quando têm por sujeito ou um substantivo, ou uma oração substantiva, quer reduzida de infinitivo, quer desenvolvida e iniciada pela conjunção integrante *que* (explícita ou implícita):

✓ *Urge uma PROVIDÊNCIA adequada*;
✓ *Convém PROCEDERMOS AO PROJETO*;
✓ *Pareceu-nos* [*QUE*] *FOSSE PERFEITA A SOLUÇÃO*;
✓ *Doem-me as COSTAS*;
✓ *Esqueceu-nos a LIÇÃO*;
✓ etc.

- *Acontecer, ocorrer, suceder, concernir, grassar, constar* (= ser constituído de), *assentar* (= peça de roupa) e outros que tais:

✓ *Sucedeu o esperado*;
✓ *No que concerne a este assunto...*;
✓ *Vírus que grassam por todo o mundo*;
✓ *A obra consta de dois tomos*;
✓ *O terno assenta-lhe bem*;
✓ etc.

6.3.4.b. Os verbos conhecidos como "impessoais" só podem chamar-se assim porque comumente se considera que "não têm sujeito". Trata-se outra vez, e de modo ainda mais grave, de confusão entre significado e figura: porque, com efeito, significativamente é impossível que um verbo não o seja, de algum modo, de um sujeito. (Voltaremos a vê-lo na Sexta Parte.) Reduzem-se, em verdade, a *unipessoais*, com a diferença de que só se usam na terceira pessoa do *singular*. São os seguintes.

- Os que significam algum fenômeno da natureza: *alvorecer, amanhecer, anoitecer, entardecer, estiar, chover, chuviscar, granizar, gear, nevar, orvalhar* ou *rociar, relampejar, saraivar, trovejar, ventar*, etc.

⇗ **Observação.** Em sentido *translato* ou *metafórico*, os verbos que significam fenômeno da natureza também podem usar-se em todas as pessoas. Exemplo: *Anoitecemos e amanhecemos na cidade.*

- O verbo *haver* na acepção de "existir", na de "estar", na de "dar-se", na de "realizar-se", na de "produzir-se", na de "aparecer", ou quando indica tempo decorrido; e o verbo *fazer* quando também indica tempo decorrido:

✓ *Houve momentos de muita alegria*;

✓ *Não há ninguém em casa*;

✓ *Tem havido muitos acidentes na estrada*;

✓ *Haverá nova reunião da diretoria amanhã*;

✓ *Houve tufões no mês passado*;

✓ *Não há estrelas esta noite*;

✓ *Casaram-se há cinco anos*;

✓ *Não o vemos faz dois anos.*

⇗ **Observação.** Não se use em nenhum destes exemplos, em lugar de *haver* ou de *fazer*, o verbo *ter*. Conquanto haja exemplos históricos de seu emprego em bons autores (especialmente do século XVI), já desde há muito deixou de fazer parte da língua mais cultivada.

- *Bastar* e *chegar* quando regidos de preposição *de*. Exemplos:

✓ *Basta* DE *discussões*;

✓ *Chega* DE *queixas*.

6.4. Os modos e os tempos verbais: estudo semantossintático.

§ Demos já, mais acima, os caracteres gerais dos modos e dos tempos verbais. Estudemo-los agora mais detidamente.

6.4.1. O MODO INDICATIVO expressa, normalmente, que certa ação, certo fato ou certo estado são *certos* ou *reais* e se dão no presente, ou se deram no passado ou se darão no futuro. É o modo próprio da oração "principal" ou, como a chamamos, *subordinante*.

6.4.1.a. O presente do indicativo.

- Emprega-se, antes de tudo, para expressar que certa ação, certo fato ou certo estado se dão no momento em que se fala ou em que se escreve:

✓ *Cai uma chuva fina*;

✓ *Trabalho agora no novo livro*;

✓ *O rapaz encontra-se acamado*;

✓ etc.

- Emprega-se também para expressar que dada ação, dado fato ou dado estado se dão não só no momento em que se fala ou em que se escreve, mas permanentemente ou, ainda, eternamente:

✓ *A Terra gira em torno do Sol*;

✓ *As grandes catástrofes não distinguem ricos e pobres*;

✓ *O menino come pouquíssimo*;

✓ "Deus é Pai! Pai de toda a criatura: / E a todo o ser o seu amor assiste: ..." (A. de Quental);

✓ "O ente é, o não ente não é" (Parmênides).

- Usa-se ainda para expressar que dada ação, dado fato ou dado estado se deram no passado: é o chamado PRESENTE HISTÓRICO OU NARRATIVO, que se usa para emprestar súbita vivacidade à narração: *Napoleão marchava em direção à Rússia, quando de repente começa a nevar.* É recurso antes literário, que porém se emprega também fora da Literatura. Não obstante, deve usar-se sempre com moderação.[73]

- Usa-se, ademais, para expressar que determinada ação deve dar-se em futuro próximo: *Amanhã te faço isso*; *Se José partir amanhã, vamos com ele*; *Outro dia ela volta*; etc. Trata-se, contudo, de recurso antes coloquial ou literário, e deve evitar-se em outros registros.

- Interrogativamente e com o verbo *querer* seguido de infinitivo, em lugar do imperativo: *Quer ENTRAR, meu senhor?* (= *Entre, meu senhor*). É ainda recurso coloquial ou literário.

OBSERVAÇÃO 1. Usa-se o presente do indicativo de *ter* + *de* + *infinitivo* para expressar ação, fato ou estado que devem dar-se em futuro imediato: *Temos de conhecer as causas do sucedido.*[74]

OBSERVAÇÃO 2. Correntemente o presente do indicativo substitui-se por *estar* + gerúndio ou por *estar* + *a* + infinitivo: *Estuda* = *Está estudando* (mais comum no Brasil) = *Está a estudar* (mais comum em Portugal).[75]

> ➢ Disse-se, mais acima, que os modos e os tempos verbais estão para o presente do indicativo assim como o vocativo, o genitivo, o dativo, o acusativo e o ablativo estão para o nominativo, por exemplo, em latim, e assim como os pronomes oblíquos estão para os retos, por exemplo, em português (*eu* [nominativo] – *me* [acusativo], *mim*, *ti* [dativo ou ablativo], etc.). Em outras palavras, os modos e os tempos verbais são como casos *do presente do indicativo*, assim como o vocativo, o genitivo, o dativo, o acusativo e o ablativo são casos *do nominativo*, e assim como os pronomes oblíquos o são *dos retos*.

---

[73] O uso de um tempo verbal por outro, e, em geral, de qualquer classe gramatical por outra, chama-se *enálage* (< gr. *enallagḗ, ês*, pelo fr. *énallage*).

[74] Cunha e Cintra, João de Almeida e outros consideram castiço uso de *que* em lugar de *de* neste caso. Julgamos porém preferível o uso de *de* por ser o aceito por *todos* os gramáticos e por *todos* os melhores escritores, ao passo que o uso de *que* não alcança tal unanimidade.

[75] Mas ambas as formas são lidimamente portuguesas e usáveis por todos os lusófonos.

E assim é com respeito ao presente do indicativo

- ▫ antes de tudo porque tanto o passado como o futuro não se dizem senão em referência ao presente: com efeito, o passado é o que *já não é*, enquanto o futuro é o que *ainda não é*;
- ▫ mas depois porque, como se disse, o indicativo – e trata-se do presente *do indicativo* – é o modo que expressa o *ser*, enquanto os demais expressam o *poder ser* (o subjuntivo) ou o *dever ser* (o imperativo).

6.4.1.b. O **PRETÉRITO IMPERFEITO.**

• Como se vê por seu mesmo nome, emprega-se para expressar a inconclusão ou continuidade no passado de certa ação, de certo fato ou de certo estado:

✓ “Debaixo de um itapicuru, eu fumava, pensava e apreciava a tropilha de cavalos, que retouçavam no gramado vasto. A cerca impedia que eles me vissem. E alguns estavam muito perto” (GUIMARÃES ROSA).

⇗ **OBSERVAÇÃO.** Não raro o IMPERFEITO expressa que determinada ação se estava dando quando sobreveio outra (no pretérito perfeito):

✓ *Sonhava, quando o barulho o* DESPERTOU.

• Expressa ainda que determinada ação ou determinado estado se davam amiúde, sempre ou permanentemente:

✓ “Se o cacique marchava, a tribo inteira o acompanhava” (JAIME CORTESÃO);

✓ *Sua casa dava para o parque*;

• Em contos, fábulas, lendas, etc., usa-se o verbo *ser* no IMPERFEITO para situar vagamente no tempo:

✓ *Era uma vez...*

⇗ **OBSERVAÇÃO 1.** Em lugar do imperfeito, usa-se comumente *estava*, etc. + gerúndio ou *estava*, etc. + *a* + infinitivo.

⇗ **OBSERVAÇÃO 2.** No Brasil e sobretudo em Portugal, usa-se muito o imperfeito pelo futuro do pretérito: *Eu gostava* [por *gostaria*] *de que viesses*; *Nós queríamos* [por *quereríamos*] *ir à Europa*; etc. Não se deve empregar, todavia, em outro registro que o coloquial e que o literário.

6.4.1.c. O **PRETÉRITO PERFEITO** pode ser SIMPLES ou COMPOSTO, e no português moderno, ao contrário do que se dá, por exemplo, nas demais línguas românicas, há entre as duas formas *acentuada* distinção.

• A FORMA SIMPLES indica que determinada ação ou determinado fato se produziram e concluíram a certa altura do passado:

- ✓ *A criança nasceu bem*;
- ✓ *Naquele dia de setembro, partimos para nunca mais voltar*;
- ✓ etc.

• A FORMA COMPOSTA, por seu lado, expressa que dado ato começado no passado se repete ou continua até o momento em que se fala ou em que se escreve:

- ✓ *Tem estudado muito*;
- ✓ *Têm procedido a promissoras investigações*;
- ✓ etc.

⇗ **OBSERVAÇÃO.** Para exprimir que dada ação é repetida ou contínua, o PRETÉRITO PERFEITO SIMPLES requer a presença de advérbios (*sempre, amiúde, várias vezes, muitas vezes, todos os dias* e outros que tais):

- ✓ *Tiveram SEMPRE grande compaixão pelo sofrimento alheio*;
- ✓ *Quantas vezes recitou este poema!*;
- ✓ etc.

Em outras palavras, o que nestes casos dá a ideia de repetição ou de continuidade é o advérbio.

6.4.1.d. O PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO também se divide em SIMPLES e em COMPOSTO.

• Em ambas as formas, o próprio deste tempo verbal é expressar que certa ação, certo fato ou certo estado sucederam antes de outro também passado:

- ✓ *A conversa tornara-se enfadonha, quando Maria se recolheu*;
- ✓ *Quando voltei, os casarões tinham desaparecido da cidade*;
- ✓ etc.

• Mas a FORMA SIMPLES também pode empregar-se, literariamente, em lugar do FUTURO DO PRETÉRITO (simples ou composto):

- ✓ Oh! se lutei!... mas devera [por *deveria*] / Expor-te em pública praça, / Como um alvo à populaça, / Um alvo aos dictérios seus!" (GONÇALVES DIAS);
- ✓ "Um pouco mais de sol – e fora [por *teria sido*] brasa, / Um pouco mais de azul – e fora [= teria sido] além, / Para atingir, faltou-me um golpe de asa..." (MÁRIO DE SÁ-CARNEIRO).

• Usa-se ainda a FORMA SIMPLES (antes literariamente, mas também não literariamente) em lugar do PRETÉRITO IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO:

- ✓ *Se eu fora* (por *fosse*) *tu, não o aceitaria.*

⇗ **OBSERVAÇÃO.** Este uso fixou-se em determinadas frases exclamativas correntes: *Prouvera a Deus!* [por *Prouvesse*]; *Pudera!* [por *Pudesse*]; *Quem me dera!* [por *desse*]; *Tomara* [por *Tomasse*] *que...!*

6.4.1.e. Também o **FUTURO DO PRESENTE** se divide em SIMPLES e em COMPOSTO.

- A forma SIMPLES emprega-se variamente.

→ Antes de tudo e de modo próprio, para expressar que determinada ação, determinado fato ou determinado estado sucederão efetivamente:

✓ *As férias começarão dentro de uma semana.*

⇗ **OBSERVAÇÃO.** Se se quer dar caráter de probabilidade ou de possibilidade a ação, a fato ou a estado futuros, então é preciso recorrer a advérbio:

✓ *Viajaremos* PROVAVELMENTE *depois de amanhã.*

→ Também para expressar probabilidade, dúvida ou suposição com respeito a ação, a fato ou a estado *atuais*:

✓ *Será tão prudente como dizem?*;

✓ *Fico a perguntar-me se terá de fato a propalada argúcia*;

✓ etc.

→ Em lugar do imperativo:

✓ "Honrarás (por Honra) pai e mãe."

→ Em lugar do FUTURO DO PRETÉRITO:

✓ *ENTROU para a universidade aos 18 anos, e não esperará* [por *esperaria*] *muito tempo para lecionar ali.*

§ Este uso, oriundo talvez do francês, é da mesma linhagem que o presente histórico.

⇗ **OBSERVAÇÃO 1.** Na oralidade, o FUTURO SIMPLES é pouco empregado. Substitui-o o presente do indicativo de *ir* + infinitivo: *Vamos viajar* (por *Viajaremos*). Ao menos na escrita não literária, porém, devemos usar o mesmo futuro.

⇗ **OBSERVAÇÃO 2.** Mais elegante, e culto, é o uso do presente do indicativo de *haver* + *de* + infinitivo pelo FUTURO DO PRESENTE SIMPLES: *Hei de consegui-lo* (por *Consegui-lo-ei*). Neste caso, exprime-se a vontade, a intenção ou a certeza de realização futura.

- A forma COMPOSTA emprega-se para expressar que certa ação, certo fato ou certo estado futuros já se terão concluído ou consumado antes ou depois de determinado marco temporal:

✓ *AO MEIO-DIA DE AMANHÃ já o teremos decidido*;

✓ "DENTRO DE UNS CINCO DIAS tereis acabado o esqueleto do segundo andar e então me olhareis de cima" (RUBEM BRAGA);

✓ "Pelágio! se dentro de oito dias não houvermos voltado, ora a Deus por nós, que teremos dormido o nosso último sono" (ALEXANDRE HERCULANO);

✓ etc.

- Por fim, emprega-se também para expressar dúvida, probabilidade ou suposição com respeito a certa ação, a certo fato ou a certo estado passados:

✓ *Ter-se-á aplacado a tormenta?*;
✓ *Quanto tempo teremos levado até aqui?*;
✓ "Não sei se me engano, mas creio que nem uma só vez ele terá falhado" (MANUEL BANDEIRA).

6.4.1.f. Também o **FUTURO DO PRETÉRITO** pode ser SIMPLES ou COMPOSTO.

- Usa-se a forma SIMPLES, antes de tudo, para expressar que dada ação, dado fato ou dado estado *se deram* posteriormente a outra ação, a outro fato ou a outro estado:

✓ *Chegaram de manhã, mas partiriam de tarde*;
✓ *Sua casa* [ou seja, a casa em que *vivia*] *transformar-se-ia em museu*;
✓ etc.

⇗ **OBSERVAÇÃO.** Quando empregada assim, a forma SIMPLES é indubitavelmente tempo do modo indicativo.

- Usa-se também em orações subordinantes cuja subordinada (explícita ou implícita) é condicional com verbo no imperfeito do subjuntivo, para expressar que dada ação, dado fato ou dado estado se dariam se se cumprisse o dito na subordinada:

✓ *Se o VISSE assim, envergonhar-se-ia*;
✓ *Que livro levarias para uma ilha deserta* (*se FOSSES para uma*)*?*
✓ *Sem sua ajuda* (= [*Se*] *Não FOSSE* [*por*] *sua ajuda*), *não o conseguiríamos*;
✓ *Que faria sem ti* (= *se não CONTASSE contigo*)*?*;
✓ etc.

⇗ **OBSERVAÇÃO 1.** É por este emprego que o FUTURO DO PRETÉRITO SIMPLES (como o COMPOSTO) se diz em espanhol e em francês, como em português até inícios do século XX, "modo condicional". Note-se, porém, que o que expressa condição não é o futuro do pretérito, mas o subjuntivo da oração subordinada (propriamente, aliás, chamada *condicional*) ou um substituto seu. Por conseguinte, chamar "modo" ao futuro do pretérito não soluciona o caso desta complexa forma verbal. E, com efeito, a questão parece em grande parte insolúvel.

⇗ **OBSERVAÇÃO 2.** Como se vê pelo terceiro e pelo quarto exemplo, a condicional pode substituir-se neste caso por expressão não oracional equivalente.

⇗ **OBSERVAÇÃO 3.** Insista-se no paralelismo requerido por este uso: verbo da subordinante no futuro do pretérito simples, verbo da subordinada no imperfeito do subjuntivo. Se todavia o verbo da subordinante estiver no futuro do presente simples, então o da subordinada estará no futuro do subjuntivo:

✓ *Se o* VIR *assim, envergonhar-se-á.*

- Mas a forma SIMPLES também se emprega para expressar probabilidade, dúvida ou suposição com respeito a ação, a fato ou a estado passados:

✓ *Ele teria então dez anos*;

✓ etc.

- Serve ainda o FUTURO DO PRETÉRITO SIMPLES para expressar tão só vontade ou volição:

✓ *Quereríamos* (ou *Gostaríamos de*) *que viesses*;

✓ *Quereria comprar* Os Sertões;

✓ etc.

Observação. Assim usada, a forma SIMPLES do FUTURO DO PRETÉRITO poderia dizer-se modo à parte: justamente, *modo volitivo.*

- Próximo deste uso, mas de fato distinto dele, está o da forma SIMPLES do FUTURO DO PRETÉRITO como maneira polida ou cortês de presente do indicativo:

✓ *Desejaríamos* [= *Desejamos* ou *Queremos*] *escutar-lhe a versão sobre o acontecido*;

✓ etc.

- Por fim, usa-se o FUTURO DO PRETÉRITO SIMPLES em certas orações interrogativas e/ou exclamativas, para denotar dúvida, surpresa, indignação e outros sentimentos que tais:

✓ *Sua empresa faliu. Quem* [*o*] *diria?*

Observação. Note-se que este pronome neutro (*o*), que exerce a função sintática de objeto direto, poderia substituir-se por uma oração objetiva direta com verbo no imperfeito do subjuntivo:

✓ *Sua empresa faliu. Quem diria que isso* PUDESSE *sucede*r?

- O FUTURO DO PRETÉRITO COMPOSTO emprega-se, antes de tudo, para expressar que determinada ação, determinado fato ou determinado estado se teriam dado *no passado* se se tivesse cumprido certa condição:

✓ *Tudo teria sido diferente*(,) *se o* TIVESSES COMPREENDIDO;

✓ *Se* TIVESSEM VINDO, *nada disso se teria passado*;

✓ *Sem vós* (= [*Se*] *Não* TIVESSE SIDO *por vós*), *não teria sido a grande artista que é*;

✓ etc.

⇗ **Observação 1.** Este emprego da FORMA COMPOSTA do futuro do pretérito é em tudo semelhante ao uso da forma simples visto acima, menos em um ponto: a FORMA COMPOSTA sempre expressa algo efetivamente no passado, enquanto a SIMPLES o expressa em tempo sempre em algum grau indefinido.

⇗ **Observação 2.** Enquanto com o verbo da subordinante no futuro do pretérito simples temos o verbo da subordinada no imperfeito do subjuntivo, aqui temos o verbo da subordinante no futuro do pretérito composto e o verbo da subordinada no mais-que-perfeito do subjuntivo.

- Emprega-se ainda a forma COMPOSTA para exprimir a possibilidade ou a probabilidade de um fato passado:

✓ "Calculou que a costureira teria ido por ali" (MACHADO DE ASSIS).

⇗ **Observação.** Note-se que se poderia usar aqui, em lugar do futuro do pretérito composto, o mais-que-perfeito do subjuntivo:

✓ *Calculou que a costureira tivesse ido por ali.*

Pode pois dizer-se que, neste uso, O FUTURO DO PRETÉRITO COMPOSTO é afim ao modo subjuntivo.

- Usa-se a forma COMPOSTA, por fim, para expressar incerteza com respeito a dada ação, a dado fato ou a dado estado no passado:

✓ *Quem o teria aceitado?!*;

✓ *Que teria escrito ele a respeito deste assunto?*;

✓ etc.

⇗ **Observação.** Este uso não se dá senão em orações interrogativas e/ou exclamativas.

6.4.2. O MODO SUBJUNTIVO, diferentemente do modo indicativo, expressa normalmente que certa ação, certo fato ou certo estado são incertos, duvidosos, eventuais ou até irreais, e isso quer no presente, quer no passado, quer no futuro. Comparem-se pelos seguintes exemplos os dois modos:

a1. presente no modo indicativo: *DIGO que o merece*;

a2. presente no modo subjuntivo: *DUVIDO que o mereça*;

b1. perfeito no modo indicativo: *DIGO que o mereceu*;

b2. perfeito no modo subjuntivo: *DUVIDO que o tenha merecido*;

c1. imperfeito no modo indicativo: *DISSE que o merecia*;

c2. imperfeito no modo subjuntivo: *DUVIDAVA que o merecesse*;

d1. mais-que-perfeito no modo indicativo: *DIZIA que o tinha merecido*;

d2. mais-que-perfeito no modo subjuntivo: *DUVIDAVA que o tivesse merecido.*

⇗ **Observação 1.** Note-se o paralelismo:

a1. verbo da subordinante no presente do indicativo, verbo da subordinada também no presente do indicativo;

a2. verbo da subordinante no presente do indicativo, verbo da subordinada no presente do subjuntivo;

b1. verbo da subordinante no presente do indicativo, verbo da subordinada no perfeito do indicativo;

b2. verbo da subordinante no presente do indicativo, verbo da subordinada no presente do subjuntivo;

c1. verbo da subordinante no perfeito do indicativo, verbo da subordinada no imperfeito do indicativo;

c2. verbo da subordinante no imperfeito do indicativo, verbo da subordinada no imperfeito do subjuntivo;

d1. verbo da subordinante no imperfeito do indicativo, verbo da subordinada no mais-que-perfeito do indicativo;

d2. verbo da subordinante no imperfeito do indicativo, verbo da subordinada no mais-que-perfeito do subjuntivo.

⇗ **Observação 2.** Naturalmente, este é tão só um dos quadros do paralelismo morfossintático verbal: o relativo a frases em que a oração subordinante tem por subordinada uma substantiva. Naturalmente ainda, tudo isto se entenderá melhor na Sexta Parte. Então veremos, ademais, que o conceito de oração subordinante e o de oração subordinada são *analógicos*, ou seja, NÃO ESTÃO NO MESMO PLANO o ser oração subordinante de oração subordinada substantiva e o sê-lo de oração subordinada adverbial, assim como TAMPOUCO ESTÃO NO MESMO PLANO O ser oração subordinada substantiva e o sê-lo adjetiva – *et reliqua*. Infelizmente, tal diferença de planos nunca foi observada pelas gramáticas, o que não fez nem faz senão lançar o estudante em densa maranha de contradições.

⇗ **Observação 3.** Insista-se porém no referido quadro. Com respeito a ele, pode dizer-se que:

- normalmente o INDICATIVO se emprega em orações subordinadas substantivas que completam o sentido de verbos como *afirmar, compreender, comprovar, crer* (em oração afirmativa), *dizer, pensar, ver, verificar*;
- normalmente o SUBJUNTIVO se emprega em orações subordinadas substantivas que completam o sentido de verbos como *desejar, duvidar, impedir, implorar, lamentar, mandar, negar, ordenar, pedir, proibir, queixar-se, querer, rogar, suplicar,*

isto é, em cujo sentido está a ideia de desejo, ou de dúvida, ou de proibição, ou de rogo, ou de lamento, ou de ordem, ou semelhantes.

Observação 4. Por vezes, porém, o subjuntivo é usado em lugar do indicativo por mera convenção, e pode comutar-se por este sem nenhuma alteração significativa. É o que se dá especialmente nas orações adverbiais causais introduzidas por *como* e com verbo no presente ou no imperfeito:

✓ "Como amizade seja [ou é] uma das boas cousas que há no mundo, e seja [ou é] fundada em virtude e razão natural, e no mesmo Deus, está claro que a não há entre perversos [...]" (Heitor Pinto);

✓ "Como o gigante viesse [ou vinha] folgado e fosse [ou era] dos mais fortes do mundo [...], pelejava animosamente" (Francisco de Morais);

✓ "Como não achasse [ou achava] mais que folhas [na figueira], amaldiçoou-a" (Pe. Antônio Vieira);

✓ etc.

6.4.2.a. Emprego do subjuntivo.

§ O termo subjuntivo provém do latino *subjuntīvus, a, um,* quer dizer, "que serve para ligar ou para subordinar", e o modo verbal denominado por este termo é justamente o próprio das orações subordinadas.[76] Também se usa, é verdade, em orações perfeitas (entre as quais as correntemente chamadas "absolutas"), em orações subordinantes ou em orações "coordenadas".[77] Mas então empresta ao verbo certo matiz volitivo ou certo matiz dubitativo, como se verá. Comecemos por seu segundo emprego.

- Em orações perfeitas, em orações subordinantes e em orações "coordenadas", o subjuntivo pode expressar:

a. ou claro desejo ou anseio:

✓ [*Que*] *Deus a tenha*;

✓ "Seja a minha agonia uma centelha / De glória!..." (Olavo Bilac);

✓ "Que a tua música / seja o ritmo de uma conquista! / E que o teu ritmo / seja a cadência de uma vida nova!" (F. J. Tenreiro);

✓ etc.

---

[76] Pode dizer-se modo *subjuntivo* ou modo *conjuntivo* (< lat. *conjunctīvus, a, um* ["que serve para ligar"]). – Ademais, como se verá na Sexta Parte, o que *ainda* chamamos *oração subordinada* não é senão uma espécie das orações subordinadas.

[77] A razão das aspas dar-se-á na Sexta Parte.

β. ou ordem ou proibição (mas o imperativo ou imperioso sempre resulta da vontade):

✓ *Que não se lhe despreze a ideia*;
✓ *Faça-se que ele o compreenda*;
✓ *Apaguem-se as lâmpadas e acendam-se as velas*;
✓ etc.

γ. ou, por fim, possibilidade ou dúvida (com o verbo precedido de *talvez*):[78]

✓ *Talvez chova esta noite*;
✓ *Talvez adoecesse de tristeza*;
✓ etc.

Observação 1. As orações de **α** e as de **β** ou se iniciam ou poderiam iniciar-se por *que*. O que todavia seja morfossintaticamente este *que*, mostramo-lo mais adiante.

Observação 2. A interjeição (invariável) *viva!* é antiga forma subjuntiva, que hoje, como interjeição, naturalmente não concorda com o que lhe teria sido sujeito: *Viva os que se sacrificaram!* Não se deve, todavia, confundir interjeição com exclamação, e, assim, quando ainda hoje se usa exclamativamente o verbo *viver* no presente do subjuntivo, então tal verbo segue sendo-o e, por conseguinte, concorda em pessoa e número com seu sujeito: *Vivam os que se sacrificaram!* Vê-se portanto que, contrariamente ao que dizem as gramáticas correntes, não se trata propriamente de "concordância facultativa".

Observação 3. A linguística gerativo-transformacional nega a existência do subjuntivo independente, porque o interpreta como efeito do "apagamento superficial da oração principal". Não deixa de ter sua parte de razão. Há porém que reformular-lhe o dito: na maior parte destes casos, a oração subordinante está implícita ou em potência, e pode sempre atualizar-se. Com efeito, em *QUE tua música seja o ritmo de uma conquista*, pode sempre explicitar-se a principal: *Quero* QUE *tua música seja o ritmo de uma conquista*; e diga-se o mesmo para os demais exemplos de **α** e de **β**. No entanto, tal não se dá nos exemplos de γ, até porque até o século XIX, como dito, podia dizer-se tanto *Talvez tenha adoecido* (SUBJUNTIVO) como *Talvez adoeceu* (INDICATIVO). O uso obrigatório do subjuntivo nestes exemplos tem várias causas, mas decorre grandemente de cristalização e de convenção.

---

[78] Fique desde já a lição: quando *talvez* anteceder ao verbo, este estará obrigadamente no subjuntivo: *TALVEZ seja belo*; quando, porém, *talvez* se pospuser ao verbo, este estará obrigadamente no indicativo: *Ele é* TALVEZ *belo*. – Atenção, portanto, hão de ter os tradutores: a *obrigatoriedade* do subjuntivo com *talvez* anteposto ao verbo não se dá senão no português, mais precisamente no português de fins do século XIX para cá.

6.4.2.b. O SUBJUNTIVO SUBORDINADO.

§ Insista-se em que o SUBJUNTIVO é modo próprio da oração subordinada,[79] seja esta SUBSTANTIVA, ADJETIVA OU ADVERBIAL.[80]

a. Emprega-se o SUBJUNTIVO nas **ORAÇÕES SUBORDINADAS SUBSTANTIVAS** quando a oração subordinante expressa:

→ *vontade* (de qualquer matiz) com respeito à possibilidade dita na subordinada:

- ✓ *Não QUERO* [ORAÇÃO SUBORDINANTE] *que o faças* [ORAÇÃO SUBORDINADA SUBSTANTIVA];
- ✓ *QUEREM* [ORAÇÃO SUBORDINANTE] *que o façamos* [ORAÇÃO SUBORDINADA SUBSTANTIVA];
- ✓ etc.

→ *sentimento* ou *estimação* com respeito à possibilidade dita na subordinada:

- ✓ *Tua avó APRECIARÁ muito* [ORAÇÃO SUBORDINANTE] *que a visites* [ORAÇÃO SUBORDINADA SUBSTANTIVA];
- ✓ *O pior SERIA* [ORAÇÃO SUBORDINANTE] *que não o aceitassem* [ORAÇÃO SUBORDINADA SUBSTANTIVA];
- ✓ etc.

→ *temor*, *dúvida* ou *crença* com respeito à possibilidade dita na subordinada:

- ✓ *RECEAIS* [ORAÇÃO SUBORDINANTE] *que não volte?* [ORAÇÃO SUBORDINADA SUBSTANTIVA];
- ✓ *DUVIDO* [ORAÇÃO SUBORDINANTE] *que volte* [ORAÇÃO SUBORDINADA SUBSTANTIVA];
- ✓ *Não ACREDITAMOS* [ORAÇÃO SUBORDINANTE] *que volte* [ORAÇÃO SUBORDINADA SUBSTANTIVA];
- ✓ etc.

☞ **OBSERVAÇÃO.** Se se põe o terceiro exemplo na afirmativa, então pode usar-se o verbo da subordinada ou no subjuntivo ou no indicativo:

- ✓ *ACREDITAMOS* [ORAÇÃO SUBORDINANTE] *que volte* ou *que voltará* [ORAÇÃO SUBORDINADA SUBSTANTIVA].

---

[79] Tenha-se sempre em mente, todavia, o dito em nota *supra*: o que chamamos aqui *oração subordinada* é apenas UMA DAS ESPÉCIES de orações subordinadas.

[80] O que não quer dizer que o verbo das subordinadas esteja sempre no subjuntivo: não o está, por exemplo, em *Luta como* [*luta*] *um leão*.

E usa-se então um ou outro modo segundo seja maior ou menor a crença com respeito ao dito na subordinada.

β. Emprega-se o SUBJUNTIVO nas **ORAÇÕES SUBORDINADAS ADJETIVAS** quando estas expressam:

→ ou *fim* ou *consequência* de algo dito na principal:

✓ *Queria encontrar UMA IDEIA* [ORAÇÃO SUBORDINANTE] *que o reanimasse* [ORAÇÃO SUBORDINADA ADJETIVA];

✓ *Quer presenteá-lo com UM LIVRO* [ORAÇÃO SUBORDINANTE] *que verdadeiramente lhe dê GOSTO* [ORAÇÃO SUBORDINADA ADJETIVA];

✓ etc.

(**OBSERVAÇÃO**: note-se nos exemplos que o verbo no subjuntivo é apenas parte do fim ou da consequência);

→ *impossibilidade*:

✓ *Não podemos dizer nada* [ORAÇÃO SUBORDINANTE] *que a possa consolar* [ORAÇÃO SUBORDINADA ADJETIVA];

✓ *Não houve ninguém* [ORAÇÃO SUBORDINANTE] *que o demovesse do intento* [ORAÇÃO SUBORDINADA ADJETIVA];

✓ etc.

(**OBSERVAÇÃO**: note-se nos exemplos que o verbo no subjuntivo apenas contribui para expressar a impossibilidade);

→ ou *possibilidade*, ou *hipótese*, ou *conjectura*, ou *anseio*, etc.:

✓ *Estava ali para dar alento* [ORAÇÃO SUBORDINANTE] *aos* [OBJETO INDIRETO] *que o tivessem perdido* [ORAÇÃO SUBORDINADA ADJETIVA];

✓ *Há alguma lei* [ORAÇÃO SUBORDINANTE] *que NO-LO GARANTA?* [ORAÇÃO SUBORDINADA ADJETIVA];

✓ *ANELAVA um lugar* [ORAÇÃO SUBORDINANTE] *que os pudesse acolher* [ORAÇÃO SUBORDINADA ADJETIVA];

✓ etc.

(**OBSERVAÇÃO**: note-se nos exemplos que o verbo no subjuntivo apenas contribui para expressar a ideia de impossibilidade, e não raro, quando se trata de anseio, como se vê no terceiro exemplo, tal ideia depende do verbo da subordinante).

γ. Nas **ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS** o SUBJUNTIVO nem sempre expressa ou ajuda a expressar alguma das ideias que já o vimos fazer. Usa-se então por complexo conjunto de causas, entre as quais o mero fato de estar em oração subordinada (de dada espécie, como veremos mais adiante) e de anteceder-se de determinada conjunção.

→ Pois bem, *em princípio* é de regra usar o SUBJUNTIVO em:

- ORAÇÕES CAUSAIS NEGATIVAS (introduzidas por *não porque* ou por *não que*):
  - ✓ *Aceitou-o por necessidade* [ORAÇÃO SUBORDINANTE], *NÃO porém PORQUE o quisesse* [ORAÇÃO SUBORDINADA ADVERBIAL];
  - ✓ *Aceitou-o* [ORAÇÃO SUBORDINANTE], *NÃO QUE o quisesse* [ORAÇÃO SUBORDINADA ADVERBIAL], *mas por necessidade* [ORAÇÃO "COORDENADA" ADVERSATIVA];
  - ✓ etc.

(**OBSERVAÇÃO:** as orações ADVERBIAIS CAUSAIS NEGATIVAS sempre requerem ou encerram a ideia de *adversão*: tanto é assim que os dois exemplos acima poderiam escrever-se, respectivamente, *Aceitou-o por necessidade, MAS não porque o quisesse* e *Aceitou-o, MAS não que o quisesse, e sim por necessidade*);[81]

- ORAÇÕES CONCESSIVAS (introduzidas por *conquanto, embora, ainda que, se bem que, bem que, posto que, mesmo que*, etc):[82]
  - ✓ *Preferiu não reagir* [ORAÇÃO SUBORDINANTE], *CONQUANTO não fosse covarde* [ORAÇÃO SUBORDINADA ADVERBIAL];
  - ✓ *EMBORA não fosse covarde* [ORAÇÃO SUBORDINADA ADVERBIAL], *preferiu não reagir* [ORAÇÃO SUBORDINANTE];
  - ✓ *AINDA QUE chovesse* [ORAÇÃO SUBORDINADA ADVERBIAL], *partiram* [ORAÇÃO SUBORDINANTE];
  - ✓ etc.;[83]
- ORAÇÕES FINAIS (intoduzidas por *porque, para que, a fim de que*):
  - ✓ *Esforçaram-se muito* [ORAÇÃO SUBORDINANTE] *PORQUE tudo voltasse à paz inicial* [ORAÇÃO SUBORDINADA ADVERBIAL];

---

[81] Note-se, ademais, que no segundo exemplo se dá adversativa de adversativa, o que poderia escrever-se assim: *Aceitou-o, MAS não que o quisesse, MAS por necessidade*. É, uma vez mais, a plasticidade da linguagem.

[82] Atente-se ao convencional: contrariamente ao que se dá em português, em espanhol as orações adverbiais concessivas podem ter o verbo ou no indicativo ou no subjuntivo; e *puesto que* tem o sentido de *dado que*. Ambos estes caracteres do castelhano não raro levam a erro o tradutor, em especial o segundo, porque, insista-se, *posto que* não é sinônimo de "dado que", senão que o é de *ainda que*.

[83] Nem sempre se deveria usar *embora* por *ainda que* ou *conquanto*. Por exemplo, se se trata de oração concessiva com o verbo elíptico, não se use *embora*, e sim *ainda que* ou *conquanto*: *AINDA QUE [seja] inteligente, a menina tem dificuldade para memorizar* (não "embora inteligente"). – Diga-se, ademais, que as orações concessivas podem vir antes ou depois da subordinante; no primeiro caso, como se voltará a ver na Décima Parte, obrigatoriamente se separarão desta por vírgula; no segundo, a vírgula será opcional.

- ✓ *Esforçaram-se muito* [ORAÇÃO SUBORDINANTE] *PARA QUE tudo voltasse à paz inicial* [ORAÇÃO SUBORDINADA ADVERBIAL];
- ✓ *A FIM DE QUE tudo voltasse à paz inicial* [ORAÇÃO SUBORDINADA ADVERBIAL], *esforçaram-se muito* [ORAÇÃO SUBORDINANTE];
- ✓ etc.;[84]

▫ ORAÇÕES TEMPORAIS (introduzidas por *antes que, até que, enquanto, depois que*, etc.):

- ✓ *Partamos* [ORAÇÃO SUBORDINANTE], *ANTES QUE chova* [ORAÇÃO SUBORDINADA ADVERBIAL];
- ✓ *Não partamos senão* [ORAÇÃO SUBORDINANTE] *DEPOIS QUE a chuva passar* [ORAÇÃO SUBORDINADA ADVERBIAL];
- ✓ *Permaneçamos aqui* [ORAÇÃO SUBORDINANTE] *ATÉ QUE o sol se ponha* [ORAÇÃO SUBORDINADA ADVERBIAL];
- ✓ *Não saiamos daqui* [ORAÇÃO SUBORDINANTE] *ENQUANTO o sol não se puser* [ORAÇÃO SUBORDINADA ADVERBIAL];
- ✓ etc.[85]

(**OBSERVAÇÃO**: os dois últimos exemplos são diferentes maneiras de dizer o mesmo);

▫ ORAÇÕES CONDICIONAIS OU HIPOTÉTICAS (introduzidas por *se* ou *caso*):[86]

- ✓ *SE lhe ministrarem o devido ensino* [ORAÇÃO SUBORDINADA ADVERBIAL], *progredirá muito rapidamente* [ORAÇÃO SUBORDINANTE];
- ✓ *Não teria feito o que fez* [ORAÇÃO SUBORDINANTE], *SE o houvesse compreendido* [ORAÇÃO SUBORDINADA ADVERBIAL];
- ✓ *SE se tivesse dado conta da situação* [ORAÇÃO SUBORDINADA ADVERBIAL], *não teria aparecido* [ORAÇÃO SUBORDINANTE];

---

[84] *Porque* como conjunção final é pouco usada hoje; mas não desusada. – Além disso, as orações finais podem vir antes ou depois da subordinante; no primeiro caso, como se voltará a ver ainda na Décima Parte, obrigatoriamente se separarão desta por vírgula; no segundo, a depender do contexto, a vírgula será opcional.

[85] Nem todas as orações temporais têm colocação livre. Dos exemplos postos, a do primeiro pode vir antes ou depois da subordinante, e, se vem depois, pode separar-se desta por vírgula ou não fazê-lo. A do segundo, só pode vir posposta à subordinante, e não pode separar-se desta por vírgula. A dos dois últimos pode vir antes ou depois da subordinante; se vem antes, obrigatoriamente se separa desta por vírgula, e, se vem depois, obrigatoriamente não se separa dela por vírgula – tudo o que se voltará a estudar, mais detidamente, na Décima Parte.

[86] Em verdade, todas as adverbiais são, por certo ângulo, hipotéticas: se antepostas à subordinante, sempre deixam em expectativa a mente do ouvinte ou do leitor enquanto não ouvirem ou não lerem esta.

- ✓ *CASO não o queira* [ORAÇÃO SUBORDINADA ADVERBIAL], *diga-mo logo* [ORAÇÃO SUBORDINANTE];
- ✓ etc.;[87]

▫ ORAÇÕES COMPARATIVO-HIPOTÉTICAS[88] (introduzidas por *como se*):

- ✓ "As pernas tremiam-me [ORAÇÃO SUBORDINANTE] COMO SE todos os nervos me estivessem golpeados [ORAÇÃO SUBORDINADA ADVERBIAL]" (CAMILO CASTELO BRANCO);
- ✓ etc.;

▫ ORAÇÕES CONSECUTIVAS (introduzidas sempre por *que* ou por *de modo que, de maneira que, em maneira que*, etc.):

- ✓ "Pôs-lhe uma nota voluntariamente seca [ORAÇÃO SUBORDINANTE], EM MANEIRA QUE lhe apagasse a cor generosa da lembrança [ORAÇÃO SUBORDINADA ADVERBIAL]" (MACHADO DE ASSIS);
- ✓ *Estuda de modo* [*tal*] [ORAÇÃO SUBORDINANTE](,) *QUE sejas louvado por ti mesmo* [ORAÇÃO SUBORDINADA ADVERBIAL];
- ✓ etc.[89]

- **SUBSTITUTOS DO SUBJUNTIVO.** O SUBJUNTIVO pode substituir-se:[90]

→ pelo INFINITIVO:

- ✓ *Instou-as a não desistir do projeto* por *Instou-as a QUE não desistissem do projeto*;
- ✓ etc.

(**OBSERVAÇÃO**: quando a oração de infinitivo substitui oração subordinada desenvolvida [iniciada no exemplo por *que*], então se chama REDUZIDA DE INFINITIVO);

→ pelo GERÚNDIO, sobretudo quando se trata de orações condicionais:

---

[87] Como se voltará a ver na Décima Parte, as condicionais, se antecedem à subordinante, separam-se desta por vírgula, obrigadamente; se se pospõem à subordinante, a vírgula passa a opcional. – Não há problema algum em fazer a conjunção condicional *se* seguir-se de pronome *se*: *Se se tivessem lembrado*... Devido porém a certo "rumor" gramatical, não raro se considera que tal encontro constitui cacófato, razão por que se teria de substituir, neste caso, *se* por *caso*. Pelo contrário, no entanto, *Se se tivessem lembrado*... é muito mais elegante e clássico que *Caso se tivessem lembrado*...

[88] *Vide* a Sexta Parte.

[89] A distinção entre estas duas maneiras consecutivas (ou seja, a introduzida por *que* e a introduzida por *de modo que*, etc.) explica-se na Sexta Parte. – Note-se, ademais, que no caso do segundo exemplo a última palavra da oração subordinante é sempre *tal, tamanho, tanto* e outras que tais, explícitas ou implícitas, e que estas, quando explícitas, podem separar-se ou não por vírgula da oração subordinada.

[90] Sempre segundo alguma escolha estilística e, portanto, inormatizável.

- ✓ *Fazendo-o, não terias razões para lamentação* por *SE o fizesses, não terias razões para lamentação*;
- ✓ *Andando depressa, não perderemos o trem* por *SE andarmos depressa, não perderemos o trem*;
- ✓ etc.

OBSERVAÇÃO. Não raro pode o SUBJUNTIVO ficar implícito. Exemplos:

- ✓ [*Se FOSSE*] *De madeira, ficaríamos com a mesa*;
- ✓ [*SEJAMOS*] *Jovens ou velhos, somos todos obrigados a progredir intelectualmente.*

6.4.3. O MODO IMPERATIVO.

6.4.3.a. Se o MODO INDICATIVO expressa *o que é*, enquanto o MODO SUBJUNTIVO expressa *o que pode ser*, o **MODO IMPERATIVO** expressa ***o que deve ser***.

6.4.3.b. Conquanto o termo *imperativo* derive do latino *imperatīvus, a, um* ('que manda, ordena, comanda'), e conquanto este adjetivo derive de *impĕro, as, āvi, ātum, āre* ('tomar medidas, determinar, ordenar, comandar'), *o que deve ser* não se expressa sempre, todavia, por império, por uma ordem, por um comando. Pode expressar-se também por uma exortação, ou por um conselho, ou por um convite instante, ou por uma imprecação ou maldição, ou até por uma imprecação ou súplica. E é em todos esses sentidos que empregamos o IMPERATIVO, quer o afirmativo, quer o negativo.

6.4.3.c. O IMPERATIVO só pode usar-se no presente, porque, com efeito, é no presente que se ordena até o que se deve fazer no futuro: *Estuda este assunto nos próximos meses.* Por outro lado, não se pode incluir a primeira pessoa do singular (*eu*) no imperativo porque, se de certo modo cada um de nós impera sobre si mesmo, não o faz senão na segunda pessoa: por exemplo, se digo *Assume essa responsabilidade, Carlos.* Se todavia digo *Assuma eu essa responsabilidade*, não estou no imperativo, mas no puro presente do subjuntivo: *Que assuma eu essa responsabilidade.* A primeira pessoal do plural (*nós*), no entanto, tem lugar no imperativo, porque, se digo *Assumamos nós a responsabilidade*, impero sobre um *vós* em que *eu* me acho ocasionalmente incluído. – Mas a terceira pessoa propriamente dita (*ele/a, eles/as*) não pode ser alvo de império ou ordem, e portanto não se inclui no imperativo. Quando digo *Que assumam eles essa responsabilidade*, volto a estar no puro presente do subjuntivo. Se todavia digo *Assuma-o o senhor*, ou a *senhora*, ou *você*, etc., uso forma pronominal e forma verbal materialmente de terceira pessoa, mas formalmente de segunda.

OBSERVAÇÃO. Relembre-se que, se se trata das pessoas mais próprias deste modo, a saber, a segunda do singular e a segunda do plural, são as mesmas segundas pessoas do presente do indicativo sem seu *-s* final:

✓ PRESENTE DO INDICATIVO, *falas*, *falais*; IMPERATIVO, *fala*; *falai*.

Se porém se consideram as demais pessoas, todas menos próprias do imperativo, são todas tomadas, sem alteração, do presente do subjuntivo.

6.4.3.d. Ambos os modos do imperativo, o AFIRMATIVO e o NEGATIVO, usam-se ou em orações perfeitas, ou em orações "coordenadas", ou ainda em orações subordinantes – nunca em orações subordinadas (ou seja, das únicas que até aqui consideramos tais).[91] Ponham-se exemplos que, ademais, expressem não só o império mas alguns dos demais modos d*o que deve ser*.

✓ *Estudai!*;

✓ *Orai e vigiai*;

✓ *Cala-te, porque não te escape algo indevido*;

✓ *Sê atento a tudo quanto o requer*;

✓ *Não olhes para trás*;

✓ "Vinde ver! Vinde ouvir, homens de terra estranha!" (Olegário Mariano);

✓ *Valha-me, Senhor*;

✓ "Não me deixes só, meu filho!..." (Luandino Vieira).

⇗ **Observação 1.** O IMPERATIVO emprega-se em lugar de orações condicionais ou hipotéticas de *se* e de futuro do subjuntivo. Não deixa de expressar a ideia de conselho; mas fá-lo algo atenuadamente:

✓ *Leia esta carta, e entenderá o que se passou* por *Se ler esta carta, entenderá o que se passou.*

Note-se que com o imperativo temos "coordenação" (por *e*), ao passo que com o futuro do subjuntivo temos subordinação.

Observação 2. O IMPERATIVO pode substituir-se por outras formas de expressar *o que deve ser*.[92]

→ pelo FUTURO DO PRESENTE SIMPLES:

✓ "Não matarás" (por *Não mates*);

✓ etc.;

---

[91] Diferentemente dos demais modos e tempos verbais, o imperativo deve estudar-se também em sua forma negativa, porque, com efeito, é morfologicamente distinta da afirmativa: se no presente do indicativo dizemos *Tu estudas* ou *Tu não estudas* sem alteração morfológica, não assim no imperarativo, em que dizemos *Estuda tu* e *Não estudes tu*.

[92] Tal substituição pode dar-se por causas diversas e de nem sempre fácil precisão. Pode, com efeito, tratar-se ou de atenuação do tom imperativo, ou, ao contrário, de acentuação deste tom, etc.

→ por *IR* NO PRESENTE DO INDICATIVO + INFINITIVO (às vezes com DATIVO ÉTICO):

✓ *Não* [*ME*] *vás desobedecer à tua tia* (por *Não* [*ME*] *desobedeças à tua tia*);

✓ etc.;

→ pelo PRESENTE DO INDICATIVO:

✓ *Amanhã me trazes o trabalho, que o avaliarei* (por *Traz-me amanhã o trabalho...*);

✓ etc.;

→ pelo IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO em ORAÇÃO INTERROGATIVA:

✓ *E se tentasses calar-te?* (por *Cala-te*);

✓ etc.;

→ pelo verbo *QUERER* NO PRESENTE DO INDICATIVO + INFINITIVO em ORAÇÃO INTERROGATIVA:

✓ *Quereis calar-vos?* (por *Calai-vos!*);

✓ etc.;

→ pelo INFINITIVO:

✓ *Direita, volver!* (por *Volvei para a direita*);

✓ etc.;

→ pelo GERÚNDIO:

✓ *Estudando* (por *Estudai*);

✓ etc.;

→ por INTERJEIÇÃO:

✓ *Fogo!* (por *Disparai!*, *Atirai!*);

✓ etc.

⇗ **OBSERVAÇÃO 3.** Na oralidade do Brasil (e com profundos reflexos na escrita), o uso do imperativo está grandemente corrompido.

▫ Antes de tudo, e contra a tradição românica, usa-se o pronome do imperativo em próclise ao verbo: "Me dá uma orientação", em vez do correto *Dá-ME uma orientação* (ou *Dê-me uma orientação*, se se usa qualquer pronome materialmente de terceira pessoa).

▫ Depois, usam-se formas verbais do imperativo afirmativo no imperativo negativo, como neste aberrante exemplo, tão comum, no entanto, em nossa fala: "Não faz isso!" Tal implica destruição de paradigma. O correto é *Não faças isso* (ou *Não faça isso*, se se usa qualquer pronome materialmente de terceira pessoa).

Pois bem, evitem-se absolutamente tais corrupções na escrita. O que tal fizer acabará, com o tempo, por usar corretamente o imperativo também na fala.

6.4.4. O EMPREGO DAS FORMAS NOMINAIS.

6.4.4.a. Já expusemos as notas gerais do INFINITIVO, do GERÚNDIO e do PARTICÍPIO. Resta-nos estudar seu emprego. Não trataremos aqui, porém, do emprego do infinitivo, porque, podendo ser o infinitivo ou impessoal ou pessoal, fato praticamente único entre as línguas atuais, seu emprego envolve conhecimentos mais complexos que só se ministrarão na Sexta Parte e na Oitava Parte. Estudá-lo-emos nesta última.

6.4.4.b. O **GERÚNDIO**, antes de tudo, ou expressa *o modo de ser* ou é núcleo de oração adverbial, razão por que tem antes de tudo caráter *adverbial*:

✓ *Entrou em casa assobiando.*

- O GERÚNDIO pode constituir o núcleo de oração adverbial *reduzida*,[93] que então ou vem antes da subordinante (e obrigadamente se separa desta por vírgula), ou depois da subordinante (e tal separação por vírgula é amiúde opcional). Nem sempre, contudo, pode discernir-se com certeza o caráter da subordinada reduzida de gerúndio. Deem-se exemplos:

✓ *Sendo assim* [*Se é assim*], *nada tenho que objetar* (adverbial condicional);

✓ *Chegando* [*Quando chegar* ou *chegue*] *à cidade, venha imediatamente visitar-nos* (adverbial temporal);

✓ "Proferindo [*Depois que proferiu* ou *Enquanto proferia*] estas palavras, o gardingo atravessou rapidamente a caverna e desapareceu nas trevas exteriores" (ALEXANDRE HERCULANO) (não se sabe, pois, se se trata de adverbial temporal ou de adverbial proporcional);[94]

✓ *Ouvindo-o* (*Depois que o ouviu*, ou *Enquanto o ouvia*, ou *Porque o ouviu*), *compreendeu-o* (não se sabe, pois, se se trata de adverbial temporal, de adverbial proporcional ou de adverbial causal);

✓ etc.

OBSERVAÇÃO 1. Sob a pena de bom escritor, naturalmente, o contexto resolve o mais das vezes tais ambiguidades.

OBSERVAÇÃO 2. O gerúndio que é núcleo de oração adverbial pode vir antecedido da preposição *em*, e a oração é então adverbial temporal. Tem então, porém, caráter particular: expressa que a ação é imediatamente anterior à do verbo da principal, ou seja, encerra a ideia de *assim que*:

---

[93] Diz-se que uma oração subordinada adverbial é *desenvolvida* quando seu verbo está no indicativo ou no subjuntivo e, portanto, se inicia pela devida conjunção (ou pelo devido advérbio, como se verá em seu momento); e diz-se *reduzida de infinitivo, de gerúndio* ou *de particípio* quando seu verbo está em uma destas formas e, portanto, ou não se inicia por nenhum conectivo ou se inicia por preposição.

[94] Mas, neste sentido, o proporcional não deixa de ser um modo do temporal.

- ✓ "Eu tinha umas asas brancas, / Asas que um anjo me deu, / Que, EM me eu cansando da terra [*ASSIM QUE eu me cansava da terra*], / Batia-as, voava ao céu" (ALMEIDA GARRETT);
- ✓ *EM chegando* [*ASSIM QUE chegar* ou *chegue*] *à cidade, venha visitar-nos*;
- ✓ etc.

☞ **OBSERVAÇÃO.** Foi comum entre os escritores renascentistas o uso de *em* antes de gerúndio para expressar ação ou fato durativo. *Em* + gerúndio equivalia, então, a verbo desenvolvido introduzido por *enquanto*:

- ✓ "Por servir a Deus em vivendo [= enquanto vivesse] tinha renunciado a seu filho legítimo..." (D. DUARTE);
- ✓ "Aprovou todalas cousas que em sendo [= enquanto fora] Papa ordenara" (RUI DE PINA);
- ✓ etc.

Não é recurso, porém, de usar hoje.

- Muitas vezes o GERÚNDIO, todavia, não implica redução de oração adverbial, e quase equivale então a puro *advérbio de modo*:
  - ✓ *Caminhava sorrindo* (De que modo caminhava? Sorrindo.);
  - ✓ *Envergonhado, falava gaguejando* (De que modo falava? Gaguejando.);
  - ✓ *Cantando leva a vida* (De que modo leva a vida? Cantando.);
  - ✓ "No quintal as folhas fugiam com o vento, dançando no ar em reviravoltas de brinquedo" (L. JARDIM) (De que modo fugiam com o vento? Dançando no ar...);
  - ✓ etc.

☞ **OBSERVAÇÃO 1.** Veremos na Sexta Parte se se pode dizer que neste uso o GERÚNDIO constitui oração adverbial modal.

☞ **OBSERVAÇÃO 2.** O mais das vezes, como visto pelos exemplos, o gerúndio modal vem posposto ao verbo de que expressa modo. Pode, todavia, como visto também, vir anteposto ao verbo.

☞ **OBSERVAÇÃO 3.** Normalmente o gerúndio modal não se separa por vírgula do verbo de que expressa modo. Se se separa, como no último dos exemplos acima, o mais das vezes tal se dá por razão diacrítica: com efeito, se não se pusesse a vírgula em "as folhas fugiam com o vento, dançando no ar", poder-se-ia pensar que fosse o vento o que dançava no ar.

- Para a construção *estar pensando*, etc., *vide* o Apêndice 2 dois desta seção.

OBSERVAÇÃO. Pode inverter-se, nesta classe de construção, a ordem das formas verbais. Deem-se exemplos literários:

✓ "Vai ajudar ao bravo Castelhano, / Que pelejando está co Mauritano" (CAMÕES);

✓ "Da boca do facundo capitão / Pendendo estavam todos os envolvidos" (CAMÕES).

Insista-se: é recurso antes literário.

- Quando, no entanto, implica redução de oração adjetiva, então o GERÚNDIO, como é óbvio, se reduz mais propriamente a adjetivo:

✓ "Algumas [comédias] havia com este nome [Tabernaria] contendo [= que continham] argumentos mais sólidos, como bem prova João Sávio" (FREIRE);

✓ "Achar-se-ão na Secretaria de V. M. papéis, cartas e lembranças minhas prevenindo [= que previnem], lembrando [= que lembram] e pedindo [= que pedem] a V. M. aquilo que, a meu fraco juízo, parecia mais conveniente às presentes ocorrências" (FRANCISCO MANUEL DE MELO);

✓ "Eram os primeiros [diplomas], além da bula de perdão, um breve eximindo [= que eximia] do confisco por dez anos os criminosos sentenciados; outro suspendendo [= que suspendia] por um ano a entrega ao braço secular dos réus de crime capital" (ALEXANDRE HERCULANO)

(**OBSERVAÇÃO**: não procede, portanto, o tachar de galicismo ou de anglicismo tal uso, como faz Napoleão Mendes de Almeida: insista-se em que ao gramático não compete inventar língua);[95]

✓ *Vimos pássaros voando* [= *que voavam*] *muito alto.*

OBSERVAÇÃO 1. Não raro o uso do gerúndio como predicado de "sujeito acusativo",[96] como no último exemplo, pode implicar ambiguidade ou anfibologia. É o que se dá, por exemplo, em *Viu-a correndo*: quem corria? O que viu ou a que foi vista? Por isso, quando o sujeito do gerúndio é "sujeito acusativo", é não raro preferível usar o infinitivo em lugar do mesmo gerúndio: *Viu-a correr.*

---

[95] No máximo pode indicar-se que não se abuse deste emprego, antes de tudo para evitar certa monotonia, mas também, justamente, porque não o aceitam unanimemente os gramáticos. O fato, no entanto, é que recorrem a ele muitos dos melhores escritores lusófonos. Trata-se antes de questão de estilo.

[96] Para "sujeito acusativo", *vide* a Sexta Parte e a Oitava Parte.

⇗ **Observação 2.** Neste mesmo caso, se o "sujeito acusativo" é definido, então deixa de ser claro o caráter adjetivo do gerúndio. Com efeito, em *Vimos* UM *pássaro voando*, *voando* é redução bastante clara de *que voava*. Mas não assim em *Vimos* O *pássaro voando*, em que *voando* não pode ser, em português, redução de "que voava".

- Assunto ainda mais árduo e disputado é a REDUÇÃO A GERÚNDIO DE ORAÇÃO ADITIVA, ou seja, quando expressa ação posterior à ação expressa pela oração a que se liga aditivamente. Veja-se este exemplo:

✓ *Caiu da escada,* QUEBRANDO AS PERNAS [= *Caiu da escada* E QUEBROU AS PERNAS].

Muitos gramáticos, e sobretudo Napoleão Mendes de Almeida, condenam taxativamente esta construção. Não o fazemos nós, e nisto não podemos senão concordar com Said Ali. Antes de tudo, porque recorrem a ela muitos de nossos melhores escritores, e porque o fazem desde tempos remotos. Depois, porém, porque tal construção não surge de nada. Note-se que *e quebrou as pernas*, conquanto seja de fato oração aditiva, expressa também *consequência*, o que é próprio do advérbio. Ora, como vimos, o gerúndio é a forma nominal própria das orações adverbiais. Daí que para que se reduzam a gerúndio as orações aditivas de cunho consecutivo é só um passo analógico. E falta apenas outro passo analógico para que se possam reduzir a gerúndio *todas* as orações aditivas que expressem ação posterior à ação expressa pela oração a que se ligam aditivamente. Vejam-se exemplos ilustres, alguns muito antigos:

✓ "El-rei D. Fernando lhe tomou a mulher, recebendo-a [= E RECEBEU-a] depois de praça" (FERNÃO LOPES);

✓ "... e ali lhe apareceram os santos apóstolos abraçando-o [= E O ABRAÇARAM] amigavelmente e fazendo-lhe [= E lhe FIZERAM] graças" (*Crônica dos Frades Menores*);

✓ "Mas o leal vassalo... / Se vai o Castelhano, prometendo [= E PROMETE] / Que ele faria dar-lhe obediência" (CAMÕES);

✓ "Foi o primeiro a receber o prêmio o infante D. Duarte, seguiu-se-lhe o infante D. Pedro, e a este seu irmão D. Henrique, acabando [= E ACABOU] a cerimônia com o conde de Barcellos" (FREIRE).

⇗ **Observação 1.** Veja-se, sobretudo pelo último dos exemplos, que a redução a oração gerundial pode ter por fim aliviar o peso de uma sequência longa de adições por *e*.

⬀ **Observação 2.** Se, pelas razões expostas, não se pode condenar tal redução, pode-se todavia recomendar:

□ como dito, que não se abuse dela;

□ e que não se empregue quando implicar qualquer sorte ou qualquer grau de anfibologia.

6.4.4.c. O chamado **particípio “passado”** expressa alguma ação, algum fato ou algum estado como já consumados. Tem sempre caráter *adjetivo*, o que se vê tanto pela não rara impossibilidade de distingui-lo perfeitamente deste como pelo fato de que, quando não se torna parte de tempo composto, recebe como o adjetivo a desinência de feminino e a de plural:

✓ “Tens os olhos encovados, / De fundos visos cercados, / Sinistros sulcos deixados / Por atros vícios talvez; / A fronte escura e abatida, / Roxa a boca comprimida, / A face magra tingida / Da morte na palidez” (Fagundes Varela);

✓ etc.

• Insista-se em que, quando o particípio “passado” serve de puro qualificador, sem expressar tempo de modo algum, confunde-se com o adjetivo:

✓ *Explicou o texto ditado aos alunos*;

✓ “O vento enfurecido açoitava a rancharia” (A. Meyer);

✓ etc.

Com respeito às palavras sublinhadas, pode dizer-se apenas que são adjetivos de *origem participial*.

• Como o gerúndio, o particípio “passado” isolado também pode ser núcleo de oração subordinada reduzida, e, como se dá com o gerúndio, nem sempre é fácil distinguir precisamente qual lhe seja a desenvolvida:

✓ “Chegada [= Quando ela chegou] a casa, não os encontrou” (J. Paço d’Arcos);

✓ *Encontrada* [= *Depois que encontrou*, ou *Assim que encontrou*, ou *Porque encontrou*] *a solução do árduo problema, pôde enfim descansar*;

✓ etc.

⬀ **Observação.** O particípio “passado” pode ter caráter passivo ou caráter ativo.

Exemplos do primeiro caso:

✓ *Lida a carta, tranquilizou-se*;

✓ *Corroído de saudade, adoeceu.*

Exemplos do segundo:

- ✓ *Chegado a casa, ocupou-se imediatamente do filho*;
- ✓ "Era um burrinho pedrês, miúdo e resignado, vindo de Passa Tempo, Conceição do Serro" (GUIMARÃES ROSA).

▫ E veja-se uma vez mais a tensão entre figura e significado: em *Ele é um homem lido*, o particípio é de forma passiva, mas seu significado é ativo (*ele* não é *lido* por ninguém, senão que *lê* muito).

▫ Como dito mais acima, a forma *vindo* é tanto particípio como gerúndio do verbo *vir*.

▫ Por vezes, não é possível dizer se o particípio tem caráter propriamente ativo nem propriamente passivo. Tal se dá quando o verbo significa estado, como em *Cansada, deixou as tarefas para o dia seguinte*.

• Por si só, o particípio "passado" não indica se a ação, o fato ou o estado que ele significa são passados, presentes ou futuros. Não o pode indicar senão o contexto, ou seja, o tempo do verbo da oração subordinante. Deem-se exemplos:

- ✓ *Abertos os portões, AFLUI grande multidão* (presente);
- ✓ *Abertos os portões, AFLUIU grande multidão* (pretérito);
- ✓ *Abertos os portões, AFLUIRÁ grande multidão* (futuro);
- ✓ *Deitada, OLHA pela janela* (presente);
- ✓ *Deitada, OLHAVA pela janela* (pretérito);
- ✓ *Deitada, OLHARÁ pela janela* (futuro).

⇗ **OBSERVAÇÃO.** Como se vê, a ação expressa pelo particípio pode ser ou anterior à expressa pelo verbo da oração subordinante (como nos três primeiros exemplos) ou concomitante a ela (como nos três últimos exemplos).

§ Pois bem, por isto mesmo, quer dizer, pela impossibilidade de o particípio "passado" expressar por si o tempo, é que o chamaremos doravante pura e simplesmente **PARTICÍPIO**. (Poderia no máximo chamar-se *particípio perfeito*.)

6.4.4.d. O **PARTICÍPIO "PRESENTE"** é pouco usado hoje, e sempre se usou como latinismo.[97] Com efeito, o particípio "do presente" latino deu três terminações ao PARTICÍPIO "PRESENTE" português: *-ante*, *-ente*, *-inte*:

- ✓ *Vem orante* [= orando] *pelo caminho a romaria*;
- ✓ "Perlas ricas e imitantes [= que imitam] à cor da Aurora" (CAMÕES);
- ✓ *Homem temente* [= que teme] *a Deus*;
- ✓ etc.

---

[97] Em especial no Medievo e no Renascimento.

Nos dois últimos exemplos, todavia, não só é impossível dizer sem dúvida se se trata de particípio "presente" de caráter adjetivo ou de puro e simples adjetivo, senão que a sensibilidade do lusófono moderno tende sempre a decidir-se por adjetivo. No primeiro exemplo, todavia, não só se trata de autêntica forma nominal do verbo, senão que equivale ao gerúndio modal: reduz-se, pois, a advérbio.

⇗ **Observação.** Tampouco o PARTICÍPIO "PRESENTE" pode por si expressar tempo, e uma vez mais a indicação do tempo dependerá de outra forma verbal:

- ✓ *VEM orante pelo caminho a romaria* (presente);
- ✓ *VINHA orante pelo caminho a romaria* (pretérito);
- ✓ *VIRÁ orante pelo caminho a romaria* (futuro);
- ✓ etc.

§ Pois bem, por isto mesmo, quer dizer, pela impossibilidade de o particípio "presente" expressar por si o tempo, é que deixaremos de chamá-lo "presente" para chamá-lo MODAL, porque, como visto, equivale ao gerúndio modal e pode comutar-se por ele:

- ✓ *VEM orando pelo caminho a romaria* (presente);
- ✓ *VINHA orando pelo caminho a romaria* (pretérito);
- ✓ *VIRÁ orando pelo caminho a romaria* (futuro);
- ✓ etc.

➢ O GERUNDISMO E UM ERRO DE PARALELISMO.

1. No Brasil, já desde algum tempo se vem concomitantemente usando e condenando o chamado GERUNDISMO. É preciso, porém, antes de tudo, saber o que se deve entender por *gerundismo*, e, depois, se de fato se deve condenar.

1.a. Nenhum dos empregos do gerúndio mostrados até aqui incorre em GERUNDISMO, e, como dito e com as ressalvas feitas, *são todos corretos e participam do português culto atual.* Dizemo-lo porque há hoje no Brasil certa tendência a negar validade a quase todos os empregos do gerúndio, confundindo-os com o que verdadeiramente pode dizer-se *gerundismo.*

1.b. GERUNDISMO propriamente dito é o uso indevido em português de algo assemelhado a uma das formas do *futuro contínuo* inglês, talvez por influência do *telemarketing* e de congêneres.

- Exemplos ingleses de *futuro contínuo*:

✓ (com *will*) *You* ***will be waiting*** *for her when her plane arrives tonight* (ou seja, quase palavra a palavra: *Estarás esperando-a quando seu avião chegar esta noite*);

✓ (com *be going to*) *You* ***are going to be waiting*** *for her when her plane arrives tonight* (ou seja, quase palavra a palavra: "Estás indo estar esperando-a quando seu avião chegar esta noite").

- Pois bem, a primeira forma do futuro contínuo (com *will*) tem perfeito correspondente em português. Com efeito, não há nada que censurar em construções como *Estarás esperando-a quando seu avião chegar esta noite, Amanhã não poderemos vir à reunião porque à mesma hora estaremos viajando*, etc. São lidimamente portuguesas.
- Já não se pode dizer o mesmo do futuro contínuo com *be going to*. Com efeito, não são lidimamente portuguesas construções como as seguintes, infelizmente tão ouvidas no Brasil: "Amanhã vamos estar providenciando o conserto", "Em no máximo dois dias vou estar fazendo o depósito", "Vou ficar estando sentada ali para fazer as inscrições" (!!!)[98] e outras aberrações que tais.

☞ **Observação.** Atente-se a que, se em *Amanhã não poderemos vir à reunião porque À MESMA HORA estaremos viajando* não se usasse o futuro contínuo, a frase teria outro sentido: *à mesma hora viajaremos* quereria dizer algo como *à mesma hora tomaremos o avião* (ou *o trem*, ou *a estrada*, etc.). Mas no exemplo anterior se quer dizer que *à mesma hora já estaremos em plena viagem*. Logo, o futuro contínuo não se deve usar em português senão para expressar *ação futura já em curso* – mais ainda: é a única maneira de fazê-lo.

2. Erro comum, agora, a brasileiros e a portugueses (entre os quais alguns bons escritores) infringe o devido paralelismo ou correspondência verbal. Exemplo:

✓ "Não TRABALHAVA há dois anos".

Note-se que, se se dissesse *Não TRABALHA*, sem dúvida deveria usar-se *há dois anos*: presente do indicativo com presente do indicativo.

---

[98] Frase ouvida em ambiente universitário.

Como porém *TRABALHAVA* está no imperfeito do indicativo, então obrigatoriamente o verbo *haver* haverá de estar no mesmo imperfeito:

✓ *Não TRABALHA há dois anos*;

✓ *Não TRABALHAVA havia dois anos.*

Para verificar a correção do dito, basta que se substitua o verbo *haver* por *fazer*: com efeito, "Não trabalhava faz dois anos" nem remotamente nos soa correta. E, no entanto, tão incorreta como "Não trabalhava faz dois anos" é "Não trabalhava há dois anos". Pois bem, use-se ou verbo *fazer* ou o verbo *haver*, não se infrinja nunca o devido paralelismo ou correspondência verbal, e escreva-se corretamente:

✓ *Não TRABALHA há/faz dois anos*; ou

✓ *Não TRABALHAVA havia/fazia dois anos.*

OBSERVAÇÃO. Parece-nos que este erro tem fundo fonético. Com efeito, *há* soa como a preposição *a*; mas a preposição, obviamente, é inflexionável; logo, usa-se *há* como se fora *a*. Pois bem, aproveite-se o ensejo para assinalar a devida distinção entre *há* e *a* na indicação de tempo.

- O verbo *haver* usa-se para tempo decorrido ou passado:

  ✓ *Não trabalha há dois anos*;

  ✓ *Casara-se havia três anos.*

  (Note-se, pois, pelo último exemplo, que também junto a mais-que-perfeito [*Casara-se*] o verbo *haver* deve estar no IMPERFEITO.)

- A preposição *a* usa-se para tempo vindouro:

  ✓ *Começará a trabalhar daqui a uma semana*;

  ✓ *Casar-se-á daqui a um mês.*

- Mas a preposição *a* também se usa com o sentido de *depois de* com respeito a tempo passado:

  ✓ *A* [= *depois de*] *um ano de casados, nasceu-lhes o primeiro filho*;

  ✓ *A* [= *depois de*] *dois meses da contratação, já está perfeitamente adaptado ao novo trabalho.*

OBSERVAÇÃO. Conquanto fosse ocioso fazê-lo, diga-se que para indicação espacial só se usa a preposição *a* (e nunca o verbo *haver*):

✓ *O museu fica a 100 metros daqui*;

✓ etc.

APÊNDICE 1

AS VOZES VERBAIS

1. Os verbos expressam antes de tudo, como dito, ou a categoria da *ação* ou a categoria da *paixão*, razão por que há, *em princípio*, duas **vozes verbais**: a voz ATIVA e a VOZ PASSIVA.

2. As duas vozes têm figura diversa:

a. a ATIVA: *O caçador* *MATOU* *o leão*; *O leão* *MATOU* *o caçador*;
sujeito **o. direto** **sujeito** **o. direto**

b. a PASSIVA: *O leão* *FOI MORTO* *pelo caçador*; *O caçador* *FOI MORTO* *pelo leão*.
sujeito **a. passiva** **sujeito** **a. passiva**

3. Note-se que, na voz ativa, o agente da ação verbal é expresso pela palavra que exerce a função sintática de sujeito da oração; e que, na voz passiva, o agente da ação verbal é expresso pelo grupo que exerce a função sintática de agente da passiva. Ademais, na voz ativa o paciente da ação verbal é expresso pela palavra que exerce a função sintática de objeto direto; enquanto na voz passiva o paciente da ação verbal é expresso pela palavra que exerce a função sintática de sujeito. Em outras palavras, na voz ativa temos um SUJEITO AGENTE, enquanto na passiva temos um SUJEITO PACIENTE. Trata-se, pois, de perfeita inversão de papéis.

⇗ **OBSERVAÇÃO.** Bem sabemos que quase todas as gramáticas dão uma terceira voz: a chamada "voz reflexiva", em que o agente e o paciente da ação verbal são o mesmo. Com efeito, em *Pedro feriu-se* [*a si mesmo*] *sem querer*, *Pedro* e *se* são a mesma pessoa, concomitantemente agente e paciente da ação de *ferir*. Mas isto não quer dizer que se trate de outra voz: trata-se de pura voz ativa. No exemplo posto, com efeito, *Pedro* é sujeito agente da ação verbal, e *se* é objeto direto paciente da ação verbal. Que o agente e o paciente sejam o mesmo é acidental à voz verbal, e porque o é, ou seja, porque não é essencial à voz verbal, por isso mesmo não há "voz reflexiva".

4. Sucede porém que com a mesma figura de voz ativa se expressa por vezes, como visto, uma paixão (por exemplo, *O enfermo padece muitas dores*), ao passo que com a mesma figura de voz passiva se expressa por vezes, como visto, uma ação (por exemplo, *O rei é chegado*). Mas, justamente porque uma paixão pode expressar-se na voz ativa e uma ação pode expressar-se na voz passiva, devemos considerar, *em princípio*, que a dupla noção de voz ativa e de voz passiva passou da estrita origem semântica (como nos exemplos do *caçador* e do *leão*) a configuração paradigmática. Em outras palavras, em português o verbo configura-se duplamente, a saber, ou na voz ativa ou na voz passiva (esta, como dito, com *ser* + parte morfológica participial), independentemente da categoria que expresse.

5. Se assim é, todo e qualquer verbo que não se construa como locução de *ser* + parte morfológica participial estará, *segundo a figura*, na VOZ ATIVA, enquanto o que se construa assim estará, *segundo a figura*, na VOZ PASSIVA.

7. Tenha-se a seguinte sequência de exemplos:

a. *O rapaz feriu-se a si mesmo sem querer*;

b. *O rapaz feriu-se num acidente de carro*;

c. *O rapaz padece muitas dores*;

d. *O rapaz está bem*;

e. *O rapaz é estudioso*;

f. *A vegetação mostra-se luxuriante*;

g. *Queixou-se do abuso*;

h. *Precisa-se de empregados*;

i. *Contratam-se empregados*;

✓ etc.

• Segundo a maioria das gramáticas correntes, o exemplo *a*, como visto, estaria na "voz reflexiva"; quanto ao exemplo *b*, nada se diria; o exemplo *c* estaria na voz ativa; o exemplo *d* e o *e*, de verbo de cópula ou ligação, não teriam voz; dar-se-ia o mesmo com o exemplo *g*, que é dos chamados "verbos pronominais"; o exemplo *h* ficaria numa sorte de limbo, para depois abruptamente tratar-se na sintaxe como caso de "sujeito indeterminado"; o exemplo *i*, por fim, estaria na "voz passiva sintética". Mas essa maneira de considerar as vozes verbais não deixa de desnortear, e assim é porque nessa maneira se confundem *significado* e *figura* (ou, como já se disse, *forma* e *figura*). Pois bem, segundo nosso modo de considerar, SEGUNDO A FIGURA os exemplos *a, c, d, e* são de voz ativa; SEGUNDO A SIGNIFICAÇÃO, porém, só o primeiro é ativo.

• Deixamos porém de lado, acima, os demais exemplos, e não o fizemos senão porque, ao que parece, há duas maneiras coerentes de considerá-los.

→ Said Ali, entre outros poucos gramáticos, considerá-los-ia a todos de *voz média* ou *medial*, porque se conjugam ou estão na voz ativa mas acompanhados sempre de pronome: *Eu feri-me* (*no acidente*), *Tu feriste-te* (*no acidente*), *Ele feriu-se* (*no acidente*), etc; *A vegetação mostra-se luxuriante*; *Queixou-se do abuso*; *Precisa-se de empregados*. Sucede, todavia, que o mesmo Said Ali incluiria na voz média ou medial o exemplo *a* (*O rapaz feriu-se a si mesmo sem querer*, porque *Eu feri-me* *a mim mesmo sem querer*, etc.); mas o *se* de *Feriu-se a si mesmo sem querer* pode comutar-se por *feriu-o a ele sem querer*, etc., razão por que é conveniente considerá-lo como fizemos mais acima, ou seja, como de voz ativa SEGUNDO A FIGURA e ativo SEGUNDO A SIGNIFICAÇÃO. Não obstante, se assim é com este exemplo, não o é com os demais, em que não podemos proceder a tal comutação. Os demais, portanto, poderiam considerar-se de voz média ou medial *segundo a figura*, e restaria dizer o que cada um é *segundo a significação*.

→ A outra maneira coerente – e que nos parece a melhor[99] – é considerá-los a todos como de voz ativa SEGUNDO A FIGURA, com o que outra vez resta dizer o que cada um é SEGUNDO A SIGNIFICAÇÃO. Façamo-lo, pois, ainda que o assunto não possa entender-se mais cabalmente senão na Sexta Parte.

a. Em *O rapaz feriu-se a si mesmo sem querer*, como dito, o verbo expressa ação.

b. Em *O rapaz feriu-se num acidente de carro*, o verbo expressa paixão, porque com efeito *o rapaz* antes foi ferido. Note-se porém que não é possível indicar o agente de tal paixão, mas apenas a circunstância (*num acidente de carro*) em que se deu.

c. Em *O rapaz padece muitas dores*, como dito e redito, o verbo expressa paixão. – É o oposto do que se dá com os verbos *depoentes* latinos, nos quais se tem figura de voz passiva para significado ativo (por exemplo, *polliceor* = "prometo").

d. Em *O rapaz está bem*, o verbo não expressa ação nem paixão. Exerce antes o papel de *cópula* entre o sujeito e o predicativo.

e. Em *O rapaz é estudioso*, o verbo tampouco expressa ação nem paixão, e, como o anterior, exerce o papel de *cópula* entre o sujeito e o predicativo.

f. Quanto ao verbo de *A vegetação mostra-se luxuriante*, já voltaremos a ele.

g. Em *Queixou-se do abuso*, o verbo expressa, obviamente, ação; e o *-se* que traz aposto já não tem, na língua atual, nenhuma carga semântica: é parte integrante sua, mas tornou-se um como adorno fóssil seu.

h. Em *Precisa-se de empregados*, o verbo expressa necessidade ao modo de ação, assim como em *Ele tem vasta biblioteca* o verbo expressa posse igualmente ao modo de ação.

i. E em *Contratam-se empregados*, o verbo é de sentido passivo: equivale, SEGUNDO A SIGNIFICAÇÃO, a "Empregados são contratados". É a construção comumente conhecida por "voz passiva sintética". No entanto, como dito, é de voz ativa SEGUNDO A FIGURA.[100]

---

[99] Porque, com efeito, o *se*, como pronome que é, não é capaz de fundar uma voz verbal. A "voz média ou medial" parece antes, portanto, um marco ou quadro acomodatício.

⇗ **OBSERVAÇÃO.** Mas ser de voz ativa segundo a figura não pode deixar de imprimir de algum modo sua marca em todos estes verbos. Quase se poderia dizer, por exemplo, que em *O enfermo padece muitas dores* ele as padece como que "ativamente". Dos *depoentes* latinos poderia dizer-se o diametralmente oposto: seu sujeito como que age "passivamente". Como dito, estamos em fronteira de tensão *extrema* e *complexa* entre figura e significado. – Não se colija disto, contudo, que tais construções "tensas" sejam defeituosas como o seria, por exemplo, uma mesa sem um dos pés. Isto impediria que a mesa atingisse seu fim, enquanto aquelas construções de modo algum impedem nem sequer o filosofar: porque, se digo que *padecer uma ação* é uma *paixão*, o juízo filosófico não se vê nem mininamente obstado, nem a compreensão de quem o lê. Mas tal não se entende mais perfeitamente se não se considera a já referida plasticidade da linguagem: a mesma que permite, por exemplo, que os substantivos signifiquem acidentes ao modo de substâncias. Reencontrá-la-emos no âmbito mais estrito da Sintaxe.

→ Ainda a título, porém, de ilustração dessa complexidade, tenha-se agora a seguinte sequência de exemplos:

a. *A moça não se mostrava por timidez*;

b. *A moça mostrou-se incapaz da tarefa*;

c. *Mostrou-se a moça como exemplo de dedicação.*

Pois bem, conquanto estejamos ciente de que o exemplo *c* não é isento de ambiguidade, podemos considerar os três exemplos do seguinte modo.

a. De voz ativa SEGUNDO A FIGURA e ativo SEGUNDO A SIGNIFICAÇÃO: a moça não *se* mostra *a si mesma* assim como poderia não mostrar *uma tela*, *um livro*, *qualquer coisa*.

b. De voz ativa SEGUNDO A FIGURA (com um *se* parte integrante sua),[101] mas nem ativo nem passivo SEGUNDO A SIGNIFICAÇÃO: porque, com efeito, aqui *mostrou-se* tem, pouco mais ou menos, o sentido de 'aparecer' (involuntariamente). É o mesmo que se dá em *A vegetação mostra-se luxuriante.*

---

[100] O pronome *se* da "passiva sintética", como dito mais acima, só pode dizer-se pronome *muito de certo modo*: ou seja, justo porque indica uma significação passiva para uma figura ativa (*Alugaram-se as casas*) em lugar da própria figura passiva (*As casas foram alugadas*).

[101] Tanto o *se* deste *mostrar-se* como o *se* de *queixar-se* são parte integrante do verbo. A diferença reside em que o verbo *queixar-se* não pode dispensá-lo de modo algum, enquanto *mostrar*, sim, o pode: ou seja, só o *se* de *queixar-se* é verdadeiramente fóssil. Mas em *A vegetação mostra-se luxuriante* o *se* é atualmente tão destituído de carga semântica como o é o *se* de *Queixou-se do barulho.*

c. De voz ativa SEGUNDO A FIGURA, mas passivo SEGUNDO A SIGNIFICAÇÃO: com efeito, *Mostrou-se a moça como exemplo de dedicação* pode comutar-se por *A moça foi mostrada como exemplo de dedicação.*

→ E estão SEGUNDO A FIGURA na voz passiva todos os seguintes exemplos:[102]

a. *O caçador foi morto pelo leão*;

b. *O viajante é chegado*;

c. *O rainha é morta*;

d. *As crianças são nascidas.*

Pois bem, podemos considerar estas locuções verbais ainda do seguinte modo.

a. Passiva SEGUNDO A SIGNIFICAÇÃO.

b. Ativa SEGUNDO A SIGNIFICAÇÃO.

c. Antes passiva SEGUNDO A SIGNIFICAÇÃO, porque, com efeito, a morte é antes padecida. Mas não pode dizer-se que aqui se expresse paixão ao mesmo título que no primeiro exemplo (*O caçador foi morto pelo leão*).

d. Antes ativa que passiva SEGUNDO A SIGNIFICAÇÃO, conquanto não ao mesmo título que em *O viajante é chegado.*

⇗ **OBSERVAÇÃO 1.** Mas ser de voz passiva segundo a figura não pode deixar de imprimir de algum modo sua marca em todas estas locuções verbais. Diga-se de algumas delas, *mutatis mutandis*, algo semelhante ao que pode dizer-se dos *depoentes* latinos: é como se seu sujeito agisse "passivamente".

§ Assim, sem que tentemos escapar à complexidade e arduidade do assunto, julgamos que nosso modo de considerá-lo resolve uma série de lacunas e de contradições em que se incorre por falta de critério adequado para a conceituação das vozes verbais. E um exemplo do que se acaba de dizer, e que propositadamente deixamos por último: não se vê em que voz verbal as gramáticas correntes e a Linguística poriam uma oração como *O rapaz caminha*, no entanto tão patentemente ativa em todos os sentidos. Estão impedidas de incluí-la em qualquer voz pela simples razão de que não se enquadra em seu esquema primário e único de voz ativa *versus* voz passiva: com efeito, não consideram que estejam na voz ativa senão os verbos que possam converter-se à voz passiva, ou seja, os transitivos diretos. Ter-se-ia então certo número de verbos com voz verbal, e outro número sem voz verbal – o que aparece ou se mostra inconveniente.

---

[102] Poderia objetar-se que não o estão porque lhes falta o agente da passiva. Mas tampouco o há em *A casa já foi terminada*, e no entanto não se lhe pode negar o caráter de voz passiva.

APÊNDICE 2

LOCUÇÃO VERBAL E TEMPO COMPOSTO

1. Não há a menor diferença semântica entre *ter* e *haver* quando usados como auxiliares nos TEMPOS COMPOSTOS. E, se é verdade que na oralidade *ter* é geralmente mais usado que *haver*, não assim na escrita, em que se dão indiferentemente (se se desconsideram as preferências pessoais).[103]

2. Pois bem, como visto em especial no quadro das três conjugações, os TEMPOS COMPOSTOS constituem-se de *ter* ou de *haver* + "particípio" **invariável**:

✓ *Eu o TERIA* ou *HAVERIA feito*;
✓ *Ele TINHA* ou *HAVIA feito*;
✓ *Nós TÍNHAMOS* ou *HAVÍAMOS feito*;
✓ *TÊ-lo-EIS* ou *HAVÊ-lo-EIS feito já*;
✓ etc.

- Se porém assim é na língua atual, nos tempos compostos este "particípio" já não pode dizer-se propriamente particípio e pois adjetivo: tornou-se PARTE MORFOLÓGICA DE ORIGEM PARTICIPIAL, assim como os mesmos *ter* e *haver* já tampouco podem dizer-se verbos (nem sequer auxiliares): tornaram-se PARTES MORFOLÓGICAS DE ORIGEM VERBAL. Logo, cada forma verbal composta constitui LOCUÇÃO: é algo perfeitamente uno (que *em tese* até poderia escrever-se ligadamente: *tínhamos-feito*, *haviam-dado*, etc.).

- Ademais, como partes morfológicas destas mesmas locuções, *ter* e *haver* já praticamente nem sequer conservam nenhuma carga semântica.[104] Na língua antiga, com efeito, dizia-se *tinha-o feito*, *tinha-os feitos*, *tinha-a feita*, *tinha-as feitas*, etc. (em vez de *tinha-o feito*, *tinha-os feito*, *tinha-a feito*, *tinha-as feito*, etc), assim como poderia dizer-se *tinha-o pronto*, *tinha-os prontos*, *tinha-a pronta*, *tinha-as prontas*, etc. Em outras palavras, então tal *feito* não era parte participial de tempos compostos, senão que se reduzia a autêntico adjetivo participial na função sintática de predicativo do objeto (*o/a*, *os/as*),[105] enquanto o verbo *ter* mantinha aí toda a sua independência morfológica e pois todo o seu significado próprio. Por conseguinte, *tinha-o feito*, *tinha-os feitos*, *tinha-a feita*, *tinha-as feitas* não podiam (nem podem) dizer-se locuções verbais nem tempo composto.[106]

---

[103] Pode recomendar-se tão somente que se tente usar um só deles ao longo de um mesmo texto; mas que falhemos aqui e ali nisto, tal não constitui de modo algum erro nem impropriedade.

[104] Estão aí antes ao modo de desinências modo-temporais e de desinências número-pessoais da parte morfológica participial.

[105] O que se estudará na Sexta Parte.

3. Mas há que perguntar se a voz passiva constitui verdadeiras locuções verbais e verdadeiros tempos compostos. Por partes.

a. Que constitua tempos compostos, parece que tal não se pode negar. Antes de tudo, com efeito, porque corresponde a tempos simples ou compostos nas demais línguas: por exemplo, à latina *omne quod movetur ab aliquo* correponde a portuguesa *tudo o que é movido por alguma coisa* – conquanto nossa voz passiva não possa dizer-se tal, digamos, "tão morfologicamente" como a forma latina *movetur* pode dizer-se TERCEIRA PESSOA DO SINGULAR DO PRESENTE PASSIVO DO INDICATIVO de *movĕo, es, mōvi, mōtum, ēre* ('mover').

b. Ademais, conquanto em nossa voz passiva a forma participial concorde em gênero e em número com o sujeito, como fazia o particípio em *tinha-o feito*, *tinha-os feitos*, *tinha-a feita*, *tinha-as feitas*, ao contrário do que então se dava, todavia, não é comutável por nenhum adjetivo.

c. Poderia contudo objetar-se que, se se pergunta *Foi morto pelo leão?*, pode responder-se *Foi-o*, com o que se mostra o caráter predicativo de *morto* (*pelo leão*). Ora, só alguma locução verbal pode constituir tempo composto. Como visto pela comutação de *morto* por *o*, porém, *Foi morto* não é locução, razão por que tampouco constitui tempo composto. Mas deve responder-se que tal comutação é algo artificiosa e não se usa praticamente, conquanto se calque com alguma razão em, por exemplo, *Estava morto? – Estava-o*, esta, sim, sem dúvida alguma legítima. E só é possível que se calque nesta, ainda que artificiosamente, porque nossa voz passiva não pode dizer-se tal "tão morfologicamente" como a forma latina *movetur*, etc.

d. Portanto, se constitui verdadeiro tempo composto, *foi morto* não pode deixar de constituir igualmente locução, porque, com efeito, só uma locução é capaz de constituir tempo composto. Se porém o é, então aí o *ser* já não é verbo, mas PARTE MORFOLÓGICA DE ORIGEM VERBAL, e a forma participial já tampouco é particípio, mas PARTE MORFOLÓGICA DE ORIGEM PARTICIPIAL.

---

[106] Ainda podemos usar a antiga maneira, se o fizermos com propriedade, ou seja, de modo que não cause estranhamento ou ambiguidade: *Os trabalhos, já os tenho feitos*, por exemplo.

➢ Dê-se, portanto, a **CONJUGAÇÃO DE NOSSA VOZ PASSIVA.**

- Presente do indicativo: *sou, és, é, somos, sois, são* + parte participial concordante em gênero e em número com o sujeito da oração.
- Pretérito imperfeito do indicativo: *era, eras, era, éramos, éreis, eram* + parte participial concordante em gênero e em número com o sujeito da oração.
- Pretérito perfeito simples do indicativo: *fui, foste, foi, fomos, fostes, foram* + parte participial concordante em gênero e em número com o sujeito da oração.
- Pretérito perfeito composto do indicativo: *tenho ou hei sido, tens sido, tem sido, temos ou havemos sido, tendes ou haveis sido, têm ou hão sido* + parte participial concordante em gênero e em número com o sujeito da oração.
- Pretérito mais-que-perfeito simples do indicativo: *fora, foras, fora, fôramos, fôreis, foram* + parte participial concordante em gênero e em número com o sujeito da oração.
- Pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo: *tinha ou havia sido, tinhas ou havias sido, tinha ou havia sido, tínhamos ou havíamos sido, tínheis ou havíeis sido, tinham ou haviam sido* + parte participial concordante em gênero e em número com o sujeito da oração.
- Futuro do presente simples: *serei, serás, será, seremos, sereis, serão* + parte participial concordante em gênero e em número com o sujeito da oração.
- Futuro do presente composto: *terei ou haverei sido, terás ou haverás sido, terá ou haverá sido, teremos ou haveremos sido, tereis ou havereis sido, terão ou haverão* + parte participial concordante em gênero e em número com o sujeito da oração.
- Futuro do pretérito simples: *seria, serias, seria, seríamos, seríeis, seriam* + parte participial concordante em gênero e em número com o sujeito da oração.
- Futuro do pretérito composto: *teria ou haveria sido, terias ou haverias sido, teria ou haveria sido, teríamos ou haveríamos sido, teríeis ou haveríeis sido, teriam ou haveriam sido* + parte participial concordante em gênero e em número com o sujeito da oração.

- Presente do subjuntivo: *seja, sejas, seja, sejamos, sejais, sejam* + parte participial concordante em gênero e em número com o sujeito da oração.
- Pretérito imperfeito do subjuntivo: *fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem* + parte participial concordante em gênero e em número com o sujeito da oração.
- Pretérito perfeito do subjuntivo: *tenha ou haja sido, tenhas ou hajas sido, tenha ou haja sido, tenhamos ou hajamos sido, tenhais ou hajais sido, tenham ou hajam sido* + parte participial concordante em gênero e em número com o sujeito da oração.
- Pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo: *tivesse ou houvesse sido, tivesses ou houvesses sido, tivesse ou houvesse sido, tivéssemos ou houvéssemos sido, tivésseis ou houvésseis sido, tivessem ou houvessem sido* + parte participial concordante em gênero e em número com o sujeito da oração.
- Futuro do subjuntivo simples: *for, fores, for, formos, fordes, forem* + parte participial concordante em gênero e em número com o sujeito da oração.
- Futuro do subjuntivo composto: *tiver ou houver sido, tiveres ou houveres sido, tiver ou houver sido, tivermos ou hovermos sido, tiverdes ou houverdes sido, tiverem ou houverem sido* + parte participial concordante em gênero e em número com o sujeito da oração.
- Infinitivo presente impessoal: *ser* + parte participial concordante em gênero e em número com o sujeito da oração.
- Infinitivo presente pessoal: *ser, seres, ser, sermos, serdes, serem* + parte participial concordante em gênero e em número com o sujeito da oração.
- Infinitivo pretérito impessoal: *ter ou haver sido* + parte participial concordante em gênero e em número com o sujeito da oração.
- Infinitivo pretérito pessoal: *ter ou haver sido, teres ou haveres sido, ter ou haver sido, termos ou havermos sido, terdes ou haverdes sido, terem ou haverem sido* + parte participial concordante em gênero e em número com o sujeito da oração.

Observação 1. A voz passiva, obviamente, não admite o modo imperativo.

Observação 2. Ao contrário do que se dá na voz ativa, na passiva, como se acaba de ver, o infinitivo se desdobra em presente e em pretérito, simples e compostos ambos.

4. Sucede porém que muitas gramáticas chamam "verbos auxiliares" também a *estar*, a *andar*, a *vir*, a *ir*, etc., e naturalmente "auxiliares" de tempos compostos, esteja o "verbo principal" no infinitivo, no gerúndio ou no particípio: por exemplo, *Vai casar-se, Quer viajar, Pode estudar, Está cantando, Anda pensando, Temos de recomeçar, Começou a cantar, Terminarão por desistir*, etc. Por uma simples passada d'olhos pelos exemplos, todavia, vemos já que não se trata de coisas idênticas.

a. *Está cantando*, como dito, usa-se pelo presente do indicativo, assim como *estava cantando* pelo imperfeito do indicativo, etc.; e, mais que a forma por que se comutam (*canta, cantava*, etc.) ou ao contrário dela (*estivera cantando* por *cantara*, etc.), encerram aspecto durativo ou continuativo. De fato, outra vez se tratará de algo artificioso se à pergunta *Está dormindo* se responder com um "Está-o". Sucede porém que ESTÁ *dormindo* pode comutar-se por ESTÁ *adormecido*, além de que podem construir-se orações como esta: *Ora* ESTÁ *procurando* *algo que fazer* (ou *à procura de* *algo que fazer*), *ora* ESTÁ *parado* *com os olhos postos no vazio*, etc. Em outras palavras, parece que a forma gerundial, de caráter adverbial, que se segue ao verbo *estar* exerce a função de predicativo do sujeito. Estamos uma vez mais, portanto, em fronteira turva: o fato de se comutarem fácil e constantemente pela correspondente forma verbal simples faz que *está cantando, estava cantando* e demais pareçam constituir locuções e pois tempos compostos; o fato porém de aqui a forma gerundial não só ter caráter adverbial mas parecer exercer a função sintática de predicativo do sujeito ligado pelo verbo *estar* faz que pareçam não constituir locuções verbais nem pois verdadeiros tempos compostos. Pendemos para o segundo membro da alternativa. – E diga-se o mesmo não só de *anda pensando*, etc., mas de *está a pensar, estavam a pensar*, etc.

b. Em *Vai casar-se amanhã* e em *Vem perguntar-te algo*, parece que a forma *vai* e que a forma *vem* são tão destituídas de sentido como o verbo *ter* e como o verbo *haver* nos tempos compostos, o que provaria que *Vai casar-se* e *Vem perguntar* constituem verdadeiras locuções verbais e pois verdadeiros tempos compostos.

▫ Quanto a *vem* nesta oração, todavia, trata-se de erro de perspectiva: esta forma verbal significa a própria ação de *vir*, e entre ela e a forma verbal que se lhe segue está elíptica a preposição *para* (ou *a*): *Vem* (*para/a*) *perguntar-te algo*, onde *vem* é o núcleo da subordinante e (*para/a*) *perguntar* o núcleo da adverbial final. – Mas construções como *vir a ser*, como em *Veio a ser professor*, não podem entender-se do mesmo modo que o caso anterior, e comutam-se perfeitamente por *tornar-se*. Aqui pois parece que temos verdadeira locução verbal, apesar da incômoda presença da preposição. Fronteira algo turva, afinal.

- Quanto a *vai* na oração posta, trata-se indubitavelmente de parte morfológica de locução verbal: a de presente pela qual, relembre-se, se comuta a forma verbal de futuro *casar-se-á*. Mas tanto no espanhol se diz *va a casarse* como no português antigo se dizia *vai a casar*-se: e vemos reaparecer, assim, a mesma preposição incômoda de *vir a ser*. Para aprofundamento futuro.[107]

- Já em *Quer* ou *Deseja ler um livro*, em *Podemos retomar o trabalho* e em *Começei a escrever o livro*, de modo algum há locução verbal, senão que o primeiro verbo (*Quer* ou *Deseja*, *Podemos*, *Começei*) é a própria subordinante, enquanto *ler*, *retomar*, *a escrever* são orações objetivas diretas infinitivas não desenvolvíveis, assim como em *Entrou em casa cantarolando* a forma gerundial é uma oração modal não desenvolvível.[108] E o dito prova-se pela simples comutação da oração infinitiva pelo pronome *isto*: *Quer* ou *Deseja ISTO*, *Podemos ISTO*, *Comecei ISTO*. A única dificuldade reside na preposição *a* de *Começei a escrever o livro*. Muitas gramáticas e muitos dicionários atribuem a esta "valor" incoativo. Ainda porém que o admitamos, tê-lo-á pleonasticamente, porque "valor" incoativo tem-no antes de tudo o próprio verbo *começar*. Parece-nos caso de *especialíssimo* preposicionamento de objeto direto, assim como o há, *mutatis mutandis*, em *sacar da espada*.[109]

- Por fim, algo mais complexo é o caso de *Temos de recomeçar* e de *Terminarão por desistir*, e deixamo-lo para estudos futuros. Mas a presença mesma destas duas preposições parece indicar que se trata de subordinação oracional, razão por que não poderia haver aí locução verbal nem pois tempo composto.

VII

OS ADVÉRBIOS

7.1. Os **ADVÉRBIOS**, repita-se, conquanto não sejam da complexidade dos verbos, são porém de mais difícil definição. Em princípio invariáveis, expressam antes de tudo *tempo* e *lugar* (além, naturalmente, de aplicar-se à indicação de modo, etc.) e modificam antes de tudo o verbo (*meditam intensamente*): com efeito, estão para este assim como os adjetivos estão para o substantivo. Mas também podem modificar o adjetivo (*muito forte*) e outro advérbio (*muito bem*). Mais ainda: parece que podem modificar ainda substantivos ou pronomes substantivos (*muito homem*, *quase major*, *até ele*) e até orações inteiras (*Infelizmente não foi possível deter-lhe o desvario*). Quanto a isto, a N.G.B. optou por uma fórmula de compromisso que de fato não o explica. Alguns poucos gramáticos, por seu lado, consideram tal *muito*, tal *quase* e tal *até* como efetivos adjetivos (de origem adverbial), porque não caberia senão ao adjetivo modificar o substantivo. Outros poucos, ainda, consideram porém que os advérbios podem aplicar-se a toda forma passível de receber mais ou menos ou certa modalidade, o que incluiria o substantivo. Voltaremos a tudo isso.

---

[107] Se porém se diz *Maria foi a São Paulo. – Para quê? – Foi perguntar à amiga o que acontecera exatamente*, então é lícito ver aí elipse da preposição *para* (*Foi* [*para/a*] *perguntar à amiga...*), como em *Vem* (*para/a*) *perguntar-te algo.*

[108] Voltaremos a tratá-lo na Sexta Parte.

[109] Também o voltaremos a tratar na Sexta Parte.

7.2. O advérbio divide-se em subclasses:

7.2.1. a dos advérbios modificadores tão somente de verbos, os quais por sua vez se subdividem: de LUGAR (*aqui*, *ali*, *atrás*, etc.), de TEMPO (*hoje*, *amanhã*, *logo*, etc.), de ORDEM (*antes*, *depois*, etc.), de MODO (*bem*, *mal*, *devagar*, etc.), etc.;

7.2.2. a dos advérbios modificadores tanto de verbos como de adjetivos e/ou de advérbios (e/ou de substantivos e/ou de orações, talvez), os quais por sua vez se subdividem: de INTENSIDADE (*pouco*, *muito*, *mais*, etc.), de MODO (muitos terminados em *-mente*, etc.), etc.

⇗ **Observação.** Nem sempre é de todo nítida a fronteira entre adjetivo e advérbio. E, como no advérbio de algum modo "lateja" o adjetivo, passam alguns advérbios a admitir, igualmente, flexões de grau (*pertinho*, etc.).[110] Por isso podem dizer-se *nominais* traços não só dos substantivos e ainda dos adjetivos, mas até destes mesmos advérbios.

7.3. As notas do advérbio.

7.3.1. Para que se entenda como pode o ADVÉRBIO ser a classe gramatical que se ocupa de expressar *tempo* e *lugar* e ser ainda a que indica *modo*, etc., diga-se que, ainda quando expressa tempo, lugar, etc., sempre o faz modalmente, ou seja, tempo, lugar e o mais são expressos pelo advérbio enquanto são certos *modos* do verbo. Note-se que o próprio verbo *co*expressa modo (indicativo, subjuntivo, imperativo) e tempo, mas sempre mediante flexões. O advérbio, por seu lado, sempre o expressa (não *co*expressa) por si, por seu mesmo radical, ou por seu mesmo radical seguido do sufixo *-mente*.

---

[110] E relembre-se ainda que muitos adjetivos podem tornar-se advérbios (*Trabalham rápido*) ou usar-se como advérbios impróprios ou acidentais (*As águas fluíam tranquilas*).

7.3.2. Para que se entenda como pode o ADVÉRBIO ser a classe gramatical que determina o verbo e determinar ainda outras classes gramaticais, como o adjetivo e o mesmo advérbio, diga-se que em verdade o advérbio se aplica a toda e qualquer forma que possa receber alguma modalidade. Sucede apenas que, propriamente falando, nenhuma forma pode receber modo se não resulta de alguma ação ou de alguma paixão. Mas a ação e a paixão são expressas precipuamente pelo verbo. Por este motivo, os advérbios são originalmente modos do verbo enquanto significa ação ou paixão.

7.3.3. Justamente porém porque, afinal, o ADVÉRBIO se aplica a qualquer forma que possa receber modalidade ou modo, por isso mesmo é que o advérbio também pode determinar substantivos ou pronomes substantivos. Não deixam, todavia, de ter sua parte de razão os que, ante os advérbios que determinam substantivos ou pronomes substantivos, os dizem efetivos adjetivos (de origem adverbial), porque não caberia senão ao adjetivo modificar o substantivo. Pode dizer-se, com efeito, que estamos uma vez mais em *fronteira turva*: são ADVÉRBIOS pelo que expressam, mas ADJETIVOS pela função, ou seja, por determinarem substantivos.

7.3.4. Por outro lado, há a posição da N.G.B. e o que dizem Cunha e Cintra:

> Sob a denominação de ADVÉRBIOS reúnem-se, tradicionalmente, numa classe heterogênea, palavras de natureza nominal e pronominal com distribuição e funções às vezes muito diversas. Por esta razão, nota-se entre os linguistas modernos uma tendência de reexaminar o conceito de advérbio, limitando-o seja do ponto de vista funcional, seja do ponto de vista semântico. Bernard Pottier chega mesmo a eliminar a denominação de seu léxico linguístico (cf. *Introduction à l'Étude de la Morpho-syntaxe Espagnole.* 3. ed. Paris, Ediciones Hispanoamericanas, 1964, p. 78.).[111]

Mas que entre os advérbios haja "palavras de natureza nominal e pronominal com distribuição e funções às vezes muito diversas" não repugna a que constituam classe à parte. Antes de tudo, porque a origem não desmente a classe: e já vimos adjetivos de origem substantiva, substantivos de origem adjetiva, etc. Depois, porque, como o advérbio tem por função precípua expressar, como indicado acima, os mais diferentes modos ou modalidades do verbo, do adjetivo, do advérbio e até do substantivo, justamente por isso é que o advérbio constitui classe própria, distinta das demais, sim, em plano distinto, sim, mas indubitavelmente classe própria.

---

[111] Celso Cunha & Lindley Cintra, *op. cit.*, p. 556.

A solução mais fácil – no caso, desfazer-se do advérbio como classe – nem sempre é a adequada, até porque aqui, como visto, a solução verdadeira é a mais complexa.

7.3.5. Que a N.G.B. classifique alguns advérbios como "palavras denotativas", ainda que, como dito, mais obscureça que esclareça o assunto, não deixa de motivar-se por algo real. Quanto aos advérbios que modificam substantivos ou pronomes substantivos, já negamos que não sejam advérbios. Quanto porém aos advérbios que determinam orações, estamos outra vez em fronteira não só turva, mas turbidíssima, porque, com efeito, quando dizemos *Infelizmente não virão*, a palavra *Infelizmente* não expressa modo da oração nem de nenhuma parte sua, senão que expressa sentimento de quem a diz. É pois antes um modo de sentimento do falante, posto porém em forma perfeitamente adverbial (*infeliz* + *-mente*).

7.3.6. Diga-se algo *análogo* das AFIRMATIVAS (*sim, certamente*, etc.), das DUBITATIVAS (*talvez, acaso*, etc.) – *et reliqua*. E mais complexo ainda é o caso das NEGATIVAS (*não, nem, tampouco, nunca, jamais*): não podem compreender-se perfeitamente senão no âmbito da Lógica, o que é preciso explicar aqui ainda que muito sumariamente. *Não* é antes formador do que Aristóteles chamava *nomes infinitos*:[112] *não branco* não é algo real, mas a negação de algo na realidade. Dá-se o mesmo, *mutatis mutandis*, no plano da oração: *Não estão aqui* não é algo real, mas a negação de algo na realidade. Se porém tais negativas não expressam algo real, não deixam todavia de determinar gramaticalmente verbos, etc., e, mais ainda, de expressar aspectos conexos (como o fazem *nunca* e *jamais*, que expressam aspecto temporal). E, se o fazem, podem incluir-se de algum modo na classe dos advérbios.

⇗ **Observação.** Diz-se comumente que o nome mesmo *advérbio* contribui para provar que esta classe determina antes de tudo o verbo. Não é certo, porque o étimo de *advérbio* é o lat. *adverbĭum, ĭi*, ou seja, "advérbio ou parte indireta do discurso" (de *ad* ["ao lado de"] e *verbum, i* ["palavra, vocábulo"]). Vê-se pois que, se se pudesse usar do étimo de *advérbio* para provar algo neste ponto, seria precisamente para mostrar que o ADVÉRBIO pode determinar *qualquer* classe de palavras.

7.4. Classificação dos advérbios.[113]

7.4.1. ADVÉRBIOS DE TEMPO: *agora, ainda, amanhã, anteontem, antes, breve, cedo, depois, então, hoje, já*,[114] *logo, ontem, outrora, sempre, tarde*, etc.; LOCUÇÕES: *à*

---

[112] "No tempo de Aristóteles não se pusera ainda um nome sob o qual se abarcassem tais dicções. [...] e, por isso, ele impõe um novo nome a tal dicção, chamando-a nome infinito, por causa da indeterminação da significação [...]" (S. Tomás de Aquino, *Expositio Libri Peryermeneias*, lib. 1, l. 4, n. 13).

[113] Tenha-se sempre suposto, nesta classificação, tudo quanto acabamos de dizer.

[114] Para *já* e *mais*, *vide* o final desta seção.

noite, à tarde, à tardinha, de dia, de manhã, de noite, de quando em quando, de vez em quando, em breve, pela manhã, etc.

⇗ **Observação.** Note-se que não procede de modo algum o “rumor gramatical” que tacha de erradas as locuções *de manhã, de tarde* e *de noite.*

7.4.2. Advérbios de lugar: *abaixo, acima, acolá, adiante, aí, além, ali, aquém, aqui, atrás, através, cá, defronte, dentro, detrás, fora, junto, lá, longe, onde, perto,* etc.; locuções: *à direita, à esquerda, à distância, ao lado, de dentro, de cima, de longe, de perto, em cima, para dentro, para onde, por ali, por aqui, por dentro, por fora, por onde, por perto,* etc.;

⇗ **Observação.** Note-se que em princípio deve grafar-se *à distância.* Estudá-lo-emos na seção sobre crase.

7.4.3. Advérbios de modo: *assim, bem, debalde, depressa, devagar, mal, melhor, pior* e quase todos os terminados em *-mente: fielmente, levemente,* etc.; locuções: *à toa, à vontade, a contragosto, ao contrário, ao léu, às avessas, às claras, às direitas, às pressas, com gosto, com amor, de bom grado, de cor, de má vontade, de mau grado, de regra, em geral, em silêncio, em vão, gota a gota, passo a passo, por acaso,* etc.;

⇗ **Observação.** *De mau grado,* como visto, é locução adverbial de modo; mas *malgrado* ou é preposição (*Fê-lo, malgrado* [= *não obstante*; *apesar de*] *os conselhos que recebera*) ou é substantivo (*Para malgrado* [= *desgosto*] *nosso, não o fizeram*).

7.4.4. Advérbios de intensidade: *assaz, bastante, bem, demais, mais, menos, muito, pouco, quanto, quão, quase, tanto, tão,* etc.; locuções: *de muito* (= há muito tempo), *de pouco* (= há pouco tempo), *de todo* (= totalmente), etc.;

⇗ **Observação 1.** Quando pode comutar-se por *de menos,* use-se *de mais*: *Devia ter dito o necessário: falou porém de mais* (ou *de menos*).

⇗ **Observação 2.** *A mais* não é o mesmo que *mais,* nem *a menos* é o mesmo que *menos. A mais* é equivalente de *de mais,* e *a menos* é-o de *de menos*:

- ✓ *Comprei mais dois CDs = Comprei dois CDs mais* (e não “a mais”);
- ✓ *Comprei menos dois CDs = Comprei dois CDs menos* (e não “a menos”);
- ✓ *Engordou: está com oito quilos a mais* (= de mais, em excesso) *que o que lhe permite sua altura*;
- ✓ etc.

7.4.5. Advérbios de ordem: *depois, primeiramente, ultimamente,* etc;

7.4.6. Advérbios de exclusão: *apenas, salvo, só, somente,* etc.;

⇗ **Observação.** *Apenas* pode ter o sentido de *só, somente* (*Permaneceu ali apenas três dias*); o de *assim que, nem bem* (*Apenas chegou, foi descansar*), e então é advérbio de tempo; ou o de *mal* (*Apenas te ouço*), e então é advérbio de modo.

noite, à tarde, à tardinha, de dia, de manhã, de noite, de quando em quando, de vez em quando, em breve, pela manhã, etc.

⬀ **Observação.** Note-se que não procede de modo algum o "rumor gramatical" que tacha de erradas as locuções *de manhã, de tarde* e *de noite.*

7.4.2. Advérbios de lugar: *abaixo, acima, acolá, adiante, aí, além, ali, aquém, aqui, atrás, através, cá, defronte, dentro, detrás, fora, junto, lá, longe, onde, perto,* etc.; locuções: *à direita, à esquerda, à distância, ao lado, de dentro, de cima, de longe, de perto, em cima, para dentro, para onde, por ali, por aqui, por dentro, por fora, por onde, por perto,* etc.;

⬀ **Observação.** Note-se que em princípio deve grafar-se *à distância.* Estudá-lo-emos na seção sobre crase.

7.4.3. Advérbios de modo: *assim, bem, debalde, depressa, devagar, mal, melhor, pior* e quase todos os terminados em *-mente: fielmente, levemente,* etc.; locuções: *à toa, à vontade, a contragosto, ao contrário, ao léu, às avessas, às claras, às direitas, às pressas, com gosto, com amor, de bom grado, de cor, de má vontade, de mau grado, de regra, em geral, em silêncio, em vão, gota a gota, passo a passo, por acaso,* etc.;

⬀ **Observação.** *De mau grado,* como visto, é locução adverbial de modo; mas *malgrado* ou é preposição (*Fê-lo, malgrado* [= *não obstante*; *apesar de*] *os conselhos que recebera*) ou é substantivo (*Para malgrado* [= *desgosto*] *nosso, não o fizeram*).

7.4.4. Advérbios de intensidade: *assaz, bastante, bem, demais, mais, menos, muito, pouco, quanto, quão, quase, tanto, tão,* etc.; locuções: *de muito* (= há muito tempo), *de pouco* (= há pouco tempo), *de todo* (= totalmente), etc.;

⬀ **Observação 1.** Quando pode comutar-se por *de menos,* use-se *de mais*: *Devia ter dito o necessário: falou porém de mais* (ou *de menos*).

⬀ **Observação 2.** *A mais* não é o mesmo que *mais,* nem *a menos* é o mesmo que *menos. A mais* é equivalente de *de mais,* e *a menos* é-o de *de menos*:

- ✓ *Comprei mais dois CDs = Comprei dois CDs mais* (e não "a mais");
- ✓ *Comprei menos dois CDs = Comprei dois CDs menos* (e não "a menos");
- ✓ *Engordou: está com oito quilos a mais* (= de mais, em excesso) *que o que lhe permite sua altura*;
- ✓ etc.

7.4.5. Advérbios de ordem: *depois, primeiramente, ultimamente,* etc;

7.4.6. Advérbios de exclusão: *apenas, salvo, só, somente,* etc.;

⬀ **Observação.** *Apenas* pode ter o sentido de *só, somente* (*Permaneceu ali apenas três dias*); o de *assim que, nem bem* (*Apenas chegou, foi descansar*), e então é advérbio de tempo; ou o de *mal* (*Apenas te ouço*), e então é advérbio de modo.

7.4.7. Advérbios de inclusão: *até, inclusive, mesmo, também*, etc.

Observação 1. Em *Até ele apareceu, até* é advérbio de inclusão; mas em *Chegaram até ao portão do palácio* é preposição.

Observação 2. *Inclusive* usa-se sem restrição quando pode comutar-se por *exclusive*, e deve empregar-se como neste exemplo: *De um a dez, inclusive* (ou seja, antecedido de vírgula). Se não for assim, prefira-se *até* (ou seja, a "uma situação delicada, inclusive perigosa" prefira-se *uma situação delicada, até perigosa*). – E pode usar-se ainda com o sentido de "com inclusão de" (como em "Compre-me todos os seus livros, inclusive os mais caros"); mas prefira-se neste caso *incluído* ou *incluindo* (*Compre-me todos os seus livros, incluídos* ou *incluindo os mais caros*).

7.4.8. advérbio de designação: *eis*;[115]

7.4.9. Advérbio de retificação, de esclarecimento, etc.: *aliás*; locuções: *isto é, ou antes, ou melhor, ou seja, quer dizer*, etc.

Observação. Todas estas *locuções* devem vir entre vírgulas, ou entre outro sinal de pontuação (parêntese, dois-pontos, ponto e vírgula, etc.) e vírgula, ou entre vírgula e dois-pontos.

7.4.10. advérbios de afirmação: *sim, certamente, efetivamente, realmente*, etc.; locuções: *com certeza, por certo, certamente, seguramente*, etc.

Observação. Especialmente sobre *sim* e pontuação, aguarde-se a última Parte desta *Suma*.

7.4.11. Advérbios de dúvida, possibilidade, probabilidade, etc.: *acaso, porventura, quiçá, talvez, possivelmente, provavelmente*, etc.; locuções: *com certeza*, etc.

Observação. Atente-se a que *com certeza* se tornou, em nosso idioma, locução de grande ambiguidade: pode ser locução adverbial de afirmação ou locução adverbial de probabilidade. Mais comumente, porém, é de afirmação quando vem após o verbo (*Virão com certeza* [= *seguramente*]) e de probabilidade quando vem antes do verbo (*Com certeza* [= *provavelmente*] *virão*).

7.4.12. Advérbios de negação: *não, nem, tampouco, nunca, jamais*; locuções: *de forma alguma, de modo nenhum, de maneira alguma*, etc.

Observação 1. Não se use "e nem" senão quando se acompanhar de *sequer* [explícito ou implícito]. Se se usa "e nem" em, por exemplo, "Não estudou e nem dormiu", incorre-se em pleonasmo vicioso, porque, com efeito, *nem* já equivale a *e não* [daí que a construção censurada equivalha a "Não estudou e e não dormiu"].

---

[115] É controversa a origem de *eis*: ou o lat. *ex* (preposição); ou *heis*, forma contrata de *haveis*; ou ainda o lat. *ecce*.

Já não assim em, por exemplo, *Não veio, e nem* [= *e nem sequer*] *avisou*, porque, com efeito, *sequer* equivale a *ao menos*. Esta é construção corretíssima.

⇗ **Observação 2.** Não se use *sequer* com sentido negativo. Com efeito, *Sequer telefonou* quer dizer *Ao menos telefonou* e não "Nem (sequer) telefonou";

⇗ **Observação 3.** Também constitui pleonasmo vicioso "nem tampouco". Como *nem* equivale a *e não*, e como *tampouco* equivale a *também não*, com "nem tampouco" temos "e não também não". Bem sabemos que a expressão censurada é comum em espanhol; mas evite-se em português.

⇗ **Observação 4.** Em Portugal se usa mais *tão pouco*, e no Brasil *tampouco*.

7.4.13. *et reliqua.*

⇗ **Observação 1.** Normalmente, as locuções adverbiais têm por núcleo uma parte substantiva, uma parte adjetiva ou uma parte adverbial *antecedidas* de preposição (valham os exemplos dados acima). Por vezes, todavia, como se vê ainda nos exemplos dados acima, a formação é mais complexa: *de onde em onde*, *de quando em quando*, *de vez em quando*, *de longe em longe*, *de mão em mão*, etc.

⇗ **Observação 2.** Quando uma parte prepositiva vem antes de uma parte adverbial, forma com esta, como se acaba de dizer, uma locução adverbial: *de dentro*, *por detrás*, etc. Se, ao contrário, a parte prepositiva vem depois de uma parte adverbial ou de uma parte locutiva adverbial, forma com estas uma locução prepositiva: *dentro de*, *por detrás de*, etc.

7.5. Advérbios interrogativos.

§ Por se usarem para introduzir interrogações (diretas ou indiretas) ou orações que as repitam,[116] chamam-se interrogativos os seguintes advérbios de causa, de lugar, de tempo e de modo:

a. de causa: *por que*.

✓ *Por que não mo perguntaste?*;

✓ *Não sei por que não mo perguntaste*

(**observação:** quando estudarmos a conjunção *porque*, diremos quando se deve grafar *por* e *que* juntos e quando separados. Atente-se porém a que em Portugal o interrogativo *porque* se escreve assim mesmo, com *por* e *que* juntos. No Brasil, defendia esta última maneira o gramático Rocha Lima. De nossa parte, defendemos se mantenham as maneiras divergentes, pela mesma razão por que dizemos que devem manter-se as maneiras divergentes quanto a *todo*);[117]

---

[116] *Vide* a Sexta Parte.

[117] *Vide* a seção dos Pronomes, *supra*.

b. DE LUGAR: *onde*, *aonde*:[118]

- ✓ *Onde está o livro?*;
- ✓ *Não sei aonde vamos*;

c. DE TEMPO: *quando*:

- ✓ *Quando virás à nossa cidade?*;
- ✓ *Não sei quando irei à vossa cidade.*

d. DE MODO: *como*:[119]

- ✓ *Como vai a saúde de sua prima?*;
- ✓ *Não sabemos como vai a saúde de sua prima.*

7.6. COLOCAÇÃO DOS ADVÉRBIOS.

7.6.1. Os ADVÉRBIOS que modificam ADJETIVO (incluído o participial) ou outro ADVÉRBIO usam-se de regra antes destes:

- ✓ *Descoberta de tão GRANDE importância não pode calar-se*;
- ✓ *Encontrei-a muito MAL*;
- ✓ etc.

7.6.2. Entre os que modificam VERBO:

7.6.2.a. OS DE MODO vêm mais amiúde depois dele:

- ✓ *Escutava-os atentamente*;
- ✓ *Entraram rapidamente no quarto*;
- ✓ etc.;

7.6.2.b. OS DE TEMPO e DE LUGAR podem vir antes do verbo ou depois deste:

- ✓ *De noite, chegou cedo*;
- ✓ *Dentro há de estar mais quente*;
- ✓ *O livro há de estar aqui.*

7.6.2.c. Entre os de negação:

- *não* antecede à palavra ou à oração (explícita ou implícita) que ele determina:
  - ✓ *o não negro*;
  - ✓ *Não viajaremos*;
  - ✓ – *Viajareis?* – *Não* (*viajaremos*);
- *nem* e *tampouco* sempre antecedem à palavra ou à oração determinadas:
  - ✓ *Nem estudou nem dormiu*;
  - ✓ *Tampouco dormi*

(**OBSERVAÇÃO:** é gramaticalmente indiferente grafar *Nem estudou nem dormiu* ou *Nem estudou, nem dormiu*, e assim em todos os casos em que apareçam dois ou mais *nens* – a não ser que não se possa usar a vírgula por alguma razão sintática, como em *Nem um nem outro saíram*);[120]

---

[118] *Idem.*

[119] *Idem.*

- *nunca* e *jamais* podem usar-se antes do verbo, quando, substituindo-se a *não*, expressam à uma a negação e o tempo; ou depois do verbo, quando completam *não* em parte pleonasticamente, em parte para dar-lhe a mesma expressão de tempo:
    - ✓ *Nunca o vi* ou *NÃO o vi nunca*;
    - ✓ *Jamais o faria* ou *NÃO o faria jamais*.

☞ **OBSERVAÇÃO.** Ocioso seria dizer que as duas maneiras são igualmente corretas; e de fato não insistiríamos nisto se no Brasil não corresse o "rumor" de que a maneira semipleonástica está errada. Mero "rumor".

→ Quando se emprega algum advérbio para realçar outro advérbio, aquele vem de regra antes deste:

✓ *Lá DENTRO há de estar mais quente*;
✓ *Já estamos aqui FORA*;
✓ etc.

7.7. OS ADVÉRBIOS EM *-MENTE*.

7.7.1. Qualquer adjetivo a que se acrescente o sufixo *-mente* transforma-se, por isto mesmo, em advérbio. O sufixo deriva do substantivo latino *mens, mentis* ('mente, espírito, razão, sabedoria') usado, no latim vulgar, no ablativo e quase sempre com um adjetivo, donde expressões como *FORTE mente* ('de alma decidida'), *BONA mente* ('de boa vontade'), etc. Tais construções herdaram-nas vários romances, e no português arcaico ainda se escreviam separadamente. Foi a partir do século XVI que cada vez mais se foram escrevendo ligadamente, com o substantivo mudado em sufixo. Por sua origem feminina, todavia, o sufixo une-se a partes morfológicas adjetivas no feminino: *BOAmente*, *BONDOSAmente*, *MAmente*, *VÃmente*, etc. Obviamente, se se trata de parte adjetiva uniforme, uniforme permanece: *ADORAVELmente*, *CRUELmente*, *FACILmente*, *FEROZmente*, *INDIGENAmente*, etc. Sucede porém que adjetivos como *francês*, *inglês*, *português*, *burguês*, *espanhol* e outros que tais eram uniformes na língua antiga (*o HOMEM inglês* e *a MULHER inglês*, etc.), o que herdamos para a formação de advérbios: *francesmente* (e não "francesamente"), *inglesmente* (e não "inglesamente"), *portuguesmente* (e não "portuguesamente"), *burguesmente* (e não "burguesamente"), *espanholmente* (e não "espanholamente"), etc.

---

[120] *Vide* a Oitava Parte.

7.7.2. Quando numa oração dois ou mais advérbios em *-mente* modificam a mesma palavra, *podemos*, por razões rítmicas ou outras que tais, unir o sufixo apenas ao último deles:

✓ "É longa a estrada... Aos ríspidos estalos / Do impaciente látego, os cavalos / Correm veloz (= velozmente), larga (= largamente) e fogosamente" (Raimundo Correia);

Mas *poder* não é sinônimo de *dever*, e, com efeito, especialmente quando se quer deixar nítidas ou realçar as diferentes circunstâncias expressas pelos advérbios, então normalmente se mantém o sufixo em todos estes:

✓ *Trabalhou arduamente e felizmente*;

✓ "Apenas, Nhô Augusto se confessou aos seus pretos tutelares, longamente, humanamente, e foi essa a primeira vez" (Guimarães Rosa).

⇗ **Observação 1.** Não procede a regra de Cunha e Cintra e de outros gramáticos segundo a qual, quando se usa a sequência de advérbios com o sufixo *-mente* explíticito, então deve elidir-se a conjunção *e*. Especialmente em Filosofia, muito amiúde o preferível é fazer como no primeiro dos dois exemplos acima.

⇗ **Observação 2.** Também é usual elidir o sufixo em advérbios ligados pela adversativa *mas*: *Trabalhou árdua mas felizmente*. De nossa parte, porém, preferimos *Trabalhou arduamente, mas felizmente* – a não ser que, em texto de cunho literário, o ritmo, ou a eufonia, ou o metro, ou a rima exijam o contrário.

7.7.3. Quando a parte adjetiva no *superlativo* (e no feminino se for o caso) se lhe agrega o sufixo *-mente*, como em

✓ *bom – boníssimo – bonissimAmente*;

✓ *leve – levíssima – levissimAmente*;

✓ *fiel – fidelíssimo – fidelissimamente*;

✓ etc.,

o próprio advérbio se impregna de grau superlativo.

⇗ **Observação.** Como diz com acerto Napoleão Mendes de Almeida, não devem usar-se formas hiperbólicas como "muitíssimo mal", "muitíssimo obrigado", etc. – ao menos na escrita não literária, acrescentamos nós. Usem-se em vez delas *muito mal*, *muito obrigado*, etc., que já equivalem a *malíssimo*, *obrigadíssimo*, etc.

7.8. Muitos advérbios podem usar-se no comparativo:

7.8.1. de superioridade mediante a anteposição de *mais* e a posposição de *que* (ou de *do que*) ao advérbio:

✓ *O menino assimilava-o MAIS depressa/rapidamente QUE o irmão*;

7.8.2. DE IGUALDADE mediante a anteposição de *tão* e a posposição de *como* ou de *quanto* ao advérbio:

✓ *O menino assimilava-o* TÃO *depressa/rapidamente* COMO *o irmão*;

7.8.3. DE INFERIORIDADE mediante a anteposição de *menos* e a posposição de *que* (ou de *do que*) ao advérbio:

✓ *O menino assimilava-o* MENOS *depressa/rapidamente* QUE *o irmão.*

⇗ **OBSERVAÇÃO 1.** *Melhor* e *pior* podem ser COMPARATIVOS tanto, respectivamente, do adjetivo *bom* e do adjetivo *mau* como do advérbio *bem* e do advérbio *mal.* Neste último caso, não podem ser senão invariáveis.

✓ *Estes são melhores/piores que aqueles* (adjetivos);

✓ *Estes doentes estão melhor/pior que aqueles* (advérbios).

⇗ **OBSERVAÇÃO 2.** Constitui ao menos impropriedade empregar tais advérbios comparativos antes de particípio. Diga-se e escreva-se, portanto, *mais bem dito, mais bem pintado, mais mal desenhado, mais mal escrito* (e nunca "melhor dito, melhor pintado, pior desenhado, pior escrito"). Admite-se a forma comparativa quando posposta ao particípio: "As paredes das salas estão **pintadas melhor** que as dos quartos; Não pode haver um projeto **executado pior** do que este" (os exemplos são de Cunha e Cintra).

⇗ **OBSERVAÇÃO 3.** O superlativo de *bem* é *otimamente*, e o de *mal* é *pessimamente.*

⇗ **OBSERVAÇÃO 4.** Em tudo o mais quanto a comparativo, o advérbio segue os modos do adjetivo.

7.9. ALGUNS ADVÉRBIOS admitem grau DIMENSIVO (ou seja, aumentativo e diminutivo). Trata-se, porém, de recurso antes da oralidade, e o mais das vezes não deve aplicar-se à escrita não literária. Pode empregar-se em qualquer escrita, por exemplo, uma locução como *de tardinha*; mas na escrita não literária são efetivamente de evitar formas como *cedinho, devagarinho, pertinho*, etc. Usem-se em seu lugar *muito cedo, muito devagar, muito perto*, etc.

⇗ **OBSERVAÇÃO FINAL.** Como alguns adjetivos, ADVÉRBIOS há que necessariamente não se flexionam, porque sua mesma significação não admite gradação. É o caso de *aqui, aí, ali, lá, hoje, amanhã, diariamente, semestralmente, anualmente* e tantos outros que tais.

➢ **JÁ E MAIS.**

§ Os lusófonos costumamos pôr impropriamente *mais* em lugar de *já*. Explique-se.

1. Quando se diz ou se escreve "ele não virá *mais* aqui", que se quer dizer? Que "ele *nunca mais* virá aqui" ou que "ele *já* não virá aqui"? Parece ociosa a pergunta, porque, com efeito, as duas maneiras não parecem distinguir-se, senão expressar o mesmo. Altere-se porém a construção, e ver-se-á que não se trata do mesmo: se digo "ele *já* não está doente", não quero expressar o mesmo que se digo "ele não está *mais* doente", ou seja, ou que "ele está menos doente" ou que não está "menos nem mais doente, mas igualmente doente".

2. À exceção de Napoleão Mendes de Almeida, os gramáticos e os lexicógrafos modernos não atendem a tal distinção. Mas aqui quem tem razão é o nosso gramático, conquanto tenhamos de matizar-lhe a regra.

a. Em "ele não vem *mais* aqui", *mais* é sinônimo de *nunca mais*, locução de parte morfológica (de origem adverbial) determinada (*nunca*) + parte morfológica (de origem adverbial) determinante (*mais*).[121] Mas neste sentido havemos de convir que a diferença significativa entre "ele *nunca mais* virá aqui" e "ele *já* não virá aqui" é tão tênue, de matiz tão sutil, que praticamente podemos usar uma pela outra. Evite-se, contudo, por desnecessário, o uso na mesma oração de *já* e de *mais*: com efeito, em "ele já não virá mais aqui" sobeja um destes dois advérbios.

b. Já não assim, todavia, se se põe o verbo, por exemplo, no presente do indicativo: não se pode dizer ou escrever de todo propriamente senão "ele *já* não vem aqui", porque, se se pusesse "ele não vem *mais* aqui", ou se estaria usando uma enálage (de presente do indicativo pelo futuro do presente), e então não haveria erro, ainda que, sim, certa ambiguidade; ou, se não se tratasse de enálage, estaria usando-se *mais* em lugar de *já*, sem que todavia pudéssemos comutar *mais* por *nunca mais* – o que constitui, na melhor das hipóteses, impropriedade.

3. Tenha-se pois por regra prática: sempre que se puder comutar por *nunca mais*, pode usar-se *mais*; sempre que não se puder fazer tal comutação, use-se *já*. O efeito desta regra é, sempre, uma perfeita desambiguação.

⇧ **Observação.** É quase onipresente a tradução equivocada do *plus* francês por *mais*. Traduza-se pois o vocábulo francês por *já* ou por *mais* segundo a regra que acaba de dar-se.

---

[121] *Nunca mais*, aliás, poderia grafar-se "nunca-mais" ou "nuncamais", tal qual grafamos *jamais* (resultante ou de *já* + *mais* ou do lat. *jam magis*, o que não altera fundamentalmente os dados da questão). Uma vez mais, vê-se que *locução* e *palavra composta por justaposição* são em essência o mesmo.

VIII

AS PREPOSIÇÕES

8.1. As PREPOSIÇÕES, como as conjunções, são *conectivos absolutos*;[122] e chama-se CONECTIVOS a palavras que, por sua própria natureza, se distinguem das estudadas até agora: são ligações intervocabulares que expressam certas relações entre as ideias. Estão para as partes da oração (ou seja, os substantivos, os adjetivos, os verbos e os advérbios) e pois para a mesma oração assim como os parafusos, os pregos e peças semelhantes estão para as partes de um móvel e pois para este.

8.2. As PREPOSIÇÕES, como o próprio nome indica, põem-se sobretudo *antes* de palavras que expressem ideia subordinada a outra: *ficou* [subordinante] *EM* [subordinada] *casa*; *feito* [subordinante] *POR* [subordinada] *Maria*; *útil* [subordinante] *A* [subordinada] *todos*; etc. Mas põem-se também antes de verbo em forma nominal justamente para subordinar sua *oração* a outra: *Em* [subordinada] *chegando à cidade, telefone-nos* [subordinante]; *Por* [subordinada] *rejeitar a proposta indecorosa, passaram a persegui-lo* [subordinante]; *A* [subordinada] *persistirem os sintomas, informe-o a seu médico* [subordinante]; etc. Há PREPOSIÇÕES que só o são (*a, ante, após, até, com, contra, de, desde, em, entre, para, perante, por/per, sem, sob, sobre, trás*); mas há palavras oriundas de outra classe gramatical (na maior parte, adjetivos de origem participial) que, por contiguidade semântica, passam a usar-se como preposições (*conforme, consoante, tirante*, etc.).

OBSERVAÇÃO 1. Se se trata de duas palavras conectadas por PREPOSIÇÃO, podem dizer-se tanto *subordinante* e *subordinada* como *antecedente* e *consequente*. E, se se trata de duas orações conectadas por preposição, dizem-se *subordinante*[123] e *subordinada* (esta última, como dito, sempre reduzida de infinitivo, de gerúndio ou de particípio).

OBSERVAÇÃO 2. Na maior parte das vezes, a PREPOSIÇÃO faz as vezes de terminações casuais do latim. Assim, por exemplo, não raro a preposição *a* expressa o dativo, e a preposição *de* o genitivo. Mas tal processo teve início no mesmo latim, e corresponde a uma *tendência* geral das línguas indo-europeias.

---

[122] Para CONECTIVOS ABSOLUTOS, *vide* **2.2.5.a** *supra* e nota prévia à Quinta Parte. – Não estudaremos as conjunções em seguida às preposições, mas, como devido, no âmbito da Sintaxe.

[123] Mais comumente conhecida por "principal". A razão de a chamarmos *subordinante*, dá-la-emos na Sexta Parte.

⇗ **OBSERVAÇÃO 3.** Dissemos que as PREPOSIÇÕES estão para as orações assim como os pregos, os parafusos e semelhantes estão para os móveis. Mas por alguma razão umas destas peças são pregos, outras parafusos, etc., e de distinta figura e de diferente tamanho. Pois também assim as preposições, e a razão de sua diversidade é que cada uma encerra carga semântica própria. Explique-se. Um pouco como os advérbios, as PREPOSIÇÕES expressam *de certa maneira* modalidade ou circunstância, mas distinguem-se daqueles antes de tudo por servir *sempre*, como visto, de elo de subordinação entre um antecedente e um consequente.[124] Como porém já se viu e como se verá mais profundamente ao estudarmos as orações, alguns advérbios (como *quando* e *onde*) transformam-se facilmente em conectivos. Parece, assim, que não é tão grande a distância entre os conectivos e os advérbios. – Em verdade, estamos aqui diante de um dos problemas mais espinhosos da Gramática. Por sua carga semântica, como dito, as preposições aproximam-se dos advérbios; mas só se usam como conectivos. Pelo primeiro aspecto, parecem ser unidades mínimas de significado; pelo segundo, não parecem sê-lo. A solução para tão grande problema não pode ser senão *analógica*, ou seja, por um traço distintivo das preposições: sua carga semântica é sempre de *elo RELACIONAL*, e só como tal se atualiza.[125]

⇗ **OBSERVAÇÃO 4.** Na maior parte dos casos, a preposição usa-se necessariamente: é o que se dá em *ir à* [*a* + *a*] *escola, vir da* [*de* + *a*] *escola, estar na* [*em* + *a*] *escola*, etc. Por vezes, porém, está presente não necessariamente, como em *sacar da* [*de* + *a*] *espada*, oração que poderia dizer-se sem a preposição (*sacar a espada*). Ainda neste último caso, todavia, a introdução da preposição agrega matiz semântico, como se verá na Sétima Parte.

---

[124] Afora o fato de que, como dito, correspondem não raro a acidentes casuais.

[125] É bem verdade que os melhores estudiosos latinos da linguagem afirmavam o "vazio significativo" das preposições. Parece porém que isto se devia ao caráter mesmo da língua latina: quando se usava nesta, por exemplo, a preposição *ad* (= *a*), usava-se sem que a palavra subordinada que ela relacionava à subordinante perdesse sua desinência de caso: por exemplo, *ad litteram* (à [a + a] letra). Ou seja, como diz com tanta precisão o Pe. João Ravizza, em latim "preposição é a palavra que se antepõe a um nome ou pronome para exprimir, mais clara e exatamente do que com o uso do simples caso, uma circunstância de tempo ou de lugar, de instrumento ou de modo, de causa ou de origem" (*Gramática Latina*. 14. ed. Niterói, Escola Industrial Dom Bosco, 1958, p. 250). Mas dizê-lo implica dizer também que a preposição serve em latim de mero reforço à desinência de caso, razão por que este tem anterioridade com respeito ao que o reforça. Portanto, para que se patenteasse que também as preposições têm carga semântica, foi preciso que antes ruísse o sistema de casos. – Voltaremos ao assunto na Sexta Parte.

OBSERVAÇÃO 5. Por vezes, a preposição, ainda que necessária, é pleonástica, ou seja, repete o já expresso por um prefixo: por exemplo, em *Concordo com ele.* Note-se que o prefixo *con-* nada mais é, aqui, que a preposição *cum* latina convertida nisto mesmo, prefixo.

OBSERVAÇÃO 6. Por vezes, a preposição torna-se parte morfológica de locução ou de palavra composta por justaposição: *carro de combate, Maria vai com as outras, Rua Luís de Camões, cana-de-açúcar,* etc.

OBSERVAÇÃO 7. Toda e qualquer preposição rege locução ou grupo adverbial: *a/de/em cócoras, a desoras, a/ao destempo, a ferros, a limpo, à* [*a* + *a*] *pressa/às* [*a* + *aa*] *pressas, à* [*a* + *a*] *queima-roupa, a sabendas, a sério, a sós, à* [*a* + *a*] *uma, às* [*a* + *as*] *avessas, às* [*a* + *as*] *cegas, às* [*a* + *as*] *claras, às* [*a* + *as*] *escondidas, às* [*a* + *as*] *ocultas, às* [*a* + *as*] *tantas, às* [*a* + *as*] *tontas, de bruços, de costas, de vista, em ânsias, em bolandas, em chamas, em pranto,* etc.; *ante o público, até* (*a*) *o vestíbulo, com dúvidas, contra a maioria, entre amigos, por vontade própria, sob tensão, sobre o campo,* etc.

OBSERVAÇÃO 8. O antecedente da preposição pode ser um substantivo (*GUERRA com/contra Cartago*), um pronome (*ESTE sobre todos*), um adjetivo (*livro ESCRITO por João*), um advérbio (*CONTRARIAMENTE a isto*) ou um verbo/oração (*FICOU de escrever-nos*).

OBSERVAÇÃO 9. O consequente da preposição pode ser um substantivo (*mão de PEDRO*), um pronome (*sobre AQUELE*), um verbo no infinitivo (*morrer de RIR*), um advérbio (*determinar para SEMPRE*), um adjetivo (*tomou-o por COVARDE*) ou uma oração (*alegrias de QUANDO SE É CRIANÇA; em CHEGANDO*).

8.3. As PREPOSIÇÕES podem ser:

- ou SIMPLES;
- ou COMPOSTAS, quando constituídas de duas ou mais partes, a última delas quase sempre de origem prepositiva (o mais das vezes *de*): são as **LOCUÇÕES PREPOSITIVAS**.

8.3.1. Repita-se o rol das PREPOSIÇÕES SIMPLES: *a, ante, após, até, com, contra, de, desde, em, entre, para, perante, por/per, sem, sob, sobre, trás.*

OBSERVAÇÃO 1. Costumam as gramáticas chamar *essenciais* às preposições simples, para distingui-las das *acidentais,* ou seja, certas palavras que, pertencentes originalmente a outra classe, podem usar-se como preposições: *afora* (originalmente advérbio), *conforme* (originalmente adjetivo), *consoante* (originalmente ajetivo), *durante* (originalmente adjetivo [arcaico]), *exceto* (originalmente adjetivo [pouco usado; = *excetuado*]), *fora* (originalmente adjetivo), *mediante* (originalmente advérbio), *menos* (originalmente advérbio e depois pronome), *salvo* (originalmente adjetivo), *segundo* (originalmente numeral adjetivo), *senão* (originalmente conjunção), *tirante* (originalmente adjetivo), *visto* (originalmente adjetivo), etc.

⇗ **Observação 2.** Como já se mostrou, algumas preposições se contraem com artigos definidores (*ao* [*a* + *o*], *à*, [*a* + *a*], *da* [*de* + *a*], *no* [*em* + *o*]) e com artigos indefinidores (*dum* [*de* + *um*], *numa* [*em* + *uma*]), com pronomes (*àquele* [*a* + *aquele*], *dela* [*de* + *ela*], *dessas* [*de* + *essas*]), com advérbios (*dalém* [*de* + *além*], *daquém* [*de* + *aquém*]), com outra preposição (*dentre* [*de* + *entre*]).[126]

⇗ **Observação 3.** Como já visto e como se voltará a ver, a preposição *de* não se contrai com nada quando rege infinito (*Já está na hora de ele* PENSAR *nisto a sério*).

8.3.2. E são as seguintes as principais locuções prepositivas: *a despeito de, a fim de,*[127] *a par de, a par com, a respeito de, à roda de, à volta de, abaixo de, acerca de, acima de, adiante de, além de, antes de, ao contrário de, ao inverso de, ao invés de,*[128] *ao lado de, ao longo de, ao redor de, apesar de, atrás de, através de,*[129] *cerca de, com referência a, com respeito a, de acordo com, de cima de, debaixo de, defronte de, dentro de, depois de, diante de, em baixo de,*[130] *em cima de, em derredor de, em frente a, em frente de, em lugar de,*[131] *em redor de, em roda de, em torno de, em vez de,*[132] *em volta de, graças a, junto a, junto com, junto de,*[133] *nada obstante/não obstante, no concernente a, no*

---

[126] Há diferença entre *entre* e *dentre*: a primeira equivale a *no meio de* (*Entre os grandes escritores, está Dickens*), enquanto a segunda equivale a *do meio de* (*Apanhou o livro dentre os demais*). Por conseguinte, não se deve usar uma pela outra, ao contrário do que comumente se faz.

[127] *A fim de* = *para*. Não tem lugar na língua culta a expressão 'estar a fim de algo' (ou seja, 'desejar algo'). É tão somente de gíria brasileira. – *Afim* é adjetivo e tem o sentido de 'que tem afinidade': *livros afins, pessoas afins*, etc.

[128] *Ao invés de* = *ao contrário de, ao inverso de. Vide* nota *infra* sobre *em vez de.*

[129] *Através de* pode equivaler a *por entre, pelo meio de*; a *por dentro, pelo interior de*; a *por*; a *no decorrer de*; a *de um lado para o outro*; e, antes em sentido translato ou figurado, a *mediante, por meio de* (*Disse-lho através de um amigo comum*). Nesta última acepção, é impugnado por puristas, mas sem razão: é de largo uso entre os melhores escritores.

[130] Ou *embaixo de*. Preferimos a primeira maneira, por sua possível comutação opositiva com *em cima de* (e não "encima de", como, aliás, em espanhol [*encima de*]).

[131] E não "no lugar de", forma imprópria muito usada, porém, no Brasil. Evite-se. – *Em lugar de* equivale ou a *em vez de*, ou a *ocupando o lugar de*.

[132] *Em vez de* equivale ou a *em lugar de* ("Dormiu *em vez de/em lugar de* estudar") ou a *ao invés de/ao contrário de* (*Dormiu* EM VEZ/AO INVÉS/AO CONTRÁRIO *de ficar acordado*). Atente-se, portanto, a que não se pode usar *ao invés de* em lugar de *em vez de* em, por exemplo, "Dormiu em vez de estudar", porque *dormir* NÃO É O CONTRÁRIO de estudar (ao passo que o é de *ficar acordado*). Usá-lo quando não se trata de contrários constitui erro.

[133] Vê-se, pois, quão infundado é o "rumor gramatical" que pretende impugnar ou *junto a*, ou *junto com*, ou *junto de*. O uso de um em lugar do outro há de dar-se segundo o matiz que se queira expressar.

tocante a, para além de,[134] *para com,*[135] *perto de, por baixo de, por causa de, por cima de, por detrás de, por diante de, por entre,*[136] *por meio de, por sobre, por trás de, por volta de.*

8.4. CARGA SEMÂNTICA RELACIONAL DAS PREPOSIÇÕES SIMPLES.[137]

8.4.1. A:

- MOVIMENTO LOCAL (a um termo):
  - ✓ *Foi ao colégio;*
  - ✓ *Suas idas ao estúdio do pintor lhe foram proveitosas;*
  - ✓ *Foram a casa e já voltam*

(**OBSERVAÇÃO:** *Foram a casa* e *Foram para casa* expressam coisas distintas, o que se explicará mais adiante, ao tratar-se a preposição *para*);

- DISTÂNCIA ESPACIAL:
  - ✓ *Daqui à [a + a] biblioteca são três quilômetros;*
  - ✓ *Percorremos caminhos pedregosos de uma cidade à [a + a] outra;*
- INTRODUZ O COMPLEMENTO DOS VERBOS *DANDI, DICENDI, ROGANDI*:
  - ✓ *DAR, conceder, conferir, outorgar algo a alguém;*
  - ✓ *DIZER, explanar, expressar, expor algo a alguém;*
  - ✓ *falar de algo a alguém;*
  - ✓ *ROGAR, implorar, suplicar, pedir algo a alguém;*
  - ✓ etc.

(**OBSERVAÇÃO:** veja-se mais adiante o que se diz, em nota, do uso de *para* com estes verbos);

- DECURSO OU ESPAÇO DE TEMPO:
  - ✓ *Melhora dia a dia;*
  - ✓ *Viajam daqui a quatro dias;*
- MUDANÇA QUALITATIVA:
  - ✓ *Tudo ali vai de mal a pior;*

---

[134] *Para além de* é equivalente de *além de* e usa-se em lugar desta ou com fins de desambiguação ou com fins de ênfase. – Não é do melhor português, todavia, "mais além de", que infelizmente tanto se põe por tradução da locução espanhola *más allá de*. Traduza-se esta ou por *além de* ou por *para além de*.

[135] *Para com* é forma desambiguadora ou enfática de *para* ou de *com*, a depender do contexto. – Algumas vezes traduz eficientemente a preposição espanhola *hacia*. Mas não quando esta expressa direção: neste caso, em que equivale ao inglês *toward* e ao francês *vers*, traduz-se em português por *para* ou, às vezes, por *rumo a, em direção a*. Mas constitui uma pobreza de nossa língua que não tenhamos equivalente perfeito de *hacia, vers, toward*: *para* não as traduz senão aproximativamente.

[136] Não raro, *por entre* é mais expressivo que *entre*: em *Caminhava por entre as árvores*, por exemplo.

[137] O vetor relacional expresso pela preposição vai sempre de um subordinante a um subordinado. – Para a carga semântica das *locuções prepositivas*, *vide* os melhores dicionários.

- TENDÊNCIA OU DESTINAÇÃO:
  - ✓ *Tem tendência ao melancólico;*
  - ✓ *vida ordenada ao estudo;*
- SITUAÇÃO ESPACIAL OU TEMPORAL:
  - ✓ *Estava ao pé da lareira;*
  - ✓ *Postou-se ao lado da estátua;*
  - ✓ *À saída, falou ao filho;*
  - ✓ *Sentava-se sempre à [a + a] cabeceira;*
  - ✓ *Despertou ao amanhecer;*
  - ✓ *À [A + a] sobremesa, revelou o segredo;*
- MODO:
  - ✓ *Fizeram-lhe a incisão a frio;*
  - ✓ *Senti-vos à vontade.*

8.4.2. ANTE:

- ANTERIORIDADE:
  - ✓ *Entrou pé ante pé;*
- DEFRONTAÇÃO (em sentido próprio ou translato):
  - ✓ *Deteve-se ante o pedinte;*
  - ✓ “A imagem de Carlos Maria veio postar-se ante ela” (MACHADO DE ASSIS);
  - ✓ *Ante a incerteza, hesitou;*

8.4.3. APÓS:

- POSTERIORIDADE TEMPORAL IMEDIATA:
  - ✓ “Após meia hora de caminho, vislumbrou a luz amortecida no cimo do cerro do Valmurado” (M. DA FONSECA);
  - ✓ *Após muitas horas de estudo, saiu para espairecer;*
- POSTERIORIDADE ESPACIAL IMEDIATA:
  - ✓ *Após os tanques, ia a infantaria;*
- CONSEQUÊNCIA:
  - ✓ *Após tais desmandos, que outro sentimento se poderia esperar?;*

8.4.4. ATÉ:

- APROXIMAÇÃO A UM LIMITE ESPACIAL OU TEMPORAL (com insistência em tal limite):
  - ✓ “Macambira adiantou-se até a acácia, sentou-se no banco” (COELHO NETTO);
  - ✓ *Avançamos até ao portão;*
  - ✓ *Ventou até o fim do mês;*
  - ✓ *Falou até ao enjoo*

(**OBSERVAÇÃO 1:** como se vê pelos exemplos, *até* pode seguir-se ou não da preposição *a* quando rege substantivo antecedido de artigo. E não há problema algum em que uma parte prepositiva se siga de outra, constituindo locução com esta: é o caso de *por entre*, *por sobre*, *por sob*, etc. No caso em tela, a forma enfática *até a* acentua o caráter de aproximação. Atualmente, o português brasileiro *tende* a usar *até* desacompanhada de *a*, enquanto o português lusitano sempre a usa acompanhada de *a*. De nossa parte, tendemos a seguir o uso lusitano;

OBSERVAÇÃO 2: não se confuda *até* preposição com *até* advérbio de inclusão [*Até ele veio*, por exemplo], que já estudamos);

8.4.5. COM:[138]

- ADJUNÇÃO, CONFORMIDADE, ASSOCIAÇÃO, COMPANHIA, COMUNIDADE, SIMULTANEIDADE, OPOSIÇÃO, ETC.:
  - ✓ *Não pude senão concordar com ele*;
  - ✓ "Rir dos outros é sinal de pobreza de espírito. Deve-se rir com alguém, não de alguém, como dizia Dickens" (GILBERTO AMADO);
  - ✓ *Caminhava com o amigo*;
  - ✓ *Saímos com o sol já a pôr-se*;
  - ✓ *Então Roma guerreava com Cartago*;
  - ✓ etc.;
- MODO, MEIO, INSTRUMENTO, MATÉRIA, CONCESSÃO, ETC.:
  - ✓ *Fazei-o com calma*;
  - ✓ *Trabalha com serra*;
  - ✓ *Cozer com azeite*;
  - ✓ *Com* [= *Apesar de*] *ser estudioso, não foi aprovado*;
  - ✓ etc.

8.4.6. CONTRA:

- MOVIMENTO EM DIREÇÃO CONTRÁRIA OU A LIMITE OU A BARREIRA PRÓXIMA; OU AINDA CONTRARIEDADE, OPOSIÇÃO, HOSTILIDADE, ETC.:
  - ✓ *Arremeteu contra eles*;
  - ✓ *Apertou-se contra o corpo do pai*;
  - ✓ "Eu castigava a mão contra o meu próprio rosto / E contra a minha sombra erguia a lança em riste..." (OLAVO BILAC);
  - ✓ *Então Roma guerreava contra Cartago*;

---

[138] No português, *com* é uma das preposições mais produtivas e versáteis. Para o quadro completo dos usos de *com*, *vide* os melhores dicionários.

8.4.7. DE:

- POSSE, PERTENÇA E DEMAIS SENTIDOS EXPRESSOS, POR EXEMPLO, PELO GENITIVO LATINO (tanto o chamado "subjetivo" como o chamado "objetivo"):
  - ✓ *as faces da* [*de* + *a*] *moça*;
  - ✓ *os costumes dos* [*de* + *os*] *japoneses*;
  - ✓ *as tradições de Trás-os-Montes*;
  - ✓ *a descoberta de Cabral*;
  - ✓ *o descobrimento do* [*de* + *o*] *Brasil*;
  - ✓ *o resultado dos* [*de* + *os*] *exames*;
- AFASTAMENTO DE DADO PONTO ESPACIAL OU TEMPORAL; ORIGEM; PONTO DE PARTIDA:
  - ✓ *Vinha de longe*;
  - ✓ *Grave silêncio subia dos* [*de* + *os*] *porões*;
  - ✓ *de então aos dias de hoje*;
  - ✓ *Desapareceu de um momento para outro*;
- QUANDO, A CERTA ALTURA DE:
  - ✓ *Partiram de manhã*;
  - ✓ *Chegaram de tarde*;
- FIM OU CONSEQUÊNCIA (= *para*):
  - ✓ *Ter olhos de ver*;
  - ✓ *Isso é de notar*;

8.4.8. DESDE:[139]

- AFASTAMENTO OU DISTÂNCIA DE DADO PONTO (COM INSISTÊNCIA NESTE PONTO):

→ no espaço:

- ✓ *Caminhou desde a escola até à casa do amigo*;
- ✓ "Dessa calamidade partilharam todas as regiões banhadas pelo Atlântico desde as Flandres até o estreito de Gibraltar" (JAIME CORTESÃO)

(**OBSERVAÇÃO 1:** prefira-se usar *desde* em par com *até*, como nos exemplos; e *de* em par com *a* [*Caminhou da escola à* [*a* + *a*] *casa do amigo*]);

OBSERVAÇÃO 2: não se deve usar *desde* em lugar de *de* fora do par com *até* para expressar *lugar de onde* ou *ângulo do ou pelo qual*: diga-se *Da janela via o mar* [e não "Desde a janela via o mar"], *Deste* [ou *Por este*] *ângulo, não é verdade* [e não "Desde este ângulo..."], etc. O uso de *desde* nestes casos é castelhanismo);

---

[139] *Desde* (< latim vulgar *de* + *ex* + *de*) é uma sorte de intensificador de *de*.

→ no tempo:

✓ *Pensa no assunto já desde o ano passado*;

8.4.9. EM:[140]

- ONDE, SITUAÇÃO, POSIÇÃO, LOCALIZAÇÃO, ETC.:
  - ✓ *Não está em casa*;
  - ✓ *Traz na [em + a] alma aquelas lembranças tristes*;
  - ✓ *sentada no [em + o] sofá*;
  - ✓ *Vivem na [em + a] Costa Rica*;
  - ✓ *O casaco está no [em + o] armário*;
  - ✓ *estirado na [em + a] cama*;
  - ✓ *penduradas no [em + o] varal*;
  - ✓ etc.
- ENTRADA, MOVIMENTO PROGRESSIVO, MOVIMENTO DIRECIONAL, ETC.:
  - ✓ *Entraram todos no [em + o] parque*;
  - ✓ *A notícia corria de boca em boca*;
  - ✓ *As crianças corriam em todas as direções*

(**OBSERVAÇÃO:** Como se verá na Sétima Parte, em registro culto não se deve usar *em* na expressão das demais sortes de movimento [para estas, temos *a*, *para*, *até*]);

- QUANDO; DURAÇÃO; INTERMITÊNCIA:
  - ✓ *Nasceu em 1952*;
  - ✓ *Tudo se deu em uma hora*;
  - ✓ "Nazário visitava-as de quando em quando" (Coelho Netto);
  - ✓ *Mexia-se de vez em quando*;
- RESULTADO, ESTADO, ETC.:
  - ✓ *debulhar-se em lágrimas*;
  - ✓ *crescer em indignação*;
  - ✓ *Paris estava em chamas*;

8.4.10. ENTRE:

- SITUAÇÃO (espacial ou temporal) INTERMÉDIA OU NO MEIO DE MULTIDÃO; INTERIORIDADE; HESITAÇÃO; MUTUALIDADE; ETC.:
  - ✓ *A estátua ficava entre dois arbustos*;

---

[140] No português, *em* também é das preposições mais produtivas e versáteis. Para o quadro completo dos usos de *em*, *vide* os melhores dicionários.

- ✓ "Convém intercalar este capítulo entre a primeira oração e a segunda do capítulo CXXIX" (Machado de Assis);
- ✓ *Estávamos entre amigos*;
- ✓ *Entre o povo, não há tal preocupação*;
- ✓ *Viver entre apreensões e esperanças*;
- ✓ "Todos os barcos se perdem entre o passado e o futuro" (Cecília Meireles);
- ✓ *Está entre ir e não ir*;
- ✓ *Entre ti e mim não pode haver desconfianças*;

8.4.11. PARA:

- DIREÇÃO, SENTIDO, DESTINO MAIS OU MENOS PERMANENTE:
  - ✓ *Caminharam para a fronteira*;
  - ✓ *Viajaram para o sul*;
  - ✓ *Foi para casa*;
  - ✓ *Foram para a Colômbia*

(**OBSERVAÇÃO 1:** como dito mais acima, *para* usa-se com sentido equivalente ao de *hacia, vers, toward*;

OBSERVAÇÃO 2: no português atual, uma coisa é *Foi a casa* e outra *Foi para casa*: no primeiro caso, foi não para ficar, enquanto no segundo foi para ficar;

OBSERVAÇÃO 3: no português atual, uma coisa é *Foram à* [*a* + *a*] *África* e outra *Foram para a África*: no primeiro caso, foram para voltar mais ou menos brevemente, enquanto no segundo foram para viver ali);[141]

- FINALIDADE:
  - ✓ *Caminhamos também para manter a saúde*;
  - ✓ *Estuda para crescer*;
  - ✓ *dar pano para mangas*;
- APRAZAMENTO, POSTERGAÇÃO, TEMPO FUTURO MAIS OU MENOS INDETERMINADO, DECURSO:
  - ✓ *Marcamos o encontro para amanhã*;
  - ✓ *Deixou o trabalho para a semana seguinte*;
  - ✓ *Que fique para dias melhores*;
  - ✓ *de um momento para outro*;[142]

---

[141] No português camoniano, dir-se-ia, respectivamente, *Foram em África* e *Foram a África*;

[142] Contra a tendência coloquial brasileira, prefira-se *a* a *para* com os verbos *dandi, dicendi* e *rogandi*: *Deu o livro ao filho* em vez de "Deu o livro para o filho"; *Disse-o ao professor* em vez de "Disse-o para o professor"; *Pediu aos familiares compreensão* em vez de "Pediu para os familiares compreensão". O uso

- OPINIÃO, JULGAMENTO:
  - ✓ *Para mim, é um quadro perfeito*;

8.4.12. PERANTE:

- O MESMO QUE *ANTE*:
  - ✓ *Calou-se perante os auditores*;
  - ✓ "Perante a grandeza e o poder do Céu, a esperança era o melhor compromisso dos homens para com a vida" (Manuel Lopes);
  - ✓ "Vejo a sua trémula palidez, à luz da lua nova, e o seu aspecto desgrenhado, perante o mistério e a dor" (Teixeira de Pascoaes);

8.4.13. POR/PER:[143]

- ATRAVÉS DE, SOBRE, AO LONGO DE, ETC.:
  - ✓ *O vento passava pelas [per + as] persianas*;
  - ✓ *Passemos por este caminho*;
  - ✓ *viajar por terra e por mar*;
  - ✓ *caminhar pela [per + a] praia*;
- SEQUÊNCIA HOMOGÊNEA:
  - ✓ *palavra por palavra*;
  - ✓ *casa por casa*;
- AGENTE:
  - ✓ El Cantar de Mio Cid *foi escrito por autor desconhecido*;[144]
- ALTURA:
  - ✓ *A água dava-nos pela [per + a] cintura*;
  - ✓ *Pegou-a pelos [per + os] ombros*;
  - ✓ *por cima, por baixo*;
- SITUAÇÃO OU LOCALIZAÇÃO INDETERMINADA:
  - ✓ *Estão por aí*;
  - ✓ *A esta altura, estarão pela [per + a] França*;
- CAUSA, MOTIVO, RAZÃO:
  - ✓ *Agiu assim por seu senso de dever*;
  - ✓ *Recuaram por medo*;
- NA CONDIÇÃO DE, A TÍTULO DE, A MODO DE:

---

de *para* nestes casos, todavia, nem sempre constitui propriamente erro. Para os casos em que constitui propriamente erro, em especial com os verbos *rogandi*, *vide* a Sétima Parte.

[143] *Por* é outra das preposições mais produtivas e versáteis em português.

[144] Em construções como esta, como visto, *por* introduz o chamado *agente da passiva*.

- ✓ *Aristóteles teve a Platão por mestre*;
- ✓ *por exemplo*;
- SITUAÇÃO-LIMITE:
  - ✓ *Escapou por um triz*;
- MEIO:
  - ✓ *por via aérea*;
  - ✓ *mandar pelo* [*per* + *o*] *correio*;
  - ✓ *vencer pelo* [*per* + *o*] *cansaço*;
- PELA DURAÇÃO DE, DURANTE:
  - ✓ *Pensou por cinco minutos*;
  - ✓ *Viajei por três anos*

(**OBSERVAÇÃO:** nestes casos, pode calar-se a preposição: *Pensou cinco minutos* e *Viajei três anos*);

- MODO:
  - ✓ *escrever algo por extenso*;
- QUE FALTA; SEM:
  - ✓ *Ainda têm muito por* [= *que*] *fazer*;
  - ✓ *Deixei dois textos por* [= *sem*] *revisar*;
- COM RESPEITO A:
  - ✓ *amor pela* [*per* + *a*] [= *da* ou *à*] *música*;
- SEGUNDO CONSIDERAÇÃO, JULGAMENTO, OPINIÃO:
  - ✓ *Não o tomo por tolo*;
  - ✓ *Temo-lo por grande artista*;
  - ✓ *Por mim, nada que objetar*;
- FIM, FINALIDADE:
  - ✓ *Lutava por um pouco de paz*;
  - ✓ *seus esforços por bem escrever*;
- A(O) PREÇO OU VALOR (DE); PERMUTA; COMPENSAÇÃO:
  - ✓ *Vendem a casa por um milhão*;
  - ✓ *Teve de vender a tradução por menos do que pensara*;
  - ✓ *trocar o certo pelo* [*per* + *o*] *duvidoso*;
  - ✓ *Olho por olho, dente por dente*;
- POR CAUSA OU EM RAZÃO DE:
  - ✓ *Morreu pela* [*per* + *a*] *arte*;
  - ✓ *Não se lamente pelo* [*per* + *o*] *que passou*;

- EM NOME DE:
  - ✓ *por Deus!*;
  - ✓ *Falou por todos*;
- O CORRESPONDENTE A:
  - ✓ *cobrar por hora*;
  - ✓ *Paga aos empregados por semana*;
- SEGUNDO DIVISÃO OU SEGUNDO MULTIPLICAÇÃO:
  - ✓ *dividir ou multiplicar vinte por cinco*;

8.4.14. SEM:

- AUSÊNCIA; DESACOMPANHAMENTO:
  - ✓ *céu azul sem nuvens*;
  - ✓ *Compareceu sem o marido*;

8.4.15. SOB:

- POSIÇÃO OU SITUAÇÃO INFERIOR COM RESPEITO A (em sentido próprio ou em sentido translato):
  - ✓ *sentados sob o carvalho*;
  - ✓ "Sob um céu nórdico, opalino, cruzavam-se as gaivotas" (U. TAVARES RODRIGUES);
  - ✓ "Sob D. Manuel floresceram as artes e as letras em Portugal como sob Leão X na Itália" (CALDAS AULETE [o antigo]);
  - ✓ *Afunda-se sob o peso das preocupações*

(**OBSERVAÇÃO:** conquanto não constitua erro usar *sob* em lugar de *por* em casos como este: *sob este aspecto*, o melhor, o mais claro é sempre usar aí *por*);[145]

8.4.16. SOBRE:

- POSIÇÃO OU SITUAÇÃO SUPERIOR COM RESPEITO A (em sentido próprio ou em sentido translato), QUER COM CONTATO, QUER COM CERTA DISTÂNCIA; TEMPO APROXIMADO:
  - ✓ *Os óculos estão sobre a mesa*;
  - ✓ *de braços cruzados sobre o peito*;
  - ✓ "Considerai o espaço imenso a vossos pés e sobre vossa cabeça" (AFONSO ARINOS);
  - ✓ *Já estávamos sobre a Páscoa*;

---

[145] Para comprová-lo, basta pensar que *sob* sempre pode comutar-se opositivamente por *sobre*. Mas isto é impossível em construções como *sob este aspecto*. O melhor, por conseguinte, é dizer ou escrever *por este aspecto, por este ângulo, por esta perspectiva*, etc.

- com respeito a, a respeito de, acerca de:
  - ✓ *Conversamos sobre muitos assuntos*;

"Pouco de preciso se conhece sobre a distribuição dos Lusitanos no território" (Jaime Cortesão);[146]

8.4.17. TRÁS:

- Usava-se na língua arcaica esta preposição para indicar situação posterior. Hoje, substitui-se por *atrás de*, por *depois de*, por *além de*, ou, ainda que mais raramente, por *após*. Mas subsiste o antigo uso como parte de palavras compostas, como *trasanteontem* e *Trás-os-Montes.*

➢ Para que, uma vez mais, se permita apreensão imediata do sentido das orações e do texto, se numa sequência de substantivos o primeiro estiver antecedido de PREPOSIÇÃO, em princípio todos os demais também o deverão estar:[147]

- ✓ *Recorreu aos parentes, à [a + a] amiga, ao vizinho...*;
- ✓ *Viajamos com Maria e com José*;
- ✓ *Necessitam de livros, de cadernos, de canetas*;
- ✓ *Estará na [em + a] Áustria, na [em + a] Hungria, na [em + a] Rússia*;
- ✓ *É apto para uma e para outra função*;
- ✓ *Deixou-se tomar pela [per + a] ingratidão e pelo [per + o] egoísmo.*

⇗ **Observação.** Não se deve, todavia, repetir a preposição:

- ▫ quando o segundo substantivo significa a mesma pessoa ou a mesma coisa que o primeiro, ou se refere a eles:
  - ✓ *A menina gosta muito de tangerina ou mexerica*;
  - ✓ *Isto foi dito pelo [per + o] soldado e escritor Miguel de Cervantes...*;
- ▫ quando os substantivos constituem entre si algo uno ou um todo:
  - ✓ "O estudo [do folclore] era necessitado pela existência das [de + as] histórias, contos de fadas, fábulas, apólogos, superstições, provérbios, poesia e mitos recolhidos da tradição oral" (I. Ribeiro).

§ Obviamente, não se pode repetir *entre* em *Algo ocorreu entre a moça e o rapaz*, etc.[148]

---

[146] Não procede de modo algum a censura de certos puristas a este uso de *sobre*.

[147] Dizemo-lo ao menos com respeito ao português, e ciente de que a contrapelo do mais usual.

[148] Não trataremos a seguir a classe das interjeições; baste o dito anteriormente.

SEXTA
PARTE

SINTAXE GERAL

I

ORAÇÃO E FRASE

1.1. ORAÇÃO é conceito *analógico*: pode dizer-se de vários, mas realiza-se mais perfeitamente em um. Explique-se.

1.1.1. A unidade mínima de significado é a palavra; como dito e redito, as partes de que se compõem as palavras não têm significado por si, mas tão somente na mesma palavra, assim como as notas de um acorde musical só têm "sentido" neste mesmo acorde. Naturalmente, muitas partes de palavra, antes de ser partes, são palavras elas mesmas, e podem voltar a ser palavras se separadas da palavra de que são partes. Insista-se porém que unidade mínima de significado – *o que implica autonomia* – é tão somente a palavra.

1.1.2. A partir daí, ou seja, a partir da palavra, temos os grupos (que por vezes mal se distinguem das locuções): grupos SUBSTANTIVOS (*moça bela*); grupos ADJETIVOS (*do sexo masculino*); grupos ADVERBIAIS (*nesta noite*).

⬀ **OBSERVAÇÃO.** Só muito impropriamente pode dizer-se que há "grupos verbais", porque, com efeito, nos que seriam tais já se está no âmbito da oração. Mas usaremos uma que outra vez a expressão para distinguir da locução verbal certos encontros verbais que se usam sintaticamente como se fossem locuções.

1.1.3. Pois bem, diz-se ORAÇÃO antes de tudo *ao grupo substantivo*. Trata-se, naturalmente, de oração imperfeitíssima, porque, com efeito, ainda está como à espera de um *juízo*: *A moça* [*é*/*não é*] *bela*.

1.1.4. ORAÇÃO mais propriamente dita é *qualquer reunião de palavras que contenha um substantivo ou correlato e um verbo*: e é tão somente a esta sorte de oração que as gramáticas chamam tal, ou seja, oração. Ainda assim, todavia, é preciso distinguir:

→ Uma coisa é a ORAÇÃO de **substantivo** + verbo que não tem sentido completo e que ou necessita de algum complemento ou é, ela mesma, complemento ou adjunto: por exemplo,

✓ (***Eu***) *Necessito*...;

✓ ... [***o***] ***que*** *é verdadeiramente belo*;

✓ *Quando começou* ***a chuva***...;

✓ (***Ele***) *estuda de maneira tal*...

Como pode ver-se, são orações de tipo diverso, e dividem-se justamente, como voltaremos a dizer,

- em *subordinantes* (as mal chamadas "principais");[1]
- e em *subordinadas*, que por sua vez se dividem em *completivas* e *adjuntivas*.

Os exemplos postos, porém, ainda não são ORAÇÕES *perfeitas*, que não podem ser senão as que, além de compostas *ao menos* de *um* substantivo e de *um* verbo, encerram sentido completo.

→ Assim, ORAÇÕES perfeitas são, por exemplo:

✓ (*Eu*) *Necessito que me ajudes*;
✓ *Entre os quadros deste autor, é este o que é verdadeiramente belo*;
✓ *Quando começou a chuva, voltamos para casa*;
✓ (*Ele*) *Estuda de maneira tal, que logo desabrochará em seu ofício*.

Note-se, porém, que uma oração perfeita pode conter outra ou outras orações: por exemplo, o segundo membro de *Ao começar a chuva, voltamos para casa*, é, ele mesmo, oração perfeita.[2]

1.2. Quanto ao que é FRASE, tomemos por ponto de partida a definição que lhe dá Rocha Lima: "*Frase* é uma unidade verbal com *sentido completo* e caracterizada por *entoação* típica: um todo significativo, por intermédio do qual o homem exprime seu pensamento e/ou sentimento. Pode ser brevíssima, constituída às vezes por uma só palavra, ou longa e acidentada, englobando vários e complexos elementos".[3] Sem deixar de conter verdades, há impropriedades na definição do nosso gramático.

1.2.1. Se fosse verdade que FRASE é qualquer todo linguístico que tem sentido completo (vimos já como esta noção deve aplicar-se à oração perfeita), se tal pois fosse verdade, então uma frase terminada em reticências não o seria: por exemplo, *Comprou cadernos, canetas, borrachas...*; ou: *Ele disse que... Recuso-me a repeti-lo.*

1.2.2. Se se inclui o caso que acabamos de referir, pode aceitar-se que na oralidade a FRASE se caracterize por "*entoação* típica". Se porém estamos no âmbito mais estrito da Gramática, que, como dito e redito, é a arte da escrita, então a entoação já deve deixar de considerar-se *diretamente*.[4]

---

[1] Ver-se-á mais adiante por que o dizemos.

[2] E por aí já se vai vendo que é impossível chegar pela análise da ORAÇÃO a algo unívoco. É então que vem em nosso socorro a *analogia*, e o que fazemos aqui é pura aplicação desta. Com efeito, é analógica a consideração da oração segundo o *anterior* e o *posterior*, segundo o *mais próprio* e o *menos próprio*, segundo o *mais perfeito* e o *menos perfeito*. E, como se há de notar, a oração menos perfeita só pode dizer-se oração porque participa de algum modo do que é a oração perfeita: ou simplesmente porque compartilha algo seu, ou ainda porque se ordena a ela.

[3] Rocha Lima, *op. cit.*, p. 285.

1.2.3. Se a FRASE se distinguisse por ser um todo significativo, *cavalo*, ou *homem*, ou *rosa*, ou *pedra* seriam frases. Entende-se o que o nosso gramático quer dizer; mas devemos expressá-lo distintamente, e apropriadamente. Para tal, contudo, é preciso que antes nos desembaraçemos de certos mal-entendidos.

- Formalmente, FRASE não é o mesmo que *proposição*. Este conceito é do âmbito da Lógica.[5]
- Rocha Lima inclui entre as espécies de FRASE o seguinte conjunto de versos de Camões:

> "Do teu Príncipe ali te respondiam
> As lembranças que na alma lhe moravam,
> Que sempre ante seus olhos te traziam
> Quando dos teus fermosos se apartavam:
> De noite, em doces sonhos que mentiam;
> De dia, em pensamentos que voavam;
> E quanto enfim cuidava e quanto via
> Eram tudo memórias de alegria"
> (CAMÕES, *Os Lusíadas*, III, 121).

Por grande que seja nossa admiração pela poesia e pelos poetas, há que repetir: à Poética, o poético. E repetimo-lo até porque, ainda que lido, qualquer conjunto de versos entre dois sinais de pontuação final tem entoação ditada não principalmente pela expressão de ideias ou de sentimentos, mas por sua mesma *forma poética* (no caso d'*Os Lusíadas*, epopeia vazada em versos decassílabos heroicos, ou seja, aqueles em que o acento tônico recai na sexta e na décima sílaba).[6]

---

[4] Grifamos *diretamente* porque, com efeito, a escrita é signo da fala, e, se o é, então obviamente a entoação está suposta na escrita. Mas não deve considerar-se aqui *diretamente* por razão *análoga* à razão por que um neuropsiquiatra não trata a alimentação, conquanto o cérebro humano dependa da alimentação na mesma medida em que é parte de nosso corpo: suprima-se aquela, e este deixará de existir.

[5] Exemplo atual de grave confusão entre Gramática e Lógica é a obra de Othon Moacyr Garcia *Comunicação em Prosa Moderna*, tão repleta, por outro lado, de sugestões interessantíssimas. Mas tal confusão não é moderna; atravessa os tempos, acentua-se no fim da Idade Média, com o nominalismo, e atinge o ápice nas Luzes, com o racionalismo.

[6] O exemplo d'*Os Lusíadas* pode dizer-se *frase*, sim, mas apenas *analogicamente*, porque a frase propriamente dita, com seu sinal de pontuação final, é signo de algo dito com certa entoação linguística, ao passo que a frase camoniana é signo de algo dito, *antes de tudo*, insista-se, com certa entoação poética.

1.2.4. Mas o mesmo exemplo d'*Os Lusíadas* já nos ajuda a entender a que devemos chamar frase *NA ESCRITA*: FRASE é todo e qualquer conjunto de palavras terminado em sinal de pontuação final, seja este sinal *ponto-final*, *ponto de interrogação*, *ponto de exclamação* ou *reticências*.[7] Naturalmente, qualquer de tais sinais representa certa entoação; mas relembre-se o dito acima e na nota 6 imediatamente *supra*. Ademais, entre dois sinais de pontuação final pode vir um só ou mais vocábulos não verbais (– *Quantos livros compraste?* – *Um*), ou uma só oração perfeita, que pode consistir num conjunto mais ou menos complexo de orações (por exemplo, *No momento em que o Sol se pôs no horizonte, e antes ainda que as luzes artificiais se acendessem qual noturnos pirilampos, as trevas abateram-se como mau agouro sobre uma vila já fatigada da faina diária em que renovamente tinha de sumir-se.*)[8]

✎ **OBSERVAÇÃO 1.** Disse-se "entre dois sinais de pontuação final". Mas há uma exceção: a primeira frase de um texto, que está como entre o nada e um sinal de pontuação final.

✎ **OBSERVAÇÃO 2.** O *período*, conceito tão brandido pelas gramáticas, identifica-se com o que dizemos *frase* ou com o que dizemos *oração*. Voltaremos a isto.

1.2.5. Outro ponto que a nosso ver sempre se tratou demasiado imprecisamente é o das espécies de frases. Para o tentarmos superar, dêmos, antes de tudo, as espécies de orações perfeitas SEGUNDO A INTENÇÃO do falante ou do escrevente.

1.2.5.1. Primeiro, a *oração perfeita* é ENUNCIATIVA (ou ASSERTIVA, ou DECLARATIVA):

✓ *Este livro é bom*;

✓ *Este livro não é bom*;

✓ *Sérgio comprou o livro*;

✓ *Sérgio não comprou o livro.*

✎ **OBSERVAÇÃO 1.** O verbo das orações enunciativas está sempre no modo indicativo.

✎ **OBSERVAÇÃO 2.** As orações enunciativas são as que propriamente interessam à Lógica.

1.2.5.2. Depois, pode ser ou IMPERATIVA (que, como já se disse, expressa o *dever ser*), ou DEPRECATIVA, ou OPTATIVA, ou INTERROGATIVA; a oração VOCATIVA, referida por gramáticos mais antigos, é caso à parte.

---

[7] Não é português encerrar frase com travessão, ao modo de certa tendência do inglês moderno. Usem-se reticências.

[8] Naturalmente, em frases de uma ou de mais palavras não verbais, como a de *Um* dada acima, sempre se tem uma oração perfeita em elipse mais ou menos parcial: no caso, *Comprei* (*apenas*) *um livro.*

Exemplifiquemo-las:

- IMPERATIVA:
  - ✓ *Estuda!*;
  - ✓ *Não te distraias!*;
  - ✓ *Não matarás*;
- DEPRECATIVA:
  - ✓ *Ajude-me, senhor*;
- OPTATIVA:
  - ✓ *Que tenham sucesso nisso*;
- INTERROGATIVA:
  - ✓ *É bom este livro?*;
  - ✓ *Não queres ler este livro?*;

§ VOCATIVA:

✓ *Venha, ó grande Pedro*.

⇗ **OBSERVAÇÃO A RESPEITO DA ORAÇÃO VOCATIVA.** Como pode concluir-se do exemplo, nunca a chamada ORAÇÃO VOCATIVA é oração perfeita; e não se distingue do simples vocativo (*Venha, Pedro*) senão porque se compõe de mais de uma palavra. Mas igualmente exerce a função sintática de *vocativo*.

⇗ **OBSERVAÇÕES GERAIS.**

→ Como pode ver-se, todas as *orações perfeitas* podem ser ou AFIRMATIVAS ou NEGATIVAS.

→ Além das arroladas, há ainda as DUBITATIVAS, que são como ENUNCIATIVAS "diminuídas":

✓ *Este livro talvez seja bom*;

✓ *É talvez bom este livro*;

✓ *Talvez não seja bom este livro*;

✓ *Não é bom talvez este livro*;

as SUSPENSIVAS, que o são imperfeitas:

✓ *Ele disse que...* (*Recuso-me a repeti-lo.*);

✓ *Comprou cadernos, canetas, borrachas...*;

e as ASSINALATIVAS (ou INDICATIVAS), que o são mais ou menos elípticas:

✓ *Fogo!* (= *Há fogo* ou algo assim).

→ Qualquer *oração perfeita* pode ser EXCLAMATIVA, incluída a mesma oração enunciativa: *Este livro é bom!* Por isso mesmo é que exclamativa não é espécie de oração perfeita.

→ Como dito, o modo do verbo das ORAÇÕES ENUNCIATIVAS é o *indicativo*; mas, como visto, tanto o modo indicativo como o subjuntivo podem usar-se em várias espécies de orações.

→ Na própria DUBITATIVA, o verbo pode estar ou no *indicativo* ou no *subjuntivo*, a depender não raro de fatores convencionais (como quando se usa *talvez*, que, como já se disse, se anteposto ao verbo, o leva ao subjuntivo e, se posposto a ele, o deixa no indicativo).

→ A ORAÇÃO OPTATIVA reduz-se à DEPRECATIVA. – Em algumas línguas indo-europeias (como o grego e o sânscrito), deprecativo é o *modo verbal* pelo qual se expressa desejo de que se realize o significado pelo verbo.

→ A ORAÇÃO INTERROGATIVA normalmente se ordena à enunciativa ou à imperativa, porque, com efeito, se perguntamos algo, não o fazemos senão porque queremos ou declarar algo ou ordenar algo. – Há, todavia, a ORAÇÃO INTERROGATIVA RETÓRICA, em que não há verdadeira interrogação, mas afirmação posta em figura interrogativa para conseguir algum efeito, precisamente, retórico.

1.2.6. Diga-se, porém, por que começamos por dizer que as gramáticas correntes são falhas quanto à classificação das espécies de frases e passamos a expor as espécies de *orações perfeitas segundo a intenção* (em divisão também muito distinta da das mesmas gramáticas): é que as frases, que têm que ver, sim, com a intenção-entoação na oralidade e com a intenção-sinal de pontuação final na escrita, não podem todavia dividir-se em espécies. Com efeito, não é possível classificar esta frase: *Vem, ó grande Pedro, e que ao vires, por que não? exibas toda a tua eloquência*, justamente porque nela há oração imperativa, oração optativa e oração interrogativa retórica, além da vocativa.

II

OS TERMOS DA ORAÇÃO: AS FUNÇÕES SINTÁTICAS

2.1. Chamam-se TERMOS DA ORAÇÃO às palavras ou às orações imperfeitas que exercem função sintática em dada oração.[9] Como dito na Quarta Parte, as funções sintáticas decorrem da mesma natureza das classes gramaticais não conectivas. Por isso, repita-se, a Morfologia tem uma área de interseção com a Sintaxe, ainda mais ampla que a que tem com a Etimologia. Em verdade, elas superpõem-se ou recobrem-se grandemente. Assim, algumas das mesmas classes gramaticais só o são, de certo modo, sintaticamente. Com efeito, o ADJETIVO não o seria se não se atribuísse a um nome ou substantivo, razão por que, se se diz *adjetivo* enquanto designa determinados acidentes do significado pelo nome, se diz *ADjunto ADnominal* precisamente enquanto se atribui a um nome. Do mesmo modo, o VERBO não o seria se não se atribuísse a um substantivo, razão por que, se se diz *verbo* enquanto nomeia com tempo as ações, se diz *predicado* ou *núcleo do predicado* precisamente enquanto se atribui a um substantivo na função de *sujeito*. E diga-se algo semelhante do ADVÉRBIO: diz-se *advérbio* enquanto significa alguma modalidade do verbo, do adjetivo, de outro advérbio ou até de um substantivo, e diz-se *adjunto adverbial* enquanto se atribui a uma destas classes. É parte da definição das classes gramaticais: só o são morfologicamente tais porque assim se exercem sintaticamente.

---

[9] Na verdade, ainda quanto à sintaxe havemos de proceder helicoidalmente. Falta-nos descrever as espécies de orações *segundo se relacionem entre si*. Mas não é possível fazê-lo antes que se conheçam as funções sintáticas, porque, como dito, classificar as orações imperfeitas implica fazê-lo segundo a função que exercem com respeito a outro termo.

Ou seja: FUNÇÃO SINTÁTICA é a exercida na oração por certas palavras com respeito a outras e segundo sua mesma natureza. Mas aqui só trataremos as funções sintáticas exercidas na oração com verbo, até porque é aí que se dão mais propriamente.

2.2. Antes de tudo são *termos da oração* o SUJEITO e o PREDICADO, porque todos os demais são, em verdade, termos seus. Com efeito, trate-se de oração perfeita, trate-se de oração imperfeita com verbo, não o serão senão porque têm *sujeito* e *predicado*:

2.2.1. SUJEITO é aquilo de que se predica algo:

- ✓ *Este LIVRO é bom*;
- ✓ *PEDRO caminha*;
- ✓ *As CRIANÇAS necessitam de material escolar*;
- ✓ etc.;

2.2.2. PREDICADO é aquilo que se predica do sujeito:

- ✓ *Este livro É BOM*;
- ✓ *Pedro CAMINHA*;
- ✓ *As crianças NECESSITAM **de material escolar***;
- ✓ etc.;

OBSERVAÇÃO. Nos exemplos,

- o que está em *VERSALETE* é o NÚCLEO do termo, enquanto o que com ele está *sublinhado* é parte do termo como ADJUNTO ou como COMPLEMENTO do núcleo;

- Evanildo Bechara diz que a forma verbal em VERSALETE e **negrito** (*É*) é NÚCLEO, ao passo que quase todos os gramáticos dizem que *BOM* é que o é.[10]
- ***De material escolar*** é COMPLEMENTO INTEGRANTE do núcleo, e como tal, e ao contrário do que geralmente se diz, é parte analógica sua.

2.3. De tudo isto, obviamente, voltaremos a falar. Mas o que por ora importa afirmar é que, para que se constitua ORAÇÃO no sentido em que o tomamos aqui, hão de estar os dois termos: o SUJEITO e o PREDICADO. Trata-se de "circuito fechado". Pode todavia objetar-se: se assim fosse, não se entenderia por que as gramáticas falam de oração "*sem* sujeito", e de fato há orações aparentemente "sem sujeito", como *Chove, Amanhece, Há dois livros sobre a mesa, Há/Faz dois anos que se casaram, Tem feito dias muito quentes* e tantas outras que tais. É preciso, pois, justificar nossa afirmação.[11]

2.3.1. Estamos outra vez diante de tensão entre FIGURA e SIGNIFICADO. Nos exemplos aduzidos, *segundo a figura* de fato não há sujeito. Mas *segundo a significação* o há, sim: *Cai chuva, Amanhece o dia* ou *Raia a manhã, Estão dois livros sobre a mesa, Decorreram dois anos desde que se casaram, Têm ocorrido dias muito quentes,* etc. Explique-se cada um destes exemplos.

2.3.1.a. Em *Chove,* trata-se de cristalização do sentido numa FIGURA ANÔMALA, ou seja, que se dá sem sujeito. E tanto é assim, quer dizer, tanto se trata de anomalia, que as línguas indo-europeias sempre tenderam a suprir a figura faltante do sujeito por um pronome "esvaziado de sentido",[12] mas que *segundo a figura* faz as vezes de sujeito: *It rains, Il pleut, Él llueve* (espanhol antigo), *Ele chove* (português antigo), etc.

2.3.1.b. Em *Amanhece,* trata-se ou de ELIPSE do sujeito (*o dia*), ou ainda de FIGURA ANÔMALA (em lugar de *Raia a manhã* ou qualquer construção semelhante). Se se considera elipse, sê-lo-á *cristalizada.* Como seja, as línguas indo-europeias também sempre tenderam a suprir-lhe a ausência (segundo a figura) de sujeito por pronome "esvaziado de sentido".

---

[10] Quanto à nossa própria posição, dá-la-emos mais adiante.

[11] E também deveriam fazê-lo com respeito à sua tais gramáticas, que primeiro dizem que sujeito e predicado são os dois termos básicos ou essenciais da oração, para depois dizer que há oração "sem sujeito". Se a há, das duas uma: ou o sujeito não é termo essencial da oração, ou a oração que não o tenha não é oração. Para nos livrarmos de tal aporia ou "beco sem saída intelectual", é que diremos o que se segue.

[12] Isso é o que diriam em geral as gramáticas. Mais adiante, diremos como o consideramos.

2.3.1.c. Mais complexo é o caso de *Há dois livros sobre a mesa.* No português atual, como aliás no espanhol atual, *dois livros sobre a mesa* é, *segundo a figura* (e como voltaremos a ver), objeto direto de *Há*, razão por que o verbo não concorda em número e pessoa com ele.[13] Para entender, todavia, como se chegou a isto, deve saber-se que o étimo de nosso *haver* (ou seja, o verbo latino *habĕo, es, ŭi, ĭtum, ēre*) significava 'ter, possuir'. Por isso, originalmente *Há dois livros sobre a mesa* significava *Alguém tem dois livros sobre a mesa* (ou, com o indefinido arcaico: *Homem tem dois livros sobre a mesa*). Com o tempo, todavia, *haver* passou a significar também 'estar', 'existir', 'ocorrer' e correlatos. Pois bem, o moderno *Há dois livros sobre a mesa* tem por significado *Estão dois livros sobre a mesa*, mas mantém por figura a que se usava com *haver* quando tinha o sentido de 'ter, possuir'. Como seja, a figura unipessoal e uninumérica de *haver* no sentido de 'estar', de 'existir' ou de 'ocorrer' é a única aceita atualmente pelos melhores escritores e pelas gramáticas, e obviamente devemos segui-los; mas em registros menos formais ou menos gramaticalizados, quer na oralidade quer na escrita, não raro se ouve ou se lê um "Haviam dois livros sobre a mesa"; e dá-se o mesmo em certas regiões ou em certos países de fala hispânica, como o Chile ("Habían dos libros sobre la mesa").

☞ **Observação.** E veja-se como se diz em francês *Há dois livros sobre a mesa*: *Il y a* (= há) *deux livres sur la table*; e como já se disse em português: *Ele há dois livros sobre a mesa.*

2.3.1.d. Também em *Há/Faz dois anos que se casaram* e em *Tem feito dias muito quentes* temos pura FIGURA ANÔMALA, que se resolve como mostrado mais acima (*Decorreram dois anos desde que se casaram, Têm ocorrido dias muito quentes*).

☞ **Observação.** Com respeito à chamada "oração sem sujeito", baste por ora o dito.

2.4. Outro caso especial é o chamado "sujeito indeterminado". Em geral, dizem as gramáticas que o sujeito pode ser *determinado* ou *indeterminado*, o que não haveria de despertar crítica se se dissesse se se trata de determinação ou de indeterminação *segundo a significação* ou *segundo a figura.* Aprofunde-se.

2.4.1. "É *determinado*", diz ainda Rocha Lima, "se identificável na oração – explícita ou implicitamente; *indeterminado*, se não pudermos ou não quisermos especificá-lo. Para indeterminar o sujeito", prossegue o nosso gramático, "vale-se a língua de um dos dois expedientes:

---

[13] É exatamente porque se trata de objeto direto é que pode substituir-se por pronome acusativo: – *Há dois livros sobre a mesa?* – *Há-os.*

1) Empregar o verbo na 3ª pessoa do plural, sem referência anterior ao pronome *eles* ou *elas*, e a substantivo no plural;

2) Usá-lo na 3ª pessoa do singular acompanhado da partícula *se*, desde que o verbo seja intransitivo, ou traga complemento preposicional.

Exemplos:

Falam mal daquela moça. *Vive-se bem aqui.*

Mataram um guarda. *Precisa-se de professores.*"[14]

2.4.2. Vamos nós por partes.

2.4.2.a. Procede bem Rocha Lima ao dizer "se identificável na oração – explícita ou implicitamente", porque, com efeito, não é indeterminado o sujeito por meramente "oculto", como mais comumente se diz, ou por *elíptico* ou *implícito*, como dizemos nós. De fato, em *Saímos* não há sujeito indeterminado algum, porque se sabe com evidência que o sujeito é *nós*.[15]

2.4.2.b. Sucede, no entanto, que tampouco o sujeito configurado por pronome *indefinido* é *signifitivamente* determinado, como aliás indica seu próprio nome. *Signifitivamente*, são praticamente idênticas

- ✓ a antiga maneira *Homem fala mal daquela moça* e
- ✓ *Alguém* ou *Alguns falam mal daquela moça*,
- ✓ *Falam mal daquela moça*,
- ✓ *Fala-se mal daquela moça*.

2.4.2.c. Resta então que entre estas maneiras não haja diferença senão *segundo a figura*.

- Em *Homem* ou *Alguém* ou *Alguns falam mal daquela moça*, o sujeito é *segundo a figura* determinado:

– *Quem fala mal daquela moça?*

– *Homem*, ou *Alguém* ou *Alguns*.

- Já não o é em *Falam mal daquela moça*. Esta é maneira antes *coloquial* de indeterminar também segundo a figura o sujeito. Mas, para que o faça, requer que em nenhuma parte da fala ou do texto apareça sujeito explícito para *Falam.* Assim, se se pergunta:

---

[14] Rocha Lima, *op. cit.*, p. 189.

[15] Alguns gramáticos e alguns linguistas dizem que aí nem sequer há sujeito "oculto", porque o esclarecem os acidentes da forma verbal. Nós, porém, como consideramos que a unidade mínima de significado é a palavra, e como o pronome *nós* não está explícito, preferimos dizer que aqui (e em todos os casos como este) o sujeito está, justamente, *elíptico* ou *implícito*.

– *O que fazem eles?*,

e se responde:

– *Falam mal daquela moça*,

não haverá sujeito *segundo a figura* (nem *segundo a significação*) indeterminado.

Mas ser indeterminado não é o mesmo que não existir, e, como vimos, não pode haver *segundo a significação* oração sem sujeito, ainda que este seja ou indeterminado ou *segundo a figura* inexistente. Pois bem, como é fácil concluir, *Falam mal daquela moça* sem referência a sujeito explícito não pode senão reduzir-se a *Alguém*, ou a *Alguns*, ou a *Algumas pessoas*, ou a *A gente* (= *as pessoas*), ou a *As pessoas falam mal daquela moça.* Mas, como também é fácil concluir, é outro caso, especial, de oração sem sujeito *segundo a figura.*[16]

- Já *Fala-se mal daquela moça* é maneira *culta* de indeterminar *segundo a significação* o sujeito; como já se disse, este *se* substituiu, na história de nossa língua, o indefinido *homem*. Mas *segundo a figura* pode dizer-se que, *de certo modo*, aqui o sujeito é o mesmo *se*, o que resulta de sua sempre possível e perfeita comutação por *alguém*, *alguns*, etc.

§ Mas havemos de convir em que o *se* comumente chamado "indeterminador do sujeito" não pode, por *sui generis*, chamar-se puramente "pronome indefinido", razão por que devemos dizê-lo *um como pronome indefinido*. Se porém é tal, então *como que* exerce a função de sujeito nas orações em que aparece.[17]

2.5. QUADRO GERAL DA FUNÇÃO SINTÁTICA DE SUJEITO.

2.5.1. Insista-se em que não pode exercer a função de sujeito senão o SUBSTANTIVO (incluídos o pronome substantivo e a oração substantiva, além de qualquer elemento, de qualquer parte morfológica, de qualquer palavra, de qualquer locução, de qualquer grupo ou de qualquer oração substantivados):

✓ *JOÃO é professor*;

✓ *A PEDRA rolou*;

✓ *ELA viajou a Portugal*;

✓ *Eram amigos O PATRÃO e seu SECRETÁRIO*;

---

[16] Sempre segundo nossas premissas, naturalmente.

[17] As gramáticas chamam-no ou "partícula indeterminadora do sujeito" ou "pronome indeterminador do sujeito". Não nos parece apropriado chamá-lo "partícula", que não é nome aplicável a classe gramatical. Podemos dizê-lo, porém, insista-se – e cremos que com mais propriedade pelas razões referidas (história e comutação) –, podemos dizê-lo *um como pronome indefinido.*

- ✓ *Urge QUE NOS PREPAREMOS;*
- ✓ *O K agora faz parte de nosso alfabeto;*
- ✓ *TRANS- é outro prefixo de origem latina;*
- ✓ *Não deve usar-se "EXCETO" neste contexto;*
- ✓ *"TINHA HAVIDO" é forma de terceira pessoa do singular do mais-que-perfeito do indicativo;*
- ✓ *O "QUERO-TE MUITO BEM" que se encontra nesta passagem é sujeito.*

➯ **OBSERVAÇÃO 1.** Para encontrar o sujeito de qualquer oração, basta que se pergunte a seu verbo *quem* ou *que*:

- ✓ – *Quem é professor?* – *JOÃO* (sujeito simples);
- ✓ – *Que rolou?* – *A PEDRA* (sujeito simples);
- ✓ – *Quem viajou a Portugal?* – *ELA* (sujeito simples);
- ✓ – *Quem eram amigos?* – *O PATRÃO e seu SECRETÁRIO* (sujeito composto);
- ✓ – *Que urge?* – *QUE NOS PREPAREMOS* (sujeito oracional)
- ✓ – *Que faz parte agora de nosso alfabeto?* – *O K* (sujeito simples);
- ✓ – *Que é outro prefixo de origem latina?* – *TRANS-* (sujeito simples);
- ✓ – *Que não deve usar-se neste contexto?* – *"EXCETO"* (sujeito simples);
- ✓ – *Que é forma de terceira pessoa do singular do mais-que-perfeito do indicativo?* – *"TINHA HAVIDO"* (sujeito simples);
- ✓ – *Que é o que se encontra nesta passagem e é sujeito?* – *O "QUERO-TE MUITO BEM"* (sujeito simples).

➯ **OBSERVAÇÃO 2.** Encontrado o SUJEITO,[18] todo o restante da oração será seu PREDICADO.

➯ **OBSERVAÇÃO 3.** Como se vê pelos exemplos, o sujeito pode ser

- *simples*, se constituído de UM SÓ NÚCLEO;
- *composto*, se constituído de DOIS OU MAIS NÚCLEOS;
- *oracional*, se constituído de ORAÇÃO SUBORDINADA SUBSTANTIVA (SUBJETIVA).[19]

➯ **OBSERVAÇÃO 4.** Quando exercem a função de SUJEITO, as *orações substantivadas* tornam-se núcleo ou de sujeito simples ou de sujeito composto. Não confundi-la, portanto, com as autênticas orações substantivas.

2.5.2. São sem sujeito *segundo a figura* as orações cujo verbo:

---

[18] Recorde-se que o que nos exemplos está em versalete é o NÚCLEO do sujeito.

[19] Adiante, estudaremos a oração enquanto é ou *substantiva*, ou *adjetiva*, ou *adverbial*.

2.5.2.a. signifique fenômeno da natureza (*chover, garoar, granizar, relampejar, trovejar, amanhecer, entardecer, anoitecer*, etc.):

✓ *Choveu muito esta tarde*;

✓ *Continua a relampejar*;

✓ *Esperemos que anoiteça*;

✓ etc.;

2.5.2.b. seja *haver* com o sentido de 'estar', de 'existir', de 'ocorrer', etc.:

✓ *Havia dois livros sobre a mesa*;

✓ *Ainda não há teorias a este respeito*;

✓ *Houve coisas ainda não explicadas*;

✓ etc.;

2.5.2.c. seja ou *haver* ou *fazer* para expressar tempo decorrido:

✓ *Casaram-se há dois meses*;

✓ *Fazia dez anos que haviam vindo para esta cidade*;

2.5.2.d. seja *ser* quando não se lhe segue predicativo:

✓ *Era* ao anoitecer de um dia de verão.

⇗ **Observação 1.** Insista-se em que em todos estes casos o verbo só se usa unipessoalmente e uninumericamente, ou seja, na terceira pessoa do singular; e em que o que nos exemplos de *haver* com o sentido de "estar" ou de "existir" é *segundo a significação* seu sujeito (*HAVIA dois livros sobre a mesa, Ainda não HÁ teorias a este respeito*, etc.) é *segundo a figura* e *sintaticamente* seu objeto direto.

⇗ **Observação 2.** O caráter unipessoal e uninumérico de tais verbos estende-se à parte morfológica ("auxiliar", ou melhor, *determinante*) que com eles forma locução verbal, ou ao verbo que com respeito a eles se comporta como tal parte morfológica:[20]

✓ *TINHA havido* (= *ocorrido*) *muitas catástrofes naquela cidade*;

✓ *VAI fazer cinco anos que faleceu*;

✓ *Começou a haver discrepâncias*;

✓ etc.

⇗ **Observação 3.** Entre os verbos que podem dar-se *segundo a figura* sem sujeito, *ser* constitui exceção: porque, com efeito, ainda quando desacompanhado de sujeito *segundo a figura*, é unipessoal mas não uninumérico:

✓ *É cedo ainda*;

✓ *Era outono*;

---

[20] Voltaremos a isto ao estudar as orações substantivas.

✓ *Já era noite*;

✓ *Hoje é (dia) 2 de fevereiro*;

✓ *Eram dias quentes* (= *Fazia dias quentes*);

✓ *São dezoito horas.*

▫ E é assim porque, como veremos na Oitava Parte, o verbo *ser* pode concordar com o predicativo:[21] é o que se dá aqui, em todos os exemplos.

▫ Ademais, como se pode ver ainda pelos exemplos, o verbo *ser* usa-se *segundo a figura* sem sujeito quando ajuda a expressar *tempo*, *ocasião*, *condição climática*, *data*, etc.

▫ Não raro, a construção de *ser* desacompanhado *segundo a figura* de sujeito é, ela mesma, FIGURA ANOMALÍSSIMA, decorrente de alguma antiga e grave deriva linguística. É o caso, por exemplo, de *São* DEZOITO *horas*: deveria dizer-se *É a* DÉCIMA OITAVA *hora* (ou *É a hora* DÉCIMA OITAVA). Mas a partir de certo ponto os numerais ordinais não são de fácil assimilação fora do registro culto, razão por que se passou a dizer "É DEZOITO horas", em típica substituição de ordinal por cardinal (um pouco como quando dizemos a um ascensorista "Dezoito" em vez de *Décimo oitavo*). Mas esta construção (com o verbo *ser* sem concordar com o predicativo) há de haver soado mal às camadas lusófonas mais letradas, motivo por que se passou então a dizer *São dezoito horas* – maneira que enfim se cristalizou no mesmo registro culto.

2.5.3. Quanto à ORDEM da oração,

2.5.3.a. considera-se *direta* aquela em que o sujeito vem anteposto ao verbo:

✓ *JOÃO é professor*;

✓ *A PEDRA rolou*;

✓ *ELA viajou a Portugal*;

✓ etc.;

(**OBSERVAÇÃO:** esta é a ordem primeva, afim ao entendimento [veraz] de que o verbo-predicado se segue ao sujeito porque a ação se segue ao agente; mas uma coisa é a ordem, digamos, lógica da oração; outra, sua ordem segundo o uso dos melhores escritores);

2.5.3.b. e considera-se *inversa* aquela em que o sujeito vem posposto ao verbo.

2.5.3.c. No registro culto, a ordem inversa é de regra:

- nas orações interrogativas iniciadas por *que*, *onde*, *quanto*, *como*, *quando* e *por que* (*porque* em Portugal):

✓ ***Que** desejais VÓS?*;

---

[21] Como se verá, trata-se também, falando propriamente, da única exceção à regra da concordância verbal.

✓ ***Onde*** *estão as CHAVES?*;

✓ ***Quanto*** *custa o QUADRO?*;

✓ ***Como*** *conseguiu ELE tal proeza?*;

✓ ***Quando*** *chegará sua IRMÃ?*;

✓ ***Por que*** *não lho dissseste TU?*

(**OBSERVAÇÃO 1**: se se intercala a locução expletiva ou enfática *é que*, deixa de ser de rigor tal inversão [conquanto ainda possa dar-se]):

✓ *Que **é que** VÓS desejais?* ou *Que **é que** desejais VÓS?*;

✓ *Quando **é que** sua IRMÃ chegará?* ou *Quando **é que** chegará sua IRMÃ?*;

✓ etc.;

OBSERVAÇÃO 2: quando a oração interrogativa não começa por nenhum dos referidos pronomes ou advérbios, o mais comum é o sujeito vir anteposto ao verbo:

✓ *Sua IRMÃ já chegou?*;

✓ *Este QUADRO é muito caro?*;

✓ etc.);

OBSERVAÇÃO 3: ser o mais comum, no entanto, não é o mesmo que ser de regra; e, como no português, ainda quanto à colocação, impera grande liberdade, também pode dizer-se [por opção estilística]:

✓ *Já chegou sua IRMÃ?*;

✓ *É muito caro este QUADRO?*;

✓ etc.;

- nas orações de "passiva sintética":

✓ *Vendem-**se** OBRAS raras*;

✓ *Não **se** devem fazer tais PERGUNTAS*;

- em orações imperativas, quando se usa o pronome reto por ênfase ou, mais amiúde, por paralelismo:

✓ ***Eu*** *não lho direi; dize-lho TU*;

- com os verbos *dizer*, *perguntar*, *responder* e semelhantes, nas orações justapostas[22] em que se nomeia aquele que proferiu a oração anterior:

✓ – *Que sabes* – ***perguntou****-lhe* o *PROFESSOR* – *a respeito disto?*;

✓ – *Não o aceitarei* – ***disse*** *o HOMEM*.;

✓ etc.;

---

[22] A noção de justaposição, vê-la-emos mais adiante. – Quanto às orações que ora tratamos, geralmente vêm entre travessões, ou entre vírgulas, ou entre um destes sinais e outro, como ponto, dois-pontos, etc.

- com os verbos *sobrar*, *restar* e outros que tais:
  - ✓ ***Sobrou**-nos DINHEIRO suficiente*;
  - ✓ ***Resta**-nos MUITO que resolver*;
  - ✓ etc.;
- quando o sujeito é oracional:
  - ✓ *É preciso QUE PARTAMOS*;
  - ✓ *Urge QUE O FAÇAS, e competentemente*;
- quando a oração se inicia por advérbio enfático:
  - ✓ ***Lá** vai ELA*;
  - ✓ ***Aqui** está O PROMETIDO*).

→ A depender de certa quantidade complexa de causas, pode dar-se ordem direta ou ordem inversa com os verbos intransitivos *aparecer*, *chegar*, *correr*, *faltar*, *permanecer*, *surgir* e outros que tais:

- ✓ *ELE **apareceu** quando já ia alta a noite*; ***Apareceram** enfim OS VIAJANTES*;
- ✓ *O MOÇO **chegou** cansado a casa*; ***Chegaram**-nos excelentes NOTÍCIAS*;
- ✓ *JOÃO e MARIA **correram** para não perder o trem*; ***Correm** RUMORES preocupantes*;
- ✓ *O ARTISTA **faltou** à promessa*; ***Faltam**-me poucos DIAS de férias*;
- ✓ *A FAMÍLIA **permaneceu** na casa da prima*; ***Permanecem** muitas DÚVIDAS*;
- ✓ *O NAVIO **surgiu** como do nada*; ***Surgem** PROBLEMAS inesperados*.

→ A depender ainda de certa quantidade complexa de causas, entre as quais a escolha estilística, pode dar-se já a ordem direta já a inversa no início de quase qualquer oração e com quase qualquer verbo:

- ✓ *RENATO disse-o*; *Disse-o RENATO*;
- ✓ *A SENHORA saiu e viu-o*; *Saiu A SENHORA, e viu-o*;
- ✓ *MÁRCIA julgara-o justo*; *Julgara-o justo MÁRCIA*;
- ✓ etc.

✐ **OBSERVAÇÃO.** Insista-se na grande liberdade de nossa língua também quanto à COLOCAÇÃO DO SUJEITO; mas insista-se também em que o problema reside, precisamente, em que fazer com tal liberdade. Pois bem, vê-se o bom escritor também pela adequada ou expressiva maneira de colocar. E não é possível aprendê-la cabalmente não só se não se estuda Gramática, mas se não se leem precisamente os melhores escritores. É ainda um modo helicoidal de aprendizado.

2.6. O PREDICADO.

2.6.1. As gramáticas sempre tinham dado as seguintes espécies de PREDICADO:

2.6.1.a. O PREDICADO VERBAL, ou seja, o que tem por NÚCLEO *um* VERBO:[23]

✓ *Pedro CAMINHA*;
✓ *COMPRAMOS muitos dicionários*;
✓ *PRESENTEEI-a com um vestido*;
✓ *Guimarães Rosa HAVIA LANÇADO seu primeiro livro*, Sagarana;
✓ etc.;

2.6.1.b. O PREDICADO NOMINAL, ou seja, o que tem por NÚCLEO *um* NOME[24] em função PREDICATIVA[25] e atribuído ao sujeito mediante algum verbo de *mera* cópula (chamado precisamente *verbo de cópula* ou *de ligação*):

✓ *Pedro **é** CAMINHANTE*;
✓ Sagarana ***é*** *OBRA máxima da literatura brasileira*;
✓ *A menina **está** DOENTE*;
✓ *Ele **anda** PENSATIVO*;
✓ *O músico austríaco **tornou-se** talvez O MAIOR dos compositores*;
✓ etc.;[26]

---

[23] No sentido mais corrente de oração, haverá tantas orações e, pois, tantos predicados quantos verbos houver. Mas atenção: equivale a *um só* verbo qualquer locução verbal, ou seja, os tempos compostos: *Haviam-no visto*, *Tem estudado muito*, *A esta altura, já terão chegado*, etc. Não assim, contudo, nenhum "grupo verbal", como em *Já o pode pois fazer*, *Queriam muito conhecê-la*, *Continuei a estudá-lo*, etc. É bem verdade que, segundo a figura, a locução verbal e estes "grupos" têm algo comum: sua segunda forma verbal não pode mudar-se em forma desenvolvida iniciada por *que*. Assim, *Parecia quererem* não constitui locução nem "grupo", porque podemos desenvolver a segunda forma verbal: *Parecia que queriam*. Mas constitui "grupo" *Pareciam querer*, porque, com efeito, é impossível desenvolver a segunda forma verbal. Pois bem, em *Parecia quererem* há duas orações e pois dois predicados. Quanto ao que há, precisamente, em *Pareciam querer*, vê-lo-emos mais adiante. Insista-se, todavia, em que nenhum "grupo verbal" equivale a um só verbo: em *Quer estudar*, por exemplo, e como voltaremos a dizer, o segundo verbo é, ele mesmo, objeto direto do primeiro, razão por que à pergunta *Quer estudar* pode responder-se: *Qué-lo*.

[24] Ou seja, *palavra substantiva* ou *palavra adjetiva*, *locução substantiva* ou *locução adjetiva*, *grupo substantivo* ou *grupo adjetivo*, ou algum *advérbio*; ou ainda uma *oração predicativa*.

[25] Para a função sintática de PREDICATIVO, *vide* mais adiante.

[26] O verbo *ser* é o paradigma dos verbos de cópula. Mas ele mesmo, a par de *estar*, *achar-se*, *andar*, *continuar*, *encontrar-se*, *ficar*, *parecer*, *permanecer*, *tornar-se* e outros que tais, nem sempre é de cópula. Assim,

✓ *Este filme é belíssimo* (verbo de cópula); *Disse Parmênides: o ente é* (= *existe*; verbo intransitivo);
✓ *Os abacates já estão maduros* (verbo de cópula); *A solução está* (= *reside*) *em compreendê-lo analogicamente* (verbo transitivo a relativo);
✓ *Antônio andou adoentado* (verbo de cópula); *Nós três andamos muito naquela tarde* (verbo intransitivo);
✓ *Aquela mulher continua bela* (verbo de cópula); *Virgínia continua a escrevê-lo* (verbo "auxiliar" aspectual?);

2.6.1.c. O PREDICADO VERBO-NOMINAL (OU MISTO), ou seja, o que tem DOIS NÚCLEOS, um *verbal* e outro *nominal* (este na função de *predicativo* já *do sujeito* já *do objeto*):

- ✓ *Teresa* CHEGOU CANSADA (em que *chegou* é o NÚCLEO VERBAL, e *cansada* é o NÚCLEO NOMINAL, na função de *predicativo do sujeito* [*Teresa*]);
- ✓ *ELEGERAM-no* DIRETOR (em que *Elegeram* é o NÚCLEO VERBAL, e *diretor* é o NÚCLEO NOMINAL, na função de *predicativo do objeto* [(*n*)*o*]).

2.6.2. Pois bem, tal modo de entender e de dividir o predicado era unânime entre os gramáticos, até que Evanildo Bechara viesse contestá-lo radicalmente. Antes de tudo, portanto, dêmos a palavra a Bechara. *In extenso*:

> «**Vale a pena distinguir predicado verbal e predicado nominal?** – Tal esvaziamento do signo léxico representado por estes verbos [os *de ligação*], esvaziamento que se supre com o auxílio de um nome (substantivo ou adjetivo), e a particularidade de concordar o predicativo em gênero e número com o sujeito [como veremos na Oitava Parte] levaram a uma distinção entre predicado *verbal* (*Pedro canta*) e predicado *nominal* (*Pedro é cantor, Maria é professora*), o que implicava retirar de tais verbos o *status* de verbo, – pois sua missão gramatical se restringiria a "ligar" (daí os nomes de *copulativos, de ligação* ou *relacionais* que se lhes atribuíam) o predicativo ao sujeito. A realidade

---

- ✓ *Meu tio encontra-se bem* (verbo de cópula); *Seu amigo encontra-se em casa* (verbo transitivo a circunstância);
- ✓ *O quadro ficou perfeito* (verbo de cópula); *Ambos ficaram no trabalho* (verbo transitivo a circunstância);
- ✓ *Todos parecem satisfeitos* (verbo de cópula); *Parecia sorrirem* (verbo intransitivo; sujeito: *sorrirem = que sorriam*);
- ✓ *Todos permanecemos sentados* (verbo de cópula); *Todos permanecemos no salão* (verbo transitivo a circunstância);
- ✓ *O russo tornar-se-ia um grande cineasta* (verbo de cópula); *A tripulação tornou-se para bordo* (= *voltou*; verbo transitivo a circunstância).

⬀ **OBSERVAÇÃO 1.** Estas três expressões: *verbo "auxiliar" aspectual?, verbo transitivo a circunstância* e *transitivo a relativo*, requerem explicação, que se dará mais adiante. Mas a mesma denominação *verbo de cópula* requer aprofundamento, o que também se fará adiante.

⬀ **OBSERVAÇÃO 2.** Com esta nota, já se antecipa um ponto muito importante da Sétima Parte: em sua quase totalidade, os verbos não são exclusivamente copulativos, ou exclusivamente intransitivos, ou exclusivamente transitivos desta ou daquela espécie. Segundo seu mesmo grau de plasticidade ou extensão semantossintática, podem ser isto ou aquilo a depender de como se usem em diferentes contextos oracionais.

> comunicada residiria no nome predicativo e o verbo seria apenas o marcador do tempo, modo e aspecto da oração. Ora, do ponto de vista funcional e formal, tais verbos apresentam todas as condições necessárias à classe dos verbos, incluindo-se aí os morfemas [o que nós chamamos acidentes ou desinências] de gênero [*sic*],[27] número, pessoa, tempo e modo; daí acompanharmos neste livro os linguistas e gramáticos que defendem a não distinção entre o *predicado verbal* e o *predicado nominal*, incluindo também a desnecessidade de distinguir o *predicado verbo-nominal*. Toda relação predicativa que se estabelece na oração tem por núcleo um verbo.
>
> Como o signo linguístico que aparece na função do predicativo costuma ser um nome – substantivo ou adjetivo –, a tradição gramatical passou a designar *nominal* a esse tipo de predicado complexo, para diferi-lo dos outros chamados verbais. Além da [*sem-razão*] dessa diferença, conforme acabamos de ver, cabe lembrar que funcionam como predicativo outras classes de palavras, inclusive advérbios.»[28]

2.6.3. "Nem tanto ao mar nem tanto à terra": a solução está no justo meio entre tais extremos. Comecemos por tratar a objeção, ou seja, a posição de Bechara.

2.6.3.a. Fala este de "esvaziamento do signo léxico representado por estes verbos [os *de ligação*]". Não entramos agora a discutir se alguma vez tais verbos tiveram mais carga semântica que a que têm hoje;[29] mas, antes de tudo, não é possível negar (e parece que Bechara não o faz) que ao menos emprestam "aspecto" ao *predicativo*, e isto é mais que expressar tempo, modo, número e pessoa. Com efeito, grande diferença semântica há entre *é doente, está doente, anda doente, ficou doente, tornou-se doente* – e isto não se consegue de modo, digamos (para usar terminologia afim à de Bechara), "morfêmico", até porque não há em português "morfema" ou acidente de "aspecto". Repita-se porém que Bechara, conquanto pareça conceder que tais verbos (quando de cópula) emprestam "aspecto" ao predicativo, afirma peremptoriamente que *não significam nada por si*. Mas também o afirma a mesma "tradição gramatical", e precisamente por afirmá-lo, ou seja, por considerar que tais verbos são *meramente* de cópula, é que recorrem à noção de "predicado nominal". Não está aí, portanto, a divergência.

---

[27] Os verbos indo-europeus não têm acidente ou desinência de gênero, se se excetua a forma participial. Nesta, todavia, a desinência não é verbal, mas *nominal*.

[28] Evanildo Bechara, *Moderna Gramática Portuguesa*. 37ª. ed. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira/Editora Lucerna, 2009, p. 426.

[29] Mas diremos, sim, que não é possível dar-se nenhuma palavra "esvaziada de significado". Se o fosse, não seria palavra, cuja definição é justamente "unidade mínima de significado".

2.6.3.b. Prossegue Bechara dizendo que a distinção entre predicado verbal e predicado nominal "implicava retirar de tais verbos o *status* de verbo, – pois sua missão gramatical se restringiria a 'ligar' [...] o predicativo ao sujeito. A realidade comunicada residiria no nome predicativo e o verbo seria apenas o marcador do tempo, modo e aspecto da oração". Já vimos que emprestar "aspecto" não está no mesmo plano que "marcar" tempo, modo, etc. Mas insiste Bechara em que aquela distinção implica retirar aos verbos de cópula nada menos que o mesmo estatuto de verbo, e fundamenta sua crítica: "do ponto de vista funcional e formal, tais verbos apresentam todas as condições necessárias à classe dos verbos, incluindo-se aí os morfemas de gênero [*sic*], número, pessoa, tempo e modo". Pergunte-se-lhe: que gramático tira aos verbos de cópula tais condições, incluídos tais "morfemas"? Não conhecemos nem um; e, ainda que haja algum, não estará entre os mais importantes da "tradição gramatical". Se assim é, não poderia discrepar Bechara daquela distinção pela razão que aduz (a retirada do estatuto de verbo por parte da tradição gramatical), razão carente de fundamento na realidade; mas parece ser a única que aduz.

2.6.3.c. Ou talvez aduza outra: "Toda relação predicativa que se estabelece na oração tem por núcleo um verbo". Mas poderá o núcleo de qualquer coisa linguística ser "esvaziado de sentido"? Eis a pergunta que parece nem sequer ocorrer a Bechara. Depois, quando diz que "toda relação predicativa que se estabelece na oração tem por núcleo um verbo", não está claro se tem em mente a língua portuguesa ou a linguagem em geral. Mas é da correta resposta a estas perguntas que depende o juízo sobre a posição de Bechara, motivo por que nos ocuparemos delas agora, a começar pela segunda.

- Antes de tudo, se no português e na maioria das línguas indo-europeias "toda relação predicativa que se estabelece na oração tem por núcleo um verbo", tal não é verdade para o chinês, para outras línguas orientais, etc., e nem sequer, entre as línguas indo-europeias, ao menos para o russo: naquelas línguas nunca houve (ou já não há) verbo de cópula, enquanto no russo o há, mas não se usa no presente do indicativo. Em todas estas, dir-se-ia: *João – professor* (em russo: Джон – преподаватель), em vez de *João é professor*. Logo, o que diz Bechara ("toda relação predicativa que se estabelece na oração tem...") não tem caráter necessitante ou absoluto na linguagem.[30]

- Depois, por começo de resposta à primeira e mais importante pergunta, atente-se a que nenhuma palavra pode ser "esvaziada de sentido" (até porque, como dito e redito, *a palavra é a unidade mínima de significado*). E isto é assim, ou seja, não pode haver palavra "esvaziada de sentido", porque a SIGNIFICAÇÃO ou SIGNIFICADO é como a *forma* da palavra, assim como o é a alma para qualquer vivente: com efeito, tire-se a significação de uma palavra, e ela, de certo modo, tornar-se-á tão cadáver como o corpo de um animal já sem alma. Tome-se, insista-se, uma palavra de outra língua: o vocábulo espanhol *boato*, por exemplo. Logo vemos, pelo contexto em que se usa, que não pode tratar-se do mesmo que o português *boato*: é, com respeito a este, um heterossemântico (e vice-versa). Que temos então diante de nós? Um corpo linguístico, sim, com figura externa de palavra; como porém não sabemos o que significa, mostra-se-nos como algo morto, sem vida. Apenas lhe saibamos, todavia, a significação – 'pompa, magnificência' –, é como se prontamente adquirisse vida. E de fato é a significação o que lhe insufla "vida", justamente por ser sua forma. Por ser sua "alma".

α. Poderia arguir-se que há palavras, como os conectivos absolutos, que não fazem senão ligar, qual "parafusos", partes da oração; e que os verbos de cópula podem contar-se entre estes. Mas já vimos que as mesmas preposições (e, como se verá, as mesmas conjunções) não só têm carga semântica, senão que a emprestam relacionalmente aos termos que ligam. Mais precisamente, como dito, os conectivos têm *significado em potência*, e é isto o que queremos dizer por *sua carga semântica*. No entanto, tal significado potencial só se atualiza na própria relação que os conectivos estabelecem entre o antecedente e o consequente. Se digo apenas *sobre* ou *sob*, nada expresso; é como se se tratasse de palavras "esvaziadas de sentido". Basta que as façamos exercer seu mesmo papel de conectivos para que sua carga semântica se atualize: com efeito, *estar sobre a mesa* e *estar sob a mesa* são circunstâncias ou modos opostos que só se expressam como tais graças à respectiva preposição.[31] – Mas para Bechara os verbos de cópula são *núcleos de predicado* (papel que jamais ninguém pensaria atribuir aos conectivos), razão por que não os chama *de cópula*, mas "transitivos predicativos".

---

[30] O que se acaba de dizer não impugna o dito mais acima, ou seja, que a Filosofia não poderia ter-se desenvolvido plenamente com uma língua a que faltasse o verbo *ser*.

[31] *Vide* nota 125 *supra*.

Observação. Parece de todo inadequada a denominação "verbo transitivo predicativo", porque, com efeito, o verbo de cópula no máximo poderia chamar-se "verbo transitivo *a* predicativo". Mas tampouco parece adequada esta última denominação, porque o verbo de cópula propriamente não transita ao predicativo, senão que antes o liga ou copula ao sujeito. Esta última afirmação, insista-se, é fundamental para a correta resposta à questão que nos ocupa. Antes, no entanto, vejamos qual o significado dos verbos de cópula.

β. Comecemos por estudar o significado do verbo *ser*, porque, como dito em nota *supra*, ele é o paradigma dos verbos de cópula. Mas ele mesmo, prosseguia a nota, nem sempre é de cópula. Agora devemos dizer melhor: ele originalmente não é de cópula, o que pode justificar-se pela mesma inexistência em tantas línguas do verbo *ser* de cópula. Em nenhuma, todavia, há de faltar verbo equivalente a *ser* como 'existir', ou seja, como verbo intransitivo. Tome-se exemplo português da mesma nota: *Disse Parmênides: o ente é*, assim como pode dizer-se *Pedro é*, *Fantasma não é*, etc. Pois bem, *ser* (como 'ser em ato', como 'existir') é mais que *ser mamífero*, que ser *negro*, que *ser professor*, etc., porque, com efeito, nada pode ser mamífero, ou negro, ou professor, etc., se antes não *é*, se antes não existe. Mas por isso mesmo, ou seja, porque ser mamífero, ser negro, ser professor são distintos modos de *ser*, por isso mesmo é que para ajudar a expressá-lo se usa o mesmo verbo que expressa aquilo sem o qual não é possível ser nada: *ser* (= ser em ato, existir).

γ. Mas três coisas são patentes. Primeira, que o "é" de *João é negro* não tem o mesmo sentido que o de *João é*, ainda que decorra dele. Enquanto *João é* significa que *João é em ato* (ou *existe*), *João é negro*, por seu lado, significa que *João é em ato negro*. Segunda, que de fato o "é" de *João é negro* liga ou copula "negro" a "João", ou, em outras palavras, indica que "negro" pertence a "João". Já vimos que em algumas línguas bastaria dizer *João – negro*. Mas não assim em português e em tantas outras, e nestas o "é" de *João é negro* significa exatamente isto: "a qualidade negro pertence a João", "é qualidade de João", "é qualidade inerente a João". Mas naturalmente, assim como a carga semântica das preposições só se atualiza na relação que elas mesmas estabelecem entre um antecedente e um consequente, assim também o significado completo do ser de cópula só se atualiza na relação que ele estabelece de um predicativo a um sujeito.

Observação. Enquanto a preposição relaciona um termo subordinado a um termo subordinante, o verbo *ser* de cópula liga um predicativo a um sujeito, e esse mesmo predicativo pode encerrar preposição mais termo subordinado. (O inverso, obviamente, é impossível.) Assim, em *A mesa é de mármore*:

– *A mesa* é sujeito;

– *de* (preposição) *mármore* é predicativo;

– e é este predicativo com preposição inclusa o que se atribui ao sujeito.[32]

δ. Os demais verbos de cópula são como variações do verbo *ser*. Antes de tudo *estar*, que é variação ibérica: afora o português, o galego e o espanhol, nenhum idioma tem equivalente do verbo *estar* (o francês *Il est malade* pode traduzir-se quer por *Ele é doente* como por *Ele está doente*, a depender tão somente do contexto; e diga-se o mesmo do inglês *He is ill* ou *sick*). Mas também os demais: *achar-se*, *andar*, *ficar*, *tornar-se... doente*. Todos continuam a significar o mesmo: que certa qualidade, *doente*, pertence a um sujeito. Mas esta qualidade pode pertencer-lhe permanentemente (*é doente*), temporariamente (*está doente*), passar a pertencer-lhe (*ficar doente*), passar a pertencer-lhe permanentemente (*tornar-se doente*), etc. Trata-se, pois, de variação por acréscimo ou superposição de sentido.

ε. Sabido, pois, que o verbo de cópula não é "esvaziado de significado" e que, porém, liga efetivamente o predicativo ao sujeito, cabe-nos responder enfim a se, como diz Bechara, o verbo de cópula (que, como vimos, ele diz "transitivo predicativo") é núcleo do predicado constituído por ele mesmo e pelo predicativo. Para Bechara, o verbo de cópula é transitivo pela mesma razão por que o é, por exemplo, o verbo *comprar*: se se diz *João é*, este *é* necessitaria complemento do mesmo modo que o necessitaria *comprar* em *João compra*:

– *João é negro*;

– *João compra livros*.

Mas este é erro de perspectiva. O verbo de *João compra livros* pode reduzir-se – de modo semelhante, aliás, a como o pode todo e qualquer verbo não de cópula – a *João é comprante de livros* (assim como *João caminha* → *João é caminhante*; *João ouve a filha* → *João é ouvinte da filha*; etc.). Se pois a VERBO SER DE CÓPULA + PREDICATIVO se reduz todo e qualquer verbo,[33] então não se trata do mesmo.

---

[32] Como se disse, contudo, toda e qualquer preposição serve para subordinar uma ideia a outra, o que implicar ter um consequente e um antecedente. Mas no predicativo *de mármore* do exemplo não se vê antecedente. É que *de mármore* é mera locução equivalente a *marmórea*.

[33] E não obsta a isto que por vezes seja materialmente difícil tal redução. Dizer porém que todo e qualquer verbo se reduz a VERBO SER + PREDICATIVO não implica que os verbos não de cópula tenham resultado histórica e linguisticamente de tal conjunto – e com isso se atalha uma das principais objeções a esta tese. Trata-se de redução ao fundo semantoconceptual que informa tais orações.

☞ **Observação.** Ademais, se se suprime o predicativo, o verbo *ser* de cópula volta à sua origem intransitiva: *João é*, o que obviamente não sucede com o verbo *comprar* nem com nenhum outro verbo transitivo.

ζ. Pois bem, com todo o dito acima e especialmente em **ε**, temos já perfeita condição para solucionar o problema que nos ocupa.

- Antes de tudo, não deixa de ter razão Bechara ao afirmar que o verbo de cópula é NÚCLEO DO PREDICADO. Com efeito, em português (como na maioria das línguas indo-europeias), o verbo de cópula cumpre em parte o papel que todo e qualquer verbo:
    - ▫ concorda (em princípio) com o sujeito em *número* e *pessoa* (*Eles são professores*, como *Eles caminham*);
    - ▫ expressa, como todo e qualquer verbo, *tempo* e *modo* (*Se eles fossem estudiosos*, como *Se eles caminhassem*);
    - ▫ e sobretudo faz o predicado sê-lo, porque em português (como na maioria das línguas indo-europeias) ou o predicado tem por núcleo um verbo ou não será predicado.

☞ **Observação 1.** Insista-se, porém: *em português*, como na maioria das línguas indo-europeias. Não se trata de nota universal da linguagem, conquanto se possa dizer, por outro lado, que construções como *João – professor* se reduzem a *João é professor*, etc.[34]

☞ **Observação 2.** Insista-se também, todavia, em que discrepamos de Bechara quanto a ser "esvaziado de sentido" o verbo de cópula. Não o é, como mostrado mais acima.

- Por outro lado, tem razão a "tradição gramatical" em apontar o caráter copulativo desta classe de verbo. Com efeito, enquanto em *João compra livros* o objeto direto (*livros*) é parte INTEGRANTE E ANALÓGICA do verbo (*compra*), e constitui com ele predicado redutível a (*João*) *é comprante de livros*, o verbo de *João é professor* liga ou copula *professor* a *João*, e *professor* não é parte *integrante*[35] sua, ainda que seja parte sua na medida mesma em que é acidente seu. E tudo o que se acaba de dizer pode provar-se pelo exemplo mesmo das línguas em que não há verbo de cópula:

---

[34] E insista-se ainda: *reduzir-se* não é o mesmo que originar-se historicamente. Ademais, não nos ocupamos aqui de qual seja a verdade histórica: se as línguas que não têm hoje verbo de cópula o perderam, ou se as que hoje o têm o ganharam.

[35] Atente-se a que *integrante* se usa aqui tão somente em sentido gramatical.

- pode dizer-se *João – professor*;
- mas não pode dizer-se, em língua alguma, "João – livros".

- Logo, o verbo *de cópula* de fato o é, e, enquanto o é, o predicativo que ele liga ao sujeito também tem razão de núcleo de predicado, e pois de predicado nominal, como sempre sustentou a tradição gramatical.
- Se assim é, CONCLUSÃO:
  - pelas razões assinaladas, tanto o verbo de cópula como o predicativo podem, *por ângulo diverso*, dizer-se núcleo de PREDICADO (o primeiro, *verbal*; o segundo, *nominal*);
  - como porém se atribuem *conjuntamente* ao sujeito, não pode evitar-se a conclusão direta de que se trata de *um só predicado*, digamos, *"verbo-nominal"*:

– sujeito de *João é professor*: *João*;

– predicado binuclear de *João é professor*: *é professor*;[36]

- atendendo todavia a que, primeiro, o verbo de cópula realmente liga um nome predicativo ao sujeito e, segundo, na atualidade da língua o predicado de VERBO DE CÓPULA + PREDICATIVO efetivamente difere dos demais, devemos seguir chamando-o, segundo a "tradição gramatical", PREDICADO NOMINAL – até por razões práticas ou operacionais.

2.6.4. Mas resta um caso de si mais complexo, ou seja, o do predicado tradicionalmente chamado VERBO-NOMINAL ou MISTO, denominação também impugnada, como visto, por Bechara. Para o discutirmos, partamos das seguintes palavras, agora, de Rocha Lima, também transcritas *in extenso*:

> «O *predicado verbo-nominal* ou *misto* tem dois *núcleos:* um, expresso por um *verbo*, intransitivo ou transitivo; outro, indicado por um *nome*, chamado, também, *predicativo*.
>
> A razão é que o predicado misto representa a fusão de um predicado verbal com um predicado nominal. Exprimindo um fato, encerra a definição de um ser [esta última frase, infelizmente, não é clara].
>
> Cumpre distinguir dois casos:
>
> 1) O predicativo se refere ao sujeito da oração:
>
> O trem chegou *atrasado*,
>
> onde os elementos resultantes da decomposição seriam:

---

[36] Já diremos em que se distingue este predicado "verbo-nominal" do tradicionalmente chamado *verbo-nominal*.

O trem chegou.
e
(O trem estava) atrasado.

2) O predicativo se refere ao objeto direto e, mais raramente, ao indireto, exprimindo, às vezes, a *consequência* do fato indicado no predicado verbal:

A Bahia elegeu Rui Barbosa *senador*,

como que cruzamento das orações:

A Bahia elegeu Rui Barbosa.
e
(Rui Barbosa ficou) senador.

Exemplo de predicativo do objeto indireto:

Todos lhe chamavam *ladrão*!

O predicativo *ladrão* se refere ao objeto indireto *lhe*. O predicativo pode vir precedido de uma das preposições *de*, *em*, *para*, *por*, da palavra *como*, ou de locução prepositiva. Exemplos:

Ele graduou-se *de doutor*.
Davi foi ungido *em rei*.
Todos o consideravam *como um aventureiro*.
Sempre o tiveram *por sábio* (ou *na conta de sábio*).»[37]

2.6.4.a. Pois bem, diga-se antes de tudo que o passo de Rocha Lima contém indicação preciosa (a de que o predicado dito misto efetivamente se desdobra em dois), fundada nas seguintes palavras de Said Ali:

---

[37] Rocha Lima, *op. cit.*, p. 294-95. – Mas igualmente correto é dizer ou escrever:

Ele graduou-se doutor.
Davi foi ungido rei.
Todos o consideravam um aventureiro.

Já não assim em *Sempre o tiveram* *por sábio*, que não dispensa a preposição. – O verbo *ter* tem aqui o sentido de *reputar*, *considerar*. Se porém se emprega com o sentido de *apreciar*, *estimar*, então preferentemente se usa *como*: *Marcos tinha o primo* *como* ***a*** *um irmão*. Atente-se, todavia, à presença da preposição ***a*** antes de *um irmão*. Está aí porque, se não estivesse, poderia considerar-se não fosse o primo de Marcos o tido por irmão, senão que fosse Marcos o tido por irmão do primo. É diferença sutil, mas efetiva. E pode fazer-se tal uso da preposição *a* ainda quando não seja possível anfibologia alguma: *Maria tinha o primo como* ***a*** *um irmão* (o que é diferente de *Maria tinha-se como irmã do primo*).

> «Nada mais claro nem mais conciso do que esses dizeres em que dois vocábulos valem, associados, por duas proposições [*sic*; como diríamos nós, *orações*] distintas. *Partiu doente* resulta dos pensamentos *partiu* e *estava doente quando partiu*. Daí o uso, em latim e outros idiomas, do caso nominativo para o anexo [= predicativo] em tais frases.»[38]

Não podemos senão concordar com tais palavras, que mostram, ademais, a justeza do recurso à *redução*.[39]

2.6.4.b. Se porém assim é, se se pode proceder a tal redução do predicado chamado misto, temos então de ser consequentes e afirmar que podemos proceder a operação semelhante com respeito ao predicado tradicionalmente dito nominal, porque, com efeito, em

– *João é professor*

há como que cruzamento das orações

– *João é* (= é em ato, existe)

e

– *é professor* (= tem a qualidade de ser professor),

porque, com efeito, não se pode *ser professor* sem antes *ser*.

2.6.4.c. Se assim é, já se pode saber precisamente qual a diferença entre o predicado tradicionalmente chamado nominal e o predicado também tradicionalmente chamado verbo-nominal. É que, no uso efetivo da língua, ou seja, antes de qualquer redução, o primeiro se compõe de duplo núcleo constituído de verbo de cópula + predicativo, enquanto o segundo se compõe de duplo núcleo constituído de verbo não de cópula + predicativo, seja este do sujeito ou do objeto (direto ou indireto).

2.6.4.d. E é exatamente pelas mesmas razões práticas ou operacionais por que devemos seguir usando o nome tradicional de *predicado nominal* que também havemos de seguir usando o de *predicado verbo-nominal* ou *misto*.

---

[38] Said Ali, *op. cit.*, p. 157, nota, *apud* Rocha Lima, *op. cit.*, p. 294, nota.

[39] O curioso, porém, é que imediatamente às palavras que se transcreveram apõe Said Ali as seguintes: "À análise do gramático ou linguista não compete, claro é, volver a essa operação psicológica [*sic*] nem decompor em muitas palavras o que a linguagem se limita a expressar em dois vocábulos". Pois bem, se tal não compete ao gramático nem ao linguista, fica-se sem saber quem foi o autor daquela decomposição, se algum não gramático ou algum não linguista. Fica-se sem saber como se consideraria a si mesmo Said Ali. Mas tal postura como que "esquizoide" não é senão reflexo do ditame nada científico de que o gramático há de ser ou sincrônico ou diacrônico, ou descritivo ou investigativo, porque não pode estudar a língua por todos os seus aspectos em ordem ao normativo. Isto, todavia, não é senão a introdução mais brutal da parcialização geral do trabalho no âmbito do saber.

⇗ **Observação.** Lembre-se porém que para Evanildo Bechara todos os predicados se reduzem a predicados verbais. Mas havemos de dizer nós que o próprio predicado tradicionalmente chamado verbal se reduz, ao fim e ao cabo, ao mesmo a que se reduz qualquer dos predicados tradicionalmente ditos nominais – assim:

– *João* *compra livros* (tradicionalmente, predicado verbal) reduz-se a

– *João* *é comprante de livros* (tradicionalmente, predicado nominal), que se reduz, enfim, a

– *João* *é* e *é comprante de livros*.[40]

§ Ademais, conclui-se das nossas premissas que, por certo ângulo, também o PREDICATIVO pode dizer-se *termo essencial da oração.*

2.7. OS DEMAIS TERMOS DA ORAÇÃO: AS DEMAIS FUNÇÕES SINTÁTICAS.

2.7.1. Todos os demais termos da oração são parte ou do sujeito ou do predicado, ou ainda do predicativo; e ou são parte INTEGRANTE de um nome ou de um verbo, ou lhe são ADJUNTOS.

2.7.2. Ser parte integrante de um nome ou de um verbo quer dizer exatamente que completa seu sentido, ou seja, sem esta parte tal nome ou tal verbo nem sequer significariam perfeitamente. Com efeito, nota-se com facilidade que o pronome *Quem* de

– *Quem / não progride intelectualmente.*

está incompleto, e diga-se o mesmo do verbo de

– *João / compra...*

Basta todavia que os completemos como devido para que signifiquem perfeitamente:

– *Quem* NÃO LÊ */ não progride intelectualmente.*;

– *João / compra* LIVROS.,

e o que se vê em VERSALETE são justamente TERMOS INTEGRANTES, o primeiro do pronome *Quem*, que é núcleo do sujeito, e o segundo do verbo *compra*, que é núcleo do predicado. Mas são parte INTRÍNSECA sua no contexto oracional, o que implica que, *falando com toda a propriedade*, o núcleo de tal sujeito não seja *Quem*, mas *Quem não lê*; e que o núcleo do tal predicado não seja *compra*, mas *compra livros*.[41]

---

[40] Obviamente, também os dois predicados supostos no predicado misto hão de reduzir-se ao mesmo, ainda que nem sempre possamos realizar materialmente tal redução. Não só não possamos: também *não queiramos*, porque, com efeito, tal redução não deve mudar-se-nos numa sorte de jogo lógico-linguístico. Trata-se tão somente, como dito, de reconhecer um fundo último semantoconceptual para todos os predicados.

2.7.3. Ainda porém que agora esteja completo o sentido tanto de tal sujeito como de tal predicado, podem acrescentar-se-lhes, todavia, outros termos. Por exemplo:

– *Quem* NÃO LÊ ***muito*** */ não progride intelectualmente.*;

– *João /* ***só*** *compra* LIVROS ***bons*****.**

Pois tais novos termos, que não são intrinsecamente parte do núcleo, são porém parte *extrínseca* sua, e chamam-se PARTES ADJUNTAS.

OBSERVAÇÃO. Ao contrário, contudo, do que sempre disse boa parte das gramáticas, não deve confundir-se o par integrante-adjunto com um par essencial-acessório (e pois indispensável-dispensável). Os termos integrantes não são essenciais senão no sentido, precisamente, de que são analogicamente parte *intrínseca* do núcleo do sujeito ou do núcleo do predicado (ou ainda do núcleo do predicativo). Mas os adjuntos, se são parte extrínseca do núcleo, são porém PARTE INTRÍNSECA do mesmo sujeito e do mesmo predicado (ou do mesmo predicativo), porque dizer *Quem* NÃO LÊ ***muito*** */ não progride intelectualmente* não é o mesmo que dizer *Quem* NÃO LÊ */ não progride intelectualmente*, e dizer *João /* ***só*** *compra* LIVROS ***bons*** não é o mesmo que dizer *João / compra* LIVROS. Com efeito, alguém pode considerar que basta ler para progredir intelectualmente, enquanto outro pode considerar que só progride intelectualmente quem lê *muito*. De modo semelhante, uma coisa é que João compre livros, e outra é que *só* compre livros *bons*.

2.7.4. Há duas espécies de *termos integrantes*: o COMPLEMENTO NOMINAL e o COMPLEMENTO VERBAL.

2.7.4.a. Como dito, o **COMPLEMENTO NOMINAL** é o termo que integra a significação de um nome, seja este substantivo ou correlato, adjetivo ou correlato, ou advérbio ou correlato.[42]

---

[41] Não se conclua todavia do anterior que um termo integrante só o pode ser de núcleo de sujeito ou de núcleo de predicado. Assim, em *Estuda o descobrimento...*, *o descobrimento* é parte integrante do núcleo *Estuda*; mas também esta parte está incompleta, razão por que ela mesma necessita de termo integrante: por exemplo, *do Brasil*. Mas agora *o descobrimento do Brasil* é em conjunto parte integrante de *Estuda*; enquanto *Estuda o descobrimento do Brasil* é em conjunto o núcleo (e o mesmo predicado) desta oração.

[42] Naturalmente, entenda-se por substantivo também a locução substantiva; por adjetivo também a locução adjetiva; e por advérbio também a locução adverbial. E entenda-se por correlato de substantivo um pronome, um numeral ou um grupo, sempre, é claro, substantivos; de adjetivo um pronome, um numeral ou um grupo, sempre, é claro, adjetivos; de advérbio um grupo adverbial. – Ademais,

⇗ **Observação.** Como lembra Rocha Lima, "tais complementos têm recebido várias denominações: *objeto nominal* (Maximino Maciel), *adjunto restritivo* (Alfredo Gomes), *complemento restritivo* (Carlos Góis), *complemento terminativo* (Eduardo Carlos Pereira, Sousa Lima)".[43] A razão para tal variedade denominativa é o considerar o assunto de ângulos diversos; mas ainda aqui preferimos seguir a tradição gramatical majoritária.

- Exemplos de COMPLEMENTO NOMINAL:
  - ✓ *A* INVENÇÃO [substantivo] *da perspectiva* [complemento nominal] *na pintura* [complemento nominal] *deu-se no século XV* (ou seja, o substantivo *invenção* tem por complemento *da perspectiva na pintura*);
  - ✓ *O* VOO [substantivo] *a Belo Horizonte* [complemento nominal] *não enfrentou turbulência alguma*;
  - ✓ *A sentença foi* FAVORÁVEL [adjetivo] *ao réu* [complemento nominal];[44]
  - ✓ *Pronunciaram-se* CONTRARIAMENTE [advérbio] *à guerra* [complemento nominal].

⇗ **Observação 1.** Note-se que os COMPLEMENTOS NOMINAIS vêm sempre regidos de preposição, justamente porque encerram ideia subordinada à ideia significada pelo nome que completam.

⇗ **Observação 2.** Os COMPLEMENTOS dados acima a título de exemplo compõem-se, eles mesmos, ademais, de núcleo e de complemento(s) e/ou adjunto(s). Analisemos os exemplos.

▫ No primeiro (*da perspectiva na pintura*), *de* é a preposição regente; o artigo *a* que com ela se contrai é adjunto do núcleo (*perspectiva*) do complemento total; *na pintura* é, por sua vez, como dito, complemento nominal do núcleo e rege-se da preposição *em*. – E, enquanto *da perspectiva* constitui grupo substantivo, *na pintura* constitui grupo adverbial.

▫ No segundo (*a Belo Horizonte*), *a* é a preposição regente, enquanto *Belo Horizonte* é o núcleo do complemento. – Ademais, *a Belo Horizonte* constitui grupo adverbial.

▫ No terceiro (*ao réu*), *a* é a preposição regente; o artigo *o* que com ela se contrai é adjunto do núcleo (*réu*) do complemento; e o substantivo *réu* é o núcleo solitário deste.

---

como decorre do que vimos vendo, nome é antes de tudo o substantivo; depois, o adjetivo; e por fim, ainda que mais distantemente, o advérbio.

[43] Rocha Lima, *op. cit.*, p. 296.

[44] Como veremos, em verdade *ao réu* está em turvíssima fronteira sintática.

▫ No quarto (*à guerra*), *a* é a preposição regente; o artigo *a* que com ela se craseia é adjunto do núcleo (*guerra*) do complemento total; e o substantivo *guerra* é o núcleo solitário deste.

⇗ **Observação 3.** Quanto à tão complexa e controversa distinção entre *complemento nominal* e *adjunto adnominal*, tratá-la-emos depois de estudado o adjunto adnominal.

2.7.4.b. Por seu lado, o COMPLEMENTO VERBAL divide-se em quatro espécies: primeira, *complemento acusativo* (ou *objeto direto*), que não se subdivide senão quanto ao que significa; segunda, *complemento indireto*, que se subdivide em *complemento dativo* (ou *objeto indireto*) e *complemento relativo*; terceira, *complemento circunstancial*; quarta, *agente da passiva*.

α. Em princípio, OBJETO DIRETO é o complemento que, na voz ativa, designa O PACIENTE da ação verbal:

- ✓ *João* (sujeito agente da ação verbal) *compra* *livros* (paciente da ação, *compra*, do sujeito agente).

⇗ **Observação.** Como visto, todavia, casos há em que o objeto direto é *como que* o agente da ação verbal, como em *O doente padece* *muitas dores* (objeto direto).

- Ainda em princípio, o OBJETO DIRETO pode mudar-se em sujeito paciente da voz passiva:
  - ✓ *Os livros* (sujeito paciente da ação verbal) *foram comprados* *por João* (agente da voz passiva).
- Na terceira pessoa, corresponde aos pronomes *o, a, os, as*:
  - ✓ *João comprou* *os livros* (objeto direto) > *João comprou-**os* (objeto direto pronominal);
  - ✓ *O doente padece* *muitas dores* (objeto direto) > *O doente padece-**as* (objeto direto pronominal).

⇗ **Observação 1.** Estes pronomes, portanto, são sempre única e exclusivamente OBJETIVOS DIRETOS, se se excetua o já tão referido caso de "sujeito acusativo": por exemplo, *Mandou-**os* *estudar*, em que *os* é objeto direto de *Mandou* e sujeito de *estudar*.[45]

⇗ **Observação 2.** Constitui erro grave o hábito coloquial brasileiro de usar o pronome *lhe/lhes* (objetivo indireto dativo) em lugar de pronome objetivo direto:

- ✓ "Eu lhe vi" (em lugar do correto *Eu vi-**o* ou *Eu* *o* *vi*);

---

[45] Veremos mais adiante que os demais pronomes oblíquos átonos podem ser tanto objetivos diretos como objetivos indiretos.

- ✓ "Não lhe conheço" (em lugar do correto *Não o conheço*);
- ✓ "Ele lhes ama muito" (em lugar do correto *Ele ama-os muito* ou *Ele os ama muito*);
- ✓ "Quer que lhe ajude?" (em lugar do correto *Quer que o ajude?*).

⬀ **OBSERVAÇÃO 3.** Em princípio, encontra-se o OBJETO DIRETO mediante pergunta com *o quê* ou *a quem* pospostos ao verbo:

- ✓ *João compra livros.* > *João compra* O QUÊ? > LIVROS (objeto direto);
- ✓ *O doente padece muitas dores.* > *O doente padece* O QUÊ? > *Muitas* DORES (objeto direto);
- ✓ *A menina beijou a mãe.* > *A menina beijou* A QUEM? A MÃE (objeto direto).

⬀ **OBSERVAÇÃO 4.** Ao OBJETO DIRETO, compô-lo-á ou um substantivo ou locução substantiva isolada; ou um pronome substantivo; ou ainda um grupo substantivo, que, naturalmente, terá por núcleo um substantivo ou correlato.

- O OBJETO DIRETO pode expressar:
  - ▫ o ente sobre o qual recai a ação:
    - ✓ *Educa os* FILHOS;
    - ✓ *Organiza os* LIVROS *na estante*;
    - ✓ *Organiza-*OS;
    - ✓ etc.;
  - ▫ o que resulta da ação:
    - ✓ *Constroem um* EDIFÍCIO;
    - ✓ *Compôs uma* SINFONIA;
    - ✓ *Compô-*LA;
    - ✓ etc.;
  - ▫ o conteúdo mesmo da ação:
    - ✓ *Pensa-*O *detidamente*;
    - ✓ *Estudava* ARTES;
    - ✓ *Estamos concebendo um* PROJETO;
    - ✓ etc.;

– *et reliqua.*

- Diz-se OBJETO DIRETO[46] porque, em princípio e ao contrário do que se dá com o objeto indireto, não medeia preposição entre o verbo e o mesmo objeto, ou, em outras palavras, porque *a ação do verbo transita diretamente para seu*

---

[46] Seu outro nome, ACUSATIVO, deriva do nome do *caso* latino que corresponde à mesma função sintática: assim, em *Rosam video* (Vejo a rosa), a desinência casual *-am* indica, precisamente, que se trata desta função.

objeto. Casos há, porém, em que se usa – ou obrigatoriamente ou eletivamente – preposição entre o verbo e o objeto direto. Quando tal se dá, este passa a chamar-se OBJETO DIRETO PREPOSICIONAL OU PREPOSICIONADO.

→ No português atual, o objeto direto é OBRIGATORIAMENTE preposicionado:

- quando o exerce PRONOME PESSOAL OBLÍQUO TÔNICO:[47]
  - ✓ "Júlio César conquistou
    O mundo com fortaleza;
    Vós a MIM com gentileza"
    (Camões);
  - ✓ *Vi-o a ELE e não a ELA*;
- quando o exerce o pronome QUEM, com antecedente explícito ou sem ele:[48]
  - ✓ *Sua amiga, a QUEM tanto ama, partirá dentro de poucos dias*;
  - ✓ "Eu sou Daniel, aquele eremita, [*sic*] a QUEM tal ano, [*sic*] e dia hospedaste em tua casa..." (Pe. Manuel Bernardes);[49]
  - ✓ "Não me tenha amor ninguém
    Para obrigar meu querer.
    Que aborreço a QUEM me quer"
    (Rodrigues Lobo);
  - ✓ "Nos brutos para doutrina dos homens parece que imprimiu o Autor da Natureza particular instinto de amarem a QUEM os ama" (Pe. Manuel Bernardes);
- quando o exerce o nome DEUS:
  - ✓ "Que muito fazes em louvar a DEUS, quando vives em prosperidade, quando em abundância, quando sem vexação nem injúria de alguém?" (Pe. Manuel Bernardes);[50]

---

[47] Os exemplos literários seguintes, extraímo-los de Rocha Lima, *op. cit.*, p. 300-06. – Não raro, no entanto, nossas conclusões discrepam das de Lima.

[48] Note-se que, tanto em português como em espanhol, esta é a única maneira correta de dizê-lo: *com antecedente explícito ou sem ele*. É pois errado dizer "com ou sem antecedente explícito".

[49] Este passo de Bernardes está aqui não só por exemplo de objeto preposicional obrigatório, mas ainda para indicação de que tais "erros" de vírgula (os assinalados por *sic*) não o eram na época em que escrevia o oratoriano. Mas sem dúvida alguma o seriam no atual padrão culto do português, apesar da oposição de Rui Barbosa, que virgulava ao modo do século XVII-XVIII.

[50] Já este outro passo de Bernardes está aqui tanto por exemplo de objeto direto preposicional como por exemplo de certa sorte de elipse de verbo (tão mais comum, por outro lado, em espanhol): "quando vives em prosperidade, quando [vives] em abundância, quando [vives] sem vexação nem injúria de alguém?"

- ✓ "Só há uma coisa necessária: possuir a DEUS" (RUI BARBOSA);

□ quando o exerce SUBSTANTIVO OU GRUPO SUBSTANTIVO **coordenado a objeto direto pronominal**:

- ✓ "(...) o reitor O esperava e aOS SEUS RESPEITÁVEIS HÓSPEDES..." (ALEXANDRE HERCULANO);
- ✓ *Louvam-nO e a SEUS COLABORADORES*;[51]

□ quando o VERBO TRANSITIVO DIRETO se emprega **na terceira pessoa do singular + pronome indefinido** SE:

- ✓ *Aos grandes artistas ADMIRA-SE fervorosamente*;
- ✓ *MATOU-SE a muitos soldados*;[52]

□ quando o exerce SUBSTANTIVO **antecedido de conjunção comparativa**:

- ✓ "É o que há poucos meses a teus pés e de joelhos, este pobre velho, que te ama COMO a FILHO, te pediu em nome de Deus: perdão! perdão!" (ALEXANDRE HERCULANO);[53]
- ✓ "Isto causou estranheza e cuidados ao amorável Sarmento, que prezava Calisto COMO a FILHO" (CAMILO CASTELO BRANCO);
- ✓ "Mas nada me entusiasma.

Olho-te COMO a um FANTASMA" (ALBERTO DE OLIVEIRA);

- ✓ "Acusam-no de haver beneficiado mais a sua família QUE aO POVO ROMANO" (CAMILO CASTELO BRANCO);
- ✓ "Eu antes o queria QUE aO DOUTOR..." (CAMILO CASTELO BRANCO);[54]

---

[51] Note-se que, em ambos os casos, se não se preposicionasse o segundo objeto direto, poderia parecer que também fosse sujeito ("o reitor o esperava e os seus hópedes o esperavam também"; "Louvam-no e seus colaboradores louvam-no também"). Trata-se, pois, de pura preposição diacrítica.

[52] Normalmente, usar-se-ia aqui a chamada "passiva sintética", porque é ela que se usa com verbos transitivos diretos: *Os grandes artistas são fervorosamente admirados* (voz passiva) > *Admiram-se fervorosamente os grandes artistas* ("passiva sintética"); *Muitos soldados foram mortos* (voz passiva) > *Mataram-se muitos soldados* ("passiva sintética"). Mas a "passiva sintética", nestes e em muitos outros casos, é radicalmente ambígua: fica-se sem saber se os artistas são admirados fervorosamente por outros, ou se se admiram fervorosamente a si mesmos; se muitos soldados foram mortos por outros, ou se se mataram a si mesmos. Para evitá-lo é que se preposiciona o objeto direto e se emprega o verbo na terceira do singular seguido do pronome indefinido *se*.

[53] Note-se a sequência de exclamações iniciadas, ambas, por minúscula e não separadas por vírgula. É modo corretíssimo de (não) pontuar. Pode fazer-se o mesmo com interrogações: *Ele chegou? a que horas? sozinho?* Mostrá-lo-emos novamente na Décima Parte.

[54] "Tal é a construção", escreve Mário Barreto, "pontualmente observada pelos nossos escritores-modelos [como já dissemos, escreveríamos 'escritores-modelo']. Valem-se de *como* para o referir ao nominativo, e dão-lhe a partícula *a* se o referem a dativo ou acusativo" (*Novíssimos*, 84, apud Rocha Lima, *op. cit.*, p. 304). – Este caso já o havíamos referido em nota. Por outro lado, e como dito na

- Quando o exerce QUALQUER NOME PRÓPRIO OU QUALQUER NOME COMUM, **ainda para evitar ambiguidade**:
  - ✓ "Dai-me igual canto aos feitos da famosa
    Gente vossa, que a MARTE tanto ajuda..."
    (Camões);
  - ✓ "A mãe ao próprio FILHO não conheça" (Camões);
  - ✓ "Vence o mal ao REMÉDIO" (António Ferreira);
  - ✓ "De alguns animais de menos força e indústria se conta que vão seguindo aos LEÕES na caça; para se sustentarem do que a eles sobeja" (Pe. António Vieira);
  - ✓ "Tal havia que ao meu CONSERTADOR julgava digno de um hábito de Cristo" (Francisco Manuel de Melo);
  - ✓ "Rasteira grama exposta ao sol, à chuva,
    Lá murcha e pende:
    Somente ao TRONCO que devassa os ares
    O raio ofende!"
    (Gonçalves Dias);[55]

→ Por outro lado, é ELETIVO OU FACULTATIVO o emprego de preposição para introduzir objeto direto:

- quando o exerce ALGUM PRONOME REFERENTE A PESSOA (*ninguém*, *alguém*, *outro*, *todos*, etc.):
  - ✓ "Diz Cristo universalmente, sem excluir a NINGUÉM, que ninguém pode servir a dous Senhores..." (Pe. António Vieira);
  - ✓ "A TODOS encanta
    Tua parvoíce..."
    (Camões);
- quando o exerce ALGUM PRONOME DE REVERÊNCIA (*V. Ex.ª*, *V. S.ª*, etc.):
  - ✓ "[...] colocaram a V. Ex.ª na desgraçada situação de desmentir na sua carta a narrativa dos Atos dos Apóstolos" (Alexandre Herculano);
  - ✓ "Eu já tive a honra de cumprimentar a V. Ex.ª..." (Camilo Castelo Branco);

---

mesma nota, ainda que não haja risco de anfibologia, pode empregar-se esta preposição – o que não quer dizer que não empregá-la constitua erro. Veja-se um exemplo literário de não emprego:

✓ "[...] e nós habituamo-nos a tê-la em conta de segunda mãe: também ela nos amava COMO FILHOS" (Alexandre Herculano).

[55] Não é difícil constatar que em todos estes casos a ausência da preposição diacrítica implicaria inevitável e grave ambiguidade.

- quando o exerce QUALQUER NOME PRÓPRIO OU QUALQUER NOME COMUM, por razões nem sempre fáceis de discernir (**ênfase**, **sentimento**, **ritmo**, etc.):
  - ✓ "Benza Deus aos teus CORDEIROS" (Rodrigues Lobo);
  - ✓ "[...] o verdadeiro conselho é calar, e imitar a Santo Antônio" (Pe. Antônio Vieira);
  - ✓ "Não culpo ao HOMEM; para ele, a cousa mais importante do momento era o filho" (Machado de Assis);
  - ✓ "Apenas excetuo exíguo número, e pode ser que, unicamente, a Péricles, teu tutor; porque tem cursado os filósofos" (Rui Barbosa);
- quando O OBJETO DIRETO ANTECEDE AO VERBO, **especialmente se se dá pronome pleonástico**:
  - ✓ "Aos MINISTROS todos **os** adoram, mas ninguém os crê" (Francisco Manuel de Melo);
  - ✓ "Não façais caso disso, que a RELÓGIOS DO CHÃO ninguém **os** escuta..." (Francisco Manuel de Melo);
  - ✓ "[...] enfim, ainda ao pobre DEFUNTO **o** não comeu a terra, e já o tem comido toda a terra" (Pe. Antônio Vieira);
- quando A PREPOSIÇÃO TEM CARÁTER PARTITIVO:
  - ✓ "Ouvirás dos CONTOS, comerás do LEITE e partirás quando quiseres" (Rodrigues Lobo);
  - ✓ "Do PANO mais velho usava,
    Do PÃO mais velho comia"
    (Cecília Meireles);
- em CERTAS CONSTRUÇÕES EM QUE A PREPOSIÇÃO SUPERPÕE MATIZ SIGNIFICATIVO AO NOME ACUSATIVO:
  - ✓ *Cumprir com o* DEVER (em vez de *cumprir o dever*);
  - ✓ "Arrancam das ESPADAS [em vez de *Arrancam as espadas*] de aço fino
    Os que por bom tal feito ali apregoam"
    (Camões);
  - ✓ *Procurava pelo* [*per* + *o*] *primo* [em vez de *Procurava o primo*]

(**OBSERVAÇÃO:** é como se a preposição *com* em *Cumprir com o dever* intensificasse tal cumprimento; e é como se a preposição *de* em *Arrancar da espada* fizesse, digamos, mais brusca tal ação; insista-se, porém, em que esta sorte de preposicionamento do objeto direto não é, de modo algum, obrigatório).

⇗ **OBSERVAÇÃO.** Como pôde ver-se pela ampla variedade de casos de uso ELETIVO de OBJETO DIRETO PREPOSICIONADO, não há em princípio nada de errado em traduzir assim o objeto direto preposicionado do espanhol. Cuide-se apenas em que se faça por efetivos motivos estilíticos ou semelhantes, e não mecanicamente, nem, muito menos, sempre. Em espanhol, é de regra preposicionar o objeto direto quando o exerce um nome próprio ou um nome comum significativo de pessoa ou de animal (tudo isso com matizes que não vem ao caso referir aqui). Ora, como visto, não há tal regra em nossa língua. – Por outro lado, o galego tende a seguir o espanhol, enquanto o francês e o italiano quase não empregam objeto direto preposicionado.[56]

§ Há ainda o chamado "OBJETO DIRETO INTERNO", ou seja, o que se segue a verbos intransitivos e que:

- ou se constitui de substantivo da mesma família linguística que o verbo,
- ou, ao menos, pertence ao mesmo campo semântico que este,
- e vem sempre acompanhado de *adjunto adnominal*:[57]
  - ✓ *SONHEI um SONHO suave*;
  - ✓ "... MORRERÁS MORTE vil da mão de um forte" (GONÇALVES DIAS);
  - ✓ VIVER uma VIDA feliz (latim: *Beatam vitam vivere*);
  - ✓ CHORAR LÁGRIMAS amargas;
  - ✓ DORMIU um SONO intranquilo.

Mas não pode dizer-se com toda a propriedade que se trata de objeto direto. Como dito, este é complemento. O "objeto direto interno", porém, não parece ser complemento, porque os verbos de que o seria não são incompletos: são justamente *intransitivos*. Em outras palavras, o "objeto direto interno" tem figura de complemento direto ou acusativo, mas de fato não é requerido como complemento pelo verbo, sempre intransitivo.

Pois bem, pode entender-se duplamente o "objeto direto interno" segundo seu fundo significativo:

- ou como adverbial modal:
  - ✓ *SONHEI um SONHO suave* < *Sonhei suavemente*;
  - ✓ "... MORRERÁS MORTE vil da mão de um forte" < *Morrerás vilmente*...;
  - ✓ VIVER uma VIDA feliz < *Viver felizmente*;

---

[56] Ademais, lê-se em Rocha Lima que o objeto direto preposicionado "aparece ainda, de modo esporádico, no catalão, no sardo e em alguns dialetos provençais e da Itália meridional. Fato paralelo ocorre no romeno, porém com a preposição *pe* (latim *per*)" (*op. cit.*, p. 300, nota).

[57] Do ADJUNTO ADNOMINAL trataremos adiante.

✓ CHORAR LÁGRIMAS amargas < *Chorar amargamente*;

✓ DORMIU um SONO intranquilo < *Dormiu intranquilamente*;

▫ ou como efetivo complemento de verbo transitivo direto de que faz as vezes um verbo intransitivo:

✓ *SONHEI um SONHO suave* < *TIVE um sonho suave*;

✓ “... MORRERÁS MORTE vil da mão de um forte” < *TERÁS morte vil*...;

✓ VIVER uma VIDA feliz < *TER* ou *LEVAR uma vida feliz*;

✓ CHORAR LÁGRIMAS amargas < *VERTER lágrimas amargas*;

✓ DORMIU um SONO intranquilo < *TEVE um sono intranquilo*.

SEGUNDO A FIGURA, porém, trata-se de CRISTALIZAÇÃO de recurso altamente expressivo, já presente no latim, no grego clássico, etc.

β. Diz-se **COMPLEMENTO INDIRETO** todo e qualquer complemento verbal que se anteceda necessariamente de *preposição*:

✓ *Pediu um favor AO amigo*;

✓ *A menina gosta DE cereja*;

✓ etc.

→ O COMPLEMENTO INDIRETO subdivide-se em DATIVO e em RELATIVO, e, por razões que se dirão mais adiante, não inclui o *complemento circunstancial* e o *agente da passiva*.[58]

¶ O **COMPLEMENTO DATIVO**, ou **OBJETO INDIRETO**, corresponde em grande parte ao dativo latino. Subdivide-se, por sua vez.

- Antes de tudo, é o complemento dos verbos BITRANSITIVOS[59]

– que se introduz da preposição *a* ou, por vezes, da preposição *para*,[60]

– e que pode comutar-se por *lhe*(*s*) e demais pronomes dativos:[61]

---

[58] A nomenclatura que usamos para os complementos verbais tem algo de impreciso, porque, conquanto introduzamos aqui e ali novos termos e procedamos a um que outro deslocamento, seguimos o mais possível a nomenclatura tradicional, que tem muito de impreciso. E não a seguimos assim, uma vez mais, senão para evitar uma radical e perturbadora solução de continuidade na transmissão do gramatical.

[59] Ou seja, que requerem tanto objeto direto como, precisamente, dativo ou objeto indireto. São os verbos *DANDI* (*dar, conferir, conceder, dedicar, doar, entregar, negar, oferecer, outorgar, recusar*, etc.), *DICENDI* (*dizer, afirmar, contar, dirigir, indagar, narrar, perguntar*, etc.), *ROGANDI* (*rogar, implorar, pedir, suplicar*, etc.) e outros. – Consigne-se, porém, que nem todos os verbos destas espécies são necessariamente bitransitivos, conquanto o seja, sim, sua maior parte.

[60] Mas, insista-se, só em casos muito precisos de dativo deve ou pode usar-se *para* e não *a*, tão contrariamente ao que se faz correntemente no Brasil. Pelos exemplos que se seguirão, esclarecer-se-á o dito.

[61] Enquanto se distinguem morfologicamente os pronomes oblíquos átonos não reflexivos de terceira pessoa em acusativos (*o, a, os, as*) e dativos (*lhe, lhes*), não assim os oblíquos átonos

- ✓ *Dê uma fatia de pão* [acusativo] *AO que morre de fome* [dativo];
- ✓ *Outorgaram-LHE* [dativo] *o primeiro prêmio* [acusativo];
- ✓ *Quando mo* [*me* dativo + *o* acusativo] *digo A mim* [dativo pleonástico], *digo-o* [acusativo] *AO senado e AO povo romanos* [dativo] (= lat. *Cum dico mihi* [dativo], *senatui* [dativo] *dico populoque Romano* [dativo], com acusativo implícito);
- ✓ *Dirige-VOS* [dativo] *uma súplica* [acusativo];
- ✓ *Pergunta A Maria* [dativo] *se sabe de João* [acusativo oracional, ou seja, oração subordinada substantiva objetiva direta];
- ✓ *Pediu AO professor* [dativo] *licença para sair* [acusativo; vale lembrar que *para sair* é complemento nominal oracional de *licença*];
- ✓ *Rogaram-LHE* [dativo] *A ele* [dativo pleonástico] *clemência* [acusativo];
- ✓ *Há que pagar justo salário* [acusativo] *AO empregado* [dativo];
- ✓ *Devemos-TE* [dativo] *um grande favor* [acusativo];
- ✓ *Quere-VOS* [dativo] *muito bem* [acusativo, em que *bem* é substantivo e núcleo];
- ✓ *Manda um presente* [acusativo] *PARA tua irmã* [dativo];
- ✓ *Reservou PARA os convidados de honra* [dativo] *os melhores lugares* [acusativo];
- ✓ *Compramos livros* [acusativo] *PARA o amigo* [dativo];
- ✓ etc.[62]

Observação 1. Insista-se em que todos os dativos não pronominais podem comutar-se por algum pronominal: *Reservou PARA os convidados de honra os melhores lugares* = *Reservou-lhes os melhores lugares*; etc.

Observação 2. Todo e qualquer verbo bitransitivo pode tornar-se meramente transitivo indireto, quando o objeto direto ou acusativo se torna, em construção apassivada, sujeito paciente:

---

reflexivos de terceira pessoa nem nenhum dos das demais pessoas. Com efeito, *me, te, se, nos, vos, se* podem usar-se quer como acusativos quer como dativos: *Ele viu-me* [acusativo], mas *Ele deu-me* [dativo] *um livro*; etc.

[62] Por vezes, distinguem-se semanticamente o dativo introduzido por *a* e o introduzido por *para*. Com efeito, uma coisa é *Compramos livros PARA o amigo* e outra *Compramos livros AO amigo*. Em ambos os casos, trata-se de dativo, porque em ambos o complemento pode comutar-se por *lhe*. Mas o primeiro corresponde à construção *quem compra, compra algo para alguém*, enquanto o segundo à construção *quem compra, compra algo a alguém*. Esta segunda, ademais, pode mudar-se em construção com complemento relativo: *quem compra, compra algo DE alguém*.

✓ "Dê-se uma fatia de pão [sujeito paciente] AO que morre de fome [dativo]" (Alexandre Herculano);

✓ etc.

⬀ **Observação 3.** Como se antecipou em nota *supra*, por vezes o complemento dativo pode mudar-se em complemento relativo, como neste exemplo:

✓ *Deu um beijo à mãe > Deu um beijo na mãe.*

Note-se que o complemento *à mãe* pode comutar-se por *lhe*, razão por que é DATIVO, enquanto *na mãe* não o pode, razão por que não é dativo, mas RELATIVO.

- A segunda classe de DATIVOS compõem-na os complementos de verbos que requerem objeto indireto (ou seja, comutável por *lhe* e demais pronomes dativos), mas não requerem (ao menos necessariamente) objeto direto:

✓ *Não agradou AOS presentes* [= *Não LHES agradou*];

✓ *Isto pertence AO herdeiro* [= *Isto LHE pertence*];

✓ *O enfarte sucedeu subitamente AO homem* [*O enfarte sucedeu-LHE subitamente*];

✓ *A comida não soube bem à* [*A + a*] *criança* [*A comida não LHE soube bem*];

✓ *Algo naquilo não cheirava bem AOS vizinhos* [*Algo naquilo não LHES cheirava bem*];

✓ *Apareceram-NOS umas visitas inesperadas*;

✓ *A sorte sorriu PARA a família* [= *A sorte sorriu-LHE*];

✓ *Já respondeste à* [*A + a*] *tua mãe?* [= *Já LHE respondeste?*];

✓ *Obedece A teu pai* [= *Obedece-LHE*];

✓ etc.

⬀ **Observação 1.** Ambos os verbos *responder* e *obedecer* admitem também objeto direto (se significativo de coisa e em construções em que já haja objeto dativo):

✓ *Já respondeste a carta* [acusativo] *à tua mãe?* [= *Já LHa respondeste?*];

✓ *Obedece a ordem* [acusativo] *A teu pai* [= *Obedece-LHa*].

O mais comum no Brasil, porém, é dar outro torneio a estas orações:

✓ *Já respondeste à* [*A + a*] *carta* [complemento relativo] *de tua mãe?* [adjunto adnominal de *carta*];

✓ *Obedece à ordem* [*A + a*] [complemento relativo] *de teu pai* [adjunto adnominal de *ordem*].

⬀ **Observação 2.** Atente-se a que ambos estes verbos sempre requerem complemento indireto de alguma espécie, como em *Obedecer às* [*A + a*] *leis* [lat. *Parere legibus*]. A diferença entre o latim e o português, neste caso, é que *legibus* está no caso dativo, enquanto *às leis* é complemento relativo. E sabe-se que é assim porque *às leis* não pode comutar-se por *lhes*, mas tão somente por *a elas*: *Obedecer a elas*.

⇗ **Observação 3.** Discrepamos dos gramáticos para os quais certos verbos transitivos indiretos, como precisamente *responder* e *obedecer*, aceitam pôr-se na voz passiva. Esta é uma maneira de poupar-se ao esforço de explicar um ponto complexo. Quando se diz *A carta foi respondida*, mantém-se a *antiga* regência destes verbos: "Respondeu a carta", etc. Ou seja, trata-se de sobrevivência de outra fase da língua (até ao XVII), e que não constitui a maneira mais afim ao padrão culto atual. A "A carta foi respondida", prefira-se *Respondeu-se à carta*; a "A carta foi respondida por ele", prefira-se pura e simplesmente *Ele respondeu à carta*; etc.

⇗ **Observação 4.** Discrepamos também dos gramáticos, especialmente Rocha Lima, segundo os quais não é possível ao objeto indireto apresentar-se em forma de oração. Estudá-lo-emos mais adiante.

⇗ **Observação 5.** Discrepamos, por fim, dos poucos gramáticos que, seguindo o latim, afirmam que são dativos os complementos de certos adjetivos de destinação, como *apto* [para algo], *acomodado* [a algo], *idôneo* [para algo], etc. Em latim, sem dúvida o eram: ali, com efeito, *aptus*, *accommodatus*, *idoneus* têm complemento no caso dativo. Mas em português não podem comutar-se por *lhe*; logo, não são complementos verbais dativos. São puros complementos nominais.

⇗ **Observação 6.** Mas de fato, como anunciado, há casos de fronteira muito turva. Com efeito, em *A sentença foi favorável ao réu*, pode entender-se *ao réu* ou como complemento nominal de *favorável*, ou como dativo de *foi*, já que *ao réu* pode comutar-se por *lhe*: *A sentença foi-lhe favorável*. – Dá-se algo análogo em, por exemplo, *Tem grande* AMOR *ao pai*, em que *ao pai* pode entender-se ou como complemento nominal de *amor* (núcleo do objeto direto), ou como dativo de *Tem* (= *Tem-lhe grande amor*). – A diferença entre os dois casos é que, no primeiro, se trataria de "dativo de verbo de cópula", enquanto, no segundo, de verbo normalmente bitrasitivo. Não há razão, porém, para negar a possibilidade de "dativo de verbo de cópula".

⇗ **Observação 7.** Alguns complementos da segunda classe de dativos podem comutar-se por complemento direto. Exemplo:

✓ *Isto não lhe interessa > Isto não o interessa.*

São casos de dupla transitividade, como se verá mais detidamente na Sétima Parte.

⇗ **Observação 8.** Costumam os gramáticos incluir entre os dativos chamados *livres* (de que já falaremos) o também chamado "dativo de posse". Não podemos dar nosso acordo a tal inclusão. Uma coisa é que expresse posse ou pertença; outra que seja "livre", isto é, independente do verbo. Vejamos alguns exemplos, a que se seguirão algumas considerações.

✓ "(...) mandou cortar a cabeça A Adonias" (Pe. Antônio Vieira);
✓ "Ouço um grito: o Dr. Soero acabou de extrair um dente A uma senhora" (Aníbal A. Machado);
✓ "Beijou a mão A el-rei e saiu" (Alexandre Herculano);
✓ *Tremiam-LHE as pernas.*

▫ Em todos os exemplos, o que é dativo pode substituir-se por alguma maneira de indicação de posse:

✓ (...) *mandou cortar a cabeça DE Adonias*;
✓ *Ouço um grito: o Dr. Soero acabou de extrair um dente DE uma senhora*;
✓ *Beijou a mão DE el-rei e saiu*;
✓ *Tremiam SUAS pernas.*

▫ Mas que tal possa dar-se apenas indica a contiguidade semântica das construções, não que naqueles exemplos com dativo este não seja efetivo complemento do verbo: *quem manda cortar uma cabeça, manda cortá-la A alguém*; *quem extrai um dente, extrai-o A alguém*; *quem beija uma mão, beija-a A alguém*; *se as pernas tremem, tremem A alguém*.

• Há porém verdadeiros DATIVOS LIVRES: o *dativo de interesse* e o *dativo ético*, de distinção não raro árdua.

◆ O DATIVO DE INTERESSE (*dativus commodi et incommodi*) indica a quem beneficia ou prejudica determinada ação:

✓ *Acendeu-ME a luz da sala*;
✓ *Bloqueou-NOS a passagem.*

◆ O DATIVO ÉTICO pode reduzir-se ao *de interesse*, e enfatiza que o sujeito da oração espera de seu interlocutor ou de outrem determinada ação, ou ainda que algo lhe interessa vivamente:

✓ *Não ME vás desobedecer à tua tia!*;
✓ *Que não NOS façam outra reforma ortográfica!*;
✓ *Tu saíste-ME muito inteligente*;
✓ etc.

⇗ **Observação 1.** O *dativo ético* é antes coloquial. Mais que isto, porém, importa observar que também não raro os dativos livres estão em fronteira por demais turva: com efeito, conquanto se possam representar pelos pronomes dativos, nem sempre são, todavia, verdadeiros complementos verbais: porque não os exige nenhum verbo. Fique pois o nome *dativo ético* como termo acomodatício.

✎ **Observação 2.** Por outro lado, nem sequer são dativos livres alguns casos tradicionalmente chamados "de interesse" (por exemplo, *Nascido não para ti, mas para a pátria* [lat. *Non tibi sed patriae natus*]), nem o mal chamado "dativo de opinião" (por exemplo, *Para mim esta obra é superficial*). Não o são pelo simples motivo de que não podem comutar-se por pronomes dativos; mais adiante veremos o que são.

✎ **Observação 3.** Tampouco são dativos em português outros dativos latinos:

- ✓ o dativo de obrigação: *Tibi cavendum censeo* (Penso que deves acautelar-te);
- ✓ certo dativo de destinação: ... *qui auxilio a Gallis arcessiti dicebantur* (... os quais se diziam chamados pelos gauleses em seu auxílio);
- ✓ etc.

• Mas é *verdadeiro* DATIVO o que integra alguns poucos verbos que requerem, ademais, *complemento relativo*:

- ✓ *Falou A Paulo* [dativo: *LHE*] *de seu projeto* [relativo];
- ✓ *Discursou sobre as causas* [relativo] *PARA um público entendido* [dativo: *LHE*];
- ✓ etc.

• É-o igualmente o complemento (introduzido por *a*) dos verbos causativos (*mandar, deixar, fazer*) e dos sensitivos (*ver, ouvir, sentir*), os quais neste caso são bitransitivos cujo objeto direto é uma oração reduzida de infinitivo.[63] Exemplos:

- ✓ "Este A mais nobres [dativo] faz fazer vilezas [acusativo]..." (CAMÕES);
- ✓ "Três cousas acho que fazem AO doudo [dativo] ser sandeu [acusativo]..." (GIL VICENTE);
- ✓ *Ouviu-LHES* [dativo] *discutir o assunto* [acusativo];
- ✓ etc.

Analisemos os dois últimos exemplos.

◆ Em *Ouviu-lhes discutir o assunto*, *Ouviu* tem por sujeito *ele* implícito, e é verbo sensitivo; *lhe* é seu complemento dativo; *discutir o assunto* é seu objeto direto oracional; e *o assunto* é objeto direto de *discutir*. A frase constrói-se como *quem ouve, ouve algo* [acusativo] *a alguém* [dativo].

---

[63] Desde que tal infinitivo o seja de algum verbo transitivo ou de algum verbo de cópula.

◆ Dá-se algo análogo em "Três cousas acho que fazem ao doudo ser sandeu...", em que o sujeito de *acho* é *eu* implícito; *que três cousas fazem ao doudo ser sandeu* é objeto direto oracional de *acho*; *três cousas* é o sujeito do causativo *fazem*; *ao doudo* é dativo de *fazem*; *ser sandeu* é objeto direto oracional de *fazem*; *ser* é verbo de cópula no infinitivo, enquanto *sandeu* é predicativo. A oração *fazem ao doudo ser sandeu* constrói-se como *quem faz, faz algo* [acusativo] *a alguém* [dativo].

✎ **Observação.** Os três exemplos aduzidos, como quaisquer outros semelhantes a estes, podem construir-se também com o já tão referido "sujeito acusativo" (que, relembre-se, se estudará na seção sobre infinitivo):

✓ *Três cousas acho que* FAZEM *o doudo* [objeto direto de *fazem* e sujeito de] *SER SANDEU*;

✓ *OUVIU-os* [objeto direto de *Ouviu* e sujeito de] *DISCUTIR o assunto.*

¶ O **COMPLEMENTO INDIRETO RELATIVO**[64] distingue-se do complemento indireto dativo por duas razões principais:

- Não significa pessoa ou coisa a que se destina a ação, nem, como os dativos livres, pessoa em cujo proveito ou prejuízo a ação se realiza, etc. Aparenta-se antes ao objeto direto que significa ente sobre o qual recai a ação.
- Não se comuta, na terceira pessoa, pelos pronomes oblíquos átonos *lhe*, *lhes*, mas pelos tônicos *ele*, *ela*, *eles*, *elas* precedidos, como devido, de preposição:

✓ *assistir a um concerto* > *assistir a ele*;
✓ *obedecer às leis* > *obedecer a elas*;
✓ *anuir ou assentir a uma proposta* > *anuir ou assentir a ela*;
✓ *proceder à contagem* > *proceder a ela*;
✓ *concordar com uma tese* > *concordar com ela*;
✓ *falar com o filho* > *falar com ele*;
✓ *carecer do básico* > *carecer dele*;
✓ *compor-se de artigos* > *compor-se deles*;
✓ *depender de estudo* > *depender dele*;
✓ *discordar ou discrepar de uma opinião* > *discordar ou discrepar dela*;
✓ *duvidar de uma informação* > *duvidar dela*;
✓ *esquecer-se ou olvidar-se de uma tristeza* > *esquecer-se ou olvidar-se dela*;

---

[64] Como assinala Rocha Lima, "a denominação 'complemento relativo' inspira-se na generalização do conceito de *regime relatif*, proposto por Meyer Lübke para regências fronteiriças dessa nossa (*Grammaire des langues romanes* (3 vols). Tradução francesa. 2. ed. Viena, Stechert, 1923, vol. 3, p. 349.)" (*op. cit.*, p. 311, nota).

✓ *esquivar-se de um golpe > esquivar-se dele;*
✓ *fugir de um perigo > fugir dele;*
✓ *gostar de obras profundas > gostar delas;*
✓ *lembrar-se ou recordar-se de um acontecimento > lembrar-se ou recordar-se dele;*
✓ *necessitar ou precisar de conselhos > precisar deles;*
✓ *queixar-se de uma dor > queixar-se dela;*
✓ *acreditar ou crer numa afirmação > acreditar ou crer nela;*
✓ *consentir numa ação > consentir nela;*
✓ *insistir num ponto de vista > insistir nele;*
✓ *reparar num detalhe > reparar nele;*
✓ *discorrer ou discursar sobre um tema > discorrer ou discursar sobre ele;*
✓ etc.

⇗ **Observação 1.** Parte dos verbos postos nos exemplos é de antigos transitivos diretos, que por complexas razões históricas passaram a indiretos de relativo. Alguns deles, no entanto, seguem admitindo a antiga regência, às vezes com leve distinção semântica. Mas esta nem sequer se dá, por exemplo, entre *necessitar de dinheiro* e *necessitar dinheiro*; ou entre *duvida disso* e *duvida-o*; ou entre *fugir de um perigo* e *fugi-lo*; etc. Note-se, todavia, que em todos estes casos a forma acusativa é menos ou muito menos usada. Como dito, porém, por vezes há leve distinção semântica entre a forma relativa e a acusativa: uma coisa, por exemplo, é *Acreditar ou crer em Deus* (complemento necessariamente relativo) e outra é *Não o acreditei* (= não acreditei [n]o que disse). Basta contudo que usemos, neste caso, de complemento oracional para que ambos os sentidos dispensem a preposição: *Acredito que Deus existe* e *Creio que ele disse a verdade*: ou seja, em ambos os casos temos oração subordinada substantiva objetiva direta.

⇗ **Observação 2.** Como dito mais acima, alguns poucos complementos relativos se comutam por complemento dativo, não raro com leve alteração semântica. Por exemplo:

✓ *falar com alguém sobre a notícia > falar com ele sobre a notícia*

x

✓ *falar A ALGUÉM da notícia > falar-LHE da notícia.*

⇗ **Observação 3.** Alguns verbos pronominais podem deixar de sê-lo, e passam a requerer objeto direto em vez de complemento relativo:

✓ *lembrar-se ou recordar-se de um acontecimento > lembrar-se ou recordar-se dele*

x

✓ *lembrar ou recordar um acontecimento > lembrá-lo ou recordá-lo;*

✓ *esquecer-se ou olvidar-se de uma tristeza > esquecer-se ou olvidar-se dela*

x

✓ *esquecer ou olvidar uma tristeza > esquecê-la ou olvidá-la;*

✓ *esquivar-se de um golpe > esquivar-se dele*

x

✓ *esquivar um golpe > esquivá-lo.*

§ O que não é adequado segundo o padrão culto atual (malgrado o coloquial brasileiro) é fazer o verbo deixar de ser pronominal e manter a preposição. Assim, "Esqueceram de mim" dever-se-ia dizer ou *Esqueceram-se de mim* ou *Esqueceram-me.* E com o que vamos dizendo aqui já algo se antecipa da Sétima Parte.

⇗ **Observação 4.** Boa parte dos complementos relativos corresponde, em latim, ou ao genitivo ou ao ablativo.

γ. O COMPLEMENTO CIRCUNSTANCIAL é de natureza adverbial, razão por que as gramáticas mais antigas, fundadas no prejuízo de que o advérbio é termo "acessório" e pois "dispensável", não o consideravam complemento, mas adjunto adverbial. Erro de perspectiva: trata-se de advérbio ou grupo adverbial em função complementar ou integrante, ou seja: *tem caráter necessário.* É tão indispensável ao inteiro sentido do verbo como o são os demais complementos verbais. Foi Celso Cunha o que, com tanto acerto, introduziu entre nós esta noção ou conceito; e, conquanto não nos convença perfeitamente o adjetivo "circunstancial", adotamo-lo em prol, ainda, da tradição gramatical.

- Com efeito, se se comparam as seguintes orações: *Iremos à Hungria* e *Almoçaremos na Hungria*, constatamos quase de imediato que o *na Hungria* da segunda oração não completa ou integra o sentido de *Almoçaremos*, ao contrário do que se dá com *à Hungria* com respeito a *Iremos*: sem aquele, este não significa perfeitamente. Com efeito, *Almoçaremos* significa cabalmente por si, mas não assim *Iremos*: se digo *Almoçaremos*, não nos vem automaticamente a pergunta "Onde?"; se todavia digo *Iremos*, automaticamente nos vem a pergunta *Aonde?*. Posso dizer simplesmente: *Almoçaremos* (ou *Almoçaremos tarde*, ou *Almoçaremos na Hungria*, etc.) Não me basta, no entanto, dizer simplesmente: *Iremos* (a não ser como resposta em que o restante da oração esteja elíptico: – *Irão à Hungria?* – *Iremos* [*à Hungria*]). Pois bem, nos exemplos dados, *à Hungria* é COMPLEMENTO CIRCUNSTANCIAL, e *na Hungria* é ADJUNTO ADVERBIAL – ainda que ambos sejam grupos adverbiais.

- Por vezes não é fácil distingui-los. Assim, *muito* em *Viveu muito* é adjunto adverbial, enquanto *em Portugal* em *Vive em Portugal* é complemento circunstancial. Mas isto só é assim porque o *Vive* de *Vive em Portugal* não se usa aqui na acepção primeira do verbo, mas com o sentido de *morar*: e *morar* requer complemento relativo: *quem mora, mora em algum lugar*.

- Pode parecer a princípio que o complemento circunstancial também necessariamente se introduz de preposição, razão por que poderia incluir-se entre os complementos indiretos. Antes porém de tratá-lo, vejamos exemplos de complementos circunstanciais introduzidos de preposição, assinalando-lhes o que expressam:
  - ✓ "E o meu suplício durará por meses" (Alexandre Herculano) [TEMPO, COM REFORÇO DO SENTIDO DO VERBO PELA PREPOSIÇÃO *POR*];
  - ✓ *Vive* [ou *Mora*] *em Portugal* [LUGAR, COM INDICAÇÃO DE ESTÂNCIA PELA PREPOSIÇÃO *EM*];
  - ✓ *Iremos à Hungria* [LUGAR, COM INDICAÇÃO DE DIREÇÃO PELA PREPOSIÇÃO *A*].

- Por vezes, podem comutar-se entre si preposições de complemento circunstancial com alguma alteração semântica:
  - ✓ *Estar à* [*a* + *a*] *janela* ou *na* [*em* + *a*] *janela*;
  - ✓ *Ter alguém ao* [*a* + *o*] *colo* ou *no* [*em* + *o*] *colo*;
  - ✓ etc.

Na janela ou *no colo* expressam pura estância no lugar significado (*janela* e *colo*), ao passo que *à janela* ou *ao colo* expressam estância em lugar elevado ou a que se tem de assomar de algum modo.

⇨ **Observação.** É bem verdade que não são estranhas ao português construções como *às folhas tantas*, que não se distingue significativamente de *na folha tal*. Mas são construções especializadas, de jargão de ofício. – Não se diga nunca, todavia, "sito ou situado à Rua Tal", mas *sito ou situado na Rua Tal*.

- Poder-se-ia brandir o caso de *ali* e de *lá* para negar que o complemento circunstancial se introduza necessariamente de preposição: *Foi ali*; *Iremos lá*; etc. Há que lembrar, porém, que em ambos estes advérbios está suposta a preposição *ad* latina (o étimo de nossa *a*):
  - ✓ *ali* < at. *ad illīc* ['ali, lá, acolá'];
  - ✓ *lá* < lat. *ad* + adv. *īllāc* ['naquele lugar'], através do arc. *alá*, donde o espanhol *allá*.

Apenas porém fazemos tal constatação, no-la vem contrariar o caso de *aqui* e de *acolá*, que não têm *ad* suposta:

- ✓ *aqui* < lat. vulg. **accuhic*, de *accu-*, partícula enfática (< *ecce* + *hunc*, ac. masc. sing. de *hic*, *haec*, *hoc* com infl. de *atque*) + adv. *hīc* ['aqui, neste lugar'];
- ✓ *acolá* < lat. vulg. *eccu(m) illāc* ['eis ali, eis lá']; *eccum*, que era usado como f. de reforço, evoluiu prov. para um lat. vulg. **accu-* sob infl. de *atque* ou de *ac*].

Pois é por isso mesmo, e por outros casos, que o complemento circunstancial não pode incluir-se entre os complementos indiretos.

• Há, ademais, segundo a maioria dos gramáticos, vários casos de complemento circunstancial não introduzido por preposição:

- ✓ *A guerra durou cem anos* [em vez de *por cem anos*] [ESPAÇO DE TEMPO];
- ✓ *Trabalharam a vida toda* [em vez de *durante a vida toda*] [ESPAÇO DE TEMPO];
- ✓ *Pesa oitenta quilos* [PESO];
- ✓ *Vale uma fortuna* [VALOR];
- ✓ *Custam dois mil reais* [PREÇO];
- ✓ *Dista duzentos quilômetros daqui* [DISTÂNCIA NO ESPAÇO];
- ✓ *Envelheceu dez anos* [TEMPO TRANSLATO];
- ✓ "andar longes terras" [em vez de *por longes terras*] (Gonçalves Dias) [PERCURSO];
- ✓ etc.

▫ Sucede todavia que para outros gramáticos não se trata de complemento circunstancial, mas de complemento direto (ou seja, de acusativo), assim como em latim se dizia no acusativo: *Triginta annos vixit* (Viveu trinta anos). Com efeito, pode dizer-se que *quem anda, anda longes terras*, ou *dez quilômetros*, etc., e esta parece construção própria de objeto direto.

▫ Mas replicariam os defensores de que estamos diante de verdadeiros complementos circunstanciais: também em latim o complemento circunstancial de direção se punha no acusativo (precisamente chamado *de direção*): *Romam proficisci* (ir a Roma), *Lesbum se conferre* (trasladar-se para Lesbos), etc.

▫ É discussão tendente ao infinito, razão por que concluímos nós: estamos, uma vez mais, em fronteira turva.

• Dissemos mais acima que nem sequer são dativos livres alguns casos tradicionalmente chamados "de interesse" (por exemplo, *Nascido não para ti, mas para a pátria* [lat. *Non tibi sed patriae natus*]), nem o mal chamado "dativo de opinião" (por exemplo, *Para mim esta obra é superficial*); e que não o são pelo simples motivo de que não podem comutar-se por pronomes dativos. Pois bem, o *para ti* e o *para a pátria* de *Nascido não para ti, mas para a pátria* são COMPLEMENTOS CIRCUNSTANCIAIS [de DESTINAÇÃO] do particípio *Nascido*. Já o *Para mim* de *Para mim esta obra é superficial* está em fronteira tão turva como os advérbios que determinam orações. Já dissemos, com efeito, que quanto aos advérbios que determinam orações estamos em fronteira turbidíssima, porque, quando dizemos *Infelizmente não virão*, a palavra *Infelizmente* não expressa modo da oração nem de nenhuma parte sua, senão que expressa sentimento de quem a diz. É pois antes um modo de sentimento do falante, posto porém em forma perfeitamente adverbial (*infeliz* + *-mente*). Ora, *analogamente*, tampouco tal *para mim* expressa modo ou circunstância do verbo de cópula nem do predicativo, nem do conjunto dos dois. É-lhes tão radicalmente extrínseco como o é da oração aquele *Infelizmente*; e, como este, expressa algo apenas do ângulo de quem fala ou escreve. Mas, assim como *Infelizmente* tem figura perfeitamente adverbial, assim também *para mim* (ou, mais precisamente, figura de grupo adverbial).Quanto pois a qual seja a função sintática de para mim, não pode ser senão a mesma daquele *Infelizmente*: a de um como: ADJUNTO ADVERBIAL, função que estudaremos mais adiante.

δ. A última espécie de complemento verbal é o AGENTE DA PASSIVA, ou seja, o complemento de verbo (ou antes, locução verbal) na voz passiva. Sempre significa o praticante da ação verbal padecida pelo sujeito paciente:

- ✓ *O LEÃO* [sujeito paciente] *foi morto pelo caçador* [agente da passiva];
- ✓ *O CAÇADOR* [sujeito paciente] *foi morto pelo leão* [agente da passiva];
- ✓ *TAIS PALAVRAS* [sujeito paciente] *foram ditas pelo escritor* [agente da passiva];
- ✓ *ESTE PALÁCIO* [sujeito paciente] *foi projetado pelo famoso arquiteto* [agente da passiva];
- ✓ etc.

→ Como se vê pelos exemplos, o AGENTE DA PASSIVA sempre se introduz por preposição, mais correntemente *por*/*per*. Mas também pode introduzir-se por *de*:

- ✓ *Era estimado DE* [= *POR*] *todos*;
- ✓ *Roma foi invadida DE* [= *POR*] *multidão de povos germânicos*;
- ✓ etc.

⇗ **OBSERVAÇÃO.** Porque sempre se introduz de preposição, o AGENTE DA PASSIVA pareceria poder incluir-se entre os complementos indiretos.

Não obstante, incluí-lo entre estes não só implicaria radical ruptura com a tradição gramatical, mas não corresponderia perfeitamente à realidade. O complemento indireto é-o porque a preposição que o introduz é requerida pelo verbo transitivo de que aquele é complemento. Ora, um verbo (ou antes, locução verbal) na voz passiva não é transitivo, e tanto não o é, que pode calar-se, em certas situações, o mesmo agente da passiva. Com efeito, em, por exemplo, *Este castelo foi construído na Idade Média*, não se dá o agente da passiva (ou seja, aquele por quem foi construído tal castelo), e no entanto a oração significa cabalmente; não lhe falta nada.

É que em verdade o agente da passiva não é perfeito complemento verbal, e não deixam de ter sua parte de razão os gramáticos e os linguistas que o consideram adjunto adverbial de agente. Em resumo: fronteira turva, ainda.[65]

➢ A CLASSIFICAÇÃO DOS VERBOS

§ Já temos perfeitas condições para classificar os verbos segundo requeiram ou não requeiram complemento, e segundo o que seja(m) o(s) mesmo(s) complemento(s) que requeiram.[66]

- VERBO DE CÓPULA:
  - ✓ *João é carpinteiro*;
  - ✓ *Márcia está bem*;
  - ✓ etc.;
- VERBO INTRANSITIVO, ou seja, o que não necessita de complemento ou termo integrante:
  - ✓ *O animal morreu*;
  - ✓ *O bebê nasceu às 8 horas*;
  - ✓ etc.;

---

[65] Como se vai vendo, a tão presente *fronteira turva* não é algo excepcional na linguagem, senão que resulta da impossibilidade desta de significar com estrita precisão filosófica, por um corpo de signos necessariamente limitado e paradigmaticamente cingido, o potencialmente infinito tecido da realidade. Mas uma língua sem corpo de signos limitado e cingido por paradigmas, justamente, não é nenhuma língua, como vimos vendo desde a primeira página desta *Suma*; isso mesmo, todavia, é o que a faz turvar-se em certas zonas limítrofes para, assim, significar como possível a complexidade do real. Logo, não deve o gramático tentar reduzir a língua, *more geometrico*, a uma espécie de tabuleiro de xadrez, em que cada casa é tal e inamovivelmente tal. Já o tentaram, entre outras, as oficinas racionalistas de Port-Royal, infrutífera e prejudicialmente.

[66] Relembre-se apenas que muitos verbos se encontram, segundo o que signifiquem e segundo o contexto oracional, em diversas destas classes.

- VERBO TRANSITIVO DIRETO, ou seja, o que necessita de complemento ou termo integrante não necessariamente regido de preposição:
    - ✓ *Compremos livros*;
    - ✓ *Viu-me a mim*;
    - ✓ *Ama a todos*;
    - ✓ etc.;
- VERBO TRANSITIVO INDIRETO, ou seja, o que necessita de complemento ou termo integrante regido necessariamente de preposição; divide-se em:
- ◆ TRANSITIVO INDIRETO A (COMPLEMENTO) DATIVO:
    - ✓ *Disse-lhe a verdade*;
    - ✓ *Obedeceu ao pai*;
    - ✓ etc.

  (OBSERVAÇÃO: os verbos *dandi*, *dicendi* e *rogandi*, além de outros, são antes BITRANSITIVOS: requerem tanto complemento direto como complemento indireto dativo);
- ◆ TRANSITIVO INDIRETO A (COMPLEMENTO) RELATIVO:
    - ✓ *Gosta de viajar*;
    - ✓ *Responde à carta*;
    - ✓ etc.;
- VERBO TRANSITIVO A COMPLEMENTO CIRCUNSTANCIAL (OU A CIRCUNSTÂNCIA):
    - ✓ *Já não iremos à Bahia*;
    - ✓ *Vive em Campo Grande*;
    - ✓ etc.

  (OBSERVAÇÃO: alguns verbos requerem tanto complemento relativo como complemento circunstancial: *FALOU com o amigo* [relativo] *sobre o assunto* [circunstancial], etc.).

OBSERVAÇÃO 1. Deixamos sem resposta, anteriormente, a questão de como se devem classificar os verbos chamados "auxiliares aspectuais" pelas gramáticas modernas. Pois bem, são TRANSITIVOS DIRETOS, o que provavelmente provoque muitas objeções. Mas parece que o podemos provar.

□ Se se pergunta *Queres estudar arquitetura?*, pode responder-se: *Quero-o*. Ora, este *o* é pronome objetivo direto. Logo...

- ▫ Diga-se algo semelhante com respeito a *Podes ao menos terminar este trabalho?*: *Isso eu posso.*
- ▫ Naturalmente, temos aí dois objetos diretos: *terminar este trabalho* é-o de *Podes*, e *este trabalho* é-o de *terminar*. Isto porém não obsta ao afirmado.
- → Antes de tudo, porque se dá o mesmo em, por exemplo, *Diz que quer que ele venha*, em que ambas as orações sublinhadas são objetivas diretas.
- → Depois, porque, se em *Podes ao menos terminar este trabalho?* o objeto oracional infinitivo *terminar este trabalho* não pode desenvolver-se (ou seja, mudar-se em oração desenvolvida iniciada por *que*), tal se deve a um nó de razões etimológicas, semânticas, morfossintáticas. Diga-se o mesmo com respeito a todos os outros mal chamados "auxiliares aspectuais". Mas não constituem caso isolado. Por exemplo, há em português uma oração subordinada adverbial modal que não pode dar-se senão como reduzida de gerúndio, ou seja, tampouco pode desenvolver-se: *Entrou em casa claudicando*, etc. Ora, se pode haver uma adverbial reduzida de gerúndio que não pode desenvolver-se, não há razão por que não possa haver orações substantivas reduzidas de infinitivo que não possam desenvolver-se.[67]
- ◆ Ademais, já é tradicional entre os melhores gramáticos admitir estas duas formas: *Podem-se ler muitos livros* e *Pode-se ler muitos livros* (*vide*, por exemplo, o que diz sobre isto Mário Barreto em *Através do Dicionário e da Gramática*). Mas, se a primeira corresponde à ativa *Muitos livros podem ser lidos*, a segunda não pode corresponder senão a uma *Alguém pode isso*, com *isso* em substitução a *ler muitos livros.* Ora, isto implica dar a *ler muito livros* o caráter de *oração substantiva objetiva direta.* Se assim é, então não se pode deixar de considerar *Pode* como transitivo direto.
- ▫ Há casos ainda mais complexos, como o de *começar*: com efeito, em *Começar a escrever* está presente uma preposição. Nada impedinte, porém: trata-se de oração objetiva direta reduzida de

---

[67] Ademais, ao menos um de tais "auxiliares aspectuais" já se usou em português na forma desenvolvida: *Pode que seja* (em vez de *Pode ser*) *algo grave*. Segue usando-se em espanhol: *Puede que sea...*

infinitivo *preposicionada*. Se todavia *quem começa, começa algo* (por exemplo, *Começar o trabalho* ou *Começar a escrita*), não há razão para não considerar que *Começar a escrever* segue o mesmo modo.

▫ Mas não afirmamos que historicamente primeiro se deu, em todos estes casos, oração desenvolvida, e depois sua cristalização na forma infinitiva atual. Pode ser que na maioria dos casos nunca se tenha dado tal evolução. Entenda-se pois que aqui não fazemos senão proceder, como em muitos outros casos, a uma redução, a saber: os verbos ditos "auxiliares aspectuais" reduzem-se quase sempre a transitivos diretos.

⇗ **OBSERVAÇÃO 2.** Com esta classificação dos verbos, antecipamos toda a seção teórica da Sétima Parte, a qual será, assim, quase exclusivamente normativa.

2.7.5. Há três espécies de **TERMOS ADJUNTOS:**

a. ADJUNTO ADNOMINAL;

b. APOSTO;

c. ADJUNTO ADVERBIAL.

O primeiro tem caráter adjetivo; o segundo, substantivo; e o terceiro, adverbial.

⇗ **OBSERVAÇÃO.** Relembre-se que a estes termos a quase totalidade dos gramáticos chama "acessórios", o que é inconveniente. Antes de tudo, o adjetivo *acessório* tem duplo sentido: o primeiro, *suplementar*, *adicional*, *anexo*; o segundo, *dispensável*. Ora, já vimos que os termos adjuntos não são integrantes ou partes análogas do termo a que estão adjuntos; mas são partes intrínsecas e pois indispensáveis das orações em que estão presentes. Portanto, se se consideram com respeito ao termo a que estão adjuntos, podem dizer-se *suplementares*, mas não dispensáveis; e, se se consideram com respeito à oração em que estão presentes, não só não são dispensáveis, mas tampouco são suplementares. Daí que *adjunto* seja o melhor nome que se lhe pode dar.

2.7.5.a. Chama-se **ADJUNTO ADNOMINAL** a todo e qualquer adjetivo (qualificativo ou determinativo) em sua função sintática de determinar qualquer substantivo.[68] Seja a oração *Uma moça morena que se chama Maria procurou-te*; há nela três adjuntos adnominais:

✓ *Uma* (artigo indefinidor);

---

[68] Relembre-se: adjetivo ou correlato, e substantivo ou correlato.

✓ *morena* (adjetivo qualificativo);

✓ *que se chama Maria* (oração subordinada adjetiva).[69]

→ Podem pois exercer a função de ADJUNTO ADNOMINAL:

- qualquer adjetivo qualificativo ou qualquer locução adjetiva qualificativa:
  - ✓ *homens felizes*;
  - ✓ *verdes mares bravios*;
  - ✓ *mesa de madeira*;
- qualquer adjetivo determinativo (ou seja, qualquer pronome adjetivo ou qualquer numeral adjetivo):
  - ✓ *teus livros*;
  - ✓ *palavras quaisquer*;
  - ✓ *Que quadro preferes?*;
  - ✓ *quatro casas*;
- qualquer artigo (definidor ou indefinidor):
  - ✓ *o cais*;
  - ✓ *uma embarcação*;
- qualquer grupo adjetivo:
  - ✓ *chão coberto de relva*;
  - ✓ *pessoa sem nenhum ressentimento*;
- qualquer oração subordinada adjetiva "restritiva":
  - ✓ *O menino que vem ali é José*;
  - ✓ *Digamo-lo aos que necessitam ouvi-lo*.

Observação 1. As chamadas "orações subordinadas adjetivas 'explicativas'" exercem antes a função de PREDICATIVO. Não as trataremos agora senão a título de antecipação; mas é já o momento de dizer que há dois modos de ser predicativo.

□ O primeiro já o vimos: o que se atribui ao sujeito mediante um verbo de cópula: *Esta moça é inteligente*.

□ O segundo vê-se por estes exemplos:

✓ *Esta moça, inteligente, por certo o conseguirá*;

✓ *Inteligente, esta moça por certo o conseguirá*.

◆ Note-se que, neste modo de ser PREDICATIVO, este se separa por vírgula do substantivo a que se refere, ao contrário do que se dá com os adjuntos adnominais, que não admitem separação do substantivo que determinam:

✓ *Esta moça inteligente por certo o conseguirá*.

---

[69] As orações começarão a estudar-se mais adiante.

- Temos assim:
  - ✓ *Esta moça inteligente por certo o conseguirá* (adjunto adnominal);
  - ✓ *Esta moça é inteligente* (predicativo);
  - ✓ *Esta moça, inteligente, por certo o conseguirá* (predicativo).

- Em verdade, todavia, este segundo modo de ser predicativo reduz-se *de certa maneira* ao primeiro. Com efeito, quando digo *Esta moça, inteligente, por certo o conseguirá*, o que vem entre vírgulas traz implícita toda uma oração: *Esta moça, que é inteligente, por certo o conseguirá*. Diga-se o mesmo com respeito a *Inteligente, esta moça por certo o conseguirá*: *Inteligente que é, esta moça por certo o conseguirá*. Estes dois casos, porém, são dois modos de ser "oração subordinada adjetiva 'explicativa'". A conclusão impõe-se; mas voltaremos a tratá-lo, mais adiante.

- Apenas constatamos, porém, que tal *inteligente* traz implícita uma "oração adjetiva explicativa", assalta-nos outra possibilidade: que traga implícita uma *oração causal*: *Esta moça, como/porque é inteligente, por certo o conseguirá*; *Como/Porque é inteligente, esta moça por certo o conseguirá*. É a sempre possível contiguidade não só entre classes gramaticais, mas entre funções.

⇗ **Observação 2.** Já é o momento, também, de tratar a referida distinção – nada simples – entre ADJUNTO ADNOMINAL e COMPLEMENTO NOMINAL. Mas aqui não podemos senão dar a palavra, *in extenso*, a um impecável Rocha Lima:

> «Para facilitar-lhe a identificação [do COMPLEMENTO NOMINAL], convém ter presentes as seguintes regras práticas:
>
> I) Tratando-se de *adjetivo*, ou *advérbio*, não há a menor dúvida: o termo que a eles se liga por preposição é, SEMPRE, complemento nominal:
>
> a) Ofensivo *à honra*, prejudicial *à saúde*, útil *à coletividade*, igual *a mim*; responsável *pelo desastre*; confiante *no futuro*; desejoso *de glória*; tolerante *com os amigos*, etc.
>
> b) Independentemente *de minha vontade*; desfavoravelmente *a nós*; contrariamente *aos nossos desejos*, etc.»

⇗ **Observação.** Relembre-se apenas que não raro, quando se trata de adjetivo, podemos estar em fronteira turva: com efeito, em *É útil à coletividade*, pode entender-se *à coletividade* tanto como complemento nominal quanto como dativo (*É-lhe útil*).

> «2) Tratando-se, porém, de *substantivo*, é preciso cuidado para não confundir o complemento nominal com o "adjunto adnominal", que,

quando expresso por locução adjetiva [ou por grupo adjetivo, acrescente-se de nosso ângulo], se apresenta com a mesma forma daquele: preposição + substantivo.

Comparem-se:

copo *de vinho* (adjunto)	invasão *da cidade* (complemento)
rosa *com espinhos* (adjunto)	conversa *com o pai* (complemento)

Como, pois, fazer a distinção?

A diferença consiste em que os substantivos do primeiro grupo (*copo, rosa*) são *intransitivos*; ao passo que os do segundo (*invasão, conversa*) admitem emprego como *transitivos* – o que somente pode acontecer:

a) Com o *substantivo abstrato de ação*, correspondente a verbo da mesma família que exija objeto (direto ou indireto), ou complemento circunstancial:

inversão *da ordem* (cf. inverter *a ordem* – objeto direto);
obediência *aos pais* (cf. obedecer *aos pais* – objeto indireto);
ida *a Roma* (cf. ir *a Roma* – complemento circunstancial).

b) Com o *substantivo abstrato de qualidade*, derivado de adjetivo que possa usar-se transitivamente:

certeza *da vitória* (cf. certo *da vitória*);
fidelidade *aos amigos* (cf. fiel *aos amigos*).

Observação

Esta tentativa de sistematização didática parece-me satisfatória para orientar os estudantes.

Se bem que, do ponto de vista do ensino elementar, a distinção entre "complemento nominal" e "adjunto adnominal" se afigure algo perturbadora e, até, supérflua – o certo é que esteia em conceitos linguísticos que não podem deixar de levar-se em conta numa descrição fiel da estrutura da frase [*sic*; dir-se-ia melhor: *oração*].

O cerne da questão mergulha raízes no conceito (por excelência complexo) de transitividade e intransitividade; e ainda se prende, em certa medida, ao problema (não menos complexo) de emprego concreto ou abstrato do substantivo.

Ora, apenas substantivos abstratos de ação, relacionados a verbos transitivos ou amarrados a complemento circunstancial por preposição determinada, podem, por definição, ser "transitivos"; o mesmo passa com substantivos abstratos de qualidade, derivados de adjetivos transitivos. Desde que se concretizem, ou a ação ou a qualidade por eles expressa não transborde para um "objeto" – tornar-se-ão intransitivos.

Eis por que, muita vez, ao mesmo núcleo substantivo se junta variavelmente complemento nominal ou adjunto adnominal, conforme o termo preposicionado represente, ou não, o "objeto" da ação. Acrescente-se que esses casos à primeira vista ambíguos ocorrem tão só com a preposição *de*, em razão, porventura, de ser ela a mais *vazia* das preposições.

Cotejem-se os seguintes exemplos:

a) A invenção de *palavras* caracteriza o estilo de Guimarães Rosa. (Complemento nominal: "palavras" é o objeto, a coisa inventada, o paciente da ação contida no substantivo "invenção" – aqui usado, portanto, transitivamente).

b) A invenção de *Santos Dumont* abriu caminho à era interplanetária. (Adjunto adnominal: "Santos Dumont" não é o objeto da ação, o paciente, a coisa inventada; e sim o seu agente. A ação expressa pelo substantivo não vai além dele – o que lhe dá o caráter de palavra intransitiva).

Basta que o substantivo, ainda que abstrato de ação, venha empregado como concreto, para que desaceite complemento nominal. Ponham-se lado a lado estas frases:

a) A plantação de *cana* enriqueceu, outrora, a economia do país. (Complemento nominal: "plantação" tem, aqui, valor abstrato – a ação de plantar, cujo objeto é "cana").

b) Em poucas horas, o fogo destruiu toda a plantação de cana. (Adjunto adnominal: já agora, "plantação" é nome concreto, e, portanto, intransitivo).

De tudo decorre, por outro lado, que ao mesmo núcleo substantivo se possam subordinar, ao mesmo tempo, adjuntos e complementos nominais – a exemplo de construções como estas:

a) O amor de Jesus às criancinhas...

(Adjunto adnominal: "de Jesus"; compl. nominal: "às criancinhas"),

b) A derrota de Napoleão em Waterloo...

(Ambos são complementos nominais: "de Napoleão" e "em Waterloo").»[70]

---

[70] Rocha Lima, *op. cit.*, p. 296-98.

⇗ **Observação 1.** Evanildo Bechara, em sua última gramática, rejeita tal distinção – sem razão, se se leva em conta a justeza das palavras de Rocha Lima.

⇗ **Observação 2.** Em latim, nossos complementos nominais e parte de nossos adjuntos adnominais punham-se igualmente no genitivo, donde a distinção entre *genitivo objetivo* e *genitivo subjetivo*. Outra língua, outros modos.

⇗ **Observação 3.** Mas há um problema real: os adjuntos adnominais introduzidos por *de* não são os únicos que admitem redução a adjetivo simples:

✓ *os sonetos de Camões > os sonetos camonianos*;
✓ *o descobrimento de Cabral > o descobrimento cabralino*;
✓ etc.

Também a admitem *alguns* complementos nominais, como *a derrota de Napoleão* (> *a derrota napoleônica*). E tal se dá porque os adjetivos podem ter caráter não só ativo, mas passivo: por isso pode dizer-se tanto *sua vitória* como *sua derrota*. Mas, se assim é, então é forçoso concluir que os adjetivos simples, ao contrário do que dizem todas as gramáticas e do que de início dissemos nós mesmo *a modo dialético*, podem exercer tanto a função de *adjunto adnominal* como, por vezes, a de *complemento nominal*.

Estamos pois nos antípodas de Evanildo Bechara, e concluímos o que Rocha Lima não pôde concluir.

2.7.5.b. Quanto ao APOSTO, que é a segunda espécie de *termos adjuntos*, há que dizer o seguinte.

- Hoje, muitos (como o Dicionário Houaiss) pensam que o APOSTO não é função sintática. Mas todas as palavras se agrupam em classes gramaticais e exercem ou função sintática propriamente dita, ou função sintática relacional, como as preposições e as conjunções. Pois bem, se o aposto não é classe gramatical – e ninguém o afirma –, resta que seja função exercida por determinada classe gramatical, ou seja, o substantivo, porque, se não é classe nem função sintática, não se sabe o que possa ser.
- Note-se porém que, se a função sintática de APOSTO é exercida por substantivos, estes não a exercem senão em referência a outro substantivo. Mas a determinação dos substantivos é o próprio dos adjetivos, e em princípio repugna que um substantivo determine a outro. Antes de tentar compreendê-lo, todavia, vejamos de que modo a maioria das gramáticas compreende APOSTO e, talvez por influência principal do *Manual de Análise* de José Oiticica, em quantas e em que espécies o divide.

- Assim, segundo a maioria das gramáticas, aposto é o termo substantivo que especifica, enumera, resume, distribui, compara ou explica outro termo substantivo, com o que já se dariam suas mesmas espécies. Acompanhemos passo a passo tal classificação, dando sempre porém nosso mesmo parecer.

◆ Aposto especificativo:

- ✓ *o poeta Olavo Bilac*;
- ✓ *o gramático Sousa da Silveira*;
- ✓ *o historiador Tucídides*, *a professora Joana*;
- ✓ *O rio Tejo*;
- ✓ etc.

⬀ **Observação 1.** O termo "especificativo" é altamente impróprio, porque, com efeito, não se trata de especificação, mas de individualização: *Olavo Bilac*, *Sousa da Silveira*, *Tucídides* e *Joana* são indivíduos da mesma espécie, a humana, e não são senão indivíduos o que tais substantivos nomeiam aqui. Por isso, doravante o chamaremos aposto individualizador ou de individualização.

⬀ **Observação 2.** Em *a cidade de Lisboa*, *Lisboa* é em verdade aposto de *cidade*, ainda que entre eles medeie a preposição *de*. Este *de* é tardio na língua e está aí em razão de certa analogia popular com, por exemplo, *o Colégio de Pedro II* (em que *de Pedro II* é adjunto adnominal de *colégio*). Sucede, todavia, que por analogia inversa é agora *o Colégio de Pedro II* que perde o *de*, para cristalizar-se em *Colégio Pedro II* (em que *Pedro II* passa a aposto de individualização).[71]

⬀ **Observação 3.** Como anota Rocha Lima, "A *Grammaire Larousse du XXᵉ siècle* [...] e Maurice Grevisse, *Le bon usage* [...], ensinam que, em construções que tais, o aposto vem antecipado. De tal sorte que, em *maître Corbeau*, *le maréchal Foch*, *le philosophe Platon*, os substantivos apostos seriam, respectivamente, *maître*, *maréchal* e *philosophe*. Não entendemos assim".[72] Nós tampouco.

⬀ **Observação 4.** Não medeia nenhum sinal de pontuação entre esta espécie de aposto e o substantivo a que se refere.

⬀ **Observação 5.** Reduz-se a aposto individualizador o que chamamos aposto de epíteto (ou de alcunha):

- ✓ *Felipe, o Belo, foi rei da França de 1285 até a morte*;
- ✓ *Ivã, o Terrível, reinou por 35 anos*;

---

[71] Em *o mês de agosto*, em *o ano de 1983* e em tantos outros casos que tais, dá-se o mesmo que em *a cidade de Lisboa*.

[72] Rocha Lima, *op. cit.*, p. 316, nota 14.

✓ *Joana, a Louca, foi rainha de Castela e Leão e de Aragão*;

✓ etc.

¶ Note-se porém a vírgula **obrigatória** em português, e, salvo engano, só em português; nem sequer o galego a adota: *Iván o Terrible*. Em espanhol: *Iván el Terrible*; em francês: *Ivan le Terrible*; em italiano: *Ivan il Terribile*; em inglês: *Ivan the Terrible*; em alemão: *Iwan der Schreckliche*; etc.; em russo: Иван Грозный, *Ivan Grozny*.

Observação 6. Não se reduz a aposto individualizador o que não propriamente individualiza, senão que nomeia o indivíduo já significado por algum pronome:

✓ "Eu, Brás Cubas, escrevi este romance com a pena da galhofa e a tinta da melancolia" (Machado de Assis).

- Aposto enumerativo:[73]

✓ *O Império Romano possuía numerosas províncias: Hispânia, Gália, Itália, Dácia, etc.*;

✓ *Eis três mulheres bíblicas: Sara, Rebeca e Lia*;

✓ *Falam-se várias línguas – francês, italiano, alemão e rético – na Suíça.*

Observação 1. Como se vê pelos exemplos, entre o substantivo e seu aposto enumerativo medeia sempre algum sinal de pontuação.

Observação 2. Ademais, entre o substantivo e seu aposto enumerativo aparece, por vezes, uma das locuções *isto é*, *a saber*, *ou seja* e outras que tais:

✓ *Perderam todos os BENS, a saber: DOIS APARTAMENTOS, UMA FAZENDA E UM AUTOMÓVEL.*

Observação 3. Nos seguintes exemplos, Rocha Lima e a maioria dos gramáticos consideram que as palavras sublinhadas exercem a função de aposto sintetizador ou resumitivo:[74]

✓ *As cidades, os campos, os vales, os montes, tudo era mar*;

✓ *Os colegas de trabalho, os velhos amigos de infância e até os parentes mais chegados, ninguém lhe trouxe uma palavra de conforto*;

✓ *Filhos, netos, bisnetos, quem o socorrerá na velhice?*;

✓ *Sobrevivente do naufrágio, ele conseguiu salvar algum dinheiro; porém joias, roupas, documentos, o mais submergiu com o navio.*

---

[73] Os seguintes exemplos de aposto enumerativo, extraímo-los de Rocha Lima, *op. cit.*, p. 316-17.

[74] Exemplos também extraídos de Rocha Lima, *ibidem*.

Diz com acerto Rocha Lima que, "se a ordem dos termos da oração fosse esta: '*... porém o mais – joias, roupas, documentos – submergiu com o navio*' –, os três substantivos passariam a funcionar como apostos a 'o mais', que, então, seria o sujeito. O mesmo cabe dizer a respeito dos outros exemplos acima citados".[75] Sucede porém que, se se considera, como fazem Rocha Lima e a maioria dos gramáticos, que as palavras sublinhadas naquele rol de exemplos exercem a função de aposto, sucederia que aquilo que elas resumiriam constituiria certo ANACOLUTO.[76] Por isso mesmo, parece-nos mais apropriado considerar que tal "aposto resumitivo"[77] é antes o verdadeiro *sujeito* da oração, e que o que se enumera é antes o *aposto* (enumerativo), ainda que antecipado:

- ✓ *As cidades, os campos, os vales, os montes* [aposto enumerativo antecipado], *TUDO* [sujeito de] *era mar*;
- ✓ *Os colegas de trabalho, os velhos amigos de infância e até os parentes mais chegados* [aposto enumerativo antecipado], *NINGUÉM* [sujeito de] *lhe trouxe uma palavra de conforto*;
- ✓ *Filhos, netos, bisnetos* [aposto enumerativo antecipado], *QUEM* [sujeito de] *o socorrerá na velhice?*;
- ✓ *Sobrevivente do naufrágio, ele conseguiu salvar algum dinheiro; porém joias, roupas, documentos* [aposto enumerativo antecipado], *O MAIS* [sujeito de] *submergiu com o navio*.

¶ Como quer que seja, tal inversão é outro *modo cristalizado*, razão por que, segundo a figura, não constitui absurdo considerá-lo como o faz a maioria da tradição gramatical.

- APOSTO RESUMITIVO:

§ Acabamos de dizer que nisso a que as gramáticas chamam aposto resumitivo pode ver-se antes o sujeito da oração. Mas inequivocamente exerce a função de aposto o substantivo (ou o pronome substantivo) que, de fato, resume toda uma oração anterior:

- ✓ *Foram imprecisas suas explicações, fato que nos desgostou a todos*;

---

[75] *Ibidem*, p. 317

[76] Diz-se *anacoluto* qualquer ruptura sintática da oração que deixe sem função um dos termos. Celso Cunha dá o seguinte exemplo: "Umas carabinas que guardava atrás do guarda-roupa, a gente brincava com elas, de tão imprestáveis" (José Lins do Rego). – Sem que impugnemos o uso de anacolutos especialmente para reproduzir a fala (quase sempre prenhe deles), ou ainda em poesia, é normalmente de evitar em outros registros. (*Anacoluto* também se diz, menos cientificamente, *frase quebrada*.)

[77] O adjetivo *resumitivo* não se encontra dicionarizado; mas é hoje de largo uso no âmbito gramatical.

✓ *Foram imprecisas suas explicações, coisa que nos desgostou a todos*;
✓ *Foram imprecisas suas explicações, o que nos desgostou a todos*;
✓ etc.

Este, pois, é o que mais propriamente nos parece ser APOSTO RESUMITIVO.

- APOSTO DISTRIBUTIVO:

✓ *Marta e Sônia são ótimas alunas*;(:)(–) *esta em Gramática, aquela em Matemática*;
✓ etc.

OBSERVAÇÃO 1. Atente-se, antes de tudo, à múltipla possibilidade de pontuação.

OBSERVAÇÃO 2. Mas aqui já começa a delinear-se mais claramente o fundo mesmo do problema que o aposto implica. Não é preciso muito esforço para perceber que em *esta em Gramática, aquela em Matemática* há duas orações implícitas: *esta* [*É ÓTIMA ALUNA*] *em Gramática, aquela* [*É ÓTIMA ALUNA*] *em Matemática.* Deixemo-lo consignado.

- APOSTO COMPARATIVO:

✓ *Impressionaram-me seus olhos, abismos de tristeza*;
✓ *Os olhos do felino, faróis na escuridão, vasculhavam a selva*;
✓ etc.

OBSERVAÇÃO 1. Atente-se, ainda antes de tudo, à vírgula obrigatória entre o substantivo e seu aposto comparativo.

OBSERVAÇÃO 2. Tampouco, ademais, requer muito esforço constatar que também aqui há orações implícitas: *Os olhos do felino,* [*COMO SE FOSSEM*] *faróis na escuridão, vasculhavam a selva*; *Impressionaram-me seus olhos,* [*QUE ERAM COMO*] *abismos de tristeza*. Prossigamos.

- APOSTO EXPLICATIVO:

✓ *Cervantes, o primeiro ROMANCISTA, era homem das armas e das letras*;
✓ *Encontramo-nos com Virgínia, MUSICISTA promissora*;
✓ etc.

OBSERVAÇÃO 1. Entre o substantivo e esta espécie de aposto, como se vê pelos exemplos, sempre medeia vírgula.

OBERVAÇÃO 2. Neste caso de aposto, mais – parece-nos – que em qualquer outro, evidencia-se o fundo da questão que nos ocupa. Como vimos, há uma segunda espécie de predicativo (e Rocha Lima, por exemplo, não discrepa disto): *Esta moça, INTELIGENTE, por certo o conseguirá.* Por óbvio, *inteligente* é adjetivo. Já vimos, porém, que o predicativo pode ser exercido também por substantivo:

por exemplo, *O cisne é um ANIMAL*. Se assim é, não se vê então por que *o primeiro ROMANCISTA* ou *MUSICISTA promissora* não se classificariam também como predicativo. Se não se classificassem assim, tampouco então se classificaria assim *musicista* em *Esta moça, grande MUSICISTA, por certo o conseguirá*. Mas parece arbitrário.

⇙ **Observação 3.** Não se trata, porém, de mera elipse de oração; mas de CRISTALIZAÇÃO deste mesmo modo de elipse.[78] Estamos diante, uma vez mais, de tensão entre significado e figura, e isso de algum modo em quase todas as espécies de aposto. Com respeito a algumas delas, já o vimos. Vejamos agora as demais em que se dá tal cristalização:

✓ *o poeta Olavo Bilac < o poeta chamado Olavo Bilac < o poeta que se chama Olavo Bilac*;

✓ *O Império Romano possuía numerosas províncias: Hispânia, Gália, Itália, Dácia, etc. < O Império Romano possuía numerosas províncias: ou seja, Hispânia, Gália, Itália, Dácia, etc.*

(**OBSERVAÇÃO**: em português [como em espanhol], escrevia-se outrora *ou sejam* [*o sean*, em espanhol] sem vírgula subsequente [*O Império Romano possuía numerosas províncias, OU SEJAM Hispânia, Gália, Itália, Dácia, etc.*], com o que melhor se entende o que dizemos);

✓ *... porém o mais – joias, roupas, documentos – submergiu com o navio < ... porém o mais – ISTO É, joias, roupas, documentos – submergiu com o navio <... porém o mais – ISTO É joias, roupas, documentos – submergiu com o navio*

(**OBSERVAÇÃO**: note-se que com *isto é* sem vírgula subsequente – ou seja, a antiga maneira de escrevê-lo –, temos algo análogo ao que se passa com *ou seja*[*m*], com a particularidade de que, contrariamente ao uso moderno, o verbo de cópula concorda com o sujeito singular [*isto*] e não com o predicativo plural [*joias, roupas, documentos*]).

⇙ **Observação 4.** Caso mais complexo é o do APOSTO RESUMITIVO (o que resume toda uma oração). Complexo, mas perfeitamente inteligível, e explicável. Em todos estes exemplos:

✓ *Foram imprecisas suas explicações, fato que nos desgostou a todos*;

✓ *Foram imprecisas suas explicações, coisa que nos desgostou a todos*;

✓ *Foram imprecisas suas explicações, o que nos desgostou a todos*, o que hoje é aposto resumitivo não se usava na língua arcaica, em que o relativo *que* o era de toda a oração anterior:

---

[78] E isso, uma vez mais, ainda que historicamente nunca se tenham explicitado tais orações. Repita-se que se trata sempre de encontrar um fundo significativo.

✓ *Foram imprecisas suas explicações, que nos desgostou a todos.*

Muitos gramáticos, já se disse, assinalam que o antecedente do relativo pode ser uma oração inteira. Sem o negarmos, dizemos porém que se trata de recurso antes literário, não usável pois em outro âmbito, justamente porque sempre traz consigo algum grau de ambiguidade ou ao menos de dificuldade de compreensão imediata. Para mostrá-lo, basta que se reproduza o exemplo dado por Celso Cunha e Lindley Cintra:

✓ "E seu cabelo em cachos, cachos d'uvas, / E negro como a capa das viúvas... / (À maneira o trará das virgens de Belém / *Que* a Nossa Senhora ficava tão bem!)" (António Nobre).

Pois bem, foi justamente para evitar tal ambiguidade ou tal dificuldade de compreensão imediata que os lusófonos (como os hispanófonos) passaram a intercalar, entre a vírgula e o relativo *que*, o substantivo *coisa*, ou o substantivo *fato*, ou o pronome *o*, etc. Em outras palavras, trata-se de *remédio* cristalizado; mas o fundo da construção segue sendo ORAÇÃO + VÍRGULA + QUE (relativo da oração) QUE INTRODUZ "ORAÇÃO ADJETIVA EXPLICATIVA".

⇗ **Observação final.** Encontrado o diverso fundo das várias espécies de APOSTO, tem-se tripla e benéfica compreensão:

- a de que, SEGUNDO A SIGNIFICAÇÃO, nenhum substantivo pode *enquanto tal* determinar outro substantivo, o que não compete senão ao adjetivo;[79]
- a de que, todavia, SEGUNDO A FIGURA, um substantivo pode aparecer na função sintática de aposto e, portanto, pode referir-se a outro substantivo;
- a de que, enfim, feitos os devidos ajustes (como, cremos, fizemos acima), aqui tampouco necessitamos romper com a tradição gramatical, e podemos seguir usando o conceito de APOSTO em ordem às regras de concordância, às de pontuação, etc.

2.7.5.c. O **ADJUNTO ADVERBIAL** é a última das funções adjuntas, e pode exercê-la qualquer advérbio (ou qualquer grupo adverbial), sempre em referência a verbo, a adjetivo, a advérbio, a algum substantivo ou, ainda, a alguma oração:

---

[79] Salvo engano, o único gramático que insistiu nisto, ainda que algo inabilmente, foi Carlos Góis. – Uma coisa é determinar o substantivo, o que é próprio do adjetivo na função de adjunto adnominal; outra é atribuir-se como predicativo a um substantivo, o que, como vimos, pode dar-se tanto com o adjetivo como com o substantivo (*O cisne é branco* [adjetivo]; *O cisne é um animal* [substantivo]).

✓ *Vê-a diariamente*;
✓ *Conheci-o ali*;
✓ *obra pouco convincente.*
✓ *um poema bem composto*;
✓ *Pensou-o muito detidamente*;
✓ *É quase major*;
✓ *Cometeu-o de modo premeditado*;
✓ *Partiremos de madrugada*;
✓ *Lerei a correspondência no fim de semana*;
✓ *Infelizmente, não tiveram êxito*;
✓ *Para mim, seu argumento é frágil*;
✓ etc.

☞ **Observação.** Também as *orações subordinadas adverbiais* exercem a função de adjunto adverbial com respeito à oração subordinante. Voltaremos a tratá-lo.

→ O ADJUNTO ADVERBIAL não se divide senão segundo o que o advérbio que o exerce significa. Nem sempre é fácil classificar este ou aquele adjunto adverbial, em especial quando exercido por grupo de *preposição + substantivo*, e isso é assim porque, como visto, uma só preposição pode fundar diferentes relações. Tomemos exemplos de adjunto adverbial exercido por grupo iniciado por *de*:

✓ *Falamos* DE *vários problemas* [ADJUNTO ADVERBIAL DE ASSUNTO];
✓ *O animal morreu* DE *sede* [ADJUNTO ADVERBIAL DE CAUSA];
✓ *Aquela senhora vive* DO *aluguel de dois apartamentos* [ADJUNTO ADVERBIAL DE MEIO];
✓ *Olhou-nos* DE *soslaio* [ADJUNTO ADVERBIAL DE MODO].

¶ Outros exemplos:

✓ *Falou-se de/sobre/acerca de/a respeito de pintura* [ADJUNTO ADVERBIAL DE ASSUNTO];
✓ *A plantação arruinou-se com as intensas chuvas*; *Desistiu do projeto por desânimo* [ADJUNTO ADVERBIAL DE CAUSA];
✓ *Viajou com os filhos* [ADJUNTO ADVERBIAL DE COMPANHIA];
✓ *Apesar da/malgrado a descrença geral, insistiu em seu intento* [ADJUNTO ADVERBIAL DE CONCESSÃO];
✓ *Só com leitura é possível escrever bem* [ADJUNTO ADVERBIAL DE CONDIÇÃO];
✓ *Criou-o à sua imagem e semelhança* [ADJUNTO ADVERBIAL DE CONFORMIDADE];

✓ *Morrer pelo rei; Agir em benefício dos outros; Fazemo-lo em prol da brevidade*; etc. [ADJUNTO ADVERBIAL DE FAVOR OU BENEFÍCIO];

✓ *Esforçou-se por isso; Trabalha pelo sustento da família* [ADJUNTO ADVERBIAL DE FIM];

✓ *Escreve-o a lápis; Os bombeiros arrombaram a porta a machadadas* [ADJUNTO ADVERBIAL DE INSTRUMENTO];

✓ *Onde moras?/Moro no Sul; Aonde ides?/Vamos ao Centro; O trem já partiu da Inglaterra* [ADJUNTO ADVERBIAL DE LUGAR];

✓ *Viajam a cavalo/em carruagem/de trem* [ADJUNTO ADVERBIAL DE MEIO];

✓ *Gritava a plenos pulmões; Pisou em falso; Trabalhavam rapidamente* [ADJUNTO ADVERBIAL DE MODO];

✓ *Para nós, não foi convincente* [ADJUNTO ADVERBIAL DE OPINIÃO];

✓ *Remar contra a maré; Agiu ao arrepio da lei; Afirma-o a contrapelo da corrente majoritária* [ADJUNTO ADVERBIAL DE OPOSIÇÃO];

✓ *George Simenon escreveu livros às centenas* [ADJUNTO ADVERBIAL DE QUANTIDADE];

✓ *Atende aos reclamos às terças-feiras; Entristeceu-se à partida do navio; Cinzelou por anos sua obra-mestra; De noite, recolhe-se à biblioteca* [ADJUNTO ADVERBIAL DE TEMPO].

2.7.6. O VOCATIVO é a função sintática exercida por nome (ou grupo nominal) *apelativo*, ou seja, o que se usa para chamar, interpelar, dirigir-se ou a alguém, ou a animal, ou ainda a qualquer coisa personificada. Conquanto seja função sintática – e, com efeito, conta com desinência própria em muitos sistemas casuais –, não é parte intrínseca da oração, senão que participa extrinsecamente dela. Exemplos:

✓ *Senhor, dê-me uma esmola...*;

✓ *Escute o que te direi, menina*;

✓ "Ó seu Pilar! – bradou o mestre com voz de trovão" (MACHADO DE ASSIS).

⇗ **OBSERVAÇÃO 1.** Como se vê, o vocativo pode ter ou não ter caráter exclamativo.

⇗ **OBSERVAÇÃO 2.** Não se confunda a interjeição *oh!*, que exprime surpresa, tristeza, dor, etc., e sempre se segue de sinal de exclamação, com a interjeição *ó*, que não faz senão anteceder e reforçar vocativo, e nunca se segue, ela mesma, de sinal de exclamação (conquanto este possa vir em seguida ao vocativo, como no exemplo de Machado):[80]

✓ **Ó** *Maria, ajude-me* (ou **Ó** *Maria! Ajude-me*, ou ainda **Ó** *Maria! ajude-me*);

✓ "E não cuides, ó Rei, que não saísse
O nosso Capitão esclarecido
A ver-te ou a servir-te, porque visse
Ou suspeitasse em ti peito fingido"
(Camões)

✓ "**Ó** paços reais encantados
Dos meus sentidos doirados [...]"
(Mário de Sá-Carneiro).

❡ *Note-se que, no segundo exemplo, o vocativo é constituído pelos dois versos inteiros.*

⇗ **Observação 3.** Em parte do Brasil, a interjeição de vocativo, *ó*, diz-se *ô*. Mas na escrita, se não se busca reproduzir tal falar, deve usar-se *ó*.

⇗ **Observação 4.** *De regra*, o vocativo, quando no início ou no fim da oração, separa-se obrigatoriamente desta por vírgula, ou, quando intercalado, vem necessariamente entre vírgulas:

✓ *Filho, aonde vais?*

✓ *Escuta-me, José*;

✓ "Presta atenção, querida,
De cada amor tu herdarás só o cinismo,
Quando notares estás à beira do abismo,
Abismo que cavastes com teus pés"
(Cartola).

⇗ **Observação 5.** A palavra *senhor* que se segue a *sim* ou a *não* (*Sim, senhor*; *Não, senhor*) separa-se por vírgula justo por exercer a função de vocativo (que, como visto, sempre se separa da oração por vírgula ou por sinal de exclamação).[81] Ordinariamente, não equivale a pausa na fala, com o que já se antecipa algo da Décima Parte: nem sempre os sinais de pontuação correspondem a alguma pausa oral.

---

[80] *Ó* tem por étimo o lat. *ō*, às vezes *ŏ* antes de vogal breve, interjeição empregada justamente para chamar ou invocar. (Em latim, por vezes também exprime admiração, perturbação, dor, etc.)

[81] E *sim*, quando responde a pergunta, é certo vocábulo vicário: faz as vezes de alguma oração afirmativa (– *Estudaste?* – *Sim* [= *Estudei*]). *Não*, por seu lado, quando responde a pergunta, traz sempre implícito o restante de alguma oração negativa: (– *Estudaste?* – *Não* [= *Não estudei*]).

III
AS ESPÉCIES DE ORAÇÕES

3.1. É quanto a este ponto, ou melhor, quanto a parte deste ponto, que mais discrepamos da tradição gramatical. Para o mostrarmos, dêmos uma vez mais *in extenso* a palavra a Rocha Lima (que junto com Cunha e Cintra é quem mais claramente expõe os pontos de vista da tradição gramatical com respeito às orações).[82]

> «**Período** é a frase», começa Rocha Lima, «formada de duas ou mais orações. De acordo com o modo como se dispõem e relacionam nele, apresenta o período duas estruturas típicas:
>
> - *Coordenação*
> - *Subordinação.*»

3.1.1. O que Rocha Lima chama "período" chamamos nós ou *oração* ou *frase*, a depender do ângulo por que se tome. Quanto à divisão da oração ou frase em coordenação e em subordinação, é o que estudaremos agora.

> «**Coordenação**
>
> A comunicação», prossegue Rocha Lima, «de um pensamento em sua integridade, pela sucessão de orações *gramaticalmente* independentes – eis o que constitui o período composto por coordenação.
>
> Exemplo:
>
> *As senhoras casadas eram bonitas; porém Sofia primava entre todas.*
>
> Se eu quisesse transmitir a alguém este meu juízo, e lhe dissesse apenas:
>
> *As senhoras casadas eram bonitas* –,
>
> ou tão somente:
>
> *Sofia primava entre todas.* –,
>
> não teria, decerto, comunicado o que pretendia: minha declaração, num caso e noutro, estaria truncada, ou incompleta.
>
> É que, para transmitir aquele pensamento, necessito das duas orações em conjunto – não obstante poder cada qual delas existir por si só.
>
> Outro exemplo:

---

[82] Tudo o que se citar de Rocha Lima neste e nos próximos pontos se tomou de Rocha Lima, *op. cit.*, p. 321-23.

> *Cheguei, vi, venci.*
>
> Neste período, as orações se sucedem naturalmente, apenas realçadas na pronúncia por leve pausa, que se marcou pelo sinal gráfico *vírgula.*
>
> Poderia, porém, haver entre elas, principalmente entre as duas últimas, uma *conjunção coordenativa.*
>
> Quando não há esta partícula [*sic*; trata-se de palavra, como vimos dizendo ao longo desta *Suma*], a coordenação diz-se ASSINDÉTICA; em caso contrário, SINDÉTICA.
>
> As orações coordenadas sindéticas recebem o nome das conjunções que as iniciam, classificando-se, portanto, em: *aditivas, adversativas, alternativas, conclusivas, explicativas.*»

3.1.2. "Sucessão de orações gramaticalmente independentes", diz Lima e com ele toda a tradição gramatical. Não se vê porém como pode ser independente qualquer das espécies de orações "coordenadas" arroladas pelo nosso gramático:

- ✓ *Chegou a casa* E *foi descansar* [aditiva];
- ✓ *As senhoras casadas eram bonitas;* PORÉM *Sofia primava entre todas* [adversativa];
- ✓ "Ser OU não ser, eis a questão" (Shakespeare) [alternativa];
- ✓ "Penso; LOGO, SOU" (Descartes) [conclusiva];
- ✓ *Apressemo-nos,* QUE *já estamos atrasados* [explicativa].

Com efeito, 1) *e foi descansar,* 2) *porém Sofia primava entre todas,* 3) *ou não ser,* 4) *logo, sou* e 5) *que já estamos atrasados* não são *de modo algum* independentes – a não ser que se lhes tire a conjunção (*e, porém, ou, logo, que,* sucessivamente). Mas também podemos tirar o conectivo a algumas espécies de orações subordinadas. Exemplos:

- ✓ QUANDO *cessou a chuva, partimos* (temporal) > *Cessou a chuva, partimos;*
- ✓ SE *canto, acalmo-me* (condicional) > *Canto, acalmo-me.*

Mas o principal é que é de todo arbitrário dizer que as "coordenadas" o são por independentes: porque é princípio aceito por toda a tradição gramatical, incluído Rocha Lima, que o conectivo subordinativo é parte da oração subordinada, e não se vê por que não o seria da oração "coordenada" a conjunção "coordenativa".

3.1.3. Por outro lado, "comunicar o que se pretende" pode requerer uma de duas coisas: ou complemento ou adjunto, como vimos com respeito às funções sintáticas. Ora, vimos também que as orações exercem as mesmas funções sintáticas que os termos não oracionais. Logo, **HÁ DUAS ESPÉCIES DE ORAÇÕES SUBORDINADAS:** as completivas ou integrantes (por exemplo, *Disse que viria*) e as adjuntivas (*Disse que viria, mas não veio* ou *Conquanto tivesse dito que viria, não veio*). Relembre-se que adjunto não é sinônimo de "dispensável", e que o é de "suplementar" apenas em um sentido. Mas, insista-se, em nenhum dos exemplos de oração "coordenada" a segunda delas "pode existir por si só", como quer Lima.

3.1.4. Diz Lima que se chama *sindética* a oração "coordenada" introduzida por conjunção, e *assindética* a não introduzida por conjunção: *Cheguei, vi, venci.* Neste exemplo, há portanto três *assindéticas*. Já veremos o que isto implica.

⇗ **OBSERVAÇÃO 1.** Note-se a ruptura a que procedemos acima com respeito à tradição gramatical: antes de tudo, ao menos as chamadas "orações coordenadas sindéticas" chamamo-las nós "adjuntivas de certa espécie". Resta-nos dizer de que espécie, o que faremos mais adiante.

⇗ **OBSERVAÇÃO 2.** Todavia, não podemos senão concordar com Lima quanto a que as *assindéticas* poderiam tornar-se *sindéticas*. Com efeito, *Cheguei, vi, venci* poderia dizer-se *Cheguei e vi e venci*. Se o poderia, não seria senão porque a modalidade *adição*, expressa pela conjunção *e*, já estava em potência nas *assindéticas*. Atente-se porém a que em uma mesma *assindética* podem estar em potência diferentes modalidades. Assim, em *Estuda, trabalha* podemos ter: *Estuda e trabalha* (adição); *Estuda mas trabalha* (adversão); *Ou estuda, ou trabalha* (disjunção); *Estuda porque trabalha* (causa); etc. Ou em *Cessou a chuva, partimos*: *Quando cessou a chuva, partimos* (tempo); *Assim que cessou a chuva, partimos* (tempo imediato); *Porque cessou a chuva, partimos* (causa); *Cessou a chuva, e partimos* (adição); etc. Por aí se vê a necessidade das conjunções e a razão de sua mesma criação: por seu uso, eliminam-se anfibologias. – Pois bem, as orações assindéticas – como *vi* e *venci* em *Cheguei, vi, venci* – são SEGUNDO A SIGNIFICAÇÃO subordinadas à primeira, ainda que SEGUNDO A FIGURA estejam coordenadas a ela, pela ausência de conjunção. Mas de que *Cheguei, vi, venci* possa dizer-se *Cheguei* E *vi* E *venci* não é possível senão concluir como se acaba de fazer.

> «**ORDEM DAS ORAÇÕES COORDENADAS**
>
> Conquanto», diz ainda Lima, «tenham o mesmo valor sintático, nem sempre é indiferente a *ordem* das orações no período composto por coordenação. Elas se hão de dispor conforme o sentido e a sucessão lógica dos fatos. Por isso, à oração que vem em primeiro lugar – ponto de partida do pensamento – é costume chamar *coordenada culminante*.

> Atentemos para esta observação de João Ribeiro, um dos mais inteligentes dos nossos gramáticos:
>
> "– *Deus fez a luz; depois criou a natureza; e finalmente formou o homem. Entrou em combate, lutou heroicamente e morreu.*
>
> A ideia obriga a colocação em circunstâncias como estas, de sorte que seria impossível dizer: *morreu, entrou em combate e lutou heroicamente.* Não menos absurdo seria inverter a ordem do primeiro exemplo, dizendo: *Deus finalmente formou o homem, depois criou a natureza*, etc. Assim, todas as vezes que os fatos têm ordem histórica, a narração deve também seguir em lugares sucessivos os momentos sucessivos do tempo. A conclusão de uma premissa deve ir também em último lugar. *Penso; logo, existo* – é a frase que não se pode inverter. A inversão tem, todavia, lugar, quando, sem ofensa da ordem verídica e histórica dos fatos, a coordenação é feita por conjunções disjuntivas (alternativas):
>
> *Quer venha, quer não venha...*
>
> *Quer não venha, quer venha...*
>
> Neste caso existe exclusão de um dos dois fatos, e a ordem histórica não sofre injúria alguma".»

3.1.5. A noção de "coordenada culminante" é, esta sim, vazia de sentido, e está aí apenas para camuflar a incoerência da tese: a "oração que vem em primeiro lugar" não é senão a única oração independente de uma frase como *Estuda e trabalha.* Como todavia se quer crer que a segunda (*e trabalha*) seja coordenada à primeira (apesar de iniciar-se por conjunção...), então, naturalmente, a primeira há de estar "coordenada" à segunda: e será "culminante" porque... não se introduz por conjunção. Mas por que não introduzir-se por conjunção implica ser "culminante" é o que não se explica. Tem todavia uma explicação: é "culminante" porque, em verdade, é subordinante da segunda, que será, portanto, subordinada da primeira, tão subordinada como o é a segunda com respeito à primeira nesta frase: *Estuda porque trabalha*. A diferença *essencial* está em que no primeiro caso a segunda oração (*e trabalha*) expressa a ideia de ADIÇÃO com respeito à primeira oração, enquanto no segundo caso a segunda oração (*porque trabalha*) expressa a ideia de CAUSA com respeito à primeira. Trata-se pois tão somente, insista-se, de distinção de ideias, de modalidades, ou, se se quiser, de circunstâncias.

OBSERVAÇÃO. Othon M. Garcia, em sua já referida *Comunicação em Prosa Moderna*, é o único que, num magnífico e estimulante capítulo, aponta para o que se acaba de dizer. Mas não conclui como nós – porque ainda se sente, digamos, inseguro para romper tão radicalmente nisto com a tradição gramatical –, e recorre a distinção semelhante à que fazemos entre *significado* e *figura* (para ele, entre "conteúdo" e "ordem sintática"). Sucede apenas que aqui não se dá tensão alguma entre figura e significado. Apesar disto, recomendamos efusivamente sua leitura.

3.1.6. Quanto à ordem "histórica" das orações, têm toda a razão Lima e Ribeiro. Mas há que fazer-lhes precisões.

- Antes de tudo, insista-se em que primeira oração pode ter anterioridade não só "histórica", mas de outra classe. Em *Engano-me, logo sou*,[83] por exemplo, o fato de enganar-se não é cronologicamente anterior ao fato de ser, mas cronologicamente simultâneo ou posterior a ele.
- Muitos gramáticos recorrem à ordem "histórica" das "coordenadas" para afirmar a distinção entre estas e as subordinadas: com efeito, posso dizer indiferentemente *Quando cessou a chuva, partimos* ou *Partimos(,) quando cessou a chuva*; *Porque cessou a chuva, partimos* ou *Partimos porque cessou a chuva*; etc. No entanto, não só, como dito por João Ribeiro, algumas "coordenadas" podem dizer-se em ordem indiferente, senão que algumas subordinadas não podem vir senão depois da subordinante (ou, como é chamada pela tradição gramatical, "principal"): *Estudou tanto(,) que alcançou o que queria* (consecutiva), por exemplo. Dá-se aqui dupla ordem de anterioridade e de posterioridade: a primeira oração é anterior tanto cronologicamente como causalmente à segunda, porque, com efeito, para alcançar o que queria, teve antes de estudar muito, e o ter estudado muito foi a causa de ter alcançado o que queria – e vice-versa: o ter alcançado o que queria deu-se depois de ter estudado muito, e foi efeito disto mesmo. Já só por isso, portanto, é possível ver que tampouco a ordem das orações é suficiente para fundar a distinção entre "coordenadas" e subordinadas. Mas há mais: em *Porque cessou a chuva, partimos* ou *Partimos porque cessou a chuva*, temos a mesma dupla ordem que em *Estudou tanto(,) que alcançou o que queria* (o ter cessado a chuva é anterior cronologicamente e causalmente ao ter-se partido, e vice-versa), e no entanto suas orações podem pôr-se em ordem *sintática* indiferente. Insista-se, pois, em que a ordem é insuficiente para fundar aquela distinção.

---

[83] O raciocínio completa o seguinte antecedente: *Para enganar-me, necessito ser* [*existir*].

• A presença mesma da conjunção é indicativa de que se trata de oração subordinada, porque, com efeito, assim como as preposições, as conjunções servem para subordinar uma ideia a outra. A diferença entre preposições e conjunções é que as primeiras subordinam antes palavras (e secundariamente orações reduzidas), enquanto as segundas subordinam antes orações (e secundariamente palavras). Mas a afirmação de que as conjunções subordinam também palavras vai contra o que dizem algumas gramáticas, razão por que é preciso explicá-la.

◆ Em *É inteligente mas preguiçoso*, obviamente se trata de duas orações, com o verbo da segunda elíptico: *É inteligente / mas [é] preguiçoso.*

◆ Podem considerar-se analogamente *Comprou livros / e [comprou] canetas* ou *Falou brevemente / mas [falou] profundamente.*

◆ Mais ainda, *Pedro e João chegaram a Budapeste* pode desdobrar-se em *Pedro chegou a Budapeste, / e João também chegou a Budapeste* – mas note-se que, neste caso, Pedro e João chegaram separadamente a tal cidade.

◆ Se porém tiverem chegado juntos, já diminui tal possibilidade de desdobramento. Mas tal possibilidade se torna francamente impossível em *Não participamos da conversa entre Maria e João.*

◆ Logo, ainda que secundariamente, ao menos a conjunção *e* também subordina palavras, de modo absoluto.

• Já no âmbito da mesma tradição gramatical, é difícil distinguir a *oração "coordenada" explicativa* e a *oração subordinada causal.* Quem melhor e mais claramente o faz é ainda Rocha Lima, razão por que lhe daremos uma vez mais *in extenso* a palavra.

> «As conjunções *que* e *porque* ora têm valor coordenativo [*sic*; para nós, explicativo] (conjunções explicativas), ora valor subordinativo (conjunções causais). Em certas línguas, distinguem-se estes dois papéis pela diversidade de partícula [*sic*]: no primeiro caso, equiparam-se ao francês *car*, ao inglês *for* e ao alemão *denn*; no outro, valem, respectivamente, por *parce que*, *because* e *weil.* [Perfeito. Isto, porém, pelas mesmas razões dadas acima, tampouco funda distinção entre "coordenação" e subordinação, conquanto funde, sim, a distinção entre explicativa e causal.]
>
> Nem sempre é fácil, por sem dúvida, diferençá-las com nitidez. Todavia, atente-se para os seguintes traços caracterizados de uma e outra:
>
> a) Valor coordenativo [*sic*; para nós, *explicativo*]:

A oração coordenada [*sic*; para nós, *explicativa*] de *que* e *porque*, como, aliás, qualquer oração coordenada [*sic*], é feita para introduzir uma ideia nova, dentro de uma sequência do tipo A + A. Por encerrar a justificação do que se disse na oração anterior, tem, forçosamente, de seguir-se a esta [já vimos quanto de impróprio se encerra neste argumento de ordem]. Por outro lado, separa-a da oração antecedente uma pausa de certa duração – pausa que, com frequência, se assinala por ponto e vírgula e, até, por ponto simples, além de se marcar, naturalmente, por vírgula:

"Não é oração aceitável a do ocioso; *porque* a ociosidade o dessagra."

"Os 'maus' só lhe inspiram tristeza e piedade. Só o 'mal' é o que o inflama em ódio. *Porque o* ódio ao mal é o amor do bem, e a ira contra o mal, entusiasmo divino."

(ambos os exemplos são de Rui Barbosa, na célebre *Oração aos moços*).

b) Valor subordinativo [causal]:

A oração subordinada [causal] de *que* e *porque* é parte de outra oração,[84] na qual funciona como adjunto adverbial – dentro de um esquema do tipo *determinado* + *determinante*, ou por outras palavras: *principal* + *dependente* [ou melhor, *subordinante* + *subordinada adjuntiva*]. E entre elas existe, necessariamente, uma relação de "causa" e "consequência".

Eis aí a verdadeira pedra de toque: a oração principal [ou melhor, subordinante] encerra sempre a consequência do que se declarou na subordinada, e nesta, por sua vez, se apresenta a razão sem a qual não haveria aquela consequência. Em suma: são partes correlativas do mesmo todo.

Além disso, a subordinada causal pode antepor-se à principal [ou melhor, subordinante], caso em que dela se separa por pausa menor, marcada por vírgula; pospondo-se-lhe, pode também isolar-se por vírgula, ou, até, dispensar sinal de pontuação.

Comparem-se os exemplos:

Espere-me um instante, que (*porque*) *não demorarei.*

---

[84] *Sic*; é parte extrínseca, adjunta, tal qual o é a oração explicativa. Parte intrínseca – ou seja, complementar ou integrante – não são propriamente, como veremos, senão as orações substantivas e as orações adjetivas "restritivas".

> (Evidentemente, não existe, aí, nenhuma relação de causa e consequência; com a segunda oração, faz-se tão só uma justificação do que se recomendara na primeira.)
>
> Já na frase:
>
> O *capitalista se matou / porque estava arruinado.* –,
>
> a oração "porque estava arruinado" nos informa sobre a condição determinante, a razão eficiente da morte do capitalista. Se ele não estivesse arruinado, não se teria matado; portanto, o estar arruinado (causa) foi o que acarretou o ter-se matado (consequência).»[85]

- Pois bem, note-se que a única efetiva distinção entre *explicativas* e *causais* que se dá aí se funda sobretudo na distinção de ideias ou de modalidades que elas expressam. E, efetivamente, o serem "partes correlativas do mesmo todo" não se dá entre a maioria das orações "coordenadas", ao passo que se dá entre muitas orações subordinadas e sua subordinante:
  - ✓ *Fê-lo / porque o considerou justo* (de efeito ou consequência para causa);
  - ✓ *Estudou tanto*(,) / *que alcançou o que queria* (de causa para efeito ou consequência);
  - ✓ *Se tivesse estudado, / teria alcançado o que queria* (de hipótese ou condição para efeito ou consequência);
  - ✓ etc.
- Mas não assim entre outras subordinadas e sua subordinante:
  - ✓ *Despertamos / quando a manhã já ia avançada*;
  - ✓ *Luta / como* [*luta*] *um leão*;
  - ✓ etc.[86]
- Ademais, tal correlação também se dá entre ao menos as orações "coordenadas" conclusivas e sua "culminante":
  - ✓ *Estudou muito*; / *por isso*(,) *alcançou o que queria* [de causa para efeito ou consequência];
  - ✓ etc.
- Por conseguinte, tampouco a distinção entre explicativas e causais pode estender-se a fundamento da distinção geral entre "coordenadas" e subordinadas.

---

[85] Rocha Lima, *op. cit.*, p. 342-43.

[86] Algumas subordinadas encerram, digamos, "em germe" tal correlação. Com efeito, na subordinada de *Quando cessou a chuva, partimos* pode ver-se algo de causal.

⇗ **Observação.** Apesar da magnífica explicação de Lima, não deixa de ter sua parte de razão Bechara ao falar de "orações causais-explicativas": de fato, não raro a fronteira entre explicativas e causais se turva invencivelmente. Mas isto não é razão para negar, como faz Bechara, sua distinção, que se comprova, muito especialmente, pela distinção entre *car*, *for* e *denn*, por um lado, e *parce que*, *because* e *weil*, por outro.

3.1.7. Parece estar estabelecido, portanto, que nenhuma oração introduzida por conectivo é coordenada, senão que é subordinada. Ainda, é verdade, não se disse a que espécie de subordinadas pertencem as comumente ditas "coordenadas". Mas para fins didáticos[87] convém arrolar agora as espécies destas, as quais se denominam segundo sua mesma conjunção.

- As ADITIVAS, como diz seu mesmo nome, expressam a ideia (ou modalidade) de ADIÇÃO à oração subordinante, e sua conjunção paradigmática é *e*:

  ✓ *Chegou a casa* E *foi imediatamente para a biblioteca*;

  ✓ etc.

⇗ **Observação 1.** O advérbio *mais*, a preposição *com* e alguns pares também podem expressar adição:

✓ *Dois mais dois são quatro*;

✓ *Marcos com seus primos começaram o trabalho*;

✓ *Ricardo estuda não só de dia mas de noite*;

✓ *Não só* [ou *somente*] *trabalha de dia*, *mas* [ou *mas ainda*, *mas também*, *senão também*, *senão que*] *estuda à noite*.

⇗ **Observação 2.** Por outro lado, *e* pode expressar adversão:

✓ *Disse que viria*, *e* [*mas*] *não veio*.

⇗ **Observação 3.** Acabamos de ver que *e* pode expressar adversão. Nem por isso, todavia, deixa de ser aí aditiva: porque, ainda expressando adversão, não deixa de expressar adição. É polifuncional, mas basicamente *aditiva*, e deve dizer-se tal.

⇗ **Observação 4.** *E* pode expressar ideia aditiva não só entre orações (ou palavras) dentro de uma frase, mas ainda entre frases, como a indicar que estas se adicionam umas às outras para expressar uma ideia que as engloba a todas. É modo muito expressivo, chamado *polissindético*, e largamente usado na Bíblia:

✓ "A terra, porém, estava informe e vazia, e as trevas cobriam a face do abismo, e o Espírito de Deus movia-se sobre as águas. **E** Deus disse: Faça-se a luz. **E** a luz se fez. **E** Deus viu que a luz era boa; e separou a luz das trevas. **E** chamou à luz dia, e às trevas noite. **E** fez-se tarde e manhã, e foi o primeiro dia".

---

[87] Ou seja, para seguirmos a ordem mesma em que a tradição gramatical trata as orações.

→ Neste modo, com efeito, potencializa-se muito tanto o sentido de unidade do texto como o de unidade da ação mesma. Mais que isso, porém, pode começar-se por *E* o próprio texto:

✓ *E o vento levou...*

É como se a conjunção conectasse o texto ao conjunto do ser.

- As ALTERNATIVAS ou DISJUNTIVAS, como diz seu próprio nome, expressam a ideia de ALTERNÂNCIA ou de DISJUNÇÃO: se se cumpre o expresso em uma das orações, não se cumpre ou não se cumprirá o expresso na outra. A conjunção disjuntiva paradigmática é *ou*:

✓ *Ser OU não ser, eis a questão*;

✓ *OU estudas*, *OU serás reprovado na escola*;

✓ etc.

OBSERVAÇÃO 1. Note-se a curiosa e sempre possível repetição de *ou*, posta no rosto de ambas as orações. Tal possibilidade é única: não se dá em nenhuma outra espécie de orações.

OBSERVAÇÃO 2. No entanto, no exemplo posto (*OU estudas*, *OU serás reprovado na escola*) não é indiferente a ordem sintática das orações, justamente porque, sob a ideia de disjunção, estão presentes aí outras ideias (condição e causa-efeito).

OBSERVAÇÃO 3. Mas é de todo indiferente a ordem sintática em *Ou brincas / ou estudas*, que poderia dizer-se, sem alteração de sentido: *Ou estudas / ou brincas*. E dá-se o mesmo com os demais pares disjuntivos:

✓ *Nem brinca*(,) / *nem estuda*;

✓ *Ora brinca*(,) / *ora estuda*;

✓ *Já brinca*(,) / *já estuda*;

✓ *Quer chova*(,) / *quer faça sol*, *irão*;

✓ *Seja difícil*(,) / *seja fácil*, *empreendê-lo-emos*;

✓ etc.[88]

---

[88] Atente-se a que, conquanto todos estes sejam pares disjuntivos, subjazem outras ideias à sua ideia principal: em *ora ... ora* e em *já ... já*, a de tempo; em *nem ... nem*, a de negação; etc. – Se porém no primeiro membro já se expressou a negação, não se repita *nem*: *Não tem vontade de brincar nem de estudar* (e não "Não tem vontade 'nem' de brincar nem de estudar"). Diga-se o mesmo com respeito ao uso de *nem* antes de palavras isoladas: *Não tem dinheiro nem vontade para tal* (e não "Não tem 'nem' dinheiro nem vontade para tal"). Repetir o *nem* nestes casos constitui uma sorte de pleonasmo vicioso.

⇗ **Observação 4.** Quando *nestes casos* é indiferente a ordem das orações, então, sim, pode falar-se de uma sorte de coordenação. Ou poderia dizer-se, talvez melhor, que ambas as orações se subordinam a uma e mesma ideia de disjunção. Caso único e de difícil definição.

- As **ADVERSATIVAS**, como diz seu nome mesmo, expressam a ideia de ADVERSÃO ou OPOSIÇÃO à oração subordinante. A conjunção adversativa paradigmática é *mas*:

✓ *Disse que viria, MAS não veio*;

✓ *Não o conseguiu agora, MAS certamente acabará por consegui-lo*;

✓ etc.

⇗ **Observação 1.** Muitas vezes a ideia expressa pela oração adversativa não é de pura e simples oposição, mas de oposição, digamos, corretiva, ou replicativa, etc.:

✓ *Isso é interessante, MAS vamos ao assunto principal*;

✓ *Desculpe-me a franqueza, MAS sua opinião não procede*;

✓ etc.

⇗ **Observação 2.** Há outras conjunções adversativas, todas as quais, como *mas*, têm origem adverbial:[89] *porém* (lat. *proinde*, pelo arc. *por ende*); *todavia* (justaposição de *toda via*, que tinha originalmente o significado de "em todo o caminho, constantemente");[90] *contudo*; *não obstante*;[91] *no entanto*; *entretanto*.[92]

⇗ **Observação 3.** À exceção de *mas*, todas as outras adversativas podem deslocar-se do rosto para o meio da oração. Quando o fazem, porém, deixam de ser conjunções e voltam à origem adverbial. É uma contradição de termos considerar que qualquer conjunção possa não estar no rosto da oração. Mas nesta contradição incorre, infelizmente, quase toda a tradição gramatical.

⇗ **Observação 4.** Insista-se em que *e* pode expressar adversão:

✓ *Disse que viria, e [mas] não veio.*

⇗ **Observação 5.** *Mas* pode expressar continuação, como se verá mais adiante.

---

[89] *Mas* provém do port. arc. *mais*, e este do lat. *magis*, e sua carga semântica adversativa decorre do fato de a ideia adversativa estar subjacente em muitos contextos oracionais em que se usava a palavra.

[90] Daí que o espanhol *todavía* siga sendo advérbio e signifique "ainda".

[91] *Não obstante* pode usar-se não só como conjunção adversativa (*Estava esgotado; não obstante, prosseguiu*), mas como preposição (*Não obstante estar esgotado, prosseguiu*).

[92] *Entretanto* pode ser advérbio, com o sentido de *nesse ínterim, entrementes, enquanto isso* (*Entretanto, estudava*), ou locução adversativa (*Estava esgotado; entretanto, prosseguiu*). Em Portugal só se usa como advérbio, e no Brasil só como conjunção. Pois exatamente por isso é que nós mesmo nunca usamos *entretanto*.

Observação 6. Quanto à complexa maneira de pontuar em torno das conjunções adversativas, deixamo-lo justamente para a Décima Parte. Há porém que dizer já: não estaria destituído de razão quem afirmasse que, estando no rosto da oração mas separando-se desta por vírgula, a adversativa deixa de ser conjunção e passa a advérbio, porque, com efeito, tal separação como que suprime de algum modo o caráter conectivo. Poderia todavia arguir-se em contrário que, se a vírgula suprime o caráter conectivo, então tampouco poderia usar-se nenhum sinal de pontuação *antes* de nenhuma conjunção; mas isto nos deixaria praticamente sem conjunções. Logo, parece conveniente considerar que tais sinais de pontuação, postos quer antes quer depois das conjunções, se originam em pausas da fala e, ademais, adquiriram caráter convencional na escrita. Mas considerá-lo deste modo não implica negar que, separadas por vírgula de sua oração, tais conjunções participam mais do caráter adverbial do que se não estivessem separadas assim. É a contiguidade semântica entre conjunção e advérbio.

- As EXPLICATIVAS, a respeito das quais já se disse o essencial, têm *porque* por conjunção paradigmática. Há outras três: *que*, *pois* e *pois que*:

✓ *Apressemo-nos, porque [que, pois, pois que] podemos atrasar-nos.*

Observação 1. Estão equivocados Said Ali, Rocha Lima e outros em incluir *pois* entre as causais hodiernas. Se fosse causal, a oração introduzida por *pois* poderia usar-se antes da oração subordinante; mas só o pôde em outras épocas do português (e do espanhol [*pues*]). Confirma-o a explicação das explicativas dada pelo mesmo Rocha Lima (*vide supra*). É (quase) sempre EXPLICATIVA.

Observação 2. *Dado que, já que, uma vez que, visto que* podem usar-se aqui e ali como explicativas. Mas são antes de tudo causais, até porque, ao contrário das explicativas, as orações que elas introduzem podem vir antes da subordinante. Estamos em fronteira não raro turva.

Observação 3. Mas *pois*, como *e*, pode usar-se como elo de continuação entre frases, e então se lhe atenua o caráter de explicativa:

✓ *Estás intranquilo? Pois nós não*;
✓ etc.

Observação 4. *Pois* pode assumir, ainda, outros sentidos:

✓ *Se gosto desta obra? Pois* (= *Sim, Sem dúvida*);[93]
✓ *Convenceu-se da justeza do projeto. Pois nós não* (= *Mas*);
✓ etc.

---

[93] Modo muito usado coloquialmente em Portugal.

⇗ **Observação 5.** Evanildo Bechara, em sua última gramática, não inclui as explicativas e as conclusivas entre as orações "coordenadas". Já mostramos nossa posição a respeito das "coordenadas". Mas seria então de esperar que o nosso gramático pussesse as explicativas e suas conjunções entre as causais. Não o faz, todavia, e explica-o: "... a gramática tradicional estabeleceu, entre os conectores coordenativos, as conjunções *conclusivas* e *causais-explicativas*. Realmente, nestes casos se trata de unidades que manifestam esses valores de dependência interna, semelhantes às orações subordinadas, mas no nível do sentido do texto. São unidades transfásicas, já que ultrapassam os limites de fronteira de orações".[94] Custa-nos entendê-lo.

- As **conclusivas** ou **ilativas**, como diz seu mesmo nome, expressam a ideia de conclusão, ilação, inferência, ou de consequência; e sua conjunção paradigmática é *portanto*. Outras conjunções conclusivas: *logo, assim, então, por conseguinte, por consequência, por isso*, etc.:

✓ *Penso*; *LOGO* [*PORTANTO*, *POR CONSEGUINTE*, etc.], *sou*;
✓ etc.

⇗ **Observação 1.** Uma das razões de Bechara para negar existência às orações conclusivas é o fato de que, à exceção – dizemo-lo nós – de *logo*, todas as demais conjunções conclusivas podem deslocar-se do rosto para o meio da oração:

✓ *Estas são as premissas*; *PORTANTO* [*POR CONSEGUINTE*, *ASSIM*, *ENTÃO*, etc.], *há que concluir como fazemos*;
✓ *Estas são as premissas*; *há que concluir*(,) *PORTANTO* [*POR CONSEGUINTE*, *ASSIM*, *ENTÃO*, etc.](,) *como fazemos*.

Quando assim se deslocam, porém, deixam de ser conjunções e voltam à origem adverbial. Repita-se: é uma contradição de termos considerar que qualquer conjunção possa não estar no rosto da oração.

⇗ **Observação 2.** *Pois* nunca se usa no rosto de oração para expressar conclusão ou ilação. Logo, quando o expressa, fá-lo sempre no meio da oração, ou seja, jamais como conjunção – sempre como advérbio.

⇗ **Observação 3.** Quanto à maneira também complexa de pontuar em torno das conjunções conclusivas, deixamo-lo ainda para a Décima Parte. No entanto, vale também para as conclusivas o dito acima a respeito das adversativas.

- Podem acrescentar-se ao rol das orações tradicionalmente ditas "coordenadas" as **continuativas**, cuja conjunção paradigmática é *ora*. Outras conjunções continuativas: *pois bem, com efeito, de fato,* etc.; e outras conjunções que também podem expressar continuação: *mas, pois,* etc.:

---

[94] Evanildo Bechara, *op. cit.*, p. 478.

✓ *O cão é um animal; ORA [MAS, POIS BEM], todo e qualquer animal é mortal; logo, o cão é mortal;*

✓ etc.

✐ **Observação 1.** *Com efeito, de fato* e outras também podem deslocar-se para o meio da oração. Deixam então de ser conjunções e retornam à origem adverbial.

✐ **Observação 2.** Correntemente, a maioria de tais conjunções se separa por vírgula da oração que introduz. Vale também para estas, portanto, o dito acima com respeito às adversativas. Mas, mais que nos outros casos, estamos aqui em fronteira turva: não é absurdo afirmar que quase todas as que dizemos conjunções continuativas são puros advérbios.

3.1.8. É o momento de concluir e dizer que espécie de orações adjuntivas são as tradicionalmente ditas "coordenadas". Pois bem, assentado, segundo nossas mesmas premissas, que as orações não só são como expansões de palavras mas não podem ser senão substantivas, adjetivas ou adverbiais, só nos resta dizer que tais orações subordinadas adjuntivas são de CARÁTER ADVERBIAL e exercem, pois, a função sintática de ADJUNTO ADVERBIAL. Com efeito, expressam circunstância ou modalidade (adição, disjunção, adversão, explicação, conclusão e continuação), assim como o fazem as tradicionalmente ditas subordinadas adverbiais (condição, causa, consequência, concessão, comparação, tempo, etc.). Como cremos já se demonstrou aqui, as razões que levaram a tradição gramatical a julgá-las "coordenadas" são falhas. Quanto a por que, todavia, não podem dizer-se adjuntivas adnominais, tal se deve a dois motivos principais:

3.1.8.a. a função de adjunto adnominal é exercida por adjetivos, e a estes não pertence expressar circunstância ou modalidade;

3.1.8.b. nenhum adjunto adnominal pode separar-se por sinal de pontuação do termo que ele determina, e já vimos que em numerosos casos as orações tradicionalmente ditas "coordenadas" se separam por vírgula (ou por ponto e vírgula, por dois-pontos, por ponto, etc.) da oração subordinante.

→ Há ainda duas objeções à tese que brandimos.

α. A primeira é que, se tais orações adjuntivas são adverbiais, então haveriam de converter-se em advérbios. – Mas tampouco as tradicionalmente ditas subordinadas adverbiais se convertem em advérbios, como se verá.

β. A segunda é que as orações tradicionalmente chamadas subordinadas adverbiais se reduzem a orações nominais, ao passo que não o fazem as tradicionalmente chamadas coordenadas. – Mas não é fato que as tradicionalmente chamadas "coordenadas", e que dizemos subordinadas adjuntivas adverbiais, não se reduzem nunca a orações nominais.

◆ Antes de tudo, ainda que subordinadas em conjunto a uma subordinante, podem "coordenar-se" reduzidas de infinitivo, de gerúndio ou de particípio:

✓ *Ser* OU *não ser, eis a questão;*
✓ *Leva a vida meditando* E *estudando;*
✓ *Encontrada* E *explicada a solução, passamos a outro tema.*

◆ Como dito no estudo dos verbos, tanto o infinitivo como o gerúndio podem usar-se em lugar do imperativo. Se assim é, como podem "coordenar-se" dois ou mais imperativos, podem fazê-lo também em forma reduzida ou nominal:

✓ *Volver* E *marchar;*
✓ etc.

◆ Recorde-se, por fim, que podem reduzir-se a gerúndio as orações aditivas, especialmente as que também expressam consequência:

✓ *Caiu da escada quebrando a perna;*
✓ *Entrou em casa batendo a porta;*
✓ etc.

→ À questão, por fim, de se as orações tradicionalmente ditas "coordenadas" compõem uma espécie das subordinadas adverbiais, deve responder-se que sim,

◆ porque *todas*, se se lhes tira a conjunção, podem mudar-se em orações independentes;

◆ porque não se reduzem tão facilmente nem tão amplamente como as da outra espécie – as desde sempre chamadas subordinadas adverbiais – a orações de caráter nominal.

3.1.9. As outras espécies de subordinadas.

§ Relembre-se que, *pelo dito até agora*, as orações subordinadas podem ser *completivas* (ou *integrantes*) ou *adjuntivas*, e têm cunho ou substantivo, ou adjetivo, ou adverbial. Vimos já uma parte das adjuntivas adverbiais (as comumente ditas "coordenadas"). Continuaremos a seguir, todavia, em ordem ao didático, a ordem mesma em que a tradição gramatical expõe as orações.

Observação 1. Quanto à figura, as subordinadas podem ser, antes de tudo, ou desenvolvidas ou reduzidas, e sempre se subordinam a uma subordinante (a tradicionalmente chamada ou "principal" ou "culminante").

- As orações DESENVOLVIDAS têm o verbo em forma finita e são introduzidas ou por conjunção, ou por pronome interrogativo ou por advérbio interrogativo, ou por pronome relativo, ou ainda por outro advérbio.
- As orações REDUZIDAS têm o verbo em uma das formas verbais infinitas ou nominais: *infinitivo*, *gerúndio* ou *particípio*. Tal redução é possível em muitos casos, não sempre. Por outro lado, certas orações não se dão senão em forma reduzida: com efeito, não é possível desenvolver *Coube-nos REPARTIR os pães*, *Vive para ESTUDAR* ou *Entrou em casa claudicando*.

Observação 2. Que algumas orações se não se introduzam por conectivo não as faz deixar de exercer as mesmas funções sintáticas que as desenvolvidas ou que as reduzidas, e as mesmas funções sintáticas com respeito a uma subordinante. Assim, em *Cheguei, vi, venci*, temos uma subordinante (*Cheguei*) e duas aditivas ([*e*] *vi* [e] *venci*), estas duas coordenadas ou justapostas apenas SEGUNDO A FIGURA. Voltaremos a tratá-lo.

3.1.9.a. As ORAÇÕES SUBORDINADAS SUBSTANTIVAS são as únicas completivas ou integrantes. Se se diz: *João tem*, obviamente se diz algo intrinsecamente incompleto, porque a forma verbal *tem* não é capaz de significar por si: precisa, justamente, de complemento. Se agora se diz: *João tem necessidade*, a forma verbal *tem* completou-se, integrou-se, mas com um complemento substantivo que, por sua vez, também precisa de complemento. E, se por fim se diz: *João tem necessidade de um livro*, agora, sim, não só o complemento verbal *necessidade* se completou cabalmente, senão que também o fez a oração como um todo: tem sentido cabal. Mas ambos estes complementos, o verbal e o nominal, têm caráter substantivo. Pois bem, ponha-se outro exemplo de verbo que necessite de complemento: *João diz*, e complete-se agora com uma oração: *João diz que gosta*. Obviamente, agora é o complemento da forma verbal que requer, por sua vez, complemento: por exemplo, *João diz que gosta de ler*. Têm-se agora completos a forma verbal, seu complemento, e a frase inteira. Mais ainda: ambas as orações completivas têm caráter substantivo: assim como *necessidade* no primeiro exemplo, *que gosta* é de caráter substantivo e exerce a função de objeto direto. Mas ambos esses objetos diretos requerem por sua vez complemento, o primeiro – *de um livro* – complemento nominal, e o segundo – *de ler* – complemento relativo. Vê-se pois que as orações completivas exercem as mesmas funções sintáticas que as palavras completivas, e, como estas têm sempre caráter substantivo, também o terão aquelas.

⇗ **Observação 1.** O objeto direto de *João tem é necessidade de um livro*, assim como *que gosta de ler* é objeto direto oracional de *João diz*. Que o núcleo de tais objetos requeira por sua vez complemento não autoriza que se diga que o primeiro seja apenas *necessidade* e o segundo apenas *que gosta*. – E isso é assim porque, como vimos dizendo ao longo das seções de Sintaxe Geral, o próprio objeto direto, como todo e qualquer complemento verbal, é antes PARTE ANÁLOGA do mesmo verbo. Tem-se assim redução às duas partes essenciais da oração (*sujeito* e *predicado*), ou a suas três partes essenciais, se se considera a redução do predicado a verbo de cópula e *predicativo*.

⇗ **Observação 2.** As orações substantivas desenvolvidas podem introduzir-se ou pela conjunção integrante (*que*), ou pela conjunção condicional *se*, ou ainda por pronome ou por advérbio interrogativos. – A conjunção integrante (*que*), como conectivo absoluto, não exerce função sintática; mas, contrariamente ao que diz a tradição, não é propriamente "vazia de sentido" (até porque, se o fosse, não seria palavra, mas partícula, ou seja, não teria autonomia). Como, *mutatis mutandis*, sucede com as preposições, sua carga semântica é de elo relacional, e não se atualiza senão na relação de que participa e que de certo modo instaura: expressa justamente que a oração que ela inicia é substantiva completiva de oração subordinante. A diferença com respeito às preposições, e semelhantemente ao *se* da "passiva sintética", é que sua carga semântica é, ela mesma, atinente a figura. – Mas a por vezes pesada conjunção integrante pode elidir-se: com efeito, a oração *Rogo a V Ex.ª [que] considere que nossa petição não é injustificada* fica efetivamente mais elegante sem a primeira conjunção. Tal elisão pode dar-se especialmente com os verbos *rogandi*; mas também com outros, a depender de complexa multidão de fatores.

- Pois bem, a **ORAÇÃO SUBORDINADA SUBSTANTIVA** divide-se em tantas espécies quantas são as funções sintáticas que exerce.

α. Se exerce a função de *sujeito*, diz-se SUBJETIVA:

✓ *Convém que compareças à celebração* [desenvolvida];
✓ *Convém compareceres à celebração* [reduzida de infinitivo].

> **Observação de Rocha Lima.** «Costuma haver certa vacilação no pronto reconhecimento das orações substantivas *subjetivas*. Atente-se, pois, para os principais esquemas de construção em que elas figuram – observando-se particularmente os verbos da oração subordinante.

“São os seguintes, quando em terceira pessoa e seguidos de *que*, ou *se*:

a) De conveniência: *convém, cumpre, importa, releva, urge*, etc.

b) De dúvida: *consta, corre, parece*, etc.

c) De ocorrência: *acontece, ocorre, sucede*, etc.

d) De efeito moral: *agrada, apraz, admira, dói, espanta, punge, satisfaz*, etc.

e) Na passiva: *conta-se, sabe-se, dir-se-ia, é sabido, foi anunciado, ficou provado*, etc.

f) Nas expressões dos verbos *ser, estar, ficar*, com substantivo, ou adjetivo: *é bom, é verdade, está patente, ficou claro*, etc.” [José Oiticica].

Exemplos:

Convém / que não faltes a essa reunião.

Sucedeu / que todos se retiraram ao mesmo tempo.

Parece / que choverá logo mais.

Dói-me / que o maltratem tanto.

Conta-se / que ele já esteve preso.

Está claro / que ninguém acreditará nessa história.

Não se sabe / se haverá aula amanhã.»[95]

β. Se exerce a função de *predicativo*, diz-se PREDICATIVA:

✓ “O terrível é que esta moléstia destrói a vontade...” (Cyro dos Anjos) [desenvolvida].

✓ *O terrível é esta moléstia destruir a vontade* [reduzida de infinitivo].

γ. Se exerce a função de *complemento ou objeto direto*, diz-se OBJETIVA DIRETA:

✓ *Disse que lhe agradou a película* [desenvolvida];

✓ *Não disse se lhe agradou a película* [desenvolvida];[96]

✓ *Disse ter-lhe agradado a película* [reduzida de infinitivo].[97]

⇨ **Observação.** É OBJETIVA DIRETA a maioria das orações substantivas introduzidas por pronome interrogativo (*que* [= *que coisa?*]; *quem* [= *que pessoa?*]; *qual/*

---

[95] Rocha Lima, *op. cit.*, p. 241.

[96] A classificação do *se* que introduz ORAÇÃO OBJETIVA DIRETA (*Não disse se lhe agradou a película*, por exemplo) é em verdade controversa. Com efeito, pode perfeitamente dizer-se conjunção condicional. Se assim é, todavia, então a mesma oração é polifuncional: objetiva direta, enquanto *se* introduz como conjunção integrante a oração substantiva, e adverbial condicional, enquanto *se* de algum modo não deixa de ter sua carga semântica de conjunção condicional.

[97] Veja-se uma objetiva direta em figura justaposta: *Disse: “Agradou-me a película”.*

quais?) ou por advérbio interrogativo (*quanto/quanta/quantos/quantas?*; *onde?*; *quando?*; *como?*; *por quê?* [no Brasil] ou *porquê?* [em Portugal]). Exemplos:

✓ *Não sabemos* (*o*) QUE *pensas a este respeito*;[98]

✓ *Perguntam* QUEM *os ajudará*;

✓ *Diga-lhes* ONDE *se encontra essa obra*;

✓ *Ainda não dissestes* POR QUE/PORQUE *o preferis*;

✓ *Ignoramos* **de** QUEM *sejam estes versos*;

✓ *Não nos informaram* **de** ONDE *provêm estes versos*.

◆ Como se vê pelos dois últimos exemplos, a ORAÇÃO OBJETIVA DIRETA pode vir iniciada por preposição – mas esta rege a oração substantiva.

◆ Algumas vezes, no entanto, a oração introduzida por pronome interrogativo ou por advérbio interrogativo não é objetiva direta, mas ou SUBJETIVA ou APOSITIVA:

✓ *Não se sabe* *quem escreveu estes versos* [subjetiva];

✓ *Perguntei-lhe o seguinte*: *de onde provêm estes versos* [apositiva].[99]

δ. Se exerce a função de *complemento relativo*, diz-se COMPLETIVA RELATIVA:

✓ *Lembrei-me* *de que o conhecera num museu* [desenvolvida];

✓ *Gosta* *de lembrar-se da infância* [reduzida de infinitivo].

ε. Se exerce a função de *complemento nominal*, diz-se COMPLETIVA NOMINAL:

✓ *Tivemos certeza* *de que estava ali a verdade* [desenvolvida];

✓ *Agora temos necessidade* *de descansar* [reduzida de infinitivo].

ζ. Se exerce a função de *aposto*, diz-se APOSITIVA:

✓ "Um temor o perseguia: que a velhice lhe enfraquecesse a fibra de guerreiro" (ÉRICO VERÍSSIMO) [desenvolvida];

✓ *Só não admitia isto:* *conviver com a mentira* [reduzida de infinitivo].

OBSERVAÇÃO. Em princípio, valem para as ORAÇÕES APOSITIVAS as observações feitas com respeito ao APOSTO. Quando porém a oração é APOSITIVA de pronome demonstrativo ou semelhante (como no segundo exemplo), então pode dizer-se que é perfeitamente justaposta. É aqui que em verdade se dá aposto de forma mais pura e simples.

η. O pronome *quem* reduz-se a *que pessoa*. Por isso mesmo, Rocha Lima e outros gramáticos não admitem que haja ORAÇÃO SUBORDINADA SUBSTANTIVA OBJETIVA INDIRETA. Se se tem *Dissemo-lo a quem interessar pudesse*, interpretam-no segundo aquela redução: *Dissemo-lo às pessoas* (ou *àqueles*) *a quem interessar pudesse*, onde *a quem interessar pudesse* é ORAÇÃO ADJETIVA "RESTRITIVA" de *pessoas*. Said Ali e outros, por seu lado, julgam abusiva tal redução, e consideram que, em *Dissemo-lo a quem interessar pudesse*, a oração sublinhada é de fato OBJETIVA INDIRETA (quem diz, diz algo a alguém, no caso *a quem interessar pudesse*). Nossa posição é intermédia: *segundo a figura*, temos ORAÇÃO OBJETIVA INDIRETA; *segundo a significação*, ORAÇÃO ADJETIVA "RESTRITIVA".

---

[98] Recorde-se que esse *o* posto antes de *que* está aí em função diacrítica.

[99] Para as SUBSTANTIVAS APOSITIVAS, *vide infra*.

3.1.9.b. Assim como em *A moça inteligente alcançou-o* o adjetivo *inteligente* exerce a função de ADJUNTO ADNOMINAL e em *A moça, inteligente, alcançou-o* o mesmo adjetivo exerce a função de PREDICATIVO, assim também em *Chegou a mulher de Ricardo que se chama Sônia* a oração *que se chama Sônia* é ADJUNTIVA ADNOMINAL, e em *Chegou a mulher de Ricardo, que se chama Sônia* a mesma oração é PREDICATIVA. No primeiro caso, é ADJETIVA; no segundo, é ou de caráter adjetivo ou de caráter substantivo, justo porque tanto o adjetivo como o substantivo podem exercer a função de *predicativo*.

⇗ **OBSERVAÇÃO 1.** A tradição gramatical chama adjetiva "restritiva" àquela a que chamamos pura e simplesmente ADJETIVA. Diga-se, aliás, que quase todo e qualquer adjetivo na função de adjunto adnominal é, precipuamente, restritivo.

⇗ **OBSERVAÇÃO 2.** Quanto a que nome dar à outra, cingimo-nos a PREDICATIVA EXPLICATIVA, para distingui-la da *substantiva predicativa*.[100]

⇗ **OBSERVAÇÃO 3.** Quanto a saber se é adjetiva ou substantiva, não raro é praticamente impossível. Mas pode dizer-se que a de *A moça, que é inteligente, alcançou-o* é adjetiva; e que a de *O cão, que é um animal, quase sempre é dócil ao homem* é substantiva. Ademais, o pronome relativo ou algum correlato seu que introduzem PREDICATIVA EXPLICATIVA sempre se podem comutar de algum modo por *o qual* e variantes. Não assim os que introduzem ORAÇÃO ADJETIVA.

⇗ **OBSERVAÇÃO 4.** Note-se que a PREDICATIVA EXPLICATIVA sempre se separa por vírgula (ou ainda por travessão), enquanto a ADJETIVA não admite se separe de modo algum do substantivo que ela determina. Isso é assim por seu mesmo duplo caráter: o adjunto adnominal não admite se separe de modo algum do substantivo que ele determina, ao passo que o segundo modo de predicativo sempre se separa dele de algum modo. – Mais que isso, todavia, tal distinção de pontuação é, digamos, diacrítica. Com efeito, em *Chegou a mulher de Ricardo que se chama*

---

[100] Algumas línguas empregam relativo próprio para cada um dos casos. O inglês, por exemplo, tem *that* para a ADJETIVA e *who* (*whom*) para a PREDICATIVA EXPLICATIVA.

Sônia está suposto que Ricardo é poligâmico, ao passo que em *Chegou a mulher de Ricardo, que se chama Sônia* está suposto que ele seja monogâmico.[101]

- Exemplos das duas classes de orações:

◆ ADJETIVA:

✓ "Dizei-me, águas mansas do rio,
Para onde levais essa flor
Que no vosso espelho caiu?"
(Ribeiro Couto) [desenvolvida];

✓ "Era uma vez, já faz muito tempo, havia um homem que era ateu" (Rachel de Queiroz) [desenvolvida];

✓ *Eram navios levando* [= que levavam] *escravos* [reduzida de gerúndio];

✓ "Vede Jesus despejando os vendilhões do templo..." (Rui Barbosa) [reduzida de gerúndio de outra espécie: nela, *despejando* não pode desenvolver-se e equivale à reduzida de infinitivo *despejar os vendilhões do templo*, ou à reduzida, também de infinitivo, *a despejar os vendilhões do templo*];[102]

✓ *Estiveram em nossa casa de campo amigos vindos* [= que haviam vindo] *da cidade* [reduzida de particípio];

✓ "Ali o rio corrente [= que corre]
De meus olhos foi manado"
(Camões) [reduzida de particípio modal];

◆ PREDICATIVA EXPLICATIVA:

✓ "'Vozes d'África', que é um poemeto épico, representa um alto momento da poesia brasileira" (Rocha Lima);

✓ "Deus, por quem foste criada!..." (Cecília Meireles).

Observação. As PREDICATIVAS EXPLICATIVAS não se reduzem a nenhuma forma nominal.

- Tanto a ORAÇÃO ADJETIVA DESENVOLVIDA como a PREDICATIVA EXPLICATIVA DESENVOLVIDA se introduzem por algum RELATIVO, que, referindo-se a um nome antecedente, o *repete* ou *representa* de algum modo na oração seguinte – é como um traço de continuidade entre as duas orações. Por isso, diferentemente dos conectivos absolutos (preposições e conjunções), *os relativos exercem função sintática:*

---

[101] Naturalmente, como dito, convém pôr nesta predicativa *a qual* (*se chama Sônia*). Aqui, porém, preocupamo-nos tão somente com assinalar a implicação significativa deste duplo modo de construir (ou seja, com pontuação ou sem ela).

[102] Destas três maneiras de reduzida adjetiva, apenas a de infinitivo não antecedida de *a* é sempre isenta de anfibologia.

podem ser sujeito, objeto, etc. Nem por isso, porém, os relativos deixam de funcionar sempre como uma juntura, um engaste, uma "dobradiça" de duas orações – o que os faz identificar-se com todo e qualquer conectivo.

- São os seguintes os relativos:

◆ QUE, QUEM (pronomes);
◆ O QUAL, OS QUAIS; A QUAL, AS QUAIS (locuções pronominais);
◆ CUJO, CUJOS; CUJA, CUJAS (pronomes);
◆ QUANTO, QUANTOS; –, QUANTAS (pronomes);
◆ ONDE, QUANDO, COMO (advérbios).

- O substantivo (ou correlato) representado pelo RELATIVO chama-se seu *antecedente.*

- Os relativos, como dito, exercem *função sintática* no corpo da oração que introduzem. Leiam-se, antes de tudo, as seguintes e acertadas palavras de Rocha Lima:

> «Examinemos este período de Rachel de Queiroz:
>
> "Era uma vez, já faz muito tempo, havia um homem que era ateu".
>
> O sujeito da oração adjetiva "que era ateu" está representado nela pelo pronome relativo *que,* cujo antecedente é – *um homem.*
>
> Cumpre assinalar que a função sintática do relativo nada tem que ver com a função sintática do seu antecedente. Embora o relativo, como sabemos, *reproduza a significação do antecedente,* o que importa é o papel que ele, relativo, exerce na oração em que figura.
>
> No período [*sic*] citado, esta verdade se nos mostra de maneira claríssima: na oração principal, o termo *um homem* serve de objeto direto a "havia"; contudo, o pronome relativo (que, na oração adjetiva, está posto em lugar de *um homem*) funciona como sujeito de "era".»[103]

Vejamos pois os relativos em seu variado exercício sintático:[104]

◆ como SUJEITO:
  ✓ "Ele fitava a noite QUE cobria o cais" (JORGE AMADO) [QUE: sujeito de *cobria*);
  ✓ "Sou tudo QUANTO te convém" (MANUEL BANDEIRA) (QUANTO: sujeito de *convém*);

---

[103] Rocha Lima, *op. cit.*, p. 334.
[104] Todos os exemplos literários postos abaixo se extraíram de ROCHA LIMA, *op. cit.*, p. 334-35.

- como OBJETO DIRETO:
  - ✓ "As ideias, QUE tanto amavas, já não são tuas companheiras de toda hora?" (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE) [QUE: objeto direto de *amavas*];
  - ✓ "... trair, como eu, a pessoa A QUEM amamos é miserável fraqueza" (CYRO DOS ANJOS) [A QUEM: objeto direto preposicionado de *amamos*];
- como OBJETO INDIRETO:
  - ✓ "Pálidas crianças
A QUEM ninguém diz:
– Anjos, debandai!..."
(MANUEL BANDEIRA) [A QUEM: objeto indireto de *diz*];
- como COMPLEMENTO RELATIVO:
  - ✓ "E as buscas A QUE eu procedia, sempre – baldadas..." (GODOFREDO RANGEL) [A QUE: complemento relativo de *procedia*];
- como PREDICATIVO:
  - ✓ "Vai pioneiro e solitário o Arcebispo, como santo e desacompanhado QUE ele é, neste mundo vazio..." (AUGUSTO MEYER) [QUE: predicativo];
- como ADJUNTO ADNOMINAL:
  - ✓ "As terras DE QUE era dono
valiam mais que um ducado"
(CECÍLIA MEIRELES) [DE QUE: adjunto adnominal de *dono*];
- como AGENTE DA PASSIVA:
  - ✓ "Bendito e louvado seja
Deus, por quem foste criada!..."
(CECÍLIA MEIRELES) [POR QUEM: agente da passiva);
- como ADJUNTO ADVERBIAL:
  - ✓ *Esses eram momentos EM que descansávamos* [EM QUE: adjunto adverbial de *descansávamos*].

⇗ **OBSERVAÇÃO 1.** *Cujo* e flexões, *onde*, *quando* e *como* exercem função sintática privativa:

- ▫ CUJO, sempre ***adjunto adnominal***;
- ▫ ONDE, QUANDO e COMO, sempre ***adjunto adverbial***, respectivamente de *lugar*, de *tempo* e de *modo*.

⇗ **OBSERVAÇÃO 2.** Como vislumbrado mais acima (quando falamos da ORAÇÃO SUBSTANTIVA OBJETIVA INDIRETA), os relativos *quem*, *que*, *quanto*, *onde* e *como* podem usar-se, segundo a figura, sem antecedente, condensando em si um termo da oração subordinante e um termo ou de oração adjetiva ou de oração predicativa explicativa. Ponha-se um exemplo: *Não há QUEM dele se queixe*, em que *quem* encerra *ninguém* e *que*. *Ninguém* é objeto direto implícito da oração subordinante, enquanto *que* é o sujeito implícito da oração adjetiva: *Não há ninguém / que dele se queixe*. Outros exemplos:

- ✓ *Márcio não teve QUE dizer* (QUE = *nada* e *que*);
- ✓ *Buscam precisamente A QUEM buscas* (A QUEM = *aquele* e *a quem*);
- ✓ *Perdeu QUANTO tinha* (QUANTO = *tudo* e *quanto*);
- ✓ *Vivem ONDE Judas perdeu as botas* (ONDE: *no lugar* e *em que*);
- ✓ *Vede como fala?* (COMO = *o modo* e *como* ou *por que*).[105]

▫ Para efeito de análise e contrariamente a Said Ali, Rocha Lima propugna que nestes casos e em outros que tais se restaure o antecedente omitido. Assim, "Quem tem boca vai a Roma" analisa-se segundo o modelo *Aquele / que tem boca / vai a Roma*, onde *Aquele vai a Roma* é a oração subordinante e *que tem boca* é a subordinada adjetiva.

▫ Continuamos nós na posição intermédia: por um lado se trata de *figura*, por outro de *significado*.

3.1.9.c. Podemos, por fim, tratar a segunda espécie de **SUBORDINADAS** (**ADJUNTIVAS**) **ADVERBIAIS**, as únicas tradicionalmente ditas tais. Quando *desenvolvidas*, introduzem-se ou por conjunção,[106] ou por advérbio, como *quando* e *como*;[107] quando *reduzidas* (e a maioria pode sê-lo), podem assumir a forma infinitiva, e/ou a gerundial, e/ou a participial. – As ADJUNTIVAS ADVERBIAIS DESTA ESPÉCIE não se dividem senão segundo o que expressam.

---

[105] Rocha Lima põe esta excelente nota: «"Puede faltar, [en latín], lo mismo que en griego, el antecedente, y el relativo basta para indicar la relación: Pl. Epid, 594: *Quod credidisti reddo* por *tibi reddo id, quod...*; también puede esto suceder aun cuando el antecedente fuera en caso oblicuo diferente del relativo. Cic. Tusc. V, 20: *Xerxes praemium proposuit, qui inuenisset nouam uoluptatem*, esto es: *praemium proposuit ei, qui...*" (Antonio Tovar, *Gramática histórica latina*, Madri, 1946, p. 228). Ernout-Thomas, que dão este último exemplo, comentam: "l'absence de corrélatif souligne l'indétermination" (*Syntaxe latine*, Paris, 1951, p. 282)» (*op. cit.*, p. 338). Ademais, diz agora o mesmo Lima, «há condensações bastante complexas, como a de frases semelhantes à seguinte passagem de Camões (*Lírica*, edição de José Maria Rodrigues e Afonso Lopes Vieira, Coimbra, 1932, p. 232):

"Ao vento estou palavras espalhando;
A *quem* as digo, corre mais que o vento:" –,

na qual o *quem* (= *aquela / a quem*) engloba o sujeito da oração principal e o objeto indireto da oração adjetiva» (*idem*). – Mas este, dizemos nós, não é exemplo de imitar fora do poético.

[106] Não inclusas a conjunção integrante, que introduz tão somente orações substantivas, nem as que introduzem as orações da primeira espécie de adjuntivas adverbiais.

[107] Dizê-los, como atualmente faz a maioria, puras e simples conjunções implica contradição com o que esta mesma maioria diz com respeito aos pronomes interrogativos que introduzem ORAÇÃO SUBSTANTIVA: se estes se mantêm como pronomes, não se vê por que aqueles não se manteriam como advérbios. Em verdade, uns e outros são polifuncionais: além de serem advérbios ou pronomes, cumprem o papel de conjunção.

• As **CAUSAIS**, como o indica seu mesmo nome, expressam a causa do que se diz na subordinante.

→ Quando *desenvolvidas*, têm por conjunção paradigmática *porque*, a que equivalem, com determinados matizes, *como, porquanto, dado que, já que, uma vez que, visto que, visto como, desde que.*[108]

◆ À exceção das introduzidas por *porquanto* ou por *como*, as outras CAUSAIS põem-se tanto antes como depois da subordinante:

✓ *Fá-lo-ei(,) PORQUE [DADO QUE, JÁ QUE, UMA VEZ QUE, VISTO QUE, VISTO COMO, DESDE QUE] és tu quem mo pede;*

✓ *PORQUE [DADO QUE, JÁ QUE, UMA VEZ QUE, VISTO QUE, VISTO COMO, DESDE QUE] és tu quem mo pede, fá-lo-ei.*

⇗ **OBSERVAÇÃO.** Atente-se a que, quando pospostas à subordinante, as causais podem separar-se ou não separar-se por vírgula da subordinante;[109] quanto antepostas, porém, obrigatoriamente se separam desta.

◆ As introduzidas por *como* põem-se sempre antes da subordinante, e sempre vão separadas desta por vírgula.

✓ *COMO és tu quem mo pede, fá-lo-ei.*

◆ As introduzidas por *porquanto* não se põem senão depois da subordinante, e podem separar-se desta por vírgula:

✓ *Fá-lo-ei(,) PORQUANTO és tu quem mo pede.*

⇗ **OBSERVAÇÃO.** *Pois* e *pois que*, que são antes explicativas, podem aqui e ali usar-se como causais:

✓ *Fá-lo-ei, POIS QUE és tu quem mo pede.*

→ Quando *reduzidas*, as CAUSAIS podem sê-lo:

□ a GERÚNDIO:

✓ *SENDO tu quem mo pede, fá-lo-ei.*

□ ou a INFINITIVO regido de *por* ou de *visto*, ou de *em razão de*, de *em virtude de*, de *em vista de*, etc.:

✓ *Por [Visto, Em razão de, Em virtude de, Em vista de] SERES tu quem mo pede, fá-lo-ei. / Fá-lo-ei(,) por [visto, em razão de, em virtude de, em vista de] SERES tu quem mo pede.*

---

[108] Vimos já a distinção (nem sempre fácil ou possível) entre explicativas e causais.

[109] Mas o mais das vezes preferimos não separá-la, nesta posição.

- As chamadas CONCESSIVAS expressam um dado ou um fato que poderiam alterar o cumprimento do dado ou do fato expressos na subordinante, mas não o fazem. Exemplo:

✓ *Ainda que mo pedisses tu, não o faria.*

→ Quando *desenvolvidas*, as concessivas podem introduzir-se:

▫ por uma das seguintes conjunções: *embora, ainda que* [as duas paradigmáticas], *conquanto, ainda quando, apesar de que, mesmo que, posto que, se bem que, sem que* – sempre com verbo no subjuntivo:

✓ *AINDA QUE [AINDA QUANDO, MESMO QUE] mo pedisses tu, não o faria. / Não o faria(,) AINDA QUE [AINDA QUANDO, MESMO QUE] mo pedisses tu.*

⇗ **OBSERVAÇÃO 1.** Como se vê, as demais conjunções concessivas não se aplicariam a este exemplo. É assunto delicado, sutil, que, desprezado pela tradição gramatical, reclama aprofundamento futuro.

✓ *EMBORA [CONQUANTO, AINDA QUE, APESAR DE QUE, MESMO QUE, POSTO QUE, SE BEM QUE] seja obra bem construída, falta-lhe força. / Falta força à obra(,) EMBORA [CONQUANTO, AINDA QUE, APESAR DE QUE, MESMO QUE, POSTO QUE, SE BEM QUE] seja obra bem construída;*

✓ *SEM QUE se esforçasse muito, compreendeu-o perfeitamente. / Compreendeu-o perfeitamente SEM QUE se esforçasse muito.*

⇗ **OBSERVAÇÃO 1.** Note-se que, com a CONCESSIVA introduzida por *sem que* posposta à subordinante, o preferível é nunca separar-se desta por vírgula.

⇗ **OBSERVAÇÃO 2.** Sempre pode pôr-se na subordinante um reforço do expresso na CONCESSIVA:

✓ *EMBORA seja obra bem construída,* (ou *ainda assim, mesmo assim,* etc.) *falta-lhe* (ou *todavia, contudo,* etc.) *força.*

▫ Podem introduzir-se ainda por um destes grupos: *por mais... que, por muito... que, por menos... que, por pouco... que,* etc.; ou simplesmente por *por... que.* Exemplos:

✓ *POR MAIS poderosos QUE sejam, a verdade não se curvará a eles;*

✓ *Por muito depressa que andes, não o alcançarás;*

✓ *POR verdadeiras QUE sejam tuas palavras, ninguém crerá em ti.*

⇗ **OBSERVAÇÃO 1 (DE ROCHA LIMA).** «Estas mesmas locuções – sem interposição de adjetivos, ou advérbios – modificam diretamente o verbo que vem depois:

✓ *Por mais que* argumentes com talento, / o júri recusará tuas razões.

✓ *Por pouco que* ajudes, / sempre será precioso o teu auxílio.»[110]

---

[110] Rocha Lima, *op. cit.*, p. 344.

OBSERVAÇÃO 2. Mais ainda, por razões expressivas pode elidir-se a preposição que introduz estes grupos:

- ✓ *Poderosos* QUE *sejam, a verdade não se curvará a eles;*
- ✓ *Mil anos* QUE *eu vivesse, jamais o esqueceria.*

→ Quando *reduzidas*, as CONCESSIVAS podem sê-lo:

- ▫ a GERÚNDIO:
  - ✓ *Não* SENDO *médico, conseguiu todavia curá-la;*
  - ✓ SENDO *(embora) médico, não conseguiu curá-la;*

(**OBSERVAÇÃO**: o *embora* intercalado na concessiva já não é conjunção, senão que retornou à origem adverbial);

- ▫ a INFINITIVO regido de uma das seguintes locuções: *apesar de, não obstante, sem embargo de, a despeito de:*
  - ✓ APESAR DE [NÃO OBSTANTE, SEM EMBARGO DE, A DESPEITO DE] *não* SER *médico, conseguiu todavia curá-la;*
  - ✓ *Conseguiu curá-la(,)* APESAR DE (NÃO OBSTANTE, SEM EMBARGO DE, A DESPEITO DE) *não* SER *médico;*

• As **CONDICIONAIS** (OU **HIPOTÉTICAS**)[111] expressam a circunstância de que depende o cumprimento do expresso na subordinante. Mas o que expressam varia segundo diversos matizes:

- ◆ fato ou ação de cumprimento impossível (hipótese irrealizável):
  - ✓ SE *eu tivesse vinte anos, empreendê-lo-ia. / Eu empreendê-lo-ia(,)* SE *tivesse vinte anos,;*
- ◆ fato ou ação de cumprimento possível, ou provável, ou ainda desejável:
  - ✓ SE *um dia tiver condições para tal, empreendê-lo-ei. / Empreendê-lo-ei(,)* SE *um dia tiver condições para tal;*
- ◆ desejo, ou esperança, ou ainda pesar, mais comumente em oração ou exclamativa e/ou reticenciosa, cuja subordinante está quase sempre implícita:
  - ✓ *Se ela soubesse!...;*
  - ✓ *Se não envelhecêssemos...*

→ A conjunção condicional paradigmática é *se*, que em princípio requer verbo no subjuntivo (pretérito imperfeito, pretérito mais-que-perfeito ou futuro), conquanto seja lícito pô-lo no indicativo se expressa fato ou ação reais (ou admitidos como tais):

---

[111] Em certo sentido, e se se põe antes da subordinante, grande parte das adverbiais desta espécie é hipotética: se me dizem *Quando cessou a chuva*, fico com o espírito suspenso à espera de que se complete o dito: *partimos*. Em outras palavras, recebe-se a subordinada na hipótese de que se complete.

✓ *Se não te **esforças**, como queres progredir? / Como queres progredir(,) se não te **esforças**?*

□ Ainda em forma *desenvolvida*, porém, a oração condicional pode introduzir-se por *caso* ou por uma destas locuções: *contanto que, dado que, desde que, sem que, uma vez que, a menos que*, etc.:[112]

✓ *Caso (dado que, desde que, uma vez que) desapareça a causa, cessará o efeito. / Cessará o efeito(,) caso (dado que, desde que, uma vez que) desapareça a causa;*

✓ *Sem que (a menos que) desapareça a causa, não desaparecerá o efeito. / Não desaparecerá o efeito(,) sem que (a menos que) desapareça a causa;*

✓ *Emprestar-te-ei a coleção(,) contanto que (desde que) ma devolvas na semana que vem;*

✓ *Não te emprestarei a coleção sem que (a menos que, a não ser que, etc.) ma devolvas na semana que vem.*

⇗ **Observação 1.** Nos dois últimos exemplos, não se usa antepor à subordinante a condicional, e expressa-se, cumulativamente, matiz imperativo ou impositivo.

⇗ **Observação 2.** De notar é a correlação entre modos e tempos verbais requerida pelas diversas conjunções condicionais.

⇗ **Observação 3.** A oração condicional pode prescindir de conjunção, caso em que pode antepor-se (mais comumente) ou pospor-se à subordinante, além de ter o verbo anteposto ao sujeito:

✓ *Não estivesse ele ausente do país, teria comparecido à solenidade.*

→ Quando *reduzidas*, as condicionais podem sê-lo:

□ a gerúndio:

✓ *Desaparecendo* (ou ***Em** desaparecendo*) *a causa, cessará o efeito;*

□ a particípio:

✓ *Desaparecida a causa, cessará o efeito;*

□ a infinitivo:

✓ ***A** desaparecer a causa, cessará o efeito.*

---

[112] Note-se a plasticidade de algumas destas conjunções: podem ser ora causais, ora condicionais, etc.

> **Observação de Rocha Lima.** «Na última dessas construções, de teor por excelência literário, o infinitivo vem regido pela preposição *a* e equivale à oração desenvolvida de verbo no pretérito ou no futuro do subjuntivo:
>
> "(...) mas tudo tão caro que, *a não haver inconveniência,* ousarei dizer que a comedela foi a maior fraude que se tem feito com santos em Braga" (Camilo Castelo Branco);
>
> "Contava muita vez uma viagem que fizera à Europa, e confessava que, *a não sermos nós,* já teria voltado para lá..." (Machado de Assis).»[113]

- As **CONFORMATIVAS**, como indica seu próprio nome, expressam a conformidade ou acordo do que significam com o significado pela subordinante. Introduz-se por *como*, por *conforme*, por *consoante*, ou ainda por *segundo*, e não se reduz a nenhuma forma nominal:

✓ *Tudo se passou* *COMO* (ou *CONFORME*, ou *CONSOANTE*) *Marcos o previra*;

✓ *SEGUNDO os pressupostos, a conclusão não pode ser senão esta.*

⇙ **Observação.** Também podem considerar-se CONFORMATIVAS orações como as do seguinte exemplo:

✓ "Cristo, ENQUANTO (é) Deus...; Cristo, ENQUANTO (é) homem..." (Pe. Antônio Vieira).

→ Ainda porém que não se suponha a elipse do verbo *ser*, *enquanto* comuta-se perfeitamente por *como* ou por *na qualidade de*:

✓ "Cristo, ENQUANTO (ou COMO, ou NA QUALIDADE DE) Deus...; Cristo, ENQUANTO (ou COMO, ou NA QUALIDADE DE) homem..."

→ E com isto se mostra infundado também o "rumor" de que este uso de *enquanto* é condenável.

- As **COMPARATIVAS** estão para a subordinante assim como o comparante está para o comparado. Não se usam senão em forma desenvolvida. Há dois tipos básicos de comparativas.

→ Antes de tudo, as ASSIMILATIVAS, que se introduzem por *como* (= do mesmo modo que):

✓ "COMO uma cascavel que se enroscava,
A cidade dos lázaros dormia..."
(Augusto dos Anjos);

✓ *A cidade dos lázaros dormia* *COMO uma cascavel que se enroscava.*

---

[113] Rocha Lima, *op. cit.*, p. 348.

⇗ **Observação.** *Como* pode ser reforçado por *assim*, e/ou por *assim* ou *assim também* na subordinante:

- ✓ *Como paralelas, que nunca se encontram*, ASSIM *caminham agora aqueles amigos de juventude*;
- ✓ "Assim como as demonstrações se obtêm a partir das causas, ASSIM [ou ASSIM TAMBÉM] se obtêm as definições" (Aristóteles).

→ Depois, as QUANTITATIVAS, pelas quais se confrontam fatos, estados ou ações semelhantes (*comparação de igualdade*), ou fatos, estados ou ações dessemelhantes (*comparação de superioridade* ou *de inferioridade*). Usam-se para isso determinadas fórmulas correlativas:

- *que* ou *do que* (em relação a *mais, menos, maior, menor, melhor, pior*, na subordinante);
- *qual* (em relação a *tal* ou *como*, na subordinante);
- *quanto* (em relação a *tanto*, na subordinante);
- *como* (em relação a *tal, tão* ou *tanto*, na subordinante).

Exemplos:[114]

- ✓ *O silêncio é* MAIS *precioso que (do que) [o é] o ouro*;
- ✓ *Você procedeu* TAL *qual (como) eu esperava*;
- ✓ *O cirurgião fez* TANTO *quanto seria possível*;
- ✓ *Nada o pungia* TANTO *quanto (como) [o pungia] o sorriso triste daquela criança*.

⇗ **Observação 1.** Amiúde, como visto pelos exemplos, dá-se nas COMPARATIVAS elipse de termos:

- ✓ *Não posso pensar como tu [pensas]*;
- ✓ *Esta peça é mais bela do que a outra [é bela]*.

⇗ **Observação 2.** Quando a conjunção é *como*, não raro se *omite* o mesmo correlativo:

- ✓ *A rua estava* (TÃO) *vazia como [o é] um deserto*;
- ✓ *Trabalha* (TANTO) *como [trabalha] um condenado*.

⇗ **Observação 3.** Quando se trata de comparação com fato, com estado ou com ação inexistentes, emprega-se o grupo comparativo-hipotético *como se*, com o verbo no imperfeito do subjuntivo:

---

[114] Extraídos de Rocha Lima, *op. cit.*, p. 349.

✓ "O velho fidalgo estremeceu COMO SE **acordasse** sobressaltado..." (Rebelo da Silva).

- As **CONSECUTIVAS** expressam consequência do dito na subordinante.

→ Em forma dessenvolvida, introduzem-se por *que* e sempre se pospõem à subordinante, em que se acha algum intensificador (*tão, tal, tanto* ou *tamanho*). Exemplos:

✓ *É TÃO generoso(,) QUE impressiona a todos*;

✓ *Deram-se TAIS provas(,) QUE não hesitei em assentir*;

✓ *O balão encheu-se TANTO(,) QUE estourou*;

✓ *Foram TAMANHAS suas mentiras, QUE todos se afastaram dele*.

⇗ **Observação 1.** Por vezes o intensificador fica implícito. Vejam-se os exemplos postos por Rocha Lima:[115]

✓ "Deus! ó Deus! onde estás QUE não respondes?" (Castro Alves) [ou seja: *em que lugar TAL estás QUE*];

✓ "Eu tinha umas asas brancas,
Asas que um anjo me deu,
QUE, em me eu cansando da terra,
Batia-as, voava ao céu"
(Almeida Garrett) [ou seja: *asas TAIS, QUE*];

✓ "São as afeições como as vidas, *que* não há mais certo sinal de haverem de durar pouco, que terem durado muito" (Antônio Vieira) [ou seja: *São as afeições como as vidas, TAIS QUE...*].

⇗ **Observação 2.** Também é de certo modo CONSECUTIVA a oração introduzida por *que* seguido de *não*, se a subordinante também é negativa. Exemplo:

✓ *Não abre a boca nenhuma vez(,) QUE NÃO diga alguma verdade*.

⇗ **Observação 3.** Por ênfase, empregam-se os grupos *de* (*tal*) *modo que, de* (*tal*) *sorte que, de* (*tal*) *maneira que*, etc.:

✓ "Ao filósofo natural pertence o estudo de todas as coisas que movem **DE MODO** (**TAL**) QUE, por sua vez, sejam movidas" (Aristóteles).

¶ Note-se, porém, que nestes grupos só *que* é parte da CONSECUTIVA; *de modo* (*tal*), locução adverbial, é parte da subordinante. Omitida, porém, a palavra *tal*, estes grupos podem passar a locução (*de modo que, de maneira que, de sorte que*, etc.) e a pertencer, em conjunto, à CONSECUTIVA: em outras palavras, tornam-se *locuções consecutivas*:

---

[115] *Ibidem*, p. 351.

✓ *Deu-lhes todas as explicações necessárias,*(;) *DE SORTE QUE já não há razão para desconfianças*.

→ As consecutivas podem reduzir-se a INFINITIVO regido de *de* ou de *sem*, ou ainda da locução *a* (ou *ao*) *ponto de*:

✓ *O acidente era grave* ***de*** *INSPIRAR terror*;

✓ *Não abre a boca nenhuma vez* ***sem*** *DIZER alguma verdade*;

✓ *Teve de trabalhar* ***a ponto de*** *ESGOTAR-SE*.

- As **FINAIS** expressam, precisamente, a finalidade do que se diz na subordinante.

→ Em forma *desenvolvida*, introduzem-se de *para que* ou de *a fim de que*, ou ainda de *porque*, e têm o verbo no subjuntivo:

✓ *Recorreu a todos os meios a seu alcance PARA QUE o levassem a sério*. / *PARA QUE o levassem a sério, recorreu a todos os meios a seu alcance*;

✓ *Trabalha sem trégua A FIM DE que nada falte à família*. / *A FIM DE QUE nada falte à família, trabalha sem trégua*;

✓ *Todos necessitamos de muita força de vontade PORQUE vençamos o orgulho*. / *PORQUE vençamos o orgulho, todos necessitamos de muita força de vontade*.

→ As FINAIS reduzem-se a INFINITIVO introduzido por *por*, por *para* ou por *a fim de*:

✓ *Esforça-te POR* (*PARA* ou *A FIM DE*) *compreender o que ele escreve*.

- Se tal se pode dizer, as **MODAIS** são das orações mais propriamente adverbiais, justamente porque o *modo* constitui, com o *tempo* e o *lugar*, o mais propriamente adverbial. Mas, assim como não temos em português orações locativas de espécie alguma, assim tampouco temos orações modais desenvolvidas, tão só GERUNDIAIS.

✓ "A disciplina militar prestante
Não se aprende, Senhor, na fantasia,
SONHANDO, IMAGINANDO, OU ESTUDANDO,
Senão VENDO, TRATANDO E PELEJANDO"
(CAMÕES).

- As **PROPORCIONAIS**, como diz Said Ali, expressam "aumento ou diminuição que se faz paralelamente no mesmo sentido ou em sentido contrário a outro aumento ou diminuição".[116] Para tal, empregam-se os seguintes pares correlativos: *quanto mais*... (*tanto*) *mais*; *quanto menos*... (*tanto*) *menos*; *quanto mais*... (*tanto*)

---

[116] Said Ali, *Gramática Secundária da Língua Portuguesa*. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1964, p. 146.

menos; *quanto menos... (tanto) mais*; *quanto maior... (tanto) maior*; *quanto melhor... (tanto) pior*; *quanto maior... (tanto) menor*; e outros que tais. O primeiro membro do par vem sempre na PROPORCIONAL, ao passo que o segundo vem sempre na subordinante. Exemplos:

✓ *QUANTO mais a escuto, (TANTO) MAIS a aprecio*;

✓ *QUANTO MAIOR a altura, (TANTO) MAIOR é o tombo.*

⇗ **OBSERVAÇÃO 1.** Também se dizem **PROPORCIONAIS** as orações introduzidas por *à medida que*, por *à proporção que* ou ainda por *ao passo que*:

✓ *Crescemos em sabedoria À PROPORÇÃO QUE* (ou *À MEDIDA QUE*, *AO PASSO QUE*) *envelhecemos.*

⇗ **OBSERVAÇÃO 2.** Não se confunda a locução *ao passo que* como equivalente de *à proporção que* com seu uso como equivalente de *enquanto*, como neste exemplo:

✓ *ENQUANTO* (ou *AO PASSO QUE*) *uns se decepcionaram, outros se deleitaram.*

Poderíamos chamar *opositiva* a esta oração.

- As **TEMPORAIS** podem dar-se em forma *desenvolvida* ou *reduzida.*

→ Em forma *desenvolvida*, a TEMPORAL tem *quando* por advérbio-conectivo paradigmático:

✓ *QUANDO a morte chegou, encontrou-o em paz. / A morte encontrou-o em paz(,) QUANDO chegou*;

✓ *QUANDO a morte chega, havemos de encontrar-nos em paz. / A morte há de encontrar-nos em paz(,) QUANDO chega*;

✓ *QUANDO a morte chegar, haverá de encontrar-nos em paz. / A morte haverá de encontrar-nos em paz(,) QUANDO chegar.*

□ Se porém se há de assinalar *fato ou ação posteriores* a outro (expresso na subordinante), introduz-se a TEMPORAL por *antes que* ou *primeiro que*:

✓ *ANTES QUE* (ou *PRIMEIRO QUE*) *comeces a ensinar, deves preparar-te um pouco mais. / Deves preparar-te um pouco mais(,) ANTES QUE* (ou *PRIMEIRO QUE*) *comeces a ensinar.*

□ Se se há de assinalar fato *imediatamente anterior* a outro (expresso na subordinante), introduz-se a TEMPORAL por uma das seguintes conjunções: *apenas*, *mal*, *nem bem*, *assim que*, *logo que*, etc.:

✓ *APENAS* (*MAL*, *NEM BEM*, *ASSIM QUE*) *entrou, todos a aplaudiram. > Todos a aplaudiram(,) APENAS* (*MAL*, *NEM BEM*, *ASSIM QUE*) *entrou.*

□ Se se há de assinalar a duração de um fato ou a de uma ação, ou ainda sua simultaneidade a outro fato ou a outra ação, a TEMPORAL introduz-se por *enquanto*:

✓ *ENQUANTO viveram ali, desfrutaram certa tranquilidade. / Desfrutaram certa tranquilidade ENQUANTO viveram ali;*

✓ *Malha-se o ferro ENQUANTO está quente.*

▫ Se se há de assinalar a iteração periódica, a TEMPORAL introduz-se por *sempre que*, de *cada vez que*, de *todas as vezes que*, etc.:

✓ *SEMPRE QUE (CADA VEZ QUE, TODAS AS VEZES QUE) vejo esta gravura, não posso deixar de admirá-la. / Não posso deixar de admirar esta gravura SEMPRE QUE (CADA VEZ QUE, TODAS AS VEZES QUE) a vejo.*

▫ Se se há de assinalar o momento a partir do qual algo se dá, a TEMPORAL introduz-se por *desde que*; e, se se há de assinalar o termo em que algo termina, introduz-se por *até que*. Naturalmente, as duas TEMPORAIS podem dar-se sucessivamente:

✓ *Temos de lutar / DESDE QUE nascemos / ATÉ QUE morremos.*

→ Quando *reduzidas*, as TEMPORAIS podem sê-lo:

▫ a GERÚNDIO:

✓ *CHEGANDO (***Em*** *CHEGANDO) o inverno, teremos já lenha suficiente;*

✓ *TENDO CHEGADO* (ou *SENDO CHEGADO*) *o inverno, já tínhamos lenha suficiente;*

▫ a INFINITIVO regido de *ao*, *até*, *antes de*, *depois de*, etc.:

✓ ***Ao*** *AMANHECER, cantam os galos. / Cantam os galos(,)* ***ao*** *AMANHECER;*

✓ *Siga por este caminho(,)* ***até*** *ENCONTRAR uma cruz de pedra;*

✓ ***Antes de*** *PASSARMOS a outra lição, estuda detidamente esta. / Estuda detidamente esta lição(,)* ***antes de*** *PASSARMOS a outra.*

▫ ou a PARTICÍPIO:

✓ *TERMINADA a tradução, foi caminhar com os filhos;*

✓ *TERMINADA* ***que foi*** (ou *estava*) *a tradução, foi caminhar com os filhos.*

⇗ **OBSERVAÇÃO.** A circunstância ou modalidade *tempo* pode expressar-se ainda mediante oração **JUSTAPOSTA** à subordinante:

✓ *Não nos encontrávamos havia (fazia) semanas.*

¶ Ambas estas formas estão corretas:

✓ *Faz (Há) quase meio século, deixou a terra natal;*

✓ *Faz (Há) quase meio século que deixou a terra natal.*

⇗ **NOTA FINAL.** Pode ver-se agora com mais clareza que, se se juntam duas orações, assindeticamente ou sindeticamente, há sempre – *segundo a significação* – uma subordinante e outra subordinada. Se assim é, repita-se, coordenação entre orações não pode dizer-se senão do mesmo modo que se diz justaposição: ou seja, no plano da *figura*.

SÉTIMA
PARTE

REGÊNCIA VERBAL
E CRASE

I

DEFINIÇÃO DE REGÊNCIA

1.1. Chama-se **REGÊNCIA** a *qualquer relação sintática entre um termo regente – o que requer – e um termo regido – o que é requerido.* Assim, todo e qualquer complemento é termo regido, quer de um nome – quando se diz complemento nominal – quer de um verbo – quando se diz complemento verbal. Mas, se é assim, então o estudo da regência é duplo (nominal ou verbal) e se faz do ângulo do termo regente: diz-se *a regência de tal nome ou de tal verbo.*[1]

⇗ **OBSERVAÇÃO 1.** Não estudaremos aqui a regência nominal, em que o termo regido não se especifica ou se divide senão pelo que significa. Já a vimos suficientemente ao longo desta *Suma.*[2] Tampouco estudaremos aqui as espécies de complementos verbais, as quais, aliás, já estudamos não só suficientemente, mas cabalmente. Aqui estudaremos apenas, por um lado, os verbos de regência mais duvidosa e, por outro lado, a crase, que é um como subcapítulo da Regência Verbal.

⇗ **OBSERVAÇÃO 2.** A preposição não só é o que liga o termo regido ao regente, mas faz parte daquele: assim, em *Viajou a Recife*, a preposição *a* não só liga *Recife* a *Viajou*, mas é parte do mesmo termo regido, *a Recife*. No entanto, também se diz que a preposição rege o complemento do nome ou do verbo, ou, o que é o mesmo, que este é regido desta ou daquela preposição.

⇗ **OBSERVAÇÃO 3.** Por complexa, porém, que seja a noção de regência, e por mais que possa haver variantes quanto à sua definição, algumas destas não se podem aceitar. É o caso do que dizem Cunha e Cintra:

> «A REGÊNCIA é o movimento lógico [*sic*] irreversível de um termo regente a um regido. Reconhece-se o termo regido por ser aquele que é necessariamente exigido pelo outro. [Até aqui, não há muito de que discrepar.] Por exemplo: a conjunção *embora* pede o verbo no subjuntivo, mas o verbo no subjuntivo não exige obrigatoriamente a conjunção *embora*; logo a conjunção é o termo regente, e a forma verbal o termo

---

[1] Esta parte poderia chamar-se Sintaxe de Regência Verbal, à Carlos Góis.

[2] Mas convém ter sempre à mão o *Dicionário Prático de Regência Nominal*, de Celso Pedro Luft, e o *Dicionário de Regimes de Substantivos e Adjetivos*, de Francisco Fernandes.

> regido. Sobre o conceito de REGÊNCIA e suas relações com o de CONCORDÂNCIA, veja-se Louis Hjelmslev. La notion de rection. *Acta Linguística, 1*: 10-23,1939.»[3]

Se assim fosse, no português anterior ao do século XX teríamos um caso de não regência: porque então, com efeito, *embora* não requeria o verbo no subjuntivo nem no indicativo, senão que o modo verbal lhe era indiferente. Como porém o verbo não requeria, necessariamente, a conjunção *embora*, ter-se-ia então um caso sem regente nem regido.

1.2. Como dito, boa parte dos verbos admite mais de uma regência.

1.2.1. Na maior parte dos casos, a diversidade de regência corresponde a alguma variação significativa. Exemplo:

✓ *ASPIRAR* [= inspirar, respirar, sorver] *o ar do litoral* [transitivo direto];

✓ *ASPIRAR* [= ansiar, anelar] ***a** um alto posto* [transitivo indireto a relativo introduzido por *a*].

1.2.2. Alguns verbos, todavia, podem empregar-se com mais de uma regência mas sem variação significativa. Exemplo:

✓ *NECESSITA* ***de** ajuda* [transitivo indireto a relativo introduzido por *de*];

✓ *NECESSITA* *que o ajudemos* [transitivo direto de complemento oracional].

⇗ **OBSERVAÇÃO 1.** Nada impede, contudo, que se diga *NECESSITA* *de que o ajudemos*, ou até, ainda que menos propriamente no padrão culto atual, *NECESSITA* *ajuda*.

⇗ **OBSERVAÇÃO 2.** Por vezes, por outro lado, não varia senão a preposição:

✓ *PENSAR* ***num** assunto*;

✓ *PENSAR* ***a respeito** de um assunto*.

1.2.3. Outros, por fim, variam de significação sem variar, todavia, de regência. Exemplo:

✓ *CARECER* [= *não ter*] ***de** ajuda* [transitivo indireto a relativo introduzido por *de*];

✓ *CARECER* [= *necessitar*] ***de** ajuda* [transitivo indireto a relativo introduzido por *de*].

> **OBSERVAÇÃO DE CUNHA E CINTRA.** «Somente as preposições que ligam complementos a um verbo (OBJETO INDIRETO [E COMPLEMENTO

---

[3] Celso Cunha & Lindley Cintra, *op. cit.*, p. 531.

RELATIVO]) ou a um nome (COMPLEMENTO NOMINAL) estabelecem relações de regência. Por isso, convém distingui-las, com clareza, das que encabeçam ADJUNTOS ADVERBIAIS OU ADJUNTOS ADNOMINAIS.»[4]

☞ **OBSERVAÇÃO.** Há que acrescentar apenas que, conquanto menos propriamente, ou antes, *analogamente*, também os adjuntos estão para o que determinam assim como o regido está para o regente.

OBSERVAÇÃO AINDA DE CUNHA E CINTRA. «Muitas vezes, a regência de um verbo estende-se aos substantivos e aos adjetivos cognatos:

Obedecer **ao chefe**	Contentar-se **com a sorte.**
Obediência **ao chefe**	Contentamento **com a sorte.**
Obediente **ao chefe**	Contente **com a sorte.**»[5]

☞ **OBSERVAÇÃO.** Por razões óbvias, não se dá relação de regência com verbo intransitivo; mas devemos estudar a intransitividade no capítulo mesmo de regência verbal, assim como, *mutatis mutandis*, se estuda a cegueira no tratado da visão.

II

REGÊNCIA DE ALGUNS VERBOS.[6]

2.1. ACREDITAR, CRER.

§ Hoje se usa correntemente como TRANSITIVO INDIRETO A RELATIVO INTRODUZIDO POR *EM*, quando o complemento não é oracional, e como TRANSITIVO DIRETO, quando o complemento é oracional.

✓ *ACREDITAMOS / CREMOS* ***em suas palavras****;*

✓ *Não CREIO / Não ACREDITO* ***que venha****.*

☞ **OBSERVAÇÃO 1.** Não obstante ser construção antes clássica, ainda se pode usar, em certos contextos, OBJETO DIRETO NÃO ORACIONAL: *Não o creio / Não o acredito.* Veja-se exemplo do *novo* Caldas Aulete: "Os apóstolos criam a Jesus" (objeto direto preposicionado).

---

[4] *Ibidem*, p. 532.

[5] *Idem.*

[6] Sempre segundo o padrão culto atual. – Não discriminaremos necessariamente aqui se o complemento é oracional ou não o é.

⇗ **OBSERVAÇÃO 2.** Quando porém *crer/acreditar* têm o significado de "julgar, supor", constroem-se como TRANSITIVOS DIRETOS COM PREDICATIVO DO OBJETO: *Eu* CRIA-*o* / ACREDITAVA-*o mais inteligente.*

⇗ **OBSERVAÇÃO 3.** *Acreditar* ainda pode ter o sentido de "credenciar", e é então BITRANSITIVO DIRETO E A RELATIVO INTRODUZIDO SOBRETUDO POR JUNTO A: ACREDITAR *um diplomata* ***junto a*** *governo estrangeiro*, etc.

2.2. AGRADAR.

É sempre transitivo indireto a dativo:

✓ *AGRADOU-**lhe** o novo poema.*

⇗ **OBSERVAÇÃO.** Conquanto em tempos remotos este verbo aceitasse a regência direta ("Agradou-o"), hoje esta constitui puro e simples erro.

2.3. ASPIRAR.

2.3.1. Com o sentido de "inspirar", "respirar", "sorver (ar, etc.)", é TRANSITIVO DIRETO:

✓ "Como o febricitante em dia ardente de estio [= verão], que [= o qual] ASPIRA a brisa da tarde" (TORRES);

✓ "Em algumas línguas ASPIRA-se o *h*" (CALDAS AULETE [o original, como doravante]).

2.3.2. Com o sentido de "ansiar", "anelar", "pretender", é TRANSITIVO INDIRETO A RELATIVO INTRODUZIDO POR *A*:

✓ "Que **a** tão altas empresas ASPIRAVA" (CAMÕES);

✓ "ASPIRO **a** livrar-me dessa fraqueza" (L. BITTENCOURT).

⇗ **OBSERVAÇÃO.** Não se use de abonação os deslizes de grandes escritores quanto a esta regência (e quanto a todas as demais), como neste passo de Cruz e Souza: "Ele sente, ele ASPIRA, ele deseja / A grande zona da imortal bonança". Note-se que aqui se usa *aspirar* como se tivesse a mesma regência (direta) que *desejar.*

2.4. ASSISTIR.

2.4.1. Com o sentido de "comparecer", de "presenciar" ou de "ver (espetáculo)", é TRANSITIVO INDIRETO A RELATIVO INTRODUZIDO POR *A*:

✓ *ASSISTIMOS ontem* ***a*** *um funeral*;

✓ "É como se o povo ASSISTISSE **a** um ofício divino" (HERCULANO);

✓ *ASSISTIU* ***a*** *um belo filme.*

2.4.2. Com o sentido de "caber (direito ou razão)", é TRANSITIVO INDIRETO A DATIVO:

✓ *Nenhuma razão* ***lhe*** *ASSISTE nesse pleito.*

2.4.3. Com o sentido de "acompanhar", ou com o de "ajudar", "prestar assistência", "socorrer", usa-se indiferentemente como TRANSITIVO DIRETO ou como TRANSITIVO INDIRETO A DATIVO:

✓ "Deus bom, que ASSISTE os coitados" (CYRO DOS ANJOS);

✓ "Continuarei a ASSISTI-la com a discrição requerida pela sua sensibilidade" (J. PAÇO D'ARCOS);

✓ "ASSISTIR **ao moribundo**, agonizante" (CONSTÂNCIO);

✓ "O sacerdote que **lhe** ASSISTIA, na hora do trespasse" (RUI BARBOSA).

2.4.4. Com o sentido de "morar", "residir", "habitar", é TRANSITIVO A COMPLEMENTO CIRCUNSTANCIAL INTRODUZIDO POR *EM* OU POR *AQUI*, *ALI*, ETC.:

✓ "Ainda que no céu tenha a minha corte, tanto ASSISTO **na** terra como **no** céu" (PE. ANTÔNIO VIEIRA);

✓ "Você então está ASSISTINDO **por aqui**, neste começo de Gerais?" (GUIMARÃES ROSA).

OBSERVAÇÃO. Nesta acepção, é próprio antes dos clássicos.

2.5. AVISAR, CERTIFICAR, INFORMAR, NOTIFICAR e OUTROS QUE TAIS.

§ Todos estes verbos são BITRANSITIVOS, mas podem construir-se duplamente: ou com o OBJETO DIRETO DESIGNANDO COISA, ou com o OBJETO DIRETO DESIGNANDO PESSOA. No primeiro caso, serão BITRANSITIVOS DIRETOS E A DATIVO; no segundo, BITRANSITIVOS DIRETOS E A RELATIVO INTRODUZIDO POR *DE*:

✓ ou *AVISAR, CERTIFICAR, INFORMAR, NOTIFICAR algo **a** alguém* (= *lho*);

✓ ou *AVISAR, CERTIFICAR, INFORMAR, NOTIFICAR alguém **de** algo*.

OBSERVAÇÃO. Constitui erro, portanto, empregá-los como duplos transitivos diretos ou como duplos transitivos indiretos: "Avisei-a que devia vir" ou "Informei-lhe de que devia vir".

2.6. CHAMAR.

2.6.1. Com o sentido de "dizer em voz alta o nome de", ou com o de "fazer vir", "convocar", é ou TRANSITIVO DIRETO OU BITRANSITIVO DIRETO E A RELATIVO INTRODUZIDO POR *A*:

✓ *CHAMA o menino, já é hora do jantar*;

✓ "Manda CHAMAR os deuses do mar" (CAMÕES);

✓ "CHAMOU Paulo **a** exercer aquela função" (CALDAS AULETE).

2.6.2. Com o sentido de "dar sinal com a voz ou com algum gesto", é TRANSITIVO A RELATIVO INTRODUZIDO POR *POR*/*PER*:

✓ *Ficou CHAMANDO à porta* (*POR alguém*).

OBSERVAÇÃO. Note-se que aqui se trata de falso intransitivo: o complemento está sempre presente, ainda que implicitamente.

2.6.3. Com o sentido de "invocar", é TRANSITIVO INDIRETO A RELATIVO INTRODUZIDO POR *PER/POR:*

✓ "O Negrinho CHAMOU **pel**a Virgem sua madrinha e Senhora Nossa" (SIMÕES LOPES NETO).

2.6.4. Com o sentido de "dar nome", com o de "apelidar" ou com o de "qualificar", constrói-se multiplamente:

- com OBJETO DIRETO + PREDICATIVO:
  - ✓ *Os pais CHAMARAM-no Pedro;*
  - ✓ *Todos o CHAMAM mestre;*
- com OBJETO DIRETO + PREDICATIVO introduzido por *de*:
  - ✓ "CHAMOU **de** 'esperdiçado' o idioma" (RUI BARBOSA);
- com DATIVO + PREDICATIVO:
  - ✓ *Todos **lhe** chamam mestre;*
- com DATIVO + PREDICATIVO INTRODUZIDO POR *DE*:
  - ✓ "No norte do Brasil CHAMAM **ao** diabo **de**: cão, o cão do inferno" (JOÃO RIBEIRO).

OBSERVAÇÃO. A segunda e a última destas possibilidades são antes de evitar.

2.7. CHEGAR e IR.

§ São TRANSITIVOS A COMPLEMENTO CIRCUNSTANCIAL INTRODUZIDO POR *A* (nunca por "em"):

✓ *CHEGOU **a** casa às 8 horas;*

✓ *Já CHEGARAM **a** Budapeste;*

✓ *CHEGOU **a** ser* (= *Veio a ser*) *grande compositor;*[7]

✓ *FOI **a** um concerto de música barroca;*

✓ *FORAM **à** escola e já voltam.*

OBSERVAÇÃO. Quando *ir* implica certa permanência, então seu complemento se introduz por *para*, razão por que se distinguem *Foi a casa e já volta* e *Depois do trabalho, foi para casa.*

2.8. CUSTAR.

§ Quando usado com o sentido de "ser difícil ou custoso", tem por SUJEITO o que é difícil ou custoso e por OBJETO INDIRETO A DATIVO a pessoa a quem é difícil ou custoso:

✓ *CUSTA-**lhe** crer no que disseram.*

---

[7] Neste caso, requer-se PREDICATIVO: *grande compositor.*

⇗ **Observação.** Constitui erro, portanto, dizer ou escrever "Custei a entender". Diga-se ou escreva-se: *Custou-**me** entender.*

2.9. Ensinar.

2.9.1. É bitransitivo direto e a dativo:

✓ "Ensinou-**te** a dança, a música, o desenho" (Constâncio);

✓ *Ensinou-**lhes** a arte da tradução.*

2.9.2. Quando o que se ensina é expresso por infinitivo, constrói-se como bitransitivo direto e a relativo introduzido por *a*:

✓ "Ensina-o **a** converter cada espinho em flor" (Camilo Castelo Branco);

✓ "Ensinei o João **a** traçar figuras geométricas" (Nóbrega).

⇗ **Observação.** Pode construir-se também com dativo + relativo introduzido por *a*: "Esparta ensinava ao adolescente **a** morrer pela glória" (Latino Coelho).

2.9.3. Quando se cala o que se ensina, é transitivo direto:

✓ *Ensinou as meninas até o curso secundário.*

2.9.4. Com o sentido de "corrigir", ou com o de "adestrar ou amestrar", é ou transitivo direto ou bitransitivo direto e a relativo (infinitivo) introduzido por *a*:

✓ *A vida a ensinou;*

✓ "Ensinar um cão **a** fazer habilidades" (Morais).

⇗ **Observação.** Todas as demais possibilidades são variações destas e sempre trazem implícito algum termo.

2.10. Esquecer e olvidar.

§ Com o sentido de "cair da lembrança", constroem-se triplamente:

- como transitivos diretos:

  ✓ *Esqueci/Olvidei a lição;*

- como transitivos a relativo introduzido por *de*, quando pronominais:

  ✓ *Esqueci-me/Olvidei-me **da** lição;*

- ou como transitivos a dativo:

  ✓ "Esqueceram-**me** [Olvidaram-**me**] todas as mágoas, e comecei a gostar desse Belmiro que olhava para o salão como se estivesse contemplando o mar" (Cyro dos Anjos).

⇗ **Observação 1.** Nesta última possibilidade, o sujeito da oração é o que, na primeira possibilidade, era objeto direto.

⇗ **Observação 2.** Não é da língua culta usar este verbo como não pronominal e, a uma só vez, como transitivo a relativo introduzido por *de*:

"Esqueceu da lição". Evite-se *absolutamente* na escrita em que não se busque reproduzir o coloquial.

⇗ **Observação 3.** Tampouco é de imitar a construção que se acha neste passo: "Não lhes esqueça 'de' regarem o passeio adiante da porta" (Almeida Garrett).

2.11. Implicar.

§ Com o sentido de "supor" ou com o de "acarretar", é sempre TRANSITIVO DIRETO:

✓ *Tal conclusão IMPLICA tais premissas*;

✓ *Isso IMPLICARÁ graves consequências*.

⇗ **Observação.** Constitui erro, portanto, usá-lo como transitivo indireto a relativo introduzido por *em*: "Isso implicará 'em' graves consequências".

2.12. Interessar.

2.12.1. Com o sentido de "ser do interesse de", com o de "ser proveitoso a", com o de "importar" ou com o de "dizer respeito a", emprega-se, indiferentemente, como TRANSITIVO DIRETO ou como TRANSITIVO INDIRETO A DATIVO:

✓ "INTERESSAVAM-no as miudezas daquela metamorfose" (Camilo Castelo Branco);

✓ *Isto INTERESSA às pessoas de todas as idades*;

✓ "Estas circunstâncias INTERESSAM à questão, respeitam à questão..." (Rui Barbosa).

2.12.2. É TRANSITIVO DIRETO quando tem:

- o sentido de "captar ou prender a atenção, a curiosidade", ou o de "excitar a":
  ✓ "Nada os INTERESSA" (Euclides da Cunha);
- ou o de "atingir", "ofender", "ferir":
  ✓ "O ferimento INTERESSOU a aorta" (Antenor Nascentes).

2.12.3. É BITRANSITIVO DIRETO E A RELATIVO INTRODUZIDO POR *EM*:

- com o sentido de "dar parte num negócio ou nos ganhos de":
  ✓ *INTERESSAMO-los neste empreendimento comercial*;
- ou com o de "atrair ou provocar o interesse, a curiosidade por":
  ✓ "O bispo de São João d'Acre faz uma digressão para INTERESSAR nesta empresa alguns príncipes da cristandade" (Pe. Teod. Almeida);
  ✓ "Como quem o queria INTERESSAR no perdão e [na] conservação de coisa sua" (Pe. Antônio Vieira).

2.13. Lembrar, recordar.

§ Constroem-se exatamente como seus antônimos (*esquecer* e *olvidar*):

✓ *LEMBREI/RECORDEI a lição;*

✓ *LEMBREI-ME/RECORDEI-ME* ***da lição;***

✓ *LEMBROU-**me**/RECORDOU-**me** a lição.*

⇖ **OBSERVAÇÃO.** Tampouco pois são corretos "Lembrei 'da' lição" e "Lembrou-me 'da' lição".

2.14. OBEDECER/DESOBEDECER e RESPONDER.

§ Valha para estes três verbos algo que já se disse: a segunda classe de DATIVO compõem-na os complementos de verbos que requerem objeto indireto (ou seja, comutável por *lhe* e demais pronomes dativos), mas não requerem (ao menos necessariamente) objeto direto:

[...]

✓ *Já respondeste à* [*A* + *a*] *tua mãe?* [= *Já* LHE *respondeste?*];

✓ *Obedece* A *teu pai* [= *Obedece*-LHE].

⇖ **OBSERVAÇÃO 1.** Ambos os verbos *responder* e *obedecer* admitem também objeto direto:

✓ *Já respondeste a carta* [acusativo] *à tua mãe?* [= *Já* LH*a respondeste?*];

✓ *Obedece a ordem* [acusativo] A *teu pai* [= *Obedece*-LH*a*].

O mais comum no Brasil, porém, é dar outro torneio a estas orações:

✓ *Já respondeste à* [*A* + *a*] *carta* [complemento relativo] *de tua mãe?* [adjunto adnominal de *carta*];

✓ *Obedece à ordem* [*A* + *a*] [complemento relativo] *de teu pai* [adjunto adnominal de *ordem*].

⇖ **OBSERVAÇÃO 2.** Atente-se a que ambos estes verbos sempre requerem complemento indireto de alguma espécie, como em *Obedecer às* [*A* + *a*] *leis* [lat. *Parere legibus*]. A diferença entre o latim e o português, neste caso, é que *legibus* está no caso dativo, enquanto *às leis* é complemento relativo. E sabe-se que é assim porque *às leis* não pode comutar-se por *lhes*, mas tão somente por *a elas*: *Obedecer a elas*.

⇖ **OBSERVAÇÃO 3.** Discrepamos dos gramáticos para os quais certos verbos transitivos indiretos, como precisamente *responder* e *obedecer*, aceitam pôr-se na voz passiva. Esta é uma maneira de poupar-se ao esforço de explicar um ponto complexo. Quando se diz *A carta foi respondida*, mantém-se a *antiga* regência destes verbos: "Respondeu a carta", etc. Ou seja, trata-se de sobrevivência de outra fase da língua (especialmente do século XVI e do XVII), e que não constitui a maneira mais afim ao padrão culto atual. A "A carta foi respondida", prefira-se

✓ *LEMBREI/RECORDEI a lição*;

✓ *LEMBREI-ME/RECORDEI-ME* ***da*** *lição*;

✓ *LEMBROU-**me**/RECORDOU-**me** a lição.*

☞ **OBSERVAÇÃO.** Tampouco pois são corretos "Lembrei 'da' lição" e "Lembrou-me 'da' lição".

2.14. OBEDECER/DESOBEDECER e RESPONDER.

§ Valha para estes três verbos algo que já se disse: a segunda classe de DATIVO compõem-na os complementos de verbos que requerem objeto indireto (ou seja, comutável por *lhe* e demais pronomes dativos), mas não requerem (ao menos necessariamente) objeto direto:

[...]

✓ *Já respondeste à* [*A* + *a*] *tua mãe?* [= *Já* LHE *respondeste?*];

✓ *Obedece* A *teu pai* [= *Obedece-*LHE].

☞ **OBSERVAÇÃO 1.** Ambos os verbos *responder* e *obedecer* admitem também objeto direto:

✓ *Já respondeste a carta* [acusativo] *à tua mãe?* [= *Já* LH*a respondeste?*];

✓ *Obedece a ordem* [acusativo] A *teu pai* [= *Obedece-*LH*a*].

O mais comum no Brasil, porém, é dar outro torneio a estas orações:

✓ *Já respondeste à* [*A* + *a*] *carta* [complemento relativo] *de tua mãe?* [adjunto adnominal de *carta*];

✓ *Obedece à ordem* [*A* + *a*] [complemento relativo] *de teu pai* [adjunto adnominal de *ordem*].

☞ **OBSERVAÇÃO 2.** Atente-se a que ambos estes verbos sempre requerem complemento indireto de alguma espécie, como em *Obedecer às* [*A* + *a*] *leis* [lat. *Parere legibus*]. A diferença entre o latim e o português, neste caso, é que *legibus* está no caso dativo, enquanto *às leis* é complemento relativo. E sabe-se que é assim porque *às leis* não pode comutar-se por *lhes*, mas tão somente por *a elas*: *Obedecer a elas*.

☞ **OBSERVAÇÃO 3.** Discrepamos dos gramáticos para os quais certos verbos transitivos indiretos, como precisamente *responder* e *obedecer*, aceitam pôr-se na voz passiva. Esta é uma maneira de poupar-se ao esforço de explicar um ponto complexo. Quando se diz *A carta foi respondida*, mantém-se a *antiga* regência destes verbos: "Respondeu a carta", etc. Ou seja, trata-se de sobrevivência de outra fase da língua (especialmente do século XVI e do XVII), e que não constitui a maneira mais afim ao padrão culto atual. A "A carta foi respondida", prefira-se

Respondeu-se à carta; a "A carta foi respondida por ele", prefira-se pura e simplesmente *Ele respondeu à carta*; etc.

OBSERVAÇÃO 4. *Responder* também se usa com outros sentidos:

- o de "corresponder", ou o de "atender":
  - ✓ *Esta decisão* RESPONDE ***a*** *anseios gerais*;
- ou o de "falar ou assumir por":
  - ✓ "Um dia será o conjunto / e não o pormenor e a parcela / [o] que RESPONDERÁ **por** nós" (ODORICO MENDES).

2.15. PAGAR e PERDOAR.

§ No padrão culto atual, são ou TRANSITIVOS DIRETOS (quando o objeto direto expressa coisa), ou TRANSITIVOS INDIRETOS A DATIVO (quando o dativo expressa pessoa), ou ainda BITRANSITIVOS DIRETOS E A DATIVO:

✓ *PERDOA as injúrias de todos*;

✓ *PERDOA-**lhes**, porque não sabem o que fazem*;

✓ *PERDOA-**lhes** as injúrias*;

✓ *PAGAREI a entrada de todos*;

✓ *PAGUE-se justamente **aos** empregados* (= *PAGUE-se-**lhes***);

✓ *PAGAR-**te**-EI o jantar*.

OBSERVAÇÃO. Constitui erro, portanto, dizer ou escrever "Perdoa seu irmão" ou "Pague os empregados".

2.16. PEDIR.

2.16.1. Quando seu OBJETO DIRETO (ou seja, o que se pede) é "licença, ou permissão, autorização", então é BITRANSITIVO DIRETO E A COMPLEMENTO CIRCUNSTANCIAL DE FIM (INTRODUZIDO POR *PARA*). Note-se porém que tal OBJETO DIRETO pode vir implícito:

✓ *PEDIU (licença) **para** sair mais cedo*.

2.16.2. Quando porém seu OBJETO DIRETO não for tal, então será BITRANSITIVO DIRETO E A DATIVO:

✓ *PEDIU-**lhe** que saísse*;

✓ *PEDIMOS-**lhe** que nos dissesse a inteira verdade*.

OBSERVAÇÃO 1. Constitui erro, portanto, dizer ou escrever "Pedimos para ele nos dizer a verdade", "Pedi-lhe /a ele para trazer-me uma lembrança" e outras que tais.

OBSERVAÇÃO 2. Diga-se o mesmo, aliás, com respeito a todos os verbos *rogandi*:

✓ *ROGOU-**lhe** / IMPLOROU-**lhe** / SUPLICOU-**lhe** que saísse*;

✓ *PEDIMOS-**lhe** / IMPLOROU-**lhe** / SUPLICAMOS-**lhe** que nos dissesse a verdade*,

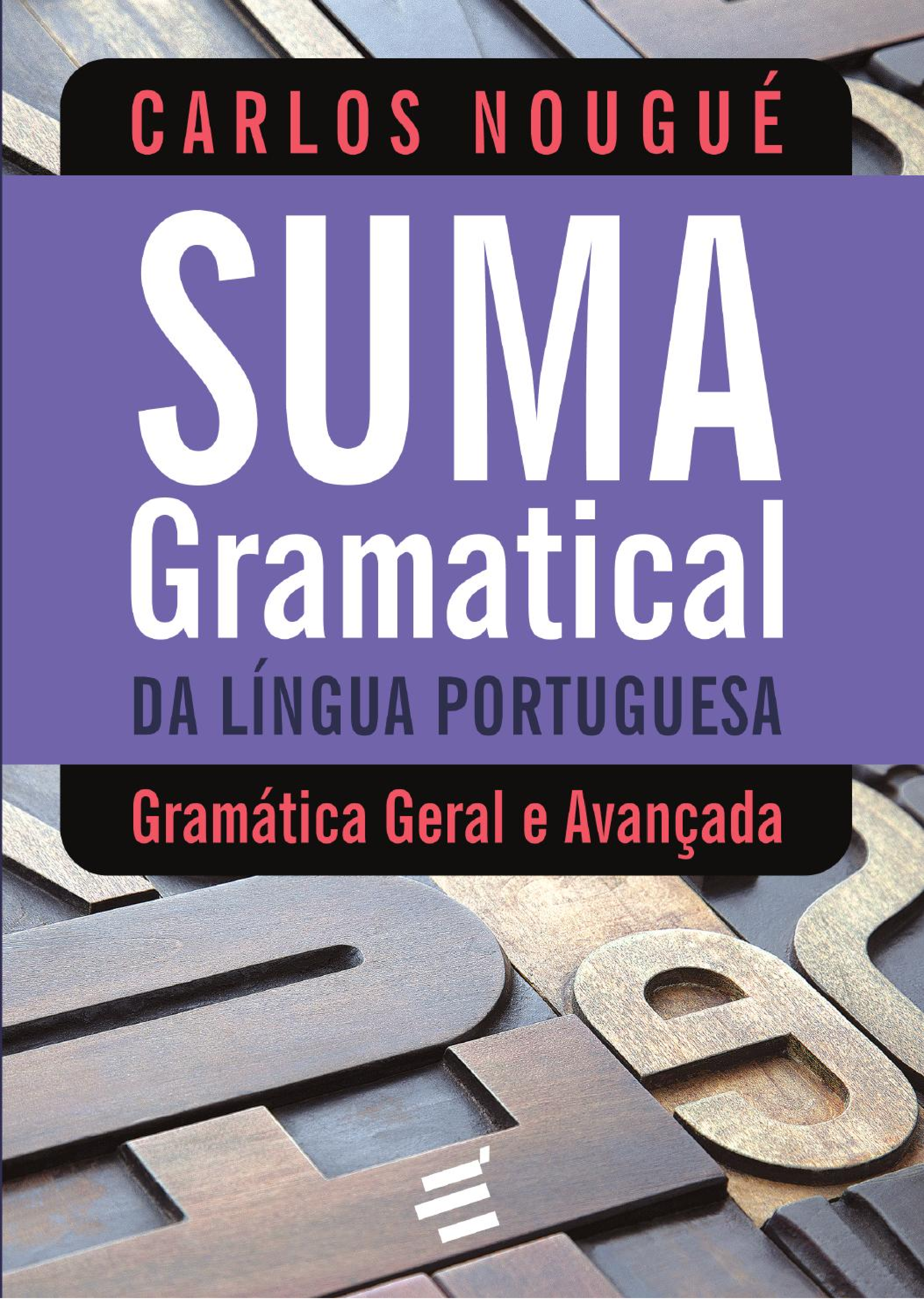

CARLOS NOUGUÉ

SUMA Gramatical
DA LÍNGUA PORTUGUESA

Gramática Geral e Avançada

Alguns hoje se empenham com afinco em desacreditar a Gramática, porque, segundo eles, as línguas não necessitam de regras que as constranjam: basta deixar que sigam seu curso, livremente. Mas isso é falso, porque, deixada à deriva, sem regras que a dirijam, a língua seria como as águas de um rio, puro fluxo, ao ponto de não poder falar-se duas vezes como a mesma língua. É parte intrínseca de toda e qualquer língua ter regras; é o dique sem o qual ela fluiria sem nenhuma permanência e os próprios defensores da tese da língua sem regras nem poderiam propor sua tese: simplesmente porque nem sequer haveria nenhuma língua.

As línguas, sim, corrompem-se, mas menos impetuosamente quando, em meio a uma verdadeira civilização universal (ou tendente à universalidade), há a escrita com sua arte própria e especial, a Gramática. Mais ainda, neste último caso podem tender até a grande estabilidade: foi o que se deu com o latim ao tornar-se língua altamente normatizada e ordenada à Ciência e à Sabedoria.

A *Suma Gramatical da Língua Portuguesa – Gramática Geral e Avançada*, de Carlos Nougué, não só reafirma a necessidade imperiosa da Gramática e seu caráter essencialmente normativo, mas aprofunda-se solidamente em seus pressupostos teóricos, a fim de fazer frente eficaz tanto aos numerosos ataques que lhe movem como às próprias debilidades da tradição gramatical. Só o faz, porém, para melhor inserir-se nesta mesma tradição. Segue nisso a palavra do gramático venezuelano Andrés Bello: “A prevenção mais desfavorável [...] é a daqueles que julgam que em gramática as definições inadequadas, as classificações malfeitas, os conceitos falsos carecem de inconveniente, desde que, por outro lado, se exponham com fidelidade as regras a que se conforma o bom uso. Eu creio, contudo, que essas duas coisas são inconciliáveis; que o uso não pode expor-se com exatidão e fidelidade senão analisando os princípios verdadeiros que o dirigem, porque uma lógica severa é indispensável requisito de todo e qualquer ensino”.

Como diz o desembargador Ricardo Dip em sua apresentação, a *Suma Gramatical da Língua Portuguesa* é obra teórico-prática não só de um gramático e professor experiente, “mas também de um filósofo prudente, de alguém acostumado a leituras árduas e que não se deixa abater pelas tempestades periféricas: vai às profundezas, em busca de fundamentos últimos aos quais possa discretamente arrimar sua arte regulativa, a da palavra”.

SUMA
Gramatical
DA LÍNGUA PORTUGUESA

Copyright © 2015 Carlos Nougué
Copyright desta edição © 2015 É Realizações

EDITOR
Edson Manoel de Oliveira Filho

PRODUÇÃO EDITORIAL, CAPA E PROJETO GRÁFICO
É Realizações Editora

PREPARAÇÃO DE TEXTO E REVISÃO
William C. Cruz

Reservados todos os direitos desta obra. Proibida toda e qualquer reprodução desta edição por qualquer meio ou forma, seja ela eletrônica ou mecânica, fotocópia, gravação ou qualquer outro meio de reprodução, sem permissão expressa do editor.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

N699s
Nougué, Carlos, 1952-
Suma gramatical da língua portuguesa : gramática geral e avançada / Carlos Nougué. - 1. ed. - São Paulo : É-Realizações, 2015.
608 p. ; 23 cm.

ISBN 978-85-8033-203-2

1. Língua portuguesa - Gramática. I. Título.

15-23998

CDD: 469.5
CDU: 811.134.3'36

23/06/2015 25/06/2015

É Realizações Editora, Livraria e Distribuidora Ltda.
Rua França Pinto, 498 · São Paulo SP · 04016-002
Caixa Postal: 45321 · 04010-970 · Telefax: (5511) 5572 5363
atendimento@erealizacoes.com.br · www.erealizacoes.com.br

Este livro foi impresso pela Gráfica Corprint em julho de 2015. Os tipos são da família Adobe Garamond e News Gothic. O papel do miolo é o alta alvura 90g, e o da capa, cartão ningbo star 250g.

CARLOS NOUGUÉ

SUMA Gramatical

DA LÍNGUA PORTUGUESA

Gramática Geral e Avançada

É Realizações
Editora

A Paulo Sérgio e a Rosa Clara,
e a Maria Augusta.

¡Cuántas veces el ángel me decía:
"Alma, asómate ahora a la ventana,
verás con cuánto amor llamar porfía"!
Lope de Vega

Não é coisa de qualquer homem impor nomes, mas de um "nominador". E este é, ao que parece, o legislador, que naturalmente é entre os homens o mais raro dos artesãos.

Sócrates / Platão

A linguagem é figura do entendimento: e assim é verdade que a boca diz quanto lhe manda o coração e não outra coisa.

Fernão de Oliveira

A pena é língua da alma; quais forem os conceitos que nela se engendraram, tais serão seus escritos.

Dom Quixote

A gramática de uma língua é a arte de [escrever e pois de] falar corretamente, isto é, conforme ao bom uso.

Andrés Bello

A prevenção mais desfavorável [...] é a daqueles que julgam que em gramática as definições inadequadas, as classificações malfeitas, os conceitos falsos carecem de inconveniente, desde que, por outro lado, se exponham com fidelidade as regras a que se conforma o bom uso. Eu creio, contudo, que essas duas coisas são inconciliáveis; que o uso não pode expor-se com exatidão e fidelidade senão analisando os princípios verdadeiros que o dirigem, porque uma lógica severa é indispensável requisito de todo e qualquer ensino.

Andrés Bello

A gramática é a arte de levantar as dificuldades de uma língua; mas é preciso que a alavanca não seja mais pesada que o fardo.

Antoine Rivarol

Amo-te, ó rude e doloroso idioma, / Em que da voz materna ouvi: "meu filho!"

Olavo Bilac

Sumário

Apresentação
Desembargador Ricardo Dip 19
Prólogo 25

PRIMEIRA PARTE: LÍNGUA, LINGUAGEM, GRAMÁTICA

I. Fala e linguagem 35
II. A diversidade de línguas 36
III. Definição de língua 40
IV. A escrita 43
V. Se a arte da Gramática o é só da escrita ou também pode vir a sê-lo da fala 44
VI. O sujeito da Gramática e a definição desta 47
VII. A que serve imediatamente e reflexamente a Gramática 62
VIII. A que serve mediatamente a Gramática 63
IX. A que serve ultimamente a Gramática 65

SEGUNDA PARTE: NOTÍCIA HISTÓRICA DA LÍNGUA PORTUGUESA

I. Origem próxima 69
II. A chegada do latim à Península Ibérica 69
III. A romanização da Península 70
IV. A época visigótica 70
V. A dominação moura 71
VI. A formação do primeiro português 71
VII. As etapas do português 72
VIII. A língua portuguesa no mundo atual 72

TERCEIRA PARTE: FONEMAS E LETRAS NA LÍNGUA PORTUGUESA ATUAL

I. Fonema e letra 77
II. O aparelho fonador e os fonemas 83
    O aparelho fonador, 83

III. Visão mais sistemática dos fonemas da língua portuguesa 85

As vogais, as consoantes e as semivogais, 85; As vogais, 85; As consoantes, 86; Os fonemas e sua representação escrita, 90; As semivogais, 92

IV. A sílaba...93

V. Os encontros 94

O hiato, 94; O ditongo e o tritongo, 95; O ditongo, 95; O tritongo, 95; Encontros instáveis, 96; Os encontros consonantais, 96

VI. Tonicidade e atonicidade 97

VII. Palavras de acentuação viciosa..99

VIII. Grupo acentual e palavras essencialmente átonas 101

IX. Posição das palavras essencialmente átonas...102

As três posições das palavras essencialmente átonas, 102; Em próclise, 102; Em ênclise, 102; Em mesóclise, 102

X. Os vários sistemas ortográficos da língua portuguesa.......................................103

A história da ortografia portuguesa, 103; A fase fonética, 103; A fase etimológica, 104; A fase da chamada nova ortografia, 104

XI. O que pensar das reformas ortográficas...105

XII. O atual sistema ortográfico 106

O alfabeto português, 106; Letra inicial maiúscula, 108; A divisão silábica, 110; Notações léxicas, 111; Os três acentos, 111; O acento agudo, 111; O acento circunflexo, 111; O acento grave, 112; O til, 112; O trema, 112; O apóstrofo, 113; A cedilha, 113; O hífen, 113; Os sinais de pontuação, 113; As regras da acentuação gráfica, 114; Das palavras monossilábicas (essencialmente) tônicas, 114; Das palavras oxítonas, 114; Da palavras paroxítonas, 115; Dos hiatos, 115; Dos seguintes verbos: aguar, averiguar, enxaguar, apaziguar; delinquir; etc., 116; Os acentos diferenciais, 116

QUARTA PARTE: MORFOLOGIA, OU TRATADO DA FORMA DAS PALAVRAS (NA LÍNGUA PORTUGUESA)

I. O que é morfologia em gramática...121

II. As classes gramaticais...126

III. A palavra, unidade significativa mínima..135

IV. Como se formam as palavras..140

Como diz Sócrates a Hermógenes..., 140; As partes de que se compõem as palavras em português, 141; A sílaba, 141; A raiz, 141; O radical, 141; Os acidentes das palavras, 142; A vogal temática, 142; Os sufixos flexionais

(ou desinências), 144; Os nominais, 144; Os verbais, 150; O tema, 155; As vogais e as consoantes de ligação, 156

V. A formação de novas palavras 157

A formação de novas palavras por composição, 158; Prefixos de origem latina, 158; Prefixos de origem grega, 161; A justaposição, 163; A aglutinação, 164; Principais radicais de origem latina que funcionam como primeira parte na aglutinação, 164; Principais radicais de origem latina que funcionam como segunda parte na aglutinação, 165; Principais radicais de origem grega que funcionam como primeira parte na aglutinação, 166; Principais radicais de origem grega que funcionam como segunda parte na aglutinação, 169; A formação de novas palavras por derivação, 175; Os sufixos nominais do português, 176; Os sufixos verbais do português, 182; O sufixo adverbial da língua portuguesa, 184; A parassíntese, 185; O hibridismo, 186; A derivação regressiva, 186; As onomatopeias, 187; Outros modos de formação de palavras, 187; A abreviação, 187; A sigla, 187; Os hipocorísticos, 187; A metáfora, 190; A metonímia, 190; A extensão ou ampliação do significado, 191; O uso do hífen, 192

QUINTA PARTE: OUTROS PARADIGMAS E PRIMEIROS EMPREGOS DAS CLASSES GRAMATICAIS

NOTA PRÉVIA: Um primeiro quadro das classes gramaticais e suas funções sintáticas 201

I. O substantivo 203

Para que usamos os substantivos, 203; Classificação dos substantivos, 203; Os concretos, 203; Os abstratos, 203; Os concretos podem ser comuns ou próprios, 203; Os comuns, 203; Os próprios, 203; Os substantivos coletivos, 203; As flexões dos substantivos, 204; Gênero e flexão de gênero, 204; O plural, 211; A desinência universal de plural, 211; O plural dos substantivos terminados em vogal ou em ditongo oral, 211; O plural dos substantivos terminados em *-ão*, 212; O plural dos substantivos terminados em consoante, 213; O plural dos diminutivos sufixados com *-zinho* e *-zito*, 214; O plural dos substantivos compostos (ou das locuções substantivas), 215; Os substantivos não numeráveis, 218; Os substantivos que ou só se empregam ou mais usualmente se empregam no plural, 218; O grau, 219; Desinências de grau dimensivo e desinências de grau intensivo, 219; A classificação dos sufixos de grau dimensivo, 219; Notas prévias sobre a relação entre o substantivo e o adjetivo, 219

II. O adjetivo 221

Os adjetivos determinam ou modificam os substantivos, 221; Os adjetivos qualificativos, 222; A flexão de gênero, 224; O adjetivo não tem de si um gênero, 224; Mas concorda com o substantivo, 225; Os adjetivos uniformes passam a apresentar as desinências *-o* e *-a* quando postos no superlativo absoluto sintético, 225; Como se forma o feminino dos adjetivos, 225; Dos biformes, 225; Os adjetivos uniformes permanecem invariáveis, 226; A flexão de número, 227; Dos adjetivos primitivos (ou simples), 227; Dos adjetivos compostos cujas partes morfológicas se ligam por hífen, 227; A flexão de grau, 228; Dos adjetivos qualificativos, 228; A de grau dimensivo, 228; A de grau intensivo, 228; Os sufixos de grau superlativo, 229; Os modos morfossintáticos de indicação de grau intensivo, 230; O comparativo, 230; O superlativo, 231; Comparativos e superlativos especiais, 232

III. Os pronomes 233

Os pronomes pessoais, 233; Os pronomes pessoais são sempre substantivos, 233; Os pronomes retos, 234; Os pronomes oblíquos, 234; Os pronomes pessoais oblíquos dividem-se em átonos e tônicos, 234; Os átonos, 235; Os tônicos, 236; Alterações na figura dos pronomes oblíquos, 239; *Comigo*, *contigo*, *consigo*, *conosco*, *convosco*, *consigo* e *outros, todos, mesmos* e *próprios*, 241; Empregos dos pronomes pessoais, 241; Dos retos, 241; Dos oblíquos, 244; Os pronomes demonstrativos, 248; Os pronomes demonstrativos reduzem-se a substantivos e a adjetivos, 248; Primeiro paradigma (*isto, isso, aquilo*, etc.), 248; Empregos desta espécie de pronomes demonstrativos, 248; Os demonstrativos *o(s) e a(s)*, 252; Os demonstrativos *tal / tais* e *semelhante / semelhantes*, 253; Os pronomes possessivos, 255; Os pronomes possessivos reduzem-se essencialmente e quase sempre a adjetivos (determinativos), 255; Quando usados em referência a substantivo apenas elíptico e não em lugar dele, 255; Os poucos casos em que o possessivo pode dizer-se substantivo, 256; Os possessivos coexpressam outras noções, 256; Possessivo e artigo, 257; Colocação do possessivo, 258; O possessivo de terceira pessoa não raro implica grave ambiguidade, 258; O *nosso* de modéstia e o *nosso* de majestade, 259; Evite-se o uso constante dos possessivos, 259; Os pronomes indefinidos, 259; Os pronomes indefindos reduzem-se majoritariamente a substantivos de caráter neutro, mas também a adjetivos (determinativos), e então melhor se dizem indefinidores, 260; O paradigma destes pronomes, 260; As locuções pronominais indefinidas, 261; Os pronomes enquanto substantivos e enquanto adjetivos, 261; Especial: O uso de todo, 264; Os pronomes relativos, 270; Os pronomes relativos

constituem um dos capítulos mais espinhosos da Gramática, 270; Por que se chamam relativos, 270; Os relativos são pronomes impropriamente ditos, 271; Alguns relativos são variáveis em gênero e em número, 271; O antecedente do pronome relativo, 273; São várias as funções sintáticas exercidas pelos relativos, 274; Os empregos dos relativos, 274; Que, 274; O qual (a qual, os quais, as quais), 275; Quem, 276; Cujo, 278; Quanto, 278; Onde e aonde, 278

IV. Os numerais 280

Para que se empregam os numerais, 280; Os numerais adjetivos, 281; Os numerais substantivos, 281; Os numerais cardinais, 281; Os numerais ordinais, 281; Os numerais multiplicativos, 282; Os numerais fracionários, 282; Os numerais coletivos, 283; A flexão dos numerais, 283; Os cardinais, 283; Os ordinais, 283; Os multiplicativos, 284; Os fracionários, 284; Os coletivos, 284; Emprego dos cardinais, 284; Emprego dos ordinais, 285; Emprego dos cardinais pelos ordinais, 286; Emprego dos multiplicativos, 287; Emprego dos fracionários, 287; Quadro de numerais cardinais e de numerais ordinais, 288

V. Os artigos 289

Os artigos reduzem-se a adjetivos determinativos (ou pronomes adjetivos), 289; Os artigos não podem colocar-se senão antes do substantivo, 290; As duas espécies de artigos, 290; O artigo definidor, 290; O artigo indefinidor, 290; Contrações entre algumas preposições e os artigos, 291; As principais notas morfossintáticas dos artigos, 292; Outros empregos dos artigos, 292; O nome próprio deveria dispensar o artigo, 298; Os topônimos e o artigo definidor no português atual, 298; Generalizou-se o uso do artigo definidor antes de nome próprio de pessoa, 299; Antes dos nomes especialmente de obra literária ou dramática, 301; Com as palavras *senhor*, *senhora* e *senhorita*, 301; O artigo definidor e o adjetivo *santo / santa*, 301; Antes de *outro* ou depois de *ambos* e de *todo*, 301; Artigo definidor e sequência de substantivos, 301; Artigo definidor e sequência de adjetivos, 302; Omissão do artigo definidor, 302; Outros empregos dos artigos indefinidores, 303; Omissão do artigo indefinidor, 304

VI. O verbo 306

Os verbos constituem a classe mais complexa, 306; Os paradigmas verbais, 307; Os paradigmas dos verbos regulares, 307; Os verbos irregulares (incluídos os anômalos), 312; Da primeira conjugação, 312; Da segunda conjugação, 316; Da terceira conjugação, 321; Os verbos defectivos, 325; Os verbos abundantes, 327; Verbos unipessoais e verbos "impessoais", 329; Os modos e os tempos verbais: estudo semantossintático, 331; O modo indicativo, 331; O modo subjuntivo, 338; O imperativo, 347; As formas nominais, 350;

Onde se estudará o infinitivo, 350; O gerúndio, 350; O chamado particípio "passado", 354; O particípio "presente", 355; O gerundismo e um erro de paralelismo, 356; As vozes verbais, 359; Locução verbal e tempo composto, 364; A conjugação da voz passiva, 366;

VII. O advérbio 369

Os advérbios são a classe de mais difícil definição, 369; As subclasses do advérbio, 370; Os advérbios modificadores tão somente de verbos, 370; Os advérbios modificadores tanto de verbos como de adjetivos e/ou de advérbios, 370; As notas do advérbio, 370; Classificação dos advérbios, 372; Os advérbios de tempo, 372; Os advérbios de lugar, 373; Os advérbios de modo, 373; Os advérbios de intensidade, 373; Os advérbios de ordem, 373; Os advérbios de exclusão, 373; Os advérbios de inclusão, 374; O advérbio de designação, 374; O advérbio de retificação, de esclarecimento; locuções, 374; Os advérbios de afirmação, 374; Os advérbios de dúvida, possibilidade, probabilidade, 374; Os advérbios de negação, 374; Advérbios interrogativos, 375; Colocação dos advérbios, 376; Os advérbios em *-mente*, 377; Já e mais, 379

VIII. A preposição 381

As preposições são conectivos absolutos, 381; As preposições e a subordinação, 381; As preposições podem ser simples ou compostas, 383; As preposições simples, 383; As principais locuções prepositivas, 384; Carga semântica relacional das preposições simples, 385; A, 385; Ante, 386; Após, 386; Até, 386; Com, 387; Contra, 387; De, 388; Desde, 388; Em, 389; Entre, 389; Para, 390; Perante, 391; Por/per, 393; Sem, 393; Sob, 393; Sobre, 393; Trás, 394

SEXTA PARTE: SINTAXE GERAL

I. Oração e frase 397

II. Os termos da oração: as funções sintáticas 402

O que são termos da oração, 402; O sujeito e o predicado, 403; Um "circuito fechado", 404; O chamado "sujeito indeterminado", 405; Quadro geral da função sintática de sujeito, 407; O predicado, 412; As espécies de predicado segundo a tradição gramatical, 412; A posição de Evanildo Bechara, 414; O justo meio, 415; O predicado tradicionalmente chamado verbo-nominal ou misto, 421; Os demais termos da oração: as demais funções sintáticas, 424; O que são os demais termos da oração, 424; O que é ser parte integrante de um nome ou de um verbo, 424; Acréscimo de outros termos, 425; O complemento

nominal e o complemento verbal, 425; O complemento nominal, termo integrante da significação de um nome, 425; A espécies de complemento verbal, 427; O objeto direto, 427; O chamado "objeto direto interno", 433; O complemento indireto, 434; O complemento dativo ou objeto indireto, 434; O complemento indireto relativo, 440; O complemento circunstancial, 442; O agente da passiva, 445; A classificação dos verbos, 446; As três espécies de termos adjuntos, 449; O adjunto adnominal, 449; O aposto, 454; O adjunto adverbial, 460; O vocativo, 462

III. As espécies de orações 464

A posição da tradição gramatical e a nossa, 464; As espécie das orações comumente ditas "coordenadas", 472; As aditivas, 472; As alternativas ou disjuntivas, 473; As adversativas, 474; As explicativas, 475; As conclusivas ou ilativas, 476; As continuativas, 476; O que são as orações tradicionalmente ditas "coordenadas", 477; As outras espécies de subordinadas, 478; As orações subordinadas substantivas, 479; A subjetiva, 480; A predicativa, 481; A objetiva direta, 481; A completiva relativa, 482; A completiva nominal, 482; A apositiva, 482; O pronome *quem* e a objetiva indireta, 482; A oração adjetiva e a predicativa explicativa, 484; Os relativos e suas funções sintáticas, 485; A segunda espécie de subordinadas (adjuntivas) adverbiais, 487; As causais, 488; As concessivas, 489; As condicionais (ou hipotéticas), 490; As conformativas, 492; As comparativas, 492; As consecutivas, 494; As finais, 495; As modais, 495; As proporcionais, 495; As temporais, 496

SÉTIMA PARTE: REGÊNCIA VERBAL E CRASE

I. Definição de regência 501

II. Regência de alguns verbos..503

Acreditar, crer, 503; Agradar, 504; Aspirar, 504; Assistir, 504; Avisar, certificar, informar, notificar e outros que tais, 505; Chamar, 505; Chegar e ir, 506; Custar, 506; Ensinar, 507; Esquecer e olvidar, 507; Implicar, 508; Interessar, 508; Lembrar, recordar, 508; Obedecer/desobedecer e responder, 509; Pagar e perdoar, 510; Pedir, 510; Preferir, 511; Proceder, 511; Visar, 511; A sintaxe do verbo *haver*, 512

III. A crase..513

Sentidos do termo crase na Gramática portuguesa, 513; Há uma só regra da crase, 514; ATENÇÃO: não se enquadram na regra os seguintes casos, 514; Não se dá crase nos seguintes casos, 517; Uso especial do acento grave. Casos, 517

OITAVA PARTE: CONCORDÂNCIA NOMINAL E CONCORDÂNCIA VERBAL

I. Definição de concordância 523

II. Concordância Nominal 523

A concordância nominal tem apenas uma regra, 523; Os adjetivos podem exercer dupla função sintática, 523; O adjetivo referido a um ou a mais de um substantivo, anteposto ou posposto a este. A posição de outros gramáticos e a nossa, 524

III. Concordância verbal...532

A concordância verbal é mais complexa que a nominal: regra geral, regra especial, exceções, 532; A posição de Rocha Lima e a nossa, 534; "Voz passiva" e a "partícula" *se*, 537; Ainda Rocha Lima, 538; Os chamados "casos particulares", 538; Um e outro, 538; Um ou outro, 539; Nem um, nem outro, 540; Um dos que, 541; Mais de um, 541; Expressões de sentido quantitativo acompanhadas de complemento no plural, 542; Quais, quantos, alguns, muitos, poucos, vários + de nós, de vós, dentre nós, dentre vós, 545; Qual de nós ou de vós, dentre nós ou dentre vós, 545; Sujeitos unidos por com, 546; Tanto... como, assim... como, não só... mas também, etc., 547; Sujeitos unidos por *e*, 548; Sujeitos oracionais, 550; Sujeitos unidos por *nem*, 551; Cerca de, perto de, mais de, menos de, obra de..., 554; Dar, bater, soar (horas), 555; Sujeitos unidos por *ou*, 556; Concordância com os nomes próprios plurais, 558; *Haja vista*, 559; A regra especial: a concordância do verbo *ser* enquanto verbo de cópula, 560; As silepses, 565

IV. A flexão do infinitivo 569

Não flexão obrigatória, 571; Flexão obrigatória, 574

NONA PARTE: COLOCAÇÃO DOS PRONOMES PESSOAIS ÁTONOS

I. Preâmbulos...579

II. A colocação dos pronomes pessoais átonos 580

A tripla posição dos pronomes pessoais átonos, 580; Em ênclise, 580; Em mesóclise, 580; Em próclise, 580; As regras de colocação dos pronomes pessoais átonos, 581; Primeira regra: não começar frase nem oração por pronome átono, 581; Segunda regra: não usar próclise a nenhuma forma de imperativo, nem em orações deprecativas, 581; Terceira regra: usar próclise ao verbo em orações optativas, 582; Quarta regra: usar próclise ao verbo quando este se antecede, a qualquer distância – ou seja, ainda que haja intercalação entre eles –, de palavra negativa, 582; Quinta regra: usar próclise ao verbo quando este se antecede, a qualquer distância – ou seja,

ainda que haja intercalação entre eles –, de conectivo (menos as conjunções subordinativas da primeira espécie), 582; Sexta regra: usar próclise ao verbo quando este se antecede, a qualquer distância – ou seja, ainda que haja intercalação entre eles –, de pronome interrogativo (ou exclamativo) ou de advérbio interrogativo (ou exclamativo), 583; Sétima regra: usar próclise ao verbo quando este se antecede de advérbio, 583; Observação geral 1. Brasileiros e portugueses, 583; Observação geral 2. Ainda Brasil e Portugal, 584; Observação geral 3. O infinitivo sem flexão e o gerúndio e a ênclise, 584; Observação geral 4. O pronome átono com respeito às locuções verbais ou aos "grupos verbais" que se comportam como locuções, 585

DÉCIMA PARTE: PONTUAÇÃO

i. Definição de pontuação 589
ii. Os sinais de pontuação 590

O ponto final, 590; O ponto de interrogação, 591; O ponto de exclamação, 591; As reticências, 592; A vírgula, 592; Emprega-se a vírgula para separar núcleos ou predicativos ligados assindeticamente, 592; Para separar núcleo (de complemento) ligado pela aditiva *e*, 593; Para separar orações ligadas pela aditiva *e* se tiverem sujeito diferente, 593; Para separar orações ligadas pela aditiva *e* ainda que tenham o mesmo sujeito, 593; Para separar orações ligadas por par aditivo, 593; Para separar orações ou núcleos (de sujeito ou de complemento) ligados por conjunção disjuntiva ou por par alternativo, 594; Em princípio, para separar orações ligadas por conjunção adversativa, 594; Tratamento global do caso das orações ligadas por adversativa (*mas* e *porém*), 594; As demais adversativas (*todavia*, *contudo*, *no entanto*, etc.), 596; Em princípio, para separar orações ligadas por conjunção conclusiva (*logo*, *portanto*, *por conseguinte*, *por isso*, etc.), 598; Mas o caso das orações ligadas por conclusiva também requer tratamento global, 598; Para separar as orações explicativas, 599; Para separar da subordinante a oração adverbial antecipada, 599; Da vírgula obrigatória que separa as orações predicativas explicativas, 600; Para separar o vocativo, 601; Para separar o aposto, excluído o de individualização, 601; Para separar nas datas o nome do lugar, 601; Para indicar a elipse do verbo, 601; Para separar etc., 601; O ponto e vírgula, 602; O travessão, 602; Os dois-pontos, 602; Os parênteses, 603; Os colchetes, 603; As aspas (duplas) e as aspas simples, 604; A chave, 604; O asterisco, 604

Agradecimentos 607

Apresentação

Desembargador Ricardo Dip[1]

Há uma cena no filme *Life of Brian* (1979), dirigido por Terry Jones, em que a personagem central, Brian (vivido por Graham Chapman), se põe a pichar os muros de Jerusalém: "*Romanes eunt domus*" (o que se pretendia era escrever "Romanos, ide para casa"). Um centurião surpreende Brian e coage-o a corrigir, passo a passo, o mau uso do latim, concluindo-se com a sentença "*Romani ite domum*", que o centurião impõe a Brian escreva cem vezes sobre os muros da cidade. Menos evidente do que o objetivo de espancar a pedagogia contemporânea do latim e, segundo alguns críticos, desfiar uma sequência de blasfêmias, calha que a cena retrata uma liberdade expressiva entre os romanos, que, sem embargo, não implica a transigência com a perversão do idioma, porque isso importaria na ruptura de uma relação cara aos romanos – e cara até porque se revestia de um suposto caráter divino –, qual a que se dá entre o *nomen* e o *numen.* Ou seja, na essência de cada coisa entendiam os romanos encontrar-se um *numen* (traduza-se livremente: "o mistério", o "ignoto") – e Cícero dirá que "tudo está regido e governado pelo *numen* dos deuses" –, *numen* que se descobre mediante o proferimento do *nomen.* Por isso, conhecer o *nomen* de dada coisa, entre os romanos, é descobrir-lhe o *mysterium,* é revelar – diz Alfredo Di Pietro, em *Verbum Iuris* – "*el secreto divino ínsito en la cosa*".

Essa relação *nomen-numen* explica em larga medida o cuidadoso formalismo romano. Estar na posse do *nomen* (desvelador do *numen*) do deus impetrado por seu próprio e misterioso nome era condição para o êxito das invocações. A certo Valerius Soranus, por exemplo, consta imposta a pena de crucifixão ao ter proferido, em alta voz, o *nomen urbis* atrativo da proteção dos romanos, o que permitira sua impiedosa *evocatio* pelos inimigos de Roma. Noutro exemplo, S. Agostinho, na *Cidade de Deus,* refere-se ao episódio de Marcus Attilius Regulus, prisioneiro dos cartagineses, que morreu para ser atentamente fiel à palavra que empenhara: fidelidade ao *nomen* é fidelidade ao *numen,* fidelidade não apenas à realidade das coisas desveladas de seu mistério, mas fidelidade ainda ao próprio homem que,

exatamente pelo *nomen*, chega à revelação do *mysterium*. O *numen* de cada coisa, assim, corresponde a um *nomen*, a um *canto numinoso* ou *encanto* que lhe é próprio, de tal sorte que se possa compreender a profundidade metafísica e epistêmica desta sentença de Afonso Botelho: "ser, em canto ser".

---

[1] Ricardo Dip é Desembargador do Tribunal de Justiça de São Paulo, acadêmico de honra da Real Academia de Jurisprudencia y Legislación de Madrid e membro fundador do Instituto Interdisciplinar da Universidade do Porto.

Essa verdadeira garantia de integridade da relação *nomen-numen* exige-se quer num plano psicológico – para o qual basta referir as lições de Robert Brennan, em sua *Psicologia Geral*: "todo aquele que inventa ou emprega uma linguagem deve estar conscientemente inteirado da significação de fatos, situações, relações e, assim, sucessivamente, antes de poder usar um meio, falado ou escrito, para expressar seus estados mentais" –, quer noutro, de domínio social, porque a linguagem não é só, nem primeiramente, uma atividade humana isolada, senão que um meio informativo, *re*-presentativo e de expressão na vida humana política (*i.e.*, na *polis*).

A linguagem não está a serviço do *pensamento solitário* – a que já aludira Paul Bourget, nos *Ensaios de Psicologia Contemporânea*. A decadência da literatura, dizia Bourget, não é mais do que um aspecto análogo ao da decadência social, uma e outra provenientes de uma anarquia egótica – ou, agora, melhor acaso se diga: de um niilismo –, em que uma radical independência dos indivíduos destrói o conjunto: "a unidade do livro decompõe-se, para dar lugar à independência da página; a página decompõe-se, para dar turno à independência da frase; e a frase, para dar vez à independência da palavra". Se com Aristóteles, no livro da *Política*, pode admitir-se que a linguagem existe para fazer manifesto o bem e o mal, o justo e o injusto, e que é a comunidade dessas coisas o que constitui a família e o Estado, corre-se grave perigo social quando a linguagem se torna "independente de normas", anárquica, niilista, meio azótica, meio hebraica – para remontar aos tempos de Neemias (Neemias 13,24). O caos do *nomen* é o caos do *numen*: "*words are symbols of ideas about reality*" (Miriam Joseph), e a ruptura do liame nome-coisas, entregue a linguagem a uma suposta liberdade do falante, parece acusar que a razão está posta em agonia, tal a diagnose, referindo-se à *information déformante*, de um valoroso libelo de Marcel de Corte (*L'Intelligence en Péril de Mort*).

À realidade das coisas – em certo sentido, uma realidade fechada, enquanto assim proposta ao conhecimento humano – dirige-se a realidade aberta da pessoa humana, uma realidade que, inacabada, tem de construir-se em meio (ou melhor, com apoio) da realidade de todas as coisas e das pessoas com que é vocacionada a conviver: nenhuma construção pessoal pode marginar-se da informação, da representação e da expressão do real também no domínio político (*vide*, a propósito,

Xosé Manoel Domínguez, *Psicología de la Persona*). Mas, no ambiente da *polis*, o niilismo de regras – incluído o egotismo no uso das palavras, ou seja, uma *babelização* – é a negação do próprio contacto com o real.

Nesse estado de coisas, é um marco de justificável esperança ler, já ao princípio desta *Suma Gramatical da Língua Portuguesa*, de Carlos Nougué, que não se haja de abandonar as palavras à solta, que não caiba conformar-se com o caos da *lingua derelicta*, com que *les mots sont les maux*:

> DEIXADA À DERIVA, sem regras que a dirijam, como hoje querem muitos que, porém, o mais das vezes defendem sua tese sem nenhuma deriva, a língua seria como as águas de um rio, puro fluxo, ao ponto de não poder falar-se duas vezes como a mesma língua.

A Gramática é conhecimento regulativo (ou normativo), bem por isso uma arte (em sentido analógico) mais diretamente voltada à produção do literal e, de algum modo limitado, ainda à da linguagem falada: dirá Nougué, "arte estritamente normativa da escrita"; "a Gramática, com efeito, ou há de ser antes de tudo a arte da língua escrita, ou não será propriamente Gramática", averbando que "a escrita é a parte das línguas que de si mais capacidade tem não só de conservar-se, mas de conservá-las".

Arte por semelhança, em virtude de sua analogia com as artes em sentido próprio (os hábitos produtivos de índole racional), a Gramática é uma das sete artes ditas liberais, um saber – a exemplo da Lógica, saber este que a subalterna proximamente –, por certo aspecto, *especulativo* (na medida, bem o observou Leopoldo Eulogio Palacios, em que apenas se produz diretamente pela razão), mas, por outro, *prático* (*secundum quid speculativum, secundum quid practicum*), e que, à vista de seu fim (*quantum ad finem*), prepondera como saber prático (*magis practicum quam speculativum*). Porque, como arte que é, prossegue Nougué, a Gramática "não há de ter corpo teórico senão para servir estritamente a seus fins (artísticos), assim como a teoria musical não pode servir senão à prática da composição e à da execução musicais".

Contando-se ao lado da Lógica (ou Dialética) e da Retórica entre as chamadas *artes sermocinales* – as artes lógicas ou do *trivium* –, a Gramática é um saber intimamente ligado à Lógica, porque não é possível o discurso humano sem a palavra. Poderia pensar-se numa linguagem própria da Lógica (e ela, com efeito, permeia as várias Lógicas simbólicas), mas o desenrolar natural do pensamento exige uma linguagem ordinária, por meio de palavras que informem, representem e expressem o mundo interior não apenas aos especialistas em determinada metalinguagem lógica.

A Gramática é um saber (sobretudo o da escrita, que é signo da fala, observa Nougué) que comunga dos fins da Lógica, quais sejam a retidão (ou consequência) e a verdade do pensamento. Os efeitos da Gramática são, de pronto, imanentes ao próprio intelecto, e estão voltados a realizar os fins fruídos da Lógica, na medida em que, como visto, bem escrever e, mais limitadamente, bem falar importam em bem julgar e bem discursar, equivale a dizer, em ser formalmente reto e materialmente veraz nas proposições e argumentações.

Essa comunidade teleológica não implica, todavia, absorção da Gramática pela Lógica (ou, por outra, a identificação de seus objetos: a palavra e o pensamento). Isso já se avista de aquela, a Gramática, servir também, e de algum modo, à Poética e à Retórica (o que bem assinalou Nougué), e pode pôr-se em evidência com o ingresso no que José Miguel Gambra designou como "câmara sagrada da analogia": o árduo tema dos conceitos análogos. É que as palavras – e as sentenças, inclusive – padecem, senão de uma equivocidade tendencial, de uma irresistível vocação analógica (que o uso e abuso das metáforas mostra amplamente). Só por meio de uma pouco menos do que inimaginável linguagem analítica absoluta seria possível sonhar – mas, acaso, ao modo de um pesadelo (o inferno é o reino da monotonia) – o conforto de conceitos sempre unívocos. A Gramática tem aí seu papel de crisol, discriminando, no uso recolhido, as acepções das palavras.

A subalternação próxima de um saber a outro não inibe a subordinação remota ou indireta que provenha de um primeiro saber subalternante subpor-se a outro. E é assim, para que a Lógica – e com ela a Gramática – não se destrua de irrealismo, que a Metafísica deve constituir-se por ciência primeira e subalternante de ambas: da Lógica, diretamente, da Gramática, de modo remoto. E nisso está Nougué.

Carlos Nougué completou sua *Suma*. Obra de gramático. Obra de consagrado lexicógrafo. Obra teórico-prática de um professor experienciado, que nos indica deva a Gramática ensinar-se:

- normativamente, tendo sempre em vista aquilo a que se ordena;
- desde a infância (com a necessária gradação no decorrer do tempo);
- paralelamente à leitura dos melhores autores;
- e ao exercício constante da escrita;

mas obra também de um filósofo prudente, de alguém acostumado a leituras árduas e que não se deixa abater pelas tempestades periféricas: vai às profundezas, em busca de fundamentos últimos aos quais possa discretamente arrimar sua arte regulativa, a da palavra.

Estamos, enfim, diante de um pensador.

SUMA
GRAMATICAL
DA LÍNGUA PORTUGUESA

Gramática Geral e Avançada

Prólogo

I

Deixada à deriva, sem regras que a dirijam, como hoje querem muitos que, porém, o mais das vezes defendem sua tese sem nenhuma deriva, a língua seria como as águas de um rio, puro fluxo, ao ponto de não poder falar-se duas vezes como a mesma língua.

Isso, no entanto, é pura negação do óbvio: é *parte intrínseca* de toda e qualquer língua *ter regras*; é o dique ou comporta sem a qual ela de fato fluiria e fluiria sem nenhuma permanência. E, com efeito, pai algum, mãe alguma, se dotados ao menos do ínfimo senso natural de cuidado e educação da prole, deixarão de corrigir o filho se ele disser algo *errado*. Se o pequeno disser, por exemplo, "zinza" em vez de "cinza", tal pai e tal mãe não haverão de calar-se nem, muito menos, de deleitar-se com mais essa novidade de uma permanente deriva linguística.

E de fato os propugnadores da tese da língua sem regras não conseguem ver que sem esta nem sequer se poderia propor sua tese – simplesmente porque nem sequer haveria nenhuma língua. Bem sabemos que se retrucará: "Mas as línguas mudam constantemente..." Impossível negá-lo. Todavia, mudam em duplo sentido: no primeiro, corrompendo-se, não raro até ao desaparecimento; no segundo, progredindo.

Corrompem-se mais aceleradamente quando, entre fiapos de civilização, há apenas as regras *intrínsecas* da Linguagem: essa é a razão por que as línguas ágrafas tendiam (e tendem) incessantemente à desordem de seus próprios paradigmas e de seu quadro fonético. Menos impetuosamente quando, em meio a uma verdadeira civilização universal (ou tendente à universalidade), se tem a escrita com sua arte própria e especial, a Gramática. – Mais ainda, neste último caso podem tender até a grande estabilidade: foi o que se deu com o latim ao tornar-se língua altamente normatizada e ordenada à Ciência e à Sabedoria.[1]

---

[1] Há em verdade um caso intermédio: o da chamada "tradição de estilo global-oral", ou seja, a fundada sobre a memorização de textos longos como a Bíblia, os Vedas, a epopeia finlandesa *Kaleava*, as epopeias homéricas, etc. Cf. especialmente os trabalhos do diretor do Institut de Mimopédagogie Yves Beaupérin (como *Rabbi Iéshoua de Nazareth: une Pédagogie de Style Global*, t. 1: "Du Text Écrit au Geste Global". Paris, Éd. Désiris, 2000, e *Anthropologie du Geste Symbolique.* Paris, l'Harmattan, 2002);

Progridem, por outro lado, mediante sobretudo a escrita e sua Gramática, já quando fecham um novo paradigma,[2] já quando criam e incorporam a seu léxico palavras que expressem novas concepções da realidade.[3] E tanto mais progredirão quanto mais cultivadas forem, ou seja, quanto mais se valerem delas e as aprimorarem verdadeiros mestres. Foi o caso, por exemplo, de Platão e de Aristóteles com respeito ao grego antigo: não só lhe deram todo um conjunto de novas palavras para significar os mais profundos conceitos científicos, mas, pela necessidade mesma de fazer servir a língua à Filosofia, contribuíram ainda para o aprimoramento de seus paradigmas casuais.[4]

Naturalmente, o conceito de "Linguagem" e o de "língua", bem como muitos outros implicados ou supostos na arte da Gramática, requerem um aprofundamento científico impossível de dar-se nos marcos de um prólogo.[5] Fique já estabelecido aqui, contudo, que sem fatores que se sobrepusessem às regras implícitas da Linguagem, sairíamos do sul do Brasil com uma língua e, ao chegar ao norte dele, depararíamos com outra – para não falar dos países lusófonos de além-mar.

Limitemo-nos ainda, aqui, ao estado da língua em nosso país. Por um lado, sim, é verdade que ao menos os gaúchos e os nortistas com algum grau de escolaridade se entendem uns aos outros. Isso porém não implica que sejam, propriamente falando, senhores da Gramática da língua portuguesa, porque tal mútuo entendimento não resulta senão das regras implícitas da Linguagem reforçadas pelos meios de comunicação modernos e por meros rudimentos gramaticais escolares. Explique-se.

Antes de tudo, um apanhado histórico. Com a consolidação, entre o século XIV e o XVI, dos estados absolutistas e o consequente fim da exclusividade do latim

---

e os de Marcel Jousse (como "Études de Pychologie Linguistique. Le Style Oral Rythmique et Mnémotechnique chez les Verbo-moteurs". In: *Revue Archives de Philosophie*, vol. II, cahier IV. Paris, Gabriel Beauchesne, Éditeur, 1925). – Parece-nos inegável, todavia, que tal efetiva e nobre tradição sempre foi para poucos, enquanto a escrita é para maior número, razão por que, conquanto defendendo aquela tradição contra a escrita, Platão se viu obrigado a plasmar por escrito grande parte de seu pensamento, assim como os poemas homéricos acabaram por transcrever-se, e como o Novo Testamento foi *imediatamente* escrito. O assunto, porém, requer lugar próprio.

[2] Tome-se *paradigma* em sentido lato, ou seja, quer como conjunto de formas que servem de modelo de derivação ou de flexão – como as das conjugações verbais –, quer como toda e qualquer regra gramatical – como a da concordância nominal.

[3] Usamos indiferentemente *palavra*, *vocábulo* ou ainda *termo* para denominar a unidade significativa mínima da linguagem.

[4] Cf. Émile Boutroux, *Aristóteles*. Rio de Janeiro, Record, 2000.

[5] O qual, porém, se dará ao longo desta *Suma*, porque, com efeito, sem tratamento teórico todo o normativo gramatical ficaria como que suspenso no vazio. Por isso mesmo, aliás, é que esta *Suma* se diz gramática geral *avançada*.

como língua de civilização, as antigas línguas locais da Europa viram-se progressivamente na necessidade de contar com gramática própria. Não contavam, contudo, ao contrário do latim, com tradição escrita (nem falada) de serviço à Ciência e à Sabedoria. Cingiam-se a servir, havia dois ou três séculos, à Literatura e à Retórica (e aqui e ali ao Direito), razão por que as diversas gramáticas que iam surgindo não só se erguiam exclusivamente sobre a Literatura e, em menor grau, sobre a Retórica – no sentido de extrair suas regras dos textos dos melhores literatos e dos melhores oradores –, mas, consequentemente, se ordenavam sobretudo a elas – no sentido de preparar os moços em particular para a arte poética e para a arte oratória.

Isto teve um preço: o beletrismo, o atrelamento da Gramática ao carro da Literatura, ou seja, às necessidades dos literatos.[6] Resultado: as gramáticas que iam surgindo e aperfeiçoando-se não buscavam com suficiente empenho fechar quanto possível paradigmas, e compraziam-se na multiplicação das exceções. Não podia ser diferente, uma vez que o reino do literário e ainda o do oratório não são de todo normatizáveis pelo gramatical.

Pois bem, esta situação perdurou, quase inalteravelmente, até meados do século XX, quando começou a transtornar-se pelo surgimento da Sociologia e, sobretudo, da Linguística. A partir de então, os gramáticos, com as defesas já minadas por seu próprio beletrismo, foram sucumbindo de algum modo ao lema de que as línguas deveriam ser deixadas à deriva, como dissemos no início. Podemos constatá-lo, em algum grau, em parte considerável das gramáticas da segunda metade do século passado para cá; e agora já se passa de atrelar a gramática ao carro do literário e do oratório a atrelá-la ao carro dos falares do "povo". Mas dispor de uma arte gramatical falha, como o era a beletrista, é patentemente menos daninho que não dispor de nenhuma arte gramatical, porque, como visto, sem esta a língua tende mais impetuosamente à corrupção e ao desaparecimento.

No Brasil, a situação agravou-se, ainda, com o surto desenvolvimentista da década de 1970. Mediante uma reforma do ensino[7] que não visava senão a atender a tal surto, separou-se a faculdade de Filosofia da de Letras (com o que se tirou totalmente à Gramática as luzes superiores da Lógica),[8] suprimiu-se o curso clássico, eliminaram-

---

[6] E não raro dos próprios literatos latinos ou latinizantes.

[7] A promovida pelo ministro Jarbas Passarinho.

[8] Não se trata de empreender uma Gramática "filosófica" ou "lógica", equívoco que igualmente não raro se deu (desde a gramática nominalista de fins do Medievo até a gramática racionalista de Port-Royal); a relação entre a Gramática e a Lógica, como se verá mais adiante, é tão só de

-se do currículo escolar o Latim e o Francês, privilegiaram-se umas Ciências ditas "exatas"[9] e um Inglês ordenados estritamente ao técnico-comercial – e restringiu-se o ensino da Gramática à transmissão de regrinhas e "macetes" que capacitassem para a aprovação em concursos e vestibulares. Passados tais exames, com aprovação ou sem ela, nada mais natural que se deixassem para trás tais "artinhas" atormentadoras.

Estamos ainda no bojo desse processo, que parece já atinge patamares alarmantes. E dizemos "alarmantes" porque, se tão precário ensino da Gramática, aliado aos efeitos dos *media* modernos, é capaz de ao menos momentaneamente assegurar que gaúchos e nortistas se compreendam uns aos outros na fala, não é nem de longe, porém, capaz de efetivamente formar ninguém para a escrita – o que com tristeza se pode verificar, em larga escala, em nosso próprio meio acadêmico. E a Gramática, com efeito, ou há de ser antes de tudo a arte da língua escrita, ou não será propriamente Gramática. Ademais, a escrita é a parte das línguas que de si mais capacidade tem não só de conservar-se, *mas de conservá-las.* É fato *evidentíssimo* que, por exemplo, o grego ático de um Platão ou o latim romano de um Cícero não nos teriam chegado se não fora a escrita; assim como também é fato evidente que não é senão em razão da escrita que podemos dizer, *com toda a propriedade*, que o português do Brasil e o de certas regiões dos demais países lusófonos são a mesma língua.

Mais que isso, todavia: o que, combinado com a ação dos *media*, o ensino gramatical rudimentar propicia nos dias de hoje não é mais que uma *trivial* compreensão entre gaúchos e nortistas, porque de fato não só desaparece em geral a capacidade de escrita, mas a mesma capacidade de discurso mais articulado e mais profundo – o que, ainda infelizmente, também se manifesta em ampla escala no mesmo meio acadêmico. Pois o que por reflexo propicia mais cabalmente o bem falar é o ler bons autores e o bem escrever, tudo o que, por sua vez, não é propiciado senão pelo ensino não rudimentar da Gramática.

II

Mesmo porém no limitado âmbito deste Prólogo, não basta apontar determinado estado calamitoso e suas causas: é preciso dizer ainda, ao menos sumariamente,

---

subalternação daquela a esta. Mas, como veremos também, um gramático sem suficiente conhecimento da Lógica perde, por isso mesmo, consistência teórica e portanto normativa.

[9] Destas, com efeito, só a Matemática e em parte a Física podem dizer-se *de algum modo* exatas.

a) a que se ordena a Gramática; e, em razão disso, **b**) em que deve fundar-se, **c**) como deve considerar-se, **d**) como deve fazer-se, **e**) como deve ensinar-se.

a. A GRAMÁTICA ORDENA-SE:

- antes de tudo, a constituir-se justamente como a arte da escrita;
- como porém a escrita é signo da fala, a normatizar (dentro de certos limites) a esta, servindo assim à sua arte, a Linguagem;[10]
- superiormente, a servir à arte-ciência da Lógica e pois à Ciência e à Sabedoria;
- e também, afinal, à Poética e à Retórica, as quais, todavia, por sua mesma índole e por seus mesmos princípios e fins, só se cingirão mais ou menos estritamente a ela e suas regras.[11]

b. DEVE FUNDAR-SE:

- antes de tudo, nos melhores escritores não literários (filósofos, jurisconsultos, historiadores...) e, naturalmente, nos gramáticos enquanto são bons escritores;
- mas também, em justa medida, nos melhores oradores e nos melhores literatos;
- e ainda nas melhores traduções ao português.

c. DEVE CONSIDERAR-SE:

- como arte, que, como toda e qualquer arte, tem seu corpo teórico, dotado de princípios próprios, mas iluminado por princípios de outras ciências, superiores;
- como arte que é, todavia, não há de ter corpo teórico senão para servir estritamente a seus fins (artísticos), assim como a teoria musical não pode servir senão à prática da composição e à da execução musicais.

d. DEVE FAZER-SE:

- como arte estritamente normativa da escrita e, insista-se, dentro de certos limites, também da fala;
- para tal, deve ter sempre em vista a manutenção e o fechamento de paradigmas;
- consequentemente, deve formular regras as mais simples e de abrangência o mais ampla possível – o que implica esquivar, ainda quanto possível, as exceções;
- e, por razões metodológico-didáticas, deve expor-se em espiral ou, mais propriamente, em hélice. Explique-se.

---

[10] "Sendo a língua o meio de que se valem os homens para comunicar uns aos outros quanto sabem, pensam e sentem, não pode ser menos que grande a utilidade da Gramática, já para falar de maneira que se compreenda bem o que dizemos (seja de viva voz, seja por escrito), já para fixar com exatidão o sentido do que outros disseram" (Andrés Bello & Rufino J. Cuervo, *Gramática de la Lengua Castellana*. Argentina, Editorial Sopena, 1973, p. 27).

[11] Voltaremos adiante, mais aprofundadamente, a tudo quanto se acaba de dizer.

A Gramática tem de ocupar-se, por exemplo, das letras, das demais partes formadoras das palavras e das palavras enquanto divididas em classes gramaticais; e, em princípio, as letras deveriam anteceder na exposição às demais partes das palavras, e tais partes às classes destas. Todavia, não é conveniente falar, na seção do uso do hífen, de prefixos antes que se saiba o que estes são, ou de locuções antes que se estude como se formam as palavras; assim como tampouco o é falar de sufixos nominais ou de sufixos verbais se ainda não se sabe o que são os nomes e os verbos. Por isso, o uso do hífen, que comumente se expõe antes do estudo da formação das palavras, seguir-se-á aqui a este. Por sua vez, a definição e as principais propriedades das diversas classes gramaticais se exporão antes do estudo da formação das palavras, mas tornarão a tratar-se depois deste: antes de tudo, para a ordenação das palavras de tais classes em paradigmas tanto segundo sua respectiva significação como segundo as partes de que se compõem; e, depois, para sua ordenação a um correto uso. E assim para todos os demais casos.

e. DEVE ENSINAR-SE:

- normativamente, tendo sempre em vista aquilo a que se ordena;
- desde a infância (com a necessária gradação no decorrer do tempo);
- paralelamente à leitura dos melhores autores;
- e ao exercício constante da escrita.

Pois bem, nunca nos esqueceremos de ter ouvido certa vez, com estupor, uma professora universitária de Língua Portuguesa perguntar aos alunos: “Para que a Gramática?” Era pergunta retórica, que trazia implícita sua resposta: “Para nada. Deixemos a língua seguir sua deriva”. Não é essa, obviamente, a nossa resposta, senão esta: Para fazer que nossa língua seja rio, sim, mas rio que graças aos diques e ao curso que lhe demos ajude a atingir a foz da Sabedoria.

III

Não obstante, a *Suma Gramatical da Língua Portuguesa* não deixará de topar com árduos obstáculos para o atingimento de seus fins.

- Antes de tudo, não só o já referido descrédito em que vem caindo a Gramática, mas o próprio e crescente desuso, entre as mesmas camadas mais instruídas, da leitura dos melhores autores.
- Depois, e em decorrência do dito anteriormente, a imensa pressão das derivas coloquiais, que tomam cada vez mais o falar da própria gente mais

instruída e, com isso, abrem um abismo cada vez mais largo entre este falar e as normas gramaticais.

- Também a já muito difundida concepção de que a Gramática deve nivelar-se, digamos, "por baixo", ao contrário de destinar-se a um público culto ou que queira e possa sê-lo e que, portanto, possa valer-se cabalmente dela, seja para a própria escrita, seja para estudos superiores, seja para o magistério em qualquer grau (com as devidas adaptações).[12]

Apraz-nos muito certa passagem do gramático Napoleão Mendes de Almeida. Conta nela, pouco mais ou menos, que certa vez viu um pedreiro sair à procura de trabalho. À volta, provavelmente algo entristecido, disse-lhe este que não encontrara nada: "Não *há* vagas". Perguntou-lhe o gramático onde aprendera a dizer o castiço *haver* em lugar do corrente *ter*. Resposta: "Estava escrito num cartaz".

Pois nesta historieta se cifra, esplendidamente, algo implícito à afirmação de que a Gramática deve destinar-se a um público culto ou que o queira e possa ser: assim como só se fala bem graças ao estudo da Gramática, à leitura dos bons autores e ao exercício da boa escrita, assim também os que não queiram ou não possam fazê-lo falarão tão mais corretamente quanto mais o fizerem os que o queiram e possam.[13]

- O último obstáculo é a chamada Nomenclatura Gramatical Brasileira (a N.G.B.), instituída em 1959 pelo então governo da República mediante portaria. Seu texto foi integralmente elaborado por uma comissão composta de gramáticos e filólogos de gabarito: Antenor Nascentes, Clóvis do Rêgo Monteiro, Cândido Jucá (filho), Carlos Henrique da Rocha Lima e Celso Ferreira da Cunha, os quais por sua vez contaram com a assessoria dos igualmente competentes Antônio José Chediak, Serafim Silva Neto e Sílvio Edmundo Elia. Leia-se o preâmbulo da portaria:

> ➢ "Portaria nº 36, de 28 de janeiro de 1959
>
> O Ministro do Estado da Educação e Cultura, tendo em vista as razões que determinaram a expedição da Portaria nº 152, de 24 de abril de 1957, e considerando que o trabalho proposto pela Comissão resultou de minucioso exame das contribuições apresentadas por filólogos e

---

[12] E é exatamente a tal público e em ordem a tais fins que escrevemos esta *Suma*.

[13] Sirva ademais esta referência a Napoleão Mendes de Almeida de indicador de nossa postura ante os melhores gramáticos: como em tudo na vida, e em especial na vida intelectual, não podemos elevar-nos senão sobre os ombros de nossos melhores antecessores – ainda que divirjamos grandemente deles.

> linguistas, de todo o País, ao Anteprojeto de Simplificação e Unificação da Nomenclatura Gramatical Brasileira, resolve:
>
> Art. 1º – Recomendar a adoção da Nomenclatura Gramatical Brasileira, que segue anexa à presente Portaria, no ensino programático da Língua Portuguesa e nas atividades que visem à verificação do aprendizado, nos estabelecimentos de ensino.
>
> Art. 2º – Aconselhar que entre em vigor:
>
> a. para o ensino programático e atividades dele decorrentes, a partir do início do primeiro período do ano letivo de 1959;
>
> b. para os exames de admissão, adaptação, habilitação, seleção e do art. 91, a partir dos que se realizarem em primeira época para o período letivo de 1960."

Veja-se pois que não se tratava de lei imperativa, mas de ato que antes recomendava e aconselhava. E, conquanto seja inegável que já há meio século ela se vem impondo algo consuetudinariamente, também o é que peca ao menos por simplismo e insuficiência, o que foi dito, posteriormente, até por alguns de seus mesmos signatários – todos os quais, por outro lado, em grau variado, nunca a seguiram de todo. Pois bem, não a seguimos sempre que insuperavelmente implique equívoco, conquanto tampouco deixemos de segui-la sempre que se coadune com os justos princípios ou possa de algum modo adaptar-se a eles – porque assim procedendo evitamos o mais possível rupturas com o já tradicional.[14]

IV

Seria ocioso dizer, por fim, que nenhuma gramática tem o condão de esgotar os assuntos relativos à normatização de uma língua. Por isso, nossa *Suma Gramatical da Língua Portuguesa* deverá ter permanente continuidade em outros lugares.

---

[14] Tenham-se sempre em mente, todavia, estas palavras de Andrés Bello: "A prevenção mais desfavorável, pelo império que tem mesmo sobre pessoas suficientemente instruídas, é a daqueles que figuram que na gramática as definições inadequadas, as classificações malfeitas, os conceitos falsos não têm inconveniente, desde que por outro lado se exponham com fidelidade as regras a que se conforma o bom uso. Eu creio, contudo, que essas duas coisas são inconciliáveis; que o uso não pode expor-se com exatidão e fidelidade senão analisando, desenvolvendo os princípios verdadeiros que o dirigem, porque uma lógica severa é indispensável requisito de todo e qualquer ensino..." (*op. cit.*, p. 19). – Quanto à validade de instituir legalmente, de qualquer modo, nomenclatura e classificação científicas, não é assunto para esta obra.

PRIMEIRA
PARTE

LÍNGUA, LINGUAGEM, GRAMÁTICA

I

FALA E LINGUAGEM

1.1. Fosse o homem por natureza um animal solitário, bastar-lhe-ia pensar para ter notícia ou conhecimento intelectual das coisas. Mas não o é, senão que, *em decorrência de sua mesma natureza intelectual*, é também um animal POLÍTICO OU SOCIAL, razão por que seus conceitos, seus juízos, seus raciocínios – tudo isso mediante o qual ele conhece e compreende a realidade ou pode ordená-la na medida de suas possibilidades – hão de ensinar-se ou manifestar-se aos demais e aprender-se ou receber-se deles. Tal se dá mediante SIGNOS de tais concepções, de tais juízos, de tais raciocínios – são as PALAVRAS ORAIS, as PROPOSIÇÕES ORAIS, as ARGUMENTAÇÕES ORAIS, tudo isso que, precisamente, permite aos homens conviver entre si. Trata-se da necessidade da FALA, que resulta, assim, de uma *intenção* significativa e comunicativa.

➢ Pelo que se acaba de dizer, já pode aquilatar-se o problema que a variedade de línguas implica.

1.2. Mas, para que alcance os fins para os quais é necessária, a fala requer uma *arte* que a ordene a eles – e esta arte é a Linguagem.[1]

---

[1] O homem, animal racional, vive de ciências e de artes. – Há que assinalar, porém, desde já, que a arte não se reduz às chamadas "artes do belo" (Música, Pintura, Escultura, etc.). Toda e qualquer ciência e toda e qualquer arte são hábitos intelectuais. Ora, o próprio do intelecto é a *ordem*, é *ordenar*. Mas pode ordenar-se de dois modos: especulativa ou teoricamente, quer dizer, enquanto se considera a ordem natural das coisas – e temos as ciências –, ou artisticamente, quer dizer, enquanto se dá ordem artificial a uma matéria preexistente e já informada – e temos as artes. Pois bem, as artes dividem-se em dois subgêneros: as *servis* (as que se exercem mediante atos corporais e/ou para alguma utilidade corporal, como, por exemplo, a Marcenaria, a Náutica e a Equitação) e as *liberais* (as que dirigem os atos da razão e/ou têm alguma finalidade significativa, como, por exemplo, a Lógica, a Gramática e a Retórica). Como se vê pelos exemplos, estes dois subgêneros se dividem, por sua vez, em espécies. O que porém ainda importa assinalar aqui é que:

- quando falarmos de *artificial*, falaremos no sentido de "feito com arte" (artefato < *arte factus*);
- e, quando falarmos de algo *essencial* ou de algo *acidental* com respeito à língua, falaremos *em abstrato*, porque, com efeito, a fala mesma é forma acidental da voz – assim como a mesa é forma acidental da madeira.

1.3. A Linguagem, ademais, tende a refletir em suas construções a própria constituição da realidade.[2] É o que se dá com as diversas classes de palavras, as quais expressam *de alguma maneira* as DEZ CATEGORIAS ou GÊNEROS MÁXIMOS DO ENTE,[3] a saber: a *substância* e seus nove acidentes: *quantidade*, *qualidade*, *relação*, *lugar* (ou *onde*), *tempo* (ou *quando*), *situação* (ou *posição*), *hábito* (ou *posse*, etc.), *ação* e *paixão* (ou *ser paciente de uma ação*).[4] Não é difícil notar que a classe do *substantivo* exprime as "substâncias" ou os "acidentes tratados como substância"; que o *adjetivo* corresponde à "qualidade" – e à "relação", à "situação", à "posse", etc., entendidas a modo de qualidade; que o *verbo* expressa, propriamente, a "ação" e a "paixão", mas também a "posse" entendida como ação de possuir, etc.; e que o *advérbio* não só se ocupa do "tempo" e do "lugar", mas se aplica a qualquer forma passível de receber mais ou menos, ou seja, de ter certas modalidades.

II
A DIVERSIDADE DE LÍNGUAS

2.1. Não é este o espaço para investigar aprofundadamente por que há diversidade de línguas, a qual porém resulta de uma como incapacidade da Linguagem de sustentar, de algum modo, a unidade de sua obra.[5] E, se aderimos firmemente à tese da monogênese não só da Humanidade mas da mesma linguagem,[6] deve partir-se aqui, não obstante, da evidência de que há tal diversidade – e de que se perde no tempo o momento em que começou a dar-se.

---

[2] E, como vimos no Prólogo, tanto mais se atualizará esta tendência quanto mais cultivada for a língua, ou seja, quanto mais se valerem dela e a aprimorarem verdadeiros mestres.

[3] São as DEZ CATEGORIAS descobertas por Aristóteles.

[4] Olhe-se para qualquer homem, que é uma *substância* assim como o é qualquer cisne ou qualquer laranjeira, e constatar-se-á, por exemplo, que tem determinada altura e determinado peso (*quantidade*); que é branco ou negro (*qualidade*); que é pai ou filho de alguém (*relação*); que está numa fazenda ou numa cidade (*lugar* ou *onde*); que vive em tal ou qual década de dado século (*tempo* ou *quando*); que está de pé ou sentado (*situação*); que está calçado ou se cobre com um sobretudo (*hábito*); que caminha ou toca um trompete (*ação*); e que é molhado pela chuva ou queimado pelo sol (*paixão*).

[5] Note-se, antes de tudo, que *língua* é a própria *fala* enquanto ordenada ou regrada pela Linguagem. – Mas note-se também que qualquer língua pode vir a completar-se com a escrita e sua Gramática, razão por que há línguas que se dizem ágrafas e outras que se dizem não ágrafas.

[6] Sempre que usarmos LINGUAGEM, com inicial maiúscula, a palavra terá o sentido de *arte da fala*; sempre porém que usarmos LINGUAGEM, com inicial minúscula, a palavra ou será sinônima de *fala* (como compreendida em **1.1** desta Parte) ou englobará a *fala* e a *escrita*.

2.2. Como antecipado, a diversidade das línguas vai a contrapelo da finalidade precípua da fala. Sim, porque, se a fala decorre da natureza intelecto-social do homem e, pois, de sua necessidade de intercomunicação, a diversidade linguística pelo menos dificulta o atendimento desta; mas o mais das vezes o impede – se não se conta com a atuação de intérpretes (outrora chamados "línguas") ou tradutores. Com efeito, entre línguas de um mesmo ramo linguístico, ainda pode dar-se *alguma* compreensibilidade mútua, como de fato se dá entre as línguas do ramo latino, entre as do germânico ou entre as do eslavo. Não assim, porém, entre línguas de ramos remotos nem, muito menos, entre línguas de troncos distintos.

- ➢ Desse modo, por exemplo, alguma compreensibilidade mútua se dá entre os falantes do português, os do espanhol e os do italiano – e, conquanto menos, os do francês, em verdade uma língua neolatina que, todavia, conservou muito de seu substrato germânico, o frâncico. Ainda alguma compreensibilidade mútua (ínfima) pode dar-se entre os falantes das línguas neolatinas e os do inglês, mas isso porque este não é puramente do ramo germânico: tem longa história de influência do latim e, sobretudo, do francês.
- ➢ Tal compreensibilidade mútua, todavia, é *de todo* impossível se se trata de línguas de troncos diferentes, como o são, por exemplo, o português – do tronco indo-europeu[7] e do sub-ramo latino –, o húngaro – do tronco uraliano e do ramo fino-ugriano –, o árabe – do tronco camito-semítico e, ele mesmo, ramo deste – e o chinês – do tronco sino-tibetano e, ele mesmo, ramo deste. Entre os falantes destas línguas não haverá alguma compreensibilidade senão mediante gestos e sinais, o que *em certo sentido* faz recuar a linguagem um pouco na direção do animal.

---

[7] Indo-europeu é tronco de línguas aparentadas e faladas em parte da Ásia e em grande parte da Europa. Divide-se nos seguintes ramos: indo-iraniano, anatólio (desaparecido), báltico, eslavo, itálico (de que faz parte o sub-ramo latino), germânico e celta – com suas respectivas protolínguas e as línguas derivadas destas –, além do grego, do albanês e do armênio, línguas isoladas. – Também se dá o nome de indo-europeu a uma hipotética língua pré-histórica, conjecturada a partir da comparação das mais antigas línguas indo-europeias conhecidas, e que teria sido a protolíngua do tronco indo-europeu.

2.3. E tal mútua incompreensibilidade se deve não somente a que as mesmas coisas se nomeiem diferentemente nas diversas línguas, mas também, e em alguns casos sobretudo, às seguintes razões.

2.3.1. O homem pode articular grandíssimo número de fonemas; entre eles, as línguas selecionam alguns, mas nem sempre os mesmos. Assim, para começar pelo mais próximo, o espanhol tem um *j* que o português não tem, enquanto o português tem ditongos nasais não presentes em nenhuma outra língua neolatina. O árabe, por sua vez, é dotado de fonemas faringais com que nem sonham os neolatinos, enquanto o italiano mantém consoantes geminadas, de todo ausentes do âmbito ibérico e do âmbito gálico. Já os falantes das línguas boxímanes, da África meridional, convertem estalos da língua em fonemas. E assim por diante.

2.3.2. Do ângulo das partes das palavras e das construções sintáticas, a variedade é ainda maior, muito maior.

2.3.2.a. Enquanto algumas línguas se valem abundante e pleonasticamente de desinências nominais[8] (port. "a menina morena", "os livros importantes", etc.), outras, que em geral as perderam, são obrigadas a recorrer à altura: são as línguas *tonais*, como o chinês e até algumas variantes populares do espanhol, as quais, pela perda geral da desinência de plural *s*, têm de recorrer à altura ou tom para distinguir *las puertas* de *la puerta*.

➢ E veja-se o curioso de certo modo de falar do interior brasileiro: nele, em vez de dizer-se "Que animais bem cuidados!" ou "Oi, minhas filhas", indica-se já de início o plural geral: "Ques animal bem cuidado!" e "Ois, minha filha".

2.3.2.b. Por outro lado, enquanto nas línguas latinas há para os verbos desinências modo-temporais e número-pessoais (*eu estudava*, *tu estudava**s***, *ele estudava*, *nós estudáva**mos***, *vós estudáve**is***, *eles estudava**m***), não assim em numerosíssimas línguas.

---

[8] Ou seja, como se verá mais adiante, valem-se de flexões para determinar-lhes já o gênero, já o número, já o grau. – As flexões de grau, aliás, como igualmente se verá, também podem aplicar-se a certos advérbios.

➢ E dá-se até o caso, no inglês moderno, de o mesmo *s* que serve de desinência nominal de plural servir também de desinência verbal de terceira pessoa do singular do presente, enquanto as demais pessoas, incluídas as do plural, perderam a sua (exemplo: *I sing, you sing, he sing**s**; we sing, you sing, they sing*).

2.3.2.c. Ademais, enquanto algumas línguas indicam a função sintática das palavras mediante terminações casuais – são as línguas declináveis, como o grego clássico, o latim, o alemão, etc. –, outras – como a maioria das neolatinas e o inglês – o fazem grandemente por meio da ordem frasal.

2.3.2.d. Aos lusófonos nada nos parece mais natural que a concordância do verbo com o sujeito (e, como veremos no devido lugar, devem limitar-se hoje os casos admissíveis de silepse). Em grego, não obstante, era não só permitido mas usual fazer concordar o singular das formas verbais com o plural dos nomes neutros.

2.3.2.e. E não nos deixa de surpreender a seguinte palavra do nootka, língua indígena aglutinante da ilha de Vancouver: *inikw-ihl-'minih-'is-it-'i*, isto é, 'os antigos lumezinhos em casa' ou 'os lumezinhos que antes ardiam em casa'.[9] Ou esta do fox, língua algonquina do vale do Mississipi: *eh-kiwi-n-a-m-oht-ati-wa-ch* (*i*), isto é, 'então eles todos fizeram(-no) fugir deles'.[10]

2.4. E, com efeito, línguas há que têm artigos, enquanto outras não os têm; umas há que têm advérbios separados, enquanto outras os têm prefixados ao verbo; umas há que dependem sintaticamente de conectivos (preposições e conjunções), enquanto outras, em geral declináveis, as dispensam ao menos parcialmente. Mas nada disso implica dizer que as línguas não são essencialmente o mesmo. São-no

- porque todas são obras da Linguagem, ou seja, todas são igualmente fala ordenada artisticamente a seu fim significativo-comunicativo;

---

[9] Exemplo tomado de Edward Sapir, *A Linguagem – Introdução ao Estudo da Fala*. Trad. J. Mattoso Câmara Jr. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1954, p. 136.

[10] *Ibidem*, p. 77. – Ainda restaria ver, todavia, com respeito a tais línguas indígenas, se tão complexas construções, perfeitamente adaptadas, ao que parece, às necessidades imediatas dessas tribos, são capazes de servir às elaborações mais altas do espírito. Estamos certo de que não, assim como com certeza podemos dizer que a Filosofia não poderia ter-se desenvolvido plenamente com uma língua a que faltasse o verbo *ser*, como o chinês (ao menos o atual).

- porque todas hão de contar não só com palavras, mas com orações perfeitas, que se compõem forçosamente de duas partes: sujeito e predicado;[11]
- e porque todas hão de expressar *de alguma maneira*, como vimos, os dez gêneros máximos do ente.

III
DEFINIÇÃO DE LÍNGUA

3.1. Já temos condições a esta altura de dar a definição de língua. Mas, em decorrência, também é este o lugar de investigar o que faz que o falado nos diversos países lusófonos se digam a mesma língua, ou se o são apenas em certo sentido; e se o que se fala no nordeste do Brasil e o que se fala no sul deste são pura e simplesmente a mesma língua, ou dialetos seus. E façam-se as mesmas perguntas a respeito do inglês, do russo, do espanhol, do francês... É questão em torno da qual muito já se escreveu e se debateu, e à qual, a nosso ver, só rara vez se respondeu satisfatoriamente.

3.2. Língua é, propriamente, como obra da Linguagem, *um todo composto de determinados fonemas e de determinadas palavras que se combinam segundo certas regras para significar nossas concepções mentais e comunicá-las aos demais*, **o que implica compreensibilidade geral**. É pois acidental que a Linguagem não tenha podido manter a unidade de sua obra, e é ainda de algum modo acidental que as línguas sigam variando. Não há impedimento essencial de que houvesse uma só e mesma língua.

⇗ **Observação.** Disse-se acima que a língua é um todo. Mas há diversas espécies de todos; e, quanto ao que nos interessa aqui, note-se que num todo substancial (como o é, por exemplo, qualquer animal) as partes (órgãos, membros, etc.) não têm nenhuma operação independente do mesmo todo, porque o todo substancial é absolutamente algo uno. Mas num todo como o universo – que é um todo de

---

[11] Como se verá em seu momento, e ao contrário do que comumente se diz, não há oração perfeita sem sujeito; as que não parecem tê-lo reduzem-se, de fato, a orações integrais. E note-se desde já que é contraditório afirmar que a oração consta de duas partes *essenciais* – sujeito e predicado, o que é verdade – e depois dizer que há, também, orações "sem sujeito". O que é essencial numa coisa não lhe pode faltar, porque, se lhe falta, ela deixa de ser precisamente esta coisa. Ver-se-á no momento próprio que, sim, *oração* não se diz somente da oração composta de sujeito e de predicado; o que porém se afirma aqui, desde já, é que se há sujeito há de haver predicado – e vice-versa. São como dois coprincípios.

Carlos Nougué, nascido em 1952 na cidade do Rio de Janeiro, ocupou a cadeira de Língua Portuguesa e a de Tradução Literária durante mais de nove anos numa pós-graduação (UGF). Ministra o curso *on-line* Para Bem Escrever na Língua Portuguesa, de 60 horas. Lexicógrafo, participou da redação de três dicionários. Tradutor do latim, do francês, do espanhol e do inglês, verteu à nossa língua filósofos como Cícero, Sêneca, Agostinho, Tomás de Aquino, Louis Lavelle e Xavier Zubiri, e literatos como Cervantes, Quevedo e Chesterton. Ganhou o Prêmio Jabuti/93 de Tradução e foi indicado outras duas vezes ao mesmo prêmio, uma delas pela tradução de *D. Quixote*. Dedica-se agora à escrita de longa obra filosófica, *Das Artes do Belo: Imitação e Fim*.

CARLOS **SUMA Gramatical** DA LÍNGUA PORTUGUESA NOUGUÉ

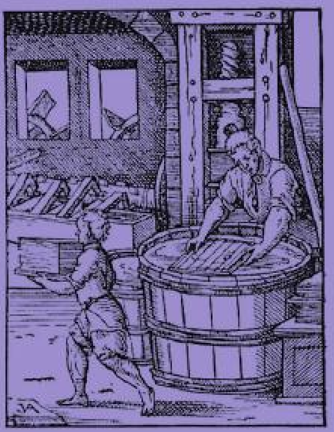

Dizia o gramático venezuelano Andrés Bello:
"Sendo a língua o meio de que se valem os homens para comunicar uns aos outros quanto sabem, pensam e sentem, não pode ser menos que grande a utilidade da Gramática, já para falar de maneira que se compreenda bem o que dizemos (seja de viva voz, seja por escrito), já para fixar com exatidão o sentido do que outros disseram".

Esse é o ponto de partida da *Suma Gramatical da Língua Portuguesa – Gramática Geral e Avançada*, na qual Carlos Nougué, sem descuidar em nada dos pressupostos teóricos da arte da Gramática, reafirma a finalidade desta: ensinar a escrever, a ler e ainda a falar. Isso porém só se consegue mediante a formulação de regras as mais simples e de abrangência o mais ampla possível – o que implica evitar, ainda quanto possível, as exceções.

Esse é o modo de proceder da obra que o leitor tem agora diante dos olhos, e que já faz parte da biblioteca essencial das artes liberais.

Comunicação e Linguística / Gramática

É Realizações
Editora

ISBN 978-85-8033-203-2

Tirando de letra:
✔ orientações
✔ simples e
✔ práticas para
✔ escrever bem

Chico Moura e Wilma Moura

Companhia Das Letras

Tirando de letra:
✓ orientações
✓ simples e
✓ práticas para
✓ escrever bem

Chico Moura e Wilma Moura

Companhia Das Letras

Sumário

Introdução

1. O que é preciso saber para produzir uma escrita competente
Tenha claro o que você quer dizer
Prepare-se para expor suas ideias
Defina seu objetivo principal
Formule uma tese como ponto de partida
Selecione um tipo de texto
Conheça seu leitor

2. Como organizar o texto
Planeje o que vai escrever
Escolha seu método de desenvolvimento
Faça do parágrafo uma unidade de composição
Seja breve na introdução

3. Caminhos a seguir
Os verbos têm vozes: escolha-as com cuidado
Fique atento às palavras desnecessárias
Expresse ideias coordenadas de maneira similar
Preste atenção às possíveis ambiguidades
Use partículas expletivas com parcimônia
Finalize as frases de maneira enfática
Dê preferência a frases com verbos de ação
Substitua pares de palavras redundantes por palavras isoladas
Prefira expressões simples ou palavras únicas
Use o nível de linguagem adequado ao contexto

4. Procedimentos a evitar
Não use negativas indiretas
Evite “terceirizações” anônimas
Não abuse dos comentários pessoais
Descarte categorias redundantes
Fuja de termos esnobes ou empolados
Considere eliminar advérbios e adjetivos
Elimine repetições desnecessárias
Não se renda à mesmice das palavras da moda
Evite estrangeirismos desnecessários

5. Como garantir a coesão e a coerência do texto

Conecte seus pensamentos, relacionando sentenças e parágrafos
Conecte o final de uma sentença com o começo da próxima
Ajude o leitor a estar ciente do verbo correspondente a cada sujeito
Fique atento à correlação dos tempos verbais
Organize seu texto seguindo uma progressão natural

6. Como pontuar: ritmo e sentido
Use o ponto-final para enfatizar suas ideias
Empregue a vírgula para separar partes da frase
Empregos obrigatórios da vírgula
Empregue os dois-pontos para antecipar uma ideia
Use ponto e vírgula para sugerir conexão
Use travessão como recurso de ênfase
Seja econômico no uso da exclamação
Use reticências para deixar o pensamento em suspenso

7. Rever e reescrever: passo indispensável
O que deve ser observado
A reescrita na prática

Dúvidas recorrentes
Glossário
Bibliografia
Referências bibliográficas dos exemplos citados

Introdução

Seria a capacidade de escrever bem algo restrito a um pequeno número de pessoas talentosas?

Esse e outros tantos mitos relacionados à escrita são bastante difundidos aqui e ali. No entanto, eles não encontram correspondência na prática. Qualquer pessoa interessada é capaz de produzir bons textos, desde que conheça princípios básicos da escrita e certos aspectos relacionados ao estilo. Ou seja, a produção de bons textos não depende de nenhuma dádiva especial. Mas o que é um bom texto?

A resposta a essa pergunta depende de diversos aspectos, como a intenção de quem escreve e para quem escreve, e do contexto em que escreve. O bom texto é aquele que atende às necessidades decorrentes desses fatores. O “bom”, neste caso, pode ser entendido como “adequado”. Um texto formal, extremamente bem estruturado, com tratamento cerimonioso e vocabulário apurado estaria longe de ser bom, se o contexto a que se aplicasse fosse informal. Do mesmo modo, um texto coloquial, descontraído, sem grandes preocupações com exatidão vocabular ou estrutura formal, na escrita de um documento, estaria muito inadequado.

O objetivo deste livro é explicitar esses princípios e tratar de questões estilísticas em geral pouco abordadas nos manuais existentes. Sempre com referência à escrita não ficcional.

Não se pretende trabalhar partindo nem de gênero nem de tipologia textual, ainda que sejam mencionados quando for o caso, e sim de elementos básicos de estilo; também a correção gramatical — apesar de necessária — não terá lugar de destaque. Vale o mesmo para as técnicas argumentativas ou narrativas e textos literários.* O foco será a organização do texto, a clareza e a precisão, a concisão, a coerência e a coesão, o ritmo; enfim, elementos de estilo que podem auxiliar na elaboração de textos em geral.

Em língua inglesa, existe uma tradição bastante forte de produzir guias de escrita, que resultou em obras que consagraram autores como William Strunk Jr. e E. B. White (*Elements of Style*), Stephen Wilbers (*Keys to Great Writing*), passando por William Zinsser (*On Writing Well*) e chegando a Steven Pinker (*The Sense of Style*), para citar apenas alguns. Cada um trilhou caminhos próprios, indo dos mais prescritivos aos que negam a importância das regras.

Nós bebemos dessas fontes ao conceber este livro. Porém, nossa experiência como professores de redação e autores e editores de obras dedicadas ao ensino nos indica uma posição intermediária: por um lado, temos de fornecer alguns parâmetros que, em geral, levam a acertos e mostrar o que é melhor evitar. Por outro, temos claro que não é seguindo regras de como redigir que alguém vai se tornar um escritor. Longe disso, a ideia aqui é fornecer ferramentas básicas para que o leitor deste livro tenha segurança para escrever de maneira simples e correta. Tendo domínio desses mecanismos, terá condições de quebrar tantas regras quantas queira, mas ciente de que as está quebrando e sabendo por que está fazendo isso. E aí, terá surgido um escritor de fato competente, com personalidade e estilo próprio.

---

* Termos específicos da gramática ou da linguística estão explicados no glossário.

O que é preciso saber para produzir uma escrita competente

1

Num mundo repleto de atrativos que concorrem fortemente pela atenção das pessoas, não é fácil manter o interesse de alguém por um texto escrito. E se a redação não estiver boa, então pode esquecer: ele será abandonado rapidamente pelo leitor.

São vários os problemas que podem comprometer um texto e levar o leitor a perder o interesse: se for muito palavroso e carregado de termos empolados, pode ficar incompreensível; se as frases forem mal construídas, o leitor pode entendê-las de maneiras diversas e não alcançar o sentido pretendido pelo autor; se o escritor mudar os pronomes ou alterar o tempo dos verbos no meio do parágrafo, o leitor pode se perder e não saber mais quem está falando ou quando a ação ocorreu; se a sequência das frases não estiver lógica, é provável que o leitor não consiga fazer as conexões esperadas; o escritor, em cuja cabeça essas conexões estão claras, pode não ter se dado ao trabalho de torná-las explícitas. E por aí vai.

Para ser competente, ou seja, para atingir os objetivos para a qual foi produzida, qualquer escrita precisa seguir alguns princípios básicos de composição. Não se trata de uma fôrma, um molde dentro do qual colocar um conteúdo, mas de um modo de expressá-lo que contribui para a sua eficácia.

O primeiro — e talvez o mais importante atributo de um texto — é a clareza. A ponto de, já no século xix, o crítico literário britânico Matthew Arnold ter afirmado ser este o único segredo do estilo: “Tenha algo a dizer e o faça da maneira mais clara possível”.

Além da clareza, simplicidade, concisão, precisão, coerência, coesão e ritmo são atributos que devem estar presentes nos textos. Não se está tratando, aqui, do texto literário, que segue outros parâmetros que não nos propusemos a abordar. Antes de nos determos em cada um desses atributos — o que será feito em capítulos subsequentes —, vamos apresentar a seguir alguns princípios elementares como ponto de partida.

Tenha claro o que você quer dizer

Por que você está escrevendo? Que informações, pensamentos e experiências você quer relatar para o seu leitor? Por quê? Saber o propósito da escrita é condição necessária para a sua adequação.

Tendo em conta seu objetivo e seus pontos de vista, qual é a melhor forma de organizar esse material?

Qual o modo mais eficiente de ilustrar e fundamentar seus argumentos?

Como você pode expor seus pontos de vista de maneira fluida, conectando-os logicamente?

Essas perguntas, que precedem o ato de escrever, servem de orientação para o esboço, que é o passo inicial da produção de texto. Ter um esqueleto a ser preenchido facilita a redação.

Prepare-se para expor suas ideias

Supondo que você tenha escolhido o assunto sobre o qual vai escrever, comece se questionando:

- → O que você sabe a respeito do assunto é suficiente para escrever sobre ele de maneira significativa?
- → Você está disposto a despender esforço e tempo para buscar as informações necessárias?
- → Você é capaz de apresentar esse assunto de modo que seja interessante, relevante e útil para o seu possível leitor?

Se a escolha do assunto não for sua, mais um motivo para você se preparar antes de começar a escrever. Não é perda de tempo, pelo contrário. Quanto mais você souber sobre o tema, mais condições terá de desenvolvê-lo de maneira consistente.

Defina seu objetivo principal

Em geral, escreve-se para informar, persuadir ou entreter. Essas categorias não são excludentes, podendo muitas vezes estar misturadas, mas uma delas sempre se sobrepõe às demais. Ter certeza sobre seu objetivo é fundamental para que o trabalho seja bem-sucedido, pois disso dependem várias decisões que é preciso tomar durante o processo de escrita: como abordar o assunto, como desenvolvê-lo, quais argumentos empregar e como usá-los, se é ou não o caso de exemplificar, se cabe ou não expor seu ponto de vista, entre outras tantas.

Formule uma tese como ponto de partida

Esse passo se aplica apenas a alguns tipos de textos. Ele tem a ver, sobretudo, com as escritas persuasivas, aquelas em que a intenção de quem escreve é convencer seu leitor de alguma coisa.

A tese não pode ser tão restrita que não se possa discuti-la (por exemplo, “As estações do ano duram três meses”), nem tão ampla que não caiba em um número razoável de páginas (“O governo não está preocupado com o meio ambiente”).

Primeiro se estabelece o tema e, a seguir, os aspectos que serão trabalhados. Por exemplo, dentro do tema “governo e meio ambiente”, podem ser considerados o uso de combustíveis fósseis e o desmatamento. Nesse caso, a tese poderia ser algo como:

> Medidas como o incentivo ao uso de combustíveis fósseis e a falta de controle do desmatamento por empreendimentos imobiliários revelam falta de compromisso do governo com o desenvolvimento sustentável.

Selecione um tipo de texto

Escolhido o assunto e estabelecido o objetivo do texto a ser escrito, há vários caminhos possíveis.

Você pode escolher entre descrição, narração, exposição e persuasão. Cada um deles tem vantagens. Dependendo do seu objetivo, do leitor e do assunto escolhido, selecione o mais adequado para auxiliá-lo a alcançar sua meta. Na maioria das vezes, você irá empregar uma combinação desses tipos.

Quando quiser fornecer dados sobre uma pessoa, um objeto, uma cena, um local, empregue a descrição

Mostrar é mais eficiente do que *contar* ao leitor.

As descrições podem ser tanto objetivas como subjetivas. As objetivas se valem de aspectos factuais, que podem ser percebidos por qualquer observador. As subjetivas dependem do olhar de quem descreve. Em geral, a descrição que apela aos cinco sentidos e que se vale de aspectos concretos tem um impacto maior. Além de facilitar a comunicação com o leitor, pode levá-lo a compreender melhor o que se pretende descrever.

Veja estes dois casos:

> Espremida dentro de muralhas romanas, medievais e do século 17, a teia de ruas de Évora representa riqueza arquitetônica e cultural. Da imponente catedral, uma caminhada pelas lojas de artesanato da rua 5 de Outubro leva à praça do Giraldo, a agitada praça principal da cidade, cujas arcadas são uma lembrança da influência mourisca. A religiosidade de Évora se reflete na quantidade e variedade de igrejas. São mais de 20 igrejas e mosteiros incluindo a Capela dos Ossos. Os excelentes restaurantes da cidade e os nomes curiosos de algumas de suas ruas históricas, como Beco do Homem Não Barbeado ou rua do Alfaiate da Condessa, tornam a cidade alegre e ainda mais prazerosa.
>
> (*Guia visual: Portugal, Madeira e Açores*, p. 304.)

> Vê um nariz batatudo, reluzente e esburacado como uma casca de bergamota. Boca estranhamente juvenil entre queixo e bochechas tomados por rugas finas, pele um pouco flácida. Barba feita. Orelhas grandes com lóbulos maiores ainda, parecendo esticados pelo próprio peso. Íris da cor de café aguado no meio de olhos lascivos e relaxados. Três sulcos profundos na testa, horizontais, perfeitamente paralelos e equidistantes. Dentes amarelados. Cabelos loiros abundantes quebrando numa única onda por cima da cabeça e escorrendo até a base da nuca.
>
> (Daniel Galera, *Barba ensopada de sangue*, p. 13.)

Notou a diferença? Ambos os textos são descritivos, mas se valem de recursos bem diversos. Nos textos técnicos ou de divulgação científica, bem como em manuais e guias (como no primeiro caso), a descrição é predominantemente objetiva. Atém-se àquilo que é observável. Na ficção, a descrição é, em geral, mais subjetiva, tem a ver com o olhar de quem está descrevendo (como na caracterização de personagem que abre o romance de Daniel Galera).

Para contar uma história, use a narração

Contar histórias não é simples. Exige uma habilidade especial para criar tensões dramáticas de forma a despertar o interesse do leitor. Além de ser usada em textos ficcionais, relatos, depoimentos, notícias e acontecimentos históricos, a narração também pode ser empregada em textos expositivos e persuasivos.

Veja um exemplo de narração num texto de ficção escrito por Raduan Nassar, um mestre da prosa narrativa:

> Na modorra das tardes vadias na fazenda, era num sítio lá do bosque que eu escapava aos olhos apreensivos da família; amainava a febre dos meus pés na terra úmida, cobria meu corpo de folhas e, deitado à sombra, eu dormia na postura quieta de uma planta enferma vergada ao peso de um botão vermelho; não eram duendes aqueles troncos todos ao meu redor, velando em silêncio e cheios de paciência meu sono adolescente? que urnas tão antigas eram essas liberando as vozes protetoras que me chamavam da varanda? de que adiantavam aqueles gritos, se mensageiros mais velozes, mais ativos, montavam melhor o vento, corrompendo os fios da atmosfera? (meu sono, quando maduro, seria colhido com a volúpia religiosa com que se colhe um pomo).
>
> (Raduan Nassar, *Lavoura arcaica*, pp. 13-4.)

Agora, observe o emprego da narração num trecho de um relato jornalístico:

> [O ator] Teodoro Nunes vive sem luz há ininterruptos treze anos e dez meses. Dispôs de eletricidade entre 1994, quando se mudou para o apartamento que pertence à sua família, e 1998, quando o antigo morador se lembrou de cancelar o débito automático da conta. Períodos com e sem energia se intercalaram até o apagão definitivo, em outubro de 2002, motivado por um episódio nebuloso na memória do ator.
>
> (Guilherme Novelli, *piauí*, p. 11.)

Bem diferentes, sem dúvida, mas ambos narrativos, habilmente construídos para contar histórias: ficcional a primeira, real a segunda.

Para informar o leitor, use o texto expositivo

O texto expositivo é utilizado nos mais variados campos profissionais, da escrita técnica e científica até a acadêmica e jurídica. Em geral, esse tipo de texto incorpora os outros três — descrição, narração e persuasão — e assume um tom mais impessoal e objetivo.

> Pode parecer mentira, mas a Terra está hoje mais verde do que há 30 anos, e tudo graças ao aumento dos níveis de dióxido de carbono (CO_2) na atmosfera, que atuaram como “fertilizante”

> para as plantas. A conclusão é de um estudo internacional publicado hoje (25) na revista científica *Nature Climate Change*, uma das publicações com maior impacto científico.
>
> A investigação concluiu que, entre 1982 e 2015, verificou-se uma subida significativa da biomassa verde em quase metade das regiões do mundo (40%). Ao mesmo tempo, em apenas 4% do planeta se detectou uma perda significativa de vegetação.
>
> (Agência Lusa, site Agência Brasil.)

Observe que, nessa explicação, houve o cuidado de citar uma fonte — o nome da revista — valorizada no mundo científico, de modo a conferir “autoridade” ao que está sendo noticiado: a despeito das expectativas em contrário, houve aumento do verde no planeta. Trata-se de um recurso particularmente útil quando se quer relatar algo que vai contra o senso comum e precisa ser justificado.

Para convencer o leitor a pensar, agir ou sentir de uma determinada maneira, empregue o texto persuasivo

Do mesmo modo que a exposição, também a persuasão incorpora as demais tipologias textuais. Mas, nesse caso, o propósito é influenciar o pensamento, as ações ou os sentimentos do leitor. O texto expositivo é mais focado no assunto; o persuasivo, no leitor. Desse modo, a escolha da palavra mais adequada, do tom mais envolvente, da argumentação mais convincente é estratégica.

A linguagem persuasiva é muito utilizada em campanhas comunitárias, produzidas por órgãos governamentais. Veja, por exemplo, os dizeres de um cartaz de uma campanha veiculada pelo Ministério da Saúde, em 2015:

> DENGUE E CHIKUNGUNYA
>
> O perigo aumentou. E a responsabilidade de todos também.
> E você, já fez sua parte?

Note o uso da palavra “você”, que se refere diretamente ao leitor, foco da mensagem.

Nos artigos de opinião, como neste trecho de um ensaio sobre a preguiça no samba, de autoria da psicanalista Maria Rita Kehl, o convencimento do leitor — sempre ele, o foco do texto — pode se dar por vias menos diretas:

> Sambar, tocar, cantar a noite toda, sem preguiça nenhuma, é uma forma de vadiagem que escapa à polarização atividade/inatividade e, em troca, opõe trabalho a prazer, uso útil do tempo a desperdício inútil das horas que o relógio se esquece de marcar e cuja passagem o corpo não dá sinais de reparar. Preguiçoso, o sambista? Que nada: incansável!
>
> (Maria Rita Kehl, “A preguiça na cadência do samba”, p. 356.)

Conheça seu leitor

Nada é totalmente neutro em termos de língua. As palavras que você usa, o modo como constrói as frases e as organiza num texto, a consistência e a precisão de suas afirmações, o que você diz ou deixa de dizer e até o que está por trás do que foi dito revelam muito sobre você. E podem aproximá-lo ou afastá-lo do seu leitor.

Trata-se de adequação, de escrever do jeito certo para as pessoas certas. É preciso cautela na escolha das palavras — que têm o poder de incluir ou de excluir leitores —, no uso de pronomes, entre outros cuidados. Alguns estereótipos estão de tal maneira arraigados na linguagem que só nos damos conta deles quando alguém, que se sente atingido, os aponta.

Tudo isso só faz sentido porque quem escreve, em geral, escreve para alguém ler. Pergunte-se: quem é o meu leitor? Como ele se posiciona em relação a mim e ao assunto de que vou tratar? Como posso cativá-lo?

Buscar respostas a essas perguntas ajuda a redigir um texto mais adequado. Quanto mais você souber sobre seus leitores, maior será a probabilidade de êxito na interação com eles.

É o destinatário do texto que dá indícios ao escritor do registro — formal ou informal — a ser empregado, do vocabulário a ser utilizado, do nível de aprofundamento da argumentação. Afinal, é para ele que o texto está sendo escrito.

Como organizar o texto

2

Vencida a etapa anterior, começa-se a pensar na produção propriamente dita. Escrever é combinar, ou seja, arranjar e rearranjar palavras em frases, frases em parágrafos, parágrafos num texto que seja coerente, coeso e faça sentido para quem lê.

Nas palavras de William Zinsser, “A escrita é a organização lógica do pensamento”. Organizar o pensamento supõe relacionar as ideias de forma clara, encadeada, de modo a não dar margem a entendimentos equivocados, a ambiguidades, a conclusões falsas.

A maneira como você faz esse arranjo, como organiza seu pensamento, torna o seu texto único entre outros, o particulariza como escritor. Apesar desse caráter individual inerente à produção escrita, existem alguns procedimentos genéricos que, quando seguidos, tornam essa tarefa mais simples e produtiva. É o que veremos a seguir.

Planeje o que vai escrever

Antes de mais nada, faça um apanhado do que você sabe sobre o assunto ou retome anotações de leituras que já tenha feito.

- → Pergunte-se: o que eu quero dizer sobre o tema? A resposta que você der a essa pergunta será a sua tese (mencionada no capítulo anterior).
- → Selecione ideias e argumentos que vão sustentar seu ponto de vista.
- → Verifique se será necessário consultar outras fontes para fundamentar suas afirmações.
- → Pense agora na maneira como o texto vai ser desenvolvido: você vai se valer de exemplos, analogias, definições, divisões ou classificações? Que outros recursos julga relevantes?
- → Pense também no modo como vai apresentar sua conclusão.
- → Comece a escrever seguindo o plano, podendo reformulá-lo sempre que achar necessário. Plano não é camisa de força, é ajuda.

Escolha seu método de desenvolvimento

Há diversas maneiras de desenvolver um texto: citando exemplos, detalhando cada passo de uma explicação, dividindo ou reunindo em categorias, comparando e analisando, estabelecendo relações de causa e efeito, definindo conceitos.

O uso de *exemplos* para esclarecer, ilustrar e apoiar pontos de vista é um princípio básico da escrita efetiva. O texto provoca mais impacto no leitor quando é específico, detalhado, relevante e adequado. Relatos de fatos, analogias, metáforas e citações são recursos adequados para bem exemplificar.

Com uso de analogia:

> A luta entre *Davi e Golias* ficou muito mais equilibrada. Viva a competição. Dela virão as respostas.
>
> (Nizan Guanaes, a respeito de marcas comerciais. *Folha de S.Paulo*.)

Com uso de metáfora:

> Há palavras que são *armadilhas* para os ouvidos […].
>
> (Ivan Ângelo, *Veja São Paulo*.)

> […] a grande maioria dos gays do mundo do futebol continua *dentro do armário*. Quem vai comprar uma briga dessa?
>
> (Mariliz Pereira Jorge, a respeito de uma declaração do dirigente de um clube de futebol. *Folha de S.Paulo*.)

Com uso de citação:

> É ao descrever sua infância, […] que Nabuco demonstra a força com que a experiência do país marca a vida de todos nós: “O traço todo da vida é para muitos um desenho da criança esquecido pelo homem […]”.
>
> (Celso Lafer, *O Itamaraty na cultura brasileira*, p. 19.)

> Pelo que o mundo já viveu em 2017, “resiliência” deve vir a ser a palavra do ano. Mas não é de agora que a capacidade de “se recobrar facilmente ou se adaptar à má sorte ou às mudanças”, segundo o dicionário *Houaiss*, é necessária.
>
> (Joca Reiners Terron, *Folha de S.Paulo*.)

O cronista Fernando Sabino, numa carta enviada à escritora Clarice Lispector, fez uso de exemplos de uma forma muito peculiar:

> Nova York, 10 de junho de 1946
> Clarice,
>
> […] Tenho dado muitas gafes aqui com o meu pobre inglês. Uma: entrei num drugstore para comprar remédio para dor de cabeça e acabei levando uma loção para cabelos. Tenho tido muitos pesadelos. Um: ontem sonhei com um rato encravado na parede, guinchando de dor.

> Tenho reformado muitos conceitos, por exemplo: o Jayme Ovalle não é tão chato como eu imaginava. Tenho imitado Otávio de Faria em tudo o que ele não faz. Tenho feito descobertas importantes, por exemplo: o pecado é simplesmente tudo o que Cristo não fez. Tenho conhecido sujeitos famosos, por exemplo: Duke Ellington. […]
>
> Fernando
>
> (Clarice Lispector, *Correspondências*, pp. 82-5.)

Veja como o texto teria ficado muito mais pobre e sem graça se ele tivesse aberto mão dos exemplos e escrito simplesmente assim:

> Tenho dado muitas gafes aqui com o meu pobre inglês. Tenho tido muitos pesadelos. Tenho reformado muitos conceitos. Tenho feito descobertas importantes. Tenho conhecido sujeitos famosos.

Em textos instrucionais, aqueles em que se explica como fazer algo ou como alguma coisa funciona, um bom método é *detalhar cada passo*. É o que se faz em receitas culinárias, manuais de eletrodomésticos, regras de jogos, montagem de objetos e máquinas, entre outros.

Nesse tipo de texto, é fundamental não perder de vista que se está ensinando algo que o leitor não sabe. Assim, a clareza e o detalhamento progressivo, sem supor que alguns passos já sejam conhecidos, é a regra de ouro.

O linguista Steven Pinker, em seu *Guia de escrita*, chama os saltos de informação de “maldição do conhecimento”, citando como exemplo os manuais de uso de produtos eletrônicos, que provavelmente são muito claros para os engenheiros que os produziram, mas, para os leigos, são obscuros e incompreensíveis.

Em relação ao modo de escrever, ao fazer esse detalhamento, é importante ficar atento para as estruturas utilizadas, de modo que sejam paralelas. Assim, verifique o início de cada item da enumeração: se alguns começam com verbos e outros com substantivos, ou se alguns são frases completas e outros são fragmentos, não existe paralelismo. Como neste trecho retirado de um manual de instruções de um eletrodoméstico (os grifos são nossos):

> Limpeza
>
> — Antes de efetuar qualquer operação de limpeza ou manutenção, *retire* o cabo de alimentação da tomada ou desligue o disjuntor.
> — Para aumentar a vida útil do seu produto e evitar manchas, *fazer* a limpeza interna e externa com frequência.
> — Não *utilize* cera, ou produtos de limpeza com silicone ou materiais inflamáveis.
> — Nunca *usar* produtos de limpeza com álcool.
> — *É* contraindicado o uso de produtos abrasivos.

Notou que, nas orações em que se diz o que deve ser feito, há uma mistura de modos verbais, ora imperativo (*retire*, *não utilize*), ora infinitivo (*fazer*, *nunca usar*)? Repare também na última recomendação, que destoa das anteriores.

Por que o paralelismo é importante? Porque facilita a leitura e a compreensão. Veja o mesmo texto, reescrito com estruturas paralelas:

> Limpeza
>
> — Antes de efetuar qualquer operação de limpeza ou manutenção, *retire* o cabo de alimentação da tomada ou desligue o disjuntor.
> — Para aumentar a vida útil do seu produto e evitar manchas, *faça* a limpeza interna e externa com frequência.
> — Não *utilize* cera, ou produtos de limpeza com silicone ou materiais inflamáveis.
> — Nunca *use* produtos de limpeza abrasivos ou com álcool.

A *divisão* e a *classificação* também são métodos empregados no desenvolvimento de um texto. Uma classe de trinta alunos, por exemplo, agrupados de cinco em cinco, está apenas dividida. Se os alunos estiverem organizados por idade, por gênero, por local de procedência, ou por qualquer outro critério, estarão classificados. Por isso se chama “Classificados” a seção dos jornais em que há anúncios de empregos, imóveis, veículos etc. Note que eles aparecem divididos — não se veem anúncios de carros para vender junto com anúncios de apartamentos para alugar — e agrupados em diferentes classes — oportunidades de emprego, imóveis para alugar ou vender, automóveis usados ou novos.

Vejamos um exemplo de aplicação desse recurso em um texto:

> O reino *animalia* é formado por seres que se movem: insetos, vermes, peixes, répteis, anfíbios, aves e mamíferos.
>
> (Site Vida e Saúde)

Nessa frase, a expressão “reino *animalia*” foi usada para indicar semelhança entre os seres citados: todos eles se movem. Foi feita aqui uma *classificação*. Os termos “insetos”, “vermes”, “peixes”, “répteis”, “anfíbios”, “aves” e “mamíferos”, ao contrário, indicam uma *divisão*, pois apontam as diferenças entre eles, individualizando-os dentro de uma classe ao nomeá-los um a um.

O fragmento reproduzido a seguir é uma amostra interessante de como a classificação foi usada para explicar os diferentes tipos de problemas (filosófico, social, político e científico) causados pela aceleração do envelhecimento no Brasil nas últimas décadas:

> *Filosófico*, porque a velhice carece de novo sentido e requer ética nova. *Social*, porque os velhos ainda têm lugar na sociedade atual. *Político*, porque a existência de um número maior de velhos exige políticas e ações que permitam ao segmento idoso viver como cidadão. E *científico*, pois não basta sobreviver: tanto a ciência quanto a tecnologia devem, com seus avanços, colaborar para a melhoria da qualidade de vida daqueles que envelhecem e resolver novos desafios teórico-metodológicos.
>
> (Maura Véras, citada por Alexandre Hecker, *Uma história da longevidade no Brasil*, pp. 112-3.)

O que a autora fez foi agrupar os diferentes problemas em quatro classes, em função de suas características: de ordem filosófica, social, política e científica.

Em suma: use a divisão quando quiser identificar diferenças e a classificação quando o objetivo for enfatizar semelhanças.

Comparações e *analogias* são úteis principalmente em textos que tratam de assuntos mais complexos, dos quais o leitor pode ter um conhecimento relativamente limitado. Elas tornam familiar o que é desconhecido, e simples o que é complicado. Como neste caso:

> Nossas tentativas de manipular ecossistemas complexos são provavelmente inúteis. Assim como os furacões, o instinto de reprodução e a competição entre espécies são forças poderosas demais para ser controladas. Se desejamos restringir nosso impacto no planeta, o melhor é controlar o número de humanos e suas atividades predatórias. O erro é acreditar que nossa capacidade de destruir ecossistemas nos habilita a controlar a interação entre os seres vivos e o meio ambiente.
>
> (Fernando Reinach, *A longa marcha dos grilos canibais*, pp. 18-9.)

Percebeu como a analogia com a força dos furacões, conceito simples e conhecido, foi usada para ajudar a entender a força do instinto de reprodução e a competição entre as espécies, conceito bem mais complexo e menos conhecido?

Causa e efeito envolvem análise de conexões. Fundamental, aqui, é evitar o estabelecimento de relações falsas, que invalidam a argumentação.

Esse recurso pode ter uma função meramente expositiva, mas pode também ser usado quando a intenção é persuadir o leitor, levando-o a reagir positivamente à argumentação feita.

Observe como o professor Massimo Di Felice, pesquisador das implicações das tecnologias e das redes nas relações humanas na atualidade, utilizou tal recurso numa entrevista, associando o advento da internet a um novo conceito de democracia:

> O que significou a democracia até a TV não é mais a democracia da internet. A grande conquista do Ocidente foi a democracia com eleição de representantes e de projetos políticos para a gestão pública. Hoje, isso não basta mais, pois temos dispositivos que nos permitem ver em tempo real e opinar sobre qualquer assunto. O político hoje é muito mais o que ele deveria ser, que é um funcionário pago pela sociedade para administrar o bem-estar da sociedade. Antes, o cidadão participava a cada quatro anos, e hoje é possível acompanhar o que acontece diariamente, em tempo real.
>
> (Massimo Di Felice, *revista e*.)

O desenvolvimento do texto pode começar pela causa ou pelo efeito, dependendo da ênfase que se quer dar.

Em ensaios e artigos, às vezes é necessário definir alguns conceitos. Essa *definição* deixa claros os limites dentro dos quais uma ideia central está sendo explorada. Um bom exemplo é a forma como a antropóloga Mary Catherine Bateson usou a definição dos termos “natural” e “orgânico” em defesa da tese de que eles são empregados de maneira inadequada:

> Se “natural” significa “não afetado por atos humanos”, não será encontrado nas lojas de “comida natural”. A maioria dos produtos alimentares foi produzida por cruzamentos seletivos ao longo dos séculos, transformando plantas selvagens em variedades dependentes de cuidado dos seres humanos e com uma variabilidade profundamente alterada. A maioria é também processada e transportada por formas culturalmente inventadas; afinal de contas, tofu não cresce nas árvores. Fazendeiros “orgânicos” precisam trabalhar com afinco e destreza; a natureza não faz o serviço para eles. No entanto, o esforço para produzir alimentos sem fertilizantes químicos e inseticidas que deixam resíduos tóxicos é uma importante área de

> criatividade e persuasão. Seria bom encontrar um modo de falar sobre isso sem usar palavras absurdas e contraditórias como “natural” e “orgânico” (o que um legume seria se não orgânico?).
>
> (Mary Catherine Bateson, “Sobre a naturalidade das coisas”, p. 26.)

É importante ter em mente que uma definição não pode ser circular, ou seja, conter o termo definido, pois perderia seu caráter explicativo. De nada adianta dizer que *líder* é aquele que *lidera*, ou que *integridade* é a qualidade do que é íntegro. Seria preciso que o leitor já soubesse o que é “liderar” ou o que é “íntegro”. E, nesse caso, não seria necessário definir os termos.

Também, nas definições, é preciso estar atento ao paralelismo, ou seja, à simetria na construção das frases: substantivo seguido por substantivo, verbo por verbo, e assim por diante.

Em vez de:

Súcia é formar um grupo de indivíduos de má índole.
↘ ↘
substantivo verbo

escreva:

Súcia é um grupo de indivíduos de má índole.
↘ ↘
substantivo substantivo

Veja mais um exemplo de definição bem utilizada num artigo do filósofo Leandro Karnal:

> Gostaria de resgatar um sentido menos usual da palavra etiqueta: pequena ética. Etiqueta não seria o duvidoso valor de saber qual talher ou copo seriam adequados. A verdadeira etiqueta trata da convivência em grupo. A “pequena ética” seria uma consciência de que, mais do que atributo da antiga nobreza, a cortesia e a gentileza são fundamentais para a existência em sociedade.
>
> Por favor, com licença, desculpe-me e obrigado são quatro fórmulas mágicas que devem ser multiplicadas. Todas implicam reconhecer que há algo ou alguém além de mim. Saber segurar a faca corretamente na mão direita e, ao mesmo tempo, maltratar o garçom, é prova de que só se captou a parte imbecil da etiqueta.
>
> (Leandro Karnal, *O Estado de S. Paulo*.)

Estruturas paralelas, construção simétrica (“não seria o duvidoso”/“seria a consciência”)… Tudo bem explicado, sem dar margem a dúvidas e muito bem escrito.

Faça do parágrafo uma unidade de composição

Na definição do *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*, o parágrafo é uma “divisão de um texto escrito, indicada pela mudança de linha, cuja função é mostrar que as frases aí contidas mantêm maior relação entre si do que com o restante do texto”.

Imagine como seria ler um capítulo inteiro de um livro que não tivesse separação entre sentenças nem divisão em parágrafos. Confuso, não? A organização das palavras em frases e destas em parágrafos “descomplica” o texto, pois é ela que explicita para o leitor a lógica do pensamento de quem o escreveu.

Em literatura, há muitos exemplos de ausência de paragrafação e mesmo do ponto-final para dar maior verossimilhança a um fluxo de pensamento. O grande mestre no uso desse recurso foi James Joyce: o monólogo interior da personagem Molly ocupa dezenas de páginas do romance *Ulisses* sem nenhuma paragrafação. Mas isso já é outra história…

Se o assunto sobre o qual se vai escrever é breve, ou se se pretende tratá-lo de maneira ligeira, não é necessário dividi-lo em tópicos. Uma descrição curta, uma sinopse de livro ou filme, um relato de um incidente, uma narrativa sem detalhes são exemplos de textos que devem ser escritos num único parágrafo. Depois de tê-lo escrito, contudo, pode-se examiná-lo, para ver se ficaria melhor se fosse dividido em mais parágrafos.

De modo geral, se um assunto requer divisão em tópicos, cada tópico deve ser tratado em um parágrafo diferente. O objetivo é ajudar o leitor. O começo de cada parágrafo é sinal de que foi atingido um novo passo no desenvolvimento da argumentação.

Parágrafos, em geral, não devem ser constituídos por uma única sentença. Exceto talvez no caso de sentenças que funcionam como transição, indicando relação entre partes de uma exposição ou argumento.

Começar cada parágrafo com uma frase que sugira o tópico ou com uma sentença que ajude a transição é uma regra útil. Se um parágrafo é parte de uma composição maior, sua relação com o que o precede, ou sua função como parte do todo, pode precisar ser explicitada. Há situações em que basta uma palavra ou expressão já na primeira sentença (“ainda”, “de novo”, “pela mesma razão”, entre outras). Algumas vezes, entretanto, é preferível iniciar o tópico devagar, por meio de uma sentença ou duas de introdução ou transição.

Parágrafos muito longos assustam o leitor, são visualmente pesados. Quebrá-los pode ser uma boa ideia. No entanto, uma sucessão de parágrafos muito curtos pode atrapalhar o entendimento. Parcimônia e senso de organização devem ser os critérios mais importantes da paragrafação.

O trecho reproduzido a seguir é uma amostra bastante representativa de um texto bem paragrafado. Observe:

> Afinal de contas, o que aconteceu antes do big bang?
>
> Poucas crianças deixaram de humilhar seus pais com esse tipo de pergunta. Em geral ela começa com a perplexidade sobre a possibilidade de o espaço “continuar para sempre”, ou de onde vêm os humanos, ou como se formou o planeta Terra. No fim, a linha de questionamento sempre parece chegar à origem fundamental das coisas: o big bang. “Mas por que ele aconteceu?”

> As crianças crescem com uma noção intuitiva de causa e efeito. Os eventos no mundo físico não devem “simplesmente ocorrer”. Algo faz com que eles aconteçam. Mesmo quando o coelho surge da cartola, suspeita-se de algum truque. Então poderia o universo inteiro simplesmente “pipocar”, ganhando existência num passe de mágica, sem nenhuma razão específica?
>
> Essa pergunta simples, feita por tantas crianças, tem ocupado o intelecto de gerações de filósofos, cientistas e teólogos. Muitos a evitaram, considerando-a um mistério impenetrável. Outros tentaram afastá-la usando certas definições. A maioria deles, só de pensar no assunto, acabou ficando terrivelmente confusa.
>
> O problema, no fundo, é o seguinte: se nada acontece sem uma causa, então alguma coisa deve ter levado o universo a surgir. E assim enfrentamos a inevitável pergunta sobre o que causou essa alguma coisa. E assim por diante, numa regressão infinita. Algumas pessoas simplesmente decretaram que Deus criou o universo, mas as crianças sempre querem saber quem criou Deus, e então essa linha de questionamento vai se tornando incômoda e complicada.
>
> (Paul Davies, “O que aconteceu antes do big bang?”, p. 43.)

Note que os parágrafos são curtos, formados por poucas frases simples e diretas — com exceção do primeiro, constituído de uma única frase. Essa frase serve de gancho para o desenvolvimento da tese que vai ser defendida pelo autor, o que é feito nos parágrafos seguintes, cada um contendo uma ideia completa, que vai sendo mais bem explicitada à medida que a argumentação avança.

Os parágrafos podem ser organizados de diversas maneiras. Do modo de fazê-lo resulta um texto mais solto ou mais estruturado. Há os que começam com uma sentença mais genérica — o tópico frasal, para usar a terminologia do filólogo Othon Garcia — seguida por frases que explicam ou delimitam o que foi afirmado e uma ou mais sentenças de explanação ou desenvolvimento. Alguns terminam com uma frase conclusiva. Outros só apresentam o tópico frasal no final. Outros, ainda, não têm tópico frasal.

Cada parágrafo deve ser construído tendo em vista o propósito a que se destina. Os parágrafos mais estruturados, comuns em textos produzidos em função da atividade profissional, por exemplo, tendem a ser curtos, constituídos de três ou quatro frases, e a seguir o padrão: tópico, desenvolvimento, conclusão. Como neste exemplo:

> É fundamental evitar que equívocos de informação se repitam. Dizer ao cliente que o produto está em falta, quando há unidades em estoque, ou dizer que não há prazo para o atendimento, quando esse prazo já está definido nos procedimentos, é inadmissível.

Outro padrão de estrutura, comum na escrita persuasiva, é seguir a lógica dos silogismos: premissa maior, premissa menor, conclusão. Assim:

> Informações equivocadas levam à perda de clientes. Nossa empresa perdeu dois na semana passada por conta disso. Portanto, de hoje em diante, o único setor autorizado a dar informações é o de atendimento ao cliente.

Qualquer que seja a forma escolhida, um bom parágrafo tem três atributos: unidade, coerência e consistência. A *unidade* supõe conexão de ideias subordinadas à ideia principal, de forma que o parágrafo tenha um único propósito; a *coerência* resulta da ligação lógica entre as frases; a *consistência* tem a ver com o suporte dado à ideia principal, que se obtém a partir de exemplos suficientes e detalhamento adequado.

Um texto é constituído por uma sequência de parágrafos que se relacionam uns com os outros. É o encadeamento de um parágrafo com seu antecessor que dá coesão ao texto. Observe:

> Às vezes, os amantes são afastados por uma força maior: o deslocamento obrigatório de um deles e a impossibilidade de o outro acompanhá-lo — mudanças inevitáveis, uma doença, a morte…
>
> Ou, então, a separação acontece pela renúncia de um dos dois, que entende seu gesto como heroico — como quando alguém sacrifica seu amor para cuidar da velha mãe ou das crianças pequenas.
>
> Outras vezes, um dos amantes ou os dois se apaixonam por terceiros e, em vez de terminar sua história comum, eles não deixam de se amar (sim, é possível amar duas pessoas ao mesmo tempo).
>
> Outras vezes, ainda, um dos amantes desiste por comodismo e conforto, e os dois passam a vida lamentando essa escolha.
>
> Enfim, amores inacabados fazem parte da história de todos ou quase. E essas paixões interrompidas se tornam o símbolo das vidas nas quais, quem sabe, teríamos sido outros do que somos.
>
> (Contardo Calligaris, *Folha de S.Paulo*.)

Construa seu texto passo a passo. Escreva em sentenças e pense em parágrafos. Assim fica mais fácil expor o que você precisa ou quer dizer.

Seja breve na introdução

O início de um texto — assim como o fim — chama mais a atenção do leitor do que o desenvolvimento. Começar um texto é uma tarefa difícil. As ideias demoram a engrenar e tomar a forma desejada. Assim, é comum que, no momento da criação do texto, escreva-se muita coisa que pode (e deve) ser desbastada, tarefa a ser feita no momento da revisão e da reescrita, assunto que será tratado no capítulo 7.

Há vários exemplos de expressões usualmente presentes em uma introdução que poderiam perfeitamente ser eliminadas:

- Antes de mais nada
- Primeiro ponto a ser debatido
- O que eu quero dizer em seguida
- Na minha opinião
- Para dizer a verdade
- É desnecessário dizer
- De fato

Veja estas frases:

> A primeira questão a ser respondida é por que o big bang aconteceu.
> Antes de mais nada, é preciso lembrar que os eventos do mundo físico não devem “simplesmente ocorrer”.

Elas poderiam, sem perda de significado, ficar simplesmente assim:

> Por que o big bang aconteceu?
> É preciso lembrar que os eventos do mundo físico não devem “simplesmente ocorrer”.

Compare:

> Em seu famoso livro *A riqueza das nações*, Adam Smith mostrou como a expansão no tamanho das fábricas resultava em crescimentos proporcionais na produção.

Com:

> Em *A riqueza das nações*, Adam Smith mostrou como a expansão no tamanho das fábricas resultava em crescimentos proporcionais na produção.

Houve alguma perda de informação? Não. E houve ganho de qualidade em relação ao estilo: mais direto, mais enxuto, mais elegante.

É importante reiterar que essa recomendação não é uma camisa de força. Há casos em que tais expressões são carregadas de significado, são recursos estilísticos e podem contribuir para a clareza e a força do texto. Como neste exemplo, que mostra o título e a linha fina de uma matéria jornalística:

> Quando seremos capazes de reconhecer, *de fato*, as populações indígenas?
>
> A demarcação de terras é só o começo da discussão sobre a qualidade de vida nas terras indígenas. São necessárias políticas públicas e um Estado plurinacional.
>
> (Spency Pimentel, *Carta Educação*.)

Caminhos a seguir

3

Não existe uma receita para escrever bem. No entanto, a leitura de textos dos mais variados tipos desvenda possibilidades expressivas que podem ajudar na produção de escritos mais diretos, mais vivos, mais cativantes.

O que se pode afirmar sem medo de erro é que uma boa escrita é uma escrita “limpa”. Isso significa desbastar as frases de palavras que não têm função, de advérbios que contêm o mesmo significado do verbo, de construções passivas que deixam o leitor em dúvida sobre quem está fazendo o quê. (Sempre lembrando que não estamos tratando aqui de textos literários.)

Neste capítulo, vamos esmiuçar algumas dessas possibilidades na forma de conselhos práticos, que, repetimos, não devem ser entendidos como procedimentos rígidos. Não obedecê-los de forma alguma se configura erro, mas conhecê-los pode facilitar — e muito — a vida de quem ainda não tem autonomia para contrariá-los com segurança.

Os verbos têm vozes: escolha-as com cuidado

Voz é a forma assumida pelo verbo para indicar a relação entre ele e seu sujeito. Veja:

→ O jaburu simboliza a nossa terra.
(Capistrano de Abreu)
→ Nossa terra é simbolizada pelo jaburu.
→ O jaburu machucou-se.

Nessas frases, os verbos foram empregados na voz ativa, passiva e reflexiva, respectivamente.

A voz ativa, exemplificada na primeira frase, é aquela em que o sujeito (“o jaburu”) exerce a ação expressa pelo verbo (“simboliza”). Na voz passiva, caso da segunda frase, o sujeito (“nossa terra”) é quem sofre a ação do verbo (“é simbolizada”). Na voz reflexiva, o terceiro exemplo, o sujeito (“o jaburu”) é agente e paciente do verbo (“machucou-se”).

Por ser mais direta, mais curta, mais vigorosa, a voz ativa é preferível às demais.

Observe como ficaria um mesmo texto escrito em duas versões.

Em voz ativa:

> A cidade de Armero sumiu do mapa.
>
> O vulcão vizinho matou a cidade. Ninguém conseguiu correr mais rápido que a avalancha de lodo fervente: uma onda grande como o céu e quente como o inferno atropelou a cidade, jorrando vapor e rugindo fúrias de animal ruim, e engoliu trinta mil pessoas e todo o resto.
>
> (Eduardo Galeano, *O livro dos abraços*, p. 130.)

Agora em voz passiva:

> A cidade de Armero foi apagada do mapa.
>
> A cidade foi morta pelo vulcão vizinho. Ninguém conseguiu correr mais rápido que a avalancha de lodo fervente: a cidade foi atropelada por uma onda grande como o céu e quente como o inferno, que jorrou vapor e rugiu fúrias de animal ruim; foram engolidas trinta mil pessoas e todo o resto.

Nesse caso, era importante enfatizar o vulcão como o agente da destruição da cidade. Assim, a voz ativa se mostrou bem mais forte e adequada para dar vida ao relato da tragédia (tanto que a versão em voz passiva não foi a utilizada pelo autor; trata-se de adaptação nossa, para fins de demonstração). O que não quer dizer que, em outras situações, essa seja a melhor escolha. O que vai definir o uso de uma ou de outra é o que se pretende enfatizar.

Veja o trecho de uma notícia a respeito de bares que transgrediram a lei do silêncio, em São Paulo:

> Em duas ruas ao lado [de uma universidade da zona leste], há 19 bares focados em estudantes. Muitos deles foram multados no semestre passado em operações da prefeitura e da Polícia Militar. Foram punidos por excederem o barulho permitido para a área.

(Leandro Machado, *Folha de S.Paulo*.)

Nesse exemplo, quem sofre a punição, ou seja, o paciente da ação (os bares) é mais importante do que o agente (as instituições que aplicaram a punição). Caso típico em que o emprego da passiva é mais adequado do que o da ativa. Em situações assim, ou naquelas em que não há necessidade de mencionar quem praticou a ação, não hesite: empregue a voz passiva.

Fique atento às palavras desnecessárias

A concisão é uma das qualidades dos bons textos. Inchar frases com palavras que não agregam sentido, parágrafos com frases inúteis e textos com trechos desnecessários só serve para desviar a atenção do leitor. A seguir, damos alguns exemplos de expressões de uso comum que contrariam o princípio da concisão.

Não use	**Substitua por**
Apesar do fato de que	Embora
A questão é se	Se
A razão pela qual é	Porque
Chamo a sua atenção para o fato de que	Lembro que
Ele é um homem que	Ele
Este é um assunto que	Este assunto
Não há dúvida que	Sem dúvida
O fato de que ele não tenha tido sucesso	O fracasso dele

Veja como a falta de concisão pode tornar um texto confuso. Partindo de uma situação inusitada — um motorista desempregado que estendeu uma faixa na BR-101 com um pedido de emprego — e que foi alvo de uma reportagem, um site sobre questões profissionais elaborou uma pergunta sobre a razão que explicaria o insucesso dessa tentativa:

A razão pela qual a iniciativa descrita na reportagem não foi tão bem-sucedida é porque:

a. Apesar de ajudar, não é necessariamente a visibilidade que garante uma vaga no mercado de trabalho.

b. Caso a faixa fosse maior e mais bonita, sem dúvida nenhuma a pessoa já teria recebido centenas de ofertas de emprego.

c. Para conseguir um emprego, criatividade é tudo. Se a pessoa tivesse acrescentado algum tipo de apresentação enquanto mostrava a faixa teria seguramente aumentado suas chances de ser empregado.

d. Segundo a reportagem, uma faixa é, sem dúvida alguma, uma forma mais eficiente de conseguir emprego se comparada à distribuição de currículos.

e. É importante atingir o maior número de pessoas em menor tempo para conseguir um emprego. O problema, conforme a reportagem, é que poucas pessoas viram a faixa.

(Site Brainly)

Para desbastar o texto, tornando-o mais enxuto, uma possível reescrita seria:

> A iniciativa do motorista não foi bem-sucedida. Razões possíveis:
> a. Visibilidade é importante, mas não garante uma vaga no mercado de trabalho.
> b. Se a faixa fosse mais vistosa, o motorista poderia ter recebido alguma oferta de emprego.
> c. Criatividade ajuda: se ele tivesse feito alguma apresentação enquanto mostrava a faixa, poderia ter aumentado suas chances de sucesso.
> d. Para conseguir emprego, estender uma faixa é mais eficiente do que distribuir currículos.

Observe: houve eliminação de palavras e expressões inúteis e repetidas (“necessariamente”, “seguramente”, “sem dúvida alguma”, “sem dúvida nenhuma”, “para conseguir emprego”, “apesar de ajudar”) e de afirmação inconsistente (“criatividade é tudo”). O último parágrafo foi retirado por não acrescentar informação relevante. O exemplo reescrito, ainda longe de ser um bom texto, é melhor que o original, principalmente em termos de concisão.

Entretanto, toda regra tem exceção. Palavras como artigos, adjetivos e advérbios, por exemplo, que em alguns textos são consideradas dispensáveis, em outros têm um papel importante: contribuem para melhorar o ritmo da frase ou tornar a compreensão mais fácil e mais completa. Vejamos:

> Os portugueses não tiveram alternativa. Por mais que tentassem controlar todas as etapas, a história final do comércio açucareiro escaparia de suas mãos, ou mesmo das mãos dos proprietários de terra responsáveis pela produção. Os grandes centros importadores estavam em Amsterdam, Londres, Hamburgo, Gênova, sendo deles o maior poder na fixação dos preços. A economia da cana assumiria, cada vez mais, um perfil internacional e à sua maneira globalizado.
>
> (Lilia M. Schwarcz e Heloisa M. Starling, *Brasil: uma biografia*, p. 56.)

Seguindo a regra de omitir palavras desnecessárias, esse texto poderia ser reescrito assim:

> Os portugueses não tiveram alternativa. Por mais que tentassem controlar todas as etapas, a história do comércio açucareiro escaparia de suas mãos, ou das mãos dos proprietários de terra. Os centros importadores estavam em Amsterdam, Londres, Hamburgo, Gênova, sendo deles o poder na fixação dos preços. A economia da cana assumiria um perfil internacional e globalizado.

No entanto, além de as frases ficarem sem ritmo e o texto mais sem graça, o leitor não teria a dimensão completa dos fatos relatados: a retirada da palavra “final” acaba por omitir a informação de que se está falando aqui de como o processo terminou, subentendendo-se que houve histórias anteriores; a falta da explicação “que eram responsáveis pela produção” descarta um dado importante, pois eles não só detinham a propriedade da terra, como também se encarregavam do que nela era produzido; citar apenas os nomes dos centros importadores, sem ressaltar que eram os “grandes”, pode levar ao falso entendimento de que só havia esses centros; a retirada da palavra “maior” antes de “poder” induz a pensar que só esses centros podiam fixar os preços; por fim, a eliminação das expressões adverbiais “cada vez mais” e “à sua maneira” deixa de lado as circunstâncias em que os fatos ocorreram: progressivamente e de um modo

particular.

Expresse ideias coordenadas de maneira similar

A semelhança de forma ajuda o leitor a reconhecer mais facilmente a semelhança de conteúdo e função.

Um artigo, ou uma preposição, que se aplica a todos os elementos de uma série deve ser usado apenas antes do primeiro termo ou repetido antes de cada um.

> Progressivamente, o corpo diplomático brasileiro vem refletindo, em sua composição, a heterogeneidade de raças, credos e origem, que são intrínsecos à identidade nacional.
> (Texto de aluno)

Observe que a preposição “de” poderia ter sido repetida antes das palavras “credos” e “origem” (“de raças, de credos e de origem”). É uma escolha do autor. No caso, em respeito à regra de ser econômico na escrita, evitando palavras desnecessárias, ele omitiu a preposição.

Mas veja o que acontece nestes exemplos:

> Difícil descobrir nele um truque, uma sofisticação, uma pose, uma nota falsa. É direto, ágil e determinado como uma verruma.
> (Hélio Pólvora, na contracapa do livro *O rei da terra*, de Dalton Trevisan.)

> Por que não me perguntas a respeito da criação da Imprensa Régia, da fundação do Banco do Brasil, do Jardim Botânico, do Arsenal da Marinha, do Corpo de Bombeiros, do Teatro Real de São João, do Primeiro Campeonato Fluminense de Petecas… fiz muito pelo teu país, rapaz.
> (*Mario Prata entrevista uns brasileiros*, p. 132.)

No primeiro caso, o autor não tinha outra opção a não ser repetir o artigo indefinido (um/uma) antes de cada termo, pois ele se referiu tanto a uma palavra masculina (“truque”) como a palavras femininas (“sofisticação”, “pose”, “nota”). Pelo mesmo motivo, também no segundo caso não havia como não repetir a preposição “da” antes das palavras femininas (“criação”, “imprensa”, “fundação”) e a preposição “do” antes das masculinas (“jardim”, “arsenal”, “corpo”, “teatro”, “primeiro”).

Algumas palavras exigem determinada preposição. Quando uma dessas palavras faz parte de uma construção composta, todas as preposições adequadas precisam ser incluídas.

Há casos complicados. Por exemplo, não podemos dizer que alguém “entrou e saiu de” um lugar. Você entra *em* e sai *de* um lugar. No entanto, a forma “entrou na casa e saiu dela”, apesar de correta, não encontra respaldo no uso. Ninguém fala nem escreve assim. A solução é usar “entrou em casa e saiu”, pois, se já está claro onde a pessoa entrou, não há necessidade de explicitar o lugar de onde ela saiu.

Algumas expressões só devem ser empregadas em conjunto. É o caso de “não só…, mas também”; “primeiro, segundo, terceiro”; “primeiramente, daí, em seguida”; “por um lado, por outro lado”; “quer…, quer”; “ou…, ou”, como nos exemplos abaixo.

> Ressacas *não só* dão dor de cabeça, *mas também* emburrecem.

(Cássio W. Barbosa, site Megacurioso.)

Nele [no romance *Caetés*, de Graciliano Ramos], vemos aplicadas as melhores receitas da ficção realista tradicional, *quer* na estrutura literária, *quer* na concepção da vida.
(Antonio Candido, *Ficção e confissão*, p. 18.)

A despeito disso, temos desafios comuns. *Ou* bem seremos capazes de reinventar o rumo da política, *ou* novamente a insatisfação popular se manifestará nas ruas, sabe-se lá contra quem e a favor do quê.
(Fernando Henrique Cardoso, *O Estado de S. Paulo*.)

Uma vez desonerado da administração, o alienista procedeu a uma vasta classificação dos seus enfermos. Dividiu-os *primeiramente* em duas classes principais: os furiosos e os mansos; *daí* passou às subclasses, monomanias, delírios, alucinações diversas. *Isso feito*, começou um estudo acurado e contínuo; [...].
(Machado de Assis, “O alienista”, p. 113.)

Preste atenção às possíveis ambiguidades

A posição das palavras numa frase é a principal forma de expressar as relações entre elas. Palavras mal colocadas podem gerar confusão e ambiguidade, como ocorreu nesta manchete veiculada pelo canal de notícias Globonews, em setembro de 2016:

EUA e Rússia fecham acordo de cessar-fogo em reunião em Genebra

Havia fogo na reunião, então se fez um acordo para cessá-lo? Por certo que não, mas é isso que pode ser entendido pela frase, da forma como ela foi construída. Uma simples mudança de posição das palavras não deixaria margem para nenhuma interpretação a não ser a correta. Assim:

Em reunião em Genebra, EUA e Rússia fecham acordo de cessar-fogo

Outro exemplo:

A ata não historiou a segunda reunião havida corretamente.
(Comentário escrito por condômino a respeito de uma assembleia de moradores)

A palavra “corretamente” está mal colocada, pois dá a impressão de que a reunião é que foi correta. Basta inverter a ordem:

A ata não historiou corretamente a segunda reunião havida.

Melhor ainda, retirar o termo “havida”, totalmente desnecessário.

A ata não historiou corretamente a segunda reunião.

Mais um exemplo:

A ascensão da democracia no Brasil entre 1985 e 1990 foi benéfica, pois o desejo dos indivíduos por liberdades e direitos superou o interesse de perpetuação do estado militar ditatorial, iniciado em 1964, engendrando a prevalência dos direitos humanos.
(Texto de aluno)

É possível entender que quem engendrou a prevalência dos direitos humanos foi o estado militar, o que certamente não era o que o autor do texto queria dizer. Para corrigir o problema, basta deslocar as palavras para o lugar adequado:

A ascensão da democracia no Brasil entre 1985 e 1990 foi benéfica, engendrando a prevalência dos direitos humanos, pois o desejo dos indivíduos por liberdades e direitos superou o interesse de perpetuação do estado militar ditatorial, iniciado em 1964.

Além do mau posicionamento das palavras, também o uso inadequado de preposições pode contribuir para alterar o sentido de uma afirmação. Veja esta frase:

> A clara referência intertextual à antropofagia e sua exótica associação com o imperialismo denotam completa incompreensão *do autor desses termos*.
> (Texto de candidato a um concurso público)

Na verdade, o que ele queria dizer é que:

> A clara referência intertextual à antropofagia e sua exótica associação com o imperialismo denotam completa incompreensão *desses termos pelo autor*.

A frase original dá margem a entender que o autor dos termos “antropofagia” e “imperialismo” é agente do ato de não compreender, quando a intenção era dizer que quem não compreendeu nada foi quem fez a referência e a associação indevidas. O uso da preposição “do”, em vez de “pelo”, tornou o texto ambíguo.

O emprego equivocado de pronomes é outra fonte de ambiguidade bastante comum. Observe:

> O deputado saudou o Presidente da República, em *seu* discurso, e solicitou *sua* intervenção no *seu* estado, mas isso não *o* surpreendeu.
> (*Manual de redação da Presidência da República*, p. 52.)

Nessa frase, são diversos os casos de ambiguidade, como bem mostra o manual de onde o exemplo foi retirado, ao esclarecer os problemas criados pelo uso indiscriminado dos pronomes: quem pronunciou o discurso? De quem foi a intervenção? O estado é o do deputado ou o do presidente? Quem foi surpreendido?

Uma possível reescrita dessa frase seria:

> Em seu discurso, o deputado saudou o presidente da República. No pronunciamento, solicitou a intervenção federal em seu estado, o que não surpreendeu o presidente.

Use partículas expletivas com parcimônia

Por serem desnecessárias, em geral, as partículas expletivas podem ser eliminadas sem nenhum prejuízo para o entendimento.

→ Viu *só* como eu tinha razão?
→ O que *que* a gente faz numa situação dessas?
→ Que loucura *que* foi aquela viagem!
→ No final, riram-*se* todos.
→ O menino foi-*se* embora sem que ninguém o detivesse.
→ Eu é *que* faço o café em casa todas as manhãs.

Note que, às vezes, elas são relevantes por enfatizar a ação do verbo principal; se essa for a intenção, seu uso é recomendado. Veja, por exemplo, como a ênfase muda, se retirarmos o “é que” da última frase:

Eu faço o café em casa todas as manhãs.

Se você quiser deixar muito bem explicitado quem se ocupa do café da manhã na sua casa, usar a locução expletiva é uma boa ideia.

Finalize as frases de maneira enfática

Tanto na prosa quanto na poesia, as palavras que vêm por último carregam mais peso. Na poesia, não é por acaso que as rimas geralmente ocorrem no final de cada verso. Na prosa, uma das funções do ponto-final é enfatizar a palavra que o precede. Naturalmente, o final das frases é mais forte. Tire partido disso para escrever com ênfase. Reserve essa posição para as palavras mais importantes.

Trabalhe bem o final das frases aparando sobras, reduzindo o número de palavras, eliminando explicações desnecessárias. Veja:

Reestruturar a vida depois de uma perda não é algo fácil de se fazer.

Há diversas possibilidades de dizer a mesma coisa, dependendo de onde colocamos a ênfase:

→ Depois de uma perda, não é fácil reestruturar a vida.
→ Reestruturar a vida não é fácil.
→ Reestruturar a vida é difícil.
→ É difícil reestruturar a vida depois de uma perda.

Nas duas primeiras frases, o que se enfatizou foi o ato de reestruturar. Na terceira, destaca-se a dificuldade embutida nesse ato. Na última, a causa da necessidade de reestruturação — uma perda — é que ganhou maior importância na afirmação. Assim, simplesmente alterando a posição das palavras na frase, eliminando rebarbas (“algo”, “de se fazer”) ou trocando uma negativa (“não é fácil”) por uma afirmativa que lhe é oposta (“é difícil”), foi possível expressar diferentes sensações.

Mas o final da frase não é a única posição indicada para obter ênfase. Conseguem-se afirmações fortes também ao deslocar para o início a parte que se quer destacar. Como neste caso:

→ Você me diz isso justo agora, quando eu já terminei o trabalho?
→ Justo agora, quando eu já terminei o trabalho, é que você me diz isso?

A segunda versão soa mais exasperada que a primeira, pelo simples deslocamento da expressão “justo agora” para o começo da frase.

Essa mudança de sentido resulta do conceito já expresso anteriormente: inícios e fins valem mais que meios. Assim, essas recomendações se aplicam não só a frases isoladas, mas também às frases que compõem um parágrafo e aos parágrafos que constituem um texto.

Dê preferência a frases com verbos de ação

Há escritores que abusam do emprego de substantivos. Entre um verbo e um substantivo que remete a um verbo usado anteriormente (procedimento denominado nominalização), escolhem sempre a segunda alternativa, na crença de que isso confere mais autoridade ao texto. Puro engano. Não há dúvida de que os substantivos têm um peso importante nas frases, mas podem assumir o “tipo errado” de peso se não forem utilizados na hora e no lugar adequados. Vejamos isso na prática. Qual seria a melhor escolha nos seguintes casos?

Eu preciso *fazer uma revisão* desse texto.	Eu preciso *revisar* esse texto.
Melhor *tomar uma decisão*, de modo a resolver de uma vez essa embrulhada.	Melhor *decidir* de uma vez como resolver essa embrulhada.
Vai ser preciso *fazer uma redução* no número de pessoas envolvidas no projeto.	Vai ser preciso *reduzir* o número de pessoas envolvidas no projeto.

Observe como o uso das expressões nominais “fazer uma revisão”, “tomar uma decisão” e “fazer uma redução” conferiu um peso ruim à frase, que fica mais viva, mais enfática quando se usa o verbo de ação (“revisar”, “decidir”, “reduzir”).

O problema das nominalizações é exigir um número maior de palavras para dizer a mesma coisa que poderia ser dita com uma única, mais forte, carregada de significado.

Substitua pares de palavras redundantes por palavras isoladas

O uso de pares de palavras que têm o mesmo significado — e que, portanto, não agregam sentido ao que está sendo dito — é bastante comum em português, notadamente na linguagem falada. Na escrita, porém, essa repetição contribui para que o texto fique palavroso, sem que haja nenhum ganho em relação à clareza, como se pode observar neste comentário de um turista, postado num site de viagens:

> *Apenas e tão somente* o café da manhã deixa a desejar, não pelo próprio café ou serviço, mas em comparação com outros hotéis da mesma categoria.

Se ele tivesse escrito “Apenas o café da manhã…”, o efeito seria exatamente o mesmo e o texto teria ficado mais enxuto, mais apropriado para um post, que requer leitura rápida.

Veja outros exemplos, também retirados da internet:

> O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido é um documento *básico e fundamental* do protocolo e da pesquisa com ética.
> (Faculdade Santo Agostinho, Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.)

> A presença da mulher nas olimpíadas não foi um espaço fácil de ser conquistado. Desde a Grécia Antiga, eram *poucas e raras* as aparições das mulheres nas competições, ou nos ambientes da prática de atividades físicas, o que perdurou até o início do século XX.
> (Vicky Régia, *Capitolina*.)

Nos dois casos, foram usadas expressões formadas por palavras que carregam o mesmo significado. Usar o par (“básico e fundamental”, “poucas e raras”) não acrescentou mais informação ao texto.

Pares bastante comuns que podem ser evitados na escrita

- apenas e tão somente
- básico e fundamental
- calma e pacífica
- diversos e variados
- findo e acabado
- poucas e raras
- primeiro e antes de tudo
- toda e qualquer
- um e apenas um
- verdadeiro e acurado

No entanto, se bem usada, essa repetição pode ser um recurso para indicar ênfase. Como nestes exemplos:

> Coincidências, *apenas e tão somente* coincidências? Muito cômodo, não acha?

> Vamos com calma, pessoal! Em casos como este, *toda e qualquer* mudança precisa ser analisada com o máximo cuidado.

Vale lembrar que esse é um recurso bastante usado em linguagem jurídica, em muitos casos como reforço para circunscrever uma dada situação, de forma a não dar margem a outra aplicação a não ser a desejada.

> CLÁUSULA SÉTIMA: O LOCATÁRIO declara, que o imóvel ora locado, destina-se única e exclusivamente para o seu uso residencial e de sua família.
> (Lex Magister, Contrato de locação de imóvel.)

> CLÁUSULA QUINTA — DA OBRIGAÇÃO DA CONTRATADA: A contratada obriga-se a:
> a. Prestar os serviços contratados na forma e modo ajustados, dentro das normas e especificações técnicas aplicáveis à espécie, dando plena e total garantia dos mesmos;
> (Prefeitura Municipal do Rio Grande, contrato de prestação de serviços.)

> Sustentou, ainda, contrariedade ao artigo 6º do Decreto-Lei 4.657/1942 e 2.035 do Código Civil de 2002, já “que a convenção condominial anterior ao Código Civil de 2002 é ato jurídico perfeito, findo e acabado, protegido tanto em nível constitucional como infraconstitucional”.
> (Decisão do Tribunal de Justiça acerca de problemas com atrasos condominiais, DireitoNet.)

Com finalidade semelhante — a de restringir a aplicação apenas àquilo que está sendo afirmado —, também ocorre adequadamente em linguagem de caráter científico, como no caso abaixo, retirado de um livro de problemas matemáticos disponível na internet:

> No sistema de coordenadas, cada número corresponde a *um, e apenas um*, ponto; e cada ponto corresponde a *um, e apenas um*, número.

Prefira expressões simples ou palavras únicas

Muitas expressões usadas no dia a dia podem ser evitadas na escrita. De novo, a dificuldade em seguir essa recomendação esbarra no uso, que as torna familiares ao ouvido e difíceis de serem identificadas. Quando uma palavra ou uma frase não agrega significado, talvez seja melhor eliminá-la.

Em vez de	**escreva**
a despeito do fato de que	embora
a questão é se	se
ambas as duas	ambas
com a possível exceção de	exceto
com base no fato de que	baseado em
com o propósito de	para
com respeito a	sobre
devido ao fato de que	devido a
durante o tempo que	durante
é da opinião que	pensa que
é indicativo de	indica
em bases regulares	regularmente
em data próxima	logo
em sua maior parte	na maioria
em termos de	sobre
em vista do fato de que	em vista
fazer uma conexão com	conectar
levar em consideração	considerar

na região de	perto
nas imediações de	perto
nas redondezas de	perto
pelo fato de que	porque
tem a capacidade de	pode

Use o nível de linguagem adequado ao contexto

No dizer do gramático Evanildo Bechara, “o falante deve ser poliglota em sua própria língua”. Isso significa ser capaz de ajustar sua linguagem — falada ou escrita — ao contexto em que ela está sendo produzida.

Para cada situação comunicativa há um nível de linguagem adequado, que vai do mais informal ao mais formal. Por se tratar de um material que tem por objetivo informar o leitor a respeito da escrita, neste livro a linguagem utilizada tende para a formal, seguindo as regras da gramática normativa. Porém, no dia a dia, escrevemos textos bem mais informais, mais livres e nem por isso menos adequados.

Talvez o melhor exemplo de informalidade seja o nível de linguagem utilizado na internet, notadamente nas redes sociais. Fala-se, inclusive, em “internetês”, em “linguagem virtual”, em que os símbolos e as abreviaturas ganharam um espaço muito significativo. Isso tem a ver com a necessidade de uma troca de informação ágil e descontraída.

Nesse meio, as mensagens são mais curtas, muitas vezes ilustradas com emoticons e outros ícones, que simulam emoções e sentimentos que as pessoas querem comunicar sem necessidade de palavras. Existem até “dicionários de internetês” disponíveis na rede.

No caso dessas trocas entre amigos ou conhecidos, o inadequado seria o uso da linguagem formal. O que se impõe é a importância de saber distinguir entre os contextos em que essa linguagem pode e mesmo deve ser utilizada e aqueles em que ela se mostra totalmente imprópria.

Procedimentos a evitar

4

Do mesmo modo que não há regras infalíveis para o que se deve usar na produção de um texto, também não há nada que se possa proibir de maneira peremptória, pois cada situação tem suas próprias exigências e particularidades. O que vamos oferecer aqui são dicas que podem contribuir para ajudar você a criar textos mais assertivos, mais fortes, mais cativantes.

Não use negativas indiretas

Não ser igual a alguma coisa é *ser diferente* dela. *Não ser simpático* significa, de fato, *ser antipático*. Afirmar que algo *não é fácil* é escamotear a verdade, pois se trata de algo *difícil*.

Para obter uma escrita enfática, vigorosa, um bom caminho é só utilizar a palavra “não” quando se quer de fato negar alguma coisa (“não gosto disso”, “não vou fazer aquilo”) ou criar uma antítese (“gosto disso, não daquilo”, “faço isto, mas não aquilo”). Observe este trecho:

> É difícil dizer se se deve citar com profusão ou com parcimônia. Depende do tipo de tese. Uma análise crítica de um escritor requer, obviamente, que se transcrevam e analisem longos trechos de sua obra. Outras vezes, a citação pode ser uma manifestação de preguiça: o candidato não quer ou não é capaz de resumir uma determinada série de dados e deixa a tarefa aos cuidados de outrem.
>
> (Umberto Eco, *Como se faz uma tese*, p. 123.)

Note a carga de assertividade que o autor obteve ao dizer exatamente o que queria, sem matizar nada. Ele não escreveu “Não é fácil dizer se…”, ele foi direto ao ponto: é difícil. Também não teve medo dos “nãos” (“não quer” ou “não é capaz”). E o que ele está afirmando ganha força, vigor, verdade.

Porém, mais uma vez é preciso lembrar que tudo depende da intenção de quem está escrevendo. Na escrita, nada é proibido. Se você quer matizar uma crítica, fazer uma observação negativa de maneira mais branda, mais indireta, use o “não” como modalizador: “não compreensível”, em vez de “incompreensível”; “não aceitável”, em vez de “inaceitável” etc. Às vezes, essa é a melhor saída.

Evite “terceirizações” anônimas

Não atribua suas afirmações a fontes anônimas. Dê sua opinião de maneira direta e eficiente. Evite usar expressões como “foi observado”, “conclui-se”, “diz-se que”, “pensa-se que”. Há sempre alguém que, em algum momento ou lugar, “observou”, “concluiu”, “disse” ou “pensou” o que está sendo afirmado. Se esse alguém é você, assuma a afirmação e faça-a diretamente, em vez de torná-la anônima.

→ Concluiu-se que tudo não passava de uma grande farsa.

versus

→ Tudo não passava de uma grande farsa.

Se não é você, revele o autor, dando-lhe o devido crédito.

Segundo a polícia, tudo não passava de uma grande farsa.

Outro exemplo:

Para o jornalista Sérgio Cabral, especialista na história do samba carioca, “para entender de samba é preciso conhecer certos autores, e Noel Rosa certamente é um deles”. Para Cabral, Noel possuía “a linguagem do samba e seu sotaque. Fez muito samba choro, mas também samba de carnaval”, citando como exemplo “Palpite infeliz”, no qual defende o samba feito na sua Vila Isabel.
(Murilo Roncolato, Ariel Tonglet e Guilherme Prado, *Nexo*.)

Não abuse dos comentários pessoais

O que você pensa importa muito para você e é ótimo que você tenha opiniões próprias e saiba como expressá-las. Mas não se pode esquecer que os outros também têm. Ninguém gosta de ter o pensamento dirigido a cada passo. Comentários pessoais são bem-vindos, desde que bem dosados. É mais interessante dizer o que se pensa sem precisar colocar o "eu" em foco.

Em vez de dizer	**diga**
Eu duvido que um aumento de dez pontos seja uma indicação segura de que a situação mudou.	Um aumento de dez pontos pode não ser uma indicação segura de que a situação mudou.
Eu acho que você seria mais produtivo se não faltasse tanto.	Você seria mais produtivo se não faltasse tanto.

Descarte categorias redundantes

Parece simples, mas é de fato um desafio, pois a familiaridade, ou seja, o fato de as ouvirmos com frequência, faz com que certas expressões redundantes passem despercebidas como tais. A combinação de palavras é tão recorrente que não nos damos conta de se tratar de redundância, como em “resultado final” (resultado só ocorre no fim do processo), “nova iniciativa” (se não for nova não é iniciativa), “repetir duas vezes”…

Exemplos de expressões com modificadores que não acrescentam nada

- cada um individualmente
- completamente acabado
- crença pessoal
- crise repentina
- descer para baixo
- elo de ligação
- história passada
- memórias passadas
- minha opinião pessoal
- mínimos detalhes
- plano futuro
- encarar de frente
- há exatos x anos
- importante e essencial
- inútil e desnecessário
- fato verdadeiro
- fundamentos básicos
- prioridade fundamental
- repetir duas vezes
- resultado final
- subir para cima
- tragédia terrível

Quando uma categoria já está implícita em uma palavra, não há por que utilizar ambas.

Exemplos de redundâncias

- de caráter honesto
- de forma redonda
- de natureza incomum
- de qualidade barata
- de um tipo estranho
- em um estado confuso
- estranho na aparência
- na área de matemática
- num tempo anterior
- período de tempo

Fuja de termos esnobes ou empolados

É falso o entendimento de que para escrever bem é preciso utilizar palavras “difíceis”. É a velha história de turvar as águas do lago para que ele pareça mais fundo. A simplicidade e a clareza são valores a perseguir na escrita, e esses valores são opostos à pompa e circunstância.

Textos oficiais, geralmente, padecem desse mal. O assunto até foi objeto de uma crônica, da qual apresentamos estes excertos:

> É mais do que tempo de tornar inteligível e fluida a redação na administração pública. De falar português claro. Sim, porque causa espanto e náusea o blá-blá-blá rococó e gongórico que escorre, espesso e obscuro, pelas mal traçadas linhas da maioria dos processos escritos nestes brasis.
>
> […]
>
> Coisas como destarte, inobstante, máxime, outrossim, e assim por diante. Outrossim! Você já ouviu alguém pronunciar essa palavra? Uma vezinha só na vida? Pois bem, meu amigo, e no entanto as cartas e os ofícios estão cheios dela, dela que não altera ou acrescenta coisíssima alguma.
>
> […]
>
> A redação oficial não deve cultivar pretensões literárias. Estas são terreno dos literatos, que diabo. Há sujeitos, porém, que se dão ao desplante de escrever com o dicionário do lado só para escolher as palavras mais difíceis. Conheço um que adora trocar o tão comum verbo ligar pela raridade que é o verbo jungir, só para provocar efeito na quadrada cabeça do seu chefe.
>
> (Mário Cotrim, *Correio Braziliense*.)

Essa recomendação não vale só para textos da administração pública. Ter isso em mente ao escrever é conselho de amigo. Menos é mais…

Vale aqui uma observação sobre o uso do jargão: “Código linguístico próprio de um grupo sociocultural ou profissional com vocabulário especial, difícil de compreender ou incompreensível para os não iniciados”, conforme definição do *Dicionário Houaiss da língua portuguesa.*

Muitos profissionais, como advogados, médicos, filósofos, linguistas, entre outros, valem-se com frequência do emprego do jargão da sua área de conhecimento, o que não é um problema quando o texto é dirigido a seus pares, mas que não é aconselhável quando o público-alvo é leigo. Citando Steven Pinker,

> o problema é que, à medida que dominamos nosso hobby ou trabalho, passamos a usar essas palavras-chave com tanta frequência que elas escapam de nossos dedos automaticamente, e esquecemos que os leitores podem não ser membros do clube em que as aprendemos.
>
> (*Guia de escrita*, p. 86.)

Considere eliminar advérbios e adjetivos

Usar palavras ou expressões como “talvez”, “às vezes”, “sempre”, “frequentemente”, “geralmente”, “muito”, que tornam as asserções mais ou menos enfáticas, pode ajudar a delimitar o significado que se quer dar a uma afirmação. Por exemplo:

→ Comprometimento leva ao sucesso.
→ Comprometimento *sempre* leva ao sucesso.
→ Comprometimento *frequentemente* leva ao sucesso.

No entanto, também pode enfraquecê-la quando seu emprego é feito sem critério. Se você utiliza o advérbio “geralmente” em quase tudo o que afirma, suas afirmações perdem a força e sua argumentação fica debilitada. Trata-se de uma estratégia — de persuasão ou de autodefesa antecipada, para não se comprometer — que deve ser utilizada com cuidado.

Para saber se é ou não o caso de omitir um qualificador ou intensificador, tente escrever a frase sem ele e verifique se alguma coisa importante se perdeu.

Mesmo nas situações em que o uso dessas palavras é importante, cuide para não usá-las em demasia. Compare:

> Nunca em toda a minha vida fui tanto e tão fortemente ofendido por pessoas com tal grau de grosseria e tão mal-educadas como na abjeta situação que tive lamentavelmente de enfrentar na noite que passou.

Com:

> Nunca tinha sido tão ofendido por pessoas tão mal-educadas e grosseiras como na situação que tive de enfrentar ontem à noite.

Mais simples, mais limpo e igualmente forte.

Elimine repetições desnecessárias

Quando usada de maneira intencional para criar ênfase, a repetição de palavras ou de estruturas de frase pode ser um poderoso recurso de estilo:

> O crescimento tem sido demasiado baixo por demasiado tempo e em favor de demasiados poucos.
> (Christine Lagarde, citada por Clóvis Rossi, *Folha de S.Paulo*.)

No entanto, veja o que ocorre quando a repetição é gratuita, feita sem critério:

> A república surge, se associada à democracia, para limitar a liberdade dos cidadãos em favor do conjunto da sociedade, de modo a minimizar injustiças. A definitiva *superação* dessa dualidade, em contrapartida, não está totalmente *superada*.
> (Texto de aluno)

Além de o texto ficar feio, a escrita perde efetividade. Reescrito, esse trecho poderia ficar assim:

> Associada à democracia, a república surge para limitar a liberdade dos cidadãos em favor do conjunto da sociedade, de modo a minimizar injustiças. Essa dualidade, em contrapartida, não está totalmente superada.

Às vezes, é preciso repetir uma ideia ou pensamento para transmitir um significado e aumentar a coerência entre duas frases, mas, de novo, verifique se é mesmo o caso de utilizar esse recurso. A repetição de uma mesma palavra dentro de uma frase ou numa sequência de frases rouba energia do seu estilo e faz a sua escrita soar rasa, descolorida.

Compare as duas frases:

> Ainda que eu tenha escrito a *resenha* sem *ajuda*, na hora de entregar para publicação pedi a meu professor que me *ajudasse* a fazer a revisão da *resenha*.

> Ainda que eu tenha escrito a resenha sem ajuda, na hora de entregá-*la* para publicação, pedi a meu professor que *a* revisasse.

Bem melhor, não é? Nesse caso, o simples uso de pronomes resolveu a questão. Como neste outro exemplo:

> Várias pessoas aplaudiram o prefeito: *algumas* tinham motivo; *outras*, não.

“Algumas” e “outras” são pronomes indefinidos. Eles retomam o substantivo “pessoas”, que não precisa ser mencionado novamente.

Outro recurso simples, mas eficiente, para evitar repetições é o uso de sinônimos ou palavras com sentido bem próximo. Para deixar isso mais claro, vamos ver o que se pode fazer com o texto abaixo, a respeito da prática de ioga:

> “Duas vezes por *semana* produz um *resultado* bom, em médio prazo. Mas quando praticada três ou quatro vezes na *semana*, os *resultados* são surpreendentes, pois você fortalece e energiza seu corpo muito mais rapidamente, o que o deixará estimulado a continuar a *prática*. Regularidade é fundamental para obter *resultados*. Portanto, não falte às *práticas*”, alerta o instrutor [de ioga].
> (Bruna Yuri Ouchi, *Ponto de Encontro*, p. 29.)

Veja agora o texto reescrito:

> Duas vezes por semana produz um resultado bom, em médio prazo. Mas quando praticada três ou quatro vezes, o *efeito* é surpreendente, pois você fortalece e energiza seu corpo muito mais rapidamente, o que o deixará estimulado a continuar a prática. Regularidade é fundamental para obter resultados. Portanto, não falte às *sessões*.

No texto original, as palavras “semana” e “prática(s)” apareciam duas vezes, e “resultado(s)”, três vezes. Na reescrita, foi possível eliminar uma ocorrência de “semana”, já que o termo poderia ser subentendido pelo contexto; a palavra “resultado” foi substituída pelo sinônimo “efeito”, permanecendo então duas vezes, uma no começo, outra no final da frase, uma vez no singular, outra no plural; e “práticas” foi substituída por “sessões”, que, nesse caso, funciona como sinônimo adequado.

Observe mais um exemplo retirado de um site de notícias:

> A *polícia* acredita que a motivação para o *crime* foi um acerto de contas. Após o *crime* os quatro suspeitos do *crime* fugiram em duas motos. A *polícia* ainda não tem pistas dos acusados pelo *crime*.

A palavra “crime” foi usada quatro vezes, e “polícia”, duas. Isso num curto parágrafo, formado por três frases. Para evitar essa repetição, uma possibilidade de reescrita seria:

> A polícia acredita que a motivação para o crime tenha sido um acerto de contas. Após o ataque, quatro pessoas fugiram do local em duas motos, mas ainda não há pistas sobre os suspeitos.

Foi preciso acertar o tempo verbal, encontrar um sinônimo para a palavra “crime” e transformar três frases em duas, porém a escrita ganhou em objetividade e estilo.

É possível ainda recorrer a outros arranjos. Veja:

> Gostava de pintar *bromélias*, *cravos* e *lírios*. As *flores* pareciam saltar da tela.

A palavra “flores” engloba todos os tipos de flor citados na frase anterior.

> Os *felinos* têm uma sensualidade agressiva. É o que eu percebia em todos os *gatos* da nossa casa.

O substantivo “gatos” está incluído entre os felinos.

Assim, pode-se empregar um sinônimo mais abrangente — como é o caso de “flores” no lugar de “bromélias, cravos e lírios” — ou um sinônimo mais particular ou específico — como “gatos” no lugar de “felinos”, que é mais amplo.

Outras possibilidades:

> O que se entende por “herança construtiva” nessa mostra é a forma como Calder absorveu ensinamentos de um de seus mestres, o pintor *Piet Mondrian* (1872-1944). Calder era um engenheiro interessado no uso de materiais industriais, mas ficou encantado quando visitou o ateliê do *artista holandês*.
>
> (Flávio Moura, *Folha de S.Paulo*.)

> FHC e Lula tinham legitimidade por resultarem de um lento enraizamento durante a luta contra a ditadura. Surgidos para a política representativa entre os anos 1970 e 1980, o *professor renomado* e o *sindicalista carismático* haviam contribuído para a construção de instituições desde a sociedade.
>
> (André Singer, *Folha de S.Paulo*.)

No primeiro caso, para não repetir o nome do pintor, o autor utilizou uma expressão que indica a nacionalidade do artista a que se referiu. No segundo, em vez de repetir o nome dos dois ex-presidentes da República, o autor usou como recurso referir-se a atributos pelos quais eles se notabilizaram.

Esses exemplos lidam com situações muito diferentes das que ocorrem num famoso discurso de Nelson Mandela, do qual reproduzimos um fragmento:

> *Chegou o momento de* sarar as feridas.
> *Chegou o momento de* transpor os abismos que nos dividem.
> *Chegou o momento de* construir.
> […]
> *Que haja* justiça para todos.
> *Que haja* paz para todos.
> *Que haja* trabalho, pão, água e sal para todos.
>
> Que cada um de nós saiba que o seu corpo, a sua mente e a sua alma foram libertados para se realizarem.
>
> *Nunca, nunca* e *nunca* mais voltará esta maravilhosa terra a experimentar a opressão de uns sobre os outros, nem a sofrer a humilhação de ser a escória do mundo.
>
> (Nelson Mandela, discurso proferido em Pretória, em 10 de maio de 1994.)

Outro exemplo interessante é dado por Fernando Sabino, em carta escrita para Clarice Lispector.

> Clarice,
>
> […]
>
> *Tenho tido* muito pouco dinheiro. *Tenho tido* muitas oportunidades de ficar calado. *Tenho*

> *tido* muita decepção com os Correios. *Tenho tido* cansaço, saudade e calma. *Tenho bebido* muito, muito, muito. *Tenho lido* os suplementos dominicais. *Tenho tido* vontade de voltar. *Tenho escrito* muitas cartas para você. *Tenho dormido* muito pouco. *Tenho xingado* muito o Getúlio. *Tenho tido* muito medo de morrer. *Tenho faltado* a muita missa aos domingos. *Tenho tido* muita pena de Helena ter se casado comigo. *Tenho tido* dor de dente. *Tenho* certeza que não volto mais.
>
> […]
>
> Fernando
>
> (Clarice Lispector, *Correspondências*, pp. 82-5.)

A repetição torna o texto mais expressivo e bonito, não é? Mas não é comum encontrar escritas com essa competência toda. Assim, como regra, a menos que se dê por questões estilísticas, feita deliberadamente e de maneira seletiva, evite a repetição de palavras ou expressões na mesma frase ou em frases subsequentes.

Não se renda à mesmice das palavras da moda

A crônica que reproduzimos a seguir trata desse princípio com muita propriedade e dispensa outras explicações. Ela foi publicada num blog, em Portugal, mas cabe muito bem para o que ocorre em nosso país. Leia:

> De tempos em tempos, o modismo lexical faz-nos deparar, em qualquer esquina de comunicação escrita ou oral, com uma palavra antes ignorada ou esquecida. Não falo de neologismos que, aportuguesados ou inglesados, nos surgem amiúde, nem do modo sincopado do "siglês" que também fez e faz o seu percurso. Falo, antes, de palavras quase subitamente acordadas de longa letargia ou de esparso e comedido uso.
>
> Assim foi, há anos, com o adjectivo *incontornável*, que tão incontornável aparecia que quase não se podia contornar. Com o tempo foi minguando e hoje, pelos vistos, já nada é incontornável.
>
> Já no âmbito do "economês", o vocábulo *descontado* foi reabilitado, não em termos do valor pago a menos em saldos, mas para se usar, com ar tecnocrático, como uma poderosa arma de previsão económica *a posteriori* para um efeito ou acção já concretizados.
>
> Outro exemplo mais recente é o uso do verbo *demandar* (fora do contexto jurídico) como sinónimo de procurar, reclamar ou requerer. Um galicismo que se tornou algo elitista, pois cativa mais a erudição dizer que "este problema demanda atenção" do que dizer que "requer atenção".
>
> Fiz esta breve introdução para eleger uma das mais recentes palavras da moda linguística: *narrativa*, seja por que motivo for. Antes usada com parcimónia no domínio técnico dos géneros literários, eis que foi exponenciada após a pletora de "narrativas" que José Sócrates usou para narrar a jorros numa entrevista televisiva.
>
> Vai daí, a narrativa (oral) anda por todo o lado. Transformou-se numa espécie de genérico, que se usa por dá cá aquela palha. Ela é exposição, raciocínio, relato, narração, enredo, conto, novela, prosa, récita, história, "estória", conversa, sonho, paleio, imaginação, aconselhamento, intriga. De toda a narrativa que vamos ouvindo, há um género que, nestes tempos conturbados e de expansão de redes sociais, vai fazendo escola e, por regra, traz água no bico: a narrada ou inventada pelo narrador.
>
> A narrativa está, como substantivo, para *implementar*, como verbo. Dão para quase tudo e, assim sendo, também dão para nada significar.
>
> E por aqui me fico na brevíssima narrativa sobre a narrativa.
>
> (António Bagão Félix, blog Tudo Menos Economia.)

Esclarecedor, não é? Para não ficar só em Portugal, aqui vão alguns exemplos brasileiros que circularam em jornais e na internet, em 2016:

→ A palavra da moda é narrativa. No fundo, nada mais do que a versão que tenta se sobrepor aos fatos.
→ A gente não gosta dessa narrativa de que tudo que aconteceu conosco tenha sido do nada.
→ Crises são ocasiões propícias para fixar sentidos e determinar narrativas.

→ Anos 70 com narrativa de liberdade para a moda da temporada de verão 2016.

→ Narrativas são feitas de imaterialidades, de palavras cujos sentidos vão se cristalizando com seus usos e conveniências.

Acreditamos que tenha ficado claro que estamos tratando aqui da questão das “palavras da moda”, não especificamente de “narrativa”. Até porque, por ser da moda, logo esse termo perderá o protagonismo, sendo substituído por outros. O que ocorre, nesses casos, é que, de tanto ser usada e nos contextos mais variados, a palavra acaba perdendo em especificidade e tirando vigor do texto.

Isso nos leva a outro ponto fundamental da boa escrita: a escolha da palavra certa. A língua portuguesa dispõe de um vocabulário muito rico. Para dar uma ideia de quantidade, o *Dicionário Houaiss* tem mais de 200 mil verbetes. Impossível não encontrar o termo adequado para cada situação que se quer expressar, sem necessidade de utilizar essas palavras-ônibus, que significam tudo e coisa nenhuma. É preciso consultar dicionários, procurar pela acepção que melhor se encaixa no contexto, ir em busca do sinônimo mais próximo, e ler, ler bastante, pois nada como a leitura para ampliar nossas possibilidades de expressão pela palavra.

Evite estrangeirismos desnecessários

Estrangeirismo, segundo o *Aurélio*, é o emprego de palavra, frase ou construção sintática estrangeira. Uma rápida passada num shopping revela o quanto o uso de palavras vindas do inglês está disseminado entre nós. As lojas não fazem mais liquidações, e sim “sales”. Nem dão descontos, só anunciam “X% off”. Cafeterias viraram “coffee shops”. Bicicletas agora são apenas “bikes”. As faixas exclusivas para ônibus são marcadas com a palavra “bus”. Os ingressos de eventos são quase sempre chamados de “tickets”… A lista é longa.

Seja fiel à língua na qual você está escrevendo. Se existe uma palavra ou expressão correspondente em português, não há por que utilizar um termo estrangeiro. Não se trata de demonizar o que vem de fora, mas de aproveitar a riqueza da própria língua. Claro que, se for necessário, não há nenhum problema em utilizar palavras estrangeiras quando são de uso corrente e compreendidas por um grande número de pessoas. Seria muito artificial, por exemplo, usar “correio eletrônico” em vez de “e-mail”, “em linha” em vez de “on-line”, “apagar” em vez de “deletar”, “autorretrato” em vez de “selfie”, “rede mundial de computadores” em vez de “internet”.

Fora esses casos mais corriqueiros, não parta do princípio de que o leitor conhece certos termos em inglês, francês ou latim — para ficarmos apenas nos idiomas de uso mais comum. Se usá-los, explique seu significado.

Veja o significado de alguns estrangeirismos

do inglês

- *coworking*: ambiente de trabalho compartilhado.
- *flyer*: folheto de propaganda.
- *folder*: folheto com dobras; na internet, pasta de armazenamento de arquivos.
- *frame*: moldura; na internet, partes de uma página onde ficam barras de rolagem.
- *help desk*: serviço de auxílio técnico em tecnologia.
- *high tech*: alta tecnologia.
- *hiperlink*: ligação entre páginas da internet.
- *hand made:* feito à mão.
- *home made*: feito em casa.
- *home office*: trabalho em casa.
- *homepage*: página de entrada de um site.
- *home theater*: cinema em casa.
- *host*: anfitrião; na internet, computador que hospeda o conteúdo de um site.
- *junk food*: comida de baixa qualidade nutritiva.
- *ranking*: classificação.
- *reload* (*refresh*): carregar novamente uma página de internet.
- *staff*: equipe, grupo de trabalhadores.
- *standard*: padrão.
- *teamwork* (*groupwork*): trabalho em equipe.
- *trash*: lixo, porcaria, sem valor.
- *upload*: enviar arquivos para um servidor ou outro computador.

do francês

- *affaire*: caso.
- *bureau*: birô, estúdio.
- *couvert* (*artístico*): quantia cobrada a mais em restaurantes ou casas de eventos para pagamento de uma apresentação artística.
- *démodé*: fora de moda, antiquado.
- *en passant*: de modo superficial.
- *frisson*: sensação de prazer.
- *petit comité*: grupo pequeno.
- *habitué*: freguês, cliente habitual.
- *studio*: apartamento bem pequeno.

do latim

- *a priori*: antes de.
- *a posteriori*: depois de.
- *ad aeternum*: para sempre, eternamente.
- *ad hoc*: designado para isso.
- *ad infinitum*: sem fim, sem limites.
- *ad nauseam*: até a exaustão.
- *pari passu*: ao mesmo tempo, simultaneamente.
- *data venia*: usado para discordar respeitosamente.
- *grosso modo*: de modo geral.
- *in dubio*: em caso de dúvida.
- *ipsis litteris*: literalmente.
- *hic et nunc*: aqui e agora.
- *honoris causa*: a título honorífico, dado em homenagem.
- *modus operandi*: modo como se faz alguma coisa.

Como garantir a coesão e a coerência do texto

5

A coesão é a ligação entre as palavras, expressões ou frases. Ela manifesta-se por elementos gramaticais que servem para estabelecer vínculos entre os componentes do texto. A coerência refere-se às relações de sentido, à organização. A distinção entre coesão e coerência, contudo, não é tão nítida quanto às vezes se pensa e sugere. Na verdade, coesão e coerência são duas faces do mesmo fenômeno.

Como bem afirma a linguista Lucília Garcez, “um texto não é uma simples justaposição de frases corretas, uma após outra. Exige um entrelaçamento rigoroso das ideias que estão sendo expostas para que o leitor não se perca e consiga interpretá-lo corretamente”.

As ideias — central e secundárias — precisam ser sequenciadas de maneira adequada, ou seja, organizadas de modo que o leitor compreenda o papel de cada uma no contexto mais geral.

Conecte seus pensamentos, relacionando sentenças e parágrafos

Em textos bem escritos, um pensamento está conectado ao outro. As palavras e frases estão dispostas lógica e coerentemente. Isso leva o leitor a se mover com facilidade de um ponto a outro do texto e entender como as ideias secundárias se relacionam com a ideia central.

A coerência se dá a partir de uma relação lógica entre as ideias, em um pensamento progressivamente construído. O processo de leitura é, por natureza, linear e sequencial: cada sentença funciona no contexto daquela que a precede. Assim, a coerência de um texto depende de como são feitas as conexões, não somente dentro das próprias sentenças, mas também entre estas e entre os parágrafos. Observe este exemplo:

> A cada vez que nós, brasileiros, gastamos na urna alguns minutos para o “dever cívico”, um ateniense teria ido à ágora oitenta vezes, nela passando um total de centenas de horas.
>
> *Essa disposição* a discutir a coisa pública hoje é rara. Encontra-se em estudantes, em sindicalistas, em militantes, e mais nos jovens que nos mais velhos.
>
> (Renato Janine Ribeiro, *A democracia*, p. 28.)

A expressão “essa disposição” resume o que foi dito no final da frase anterior, contribuindo para dar encadeamento às ideias que estão sendo discutidas no texto.

Deixe claro para o leitor aonde você quer chegar

Procure informar o leitor do que vem a seguir. Por exemplo, se pretende abordar três aspectos de um assunto, enumere-os já na introdução. Não surpreenda o leitor com um segundo ou terceiro aspecto sem ter anunciado o primeiro. Veja isso na prática:

> Em vários países, só recentemente os estudos históricos sobre a velhice começaram a surgir. No Brasil, tais estudos ainda são escassos, em particular para os períodos mais remotos de nossa história: o colonial e o imperial. As pesquisas que já foram realizadas privilegiaram a institucionalização da velhice, através da formação dos asilos e de outras ações filantrópicas.
>
> A proposta deste trabalho é tentar desvendar os deslocamentos da importância que a história atribuiu ao conceito de envelhecimento na sociedade brasileira. Por isso, se preocupará, nesta parte, em analisar as formas de viver dos idosos em nosso período colonial e, posteriormente, nos primeiros tempos do Império.
>
> (Alexandre Hecker, *Uma história da longevidade no Brasil*, p. 16.)

Garanta a coesão, empregando palavras e frases relacionais

Use palavras e frases para estabelecer relações entre as sentenças e entre os parágrafos. Para tanto, podem ser empregados pronomes demonstrativos (este, esse, aquele), conjunções (coordenativas: “e”, “mas”, “portanto”; subordinativas: “se”, “quando”, “uma vez que”, “embora”) e expressões, como as relacionadas a seguir:

Adição

- ademais
- além disso
- e
- em outras palavras
- em primeiro lugar… em segundo lugar
- por um lado… por outro lado
- não só… mas também
- nem
- outra razão

Tempo

- antes que
- assim que
- até que
- depois que
- desde que
- enquanto
- quando

Comparação e analogia

- como
- como se
- da mesma maneira
- de outra forma
- diferentemente
- igualmente
- mais (do) que
- menos (do) que
- tanto quanto
- quanto mais… menos

Proporcionalidade

- à medida que
- à proporção que
- quanto mais… mais

Causa e efeito

- consequentemente
- de forma que
- de maneira que
- de sorte que
- devido a
- em razão de
- em virtude de
- graças a
- já que

- na medida em que
- por
- por causa de
- porque
- tanto… que
- tão… que
- uma vez que

Conformidade

- como (= conforme)
- conforme
- de acordo com
- segundo

Finalidade

- a fim de
- a fim de que
- para
- para que

Hipótese e condição

- caso
- contanto que
- desde que
- em caso de
- se
- senão

Concessão

- a despeito de
- ainda que
- apesar de
- embora
- malgrado
- mesmo que
- por mais que

Conclusão

- em resumo
- em suma
- então
- finalmente
- para concluir
- portanto

Ilustração ou exemplo

- com efeito
- em outras palavras
- especificamente

- para ilustrar
- particularmente
- por exemplo

Construa frases com estruturas simétricas

A simetria na construção das frases é o que chamamos de paralelismo. Não se pode dizer que a falta de paralelismo seja um erro, mas não há dúvida de que seu emprego pode contribuir para a coerência e o ritmo do texto.

Se você escreve “não só”, deve dar continuidade à frase com “mas também” ou “como também”. Vejamos alguns casos:

Não fui ao cinema por estar chovendo e porque precisava estudar.

Nessa frase, não existe paralelismo. As causas foram introduzidas pela preposição “por” e pela conjunção “porque”. A frase ficaria melhor se utilizássemos a mesma construção para indicar as duas causas:

→ Não fui ao cinema por estar chovendo e por precisar estudar.
→ Não fui ao cinema porque estava chovendo e porque precisava estudar.

Ou ainda:

→ Não fui ao cinema não só porque estava chovendo, mas também porque precisava estudar.
→ Não fui ao cinema não só por estar chovendo, mas também por precisar estudar.

Veja como fica ruim uma enumeração em que o paralelismo não é levado em conta:

Como identificar uma criança superdotada:
— Aprende mais rápido que seus colegas da mesma idade.
— Faz muitas perguntas, demonstrando grande curiosidade.
— Tem um vocabulário avançado para sua idade.
— Têm um senso de humor altamente desenvolvido.
— São persistentes em satisfazer seus interesses.
— São críticos de si mesmos e dos outros.
— Apresentam bom desempenho em testes de inteligência.
(*O Estado de S. Paulo*, 29 set. 2010.)

Os três primeiros itens estão na terceira pessoa do singular e os quatro últimos, na terceira pessoa do plural. Ficaria bem melhor assim:

Como identificar uma criança superdotada:
— Aprende mais rápido que seus colegas da mesma idade.
— Faz muitas perguntas, demonstrando grande curiosidade.

— Tem um vocabulário avançado para sua idade.
— Tem um senso de humor altamente desenvolvido.
— É persistente em satisfazer seus interesses.
— É crítica de si mesma e dos outros.
— Apresenta bom desempenho em testes de inteligência.

Ou ainda:

Como identificar crianças superdotadas:
— Aprendem mais rápido que seus colegas da mesma idade.
— Fazem muitas perguntas, demonstrando grande curiosidade.
— Têm um vocabulário avançado para sua idade.
— Têm um senso de humor altamente desenvolvido.
— São persistentes em satisfazer seus interesses.
— São críticas de si mesmas e dos outros.
— Apresentam bom desempenho em testes de inteligência.

Conecte o final de uma sentença com o começo da próxima

A coerência entre as sentenças pode ser obtida com um princípio bem simples: comece com informação familiar ao leitor e termine com informação desconhecida. Esse recurso pode contribuir para que seu texto fique mais fluente, coerente e compreensível para quem lê. Observe este trecho de uma notícia:

> O coordenador da Pneumologia Sanitária da Secretaria de Estado da Saúde de Minas Gerais explica que as pessoas devem adotar hábitos para prevenir esses agravos, comuns durante o tempo seco. “O mais importante é a hidratação. É necessário tomar 2 litros ou mais de água. A alimentação precisa ser leve, baseada em frutas, legumes e verduras. É recomendável usar umidificadores de ar, ou mesmo uma toalha molhada em ambientes fechados. Outra recomendação é manter a vacinação em dia, muitos problemas podem ser evitados com vacinas”, explicou.
>
> […]
>
> O crescimento da poluição é uma das principais causas do afloramento das doenças respiratórias nesta época do ano. Isso devido ao baixo nível da umidade do ar e muitas partículas de poeira em suspensão, diminuindo a qualidade do ar que se respira.
>
> Como consequência, ocorre o aumento dos casos de asma, pneumonia, sinusite, rinite, resfriados, gripes e outras doenças do aparelho respiratório. […] “Com o aumento da incidência de viroses respiratórias, crescem as infecções virais e, consequentemente, o atendimento às pessoas que apresentam patologias respiratórias”, completa o pneumologista.
>
> (Aislan Henrique, site de notícias Patos Agora.)

Note que, já no primeiro parágrafo, fala-se em “esses agravos” sem que nenhum agravo tenha sido mencionado anteriormente. Toda a informação nova é dada antes que se comente o já conhecido. Veja agora o mesmo trecho com as frases reorganizadas de acordo com o princípio “primeiro o conhecido, depois o novo”:

> O crescimento da poluição é uma das principais causas do afloramento das doenças respiratórias nesta época do ano. Isso devido ao baixo nível da umidade do ar e muitas partículas de poeira em suspensão, diminuindo a qualidade do ar que se respira.
>
> Como consequência, ocorre o aumento dos casos de asma, pneumonia, sinusite, rinite, resfriados, gripes e outras doenças do aparelho respiratório.
>
> O coordenador da Pneumologia Sanitária da Secretaria de Estado da Saúde de Minas Gerais explica que as pessoas devem adotar hábitos para prevenir esses agravos, comuns durante o tempo seco. “O mais importante é a hidratação. É necessário tomar 2 litros ou mais de água. A alimentação precisa ser leve, baseada em frutas, legumes e verduras. É recomendável usar umidificadores de ar, ou mesmo uma toalha molhada em ambientes fechados.”

Ajude o leitor a estar ciente do verbo correspondente a cada sujeito

Nas sentenças em que o verbo está muito distante do sujeito, o leitor pode ficar desorientado e ter dificuldade para compreender.

O parágrafo que segue, em que o autor discorre a respeito das liberdades individuais, é um bom exemplo para analisar esse aspecto:

> A *rápida configuração* de novas realidades econômicas, sociais e culturais causada pelos fluxos de capitais internacionais, pelas migrações, pela formação de blocos regionais de Estados e pelos novos vínculos entre indivíduos por intermédio da tecnologia da informação — a tão conhecida globalização — *dificulta* o estabelecimento de fronteiras entre as liberdades de cada ator do processo.
>
> (Texto de aluno)

Observe como o verbo “dificultar”, que se relaciona ao sujeito “rápida configuração”, está deslocado. São muitos os fatores citados até que se chegue à ação que se quer indicar — a de que algo funciona como dificultador de um processo —, obrigando o leitor a uma segunda leitura, antes de ir em frente.

Em casos assim, procure reescrever o texto de forma que essa distância entre o sujeito e o verbo seja diminuída. Muitas vezes, a melhor maneira de evitar esse problema é dividir o parágrafo em várias sentenças. O ponto-final é bem-vindo.

Uma possibilidade de reescrita seria:

> Fluxos de capitais internacionais, migrações e a formação de blocos regionais de Estados têm modificado rapidamente a configuração de novas realidades econômicas, sociais e culturais. Somam-se a isso novos vínculos entre indivíduos por intermédio da tecnologia da informação — a tão conhecida globalização. Esse conjunto de fatores dificulta o estabelecimento de fronteiras entre as liberdades de cada ator do processo.

Onde havia uma única e longa frase agora há três, mais curtas. Ao sujeito de cada uma correspondeu um verbo (“têm modificado”, “somam-se”, “dificulta”). Ficou mais fácil entender a tese defendida pelo autor: é difícil estabelecer até onde vão liberdades individuais, pois há diversos fatores interferindo nesse processo.

Fique atento à correlação dos tempos verbais

A coerência é decorrente da conectividade, da continuidade, da consistência. Faz parte da coerência criar expectativa no leitor e corresponder a ela através do modo como o texto é construído.

Uma das formas de obter isso é correlacionar adequadamente as formas verbais nas frases, de maneira a manter a clareza na expressão das ideias. De modo geral, essa correlação não apresenta problemas, mas há casos em que, se não for feita corretamente, pode comprometer a lógica do texto.

Compare as frases:

→ Você *quer* que eu *vou* em seu lugar?
→ Você *quer* que eu *vá* em seu lugar?

A forma verbal “vou”, usada na primeira frase, apresenta a ação de *ir* como um fato, quando, na verdade, trata-se de uma hipótese. O mais adequado seria a forma empregada na segunda, “vá”, que indica uma possibilidade, não uma certeza.

Na língua portuguesa, há formas verbais específicas para indicar certeza, possibilidade, hipótese, desejo, dúvida, ordem, conselho, pedido. Fique atento à intenção que você quer expressar, de forma a fazer a correlação adequada entre os verbos.

Se usar	**empregue**
• Acredito que	diga, faça, aconteça, venha, seja, tenha, chegue…
• Espero que	
• Desejo que	
• Não acho que	
• Pode ser que	
• Suponho que	

Outras correlações comuns são:

→ Se você *viajar*, sua mãe *ficará* (*vai ficar*) sozinha.
→ Se ela *vier*, *passará* (*vai passar*) a fazer parte do grupo.
→ Quando nós *decidirmos*, você *será* (*vai ser*) o primeiro a saber.
→ Se ele *saísse*, o lugar *ficaria* (*iria ficar*) abandonado.
→ Se os eleitores *pensassem* melhor, não *votariam* (*iriam votar*) naquele candidato.
→ Se eu *ganhasse* na loteria, *compraria* (*iria comprar*) uma casa na praia.
→ A vendedora percebeu que o cliente *tinha quebrado* o vaso.
→ Quando meu pai chegar, já *terei resolvido* o problema.
→ Se nos avisassem, não *teríamos seguido* esse caminho.

Outros exemplos de correlação bem feita em textos:

Se *tiverem* consciência, os comunicadores oficiais *poderão* amenizar desconfortos. Se não *tiverem*, *cairão* no ridículo.
(Eugênio Bucci, *O Estado de S. Paulo*.)

Se me *fosse* possível sair deste malfadado claustro, não *esperaria* em Portugal que se cumprissem as tuas promessas: *iria* eu, sem qualquer inibição, procurar-te, seguir-te e amar-te por toda a parte.
(Mariana Alcoforado, *Cartas portuguesas*.)

O estudo demonstra que, se as reservas naturais *fossem* ligadas entre si, uma maior quantidade da biodiversidade remanescente *poderia ser* preservada.
(Fernando Reinach, *A longa marcha dos grilos canibais*, p. 30.)

Organize seu texto seguindo uma progressão natural

Uma das maneiras de manter a coerência é seguir o fluxo natural, que pode ser do geral para o específico, do menos recente ao mais recente, do mais simples ao mais complexo, do mais curto ao mais longo, do menos importante ao mais importante. Ou vice-versa para todas essas situações, é claro. Veja a seguir alguns casos bem específicos de progressão.

Ordem cronológica

É aquela que lista os acontecimentos distribuídos no tempo. Como neste exemplo:

> Quando Portugal assinou o acordo de adesão à então Comunidade Econômica Europeia (CEE), em 1985, a taxa de inflação estava perto dos 20% e tinha estado perto dos 30% no ano anterior. Porém, desde 1995 que a taxa de inflação em Portugal se situa abaixo dos 5%. O processo de desinflação da economia portuguesa, operado entre o final dos anos 80 e meados dos anos 90, é um dos fenômenos mais marcantes da economia portuguesa desde a adesão à CEE. Associada à queda da taxa de inflação, esteve a descida das taxas de juro, de tal modo que, por algumas vezes, entre 2003 e 2005, a taxa de juros da dívida pública portuguesa no mercado secundário esteve abaixo da taxa de juro da dívida pública alemã.
>
> (Pedro Bação, *A economia portuguesa na União Europeia — 1986-2010*.)

Se esse texto tivesse sido escrito sem atenção à ordem cronológica, teria sido muito mais difícil compreender a tese do autor, de que para Portugal a entrada na CEE constituiu uma vantagem.

Ordem de complexidade

Num texto explicativo, por exemplo, é mais lógico definir primeiro do que se vai tratar, antes de fazer classificações e análises que implicam o termo definido. Como no trecho que segue, retirado de um site dedicado à economia:

> A economia pode ser definida assim: o estudo de como as pessoas e a sociedade decidem empregar recursos escassos, que poderiam ter utilizações alternativas, para produzir bens variados.
>
> Pode-se fazer a seguinte divisão no estudo econômico:
>
> — Macroeconomia — analisa o comportamento da economia como um todo, por meio de preços e quantidades absolutos. Faz parte dela os movimentos globais nos preços, na produção ou no emprego.
>
> — Microeconomia — estuda o comportamento de cada “molécula econômica” do sistema, por meio de preços e quantidades relativas. Para exemplificar, pode-se citar a análise do funcionamento de empresas.
>
> Enquanto a economia positiva ocupa-se da descrição de fatos, circunstâncias e relações

> econômicas, a economia normativa expressa julgamentos éticos e valorativos. As grandes divergências entre os economistas aparecem nas discussões de caráter normativo, como por exemplo o da dimensão do Estado e o poder dos sindicatos.
>
> (Site EconomiaNet)

Note que, primeiro, o autor definiu o que ele entende por economia, para só depois estabelecer subdivisões (microeconomia e macroeconomia) e classificações (economia positiva e economia normativa).

A coerência exige lógica. Muitas vezes, a ordem das palavras na frase, períodos muito longos com digressões desnecessárias, excesso de períodos fragmentados, uso inadequado de conectivos prejudicam a coerência. O texto precisa estar construído de forma que o leitor não fique se perguntando por que algo foi dito, pois o todo é resultado da conexão entre as partes que o compõem.

Como pontuar: ritmo e sentido

6

“A escrita não é senão ritmo.” (Virginia Woolf, escritora.)

“O que dá o ritmo à frase escrita é a pontuação. Ela é crucial, porque introduz os matizes de ritmo através da vírgula, do ponto e vírgula, dos dois-pontos, da exclamação, do ponto-final, do parágrafo e outros recursos do gênero.” (Renato Mezan, psicanalista.)

“Nenhum metal pode penetrar o coração humano de maneira tão gélida quanto um ponto colocado no momento exato.” (Isaac Bábel, escritor russo.)

“Pontuar bem é ter visão clara da estrutura do pensamento e da frase. Pontuar bem é governar as rédeas da frase. Pontuar bem é ter ordem no pensar e na expressão.” (Celso Luft, gramático.)

Cada autor, à sua moda, colocou a pontuação no lugar que lhe cabe num texto: além de dar ritmo, também confere sentido à frase.

Veja um exemplo em que a mesma frase está pontuada de três modos diferentes. Todos estão corretos do ponto de vista gramatical, mas têm diferenças sutis de ênfase e ritmo. Percebe-se isso com clareza na leitura em voz alta.

→ A jovem, fantasiada de colombina, entrou abruptamente no salão.
→ A jovem, fantasiada de colombina, entrou, abruptamente, no salão.
→ A jovem fantasiada de colombina entrou abruptamente no salão.

Na primeira frase, a expressão “fantasiada de colombina” está em destaque, enfatizando a maneira como a jovem está vestida; quando se lê em voz alta, são feitas duas pausas marcadas pelas vírgulas. Na segunda, dá-se ênfase não só ao traje da jovem, mas também ao modo como ela entrou no local; são feitas quatro pausas marcadas pelas vírgulas. Na terceira, a ausência de vírgula não confere destaque a nenhum termo e a leitura é feita sem interrupção.

Há casos em que o emprego da vírgula muda o sentido da frase:

→ Os professores, que estavam em greve, voltaram ao trabalho ontem.
→ Os professores que estavam em greve voltaram ao trabalho ontem.

Note que, no primeiro caso, há uma generalização: todos os professores estavam em greve. No segundo, há um sentido restritivo: só aqueles que estavam em greve voltaram ao trabalho.

O uso inteligente da vírgula pode produzir efeitos muito interessantes, como este, visto num texto de apresentação de um livro de poemas:

> Pode ser enigma, claro. Pode ser enigma claro. Só conseguiremos saber de verdade ao nos aventurarmos pelas sementes que ela plantou em nosso caminho leitor.
> (Fernando Nuno, apresentação, *Eu poderia acordar todas as letras*, p. 11.)

Na primeira frase, a vírgula separando “enigma” de “claro” fez com que a palavra “enigma” conservasse seu sentido próprio, sem caracterização. Nesse caso, “claro” funcionou como interjeição. Na segunda, suprimindo a vírgula, o autor transformou “claro” em adjetivo, obtendo um efeito de antítese, já que a palavra “enigma” indica algo obscuro, sem clareza. E ainda criou uma intertextualidade com o título de um livro de Carlos Drummond de Andrade, chamado *Claro enigma*.

Falar de pontuação sem recorrer às funções sintáticas é praticamente impossível. Mas como o propósito aqui não é dar regras, e sim ajudá-lo a aperfeiçoar seu texto e se fazer compreender pelo leitor, seguem alguns princípios básicos de pontuação, indispensáveis para escrever bem. Os termos mais técnicos dos quais não foi possível fugir podem ser encontrados no glossário.

Use o ponto-final para enfatizar suas ideias

O ponto-final cria pausa; a pausa cria ênfase. Prefira períodos curtos. Se você só escreve períodos longos, não dá condições para que o leitor acompanhe o encadeamento entre as ideias. Quando quem escreve não divide adequadamente as ideias em diferentes períodos, cria problemas para quem lê, dificultando a interpretação. Como ocorre no texto que segue:

> O advento da Primeira Guerra Mundial provoca um abalo na crença da superioridade dos padrões de conduta e dos valores europeus, estimulando a necessidade de redescoberta de um Brasil real, que já se preparava para as rupturas estéticas e políticas da década de 1920, quando surgem novas instituições culturais e outras formas de reconhecimento da cultura brasileira, que se assume, desde então, como mestiça, definida em seus traços singulares, e que se pretende inserir autonomamente no concerto das nações.
>
> (Mariza Velozo e Angélica Madeira, *Leituras brasileiras*, p. 88.)

Sem alterar quase nada, apenas usando o ponto-final, pode-se dividir o período em três:

> O advento da Primeira Guerra Mundial provoca um abalo na crença da superioridade dos padrões de conduta e dos valores europeus, estimulando a necessidade de redescoberta de um Brasil real. O país já se preparava para as rupturas estéticas e políticas da década de 1920, quando surgem novas instituições culturais e outras formas de reconhecimento da cultura brasileira. Esta se assume, desde então, como mestiça, definida em seus traços singulares, e pretende-se inserir autonomamente no concerto das nações.

Outro exemplo:

> O Brasil fez-se Império antes de se fazer nação. No contexto internacional da época, nosso processo de independência foi algo aberrante não apenas devido ao regime monárquico que adotou, como não se cansará de frisar a propaganda republicana de finais do Segundo Reinado, mas também devido à forma imperial que tomou o Estado brasileiro numa conjuntura que já se anunciava nitidamente desfavorável às construções imperiais e eminentemente marcada pelo triunfo da ideia nacional na Grécia, depois na Bélgica, na Espanha, que se levantara em 1808 contra o império napoleônico, no próprio Portugal das Cortes de Lisboa, que, no momento azado, não hesitou em sacrificar o Brasil aos seus objetivos estritamente nacionais.
>
> (Evaldo Cabral de Mello, *Um imenso Portugal*, p. 24.)

Nesse caso, como o parágrafo tinha dois períodos, um curto e outro muito longo, pudemos dividi-lo em quatro. Além disso, por haver muitas orações intercaladas, foi necessário substituir vírgulas por duplo travessão, para dar destaque às frases, e fazer pequenas alterações para preservar o sentido. Ficou assim:

> O Brasil fez-se Império antes de se fazer nação. No contexto internacional da época, nosso processo de independência foi algo aberrante não apenas devido ao regime monárquico que

> adotou — como não se cansará de frisar a propaganda republicana de finais do Segundo Reinado —, mas também devido à forma imperial que tomou o Estado brasileiro. A conjuntura que já se anunciava era nitidamente desfavorável às construções imperiais e eminentemente marcada pelo triunfo da ideia nacional. Foi o que ocorreu na Grécia, depois na Bélgica, na Espanha — que se levantara em 1808 contra o império napoleônico — e no próprio Portugal das Cortes de Lisboa, que, no momento azado, não hesitou em sacrificar o Brasil aos seus objetivos estritamente nacionais.

Porém, é preciso cuidar para que o texto não fique claudicante, parecendo mero somatório de ideias avulsas. O ponto é bem-vindo, mas use-o com moderação.

Empregue a vírgula para separar partes da frase

Ao contrário do que algumas pessoas pensam, a função da vírgula não é apenas criar pausas. A vírgula separa ideias e seu emprego obedece a critérios sintáticos, ou seja, que se referem à posição das palavras numa frase e às relações das frases entre si. Assim, a vírgula pode indicar ligação entre orações, separação, inversão, omissão ou intercalação dos termos de uma oração.

Não é sem motivo que o emprego da vírgula está entre as dúvidas mais frequentes das pessoas que escrevem. De fato, alguns empregos são obrigatórios; outros, opcionais. Esse emprego optativo permite variações no modo de expressar uma mesma ideia, produzindo ritmos e sentidos especiais. E individualizando sua escrita. Assim, fica mesmo difícil fazer essas escolhas sem ter como base alguns princípios da língua portuguesa. Então, vejamos.

A ordem direta dos termos de uma oração é: sujeito → verbo → complemento → adjunto adverbial.

A Bahia → sujeito
comemora → verbo
a festa de Iemanjá → complemento
no dia 2 de fevereiro → adjunto adverbial
.

Se essa ordem for invertida, colocando o adjunto no início ou no meio da frase, é preciso empregar a vírgula. Assim:

→ No dia 2 de fevereiro, a Bahia comemora a festa de Iemanjá.
→ A Bahia comemora, no dia 2 de fevereiro, a festa de Iemanjá.

Empregos obrigatórios da vírgula

Para separar os itens de uma enumeração

> Onde estão a África, os africanos e os afro-brasileiros na grade curricular das nossas escolas públicas e privadas, nos níveis infantil, fundamental, médio e universitário?
> (Dagoberto José da Fonseca, “A História, o africano e o afro-brasileiro”.)

Nesse exemplo, temos duas enumerações: “a África, os africanos e os afro-brasileiros” e “níveis infantil, fundamental, médio e universitário”. Com exceção do último item, que vem precedido de “e”, os demais termos de cada enumeração devem ser separados por vírgula.

Para isolar o aposto e o vocativo

O aposto explica; o vocativo chama. Vamos entender como isso funciona através de exemplos, começando pelo *aposto*:

> As coisas estavam melhorando em Jérémie, cidade litorânea na ponta da península no sul do Haiti, país cuja infraestrutura foi seriamente abalada pelo terremoto de 2010.
> (Azam Ahmed, *O Estado de S. Paulo*.)

Nessa frase, retirada de um texto sobre o furacão Matthew, que assolou o Haiti em outubro de 2016, há dois exemplos de aposto: “cidade litorânea na ponta da península no sul do Haiti” explica para o leitor onde fica a cidade de Jérémie; e “país cuja infraestrutura foi seriamente abalada pelo terremoto de 2010” informa o leitor sobre a situação do Haiti no momento da catástrofe ocorrida seis anos depois.

O *vocativo* é o termo utilizado para chamar, interpelar algo ou alguém:

> — *Joãozinho*, ainda gostas um pouquinho de mim?
> Sua mão de unhas esmaltadas procurou o comutador e a treva da noite penetrou dentro do quarto.
> (Paulo Mendes Campos, “Palacete Mon Rêve”, p. 82.)

> Ela se vingou, verde de ódio:
> — Que foi, *nenê*?
> Já ousei também com a minha chefe, ao entrar na sala dela:
> — Tudo legal, *tia*?
> (Walcyr Carrasco, “A revolta dos tios”, p. 55.)

> *Por que foges assim*, barco ligeiro*?*
> (Castro Alves, “O navio negreiro”, p. 282.)

> Ó mar, *por que não apagas*
> *Co'a esponja de tuas vagas*
> *De teu manto este borrão?*
> (Castro Alves, "O navio negreiro", p. 283.)

Nos dois primeiros exemplos, o vocativo é referente a pessoas ("Joãozinho", "nenê", "tia"); nos últimos, faz alusão a objetos ("barco ligeiro") e a elementos da natureza ("mar").

Para separar orações coordenadas

> Dia poderoso para você fazer algo acontecer, *mas* saiba trabalhar pelos seus objetivos, sem imposições.
> (Horóscopo, *Folha de S.Paulo*.)

Esse período é constituído por duas orações independentes, que estão ligadas por uma conjunção ("mas"). A presença dessa conjunção exige a vírgula.

Agora veja um caso diferente:

> No dia dos 20 anos da despedida de Renato Russo, o Correio traça um roteiro dos pontos preferidos do líder da Legião Urbana no Distrito Federal. Lugares onde ele *brincou, estudou, trabalhou, namorou, tocou*.
> (Renato Alves, *Correio Braziliense*.)

Também aqui temos orações independentes umas das outras: "brincou", "estudou", "trabalhou", "namorou" e "tocou" são orações coordenadas. A diferença é que, nesse caso, as vírgulas substituem as conjunções.

Quando as orações são ligadas pela conjunção "e", a vírgula não é obrigatória, exceto quando elas têm sujeitos diferentes:

→ Os Estados Unidos invadem o Iraque e desrespeitam a ONU.
→ Os Estados Unidos invadem o Iraque, e o mundo protesta.

No primeiro exemplo, o sujeito de "invadem" e "desrespeitam" é "Os Estados Unidos". No segundo, o sujeito de "invadem" é "Os Estados Unidos"; de "protesta" é "o mundo". Sujeitos diferentes, vírgula antes do "e".

Note que a repetição da conjunção "e" pode funcionar como recurso de estilo, produzindo ênfase e cadência. Nesse caso, mesmo havendo um único sujeito, emprega-se a vírgula. Esse uso é mais comum em textos poéticos, como neste exemplo clássico de Olavo Bilac, no poema "A um poeta":

> Trabalha, e teima, e lima, e sofre, e sua.

Para separar orações subordinadas adjetivas explicativas

Mais de 750 mil haitianos precisam de ajuda imediata, em razão da destruição causada pelo furacão Matthew, *que deixou ao menos mil mortos*, informou a ONU ontem.
(*O Estado de S. Paulo*, 11 out. 2016.)

A oração “que deixou ao menos mil mortos” dá uma informação importante para o leitor sobre a tragédia causada pelo furacão no Haiti. Mas ela depende da oração anterior. Por isso, é chamada de oração subordinada. Além disso, ela qualifica, adjetiva o furacão. Trata-se, então, de uma oração *subordinada adjetiva*. E é *explicativa* porque acrescenta uma informação que poderia não ter sido dada:

Mais de 750 mil haitianos precisam de ajuda imediata, em razão da destruição causada pelo furacão Matthew, informou a ONU ontem.

Existem casos em que a informação é fundamental. Não pode ser omitida, porque restringe o significado do termo que ela modifica. Veja:

Há furacões *que se formam na costa da* África.

A oração “que se formam na costa da África” é subordinada adjetiva, mas restringe o alcance da palavra “furacões”: trata-se apenas dos furacões que têm origem na costa africana. Essa informação é fundamental para o correto entendimento da frase. É uma oração *subordinada adjetiva restritiva* e não pode ser separada por vírgula.

Veja como a presença da vírgula pode alterar o significado de uma frase:

→ Os deputados, *que rejeitaram o projeto*, deixaram o plenário.
→ Os deputados *que rejeitaram o projeto* deixaram o plenário.

No primeiro exemplo, pressupõe-se que todos os deputados tenham rejeitado o projeto e, consequentemente, todos deixaram o plenário. Trata-se de uma *explicativa*. No segundo, pressupõe-se a existência de deputados que rejeitaram e de outros que não rejeitaram o projeto. Enfatiza-se que só aqueles que o rejeitaram deixaram o plenário. Trata-se de uma *restritiva*.

Para separar orações subordinadas adverbiais deslocadas

Para repatriar recursos mantidos ilegalmente fora do Brasil, o contribuinte precisa pagar 15% de Imposto de Renda e 15% de multa sobre o valor regularizado.
(Igor Gadelha, *O Estado de S. Paulo*.)

A oração “Para repatriar recursos mantidos ilegalmente fora do Brasil” funciona como adjunto adverbial da oração seguinte. Vimos anteriormente que a ordem direta dos termos é: sujeito → verbo → complemento → adjunto adverbial. Como essa oração está no início do período, deve vir separada por vírgula.

Veja mais um exemplo:

> É uma situação curiosa que o mar, lugar de onde a primeira vida surgiu, possa agora ser ameaçado pelas atividades de uma forma daquela vida. Mas o mar, *embora tenha mudado de forma espantosa*, continuará a existir. Quem está ameaçada na verdade é a própria vida.
> (Rachel Carson, citada no site World's Largest Lesson.)

"Embora tenha mudado de forma espantosa" é uma oração que funciona como adjunto adverbial de "mas o mar continuará a existir". Ela está intercalada. Por essa razão, vem entre vírgulas.

Fique atento!

Nunca separe com vírgula:
→ o sujeito do verbo

> Os neologismos criados de forma incessante pela explosão das tecnologias são, desde o nascimento, sem fronteiras.
> (Sérgio Correia da Costa, *Palavras sem fronteiras*, p. 26.)

> A percepção da importância da palavra para poetas e para diplomatas é correta: o cuidado na escolha das palavras é essencial para causar o efeito que se deseja e evitar ambiguidades.
> (Texto de aluno.)

Às vezes, quando há um sujeito muito longo, como nos exemplos dados ("Os neologismos criados de forma incessante pela explosão das tecnologias", "A percepção da importância da palavra para poetas e para diplomatas"), não é incomum que o redator use, inadvertidamente, a vírgula entre o sujeito e o verbo. Esse é um erro que não deve ser cometido.
→ o verbo de seus complementos

> Nada, na história, serve para ensinar aos homens a possibilidade de viverem em paz.
> (Paul Valéry)

Note que, nessa frase, o verbo "ensinar" precisa de dois complementos: um indireto ("aos homens") e outro direto ("a possibilidade de viverem em paz"). Em casos assim, é grande a probabilidade de erro no emprego da vírgula, pois tem-se a impressão de que ela seria necessária para separar os dois complementos. Isso, entretanto, não é permitido. Não deve haver vírgula entre o verbo e os complementos, nem entre o complemento direto e o indireto.

Empregue os dois-pontos para antecipar uma ideia

À semelhança do ponto-final, também os dois-pontos indicam uma pausa grande. Mas enquanto o ponto-final remete para algo que já foi dito, encerra uma ideia, os dois-pontos preparam o leitor para a ideia que vem depois. Sugerem antecipação. Podem, mesmo, ser usados como recurso estilístico, indicando uma parada brusca que dá uma certa dramaticidade ao texto.

> História não tem sentido moral. Pior: nada garante que o estudo do passado evite erros do presente, até porque os fatos não se repetem, são sempre únicos.
> (Leandro Karnal, *O Estado de S. Paulo*.)

É essa ideia de antecipação que justifica o emprego dos dois-pontos antes de citações, enumerações e esclarecimentos.

> Na casa das palavras, havia uma mesa das cores. Em grandes travessas as cores eram oferecidas e cada poeta se servia da cor que estava precisando: amarelo-limão ou amarelo-sol, azul do mar ou de fumaça, vermelho-lacre, vermelho-sangue, vermelho-vinho…
> (Eduardo Galeano, *O livro dos abraços*, p. 19.)

Use ponto e vírgula para sugerir conexão

Stephen Wilbers, em *Keys to Great Writing*, foi muito feliz ao definir o ponto e vírgula: “Se os dois-pontos são uma porta aberta, o ponto e vírgula é uma porta entreaberta. Exige que o leitor pare brevemente antes de prosseguir”.

Esse sinal de pontuação indica uma pausa menor que o ponto-final, ligeiramente menor que os dois-pontos e maior do que a vírgula. Mas não é só de pausa que se trata: ele estabelece uma relação estreita entre duas afirmações, principalmente se forem opostas ou indicarem causa e consequência.

> O que arde, cura; o que aperta, segura.
>
> (Provérbio português)

> Na origem, nada tinha forma no universo; as coisas se misturavam, não se sabia o que era terra, mar ou céu.
>
> (Texto de orelha do livro *Contos e lendas da mitologia grega*)

O ponto e vírgula não é um sinal de pontuação muito popular; seu uso quase se restringe a itens de decretos, leis, portarias e considerandos, como no exemplo abaixo, retirado de um decreto da presidência da República, de 1946, que proibia a prática ou a exploração de jogos de azar em todo o território nacional:

> O Presidente da República, usando da atribuição que lhe confere o artigo 180 da Constituição, e
>
> Considerando que a repressão aos jogos de azar é um imperativo da consciência universal;
>
> Considerando que a legislação penal de todos os povos cultos contém preceitos tendentes a esse fim;
>
> Considerando que a tradição moral jurídica e religiosa do povo brasileiro é contrária à prática e à exploração de jogos de azar;
>
> Considerando que, das exceções abertas à lei geral, decorreram abusos nocivos à moral e aos bons costumes;
>
> Considerando que as licenças e concessões para a prática e exploração de jogos de azar na Capital Federal e nas estâncias hidroterápicas, balneárias ou climáticas foram dadas a título precário, podendo ser cassadas a qualquer momento:
>
> DECRETA:
>
> […]
>
> (Decreto-Lei n. 9215)

Apesar de pouco empregado, o ponto e vírgula pode desempenhar uma função importante no texto. Deixar de usá-lo é abrir mão de um recurso de estilo poderoso na escrita. Veja o uso exemplar que Machado de Assis fez desse sinal de pontuação:

> Eu vim cedo para a Corte, donde segui a estudar e bacharelar-me em São Paulo. Voltei uma

só vez a Sapucaia para pleitear uma eleição, que perdi.

Rigorosamente, todas estas notícias são desnecessárias para a compreensão da minha aventura; mas é um modo de ir dizendo alguma coisa, antes de entrar em matéria, para a qual não acho porta grande nem pequena; o melhor é afrouxar a rédea à pena, e ela que vá andando, até achar entrada. Há de haver alguma; tudo depende das circunstâncias, regra que tanto serve para o estilo como para a vida; palavra puxa palavra, uma ideia traz outra, e assim se faz um livro, um governo, ou uma revolução; alguns dizem mesmo que assim é que a natureza compôs as suas espécies.

(Machado de Assis, “Primas de Sapucaia!”, pp. 119-20.)

Use travessão como recurso de ênfase

Isolado ou aos pares, o travessão indica interrupção — enfática ou não — no fluxo do pensamento. Tem mais força do que a vírgula e que os parênteses. Como na frase que inicia este item: a vírgula poderia ter sido usada para separar a expressão "enfática ou não", mas o duplo travessão lhe deu mais realce.

O travessão é comumente usado para:

→ indicar mudança de interlocutor nos diálogos. Veja um exemplo:

> Meu relógio parou. Pergunto-lhe quantas horas são.
> — Estou sem relógio.
> — Então vou perguntar ao garçom.
> Ele também está sem relógio.
> (Carlos Drummond de Andrade, "Esparadrapo", p. 144.)

→ separar orações intercaladas. Como nestes casos:

> Nasceu, na doce Budapeste, um menino com o coração fora do peito. Porém — *diz um dr. Mereje* — não foi o primeiro. Em São Paulo, há sete anos, também nasceu uma criança assim.
> (Rubem Braga, "Como se fora um coração postiço…", p. 11.)

> Apesar de seu caráter fabuloso, as lendas estavam ligadas à história. Atrás do mito se escondiam acontecimentos relacionados à criação do mundo e à organização dos primeiros homens. Para representar o que não se podia conhecer — *porque ocorrera numa* época *demasiado remota ou porque dizia respeito ao domínio sagrado dos deuses* —, imaginaram-se esses mitos, que davam uma visão poética dos primeiros tempos da humanidade.
> (Claude Pouzadoux, *Contos e lendas da mitologia grega*, p. 6.)

No último exemplo, há duas orações intercaladas enfatizadas pelo uso do duplo travessão: "porque ocorrera numa época demasiado remota" e "ou porque dizia respeito ao domínio sagrado dos deuses". Assim, o duplo travessão, como recurso de ênfase, pode ser empregado para destacar não só uma expressão, como também uma ou mais orações.

Exemplo de parágrafo bem pontuado, com uso adequado de todos os recursos mencionados:

> As histórias fantásticas de *As mil e uma noites* propiciam uma visão geral dos costumes, da religião e do próprio espírito dos povos do Oriente. Em suas páginas desfilam, com ligeiras variações de tema e linguagem, ricos sultões e vizires em seus suntuosos palácios; as cidades milenares — como Cairo, Bagdá e Damasco —, com suas ruas estreitas, onde vivem incontáveis mercadores de tecidos e tapetes; os costumes sociais e religiosos, as cerimônias de casamento, o ritual das orações diárias, o cotidiano das mulheres sempre protegidas por eunucos. E, por trás de tudo isso, a presença constante do espírito árabe: o gosto pela aventura, o humor simples e ingênuo, o senso de justiça, a certeza de que o bem vence o mal e,

principalmente, a fantasia que enfeita e facilita a realização de muitos dos seus sonhos.
(Julieta de Godoy Ladeira, *As mil e uma noites*, p. 3.)

Seja econômico no uso da exclamação

O uso sem critério do ponto de exclamação compromete sua finalidade. Escritores experientes, em geral, procuram outras maneiras de demonstrar entusiasmo, valendo-se de mudanças na estrutura das frases ou de palavras que já encerram esse estado de espírito.

Situações em que seu uso é recomendável ou mesmo indispensável:

Depois de interjeições

> — Quais são os símbolos da Pátria?
> — Que Pátria?
> — Da nossa Pátria, ora bolas!
> — Não me lembro de todos.
> (Paulo Mendes Campos, “O despertar da montanha”, p. 12.)

> Uau! Isso não é pouca coisa! Veja só: Há dez séculos os europeus acreditavam que era o Sol que girava em torno da Terra, e não o contrário.
> (Almanaque do Ipem)

Tendo sido utilizadas com o sinal de exclamação, as interjeições “Ora bolas!” e “Uau!” deram conta de expressar a carga emotiva adequada a cada situação: desagrado e admiração, respectivamente.

Depois de onomatopeias

> Paulo se voltou para a vaca, que já ia passando ao largo:
> — Buuu! — fez com desprezo.
> (Paulo Mendes Campos, “A verdadeira história de pio”, p. 38.)

> […] o cocheiro e o condutor cuidaram de desatrelar a parelha para levá-la ao outro lado do carro; aproveitei a ocasião e murmurei baixinho entre os dois burros:
> — Houyhnhnms!
> Foi um choque elétrico. Ambos deram um estremeção, levantaram as patas e perguntaram-me cheios de entusiasmo:
> — Que homem és tu, que sabes a nossa língua?
> (Machado de Assis, “Os bondes elétricos”, p. 27.)

“Buuu!” e “Houyhnhnms!” são onomatopeias, ou seja, uma reprodução aproximada de sons, no caso, vozes de animais. Também aqui a exclamação contribui para melhor expressar a intenção do escritor.

Depois de verbos no imperativo

> Acordei minha mulher, assustado.
> — Olha! Tá… pingando!
> — Calma… É um mal paulistano. Todos os nossos canos são furados.
>
> (Marcos Rey, “O pingo”, p. 20.)

O imperativo, diferentemente do que o nome pode sugerir, não serve apenas para indicar ordem, mas também, conselho, solicitação, súplica, sugestão. A forma verbal “olha” está no imperativo: o marido faz um pedido para a mulher. O uso da exclamação em casos assim ajuda a acentuar a inflexão da voz.

A exclamação tem lugar cativo em textos descontraídos, como os trocados entre amigos nas redes sociais, onde dividem espaço com os já citados emoticons. E não é sem motivo que esse tipo de pontuação está praticamente ausente em textos informativos, comerciais, científicos e jurídicos.

Segundo os gramáticos Celso Cunha e Lindley Cintra, o ponto de exclamação:

> É o sinal que se pospõe a qualquer enunciado de entoação exclamativa. Mas, como a melodia das exclamações apresenta muitas variedades, o seu valor só pode ser depreendido do contexto. Cabe, pois, ao leitor a tarefa, extremamente delicada, de interpretar a intenção do escritor; de recriar, com apoio em um simples sinal, as diversas possibilidades de inflexão exclamativa e, em cada caso, escolher dentre elas a mais adequada — se se trata de uma expressão de espanto, de surpresa, de alegria, de entusiasmo, de cólera, de dor, de súplica, ou de outra natureza.
>
> (*Nova gramática do português contemporâneo*, pp. 671-2.)

Use reticências para deixar o pensamento em suspenso

Às vezes, o que se quer é sugerir, é deixar por conta do leitor a produção de sentido. Dúvidas, surpresas, hesitações, incertezas podem ser mais bem expressas quando não colocadas claramente no texto. Nesse caso, as reticências cumprem o papel de indicar que algo está subentendido, como neste exemplo:

> "O samba tem uma qualidade excelente, mas ele não tem a necessária mídia que deveria. O samba raiz tem divisão marcante, não atrasa, nem adianta, por isso ele fica gostoso. Tem muito sambista de qualidade que faz isso, mas que devia ter maior propagação e não tem. Ai se eu tivesse um programa de samba..."
> (Germano Mathias, citado por Murilo Roncolato, Ariel Tonglet e Guilherme Prado, *Nexo*.)

Ou neste:

> E agora prepare-se o leitor para o mesmo assombro em que ficou a vila, ao saber que os loucos da Casa Verde iam todos ser postos na rua.
>
> — Todos?
>
> — Todos.
>
> — É impossível; alguns, sim, mas todos...
>
> (Machado de Assis, "O alienista", p. 147.)

Em textos não ficcionais, esse recurso deve ser usado com parcimônia. Entretanto, em textos literários — caso do último exemplo — é bastante utilizado e contribui para expressar emoção e subjetividade. As reticências são largamente empregadas, por exemplo, por Guimarães Rosa, provocando efeitos de sentido bastante interessantes. No dizer de Aira Suzana Ribeiro Martins, professora da Uerj, que examinou a pontuação na obra desse escritor: "Esse tipo de desenho textual leva o leitor a recompor a cena com som e movimento, dando sentido ao texto".

> Viver é muito perigoso...
> (Guimarães Rosa, *Grande sertão: Veredas*, p. 13.)

Rever e reescrever: passo indispensável

7

“A reescrita é a essência do escrever bem.” “Não é a escrita que vence o jogo, mas a reescrita.” Essas são afirmações de William Zinsser com as quais concordamos inteiramente.

Muitas pessoas pensam que os escritores profissionais não precisam trabalhar o texto. Que ele já sai pronto e acabado. Ledo engano: em geral, eles escrevem e reescrevem o mesmo trecho diversas vezes. Sobram relatos de escritores que afirmam reescrever incansavelmente, e que valorizam muitíssimo essa fase do trabalho, pois é aí que o texto ganha corpo, apuro, personalidade. Quem não entender que a escrita é um processo e não um produto nunca conseguirá escrever bem.

Mas em que constitui a reescrita? Seria começar tudo de novo, escrevendo diferentes versões para escolher uma delas? Em geral, não. O que se faz são ajustes finos do material bruto que se tem em mãos: cortar palavras desnecessárias, substituir palavras por outras mais precisas, inverter a ordem de algumas frases, deixar mais claras as conexões entre as ideias, dividir períodos muito longos, dar mais ritmo e cadência ao texto, entre outros procedimentos. Tudo isso já foi visto em detalhes nos capítulos anteriores. Aqui se trata de pôr esses princípios em prática.

O que deve ser observado

Verifique se o tipo de texto escolhido foi o mais adequado para expressar o que você tinha em mente

A boa escrita deve ser clara, simples, concisa, consistente e coerente. São esses atributos que precisam ser avaliados no momento da revisão e da reescrita.

No capítulo 1, você viu a importância de selecionar um tipo de texto. Se a ideia era contar uma história, você se preocupou em criar tensões de modo a garantir o interesse do leitor? Se queria descrever uma cena, deu atenção aos detalhes? Foi criterioso na oferta de informações? Procurou mostrar mais do que contar? Se a intenção era convencer alguém de algo, teve o cuidado de utilizar argumentos bem fundamentados? E assim por diante.

Certifique-se de que o texto esteja de acordo com o leitor

Ainda no capítulo 1, vimos que quem escreve, escreve para alguém ler. É muito importante que a escrita esteja adequada ao leitor que você tem em mente. Verifique, então, se o registro escolhido — formal ou informal — foi seguido coerentemente durante todo o desenvolvimento; se o vocabulário foi adequado; se o nível de aprofundamento atingido era o desejado.

Lembramos, mais uma vez, que as palavras têm o poder de aproximar ou de afastar, incluir ou excluir. Tenha cuidado com elas. Não explique demais, pois pode aborrecer o leitor, mas fique atento para não superestimar nem subestimar os conhecimentos de quem vai ler seu texto.

Avalie a quantidade e a qualidade da informação

Terminada a primeira versão do texto, use a releitura para avaliar:

→ se todas as informações são relevantes;
→ se há material em excesso;
→ se estão faltando dados importantes;
→ se as afirmações estão corretas;
→ se as definições estão completas.

Pense sempre no leitor, pois é para ele que você está escrevendo. Uma sugestão que dá bons resultados é pôr entre parênteses palavras, expressões ou até frases inteiras que parecem supérfluas e ler o texto novamente, omitindo o que foi marcado. Funciona? Soa melhor? Faz sentido? Se a resposta for sim, tudo indica que é melhor cortar.

Se, pelo contrário, perceber que as informações estão insuficientes, se foram anunciados efeitos sem esclarecer as causas, se os dados fornecidos estão imprecisos, se as definições estão circulares ou incompletas, está na hora de começar a reescrever o trecho.

Confira se lançou mão de recursos que poderiam ajudar seu leitor

No capítulo 2, abordamos diversos modos de desenvolvimento do texto que servem de apoio para quem vai ler, como citar exemplos e usar analogias, metáforas e comparações. Não utilizá-los, principalmente em assuntos mais complexos, é deixar seu leitor à deriva, quando você poderia fornecer-lhe um leme.

Exemplifique, compare, use imagens. Tudo vale quando o objetivo é deixar o texto mais claro.

Atente para a coesão e a coerência do texto

A ideia central e as ideias secundárias estão sequenciadas de maneira adequada? Estão organizadas de modo a facilitar a compreensão do leitor? Você se preocupou em escrever em parágrafos? Eles estão bem divididos? Os períodos estão muito longos? Há períodos curtos demais? Estão repetitivos? Há uma sequência lógica entre eles?

Se necessário, volte ao capítulo 2: ali destrinchamos as características de um parágrafo bem redigido, realçando a unidade, a coerência e a consistência como suas qualidades mais importantes.

Confira ainda: seus parágrafos apresentam uma ideia central, genérica, seguida de explicações? Estão bem encadeados, tornando o texto coeso e coerente? Sua argumentação obedeceu a uma progressão lógica? (Esses aspectos foram tratados no capítulo 5.)

Cheque o emprego das vozes dos verbos

A forma assumida pelo verbo em relação ao seu sujeito é determinante na elaboração de um texto. Lembre que, como foi explorado no capítulo 3, se a intenção é enfatizar o agente, a melhor escolha é a voz ativa; se o paciente da ação é que merece destaque, a voz passiva é a recomendada.

Por ser direta, curta e vigorosa, a voz ativa é mais frequentemente encontrada nos textos. Mas a passiva tem seu espaço, basta que seja escolhida para a situação certa.

Preste atenção a possíveis ambiguidades

Acertar na ordem das palavras na frase e no emprego de pronomes e preposições nem sempre é fácil. Muitas vezes é daí que surgem as ambiguidades, que só são percebidas no momento da releitura. Verifique esse item com cuidado, pois é absolutamente necessário desfazer possíveis enganos de sentido. Pode ser que uma simples reordenação das palavras resolva, mas também pode ser necessário reescrever todo o trecho.

Esse é um momento da releitura que precisa de toda a sua atenção.

Confira se optou pelos procedimentos mais adequados

Nos capítulos 3 e 4, foram sugeridos caminhos a seguir e procedimentos a evitar. Veja se o seu texto não incorreu em problemas que poderiam ser evitados: Você citou a fonte de suas afirmações, quando disponíveis? Tomou cuidado com a quantidade de comentários pessoais? Prestou atenção às redundâncias? Cuidou para não empregar jargões e termos esnobes? E quanto aos estrangeirismos? E às palavras da moda? Faça uma lista de verificação no momento da releitura, pois muita coisa passa despercebida.

Verifique se as frases têm estruturas simétricas

A falta de paralelismo é um problema bastante comum, em geral não percebido no momento da escrita. Rever o texto focando nesse aspecto particular das frases é importante, porque nesse momento, em que a argumentação já está construída, fica mais fácil atentar para a forma. Corrigir possíveis deslizes de paralelismo contribui para aumentar a fluidez e a coerência do seu texto, e melhorar seu estilo.

Corrija possíveis erros gramaticais

Embora a gramática não tenha sido objeto deste livro, é óbvio que escrever bem implica escrever corretamente. Para isso, uma das etapas da revisão deve, necessariamente, visar à checagem de erros relacionados a:

→ ortografia;
→ acentuação gráfica;
→ concordância;
→ regência;
→ pontuação.

Lembrando que a tendência é ler o que está na cabeça e não exatamente o que está escrito, é nessa hora que a atenção tem de ser redobrada para identificar troca ou falta de letras ou sílabas, enganos no uso de preposições, emprego de letra maiúscula ou minúscula, entre outros pequenos tropeços.

Contar com bons dicionários e boas gramáticas é de grande valia.

Leia em voz alta para verificar o ritmo e a cadência do texto

É neste momento que entra em cena com mais vigor o seu modo de escrever.

Soar verdadeiro, ser você mesmo, é uma das regras fundamentais do estilo. Não adianta florear e tentar escrever de um jeito que não é o seu, pois o leitor percebe.

A leitura em voz alta ajuda em todas as fases da revisão e da reescrita, mas é especialmente importante quando se quer ter certeza de que o texto tem um bom ritmo, de que não há palavras cujos sons colidem uns com os outros, dando origem a cacofonias ou a assonâncias desagradáveis, se estão rimando onde não deviam, entre outras inadequações.

Veja o que disse a jornalista e escritora Eliane Brum a esse respeito:

> Algo que funciona muito para mim é ler em voz alta, prestando bem atenção no que escuto. Em voz alta, conseguimos perceber onde o texto perde o ritmo ou onde sobram palavras ou onde a frase está mal resolvida. As repetições e truncamentos gritam numa leitura em voz alta.
> (Depoimento dado a Camilo Rocha, *Nexo*.)

Dê uma atenção especial à pontuação. Observe se os deslocamentos e as intercalações estão separados por vírgulas ou travessões; se há vírgulas incorretas separando o sujeito do verbo e o verbo de seus complementos; se você usou vírgula onde era melhor colocar um ponto-final. São esses elementos que dão ritmo e cadência ao texto e, ouvindo o que escreveu, você poderá perceber melhor se o texto está agradável, se flui bem, se tem o tom que você queria dar à sua escrita.

A reescrita na prática

Revisão implica paciência e tempo. É ir e vir muitas e muitas vezes, tentar caminhos, voltar atrás, fazer e refazer.

Para mostrar como isso é verdadeiro, vamos analisar um texto que foi revisto e reescrito mais de uma vez. Trata-se de um excerto retirado de uma redação escrita por um candidato a um concurso público:

> O Brasil é consequência da miscigenação dos povos. Para compreender o Brasil moderno, um dos legados mais importantes é o da cultura portuguesa. Dessa forma, diversas peculiaridades dos indivíduos e governantes brasileiros podem ser explicadas por meio da análise histórica aprofundada das idiossincrasias de Portugal. O personalismo, a tendência ao irracionalismo da população e a dificuldade de organização são particularidades apresentadas por Sérgio Buarque de Holanda, em *Raízes do Brasil*, como legados portugueses e são primordiais para esclarecer a extrapolação do privado para o público no Brasil, a qual ajuda a compreender o sistema administrativo corrupto e burocrático que retrocede o país.

O parágrafo é formado por quatro períodos:

1. O Brasil é consequência da miscigenação dos povos.
2. Para compreender o Brasil moderno, um dos legados mais importantes é o da cultura portuguesa.
3. Dessa forma, diversas peculiaridades dos indivíduos e governantes brasileiros podem ser explicadas por meio da análise histórica aprofundada das idiossincrasias de Portugal.
4. O personalismo, a tendência ao irracionalismo da população e a dificuldade de organização são particularidades apresentadas por Sérgio Buarque de Holanda, em *Raízes do Brasil*, como legados portugueses e são primordiais para esclarecer a extrapolação do privado para o público no Brasil, a qual ajuda a compreender o sistema administrativo corrupto e burocrático que retrocede o país.

Observe o quarto período. Ele está longo demais, dificultando a compreensão. Com ligeira adaptação, ele poderia, facilmente, ser dividido em dois. Assim:

> O personalismo, a tendência ao irracionalismo da população e a dificuldade de organização são particularidades apresentadas por Sérgio Buarque de Holanda, em *Raízes do Brasil*, como legados portugueses. Tais características são primordiais para esclarecer a extrapolação do privado para o público no Brasil, a qual ajuda a compreender o sistema administrativo corrupto e burocrático que retrocede o país.

No entanto, só alterar a pontuação não foi suficiente para melhorar de fato o texto, que trata de um assunto complexo, em linguagem sofisticada.

Assim, além de modificar a pontuação, algumas mudanças podem ser feitas para torná-lo mais facilmente compreensível:

O Brasil é resultado da miscigenação de diversos povos. Dentre eles, e com bastante relevância, está o português, cuja cultura nos ajuda a compreender o Brasil moderno. Dessa forma, diversas peculiaridades tanto dos indivíduos em geral como dos governantes brasileiros podem ser explicadas por meio da análise histórica aprofundada das idiossincrasias de Portugal. Como afirma Sérgio Buarque de Holanda, em *Raízes do Brasil*, o personalismo, a tendência ao irracionalismo e a dificuldade de organização da população são particularidades que nos foram legadas pelos portugueses. Essas características são primordiais para esclarecer a falta de distinção entre o público e o privado em nosso país, o que ajuda a compreender o sistema administrativo corrupto e burocrático que faz a nação retroceder.

Observe que, no primeiro período, a palavra “consequência” foi substituída por “resultado”, e “miscigenação dos povos” por “miscigenação de diversos povos”, pois a presença do artigo definido “os” (em “dos”) pressupõe uma referência anterior, que não estava no texto.

O segundo período foi totalmente reescrito: para deixar clara a conexão entre o primeiro e o segundo período, foi acrescentada a expressão “dentre eles”, que indica que se está falando de um dos diversos povos mencionados anteriormente. Também foi ressaltado o papel da cultura portuguesa, expresso com menos clareza na versão original.

No terceiro, foi incluída a expressão relacional “tanto… como”, que evidencia a igual importância dos elementos citados: indivíduos e governantes.

No quarto período, certamente o aluno utilizou a obra de Sérgio Buarque de Holanda como argumento de autoridade. Transferindo a referência para o início da frase, esse recurso ganhou ênfase. Faltava ainda deixar claro que “a dificuldade de organização” também é atribuída à população, e não apenas o personalismo e a tendência ao irracionalismo. A mudança de posição resolveu o problema.

O quinto e último período só pôde ser construído pela inserção de “tais características”, que resume o que foi afirmado no período anterior. Na reescrita, ao ler em voz alta, ficou evidenciado que havia uma rima interna (tais/primordiais), desagradável ao ouvido. A solução foi usar “essas” em vez de “tais”. “Extrapolação do privado para o público” é menos claro que “falta de distinção entre o público e o privado”. Daí a troca. Também por ser mais agradável ao ouvido, substituiu-se “a qual” por “o que”. Por fim, o sistema não retrocede o país, e sim o faz retroceder.

Para não ficar apenas em textos alheios, compartilhamos com você nossas idas e vindas enquanto escrevíamos este capítulo. E não se trata de revisão do primeiro esboço, mas de um texto que já havia assumido uma forma mais próxima da final.

~~1.~~ Verifique se o tipo de texto escolhido foi o mais adequado para expressar o que você tinha em mente

~~Tenha sempre em mente que a~~ A boa escrita deve ser clara, simples, concisa, consistente~~, precisa~~ e coerente. São esses atributos que precisam ser avaliados no momento da revisão e da reescrita.

~~Retome o que foi visto no item 5 do capítulo 1.~~ No capítulo 1, você viu a importância de selecionar um tipo de texto. Se a ideia era contar uma história, você se preocupou em criar tensões de modo a garantir o interesse do leitor? Se queria descrever uma cena, ~~preocupou-se com os~~ deu atenção aos detalhes? Foi criterioso na oferta de informações? Procurou mostrar mais do que contar? Se a intenção era convencer alguém de algo, teve o cuidado de utilizar argumentos bem fundamentados? E assim por diante.

~~2.~~ Certifique-se de que o texto esteja ~~adequado ao~~ de acordo com o leitor

~~Como vimos no item 6 do~~ Ainda no capítulo 1, vimos que quem escreve, escreve para alguém ler. É muito importante que a escrita esteja adequada ao leitor que você ~~tinha~~ tem em mente. Verifique, então, se o registro escolhido — formal ou informal — foi seguido coerentemente durante todo o ~~texto~~ desenvolvimento; se o vocabulário foi adequado; se o nível de aprofundamento atingido era o desejado.

Lembramos, mais uma vez, que as palavras têm o poder de aproximar ou de afastar, incluir ou excluir. Tenha cuidado com elas. Não explique demais, pois pode aborrecer o leitor, mas fique atento para não superestimar nem subestimar os conhecimentos de quem vai ler seu texto.

~~3.~~ Avalie a quantidade e a qualidade da informação

~~A primeira~~ Terminada a primeira versão do texto, use a releitura ~~pode ter como foco~~ para avaliar ~~se~~:

- se todas as informações são relevantes;
- se há material em excesso;
- se estão faltando dados importantes;
- se as afirmações estão corretas;
- se as definições estão completas.

Pense sempre no leitor, pois é para ele que você está escrevendo. Uma sugestão que dá bons resultados é pôr entre parênteses palavras, expressões ou até frases inteiras que parecem supérfluas e ler o texto novamente, ~~retirando~~ omitindo o que foi marcado. Funciona? Soa melhor? Faz sentido? Se a resposta for sim, tudo indica que é melhor cortar.

Se, pelo contrário, perceber que as informações estão insuficientes, se foram anunciados efeitos sem esclarecer as causas, ~~se falta clareza nas explicações~~ se os dados fornecidos estão imprecisos, se as definições estão circulares ou incompletas, está na hora de começar a reescrever o trecho.

Dúvidas recorrentes

Qual é o certo?

Muitas são as dúvidas que acometem as pessoas que se preocupam em escrever corretamente, pois a língua é viva e está em constante mudança. Na verdade, não é nada fácil afirmar que isto ou aquilo está certo ou errado, pois diversos usos inadmissíveis tempos atrás já constam de dicionários e gramáticas, ainda que isso possa não ser do conhecimento de muita gente. Nosso propósito não é dar a última palavra sobre o assunto. Coerentemente com o que foi feito em toda a obra, também nesta seção nos propomos a mostrar diferentes lados, porém dando indicações de usos preferenciais, dependendo do contexto e da intenção de quem escreve.

O critério utilizado para selecionar as dúvidas apresentadas aqui, organizadas em ordem alfabética, foi puramente estatístico: as trinta mais frequentes observadas em nossa prática profissional.

À custa de × às custas de

Neste caso, deve-se preferir a forma “à custa de”, quando significar “com sacrifício”, “com esforço”, “com o dinheiro de”, “graças a”.

→ *À custa de* muito trabalho, conseguiu comprar uma casa.
→ Tem quase quarenta anos e ainda vive *à custa dos* pais.

Os gramáticos tradicionais afirmavam que a expressão “às custas de” só poderia ser empregada quando fizesse referência às despesas de um processo judicial.

No entanto, você não incorrerá em erro gramatical se empregar a expressão pluralizada. O *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* já registra as duas possibilidades.

A meu ver × ao meu ver

Nenhuma das duas formas está errada, do ponto de vista gramatical. A questão é que o artigo definido é facultativo antes do pronome possessivo. Logo, não há necessidade de empregá-lo neste caso.

Dar preferência à forma “a meu ver” é mais coerente com a ideia de que a concisão é uma qualidade da escrita. A frase fica mais enxuta e elegante sem o artigo antes do possessivo.

A meu ver, esse problema não tem solução.

Alugam-se casas × aluga-se casas

Placas com dizeres como “Aluga-se casas”, “Conserta-se bicicletas”, “Aceita-se encomendas” estão espalhadas por todos os lugares. Do ponto de vista da norma culta, elas estão incorretas, pois o verbo não está concordando com o sujeito. Nesses casos, o verbo é transitivo direto e está na voz passiva, pois equivalem a “Casas são alugadas”, “Bicicletas são consertadas”, “Encomendas são aceitas”.

As formas gramaticalmente corretas seriam:

→ *Alugam-se* casas.
→ *Consertam-se* bicicletas.
→ *Aceitam-se* encomendas.

Vale comentar que essa rigidez é combatida pelos linguistas, que argumentam que nessas orações o sujeito do verbo não é “casas”, “bicicletas”, “encomendas”, mas está indeterminado, pois não se sabe quem aluga, quem conserta ou quem aceita. Logo, esses verbos devem ficar no singular. No entanto, se você tiver de fazer uma prova num concurso, não arrisque. Opte pela norma culta.

Essa questão leva a uma outra dificuldade, relacionada a problemas de concordância: “Trata-se de questões espinhosas” ou “Tratam-se de questões espinhosas”?

Neste caso, como o verbo “tratar” é transitivo indireto, não há expressão equivalente na voz passiva. O sujeito é indeterminado e o complemento verbal é objeto indireto. A única forma possível é usar o verbo no singular:

Trata-se de questão(ões) espinhosa(s).

Anexo / em anexo / no anexo

As três expressões são aceitas do ponto de vista gramatical.

Alguns gramáticos, como Napoleão Mendes de Almeida e Domingos Paschoal Cegalla, condenaram o uso de “em anexo” ou “no anexo”, alegando que “anexo” só pode ser empregado como adjetivo.

O fato é que, segundo Sérgio Rodrigues, em *Viva a língua brasileira*, já existe registro de “anexo” como substantivo desde 1378.

Quando for empregado como *adjetivo*, “anexo” deve concordar com o substantivo a que se refere:

→ *Anexo* segue o *documento*.
→ *Anexos* seguem os *documentos*.
→ *Anexas* seguem as *fotos*.

Como *substantivo* fica invariável:

→ *Em anexo* seguem os documentos.
→ Os documentos estão *no anexo*.

Ao encontro de × de encontro a

“Ao encontro de” significa “em favor de”, “em direção a”; “de encontro a” é o seu oposto: indica “oposição”, “ação contrária”.

→ As atitudes da mãe vão *ao encontro das* necessidades dos filhos.
→ Suas opiniões vão *de encontro* às minhas.

A confusão entre as duas formas é bastante frequente, mesmo por pessoas que fazem bom uso da língua. Portanto, tome cuidado para não expressar exatamente o contrário do que você pretende.

Ao invés de × em vez de

Essas expressões, muitas vezes utilizadas como equivalentes, não são exatamente sinônimas. “Ao invés de” é igual a “ao contrário de”; “em vez de” significa “no lugar de”.

→ *Ao invés de* falar, podia calar-se um pouco.
→ *Em vez de* pagar com cartão, preferiu cheque.

Daí decorre que é possível empregar “em vez de” no lugar de “ao invés de”, mas a recíproca não é verdadeira. Assim, pode-se dizer: “Em vez de falar, podia calar-se um pouco”. Mas não é correto dizer: “Ao invés de pagar com cartão, preferiu cheque”.

Para não incorrer em erro, use sempre “em vez de”.

Através de × por meio de

De acordo com gramáticas e dicionários respeitáveis, a expressão “através de” é sinônima de “por meio de”, “por intermédio de”. Pode ser empregada tanto em sentido físico (“O sol incide através da janela”) quanto figurado (“Aprendo português através de textos”).

Não há mais nenhuma razão para limitar o emprego de “através de” apenas ao sentido concreto ou literal.

Concordância do verbo “haver”

O verbo “haver”, no sentido de existir, é empregado sempre na terceira pessoa do singular:

→ *Houve* muitas reclamações trabalhistas de funcionários terceirizados.
→ *Havia* jardins, *havia* manhãs naquele tempo.
(Carlos Drummond de Andrade, “Lembrança do mundo antigo”, p. 43.)

Quando o verbo “haver” faz parte de uma locução verbal, observa-se a mesma construção:

→ *Deve haver* muitas reclamações trabalhistas.
→ *Vai haver* poucos feriados no ano que vem.

Nesses dois exemplos, o verbo “haver” não pode ser flexionado. Então o verbo auxiliar (“dever”, “ir”) fica no singular.

Aqui é importante tomar cuidado, pois, se em vez de empregar o verbo “haver” for usado o verbo “existir”, a concordância precisa ser feita.

→ *Existiram* muitas reclamações trabalhistas de funcionários terceirizados.
→ *Existiam* jardins, *existiam* manhãs naquele tempo.
→ *Devem existir* muitas reclamações trabalhistas.
→ *Vão existir* poucos feriados no ano que vem.

Constar de × constar em

No sentido de “estar incluído, mencionado, registrado”, o uso mais tradicional e considerado mais correto pelos puristas é “constar em”, mas atualmente já se admite também a forma “constar de”.

→ Seu parecer *consta nos* anais do Congresso.
→ Seu parecer *consta dos* anais do Congresso.

Dado / visto / haja vista

As formas “dado” e “visto” concordam em gênero e número com o substantivo a que se referem:

→ *Dado* o *resultado*, cancelaram as novas contratações.
→ *Dadas* as *circunstâncias*, resolveram calar-se.
→ *Visto* o *recurso* interposto, aguardemos novas decisões.
→ *Vistas* as *provas*, deu-se prosseguimento ao inquérito.

A expressão “haja vista”, no sentido de “uma vez que”, “veja-se”, é sempre invariável.

O diretor da empresa agiu muito mal. *Haja vista* os comentários feitos pelos funcionários.

Demais × de mais

A palavra “demais” é um advérbio; corresponde a “demasiadamente”:

Sua atuação agradou *demais* aos espectadores.

Já a expressão “de mais” é o oposto de “de menos”:

→ Colocou sal *de mais* na salada.
→ Não vejo nada *de mais* nos quadros desse pintor.

Despercebido × desapercebido

Este é um bom exemplo de dinamismo da língua. Até não muito tempo atrás, o termo “despercebido” era limitado ao sentido de “passar sem ser notado; e “desapercebido” significava “estar desprevenido, despreparado, sem provisões”.

→ Aquele funcionário passava *despercebido* no escritório.
→ O ladrão viu-a *desapercebida* e roubou-lhe o celular.

No entanto, hoje, dicionários importantes como o *Houaiss* consideram essas duas palavras como sinônimas. Cabe uma ressalva: ainda há quem considere isso um erro. Portanto, em situações em que se exige conhecimento da norma culta, melhor seguir o uso tradicional.

Em face de × face a

Segundo alguns gramáticos, “frente a” e “face a” são frutos de traduções apressadas e malfeitas. Melhor evitá-las. Prefira sempre “em face de” ou “diante de”.

> O relator argumenta que a institucionalização, por meio de previsão constitucional, um sistema nacional de defesa civil, com o objetivo de planejar, articular e coordenar as ações nesse setor, dará perenidade às suas ações. Essa perenidade, argumenta, é necessária “*em face da* maior frequência dos desastres naturais geradores de estado de calamidade pública e de sua ocorrência em todas as regiões brasileiras”.
> (Portal Senado Notícias)
>
> *Diante dos* problemas com o chefe, resolveu demitir-se.

Em nível de × a nível de

O emprego da expressão “a nível de” quando substitui “quanto a”, “ em relação a”, “no que concerne”, entre outras, apesar de muito frequente, é inadequado. Talvez por considerá-la mais “chique” e “sofisticada”, chegou-se ao cúmulo de dizer: “Fulano tem problemas *a nível de* coração” ou “Isso não vale *a nível de* resposta”.

Nos dois casos, a expressão “a nível de” é totalmente dispensável: no primeiro, pode-se dizer simplesmente “Fulano tem problemas de coração (ou cardíacos)”; no segundo, “Isso não vale como resposta”.

Pode-se empregar “em nível de” ou simplesmente “em nível” quando existe a ideia de hierarquia ou âmbito. Por exemplo:

→ Esse problema só se resolve *em nível de* direção.
→ Tais tributos só podem ser cobrados *em nível* municipal.

Observação importante: a expressão “ao nível do mar” está perfeitamente correta.

Muitas cidades que estão *ao nível do mar* correm o risco de desaparecer.

Enquanto × enquanto que

Apesar de bastante utilizado atualmente, o “que” depois da conjunção “enquanto” é totalmente dispensável. Segundo alguns gramáticos, tal uso se deve à semelhança com a expressão “ao passo que” ou à influência do francês “*pendant que*” ou “*tandis que*”. Recomenda-se, portanto, que seja eliminado. Assim:

→ Ele passeava *enquanto* sua esposa trabalhava.
→ Você obteve sucesso *enquanto* eu fui um fracasso.

Ganho × ganhado / gasto × gastado / pago × pagado / pego × pegado

Alguns verbos em português têm duas formas no particípio, uma regular, outra irregular: imprimido, impresso; acendido, aceso; prendido, preso; ganhado, ganho; gastado, gasto etc.

Em geral, emprega-se o particípio regular (formas terminadas em “-ado” ou “-ido”) na *voz ativa* com os verbos auxiliares “ter” ou “haver”.

→ Os policiais já tinham *prendido* o ladrão.
→ As crianças haviam *acendido* a lâmpada do quarto.

O particípio irregular (preso, ganho, pego etc.) é empregado na *voz passiva* com os auxiliares *ser* e *estar*.

→ O ladrão foi *preso*.
→ A lâmpada está *acesa* há horas.

Essa é a regra geral, que vale para a grande maioria dos verbos. No entanto, os verbos “ganhar”, “gastar”, “pagar” e “pegar” podem admitir as duas formas, principalmente na *voz ativa*. A escolha fica a seu critério, pois é uma questão de estilo. Assim:

→ Ele tinha *ganhado* (ou *ganho*) na loteria.
→ Os herdeiros haviam *gastado* (*gasto*) todo o dinheiro.
→ Os inquilinos tinham *pagado* (*pago*) o aluguel.

→ A polícia tinha *pegado* (*pego*) o assaltante.

Entretanto na voz passiva, esses verbos devem ser empregados conforme a regra geral, ou seja, com o particípio irregular.

→ O dinheiro foi *ganho* com esforço.
→ O dinheiro foi *gasto* moderadamente.
→ A conta foi *paga* pelo anfitrião.
→ O assaltante foi *pego* logo após a fuga.

Há… atrás

Quando queremos fazer referência a um tempo passado, empregamos o verbo "haver", que pode indicar tempo decorrido.

→ Moro em Recife *há* dois anos. (Faz dois anos que moro em Recife.)
→ Estive em Recife *há* dois anos. (Faz dois anos que estive em Recife.)

Neste último caso, pode-se dizer também:

Estive em Recife dois anos *atrás*.

É bastante comum, principalmente na linguagem falada, o emprego do verbo "haver" e do advérbio "atrás" na mesma oração, como:

Estive em Recife *há* dois anos *atrás*.

Como se pode notar, há uma redundância: tanto "haver" como "atrás" indicam tempo decorrido. Logo, não há justificativa para o uso dos dois termos. Apenas um deles já dá conta da indicação do passado.

→ Entrei neste escritório *há* cinco meses.
→ Entrei neste escritório cinco meses *atrás*.

Implicar × implicar em

O verbo "implicar", no sentido de "ter como consequência", "originar", "acarretar", "requerer", é transitivo direto, isto é, não pede preposição. Veja:

→ Qualquer rasura *implica* a anulação da prova.
→ Essa medida governamental *implica* prejuízos futuros.
→ O combate à corrupção *implica* medidas enérgicas.

No entanto, o emprego da preposição “em” depois do verbo “implicar” tem sido cada vez mais comum na linguagem falada e em alguns textos escritos. Veja:

→ Inclusão *implica* em transformação.
(Site da Associação Amigos Metroviários dos Excepcionais — AME)
→ Salário pago por fora pode *implicar em* sonegação aos direitos trabalhistas.
(Site Previdência Total)

Infinitivo flexionado × não flexionado

Flexionar ou não flexionar o infinitivo não é algo que se resolva seguindo regras gramaticais. Há algumas indicações de uso, mas, na maioria das vezes, você tem a liberdade de optar pela forma que lhe parecer mais adequada.

Geralmente o infinitivo é flexionado:

→ Quando se quer indeterminar o sujeito, empregando-o na terceira pessoa do plural.

Ouvi *comentarem* que o verão vai ser quente demais este ano.

→ Quando vem precedido de uma preposição e seu sujeito não está expresso claramente.

Venha à reunião amanhã para *decidirmos* juntos o que deve ser feito.

→ Quando, num período, o sujeito da segunda oração é diferente do sujeito da primeira.

Vi os meninos *pularem* o muro.

Essa frase tem dois verbos: “vi” e “pularem”; o sujeito de “vi” é “eu” (oculto); o de “pularem” é “os meninos”. Por isso, foi usado o infinitivo flexionado. Esse uso conferiu certa ênfase à ação dos meninos. Nada impede, no entanto, de usar o infinitivo não flexionado:

Vi os meninos *pular* o muro.

A escolha da forma flexionada é preferível quando se quer enfatizar o agente da ação expressa pelo verbo.

De acordo com Celso Cunha, o emprego do infinitivo flexionado não é “seletivo, mais do terreno da estilística do que, propriamente, da gramática”.

Inicializar x iniciar

A palavra “inicializar”, bastante empregada quando se trata de tecnologia, vem do inglês. É um anglicismo.

> Não é algo incomum e você já deve ter percebido que, conforme o tempo passa, seu Windows leva cada mais tempo para *inicializar*.
> (Site Techmundo)

Nesse contexto, já consagrado, não há por que evitá-la. Entretanto, em outras situações, não há justificativa para seu emprego, já que existe, na língua portuguesa, o verbo "iniciar", exatamente com o mesmo significado.

Uso de "lhe" como objeto direto

Na norma culta, o pronome "lhe" exerce a função de objeto indireto.

> Enviei-*lhe* a correspondência.

"A correspondência" é o objeto direto e o pronome "lhe" — que está no lugar de "a ele", "a ela", "a você" — é objeto indireto.

Entretanto, na linguagem falada e mesmo na escrita, esse pronome vem sendo empregado como objeto direto:

→ Eu *lhe* adoro.
→ Não *lhe* conheço.
→ Eu vejo isso de maneira objetiva: um agente governamental solicitou interferência de outro numa decisão técnica que *lhe* beneficiaria em caráter pessoal.
(Marcelo Calero em entrevista ao jornal *Folha de S.Paulo*.)

Os verbos "adorar", "conhecer" e "beneficiar" são transitivos diretos: adoro você, conheço você, beneficio você.

Na norma culta, as formas mais adequadas seriam:

→ Eu o (a) adoro.
→ Não a (o) conheço.
→ Eu vejo isso de maneira objetiva: um agente governamental solicitou interferência de outro numa decisão técnica que o beneficiaria em caráter pessoal.

Escolher uma ou outra forma vai depender do seu objetivo, do tipo de texto que você está escrevendo ou falando. Se for prestar um exame para concurso público ou escrever um texto mais formal, dê preferência ao emprego do "lhe" apenas como objeto indireto.

Mandado × mandato

Essas duas palavras são pronunciadas e escritas de modo bem semelhante. Por essa razão, é muito comum confundi-las. Mas é preciso cuidado, pois elas têm significados muito diferentes e são utilizadas em situações bem diversas.

“Mandado” é uma ordem judicial ou um despacho administrativo. Há mandado de segurança, de prisão, de busca e apreensão etc.

“Mandato” refere-se, geralmente, ao período de exercício de um cargo eleitoral. Mandato de deputado, de senador, de presidente da República etc.

→ O juiz expediu *mandado* de busca e apreensão na residência dos empresários envolvidos no crime.
→ No Brasil, os deputados cumprem um *mandato* de quatro anos.

Na medida em que × à medida que

Apesar de serem frequentemente utilizadas como sinônimas, essas expressões têm sentidos bem diferentes. “À medida que” dá ideia de proporcionalidade, é equivalente a “à proporção que”; “na medida em que” indica causa e equivale a “uma vez que”, “porque”, “tendo em vista que”.

→ *À medida que* passa o efeito da anestesia, a dor aumenta.
→ *Na medida em que* não chegaram a um acordo, o projeto foi vetado.

Atenção: um erro bastante comum é a mistura das duas expressões, resultando em “à medida em que”. Essa forma não existe.

Obrigado × obrigada

Não é incomum, principalmente no mundo corporativo, o uso de “obrigado(a)” no final de correspondências em que os destinatários são homens e mulheres.

Tudo indica que esse emprego está relacionado à falsa impressão de que a concordância deve ser feita com o destinatário e não com o emissor da mensagem.

O adjetivo “obrigado”, quando usado como agradecimento, concorda com a pessoa que fala ou escreve. Assim, homens dizem “obrigado”, e mulheres, “obrigada”.

Ocorre que “obrigado” vem perdendo o caráter de adjetivo. Atualmente, é empregado como interjeição, ficando, portanto, invariável.

Essa é mais uma entre as muitas mudanças que estão acontecendo no uso efetivo da língua portuguesa.

Onde × aonde

Os dois termos são corretos. O que é preciso observar é a circunstância em que cada um deve ser empregado.

→ *Onde* você está?
→ *Aonde* você vai?

“Onde” indica lugar fixo, local de permanência.

Onde Deus está? *Onde* Deus está no mundo, se existem pessoas com fome, sem-teto, refugiados, deslocados?
(Papa Francisco em visita à Cracóvia, em 2016.)

“Aonde” expressa ideia de destino, de movimento; é sempre usado com verbo que pede a preposição “a”: “ir”, “chegar”, “dirigir-se”, entre outros.

Romance cuja trama se passa à beira de floresta *aonde* pessoas vão para se matar também faz refletir sobre tolerância.
(Sylvia Colombo, *Folha de S.Paulo*.)

Por que / porque / porquê / por quê

Esta é uma dúvida compartilhada por gregos e troianos, dos mais variados níveis sociais e de escolaridade. Mas não é difícil distinguir entre as quatro formas possíveis.

por que

É utilizado em três situações.
Em perguntas diretas:

— *Por que* você a humilha?

Em perguntas indiretas:

Não entendo *por que* você a humilha.

Quando equivale a “pelo qual”, “pela qual”, “pelos quais”, “pelas quais”:

→ Este é o ideal *por que* lutamos. (= pelo qual)
→ Esta é a causa *por que* lutamos. (= pela qual)
→ Estes são os ideais *por que* lutamos. (= pelos quais)
→ Estas são as causas *por que* lutamos. (= pelas quais)

porque

Emprega-se em respostas, indicando causa, explicação.

→ Ele a humilha *porque* não passa de um cretino.
→ Venha rápido *porque* precisamos falar com você.

por quê

É empregado quando está no final de frase ou antes de um sinal de pontuação.

→ Você não respondeu meu e-mail, *por quê*?
→ Decidi também, não sei *por quê*, mandar uma carta para ele.

porquê

Utiliza-se quando se tratar de um substantivo. Em geral, vem precedido do artigo “o”:

— Não quero saber o *porquê* da sua decisão.

Quem sabe inglês pode usar um artifício para distinguir entre “por que” e “porque” no caso de perguntas e de respostas. Basta pensar na frase em inglês: se tiver de usar *why*, em português o correto é “por que”; se em inglês for *because*, use “porque”.

Todo × todo o

A simples presença do artigo “o” depois de “todo” altera o sentido do que se quer dizer. Veja:

→ *Todo* ano presto concurso público.
→ Estudei para concurso jurídico durante *todo o* ano de 2016.

No primeiro exemplo, a expressão “todo ano” significa “todos os anos”; no segundo, “todo o ano” refere-se ao “ano inteiro”.

Outros exemplos:

→ Todo dia ela faz tudo sempre igual
(Chico Buarque, “Cotidiano”.)
→ A orientação do Ministério da Saúde aos estados e municípios é que as salas de vacinação permaneçam em atividade durante todo o dia […].
(Portal da Saúde)

Um dó × uma dó

Talvez por contaminação com seu sinônimo “pena”, que é feminino, é bastante comum o emprego da palavra “dó” com o artigo “uma”. Mas fique atento, pois, quando significa “sentimento de pena com relação a alguém, a si mesmo ou a alguma coisa”, “dó” é um substantivo masculino.

→ Não tenho *nenhum dó* de você, minha querida!
→ Sinto *um dó* enorme dos moradores de rua.

Fenômeno semelhante ocorre com o substantivo “grama” no sentido de “massa”, unidade de medida. Neste caso, trata-se de um substantivo masculino. Então, deve-se dizer “duzentos gramas”, e não “duzentas”.

Uso de “de” antes de “que”

É bastante comum a supressão da preposição “de” em construções em que ela é necessária:

→ Não há dúvida que as coisas deveriam ter sido feitas de outro modo.
→ Não se deu conta que estava sendo seguido.
→ Tenho certeza que vai acabar mudando tudo.
→ Lembrei-me que havia deixado a porta destrancada.

Em todos esses casos, as formas gramaticalmente corretas seriam:

→ Não há dúvida *de* que as coisas deveriam ter sido feitas de outro modo.
→ Não se deu conta *de* que estava sendo seguido.
→ Tenho certeza *de* que vai acabar mudando tudo.
→ Lembrei-me *de* que havia deixado a porta destrancada.

O uso indevido da preposição “de” antes de “que”, com verbos transitivos diretos, também ocorre, principalmente no português falado. Por exemplo, a forma correta da frase “Penso *de* que seria necessário começar tudo de novo” é:

Penso que seria necessário começar tudo de novo.

Vultoso × vultuoso

Você já deve ter lido ou ouvido falar que o diretor deu um “vultuoso” desfalque na empresa. Na realidade, a forma correta é “vultoso”, que significa “de grande vulto”, “volumoso”, “importante”. Acrescentar o “u” é um erro comum. A palavra “vultuoso” existe em português, mas significa algo completamente diferente: diz respeito a inchaço ou edema facial.

Fique atento: “vultuoso” fica mais restrito ao meio médico.

A médica examinou o rosto *vultuoso* da paciente.

Na grande maioria das vezes, você vai usar “vultoso”, pois é bem mais frequente esse uso. Veja estas frases encontradas em jornais e revistas:

→ A expectativa se ancorava, em grande medida, em *vultoso* montante de recursos.
(Editorial, *Folha de S.Paulo*.)
→ Dinheiro desviado do programa de alfabetização. Desfalque *vultoso*. Prejuízo que vai além do setor financeiro.

(Acórdão do Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios)

Glossário

Os termos deste glossário foram definidos da maneira mais simples possível, estritamente na acepção em que foram usados neste livro, como ajuda rápida ao leitor; não houve, pois, intenção de abarcar todos os sentidos que podem assumir em contextos diversos.

Adjunto adverbial: Termo da oração cuja função é modificar uma circunstância do fato expresso pelo verbo ou intensificar o sentido do verbo, do adjetivo e do advérbio.

Antítese: Figura de linguagem que cria um efeito de contraste, de oposição entre duas ideias dentro da mesma frase, do mesmo parágrafo ou da mesma estrofe.

Assonância: Semelhança ou igualdade de sons em palavras próximas.

Cacofonia: Nome que se dá à produção de sons desagradáveis ao ouvido. Vem daí a palavra “cacófato”, que significa som impróprio ou com sentido equívoco, produzido pela união dos sons de duas ou mais palavras vizinhas.

Complemento (ou objeto) direto: Termo da oração que completa o sentido do verbo sem necessidade do emprego de preposição.

Complemento (ou objeto) indireto: Termo da oração que completa o sentido do verbo sempre necessitando de uma preposição (“a”, “de”, “em”, “para”, “com”, “por”), que pode ser clara ou subentendida (casos em que se usa o pronome “lhe(s)”, que está no lugar de “a ele(s)”, “a ela(s)”).

Conjunção: Palavra invariável usada para ligar orações ou termos que exercem a mesma função sintática dentro da oração.

Figura de linguagem: Fenômeno linguístico por meio do qual as palavras adquirem sentidos figurados, que se aplicam a situações particulares de uso.

Filologia: Estudo científico do desenvolvimento de uma língua ou de famílias de línguas, com base em documentos escritos nessas línguas.

Função sintática: Diz respeito à relação entre os termos de uma oração, ou seja, o papel que cada palavra desempenha dentro da frase: sujeito, predicado, objeto direito, objeto indireto, adjunto.

Gênero textual: Designa as diferentes formas de linguagem empregadas nos textos. Elas são mais ou menos estáveis, pois possuem algumas peculiaridades que nos permitem reconhecê-las e empregá-las em situações comunicativas concretas. Como exemplos podemos citar: notícia, conto, reportagem, relatório, receita, poema, biografia, lista, resenha, resumo, entre muitos outros.

Locução verbal: Expressão formada por um verbo auxiliar (“ser”, “ter”, “haver”, “estar”) seguido de um verbo principal. O verbo auxiliar aparece conjugado e o verbo principal, em uma das formas nominais: infinitivo, gerúndio ou particípio (como exemplo dessas formas, respectivamente, “cantar”, “cantando” e “cantado”).

Metáfora: Figura de linguagem que consiste no emprego de uma palavra para falar de uma realidade que normalmente não é designada por ela. A metáfora ressalta uma semelhança entre duas realidades.

Modalizador: Elemento usado por quem enuncia algo para indicar sua posição pessoal — impositiva ou não — em relação àquilo que está sendo enunciado.

Oração: Frase ou parte de uma frase que se organiza em torno de um verbo ou de uma locução verbal. Em geral, uma oração é constituída por dois elementos: sujeito e predicado. Pode ocorrer, no entanto, de constituir-se apenas de um predicado. Nesse caso, diz-se que a oração é sem sujeito.

Oração intercalada: Aquela que funciona como complemento dentro de um período, adicionando um esclarecimento, uma observação, uma ressalva. Na linguagem escrita, aparece isolada por vírgulas, travessões ou parênteses.

Oração principal: Parte de uma frase que contém a informação mais importante, porém incompleta, ligando-se sempre a uma oração subordinada que desempenha a função que falta à principal: um substantivo, um adjetivo ou um advérbio.

Oração subordinada adjetiva: Aquela que funciona como adjetivo em relação à oração principal.

Oração subordinada adverbial: Aquela que funciona como advérbio em relação à oração principal.

Oração subordinada substantiva: Aquela que funciona como substantivo em relação à oração principal.

Orações coordenadas: Orações que aparecem uma ao lado da outra sem que haja dependência sintática entre elas, ou seja, cada oração vale por si.

Orações subordinadas: Completam o sentido de outra, chamada de principal. As orações subordinadas podem exercer a função de substantivo, adjetivo ou advérbio em relação à oração principal.

Partícula expletiva: Termo da oração que pode ser omitido sem nenhuma perda de sentido. É também conhecida como “partícula de realce”.

Período: Frase constituída de uma ou mais orações. Havendo só uma oração, o período é chamado de simples; havendo duas ou mais orações, o período é composto.

Predicado: Tudo aquilo que se declara a respeito do sujeito da oração. É possível que uma oração não tenha sujeito, mas não existe oração sem predicado.

Preposição: Palavra invariável que estabelece relação entre dois termos, de forma que um completa ou explica o sentido do outro.

Sujeito: É o termo da oração sobre o qual se declara alguma coisa.

Tipologia textual: Forma como os textos se apresentam, identificada por algumas características determinantes, como relações lógicas e aspectos relativos ao vocabulário, à sintaxe e aos tempos verbais. A classificação básica considera cinco tipos: narração, descrição, dissertação (que pode ser explicativa ou persuasiva), exposição e injunção (referente a textos instrucionais, que indicam procedimentos).

Verbo intransitivo: Aquele que não precisa de complemento, pois sua significação já é completa. O sentido do verbo não transita do sujeito para o complemento.

Verbo transitivo: Aquele que precisa de um termo que lhe complete o significado. Esse termo chama-se objeto. O verbo transitivo pode ser direto, indireto ou direto e indireto. O verbo é transitivo direto quando seu sentido é completado por um termo que se liga a ele de maneira direta, isto é, sem preposição obrigatória. Esse complemento é denominado objeto direto. O verbo é transitivo indireto quando seu sentido é completado por um termo que se liga a ele de maneira indireta, isto é, com preposição obrigatória. Esse complemento chama-se objeto indireto. O verbo é transitivo direto e indireto quando precisa dos dois complementos: objeto direto e objeto indireto.

Bibliografia

ASSUMPÇÃO, Maria Elena Ortega Ortiz; BOCCHINI, Maria Otília. *Para escrever bem*. São Paulo: Manoel, 2002.

BORBA, Francisco da Silva. *Dicionário gramatical de verbos do português contemporâneo do Brasil*. São Paulo: Ed. da Unesp, 1990.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís Filipe Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. pp. 657-8.

FARACO, Carlos; MOURA, Francisco; MARUXO, Hamilton. *Gramática*. 20. ed. São Paulo: Ática, 2010.

FIGUEIREDO, Luiz Carlos. *A redação pelo parágrafo*. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1998.

GARCEZ, Lucília H. do Carmo. *Técnica de redação*: *O que é preciso saber para escrever bem*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

GARCIA, Othon Moacyr. *Comunicação em prosa moderna*. 27. ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2010.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

MARTINS, Aira Suzana Ribeiro. *A pontuação não gramatical de Guimarães Rosa: Um estudo semiótico*. Rio de Janeiro: Ed. da UERJ, 2006.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Ed. da Unesp, 2000.

PEIXOTO, Francisco Balthar. *Redação na vida profissional*: *Setores público e privado*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

PINKER, Steven. *The Sense of Style*. Nova York: Viking, 2014. [Ed. bras.: *Guia de escrita*: *Como conceber um texto com clareza, precisão e elegância*. São Paulo: Contexto, 2016.]

RODRIGUES, Sérgio. *Viva a língua brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

SQUARISE, Dad; SALVADOR, Arlete. *A arte de escrever bem*: *Um guia para jornalistas e profissionais do texto*. São Paulo: Contexto, 2005.

STRUNK JR., William; WHITE, E. B. *The Elements of Style*. 4. ed. New Jersey: Pearson, 1999.

SUÁREZ ABREU, Antonio. *A arte de argumentar*: *Gerenciando razão e emoção*. Cotia: Ateliê, 2009.

_______. *O design da escrita*: *Redigindo com criatividade e beleza, inclusive ficção*. Cotia: Ateliê, 2008.

TOULMIN, Stephen. *Os usos do argumento*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

WILBERS, Stephen. *Keys to Great Writing*: *Mastering the Elements of Composition and Revision*. Cincinnati, Ohio: Writer’s Digest Books, 2000.

WILSON, John. *Pensar com conceitos*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

ZINSSER, William. *On Writing Well*: *The Classic Guide to Write Nonfiction*. Nova York: Collins, 2006. [Ed. bras.: *Como escrever bem*. São Paulo: Três Estrelas, 2017.]

Referências bibliográficas dos exemplos citados

AGÊNCIA LUSA. “Mundo está mais verde hoje do que há trinta anos, diz estudo”. EBC Agência Brasil, 25 abr. 2016. Disponível em: <agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2016-04/>. Acesso em: 20 maio 2017.

AHMED, Azam. “Cidade no Haiti se reerguia. Aí, chegou o furacão…”. *O Estado de S. Paulo*, 11 out. 2016. Disponível em: http://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,cidade-no-haiti-se-reerguia-ai-chegou-o-furacao-,10000081384. Acesso em: 22 maio 2017.

ALCOFORADO, Mariana. *Cartas portuguesas*. Porto Alegre: L&PM, 1997.

ALEXANDRE, Fernando et al. (Org.). *A economia portuguesa na União Europeia: 1986-2010*. Lisboa: Actual, 2015. (Extra Coleção).

ALMANAQUE DO IPEM. Disponível em: <https://ipemsp.wordpress.com/tag/filosofia/>. Acesso em: 23 maio 2017.

ALVES, Renato. “Conheça os lugares frequentados por Renato Russo, morto há 20 anos”. Disponível em: <http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2016/10/11/interna_cidadesdf,55267 os-lugares-frequentados-por-renato-russo-morto-ha-20-anos.shtml>. Acesso em: 22 maio 2017.

ANGELO, Ivan. “Tropeços”. *Veja São Paulo*, 23 abr. 2003.

BARBOSA, Cássio W. “Ressacas não só causam dor de cabeça, mas também emburrecem”. Megacurioso, 8 ago. 2013. Disponível em: <www.megacurioso.com.br/bebidas-alcoolicas/37585-ressacas-nao-so-causam-dor-de-cabeca-mas-tambem-emburrecem.htm>. Acesso em: 22 maio 2017.

BATESON, Mary Catherine. “Sobre a naturalidade das coisas”. In: BROCKMAN, John; MATSON, Katinka (Orgs.). *As coisas são assim*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

BRAGA, Rubem. “Como se fora um coração postiço…”. In: ______. *50 crônicas escolhidas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1951.

BRAINLY. Disponível em: http://brainly.com.br/tarefa/5814327. Acesso em: 22 maio 2017.

BRASIL. Decreto-Lei n. 9215, de 30 de abril de 1946. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Decreto-Lei/Del9215.htm>. Acesso em: 23 maio 2017.

BRASIL. Presidência da República. *Manual de redação da Presidência da República*. 2. ed. rev. e atual. Brasília, 2002.

BUCCI, Eugênio. “Comunicar-se-ão?”. *O Estado de S. Paulo*, 29 set. 2016. Disponível em: <http://opiniao.estadao.com.br/noticias/geral,comunicar-se-ao,10000078858>. Acesso em: 22 maio 2017.

CALERO, Marcelo. “Fora do governo, Calero acusa Geddel de pressioná-lo para liberar obra”. *Folha de S.Paulo*, 19 nov. 2016. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/poder/2016/11/1833696-fora-do-governo-calero-acusa-geddel-de-pressiona-lo-para-liberar-obra.shtml>. Acesso em: 24 maio 2017.

CALLIGARIS, Contardo. “O que faz que, apesar da separação dos amantes, um amor não acabe?”. *Folha de S.Paulo*, 1º set. 2016. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/colunas/contardocalligaris/2016/09/1808848-o-que-faz-que-apesar-da-separacao-dos-amantes-um-amor-nao-acabe.shtml>. Acesso em: 22 maio 2016.

CANDIDO, Antonio. *Ficção e confissão*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

CARDOSO, Fernando Henrique. “Triste fim”. *O Estado de S. Paulo*, 4 set. 2016. Disponível em: <http://opiniao.estadao.com.br/noticias/geral,triste-fim,10000073965>. Acesso em: 22 maio 2017.

CARRASCO, Walcyr. “A revolta dos tios”. In: ______. *O golpe do aniversariante e outras crônicas*. São Paulo: Ática, 2001. (Para Gostar de Ler, 20).

CARSON, Rachel. “É uma situação curiosa [...]”. Disponível em: <http://worldslargestlesson.globalgoals.org/pt/global-goals/life-below-water/>. Acesso em: 23 maio 2017.

CASTRO ALVES, Antônio de. “O navio negreiro”. In: ______. *Os escravos*. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986.

COLOMBO, Sylvia. “Visão oriental da morte é tema de Valter Hugo Mãe”. *Folha de S.Paulo*, 19 nov. 2016.

CORRÊA DA COSTA, Sérgio. *Palavras sem fronteira*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

COTRIM, Mário. “Outrossins”. Disponível em: <stat.correioweb.com.br/concursos/prepare-se/download/arquivos/exemploprova.doc>. Acesso em: 22 maio 2017.

DRUMMOND DE ANDRADE, Carlos. “Esparadrapo”. In: ______. *De notícias & não notícias faz-se a crônica*. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975.

DRUMMOND DE ANDRADE, Carlos. “Lembrança do mundo antigo”. In: ______. *Sentimento do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

DAVIES, Paul. “O que aconteceu antes do big bang?”. In: BROCKMAN, John; MATSON, Katinka (Orgs.). *As coisas são assim*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

DIREITONET. Decisão do Tribunal de Justiça acerca de problemas com atrasos condominiais. Disponível em: <www.direitonet.com.br/noticias/exibir/7865/Multa-por-atraso-no-pagamento-de-condominio-e-limitada-a-2-apos-novo-Codigo-Civil>. Acesso em: 22 maio 2017.

DISTRITO Federal. Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios. Acórdão n. 621 783 do Processo n. 19990110734979apr, 20 set. 2012. Disponível em: <http://www.lexml.gov.br/urn/urn:lex:br;distrito.federal:tribunal.justica.distrito.federal.territori
09-20;621783>. Acesso em: 30 maio 2017.

ECO, Umberto. *Como se faz uma tese*. 19. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

FACULDADE Santo Agostinho. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Disponível em: <https://www.fsanet.com.br/institucional/comite-de-etica/tcle>. Acesso em: 22 maio 2017.

FELICE, Massimo Di. Entrevista. *revista e*, n. 249, mar. 2017.

FÉLIX, António Bagão. “A narrativa”. Tudo Menos Economia, 2 ago. 2016. Disponível em: <blogues.publico.pt/tudomenoseconomia/2016/08/02/a-narrativa/>. Acesso em: 22 maio 2017.

FOLHA de S.Paulo. Editorial, 30 set. 2016. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/opiniao/2016/09/1818212-sanear-projetos-e-gestao.shtml>. Acesso em: 30 maio 2017.

FONSECA, Dagoberto José da. “A História, o africano e o afro-brasileiro”. Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/46188/1/01d21t05.pdf>. Acesso em: 22 maio 2017.

GADELHA, Igor. “Governadores pedem que prazo de repatriação seja estendido no máximo até 8 de novembro”. *O Estado de S. Paulo*, 11 out. 2016. Disponível em: <http://economia.estadao.com.br/noticias/geral,governadores-pedem-que-prazo-de-repatriacao-seja-estendido-no-maximo-ate-8-de-novembro,10000081476>. Acesso em: 30 maio 2017.

GALEANO, Eduardo. *O livro dos abraços*. Porto Alegre: L&PM, 1991.

GALERA, Daniel. *Barba ensopada de sangue*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

GUANAES, Nizan. “Se você estuda, cuidado para não estar aprendendo sobre o passado”. *Folha de S.Paulo*, 16 ago. 2016. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/colunas/nizanguanaes/2016/08/1803333-se-voce-estuda-cuidado-para-nao-estar-aprendendo-sobre-o-passado.shtml>. Acesso em: 22 maio 2017.

GUIMARÃES ROSA, João. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

HECKER, Alexandre. *Uma história da longevidade no Brasil*. São Paulo: Conexão Nacional, 2014.

HENRIQUE, Aislan. “Saiba o que fazer durante esse tempo seco”. Disponível em: <www.patosagora.net/noticia/saiba-o-que-fazer-durante-esse-tempo-seco>. Acesso em: 21 nov. 2016.

JORGE, Mariliz Pereira. “Futebol continua sendo um reduto de homofobia”. *Folha de S.Paulo*, 25 mar. 2017. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/colunas/marilizpereirajorge/2017/03/1869681-futebol-continua-sendo-um-reduto-de-homofobia.shtml>. Acesso em: 22 maio 2017.

KARNAL, Leandro. “Gentileza gera gentileza”. *O Estado de S. Paulo*, 18 set. 2016. Disponível em: <http://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,gentileza-gera-gentileza,10000076501>. Acesso em: 22 maio 2017.

______. “O historiador como juiz”. Disponível em: <http://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,o-historiador-como-juiz,10000075101>. Acesso em: 23 maio 2017.

KEHL, Maria Rita. “A preguiça na cadência do samba”. In: NOVAES, Adauto (Org.). *Elogio à preguiça*. São Paulo: Edições Sesc SP, 2012.

LADEIRA, Julieta de Godoy. *As mil e uma noites*. São Paulo: Scipione, 1988. (Série Reencontro).

LAFER, Celso. “O Itamaraty na cultura brasileira”. In: ______. *O Itamaraty na cultura brasileira*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 2002.

LEX Magister. Contrato de locação de imóvel. Disponível em: <www.lex.com.br/contrato_1127066_CONTRATO_DE_LOCACAO_DE_IMOVEL_RESIDENCIAL.aspx>. Acesso em: 22 maio 2017.

LISPECTOR, Clarice. *Correspondências*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

MACHADO, Leandro. “Pancadões universitários crescem e tiram sono de moradores em SP”. *Folha de S.Paulo*, 19 ago. 2016. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2016/08/1804648-pancadoes-universitarios-crescem-e-tiram-sono-de-moradores-em-sp.shtml>. Acesso em: 22 maio 2017.

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. “O alienista”. In: ______. *Os melhores contos*. São Paulo: Global, 1985.

______. “Os bondes elétricos”. In: ______. *Fuga do hospício e outras crônicas*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1999. (Para Gostar de Ler, 26).

______. “Primas de Sapucaia!”. In: *Contos*: *Uma antologia*. Sel., introd. e notas de John Gledson. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. v. II.

MANDELA, Nelson. “Chegou o momento de construir”. Disponível em: <maioresdiscursos.blogspot.com.br/>. Acesso em: 22 maio 2017.

MELLO, Evaldo Cabral de. *Um imenso Portugal*: *História e historiografia*. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2008.

MENDES CAMPOS, Paulo. “Palacete Mon Rêve”. In: ______. *Cisne de feltro*: *Crônicas autobiográficas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

______. “O despertar da montanha”. In:______. *Balé do pato e outras crônicas*. São Paulo: Ática, 1998. (Para Gostar de Ler, 24).

MENDES CAMPOS, Paulo. “A verdadeira história de pio”. In: ______. *O anjo bêbado*. Rio de Janeiro: Sabiá, 1969.

MOURA, Flávio. “Alexander Calder e a reinvenção onírica da forma pura”. *Folha de S.Paulo*, 2 out. 2016. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2016/10/1818400-alexander-calder-e-a-reinvencao-onirica-da-forma-pura.shtml>. Acesso em: 22 maio 2017.

NASSAR, Raduan. *Lavoura arcaica*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

NOVELLI, Guilherme. “No breu”. *piauí*, n. 119, ago. 2016. Disponível em: <http://piaui.folha.uol.com.br/materia/no-breu/>. Acesso em: 22 maio 2017.

NUNO, Fernando. Apresentação. In: LIMA, Célia Regina de. *Eu poderia acordar todas as letras*. São Paulo: Miró, 2015.

OUCHI, Bruna Yuri. “Desacelere”. *Ponto de Encontro*, n. 22, ago.-set. 2016.

PORTAL da Saúde. Disponível em: <http://portalsaude.saude.gov.br/index.php/o-ministerio/principal/secretarias/svs/noticias-svs/25720-dia-d-de-multivacinacao-ocorre-neste-sabado-24-em-todo-o-pais>. Acesso em: 24 maio 2017.

PORTAL Senado Notícias. “Quatro propostas com pedido de vista voltam ao exame da CCJ”, 30 jan. 2015. Disponível em: <http://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2011/10/21/quatro-propostas-com-pedido-de-vista-voltam-ao-exame-da-ccj/>. Acesso em: 30 maio 2017.

PORTUGAL, *Madeira e Açores*. São Paulo: Publifolha, 2008. (Guia Visual Folha de S.Paulo).

POUZADOUX, Claude. *Contos e lendas da mitologia grega*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

PRADO JÚNIOR, Caio. *Formação do Brasil contemporâneo*. 23. ed. São Paulo: Brasiliense, 2007.

PRATA, Mário. *Mário Prata entrevista uns brasileiros*. Rio de Janeiro: Record, 2015.

RÉGIA, Vicky. “Lugar de mulher é nas Olimpíadas”. *Capitolina*, 17 ago. 2016. Disponível em: <www.revistacapitolina.com.br/lugar-de-mulher-e-nas-olimpiadas/>. Acesso em: 22 maio 2017.

REINACH, Fernando. *A longa marcha dos grilos canibais*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

REY, Marcos. “O pingo”. In: ______. *O coração roubado e outras crônicas*. 2. ed. São Paulo: Ática, 2001. (Para Gostar de Ler, 19).

RIBEIRO, Renato Janine. *A democracia*. 2. ed. São Paulo: Publifolha, 2002. (Folha Explica).

RIO Grande. Prefeitura Municipal. Contrato de prestação de serviços. Disponível em: <www.riogrande.rs.gov.br/pagina/arquivos/licitacao_anexo/contrato_82-15_smcsu.pdf>. Acesso em: 22 maio 2017.

ROCHA, Camilo. “Como escrever melhor: Autores compartilham suas experiências”. *Nexo*, 8 nov. 2016. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/servico/2016/11/08/Como-escrever-melhor-autores-compartilham-suas-experi%C3%AAncias>. Acesso em: 30 maio 2017.

RONCOLATO, Murilo; TONGLET, Ariel; PRADO, Guilherme. “As músicas dos 100 anos com samba”. *Nexo*, 23 ago. 2016. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/especial/2016/08/23/As-m%C3%BAsicas-dos-100-anos-com-samba>. Acesso em: 22 maio 2017.

ROSSI, Clóvis. “Mundo volta a apontar necessidade de pôr ordem no capitalismo”. *Folha de S.Paulo*, 8 set. 2016. Disponível em:

<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/clovisrossi/2016/09/1811207-mundo-volta-a-apontar-necessidade-de-por-ordem-no-capitalismo.shtml>. Acesso em: 22 maio 2017.

SCHWARCZ, Lilia; STARLING, Heloisa. *Brasil*: *Uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

TERRON, Joca Reiners. "'O Ruído do Tempo' reconta agruras de músico sob Stálin". *Folha de S.Paulo*, 1º abr. 2017. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2017/04/1871551-o-ruido-do-tempo-reconta-agruras-de-musico-sob-stalin.shtml>. Acesso em: 22 maio 2017.

TREVISAN, Dalton. *O rei da terra*. Rio de Janeiro: Record, 1979.

VELOZO, Mariza; MADEIRA, Angélica. *Leituras brasileiras*: *Itinerários no pensamento social e na literatura*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

VÉRAS, Maura Pardini Bicudo et al. "Velhices: reflexões contemporâneas". In: HECKER, Alexandre. *Uma história da longevidade no Brasil*. São Paulo: Conexão Nacional, 2014.

Chico Moura
Licenciado em letras (português e francês) pela Universidade de São Paulo, direcionou sua vida profissional ao ensino de gramática e de produção de textos, tanto como professor no ensino fundamental, médio e superior, quanto como autor de livros didáticos e gramáticas. Vem preparando candidatos para a prova de redação do concurso para a carreira diplomática há décadas, além de ministrar cursos de escrita para profissionais em empresas. Palestras em todas as regiões do Brasil estão entre suas contribuições para a formação de professores.

Wilma Moura
Licenciada em filosofia e pedagogia, com especialização em psicologia educacional, dedicou toda sua vida profissional ao trato com o texto, nas principais editoras do país. Exerceu praticamente todas as funções ligadas à área: foi revisora, preparadora, copidesque, redatora, editora, autora. Contribuiu para a formação de profissionais, ministrando cursos de redação nas editoras em que trabalhou e de edição de livros didáticos na Universidade do Livro da Unesp.

Copyright © 2017 by Chico Moura e Wilma Moura

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa e projeto gráfico MATEUS VALADARES
Preparação ANA MARIA ALVARES
Índice remissivo LUCIANO MARCHIORI
Revisão HUENDEL VIANA e ANGELA DAS NEVES
ISBN 978-85-438-1084-3

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone: (11) 3707-3500
www.companhiadasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br
facebook.com/companhiadasletras
instagram.com/companhiadasletras
twitter.com/cialetras

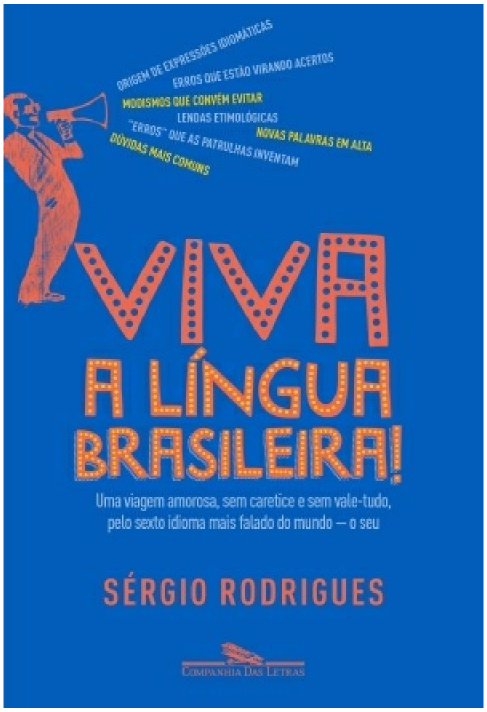

ORIGEM DE EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS
ERROS QUE ESTÃO VIRANDO ACERTOS
MODISMOS QUE CONVÉM EVITAR
LENDAS ETIMOLÓGICAS
NOVAS PALAVRAS EM ALTA
"ERROS" QUE AS PATRULHAS INVENTAM
DÚVIDAS MAIS COMUNS

VIVA A LÍNGUA BRASILEIRA!

Uma viagem amorosa, sem caretice e sem vale-tudo,
pelo sexto idioma mais falado do mundo — o seu

SÉRGIO RODRIGUES

COMPANHIA DAS LETRAS

Viva a língua brasileira!

Rodrigues, Sérgio
9788543806716
384 páginas

Compre agora e leia

Este livro &eacute; uma declara&ccedil;&atilde;o de amor &agrave; l&iacute;ngua portuguesa falada no Brasil. Em forma de verbetes r&aacute;pidos e instrutivos, d&aacute; dicas e tira d&uacute;vidas que voc&ecirc; sempre teve sobre o uso do idioma.<br />Contra aqueles que defendem que s&oacute; os irm&atilde;os de Portugal sabem tratar a gram&aacute;tica como ela merece, aqui est&aacute; um ant&iacute;doto.<br />Contra aqueles que adoram corrigir o que nunca esteve errado e defendem bobagens, aqui est&aacute; a resposta perfeita.<br />Contra o analfabetismo funcional, o pedantismo do juridiqu&ecirc;s, a barbaridade do corporativ&ecirc;s, a importa&ccedil;&atilde;o servil de estrangeirismos e o chiclete viciante do clich&ecirc;, este &eacute; um manual perfeito para usar nossa l&iacute;ngua em toda sua riqueza e sem nenhum preconceito.

Compre agora e leia

angélica
freitas

um útero é
do tamanho
de um punho

poesia de bolso

Um útero é do tamanho de um punho

Freitas, Angélica
9788543810782
96 páginas

Compre agora e leia

Lan&ccedil;ado em 2012, o livro se tornou um cl&aacute;ssico contempor&acirc;neo ao refletir, com humor e perspic&aacute;cia, sobre quest&otilde;es de g&ecirc;nero.<br /><br />Depois de lan&ccedil;ar Rilke Shake (cole&ccedil;&atilde;o &Aacute;s de Colete, 7Letras e Cosac Naify, 2007), o segundo livro de Ang&eacute;lica Freitas, Um &uacute;tero &eacute; do tamanho de um punho (Cosac Naify, 2012), re&uacute;ne poemas escritos a partir de um tema central: a mulher. <br />Uma das vozes mais destacadas da gera&ccedil;&atilde;o, Ang&eacute;lica Freitas subverte as imagens absolutamente gastas do que se espera do g&ecirc;nero feminino &mdash; anunciadas em capas de revistas e em vitrines de lojas de departamentos &mdash;, e joga luz &mdash; com intelig&ecirc;ncia, sagacidade e senso de humor agu&ccedil;ado &mdash; sobre o nosso tempo.

Compre agora e leia

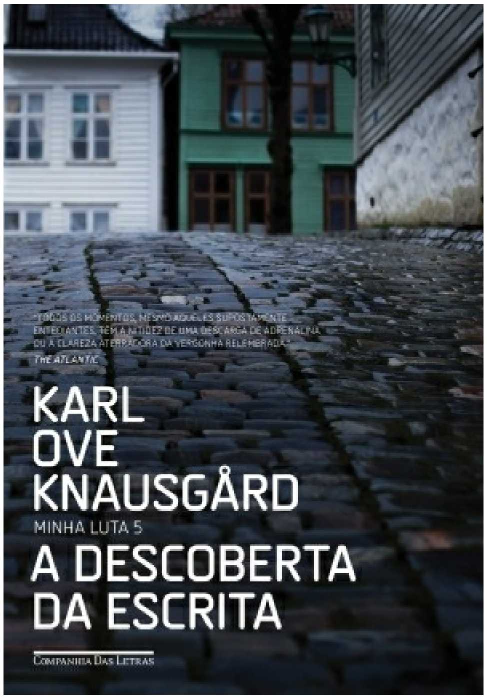
"TODOS OS MOMENTOS, MESMO AQUELES SUPOSTAMENTE ENTEDIANTES, TÊM A NITIDEZ DE UMA DESCARGA DE ADRENALINA OU A CLAREZA ATERRADORA DA VERGONHA RELEMBRADA."
THE ATLANTIC
KARL OVE KNAUSGÅRD
MINHA LUTA 5
A DESCOBERTA DA ESCRITA
COMPANHIA DAS LETRAS

A descoberta da escrita

Knausgård, Karl Ove
9788543810256
624 páginas

Compre agora e leia

No quinto volume da s&eacute;rie Minha luta, Knausg&aring;rd exp&otilde;e com maestria e riqueza de detalhes seus anos de forma&ccedil;&atilde;o como escritor.<br /><br />Aqueles que acreditam que o talento liter&aacute;rio se resume a uma voca&ccedil;&atilde;o inata n&atilde;o podem deixar de ler A descoberta da escrita, quinto volume da s&eacute;rie que ultrapassou as fronteiras da Noruega para ganhar o restante do mundo, consagrando-se como um dos maiores sucessos liter&aacute;rios dos &uacute;ltimos tempos. <br />Neste romance autobiogr&aacute;fico, o autor percorre seus anos de estudante de escrita criativa na cidade universit&aacute;ria de Bergen. Com a honestidade que lhe &eacute; caracter&iacute;stica, explicita as dificuldades e frustra&ccedil;&otilde;es que permeiam o caminho de todo aspirante a romancista: &ldquo;eu sabia pouco, queria muito e n&atilde;o conseguia nada&rdquo;, confessa o narrador. <br />&Agrave;s intemp&eacute;ries da forma&ccedil;&atilde;o de escritor somam-se os conflitos e inseguran&ccedil;as da juventude, permeados por epis&oacute;dios de bebedeira, brigas, insucessos rom&acirc;nticos e toda sorte de golpes ao narcisismo pueril daquele que viria a se tornar o maior escritor vivo da Noruega.

Compre agora e leia

Companhia Das Letras
O FOGO NA FLORESTA
MARCELO FERRONI

O fogo na floresta

Ferroni, Marcelo
9788543810850
304 páginas

Compre agora e leia

Em seu terceiro romance, Marcelo Ferroni combina realismo e ironia com a habilidade dos grandes ficcionistas.<br /><br />A vida n&atilde;o deu a Helo&iacute;sa as oportunidades que ela merecia, mas ela enfrenta bravamente as adversidades e, como boa brasileira, segue em frente. Apesar das agruras dom&eacute;sticas, das injusti&ccedil;as no trabalho, das desventuras da maternidade, das amigas invejosas, do marido sem gra&ccedil;a, das presta&ccedil;&otilde;es por pagar, da implic&acirc;ncia da sogra, dos colegas incompetentes e do irm&atilde;o desalmado, esta Emma Bovary dos tr&oacute;picos persevera na busca da felicidade a que tem direito. <br />Ao combinar o melhor da tradi&ccedil;&atilde;o do romance realista com a ironia que a tarefa demanda em nossos tempos, Ferroni constr&oacute;i uma das personagens mais instigantes da literatura nacional, com a qual &eacute; imposs&iacute;vel n&atilde;o se identificar.

Compre agora e leia

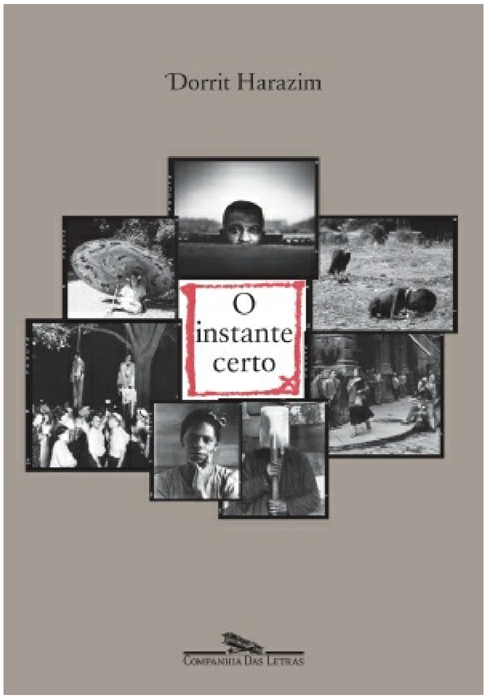
Dorrit Harazim
O instante certo
Companhia Das Letras

O instante certo

Harazim, Dorrit
9788543806242
384 páginas

Compre agora e leia

Com olhar arguto e sens&iacute;vel, a jornalista Dorrit Harazim fala de algumas das mais importantes fotografias da hist&oacute;ria.<br /><br />H&aacute; cliques que alteraram o rumo da hist&oacute;ria e os costumes da sociedade. Neste O instante certo, a premiada jornalista Dorrit Harazim conta as hist&oacute;rias de alguns dos mais c&eacute;lebres fotogramas j&aacute; tirados. Assim, registros da Guerra Civil Americana servem de base para analisar os avan&ccedil;os tecnol&oacute;gicos da fotografia; uma foto na cidade de Selma conta a hist&oacute;ria do movimento pelos direitos civis; e uma mudan&ccedil;a na lei trabalhista brasileira tem como fruto um dos mais prof&iacute;cuos retratistas do pa&iacute;s. <br />Em seu primeiro livro, Harazin nos guia n&atilde;o apenas atrav&eacute;s das imagens, mas de um universo de hist&oacute;rias interligadas, acasos e aqueles breves momentos de genialidade que s&oacute; a fotografia pode captar.

Compre agora e leia

Tirando de letra:

✓ orientações
✓ simples e
✓ práticas para
✓ escrever bem

Chico Moura e Wilma Moura

Companhia Das Letras

Tirando de letra:
✔ orientações
✔ simples e
✔ práticas para
✔ escrever bem

Chico Moura e Wilma Moura

COMPANHIA DAS LETRAS

Sumário

Introdução

1. O que é preciso saber para produzir uma escrita competente
Tenha claro o que você quer dizer
Prepare-se para expor suas ideias
Defina seu objetivo principal
Formule uma tese como ponto de partida
Selecione um tipo de texto
Conheça seu leitor

2. Como organizar o texto
Planeje o que vai escrever
Escolha seu método de desenvolvimento
Faça do parágrafo uma unidade de composição
Seja breve na introdução

3. Caminhos a seguir
Os verbos têm vozes: escolha-as com cuidado
Fique atento às palavras desnecessárias
Expresse ideias coordenadas de maneira similar
Preste atenção às possíveis ambiguidades
Use partículas expletivas com parcimônia
Finalize as frases de maneira enfática
Dê preferência a frases com verbos de ação
Substitua pares de palavras redundantes por palavras isoladas
Prefira expressões simples ou palavras únicas
Use o nível de linguagem adequado ao contexto

4. Procedimentos a evitar
Não use negativas indiretas
Evite “terceirizações” anônimas
Não abuse dos comentários pessoais
Descarte categorias redundantes
Fuja de termos esnobes ou empolados
Considere eliminar advérbios e adjetivos
Elimine repetições desnecessárias
Não se renda à mesmice das palavras da moda
Evite estrangeirismos desnecessários

5. Como garantir a coesão e a coerência do texto

Conecte seus pensamentos, relacionando sentenças e parágrafos
Conecte o final de uma sentença com o começo da próxima
Ajude o leitor a estar ciente do verbo correspondente a cada sujeito
Fique atento à correlação dos tempos verbais
Organize seu texto seguindo uma progressão natural

6. Como pontuar: ritmo e sentido
Use o ponto-final para enfatizar suas ideias
Empregue a vírgula para separar partes da frase
Empregos obrigatórios da vírgula
Empregue os dois-pontos para antecipar uma ideia
Use ponto e vírgula para sugerir conexão
Use travessão como recurso de ênfase
Seja econômico no uso da exclamação
Use reticências para deixar o pensamento em suspenso

7. Rever e reescrever: passo indispensável
O que deve ser observado
A reescrita na prática

Dúvidas recorrentes
Glossário
Bibliografia
Referências bibliográficas dos exemplos citados

Introdução

Seria a capacidade de escrever bem algo restrito a um pequeno número de pessoas talentosas?

Esse e outros tantos mitos relacionados à escrita são bastante difundidos aqui e ali. No entanto, eles não encontram correspondência na prática. Qualquer pessoa interessada é capaz de produzir bons textos, desde que conheça princípios básicos da escrita e certos aspectos relacionados ao estilo. Ou seja, a produção de bons textos não depende de nenhuma dádiva especial. Mas o que é um bom texto?

A resposta a essa pergunta depende de diversos aspectos, como a intenção de quem escreve e para quem escreve, e do contexto em que escreve. O bom texto é aquele que atende às necessidades decorrentes desses fatores. O "bom", neste caso, pode ser entendido como "adequado". Um texto formal, extremamente bem estruturado, com tratamento cerimonioso e vocabulário apurado estaria longe de ser bom, se o contexto a que se aplicasse fosse informal. Do mesmo modo, um texto coloquial, descontraído, sem grandes preocupações com exatidão vocabular ou estrutura formal, na escrita de um documento, estaria muito inadequado.

O objetivo deste livro é explicitar esses princípios e tratar de questões estilísticas em geral pouco abordadas nos manuais existentes. Sempre com referência à escrita não ficcional.

Não se pretende trabalhar partindo nem de gênero nem de tipologia textual, ainda que sejam mencionados quando for o caso, e sim de elementos básicos de estilo; também a correção gramatical — apesar de necessária — não terá lugar de destaque. Vale o mesmo para as técnicas argumentativas ou narrativas e textos literários.* O foco será a organização do texto, a clareza e a precisão, a concisão, a coerência e a coesão, o ritmo; enfim, elementos de estilo que podem auxiliar na elaboração de textos em geral.

Em língua inglesa, existe uma tradição bastante forte de produzir guias de escrita, que resultou em obras que consagraram autores como William Strunk Jr. e E. B. White (*Elements of Style*), Stephen Wilbers (*Keys to Great Writing*), passando por William Zinsser (*On Writing Well*) e chegando a Steven Pinker (*The Sense of Style*), para citar apenas alguns. Cada um trilhou caminhos próprios, indo dos mais prescritivos aos que negam a importância das regras.

Nós bebemos dessas fontes ao conceber este livro. Porém, nossa experiência como professores de redação e autores e editores de obras dedicadas ao ensino nos indica uma posição intermediária: por um lado, temos de fornecer alguns parâmetros que, em geral, levam a acertos e mostrar o que é melhor evitar. Por outro, temos claro que não é seguindo regras de como redigir que alguém vai se tornar um escritor. Longe disso, a ideia aqui é fornecer ferramentas básicas para que o leitor deste livro tenha segurança para escrever de maneira simples e correta. Tendo domínio desses mecanismos, terá condições de quebrar tantas regras quantas queira, mas ciente de que as está quebrando e sabendo por que está fazendo isso. E aí, terá surgido um escritor de fato competente, com personalidade e estilo próprio.

---

* Termos específicos da gramática ou da linguística estão explicados no glossário.

O que é preciso saber para produzir uma escrita competente

1

Num mundo repleto de atrativos que concorrem fortemente pela atenção das pessoas, não é fácil manter o interesse de alguém por um texto escrito. E se a redação não estiver boa, então pode esquecer: ele será abandonado rapidamente pelo leitor.

São vários os problemas que podem comprometer um texto e levar o leitor a perder o interesse: se for muito palavroso e carregado de termos empolados, pode ficar incompreensível; se as frases forem mal construídas, o leitor pode entendê-las de maneiras diversas e não alcançar o sentido pretendido pelo autor; se o escritor mudar os pronomes ou alterar o tempo dos verbos no meio do parágrafo, o leitor pode se perder e não saber mais quem está falando ou quando a ação ocorreu; se a sequência das frases não estiver lógica, é provável que o leitor não consiga fazer as conexões esperadas; o escritor, em cuja cabeça essas conexões estão claras, pode não ter se dado ao trabalho de torná-las explícitas. E por aí vai.

Para ser competente, ou seja, para atingir os objetivos para a qual foi produzida, qualquer escrita precisa seguir alguns princípios básicos de composição. Não se trata de uma fôrma, um molde dentro do qual colocar um conteúdo, mas de um modo de expressá-lo que contribui para a sua eficácia.

O primeiro — e talvez o mais importante atributo de um texto — é a clareza. A ponto de, já no século xix, o crítico literário britânico Matthew Arnold ter afirmado ser este o único segredo do estilo: “Tenha algo a dizer e o faça da maneira mais clara possível”.

Além da clareza, simplicidade, concisão, precisão, coerência, coesão e ritmo são atributos que devem estar presentes nos textos. Não se está tratando, aqui, do texto literário, que segue outros parâmetros que não nos propusemos a abordar. Antes de nos determos em cada um desses atributos — o que será feito em capítulos subsequentes —, vamos apresentar a seguir alguns princípios elementares como ponto de partida.

Tenha claro o que você quer dizer

Por que você está escrevendo? Que informações, pensamentos e experiências você quer relatar para o seu leitor? Por quê? Saber o propósito da escrita é condição necessária para a sua adequação.

Tendo em conta seu objetivo e seus pontos de vista, qual é a melhor forma de organizar esse material?

Qual o modo mais eficiente de ilustrar e fundamentar seus argumentos?

Como você pode expor seus pontos de vista de maneira fluida, conectando-os logicamente?

Essas perguntas, que precedem o ato de escrever, servem de orientação para o esboço, que é o passo inicial da produção de texto. Ter um esqueleto a ser preenchido facilita a redação.

Prepare-se para expor suas ideias

Supondo que você tenha escolhido o assunto sobre o qual vai escrever, comece se questionando:

- → O que você sabe a respeito do assunto é suficiente para escrever sobre ele de maneira significativa?
- → Você está disposto a despender esforço e tempo para buscar as informações necessárias?
- → Você é capaz de apresentar esse assunto de modo que seja interessante, relevante e útil para o seu possível leitor?

Se a escolha do assunto não for sua, mais um motivo para você se preparar antes de começar a escrever. Não é perda de tempo, pelo contrário. Quanto mais você souber sobre o tema, mais condições terá de desenvolvê-lo de maneira consistente.

Defina seu objetivo principal

Em geral, escreve-se para informar, persuadir ou entreter. Essas categorias não são excludentes, podendo muitas vezes estar misturadas, mas uma delas sempre se sobrepõe às demais. Ter certeza sobre seu objetivo é fundamental para que o trabalho seja bem-sucedido, pois disso dependem várias decisões que é preciso tomar durante o processo de escrita: como abordar o assunto, como desenvolvê-lo, quais argumentos empregar e como usá-los, se é ou não o caso de exemplificar, se cabe ou não expor seu ponto de vista, entre outras tantas.

Formule uma tese como ponto de partida

Esse passo se aplica apenas a alguns tipos de textos. Ele tem a ver, sobretudo, com as escritas persuasivas, aquelas em que a intenção de quem escreve é convencer seu leitor de alguma coisa.

A tese não pode ser tão restrita que não se possa discuti-la (por exemplo, “As estações do ano duram três meses”), nem tão ampla que não caiba em um número razoável de páginas (“O governo não está preocupado com o meio ambiente”).

Primeiro se estabelece o tema e, a seguir, os aspectos que serão trabalhados. Por exemplo, dentro do tema “governo e meio ambiente”, podem ser considerados o uso de combustíveis fósseis e o desmatamento. Nesse caso, a tese poderia ser algo como:

> Medidas como o incentivo ao uso de combustíveis fósseis e a falta de controle do desmatamento por empreendimentos imobiliários revelam falta de compromisso do governo com o desenvolvimento sustentável.

Selecione um tipo de texto

Escolhido o assunto e estabelecido o objetivo do texto a ser escrito, há vários caminhos possíveis.

Você pode escolher entre descrição, narração, exposição e persuasão. Cada um deles tem vantagens. Dependendo do seu objetivo, do leitor e do assunto escolhido, selecione o mais adequado para auxiliá-lo a alcançar sua meta. Na maioria das vezes, você irá empregar uma combinação desses tipos.

Quando quiser fornecer dados sobre uma pessoa, um objeto, uma cena, um local, empregue a descrição

Mostrar é mais eficiente do que *contar* ao leitor.

As descrições podem ser tanto objetivas como subjetivas. As objetivas se valem de aspectos factuais, que podem ser percebidos por qualquer observador. As subjetivas dependem do olhar de quem descreve. Em geral, a descrição que apela aos cinco sentidos e que se vale de aspectos concretos tem um impacto maior. Além de facilitar a comunicação com o leitor, pode levá-lo a compreender melhor o que se pretende descrever.

Veja estes dois casos:

> Espremida dentro de muralhas romanas, medievais e do século 17, a teia de ruas de Évora representa riqueza arquitetônica e cultural. Da imponente catedral, uma caminhada pelas lojas de artesanato da rua 5 de Outubro leva à praça do Giraldo, a agitada praça principal da cidade, cujas arcadas são uma lembrança da influência mourisca. A religiosidade de Évora se reflete na quantidade e variedade de igrejas. São mais de 20 igrejas e mosteiros incluindo a Capela dos Ossos. Os excelentes restaurantes da cidade e os nomes curiosos de algumas de suas ruas históricas, como Beco do Homem Não Barbeado ou rua do Alfaiate da Condessa, tornam a cidade alegre e ainda mais prazerosa.
>
> (*Guia visual: Portugal, Madeira e Açores*, p. 304.)

> Vê um nariz batatudo, reluzente e esburacado como uma casca de bergamota. Boca estranhamente juvenil entre queixo e bochechas tomados por rugas finas, pele um pouco flácida. Barba feita. Orelhas grandes com lóbulos maiores ainda, parecendo esticados pelo próprio peso. Íris da cor de café aguado no meio de olhos lascivos e relaxados. Três sulcos profundos na testa, horizontais, perfeitamente paralelos e equidistantes. Dentes amarelados. Cabelos loiros abundantes quebrando numa única onda por cima da cabeça e escorrendo até a base da nuca.
>
> (Daniel Galera, *Barba ensopada de sangue*, p. 13.)

Notou a diferença? Ambos os textos são descritivos, mas se valem de recursos bem diversos. Nos textos técnicos ou de divulgação científica, bem como em manuais e guias (como no primeiro caso), a descrição é predominantemente objetiva. Atém-se àquilo que é observável. Na ficção, a descrição é, em geral, mais subjetiva, tem a ver com o olhar de quem está descrevendo (como na caracterização de personagem que abre o romance de Daniel Galera).

Para contar uma história, use a narração

Contar histórias não é simples. Exige uma habilidade especial para criar tensões dramáticas de forma a despertar o interesse do leitor. Além de ser usada em textos ficcionais, relatos, depoimentos, notícias e acontecimentos históricos, a narração também pode ser empregada em textos expositivos e persuasivos.

Veja um exemplo de narração num texto de ficção escrito por Raduan Nassar, um mestre da prosa narrativa:

> Na modorra das tardes vadias na fazenda, era num sítio lá do bosque que eu escapava aos olhos apreensivos da família; amainava a febre dos meus pés na terra úmida, cobria meu corpo de folhas e, deitado à sombra, eu dormia na postura quieta de uma planta enferma vergada ao peso de um botão vermelho; não eram duendes aqueles troncos todos ao meu redor, velando em silêncio e cheios de paciência meu sono adolescente? que urnas tão antigas eram essas liberando as vozes protetoras que me chamavam da varanda? de que adiantavam aqueles gritos, se mensageiros mais velozes, mais ativos, montavam melhor o vento, corrompendo os fios da atmosfera? (meu sono, quando maduro, seria colhido com a volúpia religiosa com que se colhe um pomo).
> (Raduan Nassar, *Lavoura arcaica*, pp. 13-4.)

Agora, observe o emprego da narração num trecho de um relato jornalístico:

> [O ator] Teodoro Nunes vive sem luz há ininterruptos treze anos e dez meses. Dispôs de eletricidade entre 1994, quando se mudou para o apartamento que pertence à sua família, e 1998, quando o antigo morador se lembrou de cancelar o débito automático da conta. Períodos com e sem energia se intercalaram até o apagão definitivo, em outubro de 2002, motivado por um episódio nebuloso na memória do ator.
> (Guilherme Novelli, *piauí*, p. 11.)

Bem diferentes, sem dúvida, mas ambos narrativos, habilmente construídos para contar histórias: ficcional a primeira, real a segunda.

Para informar o leitor, use o texto expositivo

O texto expositivo é utilizado nos mais variados campos profissionais, da escrita técnica e científica até a acadêmica e jurídica. Em geral, esse tipo de texto incorpora os outros três — descrição, narração e persuasão — e assume um tom mais impessoal e objetivo.

> Pode parecer mentira, mas a Terra está hoje mais verde do que há 30 anos, e tudo graças ao aumento dos níveis de dióxido de carbono (CO_2) na atmosfera, que atuaram como “fertilizante”

> para as plantas. A conclusão é de um estudo internacional publicado hoje (25) na revista científica *Nature Climate Change*, uma das publicações com maior impacto científico.
>
> A investigação concluiu que, entre 1982 e 2015, verificou-se uma subida significativa da biomassa verde em quase metade das regiões do mundo (40%). Ao mesmo tempo, em apenas 4% do planeta se detectou uma perda significativa de vegetação.
>
> (Agência Lusa, site Agência Brasil.)

Observe que, nessa explicação, houve o cuidado de citar uma fonte — o nome da revista — valorizada no mundo científico, de modo a conferir “autoridade” ao que está sendo noticiado: a despeito das expectativas em contrário, houve aumento do verde no planeta. Trata-se de um recurso particularmente útil quando se quer relatar algo que vai contra o senso comum e precisa ser justificado.

Para convencer o leitor a pensar, agir ou sentir de uma determinada maneira, empregue o texto persuasivo

Do mesmo modo que a exposição, também a persuasão incorpora as demais tipologias textuais. Mas, nesse caso, o propósito é influenciar o pensamento, as ações ou os sentimentos do leitor. O texto expositivo é mais focado no assunto; o persuasivo, no leitor. Desse modo, a escolha da palavra mais adequada, do tom mais envolvente, da argumentação mais convincente é estratégica.

A linguagem persuasiva é muito utilizada em campanhas comunitárias, produzidas por órgãos governamentais. Veja, por exemplo, os dizeres de um cartaz de uma campanha veiculada pelo Ministério da Saúde, em 2015:

> DENGUE E CHIKUNGUNYA
>
> O perigo aumentou. E a responsabilidade de todos também.
>
> E você, já fez sua parte?

Note o uso da palavra “você”, que se refere diretamente ao leitor, foco da mensagem.

Nos artigos de opinião, como neste trecho de um ensaio sobre a preguiça no samba, de autoria da psicanalista Maria Rita Kehl, o convencimento do leitor — sempre ele, o foco do texto — pode se dar por vias menos diretas:

> Sambar, tocar, cantar a noite toda, sem preguiça nenhuma, é uma forma de vadiagem que escapa à polarização atividade/inatividade e, em troca, opõe trabalho a prazer, uso útil do tempo a desperdício inútil das horas que o relógio se esquece de marcar e cuja passagem o corpo não dá sinais de reparar. Preguiçoso, o sambista? Que nada: incansável!
>
> (Maria Rita Kehl, “A preguiça na cadência do samba”, p. 356.)

Conheça seu leitor

Nada é totalmente neutro em termos de língua. As palavras que você usa, o modo como constrói as frases e as organiza num texto, a consistência e a precisão de suas afirmações, o que você diz ou deixa de dizer e até o que está por trás do que foi dito revelam muito sobre você. E podem aproximá-lo ou afastá-lo do seu leitor.

Trata-se de adequação, de escrever do jeito certo para as pessoas certas. É preciso cautela na escolha das palavras — que têm o poder de incluir ou de excluir leitores —, no uso de pronomes, entre outros cuidados. Alguns estereótipos estão de tal maneira arraigados na linguagem que só nos damos conta deles quando alguém, que se sente atingido, os aponta.

Tudo isso só faz sentido porque quem escreve, em geral, escreve para alguém ler. Pergunte-se: quem é o meu leitor? Como ele se posiciona em relação a mim e ao assunto de que vou tratar? Como posso cativá-lo?

Buscar respostas a essas perguntas ajuda a redigir um texto mais adequado. Quanto mais você souber sobre seus leitores, maior será a probabilidade de êxito na interação com eles.

É o destinatário do texto que dá indícios ao escritor do registro — formal ou informal — a ser empregado, do vocabulário a ser utilizado, do nível de aprofundamento da argumentação. Afinal, é para ele que o texto está sendo escrito.

Como organizar o texto

2

Vencida a etapa anterior, começa-se a pensar na produção propriamente dita. Escrever é combinar, ou seja, arranjar e rearranjar palavras em frases, frases em parágrafos, parágrafos num texto que seja coerente, coeso e faça sentido para quem lê.

Nas palavras de William Zinsser, “A escrita é a organização lógica do pensamento”. Organizar o pensamento supõe relacionar as ideias de forma clara, encadeada, de modo a não dar margem a entendimentos equivocados, a ambiguidades, a conclusões falsas.

A maneira como você faz esse arranjo, como organiza seu pensamento, torna o seu texto único entre outros, o particulariza como escritor. Apesar desse caráter individual inerente à produção escrita, existem alguns procedimentos genéricos que, quando seguidos, tornam essa tarefa mais simples e produtiva. É o que veremos a seguir.

Planeje o que vai escrever

Antes de mais nada, faça um apanhado do que você sabe sobre o assunto ou retome anotações de leituras que já tenha feito.

→ Pergunte-se: o que eu quero dizer sobre o tema? A resposta que você der a essa pergunta será a sua tese (mencionada no capítulo anterior).
→ Selecione ideias e argumentos que vão sustentar seu ponto de vista.
→ Verifique se será necessário consultar outras fontes para fundamentar suas afirmações.
→ Pense agora na maneira como o texto vai ser desenvolvido: você vai se valer de exemplos, analogias, definições, divisões ou classificações? Que outros recursos julga relevantes?
→ Pense também no modo como vai apresentar sua conclusão.
→ Comece a escrever seguindo o plano, podendo reformulá-lo sempre que achar necessário. Plano não é camisa de força, é ajuda.

Escolha seu método de desenvolvimento

Há diversas maneiras de desenvolver um texto: citando exemplos, detalhando cada passo de uma explicação, dividindo ou reunindo em categorias, comparando e analisando, estabelecendo relações de causa e efeito, definindo conceitos.

O uso de *exemplos* para esclarecer, ilustrar e apoiar pontos de vista é um princípio básico da escrita efetiva. O texto provoca mais impacto no leitor quando é específico, detalhado, relevante e adequado. Relatos de fatos, analogias, metáforas e citações são recursos adequados para bem exemplificar.

Com uso de analogia:

> A luta entre *Davi e Golias* ficou muito mais equilibrada. Viva a competição. Dela virão as respostas.
>
> (Nizan Guanaes, a respeito de marcas comerciais. *Folha de S.Paulo*.)

Com uso de metáfora:

> Há palavras que são *armadilhas* para os ouvidos […].
>
> (Ivan Ângelo, *Veja São Paulo*.)

> […] a grande maioria dos gays do mundo do futebol continua *dentro do armário*. Quem vai comprar uma briga dessa?
>
> (Mariliz Pereira Jorge, a respeito de uma declaração do dirigente de um clube de futebol. *Folha de S.Paulo*.)

Com uso de citação:

> É ao descrever sua infância, […] que Nabuco demonstra a força com que a experiência do país marca a vida de todos nós: “O traço todo da vida é para muitos um desenho da criança esquecido pelo homem […]”.
>
> (Celso Lafer, *O Itamaraty na cultura brasileira*, p. 19.)

> Pelo que o mundo já viveu em 2017, “resiliência” deve vir a ser a palavra do ano. Mas não é de agora que a capacidade de “se recobrar facilmente ou se adaptar à má sorte ou às mudanças”, segundo o dicionário *Houaiss*, é necessária.
>
> (Joca Reiners Terron, *Folha de S.Paulo*.)

O cronista Fernando Sabino, numa carta enviada à escritora Clarice Lispector, fez uso de exemplos de uma forma muito peculiar:

> Nova York, 10 de junho de 1946
> Clarice,
> […] Tenho dado muitas gafes aqui com o meu pobre inglês. Uma: entrei num drugstore para comprar remédio para dor de cabeça e acabei levando uma loção para cabelos. Tenho tido muitos pesadelos. Um: ontem sonhei com um rato encravado na parede, guinchando de dor.

> Tenho reformado muitos conceitos, por exemplo: o Jayme Ovalle não é tão chato como eu imaginava. Tenho imitado Otávio de Faria em tudo o que ele não faz. Tenho feito descobertas importantes, por exemplo: o pecado é simplesmente tudo o que Cristo não fez. Tenho conhecido sujeitos famosos, por exemplo: Duke Ellington. […]
>
> Fernando
>
> (Clarice Lispector, *Correspondências*, pp. 82-5.)

Veja como o texto teria ficado muito mais pobre e sem graça se ele tivesse aberto mão dos exemplos e escrito simplesmente assim:

> Tenho dado muitas gafes aqui com o meu pobre inglês. Tenho tido muitos pesadelos. Tenho reformado muitos conceitos. Tenho feito descobertas importantes. Tenho conhecido sujeitos famosos.

Em textos instrucionais, aqueles em que se explica como fazer algo ou como alguma coisa funciona, um bom método é *detalhar cada passo*. É o que se faz em receitas culinárias, manuais de eletrodomésticos, regras de jogos, montagem de objetos e máquinas, entre outros.

Nesse tipo de texto, é fundamental não perder de vista que se está ensinando algo que o leitor não sabe. Assim, a clareza e o detalhamento progressivo, sem supor que alguns passos já sejam conhecidos, é a regra de ouro.

O linguista Steven Pinker, em seu *Guia de escrita*, chama os saltos de informação de “maldição do conhecimento”, citando como exemplo os manuais de uso de produtos eletrônicos, que provavelmente são muito claros para os engenheiros que os produziram, mas, para os leigos, são obscuros e incompreensíveis.

Em relação ao modo de escrever, ao fazer esse detalhamento, é importante ficar atento para as estruturas utilizadas, de modo que sejam paralelas. Assim, verifique o início de cada item da enumeração: se alguns começam com verbos e outros com substantivos, ou se alguns são frases completas e outros são fragmentos, não existe paralelismo. Como neste trecho retirado de um manual de instruções de um eletrodoméstico (os grifos são nossos):

> Limpeza
> — Antes de efetuar qualquer operação de limpeza ou manutenção, *retire* o cabo de alimentação da tomada ou desligue o disjuntor.
> — Para aumentar a vida útil do seu produto e evitar manchas, *fazer* a limpeza interna e externa com frequência.
> — Não *utilize* cera, ou produtos de limpeza com silicone ou materiais inflamáveis.
> — Nunca *usar* produtos de limpeza com álcool.
> — *É* contraindicado o uso de produtos abrasivos.

Notou que, nas orações em que se diz o que deve ser feito, há uma mistura de modos verbais, ora imperativo (*retire*, *não utilize*), ora infinitivo (*fazer*, *nunca usar*)? Repare também na última recomendação, que destoa das anteriores.

Por que o paralelismo é importante? Porque facilita a leitura e a compreensão. Veja o mesmo texto, reescrito com estruturas paralelas:

> Limpeza
> — Antes de efetuar qualquer operação de limpeza ou manutenção, *retire* o cabo de alimentação da tomada ou desligue o disjuntor.
> — Para aumentar a vida útil do seu produto e evitar manchas, *faça* a limpeza interna e externa com frequência.
> — Não *utilize* cera, ou produtos de limpeza com silicone ou materiais inflamáveis.
> — Nunca *use* produtos de limpeza abrasivos ou com álcool.

A *divisão* e a *classificação* também são métodos empregados no desenvolvimento de um texto. Uma classe de trinta alunos, por exemplo, agrupados de cinco em cinco, está apenas dividida. Se os alunos estiverem organizados por idade, por gênero, por local de procedência, ou por qualquer outro critério, estarão classificados. Por isso se chama “Classificados” a seção dos jornais em que há anúncios de empregos, imóveis, veículos etc. Note que eles aparecem divididos — não se veem anúncios de carros para vender junto com anúncios de apartamentos para alugar — e agrupados em diferentes classes — oportunidades de emprego, imóveis para alugar ou vender, automóveis usados ou novos.

Vejamos um exemplo de aplicação desse recurso em um texto:

> O reino *animalia* é formado por seres que se movem: insetos, vermes, peixes, répteis, anfíbios, aves e mamíferos.
> (Site Vida e Saúde)

Nessa frase, a expressão “reino *animalia*” foi usada para indicar semelhança entre os seres citados: todos eles se movem. Foi feita aqui uma *classificação*. Os termos “insetos”, “vermes”, “peixes”, “répteis”, “anfíbios”, “aves” e “mamíferos”, ao contrário, indicam uma *divisão*, pois apontam as diferenças entre eles, individualizando-os dentro de uma classe ao nomeá-los um a um.

O fragmento reproduzido a seguir é uma amostra interessante de como a classificação foi usada para explicar os diferentes tipos de problemas (filosófico, social, político e científico) causados pela aceleração do envelhecimento no Brasil nas últimas décadas:

> *Filosófico*, porque a velhice carece de novo sentido e requer ética nova. *Social*, porque os velhos ainda têm lugar na sociedade atual. *Político*, porque a existência de um número maior de velhos exige políticas e ações que permitam ao segmento idoso viver como cidadão. E *científico*, pois não basta sobreviver: tanto a ciência quanto a tecnologia devem, com seus avanços, colaborar para a melhoria da qualidade de vida daqueles que envelhecem e resolver novos desafios teórico-metodológicos.
> (Maura Véras, citada por Alexandre Hecker, *Uma história da longevidade no Brasil*, pp. 112-3.)

O que a autora fez foi agrupar os diferentes problemas em quatro classes, em função de suas características: de ordem filosófica, social, política e científica.

Em suma: use a divisão quando quiser identificar diferenças e a classificação quando o objetivo for enfatizar semelhanças.

Comparações e *analogias* são úteis principalmente em textos que tratam de assuntos mais complexos, dos quais o leitor pode ter um conhecimento relativamente limitado. Elas tornam familiar o que é desconhecido, e simples o que é complicado. Como neste caso:

> Nossas tentativas de manipular ecossistemas complexos são provavelmente inúteis. Assim como os furacões, o instinto de reprodução e a competição entre espécies são forças poderosas demais para ser controladas. Se desejamos restringir nosso impacto no planeta, o melhor é controlar o número de humanos e suas atividades predatórias. O erro é acreditar que nossa capacidade de destruir ecossistemas nos habilita a controlar a interação entre os seres vivos e o meio ambiente.
>
> (Fernando Reinach, *A longa marcha dos grilos canibais*, pp. 18-9.)

Percebeu como a analogia com a força dos furacões, conceito simples e conhecido, foi usada para ajudar a entender a força do instinto de reprodução e a competição entre as espécies, conceito bem mais complexo e menos conhecido?

Causa e efeito envolvem análise de conexões. Fundamental, aqui, é evitar o estabelecimento de relações falsas, que invalidam a argumentação.

Esse recurso pode ter uma função meramente expositiva, mas pode também ser usado quando a intenção é persuadir o leitor, levando-o a reagir positivamente à argumentação feita.

Observe como o professor Massimo Di Felice, pesquisador das implicações das tecnologias e das redes nas relações humanas na atualidade, utilizou tal recurso numa entrevista, associando o advento da internet a um novo conceito de democracia:

> O que significou a democracia até a TV não é mais a democracia da internet. A grande conquista do Ocidente foi a democracia com eleição de representantes e de projetos políticos para a gestão pública. Hoje, isso não basta mais, pois temos dispositivos que nos permitem ver em tempo real e opinar sobre qualquer assunto. O político hoje é muito mais o que ele deveria ser, que é um funcionário pago pela sociedade para administrar o bem-estar da sociedade. Antes, o cidadão participava a cada quatro anos, e hoje é possível acompanhar o que acontece diariamente, em tempo real.
>
> (Massimo Di Felice, *revista e*.)

O desenvolvimento do texto pode começar pela causa ou pelo efeito, dependendo da ênfase que se quer dar.

Em ensaios e artigos, às vezes é necessário definir alguns conceitos. Essa *definição* deixa claros os limites dentro dos quais uma ideia central está sendo explorada. Um bom exemplo é a forma como a antropóloga Mary Catherine Bateson usou a definição dos termos “natural” e “orgânico” em defesa da tese de que eles são empregados de maneira inadequada:

> Se “natural” significa “não afetado por atos humanos”, não será encontrado nas lojas de “comida natural”. A maioria dos produtos alimentares foi produzida por cruzamentos seletivos ao longo dos séculos, transformando plantas selvagens em variedades dependentes de cuidado dos seres humanos e com uma variabilidade profundamente alterada. A maioria é também processada e transportada por formas culturalmente inventadas; afinal de contas, tofu não cresce nas árvores. Fazendeiros “orgânicos” precisam trabalhar com afinco e destreza; a natureza não faz o serviço para eles. No entanto, o esforço para produzir alimentos sem fertilizantes químicos e inseticidas que deixam resíduos tóxicos é uma importante área de

> criatividade e persuasão. Seria bom encontrar um modo de falar sobre isso sem usar palavras absurdas e contraditórias como “natural” e “orgânico” (o que um legume seria se não orgânico?).
>
> (Mary Catherine Bateson, “Sobre a naturalidade das coisas”, p. 26.)

É importante ter em mente que uma definição não pode ser circular, ou seja, conter o termo definido, pois perderia seu caráter explicativo. De nada adianta dizer que *líder* é aquele que *lidera*, ou que *integridade* é a qualidade do que é íntegro. Seria preciso que o leitor já soubesse o que é “liderar” ou o que é “íntegro”. E, nesse caso, não seria necessário definir os termos.

Também, nas definições, é preciso estar atento ao paralelismo, ou seja, à simetria na construção das frases: substantivo seguido por substantivo, verbo por verbo, e assim por diante.

Em vez de:

Súcia é formar um grupo de indivíduos de má índole.
↘ ↘
substantivo verbo

escreva:

Súcia é um grupo de indivíduos de má índole.
↘ ↘
substantivo substantivo

Veja mais um exemplo de definição bem utilizada num artigo do filósofo Leandro Karnal:

> Gostaria de resgatar um sentido menos usual da palavra etiqueta: pequena ética. Etiqueta não seria o duvidoso valor de saber qual talher ou copo seriam adequados. A verdadeira etiqueta trata da convivência em grupo. A “pequena ética” seria uma consciência de que, mais do que atributo da antiga nobreza, a cortesia e a gentileza são fundamentais para a existência em sociedade.
>
> Por favor, com licença, desculpe-me e obrigado são quatro fórmulas mágicas que devem ser multiplicadas. Todas implicam reconhecer que há algo ou alguém além de mim. Saber segurar a faca corretamente na mão direita e, ao mesmo tempo, maltratar o garçom, é prova de que só se captou a parte imbecil da etiqueta.
>
> (Leandro Karnal, *O Estado de S. Paulo*.)

Estruturas paralelas, construção simétrica (“não seria o duvidoso”/“seria a consciência”)… Tudo bem explicado, sem dar margem a dúvidas e muito bem escrito.

Faça do parágrafo uma unidade de composição

Na definição do *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*, o parágrafo é uma “divisão de um texto escrito, indicada pela mudança de linha, cuja função é mostrar que as frases aí contidas mantêm maior relação entre si do que com o restante do texto”.

Imagine como seria ler um capítulo inteiro de um livro que não tivesse separação entre sentenças nem divisão em parágrafos. Confuso, não? A organização das palavras em frases e destas em parágrafos “descomplica” o texto, pois é ela que explicita para o leitor a lógica do pensamento de quem o escreveu.

Em literatura, há muitos exemplos de ausência de paragrafação e mesmo do ponto-final para dar maior verossimilhança a um fluxo de pensamento. O grande mestre no uso desse recurso foi James Joyce: o monólogo interior da personagem Molly ocupa dezenas de páginas do romance *Ulisses* sem nenhuma paragrafação. Mas isso já é outra história…

Se o assunto sobre o qual se vai escrever é breve, ou se se pretende tratá-lo de maneira ligeira, não é necessário dividi-lo em tópicos. Uma descrição curta, uma sinopse de livro ou filme, um relato de um incidente, uma narrativa sem detalhes são exemplos de textos que devem ser escritos num único parágrafo. Depois de tê-lo escrito, contudo, pode-se examiná-lo, para ver se ficaria melhor se fosse dividido em mais parágrafos.

De modo geral, se um assunto requer divisão em tópicos, cada tópico deve ser tratado em um parágrafo diferente. O objetivo é ajudar o leitor. O começo de cada parágrafo é sinal de que foi atingido um novo passo no desenvolvimento da argumentação.

Parágrafos, em geral, não devem ser constituídos por uma única sentença. Exceto talvez no caso de sentenças que funcionam como transição, indicando relação entre partes de uma exposição ou argumento.

Começar cada parágrafo com uma frase que sugira o tópico ou com uma sentença que ajude a transição é uma regra útil. Se um parágrafo é parte de uma composição maior, sua relação com o que o precede, ou sua função como parte do todo, pode precisar ser explicitada. Há situações em que basta uma palavra ou expressão já na primeira sentença (“ainda”, “de novo”, “pela mesma razão”, entre outras). Algumas vezes, entretanto, é preferível iniciar o tópico devagar, por meio de uma sentença ou duas de introdução ou transição.

Parágrafos muito longos assustam o leitor, são visualmente pesados. Quebrá-los pode ser uma boa ideia. No entanto, uma sucessão de parágrafos muito curtos pode atrapalhar o entendimento. Parcimônia e senso de organização devem ser os critérios mais importantes da paragrafação.

O trecho reproduzido a seguir é uma amostra bastante representativa de um texto bem paragrafado. Observe:

> Afinal de contas, o que aconteceu antes do big bang?
>
> Poucas crianças deixaram de humilhar seus pais com esse tipo de pergunta. Em geral ela começa com a perplexidade sobre a possibilidade de o espaço “continuar para sempre”, ou de onde vêm os humanos, ou como se formou o planeta Terra. No fim, a linha de questionamento sempre parece chegar à origem fundamental das coisas: o big bang. “Mas por que ele aconteceu?”

> As crianças crescem com uma noção intuitiva de causa e efeito. Os eventos no mundo físico não devem “simplesmente ocorrer”. Algo faz com que eles aconteçam. Mesmo quando o coelho surge da cartola, suspeita-se de algum truque. Então poderia o universo inteiro simplesmente “pipocar”, ganhando existência num passe de mágica, sem nenhuma razão específica?
>
> Essa pergunta simples, feita por tantas crianças, tem ocupado o intelecto de gerações de filósofos, cientistas e teólogos. Muitos a evitaram, considerando-a um mistério impenetrável. Outros tentaram afastá-la usando certas definições. A maioria deles, só de pensar no assunto, acabou ficando terrivelmente confusa.
>
> O problema, no fundo, é o seguinte: se nada acontece sem uma causa, então alguma coisa deve ter levado o universo a surgir. E assim enfrentamos a inevitável pergunta sobre o que causou essa alguma coisa. E assim por diante, numa regressão infinita. Algumas pessoas simplesmente decretaram que Deus criou o universo, mas as crianças sempre querem saber quem criou Deus, e então essa linha de questionamento vai se tornando incômoda e complicada.
>
> (Paul Davies, “O que aconteceu antes do big bang?”, p. 43.)

Note que os parágrafos são curtos, formados por poucas frases simples e diretas — com exceção do primeiro, constituído de uma única frase. Essa frase serve de gancho para o desenvolvimento da tese que vai ser defendida pelo autor, o que é feito nos parágrafos seguintes, cada um contendo uma ideia completa, que vai sendo mais bem explicitada à medida que a argumentação avança.

Os parágrafos podem ser organizados de diversas maneiras. Do modo de fazê-lo resulta um texto mais solto ou mais estruturado. Há os que começam com uma sentença mais genérica — o tópico frasal, para usar a terminologia do filólogo Othon Garcia — seguida por frases que explicam ou delimitam o que foi afirmado e uma ou mais sentenças de explanação ou desenvolvimento. Alguns terminam com uma frase conclusiva. Outros só apresentam o tópico frasal no final. Outros, ainda, não têm tópico frasal.

Cada parágrafo deve ser construído tendo em vista o propósito a que se destina. Os parágrafos mais estruturados, comuns em textos produzidos em função da atividade profissional, por exemplo, tendem a ser curtos, constituídos de três ou quatro frases, e a seguir o padrão: tópico, desenvolvimento, conclusão. Como neste exemplo:

> É fundamental evitar que equívocos de informação se repitam. Dizer ao cliente que o produto está em falta, quando há unidades em estoque, ou dizer que não há prazo para o atendimento, quando esse prazo já está definido nos procedimentos, é inadmissível.

Outro padrão de estrutura, comum na escrita persuasiva, é seguir a lógica dos silogismos: premissa maior, premissa menor, conclusão. Assim:

> Informações equivocadas levam à perda de clientes. Nossa empresa perdeu dois na semana passada por conta disso. Portanto, de hoje em diante, o único setor autorizado a dar informações é o de atendimento ao cliente.

Qualquer que seja a forma escolhida, um bom parágrafo tem três atributos: unidade, coerência e consistência. A *unidade* supõe conexão de ideias subordinadas à ideia principal, de forma que o parágrafo tenha um único propósito; a *coerência* resulta da ligação lógica entre as frases; a *consistência* tem a ver com o suporte dado à ideia principal, que se obtém a partir de exemplos suficientes e detalhamento adequado.

Um texto é constituído por uma sequência de parágrafos que se relacionam uns com os outros. É o encadeamento de um parágrafo com seu antecessor que dá coesão ao texto. Observe:

> Às vezes, os amantes são afastados por uma força maior: o deslocamento obrigatório de um deles e a impossibilidade de o outro acompanhá-lo — mudanças inevitáveis, uma doença, a morte…
>
> Ou, então, a separação acontece pela renúncia de um dos dois, que entende seu gesto como heroico — como quando alguém sacrifica seu amor para cuidar da velha mãe ou das crianças pequenas.
>
> Outras vezes, um dos amantes ou os dois se apaixonam por terceiros e, em vez de terminar sua história comum, eles não deixam de se amar (sim, é possível amar duas pessoas ao mesmo tempo).
>
> Outras vezes, ainda, um dos amantes desiste por comodismo e conforto, e os dois passam a vida lamentando essa escolha.
>
> Enfim, amores inacabados fazem parte da história de todos ou quase. E essas paixões interrompidas se tornam o símbolo das vidas nas quais, quem sabe, teríamos sido outros do que somos.
>
> (Contardo Calligaris, *Folha de S.Paulo*.)

Construa seu texto passo a passo. Escreva em sentenças e pense em parágrafos. Assim fica mais fácil expor o que você precisa ou quer dizer.

Seja breve na introdução

O início de um texto — assim como o fim — chama mais a atenção do leitor do que o desenvolvimento. Começar um texto é uma tarefa difícil. As ideias demoram a engrenar e tomar a forma desejada. Assim, é comum que, no momento da criação do texto, escreva-se muita coisa que pode (e deve) ser desbastada, tarefa a ser feita no momento da revisão e da reescrita, assunto que será tratado no capítulo 7.

Há vários exemplos de expressões usualmente presentes em uma introdução que poderiam perfeitamente ser eliminadas:

- Antes de mais nada
- Primeiro ponto a ser debatido
- O que eu quero dizer em seguida
- Na minha opinião
- Para dizer a verdade
- É desnecessário dizer
- De fato

Veja estas frases:

> A primeira questão a ser respondida é por que o big bang aconteceu.
> Antes de mais nada, é preciso lembrar que os eventos do mundo físico não devem "simplesmente ocorrer".

Elas poderiam, sem perda de significado, ficar simplesmente assim:

> Por que o big bang aconteceu?
> É preciso lembrar que os eventos do mundo físico não devem "simplesmente ocorrer".

Compare:

> Em seu famoso livro *A riqueza das nações*, Adam Smith mostrou como a expansão no tamanho das fábricas resultava em crescimentos proporcionais na produção.

Com:

> Em *A riqueza das nações*, Adam Smith mostrou como a expansão no tamanho das fábricas resultava em crescimentos proporcionais na produção.

Houve alguma perda de informação? Não. E houve ganho de qualidade em relação ao estilo: mais direto, mais enxuto, mais elegante.

É importante reiterar que essa recomendação não é uma camisa de força. Há casos em que tais expressões são carregadas de significado, são recursos estilísticos e podem contribuir para a clareza e a força do texto. Como neste exemplo, que mostra o título e a linha fina de uma matéria jornalística:

> Quando seremos capazes de reconhecer, *de fato*, as populações indígenas?
>
> A demarcação de terras é só o começo da discussão sobre a qualidade de vida nas terras indígenas. São necessárias políticas públicas e um Estado plurinacional.
>
> (Spency Pimentel, *Carta Educação*.)

Caminhos a seguir

3

Não existe uma receita para escrever bem. No entanto, a leitura de textos dos mais variados tipos desvenda possibilidades expressivas que podem ajudar na produção de escritos mais diretos, mais vivos, mais cativantes.

O que se pode afirmar sem medo de erro é que uma boa escrita é uma escrita “limpa”. Isso significa desbastar as frases de palavras que não têm função, de advérbios que contêm o mesmo significado do verbo, de construções passivas que deixam o leitor em dúvida sobre quem está fazendo o quê. (Sempre lembrando que não estamos tratando aqui de textos literários.)

Neste capítulo, vamos esmiuçar algumas dessas possibilidades na forma de conselhos práticos, que, repetimos, não devem ser entendidos como procedimentos rígidos. Não obedecê-los de forma alguma se configura erro, mas conhecê-los pode facilitar — e muito — a vida de quem ainda não tem autonomia para contrariá-los com segurança.

Os verbos têm vozes: escolha-as com cuidado

Voz é a forma assumida pelo verbo para indicar a relação entre ele e seu sujeito. Veja:

→ O jaburu simboliza a nossa terra.
(Capistrano de Abreu)
→ Nossa terra é simbolizada pelo jaburu.
→ O jaburu machucou-se.

Nessas frases, os verbos foram empregados na voz ativa, passiva e reflexiva, respectivamente.

A voz ativa, exemplificada na primeira frase, é aquela em que o sujeito ("o jaburu") exerce a ação expressa pelo verbo ("simboliza"). Na voz passiva, caso da segunda frase, o sujeito ("nossa terra") é quem sofre a ação do verbo ("é simbolizada"). Na voz reflexiva, o terceiro exemplo, o sujeito ("o jaburu") é agente e paciente do verbo ("machucou-se").

Por ser mais direta, mais curta, mais vigorosa, a voz ativa é preferível às demais.

Observe como ficaria um mesmo texto escrito em duas versões.

Em voz ativa:

> A cidade de Armero sumiu do mapa.
>
> O vulcão vizinho matou a cidade. Ninguém conseguiu correr mais rápido que a avalancha de lodo fervente: uma onda grande como o céu e quente como o inferno atropelou a cidade, jorrando vapor e rugindo fúrias de animal ruim, e engoliu trinta mil pessoas e todo o resto.
>
> (Eduardo Galeano, *O livro dos abraços*, p. 130.)

Agora em voz passiva:

> A cidade de Armero foi apagada do mapa.
>
> A cidade foi morta pelo vulcão vizinho. Ninguém conseguiu correr mais rápido que a avalancha de lodo fervente: a cidade foi atropelada por uma onda grande como o céu e quente como o inferno, que jorrou vapor e rugiu fúrias de animal ruim; foram engolidas trinta mil pessoas e todo o resto.

Nesse caso, era importante enfatizar o vulcão como o agente da destruição da cidade. Assim, a voz ativa se mostrou bem mais forte e adequada para dar vida ao relato da tragédia (tanto que a versão em voz passiva não foi a utilizada pelo autor; trata-se de adaptação nossa, para fins de demonstração). O que não quer dizer que, em outras situações, essa seja a melhor escolha. O que vai definir o uso de uma ou de outra é o que se pretende enfatizar.

Veja o trecho de uma notícia a respeito de bares que transgrediram a lei do silêncio, em São Paulo:

> Em duas ruas ao lado [de uma universidade da zona leste], há 19 bares focados em estudantes. Muitos deles foram multados no semestre passado em operações da prefeitura e da Polícia Militar. Foram punidos por excederem o barulho permitido para a área.

(Leandro Machado, *Folha de S.Paulo*.)

Nesse exemplo, quem sofre a punição, ou seja, o paciente da ação (os bares) é mais importante do que o agente (as instituições que aplicaram a punição). Caso típico em que o emprego da passiva é mais adequado do que o da ativa. Em situações assim, ou naquelas em que não há necessidade de mencionar quem praticou a ação, não hesite: empregue a voz passiva.

Fique atento às palavras desnecessárias

A concisão é uma das qualidades dos bons textos. Inchar frases com palavras que não agregam sentido, parágrafos com frases inúteis e textos com trechos desnecessários só serve para desviar a atenção do leitor. A seguir, damos alguns exemplos de expressões de uso comum que contrariam o princípio da concisão.

Não use	**Substitua por**
Apesar do fato de que	Embora
A questão é se	Se
A razão pela qual é	Porque
Chamo a sua atenção para o fato de que	Lembro que
Ele é um homem que	Ele
Este é um assunto que	Este assunto
Não há dúvida que	Sem dúvida
O fato de que ele não tenha tido sucesso	O fracasso dele

Veja como a falta de concisão pode tornar um texto confuso. Partindo de uma situação inusitada — um motorista desempregado que estendeu uma faixa na BR-101 com um pedido de emprego — e que foi alvo de uma reportagem, um site sobre questões profissionais elaborou uma pergunta sobre a razão que explicaria o insucesso dessa tentativa:

A razão pela qual a iniciativa descrita na reportagem não foi tão bem-sucedida é porque:

a. Apesar de ajudar, não é necessariamente a visibilidade que garante uma vaga no mercado de trabalho.

b. Caso a faixa fosse maior e mais bonita, sem dúvida nenhuma a pessoa já teria recebido centenas de ofertas de emprego.

c. Para conseguir um emprego, criatividade é tudo. Se a pessoa tivesse acrescentado algum tipo de apresentação enquanto mostrava a faixa teria seguramente aumentado suas chances de ser empregado.

d. Segundo a reportagem, uma faixa é, sem dúvida alguma, uma forma mais eficiente de conseguir emprego se comparada à distribuição de currículos.

e. É importante atingir o maior número de pessoas em menor tempo para conseguir um emprego. O problema, conforme a reportagem, é que poucas pessoas viram a faixa.

(Site Brainly)

Para desbastar o texto, tornando-o mais enxuto, uma possível reescrita seria:

A iniciativa do motorista não foi bem-sucedida. Razões possíveis:
a. Visibilidade é importante, mas não garante uma vaga no mercado de trabalho.
b. Se a faixa fosse mais vistosa, o motorista poderia ter recebido alguma oferta de emprego.
c. Criatividade ajuda: se ele tivesse feito alguma apresentação enquanto mostrava a faixa, poderia ter aumentado suas chances de sucesso.
d. Para conseguir emprego, estender uma faixa é mais eficiente do que distribuir currículos.

Observe: houve eliminação de palavras e expressões inúteis e repetidas (“necessariamente”, “seguramente”, “sem dúvida alguma”, “sem dúvida nenhuma”, “para conseguir emprego”, “apesar de ajudar”) e de afirmação inconsistente (“criatividade é tudo”). O último parágrafo foi retirado por não acrescentar informação relevante. O exemplo reescrito, ainda longe de ser um bom texto, é melhor que o original, principalmente em termos de concisão.

Entretanto, toda regra tem exceção. Palavras como artigos, adjetivos e advérbios, por exemplo, que em alguns textos são consideradas dispensáveis, em outros têm um papel importante: contribuem para melhorar o ritmo da frase ou tornar a compreensão mais fácil e mais completa. Vejamos:

> Os portugueses não tiveram alternativa. Por mais que tentassem controlar todas as etapas, a história final do comércio açucareiro escaparia de suas mãos, ou mesmo das mãos dos proprietários de terra responsáveis pela produção. Os grandes centros importadores estavam em Amsterdam, Londres, Hamburgo, Gênova, sendo deles o maior poder na fixação dos preços. A economia da cana assumiria, cada vez mais, um perfil internacional e à sua maneira globalizado.
> (Lilia M. Schwarcz e Heloisa M. Starling, *Brasil: uma biografia*, p. 56.)

Seguindo a regra de omitir palavras desnecessárias, esse texto poderia ser reescrito assim:

> Os portugueses não tiveram alternativa. Por mais que tentassem controlar todas as etapas, a história do comércio açucareiro escaparia de suas mãos, ou das mãos dos proprietários de terra. Os centros importadores estavam em Amsterdam, Londres, Hamburgo, Gênova, sendo deles o poder na fixação dos preços. A economia da cana assumiria um perfil internacional e globalizado.

No entanto, além de as frases ficarem sem ritmo e o texto mais sem graça, o leitor não teria a dimensão completa dos fatos relatados: a retirada da palavra “final” acaba por omitir a informação de que se está falando aqui de como o processo terminou, subentendendo-se que houve histórias anteriores; a falta da explicação “que eram responsáveis pela produção” descarta um dado importante, pois eles não só detinham a propriedade da terra, como também se encarregavam do que nela era produzido; citar apenas os nomes dos centros importadores, sem ressaltar que eram os “grandes”, pode levar ao falso entendimento de que só havia esses centros; a retirada da palavra “maior” antes de “poder” induz a pensar que só esses centros podiam fixar os preços; por fim, a eliminação das expressões adverbiais “cada vez mais” e “à sua maneira” deixa de lado as circunstâncias em que os fatos ocorreram: progressivamente e de um modo

particular.

Expresse ideias coordenadas de maneira similar

A semelhança de forma ajuda o leitor a reconhecer mais facilmente a semelhança de conteúdo e função.

Um artigo, ou uma preposição, que se aplica a todos os elementos de uma série deve ser usado apenas antes do primeiro termo ou repetido antes de cada um.

> Progressivamente, o corpo diplomático brasileiro vem refletindo, em sua composição, a heterogeneidade de raças, credos e origem, que são intrínsecos à identidade nacional.
> (Texto de aluno)

Observe que a preposição “de” poderia ter sido repetida antes das palavras “credos” e “origem” (“de raças, de credos e de origem”). É uma escolha do autor. No caso, em respeito à regra de ser econômico na escrita, evitando palavras desnecessárias, ele omitiu a preposição.

Mas veja o que acontece nestes exemplos:

> Difícil descobrir nele um truque, uma sofisticação, uma pose, uma nota falsa. É direto, ágil e determinado como uma verruma.
> (Hélio Pólvora, na contracapa do livro *O rei da terra*, de Dalton Trevisan.)

> Por que não me perguntas a respeito da criação da Imprensa Régia, da fundação do Banco do Brasil, do Jardim Botânico, do Arsenal da Marinha, do Corpo de Bombeiros, do Teatro Real de São João, do Primeiro Campeonato Fluminense de Petecas… fiz muito pelo teu país, rapaz.
> (*Mario Prata entrevista uns brasileiros*, p. 132.)

No primeiro caso, o autor não tinha outra opção a não ser repetir o artigo indefinido (um/uma) antes de cada termo, pois ele se referiu tanto a uma palavra masculina (“truque”) como a palavras femininas (“sofisticação”, “pose”, “nota”). Pelo mesmo motivo, também no segundo caso não havia como não repetir a preposição “da” antes das palavras femininas (“criação”, “imprensa”, “fundação”) e a preposição “do” antes das masculinas (“jardim”, “arsenal”, “corpo”, “teatro”, “primeiro”).

Algumas palavras exigem determinada preposição. Quando uma dessas palavras faz parte de uma construção composta, todas as preposições adequadas precisam ser incluídas.

Há casos complicados. Por exemplo, não podemos dizer que alguém “entrou e saiu de” um lugar. Você entra *em* e sai *de* um lugar. No entanto, a forma “entrou na casa e saiu dela”, apesar de correta, não encontra respaldo no uso. Ninguém fala nem escreve assim. A solução é usar “entrou em casa e saiu”, pois, se já está claro onde a pessoa entrou, não há necessidade de explicitar o lugar de onde ela saiu.

Algumas expressões só devem ser empregadas em conjunto. É o caso de “não só…, mas também”; “primeiro, segundo, terceiro”; “primeiramente, daí, em seguida”; “por um lado, por outro lado”; “quer…, quer”; “ou…, ou”, como nos exemplos abaixo.

> Ressacas *não só* dão dor de cabeça, *mas também* emburrecem.

(Cássio W. Barbosa, site Megacurioso.)

Nele [no romance *Caetés*, de Graciliano Ramos], vemos aplicadas as melhores receitas da ficção realista tradicional, *quer* na estrutura literária, *quer* na concepção da vida.
(Antonio Candido, *Ficção e confissão*, p. 18.)

A despeito disso, temos desafios comuns. *Ou* bem seremos capazes de reinventar o rumo da política, *ou* novamente a insatisfação popular se manifestará nas ruas, sabe-se lá contra quem e a favor do quê.
(Fernando Henrique Cardoso, *O Estado de S. Paulo*.)

Uma vez desonerado da administração, o alienista procedeu a uma vasta classificação dos seus enfermos. Dividiu-os *primeiramente* em duas classes principais: os furiosos e os mansos; *daí* passou às subclasses, monomanias, delírios, alucinações diversas. *Isso feito*, começou um estudo acurado e contínuo; […].
(Machado de Assis, “O alienista”, p. 113.)

Preste atenção às possíveis ambiguidades

A posição das palavras numa frase é a principal forma de expressar as relações entre elas. Palavras mal colocadas podem gerar confusão e ambiguidade, como ocorreu nesta manchete veiculada pelo canal de notícias Globonews, em setembro de 2016:

EUA e Rússia fecham acordo de cessar-fogo em reunião em Genebra

Havia fogo na reunião, então se fez um acordo para cessá-lo? Por certo que não, mas é isso que pode ser entendido pela frase, da forma como ela foi construída. Uma simples mudança de posição das palavras não deixaria margem para nenhuma interpretação a não ser a correta. Assim:

Em reunião em Genebra, EUA e Rússia fecham acordo de cessar-fogo

Outro exemplo:

A ata não historiou a segunda reunião havida corretamente.
(Comentário escrito por condômino a respeito de uma assembleia de moradores)

A palavra “corretamente” está mal colocada, pois dá a impressão de que a reunião é que foi correta. Basta inverter a ordem:

A ata não historiou corretamente a segunda reunião havida.

Melhor ainda, retirar o termo “havida”, totalmente desnecessário.

A ata não historiou corretamente a segunda reunião.

Mais um exemplo:

A ascensão da democracia no Brasil entre 1985 e 1990 foi benéfica, pois o desejo dos indivíduos por liberdades e direitos superou o interesse de perpetuação do estado militar ditatorial, iniciado em 1964, engendrando a prevalência dos direitos humanos.
(Texto de aluno)

É possível entender que quem engendrou a prevalência dos direitos humanos foi o estado militar, o que certamente não era o que o autor do texto queria dizer. Para corrigir o problema, basta deslocar as palavras para o lugar adequado:

A ascensão da democracia no Brasil entre 1985 e 1990 foi benéfica, engendrando a prevalência dos direitos humanos, pois o desejo dos indivíduos por liberdades e direitos superou o interesse de perpetuação do estado militar ditatorial, iniciado em 1964.

Além do mau posicionamento das palavras, também o uso inadequado de preposições pode contribuir para alterar o sentido de uma afirmação. Veja esta frase:

> A clara referência intertextual à antropofagia e sua exótica associação com o imperialismo denotam completa incompreensão *do autor desses termos*.
> (Texto de candidato a um concurso público)

Na verdade, o que ele queria dizer é que:

> A clara referência intertextual à antropofagia e sua exótica associação com o imperialismo denotam completa incompreensão *desses termos pelo autor*.

A frase original dá margem a entender que o autor dos termos "antropofagia" e "imperialismo" é agente do ato de não compreender, quando a intenção era dizer que quem não compreendeu nada foi quem fez a referência e a associação indevidas. O uso da preposição "do", em vez de "pelo", tornou o texto ambíguo.

O emprego equivocado de pronomes é outra fonte de ambiguidade bastante comum. Observe:

> O deputado saudou o Presidente da República, em *seu* discurso, e solicitou *sua* intervenção no *seu* estado, mas isso não *o* surpreendeu.
> (*Manual de redação da Presidência da República*, p. 52.)

Nessa frase, são diversos os casos de ambiguidade, como bem mostra o manual de onde o exemplo foi retirado, ao esclarecer os problemas criados pelo uso indiscriminado dos pronomes: quem pronunciou o discurso? De quem foi a intervenção? O estado é o do deputado ou o do presidente? Quem foi surpreendido?

Uma possível reescrita dessa frase seria:

> Em seu discurso, o deputado saudou o presidente da República. No pronunciamento, solicitou a intervenção federal em seu estado, o que não surpreendeu o presidente.

Use partículas expletivas com parcimônia

Por serem desnecessárias, em geral, as partículas expletivas podem ser eliminadas sem nenhum prejuízo para o entendimento.

→ Viu *só* como eu tinha razão?
→ O que *que* a gente faz numa situação dessas?
→ Que loucura *que* foi aquela viagem!
→ No final, riram-*se* todos.
→ O menino foi-*se* embora sem que ninguém o detivesse.
→ Eu é *que* faço o café em casa todas as manhãs.

Note que, às vezes, elas são relevantes por enfatizar a ação do verbo principal; se essa for a intenção, seu uso é recomendado. Veja, por exemplo, como a ênfase muda, se retirarmos o “é que” da última frase:

Eu faço o café em casa todas as manhãs.

Se você quiser deixar muito bem explicitado quem se ocupa do café da manhã na sua casa, usar a locução expletiva é uma boa ideia.

Finalize as frases de maneira enfática

Tanto na prosa quanto na poesia, as palavras que vêm por último carregam mais peso. Na poesia, não é por acaso que as rimas geralmente ocorrem no final de cada verso. Na prosa, uma das funções do ponto-final é enfatizar a palavra que o precede. Naturalmente, o final das frases é mais forte. Tire partido disso para escrever com ênfase. Reserve essa posição para as palavras mais importantes.

Trabalhe bem o final das frases aparando sobras, reduzindo o número de palavras, eliminando explicações desnecessárias. Veja:

Reestruturar a vida depois de uma perda não é algo fácil de se fazer.

Há diversas possibilidades de dizer a mesma coisa, dependendo de onde colocamos a ênfase:

→ Depois de uma perda, não é fácil reestruturar a vida.
→ Reestruturar a vida não é fácil.
→ Reestruturar a vida é difícil.
→ É difícil reestruturar a vida depois de uma perda.

Nas duas primeiras frases, o que se enfatizou foi o ato de reestruturar. Na terceira, destaca-se a dificuldade embutida nesse ato. Na última, a causa da necessidade de reestruturação — uma perda — é que ganhou maior importância na afirmação. Assim, simplesmente alterando a posição das palavras na frase, eliminando rebarbas (“algo”, “de se fazer”) ou trocando uma negativa (“não é fácil”) por uma afirmativa que lhe é oposta (“é difícil”), foi possível expressar diferentes sensações.

Mas o final da frase não é a única posição indicada para obter ênfase. Conseguem-se afirmações fortes também ao deslocar para o início a parte que se quer destacar. Como neste caso:

→ Você me diz isso justo agora, quando eu já terminei o trabalho?
→ Justo agora, quando eu já terminei o trabalho, é que você me diz isso?

A segunda versão soa mais exasperada que a primeira, pelo simples deslocamento da expressão “justo agora” para o começo da frase.

Essa mudança de sentido resulta do conceito já expresso anteriormente: inícios e fins valem mais que meios. Assim, essas recomendações se aplicam não só a frases isoladas, mas também às frases que compõem um parágrafo e aos parágrafos que constituem um texto.

Dê preferência a frases com verbos de ação

Há escritores que abusam do emprego de substantivos. Entre um verbo e um substantivo que remete a um verbo usado anteriormente (procedimento denominado nominalização), escolhem sempre a segunda alternativa, na crença de que isso confere mais autoridade ao texto. Puro engano. Não há dúvida de que os substantivos têm um peso importante nas frases, mas podem assumir o "tipo errado" de peso se não forem utilizados na hora e no lugar adequados. Vejamos isso na prática. Qual seria a melhor escolha nos seguintes casos?

Eu preciso *fazer uma revisão* desse texto.	Eu preciso *revisar* esse texto.
Melhor *tomar uma decisão*, de modo a resolver de uma vez essa embrulhada.	Melhor *decidir* de uma vez como resolver essa embrulhada.
Vai ser preciso *fazer uma redução* no número de pessoas envolvidas no projeto.	Vai ser preciso *reduzir* o número de pessoas envolvidas no projeto.

Observe como o uso das expressões nominais "fazer uma revisão", "tomar uma decisão" e "fazer uma redução" conferiu um peso ruim à frase, que fica mais viva, mais enfática quando se usa o verbo de ação ("revisar", "decidir", "reduzir").

O problema das nominalizações é exigir um número maior de palavras para dizer a mesma coisa que poderia ser dita com uma única, mais forte, carregada de significado.

Substitua pares de palavras redundantes por palavras isoladas

O uso de pares de palavras que têm o mesmo significado — e que, portanto, não agregam sentido ao que está sendo dito — é bastante comum em português, notadamente na linguagem falada. Na escrita, porém, essa repetição contribui para que o texto fique palavroso, sem que haja nenhum ganho em relação à clareza, como se pode observar neste comentário de um turista, postado num site de viagens:

> *Apenas e tão somente* o café da manhã deixa a desejar, não pelo próprio café ou serviço, mas em comparação com outros hotéis da mesma categoria.

Se ele tivesse escrito “Apenas o café da manhã…”, o efeito seria exatamente o mesmo e o texto teria ficado mais enxuto, mais apropriado para um post, que requer leitura rápida.

Veja outros exemplos, também retirados da internet:

> O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido é um documento *básico e fundamental* do protocolo e da pesquisa com ética.
> (Faculdade Santo Agostinho, Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.)

> A presença da mulher nas olimpíadas não foi um espaço fácil de ser conquistado. Desde a Grécia Antiga, eram *poucas e raras* as aparições das mulheres nas competições, ou nos ambientes da prática de atividades físicas, o que perdurou até o início do século XX.
> (Vicky Régia, *Capitolina*.)

Nos dois casos, foram usadas expressões formadas por palavras que carregam o mesmo significado. Usar o par (“básico e fundamental”, “poucas e raras”) não acrescentou mais informação ao texto.

Pares bastante comuns que podem ser evitados na escrita

- apenas e tão somente
- básico e fundamental
- calma e pacífica
- diversos e variados
- findo e acabado
- poucas e raras
- primeiro e antes de tudo
- toda e qualquer
- um e apenas um
- verdadeiro e acurado

No entanto, se bem usada, essa repetição pode ser um recurso para indicar ênfase. Como nestes exemplos:

> Coincidências, *apenas e tão somente* coincidências? Muito cômodo, não acha?

> Vamos com calma, pessoal! Em casos como este, *toda e qualquer* mudança precisa ser analisada com o máximo cuidado.

Vale lembrar que esse é um recurso bastante usado em linguagem jurídica, em muitos casos como reforço para circunscrever uma dada situação, de forma a não dar margem a outra aplicação a não ser a desejada.

> CLÁUSULA SÉTIMA: O LOCATÁRIO declara, que o imóvel ora locado, destina-se única e exclusivamente para o seu uso residencial e de sua família.
> (Lex Magister, Contrato de locação de imóvel.)

> CLÁUSULA QUINTA — DA OBRIGAÇÃO DA CONTRATADA: A contratada obriga-se a:
> a. Prestar os serviços contratados na forma e modo ajustados, dentro das normas e especificações técnicas aplicáveis à espécie, dando plena e total garantia dos mesmos;
> (Prefeitura Municipal do Rio Grande, contrato de prestação de serviços.)

> Sustentou, ainda, contrariedade ao artigo 6º do Decreto-Lei 4.657/1942 e 2.035 do Código Civil de 2002, já “que a convenção condominial anterior ao Código Civil de 2002 é ato jurídico perfeito, findo e acabado, protegido tanto em nível constitucional como infraconstitucional”.
> (Decisão do Tribunal de Justiça acerca de problemas com atrasos condominiais, DireitoNet.)

Com finalidade semelhante — a de restringir a aplicação apenas àquilo que está sendo afirmado —, também ocorre adequadamente em linguagem de caráter científico, como no caso abaixo, retirado de um livro de problemas matemáticos disponível na internet:

> No sistema de coordenadas, cada número corresponde a *um, e apenas um,* ponto; e cada ponto corresponde a *um, e apenas um,* número.

Prefira expressões simples ou palavras únicas

Muitas expressões usadas no dia a dia podem ser evitadas na escrita. De novo, a dificuldade em seguir essa recomendação esbarra no uso, que as torna familiares ao ouvido e difíceis de serem identificadas. Quando uma palavra ou uma frase não agrega significado, talvez seja melhor eliminá-la.

Em vez de	**escreva**
a despeito do fato de que	embora
a questão é se	se
ambas as duas	ambas
com a possível exceção de	exceto
com base no fato de que	baseado em
com o propósito de	para
com respeito a	sobre
devido ao fato de que	devido a
durante o tempo que	durante
é da opinião que	pensa que
é indicativo de	indica
em bases regulares	regularmente
em data próxima	logo
em sua maior parte	na maioria
em termos de	sobre
em vista do fato de que	em vista
fazer uma conexão com	conectar
levar em consideração	considerar

na região de	perto
nas imediações de	perto
nas redondezas de	perto
pelo fato de que	porque
tem a capacidade de	pode

Use o nível de linguagem adequado ao contexto

No dizer do gramático Evanildo Bechara, “o falante deve ser poliglota em sua própria língua”. Isso significa ser capaz de ajustar sua linguagem — falada ou escrita — ao contexto em que ela está sendo produzida.

Para cada situação comunicativa há um nível de linguagem adequado, que vai do mais informal ao mais formal. Por se tratar de um material que tem por objetivo informar o leitor a respeito da escrita, neste livro a linguagem utilizada tende para a formal, seguindo as regras da gramática normativa. Porém, no dia a dia, escrevemos textos bem mais informais, mais livres e nem por isso menos adequados.

Talvez o melhor exemplo de informalidade seja o nível de linguagem utilizado na internet, notadamente nas redes sociais. Fala-se, inclusive, em “internetês”, em “linguagem virtual”, em que os símbolos e as abreviaturas ganharam um espaço muito significativo. Isso tem a ver com a necessidade de uma troca de informação ágil e descontraída.

Nesse meio, as mensagens são mais curtas, muitas vezes ilustradas com emoticons e outros ícones, que simulam emoções e sentimentos que as pessoas querem comunicar sem necessidade de palavras. Existem até “dicionários de internetês” disponíveis na rede.

No caso dessas trocas entre amigos ou conhecidos, o inadequado seria o uso da linguagem formal. O que se impõe é a importância de saber distinguir entre os contextos em que essa linguagem pode e mesmo deve ser utilizada e aqueles em que ela se mostra totalmente imprópria.

Procedimentos a evitar

4

Do mesmo modo que não há regras infalíveis para o que se deve usar na produção de um texto, também não há nada que se possa proibir de maneira peremptória, pois cada situação tem suas próprias exigências e particularidades. O que vamos oferecer aqui são dicas que podem contribuir para ajudar você a criar textos mais assertivos, mais fortes, mais cativantes.

Não use negativas indiretas

Não ser igual a alguma coisa é *ser diferente* dela. *Não ser simpático* significa, de fato, *ser antipático*. Afirmar que algo *não é fácil* é escamotear a verdade, pois se trata de algo *difícil*.

Para obter uma escrita enfática, vigorosa, um bom caminho é só utilizar a palavra “não” quando se quer de fato negar alguma coisa (“não gosto disso”, “não vou fazer aquilo”) ou criar uma antítese (“gosto disso, não daquilo”, “faço isto, mas não aquilo”). Observe este trecho:

> É difícil dizer se se deve citar com profusão ou com parcimônia. Depende do tipo de tese. Uma análise crítica de um escritor requer, obviamente, que se transcrevam e analisem longos trechos de sua obra. Outras vezes, a citação pode ser uma manifestação de preguiça: o candidato não quer ou não é capaz de resumir uma determinada série de dados e deixa a tarefa aos cuidados de outrem.
>
> (Umberto Eco, *Como se faz uma tese*, p. 123.)

Note a carga de assertividade que o autor obteve ao dizer exatamente o que queria, sem matizar nada. Ele não escreveu “Não é fácil dizer se…”, ele foi direto ao ponto: é difícil. Também não teve medo dos “nãos” (“não quer” ou “não é capaz”). E o que ele está afirmando ganha força, vigor, verdade.

Porém, mais uma vez é preciso lembrar que tudo depende da intenção de quem está escrevendo. Na escrita, nada é proibido. Se você quer matizar uma crítica, fazer uma observação negativa de maneira mais branda, mais indireta, use o “não” como modalizador: “não compreensível”, em vez de “incompreensível”; “não aceitável”, em vez de “inaceitável” etc. Às vezes, essa é a melhor saída.

Evite “terceirizações” anônimas

Não atribua suas afirmações a fontes anônimas. Dê sua opinião de maneira direta e eficiente. Evite usar expressões como “foi observado”, “conclui-se”, “diz-se que”, “pensa-se que”. Há sempre alguém que, em algum momento ou lugar, “observou”, “concluiu”, “disse” ou “pensou” o que está sendo afirmado. Se esse alguém é você, assuma a afirmação e faça-a diretamente, em vez de torná-la anônima.

→ Concluiu-se que tudo não passava de uma grande farsa.

versus

→ Tudo não passava de uma grande farsa.

Se não é você, revele o autor, dando-lhe o devido crédito.

Segundo a polícia, tudo não passava de uma grande farsa.

Outro exemplo:

Para o jornalista Sérgio Cabral, especialista na história do samba carioca, “para entender de samba é preciso conhecer certos autores, e Noel Rosa certamente é um deles”. Para Cabral, Noel possuía “a linguagem do samba e seu sotaque. Fez muito samba choro, mas também samba de carnaval”, citando como exemplo “Palpite infeliz”, no qual defende o samba feito na sua Vila Isabel.
(Murilo Roncolato, Ariel Tonglet e Guilherme Prado, *Nexo*.)

Não abuse dos comentários pessoais

O que você pensa importa muito para você e é ótimo que você tenha opiniões próprias e saiba como expressá-las. Mas não se pode esquecer que os outros também têm. Ninguém gosta de ter o pensamento dirigido a cada passo. Comentários pessoais são bem-vindos, desde que bem dosados. É mais interessante dizer o que se pensa sem precisar colocar o “eu” em foco.

Em vez de dizer	**diga**
Eu duvido que um aumento de dez pontos seja uma indicação segura de que a situação mudou.	Um aumento de dez pontos pode não ser uma indicação segura de que a situação mudou.
Eu acho que você seria mais produtivo se não faltasse tanto.	Você seria mais produtivo se não faltasse tanto.

Descarte categorias redundantes

Parece simples, mas é de fato um desafio, pois a familiaridade, ou seja, o fato de as ouvirmos com frequência, faz com que certas expressões redundantes passem despercebidas como tais. A combinação de palavras é tão recorrente que não nos damos conta de se tratar de redundância, como em “resultado final” (resultado só ocorre no fim do processo), “nova iniciativa” (se não for nova não é iniciativa), “repetir duas vezes”…

Exemplos de expressões com modificadores que não acrescentam nada

- cada um individualmente
- completamente acabado
- crença pessoal
- crise repentina
- descer para baixo
- elo de ligação
- história passada
- memórias passadas
- minha opinião pessoal
- mínimos detalhes
- plano futuro
- encarar de frente
- há exatos x anos
- importante e essencial
- inútil e desnecessário
- fato verdadeiro
- fundamentos básicos
- prioridade fundamental
- repetir duas vezes
- resultado final
- subir para cima
- tragédia terrível

Quando uma categoria já está implícita em uma palavra, não há por que utilizar ambas.

Exemplos de redundâncias

- de caráter honesto
- de forma redonda
- de natureza incomum
- de qualidade barata
- de um tipo estranho
- em um estado confuso
- estranho na aparência
- na área de matemática
- num tempo anterior
- período de tempo

Fuja de termos esnobes ou empolados

É falso o entendimento de que para escrever bem é preciso utilizar palavras “difíceis”. É a velha história de turvar as águas do lago para que ele pareça mais fundo. A simplicidade e a clareza são valores a perseguir na escrita, e esses valores são opostos à pompa e circunstância.

Textos oficiais, geralmente, padecem desse mal. O assunto até foi objeto de uma crônica, da qual apresentamos estes excertos:

> É mais do que tempo de tornar inteligível e fluida a redação na administração pública. De falar português claro. Sim, porque causa espanto e náusea o blá-blá-blá rococó e gongórico que escorre, espesso e obscuro, pelas mal traçadas linhas da maioria dos processos escritos nestes brasis.
>
> […]
>
> Coisas como destarte, inobstante, máxime, outrossim, e assim por diante. Outrossim! Você já ouviu alguém pronunciar essa palavra? Uma vezinha só na vida? Pois bem, meu amigo, e no entanto as cartas e os ofícios estão cheios dela, dela que não altera ou acrescenta coisíssima alguma.
>
> […]
>
> A redação oficial não deve cultivar pretensões literárias. Estas são terreno dos literatos, que diabo. Há sujeitos, porém, que se dão ao desplante de escrever com o dicionário do lado só para escolher as palavras mais difíceis. Conheço um que adora trocar o tão comum verbo ligar pela raridade que é o verbo jungir, só para provocar efeito na quadrada cabeça do seu chefe.
>
> (Mário Cotrim, *Correio Braziliense*.)

Essa recomendação não vale só para textos da administração pública. Ter isso em mente ao escrever é conselho de amigo. Menos é mais…

Vale aqui uma observação sobre o uso do jargão: “Código linguístico próprio de um grupo sociocultural ou profissional com vocabulário especial, difícil de compreender ou incompreensível para os não iniciados”, conforme definição do *Dicionário Houaiss da língua portuguesa.*

Muitos profissionais, como advogados, médicos, filósofos, linguistas, entre outros, valem-se com frequência do emprego do jargão da sua área de conhecimento, o que não é um problema quando o texto é dirigido a seus pares, mas que não é aconselhável quando o público-alvo é leigo. Citando Steven Pinker,

> o problema é que, à medida que dominamos nosso hobby ou trabalho, passamos a usar essas palavras-chave com tanta frequência que elas escapam de nossos dedos automaticamente, e esquecemos que os leitores podem não ser membros do clube em que as aprendemos.
>
> (*Guia de escrita*, p. 86.)

Considere eliminar advérbios e adjetivos

Usar palavras ou expressões como “talvez”, “às vezes”, “sempre”, “frequentemente”, “geralmente”, “muito”, que tornam as asserções mais ou menos enfáticas, pode ajudar a delimitar o significado que se quer dar a uma afirmação. Por exemplo:

→ Comprometimento leva ao sucesso.
→ Comprometimento *sempre* leva ao sucesso.
→ Comprometimento *frequentemente* leva ao sucesso.

No entanto, também pode enfraquecê-la quando seu emprego é feito sem critério. Se você utiliza o advérbio “geralmente” em quase tudo o que afirma, suas afirmações perdem a força e sua argumentação fica debilitada. Trata-se de uma estratégia — de persuasão ou de autodefesa antecipada, para não se comprometer — que deve ser utilizada com cuidado.

Para saber se é ou não o caso de omitir um qualificador ou intensificador, tente escrever a frase sem ele e verifique se alguma coisa importante se perdeu.

Mesmo nas situações em que o uso dessas palavras é importante, cuide para não usá-las em demasia. Compare:

> Nunca em toda a minha vida fui tanto e tão fortemente ofendido por pessoas com tal grau de grosseria e tão mal-educadas como na abjeta situação que tive lamentavelmente de enfrentar na noite que passou.

Com:

> Nunca tinha sido tão ofendido por pessoas tão mal-educadas e grosseiras como na situação que tive de enfrentar ontem à noite.

Mais simples, mais limpo e igualmente forte.

Elimine repetições desnecessárias

Quando usada de maneira intencional para criar ênfase, a repetição de palavras ou de estruturas de frase pode ser um poderoso recurso de estilo:

> O crescimento tem sido demasiado baixo por demasiado tempo e em favor de demasiados poucos.
> (Christine Lagarde, citada por Clóvis Rossi, *Folha de S.Paulo*.)

No entanto, veja o que ocorre quando a repetição é gratuita, feita sem critério:

> A república surge, se associada à democracia, para limitar a liberdade dos cidadãos em favor do conjunto da sociedade, de modo a minimizar injustiças. A definitiva *superação* dessa dualidade, em contrapartida, não está totalmente *superada*.
> (Texto de aluno)

Além de o texto ficar feio, a escrita perde efetividade. Reescrito, esse trecho poderia ficar assim:

> Associada à democracia, a república surge para limitar a liberdade dos cidadãos em favor do conjunto da sociedade, de modo a minimizar injustiças. Essa dualidade, em contrapartida, não está totalmente superada.

Às vezes, é preciso repetir uma ideia ou pensamento para transmitir um significado e aumentar a coerência entre duas frases, mas, de novo, verifique se é mesmo o caso de utilizar esse recurso. A repetição de uma mesma palavra dentro de uma frase ou numa sequência de frases rouba energia do seu estilo e faz a sua escrita soar rasa, descolorida.

Compare as duas frases:

> Ainda que eu tenha escrito a *resenha* sem *ajuda*, na hora de entregar para publicação pedi a meu professor que me *ajudasse* a fazer a revisão da *resenha*.

> Ainda que eu tenha escrito a resenha sem ajuda, na hora de entregá-*la* para publicação, pedi a meu professor que *a* revisasse.

Bem melhor, não é? Nesse caso, o simples uso de pronomes resolveu a questão. Como neste outro exemplo:

> Várias pessoas aplaudiram o prefeito: *algumas* tinham motivo; *outras*, não.

“Algumas” e “outras” são pronomes indefinidos. Eles retomam o substantivo “pessoas”, que não precisa ser mencionado novamente.

Outro recurso simples, mas eficiente, para evitar repetições é o uso de sinônimos ou palavras com sentido bem próximo. Para deixar isso mais claro, vamos ver o que se pode fazer com o texto abaixo, a respeito da prática de ioga:

> "Duas vezes por *semana* produz um *resultado* bom, em médio prazo. Mas quando praticada três ou quatro vezes na *semana*, os *resultados* são surpreendentes, pois você fortalece e energiza seu corpo muito mais rapidamente, o que o deixará estimulado a continuar a *prática*. Regularidade é fundamental para obter *resultados*. Portanto, não falte às *práticas*", alerta o instrutor [de ioga].
> (Bruna Yuri Ouchi, *Ponto de Encontro*, p. 29.)

Veja agora o texto reescrito:

> Duas vezes por semana produz um resultado bom, em médio prazo. Mas quando praticada três ou quatro vezes, o *efeito* é surpreendente, pois você fortalece e energiza seu corpo muito mais rapidamente, o que o deixará estimulado a continuar a prática. Regularidade é fundamental para obter resultados. Portanto, não falte às *sessões*.

No texto original, as palavras "semana" e "prática(s)" apareciam duas vezes, e "resultado(s)", três vezes. Na reescrita, foi possível eliminar uma ocorrência de "semana", já que o termo poderia ser subentendido pelo contexto; a palavra "resultado" foi substituída pelo sinônimo "efeito", permanecendo então duas vezes, uma no começo, outra no final da frase, uma vez no singular, outra no plural; e "práticas" foi substituída por "sessões", que, nesse caso, funciona como sinônimo adequado.

Observe mais um exemplo retirado de um site de notícias:

> A *polícia* acredita que a motivação para o *crime* foi um acerto de contas. Após o *crime* os quatro suspeitos do *crime* fugiram em duas motos. A *polícia* ainda não tem pistas dos acusados pelo *crime*.

A palavra "crime" foi usada quatro vezes, e "polícia", duas. Isso num curto parágrafo, formado por três frases. Para evitar essa repetição, uma possibilidade de reescrita seria:

> A polícia acredita que a motivação para o crime tenha sido um acerto de contas. Após o ataque, quatro pessoas fugiram do local em duas motos, mas ainda não há pistas sobre os suspeitos.

Foi preciso acertar o tempo verbal, encontrar um sinônimo para a palavra "crime" e transformar três frases em duas, porém a escrita ganhou em objetividade e estilo.

É possível ainda recorrer a outros arranjos. Veja:

> Gostava de pintar *bromélias*, *cravos* e *lírios*. As *flores* pareciam saltar da tela.

A palavra "flores" engloba todos os tipos de flor citados na frase anterior.

> Os *felinos* têm uma sensualidade agressiva. É o que eu percebia em todos os *gatos* da nossa casa.

O substantivo “gatos” está incluído entre os felinos.

Assim, pode-se empregar um sinônimo mais abrangente — como é o caso de “flores” no lugar de “bromélias, cravos e lírios” — ou um sinônimo mais particular ou específico — como “gatos” no lugar de “felinos”, que é mais amplo.

Outras possibilidades:

> O que se entende por “herança construtiva” nessa mostra é a forma como Calder absorveu ensinamentos de um de seus mestres, o pintor *Piet Mondrian* (1872-1944). Calder era um engenheiro interessado no uso de materiais industriais, mas ficou encantado quando visitou o ateliê do *artista holandês*.
>
> (Flávio Moura, *Folha de S.Paulo*.)

> FHC e Lula tinham legitimidade por resultarem de um lento enraizamento durante a luta contra a ditadura. Surgidos para a política representativa entre os anos 1970 e 1980, o *professor renomado* e o *sindicalista carismático* haviam contribuído para a construção de instituições desde a sociedade.
>
> (André Singer, *Folha de S.Paulo*.)

No primeiro caso, para não repetir o nome do pintor, o autor utilizou uma expressão que indica a nacionalidade do artista a que se referiu. No segundo, em vez de repetir o nome dos dois ex-presidentes da República, o autor usou como recurso referir-se a atributos pelos quais eles se notabilizaram.

Esses exemplos lidam com situações muito diferentes das que ocorrem num famoso discurso de Nelson Mandela, do qual reproduzimos um fragmento:

> *Chegou o momento de* sarar as feridas.
> *Chegou o momento de* transpor os abismos que nos dividem.
> *Chegou o momento de* construir.
> […]
> *Que haja* justiça para todos.
> *Que haja* paz para todos.
> *Que haja* trabalho, pão, água e sal para todos.
>
> Que cada um de nós saiba que o seu corpo, a sua mente e a sua alma foram libertados para se realizarem.
>
> *Nunca, nunca* e *nunca* mais voltará esta maravilhosa terra a experimentar a opressão de uns sobre os outros, nem a sofrer a humilhação de ser a escória do mundo.
>
> (Nelson Mandela, discurso proferido em Pretória, em 10 de maio de 1994.)

Outro exemplo interessante é dado por Fernando Sabino, em carta escrita para Clarice Lispector.

> Clarice,
> […]
>
> *Tenho tido* muito pouco dinheiro. *Tenho tido* muitas oportunidades de ficar calado. *Tenho*

> *tido* muita decepção com os Correios. *Tenho tido* cansaço, saudade e calma. *Tenho bebido* muito, muito, muito. *Tenho lido* os suplementos dominicais. *Tenho tido* vontade de voltar. *Tenho escrito* muitas cartas para você. *Tenho dormido* muito pouco. *Tenho xingado* muito o Getúlio. *Tenho tido* muito medo de morrer. *Tenho faltado* a muita missa aos domingos. *Tenho tido* muita pena de Helena ter se casado comigo. *Tenho tido* dor de dente. *Tenho* certeza que não volto mais.
>
> […]
>
> Fernando
>
> (Clarice Lispector, *Correspondências*, pp. 82-5.)

A repetição torna o texto mais expressivo e bonito, não é? Mas não é comum encontrar escritas com essa competência toda. Assim, como regra, a menos que se dê por questões estilísticas, feita deliberadamente e de maneira seletiva, evite a repetição de palavras ou expressões na mesma frase ou em frases subsequentes.

Não se renda à mesmice das palavras da moda

A crônica que reproduzimos a seguir trata desse princípio com muita propriedade e dispensa outras explicações. Ela foi publicada num blog, em Portugal, mas cabe muito bem para o que ocorre em nosso país. Leia:

> De tempos em tempos, o modismo lexical faz-nos deparar, em qualquer esquina de comunicação escrita ou oral, com uma palavra antes ignorada ou esquecida. Não falo de neologismos que, aportuguesados ou inglesados, nos surgem amiúde, nem do modo sincopado do "siglês" que também fez e faz o seu percurso. Falo, antes, de palavras quase subitamente acordadas de longa letargia ou de esparso e comedido uso.
>
> Assim foi, há anos, com o adjectivo *incontornável*, que tão incontornável aparecia que quase não se podia contornar. Com o tempo foi minguando e hoje, pelos vistos, já nada é incontornável.
>
> Já no âmbito do "economês", o vocábulo *descontado* foi reabilitado, não em termos do valor pago a menos em saldos, mas para se usar, com ar tecnocrático, como uma poderosa arma de previsão económica *a posteriori* para um efeito ou acção já concretizados.
>
> Outro exemplo mais recente é o uso do verbo *demandar* (fora do contexto jurídico) como sinónimo de procurar, reclamar ou requerer. Um galicismo que se tornou algo elitista, pois cativa mais a erudição dizer que "este problema demanda atenção" do que dizer que "requer atenção".
>
> Fiz esta breve introdução para eleger uma das mais recentes palavras da moda linguística: *narrativa*, seja por que motivo for. Antes usada com parcimónia no domínio técnico dos géneros literários, eis que foi exponenciada após a pletora de "narrativas" que José Sócrates usou para narrar a jorros numa entrevista televisiva.
>
> Vai daí, a narrativa (oral) anda por todo o lado. Transformou-se numa espécie de genérico, que se usa por dá cá aquela palha. Ela é exposição, raciocínio, relato, narração, enredo, conto, novela, prosa, récita, história, "estória", conversa, sonho, paleio, imaginação, aconselhamento, intriga. De toda a narrativa que vamos ouvindo, há um género que, nestes tempos conturbados e de expansão de redes sociais, vai fazendo escola e, por regra, traz água no bico: a narrada ou inventada pelo narrador.
>
> A narrativa está, como substantivo, para *implementar*, como verbo. Dão para quase tudo e, assim sendo, também dão para nada significar.
>
> E por aqui me fico na brevíssima narrativa sobre a narrativa.
>
> (António Bagão Félix, blog Tudo Menos Economia.)

Esclarecedor, não é? Para não ficar só em Portugal, aqui vão alguns exemplos brasileiros que circularam em jornais e na internet, em 2016:

→ A palavra da moda é narrativa. No fundo, nada mais do que a versão que tenta se sobrepor aos fatos.
→ A gente não gosta dessa narrativa de que tudo que aconteceu conosco tenha sido do nada.
→ Crises são ocasiões propícias para fixar sentidos e determinar narrativas.

→ Anos 70 com narrativa de liberdade para a moda da temporada de verão 2016.
→ Narrativas são feitas de imaterialidades, de palavras cujos sentidos vão se cristalizando com seus usos e conveniências.

Acreditamos que tenha ficado claro que estamos tratando aqui da questão das “palavras da moda”, não especificamente de “narrativa”. Até porque, por ser da moda, logo esse termo perderá o protagonismo, sendo substituído por outros. O que ocorre, nesses casos, é que, de tanto ser usada e nos contextos mais variados, a palavra acaba perdendo em especificidade e tirando vigor do texto.

Isso nos leva a outro ponto fundamental da boa escrita: a escolha da palavra certa. A língua portuguesa dispõe de um vocabulário muito rico. Para dar uma ideia de quantidade, o *Dicionário Houaiss* tem mais de 200 mil verbetes. Impossível não encontrar o termo adequado para cada situação que se quer expressar, sem necessidade de utilizar essas palavras-ônibus, que significam tudo e coisa nenhuma. É preciso consultar dicionários, procurar pela acepção que melhor se encaixa no contexto, ir em busca do sinônimo mais próximo, e ler, ler bastante, pois nada como a leitura para ampliar nossas possibilidades de expressão pela palavra.

Evite estrangeirismos desnecessários

Estrangeirismo, segundo o *Aurélio*, é o emprego de palavra, frase ou construção sintática estrangeira. Uma rápida passada num shopping revela o quanto o uso de palavras vindas do inglês está disseminado entre nós. As lojas não fazem mais liquidações, e sim “sales”. Nem dão descontos, só anunciam “X% off”. Cafeterias viraram “coffee shops”. Bicicletas agora são apenas “bikes”. As faixas exclusivas para ônibus são marcadas com a palavra “bus”. Os ingressos de eventos são quase sempre chamados de “tickets”… A lista é longa.

Seja fiel à língua na qual você está escrevendo. Se existe uma palavra ou expressão correspondente em português, não há por que utilizar um termo estrangeiro. Não se trata de demonizar o que vem de fora, mas de aproveitar a riqueza da própria língua. Claro que, se for necessário, não há nenhum problema em utilizar palavras estrangeiras quando são de uso corrente e compreendidas por um grande número de pessoas. Seria muito artificial, por exemplo, usar “correio eletrônico” em vez de “e-mail”, “em linha” em vez de “on-line”, “apagar” em vez de “deletar”, “autorretrato” em vez de “selfie”, “rede mundial de computadores” em vez de “internet”.

Fora esses casos mais corriqueiros, não parta do princípio de que o leitor conhece certos termos em inglês, francês ou latim — para ficarmos apenas nos idiomas de uso mais comum. Se usá-los, explique seu significado.

Veja o significado de alguns estrangeirismos

do inglês

- *coworking*: ambiente de trabalho compartilhado.
- *flyer*: folheto de propaganda.
- *folder*: folheto com dobras; na internet, pasta de armazenamento de arquivos.
- *frame*: moldura; na internet, partes de uma página onde ficam barras de rolagem.
- *help desk*: serviço de auxílio técnico em tecnologia.
- *high tech*: alta tecnologia.
- *hiperlink*: ligação entre páginas da internet.
- *hand made:* feito à mão.
- *home made*: feito em casa.
- *home office*: trabalho em casa.
- *homepage*: página de entrada de um site.
- *home theater*: cinema em casa.
- *host*: anfitrião; na internet, computador que hospeda o conteúdo de um site.
- *junk food*: comida de baixa qualidade nutritiva.
- *ranking*: classificação.
- *reload* (*refresh*): carregar novamente uma página de internet.
- *staff*: equipe, grupo de trabalhadores.
- *standard*: padrão.
- *teamwork* (*groupwork*): trabalho em equipe.
- *trash*: lixo, porcaria, sem valor.
- *upload*: enviar arquivos para um servidor ou outro computador.

do francês

- *affaire*: caso.
- *bureau*: birô, estúdio.
- *couvert* (*artístico*): quantia cobrada a mais em restaurantes ou casas de eventos para pagamento de uma apresentação artística.
- *démodé*: fora de moda, antiquado.
- *en passant*: de modo superficial.
- *frisson*: sensação de prazer.
- *petit comité*: grupo pequeno.
- *habitué*: freguês, cliente habitual.
- *studio*: apartamento bem pequeno.

do latim

- *a priori*: antes de.
- *a posteriori*: depois de.
- *ad aeternum*: para sempre, eternamente.
- *ad hoc*: designado para isso.
- *ad infinitum*: sem fim, sem limites.
- *ad nauseam*: até a exaustão.
- *pari passu*: ao mesmo tempo, simultaneamente.
- *data venia*: usado para discordar respeitosamente.
- *grosso modo*: de modo geral.
- *in dubio*: em caso de dúvida.
- *ipsis litteris*: literalmente.
- *hic et nunc*: aqui e agora.
- *honoris causa*: a título honorífico, dado em homenagem.
- *modus operandi*: modo como se faz alguma coisa.

Como garantir a coesão e a coerência do texto

5

A coesão é a ligação entre as palavras, expressões ou frases. Ela manifesta-se por elementos gramaticais que servem para estabelecer vínculos entre os componentes do texto. A coerência refere-se às relações de sentido, à organização. A distinção entre coesão e coerência, contudo, não é tão nítida quanto às vezes se pensa e sugere. Na verdade, coesão e coerência são duas faces do mesmo fenômeno.

Como bem afirma a linguista Lucília Garcez, “um texto não é uma simples justaposição de frases corretas, uma após outra. Exige um entrelaçamento rigoroso das ideias que estão sendo expostas para que o leitor não se perca e consiga interpretá-lo corretamente”.

As ideias — central e secundárias — precisam ser sequenciadas de maneira adequada, ou seja, organizadas de modo que o leitor compreenda o papel de cada uma no contexto mais geral.

Conecte seus pensamentos, relacionando sentenças e parágrafos

Em textos bem escritos, um pensamento está conectado ao outro. As palavras e frases estão dispostas lógica e coerentemente. Isso leva o leitor a se mover com facilidade de um ponto a outro do texto e entender como as ideias secundárias se relacionam com a ideia central.

A coerência se dá a partir de uma relação lógica entre as ideias, em um pensamento progressivamente construído. O processo de leitura é, por natureza, linear e sequencial: cada sentença funciona no contexto daquela que a precede. Assim, a coerência de um texto depende de como são feitas as conexões, não somente dentro das próprias sentenças, mas também entre estas e entre os parágrafos. Observe este exemplo:

> A cada vez que nós, brasileiros, gastamos na urna alguns minutos para o “dever cívico”, um ateniense teria ido à ágora oitenta vezes, nela passando um total de centenas de horas.
>
> *Essa disposição* a discutir a coisa pública hoje é rara. Encontra-se em estudantes, em sindicalistas, em militantes, e mais nos jovens que nos mais velhos.
>
> (Renato Janine Ribeiro, *A democracia*, p. 28.)

A expressão “essa disposição” resume o que foi dito no final da frase anterior, contribuindo para dar encadeamento às ideias que estão sendo discutidas no texto.

Deixe claro para o leitor aonde você quer chegar

Procure informar o leitor do que vem a seguir. Por exemplo, se pretende abordar três aspectos de um assunto, enumere-os já na introdução. Não surpreenda o leitor com um segundo ou terceiro aspecto sem ter anunciado o primeiro. Veja isso na prática:

> Em vários países, só recentemente os estudos históricos sobre a velhice começaram a surgir. No Brasil, tais estudos ainda são escassos, em particular para os períodos mais remotos de nossa história: o colonial e o imperial. As pesquisas que já foram realizadas privilegiaram a institucionalização da velhice, através da formação dos asilos e de outras ações filantrópicas.
>
> A proposta deste trabalho é tentar desvendar os deslocamentos da importância que a história atribuiu ao conceito de envelhecimento na sociedade brasileira. Por isso, se preocupará, nesta parte, em analisar as formas de viver dos idosos em nosso período colonial e, posteriormente, nos primeiros tempos do Império.
>
> (Alexandre Hecker, *Uma história da longevidade no Brasil*, p. 16.)

Garanta a coesão, empregando palavras e frases relacionais

Use palavras e frases para estabelecer relações entre as sentenças e entre os parágrafos. Para tanto, podem ser empregados pronomes demonstrativos (este, esse, aquele), conjunções (coordenativas: “e”, “mas”, “portanto”; subordinativas: “se”, “quando”, “uma vez que”, “embora”) e expressões, como as relacionadas a seguir:

Adição

- ademais
- além disso
- e
- em outras palavras
- em primeiro lugar… em segundo lugar
- por um lado… por outro lado
- não só… mas também
- nem
- outra razão

Tempo

- antes que
- assim que
- até que
- depois que
- desde que
- enquanto
- quando

Comparação e analogia

- como
- como se
- da mesma maneira
- de outra forma
- diferentemente
- igualmente
- mais (do) que
- menos (do) que
- tanto quanto
- quanto mais… menos

Proporcionalidade

- à medida que
- à proporção que
- quanto mais… mais

Causa e efeito

- consequentemente
- de forma que
- de maneira que
- de sorte que
- devido a
- em razão de
- em virtude de
- graças a
- já que

- na medida em que
- por
- por causa de
- porque
- tanto… que
- tão… que
- uma vez que

Conformidade
- como (= conforme)
- conforme
- de acordo com
- segundo

Finalidade
- a fim de
- a fim de que
- para
- para que

Hipótese e condição
- caso
- contanto que
- desde que
- em caso de
- se
- senão

Concessão
- a despeito de
- ainda que
- apesar de
- embora
- malgrado
- mesmo que
- por mais que

Conclusão
- em resumo
- em suma
- então
- finalmente
- para concluir
- portanto

Ilustração ou exemplo
- com efeito
- em outras palavras
- especificamente

- para ilustrar
- particularmente
- por exemplo

Construa frases com estruturas simétricas

A simetria na construção das frases é o que chamamos de paralelismo. Não se pode dizer que a falta de paralelismo seja um erro, mas não há dúvida de que seu emprego pode contribuir para a coerência e o ritmo do texto.

Se você escreve “não só”, deve dar continuidade à frase com “mas também” ou “como também”. Vejamos alguns casos:

Não fui ao cinema por estar chovendo e porque precisava estudar.

Nessa frase, não existe paralelismo. As causas foram introduzidas pela preposição “por” e pela conjunção “porque”. A frase ficaria melhor se utilizássemos a mesma construção para indicar as duas causas:

→ Não fui ao cinema por estar chovendo e por precisar estudar.
→ Não fui ao cinema porque estava chovendo e porque precisava estudar.

Ou ainda:

→ Não fui ao cinema não só porque estava chovendo, mas também porque precisava estudar.
→ Não fui ao cinema não só por estar chovendo, mas também por precisar estudar.

Veja como fica ruim uma enumeração em que o paralelismo não é levado em conta:

Como identificar uma criança superdotada:
— Aprende mais rápido que seus colegas da mesma idade.
— Faz muitas perguntas, demonstrando grande curiosidade.
— Tem um vocabulário avançado para sua idade.
— Têm um senso de humor altamente desenvolvido.
— São persistentes em satisfazer seus interesses.
— São críticos de si mesmos e dos outros.
— Apresentam bom desempenho em testes de inteligência.
(*O Estado de S. Paulo*, 29 set. 2010.)

Os três primeiros itens estão na terceira pessoa do singular e os quatro últimos, na terceira pessoa do plural. Ficaria bem melhor assim:

Como identificar uma criança superdotada:
— Aprende mais rápido que seus colegas da mesma idade.
— Faz muitas perguntas, demonstrando grande curiosidade.

— Tem um vocabulário avançado para sua idade.
— Tem um senso de humor altamente desenvolvido.
— É persistente em satisfazer seus interesses.
— É crítica de si mesma e dos outros.
— Apresenta bom desempenho em testes de inteligência.

Ou ainda:

Como identificar crianças superdotadas:
— Aprendem mais rápido que seus colegas da mesma idade.
— Fazem muitas perguntas, demonstrando grande curiosidade.
— Têm um vocabulário avançado para sua idade.
— Têm um senso de humor altamente desenvolvido.
— São persistentes em satisfazer seus interesses.
— São críticas de si mesmas e dos outros.
— Apresentam bom desempenho em testes de inteligência.

Conecte o final de uma sentença com o começo da próxima

A coerência entre as sentenças pode ser obtida com um princípio bem simples: comece com informação familiar ao leitor e termine com informação desconhecida. Esse recurso pode contribuir para que seu texto fique mais fluente, coerente e compreensível para quem lê. Observe este trecho de uma notícia:

> O coordenador da Pneumologia Sanitária da Secretaria de Estado da Saúde de Minas Gerais explica que as pessoas devem adotar hábitos para prevenir esses agravos, comuns durante o tempo seco. “O mais importante é a hidratação. É necessário tomar 2 litros ou mais de água. A alimentação precisa ser leve, baseada em frutas, legumes e verduras. É recomendável usar umidificadores de ar, ou mesmo uma toalha molhada em ambientes fechados. Outra recomendação é manter a vacinação em dia, muitos problemas podem ser evitados com vacinas”, explicou.
>
> […]
>
> O crescimento da poluição é uma das principais causas do afloramento das doenças respiratórias nesta época do ano. Isso devido ao baixo nível da umidade do ar e muitas partículas de poeira em suspensão, diminuindo a qualidade do ar que se respira.
>
> Como consequência, ocorre o aumento dos casos de asma, pneumonia, sinusite, rinite, resfriados, gripes e outras doenças do aparelho respiratório. […] “Com o aumento da incidência de viroses respiratórias, crescem as infecções virais e, consequentemente, o atendimento às pessoas que apresentam patologias respiratórias”, completa o pneumologista.
>
> (Aislan Henrique, site de notícias Patos Agora.)

Note que, já no primeiro parágrafo, fala-se em “esses agravos” sem que nenhum agravo tenha sido mencionado anteriormente. Toda a informação nova é dada antes que se comente o já conhecido. Veja agora o mesmo trecho com as frases reorganizadas de acordo com o princípio “primeiro o conhecido, depois o novo”:

> O crescimento da poluição é uma das principais causas do afloramento das doenças respiratórias nesta época do ano. Isso devido ao baixo nível da umidade do ar e muitas partículas de poeira em suspensão, diminuindo a qualidade do ar que se respira.
>
> Como consequência, ocorre o aumento dos casos de asma, pneumonia, sinusite, rinite, resfriados, gripes e outras doenças do aparelho respiratório.
>
> O coordenador da Pneumologia Sanitária da Secretaria de Estado da Saúde de Minas Gerais explica que as pessoas devem adotar hábitos para prevenir esses agravos, comuns durante o tempo seco. “O mais importante é a hidratação. É necessário tomar 2 litros ou mais de água. A alimentação precisa ser leve, baseada em frutas, legumes e verduras. É recomendável usar umidificadores de ar, ou mesmo uma toalha molhada em ambientes fechados.”

Ajude o leitor a estar ciente do verbo correspondente a cada sujeito

Nas sentenças em que o verbo está muito distante do sujeito, o leitor pode ficar desorientado e ter dificuldade para compreender.

O parágrafo que segue, em que o autor discorre a respeito das liberdades individuais, é um bom exemplo para analisar esse aspecto:

> A *rápida configuração* de novas realidades econômicas, sociais e culturais causada pelos fluxos de capitais internacionais, pelas migrações, pela formação de blocos regionais de Estados e pelos novos vínculos entre indivíduos por intermédio da tecnologia da informação — a tão conhecida globalização — *dificulta* o estabelecimento de fronteiras entre as liberdades de cada ator do processo.
>
> (Texto de aluno)

Observe como o verbo “dificultar”, que se relaciona ao sujeito “rápida configuração”, está deslocado. São muitos os fatores citados até que se chegue à ação que se quer indicar — a de que algo funciona como dificultador de um processo —, obrigando o leitor a uma segunda leitura, antes de ir em frente.

Em casos assim, procure reescrever o texto de forma que essa distância entre o sujeito e o verbo seja diminuída. Muitas vezes, a melhor maneira de evitar esse problema é dividir o parágrafo em várias sentenças. O ponto-final é bem-vindo.

Uma possibilidade de reescrita seria:

> Fluxos de capitais internacionais, migrações e a formação de blocos regionais de Estados têm modificado rapidamente a configuração de novas realidades econômicas, sociais e culturais. Somam-se a isso novos vínculos entre indivíduos por intermédio da tecnologia da informação — a tão conhecida globalização. Esse conjunto de fatores dificulta o estabelecimento de fronteiras entre as liberdades de cada ator do processo.

Onde havia uma única e longa frase agora há três, mais curtas. Ao sujeito de cada uma correspondeu um verbo (“têm modificado”, “somam-se”, “dificulta”). Ficou mais fácil entender a tese defendida pelo autor: é difícil estabelecer até onde vão liberdades individuais, pois há diversos fatores interferindo nesse processo.

Fique atento à correlação dos tempos verbais

A coerência é decorrente da conectividade, da continuidade, da consistência. Faz parte da coerência criar expectativa no leitor e corresponder a ela através do modo como o texto é construído.

Uma das formas de obter isso é correlacionar adequadamente as formas verbais nas frases, de maneira a manter a clareza na expressão das ideias. De modo geral, essa correlação não apresenta problemas, mas há casos em que, se não for feita corretamente, pode comprometer a lógica do texto.

Compare as frases:

→ Você *quer* que eu *vou* em seu lugar?
→ Você *quer* que eu *vá* em seu lugar?

A forma verbal “vou”, usada na primeira frase, apresenta a ação de *ir* como um fato, quando, na verdade, trata-se de uma hipótese. O mais adequado seria a forma empregada na segunda, “vá”, que indica uma possibilidade, não uma certeza.

Na língua portuguesa, há formas verbais específicas para indicar certeza, possibilidade, hipótese, desejo, dúvida, ordem, conselho, pedido. Fique atento à intenção que você quer expressar, de forma a fazer a correlação adequada entre os verbos.

Se usar	**empregue**
• Acredito que • Espero que • Desejo que • Não acho que • Pode ser que • Suponho que	diga, faça, aconteça, venha, seja, tenha, chegue…

Outras correlações comuns são:

→ Se você *viajar*, sua mãe *ficará* (*vai ficar*) sozinha.
→ Se ela *vier*, *passará* (*vai passar*) a fazer parte do grupo.
→ Quando nós *decidirmos*, você *será* (*vai ser*) o primeiro a saber.
→ Se ele *saísse*, o lugar *ficaria* (*iria ficar*) abandonado.
→ Se os eleitores *pensassem* melhor, não *votariam* (*iriam votar*) naquele candidato.
→ Se eu *ganhasse* na loteria, *compraria* (*iria comprar*) uma casa na praia.
→ A vendedora percebeu que o cliente *tinha quebrado* o vaso.
→ Quando meu pai chegar, já *terei resolvido* o problema.
→ Se nos avisassem, não *teríamos seguido* esse caminho.

Outros exemplos de correlação bem feita em textos:

Se *tiverem* consciência, os comunicadores oficiais *poderão* amenizar desconfortos. Se não *tiverem*, *cairão* no ridículo.
(Eugênio Bucci, *O Estado de S. Paulo*.)

Se me *fosse* possível sair deste malfadado claustro, não *esperaria* em Portugal que se cumprissem as tuas promessas: *iria* eu, sem qualquer inibição, procurar-te, seguir-te e amar-te por toda a parte.
(Mariana Alcoforado, *Cartas portuguesas*.)

O estudo demonstra que, se as reservas naturais *fossem* ligadas entre si, uma maior quantidade da biodiversidade remanescente *poderia ser* preservada.
(Fernando Reinach, *A longa marcha dos grilos canibais*, p. 30.)

Organize seu texto seguindo uma progressão natural

Uma das maneiras de manter a coerência é seguir o fluxo natural, que pode ser do geral para o específico, do menos recente ao mais recente, do mais simples ao mais complexo, do mais curto ao mais longo, do menos importante ao mais importante. Ou vice-versa para todas essas situações, é claro. Veja a seguir alguns casos bem específicos de progressão.

Ordem cronológica

É aquela que lista os acontecimentos distribuídos no tempo. Como neste exemplo:

> Quando Portugal assinou o acordo de adesão à então Comunidade Econômica Europeia (CEE), em 1985, a taxa de inflação estava perto dos 20% e tinha estado perto dos 30% no ano anterior. Porém, desde 1995 que a taxa de inflação em Portugal se situa abaixo dos 5%. O processo de desinflação da economia portuguesa, operado entre o final dos anos 80 e meados dos anos 90, é um dos fenômenos mais marcantes da economia portuguesa desde a adesão à CEE. Associada à queda da taxa de inflação, esteve a descida das taxas de juro, de tal modo que, por algumas vezes, entre 2003 e 2005, a taxa de juros da dívida pública portuguesa no mercado secundário esteve abaixo da taxa de juro da dívida pública alemã.
>
> (Pedro Bação, *A economia portuguesa na União Europeia — 1986-2010*.)

Se esse texto tivesse sido escrito sem atenção à ordem cronológica, teria sido muito mais difícil compreender a tese do autor, de que para Portugal a entrada na CEE constituiu uma vantagem.

Ordem de complexidade

Num texto explicativo, por exemplo, é mais lógico definir primeiro do que se vai tratar, antes de fazer classificações e análises que implicam o termo definido. Como no trecho que segue, retirado de um site dedicado à economia:

> A economia pode ser definida assim: o estudo de como as pessoas e a sociedade decidem empregar recursos escassos, que poderiam ter utilizações alternativas, para produzir bens variados.
>
> Pode-se fazer a seguinte divisão no estudo econômico:
>
> — Macroeconomia — analisa o comportamento da economia como um todo, por meio de preços e quantidades absolutos. Faz parte dela os movimentos globais nos preços, na produção ou no emprego.
>
> — Microeconomia — estuda o comportamento de cada “molécula econômica” do sistema, por meio de preços e quantidades relativas. Para exemplificar, pode-se citar a análise do funcionamento de empresas.
>
> Enquanto a economia positiva ocupa-se da descrição de fatos, circunstâncias e relações

> econômicas, a economia normativa expressa julgamentos éticos e valorativos. As grandes divergências entre os economistas aparecem nas discussões de caráter normativo, como por exemplo o da dimensão do Estado e o poder dos sindicatos.
>
> (Site EconomiaNet)

Note que, primeiro, o autor definiu o que ele entende por economia, para só depois estabelecer subdivisões (microeconomia e macroeconomia) e classificações (economia positiva e economia normativa).

A coerência exige lógica. Muitas vezes, a ordem das palavras na frase, períodos muito longos com digressões desnecessárias, excesso de períodos fragmentados, uso inadequado de conectivos prejudicam a coerência. O texto precisa estar construído de forma que o leitor não fique se perguntando por que algo foi dito, pois o todo é resultado da conexão entre as partes que o compõem.

Como pontuar: ritmo e sentido

6

“A escrita não é senão ritmo.” (Virginia Woolf, escritora.)

“O que dá o ritmo à frase escrita é a pontuação. Ela é crucial, porque introduz os matizes de ritmo através da vírgula, do ponto e vírgula, dos dois-pontos, da exclamação, do ponto-final, do parágrafo e outros recursos do gênero.” (Renato Mezan, psicanalista.)

“Nenhum metal pode penetrar o coração humano de maneira tão gélida quanto um ponto colocado no momento exato.” (Isaac Bábel, escritor russo.)

“Pontuar bem é ter visão clara da estrutura do pensamento e da frase. Pontuar bem é governar as rédeas da frase. Pontuar bem é ter ordem no pensar e na expressão.” (Celso Luft, gramático.)

Cada autor, à sua moda, colocou a pontuação no lugar que lhe cabe num texto: além de dar ritmo, também confere sentido à frase.

Veja um exemplo em que a mesma frase está pontuada de três modos diferentes. Todos estão corretos do ponto de vista gramatical, mas têm diferenças sutis de ênfase e ritmo. Percebe-se isso com clareza na leitura em voz alta.

→ A jovem, fantasiada de colombina, entrou abruptamente no salão.
→ A jovem, fantasiada de colombina, entrou, abruptamente, no salão.
→ A jovem fantasiada de colombina entrou abruptamente no salão.

Na primeira frase, a expressão “fantasiada de colombina” está em destaque, enfatizando a maneira como a jovem está vestida; quando se lê em voz alta, são feitas duas pausas marcadas pelas vírgulas. Na segunda, dá-se ênfase não só ao traje da jovem, mas também ao modo como ela entrou no local; são feitas quatro pausas marcadas pelas vírgulas. Na terceira, a ausência de vírgula não confere destaque a nenhum termo e a leitura é feita sem interrupção.

Há casos em que o emprego da vírgula muda o sentido da frase:

→ Os professores, que estavam em greve, voltaram ao trabalho ontem.
→ Os professores que estavam em greve voltaram ao trabalho ontem.

Note que, no primeiro caso, há uma generalização: todos os professores estavam em greve. No segundo, há um sentido restritivo: só aqueles que estavam em greve voltaram ao trabalho.

O uso inteligente da vírgula pode produzir efeitos muito interessantes, como este, visto num texto de apresentação de um livro de poemas:

> Pode ser enigma, claro. Pode ser enigma claro. Só conseguiremos saber de verdade ao nos aventurarmos pelas sementes que ela plantou em nosso caminho leitor.
> (Fernando Nuno, apresentação, *Eu poderia acordar todas as letras*, p. 11.)

Na primeira frase, a vírgula separando “enigma” de “claro” fez com que a palavra “enigma” conservasse seu sentido próprio, sem caracterização. Nesse caso, “claro” funcionou como interjeição. Na segunda, suprimindo a vírgula, o autor transformou “claro” em adjetivo, obtendo um efeito de antítese, já que a palavra “enigma” indica algo obscuro, sem clareza. E ainda criou uma intertextualidade com o título de um livro de Carlos Drummond de Andrade, chamado *Claro enigma*.

Falar de pontuação sem recorrer às funções sintáticas é praticamente impossível. Mas como o propósito aqui não é dar regras, e sim ajudá-lo a aperfeiçoar seu texto e se fazer compreender pelo leitor, seguem alguns princípios básicos de pontuação, indispensáveis para escrever bem. Os termos mais técnicos dos quais não foi possível fugir podem ser encontrados no glossário.

Use o ponto-final para enfatizar suas ideias

O ponto-final cria pausa; a pausa cria ênfase. Prefira períodos curtos. Se você só escreve períodos longos, não dá condições para que o leitor acompanhe o encadeamento entre as ideias. Quando quem escreve não divide adequadamente as ideias em diferentes períodos, cria problemas para quem lê, dificultando a interpretação. Como ocorre no texto que segue:

> O advento da Primeira Guerra Mundial provoca um abalo na crença da superioridade dos padrões de conduta e dos valores europeus, estimulando a necessidade de redescoberta de um Brasil real, que já se preparava para as rupturas estéticas e políticas da década de 1920, quando surgem novas instituições culturais e outras formas de reconhecimento da cultura brasileira, que se assume, desde então, como mestiça, definida em seus traços singulares, e que se pretende inserir autonomamente no concerto das nações.
> (Mariza Velozo e Angélica Madeira, *Leituras brasileiras*, p. 88.)

Sem alterar quase nada, apenas usando o ponto-final, pode-se dividir o período em três:

> O advento da Primeira Guerra Mundial provoca um abalo na crença da superioridade dos padrões de conduta e dos valores europeus, estimulando a necessidade de redescoberta de um Brasil real. O país já se preparava para as rupturas estéticas e políticas da década de 1920, quando surgem novas instituições culturais e outras formas de reconhecimento da cultura brasileira. Esta se assume, desde então, como mestiça, definida em seus traços singulares, e pretende-se inserir autonomamente no concerto das nações.

Outro exemplo:

> O Brasil fez-se Império antes de se fazer nação. No contexto internacional da época, nosso processo de independência foi algo aberrante não apenas devido ao regime monárquico que adotou, como não se cansará de frisar a propaganda republicana de finais do Segundo Reinado, mas também devido à forma imperial que tomou o Estado brasileiro numa conjuntura que já se anunciava nitidamente desfavorável às construções imperiais e eminentemente marcada pelo triunfo da ideia nacional na Grécia, depois na Bélgica, na Espanha, que se levantara em 1808 contra o império napoleônico, no próprio Portugal das Cortes de Lisboa, que, no momento azado, não hesitou em sacrificar o Brasil aos seus objetivos estritamente nacionais.
> (Evaldo Cabral de Mello, *Um imenso Portugal*, p. 24.)

Nesse caso, como o parágrafo tinha dois períodos, um curto e outro muito longo, pudemos dividi-lo em quatro. Além disso, por haver muitas orações intercaladas, foi necessário substituir vírgulas por duplo travessão, para dar destaque às frases, e fazer pequenas alterações para preservar o sentido. Ficou assim:

> O Brasil fez-se Império antes de se fazer nação. No contexto internacional da época, nosso processo de independência foi algo aberrante não apenas devido ao regime monárquico que

> adotou — como não se cansará de frisar a propaganda republicana de finais do Segundo Reinado —, mas também devido à forma imperial que tomou o Estado brasileiro. A conjuntura que já se anunciava era nitidamente desfavorável às construções imperiais e eminentemente marcada pelo triunfo da ideia nacional. Foi o que ocorreu na Grécia, depois na Bélgica, na Espanha — que se levantara em 1808 contra o império napoleônico — e no próprio Portugal das Cortes de Lisboa, que, no momento azado, não hesitou em sacrificar o Brasil aos seus objetivos estritamente nacionais.

Porém, é preciso cuidar para que o texto não fique claudicante, parecendo mero somatório de ideias avulsas. O ponto é bem-vindo, mas use-o com moderação.

Empregue a vírgula para separar partes da frase

Ao contrário do que algumas pessoas pensam, a função da vírgula não é apenas criar pausas. A vírgula separa ideias e seu emprego obedece a critérios sintáticos, ou seja, que se referem à posição das palavras numa frase e às relações das frases entre si. Assim, a vírgula pode indicar ligação entre orações, separação, inversão, omissão ou intercalação dos termos de uma oração.

Não é sem motivo que o emprego da vírgula está entre as dúvidas mais frequentes das pessoas que escrevem. De fato, alguns empregos são obrigatórios; outros, opcionais. Esse emprego optativo permite variações no modo de expressar uma mesma ideia, produzindo ritmos e sentidos especiais. E individualizando sua escrita. Assim, fica mesmo difícil fazer essas escolhas sem ter como base alguns princípios da língua portuguesa. Então, vejamos.

A ordem direta dos termos de uma oração é: sujeito → verbo → complemento → adjunto adverbial.

A Bahia → sujeito
comemora → verbo
a festa de Iemanjá → complemento
no dia 2 de fevereiro → adjunto adverbial
.

Se essa ordem for invertida, colocando o adjunto no início ou no meio da frase, é preciso empregar a vírgula. Assim:

→ No dia 2 de fevereiro, a Bahia comemora a festa de Iemanjá.
→ A Bahia comemora, no dia 2 de fevereiro, a festa de Iemanjá.

Empregos obrigatórios da vírgula

Para separar os itens de uma enumeração

> Onde estão a África, os africanos e os afro-brasileiros na grade curricular das nossas escolas públicas e privadas, nos níveis infantil, fundamental, médio e universitário?
> (Dagoberto José da Fonseca, “A História, o africano e o afro-brasileiro”.)

Nesse exemplo, temos duas enumerações: “a África, os africanos e os afro-brasileiros” e “níveis infantil, fundamental, médio e universitário”. Com exceção do último item, que vem precedido de “e”, os demais termos de cada enumeração devem ser separados por vírgula.

Para isolar o aposto e o vocativo

O aposto explica; o vocativo chama. Vamos entender como isso funciona através de exemplos, começando pelo *aposto*:

> As coisas estavam melhorando em Jérémie, cidade litorânea na ponta da península no sul do Haiti, país cuja infraestrutura foi seriamente abalada pelo terremoto de 2010.
> (Azam Ahmed, *O Estado de S. Paulo*.)

Nessa frase, retirada de um texto sobre o furacão Matthew, que assolou o Haiti em outubro de 2016, há dois exemplos de aposto: “cidade litorânea na ponta da península no sul do Haiti” explica para o leitor onde fica a cidade de Jérémie; e “país cuja infraestrutura foi seriamente abalada pelo terremoto de 2010” informa o leitor sobre a situação do Haiti no momento da catástrofe ocorrida seis anos depois.

O *vocativo* é o termo utilizado para chamar, interpelar algo ou alguém:

> — *Joãozinho*, ainda gostas um pouquinho de mim?
>
> Sua mão de unhas esmaltadas procurou o comutador e a treva da noite penetrou dentro do quarto.
> (Paulo Mendes Campos, “Palacete Mon Rêve”, p. 82.)

> Ela se vingou, verde de ódio:
>
> — Que foi, *nenê*?
>
> Já ousei também com a minha chefe, ao entrar na sala dela:
>
> — Tudo legal, *tia*?
> (Walcyr Carrasco, “A revolta dos tios”, p. 55.)

> *Por que foges assim*, barco ligeiro*?*
> (Castro Alves, “O navio negreiro”, p. 282.)

Ó mar, *por que não apagas*
Co'a esponja de tuas vagas
De teu manto este borrão?
(Castro Alves, "O navio negreiro", p. 283.)

Nos dois primeiros exemplos, o vocativo é referente a pessoas ("Joãozinho", "nenê", "tia"); nos últimos, faz alusão a objetos ("barco ligeiro") e a elementos da natureza ("mar").

Para separar orações coordenadas

Dia poderoso para você fazer algo acontecer, *mas* saiba trabalhar pelos seus objetivos, sem imposições.
(Horóscopo, *Folha de S.Paulo*.)

Esse período é constituído por duas orações independentes, que estão ligadas por uma conjunção ("mas"). A presença dessa conjunção exige a vírgula.

Agora veja um caso diferente:

No dia dos 20 anos da despedida de Renato Russo, o Correio traça um roteiro dos pontos preferidos do líder da Legião Urbana no Distrito Federal. Lugares onde ele *brincou*, *estudou*, *trabalhou*, *namorou*, *tocou*.
(Renato Alves, *Correio Braziliense*.)

Também aqui temos orações independentes umas das outras: "brincou", "estudou", "trabalhou", "namorou" e "tocou" são orações coordenadas. A diferença é que, nesse caso, as vírgulas substituem as conjunções.

Quando as orações são ligadas pela conjunção "e", a vírgula não é obrigatória, exceto quando elas têm sujeitos diferentes:

→ Os Estados Unidos invadem o Iraque e desrespeitam a ONU.
→ Os Estados Unidos invadem o Iraque, e o mundo protesta.

No primeiro exemplo, o sujeito de "invadem" e "desrespeitam" é "Os Estados Unidos". No segundo, o sujeito de "invadem" é "Os Estados Unidos"; de "protesta" é "o mundo". Sujeitos diferentes, vírgula antes do "e".

Note que a repetição da conjunção "e" pode funcionar como recurso de estilo, produzindo ênfase e cadência. Nesse caso, mesmo havendo um único sujeito, emprega-se a vírgula. Esse uso é mais comum em textos poéticos, como neste exemplo clássico de Olavo Bilac, no poema "A um poeta":

Trabalha, e teima, e lima, e sofre, e sua.

Para separar orações subordinadas adjetivas explicativas

Mais de 750 mil haitianos precisam de ajuda imediata, em razão da destruição causada pelo furacão Matthew, *que deixou ao menos mil mortos*, informou a ONU ontem.
(*O Estado de S. Paulo*, 11 out. 2016.)

A oração "que deixou ao menos mil mortos" dá uma informação importante para o leitor sobre a tragédia causada pelo furacão no Haiti. Mas ela depende da oração anterior. Por isso, é chamada de oração subordinada. Além disso, ela qualifica, adjetiva o furacão. Trata-se, então, de uma oração *subordinada adjetiva*. E é *explicativa* porque acrescenta uma informação que poderia não ter sido dada:

Mais de 750 mil haitianos precisam de ajuda imediata, em razão da destruição causada pelo furacão Matthew, informou a ONU ontem.

Existem casos em que a informação é fundamental. Não pode ser omitida, porque restringe o significado do termo que ela modifica. Veja:

Há furacões *que se formam na costa da* África.

A oração "que se formam na costa da África" é subordinada adjetiva, mas restringe o alcance da palavra "furacões": trata-se apenas dos furacões que têm origem na costa africana. Essa informação é fundamental para o correto entendimento da frase. É uma oração *subordinada adjetiva restritiva* e não pode ser separada por vírgula.

Veja como a presença da vírgula pode alterar o significado de uma frase:

→ Os deputados, *que rejeitaram o projeto*, deixaram o plenário.
→ Os deputados *que rejeitaram o projeto* deixaram o plenário.

No primeiro exemplo, pressupõe-se que todos os deputados tenham rejeitado o projeto e, consequentemente, todos deixaram o plenário. Trata-se de uma *explicativa*. No segundo, pressupõe-se a existência de deputados que rejeitaram e de outros que não rejeitaram o projeto. Enfatiza-se que só aqueles que o rejeitaram deixaram o plenário. Trata-se de uma *restritiva*.

Para separar orações subordinadas adverbiais deslocadas

Para repatriar recursos mantidos ilegalmente fora do Brasil, o contribuinte precisa pagar 15% de Imposto de Renda e 15% de multa sobre o valor regularizado.
(Igor Gadelha, *O Estado de S. Paulo*.)

A oração "Para repatriar recursos mantidos ilegalmente fora do Brasil" funciona como adjunto adverbial da oração seguinte. Vimos anteriormente que a ordem direta dos termos é: sujeito → verbo → complemento → adjunto adverbial. Como essa oração está no início do período, deve vir separada por vírgula.

Veja mais um exemplo:

> É uma situação curiosa que o mar, lugar de onde a primeira vida surgiu, possa agora ser ameaçado pelas atividades de uma forma daquela vida. Mas o mar, *embora tenha mudado de forma espantosa*, continuará a existir. Quem está ameaçada na verdade é a própria vida.
> (Rachel Carson, citada no site World's Largest Lesson.)

"Embora tenha mudado de forma espantosa" é uma oração que funciona como adjunto adverbial de "mas o mar continuará a existir". Ela está intercalada. Por essa razão, vem entre vírgulas.

Fique atento!

Nunca separe com vírgula:
→ o sujeito do verbo

> Os neologismos criados de forma incessante pela explosão das tecnologias são, desde o nascimento, sem fronteiras.
> (Sérgio Correia da Costa, *Palavras sem fronteiras*, p. 26.)

> A percepção da importância da palavra para poetas e para diplomatas é correta: o cuidado na escolha das palavras é essencial para causar o efeito que se deseja e evitar ambiguidades.
> (Texto de aluno.)

Às vezes, quando há um sujeito muito longo, como nos exemplos dados ("Os neologismos criados de forma incessante pela explosão das tecnologias", "A percepção da importância da palavra para poetas e para diplomatas"), não é incomum que o redator use, inadvertidamente, a vírgula entre o sujeito e o verbo. Esse é um erro que não deve ser cometido.
→ o verbo de seus complementos

> Nada, na história, serve para ensinar aos homens a possibilidade de viverem em paz.
> (Paul Valéry)

Note que, nessa frase, o verbo "ensinar" precisa de dois complementos: um indireto ("aos homens") e outro direto ("a possibilidade de viverem em paz"). Em casos assim, é grande a probabilidade de erro no emprego da vírgula, pois tem-se a impressão de que ela seria necessária para separar os dois complementos. Isso, entretanto, não é permitido. Não deve haver vírgula entre o verbo e os complementos, nem entre o complemento direto e o indireto.

Empregue os dois-pontos para antecipar uma ideia

À semelhança do ponto-final, também os dois-pontos indicam uma pausa grande. Mas enquanto o ponto-final remete para algo que já foi dito, encerra uma ideia, os dois-pontos preparam o leitor para a ideia que vem depois. Sugerem antecipação. Podem, mesmo, ser usados como recurso estilístico, indicando uma parada brusca que dá uma certa dramaticidade ao texto.

> História não tem sentido moral. Pior: nada garante que o estudo do passado evite erros do presente, até porque os fatos não se repetem, são sempre únicos.
>
> (Leandro Karnal, *O Estado de S. Paulo*.)

É essa ideia de antecipação que justifica o emprego dos dois-pontos antes de citações, enumerações e esclarecimentos.

> Na casa das palavras, havia uma mesa das cores. Em grandes travessas as cores eram oferecidas e cada poeta se servia da cor que estava precisando: amarelo-limão ou amarelo-sol, azul do mar ou de fumaça, vermelho-lacre, vermelho-sangue, vermelho-vinho…
>
> (Eduardo Galeano, *O livro dos abraços*, p. 19.)

Use ponto e vírgula para sugerir conexão

Stephen Wilbers, em *Keys to Great Writing*, foi muito feliz ao definir o ponto e vírgula: “Se os dois-pontos são uma porta aberta, o ponto e vírgula é uma porta entreaberta. Exige que o leitor pare brevemente antes de prosseguir”.

Esse sinal de pontuação indica uma pausa menor que o ponto-final, ligeiramente menor que os dois-pontos e maior do que a vírgula. Mas não é só de pausa que se trata: ele estabelece uma relação estreita entre duas afirmações, principalmente se forem opostas ou indicarem causa e consequência.

> O que arde, cura; o que aperta, segura.
> (Provérbio português)

> Na origem, nada tinha forma no universo; as coisas se misturavam, não se sabia o que era terra, mar ou céu.
> (Texto de orelha do livro *Contos e lendas da mitologia grega*)

O ponto e vírgula não é um sinal de pontuação muito popular; seu uso quase se restringe a itens de decretos, leis, portarias e considerandos, como no exemplo abaixo, retirado de um decreto da presidência da República, de 1946, que proibia a prática ou a exploração de jogos de azar em todo o território nacional:

> O Presidente da República, usando da atribuição que lhe confere o artigo 180 da Constituição, e
>
> Considerando que a repressão aos jogos de azar é um imperativo da consciência universal;
>
> Considerando que a legislação penal de todos os povos cultos contém preceitos tendentes a esse fim;
>
> Considerando que a tradição moral jurídica e religiosa do povo brasileiro é contrária à prática e à exploração de jogos de azar;
>
> Considerando que, das exceções abertas à lei geral, decorreram abusos nocivos à moral e aos bons costumes;
>
> Considerando que as licenças e concessões para a prática e exploração de jogos de azar na Capital Federal e nas estâncias hidroterápicas, balneárias ou climáticas foram dadas a título precário, podendo ser cassadas a qualquer momento:
>
> DECRETA:
>
> […]
>
> (Decreto-Lei n. 9215)

Apesar de pouco empregado, o ponto e vírgula pode desempenhar uma função importante no texto. Deixar de usá-lo é abrir mão de um recurso de estilo poderoso na escrita. Veja o uso exemplar que Machado de Assis fez desse sinal de pontuação:

> Eu vim cedo para a Corte, donde segui a estudar e bacharelar-me em São Paulo. Voltei uma

só vez a Sapucaia para pleitear uma eleição, que perdi.

Rigorosamente, todas estas notícias são desnecessárias para a compreensão da minha aventura; mas é um modo de ir dizendo alguma coisa, antes de entrar em matéria, para a qual não acho porta grande nem pequena; o melhor é afrouxar a rédea à pena, e ela que vá andando, até achar entrada. Há de haver alguma; tudo depende das circunstâncias, regra que tanto serve para o estilo como para a vida; palavra puxa palavra, uma ideia traz outra, e assim se faz um livro, um governo, ou uma revolução; alguns dizem mesmo que assim é que a natureza compôs as suas espécies.

(Machado de Assis, "Primas de Sapucaia!", pp. 119-20.)

Use travessão como recurso de ênfase

Isolado ou aos pares, o travessão indica interrupção — enfática ou não — no fluxo do pensamento. Tem mais força do que a vírgula e que os parênteses. Como na frase que inicia este item: a vírgula poderia ter sido usada para separar a expressão “enfática ou não”, mas o duplo travessão lhe deu mais realce.

O travessão é comumente usado para:

→ indicar mudança de interlocutor nos diálogos. Veja um exemplo:

> Meu relógio parou. Pergunto-lhe quantas horas são.
> — Estou sem relógio.
> — Então vou perguntar ao garçom.
> Ele também está sem relógio.
> (Carlos Drummond de Andrade, “Esparadrapo”, p. 144.)

→ separar orações intercaladas. Como nestes casos:

> Nasceu, na doce Budapeste, um menino com o coração fora do peito. Porém — *diz um dr. Mereje* — não foi o primeiro. Em São Paulo, há sete anos, também nasceu uma criança assim.
> (Rubem Braga, “Como se fora um coração postiço…”, p. 11.)

> Apesar de seu caráter fabuloso, as lendas estavam ligadas à história. Atrás do mito se escondiam acontecimentos relacionados à criação do mundo e à organização dos primeiros homens. Para representar o que não se podia conhecer — *porque ocorrera numa* época *demasiado remota ou porque dizia respeito ao domínio sagrado dos deuses* —, imaginaram-se esses mitos, que davam uma visão poética dos primeiros tempos da humanidade.
> (Claude Pouzadoux, *Contos e lendas da mitologia grega*, p. 6.)

No último exemplo, há duas orações intercaladas enfatizadas pelo uso do duplo travessão: “porque ocorrera numa época demasiado remota” e “ou porque dizia respeito ao domínio sagrado dos deuses”. Assim, o duplo travessão, como recurso de ênfase, pode ser empregado para destacar não só uma expressão, como também uma ou mais orações.

Exemplo de parágrafo bem pontuado, com uso adequado de todos os recursos mencionados:

> As histórias fantásticas de *As mil e uma noites* propiciam uma visão geral dos costumes, da religião e do próprio espírito dos povos do Oriente. Em suas páginas desfilam, com ligeiras variações de tema e linguagem, ricos sultões e vizires em seus suntuosos palácios; as cidades milenares — como Cairo, Bagdá e Damasco —, com suas ruas estreitas, onde vivem incontáveis mercadores de tecidos e tapetes; os costumes sociais e religiosos, as cerimônias de casamento, o ritual das orações diárias, o cotidiano das mulheres sempre protegidas por eunucos. E, por trás de tudo isso, a presença constante do espírito árabe: o gosto pela aventura, o humor simples e ingênuo, o senso de justiça, a certeza de que o bem vence o mal e,

principalmente, a fantasia que enfeita e facilita a realização de muitos dos seus sonhos.
(Julieta de Godoy Ladeira, *As mil e uma noites*, p. 3.)

Seja econômico no uso da exclamação

O uso sem critério do ponto de exclamação compromete sua finalidade. Escritores experientes, em geral, procuram outras maneiras de demonstrar entusiasmo, valendo-se de mudanças na estrutura das frases ou de palavras que já encerram esse estado de espírito.

Situações em que seu uso é recomendável ou mesmo indispensável:

Depois de interjeições

> — Quais são os símbolos da Pátria?
> — Que Pátria?
> — Da nossa Pátria, ora bolas!
> — Não me lembro de todos.
> (Paulo Mendes Campos, “O despertar da montanha”, p. 12.)

> Uau! Isso não é pouca coisa! Veja só: Há dez séculos os europeus acreditavam que era o Sol que girava em torno da Terra, e não o contrário.
> (Almanaque do Ipem)

Tendo sido utilizadas com o sinal de exclamação, as interjeições “Ora bolas!” e “Uau!” deram conta de expressar a carga emotiva adequada a cada situação: desagrado e admiração, respectivamente.

Depois de onomatopeias

> Paulo se voltou para a vaca, que já ia passando ao largo:
> — Buuu! — fez com desprezo.
> (Paulo Mendes Campos, “A verdadeira história de pio”, p. 38.)

> […] o cocheiro e o condutor cuidaram de desatrelar a parelha para levá-la ao outro lado do carro; aproveitei a ocasião e murmurei baixinho entre os dois burros:
> — Houyhnhnms!
> Foi um choque elétrico. Ambos deram um estremeção, levantaram as patas e perguntaram-me cheios de entusiasmo:
> — Que homem és tu, que sabes a nossa língua?
> (Machado de Assis, “Os bondes elétricos”, p. 27.)

“Buuu!” e “Houyhnhnms!” são onomatopeias, ou seja, uma reprodução aproximada de sons, no caso, vozes de animais. Também aqui a exclamação contribui para melhor expressar a intenção do escritor.

Depois de verbos no imperativo

> Acordei minha mulher, assustado.
> — Olha! Tá… pingando!
> — Calma… É um mal paulistano. Todos os nossos canos são furados.
>
> (Marcos Rey, “O pingo”, p. 20.)

O imperativo, diferentemente do que o nome pode sugerir, não serve apenas para indicar ordem, mas também, conselho, solicitação, súplica, sugestão. A forma verbal “olha” está no imperativo: o marido faz um pedido para a mulher. O uso da exclamação em casos assim ajuda a acentuar a inflexão da voz.

A exclamação tem lugar cativo em textos descontraídos, como os trocados entre amigos nas redes sociais, onde dividem espaço com os já citados emoticons. E não é sem motivo que esse tipo de pontuação está praticamente ausente em textos informativos, comerciais, científicos e jurídicos.

Segundo os gramáticos Celso Cunha e Lindley Cintra, o ponto de exclamação:

> É o sinal que se pospõe a qualquer enunciado de entoação exclamativa. Mas, como a melodia das exclamações apresenta muitas variedades, o seu valor só pode ser depreendido do contexto. Cabe, pois, ao leitor a tarefa, extremamente delicada, de interpretar a intenção do escritor; de recriar, com apoio em um simples sinal, as diversas possibilidades de inflexão exclamativa e, em cada caso, escolher dentre elas a mais adequada — se se trata de uma expressão de espanto, de surpresa, de alegria, de entusiasmo, de cólera, de dor, de súplica, ou de outra natureza.
>
> (*Nova gramática do português contemporâneo*, pp. 671-2.)

Use reticências para deixar o pensamento em suspenso

Às vezes, o que se quer é sugerir, é deixar por conta do leitor a produção de sentido. Dúvidas, surpresas, hesitações, incertezas podem ser mais bem expressas quando não colocadas claramente no texto. Nesse caso, as reticências cumprem o papel de indicar que algo está subentendido, como neste exemplo:

> “O samba tem uma qualidade excelente, mas ele não tem a necessária mídia que deveria. O samba raiz tem divisão marcante, não atrasa, nem adianta, por isso ele fica gostoso. Tem muito sambista de qualidade que faz isso, mas que devia ter maior propagação e não tem. Ai se eu tivesse um programa de samba…”
>
> (Germano Mathias, citado por Murilo Roncolato, Ariel Tonglet e Guilherme Prado, *Nexo*.)

Ou neste:

> E agora prepare-se o leitor para o mesmo assombro em que ficou a vila, ao saber que os loucos da Casa Verde iam todos ser postos na rua.
>
> — Todos?
>
> — Todos.
>
> — É impossível; alguns, sim, mas todos…
>
> (Machado de Assis, “O alienista”, p. 147.)

Em textos não ficcionais, esse recurso deve ser usado com parcimônia. Entretanto, em textos literários — caso do último exemplo — é bastante utilizado e contribui para expressar emoção e subjetividade. As reticências são largamente empregadas, por exemplo, por Guimarães Rosa, provocando efeitos de sentido bastante interessantes. No dizer de Aira Suzana Ribeiro Martins, professora da Uerj, que examinou a pontuação na obra desse escritor: “Esse tipo de desenho textual leva o leitor a recompor a cena com som e movimento, dando sentido ao texto”.

> Viver é muito perigoso…
>
> (Guimarães Rosa, *Grande sertão: Veredas*, p. 13.)

Rever e reescrever: passo indispensável

7

“A reescrita é a essência do escrever bem.” “Não é a escrita que vence o jogo, mas a reescrita.” Essas são afirmações de William Zinsser com as quais concordamos inteiramente.

Muitas pessoas pensam que os escritores profissionais não precisam trabalhar o texto. Que ele já sai pronto e acabado. Ledo engano: em geral, eles escrevem e reescrevem o mesmo trecho diversas vezes. Sobram relatos de escritores que afirmam reescrever incansavelmente, e que valorizam muitíssimo essa fase do trabalho, pois é aí que o texto ganha corpo, apuro, personalidade. Quem não entender que a escrita é um processo e não um produto nunca conseguirá escrever bem.

Mas em que constitui a reescrita? Seria começar tudo de novo, escrevendo diferentes versões para escolher uma delas? Em geral, não. O que se faz são ajustes finos do material bruto que se tem em mãos: cortar palavras desnecessárias, substituir palavras por outras mais precisas, inverter a ordem de algumas frases, deixar mais claras as conexões entre as ideias, dividir períodos muito longos, dar mais ritmo e cadência ao texto, entre outros procedimentos. Tudo isso já foi visto em detalhes nos capítulos anteriores. Aqui se trata de pôr esses princípios em prática.

O que deve ser observado

Verifique se o tipo de texto escolhido foi o mais adequado para expressar o que você tinha em mente

A boa escrita deve ser clara, simples, concisa, consistente e coerente. São esses atributos que precisam ser avaliados no momento da revisão e da reescrita.

No capítulo 1, você viu a importância de selecionar um tipo de texto. Se a ideia era contar uma história, você se preocupou em criar tensões de modo a garantir o interesse do leitor? Se queria descrever uma cena, deu atenção aos detalhes? Foi criterioso na oferta de informações? Procurou mostrar mais do que contar? Se a intenção era convencer alguém de algo, teve o cuidado de utilizar argumentos bem fundamentados? E assim por diante.

Certifique-se de que o texto esteja de acordo com o leitor

Ainda no capítulo 1, vimos que quem escreve, escreve para alguém ler. É muito importante que a escrita esteja adequada ao leitor que você tem em mente. Verifique, então, se o registro escolhido — formal ou informal — foi seguido coerentemente durante todo o desenvolvimento; se o vocabulário foi adequado; se o nível de aprofundamento atingido era o desejado.

Lembramos, mais uma vez, que as palavras têm o poder de aproximar ou de afastar, incluir ou excluir. Tenha cuidado com elas. Não explique demais, pois pode aborrecer o leitor, mas fique atento para não superestimar nem subestimar os conhecimentos de quem vai ler seu texto.

Avalie a quantidade e a qualidade da informação

Terminada a primeira versão do texto, use a releitura para avaliar:

→ se todas as informações são relevantes;
→ se há material em excesso;
→ se estão faltando dados importantes;
→ se as afirmações estão corretas;
→ se as definições estão completas.

Pense sempre no leitor, pois é para ele que você está escrevendo. Uma sugestão que dá bons resultados é pôr entre parênteses palavras, expressões ou até frases inteiras que parecem supérfluas e ler o texto novamente, omitindo o que foi marcado. Funciona? Soa melhor? Faz sentido? Se a resposta for sim, tudo indica que é melhor cortar.

Se, pelo contrário, perceber que as informações estão insuficientes, se foram anunciados efeitos sem esclarecer as causas, se os dados fornecidos estão imprecisos, se as definições estão circulares ou incompletas, está na hora de começar a reescrever o trecho.

Confira se lançou mão de recursos que poderiam ajudar seu leitor

No capítulo 2, abordamos diversos modos de desenvolvimento do texto que servem de apoio para quem vai ler, como citar exemplos e usar analogias, metáforas e comparações. Não utilizá-los, principalmente em assuntos mais complexos, é deixar seu leitor à deriva, quando você poderia fornecer-lhe um leme.

Exemplifique, compare, use imagens. Tudo vale quando o objetivo é deixar o texto mais claro.

Atente para a coesão e a coerência do texto

A ideia central e as ideias secundárias estão sequenciadas de maneira adequada? Estão organizadas de modo a facilitar a compreensão do leitor? Você se preocupou em escrever em parágrafos? Eles estão bem divididos? Os períodos estão muito longos? Há períodos curtos demais? Estão repetitivos? Há uma sequência lógica entre eles?

Se necessário, volte ao capítulo 2: ali destrinchamos as características de um parágrafo bem redigido, realçando a unidade, a coerência e a consistência como suas qualidades mais importantes.

Confira ainda: seus parágrafos apresentam uma ideia central, genérica, seguida de explicações? Estão bem encadeados, tornando o texto coeso e coerente? Sua argumentação obedeceu a uma progressão lógica? (Esses aspectos foram tratados no capítulo 5.)

Cheque o emprego das vozes dos verbos

A forma assumida pelo verbo em relação ao seu sujeito é determinante na elaboração de um texto. Lembre que, como foi explorado no capítulo 3, se a intenção é enfatizar o agente, a melhor escolha é a voz ativa; se o paciente da ação é que merece destaque, a voz passiva é a recomendada.

Por ser direta, curta e vigorosa, a voz ativa é mais frequentemente encontrada nos textos. Mas a passiva tem seu espaço, basta que seja escolhida para a situação certa.

Preste atenção a possíveis ambiguidades

Acertar na ordem das palavras na frase e no emprego de pronomes e preposições nem sempre é fácil. Muitas vezes é daí que surgem as ambiguidades, que só são percebidas no momento da releitura. Verifique esse item com cuidado, pois é absolutamente necessário desfazer possíveis enganos de sentido. Pode ser que uma simples reordenação das palavras resolva, mas também pode ser necessário reescrever todo o trecho.

Esse é um momento da releitura que precisa de toda a sua atenção.

Confira se optou pelos procedimentos mais adequados

Nos capítulos 3 e 4, foram sugeridos caminhos a seguir e procedimentos a evitar. Veja se o seu texto não incorreu em problemas que poderiam ser evitados: Você citou a fonte de suas afirmações, quando disponíveis? Tomou cuidado com a quantidade de comentários pessoais? Prestou atenção às redundâncias? Cuidou para não empregar jargões e termos esnobes? E quanto aos estrangeirismos? E às palavras da moda? Faça uma lista de verificação no momento da releitura, pois muita coisa passa despercebida.

Verifique se as frases têm estruturas simétricas

A falta de paralelismo é um problema bastante comum, em geral não percebido no momento da escrita. Rever o texto focando nesse aspecto particular das frases é importante, porque nesse momento, em que a argumentação já está construída, fica mais fácil atentar para a forma. Corrigir possíveis deslizes de paralelismo contribui para aumentar a fluidez e a coerência do seu texto, e melhorar seu estilo.

Corrija possíveis erros gramaticais

Embora a gramática não tenha sido objeto deste livro, é óbvio que escrever bem implica escrever corretamente. Para isso, uma das etapas da revisão deve, necessariamente, visar à checagem de erros relacionados a:

→ ortografia;
→ acentuação gráfica;
→ concordância;
→ regência;
→ pontuação.

Lembrando que a tendência é ler o que está na cabeça e não exatamente o que está escrito, é nessa hora que a atenção tem de ser redobrada para identificar troca ou falta de letras ou sílabas, enganos no uso de preposições, emprego de letra maiúscula ou minúscula, entre outros pequenos tropeços.

Contar com bons dicionários e boas gramáticas é de grande valia.

Leia em voz alta para verificar o ritmo e a cadência do texto

É neste momento que entra em cena com mais vigor o seu modo de escrever.

Soar verdadeiro, ser você mesmo, é uma das regras fundamentais do estilo. Não adianta florear e tentar escrever de um jeito que não é o seu, pois o leitor percebe.

A leitura em voz alta ajuda em todas as fases da revisão e da reescrita, mas é especialmente importante quando se quer ter certeza de que o texto tem um bom ritmo, de que não há palavras cujos sons colidem uns com os outros, dando origem a cacofonias ou a assonâncias desagradáveis, se estão rimando onde não deviam, entre outras inadequações.

Veja o que disse a jornalista e escritora Eliane Brum a esse respeito:

> Algo que funciona muito para mim é ler em voz alta, prestando bem atenção no que escuto. Em voz alta, conseguimos perceber onde o texto perde o ritmo ou onde sobram palavras ou onde a frase está mal resolvida. As repetições e truncamentos gritam numa leitura em voz alta.
> (Depoimento dado a Camilo Rocha, *Nexo*.)

Dê uma atenção especial à pontuação. Observe se os deslocamentos e as intercalações estão separados por vírgulas ou travessões; se há vírgulas incorretas separando o sujeito do verbo e o verbo de seus complementos; se você usou vírgula onde era melhor colocar um ponto-final. São esses elementos que dão ritmo e cadência ao texto e, ouvindo o que escreveu, você poderá perceber melhor se o texto está agradável, se flui bem, se tem o tom que você queria dar à sua escrita.

A reescrita na prática

Revisão implica paciência e tempo. É ir e vir muitas e muitas vezes, tentar caminhos, voltar atrás, fazer e refazer.

Para mostrar como isso é verdadeiro, vamos analisar um texto que foi revisto e reescrito mais de uma vez. Trata-se de um excerto retirado de uma redação escrita por um candidato a um concurso público:

> O Brasil é consequência da miscigenação dos povos. Para compreender o Brasil moderno, um dos legados mais importantes é o da cultura portuguesa. Dessa forma, diversas peculiaridades dos indivíduos e governantes brasileiros podem ser explicadas por meio da análise histórica aprofundada das idiossincrasias de Portugal. O personalismo, a tendência ao irracionalismo da população e a dificuldade de organização são particularidades apresentadas por Sérgio Buarque de Holanda, em *Raízes do Brasil*, como legados portugueses e são primordiais para esclarecer a extrapolação do privado para o público no Brasil, a qual ajuda a compreender o sistema administrativo corrupto e burocrático que retrocede o país.

O parágrafo é formado por quatro períodos:

1. O Brasil é consequência da miscigenação dos povos.
2. Para compreender o Brasil moderno, um dos legados mais importantes é o da cultura portuguesa.
3. Dessa forma, diversas peculiaridades dos indivíduos e governantes brasileiros podem ser explicadas por meio da análise histórica aprofundada das idiossincrasias de Portugal.
4. O personalismo, a tendência ao irracionalismo da população e a dificuldade de organização são particularidades apresentadas por Sérgio Buarque de Holanda, em *Raízes do Brasil*, como legados portugueses e são primordiais para esclarecer a extrapolação do privado para o público no Brasil, a qual ajuda a compreender o sistema administrativo corrupto e burocrático que retrocede o país.

Observe o quarto período. Ele está longo demais, dificultando a compreensão. Com ligeira adaptação, ele poderia, facilmente, ser dividido em dois. Assim:

> O personalismo, a tendência ao irracionalismo da população e a dificuldade de organização são particularidades apresentadas por Sérgio Buarque de Holanda, em *Raízes do Brasil*, como legados portugueses. Tais características são primordiais para esclarecer a extrapolação do privado para o público no Brasil, a qual ajuda a compreender o sistema administrativo corrupto e burocrático que retrocede o país.

No entanto, só alterar a pontuação não foi suficiente para melhorar de fato o texto, que trata de um assunto complexo, em linguagem sofisticada.

Assim, além de modificar a pontuação, algumas mudanças podem ser feitas para torná-lo mais facilmente compreensível:

O Brasil é resultado da miscigenação de diversos povos. Dentre eles, e com bastante relevância, está o português, cuja cultura nos ajuda a compreender o Brasil moderno. Dessa forma, diversas peculiaridades tanto dos indivíduos em geral como dos governantes brasileiros podem ser explicadas por meio da análise histórica aprofundada das idiossincrasias de Portugal. Como afirma Sérgio Buarque de Holanda, em *Raízes do Brasil*, o personalismo, a tendência ao irracionalismo e a dificuldade de organização da população são particularidades que nos foram legadas pelos portugueses. Essas características são primordiais para esclarecer a falta de distinção entre o público e o privado em nosso país, o que ajuda a compreender o sistema administrativo corrupto e burocrático que faz a nação retroceder.

Observe que, no primeiro período, a palavra “consequência” foi substituída por “resultado”, e “miscigenação dos povos” por “miscigenação de diversos povos”, pois a presença do artigo definido “os” (em “dos”) pressupõe uma referência anterior, que não estava no texto.

O segundo período foi totalmente reescrito: para deixar clara a conexão entre o primeiro e o segundo período, foi acrescentada a expressão “dentre eles”, que indica que se está falando de um dos diversos povos mencionados anteriormente. Também foi ressaltado o papel da cultura portuguesa, expresso com menos clareza na versão original.

No terceiro, foi incluída a expressão relacional “tanto… como”, que evidencia a igual importância dos elementos citados: indivíduos e governantes.

No quarto período, certamente o aluno utilizou a obra de Sérgio Buarque de Holanda como argumento de autoridade. Transferindo a referência para o início da frase, esse recurso ganhou ênfase. Faltava ainda deixar claro que “a dificuldade de organização” também é atribuída à população, e não apenas o personalismo e a tendência ao irracionalismo. A mudança de posição resolveu o problema.

O quinto e último período só pôde ser construído pela inserção de “tais características”, que resume o que foi afirmado no período anterior. Na reescrita, ao ler em voz alta, ficou evidenciado que havia uma rima interna (tais/primordiais), desagradável ao ouvido. A solução foi usar “essas” em vez de “tais”. “Extrapolação do privado para o público” é menos claro que “falta de distinção entre o público e o privado”. Daí a troca. Também por ser mais agradável ao ouvido, substituiu-se “a qual” por “o que”. Por fim, o sistema não retrocede o país, e sim o faz retroceder.

Para não ficar apenas em textos alheios, compartilhamos com você nossas idas e vindas enquanto escrevíamos este capítulo. E não se trata de revisão do primeiro esboço, mas de um texto que já havia assumido uma forma mais próxima da final.

~~1.~~ Verifique se o tipo de texto escolhido foi o mais adequado para expressar o que você tinha em mente

~~Tenha sempre em mente que a~~ A boa escrita deve ser clara, simples, concisa, consistente~~, precisa~~ e coerente. São esses atributos que precisam ser avaliados no momento da revisão e da reescrita.

~~Retome o que foi visto no item 5 do capítulo 1.~~ No capítulo 1, você viu a importância de selecionar um tipo de texto. Se a ideia era contar uma história, você se preocupou em criar tensões de modo a garantir o interesse do leitor? Se queria descrever uma cena, ~~preocupou-se com os~~ deu atenção aos detalhes? Foi criterioso na oferta de informações? Procurou mostrar mais do que contar? Se a intenção era convencer alguém de algo, teve o cuidado de utilizar argumentos bem fundamentados? E assim por diante.

~~2.~~ Certifique-se de que o texto esteja ~~adequado ao~~ de acordo com o leitor

~~Como vimos no item 6 do~~ Ainda no capítulo 1, vimos que quem escreve, escreve para alguém ler. É muito importante que a escrita esteja adequada ao leitor que você ~~tinha~~ tem em mente. Verifique, então, se o registro escolhido — formal ou informal — foi seguido coerentemente durante todo o ~~texto~~ desenvolvimento; se o vocabulário foi adequado; se o nível de aprofundamento atingido era o desejado.

Lembramos, mais uma vez, que as palavras têm o poder de aproximar ou de afastar, incluir ou excluir. Tenha cuidado com elas. Não explique demais, pois pode aborrecer o leitor, mas fique atento para não superestimar nem subestimar os conhecimentos de quem vai ler seu texto.

~~3.~~ Avalie a quantidade e a qualidade da informação

~~A primeira~~ Terminada a primeira versão do texto, use a releitura ~~pode ter como foco~~ para avaliar ~~se~~:

- se todas as informações são relevantes;
- se há material em excesso;
- se estão faltando dados importantes;
- se as afirmações estão corretas;
- se as definições estão completas.

Pense sempre no leitor, pois é para ele que você está escrevendo. Uma sugestão que dá bons resultados é pôr entre parênteses palavras, expressões ou até frases inteiras que parecem supérfluas e ler o texto novamente, ~~retirando~~ omitindo o que foi marcado. Funciona? Soa melhor? Faz sentido? Se a resposta for sim, tudo indica que é melhor cortar.

Se, pelo contrário, perceber que as informações estão insuficientes, se foram anunciados efeitos sem esclarecer as causas, ~~se falta clareza nas explicações~~ se os dados fornecidos estão imprecisos, se as definições estão circulares ou incompletas, está na hora de começar a reescrever o trecho.

Dúvidas recorrentes

Qual é o certo?

Muitas são as dúvidas que acometem as pessoas que se preocupam em escrever corretamente, pois a língua é viva e está em constante mudança. Na verdade, não é nada fácil afirmar que isto ou aquilo está certo ou errado, pois diversos usos inadmissíveis tempos atrás já constam de dicionários e gramáticas, ainda que isso possa não ser do conhecimento de muita gente. Nosso propósito não é dar a última palavra sobre o assunto. Coerentemente com o que foi feito em toda a obra, também nesta seção nos propomos a mostrar diferentes lados, porém dando indicações de usos preferenciais, dependendo do contexto e da intenção de quem escreve.

O critério utilizado para selecionar as dúvidas apresentadas aqui, organizadas em ordem alfabética, foi puramente estatístico: as trinta mais frequentes observadas em nossa prática profissional.

À custa de × às custas de

Neste caso, deve-se preferir a forma “à custa de”, quando significar “com sacrifício”, “com esforço”, “com o dinheiro de”, “graças a”.

→ *À custa de* muito trabalho, conseguiu comprar uma casa.
→ Tem quase quarenta anos e ainda vive *à custa dos* pais.

Os gramáticos tradicionais afirmavam que a expressão “às custas de” só poderia ser empregada quando fizesse referência às despesas de um processo judicial.

No entanto, você não incorrerá em erro gramatical se empregar a expressão pluralizada. O *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* já registra as duas possibilidades.

A meu ver × ao meu ver

Nenhuma das duas formas está errada, do ponto de vista gramatical. A questão é que o artigo definido é facultativo antes do pronome possessivo. Logo, não há necessidade de empregá-lo neste caso.

Dar preferência à forma “a meu ver” é mais coerente com a ideia de que a concisão é uma qualidade da escrita. A frase fica mais enxuta e elegante sem o artigo antes do possessivo.

A meu ver, esse problema não tem solução.

Alugam-se casas × aluga-se casas

Placas com dizeres como “Aluga-se casas”, “Conserta-se bicicletas”, “Aceita-se encomendas” estão espalhadas por todos os lugares. Do ponto de vista da norma culta, elas estão incorretas, pois o verbo não está concordando com o sujeito. Nesses casos, o verbo é transitivo direto e está na voz passiva, pois equivalem a “Casas são alugadas”, “Bicicletas são consertadas”, “Encomendas são aceitas”.

As formas gramaticalmente corretas seriam:

→ *Alugam-se* casas.
→ *Consertam-se* bicicletas.
→ *Aceitam-se* encomendas.

Vale comentar que essa rigidez é combatida pelos linguistas, que argumentam que nessas orações o sujeito do verbo não é “casas”, “bicicletas”, “encomendas”, mas está indeterminado, pois não se sabe quem aluga, quem conserta ou quem aceita. Logo, esses verbos devem ficar no singular. No entanto, se você tiver de fazer uma prova num concurso, não arrisque. Opte pela norma culta.

Essa questão leva a uma outra dificuldade, relacionada a problemas de concordância: “Trata-se de questões espinhosas” ou “Tratam-se de questões espinhosas”?

Neste caso, como o verbo “tratar” é transitivo indireto, não há expressão equivalente na voz passiva. O sujeito é indeterminado e o complemento verbal é objeto indireto. A única forma possível é usar o verbo no singular:

Trata-se de questão(ões) espinhosa(s).

Anexo / em anexo / no anexo

As três expressões são aceitas do ponto de vista gramatical.

Alguns gramáticos, como Napoleão Mendes de Almeida e Domingos Paschoal Cegalla, condenaram o uso de “em anexo” ou “no anexo”, alegando que “anexo” só pode ser empregado como adjetivo.

O fato é que, segundo Sérgio Rodrigues, em *Viva a língua brasileira*, já existe registro de “anexo” como substantivo desde 1378.

Quando for empregado como *adjetivo*, “anexo” deve concordar com o substantivo a que se refere:

→ *Anexo* segue o *documento*.
→ *Anexos* seguem os *documentos*.
→ *Anexas* seguem as *fotos*.

Como *substantivo* fica invariável:

→ *Em anexo* seguem os documentos.
→ Os documentos estão *no anexo*.

Ao encontro de × de encontro a

“Ao encontro de” significa “em favor de”, “em direção a”; “de encontro a” é o seu oposto: indica “oposição”, “ação contrária”.

→ As atitudes da mãe vão *ao encontro das* necessidades dos filhos.
→ Suas opiniões vão *de encontro* às minhas.

A confusão entre as duas formas é bastante frequente, mesmo por pessoas que fazem bom uso da língua. Portanto, tome cuidado para não expressar exatamente o contrário do que você pretende.

Ao invés de × em vez de

Essas expressões, muitas vezes utilizadas como equivalentes, não são exatamente sinônimas. “Ao invés de” é igual a “ao contrário de”; “em vez de” significa “no lugar de”.

→ *Ao invés de* falar, podia calar-se um pouco.
→ *Em vez de* pagar com cartão, preferiu cheque.

Daí decorre que é possível empregar “em vez de” no lugar de “ao invés de”, mas a recíproca não é verdadeira. Assim, pode-se dizer: “Em vez de falar, podia calar-se um pouco”. Mas não é correto dizer: “Ao invés de pagar com cartão, preferiu cheque”.

Para não incorrer em erro, use sempre “em vez de”.

Através de × por meio de

De acordo com gramáticas e dicionários respeitáveis, a expressão “através de” é sinônima de “por meio de”, “por intermédio de”. Pode ser empregada tanto em sentido físico (“O sol incide através da janela”) quanto figurado (“Aprendo português através de textos”).

Não há mais nenhuma razão para limitar o emprego de “através de” apenas ao sentido concreto ou literal.

Concordância do verbo “haver”

O verbo “haver”, no sentido de existir, é empregado sempre na terceira pessoa do singular:

→ *Houve* muitas reclamações trabalhistas de funcionários terceirizados.
→ *Havia* jardins, *havia* manhãs naquele tempo.
(Carlos Drummond de Andrade, “Lembrança do mundo antigo”, p. 43.)

Quando o verbo “haver” faz parte de uma locução verbal, observa-se a mesma construção:

→ *Deve haver* muitas reclamações trabalhistas.
→ *Vai haver* poucos feriados no ano que vem.

Nesses dois exemplos, o verbo “haver” não pode ser flexionado. Então o verbo auxiliar (“dever”, “ir”) fica no singular.

Aqui é importante tomar cuidado, pois, se em vez de empregar o verbo “haver” for usado o verbo “existir”, a concordância precisa ser feita.

→ *Existiram* muitas reclamações trabalhistas de funcionários terceirizados.
→ *Existiam* jardins, *existiam* manhãs naquele tempo.
→ *Devem existir* muitas reclamações trabalhistas.
→ *Vão existir* poucos feriados no ano que vem.

Constar de × constar em

No sentido de “estar incluído, mencionado, registrado”, o uso mais tradicional e considerado mais correto pelos puristas é “constar em”, mas atualmente já se admite também a forma “constar de”.

→ Seu parecer *consta nos* anais do Congresso.
→ Seu parecer *consta dos* anais do Congresso.

Dado / visto / haja vista

As formas “dado” e “visto” concordam em gênero e número com o substantivo a que se referem:

→ *Dado* o *resultado*, cancelaram as novas contratações.
→ *Dadas* as *circunstâncias*, resolveram calar-se.
→ *Visto* o *recurso* interposto, aguardemos novas decisões.
→ *Vistas* as *provas*, deu-se prosseguimento ao inquérito.

A expressão “haja vista”, no sentido de “uma vez que”, “veja-se”, é sempre invariável.

O diretor da empresa agiu muito mal. *Haja vista* os comentários feitos pelos funcionários.

Demais × de mais

A palavra “demais” é um advérbio; corresponde a “demasiadamente”:

Sua atuação agradou *demais* aos espectadores.

Já a expressão “de mais” é o oposto de “de menos”:

→ Colocou sal *de mais* na salada.
→ Não vejo nada *de mais* nos quadros desse pintor.

Despercebido × desapercebido

Este é um bom exemplo de dinamismo da língua. Até não muito tempo atrás, o termo “despercebido” era limitado ao sentido de “passar sem ser notado; e “desapercebido” significava “estar desprevenido, despreparado, sem provisões”.

→ Aquele funcionário passava *despercebido* no escritório.
→ O ladrão viu-a *desapercebida* e roubou-lhe o celular.

No entanto, hoje, dicionários importantes como o *Houaiss* consideram essas duas palavras como sinônimas. Cabe uma ressalva: ainda há quem considere isso um erro. Portanto, em situações em que se exige conhecimento da norma culta, melhor seguir o uso tradicional.

Em face de × face a

Segundo alguns gramáticos, “frente a” e “face a” são frutos de traduções apressadas e malfeitas. Melhor evitá-las. Prefira sempre “em face de” ou “diante de”.

> O relator argumenta que a institucionalização, por meio de previsão constitucional, um sistema nacional de defesa civil, com o objetivo de planejar, articular e coordenar as ações nesse setor, dará perenidade às suas ações. Essa perenidade, argumenta, é necessária “*em face da* maior frequência dos desastres naturais geradores de estado de calamidade pública e de sua ocorrência em todas as regiões brasileiras”.
> (Portal Senado Notícias)
>
> *Diante dos* problemas com o chefe, resolveu demitir-se.

Em nível de × a nível de

O emprego da expressão “a nível de” quando substitui “quanto a”, “ em relação a”, “no que concerne”, entre outras, apesar de muito frequente, é inadequado. Talvez por considerá-la mais “chique” e “sofisticada”, chegou-se ao cúmulo de dizer: “Fulano tem problemas *a nível de* coração” ou “Isso não vale *a nível de* resposta”.

Nos dois casos, a expressão “a nível de” é totalmente dispensável: no primeiro, pode-se dizer simplesmente “Fulano tem problemas de coração (ou cardíacos)”; no segundo, “Isso não vale como resposta”.

Pode-se empregar “em nível de” ou simplesmente “em nível” quando existe a ideia de hierarquia ou âmbito. Por exemplo:

→ Esse problema só se resolve *em nível de* direção.
→ Tais tributos só podem ser cobrados *em nível* municipal.

Observação importante: a expressão “ao nível do mar” está perfeitamente correta.

Muitas cidades que estão *ao nível do mar* correm o risco de desaparecer.

Enquanto × enquanto que

Apesar de bastante utilizado atualmente, o “que” depois da conjunção “enquanto” é totalmente dispensável. Segundo alguns gramáticos, tal uso se deve à semelhança com a expressão “ao passo que” ou à influência do francês “*pendant que*” ou “*tandis que*”. Recomenda-se, portanto, que seja eliminado. Assim:

→ Ele passeava *enquanto* sua esposa trabalhava.
→ Você obteve sucesso *enquanto* eu fui um fracasso.

Ganho × ganhado / gasto × gastado / pago × pagado / pego × pegado

Alguns verbos em português têm duas formas no particípio, uma regular, outra irregular: imprimido, impresso; acendido, aceso; prendido, preso; ganhado, ganho; gastado, gasto etc.

Em geral, emprega-se o particípio regular (formas terminadas em “-ado” ou “-ido”) na *voz ativa* com os verbos auxiliares “ter” ou “haver”.

→ Os policiais já tinham *prendido* o ladrão.
→ As crianças haviam *acendido* a lâmpada do quarto.

O particípio irregular (preso, ganho, pego etc.) é empregado na *voz passiva* com os auxiliares *ser* e *estar*.

→ O ladrão foi *preso*.
→ A lâmpada está *acesa* há horas.

Essa é a regra geral, que vale para a grande maioria dos verbos. No entanto, os verbos “ganhar”, “gastar”, “pagar” e “pegar” podem admitir as duas formas, principalmente na *voz ativa*. A escolha fica a seu critério, pois é uma questão de estilo. Assim:

→ Ele tinha *ganhado* (ou *ganho*) na loteria.
→ Os herdeiros haviam *gastado* (*gasto*) todo o dinheiro.
→ Os inquilinos tinham *pagado* (*pago*) o aluguel.

→ A polícia tinha *pegado* (*pego*) o assaltante.

Entretanto na voz passiva, esses verbos devem ser empregados conforme a regra geral, ou seja, com o particípio irregular.

→ O dinheiro foi *ganho* com esforço.
→ O dinheiro foi *gasto* moderadamente.
→ A conta foi *paga* pelo anfitrião.
→ O assaltante foi *pego* logo após a fuga.

Há… atrás

Quando queremos fazer referência a um tempo passado, empregamos o verbo "haver", que pode indicar tempo decorrido.

→ Moro em Recife *há* dois anos. (Faz dois anos que moro em Recife.)
→ Estive em Recife *há* dois anos. (Faz dois anos que estive em Recife.)

Neste último caso, pode-se dizer também:

Estive em Recife dois anos *atrás*.

É bastante comum, principalmente na linguagem falada, o emprego do verbo "haver" e do advérbio "atrás" na mesma oração, como:

Estive em Recife *há* dois anos *atrás*.

Como se pode notar, há uma redundância: tanto "haver" como "atrás" indicam tempo decorrido. Logo, não há justificativa para o uso dos dois termos. Apenas um deles já dá conta da indicação do passado.

→ Entrei neste escritório *há* cinco meses.
→ Entrei neste escritório cinco meses *atrás*.

Implicar × implicar em

O verbo "implicar", no sentido de "ter como consequência", "originar", "acarretar", "requerer", é transitivo direto, isto é, não pede preposição. Veja:

→ Qualquer rasura *implica* a anulação da prova.
→ Essa medida governamental *implica* prejuízos futuros.
→ O combate à corrupção *implica* medidas enérgicas.

No entanto, o emprego da preposição “em” depois do verbo “implicar” tem sido cada vez mais comum na linguagem falada e em alguns textos escritos. Veja:

→ Inclusão *implica* em transformação.
(Site da Associação Amigos Metroviários dos Excepcionais — AME)
→ Salário pago por fora pode *implicar em* sonegação aos direitos trabalhistas.
(Site Previdência Total)

Infinitivo flexionado × não flexionado

Flexionar ou não flexionar o infinitivo não é algo que se resolva seguindo regras gramaticais. Há algumas indicações de uso, mas, na maioria das vezes, você tem a liberdade de optar pela forma que lhe parecer mais adequada.

Geralmente o infinitivo é flexionado:

→ Quando se quer indeterminar o sujeito, empregando-o na terceira pessoa do plural.

Ouvi *comentarem* que o verão vai ser quente demais este ano.

→ Quando vem precedido de uma preposição e seu sujeito não está expresso claramente.

Venha à reunião amanhã para *decidirmos* juntos o que deve ser feito.

→ Quando, num período, o sujeito da segunda oração é diferente do sujeito da primeira.

Vi os meninos *pularem* o muro.

Essa frase tem dois verbos: “vi” e “pularem”; o sujeito de “vi” é “eu” (oculto); o de “pularem” é “os meninos”. Por isso, foi usado o infinitivo flexionado. Esse uso conferiu certa ênfase à ação dos meninos. Nada impede, no entanto, de usar o infinitivo não flexionado:

Vi os meninos *pular* o muro.

A escolha da forma flexionada é preferível quando se quer enfatizar o agente da ação expressa pelo verbo.

De acordo com Celso Cunha, o emprego do infinitivo flexionado não é “seletivo, mais do terreno da estilística do que, propriamente, da gramática”.

Inicializar x iniciar

A palavra “inicializar”, bastante empregada quando se trata de tecnologia, vem do inglês. É um anglicismo.

> Não é algo incomum e você já deve ter percebido que, conforme o tempo passa, seu Windows leva cada mais tempo para *inicializar*.
> (Site Techmundo)

Nesse contexto, já consagrado, não há por que evitá-la. Entretanto, em outras situações, não há justificativa para seu emprego, já que existe, na língua portuguesa, o verbo "iniciar", exatamente com o mesmo significado.

Uso de "lhe" como objeto direto

Na norma culta, o pronome "lhe" exerce a função de objeto indireto.

> Enviei-*lhe* a correspondência.

"A correspondência" é o objeto direto e o pronome "lhe" — que está no lugar de "a ele", "a ela", "a você" — é objeto indireto.

Entretanto, na linguagem falada e mesmo na escrita, esse pronome vem sendo empregado como objeto direto:

→ Eu *lhe* adoro.
→ Não *lhe* conheço.
→ Eu vejo isso de maneira objetiva: um agente governamental solicitou interferência de outro numa decisão técnica que *lhe* beneficiaria em caráter pessoal.
(Marcelo Calero em entrevista ao jornal *Folha de S.Paulo*.)

Os verbos "adorar", "conhecer" e "beneficiar" são transitivos diretos: adoro você, conheço você, beneficio você.

Na norma culta, as formas mais adequadas seriam:

→ Eu o (a) adoro.
→ Não a (o) conheço.
→ Eu vejo isso de maneira objetiva: um agente governamental solicitou interferência de outro numa decisão técnica que o beneficiaria em caráter pessoal.

Escolher uma ou outra forma vai depender do seu objetivo, do tipo de texto que você está escrevendo ou falando. Se for prestar um exame para concurso público ou escrever um texto mais formal, dê preferência ao emprego do "lhe" apenas como objeto indireto.

Mandado × mandato

Essas duas palavras são pronunciadas e escritas de modo bem semelhante. Por essa razão, é muito comum confundi-las. Mas é preciso cuidado, pois elas têm significados muito diferentes e são utilizadas em situações bem diversas.

“Mandado” é uma ordem judicial ou um despacho administrativo. Há mandado de segurança, de prisão, de busca e apreensão etc.

“Mandato” refere-se, geralmente, ao período de exercício de um cargo eleitoral. Mandato de deputado, de senador, de presidente da República etc.

→ O juiz expediu *mandado* de busca e apreensão na residência dos empresários envolvidos no crime.
→ No Brasil, os deputados cumprem um *mandato* de quatro anos.

Na medida em que × à medida que

Apesar de serem frequentemente utilizadas como sinônimas, essas expressões têm sentidos bem diferentes. “À medida que” dá ideia de proporcionalidade, é equivalente a “à proporção que”; “na medida em que” indica causa e equivale a “uma vez que”, “porque”, “tendo em vista que”.

→ *À medida que* passa o efeito da anestesia, a dor aumenta.
→ *Na medida em que* não chegaram a um acordo, o projeto foi vetado.

Atenção: um erro bastante comum é a mistura das duas expressões, resultando em “à medida em que”. Essa forma não existe.

Obrigado × obrigada

Não é incomum, principalmente no mundo corporativo, o uso de “obrigado(a)” no final de correspondências em que os destinatários são homens e mulheres.

Tudo indica que esse emprego está relacionado à falsa impressão de que a concordância deve ser feita com o destinatário e não com o emissor da mensagem.

O adjetivo “obrigado”, quando usado como agradecimento, concorda com a pessoa que fala ou escreve. Assim, homens dizem “obrigado”, e mulheres, “obrigada”.

Ocorre que “obrigado” vem perdendo o caráter de adjetivo. Atualmente, é empregado como interjeição, ficando, portanto, invariável.

Essa é mais uma entre as muitas mudanças que estão acontecendo no uso efetivo da língua portuguesa.

Onde × aonde

Os dois termos são corretos. O que é preciso observar é a circunstância em que cada um deve ser empregado.

→ *Onde* você está?
→ *Aonde* você vai?

“Onde” indica lugar fixo, local de permanência.

Onde Deus está? *Onde* Deus está no mundo, se existem pessoas com fome, sem-teto, refugiados, deslocados?
(Papa Francisco em visita à Cracóvia, em 2016.)

“Aonde” expressa ideia de destino, de movimento; é sempre usado com verbo que pede a preposição “a”: “ir”, “chegar”, “dirigir-se”, entre outros.

Romance cuja trama se passa à beira de floresta *aonde* pessoas vão para se matar também faz refletir sobre tolerância.
(Sylvia Colombo, *Folha de S.Paulo*.)

Por que / porque / porquê / por quê

Esta é uma dúvida compartilhada por gregos e troianos, dos mais variados níveis sociais e de escolaridade. Mas não é difícil distinguir entre as quatro formas possíveis.

por que

É utilizado em três situações.
Em perguntas diretas:

— *Por que* você a humilha?

Em perguntas indiretas:

Não entendo *por que* você a humilha.

Quando equivale a “pelo qual”, “pela qual”, “pelos quais”, “pelas quais”:

→ Este é o ideal *por que* lutamos. (= pelo qual)
→ Esta é a causa *por que* lutamos. (= pela qual)
→ Estes são os ideais *por que* lutamos. (= pelos quais)
→ Estas são as causas *por que* lutamos. (= pelas quais)

porque

Emprega-se em respostas, indicando causa, explicação.

→ Ele a humilha *porque* não passa de um cretino.
→ Venha rápido *porque* precisamos falar com você.

por quê

É empregado quando está no final de frase ou antes de um sinal de pontuação.

→ Você não respondeu meu e-mail, *por quê*?
→ Decidi também, não sei *por quê*, mandar uma carta para ele.

porquê

Utiliza-se quando se tratar de um substantivo. Em geral, vem precedido do artigo “o”:

— Não quero saber o *porquê* da sua decisão.

Quem sabe inglês pode usar um artifício para distinguir entre “por que” e “porque” no caso de perguntas e de respostas. Basta pensar na frase em inglês: se tiver de usar *why*, em português o correto é “por que”; se em inglês for *because*, use “porque”.

Todo × todo o

A simples presença do artigo “o” depois de “todo” altera o sentido do que se quer dizer. Veja:

→ *Todo* ano presto concurso público.
→ Estudei para concurso jurídico durante *todo o* ano de 2016.

No primeiro exemplo, a expressão “todo ano” significa “todos os anos”; no segundo, “todo o ano” refere-se ao “ano inteiro”.

Outros exemplos:

→ Todo dia ela faz tudo sempre igual
(Chico Buarque, “Cotidiano”.)
→ A orientação do Ministério da Saúde aos estados e municípios é que as salas de vacinação permaneçam em atividade durante todo o dia […].
(Portal da Saúde)

Um dó × uma dó

Talvez por contaminação com seu sinônimo “pena”, que é feminino, é bastante comum o emprego da palavra “dó” com o artigo “uma”. Mas fique atento, pois, quando significa “sentimento de pena com relação a alguém, a si mesmo ou a alguma coisa”, “dó” é um substantivo masculino.

→ Não tenho *nenhum dó* de você, minha querida!
→ Sinto *um dó* enorme dos moradores de rua.

Fenômeno semelhante ocorre com o substantivo “grama” no sentido de “massa”, unidade de medida. Neste caso, trata-se de um substantivo masculino. Então, deve-se dizer “duzentos gramas”, e não “duzentas”.

Uso de “de” antes de “que”

É bastante comum a supressão da preposição “de” em construções em que ela é necessária:

→ Não há dúvida que as coisas deveriam ter sido feitas de outro modo.
→ Não se deu conta que estava sendo seguido.
→ Tenho certeza que vai acabar mudando tudo.
→ Lembrei-me que havia deixado a porta destrancada.

Em todos esses casos, as formas gramaticalmente corretas seriam:

→ Não há dúvida *de* que as coisas deveriam ter sido feitas de outro modo.
→ Não se deu conta *de* que estava sendo seguido.
→ Tenho certeza *de* que vai acabar mudando tudo.
→ Lembrei-me *de* que havia deixado a porta destrancada.

O uso indevido da preposição “de” antes de “que”, com verbos transitivos diretos, também ocorre, principalmente no português falado. Por exemplo, a forma correta da frase “Penso *de* que seria necessário começar tudo de novo” é:

Penso que seria necessário começar tudo de novo.

Vultoso × vultuoso

Você já deve ter lido ou ouvido falar que o diretor deu um “vultuoso” desfalque na empresa. Na realidade, a forma correta é “vultoso”, que significa “de grande vulto”, “volumoso”, “importante”. Acrescentar o “u” é um erro comum. A palavra “vultuoso” existe em português, mas significa algo completamente diferente: diz respeito a inchaço ou edema facial.

Fique atento: “vultuoso” fica mais restrito ao meio médico.

A médica examinou o rosto *vultuoso* da paciente.

Na grande maioria das vezes, você vai usar “vultoso”, pois é bem mais frequente esse uso. Veja estas frases encontradas em jornais e revistas:

→ A expectativa se ancorava, em grande medida, em *vultoso* montante de recursos.
(Editorial, *Folha de S.Paulo*.)
→ Dinheiro desviado do programa de alfabetização. Desfalque *vultoso*. Prejuízo que vai além do setor financeiro.

(Acórdão do Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios)

Glossário

Os termos deste glossário foram definidos da maneira mais simples possível, estritamente na acepção em que foram usados neste livro, como ajuda rápida ao leitor; não houve, pois, intenção de abarcar todos os sentidos que podem assumir em contextos diversos.

Adjunto adverbial: Termo da oração cuja função é modificar uma circunstância do fato expresso pelo verbo ou intensificar o sentido do verbo, do adjetivo e do advérbio.

Antítese: Figura de linguagem que cria um efeito de contraste, de oposição entre duas ideias dentro da mesma frase, do mesmo parágrafo ou da mesma estrofe.

Assonância: Semelhança ou igualdade de sons em palavras próximas.

Cacofonia: Nome que se dá à produção de sons desagradáveis ao ouvido. Vem daí a palavra "cacófato", que significa som impróprio ou com sentido equívoco, produzido pela união dos sons de duas ou mais palavras vizinhas.

Complemento (ou objeto) direto: Termo da oração que completa o sentido do verbo sem necessidade do emprego de preposição.

Complemento (ou objeto) indireto: Termo da oração que completa o sentido do verbo sempre necessitando de uma preposição ("a", "de", "em", "para", "com", "por"), que pode ser clara ou subentendida (casos em que se usa o pronome "lhe(s)", que está no lugar de "a ele(s)", "a ela(s)").

Conjunção: Palavra invariável usada para ligar orações ou termos que exercem a mesma função sintática dentro da oração.

Figura de linguagem: Fenômeno linguístico por meio do qual as palavras adquirem sentidos figurados, que se aplicam a situações particulares de uso.

Filologia: Estudo científico do desenvolvimento de uma língua ou de famílias de línguas, com base em documentos escritos nessas línguas.

Função sintática: Diz respeito à relação entre os termos de uma oração, ou seja, o papel que cada palavra desempenha dentro da frase: sujeito, predicado, objeto direito, objeto indireto, adjunto.

Gênero textual: Designa as diferentes formas de linguagem empregadas nos textos. Elas são mais ou menos estáveis, pois possuem algumas peculiaridades que nos permitem reconhecê-las e empregá-las em situações comunicativas concretas. Como exemplos podemos citar: notícia, conto, reportagem, relatório, receita, poema, biografia, lista, resenha, resumo, entre muitos outros.

Locução verbal: Expressão formada por um verbo auxiliar ("ser", "ter", "haver", "estar") seguido de um verbo principal. O verbo auxiliar aparece conjugado e o verbo principal, em uma das formas nominais: infinitivo, gerúndio ou particípio (como exemplo dessas formas, respectivamente, "cantar", "cantando" e "cantado").

Metáfora: Figura de linguagem que consiste no emprego de uma palavra para falar de uma realidade que normalmente não é designada por ela. A metáfora ressalta uma semelhança entre duas realidades.

Modalizador: Elemento usado por quem enuncia algo para indicar sua posição pessoal — impositiva ou não — em relação àquilo que está sendo enunciado.

Oração: Frase ou parte de uma frase que se organiza em torno de um verbo ou de uma locução verbal. Em geral, uma oração é constituída por dois elementos: sujeito e predicado. Pode ocorrer, no entanto, de constituir-se apenas de um predicado. Nesse caso, diz-se que a oração é sem sujeito.

Oração intercalada: Aquela que funciona como complemento dentro de um período, adicionando um esclarecimento, uma observação, uma ressalva. Na linguagem escrita, aparece isolada por vírgulas, travessões ou parênteses.

Oração principal: Parte de uma frase que contém a informação mais importante, porém incompleta, ligando-se sempre a uma oração subordinada que desempenha a função que falta à principal: um substantivo, um adjetivo ou um advérbio.

Oração subordinada adjetiva: Aquela que funciona como adjetivo em relação à oração principal.

Oração subordinada adverbial: Aquela que funciona como advérbio em relação à oração principal.

Oração subordinada substantiva: Aquela que funciona como substantivo em relação à oração principal.

Orações coordenadas: Orações que aparecem uma ao lado da outra sem que haja dependência sintática entre elas, ou seja, cada oração vale por si.

Orações subordinadas: Completam o sentido de outra, chamada de principal. As orações subordinadas podem exercer a função de substantivo, adjetivo ou advérbio em relação à oração principal.

Partícula expletiva: Termo da oração que pode ser omitido sem nenhuma perda de sentido. É também conhecida como “partícula de realce”.

Período: Frase constituída de uma ou mais orações. Havendo só uma oração, o período é chamado de simples; havendo duas ou mais orações, o período é composto.

Predicado: Tudo aquilo que se declara a respeito do sujeito da oração. É possível que uma oração não tenha sujeito, mas não existe oração sem predicado.

Preposição: Palavra invariável que estabelece relação entre dois termos, de forma que um completa ou explica o sentido do outro.

Sujeito: É o termo da oração sobre o qual se declara alguma coisa.

Tipologia textual: Forma como os textos se apresentam, identificada por algumas características determinantes, como relações lógicas e aspectos relativos ao vocabulário, à sintaxe e aos tempos verbais. A classificação básica considera cinco tipos: narração, descrição, dissertação (que pode ser explicativa ou persuasiva), exposição e injunção (referente a textos instrucionais, que indicam procedimentos).

Verbo intransitivo: Aquele que não precisa de complemento, pois sua significação já é completa. O sentido do verbo não transita do sujeito para o complemento.

Verbo transitivo: Aquele que precisa de um termo que lhe complete o significado. Esse termo chama-se objeto. O verbo transitivo pode ser direto, indireto ou direto e indireto. O verbo é transitivo direto quando seu sentido é completado por um termo que se liga a ele de maneira direta, isto é, sem preposição obrigatória. Esse complemento é denominado objeto direto. O verbo é transitivo indireto quando seu sentido é completado por um termo que se liga a ele de maneira indireta, isto é, com preposição obrigatória. Esse complemento chama-se objeto indireto. O verbo é transitivo direto e indireto quando precisa dos dois complementos: objeto direto e objeto indireto.

Bibliografia

ASSUMPÇÃO, Maria Elena Ortega Ortiz; BOCCHINI, Maria Otília. *Para escrever bem*. São Paulo: Manoel, 2002.

BORBA, Francisco da Silva. *Dicionário gramatical de verbos do português contemporâneo do Brasil*. São Paulo: Ed. da Unesp, 1990.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís Filipe Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. pp. 657-8.

FARACO, Carlos; MOURA, Francisco; MARUXO, Hamilton. *Gramática*. 20. ed. São Paulo: Ática, 2010.

FIGUEIREDO, Luiz Carlos. *A redação pelo parágrafo*. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1998.

GARCEZ, Lucília H. do Carmo. *Técnica de redação*: *O que é preciso saber para escrever bem*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

GARCIA, Othon Moacyr. *Comunicação em prosa moderna*. 27. ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2010.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

MARTINS, Aira Suzana Ribeiro. *A pontuação não gramatical de Guimarães Rosa: Um estudo semiótico*. Rio de Janeiro: Ed. da UERJ, 2006.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Ed. da Unesp, 2000.

PEIXOTO, Francisco Balthar. *Redação na vida profissional*: *Setores público e privado*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

PINKER, Steven. *The Sense of Style*. Nova York: Viking, 2014. [Ed. bras.: *Guia de escrita*: *Como conceber um texto com clareza, precisão e elegância*. São Paulo: Contexto, 2016.]

RODRIGUES, Sérgio. *Viva a língua brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

SQUARISE, Dad; SALVADOR, Arlete. *A arte de escrever bem*: *Um guia para jornalistas e profissionais do texto*. São Paulo: Contexto, 2005.

STRUNK JR., William; WHITE, E. B. *The Elements of Style*. 4. ed. New Jersey: Pearson, 1999.

SUÁREZ ABREU, Antonio. *A arte de argumentar*: *Gerenciando razão e emoção*. Cotia: Ateliê, 2009.

_______. *O design da escrita*: *Redigindo com criatividade e beleza, inclusive ficção*. Cotia: Ateliê, 2008.

TOULMIN, Stephen. *Os usos do argumento*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

WILBERS, Stephen. *Keys to Great Writing*: *Mastering the Elements of Composition and Revision*. Cincinnati, Ohio: Writer’s Digest Books, 2000.

WILSON, John. *Pensar com conceitos*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

ZINSSER, William. *On Writing Well*: *The Classic Guide to Write Nonfiction*. Nova York: Collins, 2006. [Ed. bras.: *Como escrever bem*. São Paulo: Três Estrelas, 2017.]

Referências bibliográficas dos exemplos citados

AGÊNCIA LUSA. “Mundo está mais verde hoje do que há trinta anos, diz estudo”. EBC Agência Brasil, 25 abr. 2016. Disponível em: <agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2016-04/>. Acesso em: 20 maio 2017.

AHMED, Azam. “Cidade no Haiti se reerguia. Aí, chegou o furacão…”. *O Estado de S. Paulo*, 11 out. 2016. Disponível em: http://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,cidade-no-haiti-se-reerguia-ai-chegou-o-furacao-,10000081384. Acesso em: 22 maio 2017.

ALCOFORADO, Mariana. *Cartas portuguesas*. Porto Alegre: L&PM, 1997.

ALEXANDRE, Fernando et al. (Org.). *A economia portuguesa na União Europeia: 1986-2010*. Lisboa: Actual, 2015. (Extra Coleção).

ALMANAQUE DO IPEM. Disponível em: <https://ipemsp.wordpress.com/tag/filosofia/>. Acesso em: 23 maio 2017.

ALVES, Renato. “Conheça os lugares frequentados por Renato Russo, morto há 20 anos”. Disponível em: <http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2016/10/11/interna_cidadesdf,55267 os-lugares-frequentados-por-renato-russo-morto-ha-20-anos.shtml>. Acesso em: 22 maio 2017.

ANGELO, Ivan. “Tropeços”. *Veja São Paulo*, 23 abr. 2003.

BARBOSA, Cássio W. “Ressacas não só causam dor de cabeça, mas também emburrecem”. Megacurioso, 8 ago. 2013. Disponível em: <www.megacurioso.com.br/bebidas-alcoolicas/37585-ressacas-nao-so-causam-dor-de-cabeca-mas-tambem-emburrecem.htm>. Acesso em: 22 maio 2017.

BATESON, Mary Catherine. “Sobre a naturalidade das coisas”. In: BROCKMAN, John; MATSON, Katinka (Orgs.). *As coisas são assim*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

BRAGA, Rubem. “Como se fora um coração postiço…”. In: ______. *50 crônicas escolhidas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1951.

BRAINLY. Disponível em: http://brainly.com.br/tarefa/5814327. Acesso em: 22 maio 2017.

BRASIL. Decreto-Lei n. 9215, de 30 de abril de 1946. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Decreto-Lei/Del9215.htm>. Acesso em: 23 maio 2017.

BRASIL. Presidência da República. *Manual de redação da Presidência da República*. 2. ed. rev. e atual. Brasília, 2002.

BUCCI, Eugênio. “Comunicar-se-ão?”. *O Estado de S. Paulo*, 29 set. 2016. Disponível em: <http://opiniao.estadao.com.br/noticias/geral,comunicar-se-ao,10000078858>. Acesso em: 22 maio 2017.

CALERO, Marcelo. “Fora do governo, Calero acusa Geddel de pressioná-lo para liberar obra”. *Folha de S.Paulo*, 19 nov. 2016. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/poder/2016/11/1833696-fora-do-governo-calero-acusa-geddel-de-pressiona-lo-para-liberar-obra.shtml>. Acesso em: 24 maio 2017.

CALLIGARIS, Contardo. “O que faz que, apesar da separação dos amantes, um amor não acabe?”. *Folha de S.Paulo*, 1º set. 2016. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/colunas/contardocalligaris/2016/09/1808848-o-que-faz-que-apesar-da-separacao-dos-amantes-um-amor-nao-acabe.shtml>. Acesso em: 22 maio 2016.

CANDIDO, Antonio. *Ficção e confissão*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

CARDOSO, Fernando Henrique. “Triste fim”. *O Estado de S. Paulo*, 4 set. 2016. Disponível em: <http://opiniao.estadao.com.br/noticias/geral,triste-fim,10000073965>. Acesso em: 22 maio 2017.

CARRASCO, Walcyr. “A revolta dos tios”. In: ______. *O golpe do aniversariante e outras crônicas*. São Paulo: Ática, 2001. (Para Gostar de Ler, 20).

CARSON, Rachel. “É uma situação curiosa [...]”. Disponível em: <http://worldslargestlesson.globalgoals.org/pt/global-goals/life-below-water/>. Acesso em: 23 maio 2017.

CASTRO ALVES, Antônio de. “O navio negreiro”. In: ______. *Os escravos*. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986.

COLOMBO, Sylvia. “Visão oriental da morte é tema de Valter Hugo Mãe”. *Folha de S.Paulo,* 19 nov. 2016.

CORRÊA DA COSTA, Sérgio. *Palavras sem fronteira.* Rio de Janeiro: Record, 2000.

COTRIM, Mário. “Outrossins”. Disponível em: <stat.correioweb.com.br/concursos/prepare-se/download/arquivos/exemploprova.doc>. Acesso em: 22 maio 2017.

DRUMMOND DE ANDRADE, Carlos. “Esparadrapo”. In: ______. *De notícias & não notícias faz-se a crônica.* 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975.

DRUMMOND DE ANDRADE, Carlos. “Lembrança do mundo antigo”. In: ______. *Sentimento do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

DAVIES, Paul. “O que aconteceu antes do big bang?”. In: BROCKMAN, John; MATSON, Katinka (Orgs.). *As coisas são assim*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

DIREITONET. Decisão do Tribunal de Justiça acerca de problemas com atrasos condominiais. Disponível em: <www.direitonet.com.br/noticias/exibir/7865/Multa-por-atraso-no-pagamento-de-condominio-e-limitada-a-2-apos-novo-Codigo-Civil>. Acesso em: 22 maio 2017.

DISTRITO Federal. Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios. Acórdão n. 621 783 do Processo n. 19990110734979apr, 20 set. 2012. Disponível em: <http://www.lexml.gov.br/urn/urn:lex:br;distrito.federal:tribunal.justica.distrito.federal.territori
09-20;621783>. Acesso em: 30 maio 2017.

ECO, Umberto. *Como se faz uma tese*. 19. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

FACULDADE Santo Agostinho. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Disponível em: <https://www.fsanet.com.br/institucional/comite-de-etica/tcle>. Acesso em: 22 maio 2017.

FELICE, Massimo Di. Entrevista. *revista e*, n. 249, mar. 2017.

FÉLIX, António Bagão. “A narrativa”. Tudo Menos Economia, 2 ago. 2016. Disponível em: <blogues.publico.pt/tudomenoseconomia/2016/08/02/a-narrativa/>. Acesso em: 22 maio 2017.

FOLHA de S.Paulo. Editorial, 30 set. 2016. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/opiniao/2016/09/1818212-sanear-projetos-e-gestao.shtml>. Acesso em: 30 maio 2017.

FONSECA, Dagoberto José da. “A História, o africano e o afro-brasileiro”. Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/46188/1/01d21t05.pdf>. Acesso em: 22 maio 2017.

GADELHA, Igor. “Governadores pedem que prazo de repatriação seja estendido no máximo até 8 de novembro”. *O Estado de S. Paulo*, 11 out. 2016. Disponível em: <http://economia.estadao.com.br/noticias/geral,governadores-pedem-que-prazo-de-repatriacao-seja-estendido-no-maximo-ate-8-de-novembro,10000081476>. Acesso em: 30 maio 2017.

GALEANO, Eduardo. *O livro dos abraços*. Porto Alegre: L&PM, 1991.

GALERA, Daniel. *Barba ensopada de sangue*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

GUANAES, Nizan. “Se você estuda, cuidado para não estar aprendendo sobre o passado”. *Folha de S.Paulo*, 16 ago. 2016. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/colunas/nizanguanaes/2016/08/1803333-se-voce-estuda-cuidado-para-nao-estar-aprendendo-sobre-o-passado.shtml>. Acesso em: 22 maio 2017.

GUIMARÃES ROSA, João. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

HECKER, Alexandre. *Uma história da longevidade no Brasil*. São Paulo: Conexão Nacional, 2014.

HENRIQUE, Aislan. “Saiba o que fazer durante esse tempo seco”. Disponível em: <www.patosagora.net/noticia/saiba-o-que-fazer-durante-esse-tempo-seco>. Acesso em: 21 nov. 2016.

JORGE, Mariliz Pereira. “Futebol continua sendo um reduto de homofobia”. *Folha de S.Paulo*, 25 mar. 2017. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/colunas/marilizpereirajorge/2017/03/1869681-futebol-continua-sendo-um-reduto-de-homofobia.shtml>. Acesso em: 22 maio 2017.

KARNAL, Leandro. “Gentileza gera gentileza”. *O Estado de S. Paulo*, 18 set. 2016. Disponível em: <http://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,gentileza-gera-gentileza,10000076501>. Acesso em: 22 maio 2017.

______. “O historiador como juiz”. Disponível em: <http://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,o-historiador-como-juiz,10000075101>. Acesso em: 23 maio 2017.

KEHL, Maria Rita. “A preguiça na cadência do samba”. In: NOVAES, Adauto (Org.). *Elogio à preguiça*. São Paulo: Edições Sesc SP, 2012.

LADEIRA, Julieta de Godoy. *As mil e uma noites*. São Paulo: Scipione, 1988. (Série Reencontro).

LAFER, Celso. “O Itamaraty na cultura brasileira”. In: ______. *O Itamaraty na cultura brasileira*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 2002.

LEX Magister. Contrato de locação de imóvel. Disponível em: <www.lex.com.br/contrato_1127066_CONTRATO_DE_LOCACAO_DE_IMOVEL_RESIDENCIAL.aspx>. Acesso em: 22 maio 2017.

LISPECTOR, Clarice. *Correspondências*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

MACHADO, Leandro. “Pancadões universitários crescem e tiram sono de moradores em SP”. *Folha de S.Paulo*, 19 ago. 2016. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2016/08/1804648-pancadoes-universitarios-crescem-e-tiram-sono-de-moradores-em-sp.shtml>. Acesso em: 22 maio 2017.

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. “O alienista”. In: ______. *Os melhores contos*. São Paulo: Global, 1985.

______. “Os bondes elétricos”. In: ______. *Fuga do hospício e outras crônicas*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1999. (Para Gostar de Ler, 26).

______. “Primas de Sapucaia!”. In: *Contos*: *Uma antologia*. Sel., introd. e notas de John Gledson. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. v. II.

MANDELA, Nelson. “Chegou o momento de construir”. Disponível em: <maioresdiscursos.blogspot.com.br/>. Acesso em: 22 maio 2017.

MELLO, Evaldo Cabral de. *Um imenso Portugal*: *História e historiografia*. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2008.

MENDES CAMPOS, Paulo. “Palacete Mon Rêve”. In: ______. *Cisne de feltro*: *Crônicas autobiográficas.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

______. “O despertar da montanha”. In:______. *Balé do pato e outras crônicas*. São Paulo: Ática, 1998. (Para Gostar de Ler, 24).

MENDES CAMPOS, Paulo. “A verdadeira história de pio”. In: ______. *O anjo bêbado*. Rio de Janeiro: Sabiá, 1969.

MOURA, Flávio. “Alexander Calder e a reinvenção onírica da forma pura”. *Folha de S.Paulo*, 2 out. 2016. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2016/10/1818400-alexander-calder-e-a-reinvencao-onirica-da-forma-pura.shtml>. Acesso em: 22 maio 2017.

NASSAR, Raduan. *Lavoura arcaica*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

NOVELLI, Guilherme. “No breu”. *piauí*, n. 119, ago. 2016. Disponível em: <http://piaui.folha.uol.com.br/materia/no-breu/>. Acesso em: 22 maio 2017.

NUNO, Fernando. Apresentação. In: LIMA, Célia Regina de. *Eu poderia acordar todas as letras*. São Paulo: Miró, 2015.

OUCHI, Bruna Yuri. “Desacelere”. *Ponto de Encontro*, n. 22, ago.-set. 2016.

PORTAL da Saúde. Disponível em: <http://portalsaude.saude.gov.br/index.php/o-ministerio/principal/secretarias/svs/noticias-svs/25720-dia-d-de-multivacinacao-ocorre-neste-sabado-24-em-todo-o-pais>. Acesso em: 24 maio 2017.

PORTAL Senado Notícias. “Quatro propostas com pedido de vista voltam ao exame da CCJ”, 30 jan. 2015. Disponível em: <http://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2011/10/21/quatro-propostas-com-pedido-de-vista-voltam-ao-exame-da-ccj/>. Acesso em: 30 maio 2017.

PORTUGAL, *Madeira e Açores*. São Paulo: Publifolha, 2008. (Guia Visual Folha de S.Paulo).

POUZADOUX, Claude. *Contos e lendas da mitologia grega*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

PRADO JÚNIOR, Caio. *Formação do Brasil contemporâneo.* 23. ed. São Paulo: Brasiliense, 2007.

PRATA, Mário. *Mário Prata entrevista uns brasileiros*. Rio de Janeiro: Record, 2015.

RÉGIA, Vicky. “Lugar de mulher é nas Olimpíadas”. *Capitolina*, 17 ago. 2016. Disponível em: <www.revistacapitolina.com.br/lugar-de-mulher-e-nas-olimpiadas/>. Acesso em: 22 maio 2017.

REINACH, Fernando. *A longa marcha dos grilos canibais*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

REY, Marcos. “O pingo”. In: ______. *O coração roubado e outras crônicas.* 2. ed. São Paulo: Ática, 2001. (Para Gostar de Ler, 19).

RIBEIRO, Renato Janine. *A democracia*. 2. ed. São Paulo: Publifolha, 2002. (Folha Explica).

RIO Grande. Prefeitura Municipal. Contrato de prestação de serviços. Disponível em: <www.riogrande.rs.gov.br/pagina/arquivos/licitacao_anexo/contrato_82-15_smcsu.pdf>. Acesso em: 22 maio 2017.

ROCHA, Camilo. “Como escrever melhor: Autores compartilham suas experiências”. *Nexo*, 8 nov. 2016. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/servico/2016/11/08/Como-escrever-melhor-autores-compartilham-suas-experi%C3%AAncias>. Acesso em: 30 maio 2017.

RONCOLATO, Murilo; TONGLET, Ariel; PRADO, Guilherme. “As músicas dos 100 anos com samba”. *Nexo*, 23 ago. 2016. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/especial/2016/08/23/As-m%C3%BAsicas-dos-100-anos-com-samba>. Acesso em: 22 maio 2017.

ROSSI, Clóvis. “Mundo volta a apontar necessidade de pôr ordem no capitalismo”. *Folha de S.Paulo,* 8 set. 2016. Disponível em:

<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/clovisrossi/2016/09/1811207-mundo-volta-a-apontar-necessidade-de-por-ordem-no-capitalismo.shtml>. Acesso em: 22 maio 2017.

SCHWARCZ, Lilia; STARLING, Heloisa. *Brasil*: *Uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

TERRON, Joca Reiners. "'O Ruído do Tempo' reconta agruras de músico sob Stálin". *Folha de S.Paulo*, 1º abr. 2017. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2017/04/1871551-o-ruido-do-tempo-reconta-agruras-de-musico-sob-stalin.shtml>. Acesso em: 22 maio 2017.

TREVISAN, Dalton. *O rei da terra*. Rio de Janeiro: Record, 1979.

VELOZO, Mariza; MADEIRA, Angélica. *Leituras brasileiras*: *Itinerários no pensamento social e na literatura*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

VÉRAS, Maura Pardini Bicudo et al. "Velhices: reflexões contemporâneas". In: HECKER, Alexandre. *Uma história da longevidade no Brasil*. São Paulo: Conexão Nacional, 2014.

Chico Moura
Licenciado em letras (português e francês) pela Universidade de São Paulo, direcionou sua vida profissional ao ensino de gramática e de produção de textos, tanto como professor no ensino fundamental, médio e superior, quanto como autor de livros didáticos e gramáticas. Vem preparando candidatos para a prova de redação do concurso para a carreira diplomática há décadas, além de ministrar cursos de escrita para profissionais em empresas. Palestras em todas as regiões do Brasil estão entre suas contribuições para a formação de professores.

Wilma Moura
Licenciada em filosofia e pedagogia, com especialização em psicologia educacional, dedicou toda sua vida profissional ao trato com o texto, nas principais editoras do país. Exerceu praticamente todas as funções ligadas à área: foi revisora, preparadora, copidesque, redatora, editora, autora. Contribuiu para a formação de profissionais, ministrando cursos de redação nas editoras em que trabalhou e de edição de livros didáticos na Universidade do Livro da Unesp.

Copyright © 2017 by Chico Moura e Wilma Moura

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa e projeto gráfico MATEUS VALADARES
Preparação ANA MARIA ALVARES
Índice remissivo LUCIANO MARCHIORI
Revisão HUENDEL VIANA e ANGELA DAS NEVES
ISBN 978-85-438-1084-3

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone: (11) 3707-3500
www.companhiadasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br
facebook.com/companhiadasletras
instagram.com/companhiadasletras
twitter.com/cialetras

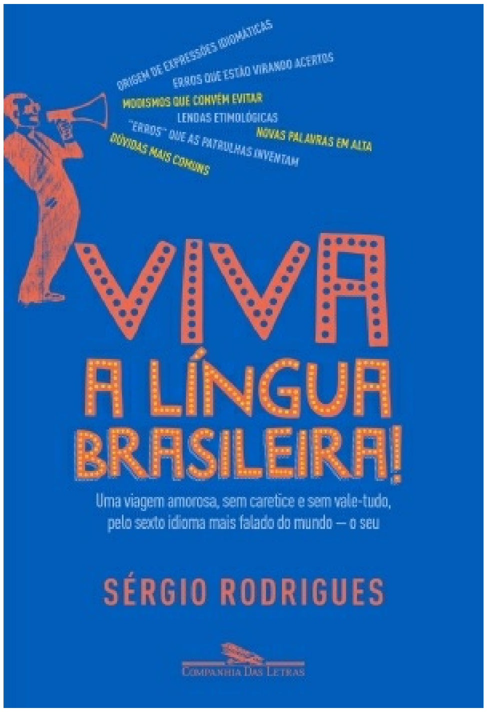

ORIGEM DE EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS
ERROS QUE ESTÃO VIRANDO ACERTOS
MODISMOS QUE CONVÊM EVITAR
LENDAS ETIMOLÓGICAS
NOVAS PALAVRAS EM ALTA
"ERROS" QUE AS PATRULHAS INVENTAM
DÚVIDAS MAIS COMUNS

VIVA A LÍNGUA BRASILEIRA!

Uma viagem amorosa, sem caretice e sem vale-tudo,
pelo sexto idioma mais falado do mundo — o seu

SÉRGIO RODRIGUES

Companhia Das Letras

Viva a língua brasileira!

Rodrigues, Sérgio
9788543806716
384 páginas

Compre agora e leia

Este livro &eacute; uma declara&ccedil;&atilde;o de amor &agrave; l&iacute;ngua portuguesa falada no Brasil. Em forma de verbetes r&aacute;pidos e instrutivos, d&aacute; dicas e tira d&uacute;vidas que voc&ecirc; sempre teve sobre o uso do idioma.<br />Contra aqueles que defendem que s&oacute; os irm&atilde;os de Portugal sabem tratar a gram&aacute;tica como ela merece, aqui est&aacute; um ant&iacute;doto.<br />Contra aqueles que adoram corrigir o que nunca esteve errado e defendem bobagens, aqui est&aacute; a resposta perfeita.<br />Contra o analfabetismo funcional, o pedantismo do juridiqu&ecirc;s, a barbaridade do corporativ&ecirc;s, a importa&ccedil;&atilde;o servil de estrangeirismos e o chiclete viciante do clich&ecirc;, este &eacute; um manual perfeito para usar nossa l&iacute;ngua em toda sua riqueza e sem nenhum preconceito.

Compre agora e leia

angélica
freitas

um útero é
do tamanho
de um punho

poesia de bolso

Um útero é do tamanho de um punho

Freitas, Angélica
9788543810782
96 páginas

Compre agora e leia

Lan&ccedil;ado em 2012, o livro se tornou um cl&aacute;ssico contempor&acirc;neo ao refletir, com humor e perspic&aacute;cia, sobre quest&otilde;es de g&ecirc;nero.<br /><br />Depois de lan&ccedil;ar Rilke Shake (cole&ccedil;&atilde;o &Aacute;s de Colete, 7Letras e Cosac Naify, 2007), o segundo livro de Ang&eacute;lica Freitas, Um &uacute;tero &eacute; do tamanho de um punho (Cosac Naify, 2012), re&uacute;ne poemas escritos a partir de um tema central: a mulher. <br />Uma das vozes mais destacadas da gera&ccedil;&atilde;o, Ang&eacute;lica Freitas subverte as imagens absolutamente gastas do que se espera do g&ecirc;nero feminino &mdash; anunciadas em capas de revistas e em vitrines de lojas de departamentos &mdash;, e joga luz &mdash; com intelig&ecirc;ncia, sagacidade e senso de humor agu&ccedil;ado &mdash; sobre o nosso tempo.

Compre agora e leia

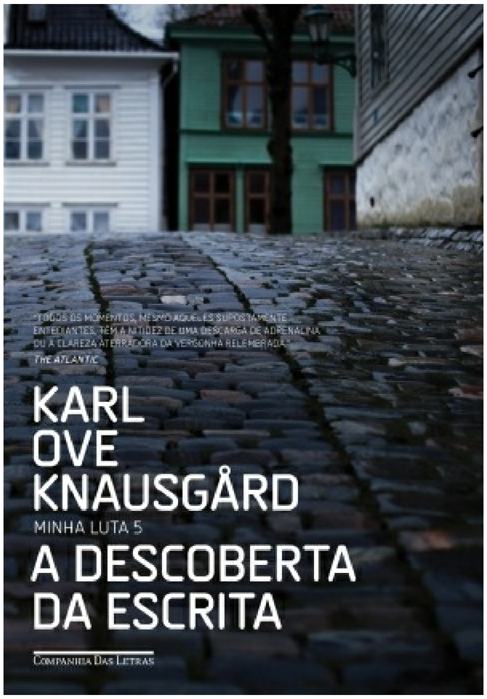
"TODOS OS MOMENTOS, MESMO AQUELES SUPOSTAMENTE ENTEDIANTES, TÊM A NITIDEZ DE UMA DESCARGA DE ADRENALINA OU A CLAREZA ATERRADORA DA VERGONHA RELEMBRADA."
The ATLANTIC
KARL
OVE
KNAUSGÅRD
MINHA LUTA 5
A DESCOBERTA
DA ESCRITA
Companhia Das Letras

A descoberta da escrita

Knausgård, Karl Ove
9788543810256
624 páginas

Compre agora e leia

No quinto volume da s&eacute;rie Minha luta, Knausg&aring;rd exp&otilde;e com maestria e riqueza de detalhes seus anos de forma&ccedil;&atilde;o como escritor.<br /><br />Aqueles que acreditam que o talento liter&aacute;rio se resume a uma voca&ccedil;&atilde;o inata n&atilde;o podem deixar de ler A descoberta da escrita, quinto volume da s&eacute;rie que ultrapassou as fronteiras da Noruega para ganhar o restante do mundo, consagrando-se como um dos maiores sucessos liter&aacute;rios dos &uacute;ltimos tempos. <br />Neste romance autobiogr&aacute;fico, o autor percorre seus anos de estudante de escrita criativa na cidade universit&aacute;ria de Bergen. Com a honestidade que lhe &eacute; caracter&iacute;stica, explicita as dificuldades e frustra&ccedil;&otilde;es que permeiam o caminho de todo aspirante a romancista: &ldquo;eu sabia pouco, queria muito e n&atilde;o conseguia nada&rdquo;, confessa o narrador. <br />&Agrave;s intemp&eacute;ries da forma&ccedil;&atilde;o de escritor somam-se os conflitos e inseguran&ccedil;as da juventude, permeados por epis&oacute;dios de bebedeira, brigas, insucessos rom&acirc;nticos e toda sorte de golpes ao narcisismo pueril daquele que viria a se tornar o maior escritor vivo da Noruega.

Compre agora e leia

Companhia Das Letras
O FOGO NA FLORESTA
MARCELO FERRONI

O fogo na floresta

Ferroni, Marcelo
9788543810850
304 páginas

Compre agora e leia

Em seu terceiro romance, Marcelo Ferroni combina realismo e ironia com a habilidade dos grandes ficcionistas.<br /><br />A vida n&atilde;o deu a Helo&iacute;sa as oportunidades que ela merecia, mas ela enfrenta bravamente as adversidades e, como boa brasileira, segue em frente. Apesar das agruras dom&eacute;sticas, das injusti&ccedil;as no trabalho, das desventuras da maternidade, das amigas invejosas, do marido sem gra&ccedil;a, das presta&ccedil;&otilde;es por pagar, da implic&acirc;ncia da sogra, dos colegas incompetentes e do irm&atilde;o desalmado, esta Emma Bovary dos tr&oacute;picos persevera na busca da felicidade a que tem direito. <br />Ao combinar o melhor da tradi&ccedil;&atilde;o do romance realista com a ironia que a tarefa demanda em nossos tempos, Ferroni constr&oacute;i uma das personagens mais instigantes da literatura nacional, com a qual &eacute; imposs&iacute;vel n&atilde;o se identificar.

Compre agora e leia

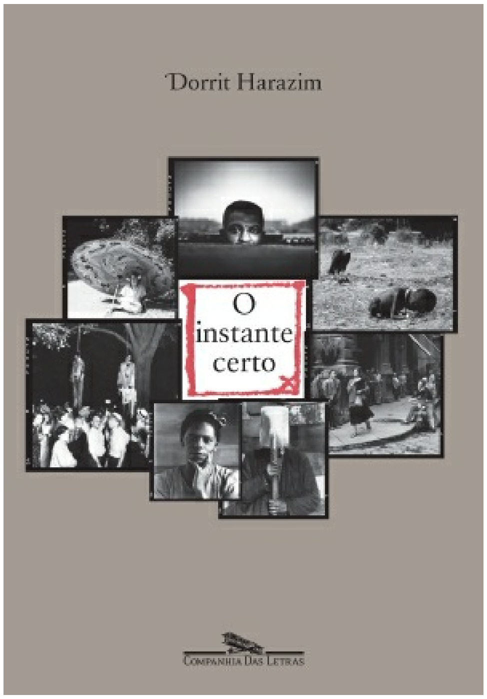

Dorrit Harazim

O
instante
certo

Companhia Das Letras

O instante certo

Harazim, Dorrit
9788543806242
384 páginas

Compre agora e leia

Com olhar arguto e sens&iacute;vel, a jornalista Dorrit Harazim fala de algumas das mais importantes fotografias da hist&oacute;ria.<br /><br />H&aacute; cliques que alteraram o rumo da hist&oacute;ria e os costumes da sociedade. Neste O instante certo, a premiada jornalista Dorrit Harazim conta as hist&oacute;rias de alguns dos mais c&eacute;lebres fotogramas j&aacute; tirados. Assim, registros da Guerra Civil Americana servem de base para analisar os avan&ccedil;os tecnol&oacute;gicos da fotografia; uma foto na cidade de Selma conta a hist&oacute;ria do movimento pelos direitos civis; e uma mudan&ccedil;a na lei trabalhista brasileira tem como fruto um dos mais prof&iacute;cuos retratistas do pa&iacute;s. <br />Em seu primeiro livro, Harazin nos guia n&atilde;o apenas atrav&eacute;s das imagens, mas de um universo de hist&oacute;rias interligadas, acasos e aqueles breves momentos de genialidade que s&oacute; a fotografia pode captar.

Compre agora e leia

THE LAW
THE LAW
THE LAW

MAPAS MENTAIS

DIREITO TRIBUTÁRIO

por @viciodeumaestudante

MÉTODO QLROAB

COMPETÊNCIA TRIBUTÁRIA

Poder constitucionalmente atribuido aos **entes federativos** de editar leis que instituam tributos, observados às limitações constitucionais ao poder de tributar e às normas gerais editadas pelas União.

CF não cria tributos, apenas outorga competência para que os entes poíticos o façam por meio de leis próprias.

A função de INSTITUIR tributos é indelegável e intransferível.

CAPACIDADE TRIBUTÁRIA

Decorre da competência tributária, mas possui **natureza administrativa**, referindo-se as funções de:

- **ARRECADAR** tributos
- **FISCALIZAR** tributos
- **EXECUTAR** leis, serviços, atos ou decisões administrativas em matéria tributária.

sujeitos gozam de parafiscalidade

Os entes federativos delegam tais atividades a uma **pessoa jurídica de direito público** e esta pode ser revogada a qualquer tempo.

Pessoas jurídicas de direito privado não podem ser sujeitos ativos na obrigação tributária, mas podem ser **destinatárias do produto da arrecadação**.

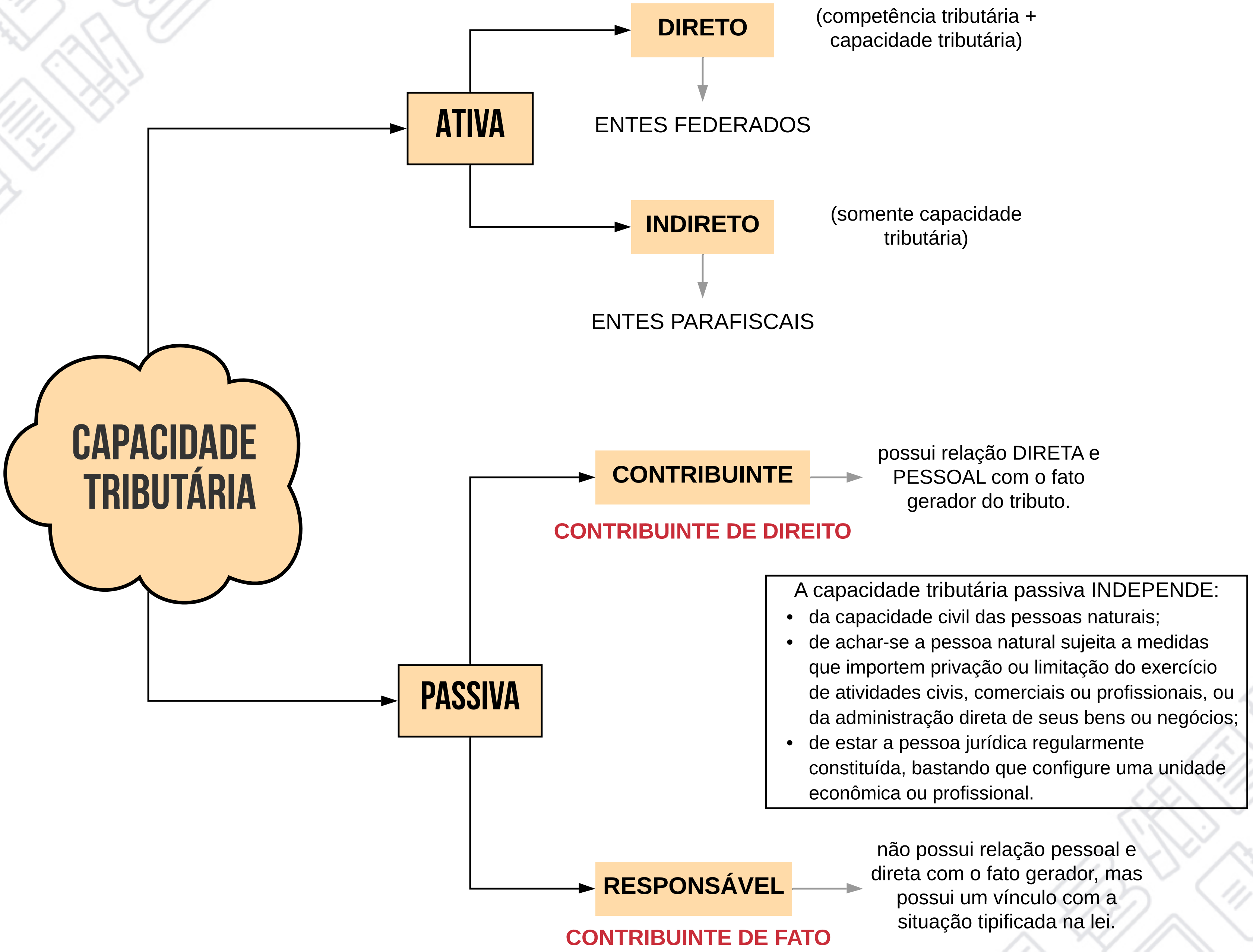

CAPACIDADE TRIBUTÁRIA

ATIVA

DIRETO

(competência tributária + capacidade tributária)

ENTES FEDERADOS

INDIRETO

(somente capacidade tributária)

ENTES PARAFISCAIS

PASSIVA

CONTRIBUINTE

possui relação DIRETA e PESSOAL com o fato gerador do tributo.

CONTRIBUINTE DE DIREITO

A capacidade tributária passiva INDEPENDE:

- da capacidade civil das pessoas naturais;
- de achar-se a pessoa natural sujeita a medidas que importem privação ou limitação do exercício de atividades civis, comerciais ou profissionais, ou da administração direta de seus bens ou negócios;
- de estar a pessoa jurídica regularmente constituída, bastando que configure uma unidade econômica ou profissional.

RESPONSÁVEL

não possui relação pessoal e direta com o fato gerador, mas possui um vínculo com a situação tipificada na lei.

CONTRIBUINTE DE FATO

MAPAS MENTAIS

DIREITO CONSTITUCIONAL

por @viciodeumaestudante

MÉTODO QLROAB

EFICÁCIA DAS NORMAS CONSTITUCIONAIS

EFICÁCIA PLENA

São as normas que possuem aplicabilidade direta, integral e imediata.

Ex: art. 2 CF

EFICÁCIA CONTIDA

São as normas que possuem aplicabilidade direta e imediata, mas não integral. **Poderá sofrer limitações por uma norma infraconstitucional no futuro.**

Ex: art. 5, XIII CF

EFICÁCIA LIMITADA

São as normas que possuem aplicabilidade mediata e reduzida, ou seja, precisa de uma legislação infraconstitucional para que produza todos os seus efeitos.

Ex: art. 7, XXVII CF

FENÔMENOS CONSTITUCIONAIS

RECEPÇÃO

As normas pré-constitucionais que não contrariarem os dispositivos da nova Constituição continuam a ter validade, sendo portanto recepcionadas pelo novo ordenamento jurídico, se forem **materialmente compatíveis.**

No Brasil não se admite a inconstitucionalidade superveniente: declaração de incostitucionalidade de norma anterior à nova Constituição tendo como parâmetro esta. No caso, a norma é não recepcionada.

REPRISTINAÇÃO

Se reestabelece a vigência de uma lei que foi regovada em razão da lei revogadora ter sido posteriormente revogada.

Não confundir com **efeito repristinatório** que ocorre quando a lei revogadora é declarada inconstitucional e a revogada volta a produzir efeitos automáticos.

Só é admitido de forma excepcional e quando expressamente determinado na Constituição.

DESCONSTITUCIONALIZAÇÃO

A Constituição antiga seja recebida pela nova Constituição como norma infraconstitucional.

Não existe no Brasil!

MUTAÇÃO CONSTITUCIONAL

Alteração informal da Constituição. Na mutação, é atribuida uma nova interpretação, mas sem alteração do texto.

PODER CONSTITUINTE

ORIGINÁRIO

É o poder que cria a Constituição de um país.

- Inicial
- Autônomo
- Ilimitado juridicamente
- Incondicionado
- Poder de fato e poder político

DERIVADO

É o poder limitado e que decorre do poder constituinte originário.

- Condicionado
- Limitado juridicamente
- Poder jurídico

REFORMADOR

É o poder que reforma/modifica a Constituição por meio de um procedimento específico (emendas constitucionais - art. 60 CF)

DECORRENTE

É o poder que cria as Constituições dos Estados, decorrente da capacidade de auto-organização dos Estados.

REVISOR

Processo de revisão que aconteceu após 5 anos da promulgação da CF, previsto no art. 3 do ADCT

MAPAS MENTAIS

PROCESSO CIVIL

por @viciodeumaestudante

MÉTODO QLROAB

NORMAS FUNDAMENTAIS

PRINCÍPIOS PROCESSUAIS

DEVIDO PROCESSO LEGAL

Art. 5º, LIV da CF - ninguém será privado da liberdade ou de seus bens sem o devido processo legal;

Princípio-base e norteador para os demais princípios. Garante que nenhum indivíduo seja privado se sua liberdade sem um devido processo legal - **norma constitucional**.

CONTRADITÓRIO

AMPLA DEFESA

Art. 5, LV da CF - aos litigantes, em processo judicial ou administrativo, e aos acusados em geral **são assegurados o contraditório e ampla defesa,** com os meios e recursos a ela inerentes;

Contraditório: é aplicável em ambas as partes sendo, desse modo a "bilateralidade da audiência", representativa da paridade simétrica de armas entre as partes que se contrapõem em juízo. O princípio do contraditório garante o direito a informação dos atos e a possibilidade das partes reagirem no processo.

Ampla Defesa: Possui conexão com o contraditório, pois assegura o direito de utilizar todos os meios processuais possíveis de defesa dos seus interesses.

RAZOÁVEL DURAÇÃO DO PROCESSO

Art. 5, LXXVIII da CF - a todos, no âmbito judicial e administrativo, são assegurados a razoável duração do processo e os meios que garantam a celeridade de sua tramitação.

A EC 45/2004 e o art.4º do CPC
" as partes têm direito de obter em prazo razoável a solução integral do processo, incluída a atividade satisfativa.

NORMAS FUNDAMENTAIS
PRINCÍPIOS PROCESSUAIS

PUBLICIDADE

Art. 5º, LX da CF - a lei só poderá restringir a publicidade dos atos processuais quando a defesa da intimidade ou o interesse social o exigirem;

Os artigos 8º e 11º do CPC/15, frizam em sua redação que os processos devem ser acessíveis aos cidadões em positividade ao Estado Democrático de Direito; Com exceção de **casos em segredo de justiça** conforme o art. 189 deste código.

ISONOMIA MATERIAL

Art. 5º caput - Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, ***garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade*** **(...)**

Neste princípio da Isonomia Material - entre sujeitos desiguais, só pode ser atingida por meio de um tratamento também desigual, **na medida dessa desigualdade** (paridade de armas).

MOTIVAÇÃO DAS DECISÕES

Art. 93, IX da CF - todos os julgamentos dos órgãos do Poder Judiciário **serão públicos, e fundamentadas todas as decisões**(...)

sob pena de nulidade, *podendo a lei limitar a presença, em determinados atos, às próprias partes e a seus advogados, ou somente a estes, em casos nos quais a preservação do direito à intimidade do interessado no sigilo não prejudique o interesse público à informação.*

JUIZ NATURAL

Art. 5º, XXXVII da CF - não haverá juízo ou tribunal de exceção;
Art. 5º, LIII da CF - ninguém será processado nem sentenciado **senão pela autoridade competente;**

Este princípio divide-se em objetivo e subjetivo: - **Objetivo:** Preexistência do orgão judicial ao fato; respeito integral às regras objetivas de determinação da competência presentes na constituição.
- **Subjetivo:** Imparcialidade, independência dos magistrados e dos demais auxiliares de justiça.

NORMAS FUNDAMENTAIS PRINCÍPIOS PROCESSUAIS

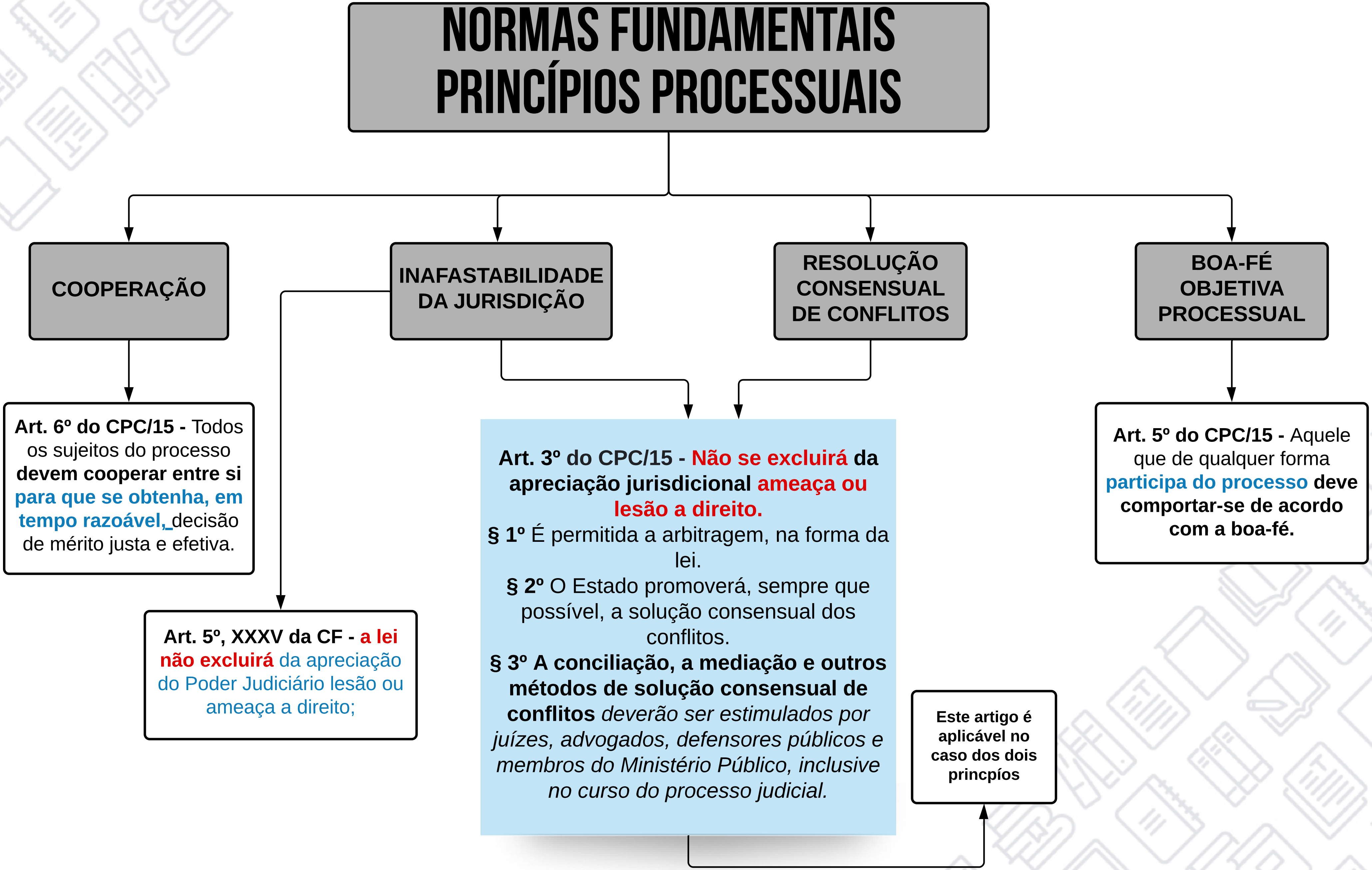

COOPERAÇÃO

Art. 6º do CPC/15 - Todos os sujeitos do processo **devem cooperar entre si para que se obtenha, em tempo razoável,** decisão de mérito justa e efetiva.

INAFASTABILIDADE DA JURISDIÇÃO

Art. 5º, XXXV da CF - a lei não excluirá da apreciação do Poder Judiciário lesão ou ameaça a direito;

RESOLUÇÃO CONSENSUAL DE CONFLITOS

Art. 3º do CPC/15 - Não se excluirá da apreciação jurisdicional ameaça ou lesão a direito.

§ 1º É permitida a arbitragem, na forma da lei.

§ 2º O Estado promoverá, sempre que possível, a solução consensual dos conflitos.

§ 3º A conciliação, a mediação e outros métodos de solução consensual de conflitos *deverão ser estimulados por juízes, advogados, defensores públicos e membros do Ministério Público, inclusive no curso do processo judicial.*

Este artigo é aplicável no caso dos dois princpíos

BOA-FÉ OBJETIVA PROCESSUAL

Art. 5º do CPC/15 - Aquele que de qualquer forma **participa do processo deve comportar-se de acordo com a boa-fé.**

MAPAS MENTAIS

DIREITO CONSTITUCIONAL

por @viciodeumaestudante

MÉTODO
QLROAB

CARACTERÍSTICAS DOS DIREITOS CONSTITUCIONAIS

INALIENABILIDADE

Não é possível transferir ou abdicar esses direitos, a título gratuito ou oneroso.

IRRENUNCIABILIDADE

O titular desses direitos **não pode renunciá-los.**

EFETIVIDADE

Poder Público deve atuar no sentido de garantir esses direitos.

IMPRESCRITIBILIDADE

Os direitos fundamentais **são se perdem pelo desuso ou decurso do prazo**, podendo ser invocados a qualquer momento.

UNIVERSALIDADE

Abrange todos os indivíduos, sem qualquer distinção.

COMPLEMENTARIEDADE

Os direitos fundamentais devem ser **interpretados como um conjunto, pois complementam-se entre si.**

TRATADOS INTERNACIONAIS

Após a Emenda Constitucional 45/2004, foi estabelecido que **tratados e convenções internacionais sobre direitos humanos que forem aprovados, em cada Casa do Congresso Nacional, em dois turnos, por três quintos dos votos dos respectivos membros, serão equivalente as Emendas Constitucionais. Se o tratado sobre direitos humanos não seguir esse rito, terá status supralegal.**

DIREITOS FUNDAMENTAIS DE 1ª DIMENSÃO

São os **direitos civis, individuais e políticos**. Referem-se ao direito de liberdade dos cidadãos frente ao Estado.
São denominados **liberdades negativas e exige do Estado a abstenção, a não interferência.**
São exemplos o direito à vida, à liberdade, à propriedade e à igualdade perante a lei.

DIREITOS FUNDAMENTAIS DE 2ª DIMENSÃO

São os **direitos ecônomicos, culturais e sociais.**
O Estado deve **atuar de forma positiva para minimizar os problemas sociais, outorgando aos cidadãos prestações de cunho assistencial, propiciando saúde, educação, trabalho e outros.**
São exemplos a liberdade sindical, direito de greve, direito dos trabalhadores.

DIREITOS FUNDAMENTAIS DE 3ª DIMENSÃO

São os direitos de solidariedade, fraternidade, aqueles que possuem titularidade indeterminada.
São exemplos o direito a paz, direito das gerações futuras, à proteçã ao meio ambiente, qualidade de vida.

O **art. 5º da Constituição Federal** é onde estão concetrados os **direitos e deveres individuais e coletivos.**
O caput desse artigo prevê que serão **aplicados somente aos brasileiros e estrangeiros residentes no Brasil**. No entanto, a doutrina e o STF **estendem a aplicação aos estrangeiros em trânsito e a pessoas jurídicas, no que lhes for aplicável.**

Os direitos fundamentais **tem sua eficácia de forma direta tanto nas relações verticais, do Estado com os cidadãos, como também nas relações horizontais, aquelas entre os particulares.**

DIREITOS FUNDAMENTAIS

Os direitos fundamentais tem aplicação direta e imediata. E são considerados claúsulas pétreas, ou seja, mudanças que visam restringir os direitos não são possíveis!

É livre o **direito de reunião pacífica**, não sendo necessária autorização. Porém, é **necessário que ocorra um prévio aviso à autoridade competente**, para que não fruste outra reunião anteriormente convocada. Não é pedido de autorização, apenas um aviso.

Inviolabilidade do domicílio: A casa é asilo inviolável do indivíduo e nela ninguém pode penetrar sem consentimento do morador. **Exceção:** pode entrar a qualquer horário, em **caso de flagrante delito ou para prestar socorro** e, durante o dia, com **determinação judicial.**

A prática do **RACISMO constitui crime inafiancável e imprescritível**, sujeito a **pena de reclusão.**

É assegurado a todos o **direito à informação** e resguardado o sigilo da fonte quando necessário ao exercício profissinal.

Os crimes de **tortura, tráfito ilícito de entorpecentes e drogas afins, terrorismo e os hediondos são inafiançáveis e insuscetíveis de graça ou anistia.**

Assegura-se a todos, independente do pagamento de taxas, o **direito de petição** aos Poderes Públicos em defesa de direitos ou contra ilegalidade e abuso de poder.

A todos, no âmbito judicial e administrativo é assegurado a **razoável duração do processo** e os meios que garantam a celeridade de sua tramitação.

DIREITOS FUNDAMENTAIS

É inviolável o **sigilo da correspondência e das comunicações telegráficas**, **de dados e das comunicações telefônicas**, **salvo, no último caso**, por ordem judicial, nas hipóteses e na forma que a lei estabelecer para fins de investigação criminal ou instrução processual penal;

OBS: os órgãos poderão requerer informações bancárias diretamente das instituições financeiras? **(sigilo bancário)**

- **POLÍCIA**: Não. É necessário autorização judicial
- **MP**: Não. É necessário a autorização judicial, exceto com o fim de proteger o patrimônio público (entendimento do STJ)
- **TCU:** Não. É necessário autorização judicial, exceto relativas a operações de crédito originárias de recursos púnlicos.
- **Receita Federal:** Sim!
- **Fisco estadual, distrital e municipal:** Sim, desde que regulamentado.
- **CPI:** Sim! Mas prevalece o entendimento que CPI municipal não pode.

A criação de associações e, na forma da lei, a de cooperativas **independem de autorização**, sendo vedada a interferência estatal em seu funcionamento; As associações só poderão ser **compulsoriamente dissolvidas** ou ter suas **atividades suspensas** por decisão judicial, exigindo-se, no primeiro caso, o trânsito em julgado; Ninguém poderá ser compelido a associar-se ou a permanecer associado;

MAPAS MENTAIS

DIREITO EMPRESARIAL

por @viciodeumaestudante

MÉTODO QLROAB

TEORIA GERAL DO DIREITO EMPRESARIAL
FASES DO DIREITO EMPRESARIAL

1ª FASE

Direito Mercantil

(Corporações de Ofício)

Nesse período houve o surgimento de **associações** que teriam o objetivo de **regulamentar** diversas atividades

Havia também uma hierarquia:

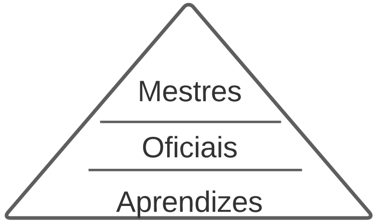

OBS: Algumas normas e institutos jurídicos que que surgiram nessa época ainda encontram-se presentes. Ex: letra de câmbio e nota promissória

2ª FASE

Direito Comercial

(Teoria dos atos de comércio)

Por meio da Codificação Napoleônica, houve uma divisão do Direito Privado. Essa divisão acarretou na teoria dos atos de comércio.

A qualidade de **comerciante** era atribuida a quem praticava **atos de comércio** de forma **habitual**

Para que as normas do Código Comercial fossem aplicadas era necessário ser detentor da qualidade de comerciante

OBS: Se houvesse uma relação jurídica, mas não houvesse atos de comércio dentro dela, as normas do Código Civil que iriam reger nessa relação

3ª FASE

Direito Empresarial

(Teoria da empresa)

O marco que efetivou a mudança para a reformulação do Direito Empresarial foi a edição do **Código Civil italiano de 1942** que adotava a **teoria da empresa**.

Na 2ª fase havia um regime jurídico exclusivo para a mercancia e com isso faltava abranger outras áreas. Já na 3ª fase, com a **teoria da empresa**, desde que **organizada** e exercida com **profissionalismo**, qualquer **atividade econômica** que seja utilizada para **produção** e **circulação** de **bens** ou **serviços** está enquadrada.

EMPRESÁRIO

Quem exerce profissionalmente atividade econômica organizada para a produção ou circulação de bens e serviços.

ATIVIDADE ECONÔMICA

Atua com o intuito lucrativo e assume os riscos técnicos e econômicos.

ORGANIZAÇÃO EMPRESARIAL

Articula os fatores de produção (capital, mão de obra, insumos e tecnologia)

PROFISSIONAL

Exercício da atividade com habitualidade

PRODUÇÃO OU CIRCULAÇÃO DE BENS E SERVIÇOS

Destinados ao mercado e não ao consumo próprio

PESSOA FÍSICA

EMPRESÁRIO INDIVIDUAL

Pessoa fisica que exerce profissionalmente a atividade econômica organizada. Aqui o **empresário é a própria pessoa física**.

PESSOA JURÍDICA

SOCIEDADE EMPRESÁRIA

Pessoa jurídica sob forma de sociedade. Os sócios não são empresários, pois **o empresário é a própria sociedade**.

EIRELI

Pessoa jurídica onde o capital social está subscrito e integralizado por uma única pessoa. **Não é sociedade, pois não possui sócios**.

NÃO SÃO COMPREENDIDOS COMO EMPRÉSARIO

Quem exercer profissão intelectual, de **natureza científica, literária ou artística**, **salvo se o exercício da profissão constituir elemento da empresa**.

- Se há **mais de um ramo** de atividade sendo exercido;
- se há **contratação de terceiros** para o desempenho da atividade fim.

Ex: petshop.

Sociedades simples: sociedades constituídas por profissionais liberais cujo objeto social é a exploração das suas profissões.
Ex: advogados, dentistas etc.

ATENÇÃO!!

A **sociedade cooperativa** será SEMPRE uma sociedade simples, independentemente do seu objeto, por determinação legal.

Produtor rural não inscrito no órgão de registro público de empresas mercantis.

REGISTRO

EMPRESÁRIO COMUM: O registro na Junta Comercial não é um requisito para se tornar empresário, mas sim para **a aquisição da personalidade jurídica** e para **assegurar a regularidade do exercício da atividade empresarial.**
O registro não transforma o indivíduo em empresário, pois o que confere essa posição é o cumprimento dos requisitos do art. 966 CC

O **empresário irregular (sem registro)** continua sendo empresário, mas sem certos direitos:

- não pode pedir falência e nem recuperação judicial ou extrajudicial;
- não obterá certidão negativa de débito;
- responsabilidade ilimitada

OBS: O registro é um ato obrigatório (é obrigação do empresário se registrar antes do início da atividade) e de mera regularidade.

EMPRESÁRIO RURAL: Já o produtor rural tem faculdade de se inscrever ou não no registro da Junta Comercial. Se optar pelo registro, se submetem ao regime jurídico empresarial.

OBS: O registro é um ato facultativo e constitutivo.

CAPACIDADE PARA SER EMPRESÁRIO INDIVIDUAL

Os que estiverem **em pleno gozo da capacidade civil** (18 anos ou emancipação)

INCAPAZES

Somente se admite o exercício da empresa se for para ele **CONTINUAR O EXERCÍCIO DA EMPRESA** (princípio da preservação da empresa), decorrente de **herança ou incapacidade superveniente**.

- Não podem INICIAR uma empresa;
- Dependem de prévia autorização judicial: alvará judicial;
- Haverá separação patrimonial do pessoal e empresarial (exceção).

Os que **não forem impedidos** (decorrem da determinação legal)

Ex: servidores públicos, militares, magistrados e, promotores e defensores

Caso eles exerçam atividade própria de empresário, os atos praticados serão **válidos**, respondendo como empresários.

CAPACIDADE PARA SER SÓCIO

INCAPAZES:

- PODEM SER SÓCIOS, DESDE QUE:
- Não podem exercer a **administração** da empresa;
- **Capital totalmente integralizado**;
- Devem ser **representados ou assistidos**;

IMPEDIDOS:

Não há impedimentos, visto que não são empresários, mas sim a sociedade!

EMPRESÁRIO CASADO

O empresário casado pode, **sem necessidade de outorga conjugal e independentemente do regime de bens**, alienar ou gravar de ônus real os bens imóveis **relacionados à empresa**.

Pode constituir sociedade com seu cônjuge, sozinhos ou com terceiros, **exceto no regimes de comunhão universal e separação obrigatória de bens**.

MAPAS MENTAIS

PROCESSO DO TRABALHO

por @viciodeumaestudante

MÉTODO QLROAB

COMPETÊNCIA MATERIAL DA JUSTIÇA DO TRABALHO

art 114 CF

1) As **ações oriundas da relação de trabalho**, abrangidos os entes de direito público externo e da administração pública direta e indireta da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios;

OBS: De acordo com o STF, as ações ajuizadas por servidores estatutários devem ser propostas perante à Justiça Comum.

2) As ações que envolvam exercício do **direito de greve**;

3) As ações **sobre representação sindical**, entre sindicatos, entre sindicatos e trabalhadores, e entre sindicatos e empregadores;

4) Os mandados de segurança, *habeas corpus* e *habeas data*, quando o **ato questionado envolver matéria sujeita à sua jurisdição**;

5) Os **conflitos de competência** entre órgãos com jurisdição trabalhista, ressalvado o disposto no art. 102, I, o CF;

OBS: **Súmula 420 TST**:
Não se configura conflito de competência entre Tribunal Regional do Trabalho e Vara do Trabalho a ele vinculada.

6) As ações de indenização **por dano moral ou patrimonial**, decorrentes da relação de trabalho;

OBS: **Súmula vinculante 22**:
A Justiça do Trabalho é competente para processar e julgar as ações de indenização por danos morais e patrimoniais decorrentes de acidente de trabalho propostas por empregado contra empregador, inclusive aquelas que ainda não possuíam sentença de mérito em primeiro grau quando da promulgação da Emenda Constitucional 45/2004.

7) As ações relativas às **penalidades administrativas** impostas aos empregadores **pelos órgãos de fiscalização** das relações de trabalho;

8) A execução, de ofício, das **contribuições sociais** previstas no art. 195, I, a , e II CF, e seus acréscimos legais, decorrentes das sentenças que proferir;

COMPETÊNCIA TERRITORIAL DA JUSTIÇA DO TRABALHO

art 651 CLT

REGRA GERAL:

LOCAL DA PRESTAÇÃO DO SERVIÇO, ainda que o empregado tenha sido contratado em outro local ou no estrangeiro.

ATENÇÃO!
A incompetência territorial é relativa, devendo ser alegada pelas partes **POR EXCEÇÃO DE INCOMPETÊNCIA** (art. 800 CLT)

EXCEÇÕES

AGENTE OU VIAJANTE COMERCIAL: vara da localidade em que a empresa tenha agência ou filial e a esta o empregado esteja subordinado e, na falta, será competente a Junta da localização em que o empregado tenha domicílio ou a localidade mais próxima.

EMPREGADOR QUE PROMOVE REALIZAÇÃO DE ATIVIDADES FORA DO LUGAR DO CONTRATO: assegurado ao empregado apresentar reclamação no foro da celebração do contrato ou no da prestação dos respectivos serviços.

BRASILEIRO QUE TRABALHOU NO EXTERIOR: poderá ajuizar ação no Brasil, desde que não haja convenção internacional em sentido contrário.

DAS PARTES E DOS PROCURADORES

CAPACIDADE PROCESSUAL

Para ingressar em juízo, a pessoa deve ter interesse e legitimidade. A capacidade processual é a aptidão para praticar atos processuais sem a necessidade de assistência ou representação.

Os absolutamente incapazes devem ser representados.

Os relativamente incapazes devem ser assistidos.

Art. 793 – CLT- A reclamação trabalhista do menor de 18 anos será feita por seus representantes legais e, na falta destes, pela Procuradoria da Justiça do Trabalho, pelo sindicato, pelo Ministério Público estadual ou curador nomeado em juízo.

CAPACIDADE POSTULÁRIA

A capacidade de postular em juízo.

Na justiça do trabalho, há a existência do **jus postulandi,** que é a possibilidade das partes litigarem sem o patrocínio do advogado.

Limitação ao jus postulandi: **Súmula n. 425 do TST** - O jus postulandi das partes, estabelecido no art. 791 da CLT, limita-se às Varas do Trabalho e aos Tribunais Regionais do Trabalho, não alcançando a ação rescisória, a ação cautelar, o mandado de segurança e os recursos de competência do Tribunal Superior do Trabalho.

DOS ATOS, TERMOS E PRAZOS PROCESSUAIS

ATOS E TERMOS

Art. 770, CLT - Os atos processuais serão públicos **salvo quando o contrário determinar o interesse social**, e realizar-se-ão nos **dias úteis das 6 (seis) às 20 (vinte) horas**.

Art. 772 - Os atos e termos processuais, que devam ser assinados pelas partes interessadas, quando estas, por motivo justificado, não possam fazê-lo, serão firmados a rogo, na presença de 2 (duas) testemunhas, sempre que não houver procurador legalmente constituído.

PRAZOS

Os prazos serão contados nos **dias úteis**, **excluindo o dia do início e incluindo o dia do vencimento.**

Podem ser prorrogados, pelo tempo estritamente necessário quando o juiz entender necessário e em virtude de força maior devidamente comprovada.

Súmula nº 1 do TST - Quando a intimação tiver lugar na sexta-feira, ou a publicação com efeito de intimação for feita nesse dia, o prazo judicial será contado da segunda-feira imediata, inclusive, salvo se não houver expediente, caso em que fluirá no dia útil que se seguir.

Súmula nº 262 do TST - I - Intimada ou notificada a parte no sábado, o início do prazo se dará no primeiro dia útil imediato e a contagem, no subsequente. II - O recesso forense e as férias coletivas dos Ministros do Tribunal Superior do Trabalho suspendem os prazos recursais.

Prazo suspenso: a contagem para e retorna de onde parou. **Prazo interrompido**: o prazo volta a contar do início, do zero.

MAPAS MENTAIS

PROCESSO PENAL

por @viciodeumaestudante

MÉTODO
QLROAB

INQUÉRITO POLICIAL

Procedimento **administrativo inquisitório** e **preparatório**, presidido pela autoridade policial, com a finalidade de **buscar prova da materialidade e indícios de autoria** para fundamentar a ação penal.

CARACTERÍSTICAS

INQUISITIVO → Não há observância do **contraditório e da ampla defesa**.

DISPENSÁVEL → **Não é um caminho necessário para o oferecimento da ação penal**. Existem casos que o titular da ação já tem tudo que necessita para entrar com a ação penal.

SIGILOSO → Há sigilo. Não alcança o juiz, o MP e o advogado do indiciado.

→ Pode ser limitado o acesso para procedimentos que ainda não foram produzidos ou que ainda não foram documentados.

INDISPONÍVEL → Uma vez iniciado o inquérito, a autoriedade policial não pode arquivar, em nenhuma hipótese.

DISCRICIONÁRIO → O delegado possui discricionariedade para adotar medidas e diligências que entender adequadas para o caso concreto.

ESCRITO → Todas as peças do inquérito serão **reduzidas a escrito**. Há possibilidade da utilização de recursos de gravação audiovisual, mas terá que ser reduzido a termo.

OFICIOSIDADE → Sabendo da existência de crime de ação penal pública incondicionada, o delegado deve instaurar o IP de ofício.

INQUÉRITO POLICIAL

INSTAURAÇÃO

NOTICIA DO CRIME: é o conhecimento pela autoridade, espontâneo ou provocado, de um fato aparentemente criminoso.

OBS: a denúncia anônima não é suficiente para a instauração do IP. Serve somente para **movimentar os órgãos responsáveis para investigarem se procede o teor da denúncia anônima.**

DE OFÍCIO

É o conhecimento da prática de crime de de **ação pública incondicionada** por meio de suas atividades rotineiras, devendo instaurar o IP de ofício.

POR REQUISIÇÃO DO MEMBRO DO MP OU DO JUIZ

É uma **imposição**, portanto, a autoridade policial está obrigada a instaurar o IP nas **ações públicas incondicionadas**.

POR REQUERIMENTO DO OFENDIDO

É o pedido da vítima para que seja instaurado o IP. Válido para os crimes de **ação penal privada e pública incondicionada**.

POR REPRESENTAÇÃO DA VÍTIMA

A representação da vítima, nos crimes de **ação penal pública condicionada à representação**, funciona como **condição de procedibilidade**, e sem ela, não pode ser instaurado o IP.

REQUISIÇÃO DO MINISTRO DA JUSTIÇA

POR PROVOCAÇÃO DE QUALQUER DO POVO

Qualquer pessoa, em delito de **ação penal pública incondicionada** pode provocar a autoridade policial para que se instaure o IP.

PELA PRISÃO EM FLAGRANTE

O próprio auto de prisão em flagrante instaura o IP.

ATENÇÃO! Artigo incluído pelo Pacote Anticrime.

Art. 14-A: Nos casos de **servidores vinculados às intituições dispostas no art. 144, CF** figurarem como **investigados** em inquérito policiais, inquéritos policiais militares e demais procedimentos extrajudiciais, cujo **objeto for a investigação de fatos relacionados ao uso da força letal praticados no exercício profissional, de forma consumada ou tentada, o indiciado poderá constituir defensor.**

A regra é que no IP não há direito a contraditório e ampla defesa (é inquisitivo), entretanto, em **alguns pontos específicos existiria o direito de defesa, exercido por advogado/defensor.** Dispositivo criado com a intenção de conferir mais proteção aos agentes de segurança púbica e agentes das forças armadas.

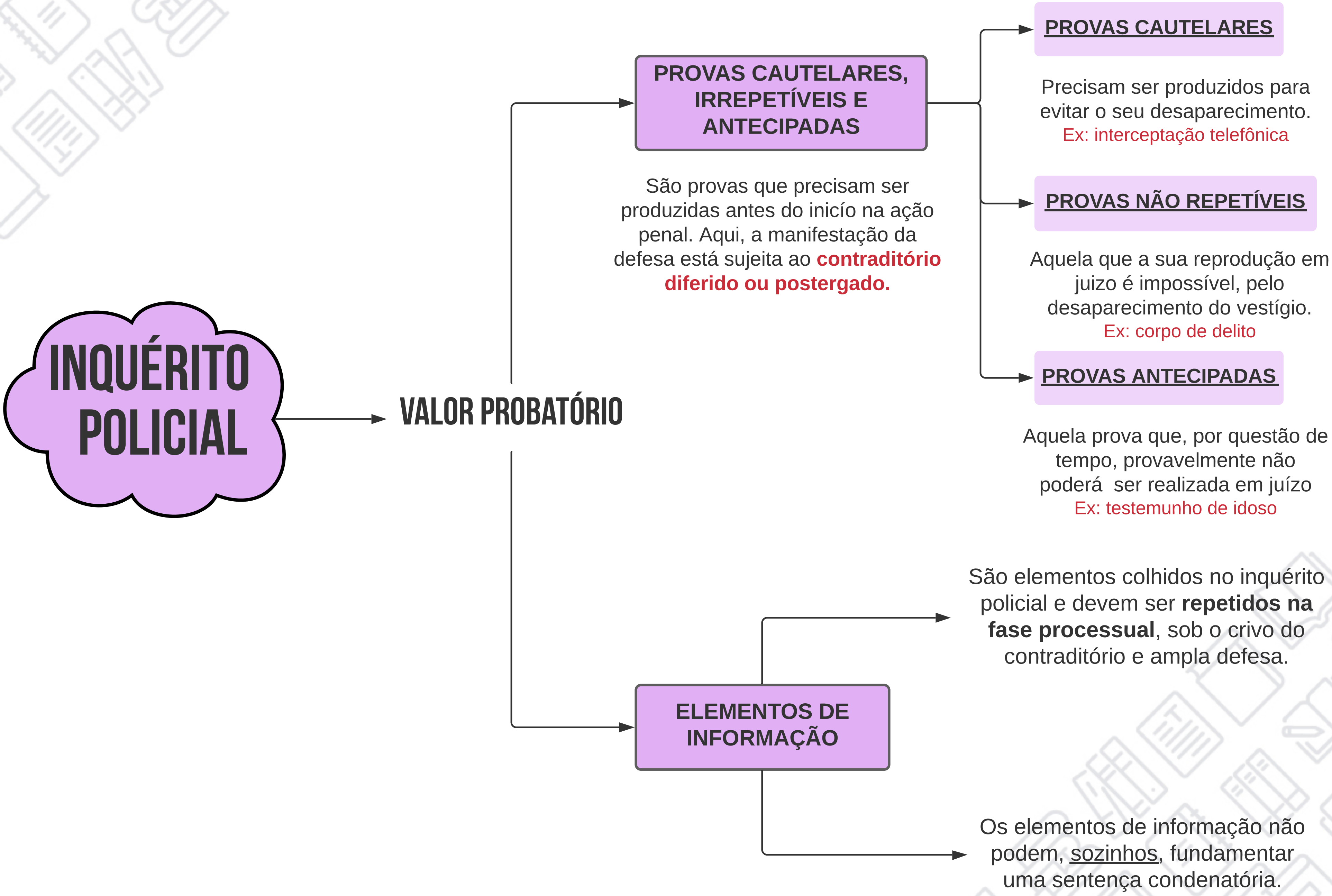

INQUÉRITO POLICIAL

VALOR PROBATÓRIO

PROVAS CAUTELARES, IRREPETÍVEIS E ANTECIPADAS

São provas que precisam ser produzidas antes do inicío na ação penal. Aqui, a manifestação da defesa está sujeita ao **contraditório diferido ou postergado.**

- **PROVAS CAUTELARES**

  Precisam ser produzidos para evitar o seu desaparecimento.
  Ex: interceptação telefônica

- **PROVAS NÃO REPETÍVEIS**

  Aquela que a sua reprodução em juizo é impossível, pelo desaparecimento do vestígio.
  Ex: corpo de delito

- **PROVAS ANTECIPADAS**

  Aquela prova que, por questão de tempo, provavelmente não poderá ser realizada em juízo
  Ex: testemunho de idoso

ELEMENTOS DE INFORMAÇÃO

- São elementos colhidos no inquérito policial e devem ser **repetidos na fase processual**, sob o crivo do contraditório e ampla defesa.
- Os elementos de informação não podem, sozinhos, fundamentar uma sentença condenatória.

PRAZOS PARA CONCLUSÃO DO INQUÉRITO POLICIAL

Após a conclusão do relatório, o IP será encaminhado para o juiz, que passará ao MP.

	INDICIADO PRESO	INDICIADO SOLTO
REGRA GERAL	10 dias, improrrogável	30 dias, prorrogável
INQUÉRITO POLICIAL FEDERAL	15 dias, prorrogável por igual período	30 dias, prorrogável
LEI DE DROGAS	30 dias, prorrogável por igual período	90 dias, prorrogável por igual período
CRIMES CONTRA A ECONOMIA POPULAR	10 dias, improrrogável	10 dias, imprrorrogável
INQUÉRITO MILITAR	20 dias, improrrogável	40 dias, prorrogável por + 20 dias.
PRISÃO TEMPORÁRIA DE CRIME HEDIONDO OU EQUIPARADO	30 dias, prorrogável por + 30 dias.	não se aplica.

INQUÉRITO POLICIAL

MINISTÉRIO PÚBLICO OFERECE A DENÚNCIA

É necessário a existência de prova de materialidade do fato e indícios suficientes de autorias.

ATENÇÃO!!

Art. 28 foi modificado pelo Pacote Anticrime. No entanto, encontra-se suspenso por decisão do STF, estando em vigência a redação anterior. O mapa mental está de acordo com a legislação VIGENTE!

Pelo Pacote Anticrime *(lembrando que está suspenso)*, quem **promove agora o arquivamento do inquérito policial é o MINISTÉRIO PÚBLICO**. Acabou o controle judicial, podendo a vítima ou representante legal, se não concordar com o arquivamento, no prazo de 30 dias do recebimento da comunicação, submeter a matéria à revisão da instância competente do órgão ministerial!

MINISTÉRIO PÚBLICO REQUER O ARQUIVAMENTO

No caso do juiz considerar improcedentes as razões invocadas, fará remessa do inquérito ou peças de informação **AO PROCURADOR- GERAL** e este:

a) oferecerá a denúncia;

b) designará outro órgão do Ministério Público para oferecê-la, ou

c) insistirá no pedido de arquivamento, ao qual então estará obrigado o juiz a atender.

OBS: Quem promove o arquivamento do IP é o juiz, mediante requerimento do MP.

INQUÉRITO POLICIAL

MINISTÉRIO PÚBLICO OFERECE ACORDO DE NÃO PERSECUÇÃO PENAL (art. 28-A)

ATENÇÃO!!

O art. 28-A CPP foi incorporado ao ordenamento pelo Pacote Anticrime.

O juiz não atua no acordo. Ele apenas **homologa e analisa a voluntariedade e legalidade**, em audiência.

Instituto despenalizador, fazendo com que o **MP não ofereça a denúncia**, desde que:

- não seja caso de arquivamento;
- investigado ter **confessado formal e circunstancialmente**;
- Infração penal **não pode envolver violência ou grave ameaça**;
- **pena mínima inferior a 4 anos**;
- instituto deve ser necessário e suficiente para a reprovação e prevenção do crime;
- E mediante as seguintes condições ajustadas **CUMULATIVA e ALTERNATIVAMENTE**:

Cumprir, por prazo determinado, outra condição indicada pelo Ministério Público, desde que proporcional e compatível com a infração penal imputada.

Reparar o dano ou restituir a coisa à vítima, exceto na impossibilidade de fazê-lo;

Renunciar voluntariamente a bens e direitos indicados pelo Ministério Público como instrumentos, produto ou proveito do crime;

Pagar prestação pecuniária a entidade pública ou de interesse social, a ser indicada pelo juízo da execução, que tenha, preferencialmente, como função proteger bens jurídicos iguais ou semelhantes aos aparentemente lesados pelo delito;

Prestar serviço à comunidade ou a entidades públicas por período correspondente à pena mínima cominada ao delito diminuída de um a dois terços, em local a ser indicado pelo juízo da execução;

NÃO SE APLICA O ACORDO:

- Transação penal;
- Reincidente;
- Conduta criminal habitual, reiterada ou profissional;
- beneficiados pelo acordo nos 5 anos anteriores;
- crimes com violência doméstica ou domiciliar;
- crimes contra mulher por razões da condição do sexo feminino.

MAPAS MENTAIS

DIREITO DO TRABALHO

por @viciodeumaestudante

MÉTODO QLROAB

ELEMENTOS DA

RELAÇÃO DE EMPREGO

PESSOA FÍSICA

necessária exploração do trabalho humano.

NÃO EVENTUALIDADE

a prestação de serviço é habitual (repetida e contínua).

OBS: não é necessário que o serviço seja prestado diariamente. Basta que tenha uma expectativa de retorno do empregado ao serviço.

PESSOALIDADE

o trabalho prestado tem caráter infungível, não podendo ser substituido por outra pessoa.

ONEROSIDADE

Há uma contraprestação pelo serviço prestado: a remuneração!

SUBORDINAÇÃO

O estado de depedência do trabalhador em relação ao seu empregador.

CONTRATO DE TRABALHO

Art. 442 da CLT - Contrato individual de trabalho é o acordo tácito ou expresso, correspondente à relação de emprego.

ATENÇÃO! O contrato de trabalho tem que possuir **objeto lícito**.

OJ n. 199 da SBDI-1 do TST. JOGO DO BICHO. CONTRATO DE TRABALHO. NULIDADE. OBJETO ILÍCITO. É nulo o contrato de trabalho celebrado para o desempenho de atividade inerente à prática do jogo do bicho, ante a ilicitude de seu objeto, o que subtrai o requisito de validade para a formação do ato jurídico.

CONTRATO POR TEMPO DETERMINADO

Art. 443 da CLT - § 1º - Considera-se como de prazo determinado o contrato de trabalho cuja vigência **dependa de termo prefixado ou da execução de serviços especificados** ou ainda da **realização de certo acontecimento suscetível de previsão aproximada.**

§ 2º - O contrato por prazo determinado só será válido em se tratando:

a) de serviço **cuja natureza ou transitoriedade justifique a predeterminação** do prazo;

b) de **atividades empresariais de caráter transitório**;

c) de **contrato de experiência**.

ATENÇÃO! O contrato de trabalho por prazo determinado **não poderá ser estipulado por mais de 2 (dois) anos.** (Art. 445 da CLT)

CONTRATO POR TEMPO INDETERMINADO

Art. 452 da CLT - Considera-se por prazo indeterminado todo contrato que suceder, **dentro de 6 (seis) meses**, a outro contrato por prazo determinado, **salvo** se a expiração deste dependeu da execução de serviços especializados ou da realização de certos acontecimentos.

ATENÇÃO! Em regra, o contrato de trabalho é firmado por tempo indeterminado, ou seja, não tem prazo fixado para seu término.

CONTRATO DE TRABALHO

TRABALHO INTERMITENTE

Art. 443 da CLT, § 3º Considera-se como intermitente o contrato de trabalho no qual a **prestação de serviços, com subordinação, não é contínua**, ocorrendo com **alternância de períodos de prestação de serviços e de inatividade**, determinados em horas, dias ou meses, independentemente do tipo de atividade do empregado e do empregador, **exceto para os aeronautas**, regidos por legislação própria.

Deve ser celebrado por **escrito**, contendo o valor da hora do trabalho. (Art. 452-A da CLT).

O empregado intermitente possui todos os direitos trabalhistas assim como os trabalhadores em geral, porém de forma proporcional ao seu tempo de serviço.

TRABALHO PROIBIDO

É o trabalho **irregular, que é vedado pela lei, porém não é configurado como crime**. O trabalho em si é lícito, mas devido a forma como é prestado, torna-se proibido.
Exemplo: contratar estrangeiros em situação irregular no país.

TRABALHO ILÍCITO

Trabalho em que a **atividade exercida pelo empregado é ilícita** e contrária ao ordenamento jurídico.
Exemplo: tráfico de drogas, jogo do bicho, matador profissional.

EMPREGADO

Art. 3 CLT

Toda pessoa física que prestar serviços de natureza **não eventual** a empregador, s**ob a dependência deste** e **mediante salário**.

Não haverá distinções relativas à espécie de emprego e à condição de trabalhador, nem entre o trabalho intelectual, técnico e manual.

OBS: O empregado sempre será pessoa física, já que a natureza é a prestação de serviço. A PJ pode executar o trabalho, por meio de pessoas físicas.

EMPREGADO DOMÉSTICO

LC 150/2015

Aquele que presta serviços de forma contínua, subordinada, onerosa e pessoal e de finalidade não lucrativa à pessoa ou à família, no **âmbito residencial** destas, por **mais de 2 dias por semana**.

OBS: É vedado a contratação de menor de 18 anos para desempenho do trabalho doméstico!

JORNADA DE TRABALHO:

- Regra geral: 8 horas/dia e 44 horas/semanais

OBS: É facultado às partes, mediante acordo escrito entre essas, estabelecer **horário de trabalho de 12 (doze) horas seguidas por 36 (trinta e seis) horas ininterruptas de descanso**, observados ou indenizados os intervalos para repouso e alimentação.

EMPREGADOR

Art. 2 CLT

A empresa, individual ou coletiva, que, assumindo os **riscos da atividade econômica**, ADMITE, ASSALARIA e DIRIGE a prestação pessoal de serviço.

OBS: Pode ser exercido por pessoa física, pessoa juridica ou ente despersonalizado.

EQUIPARADOS AO EMPREGADOR:

- os profissionais liberais,
- as instituições de beneficência,
- as associações recreativas ou
- outras instituições sem fins lucrativos, que admitirem trabalhadores como empregados.

GRUPO ECONÔMICO

- Existência de uma ou mais empresas;
- Personalidades jurídicas próprias;
- Direção, controle ou administração da empresa principal sobre as filiadas ou mesmo sendo autonômas, integrem grupo econômico;
- atividade industrial, comercial ou qualquer outra de caráter econômico;

CARACTERIZANDO GRUPO ECONÔMICO, SERÃO **SOLIDARIAMENTE RESPONSÁVEIS** PELOS **DIREITOS TRABALHISTAS DOS EMPREGADOS DE TODAS ELAS**.

OBS: Não caracteriza grupo econômico a **mera identidade de sócios**, sendo necessárias, para a configuração do grupo, a demonstração do i**nteresse integrado, a efetiva comunhão de interesses e a atuação conjunta das empresas dele integrantes.**

SUCESSÃO DE EMPREGADORES

Qualquer alteração na estrutura jurídica da empresa não afetará os direitos adquiridos por seus empregados.

OBS: a manutenção da relação de emprego funda-se no **princípio da continuidade do contrato de trabalho!**

As obrigações trabalhistas, inclusive as contraídas à época em que os empregados trabalhavam para a empresa sucedida, são de responsabilidade **do sucessor**.

ATENÇÃO! A empresa sucedida responderá **solidariamente** com a sucessora quando ficar comprovada FRAUDE na transferência.

SÓCIO RETIRANTE

Responde **SUBSIDIARIAMENTE** pelas obrigações trabalhistas da sociedade relativas **ao período em que figurou como sócio**, somente em ações ajuizadas a**té dois anos depois de averbada a modificação do contrato**, observada a seguinte ordem de preferência:

I - a empresa devedora;
II - os sócios atuais; e
III - os sócios retirantes.

ATENÇÃO! O sócio retirante responderá **solidariamente** com os demais quando ficar comprovada FRAUDE na alteração societária decorrente na modificação do contrato.

MAPAS MENTAIS

DIREITO PENAL

por @viciodeumaestudante

MÉTODO QLROAB

PRINCÍPIOS DO DIREITO PENAL

PRINCÍPIO DA LEGALIDADE

Nenhum crime ou pena podem ser criados senão em virtude **de lei**

PRINCÍPIO DA ANTERIORIDADE

Ninguém pode ser criminalmente responsabilizado se a sua conduta não estiver expressa **em lei anterior à prática do ato**

PRINCÍPIO DA RETROATIVIDADE PENAL BENÉFICA

A lei anterior ao fato criminoso pode ser aplicada ao caso concreto **se for benéfico ao réu**. É uma exceção, pois a regra é que as leis que devem ser aplicada são as vigentes na época da ocorrência (tempus regir actum)

PRINCÍPIO DA INTERVENÇÃO MÍNIMA

O direito penal deve intervir no que for realmente necessário. É a ***ultima radio***.

PRINCÍPIO DA FRAGMENTARIEDADE

O direito penal deve apenas se importar com os delitos mais graves, **bens jurídicos relevantes para a sociedade.**

decorre do princípio da intervenção mínima

PRINCÍPIO DA ADEQUAÇÃO SOCIAL

O direito penal não deve se preocupar com condutas tidas como adequadas pela sociedade.

PRINCÍPIO DA LESIVIDADE

Só há crime quando há efetiva lesão ou perigo de lesão ao bens jurídicos.

PRINCÍPIO DA INDIVUALIZAÇÃO DA PENA

Cada um responde na medida da sua culpabilidade.

PRINCÍPIO DA PERSONALIDADE

A punição jamais pode passar da pessoa condenada.

PRINCÍPIO DA INSIGNIFICÂNCIA

O direito penal não deve se ocupar com o que é mínimo, com condutas incapaz de ofender o bem jurídico tutelo pelo direito penal

REQUISITOS:

- Mínima ofensividade da conduta
- Ausência de periculosidade social
- Reduzido grau de reprovabilidade do comportamento;
- Inexpressividade da lesão jurídica provocada

É uma **causa supralegal de exclusão da tipicidade**, pois não incide a tipicidade material (não há considerável lesão ou perigo ao bem jurídico)

PRINCÍPIO DA CONSUNÇÃO/ABSORÇÃO

Aplicada no **conflito aparente de normas**: quando há duas ou mais leis penas que parecem incidir sobre o mesmo ato.

CRIME PROGRESSIVO

O agente, para alcançar um resultado de crime + grave, precisa necessariamente praticar um crime menos grave.

Ex: para praticar homicídio deve necessariamente praticar lesão corporal. Só responde pelo homicídio.

- Há unidade de designo;
- O crime meio é obrigatório para o crime fim.

CRIME COMPLEXO

É composto de vários tipos penais autônomos. Prevale o fato complexo sobre os autônomos.

Ex: para roubar, o agente furta o bem e emprega violência ou grave ameaça. Mas só responderá por roubo.

PROGRESSÃO CRIMINOSA

O agente inicialmente queria praticar um crime menos grave e o pratica, mas depois decide praticar um crime + grave.

Ex: decide praticar lesão corporal, mas depois de praticado muda de ideia e o mata. O resultado mais grave absorve o resultado inicial.

- Há uma mudança de dolo (é chamado de dolo cumulativo)

CLASSIFICAÇÃO DOS CRIMES

CONCEITO DE CRIME

É aquilo que está estabelecido em lei, consistente em um comportamento humano causador de lesão ou perigo de lesão ao bem jurídico tutelado, passível de sanção penal.

Crime é a infração penal que a lei comina pena de reclusão ou detenção, cumulativa ou alternativamente com pena de multa.

Contravenção é espécie de infração penal que a lei comina prisão simples e/ou multa

CRIME MATERIAL, FORMAL E DE MERA CONDUTA

Crimes em que o tipo penal prevê o resultado naturalístico, sendo **indispensável para a consumação do delito**. **Ex:** homicídio, roubo.

Crimes em que o resultado está previsto no tipo penal, mas **não precisa acontecer** para a consumação do delito. **Ex**: ameaça, extorsão.

Crimes em que a consumação se dá com a **mera ação ou omissão**. Resultado naturalístico não está previsto no tipo. **Ex:** porte ilegal de arma de fogo.

CRIME COMUM, PRÓPRIO E DE MÃO PRÓPRIA

É aquele que o tipo penal **não prevê nenhuma qualidade especial** para o sujeito ativo, podendo ser praticado por qualquer pessoa. **Ex:** homicídio, furto, crimes contra a honra.

É aquele que o tipo penal prevê **características especiais** para o agente. **Ex:** crimes funcionais.

É aquele que somente pode ser praticado p**ela pessoa expressamente indicada** no tipo penal. **Ex:** falso testemunho. **Obs:** admitido apenas a participação.

CRIME DOLOSO, CULPOSO E PRETERDOLOSO

Quando o agente deseja praticar o crime (dolo direto) ou quando assume o risco de produzir o resultado criminoso (dolo eventual).

O resultado, embora previsível, não é querido, nem aceito pelo agente, que acaba praticando por **falta de cuidado objetivo** (negligência, imprudência ou imperícia).

O agente pratica a conduta a título doloso e **o resultado mais grave que o esperado é alcançado por culpa**. **Ex:** lesão corporal seguida de morte.

CRIME CONSUMADO E TENTADO

Quando o agente pratica todas as características do tipo penal. Art. 14, I, CP.

Quando o crime não se consuma por circunstâncias alheias a vontade do agente. Art. 14, II, CP.

CRIME INSTANTÂNEO, PERMANENTE E INSTANTÂNEO DE EFEITOS PERMANENTES

É aquele cuja consumação ocorre em um **momento determinado**, sem prolongação no tempo. **Ex:** roubo, furto.

E aquele cujo momento consumativo se **prolonga no tempo até quando queira o sujeito ativo**. **Ex:** extorsão mediante sequestro. **Obs**: prescrição só começa a correr após cessar a atividade criminosa e a prisão em flagrante é possível enquanto perdurar a execução.

Crime se consuma em determinado momento, **mas os efeitos duram para sempre**. **Ex:** homicídio consumado, lesão corporal irreversível.

CRIME DE DANO E DE PERIGO

Quando há efetiva lesão ao bem jurídico tutelado. **Ex:** furto, roubo.

Crime se consuma quando o bem jurídico é colocado em **risco**, sem precisar que ocorra a efetiva lesão.

De perigo concreto: exige-se a efetiva comprovação de perigo para o bem jurídico tutelado. **Ex:** exposição da vida ou saúde de outrem a perigo.

De perigo abstrato: dispensa-se a comprovação de que houve efetivo perigo ao bem jurídico tutelado. **Ex:** tráfico de drogas.

CRIME SIMPLES, COMPLEXO, QUALIFICADO E PRIVILEGIADO

É aquele que possui um único tipo penal. **Ex:** furto.

Aquele que resulta da **união de dois ou mais tipos penais**. **Ex:** extorsão mediante sequestro (extorsão + sequestro).

Pode derivar do tipo penal básico ou complexo, **cuja pena sofre um agravamento**, com novos patamares de mínimo e máximo. **Ex:** extorsão mediante sequestro qualificada pela morte.

Aquele em que são previstas determinadas situações que **autorizam a diminuição da pena imposta ao agente**. **Ex:** homicídio privilegiado quando cometido por motivo de relevante valor social.

CRIME UNISSUBJETIVO E PLURISSUBJETIVO

- Aquele que pode ser praticado por uma ou várias pessoas (de concurso eventual).
- Aquele em que o concurso de agentes é imprescindível para a sua consumação.
  - **Condutas paralelas**: quando todos, pretendendo alcançar um fim único, auxiliam-se mutualmente na execução do tipo penal. **Ex:** associação criminosa.
  - **Condutas divergentes**: quando os agentes dirigem suas ações uns contra os outros. **Ex**: rixa.
  - **Condutas bilaterais:** quando o tipo pressupõe a atuação de dois agentes cujas condutas são propensas a se encontrar, pois partem de pontos opostos. **Ex:** bigamia.

CRIME COMISSIVO E OMISSIVO

- São aqueles realizados por meio de uma ação, de um fazer, de uma conduta positiva. **Ex:** roubo.
- São aqueles realizados por meio de uma omissão, de um não fazer, de uma conduta negativa.
  - **Omissivo próprio ou puro**: omissão está condita no próprio tipo penal, podendo ser praticada por qualquer pessoa que se encontre na posição indicada no tipo penal. **Ex:** omissão de socorro.
  - **Omissivo impróprio ou impuro**: tipo penal descreve uma ação, mas a omissão do agente, que descumpre seu dever jurídico de agir, produz resultado naturalístico e sua responsabilização penal. Art. 13, §2º, CP.

CRIME UNISSUBSISTENTE E PLURISSUBSISTENTE

- Aquele em que um só ato de execução é capaz de consumar o crime. **Ex:** crimes contra a honra.
- Aquele em que são necessários dois ou mais atos para consumar o crime. **Ex:** homicidio praticado com diversos golpes de faca.
  Obs: tentativa é admitida.

CRIME HABITUAL

- Aquele que somente se consuma com a prática reiterada e uniforme de vários atos que revelam um estilo de vida do agente.
  Ex: exercício irregular da medicina.

EFICÁCIA DA LEI PENAL NO TEMPO

TEORIA DA ATIVIDADE

Em regra, a lei aplicável a um crime é aquela vigente ao tempo da execução deste. Princípio tempus regit actum.

CONFLITO DE LEI PENAL NO TEMPO

Solucionado pelo princípio da retroatividade da lei mais benéfica.

ABOLITIO CRIMINIS

Quando uma conduta **deixa de ser considerada crime, retroage para alcançar fatos pretéritos.** É **causa extintiva da punibilidade**, fazendo cessar os efeitos penais da sentença condenatória, permanecendo os extrapenais. A condenação em relação ao crime abolido não pode ser considerada para fins de reincidência ou antecedentes criminais. Art. 2º, CP.

NOVATIO LEGIS IN MELLIUS

A lei posterior, que de qualquer modo **favorecer o agente**, aplica-se aos fatos anteriores, **ainda que decididos por sentença transitada em julgado**. Art. 2º, §único, CP.

NOVATIO LEGIS INCRIMINADORA

A lei nova incrimina fatos antes considerados lícitos. Não retroage, tendo eficácia somente em relação a fatos praticados **a partir de sua vigência.**

NOVATIO LEGIS IN PEJUS

Lei nova mais severa que a anterior. Ex: Lei nº 11.343/06 aumentou a pena do crime de tráfico de drogas. Não retroage.

CRIME PERMANENTE E CONTINUADO

Se uma lei penal nova tiver vigência durante o crime permanente ou durante a continuidade delitiva, **deverá ser aplicada ao caso, prejudicando ou beneficiando**. **Súm. 711, STF**.

EFICÁCIA DA LEI PENAL NO ESPAÇO

PRINCÍPIO DA TERRITORIALIDADE

Art. 5º, CP: aplica-se a lei brasileira, sem prejuízo de convenções, tratados e regras de direito internacinal, **ao crime cometido no território nacional**. **(Regra geral)**.

Exceções: brasileiro comete crime no exterior ou estrangeiro comete delito no Brasil Código Penal adotou o princípio da territorialidade mitigada.

TERRITÓRIO BRASILEIRO POR EXTENSÃO

Art. 5º, §1º, CP: consideram-se **extensão** do território brasileiro as embarcações e aeronaves brasileiras, de natureza **pública ou a serviço do governo brasileiro onde quer que se encontrem**, bem como aeronaves e as embarcações brasileiras mercantes ou **de propriedade privada**, que se achem respectivamente, no **espaço aéreo correspondente ou em alto-mar**.

EXCEÇÕES AO PRINCÍPIO DA TERRITORIALIDADE

1) Princípio da nacionalidade ativa: art. 7º, I, alínea "d", II, alínea "b". **Crime praticado por brasileiro fora do país**. O agente será punido de acordo com a lei brasileira, independente da nacionalidade do sujeito passivo e do bem jurídico tutelado, dependendo, apenas, do cumprimento das condições previstas no art. 7º, §2º, CP.

2) Princípio da nacionalidade passiva: art. 7º, §3º. CP. **Crime praticado contra vítima brasileira**. Deve obedecer também as condições do art. 7º, §2º, CP.

3) Princípio da defesa real ou proteção: art. 7º, I, alíneas "a", "b", "c'. Aplicação da lei brasileira aos **crimes praticados no exterior que ofendam bens jurídicos pertencentes ao Brasil**, qualquer que seja a nacionalidade do agente ou lugar do crime.

TIPOS DE EXTRATERRITORIALIDADE

1) Incondicionada: aquela que **não depende de nenhuma condição**, a simples prática do delito no exterior já autoriza a aplicação da lei brasileira. Art. 7º, I, CP.
Obs: mesmo que tenha sido absolvido no exterior, será julgado no Brasil. Caso tenha sido condenado, computa-se a pena cumprida. É exceção ao princípio do bis in idem.

2) Condicionada: depende de condições cumulativas previstas no art. 7º, §2º, alíneas "a" - "e" e §3º, CP.

MAPAS MENTAIS

PROCESSO DO TRABALHO

por @viciodeumaestudante

MÉTODO QLROAB

DESPESAS PROCESSUAIS

CUSTAS PROCESSUAIS

Quanto custa o processo para correr na justiça.

São pagas pelo **vencido após o trânsito em julgado da decisão**. Entretanto, no caso de recurso, serão pagas dentro do prazo recursal.

Em caso de **ACORDO**, e se de outra forma não for convencionado, o pagamento caberá em partes iguais aos litigantes.

2% do valor da condenação ou do valor da causa. Submetem-se ao teto de 4x o limite máximo do benefício previdenciário, e com o valor mínimo de R$ 10,84

ISENTOS DO PAGAMENTO DE CUSTAS

- Beneficiários da justiça gratuita;
- MPT
- Massa falida;
- Administração direta e autarquias e fundações que não exploram atividades econômicas.

DESPESAS PROCESSUAIS

JUSTIÇA GRATUITA

Benefício concedido à parte por não possuir condições de arcar com os gastos do processo:

- que recebe **salário igual ou inferior a 40% do limite máximo dos benefícios do RGPS**.

- que **comprove sua insuficiência de recursos**.

São isentos do pagamento de custas processuais, mas ainda continuam tendo que pagar:

- Honorários periciais
- Honorários advocatícios;
- Custas quando não aparece na audiência inaugural

DESPESAS PROCESSUAIS

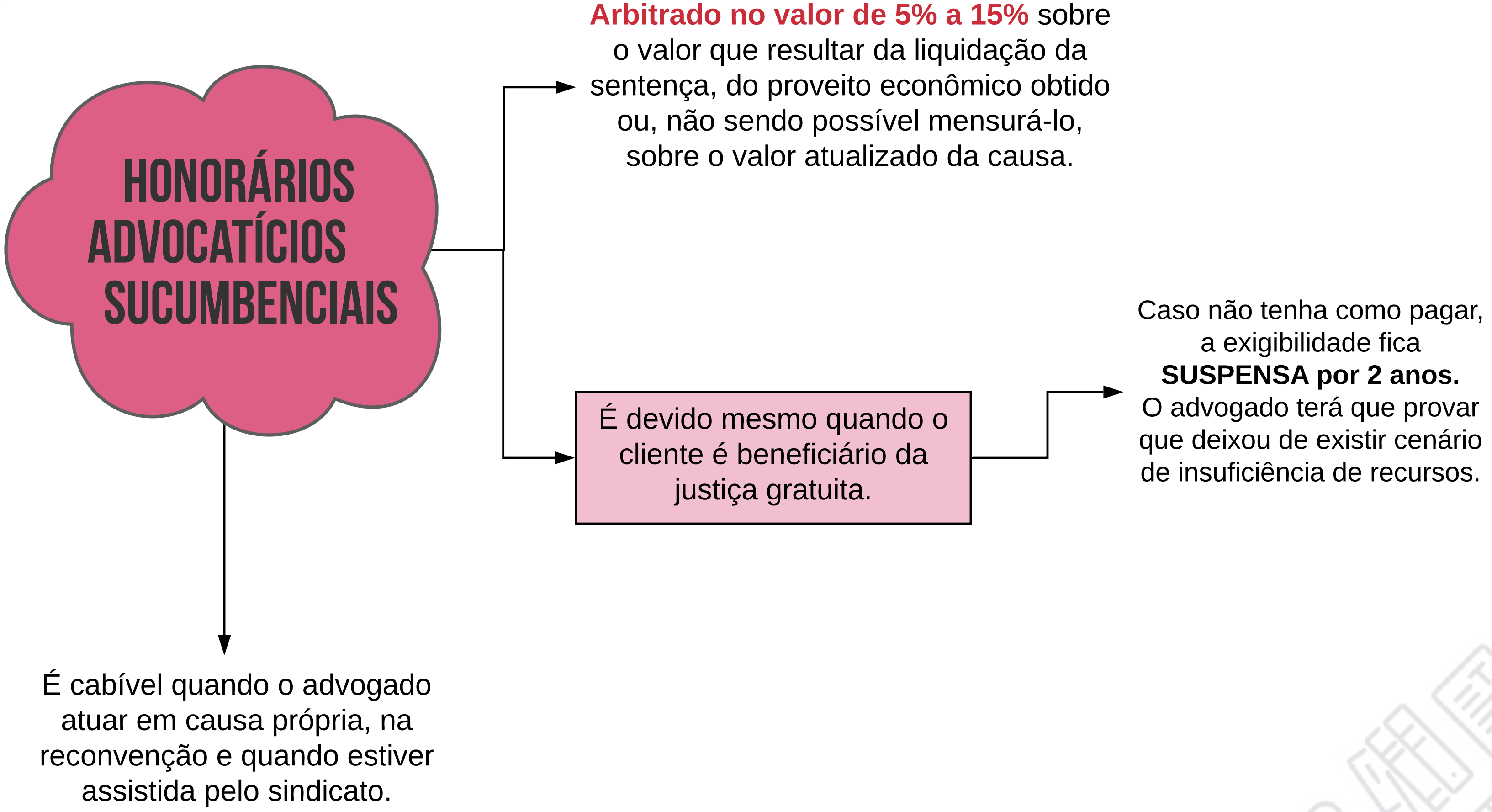

HONORÁRIOS ADVOCATÍCIOS SUCUMBENCIAIS

Arbitrado no valor de 5% a 15% sobre o valor que resultar da liquidação da sentença, do proveito econômico obtido ou, não sendo possível mensurá-lo, sobre o valor atualizado da causa.

É devido mesmo quando o cliente é beneficiário da justiça gratuita.

Caso não tenha como pagar, a exigibilidade fica **SUSPENSA por 2 anos.** O advogado terá que provar que deixou de existir cenário de insuficiência de recursos.

É cabível quando o advogado atuar em causa própria, na reconvenção e quando estiver assistida pelo sindicato.

DESPESAS PROCESSUAIS

HONORÁRIOS PERICIAIS

O pagamento cabe a parte **sucumbente (vencida) na pretensão objeto da perícia**, AINDA QUE beneficiária da justiça gratuita.

É possível o parcelamento!

O pagamento do beneficiário da justiça gratuita se dará com os créditos que obter em juízo, ainda que de outro processo.

Somente se não houver, caberá a **UNIÃO** o pagamento dos honorários!

ATENÇÃO!!!!

Os honorários de **assistentes técnicos** será sempre pago pela parte que contratou o assistente! **(SÚMULA 341 TST)**

PROCEDIMENTO COMUM

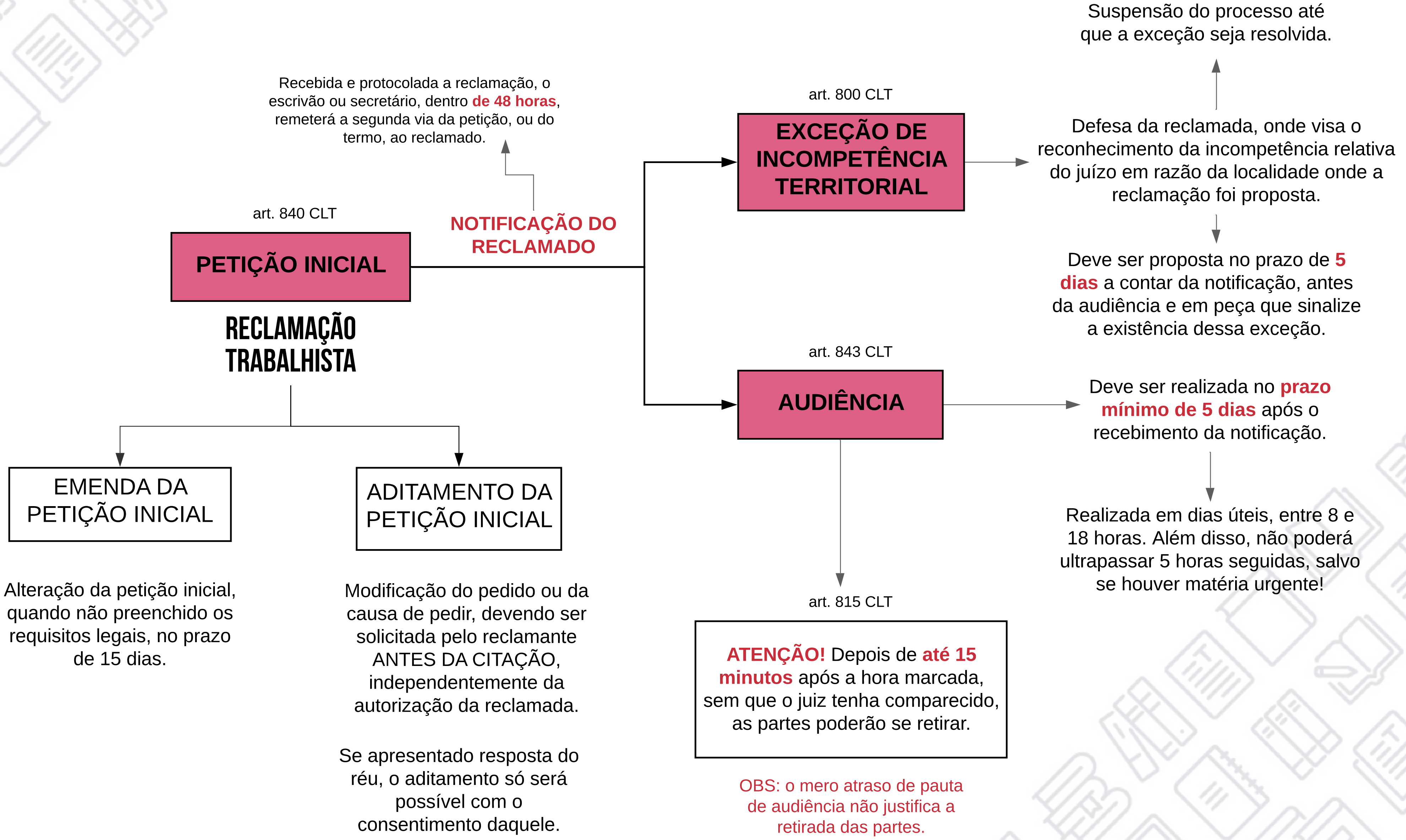

art. 840 CLT

PETIÇÃO INICIAL

RECLAMAÇÃO TRABALHISTA

EMENDA DA PETIÇÃO INICIAL

Alteração da petição inicial, quando não preenchido os requisitos legais, no prazo de 15 dias.

ADITAMENTO DA PETIÇÃO INICIAL

Modificação do pedido ou da causa de pedir, devendo ser solicitada pelo reclamante ANTES DA CITAÇÃO, independentemente da autorização da reclamada.

Se apresentado resposta do réu, o aditamento só será possível com o consentimento daquele.

NOTIFICAÇÃO DO RECLAMADO

Recebida e protocolada a reclamação, o escrivão ou secretário, dentro **de 48 horas**, remeterá a segunda via da petição, ou do termo, ao reclamado.

art. 800 CLT

EXCEÇÃO DE INCOMPETÊNCIA TERRITORIAL

Defesa da reclamada, onde visa o reconhecimento da incompetência relativa do juízo em razão da localidade onde a reclamação foi proposta.

Suspensão do processo até que a exceção seja resolvida.

Deve ser proposta no prazo de **5 dias** a contar da notificação, antes da audiência e em peça que sinalize a existência dessa exceção.

art. 843 CLT

AUDIÊNCIA

Deve ser realizada no **prazo mínimo de 5 dias** após o recebimento da notificação.

Realizada em dias úteis, entre 8 e 18 horas. Além disso, não poderá ultrapassar 5 horas seguidas, salvo se houver matéria urgente!

art. 815 CLT

ATENÇÃO! Depois de **até 15 minutos** após a hora marcada, sem que o juiz tenha comparecido, as partes poderão se retirar.

OBS: o mero atraso de pauta de audiência não justifica a retirada das partes.

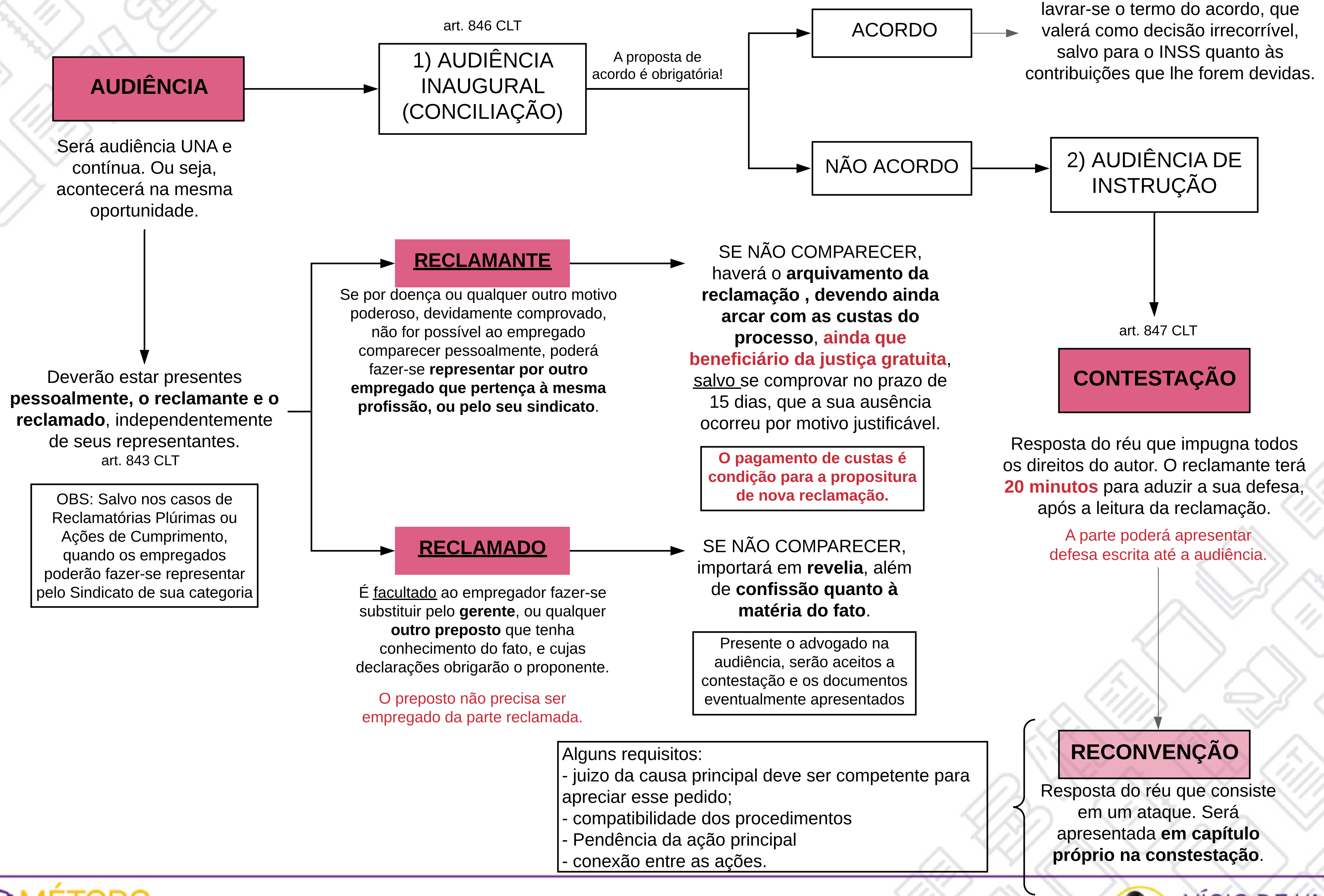

AUDIÊNCIA

Será audiência UNA e contínua. Ou seja, acontecerá na mesma oportunidade.

art. 846 CLT

1) AUDIÊNCIA INAUGURAL (CONCILIAÇÃO)

A proposta de acordo é obrigatória!

ACORDO

lavrar-se o termo do acordo, que valerá como decisão irrecorrível, salvo para o INSS quanto às contribuições que lhe forem devidas.

NÃO ACORDO

2) AUDIÊNCIA DE INSTRUÇÃO

art. 847 CLT

CONTESTAÇÃO

Resposta do réu que impugna todos os direitos do autor. O reclamante terá **20 minutos** para aduzir a sua defesa, após a leitura da reclamação.

A parte poderá apresentar defesa escrita até a audiência.

RECONVENÇÃO

Resposta do réu que consiste em um ataque. Será apresentada **em capítulo próprio na constestação**.

Alguns requisitos:
- juizo da causa principal deve ser competente para apreciar esse pedido;
- compatibilidade dos procedimentos
- Pendência da ação principal
- conexão entre as ações.

Deverão estar presentes **pessoalmente, o reclamante e o reclamado**, independentemente de seus representantes.
art. 843 CLT

OBS: Salvo nos casos de Reclamatórias Plúrimas ou Ações de Cumprimento, quando os empregados poderão fazer-se representar pelo Sindicato de sua categoria

RECLAMANTE

Se por doença ou qualquer outro motivo poderoso, devidamente comprovado, não for possível ao empregado comparecer pessoalmente, poderá fazer-se **representar por outro empregado que pertença à mesma profissão, ou pelo seu sindicato**.

SE NÃO COMPARECER, haverá o **arquivamento da reclamação , devendo ainda arcar com as custas do processo**, **ainda que beneficiário da justiça gratuita**, salvo se comprovar no prazo de 15 dias, que a sua ausência ocorreu por motivo justificável.

O pagamento de custas é condição para a propositura de nova reclamação.

RECLAMADO

É facultado ao empregador fazer-se substituir pelo **gerente**, ou qualquer **outro preposto** que tenha conhecimento do fato, e cujas declarações obrigarão o proponente.

O preposto não precisa ser empregado da parte reclamada.

SE NÃO COMPARECER, importará em **revelia**, além de **confissão quanto à matéria do fato**.

Presente o advogado na audiência, serão aceitos a contestação e os documentos eventualmente apresentados

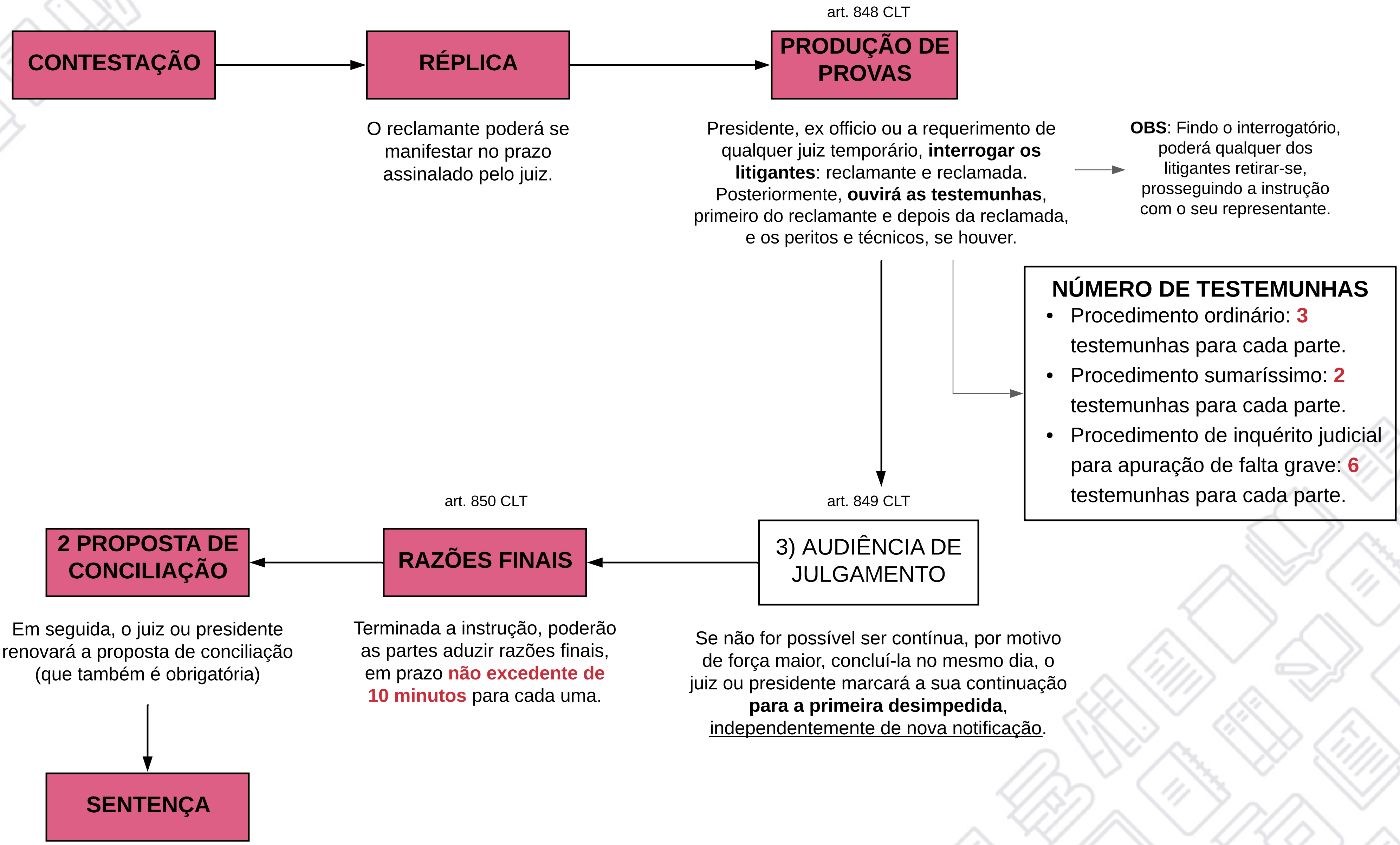

CONTESTAÇÃO

RÉPLICA

O reclamante poderá se manifestar no prazo assinalado pelo juiz.

art. 848 CLT

PRODUÇÃO DE PROVAS

Presidente, ex officio ou a requerimento de qualquer juiz temporário, **interrogar os litigantes**: reclamante e reclamada. Posteriormente, **ouvirá as testemunhas**, primeiro do reclamante e depois da reclamada, e os peritos e técnicos, se houver.

OBS: Findo o interrogatório, poderá qualquer dos litigantes retirar-se, prosseguindo a instrução com o seu representante.

NÚMERO DE TESTEMUNHAS

- Procedimento ordinário: **3** testemunhas para cada parte.
- Procedimento sumaríssimo: **2** testemunhas para cada parte.
- Procedimento de inquérito judicial para apuração de falta grave: **6** testemunhas para cada parte.

art. 849 CLT

3) AUDIÊNCIA DE JULGAMENTO

Se não for possível ser contínua, por motivo de força maior, concluí-la no mesmo dia, o juiz ou presidente marcará a sua continuação **para a primeira desimpedida**, independentemente de nova notificação.

art. 850 CLT

RAZÕES FINAIS

Terminada a instrução, poderão as partes aduzir razões finais, em prazo **não excedente de 10 minutos** para cada uma.

2 PROPOSTA DE CONCILIAÇÃO

Em seguida, o juiz ou presidente renovará a proposta de conciliação (que também é obrigatória)

SENTENÇA

THE LAW
THE LAW
THE LAW

MAPAS MENTAIS

DIREITO CIVIL

por @viciodeumaestudante

MÉTODO
QLROAB

PESSOA NATURAL

ART. 1º, CC: Toda pessoa é capaz de direitos e deveres na ordem civil.

CAPACIDADE DE FATO/EXERCÍCIO

para exercer direitos na órbita civil

Nem todas as pessoas naturais possuem (incapazes do art. 3º e 4º CC)

Adquire-se com a maioridade civil ou emancipaçao

+

CAPACIDADE DE DIREITO/GOZO

para ser sujeito de direitos e deveres na ordem civil

Toda pessoa natural possui

Termina com a morte

CAPACIDADE CIVIL PLENA

Conceitos importantes relacionados à capacidade

- **LEGITIMAÇÃO:** é uma **capacidade especial** para determinado ato ou negócio jurídcio. **Ex.** Outorga conjugal (Uxória e marital).
- **LEGITIMIDADE:** é a **capacidade processual.**
- **PERSONALIDADE:** é a soma de **caracteres** ou aptidões da pessoa. É um dos **aspectos da capacidade** e representa quem a pessoa é para si e para a sociedade.

INÍCIO DA PERSONALIDADE

Art. 2º, CC. A personalidade civil da pessoa começa com o **nascimento com vida**; mas a lei põe a salvo, desde a concepção, os **diretos do nascituro**.

COMEÇA COM O NASCIMENTO COM VIDA

Ocorre quando a **criança é separada do ventre materno**.

A **criança deve respirar**.

A costatação do nascimento com vida pode ser feita por meio de um exame chamado **docimasia hidrostática de Galeno** (se a criança chegou a respirar, inlfou o seus pulmões de ar.

NASCITURO

é aquele que foi concebido, mas ainda não nasceu.

Existesm **3 teorias** sobre a situação jurídica do nascituro:

TEORIA NATALISTA: o nascituro **não é pessoa humana**, pois a personalidade começa do nascimento com vida.

TEORIA DA PERSONALIDADE CONDICIONAL: o nascituro só é considerado pessoa humana **se nascer com vida**.

TEORIA CONCEPCIONISTA: o nascituro **é pessoa humana**, pois tem direitos da personalidade desde a concepção. (É a teoria que prevalece atualmente no **STJ**).

NATIMORTO

é aquele que não chegou a nascer com vida.

Em relação ao **natimorto** existe à **proteção do nome**, da **imagem** e da **sepultura**

INCAPACIDADES

ABSOLUTAMENTE INCAPAZES	RELATIVAMENTE INCAPAZES
Apenas os **menores de 16 anos** (impúberes). **Obs**. Não existem maiores de idade que sejam absolutamente incapazes	Maiores de 16 anos e menores de 18 anos (púberes).
	Ébrios habituais e viciados em tóxicos.
	Pessoas que, por causa transitória ou definitiva, não puderam exprimir vontade.
	Pródigos.

Os **absolutamente incapazes** devem ser **representados**, sob pena de **nulidade absoluta** do ato praticado.

Atenção: Os indígenas, índios ou silvícolas **NÃO** são considerados relativamente incapazes pelo CC. A situação dos indígenas é regulada pela Lei nº 6.001/1973 (Estatuto do Índio)

Os **relativamente incapazes** devem ser **assistidos** , sob pena de **nulidade relativa** do ato praticado.

EMANCIPAÇÃO

Com a **emancipação**, existe uma **antecipação dos efeitos civis** da maioriade **antes dos 18 anos de idade.**

MODALIDADES DE EMANCIPAÇÃO

VOLUNTÁRIA

Realizada com a **concessão dos pais** por meio de **escritura pública** (não é necessário homologação judicial) , tendo o menor 16 anos completos.

JUDICIAL

É realizada por **sentença judicial**, tendo menor 16 anos completos.

Ex. Um dos pais pretende emancipar o filho e outro não (nessa hipótese o juiz pode suprir a vontade de um dos genitores).

LEGAL

Decorre da norma jurídica (Existem 4 hipóteses)

1 - **Matrimonial** (casamento do menor - obs. prevalece entendimento de que união estável não emancipa).

2 - **Exercídio de emprego público efetivo**;

3 - **Colação de grau em ensino superior**;

4 - **Emancipação profissional ou laboral:** estabelecimento civil/empresarial do menor ou havendo relação de emprego (o menor deve ter 16 anos completos e economia própria).

DIREITOS DA PERSONALIDADE

São aqueles inerentes à pessoa humana e à sua dignidade.

PRINCIPAIS

1. Vida/integridade físico-psíquica;
2. Honra (subjetiva e objetiva);
3. Nome;
4. Imagem-retrato: (fisionomia) e imagem -atributo (repercussão social);
5. Intimidade, vida privada e segredo

A **pessoa jurífica** tem direitos da personalidade? **SIM!** Possui direitos da personalidade por equiparação legal e, em razão disso, **pode sofrer dano moral (STJ).**

A **pessoa jurídica** tem direito ao **nome**, à **honra objetiva**, à **imagem** (retrato e atributo) e ao **segredo.**

Classificação	
Corpo	Vida e integridade física.
Mente	Integridade psíquica e criações intelectuais.
Espírito	Integridade moral.

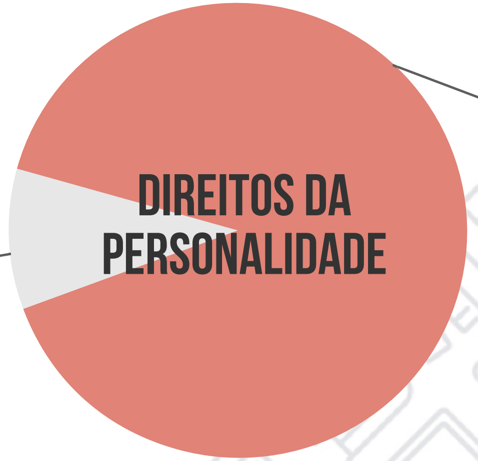

Regra:
- Intransmissível
- Irrenunciável
- Indisponível

Aspectos patrimoniais
- Transmissível
- Renunciável
- Disponível

CARACTERÍSTICAS DOS DIREITOS DA PERSONALIDADE

INATOS

Existem desde o nascimento

ABSOLUTOS

Em que pese seja a regra, existe a possibilidade de relativização ou limitação voluntária.

VITALICIEDADE

Acompanha o titular até a morte. E, alguns dos direitos, são resguardados mesmo após a morte (ex.honra, memória e direito do autor).

GENERALIDADE

São outorgados a todas as pessoa.

IMPENHORABILIDADE

Não podem ser penhorados.

EXTRAPATRIMONIALIDADE

Não possuem valor patrimonial direto.

IMPRESCRITIBILIDADE

Não há prazo para o seu exercício.

INDISPONILIDADE

Não pode ser transmitido, alienado ou transacionado. Ou seja, não podem mudar de titular.

IRRENUNCIABILIDADE

Não pode ser abdicado/ renunciado.

PROTEÇÃO DOS DIREITOS DA PERSONALIDADE

PREVENTIVA	Tem por objetivo a **suspensão de atos** que **ameacem** ofender a integridade do indivíduo.	
REPRESIVA OU TUTELA REPARATÓRIA	Trata-se de ação indenizatória, que tem por objetivo a **reparação patrimonial** do dano causado.	**Dano moral** (ocorre quando não houver conteúdo econômico na lesão)
		Dano material (ocorre quando houver perda ou prejuízo a bem patrimonial)

LEGITIMAÇÃO PARA REQUERER

Na hipótese em que a própria pessoa já estiver **morta, **terá **legitimação para requerer**:

- Cônjuge sobrevivente
- Qualquer parente em linha reta
- Parente colateral até o 4º grau

Os danos podem ser **danos emergentes** (o que se perdeu), **lucros cessantes** (o que deixou de ganhar) e **danos estéticos**.

Súmula 387, STJ: "É lícita a cumulação das indenizações de dano estético e moral".

PROTEÇÃO DOS DIREITOS DA PERSONALIDADE

DISPOSIÇÃO DO CORPO

EM VIDA

Regra: É **defeso** o ato de disposição do próprio corpo quando:

- Importar diminuição permanente da integridade física ou;
- Contrariar os bons costumes.

Exceção: Exigência médica.

DEPOIS DA MORTE

É **válida**, com objetivo **ciêntífico** ou **altruítico**.

Deve ser **gratuita**.

Atenção: O ato de disposição pode ser **revogado a qualquer tempo**.

O indíviuo pode deixar sua vontade expressa em vida, no entando, a decisão após a morte será dos **familiares**.

TRATAMENTO MÉDICO OU INTERVENÇÃO CIRÚRGICA

Ninguém pode ser **constrangido** a submeter-se, com **risco de vida** a **tratamento médico** ou **intervenção cirúrgica.**

PROTEÇÃO DOS DIREITOS DA PERSONALIDADE

PROTEÇÃO AO NOME

Proteção do direito ao **nome** **(PRENOME + SOBRENOME)**. Atenção, essa proteção se extende ao **pseudônimo**

É **proibido** o seu uso sem autorização em **propagandas comerciais.**

O nome **não** pode ser empregado em **publicações** ou **representações** que a exponham ao **desprezo público**.

Obs. Ainda que **não** exista **intenção difamatória**.

PROTEÇÃO INTELECTUAL E DA IMAGEM

A **divulgação** de **escritos**, a **transmissão da palavra**, ou a **publicação**, a **exposição** ou a **utilização da imagem** de uma pessoa poderão ser proibidas

Mediante **requerimento** e **sem prejuízo da indenização que couber**, se for atingida a honra, boa fama, respeitabilidade ou se destinarem a fins comerciais

Exceção: se **autorizados** ou **necessários à administração da justiça** e a **manutenção da ordem pública**.

PROTEÇÃO DA INTIMIDADE

A **vida privada** é inviolável

Compreende os direitos:

- ao **silêncio**;
- ao **sossego**;
- ao **sigilo** de correspondência, telefônico e via internet;
- de **não ser ouvido**, **visto** em sua intimidade, **observado**.

MORTE PRESUMIDA

COM DECLARAÇÃO DE AUSÊNCIA

1. a pessoa está em local incerto ou não sabido, sumindo sem deixar notícias

desaparecimento

nomeação de curador

CURADORIA

1 ano ou 3 anos (se deixou representante ou procurador)

posse de bens aos herdeiros com caução

OBS: Ascendentes, descendentes e o cônjuge não precisam prestar garantia para entrar na posse dos bens.

SUCESSÃO PROVISÓRIA

sentença que determina a abertura da sucessão provisória só produzirá efeito depois de **180 dias** de publicada pela imprensa.

10 anos depois da sentença ou provando-se que o ausente tenha **80 anos** e que de **5 datam as últimas notícias dele.**

SUCESSÃO DEFINITIVA

OBS: **o ausente que regressar nos 10 anos seguintes** terá direito aos bens existentes no estado que se encontrarem, os subrogados em seu lugar ou o preço que os herdeiros tiverem recebido pelos bens alienados

SEM DECLARAÇÃO DE AUSÊNCIA

1. se for **extremamente provável** a morte de quem estava **em perigo de vida**;
2. se alguém, desaparecido em campanha ou feito prisioneiro, **não for encontrado até dois anos após o término da guerra**.

A declaração da morte presumida somente poderá ser requerida depois de esgotadas as buscas e averiguações, devendo a sentença fixar a data provável do falecimento.

PESSOAS JURÍDICAS

CONJUNTO DE PESSOAS OU DE BENS. NÃO SE CONFUNDE COM OS SEUS SÓCIOS, ASSOCIADOS, INSTITUIDORES OU ADMINISTRADORES.

PESSOAS JURÍDICAS DO DIREITO PRIVADO	
ASSOCIAÇÕES	Conjunto de pessoas.
SOCIEDADES	Em regra é conjunto de pessoas, salvo a sociedade limitada unipessoal.
FUNDAÇÕES	Conjunto de bens.
ORGANIZAÇÕES RELIGIOSAS	Conjunto de pessoas.
PARTIDOS POLÍTICOS	Conjunto de pessoas.
EIRELIs	Pessoas juíricas formadas por uma só pessoa.

ATENÇÃO: As pessoas jurídicas **não se confundem** com os **entes despersonalizados** ou **despersonificados**, que são meros conjuntos de pessoas ou de bens:

- Família;
- Espólio;
- Herança;
- Massa falida;
- Sociedade de fato;
- Sociedade irregular;
- Condomínio edilício.

INÍCIO DA EXISTÊNCIA LEGAL DA PJ

No momento da inscrição dos atos consitituivos no respectivo registro.

Obs. Decai em 3 anos da publicação da inscrição o direito de anular a consitituição da pessoa jurídica por defeito no ato.

Princípio da autonomia patrimonial: o patrimônio da pessoa jurídica não se confunde com o de seus membros.

CONSTITUIÇÃO

Preenchimento dos requisitos:

- Vontade
- Obediência às condições legais;
- Finalidade lícita.

CAPACIDADE

Capacidade plena e limitade à finalidade para que foi criada.
Os poderes são estipulados em lei, atos constitutivos e ordenamento interno.

DESCONSIDERAÇÃO DA PERSONALIDADE JURÍDICA

Em regra, a pessoa jurídica **não se confunde** com seus **sócios**, **associados**, **instituidores** ou **administradores**. No entanto, na hipótese de **abusos** praticados por membros das pessoas jurídicas, existe a possibilidade de **quebrar essa autonomia** por meio da desconsideração da personalidade jurídica.

Desconsideração direta ou regular

Bens dos sócios ou administradores respondem por dívidas da pessoa juríca.

Desconsideração inversa ou invertida

Bens da pessoa jurídica respondem por dívidas dos sócios ou administradores.

Cuidado! Na desconsideração não há a exitinção da pessoa jurídica. O que ocorre é uma ampliação de responsabilidades.

TEORIAS SOBRE À DESCONSIDERAÇÃO DA PERSONALIDADE JURÍDICA

TEORIA MENOR

Adotada pelo CDC e pela Lei 9.605/98, que trata dos danos ambientais).

Para essa teoria, **basta o prejuízo do credor**.

TEORIA MAIOR

Adotada pelo art. 50, CC e pela Lei 13.874/19. **Somente** será responbilizado aquele que foi direta ou indiretamente **beneficiado pelo abuso**.

Possui **dois requisitos**:

1º) **Abuso da personalidade jurídica** (que pode ser caracterizado por desvio de finalidade ou confusão patrimonial).

2º) **Prejuízo ao credor**.

DESCONSIDERAÇÃO DA PERSONALIDADE JURÍDICA

NOVIDADES DA LEI 13.874/19

CONFUSÃO PATRIMONIAL

Ausência de **separação de fato entre os patrimônios**. É caracterizado por:

- Cumprimento repetitivo pela sociedade de obrigações de sócio/administrador;
- Transferência de ativios/passivos sem contraprestação (Exceto valor proporcionalmente insignificante);
- Outros atos de descumprimento da auotonomia patrimonial.

Atenção: A mera existência de **grupo econômico** sem a presença dos requisitos **NÃO** autoriza a desconsideração.

Atenção: A **comprovação de insolvência NÃO** é necessária para que seja realizada a desconsideração da pessoa jurídica.

DESVIO DE FINALIDADE

Utilização da pessoa jurídica para:

- Lesar credores;
- Praticar atos ilícitos.

Atenção: Não inclui **mera expansão** ou alteração da finalidade original da atividade econômica.

PRESCRIÇÃO E DECADÊNCIA

PRESCRIÇÃO	**DECADÊNCIA**
Extingue a **pretensão**.	Extingue o **direito**.
Não corrre entre os **1)** **cônjuges**, na constância da sociedade conjugal; **2)** entre **ascendentes e descendentes**, durante o poder familiar; **3)** entre **tutelados ou curatelados** e seus tutores ou curadores, durante a **tutela ou curatela**; **4)** **contra os absolutamente incapazes**; **5)** contra os **ausentes do País** em serviço público da União, dos Estados ou dos Municípios e **6)** contra os que se acharem **servindo nas Forças Armadas**, em tempo de guerra.	Corre contra **todos** (**Exceto** contra os **absolutamente incapazes**)
É **renúnciavel** (expressa ou tacitamente), desde que **não cause prejuízo a terceiro** e **depois que a prescrição se consumar**.	É **irrenunciável**.
Pode ser reconhecida de **ofício** **pelo juiz**.	Pode ser reconhecida **de ofício pelo juiz**.
Existe a previsão de hipóteses de **impedimento**, **suspensão** e **interrupção do prazo**.	Em regra, **não há** impedimento, suspensão ou interrupção do prazo.
Prazos concetrados nos **artigos 205, CC** (prazo geral da prescrição - 10 anos) e **206, CC** (prazos especiais - 1,2,3,4 e 5 anos)	**Prazos** **espalhados** pelo Código Civil
Os prazos são **exclusivamente** em **anos**.	Os **prazos** podem ser em **dias**, **meses** ou **ano e dia**.

MAPAS MENTAIS

DIREITO ADMINISTRATIVO

por @viciodeumaestudante

MÉTODO QLROAB

CONTEÚDO DO REGIME JURÍDICO ADMINISTRATIVO

PRINCÍPIO DA SUPREMACIA DO INTERESSE PÚBLICO SOBRE O PRIVADO

- O interesse público é **supremo sobre o interesse particular**. A finalidade das condutas estatais é a **satisfação das necessidades coletivas;**

- Ao se relacionar com os particulares, fica a Administração em uma **situação de privilégio**;

- **Quando decorrentes da supremacia do interesse público**, as prerrogativas da Administração Pública, consistem em um poder-dever, afim de um melhor desempenho na função de administrar de forma a satisfazer as necessidades da coletividade;

A atuação administrativa é orientada pela busca do interesse público, assim sendo:

INTERESSE PÚBLICO PRIMÁRIO = equivale ao interesse do indivíduo da sociedade;
INTERESSE PÚBLICO SECUNDÁRIO = necessidades e anseios que o Estado possui como sujeito de direito.

Obs: *Ocorrendo conflito, prevalece o interesse público primário.*

A busca indevida dos interesses secundários, quando abre mão dos interesses primários, enseja abuso de poder do Estado.

PRINCÍPIO DA INDISPONIBILIDADE DO INTERESSE PÚBLICO

- As atividades do agente estatal **são necessárias para satisfazer os interesses do povo** e por isso não pode não atuar quando a necessidade da coletividade exigir;

- **A SUPREMACIA DO INTERESSE PÚBLICO SOBRE O INTERESSE PRIVADO** e a **INDISPONIBILIDADE DO INTERESSE PÚBLICO** constituem o sistema administrativo, consistente em prerrogativas que o Estado goza para que conceda satisfação às necessidades públicas e também nas suas limitações, as quais se submete para que evite distorções de conduta;

- A administração tem sua limitação de atuação dentro do interesse público, embora goze de vantagens que são amparadas no interesse público.

Normas orientadoras das condutas do agente público que busca satisfazer os interesses da coletividade.

PRINCÍPIOS DO DIREITO ADMINISTRATIVO

ART. 37, CAPUT, CF

- PRINCÍPIO DA LEGALIDADE;
- PRINCÍPIO DA IMPESSOALIDADE ;
- PRINCÍPIO DA INTRANSCEDÊNCIA ;
- PRINCÍPIO DA MORALIDADE ;
- PRINCÍPIO DA PUBLICIDADE ;
- PRINCÍPIO DA EFICIÊNCIA ;
- PRINCÍPIO DO CONTRADITÓRIO E DA AMPLA DEFESA ;
- PRINCÍPIO DA CONTINUIDADE;
- PRINCÍPIO DA AUTOTUTELA ;
- PRINCÍPIO DA RAZOABILIDADE ;
- PRINCÍPIO DA PROPORCIONALIDADE ;
- PRINCÍPIO DA MOTIVAÇÃO ;
- ISONOMIA;
- FINALIDADE;
- ESPECIALIDADE;
- SEGURANÇA JURÍDICA;
- PRESUNÇÃO DE LEGITIMIDADE E DE VERACIDADE DAS CONDUTAS ESTATAIS;

Há previsão expressa de cinco princípios:
- **L**EGALIDADE;
- **I**MPESSOALIDADE;
- **M**ORALIDADE;
- **P**UBLICIDADE e
- **E**FICIÊNCIA.

#MACETE sobre os princípios explícitos da Administração Pública:
LIMPE

Obs: os demais princípios decorrem expressamente da Constituição ou implícitos nas normas constitucionais e expressos também em disposições infraconstitucionais.

PRINCÍPIO DA LEGALIDADE

É proibida a atuação do ente público e outras condutas praticadas ao alverido do texto legal será ilegítima, quando não houver previsão legal.

Sua atuação pode ocorrer de forma **EXPRESSA** ou **IMPLICITAMENTE PREVISTA EM LEI**, diante da possibilidade de editar atos administrativos discriscionário.

Resulta da regra de indisponibilidade do interesse público.

Manifestada por meio dos seus representantes, fica a atuação administrativa limitada à vontade legal (vontado do povo).

EXCEÇÕES

- **MEDIDA PROVISÓRIA**
- **ESTADO DE DEFESA**
- **ESTADO DE SÍTIO**

PRINCÍPIO DA INTRANSCEDÊNCIA

É **caraceterístico das sanções** e foi consagrado pelo Supremo Tribunal Federal. ***Excepcionaliza a ideia de impessoalidade.***

Impossibilita as **sanções severas** à entidades federativas por ato da gestão anterior à assunção dos deveres públicos.

Nos casos em que um **novo administrador** assume os cuidados e toma as providências para que os prejuízos sejam sanados, havendo irregularidades decorrentes das gestões anteriores, evita-se a aplicação das penalidades à Administração Pública que venham a inibir a governabilidade desse novo gestor.

SÚMULA 46, da AGU: *"Será liberada da restrição decorrente da inscrição do município no SIAFI ou CADIN a prefeitura administrada pelo prefeito que sucedeu o administrador faltoso, quando tomadas todas as providências objetivando o ressarcimento ao erário."*

Inclusive, o **STF** já negou pedido da União de determinar a suspensão da condição inadimplente e limitações dela decorrentes pois as irregularidades decorreram da gestão anterior e não do novo gestor.

PRINCÍPIO DA IMPESSOALIDADE

É necessário que ocorra uma atuação que não discrimine ninguém, sendo para beneficiar ou causar prejuízo à alguém.

Não é necessário que a pessoa que será atingida por tal ato seja conhecida, uma vez que **a atuação do Estado é impessoal**, fica o agente proibido de priorizar ou manifestar seu interesse ou de outro (tendo por base o Princípio da Isonomia).

Deverá ser observada pela sob a perspectiva do agente: quando há atuação do agente público, não é essa pessoa do agente quem pratica determinado ato e sim o Estado, que é **REPRESENTADO** por ele.

O exercício da função pública fica desvirtuado quando se utiliza imagens, nomes ou símbolos que fazem ligação entre a conduta estatael e a pessoa do agente público, resultando em pública a conduta do administrador e não do ente estatal.

Para alguns doutrinadores, esse princípio é sinônimo ao *Princípio da Finalidade*: a finalidade seria pública e por isso seria o administrador impredido de buscar objetivos próprios ou terceiros.

ATENÇÃO!

Súmula Vinculante 13:
A nomeação de cônjuge, companheiro ou parente em linha reta, colateral ou por afinidade, até o terceiro grau, inclusive, da autoridade nomeante ou de servidor da mesma pessoa jurídica investido em cargo de direção, chefia ou assessoramento, para o exercício de cargo em comissão ou de confiança ou, ainda, de função gratificada na administração pública direta e indireta em qualquer dos poderes da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios, compreendido o ajuste mediante designações recíprocas, viola a Constituição Federal.

É **VEDADA** as designações recíprocas, mesmo que de forma indireta, não é possível garantir a nomeação de parente do agente público, seja por meio de favorecimento pessoal ou por meio de troca.

OBS: não é aplicado nos casos de nomeação de agentes para o exercício de cargos políticos.

PRINCÍPIO DA MORALIDADE

Impõe a lealdade, honestidade, boa-fé da conduta no exercício da função administrativa.

Quando a **atuação está em desarmonia com os padrões da moralidade**, acaba por motivar a violação ao Princípio da Legalidade (princípio amplo e abrangente, por englobar outros e regras constitucionais)

A **moralidade** é um conceito jurídico indeterminado e, por este fato, a jurisprudência, aplica sua violação como vício de legalidade da atuação administrativa.

Deve observar a **obrigatoriedade aos padrões éticos de conduta**, para que seja assegurada o exercício da função pública afim de atender todas as necessidades de todos.

PRINCÍPIO DA EFICIÊNCIA

Deve uma prestação de serviços eficiente ASSEGURAR uma cerelidade quanto a solução das controvérsias.

Por este motivo é que o Princípio da Eficiência e o Princípio da Celeridade Processual estão conectados um ao outro.

É eficiente toda atuação cuja atividade seja exercida com presteza e que possua um bom desempenho funcional.

Entende-se **EFICIÊNCIA** como a produção de bens, com qualidade e com menos gasto.

Art. 169, Constituição Federal → são definidos os limites com gasto de pessoal.

Art. 41, Constituição Federal → avaliação periódica de desempenho, umas das hipóteses de aplicação desse princípio.

PRINCÍPIO DA PUBLICIDADE

A finalidade é o **conhecimento público** acerca das atividades que são praticadas no exercício da função administrativa.

Acaba por ser uma forma de controle da administração.

Havendo interesse, **qualquer pessoa pode solicitar acesso à informação ao órgão ou entidade pública** (desde que por meio legítimo). No pedido **deve constar**: identificação do requerente e especificação da informação requerida, que deve ser fornecida de imediato, ou, se justificado, que seja prestada no prazo máximo de 20 dias.

Não permite que ocorra edição de atos secretos por parte do poder público. Determina que a atuação da Administração seja plena e transparente.

Lei 12.527/2011 - Lei de Acesso às Informações, estabelece o dever da publicidade para todos os órgãos da Administração Direta além de autarquias, fundações públicas, empresas públicas e sociedades de economia mista, inclusive as entidades privadas sem fins lucrativos que recebem para realizar ações cujo interesse seja público, ajustes ou outros.

PUBLICIDADE e PUBLICAÇÃO não se confundem: não são sinônimos, a publicação é apenas uma das hipóteses da publicidade. Quando não observado o dever de publicar, pode ser caracterizado como ato de improbidade administrativa, conforme o art. 11, IV, da **Lei de Improbidade Administrativa nº 8.429/92**

EXCEÇÕES À PUBLICIDADE

A **segurança nacional** e o **relevante interesse coletivo** devem ser resguardados, conforme precitua a Constituição Federal e isso, desde haja fundamento, pode excepcionalizar o Princípio da Publicidade (art. 23, Lei 12.527/11)

Deve a Administração manter **sigilo das condutas quando a publicidade dos atos for de encontro a alguma garantia constitucional** prevista na Constituição Federal (art. 5º, X). A vida privada, a imagem, honra e intimidade das pessoas são **INVIOLÁVEIS**.

PRINCÍPIO DO CONTRADITÓRIO E DA AMPLA DEFESA

Nenhum cidadão pode ser processado e julgado sem ter o amplo conhecimento da situação e fundamento da instauração.

É o próprio direito do particular de ter ciência sobre os acontecimentos no âmbito do processo administrativo ou judicial de seu interesse e também de manifestar-se nessa relação, requerendo provas e provocando a tramitação em processo, seja ele administrativo ou judicial.

EXCEÇÕES

- **DEFESA TÉCNICA**: *Súmula Vinculante 5, STF: A falta de defesa técnica por advogado no processo administrativo disciplinar não ofende a Constituição.*
- **DEFESA PRÉVIA**: É necessário que o particular se manifeste antes de ser proferida a decisão administrativa, mas em casos emergenciais, onde o interesse público está em perigo, é permitido que a atuação administrativa annteceda a manifestação do particular.
- **DUPLO GRAU DE JULGAMENTO ou DIREITO AO RECURSO ADMINISTRATIVO**: possibilidade existente de reanalisar os atos praticados pela Administração, por provocação do particular, com a finalidade de evitar que se perpetuem injustiças ou decisões que sejam ilegais.
- **DIREITO À INFORMAÇÃO**: é o direito de todos interessados de conhecer o conteúdo das decisões do processo, das provas e dos demais atos.
  Súmula Vinculante 3, STF: Nos processos perante o Tribunal de Contas da União asseguram-se o contraditório e a ampla defesa quando da decisão puder resultar anulação ou revogação de ato administrativo que beneficie o interessado, excetuada a apreciação da legalidade do ato de concessão inicial de aposentadoria, reforma e pensão.

PRINCÍPIO DA RAZOABILIDADE

O objetivo é impedir uma atuação inconsequente ou despropositada por parte do administrador.

Define que o agente não pode se valer do próprio cargo ou função com a intenção falsa de cumprir a lei para agir de forma ilegal e arbitrária fora dos padrões éticos e adequados ao senso comum.

Sempre que o mérito administrativo **extrapolar os limites impostos pela lei**, compete ao judiciário, desde que provocado, sanar o vício da conduta estatal, determinando a anulação do ato ílicito - seja por atuação que afronta expresso dispositivo legal ou pela violação ao princípio da razoabilidade.

PRINCÍPIO DA CONTINUIDADE

A atividade do Estado deve ser contínua e não pode parar de prestar seus serviços e não deve tolerar falhas e interrupções, pois as necessidades de uma sociedade são inadiáveis.

É a obrigatoriedade do desempenho da atividade pública.

DIREITO DE GREVE:

- **Militares/policiais civis** não possuem direito de greve e de sindicalização, conforme entendimento do STF;
- **Art. 37, VI e VII, CF** = direito de greve dos servidores públicos civis e direito à livre associação sindical;
- O direito de greve é norma de eficácia limitada, conforme entendimento do STF;
- O **STJ** entende que mesmo que não tenha direito à remuneração pelos dias parados, não pode haver o corte da remuneração durante o exercício desse direito, sob a condição de que o movimento paredista tenha sido realizado de forma lícita;
- O direito de greve do servidor **configura uma exceção ao princípio da continuidade**, a despeito de ser exercido, respeitando os limites que foram definidos em lei, afim de evitar a total paralisação da atividade pública.

OCUPAÇÃO TEMPORÁRIA DE BENS E SUBSTITUIÇÃO:

- A Administração Pública pode ocupar, de forma provisória, bens para evitar a interrupção da atividade pública nos casos de serviços essenciais;
- Findo o contrato de concessão de serviços públicos, se admite a **transferência** de propriedade dos bens das concessionárias que estejam atrelados à prestação do serviço. A reversão de bens móveis, imóveis, pessoal e serviços vinculados ao objeto do contrato, acontece no caso de necessidade de acautelar apuração administrativa de faltas contratuais pelo contratado e também no caso de rescisão do contrato administrativo;
- A **substituição** e a **suplência** são formas de evitar que a ausência de um determinado agente ocasione na não execução do serviço que lhe era atribuído.

EXCEÇÃO DE CONTRATO NÃO CUMPRIDO:

Consiste no direito de suspender a execução do contrato em face de inadimplemento de outra parte; **Não** necessita de autorização judicial, basta que se exija o provimento do Poder Judicial para que seja determinada a rescisão do contrato.

INTERRUPÇÃO DA PRESTAÇÃO DE UM SERVIÇO MOTIVADA POR RAZÕES DE ORDEM TÉCNICA OU INADIMPLEMENTO DO USUÁRIO: em situações de emergência ou prévio aviso, quando motivadas por razões de ordem técnica ou de segurança das instalações e por inadimplemento do usuário, não se caracteriza como descontinuidade do serviço. **(Art. 6, §3º, Lei 8.987/95)**;

- Na hipótese de inadimplemento, deve o usuário ser previsamente avisado, conforme a lei;
- Caso enseje a interrupção de um serviço essencial à coletividade, é ilegal, uma vez que será prejudicial ao seu interesse.

PRINCÍPIO DA AUTOTUTELA

Sem interferência do Poder Judiciário, o ente estatal pode anular os atos praticados em atividades essenciais quando forem ilegais ou revogá-los quando forem inoportunos ou inconvenientes.

Exercer a autotutela não faz com que a incidência da tutela jurisdicional seja afastada.

Quando o particular se sentir lesado pelo ato, mesmo que não se tenha êxito ao requerer de forma administrativa **a anulação da conduta, poderá recorrer ao judiciário,** para que mais uma vez seja verificada a legalidade da atuação estatal impugnada.

É um **poder-dever** do poder público anular os atos ilegais.

Salvo má-fé do beneficiado, a Administração Pública Federal prevê um prazo de **5 anos** para que os atos favoráveis aos particulares sejam revistos, conforme a **Lei 9.784/99.**

Súmula 473, STF: *A administração pode anular seus próprios atos, quando eivados de vícios que os tornam ilegais, porque deles não se originam direitos; ou revogá-los, por motivo de conveniência ou oportunidade, respeitados os direitos adquiridos, e ressalvada, em todos os casos, a apreciação judicial.*

PRINCÍPIO DA PROPORCIONALIDADE

A atuação do agente público deve ser proporcional, havendo sempre um equilíbrio entre o que motiva a prática de algum ato e a consequência jurídica dessa conduta.

A **finalidade** é impedir que abusos ocorram durante a atuação dos agentes públicos, de forma que condutas que sejam inadequadas extrapolem o limite da adequação quanto ao desempenho das funções.

Enseja equílibrio **entre o ato que é praticado e o resultado buscado** pela Administração Pública.

Como **efeito**, a aplicação deste princípio busca tonar ilegal a conduta do agente que seja mais intensa ou extensa do que deve ser para alcançar o objetivo final da norma que enseja a sua prática.

Quando as **decisões forem inadequadas**, não respeitarem o equilíbrio no exercício da discricionariedade e extrapolarem os limites da legalidade podem ser consideradas **ANULADAS** pelo Poder Judiciário, podendo o administrador público ser responsabilizado por abuso de poder, conforme dispõe a lei.

PRINCÍPIO DA MOTIVAÇÃO

É o dever que se impõe ao ente estatal de indicar os pressupostos de fato e direito que determinam a prática dos atos administrativos.

A **validade da atuação** administrativa relaciona-se com a formal apresentação dos fundamentos fáticos e jurídicos que justificam a decisão adotada.

É **indispensável** ao controle dos atos administrativos, pois atesta para a sociedade as razões que levaram o poder público atuar de tal forma. Dessa forma é possível que os próprios cidadãos analisem a legitimidade e adequação dos motivos.

MOTIVAÇÃO ALIUNDE: *A motivação deve ser explícita, clara e congruente, podendo consistir em declaração de concordância com fundamentos de anteriores pareceres, informações, decisões ou propostas, que, neste caso, serão parte integrante do ato.* Art. 50, §1º, Lei 9.784/99

A **motivação aliunde** ocorre quando o administrador justifica a razão do seu ato com base em motivos de conduta previamente editada.

"As decisões administrativas dos tribunais serão motivadas e em sessão pública, sendo as disciplinares tomadas pelo voto da maioria absoluta de seus membros;", Conforme o **Art. 93, X, CF** a motivação das decisões é obrigatória.

Sendo as decisões proferidas na esfera administrativa, devem tomar por base as consequências práticas da decisão, conforme disposto no **Art. 20, da LINDB.**

Decreto 9.830/2019: a decisão administrativa precisa contar com os motivos explícitos e contextualizados dos fatos, indicar os fundamentos de mérito e jurídco, fundamentar e apresentar a congruência enre norma e fato que foram base. Ainda: deve ser indicado as normas, doutrinas, jurisprudências e interposições que foram usadas. Este decreto também dispõe sobre a motivação dos atos que determinam a anulação do anterior.

PRINCÍPIO DA ISONOMIA

Deve a Administração Pública tratar igualmente os iguais e desigualmente os desiguais, na medida de suas deigualdades.

Quanto ao **aspecto material,** a isonomia é justificada tratando de forma diferente afim de igualar juridicamente aqueles que são desiguais de fato.

A **isonomia material** se faz necessária para que o acesso a direitos mínimos seja garantidos, uma vez que nosso país conta com uma grande desigualdade social e excluedente.

Como tentativa de diminuir o cenário de abismo social que há no Brasil, **ações afirmativas são de extrema importância.**

Súmula 683, STF*: o limite de idade para a inscrição em concurso público só se legitima em face do art. 7º, XXX, da Constituição Federal, quando possa ser justificado pela natureza das atribuições do cargo a ser preenchido.*

PODERES ADMINISTRATIVOS

Funcionam como mecanismos e prerrogativas que estão à disposição da Administração, atribuídas a fim de viabilizar o interesse público.

OBS: os poderes do Estado NÃO se confundem com os da Administração, uma vez que **não são instrumentais** e sim estruturais que realizam atividade pública (Executivo/Legislativo/Judiciário).

Nos casos de não observância do interesse público, ocorre **abuso de poder.**

ABUSO DE PODER

FORMA COMISSIVA: o ato praticado ocorre fora dos limites previstos;

FORMA OMISSIVA: o agente público deixa de exercer determinada atividade previamente imposta por lei, omitindo-se aos seus deveres.

EXCESSO DE PODER

Acontece quando a autoridade atua fora dos limites da competência; a competência é extrapolada e se pratica atos que não foram previstos por lei.

DESVIO DE PODER

Acontece quando a autoridade atua fora dos limites da competência; a competência é extrapolada e se pratica atos que não foram previstos por lei.

PODER VINCULADO

A lei prevê uma única conduta a ser realizada: a lei cria um ato administrativo e já estabelece os elementos de forma objetiva, não permitindo que a autoridade pública possa valorar quanto a conduta exigida.

O ato administrativo deve ser praticado, uma vez que os requitos previstos estejam preenchidos e não há possibilidade quanto a emissão de juízo de valor por parte da autoridade.

PODER DISCRICIONÁRIO

O administrador ainda está subordinado à lei, mas é oferecido uma margem de opção ao administrador na sua forma de atuar, ficando a seu critério identificar e utilizar-se da da solução que mais se adequa à situação.

É **devido** ao administrador eleger condutas que se adequem melhor a determinada situação concreta, observando a conveniência e oportunidade, elementos referentes ao poder discricionário e que fazem parte do mérito da atuação.

CONTROLE JUDICIAL DA ATIVIDADE ADMINISTRAIVA DISCRICIONÁRIA

A discricionariedade é o *meio de analisar a oportunidade a conveniência* na atuação do ente.

O poder é **ADMINISTRATIVO** e não jurisdicional.

Mesmo que o ato administrativo seja discricionário, é **dependente** do controle jurisdicional quanto à adequação perante a lei.

PODER NORMATIVO/ REGULAMENTAR

É o poder que a Administração Pública tem de expedir normas gerais: atos administrativos gerais e abstratos com efeito erga omnes.
É diferente da edição de lei,este é somente um mecanismo para editar normas que são complementates.

- Facilita a compreensão da lei;
- Os atos são sempre inferiores à lei;
- Objetivam regulamentar situações de caráter geral e abstrato, uma vez que facilitam a execução da lei.

Poder Regulamentar e Poder Normativo **não** são sinônimos. Um serve para regular determinados atos e outro expede regulamentos.
O PODER REGULAMENTAR é uma espécie de PODER NORMATIVO, sendo poder privativo do privativo do Chefe do Executivo.

REGULAMENTOS

Consiste no ***ato normativo do Chefe do Poder Executivo***, diferenteme do decreto, que é sua forma.

Se divide em duas espécies:

- Regulamentos Executivos - **editados para que cumpram a fiel execução da lei**; não é possível inovar o ordenamento jurídico mas pode complementar a lei.

- Regulamentos Autônomos - atuam afim de **substituir a lei** e **podem inovar o ordenamento jurídico**, determinando normas que não são disciplinadas em lei.

O **STJ** estabelece que *"os regulamentos autônomos vedados no ordenamento jurídico brasileiro, a não ser pela exceção do art. 84, VI, CF".*

PODER HIERÁRQUICO

Tem alçada para organizar, distribuir e escalonar funções dos órgãos (poder de estruturação interna da atividade pública), não havendo manifestação hierárquica externa entre pessoas jurídicas.

OBS: por HIERARQUIA entende-se o controle interno entre os órgãos e os agente da pessoa jurídica.

O STF, de acordo com a **Súmula nº 510**, classifica como autoridade coautora o agente que pratica o ato, mesmo que tenha feito através de delegação.

VINCULAÇÃO/ TUTELA ADMINISTRATIVA

Ocorre entre a Administração DIRETA e INDIRETA que permite que a Direta controle os atos da Indireta. Não se dá pela hierarquia e sim na criação através de lei dos enter descentralizados do Poder Público.

DELEGAÇÃO

Consiste na ampliação temporária das competências de um órgão a outro de igual ou inferior hierarquia.
Assim sendo, os dois órgãos são competentes para praticar determinado ato durante a vigência da delegação.

A manutenção da competência do agente, ainda que ocorra APÓS a delegação, é chamada de CLÁUSULA RESERVA.

AVOCAÇÃO

De forma temporária, pode o chefe, chamar pra si a competência que antes era pra ser exercida por agente subalterno, desde que não seja atribuição de competência exclusiva do órgão subordinado.

PODER DISCIPLINAR

É o poder que apura as infrações e aplica as devidas sanções por parte do Poder Público para todos que possuam o vínculo de natureza especial com o Estado: servidores ou não, geralmente por relação contratual ou hierárquica).

Por isso, **não é possível que seja aplicado aos particulares**, já que não possuem vínculo com a Administração e não são subordinados à disciplina interna.

É sujeito ao controle feito pela administração e pelo Poder Judiciário **toda vez** que a condura do Adminstrador não condizer com a legalidade ou quando aplicar sanções no exercício do Poder Discricionário **SEM** que seja observado o Princípio da Proporcionalidade.

Nos parâmetros da lei, a autoridade administrativa que for competente **poderá definir a intensidade da penalidade a ser aplicada considerando a gravidade da infração, observando o Princípio da Proporcionalidade**.

Uma vez que as **sanções estejam previamente estipuladas, resta ao agente público certa margem de escolha** no que tange à aplicação da pena e, por isso, não se pode dizer que o Poder Disciplinar é, em sua essência, discricionário, embora entendimento tradicional.

OBS: a punição administrativa pelo ilícito praticado pelo agente público NÃO gera impedimentos quanto à responsabilização pelo mesmo fato na esfera penal e civil.

Em conformidade com a **doutrina majoritária**: atos que decorres do Poder Disciplinar são discricionários, porém, essa discricionariedade não é ampla quanto a sanção ou não do agente infrator.

O **STF** argumenta a impossibilidade de substituição do mérito administrativo pelo Poder Judiciário quando o controle jurisdicional estiver limitado à legalidade das sanções aplicadas.

PODER DE POLÍCIA

Restringe o exercício de liberdade individual e uso, gozo e disposição da propriedade privada para que possam ser adequados ao interesse público. É uma atividade administrativa qye ocorre de forma típica e é aplicadas aos particulares sem exigir vínculo de natureza especial.

DELEGAÇÃO DOS ATOS DE POLÍCIA

A delegação do Poder de Polícia é proibido, **somente é permitido a delegação da execução**.

É parcialmente delegável, sendo dividido em 4 ciclos:

CICLOS DE POLÍCIA E DELEGAÇÃO

- **Ordem de Polícia** = verifica-se da imperatividade e impõe restrições aos particulares independentes de concordância. **Ex.:** requisitos que o CTB estabelece para obter CNH.
- **Consentimento da Polícia** = acontece no momento em que a lei autoriza o exercício de atividade condicionada à aceitabilidade estatal. **Ex.:** autorizações e licenças.
- **Fiscalização de Polícia** = é a possibilidade que o ente estatal possui para controlar as atividades que são submetidas a este poder para verificar seu cumprimento. **Ex.**: fiscalização pelos radares eletrônicos.
- **Sanção de Polícia** = consiste na aplicação das penalidades quando se verifica o descumprimentos das normas impostas pelo Poder Público. **Ex.:** multas, reboque de carros.

OBS: a MULTA possui caráter de penalidade adminsitrativa e pode ser inscrita em dívida ativa e ser executada pelo devido processo legal.

OBS: O **STF** declarou que os **conselhos reguladores de profissão** possuem natureza jurídica de **AUTARQUIA**, pois atuam no exercício do poder de polícia ao estabelecerem restrições ao exercício da liberdade profissional e que este poder é indelegável a particulares.

POLÍCIA ADMINISTRATIVA
X
POLÍCIA JUDICIÁRIA

- **Polícia Administrativa:** recai sobre bens e direitos e os condiciona à busca do interesse da coletividade. (Art. 78, CTN)
- **Polícia Judiciária:** tem como objetivo prevenir e repremir a prática de ilícitos criminai.

NATUREZA DOS ATOS DE POLÍCIA

Atualmente se admite **ATOS POSITIVOS** decorrentes do exercício do Poder de Polícia como natureza dos atos.
Em algumas situações, ***através de legislação expressa***, o Poder Público determina obrigações de fazer aos particulares.

ATRIBUTOS/ CARACTERISTICAS DO PODER DE POLÍCIA

DISCRICIONARIEDADE

Liberdade estabelecida em lei ao administrador para decidir perante o caso concreto.

EXCEÇÃO: há casos em que a administração no poder de polícia pode atuar de maneira vinculada.
Ex: licença para construção.

AUTOEXECUTORIEDADE

Autoriedade administrativa deve decidir e praticar atos de polícia **sem necessidade de intervenção do judiciário**.

Somente é permitido quando **há lei permitindo** e em **situações emergenciais**.
Ex: apreensão de alimentos impróprios para o consumo.

EXIGIBILIDADE

Pode utilizar **meios indiretos de coação.**
Ex: multa.

+

EXECUTORIEDADE

Pode utilizar **meios diretos de coação - força física.**
Ex: apreensão

COERCIBILIDADE

O ato de polícia deve ser obedecido **independentemente da vontade dos particulares**.
É permitido que a Administração faça o uso de meios indiretos de coerção para cumprir o que foi determinado.
Ex.: multa

TRABALHANDO
COM OS
SINAIS DE PONTUAÇÃO
DE
FORMA DIVERTIDA

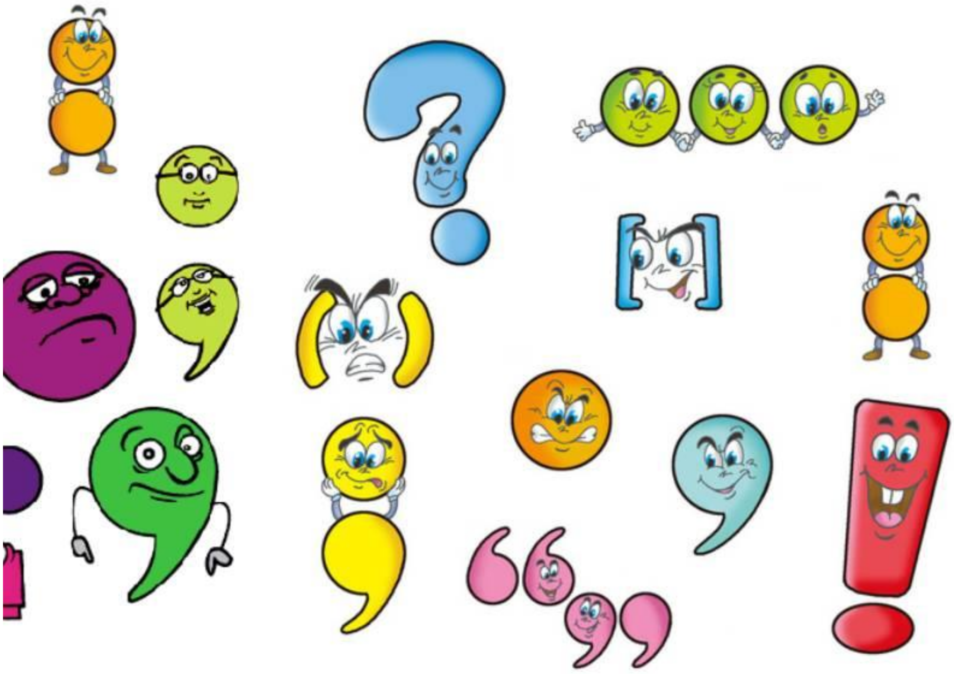

Conhecimento e Transformação

https://www.facebook.com/mayrafreitascarvalho

LEIA O POEMA ABAIXO:

Quem é importante?

Certo dia, num caderno,
Numa página interna,
Deu-se a grande reunião
Dos sinais de pontuação,
Para decidir, no instante,
Qual o que é mais importante.

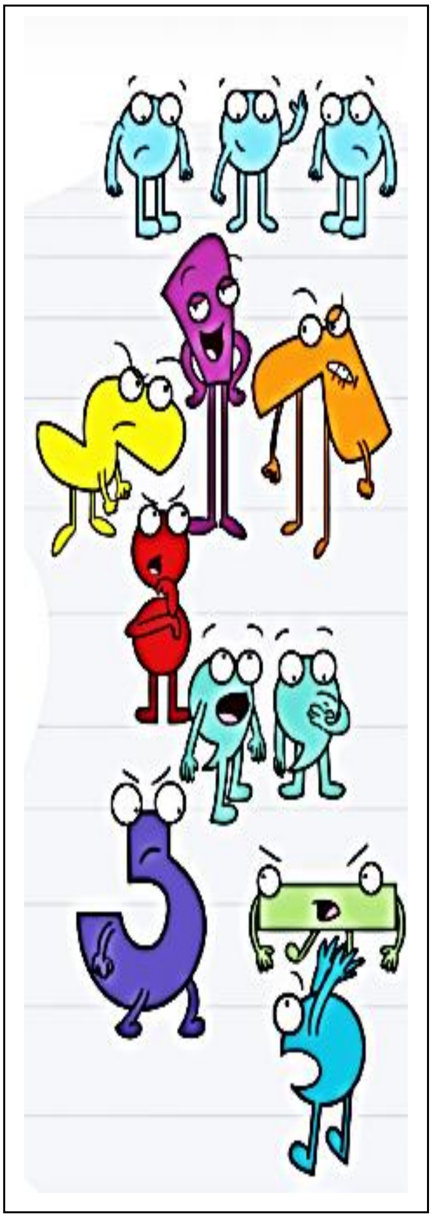

Chegou correndo, afobadão,
O Ponto de Exclamação,
Bufando, muito excitado,
Entusiasmado ou assustado.
– Socorro!
– Viva!
– Dá o fora! – sempre a berrar!

E logo, todo sinuoso,
A rebolar-se, entrou, pimpão,
O enxerido e mui curioso
Dom Ponto de interrogação:
- Quem é?
- Por quê?
- Aonde?
- Quando? – ele só vive perguntando.

E vêm as Vírgulas dengosas,
Muitos falantes, muito prosas,
anunciam: – Nós meninas
Somos as pausas pequeninas,
Que, pelas frases espalhadas,
São sempre tão solicitadas!

Mas já chegam os Dois-Pontos,
Ponto-e-Vírgula, e pronto!
Tem início a discussão,
Que já dá em confusão:
–Sem por cima ter um ponto,
Vírgula é um sinal bem tonto!
Ponto-e-Vírgula declara,
Arrogante, e fecha a cara.

–Essa não! Tenha paciência!
–Intervêm as Reticências.
–Somos nós as importantes,
Tanto agora como dantes:
Quando falta competência,
Botam logo... Reticências!

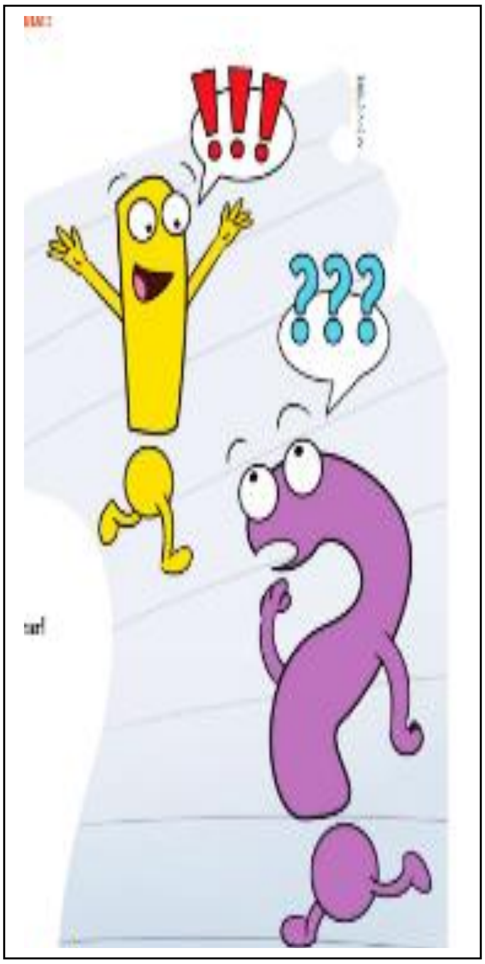

Til e Acento Circunflexo,
Numa discussão sem nexo,
Cara a cara, bravos, quase
Se engalfinham. Mas a Crase
Corta a briga, ao declarar:
–Poucos sabem me empregar!
Me respeitem pois bastante,
Já que eu sou tão importante!

Mas Dois-Pontos protestou:
–Importante eu é que sou!
Eu preparo toda a ação
E a e-nu-me-ra-ção!...

–É aqui que nós entramos!
Nós, as Aspas, e avisamos:
Sem nossa contribuição
Não existe citação!

A Cedilha e o Travessão
Já se enfrentam, mas então,
Bem na hora, firme e pronto
Se apresenta o senhor Ponto:
–Importante é o meu sinal.
Basta. Fim. PONTO FINAL.

(Tatiana Belinky, Di – Versos russos. São Paulo, Scipione.)

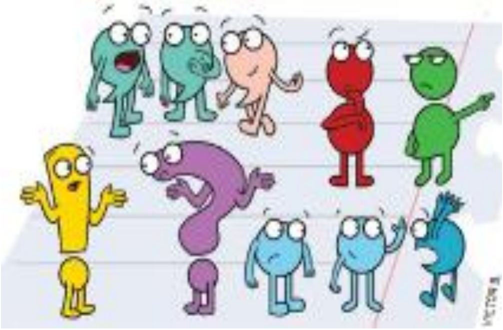

SOBRE A AUTORA DO POEMA

Tatiana Belinky nasceu em 1919, em São Petersburgo, na Rússia, e chegou ao Brasil em 1929. Publicou livros em prosa e versos, além de traduções, adaptações e recontagens. Entre 1952 e 1966, fez a primeira adaptação para a televisão da série Sítio do Pica-Pau Amarelo, de Monteiro Lobato.

Colaborou na TV Cultura e em importantes jornais como crítica de literatura infantil e juvenil e de teatro.

Recebeu inúmeros prêmios, entre eles: Mérito Educacional e Jabuti de Personalidade Literária do Ano, concedidos pela Câmara Brasileira do Livro; dois Monteiro Lobato de Tradução da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil. Foi, ainda, premiada em 1979 pelos 30 anos de atividades em Teatro e Literatura Infanto-Juvenil pela Associação Paulista de Críticos de Arte.

https://www.facebook.com/mayrafreitascarvalho

FALANDO SOBRE O POEMA

O poema mostra de maneira descontraída a importância dos sinais de pontuação utilizados na linguagem escrita.

A autora dá vida aos sinais, personificando-os, atribuindo-lhes sentimentos humanos, como vaidade e orgulho e ressalta suas qualidades.

Com o poema vamos relembrar este assunto que aprendemos desde bem pequenos na escola: a pontuação. Ela é um sistema de sinais que tenta reproduzir na escrita as pausas e maneiras de falar os sons, além de criar relações de independência ou dependência entre frases. Assim, a pontuação organiza as ideias para que todo o texto não pareça um amontoado de palavras.

ORALIDADE

Trocas de ideias e opiniões com a turma sobre o poema retratado:

- Qual é o título do poema?
- Qual é o assunto abordado no poema?
- Você conhece algum sinal de pontuação? Qual?
- Existe algum sinal de pontuação que você não conhecia? Qual?
-Quais são os sinais de pontuação que aparecem no poema?
- Para você, existe algum sinal de pontuação mais importante?

https://www.facebook.com/mayrafreitascarvalho

Veja abaixo os sinais de pontuação:

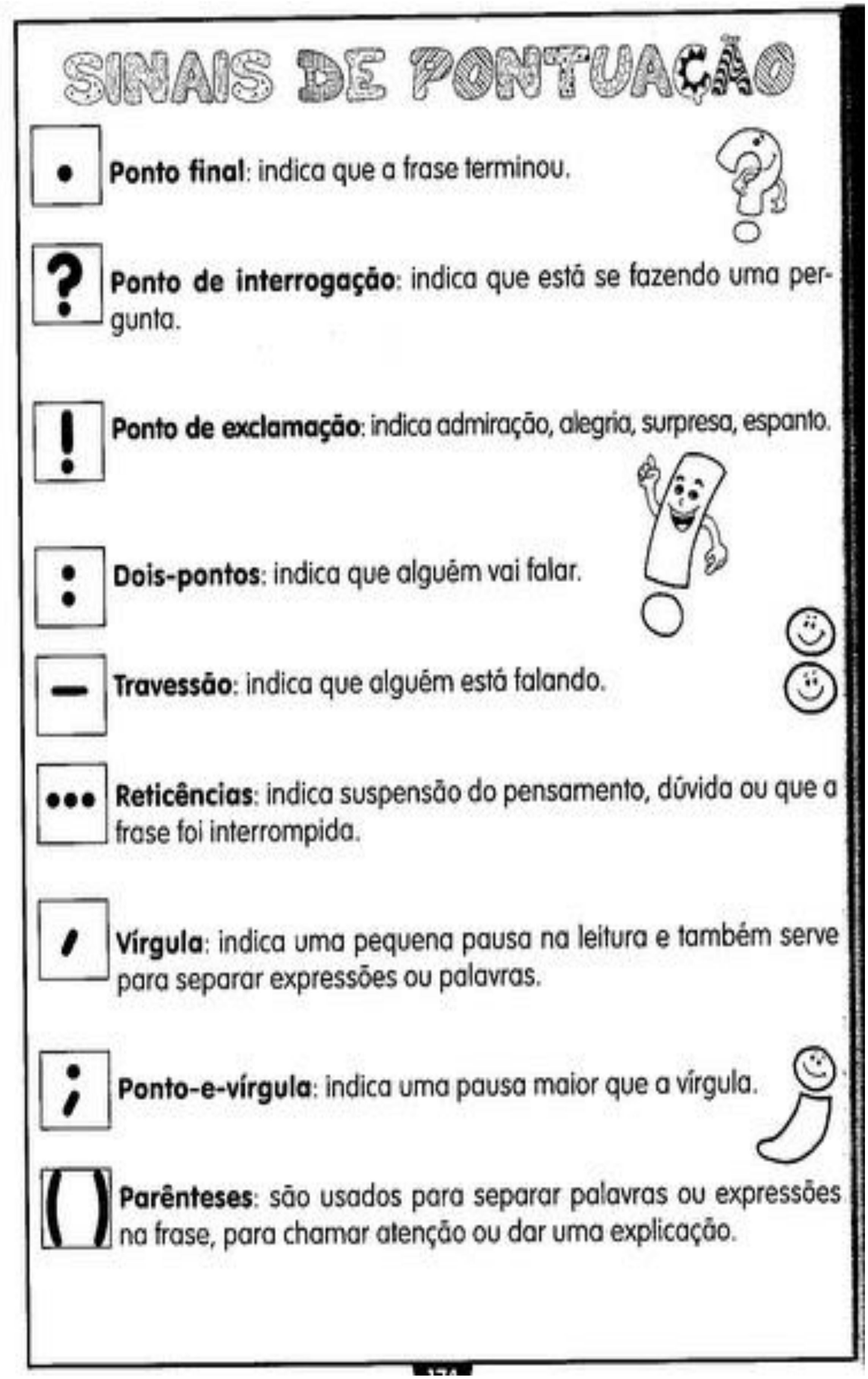

SINAIS DE PONTUAÇÃO

. **Ponto final**: indica que a frase terminou.

? **Ponto de interrogação**: indica que está se fazendo uma pergunta.

! **Ponto de exclamação**: indica admiração, alegria, surpresa, espanto.

: **Dois-pontos**: indica que alguém vai falar.

— **Travessão**: indica que alguém está falando.

... **Reticências**: indica suspensão do pensamento, dúvida ou que a frase foi interrompida.

, **Vírgula**: indica uma pequena pausa na leitura e também serve para separar expressões ou palavras.

; **Ponto-e-vírgula**: indica uma pausa maior que a vírgula.

( ) **Parênteses**: são usados para separar palavras ou expressões na frase, para chamar atenção ou dar uma explicação.

https://www.facebook.com/mayrafreitascarvalho

Construa frases utilizando os sinais de pontuação:

PONTO FINAL (.)

Eu vou ____

Se____

Eu acho____

Não____

PONTO DE INTERROGAÇÃO (?)

Quantos ____

Posso____

Qual é____

Quem foi que____

PONTO DE EXCLAMAÇÃO (!)

Como ____

Que____

Nossa, como____

Quem foi que____

Puxa, que ____

VÍRGULA (,) E RETICÊNCIAS (...)

Na escola aprendi _______________________________________

Na feira comprei____

Na minha casa____

Uma vírgula pode mudar todo o sentido de uma situação, portanto, devemos nos atentar ao pontuar os textos que escrevemos.

Leia o texto:

Diferentes apresentações do uso da vírgula, numa mesma frase.

Vírgula pode ser uma pausa... ou não.
Não, espere.
Não espere.

Ela pode sumir com seu dinheiro
23,4
2,34

Pode ser autoritária
Aceito, obrigado.
Aceito obrigado.

Pode criar heróis
Isso só, ele resolve.
Isso só ele resolve.

E vilões
Esse, juiz, é corrupto.
Esse juiz é corrupto.

Ela pode ser a solução.
Vamos perder, nada foi resolvido.
Vamos perder nada, foi resolvido.

A vírgula muda uma opinião
Não queremos saber.
Não, queremos saber.

Uma vírgula muda tudo.

O texto acima pode ser encontrado em vídeo no endereço:

<**http://www.youtube.com/watch?v=QJ0ii268x7s**>

(É só copiar o endereço e colar no google)

https://www.facebook.com/mayrafreitascarvalho

Leia o texto abaixo:

A herança

Um homem rico estando muito mal de saúde pediu que lhe trouxessem papel e tinta. Escreveu o seguinte:

"Deixo meus bens à minha irmã não a meu sobrinho jamais será paga a conta do padeiro nada dou aos pobres"

Deu o último suspiro antes de fazer a pontuação. A quem, afinal, deixou a sua fortuna? Eram apenas quatro os citados.

No dia seguinte, ao receberem o papel, cada um dos citados deu ao texto a pontuação e a interpretação que lhe favorecia.

ORALIDADE:

- Qual é o problema dessa história?
- Por que se deu esse problema?
- Como podemos resolvê-lo?

A turma será dividida em quatro grupos, e cada grupo representará um concorrente para ficar com a herança.

GRUPO 1 - IRMÃ

GRUPO 2 - SOBRINHO

GRUPO 3 - PADEIRO

GRUPO 4 - POBRES

Afinal: Quem herdará a fortuna?

Cada grupo deverá pontuar o trecho do texto. Atenção na hora de colocar os sinais de pontuação, pois é necessário que fique claro, com quem ficará a herança. Após, o grupo deverá apresentar para os colegas.

Sabendo a importância do uso adequado da pontuação, veja como ficaria a resposta correta de cada citado.

A herança

1 –IRMÃ

Deixo meus bens à minha irmã. Não ao meu sobrinho. Jamais será paga a conta do padeiro. Nada dou aos pobres.

2 –SOBRINHO

Deixo meus bens à minha irmã? Não! A meu sobrinho. Jamais será paga a conta do padeiro. Nada dou aos pobres.

3 –PADEIRO

Deixo meus bens à minha irmã? Não! A meu sobrinho? Jamais! Será paga a conta do padeiro. Nada dou aos pobres.

4 - POBRES

Deixo meus bens à minha irmã? Não! A meu sobrinho? Jamais! Será paga a conta do padeiro? Nada! Dou aos pobres.

AGORA É A SUA VEZ!

Elabore um texto, de modo que a herança fique distribuída incluindo todos os personagens como herdeiros da fortuna.

FONTE DE PESQUISA PARA ELABORAÇÃO DESSE MATERIAL:

- http://portaldoprofessor.mec.gov.br
  AUTORA: Mariane Ellen da Silva

- http://www.simplesmenteportugues.com.br
  Texto para trabalhar pontuação.

- http://pedagogiaseculoxxi.blogspot.com
  Sinais de pontuação

- https://maripaivacora.blogspot.com
  Sobre a autora do poema.

Conhecimento e Transformação

Visite o Blog e tenha acesso gratuito a diversos materiais:
https://conhecimentosetransformacao.blogspot.com/

Visite e curta a Página e tenha acesso gratuito a diversos materiais:
https://www.facebook.com/mayrafreitascarvalho

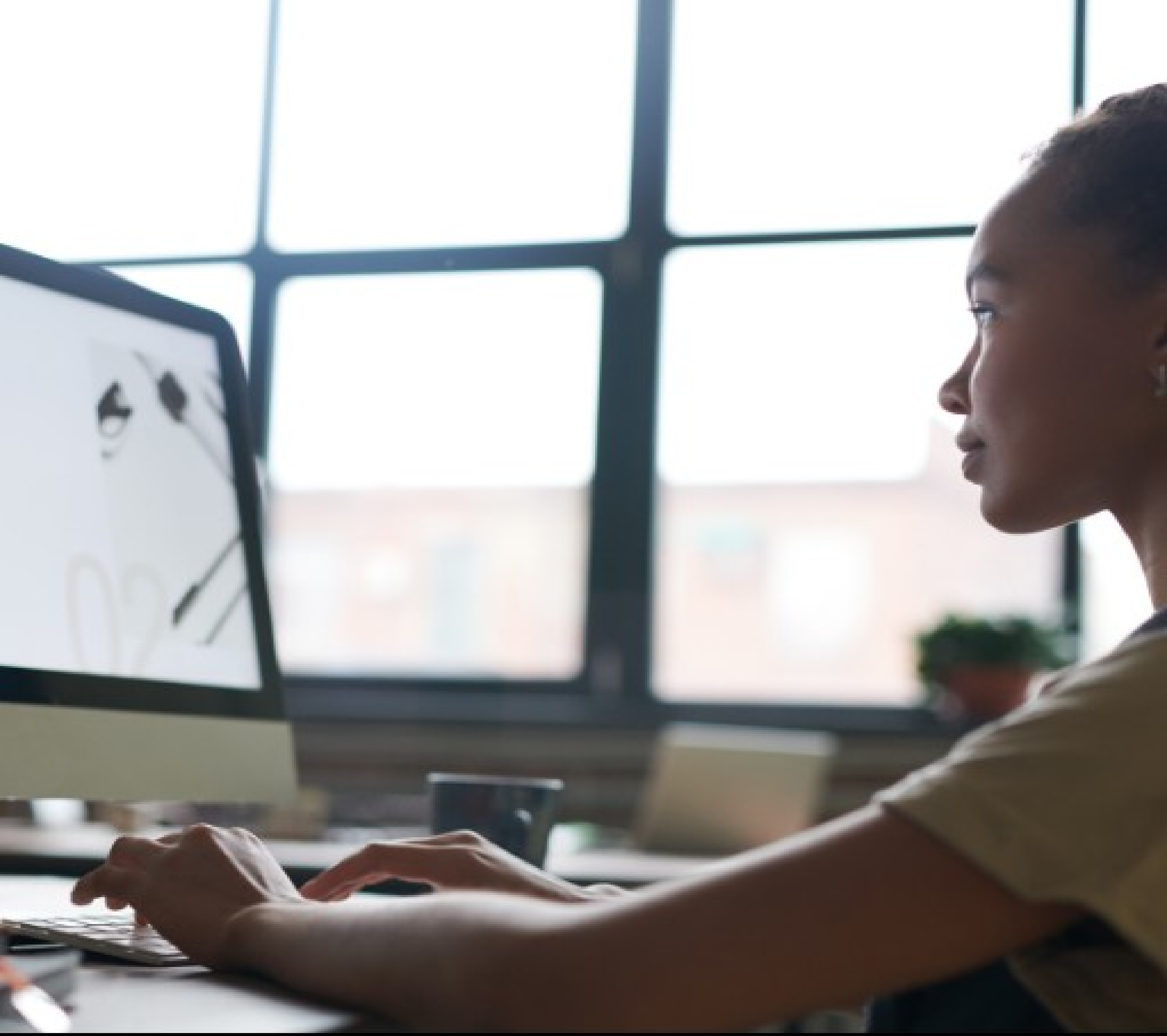

UERJ
GUIA DE REDAÇÃO

Projeto Agatha Edu

Índice

Como funciona a redação da UERJ?..5
Redações passadas da UERJ..6
2020 - O que leva pessoas, em condições semelhantes às de Fabiano, a se considerarem inferiores às demais?..8
2019 - É justificável cometer um crime para vingar outro crime?.......................9
2018 - A verdade pode ser estabelecida com base em uma única perspectiva? 10
2017 - Cidade maravilhosa – para quem?...11
2016 - A necessidade de conhecer experiências históricas de violência e opressão, para a construção de uma sociedade mais democrática.................12
2015 - A necessidade de que a sociedade conheça e debata as motivações, interesses e usos das pesquisas científicas..14
2014 - A necessidade de que a sociedade conheça e debata as motivações, interesses e usos das pesquisas científicas..20
2013 - Tempo é dinheiro, porque deve ser empregado em produzir riqueza, ou não pode ser resumido ao dinheiro, porque isso é uma brutalidade?............21
2012 - É possível, para a juventude de hoje, alterar o futuro?..........................22
2011 - A ocorrência, ou não, de um empobrecimento das formas atuais de comunicação entre as pessoas...23

Olá Estudante, Somos a Agatha Edu.

O nosso **Projeto Agatha Edu** começou em 2017 durante o período do meu curso técnico, no início era um projeto para estudo, porém com o tempo o site foi evoluído, e percebi que estava resolvendo problemas de outros estudantes. Hoje estamos no Telegram, YouTube, Instagram e Facebook, oferecendo a nossa contribuição para estudantes de menor renda.

No começo eramos um **blog para ensinar estudar**, assim como **indicar aplicativos para estudantes**, e hoje podemos nos orgulhar de oferecer **gratuitamente bancos de questões e redações** para o Enem e Vestibulares, além de diversos **cronogramas online**, além de outras coisas legais.

Quando estava no técnico, e no ano passado quando entrei na faculdade, tive apoio de muitas **pessoas incríveis,** pessoas estas que são responsáveis em parte por estamos aqui. Não é possível citar todos os nomes, então um **muito obrigado a todos**.

Ano passado nós tornamos um ***startup* de impacto social**, um passo inicial na busca do nosso sonho de impactar na vida de milhões de pessoas.

Esse é mais um material que faz parte do lançamento nossa plataforma de correções e monitorias de redação, onde **conectamos corretores e estudantes**, oferecendo **mais renda para os corretores** que outras plataformas, e **correções de qualidade a preço justo para estudantes**.

Esperamos que esse material gratuito, assim como todos seja de grande valia para a sua vida. ♥

Como funciona a redação da UERJ?

No Vestibular Estadual 2019, o tema da Redação será uma questão polêmica levantada pelo romance O seminarista, de Rubem Fonseca.

Nessa prova, o candidato deve redigir uma dissertação em linguagem formal, com o mínimo de 20 e o máximo de 30 linhas, sabendo que não deve fazer nem um resumo, nem uma resenha do romance. O foco da redação é a discussão do problema apresentado.

A prova de Redação dá prioridade à capacidade de argumentação do candidato, entendendo-a como um importante requisito da vida acadêmica, quer pela articulação de informações e ideias, quer pelo exercício de recursos expositivos e persuasivos da linguagem.

Na Redação, serão avaliados:

A habilidade de leitura e interpretação para a reconstrução de textos em diversos níveis

O domínio do gênero “dissertação”,

A construção da argumentação

Emprego de formas

Estruturas linguísticas de acordo com a norma padrão.

Redações passadas da UERJ

2020 – O que leva pessoas, em condições semelhantes às de Fabiano, a se considerarem inferiores às demais?

2019 - É justificável cometer um crime para vingar outro crime? o que leva pessoas, em condições semelhantes às de Fabiano, a se considerarem inferiores às demais?

2018 – A verdade pode ser estabelecida com base em uma única perspectiva?

2017 – Cidade maravilhosa – para quem?

2016 – A necessidade de conhecer experiências históricas de violência e opressão, para a construção de uma sociedade mais democrática

2015 – "É preciso levar em conta a leitura de literatura para avaliar a formação e os valores de uma pessoa?"

2014 – "A necessidade de que a sociedade conheça e debata as motivações, interesses e usos das pesquisas científicas"

2013 – "Tempo é dinheiro, porque deve ser empregado em produzir riqueza, ou não pode ser resumido ao dinheiro, porque isso é uma brutalidade?"

2012 – Relação do homem, especialmente a juventude, com o futuro. Responder a questão "É possível, para a juventude de hoje, alterar o futuro?"

2011 – "A ocorrência, ou não, de um empobrecimento das formas atuais de comunicação entre as pessoas"

2020 - O que leva pessoas, em condições semelhantes às de Fabiano, a se considerarem inferiores às demais?

Texto 1

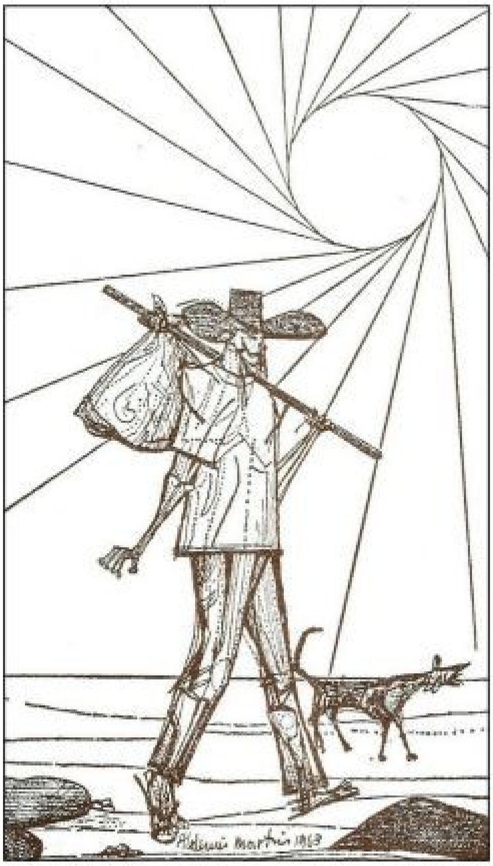

Ilustração de Aldemir Martins para o personagem Fabiano

Disponível em: blogletras.com

Em Vidas secas, de Graciliano Ramos, o personagem Fabiano se submete voluntariamente a outros, como o patrão e o soldado amarelo. Com pensamentos e atitudes reveladores de sua servidão voluntária, Fabiano vê a si mesmo como um bicho, e não como homem.

PROPOSTA DE REDAÇÃO

A partir da leitura do romance, escreva uma redação dissertativo-argumentativa, com 20 a 30 linhas, em que discuta a seguinte questão: **O que leva pessoas, em condições semelhantes às de Fabiano, a se considerarem inferiores às demais?** Seu texto deve atender à norma-padrão da língua portuguesa, conter um título, além de ser inteiramente escrito com caneta, sem apresentar qualquer identificação.

2019 - É justificável cometer um crime para vingar outro crime?

“O primeiro que matei foi o porteiro que quis impedir a minha entrada sacando uma arma da cintura. Escondi o cara atrás do balcão, peguei o elevador. Bati no apartamento do Ziff e matei o cara que abriu a porta. Fui entrando pela casa e matando tudo o que se mexia na minha frente, acho até que matei um cachorro, um papagaio e um peixinho dourado dentro de um aquário”.

O romance **O seminarista**, de Rubem Fonseca, traz como protagonista um matador de aluguel contando em primeira pessoa suas paixões, seus problemas e os assassinatos que cometeu. Depois de sua namorada ser morta por outro matador, ele procura vingança à sua maneira, como se vê no trecho acima.
A partir da leitura do romance, é possível pensar sobre a seguinte questão:

É justificável cometer um crime para vingar outro crime?
Escreva uma redação argumentativo-dissertativa, em prosa, com 20 a 30 linhas, discutindo essa questão. Utilize a norma-padrão da língua portuguesa e atribua um título à sua redação, que deve ser escrita inteiramente com caneta e não deve ser assinada.

2018 - A verdade pode ser estabelecida com base em uma única perspectiva?

Eu era advogado de algumas casas ricas, e os processos vinham chegando.

Escobar contrubuíra muito para as minhas estreias no foro. Interveio com um advogado célebre para que me admitisse à sua banca, e arranjou-me algumas procurações, tudo espontaneamente.

Capítulo IV

No trecho acima, do romance Dom Casmurro, de Machado de Assis, Bento Santiago, o narrador-personagem, fala sobre sua profissão. O leitor, porém, não tem notícia de qualquer processo em que ele tenha atuado, se ganhou alguma causa, se perdeu. Entretanto, todo o romance pode ser compreendido como um longo Auto de Acusação que Bento move contra sua esposa, Capitolina Santiago, a Capitu, por adultério.

Atuando como promotor e juiz ao mesmo tempo, Bento considera Capitu culpada e a condena ao exílio na Europa até o dia de sua morte. Nesse processo, ela não tem direito à defesa, nem mesmo à voz. Sua versão dos acontecimentos não é apresentada.

A partir da leitura do romance, é possível refletir sobre o seguinte problema que faz parte do nosso cotidiano: "A verdade pode ser estabelecida com base em uma única perspectiva?"

Instruções:

1. Escreva uma redação argumentativo-dissertativa, em prosa, com 20 a 30 linhas, discutindo esse problema.

2. Utilize a norma-padrão da língua portuguesa e atribua um título à sua redação, que deve ser escrita inteiramente com caneta e não deve ser assinada.

2017 - Cidade maravilhosa – para quem?

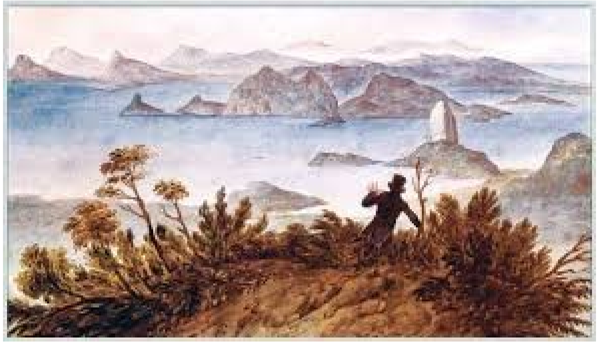

No quadro de Augustus Earle, pintado em 1822, percebe-se o espanto do personagem de cartola com a beleza do Rio de Janeiro de então. No entanto, a expressão “cidade maravilhosa”, para designar a cidade do Rio de Janeiro, surgiria nos jornais apenas por volta do ano de 1900.

Em 1994, o jornalista Zuenir Ventura publicou o livro Cidade partida, com sua reportagem sobre a vida de moradores da favela de Vigário Geral, palco de uma chacina no ano anterior. Na introdução ao livro, ele diz: “na verdade, durante este século, desde a reforma de Pereira Passos e passando pelos planos Agache e Doxiadis, a opção foi sempre pela separação, senão pela simples segregação. A cidade civilizou-se e modernizou-se expulsando para os morros e periferias seus cidadãos de segunda classe. O resultado dessa política foi uma cidade partida”

Com base na imagem, nos textos desta prova e em suas reflexões, escreva uma redação argumentativo-dissertativa, em prosa, com 20 a 30 linhas, sobre o seguinte tema:

Cidade maravilhosa – para quem?
Utilize a norma-padrão da língua e atribua um título à redação, que deve ser escritainteiramente com caneta e não deve ser assinada

2016 - A necessidade de conhecer experiências históricas de violência e opressão, para a construção de uma sociedade mais democrática

No final da guerra, observou-se que os combatentes voltavam mudos do campo de batalha, não mais ricos, e sim mais pobres em experiência comunicável. E o que se difundiu dez anos depois, na enxurrada de livros sobre a guerra, nada tinha em comum com uma experiência transmitida de boca em boca.

Walter Benjamin Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994.

No trecho acima, o escritor Walter Benjamin aborda a dificuldade de expressar experiências desumanizadoras, como as vividas em uma guerra. Em diversos países, ações de resgate da memória de vítimas de guerras, ditaduras e processos de dominação, indicam uma percepção da importância de transmitir essas experiências à sociedade.

No Brasil, o lema divulgado no Dia Internacional do Direito à Verdade também sugere uma forma de lidarcom o passado, em direção ao futuro.

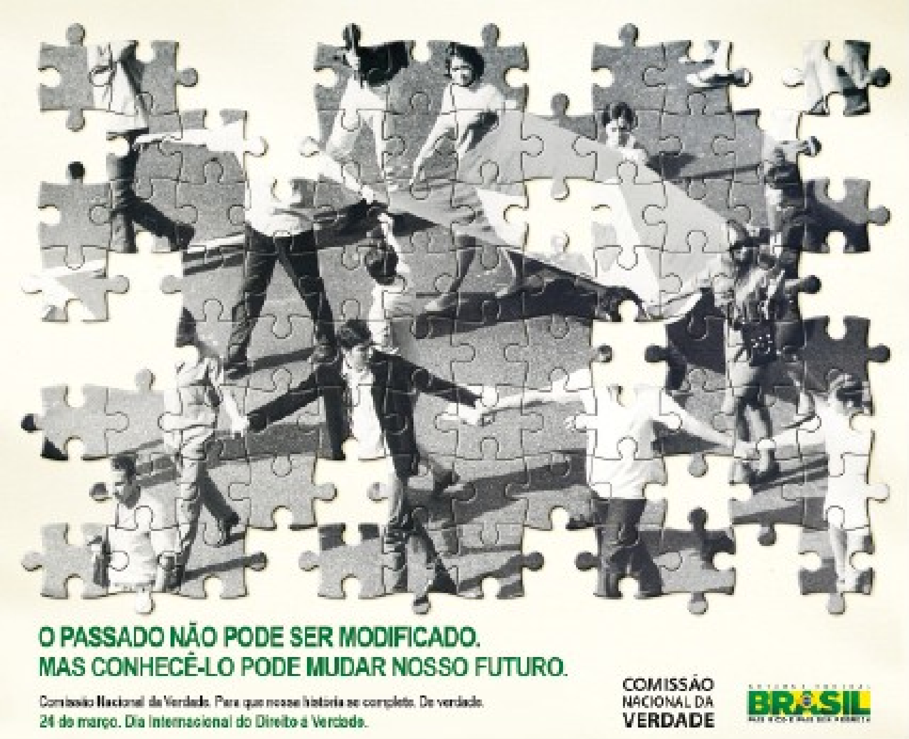
O PASSADO NÃO PODE SER MODIFICADO.
MAS CONHECÊ-LO PODE MUDAR NOSSO FUTURO.
Comissão Nacional da Verdade. Para que nossa história se complete. De verdade.
24 de março. Dia Internacional do Direito à Verdade.
COMISSÃO NACIONAL DA VERDADE
BRASIL

cnv.gov.br

A partir da leitura do conjunto dos textos desta prova e de suas próprias reflexões, redija um texto argumentativo-dissertativo, em prosa, com 20 a 30 linhas, em que apresente seu posicionamento acerca da "necessidade de conhecer experiências históricas de violência e opressão, para a construção de uma sociedade mais democrática". Utilize a norma-padrão da língua e atribua um título à sua redação.

Utilize a norma-padrão da língua e atribua um título à sua redação.

2015 - A necessidade de que a sociedade conheça e debata as motivações, interesses e usos das pesquisas científicas

Texto I

O DIREITO À LITERATURA

Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações.

Vista deste modo, a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação*. Assim como todos sonham todas as noites, ninguém é capaz de passar as vinte e quatro horas do dia sem alguns momentos de entrega ao universo fabulado. O sonho assegura durante o sono a presença indispensável deste universo, independentemente da nossa vontade. E durante a vigília a criação ficcional está presente em cada um de nós, como anedota, história em quadrinhos, noticiário policial, canção popular. Ela se manifesta desde o devaneio no ônibus até a atenção fixada na novela de televisão ou na leitura seguida de um romance.

Ora, se ninguém pode passar vinte e quatro horas sem mergulhar no universo da ficção e da poesia, a literatura concebida no sentido amplo a que me referi parece corresponder a uma necessidade universal, que precisa ser satisfeita e cuja satisfação constitui um direito.

Podemos dizer que a literatura é o sonho acordado das civilizações. Portanto, assim como não é possível haver equilíbrio psíquico sem o sonho durante o sono, talvez não haja equilíbrio social sem a literatura. Deste modo, ela é fator indispensável de humanização e, sendo assim, confirma o homem na sua humanidade, inclusive porque atua em grande parte no subconsciente e no inconsciente.

Cada sociedade cria as suas manifestações ficcionais, poéticas e dramáticas de acordo com os seus impulsos, as suas crenças, os seus sentimentos, as suas normas, a fim de fortalecer em cada um a presença e atuação deles. Por isso é que nas nossas sociedades a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo.

Antonio Candido

Adaptado de Vários escritos. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

Texto II

O PRIMO BASÍLIO

Ia encontrar Basílio no Paraíso pela primeira vez. E estava muito nervosa: não pudera dominar, desde pela manhã, um medo indefinido que lhe fizera pôr um véu muito espesso, e bater o coração ao encontrar Sebastião. Mas ao mesmo tempo uma curiosidade intensa, múltipla, impelia-a, com um estremecimentozinho de prazer. − Ia, enfim, ter ela própria aquela aventura que lera tantas vezes nos romances amorosos! Era uma forma nova do amor que ia experimentar, sensações excepcionais! Havia tudo − a casinha misteriosa, o segredo ilegítimo, todas as palpitações do perigo! Porque o aparato impressionava-a mais que o sentimento; e a casa em si interessava-a, atraía-a mais que Basílio! Como seria? (...) Desejaria antes que fosse no campo, numa quinta1, com arvoredos murmurosos e relvas fofas; passeariam então, com as mãos enlaçadas, num silêncio poético; e depois o som da água que cai nas bacias de pedra daria um ritmo lânguido2 aos sonhos amorosos... Mas era num terceiro andar − quem sabe como seria dentro? (...)

E ao descer o Chiado3 , sentia uma sensação deliciosa em ser assim levada rapidamente para o seu amante, e mesmo olhava com certo desdém os que passavam, no movimento da vida trivial − enquanto ela ia para uma hora tão romanesca da vida amorosa! (...) Imaginava Basílio esperando-a estendido num divã de seda; e quase receava que a sua simplicidade burguesa, pouco experiente, não achasse palavras bastante finas ou carícias bastante exaltadas. Ele devia ter conhecido mulheres tão belas, tão ricas, tão educadas no amor! Desejava chegar num cupê4 seu, com rendas de centos de mil-réis, e ditos tão espirituosos como um livro...

A carruagem parou ao pé duma casa amarelada, com uma portinha pequena. Logo à entrada um cheiro mole e salobre enojou-a. A escada, de degraus gastos, subia ingrememente, apertada entre paredes onde a cal caía, e a umidade fizera nódoas6 . No patamar da sobreloja, uma janela com um gradeadozinho de arame, parda do pó acumulado, coberta de teias de aranha, coava a luz suja do saguão. E por trás duma portinha, ao lado, sentia-se o ranger dum berço, o chorar doloroso duma criança. (...)

Luísa viu logo, ao fundo, uma cama de ferro com uma colcha amarelada, feita de remendos juntos de chitas diferentes; e os lençóis grossos, dum branco encardido e mal lavado, estavam impudicamente7 entreabertos...

Eça de Queirós

Obras de Eça de Queiroz. Porto: Lello& Irmão, s/d.

Glossário:

1 quinta – pequena propriedade campestre

2 lânguido – sensual

3 Chiado – bairro de Lisboa

4 cupê – antiga carruagem fechada

5 salobre – salgado

6 nódoas – manchas

7 impudicamente – sem pudor

TEXTO III

QUAL ROMANCE VOCÊ ESTÁ LENDO?

Sempre pensei que fosse sábio desconfiar de quem não lê literatura. Ler ou não ler romances é para mim um critério. Quer saber se tal político merece seu voto? Verifique se ele lê literatura. Quer escolher um psicanalista ou um psicoterapeuta? Mesma sugestão. E, cuidado, o hábito de ler, em geral, pode ser melhor do que o de não ler, mas não me basta: o critério que vale para mim é ler especificamente literatura – ficção literária.

Você dirá que estou apenas exigindo dos outros que eles sejam parecidos comigo. E eu teria de concordar, salvo que acabo de aprender que minha confiança nos leitores de ficção literária é justificada. Algo que eu acreditava intuitivamente foi confirmado em pesquisa que acaba de ser publicada pela revista Science, “Reading literaryfiction improves theoryofmind” [Ler ficção literária melhora a teoria da mente], de David C. Kidd e EmanueleCastano.

Kidd e Castano aplicaram esses testes em diferentes grupos, criados a partir de uma amostra homogênea: 1) um grupo que acabava de ler trechos de ficção literária, 2) um grupo que acabava de ler trechos de não ficção, 3) um grupo que acabava de ler trechos de ficção popular, 4) um grupo que não lera nada. Conclusão: os leitores de ficção literária enxergam melhor a complexidade do outro e, com isso, podem aumentar sua empatia e seu respeito pela diferença de seus semelhantes. Com um pouco de otimismo, seria possível apostar que ler literatura seja um jeito de se precaver contra sociopatia e psicopatia*.

A pesquisa mede o efeito imediato da leitura de trechos literários. Não sabemos se existem efeitos cumulativos da leitura passada: o que importa não é se você leu, mas se está lendo. A pesquisa constata também que a ficção popular não tem o mesmo efeito da literária. A diferença é explicada assim: a leitura de ficção literária nos mobiliza para entender a experiência das personagens. Segundo os pesquisadores, “contrariamente à ficção literária, a ficção popular tende a retratar o mundo e as personagens como internamente consistentes e previsíveis. Ela pode confirmar as expectativas do leitor em vez de promover o trabalho de sua teoria da mente”.

Na próxima vez em que eu for chamado a sabatinar um candidato a um emprego, não me esquecerei de perguntar: qual é o romance que você está lendo?

ContardoCalligaris

Adaptado de www1.folha.uol.com.br.

Glossário:

*sociopatia e psicopatia – doenças psicológicas caracterizadas pelo comportamento antissocial

PROPOSTA DE REDAÇÃO: O psicanalista ContardoCalligaris defende que se avalie o valor de uma pessoa, um político ou um profissional, verificando se eles leem literatura.

A partir da leitura do conjunto dos textos desta prova e de suas próprias reflexões, redija um texto argumentativo-dissertativo, em prosa, com 20 a 30 linhas, em que apresente seu posicionamento acerca do ponto de vista defendido por Calligaris, ou seja, de que é preciso levar em conta a leitura de literatura para avaliar a formação e os valores de uma pessoa.

Utilize a norma-padrão da língua e atribua um título à sua redação.

2014 - A necessidade de que a sociedade conheça e debata as motivações, interesses e usos das pesquisas científicas

Ciência na educação popular

Há uma dimensão ética da divulgação científica na qual eu gostaria de me deter: a circulação das ideias e dos resultados de pesquisas é fundamental para avaliar o seu impacto social e cultural, como também para recuperar, por meio do livre debate e confronto de ideias, os vínculos e valores culturais que a descoberta do novo, muitas vezes, rompe ou fere. Nesse sentido, a divulgação não é apenas página de literatura, mas exercício de reflexão sobre os impactos sociais e culturais de nossas descobertas.

Os limites das manipulações com seres humanos têm dimensões técnicas e éticas que transcendem os estreitos corredores dos hospitais, dos institutos de pesquisa ou até mesmo dos respeitáveis conselhos de bioética. Informar essa discussão, de modo que os valores novos possam ser pensados e os antigos respeitados, é arte complexa de múltiplas dimensões humanas, científicas e culturais.

Acredito que esse aspecto da divulgação da ciência, uma vez que o público leigo - insisto - também deve ser alcançado, é responsabilidade do cientista e, a meu ver, deveria ser item do financiamento público da própria pesquisa. Dificilmente podemos imaginar que fundos privados, provenientes de empresas interessadas na comercialização dos produtos das pesquisas, investiriam recursos para promover a livre discussão sobre as repercussões éticas das inovações ou descobertas por eles financiadas

Ennio Candotti Adaptado de casadaciencia.ufrj.br

Proposta de redação

No texto acima, o autor trata da necessidade de divulgar ideias e resultados de pesquisas como forma de democratizar, na sociedade, o debate acerca de valores culturais e sociais, de vantagens e de problemas que envolvem todas as pesquisas científicas e seu uso posterior na vida do cidadão comum.

Elabore um texto dissertativo-argumentativo, em prosa, com no mínimo 20 e no máximo 30 linhas, no qual discuta **a necessidade de que a sociedade conheça e debata as motivações, interesses e usos das pesquisas científicas**.
Utilize a norma padrão da língua e atribua um título à sua redação.

2013 - Tempo é dinheiro, porque deve ser empregado em produzir riqueza, ou não pode ser resumido ao dinheiro, porque isso é uma brutalidade?

Texto I

Lembra-te de que tempo é dinheiro. Aquele que pode ganhar dez xelins* por dia com seu trabalho e vai passear, ou fica vadiando metade do dia, embora não despenda mais do que seis pence durante seu divertimento ou vadiação, não deve computar apenas essa despesa; gastou, na realidade, ou melhor, jogou fora, cinco xelins a mais. (...) Aquele que perde cinco xelins, não perde somente esta soma, mas todo o proveito que, investindo-a, dela poderia ser tirado, e que durante o tempo em que um jovem se torna velho, integraria uma considerável soma de dinheiro.

BENJAMIN FRANKLIN

* xelim – unidade de moeda equivalente a 12 pence

Fonte: WEBER, Max. Os pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1985

Texto II

Dizemos, com frequência, que fomos atropelados pelos acontecimentos – mas quais acontecimentos têm poder de atropelar o sujeito? Aqueles em direção aos quais ele se precipita, com medo de ser deixado para trás. Deixamo-nos atropelar, em nossa sociedade competitiva, porque medimos o valor do tempo pelo dinheiro que ele pode nos render. Nesse ponto remeto o leitor, mais uma vez, à palavra exata do professor Antonio Candido: “O capitalismo é o senhor do tempo. Mas tempo não é dinheiro. Isso é uma brutalidade. O tempo é o tecido de nossas vidas”. A velocidade normal da vida contemporânea não nos permite parar para ver o que atropelamos; torna as coisas passageiras, irrelevantes, supérfluas.

Fonte: MARIA RITA KEHL, mariaritakehl.psc.br

Instruções: Os textos I e II apresentam posições opostas sobre a relação com o tempo: para o primeiro, tempo é dinheiro, porque deve ser empregado em produzir riqueza; para o segundo, tempo não pode ser resumido ao dinheiro, porque isso é uma brutalidade. Com base na leitura de todos os textos e de suas elaborações pessoais sobre o tema, escolha uma das duas posições e a defenda, redigindo um texto argumentativo em prosa, com no mínimo 20 e no máximo 30 linhas. Utilize a norma padrão da língua e atribua um título a sua redação.

2012 - É possível, para a juventude de hoje, alterar o futuro?

Leia atentamente o texto abaixo:

Há uma diferença entre esses movimentos de jovens educados nos países do Ocidente, onde, em geral, toda a juventude é fenômeno de minoria, e movimentos similares de jovens em países islâmicos e em outros lugares, nos quais a maioria da população tem entre 25 e 30 anos. Nestes países, portanto, muito mais do que na Europa, os movimentos de jovens são politicamente muito mais massivos e podem ter maior impacto político. O impacto adicional na radicalização dos movimentos de juventude acontece porque os jovens hoje, em período de crise econômica, são desproporcionalmente afetados pelo desemprego e, portanto, estão desproporcionalmente insatisfeitos. Mas não se pode adivinhar que rumos tomarão esses movimentos. Mas eles só, eles pelos seus próprios meios, não são capazes de definir o formato da política nacional e todo o futuro. De qualquer modo, devo dizer que está a fazer-me perguntas enquanto historiador, mas sobre o futuro. Infelizmente, os historiadores sabem tanto sobre o futuro quanto qualquer outra pessoa. Por isso, as minhas previsões não são fundadas em nenhuma especial vocação que eu tenha para prever o futuro.

Fonte: http://historica.me

Instruções: A fala do historiador Eric Hobsbawn também apresenta uma reflexão sobre o futuro e suas possibilidades, relacionando o tema à ação da juventude, tradicionalmente considerada o futuro próximo das sociedades. A partir da leitura do texto e de suas elaborações pessoais sobre o tema, redija um texto argumentativo em prosa, com no mínimo 20 e no máximo 30 linhas, em que discuta a seguinte questão: "É possível, para a juventude de hoje, alterar o futuro?" Utilize o registro padrão da língua e atribua um título ao seu texto.

2011 - A ocorrência, ou não, de um empobrecimento das formas atuais de comunicação entre as pessoas

Leia atentamente o texto abaixo:

Em entrevista dada ao Diário Digital, o escritor português José Saramago critica o meio de comunicação virtual conhecido como Twitter*.

Diário Digital: O senhor acompanha o fenômeno Twitter? Acredita que a concisão de se expressar em 140 caracteres tem algum valor? Já pensou em abrir uma conta no site?

José Saramago: Nem sequer é pra mim uma tentação de neófito. Os tais 140 caracteres refletem algo que já conhecíamos: a tendência para o monossílabo como forma de comunicação. De grau em grau, vamos descendo até o grunhido.

*Twitter (pronuncia-se "tuíter") : rede social virtual, criada em 2007 por Jack Dorsey, que permite aos usuários enviar e receber textos com o máximo de 140 caracteres, conhecidos como tweets.

Fonte: http://oglobo.globo.com

Instrução: A partir da leitura do texto e de suas reflexões pessoais, redija um texto argumentativo com no mínimo 20 e no máximo 30 linhas, em que desenvolva a sua opinião acerca da "ocorrência, ou não, de um empobrecimento das formas atuais de comunicação entre as pessoas".

Utilize o registro padrão da língua e atribua um título ao seu texto.

Conheça a nossa plataforma de correções e monitorias para redações estilo Enem e vestibulares.

Ao se cadastrar você já tem acesso ao material de apoio. Se gostar basta adquirir um pacote, nós temos para todos os bolsos.

Ao adquirir um pacote você está impactando diretamente na vida de diversos corretores.

Somos a única plataforma que dá mais de 90% do valor da correção a um corretor. ♥

https://www.projetoagathaedu.com.br/correcao-de-redacoes/

UFRGS
GUIA DE REDAÇÃO

Projeto Agatha Edu

Olá Estudante, Somos a Agatha Edu.

O nosso **Projeto Agatha Edu** começou em 2017 durante o período do meu curso técnico, no início era um projeto para estudo, porém com o tempo o site foi evoluído, e percebi que estava resolvendo problemas de outros estudantes. Hoje estamos no Telegram, YouTube, Instagram e Facebook, oferecendo a nossa contribuição para estudantes de menor renda.

No começo eramos um **blog para ensinar estudar**, assim como **indicar aplicativos para estudantes**, e hoje podemos nos orgulhar de oferecer **gratuitamente bancos de questões e redações** para o Enem e Vestibulares, além de diversos **cronogramas online**, além de outras coisas legais.

Quando estava no técnico, e no ano passado quando entrei na faculdade, tive apoio de muitas **pessoas incríveis,** pessoas estas que são responsáveis em parte por estamos aqui. Não é possível citar todos os nomes, então um **muito obrigado a todos**.

Ano passado nós tornamos um ***startup* de impacto social**, um passo inicial na busca do nosso sonho de impactar na vida de milhões de pessoas.

Esse é mais um material que faz parte do lançamento nossa plataforma de correções e monitorias de redação, onde **conectamos corretores e estudantes**, oferecendo **mais renda para os corretores** que outras plataformas, e **correções de qualidade a preço justo para estudantes**.

Esperamos que esse material gratuito, assim como todos seja de grande valia para a sua vida. ♥

Índice

Como funciona a redação da UFRGS?........6
  Abordagem do tema........6
  Definição do ponto de vista........6
  Contextualização do assunto........6
  Estruturação........6
  Linguagem........7
 Lista dos temas das redações passadas da UFRGS de 2008 a 2019........8
  2020 - A Respeito da Música Brasileira........9
  UFRGS 2019 – Maturidade........15
  UFRGS 2018 - Pai da pátria........17
  UFRGS 2017 - Estilo........21
  UFRGS 2016 - Livros Hoje........24
  UFRGS 2015 - Amizades Hoje........27
  UFRGS 2014 - O Meu Clássico........29
  UFRGS 2013 - Papel e Limites Do Humor........32
  UFRGS 2012 - Adamastores da Língua........35
  UFRGS 2011 - Profissão Docente........39
  UFRGS 2010 - Incivilidades e Infrações........42
 Redação Nota Máxima........45
  Um mundo de cegos - Clarissa Both Pinto........45

Como funciona a redação da UFRGS?

Na prova de Redação são pressupostas habilidades que vão da compreensão à expressão articulada das ideias acerca do temaformulado. O propósito, aqui, é o de aferir a competência comunicativa do candidato, manifestada através de uma redação de caráter dissertativo. Para tanto, é imprescindível que a redação contenha os aspectos detalhados a seguir.

Abordagem do tema

A redação produzida tem de evidenciar a compreensão adequada do tema proposto e atender às orientações que vêm enunciadas na prova de Redação.

Definição do ponto de vista

O posicionamento diante do tema proposto é assegurado pelo ponto de vista estabelecido para a redação. O ponto de vista deve indicar o rumo da reflexão inerente a um texto de caráter dissertativo.

Contextualização do assunto

Reflexão articulada sobre dados da realidade, referências a fontes de informação diversificadas, citações, paráfrases e/ou alusões respondem pela abrangência de uma redação de natureza dissertativa.

Estruturação

A divisão hierárquica das partes que compõem o texto e a organização de frases e parágrafos asseguram a estruturação interna e externa, conferindo progressão e unidade à redação.

Linguagem

A expressão linguística pressupõe: seleção e utilização adequada, conveniente e apropriada do vocabulário, dos processos de coordenação e subordinação, dos recursos de pontuação, das estruturas de língua escrita padrão e das convenções ortográficas.

Para a elaboração do texto dissertativo, é importante que o candidato compreenda que, para qualquer tema proposto, são várias as possibilidades de abordagem.

Cabe a ele ponderar e discernir acerca daquela que lhe pareça a mais adequada e que lhe dê melhores condições com vistas à elaboração de uma redação com as características especificadas, levando em conta as circunstâncias que envolvem o ato de produção.

Considerando que todo texto instaura uma situação comunicativa – um contato entre o autor e o leitor através da escrita – e que, no caso específico da prova de Redação, se trata de situação em que os sujeitos que escrevem e os sujeito que avaliam a redação se desconhecem e, portanto, não partilham do mesmo contexto interacional, o exame criterioso dos aspectos que envolvem o tema proposto assume significação especial.

Impõe-se a necessidade de o candidato refletir, fazer associações, estabelecer um ponto de vista que possa sustentar ao longo do texto, observando as recomendações, a fim de que a comunicação, por meio desse processo de escritura, se estabeleça com eficácia.

Lista dos temas das redações passadas da UFRGS de 2008 a 2019

2020 – A Respeito da Música Brasileira

2019 – Maturidade

2018 – Pai da pátria

2017 – Estilo

2016 – Livros Hoje

2015 – Amizades Hoje

2014 – O Meu Clássico

2013 – Papel e Limites Do Humor

2012 – Adamastores da Língua

2011 – Profissão Docente

2010 – Incivilidades e Infrações

2020 - A Respeito da Música Brasileira

Leia, abaixo, o texto escrito pelo jornalista Leonardo Lichote e publicado no Jornal "O Globo", em fevereiro de 2018.

Críticas a 'Que tiro foi esse?' e outras canções levantam a questão: a música brasileira está pior?

Há alguns dias, um texto (erradamente) atribuído a Arnaldo Jabor circulou pela internet atacando a qualidade da música que se ouve hoje no Brasil. Partindo do refrão do sucesso "Que tiro foi esse?", de Jojo Todynho, o artigo trazia frases como "Que tiro foi esse? Que acertou os tímpanos do nosso povo, fazendo-os ouvir lixo achando que é música".

O cantor e compositor Jorge Vercillo foi um dos que compartilharam a história em seu perfil no Facebook. Em dezembro, Lulu Santos, observador atento há décadas da música das periferias, que costuma trazer pra perto de sua própria produção, já havia soltado um comentário do mesmo teor no Twitter: "Caramba! É tanta bunda, polpa, bumbum granada e tabaca que a impressão que dá é que a MPB regrediu pra fase anal. Eu, hein?".

Os hits são novos, mas a polêmica é antiga. Veja a pancada a seguir: "é a mais baixa, a mais chula, a mais grosseira de todas as danças selvagens". Acha que é sobre lambada? Dança da garrafa? Funk? Longe disso - e por muitas décadas. Foi assim que o "Diário do Congresso Nacional" de 8 de novembro de 1914 reagiu a uma música de Chiquinha Gonzaga, "Gaúcho", famosa como "Corta-jaca". Esse é um de muitos exemplos de artistas que já foram atacados e (em algum nível) acabaram legitimados e aceitos pela nobreza da MPB ou pela academia. Os exemplos passam por Pixinguinha, Luiz Gonzaga, E o Tchan. E nem a bossa nova escapou. Foi chamada de mera cópia da música americana por Tinhorão.

- Por trás dessas reações está sempre o mesmo princípio: o preconceito. Mas não tem como. Tudo isso representa a música brasileira - diz Ney Matogrosso. - O funk, sim, é calcado na estética americana, e essa talvez seja minha única crítica. Mas o ritmo, eu adoro. Quanto ao aspecto sexual, não vejo problema. A umbigada vem lá dos escravos, né? É o tal negócio: se não gosta, come menos; se não se interessa, não ouve.

Fred Coelho, professor de Literatura da PUC-Rio, vai ainda mais fundo ao investigar o traço (racial, moral, social) que atravessa essas críticas há mais de um século. Ele explica que a leitura que se fazia dos artistas era determinada pelas origens deles: "músicos de favelas", "de classe média", "nordestinos", "urbanos", "caipiras".

- Nas últimas décadas, tais marcações foram deslocadas para temas mais políticos. As favelas tornam-se periferias tecnológicas globalizadas, caipiras dominam as paradas com as variações do sertanejo e músicos regionais produzem do tecnobrega e da guitarrada paraense ao som primoroso de Siba ou da rabeca da Thomas Rohrer.

Só a música de clásse média - a canção popular radiofônica dos anos 1980 e 90 - permanece no mesmo lugar, segundo Coelho. E esse talvez seja um dos motivos das críticas, do estranhamento entre quem está estabelecido e quem chega como novidade. Uma dinâmica que pode até vir a ter efeitos positivos:

- A saída, talvez, seja entender que essa dinâmica faz com que parte do público ouça, sem distinção, Mr. Catra, Luan Santanna, Pabllo Vittar, Zeca Pagodinho e, certamente, Luíu Santos. Pode ser um aprendizado ver como um músico que é pura história da canção sofisticada brasileira, como Chico Buarque, comentou esse quadro em "Caravanas".

O compositor João Cavalcanti concorda que há uma lógica de disputa, pontuada pelo moralismo. E compara:

- Se o ataque fosse à simplicidade das canções, atacariam Caymmi por dizer "se fizer bom tempo amanhã eu vou/ mas se por exemplo chover não vou". É um ciclo tão previsível que o próprio criticado de ontem vira o crítico da vez - diz ele, lembrando que tanto Lulu quanto Vercillo já apanharam por fazerem sucesso.

Não que seja o caso de aderir de forma irrestrita a tudo o que vira virai, pondera Cavalcanti:

- Também me incomodo com determinadas repetições, fórmulas. E tenho certo bode do discurso que diz que algo é maravilhoso só porque é popular. Mas não posso usar meu gosto para dizer o que serve ou não ao povo.

No centro de tudo, ele aposta, está a dificuldade de compreensão do outro:

- Tem menos a ver com a qualidade em si do que com uma dificuldade de entendimento dos mundos diferentes que convivem num mesmo país.

(Os artistas populares) não precisam do aval de ninguém, a não ser desse público. Quanto tempo vão durar? Vai saber ... '

A radialista Patricia Palumbo, do "Vozes do Brasil", se afina na mesma percepção:

- Se é cultura de massa que o artista almeja, ele tem que ir atrás das massas, traduzir o que pensa e como vive esse público que não lê os clássicos, não vai a concertos, não foi ao cinema e muitas vezes nem à escola. É um desafio.

A Tropicália, que deu régua e compasso para que muito da música de origem popular fosse legitimada, era uma tentativa de diálogo com essa produção - fosse o pop internacional, fosse a música radiofônica ou das ruas do Brasil profundo. E sentiu os efeitos disso, recorda Tom Zé:

- Minha tia dizia que a gente não fazia música, fazia ritmo. Fico imaginando o que ela diria de MC Loma (do hit "Envolvimento''), que ouvi outro dia e achei muito simpática - ri o tropicalista.

Os donos dos hits seguem alheios ao debate, nota Zélia Duncan:

- Os sertanejos vivem num universo que nem alcançamos. Possuem aviões e plateias que enchem estádios, vários dias por semana. Não precisam do aval de ninguém, a não ser desse público. Quanto tempo vão durar? Vai saber. ..

Adriana Calcanhotto, que apanhou ao gravar Claudinho & Buchecha, não arrisca previsão, mas amarra a discussão citando um samba, com ar clássico, de outro tropicalista:

- Parece que "desde que o samba é samba é assim".

Disponível em: https: / / oglobo.globo.com/ cultura/ musica/ criticas-que-tiro-foi-esse-outrascancoes-levantam-questao-musica-brasileira-esta-pior-22406901. Acesso em: 20 out. 2019.

O texto acima discute uma das principais formas de expressão da cultura brasileira: a música. Já no título, é apresentada a grande pergunta que conduz a elaboração de sua linha argumentativa: "a música brasileira está pior?".

Para responder a tal indagação, Leonardo Lichote vale-se da história da recepção da música pela crítica especializada, de testemunhos de artistas e da indicação de vários exemplos. A partir disso, ele faz o leitor compreender os motivos que o levam a expor um ponto de vista acerca da questão.

Sem dúvida, o assunto é controverso e o texto não ignora isso!

Evidentemente, é fácil encontrar quem concorde com a perspectiva assumida pelo jornalista e também quem dela discorde. E isso não deve causar nenhum espanto, pois, quando se aborda um tema que está presente no cotidiano de todos - como é obviamente o caso da música brasileira -, é comum encontrar múltiplas opiniões e quem as defenda com afinco.

Com certeza, você, após a leitura do texto, também formulou uma opinião acerca das ideias nele contidas.

Assim, considere que você decidiu apresentar ao jornalista a sua visão a respeito do que leu. Para tanto, você deverá escrever um texto a ser enviado ao jornal, que poderá publicá-lo na sessão "Opinião do Leitor".

Observe que é muito importante que, em seu texto, as ideias estejam expressas com clareza, para que os demais leitores do jornal possam compreendê-las e, com elas, concordar ou não. Aliás, é fundamental que você também lembre que o jornalista certamente vai ler o seu texto.

Em resumo, você deverá escrever um texto dissertativo que apresente o seu ponto de vista acerca das ideias, veiculadas pelo texto do jornalista,

A respeito da música brasileira.

Para tanto, você deve:

A) escolher uma ou mais ideias do texto, defendê-la(s) e/ou contestá-la(s);

B) apresentar argumentos que justifiquem a sua opinião a respeito dessas ideias, utilizando, se for o caso, os próprios exemplos dados pelo jornalista.

O importante é que você explicite claramente o que pensa sobre as ideias presentes no texto de Leonardo Lichote.

Bom trabalho!

Instruções:

A versão final do seu texto deve:

1 - conter um título na linha destinada a esse fim;

2 - ter a extensão mínima de 30 linhas, excluído o título - aquém disso, seu texto não será avaliado -, e máxima de 50 linhas. Segmentos emendados, ou rasurados, ou repetidos, ou linhas em branco terão esses espaços descontados do cômputo total de linhas;

3 - ser escrita, na folha definitiva, com caneta e em letra legível, de tamanho regular.

UFRGS 2019 – Maturidade

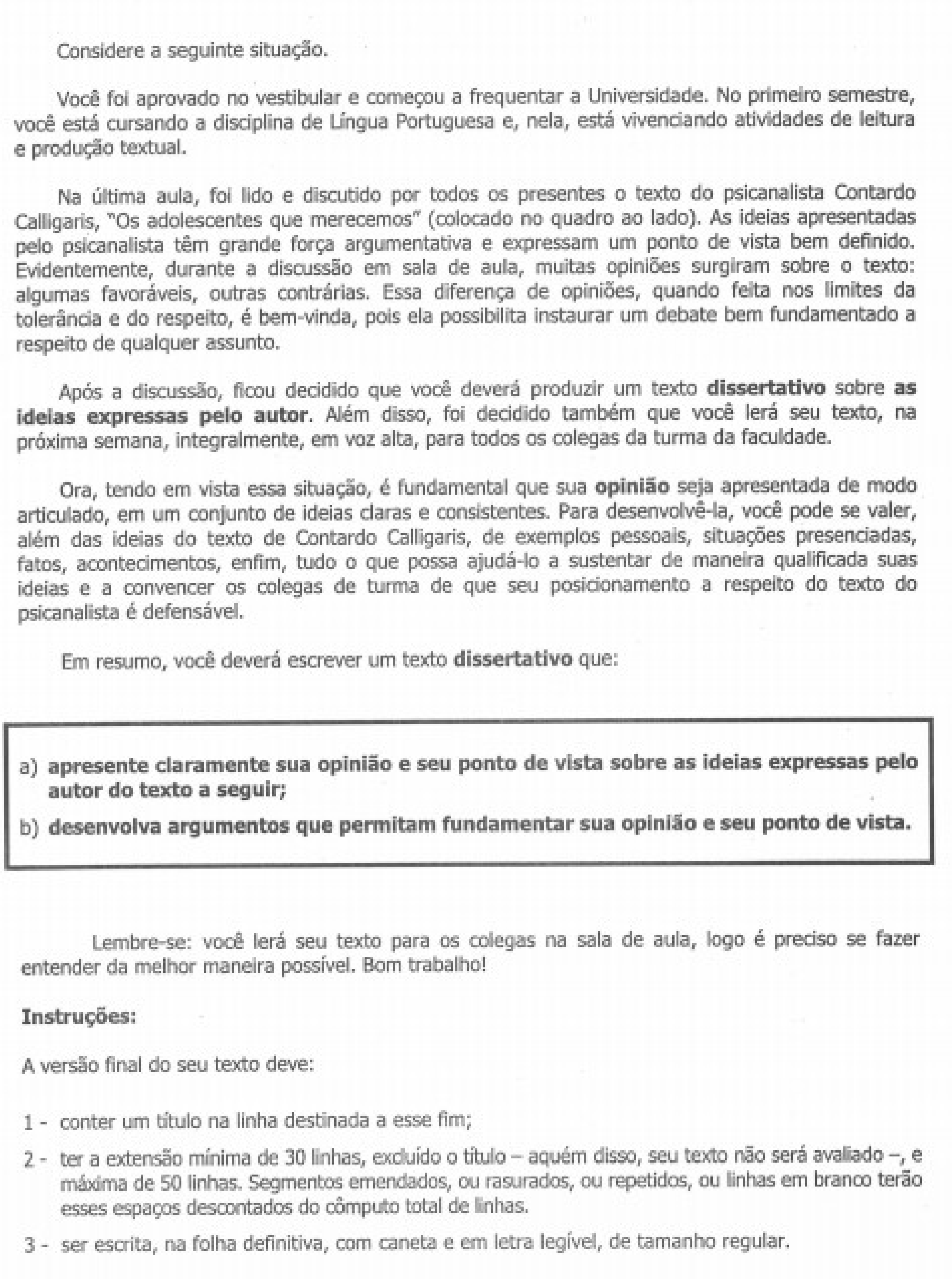

Considere a seguinte situação.

Você foi aprovado no vestibular e começou a frequentar a Universidade. No primeiro semestre, você está cursando a disciplina de Língua Portuguesa e, nela, está vivenciando atividades de leitura e produção textual.

Na última aula, foi lido e discutido por todos os presentes o texto do psicanalista Contardo Calligaris, "Os adolescentes que merecemos" (colocado no quadro ao lado). As ideias apresentadas pelo psicanalista têm grande força argumentativa e expressam um ponto de vista bem definido. Evidentemente, durante a discussão em sala de aula, muitas opiniões surgiram sobre o texto: algumas favoráveis, outras contrárias. Essa diferença de opiniões, quando feita nos limites da tolerância e do respeito, é bem-vinda, pois ela possibilita instaurar um debate bem fundamentado a respeito de qualquer assunto.

Após a discussão, ficou decidido que você deverá produzir um texto **dissertativo** sobre **as ideias expressas pelo autor**. Além disso, foi decidido também que você lerá seu texto, na próxima semana, integralmente, em voz alta, para todos os colegas da turma da faculdade.

Ora, tendo em vista essa situação, é fundamental que sua **opinião** seja apresentada de modo articulado, em um conjunto de ideias claras e consistentes. Para desenvolvê-la, você pode se valer, além das ideias do texto de Contardo Calligaris, de exemplos pessoais, situações presenciadas, fatos, acontecimentos, enfim, tudo o que possa ajudá-lo a sustentar de maneira qualificada suas ideias e a convencer os colegas de turma de que seu posicionamento a respeito do texto do psicanalista é defensável.

Em resumo, você deverá escrever um texto **dissertativo** que:

a) **apresente claramente sua opinião e seu ponto de vista sobre as ideias expressas pelo autor do texto a seguir;**

b) **desenvolva argumentos que permitam fundamentar sua opinião e seu ponto de vista.**

Lembre-se: você lerá seu texto para os colegas na sala de aula, logo é preciso se fazer entender da melhor maneira possível. Bom trabalho!

Instruções:

A versão final do seu texto deve:

1 - conter um título na linha destinada a esse fim;

2 - ter a extensão mínima de 30 linhas, excluído o título – aquém disso, seu texto não será avaliado –, e máxima de 50 linhas. Segmentos emendados, ou rasurados, ou repetidos, ou linhas em branco terão esses espaços descontados do cômputo total de linhas.

3 - ser escrita, na folha definitiva, com caneta e em letra legível, de tamanho regular.

UFRGS 2018 - Pai da pátria

Considere o texto abaixo, da escritora Martha Medeiros, publicado no Jornal Zero Hora, em 12/08/2017.

Pai da pátria

O termo vem do latim pater patriae e simboliza o papel de determinada personalidade na formação da unidade nacional e de sua independência. O nosso Pai da Pátria não é um, mas dois: Dom Pedro I e José Bonifácio. Cada nação tem o seu, que serve de modelo de heroísmo e dignidade.

O Pai da Pátria está acima de nós, como numa família tradicional. Não em valor, que valorosos somos todos, mas em representatividade. O Pai da Pátria poderia, inclusive, ser o epíteto de todo chefe do executivo, não fosse, especialmente no nosso caso, uma piada. Há pesquisas sérias sobre a importância de se ter um pai reconhecido em certidão. O Brasil, de forma simbólica, tem os dois já citados, mas, na prática, é como se fôssemos filhos de um pai fantasma, que não nos deu o senso de inclusão familiar, de responsabilidade e de orgulho, deixando-nos à deriva.

Quem me dera ser crédula, confiante. Do tipo que admite estarmos em meio a uma crise medonha, mas que dela brotará um Estado maior, melhor. Já fui assim otimista, mas o tempo passou e me cobrou alguma lucidez e coragem para encarar a realidade. Agora não me é mais dada a alternativa de embarcar num faz de conta, acreditar em devaneios: o fato é que sempre estivemos irreversivelmente lascados, pois desde que essa história começou (1500), foi um tropeço atrás de outro, um país descoberto por engano, por causa de uns ventos inesperados que conduziram as caravelas para outro destino que não a Índia e foram parar aqui sem querer, e quem dá importância ao que foi sem querer? Descuidos não são levados a sério, nunca fomos e jamais seremos a primeira opção nem pra nós mesmos. O Brasil é um acidente de percurso do qual se tenta tirar alguma vantagem para que o engano de rota não resulte em total perda de tempo.

Se você discorda, se ainda acredita que um dia seremos um país íntegro, digno, consistente, me declaro invejosa da sua fé. Sou uma ratazana descrente que não abandona o navio porque tem parentes no convés, apenas por isso. Sorte a minha, e provavelmente a sua, de que colecionamos algumas vitórias particulares: amigos fiéis, o gosto pela música, amar e ser amado, gozar de boa saúde, poder ir ao cinema de vez em quando, não ter vergonha do passado e acreditar-se merecedor de um banho de sol, de um banho de mar, de um banho de chuva, essas trivialidades naturais que mantêm o corpo e a alma azeitados. A vida vale a pena em sua simplicidade, aquela que ainda comove, pois rara.

Mas não nos gabemos, pois ainda que nossa família nuclear e nossa trajetória pessoal não nos envergonhem, somos todos habitantes de uma pátria órfã.

Disponível em: Clicrbs Martha Medeiros. Acesso em: 09 out. 2017.

Como é possível ver, o texto de Martha Medeiros é enriquecido por vários recursos que permitem à autora formular o seu ponto de vista de maneira muito clara. Há metáforas, ironias, argumentos e exemplos, entre outros recursos; e tudo está a serviço das ideias defendidas no conjunto do texto.

Após a leitura, você, certamente, construiu uma opinião sobre o que diz a autora. Você pode ter concordado integralmente com o texto ou apenas parcialmente; pode ter discordado integralmente ou apenas parcialmente. É assim mesmo!

Muitas vezes, lemos um texto e concordamos integralmente com ele, pois suas ideias coincidem com o que pensamos a respeito daquele assunto; outras vezes, concordamos apenas parcialmente com os argumentos apresentados, porque há pontos dos quais discordamos.

O contrário também é possível. Podemos discordar integralmente das ideias expressas em um texto, porque temos um entendimento completamente diferente a respeito daquele assunto; por vezes, enfim, podemos discordar apenas parcialmente, pois há pontos com os quais concordamos. Os leitores sabem que é sempre assim, e os autores também sabem. O mais importante, porém, é reconhecer que o debate deve ser feito com tolerância e ética.

Assim, a partir da leitura do texto de Martha Medeiros e das observações feitas acima, elabore um texto dissertativo que apresente o seu ponto de vista acerca das ideias da autora sobre o Brasil. Considere que o seu texto pode ser lido pela autora, logo ele terá de conter a sua opinião, de maneira bem fundamentada, com argumentos que sustentem o seu ponto de vista, para que a autora entenda claramente o posicionamento adotado. Em resumo, em seu texto, você deve se posicionar a respeito das ideias da autora sobre o Brasil:

Contestá-las parcial ou integralmente;
Aprová-las parcial ou integralmente.

Instruções
A versão final do texto deve respeitar as observações abaixo.

Conter um título na linha destinada a esse fim.

Ter a extensão mínima de 30 linhas, excluído o título – aquém disso, seu texto não será avaliado –, e máxima de 50 linhas. Segmentos emendados, ou rasurados, ou repetidos, ou linhas em branco terão esses espaços descontados do cômputo total de linhas.

Ser escrita, na folha definitiva, com caneta e em letra legível, de tamanho regular.

UFRGS 2017 - Estilo

Leia a surpreendente e generosa confissão feita pelo moçambicano Mia Couto:

Muitas vezes nos queixamos de que os jovens de hoje vivem uma cultura de imitação. Mas os jovens de ontem também o fizeram. E isso sucede em todo o mundo, em todos os tempos. Eu também já imitei e creio que quase tudo começa por via da inspiração de modelos exteriores. (...). O melhor modo de criar um estilo próprio é receber influências, as mais diversas e variadas influências.

COUTO, M. Despir a voz. In:____. E se Obama fosse africano? Ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

Sim, Mia Couto, um dos maiores escritores da atualidade, diz que o seu estilo não nasceu do nada, que o outro, os modelos exteriores, serviram-lhe de inspiração. Na verdade, o que o autor destaca é a sutil diferença existente entre a mera repetição e a inspiração, que permite criar o novo. Ter um estilo é saber criar a partir do já estabelecido. Ter um estilo é singularizar-se em meio à pluralidade.

Não muito distante do que disse o escritor, está a declaração de Elis Regina, uma das grandes cantoras do Brasil, a um programa de televisão:

Eu realmente devo a Ângela Maria ter descoberto que podia ser cantora; comecei a minha carreira de cantora imitando descaradamente – é com extrema felicidade que eu confesso isso – Ângela Maria; até hoje, em certos momentos de minhas apresentações, eu saco na minha voz a voz de Ângela Maria, e tenho profundo orgulho disso. E Ângela Maria é, para mim, a maior cantora que o Brasil já teve até hoje...

Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=D7Z0f7gqZvk. Acesso em: 02 dez. 2016.

A grande Elis Regina, cujo estilo é inconfundível, também soube criar seu jeito, seu estilo, imitando.

Como se pode ver, tanto o escritor quanto a cantora usam a ideia geral de imitação como algo positivo, como algo a partir do que conseguiram achar o seu estilo: de escrever, em um caso; de cantar, em outro. A imitação, nesses dois exemplos, é um ponto de partida; não um ponto de chegada.

A respeito do mesmo tema, e em uma direção bastante crítica, o filósofo francês Dany Robert Dufour (2008) afirma que o mundo atual dá pouco, ou nenhum, lugar àquele que se distingue dos demais. Parece que o estilo de hoje em dia, então, é exatamente não ter estilo, é permanecer no universo do mesmo, da imitação. Você já deve ter percebido: a imitação que produziu o novo, um novo estilo, em Mia Couto e em Elis Regina, também pode ser vista como causa da repetição sem estilo, conforme opinião de Dufour. Tudo depende de como cada um de nós se relaciona com o mesmo e com o diferente. Ora, para ter um estilo não é necessário produzir uma obra de arte, como os exemplos de Mia Couto ou de Elis Regina poderiam, em um primeiro momento, levar a crer; ter um estilo é, antes, poder dizer este sou eu, este é o meu jeito. É essa singularidade que faz, de cada um, um ser único.

E você o que pensa sobre essa questão? As pessoas, hoje em dia, apenas repetem, imitam ou conseguem produzir um estilo próprio?

Considerando as reflexões acima, elabore uma dissertação sobre o que é ter um estilo. Para tanto, você deve:

- apresentar o seu entendimento sobre o que é ter um estilo; - exemplificar ou com fatos, ou com acontecimentos ou com situações da vida cotidiana, sua ou de qualquer outra pessoa, o que é ter um estilo; - desenvolver argumentos que evidenciem que o exemplo dado permite identificar um estilo singular.

Instruções:
1. Crie um título para seu texto e escreva-o na linha destinada a este fim.

2. Redija uma redação com uma extensão mínima de 30 linhas, excluído o título - aquém disso, seu texto não será avaliado -, e máxima de 50 linhas, considerando-se letra de tamanho regular.

3. As redações que apresentarem segmentos emendados, ou rasurados, ou repetidos, ou linhas em branco terão esses espaços descontados no cômputo total de linhas.

4. Lápis poderá ser usado apenas no rascunho; ao passar sua redação para a folha definitiva, faça-o com letra legível e utilize caneta.

UFRGS 2016 - Livros Hoje

Observe a charge abaixo.

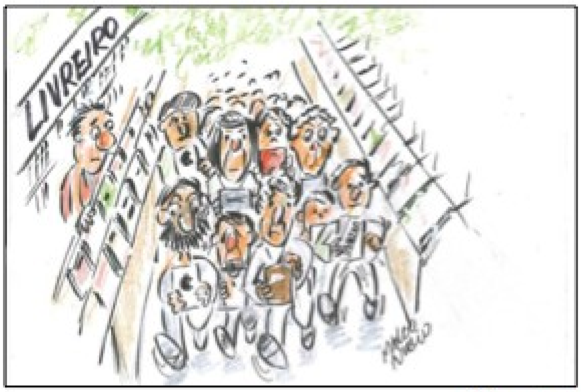

Marco Aurelio. Zero Hora. 7 nov. 2015.

A charge faz referência à Feira do Livro de Porto Alegre. Na imagem, vê-se um grande número de pessoas, provavelmente visitantes, que não tiram os olhos de seus tablets e smartphones, o que sugere certa redução do protagonismo do livro, mesmo em uma feira de livros. O autor da charge apresenta seu ponto de vista sobre essa situação de uma perspectiva, sem dúvida, crítica, que pode ser inferida da expressão facial do livreiro. Essa questão adquire contornos mais complexos, se avaliada a partir da passagem abaixo, também recentemente publicada.

[...] fiquei sabendo que a Amazon Books – a livraria on-line mais famosa do mundo – havia inaugurado sua primeira loja física nos Estados Unidos. Depois de duas décadas de vendas pela internet, ameaçando a existência das livrarias tradicionais, a gigante do comércio eletrônico se instalou numa loja de shopping com os 6 mil títulos mais vendidos e mais bem avaliados no seu site. Ou seja: em vez do texto virtual, para os leitores digitais, ou da encomenda on-line, as pessoas poderão pegar o livro na mão, apertar como se fosse um tomate, folhear e cheirar à vontade, exatamente como fazem os frequentadores da nossa feira porto-alegrense. E o mais importante: poderão levar o produto com elas, abrir e consumir em qualquer lugar, sem necessidade de bateria, wi-fi ou 3G.

Adaptado de: SOUZA, Nilson. Livros e tomates. Zero Hora. Segundo Caderno. 7 nov. 2015. p. 7.

Finalmente, e a título de informação suplementar, cabe lembrar a opinião de Umberto Eco e Jean-Claude Carrière, em um livro cujo título é sugestivo, Não contem com o fim do livro.

“Das duas, uma: ou o livro permanecerá o suporte da leitura, ou existirá alguma coisa similar ao que o livro nunca deixou de ser, mesmo antes da invenção da tipografia. As variações em torno do objeto livro não modificaram sua função, nem sua sintaxe, em mais de quinhentos anos. O livro é como a colher, o martelo, a roda ou a tesoura. Uma vez inventados, não podem ser aprimorados. Você não pode fazer uma colher melhor que uma colher [...]. O livro venceu seus desafios e não vemos como, para o mesmo uso, poderíamos fazer algo melhor que o próprio livro. Talvez ele evolua em seus componentes, talvez as páginas não sejam mais de papel. Mas ele permanecerá o que é.”

ECO, Umberto; CARRIÈRE, Jean-Claude. Não contem com o fim do livro. Trad. André Telles. Rio de Janeiro-São Paulo: Record, 2010. p. 14.

A partir da leitura dos textos e considerando que, atualmente, discute-se, de diferentes pontos de vista, o futuro do livro no mundo contemporâneo, escreva um texto dissertativo sobre o tema abaixo.

O livro na era da digitalização do escrito e da adoção de novas ferramentas de leitura

Para desenvolver seu texto,

- defenda um ponto de vista específico de abordagem do tema;

- apresente argumentos que fundamentem seu ponto de vista sobre a abordagem do tema.

Instruções:

1. Crie um título para seu texto e escreva-o na linha destinada a este fim.

2. Redija uma redação com uma extensão mínima de 30 linhas, excluído o título - aquém disso, seu texto não será avaliado -, e máxima de 50 linhas, considerando-se letra de tamanho regular.

3. As redações que apresentarem segmentos emendados, ou rasurados, ou repetidos, ou linhas em branco terão esses espaços descontados no cômputo total de linhas.

4. Lápis poderá ser usado apenas no rascunho; ao passar sua redação para a folha definitiva, faça-o com letra legível e utilize caneta.

UFRGS 2015 - Amizades Hoje

Amigo é coisa para se guardar no lado esquerdo do peito, mesmo que o tempo e a distância digam não, mesmo esquecendo a canção. O que importa é ouvir a voz que vem do coração, pois, seja o que vier, venha o que vier, qualquer dia, amigo, eu volto a te encontrar. Qualquer dia, amigo, a gente vai se encontrar.

Canção da América (Milton Nascimento e Fernando Brant)

A música Canção da América, composta por Milton Nascimento e Fernando Brant, de onde foi extraída a passagem acima, fala daquela amizade capaz de resistir à distância e ao tempo, característica de uma época em que o contato físico entre amigos era a forma mais usual de aproximação. Era um tempo em que se valorizavam os poucos e verdadeiros amigos. Atualmente, com a conectividade das redes sociais, a realidade é outra. Hoje é possível manter-se em contato contínuo com pessoas que estejam em qualquer lugar do planeta, o que permite multiplicar de modo expressivo o número de amizades. Paradoxalmente, o apego ao mundo virtual parece estar promovendo um outro tipo de distanciamento, já que não é incomum, hoje em dia, ver amigos reunidos em um mesmo ambiente físico, mas isolados uns dos outros pela força atrativa dos tablets e dos smartphones. Levando em conta esse cenário, reflita sobre o tema a seguir. Na sua opinião, o que é a amizade nos dias de hoje?

Para tanto, você deve:

- expressar a sua opinião sobre o que caracteriza a amizade nos dias atuais;

- apresentar argumentos que justifiquem o ponto de vista assumido; e

- organizar esses argumentos em um texto dissertativo.

Instruções:

1. Crie um título para seu texto e escreva-o na linha destinada a este fim.

2. Redija uma redação com uma extensão mínima de 30 linhas, excluído o título - aquém disso, seu texto não será avaliado -, e máxima de 50 linhas, considerando-se letra de tamanho regular.

3. As redações que apresentarem segmentos emendados, ou rasurados, ou repetidos, ou linhas em branco terão esses espaços descontados no cômputo total de linhas.

4. Lápis poderá ser usado apenas no rascunho; ao passar sua redação para a folha definitiva, faça-o com letra legível e utilize caneta.

UFRGS 2014 - O Meu Clássico

O que faz de uma obra um clássico, na nossa cultura? Essa pergunta pode receber diferentes respostas, que enfocam desde aspectos sociológicos e estéticos, até políticos e epistemológicos.

Na literatura, clássico, por vezes, designa os escritores que atingiram a maturidade literária; por outras, os escritores modelares; também pode designar apenas os escritores da literatura latina ou grega; e, ainda, aparece na antítese clássico/romântico.

Segundo a filósofa Carolina Araújo, "o clássico se mantém de dois modos: como a referência acadêmica essencial à formação e como a reinvenção do passado que supõe essa referência e amplia-a, introduzindo o novo". Coexistem, no clássico, portanto, o passado e o presente.

O escritor Ítalo Calvino acredita que "um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer", e acrescenta: "dizem-se clássicos aqueles livros que constituem uma riqueza para quem os tenha lido e amado".

Como é possível ver, clássico, hoje em dia, é uma palavra que pode ter vários sentidos. Existem livros que tiveram grande contribuição para a sociedade como um todo e, por isso, tornaram-se clássicos da literatura. Existem, também, aqueles que fazem a mesma diferença revolucionária para uma pessoa em particular, passando assim a ser o seu clássico. Isso quer dizer que todo mundo tem seu próprio clássico, mesmo que, para o senso comum, ele não seja tão clássico assim. Todo mundo tem aquele livro que leu e ficou guardando carinhosamente na memória; aquele que leu mais de uma vez, mais de duas vezes, repetidas vezes ao longo da vida; aquele que tem lugar permanente e cativo na estante ou na mesa de cabeceira. Nessa perspectiva, quem diz o que é clássico é você mesmo, pois, como lembra, ainda, Calvino, "os clássicos não são lidos por dever ou por respeito, mas só por amor".

ARAÚJO, Carolina. O clássico como problema. Poiésis, n.11, p.11-24, nov. 2008. Adaptado de: Qual o seu clássico? Disponível em: <http: //blog.estantevirtual.com.br/2010/11/17/qual-seu-livro-classico />. Acesso em: 20 nov. 2013.

Considerando que um livro clássico, o seu clássico, é aquele que nunca saiu da sua cabeça, aquele que você sempre pensa em voltar a ler, aquele que você recomendaria ao seu melhor amigo,

- identifique um livro que seja o seu clássico;

- explique por que ele mereceu esse lugar em sua vida;

- apresente argumentos que justifiquem sua escolha;

- redija uma dissertação, defendendo seu ponto de vista.

Instruções:
1. Crie um título para seu texto e escreva-o na linha destinada a este fim.

2. Redija uma redação com uma extensão mínima de 30 linhas, excluído o título - aquém disso, seu texto não será avaliado -, e máxima de 50 linhas, considerando-se letra de tamanho regular.

3. As redações que apresentarem segmentos emendados, ou rasurados, ou repetidos, ou linhas em branco terão esses espaços descontados no cômputo total de linhas.

4. Lápis poderá ser usado apenas no rascunho; ao passar sua redação para a folha definitiva, faça-o com letra legível e utilize caneta.

UFRGS 2013 - Papel e Limites Do Humor

Chamamos atenção para isto: não há comicidade fora do que é propriamente humano. Uma paisagem poderá ser bela, graciosa, sublime, insignificante ou feia, porém jamais risível. Riremos de um animal, mas porque teremos surpreendido nele uma atitude de homem ou certa expressão humana. Riremos de um chapéu, mas, no caso, o cômico não será um pedaço de feltro ou palha, senão a forma que alguém lhe deu, o molde de fantasia humana que ele assumiu. [...] Já se definiu o homem como "um animal que ri". Poderia também ter sido definido como um animal que faz rir, pois se outro animal o conseguisse, ou algum objeto inanimado, seria por semelhança com o homem, pela característica impressa pelo homem ou pelo uso que o homem dele faz.

BERGSON, Henri. O riso: ensaio sobre a significação do cômico. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

O trecho acima foi extraído do livro O riso, uma reunião de três artigos publicados por Bergson, em 1899, que constituem um verdadeiro tratado sobre o humor.

O tema abordado pelo filósofo permanece atual, como se pode depreender do aumento significativo do espaço social reservado às manifestações humorísticas. No Brasil, muito se produz em matéria de humor. Nos jornais de grande circulação, escritores e chargistas fazem diariamente a crônica bem humorada da política e dos costumes. Emissoras de rádio destinam espaços valorizados a programas que debatem temas atuais em uma atmosfera descontraída, com estímulo a brincadeiras e a comentários jocosos. Emissoras de televisão, além de contarem com os tradicionais programas humorísticos, têm investido em novos formatos, como entrevistas com apresentadores comediantes e programas que fazem um misto de jornalismo e humor. Casas de teatro têm sido palco para uma nova leva de humoristas, que, com apenas um microfone e muitas histórias para contar, divertem plateias cada vez mais numerosas. Na internet, além dos sites que reproduzem piadas de autoria desconhecida, há os que apresentam uma produção própria, com textos, vídeos e charges animadas, satirizando políticos e celebridades.

A profusão dessas manifestações revela uma ampla liberdade de expressão, para cuja conquista o humor também teve sua parcela de contribuição. Jornalistas, escritores e comediantes saúdam essa liberdade, entendendo que o espaço para o humor não está a serviço apenas da diversão, mas também da crítica social. Há, contudo, quem considere que, no exercício dessa liberdade, excessos estejam sendo cometidos. Em resposta a isso, alguns afirmam não ser possível provocar o riso sem incomodar, já que o humor se constrói a partir de um olhar crítico sobre o comportamento humano.

Considerando a popularidade atual do humor, manifestado nas mais diversas formas, em diferentes meios de comunicação, e as reações da sociedade a essas manifestações, redija uma dissertação sobre "o papel e os limites do humor na sociedade".

Instruções:

A versão final do seu texto deve:

1. conter um título na linha destinada a esse fim;

2. apresentar argumentos para a defesa de um ponto de vista sobre o tema proposto;

3. ter a extensão mínima de 30 linhas, excluído o título - aquém disso, seu texto não será avaliado -, e máxima de 50 linhas. Segmentos emendados, ou rasurados, ou repetidos, ou linhas em branco terão esses espaços descontados do cômputo total de linhas;

4. ser escrita, na folha definitiva, à caneta e com letra legível, de tamanho regular.

UFRGS 2012 - Adamastores da Língua

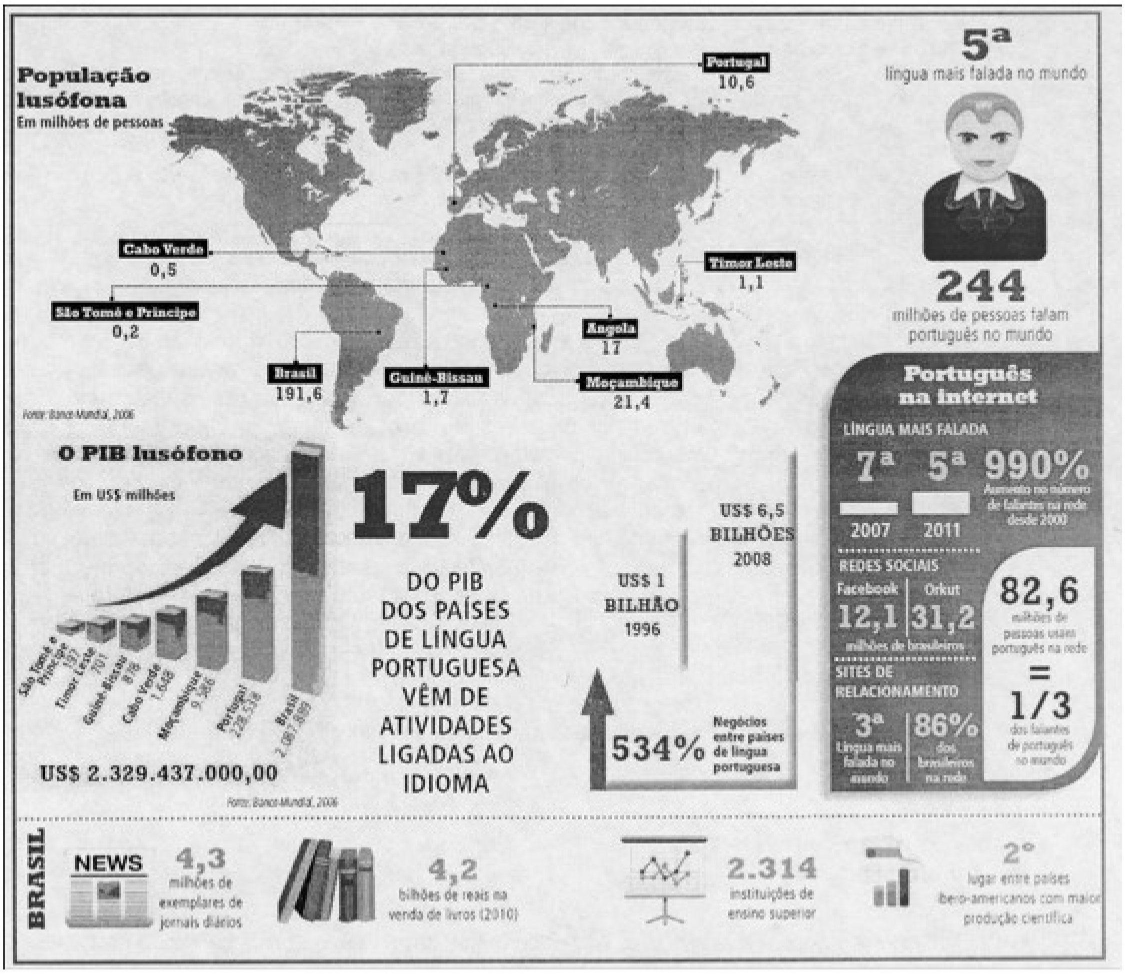

Disponível em: Textos e línguas . Acesso em: 21 nov. 2011.

Os dados da figura mostram que a língua portuguesa no mundo está em evidência; assim, as comunidades dos países lusófonos, em especial o Brasil, vêm se destacando no cenário econômico mundial, como se observa na linha ascendente do gráfico na figura.

À medida que aumenta o número de pessoas que falam a língua portuguesa no mundo, especialistas em língua e literatura portuguesas lançam instigantes reflexões acerca do nosso idioma em fóruns de discussão. Com base nessa informação, leia o texto a seguir:

A Língua Portuguesa é [..] objecto das nossas preocupações, começo por citar a frase de um escritor moçambicano – Mia Couto – que usa a língua portuguesa como o veículo transmissor da sua cultura e da sua criatividade. A frase é simples, mas de um grande alcance universal - “o mar foi ontem o que o idioma pode ser hoje, falta vencer alguns Adamastores”. Parafraseava o autor uma forte e bela imagem literária, criada por Luís de Camões, querendo significar as grandes dificuldades que as naus portuguesas sofreram na descoberta desse mar que “naufrágios e perdições de toda a sorte” causavam a quem se aventurava na sua conquista. A figura do Adamastor chegou até aos nossos dias como o símbolo mítico e utópico dos obstáculos que é preciso vencer quando desejamos algo de muito importante. [...]

A expansão, a adaptação e enriquecimento que foi sofrendo ao longo do tempo, valorizou-a, tornando-a veiculadora de múltiplas culturas. Sendo, ainda, língua comum de uma grande comunidade de países dispersos pelos quatro continentes, a Língua Portuguesa poderá reforçar a cooperação entre os povos e assumir um papel preponderante no diálogo entre as nações. Isso implica um conjunto de desafios que é tarefa de todos nós assumir, através da adopção e execução de políticas, estratégias e acções verdadeiramente mobilizadoras.

Adaptado de: BOAL, Maria Eduarda. Os Adamastores da Língua Portuguesa. Disponível em: Questões de língua. Acesso em 21 nov. 2011.

Este texto revela que a “última flor do Lácio” criou raízes e gerou frutos; ao cruzar mares e atravessar fronteiras, acabou por constituir uma comunidade que compartilha a mesma herança linguística, mas não a mesma identidade. Cada uma dessas comunidades construiu suas memórias com base na história que edificou. Ademais, em alguns desses territórios, a língua portuguesa também acabou por se renovar, por apresentar uma feição singular, pois objeto de criação dos falantes de cada comunidade lusófona. Nessa perspectiva, o nosso idioma é, antes de tudo, uma entidade social que, como tal, se movimenta através do tempo e adquire novas configurações, edificando sua história. Assim, é certo que os países lusófonos, em alguma medida, revelam determinada identidade no cenário econômico mundial, mas, ao mesmo tempo, é da manifestação particular dessa língua em cada país lusófono que a noção de pertencimento a uma Nação se constrói tanto em territórios da Europa, quanto da África, da Ásia e da América.

Considerando

- que é por intermédio do nosso idioma que nossa identidade enquanto Nação se configura,

- que essa identidade se revela na percepção da língua portuguesa como herança, como memória e como criação e

- que cada um desses aspectos pode ser observado não só dentro de nós próprios como no âmbito coletivo, nacional e global,

- escolha um ou mais desses três aspectos que você julgue importantes acerca da língua portuguesa;

- determine como e por que eles representam, para essa língua, algum tipo de “Adamastor”; e

- redija uma redação, de caráter dissertativo, justificando sua escolha e defendendo seu ponto de vista.

Instruções:

1. Crie um título para seu texto e escreva-o na linha destinada a este fim.

2. Redija uma redação com uma extensão mínima de 30 linhas, excluído o título - aquém disso, seu texto não será avaliado -, e máxima de 50 linhas, considerando-se letra de tamanho regular.

3. As redações que apresentarem segmentos emendados, ou rasurados, ou repetidos, ou linhas em branco terão esses espaços descontados no cômputo total de linhas.

4. Lápis poderá ser usado apenas no rascunho; ao passar sua redação para a folha definitiva, faça-o com letra legível e utilize caneta.

UFRGS 2011 - Profissão Docente

Leia o texto abaixo:

É indiscutível que o professor é fundamental para o progresso de qualquer sociedade. Sob sua responsabilidade, formam-se vários profissionais, e, por este fato, a profissão de professor é muitas vezes apelidada de "profissão das profissões". Entretanto, só isto não basta para caracterizar sua dimensão. É preciso olhar para o professor com olhos de quem quer ver um país melhor.

Observe, abaixo, dados de pesquisa realizada em 2009 pela Fundação Carlos Chagas sobre a atratividade da carreira docente no Brasil, divulgados por Zero Hora, em 2010, em matéria intitulada Jovens evitam ser professor:

1.501 jovens entrevistados, cursantes do 3º ano do Ensino Médio

56% mulheres

44% homens

Onde estudam

93% escola particular

34% escola pública

Considerou ser professor no processo de escolha profissional

67% não pensou em ser professor

32% pensou em ser professor

1% sem resposta

Adaptado de Zero Hora, 4 set. 2010, p.44.

Com relação a cursos universitários de Licenciatura, ou seja, que preparam para a profissão de professor, observe os dados que seguem, referentes à oferta de vagas e ao número de candidatos inscritos nos concursos vestibulares da UFRGS de 2005 e de 2011:

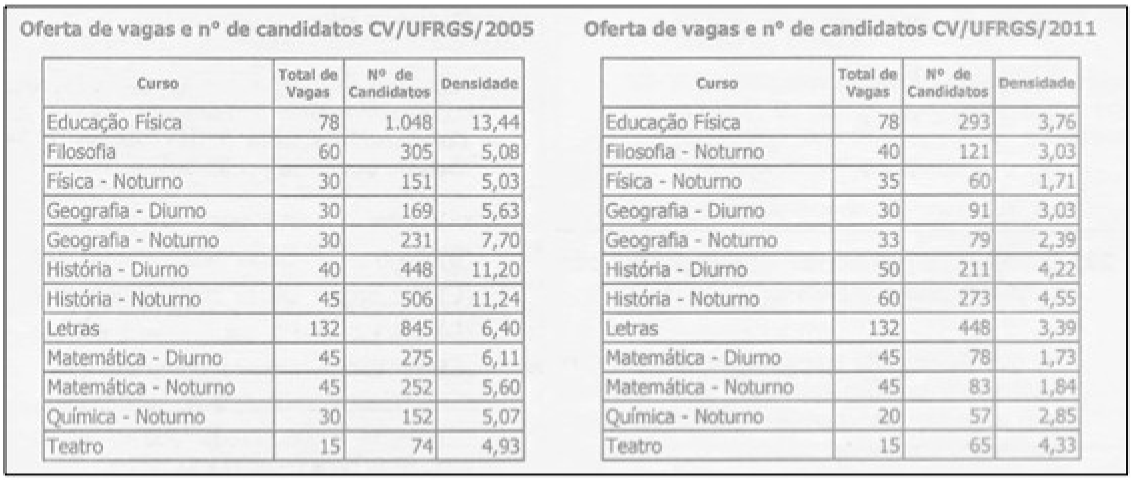

Oferta de vagas e n° de candidatos CV/UFRGS/2005

Curso	Total de Vagas	Nº de Candidatos	Densidade
Educação Física	78	1.048	13,44
Filosofia	60	305	5,08
Física - Noturno	30	151	5,03
Geografia - Diurno	30	169	5,63
Geografia - Noturno	30	231	7,70
História - Diurno	40	448	11,20
História - Noturno	45	506	11,24
Letras	132	845	6,40
Matemática - Diurno	45	275	6,11
Matemática - Noturno	45	252	5,60
Química - Noturno	30	152	5,07
Teatro	15	74	4,93

Oferta de vagas e n° de candidatos CV/UFRGS/2011

Curso	Total de Vagas	Nº de Candidatos	Densidade
Educação Física	78	293	3,76
Filosofia - Noturno	40	121	3,03
Física - Noturno	35	60	1,71
Geografia - Diurno	30	91	3,03
Geografia - Noturno	33	79	2,39
História - Diurno	50	211	4,22
História - Noturno	60	273	4,55
Letras	132	448	3,39
Matemática - Diurno	45	78	1,73
Matemática - Noturno	45	83	1,84
Química - Noturno	20	57	2,85
Teatro	15	65	4,33

Considerando os dados dos quadros de oferta de vagas e de número de candidatos inscritos nos vestibulares de 2005 e de 2011 para os cursos de Licenciatura da UFRGS,
- avalie por que a profissão de professor se encontra desprestigiada entre os jovens;

- ilustre sua avaliação com dados de pesquisa realizada pela Fundação Carlos Chagas e com dados comparativos de 2005 e 2011 de um ou mais cursos da UFRGS constantes nos quadros acima; e - redija uma redação de caráter dissertativo, justificando e defendendo seu ponto de vista;

- inclua também sugestões para a revalorização da profissão de professor em nossa sociedade.

Instruções:

1. Crie um título para seu texto e escreva-o na linha destinada a este fim.

2. Redija uma redação com uma extensão mínima de 30 linhas, excluído o título - aquém disso, seu texto não será avaliado -, e máxima de 50 linhas, considerando-se letra de tamanho regular.

3. As redações que apresentarem segmentos emendados, ou rasurados, ou repetidos, ou linhas em branco terão esses espaços descontados no cômputo total de linhas.

4. Lápis poderá ser usado apenas no rascunho; ao passar sua redação para a folha definitiva, faça-o com letra legível e utilize caneta.

UFRGS 2010 - Incivilidades e Infrações

Leia os textos abaixo:

Em estado natural, sem as construções sociais, "a vida do homem é solitária e pobre [...]". Por isso, criaram-se normas necessárias ao bom convívio social, como as que dizem que "os homens devem cumprir os pactos que celebrarem" e que não devem "declarar ódio e desprezo pelo outro por atos, palavras, atitudes ou gestos". Em síntese, espera-se que os homens cultivem as virtudes da civilidade.

Adaptado de LINHARES, Juliana. Veja, 4 nov. 2009.

É fácil condenar os outros, indignar-se, quando eles cometem infrações. Difícil é reconhecer nossos próprios "pequenos delitos" no dia a dia, aqueles para os quais sempre temos uma justificativa na ponta da língua e dos quais temos pouca consciência. Assim, por exemplo, de manhã cedo, ao levar as crianças à escola, muitas vezes nos damos o direito de estacionar em fila dupla ou em cima da faixa de segurança. Na verdade, desconsideramos que isso é proibido pela legislação de trânsito e que colocamos em risco os demais transeuntes.

Adaptado de: ANDERSEN, José. Zero Hora, 13 nov. 2009.

Observe as duas listas abaixo. Uma relaciona atitudes que denotam falta de civilidade; a outra, atitudes que infringem a lei:

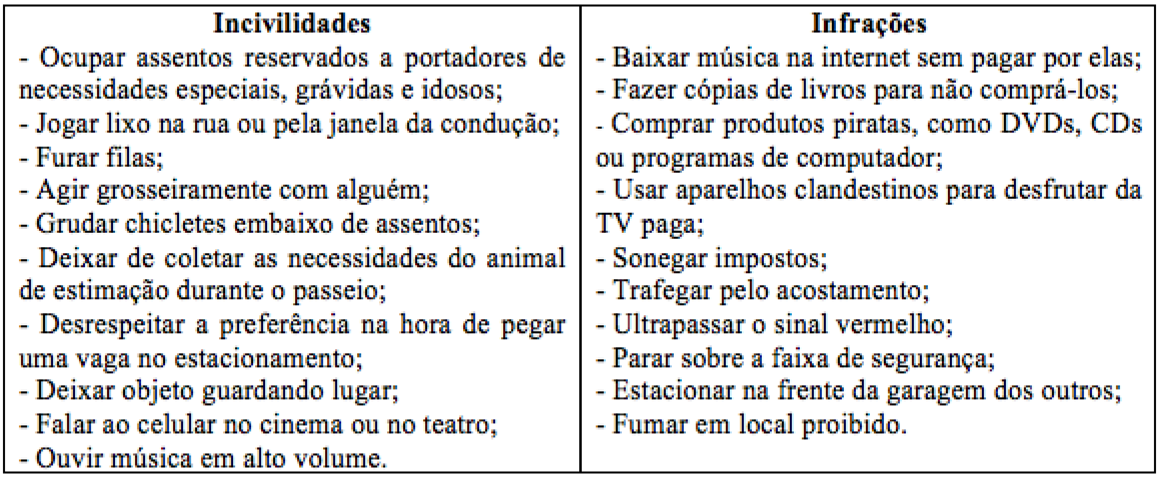

Incivilidades	**Infrações**
- Ocupar assentos reservados a portadores de necessidades especiais, grávidas e idosos; - Jogar lixo na rua ou pela janela da condução; - Furar filas; - Agir grosseiramente com alguém; - Grudar chicletes embaixo de assentos; - Deixar de coletar as necessidades do animal de estimação durante o passeio; - Desrespeitar a preferência na hora de pegar uma vaga no estacionamento; - Deixar objeto guardando lugar; - Falar ao celular no cinema ou no teatro; - Ouvir música em alto volume.	- Baixar música na internet sem pagar por elas; - Fazer cópias de livros para não comprá-los; - Comprar produtos piratas, como DVDs, CDs ou programas de computador; - Usar aparelhos clandestinos para desfrutar da TV paga; - Sonegar impostos; - Trafegar pelo acostamento; - Ultrapassar o sinal vermelho; - Parar sobre a faixa de segurança; - Estacionar na frente da garagem dos outros; - Fumar em local proibido.

Considerando que cometer incivilidades e infrações como essas e ser complacente com elas constituem atitudes prejudiciais ao convívio social,

- **escolha** uma ou mais atitudes de cada uma das listas;
- **avalie**, a partir de suas escolhas, por que tanto incivilidades quanto infrações impedem a construção de uma sociedade sadia; e
- **redija** redação, de **caráter dissertativo**, defendendo seu ponto de vista.

Instruções:

1. Crie um título para seu texto e escreva-o na linha destinada a este fim.

2. Redija uma redação com uma extensão mínima de 30 linhas, excluído o título - aquém disso, seu texto não será avaliado -, e máxima de 50 linhas, considerando-se letra de tamanho regular.

3. As redações que apresentarem segmentos emendados, ou rasurados, ou repetidos, ou linhas em branco terão esses espaços descontados no cômputo total de linhas.

4. Lápis poderá ser usado apenas no rascunho; ao passar sua redação para a folha definitiva, faça-o com letra legível e utilize caneta.

Redação Nota Máxima

Um mundo de cegos - Clarissa Both Pinto

Já afirmava Claude Levi-Strauss que "o mundo começou sem o homem e poderá acabar sem ele". Nessa perspectiva, a sociedade atual demonstra um paradoxo, visto que, apesar da tecnologia corroborar a capacidade técnica e intelectual do homem, continuamos cometendo infrações e incivilidades diariamente.

Lamentavelmente, muitas pessoas praticam incivilidades no cotidiano, as quais atestam o caráter egocêntrico do homem: ocupar assentos especiais em transportes coletivos, poluir o meio ambiente e não coletar as fezes de nosso animal de estimação são algumas das atitudes inconsequentes que manifestamos no dia a dia, as quais contribuem para uma realidade hostil e desagradável. Nesse sentido, a construção de uma sociedade sadia consiste em ter discernimento de que o espaço de nosso próximo começa onde termina o nosso espaço. Assim, quando prejudicamos o nosso entorno, estamos impedindo que a cooperação minimize as mazelas latentes da sociedade moderna.

As infrações que cometemos também prejudicam muito a construção de uma sociedade sadia: a sonegação de impostos é uma atitude tão condenável quanto o ato do político se valer das finanças públicas; a compra de produtos piratas engendra um tráfico que se conecta a tantos outros, como o tráfico de drogas e de armas, os quais aliciam desassistidos e vitimam inocentes; a ultrapassagem do sinal vermelho é uma infração grave, uma vez que recrudesce o trânsito violento que verificamos atualmente. Além disso, é imprescindível que mudemos o nosso "mundo particular", porque tal mudança se reflete no "mundo coletivo", do qual todos nós fazemos parte. Caso contrário, só confirmaremos o que Manuel Bandeira escreveu "a existência humana é uma aventura, de tal modo inconsequente".

O escritor português José Saramago, em seu livro “Ensaio sobre a Cegueira”, descreve uma sociedade que, paulatinamente, se torna cega. Metáforas à parte, é exatamente isso o que acontece com nossa sociedade, já que ignoramos que, não só infrações, mas também incivilidades prejudicam a construção de uma sociedade sadia, pois abdicamos de atitudes abnegadas para sermos completamente egoístas, cegos. Portanto, o mundo só atenuará suas mazelas quando percebermos que tudo depende de esforços coletivos, ou, como Saramago registrou, “se podes olhar, vê; se podes ver, repara”.

(Fonte: caderno Vestibular de Zero Hora)

Fontes:

http://www.ufrgs.br/

caderno Vestibular de Zero Hora

Conheça a nossa plataforma de correções e monitorias para redações estilo Enem e vestibulares.

Ao se cadastrar você já tem acesso ao material de apoio. Se gostar basta adquirir um pacote, nós temos para todos os bolsos.

Ao adquirir um pacote você está impactando diretamente na vida de diversos corretores.

Somos a única plataforma que dá mais de 90% do valor da correção a um corretor. ♥

https://www.projetoagathaedu.com.br/correcao-de-redacoes/

UNESP
GUIA DE REDAÇÃO

Projeto Agatha Edu

Índice

Como Funciona a Redação da Unesp?....6
- A prova de redação será avaliada conforme os critérios a seguir:....6
  - Tema....6
  - Estrutura (gênero/tipo de texto e coerência)....6
  - Gênero/Tipo de Texto....7
  - Coerência....7
  - Expressão (Coesão e Modalidade):....7
  - Será atribuída nota zero à redação que:....8
  - Como funciona a avaliação da redação da Unesp?....8
  - Título e rascunho na redação da Unesp....9
  - Textos motivadores na redação da Unesp....9
- Redações passadas da Unesp....10
  - 2019 - Compro, logo existo?....11
  - 2018 - O voto deveria ser facultativo no Brasil....13
  - 2017 - A riqueza de poucos beneficia a sociedade inteira?....15
  - 2016 - Publicação de imagens trágicas: banalização do sofrimento ou forma de sensibilização?....16
  - 2015 - O legado da escravidão e o preconceito contra negros no Brasil....19
  - 2014 - Corrupção no Congresso Nacional: reflexo da sociedade brasileira?....22
  - 2013 - Escrever: o trabalho e a inspiração....24
  - Proposição....24
  - 2012 - A bajulação: virtude ou defeito?....25
  - As reações do cérebro à bajulação....25
  - Exemplos de Redações Exemplares....27
  - Redação Corrigida....31

Olá Estudante, Somos a Agatha Edu.

O nosso **Projeto Agatha Edu** começou em 2017 durante o período do meu curso técnico, no início era um projeto para estudo, porém com o tempo o site foi evoluído, e percebi que estava resolvendo problemas de outros estudantes. Hoje estamos no Telegram, YouTube, Instagram e Facebook, oferecendo a nossa contribuição para estudantes de menor renda.

No começo eramos um **blog para ensinar estudar**, assim como **indicar aplicativos para estudantes**, e hoje podemos nos orgulhar de oferecer **gratuitamente bancos de questões e redações** para o Enem e Vestibulares, além de diversos **cronogramas online**, além de outras coisas legais.

Quando estava no técnico, e no ano passado quando entrei na faculdade, tive apoio de muitas **pessoas incríveis,** pessoas estas que são responsáveis em parte por estamos aqui. Não é possível citar todos os nomes, então um **muito obrigado a todos**.

Ano passado nós tornamos um ***startup* de impacto social**, um passo inicial na busca do nosso sonho de impactar na vida de milhões de pessoas.

Esse é mais um material que faz parte do lançamento nossa plataforma de correções e monitorias de redação, onde **conectamos corretores e estudantes**, oferecendo **mais renda para os corretores** que outras plataformas, e **correções de qualidade a preço justo para estudantes**.

Esperamos que esse material gratuito, assim como todos seja de grande valia para a sua vida. ♥

Como Funciona a Redação da Unesp?

Na prova de redação, espera-se que o candidato produza uma dissertação em prosa na norma-padrão da língua portuguesa, a partir da leitura de textos auxiliares, que servem como um referencial para ampliar os argumentos produzidos pelo próprio candidato. Ele deverá demonstrar domínio dos mecanismos de coesão e coerência textual, considerando a importância de apresentar um texto bem articulado.

A prova de redação será avaliada conforme os critérios a seguir:

Tema

Considera-se se o texto do candidato atende ao tema proposto. A fuga completa ao tema proposto é motivo suficiente para que a redação não seja corrigida em qualquer outro de seus aspectos, recebendo nota 0 (zero) total.

Estrutura (gênero/tipo de texto e coerência)

Consideram-se aqui, conjuntamente, os aspectos referentes ao gênero/tipo de texto proposto e à coerência das ideias. A fuga completa ao gênero/tipo de texto é motivo suficiente para que a redação não seja corrigida em qualquer outro de seus aspectos, recebendo nota 0 (zero) total.

Avalia-se aqui como o candidato **sustenta sua tese em termos argumentativos** e **como essa argumentação está organizada**, considerando-se a macroestrutura do texto dissertativo (introdução, desenvolvimento e conclusão).

Gênero/Tipo de Texto

No **gênero/tipo de texto**, avalia-se também o tipo de **interlocução construída**: por se tratar de uma dissertação, deve-se prezar pela objetividade, sendo assim, o uso de primeira pessoa do singular e de segunda pessoa (singular e plural) poderá ser penalizado.

Será considerada aspecto negativo a referência direta à situação imediata de produção textual (ex.: como afirma o autor do primeiro texto/ da coletânea/do texto I; como solicitado nesta prova/ proposta de redação).

Coerência

Na coerência, será observada, além da pertinência dos argumentos mobilizados para a defesa do ponto de vista, a capacidade do candidato de encadear as ideias de forma lógica e coerente (progressão textual).

Serão consideradas aspectos negativos a presença de contradições entre as ideias, a falta de partes da macroestrutura dissertativa, a falta de desenvolvimento das ideias, a falta de autonomia do texto, ou a presença de conclusões não decorrentes do que foi previamente exposto.

Expressão (Coesão e Modalidade):

Consideram-se nesse item os aspectos referentes à coesão textual e ao domínio da norma-padrão da língua portuguesa.

Na coesão, avalia-se a utilização dos recursos coesivos da língua (anáforas, catáforas, substituições, conjunções etc.) de modo a tornar a relação entre frases e períodos e entre os parágrafos do texto mais clara e precisa.

Serão considerados aspectos negativos as quebras entre frases ou parágrafos e o emprego inadequado de recursos coesivos.

Na modalidade, serão examinados os aspectos gramaticais como ortografia, morfologia, sintaxe e pontuação, bem como a escolha lexical (precisão vocabular) e o graude formalidade/informalidade expressa em palavras e expressões.

Será atribuída nota zero à redação que:

1. Fugir ao tema e/ou gênero propostos;

2. Apresentar nome, rubrica, assinatura, sinal, iniciais ou marcas que permitam a identificação do candidato;

3. estiver em branco;

4. Apresentar textos sob forma não articulada verbalmente (apenas com desenhos, números e/ou palavras soltas);

5. For escrita em outra língua que não a portuguesa;

6. Apresentar letra ilegível e/ou incompreensível;

7. Apresentar o texto definitivo fora do espaço reservado para tal;

8. Apresentar 7 (sete) linhas ou menos (sem contar o título);

9. For composta integralmente por cópia de trechos da coletânea ou de quaisquer outras partes da prova.

10. Apresentar formas propositais de anulação, como impropérios, trechos jocosos ou a recusa explícita em cumprir o tema proposto.

Como funciona a avaliação da redação da Unesp?

Cada redação é avaliada por dois examinadores independentes e, quando há discrepância na atribuição das notas, o texto é reavaliado por um terceiro examinador independente.

Quando a discrepância permanece, a prova é avaliada pelos coordenadores da banca.

Título e rascunho na redação da Unesp

O espaço para rascunho no caderno de questões é de preenchimento facultativo.

Em hipótese alguma, o rascunho elaborado pelo candidato será considerado na correção da prova de redação pela Banca Examinadora.

Em hipótese alguma o título da redação será considerado na avaliação do texto. Ainda que o título contenha elementos relacionados à abordagem temática, a nota do critério que avalia o tema só será atribuída a partir do que estiver escrito no corpo do texto.

Textos curtos, com apenas 15 (quinze) linhas ou menos, serão penalizados no critério que avalia a expressão.

Textos motivadores na redação da Unesp

As propostas de redação da Fundação Vunesp apresentam uma coletânea de textos motivadores que servem como ponto de partida para a reflexão sobre o tema que deverá ser abordado.

Textos compostos apenas por cópias desses textos motivadores receberão zero total e textos em que seja identificada a predominância de trechos de cópia em relação a trechos autorais terão a nota final diminuída drasticamente.

Redações passadas da Unesp

2019 – Compro, logo existo?

2018 – O voto deveria ser facultativo no Brasil

2017 – A riqueza de poucos beneficia a sociedade inteira

2016 – Publicação de imagens trágicas: banalização do sofrimento ou forma de sensibilização?

2015 – O legado da escravidão e o preconceito contra negros no Brasil

2014 – Corrupção no Congresso Nacional: reflexo da sociedade brasileira?

2013 – Escrever: o trabalho e a inspiração

2012 – A bajulação: virtude ou defeito?

2019 - Compro, logo existo?

Texto 1

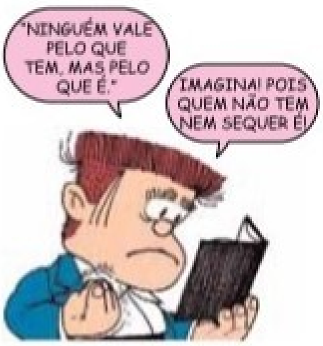
"NINGUÉM VALE PELO QUE TEM, MAS PELO QUE É."
IMAGINA! POIS QUEM NÃO TEM NEM SEQUER É!

(Quino. *Amigos para a vida!*, 2015.)

Texto 2

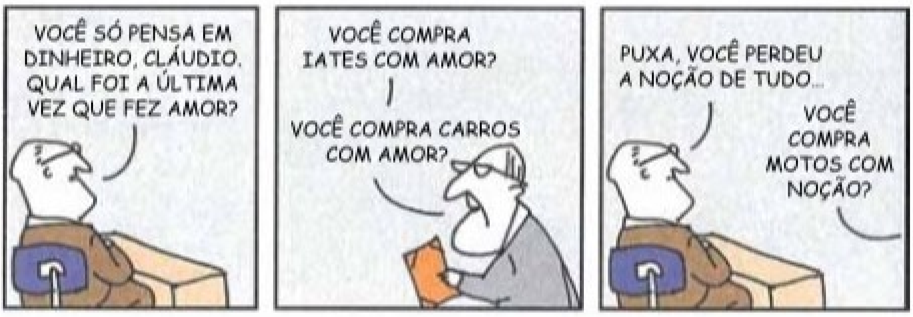
VOCÊ SÓ PENSA EM DINHEIRO, CLÁUDIO. QUAL FOI A ÚLTIMA VEZ QUE FEZ AMOR?
VOCÊ COMPRA IATES COM AMOR?
VOCÊ COMPRA CARROS COM AMOR?
PUXA, VOCÊ PERDEU A NOÇÃO DE TUDO...
VOCÊ COMPRA MOTOS COM NOÇÃO?

(André Dahmer. *Quadrinhos dos anos 10*, 2016.)

Texto 3

Ao shopping center

Pelos teus círculos
Vagamos sem rumo
Nós almas penadas
Do mundo do consumo.
De elevador ao céu
Pela escada ao inferno:
Os extremos se
Tocam no castigo eterno.
Cada loja é um novo
Prego em nossa cruz.
Por mais que compremos
Estamos sempre nus
Nós que por teus círculos
Vagamos sem perdão à espera (até quando?)
Da Grande Liquidação.

(José Paulo Paes. Prosas seguidas de Odes mínimas, 1992.)

Texto 4

Nós somos consumidores agora, consumidores em primeiro lugar e acima de tudo. Para todas as dificuldades com que nos deparamos no caminho trilhado para nos afastar dos problemas e nos aproximar da satisfação, nós buscamos as soluções nas lojas. Do berço ao túmulo, somos educados e treinados a tratar as lojas como farmácias repletas de remédios para curar ou pelo menos mitigar todas as doenças e aflições de nossas vidas particulares e de nossas vidas em comum. Comprar por impulso e se livrar de bens que já não são atraentes, substituindo-os por outros mais vistosos, são nossas emoções mais estimulantes. Completude de consumidor significa completude na vida.

(Zygmunt Bauman. A riqueza de poucos beneficia todos nós?, 2015. Adaptado.)

Proposta de redação

Com base nos textos apresentados e em seus próprios conhecimentos, escreva uma **dissertação**, empregando a norma padrão da língua portuguesa, sobre o tema: **Compro, logo existo?**

2018 - O voto deveria ser facultativo no Brasil

Texto I

Um levantamento do Instituto Datafolha divulgado em maio de 2014 apontou que 61% dos eleitores são contrários ao voto obrigatório. O voto obrigatório é previsto na Constituição Federal - a participação é facultativa apenas para analfabetos, idosos com mais de 70 anos de idade e jovens com 16 e 17 anos.

Para analistas, permitir que o eleitor decida se quer ou não votar é um risco para o sistema eleitoral. A obrigatoriedade, argumentam, ainda é necessária devido ao cenário crítico de compra e venda de votos e à formação política deficiente do boa parte da população.

"Nossa democracia é extremamente jovem e foi pouco testada. O voto facultativo seria o ideal, porque o eleitor poderia expressar sua real vontade, mas ainda não é hora de ele ser implantado", diz Danilo Barboza, membro do Movimento do Voto Consciente.

O sociólogo Eurico Cursino, da Universidade de Brasília (UnB), avalia que o dever de participar das eleições é uma prática pedagógica. Ele argumenta que essa é uma forma de canalizar conflitos graves ligados às desigualdades sociais no país. "A democracia só se aprende na prática. Tornar o voto facultativo é como permitir à criança decidir se quer ou não ir à escola", afirma.

Já para os defensores do voto não obrigatório, participar das eleições é um direito e não um dever. O voto facultativo, dizem, melhora a qualidade do pleito, que passa a contar majoritariamente com eleitores conscientes. E incentiva os partidos a promover programas eleitorais educativos sobre a importância do voto.

Adaptado de: www.cartacapital.com.br

Texto 2

Há muito tempo se discute a possibilidade de instauração do voto facultativo no Brasil. Mas são diversos os fatores que travam discussão.

Atualmente, é a Lei n.º 4737/1965 que determina o voto como obrigatório no Brasil, além dos dispositivos e penas a quem não comparece ao pleito. Com a imposição, o país segue na tendência contrária ao resto do mundo. Estudo divulgado pela CIA, que detalha o tipo de voto em mais de 230 países do mundo, mostra que o Brasil é um dos (apenas) 21 que ainda mantém a obrigatoriedade de comparecer às urnas.

Para Rodolfo Teixeira, cientista político e professor da Universidade de Brasília (UnB), a atual descrença na classe política pode levar a grave deserção do brasileiro do processo eleitoral. O jurista Alberto Rollo, especialista em Direito Eleitoral e membro da comissão de reforma política da OAB de São Paulo, concorda e acredita que o eleitor brasileiro ainda é "deficitário" do ponto de vista de educação política, sem ser maduro o suficiente para entender a importância do voto: "Se [o voto facultativo] fosse implementado hoje, mais da metade dos eleitores não votaria. Isso é desastroso", afirma.

O cientista político e professor da FGV-Rio Carlos Pereira pensa diferente. O especialista acredita que as sete eleições presidenciais depois do fim da ditadura militar mostram que o momento democrático do Brasil está consolidado. O voto facultativo seria mais um passo a uma democracia plena.

"O argumento de que o leitor pobre e menos escolarizado deixaria de votar parte de um pressuposto de vitimização. É uma visão muito protecionista", diz pereira. "O eleitor mais pobre tem acesso à informação e é politizado: ele sabe quanto está custando um litro de leite, uma passagem de ônibus, se o bairro está violento, se tem desemprego na família. É totalmente plausível que ele faça um diagnóstico e decida em quem votar e se quer votar".

Adaptado de: exame.abril.com.br

Com base nos textos apresentados e em seus próprios conhecimentos, escreva uma dissertação, empregando a norma-padrão da língua portuguesa, sobre o tema: "O voto deveria ser facultativo no Brasil?"

2017 - A riqueza de poucos beneficia a sociedade inteira?

Texto I

A distribuição da riqueza é uma das questões mais vivas e polêmicas da atualidade. Será que a dinâmica da acumulação do capital privado conduz de modo inevitável a uma concentração cada vez maior da riqueza e do poder em poucas mãos, como acreditava Karl Marx no século XIX? Ou será que as forças equilibradoras do crescimento, da concorrência e do progresso tecnológico levam espontaneamente a uma redução da desigualdade e a uma organização harmoniosa da sociedade, como pensava Simon Kuznets no século XX?

(Thomas Piketty. O capital no século XXI, 2014. Adaptado.)

Texto II

Já se tornou argumento comum a ideia de que a melhor maneira de ajudar os pobres a sair da miséria é permitir que os ricos fiquem cada vez mais ricos. No entanto, à medida que novos dados sobre distribuição de renda são divulgados*, constata-se um desequilíbrio assustador: a distância entre aqueles que estão no topo da hierarquia social e aqueles que estão na base cresce cada vez mais.

A obstinada persistência da pobreza no planeta que vive os espasmos de um fundamentalismo do crescimento econômico é bastante para levar as pessoas atentas a fazer uma pausa e refletir sobre as perdas diretas, bem como sobre os efeitos colaterais dessa distribuição da riqueza.

Uma das justificativas morais básicas para a economia de livre mercado, isto é, que a busca de lucro individual também fornece o melhor mecanismo para a busca do bem comum, se vê assim questionada e quase desmentida.

* Um estudo recente do World Institute for Development Economics Research da Universidade das Nações Unidas relata que o 1% mais rico de adultos possuía 40% dos bens globais em 2000, e que os 10% mais ricos respondiam por 85% do total da riqueza do mundo. A metade situada na parte mais baixa da população mundial adulta possuía 1% da riqueza global.

(Zygmunt Bauman. A riqueza de poucos beneficia todos nós?, 2015. Adaptado.)

Texto III

Um certo espírito rousseauniano parece ter se apoderado de nossa época, que agora vê a propriedade privada e a economia de mercado como responsáveis por todos os nossos males. É verdade que elas favorecem a concentração de riqueza, notadamente de renda e patrimônio. Essa, porém, é só parte da história. Os mesmos mecanismos de mercado que promovem a disparidade – eles exigem certo nível de desigualdade estrutural para funcionar – são também os responsáveis pelo mais extraordinário processo de melhora das condições materiais de vida que a humanidade já experimentou.

Se o capitalismo exibe o viés elitista da concentração de renda, ele também apresenta a vocação mais democrática de tornar praticamente todos os bens mais acessíveis, pelo aprimoramento dos processos produtivos. Não tenho nada contra perseguir ideias de justiça, mas é importante não perder a perspectiva das coisas.

(Hélio Schwartsman. “Uma defesa da desigualdade”. Folha de S.Paulo, 14.06.2015. Adaptado.)

Com base nos textos apresentados e em seus próprios conhecimentos, escreva uma dissertação, empregando a norma-padrão da língua portuguesa, sobre o tema: **A riqueza de poucos beneficia a sociedade inteira?**

2016 - Publicação de imagens trágicas: banalização do sofrimento ou forma de sensibilização?

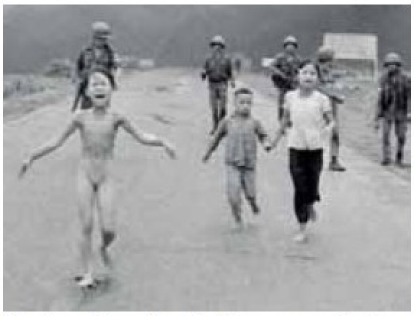

Menina vietnamita atingida por napalm foge de aldeia bombardeada.

(Nick Ut. Vietnã, 1972.)

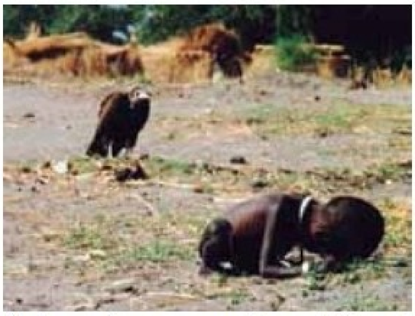

Menina sudanesa em região assolada pela fome é observada por abutre.

(Kevin Carter. Sudão, 1993.)

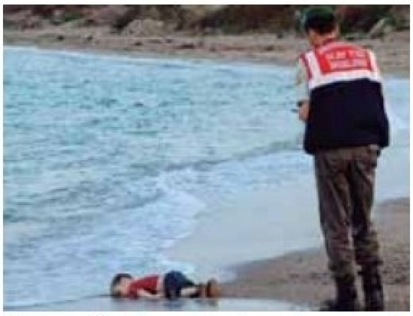

Menino sírio é encontrado morto em praia após naufrágio de barco com refugiados.

(Nilufer Demir. Turquia, 2015.)

Texto I

Um dos traços característicos da vida moderna é oferecer inúmeras oportunidades de vermos (à distância, por meio de fotos e vídeos) horrores que acontecem no mundo inteiro. Mas o que a representação da crueldade provoca em nós? Nossa percepção do sofrimento humano terá sido desgastada pelo bombardeio diário dessas imagens?

Qual o sentido de se exibir essas fotos? Para despertar indignação? Para nos sentirmos "mal", ou seja, para consternar e entristecer? Será mesmo necessário olhar para essas fotos? Tornamo-nos melhores por ver essas imagens? Será que elas, de fato, nos ensinam alguma coisa?

Muitos críticos argumentam que, em um mundo saturado de imagens, aquelas que deveriam ser importantes para nós têm seu efeito reduzido: tornamo-nos insensíveis. Inundados por imagens que, no passado, nos chocavam e causavam indignação, estamos perdendo a capacidade de nos sensibilizar. No fim, tais imagens apenas nos tornam um pouco menos capazes de sentir, de ter nossa consciência instigada.

(Susan Sontag. Diante da dor dos outros, 2003. Adaptado.)

Texto II

Quantas imagens de crianças mortas você precisa ver antes de entender que matar crianças é errado? Eu pergunto isso porque as mídias sociais estão inundadas com o sangue de inocentes. Em algum momento, as mídias terão de pensar cuidadosamente sobre a decisão de se publicar imagens como essas. No momento, há, no Twitter particularmente, incontáveis fotos de crianças mortas. Tais fotos são tuitadas e retuitadas para expressar o horror do que está acontecendo em várias partes do mundo. Isto é obsceno. Nenhuma dessas imagens me persuadiu a pensar diferentemente do modo como eu já pensava. Eu não preciso ver mais imagens de crianças mortas para querer um acordo político. Eu não preciso que você as tuite para me mostrar que você se importa. Um pequeno cadáver não é um símbolo de consumo público.

(Suzanne Moore. “Compartilhar imagens de cadáveres nas mídias sociais não é o modo de se chegar a um cessar-fogo”. www.theguardian.com, 21.07.2014. Adaptado.)

Texto III

A morbidez deve ser evitada a todo custo, mas imagens fotográficas chocantes que podem servir a propósitos humanitários e ajudar a manter vivos na memória coletiva horrores inomináveis (dificultando, com isso, a ocorrência de horrores similares) devem ser publicadas.

(Carlos Eduardo Lins da Silva. “Muito além de Aylan Kurdi”. http://observatoriodaimprensa.com.br, 08.09.2015. Adaptado.)

Texto IV

Diretor da ONG Human Rights Watch, Peter Bouckaert publicou em seu Twitter a foto do menino sírio de 3 anos que se afogou. Ele explicou sua decisão: “Alguns dizem que a imagem é muito ofensiva para ser divulgada. Mas ofensivo é aparecerem crianças afogadas em nossas praias quando muito mais pode ser feito para evitar suas mortes.”

(“Diretor de ONG explica publicação de foto de criança”. Folha de S.Paulo, 03.09.2015. Adaptado.)

Com base nos textos apresentados e em seus próprios conhecimentos, escreva uma dissertação, empregando a norma-padrão da língua portuguesa, sobre o tema: Publicação de imagens trágicas: banalização do sofrimento ou forma de sensibilização?

2015 - O legado da escravidão e o preconceito contra negros no Brasil

Texto I

O Brasil era o último país do mundo ocidental a eliminar a escravidão! Para a maioria dos parlamentares, que se tinham empenhado pela abolição, a questão estava encerrada. Os ex-escravos foram abandonados à sua própria sorte. Caberia a eles, daí por diante, converter sua emancipação em realidade. Se a lei lhes garantia o status jurídico de homens livres, ela não lhes fornecia meios para tornar sua liberdade efetiva. A igualdade jurídica não era suficiente para eliminar as enormes distâncias sociais e os reconceitos que mais de trezentos anos de cativeiro haviam criado. A Lei Áurea abolia a escravidão mas não seu legado. Trezentos anos de opressão não se eliminam com uma penada. A abolição foi apenas o primeiro passo na direção da emancipação do negro. Nem por isso deixou de ser uma conquista, se bem que de efeito limitado.

(Emília Viotti da Costa. A abolição, 2008.)

Texto II

O Instituto Ethos, em parceria com outras entidades, divulgou um estudo sobre a participação do negro nas 500 maiores empresas do país. E lamentou, com os jornais, o fato de que 27% delas não souberam responder quantos negros havia em cada nível funcional. Esse dado foi divulgado como indício de que, no Brasil, existe racismo. Um paradoxo. Quase um terço das empresas demonstra a entidades seriíssimas que “cor” ou “raça” não são filtros em seus departamentos de RH e, exatamente por essa razão, as empresas passam a ser suspeitas de racismo. Elas são acusadas por aquilo que as absolve. Tempos perigosos, em que pessoas, com ótimas intenções, não percebem que talvez estejam jogando no lixo o nosso maior patrimônio: a ausência de ódio racial.

Há toda uma gama de historiadores sérios, dedicados e igualmente bem-intencionados, que estudam a escravidão e se deparam com esta mesma constatação: nossa riqueza é esta, a tolerância. Nada escamoteiam: bem documentados, mostram os horrores da escravidão, mas atestam que, não a cor, mas a condição econômica é que explica a manutenção de um indivíduo na pobreza. [...]. Hoje, se a maior parte dos pobres é de negros, isso não se deve à cor da pele. Com uma melhor distribuição de renda, a condição do negro vai melhorar acentuadamente. Porque, aqui, cor não é uma questão.

(Ali Kamel. “Não somos racistas”. www.oglobo.com.br, 09.12.2003.)

Texto III

Qualquer estudo sobre o racismo no Brasil deve começar por notar que, aqui, o racismo é um tabu. De fato, os brasileiros imaginam que vivem numa sociedade onde não há discriminação racial. Essa é uma fonte de orgulho nacional, e serve, no nosso confronto e comparação com outras nações, como prova inconteste de nosso status de povo civilizado.

(Antonio Sérgio Alfredo Guimarães. Racismo e anti-racismo no Brasil, 1999. Adaptado.)

Texto III

Na ausência de uma política discriminatória oficial, estamos envoltos no país de uma “boa consciência”, que nega o preconceito ou o reconhece como mais brando. Afirma-se de modo genérico e sem questionamento uma certa harmonia racial e joga-se para o plano pessoal os possíveis conflitos. Essa é sem dúvida uma maneira problemática de lidar com o tema: ora ele se torna inexistente, ora aparece na roupa de alguém outro.

É só dessa maneira que podemos explicar os resultados de uma pesquisa realizada em 1988, em São Paulo, na qual 97% dos entrevistados afirmaram não ter preconceito e 98% dos mesmos entrevistados disseram conhecer outras pessoas que tinham, sim, preconceito. Ao mesmo tempo, quando inquiridos sobre o grau de relação com aqueles que consideravam racistas, os entrevistados apontavam com frequência parentes próximos, namorados e amigos íntimos. Todo brasileiro parece se sentir, portanto, como uma ilha de democracia racial, cercado de racistas por todos os lados.

(Lilia Moritz Schwarcz. Nem preto nem branco, muito pelo contrário, 2012. Adaptado.)

Com base nos textos apresentados e em seus próprios conhecimentos, escreva uma redação de gênero dissertativo, empregando a norma-padrão da língua portuguesa, sobre o tema: O legado da escravidão e o preconceito contra negros no Brasil

2014 - Corrupção no Congresso Nacional: reflexo da sociedade brasileira?

Texto I

Dos 594 deputados e senadores em exercício no Congresso Nacional, 190 (32%) já foram condenados na Justiça e/ou nos Tribunais de Contas.

As ocorrências se encaixam em quatro grandes áreas: irregularidades em contas e processos administrativos no âmbito dos Tribunais de Contas (como fraudes em licitações); citações na Justiça Eleitoral (contas de campanha rejeitadas, compra de votos, por exemplo); condenações na Justiça referentes à lida com o bem público no exercício da função (enriquecimento ilícito, peculato etc.); e outros (homicídio culposo, trabalho degradante etc.).

(Natália Paiva. http://www.transparencia.org.br. Adaptado.)

Texto II

Nossa tradição cultural, por diversas razões, criou um ideal de cidadania política sem vínculos com a efetiva vida social dos brasileiros. Na teoria, aprendemos que devemos ser cidadãos; na prática, que não é possível, nem desejável, comportarmo-nos como cidadãos. A face política do modelo de identidade nacional é permanentemente corroída pelo desrespeito aos nossos ideais de conduta.

Idealmente, ser brasileiro significa herdar a tradição democrática na qual somos todos iguais perante a lei e onde o direito à vida, à liberdade e à busca da felicidade é uma propriedade inalienável de cada um de nós; na realidade, ser brasileiro significa viver em um sistema socioeconômico injusto, onde a lei só existe para os pobres e para os inimigos e onde os direitos individuais são monopólio dos poucos que têm muito.

Preso nesse impasse, o brasileiro vem sendo coagido a reagir de duas maneiras. Na primeira, com apatia e desesperança. É o caso dos que continuam acreditando nos valores ideais da cultura e não querem converter-se ao cinismo das classes dominantes e de seus seguidores. Essas pessoas experimentam uma notável diminuição da autoestima na identidade de cidadão, pois não aceitam conviver com o baixo padrão de moralidade vigente, mas tampouco sabem como agir honradamente sem se tornarem vítimas de abusos e humilhações de toda ordem. Deixam-se assim contagiar pela inércia ou sonham em renunciar à identidade nacional, abandonando o país. Na segunda maneira, a mais nociva, o indivíduo adere à ética da sobrevivência ou à lei do vale-tudo: pensa escapar à delinquência, tornando-se delinquente.

(Jurandir Freire Costa. http://super.abril.com.br. Adaptado.)

Texto III

Se o eleitorado tem bastante clareza quanto à falta de honestidade dos políticos brasileiros, não se pode dizer o mesmo em relação à sua própria imagem como "povo brasileiro". Isto pode ser um reflexo do aclamado "jeitinho brasileiro", ora motivo de orgulho, ora de vergonha.

De qualquer forma, fica claro que há problemas tanto quando se fala de honestidade de uma forma genérica, como quando há abordagem específica de comportamentos antiéticos, alguns ilegais: a "caixinha" para o guarda não multar, a sonegação de impostos, a compra de produtos piratas, as fraudes no seguro, entre outros. A questão que está posta aqui é que a população parece não relacionar seus "pequenos desvios" com o comportamento desonesto atribuído aos políticos.

(Silvia Cervellini. http://www.ibope.com.br. Adaptado.)

Com base nos textos apresentados e em seus próprios conhecimentos, escreva uma redação de gênero dissertativo, empregando a norma-padrão da língua portuguesa, sobre o tema:

Corrupção no Congresso Nacional: reflexo da sociedade brasileira?

2013 - Escrever: o trabalho e a inspiração

Proposição

Desde pequeno, você vem sendo submetido, na escola, à prática de escrever. Com o passar do tempo, as exigências se tornaram cada vez maiores para que você aumentasse a qualidade de seus textos e não demorou muito para perceber que lá adiante, no fim do túnel do Ensino Médio, haveria uma prova muito importante, com bom peso na nota: a redação no vestibular. Nesse trajeto, em muitos momentos, você se perguntou: Afinal, para que escrever? Para que fazer uma boa redação? Só para passar no vestibular? Na era da internet, para que eu tenho de aprender a redigir, se a comunicação visual funciona muito melhor? Eu não sou escritor, não preciso saber criar textos!

É isso o que você pensa mesmo? Ou são apenas desa - ba fos? Pois chegou a hora de dizer realmente o que pensa sobre o escrever. Para Clarice Lispector, escrever é maldição e salvação. Para Syd Field, é uma atividade profissional muito importante dentro da atividade geral da arte cinematográfica. E para você?

Com base nestes comentários, em sua própria experiência e, se achar necessário, levando em consideração os textos de Clarice Lispector e Syd Field, escreva uma redação de gênero dissertativo, empregando a norma-padrão da língua portuguesa, sobre o tema:

2012 - A bajulação: virtude ou defeito?

As reações do cérebro à bajulação

Pesquisa mostra que se você for bajular alguém é melhor fazer elogios descarados

Não é o que os meritocratas convictos gostariam de ouvir. Uma pesquisa da escola de negócios da Hong Kong University of Science and Technology indica que a bajulação tem um efeito marcante no cérebro da pessoa bajulada. Mais surpreendente do que isso é a conclusão do estudo de autoria de Elaine Chan e Jaideep Sengupta: quanto mais descarada a bajulação, mais eficiente ela é.

A pesquisa deu origem a um artigo no Journal of Marketing Research, intitulado Insincere Flattery Actually Works ("Bajulação insincera de fato funciona", numa tradução literal) e rapidamente chamou a atenção da imprensa científica mundial.

Os autores são cautelosos ao afirmar que puxar o saco funciona, mas é nessa direção que sua pesquisa aponta. Elaine e Sengupta criaram situações nas quais os pesquisados foram expostos à bajulação insincera e oportunista. Numa delas, distribuíram um folder entre os pesquisados que detalhava o lançamento de uma nova rede de lojas. O material publicitário elogiava o "apurado senso estético" do consumidor. Apesar do evidente puxa-saquismo, o sentimento posterior das pessoas foi de simpatia em relação à rede. Entre os participantes, a medição da atividade cerebral no córtex pré-frontal (responsável pelo registro de satisfação) indicou um aumento de estímulos nessa região. O mesmo ocorreu em todas as situações envolvendo elogios.

Segundo os pesquisadores, a bajulação funciona devido a um fenômeno cerebral conhecido como "com - por tamento de atraso". A primeira reação ao elogio insin cero é de rejeição e desconsideração. Apesar disso, a bajulação fica registrada, cria raízes e se estabelece no cérebro humano. A partir daí, passa a pesar subjetivamente no julgamento do elogiado, que tende, com o tempo, a formar uma imagem mais positiva do bajulador. Isso vale desde a agência de propaganda até o funcionário que leva um cafezinho para o chefe. "A suscetibilidade à bajulação nasce do arraigado desejo do ser humano de se sentir bem consigo mesmo", diz Elaine Chan. A obviedade e o descaramento do elogio falso, paradoxalmente, conferem-lhe maior força. Segundo os pesquisadores, é a rapidez com que descartamos os elogios manipuladores que faz com que eles passem sem filtro pelo cérebro e assim se estabeleçam de forma mais duradoura.

Segundo Elaine e Sengupta, outro fator contribui para a bajulação. É o “efeito acima da média”. Temos a tendên cia de nos achar um pouco melhor do que realmente somos, pelo menos em algum aspecto. Pesquisas com motoristas comprovam: se fôssemos nos fiar na autoimagem ao volante, não haveria barbeiros. Isso vale até para a pessoa com baixa autoestima. Em alguma coisa, ela vai se achar boa, nem que seja em bater figurinha.

Mas se corremos o risco de autoengano com a ajuda do bajulador, como se prevenir? “Desenvolvendo uma autoestima autêntica”, diz Elaine. A pessoa equilibrada, que tem amor-próprio, é mais realista sobre si mesma, aceita-se melhor e se torna mais imune à bajulação.

(As reações do cérebro à bajulação. Época Negócios, março de 2010, p. 71.)

PROPOSIÇÃO

Bajular, lisonjear, adular, puxar saco são atitudes consideradas, muitas vezes, defeitos de caráter ou deslizes de natureza ética; são, também, condenadas pelas próprias religiões, como vícios ou “pecados”. As ficções literárias, teatrais e cinematográficas estão repletas de tipos bajuladores, lisonjeadores, aduladores, puxa-sacos, quase sempre sob o viés do ridículo e do desvio de caráter. Modernamente, porém, pelo menos em parte, essa condenação à bajulação e à lisonja tem sido atenuada, e até mesmo justificada por alguns como parte do marketing pessoal, ou como estratégia para atingir metas, dado o fato de que, como se informa no próprio artigo acima apresentado, até o elogio mais insincero pode encontrar eco na mente e no coração do elogiado. Na passagem do conto de Machado de Assis, apresentada nesta prova, Clemente Soares acabou atingindo seus objetivos por meio da bajulação, e a personagem Fagundes, de Laerte, parece viver sempre feliz em sua atividade preferencial de bajular.

Reflita sobre o conteúdo dos três textos mencionados e elabore uma redação de gênero dissertativo, empregando a norma-padrão da língua portuguesa, sobre o tema:

A bajulação: virtude ou defeito?

Exemplos de Redações Exemplares

Redação 1 – Eduarda de Araújo:

De acordo com a filosofia Aristotélica, a política é intrínseca à condição humana, dessa forma, o voto obrigatório não apresenta malefícios, visto que reforça a natureza dos indivíduos, além de impedir a exclusão de algum cidadão na participação política. Sob tal perspectiva, o voto facultativo não deveria ser inserido na Constituição Federal Brasileira.

Por um longo período de tempo o direito ao voto era exclusivo a determinados grupos sociais, como na Grécia Antiga, onde o poder de votar era concedido somente aos homens gregos maiores de 21 anos. No entanto, a desigualdade política não se restringe a esse período, haja vista o movimento sufragista ocorrido no século XX, principalmente na Europa, onde as mulheres reivindicavam o direito ao voto e à representação política. Depreende-se, então, que foram necessários muitos anos para alcançar o sufrágio universal, portanto é imprescindível mantê-lo na sociedade brasileira, mesmo por meio do voto obrigatório.

Ademais, no que tange ao cenário nacional, o Brasil enfrentou impasses na política logo após a implementação da República, com o chamado Coronelismo, quando ocorria a compra e a manipulação dos votos. Percebe-se, portanto, que com a inserção do voto facultativo as eleições tornariam-se mais suscetíveis a fraudes, visto que seria possível selecionar os eleitores mediante a pagamentos e ameaças, excluindo parte da população brasileira da participação política.

Outrossim, a atual situação da política brasileira, com inúmeras denúncias de corrupção, desestimula os cidadãos a voltarem e com o voto facultativo implantado os cidadãos participariam menos do cenário político. Apenas com a experiência os indivíduos criarão o hábito de participação política e poderão, enfim, valer-se* da própria consciência, sem ser necessário a obrigatoriedade. No entanto, até que essa consciência seja construída, o voto deve permanecer obrigatório, garantindo a inclusão de todos e mantendo o direito político conquistado durante anos.

Redação 2 – Lívia Rufino

“Aquele que não pratica a política é manipulado por aquele que pratica”

Nos dias hodiernos, temos presenciado um momento jamais visto em nossa história, esquemas de corrupção sendo descobertos, agentes do mais alto nível de poder sendo presos e o povo brasileiro organizando grandes manifestações. Em meio a todos esses acontecimentos, o sentimento de descontentamento com o governo e a descrença na melhora política tem crescido, trazendo à tona novamente a discussão sobre o voto facultativo no Brasil.

Sob jurisprudência da Lei no. 4737/1965, a atual Constituição Federal o voto é obrigatório, e torna-lo facultativo poderia trazer grandes consequências por possuirmos uma democracia muito jovem, acarretando no afastamento de muitos cidadãos do processo eleitoral. A situação se torna ainda mais desastrosa ao levarmos em consideração que esse fato pode aumentar a compra e venda de votos, gerando eleições fraudulentas, pois aquele que não pratica política é manipulado por quem pratica, como acontecia no período da República Velha em nossa nação.

Em suma, o voto é um direito e um dever que o povo brasileiro conquistou através de muita luta, é necessário que relevância seja lembrada, pois é por meio dele que escolhemos quem governará nosso país pelos próximos 4 anos. A grande mídia deve mostrar a importância do voto e o poder público deve promover debates políticos em escolas, a fim de formarmos seres mais politizados e eleições conscientes, criando um ambiente político agradável de se conviver, pois,como citou o renomado filósofo Platão, “o importante não é viver, mas viver bem”.

Redação 3 – Giovanna Panegassi

Política renovada, democracia alcançada

Nos dias atuais, presenciamos inúmeros pontos negativos na política brasileira, uma vez que essa está repleta de atos corruptos e ilegais. Entretanto, muitos indivíduos acreditam que esses só ocorrem após a eleição dos candidatos, quando, na verdade se iniciam no processo eleitoral. Assim, nos deparamos muitas vezes com votos comprados, esses que seriam cessados com a implantação do voto facultativo e consciente.

Em primeiro lugar, devemos levar em consideração a importância do voto, visto que esse é resultado de inúmeras lutas, ao longo da história, por direitos mais igualitários. Todavia, esse ato de suma representatividade, hodiernamente, já não é tão respeitado, uma vez que vivemos em um país com alto nível de manipulação, principalmente pelos meios midiáticos. Desse modo, nas épocas eleitorais, grande parcela da população é influenciada, comprada e até mesmo obrigada a escolher determinados candidatos, realidade que implicitamente nos assemelha ao coronelismo no passado e como dizia George Santayana “Aqueles que não recordam do passado estão condenados a repeti-lo”. Desta forma, mudanças devem ocorrer para alterar esse drástico cenário, tal como o voto facultativo que daria a oportunidade dos indivíduos expressarem sua real opinião, posto que estariam no local por vontade própria.

Em segundo lugar, devemos ter a consciência de que com o voto facultativo os partidos e o Governo investiriam mais em programas que incentivassem* o povo a votar, dando maior ênfase na educação política doas pessoas principalmente dos mais pobres, posto que esses são os mais numerosos componentes da população brasileira. Consequentemente, isso aumentaria a parcela de eleitores informados e críticos que visariam o bem do país e como dizia Arendt “a política está na mão de um grupo e só funciona com esse unido”, assim com tais atos alcançaríamos a verdadeira política sem que isso aparentasse* uma utopia. Por conseguinte, teríamos uma democracia mais justa, já que segundo o Instituto Datafolha mais da metade da sociedade brasileira é contra o voto obrigatório e como um sistema democrático a vontade da maioria da população deve ser implementada.

Em vista dos fatos analisados, conclui-se que como pensava Heráclito de Éfeso “nada é permanente, salvo as mudanças”, e quando esses trazem a oportunidade de melhorar um país devem ser levadas em conta. A partir disso, vimos que a facultatividade no voto traria diversos benefícios, como maior educação política, fato de extrema importância, uma vez que como pensava Francis Bacon “saber é poder”, ou até mesmo menor grau de corrupção dentro do sistema eleitoral. O Brasil é uma das poucas democracias que ainda não alteraram obrigatoriedade de comparecer às urnas, contudo vendo como nosso cenário político permanece deplorável, medidas devem ser tomadas. Assim, o voto deveria ser facultativo em nosso país.

Fonte: https://www.lerecompreendertextos.com.br/

Redação Corrigida

Tema: A redução da maioridade penal
Banca: VUNESP

A redução da maioridade penal é um dos assuntos discutidos, conforme vemos no Brasil. Entretanto a penalização que se dá ao menor infrator não é rígida, assim o coagindo para práticas de crime para si e para outras pessoas. Além disso(correção gramatical), não adianta punir rigorosamente se não houve ressocialização(essa frase contradiz a anterior, não se mostrou contra ou a favor).

Primeiramente, o estado põe ao menor infrator uma pena que dá ele mais entrada para a criminalização. Sabe-se, que o infrator não se(não deveria haver esse: se) receberá a mesma punição do que o maior de idade. Diante disso, fica fácil usá-lo para encobrir alguns crimes como tráfico de drogas onde o menor é usado como cobaia para fazer entrega de entorpecentes, assim despistando(correção gramatical) autoridades.

Porém, o adolescente que recebe essa punição por não ser rigorosa o faz(correção gramatical) continuar pior que está. Por outro lado, não adianta dar uma penalização rígida se não houver ressocialização juntamente a sociedade através de palestras, trabalhos, cursos, incentivo para estudar. Consequentemente se não incentivar(correção gramatical) mudança,(faltou vírgula) continuará(faltou acento) a cometer crimes do mesmo jeito.

Portanto a redução da maioridade é a melhor opção para a criminalidade juntamente com a ressocialização. Dessa maneira, (faltou vírgula)o menor encobriria(correção gramatical) crimes de outras pessoas tendo em vista uma punição rígida. Logo, que pensaria antes de cometer alguma atrocidade.

Comentários

Introdução: Boa introdução, mas ficou contraditória.

Desenvolvimento: Deveria ter contextualizado mais, colocado mais argumentos.

Desenvolvimento 2: O segundo desenvolvimento ficou superficial.

Conclusão: Básica demais, deveria ter elaborado mais propostas de intervenções.

Geral: Boa redação, mas faltaram mais argumentos e aprofundá-los. Além disso, havia muitos erros de ortografia.

Pontuação

Competência 1: Tema: 9 Pontos

Considera-se se o texto do candidato atende ao tema proposto.

Competência 2: Estrutura: 6 Pontos

Consideram-se aqui, conjuntamente, os aspectos referentes ao gênero/tipo de texto proposto e à coerência das ideias.

Dica: Estrutura correta, mas as ideias não estão bem organizadas.

Competência 3: Expressão: 4 Pontos

Consideram-se nesse item os aspectos referentes à coesão textual e ao domínio da norma-padrão da língua portuguesa.

Dica: Erros de ortografia

Nota Final: 19

Conheça a nossa plataforma de correções e monitorias para redações estilo Enem e vestibulares.

Ao se cadastrar você já tem acesso ao material de apoio. Se gostar basta adquirir um pacote, nós temos para todos os bolsos.

Ao adquirir um pacote você está impactando diretamente na vida de diversos corretores.

Somos a única plataforma que dá mais de 90% do valor da correção a um corretor. ♥

https://www.projetoagathaedu.com.br/correcao-de-redacoes/

Projeto Agatha

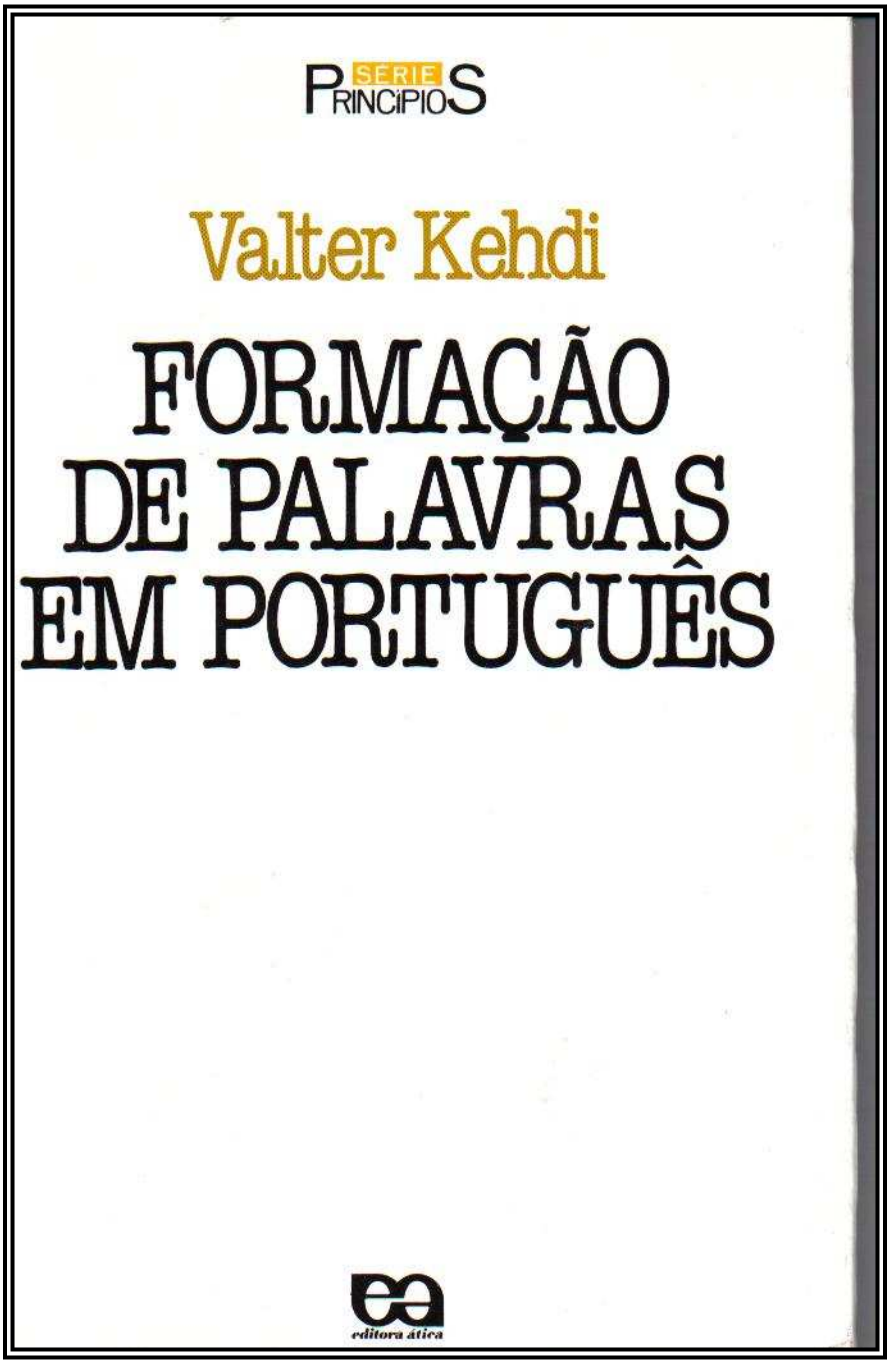

SÉRIE PRINCÍPIOS

Valter Kehdi

FORMAÇÃO DE PALAVRAS EM PORTUGUÊS

editora ática

http://groups-beta.google.com/group/digitalsource

DIGITAL Source

SÉRIE PRINCÍPIOS
215

Valter Kehdi
Doutor em Letras
Professor da disciplina da Filologia
e Língua Portuguesa da FFLCH
da Universidade de São Paulo

Formação de Palavras em Português

(Edição revista e ampliada)

3ª edição
5ª impressão
editora ática

Editor
Nelson dos Reis
Preparação de texto
Bárbara Heller
Revisão
Áurea Regina Kanashiro
Edição de arte
Milton Takeda
Coordenação gráfica
Jorge Okura
Composição/paginação em vídeo
Edson Vander de Oliveira
Eliana Ap. Fernandes Santos
Capa
Ary Normanha
Antonio Ubirajara Domiencio

ISBN 85 08 04054 7

2003

Todos os direitos reservados pela Editora Ática
Rua: Barão de Iguape, 110 – Cep: 01507-900
Caixa Postal 2937 – Cep: 01065-970
São Paulo - SP
Tel.: 0XX 11 3346-3000 – Fax: 0XX 11 3277-4146
Internet: http://www.atica.com.br
E-mail: editora@atica.com.br

A
Palameda Borsari, *in memoriam.*

Sumário

1. Derivação e composição____7

2. Derivação prefixal e sufixal __________________________________ 10
Constituintes imediatos (C.I.)______________________________________ 10

3. Derivação parassintética_______________________________________17

4. Derivação regressiva e abreviação______________________________22
Processo de nominalização____ 26
Abreviação____27

5. Derivação imprópria ou conversão_____________________________29
Translação de primeiro grau_______________________________________ 30
Conversão e translação____ 31
Morfossintaxe ____ 34

6. Composição____ 35
Tipos de composição____ 36
Uso do hífen nos compostos______________________________________ 37
Traços lingüísticos dos compostos_________________________________39
Estrutura dos nomes compostos____________________________________42

7. Flexão de número dos compostos______________________________ 44
Formação do plural dos compostos ________________________________ 45

8. Outros processos de formação de palavras____49
Reduplicação (ou redobro) ____50
Hibridismo ____ 50
Siglas ____ 51

9. Conclusão ____ 53

10. Exercícios de aplicação_____________________________________ 55

11. Vocabulário crítico ____ 57

12. Bibliografia comentada _____________________________________61

1

Derivação e Composição

O acervo lexical da língua portuguesa é constituído de uma grande maioria de palavras herdadas do latim, às quais se acrescentaram palavras de outras origens, além de vocábulos formados em nosso próprio idioma.

Neste livro enfocaremos os processos formadores de palavras em português, os quais também não são estranhos às palavras latinas herdadas, e fixar-nos-emos numa perspectiva sincrônica.

Basicamente, distinguem-se dois processos de formação lexical: a derivação e a composição.

Quando um vocábulo é formado de um só radical, a que se anexam afixos (prefixos e sufixos), tem-se a derivação:

repor *(= re- (pref.) + pôr)*
felizmente *(= feliz + -mente (suf.))*

A composição ocorre quando dois ou mais radicais se combinam:

amor-perfeito
guarda-chuva

Verifica-se, contudo, que certos prefixos em nossa língua têm uso autônomo, como se fossem preposições; é o caso de *contra- e entre-:*

contrapor / José está *contra* os colegas.
entreabrir / Ficou *entre* a cruz e a espada.

Esse fato levou muitos gramáticos do passado e algumas correntes da Lingüística moderna, como a gramática gerativa, a classificar a prefixação como um caso de composição.

Argumentou-se, entretanto, que essa autonomia não é característica de todos os prefixos: alguns, como *des*- e *re*-, só figuram como formas presas (atreladas a um radical): desigual, rever.

Entre os sufixos, alguns também tiveram uso autônomo: a forma latina *mente*, "espírito", aparecia combinada com adjetivos adequados à sua significação, constituindo um exemplo de processo de composição: *boamente*. A partir do momento em que *mente* pôde juntar-se a outros adjetivos, como em *rapidamente*, *recentemente*, adquiriu o caráter de sufixo, portanto, de forma presa.

Caso curioso é o do elemento *avos*, que figura na designação dos denominadores superiores a dez nas frações ordinárias: 1/15 (um quinze avos). Na realidade, *avos* é o sufixo do numeral *oitavo* (depreendido pela comparação com *oito*), que, nesse contexto específico, adquire uso autônomo.

Os fatos acima apontados não impedem que se considere a sufixação como um tipo de derivação. Quando se fala em prefixo, os sufixos são naturalmente associados e vice-versa. Esses aspectos levam a integrar também a prefixação no quadro da derivação — posição oficial da Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB).

A diferença entre prefixos e sufixos, contudo, não é meramente distribucional. Os prefixos, ao contrário dos sufixos, só se agregam a verbos e a adjetivos, que são uma espécie de vocábulo associado ao verbo. Lembremos, a título de exemplo, que o particípio passado se flexiona em gênero e número, à semelhança do adjetivo:

construído / construída / construídos / construídas

Certos verbos equivalem a um verbo de ligação seguido de um adjetivo em função de predicativo:

[1]

---

[1] Este livro foi digitalizado e distribuído GRATUITAMENTE pela equipe Digital Source com a intenção de facilitar o acesso ao conhecimento a quem não pode pagar e também proporcionar aos Deficientes Visuais a oportunidade de conhecerem novas obras.
Se quiser outros títulos nos procure http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros, será um prazer recebê-lo em nosso grupo.

envelhecer = ficar velho
hesitar = estar hesitante

Em alguns verbos formados por prefixação, o complemento verbal aparece regido de preposição igual ao prefixo:
*con*viver *com*...
*de*pender *de*...
*en*carcerar *em*...

Ademais, os prefixos não contribuem para a mudança da classe gramatical do radical a que se ligam: *rever* é verbo, como *ver*, *desigual* é adjetivo, como *igual*. Os sufixos, pelo contrário, podem contribuir para a mudança da classe gramatical do radical: *civilizar* é verbo, ao passo que *civil* é adjetivo.

As diferenças assinaladas mostram a complexidade do problema. Contudo, nosso objetivo é especificar, aqui, os diferentes tipos de derivação e composição; a título de simplificação e economia, consideraremos a prefixação como um tipo de derivação, seguindo a linha proposta pela NGB.

Explicitaremos, inicialmente, os diferentes tipos de derivação, para passarmos, no capítulo 6, ao estudo da composição.

2

Derivação prefixal e sufixal

Contrariamente aos vocábulos que contêm um só prefixo (*in*/feliz) ou um só sufixo (ruin/*dade*), as palavras com dois ou mais afixos (*in*/just/*iça*, *des*/respeit/*osa*/*mente*) parecem apresentar uma estrutura mais complexa.

Em desrespeitosamente trata-se de uma derivação prefixal e bissufixal simultânea ou de uma estruturação subjacente mais simples e regular?

Essa questão é satisfatoriamente solucionada através de uma análise em *constituintes imediatos* (C.I.), cujas técnicas expomos a seguir.

Constituintes imediatos (C.I.)

A análise em C.I.. é mais facilmente ilustrada a partir da sintaxe.
Tomemos como exemplo a frase (F): “O garoto chutou a bola”.
Não recorreremos aos princípios lógico-aristotélicos (que dividem a frase em questão em dois blocos: *o garoto* — sujeito, o ser a respeito do qual se declara algo — e *chu-*

tou a bola — predicado, aquilo que se declara a respeito do sujeito —), mas a técnicas exclusivamente formais.

Assim, *o garoto* constitui um bloco perfeitamente substituível por um elemento unitário, que não se decompõe: *José*. Acrescente-se que *José chutou a bola* é uma frase absolutamente aceitável em português. Como a palavra central de *o garoto* é o substantivo *garoto*, vamos dar a esse bloco a designação de sintagma nominal (SN).

Por sua vez, *chutou* a bola pode ser substituído por saiu, elemento igualmente unitário. A frase *O garoto saiu* também é aceitável em nossa língua. Como o bloco *chutou a bola* tem como elemento central o verbo *chutou*, designaremos esse conjunto como sintagma verbal (SV).

Podemos esquematizar essas conclusões através da formula:

F = SN + SV

O SN, constituído de dois elementos, não oferece dificuldade de segmentação:

o | garoto

O SV, por sua vez, constitui-se de três elementos: *chutou a bola*. Como é possível substituir a *bola* pelo pronome pessoal oblíquo *a* ou pelo pronome demonstrativo *isso* (*chutou-a / chutou isso*) e, nessas construções de dois elementos, o corte dá-se automaticamente após o primeiro, temos que *chutou a bola* é segmentado da seguinte forma:

chutou | a bola

A *bola* segmenta-se facilmente em:

a | bola

Realizando a leitura de baixo para cima, podemos afirmar que *a* e *bola* constituem imediatamente (são os C.I. de) *a bola*; *chutou* e *a bola* são os C.I. de *chutou a bola*; *o e garoto* são os C.I. de *o garoto*; finalmente, *o garoto* e *chutou a bola* são os C.I. da frase *O garoto chutou a bola*.

A análise em C.I. mostra que a frase não é uma simples sucessão de vocábulos, mas uma superposição de camadas binárias .(Todos os cortes realizados segmentaram os blocos em dois elementos.)

Essa análise prossegue ao nível do vocábulo, mostrando que este não é uma seqüência de morfemas, mas uma superposição de blocos binários. Vamos utilizar, a título de ilustração, o substantivo *formalização.*

A segmentação morfemática revela os morfemas constitutivos desse vocábulo —

{form(a)} + {al} + {iz} + {a} + {ção}[1]

— e levar-nos-ia a crer que o referido vocábulo é uma mera seqüência de morfemas.

Contudo, como o sufixo -*ção* exprime ação ou resultado da ação, só pode agregar-se a uma forma verbal; na verdade, o sufixo foi anexado ao verbo *formalizar* (após a eliminação do -*r* do infinitivo).

Por sua vez, os verbos em -*izar* são normalmente formados a partir de bases adjetivas: *formal* + izar (cp. *civilizar*, *realizar* etc.).

Finalmente, o adjetivo *formal* constitui-se do substantivo *forma* + o sufixo -*al.*

Percebemos, assim, que o vocábulo em questão se constitui pela superposição de camadas representadas, cada uma, por um elemento *nuclear* (radical) e um elemento *periférico* (afixo/desinência). Os dois elementos de cada camada são os seus C.I. Dessa forma, o vocábulo não é interpretado como uma sucessão de morfemas e, sim, como uma superposição de blocos de C.I.

Há uma dupla vantagem nessa técnica descritiva. Por um lado, evita-se atribuir aos morfemas o mesmo grau de aderência com relação aos morfemas antecedentes e conseqüentes, o que acarretaria descrições longas e não correspondentes à estrutura real do vocábulo. Por outro, a análise em C.1. permite-nos, por exemplo, considerar *formalização* como um derivado sufixal (e não como um derivado trissufixal, dada a presença dos três sufixos: *-al*, *-iz* e *-ção*).

---

[1] Por convenção, os morfemas são indicados entre chaves.

Esse caráter de derivado sufixal pode ser confirmado semântica e formalmente: o simples sentido do vocábulo ("ato de formalizar") pode induzir-nos à partição: *formaliza + ção*; a comparação com outras formas em *-ção* (*cassação, constituição*) mostra-nos que o elemento que antecede o sufixo comuta com elementos mais simples, o que lhe dá o caráter de bloco unitário.

Outra vantagem oferecida pela análise em C.I. é que cada camada depreendida pode ser discutida nas partes da gramática em que as formações similares foram tratadas. No nosso exemplo, *formal* é apresentado como um adjetivo derivado; *formalizar* é examinado como um verbo derivado; *formalização*, como um substantivo derivado; cada uma dessas formas é comparada com as formas correspondentes da classe que representam.

Eugene A. Nida, em sua obra *Morphology*, apresenta, de forma clara, ordenada e operatória, os procedimentos para a depreensão dos C.I. ao nível do vocábulo. Aplicaremos os mesmos princípios usando como exemplos palavras da língua portuguesa.

Princípio 1: "As divisões deveriam amoldar-se às relações significativas"

O princípio acima pode ser discutido, levando-se em conta, por exemplo, o adjetivo *desgostoso* e o advérbio *desrespeitosamente*. No caso de *desgostoso*, o sentido é, indiscutivelmente, "cheio de desgosto", o que remete à segmentação *desgosto* + *oso*; trata-se, portanto, de um derivado sufixal. Quanto a *desrespeitosamente* o sentido é "de modo desrespeitoso", e a segmentação correspondente é *desrespeitosa* + *mente* (também um derivado sufixal).

Convém ressaltar que certos vocábulos apresentam duas significações perfeitamente aceitáveis. Quando a comparação com outras formas é um elemento de confirmação tanto para um sentido como para outro, tais palavras podem oferecer dupla possibilidade de segmentação.

Principio 2: “As divisões são feitas na base da substituição de unidades maiores por unidades menores pertencentes à mesma classe de distribuição externa ou a uma classe diferente (de distribuição externa)” [2]

Foi esse o princípio utilizado na divisão inicial de formalização. A comparação com *cassação* e *constituição* revelou o caráter de bloco de *formaliza-*.
Devemos estar atentos, aqui, à substituição por membros da mesma classe gramatical do vocábulo inicialmente proposto.

Princípio 3: “As divisões deveriam ser tão poucas quanto possível”

Por este princípio o autor defende as partições binárias (o binarismo)[3]. Um vocábulo deve ser inicialmente dividido em dois C.I.; cada um dos C.I. será dividido em mais dois outros e assim sucessivamente.

Cada camada será, dessa forma, constituída de dois C.I. um nuclear e outro periférico.

Só excepcionalmente poderão ser aceitas divisões ternárias. Em português, os verbos parassintéticos (de que falaremos no capítulo 3) são formados de três C.I. simultâneos:

aclarar = a + clar(o) + ar

---

[2] “Uma classe cujos membros ocorrem no mesmo contexto externo, por exemplo, todos os verbos que podem ocorrer antes do sufixo -ing [em inglês], constitui uma classe de distribuição externa” (*Morphology*, p. 91, n. 23).

[3] A visão do vocábulo como uma superposição de camadas binárias de morfemas também aparece na Lingüística européia. Confiram-se as obras de Charles Bally e F. Mikus (v. Bibliografia).

Esse traço distingue-os dos vocábulos cujos prefixos e sufixos não estão em relação de simultaneidade, como em:

injustiça = injust(o) + iça
ou
in + justiça

Princípio 4: "As divisões deveriam ser corroboradas pela estrutura total da língua"

Trata-se, aqui, do princípio mais difícil de aplicar, pois pressupõe conhecimento prévio das várias estruturas do idioma.

Tomemos, como exemplo, o adjetivo *desrespeitoso*.

Pelo princípio 1, poderíamos segmentá-lo em *des* + *respeitoso* (= não respeitoso), caso de derivação prefixal. A possibilidade de interpretá-lo como "que tem desrespeito" conduz à segmentação *desrespeito* + *oso*, derivação sufixal.

Aparentemente, há aspectos formais que confirmam as duas divisões: o prefixo des- prende-se, normalmente, a adjetivos (*respeitoso*), e o sufixo -*oso* agrega-se a substantivos (*desrespeito*).

No entanto, se levarmos a segmentação até o fim, constataremos que uma das possibilidades é mais interessante. Partamos da primeira:

des + respeitoso

Num segundo momento, teríamos:

respeito + oso

Um exame atento de cada uma das duas camadas revela-nos que o prefixo *des*- aparece ligado a um adjetivo, o que é normal em português; o sufixo -*oso*, por sua vez, segue-se ao substantivo *respeito*, o que também é freqüente em nossa língua.

Essa dupla possibilidade de segmentação será discutida no Princípio 4.

Com relação à segunda possibilidade:

desrespeito + oso

o segundo momento nos conduz a:

des + respeito

Ocorre que, aqui, o prefixo *des*- está ligado a um substantivo, o que é excepcional em português (raros são os exemplos como *descaso*, *desfavor*). Como assinalamos no capítulo 1, os prefixos normalmente acompanham verbos e adjetivos.

Assim sendo, a primeira solução está mais de acordo com a estrutura total de nossa língua. Nesse caso, é preferível considerar *desrespeitoso* como um derivado prefixal *(des* + *respeitoso*).

Princípio 5: “No mais, não havendo diferença, uma divisão em C.I. contínuos tem precedência sobre uma divisão em C.I. descontínuos” .

Embora sejam mais freqüentes os exemplos de C.I. contínuos, não são raros, em português, os casos de C.I. descontínuos, isto é, não contíguos.

Nos verbos parassintéticos, o prefixo e o sufixo estão em relação de solidariedade formal e semântica, e constituem, portanto, um exemplo de C.I. descontínuos, separados pelo radical; não só não podemos excluir o prefixo ou o sufixo, como, via de regra, o sentido do prefixo é dinâmico, reforçando, dessa forma, o sentido do sufixo: em *apedrejar* (*a* + *pedr(a)* + *ejar*), o prefixo exprime a idéia de movimento, direção, em reforço da noção freqüentativa do sufixo.

Encerrando nossas considerações, queremos ressaltar também que, relativamente aos princípios anteriormente enumerados, há uma estreita ligação entre os de número 1, 2 e 4, que, na verdade, funcionam como reforço um do outro. São, portanto, princípios hierarquizados e complementares entre si.

3
Derivação parassintética

Processo não consignado pela NGB, a parassíntese, ou derivação parassintética, muito comum em português, consiste na adjunção simultânea de um prefixo e de um sufixo a um radical, de forma que a exclusão de um ou de outro resulta numa forma inaceitável na língua. Tomemos, como exemplo, o verbo *esclarecer*; não existe o adjetivo **esclaro*[1] , nem o verbo **clarecer*

Certos verbos (e outros vocábulos) constituídos de prefixo + radical + sufixo não apresentam simultaneidade dos afixos: *reflorescer* (compare com *florescer*); *injustiça* (compare com *injusto* / *justiça*). A classificação desses vocábulos como derivados prefixais ou sufixais baseia-se numa análise em C.I., de acordo com as técnicas especificadas na já citada obra de E. A. Nida, Morphology.

Não há necessidade de distinguir formas como *esclarecer* e *aclarar*, com o argumento de que, na segunda, não figura um sufixo. Na realidade, as únicas flexões possíveis para o adjetivo *claro*, radical de *aclarar*, são:

claro / clara / claros / claras

---

[1] o asterisco indica tratar-se de uma forma inaceitável ou inexistente na língua.

A terminação *-ar*, de valor verbal, está contribuindo para que a palavra *claro* mude da classe dos adjetivos para a dos verbos, ou seja, está desempenhando um papel sufixal; como observamos no capítulo 1, uma das funções do sufixo é contribuir para a mudança da classe gramatical do radical. Assim, tanto *esclarecer* como *aclarar* são exemplos de verbos parassintéticos. O sufixo -ec(er), de *esclarecer*, tem valor meramente aspectual (incoativo/causativo) e não interfere na caracterização do processo de formação do verbo.

Geralmente, os prefixos que figuram nos parassintéticos têm um sentido *dinâmico*:

embarcar (em-: movimento para dentro)
desfolhar (des-: ato de separar)

o que explica o fato de a maioria desses derivados serem verbos. Contudo, podemos encontrar, ainda que raramente, substantivos/adjetivos parassintéticos: é o caso de *subterrâneo* (considerando que *subterra e **terrâneo* são formas inexistentes), bem como de *conterrâneo*, *desalmado* etc.

Normalmente, os nomes deverbais não são parassintéticos, ainda que os verbos de que procedem o sejam: *esclarecimento* e *esclarecedor* são derivados sufixais, como o mostra uma análise em C.I.; (o) *embarque*, por sua vez, é um derivado regressivo, de que falaremos no capítulo 4.

Freqüentemente o caráter parassintético de um verbo só se revela quando levamos em conta o subsistema de que ele faz parte. Apresentamos, a seguir, alguns casos que ilustram essa afirmação.

Há exemplos curiosos de verbos cujo radical é um adjetivo que exprime cor, e que, aparentemente, não seriam parassintéticos: *amarelar*, *azular*. Todavia, se considerarmos o subsistema dos verbos formados por esses adjetivos, verificaremos que são, na maioria, parassintéticos: *acinzentar*, *alaranjar*, *arroxear*, *avermelhar* etc.

Ora, nesses verbos mencionados ocorre o prefixo *a-*. Como os adjetivos *amarelo* e *azul* começam pela vogal *a-*, podemos admitir que houve a crase desse *a-* inicial do radical com o prefixo *a-*:

aamarelar - amarelar.

A regra fonológica da crase é comum na morfologia portuguesa, como mostram os exemplos*: normal* (de *norma* + *al*), *gostoso* (de *gosto* + *oso*) etc.

Portanto, parece-nos plausível considerar os verbos *amarelar* e *azular* como parassintéticos, em função das duas observações acima[2].

Assim também devem ser classificados verbos como requentar e reverdecer, embora nossos dicionários registrem as formas *requentar* e *reverdecer*, o que poderia dar-nos a impressão de que as primeiras formas são derivadas por prefixação.

Alguns verbos de base adjetival, antecedidos do prefixo *re-*, são parassintéticos: *refinar, refrescar, reloucar* (dada a inexistência de formas como **finar* (de fino), **frescar*, **loucar*). Esse subsistema permite-nos concluir que *requentar* e *reverdecer* são formados a partir dos adjetivos quente e verde:

re + quente + ar / re + verde + ecer

em paralelismo com os demais verbos mencionados.

O exame do subsistema pode também revelar que um determinado vocábulo, aparentemente formado por paras- síntese, é, na verdade, um derivado prefixal. Tome-se, por exemplo, o adjetivo *inquebrantável*. A inexistência de **quebrantável* e **inquebrantar* tem conduzido alguns a considerar *inquebrantável* como parassintético. No entanto, a ocorrência de *inquebrável, indesejável, impensável,* em que o prefixo se atrela ao adjetivo, e não ao verbo (**inquebrar*, **indesejar*, **impensar*), mostra-nos que esses adjetivos são todos derivados prefixais.

---

[2] Entretanto, queremos assinalar que se'trata de uma hipótese, uma proposta, visto que há verbos derivados de adjetivos que indicam cor que não são parassintéticos. Cf.: branquejar, verdejar etc.

Relativamente à não-documentação de uma forma como *quebrantável*, convém lembrar uma observação de Mário Barreto:

> É certo que se não acha nos dicionários [refere-se o autor ao adjetivo *inencontrável*]; mas inencontrável, como outros muitos verbais em *ável*, *ível*, é do número daquelas palavras que se podem chamar *facilmente formáveis*[3]. (Fatos da língua portuguesa, p. 34)

Outro caso interessante é o de verbos que apresentam duas formas, uma com
prefixo comum na formação de parassintéticos e outra sem o referido prefixo:

alargar — largar
embandeirar — bandeirar
respigar — espigar

Naturalmente, a ausência do prefixo na segunda forma leva-nos a pôr em dúvida o traço de parassíntese dos verbos da primeira coluna.

É importante assinalar que, num grupo de derivados, deve haver relações não só formais, mas também semânticas.

Examinando os três pares de verbos acima, observamos que os membros de cada par apresentam uma relação apenas formal. Do ponto de vista semântico, as relações são vagas ou, até, imperceptíveis:

alargar, “tornar largo”
larga, “soltar”

embandeirar, “ornar com bandeiras”
bandeirar, “organizar bandeira, ser bandeirante”

respigar, “recolher as espigas”
espigar, “criar espiga (o milho, o trigo)”

Assim sendo, o elemento comum aos membros de cada par é apenas o radical:

---

[3] O Novo Dicionário Aurélio, por ser mais recente, registra o verbete *inencontrável*.

largar — formado de *larg*(o) + *ar*
alargar — formado de *a* + *larg*(o) + *ar*
embandeirar — formado de *em* + *bandeira* + *ar*
(*bandeirar* — formado de *bandeira* + *ar*)
respigar — formado de *re* + *espiga* + *ar*
(*espigar* — formado de *espiga* + *ar*)

Portanto, os verbos *alargar*, *embandeirar* e *respigar* são parassintéticos. A omissão do prefixo implicaria um significado diferente para cada um desses verbos; para o sentido que apresentam, o prefixo é indispensável.

Essas considerações e exemplos levam-nos a atribuir ao elemento semântico um papel também importante na caracterização da parassíntese.

Alguns verbos parassintéticos apresentam o radical em sua forma arcaica (*abaular*, de *baul*, forma antiga de *baú*; *esfolar*, de *fole*, na acepção antiga de "*pele*"); outros contêm uma forma reduzida do radical (*esfulinhar* (de *fuligem*); *enjangar* (de *jangada*)).

As observações aqui apresentadas permitem-nos concluir que a parassíntese não pode ser conceituada com base exclusiva na simultaneidade dos afixos; o exame de subsistemas, bem como a análise do aspecto semântico, são, também, critérios indispensáveis para a caracterização desse processo de formação vocabular.

2

---

[2] Este livro foi digitalizado e distribuído GRATUITAMENTE pela equipe Digital Source com a intenção de facilitar o acesso ao conhecimento a quem não pode pagar e também proporcionar aos Deficientes Visuais a oportunidade de conhecerem novas obras.
Se quiser outros títulos nos procure http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros, será um prazer recebê-lo em nosso grupo.

4

Derivação regressiva e abreviação

Nos capítulos 2 e 3 examinamos os vocábulos derivados por afixação. Aqui, estudaremos os derivados resultantes da eliminação de uma terminação do vocábulo derivante; é o processo denominado derivação regressiva (ou regressão).

A derivação regressiva ocorre quando, a partir de um vocábulo com sufixo real ou suposto, formamos um novo vocábulo através da eliminação do referido sufixo: assim, de *aceiro* (em que *-eiro* faz parte integrante do radical) formou-se aço (pela falsa suposição de que *-eiro* fosse sufixo, levando-se em conta vocábulos como *ferreiro*, *jardineiro*, *pedreiro* etc.). É também o caso de *sarampo* (com relação a *sarampão*), *rosmano* (com relação a *rosmaninho*), em que as terminações das segundas formas foram interpretadas como sufixos de grau.

Contudo, o maior número de derivados regressivos é constituído de substantivos deverbais, como:

paga, de pagar
luta, de lutar

Eis por que dedicaremos a eles a maior parte deste estudo.

Será que *paga* origina-se de *pagar*, ou é o contrário que se verifica?

Mário Barreto, em *De gramática e de linguagem*, apresenta uma solução prática para o assunto:

> Para que o consulente tire a dúvida de se a palavra primitiva é o verbo ou, antes, o nome, saiba que, se o substantivo denota acção, será palavra derivada, e o verbo palavra primitiva, mas se o nome denota algum objecto ou substância, se verificará o contrário. (p. 331)

O critério proposto por Mário Barreto tem sido adotado por nossas gramáticas mais recentes.

Como o verbo não é facilmente definido do ponto de vista semântico, há quem prefira propor uma explicação mais simples: uma base define-se como verbo ou nome em função dos morfemas a ela anexados:

pag-a-r (verbo)
(as) pag-a-s (subst.)

Essa posição parece-nos pecar por três aspectos:

1) não explica por que não há nomes regressivos para todos os verbos; por exemplo, não temos **escarafuncha* (de *escarafunchar*) e **enxerga* (de *enxergar*);
2) entra em contradição com os deverbais progressivos, formados por sufixação (*construção*, de *construir*), reconhecidos como indiscutivelmente derivados;
3) apresenta como estático um fenômeno que, na verdade, é caracteristicamente dinâmico.

Em virtude desses fatos, preferimos reconhecer nos deverbais regressivos o traço de derivação, apesar de algumas dificuldades que comentaremos a seguir.

Os deverbais regressivos são extraídos da primeira ou da terceira pessoa do singular do presente do indicativo; daí, serem nomes de tema em -*o* (quando procedem da primeira pessoa) ou de tema em -*a* ou -*e* (quando procedem da terceira pessoa):

erro[1], de *errar*
caça, de *caçar*
abate, de *abater*

Os deverbais de tema em -*o* adquirem, no português moderno, grande vitalidade: o *agito,* o *chego,* o *sufoco.*

Freqüentemente um verbo da primeira conjugação dá origem a um deverbal de tema em –*e*; nesse caso, trata-se ou de analogia, ou de influência de outra língua românica assinalada em nossos dicionários etimológicos:

empate (talvez analogia com *abate*(*r*) e *embate*(*r*))
saque (do *catalão*)

Ocorrem, ainda, deverbais regressivos com duas formas paralelas: uma de tema em -*o,* e outra de tema em -*a*:

ameaço / ameaça
grito / grita

Normalmente formados em épocas diferentes, os membros desses pares coexistem hoje e estabelece-se entre eles uma diferença semântica (*ameaço* e *ameaça*, bem como *grito* e *grita*, não são sinônimos, não podendo alternar nos mesmos contextos).

De qualquer forma, convém insistir em que as vogais temáticas atualizadoras dos deverbais regressivos não são predizíveis.

Em relação aos deverbais polissílabos (como *dúvida*), dá-se em nossa língua um fenômeno bastante curioso. Em português, há uma oposição entre formas verbais não proparoxítonas e formas nominais (vocábulos eruditos ou semi-eruditos que mantêm a prosódia proparoxítona latina):

exercito (verbo) — *exército* (nome)

O timbre da vogal tônica é fechado (é). Trata-se do fenômeno “metafonia”, pelo qual o timbre da vogal tônica se fecha por influência da vogal átona final. A metafonia é freqüente em muitos deverbais regressivos.

É a chamada alternância prosódica (ou acentual), exemplificada ainda pelos pares:

dúvida (subst.) — *duvida* (verbo)
réplica (subst.) — *replica* (verbo)

Esse tipo de alternância acabou constituindo-se em modelo para a formação de nomes derivados de verbo sem o acréscimo de morfema:

retifica (verbo) — *retifica* (fica (subst.)

Evidentemente, não se trata aqui de derivação regressiva, diferentemente do que propõem alguns de nossos dicionários etimológicos e algumas gramáticas portuguesas do início do século, pois não se deu a subtração de nenhum elemento. Em todos esses casos a alternância prosódica funciona como traço diferenciador do nome e do verbo.

A derivação regressiva é um exemplo de fato lingüístico em que uma perspectiva exclusivamente sincrônica nem sempre é suficiente. O estudo da regressão requer, com freqüência, a pesquisa diacrônica, com consulta a dicionários etimológicos; por exemplo, os substantivos *falha* e *falta*, apesar de uma certa idéia de ação, são primitivos; *mexerica* e *condão*, por sua vez, são regressivos.

O professor A. J. Sandmann, em sua *Formação de palavras no português brasileiro contemporâneo*, embora também reconheça a importância da investigação diacrônica no estudo da regressão, destaca três casos interessantes em que o caráter regressivo do substantivo pode ser depreendido do ponto de vista sincrônico, em bases formais. Desses três casos, selecionamos dois, a título de ilustração.

O primeiro é representado por grupos de vocábulos como:

gordo — engordar — engorda

Como do adjetivo chegamos ao verbo através de uma derivação parassintética com prefixo *en-*, a presença do mesmo prefixo no substantivo indica que este procede do verbo (e não do adjetivo).

O segundo caso é ilustrado pela série:

flor — florear — floreio

Do substantivo *flor* forma-se o verbo *florear*, com o auxílio do sufixo *-ear*; a presença de *-e-* em *floreio* indica que este provém do verbo. (A primeira pessoa do singular do presente do indicativo de *florear* é *floreio*.)

Processo de nominalização

Pode-se também depreender o valor dinâmico ou não do substantivo pelo contexto extravocabular. Assim, a palavra *pesca* no par

a pesca do bacalhau / a pesca sobre a mesa

contém a idéia de ação no primeiro membro do par, em oposição ao segundo, em que emerge a idéia concreta (e onde, portanto, não teríamos um deverbal regressivo).

Esse valor dinâmico dos nomes é estudado especificamente no tópico das nominalizações, que explicitamos a seguir.

Entende-se por nominalização o processo gramatical de formar nomes a partir de outras partes do discurso, usualmente verbos e adjetivos (cujo parentesco já ressaltamos no capítulo 1).

Há vários tipos de nominalização mas vamos aqui destacar as afixais, ou seja, as que utilizam afixos[2]. Em português, os principais sufixos nominalizadores são: *-ança*, *-ção*, *-mento* e ø (zero)

a lembrança de meu pai (comparar com:
Meu pai lembrou-se e/ou
Lembrei-me de meu pai)

---

[2] Deixaremos de lado os prefixos que também contribuem para a nominalização, a fim de simplificar nossa exposição.

a *nomeação* do secretário
o *sofrimento* do doente (que, em comparação com as formas citadas, apresenta o sufixo ø).
a *pesca* do bacalhau

No quadro das nominalizações, o estudo dos regressivos extrapola os limites do vocábulo. Esse aspecto será retomado e desenvolvido no capítulo 5, que trata dos casos de derivação imprópria.

Abreviação

É um fenômeno semelhante ao da derivação regressiva, mas caracterizado por outros traços específicos.

Encontramos uma primeira referência a esse fenômeno na *Moderna gramática portuguesa*, de Evanildo Bechara:

> A abreviação consiste no emprego de uma parte da palavra pelo todo. É comum não só no falar coloquial, mas ainda na linguagem cuidada, por brevidade de expressão:
> extra por extraordinário ou extra fino. (p. 185)

Embora alguns incluam a abreviação na derivação regressiva, convém distinguir os dois processos.

De um modo geral, como vimos anteriormente, a derivação regressiva se dá também através da mudança de classe gramatical (verbos que passam a substantivos); na abreviação, embora ocorra redução do vocábulo, ele permanece na mesma classe gramatical:

extra (adj.) — *extraordinário / extrafino* (adj.)
cine (subst.) — *cinema* (subst.)
foto (subst.) — *fotografia* (subst.)

Não é esse, entretanto, o traço distintivo essencial, pois existem alguns derivados regressivos que conservam a mesma classe gramatical do elemento derivante: *aceiro* (subst.) —

aço (subst.). A derivação regressiva significa, isto sim, uma redução específica: elimina-se no vocábulo derivado o sufixo (real/suposto) ou a desinência do derivante.

Ora, no caso da abreviação, a redução não se pauta por critérios específicos e homogêneos, como mostram os exemplos anteriormente apresentados. No caso de *extra*, reduz-se o vocábulo ao prefixo; em *cine* e *cinema*, há corte aleatório de sílabas, pois a forma primitiva é *cinematógrafo* (de *cinemat*(o) + grafo)[3]; quanto a *foto*, mantém-se o primeiro elemento — o determinante — do composto (*fotografia*) de dois radicais gregos.

Eis por que é conveniente distinguir os dois processos.

Observemos, para encerrar, que a forma abreviada pode coexistir com a forma da qual foi extraída; nesse caso, estabelece-se entre elas uma diferença de sentido ou de distribuição. Exemplo interessante é o do par cine / cinema: utiliza-se a forma abreviada quando se acrescenta o nome do cinema; com a omissão deste, usa-se a forma primitiva, mais longa:

Vou ao *cine* Astor.
Vou ao *cinema* (e não: *Vou ao *cine*).

Trata-se, portanto, de um exemplo em que a diferença de emprego entre as duas formas é pautada por um critério distribucional.

---

[3] À semelhança de pneumático, que deu origem a pneu (e não a *pneumato).

5

Derivação imprópria ou conversão

Nos capítulos anteriores estudamos processos de formação vocabular que consistem em acréscimo ou subtração de afixos a um radical.

Um vocábulo também pode ser formado quando passa de uma classe gramatical a outra, aparentemente sem alterações formais; é o que se denomina derivação imprópria ou, mais comumente, conversão.

Como exemplos de conversão, em português, temos a passagem:

a) de substantivo próprio a comum: *quixote* — *macadame*— *champanha*;
b) de substantivo comum a próprio: *Figueira* — *Ribeiro*— *Fontes*;
c) de adjetivo a substantivo: *circular* — *brilhante* — *ouvinte*;
d) de substantivo a adjetivo: *burro* — (guerra) - *relâmpago*;
e) de substantivo/adjetivo/verbo a interjeição: *Silêncio!*— *Bravo!* — *Viva !*;
f) de verbo a substantivo: *afazer* — *pesar* — *andar* — *quebra* — *vale* — *pêsame*;
g) de verbo e advérbio a conjunção: *quer...quer* — *seja...seja* — *ora...ora*;

30

h) de adjetivo a advérbio: (falar) *alto* — (custar) *caro*;
i) de particípio (presente/passado) a preposição: *mediante*— *salvo* — *exceto*;
j) de particípio passado a substantivo e adjetivo: *resoluto*— *vista* — *ferida*;
1) de palavras invariáveis a substantivos: (o) *sim* — (o) *não* — (o) *porquê*.

Considerando que esses vocábulos, mudando de classe, alteram seus sentidos, vários autores observam que esse processo pertence à área da semântica, e não à da morfologia. Na verdade, há traços formais caracterizadores desse fenômeno, que não o tornam exclusivo da área da semântica; além disso, os itens apresentados agrupam-se em blocos que uma simples enumeração não permite perceber.

Translação de primeiro grau

A rigor, os casos de conversão ilustram o fenômeno da translação, especificado por L. Tesnière em seus *Éléments de syntaxe structurale*.

Segundo o autor, a. translação de primeiro grau consiste na transferência de uma palavra de uma categoria gramatical a outra, ou seja, em transformar uma espécie de palavra em outra. Assim, na expressão:

casa *de pedra*

o substantivo *pedra* figura na expressão *de pedra*, de valor adjetival com relação a *casa*. (Observe-se que *de pedra* comuta facilmente com grande: *casa grande*.)

Todo o conjunto *de pedra* é designado por Tesnière como transferido (aqui, para a categoria dos adjetivos); o elemento responsável pela translação, no caso a preposição *de*, é o translativo; e o substantivo que sofre o processo de translação é o transferendo (o substantivo *pedra*).

Na esquematização das frases pelo estema — grafismo criado por Tesnière —, a translação é indicada por um T maiúsculo estilizado; à esquerda da haste, coloca-se o translativo e, à direita, o transferendo; sobre o traço horizontal do T indica-se a transferência ocorrida:

imagem

O translativo pode ser eventualmente representado por ø (zero), como na expressão:

vestido *laranja*

Laranja adjetiva *vestido* pela simples posposição ao substantivo; o estema correspondente é:

imagem

Conversão e translação

Com base no conceito de translação, vejamos quais são os traços formais caracterizadores de cada um dos itens anteriormente apresentados.

Nos casos em que se dá a mudança de classe para substantivo (itens c), f), j) e 1)), os adjetivos, os verbos, os particípios passados e as palavras invariáveis, embora não sofram alteração em si, passam a ser antecedidos pelo artigo, que assume o papel de translativo; portanto, o processo faz-se sentir através do eixo sintagmático extravocabular. É interessante observar que, com relação aos verbos no infinitivo, há graus de substantivação: assim, dizemos *os afazeres, os haveres*, no plural (e não: **os comeres e os beberes*).

A passagem dos substantivos a adjetivos ocorre, geralmente, quando o substantivo passa a exercer o papel de determinante com relação a outro substantivo antecedente: (guerra)-*relâmpago* (item d); é, também, um fenômeno observável ao nível do eixo sintagmático. Aqui, o translativo é ø e, a rigor, não houve propriamente mudança de classe, mas de função: *relâmpago* funciona como aposto de *guerra*.

Com relação aos verbos que passam a conjunções, é preciso notar que, como estas, aqueles se tornam invariáveis; é o que se constata no exemplo *quer...quer* (em que não pode ocorrer outra forma flexionada do verbo *querer*).

Também se tornam invariáveis os adjetivos que passam a advérbios:

A menina falou *alto*;
As meninas falaram *alto*.

A mesma observação cabe aos particípios (presente/ passado) que passam a preposições: eles tornam-se, nesse caso, invariáveis. Acrescente-se, ainda, que, diferentemente das preposições essenciais, eles têm ligação frouxa com o antecedente (indicada pela pausa e pela mobilidade do sintagma preposicional com relação ao resto da frase):

Todos fizeram o trabalho*, exceto José;*
Todos, *exceto José*, fizeram o trabalho;
Exceto José, todos fizeram o trabalho.

A mobilidade e a pausa são os vestígios do caráter inicial de orações reduzidas desses sintagmas preposicionais.

No que se refere ao item e), não se pode falar em mudança de classe como nos casos já analisados: as interjeições não são espécies de palavras e, sim, de frases. Além disso, se distinguirmos interjeições de exclamações, de acordo com os critérios propostos por J. Mattoso Câmara Jr., no *Dicionário de lingüística e gramática*:

> [...] As interjeições são palavras especiais e se distinguem das exclamações, vocábulos soltos, emitidos no tom de voz exclamativo, ou frases mais ou menos longas que em regra começam pelas partículas que, como, quanto, quão, e constituem orações de um tipo especial, ou fragmentos de oração, ou monorrema (v.). Exs.: Admirável!, Que quadro de amarguras!. (p. 147) (s.v.interjeição)

somos obrigados a reconhecer que um dos exemplos propostos no início deste capítulo — *Silêncio!* — é, na realidade, uma frase nominal exclamativa (e não uma interjeição).

Quanto aos itens a) e b), também não se pode falar em mudança de classe, pois os substantivos continuam sendo substantivos; há, na verdade, uma mudança de subclasse (substantivos próprios passando a comuns e vice-versa).

Feitas as ressalvas aos itens a), b), e e), podemos fixar- nos nos demais e tentar uma classificação em blocos.

Os itens c), f), j) e 1) constituem um primeiro bloco, em que a mudança de classe é marcada pela presença do artigo, em função de translativo.

Os exemplos apresentados em d) ilustram a possibilidade de mudança de classe apoiada na nova função de determinante. Neste caso, normalmente, o determinante se pospõe ao determinado (como sugere o exemplo (guerra)-*relâmpago*) e é o elemento que pode ser omitido sem prejuízo sintático para a frase em que figura. Aqui, o translativo é ø.

Por sua vez, os exemplos dos itens g) e h) são ilustrativos da mudança de classe apoiada na invariabilidade dos elementos em questão. Todavia, não se trata de um bloco homogêneo; valem as mesmas observações que fizemos a respeito dos particípios que passam a preposições. Em h), o processo de adverbialização do adjetivo dá-se, também, através do translativo ø .

Todas as considerações anteriores permitem-nos observar que a derivação imprópria (ou conversão) é um processo também caracterizado por traços formais.

Não há dúvida, contudo, de que os traços formais assinalados se situam no eixo sintagmático, no contexto exterior ao vocábulo (com exceção dos itens g) e h)). A morfologia estrutural atém-se ao eixo sintagmático circunscrito ao vocábulo propriamente dito.

A necessidade de levar-se em conta o contexto exterior ao vocábulo também se faz sentir no estudo dos deverbais (sufixais e regressivos), intimamente relacionados com os processos de nominalização, conforme ilustram os exemplos:

a *construção* da casa
a *pesca* do bacalhau
(Lembre-se que esse processo já foi estudado nas páginas 26-7.)

Morfossintaxe

De acordo com a tradição gramatical portuguesa, o vocábulo isolado é objeto de estudo da morfologia, cabendo à sintaxe o estudo da combinatória dos vocábulos.

Como, para Tesniére, a translação é um fenômeno sintático, os exemplos aqui discutidos remetem ao problema do estabelecimento das fronteiras entre a morfologia e a sintaxe.

Entretanto, esse problema não existe para os lingüistas que se preocupam com a morfossintaxe, ou seja, com o estudo das variações formais que caracterizam os morfemas em relação com os processos sintáticos que as condicionam. Nessa perspectiva, as marcas da flexão são estudadas no quadro da concordância, acessível somente ao nível da estrutura e da função dos constituintes na frase, isto é, no nível levado em conta pela sintaxe.

A conversão passa a ser, por conseguinte, um capítulo de particular relevo da morfossintaxe.

6

Composição

É um processo de formação lexical que consiste na criação de palavras novas pela combinação de vocábulos já existentes: *amor-próprio; ganha-pão*.

Enquanto nos casos de derivação já mencionados tínhamos um só radical (ao qual se atrelavam prefixos e/ou sufixos), na composição são necessários pelo menos dois radicais. Embora alguns gramáticos e lingüistas tendam a englobar, aqui, a prefixação, é preferível que a consideremos como um caso de derivação, conforme as observações feitas no capítulo 1.

É importante assinalar que, na palavra composta, os elementos primitivos perdem a significação própria em benefício de um único conceito, novo, global. Um substantivo como *amor-perfeito* designa uma flor e, em qualquer contexto em que figure, pode comutar com uma palavra simples, como *rosa*, *margarida* ou *cravo*. Referimo-nos, naturalmente, a uma comutação formal — isso não significa que esses nomes de flores sejam sinônimos.

Mesmo nos exemplos em que se pode perceber uma relação significativa entre os elementos componentes, um exame, mesmo superficial, revela uma certa convencionalidade. Não se pode interpretar um composto, por exemplo, *quebra-nozes*, como qualquer objeto (pedra ou martelo) com que se quebram nozes; sabemos que se trata de um objeto com características específicas, conhecido por todos nós.

Noutros casos, os elementos constituintes do composto não apresentam nenhuma relação significativa com o todo. Basta observar exemplos como o já mencionado *amor- perfeito,* ou *pé-de-meia,* em que o sentido dos elementos não nos permite deduzir a significação do todo.

Tipos de composição

Podemos distinguir dois tipos de composição, conforme a fusão mais ou menos íntima das palavras componentes:
justaposição e aglutinação.

Ocorre a justaposição quando os termos associados conservam a sua individualidade: *passatempo, sempre-viva.* A utilização do hífen no segundo exemplo, e não no primeiro, será objeto de estudo do próximo subtítulo.

Tem-se a aglutinação quando os vocábulos ligados se fundem num todo fonético, com um único acento, e o primeiro perde alguns elementos fonéticos (acento tônico, vogais ou consoantes): *boquiaberto*, *pernalta*.

O desgaste do primeiro termo é variável, conforme ilustra a passagem abaixo:

> A adaptação da primeira palavra pode ser de quatro espécies: 1) mudança da parte final em relação á mesma palavra quando isolada; ex.: *lobis* — (comparar — *lobo,* em *lobisomem*); 2) redução da palavra ao seu elemento radical; ex.: *planalto,* onde *plan-* é o radical de *plano* (o composto indica um solo plano e alto numa montanha); 3) elemento radical alterado em relação á palavra quando isolada; ex.: *vinicultura* (*vin-*, mas *vinh-* em *vinha* “árvore da uva”); 4) elemento radical que não aparece em português em palavra isolada; ex.: *agricultura* (*a agr* corresponde, em palavra isolada, campo)[1].

[1] Passagem extraída de Evanildo Bechara, *Moderna gramática portuguesa*, p. 170 (com base na *Teoria da análise léxica*, de J. Mattoso Câmara Jr.

A segunda palavra pode apresentar as seguintes alterações:

> 1) com mudança na parte final; ex.: *monocórdio* (instrumento de uma só corda); 2) com o elemento radical alterado; ex.: *vinagre* (um vinho que é acre); 3) com um elemento radical diverso do que a correspondente palavra isolada; ex.: *agrícola* (ao elemento de composição *cola* corresponde a idéia de *habitar* ou *cultivar*).[2]

Entre as duas citações há curiosos paralelismos.

Se o processo de fusão for muito acentuado, de forma que o falante não reconheça os elementos componentes, deve-se considerar o vocábulo como primitivo, do ponto de vista sincrônico. A título de exemplo, podemos citar o substantivo *fidalgo*, proveniente de *filho dalgo* (de *filho* + *de* + *algo* > *filho dalgo* > *fi-dalgo* > *fidalgo*). Embora a etimologia revele o traço de composição, sincronicamente não o percebemos; devemos, portanto, interpretar esse vocábulo como primitivo, do qual se derivam formas como *fidalguia*, *afidalgar* etc.

Uso do hífen nos compostos

Vejamos se é possível caracterizar os compostos da língua portuguesa pela utilização do hífen. Basear-nos-emos, aqui, nas considerações de Celso Pedro Luft, em seu *Grande manual de ortografia Globo*, onde as regras relativas à hifenização são minuciosamente explicitadas.

Observa o autor que são necessárias três condições para a hifenização nas palavras compostas:

1) apresentar unidade semântica: a significação global deve ser diferente da significação individual dos elementos constitutivos. Examine-se, a título de exemplo, o contraste: *mesa-redonda* / *mesa redonda*;

---

[2] Idem, ibidem, p. 170.

2) ter consciência dos elementos constitutivos que conservam a realização prosódica normal de fonemas e acentos. Note-se, por exemplo, os timbres diferentes do *o* nos contrastes: *roda-gigante* (com o aberto) / *rodapé* (com o fechado);
3) serem formas livres os elementos componentes: *alça-pé* / *alçapão* (de *alça* e *põe*).

De dez casos de composição com hífen enumerados pelo autor, destacaremos nove[3].

1) Quando dois ou mais vocábulos se somam na designação de um ser: lobo-marinho / amor-perfeito;
2) Quando o primeiro elemento é forma reduzida: bel- prazer / cine-jornal. Observem-se, contudo, exceções como: labiodental / linguodental;
3) Nos compostos constituídos de palavras repetidas: corre- corre / assim-assim;
4) Nas composições de dois adjetivos ou dois verbos: econômico-financeiro; ganha-perde.
   Note-se, entretanto: vaivém, sem hífen;
5) Nos nomes pátrios derivados de topônimos que se grafam como locuções: americano-do-norte / cabo-verdiano.
   Aqui, também, aparecem exceções: buenairense / riberopretano;
6) Nos nomes dos dias da semana: segunda-feira / sexta- feira;
7) Nos compostos de base oracional (sujeito + predicado, verbo + complemento etc.): deus-nos-acuda / abre-latas / maria-vai-com-as-outras.
   Note-se, contudo, vagalume (mais usual que vaga-lume);
8) Em composições de substantivo + preposição + substantivo, substantivo-adjetivo, adjetivo-substantivo, com

---

[3] O décimo refere-se aos vocábulos formados por prefixação, que já excluímos do quadro da composição.

unidade semântica: amigo-da-onça / amor-próprio / baixo-relevo;

9) Nos vocábulos em que entram os elementos sufixados *mor*, *guaçu* e *mirim*. Com *mor*, o emprego do hífen dá- se em todos os casos: altar-mor / guarda-mor.

Já com guaçu e *mirim*, a condição é que o primeiro elemento termine em vogal nasal ou acentuada graficamente:

maracanã-guaçu / socó-mirim

Com relação ao quadro de Celso Pedro Luft, cabem duas observações. A primeira consiste em notar que as nove regras apresentadas, se organizadas em blocos, implicariam uma redução no seu número, bem como levaria o leitor a perceber relações e paralelismos que se estabelecem entre algumas delas. As regras 3) e 4) não são essencialmente diferentes; as de número 7) e 8) fundamentam-se no exame da estruturação sintática do composto. Acrescente-se, também, que a regra número 2), em que se menciona o caráter de forma reduzida do primeiro elemento, é retomada em um dos casos da regra número 9): o elemento *mor* é redução de *maior*.

Além desses esclarecimentos, convém ressaltar que as exceções apresentadas pelo autor, assim como a existência de compostos como *casa de detenção* e *estrada de ferro*, sem hífen (apesar do paralelismo estrutural com *amigo-da- onça*, com hífen), mostram claramente que os compostos não podem ser totalmente caracterizados com base no processo da hifenização.

Eis por que se torna necessário procurar critérios lingüístico-formais que nos ajudem a caracterizar os compostos.

Traços lingüísticos dos compostos

No segundo volume de sua *Teoria da linguagem*, Herculano de Carvalho estuda os sintagmas fixos, isto é, estéreotipados, que apresentam como traço comum com a palavra a unidade semântica e morfossintática.

Considerando que os compostos são elementos igualmente estereotipados, podemos aplicar-lhes as observações de Herculano de Carvalho, relativas aos sintagmas fixos em geral.

Os aspectos ligados à unidade semântica desse tipo de sintagma já foram apontados neste capítulo. Deter-nos- emos, aqui, no estudo da unidade morfossintática do sintagma fixo, atendo-nos a quatro das propriedades assinaladas pelo autor.

Como primeira propriedade, é preciso observar que a ordem de sucessão dos termos do composto é rígida e entre eles não se pode introduzir nenhum outro elemento. Assim, um substantivo composto como *amor-perfeito* não poderia sofrer a inversão *perfeito-amor*; qualquer adjetivo modificador do grupo deverá estar à esquerda ou à direita deste, não sendo aceitável a sua colocação no interior do composto:

delicado amor-perfeito
amor-perfeito *delicado*
*amor..*delicado*..perfejto (inaceitável)

É esta propriedade que nos esclarece o caráter de compostos de sintagmas em *casa de detenção* e *estrada de ferro*:

casa de detenção *destruída* / *destruída* casa de detenção
*casa *destruída* de detenção

estrada de ferro *abandonada*/*abandonada* estrada de ferro
*estrada *abandonada* de ferro[4]

Já um sintagma livre, como *rapaz bom*, não só aceita a inversão, *bom rapaz*, como também possibilita uma construção do tipo *rapaz muito bom*.

---

[4] Estes compostos, apesar de não estarem grafados com hífen, não perdem o caráter de compostos.

A segunda propriedade assinala que os elementos do composto não podem, isoladamente, ser substituídos ou suprimidos. Se, num sintagma livre, como *amigo dedicado*, é possível substituir *dedicado* por *fiel*, *amigo fiel*, não é o que se verifica com o substantivo que nos serviu de exemplo na página 40; *amor-perfeito* (como designação de uma flor) não admite a substituição de um de seus termos, como, por exemplo, **amor-imperfeito*. Aqui, a única substituição admissível é a que propõe outro composto ou uma palavra simples, como *rosa* ou *margarida*.

Da mesma forma, a expressão *colher amores-perfeitos* não admite a supressão ou a comutação com ø(zero) para nenhum dos componentes do composto:

colher amores-perfeitos
*colher amores ø
*colher ø perfeitos

Convém, aqui, atenuar o caráter genérico desta propriedade. Examinaremos, mais adiante, alguns compostos constituídos de um elemento determinado e outro determinante; como, normalmente, o determinante encerra a noção mais característica, é freqüente que ele assuma o lugar do todo: é o caso de *carta circular*, em que a supressão do determinado *carta* resulta na simples forma *circular*, mais usual. Outro exemplo é *capital*, por *cidade capital*.

A terceira propriedade afirma que os compostos apresentam com freqüência construções sintáticas anômalas, diferentemente do que ocorre com a combinação dos termos dos sintagmas livres. Em *mestre-escola*, o segundo substantivo, de função restritiva, está ligado a outro substantivo sem auxílio de preposição (compare-se com *mestre de* ou *da escola*); *surdo-mudo* e *ganha-perde* são exemplos de associação sem conjunção (compare-se com *surdo* e *mudo*).

Essas diferentes combinações também serão objeto de nosso estudo.

Como última propriedade, cabe ressaltar que o composto funciona sintaticamente como uma só palavra; sempre pode ser substituído por um único vocábulo:

Admiro a | estrada de ferro.
Admiro a | pista.

Esta última propriedade é, na verdade, a essencial, da qual derivam as demais, já explicitadas.

Os critérios lingüísticos aqui apontados permitem-nos levantar um quadro de compostos da língua portuguesa mais rico e variado do que as nossas gramáticas e dicionários comumente apresentam. Esses critérios são preferíveis aos ortográficos, cujas limitações já assinalamos.

Estrutura dos nomes compostos

A estrutura dos compostos em português é bastante variada, conforme ilustra o quadro abaixo:

1) substantivo + substantivo: dois elementos se unem por concordância ou coordenação5. O determinante pode preceder o determinado: mãe-pátria / papel-moeda; ou seguir-se a ele: peixe-espada / escola-modelo 6;
2) substantivo + preposição + substantivo: baba-de-moça / pé-de-vento;
3) substantivo + adjetivo (ou vice-versa): amor-perfeito / belas-artes;
4) adjetivo + adjetivo: surdo-mudo / tragicômico;
5) pronome + substantivo: Nosso Senhor / Vossa Senhoria;
6) numeral + substantivo: três-marias / segunda-feira;

---

[5] A composição é subordinativa quando os elementos se unem por uma relação de complemento do substantivo, do adjetivo ou do verbo. Ilustram-na, por exemplo, os itens 2) e 8).

[6] Nos compostos tipicamente portugueses, o determinado geralmente precede o determinante.

7) advérbio + substantivo / adjetivo / verbo: benquerença / sempre-viva / bem-querer;
8) verbo + substantivo: lança-perfume / saca-rolhas;
9) verbo + (conjunção) + verbo: corre-corre / leva-e-traz;
10) verbo + advérbio: pisa-mansinho / ganha-pouco;
11) um grupo de palavras ou uma frase inteira: um Deus- nos-acuda / mais vale um *toma* que dois *te darei*.[7]

O quadro que acabamos de mostrar merece alguns comentários. Com relação ao item 4), por exemplo, convém observar que, quando o primeiro adjetivo é longo, a tendência é torná-lo mais curto que o segundo (ou igual a este): tragicômico; luso-brasileiro; judeo-cristão (pela razão exposta, melhor do que o usual *judaico-cristão*).

No que se refere ao item 8), explica-se o modelo de composição pelo emprego substantivado do imperativo na segunda pessoa do singular, seguido de seu complemento. A expansão da estrutura ficou subordinada a nova interpretação semântica: nos compostos modernos o elemento verbal se apresenta como terceira pessoa do singular do presente do indicativo (*saca-rolhas*, “objeto que saca rolhas”).

Todos esses itens mostram também que a estrutura dos compostos é sintática, diferentemente do que ocorre nos casos de derivação. Essa característica é a chave da explicação para muitos dos casos de flexão de número dos compostos.

[7] Este último tipo, bastante produtivo na literatura moderna, é freqüente nas obras de Guimarães Rosa: *Exaltino-de-trás-da-Igreja*, *Pindaibas-deBaixo-e-de-Cima* etc.

7

Flexão de número dos compostos

De um modo geral, em nossas gramáticas, as regras relativas à formação do plural dos substantivos e dos adjetivos compostos são estabelecidas como mais ou menos convencionais, acrescidas de particularidades e exceções.

A observação do capítulo anterior — a de que os compostos apresentam uma estruturação sintática — leva-nos à hipótese de que as regras de flexão de número desses vocábulos devem seguir os mesmos princípios que regem, ao nível da oração, a concordância nominal. Conhecidos esses princípios básicos, as regras de formação do plural dos compostos seriam facilmente deduzidas e explicadas. As exceções e particularidades, por sua vez, seriam objeto de estudo numa segunda etapa, em que se procuraria justificar os desvios ocorridos.

Em sua *Sintagramática*, Francisco Dequi, ao estudar esse fenômeno, estabelece inicialmente duas normas fundamentais de concordância nominal:

a) apenas o substantivo é regente de concordância;

b) um substantivo, ainda que determinante de outro, não se flexiona para concordar, ou seja, substantivo não concorda com substantivo.

A partir dessas duas normas, na verdade interligadas, o autor arrola os diferentes tipos de compostos, com as respectivas regras de flexão de número, que passamos a destacar.

Formação do plural dos compostos[1]

1) Substantivo determinado por adjetivo (anteposto ou pos- posto): da mesma forma que na sintaxe intervocabular, o adjetivo concorda com o nome determinado:

amor-perfeito – amores perfeitos
guarda-civil – guardas-civis
alto-relevo – altos-relevos
má-língua – más-línguas

2) Substantivo determinado por substantivo (com ou sem preposição de permeio): o substantivo determinante não se pluraliza, pois substantivo não concorda com substantivo (observem-se os exemplos: *sapatos gelo, prédio rosa*):

navio-escola – navios-escola
escola-modelo – escolas-modelo
pão-de-ló – pães-de-ló
mula-sem-cabeça – mulas-sem-cabeça

Pode ocorrer que o segundo elemento já venha pluralizado:
gato-de-botas – gatos-de-botas
cadeira-de-rodas – cadeiras-de-rodas

3) Verbo determinado por complemento verbal: embora o núcleo desses compostos seja um verbo, o todo é e funciona como substantivo. O verbo não aceita a desinência pluralizadora nominal.

O complemento verbal pode estar no singular ou no plural (*comi goiaba* / comi *goiabas*). Tal fato permite concluir: complemento no singular, composto no singular; complemento no plural, composto no plural:

---

[1] Não separaremos, aqui, os substantivos dos adjetivos compostos.

guarda-pó – guarda-pós
saca-rolha – saca-rolhas
vira-lata – vira-latas
caça-níquel – caça-níqueis

4) Verbo determinado por advérbio/palavra invariável: já assinalamos que o verbo não aceita a desinência de plural dos nomes; como o advérbio é, também, palavra invariável, os compostos, nesse caso, permanecem invariáveis no plural:

(o) bota-fora — (os) bota-fora
(o) pisa-mansinho — (os) pisa-mansinho
(o) cola-tudo — (os) cola-tudo

5) Compostos sem hífen ou com o primeiro elemento apocopado: a falta do hífen impede a inserção de morfemas; o primeiro termo, apocopado, aparece amputado na parte final, onde se acrescentaria a desinência de plural. Nesses casos, dá-se apenas a pluralização do último elemento:

pontapé – pontapés
planalto – planaltos
bel-prazer – bel-prazeres
grã-cruz – grã-cruzes

6) Substantivos/adjetivos coordenados, sem determinância entre si: como um núcleo não determina o outro (pode- se subentender a conjunção *e* entre os dois elementos), ambos vão para o plural:

surdo-mudo – surdos-mudos
aluno-mestre – alunos-mestres
cirurgião-dentista – cirurgiões-dentistas
tenente-coronel – tenentes-coronéis

Neste item incluem-se os verbos e nomes onomatopéicos repetidos, pois são elementos coordenados. Por uma questão de eufonia, é preferível eliminar o *-s* do primeiro elemento:

(o) treme-treme — (os) treme-tremes
(o) esconde-esconde — (os) esconde-escondes
(o) reco-reco — (os) reco-recos
(o) tico-tico — (os) tico-ticos [2]

7) Adjetivo constituído de adjetivo-adjetivo: neste caso, dá-se apenas a flexão do último elemento, porque as flexões de concordância nominal ocorrem na parte final dos determinantes flexíveis:

princípio *luso-brasileiro*— princípios *luso-brasileiros*
impasse *sócio-econômico* — impasses *sócio-econômicos*
folha *verde-escura* — folhas *verde-escuras*
sessão *lítero-musical* — sessões *lítero-musicais*

8) Adjetivo determinado por substantivo ou por outro adjetivo: quando o adjetivo composto é constituído de adjetivo determinado por substantivo, não se flexiona o último elemento, pois o substantivo não concorda com nenhum termo e o adjetivo não é regente de concordância. Se o adjetivo composto for constituído de adjetivo determinado por outro, também não se pluraliza o último elemento, pois adjetivo não concorda com adjetivo e não pode ser regente de concordância:

casa *verde-galho* – casas *verde-galho*
mármore *branco-gelo* – mármores *branco-gelo*
tecido *azul-marinho* – tecidos *azul-marinho*
automóvel *azul-ferrete* – automóveis *azul-ferrete*

Observe-se que o último elemento está determinando o adjetivo que indica cor. A rigor, não são adjetivos enquanto classe; só a função é adjetiva: *casas* de um

[2] *Os compostos de verbos contrastados permanecem invariáveis: (os) ganha-perde; (os) leva-e-traz*. Para a explicação do plural de *vaivém — vaivéns*, v. regra n. 5).

verde (da) cor de *galho*. Esse aspecto também reforça a explicação da invariabilidade.

Seguimos a ordem de apresentação segundo Francisco Dequi. Poderíamos, no entanto, reunir as oito regras em blocos, pautando-nos pelo critério da estruturação sintática dos compostos examinados ou separando os casos de flexão dos casos de invariabilidade no plural. Essa preocupação teria apenas caráter didático; o importante é que todas as regras se subordinam às duas normas estabelecidas pelo autor, enunciadas no início deste capítulo.

Cabe, ainda, observar que, com relação à regra número 2), por exemplo, são admissíveis os plurais *navios-escolas* e *escolas-modelos*. Existe uma tendência para flexionar os dois termos quando ambos são substantivos ou substantivo + adjetivo (ou seja, palavras variáveis); essa possibilidade, contudo, não invalida a regra anteriormente apresentada.

8

Outros processos de formação de palavras

Além da derivação e da composição, outros processos formadores de palavras também ocorrem com certa freqüência em nossa língua: as onomatopéias, a reduplicação (ou redobro), o hibridismo e as siglas.

Onomatopéias

Assim se denominam os vocábulos criados com a preocupação de imitar o som ou a voz de coisas ou de animais. De um modo geral, são monossílabos, freqüentemente reduplicados, com ou sem alternância vocálica: tique-taque / frufru / zunzum.

Deve-se ressaltar, contudo, um certo traço convencional que caracteriza esse tipo de vocábulo, sobretudo quando uma determinada onomatopéia é cotejada com as correspondentes em diferentes idiomas. Assim, o canto do galo, que em português é expresso por *cocoricó* ou *cocorocó*, em inglês é *cock-a-doodle-do* e em alemão é *kikeriki*.

Das onomatopéias podemos derivar os vocábulos onomatopéicos, cujo radical é a onomatopéia seguida de morfemas nominais ou verbais:

zumbido (cf.: zunzum)
tilintar (cf.: tlintim)

Reduplicação (ou redobro)

Consiste na repetição da silaba radical de um vocábulo. É utilizada na estruturação das onomatopéias e, por apresentar conotação de carinho, figura nos nomes de parentesco na linguagem infantil e nos hipocorísticos:

papá (ou papai) / mamã (ou mamãe) / titio Lulu / Zezé

Dignos de nota são os casos de redobro intensivo:

Ela é *linda*, *linda*.
Vou *já*, *já*.

Merecem também menção os exemplos de redobro em que se dá ao substantivo repetido o caráter de aparente adjetivo: Esse é o *queijo queijo* (ou seja, o queijo de verdade).

Todos esses exemplos mostram que a reduplicação ou redobro apresenta um forte valor expressivo, integrando- se mais no campo da Estilística.

Hibridismo

É a designação dada aos vocábulos compostos ou derivados, cujos elementos provêm de línguas diferentes.

São comuns, em português, os compostos de elemento grego com elemento latino:

grego e latim: *automóvel*
latim e grego: *sociologia*

Contudo, outras combinações também são possíveis:

árabe e grego:*alcalóide, alcoômetro*
francês e grego: *burocracia*

alemão e grego: *zincografia*
latim e germânico: *moscardo*
árabe e tupi: *caferana*
tupi e grego: *caiporismo*
africano e latim: *bananal*
tupi e português: *goiabada*, *capim-gorgura*

Como os elementos constitutivos das palavras formadas por hibridismo figuram em outros vocábulos e são, portanto, recorrentes, podemos integrar esse processo na composição e na derivação.

Recorre-se ao hibridismo sobretudo quando, com elementos gregos, já existem compostos com significação distinta. Assim, devem-se distinguir:

decímetro (lat.: decem) e decâmetro (gr.: deka)
automóvel (lat.: mobile-) e autômato (adj. grego com a raiz de *máo, ‘‘agir’’)

Siglas

Trata-se de um processo moderno e generalizado, em que longos títulos ficam reduzidos às letras iniciais das palavras que os constituem:

IBGE=Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ONU= Organização das Nações Unidas
PT= Partido dos Trabalhadores
VARIG= Viação Aérea Rio-Grandense

Pode-se ou não separar as iniciais das siglas por ponto: U.S.A. / USA. Contudo, há uma forte tendência a se prescindir do ponto.

Na leitura, as letras podem ser pronunciadas isoladamente — USA (u-esse-a) — ou como um vocábulo, segundo as regras usuais de leitura da língua — ONU (ônu) —, o que é bem mais freqüente.

Como, atualmente, as instituições são menos conhecidas por suas denominações completas do que pelas siglas correspondentes, estas passam a ser sentidas como palavras primitivas, das quais se formam derivados:

petismo e petista (de PT)

Assinale-se, também, que as siglas constituem um caso específico de abreviação.

9

Conclusão

Procuramos mostrar ao longo deste livro os aspectos mais importantes dos processos formadores de palavras em português, também comuns a outros idiomas.

Basicamente, destacam-se dois processos gerais: a derivação (em que a uma base se acrescenta(m) afixo(s)) e a composição (resultante da seqüência de duas ou mais bases).

Relativamente à derivação, convém lembrar que, embora possa variar o número de afixos presos a uma determinada base, há uma regularidade subjacente, revelada pela análise em constituintes imediatos (C.I.): o vocábulo é sempre constituído de camadas binárias de mesma estrutura, ou seja, um elemento nuclear e um periférico. Em outras palavras, não há coincidência entre a ordem linear dos morfemas na cadeia da fala e a sua ordem estrutural.

Quanto aos tipos de derivação — parassíntese, regressão e conversão —, é preciso enfatizar que não se trata apenas de subdivisões de um mesmo processo básico.

Lembre-se, por exemplo, que, no estudo da parassíntese, destacamos não só o traço da simultaneidade dos afixos, como também a importância do exame de subsistemas, sem o qual muitos parassintéticos passariam despercebidos.

No que se refere à derivação regressiva, um mero exame sincrônico revelava-se insuficiente para dar conta do fenomeno. Impunha-se, aqui,também, uma investigação de caráter diacrônico.

A conversão (ou derivação imprópria), por sua vez, mostrava os limites de uma análise morfológica centrada essencialmente sobre o vocábulo. A análise do contexto sintagmático exterior ao vocábulo revelava novas facetas do processo de conversão, situando-o no terreno da morfossintaxe.

O segundo processo de formação vocabular — a composição — caracteriza-se por apresentar uma estruturação sintática, diferentemente do que ocorre na derivação.

Se a estrutura sintática dos compostos esclarece e explica fenômenos aparentemente problemáticos, como a flexão de número (estudada, em nossas gramáticas, como uma questão mais ou menos arbitrária), é conveniente insistir que se trata de uma estruturação sintática de sintagmas fixos, contraposta em muitos aspectos à estrutura dos sintagmas livres (releia- se o que dissemos a respeito às páginas 39-42, especificamente à página 41). Essa constatação permite explicar alguns plurais em desacordo com as regras estabelecidas, bem como a existência de duas ou mais possibilidades de pluralização de alguns compostos. Ressaltamos, assim, que, no estudo da flexão de número dos compostos, procuramos ater-nos a um quadro geral e regular, mas não exaustivo.

Encerrando nossas considerações, vamos tecer alguns comentários sobre as correspondências existentes entre os processos arrolados no capítulo 8. A reduplicação (ou redobro) é um processo de estruturação das onomatopéias, mas não se reduz exclusivamente a essa função; o valor expressivo do redobro revela-se também em construções não onomatopéicas. O hibridismo está estreitamente vinculado à composição. Embora seja um processo em que predominam elementos gregos e latinos, dada a grande produtividade desses elementos (basta examinar a listagem de radicais e prefixos latinos e gregos em nossas gramáticas), é possível considerar que o hibridismo também pode ser estudado numa perspectiva sincrônica, visto tratar-se de um fenômeno de grande vitalidade na língua.

l0

Exercícios de aplicação

A fim de esclarecer e explicitar alguns aspectos mais complexos dos assuntos desenvolvidos ao longo deste livro, apresentamos, neste capítulo, alguns exercícios comentados. Propomos, também, algumas questões, para cuja solução o estudante pode basear-se no(s) exercício(s)-modelo; para outras questões, apenas remetemos o leitor ao capítulo correspondente.

O objetivo desses exercícios é, também, acrescentar algumas observações complementares, relativa aos assuntos tratados.

1. Determine o processo de formação do vocábulo *inegavelmente*. Justifique a resposta por uma análise em constituintes imediatos (C.I.).

Baseando-nos no sentido do vocábulo proposto, “de modo inegável”, podemos afirmar que os seus C.I. são:
inegável + mente,

o que nos leva a concluir que se trata de uma formação por derivação sufixal.

Convém, contudo, provar, com o auxílio de técnicas formais, o caráter unitário do bloco *inegável*, para o que é suficiente comutá-lo com o adjetivo *fiel*, indecompo-nível:

inegável | mente
fiel | mente

o que confirma a interpretação semântica acima.

Por sua vez, *inegável*, "que não se pode negar", decompõe-se em: i + *negável*. Observe-se que podemos comutar negável com real:

I | negável
(r) | real

Prosseguindo, temos que negável apresenta, como C.I.,

nega + vel
.

Finalmente, *nega* constitui-se de *neg* + a.

Alinhando as conclusões em uma coluna, obtém- se o quadro:

neg + a	(rad. +vogal temática
nega + vel	(tema + sufixo nominal)
i + negável	(prefixo + base adjetiva)
inegável + mente	(base adjetiva + sufixo)

Vemos, assim, que esse vocábulo é constituído de uma superposição de camadas binárias, todas caracterizadas pela presença de um elemento nuclear (radical/base) e um elemento periférico (sufixo, prefixo e vogal temática). A forma proposta — *inegavelmente* — encontra-se na quarta linha, em que se pode visualizar o seu caráter de derivado sufixal (base adjetiva + sufixo).

2. Determine os processos de formação dos vocábulos abaixo, justificando suas respostas por uma análise em C.L:
altivez
desgostoso
desgracioso
inatingível
insensato

3. Forme verbos parassintéticos com base nos nomes: *triste, noite, rico e vaidoso*. Destaque, em seguida, os prefixos e sufixos e faça comentários sobre as combinatórias mais freqüentes.

De *triste*, obtém-se *entristecer*;
de *noite, anoitecer*;
de *rico, enriquecer*;
de *vaidoso, envaidecer* (e *envaidar*, menos usual).

Em todos esses verbos constatamos a presença do sufixo verbal -*ecer*, que exprime noção incoativa. Trata-se, portanto, de um sufixo de valor aspectual, entendendo-se por aspecto uma propriedade das formas verbais de designar a duração do processo (momentâneo ou durativo).

Com esse sufixo se combina, normalmente, o prefixo *en*-; há uma só ocorrência do prefixo *a*-, em *anoitecer*. (Baseamo-nos, naturalmente, nos exemplos propostos.)

4. Forme verbos parassintéticos, com base nos nomes:

brando
formoso
lama
moço
pedra
perna

Além dos comentários relativos às combinatórias observadas, faça observações sobre o caráter aspectual dos sufixos. Para isso, consulte o verbete *aspecto* do *Dicionário de lingüística e gramática*, de Mattoso Câmara Jr. (v. *Bibliografia comentada*).

5. Forme os derivados regressivos dos verbos abaixo:
amparar
bloquear
começar
destacar
encaixar
escolher
regar
transtornar

Agrupe os regressivos em blocos, de acordo com as observações feitas no capítulo 4.

6. Observe os nomes abaixo relacionados, seguidos de suas respectivas formas abreviadas:
automóvel — auto
inoxidável — inox
nova capital — novacap
pneumático — pneu
telefone — fone
vice-presidente — vice

Já assinalamos, no capítulo 4, que a abreviação não se pauta por um processo uniforme de redução, como no caso da derivação regressiva. Com base nessa observação, determine quais os processos de redução que ocorrem nas abreviações acima; em seguida, reúna em blocos os termos caracterizados pelo mesmo processo.

7. Destaque, nas passagens seguintes, os casos de conversão e explique-os (cf. capítulo 5):

a) “Tontura gostosa dava a pinga forte do Gerôncio. E o silêncio, o balançar maneiro do rebojo, o fresco da chuvinha manhosa, a escuridão do rio...” (Palmério, Mário. *Vila dos Confins*. 16. ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1974. p. 37).
b) “Mas o machado é ferramentão da silva. O caboclo experimentou-o no pau-bálsamo de três braças de roda, por causa de um meizinho de jataí que deu de dar na forquilha de cima. O enxadão é do fino — gostosura para cortar chão e furar armadilha de buraco. A foice, trenheira beleza para render serviço de pari” (id., ibid., p. 134.).

8. No capítulo 6, destacamos os traços lingüísticos caracterizadores da composição. Convém acrescentar a observação de que o acréscimo de um sufixo derivacional afeta o composto como um todo: de Porto Alegre, temos o derivado *porto-alegrense* (e não **portense-alegrense*). Se o derivado é composto, também o é o substantivo próprio a ele correspondente.

Com base na observação acima, mostre que os nomes próprios *Porto Rico* e *Nova York* são exemplos de compostos. Utilize, paralelamente, os critérios lingüísticos expostos no capítulo 6, em reforço de suas conclusões.

9. Retome as citações das páginas 53 e 54, relativas à composição por aglutinação, e estabeleça entre elas uma comparação, salientando os seus pontos de semelhança e de diferença.

10. Indique o plural dos compostos abaixo relacionados. Justifique suas respostas, com base no capítulo 7:

guarda-noturno
olho verde-claro
queijo-do-reino
abelha-mestra
maracujá-melão
preconceito anti-racial
região américo-meridional
capitão-de-mar-e-guerra
banho-maria
fruta-pão

11. Os radicais latinos são bastante produtivos na formação de compostos em português. Consulte a lista desses radicais numa gramática (por exemplo, a *Moderna gramática portuguesa*, de E. Bechara — cf. *Bibliografia comentada*) e decomponha os compostos a seguir, acrescentando-lhes os respectivos significados:

agrimensor
albificar
belígero
lacticolor
noctâmbulo

O que se nota com relação à colocação do determinado e do determinante’?

12. O mesmo que foi afirmado, no exercício anterior, com relação aos radicais latinos, é válido, também, para os radicais gregos. Separe os elementos gregos dos compostos da lista abaixo, indicando- lhes os respectivos significados:

helioterapia
misantropo
pediatria
rinoceronte
xenofobia

O que se nota com relação à colocação do determinado e do determinante?

11

Vocabulário crítico

Abreviação: processo comum no falar coloquial, resultante do emprego de uma parte da palavra pelo todo. Ex: *extra* (por *extraordinário* / *extrafino*). Como a redução conservou apenas o prefixo do vocábulo, trata-se de um processo diferente da regressão. (V. *regressão*.)

Aglutinação: V. *composição*.

Composição: processo geral de formação lexical que consiste na criação de palavras novas pela combinação de bases preexistentes: *amor-perfeito*. Quando os elementos associados conservam a sua individualidade, tem-se a composição por justaposição, como no exemplo acima; quando esses elementos se fundem num todo fonético, com um único acento, e o primeiro sofre alterações fonéticas, tem-se a composição por aglutinação, como em *boquiaberto*.

Constituintes imediatos (C.I.): são os morfemas constitutivos de uma forma complexa, articulados sem intermédio de outros; *garot*- e -*a* são os C.I. de *garota*. Nessa perspectiva, o vocábulo é analisado como uma superposição de camadas binárias, constituídas de um elemento nuclear (radical) e um periférico (afixo, desinência ou vogal temática). Essa técnica é também aplicável à frase e não se restringe apenas à morfologia.

Conversão (ou *derivação imprópria*): formação vocabular caracterizada pela passagem de uma classe gramatical a outra, sem auxilio de afixos ou redução. *Alto* é um adjetivo, mas em *falar alto* é um advérbio. O exame do contexto sintagmático exterior ao vocábulo revela a existência de diversificados traços formais no processo de conversão.

Derivação: processo geral de formação vocabular, em que a uma base se agregam formas presas denominadas afixos: prefixos (formas presas à esquerda da base) e sufixos (formas presas à direita da base). Em *deslealdade*, à base *leal* se anexam o prefixo *des*- e o sufixo -*dade*.

Hibridismo: designação dada aos vocábulos compostos ou derivados, cujos elementos provêm de línguas diferentes. Em português, são mais comuns os compostos de elementos latinos e gregos, como em *sociologia*, o que não exclui outras possibilidades combinatórias.

Justaposição: V. *composição*.

Metafonia: mudança de timbre da vogal do radical devido à influência da vogal da desinência. Em português, por exemplo, o -*a* átono final da palavra *esta* abriu o timbre de *ê* para *é*. É um fenômeno comum em alguns derivados regressivos, como *erro* e *logro* (compare-os com as formas correspondentes à primeira pessoa do singular do presente do indicativo dos verbos *errar* e *lograr*).

Monorrema: frase de um só vocábulo que funciona em bloco.

Morfema: unidade mínima portadora de sentido. Os morfemas de *desleal* são *des* e *leal*.

Morfossintaxe: estudo das variações formais que caracterizam os morfemas em relação com os processos sintáticos que as condicionam (por exemplo, as marcas da flexão nominal estudadas no quadro da concordância).

Nominalização: processo gramatical que forma nomes a partir de outras partes do discurso, geralmente verbos ou adjetivos. É o caso de *construção* (de *construir*). Como no exemplo apontado a nominalização se deveu ao sufixo, conclui-se que nem sempre ela resulta de uma translação de primeiro grau. (V. *translação de primeiro grau*.)

Onomatopéia: denominação dada aos vocábulos criados com a preocupação de imitar o som ou a voz da coisa ou do animal designado: *tique-taque, zunzum*.

Parassíntese: processo de derivação que consiste na adjunção simultânea de um prefixo e de um sufixo a um radical. A exclusão do prefixo ou do sufixo resulta numa forma inaceitável em nossa língua. No caso de *anoitecer* (de *a* + *noite* + *ecer*), por exemplo, **anoite* e **noitecer* são formas inaceitáveis em português. Não se deve confundir a derivação parassintética com as derivações em que ocorrem prefixo e sufixo não simultâneos: *des-leal-dade*; observe as formas *desleal* e *lealdade*. (V. *constituintes imediatos*.)

Reduplicação (ou *redobro*): processo que consiste na repetição da sílaba radical de um vocábulo. Exs.: *titio, Zezé*. É freqüente na formação das onomatopéias e, por apresentar valor expressivo, vincula-se mais à Estilística.

Regressão: designação dada ao processo de derivação que consiste em formar derivados pela eliminação de desinência ou de sufixo suposto do vocábulo derivante. Exs.:
luta (subst.), de *lutar*; *sarampo,* de *sarampão*. Deve-se distingui-la da abreviação. (V. *abreviação*.)

Sigla: processo moderno, bastante freqüente, de redução de longos títulos às letras iniciais das palavras que os constituem. Ex.: ONU (Organização das Nações Unidas).

Sintagma: combinação de formas mínimas numa unidade lingüística superior. Por exemplo: *desigual* (*des*- + *igual*). Devem-se distinguir os sintagmas lexicais (as palavras), locucionais (as locuções), suboracionais (parte da oração, como o grupo do sujeito, por exemplo), oracionais (as orações) e superoracionais (o período composto por subordinação).

Translação de primeiro grau: de acordo com a sintaxe estrutural de L. Tesnière, consiste na transferência de uma palavra de uma classe gramatical a outra. *Em poltrona de couro*, o substantivo *couro* figura numa expressão (*de couro*) de valor adjetival com relação a *poltrona*. O processo de adjetivação deveu-se, no caso, à preposição *de*, que recebe a designação de translativo; *couro* é o transferendo, e o todo — *de couro* — é o transferido, com relação a *poltrona*.

12
Bibliografia comentada

BALLY, Charles. *Linguistique générale et linguistique française*. 4. ed. Berne, Francke, 1965.
No capítulo IV (1ª seção da 1ª parte), o autor enfatiza o caráter binário do sintagma, sem especificar de modo tão formal, como E. A. Nida, as técnicas de segmentação.

BARRETO, Mário. *De gramática e de linguagem*. 3. ed. Rio de Janeiro, Presença, 1982.
____.*Fatos da língua portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro, Presença, 1982.
Coletâneas de respostas a dúvidas gramaticais de consulentes, em que, no primeiro título, pela primeira vez, o autor propõe o traço caracterizador dos nomes deverbais regressivos (cf. capít. XLVIII, parágrafo 7).

BASÍLIO, Margarida. *Teoria lexical*. São Paulo, Ática, 1987. (Série Princípios, 88.)
A autora examina os processos de formação vocabular (o mesmo tema que desenvolvemos aqui) em estreita conexão com a semântica, com as classes de palavras e com o discurso.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 31. ed. São Paulo, Nacional, 1987.

Trata-se de uma gramática inovadora no estudo da estrutura do vocábulo e dos processos de formação de palavras. É a primeira que distingue regressão de abreviação e que propõe a designação de “conversão” para a derivação imprópria.

CARVALHO, José O. Herculano de. *Teoria da linguagem*. Coimbra, Atlântida, 1973. t. II.
Em muitos aspectos, esta obra completa a de J. Mattoso Câmara Jr. Suas considerações sobre os sintagmas fixos e livres merecem leitura e são ricas em sugestões.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986.
Excelente obra para consulta sobre vocábulos de cujo caráter regressivo se tem dúvida. O étimo vem acompanhado de datação.

DEQUI, Francisco. *Sintagramática*; identificação de determinantes e determinados. 3. cd. Canoas, ed. Canoas, Edipuc, 1981.
O subtítulo do livro revela a perspectiva sintagmática do autor, na esteira de Bally e Mikus. No capítulo relativo à flexão de número dos nomes compostos, é um dos primeiros a estabelecer todas as regras em função da estruturação sintática desses nomes
.
DUBOIS, Jean. *Grammaire structurale du français*; la phrase et les transformations. Paris, Larousse, 1969.
É o terceiro e último volume da série *Grammaire structurale du français*. Desenvolve detalhadamente os processos de nominalização em francês.

JOTA, Zélio dos Santos. *Dicionário de lingüística*. Rio de Janeiro, Presença, 1976.
Muitos verbetes desenvolvem aspectos específicos da língua portuguesa. Merece leitura o artigo *composto* (desenvolvido ao longo de quinze colunas), em que se estudam os diferentes tipos de formação dos substantivos compostos.

KEHDI, Valter. *Morfemas do português*. São Paulo, Ática, 1990. (Série Princípios, 188.)
O autor apresenta as técnicas de segmentação morfemática, o levantamento e a classificação dos morfemas da língua portuguesa. Esses aspectos antecedem o estudo
dos processos de formação de palavras.

LUFT, Celso Pedro. *Grande manual de ortografia Globo*. Rio de Janeiro, Globo, 1985.
Trata-se de um dos mais completos e detalhados manuais de ortografia de nossa língua. O capítulo sobre o emprego do hífen é particularmente minucioso, sobretudo no que se refere à sua utilização nos nomes compostos.

MATTOSO CÂMARA Jr., J. *Dicionário de lingüística e gramática*. 7. ed. Petrópolis, Vozes, 1977.
Obra de consulta indispensável a todos os que querem atualizar seus conhecimentos lingüístico-gramaticais. São de particular interesse os verbetes relacionados à morfologia portuguesa.
_______.*História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Padrão, 1975.
Nesta obra, no capítulo X, o autor explicita os diferentes processos de formação vocabular em português. É de grande interesse a leitura do parágrafo III: “A composição por prefixo”.

MIKUS, Francis. Le syntagme est-il binaire? *Word,* New York, 3 : 32-8, 1947.
Na esteira de Charles Bally, o autor explicita e desenvolve mais o caráter binário do sintagma.
NIDA, Eugene A. *Morphology*. 2. ed. Ann Arbor, The University of Michigan Press, 1949.
Um dos mais completos tratados de morfologia distribucional. No capítulo 4 o autor expõe detalhadamente os procedimentos para a segmentação do vocábulo em seus constituintes imediatos.

REINHEIMER-RIPEANU, Sanda. *Les dérivés parasynthétiques dans les langues romanes*. The Hague-Paris, Mouton, 1974.
Trata-se de um dos mais exaustivos e agudos estudos sobre a parassíntese, a partir das línguas romena, italiana, francesa e espanhola.

SANDMANN, Antônio José. *Formação de palavras no português brasileiro contemporâneo*. Curitiba, Scientia et Labor e Icone, 1989.
Tradução da excelente tese realizada pelo autor na Universidade de Colônia, na Alemanha. São particularmente sugestivas e informativas suas considerações sobre a derivação regressiva e outros tópicos.

TESNIÊRE, Lucien. *Éléments de syntaxe structurale*. 2. ed. Paris, Klincksieck, 1969.
Obra em que o autor apresenta e desenvolve o conceito de translação, a rigor uma versão menos formalizada do conceito de transformação, o que faz deste manual uma primeira versão, pré-chomskyana, de uma sintaxe transformacional.

DIGITAL Source
VICIADOS em livros
googlegroups.com

http://groups-beta.google.com/group/Viciados_em_Livros

http://groups-beta.google.com/group/digitalsource